# D

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

# D

# Fiódor Dostoiévski

# *Obra completa*

VOLUME 1

Introdução geral
Novelas da juventude

# Fiódor Dostoiévski
# *Obra completa*

## volume 1
## Introdução geral
## Novelas da juventude

Versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes

Precedida de uma Introdução geral, Prólogos às seções, por Natália Nunes

Acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben

***

1a edição digital

São Paulo

2022

Editora Nova Aguilar

BIBLIOTECA
UNIVERSAL

# FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
# Obra completa em quatro volumes

## VOLUME 1

## Introdução geral

## Novelas da juventude

Pobre gente / O duplo / O senhor Prokhártchin / A dona da casa / Um romance em nove cartas / Polzunkov / Coração frágil / O ladrão honrado / A mulher alheia e o homem debaixo da cama / Uma árvore de Natal e um casamento / Noites brancas / Niétotchka Niezvânova / O pequeno herói / O sonho do tio / A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores

## VOLUME 2

## Obras de transição

Humilhados e ofendidos / Memórias da casa dos mortos / Uma história aborrecida / Notas de inverno sobre impressões de verão / Memórias do subterrâneo

## Romances da maturidade

Crime e castigo

## VOLUME 3

O jogador / O idiota / O eterno marido / Os demônios

## VOLUME 4

O adolescente / Os irmãos Karamázovi

## Outros escritos

Esquema para o grande pecador / O crocodilo / O Mujique Márei / Uma doce criatura / O sonho de um homem ridículo / Excertos do diário de um escritor

SUMÁRIO


## Apresentação

Nota editorial
Critério observado na transliteração e grafia dos vocábulos russos

## Introdução geral

Vida e obra de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski
Breve cronologia da vida e obra
Quadro sincrônico da vida russa contemporânea de Dostoiévski
Notas sociais e históricas da Rússia para o leitor de Dostoiévski

## Novelas da juventude

Prólogo geral
Pobre gente
O duplo
O senhor Prokhártchin
A dona da casa
Um romance em nove cartas
Polzunkov
Coração frágil
O ladrão honrado
A mulher alheia e o homem debaixo da cama
Uma árvore de Natal e um casamento
Noites brancas
Niétotchka Niezvânova
O pequeno herói
O sonho do tio
A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores

## Apêndice

Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução

Retrato, a pena, de K. Grunóvski, colega de Dostoiévski na Escola de Engenharia e depois pintor célebre (1847). Moscou, Museu Dostoiévski.

# APRESENTAÇÃO

Nota editorial

Critério observado na transliteração e grafia dos vocábulos russos

# Nota editorial[1]

*Desde o primeiro quartel do século XX que a obra de Dostoiévski começou a difundir-se entre os leitores de língua portuguesa, principalmente por meio de traduções francesas, ou de versões portuguesas nelas baseadas. Existem até edições de caráter popular.*

*Pode dizer-se que não há no Brasil, nem em Portugal, pessoa medianamente culta que não conheça pelo menos* Crime e castigo*, a obra de Dostoiévski mais divulgada em língua portuguesa, seguindo-se-lhe* Os irmãos Karamázovi *e depois* O jogador*,* O sonho do tio*,* A granja de Stiepántchikovo*,* O idiota *e alguns contos. Obras como* Os demônios*,* Memórias da casa dos mortos*,* Memórias do subterrâneo*,* O adolescente*,* O eterno marido *alcançaram menor divulgação; outras, porém, como muitos contos, ou o romance incompleto* Niétotchka Niezvânova*, pertencem apenas ao conhecimento de reduzido número de leitores.*

*Não existe ainda em Portugal nenhuma versão integral da obra do genial romancista russo, mas sim uma edição brasileira das obras completas, em volumes avulsos, que, embora não sendo exatamente completa, é excelente, bem documentada e organizada.*

*O escopo da nossa edição não é, por conseguinte, o de preencher nenhuma dessas "lacunas" do lugar-comum editorial, mas apenas — o que não é pouco — o de incorporar a esta Biblioteca Universal a obra completa daquele que é tido como o maior romancista da literatura universal, e — o que já é muito — o de oferecê-la numa edição compacta, acessível e orgânica, aligeirada, porém, de uma parte daqueles escritos que, não pertencendo ao gênero da ficção, só teriam cabimento numa edição crítica, o que não é a presente, e implicariam um inflacionismo editorial, absolutamente contrário ao critério desta Editora. Esse critério consiste em considerar* Obra completa *básica de qualquer autor — posterior, é claro, a Gutenberg — a publicada em vida dele e em forma de livro, o que não impede a inclusão de obras póstumas de importância ou de outros escritos selecionados entre os publicados em revistas e jornais.*

*Assim, eliminaram-se do nosso plano o* Diário de Raskólhnikov*,*

*forma embrionária de* Crime e castigo*; os rascunhos e anotações para* Os demônios, O adolescente *e outras obras; diversas peças ocasionais, sem qualquer significado; bem como* O diário de um escritor. *Esta obra, também publicada ainda em vida de Dostoiévski, abrange todos os trabalhos que saíram à luz em várias revistas: no* Tempo*, fundada por seu irmão Mikhail Mikháilovich, no* Cidadão *e em* A Subscrição*, uma espécie de antologia editada para socorrer com o produto da sua venda as vítimas da fome que, em 1874, assolou a região de Samara.*

*Encontramos neste* Diário *a maior variedade de escritos: artigos sobre impressões de visitas a hospícios, a exposições de pintura, de crítica literária, contos de ficção, recordações de infância, ensaios de ordem política, social, religiosa, estética, pedagógica, bem como autênticas reportagens de acontecimentos coevos. Quanto a estas, não têm hoje interesse para nós; quanto à ideologia expressa nesses ensaios — e se bem que* O diário de um escritor *tenha contribuído grandemente para a popularidade de Dostoiévski, pois chegou a atingir três milhares de assinantes e quatro mil de leitores avulsos, além de que o Escritor passou a receber diariamente uma avultada correspondência enviada de toda a Rússia, na qual os seus compatriotas, de todas as condições e de todas as idades, lhe pediam conselhos e consolo espiritual — não encerra nenhum pensamento fundamentalmente novo, que Dostoiévski não tivesse já expendido implícita ou explicitamente nas suas obras de criação literária, sobretudo em* Os demônios. *A única diferença está em que, neste* Diário*, o Escritor assume pessoalmente e completamente a responsabilidade das suas ideias, visto que são as* suas *e não as de qualquer personagem.*

*É neste* Diário *que ele desenvolve teoreticamente as suas doutrinas sobre o messianismo do povo russo, que considera o único povo que traz verdadeiramente Cristo no coração, e ao qual está destinada a missão de salvar não só o Oriente como a decrépita Europa, que considera envenenada pelo cientificismo, pelo materialismo e pelo mercantilismo. E chega a cair num autêntico fanatismo, tal é o seu entusiasmo ao falar nesse povo e no seu Czar Branco.*

*Como, porém, figuram nesse* Diário *peças puramente literárias de grande valor, tais como os contos* Uma doce criatura, O sonho de um homem ridículo*, e as páginas de recordações da infância, conhecidas pelo título de* O mujique Márei*, foram elas incluídas nesta edição.*

*Igualmente incluímos outros trabalhos importantes, de grande interesse para uma compreensão mais completa da obra do Dostoiévski: o esquema para o inacabado* O grande pecador*; outras peças menores; a "Confissão de Stravróguin", capítulo suprimido pelo autor em* Os demônios*, e as variantes da confissão de Viersílov em* O adolescente.

*Vê-se, pois, que apesar de não se tratar de uma edição para fins eruditos, também não é uma edição vulgar. Há tempos que adotamos como nossa, aplicando-a ao trabalho editorial em geral, a tese de uma das maiores autoridades internacionais em matéria de diagramação de livros, segundo a qual*

> …a tipografia pode ser definida como a arte de se dispor corretamente o material de impressão, de acordo com um propósito específico: o de colocar as letras, distribuir os espaços e selecionar os tipos, tendo em vista prestar ao leitor a máxima ajuda na compreensão do texto… Por conseguinte, é errada toda e qualquer disposição do material de impressão que, por qualquer causa, produza o efeito de se interpor entre o autor e o leitor.[2]

*Ora, pelas mesmas razões que é errada toda e qualquer intromissão ou "originalidade" do tipógrafo — ou do editor — que venha dificultar ou deformar a transmissão ao leitor da mensagem do autor, está absolutamente certa qualquer colaboração que contribua para a melhor compreensão daquela mensagem. E são tão raras as obras de autores estrangeiros ou de tempos passados que não precisam destas* anotações marginais *do editor, que já se tornaram rotineiras as edições anotadas dos clássicos, e as edições comentadas para fins didáticos. O mais tímido estágio desta tentativa de auxílio informativo são os textos nas orelhas das capas de muitos livros.*

*Com efeito, e limitando-nos ao gênero literário da ficção, é evidente que o romancista, na criação de cada uma de suas obras, tem em mente, de uma forma por vezes precisa, por vezes subconsciente, determinada categoria de leitores, mais ou menos ampla, mas que, obviamente, são, em primeiro lugar, os seus contemporâneos e, em segundo plano, dentre eles, os que falam e leem sua própria língua, isto é, seus compatrícios. Pode acontecer ainda que o Escritor selecione como os seus leitores potenciais certa camada da sociedade, econômica, cultural, racial, social etc. Em todas as hipóteses, parte o autor da suposição de que seus leitores possuem um patrimônio de conhecimentos, experiências, costumes, princípios de*

*conduta, e até ideias e filosofias, e quando sai dos limites deste pressuposto acervo mental dos seus prováveis leitores, ele mesmo se dá o trabalho de intercalar, no fio de sua narrativa, as notícias e os elementos informativos e esclarecedores que propiciem — e voltamos ao ponto fundamental desta justificação — a perfeita transmissão da sua mensagem.*

*Isto significa que, quando o leitor não pertence ao grupo ou categoria para o qual o autor escreveu, precisa de esclarecimentos complementares, exatamente a respeito daquela parte do acervo mental que ele não possui, e que possuía o leitor para quem o romancista escrevera. Cabe, então, ao editor tratar de detectar as principais "deficiências" do leitor para o qual está publicando a obra de um terceiro — o Escritor —, e fornecer-lhe discretamente à margem, para que, à vontade, se valha ou não delas, as notícias e esclarecimentos que lhe permitam situar-se na ação no enredo, incorporar-se plenamente ao ambiente da obra, e aumentar o prazer e o proveito da leitura. Talvez os mesmos esclarecimentos que o Escritor lhe teria prestado, se soubesse que os novos leitores iam pertencer a um grupo muito distante, geográfica, temporal, cultural ou ideologicamente daquele para o qual escreveu; e acrescentando, é claro, uma notícia, embora sucinta, acerca do autor, que é consubstancial com a obra, pois não é debalde que ele é o pai da criatura. O perigo está no exagero na extensão de tais elementos informativos e esclarecedores; excesso esse não pouco frequente, aliás, em muitas das edições chamadas críticas, nas quais o preparador mais se atém a ostentar os próprios conhecimentos e "achados", a tributar homenagem à própria vaidade e estabelecer polêmica com outros críticos e eruditos — também mais ou menos "donos" do autor em causa, — do que a oferecer ao leitor, na medida justa, a colaboração de que ele precisa. O resultado dessa inflação crítica é sempre o mesmo, o contrário do que deveria ser. A obra comentada e anotada fica sufocada pelos comentários e anotações, já que o preparador traiu o autor, e em lugar de transmitir a mensagem deste, preferiu transmitir a sua própria.*

*Essa consciência do papel e da responsabilidade do editor, e a preocupação de "não subestimar a inteligência do leitor, nem superestimar a sua informação", caracterizam o estilo editorial dos livros até agora por nós publicados; explicam os esforços da Editora por obter a colaboração dos assessores, tradutores, preparadores e prologuistas certos para cada autor ou cada obra; e justificam a entrega dessa tradução da obra*

*completa do genial romancista russo à Natália Nunes e ao crítico e escritor Oscar Mendes. Natália Nunes é, também, a autora da* Introdução geral à vida e obra de Dostoiévski*, em que, socorrendo-se de alguns intérpretes notáveis do grande romancista, como Bierdiáiev, Stephan Zweig, André Gide, Henri Troyat e Cansinos Assens, aponta também, em breves traços, a necessidade de se estudar e apreciar a obra e a personalidade do escritor dentro das condições epocais da civilização europeia e do ambiente nacional russo em que ele viveu, e para cujo escopo deverá constituir um subsídio da maior utilidade as Notas sociais e históricas* da Rússia*, que constitui a segunda parte da* Introdução geral*, ilustrada, como a primeira, com documentação gráfica recolhida em diversas fontes.*[3] *Introdução esta completada, no primeiro volume, com um* Prólogo geral às novelas da juventude*, em que são minuciosamente analisadas as características da primeira fase da obra literária de Dostoiévski, da mesma maneira que, na devida altura do segundo volume, surgem um* Prólogo geral às obras de transição*, e outro aos* Romances da maturidade *e, no quarto, um* Prólogo geral aos outros escritos*, incluídos ou não nesta edição. E, no fim da cada volume, um* Glossário dos termos russos e de outras línguas*, respeitados na tradução, mesmo aqueles já dicionarizados em português, tais como czar, rublo, vodca etc., que vão seguidos porém da transliteração fonética, entre parênteses.*

*Foi também convocada, para enriquecer esta edição, a arte do desenhista Luis de Ben, quem, numa série não muito extensa, mas sim suficiente e de alto nível artístico, apresenta uma fiel interpretação da época, o habitat, os costumes e os personagens dostoievskianos. Esperamos pois apresentar ao público de língua portuguesa uma das mais aperfeiçoadas edições da obra de Dostoiévski, destinada ao leitor geral, que até hoje se publicou em língua portuguesa… e em qualquer outra língua. Não consideramos o nosso trabalho, porém, livre das falhas próprias de toda tarefa humana; por isso mesmo será bem recebida, e agradecida, toda e qualquer sugestão ou crítica construtiva que vise ao aprimoramento do nosso serviço, na futura reedição da obra de Dostoiévski, ou na dos outros vultos da literatura universal, já por nós publicados, ou por publicar.*

J.A.

# Critério observado na transliteração e grafia dos vocábulos russos[4]

## Transliteração

Um dos problemas que esta edição pretende resolver é o da transliteração dos nomes próprios e comuns, russos, que figuram no texto. Se é verdade que serviram de grande subsídio as transliterações existentes nas versões espanhola e francesa, não é menos verdade que a transposição do russo para o português enfrenta fatos novos, tendo em vista que tanto o espanhol quanto o francês possuem certos fonemas, representados nos seus alfabetos (j, ch) (ch, f, ine), que se ajustam muito melhor do que os fonemas portugueses à "imitação" dos fonemas russos.

O problema não consiste exatamente em adotar os símbolos da transliteração internacional, destinados a fins científicos, mas em escolher um método fácil e, digamos, popular e acessível, de reproduzir com a maior aproximação os sons da língua russa, mediante letras e fonemas portugueses. As dificuldades surgem sobretudo quanto às letras **Ц**, **Ч**, **Щ**, **Ы**, **Х**, em especial às duas últimas.

> **Ц** pode ser transliterada por *ts* ou *tz*, mas é preferível representá-la por *ts*.
> **Ч** translitera-se *facilmente* por *tch*.
> **Щ**, não oferecendo maior dificuldade, reproduzir-se-á por *chtch*.
> **Ы** corresponde a um *i* surdo e duro, apresentando maior dificuldade visto tratar-se de som que não existe em português. Tem semelhança com o *i* inglês da palavra *till* (até). A transliteração que proporcionaria talvez uma figuração fonética mais fiel seria pelos ditongos portugueses *ei* ou *oi*. Preferimos, entretanto, transcrever simplesmente esse *i* duro por um *i*
> **Х** foi transcrita pelo grupo *kh*, aceitando o hábito já estabelecido nas línguas ocidentais que carecem de som e de fonema equivalente, e com o intuito mais de assinalar graficamente o fato diferencial do que de procurar uma pronúncia similar, visto que o *h* imediatamente posposto ao *k* não fará com que o leitor emita o som aspirado, duro e gutural daquela consoante russa. Esse som corresponde, com grande aproximação ao *j* do espanhol e ao *ch* alemão.

Nas palavras terminadas em *in*, *im*, *an*, *am*, deixou-se de acrescentar um *e* final, de apoio às consoantes, pelo fato de que realmente não são apoiadas. *Púchkin* não é exatamente o mesmo que *Púchkine*. E nem o leitor medianamente culto lerá, por exemplos,

*Diévuchquim*, nasalizando, em vez de *Diévuchquin*.

Outros aspectos haveria ainda a considerar numa transliteração rigorosa, como o caso do *e* doce, equivalente a *ie*, que foi assim transliterado, salvo raras exceções — *E*katierina, *E*liena, Turgu*é*niev — no caso de formas erradas que já adquiriram carta de cidadania em português. E também o das consoantes doces, para não falar na diferença entre o *l* e o *n* duros e o *l* e o *n* doces — transliterados estes últimos por *lh* e *nh*, e ainda o caso das consoantes dúbias. Todos compreendem, porém, que um rigor excessivo seria demasiado em edição de caráter não erudito.

Aliás, para o caso das consoantes de valor dúbio, como o *v* dos nomes próprios terminados em *ov* (Raskólhnikov), em que o *v* oscila entre o *v* e *f*, adotou-se o critério de conservar essa mesma letra, tal como figura na escrita russa, ao contrário do que geralmente fazem os franceses, ao trocar quase sempre este *v* por *f* ou *ff*.

Foram abolidas as consoantes duplas, e o *y* passou para *i*, bem como foram suprimidos os dois *ii* finais de alguns nomes (p.e.: Grigóri[i]), mas, obedecendo à estrutura ortográfica da língua portuguesa, que assim o exige, aparecem transcritas, contudo, consoantes duplas, em certos nomes (p.e.: Afanássi, Aliessiéiko).

## Acentuação

Conquanto na língua russa não exista o acento gráfico, aparecem com ele, sempre que necessário, os vocábulos russos não aportuguesados, transcritos nesta tradução, e tanto os nomes próprios como os comuns. Assim decidimos, com o intuito de contribuir, mais especialmente no caso dos antropônimos e nos limites admissíveis nesta edição, à correção das flagrantes deturpações fonéticas comumente verificadas quando são pronunciados, não só em português como também na maioria das línguas ocidentais.

## Formação do plural

Todos os substantivos femininos russos, e a esmagadora maioria dos masculinos e neutros, tanto próprios quanto comuns, formam o plural agregando — ou substituindo — ao singular a desinência *i* — p.e.: *blin*, *blini*; *nagaika*, *nagaiki*; podendo a acentuação tônica permanecer na mesma sílaba do singular ou se deslocar para a anterior. Só um número reduzido de substantivos masculinos e neutros formam o plural com as terminações *á* ou *ia*, as quais são sempre tônicas — p.e. *górod*, *gorodá*; *slovo*, *slová*; *brat*, *brátia*.

Por esta razão é que o leitor, no lugar da terminação característica do plural português, em *s*, encontrará a do plural russo, isto é, em *i*, em *á* ou em *ia*, conforme já exemplificamos, nos termos daquela língua, respeitados e transliterados nesta edição inclusive os nomes próprios, de vez que, na língua russa, topônimos e antropônimos experimentam modificações estruturais em todos os três aspectos da flexão: gênero, número e caso.

Outrossim, o sufixo *i*, nos termos comuns, e também nos nomes próprios, respeitados neste trabalho, poderá ser, às vezes, a terminação própria de determinado nome no singular, mas indicará na maioria dos casos a terminação de um plural, o que, obviamente, o leitor distinguirá pelo próprio sentido do contexto.

## Emprego e formação dos antropônimos

Quanto aos nomes próprios, apresentamos uma lista dos que mais frequentemente ocorrem na obra de Dostoiévski, com a respectiva correspondência em português, e completada com os diminutivos. Estes diminutivos familiares são muito usados na língua russa. Os mais frequentes formam-se, para os nomes femininos e para os masculinos, com os sufixos *otchka* (Eliena, Liênotchka, Dímitri, Mítrotchka) e *etchka* (Tânia, Tânietchka; Kólia, Kólietchka). Usuais são também os sufixos *uchka*, tanto para o feminino como para o masculino (Akulina, Akulínuchka; Piotr, Pietruchka); e *acha* (Nikolai, Nikolacha; Natália, Natacha).

É de interesse, a respeito dos antropônimos, lembrar que:

a. O nome completo de uma pessoa compõe-se, normalmente, de três elementos: o prenome, o patronímico e o nome da família ou sobrenome, p.e.: Alieksandr Alieksándrovitch Alieksandrov; Anna Grigórievna Dostoiévskaia.

b. O nome da família é tido como cerimonioso.

c. Em russo é incorreto, porém, tratar uma pessoa apenas pelo seu prenome.

d. Em vez do sobrenome, ou nome da família, os russos empregam, falando com um interlocutor com quem não tenham grande intimidade — inclusive entre os esposos na presença de terceiros — o seu nome próprio seguido de patronímico. Este último é uma derivação do nome do pai e só se aplica aos filhos e filhas.

e. Os três elementos do nome completo, isto é, o prenome, o patronímico e o nome da família ou sobrenome experimentam, nas suas terminações e acentuação, as alterações próprias da flexão de gênero, número e caso, p.e.:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **PARA AMBOS OS GÊNEROS** | | | | | | |
| Alieksandr | | | | | | |
| Alieksándrovitch | | | | | | |
| Alieksándrov | | | | | | |

a. As terminações mais frequentes dos nomes de família apresentam-se em *ov* (Gontcharov), *iev* (Turguéniev), *in* (Púchkin), *ski* (Dostoiévski), e *oi* (Tolstói). Os sobrenomes em *ov* e em *in* fazem o feminino, respectivamente, em *ova* e *ina*, como se vê, acrescentando-se um *a*; os terminados em *ski*, fazem o feminino em *skaia* (Ivanov, Ivanova; Lápin, Lápina; Krukóvski, Krukóvskaia).

b. Os patronímicos formam-se pela junção, ao nome do pai, da terminação *ovitch*, para o filho, e *ovna* para a filha, quando aquele termina em consoante, i.e., consoante dura (p.e. Kiril Kirílovitch, Cirilo, filho de Cirilo); Polina Kirílovna, Paulina, filha de Cirilo). Se o nome do pai termina em *i*, as terminações respectivas dos patronímicos são *evitch* e *evna* (p.e. Nikolai Nikoláievitch, Ekatierina Nikoláievna). Na pronúncia corrente e popular, *ovitch* e *evitch* reduzem-se muitas vezes a *itch*. Por exemplo: Ivânovitch passa a Ivânitch; Andriéievitch a Andriéitch.

c. Os nomes das famílias têm em russo, como nas outras línguas, as mais diversas origens: toponímicas, linguísticas, profissionais, factuais etc., e não raro derivam de alcunhas ou características físicas ou morais dos ancestrais. São em reduzido número os sobrenomes derivados dum prenome, mas existem alguns (como em português Fernandes, de Fernando, ou Rodrigues, de Rodrigo), cuja grafia coincide, por vezes, com a do respectivo patronímico, porém com clara diferenciação na acentuação tônica, que frequentemente se desloca para o final da palavra nos nomes de família, e para o início nos patronímicos (p.e. Ivan Ivânovitch Ivanov; Anna Ivânovna Ivanova; Maksim Maksímovitch Maksimov).

## Nomes comuns

Conservaram-se, também, na tradução, e obedecendo ao mesmo critério de transliteração, os termos comuns russos e de outras línguas que não têm ainda exata equivalência em português e até por uma questão de conservação de certo sabor específico que assegura maior ambiência ao texto.

Ao contrário, procedemos com aqueles já muito generalizados e

que são, por assim dizer, de conhecimento internacional, estando mesmo aportuguesados e dicionarizados, alguns.

## Notas de rodapé

Para fugir à enfadonha repetição, no pé das páginas, dos significados em português dos termos russos e de outras línguas, organizou-se o Glossário que aparece no fim de cada um dos volumes.

Somente aparecem nos casos em que o termo precisa de pormenores que ajudem à interpretação do texto.

## Topônimos

No que diz respeito aos topônimos, russos e não russos, haja vista as notáveis discrepâncias nas grafias com que são transcritos nos diferentes dicionários da língua portuguesa que foram consultados, escolhemos em definitivo a lição — embora por vezes oscilante e irregular — do *Atlas geográfico* e do *Atlas histórico* escolares publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e pelo Ministério de Educação e Cultura. Aqueles nomes geográficos e logradouros, que não constam dessas duas obras, foram por nós transliterados por analogia com os que delas constam, ou de acordo com o nosso critério acima exposto.

Reduziu-se, assim, em benefício da comodidade e fluidez da leitura, o volume das notas de rodapé, que ficaram limitadas às anotações do autor e àquelas de imediato interesse do leitor; às traduções de frases e expressões vasadas em outras línguas; e às notas dos tradutores e da editora, de caráter elucidativo, sobre fatos históricos, acontecimentos; costumes, provérbios, termos familiares e tradições; lugares e personagens reais; citações; e, em geral, esclarecimentos de passos menos compreensíveis para o leitor de hoje e não russo.

## Breve nominata de prenomes russos[5]

Afanássi

Agápia

Aglaia

Ágnia

- Agacha

Agrafiena

Akim

Akíndi

Aksiênti

Aksinia

Akulina

- Akulínuchka
- Akulka

Alieksandr

Alieksandra

- Sacha
- Sáchenhka
- Sachka

Alieksiéi

- Alhocha

Aliessiéiko

Alpátitch

Ambróssi

Andriéi

Andron

Anfissa

Ânkel

Ankúdi

Anna

- Anieta
- Aníutka
- Ânuchka
- Aniuchka
- Niétotchka

Antip

Anton

Apolon

Arina

Arkádi

- Arkacha

Arkhip

- Arkhípuchka

Astáfi

Avdótia

Arsiénia

Boris

- Bórienhka

Dária

- Dacha

Diemid

Dienis

Dima

- Dimachka

Dimítri, Mítri

- Mirochka
- Mitka
- Mitrochka
- Mitiúchka

Domna

Dorofiéi

Dúnia

- Duniacha

Ekatierina

- Katarínuchka
- Kátia
- Kátienhka

- Kátíuchka

Eliena

- Liena
- Liênotchka

Elisavieta

- Lisa
- Lisanhka
- Lisavieta
- Lísotchka

Elissiéi

Emielian

- Emiélia
- Emieliânuchka

Falala

- Falálei

Feodora

Fiedóssia

Fiedossiéi

Fieofil

Filat

- Filatka

Filip

Filhka

Fiódor

- Fiedka

Fiokla

Fomá

Gavrila

- Gavrilka

Glafira

- Glacha

Grigóri

- Grichka
- Grúchenhka

Iákov

- Iacha

Iároslav

Iefim

Iefimia

Iefrônia

Iegor

- Iegorka
- Iegóruchka
- Ierochka

Iúri

Ieriemieia

Iermak

Ievguéni

Ievstáfi

Iliá

- Iliúcha
- Iliúchka
- Ilínichna

Iésus

- Issa

Iólkin

Ióssif

Isaak

Issai

Iúlian

Ivan

- Ivânuchka
- Vânia
- Vaniuchka
- Vanhka

Kalist

Karolina

Karp

Khavrochka

Kiedril

Kiril

Klara

Kólia

- Kólietchka

Krestian

Kira

Kurs

Kutchum

Kuzmá

Laurênti

Lieonid

Liev

- Lióvonhka

Liúbova

Liudmila

Luísa

Luká

Luchka

Makar

Márei

Melânia

Marfa

- Macha
- Machka
- Máchenhka
- Mariáchka

Mark

Matriona

- Matríochka

Matviéi

Mavra

Mikei

Mikhail

Mikita

Missail

Mítri, Dimítri

Mitrofan

Nastássia

- Nástia
- Nástienhka

Natália

- Natacha

Niéstor

Nikita

- Nikitka

Nikola

Nikolai

- Nikolacha
- Nikolachka

Niurra

Olsuf

Óssip

Pafnúti

Páviel

- Pávlucha
- Pavluchka

Pielagueia

Piotr

- Piétia
- Piétienhka
- Pietruchka

Polina

Porfíri

Praskóvia

Prokófi

Roman

Samson

Sídor

Siemion

- Sienhka

Sierguiéi

- Sierioga
- Sieriójka

Sófia

Sônia

- Sonhka

Sofron

- Sofrochka

Solomonka

Stienhka

Stiepan

- Stiopka

Stiepanida

Tânia

Tânietchka

Tatiana

Tieriênti

Teresa

Timofiéi

Tina

Tínotchka

Trifon

Uliana

Usládi

Ustínia

Ustínuchka

Valientin

Vanda

Varlam

Varvara

Várienhka

Vassei

Vassíli

Vássia

Vasska (pejorativo)

Vássienhka

Vassiúk

Vassiútka

Viera

Vladímir

Volodka

Vsévolod

Zakhar

Zinaída

Zina

Zínotchka

Zinóvi

Zóssim

Zuleika

**1** Esta Nota editorial, de José Aguilar, foi publicada na edição da Editora Aguilar, de 1963. Por justificar os critérios fundamentais da organização das Obras completas e pelo valor histórico, foi mantida em todas as reimpressões subsequentes. (N. E.)↩

**2** Sir Stanley Morrison, *Principios fundamentales de tipografia*. Aguilar. Madrid, 1957. Tradução espanhola de José Aguilar.↩

**3** Entre elas, a Missão Comercial Soviética no Rio de Janeiro, cujo funcionário, Sr. Vassíli Glukhóvski, prestou à Editora a máxima colaboração, não só proporcionando abundante material gráfico, como também encaminhando e orientando nossas consultas ao Instituto de Linguística da Academia de Ciências da URSS a respeito da transliteração do russo para o português. É a ele e a Sra. Vera Neverova que se devem a versão definitiva da grafia e acentuação dos antropônimos constantes desta edição, bem como a revisão das definições constantes do *Glossário de termos russos e de outras línguas*.↩

**4** Seguido de outras informações a respeito do emprego, formação e significação dos antropônimos e nomes comuns russos e sobre as notas de rodapé.↩

**5** Abaixo dos respectivos nomes próprios, vão deslocados do alinhamento principal os diminutivos.↩

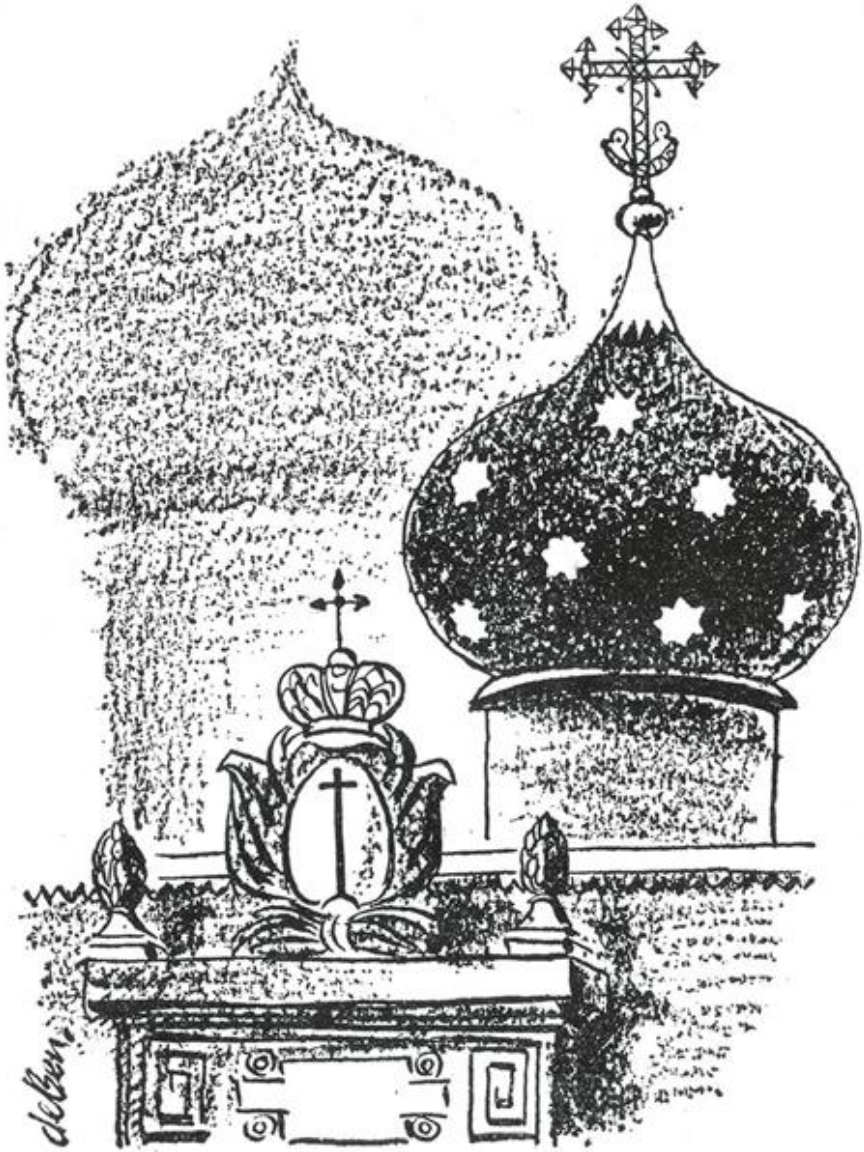
# INTRODUÇÃO GERAL

Vida e obra de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski

Breve cronologia da vida e obra

Quadro sincrônico da vida russa contemporânea de Dostoiévski

Notas sociais e históricas da Rússia para o leitor de Dostoiévski



# Vida e obra de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski

## I / A vida

### Ascendência, nascimento e infância

Aquele que havia de ser um dos maiores, se não o maior dos romancistas de todos os tempos — somente se lhe comparam em grandeza literária Homero, Shakespeare e Cervantes — nasceu num hospital de pobres, em Moscou, onde clinicava seu pai, Mikhail Andriéievitch Dostoiévski, depois de ter deixado de ser médico militar, e vivia com sua mulher Maria Fiódorovna Nietcháieva. Mikhail Dostoiévski, pai do escritor, descendia de uma família da Podôlia, na Lituânia, e sua mãe era filha dum comerciante moscovita. Alguns biógrafos do romancista traçaram a sua genealogia, pondo em destaque figuras de guerreiros, de religiosos e até de criminosos, com o fim de ressaltar a pesada carga hereditária do escritor. Diz-se, por exemplo: "Mikhail Andriéievitch conta entre os seus antepassados exemplares magníficos de raça, que explicam o seu orgulho e o seu ressentimento";[1] ou: "Gatunos, assassinos, magistrados, visionários, toda essa ascendência em que o mal e o bem se aliam através de gerações, dir-se-ia prefigurar a própria obra de Dostoiévski".[2] E citam-se um primeiro Dostoiévski no século XVI, inimigo combativo do czar Ivan, o Terrível; Maria Dostoiévskaia, condenada à morte por ter mandado assassinar o marido… E padres, juízes, guerreiros sanguinários, quais bandoleiros, e também Akíndi Dostoiévski, que morreu com fama de santo…

Não nos parece razoável juntar estes dois fatos: a genialidade de Dostoiévski e sua hereditariedade, onde avultam essas figuras, provavelmente mais ou menos lendárias, os tais guerreiros, criminosos e santos. Santos e bandoleiros, mansos e violentos, grandes e pequenos, cada um de nós, pessoa genial ou vulgar, normal ou anormal, poderá encontrá-los na sua ascendência. Se pudéssemos traçar a nossa árvore genealógica — e não era preciso percorrer

muitas gerações com uma informação completa, lá iríamos encontrar ancestrais apagados ou ilustres, dentro de todas as modalidades caracterológicas e de condição social.

O que tornou digna de menção a ascendência de Dostoiévski foi a personalidade de… Dostoiévski. O que faz dignas da humana curiosidade e admiração certas extravagâncias e até certos vícios dos grandes homens é a sua própria grandeza e não as suas qualidades extravagantes ou viciosas; os homens vulgares e os medíocres também têm extravagâncias, vícios e manias que só não se tornam notórios porque os seus praticantes também não são.

Influência direta e perdurável terão no espírito do pequeno Fiódor o caráter de seus pais e todo o ambiente em que passa a infância. Sabe-se que o pai começara por ingressar na carreira sacerdotal, como alguns dos seus antepassados, mas veio a desistir, trocando-a pela medicina. Foi admitido na Escola Médico-Cirúrgica de Moscou, tratou dos feridos durante a campanha de 1812, e em 1821, ano em que nasceu Fiódor, é nomeado médico interno desse hospital de pobres, situado na Rua dos Asilos. O ordenado é modesto, mas consegue aumentar os rendimentos com o dote da mulher.

*Maria Fiodórovna Dostoiévskaia, nasc. Nietcháieva, mãe de Dostoiévski.*

Os biógrafos do escritor descrevem-nos seu pai como um homem austero, desconfiado, azedo, excessivamente metódico e autoritário, e econômico até a avareza, mas, por outro lado, capaz de excessos sentimentais. Quanto à mãe, é uma figura doce, sofrendo em silêncio o despotismo doméstico do marido avaro, que não lhe dá o dinheiro necessário para o provimento da casa, embora consiga amealhar a soma necessária para adquirir o pequeno domínio de Darávoie e de Tchermátchnia.

A casa que os Dostoiévski ocupam no Hospital Maria, e que dava, como se disse, para a Rua dos Asilos, era de um só pavimento, cercada de jardim, atrás do qual se estendia o parque do hospital. Mas a entrada neste mundo vegetal estava proibida aos pequenos Dostoiévski. A família ocupava nesse andar dois compartimentos e um vestíbulo, pintado de cinza-escuro. O vestíbulo era dividido ao meio por um tabique, e uma das divisões assim formadas servia de quarto aos dois filhos mais velhos, Mikhail e Fiódor. Havia ainda um salão e uma saleta modestamente mobiliados: algumas cadeiras, canapés, arcas com roupa, duas mesas de jogo, uma das quais servia para as refeições.

A vida da família regulava-se pela severidade do pai de Dostoiévski: horas certas para todos os trabalhos e ocupações, poucas distrações, pouca convivência.

Além da severidade do pai, que fazia sofrer a esposa com a sua avareza — quantas vezes o pequeno Fiódor, que amava ternamente a mãe, a teria visto chorar às escondidas — que ensinava o latim aos filhos sob uma autêntica disciplina militar, repreendendo-os, aos gritos, quando qualquer deles se enganava nas declinações ou nas conjugações, devem ter pesado no espírito do futuro escritor o ambiente físico do seu pequeno e triste quarto sem janelas, que devia ser escuro e decerto lhe proporcionou visões tenebrosas, com os móveis rígidos, fantasmagoricamente iluminados pela lâmpada do ícone; as escapadas que, apesar da proibição paterna, fazia até ao parque do hospital, onde passeavam os doentes pobres e com os quais conversava; os serões familiares à volta da mesa iluminada por velas de sebo, e nos quais se lia a Bíblia, a história da Rússia e alguns poetas, como Dierjávin, Jukóvski e Púchkin. O Dr. Mikhail

Andriéievitch Dostoiévski era pessoa culta e procurava igualmente encaminhar os filhos no amor da cultura; e também nunca saíram da imaginação de Fiódor as histórias tradicionais que lhe contavam Alíona Frólovna, a *nhanha*, a criada dos meninos, e as amas de leite que vinham duas vezes por ano visitar aqueles que tinham criado ao peito.

"No seio desta família crescia Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, ao abrigo de qualquer contacto com o mundo exterior, privado de amigos, de experiência, de liberdade. Marcá-lo-ia para sempre esse desenvolvimento artificial da sensibilidade."[3]

## Adolescência

Em 1837, contava portanto dezesseis anos, Dostoiévski perdeu a mãe. Maria Fiódorovna morria com trinta e sete anos, tuberculosa e talvez também desgostosa da vida. O marido não só a atormentava com a sua avareza mas também com crises de ciúmes injustificados. A sua morte foi um golpe terrível para ele e para os filhos. O Dr. Mikhail Andriéievitch, terminado o seu tempo de serviço no hospital, passa a se dedicar completamente à educação dos filhos, retirando-se para a propriedade de Daravóie, a 150 km de Moscou, comprada à custa de apertadas economias. Aí procurará abafar o desgosto no álcool e no embrutecimento.

Para o sensível Fiódor, a morte da mãe deve ter representado também algo muito além do desgosto que a morte duma mãe amada pode causar a um filho dedicado: um autêntico drama existencial. A mãe de Dostoiévski morreu em 27 de fevereiro de 1837 e, na primavera próxima, sofre ele de uma doença de garganta, uma afonia que deixará vestígios por toda a sua vida. Poderia ter-se tratado de uma doença puramente física. Mas podemos também interpretar esse mal como o reflexo, no organismo fisiológico, do violento choque emocional que o jovem Dostoiévski acabara de sofrer. Aqui intervém a psicanálise e se fala do estabelecimento de um complexo de Édipo na psique do futuro escritor: Dostoiévski em criança teria assistido às cenas de despotismo paterno, teria visto por várias vezes sua terna e submissa mãe chorar. Quer por sua natureza afetiva e excessiva, quer

por sua qualidade de filho e de rapaz, era natural que tomasse partido da mãe contra o pai. Num temperamento como o seu, este amor pela mãe viria a se tornar exclusivo e teria mesmo como reverso o ódio pelo pai.

Poderemos admitir que o futuro escalpelador de consciências humanas teria, ele próprio, nesta época uma consciência nítida, isto é, seria já capaz de encarar o problema, da mesma maneira, por exemplo, que viria equacioná-lo (no que respeita ao ódio pelo pai) n'*Os irmãos Karamázovi*? Que ele se formulasse uma síntese como esta: "amo muito mais minha mãe do que meu pai", ou até, "amo minha mãe e detesto meu pai", é admissível, e qualquer criança pode formular um juízo desta natureza. Que pusesse isso diante de si mesmo como problema, como drama existencial consciente e definitivo, por muito grande que fosse, como era, a sua inteligência, é que talvez seja mais difícil de admitir; apareceria para ele somente como drama existencial intuído, pressentido e não completamente enfrentado (só chegará realmente a encará-lo de frente em *Os irmãos Karamázovi*, a sua última obra). Daí o complexo. Quem sabe se Fiódor teria sentido ímpetos de acusar o pai culpado? Mas como acusar um pai soberano, que exige dos filhos uma obediência completa? Acusar… um pai? E então, como não podia falar e gritar… a voz extingui-se-lhe. Extinção temporária, mas que lhe deixará para sempre a voz velada e tanto rouca.

Formamos ao lado daqueles que acreditam no complexo de Édipo de Dostoiévski, pois julgamos descortinar na sua obra os traços iniludíveis que nos permitem, senão defender essa tese, pelo menos fundamentar tal hipótese.

Mas deixemos por agora essa questão complicada e acompanhemos os estudos dos dois jovens Dostoiévski.

Vimos como nos serões caseiros se liam a Bíblia, a história da Rússia e certos autores, em casa do Dr. Mikhail Andriéievitch — serões a que se assistiam obrigatoriamente os filhos — e como ele lhes ensinava latim e falava ainda de geometria e aritmética. Mais tarde contratou um professor para ensinar-lhes História Sagrada e outro para francês, Souchard, de seu nome pátrio, e Drachússov, de seu

nome russificado.

Aos doze anos já Fiódor e seu irmão Mikhail estão em casa deste Souchard como semipensionistas, onde estudam francês, um pouco de matemática e de estudos eslavos. Deste semipensionato passam os dois irmãos para a escola de Tchermak, onde se instruem especialmente nas disciplinas literárias. Mikhail e Fiódor liam muito, por este tempo: Walter Scott, Dickens, George Sand, Victor Hugo, Púchkin, Jukóvski. Nesta altura começa a idolatria de Dostoiévski por Púchkin.

Neste colégio, junto aos discípulos, revela-se um novo e doloroso aspecto da personalidade de Dostoiévski: a sua incapacidade de sociabilidade. Não consegue amigos, vive num isolamento triste e ressentido entre os rapazes de sua idade. "Fiódor gostaria bastante de arranjar amigos entre os alunos de Tchermak, mas afastavam-no dos condiscípulos um amor-próprio excessivo, uma desconfiança e timidez doentias. Ardia em desejos de se dedicar ao primeiro que lhe aparecesse, mas retraía-se, fechava-se dentro de si mesmo. Tinha medo de viver. Que havia de comum entre esses garotos alegres e Fiódor Dostoiévski, a quem uma melancolia, cuidadosamente conservada, sombreava a existência? Que havia de comum entre as suas aspirações românticas, os seus vagos ideais de glória, as suas admirações literárias e os jogos frustres dos companheiros? Revoltavam-no os gracejos vulgares que lhes ouvia…"[4] Fiódor Dostoiévski sofrerá durante toda a sua vida desta incapacidade. Nas *Memórias do suberrâneo* e noutras obras suas, encontramos sinais evidentes, muitos passos autobiográficos, demonstrativos dessa sua maneira de ser.

Em setembro de 1837, Fiódor e seu irmão Mikhail apresentam-se à inspeção na Escola de Engenharia Militar de São Peterburgo. O irmão é eliminado por motivo de saúde, mas Fiódor é aprovado. Aí começa Fiódor os estudos que, conforme o pai desejava, o fariam entrar na carreira militar, ser oficial num regimento da guarda imperial ou de engenharia militar. Mas, ainda mais uma vez, Dostoiévski não se adapta ao ambiente coletivo: os camaradas estão imbuídos de preconceitos e de ideais práticos e realistas sobre a vida, sobre o seu futuro, as carreiras mais lucrativas, as subidas de posto. Embora estudante aplicado e cumpridor dos seus deveres, não se junta

a esses grupos, pelos quais sente desprezo. Entrega-se antes aos seus anseios e devaneios indefinidos e lê muito: Balzac, Victor Hugo, Goethe, Schiller, Racine, Corneille. Apenas se aproxima para falar-lhes de literatura, para tentar convencê-los dos seus ideais do "belo e do sublime" (a que por mais de uma vez alude nas *Memórias do subterrâneo*), guiando-os no conhecimento das melhores obras literárias. É-lhe também lenitivo, nos primeiros anos de difícil contacto com o mundo acadêmico da Escola de Engenharia, a correspondência entusiástica, juvenil e amigável com seu irmão Mikhail, que ficara em Reval, em anexo da Escola. Também aí fala de literatura e de ideais.

Durante esta época conhecerá uma personagem real que mais tarde reviverá duplamente n'*Os irmãos Karamázovi*: será ao mesmo tempo o crente Alhocha e o negativista Ivan: trata-se de Tchedlóvski — Ivan Nikoláievitch Tchedlóvski — um jovem poeta que, então, entusiasma o também jovem Dostoiévski. É um rapaz de caráter estranho, que oscila entre dois extremos — ora se entrega à libertinagem, ora, em acessos de misticismo, à oração e à abstinência. Depois de muitos anos de hesitação entra num mosteiro, para tornar a sair, conservando no entanto o seu hábito de monge e tornando-se uma espécie de pregador ambulante. Dostoiévski criou na juventude uma admiração enorme por este Tchedlóvski. Chegou a escrever a seu respeito: "O cohecimento de Tchedlóvski… valeu-me momentos dos mais belos de minha existência. Oh, que alma sincera e pura! Meus olhos se enchem de lágrimas quando me acodem estas recordações…".

Foi ainda durante este tempo de vida estudantil que começaram as confrangedoras cartas de pedidos, em que se queixa ao pai da penúria monetária e lhe suplica com palavras lastimosas o envio de algum dinheiro.

Entretanto seu irmão Mikhail fica noivo e prepara-se para casar. Dostoiévski não foi ainda tocado por nenhum amor. Isso só virá bastante tarde. A decisão do irmão perturba-o, faz com que se sinta ainda mais só e infeliz. E vai dar-se um acontecimento que, dentro de certa interpretação do seu psiquismo, pode considerar-se como crucial na sua futura vida de escritor: a morte violenta do pai, assassinado pelos seus próprios camponeses na aldeia de Daravóie. A morte do pai

deve ter abalado todo o ser de Dostoiévski até às maiores profundidades. Se, quando a mãe morreu, sua voz sumiu, talvez por não poder bramar contra o pai que, em parte, fora o causador desta morte prematura, deve ter havido já uma primeira vaga revelação de seu complexo de Édipo — agora com este assassinato, o segundo termo do complexo, o ódio pelo pai, deve ter se imposto perante a consciência do jovem Dostoiévski em toda a sua pecaminosidade. Essa morte inesperada não teria sido desejada por ele, no fundo do coração? Freud chega mesmo a dizer que Dostoiévski devia ter tido a intenção de matar seu pai. "O caráter do pai permanece o mesmo; piora até com os anos. O ódio de Dostoiévski mantém-se, bem como o seu desejo de matar esse mau pai."[5] "Talvez seja ir longe demais supor que ele teria tido a intenção definida de matar o pai. Podia ser que tal ideia lhe tivesse aflorado o espírito apenas como hipótese, integrada naqueles devaneios em que há coisas de tal ordem que tememos que se revelem a nós próprios…"; admitamos pelo menos, dentro de nossa interpretação psicanalítica, que, se ele não se abeirou desse abismo criminoso, teria pelo menos desejado essa morte e, quem sabe? sentido regozijo por ela. Mas num homem com a inteligência, a sensibilidade e a profundeza de autoanálise de Dostoiévski, a descoberta em si próprio deste desejo ou regozijo pecaminoso equivaleria quase a um ato realizado por suas próprias mãos. E tal revelação lhe traria um remorso pungente, de que ele não conseguiria jamais libertar-se, que o impeliria constantemente de confissão em confissão, até chegar à declaração formal de culpa por intenção em *Os irmãos Karamázovi*. "O principal assassino és tu, embora eu é que o tivesse morto" diz o Smerdiakov de *Os irmãos Karamázovi*. "Desejaria eu a esse ponto a morte de meu pai?" pergunta Ivan Karamássov, o instigador mental do assassínio.

Os estudos da Escola de Engenharia terminam em 1843 e Dostoiévski entra no serviço ativo. É nomeado alferes e designado para a repartição de desenho da Seção de Engenharia. Aluga casa, que vem a partilhar com um alemão, o Dr. Riesenkampf. Isento de tutela paterna, começa para Dostoiévski uma vida mais livre. Frequenta teatros, concertos, casas de jogo, e percorre todas as ruas, ruelas e antros de Petersburgo, para conhecer a vida da cidade e dos seus habitantes. Segue os transeuntes, descobre-lhes os segredos e as

misérias, entra nas tabernas, nos bairros operários, nos tugúrios da gente humilde. Escreve dois dramas: *Maria Stuart* e *Boris Godunov* sob a influência de Schiller e de Púchkin, cujos manuscritos se perderam. Traduz *Eugênia Grandet*, de Balzac, faz projetos de se editar a si próprio, mas… continua sempre em apuros de dinheiro. Perde no jogo, deixa-se roubar por um, explorar e enganar por outros. E, entretanto, em setembro de 1844, pede demissão. Fartara-se daquela vida de repartição, oficial e burocrática, cuja recordação de pesadelo terá influência persistente nas suas obras. Neste ano começa a redação do seu primeiro romance. Uma nova fase se abre na sua vida: vai iniciar a sua carreira de escritor.

*Asa lateral do prédio onde morou o escritor até a idade de dezesseis anos, em Moscou. Hoje o número 2 da rua Dostoiévski.*

## A estreia literária

O seu primeiro romance, *Pobre gente*, está pronto. Mas como publicá-lo? Um dia encontra por acaso o seu amigo Grigórievitch, seu condiscípulo na Escola de Engenharia, escritor, com obras publicadas e algum nome nos meios literários. Chama-o a sua casa e lê-lhe o manuscrito de seu romance. Grigórievitch fica entusiasmado. Arranca-o das mãos de Dostoiévski e corre a mostrá-lo a Niekrássov, diretor e proprietário de *O Contemporâneo*. Depois da leitura, em que ambos choram, comovidos, vão procurar Dostoiévski em sua casa, às quatro da manhã, para o abraçar. No dia seguinte, Niekrássov leva o manuscrito de *Pobre gente* a Bielínski, o crítico todo-poderoso, com estas palavras: “Trago-lhe aqui um novo Gógol”. O crítico lê todo o manuscrito de um fôlego e, ao terminar, tão grande é seu entusiasmo

que, voltando Niekrássov a visitá-lo nessa mesma tarde, diz-lhe: “Traga-me esse homem!”. No dia seguinte Dostoiévski é apresentado a Bielínski. Felicitações, abraços, louvores, conselhos. Quando Dostoiévski se separa do crítico, pergunta a si próprio: “É possível que eu seja tão grande?”.

Bielínski vai falar a todos do jovem escritor que acaba de descobrir. Dostoiévski está encantado com o seu triunfo. Ainda *Pobre gente* não foi publicado em letra de forma e já ele é conhecido, falado e discutido nos círculos literários, convidado para os salões de personalidades elevadas. Inebria-se, envaidece-se com sua glória; conhece Turguéniev. Um dia é apresentado no cenáculo de *O Contemporâneo* presidido por Avdótia Panáieva. Apaixona-se por esta mulher, que coqueteia com ele e consente no seu amor silencioso e platônico.

*Bielínski, o poderoso crítico literário, contemporâneo de Dostoiévski.*

Mas Dostoiévski não é homem para salões. É desconfiado, orgulhoso, tímido e melindroso. E, por outro lado, a inveja e a incompreensão não o poupam. Ouve alusões maldosas, epigramas, Turguéniev e Niefrássov compõem uma poesia satírica em que lhe chamam “cavaleiro da triste figura” e espalham anedotas ridículas e indignas acerca de Dostoiévski, que se desespera, foge e isola por

algum tempo, mas volta de novo ao encontro dos falsos amigos e maledicências dos salões, cedendo ao seu impulso de convivência e desejo de notoriedade.

Em janeiro de 1846 *Pobre gente* é finalmente publicado no almanaque de Niekrássov, *Compilação de Petersburgo*, e a crítica de Belínski, n'*Os Anais da Pátria*, é ainda elogiosa.

Mas as obras que publica a seguir, *O duplo, O senhor Prokhártchin, Um romance de nove cartas, A dona da casa, Niétotchka Niezvânova*, já não são acolhidas pelo crítico com o mesmo entusiasmo, pelo contrário até, a crítica mostra-se severa. Dostoiévski é acusado de ter imitado Gógol, em *O duplo*, de ter-lhe mesmo copiado frases inteiras. E é verdade. Este romance está nitidamente influenciado pela obra *O nariz*, desse autor. *A dona da casa* é inspirado também em Gógol. A propósito desta última obra diz Bielínski: "Dostoiévski publicou outro romance, *A dona da casa*. É a maior das inépcias! Cada uma das suas novas produções é um novo fiasco. Enganamo-nos estupidamente a respeito do gênio de Dostoiévski… Eu, o primeiro dos críticos, mostrei-me um burro chapado".

*Niekrássov, o poeta que publicou* Pobre Gente, *pela primeira vez, num almanaque que dirigia.*

Passaram-se três anos desde que Dostoiévski iniciou publicamente a sua vida literária. "Começou por ser proclamado um gênio e agora é

apeado do seu pedestal glorioso, apontado como uma nulidade”.[6] Então, no espírito de Dostoiévski surgem dúvidas sobre seu próprio talento. Precisa descobrir um caminho, mas não o encontra. Rompe com Niekrássov, o seu editor. Continua crivado de dívidas. Restam-lhe alguns amigos, mas a insociabilidade forçada, o ressentimento, a vaidade ferida, a angústia acabam por afastá-lo de todos. Nas cartas ao irmão, por este tempo, mostra bem o seu doloroso estado de espírito: “Vou no terceiro ano da minha carreira literária e ando como no meio de um nevoeiro denso. Não descubro a vida, não tenho ocasião para parar e refletir. A minha arte perde-se por falta de tempo. Gostaria de me deter… Criaram-me uma celebridade duvidosa. Não sei até quando durará este inferno: a pobreza, o trabalho perdido… Quando alcançarei a paz?… Como é terrível trabalhar para viver! O meu trabalho não suporta opressão… Quanto a mim, é sempre o mesmo estribilho, nem um copeque. Dívidas. Escrevo e não vejo o fim do meu trabalho. Torturam-me o aborrecimento, a apatia, a expectativa de qualquer coisa melhor…”.

Mas o destino, essa força misteriosa em que ele acreditava, se encarregará de dar-lhe um golpe que vem quebrar essa apatia e, ao mesmo tempo, dar-lhe ocasião para parar e refletir.

## Conspiração, prisão e condenação

Irá parar e refletir durante nove anos na Sibéria. Há de refletir, primeiro, à beira da morte, num patíbulo, em frente dum pelotão de execução, e depois já na casa da morte, num presídio, entre assassinos, ladrões, salteadores, falsários, entre réprobos de toda espécie.

Na crise da sua fase de abatimento, do seu desespero, Dostoiévski chegou a julgar-se louco, tuberculoso, perdido de ataques epiléticos, tomara-o a neurose, pensa no suicídio. E é um autêntico suicídio a ligação que vai estabelecer com um grupo de niilistas revolucionários, propagandistas de novas ideias. Talvez os seus ideais políticos não estejam ainda bem definidos, nem saiba bem o que deseja. Pode ser que queira apenas fazer qualquer coisa onde desafogue o seu ressentimento contra o mundo e a sociedade, descobrir o seu caminho por um ato de loucura.

O ambiente da Rússia é de agitação social. Durante as campanhas napoleônicas de 1812-1814, os russos tomaram contacto direto com a cultura ocidental. Como por toda a Europa, também na Rússia se formaram sociedades clandestinas, imbuídas de novas ideias socialistas e progressistas. Clamam pela libertação dos servos, pela abolição dos castigos corporais e pela supressão do absolutismo do czar. Quando Nicolau I sobe ao trono, a oposição torna-se declarada, o movimento subversivo invade o Exército e estala o motim de dezembro de 1825; os insurretos ficam conhecidos pelo nome de *dezembristas*, os quais foram vencidos, uns enforcados e outros deportados para a Sibéria. Mas a agitação continuou. O czar quer ser ele próprio a realizar as reformas preconizadas, mas não admite que outras cabeças pensem e alvitrem. Institui a *Okhrana*, isto é, a polícia política, que passa a exercer a vigilância, principalmente sobre os intelectuais. É uma vasta organização que estende por todo o país a sua espionagem e as suas devassas, e que comporta agentes secretos encarregados da denúncia. São dois os principais grupos que pensam e fazem oposição ao czarismo absolutista: os ocidentalistas, influenciados pelas teorias socialistas de Fourrier, Saint-Simon e Louis Blanc, e pelos ideais de progresso técnico e industrial; entendem que a Rússia é um país atrasado, que necessita de uma reforma nos estilo das reformas ocidentais; os eslavófilos desejam uma Rússia russa, que procure nas suas fontes tradicionais as suas próprias instituições e reformas.

Estamos em 1840. Os grupos de revolucionários progressistas são agora mais numerosos: englobam os estudantes universitários, jornalistas, escritores, comerciantes, funcionários, pequeno-burgueses. Um destes grupos é o de Pietrachévski, antigo estudante e funcionário. Dostoiévski foi-lhe apresentado em 1846. No ano seguinte frequenta o círculo dos pietrachevskistas. Que se passa nesse círculo de revolucionários? Verdadeiramente, nada de importante: alguns rapazes reúnem-se em volta de Pietrachévski; fumando e bebendo chá, falam de literatura, de política; criticam o regime, censuram o estado deplorável dos camponeses, da economia, da sociedade, de maneira geral. Nenhum programa definido, nenhum plano de ação.

“Quanto a Dostoiévski, permanece céptico. Apesar de reconhecer

a generosidade dessas miragens humanitárias, achava que não se adaptavam à Rússia. Para ele, os russos deveriam agarrar-se à própria história e daí extrair um ensinamento salutar.”[7]

Dostoiévski espera e deseja que o czar realize as reformas necessárias, porque o czar é como um pai para o seu povo. Que o prende, pois, a esse grupo vociferante com o qual, afinal, não está de acordo? A necessidade de simpatia humana, de preencher o vazio da sua insatisfeita necessidade de convívio, de se agarrar a qualquer coisa que marque um objetivo na sua vida.

Mais tarde surge no grupo um novo elemento, um tal Spiechniov, indivíduo estranho que acabará por fazer decidir Dostoiévski a passar das palavras à ação. Ele próprio é partidário da ação, ainda que se tenha de recorrer a meios violentos.

Fundam então uma outra sociedade à parte daquela: tencionam montar uma tipografia clandestina e distribuir panfletos. Entretanto, a polícia secreta entra em ação. O denunciante é um espião italiano que se introduzira disfarçadamente no grupo. E na madrugada de 23 de abril de 1849, Dostoiévski é despertado às cinco da manhã por um barulho de vozes à porta do seu quarto. Dostoiévski está preso. Às onze da noite desse dia já está na fortaleza de Pedro e Paulo, mandada construir por Pedro, o Grande no século anterior. Aí aguardará Dostoiévski a organização do processo dos pietrachvskistas, em que está implicado.

Durante bastante tempo suporta Dostoiévski com coragem os meses de clausura. Escrevendo ao irmão, diz: “Aproveito conforme posso o tempo de que disponho; já imaginei três novelas e dois romances. Há uma vitalidade surpreendente na natureza do homem. Nunca suporia que existisse tanta, mas agora o sei por experiência própria”. E na prisão escreve esse conto encantador que é *O pequeno herói*, narrativa poética, em que descreve o despertar do instinto sexual num rapazinho de onze anos, e aí também continua e termina *Niétotchka Niezvânova*, que é ao mesmo tempo o drama de um gênio falhado e também o despertar da sensibilidade e da inteligência na alma duma jovem.

A instauração do inquérito dura cinco meses. Dostoiévski é acusado de “tomar parte em reuniões onde se criticavam atos do governo, a instituição da censura e da servidão”; de ter lido numa dessas reuniões uma carta de Bielínski, na qual se continham injúrias contra a igreja ortodoxa e o poder supremo.

*Pietrachévski, chefe do círculo de conspiradores que tem seu nome.*

A comissão de inquérito acaba por declarar que não pode concluir pela “existência duma sociedade de propaganda organizada”. Mas a revisão do processo é exigida pelo Ministério do Interior e agora já se pensa em punir os conspiradores; o “caso Pietrachévski” sobe ao tribunal militar e à Auditoria Geral. Depois de várias tergiversações acerca da sentença a aplicar aos culpados, que começa por ser a pena de morte para todos, e é depois abrandada para a de trabalhos forçados, a pena que finalmente cabe a Dostoiévski é a de quatro anos de trabalhos forçados, como presidiário, e depois mais quatro como soldado raso. Mas o imperador deseja que seja dada uma lição severa as conspiradores: os condenados irão ser atores duma tragicomédia espantosa, uma simulação de fuzilamento, subirão ao patíbulo na Praça Siemionóvski, serão atados aos postes, de olhos vendados, e verão alinhar-se na sua frente os pelotões de execução. Os soldados apontarão as espingardas e uma voz gritará: “Fogo!”… mas os tiros

não chegam a partir. Alguém agita um lenço, clarins tocam à retirada e ouve-se a voz do General Rostóiev:

— “Em sua inefável clemência, Sua Majestade, o czar, concede-vos a graça da vida…”.

Dostoiévski conta-nos n’O *diário de um escritor* o que foram esses minutos em que esteve amarrado ao poste de execução e que julgou serem os últimos de sua vida. Num cálculo breve, dividiu em três partes o tempo que restava: dois minutos para se despedir dos amigos, outros dois para refletir sobre o que será a morte, outro para olhar o mundo pela última vez. Mas como adivinhar o que é a morte? O que ele sabe é que é jovem — tem vinte e sete anos — e que o sol faz brilhar a cúpula da catedral. E não consegue retirar o sol desse deslumbramento, o sol, a vida, a vida… oh, morrer, não: “E se eu não morresse, se eu pudesse recomeçar a vida… que eternidade! Faria de cada minuto um século, não deixaria perder nem um. Regularia todos os meus instantes para não perder nem um inutilmente”, escreverá *O idiota*, obcecado ainda por essa recordação pungente, que jamais esqueceu. E que homem poderia esquecê-la?

Antes de partir para Omsk, na Sibéria, escreveu ao irmão: “Não me sinto abatido, não perdi a coragem, meu irmão. A vida está em toda parte, a vida reside em nós e não no mundo que nos rodeia. Perto de mim haverá homens, e ser um homem entre os homens, e continuar a ser sempre, em quaisquer circunstâncias, sem desfalecer nem tombar, eis o que é a vida, o verdadeiro sentido da vida”.

*Dostoiévski no exílio siberiano, fotografado em companhia de Tchokan Valikanov. Semipalatinsk, 1858.*

## O período siberiano. O presídio

Embora as grandes obras de Dostoiévski não tenham sido escritas imediatamente à sua saída do presídio e de seu tempo de serviço como soldado raso, ainda na Sibéria, pois os seus romances desse período, *O sonho do tio*, *A granja de Stiepántchikovo* e *Humilhados e ofendidos*, não pertencem ainda a essa categoria, quase todos os seus biógrafos são unânimes em considerar que a sua estada no presídio siberiano foi decisiva na evolução de seu gênio e, portanto, da sua obra: "Aqueles quatro anos são como o reservatório secreto onde o seu gênio se alimentará daí para o futuro".[8] É entre criminosos, assassinos e ladrões que Dostoiévski passa esses quatro anos; o seu trabalho consiste em polir alabastro, transportar tijolos, limpar ruas e edifícios, retirando a neve com uma pá. Usa o uniforme dos presidiários, traz grilhetas e a cabeça raspada; vive na promiscuidade entre judeus, ucranianos, mongóis, polacos; dorme sobre esteiras, em cima do chão gelado, úmido e imundo do alojamento; ouve constantemente pragas e insultos à sua volta, conhece histórias de crimes espantosos; não tem um momento de intimidade, pois os presos não podem estar sozinhos; suporta a violência e os vexames do major do presídio, um tal Kritzov,

homem cruel e estúpido, que tiraniza os presos e os manda castigar por mínimas infrações; assiste, no hospital, à chegada de supliciados, à morte dos tuberculosos; e sente sobretudo que, por ser nobre, não pode verdadeiramente ser amado por esses criminosos plebeus. Estes odiavam os nobres, pertencentes à raça opressora do povo, e não podiam suspeitar que em Dostoiévski estava um irmão que os compreendia e queria aproximar-se deles. Cobriam-no de zombarias nos trabalhos. Os polacos, presos políticos, também o desprezavam por causa de sua resignação e ainda por ser russo.

Qual a lição desses quatro anos de presídio, em que consiste a marca que eles gravaram no espírito de Dostoiévski? É que ele descobrira a alma do povo russo. Para além do estigma de criminosos que a justiça imprimira na face dos seus infelizes companheiros, acabou ele por encontrar homens, verdadeiros homens de caráter vigoroso e belo. "Ouro debaixo de lixo."[9] E é este conhecimento, este amor do povo, que ele irá opor ao intelectualismo, ao cientificismo, ao socialismo importado; é no povo bom e ingênuo, pensa, que está a salvação da Rússia e do mundo; a Rússia será o novo Messias, que levará a salvação a todos os povos.

Há ainda outra matéria que Dostoiévski aprendeu na lição do presídio: a penetração dos evangelhos. Só nos últimos tempos da sua condenação lhe permitiram ler alguns livros; durante a maior parte da sua permanência no presídio apenas leu a Bíblia, único livro consentido aos presos. Por isso teve tempo de meditar profundamente a doutrina do Evangelho, que será essencialmente a sua. Se é verdade que toda a sua vida se debateu sobre o problema da crença em Deus, e que nunca aceitará uma ligação definitiva com a Igreja, o certo é que o amor evangélico penetrou o seu coração e chegará a escrever estas palavras, em carta dirigida a uma senhora[10]: "Se alguém me provasse que Cristo está fora da verdade, e se realmente ficasse estabelecido que a verdade está fora de Cristo, eu preferia Cristo à verdade".

O estudo dos textos sagrados terá ainda influência no aspecto formal das suas futuras obras. Henri Troyat define perfeitamente essa influência: "As alegrias e os sofrimentos de suas criaturas já não são estritamente terrenos. Todos os romances que fizer terão como que dois planos. No primeiro teremos a vida cotidiana, com as suas

complicações, ciúmes, questões de dinheiro e de precedência. No segundo vai se desenrolar o verdadeiro drama do homem: a procura de Deus, a procura do ente novo".

## O PRIMEIRO CASAMENTO

Saído do presídio, em fevereiro de 1854, Dostoiévski é enviado como soldado para a primeira seção do sétimo batalhão da Sibéria, em Semipalatinsk, uma pequena cidade, ponto de passagem de caravanas, de aspecto asiático, apenas com cinco ou seis mil habitantes, mercados tártaros, soldados e funcionários. Como recompensa do seu bom comportamento, Dostoiévski é autorizado a morar fora do quartel. É nesta cidade que conhece o barão Vrangel, nomeado promotor de Sua Majestade nesta cidade. Uma grande amizade se estabelece entre os dois. Aqui também começa Dostoiévski a redigir as suas *Memórias da casa dos mortos*, no casebre de madeira que lhe servia de albergue.

Antes de conhecer o barão Vrangel, Dostoiévski travara relações com a família Issáiev, composta do marido, Alieksandr Issáiev, da mulher, Maria Dimítrievna, neta dum emigrado francês e filha do Coronel Dimítri Stiepânovitch, funcionário em Astrakan, e de um filho do casal, Páviel Issáiev. O marido é um bêbado incorrigível e, dado seu comportamento irregular, não consegue êxitos em parte nenhuma. Essa cidadezinha asiática é o epílogo de sua vida falhada. Aqui, até do seu lugar de mestre-escola fora despedido. A mulher, de trinta anos aproximadamente, é uma criatura doente, tuberculosa, dotada de um temperamento exaltado, sentimental e fantasista; e, ao mesmo tempo, uma decepcionada. Todos os seus sonhos de moça se haviam despedaçado com a companhia e a frustração daquele marido alcoólatra, que a forçava a viver numa insignificante cidade como aquela e a fazer trabalhos grosseiros a que não estava habituada. Quando o marido lhe apresenta Dostoiévski, Maria Dimítrievna fica lisonjeada com o conhecimento dum homem com o qual poderá conversar sobre literatura e outros assuntos. É provável que, por seu lado, Dostoiévski tenha sentido uma grande piedade por essa mulher nova, bonita, delicada e infeliz. "Ambos pessoas maltratadas pelo destino, perdidas no mundo. Para os dois os sonhos da mocidade

tinham-se desfeito perante uma realidade sem alegria; para os dois o futuro não significava nada.”[11]

*Maria Dimítrievna Issáieva, primeira mulher do escritor.*

Teria Dostoiévski ficado realmente apaixonado por Maria Dimítrievna? Até que ponto ele confundiu e assimilou a sua piedade a uma paixão amorosa? Perguntas que não esperam por resposta, ou melhor, cuja resposta se encontra sobretudo nas obras da sua maturidade — onde se vê que, afinal, o amor, o amor entre o homem e a mulher, participa também do sentimento de piedade. Fosse como fosse, a piedade e a ternura que essa mulher infeliz lhe inspirava, tomou-a Dostoiévski por uma paixão. Quanto a ela, Maria Dimítrievna, parece que não chegou a ter um grande entusiasmo pelo escritor. Era uma desiludida que buscava o refúgio de uma nova ilusão. Além disso, a sua vaidade de mulher sentia-se também lisonjeada. Mas a sua mútua atração e piedade não podiam ter futuro. Dostoiévski era um deportado e Maria uma mulher casada. Ademais, Issáiev conseguiu um novo lugar, foi nomeado adjunto do Tribunal de Semipalatinsk. O casal parte e Dostoiévski perde essa afeição a que já se acostumara.

Entretanto, parece que Maria Dimítrievna se entusiasma com um jovem professor de seu filho. Dostoiévski sente ciúmes, escreve cartas

sobre cartas, tem crises nervosas. Até que a morte de Alieksandr Issáiev vem precipitar os acontecimentos, apesar de que Maria continua indecisa e chega a confessar-lhe, a ele, Dostoiévski, que está apaixonada por Viergunov, o professor do filho. Fiódor luta, tenta convencer Maria da insensatez desse amor com aquele rapazelho vaidoso e sem futuro, e chega até a encontrar-se e a falar também com ele. Todas estas situações se encontram transpostas em *Humilhados e ofendidos*.

Em outubro de 1856 Dostoiévski é promovido a oficial, o que significa um ordenado certo e a proximidade da recuperação da sua perdida liberdade. É então que Maria se decide e casam finalmente em fevereiro de 1857.

Todo o nervosismo desta longa espera e a excitação dos últimos dias, em que Fiódor teve ainda de escrever cartas à família, implorando um auxílio pecuniário para o casamento, abalaram a sua saúde: Dostoiévski sofre um violento ataque de epilepsia na noite do casamento. Mais uma vez Maria deve ter amaldiçoado o seu destino funesto, que da primeira vez a unira a um ébrio e, da segunda, a um epiléptico. E Dostoiévski, "sem saber, enganou a mulher. Pensando salvar uma existência miserável, impôs-lhe outra mais miserável ainda; matou qualquer esperança de amor entre os dois e, todavia, terão de viver lado a lado, de se aturarem, de mentirem e fingirem afeição".[12]

Quando ela morreu, daí a sete anos, a carta que o romancista escreveu ao seu amigo Vrangel, acerca da morte de sua mulher, resumirá o que foi essa vida entre eles, que nunca deixou de assisti-la com sua piedade, e ela, de gênio irritável, mórbido e fantasista, exacerbado pela tuberculose que avançava: "Ela, meu amigo, amou-me sem limites, e eu a amava também sem medida, e, contudo, não fomos felizes; mas embora tenhamos sido verdadeiramente desgraçados, devido ao seu estranho caráter, receoso e morbidamente fantástico, nunca deixamos de nos querer, e quanto menos felizes éramos, mais apego tínhamos um ao outro… Era a mulher mais nobre, mais leal e generosa de todas que tenho conhecido…".

Dostoiévski prestará ainda homenagem a Maria Dimítrievna, sua

primeira esposa, tomando-a como modelo de Natacha de *Humilhados e ofendidos* e de Ekatierina Marmieládov de *Crime e castigo*.

## A atividade de Dostoiévski, como escritor, durante o período siberiano

Vimos como o único livro que consentiam no presídio siberiano era a *Bíblia*. Afastado do mundo donde saíra, Dostoiévski sentia-se desatualizado a respeito do que iria pela Rússia e no mundo das letras. Assim que se instala em Semipalatinsk, pensa imediatamente em retomar as suas interrompidas atividades literárias e pôr-se a par das últimas novidades. Os projetos pululam no seu cérebro. O irmão promove a publicação do seu conto *O pequeno herói*, escrito durante sua prisão na fortaleza de Pedro e Paulo; continua a tomar notas para a futura redação de *Memórias da casa dos mortos*, planeja "um grande romance", que não chega a escrever. As obras que consegue levar a cabo, nesta época, são dois romances satíricos, *O sonho do tio* e *A granja de Stiepántchikovo*, escritas apenas com o intuito de publicar qualquer coisa que lhe reabra as portas da carreira literária, e que, pelo seu tom de humorismo jovial devem também traduzir a alegria do homem liberto do presídio, que pode outra vez respirar em liberdade.

Ao mesmo tempo começa Dostoiévski as suas diligências para se tornar definitiva e absolutamente livre, deixar a Sibéria e regressar a Petersburgo. E escreve uma série de cartas a antigos condiscípulos influentes e de jaculatórias às pessoas régias. Em 1855 compõe uma ode ao imperador Nicolau I, que o condenara a trabalhos forçados; em 1856 escreve um poema em louvor a Alexandre II; dirige-se ao General Totleben, seu antigo camarada na Escola de Engenharia. Devido às diligências deste, é que Dostoiévski é promovido a oficial em 1856.

Seis meses depois, é reintegrado nos seus direitos à nobreza. Em 1859 obtém licença para deixar o exército e regressar à Rússia. Mas não lhe consentem ainda que se instale em Moscou ou em Petersburgo. Fixam-lhe uma residência — Tver — e estabelecem à sua

volta uma vigilância secreta — que o acompanhará até o fim de sua vida. Finalmente, em 2 de julho de 1859, com a mulher e o enteado, deixa Semipalatinsk. Vivera na Sibéria quase dez anos.

## O regresso a Petersburgo

Durante a sua estada em Tver, Dostoiévski continua inquieto. Sente que não é esse o lugar em que há de assentar, que precisa regressar a Petersburgo. Continua com as suas petições dirigidas ao imperador e a personalidades importantes. Sofre de ataques frequentes de epilepsia. Continua a trabalhar em *Memórias da casa dos mortos*. Finalmente, em novembro de 1859, o imperador defere a sua petição e Dostoiévski regressa a Petersburgo.

Mas quando aqui chega, encontra-se, por assim dizer, na situação dum novato na literatura. É como se tivesse de recomeçar. A Rússia mudou. Agora é Alexandre II o imperador, quem concede a emancipação dos servos e estuda outras reformas liberais que, no entanto, não conseguem satisfazer os ânimos mais exaltados. O ambiente é de censura e ataque ao regime e reclama-se uma mudança radical. E eis que Dostoiévski entra neste mundo em efervescência, cheio de um enternecido amor pelo imperador, a quem considera como pai do povo russo. Surge como submisso ao regime e à ortodoxia. "Perante os seus contemporâneos, assume a velha atitude. O presídio não o modificou. Não é conservador. É conservador-russo. Não é liberal. É liberal-russo. Imagina uma série de reformas, não copiadas das do Ocidente, mas extraídas dos recônditos da história."[13] E assim que chega a Petersburgo funda, juntamente com seu irmão Mikhail, a revista *Vriémia*, isto é, *O Tempo*, em cujas páginas defenderá as suas ideias sobre os destinos da Rússia. Esta revista, que chegou a inserir colaboração de Turguéniev, de críticos como Apolon Grigóriev, e artigos de Strákhov, dos quais um se torna motivo para que a Censura suspenda a publicação. Foi nesta revista que publicou também *Humilhados e ofendidos*. Aliás, não será ainda este romance que reconquistará para Dostoiévski a fama perdida. Foi mal acolhido pela crítica. Chegaram a dizer dele: "O Senhor Dostoiévski não deve levar-me a mal que eu classifique o seu romance abaixo do nível

crítico de arte”.

Somente com a publicação de *Memórias da casa dos mortos* é que o nome de Dostoiévski volta a readquirir um êxito enorme, uma autêntica popularidade. Conta-se que o imperador chorou ao ler esta obra.

Depois de *Vriémia*, Dostoiévski lança ainda outra revista, *A Época*, que veio também a ser suprimida por motivos políticos.

## Primeira e segunda viagem à Europa. Aventura com Polina Súslova

Na sua primeira viagem à Europa, no verão de 1862, visitou Dostoiévski Berlim, Dresde e Colônia, de passagem, Paris durante dez dias, Londres, Genebra, Turim, Gênova e Florença. As suas impressões desta primeira viagem ficaram registradas num pequeno escrito intitulado *Notas de inverno sobre impressões de verão*.

Nelas é evidente uma série de generalizações apressadas sobre o caráter dos povos com os quais esteve em contato, pois, por muito arguto observador que Dostoiévski fosse, as suas estadas nessas cidades foram demasiado breves para que pudesse conhecer bem todas as condições de vida e o temperamento desses povos e, além disso, as suas apreciações são prejudicadas pelo seu preconceito da excelência do povo eslavo sobre os demais europeus. E a sua visão dessas cidades ficou também incompleta porque, afinal, Dostoiévski viaja sem dar atenção à paisagem e interessando-se diminutamente pelos monumentos. Entretanto não deixou de fazer nessas *Notas* algumas observações satíricas, que encerram algumas verdades.

A segunda viagem já não a faz só, vai na companhia duma mulher, que não é a esposa, pois esta está quase às portas da morte: Dostoiévski irá viajar em companhia de uma amante. Quem é essa mulher? Aliás, não é ainda uma mulher, mas uma moça, uma jovem estudante entusiasmada com as ideias niilistas e progressistas, a literatura e a política, o feminismo e com pretensões a escritora. Ouvira as conferências de Dostoiévski nos serões literários organizados

a favor dos estudantes pobres e ficou impressionada. Um dia leva uma novela sua a Dostoiévski, a qual virá a ser publicada na revista *O Tempo*, por ele dirigida.

As relações íntimas entre os dois só devem ter começado entre 1862 e 1863. Paulina — assim se chama a moça — tem dezesseis anos e Fiódor o dobro da idade. É o *Diário* da própria Paulina Súslova que nos permite fazer uma ideia do que foram esses amores. Podemos pensar que teriam representado para o escritor uma fuga à vida aborrecida e triste que, como homem, devia levar junto da esposa definhada, envelhecida e sempre lamentosa; uma paixão sensual de homem mais velho por uma mulher mais nova; quanto a ela, deve ter sido seduzida pelo prestígio do escritor; não chegou a amá-lo verdadeiramente, pois não era uma amorosa, mas uma aventureira, que gostava de ser adorada para ter depois o prazer de dominar e repelir, quando o desejasse. Não partiram os dois juntos para a sua viagem de lua de mel. Ela partiu primeiro e ele depois, com o dinheiro emprestado pela Caixa de Socorros a Escritores Necessitados. Mas ambos se atraiçoam mutuamente, antes de se reunirem em Paris. Dostoiévski vai traí-la com a sua paixão mais funda pelo jogo: antes de chegar a Paris detém-se em Wiesbaden e joga furiosamente na roleta, onde ganha e perde sucessivamente avultadas quantias. A paixão pelo jogo consegue fazê-lo esquecer quase a paixão amorosa. Esta experiência ele a transpôs em *O jogador*.

Polina, essa, atraiçoa-o com um homem, um espanhol ou sul-americano que encontra em Paris. Confessa a Dostoiévski a sua nova aventura. Mas partem ainda juntos para viagem pela Europa, pela Itália. Antes, porém, passam por Wiesbaden e aí temos de novo Dostoiévski na tentação da roleta, que lhe leva quase todo o dinheiro que possui. Restam-lhe apenas cento e trinta francos e é com esta quantia que os dois partem afinal para a Itália, “como amigos”. Veem-se na contingência de empenharem certos objetos e recebem algum dinheiro de empréstimos já anteriormente suplicados. Finalmente separam-se. Polina regressou a Paris e Dostoiévski à Rússia, com o dinheiro que ela lhe emprestara.

Esta estranha criatura, como não podia deixar de ser, tornou-se também um modelo das suas futuras heroínas femininas. Além de ser

a protagonista feminina de *O jogador*, a sua figura aparece ainda na Aglaia de *O idiota*, na Lisa de *Os demônios*, na Ekatierina Ivânovna de *Os irmãos Karamázovi*; representa o tipo de mulher que ora parece uma amorosa e ardente apaixonada, ora um ser frio e por vezes até um pouco cruel.

Quando chega à Rússia, Dostoiévski vem encontrar a esposa moribunda. Antes, porém, perde também o irmão, que fora o seu grande amigo, e recolhe então para si o encargo de sustentar a cunhada viúva e os sobrinhos. Está outra vez em grandes dificuldades econômicas, tanto mais que luta ainda por prolongar a vida do jornal *A Época*, que o irmão dirigia.

*Dostoiévski, em 1860.*

Entretanto, é no meio destas angústias que Dostoiévski redige uma das suas grandes obras, *Memórias do subterrâneo*.

Embora alguns biógrafos de Dostoiévski, como Levison, Hallet Carr, Henri Troyat, considerem dois grandes períodos fundamentais na vida de Dostoiévski, o período anterior às *Memórias da casa dos mortos*,

e o posterior, pedimos vênia para nos colocarmos ao lado de Bierdiáiev, e somos também da opinião de que a segunda fase literária só começa verdadeiramente com *Memórias do subterrâneo*: só com esta obra o escritor deixa a primeira fase de tentativas, digamos até, em certo sentido, impessoal, abandona a imitação, as escolas, o respeito e acatamento por fórmulas e por críticos, para encontrar a sua maneira de sondagem progressiva em profundidade e extensão, explorando um campo imenso que abarca desde as estruturas ínfimas do psiquismo humano até aos grandes e permanentes problemas metafísicos da consciência universal. Dostoiévski será, a partir desta obra, o escritor do subterrâneo. É uma obra de um pessimismo azedo, antirracionalista, na qual deve ter influído o seu estado de ânimo depressivo, consequente a sucessivos ataques de epilepsia e hemorroidal.

*Polina Súslova, a grande paixão de Dostoiévski.*

A 15 de abril de 1864 morre finalmente Maria Dimítrievna, sua mulher, após uma prolongada agonia. Dostoiévski sente que a sua solidão no mundo se torna ainda mais profunda.

Na ânsia de restabelecer amizades e relações que preencham o

seu vazio, conhece por esta época a família Korvin-Krukóvski, que tem duas filhas, Anna e Sófia. Mais uma vez Dostoiévski se julga apaixonado: pede a Anna que case com ele, mas ela recusa-o; é verdade que há também Marfa Brown, uma mundana que por esse tempo era amante de um jornalista boêmio e alcoólatra. Parece que Dostoiévski chegou a viver juntamente com ela, por brevíssimo tempo. Estas duas inclinações fugazes deixam no entanto uma impressão nítida no espírito e na obra do escritor. Anna Krukóvski e Marfa Brown estão representadas nas duas heroínas femininas de *O idiota*: uma é a noiva do espírito, e a outra a mulher carnal que, para além do amor sensual, inspira também ao príncipe Míchkin uma imensa piedade.

*Anna Grigórievna, segunda esposa de Dostoiévski.*

A par de mais estas experiências amorosas falhadas continuam para Dostoiévski as aflições pecuniárias. O irmão deixara-lhe uma viúva com quatro filhos, a responsabilidade da revista *A Época* e alguns milhares de rublos de dívidas. Pois, no fim do verão desse ano, é intimado a liquidar essas dívidas, sob pena de prisão. A revista é suspensa e o editor Stolóvski aparece junto de Dostoiévski com uma proposta que tanto pode representar a salvação provisória como a ruína: receberá três mil rublos, parte em dinheiro, parte em letras, pelo direito, concedido ao editor, de publicar todas as suas obras até à

data do contrato, mais uma inédita, que deverá ser-lhe entregue até novembro do próximo ano (1866). Dostoiévski aceita o perigoso contrato à Caixa de Socorros a Escritores Necessitados, e parte de novo para o estrangeiro ao encontro de Polina Súslova e da roleta. Escusado será dizer que outra vez a roleta o deixa na penúria e se vê compelido a solicitar empréstimos de amigos e inimigos. Também chegou a pedir Polina em casamento, mas ela não o quis. Entretanto, na sua mente delineia-se já uma nova obra, que virá a ser *Crime e castigo*.

## O segundo casamento. Permanência de quatro anos no estrangeiro

Para poder cumprir o contrato a que se obrigara, de apresentar uma obra inédita até o fim de novembro de 1866, Dostoiévski viu-se na necessidade de ditar *O jogador* e de procurar uma estenógrafa. Recomendaram-lhe Anna Grigórievna, uma jovem de vinte anos, modesta, moderna, medianamente instruída e inteligente, mas sensata e carinhosa. A maneira como se estabeleceu uma mútua simpatia e compreensão entre a jovem estenógrafa de vinte anos e o escritor que ultrapassara os quarenta, foi por ela própria narrada no livro que escreveu sobre ele.[14] É provável que tenha havido da parte da jovem uma grande admiração e piedade por esse homem de gênio, infeliz e torturado, e, pelo lado dele, a necessidade de encontrar finalmente uma amizade pacífica, carinhosa e maternal. O romance *O jogador*, que devia ser entregue a Stolóvski, ficou pronto na data combinada, e o casamento do escritor com a estenógrafa realiza-se rapidamente, em fevereiro do ano seguinte (1867).

A companhia e a dedicação dessa mulher lhe permitirão a calma e a estabilidade necessárias para a realização dos seus futuros grandes romances. Agora que dispõe da bagagem procelosa do passado, poderá reconstruir à vontade a agitação de todas as suas paixões anteriores no porto firme duma vida burguesa e familiar. Anna Grigórievna “não trouxe à existência do escritor nenhum desses desesperos férteis, nenhuma dessas cenas espetaculares, desses êxtases sobrenaturais a que as mulheres o haviam acostumado. Não foi nenhuma mina para os

seus romances, não enriqueceu o tesouro dos seus apontamentos; ordenou, porém, esse tesouro com um desvelo de dona de casa modelar… meticulosa, econômica, cheia de virtudes, apreciando os livros de contas… examinando os contratos do marido, vigiando o pagamento dos direitos do autor, fazendo frente a credores, catalogando, rodopiando laboriosamente na órbita do gênio — Anna Grigórievna fica como o tipo da mulher que põe a sua casa em ordem…”[15]. “Fosse como fosse, desempoeirou a existência de Dostoiévski. Ao lado do grande homem não foi a musa, mas a irmã de caridade. Ora Dostoiévski tinha mais precisão de uma irmã de caridade do que de musas.”[16]

*Prédio onde Dostoiévski viveu em 1869, em Dresde.*

Mas os princípios da sua vida conjugal foram difíceis. À família de Dostoiévski não agradou o seu novo casamento, pois estavam interessados em açambarcarem os recursos do escritor que generosamente os tinha tomado à sua conta. Moveram guerra aberta conta Anna Grigórievna, a quem consideravam como uma intrusa. Além disso, Dostoiévski está de novo a ser assediado pelos credores, que o ameaçam com a prisão por dívidas. Que lhe resta senão a fuga? Empenham-se os móveis de Anna Grigórievna, a fim de juntar o dinheiro necessário para uma viagem ao estrangeiro. E mais uma vez Dostoiévski vai deixar a Rússia bem amada, para só voltar daí a

quatro anos.

Passam por Berlim, por Dresde. Chegado aqui, deixa a jovem esposa sozinha e parte para Hamburgo, onde novamente é arrastado pela paixão da roleta. Em Baden-Baden retorna ao vício. Perde e ganha sucessivamente, empenha e desempenha os únicos objetos de valor que lhes restam, as alianças de casamento, os brincos e um vestido da mulher, o sobretudo. Finalmente, com um adiantamento de quinhentos rublos, recebidos da Rússia, consegue partir com a mulher para Genebra, ao fim de várias oscilações. Aqui, recomeça a trabalhar nas suas obras, com dificuldade. Concebe a ideia de *O idiota*, isto é, de um homem admirável em todos os aspectos. Entretanto, Anna Grigórievna está prestes a dar-lhe um filho, que será uma menina.

Mas o destino prepara-lhe mais uma dura prova: esse pequenino ser, que ele amava já apaixonadamente — era uma menina, a quem tinha dado o nome de Sonhka, em homenagem à heroína de *Crime e castigo* — desaparece da vida apenas com três meses. O casal cai no desespero. Deixam Genebra, onde lhes fica o túmulo da filhinha, e pela Itália vagueiam, atormentados de saudade pela pequenina morta e de nostalgia da pátria.

## O Grande Período Criador

É depois da morte da primeira mulher que começa o grande período criador de Dostoiévski. *As Memórias do subterrâneo* e *Crime e castigo* datam já deste período. Seguem-se-lhe *O jogador, O idiota, O eterno marido, Os demônios, O adolescente, O diário de um escritor* e, finalmente, *Os irmãos Karamázovi*. Podemos dizer que ao longo de todos estes romances, há um certo número de problemas éticos e metafísicos fundamentais no espírito de Dostoiévski, que vão tomando em cada obra não só uma forma mais consciente como também multiplicando-se em todas as suas diretrizes possíveis; todas as experiências acumuladas na sua vida, ele as porá nas suas grandes obras, sobretudo em *Crime e castigo*, em *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázovi*, que são considerados mais importantes. *O diário de um escritor* não é um romance, mas produto de sua atividade jornalística.

*Dostoiévski, em 1870, quando escrevia* "Os Demônios".

Dostoiévski e sua mulher tinham chegado a Petersburgo um julho de 1871 e, como sempre, encontram-se em grandes dificuldades financeiras. Os credores continuavam a assediá-lo e a ameaçá-lo. Foi a decisão da mulher que valeu, pois enfrenta corajosamente esses credores dirigindo a edição de algumas das suas obras, tomando a seu cargo toda essa contabilidade, tratando com tipógrafos e livreiros. E, no fim de 1872, o Príncipe Mieklúski, proprietário de *O Cidadão*, oferece-lhe o lugar de chefe de redação desse jornal, com o ordenado de três mil rublos por ano. Dostoiévski aceita. Pode assim realizar o seu grande sonho de escrever *O diário de um escritor*. Mais tarde, desligado já de *O Cidadão*, *O diário de um escritor*, em vez de simples crônica num jornal, tornou-se uma publicação independente. "Com *O diário de um escritor* Dostoiévski inaugura um gênero novo, em que mistura impressões pessoais sobre política externa, temas eternos das pequenas preocupações momentâneas, fantasias romanceadas e fatos do dia. É um processo de conversar de vez em quando com o leitor… As suas crônicas são redigidas em estilo familiar, frouxo, difuso, mas que se eleva de repente a uma eloquência bíblica."[17] Os escritos d'*O diário de um escritor* dão-nos as ideias políticas, religiosas e sociais do

autor, sob uma forma através da qual é evidente o seu preconceito do eslavismo ortodoxo. Além destas ideias inclui também Dostoiévski, como dissemos, narrativas puramente literárias e até memórias da sua infância, como o episódio do camponês Márei, contos admiráveis como "O sonho dum homem ridículo" e "Uma doce criatura". Este *Diário* traz-lhe um grande êxito literário. Recebe inúmeras cartas de toda a Rússia, conquista a juventude. Entra de novo num círculo de relações mais largas. A maior parte das suas dívidas está paga. Aluga uma casa de campo em Stáraia Russa, onde passa grandes temporadas com a mulher e os dois filhos, Liúbova e Alieksiéi, que em 1876 virá a morrer de um ataque de epilepsia.

*Anna Grigórievna com sua filha Liúbov e seu filho Fiódor.*

*Casa dos Dostoiévski em Stáraia Russa.*

O romance *Os irmãos Karamázovi* é a última obra que escreveu, a apoteose gloriosa de sua carreira de escritor. É agora tão admirado

como Turguéniev e Tolstói.

Em maio de 1880, Dostoiévski recebe um convite para fazer um discurso na inauguração do monumento a Púchkin. Fez esse discurso, em que eleva Púchkin à categoria de poeta nacional russo, que lhe valeu uma ovação delirante.

Dostoiévski fez ainda novos projetos literários. Deseja continuar *O diário de um escritor* e escrever a segunda parte de *Os irmãos Karamázovi*, isto é, a história de Alhocha, uma das personagens, o que significa a *Nova Rússia* evangelizada e salvadora messiânica da humanidade.

Mas o Escritor está velho, doente e cansado. Sofre há muito de enfisema pulmonar e a epilepsia não o larga. Na noite de 25 ou 26 de janeiro deste ano de 1881, tem uma hemorragia pulmonar, que torna a repetir-se, até que a sua vida se extingue no dia 28, ao fim da tarde. Trinta mil pessoas acompanharam o seu funeral. "Começará então a verdadeira vida de Dostoiévski, fora do tempo e do espaço."[18]

## Póstuma: o "incidente Strákhov"

A verdadeira glória de Dostoiévski começa depois de sua morte. É então que vai surgir a exegese apaixonada da sua obra e da sua personalidade e a sua dispersão pelos países cultos da Europa. Grande é o número de memórias, de encontros, de biografias, de estudos e de críticas que se publicam.

Entre o número de seus biógrafos conta-se a sua própria mulher, Anna Grigórievna, que depois da sua morte se dedicou de uma maneira absoluta à edificação da glória póstuma do marido, pondo em ordem todos os seus manuscritos, cartas e demais papéis por ele deixados, promovendo edições das suas obras, organizando o Museu de Dostoiévski, redigindo memórias e saindo em sua defesa contra os detratores, que também existiam e muito a faziam sofrer, de tal maneira que chega a dizer no livro que escreveu: "As pessoas que conheceram, ou julgam ter conhecido Dostoiévski, que escreveram 'recordações' sobre o meu marido, acarretaram-me muitas vezes

grandes aborrecimentos. Cada vez que eu lia num jornal que tal ou qual pessoa falava de meu marido, nas suas recordações, o meu coração apertava-se e eu pensava: 'Aí temos outra vez, é o mais certo, um exagero, uma invenção qualquer ou simples bisbilhotice…' Ficava sempre espantada por causa do tom, quase geral dessas 'recordações de Dostoiévski'. Todos os narradores o representavam, como de comum acordo (e isto a partir das suas obras), sob o aspecto dum homem lúgubre, de convívio difícil, intolerante para com a opinião dos outros, discutindo constantemente com toda a gente e procurando ofender o seu semelhante; e, além disso, ainda excessivamente orgulhoso e sujeito à mania das grandezas…".[19]

Mas dentre todos os aborrecimentos que Anna Grigórievna teve de suportar, o maior de todos foi o devido à carta difamadora e depreciativa que o primeiro biógrafo de Dostoiévski, Strákhov, que tinha sido seu amigo, depois de sobre ele ter escrito primeiramente uma biografia panegírica, enviou a Liev Tolstói em 28 de novembro de 1883, na qual retificava muitas das suas apreciações favoráveis ao grande escritor. Eis o texto dessa carta:

"Estimadíssimo Liev Nikoláievitch — Quero escrever-lhe uma carta breve, se bem que o tema seja prolixo. Mas não me sinto muito bem de saúde e seria necessário muito tempo para desenvolver esse tema como devia ser. É provável que já tenha recebido a *Biografia de Dostoiévski*, para a qual peço sua atenção e o favor de dar-me sua opinião sobre ela. Porque quero confessar-lhe uma coisa. Durante todo o tempo que gastei em escrevê-la, tive de lutar contra um sentimento de horror que surgia no fundo da minha alma e que não consegui dominar. Ajude-me a encontrar uma saída! Não consigo ver em Dostoiévski nem um homem bom nem um homem feliz, coisas que, no fundo, se contradizem; era um mau caráter, invejoso, petulante, e passou toda a sua vida numa grande excitação o que o teria feito parecer digno de dó e ridículo, se não tivesse sido tão maldoso e tão astuto. Tal como Rousseau, tinha-se na conta de o melhor e o mais feliz dos mortais. Quando compunha a sua biografia, lembrava-me nitidamente desse seu aspecto. Na Suíça[20] pôs-se a insultar o criado na minha frente, a tal ponto que ele, ofendido, respondeu: 'É preciso ver que eu também sou uma pessoa!'. Lembro-me de como me

surpreenderam então essas palavras dirigidas a um defensor da humanidade e nas quais se refletia o conceito que na livre Suíça se tem dos direitos do homem. Episódios deste gênero aconteciam-lhe a cada passo, pois não sabia dominar a sua cólera. Eu costumava suportar estoicamente os seus *ex abrupto*, que pareciam absolutamente de mulher, espontâneos e impensados. Mas por duas vezes não pude conter-me e disse-lhe coisas muito ofensivas; mas na sua maneira de pensar, perante as ofensas, era sempre superior ao comum dos homens, e o pior é que tinha prazer nisso, e, depois nunca confessava as suas… vilanias… As vilanias atraíam-no, parecia-se com elas. Viskovátov contou-me que Dostoiévski tinha se vangloriado perante ele de ter abusado, nos banhos de vapor, de uma jovem que uma preceptora lhe levara. E note que, de todas as suas paixões bestiais, não tinha o gosto nem o sentido da beleza feminina. Isso vê-se pelos seus romances. As personagens que melhor correspondem ao seu caráter são o herói do *Subterrâneo*, o Svidrigáilov de *Crime e castigo* e o Stravróguin de *Os demônios*. Katkov negou-se a publicar uma cena de *Os demônios*, a da violação da garota; mas Dostoiévski leu-a a muitos amigos…

Apesar disto tinha também propensão para uma sentimentalidade piegas, para os devaneios elevados, humanitários, e é nisso que assenta precisamente a tendência da sua musa literária e da sua inspiração. Em conjunto, os seus romances constituem uma justificação, pretendem demonstrar que podem coexistir numa alma a nobreza e todo o gênero de horrores.

Torna-se-me muito doloroso não poder afastar estas ideias e não tenho um momento de repouso. Será o caso de que eu tenha antipatia por ele? Ou que eu o inveje? Ou que lhe queira mal? Nada disso. Só eu podia chorar lágrimas ao pensar nessas recordações, que poderiam ter sido luminosas, mas que constituíam para mim um tormento.

Lembro-me das suas palavras a respeito de que as pessoas que nos conhecem a fundo não podem gostar de nós. Mas, outras vezes, acontece também outra coisa: que no convívio íntimo com os homens descobrimos uma qualidade pela qual tudo se lhe pode perdoar. Os impulsos da verdadeira bondade, uma pequenina centelha de autêntica cordialidade, um momento só que seja de positiva contrição

podem compensar de tudo… Se eu pudesse também recordar qualquer coisa de semelhante de Dostoiévski, também poderia perdoar-lhe tudo e folgaria com isso.

Na verdade era um homem infeliz e mau, que se comprazia em fingir-se feliz e só a si mesmo se amava com ternura. Como sei por experiência que posso ser atroz e estou em condições de compreender e perdoar esse sentimento no próximo, pensava que poderia encontrar uma saída para o meu modo de proceder para com Dostoiévski. Mas não a encontro, não encontro.

Que isto sirva de comentário à minha *Biografia*. Eu podia ter descrito e contado esse aspecto do caráter de Dostoiévski; muitos casos se me apresentam mais vivos do que os descritos, e a representação da figura teria podido resultar mais verídica; mas que esta verdade pereça. Queremos ver a vida de frente, como fazemos sempre em todos os lados… Enviei-lhe ainda duas obras que me agradam e que lhe interessam, conforme fiquei convencido quando da minha visita: Pressensé, um livro magnífico, verdadeira ciência, e *Joly*, a melhor tradução de Marco Aurélio, cuja obra-prima me entusiasmou.”

Foi esta a resposta de Tolstói:

“Também li o livro de Pressensé. Mas toda a sua ciência se perde por causa de um só defeito. Há cavalos bonitos; um, bom, vale mil rublos, mas de repente apercebemo-nos de um defeito, e o cavalo, magnífico e possante, já não vale nada… Quanto mais vou vivendo, melhor aprendo a estimar os homens que não têm coisas estranhas. Diz-me que fez as pazes com Turguéniev. Eu também tenho muita amizade por ele. E, coisa curiosa, porque não tem nenhuma qualidade estranha e cumpre uma missão. Mas também há cavalos aos quais não há quem os faça arrancar, a não ser para levar uma pessoa para o outro mundo. Pressensé e Dostoiévski sofrem ambos de excentricidade. A ciência dum, o coração e a inteligência do outro não deram fruto nenhum. Turguéniev sobreviverá a Dostoiévski, e não pela sua grandeza artística, mas sim por estar isento de extravagâncias”.

A carta de Strákhov foi publicada no número de outubro de 1913 de *O Mundo Contemporâneo*. Mas a mulher de Dostoiévski só veio a tomar conhecimento dela um ano mais tarde, saindo então a refutar todas as afirmações de Strákhov, em defesa do marido, no livro que sobre ele escreveu.[21]

Hoje, já longe das discussões entre detratores e glorificadores, por vezes violentas, e mais sobre a sua personalidade do que sobre a sua obra, pode-se dizer que Dostoiévski não foi um santo nem um monstro; foi apenas um homem, e um homem contraditório, como o são a maior parte de todos os seres humanos, os gênios em particular. Teve fraquezas, vícios, tentações, atitudes menos dignas, mas tudo isso foi talvez necessário para que ele chegasse ao conhecimento do próximo, que também tem fraquezas, vícios e pecados. Sofreu, lutou e amou; e basta a sua imensa simpatia e o amor pelo próximo para o resgatar de todas as suas fraquezas. Foi ele quem disse em 1880 ao jovem Mieriechkóvski, então com a idade de quinze anos, e que foi ler-lhe os seus versos: "Para escrever bem é preciso sofrer, sofrer".

## II / A obra

### O estilo e a técnica

Estudemos em primeiro lugar o aspecto formal da sua obra. Vimos já como podemos considerar nela dois grandes períodos, o primeiro, desde a publicação de *Pobre gente*, a sua estreia literária, até às *Memórias da casa dos mortos*, e o segundo, desde as *Memórias do subterrâneo* até à obra final da sua carreira de escritor, *Os irmãos Karamázovi*. Dissemos também como a nova maneira de Dostoiévski, a partir de *Memórias do subterrâneo*, se caracteriza por uma dialética em profundidade.

É verdade que muitas das características da sua obra se mostram desde *Pobre gente*; que nela há já uma prefiguração, não só de muitos dos seus tipos, como de muitos dos seus problemas fundamentais. Mas sente-se ainda muita hesitação; encontram-se já páginas de grande intensidade e todo esse tônus de paixão característico das suas obras; as suas personagens da primeira fase praticam atos desmedidos; mas

falta ainda ao jovem escritor aquela ousadia extrema que se sente no homem subterrâneo; apenas em *Polzunkov* aparece, nas obras dessa primeira fase, uma personagem dotada da coragem de expor a sua verdadeira natureza masoquista. É só na segunda fase que os seus protagonistas se tornam autênticos possessos, ou das suas paixões, ou dos seus grandes problemas.

Se quisermos apreciar a obra de ficção de Dostoiévski à luz dos conceitos clássicos da técnica romanesca, teremos de reconhecer que, a esse respeito, se caracteriza por uma certa inabilidade. Uma grande parte da sua obra foi escrita na primeira pessoa ou sob a forma de memórias, às vezes aparece também um narrador que toma parte na ação, mas não como espectador. Em *Pobre gente*, além do recurso simples de uma ação romanesca que se vai apreendendo através da leitura duma série de cartas, há muitas páginas ocupadas com a narrativa no pretérito, das memórias da infância e da primeira juventude de Virienhka, a protagonista. Em *Um romance em nove cartas* volta Dostoiévski ao processo de nos dar a trama episódica por meio de uma série de cartas; em *Polzunkov* há um narrador-assistente; em *O ladrão honrado* há dois narradores, um que nos introduz na história e outro que está em conversa com o primeiro e que conta a história propriamente dita; em *Noites brancas* há novamente um narrador, que é o protagonista da novela; *Niétotchka Niezvânova* é uma autobiografia da protagonista, escrita sob a forma de memórias, na primeira pessoa; o conto O pequeno herói é também uma narrativa memorialística na primeira pessoa; em *O sonho do tio* há um cronista que relata os acontecimentos da pequena cidade de Mordássov, cronista esse que se dirige familiarmente ao público que o lê; em *A granja de Stiepántchikovo*, mais uma vez um narrador nos conta uma série de episódios em que ele participa e, em *Humilhados e ofendidos*, a presença do narrador-protagonista, devido ao seu papel de medianeiro entre todos os outros comparsas do drama, chega a tornar-se quase inaceitável; a sua presença constante em casa de Natacha e de Alhocha, mesmo nos momentos de maior intimidade destes, é quase risível. Nas *Memórias da casa dos mortos* há, seguindo nisto o gosto da época, um manuscrito deixado pelo narrador. Aqui não se trata de processo mas de necessidade. Além de que Dostoiévski parece ter pensado primeiramente apresentar esta sua obra sob a forma de

reportagem jornalística, era necessário usar de cautela com a Censura. Em *Memórias do subterrâneo* temos novamente a forma autobiográfica, e *Crime e castigo*, o primeiro da série dos grandes romances, foi de princípio escrito sob a forma de *Diário de Raskólhnikov*. *O jogador* e *O adolescente* são também escritos na primeira pessoa.

*Gabinete de trabalho de Dostoiévski, na sua última morada em Petersburgo.*

De uma maneira geral os seus romances são prolixos e tortuosos, as peripécias cavalgam confusamente umas sobre as outras, há uma desordem aparente que, nas primeiras impressões, pode chocar o leitor. O seu estilo é pesado, cheio de longos períodos, desprovido de raça. Não nos esqueçamos, entretanto, das condições em que o escritor trabalhava; podemos dizer que Dostoiévski escrevia romances a prazo, para ganhar o pão de cada dia; e quantas vezes recebia adiantadamente o pagamento das suas obras e, ainda elas estavam longe de ser acabadas, já ele se via de novo na penúria, vivendo de empréstimos mendigados e de dinheiro cedido pelos agiotas.

Não pensemos que um gênio da categoria de Dostoiévski tivesse em menos conta a forma das suas obras. Fez e desfez várias dessas obras e sofria por não poder dar-lhes a forma desejada. A propósito de *O sonho do tio* escreveu ao irmão: “Não me agrada, e entristece-me a

ideia de que me vou apresentar novamente ao público em tão más condições. É impossível escrever aquilo que desejamos; temos de escrever o que nunca pensaríamos se não necessitássemos de dinheiro”.

A esposa, Anna Grigórievna, fala também nas memórias que escreveu da sua vida com Dostoiévski, acerca das condições desfavoráveis em que ele trabalhava: “Infelizmente as suas dívidas obrigavam-no a oferecer o seu trabalho aos jornais: em virtude disto recebia direitos inferiores a certos escritores, em particular Turguéniev e Gontcharov, que viviam à grande. Na mesma época e no mesmo jornal, pagavam o *placard* impresso a 150 rublos a Dostoiévski e, às vezes, a quinhentos, a Turguéniev. Mas o mais lamentável era que a sua situação o colocava na obrigação de trabalhar rapidamente; não tinha tempo nem condições para compor e aperfeiçoar as suas obras, o que, para ele, era uma grande causa de desgosto. Os críticos censuravam-lhe frequentemente a falta de uma boa forma nas suas obras, a coexistência de vários assuntos no mesmo romance, o encavalitamento e a confusão dos acontecimentos, inacabados, na sua maior parte. Não há dúvida de que estes críticos severos ignoravam em que condições trabalhava Dostoiévski.

Eis um exemplo: os três primeiros capítulos dum romance estão impressos, o quarto está a compor, o quinto acaba de ser enviado pelo correio, e o sexto está em vias de ser escrito pelo autor; quanto aos restantes, ainda nem os imaginou. Quantas vezes ouvindo-o confessar que perdera uma ideia das que mais gostava, ideia que já não podia reaver, quantas vezes eu assisti a um ataque de desespero sincero! Quanto não teriam ganho as obras de meu marido, no ponto de vista artístico, se ele não tivesse de preocupar-se com este pesadelo (as dívidas)! Se pudesse ter escrito os seus romances sem se apressar, se tivesse podido revê-los, corrigi-los, poli-los, antes de entregá-los ao editor! Na literatura, na sociedade, comparam-se frequentemente as obras de Dostoiévski com as de outros escritores de talento, censuram a meu marido uma complicação extraordinária, a confusão e uma sobrecarga de ideias e episódios nos seus romances, e que outros, como Turguéniev, por exemplo, publicavam quase peças de joalharia. Mas raramente viria à ideia de alguém perguntar em que condições,

em que circunstâncias viviam ou escreviam esses autores, e em que situação se encontrava o meu marido!”.

Ao pesadelo das dívidas devemos acrescentar ainda os frequentes ataques de epilepsia, de que o escritor sofreu durante a maior parte da sua vida. Estes ataques, alguns de extraordinária violência, deixavam-no prostrado e desmemoriado às vezes por muitos dias. Diz Stefan Zweig: “A clareza do seu cérebro, que abrangia milhares de pormenores, numa harmoniosa visão de conjunto, desapareceu; já não se recorda das coisas mais próximas; o fio que o ligava ao seu ambiente, à sua obra, quebrou-se. Depois de um ataque, enquanto recopiava *Os demônios*, verifica, espantado, que não tem a mínima ideia dos acontecimentos que imaginou, que esqueceu até o nome dos seus heróis…”.

A inabilidade técnica de Dostoiévski a que nos referimos é apenas uma inabilidade relativa aos processos duma técnica oficial, por assim dizer, reconhecida pelos críticos encartados. Pois Dostoiévski tinha a sua técnica, que não obedecia a outras regras senão às que lhe eram ditadas pelo seu gênio criador.

Quando muitos autores gastam páginas e páginas de prosa para descreverem o ambiente, o quadro em que se desenvolve uma certa cena, a Dostoiévski basta-lhe apenas meia dúzia de palavras, uns simples apontamentos; os retratos das personagens são também desenhados rapidamente, mas de tal maneira que a personagem surge imediatamente caracterizada na nossa frente. Mas as suas personagens nos são ainda dadas em toda a sua profundidade psíquica, à custa dum processo que é caracteristicamente dostoievskiano: a paixão. “As personagens só ganham relevo na paixão.” É só nos momentos em que as suas personagens quebram todas as fronteiras, ultrapassam todas as medidas, se tornam possessas, extravasam todos os seus sentimentos, já aquecidos ao rubro, que elas surgem em toda a verdade da sua alma. E poderá dizer-se que o defeito das suas personagens é serem quase exclusivamente almas e não homens de carne e osso, que pratiquem os atos comezinhos que toda gente pratica na vida cotidiana; e a criação destas personagens faz-se toda num cenário imaterial; até mesmo quando comem, dormem, se vestem ou se despem, tudo isto é visto e descrito em função do papel que podem ter

relativamente ao significado na ação espiritual dos dramas.

A paixão através da qual se nos revelam as suas personagens espirituais é-nos transmitida por meio de um dos instrumentos mais poderosos da técnica dostoievskiana: a palavra. "É preciso ouvir e fazer falar as suas personagens para que tenhamos a sensação da sua existência… O lugar das palavras, a sua escolha são características simbólicas, nada é deixado ao acaso; uma sílaba é suprimida, um som fica por articular, porque é necessário que assim seja. As paradas, as repetições, as tomadas de fôlego, o gaguejar são indispensáveis, porque debaixo dessa palavra falhada adivinha-se uma vibração abafada; numa conversa, toda a comoção secreta da alma vem à superfície, e nós sabemos não somente o que cada personagem diz e quer dizer, mas o que dissimula."[22]

E por isso Dostoiévski é também um grande mestre do diálogo e das cenas de efeito espetacular.

Da mesma maneira que as suas personagens são somente puros espíritos, falta nos seus romances um elemento importante de realidade: a natureza. Em alguns da juventude, como por exemplo, no primeiro, *Pobre gente*, há ainda, em algumas páginas em que a heroína evoca a sua infância feliz, a descrição de alguns quadros campestres. Mas a sua grande tendência é para mergulhar nos subterrâneos da alma humana, esquecendo-se quase por completo da terra com árvores, animais, plantas, rios e estrelas, sobre a qual os homens caminham e param de vez em quando a descansar das suas paixões.

"Falta-lhe esta ponta preciosa de panteísmo que dá às obras gregas e alemãs a sua atmosfera benéfica e libertadora."[23] "O domínio de Dostoiévski é a alma e não a natureza; o seu universo limita-se à humanidade."[24]

E esta sua humanidade, em que meios vive, ou, por outras palavras, onde se passa a ação dos seus romances? Raramente à luz do sol. Quem percorrer toda a sua obra poderá verificar que os cenários escolhidos são sempre quartos ou pensões miseráveis, ou pior ainda, cubículos infectos, alugados em grandes prédios habitados por uma chusma de pobretões; tabernas nauseabundas, de ar viciado pelos

vapores do álcool e pelas pragas dos ébrios; vielas de Petersburgo, de chão coberto de neve enlameada e enevoadas pela neblina densa que sobe do canal.

E as suas personagens, quem são? Funcionários sem categoria, de uniforme batido e botas rotas; estudantes pobres, que vivem de expedientes e passam fome e frio; vadios, ébrios, idiotas, prostitutas, moças perseguidas, mulheres tuberculosas, crianças esfomeadas e maltratadas, sádicos, tarados, assassinos, loucos, enfim, toda a escória da sociedade.

"Mas é nesta banalidade que ele introduz as mais comoventes tragédias do seu tempo. O sublime surge fantasticamente num meio lamentável."[25]

## A filosofia de Dostoiévski

Disse Bierdiáiev que a "preocupação exclusiva de Dostoiévski, o tema único ao qual consagrou a sua força criadora, é o homem e o seu destino… para ele o homem é um microcosmo, o centro do ser, um sol em torno do qual tudo se move".

*Uma página do manuscrito d'*Os Demônios.

E é de fato esta a impressão que sempre acabarão por colher os leitores dessa obra.

Sublinhamos já o fato de tanto as paisagens como o vestuário, o mobiliário, as refeições surgirem apenas como brevíssimos apontamentos secundários, aduzidos apenas na medida estritamente necessária para formar o exíguo suporte material, real, das cenas e ambientes em que se movimentam as personagens. E esses homens, ou melhor, esses homens que se agitam freneticamente nos seus romances, vimos também que são, na sua grande maioria, criaturas socialmente decaídas e quase sempre nevropatas, quando não doidos completos. "Um hospital de nevropatas", disse-se alguém, falando do mundo dostoievskiano.

Também se aventaram já hipóteses explicativas para a abundância quase exagerada de neuróticos, loucos, maníacos e sádicos que enxameiam a obra do grande escritor. Na verdade, se Dostoiévski era, ele próprio, um nevropata, um epiléptico, um masoquista e um vicioso dos jogos de azar, por outro lado possuía uma inteligência e um espírito lógico extraordinários. Por consequência, como não pensar que um gênio da sua envergadura não reparasse naquilo que estava fazendo, isto é, nesse povoamento de anormais, no terreno dos seus romances? Pode admitir-se que isso fosse também um recurso, um disfarce, não só perante a Censura, como perante a sociedade do seu tempo.

Mas poderemos ainda apreciar o caso de outra maneira. Vimos já como as suas personagens somente chegam à revelação completa da sua personalidade autêntica quando atingem certos momentos extremos da paixão, quando se tornam paroxísticas, possessas. Ora, os excessos, a perda do autodomínio são muito mais fáceis em desequilibrados ou doentes do que em homens sãos ou normais, e é nos estados de paixão que o homem pode ver melhor até onde é que pode chegar e aquilo de que é capaz. Porque o grande problema subjacente na antropologia de Dostoiévski é o mesmo de Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo*. Os heróis de Dostoiévski, verdadeiramente, têm apenas uma ambição: medirem as suas próprias forças, provarem a si próprios se são livres ou não, saberem o que há nas profundezas mais recônditas da sua alma, tanto de bem como de mal, avaliarem a parte

de anjo e a de besta que habita no fundo do seu ser. Este é o seu grande problema, a finalidade que procuram, o objetivo da sua existência. Por isso mal conseguimos vê-los neste mundo real, pois fazem uma torturante viagem através de si próprios, em busca do seu eu autêntico. Em última análise, nenhum herói ou heroína de Dostoiévski procura a felicidade, a alegria, a riqueza, o poderio, mas a conquista da liberdade. Para isso são capazes não só de atos de abnegação extraordinária, como de devassidões, de ignomínias, de crueldades e de crimes. Se Raskólhnikov mata a velha usurária, não é verdadeiramente para se apoderar do seu pecúlio, mas para saber se pode ou não ultrapassar os limites da moral gravada no coração dos homens, se é livre, "se tudo é ou não permitido".

Dominada por um problema tão terrível, a alma destes homens acaba por debater-se entre os sentimentos mais contraditórios. "Correm do desejo para o arrependimento, do arrependimento para o ato, do crime para a confissão, da confissão para o êxtase."[26] Esta luta de contrários, a natureza antinômica da personalidade humana, é uma das características mais notáveis das suas personagens, e é até apontada como uma das descobertas de Dostoiévski nos domínios da antropologia. Para Dostoiévski não há sentimentos simples, nem estabilizados, na alma do homem. Os sentimentos penetram-se mutuamente, confundem-se, sobrepõem-se, atropelam-se, combatem-se violentamente. "Em Dostoiévski, a alma é um puro caos; encontramos na sua obra bêbados por desejo de pureza, criminosos por sede de arrependimento, homens que violam virgens por respeito pela inocência, blasfemos por necessidade religiosa."[27] Não há unidade no psiquismo humano, a antiga psicologia, que assentou sobre a unidade, a geometria dos sentimentos e dos caracteres, é substituída por uma psicologia analista que dissocia e desfibra, atingindo as estruturas antinômicas nos seus elementos mais simples. Stefan Zweig põe em confronto as personagens-tipos da literatura clássica anterior a Dostoiévski, em que os caracteres são de uma só peça, passíveis de um rótulo qualificativo: "Ulisses é manhoso, Aquiles corajoso, Ájax irascível, Nestor prudente"; e falando dos heróis de Balzac, Walter Scott e Dickens, diz que eles nos dão sempre, na sua conduta, uma ideia de pureza, de linha, de continuidade, ao contrário das personagens de Dostoiévski, em que todos os sentimentos são

ambíguos e cuja conduta é imprevisível.

De conflito em conflito, os heróis dostoievskianos chegam a autênticos estados de desdobramento da personalidade; este fenômeno é mesmo primacial na sua obra. A primeira obra sua em que nos aparece um caso típico de desdobramento é *O duplo*. Goliádkin, o protagonista, atinge um estado patológico em que vê o seu duplo materializado, fora de si. E Ivan Karamássov não tem uma hora de delírio ou quase loucura, em que vê o seu duplo sob a forma demoníaca? A aplicação deste fenômeno à criação literária está estreitamente ligada aos métodos psicológicos de Dostoiévski. Embora nesse tema do duplo possam ver-se influências literárias de Hoffmann, no caso do escritor russo representa uma maneira artística de pôr o problema do inconsciente: um homem pode não ser capaz de analisar-se a si próprio e de descobrir os elementos de que se compõem os seus problemas morais, desfibrar e conscientizar os seus complexos, ou então, pode também não ter coragem de enfrentar racional e lucidamente a sua verdade; mas de nada lhe valem tal ignorância ou os disfarces e as fugas que para si próprio procura: o inconsciente é ativo e procura constantemente atingir a consciência plena. Para conseguir os seus fins, todos os meios lhe servem: a alucinação, a loucura, se for necessário. Quem revela ao senhor Goliádkin a sua verdadeira natureza, quem lhe põe o problema da sua condição moral perante si próprio e a sociedade, é o seu duplo, ridículo, zombeteiro e metediço; quem revela a Ivan Karamássov a parte satânica da sua natureza é também o seu duplo, que lhe aparece sob a forma do Diabo.

Para atingir as formas de atuação do inconsciente serviu-se Dostoiévski ainda de outros processos, como o da confissão, o da análise dos sonhos, das visões e dos pressentimentos. Neste sentido costuma afirmar-se que Dostoiévski foi um precursor de Freud. Em todos os seus romances chega sempre um momento, altamente dramático, em que uma ou mais personagens se confessam perante um público que as escuta, ou perante outra, que pode até ser a sua inimiga. A confissão dostoievskiana corresponde à catarse grega, à grande purificação da alma. Enquanto se confessa, o homem humilha-se, e essa humilhação é já uma meia redenção de todos os pecados.

Já se disse que não há na obra de Dostoiévski nenhum homem ou nenhuma mulher que procure a felicidade. O seu mundo é um mundo de dor. Todos sofrem, ou a doença, ou a miséria, ou a injustiça social, ou as consequências das suas paixões, ou tudo isto ao mesmo tempo; mas são a dor e o sofrimento que resgatam o mal e o pecado, e acabamos sempre por ver que, em última análise, os seus heróis aceitam sempre como uma bênção o castigo do Céu ou dos outros homens, o qual vai permitir-lhes conhecer um novo nascimento, criar uma alma nova purificada pelo conhecimento do mal e pela experiência da dor.

Para um escritor cujo tema capital é a personalidade humana, é claro que não poderia ser-lhe indiferente o mundo das crianças e dos adolescentes, onde os sentimentos estão ainda em gestação. Raro será o escrito de Dostoiévski onde não entrem personagens infantis. As suas crianças sofrem no mesmo mundo que os adultos e são vítimas inocentes da injustiça e da crueldade destes; Dostoiévski envolve-as de piedade, mas dá-lhes quase sempre um destino trágico.

Neste momento é ocasião de falarmos numa figura infantil feminina, ou melhor, na figura duma adolescente que surge, sob retratos diversos, mas no fundo sempre semelhantes, em várias das suas obras. É a Nely de *Humilhados e ofendidos*, a Matríochka de "A confissão de Stavróguin", n'*Os demônios*. Não há dúvida de que, lendo atentamente as páginas em que ele nos fala destas criaturinhas, encontramos expressões que se repetem e que parecem estar em relação com qualquer imagem emocional gravada na alma do escritor. Há na verdade uma história, ou melhor, uma lenda — visto que nada de positivo se conhece a respeito de certa adolescente em relação à qual Dostoiévski teria tido uma conduta condenável.

Seja como for, há, da parte do escritor, páginas admiráveis em que nos dá a psicologia da adolescência, não só ao descrever o caráter tímido e impetuoso dessa Nely de *Humilhados e ofendidos*, como o da Niétotchka Niezvânova, do romance inacabado do mesmo nome, e o do protagonista infantil de *O pequeno herói*.

## O AMOR E A MULHER

Stefan Zweig considera que a obra-prima de Dostoiévski é a sua análise do sentimento do amor. Enquanto para outros escritores o amor é um absoluto "a finalidade da sua obra, a finalidade da sua vida", e o amor correspondido representa o cúmulo da felicidade, para Dostoiévski o amor serve apenas para "revelar ao homem o seu caminho trágico, para servir de reativo à liberdade humana"[28] e nunca leva à união harmoniosa de dois seres em espírito e em carne. É sempre ou um amor só espiritual, ou somente sensual, e geralmente um homem e uma mulher se veem repartidos entre dois amores, como a Nastássia Filípovna de *O idiota*, que ama espiritualmente o bondoso príncipe Míchkin, sensualmente o tempestuoso Rogójin; também a Grúchenhka de *Os irmãos Karamázovi* ama Dimítri e Alhocha ao mesmo tempo. Nunca o amor é, nos seus romances, um sentimento doce e sereno, e não conduz nunca à felicidade; pelo contrário, o amor é uma tentação monstruosa, que participa da loucura e leva à ruína da personalidade; ora conduz o homem aos extremos da paixão desenfreada, ora às águas gélidas da apatia e da depressão; é mais uma provocação que o homem experimenta no seu caminho de purificação e ascensão para uma personalidade pura e livre.

Se o amor não conduz o homem à felicidade, o mesmo pode dizer-se da sensualidade. Dostoiévski analisou igualmente a fundo esta paixão humana, deixando-nos tipos extraordinários de homens sensuais, como o Svidrigáilov de *Crime e castigo*, o Stavróguin de *Os demônios* e os Karamázovi.

Não só o homem não encontra na sensualidade a sua realização como, pelo contrário, cai na destruição total da sua personalidade. O sensual, o devasso, é sempre um egoísta e egotista, um homem que fica completamente isolado.

Quando dizemos que o amor, em Dostoiévski, é uma prova de tentação e sofrimento imposta ao homem nos caminhos da conquista da sua liberdade espiritual, temos de tomar a palavra homem no sentido sexual particular, isto é, o amor é uma prova imposta ao homem e não à mulher. Porque a mulher é sempre uma personagem secundária na obra de Dostoiévski, interessa-lhe "exclusivamente como um momento no destino do homem, um trecho do seu caminho".[29] Nenhuma das suas heroínas é o centro dos dramas que

descreve. Os caracteres femininos que criou são quase todos frouxos. Sobretudo as heroínas dos seus romances da juventude são tipos mal definidos, figuras literárias somente, sem vida nem sentimentos verdadeiramente femininos. As mulheres só lhe interessam em função do destino das suas personagens viris. "Nastássia Filípovna e Grúchenhka são apenas forças, correntes que arrastam os homens que as enfrentam."[30]

## O PROBLEMA DA LIBERDADE E DO MAL

Dostoiévski reconhece a existência do mal, que não é transcendente mas imanente à própria natureza do homem, uma provação pela qual tem de passar antes de atingir a liberdade. O mal é necessário para fazer surgir o bem e a pureza. Dostoiévski não só estudou várias paixões humanas, como chegou até ao problema do crime. Em quase todas as suas obras nos surge um crime, pelo menos. O crime é o momento extremo da experiência humana nos caminhos da purificação, da descoberta da Verdade e da procura de solução para o magno problema da sua liberdade interior.

Vimos já que o destino último do homem, na vida, é saber até onde pode chegar, aquilo que lhe é permitido. O homem que põe essa interrogação e força a resposta envereda pela via dolorosa das experiências sobre a liberdade.

Numa primeira fase desse caminho o homem revolta-se e dispõe-se a todos os sofrimentos, contanto que se torne livre. Pode então optar pelo mal ou pelo bem. É o tema de *Crime e castigo*. Raskólhnikov chegou à ideia duma liberdade arbitrária e pensou que tudo é permitido, que nada existe acima do homem que possa tolhê-lo nas suas ações arbitrárias. Dentro dessa liberdade revoltosa, em que nega as leis fundamentais gravadas na consciência humana, o homem permite-se ir até ao crime. Mas a consciência é o grande juiz que inflige castigo, até quando os tribunais do mundo não o aplicam. O crime tem sempre por consequência o castigo na consciência humana. Portanto, a liberdade de escolha do mal é destrutiva da personalidade humana. Raskolhnikov e Ivan Karamássov perderam-se nessa liberdade arbitrária, mal compreendida. Quiseram tornar-se super-

homens, divinizar-se. Dostoiévski põe o problema do super-homem, ainda antes de Nietszche. O super-homem é aquele que se insurge contra a ordem natural, caindo assim na mais perigosa das ilusões. É este o tema de *Crime e castigo*: Raskólhnikov, o protagonista, quer ultrapassar os limites da moral fundamental, mas cai no remorso e no arrependimento naturais.

Chega-se assim à conclusão de que a única ideia superior é Deus. O homem verdadeiramente livre deve aportar a Cristo, pois só nele é possível a liberdade total, que não é destruída nem pelo mal, nem pelo bem. Só na sua entrega livre, voluntária, em Cristo, é que o homem se torna conquistador da paz e da liberdade autênticas.

ДНЕВНИКЪ ПИСАТЕЛЯ.

1876.

ФЕВРАЛЬ.

ГЛАВА ПЕРВАЯ.

I.

*Fac-símile da primeira página do* Diário dum Escritor.

## Deus

A fé de Dostoiévski em Cristo é qualquer coisa de muito diferente da crença na existência de Deus. A Cristo vão ter todos os seus anseios ainda humanos. O cristo de Dostoiévski não é verdadeiramente um Deus, mas, por assim dizer, a concretização viva, personificada, de tudo quanto há de sagrado na pessoa humana; Cristo é um símbolo vivo, real, concreto, da humanidade máxima do homem.

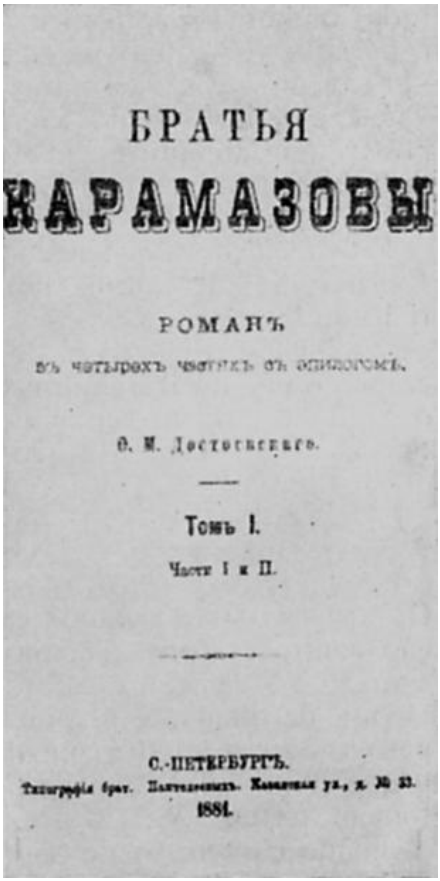
Quanto a Deus, Dostoiévski manteve-se dolorosamente na dúvida racionalista. Se concebe um Cristo, por assim dizer, imanente ao espírito do homem, o problema de Deus, esse é sempre posto no plano da transcendência. Nunca chegou a decidir-se por uma crença definida. "Deus torturou-me toda a vida", diz Kirílov em *Os demônios*. O mesmo é dizer que Deus o torturou a ele, Dostoiévski, toda a sua vida. Há conflito entre a sua razão, que duvida, e o seu sentimento que precisa de um porto de abrigo onde encontre finalmente a paz e o amor puro. É visível, através de toda a sua obra, este anseio, esta aspiração à paz suprema que, entretanto, não chegou nunca a tornar-se definida. "Dostoiévski é um Sísifo que empurra eternamente o rochedo para as alturas do conhecimento, donde cai eternamente, é aquele que se eleva eternamente para Deus, sem nunca o alcançar."[31]

É n'*Os demônios* e n'Os *irmãos Karamázovi* que o problema se põe com a maior agudeza, sobretudo neste último romance, no qual se situa a célebre lenda do Inquisidor, que pode considerar-se o ponto culminante de toda a obra de Dostoiévski, onde resume todas as suas dúvidas sobre os temas da liberdade humana, do amor de Cristo, da crença em Deus, da união entre a religião da alma e a religião da Igreja. Mas as suas personagens expõem tantos argumentos a favor como contra a existência de Deus, sem chegarem nunca a uma decisão. Quando Stavróguin pergunta a Chátov (*Os demônios*) se crê em Deus, a resposta deste é: "Creio na Rússia".

Nesta resposta se condensa muito do pensamento de Dostoiévski. Adiado, evitado ou iludido o problema de Deus, Dostoiévski precisa no entanto de qualquer objeto concreto para a sua necessidade de crença. Esse objeto é o Cristo, como vimos, mas esse Cristo é ao mesmo tempo um Cristo especial, um Cristo russo, diferente do Cristo católico. Cristo chega a confundir-se, a assimilar-se ao povo russo, no espírito de Dostoiévski. E é da Rússia, crê o escritor, que há de vir um dia a

salvação para a humanidade. A Rússia é pois o novo Messias que todos devem esperar e acolher. Só o povo russo tem o dom de compreender os outros povos e por isso é preciso que todos os homens se tornem russos — chegou a dizer. O povo russo, o mujique russo, na sua rudeza e ignorância, possui tesouros de ternura e pureza no seu coração, neles se preservou a fé essencial em Cristo e o instinto do Sagrado; o povo russo é o único povo que possui uma autêntica e profunda religiosidade. O conhecido episódio do mujique Márei, que Dostoiévski incluiu no n'O *diário dum escritor*, ilustra perfeitamente esta sua convicção.

Esta ideia de messianismo russo leva Dostoiévski, n'O *diário de um escritor*, a uma atitude fanática e violenta, verdadeiramente imperialista. Despreza e ataca a civilização ocidental, fala mal de franceses, ingleses e alemães, de católicos e judeus, da ciência, da democracia, e põe na Rússia e no seu povo todas as excelências humanas; o caminho para a reconciliação universal terá de fazer-se através da Rússia — é o dogma a que aporta Dostoiévski.


БРАТЬЯ
КАРАМАЗОВЫ
РОМАНЪ
Ѳ. М. Достоевскаго.
Томъ I.
Части I и II.
С.-ПЕТЕРБУРГЪ.
1881.

*Frontispício da edição de 1881, de* Os Irmãos Karamázovi.

## As ideias sociais

Os anos compreendidos entre 1800 e 1813 representam uma reação contra as consequências da Revolução Francesa: revolta contra a razão e a ciência, e esforços para coibir a liberdade e a igualdade. Depois da queda de Napoleão, os aliados vitoriosos elaboram planos para restaurarem o mapa da Europa, para que ele fosse outra vez o que tinha sido antes de Luís XVI e para que as antigas dinastias fossem restauradas. Muitos desses planos vieram a efetivar-se no chamado Congresso de Viena, superiormente orientado por Metternich. Procedeu-se assim a arranjos territoriais em que imperam a conveniência e a cobiça das grandes potências, com total desrespeito pelos povos menos poderosos. Estava aberto o caminho para futuras

revoltas. Em todos os países da Europa eclodiu em breve uma série de conflitos violentos entre liberais e conservadores, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Rússia; o sistema de Metternich foi ainda enfraquecido por uma série de revoluções que se deram na Europa Ocidental em 1830: a Revolução de Julho, na França, de que resultou a queda de Carlos X, grande reacionário, e sua substituição por uma monarquia constitucional baseada no princípio da soberania popular (Luís Filipe de Orléans); a revolta e independência da Bélgica, da Holanda; houve também revoltas na Itália, na Alemanha e na Polônia, embora com menos êxito.

No campo das ideias domina também o princípio conservador. A ordem é preferida à liberdade, o interesse do Estado é posto acima dos interesses individuais; a fé, a autoridade e a tradição sobrepõem-se à supremacia da razão e da ciência, tão enaltecidas no século XVIII. O racionalismo, o materialismo e o individualismo da época do Iluminismo são responsabilizados pelos horrores da Revolução Francesa. Rousseau nega a eficácia da razão e coloca em primeiro plano o valor da comoção e dos sentimentos. Joseph de Maistre pensa que a piedade mística, a crença na infalibilidade da Igreja e o Supernaturalismo é que servirão de guias para os homens.

A filosofia alemã do idealismo é, no campo das ideias, o mais alto expoente desta época da reação. Reconhecia esta filosofia o valor do conhecimento intuitivo como complemento do que resulta da razão e procurava explicar o universo num sentido espiritual. O agrupamento social está acima do indivíduo; o indivíduo só pode ter direitos numa sociedade organizada. A liberdade individual consiste na obediência à lei e no respeito pela tradição consagrada. O filósofo mais importante do idealismo romântico é Hegel (1770-1831). A ideia central de Hegel é a da evolução determinada: o universo está em fluxo contínuo e tudo nele tende a passar ao extremo oposto. A evolução é o desenvolvimento de Deus na história e o choque dos opostos leva finalmente a um fim benéfico.

O idealismo romântico viria a ter influência em muitas diretrizes históricas. Na sua época foi adotado pelos conservadores, isto é, por aqueles que tinham interesse na manutenção da ordem, no culto da tradição e da autoridade, e condenavam portanto o espírito

revolucionário ou de rebeldia.

O romantismo invadiu também o campo da arte. Se não falamos do romantismo na pintura e na música, não podemos deixar de referir duas ou três palavras sobre o romantismo na literatura, visto que, sob muitos aspectos, Dostoiévski é ainda um romântico. Também na literatura essa corrente ideológica se caracterizou pela glorificação dos instintos e das comoções, desvalorizando a razão e a ciência. Além da veneração pela natureza, o romantismo incluía também um desprezo pelo formalismo, uma inclinação sentimental pelos humildes e um grande interesse pela reforma da sociedade, proclamando a dignidade do homem comum.

As primeiras leituras de Dostoiévski incluem um grande número de românticos, tanto compatriotas seus, como Púchkin e Gógol, como outros escritores da Europa Ocidental: Walter Scott, Dickens, George Sand, Victor Hugo, Hoffmann etc. Se excetuarmos a veneração pela natureza, vemos que todas as características da atitude romântica estão bem presentes no espírito e na obra de Dostoiévski. Característica romântica é a instabilidade psíquica das suas personagens; há uma ideia hegeliana do movimento contínuo, em que tudo tendia passar ao extremo oposto. Em todos os seus romances, mas de maneira mais exclusiva nas obras da juventude, se nota a inclinação sentimental pelos humildes e oprimidos; lembremo-nos de títulos de obras suas como *Pobre gente* e *Humilhados e ofendidos*. Em *Crime e castigo* há a condenação da revolta individual contra os ditames gravados desde sempre nos corações do homem, pela fé e pela moral tradicionais, a condenação do homem que deseja uma liberdade sem Deus, e quer tornar-se um super-homem; nas *Memórias do subterrâneo* começa a definir-se a sua antipatia contra o racionalismo e a ciência, antipatia que atingirá o seu ápice em *Os demônios*, n'*Os irmãos Karamázovi* e n'*O diário de um escritor*. Há mais do que antipatia contra o racionalismo, há a condenação da revolução socialista que fermenta já na terra russa. Presume que a revolução, que se fez contra a autocracia, terminará numa nova autocracia, que haverá apenas mudança de senhores e o povo continuará reduzido à escravidão, à sua condição de rebanho. O princípio religioso perecerá e surgirão crimes contra o próximo, em nome da felicidade social. Mas nenhuma

felicidade social longínqua justifica que se sacrifique em seu nome uma só vida humana. É em Chátov, uma das mais importantes personagens de *Os demônios*, que Dostoiévski define suas ideias fundamentais, opostas às de outras figuras revolucionárias do romance. “A finalidade de qualquer movimento popular — diz Chátov — é unicamente a busca de Deus, do seu próprio e verdadeiro Deus.” A revolução é condenável, pois conduz à escravização do indivíduo. A comunidade ideal é, pois, a de natureza religiosa. A Rússia identifica-se com o Cristo e está destinada a um papel messiânico de salvadora do mundo. O povo russo devia procurar as suas diretrizes nas suas próprias tradições e fundamentos morais e psíquicos do seu povo e não na adoção das corrompidas civilizações ocidentais, como as suas miragens enganosas de socialismo, ateísmo e racionalismo científico.

Temos, pois, um Dostoiévski anticonspirador e anti-revolucionário, nacionalista fanático e reacionário, que chegou até à adulação do próprio regime que o deportou para os trabalhos forçados na Sibéria.

Mas temos também um Dostoiévski que luta pela dignidade do indivíduo, pelo amor do próximo, pela fraternidade humana universal, pela piedade pelos fracos e oprimidos — expondo em suas obras os quadros negros da miséria e da corrupção da sociedade e satirizando vaidades e mediocridades.

Disse André Gide que Dostoiévski, sendo liberal mas não progressista, “permanece aquele do qual não sabemos como utilizá-lo. Encontra-se sempre nele qualquer coisa com que descontentar todos os partidos”.

Se não sabemos “como utilizá-lo”, devemos pelo menos tentar compreendê-lo como homem, um homem historicamente colocado dentro dum determinado período da evolução humana universal e das condições particulares do seu país. Uma interpretação da sua personalidade — da sua obra, como a que nos deu Bierdiáiev, embora admirável, não é suficiente; enferma de um ponto de vista exclusivamente metafísico, é apenas descritiva e não explicativa. Por muito inteligente e consciente que seja um homem — e era o caso de Dostoiévski — e por muito longe que a sua lógica possa levar as

deduções — e foi ainda o caso de Dostoiévski —, um homem é sempre um homem que vive num certo momento histórico.

Se, por um lado, a sua herança romântica determinou logo as características que devia tomar a sua obra, as grandes transformações, provocadas em toda a Europa pelo incremento da Revolução Industrial e Científica do século XIX, vão também influir sobre ele, não no sentido de uma adoção das novas ideologias daí resultantes, mas, precisamente, na definição da situação dramática, crítica, que deriva dos últimos contactos de duas épocas; a romântica, que agoniza, e a realista, mecanicista, racionalista, que nasce, luta e vai crescendo.

O fator histórico fundamental, que impulsionou todos os movimentos político-sociais e estéticos do século XIX, foi a Revolução Industrial. Em traços brevíssimos diremos que a Revolução Industrial compreendeu: a mecanização da indústria e da agricultura; a aplicação da energia elétrica à indústria; o desenvolvimento do sistema fabril; um extraordinário aceleramento dos transportes e das comunicações; um notável aumento do domínio capitalístico de quase todos os campos da atividade econômica. A fase inicial da Revolução Industrial, que lançou os alicerces da nossa civilização mecânica moderna, estende-se de 1760 a 1860 — é portanto contemporânea de Dostoiévski, que nasceu em 1821 e morreu em 1881.

Uma das grandes consequências da Revolução Industrial foi a criação de duas novas classes: a burguesia industrial e o proletariado. A burguesia tornou-se o elemento diretor da sociedade e passou a dedicar-se ao capitalismo financeiro; os seus membros entregaram-se a operações de capitalização, ao lançamento de novos negócios cujo propósito era o lucro imediato, sem levarem em consideração o que pudesse vir depois.

Se, por um lado, a Revolução contribuiu para uma melhoria de condições da vida do homem, pelo aumento de recursos materiais e do maior conforto e segurança postos à sua disposição, por outro foi também prejudicial, mas isto por causas não inerentes à condição da mecanização da indústria e da agricultura e à intromissão, em larga escala, da ciência na vida humana. É no fato da desigual repartição dos benefícios das riquezas que assentam fundamentalmente os

prejuízos de que costumam inculpar-se a mecanização e a ciência. Integrada num sistema basicamente defeituoso, era fatal que a mecanização da indústria produzisse, a par de efeitos progressivos, alguns grandes malefícios. De fato, o lavrador e o operário continuam sujeitos a tarefas extenuantes. Produz-se maior quantidade de artefatos, mas a dureza do trabalho não diminui. Muitas das fábricas tinham condições absolutamente desumanas, sobretudo as de produtos têxteis.

Colocados em tais condições, os operários organizam-se coletivamente com o fim de reclamarem salários mais elevados e melhores condições de trabalho. Constitui-se uma classe consciente de si própria, o proletariado, que acaba por alcançar força suficiente para desafiar a burguesia capitalista que o explora.

Como era natural, perante o novo estado de coisas formou-se um grande número de teorias econômicas — umas que tendem a justificar a nova ordem, outras a analisá-la e a criticá-la, e outras ainda com programas de reforma social.

Falemos apenas, por agora, no primitivo socialismo proletário, visto que tal doutrina está mais diretamente na linha do futuro. Era um socialismo revolucionário, baseado na convicção de que os membros da classe operária têm qualquer coisa a conquistar por si mesmos, precisam adquirir o domínio da máquina política e econômica e não devem esperar por filantropos para organizar comunidades ideais. Não é necessariamente pregado na base da cooperação voluntária; a força e a arregimentação devem ser também utilizadas neste novo sistema, tal como no antigo. Era, pois, uma forma de socialismo do Estado. Um dos últimos desenvolvimentos deste socialismo revolucionário viria a ser o marxismo, com a sua nítida interpretação econômica da história, a sua metafísica do materialismo dialético, o princípio da luta de classes e as doutrinas da mais-valia e da evolução socialista.

Outra das superestruturas ideológicas que ajudaram a movimentar a Europa de 1830 a 1914 foi o nacionalismo. Não só surgiram movimentos a favor da defesa e da grandeza nacional, nos vários países, como, em alguns casos, o nacionalismo tornou-se uma

força agressiva que atacava e desprezava os direitos dos outros povos, transformando-se em autêntico imperialismo.

Ao lado da Revolução Industrial ocorre, no século XIX, um extraordinário desenvolvimento científico, sobretudo nas ciências biológicas e na medicina. Dos mais importantes aspectos da biologia, foram o estabelecimento da lei da evolução orgânica, o da teoria celular, a lei da biogênese de Pasteur; o capítulo mais significativo da medicina é a teoria de que a doença é produzida por germes.

Além disso, ao lado das ciências já existentes, nascem, por assim dizer, ciências novas: a Sociologia (com Augusto Comte, 1798-1857, e com Herbert Spencer, 1820-1903); a Antropologia (James Pichard, 1786-1848, e *Sir* Edward Burnett Taylor, 1832-1917); cerca de 1870, a Psicologia desliga-se da Filosofia e torna-se ciência independente.

As descobertas, hipóteses e teorias científicas, meditadas e criticadas pela especulação filosófica, dão origem a novas correntes doutrinárias. Assim se desenvolve a filosofia de Haeckel, 1834-1919, com o seu ateísmo, materialismo e mecanicismo; a filosofia evolucionista do já mencionado Spencer, e de Huxley, 1825-1895.

Temos, pois, como movimentos e correntes ideológicas dominantes na Europa do século XIX, o socialismo, com todas as suas formas e variantes, inclusive o anarquismo, as importantíssimas teorias da evolução da vida, as doutrinas materialistas, a exegese dos textos sagrados.

É evidente que todas as tendências pragmáticas e realistas provocadas por este formidável desenvolvimento da ciência, da crítica e da técnica levaram alguns homens a atitudes perplexas, angustiadas e reacionárias. Houve também muitas atitudes de indiferença, de cepticismo e até de refúgios esotéricos, como, por exemplo, o espiritismo. Surgiram inimigos da ciência, houve um prolongamento histórico da atitude romântica, apareceram escolas filosóficas e literárias de neo-idealistas e de filósofos da satisfação estética…

Dostoiévski não se decide inteiramente pela nova atitude realista; pertence ao número dos que se sentem abalados e até assustados.

Teve uma consciência genial da problemática humana da época, das atitudes e diretrizes que se entrechocavam e hostilizavam, mas, por outro lado, estava tão profundamente mergulhado e oprimido dentro da sua contemporaneidade que, apesar de muitas das suas previsões e antecipações, não lhe era possível projetar-se integralmente fora dela e compreender que, em última análise, se antevia a crise, era ele próprio um homem em crise dentro dessa época crítica e hipercrítica. Foi a sua relativa inconsciência — seja-nos permitido este paradoxo a respeito do admirável aprofundador de consciências — da sua própria situação crítica que permitiu que ele nos desse tão dramaticamente — tão artisticamente — o drama de consciência dos seus contemporâneos. E, se bem que a industrialização não se tenha difundido na Rússia tão rapidamente, nem tão profundamente, antes de 1890, como no ocidente europeu, os problemas sociais existiam em estado agudo na Rússia e as doutrinas socialistas tinham já penetrado nela, logo após as guerras de Napoleão. Surgiram também na Rússia, à semelhança de outros países, como dissemos já atrás, várias sociedades secretas, de tendências reformistas; apareceram partidos, grupos, entre os quais sobressaem o dos ocidentalistas, que pretendem levar a Rússia a adotar as reformas e a civilização do Ocidente, e o dos eslavófilos, desejosos de que a transformação de seu país se produza dentro dos quadros tradicionais do país.

*Escultura de S. Merkurova, erigida em 1919 diante do ex-hospital Marínskaia para pobres, onde trabalhou o pai do escritor.*

O primeiro grande período de reformas sociais é o do reinado de Alexandre II, contemporâneo de Dostoiévski (1855-1881). A ele se deve a libertação dos servos russos, que viviam nessa dura condição desde o século XVI. Alexandre II procedeu ainda a outras reformas de caráter político e educacional, mas acabou por cair de novo no espírito reacionário. E o período que se segue à morte de Alexandre II é de reação contra todas as reformas sociais.

Dostoiévski viveu nessa Rússia do século XIX, uma Rússia que sai do czarismo absolutista e caminha para a revolução socialista, uma Rússia "que não sabe que direção tomar, se para oeste, se para leste, se para a Europa, se para a Ásia… O czarismo encontra-se de repente perante a anarquia comunista; a fé profunda dos antepassados transforma-se num ateísmo profundo e fanático… Os homens de Dostoiévski são desenraizados duma grande tradição, são russos autênticos, homens de transposição, cujo coração está cheio do caos inicial, oprimido de entraves e incertezas".[32]

A obra e as ideias de Dostoiévski traduzem perfeitamente o drama desses homens russos do século XIX, que saem dum mundo

semibárbaro e entram em contacto com toda a moderna civilização europeia, por sua vez tão carregada também de problemas, de dúvidas e de incertezas.

# Breve cronologia da vida e obra

1790 Nasce Mikhail Dostoiévski, pai do escritor. Filho dum sacerdote ortodoxo, descendente de uma família de fidalgos da Podôlia, foi médico do Hospital Maria, de pobres. Em 1819 casou com Maria Nietcháiev.

1821 *Out. 30.* Nasce Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, filho segundo do dr. Mikhail Dostoiévski, numa dependência do Hospital Maria, onde vivem seus pais.

1831 *Verão.* O dr. Mikhail Dostoiévski compra a pequena aldeia de Daravóie, na província de Tula.
*Ago.* Episódio do mujique Márei (*O diário de um escritor*, fev. 1876).

1832 *Abr.* Maria Dostoiévski vai com seus três filhos para a aldeia de Daravóie.

1833 Dostoiévski e seu irmão Mikhail são colocados em regime de semipensionato em casa de M. Drachússov (Souchard, de origem francesa).
*Abr. 4.* Os Dostoiévski são informados de que um incêndio devastou a sua propriedade durante a Semana Santa. Os prejuízos são reparados durante o verão.

1834 *Outono.* Dostoiévski e seu irmão mais velho, Mikhail, entram no Liceu de Tchermak, para meninos pobres, em Moscou.

1837 *Jan. 29.* Morte de Púchkin, em duelo. A notícia perturba toda a Rússia.
*Fev. 27.* Morre a mãe de Dostoiévski.
*Primavera.* Dostoiévski sofre de uma violenta doença de garganta e de uma afonia, que para sempre lhe deixará vestígios.
*Maio.* Os dois irmãos, Fiódor e Mikhail, vão para Petersburgo, onde ficam como pensionistas em casa de Kostománov.

*Jul.* O pai de Dostoiévski pede a reforma e retira-se para o campo com as duas filhas mais novas.
*Set.* Os dois irmãos apresentam-se ao exame de admissão na Escola de Engenharia Militar. O mais velho é eliminado. Fiódor é admitido.

1838 *Jun.* Vida de campo, perto de Peterhof — Dostoiévski encontra-se em dificuldades de dinheiro, que pede constantemente ao pai, na sua correspondência.

1839 *Jun. 8.* O pai de Dostoiévski morre, assassinado pelos camponeses da sua propriedade.

1840 *Nov. 29.* A vida militar vai ficando pesada. Lê muito: Balzac, Hoffmann, Schiller, Victor Hugo, Shakespeare, Racine, Goethe.

1841 Escreve dois dramas que ficam inacabados: *Maria Stuart* e *Boris Godunov*. Frequenta o Teatro Alieksandra, os bailes, os concertos.

1843 *Ago. 12.* Dostoiévski termina os seus estudos de engenharia militar e é nomeado alferes para as repartições de desenho da seção de engenharia, em Petersburgo.
*Set.* Instala-se na mesma casa que o seu amigo, o Dr. Riesenkampf. Trava relações com os amigos deste. Dificuldades de dinheiro.
*Dez.* Traduz *Eugênia Grandet*.

1844 *Out. 19.* Dostoiévski pede demissão. Começa *Pobre gente*.

1845 Começa uma nova redação de *Pobre gente*, desde o princípio.
*Mar.* Termina *Pobre gente*.
*Abr.* Reconstrói completamente este romance, pela terceira vez.
*Maio.* Lê o manuscrito ao seu amigo e condiscípulo Grigórievitch, e este, entusiasmado, passa-o a Niekrássov, diretor de *O Contemporâneo*, o qual, por sua vez, o dá a ler ao

grande crítico Bielínski. Foi um êxito. Dostoiévski trava amizade com eles.
*Verão.* Em casa de seu irmão Mikhail, em Reval, começa o seu segundo romance: *O duplo*.
*Nov.* Escreve, numa só noite, *Um romance em nove cartas*. Bielínski e Turguéniev censuram a Dostoiévski a sua vida desregrada.
*Dez.* Dostoiévski lê *O duplo* num serão literário em casa de Bielínski.

1846 *Jan.* Dostoiévski desmaia ao ser apresentado, uma noite, em casa de Vilhgórski, à célebre beldade Sieniávina.
*Jan. 24.* Aparece o *Almanaque Petersburgo*, onde se anuncia *Pobre gente*.
*Primavera.* Dostoiévski trava conhecimento com Pietrachévski.
*Verão.* Em Reval, em casa do irmão, trabalha em *O senhor Prokhártchin*.
*Out.* Dostoiévski conhece Herzen. — Começa *A dona da casa* e *Niétotchka Niezvânova*. — Sofre de uma epilepsia benigna. Turguéniev e Niekrássov compõem um epigrama sobre Dostoiévski: "Cavaleiro da Triste Figura…". — Ruptura com Niekrássov. — Publicação de *Pobre gente* no *Almanaque Petersburgo*. — Publicação de *O duplo* e de *O senhor Prokhártchin* n'*Os Anais da Pátria*.

1847 No princípio do ano, uma discordância entre Dostoiévski e Bielínski, sobre questões literárias, torna-se uma verdadeira querela. — Dostoiévski começa a frequentar o círculo de Pietrachévski e a utilizar os livros da sua biblioteca.
*Jul.* Tem a primeira crise violenta de epilepsia. *Um romance em nove cartas* aparece no *Contemporâneo*. — *A dona da casa* é publicada n'*Os Anais da Pátria*, e é pessimamente acolhido pela crítica. Edição separada de *Pobre gente*, Eduardo Pratz.

1848 *O duplo*. *A dona da casa*. Não têm êxito. Dostoiévski leva uma vida mundana. Luta com dificuldades econômicas.
*Maio. 28.* Morte de Bielínski.

*Outono.* Dostoiévski aproxima-se de Pietrachévski e Spiechniov, interessa-se pelas suas teorias socialistas.
*Dez.* Escuta, no círculo de Pietrachévski, uma conferência sobre o *fourierismo* e comunismo. *Os Anais da Pátria* publicam *A mulher alheia e o homem debaixo da cama*, *Coração débil*, *Polzunkov*, *O ladrão honrado*, *Uma árvore de Natal e um casamento*, *As noites brancas* etc.

1849 No princípio do ano, Dostoiévski assiste às reuniões literárias de sábado, com os amigos de Pietrachévski.
*Mar.* Lê-lhes a carta em que Bielínski censura Gógol por ter abraçado a causa da monarquia absoluta.
*Abr. 7.* Jantar dos *pietrachevskistas* em honra de Fourier.
*Abr. 15.* Numa reunião em casa de Pietrachévski, Dostoiévski lê, pela segunda vez, a carta de Bielínski.
*Abr. 23.* Dostoiévski é preso às cinco horas da manhã, em consequência de uma denúncia.
*Abr. 24.* Os *pietrachevskistas* são conduzidos à fortaleza de Pedro e Paulo.
*Set. 30.* Início do processo.
*Nov. 16.* O Conselho de Guerra condena Dostoiévski à morte por ter divulgado a carta "criminosa" de Bielínski.
*Dez. 22.* Os condenados são conduzidos à Praça Siemiônovskaia, onde vai ser executada a sentença. Mas no último momento chega o indulto, comutando a pena capital pela de quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria.
*Dez. 24.* A caravana de presos deixa a fortaleza de Pedro e Paulo.
*Dez. 25.* Chegam a Chusselburgo. Niétotchka Niêzvânova aparece n'*Os Anais da Pátria*.

1850 *Jan. 11.* Dostoiévski chega a Tobolsk. Recebe aí a visita de três mulheres de dezembristas: as senhoras Muraviov, Ânnienkov e Fonvízin, que lhe entregam um Evangelho, única leitura permitida no presídio.
*Jan. 23.* Chega a Omsk, onde permanecerá quatro anos. Durante estes anos é-lhe proibido escrever à família.

1854 *Fev.* Dostoiévski sai do presídio.

*Fev. 22.* Carta a seu irmão, descrevendo-lhe a vida no presídio.
*Mar. 2.* Dostoiévski é incorporado ao 7º Batalhão de Linha da Sibéria, na guarnição de Semipalantinski.
*Primavera.* Trava conhecimento com o casal Issáiev. O romancista apaixona-se pela mulher de Aleksandr Issáiev, Maria Dimítrievna.
*Nov. 21.* É convidado para a casa do barão Vrangel, que lhe entrega dinheiro e cartas, da parte da família. Estabelecem amizade.

1855*Fev. 18.* Morte de Nicolau I.
*Ago. 4.* Morte de Issáiev.
*Dez.* Vrangel deixa Semipalatinsk. Dostoiévski trabalha este ano nas *Memórias da casa dos mortos*.

1856 Promovido a oficial. Vrangel, em São Petersburgo, faz diligências para obter o perdão de Dostoiévski.
*Nov. 24.* Maria Dimítrievna consente em ser mulher de Dostoiévski depois de muitas hesitações.

1857*Fev. 6.* Dostoiévski casa-se em Kudsnietsk com Maria Dimítrievna Issáievna. O filho desta, Paulo Issáiev, ficará a cargo do escritor até o fim da vida deste.
*Abr. 17.* Dostoiévski recupera os seus antigos direitos.
*O pequeno herói* aparece n'*Os Anais da Pátria*, assinado com M.

1858 *Jan. 2.* Atentado de Orsíni contra Napoleão III. Dostoiévski refere-se ao acontecimento nos seus cadernos.
*Jan.* É autorizado a pedir a reforma; residência fixada: Moscou.
*Primavera*: Dostoiévski escreve a Katkov e propõe-lhe uma novela para *O Mensageiro Russo*. Katkov aceita.
*Jun. 19.* Mikhail Dostoiévski pede autorização para publicar uma revista política e literária: *O Tempo*. — Dostoiévski encontra-se sem dinheiro. Escreve duas novelas e um romance.
*Set. 30.* Mikhail Dostoiévski recebe autorização de publicar a

sua revista.

1859 *Mar. 18.* Dostoiévski é reformado e autorizado a viver em Tver.
*Abr. 18.* Dostoiévski envia o seu romance *A granja de Stiepántchikovo* a Katkov.
*Jul. 2.* Deixa Semipalatinsk para ir para Tver.
*Ago. 19.* Chega a Tver.
*Ago. 28.* Chega Mikhail Dostoiévski, que fica alguns dias com o irmão. — Dostoiévski começa com as suas diligências para conseguir autorização para viver em São Petersburgo. Sente-se insatisfeito em Tver.
*Out.* Dostoiévski faz o projeto de escrever um grande romance, "com uma ideia".
*Out. 6.* Niekrássov consente em publicar *A granja de Stiepántchikovo* n'*O Contemporâneo*.
*Out.* Dostoiévski começa a redação de *Memórias da casa dos mortos*. Prepara as suas obras da "década de 40" para uma nova edição.
*Nov.* Recebe autorização para viver em São Petersburgo. Mas ficará sujeito, até o fim da sua vida, à vigilância da polícia secreta.
*Dez.* Chega a Petersburgo. Alguns dias depois trava conhecimento com Strákhov que ficará seu amigo e, mais tarde, o seu biógrafo oficial.
*O sonho do tio* aparece na *Palavra Russa*. *A granja de Stiepántchikovo* é publicada n'*Os Anais da Pátria*.

1860*Jan. 29.* A censura autoriza a publicação das obras de Dostoiévski.
*Primavera.* Dostoiévski frequenta assiduamente a casa da atriz Schubert.
*Mar./Abr.* Participa de dois espetáculos em favor do "Fundo Literário".
*Nov.* A Censura autoriza a publicação de *Memórias da casa dos mortos*, que tinham sido começadas a serem publicadas no *Mundo Russo* de Stolóvski, com a condição de ser expurgada de expressões inconvenientes.

A edição das obras de Dostoiévski, em dois volumes, consta de: Tomo I: *Pobre gente*, *Niétotchka Niezvânova*, *As noites brancas*, *O ladrão honrado*, *Uma árvore de Natal e um casamento*, *A mulher alheia e o homem debaixo da cama*, *O pequeno herói*. Tomo II: *O sonho do tio*, *A granja de Stiepántchikovo*.

1861 *Mar. 5.* Promulgação do manifesto de 19 de fevereiro, libertando os camponeses.
*Jul.* Dostoiévski dá os últimos retoques a *Humilhados e ofendidos*. Colabora no jornal *O Tempo* (*Vriémia*), dirigido por seu irmão Mikhail, e cujo primeiro número saiu em 7 de janeiro deste ano.
*Set.* Autorização de publicar *Humilhados e ofendidos*.
Durante este ano entra em relações com um grande número de escritores, entre os quais, Gontcharov, Ostróvski e Saltikov-Chtchedrin. — *Humilhados e ofendidos* aparece na revista *O Tempo*. — *O Mundo Russo* de janeiro retoma os primeiros capítulos de *Memórias da casa dos mortos*. — Diferentes artigos polêmicos, sem assinatura, n'*O Tempo*. — Edição separada, em dois volumes, de *Humilhados e ofendidos*. Praz. — Série de artigos sobre a literatura russa n'*O Tempo*. — Folhetim *Visões de São Petersburgo em verso e em prosa* n'*O Tempo*.

1862 *Jan. 16.* Contrato com Bazunov para a edição separada de *Memórias da casa dos mortos*.
*Maio.* Dostoiévski pede um passaporte para a estação de águas.
*Maio 16.* Principia o incêndio de Petersburgo, que durou quinze dias e destruiu milhares de lojas. Dostoiévski ficou muito chocado.
*Jan. 7.* Dostoiévski parte pela primeira vez para o estrangeiro.
*Jan. 15/16.* Chega a Paris.
*Jun. 27.* Vai a Londres, onde encontra Herzen. "Dostoiévski veio ver-me, ontem. É ingênuo, pouco claro, mas é um homem encantador. Acredita no povo russo com

entusiasmo.” (Carta de Herzen a Ogariev, 17 de julho de 1862.)
*Jul. 7.* Prisão de Tchernichévski na fortaleza de Pedro e Paulo. Dostoiévski falará do caso n’*O diário de um Escritor*.
*Jul. 15.* Vai a Colônia, depois à Suíça, pelo vale do Ródano, e à Itália.
Dostoiévski “antes de chegar a Paris” ganha no jogo cerca de quinze mil francos. — Durante o inverno 1862-1863, Dostoiévski liga-se com Paulina Súslova. — Edição em dois volumes das *Memórias da casa dos mortos*, pela Casa Bazunov. — Segunda parte das *Memórias da casa dos mortos* n’*O Tempo*. — *Uma história aborrecida*, n’*O Tempo*. — Artigos de polêmica, sem assinatura, n’*O Tempo*.

1863 *Fev. Notas de inverno sobre impressões de verão* aparecem n’*O Tempo*, em folhetim. — Dostoiévski é escolhido como membro da comissão e secretário do “Fundo Literário”.
*Verão.* Súslova parte para o estrangeiro. Modificação das suas relações com Dostoiévski. Seu amor pelo espanhol Salvador.
*Abr.* Última publicação de *O Tempo*, o nº 4, com o artigo de Strákhov “Uma Questão Fatal”, julgado demasiado favorável aos polacos (então em plena insurreição).
*Maio.* Proibição de *O Tempo*.
*Ago.* Dostoiévski parte para o estrangeiro. Chega a Paris em 14 de agosto. Na véspera, encontro com a Súslova. Crise nas suas relações. Perda no jogo.
*Set.* Dostoiévski e Súslova partem para a Itália. — Estada em Baden-Baden, onde encontram Turguéniev. — Dostoiévski perde 3000 francos no jogo. Deixam Baden-Baden por Turim, depois Genebra, onde Dostoiévski empenha o relógio e Súslova um anel. Vão depois a Gênova, a Roma e a Livorno.
*Set. 17.* Visitam São Pedro de Roma.
*Set. 18.* Dostoiévski passeia pelo Forum. Carta a Strákhov onde lhe fala d’*O jogador* e das suas dificuldades de dinheiro. Strákhov consegue para ele, do redator da *Biblioteca de Leitura*, um adiantamento que lhe envia para Turim.
*Out. 8.* Separam-se, e Súslova parte para Paris.
*Out.* Dostoiévski parte para Hamburgo, onde joga e perde. —

Escreve a Súslova, que lhe responde enviando-lhe 350 francos. É nesta época que Dostoiévski projeta escrever *O jogador* e *Memórias do subterrâneo*. — Volta à Rússia nos fins de outubro.
*Nov.* Mikhail Dostoiévski pede a Valúviev, Ministro do Interior, autorização para publicar *O Tempo* com outro título. — Dostoiévski vai instalar-se em Moscou com a mulher.
*Dez.* São publicados fragmentos de *Memórias da casa dos mortos* e de *Pobre gente* na *Russische Revue*.

1864*Jan. 24.* A Censura autoriza a editar *A Época*.
*Mar. 21.* Saem os primeiros números de *A Época* e aí se publica a primeira parte de *Memórias do subterrâneo*.
*Abr. 15.* Morte de Maria Dimítrievna, primeira mulher de Dostoiévski.
*Abr. 16.* Dostoiévski anota os seus pensamentos, à cabeceira da mulher morta. "Macha descansa sobre a mesa. Tornarei eu a ver Macha?" — No fim do mês regressa a Petersburgo.
*Jul. 10.* Morre Mikhail Dostoiévski, irmão mais velho do romancista. — A viúva recebe autorização para continuar a publicação de *A Época*.
*Set. 25.* Morte de Apolon Grigóriev, amigo de Dostoiévski.
Durante o ano aparece uma edição alemã de *Memórias da casa dos mortos*, na Casa Gerhard, de Leipzig.

1865*Mar. 31.* Carta de Dostoiévski ao seu amigo Vrangel, em que lhe anuncia a morte de sua mulher: "Oh, meu amigo, ela amava-me infinitamente e eu amava-a também sem medida, mas não éramos felizes juntos… agora, a minha vida está partida em duas…". — Nesta época Dostoiévski trava amizade com Anna Kórvin-Krukóvski, e a irmã desta, a jovem Sófia Kovaliévski, mais tarde célebre matemática.
*Abr./Maio.* Dostoiévski pede Anna Kórvin-Krukóvski em casamento, que recusa.
*Maio 10.* Dostoiévski pede um passaporte para o estrangeiro.
*Jun. A Época* deixa de aparecer, por falta de meios.
*Verão.* Dostoiévski faz um contrato com o editor Stolóvski, pelo qual lhe vende as suas obras completas e se compromete

a trazer-lhe no primeiro de novembro de 1866 um novo romance, com um certo número de páginas. No caso de não cumprimento, Stolóvski terá o direito de mandar imprimir todas as obras posteriores de Dostoiévski, sem lhe dar o mínimo de subsídio. — Dostoiévski recebe 3000 rublos em troca dos direitos sobre as suas obras completas.

*Jul.* No fim do mês, Dostoiévski chega a Wiesbaden.

*Ago.* Carta a Turguéniev, na qual lhe anuncia que perdeu uma avultada quantia no jogo e lhe pede que lhe empreste 100 táleres. — Súslova vem visitar Dostoiévski a Wiesbaden.

*Ago. 8.* Carta a Turguéniev, na qual lhe agradece o envio de 50 táleres.

*Ago. 10/12.* Cartas de Súslova, depois da partida desta, para lhe pedir dinheiro.

*Set.* Carta perdida a Miliukov, na qual lhe propõe vender um romance seja onde for, contanto que ele lhe envie imediatamente 800 rublos. "Estou no hotel, cheio de dívidas até à raiz dos cabelos; ameaçam-me e não tenho um copeque." Miliukov consulta a *Biblioteca de Leitura*, *O Contemporâneo*, *Os Anais da Pátria*, e todos lhe recusam o adiantamento pedido. — Rascunho duma carta a Katkov em que Dostoiévski lhe propõe *Crime e castigo* e onde traça o esboço do romance.

*Out.* Chegada a Copenhague, onde Dostoiévski passa dez dias em casa do seu amigo Vrangel. Em 15 já estão de volta a Petersburgo.

*Nov. 2.* Torna a encontrar-se com Súslova e propõe-lhe casamento pela segunda vez.

*Nov. 8.* Carta a Vrangel na qual lhe diz ter tido três crises de epilepsia na primeira semana do seu retorno. Kathov faz-lhe um adiantamento de dinheiro. No fim do mês, Dostoiévski queima a primeira redação de *Crime e castigo* "Uma nova forma, um novo plano me seduziram e recomecei tudo." (Carta a Vrangel em 18 de fev. de 1866.)

Aparecimento das *Obras completas de Dostoiévski*, revistas e aumentadas pelo autor, no editor Stolóvski. — Publicação em livros separados da mesma edição, de diferentes narrativas e novelas de Dostoiévski. — Terceira edição das *Memórias da*

*casa dos mortos*, revista e aumentada com um novo capítulo.

1866*Jan. Crime e castigo* começa a aparecer n'*O Mensageiro Russo*.
*Jan. 14.* O usuário Popov e a Sra. Nordmann, sua criada, são assassinados e roubados pelo estudante Danílov. Dostoiévski pensa neste caso, enquanto trabalha n'*O idiota*.
*Fev. Mar.* Aparecimento n'*O Contemporâneo*, de críticas desfavoráveis a *Crime e castigo*.
*Abr. 4.* Atentado de Karakózov contra o czar. Dostoiévski fica perturbado.
*Jun.* Dostoiévski passa o verão em Sublinó, nos arredores de Moscou, perto da família de sua irmã. — Trabalha no plano d'*O jogador* e na quinta parte de *Crime e castigo*. É obrigado a corrigir o capítulo 12 e a segunda parte (cena da leitura do Evangelho por Raskólnikov e Sônia), que parecera imoral ao redator d'*O Mensageiro Russo*, Katkov (carta a Miliukov, 10 de junho de 1866).
*Set.* Processo e condenação de Karakózov. Encontram-se alusões a este processo nos cadernos de Dostoiévski e num projeto de introdução a *Os demônios*.
*Set. 22.* Dostoiévski instala-se na pequena Rua dos Burgueses no 7, em São Petersburgo.
*Out.* Dostoiévski decide empregar uma estenógrafa para acabar a tempo o romance prometido a Stolóvski.
*Out. 3.* À tarde, Anna Grigórievna Snítkin vem propor-lhe os seus serviços como estenógrafa. No dia seguinte, Dostoiévski começa a ditar-lhe *O jogador*, que acaba a 29. O manuscrito é recopiado nos dias 30 e 31.
*Nov.* Dostoiévski leva o manuscrito de *O jogador* a Stolóvski. Este está ausente e o seu secretário recusa o manuscrito. Dostoiévski deposita o romance no comissariado da polícia do editor.
*Nov. 3.* Dostoiévski visita Anna Grigórievna Snítkin em casa de sua mãe e propõe-lhe estenografar a última parte de *Crime e castigo*.
*Nov. 8.* Dostoiévski pede Anna Grigórievna em casamento, a qual aceita. — No fim do mês vê-se obrigado a empenhar o

seu único sobretudo para ajudar os parentes necessitados.
Publica-se o III tomo das *Obras completas de Dostoiévski*, edição de Stolóvski, que edita também, em volumes separados, contos e narrativas. — Terceira edição de Stolóvski, revista, de *Humilhados e ofendidos*. — Terceira edição de *A granja de Stiepántchikovo*, do mesmo editor. — Aparecimento de *Crime e castigo* n'*O Mensageiro Russo*.

1867*Fev. 15.* Dostoiévski casa-se com Anna Grigórievna na catedral de Trindade.
*Mar. 30.* Dostoiévski e sua mulher chegam a Moscou. — Assassinato, em Moscou, do joalheiro Kálmikov, por um filho de boa família, Mazúrin. Este crime foi utilizado por Dostoiévski nos últimos capítulos de *O idiota*.
*Abr.* Os Dostoiévski projetam partir para o estrangeiro, com grande indignação dos parentes, dos quais são o amparo.
*Abr. 12.* Anna Grigórievna empenha objetos pessoais para conseguir dinheiro. Uma parte da quantia assim adquirida é enviada à família de Dostoiévski.
*Abr. 14.* Partida para o estrangeiro, onde os Dostoiévski ficarão mais de quatro anos. Anna Grigórievna começa a escrever o seu *Diário*.
*Abr. 17/18.* Estada em Berlim.
*Abr. 19.* Chegada a Dresde, visita do museu de pintura. A *Madona* de Rafael, compra de livros.
*Maio 4.* Dostoiévski parte para Hamburgo, para jogar na roleta.
*Maio 5.* Começa a jogar. Primeiro ganha, mas depois perde grandes quantias, pede por várias vezes dinheiro à mulher, o qual perde ainda no jogo.
*Maio 15.* Retorna a Dresde.
*Maio 23.* Atentado de Bierezóvski contra Alexandre II, em Paris.
*Jun.* Leituras: Dickens, Hugo. — Concertos: Beethoven, Wagner. — Dostoiévski sofre várias crises de epilepsia durante o mês.
*Jun. 21.* Os Dostoiévski partem para Baden. Nos dias seguintes, Dostoiévski joga na roleta.

*Jun. 28.* Vai visitar Turguéniev. Questão de ideias acerca das relações da Rússia com o Ocidente.
*Jul. 10.* Dostoiévski perde no jogo o seu último dinheiro. Penhoram vários objetos.
*Jul. 16.* Dostoiévski começa o seu artigo sobre Bielínski.
*Ago. 11.* A caminho de Genebra, os Dostoiévski estacionam em Basileia, onde visitam o museu de pintura.
*Ago. 13.* Chegam a Genebra.
*Ago. 28.* Abertura do primeiro congresso da *Liga para a Paz e a Liberdade*, em Genebra, com o concurso de Garibaldi e de Bakunin. Dostoiévski assiste a várias sessões.
*Set.* Novas perdas no jogo. Dostoiévski desagrada-se de Genebra. Situação material difícil.
*Out.* Dostoiévski trabalha n'*O idiota*. — Jogo. Perdas. Empréstimos sobre penhores.
*Dez. 6.* Dostoiévski começa uma redação definitiva de *O idiota*. "A ideia principal do meu romance é a de descrever um homem absoluto perfeito."
Edição Bazunov, corrigida, em dois volumes, de *Crime e castigo*.

1868*Fev. 22.* Nascimento duma filha, Sófia.
*Mar. 10.* Assassinato duma família completa (6 pessoas) em Tambov, cujas suspeitas recaem sobre um estudante do Liceu, de 18 anos. Dostoiévski serve-se do episódio na segunda parte de *O idiota*. — O jogo.
*Maio 12.* Morte, em Genebra, da pequena Sófia Dostoiévski. — No fim do mês, Dostoiévski parte para Vevey.
*Maio 31.* Recebe uma carta do enteado, Paulo Issáiev, pedindo-lhe dinheiro e felicitando-o pelo nascimento da filha. Durante todo o verão, vivem recolhidos em Vevey. Dostoiévski trabalha em *O idiota*.
*Set.* Dostoiévski chega a Milão. Visitas à Catedral.
*Nov.* Partida para Florença, onde ficam todo o inverno.
Publicação de *O idiota* n'*O Mensageiro Russo*.

1869*Primavera.* Correspondência ativa com os amigos da Rússia. Dostoiévski sonha com um romance sobre o ateísmo.

*Jul.* Depois de uma estada de três dias em Praga, volta a Dresde por Veneza e Bolonha.
*Set. 14.* Nascimento de uma filha, Liúbova.
*Nov. 21.* A sociedade revolucionária A Vingança do Povo, tendo à cabeça de Nietcháiev, faz assassinar o estudante de agronomia Ivanov, por desobediência. Dostoiévski estuda o caso com atenção, e emprega-o mais tarde n'*Os demônios*.
*Dez. 8.* Nota num caderno de Dostoiévski: Plano do romance *A vida de um grande pecador*.

1870*Primavera.* Dostoiévski trabalha numa grande "coisa tendenciosa" contra o niilismo (*Os demônios*).
*Jun./Ago.* Guerra franco-prussiana. Dostoiévski comenta os acontecimentos europeus no seu diário e na sua correspondência.
Publicação de *O eterno marido* na *Aurora*. Aparecimento de *Crime e castigo* no quarto volume das obras completas, Stolóvski.

1871*Mar./Maio.* A Comuna. Encontram-se ecos disso na correspondência de Dostoiévski, n'*O adolescente*, nos cadernos de notas.
*Abr.* Dostoiévski vai a Wiesbaden, onde joga na roleta. Perde e escreve à mulher prometendo-lhe nunca mais jogar. — Sente a falta da Rússia e sonha com o regresso.
*Jul. 1.* Processo de Nietcháiev. Os relatórios são utilizados por Dostoiévski na segunda e terceira partes de *Os demônios*.
*Jul. 5.* Dostoiévski deixa Dresde e vai para Petersburgo.
*Jul. 16.* Nascimento de um filho em Petersbugo, Fiódor.
Aparecimento de *Os demônios* n'*O Mensageiro Russo*. — Edição separada de *O eterno marido* na Biblioteca dos Escritores Contemporâneos, Bazunov.

1872*Abr./Maio.* Dostoiévski posa para Pietrov, para o retrato encomendado por Trieviakov.
*Maio 15.* Dostoiévski parte para Stária Russa, onde passará o verão e, depois, largas temporadas.
*Set.* Regresso a Petersburgo.
*Out. 30.* A revista *Cidadão* anuncia a futura colaboração de

Dostoiévski.
*Nov./Dez.* Anna Grigórievna faz diligências para editar por si própria *Os demônios*. — Dostoiévski propõe encarregar-se da redação de *O Cidadão*.
*Dez. fins.* Dostoiévski leva para a tipografia o manuscrito do primeiro capítulo d'O diário de um escritor, para o primeiro número de *O Cidadão*. — Dostoiévski começa a sofrer de bronquite e de um enfisema.
A terceira parte de *Os demônios* aparece nos fascículos XI e XII de *O Mensageiro Russo*. — Edição especial de *O Eterno Marido* na Biblioteca dos Escritores Contemporâneos, Bazunov.

1873*Jan. 1.* Saída do primeiro número de *O Cidadão*. Redator-chefe: Dostoiévski.
*Jan. 17.* Uma delegação quirguiz apresenta-se a Alexandre II, no Palácio de Inverno. Por ter dado notícia do acontecimento em *O Cidadão*, sem prévia autorização da Censura, Dostoiévski é perseguido.
*Jan.* Carta ao herdeiro do trono, Alieksandr Alieksándrovitch, a quem Pobiedonóstev, procurador do Santo Sínodo, tinha levado um exemplar de *Os demônios*.
*Fev. 26.* É posto à venda o romance *Os demônios*, editado por Anna Grigórievna Dostoiévski.
*Fev. 27.* Dostoiévski é escolhido como membro da Sociedade Eslava de Beneficência.
*Jun. 11.* Dostoiévski é condenado a 25 rublos de multa e a 48 horas de prisão, por ter infringido as regras da Censura (questão da delegação quirguiz).
*Out.* Dostoiévski escreve uma série de artigos n'*O Cidadão* sobre a situação política em França (tentativa de restauração do Conde de Chambord).
Aparecimento de *Os demônios* numa edição separada, em três volumes. *O diário de um escritor*: artigos políticos, crônicas literárias, narrativas, quadros da vida cotidiana aparecidos n'*O Cidadão*.

1874*Mar. 11.* Aparecimento no nº 10 de *O Cidadão* do artigo:

“Duas palavras acerca do que pensa o Príncipe de Bismarck dos Alemães da Rússia”, pelo qual a revista recebe uma primeira advertência.
*Mar. 21/22.* Dostoiévski vai cumprir a sentença no corpo da guarda do *Mercado dos Fenos*. Aproveita a ocasião para reler *Os miseráveis*.
*Abr. 22.* Por causa da saúde, Dostoiévski abandona as funções de redator de *O Cidadão*, sem interromper a sua colaboração na revista.
*Jun. 4.* Dostoiévski deixa Stáraia Russa para ir fazer uma cura de águas a Ems.
*Jun. 12.* Chega a Ems, onde verificam que sofre de bronquite.
*Jun.* Dostoiévski aborrece-se em Ems. Relê Púchkin, trabalha n’*O adolescente*. “Ems aborrece-me de tal maneira, que me sentia melhor no presídio.”
*Jul./Ago.* Vai visitar em Genebra o túmulo da sua filha Sófia.
*Ago. 10.* Volta para Stáraia Russa, onde decide passar todo o inverno.
*Out. 12.* Anuncia, numa carta a Niekrássov, que a revista *Os Anais da Pátria* poderá contar com o seu romance *O adolescente*.
Saída de *O diário de um escritor* n’*O Cidadão*. Aparecimento de *O idiota* numa edição separada, em dois volumes.

1875*Maio 26.* Dostoiévski parte para Ems. Sente aí as mesmas impressões dolorosas que sentira já durante a primeira estada. Lê o *Livro de Jó*.
*Jul. 7.* Volta para Stáraia Russa.
*Ago. 10.* Nascimento de um filho, Alieksiéi.
*Dez.* Dostoiévski encontra frequentemente na rua um pequeno mendigo de sete anos pelo qual se interessa e a quem interroga sobre sua vida. — Vai visitar uma árvore de Natal em exposição, para estudar as crianças, tendo em vista um romance em que pensa, sobre os pais e as crianças modernas.
*Dez. 27.* Visita uma colônia penitenciária para jovens delinquentes.
Quarta edição de *Memórias da casa dos mortos*. — *O*

*adolescente* aparece n'*Os Anais da Pátria*.

1876*Mar.* Dostoiévski faz experiências de espiritismo.
*Maio 18.* Anna Grigórievna encarrega seu irmão de comprar para ela uma casa em Stáraia Russa.
*Jul.* Dostoiévski vai para Ems, onde o seu médico lhe afirma que "a morte ainda vem longe".
*Out.* Processo Kornílov, do qual Dostoiévski fala n'*O diário de um escritor*. Vai visitar por duas vezes à condenada (oito anos de trabalhos forçados e exílio na Síbéria). *O diário de um escritor* traz-lhe correspondência cada vez mais abundante.
*Nov.* Carta ao Czárevitch. Dostoiévski aconselhado por Pobiedonóstsev, oferece-lhe o envio dos fascículos d'*O diário de um escritor*. O Czárevitch aceita. — Dostoiévski trabalha em *Krótkaia*.
*Dez. 6.* Manifestação de estudantes, e tumultos na Praça de Kazan. Dostoiévski relata o acontecimento n'*O diário de um escritor*.
Edição separada, em três volumes, de *O adolescente*. Continuação de *O diário de um escritor*.

1877*Primavera.* Compra de uma casa em Stáraia Russa, em nome do irmão de Anna Grigórievna Dostoiévskaia.
*Abr.* Manifesto do czar acerca da entrada das tropas russas em território turco. Dostoiévski assiste ao segundo processo Kornílov. Absolvição da acusada. O procurador diz que a primeira sentença foi levantada, em consequência dos artigos d'*O diário de um escritor*.
*Verão.* A família de Dostoiévski passa a temporada na propriedade do irmão de Anna Grigórievna, na província de Kursk.
*Jul.* A oitava parte de *Anna Kariênina* sai em edição separada, devido à redação de *O Mensageiro Russo*, que a publicava, ter recusado o texto por causa das opiniões subversivas de Tolstói acerca da guerra. Dostoiévski compra o livro.
*Jul. 19.* A caminho da província de Kursk, Dostoiévski vai a Daravóie, onde passou a infância. Durante a viagem fala da guerra com as pessoas que o rodeiam.

*Dez. 27.* Morte do poeta Niekrássov.
*Dez. 29.* Na sessão solene do fim do ano, é anunciada a escolha de Dostoiévski como membro correspondente da Academia das Ciências.
*Dez. 30.* Dostoiévski pronuncia uma alocução no enterro de Niekrássov. Continuação d'*O diário de um escritor*. — Quarta edição de *Crime e castigo*, em dois volumes. — Tradução francesa de *Krótkaia* sob o título de *Une douce créature*, no *Diário de São Petersburgo* e numa edição separada.

1878No princípio do ano, Dostoiévski assiste aos jantares organizados todos os meses pela Sociedade dos Literatos.
*Mar.* Processo de Viera Zassúlitch, que disparou sobre o prefeito da polícia Triépov, por este ter condenado o preso político Bogolíubov a vergastadas por um motivo fútil. Dostoiévski assiste ao julgamento.
*Maio 16.* Morte do pequeno Alieksiéi Dostoiévski, depois de uma violenta crise de epilepsia. Depois da morte do filho, Dostoiévski visita frequentemente Vladímir Soloviov.
*Jun. 23.* Dostoiévski vai com Soloviov ao mosteiro Optina, um dos centros de espiritualidade russa. Tem duas conversas com o *stáriets* Ambróssi, nas quais se inspirará para a figura do *stáriets* Zóssim d'*Os irmãos Karamázovi*.
*Dez.* Dostoiévski traça o plano e escreve o princípio d'*Os irmãos Karamázovi*.
*Dez. 14.* Dostoiévski lê a história de Nely de *Humilhados e ofendidos* numa sessão literária de beneficência.
Numa sessão do "Fundo Literário" lê *O profeta* de Púchkin. Durante este inverno frequenta muito os meios literários — Continua *O diário de um escritor*.

1879*Mar. 9.* Numa sessão a favor do "Fundo Literário", Dostoiévski lê passos d'*Os irmãos Karamázovi*.
*Mar. 13.* Troca de palavras pouco agradáveis, num jantar em honra de Turguéniev, entre esse último e Dostoiévski.
*Mar. 20.* Processo dos Brunst, em Kharkov, acusados de martirizarem a própria filha. Dostoiévski, muito impressionado, utiliza o acontecimento n'*Os irmãos*

*Karamázovi*.
*Mar*. Dostoiévski é atirado ao chão, na rua, por um homem embriagado, e fere-se no rosto. Apesar dos seus protestos, o agressor é condenado a dezesseis rublos de multa, que Dostoiévski lhe retribui.
*Maio*. Convidado a participar no congresso literário de Londres, sob a presidência de Victor Hugo, Dostoiévski declina o oferecimento por causa da saúde.
*Jul. 22*. Dostoiévski, a caminho de Ems, para dois dias em Berlim. Visita o aquário, o museu e o *Tiergarten*.
*Jul. 24*. Chega a Ems.
*Ago. 6*. Morte da cunhada de Dostoiévski, mulher de seu irmão Mikhail.
*Set*. Regresso à Rússia. Dostoiévski trabalha n'Os irmãos *Karamázovi*.
*Out*. A Condessa Tolstói, viúva do poeta Alieksiéi Tolstói, envia a Dostoiévski uma grande fotografia da *Madona Sixtina*, de Rafael, do museu de Dresde.
Anna Grigórievna organiza o envio de obras de Dostoiévski para a província. — Aparecimento de uma parte d'*Os irmãos Karamázovi* no *Mensageiro Russo*. — Segunda edição d'*O diário de um escritor*, relativo ao ano de 1876. — Quinta edição de *Humilhados e ofendidos*.

1880*Jan*. São postas à venda as obras de Dostoiévski editadas por sua mulher.
*Jan. 17*. Disputa entre Dostoiévski e o diplomata e escritor francês E.M. de Vogué (que escreveu mais tarde o seu célebre livro, *O romance russo*). Dostoiévski disse-lhe: "Nós possuímos o espírito de todas as nações, e ainda o espírito russo; é por isso que nós podemos compreender-vos, ao passo que vós não podeis compreender a nós". — Dostoiévski participa em numerosas sessões literárias de beneficência onde lê passos das suas obras.
*Maio 11*. Dostoiévski é escolhido como delegado da sociedade eslava de beneficência, à inauguração do monumento de Púchkin em Moscou.
*Maio 23*. Dostoiévski chega a Moscou.

*Maio 24.* Jantar no *Ermitage* em honra de Dostoiévski, a quem assistem numerosos escritores.
*Jun. 6.* Inauguração do monumento a Púchkin.
*Jun. 7.* Primeira sessão pública, discurso de Turguéniev.
*Jun. 8.* Segunda sessão pública. Dostoiévski pronuncia um discurso sobre Púchkin, que suscita um grande entusiasmo no público. Trazem-lhe uma coroa de louros. À tarde faz a leitura de *O profeta*. À noite vai até junto do monumento de Púchkin e depõe aí a coroa que lhe ofereceram.
*Jun. 10.* Dostoiévski deixa Moscou e vai para Stáraia Russa. Modifica *Os irmãos Karamázovi*.
*Set. 26.* Carta de Tolstói a Strákhov, em que fala das *Memórias da casa dos mortos* como de "o mais belo livro de toda a nova literatura, incluindo a de Púchkin".
*Nov. 8.* Dostoiévski envia os últimos capítulos de *Os irmãos Karamázovi* ao *Mensageiro Russo*: "O meu romance está pronto, trabalho nele há três anos e há dois que é publicado. Para mim, é um momento significativo. Dê-me licença que não me despeça do senhor. Tenho a intenção de viver e de escrever ainda durante vinte anos".
*Nov. 29.* Dostoiévski lamenta-se numa carta do seu mau estado de saúde (sofre de um enfisema).
*Dez. 10.* Dostoiévski é recebido pelo Czárevitch.
Recebe a visita do jovem Mieriechkóvski, então com a idade de quinze anos, que lhe lê seus versos. "Para escrever bem, é preciso sofrer, sofrer", diz-lhe Dostoiévski — O "Discurso sobre Púchkin" é publicado nas *Notícias Moscovitas*, em 18 de junho. — Continuação de *Os irmãos Karamázovi* no *Mensageiro Russo*. — Segunda edição d'*O diário de um escritor*, relativo ao ano de 1880. — Edição separada de *Os irmãos Karamázovi*, que se esgota em alguns dias.

1881*Jan.* Dostoiévski trabalha n'*O diário de um escritor*.
*Jan. 26.* Depois de uma visita de sua irmã, que se zanga com ele por causa de uma questão de heranças, Dostoiévski cospe uma saliva sanguinolenta. Às cinco horas e meia chega o Doutor Von Bretzel. Nova hemorragia durante o exame médico. Dostoiévski desmaia. Perto das seis horas recebe os

últimos sacramentos. Às *7 horas* despede-se da mulher e dos filhos.

*Jan. 27.* A hemorragia para.

*Jan. 28.* Às *8 horas* da manhã diz à mulher que tem a certeza de morrer neste dia. Abre o Evangelho ao acaso e os seus olhos caem sobre o passo de Mateus, III, 14-15: "Não me retenhas". E vê nisso um presságio de sua morte. — *11 da manhã*: nova hemorragia. — *7 horas da noite*: chama as crianças e entrega o Evangelho ao filho — *8 h. e 38 da noite*: morre Dostoiévski.

*Jan. 31.* Enterro de Dostoiévski no cemitério do convento Alieksandr Niévski. Uma imensa multidão acompanha o seu féretro.

**Quadro sincrônico da vida russa contemporânea de Dostoiévski**

| Acontecimentos políticos da Rússia. Vida e obra de Dostoiévski. A literatura russa |
|---|
| 1818 Nascimento de Turguéniev. |
| 1821 Nascimento de Dostoiévski. |
| 1825 Morte de Alexandre I. Reinado de Nicolau I. |
| 1826 Conquista da Pérsia por Erivan. |
| Morte de Karamzin, nascido em 1766. |
| 1827/28 Intervenção anglo-franco-russa a favor dos gregos. |
| 1828 Nascimento de Tolstói. |
| 1830 Primeira insurreição polaca. |
| 1837 Morte de sua mãe; estudos em São Petersburgo. |
| Púchkin morto em duelo. |
| 1839 Morte de seu pai. |
| 1841 Escola de Engenharia Militar. |
| Liérmontov, nascido em 1814, é também morto em duelo. |
| 1843 Deixa esta escola. |
| 1844 Pede demissão. |
| Morte de Kirílov, nascido em 1768. |
| 1845 *Pobre gente*. |
| 1848 Rússia auxilia a Áustria a reprimir a insurreição húngara. |
| 1849 Prisão. |
| 1850/56 |
| 1852 Morte de Gógol. |
| 1853/55 Segunda guerra contra os turcos, sem êxito. |
| França e Inglaterra intervêm na Crimeia. |
| Morte de Nicolau I, reinado de seu filho Alexandre II. |
| 1859 Regresso a Petersburgo. |
| *Pais e filhos*, de Turguéniev. |
| 1861 Abolição a servidão. |
| Funda uma revista. *Humilhados e ofendidos*. |
| 1862 *Memórias da casa dos mortos*. |
| 1863 Morte de sua mulher e de seu irmão. |

| | | |
|---|---|---|
| 1864 | Tolstói começa *Guerra e paz* (1864-1869). | |
| 1865/66 | *Crime e castigo*. | |
| 1867 | Gontcharov (1812-1891) publica *Oblómov*. | |
| 1867 | Segundo casamento. | |
| 1868 | Turguéniev publica *Fumo*. | |
| 1868 | *Idiota*. | |
| 1869 | *O eterno marido*. | |
| 1871/72 | Demônios. | |
| 1873/77 | Tolstói publica *Anna Karênina*. | |
| 1873/76 | *Diário de um escritor*. | |
| 1874 | Intervenção contra Bismarck, que deseja lutar contra a França. | |
| 1876/77 | Terceira guerra contra a Turquia. | |
| 1878 | Tratado de Berlim. | |
| 1879 | *Os irmãos Karamázovi*. | |
| 1881 | Assassinato de Alexandre II, pelos terroristas. | |
| 1881 | Morte de Dostoiévski. | |
| 1883 | Morte de Turguéniev. | |

# Notas sociais e históricas da Rússia para o leitor de Dostoiévski

## Formação da nação russa

### As origens

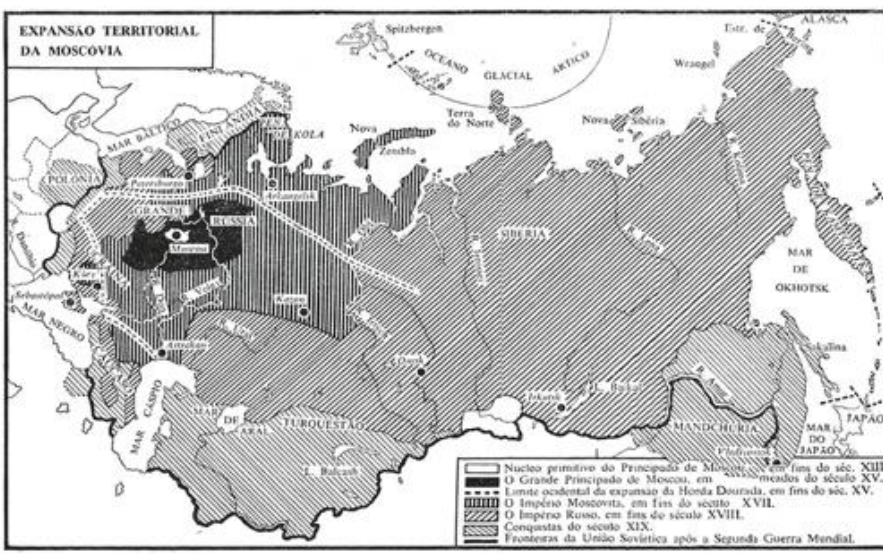
Entre os antigos gregos e romanos já havia notícia das populações que ocupavam a Rússia atual. Os próprios gregos fundaram muitas colônias nas embocaduras do Danúbio, do Dniester, na Crimeia, na embocadura do Don, e sobre a costa, junto do Cáucaso. Ao norte destas colônias e nas imensas planícies do sul e do centro da Rússia viviam tribos bárbaras, algumas entregues à cultura do solo, mas, a maior parte, errando pelas estepes. Os gregos designavam estes povos com o nome de citas, que tinham vindo da Ásia.

Os vizinhos destes citas eram também populações bárbaras; umas acantonadas junto do mar Negro, outras nas florestas do norte da Rússia; é àquelas populações que remontam os lituanos, os eslavos, os finlandeses, os estonianos e outros povos de raça indo-germânica, que, sob a pressão sucessiva dos godos e dos hunos, emigraram para o ocidente.

No século III d.C., os godos da Escandinávia deixaram o seu país em consequência de guerras intestinas, atravessaram o Báltico e espalharam-se nas planícies ocupadas pelos eslavos, resíduos étnicos de migrações anteriores. Acabaram por conquistar toda a região central e dividiram-se em dois grupos, separados pelo Dnieper: os godos orientais ou ostrogodos, e os godos ocidentais ou visigodos. Ainda no século III, os hunos, povo asiático de raça amarela, precipitaram-se sobre os godos, sujeitando os ostrogodos e pondo em fuga os visigodos. A invasão cobre todas as planícies da Rússia e chega até ao Danúbio. As culturas agrícolas dos povos de raça indo-germânica são abandonadas, a vida sedentária desaparece, e as longas planícies do Danúbio ao mar Cáspio e ao longo do mar Negro tornam-se um lugar de passagem perpetuamente percorrido pelas hordas de rebanhos e seus nômades pastores. Depois, os hunos foram avançando pela Europa, entraram em luta contra o Império Romano, chegaram

até a Gália arrastando atrás de si numerosas tribos asiáticas e indo-europeias, nestas incluídas muitas populações eslavas.

Todo o sul da Rússia é então percorrido por imensas invasões: aos hunos sucedem-se os *avaros*, os búlgaros, os turcos *kazakes*, os húngaros. Entretanto, os eslavos, ou se refugiavam nas florestas da Rússia central e nas margens do alto Volga, ou, em relações com os escandinavos que tinham invadido no século IV as margens do Báltico, exerciam a pirataria nos grandes rios russos, ao longo dos quais se tinham desenvolvido uma vida econômica ativa, que dava origem a mercados e a cidades que negociavam constantemente com comerciantes chineses, com árabes de Bagdad e com mercadores gregos de Bizâncio ou da Crimeia.




## Séculos IX-XIII. Relações com Bizâncio. O principado de Nóvgorod-Kiev.

São estes escandinavos, os suecos ou *varegos*, que em meados do século IX e chefiados por Rurik, penetram novamente na planície russa, a pedido dos eslavos, e se tornam chefes das tribos eslavas escapadas ao domínio dos povos invasores asiáticos. Estabelecem-se em Nóvgorod[33], cidade situada na estrada de caravanas entre o Volga

e o Báltico, e chegam mais para o Sul, até Kiev, já no Dnieper.

Através da Rússia, estes povos sentem a atração do brilhante centro da civilização que é Bizâncio. Descobrem a estrada de Dnieper para o mar Negro, aparecendo em Bizâncio como mercenários e mercadores.

Sob a influência deste movimento comercial, que liga o mar Báltico a Constantinopla, criam-se mercados ao longo dos rios pela venda do mel e das peles. Kiev, na bacia de Dnieper, é uma florescente cidade que nasceu deste comércio.

Assim, no século IX, enquanto o ocidente europeu dormita no regime senhorial, na economia fechada e na servidão, duas grandes estradas de tráfico surgem: uma de Bizâncio e da Ásia para o Báltico, nas mãos dos russos e dos suecos (*varegos*), que seguia o Dnieper, passando pela cidade de Kiev, e outra na mão dos turcos *kazakes* (orientais), servia-se do Don, subia o Volga e dava origem ao território de Nóvgorod-a-Grande, que estendeu seus domínios do lago Ilman aos montes Urais e às costas do mar Branco, entre outros importantes mercados. Estas duas cidades ficam ligadas entre si por vias importantes sobre os quais nascem Riazan e Smolensk.

Apesar dos grandes conflitos que levantaram estas cidades contra Bizâncio, as cidades russas que dela viviam sofreram afinal profundamente a sua influência e foi dentro dela que se formou a sua civilização. Desde então, unidas pelos seus interesses econômicos e pela religião, essas cidades, federadas, deram origem ao primeiro estado nacional no solo que mais tarde seria russo. Pouco a pouco tinha-se formado uma dinastia e surge-nos assim, no século X, o vasto principado de Kiev[34], na Ucrânia e Rússia Branca.

Este principado é um estado urbano, de civilização inspirada diretamente na civilização bizantina, da qual recebeu a religião cristã no fim deste mesmo século. No século XI publicam-se códigos de direito privado e comercial, inspirados no direito de Justiniano e no direito germânico. Floresce uma arte originariamente bizantina. Os príncipes de Kiev têm tanta importância que os reis de França, Inglaterra, Suécia e os imperadores de Bizâncio procuram estabelecer

com eles alianças matrimoniais. O grão-principado de Kiev está em relações diretas com Bizâncio, com Bagdad, com a Índia e a China, a Inglaterra e Flandres. O príncipe Iároslav, querendo fazer de Kiev a rival de Constantinopla, manda erigir a igreja de Santa Sófia e outros templos e mosteiros, manda vir chantres gregos que instruem o clero russo e cria escolas. Devido à conversão dos príncipes russos ao cristianismo ortodoxo, por intermédio do Império Romano do Oriente, isto é, de Bizâncio, a Rússia escapa desde então à influência da Igreja Romana.

O principado russo de Kiev entra em decadência no século XII; "as extensas terras da Europa Oriental, repartidas entre os descendentes do chefe escandinavo, acham-se divididas em numerosos principados", mais ou menos federados em dois grupos principais, ao oeste e ao leste, "e que tinham em comum a língua, o parentesco da maioria dos príncipes, a religião e um certo respeito pelo grão-príncipe de Kiev", a metrópole econômica, religiosa e cultural. "Não havia ainda 'Rússia', mas apenas Rússias."[35]

"Cedo, porém, começaram a se destacar um do outro, o grupo do leste e o grupo do oeste. Os russos orientais eram tidos por eslavos puros, os ocidentais incluíam muitos elementos alógenos. A Rússia do leste era a Rússia primitiva, a do oeste era a Rússia da colonização. Neste último setor destacava-se Nóvgorod-a-Grande, que estendia seus domínios do lago Ilman aos montes Urais e às costas do Mar Branco."[36] Do século XI ao século XIII a Rússia vai sofrer novas e constantes invasões de várias hordas turcas vindas da Ásia. As relações entre Bizâncio e as cidades russas ficam quase completamente cortadas. Ao mesmo tempo, as invasões russas na Ásia anterior fecham a estrada de caravanas que, da Ásia central, alcançavam Bizâncio pelo porto de Trebizonda. As invasões turcas arruinavam assim simultaneamente as cidades russas e o Império Bizantino. E as invasões mongólicas ou tártaras do Cã de Karakorum, no século XIII, vêm dar o golpe de misericórdia sobre a nascente civilização russa do grupo oriental e reconduzem à barbárie asiática todas as populações que encontram no seu caminho.

De Kiev a Moscou, todo o território é obrigado a aceitar o domínio mongólico. E ao mesmo tempo o grupo ocidental sofre a

noroeste a invasão de alemães que se espalham pelas províncias bálticas, e a dos lituanos, que unidos aos poloneses, formam um estado em 1386; no século XIV, as regiões do alto Dnieper encontram-se assim sob o domínio dos duques da Polônia e a influência dos Cavaleiros da Ordem Teutônica.

No século XV a coligação lituano-russo-polonesa derrotara os Cavaleiros Teutônicos em Tannenberg e lhes impuseram o tratado de Thorn, que os tornou feudatários do rei da Polônia."[37]

## Séculos XIII-XV. A invasão mongólica e a progressiva independência do principado de Moscou

Os mongóis construíram sobre um dos braços do Volga uma cidade — Saraí — que se tornou em breve a capital de um vasto império independente — a Horda de Ouro — que ia da Rússia ao mar Cáspio e ao Danúbio e reunia sob a sua autoridade muitas das anteriores tribos asiáticas invasoras, os finlandeses, e também alguns principados eslavos.

Durante o domínio mongólico os russos ficaram na posse das suas terras. Os tártaros nômades limitam-se, sobretudo, a exigir tributos e escravos, "pouco interferindo nas comunidades eslavas, com resultados posteriores da maior transcendência, pois sendo o jugo tártaro mais leve e indiferente, favoreceu o crescimento da autoridade do grão-príncipe de Suzdal e determinou a hegemonia de Moscou, núcleo da Moscóvia. Este, no século XVII, por aquisições sucessivas, se estendeu no Mar Branco ao Mar Cáspio, e permitiu a Pedro, o Grande e seus sucessores, a incorporação à Grande Rússia dos territórios ocidentais, embora fossem de cultura mais aprimorada. Assim tornaram-se os seus soberanos *Czares de Todas as Rússias*".[38]

São os príncipes de Moscou que ficam encarregados de recolher para os dominadores asiáticos os impostos sobre os seus súditos e vizinhos. Moscou torna-se assim um estado russo semi-independente. Entretanto, a Horda de Ouro entra em declínio, divide-se em territórios de diferentes cãs, os canatos, que se guerreiam uns aos

outros infindavelmente; alguns tornam-se independentes, como os de Riazan e de Astrakan.

Durante muito tempo, os príncipes de Moscou, paralisados por dissensões de família, não puderam aproveitar-se desta decadência tártara. Mas, na segunda metade do século XV, Moscou ia começar a sua expansão.

A preponderância ascendente do principado de Moscou, ou Moscóvia, deve-se em primeiro lugar à sua situação central, à política prudente e perseverante dos seus príncipes, ao apoio que lhe deu o clero ortodoxo, à habilidade sem escrúpulos pela qual se tornaram os cobradores dos impostos para o dominador até ao dia em que se sentiram suficientemente fortes para se voltarem contra ele.

No século XV o grande príncipe de Moscou impõe seu domínio à república de Nóvgorod que, ao norte, protegida pelas florestas e pelos pântanos que a rodeavam, tinha escapado ao domínio dos asiáticos. Por outro lado, rompendo com as tradições da sucessão germânica, que era eletiva, adotaram o princípio da sucessão do filho mais velho. Esta transformação teve grande importância, pois assegurou a continuidade dos esforços dos grandes-príncipes de Moscou para a supremacia sobre todos os outros príncipes russos. “A própria submissão dos príncipes de Moscou aos mongóis, os seus casamentos com as filhas dos chefes tártaros ou cãs, evitaram ao território de Moscou incursões e devastações que enfraqueceram outros principados eslavos; a sua função de coletores de impostos para os mongóis, colocando nas suas mãos as riquezas de toda a região, deu-lhes a faculdade de criarem uma clientela entre os senhores ou boiardos, de concederem terras em feudo a milhares deles, de manterem, enfim, um corpo de tropas regulares muito considerável, para reduzir os seus inimigos e constrangerem os seus súditos a uma completa obediência.”[39]

Outro acontecimento que veio aumentar a importância da nova capital foi a queda de Bizâncio nas mãos dos turcos em 1453.

O grande-príncipe de Moscou, Ivan III, alia-se aos cãs da Crimeia e de Kazan contra a Horda de Ouro, e recusa o pagamento do tributo

ao cã de Saraí. Estava declarada a rebelião. Em 1501 Ivan III apodera-se de Saraí: a futura Rússia tinha-se libertado do domínio mongólico. A Horda de Ouro estava destruída na Rússia europeia e, como vestígios do poder tártaro, restavam apenas os canatos da Crimeia, de Kazan e de Astrakan. "Ivan III declara retomar a sucessão dos imperadores bizantinos, ao mesmo tempo como chefe da Igreja Ortodoxa e como continuador do Império Romano. O povo russo herdava a missão 'sagrada' de Bizâncio; a Rússia tornava-se a Santa Rússia, a Nova Israel, destinada a fazer triunfar sobre a terra o reino de Cristo. Moscou seria daqui em diante a terceira Roma."[40] Assim, enquanto o Império Otomano estendia o seu poder sobre a Europa Central, o príncipe de Moscou, empreendendo contra o Islã uma verdadeira guerra santa, expulsava-o da Rússia. No momento em desaparecia o Império Bizantino, o estado moscovita, a cujo imperador os príncipes foram buscar o nome de czar (César), entrava na história da Europa para nela tomar o seu lugar. Desde as suas origens, e isto é um elemento essencial da sua história, Moscou afirma-se assim como o centro de um Estado Universal. Visa à restauração do Império e da Fé. A política russa não cessará jamais, visto que se liga diretamente à do Império Bizantino, de ser ao mesmo tempo imperialista e messiânica."[41]

"Daquelas duas ordens de conquistadores orientais e ocidentais resultaram influências polonesas e germânicas, isto é, ocidentais, nos principados do Oeste, e influências muçulmanas, asiáticas, nos principados do Leste. Daí a formação da Rússia-Branca e da Pequena Rússia, mais mongólica em suas feições, apesar de usar a mesma língua e seus dialetos."[42]

## Séculos XVI-XIX.
## A expansão russa

A expansão russa começou desde o momento em que o estado russo se formou, e realiza-se em duas direções: para o lado da Europa e para o lado da Ásia. A Rússia procuraria sobretudo uma expansão em direção às margens marítimas que lhe faltavam. O principado da Moscóvia entra não só em luta contra outros príncipes russos do

interior, contra os boiardos ou senhores que não queriam submeter-se, como contra os novos surtos de turcos e mongóis e contra os canatos independentes. No século XVI, com a tomada de Kazan e de Astrakan, a Rússia atinge o mar Cáspio e os Montes Urais. Com a travessia destes montes por um bando de cossacos, também no século XVI, a Rússia adquire a Sibéria, submetendo hordas de tártaros, quirguizes, samoiedos e ainda outros povos. No seu imenso desejo de alcançar uma saída para o Báltico, trava uma grande e prolongada luta, que atinge o seu ponto agudo no tempo de Pedro, o Grande (portanto já no século XVIII), contra os suecos que se tinham estabelecido nas margens deste mar, na Finlândia, na Íngria, na Estônia, na Livônia e na Pomerânia. À morte de Pedro I, o Grande (século XVIII), a Rússia tinha adquirido essas costas do Báltico e as províncias por ele conquistadas à Pérsia, entre elas Baku e o Daguestão. Estava igualmente na posse de Azov, das margens do mar Negro, entre o Dnieper e o Dniester, e da Crimeia.

À data da morte de Catarina II, no fim do século XVIII, assenhoreia-se das margens do mar Negro e do mar Cáspio, seguindo-se a conquista do Cáucaso, já no século XIX, em época contemporânea de Dostoiévski e de Tolstói.

Das margens do mar Cáspio e das planícies da Sibéria, os russos avançam durante o século XIX pela Ásia Central ou Turquestão, continuando a sua luta contra os povos nômades, os quirguizes e os turcomanos (1845-1885). De 1865 a 1884 ocupam sucessivamente Tachkent, Samarcanda, Bukara, Kiva, Merv, sobre a estrada do Afeganistão. Para assegurar o seu domínio constroem uma via férrea de quase dois mil quilômetros, o transcaspiano. Estavam assim nos confins da Índia, onde vão encontrar a rivalidade da Inglaterra. Já anteriormente a longa e cruel guerra da Crimeia fora devida a esta rivalidade da Inglaterra, que temia a expansão russa no mar Negro.

Para terem um porto livre de gelos durante todo o ano, os russos procuraram estender-se para o sul da Sibéria e obtêm da China a região costeira, desde a embocadura do rio Amur até a Coreia (1859-1860); foi nesta Província Marítima que fundaram um grande porto de guerra, Vladivostok, isto é, “o dominador do Oriente”. Depois, as vistas russas lançaram-se sobre a Mandchúria e a Coreia.

Em 1898 obtiveram Porto Artur e construíram o transmandchuriano. Mas, aqui, a Rússia teve de defrontar a rivalidade do Japão e foi vencida na guerra da Mandchúria de 1904-1905 e viu-se obrigada a ceder Porto Artur a esse país.

## Configuração geográfica. Regiões naturais.

A Rússia ficou assim compreendida em dois continentes.

Distinguem-se neste imenso território várias regiões naturais, habitadas por povos pertencentes à raça branca e à raça amarela, e praticantes das mais diversas religiões: ortodoxos, católicos, protestantes, judeus, islamitas etc.

Aos mares glaciais do norte, gelados e impraticáveis durante meio ano, chegavam, no verão, os caçadores de baleias e morsas, pertencentes a tribos finlandesas, e os samoiedos e os lapões; muitos destes povos dedicavam-se também à criação de rena.

Saindo das solidões da região polar, atinge-se a região dos lagos. É no golfo da Finlândia, na embocadura do rio Nevá, que se encontra a cidade de Petersburgo, também conhecida com o nome de Petroburgo ou São Petersburgo, fundada por Pedro, o Grande.

A região dos bosques vem desde os pântanos gelados do norte, chega até ao centro do país e, daqui, até Kiev. Esta parte do norte e do centro era a zona das características isbás, ou casas de madeira.

No sul vimos encontrar a região das planícies, denominadas *tchernosiom* — terras negras —, próximas da região das florestas, de solo fecundo, onde se cultiva o trigo; as estepes férteis, desde as terras negras até ao mar — pradarias cobertas de erva e flores na primavera; e as estepes estéreis, impróprias para a agricultura, desde o Don ao Volga, e em volta do mar Cáspio. É nas embocaduras do Volga que se encontram os célebres viveiros do esturjão, cujos ovos fornecem o apreciado caviar.[43]

A região natural menos extensa, da Rússia, de solo montanhoso e de clima meridional, é o Cáucaso e a costa sul da Crimeia. Fica entre o

mar Negro e o mar Cáspio e, devido às suas grandes riquezas, é uma região importante. Nos vales do Cáucaso encontram-se florestas enormes, espessas e vigorosas. Existem no Cáucaso árvores frutíferas, uma grande variedade de plantas, a vinha, a amoreira, a oliveira, o algodão, a cana-de-açúcar e o chá. Mas, além destas riquezas, a principal é ainda a exploração dos poços de petróleo do mar Cáspio.

Para além deste mar ficam as estepes arenosas do Turquestão, que se estendem sobre uma grande parte da Ásia Central, até ao deserto de Gobi, na China. Nestes vastos espaços erravam nômades, os quirguizes e turcomanos. Nos oásis ricos do Turquestão vive uma população de turcos, mongóis e iranianos, agrupada em antigas cidades de civilização mulçumana, Samarcanda, Bukara, Kiva, Tachkent, que praticam a cultura do algodão.

A Sibéria ocupa todo o norte da Ásia e tem uma extensão equivalente a três vezes a da Rússia europeia. Está separada da China pelos maciços montanhosos do Altai e pelo rio Amur. É uma região de neves, frios e ventos. Até o século XIX era sobretudo habitada nos grandes centros como Tobolsk, Tomsk, Irkutsk, pelos russos cossacos, os degredados políticos, os condenados de direito comum, e os colonos livres; e percorrida na sua maior parte por tribos de origem mongólica, como os tunguses; nas margens siberianas do mar glacial encontram-se os samoiedos, os lapões e outros povos, que se dedicavam ainda no século XIX quase exclusivamente à criação da rena e ao comércio de peles e chá. A Sibéria é um grande centro de riqueza mineral; possui ouro, prata, cobre, chumbo, ferro, hulha, sal e imensas florestas. Além disto a Sibéria é a província que leva ao Pacífico.

Assim como para consolidar o seu domínio no Turquestão, os russos construíram de 1880 a 1888 uma via férrea de quase dois mil quilômetros, o transcaspiano; também, para ligarem a Rússia ao Pacífico construíram outra via férrea de 6.600km, o transiberiano, acabado em 1901.

## A civilização russa nos séculos XVII-XVIII

## Pedro I, o Grande. Ocidentalização superficial da Rússia e formação da burguesia

O domínio mongol tinha afastado os russos da civilização que se ia desenvolvendo na Europa. Até o século XVII a Rússia permaneceu mais asiática do que europeia.

Tal como o imperador da China, o soberano russo, o czar, era considerado como o pai dos seus súditos. Tinha, pois, uma autoridade sem limites.

A organização social era primitiva. Dividiam-se em duas grandes classes, os nobres ou boiardos, senhores da terra, e os camponeses ou mujiques, que eram de condição servil, como os camponeses franceses da Idade Média, e pertenciam, quer ao czar ou aos boiardos, ou ao clero. A indústria era rudimentar e o comércio pouco ativo, embora existisse uma colônia de europeus comerciantes em Moscou.

Os homens calçavam babuchas, usavam trajes compridos, que arrastavam pelo chão, de longas mangas pendentes, como os dos mongóis, e deixavam crescer a barba. As mulheres, rigidamente submetidas à autoridade dos homens, viviam em clausura, como as orientais, e só podiam sair à rua de véu sobre o rosto. Os russos deste tempo só sabiam fazer cálculos aritméticos por meio de ábacos, os prisioneiros de guerra eram reduzidos à escravatura e os enterros seguidos por carpideiras. A moeda corrente eram as peles dos animais. A massa do povo levava uma vida rude, grosseira e ignorante.

O czar Pedro I, o Grande (1682-1725) teve a pretensão de fazer aquilo que costumava chamar-se a “ocidentalização da Rússia”, impondo a civilização europeia ao seu povo, ainda que para isso tivesse de servir-se da violência. Além de uma notável obra de fomento de muitas indústrias, do impulso dado aos estudos científicos e às atividades artísticas, da criação de uma classe burguesa de negociantes, Pedro I quis também modificar os costumes do povo russo. Ordenou o lançamento de impostos sobre as barbas e as vestes longas. As mulheres tiveram de passar a aparecer em público ao lado dos homens e foi-lhes proibido usar véu.

Mas esta política de ocidentalização agiu apenas superficialmente; Pedro I criou uma burguesia mas não deu à Rússia o sentido da liberdade individual; não modificou o regime senhorial nem libertou os servos.

## A concepção imperialista

A Rússia herdara a concepção imperialista de Constantinopla (Bizâncio). Tal concepção só é realizável mediante uma real concentração de poder nas mãos dum soberano todo-poderoso. A política dos czares tende à reconstituição de um império universal e à unidade cristã: tomou, assim, um caráter absolutista, o estado transformou-se num estado territorial, apoiado na igreja ortodoxa. Para isso o czar necessitou de um governo central e de um exército. Foi em volta dos príncipes de Moscou que se formaram os principados fundiários, povoados de grandes proprietários e de camponeses que, a princípio, eram livres.

Mas, como não possuía capitais móveis, o czar estendeu a sua autoridade sobre a propriedade fundiária, formou um exército de homens de armas, possuidores de terras; os camponeses dessas terras trabalhavam para os seus detentores. Estes grandes proprietários são encarregados de servir de intermediários entre o czar e os camponeses, tornando-se uma espécie de nobreza fiscal coletora dos impostos que oneram a população. Nos meados do século XVII o czar promulga um código fixando a condição jurídica da população do seu Estado, no qual se estabelece a sujeição do camponês ao proprietário, como um princípio de direito público. O camponês russo, que já desde o século XVI era, de fato, um servo da gleba, entrava agora de direito nessa triste e miserável condição. Depois, o estatismo fundiário completa-se com uma economia e política dirigidas. O czar mobilizou também a fortuna da burguesia que, sob o influxo do comércio marítimo inglês e holandês, se tinha constituído desde o século XVI, agrupando os burgueses em corporações obrigatórias. “As reformas de Pedro, o Grande, em vez de romperem com a evolução em que a Rússia tinha entrado desde o século XVI, tiveram como consequência o rigoroso sistema estatista, em cujos quadros estreitos permanecerá

prisioneira daqui para diante, e no interior da qual se fará, no século XX, a revolução bolchevista.”[44]

O reinado de Pedro, o Grande marcou, no entanto, profundamente a Rússia, porque lhe deu, para além dos quadros especificamente russos que construiu, uma burguesia formada na escola do estrangeiro, que tomou contato com o pensamento francês, se iniciou nas concepções políticas, econômicas e sociais dos países marítimos, e formou no seio do império estatista russo um corpo estranho cujo isolamento devia conduzir ao extremo as tendências individualistas. Incapazes de se adaptarem à sociedade servil, assim como ao Estado onipotente criado pelo estatismo dos czares, incapazes de agirem sobre a evolução do imenso corpo social russo, as ideias do liberalismo ocidental russo degeneraram na Rússia até darem origem às teorias anarquistas… A burguesia econômica e intelectual, que se formou na Rússia depois do reinado de Pedro, o Grande, não podia desenvolver-se senão em oposição ao regime estatista. Foi por isso que a grande revolução totalitária de 1917, à qual conduziram as reformas de Pedro, o Grande, se realizou extirpando radicalmente do corpo russo a burguesia que se tinha formado sob a influência das sociedades liberais do Ocidente.”[45]

## A nobreza hereditária

A nobreza hereditária, em algumas famílias, vinha desde o tempo dos primeiros soberanos. Aos mais antigos companheiros dos czares dava-se o nome de boiardos. No russo antigo essa palavra era *boiárin*, que, na linguagem popular, se transformou em *bárin*, isto é, senhor. A partir de Pedro, o Grande, os czares passaram a ter o direito de criar títulos de nobreza.

A nobreza russa compreendia príncipes, condes, barões e outros fidalgos sem título, uns anteriores outros posteriores a Pedro, o Grande. Não havia duques, marqueses, viscondes e cavaleiros. Os nobres não usavam partículas nos seus nomes, por exemplo, era-se príncipe Gálizin e não príncipe *de* Gálizin. Como o título de príncipe se transmitia a todos os descendentes masculinos e femininos, havia na Rússia czarista uma grande quantidade de príncipes, como pode

verificar-se nos romances desse tempo. Os condes eram também muito numerosos. O título de barão só era concedido a banqueiros ou a grandes industriais de origem estrangeira.

## A CLASSE URBANA

A classe urbana era formada pelos cidadãos mais notáveis da cidade, os mercadores, os artífices e os pequenos burgueses. Tinham as suas assembleias próprias, com os seus representantes e as suas instituições. Alguns desses artífices estavam agrupados em corporações ou *ártieli*, de origem muito antiga, que datavam do século XII.

## O *tchin*: QUADRO DAS CATEGORIAS BUROCRÁTICAS

Foi Pedro I, o Grande quem fixou legalmente o "quadro das categorias sociais" da Rússia ou *tchin*. Esta instituição estabelecia uma hierarquia entre a carreira burocrática dos funcionários do Estado e constituía dentro dela um verdadeiro *cursus honorem*, em cujo vértice se obtinha um título honorífico. Havia mesmo uma correspondência entre os graus da carreira burocrática e os da carreira militar. "A escala de valores humanos assim estabelecida contava catorze *tchin* que iam, para os civis, do miserável registrador de colégio até ao todo-poderoso chanceler do Império, e, para os militares, de alferes ou porta-estandarte até ao general-de-campo. Entre estes dois extremos situavam-se o general-de-infantaria, de cavalaria ou de artilharia, e o conselheiro privado (segundo *tchin*), que tinham direito ao título de Vossa Alta Excelência; o tenente-general e o conselheiro efetivo (terceiro *tchin*); o general-major e o conselheiro de Estado efetivo (quarto *tchin*), que tinham direito ao título de Vossa Excelência; o general-de-brigada e o conselheiro de Estado (quinto *tchin*) que tinham direito ao título de Vossa Alta Origem; o coronel e o conselheiro de colégio (sexto *tchin*); o tenente-coronel e o conselheiro da corte (sétimo *tchin*), que tinham direito ao título de Vossa Alta Nobreza; o capitão e o conselheiro titular[46] (nono *tchin*); o capitão de segunda e o secretário de governo (décimo segundo *tchin*); o alferes e

o registrador do Senado ou do Sínodo (décimo terceiro *tchin*) tinham direito ao título de Vossa Nobreza.

Na Rússia, o funcionário era, pois, etimologicamente, um *tchinóvnik*, um homem que possuía um *tchin*, um cargo, e não como em França, um homem que possuía uma função.

Assim, um homem plebeu podia, depois de alguns anos de trabalho assíduo nas repartições, tornar-se igual a um capitão ou a um major, sem nunca ter servido no exército."[47]

## A sociedade russa no século XIX

### Os ricos

Antes da abolição da servidão, uma casa rica possuía uma grande quantidade de criados. No século XIX já só tinham geralmente um cozinheiro, muitas vezes francês, um ajudante de cozinheiro, dois criados de quarto, uma lavadeira, uma mulher que tratava das roupas, um cocheiro, um palafreneiro e um carregador. Além destes havia ainda outros dois servidores temporários, como certos operários especializados: o relojoeiro que vinha de tempos em tempos dar corda a todos os relógios da casa, o fabricante de fogões, que tratava do problema do aquecimento, os enceradores etc. Para o serviço das senhoras vinham ainda a massagista, o cabeleireiro, o perfumista e o florista. Havia também preceptoras e professores para a educação das crianças e adolescentes. As preceptoras eram muitas vezes de nacionalidade francesa e os professores alemães. A sociedade elegante usava a língua francesa. Uma das serviçais mais "importantes" era a ama, ou *nhanha*, das crianças.

Estas casas ricas possuíam os seus armazéns privativos de gêneros alimentícios, o seu celeiro, a sua copa. Tinham também a sua cavalariça e uma cocheira onde havia trenós, um *landau*, uma caleça e um pequeno *breck* de caça.

*Uma* tarantás.

A alimentação dos ricos era variada e requintada; consistia num misto de cozinha russa e de cozinha francesa. Os *zakúski* ou aperitivos eram numerosos: caviar fresco, caviar seco, filetes de arenque, pepinos salgados, esturjão defumado, leitão com rábanos, salmão frio, pequenos pastéis quentes, de carne, de couves, de peixe. Pratos nacionais eram o *borchtch*, sopa de couves e carne, com creme; vários *kulebiáki*, de carne, de arroz, de peixe; as costeletas de Kiev; os *pielhmiéni*. É claro que havia também doces tradicionais: a *pinchka*, pãozinho, redondo e fofo, doce ou salgado, e o *kulitch*, uma espécie de *brioche*, que se comiam na Páscoa; os *blini*, *crepe* de creme e caviar; os *jávoronki*, pãezinhos torcidos em forma de pássaros, com os quais se festejava o regresso das andorinhas. Uma outra especialidade, muito apreciada no verão, era a *okrochka*, sopa fria, picante, aromatizada, com pedaços de peixe e de gelo.

As bebidas nacionais russas eram, além da vodca — aguardente de cereais, da qual existiam algumas variedades perfumadas com diferentes essências — o *kvas*, feito de cevada fermentada. Quanto a vinhos, os melhores eram os da Crimeia. Usavam muito também o champanhe e o vinho do Porto. E, acima de tudo, o chá. “O chá tinha tal importância na vida nacional que gorjeta, se dizia em russo *na tchai*, isto é, para o chá. O samovar era, em todas as províncias, a alma da casa, o símbolo do repouso e do bem-estar.”[48] O samovar não era um utensílio para fazer chá, como algumas pessoas pensam, uma chaleira, mas um recipiente que se destinava a manter a água sempre fervendo, pronta a ser lançada sobre as folhas de chá. Os homens usavam copos que tinham suporte próprio para poderem segurar neles o chá escaldante, e as mulheres bebiam-no por chávenas. Os homens

fumavam uns cigarros compridos, por meio de umas boquilhas ou tubos de cartão, e as senhoras de sociedade também fumavam.

As pessoas abastadas viviam quase sempre nas cidades, em casas próprias, as quais eram de poucos andares, um ou dois geralmente, pintadas de cores claras, e possuíam um pátio e um jardim.

Era costume decorar os salões com palmas e fetos exóticos.

Além da vivenda citadina, era elegante possuir também uma casa de campo, a *datcha*.

As senhoras, depois de terem dado as suas ordens à criadagem e de terem sido tratadas pela massagista e pelo cabeleireiro, e de as modistas lhe terem vindo provar as *toilettes*, saíam de tarde para ir às lojas elegantes, aos estabelecimentos de joias, de tecidos, de peles; ou então iam para os parques famosos das cidades passear, patinar sobre os lagos gelados, enquanto ouviam música e também os galanteios dos seus admiradores, e acabavam as suas tardes em qualquer café célebre comendo iguarias e guloseimas.

A sociedade elegante vestia-se à moda europeia e os seus agasalhos eram de peles caras. As senhoras usavam *lorgnon* e, no inverno, traziam as mãos anichadas e quentes em regalos de peles macias.

Os trajes de corte eram de uma suntuosidade e riqueza verdadeiramente orientais; havia damas da corte que ostentavam diademas e colares que valiam, cada um, mais de cem mil rublos. Nas recepções da corte era uma autêntica orgia de brocados, de ouro, de joias, de seda, de plumas e de peles. No teatro, nos concertos e na corte, os homens ostentavam as suas fardas recamadas de condecorações.

Além das esplêndidas residências e de todo este conforto e elegância, os ricos tinham ainda outros prazeres e divertimentos a gozar na vida. As grandes cidades, como Moscou e Petersburgo, ofereciam a seus habitantes grandes espetáculos teatrais e de *ballet*. A dança era a grande atração artística dos russos. Um outro divertimento muito apreciado era ir ouvir as canções ciganas ou as

canções russas com acompanhamento de balalaicas, em algum célebre restaurante noturno.

## Os camponeses

Os camponeses representavam a grande massa da nação. Viviam em aldeias, que mais não eram que um aglomerado de humildes casas de madeira, de pequeninas janelas, as isbás. No interior dessas cabanas de madeira, os móveis eram poucos e pobres: uma grande arca pintada de cores vivas e ligada por aros de ferro, onde se guardavam todas as riquezas do mujique: um ou dois trajes que só se vestem nas ocasiões solenes, algumas toalhas com rendas, alguns *bibelots* de estimação, algumas especiarias, e outros objetos. A louça era de barro, as colheres de madeira. Os compartimentos destas cabanas eram poucos, um ou dois. Os camponeses dormiam vestidos, no chão, em cima de peles, de palha ou de trapos. Em todas estas casas havia um forno e uma banheira, na qual todos os membros da família tomavam banho ao sábado. Durante os restantes dias da semana os mujiques e as outras pessoas da família limitavam-se a lavar as mãos calosas, crestadas da neve e gretadas dos trabalhos campestres, de unhas sujas de terriça, antes das refeições. Mas muitas aldeias possuíam o seu balneário, para onde a população ia nas vésperas do dia de festa. Eram os célebres banhos de vapor,[49] onde as pessoas transpiravam até desfalecerem, e se flagelavam com ramos de bétula. Dificilmente um europeu ocidental poderia suportar a violência dos exercícios físicos praticados durantes esses banhos, que vêm descritos em várias obras, e que Dostoiévski nos descreve também nas *Memórias da casa dos mortos*.

*Isbá do norte da Rússia, no século XIX.*

Os mujiques eram robustos e sãos; apenas sobreviviam aqueles que eram poupados por seleção natural; as crianças eram criadas em plena liberdade e, praticamente, ninguém tomava conta da sua educação e da instrução.

O traje dos dias festivos era, para as mulheres, o *sarafan*, um vestido de cores garridas, com alças, que deixava ver no peito a blusa bordada com ponto russo. Na cabeça usavam nos dias vulgares um lenço de cor e, nos dias de festa, um diadema azul de vidrilhos. Ao pescoço traziam um colar comprido de pedras multicores.

O traje masculino compunha-se de um blusão de algodão, abotoado ao lado, que descia abaixo da cintura, até aos joelhos, sobre as calças metidas nas botas. Mas as botas eram já um requinte de elegância; o calçado do mujique pobre eram as sandálias tecidas com a entrecasca da tília, os *lápti*.

De fato, o camponês russo entrou na condição servil no século XVI. Havia duas categorias de servos: os servos da gleba (*kriepostnie*) e os servos ligados ao serviço doméstico do senhor (*dvoróvie*): porteiros, cozinheiros, cocheiros, que podiam ser vendidos como e quando aprouvesse ao senhor, ao passo que os servos da gleba só podiam ser vendidos juntamente com o pedaço de terra que ocupavam. Em 19 de fevereiro de 1861, o czar Alexandre II concedeu legamente a emancipação dos servos. Mas esta lei foi mal acolhida porque não dava ainda satisfação às necessidades da classe. “Pelo regulamento, os *dvoróvie* deviam ainda durante dois anos, ou pagar uma renda ao senhor, ou assegurar junto dele um serviço pessoal. Passado este breve prazo eram livres, mas não recebiam nenhuma terra. Criava-se assim uma classe de eternos criados. O pagamento dos *kriepostnie* inspirava-se, em contrapartida, no duplo cuidado de dar terra aos antigos servos, e de salvaguardar, na medida do possível, o direito dos proprietários. Estes viam-se, pois, obrigados a ceder aos mujiques uma parte do seu domínio, mas mediante uma retribuição estabelecida pelas tabelas anexas à lei. A aplicação destas fórmulas, extremamente complexas, era confiada a um árbitro da paz, escolhido entre os membros da realeza. As decisões deste último podiam ser submetidas

a um tribunal especial, composto pelos nobres da província. Era o Senado, assembleia nobre por excelência, que julgava as questões em última instância. Este aspecto da reforma despertava a desconfiança entre os mujiques. Persuadidos, de modo confuso, de que eram possuidores das terras por eles cultivadas, admiravam-se de ter de as pagar agora! Os proprietários tinham, talvez, deformado a ideia generosa do imperador. Mais dia, menos dia, a verdade viria à tona. O czar publicaria um novo ucasse escrito "em letras de ouro", para afirmar que dava simultaneamente a terra e a liberdade dos mujiques. Mas os anos passavam. O ucasse com letras de ouro tardava a aparecer. E os mujiques davam-se conta de que, se estavam livres da servidão corporal, outras obrigações lhes pesavam sobre os ombros."[50]

Como o trabalho da agricultura não lhes dava o suficiente para subsistirem, os mujiques praticavam uma pequena indústria doméstica durante o inverno, fabricando, conforme as regiões, os mais variados objetos: colheres de madeira, calçados, tecidos de junco, de linho, de seda, rendas, artigos de peles, imagens religiosas, brinquedos, instrumentos musicais, samovares. Muitos mujiques saíam das suas aldeias e iam tentar vida longe, noutras províncias, ou nas cidades; iam servir de cocheiros, trabalhar em fábricas, nos estaleiros, nas minas, calcetar ruas, servir de criados nos cafés e nos restaurantes.

A alimentação do mujique era pobre e pouco variada: pão negro, couves amargas, sopa de couves, trigo mourisco cozido com toucinho, pepinos frescos no verão e salgados no inverno; *kvas* e chá, como bebidas.

Os mujiques aprendiam a ler em casa, nos *Evangelhos* e no *Martirológio*. Conheciam as lendas bíblicas e possuíam um cristianismo arcaico e por vezes mesclado de heresias. Aliás, o camponês russo, se por um lado era paciente, dócil, hospitaleiro e caridoso, por vezes era cobiçoso e desregrado, e a sua verdadeira religião era uma mescla de crenças muito primitivas e pagãs, acreditando em espíritos benéficos e do mal, em feiticeiras, nos gênios das florestas e dos lagos, e em almas do outro mundo. "Os próprios russos não eram unânimes quanto ao caráter desta personagem [o mujique]. Para os eslavófilos, os *naródniki*, o rude invólucro do mujique escondia virtudes generosas, que se desenvolviam mais tarde ou mais cedo, ao sol da liberdade.

Para os ocidentalistas, o mujique era, em contrapartida, um eterno menor, atolado na rotina e no egoísmo, incapaz de colocar o interesse geral acima do interesse particular, hostil a todo o progresso, a toda a modificação, e só respeitando o *nagaika* sibilante dos cossacos. Anjo ou demônio, representava uma força imensa, inacessível, incontrolável. Todos sentiam que o futuro da Rússia teria talvez o rosto estranho dum pequeno mujique de barba loura, nariz achatado, testa baixa e olhar infantil."[51]

## Os operários

A classe operária era constituída por camponeses que deixavam a vida rural e vinham para a cidade trabalhar nas fábricas. Dentre cada família eram os homens os primeiros a vir para a cidade na ânsia dum salário certo, mas, em breve, verificando que os seus ganhos não eram suficientes para si e para enviar à mulher e aos filhos que tinham ficado na aldeia, o operário mandava vir a família para trabalhar a seu lado na fábrica.

Um dos piores problemas que o operário tinha de enfrentar na cidade era o do alojamento. As grandes fábricas tinham ao seu lado prédios enormes, que eram uma espécie de quartéis para civis. Mas as instalações eram miseráveis: desconforto máximo, falta de higiene e uma grande promiscuidade. Havia compartimentos nos andares de alguns prédios onde dormiam vinte ou trinta operários em reles tarimbas de madeira, colocadas lado a lado, ou em estreitos cubículos que abrigavam várias famílias. Aqui tentavam os casais obter redutos discretos, estabelecendo frágeis divisórias com cartões ou trapos pendurados em cordas. Nestes cubículos lavavam também as suas roupas e, como as janelas eram exíguas, o ar era úmido e putrefato.

Isto quanto ao alojamento dos operários das grandes fábricas, porque os de certas pequenas manufaturas, esses dormiam e viviam nos barracões das oficinas, no meio das máquinas, dos ruídos, das águas sujas e dos vapores deletérios.

O regime de trabalho era violento, sujeito a pesadas multas e descontos. Havia algumas leis protetoras e humanitárias, que nem

sempre eram rigorosamente cumpridas. E essas melhorias não tinham sido conseguidas por deliberação espontânea das autoridades ou dos donos das fábricas, mas sim por rebelião dos operários.

O operariado passou a constituir na Rússia do século XIX, como nos outros países da Europa, uma nova classe social "sem lar, sem saudades, sem tradições, que não possuía nada próprio e vivia do dia a dia, perdida na massa anônima dos seus semelhantes".[52]

Mas tinham adquirido assim uma consciência coletiva, unida para a defesa dos seus interesses. Nas grandes cidades organizavam-se círculos clandestinos, muitas vezes dirigidos por intelectuais e por alguns teóricos dos partidos socialistas avançados, que se misturavam ao pessoal destas fábricas preparando a revolta.

## O czar

Sobre toda esta população, segundo se disse já, reinava como senhor absoluto, e muitas vezes também despótico, o czar.

O czar governava por ucasses, isto é, decretos. O Exército e o funcionalismo eram os principais instrumento do absolutismo imperial. Depois das revoluções europeias liberais de 1848, o absolutismo foi ainda reforçado. Existia uma polícia secreta do Estado, a "polícia de segurança" ou *Okhrana*, "que espiava os indivíduos suspeitos e fazia abortar a preparação dos atentados".[53]

## Os intelectuais

Apesar do regime autoritário, existia na Rússia do século XIX uma elite de vida intelectual intensa, que era conhecida sob o nome de *intieligéntsia*, a que pertenciam literatos da categoria de Púchkin, de Gógol, de Turguéniev, Dostoiévski, Tolstói, para citar apenas os maiores. Foi num grupo de jovens que discutiam em comum as obras de Louis Blanc, de Fourier e de Proudhon, que a polícia encontrou o moço Dostoiévski e o prendeu como "conspirador". Perante a verificação da necessidade de uma reforma total da vida social da

Rússia, os homens que faziam parte da *intieligéntsia* dividiram-se em dois grupos, os eslavófilos e os ocidentalistas. Os eslavófilos pensavam, como o czar, que tudo quanto vinha do Oeste era mau e comprometia o gênio nacional do povo russo. “Ortodoxia, autocracia, espírito nacional”, era esse o lema. Os ocidentalistas eram mais numerosos e pensavam que as ideias progressistas do Ocidente poderiam encontrar na Rússia uma aplicação fecunda.

Quando morreu o czar Nicolau I, que foi um soberano rigorosamente autocrata, e lhe sucedeu seu filho Alexandre II (1855-1881 — Dostoiévski morre em 1881) houve um incremento nos grupos liberais. O grupo de *intieligéntsia* discutia acaloradamente os problemas sociais. A primeira grande reforma que saiu destes movimentos e discussões foi a abolição da servidão (1861) que, apesar do seu alcance social e das enormes transformações que provocou na Rússia, não satisfez os camponeses, como vimos. Além disso a população crescia e a terra não chegava já para o sustento dos camponeses, muitos dos quais, libertados, vieram para as cidades engrossar a população operária.

Além dos problemas internos, a Rússia tinha ainda de contar com certos outros problemas, como os que derivavam de conter no seu império povos submetidos, os polacos, por exemplo, que se revoltaram em 1830 e em 1863. E, com o contragolpe, a insurreição polaca (que tinha sido dominada) despertou o nacionalismo russo. Os eslavófilos aproveitaram-se dele para retomar o seu papel preponderante e o governo voltou às medidas de opressão e arbitrariedade.

Então passaram os ocidentalistas para o socialismo revolucionário, para o anarquismo e para o niilismo. O niilismo tendia a não aceitar tudo o que era tradição, autoridade e conservador no ponto de vista político-social. Os revolucionários recrutavam-se sobretudo entre a classe dos estudantes universitários, os quais, não encontrando carreiras abertas quando terminavam os estudos, formavam uma classe de desclassificados e passavam a fazer parte de sociedades secretas que tentaram algumas revoltas.

É este o ambiente pré-revolucionário, o ambiente cuja influência transparece na alma dum Raskólhnikov, o herói de *Crime e castigo*, e

na trama de *Os demônios*, o ambiente em que viveu Dostoiévski.

## As grandes instituições

### A máquina administrativa

O império russo, no século XIX, estava dividido em 78 governos e 18 províncias ou regiões, isto é, territórios que, pelo seu afastamento ou originalidade de instituições, viviam sob regime especial. Havia quatro cidades diretamente subordinadas ao poder central, chamadas "cidades de prefeitura", entre elas Petersburgo e Sebastópol. Os governos estavam divididos em distritos (*uiesd*), que, por sua vez, se subdividiam em cidades e comunas.

À frente de cada governo estava um governador, representando o poder central: promulgava as leis, dirigia a sua execução, vigiava as instituições administrativas, da polícia e da assistência pública.

Em cada distrito estava colocado um chefe de polícia ou *isprávnik*, que dirigia outros funcionários do mesmo organismo.

Além dos representantes da administração central, havia em cada governo e em cada distrito assembleias eleitas ou *ziémstvo*, que se ocupavam dos interesses econômicos e agrícolas da região.

Para ser eleitor era necessário ter nacionalidade russa, vinte e cinco anos de idade e representar um censo que diferia conforme cada uma das três categorias de eleitores: nobres, habitantes das cidades e camponeses. A população do distrito elegia os seus deputados (*glásnei*), conforme a sua categoria (nobres, comerciantes, mujiques). O *ziémstvo* do distrito reunia-se habitualmente uma vez por ano e discutia os assuntos locais, sob a presidência do marechal da nobreza do distrito.

Havia também um *ziémstvo* da província ou de governo.

A administração das cidades estava confiada (desde 1870) a um conselho municipal (*Gorodskaia Duma*) eleito pelos mais importantes

habitantes da cidade, proprietários de imóveis, comerciantes, industriais, tudo gente rica.

A classe dos camponeses dividia-se em comunas. Para administrar os seus negócios, os camponeses formavam uma assembleia cantonal, a *vólost*.[54]

As autoridades municipais da comuna da aldeia eram o conselho (*mir* ou *skhod*) e o seu representante, o *stárosta*, o antigo, o mais velho. O *mir*, composto de todos os chefes da família da comuna, deliberava sobre os impostos, a admissão de novos membros, as crianças menores, as escolas rurais, a assistência aos pobres, a repartição das terras nas regiões submetidas ao regime de posse de terras em comum etc. A assembleia cantonal, a *vólost*, reunia-se sob a presidência do *starchiná* ou decano. Esta assembleia regulava todos os assuntos que dissessem respeito às necessidades econômicas e sociais da *vólost*.

*Uma aldeia siberiana no século XIX.*

Todas estas disposições davam uma aparência de autonomia à administração provincial e comunal, mas, a partir da lei de 12 de junho de 1889, com a criação dos chefes de cantão, com o aumento dos representantes da nobreza em relação ao número de deputados das outras classes, e com a restrição das atribuições dos membros dos governos e dos distritos, essa autonomia ficou de fato muito combalida.

Os chefes de cantão só tinham acima deles: o czar, de poder ilimitado consagrado pela Igreja, o Conselho do Império, formado por todos os ministros e alguns dignatários poderosos, cujo papel era o de

sancionar as leis, a Comissão dos Ministros, que preparava as medidas legislativas, o Mui Santo Sínodo, encarregado de velar pela vida religiosa da nação, e o Senado, cuja competência se estendia à publicação de ucasses ou decretos, à confirmação dos títulos de nobreza, à fixação dos limites de propriedade territorial e ao julgamento em cassação das questões civis e criminais.

Esta organização só era estritamente aplicada nos trinta e quatro governos que constituíam o núcleo da Rússia. Para os territórios de raça e civilização diferentes, tinha sido criada uma administração especial.

Toda esta máquina política e administrativa era sustentada por uma forte polícia, que tinha também a sua hierarquia.

Além dessa polícia, a que podíamos chamar a Polícia de Segurança Pública e a Polícia Judiciária, havia também a polícia política secreta ou *Okhrana*. O papel da *Okhrana* era, como já dissemos, o de espiar os indivíduos politicamente suspeitos e fazer abortar a preparação dos atentados. A repressão não era da sua competência. A *Okhrana* nunca executava os seus presos. As condenações à morte eram todas pronunciadas pelos tribunais regulares.

A *Okhrana* vigiava também a correspondência dos particulares.

## A JUSTIÇA

Antes da reforma de Alexandre II, filho de Nicolau I, a organização judiciária russa era muito primitiva, os tribunais não tinham independência e o processo era secreto.

Mas com essa reforma o poder executivo separou-se do poder legislativo, os debates tornaram-se públicos, os crimes mais graves foram submetidos à deliberação de um júri, os tribunais de paz estatuíam sobre questões de menor importância, os processos foram simplificados.

O sistema judiciário ficou compreendendo assim duas espécies de

jurisdições: por um lado, a dos tribunais de paz, por outro lado, a dos tribunais comuns.

Acima destes tribunais existia o Senado, que era um tribunal de Cassação e dirigia a justiça de todo o império.

Os juízes de paz julgavam os litígios sem gravidade e eram eleitos pelo *ziémstvo* do distrito; conheciam a população local, os seus usos e costumes. Tinham a obrigação de ser instruídos e de possuírem fortuna. O processo era simples e conciliador. Os debates eram sempre públicos, sem aparato, o juiz não usava toga nem uniforme.

Ao lado da justiça de paz existia a magistratura ordinária, que tratava de questões mais graves do que as que estavam a cargo dos juízes de paz. Os magistrados destes tribunais usavam uniforme, os advogados fraque. Os debates eram sempre públicos, rodeavam-se de um brilho espetacular. Enquanto os juízes de paz eram eleitos, os juízes ordinários eram escolhidos entre os juristas e nomeados pelo imperador. O governo era senhor da sua promoção e transferência.

Havia duas instâncias nos tribunais ordinários: o Tribunal de Circunscrição, que cobria com a sua jurisdição toda a província e o Tribunal de Justiça, cuja competência se estendia a diversas províncias.

O Senado, erigido em Tribunal de Cassação, não conhecia os litígios em toda a sua extensão. Examinava as sentenças dos tribunais de circunscrição, sob o aspecto de forma e de interpretação da lei. Se achava necessário anular uma sentença, a questão era por ele mandada a um outro tribunal de apelação.

Além destes, havia na Rússia um certo número de tribunais especiais: tribunais militares, tribunais eclesiásticos, tribunais do comércio, tribunais de camponeses, chamados tribunais de cantões, e os tribunais alógenos, encarregados de aplicar, em certas regiões, o direito consuetudinário.

Perante os tribunais ordinários, a defesa dos particulares era geralmente assegurada por advogados ajuramentados. Para o estabelecimento regular das atas, dos contratos e das convenções entre

as partes, existiam notários. Mas a Rússia não conhecia a instituição dos solicitadores. Os grandes advogados russos ganhavam fortunas e gozavam de grande consideração junto do público.

Antes da reforma de Alexandre II, a instrução dos processos criminais estava confiada à polícia, que usava da violência para obter as confissões dos suspeitos. Em 1860 apareceram os juízes de instrução.

A lei de 1864 introduziu na Rússia o júri. Para ser jurado era necessário possuir cerca de 109 hectares de terra, ou um prédio de dois mil ou de mil rublos, conforme as cidades onde se encontrava, ou de 500 rublos nas outras localidades, ou ter um rendimento ou um ordenado de 500 rublos nas capitais ou de 200 rublos nos outros lugares.

*

O *knut* foi proibido desde os primeiros anos de reinado de Nicolau I; um decreto de 1863 tinha suprimido também as vergastadas a que o servo russo estivera sujeito durante séculos. Entretanto, nas regiões mais afastadas do império, continuaram em uso os castigos corporais.

A pena capital foi abolida em 1753 pela imperatriz Isabel. Só em caso de atentado contra a vida dos soberanos ou contra a segurança do Estado se mantinha esta pena. Para os crimes políticos secundários, a pena de morte era geralmente substituída pela deportação e pelos trabalhos forçados.

Em 1878 ainda passavam às centenas no Ural hordas inteiras de condenados políticos e presos de direito comum, de pés agrilhoados, condenados a trabalhos forçados na Sibéria.

Estes deportados dividiam-se em duas grandes classes: os presidiários propriamente ditos, e os condenados a uma pena mais leve, os colonos forçados. Os presidiários eram empregados nas tarefas mais duras nas minas. Sofriam maus-tratos de todo gênero, eram mal alimentados, atacados por muitas doenças. Trabalhavam também nas fábricas, nas salinas, nas pedreiras e na construção de estradas. Só

ficavam retidos nas penitenciárias durante a primeira quarta parte do tempo da pena. Depois passavam à categoria de colonos forçados e tinham o direito de se alojar nas proximidades do edifício, com a condição de se apresentarem diariamente, para vigilância, às autoridades do presídio.

Para os deportados simples, a disciplina era menos rigorosa. Apenas estavam submetidos à obrigação de não abandonar a residência que lhes tinha sido fixada. Os que tinham alguns rendimentos, alugavam uma casa; outros ganhavam a vida exercendo o seu antigo ofício ou oferecendo os seus serviços nas fábricas etc.

Havia muitos destes condenados, tanto colonos como presidiários, que fugiam, apesar da vigilância dos guardas, e erravam pelas estepes e pelas florestas geladas da Sibéria. Roubavam, mendigavam, assaltavam e assassinavam, se fosse preciso.

Mas, sobre a vida destes deportados, destes presidiários e destes fugitivos, o leitor encontrará a mais empolgante das descrições nas admiráveis *Memórias da casa dos mortos*, pois Dostoiévski também foi presidiário, condenado a trabalhos forçados na Sibéria.

*Uma muda de posta na Sibéria, no século XIX.*

## A Igreja Ortodoxa

A Rússia foi evangelizada nos fins do século X por monges gregos e, durante algum tempo, reconheceu a supremacia dos patriarcas de Constantinopla, até que o metropolita de Moscou se torna o senhor da hierarquia eclesiástica russa.

Em 1721, Pedro, o Grande funda o Santo Sínodo, corporação encarregada da direção dos negócios religiosos, composta pelos altos dignitários do clero regular, que serão daqui por diante nomeados pelo czar. A religião ortodoxa passa assim a ser a religião do Estado.

A principal diferença entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, estabelecida no sétimo concílio ecumênico de Niceia, realizado no século VIII, deriva da supressão da fórmula *e do Filho*, contida na oração da Igreja Católica: "Creio no Espírito Santo… que procede do Pai e do Filho", expressão esta que não se encontra também no *Evangelho segundo São João*. O texto do Concílio de Niceia diz apenas: "Creio no Espírito Santo que procede do Pai".

Os ortodoxos deixaram também de reconhecer a infabilidade do papa e não admitiam igualmente a concepção do Purgatório nem as Indulgências; admitem o casamento dos padres, mas não dos bispos, condenam o emprego do pão ázimo, sem fermento, para a celebração da missa, e batizam por imersão e não lançando água sobre a cabeça. A comunhão dos fiéis é feita sob duas espécies, de pão e de vinho (pão ensopado em vinho).

As igrejas eram ricamente decoradas com ouro, tetos pintados, mármores e numerosos candelabros. Não havia estátuas nem altos-relevos, que foram substituídos por imagens pintadas, os ícones, permitidos pelo sétimo concílio de Niceia, os quais não eram apenas a representação dos santos ou seres divinos, considerava-se que existia uma relação mística real entre a imagem e seu modelo. Assim, a veneração dos fiéis era dirigida, não aos ícones, mas sim àqueles que eles representavam. Os russos demonstravam fervorosamente a sua devoção diante destes ícones, com genuflexões, ósculos, círios acesos. Estes ícones eram levados pelos soldados para a guerra, e havia alguns de especial e popular devoção. Havia também numerosas reproduções em todas as casas particulares, das quais, algumas tinham um oratório privativo, repleto de inúmeros ícones. Muitos atos familiares eram praticados sob os olhares destas imagens.

Os russos usavam a água benta, a persignação, e as bênçãos; havia grande número de dias festivos, dos quais o mais importante era a Páscoa, que era alegremente celebrada; havia também dias de

abstinência (havia quatro quaresmas), missas, cânticos religiosos em coro, muito apreciados, e grande número de santos (o número de santos russos canonizados é cerca de 385), e existia também o culto das relíquias.

Fenômeno religioso curioso era o de grande número de peregrinos (*bogomólietsi*) que andavam a esmolar pelas estradas.

Além da religião ortodoxa, que era, como dissemos, a religião do Estado, existiam também na Rússia czarista alguns milhões de católicos e de protestantes; e havia ainda fiéis de culto armênio-georgiano, hebraico, maometano, bramânico, e também pagãos. Existiam muitas seitas, das quais a mais importante era dos *staroviéri*, ou Velhos Crentes, que eram verdadeiros cismáticos.

Formaram-se estes cismáticos no século XVII, quando o patriarca Nikon ordenou a revisão da liturgia e introduziu certas inovações no culto. Os Velhos Crentes não aceitaram tais inovações e pretenderam manter a pureza dos primitivos ritos cristãos. Passaram, assim, a ser perseguidos pelo poder central, porque a sua força associativa era, até certo ponto, um elemento de desagregação relativamente à ação centralizadora do czar. As suas associações tornaram-se tão fortes que havia regiões quase por completo sujeitas ao domínio econômico dos *staroviéri*. É, pois, à luz do seu significado político-econômico, e não apenas religioso, que se deve encarar a formação destas seitas, bem como o da existência de grande número de peregrinos, quase sempre mujiques velhos e miseráveis que abandonavam o trabalho ingrato dos campos.

O clero ortodoxo estava dividido em clero secular ou branco, e clero monástico ou negro. O clero monástico fazia voto de celibato e era no seu seio que se recrutavam os altos dignitários da Igreja; o clero secular fornecia os padres das paróquias, que tinham a obrigação de se casar.

Havia três graus no clero monástico: os monges, os padres-monges e os bispos. Os monges e os padres-monges viviam em conventos. Estavam integrados numa hierarquia: *pósluchniki* (irmãos-conversos ou noviços), que faziam um longo período de estudos e

espera, antes de tomarem votos definitivos para serem monges (*monákhi*). Os sacerdotes monacais começavam por ser diáconos (*ierodiákoni*), depois padres-monges (ieromonakhi), e chegavam finalmente a arkhimandrit (grau intermediário entre o bispo e o monge). Só podia ser ordenado arkhimandrit se possuísse um título acadêmico: mestre ou doutor em Teologia. Nos graus superiores da hierarquia eclesiástica encontravam-se os bispos, os arcebispos e os metropolitas. Toda a Rússia estava dividida em eparquias ou dioceses administrativas por um arcebispo (*arkhiepískop*) ou por um bispo (*epískop*). As mais importantes destas eparquias, que eram a de Novgorod e de São Petersburgo, a de Moscou, e a de Kiev, tinham um *mitropolit* à frente. Em cada eparquia funcionava um consistório presidido pelo bispo. O clero secular do campo e das cidades estava sob a dependência absoluta deste alto prelado do clero monástico.

*Monge russo do século XIX.*

O clero secular, ou branco, subdividia-se por sua vez em: 1º *protoieiriéi* (arciprestes); 2º *ieriéi* (padres ou popes); 3º *protodiákon* (arquidiáconos, ligados geralmente ao serviço do bispo); 4º *diakon* (diáconos).

Todos os membros deste clero tinham a obrigação de usar barba,

cabelo comprido e serem casados. O clero paroquial estava submetido ao bispo da diocese. Cada paróquia tinha uma igreja servida por um cura ou pope e um diácono (*diakon*), assistido, por sua vez, por um leitor de saltério (*psalómchtchik*) e um sacristão (*ponomar*).

*Igreja de São Basílio, em Moscou.*

Os curas ou os popes ocupavam lugar social de pouco relevo e eram mal remunerados, ao passo que os monges eram profundamente venerados pelo povo, que os julgava capazes de milagres e ia ao mosteiro pedir-lhes conselhos. Havia um mosteiro, o de Optina Pústin, situado na província de Kaluga, que se tornou muito célebre, pois atraía grande número de peregrinos, devido ao renome extraordinário do seu *stáriets*.

O *stáriets* era quase sempre um monge idoso, que adquirira grande reputação, por suas virtudes e meditações.

O leitor irá encontrar um admirável retrato de um destes *stáriets* no romance *Os irmãos Karamázovi*.

## O EXÉRCITO

O serviço militar passou a ser obrigatório para todos, na Rússia, a partir das reformas de 1874, desde o vinte e um aos quarenta e três anos. Os homens aptos eram inscritos, ou no serviço ativo, ou na reserva. O serviço durava dezoito anos, cinco nas fileiras e treze na reserva e na milícia; na infantaria e na artilharia a pé os homens só passavam quatro anos nas fileiras. Como a população da Rússia era enorme, somente os rapazes escolhidos num sorteio eram incorporados no exército ativo. Os outros só eram chamados, em caso de guerra, por um ucasse do imperador.

Os postos do exército eram equivalentes aos das outras nações europeias e nas suas designações notava-se às vezes a influência alemã: *unteroffizier* (suboficial, sargento), *feldwebel* (sargento maior), *práporchtchik* (alferes), *porútchik* (tenente), *kapitan* (capitão), *podpólkovnik* (tenente-coronel), *pólkovnik* (coronel).

Cada regimento tinha seu coro, pois a arte do canto estava muito espalhada na Rússia, até mesmo no Exército. Na infantaria, os soldados cantavam durante a marcha. Havia também bailarinos de danças populares e tradicionais.

O posto de oficial conhecia-se pelas dragonas. O soldo dos oficiais era modesto, mas tinham bons subsídios de alojamento e alimentação. Havia grande variedade de condecorações e de insígnias. As ordens mais apreciadas eram as de Santo André, reservadas aos membros da família imperial, aos soberanos e aos príncipes estrangeiros e alguns chefes de Estado, a de Santo Alexandre Névski, a de São Vladímir, a da Águia, a de Santa Ana e a de São Estanislau. A cruz de São Jorge só se obtinha por gloriosos feitos de guerra.

Os castigos, para os oficiais, podiam ir desde a detenção simples até a prisão. Para as faltas graves de disciplina ou de honra havia um tribunal especial de oficiais em cada regimento.

Os oficiais da Guarda Imperial tinham de comprar montada à sua própria custa. Para estes oficiais o serviço era tão caro que o seu soldo não chegava a custear todas as despesas. Mas a maior parte destes oficiais possuía uma considerável fortuna pessoal. Também para os grandes regimentos da guarda os uniformes eram mais numerosos,

mais variados e mais ricos do que os dos regimentos ordinários.

O uso do traje civil era severamente proibido aos oficiais, exceto em casos de viagem ao estrangeiro. O czar dava o exemplo e só aparecia em público com o uniforme de general.

A disciplina era rígida, mas havia grande espírito de camaradagem entre os oficiais dum mesmo regimento, e muita humanidade nas relações dos oficiais com os soldados.

O espírito religioso dos russos estendia-se ao Exército. Havia missas campais, e as orações matinais e noturnas eram obrigatórias nos regimentos. Em todos os momentos solenes da vida militar o padre intervinha para elevar a alma do soldado com um ofício religioso. Nos quartéis, havia em cada camarata, o ícone da companhia com a sua lamparina de vidro vermelho. Em caso de guerra os russos levavam sempre consigo alguns ícones sagrados e atribuíam-lhe os êxitos das suas armas. Cada regimento tinha a sua capela.

Os quartéis, nas grandes cidades, eram vastos e bem cuidados.

A alimentação do soldado era abundante, parecida com a alimentação do camponês: pão negro, papas de trigo mourisco, sopa de carne, couves, beterrabas. A bebida era o *kvas*; para as festas havia vodca. Não lhes distribuíam chá, mas cada soldado tinha a sua caixa de chá e ia buscar na cozinha a água fervente de que necessitava.

*

Os oficiais do Exército recebiam a sua preparação especial nas escolas militares. Uma das escolas militares mais famosas era a Escola de Cavalaria de Elisavet-grado. Os alunos desta escola eram cadetes, geralmente pertencentes à nobreza, e chamados *junkers*.

O curso durava dois anos para que os que possuíam já o curso do liceu ou ginásio. Passados dois anos, os *junkers*, se tivessem feito exame final com aproveitamento, eram incorporados nos regimentos com o posto de alferes.

A vida dos alunos das escolas militares obedecia a uma série de tradições comuns e a muitas outras do mesmo gênero da Europa. Os calouros, ou “medíocres animais”, sofriam as brincadeiras e os maus-tratos dos mais antigos, os alferes-honorários, que lhes impunham uma série de obrigações de respeito e obediência servis, de humilhações e proibições, também em público.

O programa de ensino compreendia equitação, volteio, esgrima, ginástica, manobras a pé e exercícios ao ar livre. Nas aulas aprendiam História militar, arte de fortificação, Balística, Topografia, Administração, Hipologia, Mecânica e Química.

A mentalidade destes rapazes era geralmente baixa. As grandes preocupações dos cadetes e dos alferes eram o vinho, os cavalos e as mulheres. Procuravam aventuras amorosas com atrizes, bailarinas e mundanas, consideravam a mulher como um animal de prazer. Acabavam por casar com meninas decentes, filhas de boas famílias e abastadas. Os oficiais da Guarda Imperial que desposassem atrizes eram obrigados a abandonar o regimento e a se rebaixarem a um regimento ordinário. O casamento com mundanas prejudicava a carreira militar.

Terminados os estudos na escola militar, a escolha do regimento fazia-se pela ordem das notas obtidas, o que levantava entre os cadetes grandes disputas. Os bem classificados podiam obter os regimentos que preferiam.

*

*Trenó de renas.*

O termo pajem, entre os russos, designava os alunos oficiais de origem aristocrática. Para que um rapaz pudesse ser admitido no "corpo de pajens" era necessário não só que os pais ou o avô fossem de incontestável nobreza, como também que um ou outro tivesse servido no Exército russo com o posto de general. Era entre estes rapazes que se escolhiam os oficiais dos regimentos da Guarda Imperial. Era um recrutamento quase hereditário, em que os oficiais se sentiam ligados ao seu regimento por tradições familiares.

As crianças eram inscritas no "corpo de pajens", muitas vezes logo à nascença. Entravam para lá aos doze ou treze anos e só saíam depois de cinco anos de curso médio e dois de curso superior. Só então eram colocados num regimento de Guarda.

O uniforme de gala dos pajens era de uma suntuosidade extraordinária: tecido negro e vermelho, com alamares dourados, luvas brancas, capacete com plumas brancas. A instrução militar e a instrução geral eram muito extensas neste estabelecimento destinado a formar a elite guerreira do império.

*Moscou no século XIX, e a ribeira do Moscova.*

Dentre este corpo de pajens formavam-se ainda os *kammerpajens*, ou seja, os pajens da câmara, que se destinavam ao serviço do palácio; cada um deles ficava pessoalmente ligado ao séquito deste ou daquele membro da família imperial.

*

A situação dos cossacos era diferente da dos outros. Em certas regiões, essa condição era hereditária. Recebiam terras para cultivar,

mas tinham de fornecer os cavalos e o equipamento. Havia onze exércitos cossacos, quase todos estabelecidos junto das fronteiras: os cossacos do Don, do Kuban, do Terek, de Astrakan, do Ural, de Oremburgo, da Sibéria, de Siemirietchie do Transbaical, do Amur e de Ussúri, e o esquadrão do Cáucaso da guarda.

O uniforme do cossaco compunha-se de um dólmã largo, calças tufadas, metidas nas botas, e um *papacha*, boné de peles.

Os cossacos circassianos (Kuban e Terek) usavam o dólmã negro (*tchiekmien*), sem colarinho, de mangas largas na extremidade, com um estreito cinto de couro, cartuchos dispostos à esquerda e à direita, sobre o peito; debaixo do dólmã, colete de seda negra, azul ou vermelha, o *biechmiet*; nos ombros um casaco de lã de cabra ou de carneiro, a *burka*. O armamento dos cossacos compunha-se de uma lança muito comprida (*pika*), de um sabre sem copo (*chachka*), e de uma carabina; usavam também um punhal e uma pistola.

Os cossacos eram excelentes em equitação. No trote, não se sentavam, e a parte superior do corpo inclinava-se para a frente; usavam obrigatoriamente uma *nagaika*, ou seja, um chicote de couro.

A sua instrução de cavalaria começava na mais tenra idade; mais tarde aprendiam a *djiguitovka*, conjunto de acrobacias equestres muito apreciadas.

Gozavam de grande liberdade, de autonomia na administração local, de desafogo econômico, o que lhes incutiam o sentimento da dignidade e da coragem.

A cavalaria cossaca, em combate, era sobretudo empregada nos assaltos individuais. A carga especial dos cossacos chamava-se a *lava*, isto é, torrente. “Nesta *lava*, os cossacos dispersavam-se e preparavam o ataque mediante investidas e retiradas, a fim de poderem, quando as circunstâncias lhes parecessem favoráveis, cair sobre o adversário desorganizado e obrigá-lo a uma série de combates isolados à arma branca. Nestes casos, a sua habilidade, mobilidade e coragem operavam maravilhas.”[55]

# Petersburgo no século XIX

Com exceção dos anos da sua infância e adolescência passados ora em Moscou, ora no campo, e daqueles que viveu no presídio siberiano e nas suas viagens ao estrangeiro, ou estadas em estâncias de águas, Dostoiévski viveu quase sempre em Petersburgo, e a maior parte de seus romances passa-se também nesta cidade. Não deixará de ser interessante para o leitor lançar uma vista de olhos sobre o ambiente físico e humano dessa cidade (que já foi Petrogrado, Leningrado e é hoje outra vez São Petersburgo), para, assim, chegar a uma melhor compreensão do meio íntimo, subjetivo, dos romances de Dostoiévski.

"A nova capital da Rússia cintila e brilha aos olhos do estrangeiro pela regularidade, o asseio e o comprimento das ruas, pela imensidade dos palácios, pela beleza das casas e pelos soberbos passeios de granito.

"É sobretudo no inverno que Petersburgo adquire interesse para o viajante. Milhares de trenós ou viaturas montadas sobre patins deslizam rapidamente. Todas as pessoas andam carregadas de peles mais ou menos ricas; o camponês, o mercador russo, o operário retomam seus casacos e capotes e seus altos gorros forrados, tudo muda de aspecto. O Nevá e todos os canais, algumas semanas antes ainda carregados de barcos e de ricos navios, já não levam senão trenós que sobre eles cruzam em todos os sentidos. O frio, que se apodera dos homens e dos cavalos, parece dar asas a todos, e é um espetáculo verdadeiramente fantástico o de Petersburgo, sobretudo numa bela noite de inverno, quando o céu tão límpido do norte acendeu todas as estrelas e quando as ruas e as lojas ricas da Perspectiva Niévski estão iluminadas. Como que se veem então circular sombras nos raios de luz que chegam de todos os lados, o peão apressado, o modesto trenó de aluguel e as suntuosas equipagens dos senhores, com as suas lanternas, cujos faróis correm e se cruzam incessantemente. O barulho, amortecido pela neve, não é mais do que um surdo roçar, quase imperceptível, interrompido de tempos a tempos pelos gritos e pelas pragas dos cocheiros.

"Como o verão é muito curto, todos os senhores o vão passar, uns

nas suas terras, outros nas ricas casas de campo que possuem nos arredores de Petersburgo. É para as ilhas[56] que vão os mais ricos senhores. Ainda há cem anos estas ilhas não eram mais de que pântanos ou dunas formados pelo Nevá na sua embocadura do golfo da Finlândia; mas o tempo fez delas um lugar de delícias para a volutuosa indolência dos grandes. Cortadas de canais, sulcadas sem cessar por barcos de cores variadas, unidas entre si por pontes elegantes, semeadas de *cottages* brilhantes de frescura e de graciosidade, estas ilhas, durante o mês de junho, em que a natureza despertando de repente parece querer compensar-se do seu longo silêncio, são bem a estância mais deliciosa que se pode sonhar sobre a Terra. Além disso, cada casa é rodeada das mais raras plantas exóticas, conservadas durante nove meses, com grande despesa, em estufas que são as mais ricas do mundo, depois das de Moscou…

"Entre as construções mais curiosas de Petersburgo é preciso citar o Palácio de Inverno, assim chamado porque serve de residência à Corte durante esta estação…

"Um pouco acima do Palácio de Inverno fica o Ermitage[57], outro palácio onde está reunida a mais rica coleção de quadros da Rússia. Mais acima ainda encontra-se o Jardim de Verão, cuja grade de ferro é de uma grande magnificência.

"À frente do Palácio de Inverno, do outro lado do Nevá, sobre uma ilha formada pelo grande e pelo pequeno Nevá, eleva-se a sombria fortaleza onde se encerram os prisioneiros do Estado e onde repousam as cinzas dos soberanos…

"Esta é a fisionomia exterior da capital russa. A fisionomia moral é igualmente magnífica, segundo as descrições da época.

"Sede da corte mais fastosa da Europa, coração do mais vasto império da Terra, onde se encontram as forças de meio hemisfério, habitado por todos os grandes funcionários russos, possuindo no seu perímetro corporações científicas de todo o gênero, escolas militares para todas as armas, uma guarnição militar cujos chefes são a flor da sociedade russa, Petersburgo é, sem contradição, uma das cidades mais suntuosas da Europa. Juntemos a todos estes elementos de

grandeza e de prosperidade a atividade dum porto muito comercial, um afluxo imenso de estrangeiros atraídos e retidos pelo amor do lucro, as relações tão ativas do corpo diplomático com todas as regiões do globo…

"Se Lion teme o Ródano, Petersburgo não teme menos o Nevá, que, no entanto, é causa das riquezas. No inverno… as suas águas inundam a cidade e ameaçam-na de uma destruição completa… E, entretanto, o temor de semelhante catástrofe não afasta ninguém da cidade. Desde o mês de novembro, e algumas vezes até em outubro, o Nevá está gelado a dois pés de profundidade e, apesar da rapidez do seu curso, a navegação está fechada até o meio de abril. Em dezembro e no começo de janeiro o sol não aparece acima do horizonte senão às onze horas; o seu disco é de um vermelho sangrento, sempre envolto em nevoeiros, e os seus raios pálidos e oblíquos são completamente privados de calor. Às noves horas da manhã ainda é necessário estar de luz acesa, e às três horas já as lojas estão iluminadas. Em compensação, a última metade de junho é constantemente iluminada, e faz de quinze dias um só dia sem noite. Nada mais estranho do que Petersburgo nesta época, às duas horas da manhã. As ruas estão desertas, as lojas fechadas, o silêncio reina por todo o lado e, no entanto, o dia vai já avançado; julgamo-nos transportados a uma cidade encantada, em que uma varinha de feiticeiro tivesse tocado de morte todos os habitantes no meio do seu sono."[58]

Talvez o leitor da novela *Noites brancas* volte a lembrar-se destas descrições, ainda completadas com outra, extraída de uma obra mais recente,[59] escrita por um autor que é também um dos melhores biógrafos de Dostoiévski, e sobre o qual nos temos já apoiado para a elaboração desta introdução acerca do povo russo.

Como se sabe, Petersburgo fica situada no fundo do golfo da Finlândia, numa região coberta de lagos. Quem viajasse de trem, de Moscou a Petersburgo, veria desfilar diante de seus olhos esta paisagem:

"Planícies nuas, pequenos bosques de folhagem mísera, charcos glaucos e sombrias turfeiras. As aldeias estavam semiafogadas em lama. As estradas eram rastros de lodo acastanhado, esburacadas pelas

rodas dos carros, cortadas por poças.

“À medida que o trem se ia aproximando de Tver[60], a paisagem tornava-se ainda mais desolada:

“A planície imensa, troncos de árvores no local das florestas que haviam sido abatidas, emaranhados de canais cheios de água suja e de xistos gordurosos, e, a toda a volta, tijolos de turfa negra, dispostos em forma de urna. Seguidamente apareciam os pinheiros copados e bétulas de troncos brancos como ossadas secas. Nos prados elevavam-se cabanas de troncos, sem janelas, para a conservação do feno. À volta dum poço agrupavam-se casas. Eram de madeira, de alto a baixo. Uma igrejinha rústica, sem janelas, com a sua cúpula azul estrelada de ouro… E outra vez os pântanos.

“Petersburgo foi construída por ordem de Pedro, o Grande, numa planície esponjosa e ensopada, na embocadura do Nievá. Erguia-se aí, outrora, uma fortaleza sueca. O imperador mandou arrasá-la em 1702. No ano seguinte, em 1703, era lançada a primeira pedra da nova capital russa, que se destinava a ser, segundo ele pensava, uma janela aberta para o Ocidente. A sua ambição era construir uma cidade tão rapidamente como se constrói uma casa.

*A Perspectiva Niévski, em Petersburgo, no século XIX.*

“Quarenta mil operários foram empregados à força nesta tarefa sobre-humana, num clima doentio. O solo era tão mole que tinham que trazer de longe, em sacos, a terra necessária para os alicerces… A maior parte dos edifícios foi construída em cima de estacas. Para secar os pântanos cavaram-se canais que partiam do rio e a ele voltavam. A

acumulação de trabalhadores era tal que lhes faltavam o alojamento e a alimentação. Os menos robustos morriam à míngua de cuidados. Chegavam outros, em grupos, dos confins do império… Um ucasse ordenara que 350 famílias nobres e outras tantas famílias de mercadores e artífices se domiciliassem em Petersburgo e aí construíssem as suas moradas conforme os projetos já concebidos e aprovados pelo czar. Ele próprio lá se instalou, a partir de 1703, numa modesta residência, enquanto esperava que o palácio de verão estivesse pronto.

"A cidade foi solenemente elevada à categoria de residência da corte em 1712… Depois, começando Petersburgo a engrandecer e embelezar-se, afluíram 'voluntários' aos milhares para fazerem fortuna nos negócios ou na administração. Agora, nesta estranha região, em que o céu era verde-pálido, em que a relva fraca se misturava com a urze e o musgo, em que dominavam o pinheiro eriçado e o triste larício, em que as exalações das águas mortas enchiam o ar de umidade, entravam nas casas, impregnavam os homens até à medula, elevava-se uma cidade artificial, sistemática e fria. Aí viviam um milhão e quinhentos mil habitantes à sombra do soberano. Todos os ministérios, todas as administrações estavam reunidos neste canto da Terra nevoenta… de onde, desde Pedro, o Grande… a dinastia de Romanov governava o país… desta Petersburgo com avenidas em linha reta, o seu nevoeiro, os seus uniformes, a sua altivez e a sua papelada…"

Continuemos a acompanhar Henri Troyat na sua vívida evocação de Petersburgo no século XIX, entremos com ele no coração da cidade e reconheçamos tantos dos nomes das ruas, locais ou monumentos, que nos surgem nos romances de Dostoiévski; meditemos também um pouco sobre a influência que esta cidade úmida e nevoenta teria tido nos ambientes um tanto lúgubres e até "tétricos" do nosso romancista:

"Petersburgo parecia sair, gotejante, de um charco profundo. Úmidos rastos impregnavam as parede. No ar flutuava um cheiro estranho a fumo, podridão, sal marinho e fenol. As ruas eram largas, retilíneas, sem uma árvore, uma sebe. Por toda parte, fachadas de pedra de imponentes dimensões. Nos passeios, os transeuntes desfilavam lado a lado, com o mesmo ar automático. Guarda-chuvas

negros oscilavam acima das cabeças. As fisionomias eram pálidas, preocupadas. Não se passeava, não se olhava para as vitrines, não se parava para trocar algumas palavras com um desconhecido, andava-se para a frente como se se fosse arrastado por uma ideia fixa. Carros de rodas forradas de borracha rolavam silenciosamente sobre o pavimento molhado e faziam espirrar jatos de água suja quando atravessavam as poças.

"A Perspectiva Niévski… desenrolava-se numa extensão de quatro quilômetros[61]. Esta via triunfal estava ladeada de palácios, igrejas, edifícios administrativos e lojas: o palácio Ânitchikov, a biblioteca imperial, o Gostíni Dvor, espécie de galeria abobadada com as suas lojas baixas, sob as arcadas, e a sua multidão de compradores, a *Duma* municipal com os seus degraus de granito, e a catedral de Kazan com a sua colunata imitada de São Pedro de Roma…

"A Grande Morskaia, com as suas lojas de luxo, casas e vilas particulares e restaurantes da moda, era o local de reunião das elegantes de Petersburgo… A Grande Morskaia desembocava numa imensa praça, ou, mais exatamente, em duas praças juntas, uma das quais rodeava o Conselho do Império e a outra a esmagadora catedral de Santo Isaac, construída em mármore e granito, ornada de colunas monolíticas e encimadas de cúpulas de ouro…

"Na margem setentrional [do Nievá] a catedral de São Pedro e de São Paulo, de campanário encimado por uma delgada agulha de ouro, dominava os muros sinistros da fortaleza. Esta margem setentrional estava dividida em numerosas ilhas pelos braços que se destacavam do rio. A primeira das ilhas era ocupada pela fortaleza de São Pedro e de São Paulo, prisão de células úmidas, onde — como tantos outros presos políticos — Dostoiévski passara alguns meses à espera de ser julgado e mandado, de correntes nos pés, para a Sibéria. Na segunda ilha, Vassiliévski Óstrov, elevavam-se os edifícios da Universidade, da Academia das Ciências, da Academia de Belas-Artes, da Academia da Marinha, da Academia das Minas, e diferentes estabelecimentos escolares… Aqui uma juventude uniformizada, grave, preocupada e geralmente pobre,[62] vivia no tédio das avenidas retilíneas e das casernas suntuosas construídas pelos imperadores para a educação dos seus melhores vassalos. Ao norte alinhavam-se ilhas mais pequenas e

menos povoadas: a ilha dos boticários, com o seu Jardim botânico, a ilha Kámieni… o Teatro de Verão e ricas vivendas, a ilha Krestóvski, com o seu castelo, os seus jardins e o seu *yatchclub* fluvial, a ilha Pietróski, preferida por Pedro, o Grande, e cujo parque fora arranjado de acordo com as suas diretrizes…

*As margens no Nievá, em Petersburgo, no século XIX e uma troica.*

"No verão… todas estas ilhas verdejantes eram invadidas pelos citadinos ávidos de espaço e de frescura[63]. Nos pequenos bosques abriam-se restaurantes, esplanadas com música, cafés-concerto. O ar marulhava com o sussurro contínuo de canções e de risadas. A multidão juntava-se para ver o pôr do sol no golfo finlandês, a ocidente, e o seu renascer quase imediato, a oriente, na cercadura das cores matinais. Era a estação das noites brancas…

"Mas Petesburgo estendia a sua vilegiatura muito para além destas ilhas, até Peterhof, Gátchina, Pavlovsk, Tsarskoie Seló…[64]

"As paredes do Palácio de Inverno alongavam-se a perder de vista: eram de cor ocre acastanhada e sobrecarregadas com ornamentos e estátuas. Depois, seguia-se o palácio do Eremitério… e outros palácios e residências pertencentes às principais famílias da nobreza russa… Altos dignitários, de uniformes constelados de condecorações, grandes senhoras, toucadas de diademas, viviam atrás das janelas [desses palácios]…

**1** Rafael Cansinos Assens: *Introducción a las Obras completas de Fiódor M. Dostoiévski*, Aguillar, Madrid.↩

**2** Henri Troyat: *A vida de Dostoiévski*, Estúdios Cor, Lisboa.↩

**3** Henri Troyat, op. cit.↩

**4** H. Troyat, op. cit.↩

**5** S. Freud: *Dostoiévski e o parricídio*, publicado em francês in *Dostoiévski*, por Anna Grigórievna, Gallimard, Paris.↩

**6** H. Troyat, op. cit.↩

**7** H. Troyat, op. cit.↩

**8** H. Troyat, op. cit.↩

**9** Carta ao irmão.↩

**10** A senhora Fonvízin, que lhe oferecera um *Evangelho*, quando passara em Tobolsk, a caminho de Omsk, o lugar do presídio siberiano onde cumpriu a sua pena.↩

**11** H. Troyat, op. cit.↩

**12** H. Troyat, op. cit.↩

**13** H. Troyat, op. cit.↩

**14** Anna Grigórievna, *Recordações da minha vida*. Em francês, *Dostoiévski, Gallimard*, Paris.↩

**15** H.Troyat, op. cit.↩

**16** H.Troyat, op. cit.↩

**17** H. Troyat, op. cit.↩

**18** H. Troyat, op. cit.↩

**19** H. Troyat, op. cit.↩

**20** Numa das suas viagens à Europa, Dostoiévski percorreu alguns países em companhia de Strákhov.↩

**21** Anna Grigórievna, *Memórias da minha vida*.↩

**22** Stefan Zweig, *Dostoiévski*, Rieder, Paris.↩

**23** H. Troyat, op. cit.↩

**24** Stefan Zweig, op. cit.↩

**25** Stefan Zweig, op. cit.↩

**26** Stefan Zweig, op. cit.↩

**27** Stefan Zweig, op. cit.↩

**28** Stefan Zweig, op. cit.↩

**29** N. Bierdiáiev. *O espírito de Dostoiévski*, Pan-Americana, Rio de Janeiro.↩

**30** N. Bierdiáiev. *O espírito de Dostoiévski*, Pan-Americana, Rio de Janeiro.↩

**31** N. Bierdiáiev. *O espírito de Dostoiévski*, Pan-Americana, Rio de Janeiro.↩

**32** Stefan Zweig, op. cit.↩

**33** Nóvgorod Vieliki = Cidade Nova-a-Grande.↩

**34** Ou Kiev-Nóvgorod Sieversk. Existem na Rússia no mínimo três cidades com o nome de Nóvgorod; Nóvgorod-Vieliki, sobre o rio Volkov, entre o lago Ilman e S. Petersburgo; Nóvgorod-Sieversk, sobre o rio Desna, ao leste de Kiev; e Níjni Nóvgorod, na confluência do rio Moscova com o Volga ao leste de Moscou.↩

**35** Ministério de Ed. e Cultura, Depto. Nac. de Ed.: *Atlas histórico escolar*.↩

**36** Ministério de Ed. e Cultura, Depto. Nac. de Ed.: *Atlas histórico escolar*.↩

**37** Ministério de Ed. e Cultura, Depto. Nac. de Ed.: *Atlas histórico escolar*.↩

**38** Ministério de Ed. e Cultura, Depto. Nac. de Ed.: *Atlas histórico escolar*.↩

**39** Guénin: *La Russie*, 1990.↩

**40** Jacques Pirenne: *Les grands courants de l'Histoire Universelle*.↩

**41** Jacques Pirenne: *Les grands courants de l'Histoire Universelle*.↩

**42** Ministério da Educação e Cultura: op. cit.↩

**43** Caviar, em russo, diz-se *ikra*.↩

**44** J. Pirenne, op. cit.↩

**45** J. Pirenne, op. cit.↩

**46** O senhor Goliádkin, a personagem do romance *O duplo*, era conselheiro titular.↩

**47** Henri Troyat: *A vida na Rússia no tempo do último czar*.↩

**48** Henri Troyat, op. cit.↩

**49** Banhos turcos, ou finlandeses, atualmente estendendo-se no Ocidente sob a denominação finlandesa de *sauna*.↩

**50** H. Troyat, op. cit.↩

**51** H. Troyat, op. cit.↩

**52** H. Troyat, op. cit.↩

**53** H. Troyat, op. cit.↩

**54** Uma lei de 1889 introduziu os chefes de cantão (*ziêmskie natchálhniki*).↩

**55** H. Troyat, op. cit.↩

**56** As "ilhas" designam o grupo de ilhas Pietróvski, Kriestróvski, Kámieni, apreciadas pelos petersburgueses por causa dos seus espaços verdes e das suas casas de campo.↩

**57** Ou Eremitério (palácio do).↩

**58** *Bulletin de La Societé de Geografie*, [da França], *troisième série*, *tome second*, *Paris*.↩

**59** H. Troyat, *A vida de Dostoiévski*, Estudios Cor., Lisboa.↩

**60** Cidade onde Dostoiévski viveu algum tempo, ao regressar da Sibéria.↩

**61** E tinha trinta e cinco metros de largura.↩

**62** Atentemos em todos os estudantes pobres que perpassam na obra de Dostoiévski.↩

**63** Local próximo do centro de Petersburgo, onde a gente rica ia passar o verão. Repare o leitor no princípio da novela *Noites Brancas*, em que Dostoiévski alude a esta fuga da população veraneante para as ilhas.↩

**64** Lugar de vilegiatura e residência imperial, 24 km ao sul de Petersburgo.↩

# NOVELAS DA JUVENTUDE

Pobre gente

O duplo

O senhor Prokhártchin

A dona da casa

Um romance em nove cartas

Polzunkov

Coração frágil

O ladrão honrado

A mulher alheia e o homem debaixo da cama

Uma árvore de Natal

Noites brancas

Niétotchka Niezvânova

O pequeno herói

O sonho do tio

A granja de Stiepântchikovo

# Prólogo geral

## Características ideológicas e formais

Este primeiro volume da obra completa de Dostoiévski reúne toda a sua obra da juventude, exceto o romance *Humilhados e ofendidos*, que, sem apresentar ainda as características dos grandes romances da maturidade, inicia, entretanto, o segundo volume.

São as características ideológicas e formais destes contos, novelas e romances da juventude que vamos procurar analisar.

Apontaremos desde já que um dos aspectos fundamentais desta obra é o de apresentar certos temas que vão sofrendo um desenvolvimento progressivo, a partir de uma condensação nebulosa inicial. É todo um processo de conscientização gradual, uma explicitação de certos problemas que parece só poderem encontrar a plena clareza, precisamente depois de todas as tentativas anteriores. Talvez seja possível traçar até uma árvore genealógica de cada personagem, que os romances posteriores estão sempre implícitos nos anteriores, que todos os problemas apresentados vão tendendo infinitamente para uma solução, e que, por vezes, cada livro representa uma nova maneira de por certo problema, determinada por um ou pelos vários caminhos que podem escolher-se para sua solução.

A primeira obra que Dostoiévski publicou foi, como vimos, o romance *Pobre gente*, escrito aos vinte e cinco anos, e que teve o acolhimento triunfal do crítico Bielínski e do poeta Niekrássov.

## Pobre gente

Neste romance são dadas, embora de maneira embrionária, muitas das figuras e dos quadros típicos que vão surgir não só nestas obras da juventude como em toda a sua obra. A personagem principal é um modesto funcionário burocrático, escriturário ou copista, já velho, que vive numa pensão barata, em companhia de gente humilde,

outros modestos funcionários, como ele, militares de baixa patente, um desempregado e um escritor de terceira categoria.

O enredo é simples. O velho Makar corresponde-se por cartas com uma jovem, Várienhka, sua parente afastada. Assim, estas duas criaturas que estão sozinhas no mundo, sem carinhos de ninguém, desprotegidas e humildes na sociedade, se prestam mutuamente amparo moral e até auxílio material, na medida das suas modestíssimas posses; trocam desabafos de infortúnios, comunicam-se alegrias, e contam a história do seu passado. Um dia surge um pretendente à mão de Várienhka. Trata-se de um homem mais velho do que ela, mas proprietário rural afortunado. A moça aceita a proposta de casamento para se livrar da miséria, e parte deixando o pobre Makar mergulhado na sua velhice solitária e miserável.

Poderia parecer que os protagonistas principais são dois, mas verdadeiramente é só um, o velho escriturário, pois Várienhka é incaracterística, é quase só um pretexto para dar lugar à exibição do caráter do velho.

Dois aspectos sobressaem no caráter de Makar: um, o seu aspecto pessoal, íntimo, a bondade inata, a ternura, o amor do próximo, a ânsia de abnegação e de sacrifício; este é o seu fundo humano, ao qual se sobrepõe um outro aspecto que lhe é dado pelo meio social em que se acha inserido: a humildade, a consciência dessa própria humildade, a credulidade ingênua na superioridade dos chefes burocráticos, o pudor do seu próprio aspecto ridículo (cena do botão no gabinete de Sua Excelência, a vergonha de trazer as botas rotas).

Ao lado dos dois protagonistas surgem, ou perpassam ao longo do romance, várias personagens de segundo plano ou até de plano de fundo.

A mais interessante é o velho pai do estudante Pokróvski, aquele que morrera tuberculoso e fora o primeiro amor de Várienhka, é o tipo de pobre-diabo sem eira nem beira, meio aparvalhado, ridículo, tímido, alcoólatra, mentiroso, covarde, pelo qual o filho sente um misto de piedade e desprezo. Mas todos estes defeitos e pecados são resgatados pelo imenso amor que ele sente pelo filho e pela sua

grande humildade, pois tem consciência da sua própria abjeção.

Outra figura de interesse é também uma pobre criatura, Gorchkov, um desempregado que vive com a mulher e os filhos no quarto mais acanhado e miserável da pensão onde habita também Makar Diévuchkin. O homem tem todo o destino e o dos seus, e a sua honra, pendentes do resultado de um processo que se arrasta há anos, no qual fora inculpado por desfalque. Vive por isso na miséria e na vergonha. No dia em que o tribunal o absolve morre de comoção, ao ver finalmente reconhecida a sua inocência e o seu nome salvo da infâmia.

O literato Rotasiéiev é uma figura que serve ao escritor de pretexto para criticar certa literatura dramática do tempo. Um funcionário demitido e que passou a entregar-se ao alcoolismo (Emielian Ivânovitch); um estudante universitário, Pokróvski, que dava lições para ganhar a vida, morava num pobre quarto alugado, não conseguiu colocação e morreu tuberculoso; um homem de meia-idade, rico, avarento, que intentara primeiramente seduzir uma moça pobre, mas acaba por casar com ela; o pai de Várienhka, surgindo só no plano de fundo da evocação, homem de caráter violento, colérico e taciturno; a galeria de mulheres: uma espécie de alcoviteira (Anna Fiódorovna) que se entrega a negócios ocultos e ilícitos, uma espécie de proxeneta clandestina, que apresenta moças pobres e indefesas a homens viciosos; a mãe de Várienhka, uma viúva triste e pobre, que "passava a vida num pranto contínuo"; uma dona de pensão ordinária, mulher grosseira, sem escrúpulos, malcriada e interesseira; e, enfim, criados, dedicados uns, petulantes outros, algumas crianças, como a pequena Macha, que nos surge somente em evocação, os filhos de Górchkov, o garoto do realejo, e ainda várias figuras burocráticas, como Sua Excelência, o chefe máximo da repartição onde Makar é copista.

Temos assim, desde este primeiro romance, toda a teoria dos escriturários humildes, dos burocratas arrogantes, dos estudantes tuberculosos, das proxenetas, das criadas dedicadas, dos néscios enfatuados, dos ébrios, das donas de pensões reles, das crianças sofredoras, das moças pobres e perseguidas pela concupiscência dos velhos ricos, das mulheres chorosas e sacrificadas, de pobres velhotes,

ridículos mas bondosos e dignos de dó; e o ambiente de quartos miseráveis, das pensões ordinárias, dos cais, das ruas e das vielas úmidas e lúgubres de Petersburgo, das tabernas, das casas de agiotas.

Um dos motivos que levaram o crítico Bielínski a glorificar o primeiro romance de Dostoiévski, parece que foi o fato de tê-lo considerado como um romance de caráter social, pois ele próprio era também um dos socialistas russos do seu tempo. Entretanto, um romance como *Pobre gente* não pode classificar-se de social, no mesmo sentido, por exemplo, de *Ressurreição*, de Tolstói. O lado psíquico das personagens, o estudo da sua solidão moral íntima, a captação do fundo bondoso nuns, malévolo ou maldoso e egoísta noutros, considerados independentemente do meio social, é qualquer coisa que atenua sempre, tanto nesta primeira obra como em todas as seguintes, o seu aspecto social. O que se vê desde já é a sua compenetração amorosa nos sofrimentos dos humildes e oprimidos. Mas esse sentimento é, da parte do escritor, uma comoção; nenhuma acusação explícita, nenhum combativismo ou reivindicação diretos e claros.

Desde esta obra aponta também um pressuposto fundamental na obra de Dostoiévski: a ideia da compreensão do sentido profundo e último da vida e do destino do homem no mundo. Makar Diévuchkin, falando do ébrio que lhe serve de companheiro, quando ele próprio passou a entregar-se também à bebida para esquecer o sofrimento, ou melhor, para consumar irremediavelmente a sua degradação, provando a si próprio que era "indecoroso conceder-se algum valor, por modesto que fosse", diz: "Ele é muito bondoso e muito sensível. Tudo isso percebia eu, minha filha, e por isso, precisamente, é que aconteceu aquilo (o entregar-se à bebida), por eu compreender tudo". Veremos aparecer mais tarde esta ideia na boca do ébrio Marmieládov de *Crime e castigo*, quando, ao referir as palavras que Deus há de proferir no Juízo Final, quando chamar a si os justos e os pecadores e perdoar tanto a uns como outros, acaba de dizer: "Então tudo será compreendido". Há aqui uma atitude não só metafísica como até verdadeiramente religiosa. Nessa compreensão de tudo envolve Dostoiévski uma espécie de visão englobante do sentido teleológico e providencial do universo e do destino do homem, abrangendo nessa visão a diluição do chamado problema metafísico do mal: tudo aquilo

que hoje se nos afigura sofrimento, pecado, injustiça social, crueldade e crime, não teria mais sentido quando chegasse a hora da revelação final. Parece até que nesse pensamento há, por assim dizer, uma aceitação de que as coisas são assim porque têm que ser assim, em obediência aos desígnios impenetráveis da divindade. E é por isto que os prevaricadores e os criminosos são sempre redimidos na obra de Dostoiévski pelo seu próprio sofrimento, pela sua própria degradação, e aparecem-nos como instrumentos num processo de desenvolvimento da verdade e da justiça, folhas de papel onde Deus escreve direito por linhas tortas.

Importa também pôr em relevo o lugar ocupado em *Pobre gente* pela crítica explícita que Dostoiévski faz incidir sobre a literatura de estilo "literário e grandioso", segundo as suas próprias palavras, o estilo superficial afastado da realidade da vida cotidiana e psíquica dos homens. É na boca do próprio protagonista que ele coloca a definição da sua diretriz de escritor: "Escrevo ao correr da pena, digo aquilo que me vem à ideia, com a intenção de lhe proporcionar alguma distração… Se eu fosse um homem de letras, era uma coisa muito diferente…" O estilo "literário e grandioso" está representado por Rotásieiev, o literato ordinário que vive na mesma pensão que Makar Diévuchkin. À ingênua admiração que este mantém por ele, opõe Dostoiévski as palavras de Várienhka, que censura o bom do velhote: "Como é possível que o senhor aprecie os seus dramalhões? São autênticos disparates".

Nos elogios frequentes que dirige a Púchkin — outras das constantes que iremos encontrar nestas obras da juventude — Dostoiévski exalta sobretudo a verdade e a simplicidade da sua maneira: "Isso é que é pintar ao natural"; "É tudo tão verdadeiro como a própria vida!". Em seu entender, a literatura não é um instrumento para exibição dos dotes estilísticos, desempenha antes uma função didática: "A literatura é instrução e educação ao mesmo tempo, é crítica e um grande documento humano".

Afloram também desde já neste primeiro romance dois outros temas sobre os quais Dostoiévski há de insistir ao longo de toda a sua obra: a crítica ao pendor ocidentalizante da sociedade russa do seu tempo, e a ideia de que o povo russo é o povo sagrado, ideia que

perpassa nos louvores dirigidos a Púchkin, precisamente por ele ter cantado *A Rússia sagrada*.

Aparecem igualmente outras características que hão de manter-se até a'*Os irmãos Karamázovi*, que é também o seu último romance: a crença no destino, a importância dada a certos fenômenos psíquicos, como os sonhos divinatórios, os pesadelos, os pressentimentos, as alucinações.

As características fundamentais da obra da juventude de Dostoiévski são a transposição autobiográfica e a prefiguração das personagens, paralelas a uma explicitação progressiva dos temas da obra da maturidade. Procuraremos reconhecer e analisar, em cada escrito, os passos ou os capítulos em que surgem tais características.

Para compreendermos como é fundamental nestas obras da juventude de Dostoiévski o aspecto autobiográfico, temos não só de conhecer ou relembrar as circunstâncias e os fatos da sua vida, desde o seu nascimento até a data da sua morte, como também tentarmos perscrutar a sua própria alma.

De *Pobre gente* poderemos dizer que, além de ser a sua primeira obra literária, é também o primeiro volume da sua grande e genial autobiografia.

Lembramos pois ao leitor que, ao escrever este livro, Dostoiévski já tinha perdido a mãe e o pai. Vimos em que condições, e quais as hipóteses que se põem para interpretar a influência que tais acontecimentos teriam tido na psique do escritor, como, por exemplo, na formação do seu tão falado *complexo de Édipo*. Nós, que aderimos a esta hipótese, consideramos importante seguir a pista de tal complexo a partir desta primeira obra.

БѢДНЫЕ ЛЮДИ.

РОМАНЪ

Ѳедора Достоевскаго

С. ПЕТЕРБУРГЪ.

ВЪ ТИПОГРАФІИ ЭДУАРДА ПРАЖА.

1847.

*Frontispício da primeira edição de* Pobre gente*, 1847.*

É sobretudo no caderno de memórias, em que Várienhka conta a sua vida, que vamos encontrá-lo. Suponha o leitor, por momentos, que a infância e a primeira juventude de Várienhka são a do próprio Dostoiévski, e sigamos então as memórias do seu caderno. Verificaremos que o primeiro fato apontado pela narradora é precisamente a morte do pai, que morreu quando ela era ainda muito jovem: o pai de Dostoiévski morreu quando ele contava também apenas dezoito anos. O pai de Várienhka é administrador duma grande propriedade rural: o pai de Dostoiévski chegou também a adquirir uma propriedade no campo, onde a família passava a primavera e o verão. Depois, esse pai é pintado como um homem de caráter sombrio, que pouco a pouco se vai azedando cada vez mais, até tornar-se por vezes violento e levando-o a proferir pragas e vociferações coléricas: “Tornava-se mais triste, mal-humorado e colérico de dia para dia; o seu caráter tinha mudado de um modo

desfavorável”, diz Várienhka. Como justificação desse caráter surge uma questão de dinheiro e de projetos ou sonhos frustrados: “Nada lhe corria bem, tudo se lhe frustrava, e as dívidas iam aumentando de uma maneira espantosa”.[1] Ora, vimos já como o problema do dinheiro era grave no lar dos Dostoiévski, não verdadeiramente por escassez, mas devido à avareza do pai do futuro escritor. Sabemos também do estado de semiembrutecimento em que caiu o dr. Mikhail Dostoiévski quando se retirou para a sua aldeia de Darávoie, depois da morte da esposa: “Tinha-se tornado agora desconfiado, costumava cair frequentemente numa grande amargura, que tocava o desespero; começou a descuidar a sua saúde… morreu de um modo tão repentino e inesperado que demoramos muitos dias até nos acostumarmos à realidade”. Isto o que Várienhka nos conta acerca do fim de seu pai; quanto ao Dr. Mikhail Dostoiévski, morreu, de fato, de modo repentino, pois foi assassinado pelos próprios camponeses, cansados e revoltados contra a sua tirania.

Até a severidade deste homem, no caso dos estudos dos filhos, está bem patente através da narrativa de Várienhka. E o mesmo poderá dizer-se quanto à vida sacrificada e infeliz da mãe do escritor, sempre assustada e aflita perante esse marido azedo, avaro e colérico: “Minha mãe bebia em silêncio as suas lágrimas e o meu pai encolerizava-se”, recorda ainda Várienhka, que o mesmo é dizer Dostoiévski. E eis a revolta e a recriminação: “Como seria possível atormentar tanto a minha pobre mãezinha? Só de olhá-la parecia que o coração me estalava”.

Há também as recordações tristes que Várienhka guarda do pensionato: traduzem igualmente os sentimentos que deviam ter sido os do pequeno Fiódor, tímido, desconfiado, perante um meio hostil e indiferente. E as recordações das estadas de Várienhka no campo que correspondem às de Dostoiévski em Darávoie e Tchermátchnia; e as da casa triste da cidade, que correspondem às do alojamento da família Dostoiévski no Hospital Maria, que dava para a Rua dos Asilos: “Diante da nossa casa tínhamos uma cerca amarela e na rua não se via senão lama!”; e ainda as recordações da velha ama que surge em algumas dessas obras da juventude; nem sequer falta uma alusão às reduzidas relações da família: “Não tínhamos, na cidade, parentes nem

pessoas conhecidas”.

Depois da morte do pai de Várienhka, avulta nas suas memórias a situação desesperada das duas, dela e da mãe, por falta de recursos econômicos. Sabemos como o problema do dinheiro foi sempre aflitivo na vida de Dostoiévski: é por isso que surge na sua obra uma vasta galeria de pobretões, de mães que passam fome para dar de comer aos filhos, de estudantes que se finam tuberculosos ou se tornam charlatães, por falta de dinheiro e de amparo social.

Podemos dizer que na primeira parte das memórias de Várienhka, a soma da transposição literária é mínima, e que seria possível fazer corresponder episódio a episódio, ou caráter a caráter, entre a vida fictícia e a vida real de Dostoiévski, o escritor.

Na segunda parte dessas memórias, a destrinça da autobiografia torna-se mais difícil, porque a transposição se faz através de um simbolismo mais complicado. A figura de Anna Fiódorovna é complexa. Definimo-la esquematicamente como uma espécie de intermediária de amores ilícitos. Iremos encontrar tal personagem, embora sob outros nomes e outros disfarces, em muitos dos romances de Dostoiévski. É provável que personagens como essa existissem com abundância notória na sociedade petersburguesa contemporânea do escritor, aliás são de todos os tempos e lugares, e que a sua existência merecesse a sua crítica. Entretanto, pode ser interpretada dentro de outro significado. Referimo-nos já, de passagem, a um caso a que os biógrafos de Dostoiévski costumam aludir, e que vem a ser o de certo ato ilícito e reprovável, talvez pecaminoso, que ele teria cometido na pessoa duma adolescente que uma preceptora sem escrúpulos — uma proxeneta — lhe teria ido levar aos banhos[2]. Ora, não deixa de ser impressionante o fato de, em várias das suas obras, surgir o estupro duma mocinha, praticado por um adulto libidinoso e depravado. Se não queremos cometer também um pecado, lançando sobre a memória do genial romancista uma afirmação de tal gênero, não deixaremos de frisar que nos impressiona a insistência sobre esse tema, sabendo nós, como sabemos, que o pano de fundo da sua obra é largamente autobiográfico. A antipática Anna Fiódorovna, que intentara entregar a pobre Várienhka nas mãos dum abusador, representa, quanto a nós, a primeira encarnação dessa figura. Mas Anna Fiódorovna assume

ainda outro simbolismo. Reparemos que ela começa a interferir na vida de Várienhka quando, morto o pai, ela e sua mãe se viram sem recursos. Atente o leitor em que é ela que passa a prestar às desamparadas uma assistência caritativa, recebendo-as na sua casa e dando-lhes, juntamente com as magras sopas, um tratamento desprezível e quase maldoso. E que, mais tarde, é ela quem tenta vender, prostituir a jovem Várienhka. Não representará também, esta criatura, o mundo inimigo, cheio de obrigações mesquinhas e desagradáveis, de destrinças sociais baseadas no dinheiro, o mundo dos interesses, da corrupção, do egoísmo hostil, e até talvez o das ocupações rotineiras, que se cumprem sem interesse, apenas pela necessidade de serem um ganha-pão? Mais concretamente, não representará, em suma, o aborrecido emprego, a detestada carreira de engenheiro-militar que às vezes forçava Dostoiévski a estar adstrito a funções burocráticas, administrativas ou de secretaria, e que eram um odioso, insuportável entrave para a sua carreira de escritor?

A transposição do complexo de Édipo não se esgota, neste romance, na primeira parte das memórias de Várienhka; volta a surgir na segunda, figurado na pessoa do velho Pokróvski. Neste velho ridículo e vicioso, mas digno de dó, projeta Dostoiévski muito dos sentimentos contraditórios que lhe inspiraria seu pai e até a sua memória; esse velho é uma criatura decaída, completamente degradada pela miséria, pelo alcoolismo, pela infelicidade, mas que ama doidamente o filho. Entretanto, este, o jovem estudante, "não podia suportar aquelas visitas paternas. Esse desprezo pelo pai era, sem dúvida alguma, o maior defeito do estudante". Porque Dostoiévski sabia que, apesar de tudo, seu pai amava os filhos e era, no fundo, uma criatura infeliz.

Sob o ponto de vista da forma, *Pobre gente* apresenta uma técnica muito simples, vulgar em escritores principiantes: Dostoiévski utilizou a forma epistolar e, no meio desta troca de cartas, entre um velho e uma jovem, interpõem-se duas evocações do passado das personagens, uma de Makar, outra de Várienhka, sob a forma de memórias.

*Pobre Gente* apresenta também uma nítida inspiração na obra *O capote* de Gógol. Há até um passo deste primeiro romance de Dostoiévski, em que Várienhka empresta a Makar essa obra de Gógol.

Makar fica aborrecido com a leitura, ao ver-se tão parecido com o protagonista desse livro, Akáki Akákievitch, que é também um humilde empregado de repartição pública. Makar pensa que Gógol se inspirou na sua figura para traçar a do herói… Podemos pensar que o próprio Dostoiévski via perfeitamente que o seu Makar era quase um sósia de Akáki, e que serviu desta artimanha literária para sossego da sua consciência e como defesa de prováveis acusações de plágio. Aliás, na figura de Makar Alieksiéievitch, de Dostoiévski, há algo que a diferencia do Akáki, de Gógol: toda a sua insignificância social e seu ridículo são compensados pela sua nobreza de caráter, pela sua ternura, pelo seu devotamento, pela sua compreensão e amor ao próximo.

## O DUPLO

No seu segundo romance, *O duplo*, que começa a escrever ainda antes de *Pobre gente* ter sido posto em letra de forma, a personalidade principal, o senhor Goliádkin, é também um modesto empregado de repartição do Estado, tal como o Makar Alieksiéievitch do romance anterior. Entre os dois notam-se certas características que derivam da sua condição profissional e social. São ambos pobres, o seu grau na carreira burocrática é também modesto. Ambos tímidos e envergonhados da sua pobreza. O pudor é mesmo um traço muito acentuado no caráter dos dois. Preocupam-se extraordinariamente com a sua apresentação pessoal, com o aspecto da roupa, com o calçado. E desde já apontamos como curioso este pormenor da preocupação com o calçado, com as botas, com as solas das botas. Podemos dizer que tem até uma tonalidade obsessiva em Dostoiévski. O leitor encontrará já nestes dois romances a insistência do escritor sobre este ponto em muitos passos, e vai vê-lo mais tarde surgir como uma das obsessões de Raskólhnikov,[3] durante o seu delírio, após ter praticado o crime.

Também, tanto Goliádkin como Makar sofrem de mania de perseguição e de um complexo de inferioridade, criado, em última análise, pelo sofrimento que lhes causa a consciência do lugar inferior, considerado como inferior, que ocupam na escala social. Vivem os

dois quase na miséria, em alojamentos pobres, um numa pensão barata, outro num cubículo desguarnecido, e em companhia dum criado rufião e trocista.

Entretanto, há uma complexidade muito maior nas características de Goliádkin. Seu complexo de inferioridade é evidente e simultaneamente contrariado pelo complexo reverso, isto é, por uma megalomania. Entretanto Makar aceita sua posição modesta na sociedade — embora defenda a sua dignidade humana — em Goliádkin há uma revolta, um azedume, uma crítica irônica e quase rancorosa, dirigida contra aqueles que não se dignam reconhecer a existência da sua pessoa. Basta vermos as apreciações que ele ousa fazer acerca do psiquiatra que o trata: "Este médico é tolo… É um tolo chapado… É possível que trate bem dos doentes… O que não quer dizer que… não seja completamente parvo!". (Daqui por diante, sempre que lhe surge a oportunidade, não deixará mais Dostoiévski de lançar farpas aguçadas sobre os médicos do seu tempo.)

Outro dos aspectos que diferencia Goliádkin do seu antecessor é o grau patológico que os seus complexos assumem. Makar Diévuchkin não é um neurótico, é um homem normal, cuja única anormalidade será talvez a sua bondade e humildade fundamentais. Mas Goliádkin é um neurótico e acaba num manicômio; é um maníaco, um obsecado, que sofre desdobramentos de personalidade.

Foi neste fenômeno psíquico do desdobramento da personalidade que Dostoiévski quis fazer incidir todo o interesse e até toda a novidade do seu segundo romance. Influenciado pela nova psicologia patológica, que estudava, estava convencido de que este romance era já sua obra-prima. Hoje, conquanto *O duplo* não seja uma obra desprovida de interesse e, pelo contrário, Goliádkin é até uma figura curiosa e a sua ironia é muito interessante, vemos que esse tema do desdobramento da personalidade, que viria a ser tão importante em toda a obra do romancista e se torna culminante em *Os irmãos Karamázovi*, é aqui utilizado de uma maneira formal e esquemática, ao passo que, mais tarde, o desdobramento é um fenômeno que aparece somente em algumas cenas capitais, ou até como fundo subjacente ao desenvolvimento do caráter das personagens. Em *O duplo*, o desdobramento da personalidade é o próprio tema do romance, e foi a

maneira direta, a intenção evidente de utilizá-lo como tema, que deu a esta obra um certo tom estranho, um tanto falho de realidade e absurdo. A pretensão de querer estudar um caso psíquico prejudicou o romance no seu aspecto artístico.

Se *Pobre gente* é em grande parte autobiográfico, *O duplo* o é inteiramente. Goliádkin é um autorretrato psicológico de Dostoiévski. Define o seu estado de espírito após a experiência mundana nos salões literários. Depois do êxito de *Pobre gente*, Dostoiévski foi introduzido nos cenáculos literários de Petersburgo pelos seus admiradores. Mas, em breve, por um lado devido ao seu caráter suspeitoso, tímido e, ao mesmo tempo, crítico e mordaz, e também ansioso e desejoso de nomeada; por outro, a inveja real e maledicência, as piadas dos falsos amigos e dos desajeitados fizeram com que Dostoiévski se retraísse, se sentisse escarnecido e até perseguido. Deseja a sociabilidade mas, ao mesmo tempo, não pode suportá-la. Aparece e desaparece. Ser gabado e troçado, ser humilde e desejar glória, ser modesto e vaidoso: alternâncias contraditórias que destroem dolorosamente a unidade do eu, da personalidade.

A timidez de Dostoiévski perante as mulheres surge já também neste romance. A incrível atitude, romântica e timorata, acanhada até à indicação, de Goliádkin perante Klara Olsúfievna, traduz a atitude real de Dostoiévski perante as mulheres belas, cultas e inteligentes que encontrava nesses salões. Sabe-se que, uma vez ao ser apresentado a uma beldade famosa, Dostoiévski desmaiou.

Também aqui se nos deparam, pela primeira vez, os reflexos da sua paixão impossível por Avdótia Panáieva, que era casada com o escritor Panáiev e foi durante quinze anos amante do poeta Niekrassóv. Assim que Dostoiévski começa a frequentar o salão, fica imediatamente apaixonado por essa beleza morena, mulher inteligente e cheia de vivacidade (a heroína de *Noites brancas* é também uma bonita morena, e Klara Olsúfievna é igualmente morena). Parece que a senhora Panáieva explorou habilmente a paixão do escritor, tornando-se galante e garrida diante dele, por vezes, zombeteira, alimentando, em suma, a chama duma autêntica paixão platônica.

O rastro desta paixão vai se prolongar longamente em toda a obra

de juventude do escritor. E, tal amor platônico, transposto literariamente, só produziu figuras de mulheres irreais, sem calor humano. Apenas a heroína de *Noites brancas* consegue dar a impressão de um ser vivo e ardente: talvez que a senhora Panáieva tivesse alguma vez concedido ao seu apaixonado um beijo de gratidão e piedade por tanto amor, como fez a Nástinhka dessa novela lindíssima ao seu adorador.

Neste segundo romance surgem igualmente as constantes reprimendas de Dostoiévski contra a adoção de costumes ou da cultura estrangeira na Rússia. Repare-se nas frases que ele escreve acerca de certos autores e livros franceses, "que nada ensinam de bom e antes escondem veneno, um veneno mortal".

O seu ódio contra a orgânica burocrática, contra a imbecilidade de alguns dos seus pequenos funcionários, contra a soberba balofa dos chefes de alto coturno, está também à vista neste romance.

*O duplo*, se sob certo aspecto é a tentativa de introdução da nova psicologia patológica, que tão grande incremento começou a apresentar na Europa contemporânea de Dostoiévski, sob outros aspectos é revelador de que o escritor não encontrou ainda uma forma própria de expressão: há quem considere este romance, em muitos dos seus passos, quase um plágio de *O nariz*, de Gógol. E a pretensão de apresentar o estudo de um caráter pode também significar uma influência de Balzac. Até *Humilhados e ofendidos* inclusive, a obra de Dostoiévski não é isenta de imitação ou de visíveis influências de vários autores como Hoffmann, Gógol, Púchkin, Victor Hugo, Balzac, Eugene Sue etc.

Só na obra da maturidade todos estes elementos se apresentam de tal maneira fundidos no estilo dostoievskiano, que então já não se pode mais falar de imitação.

## O senhor Prokhártchin

Em *O senhor Prokhártchin*, um conto que foi mutilado pela Censura a ponto de ficar quase desfigurado, uma história desconexa,

temos de novo como personagem principal um modesto funcionário público, que vive igualmente numa pensão reles e cuja patroa é, como a de *Pobre gente*, uma criatura ordinária, cobiçosa e indiferente pela miséria alheia. Também Prokhártchin arranja um amigo e com este novamente Dostoiévski introduz na narrativa a figura dum mendigo vadio e alcoólatra, que fora expulso do emprego: é uma nova encarnação daquele Emielian Ivânovitch que acompanha o Makar Alieksiéievitch de *Pobre gente*, na época em que este se entregou também à bebida para esquecer os seus desgostos.

Parece que anteriormente a este conto teve Dostoiévski o projeto de um romance que queria intitular *As repartições suprimidas*. Daqui podemos admitir a hipótese de que o tema da miserável condição dos modestos funcionários, sempre preocupados com a farda no fio[4], com os botões caindo, com as botas esburacadas, com o desconforto, a fome, na promiscuidade de pensões humílimas, e que se entregavam à bebida para esquecer a sua miséria — era um dos temas capitais do seu pensamento, e realmente surge em toda a sua obra. De tal maneira que até *Crime e castigo* teve, nos seus projetos de escritor, o título prévio de *Os bons ébrios*, e a figura do pobre Marmieládov não será mais do que uma expansão do Emielian Ivânovitch e de outros seus irmãos que povoam toda a obra da juventude.

Embora nesta altura Dostoiévski se encontre sob a influência de Balzac, e tenha ainda desejado fazer o estudo dum caráter neste conto, isto é, o estudo da personalidade dum avarento, são já notórias algumas das características verdadeiramente suas, como, por exemplo, a exteriorização das profundidades anímicas através dos delírios da embriaguez e da loucura, que vimos em *O duplo*. E mais uma vez fazemos notar que esse recurso, se por um lado pode ser encarado como uma consequência da sua própria personalidade de epiléptico e de neurótico, das suas leituras de psicologia, e até da difusão do vício do alcoolismo, tão espalhado entre o povo russo seu contemporâneo, e até como o reflexo do temperamento de “extremos” desse mesmo povo russo, por outro pode também ser tomado como um disfarce, um artifício astucioso com que o escritor pretendia deitar poeira aos olhos dos censores políticos e religiosos, ao tratar de temas tão “perigosos” como eram os que ele tratava. Prokhártchin enlouquece e delira para

poder extravasar o terror do funcionário que não tem segurança nem amparo na sociedade, nem consideração, e que só tem uma certeza, a miséria que o espreita a todo o momento e em que pode ver-se de um dia para o outro. Se dissesse coisas demasiadas, lá estava a desculpa da loucura e da bebedeira. E temos a notar também uma realização que é já verdadeiramente dostoievskiana: a análise (implícita) que o escritor nos apresenta da transposição inconsciente que os homens fazem dos seus próprios problemas básicos, transformando-os em vícios, que afinal não são vícios, mas sim o disfarce que o inconsciente dá intencionalmente aos motivos reais, aos autênticos problemas humanos, quer de ordem material, quer de ordem sentimental ou espiritual, para que eles não os vejam de frente, em toda a sua crueza, para que não os sintam em toda a sua nudez trágica: Prokhártchin tornou-se avarento para não ter de confessar a si próprio que economizava exageradamente, copeque a copeque, por causa do seu terror de se ver um dia na miséria, para não ver de frente que a sua condição social era desgraçada e sem segurança.

Prosseguindo na nossa pesquisa do fundo autobiográfico da obra de Dostoiévski, também neste conto o podemos encontrar, embora não seja tão evidente como nos dois romances anteriores. Aqui, a autobiografia é realmente de fundo, isto é, a transposição não é de ordem factológica, e temos de procurá-la antes na intencionalidade e na motivação subjacente à narrativa. Assim, não podemos dizer que Prokhártchin é o próprio Dostoiévski, como acontece em relação aos protagonistas de *O duplo*, de *Noites brancas*, de *A dona da casa*.[5] Entretanto, a sua preocupação financeira é ainda o aflitivo problema econômico do escritor, e certos aspectos da conduta do senhor Prokhártchin, que passa os dias estendido na cama, sem convívio, as ironias que lança sobre os versejadores fáceis e as pessoas que têm o hábito de falar num estilo pretensioso, o seu ressentimento contra os trocistas que se fixam de preferência “sobre as aparências” — são bem alusões à vida ou a sentimentos que eram os de Dostoiévski.

Na insistência sobre o tema da condição econômico-moral dos modestos funcionários do Estado, na figura do vadio-ébrio que é expulso do emprego, vemos ainda, para além do estrito problema da falta de dinheiro, que toda a vida afligiu Dostoiévski, a tradução do

profundo aborrecimento e antipatia, e até de amargas recordações dos anos em que servira nas repartições adstritas aos serviços de engenharia militar. Quanto não teria ele sofrido ao ter de realizar as tarefas rotineiras, para que não tinha vocação, ao estar sujeito a um regime de disciplina contrário à sua liberdade de ação e de meditação, ao seu "desregramento" interior, ao ter de suportar a inveja e a estupidez de colegas medíocres e envilecidos e, pior que o seu sofrimento pessoal, nestas circunstâncias, tenha aberto a sua sensibilidade para a compreensão e piedade daqueles que estavam igualmente dentro delas e, daí, a sua insistência em nos apresentar estes tipos.

## A DONA DA CASA

Embora *A dona da casa* não seja uma novela de mérito igual, por exemplo, ao de *Coração frágil*, de *Noites brancas*, ou do conto *O pequeno herói*, é no entanto de importância capital na compreensão da obra de Dostoiévski, pois, conforme a interpretação que apresentamos na Nota Preliminar a essa novela, nela está prefigurado o chamado episódio do *Grande Inquisidor*, que faz parte de *Os irmãos Karamázovi* e representa o ponto culminante da temática religiosa e antropológica dostoievskiana.

Uma vez que essa nossa hipótese foi claramente posta e fundamentada na Nota Preliminar a essa novela, não insistiremos mais a respeito, mas queremos fazer notar que mais uma vez, portanto, estamos perante essa característica fundamental da obra de Dostoiévski, que é prefiguração dos grandes temas e personagens desenvolvidos e aprofundados na maturidade.

Formalmente, *A dona da casa* é também uma obra de influência alheia: é visível o caráter offmannesco de uma simbólica "maravilhosa", e ainda podemos apontar influências de *A terrível vingança* de Gógol, onde há um feiticeiro apaixonado por uma moça, que é a própria filha, e à qual ele tenta afastar do marido com as suas artes mágicas.

Todos os outros motivos que aparecem nos escritos que vimos

estudando continuam visíveis nesta novela.

Nela continua o ciclo do amor pela senhora Panáieva: a paixão arrebatada de Ordínov por Ekatierina, a protagonista feminina da novela, moça de beleza extraordinária, temperamento ardente e fantasia exaltada, a impossibilidade de amor entre os dois — traduzem essa adoração entusiasta, mas sempre reprimida e impossível, do escritor por Avdótia Panáieva.

Literariamente, a figura de Ekatierina enferma do mesmo defeito de todas as heroínas dostoievskianas, sobretudo das heroínas das obras da juventude: embora de temperamento ardente (que, em parte, é o do próprio escritor), é uma mulher demasiado idealizada, pouco humana, sem verdade, quase uma figura mitológica.

O escritor prossegue, nesta novela, com as suas descrições das ruas tristes e miseráveis de Petersburgo; o motivo da natureza que, como vimos, surge em *Pobre gente*, através das recordações da infância do protagonista, sob uma forma saudosista e impregnada de verdadeiro amor físico e espiritual pela sua beleza, pela sua pureza e salubridade, é aqui, como aliás, em *O duplo*, uma natureza tétrica, tempestuosa, noturna e fantasmagórica — uma noite verdadeiramente romântica, cheia de presságios e de acontecimentos supranaturais.

Pormenores de somenos importância, mas que não deixam de ser significativos, na medida em que demonstram a permanência de certos motivos de terceiro plano nesta obra da juventude, e que continuarão ainda na obra da maturidade, são, por exemplo, a antipatia do escritor pelos médicos: “não simpatizo com os médicos”; há também uma alusão a uma velhota muito simpática, dona duma casa onde Ordínov morou: é ainda a persistência da recordação da velha ama da sua infância; continuam os louvores a Púchkin, e é abonando-se com ele que nos representa a figura do velho charlatão, dizendo que nele se encontra “algo de semelhante”; continuam as observações sobre os alemães, rara será mesmo a obra sua em que não surjam um alemão, uma alemã, que são sempre vistos com olhos um tanto irônicos, mas mais complacentes do que aqueles com que vê os franceses ou os ingleses.

Uma personagem secundária nos aparece nesta novela, à qual temos de prestar atenção, a de Iároslav Ilhitch, pois, com outros nomes, iremos encontrá-la em outras obras; será, por exemplo, o Maslobóiev de *Humilhados e ofendidos*. Esta personagem surge, quase sempre, como amigo e condiscípulo do protagonista; psicologicamente, trata-se de um indivíduo de inteligência e argúcia excepcionais, mas que, entretanto, é um caráter rebelde a toda disciplina e vida metódica ou de rotina; é quase sempre um ex-estudante que passa a viver de expedientes e possui uma filosofia cínica sobre a vida: pode, por exemplo, tornar-se agente particular de informações e, dentro destes limites, não se importa de explorar as fraquezas, a estupidez ou os vícios alheios; mantém, entretanto, uma generosidade fundamental, um espírito de lealdade às velhas amizades, um conceito de justiça e até de abnegação e sacrifício. Ao mesmo tempo, o aparecimento desta personagem é um recurso técnico na trama episódica dos acontecimentos: é sempre o velho amigo que o protagonista não vê já há tempos, mas que o acaso lhe depara como medianeiro entre circunstâncias aparentemente sem ligação, ou o instrumento por meio do qual se realizam certos fins.

*A dona da casa* é uma novela integralmente autobiográfica. É evidente que a figura de Ordínov, o protagonista, é o próprio Dostoiévski, e que o tema fundamental da novela é a primeira concretização, embora em esboço, de um grande problema metafísico de Dostoiévski.

A psicologia e o passado de Ordínov, antes de ter conhecido Ekatierina (i.e., a senhora Panáieva), é a psicologia autoanalisada do escritor e algo da sua própria vida antes de ter publicado os seus primeiros livros; lá estão a existência solitária, sem amizades, a falta de contacto com a sociedade: “Tinha vivido isolado desde a infância e, agora, que era já quase um homem, essa solidão fazia já parte da sua estranha maneira de ser”; as alusões à inveja e aos ataques dos inimigos; à sua capacidade de observação, à sua ânsia de conhecimento do mundo, dos homens, da arte e da cultura universais, as visões delirantes da evolução da humanidade; as análises sobre as várias fases da gênese do poder criador e artístico, quando surgem os projetos tumultuantes, ainda mal definidos, no seu espírito sonhador.

Dentre estes projetos sobressai o de dedicar-se à ciência, isto é, à literatura, à criação duma antropologia metafísica, indagadora dos grandes problemas éticos e religiosos do homem, e de, para isso, escrever um livro sobre a história da Igreja.

Não chegou Dostoiévski a escrever essa história da Igreja, porque não era um erudito nem um historiador, mas um artista e um pensador, que viria mais tarde a criar essas páginas culminantes da literatura de todos os tempos e de todos os lugares, essa obra-prima que é o episódio do Grande Inquisidor, integrado n'*Os irmãos Karamázovi*, onde o problema da liberdade ética do homem foi tratado de uma maneira genial.

Uma personagem, ou um tema, de toda a obra de Dostoiévski, é a do bobo, ou melhor, do "mártir ridículo". Em certa medida, nesta obra da juventude, Makar Alieksiéievitch, Goliádkin e Prokhártchin, não são só mártires, como têm também uma dose de ridículo que chega a inspirar piedade. E é claro que a psicologia de Dostoiévski não erra ao dar-nos a quota de ridículo que existe até na própria desgraça humana. Entretanto, um Makar Diévuchkin tem demasiada dignidade para ser verdadeiramente um mártir ridículo, como também não o é completamente o trocista, azedo e mordaz Goliádkin; e até Prokhártchin se torna demasiado recalcitrante para com os seus companheiros de pensão, para poder ser considerado um autêntico mártir ridículo ou bobo. Mas encontramos já nesta obra da mocidade certas figuras em que o escritor quis criar deliberadamente essas características. Por vezes chegam quase a corporizar-se no aspecto dum homenzinho socialmente decaído, paupérrimo, orgulhoso, mas dedicado e terno, de fundo honrado, mas capaz de pequeninas astúcias, hipocrisias e mentiras e, por cima de tudo isto, envergonhado da sua própria humildade e miséria, e de um físico caricato. Está visível no pai do estudante Pokróvski de *Pobre gente*, e tornará ainda a aparecer nesta obra da juventude, no protagonista de *O ladrão honrado*, no alemão Karl Fiódoritch de *Niétotchka Niezvânova* e no pai da Nástienhka de *A granja de Stiepántchikovo*. Mártir ridículo é também o ébrio Marmieládov de *Crime e castigo*.

Mas, qualquer destas figuras é secundária, hesitante, não assume integralmente todas as implicações do seu significado, representam a

sua qualidade de mártires ridículos dentro dum nível em que a ironia tange por vezes o nível da comicidade. No entanto, Dostoiévski explorou mais perfeitamente esta figura pelo seu lado "sério" e dramático, encarando-a numa personagem de primeiro plano ou até na figura dum protagonista. Vamos encontrá-la, nesta obra da juventude, no protagonista de *Polzunkov*, que dá nome ao conto que vamos analisar e, sobretudo, na personagem do coronel Iegor Ilhitch, o "tio" de *A granja de Stiepántchikovo*; na obra da maturidade essa figura atingirá finalmente a sua realização plena, suprema, genial, no príncipe Míchkin de *O idiota*.

## Polzunkov

*Polzunkov* é um pequeno conto que vale mais pelo que representa de autobiográfico do que por suas virtudes literárias. É ainda outro momento de transposição autobiográfica do seu malogrado amor por Avdótia Panáieva, e também dos seus desgostos e das suas desilusões com a crítica e com as tertúlias literárias: Dostoiévski é Polzunkov, o bobo que se ri da própria desdita e ingenuidade, e a expõe aos olhos do público, não só para ganhar a vida, como para automodificar-se — trabalho de autoanálise que incide sobre a sua condição de escritor que, afinal, debaixo da capa de ficção literária, o que narra é a sua própria vida, com toda a sua amargura e ridículo e, ao mesmo tempo, com um gosto masoquista de exibir e analisar o próprio ridículo.

Naquela cara de Polzunkov "podia observar-se tudo: vergonha, descaramento, cólera, o abatimento na derrota da vida, súplicas e perdão, a consciência do próprio valor e, ao mesmo tempo, a plena consciência da própria insignificância"; em Polzunkov havia "a preocupação consigo próprio, a par da humilhação contínua da personalidade" e "não conseguia de maneira nenhuma chegar ao equilíbrio". Tudo isto é instrospeção que o escritor realiza sobre si mesmo.

Na personagem de Fiedossiéi, podemos ver o marido de Avdótia Panáieva, cujo salão Dostoiévski começou a frequentar, como dissemos, depois do êxito de *Pobre gente*: "Você, que há tanto tempo é amigo da nossa família, que tem sido para nós quase um filho…"; diz

esse Fiedossiéi, falando a Polzunkov: “Em sua casa (de Fiedossiéi) todos me consideravam como um filho. Já há um ano que assim era, ou seja, quando vivia Mikhail Maksímitch Dvigáilov, aquele fidalgo antigo…”. Este fidalgo antigo não é outro senão o crítico Bielínski. Tudo isso se refere, pois, aos tempos da estreia do romancista nos salões.

Mas eis que o caráter desconfiado e tímido, e ao mesmo tempo orgulhoso e consciente do próprio valor, de Dostoiévski, irrita os amigos, os amigos e os inimigos, que as suas obras posteriores a *Pobre gente* desiludem a crítica — a única obra da juventude de Dostoiévski que a crítica aplaudiu foi esse primeiro romance — e aqui temos de novo os reflexos desses reveses e sofrimentos: “Polzunkov era o bobo de toda a gente…”; “Tinham-me pregado uma linda partida!”; “Quiseste fazer-te engraçado e, com todas as tuas chalaças, arranjas-te-a bonita”; quanto ao tal fidalgo antigo, a Bielínski, “podia tê-lo considerado seu filho natural, mas deserdou-o” [i.e., foi-lhe desfavorável nas críticas aos livros posteriores a Pobre gente] “e, por essa razão”, em casa de Fiedossiéi (i.e., nos salões), “todos lhe mostravam má cara” (i.e., Dostoiévski foi apeado do seu pedestal de gênio precoce). Então, roído de despeito, com a vaidade e o orgulho insatisfeitos, dorido de motejos e epigramas, isola-se, retrai-se e acalenta no íntimo o desejo de, por sua vez, troçar deles servindo-se dos disfarces da ficção literária, é claro: “Saí dali com a resolução de não voltar mais a pôr os pés naquela casa… e de fazer a denúncia”.

Além do desejo de fazer a denúncia, Dostoiévski é também impulsionado por essa estranha força masoquista que o leva à mortificação pela confissão que, como dissemos, é uma das características constantes da sua obra — chega sempre um momento em que uma personagem devassa o seu íntimo até às profundidades mais recônditas: “Daqui a pouco, quando eu lhes tiver contado os meus segredos, hão de rir-se de mim e enxotar-me; mas, apesar disso, quero contar-lhes tudo, tudo sem esconder nada. E, afinal, quem me obriga a isso? Quem me o ordena? Alguém que está por detrás de mim e que em voz baixa me diz: conta, conta!”. Muitas das páginas mais extraordinárias de Dostoiévski correspondem precisamente aos momentos em que uma personagem faz a sua confissão, geralmente

em público, para assim resgatar os pecados pela humilhação.

## Coração frágil

*Coração frágil* é, ao lado de *Noites brancas* e de *O pequeno herói*, uma das novelas mais perfeitas da época da juventude de Dostoiévski, não só pela sua unidade dinâmica e harmoniosa, pela vivacidade do diálogo, como também pela ternura, pela poesia delicada que encerra.

Teremos de analisá-la também quanto ao seu significado autobiográfico, pois é dentro dele que continuamos a encontrar certas figuras e certos temas que surgiram já nas obras anteriores.

Os protagonistas são de novo dois modestos escriturários, ou copistas duma repartição oficial; há uma outra personagem que, aliás, não chega a aparecer em cena, e que vem a ser *Sua Excelência*, o ministro da repartição, o chefe burocrata de alto coturno, que foi mencionado já em *Pobre gente*, em *O duplo* e em O senhor *Prokhártchin*. Como veremos, somente no pequeno conto *Uma árvore de Natal e um casamento*, é que Sua Excelência se apresenta como ator que chega à boca de cena. Também nesta novela há certas atitudes que são características do sentimentalismo romântico, expresso em pormenores como o da história do "cabelinho preto" que Lisa manda ao noivo, bem como o da promessa que o amigo deste lhe faz, de oferecer-lhe um medalhão onde ele possa guardar o "cabelinho". Igualmente continuam as objurgatórias contra os médicos, e surge mais um caso de loucura declarada: tal como o senhor Goliádkin, Vássia, o protagonista, acaba num manicômio.

Dissemos na Nota Preliminar a esta novela que ela contém já implicações de ordem metafísica. Dostoiévski tocou num sentimento complexo, o remorso de ser feliz, que analisamos nessa altura.

Dentro dum nível de transposição já mais complexo, *Coração frágil* é também completamente autobiográfico e pertence ainda ao ciclo do amor pela senhora Panáieva e consequências sociais e psicológicas da sua estreia literária e entrada nos círculos literários, ciclo que, como veremos, abrange quase toda a obra da juventude de

Dostoiévski. Vássia, o jovem escriturário que, devido à bela caligrafia que possui, é encarregado por um chefe da sua repartição de trabalhos particulares, e que o gratifica e vai elevando na carreira da burocracia, é o jovem Dostoiévski estreante literário que devido ao seu talento é glorificado pelo crítico Bielínski, e sente, portanto, a responsabilidade de continuar a sua carreira para não desiludir aqueles que depositaram nele tantas esperanças. O amigo que é para ele quase um pai e o assiste com uma amizade e uma ternura fraternais, é o irmão; a noiva formosa que o destino lhe depara, apesar do seu defeito físico, da sua pequena estatura e fraca compleição (e aqui, e, aliás, em muitas das suas obras, vemos o desgosto de Dostoiévski pelo seu próprio aspecto físico), é ainda Avdótia Panáieva; o fato de não lhe ser possível trabalhar, devido à imensa felicidade que sente com esse amor, de não poder acabar a tarefa que lhe confiara — copiar seis grossos cadernos, os serões exaustivos, o esgotamento, a loucura — tudo isso representa o inebriamento da glória que lhe toldou as faculdades criadoras na produção das obras posteriores à da estreia literária. Esse sentimento de remorso de ser feliz, encarado num ângulo psicológico, pode ser interpretado como o pressentimento e o medo da inveja que ele, Dostoiévski, iria desde logo despertar com a sua estreia gloriosa.

## O ladrão honrado / Uma árvore de Natal...

A seguir às *Noites brancas* publicou o escritor duas pequenas obras onde a análise do fundo autobiográfico se torna mais difícil e, em rigor, não pode ser posta nenhuma tese, mas apenas uma hipótese, mais ou menos verossímil. Referimo-nos a dois pequenos contos, *O ladrão honrado* e *Uma árvore de Natal e um casamento*.

No primeiro, mais uma vez surge Emielian, o ébrio semi-imbecilizado que foi demitido do emprego e resvalou muito baixo na escala social; aqui, além de ébrio, é um ladrão que rouba para alimentar o vício da bebida, mas que se arrepende, quer dizer, os delitos que pratica são nele algo de acidental na sua natureza.

Neste conto são já afloradas duas das mais importantes premissas da temática metafísica de Dostoiévski: a revelação da pureza de alma

através de um ato pecaminoso e, portanto, doloroso: “o sofrimento purifica tudo”, é a sua grande tese. Simplesmente, neste conto, tal premissa não passa de um simples apontamento, aliás, dado com notável vibração emotiva, de tal maneira que este conto é, literariamente, uma obra já valiosa. É o debuxar do problema básico de *Crime e castigo*: Raskhólnikov também não mata, verdadeiramente, para roubar, mas sim para conhecer os limites da ética natural.

Seguir o rasto da autobiografia, nestes dois contos, é um pouco aventuroso. Como a esta data Dostoiévski estava já em relações com o círculo literário-político de Pietrachévski, onde ouvia conferências contra o regime e sobre o comunismo e, sabendo nós, por outro lado, como tais atitudes extremistas nunca chegaram a ser por ele plenamente aceitas, pois permaneceu sempre no seu respeito e amor pelo czar, podemos aventar a hipótese, com muitas reservas, de que o ato de Emielian, ao furtar um objeto que representava um valor para o pobre e caridoso alfaiate que o tinha recolhido, dando-lhe abrigo e até o pão, e depois o despertar do remorso nessa consciência adormecida, representam o seu ato de “traição” para com o czar bem amado, para com o pai do povo russo, ao ligar-se a esse círculo de conspiradores oposicionistas.

Quanto ao outro conto, *Uma árvore de Natal e um casamento*, a figura de Iulian Mostakóvitch, o burocrata de elevada categoria que aí assume uma personalidade quase sinistra, com o seu físico repugnante, a sua crueldade, a sua ambição e a falta de escrúpulos, talvez haja também nele qualquer coisa de Niekrássov, o poeta e escritor que publicou *Pobre gente*, mas com o qual Dostoiévski vem a cortar relações depois da publicação de *O duplo*.

## Noites brancas

É na novela *Noites brancas* que a transposição literária da paixão de Dostoiévski por Avdótia Panáieva ganha o máximo de relevo. Nesta lindíssima novela, para além da sua beleza, que é muita, seguirá o leitor também a autobiografia do escritor.

Duas conclusões há a tirar das afirmações que faz o narrador-

protagonista: em primeiro lugar, a sua grande timidez perante as mulheres, expressa em frases como estas: “Por muito tímido que eu seja com as mulheres…”; “Eu já não tenho o hábito de lidar com senhoras…”; “Eu tenho vivido sempre isolado… Nem sequer sei como hei de falar com as mulheres”; “Eu não conheço nenhuma mulher, nenhuma”; em segundo lugar, aquela sua estranha maneira de ser, reveladora de uma magnanimidade quase incompreensível e absurda, pela qual ele, Dostoiévski, se apresenta através de alguns dos seus protagonistas como o medianeiro, por vezes conciliador, entre os amores da mulher que ele ama e o seu próprio rival. Esta atitude é já visível no velho Makar Diévuchkin, que vai fazer recados a Várienhka, tratar das suas encomendas na modista e no joalheiro, dos preparativos para o seu casamento com outro. Aqui é o romântico apaixonado de Nástienhka que a acompanha e ampara moralmente nos seus ansiosos momentos de espera por aquele que ama, se oferece para lhe escrever e levar as cartas que ela dirige a “outro”…

É também de grande interesse, nesta novela, a análise que Dostoiévski faz da psicologia do seu herói [i.e., da sua], caracterizando-o como um sonhador solitário, afastado das realidades, tal como era também Ordínov de *A dona da casa*: “Eu, em sonhos, imagino romances completos”; “Sou um sonhador, mal conheço a vida real”; “Tenho vivido para mim próprio, como costuma dizer-se, só, completamente só, sempre só, completamente só”; “Um sonhador não é um homem, mas uma criatura de sexo neutro”.

Aparecem nesta novela alguns quadros descritivos da natureza paisagística, como o do aspecto de Petersburgo quando desperta a primavera.

De todas as heroínas femininas apresentadas na obra da juventude, Nástienhka é, como dissemos, a mais humana, a mais veridicamente mulher. A sua falsa inconstância, exprimindo o seu ardente desejo de amar e ser amada, de ter um objeto sobre o qual extravase toda a sua ternura, é uma característica real da maior parte das almas femininas.

## Niétotchka Niezvânova

A autobiografia de Dostoiévski, na obra da juventude, explicita-se em volta de certos fulcros psíquicos: complexo de Édipo; autoanálise do seu próprio temperamento solitário, tímido, orgulhoso, sonhador, masoquista; dificuldades financeiras; ódio à vida medíocre e mesquinha do funcionalismo burocrático; glória e decepção nos começos da sua carreira literária; amor frustrado por Avdótia Panáieva.

Vimos a revelação do complexo de Édipo logo na sua primeira obra publicada, em *Pobre gente*, através das recordações de infância da protagonista feminina. Quanto aos outros motivos, inserem-se, com maior ou menor amplitude, em todas as obras até aqui apreciadas.

No romance inacabado, *Niétotchka Niezvânova*, em parte escrito já na fortaleza de Pedro e Paulo, onde o escritor aguardou a sentença que o condenaria à morte, e que representa talvez como que uma revisão de todo o seu passado e o desejo de escrever uma autobiografia completa na véspera de um destino que ele não sabia qual seria, embora estejam presentes todos esses motivos que acabamos de citar, um deles sobressai de maneira vultosa: é o complexo de Édipo. Com esta obra, a existência de tal complexo pode passar a tese seguramente fundamentada. E, o que é mais e muito importante na interpretação da obra e do psiquismo de Dostoiévski, é nesta obra que, pela primeira vez, esse complexo se põe conscientemente diante do homem e do escritor.

O clima, o ambiente deste romance há de parecer ao leitor talvez ainda mais fantástico do que a novela maravilhosa que é *A dona da casa*. Se a vida da pequena Niétotchka numa água-furtada, entre um padastro semilouco e alcoólatra, e uma mãe doente e amarfanhada pela tísica, pela miséria e pela dor, e com o seu temperamento de uma sensibilidade precoce e quase mórbida — o que compõe a primeira parte do romance — e já algo de estranho e febricitante, a segunda parte, principalmente a vida de Niétotchka, no meio desse casal de vida estranha, é qualquer coisa que chega a dar ao leitor uma impressão tenebrosa, de algo que se passa num mundo extraterreno, só dentro das próprias almas.

De fato, é nesta segunda parte que está a chave da interpretação

do verdadeiro significado deste romance.

O leitor deverá reparar que em *Niétotchka Niezvânova* há como que uma sobreposição, um embrincamento de vários romances: no romance de Niétotchka insere-se o romance do seu padrasto e o romance da vida da princesa Alieksandra Mikháilovna com o marido. Pensamos que a intenção de Dostoiévski seria a de escrever a autobiografia de um grande artista, de uma cantora [ou seja, a sua vida de escritor].

O processo de transposição empregado é de ordem muito complexa, de tal maneira que, como veremos, certa pessoa da vida real aparece apresentada por um animal, um cão, e certa circunstância por um instrumento musical, um violino; a sua personalidade de homem e de escritor, com todos os seus problemas de ordem ética e artística, encarna simultaneamente em Niétotchka, a protagonista, no padrasto desta, o violonista falhado, Iefímov, e na princesa Alieksandra Mikháilovna; e a permanência do complexo de Édipo do fundo da sua consciência, com todos os seus disfarces, covardias, cinismo e, ao mesmo tempo, o impulso latente para emergir, para se revelar à plena luz do dia, isto é, da consciência, está até figurada numa personagem que atua como um reflexo, um espelho acusador, um duplo realmente encarnado em outra personagem. A transposição deste complexo de Édipo foi também feita por inversão, isto é, foi transformado no complexo de Electra: o amor de Niétotchka pelo padastro e a hostilidade concomitante contra sua mãe. Entretanto, a hostilidade real de Dostoiévski para com seu pai fica logo patente por essa criação da figura dum padrasto.

Ao analisarmos a primeira parte do romance, surgem algumas expressões que traduzem a súmula do caráter e da vida de Iefímov, o músico, ou seja, do pai do escritor: “A impressão que deixa às pessoas é muito triste”, embora “seja uma pessoa interessante”; “Começa por ser um maníaco, mas é um louco que tem três crimes a pesar-lhe sobre a consciência — além da sua, arruinou mais duas vidas: a da mulher e a da filha”. “Tornou-se antipático a todos os componentes da orquestra, brigou com todos e não tardou muito, também com o próprio diretor, conduziu-se grosseiramente com os superiores, arranjou fama de homem turbulento e intriguista… e levou as coisas a

tal extremo que para todos se tornou insuportável"; "Puseram-no no olho da rua e, nos dois últimos anos da sua vida, foi como se já estivesse morto para aquela gente, pois nunca mais quiseram vê-lo"; "Até que sobreveio a catástrofe que devia pôr termo aquela vida triste, asfixiante, desolada e enferma".

É evidente que a transposição abrange dois aspectos da autobiografia do escritor: o caráter do pai, os seus últimos tempos[6] e a morte por assassinato, e também o seu comportamento nos salões literários, onde acabou por ser troçado e hostilizado, até que chegou à catástrofe da prisão por conspirador político.

E, agora, as afirmações que nos dizem alguma coisa ou mesmo muito a respeito do seu amor condoído pela mãe desventurada. Simplesmente, o leitor terá de inverter as situações, e onde o ficcionista põe na boca de Niétotchka Niezvânova palavras de amor pelo padrasto e de inimizade pela mãe, entenda o contrário, isto é, veja em Niétotchka o próprio Dostoiévski dizendo palavras de ternura para mãe e de quase ódio pelo seu pai: "Despertou em mim um carinho sem limites pelo meu pai"; "E quanto mais me agarrava ao meu pai, mais obrigada me sentia a aborrecer minha mãe"; "Como podia a minha alma enraivecer-se daquela maneira contra a pobre e desditosa criatura que era a minha mãe?"; "Também então me acontecia sentir a consciência revoltada e percebia muito bem que era injusta para com a minha mãe"; "De certo modo, opunha-me até à sua ternura, não deixando transparecer nem o menor sentimento, ainda que, por dentro, estivesse a sofrer"; "E, no entanto, por mais de uma vez cheguei a sofrer quase fisicamente quando pensava na minha insensibilidade para com minha mãe".

Além da razão do mau viver inflingido a sua amada mãe, do caráter violento e da avareza, outro dos aspectos dominantes no caráter do dr. Mikhail Dostoiévski devia também ter contribuído fortemente para a animosidade do filho contra o pai: quer-nos parecer que, até de certo ponto pelo menos, senão até em grande medida, Fiódor Dostoiévski devia considerar seu pai culpado para consigo, pensar que ele o teria prejudicado na sua mocidade com essa avareza, ao negar-lhe as quantias de que talvez pudesse dispor e que lhe teriam permitido levar uma vida muito mais larga, sem ter necessidade de

passar pela servidão da disciplina militar e da burocracia, iniciar mais cedo e com mais independência as suas tentativas literárias e a sua elevação na sociedade. Sabemos das cartas suplicantes que Dostoiévski enviou, na primeira juventude, a seu pai, pedindo-lhe dinheiro, até para necessidades elementares, e conhecemos também o desejo que ele sempre manteve de editar-se à sua própria custa.

Ora, em *Niétotchka Niezvânova*, o músico Iefímov (que, não nos esqueçamos, simboliza, simultaneamente, o pai de Dostoiévski e o próprio Dostoiévski dentro da sua carreira artística) atribui a frustração dessa carreira à existência da mulher, à sua presença impeditiva e inibitória. É no episódio do "violino do italiano" que nos surge a evocação do passado de Iefímov, o padrasto de Niétotchka. Por muito estranho que pareça, se o leitor refletir e apreciar atentamente esta narrativa, em função da apreciação autobiográfica que seguimos, não deixará de admitir como coerente a hipótese de que o "violino do italiano" simboliza o problema financeiro de Dostoiévski. Atentemos em que há um músico que acusa Efímov, o padrasto de Niétotchka, de ter assassinado o italiano que lhe deixara o violino, mas que alguém objeta tê-lo ele feito, talvez, movido pelo desejo de vingança, pelo fato de o italiano não lhe ter deixado a ele esse valioso instrumento. O violino assume dois significados: pode representar a inteligência e o espírito sensível, apesar de todas as violências, do dr. Mikhail Dostoiévski, que por hereditariedade passa para o filho e, ao mesmo tempo, o secreto desejo, presente na alma de Dostoiévski, de que o pai o contemplasse com preferência na herança ou lhe dispensasse ainda em vida maior desafogo econômico. A este respeito são também muito elucidativas as cenas do padrasto extorquindo dinheiro à enteada, e a cena em que, na noite da morte da mulher, ele se põe a tocar o violino junto do cadáver.

Continuemos na pista no complexo de Édipo. Apesar do seu amor quase patológico pelo padrasto, Niétotchka tem muitas vezes rebates de consciência, como aliás se verifica nas frases já transcritas, em que censura a sua frieza para com a mãe e em que se vê como esta, por sua muita infelicidade e resignação, como merecedora de maior ternura da sua parte: "A minha mãe [i.e., o pai do escritor], que apesar de tudo manteve por ele [i.e., manteve por ela, pela mulher,

mãe de Dostoiévski] até à morte uma ternura apaixonada, não estava costumada a uma vida daquelas. Começou a ficar adoentada e, por último, adoeceu a valer… Como se tudo isto não bastasse, tinha ainda de prover à manutenção de todos nós… Mas o marido, às furtadelas, tirava-lhe o dinheiro todo". Nesta última frase, a realidade se sobrepõe, como vemos, à transposição literária.

E, como dissemos, é neste romance que se vê despontar em Dostoiévski a consciência do seu próprio complexo de Édipo: "Exerceu (o padrasto, i.e., o pai) uma grande influência sobre mim, e a impressão que me deixou foi tão forte que, nunca mais, enquanto eu viver, sairá da minha memória". "Essa catástrofe (a da morte do padrasto, i.e., do pai) foi não só o acontecimento mais dramático da minha infância, mas por certo, também da minha vida inteira." "As suas vidas (de seus pais) tiveram um fim trágico, que deixou uma marca grave e dolorosa na minha recordação."

E a sua consciência começa a sentir-se culpada e a pensar que talvez o objeto da sua hostilidade, seu pai, não fosse tão grandemente culpado que não pudesse ele próprio ser considerado uma vítima das circunstâncias e um mártir nesta vida: "Só Deus sabe por que é que a cólera de minha mãe (i.e., de seu pai) era infundada, e que o meu pai[7] estava inocente"; "Via nele (no padrasto, i.e., no pai) uma espécie de mártir"; "Ainda hoje não compreendo claramente por que é que se me teria metido na cabeça que ele era um mártir e um homem sumamente desventurado. Quem teria infundido em mim aquela ideia?"; "Como podia a minha alma enraivecer-se daquela maneira contra a própria criatura que era a minha mãe (i.e., o seu pai)?"; "E, no entanto, por mais de uma vez cheguei a sofrer quase fisicamente quando pensava na minha dura insensibilidade para com a minha mãe (i.e., para com seu pai).

A análise vai descendo e abeira-se do abismo: Dostoiévski teria chegado a desejar a morte desse pai: "A tua mãe (i.e., o seu pai)? Morta? Quando ela morrer? Mas que maluquices vêm a ser essas, minha tonta? E depois ralhou, ralhou comigo, ralhou muito…" Quando Niétotchka percebe que teve esse pensamento pecaminoso de desejar a morte da mãe, para poder realizar o seu sonho de ficar só com o padrasto no "Paraíso", então é "acometida de um grande medo

e de um grande espanto, e depois vieram certas dúvidas que se insinuaram na minha alma e me fizeram estremecer toda por dentro”.

A consciência do homem-escritor chega à exigência de um exame claro, responsabilizante. É na narrativa das relações de Iefímov com o italiano que podemos descobrir essa exigência, sob a capa da transposição literária: “Exigia que se exumasse e observasse novamente o cadáver”. O cadáver é o problema normal de Dostoiévski relativamente aos pensamentos pecaminosos sobre a pessoa de seu pai. Dentro da trama fictícia, a insistência na hipótese do padrasto ter morto o italiano (sentimento de culpa de Dostoiévski ao desejar a morte do pai), em virtude da autópsia não ter revelado o assassinato, significará que os fatos, de per si, nada podiam dizer, que a realidade é simbólica, de interpretação, e está para além dos fatos: o pai do escritor morreu assassinado pelos camponeses, mas o filho desejou intimamente a sua morte. Quem o sabia? Só ele, e de princípio, talvez nem ele mesmo, mas, de qualquer maneira, “se ele não tinha envenenado [i.e., assassinado], fosse como fosse devia tê-lo despachado para outro mundo”. Forças incógnitas, o destino, encarregaram-se de dar realidade aos seus desejos. Não foi ele o assassino pessoal, o instrumento, mas foi a vontade que moveu secretamente a mão dos algozes. Nem só por obras um homem peca, mas também por palavras e pensamentos. E, assim, em *Os irmãos Karamázovi*, quem executa o assassinato do velho Karamázovi é o criado Smerdiakov, mas quem insuflou na sua alma disforme esse projeto foi Ivan, o intelectual.

A segunda parte de *Niétotchka Niezvânova* contém a autobiografia da juventude do escritor, com o despertar da sua vocação, a iniciação da vida literária, nas tertúlias e nos salões, o amor pela senhora Panáieva (representada pela princesa, esposa do príncipe H***, que corresponde, provavelmente, a seu marido, ou ainda, ao Conde Soloviov ou ao príncipe Odoiévski)[8], com ascendente de Bielínski, personificado na velha fidalga, e com a emulação de Turguéniev, transpostas nas cenas de amizade entre as duas adolescentes, Niétotchka e a princesinha Kátia. Levaremos a nossa análise da autobiografia de Dostoiévski até pôr a hipótese, por muito ousada que se afigure, de que Falstaff, o corpulento, orgulhoso, soberbo e

voluntarioso cão que existe em casa do príncipe, mas que habita de preferência os aposentos privados da princesa, sua esposa, onde então se torna manso e tolerável, corresponde ao poeta Niekrássov, que foi durante anos coeditor dum jornal juntamente com o escritor Panáiev, e era o amante de Avdótia.

É de notar que, nesta altura, o amor de Dostoiévski por Avdótia deve já ter esfriado e começado a entrar no domínio das recordações criticadas. A princesa é apresentada como uma mulher altiva, fria, orgulhosa e pouco amorável, até mesmo pouco simpática.

Aqui revê o romancista a sua situação no salão de Panáiev: "Ficava verdadeiramente cômica (isto é, cômico), no meio daquela melodramática situação em que me encontrava: como uma mocinha qualquer, tímida ou intimidada, e até mesmo um pouco palerminha. Principalmente isto desagradou muito à princesa, e creio que não tardou a fartar-se da minha presenca, do que tive toda a culpa"; "Mas, no dia seguinte começou de novo o mesmo jogo; quero dizer que fui levada outra vez à presença da princesa (i.e., de Avdótia Panáieva). Até que por fim esta se aborreceu de contar a minha história às visitas e estas de fazer espaventos de compaixão e de dó (i.e., de admiração pelo laureado escritor de *Pobre gente*). Afinal de contas eu era uma mocinha como as outras, sem ponta de candura".

E perante o crítico Bielínski: "Todos os petersburgueses (i.e., os literatos) que iam a Moscou (à casa da velha princesa, tia do príncipe que recolheu Niétotchka, i.e., a casa de Bielínski) não deixavam de fazer-lhe a sua visita (i.e., de prestar-lhe homenagem, de lisonjeá-lo para lhe conquistarem as boas graças). Aqueles que fossem recebidos em sua casa (i.e., louvados por ele) achavam logo bom acolhimento em todos os outros (i.e., conseguiam a fama e a consagração literárias).

Recorda o bom acolhimento que obteve o seu primeiro romance, junto ao grande crítico, através da cena em que Niétotchka é apresentada à "velha dama": "Em suma, quebrou-se de repente a rotina da minha vida". Mas a velha e orgulhosa aristocrata, observadora rigorosa das praxes antigas, acaba por achar que Niétotchka "estava muito mal-educada", tal como Bielínski teria dito a

alguém que Dostoiévski ainda precisava de trabalhar muito para se tornar um grande escritor.

Há ainda outras alusões aos seus insucessos literários, consequentes à publicação de *Pobre gente*, como por exemplo: “Por infelicidade deixei cair uma chávena (i.e., Dostoiévski publicou uma obra fraca)… Isto aborreceu a francesa e toda a criadagem (i.e., os medíocres e os invejosos, que espreitavam os seus insucessos, ficaram satisfeitos com eles) e imediatamente me levaram para o quarto mais afastado (i.e., caíram sobre ele com críticas e sarcasmos)”.

O episódio do amor de adolescentes entre Niétotchka e a pequena princesa Kátia constitui, só por si, uma novela de extraordinária verdade psicológica e de grande beleza literária. Aqui tratou Dostoiévski, pela primeira vez, um dos temas em que várias vezes pegou: a alma da adolescência, o amor adolescente. Se no amor infantil de Niétotchka pelo seu padrasto, Dostoiévski apreendeu a verdade de uma erótica que se revela já no amor do rapaz pela mãe e no da menina pelo pai, agora apreende a fase em que a projeção do amor se revela muitas vezes sob o aspecto de uma atração homossexual.

Aqui há duas meninas que sentem uma pela outra uma atração em que chega a haver qualquer coisa de libidinoso, pois os seus beijos e afagos não são apenas de amizade pura, estão mesclados de uma sofreguidão sexual.

Freud apontou em Dostoiévski tendências homossexuais. Não aceitamos essa tese dentro de um sentido estritamente sexual. Haveria antes nesse gênio universal e de humanidade total uma capacidade imensa de amor, que podia projetar-se em qualquer objeto — desde que ele fosse humano. O episódio da pequena princesa Kátia interpretamo-lo como correspondendo, na vida real do escritor, ao seu encontro com Turguéniev. Nós sabemos como durante toda a sua vida Dostoiévski esteve em emulação com esse outro grande escritor seu compatriota, como o admirava, mas como lhe invejava também a elegância mundana, as maneiras fidalgas, a presença cativante, e a situação econômica desafogada. Sabemos ainda que, no princípio da sua carreira literária, nos primeiros encontros com Turguéniev,

Dostoiévski, encantado com a personalidade do brilhante escritor e com a admiração recíproca que ele lhe testemunhava, chegou a escrever para o irmão a respeito dele: “Estou apaixonado por Turguéniev”.

Em que sentido estaria Dostoiévski apaixonado por Turguéniev? Haveria qualquer coisa de sexual nessa paixão? Se nos cingirmos a análise do episódio de Kátia, neste romance, poderíamos quase ser levados à conclusão freudiana. Entretanto, quer-nos parecer que, na realidade o que Turguéniev verdadeiramente representaria para Dostoiévski seria antes um ideal, um modelo que ele próprio desejaria seguir; Dostoiévski desejaria talvez possuir uma aparência física agradável como a de Turguéniev, as suas maneiras, a sua sociabilidade, ele que era um tímido, um rude, um “cavaleiro da triste figura”. Parece, se entre ambos não tivesse surgido a malevolência de terceiros e a emulação literária, que se tratava apenas da admiração luminosa e pura de um artista pelo outro.

Quanto à inserção do erotismo neste episódio, somos antes levados a pensar que se trata de uma sobreposição de qualquer recordação erótica infantil que, em si, ainda que se tivesse passado com qualquer criança do mesmo sexo, não pode ser considerada como definidora de qualquer inclinação anormal, pois a psicologia diz-nos que, dentro de certos limites, são normais as inclinações homossexuais entre adolescentes! Tenhamos em vista, por exemplo, na *Adolescência* de Tolstói, o amor do pequeno protagonista por Sieriójka, um rapazinho de sua idade. Aliás, o caso tratado por Dostoiévski poderia até corresponder a uma intuição divinatória do artista psicólogo que ele era.

O leitor encontrará igualmente nas *Memórias da casa dos mortos* a narrativa do “amor” de Dostoiévski por Ali, um jovem caucasiano condenado a quatro anos de prisão e trabalhos forçados, no mesmo presídio siberiano em que se encontrava o escritor, pelo crime de ter sido compelido por seus irmãos mais velhos a participar de um ato de banditismo. O escritor descreve-nos a figura do jovem montanhês caucasiano com tanta ternura e embevecimento, como talvez nunca tenha descrito nenhuma das suas personagens femininas que, ou são mais ou menos incolores, ou dotadas de um temperamento exaltado,

orgulhoso e por vezes violento. Ali é de uma beleza maravilhosa e possui um caráter dócil, afável, meigo, enfim, amorável; Dostoiévski está só no meio de camponeses brutais, assassinos e, alguns, decaídos quase ao nível da animalidade e da aberração patológica. Que há de estranho em que a sua alma de artista e ansiosa de fraternidade universal procure um convívio fraternal, ou paternal, com esse rapaz que estava inocente e que era, afinal, a personificação do amor, da beleza e da ternura?

Mas, como dissemos, o que há de fundamental nesta segunda pergunta de *Niétotchka Niezvânova* é a emergência de um problema, desde o inconsciente ou do subconsciente, até a consciência, isto é, a progressiva autoconscientização do complexo de Édipo do escritor: "Cada vez mais, com maior certeza, ao meu coração se revelava qualquer coisa…".

A estranha personagem feminina que é Alieksandra Mikháilovna, e que assume uma função de transposição dupla, pois é simultaneamente a mãe de Dostoiévski e ele próprio, vive um terrível drama de consciência: no passado cometeu, ou julgou ter cometido, qualquer falta, e vive torturada pelo remorso e pela humilhação perante o marido, que é para ela uma acusação viva, uma censura permanente. Existe "algo de inexprimível" entre Alieksandra e o marido.

Este marido é uma personagem de importância capital. A conscientização do grande problema de Dostoiévski projeta-se duplamente nestas duas personagens: Alieksandra é quem sofre o remorso, o marido é a própria censura da consciência. É uma figura impressionante, enigmática, este marido de Alieksandra, que "dava a impressão de que ocultava o seu olhar por detrás dos vidros grandes e verdes dos óculos". Isto corresponde aos sucessivos fluxos e refluxos da consciência, a períodos de revelação e de obscurecimento do próprio problema e da censura da consciência. Niétotchka "notava que, de repente, ele parecia lembrar-se de qualquer coisa; era como se caísse em si, como se contra sua vontade se recordasse de qualquer coisa terrível, inevitável, e então, do seu rosto desaparecia aquele sorriso de superioridade…".

Niétotchka segue todo este drama (i.e., o escritor prossegue na sua instrospecção): “Havia momentos em que me parecia que tinha já adivinhado completamente o enigma. Mas logo a seguir acabavam por apoderar-se de mim certa indiferença e apatia, e até certa raiva, e esquecia aquele interesse, pois não chegava a encontrar uma resposta para aquela pergunta única”. Mas surge a descoberta de uma carta que encerra a descoberta do segredo: “Cheia de espanto, cheguei à compreensão de que tinha nas minhas mãos um grande segredo e que esse segredo havia de ser, enquanto eu vivesse, uma prisão pra mim… Como? Eis aqui o que, por então, eu ignorava”; “Parecia-me ver um pecador que imputava pecados a um justo e o meu coração despedaçava-se”; “Tudo aquilo havia de encontrar um dia a sua solução, mas não via, por então, o seu desenlace, ou tinha medo de vê-lo”. A certa altura, o marido de Alieksandra Mikháilovna procede ao “julgamento” de Niétotchka: “Comédia (grita ele). Um crime é sempre um crime, uma culpa, uma ação suja e desonesta, por muito alto que tu queiras colocar o sentimento pecaminoso”.

Podemos assim considerar este romance como uma espécie de exame de consciência e de tentativa de autobiografia completa realizada pelo escritor antes de entrar na nova fase da sua vida que iria ser a do presídio siberiano.

## O sonho do tio

As duas últimas obras da mocidade de Dostoiévski, incluídas neste volume, são *O sonho do tio* e *A granja de Stiepántchikovo*. Tanto *O sonho do tio* como outras duas obras que aqui não analisamos, *Um romance em nove cartas* e *A mulher alheia e o homem debaixo da cama*, pertencem ao gênero de farsa ou pitoresco, que Dostoiévski quis também experimentar, e não podemos dizer que não o tivesse feito com certo êxito. Entretanto, não é explicitamente na farsa que brilha o humor dostoievskiano, pois é o humorismo fator permanente e de altíssimo nível em toda a sua obra, é um elemento que condiciona o drama; o humorismo de Dostoiévski percorre uma vasta escala, tanto se manifesta na ironia sutil e de profunda implicação crítica, como foca o ridículo através do anedótico — Dostoiévski conta muitas

anedotas — para chegar até ao sarcasmo e ao cômico.

## A granja de Stiepántchikovo

Esta obra interessante é dominada pela personagem de Fomá Fomitch, uma espécie de charlatão, um ignorante que pretende fazer-se passar por sábio, um egoísta e orgulhoso que finge colocar-se ao serviço da humanidade, mas está envenenado de vaidade, de amor-próprio, e não passa de um parasita que vive à custa alheia.

A transposição, neste romance, é muito complexa. Alguns têm pensado que Fomá outro não é senão o crítico Bielínski. Das muitas ironias dirigidas contra os pseudo-cultos, os estrangeirados e os cabotinos da literatura, podemos pensar que Dostoiévski tinha em mente o pano de fundo do meio literário que lhe era já conhecido, com os seus triunfadores, os seus cortesãos mais ou menos fátuos e néscios; uma figura como o criado Vidopliássov, e outra a do janota, malandrin e imbecil Obnóskin, são símbolos de figuras semelhantes que o escritor teria conhecido nos meios literários. Não é pois provável que Fomá simbolize o crítico Bielínski com todo o seu poder de fazer ou desfazer reputações literárias, o seu caprichismo, a sua vaidade, o seu gosto de ser adulado e temido, e até com a mudança da sua atitude, ao passar de conservador que era para revolucionário progressista e preconizador da adoção na Rússia das reformas de caráter ocidentalizante. Mas, quer-nos parecer que Fomá será antes uma figura compósita, como, aliás, o são tantas outras deste romance e de outros romances do escritor.

Um dos outros elementos que nos parece indubitável existir na composição dessa figura é a do terrível major do presídio da Sibéria onde Dostoiévski cumpriu a pena de degredo e trabalhos forçados. Tratava-se de um tipo brutal, um tarimbeiro estúpido, ignorante e soberbo, de caráter colérico que, guindado a uma posição de comando, se aproveita dessa situação para se vingar sobre os seus subordinados das antigas humilhações e violências sofridas. Gostava de torturar os presos com os seus sarcasmos e todos o temiam e o odiavam pelos castigos cruéis e por vezes arbitrários que ordenava. É questão debatida se Dostoiévski teria ou não sido vítima do ódio do

major, se teria ou não sido condenado ao açoitamento por sua ordem, apesar da proibição existente de os nobres sofrerem castigos corporais. A questão não está esclarecida. Na análise da transposição autobiográfica que estamos realizando, interessa por em relevo a compreensão psicológica a que o escritor preso chegou, para além de todo o ódio pessoal, neste caso do major. Isto é, Dostoiévski chegou a compreender e a desculpar o caráter dessa criatura, acabando por julgá-lo, em última análise, uma vítima da sociedade, o que, aliás, sucede com todas as personagens dos seus romances: todos os criminosos e pecadores, afinal, não são mais do que pobres vítimas da sociedade, ou, até, dos obscuros desígnios de Deus: "Pode muito bem dar-se o caso de que esse desmedido amor-próprio tivesse sido simplesmente, no seu princípio, um falso sentimento de dignidade pessoal, ofendido pela primeira vez ainda na infância… pela arbitrariedade alheia, pela pobreza e pela sujidade…".; "Fomá (i.e., o major do presídio), no fundo, um voluptoso (o major era um sádico que parecia gozar com os suplícios e vexames infligidos aos presos), que tinha alma de déspota, apesar de todas as passadas misérias e humilhações, Fomá, vaidoso e transtornado pelo êxito, graças a uma proteção idiota e à sua arte para ludibriar…"; "As almas baixas, quando se libertam da opressão, transformam-se elas próprias em opressoras"; "Vejam o que eu pensei: é muito provável que estejamos equivocados a respeito de Fomá Fomitch… Pode ser que o seu temperamento exaltado, exacerbado pelos sentimentos, segundo dizem, sentisse ânsias de vingança contra toda a humanidade". Foi assim que Dostoiévski aportou à compreensão-piedade pela pessoa desse homem cruel e degenerado.

Mas deviam ter existido, entre os dois momentos de ódio recíproco. Quantas vezes o espírito generoso e humanitário de Dostoiévski não se teria revoltado perante as injustiças do major contra os pobres presidiários, indefesos e acovardados: "Não podia compreender tamanha insolência, uma tão grande fatuidade, dum lado, e uma tão voluntária submissão, uma tão dócil conformidade, de outro". É possível que Dostoiévski algumas vezes tivesse passado, indignado, da reprovação íntima e tácita, apenas expressa em olhares, perante o odioso comportamento do major, a alguma atitude de palavras revoltadas: "Eu ansiava ardentemente por ter algum atrito

com Fomá (i.e., com o major), haver-me de algum modo com ele, dizer-lhe duas coisas… acontecesse depois o que acontecesse. Este pensamento punha-me num desassossego!". E a oportunidade de atrito teria chegado um dia, daquela vez em que os presos fizeram uma tentativa de protesto, Dostoiévski se pôs ao lado deles e o major ficou apoplético de raiva. É confrontar estas palavras de Fomá com as do major, nessa ocasião:[9] "O quê? Atreverem-se a insultar-me? A mim? Mas isto é uma rebelião!".

Também as palavras de Fomá perante o sobrinho do coronel Iegor Ilitch, que apoia e secunda a atitude de Gavrila, o criado (i.e., dos presos), devem representar o ódio secreto do major pelo preso Dostoiévski, que teria explodido por ocasião desse protesto coletivo: "Também este? — exclamou por fim, avançando como um louco furioso e verrumando-me materialmente com os seus olhinhos injetados de sangue[10] — Quem és tu?… Ah, é o tal que é muito culto? — grunhiu Fomá. — Com que então é este o tal que é culto? Não meu caro! Aqui não é a Saxônia! Aqui não é Petersburgo! Se os outros não o tivessem contido, creio que teria se lançado sobre mim, de punhos cerrados".

A figura do coronel Iegor Ilhitch pode considerar-se um esboço intencional daquele tipo dum homem admirável sob todos os aspectos, que o escritor vem mais tarde a realizar na personagem de o príncipe Míchkin, de *O idiota*. É claro que em muitos dos protagonistas masculinos de Dostoiévski há a nota de uma grande bondade, e mais, de uma excepcional generosidade e tolerância para com os outros, e esta nota é sobretudo visível no caráter dos seus apaixonados, como o do amigo de Nástienhka,[11] o sonhador de *Noites brancas*, o do protagonista-narrador de *Humilhados e ofendidos*, que são dotados de uma estranha complacência que os leva, como dissemos, até a aplaudirem e auxiliarem as relações daquelas que amam com os rivais! Aqui, o tio embora apaixonado por uma moça, chega a tomar a resolução de casá-la com o sobrinho. Veremos mais tarde como o *idiota* vive imiscuído entre os amores de Nastássia com Rogójin.

O homem admirável sob todos os aspectos corresponde também ao do mártir ridículo (Polzunkov). Aqui, o coronel Iegor Ilhitch chega na verdade a parecer ridículo, tal é a sua ingenuidade, a sua

credulidade, paciência, caridade, humildade e generosidade, não pobreza de espírito, mas sim pureza de alma, humanidade superior, bondade e compreensão infinitas. É nítida a semelhança fundamental com o idiota príncipe Míchkin: “Era um desses homens de coração puro, que se recusam a admitir a maldade dos outros”; “Sacrificar-se pelo bem do próximo… eis aí a sua vocação. Não faltará quem chame a isto pobreza de espírito, falta de caráter e fraqueza”; “Em suma: era efetivamente fraco, excessivamente brando de caráter, não por falta de integridade, mas sim pelo medo de ofender, de uma maneira geral”.

O único tipo feminino deste romance, com verdadeiro interesse, é a desvairada e fantasmagórica Tatiana Ivânovna, a histérica que lança uma flor aos pés dum rapaz, e que é simultaneamente uma prefiguração de Ekatierina Ivânovna de *Crime e castigo* e da coxa de *Os demônios*, aquela com quem casa Stávroguin. Esta Tatiana Ivânovna é assim a primeira transposição literária feita pelo escritor, do caráter fantástico e mórbido de sua primeira mulher, Maria Dimítrievna Issáieva.

Alguns biógrafos têm levantado o problema de saber se Dostoiévski estaria ou não realmente apaixonado por essa mulher, e ela por ele. Henri Troyat faz-nos acreditar que não, que da parte dela teria havido apenas a atração pelo renome do escritor e a previsão de um amparo para a sua situação de viúva pobre e desprotegida e, da parte dele, uma imensa piedade por essa mulher infeliz. Partilhamos da mesma opinião. É a análise da transposição autobiográfica que sugere isso.

Reparemos que o enredo da ficção gira à volta dum casamento forçado, que vários desejam impor ao bondoso coronel Iegor Ilhitch, a união com uma semilouca, Tatiana Ivânovna. Como a transposição é quase sempre de essência compósita, a mulher a respeito da qual se põe o problema do casamento está simultaneamente representada por duas: Maria Dimítrievna passa a ser alternadamente Nastássia Ievgráfovna e Tatiana Ivânovna. O coronel ama uma, mas tem piedade das duas: “Eu, apaixonado por ela?”, pergunta, ao falar de Nastássia; “Como é que eu podia casar-me com ela se a encaro como filha e não de outro modo?”; “Talvez ela, por gratidão, não me repudiasse; mas depois não deixaria de olhar-me com desprezo por ter-me querido

aproveitar da sua gratidão; só a faria infeliz e perderia a sua amizade".

Falando de Tatiana, diz: "É uma mulher que sofreu muito, sabes? É uma infeliz". E o sobrinho preveniu-o: "Meu tio, olhe que ela está doida!". Resposta: "Que se há de fazer, meu amigo?! Com certeza que eu preferia uma com o juízo todo!".

E temos também as alusões aos fatos que permitiram aos biógrafos as suspeitas de que Maria Dimítrievna se tivesse relacionado intimamente com um jovem professor de seu filho, um certo Viergúnov, antes de casar com Dostoiévski, mas já depois de tê-lo conhecido: há na trama episódica do romance uma questão de encontros secretos, de ligações lícitas, de mexericos. Obnóskin, o janota com pretensões a intelectual e que corteja Tatiana Ivânovna, aproveitando-se do seu desvairamento para apanhar-lhe a fortuna, deve corresponder ao jovem professor que cortejava a viúva, não evidentemente para lhe ganhar a fortuna, pois ela era pobre, mas para dela conseguir certos favores.

Uma figura nos surge nesta obra que consideramos uma criação de grande beleza astística: é a do pequeno criado bailarino, Falálei, um formoso adolescente, mas meio imbecil, embora dotado de grande intuição artística, intérprete admirável do bailado folclórico nacional russo. Falálei deve ser um símbolo da alma do povo russo, uma síntese de vários tipos de camponeses que Dostoiévski conheceu no presídio da Sibéria.

Além da autobiografia, muitas das características do pensamento dostoievskiano se encontram presentes e desenvolvidas neste romance: a crítica ao cabotinismo dos pseudo-intelectuais da literatura, ao "veneno da vaidade literária", expressa um tom sarcástico, de uma ironia incisiva; a crítica contra os estrangeirados, representada pelos motejos contra a pretensão de Fomá, de querer ensinar os criados a falar francês, e contra os literatos que usam pseudônimos formados de nomes estrangeiros; a criação de um tipo ideal de homem russo, dotado de irascibilidade, de rudeza nos modos e nas expressões, mas de uma delicadeza, de uma generosidade e pureza fundamentais, representado caricaturalmente na figura do Senhor Baktchéiev; crítica ao cientificismo, à incredulidade e às teorias que apregoam o amor da

humanidade, mas não advogam o amor do próximo concreto e real; o apelo constante às virtudes, àquilo que de bom resta ainda no coração dos homens, para que todos possamos enfim, "ser felizes". O leitor há de reparar como esta ou qualquer outra expressão semelhante aparece repetidamente em todas as obras que vai ler: "e poderíamos ser todos felizes". Há também alusões irônicas contra os jesuítas. Igualmente surge a narrativa de sonhos, cenas de violência extrema, como muitas que hão de aparecer mais tarde na obra da maturidade; e verifica-se, como sempre, a inserção da anedota e a utilização do mexerico e do boato, como elementos na urdidura da ficção. Tal como na maioria das obras da mocidade, como dissemos já, a narrativa é na primeira pessoa, sendo o narrador uma das personagens influentes.

## Resumo analítico

Podem-se agora resumir as conclusões a que chegamos nesta análise das novelas da juventude de Dostoiévski, nos seguintes tópicos:

### I / Caracterização geral

Esta obra é de transposição autobiográfica e prefiguradora dos grandes temas e de certos caracteres de protagonistas ou de personagens secundárias, desenvolvidos em toda a sua plenitude na obra da maturidade.

### II / Motivos

A autobiografia explicita-se em função de certos motivos:

— recordações da infância e da adolescência no colégio, no meio da hostilidade ou incompreensão dos colegas, e evocações saudosistas de contatos com a vida campestre e a natureza física;

— psicologia da adolescência; despertar da vocação literária; sonhos e projetos literários da primeira mocidade; estreia literária, êxito de *Pobre gente*, entrada nos cenáculos; convívio com o crítico

Bielínski, com o poeta Niekrássov e outros literatos e figuras dos meios intelectuais petersburgueses; emulação e admiração de Turguéniev; insucessos posteriores nos salões, críticas desfavoráveis às obras subsequentes a *Pobre gente;*

— sua vida de estudante pobre em quartos alugados; aflitivas preocupações de dinheiro; aborrecimento pela burocracia e serviços rotineiros;

— seu caráter tímido e reservado, orgulhoso, desconfiado e sonhador, desde a infância; falta de convívio social — timidez perante as mulheres — desgosto pela própria aparência física — amor platônico por Avdótia Panáieva;

— complexo de Édipo: sua conscientização progressiva.

## III / Ideias filosóficas

As suas ideias filosóficas estruturam-se em função de certos temas:

— valor ético da confissão;

— resgate do pecado pela humildade e pelo sofrimento;

— apologia da fraternidade universal;

— crença no destino;

— compaixão pelo lado ridículo da humanidade;

— crítica ao cientificismo e à incredulidade;

— crítica social implícita ou não diretamente acusatória contra a injustiça social;

— paixão do ciúme;

— admiração por Gógol e Púchkin;

— crítica à introdução dos costumes e da cultura ocidental;

— crítica aos franceses e aos alemães;

— ironia contra os médicos;

— crítica à literatura empolada e afastada da vida real; crítica ao cabotinismo literário.

## IV / Tipos humanos

Os tipos criados e esboçados nesta obra da juventude são:

*Femininos*:

— a adolescente de caráter mórbido, arredio e orgulhoso, amorosa e sensual, impetuosa e dedicada (Niétotchka Niezvânova);

— a heroína doce e suave, falho de realidade e de calor humano, demasiado idealista (Nástienhka de *A granja*...);

— um outro tipo de heroína, também demasiado idealizada, mas de temperamento ardente e impetuoso (Nástienhka de *Noites brancas*);

— a moça nova e humilde, perseguida pela concupiscência dos homens, sobretudo dos velhos (Várienhka, de *Pobre gente*);

— a histérica solteira (Tatiana Ivânovna, de *A granja*...);

— a velha ama (criada dedicada);

— a dona da pensão ordinária;

— a proxeneta.

*Masculinos*:

— o “sonhador”: estudante pobre, jovem literato ou estudioso;

— funcionário burocrático amanuense;

— “Sua Excelência”, o chefe burocrata;

— o “mártir ridículo”, ou “bobo voluntário”;

— o “bom ébrio”;

— o “bom russo”;

— o cabotino da literatura;

— o almofadinha presunçoso;

— o criado velhaco, cretino e pretensioso;

— o cínico inteligente, que vive de expedientes;

— vários “humilhados e ofendidos”.

## V / Cenários

Os ambientes em que vivem estas personagens atacadas de tuberculose, de embriaguez, de loucura, de desdobramento de consciência e até de epilepsia situam-se na *cidade de Petersburgo*:

pensões baratas, quartos miseráveis, ruas e vielas; frequentam também tabernas, e a vida campestre surge somente em evocação.

## VI / Recursos técnicos

A sua técnica romanesca adota os seguintes meios ou recursos:

— os romances são quase todos escritos na primeira pessoa: na *forma epistolar* (*Pobre gente*); sob a forma de *memórias*, por exemplo, *Niétotchka Niezvânova*; outros são narrativas também na primeira pessoa, em que o próprio narrador intervém ou é mesmo o protagonista;

— longas páginas de introspecção analítica; longos períodos; poucos diálogos (só na obra da maturidade é que o *diálogo dostoievskiano* assumirá a sua importantíssima função); longas evocações; intromissão de histórias ou biografias de outras personagens;

— utilização do maravilhoso em *A dona da casa*; inserção de *anedotas* e da *ironia*;

— utilização do *mexerico*, do *boato*, do *acaso*, do *encontro fortuito*; dos presságios, sonhos, pesadelos, delírios febris, pressentimentos, profecias, pavores místicos, estados de loucura e de embriaguez; esboços de confissões; surgem já algumas "cenas paroxísticas", isto é, cenas de efeito espetacular, sobretudo n'*A granja de Stiepántchikovo*…;

— preferência pelos cenários noturnos e tempestuosos;

— referências à influência do clima, da temperatura, da estação do ano e do ambiente físico;

— influência e imitação de outros escritores russos e estrangeiros;

— transposição simples ou complexa.

**1** Anteriormente a *Pobre gente* escreveu Dostoiévski dois dramas, *Maria Stuart* e *Boris Godunov*, cujos manuscritos se extraviaram.↩

**2** Deve entender-se aos banhos turcos.↩

**3** O protagonista de *Crime e castigo*.↩

**4** Os funcionários públicos andavam fardados.↩

**5** A esta novela também se dá às vezes o título de *A senhoria*.↩

**6** O embrutecimento progressivo do dr. Mikhail Dostoiévski: já depois de viúvo, quando se retirou para as suas propriedades rurais e começou a tiranizar os camponeses, a dar-se ao alcoolismo e a fincar-se na sua avareza.↩

**7** Sopreposição da realidade.↩

**8** Em casa dos quais Dostoiévski era também recebido.↩

**9** In *Memórias da casa dos mortos*.↩

**10** O major do presídio siberiano também tinha os olhos injetados de sangue.↩

**11** *Coração frágil*.↩

# Pobre gente

# Pobre gente
# (1844-46)

> Não senhor, não quero nada com esses fazedores de histórias! Em vez de escreverem algo de útil, agradável e consolador, comprazem-se em rebuscar as mais pequenas coisas deste mundo para divulgá-las depois por aí. Eu os proibia muito simplesmente de pegarem na pena. Senão, veja: acontece que alguém os lê… Logo sem querer se põe a pensar naquilo que leu, o resultado é ficar com a cabeça cheia de disparates. É como lhes digo: eu, muito simplesmente, os proibia de escrever, de maneira terminante e categórica! Absolutamente proibido!
>
> Príncipe V. F. Odoiévski

8 de abril.

Minha cara Varvara Alieksiéievna:

Ontem senti-me muito feliz, extraordinariamente feliz, como não será possível ser mais! Até que enfim, ao menos uma vez na vida, a menina, sempre tão renitente, acabou por fazer caso de mim! Quando acordei, já escuro, aí pelas oito horas, (sabe já, minha amiga, que acabado o trabalho na repartição, quando venho para casa gosto de fazer uma sestazinha de uma ou duas horas), acendi a luz; tinha já disposto os meus papéis e só me faltava afiar a pena, quando de repente me lembrei de erguer os olhos e foi neste momento que… só de lhe dizer, o coração começa aos saltos! Com certeza que adivinhou já o que teria acontecido! É que uma pontinha da cortina da sua janela estava levantada e agarrada ao vaso de balsamina, tal como eu anteriormente lhe tinha recomendado! E foi por isso que se afigurou contemplar o seu adorado rosto entrevisto por um momento na janela; e que também a menina me olhava da sua salinha, que também pensava em mim. Que mágoa me deu, meu amorzinho, de não poder distinguir seu rosto perfeitamente! Já vai longe o tempo em que eu tinha boa vista, minha filha! Os anos não nos trazem nenhuma alegria, meu amor! Às vezes acontece-me ver tudo a bailar diante dos olhos! Se trabalho um pouquinho de noite, se escrevo um bocadito, no dia seguinte, levanto-me com os olhos inflamados e lacrimosos; a tal ponto que tenho depois vergonha de que alguém me veja. Mas, em espírito via muito bem, minha filha, o seu amável e afetuoso sorriso, e

no meu coração experimentava uma comoção semelhante àquela que tive quando a beijei pela primeira vez, Várienhka. Ainda se recorda disso, meu anjo? Sabe a minha pombinha que me parece estar a vendo-a, neste momento, a ameaçar-me com o dedinho. Será verdade, minha mazinha? Quando voltar a escrever, há de dizer-me sem falta e com todos os pormenores.

E agora, vejamos: que pensa a menina da nossa ideia? Refiro-me à cortina da sua janela, Várienhka! Magnífica, não é verdade? Sempre que eu sente para escrever, ou me deite, ou me levante, poderei a toda hora saber se estou presente no seu pensamento, se lembra de mim, e também se está de saúde e satisfeita. Se deixar cair a cortina, isso quererá dizer: "Boa-noite, Makar Alieksiéievitch, já são horas de ir para cama!". Quando voltar a levantá-la, será para dizer: "Bom-dia, Makar Alieksiéievitch! Como passou a noite e como está de saúde, Makar Alieksiéievitch? Eu, graças a Deus, estou ótima e muito contente!".

Já vê, minha amiguinha, como esta ideia é excelente. Por este processo nem precisamos de escrever! Não é verdade que está bem pensado? Pois fui eu o inventor desta ideia tão sutil!

E agora, Varvara Alieksiéievna, poderá ainda dizer que não tenho imaginação?

Devo declarar-lhe também, minha menina, que dormi a noite passada toda de um sono só, otimamente, ao contrário do que esperava, pelo que também estou agora muito contente, sobretudo se levar em conta que, numa casa nova, por falta de hábito, não se consegue pegar no sono. Pelo visto, as coisas nem sempre acontecem segundo as regras: hoje quando me levantei, sentia-me absolutamente tão… tão alegre e despreocupado. Hoje também madruguei…! Abri a janela, o sol entrou por ela a rodos, os pássaros começaram a cantar, o ar encheu-se de aromas primaveris e toda a Natureza ressuscitou; tudo estava como devia, tal como deve estar a primavera. Vou confessar-lhe que me pus a sonhar também um pouquinho, claro que pensando unicamente em você, Várienhka! Comparava-a mentalmente a um anjinho do Céu, criado com toda a perfeição para alegria dos homens e ornamento da Natureza. E pensava também que nós, Várienhka, nós

os homens que passamos a vida no meio de angústias e sobressaltos, poderíamos invejar os passarinhos do céu pela sua despreocupada e inocente alegria… e alguma coisa mais também, e tudo assim, segundo me parece. Resta acrescentar que só de longe fazia tais comparações.

Várienhka, tenho aqui um livrinho no qual se fala dessas coisas e onde se descreve tudo com grande pormenor. Digo isto para mostrar que, embora as opiniões sejam diferentes — não é verdade querida Várienhka? — agora na primavera, ocorrem a todos ideias igualmente agradáveis, espirituais, fantásticas e idênticos sonhos de ternura. Todo o mundo nos parece cor-de-rosa. Foi por isso precisamente que escrevi o que fica para trás. Se bem que, na sua maior parte, tivesse tirado tudo do tal livrinho a que me referi. Nele exprime o autor o mesmo desejo que eu, com a diferença só de ser em verso:

Oh! Se eu fora uma ave, uma ave de rapina…

Etc. Logo nos vêm também outros pensamentos diferentes… dedico-os a você, Várienhka! Mas diga-me, Varvara Alieksiéievna, aonde ia esta manhã? Ainda eu não tinha saído para a repartição e já a menina, como um passarinho primaveril, deixava o ninho e, toda folgazã, atravessava o portal… Como fiquei contente por vê-la! Ah, Várienhka, Várienhka! Não se aflija! As lágrimas não afogam as tristezas, acredite-me, sei isso de sobra e por experiência própria. Agora leva uma vida alegre e distraída e está melhor de saúde. Muito bem… E depois de tudo isto, que faz a sua Fiódora? Como é boa, a pobrezinha! Devia dizer-me tudo, com todas as minúcias, Várienhka, como se dá com ela e se está contente com tudo. Fiódora é às vezes um tanto resmungona, mas não faça caso disso, Várienhka. Deus seja com ela! Apesar de tudo é uma alma de Deus.

Já lhe escrevi falando da nossa Teresa. É também uma criatura boa e fiel. Que trabalho me deram nossas cartinhas… Como fazê-las chegar ao destino. Até que Deus quis que aparecesse Teresa, como uma enviada do Céu. É uma boa moça, modesta e de bom feitio. Mas a patroa, nem será preciso dizer, não se mostra muito caridosa em esgotá-la daquela maneira. A pobre criatura não pode com tanto

trabalho.

Mas em que estou pensando, Varvara Alieksiéievna! Ainda não lhe disse que, agora, vivo acompanhado! Dantes vivia numa solidão completa, bem sabe, com uma paz e um silêncio tais que podia ouvir uma mosca voando. Enquanto agora… tudo é barulho, algazarra e estrondo à minha volta. Não pode fazer a mais leve ideia do que isto seja. Imagine um corredor interminável, muito escuro e muito sujo. À direita está a parede exterior da casa, sem portas nem janelas; mas à esquerda, estendem-se como num hotel muitas portas uma ao lado da outra. E por detrás de cada porta há o respectivo quarto, com o número correspondente, e em cada um desses quartos vivem juntas duas ou três pessoas que repartem o custo do aluguel entre si. Quanto à disciplina, que ninguém se lembre de falar nisso. Isto é uma arca de Noé! Apesar disso, os inquilinos são boas pessoas, segundo penso, educados, e até cultos, sim senhor. Há aqui, entre outros, um certo empregado… que é um homem muito lido… Será capaz de lhe falar de Homero e de muitos outros escritores, numa palavra, de lhe falar de tudo… Sim senhor, é um homem de talento!

Temos também dois oficiais que passam a vida a jogar as cartas. E, além disso, um oficial que dá lições de inglês. Espere um pouco, que vou contar-lhe alguma coisa para rir. Na minha próxima carta hei de descrever-lhe em estilo satírico toda esta gente, mostrando com todas as minúcias o modo como vivem.

A dona da casa é uma velha pequenina e muito suja, que anda todo o dia de chinelas, metida num roupão, e que está constantemente a insultar a pobre da Teresa. Eu vivo na cozinha, ou, para melhor dizer… já deve calcular: contíguo à cozinha há um quarto (a cozinha é muito limpa, muito clara e ajeitadinha) — um quartinho muito pequeno, um cantinho muito discreto… ou, para melhor dizer, deve ser assim; a cozinha é grande e tem três janelas. Paralelamente ao tabique colocaram-me um biombo, de maneira que assim se faz um quartinho, um número supranumerário, como costuma dizer-se. Tudo muito espaçoso e cômodo, até tenho uma janela, e o mais importante é que, como lhe digo, está tudo muito bem e muito confortável. É este o meu cantinho. Mas não vá imaginar, minha filha, que lhe digo isso com uma segunda intenção, porque ao fim e ao cabo, isto não passa de

uma cozinha! Quero dizer, para falar com precisão: eu vivo na própria cozinha, mas separado por um biombo, o que não quer dizer nada. Estou aqui muito satisfeito e a meu gosto, muito modesta e calmamente!

Coloquei neste cantinho a minha cama, uma mesa, uma cômoda, duas cadeiras, nada menos que um par de cadeiras! E até pendurei na parede uma imagem piedosa. Certamente que há casas melhores e até muito melhores, porém o mais importante neste mundo é a comodidade; é somente por isso que eu vivo aqui, porque estou vivendo mais à vontade. Não, não vá pensar que é por alguma outra razão… A sua janelinha fica mesmo em frente do meu quarto, por cima do vestíbulo e, como o vestíbulo é também muito pequeno, posso vê-la perfeitamente ir e vir. Com o que, pobre de mim, sempre me sinto mais acompanhado, e também me fica mais barato este conjunto.

Nesta casa, o quarto mais pequeno, incluindo a alimentação, custa trinta e cinco rublos por mês. Ora, isso não o poderia suportar a minha bolsa! Mas o meu cantinho vem a sair-me apenas por sete rublos, e pela comida pago cinco, ao passo que dantes vinha a custar-me ao todo, em números redondos, trinta rublos, mas para os pagar tinha de renunciar a muitas coisas. Não podia, por exemplo, tomar sempre chá, e agora, em compensação, sobra-me dinheiro para açúcar. É como lhe digo, Várienhka: não faz ideia da vergonha que uma pessoa sofre quando não pode tomar chá. Nesta casa vivem somente pessoas que contam com rendimentos seguros, e isso envergonha-nos um pouco. É para que saiba, Várienhka, só por que um toma chá, para não dar que falar têm os outros que tomá-lo também; pois isso, aqui, é que dá a nota do bom-tom. Se tal não fosse, tanto me fazia, pois não sou homem que dê muita importância aos prazeres.

Devo contar, além disso, que é preciso trazer algum dinheiro no bolso, pois sempre se torna necessário qualquer coisa; suponhamos, por exemplo, um par de botas, um corte de tecido para um terno, contando com tudo isto, no final das contas, o que me resta? É assim que eu gasto todo o ordenado. Entretanto, não me queixo, e, pelo contrário, sinto-me até muito contente. A mim chega o que tenho. Há muitos anos que chega! Também é verdade que uma vez por outra, se ganha uma gratificação…

Bem, meu anjo, por hoje fique com Deus. Comprei um par de penas, dois vasos, um de balsamina e outro de gerânio… baratinhos. Por acaso gosta de reseda? Basta que me diga por carta para que imediatamente tenha aí a reseda. Mas escreva-me sem esquecer nada, sim? Para mais não quero acreditar, minha filha, que isso possa aborrecer você… Nada do que eu faça, nem o fato de ter arranjado um quartinho tão ordinário… Fiz isso somente pela comodidade; nisto, deixei-me guiar unicamente pelo pensamento de o ter achado confortável… No entanto devo confessar-lhe também, minha filha, que tenho amealhado algum dinheiro, e posto de parte uma certa quantia; oh!, sim, tenho já o meu pé-de-meia! Não vá pensar que eu seja tão pacífico e tímido que uma mosca possa derrubar-me com as suas asas! Não, minha filha, não sou assim tão insignificante e possuo precisamente as características dum homem que tem a consciência tranquila, e aquela inteireza que nos empresta o sentimento do decoro próprio.

Mas adeus, meu anjo! Enchi já duas páginas e chegou a hora de ir para a repartição. Beijo os seus dedinhos, Várienhka, e continuo o seu devotadíssimo servidor e fidelíssimo amigo.

MAKAR DIÉVUCHKIN

P.S. — Perdoe, mas peço-lhe mais uma vez que escreva uma carta muito grande, meu anjo. Juntamente, Várienhka, envio-lhe um pacotinho de doces. Saboreie-os com gosto e, pelo amor de Deus, não se preocupe comigo nem me veja com maus olhos. E agora é que é de vez: adeus, minha filha.

8 de abril.

Meu estimado Makar Alieksiéievitch:

Sabe o senhor que me vejo obrigada a retirar-lhe a minha amizade? Juro-lhe, meu bom Makar Alieksiéievitch, que a mim me custa muitíssimo aceitar os seus favores. Sei o que lhe custam e a brecha que abrem na sua bolsa, a quantas privações o obrigam e como tem de escamotear o necessário. Quantas vezes não lhe disse já que a

mim nada falta, absolutamente nada, e que não está na minha mão corresponder devidamente às atenções com que o senhor me cumula? Quanto à balsamina, ainda vá; mas a que propósito veio também o gerânio? Será o caso de bastar que eu pronuncie uma frase qualquer, como por exemplo, “gosto de gerânios”, para o meu amigo ir logo em seguida comprar-me um vaso de flores? Para o senhor nada é caro? Que maravilhosas são as flores! Que vermelho brilhante, e como são tantas! Mas diga-me, homem de Deus, onde conseguiu encontrar um exemplar tão bonito? Pus o vaso na esquina da janela, no local mais fácil de ver. Vou pôr também outras flores no banquinho que está junto da janela. E agora deixe-me gabar também as minhas coisas! Fiódora não se cansa de gabar o nosso quartinho, que está um verdadeiro paraíso, limpo, claro e acolhedor. Mas… a que propósito vieram também os doces? Além disso, deduzi logo da sua carta que havia por detrás das suas palavras alguma coisa que não caminha muito bem; a primavera, os perfumes, o cantarolar dos passarinhos… não! Pensei: querem ver que vai dedicar-me uma poesia? Porque, para dizer a verdade, Makar Alieksiéievitch, só versos faltavam à sua carta. Os sentimentos que nela exprime são muito ternos e as ideias coloridas de tons róseos… tudo como deve ser. Com isso da cortina é que eu não tive nada que ver. Essa pontinha de que falava devia ter ficado presa num ramo quando mudei os vasos, eis o que foi!

Ah, Makar Alieksiéievitch, a que vem isso de dar-me conta das suas economias e dos seus gastos, a tranquilizar-me, a fazer-me acreditar que tudo quanto gasta o gasta porque quer?

No que me diz respeito, não pode o senhor enganar-me. Sei perfeitamente que se priva de coisas necessárias por minha causa. Quer dizer-me com toda a franqueza por que motivo se lembrou de alugar esse quarto? Aí aborrecem-no e distraem-no; o quarto é, evidentemente, demasiado pequeno, incômodo e feio. O senhor gosta do silêncio e da solidão, porém… aí nessa casa que vida não vai passar? E com respeito ao seu ordenado, o senhor podia procurar uma casa muito melhor. Fiódora disse-me que dantes vivia melhor do que agora. Realmente, terá o senhor passado toda a sua vida assim, sempre sozinho, sempre com privações, sem gozar de nada, sem ouvir uma palavra de amizade, sempre num desvão alugado, entre gente

estranha? Ah, meu amigo, se soubesse a compaixão que me causa! Ao menos cuide da sua saúde, Makar Alieksiéievitch. Diz que não anda muito bem dos olhos… então não escreva com luz artificial! Para que é que o senhor escreve? Não tem necessidade disso, os seus superiores devem já conhecer muito bem o zelo que tem pelo serviço…

Torno a pedir-lhe peço que não gaste tanto dinheiro comigo. Já sei que gosta de mim, mas o senhor não é rico!

Hoje, quando me levantei, estava tão bem disposta como o senhor. Se visse como estava contente! Fiódora tinha-se posto já a trabalhar e eu me preparava também para a minha faina. O que me encheu de alegria. Saí de casa só para comprar seda e a seguir pus-me logo a trabalhar. E toda a manhã e toda a tarde, estive sempre tão contente! Mas agora… voltam outra vez a atormentar-me ideias tristes, indefinidas. Meu Deus, o que vai ser de mim, qual será a minha sorte? O pior é uma pessoa não saber nada, absolutamente nada, do que lhe reserva o destino, não poder dispor do futuro e nem de longe poder adivinhar o que está para acontecer! Esta ideia faz-me sofrer tanto, dá-me tamanho desgosto, que só de pensar nela o coração me salta. Toda a minha vida hei de ter lágrimas nos olhos por causa das pessoas que fizeram a minha desdita. Que criaturas tão horrorosas!

Já se vai tornando escuro. É hora de retornar à tarefa. De bom grado lhe escreveria mais, mas por agora não pode ser; o trabalho deve estar pronto na data marcada. Por isso tenho de me desembaraçar.

Claro que gosto sempre de receber as suas cartas; sem elas ficaria tão aborrecida! Mas por que não vem visitar-me pessoalmente? Há de dizer-me por que, Makar Alieksiéievitch… Vivemos tão perto e o senhor deve ter tanto tempo livre! Assim que… não, tem de fazer-nos uma visita.

Vi hoje a sua Teresa. Parece de saúde delicada. Tive tanta pena dela que lhe dei vinte copeques.

Sim, é verdade, quase me tinha esquecido; escreva-me tudo, com toda a minúcia possível… que gênero de vida leva, o que se passa à sua volta… tudo! Que espécie de gente é essa que aí vive e se se dá

bem com eles.

Quero saber tudo. Não se esqueça o senhor também, quero todos os pormenores. Hoje não deixarei prender-se involuntariamente a ponta da cortina. Vá deitar-se mais cedo. Vi luz no seu quarto perto da meia-noite. E agora, fique com Deus!

Hoje tudo voltou de novo: desgosto, sobressalto e aborrecimento. Que dia! Mas, enfim, fique com Deus!

Sua,

VARVARA DOBROSSIÉLOV

8 de abril.

Minha muito estimada Varvara Alieksiéievna:

Sim, minha filha, sim, meu amor, deve ter sido um daqueles dias que a miúdo nos depara o destino. Varvara Alieksiéievna, com certeza que a menina se divertiu à minha custa, um pobre velho! Se bem que afinal sou eu o culpado, eu e mais ninguém! Quem me manda a mim, na minha idade, com o cabelo que me resta na cabeça, meter-me em aventuras? E, no entanto, é preciso que me confesse, minha filha: o homem é às vezes uma coisa estranha, muito estranha até. Oh, meu Deus! O que não diz uma pessoa, às vezes! Mas depois as consequências, os resultados finais? Sim, apesar do que possa acontecer, às vezes diz uns tais desatinos que Deus nos livre e nos defenda! Sim, minha filha, eu não me aborreço absolutamente nada. No entanto, é-me sem dúvida muito desagradável ficar agora pensando em todas essas coisas de que com tanta despreocupação e tão levianamente lhe falei…

Até para o emprego fui hoje cheio de altivez e presunção; fulgiam tais luzes nos meus olhos, havia tal festa na minha alma e, tudo isto, sem a menor razão… Sentia-me tão feliz! Ansioso por gastar energias, atirei-me ao trabalho sobre a papelada. E em que acabou afinal tudo isso? Aconteceu que ao relancear a vista à minha volta, tornei a encontrar tudo como dantes… cinzento e insípido. Por todo lado as mesmas manchas de tinta, as mesmas mesas e os mesmos papéis, e

inclusive eu próprio tinha permanecido como era antes, exatamente igual… Que motivo teria havido, portanto, para cavalgar o Pégaso?[1] Donde procedia tudo isso? Simplesmente porque o sol tinha sorrido por entre as nuvens e o céu se tingira de uma cor mais clara. Era a isso que tudo se devia, somente a isso? E que têm a ver as fragrâncias primaveris, quando uma pessoa tem à sua frente um pátio no qual se podem ver todas as imundícies do mundo? Verdadeiramente, todas essas coisas, fui eu que me pus a imaginá-las, tolamente. Mas acontece às vezes que o homem se perde nos seus próprios sentimentos, esquadrinha o horizonte e profere disparates. Isto é apenas o efeito de um calor estúpido, e no que toma sua parte o coração.

Quando regressei a casa, doía-me a cabeça. Isso, às vezes, acontece. E talvez tenha apanhado frio nas costas. Tal qual um burro velho, estava todo contente com a chegada da primavera e saí para a rua com uma capa demasiadamente leve. Até isso! Entretanto, no que toca aos meus sentimentos, engana-se, meu amor. Tomou as minhas palavras num sentido completamente diferente. Trata-se unicamente de uma inclinação paternal, Várienhka, pois eu ocupo na triste orfandade em que se encontra o lugar dum pai. Digo-lhe com toda a alma e de coração puro. Mas, seja como for, em última análise, sou um pouco seu parente, ainda que muito afastado, talvez como diz o ditado: “a última palavra do credo”; porém, de qualquer forma, um parente seu e, já agora posso acrescentar, também o seu melhor parente e o seu único protetor. Pois nos parentes, onde seria natural que a menina encontrasse ajuda e proteção, somente tem encontrado traição e indiferença.

No que toca aos versos, devo dizer-lhe, minha filha, que não me fica bem, na minha idade, pôr-me a compor rimas. As poesias são disparates! Hoje castigam os garotos nas escolas quando os apanham a fazer versos. Por aí já pode ver, minha querida, o que é a poesia!

A que propósito Varvara Alieksiéievna, vem isso de que me fala na sua carta, de comodidade, sossego e não sei que mais? Eu não sou exigente, minha filha, e nunca vivi melhor do que hoje vivo. Por que haveria agora de pôr-me a perder? Não me falta de comer, estou bem quanto a roupa e calçado… Que mais posso eu desejar? Não nos fica bem metermo-nos sabe Deus em que aventuras! Não sou nenhum

fidalgo! O meu pai não era nenhum aristocrata e mantinha toda a sua família com um ordenado tão modesto como o meu. Não estou mal-acostumado. No entanto, se é meu dever dizer-lhe a verdade completa, então digo-lhe que estava muito melhor no meu anterior alojamento. Desfrutava ali de mais liberdade e independência, isso é certo, minha filha. Entretanto, a minha morada atual também é boa e, em determinado sentido, tem as suas vantagens. Leva-se aqui uma vida mais alegre, e, num certo ponto de vista, há mais variação e distração. Não nego que não seja assim. Acontece somente que tenho pena de minha antiga morada. Nós, os velhos, somos assim… quero dizer, os que vão começando já a tornar-se velhos. Olhamos as coisas antigas, a que estamos acostumados, quase como se fossem da família.

Aquele quarto, a menina já sabe, era pequeno mas bonito. Tinha um cantinho só para mim. As paredes eram… mas, ai! Para que falar nisso? As paredes eram como todas as paredes do mundo… Não se trata das paredes, mas das recordações que em mim despertam e que me põem triste. A verdade é que essas recordações me afligem. Não obstante, por outro lado, é como se me alegrassem, como se pensasse até com prazer nas coisas do passado. Até as coisas desagradáveis, aquilo de que eu às vezes me queixava, até isso mesmo aparece agora nas minhas recordações como purificado de todo mal e vejo-o somente em espírito, como algo de familiar e de bom.

Tanto a dona de casa, a boa velhota, como eu, levávamos ali uma vida muito tranquila. Sim, Várienhka, até na pobre velha eu penso e, agora, com tristeza. Era uma excelente mulher e não me cobrava caro pelo quartinho. Estava sempre a fazer colchas de retalhos velhos que cortava em tiras estreitas, e empregava nesse trabalho umas agulhas enormes. Esta era a sua única ocupação. A luz era utilizada pelos dois em comum, porque trabalhávamos ambos, à noite na mesma mesa. Com ela vivia uma sobrinha, Macha, e lembro-me de como, então, era ainda pequenina… Agora deve ter os seus trezes anos e ser já uma mulherzinha. Era tão desengraçada e tão preguiçosa que até nos fazia rir. De maneira que formávamos um trio e, nos compridos serões de inverno, sentávamo-nos os três em torno da mesa redonda, tomávamos o nosso chá e a seguir voltávamos a pegar no trabalho. Muitas vezes a velha punha-se a contar histórias para que Macha não

se aborrecesse e também para instruí-la um pouco. E que histórias nos contava a velhota! Não só podia ouvi-las uma criança mas até um homem adulto e ajuizado. E de que maneira as contava! Eu próprio, muitas vezes, puxava uma fumaça do meu cachimbo e detinha-me a escutá-la com a maior atenção, esquecendo-me por completo do meu trabalho. A garotinha, a nossa miúda, ficava muito pensativa, apoiava o queixo cor-de-rosa sobre a mão, abria a boquinha e quedava-se ouvindo a velha com olhos muitos abertos; e quando a história era de medo, então, ia-se aproximando pouco a pouco da velha, muito devagarinho, até lhe pegar as saias, toda assustada.

Para nós dois era uma satisfação contemplar a pequenina, de maneira que, com umas coisas e com outras, estávamos até horas mortas sentados à mesa sem darmos conta de que o tempo passava, e esquecidos por completo de que lá fora estava nevando.

Sim, era uma ótima vida, Várienhka! E dizer que a vivemos em comum quase durante vinte anos! Mas para que falar disso! A você talvez não lhe agradem estas histórias, e a mim também me custam estas recordações… sobretudo e esta hora do pôr do sol.

Teresa está fazendo um barulhão com a louça e, além disso, dói-me um pouco a cabeça e as costas; e vêm-me uns pensamentos tão estranhos que parece que fazem doer também; estou terrivelmente triste, Várienhka!

E você a me falar de visitas, minha filha! Como posso eu ir a sua casa? Que diriam os outros se eu fizesse isso, minha querida? Tinha de atravessar o átrio e não haviam de deixar de me ver e de bisbilhotar… Logo ia virar um burburinho e as comadres não deixariam de urdir histórias, deturpando completamente todas as coisas! Não, meu anjo; será melhor que a veja amanhã, à hora da missa da tarde; será mais discreto e mais inofensivo para ambos.

Não conserve aborrecimento contra mim por lhe ter escrito uma carta como esta. Ao revê-la agora, vejo bem as incoerências do seu texto. Sou um velho sem ilustração, Várienhka; em novo não cheguei a aprender nada e, com a idade que tenho, seria uma loucura empenhar-me em recomeçar a estudar.

Devo desde já confessar-lhe, minha filha, que não redijo lá muito bem e, sem necessidade de opiniões alheias nem de observações trocistas, sei muito bem que, quando me meto a espirituoso não faço senão soltar despropósitos… Vi-a hoje à janela, vi-a quando deixava cair a cortina. E finalmente, adeus, Varvara Alieksiéievna.

Seu amigo, de uma amizade sem qualquer interesse.

MAKAR DIÉVUCHKIN

P.S. — Meu amor: não voltarei a fazer troça de ninguém. Sou já muito velho para permitir-me gracejos com o único fim de passar o tempo. Se assim fizesse, daria motivo para que os outros se rissem de mim, pois poderiam aplicar-me o ditado que diz: "Quem para outro cava um buraco, nele cai!".

9 de abril.

Makar Alieksiéievitch:

O senhor não se envergonha, meu amigo e protetor, de dar guarida no seu cérebro a semelhantes ideias? De verdade que se considera ofendido? Ai, costumo ser tão irrefletida nas minhas apreciações! Porém, repare que desta vez nem sequer pensei que o senhor pudesse tomar como chacota o tom de graça inofensiva com que eu me exprimia. Fique com a certeza de que jamais me passaria pela cabeça gracejar com uma pessoa da sua idade e do seu caráter. Tudo isso o escrevi eu, como dizer?… levada apenas pela minha boa disposição, pelo meu aturdimento, ou para dizer melhor, devido ao tédio que me rodeava, um tédio horroroso… Que não somos nós capazes de fazer, às vezes para sacudir o aborrecimento? Além disso, acreditei até que o senhor, na sua carta, se expressava também com um certo bom humor… Mas agora custa-me muito pensar que está aborrecido comigo. Não, meu leal amigo e protetor; engana-se muito se me supõe ingrata e insensível. Reconheço tudo quanto fez por mim, como me defendeu do ódio e da perseguição de homens execráveis, e sei apreciá-lo no seu verdadeiro valor. Hei de pedir eternamente a Deus pelo senhor, e se até Ele chegam as minhas preces e se Se digna

escutá-las, o senhor há de ser absolutamente feliz.

Sinto-me hoje muito mal. Arrepios e febre, alternadamente, não me têm deixado em paz um instante. Fiódora está muito assustada… Além disso, não tem fundamento nenhum o que me escreveu a propósito da sua visita e dos seus temores… Que importa essa gente? O senhor é nosso amigo, é quanto basta.

Fique com Deus, Makar Alieksiéievitch. Não tenho mais para dizer-lhe nem tão pouco poderia; sinto-me verdadeiramente muito mal. Uma vez mais lhe peço: não se aborreça comigo e tenha a certeza do meu respeito e afeto inalteráveis.

Sua devota e agradecida,

VARVARA DOBROSSIÉLOV

12 de abril.

Minha estimada Varvara Dobrossiélov:

Ai, meu amor! O que se passa? Assusta-me, minha filha! Em todas as minhas cartas recomendo-lhe sempre muito bem que não saia à rua quando fizer mau tempo, que tenha sempre muito cuidado… mas a menina, meu anjo, não faz caso das minhas recomendações! Ai, minha querida, é ainda uma criança, verdadeiramente! E tão delicada como uma palhinha, bem o sei. Basta que sopre um ligeiro vento para que logo se torne doente. Por isso deve cuidar mais da sua pessoa, procurar não se expor a perigos, ainda que seja só para não dar motivos de inquietação, de dor e de sobressalto àqueles que lhe querem.

Na sua penúltima carta exprimia a minha filha o desejo de conhecer um pouco mais em pormenor o meu gênero de vida e tudo quanto me rodeia e me diz respeito. Com muito gosto vou satisfazer esse desejo. Começarei pois… pelo princípio, minha filha, para haver assim mais ordem no relato.

Assim, pois, em primeiro lugar, digo-lhe que as escadas da nossa casa são muito aceitáveis; a escada principal está bem conservada,

mesmo em muito bom estado, pode-se dizer: limpa, clara, larga, toda de ferro fundido e corrimão de madeira reluzente como acaju. Em compensação, a escada de serviço é de tal espécie, a coitada, que preferia nem falar dela: úmida, suja, com os degraus já gastos e as paredes tão pegajosas que, se nelas nos apoiamos, as mãos ficam lá coladas. Em cada patamar desta escada veem-se cofres, cadeiras e armários velhos, todos estragados e aos montes, roupa a secar, e os vidros das janelas quebrados; e, se nos descuidarmos, tropeçamos com os caixotes do lixo, cheios de todas as imundícies imagináveis, cascas e desperdícios, cascas de ovos e restos de comida; e tudo isto espalha um fedor horrível… numa palavra: quanto a esta escada, estamos mal.

Já descrevi a situação do meu quarto; é realmente cômodo, é verdade — não se pode dizer outra coisa — mas também nele se respira um ar um pouco úmido; quero dizer: não pretendo dar a entender que cheira mal nos quartos, mas que… enfim, que exalam um certo cheiro putrefato, se posso falar assim, um cheiro penetrante e enjoativo a mofo ou a qualquer coisa parecida. A primeira impressão, pelo menos, não é agradável; mas isto não quer dizer nada, porque, depois de estarmos cá dentro, já não se nota o referido odor e, por fim, cada um começa também a cheirar ao mesmo; cheiram-lhe as roupas, as mãos, cheira tudo à mesma coisa, de maneira que uma pessoa acaba sossegadamente por se habituar.

É talvez por isso que não se dão aqui os canários. O marujo comprou já cinco, mas está visto que não podem viver neste ambiente e nada podemos fazer para o remediar.

A cozinha é grande, espaçosa e clara. Pela manhã fica um tanto enfumarada quando assam carne ou peixe, e então cheira a fumo e a gordura; depois, sempre se entorna qualquer coisa, e por isso também o chão, de manhã, está um tanto úmido. Porém, à tarde, está-se na cozinha como no paraíso. Também costumam estender lá roupa a secar numas cordas e, como o meu quartinho não está longe, pois fica quase pegado, acontece incomodar-me às vezes um pouco esse cheirinho de barrela. Mas isto não tem importância; logo que esteja aqui há mais tempo, hei de ficar habituado.

A vida, aqui, começa logo que amanhece; a essa hora já todos

estão despertando, fazendo barulho, dando pancadas, até que pouco a pouco, todos acabam por se levantar; uns para irem para o trabalho ou para outro local, outros por gosto, e é então que começam as libações de chá. Os samovares são quase todos propriedade da senhoria, mas são poucos, e por isso temos de nos conformar e aguardar a nossa vez; aquele que saia da fila antes do tempo é energicamente admoestado. Isso já me aconteceu uma vez, no primeiro dia em que estive nesta casa, mas, sobre isso, muito haveria que contar! Foi nessa ocasião que me tornei amigo de todos. O primeiro com quem travei amizade foi com o marinheiro, que é homem de coração franco e me contou toda a sua história. Disse-me que ainda tem pais e uma irmãzinha casada em Tula com um adjunto, e que viveu durante muito tempo em Kronstadt.[2] Também se ofereceu com muito boa vontade para tudo o que eu pudesse precisar dele e logo me convidou para o chá da tarde.

Fui procurá-lo a essa hora e encontrei-o no compartimento que aqui faz as vezes de casa de jogo. Ofereceu-me chá e instou comigo para que tomasse também parte nos seus jogos. Seria o caso de que desejariam unicamente rir de mim ou teriam em mente qualquer outra coisa? O certo é que estiveram a jogar toda a noite e quando eu entrei estavam já agarrados às cartas. Por todos os lados se viam pedaços de gesso, cartas, e havia no quarto uma tal fumarada que, para dizer a verdade, até os olhos da gente ficavam ardendo. É claro que eu não queria jogar e quando o declarei, começaram a dizer que logo se via que eu era um filósofo. E, com isto, mais ninguém voltou a prestar-me atenção, nem a trocar comigo uma só palavra durante aquele tempo. No entanto, justiça seja feita, sentia-me ali muito bem. Agora já não paro nunca por lá, pois essa gente não faz outra coisa senão jogar, unicamente jogar. Mas às vezes, à noite, costumo juntar-me com o empregado que, diga-se de passagem, é também um pouco literato. E no seu quarto é tudo muito diferente, pois reinam ali a modéstia, a inocência e o decoro… Uma vida austera, a do nosso homem.

Mas, Várienhka, queria confiar-lhe uma coisa, entre parênteses: é que a nossa senhoria é uma velhorra muito má, uma verdadeira bruxa. Conhece a Teresa; pois, pelo que se passa com a pobre moça já pode fazer uma ideia; está fraca como uma tísica, como uma galinha depenada. Além disso, a senhoria tem unicamente dois servidores: a

sobredita Teresa e Faldôni. Para dizer a verdade não sei com certeza como se chama este último, pode ser que tenha outro nome. Seja como for, o caso é que vem quando o chamam assim, e por isso todos lhe chamam Faldôni. É ruivo e parece um rústico de olhos vesgos, com uma narigueta enorme; passa a vida a insultar a Teresa e pouco lhe falta para que a espanque. Devo declarar desde já que a vida, aqui, não pode classificar-se precisamente de boa… Por exemplo, isso de todos recolherem-se e deitarem-se à mesma hora… é a coisa que nem por sombras se passa nesta casa. Há sempre alguém acordado ou que esteja a jogar, seja a que horas for, e às vezes acontecem também coisas que, só de imaginá-las, uma pessoa se envergonha. Eu estou aclimatado e pouco me assusto; no entanto espanto-me de que, até mesmo casais autenticamente casados, possam viver nesta sucursal de Sodoma.

Temos aqui, numa das dependências que não pertence à série dos quartos numerados, no outro lado, num quartinho de esquina, quer dizer, lá mais para diante, uma pobre família que faz pena. Que gente tão calada! Ninguém os ouve. E vivem todos juntos no mesmo quarto, sem separação que não seja um pequeno biombo. O pai, segundo parece, é um desempregado que haverá uns sete anos perdeu o emprego, não se sabe por que. Chama-se Gorchkov. É um homúnculo baixinho e encanecido, que anda vestido com roupas velhas e puídas a tal ponto, que faz horror olhá-lo… Anda muito mais malvestido do que eu! É uma criatura envergonhada, enfermiça; costumo encontrá-lo no corredor. Tem os joelhos e a cabeça sempre a tremer, devido a uma doença, ou, quem sabe, a outra razão. É extremamente tímido, foge de todos, encolhe-se a um canto todo assustado e cose-se com as paredes quando se encontra com alguém. Eu também sou um pouco tímido, mas não posso comparar-me com ele. A sua família compõe-se da mulher e de três filhos. O mais velho é exatamente a cara do pai e tem também um aspecto doentio. A mulher não devia ter sido feia, mas agora, só vendo… E anda tão malvestida, com roupas de segunda mão, já tão velhas! Segundo tenho ouvido dizer estão devendo à dona da casa; esta, pelo menos, não os trata lá muito bem. Murmura-se também que Gorchkov deve ter cometido alguma feia ação para ter sido despedido do emprego… O que se ignora é se, de permeio não existirá qualquer processo judicial ou qualquer coisa desse gênero,

talvez uma denúncia ou uma demanda. Do que não pode duvidar-se é que se encontram na miséria e na miséria mais horrorosa! Jamais se ouve um ruído no seu quarto, como se ali ninguém vivesse. Nem sequer se ouvem as crianças. Nunca se dá o caso de que brinquem ou façam algazarra, e não há pior sinal do que esse. Uma tarde tive de passar diante daquela porta — na casa reinava nesse instante um desacostumado silêncio — e então pude distinguir um soluço abafado, seguido de um murmúrio brando, e logo depois mais soluços, tal como se ali dentro estivesse alguém chorando, mas tão baixinho, com tal tristeza e abandono que me partia o coração… Estive até de madrugada sem poder afastar essas pobres criaturas do meu pensamento e foi-me muito difícil conseguir adormecer…

Fique com Deus, Várienhka, minha amiguinha. Já lhe disse tudo, segundo me parece. Hoje passei o dia inteiro pensando em você. Meu coração ficava apertado por sua causa, pois bem sei que a menina não tem cuidado. Conheço bem esta primavera petersburguesa, estas ventanias primaveris e estas chuvas que às vezes se complicam em nevascas… de morrer, Várienhka. E, valha-nos Deus, sempre há umas tais mudanças de temperatura! Minha amiguinha, não leve a mal o que acabo de lhe dizer; já sabe que eu não sou para retóricas, Várienhka; não entendo nada dessas sutilezas. Se ao menos soubesse escrever um pouquinho melhor! Escrevo ao correr da pena, digo aquilo que me vem à ideia, com a intenção de lhe proporcionar alguma distração, com o fim único de dar-lhe um pouco de alegria. Se eu fosse um homem de letras, era uma coisa muito diferente; mas assim… que sei eu? Os meus pais não gastaram muito dinheiro em educar-me…

Seu eterno e fiel amigo,

MAKAR DIÉVUCHKIN

25 de abril.

Meu muito estimado Makar Alieksiéievitch:

Hoje encontrei a minha prima Sacha. Que encontro tão desagradável! Esta pobrezinha está indo também por água abaixo! E

fui informada, casualmente e de modo indireto, de que Anna Fiódorovna pergunta por mim em toda parte, e que naturalmente deseja saber de tudo. Nunca se cansa de perseguir-me. Parece que disse que me perdoava tudo, que estava pronta a esquecer o passado e que deseja fazer-me uma visita! Referindo-se ao senhor, anda por aí dizendo que nem de longe é meu parente, que a minha parenta mais próxima e única é ela, e que o senhor não tem qualquer direito de intrometer-se nos nossos assuntos. Que é uma vergonha para mim deixar-me sustentar pelo senhor e viver à sua custa… Diz que eu já não me lembro quanto pão de caridade ela nos deu; à minha mãe e a mim, para evitar que morrêssemos de fome; que nos manteve e cuidou de nós quase por espaço de dois anos e meio, e que só lhe demos dissabores, e que além de tudo isso nos pagou também uma dívida antiga. Arre, que nem a pobre mamãe deixa em paz na sepultura! Se a mamãe pudesse ver o mal que ela me fez! Mas de Deus ninguém consegue esconder nada…

Anna Fiódorovna disse também que somente por pura estupidez é que eu não soube alcançar uma felicidade que ela pôs ao alcance da minha mão, e que não tem culpa que eu não soubesse ou não quisesse apanhar um bom partido. Mas quem teve a culpa, meu Deus!

Disse que o senhor Búkov está perfeitamente no seu direito; que, afinal, nem todas as mulheres se podem casar… e que… eu sei lá, quantas tolices mais!

É demasiado cruel ter de escutar todas essas patranhas, Makar Alieksiéievitch!

Não consigo explicar o que se passa hoje comigo. Quando percebo estou tremendo, chorando, a soltar suspiros. Há duas horas já que estou escrevendo esta carta. Eu já estava convencida de que aquela mulher tinha pelo menos reconhecido as suas culpas e a injustiça que cometeu para comigo… E eis que agora se põe a falar de mim, dessa maneira!

Peço-lhe, meu amigo, que não se preocupe com meu estado; por Deus, não se apoquente, meu único e bom amigo. Fiódora exagera sempre. Eu não estou doente. Tudo se resume a que, ontem, me

resfriei um pouco no cemitério de Volkov, enquanto estive a ouvir missa de sufrágio pela pobre mamãe. Por que não veio comigo? Devia ter pedido que me acompanhasse. Ah, minha pobre mãezinha, se pudesses erguer-te, se tu soubesses, se supusesses sequer o que fizeram de mim!

V. D.

20 de maio.

Minha querida Várienhka:

Mando-lhe um par de cachos de uvas, meu amorzinho, pois são muito boas para os convalescentes e os médicos recomendam-nas também contra a sede… de maneira que, Várienhka, pode comê-las quando tiver sede. Você desejava também um raminho de rosas… Pois tenho muito gosto em lhas enviar. E quanto à vontade de comer, como vamos, minha pequenina? Porque isso é o principal. Graças a Deus que o mal vai se atenuando, e que bem depressa a nossa infelicidade há de acabar. Dê graças ao Criador!

Quanto aos livros, não me é possível, de momento, enviar-lhe nenhum. Mas ouvi dizer que um dos hóspedes da casa tem um muito bom, escrito num estilo elevado; asseguram que se trata, com efeito, de um livro excelente, e se bem que eu não o tenha lido, foi muito recomendado. Já pedi que me emprestassem e creio que o farão. Mas… vai lê-lo, de verdade? É tão caprichosa nestes assuntos, que é difícil atinar com o seu gosto; digo-lhe isto porque a conheço muito bem, minha filha. A você só lhe agradam os versos que falam de amor e de saudade e, por isso, posso procurar-lhe também essas poesias e tudo, tudo o que desejar. Tenho precisamente em meu poder um caderno cheio de versos copiados.

Eu ando agora muito bem. Esteja tranquila sobre este assunto, minha filha. O que Fiódora lhe foi contar, da última vez, não é completamente verdade e a menina deve recomendar-lhe que não seja tão mentirosa. Sim, diga-lhe isso muito a sério! Que trapalhona! Não é verdade que eu tenha vendido o paletó do terno novo e nem sequer tal coisa me passou pela ideia; e por que havia eu de vendê-lo? Ainda não

há muito ouvi dizer que me iam dar uma gratificação de quarenta rublos e, sendo assim, por que havia eu de desfazer-me do paletó? Não, minha filha; não se aflija com isso. Essa Fiódora é maliciosa e desconfiada e isso não está certo. Tenha um pouco de paciência, minha filha, e verá como a vida ainda nos há de sorrir. Para isso é preciso, antes de mais nada, que goze de perfeita saúde e que se esforce ao máximo para conseguir, pelo amor de Deus. Que ande assim tão fraca é o que mais me custa e desilude.

Quem é que lhe apareceu com a história de que eu estou mais magro? Eis aí outra calúnia! Encontro-me de ótima saúde e bem disposto, e engordei tanto que até me envergonho. Estou satisfeito e alegre, pois não me falta nada… Se a menina já estivesse completamente restabelecida… Fique com Deus, meu anjo; com um beijo em cada um dos seus dedinhos, sou sempre o seu fiel e constante amigo,

MAKAR DIÉVUCHKIN

P.S. — Ai, meu amor, de que me falava na sua carta! Outra vez! Que coisas vão nessa cabecinha… Como quer, minha filha, que eu vá a sua casa? Diga-me! Só se for a coberto de escuridão da noite! Mas isso só quando as noites voltarem, pois, agora, nesta época do ano não existem. No entanto não me afastei do seu lado nem um instante enquanto esteve doente e a febre a mantinha prostrada, sem conhecimento. Verdadeiramente nem eu próprio sei como tive tempo para tudo, sem faltar às minhas obrigações. Mas depois tive de suspender as minhas visitas porque os curiosos começaram a bisbilhotar e a querer saber. E, apesar disso, que intrigas não inventaram! No entanto, tenho uma confiança absoluta em Teresa, porque não é linguaruda. Sem dúvida, minha filha, a menina mesma pode fazer uma ideia do que havia de sofrer se nós chegássemos a andar nas bocas do mundo… Que haviam de pensar e dizer de nós? Por isso tenha um pouquinho de paciência, filhinha, espere até estar completamente restabelecida e então não nos há de faltar onde nos vermos sem ser em sua casa.

1 de junho.

Meu bom Makar Alieksiéievitch:

Queria fazer alguma coisa para demonstrar-lhe a minha gratidão pelos seus cuidados e pelos sacrifícios que faz por mim; por isso decidi-me a tirar da minha cômoda esse velho caderno que juntamente lhe envio. Comecei a apontar nele as minhas impressões quando a vida ainda me sorria. Tantas vezes o senhor me manifestou o desejo de conhecer o meu passado, e tanto me pediu que lhe falasse de minha mãe, de Pokróvski, da minha estada em casa de Anna Fiódorovna, e que lhe contasse as minhas recentes desditas; e com tanta veemência exprimia o desejo de ler este caderno, ao qual confiei uma parte da minha vida, que acredito proporcionar-lhe uma alegria com a remessa. A mim, pelo contrário, fez-me pena reler agora as suas páginas. Parece que a partir do momento em que escrevi a última linha me tornei duplamente mais velha do que era antes, quero dizer, duas vezes mais velha. Escrevi todas essas notas em épocas diferentes.

Que continue a passar bem, Makar Alieksiéievitch. Eu, agora, sou com frequência acometida de crises de tédio horríveis e, à noite, atormentada pelas insônias. Que convalescença tão aborrecida!

V. D.

## I

Tinha catorze anos quando o meu pai morreu. A minha infância foi a época mais feliz da minha vida. Não a passei aqui, mas lá longe, na província, no campo. O meu pai era administrador duma grande fazenda, propriedade do príncipe P. Ali vivíamos tranquilos e felizes… Eu era o que se pode dizer uma selvagem, pois não fazia mais nada durante o dia senão correr por aqui e por ali, pelo campo ou pelos bosques ou por onde me apetecia, e ninguém se preocupava comigo. Meu pai estava sempre ocupado e a minha mãe tinha muito que fazer com o trabalho da casa. Não me mandavam à escola… o que me agradava. Logo de manhã cedo me punha a traquinar à volta do grande tanque, ou na floresta, ou no prado, com os ceifeiros, conforme me apetecia. Que me importava que o sol queimasse, que nem eu própria soubesse às vezes onde estava, nem como havia de voltar para casa, nem que as silvas me picassem e rasgassem os vestidos! Que me

importava que em casa estivessem preocupados!

Acreditava que havia de ser sempre feliz como então, mesmo que vivêssemos toda a vida no campo. Infelizmente logo tive que despedir-me daquela vida livre e rústica e abandonar todos os recantos que me eram familiares. Teria apenas doze anos quando nos mudamos para Petersburgo.[3] Ai, quanto me custou deixar aquilo! O que eu chorei quando tive de abandonar tudo quanto amava! Ainda me lembro de como me abracei convulsivamente a meu pai, com lágrimas nos olhos, suplicando-lhe que ao menos me deixasse ficar na fazenda, um instantinho, só mais um instantinho! E de como o meu pai se zangou e a minha mãe chorava! O meu pai dizia que tínhamos de partir, que assim o exigiam as circunstâncias. Tinha morrido o príncipe P e os seus herdeiros prescindiam dos nossos serviços.

Foi assim que mudamos para Petersburgo, onde moravam algumas pessoas que deviam dinheiro ao papai… o qual queria resolver por si próprio as suas questões. Tudo isto vim a saber por minha mãe.

Alugamos um andar no Lado Petersburguês[4], onde vivemos até a morte de meu pai.

Quanto me custou acostumar-me a essa nova vida! Chegamos a Petersburgo no outono, Tínhamos deixado a propriedade num dia de sol claro, diáfano e cálido. Nos campos terminavam as últimas fainas. O trigo estava já enfeixado nas eiras em altas medas, em torno das quais revoluteavam, inquietos, grandes bandos de passarinhos chilreadores. Como todas as coisas brilhavam alegres e claras!

Mas ao chegar à cidade, em vez disso, encontramo-nos com chuva, frio outonal, mau tempo e lama, e uma multidão de seres desconhecidos que tinham todos um ar hostil, maldoso e mal-humorado. Instalamo-nos o melhor que pudemos. Quanto trabalho nos custou ter finalmente uma casa acomodada! O meu pai passava o dia quase todo na rua e a minha mãe andava sempre atarefada, de maneira que se esqueciam completamente de mim. Como foi triste o primeiro dia em que acordamos naquela casa! Diante das nossas janelas tínhamos uma cerca amarela e na rua não se via senão lama!

Passavam poucas pessoas, todas muito agasalhadas nas suas roupas e *echarpes* e todas pareciam tiritar de frio.

Em nossa casa, reinavam somente um desgosto e um aborrecimento insuportáveis. Não tínhamos na cidade parentes nem pessoas conhecidas. Meu pai tinha deixado de se dar com Anna Fiódorovna porque ela lhe devia muito dinheiro. No entanto, visitavam-nos algumas pessoas que precisavam tratar de negócios com o meu pai. Entre ele e os visitantes tratavam-se geralmente discussões e ouviam-se cá fora os gritos e o burburinho. E quando esses tais se iam, o meu pai ficava triste e de mau humor. Durante horas, de sobrolho carregado e sem dizer uma palavra, punha-se a dar voltas na casa, para trás e para diante. A mamãe, nessas ocasiões, nem sequer se atrevia a entreabrir os lábios e ficava calada. Eu me encolhia num canto com um livro na mão e não ousava sequer mexer-me.

Após três meses da nossa chegada a Petersburgo, meteram-me num pensionato. Que tristeza, a princípio, entre tantas caras desconhecidas! Era tudo tão seco, tão indiferente, tão hostil e tão pouco atraente! As professoras ralhavam, os colegas faziam trapaças e eu me encolhia toda… Que rigor tão tolo, aquele! Tudo tinha de ser feito a horas certas e com toda a pontualidade, as refeições na mesa redonda, as lições tão aborrecidas…; a princípio sentia-me muito desolada. Nem sequer podia dormir. Quantas intermináveis, aborrecidas e frias noites não passei em claro, chorando até o amanhecer! À tarde, quando as outras meninas estavam estudando ou revendo as suas lições, eu ficava muito quietinha, com o livro adiante, sem me atrever a mexer-me; mas o meu pensamento voava até a casa, lembrava-me dos meus pais, da minha boa e velha ama e das suas histórias… oh! que saudades se apoderavam então de mim! Recordava-me com toda a clareza dos mais insignificantes objetos de casa e ainda hoje mesmo recordo tudo com um prazer especial… doloroso… E assim ficava, naquele devaneio… “Que bom seria estar agora em casa! A esta hora eu estaria sentadinha na sala de jantar, à mesa, sobre a qual ferve o samovar e à volta dela estão também sentados os meus pais; que calorzinho se sente, que bom e que cômodo é estar ali! Como gostaria — pensava eu — de abraçar agora a minha mãezinha, com força, com muita força, oh! com muito

carinho!” E voltava logo ao meu devaneio, até que as saudades me faziam chorar de mansinho e me punha a engolir as lágrimas… E, com isto, a lição não me ficava na cabeça. No entanto uma lição não é coisa que se possa deixar para o dia seguinte e aí ficava eu a pensar no professor durante toda a noite, na *madame* e nas companheiras de classe, sonhando que estudava a lição e que, naturalmente, ao outro dia não a sabia; e depois não teria outro remédio senão enrodilhar-me em qualquer canto e ficar sem comer.

Eu andava assim sempre murcha e tristonha. As outras meninas riam-se de mim, pregavam-me peças, distraíam-me durante o estudo e davam-me beliscões, quando, formadas duas a duas, nos dirigíamos ao refeitório, ou então faziam queixas de mim à professora.

Mas que felicidade, quando nos dias de saída a minha boa ama me vinha buscar! Como eu a abraçava e não a queria largar, de tão contente, à minha boa velhinha! Ela se punha a vestir-me, para eu ficar quentinha, como dizia, embrulhando-me a cabeça. Mas, já a caminho, não podia acompanhar o meu passo — eu corria tanto — e eu também não podia andar tão devagar quanto ela. Durante todo o caminho não parava um momento de tagarelar e de lhe contar coisas. Louca de alvoroço, assim que entrava em casa lançava-me nos braços dos meus pais, como se não nos víssemos já há dez anos. Começavam então as histórias e as perguntas; a rir, tirava a *echarpe* da cabeça e punha-me a correr pela casa, a fazer uma grande festa e a saudar todas as pessoas e todas as coisas. O papai começava depois a fazer-me perguntas mais sérias: acerca dos professores, da matemática, do francês, da gramática de L’Homond…[5] e todos nos sentíamos loucos de alegria, amigos e palradores. Ainda hoje, só de recordar essas horas me sinto feliz.

Fiz os maiores esforços para aprender bem as lições, só com o fim de proporcionar alegria ao meu pobre pai. Via muito bem que ele me adorava, apesar das preocupações cada vez mais graves que o atormentavam. De dia para dia foi ficando mais triste, colérico e mal-humorado; o seu feitio tinha mudado de maneira muito desfavorável. Nada lhe corria bem, tudo lhe falhava e as dívidas aumentavam de modo assustador.

Minha mãe não se atrevia a chorar, nem sequer a deixar escapar uma palavra de queixume, pois com isso irritaria ainda mais o meu pai. A pobrezinha acabou por tornar-se adoentada e fraca, e começou a tossir de maneira inquietante. Quando eu voltava do pensionato, somente encontrava em casa caras tristes; minha mãe bebia em silêncio as suas lágrimas e o meu pai encolerizava-se. E vinham logo as queixas e as censuras; a minha presença não dava a meu pai qualquer alegria ou consolação e, no entanto, não se poupava a sacrifícios por minha causa; mas, eu continuava a não perceber nem uma só palavra de francês. Em resumo: eu era a culpada de tudo; de todos os seus insucessos; de toda a sua desdita, as únicas responsáveis éramos nós, a mamãe e eu.

Mas como seria possível atormentar tanto a minha pobre mãezinha? Só de olhá-la parecia que o coração me partia. As faces chupadas, os olhos encovados… O aspecto acabado duma tuberculosa! A mim faziam-me as mais graves censuras. Geralmente, o meu pai começava a queixar-se de alguma coisa sem importância, para depois desbocar-se e dizer coisas que só Deus sabe… Eu ficava muitas vezes sem perceber uma palavra do que ele dizia. O que saía daquela boca! Que isso do francês não valia nada, que eu era uma imbecil e a professora do pensionato uma idiota que não se preocupava de maneira nenhuma com a nossa educação; e que, deste modo, eu não poderia nunca encontrar um emprego, que a gramática de L'Homond também nada valia, que a de Sapolski[6] era muito melhor; que se estava gastando muito dinheiro comigo sem um objetivo nem utilidade, que eu era uma garota estonteada e sem ponta de coração. Em suma: eu era uma infeliz que tinha um trabalhão para aprender as palavras e as frases francesas e, evidentemente, era culpada de tudo e portanto tinha de suportar todos os maus humores.

O meu pai procedia assim não porque não nos estimasse, muito pelo contrário, pois nos dedicava até um afeto desmedido. Mas tinha aquele feitio… Ou, para melhor dizer, foram os desgostos, os desenganos, os insucessos que lhe azedaram o caráter que, ao princípio, não podia ser melhor; depois é que se tornou desconfiado, acontecendo-lhe frequentemente encher-se de tristeza, tanto que tocava as raias do desespero; começou a descuidar da saúde até que,

uma vez, apanhou um resfriado e morreu depois de ter estado de cama só uns dias. Isto aconteceu de maneira tão repentina e inesperada que levamos muito tempo até compreendermos a realidade. Aquele golpe deixou-nos aturdidas! A mamãe parecia alheada e eu, a princípio, cheguei a temer pelo seu juízo.

Imediatamente depois da morte do meu pai os credores apresentaram-se aos bandos em nossa casa. Nós entregávamos-lhes tudo quanto tínhamos. Tivemos também que vender a nossa casinha do Lado Peterburguês, aquela que o papai tinha adquirido meio ano depois da nossa chegada.

Não sei o que teria sido feito do resto; o certo foi encontrarmo-nos sem abrigo, sem dinheiro, desprotegidas e carentes de todos os recursos. A mamãe estava doente — tinha uma febre lenta que a ia consumindo. Nós não sabíamos angariar recursos e estávamos resignadas a sucumbir. Eu tinha então acabado de fazer catorze anos.

Foi nessa altura que pela primeira vez recebemos a visita de Anna Fiódorovna. Fez-se passar aos nossos olhos por proprietária e assegurou-nos que era nossa parenta próxima. A mamãe dizia que isso era verdade, mas tal parentesco era já muito remoto. Quando papai estava vivo nunca ela veio a nossa casa. Agora, apresentava-se de lágrimas nos olhos, a afirmar-nos que tomava parte do nosso luto. Mostrava compadecer-se muito da nossa desgraça, mas deixava entender que fora papai quem tivera a culpa de todos os nossos infortúnios por ter querido elevar-se demais e contado exageradamente com as suas forças. Manifestou, além disso, à conta de ser a nossa única parenta, o desejo de tratar-nos com maior intimidade e propôs-nos que esquecêssemos o passado. Quando a mamãe lhe respondeu que pela sua parte nunca lhe tivera rancor, pôs-se a chorar, numa comoção ruidosa, levou a mamãe à igreja e encomendou uma missa por alma do querido morto — foi assim que logo começou a tratar o papai. E assim, solenemente, fez as pazes com a mamãe.

Depois de muitos preâmbulos e observações, e de nos ter feito ver com toda a clareza a nossa situação desesperada e a nossa falta de recursos, de proteção e de amparo, instou conosco para que

compartilhássemos o seu teto, como dizia. Mamãe agradeceu-lhe o oferecimento mas, durante muito tempo, não se decidiu a aceitar. Até que, uma vez que não tínhamos outro remédio, se viu obrigada a escrever a Anna Fiódorovna participando-lhe que, muito grata, aceitava o seu oferecimento.

Como recordo claramente aquela manhã em que nos mudamos do Lado Peterburguês para a outra parte da cidade, para Vassili Óstrov![7] Foi por uma clara, seca e fria manhã de outono. A mamãe chorava. Eu, estava muito triste; era como se uma angústia indefinida me oprimisse o peito… Que tempos tão difíceis!

## II

De começo, quando ainda não nos tínhamos instalado em definitivo, a mamãe e eu sentíamos uma certa tristeza em casa de Anna Fiódorovna, essa tristeza que se costuma sentir quando nos encontramos perante uma situação de insegurança. Anna Fiódorovna vivia em casa sua, na Sexta Linha.[8] A casa tinha ao todo somente cinco divisões habitáveis. Anna Fiódorovna ocupava três, juntamente com minha prima Sacha, a qual tinha sido recolhida e criada por ela como uma pobre órfã. Nós nos instalamos no quarto compartimento, e no quinto, contíguo ao nosso, alojava-se um pobre estudante, Pokróvski, o único que pagava aluguel pelo alojamento.

Anna Fiódorovna vivia bem, muito melhor do que parecia possível; mas as fontes dos seus rendimentos eram tão misteriosas como as suas ocupações. E, sem dúvida, tinha sempre que fazer, andava sempre para cá e para lá, saía e entrava em casa muitas vezes durante o dia. Mas não nos era possível fazermos a menor ideia aonde ela iria nem o que faria fora de casa. Tinha relações com muitas e variadas pessoas. A toda hora chegava gente a procurá-la, sempre para falar-lhe de negócios e apenas uns escassos minutos. A mamãe costumava retirar-se comigo para o quarto quando a campainha tocava. Anna Fiódorovna aborrecia-se muito com isto e censurava constantemente a mamãe pelo nosso orgulho; que nada teria que dizer se tivéssemos algum motivo para ele, mas que na situação em que nos encontrávamos… e durante várias horas continuava neste tom. Até

então eu não tinha ouvido tais censuras, mas quando as ouvi é que compreendi o motivo por que a minha mãe, a princípio, resistira em aceitar a hospitalidade de Anna Fiódorovna.

É uma péssima criatura, a tal Anna Fiódorovna. Comprazia-se em atormentar-nos sem tréguas. Mas ainda hoje constitui para mim um mistério a razão por que nos teria convidado para vivermos com ela. Todavia, no começo, tratava-nos muito bem, com muito carinho, mas não tardou em mostrar o seu verdadeiro caráter quando teve a certeza de que nos encontrávamos verdadeiramente desamparadas e completamente à sua mercê. Mais tarde voltou a tratar-me como antigamente, talvez até com mimos excessivos; chegava a dirigir-me lisonjas tolas, mas antes tive de suportá-la, tal como a mamãe. Censurava-nos a cada passo e não falava de outra coisa senão dos benefícios que nos fazia. Apresentava-nos a todas as suas visitas como parentes pobres, uma viúva e uma órfã desvalidas que somente por compaixão e caridade cristã tinha recolhido debaixo do seu teto e sentado à sua mesa. À hora das refeições não despregava os olhos de cada pedaço que ousávamos tomar; no entanto, também nem por isso ficava mais satisfeita quando não comíamos ou comíamos muito pouco, pois então começava a dizer que se não achávamos boa a sua comida, ou se lhe encontrávamos algum defeito, uma vez que ela nos oferecia do que podia e do mesmo que ela comia… talvez nós pudéssemos arranjar outra melhor, que isso não o sabia ela etc.

Do papai, dizia constantemente calamidades; não podia passar sem criticá-lo. Afirmava que sempre se tinha feito mais do que era, e que agora podia ver-se a verdade, pois tinha deixado uma viúva e uma órfã, as quais, se não fora encontrarem uma alma caridosa entre os seus parentes, — queria dizer, ela — teriam ficado expostas a morrer de inanição no meio da rua. E a coisa não ficava por ali! Fazia mais nojo do que desgosto, escutá-la!

A mamãe passava a vida a chorar. O seu estado de saúde piorava de dia para dia, definhava a olhos vistos, mas, apesar disso, trabalhávamos de manhã até à noite. Fazíamos costura por fora, o que não era do agrado de Anna Fiódorovna. Dizia que a sua casa não era nenhum *atelier*. Mas nós tínhamos necessidade de fazer não só a nossa roupa como também não nos restava outro recurso para ganhar algum

dinheiro, quando nada para não vivermos à míngua de tudo. Por isso trabalhávamos com afinco e íamos economizando na esperança de podermos algum dia alugar um quartinho para nós as duas. Porém, aconteceu que, com tanto trabalho, o estado de minha mãe se agravou; cada dia estava mais fraca. A doença minava a sua existência e empurrava-a para o túmulo. Eu via tudo isso, sofria, e não podia fazer nada para evitá-lo!

Os dias passavam, todos iguais. Fazíamos as duas uma vida tão recolhida que nem parecia que estávamos numa grande cidade. Com o tempo, Anna Fiódorovna foi-se apaziguando, à medida que foi verificando o seu ilimitado domínio sobre nós e que nada tinha a temer. Para mais, nunca nós a contrariávamos em coisa alguma.

O nosso quarto estava separado dos três que ela ocupava, por um corredor, e era contíguo ao de Pokróvski, como já disse. O estudante ensinava a Sacha o francês e o alemão, História e Geografia, isto é, todas as ciências, como dizia Anna Fiódorovna e, em troca disso era dispensado do pagamento do quarto e da alimentação.

Sacha era uma menina muito esperta, mas ordinária e exaltada a ponto de ser repulsiva. Andava então pelos trezes anos. Ultimamente, Anna Fiódorovna tinha chegado a dizer à mamãe que talvez fosse bom que eu assistisse às aulas com ela, visto que não chegara a terminar o curso no colégio. A mamãe, naturalmente, ficou muito contente com a proposta; de maneira que Pokróvski lecionou para nós duas durante um ano inteiro.

Era um pobre rapaz, o tal Pokróvski. A sua falta de saúde não lhe permitia assistir com regularidade às aulas, na Universidade; por isso, não era propriamente aquilo que nós costumamos chamar de estudante. Vivia tão recolhido e silencioso no seu quarto que eu e a mamãe, no nosso, nem o sentíamos. Tinha também um aspecto especial; movimentava-se e curvava-se de uma maneira tão desajeitada e falava de um modo tão singular que, a princípio, eu não podia vê-lo que não me desse logo vontade de rir. Sacha estava sempre pronta para pregar partidas, especialmente durante a aula. Mas ele não lhe ficava nada atrás em questão de violência: encolerizava-se a toda hora e por qualquer ninharia ficava logo fora

de si; punha-se a ralhar e a dar gritos, e às vezes levantava-se e saía furioso, dando a aula por terminada antes de tempo e fechando-se em seguida no seu quarto. Porém aí, no quarto, passava dias inteiros sentado a ler, sem se mexer. Tinha muitos livros e todos em edições raras e primorosas. Dava também aulas em mais duas casas e por essas recebia dinheiro; no entanto, nunca trazia nenhum no bolso, pois logo que lhe pagavam, ia imediatamente comprar mais livros.

Com o tempo cheguei a conhecê-lo mais a fundo. Era o homem mais honesto e melhor do mundo, a melhor das pessoas que até então eu tinha conhecido. A mamãe gostava também muito dele. Com o convívio chegou a ser para mim um amigo dedicado e aquele que mais próximo estava do meu coração… claro, depois da mamãe.

De princípio eu me associava — se bem que fosse já uma mulherzinha — a todas as partidas que Sacha tramava contra ele, e às vezes combinava com ela, durante muito tempo, a maneira de enganá-lo e de pôr à prova a sua paciência. Ele ficava verdadeiramente ridículo quando se zangava e nós duas gostávamos de nos divertir à sua custa. No entanto, hoje, envergonho-me disso quando o recordo. De uma vez o arreliamos tanto que as lágrimas lhe saltaram dos olhos e eu o ouvi murmurar: “Não há ninguém tão cruel como uma criança!”. Aquelas palavras causaram-me uma certa confusão: pela primeira vez despertava em mim uma espécie de vergonha, de pesar e de compaixão. Pus-me vermelha até às orelhas e, quase a chorar, supliquei-lhe que não levasse a mal as nossas brincadeiras; mas ele fechou o livro e foi para o quarto sem acabar a aula.

Durante todo esse dia me atormentei com os remorsos. A ideia de que nós, umas garotas, o tínhamos feito encolerizar até ao ponto de chorar, ia ficando insuportável. Fora então verdade que tínhamos desejado as suas lágrimas? Que nós tivemos gosto em excitar a sua irritabilidade doentia? E que, por fim, tínhamos conseguido esgotar a sua paciência e obrigado o pobre rapaz a sentir ainda mais a tristeza da sua situação?

Nessa noite não pude dormir… Como me torturavam os remorsos! Dizem que as coisas novas alegram o espírito. Pois o contrário é que é verdade! Não sei como, mas o certo é que ao meu desgosto se juntava

um certo orgulho! Nem me vinha à lembrança que ele tinha me achado criança. Eu tinha então quinze anos.

A partir desse dia não pensei em mais nada senão descobrir um processo de fazer com que Pokróvski mudasse de opinião a meu respeito. Mas a minha timidez impedia-me sempre de pôr em prática alguns dos mil planos que me ocorriam; não chegava a tomar uma decisão e tudo acabava apenas em sonhos e projetos (e o que eu sonhava, Santo Deus!). Porém, daí em diante não voltei a acompanhar Sacha nas suas brincadeiras de mau gosto, a qual pouco a pouco foi perdendo também a sua grosseria. De tudo isto resultou que Pokróvski não tornou mais a zangar-se conosco. Mas isso não era compensação suficiente para o meu orgulho.

Quero dizer aqui somente algumas palavras acerca do homem mais invulgar e mais digno de compaixão que conheci em toda a minha vida. E quero fazê-lo neste lugar, porque, a partir desse tal dia, eu que jamais até então me tinha preocupado com ele, comecei a dar-lhe um lugar, e grande, nos meus pensamentos. De quando em quando apresentava-se em nossa casa um homenzinho sujo e malvestido, de cabelo esbranquiçado, acanhado e desajeitado de maneiras e que, acima de tudo, tinha umas características muito especiais. À primeira vista podíamos pensar que se envergonhava um pouco de si próprio e que pedia perdão de ter vindo a este mundo. Pelo menos encolhia-se constantemente ou procurava fazer-se ainda mais pequeno, reduzir-se a nada, e aqueles seus gestos inseguros e envergonhados provocavam em quem o observava uma certa suspeita acerca do seu estado mental. Sempre que vinha visitar-nos ficava plantado por detrás do reposteiro envidraçado e não se decidia propriamente a entrar. Quando por acaso alguma de nós vinha até ao corredor — Sacha ou eu — e o víamos ali parado, atrás da porta, começava então a fazer-nos sinais para nos chamar a atenção; se nós, por meio de sinais, lhe dávamos a entender que podia passar, e que não havia outra visita lá em casa, ou se o chamávamos em voz alta, cobrava ânimo e atrevia-se a entrar; abria então o reposteiro muito devagarinho e entrava sorridente; a seguir esfregava as mãos e dirigia-se nas pontas dos pés para o quarto de Pokróvski. O velhinho era o pai dele.

Mais tarde tive ensejo de conhecer a história do pobre velho. Fora

empregado não sei onde, havia já muito tempo, mas por falta de capacidade não conseguira passar de um posto subalterno. Quando ficou viúvo da primeira mulher — a mãe de Pokróvski — voltou a casar com uma meia-camponesa. A partir desse instante nunca mais houve paz nem tranquilidade na sua casa; a nova consorte colocou-se num pedestal e tratava todos com desprezo. O enteado — o estudante Pokróvski, que a esse tempo tinha dez anos — padeceu muito por causa do ódio que lhe tinha a madrasta. Mas, por felicidade, as coisas correram depois de outro modo. O proprietário Búkov, que noutro tempo tinha conhecido o pai quando ainda estava empregado, arvorou-se pouco mais ou menos em seu protetor, tomou a seu cargo o rapaz e o pôs num colégio. Interessara-se pelo rapaz, só porque tinha conhecido a sua falecida mãe, quando, então dama de companhia de Anna Fiódorovna, gozava de proteção desta e por seu intermédio veio a casar-se com o empregado Pokróvski. Nesse tempo o senhor Búkov, como bom amigo de Anna Fiódorovna, teve a generosidade de oferecer à noiva um dote de cinco mil rublos. Ainda hoje é um mistério saber onde foi parar todo esse dinheiro.

O estudante Pokróvski jamais me falou da sua família e não lhe agradava que lhe perguntassem pelos pais. Dizem que a mãe era uma linda mulher e, por esse motivo, choca-me que tivesse casado com um partido tão desvantajoso como o que representava aquele homem insignificante. E o que é pior ainda, ao quarto ano de casamento finava-se a pobre criatura.

Da escola passou o estudante Pokróvski para o liceu, e daí para a Universidade. O senhor Búkov, que costumava vir frequentemente a Petersburgo, não o deixou por ali e continuou a protegê-lo. Infelizmente, Pokróvski, devido à sua delicada saúde, não pôde prosseguir nos estudos e foi então que o senhor Búkov veio pessoalmente a casa de Anna Fiódorovna para procurar instalá-lo, com a condição de que, a troco da alimentação e do alojamento, ele ensinaria a Sacha todas as ciências.

O pai de Pokróvski, para se consolar da má vida que lhe dava a segunda mulher, entregou-se ao pior de todos os vícios, a bebida, até ao ponto de estar quase sempre bêbado. A mulher surrava-o a valer e deixava-o dormir na cozinha; com o tempo, levou a tal extremo as

suas crueldades que o infeliz já suportava tudo sem nada reclamar e acabou por acostumar-se às pancadas. Todavia não era ainda muito velho, mas, devido à sua péssima vida, parecia, como disse, que não estava já em seu perfeito juízo.

A única amostra de sentimentos que aquele homem ainda apresentava era o carinho sem limites que tinha pelo filho. Tinham-me dito que o rapaz se parecia tanto com a mãe como uma gota de água se parece outra. Seria por acaso a recordação da primeira mulher, que tinha sido tão boa para ele, aquilo que lhe infundia no coração degenerado esse carinho imenso pelo filho? O velho não falava senão nele. Todas as semanas ia vê-lo duas vezes. Não se atrevia a vir com mais frequência, porque o próprio filho não podia suportar aquelas visitas paternas.

Esse desprezo pelo pai era, sem dúvida alguma, o maior defeito do estudante. No entanto é verdade que o velho se tornava algumas vezes extremamente antipático. Em primeiro lugar, era terrivelmente curioso e, além disso, não deixava o filho trabalhar com a sua oca tagarelice e com as suas perguntas contínuas e absurdas; além disso nem sempre se apresentava completamente sereno. Mas o filho, com o tempo, conseguiu curá-lo desses maus costumes, da sua curiosidade e da sua verborreia, até que, por fim, o pai acabou por obedecer-lhe como a um Deus, não se atrevendo sequer a abrir a boca sem o seu consentimento.

O pobre velho não tinha palavras que lhe bastassem para gabar e por nas maiores alturas o seu Piétienhka. Quando ia vê-lo parecia sempre decaído, abatido, preocupado e até aflito… provavelmente por ignorar a maneira como o filho ia recebê-lo. Regra geral, demorava muito até decidir-se a entrar e, quando me lobrigava, já à porta, aproximava-se rapidamente e ficava pelo menos uma meia hora perguntando como ia o seu Piétienhka, o que estaria fazendo, se estava com saúde e em que disposição se achava, e se naquele momento não estaria a trabalhar em alguma coisa de importância. Estaria escrevendo ou estudando alguma obra filosófica? Quando eu o tinha suficientemente tranquilizado e o animava, resolvia-se finalmente a abrir muito devagarinho e com muito cuidado a porta do quarto do seu Piétienhka, metendo a cabeça pela abertura; quando via

que o filho estava de bom humor ou respondia com um aceno à sua saudação, entrava então resolutamente no quarto, tirava a capa e o chapéu — este, trazia-o ele sempre amolgado e cheio de buracos, quando não todo desabado — e pendurava-os num prego. Fazia tudo isto com o maior cuidado e sem qualquer ruído. A seguir sentava-se também cuidadosamente numa cadeira e já não afastava os olhos do filho, seguindo todos os seus movimentos e todos os seus olhares, com o fim de adivinhar qual seria o seu estado de espírito. Se percebia que o filho nesse dia estava de mau humor, levantava-se logo da cadeira e dizia que tinha vindo "só para ver-te um bocadinho, Piétienhka. Tinha que dar uma grande volta e como por acaso devia caminhar por aqui, disse para comigo: deixa-me ir até lá num instantinho, só para o ver e descansar um pouco. Agora me retiro, Piétienhka". E sem acrescentar mais nada, com muito cuidado ia buscar a capa, tão leve, e o amolgado chapéu; fechava atrás de si a porta também com muito cuidado e saía esforçando-se ainda por sorrir e disfarçar o seu desgosto, para que o filho não o notasse.

Mas quando Piétienhka o acolhia afetuosamente, então o pobre velho não cabia em si de contente. Se o filho se dignava conversar com ele, o velho levantava-se um pouco da cadeira e respondia num tom humilde e brando, quase respeitoso, esforçando-se constantemente por escolher as expressões mais corretas que, como era natural, naquelas circunstâncias resultavam verdadeiramente cômicas. Acrescente-se a isto que ele não sabia falar, precisamente; ao fim de duas ou três palavras começava a embrulhar tudo, a fazer uma grande confusão e já nem sabia o que havia de fazer com as mãos, nem da sua própria pessoa… acabando por atabalhoar as respostas, repetindo-as baixinho, como para retificá-las. Mas quando por acaso conseguia responder corretamente, ficava todo ufano, alisava a jaqueta, endireitava a gravata, sacudia o pó das bandas da jaqueta, endireitava a gravata, sacudia o pó das bandas da jaqueta, e o seu rosto tomava uma expressão de certa gravidade. E ficava às vezes até tão animado que quase se tornava atrevido; levantava-se da cadeira, dirigia-se para a mesa dos livros, pegava num e punha-se a ler sem lhe importar qual fosse. Fazia tudo isto com uma certa cara, como se quisesse demonstrar o maior aprumo e sangue frio, como se desde sempre lhe tivesse sido permitido mexer nos livros do filho, à sua

vontade, e como se a afetuosidade deste fosse uma coisa vulgar. Mas uma vez pude eu ver muito bem como o velho ficou assustado quando o filho lhe pediu que não lhe remexesse nos livros; perdeu completamente a cabeça, apressou-se a reparar o seu erro, quis colocar entre os outros o livro em que tinha pegado, mas ele escorregou-lhe das mãos, caiu e ficou achatado no chão; tornou a levantá-lo rapidamente, voltou a querer encaixá-lo aqui e ali, colocou-o em falso e deixou-o cair de novo, desta vez, de aresta; sorriu com um sorriso forçado, pôs-se muito corado e acabou por não atinar com a maneira de remediar a sua falta.

Pouco a pouco, o filho com as suas prevenções e afetuosas reprimendas, foi conseguindo afastar o pai dos seus maus costumes, e quando ele se comportava calmamente umas três vezes de seguida, à quarta dava-lhe vinte e cinco ou cinquenta copeques, ou até mais. Às vezes comprava-lhe calçado, uma jaqueta ou uma gravata, e quando o velho se apresentava depois com essas coisas, vinha tão emproado como um galo.

Às vezes também nos visitava e trazia, a Sacha e a mim, tortas de especiarias ou de maçã, e falava com muita naturalidade do seu Piétienhka. Pedia que ficássemos atentas e sossegadas durante as aulas e que respeitássemos o nosso professor, pois Piétienhka era um bom filho, o melhor dos filhos, e era, além disso, um filho muito ilustrado. Quando dizia isto piscava comicamente o olho esquerdo e tomava um ar tão importante que nós duas, quase sempre, não conseguíamos nos conter e desatávamos a rir.

A mamãe simpatizava muito com o velhote. Ele odiava Anna Fiódorovna, se bem que diante dela se mostrasse “mais humilde do que a erva e mais tranquilo do que a água”.

Não tardou que eu deixasse de assistir às aulas. Pokróvski continuava a considerar-me como uma meninota, meninota mal-educada, tal como Sacha. Isso ofendia-me grandemente, pois a verdade é que eu tinha feito todo o possível por corrigir a minha conduta anterior. Porém, inutilmente: ele não a apreciava. E era isso o que mais feria meu amor-próprio e me irritava. Quase nem falava com ele fora das horas de estudo… É que eu não lhe podia falar; ficava

muito vermelha e ia logo para um canto chorar às escondidas… aborrecida comigo própria.

Não sei onde me teria conduzido este estado de coisas se não tivesse surgido um acidente casual, de uma vez que nos aproximamos um do outro.

Aconteceu o seguinte: uma tarde, estava a mamãe sentada junto de Anna Fiódorovna; então, furtivamente, fui até o quarto de Pokróvski. Sabia que ele não estava em casa mas não poderia explicar claramente a mim própria como é que pude ter a ideia de me enfiar daquela maneira no quarto dum homem. Era a primeira vez que fazia isso, ainda que houvesse mais de um ano que vivíamos parede-meia. Meu coração batia com tanta força como se quisesse saltar. Tomada de uma estranha curiosidade, pus-me a dar voltas no quarto. Não podia ser mais simples, mobiliado quase com pobreza, e nem se fala da desordem que nele reinava. Sobre a mesa e as cadeiras havia papéis e folhas escritas, livros e papéis por todo lado! De repente veio-me uma ideia: que a minha amizade e até o meu amor nada podiam significar para ele. Era tão culto e eu tão ignorante… Dizer que eu não sabia nada, não lia nada nem possuía um único livro! Com que inveja contemplava aquela mesa tão larga, cheia de livros a tal ponto que parecia ir desabar debaixo de tal peso! Sentia raiva e pena, tristeza e cólera! Veio-me uma vontade enorme de ler todos aqueles livros, os seus livros, de ler todos desde o primeiro até o último e o mais depressa possível. Não sei; talvez pensasse que, uma vez que tivesse lido tudo aquilo e soubesse tanto como ele, poderia conquistar a sua amizade muito melhor do que agora, que nada sabia. O que é certo é que me encaminhei muito resoluta para a tal mesa e, sem hesitar, nem sequer pensar no que fazia, peguei no primeiro livro que me veio às mãos… por acaso um livro muito velho e muito cheio de pó. Tremendo de susto e muito nervosa, levei-o para o meu quarto para lê-lo à noite, à luz da lamparina, logo que a mamãe adormecesse.

Mas que grande foi a minha decepção quando, já no meu quarto, abri o livro furtado e vi então que se tratava de um calhamaço velhíssimo, amarelo e roído de traça e… escrito em latim! Não me demorei muito tempo a apreciá-lo e voltei resolutamente a penetrar no quarto do estudante. Porém, quando me dispunha precisamente a

pôr de novo o livreco no seu lugar, eis que ouço abrir-se e fechar o reposteiro do corredor e depois um ruído de passadas; alguém tinha entrado! Quis despachar-me depressa, mas aquele calhamaço tinha estado tão apertado entre os demais que, quando eu o tirei dali, a pressão diminuiu e os outros tinham voltado a juntarem-se todos, de tal maneira que nem deixaram espaço para o seu antigo companheiro de penas e trabalhos. Faltava-me a força para encaixá-lo entre os outros. O barulho das pisadas soava cada vez mais próximo; punha eu todo o meu esforço em colocar ali o livro, quando o ferrugento apoio que sustinha uma das extremidades da mesa, parecendo que tinha esperado daquele exato momento para isso… se quebrou. A mesa veio abaixo com estrondo, bateu com uma ponta no chão e deixou cair ruidosamente todos os volumes. Neste momento crítico a porta se abriu e Pokróvski entrou no quarto.

Devo prevenir desde já que ele não podia tolerar que alguém tocasse nas suas coisas. Ai daquele que se atrevesse a mexer nos seus livros! Podem imaginar, portanto, qual não teria sido a sua indignação ao ver espalhados pelo chão todos os seus livros, os grandes, os pequenos, encadernados ou em brochura, e que, misturados uns com os outros, tinham ido parar debaixo da mesa e das cadeiras e bater contra a parede, onde muitos ficaram formando um montão! Eu ainda quis escapar, correndo, mas era já demasiado tarde. “Acabou-se — disse eu — acabou-se para sempre! Estou perdida! Sou desajeitada como uma garota de dez anos, sou uma idiota, uma acriançada, uma estúpida!”

Pokróvski encolerizou-se de maneira indescritível.

— Só faltava isto! — exclamou, iracundo. — Não tem vergonha, menina? Nunca mais tomará juízo e deixará essas infantilidades de colegial?

Ao mesmo tempo pôs-se a apanhar os livros. Eu me inclinei também para ajudá-lo mas ele me proibiu em tom foribundo:

— Não é preciso, não é preciso, deixe! Era melhor que não se metesse onde não é chamada!

A minha silenciosa intenção de ajudá-lo, que talvez demonstrasse

a consciência da minha culpa, pareceu no entanto amansá-lo um pouco, pois continuou em seguida a falar num tom mais suave, de advertência, no mesmo tom em que pouco antes me falara como professor.

— Quando renunciará finalmente às suas maluqueiras, quando é que finalmente tomará juízo? Deve reparar que já não é nenhuma menina, não senhor… já fez quinze anos!

E foi então que, de repente, como para certificar-se de que eu já não era uma garota, me olhou de frente e se fez vermelho até as orelhas. Eu não percebi por que é que ele se pôs tão corado; estava diante dele e contemplava-o atônita, com os olhos muito abertos. Ele já não sabia o que havia de fazer; aturdido, deu dois passos para mim, ficando ainda mais embaraçado, e murmurou qualquer coisa em voz baixa, como se se desculpasse… talvez de não ter notado até então que eu era já uma mulherzinha. Finalmente, percebi. Não sei o que se deu comigo então; cravei os olhos no chão envergonhada; pus-me ainda mais vermelha do que Pokróvski, cobri o rosto com as mãos e saí do quarto correndo.

Não sabia o que havia de fazer, nem onde ocultar a minha vergonha. Pensar que ele me tinha surpreendido no seu quarto! Durante três dias não tive coragem para fitá-lo de frente. Ruborizava-me a ponto de me saltarem as lágrimas. Vinham-me à cabeça os pensamentos mais horríveis e ridículos. Um, mais teimoso, era que devia ir procurá-lo e explicar-me, confessar-lhe e contar-lhe tudo com absoluta franqueza e assegurar-lhe depois que não tinha procedido como uma desnorteada mas sim animada das melhores intenções. Estava quase decidida a fazer isso, mas por sorte faltou-me a coragem e não me atrevi a pôr em prática o meu plano. Tudo teria corrido de outra maneira! Ainda hoje me envergonho só de pensar.

Dias depois mamãe caiu gravemente doente. Na terceira noite a febre aumentou e começou a delirar com grande violência. Havia já uma noite que eu não dormia e estava sentada junto da cama para dar-lhe de beber e administrar-lhe os remédios que o médico tinha prescrito. Na noite seguinte estava sem forças e senti-me completamente esgotada. Meus olhos fechavam de quando em

quando, via dançar à minha frente uns pontinhos verdes, a cabeça andava-me à roda e parecia que, de um momento para o outro, iria perder os sentidos; mas um leve gemido de doente voltava a despertar-me; criava ânimo me recuperava um pouco, para voltar a adormecer outra vez, esgotada de cansaço. Então, vinham-me pesadelos. Não posso recordar agora exatamente quais fossem, mas recordo-me de que eram uns pesadelos espantosos, e que durante a minha luta cada vez maior com a fadiga, me atormentavam com visões sombrias. Despertava num sobressalto. O quarto estava às escuras; a lamparina tinha-se apagado. Reanimava a torcida e um claro resplendor iluminava o aposento até que de novo voltava a ficar reduzida a uma chamazinha azulada que projetava nas paredes umas sombras oscilantes, para momento depois deixar tudo sumido em trevas quase totais. De uma vez tive um susto enorme e apoderou-se de mim um estranho temor; as minhas sensações e a minha imaginação encontravam-se debaixo da impressão do horrível pesadelo que tivera e o medo oprimia-me o coração. Cambaleando, levantei-me da cadeira e lancei um pequeno grito, levada pelo impulso torturante de um medo indefinido. Nesse instante a porta se abriu e Pokróvski entrou no quarto.

Somente agora me lembro que despertei do meu desmaio nos seus braços. Sentou-me carinhosamente numa cadeira, deu-me de beber e, com um ar preocupado, fez-me umas perguntas que não compreendi. Não me recordo do que lhe teria respondido.

— A menina está doente, muito doente — dizia ele enquanto me apertava a mão. — Está com febre, está arriscando a sua saúde, assim, sem fazer caso de si. Descanse, deite-se e durma. Eu a acordo daqui a duas horas, não se preocupe… Deite-se e durma tranquila — ordenou, sem me dar tempo a objetar.

O esgotamento tinha dado conta das minhas energias. Os olhos iam fechando, de tão fraca que estava. Foi assim que me deitei com o firme propósito de não dormir senão meia hora, mas continuei dormindo até ser dia. Pokróvski veio despertar-me precisamente à hora em que eu devia dar o medicamento à mamãe.

No dia seguinte, quando depois de um leve descanso me dispunha

a velar a minha mãe, com a disposição de não dormir por essa vez, aí pelas onze horas bateram à porta; abri… e era Pokróvski.

— Pensei que ficaria aborrecida tomando conta dela aqui sozinha — disse-me — por isso trago-lhe este livro, para se distrair um pouco…

Peguei no livro… Já nem me lembro que livro era… Contudo, durante a noite, acabei por adormecer depois de lhe dar rápida olhada. Era uma estranha excitação íntima, que não me deixava um momento de repouso; não podia dormir nem tão pouco podia estar muito tempo quieta na cadeira… Levantava-me a todo momento para dar voltas pelo quarto. Um estranho alvoroço interior agitava todo o meu ser. Estava tão contente com a delicadeza de Pokróvski! Sentia-me vaidosa de sua atenção, daqueles cuidados que tinha comigo. Em toda a noite não fiz senão pensar nisso e sonhar acordada. Ele não voltou a aparecer e eu sabia muito bem que nessa noite já não voltaria, mas esforçava-me por imaginar o nosso próximo encontro.

Na noite seguinte, quando todos estavam já deitados, Pokróvski abriu a porta do seu quarto e pôs-se a falar comigo sem sair do limiar da porta. Já não me recordo de nada daquilo que ele me disse então e do que lhe teria eu dito a ele; lembro-me apenas de que estava muito perturbada e confusa e, por isso, aborrecida comigo própria, e que aguardava impaciente o fim do nosso colóquio, não obstante ter posto nele todo o meu sentido e não ter pensado em outra coisa naquele dia, chegando até mesmo a urdir perguntas e respostas na minha imaginação…

A nossa amizade começou a partir dessa conversa. Durante todo o tempo que mamãe esteve doente passávamos todas as noites algumas horas juntos. Pouco a pouco acabei por vencer a minha timidez, se bem que depois de cada conversa tivesse ainda mais motivos para estar descontente comigo própria. À parte isto, enchia-me de íntima alegria e secreto orgulho ao verificar que ele abandonava por minha causa os seus horríveis livrecos. Uma vez a conversa recaiu sobre o episódio da queda da mesa e falamos disso, muito naturalmente, de brincadeira. Foi esse um momento único; creio que me exprimi com absoluta franqueza e ingenuidade. Fui arrebatada por uma inspiração

estranha e confessei-lhe tudo… Disse-lhe que queria estudar para saber e quanto me aborrecia que me tomassem por uma criança… Como disse, encontrava-me nesse momento numa disposição de ânimo especial; sentia-me enternecida e assomavam-me lágrimas aos olhos… Não lhe escondia coisa nenhuma, mas até pelo contrário, contei-lhe tudo, tudo; falei-lhe do carinho que ele me inspirava, da minha ânsia de amá-lo, de me sentir próximo do seu coração, de consolá-lo, de amá-lo…

Ele me olhava de maneira singular, parecia ao mesmo tempo perturbado e surpreendido e não dizia uma palavra. Isso desgostou-me e fez-me ficar triste. Pensei que ele não me compreendia e estaria rindo à minha custa; Então as lágrimas saltaram-me e comecei a chorar como uma infeliz; era impossível me conter, estava dominada por uma vertigem. Ele, então, pegou-me nas mãos e as beijou, estreitando-as contra o seu peito e pôs-se a falar-me com muita ternura e a consolar-me. As minhas palavras deviam tê-lo tocado fundo, pois dava mostras de grande comoção. Não me recordo já do que lhe teria dito, sei só que chorava e ria ao mesmo tempo, que me punha corada e voltava a chorar de puro contentamento, sem poder articular uma palavra. Mas não deixei de perceber que Pokróvski, apesar disso, conservava uma certa perturbação e rigidez. Era indubitável que a minha explosão sentimental o deixara maravilhado, aquele arrebatamento ardente e repentino. Pode ser que na primeira impressão eu tivesse despertado apenas o seu interesse; mas em seguida acabou por perder toda a reserva e correspondia à minha dedicação, às minhas palavras carinhosas, às minhas atenções, com um sentimento não menos sincero e verdadeiro; mostrava-se tão carinhoso como um verdadeiro amigo, como se fosse meu irmão. Como me aquecia o coração e que bem me fazia o seu afeto!… Eu não lhe ocultava nada nem dissimulava perante ele; mostrava-me aos seus olhos tal como era e, cada dia que passava, se aproximava mais de mim e ia aumentando o nosso amor…

Verdadeiramente não poderei dizer de que falávamos naquelas horas torturantes e ao mesmo tempo tão agradáveis, nos nossos colóquios noturnos, à luz trêmula da lamparina que ardia diante de uma imagem e quase colada ao leito da minha pobre mãe enferma…

Falávamos de tudo o que nos acontecia, de tudo aquilo que enchia os nossos corações… e éramos quase felizes… Ah! Como esse tempo foi alegre e triste, ao mesmo tempo as duas coisas! Também ainda hoje o recordo com tristeza e alegria. As recordações são sempre torturantes, quer sejam alegres ou melancólicas. Pelo menos é o que acontece com as minhas… Entretanto, esse tormento vem sempre acompanhado de uma certa medida de prazer. E quando a melancolia nos assalta e o coração nos parece pesado, quando nos sentimos magoados e tristes, as recordações servem-nos de lenitivo e vivificam-nos, tal como o fresco orvalho que, depois de um dia cálido, refrigera pelas tardes úmidas as pobres flores amolentadas pelo ardor do sol, comunicando-lhes uma nova vida.

Mamãe estava já muito melhor; no entanto, apesar disso, continuei a velar todas as noites, à cabeceira da sua cama. Pokróvski emprestou-me livros. A princípio lia apenas com o fim de não me deixar dormir; depois começaram a interessar-me e acabava por devorá-los com autêntica sofreguidão. Parecia-me que à minha frente se abria um mundo novo de coisas até aí desconhecidas e insuspeitadas. Novos pensamentos, novas impressões se abriam na minha alma. E quanto maior excitação, quanto mais trabalho e luta me custavam essas novas impressões ao acolhê-las no meu espírito, tanto mais queridas se me tornavam e tanto mais alvoroçadamente comoviam todo o meu ser. Penetravam de um golpe no meu coração e afugentavam dele todo o sossego. Era uma confusão estranha essa que começava a agitar o meu espírito. Porém, apesar de tudo, esse domínio exercido sobre o meu espírito não podia aniquilar-me. Eu era demasiado idealista e sonhadora e isso é que salvava.

Logo que a minha mãe venceu completamente a sua crise, acabaram as nossas entrevistas noturnas e as nossas compridas conversas. Somente de quando em quando é que encontrávamos oportunidade de trocar duas ou três palavras insignificantes e indiferentes; mas eu me consolava emprestando a cada uma daquelas palavras insulsas um significado especial e dando-lhe a entender a ele alguma coisa de secreto. Sentia a minha vida cheia de significado: era feliz, plácida e tranquilamente feliz. E assim se foram passando algumas semanas…

Até que um dia o velho Pokróvski entrou de repente e casualmente no nosso quarto. Pôs-se a falar pelos cotovelos de todas as coisas imagináveis, dando mostras de estar muito contente e atrevendo-se mesmo a fazer chalaça e a dizer gracejos — gracejos à sua maneira, é claro — até que por fim se saiu com a grande novidade que era a chave do seu bom humor, dizendo-nos que dali a uma semana seria o aniversário de Piétienhka e que nunca deixava de visitar o filho nesse dia. Por isso havia de pôr o seu terno novo, e a mulher — acrescentou — tinha-lhe prometido comprar umas botas novas. Em resumo: o velho estava louco de alegria e não se cansava de palrar.

O aniversário dele! Essa ideia tirava-me o sossego, de dia e de noite. Foi assim que resolvi dar um presente a Piétienhka para testemunhar-lhe o meu carinho. Mas que havia eu de lhe dar? Até que por fim me ocorreu uma excelente ideia: ia oferecer-lhe uns livros. Sabia que ele estava ansioso pela última edição das Obras completas de Púchkin[9] e decidi comprá-las. Possuía uns trinta rublos que tinha ganho com os meus trabalhos de costura. Tinha destinado essa quantia para um vestido novo que pensava fazer. Mas acabei por enviar a nossa cozinheira, a velha Matriona, à livraria mais próxima para que se informasse do preço da nova edição das obras de Púchkin. Que infelicidade! Os onze tomos encadernados custavam sessenta rublos! Onde havia eu de ir buscar esse dinheiro? Por mais voltas que desse ao problema na minha cabeça, não lhe encontrava uma solução. Não queria pedir dinheiro à mamãe. Certamente que ela me daria; no entanto iria perguntar para que o queria eu e todos ficariam sabendo que desejava dar um presente a Piétienhka. Além disso, então podiam não considerar isso um presente mas uma compensação pelos cuidados que durante todo o ano tivera comigo, enquanto o que eu desejava era presenteá-lo com os livros, eu sozinha, sem que ninguém soubesse. Pelos cuidados que se dava quanto a minha educação, teria eterno reconhecimento, sem oferecer por eles outra coisa em troca senão o meu carinho. Até que, por último, encontrei uma solução.

Eu sabia que nas lojas de antiguidades, no Gostini Dvor[10], podiam adquirir-se os livros mais recentes por metade do preço, se nos déssemos ao trabalho de regatear. Não era raro encontrarem-se ali

livros pouco usados e às vezes completamente novos. Optei por esta solução e planejei dirigir-me ao Gostini Dvor na primeira vez que saísse à rua. A ocasião apresentou-se no dia seguinte; mamãe precisava de uma coisa qualquer de uma loja e Anna Fiódorovna também; esta, por sorte minha, não se sentia com disposição para sair. De maneira que me encarregaram de ir fazer as compras em companhia de Matriona.

Não tardou que encontrasse a cobiçada edição e numa encadernação primorosa e muito bem conservada. Perguntei o seu preço. A princípio, o livreiro pediu-me mais do que custava novo, numa livraria; mas pouco a pouco obriguei-o a ir baixando o preço — evidentemente, com bastante trabalho — até que, depois de afastar-me várias vezes da sua loja e fingir que ia dirigir-me a outra, fixou o último preço em trinta e cinco rublos. Como eu gostei de regatear!

A pobre Matriona não podia compreender o que estava a passar-se comigo nem por que teria eu tanto empenho em comprar de uma só vez tantos livros. Ah! Se alguém pudesse ver o meu desespero… Dispunha somente de trinta rublos e o comerciante não queria dar-me os livros por menos. Porém eu lhe pedi e insisti, e tanto fiz para convencê-lo que por fim abrandou e desceu o preço ainda mais um pouquinho, apenas dois rublos e meio, mas jurando e perjurando que já não baixaria mais e que fazia isso somente por mim, atendendo a que se tratava de uma jovem tão simpática; que a nenhum outro cliente teria feito um desconto semelhante. Todavia, faltavam-me ainda dois rublos e meio! Sentia-me angustiada a tal ponto que estava quase a chorar. Mas, nesse instante, um acontecimento imprevisto veio em meu socorro.

Não longe dali, acabava de descobrir o velho Pokróvski, que andava numa livraria próxima. Estava rodeado por quatro ou cinco livreiros que pareciam tê-lo já desanimado com as suas considerações exaltadas. Todos lhe ofereciam livros, os mais diversos que poderiam imaginar-se. Santo Deus, se ele os comprasse todos! O pobre velho estava completamente perplexo e indeciso, sem saber por qual decidir-se, dos muitos livros que lhe ofereciam por todos os lados, com grandes elogios dos respectivos méritos. Aproximei-me dele e perguntei-lhe o que procurava. O velho ficou muito contente por me

ver, pois gostava muito de mim, se bem que não tanto como do seu Piétienhka.

— Repare, Varvara Alieksiéievna: estou comprando uns livrinhos — disse-me ele — para Piétienhka, sabe? O dia dos anos já está perto e o de que ele gosta mais no mundo é de livros; foi assim que disse para comigo: “Vou comprar-lhe uns livrinhos…”.

O velho exprimia-se sempre de um modo muito estranho; e dessa vez estava completamente atordoado. Qualquer livro que comprasse ali custar-lhe-ia pelo menos um ou até dois ou três rublos. Dos volumes grandes não ousava ele aproximar-se, limitando-se a mirá-los de soslaio com um sorrisinho guloso e a folheá-los um pouco, muito devagarinho, com muita timidez e respeito… Mirava-os e remirava-os por todos os lados, volteava-os nas mãos, e depois voltava a colocá-los no seu lugar.

— Não, não; este é muito caro — dizia depois a meia voz — Vejamos antes estes… — e começava a rebuscar por entre as rimas de folhetos e de opúsculos, por entre os livros de canções e os almanaques velhos, que naturalmente eram baratos.

— Mas o que vai o senhor comprar? — disse-lhe eu. — Estes folhetos não valem nada.

— Alguma coisa, sim — objetou-me. — Mas repare que livros bonitos há por aqui!

Proferiu estas últimas palavras com tanta veemência e melancolia na voz, que eu tive medo de que ele se pusesse a chorar… com pena de que os livros bons fossem tão caros… e que pelas suas faces pálidas uma lagrimazinha lhe escorregasse até ao nariz vermelho…

Apressei-me a perguntar-lhe que dinheiro trazia.

— Aqui está tudo — e, dizendo isto, o pobre homem mostrou toda a sua fortuma, que levava embrulhada num pedaço de jornal muito sujo. — Olhe: meio rublozinho, uma moeda de vinte copeques, mas uns cobres, mais vinte copeques…

Em seguida, levei-o à loja do meu livreiro.

— Repare: aqui há onze volumes que, todos juntos, custam trinta e dois rublos e cinquenta copeques. Eu tenho trinta rublos; dê-me o senhor os dois e meio que tem, compramos estes onze volumes e damos-lhe os dois o presente!

Parecia que ia enlouquecendo de alegria, o velho; com as mãos trêmulas tirou dos bolsos todo o dinheiro e dispôs-se depois a carregar com a nossa improvisada biblioteca. O pobre velho pôs-se a acomodar os volumes em quantos bolsos tinha, ajeitou os restantes nos braços, encaminhou-se para sua casa, dando-me logo a sua palavra de honra de que os levaria à nossa, no dia seguinte, sem que ninguém visse.

E, na verdade, ao outro dia apresentou-se com o pretexto de visitar o filho. Esteve no seu quarto, mal chegou a uma hora; foi logo ver-nos e mostrou-me uma cara indescritivelmente cômica e misteriosa. Sorrindo e esfregando as mãos, intimamente orgulhoso por estar na posse de um segredo, participou-me no maior sigilo que os livros já estavam ali, sem que ninguém os tivesse visto, e que os tinha escondido na cozinha, onde poderiam ficar sob a proteção de Matriona até ao dia do aniversário de Piétienhka.

Depois, como era natural, a conversa recaiu sobre a festa solene que se aproximava. O velho pôs-se a falar dela com muito entusiasmo, explicando como, segundo o seu parecer, se devia efetuar a entrega do presente; e quanto mais ele insistia no assunto e mais ambiguamente o fazia, melhor ia eu percebendo que o pobre homem tinha alguma coisa para me dizer, que não queria ou não sabia explicar ou, quem sabe, que talvez nem se atrevesse a confessar-me. Eu permanecia calada e aguardava. A misteriosa alegria e a grotesca satisfação que no começo transluziam nos seus gestos, em toda a sua mímica facial, nos seus sorrisinhos e em certos trejeitos que fazia com o olho esquerdo, pouco a pouco, foram se dissipando. Saltava à vista que estava possuído de um desassossego interior, triste e preocupado. Até que, por último, não pode mais conter-se e começou a dizer com voz titubeante:

— Ora veja, Varvara Alieksiéievna… Sabe Varvara Alieksiéievna?

— O pobre velho estava completamente transtornado. — Sim, repare: quando chegar o dia do aniversário, a menina lhe entrega dez volumes, sabe? O último fica comigo e eu entrego sozinho, quero dizer, por mim, propriamente pela minha parte. Assim já vê: a menina tem que dar-lhe alguma coisa, eu também tenho que lhe dar um presente; assim, desta maneira, cumprimos os dois a nossa obrigação…

Neste ponto o velho calou-se e não sabia como continuar. Levantei os olhos do meu trabalho: ele estava muito quieto no seu lugar e esperava, sem dúvida a tremer, o que eu iria dizer…

— Mas, por que não quer o senhor que lhe demos os dois a prenda juntos, Zakhar Pietróvitch? — perguntei eu.

— Sim, Varvara Alieksiéievna, faremos assim, como está sugerindo… O que eu queria dizer era que…

Enfim, o velho não conseguia explicar-se, calou-se, e por uns momentos não continuou.

Só depois de uma breve pausa é que prosseguiu:

— Olhe, queria dizer-lhe que tenho os meus pequenos defeitos, isto é, às vezes não me comporto lá muito bem… Ou seja, bom, confesso-lhe que às vezes caio em disparates, Varvara Alieksiéievna… que não estão certos… É isso: que não estão bem… No entanto… Ora veja… Às vezes acontece que faz muito frio na rua, ou que alguém tenha contrariedades que deseja esquecer, ou que lhe tenha acontecido qualquer coisa de desagradável em que não quer pensar… Pois bem: uma pessoa então empurra a porta da taberna, entra e bebe um copinho a mais… Pietruchka não pode aceitar isto com paciência. Aborrece-se comigo, ralha-me e põe-se a explicar-me o que é a moral. Muito bem. Pois é por tudo isso que eu quero agora dar-lhe um presente, para demonstrar-lhe que comecei a pôr em prática as suas lições e a emendar-me. Ou, para falar de outra maneira, quer isto dizer que economizei uns cobrinhos, o suficiente para comprar-lhe um livro e que não fiz pequena economia, pois eu tenho apenas o dinheiro que ele me dá de quando em quando. Isto sabe-o ele muito bem. Por isso com certeza que há de me ver com satisfação aquilo em que eu

gasto o dinheiro que me dá: e que faço tudo isto por ele, por mais ninguém senão por ele!

Que pena me fez ouvir o velhinho! Pus-me a pensar e disse:

— Olhe, Zakhar Pietróvitch, dê-lhe o senhor os livros todos!

— Como todos? Os onze volumes?

— Sim, os onze.

— Os onze, eu sozinho?

— O senhor, sozinho.

— Mas… Como se fossem só meus? Sem falar-lhe da menina? Julguei ter-me explicado com suficiente clareza — porém, o velho demorou um bom pedaço de tempo a compreender-me.

— Ah! Ah! — exclamou finalmente, refletindo. — Isso seria maravilhoso, verdadeiramente maravilhoso mas, e a menina, Varvara Alieksiéievna?

— Eu? Não lhe dou nada, simplesmente.

— Como? — exclamou o velho quase assustado. — Não dará nada a Piétienhka? Não lhe quer dar nada?

Tenho a certeza absoluta de que, naquele momento, o velhinho estava disposto a recusar o meu oferecimento só com a intenção de que eu pudesse oferecer qualquer coisa ao seu filho. Que bom coração tinha aquele homem!

Apressei-me a assegurar-lhe que, naturalmente, eu desejava também dar-lhe alguma coisa; mas custava-me diminuí-lo na sua satisfação.

Porque se o presente agradar ao seu filho e ele ficar contente, e se o senhor também ficar contente — acrescentei — a mim, basta-me compartilhar dessa alegria…

Consegui assim tranquilizar o velho que ficou ainda conosco duas

horas. Mas nem um único momento conseguiu estar quieto na cadeira; levantava-se, andava de um lado para o outro, punha-se a falar mais alto do que nunca, divertia-se com Sacha, beijava-me a mão às furtadelas e fazia-me sinais por detrás de Anna Fiódorovna. Assim esteve todo o tempo, até que finalmente se foi embora. Resumindo: o pobre velho não cabia em si de contente e nunca em toda a sua vida se tinha sentido tão alegre.

Na manhã do dia solene apresentou-se em casa às onze em ponto, logo depois de ter ouvido missa, vestindo uma jaqueta muito decente, ainda que remendada; umas botas novas, como tinha prevenido, e um sobretudo novo também. Em cada mão trazia um pacote de livros… Matriona tinha-lhe emprestado duas toalhas para embrulhá-los. Nós estávamos nesse momento tomando o café, sentadas junto de Anna Fiódorovna (era domingo). Creio que o velho começou por falar-nos de Púchkin, dizendo-nos que ele era um grande poeta; daí, não sem dificuldade e com a sua insegurança e confusão habituais, fazendo mais pausas do que nunca — porém, apesar disso, com desusada fluência — tomou alento para passar a outro assunto: que devíamos todos ser bons, e quando não o somos é sinal de que fizemos quaisquer tolices. Que as más inclinações sempre irromperam e degradaram os mortais. Sim, acabou até por apontar-nos alguns exemplos pavorosos de intemperança para chegar à conclusão de que ele, havia já algum tempo, estava muito emendado em seu vício, comportando-se agora de maneira quase exemplar. Já anteriormente reconhecera toda a razão que tinha o filho em admoestá-lo; mas somente agora é que começara verdadeiramente a abster-se de todo mal e a viver de acordo com o que a sua razão considerava bom. Como prova disso ia oferecer ao filho aqueles livros que ali tinha e para a compra dos quais, durante muito tempo, tinha amealhado o dinheiro necessário.

Foi-me extremamente difícil conter as lágrimas e o riso enquanto o pobre velho falava. Como tinha aprendido a mentir bem, segundo as suas conveniências!

Começamos logo a proceder à mudança solene dos livros para o quarto de Pokróvski, onde os colocamos na mesa própria. O rapaz compreenderia depois a verdade…

Convidamos o velho para nos fazer companhia, à mesa. Esse dia lá em casa era de alvoroço para todos. Depois da refeição pusemo-nos a jogar prendas e depois cartas. Sacha fazia das suas e mostrava-se mais estouvada do que nunca; mas eu não a secundava nas suas criancices. Pokróvski estava cheio de atenções e procurava a todo instante ocasião para falar comigo; e eu, nisso, também não lhe ficava atrás… Foi esse o dia mais feliz daqueles quatro anos da minha vida.

É a partir dessa data que guardo tristes e graves recordações e começa a história dos meus dias nublados. Talvez seja por isto que a minha pena começa agora a correr mais devagar, tal como se estivesse sentindo cansaço e não quisesse levar mais adiante a sua narrativa. Por isso é que eu contei com tanta minúcia e tanto amor todos os pormenores de tudo o que me aconteceu naqueles dias felizes da minha vida. Como foram breves, esses dias! A seguir vieram os desgostos, fundos desgostos, e só Deus sabe quando terão fim as minhas desventuras.

A minha desdita começou com a doença e morte de Pokróvski.

Tinham passado dois meses desde o seu aniversário, quando ele caiu doente. Durante muito tempo, o pobrezinho tinha-se esgotado à procura de uma colocação que pudesse assegurar-lhe a existência, pois até então nunca tivera nenhuma. Como todos os tuberculosos, andava na ilusão de que ia ter uma longa vida, ilusão que jamais o abandonou até o último momento. Uma vez apareceu-lhe uma colocação de professor, não sei onde; mas ele sentia uma aversão invencível pelo ensino. E a sua doença, já declarada, era um obstáculo a que pudesse entrar no Exército. Isto sem contar que, nesse caso, teria ainda de deixar passar muito tempo até que começasse a ganhar. Em suma: Pokróvski não via uma saída, fosse qual fosse o lado para onde virasse. Isto, naturalmente, exerceu sobre ele péssima influência. Consumia-se, ia arruinando a saúde, sem no entanto dar por isso. Até que chegou o outono. Todos os dias, metido na sua capa leve, lá saía ele em busca de um emprego… o que, para ele, era um tormento. E voltava sempre cansado, esfomeado, molhado da chuva e com os pés úmidos, até que finalmente a doença fez tais progressos que acabou por cair de cama… para não mais se levantar… Morreu nos últimos dias do outono, em fins de outubro.

Acompanhei-o em toda a sua doença. Durante o tempo que ela durou, raramente abandonei o seu quarto. Passei ali muitas noites em claro. Ele estava quase sempre amodorrado por causa da febre e delirava; depois punha-se a falar, sabe Deus de quê… Às vezes falava do emprego que tinha projetado, dos seus livros, de mim, do pai… Foi assim que fiquei ao corrente de muitas coisas da sua vida que ignorava e de que nunca tinha suspeitado.

Nos primeiros tempos da sua doença, e pelo fato de eu lhe prestar assistência, todos lá em casa me olhavam de uma maneira especial e Anna Fiódorovna abanava a cabeça. Mas eu costumava fitá-los todos bem de frente e então acabaram por deixar de criticar o interesse que tinha pelo doente… Mamãe, pelo menos, deixou de censurar-me.

De vez em quando Pokróvski reconhecia-me; mas estes intervalos de lucidez eram muito raros. Passava a maior parte do tempo inconsciente. Frequentemente punha-se a falar, a falar, às vezes durante quase toda a noite, mas com umas palavras vagas, entarameladas, não se sabia para quem, e a sua voz rouca repercutia pelo pequeno quarto com um eco tão sumido como se viesse de um túmulo. Nessas ocasiões, chegava a ter medo. Sobretudo nas últimas noites parecia estar já com o estertor; sofria terrivelmente e os seus lamentos doloridos torturavam-me a alma. Todos lá em casa estavam comovidos. Anna Fiódorovna não fazia senão rezar, pedindo a Deus que aliviasse a sua agonia. Chamou-se o médico. Este veio dizer que o doente já não passaria da manhã seguinte.

O velho Pokróvski passava as noites no corredor, colado à porta do quarto do filho. Tínhamos-lhe arranjado ali uma cama com algumas esteiras a servirem de colchão, sobre o soalho. A todo o momento assomava à entrada do quarto… Fazia medo olhar para ele. O sofrimento atingia-o tão fundo que parecia completamente desorientado, insensível e estúpido. Tremia-lhe a cabeça, tremia-lhe todo o corpo e murmurava mecanicamente palavras misteriosas, falando consigo próprio. Parecia que a dor acabara por deixá-lo aparvalhado.

Pela manhã, o velho acabou por adormecer na sua esteira, no corredor. Aí pelas oito horas, o filho entrava na agonia. Fui acordar o

pai. Pokróvski encontrava-se então perfeitamente lúcido e despediu-se de todos nós. Que coisa tão estranha! Eu não podia chorar, e no entanto parecia sentir que meu coração se desfazia em pedaços!

Mas o mais terrível para mim foram os últimos momentos do doente. Esteve primeiro a rezar durante muito tempo, implorando algo que eu não entendia, até que por fim a língua já lhe ficava presa. O meu coração confrangeu-se todo. Durante uma hora esteve o maior desassossego, e a todo instante pedia qualquer coisa, intentando fazer um gesto com a mão rígida, para voltar outra vez a pedir, com a voz rouca e apagada, não sei o que… pois as suas palavras mais não eram já do que sons incoerentes que eu não conseguia decifrar. Levava-lhe à cama tudo quanto havia no quarto; dava-lhe de beber, mas ele não fazia mais nada senão mover a cabeça e olhar-me tristemente. Até que por fim adivinhei o que ele queria: pedia-me que levantasse as cortinas da janela e que a abrisse. Queria ver, pela última vez, a luz do dia, a divina luz do sol.

Levantei as cortinas e abri as portas de madeira; mas o dia que vinha surgindo era escuro e triste tal como aquela pobre vida que se extinguia ali. Não havia nem sinal do sol. As nuvens cobriam o céu com uma névoa espessa e este mostrava-se chuvoso, melancólico e sombrio. Uma chuvinha miúda batia levemente contra os vidros da janela, desfazendo-se sobre eles em gotas grossas, frias e transparentes. Um dia que provocava tristeza e turvação. A sua pálida luz só muito tenuamente entrava pelo quarto, onde apenas brilhava a lamparina trêmula que ardia em frente de uma imagem.

O moribundo contemplou-me tristemente, muito tristemente, e com estremecimento de cansaço, movimentou a cabeça. Um minuto depois estava morto.

Foi Anna Fiódorovna quem se encarregou do funeral. Mandou comprar um caixão muito simples e alugar um carro mortuário. Todavia, para reembolsar-se de tais despesas apossou-se de todos os livros e objetos que pertenciam a Pokróvski.

O velho insistiu para que ela lhe entregasse a herança do filho, lutou, gritou, exaltou-se, levou os livros, guardando-os em todos os

bolsos e até no chapéu, em todos os lugares onde era possível, e assim, carregado de livros, deixou-se ficar por ali, sem separar-se deles nem sequer para ir conosco à igreja. Durante todos esses dias parecia que estava doido. Com uma estranha atividade, punha-se constantemente a arranjar qualquer coisa respeitante ao enterro, quer endireitando os ramos de folhas verdes, quer acendendo as velas para em seguida as apagar e voltar depois a acendê-las. Percebia-se perfeitamente que não conseguia fixar o pensamento por muito tempo na mesma coisa.

À missa de sufrágio na igreja não assistiram minha mãe nem Anna Fiódorovna, que estava já vestida para sair, acabou por entrar outra vez em conflito com o velho Pokróvski; aborreceu-se e resolveu ficar em casa.

Na igreja estavam somente o velho e eu. Durante a missa fui subitamente acometida de uma angústia indescritível, como que um vago pressentimento daquilo que o destino me reservava. Só muito dificilmente conseguia manter-me de pé.

Finalmente fecharam o ataúde, colocaram-no no carro e levaram-no para o cemitério. Eu o acompanhei somente até ao extremo da rua. A partir daí o carro começou a correr. O velho continuou atrás dele, chorando alto; e o seu pranto era trêmulo e entrecortado, pois quase se sufocava na corrida. A certa altura caiu-lhe o chapéu, mas o infeliz nem se deteve para apanhá-lo, continuando sempre a correr. Levava a cabeça toda molhada da chuva. Levantara-se um vento fino e frio que lhe fustigava o rosto. O velho, porém, parecia que nem dava por isso e continuava correndo e chorando, ora de um lado, ora de outro, do carro. As largas abas do seu velho sobretudo revoluteavam como asas sob o embate do vento. Por todo lado da sua figura espreitavam livros e no braço levava um grande e pesado volume que estreitava convulsivamente contra o peito. Os transeuntes descobriam-se e persignavam-se. Alguns ficavam parados, olhando o velho, com os olhos assombrados. A cada passo lhe caíam livros que iam tombar sobre a lama da rua. Então, chamavam-no, obrigavam-no a parar e a dar conta do objeto. Ele apanhava o livro do chão e continuava a caminhar atrás do carro fúnebre. Um pouco antes de voltar a esquina, aproximou-se uma velha mendiga e pôs-se a seguir também atrás do carro. Finalmente este rodeou a esquina e desapareceu.

Voltei para casa. Estremecendo de dor, lancei-me nos braços da minha mãe. Estreitei-a fortemente contra o peito, beijei-a e rompi a chorar. Apegava-me angustiadamente à única pessoa que me restava ainda, como uma derradeira consolação, como se quisesse guardá-la para sempre, a fim de que a morte não pudesse a pudesse arrebatar.

Mas a morte encarniçava-se já sobre a minha pobre mãe…

11 de junho.

Como lhe agradeço o nosso passeio de ontem pelas ilhas, Makar Alieksiéievitch! Como tudo estava lindo e maravilhosamente verde, e como o ar rescendia de aromas! Havia já tempo que eu não via árvores nem relvados… Quando estava doente tinha a impressão de que ia morrer, de que isso era fatal. Pense no que eu devia ter sofrido! Não fique aborrecido por me ter mostrado triste. Sinto-me muito bem e muito alegre. Contudo está escrito que eu tenha sempre alguma tristeza precisamente nos meus momentos mais felizes; tudo me acontece sempre assim. Também não representa nada de especial que eu tivesse chorado; eu própria não sei por que acabo sempre por chorar. Reconheço que sou de uma excitabilidade doentia; todas as impressões que experimento tornam-se sempre morbidamente… morbidamente violentas. O céu claro e sem nuvens, aquele pôr do sol, o silêncio vespertino… tudo isso… e nada disso, afinal… Em resumo: encontrava-me ontem numa disposição de espírito tal que qualquer coisa deixava em mim uma impressão triste e torturante, a tal ponto que sentia o coração apertado e até parece que me apeteciam as próprias lágrimas. Mas… por que lhe digo, ao senhor, tudo isto? Se custa tanto ao nosso coração explicar estas coisas, como não será difícil exprimi-las! No entanto pode ser que me compreenda.

Ó dor! Ó alegria! Mas… como é bom, Makar Alieksiéievitch. Ontem, o senhor olhava-me nos olhos como se quisesse ler neles o que eu sentia e estava tão feliz por ver-me tão contente! Quer se tratasse de um renque de verdura, de uma alameda ou de um regato… aí estava o senhor sempre diante de mim, todo orgulhoso, olhando-me sempre nos olhos, como se tudo aquilo que me mostrava fosse propriedade sua. Tudo isso demonstra que tem um bom coração,

Makar Alieksiéievitch! Por isso eu lhe quero tanto.

Tenho que deixá-lo aqui. Hoje estou outra vez um pouco adoentada; ontem molhei os pés e apanhei um resfriado. Fiódora também não está ainda boa de todo, não sei o que ela tem. De maneira que estamos as duas adoentadas. Não se esqueça de mim e venha ver-nos mais vezes. Sua,

V. D.

12 de junho.

Minha pombinha, Varvara Alieksiéievna! Eu a imaginar, minha filha, que ia descrever-me o nosso passeio de ontem em termos poéticos e afinal manda-me uma carta de uma só página!

Mas não quero censurá-la, pois apesar de me escrever tão pouco, isso lhe foi suficiente para descrever-me tudo muitíssimo bem. A Natureza, todas as diferentes sensações que experimentou diante da paisagem… tudo isso, numa palavra, soube a menina descrever-me breve mas admiravelmente. Eu, pelo contrário, não tenho nem uma amostra de jeito para descrever o que quer que seja; ainda que escrevinhasse dez folhas de papel, nunca chegaria a fazer uma autêntica descrição, fosse do que fosse.

Disse-me também que eu sou bom, benigno de condição, cheio de benevolência para toda a gente, incapaz de causar ao próximo o mais ligeiro dano e que sei apreciar a bondade do Criador, que encontra a sua expressão na Natureza, e além disso honra-me ainda com outras várias amabilidades… Tudo isso que me diz é verdade, minha filha, a pura verdade, pois realmente sou como me descreve, sei disso; e sinto-me contente quando vejo que alguém me descreve tal como a menina fez; sem querer fico satisfeito e alegre; apesar disso vêm-me também pensamentos graves de várias espécies. Mas escute-me, minha menininha, quero falar-lhe um pouco sobre tudo isso.

Começarei por remontar à época em que eu contava apenas dezenove anos, quando ingressei na burocracia oficial; bem depressa se passariam trinta anos da minha vida como funcionário… Durante

todo este tempo, fique sabendo, gastei muitas fardas, tornei-me um homem grave e sisudo, conheci e tratei com muitas pessoas… vivi… Sim, por que não dizê-lo? Vivi e adquiri experiência… e um dia quiseram até propor-me para ser condecorado: pensaram em dar-me uma cruz como recompensa dos meus bons serviços. Talvez que isto custe a acreditar, mas é a pura verdade, não estou a mentir-lhe, minha filha. Mas a que propósito vem tudo isto? Já vai ver. O fato é que neste mundo há de tudo: pessoas boas e pessoas más.

No entanto, repare no que eu vou dizer-lhe, minha filha: sou um homem inculto, estúpido até, se quiser; mas em troca possuo um coração completamente igual ao dos outros homens. Sabe lá, Várienhka, o que me fizeram sofrer os meus companheiros de trabalho! Até me envergonho de dizer isso. Há de perguntar-me, com certeza, por que se davam afinal, todas essas coisas. Pois davam-se precisamente porque eu sou uma pessoa que se cala, um homem modesto, porque eu sou um bom rapaz. Eu não ia pelo seu lado e, por isso, punham as culpas de tudo sempre em cima de mim. A princípio, quando alguém fazia uma coisa malfeita, acabavam por dizer:

— Sim, deve ter sido o senhor, Makar Alieksiéievitch…

Com o tempo essa pequena frase converteu-se nesta outra:

— Sim, com certeza que foi Makar Alieksiéievitch. Senão, quem poderia ter sido?

Até que por fim apenas diziam:

— Evidentemente que foi Makar Alieksiéievitch, isso nem se pergunta…

Já vê por aqui no que acabou toda essa história. De tudo quanto de mau acontecia, era Makar Alieksiéievitch o culpado. Chegaram até o ponto de converter o nome de Makar Alieksiéievitch, não só em sinônimo de todo mal que acontecia na repartição, mas também, não contentes ainda com terem feito do meu nome uma palavra maldita, uma censura digna de maldição, ou até mesmo uma palavra digna de desprezo, tinham sempre, além disso, que falar do meu calçado, da minha roupa, do meu cabelo e das minhas orelhas; numa palavra, de

toda a minha pessoa; tudo quanto me dizia respeito eles achavam mal e de maneira muito diferente daquela que devia ser. E ouvir o mesmo estribilho todos os dias, durante uma infinidade de anos! Acabei por me acostumar a essas coisas porque sou um homem pacífico, um pobre-diabo. Mas, afinal, ainda me apetece perguntar: que teria feito eu para merecer tudo isso? Cortei a carreira a qualquer pessoa? Fiz intrigas junto do chefe acerca de algum colega, com o fito de conquistar uma recompensa? Urdi alguma conjura contra alguém? Cometeria um pecado, minha filha, se imagina sequer que eu, mesmo de longe, tenha algum dia feito alguma coisa de semelhante! Sou um homem capaz de cometer tais ações? Pense com atenção, minha filha, e diga-me a menina se me julga capaz de urdir intrigas ou cabalas. Mas, então, por que teria caído essa praga sobre mim? Senhor, perdoai-lhes! Você me considera um homem de bem, mas isto é porque você própria é incomparavelmente melhor do que todas as demais criaturas, Várienhka!

Qual é a maior virtude cívica? A este respeito, ainda há dois dias que Ievstáfi Ivânovitch, numa conversa particular, se exprimia nestes termos, dizendo: "A maior virtude cívica consiste em procurar ganhar dinheiro". Evidentemente que falava em tom de gracejo (parece-me que o dizia por troça); mas a moral da frase (o que ele verdadeiramente queria dizer) é que ninguém deve prejudicar o próximo. E eu nunca prejudiquei ninguém! Ganhei sempre o meu pão à minha custa. E é verdade que se trata verdadeiramente de um pedaço de pão, de pão quantas vezes duro e seco, mas do meu pão, adquirido honrada e legalmente com o meu trabalho.

Mas, afinal, que havemos de fazer? Vejo muito bem que não faço nada de extraordinariamente importante quando me sento à secretária na repartição e me ponho a copiar minutas. E, no entanto, sinto-me vaidoso: trabalho, faço qualquer coisa de útil e faço-o pelo meu próprio esforço. E, além disso, há alguma coisa de mau no fato de eu não fazer outra coisa senão copiar? É porventura algum pecado? Ora! Não passo de um amanuense! Mas vamos ver: que tem isso de desonroso? A minha letra é perfeitamente clara, legível, tanto que até parece letra de imprensa, e dá gosto ver uma página escrita por mim… Sua Excelência, o ministro, está muito satisfeito comigo. Quer

sempre que seja eu quem lhe copie os documentos que levam a sua assinatura. Ora, tudo isto está muito bem; o que é pena é eu não redigir com elegância. De sobejo sei que não tenho estilo, que não domino a construção da prosa. Também sei isso perfeitamente e essa foi a razão por que eu não pude subir no emprego… A você mesma, minha filha, lhe escrevo eu agora ao correr da pena, tal como as coisas me saem, sem artifícios nem primores, tal como o coração me diz… Sei tudo isto lindamente; mas, afinal, se todas as pessoas escrevessem de maneira original, diga-me, quem diabo havia de copiar as minutas?

Já pode ver que este é o nó da questão. Tem alguma coisa a opor a isto, minha querida? Por isso eu sei muito bem que sou necessário, ou para falar melhor, imprescindível, e que seria insensato aborrecer-me com ditos ociosos. Comparo-me a um ratinho… Não acha que tenho uma certa semelhança? Pois bem: este ratinho no entanto é necessário, sem ele não se pode andar para diante; é um elemento com o qual é preciso contar, e por último, a este ratinho chegaram a prometer uma gratificaação… Veja, veja, como eu sou tolo!

Já falei demais acerca disso tudo. Não queria dizer-lhe nada, mas como a ocasião se apresentou… Além disso as suas palavras tocaram-me. A menina gosta tanto de saber que ainda há justiça neste mundo!

Adeus, minha filha e minha consolação. Sim, com certeza que hei de ir visitá-la, minha estrela, para ver como vão as duas e o que fazem. E até lá, não se aborreça muito. Vou lhe levar um livro. Que passe bem, Várienhka, é o que estimo!

De todo o coração lhe deseja as maiores felicidades o seu,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

20 de junho.

Meu muito estimado Makar Alieksiéievitch:

Escrevo-lhe correndo, pois tenho muito pouco tempo… Devo acabar um trabalho para uma data certa.

Vou imediatamente dizer-lhe uma coisa, sem rodeios: apareceu

uma oportunidade para uma boa compra. Fiódora disse-me que um seu conhecido tem um terno quase novo de que queria desfazer-se, calças, paletó e gorro e, segundo ela disse, tudo muito barato. Se o senhor quisesse ficar com ele! Agora tem dinheiro e não está em dificuldades. Foi o senhor próprio quem o disse que tinha um dinheirinho de lado. Por isso acho que deve pensar bem e adquirir essa pechincha.

É que a roupa lhe está fazendo muita falta. Basta que se olhe ao espelho para ver como já está velho esse terno que usa. Até faz pena! Está todo cheio de manchas. E consta-me que não tem outro novo, por mais que me assegure que o tem. Sabe Deus o que teria feito dele… Por isso peço-lhe que me escute, que compre essas coisas, insisto! Faça isso por mim, se na verdade me quer como diz!

O senhor ofereceu-me a roupa branca. Ora, devo dizer-lhe, Makar Alieksiéievitch, que isso é demais. Está a arruinar-se, e não estou brincando, pois o que gastou já comigo representa uma boa soma! Como pode o senhor esbanjar dessa maneira? Eu já não preciso de nada; todos esses obséquios estão a mais. Acredite que já sei quanto o senhor me estima, e portanto é escusado que procure demonstrar-me à custa de presentes atrás de presentes a verdade da sua afeição. Se soubesse como me custa aceitar as suas prendas! Sei quanto lhe custam também. Por isso, terminantemente, digo-lhe que não me mande mais nada. Entende-me? Suplico-lhe, imploro-lhe!

Pede-me que lhe envie a continuação dos meus apontamentos e diz que devo terminá-los. Meu Deus, nem eu própria compreendo como pude escrever tanto nesse caderno, como escrevi! Não; não tenho coragem, agora, para falar do meu passado. Não quero ocupar com ele, de novo, o meu pensamento. Tenho medo dessas recordações. Falar da minha pobre mãe, cuja filha, depois que ela morreu, veio a ser vítima de tantos infortúnios… Seria completamente impossível. Meu coração fica a sangrar quando, mesmo de longe, evoco tais recordações! A ferida está ainda demasiado fresca! Nem sequer tenho sossego para pensar; apesar de ter decorrido já um ano inteiro sobre essas coisas, ainda não consegui recuperar a serenidade! Além disso, o senhor já sabe tudo…

Também lhe comuniquei já as intenções atuais de Anna Fiódorovna. Joga-me no rosto a minha ingratidão e calunia-me dizendo que eu tinha certos entendimentos com o senhor Búkov! Intima-me a que volte para a sua companhia. Diz que estou vivendo de esmolas e que enveredei por um mau caminho. Se voltar para o seu lado, diz ela, vai se encarregar de refazer a história com o senhor Búkov e vai obriga-lo a dar-me a reparação que me é devida. Chegou a ponto de dizer que o senhor Búkov vai me dar uma indenização. Que Deus lhe perdoe! Sinto-me aqui muito bem debaixo da sua proteção e ao lado da minha Fiódora que, com a dedicação que tem por mim, me faz lembrar a minha antiga e feliz infância. O senhor não é apenas um parente afastado e portanto nada impede que olhe por mim e me proteja com o seu nome e a sua boa reputação. Àquela gente, não quero conhecê-la… Hei de fazer por esquecê-la… se puder. Que mais querem de mim? Fiódora diz que tudo aquilo é falar por falar e que hão de acabar por deixar-me em paz. Queira Deus que assim seja.

V. D.

21 de junho.

Minha flor, meu amor, tenho tanta vontade de lhe escrever, mas não sei por onde hei de começar…

É extraordinário como vivemos os dois, agora! Digo isto unicamente porque já o deve saber; nunca passei uns dias tão felizes. É tal qual como se Deus me tivesse feito a graça de possuir um lar e uma família! A menina é a minha filha, a minha pequenina!

O que é que dizia a respeito dessas quatro blusas que lhe mandei? Sim senhora, Fiódora disse-me que lhe estavam fazendo falta… E, para mim, acredite minha filhinha, é um autêntico prazer cuidar de você, acredite, é mesmo o meu maior prazer. Portanto não me negue isso e consinta em fazer-me feliz…

Nunca experimentei nada de semelhante, meu amor. Vivo agora outra vida muito diferente da anterior.

Em primeiro lugar, uma vida entre dois, se me é lícito exprimir-

me assim, pois que a tenho tão próxima, o que é para mim uma grande alegria e uma grande consolação. Em segundo lugar, o meu vizinho de quarto Rotasiéiev — o tal empregado em cujo aposento se celebram serões literários — convidou-me hoje para o chá. Só isto! Quero avisá-la de que hoje se realiza no quarto dele uma dessas reuniões e que nela vai ler-se um pouco de literatura. Já pode ver a vida que agora levo… Hem, e que tal?

Fique com Deus, minha pequenina. Já lhe escrevi bastante, sem qualquer objetivo concreto, unicamente para falar-lhe da minha satisfação.

Mandou-me dizer por Teresa que precisava de seda de cor para os seus bordados; pois fique descansada, minha filha, que eu vou comprá-la, que vai tê-la já amanhã, visto que lhe dão tanta pressa. Já sei onde posso encontrá-la, e da melhor qualidade.

Seu amigo sincero,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

25 de junho.

Querida Varvara Alieksiéievna:

Estas linhas têm por fim comunicar-lhe que aconteceu aqui em casa uma coisa tão triste, que certamente há de provocar a compaixão de toda a gente. Esta manhã, pelas cinco horas, morreu o rapazinho dos Gorchkov. Não sei ao certo de quê. Se de bexigas ou, vá-se lá saber, se de escarlatina. Fui hoje visitar os pais. Ah, minha filha, se soubesse a pobreza em que vivem! E que desordem naquele quarto! Se bem que, afinal, não tenhamos nada que nos admirar, pois toda a família vive nesse único compartimento, o qual somente por pudor dividiram a meio por um biombo.

Agora, por enquanto, ainda ali está o caixão da criança… um caixão muito simples, o que há de mais barato, mas no entanto muito bonito. Compraram-no já pronto. O pequenino tinha dez anos e, segundo dizem, dava muito boas esperanças. Faz-me pena, muita pena, ver o corpinho inanimado, Várienhka! A pobre da mãe não

chora, mas está muito triste. Pode ser que para eles represente um alívio o se verem livres de uma boca; mas ainda lhes ficam dois para sustentar, um menino de peito e uma garotinha que não deve ter mais de seis anos.

O que não sentirá um pai quando vê sofrer um filho seu, querido, e se encontra na impossibilidade de lhe valer? O pai desta criança que acaba de morrer está metido numa roupa velha, suja e esfiapada, sentado numa cadeira meio desengonçada. As lágrimas correm-lhe pelas faces, talvez não por efeito do sofrimento, mas apenas pelo costume… Seja como for, aqueles olhos choram. É um homem tão esquisito!

Fica sempre ofendido quando lhe falam e nunca sabe o que há de responder. A pequenina está apoiada ao caixão, muito quietinha, séria e pensativa. Não gosto de ver as meninas tão sérias, Várienhka, causam-me inquietação. No soalho jaz uma boneca velhas, mas a criança não pega nela para brincar. Com o dedinho na boca, assim está… assim estava, sem se mexer. A dona da casa acaba de oferecer-lhe um bombom. Ela pegou, mas não comeu. Que triste é isto tudo! Não é verdade, Várienhka?

Seu,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

25 de junho.

Meu inestimável Makar Alieksiéievitch:

Devolvo-lhe o seu livro. Que objeto tão pesado! Onde encontrou o senhor esse tesouro? Agora falando a sério… O senhor gosta de verdade de livros desse gênero? Há já dois dias que prometeu arranjar-me alguma coisa para ler. Eu posso também compartilhar a despesa dos livros, se quiser. Mas, adeus, até à vista. Não tenho tempo para continuar esta carta.

V. D.

26 de junho.

Querida Várienhka:

Confesso-lhe sinceramente, minha filha, que não cheguei a ler esse livro. Para dizer a verdade, folheei-o apenas por alto, o bastante para compreender que se tratava de uma coisa disparatada, escrita unicamente para fazer rir e distrair as pessoas. Mas disse para comigo: "É um livro engraçado, pode ser que agrade a Várienhka". E sem pensar mais, peguei nele e mandei-lho.

Mas, agora, Rotasiéiev prometeu dar-me uma coisa de caráter verdadeiramente literário para ler. De maneira que se vá já preparando para receber bons livros, minha menina.

Rotasiéiev… esse sim, que entende de livros. Ele também escreve e de que maneira! Escreve muito bem e tem um estilo simplesmente grandioso. Em cada palavra sua encerra-se sempre alguma coisa… até nas mais correntes e vulgares, em cada frase, até no modo como eu, por exemplo, digo alguma coisa a Faldôni ou a Teresa… Pois até aí sabe ele exprimir-se com arte.

Eu, agora, assisto com toda a regularidade aos seus serões literários. Nós, os do auditório, ficamos fumando enquanto ele nos vai lendo tudo numa tirada, durante cinco horas; mas conseguimos escutá-lo sem pestanejar, durante todo esse tempo. É que são pérolas as suas palavras, e não literatura! Flores, flores perfumadas… tantas flores em cada página, que podíamos formar um ramo com elas! E é tão espontâneo e amigável no seu trato! Que sou eu comparado com ele? Nada. Não presto para nada e nada valho. E, no entanto, ele me honra com a sua benevolência. Já lhe copiei duas ou três coisinhas. Não vá pensar agora, Várienhka, que isto possa influir nele de algum modo, quero dizer, que se mostre tão carinhoso comigo porque eu lhe copio os trabalhos… Não dê atenção a esses murmúrios; não acredite neles, não lhes dê a menor importância! Não; se eu lhe copio essas coisas é por puro prazer, simplesmente porque quero proporcionar-lhe qualquer coisa de agradável. E se ele me mostra, como realmente faz, aquela benevolência, fá-lo também num impulso espontâneo, para proporcionar-me alegria! Não sou tão parvo que o não perceba e vejo

muito bem quanta ternura se oculta em tudo isso! Ele é um homem excelente, bom e, além disso, um escritor admirável.

A literatura encerra qualquer coisa de belo, Várienhka, algo de muito belo, tal como ainda ontem pude ver bem em casa de Rotasiéiev. E é ao mesmo tempo uma coisa profunda! Fortalece, afirma e ilustra as pessoas… e faz ainda muito mais, e tudo isso se vê perfeitamente nos seus livros. Estão verdadeiramente bem escritos! A literatura… vem a ser uma pintura, em certo sentido, já se vê; um quadro e um espelho; um espelho das paixões e de todas as coisas íntimas; é instrução e educação ao mesmo tempo, é crítica e um grande documento humano.

Tudo isto ouvi dizerem os companheiros de tertúlia de Rotasiéiev e deduzi-o também das suas conversas. Confesso-lhe sinceramente, minha filha, que quando estou no meio deles, sentado, a escutar… fumando o meu cachimbo, tal como eles… e quando se põem a falar confrontando o seu saber e as suas opiniões, discorrendo acerca das coisas mais diversas, eu muito simplesmente "passo" tal como no jogo. Eu, e a menina também teria que dizer o mesmo… Continuo sentado junto deles, tão calado como um basbaque, e chego a envergonhar-me de mim próprio. E ainda que durante todo o serão uma pessoa fique a pensar na maneira de meter uma palavrinha na conversa geral, nem sempre o consegue. É que por mais que se esforce não encontra essa palavra, por mais voltas que dê, não lhe ocorrem senão insignificâncias! Até parece bruxedo, Várienhka, e acaba-se por se ter dó de si mesmo, essa é que é a verdade. Até se lhe pode aplicar o ditado: "O que o berço dá, a tumba leva".

Sabe o que faço agora nos momentos livres? Olhe, durmo, durmo que nem um bacorinho. Pois em vez dessas sonecas inúteis podia empregar o tempo disponível em qualquer coisa de agradável ou proveitosa, como, por exemplo, sentar-me à mesa e pôr-me a escreve isto e aquilo, o que me viesse à cabeça… não acha? Não só por utilidade e formação espiritual, como também para meu próprio prazer. E ouça, minha filha: não calcula o que eles ganham com os seus escritos, juro! Por exemplo, e para não ir mais longe, o já falado Rotasiéiev… é de admirar como trabalha!

Sem custo nenhum, garatuja ele uma folha inteira! Há muitos dias em que chega a escrever cinco e, segundo disse, recebe trezentos rublos por unidade! Se escreve uma historieta ou coisa humorística, ou alguma anedotazinha ou qualquer coisa do gênero, para o público… quinhentos, pouco mais ou menos, e por menos desse preço, nunca! "É tanto, está acabado… Não convém? Ótimo… Tenho quem pague mil!" Que tal, hem?

Mas a coisa não fica aí. Por exemplo: ele tem um caderninho de poesias, tudo coisas pequenas — uma meia dúzia de linhas apenas. Pois bem, sete mil rublos, minha filha, nada mais nada menos do que sete mil rublos é quanto hão de pagar pelo tal caderninho. E que me diz a isto? Isto representa um capital equivalente a uma propriedade, isto significa uma boa porcentagem duma casa de cinco andares. Cinco mil rublos já ele teve quem lhe oferecesse, simplesmente, mas não cedeu. Tentei convencê-lo com boas razões, dizendo-lhe: "Ó homem, agarre nos cinco mil, apanhe-os e depois então já poderá voltar as costas e cuspir nesses fulanos, se quiser; porque cinco mil rublos, homem, já é dinheiro!". Mas qual o que, diz que dali não arreda pé e que os velhacos hão de conformar-se e largar os sete mil rublos. Veja lá se isto não é esperteza, hem?

E já agora, minha filha, uma vez que estamos a falar no assunto, vou copiar-lhe aqui um trecho das *Paixões italianas*, que é o título duma das suas obras. Leia e aprecie, Várienhka:

> … Vladímir aproximou-se; no seu íntimo ardiam as paixões e o sangue fervia-lhe…
> — Condessa! — exclamou. — Condessa! Sabe a senhora quão espantosa é esta paixão e ilimitado este delírio? Não, os sentidos não me enganam! Amo, amo com todo entusiasmo, de maneira louca, delirante! Todo o sangue do seu marido não chegaria para apagar a fervorosa paixão da minha alma! Esses pequenos obstáculos não chegam para conter a torrente de chamas do fogo destruidor, infernal, que arde no meu peito desolado! Ó Zinaída, Zinaída!…
> — Vladímir… murmurou a condessa desfalecida, deixando tombar a cabeça sobre o ombro dele.
> — Zinaída! — exclamou Smiélhski fora de si, e do seu peito fugiu um soluço…
> A chama irrompeu clara no altar do amor e rodeou a alma dos dois amantes:
> — Vladímir! — murmurou a condessa. O peito arfava-lhe, as faces tingiam-se-lhe de vermelho, os olhos brilhavam…
> Estava consumado aquele novo e espantoso pacto!
> ……
> Ao fim de meia hora, o velho conde entrou no quarto de *toilette* de sua esposa.
> — Mas, meu amor, por que é que não se preparou o samovar para o nosso querido hóspede? — perguntou ele acariciando-lhe as faces.

Agora diga-me, minha filha: que lhe parece isto? Não é verdade que é um pouquinho livre?… Impossível negá-lo, mas, ao mesmo tempo, que sabor isto tem e como está bem escrito! Entretanto tenho de copiar-lhe ainda outro passo daquele conto que se chama *Iermak*[11] *e Zuleika*.

Comece por imaginar, minha filha, que o cossaco Iermak, o ousado conquistador da Sibéria, se encontra enamorado de Zuleika, a filha do chefe de tribos siberianas, Kutchum, ao qual fizera seu prisioneiro. A ação decorre no tempo em que reinava Ivan, o Terrível, como poderá verificar. Pois bem, agora vou copiar-lhe um diálogo entre Iermak e Zuleika:

> — Amas-me, Zuleika? Oh, diz-mo outra vez, repete-mo!…
> — Graças ao Céu e à Terra! Como sou feliz! Concedeste-me tudo aquilo por que desde a infância tem lutado o meu espírito arrebatado! E tu, estrela que guias os meus passos, que me trouxeste até aqui por cima do pétreo cinturão do Ural! Hei de mostrar ao mundo inteiro a minha Zuleika, e então os homens, esses monstros selvagens, não ousarão acusar-me! Oh, se eles pudessem entender as secretas torturas da sua alma terna, se, tal como eu, soubessem contemplar numa só lágrima de Zuleika todo um mundo de poesia! Oh, deixa-me que enxugue com os meus beijos essa lágrima, essa gota de orvalho celestial… Oh, celestial criatura…
> — Iermak — disse Zuleika — o mundo é mau, os homens são injustos. Hão de perseguir-nos e julgar-nos, meu amor! Que vai ser de uma pobre moça como eu, criada nos nevados campos da Sibéria, na cabana de seu pai, além, nesse mundo teu, frio, glacial, desapiedado e egoísta? Os homens não serão capazes de compreenderem-me, meu amado!
> — Pois hão de ter que entender-se com a minha espada de cossaco! — exclamou Iermak volvendo a um e outro lado os olhos iracundos…

Imagine agora, minha Várienhka, esse mesmo Iermak ao ter conhecimento de que a sua Zuleika foi assassinada. O velho Kutchum, a coberto da escuridão da noite, durante a ausência de Iermak introduziu-se na sua tenda e matou a própria filha, Zuleika, com o fim de vingar-se de Iermak que lhe roubara o cetro e a coroa.

> — Oh, como é bom poder afiar a espada! — exclamou Iermak possuído de um selvagem furor de vingança, batendo com a espada na pedra do altar sagrado. — Preciso de ver sangue, sangue! Tenho que vingá-la, vingá-la, vingá-la!

Porém, apesar de tudo isso, Iermak não consegue sobreviver à sua Zuleika, de maneira que se atira ao Irtich e afoga-se. Com o que termina a narrativa.

Vá lá mais um trechinho, apenas uma amostra. É humorismo, com

o qual o autor procura somente fazer rir:

> — Então não me conhece Ivan Prokófievitch Joltopuz[12]...? Não? Pois olhe, é o mesmo que mordeu na barriga da perna de Prokófi Ivânovitch! Ivan Prokófievitch é um homem de mau gênio, mas, ao mesmo tempo, é também um homem de raras virtudes. Prokófi Ivânovitch, pelo contrário, é doce como o mel. Sobretudo quando convive com Pielagueia Antônovna. O que, não conhece Pielagueia Antônovna? Pois é aquela que lhe cose sempre o sobretudo com o forro para fora, com o intento de poupar o tecido...

Não é verdade que isto é engraçado, Várienhka, deveras engraçado? Nós, os do auditório, torcíamo-nos de riso enquanto ele nos lia esta página. Veja que pândego é ele, Várienhka! Quanto ao mais é muito esquisito e grotesco na sua maneira de conduzir-se; no entanto, no fundo, é um ingênuo, sem ponta de livre pensador nem de nenhum desses erros dos liberais. Devo participar-lhe também que Rotasiéiev possui boas maneiras e talvez seja essa uma das razões que façam dele um literato tão notável e tão acima de muitos outros.

E o que é que aconteceria se... Pois para dizer a verdade, às vezes isso me passa pela cabeça... Que aconteceria se eu me pusesse também a escrever? Suponhamos, por exemplo, que de repente me lembrasse de publicar um livrinho em cuja capa se lesse: *Poesias de Makar Diévuchkin*. Que tal, hem? Que diria a menina, meu anjo? Que lhe pareceria isto, o que é que pensaria? Pela minha parte posso desde já dizer-lhe, minha filha, desde o instante em que o meu livro fosse publicado, já não teria coragem para apresentar-me na Niévski.[13] Não poderia suportar que toda a gente se pusesse a dizer: "Olhem, ali vai o poeta Diévuchkin", e que eu fosse realmente o próprio!

Que faria eu, então, com estas botas? Pois há de saber, minha filha, que as tenho quase sempre manchadas, e as solas, para ser sincero, também estão longe de se encontrarem nas devidas condições. Que faria eu se todos ficassem sabendo que o poeta Diévuchkin andava de botas sujas? Se o vinha a saber alguma condessa ou alguma duquesa, que diriam? Sem dúvida, podia dar-se o caso de que não reparassem nisso, pois as condessas e as duquesas não costumam demorar os seus olhos sobre as botas e muito menos ainda sobre as botas dum empregadinho (afinal de contas, botas são botas...). Mas não havia de faltar quem lhes relatasse a história, a começar pelos meus próprios amigos. Rotasiéiev, por exemplo, havia de ser o

primeiro! Rotasiéiev é íntimo, segundo ele diz, em casa da condessa B***, na qual se apresenta até sem convite prévio, sempre ele diz, e, além disso, uma dama de grande cultura literária. Que espertalhão é este Rotasiéiev!

Mas enfim… já chega. Escrevo tudo isto para distraí-la, minha menina, a título de brincadeira. Passar bem, minha pombinha.

Muito escrevinhei eu hoje! Para ser franco, foi porque estou muito contente. Hoje ceamos todos no quarto de Rotasiéiev e este (encontram-se pândegos por todo lado) costuma apresentar um licorzinho especial que… não encontro palavras para descrevê-lo. Mas, veja lá, não vá agora pôr-se a pensar mal de mim, Várienhka! Não se trata disso!

Vou enviar-lhe os livrinhos. Anda por aí de mão em mão uma novela de Paul de Kock[14], mas nesse Paul de Kock a menina nem sequer deve tocar! Não e não, Deus a defenda. Esse Paul de Kock não é para você, Várienhka. Dizem que inspira a todos os críticos decentes de Petersburgo uma grande desconfiança.

Envio-lhe uma onçazinha de doces… que comprei especialmente para você. E preste atenção, minha menina, de cada vez que coma um, há de se lembrar-se de mim. Não morda os bombons que é para não os gastar muito depressa; deixe-os antes ficar na boca até que se derretam, pois, de outro modo, poderiam estragar-lhes os dentes. E depois diga-me ainda se também gostou das pastilhas de chocolate.

Chega! Fique com Deus e passe muito bem. Eu sou sempre o seu fidelíssimo amigo,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

27 de junho.

Querido Makar Alieksiéievitch:

Fiódora disse-me que conhece umas pessoas que poderiam ajudar-me muito na situação em que me encontro e, se eu quisesse, poderiam arranjar-me um ótimo lugar como governante em certa casa. Que lhe

parece isto, meu amigo? Devo decidir-me? Gostava de lhe não ser pesada por mais tempo, e o tal lugar parece bom. Mas, por outro lado, custa-me um pouco a ideia de ter de entrar ao serviço de pessoas estranhas. Dizem que se trata de uma família de proprietários rurais. Supondo que desejam pedir informações acerca do meu passado, que hei de eu dizer-lhes? E, sobretudo, sendo eu tão arredia e pouco sociável… Onde me sinto mais satisfeita é precisamente no lugar em que me encontro. Uma pessoa sempre se sente melhor no cantinho a que já se acostumou e, mesmo que nele se sofram dificuldades, ainda é o melhor de tudo. Além disso, teria que viajar para chegar à residência da tal família e sabe Deus para que serviços me guardariam depois! Podia acontecer que me pusessem a cuidar das crianças. E que espécie de gente será essa que, até à data, num período de dois anos, mudou já três vezes de governanta? Aconselhe-me como lhe parecer melhor, querido Makar Alieksiéievitch: devo aceitar essa proposta ou deixar-me ficar em casa?

Por que não vem agora visitar-nos? Aparece tão pouco! A não ser aos domingos na igreja, durante a semana quase nunca nos vemos. É assim tão insociável? Então é como eu. Pois que, afinal de contas, nós somos parentes. Ou será o caso de já não gostar de mim, Makar Alieksiéievitch? Costumo sentir uma grande tristeza quando me vejo sozinha. Às vezes, sobretudo à tardinha, tenho momentos em que fico completamente só; Fiódora sai para comprar qualquer coisa e aí fico a pensar, a pensar… a recordar o passado, tanto as alegrias como as tristezas; tudo isso passa diante de mim como uma névoa. Surgem outra vez diante dos meus olhos os rostos que conheci (creio que os vejo, assim desperta, quase como costumamos ver os seres e as coisas, quando sonhamos). E aquele que me aparece mais frequentemente é o da mamãe… Os sonhos que eu tenho, quando durmo! Vejo bem que a minha saúde está abalada. Estou tão fraca! Esta manhã, quando me levantei, senti-me muito mal, e pior ainda, não me deixa esta maldita tosse! Pressinto, sei que não hei de viver muito. Quem há de fazer o meu enterro? Quem irá atrás do meu caixão? Quem há de chorar por mim?… E se me acontece morrer num lugar estranho, numa casa alheia e entre pessoas que me são desconhecidas? Meu Deus, como é triste a vida, Makar Alieksiéievitch!

Meu amigo, por que há de estar sempre a mandar-me doces? Verdadeiramente, não compreendo onde vai buscar o dinheiro. Meu amigo, guarde esse dinheiro para aquilo que mais desejar, guarde!

Fiódora encontrou um comprador para o meu tapete, aquele que fiz. Vão dar-me quinze rublos. E ficará assim muito bem pago; pensava que me dariam menos… Três rublos competem a Fiódora; eu vou comprar tecido para fazer um vestidinho simples, um pedaço de qualquer tecido, baratinho, mas que aqueça. Para o senhor vou fazer uma jaqueta à americana, uma jaqueta bem jeitosa; hei de procurar um bom tecido e hei de confeccioná-la eu mesma.

Fiódora arranjou-me um livro, os *Contos de Biélkin*[15], que juntamente lhe envio para que o senhor o leia também. Peço-lhe apenas que o não retenha aí por muito tempo, pois não é meu. É uma obra de Púchkin. Ainda há dois anos eu o lia na companhia da mamãe… Por isso, agora, ao lê-lo pela segunda vez, trouxe-me tristes recordações.

Se tiver aí algum livro à mão, gostaria que me mandasse, mas com a condição de que não há de pedi-lo a Rotasiéiev. Pois pelo certo ele lhe daria uma obra das suas, se é que tem alguma publicada. Como é possível que o senhor aprecie os seus dramalhões, Makar Alieksiéievitch? São uns autênticos disparates.

Fique com Deus. Não deixe de reparar que, desta vez, escrevi muito. Quando me chega este abatimento, dá-me sempre alegria poder falar com alguém. Este é o melhor remédio; em seguida sinto-me mais aliviada, sobretudo quando posso deixar expandir-se aquilo que tenho no coração.

Adeus, adeus, meu amigo. Sua,

V. D.

28 de junho.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

Basta de tristezas! Você não se acanha? Dê fim a isso, filha minha!

Como pode entregar-se a esses pensamentos? Pois se já está boa, minha querida, completamente boa! Está tão bem que até dá gosto vê-la, acredite que é a verdade pura; está apenas um pouco pálida, mas, apesar disso, está viçosa como uma flor! E que sonhos e pesadelos, que fantasmas vêm a ser esses? Ai, não se acanha, minha filha? Deixe-se dessas coisas! Não se preocupe com esses sonhos tão tolos… É a maneira de afugentá-los. É muito simples! Isso a mim não me acontece, durmo até muito bem! Será porque não me falta nada? Olhe bem para mim, minha filha, e veja se não estou contente e satisfeito, se não durmo como uma ratazana, se não estou cheíssimo de saúde, numa palavra, se não parece mesmo que eu sou da pele do diabo… e com muita honra! Por isso deixe-se dessas ingenuidades, envergonhe-se e faça por se emendar. O pior é que eu já sei como é essa cabecinha; por qualquer coisa, começa logo de novo a entristecer-se, a preocupar-se e a atormentar-se com pensamentos de toda espécie. Mas, ainda que fosse só por mim, Várienhka, a menina devia por fim a todos esses desvarios!

Servir a gente desconhecida? Isso nunca. Não, mil vezes não! Como lhe passou semelhante ideia pela cabeça? E que é pior, para fora daqui… Não, minha filha; a menina, ainda não me conhece bem; nunca na minha vida consentirei numa coisa dessas; vou me opor a esse projeto com todas as minhas forças. E ainda que eu tivesse de vender o meu velho casaco e de ficar unicamente com a camisa, nunca a menina havia de passar fome, minha Várienhka! Não, Várienhka, não, conheço-a muito bem! Isso são tolices, nada mais do que tolices! A única coisa certa é que a culpada de tudo isso é Fiódora, ninguém senão ela; essa codorniz velha é que anda a meter-lhe esses disparates na cabeça! Não deve dar ouvidos ao que ela diz. Não a conhece já? Não sabe que essa mulher é uma imbecil, uma mentirosa incorrigível que amargurou a vida do falecido marido com os seus disparates? Pense bem se ela nunca a aborreceu ou nunca a ofendeu também…

Não, não, minha filha; de tudo quanto me falou, nada poderá realizar… O que havia de ser de mim, sim, o que havia de ser de mim? Não Várienhka, meu amorzinho, tem de tirar isso da ideia; não está bem conosco, assim? Ter você a nosso lado nos proporciona infinita alegria e, para você também, nós somos uma satisfação. Por

isso, não se vá, vivamos juntos em paz e na graça de Deus. Vá fazendo as suas costuras e leia um pouco… ou então, não leia… faça como mais lhe agradar, contanto que nunca nos deixe. Porque se assim fizesse, bem sabe, que seria de nós? De vez em quando havemos de levá-la a passear. Mas é preciso que afugente definitivamente esses pensamentos, que procure ser razoável e que não se preocupe nem aflija sem motivo por coisas tão insignificantes. Passarei a visitá-las e o mais brevemente possível. Entretanto deixe-me que lhe diga com toda a franqueza: isso que pensou, não lhe fica nada bem, meu amorzinho, não senhor!

Eu não sou, evidentemente, um homem culto, estou longe de ser ilustrado, quase que tenho só as primeiras letras… Bem, não se trata disso agora, nem é isso o que eu queria dizer… Mas por Rotasiéiev sou capaz de tudo, pense a menina o que pensar! É meu amigo e tenho o dever de vir em sua defesa. Escreve bem, muito bem, e mais que bem. De maneira nenhuma estou de acordo com você. Possui um estilo cheio de colorido e distinção, chegando a por pensamentos naquilo que escreve. Em suma: escreve admiravelmente! Talvez a menina o tivesse lido, já desconfiada, Várienhka, talvez estivesse maldisposta quando o leu, ou Fiódora a tivesse aborrecido com uma das suas, se é que não se deu o caso de estar aborrecida pelos dois motivos nesse dia. Não, há de lê-lo outra vez com atenção e com interesse, quando estiver contente e bem-disposta; por exemplo, quando tiver na boca uma guloseima… Nessa altura é que deve voltar a lê-lo.

Não quero dizer que não exista outro escritor capaz de passar acima de Rotasiéiev; mas, supondo mesmo que os há melhores do que ele, nem por isso poderemos afirmar que ele é mau; são todos bons; ele escreve bem, e segundo me parece, os outros também escrevem bem. Além disso, não esqueçamos que ele escreve unicamente para si próprio, quer dizer, que só pega na pena nos seus momentos livres… e vê-se bem que é assim e para dizer a verdade, com certas vantagens…

Adeus, minha filha; hoje não lhe escrevo mais; preciso de copiar uma coisinha e tenho alguma pressa. Minha filha, não deixe de fazer qualquer coisa que me tranquilize. Deus a proteja, meu amor, com tanta segurança como eu sou o seu fiel amigo,

P.S. — Muito obrigado pelo livro, minha filha; também aqui se lê Púchkin.

Esta tarde irei vê-la, sem falta.

***

Meu querido Makar Alieksiéievitch:[16]

Não, meu amigo, não é possível que eu continue aqui por mais tempo. Pensei muito bem e vejo claramente que faria muito mal se deixasse escapar uma colocação tão vantajosa. Ali, ao menos, posso ganhar com segurança o pão de cada dia. Trabalharei, hei de procurar tornar-me simpática a essa gente, e se preciso for, tentarei, mesmo, mudar de feitio. Certamente que é difícil e doloroso viver entre pessoas estranhas, curvar-se a tudo o que elas quiserem, negar o próprio temperamento e depender delas em todas as coisas, mas com certeza Deus não há de faltar-me com a sua ajuda. Uma pessoa não pode viver toda a vida afastada das outras! E eu já noutro tempo passei por circunstâncias parecidas quando estava no pensionato.

Passava os domingos brincando e saltando alegremente como uma autêntica selvagem, e quando a mamãe me ralhava — às vezes fazia-o — nem por isso deixava de estar satisfeita e de sentir o coração iluminado e quente. Mas quando a tarde chegava, aí tornava eu a sentir-me tão infeliz… é que, às nove horas, devia estar de regresso ao colégio e aí tudo me era estranho, frio e severo. As professoras aos domingos estavam sempre de mau humor, e a mim dava-me tamanha tristeza, tal desolação, que nem podia conter as lágrimas. Escapava-me logo para um canto e ali ficava a chorar, solitária e abandonada. Como era natural, diziam depois que eu era uma folgazã e que não queria estudar. Mas não era essa a causa do meu pranto. Até que finalmente… como teria acontecido isso? O certo é que acabei por habituar-me e quando um dia cheguei a abandonar o colégio, chorei muito ao separar-me das minhas companheiras.

Não, não está certo que continue aqui, a ser-lhe pesada ao senhor e a Fiódora. Só pensar nisso é para mim um tormento. Digo-lhes isto francamente, pois não estou acostumada a ocultar-lhes nenhum segredo. Então não vejo eu como Fiódora se levanta assim que amanhece e se põe a lavar, e não para de lidar durante todo o dia e até ainda pela noite adiante? Ora, as pessoas de idade precisam de descanso. E não vejo eu também como o senhor se sacrifica por minha causa, como se priva do necessário para gastar comigo tudo quanto ganha? Sei muito bem, meu amigo, que faz muito mais do que aquilo que está nas suas posses. Diz-me que preferia ficar sem nada do que consentir que eu passasse fome. Acredito, meu amigo; sim, sei que tem um coração bondoso… mas pense um pouco, criatura. Pode ser que agora tenha algum dinheirinho de sobra, pode acontecer que tenha recebido uma gratificação inesperada, mas… e depois? Já sabe que eu ando sempre doente. Não posso trabalhar como o senhor, ainda que de boa vontade o faria, e além disso nem sempre aparece trabalho. Que hei de eu fazer? Sofrer e atormentar-me e deixar que o senhor e Fiódora cuidem de mim enquanto eu fico sem fazer nada? Como poderia agradecer-lhes o mais ínfimo dos seus cuidados, como poderia ajudá-los de qualquer modo? Por que hei de eu ser-lhe tão indispensável, meu amigo? Que lhe trouxe eu de bom? Apenas fiz uma coisa: querer-lhe de todo coração, e esta é a única coisa que lhe posso fazer. Uma vez mais me persegue o meu cruel destino! Sei amar… mas fazer bem, corresponder aos seus benefícios com atos meus, não me é permitido. Por isso não me retenha, pense com vagar no meu projeto e diga-me depois com toda a sinceridade o que lhe parece.

Aguardando, fico a sua,

V. D.

1 de julho.

Tolice, Várienhka; tudo isso não é mais do que tolice, uma pura tolice! Que coisas se lhe metem na cabeça quando fica entregue a si mesma! Tão depressa imagina isto como aquilo! Mas o que lhe falta a si, na nossa companhia, não quererá vai dizer de uma vez? Nós gostamos de você e você gosta de nós, e todos vivemos tão satisfeitos e

tanto a nosso gosto… Que mais deseja? Por que há de teimar em ir viver no meio de gente estranha? Sabe a menina o que significa isso de gente estranha? Não… Pois então me pergunte que eu… eu conheço muito bem esses estranhos e posso dizer-lhe como são. Conheço-os, minha filha, e muito bem. Comi do seu pão. Toda criatura estranha é má, Várienhka, sim, muito má; tão má que o nosso pobre coração não pode conter-se, tal é o ponto a que o próximo sabe martirizar uma pessoa com censuras, recriminações e olhares de desprezo. Pelo menos entre nós desfruta a menina de complacência e de bondade, e vive recolhida como em um ninho. Como é possível agora que assim nos deixe e se vá, de um momento para o outro? Que há de ser de mim? Por que me é tão indispensável? Que não me serve de nada?… Não, minha filha; reconsidere e logo verá se me é útil ou não. Saiba a menina que preciso de você, preciso muito de você! Bem sabe que exerce um influxo benéfico sobre mim! Veja isto, por exemplo: lembrar-me de você e ficar bem-disposto é tudo uma e a mesma coisa… Escrevo-lhe uma carta em que lhe declaro todos os meus sentimentos e manda-me logo uma resposta muito comprida; de quando em quando compro-lhe um vestidinho ou um chapeuzinho e a menina algumas vezes tem também uma lembrançazinha para mim, sim, minha filha, arranjo-lhe aquilo de que necessita… Não; preciso muito de você. E que havia de fazer sem a menina, na minha idade? Para que serviria eu depois?

Talvez não tenha pensado nisto, Várienhka; mas, pense e pergunte a si mesma o que vou fazer sem a menina. Acostumei-me a você, Várienhka. E que seria feito a tudo isto, a quem dedicar este carinho? Então me jogaria no Nievá[17] e acabou-se a história. Não, sinceramente, que ficaria fazendo neste mundo, Várienhka?

Ah, meu amorzinho, Várienhka! Parece-me que estou já a ver o carro fúnebre que há de levar-me ao cemitério de Volkov, que uma velhota qualquer acompanha o meu caixão, que me atiram para a cova, que me cobrem com a terra e depois se vão todos, deixando-me sozinho. Isso seria um pecado da sua parte, minha filha, um autêntico pecado! Digo-lhe muito a sério, um autêntico pecado!

Devolvo-lhe o seu livrinho, minha família, e se deseja saber a minha opinião acerca dele, vou dizer somente que nunca em toda a

minha vida li um livro tão bom. Pergunto até como é que pude viver até hoje tal como um lorpa! Que Deus me perdoe! Em que gastei a minha vida? Creio que tenho vivido na lua! Donde se vê, minha filha, que não sei nada de nada, que sou aquilo a que se pode chamar um ignorante. Digo isso francamente, Várienhka, não tenho cultura. Até agora li muito pouco, pouquíssimo, para não dizer nada. Li *O retrato de um homem*, que é um bom livro, e mais meia dúzia deles: *O menino que tocava várias peças de música só com campainhas* e *Os grous de Íbico*.[18] Aqui tem as minhas leituras. Mas agora, nesse livrinho, li *O inspetor*, e só quero dizer-lhe, minha filha, que chega a acontecer às vezes que uma pessoa está neste mundo e não sabe que tem ao alcance da sua mão um livro no qual se descreve toda uma vida, com todos os pormenores, e muitas outras coisas das quais anteriormente nada conhecia. É isso o que uma pessoa sente, ao ler um livro desses; mas depois, pouco a pouco, à medida que avança na leitura, vai dando conta de muito mais coisas, até que acaba por compreendê-las e vê-las com toda a clareza. Mas repare ainda nisto que é mais uma das razões pela qual eu simpatizei tanto com esse livrinho: existem muitas obras que, por muito notáveis que sejam, se põe uma pessoa a lê-las com o máximo interesse acaba por ficar atordoado e sem perceber absolutamente nada. Estão tão bem escritas, contêm tal substância… que as não podemos compreender! Eu, por exemplo… eu sou rude, tacanho de meu natural, *a nativitate*, e, por isso, não consigo ler nenhuma obra demasiado profunda. Porém, desta lhe digo eu que a lê uma pessoa como se ela própria a tivesse escrito, tal qual como se tivesse brotado do seu próprio íntimo… do seu coração. Sim, e pode bem ser que seja assim: como se ficasse grudada muito naturalmente no coração e o virasse do avesso e depois se pusesse a descrevê-lo com todos os pormenores… Assim mesmo, minha filha! E afinal isso é uma coisa tão simples, meu Deus! Tão simples! Eu próprio, digo a verdade, não teria nenhuma dificuldade em escrever dessa maneira. Por quê? Porque sinto exatamente as coisas de que fala esse livrinho. Também já me tenho encontrado às vezes nas mesmas circunstâncias que esse pobre Samson Vírin[19], por exemplo. E quantos Samsons Vírines não andam por aí entre nós, igualmente pobres e bons! Como tudo está escrito com verdade, nessas páginas! A mim, ao lê-las, quase me saltam as lágrimas. Como se embebedava aquele desventurado, até perder os sentidos, depois que a infelicidade lhe caiu por cima, como

passava o dia inteiro a dormir, coberto de uma pele de carneiro, e como se esforçava por afugentar os desgostos com um ponche, como, apesar disso, aquele farrapo humano se punha a chorar, até que depois acabava por limpar as lágrimas que lhe corriam pela cara — quando se punha a pensar na sua pobre ovelha extraviada, a sua filhinha, a sua Duníacha!

Isso é que é pintar ao natural! Torne a lê-lo e verá como tudo é tão verdadeiro como a própria vida! Eu próprio sinto muito bem que tudo isso vive, palpita, que nos rodeia por todos os lados. Aí temos o caso da Teresa… E, para não ir mais longe, aqui temos este pobre empregado… que é exatamente um Samson Vírin, apenas com outro nome, que por acaso é o de Gorchkov. Isto é uma coisa que pode acontecer a qualquer pessoa: à menina, ou a mim. E inclusive também o próprio conde que mora na Niévski ou nos cais, pode um dia vir a passar pelo mesmo transe, com a diferença apenas de que, exteriormente, havia de conduzir-se de maneira muito diferente… Visto que também por fora tudo nele é diferente; mas apesar disso podem sofrer o mesmo que nós. É pois a isto que se pode dar o nome de Vida.

Mas a menina quer abandonar-nos! Várienhka, nem de longe pode fazer uma ideia do mal que com isso me causaria! Seria um mal irreparável para você e para mim. Ai, minha estrela, por Deus lhe peço, afaste tais pensamentos da sua cabecinha e não me torture inutilmente! E, sobretudo, meu pobre passarinho que ainda não sabe voar, diga-me como poderia ganhar o seu sustento, defender-se do mal e de todas as ciladas? Não; deixe ficar as coisas como estão, Várienhka, e vá rezando a Deus. Não dê ouvidos a conselhos néscios e torne a ler esse livrinho; acredite que lhe fará bem.

Falei também com Rotasiéiev acerca de *O inspetor*; ele diz que tudo isso já está velho, e que agora só se publicam livros com ilustrações e descrições; creio que foi isto o que ele disse, pois não o percebi lá muito bem. Mas ele acabou foi por dizer que Púchkin se tolera, que cantou a Rússia Sagrada e não sei que mais; sim, quanto a isso estamos de acordo, Várienhka. Volte a ler o livro com atenção. E siga o meu conselho: torne este velho feliz com a sua obediência, que Deus há de recompensá-la, minha filha, sim, por certo que há de

recompensá-la.

Seu fiel amigo,

Makar Diévuchkin.

***

Meu querido Makar Alieksiéievitch:

Fiódora trouxe-me hoje os quinze rublos do tapete. Como ficou contente quando lhe dei os três que lhe cabiam! Estou escrevendo com muita pressa. Acabei agora mesmo de cortar a sua jaqueta… O tecido é tão bonito! Amarelo com umas florzinhas…

Envio-lhe um livro; tem várias histórias das quais apenas li algumas. Mas aquela que se chama *O capote*[20], essa, de maneira nenhuma deve deixar de ler.

O senhor prometeu levar-me uma noite ao teatro. Mas não será muito caro? Ainda se fôssemos para a galeria… Há quanto tempo não vou ao teatro, há tanto, que já nem me recordo qual foi a última vez. Mas tenho um receio, que é este: não virá a diversão ficar-nos muito cara? Fiódora abana a cabeça e diz que o senhor está gastando dinheiro além das suas posses. E isso também eu vejo: já gastou tanto comigo! Acautele-se, meu amiguinho, pode acontecer-lhe algum contratempo. Fiódora disse-me que as relações entre o senhor e a dona da casa andam um pouco enredadas porque lhe está devendo uma certa quantia, o que me deixou muito preocupada.

Bem, fique com Deus. Tenho de ir fazer um trabalhinho, pôr uma fita no meu chapéu.

P.S. — Olhe, quando formos ao teatro, quero pôr o meu chapéu novo e a mantilha nova, para ver se assim ficarei a seu gosto.

7 de julho.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

Torno a pegar no fio da nossa conversa de ontem, no ponto onde a deixamos… Sim, minha filha, também eu noutros tempos fiz as minhas loucuras… Estive apaixonado até ao fundo da alma por uma comediante, apaixonado até ter vontade de morrer, sim de morrer! E isto ainda não é nada; o mais extraordinário é que nunca na minha vida a tinha visto na rua e apenas a vira uma vez no teatro… Pois apesar disso apaixonei-me por ela.

Nesse tempo vivíamos nós, cinco rapazes novos e folgazões, paredes-meias. Juntei-me a esse grupo espontaneamente, apesar de ao princípio me ter mostrado muito reservado. Mas depois, para não ser diferente dos outros, juntei-me à pandilha. E que maravilhas eles não falavam dessa atriz! Todas as noites em que havia representação, lá estava a tropa toda, se bem que, para as coisas, nunca tivéssemos um tostão… Íamos para a galeria… Aí, todos os nossos aplausos e ovações eram exclusivamente para essa atriz… Apre, que não se cansavam de aplaudi-la, até parecia que ficavam possessos! E depois, durante toda a noite, não me deixavam dormir, falando a respeito dela. Todos a chamavam a sua Glacha, todos estavam apaixonados e traziam uma só pessoa no coração: ela. Até que por fim conseguiram contagiar-me com aquele entusiasmo. Eu era ainda tão novo!

Não sei como foi, o certo é que me encontrei uma vez sentado ao lado deles na galeria! Apenas conseguia ver uma ponta do palco, mas ouvir, ouvia tudo. Tinha ela uma voz linda… clara, doce como a do rouxinol. Aplaudíamos até ficar com as mãos roxas e não nos cansávamos de gritar. Em suma: tinham que nos levar pelo pescoço, pouco faltava, e correr conosco para que saíssemos dali.

Voltei para casa como se fosse envolvido numa nuvem! Tinha apenas um rublo no bolso e dali até o fim do mês faltavam ainda uns bons dez dias! Pois quer saber o que eu fiz? No dia seguinte, quando ia para a repartição, entrei numa perfumaria e gastei toda a minha fortuna em perfumes e sabonetes… sem que eu próprio soubesse para que queria tudo aquilo. E ainda por cima nessa tarde não comi e fui por-me a rondar a casa dela, por baixo das janelas.

A atriz vivia na Niévski, num quarto andar. Depois voltei para casa, descansei uns momentos, tomei um refresco e voltei

imediatamente para a Niévski, para continuar a rondar-lhes as janelas.

Andei nisto meio mês, e de todas as vezes, tomava um *drójki*, ou um *likhatch*, e ia por-me a andar de cá para lá, debaixo das suas janelas. Enfim, gastei todo o ordenado e acabei fazendo dívidas; até que, por último, a paixão acabou por si própria e eu me cansei daquela corte.

Já pode ver por aqui o que uma comediante esteve a ponto de fazer de um homem morigerado! No entanto é preciso levar em conta que eu, então, era ainda muito novo, Várienhka, mesmo muito novo!

M. D.

8 de julho.

Apresso-me a devolver-lhe, minha querida Varvara Alieksiéievna, o livrinho que teve a amabilidade de enviar-me no dia 6 deste mês. Ao mesmo tempo desejo ter uma explicação com você, minha filha. Não está certo, evidentemente que não, que me tenha colocado numa situação tão melindrosa.

Permita-me que lhe diga que a todos os homens se lhe afigura que devem a Deus a sua condição social. Uns julgam que nasceram para exibir as dragonas de general, outros, para ser literatos; àquele parece-lhe que nasceu para mandar, a este outro para obedecer de bico fechado. Esta é a realidade e isto corresponde às faculdades humanas. Este tem aptidão para uma coisa e aquele para outra; mas essas aptidões é Deus quem as concede.

Eu tenho já trinta anos de serviço, cumpro escrupulosamente o meu dever, procuro ser sempre modesto e nunca incorri em qualquer falta. Como cidadão e como pessoa humana, julgo-me verdadeiramente um homem, com todos os seus defeitos e todas as suas virtudes. Os meus superiores estimam-me e até Sua Excelência está contente comigo… Se bem que nunca até a data me tivesse dado qualquer prova da sua satisfação, sei de fonte limpa que assim é, que está satisfeito comigo. Tenho um tipo de letra agradável, nem muito grande nem muito pequena, mais próxima do cursivo, mas em todo

caso muito satisfatória. De todos os empregados do Ministério talvez somente um, Ivan Prokófievitch, tenha uma letra tão boa como a minha, quero dizer, quase tão boa como a minha.

Criei cabelos brancos no serviço. Julgo que não cometi jamais qualquer falta grave. Claro que, pequenas faltas, quem não cometeu alguma na sua vida? Todos pecamos, minha filha, até a menina. Mas não me pesa na consciência nenhum delito grave, nem sequer um ato consciente de revolta… como seja ter perturbado a tranquilidade pública ou qualquer coisa do gênero… Não, não tenho que censurar-me nada disso, nunca tiveram de repreender-me por coisas assim. Pelo contrário, concederam-me até uma pequena cruz… Mas não falemos nisso… Tudo isto a menina já deveria saber e também ele deveria saber, pois antes de se pôr a escrever, deveria ter começado por informar-se melhor. Não, nunca a julguei capaz de tal coisa, minha filha! Não, não esperava isso de você, Várienhka![21]

Será pois o caso de que me não possam deixar viver em paz no meu canto? Seja lá como for… que seja em paz e sossego, sem agitar as águas, sem molestar ninguém, temeroso de Deus e recolhido, para que também os outros não me aborreçam nem venham meter o nariz, nem farejar no meu cubículo… só para darem conta de tudo, para saberem se uma pessoa tem, por exemplo, um bom colete, e não lhe falta nada em questão de roupa interior, e ainda se tem botas e em que estado se encontram as solas, e o que come, mais o que bebe e ainda que cópias faz em casa! Que tem de particular, minha filha, quando o piso da rua é mau, caminhar nas pontas dos pés para não estragar as botas? Para que hão de encher-se páginas e páginas à custa do próximo, para dizer que às vezes tem as suas dificuldades de dinheiro e que nem sequer prova chá? Como se toda gente, sem exceção, fosse obrigada a tomar chá! Por acaso olho eu para a boca dos outros, para saber o que comem? Fiz eu algum dia semelhante ofensa a uma pessoa? Não, minha filha. Então por que fazer mal a quem mal não faz?

Vou apresentar-lhe um exemplo, Varvara Alieksiéievna. Tem aqui um homem que sabe o que diz; servir, servir, cumprir o seu dever zelosa e conscientemente… Sim, até os supervisores o estimam (digam os outros o que disserem, o certo é que o estimam) e, de repente,

pespega-se-lhe um qualquer à frente do nariz, e sem um motivo, sem vir a propósito, põe-se a rabiscar um libelo à sua custa, sim senhor, um panfleto, que é o que vem a ser esse tal livro!

Já se sabe que todo aquele que estreia qualquer coisa se sente todo vaidoso, e que até, com essa alegria, chega às vezes a perder o sono… É mesmo assim… Senão, vejamos. A menina, por exemplo, compra umas botas novas… Com que gosto não vai estreá-las! Sei bem o que isso é, pois já tenho sentido o mesmo: é agradável vermo-nos calçados com botas elegantes… Isso está muito bem descrito no tal livro. No entanto, digo-lho sinceramente, choca-me que Fiódor Fiódorovitch[22] tenha podido ler o livro sem se sentir ofendido!

É verdade que se trata de um chefe ainda muito jovem e que gosta, de vez em quando, de menosprezar os seus subordinados. Por que não havia ele de gostar disso? Por que não havia ele de dar-lhes uma ensinadela de vez em quando, visto que entre nós não se consegue nada de outra maneira? Muito bem; convenhamos em que tal se faça apenas pró-forma… mas isso, afinal, é necessário. Têm de apertar-se bem as rédeas, mostrar energia, pois, de outra maneira… sem energia, sem severidade, ninguém consegue nada; cada um deseja unicamente conservar o seu emprego e poder dizer: “Eu estou empregado nisto ou naquilo”; quanto a trabalhar, o que todos procuram como podem é a maneira de alijar o fardo. Mas como há muitas categorias e cada uma delas deve receber a reprimenda merecida no tom correspondente, daí resulta naturalmente que existem diferentes tons quando sucede o chefe ralhar com todos… O que está muito bem!

É nisto que assenta o mundo, minha filha: haver sempre alguém que mande nos outros e que os sustenha pelas rédeas… A não ser desse modo, o mundo não poderia subsistir nem um instante, pois então para onde ia a ordem? Espanto-me realmente de que Fiódor Fiódorovitch tenha podido deixar passar inadvertida semelhante ofensa.

E afinal para que escrever? Para que serve isso? Será o caso de que algum leitor possa assim comprar algum capote? Ou um par de botas novas? Não, Várienhka, o leitor o que faz é ler o livro e ficar à

espera da continuação.

Uma pessoa esconde-se, oculta-se, acovarda-se, e até chega a acanhar-se de mostrar a ponta do nariz por temor das troças, pois já se sabe que tudo neste mundo pode prestar-se para zombarias. “Vamos, põe a tua vida toda a reluzir em letra de forma, tanto a pública como a privada, que tudo se publique e se leia e provoque motejos e risadas!” Já uma pessoa não pode sair à rua. Aqui está tudo escrito, tudo… que até pela maneira de andar podem conhecer uma pessoa! Talvez possamos concordar que, por último, o autor mudou um pouco de tom, quero dizer, que talvez tenha amenizado um tanto as coisas, como por exemplo quando diz, depois da cena em que lhe atiram com os papéis à cabeça, que ele afinal foi sempre um cidadão honrado e virtuoso e não era merecedor de tratos tais da parte dos seus colegas; que era obediente aos superiores e cumpria com consciência os seus deveres (aqui, o autor podia ter incluído um exemplozinho…); que nunca desejou mal a ninguém, que acreditava em Deus e que pela sua morte (se é que, irremediavelmente, tinha de morrer) todos choraram por ele…

Melhor fora, porém, que não tivesse feito morrer a pobre criatura, que tivesse arranjado as coisas de maneira que seu capote aparecesse e que Fiódor Fiódorovitch… mas, que ia eu dizendo… que aquele chefe tivesse estado mais bem-informado acerca das suas virtudes e o tivesse empregado na sua repartição, destinando-lhe um cargo elevado e aumentando-lhe o ordenado, de tal maneira que o mal tivesse sido castigado e a virtude recompensada… Assim, os seus companheiros de emprego teriam até inveja dele!

Sim, eu, por exemplo, teria feito isso, pois assim tal como está escrita… que tem de particular ou de bela essa história? Não é mais do que um exemplo da humilde vida cotidiana. Como pôde você, Várienhka, tomar a decisão de enviar-me semelhante livro? É um livro maligno, um livro prejudicial, como pode ver! É simplesmente infiel à verdade, pois é completamente impossível que, seja onde for, possa encontrar-se um empregado como esse! Não; tenho de queixar-me, Várienhka; tenho de queixar-me, simples e formalmente!

Seu certo servidor,

27 de julho.

Meu querido Makar Alieksiéievitch:

A sua carta e os últimos acontecimentos encheram-me de susto, tanto mais que a princípio não conseguia compreender do que se tratava… Até que Fiódora me contou tudo. Mas por que há de o senhor desesperar-se até esse ponto e desinquietar-se por semelhante motivo? As suas explicações, Makar Alieksiéievitch, não me satisfizeram completamente. Vê o senhor agora como eu tinha razão em querer aceitar aquela colocação tão vantajosa? Aflige-me especialmente a minha última aventura.

Diz o senhor que foi a amizade que me tem que o obrigou a ocultar-me muitas coisas. Eu sabia muito bem até que ponto lhe devia gratidão, se bem que o senhor me garantisse que gastava comigo somente o supérfluo, e que de outro modo o teria guardado na gaveta. Mas agora que já sei que o senhor não tem dinheiro nenhum amealhado; que o senhor, ao saber casualmente da minha triste situação, somente por dó e piedade decidiu gastar comigo o seu ordenado, e mais, que até pedia adiantamentos e que durante a minha doença chegou inclusive a vender a sua roupa de uso… agora que sei isso tudo, vejo-me numa situação muitíssimo melindrosa, a tal ponto que não sei como interpretar o que aconteceu nem que pensar de tudo isso.

Ah, Makar Alieksiéievitch! O senhor devia ter-se contentado com prestar-me apenas um auxílio mais urgente, por compaixão e por afeto de parentesco, sem atrever-se para além disto a esses gastos desnecessários, que representam um verdadeiro esbanjamento. O senhor enganou-me, Makar Alieksiéievitch, abusou da minha confiança e agora me vejo obrigada a ter de ouvir que gastou até o último copeque comprando roupa, doces e livros para mim, e me levando a passeios e ao teatro… Agora pago bem caro tudo isso com as censuras que a mim própria faço e com este amargo pesar que sinto pela minha imperdoável leviandade, pois aceitava tudo isso, sem perguntar-lhe donde vinha. Desta maneira as coisas tomam agora

outro aspecto e aquilo com que o senhor quis trazer-me alegria transforma-se num peso que me oprime e o desgosto empana a recordação daquilo que um dia foi tão agradável…

Nos últimos tempos, naturalmente, não deixei de reparar que o senhor andava abatido; mas, se bem que eu própria, tomada de pressentimentos, suspeitasse algo de mau, não podia nem de longe fazer uma ideia do que agora está acontecendo. Pois como pôde perder a cabeça a esse ponto, Makar Alieksiéievitch? Que hão de dizer as pessoas que o conhecem? Será possível que o senhor, a quem eu e toda a gente estimávamos pela sua bondade, simplicidade e dignidade, tenha acabado por vir a contrair um vício tão repugnante e que nunca, segundo parece, o seduziu?

Nem sei o que senti quando Fiódora me veio contar que o tinham encontrado embriagado no meio da rua e que a polícia o tinha vindo trazer a casa! Fiquei petrificada… embora já tivesse imaginado que se passava algo de extraordinário, pois havia quatro dias que o senhor não aparecia. Mas, Makar Alieksiéievitch, não pensou ainda naquilo que hão de dizer os seus superiores quando conhecerem a verdadeira causa da sua falta à repartição? Dizem que toda a gente se ri à sua custa, que ninguém ignora já as nossas relações e que os seus vizinhos me incluem a mim também nos seus gracejos. Não se preocupe com isso, Makar Alieksiéievitch. Por tudo lhe peço que esteja tranquilo!

Estou também muito preocupada por causa desse outro caso seu com aquele oficial… Não estou bem a par da questão, ouvi apenas uns rumores muito por alto. Peço-lhe que me explique em que ficou tudo isso.

Dizia-me na sua carta que tem medo de contar-me a verdade, pois talvez com isso se exponha a perder a minha amizade, e que durante a minha doença, desesperado, vendeu tudo para poder acudir às despesas, para evitar que me levassem para o hospital e que se empenhou até à raiz dos cabelos, e por isso a dona da sua casa o escandaliza agora todos os dias… Mas ao esconder de mim tudo isso, procedia da pior maneira possível. Queria evitar que eu soubesse que era a causa das suas dificuldades de dinheiro; porém, agora, sofro duas vezes mais. Tudo isto dá cabo de mim, querido Makar Alieksiéievitch.

A infelicidade é uma doença contagiosa, meu amigo! Os pobres e os desgraçados devem andar longe uns dos outros para que não se agravem mutuamente as suas misérias. Fui eu a causa de um dos maiores aborrecimentos que sofreu em toda a sua vida! Isto apoquenta-me de maneira indescritível e rouba-me ânimo para tudo.

Escreva-me e diga com sinceridade tudo quanto lhe aconteceu e como pôde abandonar-se até esses extremos. Tranquilize-me, se isso lhe for possível. Não falo assim por egoísmo, mas por todo o afeto e carinho que lhe tenho, e que coisa alguma no mundo poderá afugentar do meu coração.

Adeus, Makar Alieksiéievitch. Aguardo impacientemente a sua resposta e lembre-se de que chegou a pensar mal de mim.

A que lhe quer de todo o coração,

VARVARA DOBROSSIÉLOV

28 de julho.

Minha muito estimada Varvara Alieksiéievna:

Sim, agora que tudo passou e que de novo, pouco a pouco, o rio regressa ao seu leito, posso ser sincero com você, minha filha. Pois bem: incomoda-se com o que as pessoas possam pensar e dizer de mim? Então apresso-me desde já a dizer-lhe que na repartição me demonstram agora mais apreço do que nunca. E depois de contar-lhe todas as minhas desgraças e aborrecimentos, posso informá-la de que nenhum dos meus chefes ainda sabe nada, e por isso todos continuam a ter-me no mesmo conceito favorável. Só tenho medo de uma coisa: da maledicência. Aqui em casa era a senhoria que falava, mas como já lhe paguei parte da minha dívida, graças aos dez rublos que me enviou, limita-se agora a rosnar em voz baixa. Quanto aos outros, queira Deus que a coisa nunca seja pior. A menos que se trate de emprestar dinheiro, quanto ao resto são boas pessoas. E para remate das minhas explicações, tenho de lhe dizer ainda, minha filha, que para mim a sua amizade vale mais do que tudo neste mundo e que me consolo nas dificuldades presentes com a ideia de a não ter perdido.

Graças a Deus que os piores momentos já passaram e que a menina é tão boa que chega a tomar as culpas sobre si própria, que não me toma por um falso amigo e por um homem egoísta, só pelo fato de me ter esforçado por retê-la aqui entre nós e de tê-la enganado, pois eu lhe queria tanto e não tinha coragem para separar-me de você, meu anjo. Agora, aplico-me de novo com todo o fervor ao meu trabalho, esforço-me por reparar a minha falta, cumprindo fielmente os meus deveres profissionais. Ievstáfi Ivânovitch, ontem, não me disse absolutamente nada quando passei a seu lado.

Não quero esconder-lhe, minha filha, que as minhas dívidas e o péssimo estado da minha roupa me aborrecem enormemente. Mas tudo se há de arranjar e, entretanto, peço-lhe que não se preocupe com estas coisas, que não têm importância.

Envia-me outro meio rublo. Traspassou-me o coração esse meio rublo, Várienhka! Veja como se inverteram os papéis! Não sou eu, o velho imbecil, a ajudá-la, meu anjo, mas a menina, a minha pobre orfãzinha, quem me ajuda a mim! Temos de dar graças a Fiódora, que foi quem arranjou o dinheiro. Eu não tinha a menor ideia de poder conseguir qualquer coisa, em qualquer parte, minha filha; a menina, sempre que tenha conhecimento de alguma possibilidade, não deixe de me avisar e eu depois escrevo-lhe mais pormenorizadamente. O que me apoquenta são os boatos, unicamente os boatos!

Fique com Deus, minha filha. Beijo as suas mãozinhas e suplico-lhe fervorosamente que faça o possível por pôr-se completamente boa. Escrevo-lhe muito à pressa porque quero chegar cedo à repartição; desejo compensar as faltas e tranquilizar a consciência com o meu zelo e a minha aplicação. Deixarei para outra vez a descrição mais completa daquilo que me sucedeu, assim como aquele caso com os oficiais. Agora não tenho tempo.

Seu amigo que a estima e respeita.

MAKAR DIÉVUCHKIN.

28 de julho.

Minha querida Várienhka:

Ah Várienhka, Várienhka! Agora a culpa é sua e há de vir a pesar sobre a sua consciência. A sua carta acabou com o resto do meu bom senso e deixou-me completamente aturdido. Agora que pude pensar nisso com toda a calma e perscrutar até muito fundo no meu coração, consegui ver e compreender perfeitamente que eu é que tinha razão. Razão de sobra. Não me refiro àqueles meus três dias terríveis (seja boa, minha filha, não falemos mais nisso!), mas limito-me apenas a insistir no fato de eu lhe ter amizade e que de maneira nenhuma era absurdo que eu gostasse de você; não senhor, não era, de maneira nenhuma! Mas a menina não conhece nem sequer metade desta história… Se soubesse como isso aconteceu, como é que eu cheguei ao ponto de vir a tomar-lhe amizade, falaria de outro modo! A menina diz isso agora, mas eu estou convencido de que no íntimo pensa de outra maneira…

Olhe, minha filha, para dizer a verdade, nem eu próprio sei o que me aconteceu com esse tal oficial. Devo confessar-lhe, meu anjo, que nessa ocasião me encontrava ainda numa situação bem embaraçosa. Imagine que trazia já um mês inteiro atrasado. De você, escondia tudo, e aqui em casa também conseguia dissimular; porém, a senhoria encarregava-se de falar a respeito a toda a gente. Não seria isso que me faria um grande abalo, por ela poderia gritar à vontade, essa velhorra indecente; mas, em primeiro lugar, isso era uma vergonha, e em segundo, é preciso ver também que, não sei como, mas o certo é que ela estava informada da nossa amizade e pôs-se a dizer aqui em casa tais coisas a nosso respeito que eu acabava por ficar agoniado e tinha de tapar os ouvidos. O pior é que os hóspedes, esses, não os tapavam e até muito pelo contrário, abriam-nos muito bem abertos. E agora nem sei já onde me hei de esconder…

Eu não estava acostumado a todas estas complicações. E foi também por essa altura que vim a saber por Fiódora que, na véspera, um tipo insignificante apareceu em sua casa e lhe disse não sei que coisas ofensivas. Calculo por mim próprio quanto lhe devia ter custado essa ofensa. Pois bem… o certo é que perdi a cabeça e perdi-me também. Tomou conta de mim uma cólera tão forte como jamais senti em toda a minha vida. O meu desejo foi correr imediatamente em

busca desse sujeito, desse sedutor, para o qual não existe nada de sagrado neste mundo. Se bem que, para dizer a verdade, nem eu próprio sabia o que queria. Ou melhor, o que eu queria era que ninguém pudesse ofendê-la, anjo meu! Mas… que tristeza! Havia chuva e lama lá fora e dor e pesar na minha alma… Pensava já em desistir… Foi nesse momento que aconteceu o irremediável. Dei de frente em Emiélia, com Emiélia Ilhitch… que é meu colega de repartição, quero dizer, que era, pois agora já o não é, visto que o despediram não sei por que motivo… Não sei o que ele faz agora… Por certo que já se arrumou em qualquer parte… Pois bem. Emiélia pôs-se a meu lado e depois saímos juntos… Sim, é preciso dizer a verdade toda, Várienhka, mesmo que não lhe dê satisfação alguma tornar-se conhecedora de todos os maus passos e os erros deste seu amigo… e escutar o relato das minhas desventuras.

Ao terceiro dia, aí pela tardinha, Emiélia, Deus lhe perdoe, começou a instigar-me… Até que acabei por me resolver a ir ver o tal tenente. Conhecia já a sua morada pelo nosso criado. Havia um certo tempo que… — vem agora a propósito dizê-lo — que eu trazia debaixo de olho esse espertalhão; tive ocasião de estudá-lo bem quando ele esteve aqui hospedado. Compreendo agora que, apesar de tudo, não me portei corretamente, pois não estava perfeitamente lúcido quando lhe fiz anunciar a minha visita. E depois, depois, minha filha, francamente, não sei já o que aconteceu. Lembro-me somente de que estavam com ele muitos oficiais, ainda que seja possível, desde já lhe digo, que eu nessa ocasião visse tudo em duplicado. Também não sei ao certo o que teria feito; recordo-me somente de me ter posto a falar pelos cotovelos, em tom indignado. Até que, finalmente, eles me expulsaram e eu rolei pelas escadas abaixo; mas, em última análise, não é verdade que eles me tivessem expulsado; fui eu próprio que saí dali. Como voltei para casa, isso, só Deus sabe!

E aqui tem, Várienhka! Certamente que fiquei muito comprometido e que a minha reputação sofreu bastante. No entanto, ninguém sabe ao certo como as coisas se passaram, nenhuma pessoa estranha, ninguém, a não ser a menina. De maneira que, no fim de contas, é como se nada tivesse acontecido. Mas será assim, na verdade, minha querida Várienhka? Que lhe parece? O que eu sei é

que o ano passado, Aksiênti Óssipovitch surrou Piotr Pietróvitch; mas não o fez publicamente, estavam os dois sozinhos. Aquele pediu a este que passasse ao quarto de guarda (eu, casualmente, assisti a tudo)… Pois bem, quando o apanhou ali, bateu-lhe a fartar… mas guardando sempre as conveniências, pois, como lhe disse, ninguém a não ser eu deu por nada. E acontece que eu, claro, que eu não sou ninguém, quero dizer, que se me perguntassem qualquer coisa, ia me limitar a dizer que nada tinha ouvido, e portanto foi realmente como se ninguém tivesse dado por nada. E, além disso, depois do caso, Piotr Pietróvitch e Aksiênti Óssipovitch continuam a falar-se também como se tal coisa jamais tivesse acontecido. Piotr Pietróvitch, como sabe, é muito orgulhoso, teve o cuidado de não dizer nada a ninguém, e agora ambos, quando se encontram, cumprimentam-se, chegam mesmo a apertar as mãos como se nada tivesse acontecido entre eles.

Não quero ter o atrevimento de contradizê-la. Eu próprio compreendo que tombei muito baixo, e até, o que é ainda mais horrível, perdi a minha dignidade. Mas, quem sabe, talvez tudo isto estivesse escrito desde a hora em que nasci, talvez fosse este o meu destino… e ao destino, como sabe, ninguém pode fugir.

Aqui tem, Várienhka, a descrição pormenorizada de tudo quanto me aconteceu, todas as minhas dificuldades e desventuras. Como vê, são de tal natureza que mais valia não falar nelas. Estou doente, Várienhka, e todos os sentimentos bons me abandonaram. Acabo estas linhas, Varvara Alieksiéievna, afirmando-lhe a certeza do meu afeto, do meu apreço e da minha estima, e continuo o seu mais fiel servidor,

MAKAR DIÉVUCHKIN

29 de julho.

Meu querido Makar Alieksiéievitch:

Li a sua carta e bati palmas. Meu Deus, meu Deus! Veja bem, meu amigo: ou o senhor me esconde alguma coisa, ou me diz apenas uma parte das suas desgraças, ou… verdadeiramente, Makar Alieksiéievitch, pode acontecer que eu não tenha percebido bem a sua carta… Venha hoje ver-nos, peço-lhe por tudo! Ouça: venha almoçar

conosco… Não sei qual é agora a sua vida aí, nem como vão as suas relações com a dona da casa. O senhor não me falou em tal e estou achando que é de propósito, como se não desejasse falar-me nisso.

E até a vista, meu bom amigo, venha hoje sem falta. O melhor será que venha almoçar conosco. Fiódora faz uns guisados excelentes… Até logo, portanto. Sua,

VARVARA DOBROSSIÉLOV

1 de agosto.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

A menina sente-se feliz por Deus ter lhe proporcionado uma oportunidade de pagar o bem com o bem, de demonstrar a sua gratidão. Acredito nisto, Várienhka, acredito na bondade do seu coração e não quero fazer-lhe a mínima censura; mas também a menina não deve voltar a censurar-me como já o fez, acusando-me de esbanjador. Incorri nesse pecado uma vez… Se é que isso foi um pecado… Que se há de fazer? Mas acredite, custa tanto ouvi-lo de você, precisamente de você!

Não me queira mal por falar nisto. Ando tão desgostoso, minha filha! Nós, os pobres, somos duros… Foi a natureza que assim quis, já tinha observado antes disto tudo. O pobre é desconfiado, vê o mundo à sua maneira, olha de soslaio cada pessoa que passa, com receio, e apanha as palavras no ar… Estarão por acaso a falar dele? Acontecerá que estejam a comentar em voz baixa o seu mau aspecto? Ou a perguntar em que se ocupa? Quem sabe se o inquirirão também como é que ele se arranja, como é que consegue livrar-se de apuros? Todos nós sabemos, Várienhka, que um homem pobre é menos do que um frangalho que, digam lá o que disserem, não merece a menor consideração. Porque, por mais que escrevam todos esses literatos, um homem pobre sempre é pobre, com todas as suas consequências. E por que há de passar-se isso só com os pobres? Porque num homem pobre, por assim dizer, tudo deve vir e andar a superfície, nada pode guardar no íntimo da sua alma, nem sequer o orgulho ou qualquer outro sentimento parecido, pois isso não é tolerado. Ainda não há muito

tempo disse-me Emiélia que uma vez, já não sei onde, fizeram uma subscrição a seu favor, e que para cada copeque que lhe deram teve de suportar uma inquirição em forma. Esses tipos, bem se vê, ainda pensavam que não deviam dar-lhe as suas esmolas… Entregavam o dinheiro, para dar-lhe uma ensinadela, a esse pobretão. Hoje, minha filha, a beneficência é já muito rara… E quem sabe, talvez tenha sido sempre assim! Ou então pode ser que as pessoas já a não compreendam, ou que a compreendam já de sobra… Uma das duas coisas.

Não sabia disto? Pois agora ficou sabendo. Acredite que sobre muitas outras coisas não saberei eu nada… mas sobre esta, sei mais do que muitos. Mas como pode um indivíduo saber estas coisas? E, sobretudo, por que razão pensa desta maneira? Sim, como sabe? Como? Por experiência. É precisamente o caso desse sujeito que caminha a seu lado e que dentro de um instante vai entrar num restaurante, pensando com os seus botões: "Que irá comer a esta hora ao almoço, este empregadeco? Eu vou pedir *sauté aux papillotes*, enquanto ele é possível que tenha de contentar-se com um mingau sem manteiga". Mas que importa a ele que eu apenas tenha para comer um mingau sem manteiga? Sim, existem homens destes, Várienhka; existem de verdade homens que pensam dessa maneira. E andam por aí no meio da rua esses tipos inúteis, esses bisbilhoteiros e mexeriqueiros que se enfiam por todo lado a olhar, à cata de ver se este, quando caminha, assenta as plantas ou as pontas dos pés no chão, ou se aquele outro, desta ou daquela repartição, se está com o dedo grande do pé saindo de um buraco das botas, ou se trazem as mangas da farda gastas nos cotovelos — para ir depois escrever tudo isso sem omitir nenhum pormenor e, sem mais preâmbulos, darem-no a imprimir… Mas que lhes importa a esses que eu tenha as mangas da farda puídas nos cotovelos? Deixe passar a expressão, Várienhka, mas asseguro-lhe que uma pobre criatura, nestas circunstâncias, chega a sentir uma vergonha idêntica ao seu pudor virginal de moça. Perdoe-me este exemplo grosseiro, mas a menina também não seria capaz de se desnudar diante de todos, não é verdade? Pois bem: da mesma maneira, com o mesmo desagrado encara o pobre o fato de que outrem venha meter o nariz no seu canil para bisbilhotar como vivem ele e os seus. Que direito têm, Várienhka, de me ofender,

confundindo-me precisamente com esses que não respeitaram a honra e a boa reputação dum homem digno?

Esta manhã estava eu sentado na repartição, muito calado e absorto; foi assim que me pus a imaginar a minha própria figura e cheguei à conclusão de que parecia um pardal depenado… Acabei por ter vontade de morrer, de tão envergonhado que me sentia. Tinha vergonha, Várienhka! É que mesmo sem querer uma pessoa perde a coragem quando sabe que pelos rasgões das mangas se lhe veem os cotovelos e que os botões da jaqueta apenas estão presos por um fio. Acabei por ver tudo negro, tudo perdido! Sem querer, perde-se a coragem. Sim, que tem isso de extraordinário? O próprio Stiepan Kárlovitch, quando me falou de qualquer coisa relacionada com o serviço, começou por me falar disso, e depois, de repente, sem querer, exclamou: "Ai, Makar Alieksiéievitch!". Não chegou a dizer o que pensava, mas eu adivinhei tudo e fiquei vermelho a tal ponto que até a calva me devia ter corado também. No fundo, isto não quer dizer nada, mas sempre nos deixa certa inquietação e imprime uma tonalidade melancólica ao nosso pensamento. Já sentiu alguma vez uma coisa parecida? Sim, para falar-lhe com toda a franqueza, tenho fortes suspeitas acerca de um certo indivíduo. São insuportáveis, esses malandros! Capazes de despir em público uma pessoa, sem mais nem menos! Capazes de leiloar a vida dum homem. Várienhka! Para eles não existe nada de sagrado!

Eu já sei quem foi o autor dessa façanha; foi tudo obra de Rotasiéiev! Deve ser amigo de algum lá da repartição, deve ter ido procurá-lo e ter-lhe dito qualquer coisa, provavelmente metendo de permeio qualquer coisa da sua lavra. Se é que não chegou ele próprio a contar tudo no seu emprego e daí a história passou às outras seções até que chegou à nossa. Aqui em casa já todos estão perfeitamente a par de tudo e até apontam com o dedo para a janela da minha amiga. Consta-me que o fazem. E ontem, ao meio-dia, quando eu me dirigia para sua casa para almoçar com você, esconderam-se por detrás das janelas, assomando a cabeça com muito cuidado para que não os víssemos; a patroa, essa, dizia que já o diabo andava metido com crianças de mama, e em seguida pôs-se a exercitar a língua de maneira indecente, sobre a menina.

Mas nada disto pode comparar-se ainda ao intento escandaloso de Rotasiéiev, de meter-nos aos dois em uma das historietas, de descrever-nos numa sátira leve… Isto foi o que ele próprio afirmou e disso me avisaram alguns bons companheiros lá da repartição. Agora não consigo pensar noutra coisa e não sei o que hei de fazer. Sim… ainda que tenhamos esquecido os nossos pecados… Com certeza que Deus deve estar muito zangado conosco, minha querida!

A menina queria mandar-me um livro para que eu não me aborrecesse. Mas por agora, não; para que eu preciso dele? E de que livro se trata? Pois também as sátiras e as novelas vêm a ser disparates, escritas com o propósito de dizer desatinos e para que as pessoas ociosas tenham alguma coisa com que se entreter. Acredite no que lhe digo, minha filha, pense em toda a minha experiência. A começar por Shakespeare — a literatura conta com um Shakespeare — esse mesmo não diz senão disparates! Livrecos cheios de mentiras e zombarias, escritos por esses garatujadores apenas para divertimento do público!

Seu,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

2 de agosto.

Meu querido Makar Alieksiéievitch:

Por favor não se apoquente mais. Deus há de dar-nos a sua ajuda e verá como tudo se arranjará. Fiódora encontrou muito trabalho para as duas, e depois, todas contentes, metemos logo mãos à obra. Talvez com isto consigamos pôr outra vez as coisas em ordem. Fiódora disse-me também que lhe parece que Anna Fiódorovna está bem informada de todos os meus últimos contratempos, mas isso, a mim, é-me completamente indiferente. Hoje sinto-me verdadeiramente satisfeita.

Então o senhor queria pedir dinheiro emprestado… Deus o livre de uma coisa dessas! Com isso iria apenas agravar a sua vida pois tinha de pagar os juros e já sabe como isso é custoso. Procure antes fazer vida mais econômica, venha visitar-nos com mais frequência e não se preocupe com aquilo que disser a dona da sua casa. Quanto aos seus outros inimigos e a todas as outras pessoas que pensam mal de nós, estou convencida, Makar Alieksiéievitch, de que o senhor se está torturando com apreensões sem fundamento.

O senhor podia também ter em muito maior conta o seu estilo; já não será esta a primeira vez que lhe digo que o senhor escreve de maneira admirável.

Bem, até à vista. Tome nota de que fico à sua espera. Sua,

V. D.

3 de agosto.

Anjo meu, Varvara Alieksiéievna:

Apresso-me a comunicar-lhe, minha querida, que volto a ter novos projetos e novas esperanças. Mas antes de falar nisso, dê-me licença para dizer-lhe uma coisa: acha que não devo pedir dinheiro emprestado? Mas se não tenho outro remédio… E se lhes acontece alguma coisa inesperada, a você e a Fiódora? A menina anda sempre

tão fraquinha! É por tudo isso que eu acho necessário pedir algum dinheiro emprestado. E agora, escute.

Quero informá-la, antes do mais, de que o meu lugar na repartição é ao lado de Emiélia Ivânovitch. Este não é aquele indivíduo do mesmo nome, do qual falei já. Este, tal como eu, é também um funcionário do Estado. Somos ambos os mais antigos da casa, os veteranos, como às vezes nos chamam. O tal Emiélia é um excelente homem, sem ponta de egoísmo, mas que mal consegue dizer duas coisas seguidas; e para que veja como as coisas são, tem todo o aspecto dum urso. Trabalha conscienciosamente, escreve com uma bela letra inglesa e, para dizer a verdade, não o faz pior do que eu. É um homem verdadeiramente honesto. Entre nós dois não houve nunca o que pode chamar-se intimidade, limitamo-nos a uma troca de saudações: "Bom-dia" e "Fique com Deus"; mas às vezes acontece que eu, por exemplo, preciso do canivete e então digo-lhe: "Caro Emiélia Ivânovitch, pode emprestar-me o seu canivete só por um momento?". Uma conversa propriamente dita nunca a tivemos, mas apesar disso temos trocado essas palavras que é costume dizerem-se entre empregados que trabalham à mesma secretária. Pois bem, já vai ver. Hoje, o tal Emiélia disse-me de repente: "Makar Alieksiéievitch, por que está tão pensativo?".

Tive a certeza de que ele me falava com boa intenção e então abri-me com ele. Contei-lhe tudo, ponto por ponto… tudo, absolutamente tudo, não… e, provavelmente, se Deus quiser, nunca o contarei a ninguém, Várienhka, não teria coragem. Mas contei-lhe várias coisas… por outras palavras: confessei-lhe que me encontrava em apuros de dinheiro etc.

— Ó homem — disse-me ele — você podia procurar alguém que lhe emprestasse dinheiro a juros, por exemplo, Piotr Pietróvitch, que empresta a tantos por cento. Garanto que nem por isso costuma cobrar um juro muito pesado, não senhor!

Pois bem: quando ouvi aquilo, meu coração ficou logo aos saltos, tal foi a minha alegria… Pensava e tornava a pensar e punha toda a minha confiança em Deus, que talvez inspirasse a Piotre a ideia de emprestar-me o dinheiro. Depois comecei a fazer contas, a calcular a

maneira como havia de pagar à patroa e ajudar você, e dar também um jeito à minha própria pessoa para ver se adquiro de novo aspecto mais decente… pois ando numa autêntica vergonha… tenho até receio de sentar-me no lugar de costume, tanto mais que há sempre aqui uns rapazelhos prontos a rir dos outros. Que Deus lhes perdoe! Além disso, também já tem acontecido passar Sua Excelência junto da nossa mesa de trabalho, e se um dia… Deus me livre e me defenda!… ele se lembrasse, ao passar, de lançar-me uma olhadela e reparasse que ando tão malvestido… Pois fique desde já sabendo que Sua Excelência considera o aprumo e a disciplina como as coisas mais importantes deste mundo. Provavelmente nada me diria; mas eu, Várienhka, parece-me que numa altura dessas, morreria de vergonha… É como lhe digo.

Foi assim que me enchi de coragem, disfarcei o melhor que pude o meu temor e fui procurar Piotr Pietróvitch, ao mesmo tempo cheio de esperança e de inquietação.

E afinal, Várienhka, tudo isso acabou em nada. Nessa ocasião estava esse sujeito muito ocupado, provavelmente estava falando com Fiedossiéi Ivânovitch. Aproximei-me dele e toquei-lhe delicadamente num braço para dar-lhe a entender que tinha necessidade de lhe falar. Ele se voltou, olhou para mim, e então eu lhe disse pouco mais ou menos: “As coisas andam ruins etc. … Se puder ser, Piotr Pietróvitch, mesmo que sejam só trinta rublos…”. Ele, no primeiro momento, pareceu não ter compreendido; mas eu tornei a explicar-lhe tudo outra vez, e então pôs-se a rir, sem dizer uma só palavra. Comecei de novo com a minha lenga-lenga até que ele me perguntou: “Que garantia me dá?”; depois voltou a abismar-se na sua papelada e continuou a escrever sem olhar para mim nem sequer uma só vez. Tudo isso acabou por inibir-me um tanto. “Não — respondi-lhe eu — garantia não posso dar, Piotr Pietróvitch.” Depois acrescentei: “Mas vou devolver o dinheiro logo que receba o ordenado deste mês, essa será a primeira coisa que hei de fazer, a primeira obrigação a cumprir”. Nesse momento alguém o chamou e ele saiu do escritório, onde eu fiquei à sua espera. Não se demorou. Sentou-se, afiou a pena e tudo isto sem reparar em mim. Mas eu voltei à carga, dizendo-lhe: “Haverá então alguma maneira de regular o assunto, Piotr Pietróvitch?”.

Ele não dizia nada, parecia até que nem tinha ouvido; eu continuava de pé, à espera… “Bom — pensava eu — farei outra tentativa, a última” — e voltei a tocar-lhe numa manga. Mas ele nem sequer mexeu os lábios, Várienhka; tirou um pelinho qualquer da pena e continuou a escrever. Então saí do escritório.

Olhe, minha filha, pode ser que estes tipos sejam muito respeitáveis, mas que são também uns soberbões, isso sim, que o são e não é pouco… É tão difícil entrar em contato com eles! Conto-lhe este episódio, Várienhka, para que fique sabendo como estas coisas são.

Emiélia Ivânovitch desatou a rir e abanava a cabeça; mas como é boa criatura, não queria tirar-me as esperanças. É em verdade excelente pessoa. Prometeu recomendar-me a certo indivíduo que vive para os lados de Viborg[23] e que também empresta dinheiro. Diz ele que esse com certeza emprestará. Que lhe parece? Sem dinheiro, nada feito! A dona da casa já ameaçou de me pôr na rua e de não me deixar mais sentar à mesa. E tenho os sapatos em mísero estado, minha filha! Falta-me também uma quantidade de botões e sabe Deus quantas coisas mais! Ah, se algum dos chefes se lembra de olhar para mim! Uma verdadeira desgraça, Várienhka, uma verdadeira desgraça!

MAKAR DIÉVUCHKIN

4 de agosto.

Querido Makar Alieksiéievitch:

Por amor de Deus, Makar Alieksiéievitch, arranje dinheiro mais depressa que puder! Evidentemente que nas circunstâncias presentes, por nada deste mundo eu pediria o seu auxílio, mas se soubesse em que situação me encontro! Não posso continuar nesta casa, preciso mudar! Tenho sofrido os contratempos mais desagradáveis e não pode fazer uma ideia do estado de excitação e desespero em que me encontro!

Ora, veja isto, meu amigo: esta manhã apresentou-se aqui, inesperadamente, um senhor conhecido, um homem já de idade, quase um velho, com uma condecoração sobre o peito. Eu fiquei

verdadeiramente espantada e não conseguia compreender o que ele queria. Fiódora tinha saído para comprar não sei o quê. O visitante começou a fazer-me perguntas: que vida levava eu, em que me ocupava, e depois, sem esperar pelas respostas, começou a dizer que era tio do tal oficial e que estava muito aborrecido com a conduta incorreta do sobrinho, sobretudo por ter feito perigar a minha reputação… Que o sobrinho era um doidivanas, que não ligava para nada; e portanto ele, como seu tio, julgava-se obrigado a reparar as suas faltas e a tomar-me debaixo da sua proteção. Além disso tudo, aconselhava-me a que não desse atenção a rapazes novos; ligava para que ele, em compensação, sentia por mim a compaixão dum pai e um amor paternal, e que estava disposto a ajudar-me em todos os sentidos.

Eu fiquei muito vermelha, não sabia o que pensar de tudo aquilo, e naturalmente, naquela altura não tinha disposição para pensar em nada. Ele pegou e apertou minha mão, sem a largar; por mais que eu fizesse por me escapar, deu-me umas palmadinhas nas faces e disse que eu era muito bonita e que lhe agradava muitíssimo, sobretudo por causa das covinhas que fazia no rosto. Continuou a falar pelos cotovelos, até que, finalmente, fez menção de me beijar… “Sou um velho”, dizia, todo derretido… Nesse momento apareceu Fiódora. O sujeito ficou um pouco atrapalhado, continuou a dizer que apreciava acima de tudo a minha modéstia e a minha boa educação, e acrescentou que ficaria muito contente se eu deixasse de ter medo dele. Depois chamou de parte Fiódora e quis meter-lhe dinheiro na mão, não sei com que pretexto. Evidentemente que Fiódora não aceitou.

Ao despedir-se voltou a repetir que estava muito aborrecido com o que me tinha acontecido e prometeu fazer-me outra visita daí a pouco tempo e trazer-me uns brincos (creio que nesta altura estava um pouco acanhado). Além disso, aconselhou-me a mudar para outra casa, recomendando-me uma muito bonita e muito em conta. Repetia que eu lhe tinha inspirado um afeto especial, por ser uma jovem honesta e recatada. Voltou depois a insistir em que tivesse muito cuidado com os jovens libertinos e, finalmente, explicou-me que conhecia Anna Fiódorovna, e que esta o tinha encarregado de me

dizer que em breve viria fazer-me uma visita. Foi então que eu percebi tudo! Nem posso explicar o que me passou pela cabeça… Foi a primeira vez que isso me sucedeu: fiquei fora mim! Lancei-lhe à cara o seu procedimento… Fiódora pôs-se a meu lado e expulsou-o dali para fora. Tudo isto é, evidentemente, obra de Anna Fiódorovna. Mas como terá ela conseguido ficar sabendo da nossa vida?

É ao senhor que me dirijo, Makar Alieksiéievitch, para lhe pedir que me proteja. Ajude-me, pelo amor de Deus, não me desampare numa situação destas! Por favor arranje-nos algum dinheiro, mesmo que seja pouco, pois não temos com que custear uma mudança e de maneira nenhuma podemos continuar a viver aqui. Fiódora, sobre isto, pensa o mesmo que eu. Precisávamos pelo menos de vinte e cinco rublos. Pagarei esta quantia com o produto do meu trabalho. Fiódora daqui a dias já me traz mais trabalho; e não se assuste, que o juro não há de ser muito puxado; não pense nisso e aceite todas as condições. Vou pagar tudo, tudo, mas não me abandone neste momento, pelo amor de Deus. Custa-me terrivelmente fazer-lhe um pedido destes, nas circunstâncias presentes; mas o senhor é o meu único amparo, a minha única esperança.

Que continue a passar bem, Makar Alieksiéievitch. Lembre-se de mim e que Deus o ajude.

V. D.

4 de agosto.

Varvara Alieksiéievna, minha querida:

Sim, são precisamente estes golpes inesperados que me desnorteiam. Essas calamidades são exatamente as que me abatem. Esses janotas desenxabidos, esses desprezíveis comediantes é que acabaram por nos lançar neste leito de dor, não somente a você, meu anjo, com todos os desgostos que lhe dão, mas também a mim me hão de pôr a perder, esses vadios! É como lhe digo, minha filha! Mas eu preferia morrer do que deixar de prestar-lhe o auxílio de que precisa… Sim, porque se eu não pudesse ajudá-la, isso para mim seria a morte, a morte, a morte verdadeira. Mas logo que lhe tenha dado o meu

auxílio, Várienhka, fuja daí, voe para longe, pois só assim conseguirá ver-se livre desse bando de passarões e de aves de rapina que rondam agora à volta do seu ninho. Porque isto, minha filha, é ainda o que mais me atormenta!

Mas eu sofro também por sua culpa, Várienhka. Como pode ser tão cruel? Como? Atormentam-na, ofendem-na, meu bem, minha alma, fazem-na sofrer constantemente, e no entanto… apesar disso ainda arranja por si própria preocupações por suas próprias mãos, preocupações que também a mim me trazem desorientado… Promete devolver o dinheiro e ganhá-lo com o seu trabalho, o que significa na realidade que a menina, assim tão fraca como está, se vai pôr a trabalhar afanosamente para me pagar no prazo combinado. Teria pensado bem naquilo que prometeu? Por que há de coser e trabalhar e torturar a sua pobre cabecinha com preocupações e estragar a saúde? Ah, Várienhka, Várienhka!

Olhe, minha querida: eu não valho nada, absolutamente nada, mas vou tentar arranjar tudo de maneira que se possa dizer que, afinal, ainda sirvo para alguma coisa. Hei de vencer todas as dificuldades, procurarei trabalho suplementar, farei cópias para os nossos literatos, irei procurá-los, sim, irei vê-los e pedir trabalho, pois precisam de bons copistas. Ouvi dizer que os procuram por todo lado! Quanto a você é preciso evitar que caia doente com tanto trabalho; por nada deste mundo consentiria eu numa coisa dessas! Sim, vou procurar dinheiro, sem dúvida vou procurar; antes eu morra se não fizer isso…

Diz-me também, minha querida, que não me assuste com os juros; sim, fique descansada que não me assustarei… já nada me assusta! Pedirei quarenta rublos emprestados. Não será pouco, Várienhka! Que lhe parece? Será que vão me emprestar realmente quarenta rublos, sem outra garantia que a minha palavra? O que gostaria de saber, minha família, é se acha que eu sou pessoa para inspirar confiança logo à primeira vista. Pela expressão do rosto, e sobretudo… quero dizer, se acha que serão capazes, só de olhar para mim, de formar uma opinião favorável? Pense bem nisso, meu amor, pense muito bem. Poderei realmente provocar boa impressão naqueles que me veem pela primeira vez? Que lhe parece? Apesar de tudo, sinto uma tal

angústia… uma angústia doentia, verdadeiramente doentia!

Dos quarenta rublos, vou lhe dar vinte e cinco. Várienhka; dois à dona da casa e o resto ficará para os meus próprios gastos.

À dona da casa, verdadeiramente, devia entregar mais dinheiro; sim, não há dúvida disso, mas veja bem, minha filha; faça um cálculo de tudo quanto preciso, tudo quanto me é imprescindivelmente necessário e verificará que, de fato, de maneira nenhuma me é possível entregar-lhe mais dinheiro… E por isso não temos que nos preocupar mais com isso, nem falar mais no assunto. Com cinco rublos compro um par de botas. Pois digo-lhe a verdade, não sei se amanhã terei coragem para apresentar-me na repartição com estas que possuo. Também não deixava de vir a tempo uma gravata, pois esta que agora uso já tem quase um ano; mas como me deu um avental velho, não só fiz um peitilho como também uma gravata, e portanto, por agora, não se pensa mais em comprar uma nova. De maneira que botas e gravata já tenho. O que me falta ainda são os botões. Com certeza que há de estar de acordo comigo a respeito dos botões: não se pode passar sem eles e a casaca do meu uniforme não tem mais nem metade dos que tinha. Até tremo quando penso que Sua Excelência poderia reparar em semelhante prova de desleixo e dizer-me qualquer coisa… e com toda a razão. Apenas teria que dizer-me uma vez, com certeza, morreria nessa ocasião! Só de pensar nisso sinto uma tal vergonha que até me parece que desfaleço… De maneira que, depois de satisfeitas essas necessidades, me ficariam ainda uns bons três rublos para viver e para comprar um pouquinho de tabaco, pois o tabaco para mim é vida, e faz hoje nove dias que o meu cachimbo não vê fumo. Confesso-lhe que já teria comprado o tabaco, mesmo sem lhe dizer nada, mas o fato é que me envergonharia disso perante a minha própria consciência. Confesso-lhe sinceramente, Várienhka, que no momento me encontro numa situação de absoluto desespero, como nunca estive na minha vida. A dona da casa despreza-me, não tem por mim nem uma ponta de estima ou de respeito. Por todos os lados necessidades, por todos os lados dívidas; mas na repartição, onde com os colegas as coisas sempre estiveram longe de andarem bem, agora… bom, disso, mais vale não falar. Eu dissimulo, sou o primeiro a querer ocultá-lo e até a ocultá-lo de mim próprio; quando entro na repartição faço o possível

para passar despercebido e deslizo furtivamente por entre os colegas. Só a você eu tenho coragem para contar tudo isto, com tanta franqueza… Mas… e se não derem o dinheiro?

Não, Várienhka, é melhor não pensar nisso nem atormentar-me com suposições que nos tiram a coragem antes do tempo. Digo estas coisas para preveni-la e a pôr em guarda, para que não fique pensando nelas nem se atormente com ideias tristes. Não, não faça isso! Mas… meu Deus, que havia de ser de você? Evidentemente que não poderia mudar de quarto e que teria de continuar a ser minha vizinha… Não, não poderia resistir a esse golpe, nesse caso ia parar debaixo do chão, desaparecia, sucumbia!

Aqui tem outra carta bem grande, mas, em vez de gatafunhar tanto, talvez tivesse sido melhor que me arrumasse um pouco, pois bem arrumada, uma pessoa parece melhor e mais respeitável, o que é muito importante, visto que sempre ajuda a aplanar o caminho que nos leva ao encontro daquilo que buscamos. Mas seja o que Deus quiser! Primeiro vou pedir o dinheiro… e depois então aplainarei o caminho.

MAKAR DIÉVUCHKIN

5 de agosto.

Querido Makar Alieksiéievitch:

Se ao menos não desesperasse! Temos já tantas preocupações… Envio-lhe trinta copeques, mais não me é possível, é quase tudo quanto tenho. Compre com eles aquilo que lhe fizer mais falta, para ver se aguenta pelo menos até amanhã… Que vai ser de nós? Não sei. Que tristeza, Makar Alieksiéievitch! Mas não quebre a cabeça com essas preocupações. Não lhe emprestaram o dinheiro… pronto, que havemos de fazer? Fiódora diz que, no fim de contas, não estamos tão mal como isso, que apesar de tudo ainda poderíamos ficar aqui mais algum tempo… e que ainda que nos mudássemos para outro local, não ganharíamos muito com isso, pois quem tivesse certas intenções, sempre acabaria por dar conosco. No entanto não deixa de ser verdade que é muito desagradável continuarmos aqui. Se não estivesse tão

desgostosa, havia de falar-lhe de outras coisas.

Mas que feitio tão estranho o seu, Makar Alieksiéievitch! Leva tudo muito a peito e por isso acaba por ser o mais infeliz de todos os homens. Leio as suas cartas com toda a atenção e vejo por elas que o senhor se preocupa e atormenta por minha causa como nunca se preocupou nem se extremou pela sua própria pessoa. Naturalmente qualquer pessoa dirá que isso é consequência do seu bondoso coração. Mas eu digo que não é só bondoso, mas demasiado bondoso. Se me deixasse, eu lhe daria um conselho afetuoso, Makar Alieksiéievitch. Estou-lhe muito grata, muito grata mesmo, por tudo quanto tem feito por mim; creia que sinto a mais profunda gratidão. Mas avalie o senhor mesmo como é que não hei de estar, depois de saber que fui a causadora involuntária de todos esses dissabores e contratempos, de saber que vive unicamente para mim, e de certo modo, unicamente também por mim, pois que as minhas alegrias são as suas alegrias, os meus desgostos os seus desgostos, e os meus sentimentos têm mais importância para o meu amigo do que os seus próprios sentimentos! Porém, se o senhor toma tanto a peito as dores alheias e é capaz de sentir tanta compaixão, já pode ver que há razão para ser o mais desgraçado de todos os mortais! Quando hoje me saudou, a caminho da repartição, fiquei verdadeiramente aflita só de olhá-lo. Estava tão pálido, tão decaído e prostrado que quase nem parecia o mesmo… e tudo isso porque tinha medo de confessar o seu insucesso, dando-me assim um desgosto e uma inquietação. Só quando percebeu que eu levava o caso para a brincadeira, é que o vi então respirar! Makar Alieksiéievitch, não se preocupe a esse ponto, não se desespere dessa maneira, seja razoável. Peço-lhe, imploro-lhe! E verá como tudo se há de arranjar, como as coisas hão de tomar outro rumo melhor. Enegrece a vida sem necessidade com essas eternas preocupações e aflições por causa das dores alheias.

Adeus, meu amigo. Suplico-lhe uma vez mais que não se aflija por minha causa!

V. D.

5 de agosto.

Várienhka, minha pombinha! Anjo meu, anjinho querido! Chegou à conclusão de que não é nenhuma desdita não me terem querido emprestar o dinheiro. Pois também eu estou tranquilo e satisfeito. Estou mesmo quase cheio de alegria por ver que não abandona este pobre velho e continua nesse quarto. E já agora, para lhe dizer tudo, quero confessar-lhe também que se me encheu o coração de alegria ao ler essas coisas tão lindas que de mim dizia na sua carta e os elogios que dedicava aos meus sentimentos. Não digo por orgulho, mas porque vejo que a menina não se poupa a esforços para me tranquilizar o coração. Bom… já estou a falar demais do meu coração, assunto que se deve restringir a mim próprio. Quanto no caso dirá você que não devo ser pusilânime. Sim, meu anjo, é uma coisa que está a mais e realmente não faz falta nenhuma… quero dizer, a timidez. Mas, entre parêntesis, não me diz que botas hei de calçar amanhã para o emprego? Aí é que está o ponto… é para que veja… Só isso é capaz de arrojar um homem ao pó, de aniquilá-lo redondamente. A raiz do mal está em que eu não cuido da minha pessoa nem me condoo de mim próprio. A mim, pessoalmente, isso me é indiferente, e seria capaz de andar sem capa nem botas por essas ruas com a maior tranquilidade deste mundo; a mim tudo isso me seria indiferente, e nada me custaria, pois sou um homem simples e modesto. Mas que diriam os outros? Que diriam todos os meus inimigos e todas essas línguas venenosas se me vissem sem capa? Uma pessoa usa capa e até botas unicamente por causa dos outros. As botas são, num caso destes, necessárias unicamente para a manutenção da honra e da reputação duma pessoa. Quem traz as botas estragadas perde ao mesmo tempo uma e outra, acredite no que lhe digo, creia no que lhe diz este velho, aceite os meus muitos anos de experiência, dê atenção a um velho que conhece os homens, e não a esses pedantes!

Mas ainda não lhe contei em pormenor, minha filha, em que ponto estão verdadeiramente as coisas. Esta manhã tive de suportar tanto, passar por tantas torturas como talvez outras pessoas não sofram num ano inteiro. Escute-me, que lhe vou contar o que se passou. Saí de casa muito cedinho com a intenção de saudá-la, a você, e de seguir logo para poder chegar a horas à repartição. Como chovia hoje e que quantidade de lama! Meti-me na capa, meu anjo, e pouco a pouco lá ia andando o meu caminho enquanto pensava comigo

mesmo: “Meu Deus! Perdoai-me todas as culpas e fazei com que se cumpram os meus desejos!”. Quando passei pela igreja de *** persignei-me, fiz ato de contrição de todos os meus pecados, mas ao mesmo tempo pensei que não estava muito bem que eu conversasse assim com Deus Nosso Senhor. De maneira que voltei a abismar-me nos meus pensamentos e segui para diante, sem olhar para a frente, sem olhar para lado nenhum, sem pensar no caminho que levava, sempre para diante. As ruas estavam desertas e os transeuntes que de quando em quando encontrava pareciam preocupados e pensativos… o que, verdadeiramente, não tinha nada de estranho, pois quem é que andaria a passear àquelas horas e com um tempo daqueles? Nesse momento esbarrei até com um grupo de operários todos sujos, os quais me deram uma forte cotovelada, os insolentes! Foi então que a timidez voltou a apoderar-se de mim e, para ser franco, nem queria lembrar-me do dinheiro… Bem, caminhemos à aventura, entreguemo-nos nas mãos de Deus…

Precisamente quando passava pela ponte Vosniessiénski desprendeu-se a sola duma das botas, de maneira que a partir daquele momento, nem sei como é que continuei a caminhar. E foi exatamente neste lugar que por acaso encontrei o servente Iermolaiev, o qual parou e ficou a seguir-me com o olhar, como se quisesse pedir-me uma gorjeta. “Deus te favoreça, meu irmão — pensava eu; — uma gorjeta. O que vem a ser uma gorjeta?”

Sentia-me terrivelmente cansado e por isso parei com a ideia de descansar um momento; depois, continuei a caminhar. Pus-me então a olhar de propósito para tudo visando encontrar qualquer coisa em que fixar o pensamento para me distrair e alegrar um pouco; mas afinal nada encontrei; e, como se ainda fosse pouco o não poder deter em nada o meu pensamento, estava sujo de lama a tal ponto que me sentia envergonhado. Até que por fim descobri ao longe uma casa amarela, de madeira, com uma fachada, uma espécie de casa de campo. “Ali está — disse para comigo. — Deve ser a casa que Emiélia Ivânovitch me descreveu… A casa de Márkov.” (É este o nome desse indivíduo, o tal que empresta dinheiro a juros.) Pois bem; nesse momento, um turbilhão de pensamentos me assaltou a imaginação; tinha a certeza de que aquela era a casa de Márkov; no entanto

perguntei ao guarda do Comissariado a quem pertencia realmente aquela casa, isto é, quem vivia nela. Mas o guarda, um gobiano, respondeu de má vontade, como se estivesse zangado comigo, e acabou por resmungar entre dentes: “Essa casa pertence a um tal de Márkov!”. Esses guardas são todos uns homens sem nenhuma sensibilidade… Mas, a mim, afinal de contas, tanto se me dá. No entanto aquelas palavras deixaram-me uma impressão má e desagradável. Em suma, o aspecto das coisas, para mim, mudou por completo. Em todas as coisas achamos sempre algo que corresponde exatamente à situação em que nos encontramos, ou então, que julgamos de certo modo relacionado com essa mesma situação. É sempre assim… Passei em frente dessa casa por três vezes, mas quanto mais a rondava, tanto pior. “Não, — pensava eu — esse homem não me emprestará nada, por certo que não me emprestará nada. Para ele eu sou um estranho, uma pessoa completamente desconhecida; o assunto é muito embaraçoso e o meu aspecto nada tem de recomendável.” Mas depois dizia: “Bem, seja o que Deus quiser; pelo menos não não vou precisar me lamentar mais tarde de não ter feito uma tentativa. Não perco nada em tentar!”. E no meio desta conversa comigo mesmo, muito devagarinho abri a porta da casa. Mas então aconteceu-me outra desgraça: ainda bem não tinha atravessado o portal, quando logo um cachorro estúpido se atirou contra mim e se pôs a latir desesperadamente, com tal fúria que atroava os ares. E repare, minha filha: são sempre incidentes de tão pouca importância como este os que desconcertam uma pessoa e a enchem de timidez, aniquilando num só momento todas as resoluções que anteriormente tinha conseguido tomar. Entrei naquela casa mais morto do que vivo… Porém, ali, uma nova calamidade tinha ainda de me acontecer… Foi o caso que eu não distinguia perfeitamente o caminho, e quando ia parando por um instante, junto dum umbral… tropecei inesperadamente com uma mulher que, de cócoras, enchia vasilhas de leite que tirava de uma ovelha de ordenhar. Foi tal o encontrão que lhe dei que o leite se entornou todo! A idiota da mulher começou a gritar, a grunhir e a apostrofar-me dizendo: “nem ao menos vê onde põe os pés, criatura? Se procura alguma coisa, abra os olhos primeiro!” e muitas outras coisas neste estilo, sem parar. Digo-lhe tudo isto, minha filha, porque a mim, em casos como esse, há de sempre acontecer qualquer coisa de semelhante. É caso de dizer que a

sorte assim o determinou; hei de sempre deparar com qualquer coisa de somenos importância, que entretanto se atravessa no meu caminho.

Aos gritos da mulher apareceu uma megera finlandesa. Voltei-me imediatamente para ela e perguntei-lhe se vivia ali o senhor Márkov.

— Não — respondeu-me com mau modo, parando ali, e depois, por sua vez, perguntou com ar displicente: — O que deseja dele?

Eu então expliquei-lhe tudo: que etc. e tal, que Emiélia Ivânovitch… enfim, contei-lhe… "Em resumo: venho para assuntos de negócios."

Quando ouviu isto a velha chamou uma sua filha… que apareceu logo, uma mocetona descalça.

— Vai chamar o teu pai. Está com inquilinos — e voltando-se depois para mim: — Chegue aqui, faz favor.

Aproximei-me. A sala era… bem, era como são geralmente essas salas: quadro nas paredes, na sua maioria retratos de generais; um sofá, uma mesa redonda, vasos de reseda e de balsamina… Então pus-me a pensar: "E se eu me fosse embora, enquanto é tempo?". E digo-lhe a verdade, minha filha, estive quase a cair fora. Pensava: "É melhor vir antes amanhã, pois amanhã talvez faça um tempo mais agradável. Espero até amanhã. Hoje já entornei aquele leite todo e, além disso, esses generais parece que não me veem com bons olhos…". Ia já a encaminhar-me para a porta quando apareceu o… Um tipo vulgar, um sujeito pequenino, grisalho, com uns olhinhos, sabe como?… um tanto vesgos, encafuado numa bata engordurada, apertada com um cordão sobre a cintura.

Informou-se dos meus desejos e perguntou-me em que poderia ser-me útil; eu então contei-lhe que Emiélia Ivânovitch…

— Em resumo: precisava de uma quantia que me faz falta — disse-lhe. Mas nem disse tudo quanto tencionava porque percebi imediatamente nos seus olhos que tinha falhado o golpe.

— Não — disse-me ele — sinto muito, mas não posso agora

dispor de dinheiro. Mas poderia dar-me alguma garantia?

Comecei a explicar-lhe que verdadeiramente não podia dar-lhe nenhuma garantia, mas que Emiélia Ivânovitch me tinha dito que… Numa palavra: expliquei o que tinha a explicar. Ele me ouvia em silêncio.

— Sim, sim — disse. — Emiélia Ivânovitch não tem nada a ver com o assunto. Não tenho dinheiro.

"É claro, — pensei — isso já eu sabia, já sabia que era isso o que acabaria por ouvir, isso o que teria de engolir." E na verdade, Várienhka, teria sido bem melhor que a terra me tivesse engolido também nesse momento, pois tinha os pés gelados e corriam-me calafrios pela espinha. Eu olhava para ele e ele olhava para mim, como se quisesse dizer: "Bem, vai-te meu caro, não sei de que estás à espera"; noutras circunstâncias teria sido uma vergonha mortal…

— E para que queria o senhor esse dinheiro? — perguntou-me ainda ele. Abri a boca só para não ficar ali pasmado, mas ele nem sequer se dignou a escutar-me. — Não — disse — não tenho dinheiro; noutras circunstâncias, — acrescentou — noutras circunstâncias, teria muito gosto em…

Eu me pus a insistir, informei-o de que não era propriamente de dinheiro que precisava, de que estava decidido a pagar-lhe religiosamente no prazo combinado, que podia pedir-me o juro que quisesse, pois que eu, repetia-lhe, estava disposto a pagar-lhe tudo. Nesse momento pensava em você, minha filha, nos seus dissabores e nas suas dificuldades e lembrava-me também dos seus cinquenta copeques.

— Não — disse ele. — Quem fala aqui de juros? Mas se ao menos pudesse dar qualquer garantia… De momento não disponho de dinheiro; Deus é testemunha de que o não tenho; noutras circunstâncias teria muito gosto em…

Sim, até pelo nome de Deus, me jurava, aquele patife!

Em resumo, minha filha, não sei como saí dali e voltei a

encontrar-me sobre a ponte de Vosniessiênski.

Estava horrivelmente cansado e morto de frio, completamente gelado; passaria já das dez quando cheguei à repartição. Desejava limpar a roupa, sacudir a lama; mas o servente não quis emprestar-me a escova, dizendo que eu ia estragá-la toda e que as escovas eram propriedade do Estado! É para que veja, minha filha, como sou tratado agora por essa gente. Tal como um capacho no qual todos podem limpar os pés!

O que será que tanto me deprime, Várienhka? Não é o dinheiro que me faz falta, mas todos esses dissabores, e o ter de encontrar-me com os homens; todo esse falatório, esses risinhos e esses motejos… E pensar que de um momento para o outro pode Sua Excelência, casualmente, dirigir-se a mim ou reparar no meu aspecto! Ai, minha filha, o meu bom tempo já lá vai! Hoje voltei a ler todas as suas cartas… Que desgosto, minha filhinha! Adeus, minha adorada, que Deus a guarde!

M. DIÉVUCHKIN.

P.S. — A minha intenção era a de contar-lhe as minhas desditas, assim, a modo de gracejo; mas vejo que não o consegui, quero dizer, que não consegui gracejar. O meu desejo era distraí-la. Logo hei de ir vê-la, sim, hei de ir.

11 de agosto.

Varvara Alieksiéievna! Minha querida! Estou perdido, estamos os dois irremediavelmente perdidos! A minha boa reputação, a minha honra… Tudo perdido! E sou eu também a causa da sua perdição, minha querida! Todos me tomam como objeto de desprezo e zombarias, e a senhoria insulta-me agora aos berros diante de qualquer um. Hoje pôs-se outra vez a gritar, a fazer um grande alarido enchendo-me de injúrias tal como se eu fosse um joão-ninguém! E à tarde, um dos tipos da tertúlia de Rotasiéiev pôs-se a ler em voz alta uma das cartas que lhe escrevi, a você, minha filha: uma carta que eu não chegara a acabar de escrever, que tinha guardado num bolso de

onde depois devia ter caído. Como os fez rir! O que eles pensaram e o que disseram de nós, aqueles traidores! Não pude conter-me, fui ter com eles, acusei Rotasiéiev de desleal e chamei-lhe falso. Mas ele me respondeu que falso era eu, pois não me preocupava com outra coisa senão com conquistas! Segundo ele, eu os tinha enganado a todos, porque afinal era um Dom Juan. Agora todos aqui me chamam o Dom Juan, ninguém me trata de outra maneira. Veja isto, meu anjo, veja! Estão a par de todos os nossos atos e de toda a sua vida, minha pobrezinha! De tudo quanto lhe diz respeito! Até Faldôni se passou para o lado deles. Hoje quis mandá-lo à mercearia para que me trouxesse umas salsichas, e ele me respondeu com toda a petulância que não podia, que tinha muito que fazer.

— No entanto, isto faz parte das tuas obrigações — disse-lhe eu.

— Ora, ora… As minhas obrigações! O senhor não paga a minha patroa, por isso não tenho obrigação nenhuma.

Eu, minha filha, não posso suportar tais atitudes da parte dum sujeito daqueles, estúpido e insolente. E então gritei-lhe:

— Seu animal!

Mas ele me respondeu tranquilamente:

— Ora! Isso é o que toda a gente aqui me chama…

Pensei que ele devia ter bebido e disse-lhe isso:

— Parece mesmo que estás bêbado!

Ao que ele replicou:

— Por acaso deu-me o senhor dinheiro suficiente para me embriagar? O senhor nem sequer tem que chegue para mandar encher um copo! — e depois resmungou ainda: — E é isto um cavalheiro!

Já vê, minha filha, o ponto a que as coisas chegaram. Sinto uma tal vergonha de viver, Várienhka! Estou perdido, completamente perdido! Irremediavelmente perdido!

M. D.

13 de agosto.

Querido Makar Alieksiéievitch.

A desgraça persegue-nos e eu não sei o que havemos de fazer. Que irá ser de nós? Com o meu trabalho já não posso contar. Hoje queimei a mão esquerda com o ferro de passar; larguei-o distraidamente, magoei-me e queimei-me, as duas coisas ao mesmo tempo. De maneira que não posso trabalhar e Fiódora há três dias também que está doente. Ah, que angústias, que aflições!

Envio-lhe trinta copeques, é quase tudo o que temos. Deus sabe como gostaria de poder ajudá-lo. Apetece-me tanto chorar!

Fique com Deus, meu amigo. Ajudar-me-á a ficar mais tranquila se vier hoje visitar-nos.

V. D.

14 de agosto.

Makar Alieksiéievitch:

Que lhe aconteceu? Será o caso de que tenha perdido o temor de Deus? E a mim, faz-me até perder a cabeça! O senhor não tem juízo? Está caminhando a passos largos para a ruína. Pense na sua reputação! Lembre-se de que é um homem honrado, respeitável, trabalhador… Que hão de dizer os outros quando souberem uma coisa dessas? Até o senhor, Makar Alieksiéievitch, o senhor mesmo há de morrer de vergonha. Lembre-se dos seus cabelos brancos! Isso é faltar ao respeito que se deve a Deus!

Fiódora diz que não tornará a ajudá-lo, e eu, nessas condições, também não voltarei a enviar-lhe dinheiro. Já não quer saber de mim para nada, Makar Alieksiéievitch! Julga que me é indiferente a sua boa ou má conduta?

O senhor bem sabe o que eu sofri por sua causa! Nem sequer

posso chegar à escada, pois todos me olham, me apontam com o dedo e dizem certas coisas… Sim; olhe, para que fique sabendo: dizem que eu ando metida com um bêbado. Julga que gosto de ouvir estas coisas? E quando o senhor vem visitar-nos, todos dizem com desprezo: "Lá está outra vez o empregadeco". E eu, eu me envergonho mentalmente por sua causa. Juro-lhe que vou mudar de quarto. Ainda que tenha de ir servir… aqui é que eu não continuo.

Mandei-lhe dizer que o esperava e o senhor não veio. São-lhe assim tão indiferentes, Makar Alieksiéievitch, os meus prantos e as minhas súplicas? Mas diga-me uma coisa: onde vai arranjar o dinheiro… para isso? Por amor de Deus, tenha mais dignidade! Senão, pode dar-se já por perdido, com certeza! Que nojo, que vergonha!

Ontem, a senhoria não o deixou entrar e o senhor passou a noite na escada… Estou a par de tudo. Se soubesse como sofro quando me vêm contar essas coisas a seu respeito!

Venha ver-nos, sempre estará aqui melhor; podemos ler juntos e falar dos tempos passados. E Fiódora também nos contará coisas da sua vida, Makar Alieksiéievitch; não queira perder-se, que me perde também a mim, acredite! Eu vivo apenas para o senhor, continuo nesta casa apenas por sua causa, e o senhor a portar-se dessa maneira! Seja uma pessoa decente, mantenha o seu caráter e tenha ânimo, mesmo na infelicidade.

O senhor sabe muito bem que ser pobre não é vergonha. Então, por que desespera? Tudo isto há de passar. Deus nos ajudará e tudo se há de arranjar, contanto que o senhor faça também alguma coisa por isso!

Envio-lhe vinte copeques; compre tabaco ou o que quiser, mas por Deus lhe peço, não os gaste em nada de mau. Caia em si. Venha ver-nos sem falta! Talvez volte a envergonhar-se, como da outra vez… Mas que não seja uma falsa vergonha. Se ao menos se arrependesse sinceramente! Tenha confiança em Deus e verá como tudo se há de arranjar.

19 de agosto.

Varvara Alieksiéievna, minha pombinha:

Sinto-me envergonhado, minha estrela, muito envergonhado, se bem que, afinal, que há de especial numa coisas destas? Por que não havemos de procurar alegrar-nos um pouco? Olhe, assim até já me esqueci das minhas botas. Uma sola de bota nada é e nunca será mais do que isso, uma simples sola, vulgar e suja. E o mesmo quanto as próprias botas. Os sábios gregos andavam descalços. Por que havemos nós agora de nos preocuparmos com uma coisa de tão pouco valor? Por que hão de os outros ofender-me e desprezar-me por uma coisa destas? Ai, minha filha, até que enfim teve alguma coisa para censurar-me… Mas a essa Fiódora, diga-lhe que ela é maluca, que não tem juízo, que anda com a cabeça à razão de juros, e que ainda por cima é estúpida, inacreditavelmente estúpida! Quanto aos meus cabelos brancos, está muito enganada, minha bela, pois não sou ainda nenhum velho, como pensa.

Emiélia manda-lhe muitos cumprimentos. Diz-me a menina que ao ler a minha carta teve vontade de chorar e eu lhe digo que também tive um grande desgosto e que também cheguei a chorar. Para acabar, desejo-lhe saúde e prosperidade, e quanto à minha pessoa, encontro-me de perfeita saúde e sou sempre, meu anjo, com os meus melhores cumprimentos, o seu amigo,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

21 de agosto.

Minha senhora e querida amiga Varvara Alieksiéievna:

Vejo que sou culpado e que a menina tem de perdoar-me muitas coisas. Mas, a meu ver, minha filha, nada se adianta com o fato. Tudo isso eu já sentia anteriormente, perante a minha consciência, apenas até agora não tinha ainda avaliado completamente as minhas culpas.

Filha, minha filhinha, eu não sou duro de coração, nem mau. E para poder dilacerar o seu coraçãozinho, minha pomba, seria preciso ser um tigre sedento de sangue, ao passo que eu possuo um coração terno como o dum cordeirinho e, como deve saber, não tenho

inclinação alguma para fazer figura de fera voraz. E por isso, meu anjo, em rigor eu não sou verdadeiramente culpado perante a minha consciência, nem tampouco o meu coração e os meus sentimentos. Sendo assim, eu próprio acabo por não saber quem é que é culpado neste caso. Mas que grande confusão tudo isto, minha filha!

Enviou-me trinta copeques primeiro e depois mais vinte; chorei quando vi na minha mão esse dinheirinho, o dinheiro duma órfã! Tinha queimado as suas mãozinhas e não tardaria em sentir o aguilhão da fome; apesar disso escrevia-me a dizer que comprasse tabaco com aquele dinheiro… Diga-me… que havia eu de fazer? Havia de pôr-me a despojá-la sem remorsos na consciência, como um patife, a você, uma pobre órfã?

Faltou-me a coragem para uma coisa dessas: quero dizer, ao princípio senti apenas, sem querer, que não presto para nada, e que afinal apenas valho um pouco mais do que a sola do meu sapato. Pois bem: pareceu-me indecoroso conceder a mim próprio algum valor, por modesto que fosse, e comecei a descobrir em mim qualquer coisa de indigno, e, até certo ponto, de vulgar e de vil. Muito bem: pois uma vez perdido todo o meu amor-próprio, tendo-me já entregue à negação das minhas boas qualidades e da minha dignidade de homem, podia portanto dar tudo por perdido, podia deixar vir a ruína, o irremediável.

Eu não tenho culpa disso. Saí de casa unicamente com a intenção de tomar um pouco de ar. Mas tudo ia conjurar-se contra mim: o tempo estava chuvoso e frio e eis senão quando me encontro com Emiélia. Esse tinha gasto já tudo quanto possuía, Várienhka, e havia dois dias que não provava nem um gole sequer; de maneira que estava disposto a empenhar certas coisas que nem sequer podem vender-se porque ninguém as aceita.

Pois bem, Várienhka; acompanhei-o mais por compaixão humana do que por gosto próprio. E foi assim que caímos outra vez naquele pecado, minha filha. Como chorávamos, nós os dois! Falamos tanto de você, Várienhka! Ele é muito bondoso e muito sensível. Tudo isso percebia eu, minha filha, e por isso precisamente é que aconteceu aquilo, por eu compreender tudo.

Muito obrigado, minha filha, eu já sabia que era culpado para com você! E quando soube comecei então a conhecer-me melhor a mim próprio e a tomar-lhe amizade. Mas até à data, anjo meu, tenho vivido sempre só e levado uma vida obscura; não tenho vivido neste mundo como os outros homens. Esses tipos cruéis que andavam sempre a dizer que eu tinha um aspecto desagradável e que se envergonhavam de andar a meu lado, fizeram-me tamanha impressão, que eu próprio acabei por considerar-me reles e envergonhar-me de mim mesmo. Diziam que eu era bronco de inteligência e eu pensava que era realmente. Mas desde que a menina surgiu na minha vida, ela encheu-se de claridade; tanto na minha alma como no meu coração, entrou a luz. Pude finalmente começar a saborear qualquer coisa de parecido com a tranquilidade de espírito e a compreender que não era menos do que os outros. Que sou assim e assim, que não tenho méritos nenhuns, que não tenho graça nem posição social, tudo isso é bem verdade, mas apesar disso sou um homem, absolutamente um homem, no que respeita ao coração e ao pensamento! Pois bem: desde o momento em que compreendi que a desdita me perseguia, e que, humilhado pela sorte, me permiti rebaixar a minha própria dignidade de homem, quando cedi ao peso dos meus infortúnios, estava demonstrado que tinha perdido a coragem… E essa foi a verdadeira desgraça!

E agora, minha filha, agora que já sabe tudo, é com as lágrimas nos olhos que lhe peço que não me pergunte nunca nada acerca desse incidente, que nem sequer me volte a falar nisso, pois não preciso de tal para trazer o coração dilacerado e para que a vida me seja dura e amarga.

Apresento-lhe os meus respeitos, minha filha, e continuo o seu fiel amigo,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

3 de setembro.

Deixei por acabar a minha carta anterior, Makar Alieksiéievitch, porque não tive coragem para isso. Às vezes há momentos em que me agrada estar sozinha para poder entregar-me à minha vontade aos

meus desgostos e saborear a minha tortura: estes estados de espírito para mim estão se tornando cada vez mais frequentes. Perdura nas minhas recordações algo de misterioso que me cativa a ponto de ficar às vezes durante muito tempo insensível a tudo quanto me rodeia e completamente esquecida do presente, de todo o presente. Sim; não existe hoje na minha vida atual uma só impressão que não me recorde algo de parecido com a minha vida anterior, sobretudo da minha infância, da minha maravilhosa infância. Mas depois desses momentos apodera-se sempre de mim uma melancolia indescritível. Sinto-me completamente sem forças, esgotada pelos meus devaneios e cada vez pior de saúde.

Mas hoje, esta manhãzinha de outono, tão fresca, tão clara e tão brilhante como já raras vezes acontece, infundiu-me uma nova vida e comunicou-me uma grande alegria. Oh, como eu gostava do outono no campo! É claro que nesse tempo era criança; mas já percebia e sentia tudo com grande intensidade. Verdadeiramente até gostava mais das tardes de outono do que das manhãs. Ainda me lembro. Pouco mais ou menos a dois passos da nossa casa, ficava o lago, nas faldas da montanha. Esse lago… Parece-me que estou a vê-lo, agora… Tão claro e puro como um cristal! A tarde estava muito serena e todas as coisas nele se refletiam. Nas árvores da margem nem uma folha se movia; o lago, brilhante e imóvel, parecia um espelho. Tão límpido e tão frio! Na relva, o orvalho cintilava. Lá longe, numa choça, fumegava já uma fogueira pastoril e os pastores incitavam o rebanho… Eu me escapava de casa, às escondidas, corria para a margem do lago, punha-me a olhar, a olhar, até que acabava por me esquecer de tudo, até de mim própria. Um montão de ramos ardia junto dos pescadores, perto da margem, e o fogo prolongava-se numa grande faixa pela água, na minha direção. O céu era pálido e frio, e no horizonte, para as bandas do oeste, estendiam-se faixas vermelhas, ígneas, que pouco a pouco se iam tornando mais pálidas, até que finalmente acabavam por ficar sem cor. Depois aparecia a lua. O ar está tão diáfano, tão sereno e tão plácido… De repente um pássaro levanta voo e os juncos sussurram de manso, agitados por uma lufada de ar… Tudo, até ao mais leve rumor, se sente claramente. Por sobre a água azul, lenta, sobe uma branca neblina, leve e translúcida. Ao longe começa a escurecer, ou melhor, parece que uma névoa vai

envolvendo tudo; mas de perto, como se vê ainda distintamente! O barco, a margem, a ilha… Um barril velho, que ficou esquecido dentro do barco, faz um gorgolejar quase imperceptível em cima da água; um ramo de salgueiro, de folhas secas, está caído por entre os juncos, ali perto. Uma gaivota que ficou para trás do bando, revoluteia, roça pela água e torna a subir nos ares até desaparecer na névoa… Eu ficava ali, olhando e escutando… Oh, como era belo! E, no entanto era eu ainda uma criança!

O outono me encantava, sobretudo no fim, quando o trigo estava já colhido, quando as fainas campestres tinham terminado e os lavradores recolhiam às suas cabanas preparando-se para o inverno. Então, os dias tornavam-se mais escuros, o céu cobria-se de nuvens, os bosques tornavam-se amarelos, as folhas tombavam das árvores e estas ficavam negras e despidas… especialmente ao cair da tarde, quando se levanta uma bruma espessa e parecem então gigantes escuros e disformes como espectros pavorosos. E quando nos deixamos atrasar no nosso passeio e vamos ficando para trás… que pressa temos então de alcançá-los e que medo tão grande se apodera de nós! Trememos como as folhas dos álamos. Quem sabe se… por detrás daquele tronco de árvore… não estará escondido algum monstro, que ao passarmos por ali vai atirar-se sobre nós? E por cima de tudo isto o vento corre pelo bosque, ruge e silva, às vezes julgamos ouvir vozes que gemem e que se queixam, as folhas revoluteiam pelo ar, redemoinham no meio do vento, e de repente passa zumbindo numa guincharia estridente um bando enorme de aves de rapina. O medo cresce a passos agigantados e parece-nos que… que se ouve alguém dizer, que escutamos uma voz estranha que murmura: “Corre, corre, não te atrases, que de um momento para o outro um sortilégio espantoso vai acontecer no bosque; corre, corre!”… O medo apodera-se do nosso espírito e corremos, corremos, até chegar a casa exaustos. Mas em casa encontramos de novo a vida e a alegria; e as crianças, depois, têm que fazer a sua tarefa: a de descascar ervilhas e de extrair das suas cápsulas os grãos da dormideira. No forno chispa o fogo; a mãe olha sorridente o nosso alegre trabalho e a velha Uliana conta-nos histórias terríveis de bruxas e de salteadores. Nós, as crianças, aproximamo-nos mais uns dos outros e o riso murcha nos nossos lábios. De repente tudo fica em silêncio… “Escuta, não parece que estão batendo à

porta?”… “Qual! É o barulho que faz a roca da tia Frólovna!” E então todos desatam a rir! Mas depois a noite chega e o medo não nos deixa dormir, visões pavorosas e enormes pesadelos afugentam o nosso cansaço. Ficamos despertos, não nos atrevemos a mover um dedo e assim ficamos acordados e a tremer com a cabeça debaixo dos lençóis, até que finalmente começa a despontar a manhã. Mas quando o sol entra no quarto levantamo-nos aliviados e alegres e olhamos com curiosidade pela janela… No restolho brilha uma franja prateada de luz outonal e todas as árvores e arbustos estão envoltos em nevoeiro. O gelo formou como que um disco cristalino sobre o lago, e os passarinhos gorjeiam de contentes. Por todo o lado, o sol, com os seus raios quentes, começa a derreter o gelo fino. Que claridade, quanta luz… que delícia!

O forno volta a chispar fogo; sentamos à mesa na qual murmura já o samovar, e através da janela o nosso cão preto, Polkan, espreita para dentro e mexe o rabo, de contente. Um camponês passa diante da casa em direção ao bosque, em busca de lenha. Como todos estão contentes e bem dispostos!… Nos celeiros, empilhadas, há montanhas de trigo e a coberta de palha das medas de feno brilha ao sol, faiscando em amarelo de ouro… É um verdadeiro deleite contemplar tudo aquilo! E todos estão tão sossegados e tão felizes, todos sentem a bênção de Deus que os fez usufruir daquela colheita; todos sabem que no inverno não hão de ter dificuldades e hão de ter pão a fartar para os seus filhos. E é por isso que então, pelas tardinhas, se escutam as cantigas das moças que, alegres, dançam em rodas, e é por isso que ao domingo na igreja todos vêm dar graças a Deus nas suas orações… Ah, como foi bela a minha infância!

Aqui estou eu agora chorando como uma menina. São as minhas recordações as causadoras destas lágrimas. Vi tudo tão distintamente à minha frente, revivi tão perfeitamente o passado que agora o presente me parece muito mais turvo e obscuro… Como acabará tudo isto, que vai ser de nós? Olhe, Makar Alieksiéievitch, tenho o estranho pressentimento, ou para melhor dizer, a convicção de que hei de morrer neste outono. Sinto-me doente, muito doente. Penso frequentemente na minha morte mas, para falar verdade, não gostaria de morrer já… Não queria ficar nesta terra… Talvez torne ainda a

adoecer, como já estive na primeira, pois nunca cheguei a refazer-me completamente daquela doença.

Fiódora saiu e só volta lá para o fim da tarde, de maneira que ficarei sozinha todo o dia. Há já algum tempo que tenho medo de ficar sozinha; parece-me sempre que está aqui alguém comigo dentro de casa, alguém que me fala, especialmente nos momentos em que me entrego a esses devaneios que me fazem esquecer a realidade; de repente acordo e olho à volta… E aí torno a sentir a tal impressão de que há qualquer coisa de sinistro escondida dentro de casa. É por isso que lhe escrevo uma carta tão grande, pois ao menos enquanto escrevo esqueço-me de tudo…

Fique com Deus, meu amigo. Fez muito bem em dar dois rublos à dona da casa; assim o deixará tranquilo durante um certo tempo… Mas procure melhorar o seu vestuário, seja lá como for. Adeus, estou cansada… Não percebo como é que posso estar tão fraca. Esgota-me o menor esforço. Se Fiódora me trouxer trabalho… como hei de poder trabalhar? É isto que me tira a coragem.

V. D.

5 de setembro.

Várienhka, minha pombinha: Hoje experimentei tantas sensações, anjo querido! Todo o dia me doeu a cabeça. Para ver se me passava a enxaqueca, saí até à rua; pelo menos tomaria um pouco de ar, passeando pelo Fontanka. Estava uma tarde nublada e úmida. Agora, às seis horas, já é escuro! Não chovia mas o céu estava coberto de nuvens, o que muitas vezes é ainda mais desagradável do que a verdadeira chuva. As nuvens corriam pelo céu em grandes rolos. Havia muita gente pelo cais. Eram rostos alvares, espantosos, aqueles que por ali se viam, rostos que nos faziam tristeza: velhotes bêbados, mulheres finlandesas de narizes rombos, com sapatos de homem e cabelos despenteados; operários e cocheiros, pessoas de todas as idades, um ou outro aprendiz de serralheiro com a sua blusa manchada; no meio deles um garoto delgadinho e pálido, de cara morena e brilhante de fuligem e com uma fechadura na mão; um ou outro soldado, de estatura colossal, a oferecer aos transeuntes

canivetes e anéis falsos, de baixo preço. Esse era o público daquele lugar, essa devia ser a hora em que precisamente se encontram por ali esses tipos.

O Fontanka[24] é um canal largo e profundo no qual até podem navegar barcos. Aí existem lanchas de transporte em tão grande número que nem sabemos como cabem tantas… Mas apesar disso o Fontanka é um canal e não um rio. Na ponte viam-se mulheres sentadas, umas mulherzinhas velhas e sujas, como guloseimas já amolecidas e maçãs já podres. Ah, como é aborrecido passear pelo Fontanka! O granito úmido, as casas altas e escuras; em baixo, os pés enterrados na espessura do nevoeiro, por cima, nevoeiro também sobre a cabeça… Que triste, que turva e obscura a tarde de hoje!

Quando desembarquei na rua mais próxima, a Gorókhovaia, era já noite fechada. Começavam a acender as luzes do gás. Havia muito tempo que eu não passava pela Gorókhovaia…[25] e antes não o tivesse feito hoje… Que rua tão larga e populosa! Que quantidade de lojas e de vitrines! Tudo tão bem arranjado e esplendente… Tecidos e trajes de seda e flores entre cristais… E que chapéus, cheios de fitas e de laços! Chega a parecer que tudo aquilo está ali apenas para enfeitar a rua e nem se acredita que haja homens que comprem aquelas coisas para dá-las às mulheres! Linda, linda, essa rua! É aí que muitos alemães têm as suas padarias… Deve ser gente opulenta. E quantas carruagens passam, constantemente! Nem sei como o pavimento suporta um movimento daqueles! E como são belas essas carruagens, com as janelas brilhantes como espelhos e lá por dentro tudo de veludo e de seda! Os cocheiros e os lacaios como vão orgulhosos com os galões e alamares das suas fardas e os espadins do lado… Admirava-os quando eles passavam e via que levavam quase todos senhoras frívolas e luxuosas. Quem sabe se não seriam princesas e condessas! Era precisamente à hora em que todos partem para os bailes, para os banquetes e para os saraus. Deve ser uma estranha sensação essa de ter um dia na vida a oportunidade de ver uma grande dama: acho que deve ser uma coisa muito agradável. Eu nunca vi nenhuma, de perto; apenas as tenho visto assim, quando passam nos seus coches. Como pensei hoje em você, Várienhka! Ah, minha pombinha, meu anjo! Será a menina pior do que elas? Não, minha

filha, é bondosa, linda e instruída. Por que havia de ter tido esse destino? Por que estarão as coisas deste mundo feitas de tal maneira que uns têm de viver pobres e miseráveis, enquanto a outros, é a própria felicidade que vem bater-lhes à porta? Já sei, minha filha, já sei que não devo pensar assim, que isto é o que se chama ser livre-pensador. Ora, para falar com honestidade e com franqueza, quando meditamos sobre a justiça das coisas… por que, sim, por que estarão uns destinados desde o ventre materno, e para toda a vida, à felicidade, enquanto outros passam da roda dos enjeitados para o outro mundo? É assim a vida e o mais vulgar é que a sorte calhe a um maluco de um Ivânuchka[26]!

"Ivânuchka maluco, todas as vezes que quiseres, mete a mão no bolso de teu pai; come, bebe, refocila! Quanto a ti, a ti e a ti também, contentem-se em lamber os lábios, pois não merecem outra coisa!"

Bem sei, sei muito bem que é pecaminoso pensar desta maneira mas, quando se pensa, sem querer, os pecados entram-nos na cabeça. Sim, por que não poderíamos nós também ir assim, num coche daqueles? Enfatuados generais e funcionários do estado haviam de disputar o favor de um olhar dos seus olhos… não dos meus. A menina não andaria assim com um vestido velho de algodão, mas havia de usar sedas e pedras preciosas. Não estaria também tão magrinha e adoentada como agora, e pareceria uma bonequinha de açúcar, toda fresca e rosada. E eu seria feliz só de poder olhar as janelas iluminadas da sua casa e nelas distinguir o seu vulto de longe em longe… Só de imaginá-la assim feliz e satisfeita, minha avezinha linda, também eu fico feliz e satisfeito! Mas, agora… Não era suficiente que gente reles a tivesse feito infeliz, como também era ainda preciso que um grosseirão viesse insultá-la! Mas, esta é a verdade, só porque o terno dele é de corte elegante e porque usa um monóculo de aro de ouro, somente por isso esse desavergonhado sente-se no direito de fazer o que quiser, e a menina se vê obrigada a escutar pacientemente as suas palavras insolentes. Portanto, onde está a justiça? E por que hão de as coisas ser assim? Simplesmente porque a menina é uma órfã, Várienhka; porque não tem quem a defenda, porque não tem a seu lado pessoas amigas de influência, capazes de virem em sua defesa e de lhe assegurarem amparo e proteção.

E que espécie de homem é esse, que homens vêm a ser esses que não têm o mínimo escrúpulo em ofender uma órfã? Nem podem ser chamados homens; não passam de uns fanfarrões, de meros rufiões, de uma gentalha desprezível que somente pesa pelo número, que não passa de abstração, um vago não sei quê, que é o que realmente é, e que nada vale quando a decompomos nos indivíduos que a formam… Disso, não tenho eu a menor dúvida. É assim mesmo! E a meu ver, o mendigo que vi esta tarde na Gorókhovaia é muito mais digno da estima dos outros homens do que toda essa canalha. Esse mendigo arrastava-se por ali, penosamente, à procura de alguns copeques com que prover o seu sustento. Não pede propriamente esmola, pois ali está todo o dia a tocar realejo, para distrair as pessoas… até parece uma máquina a que tivessem dado corda. Portanto, este homem é útil aos outros na medida das suas posses. É um pobre, um mendigo, é certo; no entanto, por isso mesmo, é um homem honrado, está alquebrado e decrépito, transido de frio, mas apesar disso trabalha e ainda que o seu trabalho não seja igual ao das outras pessoas, trabalha. E há muitos homens na mesma classe, minha filha, mesmo muitos que, em relação ao trabalho que fazem, ganham muito pouco; no entanto, nem por isso precisam inclinar-se perante os outros, nem saudar o próximo com humildade, nem tão pouco pedir a alguém um pedaço de pão, por caridade. Eu sou como aquele mendigo; por natureza sou um homem completamente diferente, mas em sentido figurado sou exatamente semelhante a ele, pois faço também o que está nas minhas posses. Não será muito, mas de qualquer maneira, é mais que nada.

Demorei-me a falar desse mendigo, minha filha, porque devido a esse encontro senti ainda melhor a minha pobreza. Cheguei a ficar parado, a olhá-lo. E passaram-me pela cabeça sentimentos tão estranhos… que estava ali entretido e que o olhava para afugentar aquelas ideias. Também tinham parado ali alguns cocheiros e uma jovenzinha, e depois outra, mais nova, horrivelmente suja. O mendigo estava postado debaixo de uma janela. Entre toda aquela gente fixei um menino aí dos seus dez anos, que talvez fosse um belo rapazinho se não tivesse aquele aspecto enfermiço, se não estivesse tão fraco e com aquela aparência de esfomeado. Vestia uma espécie de camisinha e uma calcinhas muito finas; e ainda por cima disso tudo, estava

descalço. Pois ouvia a música, de boca aberta… As crianças são sempre crianças! Parecia ter concentrado toda a sua atenção com assombro pueril sobre os bonecos que bailavam em cima do realejo do mendigo; mas as mãozinhas e os pezinhos estavam tiritantes de frio, tremia-lhe o corpo todo e mascava um farrapo da manga que segurava entre os dentes… Na outra mão tinha um papel… Passou por ali um senhor, deitou uma pequena moeda ao mendigo, a qual foi cair precisamente sobre a tábua em que bailavam os bonecos. O rapaz mal ouvia o retinir da moeda, saiu imediatamente do seu êxtase, olhou com timidez à sua volta e imaginou que tinha sido eu quem atirara a moeda… Receoso aproximou-se de mim, e mostrando-me o papel, com uma vozinha que tremia, disse: "Uma esmolinha, meu senhor!".

Eu peguei no papel, desdobrei-o e li-o… Bem, dizia as palavras de costume: "Às almas caridosas etc. … Três crianças mortas de fome, a mãe quase a morrer. Tende piedade de nós! Quando me encontrar diante do trono de Deus, não esquecerei jamais aqueles que ajudaram os meus pobres filhos".

Não vale a pena falar do caso, que não deixa dúvidas e é vulgar. Mas… que havia eu de lhe dar? Portanto, não lhe falei nada. E, no entanto, fez-me tanta compaixão! E assim aquele pobre menino estava completamente lívido de frio e com o ar de quem tem fome, e ninguém lhe dava nada! Ninguém o socorria! O que isto significa bem eu sei! O mal é aquela mulher não poder sustentar os filhos e ver-se obrigada a pô-los na rua a pedir, meio nus e com aquele frio. Também pode dar-se o caso de que a mãe deles seja uma imbecil que não saiba cumprir o seu dever; ou talvez ninguém se preocupe com ela e que assim se deixe ficar sossegada em sua casa, sem fazer nada. Mas também pode ser verdade que esteja doente! Sim, mas de qualquer maneira podia dirigir-se a uma instituição de beneficência ou apresentar-se à polícia, que é como costuma proceder-se nesses casos. Ou talvez se trate muito simplesmente de uma embusteira que atira com uma criança esfomeada e doente para a rua, a fim de servir de chamariz perante o público, até que acabe por apanhar uma doença e morra. O que aprende este mocinho, nesta vida de mendigo? O seu coração há de tornar-se duro e cruel. Desde manhã até à noite nada mais faz do que andar de cá para lá, pedindo esmola. Muita gente

passa junto deles, mas ninguém repara na sua insignificante figura. As pessoas têm o coração duro e a fala cruel…

— Dá o fora, desaparece, seu vadio! — ouve muitas vezes palavras destas. Sente um aperto no coração, treme, todo assustado e gelado de frio. Tem as mãos e os pés intumescidos. Pois olhem, já tosse… Como um verme nojento e horroroso, a doença anda à sua volta e antes que ele próprio chegue a dar por isso, a morte o agarrou.

E assim irá tombar o pobre garoto, ferido de morte, em algum sombrio, sujo e hediondo cubículo, sem quaisquer cuidados nem assistência…

E assim terá acabado a sua vida. Sim, é isto o que acontece frequentemente… uma vida humana! Ai, Várienhka, como custa a ouvir um "Pelo amor de Deus", e não podermos dar nada àquele que tem fome! E vermo-nos obrigados a dizer: "Tenha paciência!".

É verdade que de muitos "Pelo amor de Deus!" não precisamos nos comover. (Há muitas espécies de "Pelo amor de Deus!", minha filha!) Alguns são de pedinchão useiro e vezeiro, ditos em tom arrastado, lamuriento e indiferente. Passar junto desses mendigos e nada lhes dar nem por isso é grande pecado, pois esses são os mendigos de profissão, que sabem muito bem como hão de governar-se. Mas há outros "Pelo amor de Deus" pronunciados por vozes inexperientes, atormentadas e exaltadas e que nos fazem um arrepio sinistro ao longo das costas e das pernas… Foi o que me aconteceu hoje com o rapazinho do papel que, por certo, segundo disse alguém que ali estava… não se dirigia a todas as pessoas. "Meu senhor, dê-me uma esmolinha pelo amor de Deus!" Foi assim que ele disse com uma voz tão vacilante e sumida, que sem querer estremeci num grande espanto. E no entanto não lhe dei esmola, pois não tinha nem uma única moeda. E ainda há gente rica que não quer que os pobres se queixem da sua sorte… dizendo que são uma vergonha pública e que são incomodativos, verdadeiramente incomodativos. Ou não se dará antes o caso de que os queixumes dos esfomeados não deixem dormir os que estão fartos?

Vou confessar-lhe, minha querida, que se escrevi tudo isto, por

um lado foi para desabafar, e por outro, a falar a verdade, foi para dar-lhe uma amostra do meu estilo. Pois deve já ter reparado, minha filha, que o meu estilo nos últimos tempos tem melhorado de maneira considerável. Mas afinal em vez de aliviar o meu coração, o que me aconteceu foi ter-se apoderado de mim, enquanto escrevia, um tal desgosto, que agora começo a sentir, no mais íntimo da alma, piedade pelos meus próprios sentimentos, se bem que eu saiba muito bem, minha filha, que com esta piedade nada se consegue… No entanto, de certo modo, uma pessoa faz assim justiça a si própria.

Sim, minha querida, é um fato que nos humilhamos a nós mesmos sem razão; que nos consideramos como se nem sequer valêssemos um copeque ou uma palha. Mas talvez isso seja devido, metaforicamente falando, a que nos assustamos e diminuímos exatamente como aquele rapazinho que hoje me pediu esmola…

Desde agora vou continuar a falar-lhe por metáforas, minha filha; vou apresentar-lhe uma parábola. Preste atenção:

Às vezes, de manhã, quando vou para a repartição, costumo demorar-me pelo caminho a contemplar o aspecto da cidade, para ver como desperta e pouco a pouco se vai levantando, e começa a fumegar, a mexer, a murmurar e a remoer; esqueço-me, repito, esqueço-me de mim próprio, e perante esse espetáculo, sinto-me pequeno e insignificante, tal como se alguém me tivesse dado um piparote no nariz bisbilhoteiro… Então esgueiro-me muito encolhido, sem fazer ruído e sem atrever-me a pensar em nada. Mas imagine agora o que acontecerá no interior dessas casas grandes e denegridas, sim, tente pô-lo na sua imaginação e então poderá julgar por si mesma que está certo que nós, os pobres, nos tenhamos a nós próprios em tão pouco e que nos deixemos acovardar tão indignamente… Não esqueça, Várienhka, de que eu falo em sentido figurado, somente em estilo de parábola.

Mas vejamos agora o que sucede no interior dessas casas.

Ali, no canto bafiento dum sótão, que só a necessidade pôde converter em morada de gente, um operário acaba de acordar. Toda a noite sonhou com um par de botas que ontem, por descuido, cortou de

maneira defeituosa. Como se um homem não devesse senão sonhar com tais insignificâncias! Pois bem… esse operário é sapateiro… e isso explica que ele tenha tido aquele sonho. O nosso sapateiro tem filhos pequenos e uma mulher faminta. E não vá pensar, minha filha, que estas coisas acontecem apenas aos sapateiros. Tão só por si nada significa e nem valeria a pena pensar no caso; no entanto, repare: no mesmo prédio, com a diferença de ser num andar mais elevado e num quarto luxuoso, nessa mesma noite um senhor esteve sonhando todo o tempo com outro par de botas, botas também, mas claro, de outra classe, naturalmente, elegantes, mas apesar de tudo, um par de botas. Então… dentro do significado da minha parábola, todos somos um pouco sapateiros. Mas também isto, em si mesmo, não tem nada de especial, e o mal está apenas em não haver junto desse ricaço um homem, nem um só, que pudesse sussurrar-lhe ao ouvido: "Deixa-te disso, não penses nessas coisas; pensa apenas em ti próprio, em ti que não és nenhum sapateiro, que tens os teus filhos de perfeita saúde e uma mulher que não se queixa de fome; olha à tua volta e vê se encontras qualquer coisa diferente, algo mais nobre e elevado do que um par de botas para te ocupares".

Pois bem, Várienhka, era isto o que eu queria explicar-lhe por meio de uma parábola. Pode ser que isto seja de livre-pensador, mas às vezes ocorre-me esta ideia e então escapam-me do íntimo umas palavras mais fortes. E é por isso que eu digo também que fazemos mal em nos humilharmos tão injustificadamente, todas as vezes que nos assustamos com rumores ou com boatos. E digo-lhe ainda minha filha, não deve pensar que tudo isto contenha qualquer insinuação maligna ou que o tirei de algum livro. Não, nada disso, fique tranquila; não sei carregar as coisas de tons negros, nem tampouco me ocupo de coisas inúteis, e finalmente, repito-o para que fique bem ciente, também não o copiei de nenhum livro…

Regressei a casa muito triste, sentei-me à mesa, pus-me a aquecer um pouco de água e dispunha-me a preparar o chá, quando, de repente, o que havia de acontecer! Gorchkov, o nosso pobre companheiro de pensão, entra no meu quarto. Já de manhã tinha eu suspeitado de que o tal Gorchkov andava pelo corredor vigiando as portas dos outros quartos, e houve um momento em que pareceu que

ele teve vontade de se dirigir a mim. Diga-se de passagem que a sua situação é muito pior do que a minha, nem tem comparação. Ele tem mulher e filhos para sustentar… Eu, no caso dele… Bom, nem sei o que faria! Mas, como ia dizendo, o bom do homem entra no meu quarto e cumprimenta-me… Como de costume, uma lágrima escorrega-lhe de um olho… E faz um ruído com a boca, sem no entanto articular uma palavra… Ofereço-lhe uma cadeira, rota, naturalmente, pois é a única que tenho. Também lhe ofereci chá. Recusou, recusou por muito tempo, mas por fim acabou por aceitar. E depois teimou em que devia tomá-lo sem açúcar… Insistiu nos seus pretextos e desculpas, agradeceu-me, tornou a desculpar-se… Finalmente pôs um torrãozinho na chávena e assegurou-me que o chá até estava enjoativo de doce! Já vê, Várienhka, onde a miséria pode levar uma criatura!

— Bem, o que temos de novo, meu amigo? — perguntei-lhe eu.

— Etc. e tal… é preciso que seja nosso protetor, Makar Alieksiéievitch; ajude-me, ampare uma família que se encontra na miséria. Os meus filhos e a minha mulher…! Não tenho nem uma côdea de pão para meter na boca! E eu, como pai… Ponha-se no meu lugar, compreenda o meu sofrimento!…

Dispunha-me já a responder-lhe, mas ele me interrompeu:

— Tenho medo de todos os que há por aqui, Makar Alieksiéievitch; quero dizer, não tenho propriamente medo, mas o senhor compreende, sinto-me envergonhado… São todos tão orgulhosos e emproados! Também não viria incomodá-lo — acrescentou — se não fosse… Já sei que teve contratempos e também sei que não poderá dar-me grande coisa, mas talvez possa pelo menos emprestar-me qualquer coisa… Se me atrevo a pedir-lhe isto é porque conheço o seu bom coração e porque sei que o senhor também conhece o que é a necessidade, pois também é pobre… e por isso é capaz de sentir compaixão…

Por último pediu-me que lhe perdoasse o seu atrevimento e a sua falta de vergonha.

Respondi-lhe que de todo o meu coração estaria disposto a ajudá-

lo, mas que infelizmente nada podia dar-lhe, ou pouco menos do que nada.

— Makar Alieksiéievitch, não julgue que venho pedir-lhe muito — e fez-se rubro até a raiz dos cabelos — mas a minha mulher e os meus filhos têm fome… Não teria ao menos dez copeques, Makar Alieksiéievitch?

Que havia eu de dizer-lhe, Várienhka! O meu coração sangrava ao ouvir aquele pedido de dez copeques. Em comparação com ele eu era rico! Na realidade, o que eu possuía eram vinte copeques, com os quais contava para o dia seguinte, a fim de me aguentar até receber o ordenado. E por isso respondi-lhe que, de fato, não podia… E expliquei-lhe a minha situação.

— Dez copeques, só dez copeques, para não morrermos de fome, Makar Alieksiéievitch!

Então decidi-me, tirei o dinheiro da gaveta e entreguei-lhe os meus últimos vinte copeques, minha filha… Sempre era um ato de caridade… Se eu não soubesse o que é a miséria! Depois entabulou-se entre nós dois uma pequena conversa e aproveitei para lhe perguntar como é que tinha chegado àquele extremo e como é que conseguia aguentar-se num quarto cujo aluguel mensal era nada mais nada menos do que cinco rublos de prata.

O homem então explicou a sua situação. Tinha tomado o quarto por seis meses e pago três adiantados. Mas depois as coisas correram-lhe tão mal que já não pôde pagar os outros três meses, nem tampouco juntar o dinheiro necessário para mudar-se daquela casa. Entretanto, aguardava inutilmente o desenlace do seu processo. Mas um processo é uma coisa tão complicada, Várienhka! O homem está implicado nas irregularidades dum certo comerciante que cometeu não sei que abusos nos fornecimentos à Coroa. Esses abusos descobriram-se, o comerciante foi parar na cadeia, mas depois procurou maneira de implicar Gorchkov no assunto. Parece que este, verdadeiramente, apenas pode ser acusado de certa negligência, de não ter inspecionado na devida maneira os fornecimentos e de não ter velado suficientemente os interesses da Coroa. Seja como for, o assunto

arrasta-se há dois anos e no entanto não está ainda bastante esclarecido. E por isso nada está ainda decidido acerca da inocência de Gorchkov. “Da desonestidade que me atribuem — diz o próprio Gorchkov — da fraude e do seu encobrimento, não sou culpado, de maneira nenhuma.” O que não impediu que o demitissem, apesar de não terem podido demonstrar, como já disse, a sua culpabilidade. Também não conseguiu reaver uma apreciável quantia de dinheiro que lhe pertence e que o tal comerciante reclama agora. Isto é tanto mais triste quanto é certo que vão protelando a hora do reconhecimento da sua inocência.

Eu acredito no que ele me disse, mas o tribunal pensa de outro modo. É um assunto muito confuso, que não poderá deslindar-se nem dentro de cem anos. Quando às vezes parece que vai fazer-se um pouco de luz, logo o dito comerciante o lança de novo na obscuridade, com o que as coisas tomam depois um aspecto completamente diferente. Compadeço-me muitíssimo da infelicidade de Gorchkov, identifico-me com ele. Um homem demitido já não arranja novo emprego, pois por todo lado corre a fama da sua inaptidão. Tudo quanto o pobre Gorchkov tinha amealhado foi já consumido. A questão pode ainda prolongar-se, sabe Deus por quanto tempo… Entretanto eles têm de viver… E ainda por cima, acaba de lhes nascer mais um filho… O que, naturalmente, acarretou despesas. A criança adoeceu e morreu. Novas despesas. A mulher também está doente e ele próprio padece de não sei que mal contagioso. Em suma: a sua situação é triste, muito triste. No entanto ele diz que a coisa terá que resolver-se dentro de alguns dias, e seguramente a seu favor, disto não há que duvidar. Faz-me pena, muita pena, minha filha. Tratei-o o melhor que pude. O desgraçado encheu-se de timidez, ansiava por uma palavra de encorajamento, um pouco de bondade e de afeto. Eu, como digo, o tratei com a maior afetuosidade.

Fique com Deus, minha filha; Cristo seja com você e continue sempre boa. Minha pombinha! Quando penso em você, é como se sentisse um bálsamo sobre a minha alma dolorida, e quando me preocupo por você até os cuidados me parecem agradáveis.

Seu amigo sincero,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

9 de setembro.

Minha querida filha, Varvara Alieksiéievna:

Escrevo-lhe, num estado terrível, completamente fora de mim. Aquele incidente alterou-me tanto que ia perdendo os sentidos. A minha cabeça ainda está rodando. Parece-me realmente que tudo gira à minha volta. Ai, minha filha, como hei de poder contar-lhe tudo! Se nem ao menos o tivesse sonhado! Se bem que… parece-me que já tinha pressentido tudo, que já tinha pressentido tudo! Meu coração o anunciava tal como depois aconteceu! E ainda há pouco tive um sonho em que vi uma coisa parecida!

Agora, veja o que me aconteceu… Vou contar-lhe tudo, desta vez sem preocupações de estilo, com toda a simplicidade, segundo a minha inspiração.

Esta manhã, como de costume, dirigi-me para a repartição. Uma vez ali, sento-me e ponho-me a escrever. Já sabe, minha filha, que ontem também tive de fazer uma cópia, na repartição. Foi ontem, precisamente, que Timofiéi Ivânovitch se aproximou da minha secretaria e me disse: “Aqui tem um documento que é preciso copiar rapidamente. Por isso trate disto imediatamente. Faça boa letra e tenha o máximo cuidado! Sua Excelência deseja-o ainda para hoje…” Começo por adverti-la, minha filha, que ontem eu não estava lá muito bem disposto… Nada deixava perceber, mas sentia-me oprimido e desgostoso. Parece que eu tinha frio no coração e trevas no entendimento. Mas os meus pensamentos iam todos para você, minha pombinha… Pois bem… então peguei na pena e pus-me a copiar… a copiar com boa letra e muito cuidado, quando… Não é que Ele… Louvado seja Deus, de que Ele próprio tivesse guiado a minha mão. Ele ou qualquer outra força misteriosa, ou então, podia ser que aquilo tivesse muito simplesmente que acontecer… A verdade é que ao copiar saltei uma linha completa. E daí, só Deus sabe o disparate que resultou naquele texto, talvez um absurdo. Mas o documento ficou pronto ainda ontem e esta manhã foi levado a Sua Excelência para ser assinado.

Pois esta manhã, como de costume, entro e ocupo o meu lugar junto de Emiélia Ivânovitch. Devo observar-lhe, minha filha, que desde há um certo tempo para cá me sinto ainda mais envergonhado e procuro também, ainda mais do que anteriormente, passar despercebido. Sim, nestes últimos tempos, até perdi a coragem de olhar os outros de frente. Basta-me ouvir arrastar a cadeira para ficar algo mais morto do que vivo. Pois era nesse estado de espírito que eu me achava hoje; estava todo encolhido e tão quieto no meu lugar como um ouriço, de tal maneira que Iefim Akímovitch (o tipo mais trocista que existe debaixo do céu), de repente me diz em voz alta, de tal modo que todos o ouviram:

— Ó homem, por que estás sentado dessa maneira? Até pareces um U!

E ao dizer isto fez um tal trejeito que todos os presentes se redobraram de riso, à minha custa, evidentemente, e não à dele. Tapei as orelhas, fechei os olhos, e não fiz o menor movimento. É isso o que costumo fazer quando os outros começam com as suas graças; é a maneira de deixarem mais depressa uma pessoa em paz. Mas depois ouço umas vozes excitadas, passos apressados, correrias, gritos… que me chamam, que chamam pelo meu nome, que chamam a Diévuchkin. Meu coração se acelera e sinto em todo o corpo um medo como nunca senti na minha vida! Continuo sentado na minha cadeira como se nela estivesse colado… sem fazer um movimento! Eu nem era eu! Mas eis que gritos se aproximam cada vez mais: “Diévuchkin! Mas onde está Diévuchkin? Diévuchkin!”. Abro os olhos: à minha frente está Ievstáfi Ivânovitch… e então ouço-o dizer: “Makar Alieksiéievitch, Sua Excelência chama-o imediatamente. Causou-nos um transtorno terrível com a sua cópia!”. Foi isto apenas o que ele me disse, mas foi o bastante. Não é verdade minha filha, que era suficiente? Fiquei rígido, como morto; já não sentia e fui até ao gabinete do ministro… Quero dizer, os meus pés é que me levavam porque eu, propriamente, estava mais morto do que vivo! Conduziram-me através de uma sala, depois doutra e doutra… até ao gabinente de Sua Excelência… Foi então que percebi onde estava. Não posso dizer-lhe ao certo nada do que pensei naquele momento. Via apenas que Sua Excelência estava ali, de pé, e à volta todos os outros. Creio que nem sequer fiz uma reverência;

esqueci-me de fazê-la. Estava tão emocionado que me tremiam os lábios e as pernas. E não me faltava razão para isso, minha filha! Em primeiro lugar porque sentia uma imensa vergonha, e depois porque ao voltar casualmente a vista, à direita, e ao ver-me num espelho, tive motivo mais do que suficiente para me deixar cair no chão. Acrescente-se a tudo isto que eu sempre tenho procurado conduzir-me de maneira como se não existisse, pelo que nem de longe poderia supor que Sua Excelência tivesse qualquer notícia acerca da minha pessoa. Pode ser que alguma vez Sua Excelência, ao passar perto da sala quatro, tivesse ouvido que ali trabalhava um empregado chamado Diévuchkin, mas com certeza que a referência não teria ido mais além.

Pois Sua Excelência, muito aborrecido, exclamou imediatamente:

— Mas que disparate vem a ser este que pôs aqui, criatura? Onde é que tinha os olhos? Um documento desta importância, que é preciso enviar imediatamente! Em que estava pensando, homem?

E ao mesmo tempo Sua Excelência se voltava para Ievstáfi Ivânovitch. Eu ouvia apenas palavras soltas que me pareciam vir de muito longe: “Descuido! Negligência! Só serve para provocar contratempo!…”.

Abri a boca, mas não disse nada. Queria desculpar-me, pedir perdão, mas não podia. Sair a correr… Mas nisso nem era possível pensar. De repente aconteceu alguma coisa… alguma coisa, minha filha, que ainda agora mesmo me envergonho de contar… o meu botão… o diabo o leve… o meu botão, que estava apenas preso por um fio, caiu de repente (talvez eu lhe tivesse mexido sem dar por isso), foi tombar sobre o chão e, a rolar, acabou por ir cair mesmo aos pés de Sua Excelência, no meio do silêncio sepulcral que ali reinava. Foi essa a minha justificação, a minha desculpa, tudo quanto tive para dizer a Sua Excelência! As consequências não se fizeram esperar. Sua Excelência, logo a seguir, fixou-se atentamente no meu aspecto e no meu fato. Eu pensei que estava a ver-me no espelho… Com isto fica tudo dito… Então curvei-me para apanhar o botão e colocar outra vez no seu lugar aquele desertor inoportuno. Estava completamente atordoado! Agachei-me e estendi a mão para apanhar o botão, mas este continuou a rolar como um pião e por mais esforços que eu

fizesse não conseguia alcançá-lo… De maneira que estava assim a dar grandes provas da minha habilidade! Senti que me fugiam as últimas forças e que tudo estava perdido. Toda a dignidade desaparecera: a minha parte humana estava absolutamente aniquilada. Ao mesmo tempo os ouvidos começaram a zumbir-me e parecia-me que para além daquelas paredes escutava os insultos de Teresa e de Faldôni, tal como os ouço constantemente na cozinha. Até que por fim consegui apanhar o botão… Mas em vez de reparar a minha tolice, de pôr-me em posição de sentido, vou e ponho-me a querer prendê-lo no lugar donde pendiam apenas dois fiozinhos, como se ele pudesse ficar ali colado… E ainda por cima conseguia rir-me do sucedido, sim ainda tinha a desfaçatez de me pôr a rir…

Sua Excelência, primeiro voltou-se para um lado, mas depois tornou logo a olhar para mim… e foi então que lhe ouvi dizer para Ievstáfi Ivânovitch:

— Ora, repare para aquela figura! Mas por que é que ele anda daquela maneira? O que lhe aconteceu?

Ai, minha adorada, que mais era preciso? Sua Excelência acabara de me caracterizar de maneira insuperável. Ouvi depois Ievstáfi Ivânovitch responder-lhe:

— Não há razão para censurá-lo de nada, Excelência; até agora tem sido sempre de uma conduta irrepreensível… Tem boa letra… Parece que aquilo que ganha…

— Muito bem… pois então veja se há alguma maneira de ajudá-lo — acrescentou o ministro. — Dê-lhe um adiantamento sobre o ordenado…

— Mas isso foi o que já se lhe fez, por várias vezes; já levou adiantado o ordenado de alguns meses. Parece que se encontra presentemente numas condições especiais… No entanto, a sua conduta, apesar disso, como disse, continua exemplar, irrepreensível…

Parecia-me que estava no centro dum círculo de chamas infernais que me queimavam e abrasavam vivo! Eu… nada. Estava simplesmente como se tivesse exalado o último suspiro; sim, estava

perto.

— Bem — disse depois em voz alta Sua Excelência — é preciso copiar isto outra vez. Venha cá, Diévuchkin: vai copiar isto de novo, sem um único erro; e os senhores…

Quando disse isto, Sua Excelência dirigia-se aos outros que ali estavam e começou a encarregá-los de diferentes assuntos, e um após o outro, todos foram saindo. Logo que o último tinha acabado de sair, imediatamente Sua Excelência, puxando da carteira, tirou uma nota de cem rublos.

— Olhe, isto é tudo o que posso… aceite…

E, ao dizer isto, meteu-me a nota na mão.

Então senti um estremecimento em todo o meu ser e não tenho palavras para descrever a comoção que me tomou. Tentei pegar-lhe a mão para beijá-la mas ele ruborizou-se, Várienhka, e… ao dizer não me afasto nem um milímetro da verdade, minha filha… Pegou na minha mão indigna e apertou-a, sim, pegou nela simplesmente e apertou tal qual como se fosse a mão dum seu igual, alguma pessoa altamente colocada, como ele.

— Bem, pode retirar-se — disse. — Se em alguma coisa puder ser-lhe útil… Copie-me isto outra vez e procure não ter nenhum erro. Quanto a esta cópia, já se pode rasgar…

E agora, minha filha, escute bem o meu desejo, que é este: rogo a você e a Fiódora — como ordenaria a meus filhos, se os tivesse — que nas suas orações, ao dirigirem-se a Deus, não peçam pelo vosso pai carnal mas sim por Sua Excelência, e que por ele rezem todos os dias, até o último da vossa existência. Mas tenho ainda mais alguma coisa para dizer-lhes, o que vou fazer solenemente. Por isso tome atenção, minha filha: juro-lhe que… por muito grande que fosse a minha necessidade e por muito que me fizesse sofrer a nossa falta de dinheiro, quando pensava em todas as suas dificuldades e além de tudo isso, ainda na humildade da minha condição e na minha inutilidade… apesar de tudo isso, juro-lhe que estes cem rublos não têm para mim tanto valor como esse gesto de Sua Excelência ao

estender-me a mim a sua mão, a mim, o bêbado, o pior entre os piores, ao dignar-se estreitar esta minha indigna mão! Com este gesto Sua Excelência fez com que eu recuperasse a minha verdadeira personalidade! Com isso ressuscitou-me de entre os mortos, para sempre suavizou a minha existência, e estou firmemente convencido de que, por muito pecador que eu seja perante os olhos do Todo-Poderoso… as minhas preces pela felicidade e prosperidade de Sua Excelência hão de chegar até ao trono de Deus e ser ouvidas…

Minha querida, minha filha! Estou agora numa grande excitação, tal como nunca experimentei. O meu coração bate e pula, e sinto-me tão esgotado como se todas as forças me abandonassem.

Mando-lhe 45 rublos; 20, dei-os à senhoria e reservo 35 para mim: 20 para comprar alguma roupa e os outros 15 para ir gastando.

As impressões desta manhã abalaram-me de tal maneira que me encontro extremamente fraco. Preciso de deitar-me um pouco. Mas por agora estou tranquilo, absolutamente tranquilo. Tenho apenas um certo peso no coração, e em algum lugar, não sei bem onde, muito no fundo de mim mesmo, parece-me que a minha alma estremece e está como que para levantar voo.

Irei vê-la em breve. Ainda estou transtornado por todas estas impressões…

Deus vê tudo, minha filha, tudo!

Seu digno amigo,

MAKAR DIÉVUCHKIN.

10 de setembro.

Meu muito querido Makar Alieksiéievitch:

Estou muito contente com a sua felicidade e aprecio bem todo o valor da ajuda do seu superior. Assim já pode finalmente respirar e descansar das suas preocupações. Mas agora vou dirigir-lhe uma súplica: pelo amor de Deus não torne a gastar o dinheiro em coisas

inúteis! Faça uma vida tranquila e ordenada, o mais econômica possível e, peço-lhe! comece já amanhã a pôr todos os dias de lado um dinheirinho para que não volte a encontrar-se em tantas dificuldades. Conosco, para dizer a verdade, não tem que preocupar-se. Nós aqui nos arranjaremos. Por que nos mandou tanto dinheiro, Makar Alieksiéievitch? É que não nos fazia falta… O que ganhamos chega-nos bem. É certo que dentro de pouco tempo teremos necessidade de uma certa quantia para a mudança; mas Fiódora espera que lhe paguem em breve uma dívida antiga. Seja como for, reservo vinte rublos para uma necessidade e devolvo-lhe o resto. Não considere o dinheiro como uma coisa supérflua. Makar Alieksiéievitch!

Adeus, meu amigo! Continue a ser feliz e mantenha-se com saúde e alegria. Por minha vontade prolongaria ainda esta carta mas sinto-me muito cansada. Ontem estive de cama todo o dia. É excelente a sua ideia de nos visitar. Faça-o depressa, Makar Alieksiéievitch. Não se esqueça de que fico à sua espera.

Sua,

V. D.

11 de setembro.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

Peço-lhe, minha adorada, agora que eu sou tão feliz e que tudo corre à medida dos meus desejos, não vá esquecer-se de mim! Minha pombinha, não faça caso de Fiódora! Prometo fazer-lhe tudo o que quiser. Daqui por diante vou me comportar decente e dignamente, pois, quando mais não fosse, pelo menos havia de ser por atenção para com Sua Excelência. Havemos de voltar a escrever cartas cheias de júbilo e a comunicar mutuamente os nossos pensamentos, as nossas alegrias e as nossas preocupações… Se é que havemos de ter preocupações… e de novo voltaremos a viver uma vida feliz e em boa harmonia… Poderemos nos dedicar à literatura… anjo meu! Tudo na minha vida tende agora para o melhor. A senhoria voltou a admitir-me nas conversas. Teresa tornou-se muito mais inteligente e Faldôni já é mais serviçal. Fiz as pazes com Rotasiéiev. A alegria levou-me para

ele outra vez. É realmente um bom rapaz, minha filha, e todo o mal que disseram dele é um erro, um disparate; pude agora comprovar perfeitamente que não passava tudo de calúnia. Não é verdade que pensasse alguma vez em fazer uma sátira à nossa custa. Ele próprio me disse. Leu-me seu novo trabalho. E quanto a essa história de ele ter me dado o apelido de Tenório, bom… isso não tem nada de mau, nem é nenhum nome ofensivo. Ele me explicou o significado dessa designação. Isso de Dom Juan é um nome estrangeiro que significa pouco mais ou menos um "tipo às direitas", ou, para nos exprimirmos em linguagem mais polida, mais literária, por assim dizer: um "homem de verdade". É isto o que essas palavras querem dizer e não… Muito diferente até! Portanto, isso não passava de uma brincadeira inofensiva! E eu, pobre de mim, que achei tratar-se de uma ofensa! Pois muito bem: hoje lhe apresentei já as minhas desculpas…

Que lindo dia está hoje, Várienhka! É verdade que da parte da manhã nevou um tanto, mas isso não tem importância, assim o ar ficou mais fresco. Sabe? Comprei um par de botas… umas botas bem bonitas, sem nada que se possa criticar… Fui logo dar um passeio pela Niévski e depois comprei o jornal. Mas espere, que já me esquecia de lhe contar o mais importante. Aí vai:

Esta manhã pus-me a conversar com Emiélia Ivânovitch e com Aksiênti Mikháilovitch: falamos de Sua Excelência. É verdade, Várienhka; pois que eu não sou o único objeto da bondade de Sua Excelência. Prodigalizou-a também a outros e de todos é conhecida a sua grande virtude. São muitos e muitos aqueles que enaltecem essa bondade e vertem lágrimas de agradecimento ao recordar o bem que lhes fez. Sua Excelência tomou conta de uma órfã, educou-a em sua casa, e depois casou-a com um empregado de cargo elevado, um daqueles que pertence ao número dos que trabalham debaixo das suas ordens imediatas e, não contente com isso, Sua Excelência deu-lhe ainda um bom dote. Além disso Sua Excelência colocou também numa chancelaria o filho duma pobre viúva, e não ficam por aqui todas as coisas boas que se podem contar de Sua Excelência. Entendi que era obrigação minha introduzir uma palavra naquela conversa e confessei tudo o que Sua Excelência fez por mim. Contei tudo, sem esquecer o

mínimo pormenor. Lancei a timidez para trás das costas. Qual timidez nem precauções, uma vez que se tratava de um assunto daqueles! Contei tudo em voz alta, de maneira que todos pudessem ouvi-lo; muito alto, sim, a fim de propagar aos quatro ventos as nobres ações de Sua Excelência! Falei com entusiasmo e não me senti envergonhado, até pelo contrário, sentia-me orgulhoso de poder contar um episódio semelhante. Contei tudo (felizmente só não falei de você, minha filha; fiz apenas uma breve referência, muito discreta), tudo o que diz respeito à senhoria, a Faldôni, a Rotasiéiev e a Márkov, e até a história das minhas botas… de tudo isso falei, com todas as minúcias… Alguns troçaram um pouco de mim, ou pelo menos, todos gracejaram. Pelo menos todos se riram! Pelo visto encontravam em mim alguma coisa que os fazia rir… Mas talvez tenham dado risada apenas do caso das botas… Sim, devia ser isso, riam-se desse caso! O que é certo é que não deviam rir-se com má intenção, são incapazes de uma coisa dessas. O mais provável é que se rissem por serem uns garotos… ou porque tragam os bolsos cheios. No entanto, repito, não devo pensar que se tivessem rido de mim com qualquer má intenção… Porque acredito firmemente que Sua Excelência… Não. De maneira alguma seria possível que lhes passasse pela cabeça rirem-se de Sua Excelência… Não lhe parece, Várienhka?

Entretanto, ainda não me sinto completamente refeito de todos estes acontecimentos. Tem lenha para o fogo, minha filha? Veja se não se resfria, como acontece tantas vezes. Peço a Deus, minha filha, que olhe por você e a proteja. Tem meias de lã e todos esses agasalhos que são precisos durante o inverno? Tenha cautela, minha filha! Se alguma dessas coisas lhe fizer falta, não ofenda este pobre velho, valha-se de mim imediatamente. Terminou o mau tempo e a vida mostra-se radiante e bela!

Foram realmente muito tristes aqueles tempos, Várienhka! Mas para que falar deles, visto que vão longe…

Quando acabar o ano, poderemos recordá-los, com um sorriso. Tal como hoje recordamos a nossa infância. O que eu sofri, nessa idade! Às vezes chegava a não ter um só copeque no bolso. Passava fome e frio, e no entanto estava sempre contente!

Logo de manhã saía até a Niévski, encontrava uma cara bonita… e pronto, meus desgostos acabavam pelo resto do dia. Belos tempos, maravilhosos tempos, apesar de tudo, minha filha! É bom viver neste mundo, Várienhka! E melhor ainda em Petersburgo. Ontem fiz ato de contrição diante de Deus, com as lágrimas nos olhos, para que me perdoe todos os pecados que pratiquei nessa época lamentável e que se resumem em pensamentos avançados, boemia e jogatina. Também me lembrei de você, comovidamente, nas minhas recordações. A menina foi o meu único consolo e o meu único amparo, a única criatura que me dirigiu palavras de encorajamento, ajudando-me a vencer todas as minhas dificuldades. Nunca o esquecerei, minha filha! Hoje beijei as suas cartas uma por uma, minha pomba, meu anjo! Mas… bem, adeus!

Ouvi dizer que aqui perto há uma pessoa que vende uma farda. E que quero alindar-me também no exterior. Adeus, meu anjo, desejo-lhe muita saúde e até a vista.

Seu devotadíssimo,

MAKAR DIÉVUCHKIN

15 de setembro.

Meu querido Makar Alieksiéievitch:

Estou num estado de excitação extraordinário! Ora veja o que me acontece. O coração adivinha-me qualquer coisa… Avalie por si mesmo, meu querido amigo: o senhor Búkov está em Petersburgo!

Fiódora encontrou-o. Ele passou junto dela numa carruagem, reconheceu-a, mandou parar, dirigiu-se a ela e perguntou onde mora. Evidentemente que Fiódora não disse. Então, sorridente, continuou que já sabia com quem ela vivia. (Pelo visto Anna Fiódora deve ter-lhe contado tudo.) Ao ouvir aquilo, Fiódora ficou furiosa e pôs-se a fazer-lhe acusações em plena rua, chamando-lhe desonesto e dizendo-lhe que ele era o único culpado de toda a minha infelicidade. Ao que ele respondeu que quando se não possui nem um copeque por força que se há de ser infeliz.

Fiódora diz que lhe explicou que eu ganho muito bem a minha vida com o meu trabalho; que posso casar-me, ou, em último lugar, procurar uma colocação; mas que a felicidade, essa, que a perdi para sempre; que estou muito doente e talvez pouco falte para morrer.

Ao que ele respondeu que eu ainda sou muito nova, que ainda não sei o que quero e que as minhas boas qualidades me tinham toldado um pouco o próprio juízo (foi isso mesmo o que ele disse).

Fiódora e eu julgávamos que ele não sabia onde nós vivíamos e eis senão quando, imediatamente ontem… mal eu tinha saído para comprar umas miudezas no Gostíni Dvor, zás! logo ele se apresenta aqui em casa. Pelo visto não queria encontrar-se comigo! Começou a fazer uma infinidade de perguntas a Fiódora, relativas ao nosso gênero de vida, e observou tudo com muita atenção, mesmo os meus trabalhos.

E depois, de repente, perguntou:

— E quem vem a ser esse tal empregado, que é vosso amigo?

Precisamente nesse momento, o senhor atravessava o portal e Fiódora então apontou-lho; ele assomou à janela e pôs-se a rir. Quando Fiódora o intimou a sair, pois eu andava muito adoentada devido aos meus desgostos e não me seria nada agradável encontrá-lo em casa quando regressasse, ele não disse nada, permaneceu um instante em silêncio mas declarou depois que tinha ido até lá só por ir, porque não tinha nada que fazer, e finalmente insistiu em oferecer vinte e cinco rublos a Fiódora, que ela, naturalmente, não aceitou.

Que significará tudo isto? Por que e para que terá ele vindo a nossa casa? Não consigo explicar como é que pode saber a nossa morada. Perco-me em mil suposições. Fiódora diz que Aksinia, sua cunhada, que nos visita de quando em quando, é muito amiga de Nastácia, a nossa lavadeira, a qual por sua vez tem um primo colocado na mesma repartição em que está um dos mais íntimos amigos do sobrinho de Anna Fiódorovna. Não teriam os boatos chegado até ele por estes caminhos? Nós duas sabemos o que pensar. Será que ele vai voltar aqui outra vez? Só essa ideia me revolta! Quando ontem Fiódora me contou o que tinha acontecido, fiquei tão assustada que

quase desmaiei… de angústia. Que quererá de mim esse homem? E eu que não quero saber dessa gente para nada! Em que lhes posso eu interessar? Ah, se soubesse o terror em que eu vivo! A todo o momento se me afigura que Búkov vai surgir à minha frente. Que vai ser de mim? O que me espera? Por amor de Deus, venha depressa, Makar Alieksiéievitch! Peço-lhe, venha!

18 de setembro.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

Hoje aconteceu aqui em casa uma coisa muito triste, inexplicável e absolutamente inesperada. Vou contar-lhe tudo ordenadamente.

Em primeiro lugar direi que o pobre do Gorchkov foi enfim declarado inocente no tal processo. Havia já algum tempo que se dizia isso, mas até hoje a sentença não tinha sido ainda confirmada. O assunto acabou portanto de maneira muito favorável para ele. Todas aquelas coisas de que o acusavam… descuido, negligência etc. etc. ficaram sem fundamento. O Tribunal reconheceu a sua honestidade integral e condenou o comerciante a pagar a Gorchkov aquela importante quantia de que lhe falei, de maneira que de um momento para o outro o homem melhorou a sua vida, visto que o comerciante será obrigado a entregar o dinheiro por via judicial. Mas o mais importante ainda é a pobre criatura ver-se livre daquela mancha na sua honra! Em suma: estavam realizados todos os seus desejos.

Foi aí pelas três horas da tarde que ele chegou em casa. Até era difícil reconhecê-lo. Trazia o rosto branco como a cal da parede. Os lábios tremiam-lhe e ao mesmo tempo sorria… e depois, pôs-se a abraçar a mulher e os filhos. Todos nós, num grupo compacto, nos dirigimos a ele para felicitá-lo. Creio que a nossa atitude o comoveu muito pois não se cansava de nos agradecer e apertou-nos a mão várias vezes. Até parecia que tinha crescido, pelo menos estava mais direito do que de costume! E os olhos também já não lhe lacrimejavam e, pelo contrário, resplandeciam até! Como estava comovido, o pobre homem! Não parava nem dois minutos no mesmo lugar; se pegava em qualquer coisa, largava-a logo em seguida; tão depressa se apoiava no espaldar da cadeira, sorria e agradecia, como

se sentava e voltava a levantar-se e a sentar-se outra vez e murmurar não sei o quê. Em certo momento disse? “A minha honra, sim, a minha honra, uma boa reputação… já posso legá-las aos meus filhos…” E de que maneira dizia ele essas palavras! Tinha os olhos cheios de lágrimas e pouco faltava para que todos nós chorássemos também. Rotasiéiev ainda quis dissimular, mas acabou por dizer:

— Ora, ora, a honra! Que importa a honra, criatura, quando não temos que comer? Dinheiro, meu amigo, dinheiro, isso é que é o principal! Pelo dinheiro, por ele é que deve dar graças a Deus! E deu-lhe uma palmadinha no ombro.

A mim quis-me parecer que Gorchkov ficou um tanto ofendido com aquelas palavras. Não que ele tenha mostrado cara de ofendido, mas olhou de maneira particular para Rotasiéiev, e por única aposta afastou do seu ombro a mão do literato. Antes não tivesse feito isso, minha filha. Acontece que nem todos os feitios são iguais. Eu, por exemplo, no meio da minha alegria, teria ficado também muito orgulhoso. Às vezes, minha querida, uma pessoa diz coisas absolutamente desnecessárias, diz sem motivo algum, simplesmente um excesso de ternura ou por uma efusão de simpatia… E isso não me diz respeito…

— Sim — disse Gorchkov depois de uma pausa — o dinheiro também calha bem… Graças a Deus… Graças a Deus…

E repetiu várias vezes para consigo próprio:

— Graças a Deus… Graças a Deus…

A mulher serviu-lhe uma refeição mais abundante e melhor do que a de costume. E foi a própria senhoria quem a preparou. Temos que reconhecer que a senhoria, no fundo, é boa pessoa. Até a hora da refeição, Gorchokov não pôde ficar sentado nem um momento. Dava voltas e mais voltas pela casa, de cá para lá, aproximando-se de nós como se o tivéssemos chamado. Aproximava-se simplesmente, sorrindo à sua maneira; sentava-se numa cadeira, dizia qualquer coisa, ou então não dizia nada… e depois ia-se de novo. No quarto do marinheiro, onde estavam jogando nessa ocasião, pegou nas cartas e os outros deixaram-no entrar no jogo. E ali esteve a jogar, mas de uma

maneira que a todos admirava; mas por fim, depois de três ou quatro jogadas, abandonou também as cartas.

— Não, eu só tenho isto — digam o que quiserem — eu só tenho isto…

E saiu do quarto.

Encontrei-me com ele no corredor. Tomou-me as duas mãos e fitou-me por muito tempo nos olhos, de modo especial. Apertou-me as mãos e afastou-se, sem deixar de sorrir, com aquele sorrisinho estranho, impassível e deprimente como o sorriso dum louco.

A mulher chorava de alegria. O dia de hoje foi uma autêntica festa para eles. Logo que a refeição acabou, disse para a mulher:

— Onde está Piétienhka? O nosso Piétia — perguntou —, o nosso Piétienhka…

A mulher persignou-se e respondeu-lhe que Piétienhka já tinha morrido…

— É verdade, eu sei, Piétienhka está no céu!

A mulher reparou que ele não estava exatamente como de costume; que os acontecimentos daquele dia lhe tinham feito uma grande impressão, e por isso aconselhou-lhe a que se esforçasse por dormir e descansar.

— Está bem… Vou ver se consigo dormir um pouco…

E enquanto dizia isto, estendeu-se ao comprido, esteve assim um momento e fez um gesto como de quem queria dizer qualquer coisa. A mulher perguntou-lhe:

— Que queres, homem?

Mas ele já não lhe respondeu. “Naturalmente adormeceu”, pensou a mulher, e saiu do quarto para falar à senhoria. Ao fim de uma hora voltou ao quarto. O marido ainda não tinha acordado e continuava a dormir a sono solto, sem se mexer. Ela então lhe disse: “Dorme,

dorme, que é para arranjares forças para trabalhar”.

Diz ela agora que esteve sentada à cabeceira do marido por mais de meia hora, mas que no entanto não pode precisar aquilo em que pensava, apesar de estar abismada em vários pensamentos; diz que se tinha alheado completamente da presença do marido; entretanto voltou a si, despertada da sua meditação por um indefinido desassossego, e que então ficou surpreendida pelo silêncio sepulcral que reinava em todo o quarto.

Olhou para a cama e verificou que o marido continuava deitado como há hora e meia. Então aproximou-se e tocou-lhe… Encontrou-o frio, porque estava morto, minha filha. Gorchkov tinha morrido de repente, como que fulminado por um raio! Só Deus sabe qual foi a causa da sua morte!

Este acontecimento impressionou-me tanto, Várienhka, que ainda não estou completamente em mim. Não quero acreditar que um homem possa morrer assim… de uma maneira tão simples! Pobre Gorchkov! Por que havia de morrer hoje, hoje que era para ele um dia de alegria? É o destino, o destino! A mulher está quase destruída em lágrimas, completamente transtornada por causa deste choque! Quanto à pequenina, encolheu-se num canto, muito assustada. No quarto dele há agora uma azáfama constante. É preciso fazer uma inspeção facultativa, não sei bem se é assim que se diz… Que tristeza, minha filha, que tristeza! Custa muito pensar que de um momento para o outro uma pessoa pode morrer, e pronto tudo se acabou…

Seu,

MAKAR DIÉVUCHKIN

19 de setembro.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

Apresso-me a comunicar-lhe que Rotasiéiev me arranjou trabalho, trabalho dum escritor… Hoje veio alguém visitá-lo e trouxe-lhe um manuscrito enorme… Muito trabalhinho, graças a Deus. O pior é que as folhas estão escritas de maneira tão ilegível, que nem sei como hei

de decifrar a letra e, além disso, quer tudo pronto com a máxima rapidez. E ainda por cima, trata-se de coisas muito difíceis, custosas de perceber. Quanto ao preço, chegamos já a um acordo: quarenta copeques por folha. Digo-lhe isto, minha filha, para que saiba que agora já conto com um extraordinário, além do ordenado.

Fique com Deus, meu anjo. Vou já pôr-me a trabalhar.

Seu fiel,

MAKAR DIÉVUCHKIN

23 de setembro.

Meu fiel amigo Makar Alieksiéievitch:

Há já três dias que não lhe escrevo, meu amigo, e no entanto não me têm faltado preocupações nem inquietações em todo este tempo.

Há três dias também, Búkov esteve aqui. Eu estava sozinha, pois Fiódora tinha saído.

Abri-lhe a porta mas fiquei tão assustada quando o vi que mal podia mexer-me do lugar em que estava. Parecia-me que ia desmaiar. Ele entrou, sorridente, como é seu costume; sem mais palavras pegou numa cadeira e sentou-se. Eu levei ainda uns instantes para recuperar a serenidade. Por fim tornei a sentar-me perto da janela a trabalhar. Quanto a ele, deixou imediatamente de rir-se. Pelo visto ficou admirado da minha cara. Tenho piorado muito nos últimos tempos: tenho as faces e os olhos encovados, e além disso estava pálida como uma morta… Sim, devo fazer pena àqueles que me conheceram há um ano…

Ele esteve a obsevar-me durante um certo tempo, com muita atenção; até que por fim o seu rosto pareceu alegrar-se. Disse qualquer coisa… à qual eu respondi já nem me lembro o quê… Então ele voltou às suas risadas. Esteve aqui durante uma hora aborrecendo-me com perguntas e tagarelando com toda a desenvoltura. Finalmente, antes de ir-se embora pegou-me na mão e disse-me (reproduzo textualmente as suas palavras):

— Varvara Alieksiéievna, vou dizer-lhe uma coisa em particular: Anna Fiódorovna, sua parenta e minha antiga amiga, é uma mulher ordinária. (Deu-lhe mesmo um nome muito pouco decente.) Já afastou a sua prima do caminho honrado e quis também conduzir você mesma à perdição. É verdade que eu também me portei nessa altura como um infame; mas, enfim, não percamos tempo em falar de coisas inúteis, visto que estas são o pão nosso de cada dia, coisas próprias desta vida…

E tornou a rir bem alto. Depois disse que não tinha nada de um orador brilhante, que a única coisa que tinha para dizer era aquilo que a sua dignidade lhe ordenava que não deixasse de dizer, o que já tinha feito; e que, portanto, apenas iria explicar o resto em duas palavras. E assim fez: explicou-me que vinha pedir a minha mão, que considerava seu dever restituir-me a honra, que é rico, e que depois do casamento me levaria consigo para as suas propriedades na estepe. Que pensa dedicar-se à caça das lebres e que era sua intenção não voltar mais a Petersburgo, pois lhe repugna a vida nas grandes capitais. Além do que, tem aqui um sobrinho que lhe não dá quaisquer esperanças, e que resolveu deserdar aquele malandrim. E por isso decidiu casar-se e deixar herdeiros diretos. A seguir demorou-se em considerações sobre este quarto que habito com Fiódora: disse que não tinha nada de extraordinário que eu estivesse doente, uma vez que vivia num cubículo destes, e profetizou-me uma morte próxima se eu teimar em continuar a viver aqui. “Não há uma casa que preste, em Petersburgo”, disse ele; depois perguntou-me se eu não precisava de qualquer coisa.

Eu estava tão perturbada pela sua proposta que, de repente… sem saber por que… desatei a chorar. Ele atribuiu as minhas lágrimas à gratidão e pôs-se a dizer que havia já muito tempo estava convencido de que eu era uma boa moça, culta e sensível; e que não se tinha decidido até então a fazer-me aquela proposta porque achara necessário informar-se previamente da minha maneira de viver. Acrescentou que o senhor era um homem de bem e que ele não queria ficar a dever-lhe nada… Perguntou se o senhor se daria por pago de tudo quanto gastou comigo com um total de quinhentos rublos… Quando eu lhe respondi que o senhor tinha feito por mim coisas que

não se pagam com dinheiro, respondeu-me que isso era absurdo, que essas coisas ficam bem só nos romances, que eu ainda sou muito nova e que encaro a vida só através dos livros; que os romances só servem para enfiar ideias extravagantes na cabeça das mocinhas e que, em geral, segundo seu modo de pensar, os livros só servem para corromper os costumes e por isso é que ele não os suporta. Aconselhou-me a que esperasse até chegar à idade dele para poder ter opiniões sobre as pessoas: "Só nessa altura — disse — poderá dizer que as conhece".

Incitou-me a que meditasse sobre a sua proposta e a pesar maduramente todas as razões, pois julgava necessário que eu, antes de dar semelhante passo, refletisse bem; e acrescentou que as resoluções precipitadas ocasionam às vezes a infelicidade das jovens inexperientes; mas que o seu maior desejo era obter de mim uma resposta afirmativa, pois que, em caso de negativa, se via obrigado a casar-se com a filha dum certo comerciane de Moscou, uma vez que tinha jurado por todos os santos que não deixaria os seus bens àquele sobrinho inútil. Por fim, levantou-se e colocou quinhentos rublos sobre o meu bastidor, "para os meus alfinetes", segundo disse, e quase à força impediu-me de me levantar do meu assento. Para terminar, disse-me que nas suas propriedades, no campo, eu iria ficar gorda e saudável e que poderia dormir à minha vontade.

Parece que tem aqui muitos assuntos para tratar e que os seus negócios o ocupam todo o dia quase por completo. E por isso viera visitar-nos apenas por uns minutos… E, dizendo isto, foi-se embora…

Tenho pensado muito sobre o assunto, revirei o problema por todos os lados e, por último, meu amigo, tomei já uma resolução: sim, caso-me com ele, é aceitável a sua proposta. Se há alguém que possa salvar-me da minha vergonha, restituir-me a honra e manter-me no futuro a bom recato da pobreza e da desdita é ele, unicamente ele. Que mais devo eu esperar do futuro ou pedir aos fados? Fiódora diz que não devemos fazer negaças à sorte; mas pergunta a soluçar, se a isto se pode chamar sorte. Eu também não vejo outra solução para mim, meu amigo. Que hei de fazer? Com o trabalho acabei por perder a saúde. Trabalhar sem descanso… é coisa superior às minhas forças. Servir a estranhos? Morreria de desgosto e também não agradaria a

nenhuns patrões. Sou doente por natureza e portanto seria apenas um fardo para esses estranhos. É claro que não é um paraíso, esse lugar para onde vou agora. Mas que havia de fazer, meu amigo, que havia de fazer?

Não lhe pedi conselho porque queria pensar em tudo sozinha. A minha resolução, que acabo de comunicar-lhe, mantém-se firme e vou já escrever a Búkov, que aguarda impaciente a minha resposta — a participar-lhe que aceito. Ele me disse que os seus negócios mal lhe deixavam algum tempo livre, que tinha de partir e que por estas ninharias não podia adiar a sua viagem. Somente Deus, em seu sagrado e imperscrutável poder sobre o meu destino, sabe se eu vou ou não ser feliz; mas a minha resolução já está tomada. Dizem que Búkov é boa pessoa; se assim é, pode acontecer que venha a ter-me afeição e que eu também a venha a ter por ele. Que mais se pode desejar da nossa união?

Digo-lhe isto tudo, Makar Alieksiéievitch, porque sei que é capaz de compreender a minha dor. Não pretenda dissuadir-me do meu propósito. Os seus esforços não dariam qualquer resultado. Pese bem no seu coração todas as razões que me levaram a dar este passo. A princípio custou-me muito, mas agora já estou mais tranquila. O que me espera… não sei. O que tiver que ser será, segundo Deus o tenha disposto…

Búkov chegou agora mesmo e já não tenho tempo de terminar esta carta. Tinha ainda muitas coisas para dizer-lhe mas… Búkov já está aqui.

23 de setembro.

Varvara Alieksiéievna, minha filha:

Apresso-me a responder-lhe. Sim, minha filhinha, apresso-me a explicar-lhe que… mal consigo sair do meu espanto. Tudo isto, parece-me, vai ser agora muito diferente… Ontem fomos ao enterro de Gorchkov. Sim, esta é a verdade, a pura verdade; Búkov portou-se de maneira muito digna, mas diga-me uma coisa apenas, minha filha: já lhe disse que sim? É provável que em tudo isto se manifeste a vontade

de Deus. A providência divina, ainda que inescrutável, não tem outro objetivo senão a felicidade das criaturas e o destino não faz mais do que executar a vontade de Deus.

Fiódora também toma parte nos seus sentimentos. Claro. Quer dizer que agora vai ser feliz, viver na riqueza e na abundância? Minha pomba, minha estrela! Não me canso de chamar por você, meu anjo… Mas diga-me uma coisa, Várienhka, só uma: por que há de ser isso assim já tão breve? Ah, sim, os negócios! O senhor Búkov tem os seus negócios… Naturalmente… Quem é que não tem negócios? Também ele pode tê-los. Tive oportunidade de vê-lo, quando ele saía de sua casa. É um homem imponente, talvez até excessivamente imponente, quero dizer, de uma presença que se impõe, que tem um aspecto imponentíssimo. No entanto… não, não é disso que se trata. Eu, veja lá, eu já nem sou o mesmo. Como nos poderemos corresponder no futuro? E eu… sim, eu… Como hei de poder viver aqui tão só? Eu, repare bem, minha querida, como me recomendava, avalio tudo no meu coração; quero dizer, peso todas as razões etc. Já tinha copiado quase vinte folhas, quando surge de repente esse acontecimento. Filha, minha filhinha! Se se vai embora, com certeza que há de ter de comprar uma quantidade de coisas, vários pares de sapatos e vários vestidos, não é verdade? Pois muito bem, já me veio à ideia de que conheço um ótimo armazém na Gorókhovaia… Lembra-se da descrição que eu lhe fiz dessa rua?… Mas, não. Que estou eu a dizer? O que pensará a menina, que coisas lhe virão ao pensamento? Não; a menina não deve, é completamente impossível; não pode pôr-se a caminho assim, sem mais nem menos. Há de ter que fazer muitas compras e que alugar um coche. Além disso, agora tem feito um tempo tão mau! Bem vê que continua a chover a cântaros, sem um momento de descanso, e, além disso… o frio não tarda, anjo da minha alma, e pode apanhar um resfriado. Dizia a menina que tem medo das pessoas estranhas e dispõe-se agora a viajar com esse senhor desconhecido! Como é possível que tenha a coragem de me deixar aqui sozinho! Fiódora diz que a menina vai ter um ótimo futuro… Mas essa Fiódora é uma desalmada e o que ela quer é tirar-me o último bem que me resta…

Vai hoje à igreja, à missa da tarde? Eu tenciono ir, minha filha,

com a ideia de vê-la por uns momentos.

Realmente é verdade, minha filha, que você é uma boa menina, culta e sensível, mas olhe… o melhor seria que esse sujeito casasse com a tal filha do comerciante. Não acha, minha querida? Que se case com a tal moça de Moscou! Logo que escureça, Várienhka, estarei aí para a ver… Agora escurece muito cedo, e portanto, daqui a pouco estou aí. Dentro de uma hora, sem falta! Neste momento Búkov está em sua casa, bem o sei; mas logo que ele saia… Espere-me, que eu não tardo…

MAKAR DIÉVUCHKIN

27 de setembro.

Querido Makar Alieksiéievitch:

O senhor Búkov diz que devo levar para a minha futura morada umas três dúzias de roupas brancas de Holanda. Por isso preciso de arranjar o mais depressa possível algumas costureiras que me façam pelo menos duas dúzias, pois o tempo voa. O senhor Búkov lamenta-se por não se ter lembrado das atrapalhações que causam sempre os preparativos dos *toilettes*…

O casamento realiza-se daqui a cinco dias e no outro partimos logo. O senhor Búkov está apressadíssimo e diz que não se deve perder muito tempo com estas frioleiras. Eu estou tão cansada de toda esta azáfama que mal posso manter-me de pé. Ainda tenho de dar andamento a uma montanha de trabalhos, e no entanto, penso que talvez seria preferível que não fossem necessárias tantas coisas. E ainda não é tudo: não temos rendas suficientes, é preciso comprar mais algumas, pois o senhor Búkov diz que não quer que a sua mulher vá vestida como uma cozinheira e que é preciso que eu “meta num chinelo as mulheres de todos os proprietários vizinhos” — foram as suas próprias palavras.

De maneira que, querido Makar Alieksiéievitch, preciso que vá a casa de *madame* Chiffon (já sabe, é na Gorókhovaia) e lhe diga que me envie o mais rapidamente possível algumas costureiras. Isto é a

primeira coisa. Em segundo lugar, gostaria que se despachasse desta minha incumbência com a maior brevidade, e para isso pegue um coche. Eu estou maluca de todo. No nosso andar faz tanto frio e tudo está aqui numa total desordem que dá até medo. A tia do senhor Búkov, que é já muito velha e achacada, mal pode respirar. Oxalá não vá ela exalar o último suspiro antes de começarmos a nossa viagem de núpcias! Mas o senhor Búkov assegura que isso não é de temer, que ela há de restabelecer-se a tempo. Aqui em casa anda tudo num reboliço. Como o senhor Búkov não vive aqui, as criadas andam de um lado para o outro e fazem as coisas como muito bem lhes parece. Às vezes apenas contamos com Fiódora para o nosso serviço. O secretário do senhor Búkov, que é quem devia vigiar aqui a criadagem, já faz três dias que não aparece. O senhor Búkov vem todos os dias de carruagem e fica então muito zangado… Ontem bateu no criado e por isso até já teve umas questiúnculas com a polícia… Neste momento nem sequer tenho aqui uma pessoa para lhe enviar esta carta. Por isso vou eu própria levá-la no correio. Ai, que já me esquecia do mais importante! Diga a *madame* Chiffon que mude as aplicações de renda e que procure outras novas que combinem com a amostra que ontem escolhi, e venha depois encontrar comigo para me mostrar as que arranjou. E diga-lhe também que as iniciais dos lenços são a cheio e não singelas… Compreende? A cheio! Não se esqueça: a cheio! Ai, e ainda me esquecia de outra coisa! Diga-lhe ainda que as folhinhas do cabeção devem ser muito bem costuradas, as hastezinhas e as espigas em trancelim, e que na gargantilha deve por uma aplicação de renda ou um babado largo. Explique-lhe tudo muito bem, Makar Alieksiéievitch!

Sua,

V. D.

P.S. — Tenho vergonha de voltar a incomodá-lo com as minhas incumbências. Ainda antes de ontem o obriguei a andar numa correria daqui para ali, durante toda a tarde. Mas vou fazer o quê? Aqui em casa não há nem uma amostra de ordem e eu até me sinto doente. Por isso, não se aborreça comigo Makar Alieksiéievitch! Se visse como isto tudo me aflije! Que vai ser do senhor, meu amigo, meu bom e querido

amigo, Makar Alieksiéievitch? Tenho medo de pensar no futuro. Assaltam-me mil pressentimentos funestos e sinto a cabeça atordoada.

P.S. — Pelo amor de Deus, não se esqueça daquilo que lhe recomendo para *madame* Chifon. Tenho medo que façam tudo ao contrário. Por isso fixe bem: a cheio e não bordado singelo!

V. D.

27 de setembro.

Minha querida Varvara Alieksiéievna:

Cumpri rigorosamente as suas indicações. *Madame* Chiffon disse que já tinha pensado em bordar as letras a cheio porque é mais distinto ou… Não sei se foi exatamente isto o que ela disse, pois não compreendi bem, mas deve ter sido qualquer coisa no gênero.

Falou-me num babado; pois também ela me falou dele. Mas infelizmente esqueci por completo o que me disse acerca do tal babado. Só me lembro de que ela me disse muitas coisas sobre ele. Que mulher mais estúpida! Mas o que é que ela me disse? Enfim, ela mesma vai lhe dizer ainda hoje. Eu estou, minha filha, eu estou completamente fora de mim. Esta manhã nem fui à repartição. Não se preocupe, não foi por nada de grave. Contanto que consiga a sua satisfação e o seu sossego, estou na disposição de percorrer todas as lojas de Petersburgo.

Diz-me que tem medo de encarar o futuro ou pensar nele.

Pois hoje, às sete horas, já vai desfazer as suas dúvidas. *Madame* Chiffon irá visitá-la pessoalmente… Portanto, tenha paciência. Pense que talvez tudo acabe bem. Esse tal babado é que não me sai da cabeça e meus ouvidos zumbem… O babado, o babado, o babado!

Dentro de um momento irei vê-la, meu anjo. Tenho de decifrar sem falta um período com a sua ajuda; já por duas vezes me aproximei da sua porta, mas Búkov, isto é, o senhor Búkov, tem muito mau gênio e talvez não achasse muita graça… Não é verdade?

Seu,

MAKAR DIÉVUCHKIN

28 de setembro.

Meu querido Makar Alieksiéievitch:

Por amor de Deus, vá depressa à joalheria. Diga ao dono que não faça mais os brincos com pérolas e esmeraldas. O senhor Búkov diz que são muito caros e que dariam um grande rombo no seu bolso. Ele está muito aborrecido. Diz que eu já lhe estou custando os olhos da cara e que nós estamos a depená-lo. E ontem disse mesmo que se tivesse podido calcular todas estas despesas, não teria precipitado tanto as coisas. Disse que temos de começar a viagem imediatamente depois do casamento e que eu não devo ter ilusões: que na boda não haverá convidados, nem baile, que as festas serão celebradas no campo, mas que não imagine eu que vou poder dançar em seguida! Disse assim mesmo, tal e qual! Sabe Deus até que ponto eu penso nestas coisas! O senhor Búkov é quem resolve tudo. Eu não me atrevo a contradizê-lo em nada: tem um gênio irascível! Que vai ser de mim, meu Deus?

V. D.

28 de setembro.

Minha querida Varvara Alieksiéievna, eu, quero dizer, o joalheiro disse que… está bem. Eu, pelo meu lado, queria apenas dizer-lhe que me sinto mal, que nem me aguento de pé. Exatamente agora que há tantas coisas para fazer e que a menina tem tanta necessidade do meu auxílio, é que havia de apanhar este resfriado. Não é um absurdo? Quero também participar-lhe que, para cúmulo da infelicidade, Sua Excelência resolveu ficar hoje de mau humor; zangou-se com Emiélia Ivânovitch, ralhou muito com ele, tanto, que o pobrezinho até parecia mais morto do que vivo. Tudo isto me impressionou muito.

Queria escrever-lhe mais; temo, porém, roubar-lhe um tempo que pode dedicar a outras coisas. Eu, minha filha, sou um homem sem

instrução, um ignorante, que escrevo desajeitadamente, tal como as coisas me vêm à cabeça, de maneira que a menina, às vezes, pode achar que… Verdadeiramente nem sei o que quero dizer… Ah, sim, ainda temos que falar!

Seu,

MAKAR ALIEKSIÉIEVITCH

28 de setembro.

Varvara Alieksiéievna, minha adorada: hoje vi Fiódora e estive falando com ela. Disse-me que o seu casamento é amanhã, que no dia seguinte partirá logo, e que o senhor Búkov até já encomendou os cavalos.

Ontem falei-lhe de Sua Excelência, minha filha. Muito bem: já verifiquei as contas de *madame* Chiffon, está tudo certo, simplesmente é tudo muito caro. Mas por que se zanga o senhor Búkov com a menina? Bem, que seja muito feliz. Fico muito contente com a sua felicidade, sim, sempre me dará alegria a sua felicidade, minha filha.

Gostaria muito de ir amanhã à igreja, mas não posso, minha filha, isso seria superior às minhas forças.

Mas… o que havemos de fazer quanto às nossas cartas? Insisto outra vez sobre esse assunto… Como havemos de continuar a escrever, quem há de encarregar-se de entregá-las, meu Deus?

Sim; era sobre isso que eu queria falar: a menina conduziu-se de maneira admirável com Fiódora! Praticou assim uma bela ação, digna de si. O Senhor abençoa-nos em cada boa ação que praticamos. Nada fica sem recompensa e a virtude há de sempre receber o galardão de Deus.

Filha, minha filha! Tinha tantas coisas para lhe dizer! Por minha vontade escreveria a todas as horas, em todos os minutos… Ainda tenho aqui um livrinho que lhe pertence, os *Contos de Biélkin*, que me esqueci de lhe entregar. Mas ouça, minha filha, deixe-me ficar com este livro como um presente, minha querida! Não é que eu tenha gosto

em ler outra vez essas histórias, mas é que, minha filha, bem sabe que o inverno não tarda e as noites serão compridas… e então, uma pessoa acaba por ser entristecer… e há e vou gostar muito de ter um livro para ler… Eu, minha filha, vou deixar este quarto e mudar-me para o de vocês, onde Fiódora me dispensará alojamento. Agora já não haverá ninguém que possa separar-me desta boa velhota. Além disso é tão trabalhadora! Ainda ontem fui ver o compartimento que a menina vai deixar. Lá estava ainda o seu bastidor com o trabalho começado; deixamos tudo intacto tal como estava. Também vi os seus bordados. Havia ainda alguns pedacinhos, já cerzidos… E um fio que, via-se mesmo que ia começar a ser enrolado num pedaço duma carta minha… Na sua mesinha encontrei ainda outro pedaço de papel de carta dobrado, o qual a menina tinha escrito: "Meu querido Makar Alieksiéievitch: apresso-me". E nada mais. Parece que tinha começado a escrever essa carta, quando, de repente, alguém veio interrompê-la. No canto, por detrás do biombo, está a sua caminha… Meu anjo! Bem, minha filha, que passe bem, muito bem. Por tudo aquilo que mais deseja, escreva-me qualquer coisa em resposta a esta minha carta, muito depressa!

MAKAR ALIEKSIÉIEVITCH

30 de setembro.

Amigo, querido amigo, Makar Alieksiéievitch: Pronto, a minha sorte está decidida! Não sei o que me reserva o destino, mas a partir deste momento entrego-me nas mãos de Deus. Partimos amanhã.

Pela última vez me despeço do senhor, meu único, meu fiel, querido e bom amigo. É o meu único parente, o único que me ajudou nas minhas dificuldades!

Não se preocupe por minha causa, viva feliz, lembre-se de mim de vez em quando e que Deus o abençoe! Eu hei de pensar muito no senhor e não o esquecerei nas minhas orações. Os bons tempos vão longe! Poucas são as recordações agradáveis que levo do passado para a minha vida futura; e é por isso mesmo que a sua recordação é mais grata para o meu coração. O senhor é o meu único amigo, a única pessoa que nesta terra me guardou afeição. Eu não sou cega, vi muito

bem quanto gostava de mim. O meu riso era o bastante para o fazer feliz e uma linha da minha mão chegava para o reconciliar com tudo e com todos. Agora terá que acostumar-se a passar sem mim. Como vai poder viver aí, tão sozinho? Quem estará ao seu lado, meu bom, inestimável e único amigo?

Dou-lhe o livro, o bastidor e a carta interrompida. Quando ler as linhas começadas, continue a ler, faça de conta que está lendo no meu pensamento tudo aquilo que teria lido ou escutado de mim própria, com muito gosto, tudo o que eu poderia… porque agora não posso escrever-lhe mais! Não se esqueça da sua pobre Várienhka, que sincera e cordialmente o estimou. As suas cartas estão no gavetão da cômoda, Fiódora sabe.

Diz-me que está doente. De boa vontade iria vê-lo, mas o senhor Búkov não me deixa sair hoje. Hei de escrever-lhe ainda, prometo; mas só Deus sabe o que pode acontecer… Por isso vamos nos despedir agora para sempre, meu amiguinho, meu pombinho, como o senhor me chama a mim, meu querido. Para sempre!… Ai, que abraço não lhe daria eu agora! Continue bem, meu amigo; que seja muito feliz, muito, muito, muito! Que tenha boa saúde. Não me esquecerei nunca de rezar pelo senhor. Oh, se soubesse como isto me custa, como tenho a alma dolorida!

O senhor Bukov chama-me.

Da que sempre lhe há de querer,

V.

P.S. — Tenho a alma tão cheia, tão cheia, tão cheia de lágrimas… Ameaçam afogar-me, destroçar-me! Que continue a passar bem, Makar Alieksiéievitch! Adeus! Que tristeza!

Não me esqueça, não esqueça nunca a sua pobre Várienhka.

*

Minha filha, Várienhka, minha pombinha, minha adorada: levam-

na, vai-se. Sim, preferia que me arrancassem o coração do peito do que sofrer um tal roubo. Como pode acontecer uma coisa destas? E como pode a menina consentir? Acabo de receber agora mesmo a sua carta, que em muitas partes está salpicada de lágrimas. Não dizia que gostava de viajar? Terá coragem para dizer que sai daqui à força? E sentirá verdadeiramente pena de mim? Ah, sim? Então é porque me tem uma grande amizade! Como é possível… então… que irá acontecer agora? Com certeza que não poderá resistir… lá longe é tudo muito frio, horrível, frio. A nostalgia há de fazer com que caia doente, as saudades hão de dar conta de você… Vai morrer lá longe, vão enterrá-la na terra úmida e não há de ter ninguém que chore por você… O senhor Búkov continuará indefinidamente a caçar lebres… Ai, minha filha! Mas que resolução foi a que tomou? Como pôde decidir-se por uma coisa semelhante? Que ação praticou contra si própria? Hão de acabar com você, minha filha, acabarão com você pura e simplesmente, minha querida! A menina é uma criancinha, fraca e leve como uma pena! Ai, por onde andava eu? Eu sou um tolo que dormia de olhos abertos! Por que não reparei eu que uma cabecinha de menina devia ter as suas ilusões, por que não calculei eu que ela não devia ter juízo? Eu devia, muito simplesmente… Não! Portei-me como um verdadeiro idiota; nada pensava, nada via, como se o assunto não me dissesse respeito e não me interessasse, e até era capaz nem sei de quê, por causa de um babado, de um simples babado… Não, Várienhka; eu hei de acordar. Pode ser que continue a dormir até amanhã, mas depois, hei de acordar. E então, então irei me jogar debaixo das rodas do coche que a vai levar! Não consentirei que a levem! Sim, o que vem a ser tudo isto? Com que direito acontecem estas coisas? Quero ir com você! Hei de correr na retaguarda do seu coche, visto que não quer levar-me lá dentro, hei de correr, correr até já não poder mais, até que me falte o alento e exale o último suspiro!

Sabe o que a espera nesse lugar para onde a levam? Pois se não sabe pode me perguntar, que eu sei muito bem! Espera-a a planície, a estepe plana, infinita e nua, tão nua como a palma da minha mão! Aí há de ver apenas camponeses brutais, grosseiros, bêbados e ignorantes. Agora mesmo não encontrará ali uma árvore com folhas, lá estará chovendo e fazendo frio… Pois é para aí que a levam… O senhor Búkov, esse já tem com que se entreter: começará logo a caçar

lebres. Mas… a menina? Que vai fazer? Apreciará isso de ser proprietária rural? Minha querida, será verdade que tal situação lhe é tão atrativa que você estava morta por isso?

Como é possível, Várienhka? A quem hei de eu escrever agora? Aí é que está o problema! Medite e pergunte a si própria: a quem é que há de escrever este infeliz? Daqui por diante, a quem hei de chamar "minha filha", a quem poderei dirigir esta doce invocação? Quando tornarei a vê-la, anjo meu? Morrerei, Várienhka! Por certo que morrerei! Não, o meu coração não poderá suportar tamanha infelicidade!

Gostei de você como se gosta da luz do sol, como teria gostado de uma filha, e gostei de tudo o que lhe pertencia, minha pombinha! Vivia só para você… Talvez não possa compreender isto, mas era realmente assim como estou dizendo…

Reconsidere, minha filha, pense bem, minha pombinha, se está certo que me deixe assim… Não, minha filha, não é possível, isso não pode ser! Nem sequer devemos pensar numa coisa dessas! Está chovendo e a menina é tão fraquinha… É claro que vai apanhar um resfriado! O coche em que vai fazer a viagem vai ficar todo molhado, porque um coche não é uma casa… A menina ficará também toda molhada e assim que sair da povoação, uma roda da carruagem pode quebrar ou até pode acontecer que fique toda estraçalhada! Aqui em Petersburgo fazem uns coches tão malfeitos! Eu conheço muito bem todos os fabricantes de coches: fazem-nos muito vistosos, muito bonitos, mas quanto a solidez, nem vou falar nisso! Acredite, juro-lhe: essas carruagens não prestam para nada.

Minha filha, vou me deitar aos pés do senhor Búkov e vou lhe contar tudo, tudo. E a menina também, procure convencê-lo! Vai lhe contar tudo, discretamente, e há de convencê-lo. Diga-lhe muito simplesmente que deseja ficar aqui, que não pode acompanhá-lo na viagem… Ah! Se ele tivesse casado com a filha do comerciante de Moscou! Por que não optou antes por essa solução? Teria sido melhor para todos e mais apropriado para ele, segundo me parece! Assim, a menina teria continuado aqui, a meu lado. Que tem a ver com você esse senhor Búkov? Como é que se enamorou tanto de você, de um

momento para o outro, e lhe tomou tanta amizade? E a menina… talvez tenha ficado tonta com todos esses babados e cacarecos com que ele a presenteou… ou então, por que, afinal? Mas para que servem todos esses babados? Afinal de contas, minha filha, um babado não é mais que um pedaço de pano. O que está em causa, aqui, é a vida dum homem e esses babados todos não passam de trapos… trapos sem importância nenhuma e nada mais. E no fim das contas eu também posso oferecer-lhe babados como esses: basta esperar pelo próximo ordenado, e então, verá, minha filha, como eu também posso comprá-los para você; até já sei onde os vendem e conheço bem a loja; o que é preciso é ter paciência, até ao dia do ordenado, meu anjo, Várienhka!

Meu Deus! Meu Deus! Sempre é verdade que parte para a estepe com o senhor Búkov? Para sempre? Ai, minha filha! Não, tem de voltar a escrever-me, ainda que seja só mais uma vez, a contar-me tudo, e mesmo que já tenha começado a viagem, mesmo assim escreva-me, escreva-me! Porque, senão, esta seria a última carta, e isso não é possível, não é possível que esta seja a última carta! Como, como é que isso poderia ser, assim tão de repente? A última, verdadeiramente a última! Não; hei de ainda escrever-lhe muitas cartas e a menina a mim, também… Sim, agora é que eu começava a saber escrever… Ah, minha filha! Mas por que falo de estilo? Estou a escrever-lhe sem saber verdadeiramente o que digo, porque não o sei… sem rever, sem emendar, nem nada! Escrevo unicamente por escrever, por escrever e nada mais!… Oh! Minha pombinha, minha pequenina, minha filhinha, minha Várienhka!…

**1** Segundo a mitologia grega, *Pégaso* foi o cavalo alado nascido do sangue de Medusa, quando Perseu decepou a cabeça desta Górgona. Com uma patada, Pégaso fez brotar do Hélicon a fonte de Hipocrene, onde os poetas iam beber a inspiração, conduzidos por ele mesmo. Daí a expressão.↩

**2** Porto militar e comercial da Rússia, situado ao fundo do golfo da Finlândia, em frente da embocadura do rio Nievá e a cerca de 30 km de São Petersburgo.↩

**3** Também conhecida como Petroburgo, Petrogrado e por São Petersburgo. Foi fundada pelo imperador Pedro I na embocadura do rio Nievá e elevada à categoria de residência oficial da corte em 1712.↩

**4** Nome dum bairro de São Petersburgo, numa ilha do rio Nievá.↩

**5** Gramático e escritor clássico francês (1727-1794).↩

**6** Professor de língua e literatura russa, autor de muitos trabalhos pedagógicos, e comentários sobre Goethe, Schiller, Shakespeare e Púchkin.↩

**7** Ilha de Basílio. A maior das ilhas do rio Nievá, onde se encontravam a Bolsa e diversas academias culturais e militares.↩

**8** As ruas principais de Vassili Óstrov chamam-se *linhas*.↩

**9** Grande poeta nascido em Moscou em 1799. Morto em Petersburgo, em 1837.↩

**10** O maior mercado de Petersburgo. Era uma espécie de galeria abobadada, com as lojas sob as arcadas.↩

**11** Chefe dos cossacos do Don, que atravessou o Ural e conquistou as tribos siberianas chefiadas por Kutchum, cuja filha, Zuleika, aceitou e retribuiu o amor do cossaco. Isto ocorreu no tempo do primeiro czar, Ivan IV, chamado Ivan, o Terrível (1533-84).↩

**12** Barriga amarela.↩

**13** Ao tempo, a maior avenida de Petersburgo. Tinha 35m de largura e 4 km de comprimento. Ladeavam-na palácios, igrejas, edifícios administrativos e lojas.↩

**14** Fecundo romancista francês, autor de histórias chistosas sobre a vida do povo simples (1794-1871).↩

**15** *Os contos do falecido Ivan Pietróvitch Biélkin*, célebre coleção de novelas de Púchkin.↩

**16** No original, algumas cartas não têm data nem assinaturas.↩

**17** Rio que nasce na Prússia e atravessa Petersburgo. É uma grande via de acesso do comércio marítimo para a Rússia.↩

**18** Poema de Schiller, baseado numa lenda. Dizia-se que Íbico, trovador grego, fora assassinado perto de Corinto, sendo o crime denunciado por um bando de grous que no momento passava pelo local e despertou a atenção dos gregos que iam aos jogos naquela cidade.↩

**19** Personagem de *O inspetor*, comédia satírica de Gógol.↩

**20** Célebre romance do escritor russo Gógol.↩

**21** Neste passo deverá o leitor lembrar-se que Varvara Alieksiéievna enviou a Makar Alieksiéievitch o livro *O capote*, da autoria de Gógol. Nesta obra o herói é também um empregado de pequena categoria, uma figura simpática, humilde e comovedora, mas grotesca. Ora, Makar, ao ler esse livro, viu-se por assim dizer retratado nele e chegou a pensar que Gógol teria se inspirado na sua própria figura. Daí as censuras que nesta carta dirige à jovem.↩

**22** Nome dum dos chefes da personagem principal de *O capote*.↩

**23** Bairro fabril à margem direita do Nievá, em Petersburgo.↩

**24** Grande canal que atravessa a parte central de Petersburgo.↩

**25** Rua das Ervilhas, uma das mais importantes de Petersburgo.↩

**26** Diminutivo depreciativo de Ivan. No caso, figura dos contos populares russos: personagem cheia de manhas, que consegue sempre os fins que deseja.↩

# O duplo

# O duplo
# (1845-46)

## Capítulo primeiro

Por volta das oito da manhã, Iákov Pietróvitch Goliádkin, funcionário numa repartição pública, acordou. Tinha dormido durante muito tempo. Abriu a boca, espreguiçou-se, e finalmente acabou por abrir os olhos. Durante dois minutos continuou deitado sem fazer um movimento, como alguém que não sabe bem se ainda dorme ou se já está acordado, se já está rodeado do mundo real ou se continua a sonhar. Em breve, porém, o senhor Goliádkin sentiu claramente que lhe voltavam as impressões habituais. As paredes do pequeno quarto cobertas de pó, de um verde sujo, defumadas, olhavam-no como se fossem uns rostos conhecidos, e o mesmo pareciam fazer a cômoda e as cadeiras de acaju, a mesa, o divã turco vermelho com ramagens esverdeadas e ainda as roupas despidas à pressa na véspera e atiradas ao acaso para cima do divã. Por fim, uma luz cinzenta de outono, triste e sombria, entrou no quarto pela janela embaciada, tão insidiosamente e com um ar tão soturno que Goliádkin deixou de ter dúvidas: não estava efetivamente em nenhum reino fantástico mas em São Petersburgo, na capital, na Rua Chestilavótchnaia, no quarto andar duma grande casa, nos seus próprios aposentos.

Depois desta importantíssima descoberta, o senhor Goliádkin fechou os olhos com força, como se tivesse saudades do seu último sonho e desejasse prolongá-lo um pouco mais. Porém, minutos depois, saltou da cama. Tinha sem dúvida apanhado o fio que ligava os sonhos incoerentes que sonhara.

Mal saiu da cama pegou num pequeno espelho redondo que estava em cima da cômoda. Refletido no espelho, o seu rosto ensolarado, de olhos semicerrados, um tanto gasto, era daqueles que passam despercebidos. Todavia, o senhor Goliádkin estava indubitavelmente muito satisfeito com a imagem que o espelho lhe oferecia.

“Seria bem desagradável — disse baixinho para si próprio — seria bem desagradável, se hoje qualquer coisa corresse mal, se me aparecesse, por exemplo, um furúnculo ou qualquer outra coisa aborrecida. Felizmente, por enquanto tudo está correndo bem, muito bem até…”

Encantado com a ideia de que tudo ia bem, Goliádkin tornou a pôr o espelho no seu lugar e, descalço, com a roupa com que tinha dormido, foi até a janela que dava para o pátio. Contemplou-o muito interessado e, visivelmente satisfeito, sorriu feliz. Então o senhor Goliádkin deu uma olhadela para o quarto do seu criado Pietruchka e viu que este não estava. Então, em pontas de pés voltou para junto da mesa, abriu uma gaveta, meteu a mão até ao cantinho mais escondido, debaixo de uns velhos papéis amarelecidos e sujos, pegou numa carteira verde já usada e abriu-a com cuidado. Entreabrindo a divisão mais secreta, olhou para dentro e pareceu muito feliz. Certamente o maço de notas verdes, cinzentas, azuis, vermelhas e ainda de outras cores também por seu lado encarou o senhor Goliádkin com amabilidade e aprovação. Com o rosto radiante de felicidade, colocou a carteira aberta na sua frente, em cima da mesa, e esfregou as mãos de contente. Tirou dela o simpático maço de notas — era com certeza a centésima vez que o fazia desde a véspera — e pôs-se a contá-las, separando cuidadosamente cada uma delas entre o polegar e o indicador.

— Setecentos e cinquenta rublos em notas… Setecentos e cinquenta rublos! Um bom dinheiro… Um quantia interessante! — continuou com voz trêmula um pouco velada pela alegria…

Balouçava o maço nas mãos e sorria alegremente:

— É um bom dinheiro… é um bom dinheiro para qualquer pessoa… Gostaria muito de encontrar alguém capaz de não ficar contente com semelhante quantia… Uma importância destas pode levar uma pessoa muito longe.

“No entanto — pensou o senhor Goliádkin — onde diabo se meteu Pietruchka?”

Sem mudar de roupa, foi de novo ver o quarto do criado.

Pietruchka continuava ausente. O samovar a um canto, no chão, sozinho, fervia, pulava, ameaçava continuamente extravasar ou desaparecer e murmurava ao senhor Goliádkin com o calor da sua estranha fala: — “Estou pronto, meu amigo, tire-me daqui…”

— Diabos o levem! — disse o senhor Goliádkin pensando no criado. — Este animal, preguiçoso como é, põe uma pessoa fora de si. Onde terá ele ido agora?

Indignado — e com toda a razão — entrou no compartimento vizinho, espécie de pequeno corredor que dava para a entrada. Entreabriu a porta e deu com o criado rodeado de outra criadagem e de espectadores de acaso. Pietruchka falava, os outros escutavam. Teriam sido as palavras de Pietruchka ou esta assembleia imprevista que desagradaram ao senhor Goliádkin? O certo é que ele também chamou Pietruchka não só aborrecido mas muito excitado.

“Este animal, por cinco réis seria capaz de vender a alma do parceiro, sobretudo a do patrão — pensou ele. — Já o fez, tenho a certeza. Apostaria em como me trocou por um copeque.”

— Que aconteceu?

— Já trouxeram a libré, senhor.

— Veste-a e vem cá.

Já com a libré vestida, Pietruchka, com um sorriso mal dissimulado, entrou no quarto do patrão. Tinha um aspecto estranho. A libré era verde já muito gasta, com galões dourados e parecia feita para alguém que tivesse mais setenta centímetros de altura do que Pietruchka. Segurava na mão um chapéu também guarnecido de galões e de plumas verdes e da cinta pendia-lhe uma espada metida numa bainha de couro. Para completar o conjunto, Pietruchka, que primava por ser descuidado, estava descalço.

O senhor Goliádkin examinou Pietruchka por todos os lados e pareceu satisfeito. A libré tinha decerto sido alugada para uma ocasião solene. Pietruchka, durante este exame, observava o patrão atentamente, com uma extraordinária curiosidade e seguindo cada um

dos seus movimentos, o que embaraçava o senhor Goliádkin.

— Então, quando vem o coche?

— O coche já chegou.

— Alugaste-o para todo o dia?

— Sim, senhor, para todo o dia. São vinte e cinco rublos.

— E as botas já vieram?

— Já estão aqui.

— Então vai buscá-las, seu idiota…

O senhor Goliádkin pareceu contente com as botas, achou-as realmente muito bem feitas. Mandou então o criado servir-lhe o chá, preparar-lhe o banho e os objetos de barba. Barbeou-se e lavou-se com todo o esmero, tomou o chá à pressa e começou depois a vestir-se. Primeiro enfiou uma das calças quase novas, depois uma camisa com botões dourados, um colete de florinhas de uma cor clara, bonita, uma gravata de seda furta-cores e, por último, a casaca do seu uniforme, toda flamante, cuidadosamente escovada, com ar de nova.

Enquanto se vestia olhava frequentemente, e com uma espécie de carinho, as botas novas, levantando ora um pé, ora outro, encantado, murmurando entre dentes palavras ininteligíveis, ao mesmo tempo que o seu rosto ia sublinhando os pensamentos com expressões adequadas.

Por fim, o senhor Goliádkin meteu a carteira no bolso, olhou satisfeito para Pietruchka, também calçado e pronto, e concluiu que estava tudo em ordem e nada mais era necessário. Então, com o coração tranquilo, apressou-se a descer as escadas…

A carruagem azul, decorada de estranhos brasões, avançou ruidosamente até a altura do portão… Pietruchka trocou um olhar significativo com o cocheiro e com alguns basbaques que por ali estavam e seguiu até a carruagem, atrás do patrão. Com um tom de voz forçado e procurando reprimir um riso tolo, disse: “Vamos”… e

subiu para a parte de trás do carro, destinada à criadagem… Com um grande barulho de freios estalando e de guizos tilintantes, a carruagem pôs-se a caminho através da Perspectiva Niévski.

Logo que o coche azul atravessou o portão do pátio, o senhor Goliádkin esfregou as mãos com nervosismo e pôs-se a rir para si próprio, como uma pessoa de comportamento brincalhão que conseguiu pregar uma boa partida e se diverte depois com isso.

Mas logo depois deste assomo de alegria, o rosto do senhor Goliádkin tomou um ar preocupado.

Apesar da umidade e do nevoeiro, baixou os vidros e olhou com ar inquieto as pessoas que passavam de um lado e do outro, tomando um aspecto compenetrado e grave quando dava conta de que alguém o observava.

Na esquina da Avenida Litiéinaia[1] para a Perspectiva Niévski, estremeceu e fez uma cara aborrecida, como de alguém a quem tivessem pisado um calo. Instantaneamente e com ar receoso, encafuou-se no lugar mais escondido da carruagem. É que tinha acabado de passar por dois colegas, dois jovens funcionários da repartição em que trabalhava. Por seu lado, eles — o senhor Goliádkin bem o vira — ficaram também muito admirados ao encontrarem o colega em semelhante coche. Um deles havia mesmo apontado o dedo em direção ao senhor Goliádkin. Este convenceu-se também que o outro o chamava em voz alta pelo seu nome. Ora, isto em plena rua era deselegante… O senhor Goliádkin fez de conta que nada viu e não respondeu.

“Imbecis!… — murmurou consigo mesmo — Sim, o que tem isto de extraordinário? Uma pessoa andar de coche… Pode-se ter necessidade de tomar um coche, ora que coisa! São idiotas, coitados. Eu os conheço… Uns fedelhos que estão ainda precisando de umas boas palmadas… Eu devia ter-lhes dado uma lição, mas…”

O senhor Goliádkin não acabou… Estacara petrificado: um coche aberto, puxado por uma bela parelha de cavalos que ele muito bem conhecia, ultrapassou rapidamente o seu pela direita. O homem que ia sentado deu por acaso com os olhos no rosto do senhor Goliádkin que

imprudentemente espreitava pela janela. O outro inclinou-se o quanto pôde, e com um ar admirado e curioso, olhou para o interior do veículo onde o senhor Goliádkin se tinha escondido à pressa. O tal senhor do carro aberto era nem mais nem menos que Andriéi Filípovitch, chefe de departamento na repartição em que o senhor Goliádkin era amanuense. Certo de ter sido reconhecido por Andriéi Filípovitch, que olhava cheio de espanto, não tentou sequer esconder-se, corando até às orelhas.

"Devo cumprimentar ou não? Dou-me a conhecer ou faço de conta que não sou eu? — dialoga consigo próprio o nosso herói, terrivelmente perplexo. — Será melhor fazer de conta que não sou eu mas alguém que se parece muito comigo, e não fazer caso. É isso, não sou eu, é o mais fácil."

Então Goliádkin mostrou-se a Andriéi Filípovitch e olhou-o bem de frente:

"Não, meu caro — murmurou para si. — Não sou eu… Andriéi Filípovitch, estás enganado não sou eu, não senhor…"

Instantes depois, o carro aberto ultrapassou a carruagem e o olhar magnético do chefe desapareceu. Contudo, Goliádkin continuava afogueado e a falar sozinho…

"Foi um disparate não o ter cumprimentado — pensava ele muito atrapalhado. — Devia ter-me mostrado natural, ter tomado o ar superior e desempoeirado, próprio das pessoas duma certa condição… Não tens que admirar-te, Andriéi Filípovitch, fui muito simplesmente convidado para um jantar."

O senhor Goliádkin conclui que acaba de fazer um disparate. Enerva-se, carrega as sobrancelhas, olha de má catadura à sua frente, como se quisesse reduzir a pó todos os seus inimigos… De repente, uma súbita inspiração… Puxa o cordão atado ao cotovelo do cocheiro, obriga o carro a parar e dá ordem de voltar para a Avenida Litiéinaia. Era necessário, a bem de sua tranquilidade pessoal, que Goliádkin falasse imediatamente com o seu médico Krestian Ivânovitch. Conhecia-o ainda há pouco tempo, na semana anterior tinha-o consultado, sem que da consulta resultasse nada de importante.

Todavia o médico aparecia-lhe como um confessor… Com ele era inútil dissimular… Faz parte do seu dever conhecer bem os doentes…

“Mas valerá a pena? — interrogava-se o senhor Goliádkin ao apear-se da carruagem diante da entrada duma casa de cinco andares, na Avenida Litiéinaia. — Valerá a pena? Não será uma tolice? Contudo…”

Sobe a escada procurando conter as pulsações do coração, que lhe batia sempre com muita força quando subia qualquer outra escada que não fosse a sua.

“Afinal, venho consultá-lo… Não tem mal nenhum… Não vale a pena fingir… Faço de conta que passei aqui por acaso… Ele verá o que é que eu devo fazer…”

Assim vai raciocinando o senhor Goliádkin. Sobe até ao segundo andar e para. Na porta está afixada uma bonita placa de cobre com esta inscrição:

KRESTIAN IVÂNOVITCH RUTENSPITZ
MÉDICO CIRURGIÃO

Para, arranja uma expressão adequada à circunstância, segundo o seu gosto, sem excluir um certo ar amável, e puxa o cordão da campainha. Então pensa: “Não seria melhor deixar para amanhã? Não é absolutamente necessário que seja hoje…” Mas, de repente, o senhor Goliádkin ouviu passos na escada; então resolve-se, e com ar decidido bate a porta de Krestian Ivânovitch.

## Capítulo II

Krestian Ivânovitch Rutenspitz, doutor em Medicina e Cirurgia, é um homem já de certa idade mas com uma saúde sólida. De sobrancelhas e suíças espessas e grisalhas, olhos expressivos e brilhantes, sente-se que é capaz de diagnosticar qualquer doença ao primeiro olhar. Krestian Ivânovitch usa sempre uma honrosa

condecoração que lhe foi conferida.

Na manhã de hoje está em casa, sentado numa confortável poltrona do seu consultório. Neste momento bebe o café que sua mulher trouxe, fuma um charuto e, de tempos a tempos, passa uma receita aos doentes.

Agora mesmo acaba de passar uma a um velhote que sofria de hemorroidas, e de acompanhá-lo à porta… Senta-se, espera o doente seguinte… É então que entra o senhor Goliádkin.

Krestian Ivânovitch não esperava nem mesmo desejava a visita do senhor Goliádkin; por isso, durante uns instantes parece contrariado e, sem mesmo dar por isso, o seu rosto toma uma expressão diferente, de aborrecimento. Por seu lado o senhor Goliádkin, que ficava sempre atrapalhado quando era necessário dirigir-se a alguém para qualquer assunto pessoal, também para essa ocasião não tinha preparada a primeira frase, o que, em circunstâncias tais, constituía sempre para ele um verdadeiro obstáculo. Fica muito atrapalhado, balbucia umas palavras ininteligíveis, certamente palavras de desculpa, e depois, como não sabe o que há de dizer, puxa uma cadeira e senta-se.

Mas logo se dá conta de que se sentou sem que para isso tivesse sido convidado; compreende que foi inconveniente e, para reparar a falta, contra todas as regras de etiqueta, ergue-se bruscamente… Recompõe-se, apercebe-se vagamente que de uma só vez cometeu dois disparates… e então não perde tempo… comete o terceiro; tenta desculpar-se, murmura, sorrindo, algumas palavras, cora, atrapalha-se, deixa de falar, toma um ar grave, torna a sentar-se, agora definitivamente, e procura sossegar-se lançando o tal olhar provocante cujo efeito é, segundo pensa, reduzir a pó todos os seus inimigos. Este olhar exprime também a independência do senhor Goliádkin; significa claramente que o senhor Goliádkin nada tem de extraordinário, que é como toda a gente.

Krestian Ivânovitch tossiu ligeiramente em sinal de aprovação e pousou um olhar interrogador sobre o senhor Goliádkin.

— Krestian Ivânovitch — começou com um sorriso o senhor Goliádkin — venho outra vez incomodá-lo e outra vez lhe peço que

me desculpe…

Era evidente que o senhor Goliádkin não encontrava as palavras.

— Bem, deixemos isso — disse Krestian Ivânovitch soltando uma fumaça e colocando o charuto sobre a mesa. — O que é preciso é seguir a minha receita. Já lhe expliquei que o remédio para o senhor está em mudar de hábitos… Procurar todas as distrações possíveis, sair com os amigos, arranjar relações… beber um pouco… enfim, divertir-se de vez em quando.

O senhor Goliádkin, sempre sorrindo, apressa-se a observar que se julga igual a todas as pessoas, que se distrai como todos… e que evidentemente lhe é possível também ir ao teatro. Tem possibilidades disso, como qualquer pessoa… Durante o dia está no emprego, à noite em casa… como os outros. Nota que a vida que leva não é pior que a dos outros, tem a sua casa, o seu criado Pietruchka… Nesta altura, o senhor Goliádkin para.

— Bem… não é isso… não é isso o que eu quero dizer. O que eu quero saber é se se sente bem em sociedade, se gosta de conviver… Diga-me: como é sua vida? Melancólica ou alegre?

— Eu… Bem, doutor…

— O que eu disse — interrompeu o médico — é que é preciso mudar de vida, é preciso, de certo modo, mudar a maneira de ser.

Krestian Ivânovitch acentuou a palavra mudar e parou um momento, com ar importante:

— É preciso procurar distrações, frequentar os teatros e as reuniões, e até beber um pouco… Não deve ficar em casa… A sua vida não deve ser sedentária…

— Mas eu, Krestian Ivânovitch, eu gosto do sossego, da tranquilidade — disse o senhor Goliádkin lançando ao médico um olhar importante. E, como se procurasse as palavras para exprimir as suas ideias o melhor possível:

— Vivo só no meu apartamento com Pietruchka… isto é, com o

meu criado… Quero dizer, Krestian Ivânovitch, que faço a minha vida à parte… Sou como sou e, parece-me, não dependo de ninguém, eu… Além disso, Krestian Ivânovitch, eu também passeio…

— Deveras? Mas hoje não está bom para passear, o tempo está péssimo.

— Sim, doutor, é claro… Acontece que eu, na minha modéstia, suponho que já lhe expliquei, faço a minha vida à parte… Krestian Ivânovitch… Pode viver-se de muitas maneiras… Eu gostaria… quero dizer… Krestian Ivânovitch… Bem… eu não sei expressar-me…

— Hum… Estava dizendo…

— Estou dizendo que tem de me desculpar, Krestian Ivânovitch, por eu não falar com muita eloquência — disse o senhor Goliádkin num tom ao mesmo tempo ofendido e embaraçado. — Neste ponto, Krestian Ivânovitch, não sou como as outras pessoas — acrescentou, com um sorriso especial. — Não sou capaz de falar muito; nunca tive jeito para fazer grandes discursos. Em compensação gosto de agir, Krestian Ivânovitch, gosto de agir…

— Muito bem! Gosta de agir? — perguntou Krestian Ivânovitch.

Houve um curto silêncio. O médico olhou o senhor Goliádkin com um ar estranho e desconfiado. Por sua vez o senhor Goliádkin olhou também o facultativo com certa desconfiança.

— Eu, Krestian Ivânovitch — continuou o senhor Goliádkin com o mesmo tom um tanto irritado, diante da obstinação do médico — eu gosto da tranquilidade, detesto o barulho das reuniões. Quando se faz vida de sociedade, doutor, tem de saber-se engraxar o chão (e o senhor Goliádkin ia esfregando os pés no soalho)… É uma obrigação, como é preciso também fazer trocadilhos… e galanteios. É obrigatório… Ora eu, eu nunca aprendi estas coisas, Krestian Ivânovitch. Nunca aprendi todas estas artimanhas… Nunca tive tempo para isso. Sou um homem simples, modesto, não fui feito para brilhar. E tenho muito gosto nisso. São esses os meus trunfos, Krestian Ivânovitch, pelo menos, estou convencido disso. Enfim, estou a falar-lhe com o coração nas mãos.

O senhor Goliádkin falava num tom que indicava estar contente em ser como era, em nunca ter aprendido a ser afetado, muito pelo contrário.

Krestian Ivânovitch ouvia-o de olhos no chão, com uma expressão de desagrado, com se tivesse um mau pressentimento.

Às palavras do senhor Goliádkin seguiu-se um pesado e longo silêncio.

— Está-me parecendo que se afastou… que se afastou um pouco do assunto — disse por fim Krestian Ivânovitch a meia voz. — Confesso que não o compreendo muito bem.

— É que eu não tenho muito jeito para falar, Krestian Ivânovitch, já lhe disse. Não sou nenhum orador — disse o senhor Goliádkin num tom que era agora áspero e resoluto.

— Bem…

— Krestian Ivânovitch — começou o senhor Goliádkin com uma voz pausada e grave, um tanto solene, parando depois de cada frase — Krestian Ivânovitch, ao entrar aqui comecei por apresentar as minhas desculpas; peço agora um pouco de paciência. Não quero esconder-lhe nada, Krestian Ivânovitch, sou um homem modesto, sabe disso muito bem, e não me arrependo de ser um homem modesto. Pelo contrário… Tenho mesmo um certo orgulho em não ter nada de notável, em ser uma pessoa vulgar. Não sou cínico… e tenho muita satisfação nisso. Não gosto de fazer coisas às escondidas mas de agir às claras, sem manhas. Eu podia fazer mal e muito até; sei a quem e como o podia fazer, Krestian Ivânovitch, mas não quero sujar-me, as minhas mãos estão limpas, felizmente.

O senhor Goliádkin durante uns instantes fez uma pausa muito expressiva e depois recomeçou a falar com uma certa animação.

— Eu vou direto ao fim das coisas, Krestian Ivânovitch, decididamente, e não por caminhos escusos… detesto esses meios e deixo-os para os outros. Não quero ofender os que são talvez melhores do que eu ou que o senhor…, isto é, melhores que eu e que os outros;

Krestian Ivânovitch, não queria referir-me ao senhor. Não gosto de meias palavras; detesto a hipocrisia, desprezo a calúnia e a maledicência, não me agrada usar máscara senão quando vou a algum baile; na vida de todos os dias, com as outras pessoas, não uso máscara. Só lhe quero fazer uma pergunta, Krestian Ivânovitch: o senhor seria capaz de se vingar de um inimigo, do seu pior inimigo ou de quem parecesse assumir tal condição?… — Com isto, o cliente calou-se lançando um olhar provocante a Krestian Ivânovitch.

O senhor Goliádkin tinha dito tudo isto com segurança e clareza, tinha pesado cada palavra e contava com um efeito certo. No entanto, olha agora Krestian Ivânovitch com inquietação, com uma grande, uma enorme inquietação. O seu aspecto mudou por completo e é com timidez e ao mesmo tempo com impaciência que espera a resposta de Krestian Ivânovitch. Acaba, porém, por ficar desapontado; Krestian Ivânovitch murmura umas palavras insignificantes, puxa a cadeira para junto da mesa e, secamente, embora com correção, diz-lhe ou dá-lhe a entender que o seu tempo é precioso, que não o entende muito bem, enfim, que está às suas ordens na medida do possível mas que não pode, de modo nenhum, ocupar-se de coisas que são estranhas à medicina. Pega na pena, puxa do papel, corta a porção necessária para uma receita e informa o senhor Goliádkin que vai receitar o remédio de que ele precisa.

— Não, não vale a pena, Krestian Ivânovitch. Não é preciso… de modo nenhum — exclama o senhor Goliádkin, que se levanta e segura a mão do médico. — Não é preciso…

E, enquanto fala, uma estranha transformação se opera no senhor Goliádkin. Os seus olhos cinzentos brilham então de maneira estranha; os lábios agitam-se, os músculos e os traços do rosto movem-se… O senhor Goliádkin treme. Segue o seu primeiro impulso, agarra a mão do médico e fica imóvel, como se não tivesse confiança em si próprio, como se esperasse uma inspiração para saber o que iria fazer a seguir.

Deu-se então uma cena muito estranha. Krestian Ivânovitch parecia pregado na cadeira. Estupefato, olhava com uns olhos muito espantados o cliente, que, por sua vez, o olhava também.

Por fim o médico ergueu-se puxando de leve o paletó do senhor Goliádkin. Durante momentos ficaram os dois silenciosos, imóveis sem deixarem de se fitar. Depois deu-se uma esquisita mudança na atitude do senhor Goliádkin. Os lábios começaram a tremer-lhe, o queixo a mexer e, de repente, desatou a chorar. Soluçava, abanava a cabeça, batia com a mão direita no peito e com a outra puxava pelo casaco de Krestian Ivânovitch. Quis falar, dar logo uma explicação, mas não conseguiu pronunciar nem uma só palavra… Finalmente Krestian Ivânovitch conseguiu vencer o seu espanto:

— Acalme-se… Acalme-se — disse ao mesmo tempo que procurava obrigar o senhor Goliádkin a sentar-se.

— Tenho inimigos, Krestian Ivânovitch, tenho inimigos… inimigos terríveis que juraram liquidar-me — respondeu baixo e receosamente o senhor Goliádkin.

— Ora, vamos lá… mas que inimigos? É um disparate falar de inimigos… Um disparate… Sente-se, — sente-se, continuou Krestian Ivânovitch. E acabou por conseguir que o senhor Goliádkin se sentasse.

Ele sentou-se mas não despregava os olhos de Krestian Ivânovitch, que com um ar muito aborrecido se pôs a caminhar de um lado para o outro, no consultório. Depois fez-se um silêncio prolongado.

— Estou-lhe muito agradecido, Krestian Ivânovitch, e não esqueço o que fez por mim. Nunca esquecerei a sua paciência — disse por fim o senhor Goliádkin que se ergueu com ar agastado.

— Basta, basta, por amor de Deus! Basta — interrompeu o médico fazendo-o sentar-se de novo. — Mas que se passa com o senhor? Conte-me o que o aflige. Que inimigos são esses de que está falando? Diga-me de que se trata, conte-me tudo!

— Não, Krestian Ivânovitch, deixemos isso por agora — respondeu o senhor Goliádkin baixando os olhos. — Deixemos isso para outro dia, para outra ocasião mais adequada, quando tudo estiver claro, quando a máscara de certas pessoas tiver caído e tudo seja visível… Agora, depois de tudo isto, o senhor terá que concordar,

Krestian Ivânovitch… Enfim, dê-me licença de que me despeça…

E desta vez o senhor Goliádkin ergueu-se resolutamente e pegou no chapéu.

— Bem… Como queira.

Seguiu-se um breve silêncio.

— Pelo que me diz respeito — continuou Krestian Ivânovitch — já sabe o que posso fazer… é desejar-lhe de todo o coração que seja feliz…

— Compreendo, Krestian Ivânovitch, compreendo perfeitamente… Desculpe-me a maçada que lhe dei…

— Oh… não é isso… Não é isso o que eu queria dizer… Enfim… faça como quiser… Continue a seguir o que lhe digo na receita, como até aqui…

— Sim, continuarei com a receita, como diz, Krestian Ivânovitch, e comprarei os remédios na mesma farmácia… Hoje ser farmacêutico é muito importante…

— Como…? Que quer dizer com isso?

— Nada de extraordinário, Krestian Ivânovitch, acho que as coisas estão de uma tal maneira…

— Hum…

— … que qualquer idiota, mesmo um farmacêutico, olha por cima do ombro uma pessoa de posição.

— Que quer o senhor dizer?

— Eu falo de uma pessoa muito conhecida e que o senhor também conhece, Krestian Ivânovitch, eu falo de Vladimir Siemiônovitch.

— Hã?!

— Sim, Krestian Ivânovitch, conheço algumas pessoas que não ficam muito contentes quando se lhes diz a verdade.

— Por que diz isso?

— É que é assim mesmo… Mas isto é coisa sem importância. Só quero dizer que essas pessoas sabem muito bem oferecer um bombom recheado na ocasião propícia.

— Como!? Oferecer o quê?

— Um bombom recheado, doutor. Isto é a maneira russa de falar. Quero dizer que sabem, por exemplo, felicitar uma pessoa no momento exato da oportunidade. Há criaturas assim, doutor…

— O senhor falou de felicitações. Que quer dizer?

— Exatamente isto, Krestian Ivânovitch. Ainda um dia destes certo amigo meu…

— Um dos seus amigos… Hem? Como foi isso? — disse Krestian Ivânovitch, olhando com toda a atenção o senhor Goliádkin.

— Sim, uma pessoa minha conhecida felicitou outra com quem me dou muito também, de quem sou amigo, a propósito da sua nomeação para um lugar. Disse assim: “Tenho o maior prazer, Vladimir Siemiônovitch, em apresentar-lhe as minhas mais sinceras felicitações por lhe terem nomeado assessor. E é tanto mais para louvar quando é certo que hoje — sabemo-lo muito bem — os cargos não se herdam”.

Nesta altura o senhor Goliádkin piscou o olho e fitou o médico intencionalmente.

— Ah… Então ele disse isso?

— Disse, Krestian Ivânovitch, disse e ao mesmo tempo olhou para Andriéi Filípovitch, tio de Vladimir Siemiônovitch… Mas o que é eu tenho com isso, Krestian Ivânovitch, que o tenham nomeado assessor? Que me importa a mim? Somente que… para que o senhor saiba, ele não tardará a casar-se, embora ainda esteja cheirando a leite. Foi isto

que eu falei a ele ontem na cara, com toda a franqueza. Agora já disse tudo… Vou-me embora, se me dá licença…

— Hum…

— Sim, Krestian Ivânovitch, se me dá licença, retiro-me. Mas para matar logo dois coelhos de uma só cajadada, falei com Klara Olsúfievna; foi antes de ontem, em casa do pai, Olsuf Ivânovitch. Ela acabava de cantar uma romanza cheia de sentimento. Foi então que eu lhe disse: "Cantou a sua romanza com muito sentimento, mas nem todos a escutaram com intenção desinteressada…" A alusão era muito clara, Krestian Ivânovitch, eu queria dizer que não era ela que os atraía mas outra coisa bem diferente…

— E… ele?

— Ele, Krestian Ivânovitch, engoliu a pílula, como é costume dizer-se.

— Hum…

— Sim, Krestian Ivânovitch. E disse ainda mais ao velho Olsuf Ivânovitch: "Sei o que lhe devo, não esqueço os benefícios que recebi do senhor desde pequeno. Mas repare bem… Veja, eu gosto de dizer as coisas sem rodeios…".

— Ah, foi então assim…?

— Sim, Krestian Ivânovitch, exatamente assim…

— E ele, depois?

— Ele, Krestian Ivânovitch, ele saiu a resmungar isto e aquilo, que me conhecia, que Sua Excelência é um benfeitor… etc., etc. Mas de que serve isto? Ele está velho, já deu o que tinha de dar, como se costuma dizer.

— Então é isso…?

— Sim, Krestian Ivânovitch… Somos todos assim… Aquele está velho… Está com um pé na tumba, como se diz, mas quando diante

dele se fala de intrigas, ainda gosta de as ouvir. Para isto está sempre em forma.

— Intrigas, diz o senhor?

— Sim, Krestian Ivânovitch, fizeram intrigas. O tio e o sobrinho andaram metidos nisso… Com certeza que foram ajudados por algumas velhotas como ele, e todos juntos tramaram a coisa… Sabe lá o que foram capazes de inventar para liquidar um homem!

— Liquidar um homem?

— Sim, Krestian Ivânovitch, liquidar um homem, pelo menos, moralmente… Espalham certos boatos… Continuo a falar de tal pessoa que conheço muito bem…

Krestian Ivânovitch abanou a cabeça.

— Fizeram correr sobre ele o boato… confesso, Krestian Ivânovitch, que até o tenho vergonha de repetir isso…

— Hum…

— Fizeram correr o boato de que ele prometeu casamento, de que já está noivo… e adivinhe de quem, Krestian Ivânovitch?

— Não faço ideia…

— Duma estalajadeira, uma alemã, uma mulher sem cotação, à casa de quem ele vai almoçar. Dizem que em vez de lhe pagar a conta resolveu propor-lhe casamento…

— Isso é o que eles, então…?

— E o senhor acredita, Krestian Ivânovitch? Uma alemã feia, uma desavergonhada, sem pudor, Karolina Ivânovna. Se a conhecesse…

— Confesso que…

— Compreendo o que quer dizer, Krestian Ivânovitch, compreendo e vejo que…

— Diga-me por favor, onde vive agora?

— Onde vivo, Krestian Ivânovitch?

— Sim, gostava… parece-me que dantes vivia…

— Sim, claro que vivia, Krestian Ivânovitch, e até há pouco vivia também. Como não havia eu de viver…? — Acompanhada de um risinho, foi esta a resposta do senhor Goliádkin, que deixou Krestian Ivânovitch perplexo.

— Não, o senhor não compreendeu bem… Eu queria dizer que…

— Também eu, eu também queria dizer… — continuou, rindo, o senhor Goliádkin. — Mas, Krestian Ivânovitch, já me demorei tempo demais… Agora é que me vou mesmo embora, se me dá licença…

— Hum…

— Sim, Krestian Ivânovitch, compreendo-o, compreendo-o perfeitamente — respondeu o senhor Goliádkin, parando um instante em frente do médico. — Até qualquer dia!

O senhor Goliádkin cumprimentou e saiu do consultório deixando Krestian Ivânovitch espantado. Enquanto descia as escadas, sorria e esfregava alegremente as mãos.

Lá embaixo, aspirou o ar puro com uma sensação de liberdade. Sentia-se disposto a considerar-se o mais feliz dos homens. Iria dali direitinho à repartição. De repente, porém, o coche avançou ruidosamente até à entrada, ele ergueu os olhos e recordou-se…

Pietruchka abria já a porta da carruagem. Apossou-se do nosso herói uma sensação estranha e desagradável. Corou um pouco. Sentia uma espécie de picadas… Quando já estava pondo o pé no estribo, virou-se e olhou para as janelas de Krestian Ivânovitch. Não havia dúvida! O médico estava à janela; com a mão direita afagava as suíças e examinava-o com uma grande curiosidade.

“Este medicastro é um imbecil! — pensou ele, instalando-se no carro. — É um rematado imbecil… É possível que trate bem dos

doentes… Isso não quer dizer que… não seja completamente parvo!”

O senhor Goliádkin sentou-se no carro. Pietruchka ordenou: “Vamos embora”, e a carruagem pôs-se de novo a rodar pela Perspectiva Niévski.

## Capítulo III

Esta manhã deixou no senhor Goliádkin a impressão de um terrível caos… Dá ordem para o cocheiro parar perto do Gostíni Dvor.

Desce então do carro, atravessa as arcadas, seguido de Pietruchka, e entra com ar decidido e afadigado numa loja de utilidades. Pergunta o preço de um serviço de chá completo, de mil e quinhentos rublos, compra por outro tanto uma boquilha de forma original, um estojo de barba, de prata, e algumas outras coisas úteis e graciosas… Promete voltar no dia seguinte, sem falta. A menos que volte ainda no próprio dia a buscar as compras; anota o endereço da loja, ouve com atenção o comerciante que pede um sinal e promete que o dará assim que for possível. Depois despede-se à pressa do vendedor boquiaberto, caminha ao longo das vitrines das lojas, importunado por um enxame de caixeiros. Volta-se constantemente para Pietruchka… Procura com afã outra loja.

De passagem, entra numa casa de câmbio e troca as notas maiores por outras mais pequenas. Perde com a troca, mas a sua carteira está agora muito mais cheia… Sente com isto um grande prazer íntimo. Para, por fim, numa loja de tecidos de senhora. Escolhe e manda guardar alguns que perfazem uma elevada quantia, promete formalmente ao negociante que voltará, anota o número da loja e de novo diz ao vendedor que lhe reclama um sinal, que irá entregá-lo no devido tempo.

Vai ainda a outras lojas, observa os preços, discute por vezes durante muito tempo com os negociantes, deixa uma loja e torna a voltar várias vezes, demonstrando extraordinária atividade. Daí vai a uma casa de móveis muito conhecida, escolhe uma mobília de seis peças, admira um toucador moderno, original e de fino gosto,

assegura ao negociante que virá buscar tudo e sai do estabelecimento prometendo mais uma vez que dará um sinal. Entra noutra e faz novas encomendas.

Por fim isto começava já a aborrecer o próprio senhor Goliádkin. E, subitamente, Deus sabe por que razão, começa a sentir certos escrúpulos. Por nada desta vida ele desejaria encontrar naquele momento Andriéi Filípovitch ou Krestian Ivânovitch.

O relógio da torre deu três badaladas…

Quando o senhor Goliádkin acabou por se sentar definitivamente na carruagem, depois de todas as voltas daquela manhã, tinha comprado apenas duas coisas — um par de luvas e um frasco de perfume de rublo e meio. Tendo ainda algum tempo à sua frente, deu ordem ao cocheiro que parasse diante de um restaurante muito conhecido da Perspectiva Niévski, mas de que ele mal tinha ouvido falar. Saiu do carro e entrou para tomar alguma coisa e descansar um pouco.

Comeu então como come alguém que está convidado para um jantar de festa, isto é, apenas para enganar o apetite. Bebeu um cálice de vinho, sentou-se numa poltrona, olhou à sua volta com ar tímido e pegou tranquilamente num jornal.

Leu duas linhas, ergueu-se, mirou-se ao espelho, compôs a indumentária e depois chegou-se à janela para ver se o carro ainda estava lá. Voltou a sentar-se e a pegar no jornal. Estava visivelmente agitado. Olhou o relógio. Como eram só três horas e um quarto e ainda tinha muito tempo, pareceu-lhe que não era conveniente continuar sentado sem tomar alguma coisa. Mandou então vir um chocolate que não lhe apetecia nada. Tomou-o e, como o tempo ia passando, ergueu-se para pagar. De repente alguém lhe tocou o ombro. Voltou-se e viu dois dos seus colegas, os mesmos que tinha encontrado de manhã na Avenida Litiénaia. Eram dois rapazes ainda no princípio da carreira. Não tinha grandes relações com eles, não lhes queria mal nem bem. De parte a parte havia o respeito das conveniências e nenhum desejo de aumentar a intimidade.

Tal encontro foi muitíssimo desagradável para o senhor

Goliádkin. Franziu ligeiramente as sobrancelhas e, por um instante, sentiu-se perturbado.

— Iákov Pietróvitch! Iákov Pietróvitch! — exclamaram os dois aspirantes. — Que surpresa!

— Ah, são vocês! — interrompeu com desembaraço o senhor Goliádkin, pouco à vontade e chocado com o espanto e também com a familiaridade dos colegas. Mas, fazendo um esforço sobre si próprio, disse:

— Flanando um pouco, hem?… Ah… Ah…!

O senhor Goliádkin não queria de modo nenhum parecer demasiado familiar com estes jovens da repartição, os quais desejava manter a uma certa distância.

Tentou bater no ombro de um deles, mas a familiaridade não assentava bem ao senhor Goliádkin. Como não conseguiu que o gesto lhe saíssse a tempo e a propósito, precipitou-se:

— Então o urso ainda lá está?

— Quem?

— O urso, sabem muito bem quem é o urso…

O senhor Goliádkin riu e voltou-se para o criado para receber o troco…

— Falo de Andriéi Filípovitch, — continuou ele depois de despachar o criado e falando agora num tom muito sério.

Os dois funcionários olharam um para o outro com ar grave.

— Está no escritório e perguntou pelo senhor, Iákov Pietróvitch — respondeu um deles.

— Está no escritório, ah sim? Faz muito bem, que continue por lá. Então perguntou por mim?

— Perguntou, Iákov Pietróvitch; mas que lhe aconteceu, afinal? O

senhor está todo perfumado, todo bem arrumado, de uma elegância…

— É para que vejam, meus amigos; é para que vejam! — respondeu o senhor Goliádkin que olhou de lado e tentou sorrir.

Logo que viram o senhor Goliádkin sorrir, os dois funcionários caíram na gargalhada. O senhor Goliádkin zangou-se um pouco…

— Aqui para nós, quero dizer-lhes, meus amigos… — começou depois de um curto silêncio e como se fosse fazer alguma revelação sensacional. — Vocês conhecem-me, é verdade, mas somente um aspecto… e assim, não se pode criticar ninguém e confesso até que a culpa disto talvez seja um pouco minha.

O senhor Goliádkin mordeu os lábios e olhou com ar importante os dois funcionários que trocaram entre si um olhar significativo.

— Até hoje vocês não me conheceram. E não é agora, neste lugar, que vem a propósito dar-lhes explicações. Uma coisa apenas lhes direi: há homens, meus amigos, que não gostam de rodeios e que só põem máscara para ir aos bailes. Há homens para quem o destino humano é mais alguma coisa do que passar a vida polindo o soalho com as botas. Há homens que não são felizes e que julgam a vida incompleta quando o vinco das calças lhes assenta bem. Enfim, há homens que não gostam de andar atrás dos outros, a adulá-los e principalmente a meter o nariz onde não são chamados. E agora que já disse quase tudo que tinha a dizer, vou-me embora se me dão licença…

O senhor Goliádkin calou-se. Os dois funcionários, muito divertidos, dando mostras de pouca educação, começaram a rir. O senhor Goliádkin irritou-se.

— Riam, riam, entretanto quem viver verá — disse com um ar de dignidade ofendida.

Pegou no chapéu e encaminhou-se para a porta.

— Mas ainda lhes direi mais alguma coisa, meus amigos, — acrescentou ele, dirigindo-se a eles pela última vez. — Vocês estão aqui comigo em conversa amena. Não esqueçam o que lhes disse. Se

não lhes servir de nada… paciência… mas pode ser que sirva… Seja como for… procuro não fazer mal a ninguém. Não sou de intrigas e tenho muito gosto nisso. Não daria um bom diplomata. Há quem diga, rapazes, que o pássaro é que vai às vezes meter-se no alçapão. Isto é verdade, concordo. Mas aqui quem é o pássaro e quem é o caçador? E este é o problema, meus amigos.

O senhor Goliádkin fez uma pausa muito expressiva tomou um ar importante, ergueu as sobrancelhas, mordeu os lábios e saiu depois de ter cumprimentado os dois funcionários que deixou no auge da admiração.

— Aonde vamos agora? — perguntou Pietruchka num tom sério e parecendo aborrecido por estar ali ao frio. — O que é que digo ao cocheiro? — repetiu, enquanto o senhor Goliádkin lançava aqueles olhares dardejantes que, segundo acreditava, já por duas vezes o tinham salvo e que utilizava agora pela terceira vez, ao subir para o estribo.

— À ponte Ismaílov.

— Vamos para a ponte Ismaílov! — gritou Pietruchka ao cocheiro.

“O jantar só deve começar depois das quatro horas, talvez mesmo por volta das cinco. Não será ainda cedo demais? Claro que posso chegar um pouco antes… É um jantar de família, onde tudo se passa *sans façon*[2] como dizem as pessoas da alta roda. E por que havia eu de fazer cerimônia? O urso fala muito em proceder sans façon. Ora, eu também estou no meu direito…

O senhor Goliádkin vai pensando assim, mas, apesar disso, está cada vez mais enervado. É evidente que conta de antemão ir encontrar-se dali a pouco numa situação que há de embaraçá-lo. Fala sozinho, faz gestos com a mão direita e continua sempre a olhar pela janela. Quem o visse não poderia imaginar que ele se preparava para ir simplesmente comer um bom jantar em família, *sans façon como* dizem as pessoas “bem”.

O senhor Goliádkin aponta uma casa junto da ponte Ismaílov. O

carro ultrapassa o portão e para junto do patamar. Vislumbra um rosto de mulher na janela do segundo andar e faz-lhe um cumprimento cortês.

Não tem noção do que está fazendo. Sai do coche, pálido, alheado, sobe os degraus do patamar, tira o chapéu, compõe a roupa maquinalmente e, com uma leve tremura nos joelhos, começa a subir a escada.

— Olsuf Ivânovitch está? — pergunta ao criado que vem abrir a porta.

— Sim… Ah… não, saiu.

— Como? Que estás dizendo? Não pode ser. Fui convidado para jantar… Sabes bem quem eu sou.

— Sim, conheço-o. Mas tenho ordem para não o deixar entrar.

— Deves estar enganado… eu fui convidado… fui convidado para jantar — diz o senhor Goliádkin tirando o sobretudo e dispondo-se a entrar.

— Desculpe, senhor, mas não pode ser… deram-me ordem para não o deixar entrar…

O senhor Goliádkin empalidece; entretanto abre-se a porta duma das salas e aparece Guerássimovitch, o velho criado de Olsuf Ivânovitch.

— Este senhor quer entrar, mas eu…

— És um idiota. Vai chamar Siemiônitch. — O senhor desculpe, mas não pode ser — respondeu ele dirigindo-se ao senhor Goliádkin de uma forma correta mas resoluta. — É absolutamente impossível… Pedem desculpa, mas não podem recebê-lo.

— Disseram que não podiam receber-me? — perguntou Goliádkin a medo. — Gostaria de saber, Guerássimovitch, por que é que não podem receber-me.

— É absolutamente impossível. O patrão disse-me: “Pede desculpa, mas diz que não posso recebê-lo”.

— Mas por que… por que é isso? Por que? Por que é que é impossível? Vá anunciar-me, estou convidado para jantar…

— Desculpe, desculpe… o patrão manda pedir desculpa.

— Mas, pedir desculpa, Guerássimovitch, o que significa isto?

— Desculpe, senhor, desculpe — respondeu o criado que afastou resolutamente o senhor Goliádkin para dar passagem a dois cavalheiros que entravam naquele momento no vestíbulo. Esses dois cavalheiros eram Andriéi Filípovitch e o sobrinho, Vladimir Siemiônovitch. Olharam com espanto, o senhor Goliádkin. Andriéi Filípovitch quis falar, mas Goliádkin, entretanto, tomara já a resolução de abandonar a entrada da casa de Olsuf Ivânovitch, de olhos no chão, vermelho e a sorrir, com um ar infelicíssimo.

— Voltarei, Guerássimovitch, hei de tirar isto a limpo… tudo se há de esclarecer — disse, enquanto transpunha o patamar em direção à escada.

— Iákov Pietróvitch… Iákov Pietróvitch…

Era a voz de Andriéi Filípovitch que viera atrás do senhor Goliádkin.

Mas este descera já o primeiro lanço. De súbito, virou-se para Andriéi Filípovitch:

— Que deseja, Andriéi Filípovitch? — disse num tom resoluto.

— Que tem você, Iákov Pietróvitch? Que aconteceu?

— Não foi nada, Andriéi Filípovitch. Não tenho que dar contas dos meus atos a ninguém. Assuntos particulares, Andriéi Filípovitch.

— O que?

— Assuntos particulares, Andriéi Filípovitch, nada que diga respeito a coisas de serviço.

— Como? Por que se refere a coisas de serviço? O que é que você tem, homem?

— Nada, Andriéi Filípovitch… absolutamente nada. Denguices de mocinha mimada, apenas isto.

— O quê?… O quê?

Andriéi Filípovitch estava absolutamente perplexo. O senhor Goliádkin continuava embaixo, na escada. Seu chefe, do alto, parecia prestes a cair sobre ele. Quase sem dar por isso, deu um passo para a frente e Andriéi Filípovitch recuou. O senhor Goliádkin subiu dois degraus, Andriéi Filípovitch olhou à sua volta com inquietação. De um pulo, o senhor Goliádkin tornou a subir a escada, Andriéi Filípovitch correu a toda a pressa e fechou a porta atrás de si. O senhor Goliádkin ficou só. Não conseguia compreender bem. Sentia-se longe dali, assombrado, como perante a lembrança de um acontecimento sem sentido.

— "Hum… Hum — murmura com um sorriso forçado. Ouve cá embaixo, no fundo da escada, vozes e passos. Provavelmente são mais convidados de Olsuf Ivânovitch. O senhor Goliádkin recompõe-se um pouco. Levanta num ápice a gola da pele, esconde-se o mais possível e, depressa, correndo, desce a escada. Sente-se sem forças, como que entorpecido. É tal a sua atrapalhação que, chegado ao patamar, nem espera pelo coche mas atravessa o saguão para ir ter com ele. Uma vez junto do carro, prepara-se para subir. No íntimo, o seu desejo é meter-se num buraco, enconder-se como um rato, a si e à carruagem. Convence-se de que em todas as janelas da casa de Olsuf Ivânovitch há gente que o espreita. Se se voltasse, tem a certeza de que morreria.

— Por que te ris, palerma? — diz para Pietruchka que se dispunha a ajudá-lo a subir. — Por quê?

— Eu… não, senhor. Onde deseja ir agora?

— Para casa… Vamos.

— Para casa! — exclama Pietruchka, que se instala na parte de trás do carro.

“Com quem ando eu metido!” — pensa o senhor Goliádkin. A carruagem, felizmente, já está longe da ponte Ismaílov. Subitamente, o senhor Goliádkin puxa o cordão com toda a força e grita ao cocheiro que volte ao lugar de onde vinham. O cocheiro obriga os cavalos a darem meia volta e daí a dois minutos o coche entra de novo no pátio de Olsuf Ivânovitch.

— Não… não quero… vamo-nos embora, idiota! — grita o senhor Goliádkin.

O cocheiro, como se já estivesse à espera disto, não diz nada, não chega mesmo a parar junto do patamar e, dando a volta ao pátio, volta para a rua.

O senhor Goliádkin resolve não regressar a casa. Depois de ter passado a ponte Siemiônovski ordena que entrem por uma ruazinha estreita e manda parar junto de um bar de aparência modesta. Desce do carro e diz a Pietruchka que volte para casa e que o espere lá. Entra no café, senta-se num compartimento isolado e pede um jantar. Sentia-se o pior possível. Dentro de si tudo era um caos. Andou muito tempo de um lado para o outro, perturbadíssimo.

Depois, já sentado, pousou a cabeça nas mãos e, esforçando-se por refletir, procurou uma saída para a situação em que se encontrava.

## Capítulo IV

Era um dia solene, o do aniversário de Klara Olsúfievna, filha única do conselheiro de Estado Bieriendiéiev, antigo protetor do senhor Goliádkin. Festejavam-no com um grande jantar, um jantar magnífico, como já há muito não se realizava outro em qualquer das casas dos funcionários que habitavam na zona da ponte Ismaílov e nas suas redondezas; parecia mais um festim real do que propriamente um jantar. O esplendor, o luxo, a etiqueta davam ao cenário um ar babilônico. Havia um *Cliquot*[3] do velho, ostras e frutas da casa Elissiéiev[4]. Tinham sido convidados os funcionários mais categorizados. Este dia solene, comemorado com um tão esplendoroso jantar, terminava por um baile de família, íntimo. Apesar disso, era de

esperar que fosse brilhante pelo requinte, ilustração e maneiras dos convidados. Há outros bailes no mesmo gênero, mas são raros. Tratam-se mais de festas de família do que de bailes. Para isso é preciso haver uma casa como a do conselheiro de Estado Bieriendiéiev. E isso mesmo ainda não chega: acho que nem todos os conselheiros de Estado podem dar bailes semelhantes. Se eu fosse poeta como Homero ou Púchkin — talento menor do que o deles não bastava — desejava pintar, oh leitores! — com cores brilhantes e um hábil pincel, este dia triunfal. Seria pelo jantar que havia de começar o meu poema. Procuraria fixar sobretudo o instante único e solene em que se ergue a primeira taça à saúde da rainha da festa. Também falaria do silêncio grave dos convivas, dessa atitude de espera que se parece mais com a eloquência de Demóstenes do que com o silêncio. E ainda falaria de Andriéi Filípovitch, o decano dos convidados que, de direito, preside a festa; dos seus cabelos grisalhos e das condecorações que tão bem se harmonizam com eles; de Andriéi Filípovitch, de pé, tendo na sua frente a taça que parece cheia com um néctar divino e não com um simples vinho; dos convidados e dos felizes parentes da rainha da festa que ergueram as suas taças secundando Andriéi Filípovitch e que têm os olhos fixos nele. E falaria mais de Andriéi Filípovitch que começa por deixar cair uma lágrima na taça, profere palavras de felicitação, e faz um brinde… Confesso, porém humildemente, que não seria capaz de exprimir a solenidade do instante em que a própria rainha da festa, Klara Olsúfievna, corada como uma rosa primaveril, corada de alegria e de pudor, vencida pela emoção, cai nos braços de sua mãe e esta se põe a chorar, e o próprio pai soluça também. Simpático velho, o conselheiro de Estado Olsuf Ivânovitch. Tinha trabalhado muito. Estava paralítico das pernas mas a sorte tinha compensado o seu esforço. Possuía uma certa fortuna, uma casa, bens de raiz, e aquela filha, que era lindíssima. Chorava como uma criança e dizia por entre lágrimas: “Sua Excelência é uma grande alma”.

Não seria também capaz de vos descrever os instantes que se seguiram. Ninguém dizia que naquela ocasião solene Andriéi Filípovitch era o chefe de repartição que todos conheciam. Parecia outra pessoa.

Oh, que pena não possuir eu os segredos dum grande estilo para poder descrever estes instantes de beleza e satisfação moral! Instantes destes são a prova cabal de que muitas vezes a virtude triunfa sobre o vício e a inveja!

Não direi, pois, mais nada: melhor do que tudo aquilo que pudesse dizer, o meu silêncio permitirá antever o feliz jovem de vinte e seis anos, sobrinho de Andriéi Filípovitch, que por sua vez se ergue e faz um brinde, enquanto nele se fixam os olhos enevoados de lágrimas de Klara Olsúfievna, os olhos entusiasmados dos convidados e os olhos invejosos de alguns colegas da mesma idade. Sobre isto não direi mais nada. Tenho contudo de notar que neste jovem tudo lembra um velho, a começar pelas faces luzidias. Tudo neste instante solene parece dizer: "Eis onde o culto das virtudes pode conduzir o homem". Não vos direi que Anton Antônovitch Siétotchkin, colega de Andriéi Filípovitch e outrora de Olsuf Ivânovitch, velho amigo da casa e padrinho da Klara Olsúfievna, por sugestão dos pais, veio beijá-lo, felicitando-o pela sua disposição e talento.

Os convidados, que depois de um tal jantar se sentiam todos como se fossem parentes e irmãos, acabaram por levantar-se da mesa. As pessoas mais velhas e as mais respeitáveis conversaram durante uns instantes cordialmente, e mesmo com uma certa intimidade. Passaram depois a outra sala e, sem perderem um tempo que era precioso, dividiram-se em grupos (conservando a noção da sua dignidade), e foram sentar-se diante das mesas de jogo. As senhoras instalaram-se na sala e tornaram-se muitíssimo amáveis. Conversam umas com as outras sobre as coisas mais variadas e por fim o próprio dono da casa, que tinha perdido em serviço o uso das pernas e obtido as compensações que já dissemos, vem passear por entre os seus convidados, apoiado nas muletas e amparado por Vladimir Siemiônovitch e por Klara Olsúfievna. Tocado pela amabilidade dos que o rodeiam, decide-se a improvisar um pequeno baile, não obstante as despesas que isso lhe acarretará. Mandou um rapaz procurar músicos. Vieram onze, e às nove e meia em ponto, ouviram-se as notas duma quadrilha francesa, seguida depois de outras danças… A minha pena não basta para pintar como devia o baile que a extraordinária gentileza do velho dono da casa improvisou. Como poderia eu, aliás

modesto narrador das aventuras do senhor Goliádkin — curiosas no seu gênero, lá isso é certo! — como poderia eu exprimir esta amálgama surpreendente de beleza, de brilho, de elegância, de alegria, de amabilidade e de júbilo; e os risos e passatempos de todas estas esposas de funcionários… Parecem mais fadas do que mulheres, com os ombros rosados, as figuras angélicas e os pezinhos encantadores e aparecem-lhes debaixo dos vestidos. Como descrever-vos, por fim, estes funcionários transformados agora em brilhantes homens de salão, estes jovens alegres e bem constituídos, contentes e sonhadores, que, numa salinha retirada, onde as paredes são todas pintadas de verde, fumam cachimbo entre duas danças… E os cavalheiros que ocupam altos cargos e usam nomes muito sonoros, cavalheiros profundamente compenetrados dos seus deveres de elegância e que, na maior parte, falam francês com as senhoras. Se falam russo é só para proferirem cumprimentos e frases profundas em tom distinto.

Unicamente na sala de fumar se permitem alguns deslizes de linguagem, frases familiares, no gênero desta "Olá, Pietienhka, dançaste esta polca como um artista". Mas — oh leitor! — tive já ocasião de dizer que a minha pena não é capaz de um tal esforço, por isso vou parar. Voltemos antes ao senhor Goliádkin, o único herói desta novela verídica. A situação é a mais estranha possível. Para falar com exatidão, ele não se encontra naquele baile; no entanto poderíamos dizer que… está quase lá.

Então onde está ele afinal? Coisa estranha! Está no patamar da escada de serviço da casa de Olsuf Ivânovitch. Está ali, o que não quer dizer nada de especial, mas simplesmente que está ali. Metido num cantinho frio e sombrio, escondido por um armário enorme e por um biombo velho, no meio dos restos e da louça suja. Enquanto espera, observa os acontecimentos como um espectador indiferente. Observa e nada mais, meus senhores. Contudo, podia entrar. Por que não entra? Seria suficiente dar um passo… vai talvez entrar daqui a pouco. Por que há de ficar três horas ao frio, entre o armário e o reposteiro, no meio destas porcarias de todo gênero? Para se justificar cita para si mesmo uma frase dum antigo ministro francês: "Quem sabe esperar alcança sempre o que deseja".

O senhor Goliádkin tinha lido outrora esta frase num livro. Veio-lhe agora à memória, muito a propósito. Adapta-se perfeitamente à circunstância… Passam tantas coisas pela cabeça dum homem que espera perto de três horas num vestíbulo obscuro e frio o desenrolar favorável dum acontecimento! Não há dúvida de que o senhor Goliádkin se lembrou muito a propósito da frase do antigo ministro francês.

Lembra-se então também — não se sabe por que — do antigo vizir turco Marsimir e da bela condessa Luísa, cuja história lera há muito tempo. Lembra-se de que os jesuítas têm por norma considerar aceitáveis todos os meios contanto que o fim seja atingido. Este exemplo histórico dá-lhe coragem. O senhor Goliádkin pensa para consigo: "Quem eram afinal os jesuítas? Eram, do primeiro ao último, perfeitos cretinos. Que fossem todos para o diabo!". Se, durante uns minutos, a copa estivesse vazia (a porta desta dava para o vestíbulo, onde o senhor Goliádkin esperava) — se não houvesse lá ninguém, não obstante todos os jesuítas, o senhor Goliádkin passaria da copa para a sala de jantar, desta para a sala onde agora se jogavam as cartas e, por último, para o salão onde se dançava a polca. Iria, iria sem olhar para ninguém, deslizando entre as pessoas sem que ninguém se apercebesse. Seria muito simples. Ninguém daria por isso. Depois de lá estar sabia bem o que lhe caberia fazer… Eis aqui, meus senhores, a situação em que se encontra o herói desta verídica história.

Que tinha ele feito, afinal? Tinha alcançado o patamar da escada de serviço. Por que não? Qualquer pessoa podia ir até ali… Não ousa avançar mais. Não ousa… Não é bem não ousar, é não querer. Prefere agir cautelosamente. Ora aí está… Espera, escondido, durante três horas. Por que não havia ele de esperar? O próprio ministro tinha esperado. "Que faço eu aqui?" — pensa o senhor Goliádkin. — Ah! Se eu pudesse entrar agora! Sou bem tolo em estar aqui…!" — disse, apalpando com a mão a face gelada. E continuava a falar consigo próprio sobre coisas sem sentido nem finalidade. Mas eis que dá agora alguns passos em frente: a copa está vazia… não há ali ninguém. O senhor Goliádkin vê pela janela o interior do compartimento. Dá mais dois passos, fica junto da porta, e por fim entreabre-a.

“Entro… ou não entro? Devo entrar… ou não?… Vou… Por que não hei de ir? O audacioso encontra sempre maneira de atingir o que deseja…”

Enquanto diz estas coisas, o senhor Goliádkin ganha coragem. De repente recua bruscamente para trás do biombo.

“Não, — diz ele — pode entrar alguém! Olha, já entrou mesmo. Por que não aproveitei eu, enquanto não estava ninguém? Devia ter-me decidido e entrado! Oh, a natureza humana!… Como somos covardes! Ter medo é a nossa sina. Ora aí está. Aqui estou eu feito bobo… Se estivesse em casa, tomaria agora uma chávena de chá… seria bem bom neste momento… Mas se chego a casa muito tarde, Pietruchka resmungará. Não seria melhor voltar para casa? Que o diabo os leve a todos!”

Todavia, depois de ter tomado esta resolução, o senhor Goliádkin avança rapidamente como movido por uma mola. É um instante enquanto entra na copa, tira o casaco e o chapéu, e ao atira à pressa para um canto. Compõe-se um pouco e entra na sala de jantar. Daí passa para a outra sala, sem que quase ninguém dê por ele, tão entretidos estão os jogadores. Então… então… o senhor Goliádkin esquece tudo o que acaba de passar-se e, sem mais demoras, cai como uma bomba na sala de baile.

Parecia de propósito: ninguém dançava. As senhoras passeavam em grupos pelo salão; os cavalheiros estavam todos juntos ou atravessavam a sala para irem convidá-las. O senhor Goliádkin não dava conta de nada. Apenas tinha olhos para Klara Olsúfievna. Junto dela, Andriéi Filípovitch e Vladimir Siemiônovitch, e mais dois ou três oficiais que — bastava olhar para eles para se ver logo que estavam ainda no princípio das suas carreiras, que por certo haviam de ser brilhantes. Aqui e ali, vê ainda este ou aquele, ou antes, não vê ninguém. Continua levado pelo mesmo impulso que o atirou para este baile, para o qual não fora convidado. Avança. Dá um encontrão num conselheiro, pisando-lhe um calo. Pisa também e chega mesmo a romper o vestido duma senhora de idade. Empurra o criado que segurava uma bandeja, dá uma cotovelada não sei em quem e, sem dar conta de nada, ou antes, dando muito bem conta de tudo,

encontra-se diante de Klara Olsúfievna. Ah, não há dúvida, o que lhe apetecia era meter-se num buraco! Mas o que está feito, feito está. Já não tem remédio. Que fazer agora? “Mesmo quando tudo parece perdido, uma pessoa não se deve deixar ir abaixo.” O senhor Goliádkin não é nenhum intriguista nem nenhum “engraxador”… O que está feito, feito está. Os jesuítas também tinham tido naquilo as suas culpas… Mas não são eles que estão agora diante do senhor Goliádkin. Toda aquela gente que andava de um lado para o outro, conversando e rindo, calou-se como por encanto e agrupou-se em volta do senhor Goliádkin. Este sente-se incapaz de ver e de ouvir. Não olha para ninguém. Por nada desta vida ousaria olhar para quem quer que fosse. Baixa os olhos e fica assim… Entretanto jura a si próprio que não passará daquela noite. “Seja o que Deus quiser”, diz para consigo. E fica ele próprio extremamente admirado, a ponto de lhe custar a acreditar que o som que ouve é o da sua voz.

Começa pelas felicitações e votos de praxe. As felicitações ainda lhe saíram menos mal, mas quando começou a formular os votos, meteu os pés pelas mãos. Sentiu que, se parasse, tudo estaria perdido. E assim foi. Calou-se e pôs-se vermelho. Corou e perdeu a cabeça. Perdida esta, levantou os olhos. Olhou então à sua volta e ficou espantado. Todos se tinham levantado, todos estavam de pé e esperavam. Os que estavam mais longe começaram a cochichar, os que estavam mais perto riam. O senhor Goliádkin lançou um olhar submisso e desvairado na direção de Andriéi Filípovitch. Este respondeu-lhe com um olhar tal que, se o senhor Goliádkin não estivesse já morto, morreria de novo. O silêncio era de chumbo.

— Isto é um assunto particular, Andriéi Filípovitch, — disse o senhor Goliádkin numa voz que mal se ouvia — isto nada tem que ver com a minha vida oficial, Andriéi Filípovitch.

— O senhor devia ter vergonha, ter vergonha — respondeu Andriéi Filípovitch indignado. Pegou na mão de Klara Olsúfievna e afastou-se do senhor Goliádkin.

— Não tenho nada que ter vergonha, Andriéi Filípovitch — murmura o senhor Goliádkin, que procura desesperadamente, à sua volta, na assistência estupefata, um rosto amigo, qualquer pessoa das

suas relações.

— Então, meus caros senhores, que foi? Que há? Isto pode acontecer a qualquer pessoa — murmurou ainda o senhor Goliádkin que, aos poucos, vai mudando de lugar e tenta escapar da multidão que o rodeia. Deixam-no passar. Passa pelo meio de duas filas de observadores espantados e cheios de curiosidade. O seu destino o arrasta. E o senhor Goliádkin bem o sente. Quanto não daria para estar de novo no patamar, na escada de serviço! Mas há as conveniências. É impossível. Começa então a arranjar maneira de se escapar para um canto onde há de manter-se muito encolhido, muito à parte, sem chamar a atenção de ninguém, de tal modo que, quer o dono da casa, quer os convidados, acabarão por achá-lo simpático. Subitamente cambaleia como se fosse cair… mas consegue chegar a um canto. Encafua-se aí e põe-se então a observar à sua volta com indiferença, como um estranho, com as mãos postas em cima do espaldar de duas cadeiras, como se quisesse disputar aos outros a sua posse.

Olha agora com altivez para os convidados de Olsuf Ivânovitch que se agrupam à sua volta. Próximo está um oficial, um grande e belo homem. Diante dele o senhor Goliádkin sente-se um mosquito.

— Estas duas cadeiras, tenente, estão reservadas para Klara Olsúfievna e para a princesa Chtchegânova, que estão dançando. Eu estou aqui tomando conta, tenente — diz ao oficial o senhor Goliádkin, com um olhar suplicante.

O tenente não responde, sorri malevolamente e afasta-se. Repelido desta maneira, o senhor Goliádkin tenta de novo a sorte, dirigindo-se a um convidado ilustre que traz ao peito uma rica condecoração. E há um conselheiro que o olha tão desdenhosamente que o senhor Goliádkin fica como se lhe tivessem lançado um balde de água fria pela cabeça.

O senhor Goliádkin decidiu não falar com mais ninguém. “É preferível — pensa — não entabular conversa”. Há de ficar ali, como qualquer outra pessoa, com a maior naturalidade.

Para se entreter olha as abas do seu uniforme, mas logo em

seguida ergue a cabeça e põe-se a observar um senhor de aspecto respeitável.

“Este senhor tem cabeleira postiça — pensa o nosso herói. — Se lhe tirassem a cabeleira, a sua cabeça seria igual à palma da minha mão.”

E pensa também que se tirassem o turbante verde aos emires árabes, o qual revela o seu parentesco com Maomé, a cabeça deles apareceria calva. Por associação de ideias, o senhor Goliádkin chega às pantufas turcas e, muito a propósito, lembra-se de que as botas de Andriéi Filípovitch parecem mais pantufas do que botas. É evidente que o senhor Goliádkin começa a sentir-se mais adaptado à situação.

Põe-se a pensar: “Se o lustre caísse, eu correria a salvar Klara Olsúfievna e depois lhe diria: ‘Não se aflija, minha senhora, não foi nada, eu a salvei…!’”.

O senhor Goliádkin olha para o lado. Procura Klara Olsúfievna e dá com os olhos em Guerássimovitch, o velho criado de Olsuf Ivânovitch.

Guerássimovitch, com o ar mais solene que se pode imaginar, dirige-se para ele. O senhor Goliádkin estremece. Faz um trejeito, sente qualquer coisa de estranho e desagradável. Olha à sua volta maquinalmente. Pensa em ir-se embora, encostado às paredes, devagarinho, como se não fosse nada com ele. Mas antes que tivesse tempo de tomar qualquer resolução, já o criado está diante dele.

— Olhe, Guerássimovitch — diz-lhe sorrindo — seria bom dar ordem… Vê aquela vela no candelabro? Vai cair, Guerássimovitch. É preciso dar ordem para endireitá-la. Olhe, vai cair e não tarda, Guerássimovitch.

— A vela? Não, a vela está direita. Está lá embaixo alguém perguntando pelo senhor.

— Quem é que está lá embaixo, Guerássimovitch?

— Não sei ao certo. Parece-me que é um criado… “Iákov

Pietróvitch Goliádkin está aqui?” — disse-me ele. — “Então, chama-o, trata-se de uma coisa urgente”.

— Não, Guerássimovitch, deve ser engano, deve ser engano.

— Não me parece.

— Não, Guerássimovitch, tenho a certeza, tenho a certeza, ninguém veio perguntar por mim. Eu estou aqui como em minha casa, Guerássimovitch…

O senhor Goliádkin respirou e olhou à sua volta. Todas as pessoas na sala tinham os olhos postos nele. Era uma expectativa solene. Os homens avançam e escutam. Mais atrás as senhoras cochicham. O próprio dono da casa se aproximou do senhor Goliádkin, fingindo, porém, não ter dado conta do que acontecera. Tudo se passa entre pessoas bem educadas. Contudo, o senhor Goliádkin sente claramente que se trata de um momento decisivo. Apercebe-se de que é altura de vibrar um golpe, de confundir os seus inimigos. Sente-se comovido. Obedece à sua inspiração e, com voz trêmula e solene, diz a Guerássimovitch, que continua à espera:

— Não, meu amigo, ninguém me chama. Estás enganado. E mais: já te enganaste esta manhã ao afirmar, quando ousaste afirmar (aqui levanta a voz) que Olsuf Ivânovitch, meu protetor há tanto tempo, e que — posso dizê-lo — me fez as vezes de pai, me fechava a porta no momento duma festa de família tão grata ao seu coração. (O senhor Goliádkin, muito contente consigo próprio, vai pousando em todos um olhar grave e há lágrimas e tremerem-lhe nas pestanas.) — Repito, meu amigo, é um engano, enganaste-te de uma maneira que te não posso perdoar…

O instante é solene. O senhor Goliádkin sente que não poderia ter obtido efeito mais seguro. De olhos baixos, humildemente, espera que Olsuf Ivânovitch lhe abra os braços.

Os convidados estão comovidos e admirados. O próprio Guerássimovitch, sempre tão seguro de si, não ousa responder. Mas de repente a orquestra começa a entoar uma polca. Tudo está perdido, tudo estragado. O senhor Goliádkin estremece. Guerássimovitch recua.

Todos os convidados do salão se agitam como vagas num oceano. Um primeiro par avança: é Vladimir Siemiônovitch com Klara Olsúfievna, logo a seguir outro, o garboso tenente e a princesa Chtchegânova. Os espectadores, curiosos e encantados, olham em grupos os que dançam. A polca era então uma dança apaixonante, nova, moderna, que fazia todas as cabeças andarem à roda. O senhor Goliádkin foi esquecido durante uns instantes; mas de repente tudo se agitou, houve uma confusão. A música parou. Aconteceu que Klara Olsúfievna, fatigada pela dança, respirando dificilmente, as faces ardendo, o peito arfando, extenuada, cai numa poltrona. Todas as atenções se voltam para ela, todos se apressam a saber como está.

De súbito, aparece o senhor Goliádkin diante dela. Está pálido e terrivelmente perturbado. Também ele parece extenuado. Mal se tem em pé. Sorri a custo e estende-lhe a mão. Klara Olsúfievna, espantada, não tem sequer tempo de retirar a sua e ergue-se, maquinalmente, ao convite do senhor Goliádkin. Este dá um passo, depois outro, ergue um pé, pisa o outro, firma-se… e… cambaleia. Também ele queria dançar com Klara Olsúfievna… Esta dá um grito. Todos se precipitam para libertar a sua mão da do senhor Goliádkin. A multidão afasta-o dali. Forma-se novo círculo à sua volta. Duas senhoras de idade que ele, ao recuar, quase atirou ao chão, soltam gritinhos e lamentações. A confusão é terrível. Todos fazem perguntas, gritam e falam. O senhor Goliádkin volta-se e sem dar conta do que faz, com um leve sorriso, murmura que “a polca é, a seu ver, uma dança nova, interessante, inventada para a alegria das senhoras… Mas se continua assim… ele não consentirá que…”.

Ora, ninguém pedira o consentimento do senhor Goliádkin. Sente que subitamente há uma mão que lhe pega no braço, outra que o agarra pelas costas e que ambas o obrigam a sair dali. Nota que o fazem caminhar em direção à porta. Quer falar, fazer alguma coisa… ou antes, já não quer fazer nada. Sorri, apenas maquinalmente. Sente que lhe vestem o casaco, lhe enterram o chapéu quase até aos olhos, e vê-se na entrada, no escuro e ao frio, e finalmente, na escada. Tropeça, parece-lhe que cai num abismo. Quer gritar mas verifica que já está no pátio.

O ar fresco dá-lhe no rosto. Para um instante. Chegam até ele os

sons da orquestra. De repente, o senhor Goliádkin lembra-se de tudo… Voltam-lhe as forças… Sai dali, sai daquele ambiente onde estivera enclausurado e foge para a rua, ou para qualquer outra parte, onde encontre ar e liberdade. E começa a andar sempre em frente, sem nunca mais se voltar.

## Capítulo V

Soava meia-noite em todos os relógios das torres de Petersburgo, quando o senhor Goliádkin chegou aos cais do Fontanka, perto da ponte Ismaílov, fugindo aos seus inimigos e perseguidores, às afrontas que recebera, aos gritos das damas assustadas, aos oh! e aos ah! das mulheres, e aos olhares terríveis de Andriéi Filípovitch. O senhor Goliádkin estava aniquilado e, se ainda conseguia correr, era somente por milagre, por um milagre em que ele próprio se recusava a acreditar.

Estava uma noite medonha, uma noite de novembro úmida e brumosa, toda de chuva e de neve, uma noite portadora de pneumonias, de gripes, de febres, de tifos, de todos os males de novembro em São Petersburgo. O vento soprava nas ruas desertas, erguia acima das correntes da ponte a água negra do Fontanka, batia nas lanternas do cais que respondiam a estes assobios com um ranger agudo e lamentoso. Era aquele concerto sem fim que todos os habitantes de São Petersburgo conhecem. Chovia e nevava ao mesmo tempo. Empurrada pelo vento, a água caía em jorros quase horizontais, tal como sai das mangueiras dos bombeiros. Batia e chicoteava o rosto do infeliz senhor Goliádkin, como se fossem agulhas e alfinetes aos milhares. No silêncio da noite, apenas quebrado pelo ruído longínquo dos carros e pelos assobios do vento, pelo estremecer dos bicos de gás, ouvia-se o marulhar triste da água que escorria dos telhados e das grades sobre o granito dos passeios. Nem vivalma. Parecia que a esta hora, e com um tempo assim, ninguém poderia andar nas ruas. Por isso o senhor Goliádkin caminhava só, com o seu desespero. Seguia num passo apressado pelo passeio do cais do Fontanka e corria o mais que podia em direção a casa, um quarto andar da Rua Chestilavótchnaia.

A neve, a chuva, toda a agitação difícil de exprimir, da tempestade prestes a desencadear-se no céu de novembro de São Petersburgo, perseguem o senhor Goliádkin, já tão acabrunhado com seus próprios desgostos. Não lhe deixam um instante de repouso, trespassam-no até aos ossos, enevoam-lhe os olhos, assobiam-lhe ao rosto, fazem-no sair do passeio. Todos os elementos se unem contra o senhor Goliádkin como se estivessem de acordo com os seus inimigos, a fim de que tivesse uma dia e uma noite de amargura. No entanto o senhor Goliádkin permanece quase insensível a esta última perseguição do destino, de tal modo ficou chocado com o que se passara minutos antes, em casa do atual conselheiro Bieriendiéiev.

Quem se pusesse a observar disfarçadamente a pobre figura do senhor Goliádkin compreenderia logo a tristeza das suas desditas e reconheceria que ele parecia querer esconder-se de si próprio, e até, se possível, desaparecer completamente, não viver mais, reduzir-se a pó. Não dá atenção a nada, não compreende nada, olha à sua volta como se nada existisse, nem as aventuras daquela noite trágica, nem o caminho longo, nem a chuva, a neve, o vento, a tempestade… Uma galocha caiu-lhe do pé esquerdo. Fica imóvel no meio da lama e da neve, no passeio do cais do Fontanka, não pensa sequer em voltar atrás para ir procurá-la, nem dá conta que a perdeu. Está tão fora de si que, por vezes, para de repente no meio da tempestade, lembrado somente do seu terrível insucesso, e fica imóvel como uma estaca no meio do passeio. Parece-lhe então que vai morrer, desaparecer; depois, de repente, dá um salto como se estivesse louco, e põe-se a correr, a correr, sem se voltar, parece fugir diante de um inimigo, diante do infortúnio… pois a sua situação é terrível. Por fim, já sem forças, o senhor Goliádkin para, apoia-se na amurada do cais como se de súbito tivesse começado a pôr sangue pelo nariz e olha fixamente a água turva e negra do rio. Quanto tempo permaneceu assim? Ninguém sabe, mas ele está tão desesperado, tão atormentado, tão perturbado, tão fatigado e fraco que esquece tudo, a ponte Ismaílov e a Rua Chestilavótchnaia e até o presente. Enfim, tudo lhe é indiferente; aquele caso está concluído, arrumado, a sentença está lavrada. Que há de fazer agora? Subitamente, estremece dos pés à cabeça e, inconscientemente, dá dois passos em frente. Olha à sua volta numa grande inquietação, mas não vê ninguém. Nem vivalma. Nada avista

de extraordinário e, contudo… contudo… pareceu-lhe que alguém estava ali, naquele momento, a seu lado, apoiando-se tal como ele à amurada do cais e, coisa estranha! — que esse alguém se dirigiu a ele e falou com uma voz rápida e sacudida, não muito clara. E as palavras que proferiu diziam-lhe intimamente respeito.

— Que teria sido? Estaria sonhando? — diz, olhando mais uma vez à sua volta. — Mas onde estou eu? — concluiu abanando a cabeça. Entretanto, uma dolorosa inquietação se apossa dele; chega a ter medo, olha ao longe, e tanto quanto lhe permitem os seus pobres olhos míopes, perscruta à sua volta o ar úmido e enevoado. Mas nada de novo nem de especial se oferece aos olhos do senhor Goliádkin. Tudo lhe parece na mesma. Só a neve é cada vez mais forte e mais espessa. Não se distingue nada a uma distância de vinte passos. O chiar dos candeeiros é agora mais lúgubre ainda. Mais lúgubre é também a canção do vento, semelhante à súplica dum mendigo importuno que pechincha um copeque para comprar pão.

“Que se passa comigo, afinal!” — repete de novo o senhor Goliádkin, que torna a pôr-se a caminho e olha uma vez mais à sua volta. E eis que uma sensação nova se insinua no seu ânimo. Não é propriamente medo… é um tremor que lhe percorre as veias como se fosse febre. “Tudo isto no fundo não vale nada — diz, tentando tranquilizar-se. — Não vale nada. Decerto tudo acabará bem, sem nenhuma ofensa séria — continua sem compreender o que está dizendo. — Com o tempo talvez as coisas se arranjem. Ninguém terá levado a mal e todos acabarão por retratar-se.”

Com estas palavras o senhor Goliádkin sente-se mais forte, sacode a espessa camada de neve que se acumulou no seu chapéu, na gola, no casaco, na gravata e nas botas. Só não pode desembaraçar-se dos seus estranhos sentimentos, da sua amargura. Ao longe ouve-se o estampido dum canhão.[5] “Que tempo este! — pensa o senhor Goliádkin. — É impossível que não haja uma inundação! A água sobe tão depressa…” Mal tinha acabado de formular este pensamento quando avista na sua frente um transeunte, talvez algum retardatário, que vem na sua direção. Por que teria o senhor Goliádkin ficado tão perturbado e até amedrontado? Não é que receasse qualquer mau encontro. “Mas… às vezes — quem sabe? — pensou. — Talvez este

transeunte seja um enviado do Destino. Talvez não seja por acaso que passa por aqui, mas com qualquer finalidade.”

É possível que o senhor Goliádkin não tenha chegado a pensar estas coisas com nitidez, mas teve delas uma percepção fugidia e desagradável.

Aliás, foi pouco o tempo que teve para pensar e para sentir. O transeunte estava lá a dois passos. Imediatamente, como era seu hábito, o senhor Goliádkin arranjou um ar muito seu, um ar que significava claramente que ele, senhor Goliádkin, seguia o seu caminho certo de que a rua chegava para todos e sem se preocupar com ninguém.

De repente, parou assombrado como se um raio lhe tivesse caído em cima; depois voltou-se bruscamente para trás, para olhar pelas costas a tal pessoa que acabava de passar por ele. Voltou-se como puxado por um cordão, tal como um catavento que gira em torno de um eixo…

O transeunte tinha desaparecido rapidamente na espessura da neve… Também ele caminhava à pressa e estava vestido como o senhor Goliádkin; como ele, caminhava pelo passeio do Fontanka com passo apressado, levemente ritmado.

“Que vem a ser isto? Que vem a ser isto?”, murmurou o senhor Goliádkin sorrindo desconfiado. Estremeceu: um arrepio percorreu-lhe a espinha.

Neste momento o outro tinha já desaparecido completamente, nem sequer se lhe ouviam os passos.

O senhor Goliádkin continuava no mesmo lugar e olhava para trás. Aos poucos, ia voltando a si. “Mas afinal que vem a ser isto? — pensou transtornado. — Estarei doido?” Voltou-se e continuou a caminhar, apertando cada vez mais o passo e esforçando-se por não pensar em nada.

Acabou por fechar os olhos. Mas de súbito, por entre os gemidos do vento e o barulho da tempestade, chegou de novo aos seus ouvidos

um ruído de passos próximos. Estremeceu e abriu os olhos. Na sua frente, a uns vinte passos, a silhueta negra dum homem avançava rapidamente. O homem apressava-se cada vez mais. A distância diminuía. O senhor Goliádkin podia já examinar à sua vontade o seu novo companheiro daquela hora tardia. Soltou então um grito de espanto e horror. Suas pernas vergaram. Era o mesmo transeunte que tinha passado por ele dois minutos antes e que, bruscamente, de improviso, voltava a aparecer na sua frente.

A ocorrência causou tal assombro ao senhor Goliádkin, que ele estacou, trêmulo e quis falar… Até que se lançou em perseguição do desconhecido e lhe gritou algumas palavras para o obrigar a deter-se. O desconhecido para a dez passos do senhor Goliádkin, sob a luz da lanterna mais próxima, que o iluminava completamente. Parou, virou-se para o senhor Goliádkin e, com ar impaciente e interrogador, ficou à espera.

— Peço desculpa, julgo que me enganei — disse o senhor Goliádkin com voz trêmula.

O desconhecido, silencioso e enfadado, afastou-se e continuou a caminhar como se quisesse reaver os segundos que o senhor Goliádkin o obrigara a perder. Quanto a este último, tremia dos pés à cabeça, os joelhos dobravam-se, vacilava, e acabou por se sentar, suspirando, numa das beiras do passeio. Na verdade tinha razões para estar assim perturbado. O desconhecido parecia-lhe agora muito seu conhecido, podia até descrevê-lo da cabeça aos pés. Vira já muitas vezes aquele homem. Tinha-o visto há tempos e ainda muito recentemente. Onde? Ontem, talvez?

Mas o tê-lo visto muitas vezes era ainda o menos. Em si, este homem nada tinha de especial. Nada nele chamava a atenção à primeira vista. Era um homem como outro qualquer, de uma certa distinção, talvez até com grande qualidades. Em suma, era um homem igual aos outros e o senhor Goliádkin não lhe tinha ódio nem sentia sequer contra ele qualquer animosidade. Pelo contrário.

Contudo, por nada deste mundo teria desejado encontrá-lo especialmente neste momento. Mais ainda: o senhor Goliádkin

conhecia-o perfeitamente, sabia até o seu nome e, apesar disto, não queria de forma alguma falar nele, nem mesmo pronunciar o seu apelido. Não se sabe ao certo quanto tempo durou o espanto do senhor Goliádkin, se esteve ou não muito tempo sentado na beira do passeio. Mas, mal se refez um pouco, ergueu-se e pôs-se a correr a toda a velocidade, sem se voltar. Faltava-lhe a respiração. Por duas vezes tropeçou e esteve quase a cair. Perdeu então a outra galocha. Por fim abrandou o passo para poder respirar, olhou rapidamente à sua volta e verificou que, sem dar por isso, tinha passado o cais, atravessara a ponte Ânitchkov, uma parte da Perspectiva Niévski e estava já na esquina da Avenida Litiéinaia. Chegado aqui, o senhor Goliádkin retornou. Sentia-se como alguém que está suspenso sobre um abismo e vê a terra a esboroar-se a seus pés. Ainda há pouco a terra tremia. Agora ela se move mais uma vez, fende-se e arrasta-o para a morte. Ele, desgraçado, não tem força nem presença de espírito para recuar, nem sequer mesmo para despregar os olhos do abismo escancarado. Este o atrai e ele se precipita, abreviando por iniciativa própria o momento da sua perdição.

O senhor Goliádkin sabia agora, sentia, estava absolutamente convencido de que nova desgraça o esperava e que ele ia, sem dúvida alguma, encontrar de novo o desconhecido.

O mais estranho, porém, é que ele quase desejava esse encontro. Considerava-o inevitável. Queria acabar com aquilo o mais depressa possível. Interenssava-lhe que a sua situação se resolvesse de qualquer maneira, contanto que fosse o quanto antes. E continuava correndo, correndo sempre, como que impelido por uma força estranha. Sentia-se enfraquecer e invadia-o uma espécie de temor. Não era capaz de pensar em nada, ainda que as suas ideias se agarrassem a qualquer coisa, como as silvas.

Um cãozinho perdido, encharcado e a tremer, seguia o senhor Goliádkin, corria a seu lado, a cauda entre as pernas e as orelhas caídas. De vez em quando, lançava-lhe um olhar tímido e cheio de compreensão. Uma ideia longínqua, há muito esquecida, a recordação de um acontecimento antigo, tinha vindo alojar-se na cabeça do nosso desditoso herói, martelava-lhe o cérebro, obcecava-o, não queria deixá-lo.

“Oh! Um cãozinho!” — murmurou o senhor Goliádkin sem reparar no sentido das suas palavras, até que, à esquina da Rua de Itália, avistou o desconhecido. Agora este já não vinha ao seu encontro mas seguia o mesmo caminho e corria à sua frente, alguns passos mais adiante… Vai agora já na Rua Chestilavótchnaia. O senhor Goliádkin deixou de respirar. O desconhecido parou diante da casa onde ele morava. Ouviu-se o som da campainha e logo a seguir o ruído da lingueta de ferro.

A porta de entrada abriu-se, o desconhecido curvou-se e desapareceu sob o teto abobadado.

Quase ao mesmo tempo, o senhor Goliádkin chegou defronte da porta e, como uma flecha, entrou no pátio; sem dar ouvidos ao porteiro que resmungava, atravessou o pátio, ofegante, e avistou logo o curioso companheiro que durante momentos perdera de vista. O desconhecido estava já no fundo da escada que levava ao andar do senhor Goliádkin.

Este seguiu-o correndo. A escada era escura, úmida e suja. Os locatários tinham amontoado detritos em todos os cantos. Um estranho que não estivesse habituado a vir àquela casa e que a subisse de noite andaria ali às voltas durante meia hora com o risco de quebrar alguma perna, e finalmente acabaria por mandar para o diabo uma visita tão incômoda.

Ora, o companheiro do senhor Goliádkin era sem dúvida familiar da casa. Subia com ligeireza, sem dificuldade, com um conhecimento perfeito dos lugares.

O senhor Goliádkin depressa o alcançou, Por duas ou três vezes a aba do casaco do desconhecido lhe roçou pelo nariz e ele estava pálido de assombro. O homem misterioso parou mesmo em frente à porta do senhor Goliádkin. Bateu. Pietruchka (em qualquer outra altura isto teria espantado o patrão) parecia esperar, pois não se tinha deitado. Abriu logo a porta e, de vela na mão, seguiu o homem que entrava.

Fora de si, o senhor Goliádkin precipitou-se para os seus aposentos sem tirar o chapéu nem o casaco, atravessou o pequeno

corredor e parou no meio do quarto como se um raio o tivesse fulminado.

Todos os seus pressentimentos se tornavam realidade; os seus pressentimentos e… os seus receios. Deixou de respirar, a cabeça andava-lhe à roda. O desconhecido sentou-se diante dele, na sua cama; também ele continuava de chapéu e casaco. Sorriu de leve, piscou os olhos e baixou um pouco a cabeça em sinal de cumprimento. O senhor Goliádkin quis gritar, protestar, mas não pôde, não teve forças. Seus cabelos ficaram em pé. Sentou-se apavorado, perdeu os sentidos.

E tinha razão para isso. O senhor Goliádkin acabava de reconhecer o seu amigo noturno. Este não era outro senão ele próprio, senhor Goliádkin, um outro senhor Goliádkin, absolutamente igual a ele e em tudo seu sósia…

## Capítulo VI

No dia seguinte às oito horas em ponto, o senhor Goliádkin acordava na sua cama e todas as extraordinárias aventuras da véspera, as aventuras inverossímeis daquela noite terrível, surgiram ao mesmo tempo na sua imaginação, em toda a sua crueza. O ódio medonho, infernal, que lhe tinham os seus inimigos, e sobretudo a última manifestação deste ódio, seriam motivos suficientes para gelar de pavor o coração do senhor Goliádkin.

Mas era tudo tão estranho, tão incompreensível, tão cruel, tudo se lhe afigurava de tal modo impossível, que toda aquela história lhe parecia inacreditável. O senhor Goliádkin estava inclinado a atribuir tudo a um sonho, a um passageiro delírio de imaginação, a um obscurecimento momentâneo do espírito. Mas, felizmente, ele sabia pela experiência dolorosa da vida até onde o ódio pode levar o homem, especialmente se se trata de um inimigo que quer desafrontar a sua honra e a sua ambição. Por outro lado o senhor Goliádkin sentia os membros quebrados, a cabeça entontecida, os rins fatigados, e um grande resfriado testemunhava-lhe a veracidade de todos os incidentes do seu passeio noturno.

Aliás, o senhor Goliádkin sabia já há muito tempo que alguma coisa se preparava lá longe, na casa dos outros. Mas o quê? Depois de refletir com calma, decidiu calar-se, submeter-se e não protestar até nova ordem.

“Naturalmente eles quiseram apenas pregar-me um susto, mas, se virem que eu não faço barulho, que me calo e suporto tudo com paciência, vão se arrepender. Serão eles os primeiros a fazer marcha à ré…

Era assim que pensava o senhor Goliádkin, enquanto, estendido na cama, esperava que Pietruchka entrasse no quarto, como era costume todas as manhãs.

Já há um quarto de hora que estava à espera dele. Bem o ouvia para lá do reposteiro, preparando o samovar e, contudo, não se decidia a chamá-lo. Preocupava-o um pouco a ideia de estar a sós com Pietruchka.

“Sabe Deus — pensava — sabe Deus o que aquele maroto pensa de tudo isto. Não fiz nada, mas lá no fundo…”

Por fim a porta rangeu e Pietruchka apareceu de bandeja na mão. O senhor Goliádkin olhou para ele com medo, esperando que fizesse qualquer referência ao que se passara. Mas Pietruchka não disse nada. Parecia ainda mais silencioso, mais grave e mais manhoso que de costume. De olhos no chão, parecia extremamente aborrecido. Não olhou para o patrão nem uma única vez, o que — diga-se de passagem — deixou um tanto irritado o senhor Goliádkin. Colocou a bandeja na mesa, voltou-se e, sem dizer uma palavra, passou ao outro quarto.

“Este malandro sabe tudo…” — murmurou o senhor Goliádkin, começando a tomar o chá. Mas não lhe fez nenhuma pergunta das várias vezes que ele voltou ao quarto sob pretextos vários.

O senhor Goliádkin estava perturbado. Receava ir à repartição. Tinha um pressentimento de que ali as coisas não iriam correr bem… “Não seria melhor esperar? Que se arranjem lá como quiserem… Hoje ficarei aqui, reunirei as minhas forças… refletirei melhor em tudo isto… Depois escolherei o momento oportuno e cairei sobre eles…

Será como se nada tivesse acontecido…”

Enquanto meditava, o senhor Goliádkin ia fumando cachimbo sobre cachimbo.

O tempo fugia. Eram quase dez e meia… “Ora, já são dez e meia — pensou ele. — É tarde demais para eu ir… Além disso estou doente, sim, doente… Qualquer pessoa vê que estou doente! Se não acreditarem, que mandem alguém informar-se… Doem-me as costas, tenho tosse, estou gripado… Não posso sair, ainda mais com um tempo destes. Era capaz de cair de cama e… ir desta para melhor, especialmente agora que tem morrido tanta gente…”

Desta maneira o senhor Goliádkin tranquiliza a sua consciência e antecipadamente justifica perante si próprio a censura que Andriéi Filípovitch lhe fará pela sua negligência no serviço. Não era a primeira vez que ele encontrava razões irrefutáveis para acalmar escrúpulos da mesma natureza. Ficou assim mais uma vez com a consciência serena. Então tornou a pegar no cachimbo…

Mal o acendeu, ergueu-se do divã num pulo, barbeou-se apertou a roupa, enfiou o uniforme, pegou nuns papéis e foi correndo para a repartição…

Entrou receoso, esperando de forma inconsciente mas desagradável que qualquer coisa de mau viesse a acontecer.

Sentou-se timidamente no lugar habitual, junto do chefe de repartição, Anton Antônovitch Siétotchkin. Sem distrair-se um só momento, pôs-se a ler os papéis que estavam na sua frente; tinha resolvido, tinha jurado evitar a mínima provocação que pudesse comprometê-lo, qualquer pergunta indiscreta, qualquer brincadeira ou qualquer alusão inconveniente à festa da véspera.

Tinha resolvido mesmo não trocar com os colegas as frases habituais de cortesia, os “Como está?” etc. Compreendeu, porém que isto não podia durar. À inquietação e à ignorância dos fatos, ele preferira sempre o conhecimento, mesmo das coisas desagradáveis. Por isso, apesar de ter jurado a si próprio manter-se afastado e não dar atenção a nada, o senhor Goliádkin de vez em quando levantava a

cabeça de mansinho, disfarçadamente, olhando à direita e à esquerda e procurando ler alguma coisa no rosto dos camaradas… Quer saber com um simples olhar se não haverá nada tramado contra ele, nada de novo nem de particular, nada escondido… Procura uma ligação estreita entre os acontecimentos da véspera e as atitudes de hoje.

Enfim, no seu desespero, o que ele deseja é uma solução, seja ela qual for, mesmo desfavorável.

O destino pareceu ouvi-lo. Mal ele tinha acabado de exprimir este desejo anterior, já as suas dúvidas estavam dissipadas da maneira mais estranha e mais inesperada que imaginar se possa…

A porta da sala vizinha rangeu de leve, timidamente, como a anunciar que ia dar passagem a uma personagem insignificante. Um rosto sem nada de particular, bem conhecido do senhor Goliádkin, apareceu diante da mesa em que estava sentado. O senhor Goliádkin não levantou a cabeça; olhou aquele rosto sem fazer um movimento, à socapa. Mas já tinha percebido tudo, tudo, nos seus mínimos pormenores. Corou de vergonha e enterrou a cabeça nos papéis com um sentimento igual ao da avestruz que, perseguida pelos caçadores, esconde a sua na areia escaldante.

O recém-chegado cumprimentou Andriéi Filípovitch, o qual respondeu com aquela voz oficial e acolhedora com que os chefes em todas as repartições recebem os novos funcionários.

— Sente-se aqui — disse Andriéi Filípovitch, apontando a mesa de Anton Antônovitch. — Sente-se em frente do senhor Goliádkin… Vão dar-lhe trabalho…

Quando acabou de dizer estas palavras, Andriéi Filípovitch fez ao recém-chegado um aceno amigável e logo a seguir mergulhou no exame dos papéis acumulados na sua frente…

Finalmente o senhor Goliádkin levantou os olhos. Só não desmaiou porque adivinhara antecipadamente tudo o que ia passar-se. O seu primeiro movimento foi olhar à volta para ver se os outros funcionários cochichavam entre si, se não havia qualquer rosto em que se pudesse ler espanto ou terror. Contudo, o senhor Goliádkin

verificou com grande admiração que não se passava nada deste gênero. A conduta dos colegas deixava-o perplexo. Parecia-lhe fora do senso comum. Aquele silêncio extraordinário chegava a assustá-lo. Todavia, o caso era bem claro. Mais: era estranho, horrível, de enlouquecer. Os pensamentos atravessavam o cérebro do Senhor Goliádkin como relâmpagos. Parecia-lhe que estavam a assá-lo a fogo lento.

Tinha razão. O homem que estava sentado na sua frente era o seu terror, a sua vergonha, o pesadelo da véspera, era o próprio senhor Goliádkin. Mas não era aquele que, sentado numa cadeira, com a boca um pouco entreaberta e a pena parada na mão, ia desempenhando as funções de adjunto do chefe. Não aquele que tinha o hábito de apagar-se e desaparecer na multidão e cuja atitude significava claramente: "Se não se meterem comigo, eu também não me meto com ninguém" ou "Não me façam mal… porque eu também não lhes faço". Não. Era um outro senhor Goliádkin, completamente diferente mas em tudo semelhante ao primeiro.

Tinha a mesma estatura, a mesma corpulência, a mesma roupa, a mesma calvície. Era em tudo igual ao outro, sem tirar nem pôr, a tal ponto que ninguém, ninguém poderia gabar-se, comparando-os, de ser capaz de determinar qual era o verdadeiro senhor Goliádkin e qual o falso, qual o antigo, qual o novo, qual o original, qual a cópia.

O senhor Goliádkin está na situação de alguém sobre quem, por uma brincadeira de mau gosto, outros tivessem fixado um espelho. Estarei sonhando ou não? — pensa ele. — É hoje ou ontem? E… com que direito? Sim, quem deu licença para introduzirem aqui este funcionário? Com que direito?… Estarei dormindo ou sonhando? O senhor Goliádkin beliscou-se para certificar-se de que estava acordado. Não, infelizmente não era um sonho. O senhor Goliádkin sentiu o suor correr-lhe em grossas bagas. Não há que duvidar. Passa-se com ele algo de inesperado, de nunca visto e, para cúmulo de desgraça, algo de monstruoso. O senhor Goliádkin compreende o que há de aborrecido em ser-se o "primeiro caso". Acaba por duvidar da sua própria existência.

Ainda que estivesse preparado para tudo, desejava poder

esclarecer todas as suas dúvidas, fosse qual fosse o preço desse esclarecimento. Tudo isto, porém, era já demais. O senhor Goliádkin sentia-se no extremo das suas forças. Durante minutos perde os sentidos e a memória. Depois volta a si e dá conta de que arrasta a pena sobre o papel, maquinalmente, inconscientemente. Perdeu toda a confiança em si próprio, olha para o que escreveu e não compreende nada.

Entretanto, o outro senhor Goliádkin, o qual tem estado calmamente sentado, levanta-se e vai à outra seção buscar um maço de papéis.

O senhor Goliádkin observa. Nada. Reina a maior calma. Apenas se ouve o barulho das penas, dos papéis quando os voltam e um ciciar de palavras no canto mais afastado, no lugar de Andriéi Filípovitch.

Como não poderia deixar de ser, o rosto do senhor Goliádkin refletia o que lhe ia na alma, estava de acordo com os acontecimentos e não podia ser natural. Por isso o bondoso Anton Antônovitch, pousando a pena, informa-se com uma inesperada solicitude sobre a saúde do senhor Goliádkin.

— Oh, Anton Antônovitch — gagueja o senhor Goliádkin — graças a Deus, estou bem! Estou menos mal — acrescenta, hesitando e não ousando confiar-se inteiramente a Anton Antônovitch.

— Ah! Pensei que estivesse doente. Não seria nada de extraordinário. Especialmente hoje em dia, que há tantas doenças, como sabe.

— Sim, Anton Antônovitch, sei que há, de fato, muitas doenças… Mas não é isso; — continuou, olhando fixamente Anton Antônovitch. — Acredite, não sei como hei de explicar-lhe… não sei por onde hei de começar, Anton Antônovitch…

— O quê? Sabe que… Confesso que… Não compreendo muito bem… Explique-se melhor, se faz favor. De que está o senhor falando? — diz Anton Antônovitch, sem saber já bem o que havia de dizer, quando viu aparecer lágrimas nos olhos do senhor Goliádkin.

— Mas… É que está aqui, Anton Antônovitch… está aqui um funcionário…

— Continuo sem saber o que diz, meu amigo.

— Estou a dizer, Anton Antônovitch, que há aqui um novo funcionário…

— Ah! Sim…, é claro…, o seu homônimo…

— Como? — exclamou o senhor Goliádkin.

— Sim, o seu homônimo… Também se chama Goliádkin… Não é seu irmão?

— Não, Anton Antônovitch, não…

— Então, desculpe! Julguei que era um parente seu. Sabe? Tem um ar de família…

O senhor Goliádkin ficou mudo de espanto. Durante uns instantes não conseguiu articular palavra. Falar tão levianamente de um fato tão extraordinário, tão monstruoso que espantaria qualquer pessoa por mais indiferente que fosse! Falar de ar de família quando um ser reproduz outro exatamente como a imagem dum espelho!

— Posso dar-lhe um conselho, Iákov Pietróvitch? — continuou Anton Antônovitch. — Vá consultar um médico. O senhor anda com mau aspecto e os seus olhos não têm a expressão habitual.

— Não, Anton Antônovitch. Estou bem. O que eu gostaria de saber é como este funcionário…

— O quê?

— O senhor não notou nele nada de particular? Nada de demasiado característico?

— Por exemplo?

— Por exemplo, isto, Anton Antônovitch, não notou que ele se parece extraordinariamente com alguém…? Sim… comigo? O senhor

já me disse que tem a impressão de que há um certo ar de família, Anton Antônovitch… Sabe? Há as vezes gêmeos tão semelhantes como duas gotas d´água, que não é possível distinguir… Era aqui que eu queria chegar…

— Sim, — respondeu Anton Antônovitch após uns instantes de reflexão e como se pela primeira vez reparasse em tal fato. — Sim, tem razão, a semelhança é na verdade assombrosa, a ponto de se confundir um com o outro. Tal como se ele fosse o senhor mesmo e não outro. A princípio reparei ligeiramente, mas agora noto que a semelhança é surpreendente, pasmosa! Mas diga-me uma coisa, Iákov Pietróvitch: o senhor é natural daqui mesmo?

— Não.

— Pois nem ele tampouco é. Há de ser da mesma região que o senhor. Permita-me mais uma pergunta: qual foi o último endereço de sua mãe?

— O senhor estava dizendo… — interrompeu Goliádkin. — O senhor estava dizendo que esse homem não é daqui?

— Não, não é. O caso é verdadeiramente espantoso — prosseguiu Anton Antônovitch, que dava a vida por uma conversa — é digno de interesse. Quantas vezes nos sucede passar de largo por fenômenos como este sem lhes dar atenção. Mas afinal, não se aborreça com isso. São coisas que acontecem. Eu posso citar-lhe casos. Aconteceu um com minha tia da parte da minha mãe. Antes de morrer, deu para ver as coisas em duplo.

— Não, desculpe interrompê-lo, Anton Antônovitch. Não se trata disso. O que eu queria saber era como é que este funcionário veio parar aqui. Por que razão…?

— Veio para o lugar do falecido Siemion Ivânovitch. O lugar estava ainda vago. Deram-lhe. Sabe? Dizem que o pobre Siemion Ivânovitch deixou três filhos de tenra idade e que a viúva se lançou aos pés de Sua Excelência. Parece, contudo, que ela fez uma grande “comédia”, que tem dinheiro, mas está escondido…

— Vejamos, Anton Antônovitch, eu torno a fazer-lhe a mesma pergunta.

— Mas que pergunta? Por que é que o senhor se interessa por isto? Volto a dizer-lhe: nada há em tudo isto que prejudique ao senhor. É uma solução provisória. E depois? Nada disto lhe diz respeito. Foi Deus quem assim o quis, foi a sua vontade, e é pecado revoltarmo-nos contra os seus desígnios. E o senhor, Iákov Pietróvitch — é fácil de ver — não meteu nisto prego nem estopa. Há muitas coisas estranhas por este mundo. A mãe natureza não se preocupa com estas anomalias. O senhor não tem nenhuma culpa disto. Olhe, quer ver outro exemplo? Já ouviu falar de uns irmãos chamados siameses, não é verdade? Estão unidos pelas costas e vivem, comem e dormem juntos e diz-se que ganham muito dinheiro exibindo-se.

— Olhe, Anton Antônovitch…

— Eu compreendo, sim. Mas, o quê? Já lhe disse que não há motivo para que o senhor se aflija. Oh, não! Trata-se de funcionário muito bom; disse que se chamava Goliádkin, que não era daqui e que é conselheiro da corte. Ele tratou pessoalmente com Sua Excelência.

— Mas como?

— Diz-se que falou muito bem, que apresentou razões de peso. “Visto que não tenho fortuna — disse ele — interessa-me de um modo especial trabalhar sob as ordens de V. Ex.a e… mais isto e mais aquilo…” Falou com muita habilidade, deve ser muito inteligente. Mas com certeza trouxe qualquer recomendação, de outro modo seria impossível admitirem-no.

— Mas recomendação de quem? Não vejo… isto é… quem andará por trás de tudo isto?

— Sim, diz-se que tinha uma recomendação muito boa. Diz-se que Sua Excelência e Andriéi Filípovitch até sorriram.

— Sorriram?

— Sim, sorriram e disseram… Que pelo lado deles não haveria

dificuldades… contanto que ele fizesse bem a sua obrigação.

— E depois? Está-me pondo curioso, Anton Antônovitch. Diga-me, e depois?

— Enfim… olhe… isto não tem importância nenhuma. Já lhe disse. Não esteja preocupado. Não há nenhuma razão para ter medo.

— Não. Isto é: eu gostaria que o senhor me dissesse, Anton Antônovitch, se Sua Excelência não disse mais nada. Por exemplo: a meu respeito?

— O quê? Não, dou-lhe a minha palavra de honra. O senhor pode estar sossegado. É claro que é um caso bastante extraordinário. Olhe eu, por exemplo, a princípio não reparei em nada antes de o senhor ter me chamado a atenção. Mas pode estar absolutamente tranquilo. Isto nada tem de importante, absolutamente nada — acrescentou o simpático Anton Antônovitch erguendo-se da cadeira.

— Está bem, Anton Antônovitch…

— Ah, desculpe, fiquei aqui de conversa… e tenho um trabalho urgente e muito importante para fazer. Tenho de ir buscar umas informações.

— Anton Antônovitch! — era a voz barulhenta de Andriéi Filípovitch — Sua Excelência pergunta pelo senhor.

— Estarei lá neste momento, Andriéi Filípovitch.

E Anton Antônovitch, pegando numa pilha de papéis, foi primeiro ter com Andriéi Filípovitch e depois dirigiu-se ao gabinete de Sua Excelência.

“Que haverá por detrás de tudo isto? — pensou o senhor Goliádkin. — A coisa agora é aqui. Será daqui que o vento sopra? Enfim, podia ser pior. As coisas não estão tão mal como pareciam.” Esfregou as mãos de contente. “Afinal este assunto é vulgar. Tudo acaba em anedota. Nada mais, felizmente. Nada, nem ninguém. Os marotos não se mexem. Sentaram-se e trabalham. Bem, bem. Gosto de gente assim. Sempre gostei. Por outro lado, por outro lado, quando

penso neste Anton Antônovitch… Não se pode ter grande confiança nele. Já está velho. Mas o mais extraordinário é que Sua Excelência não tenha dito nada e tenha deixado passar a coisa assim… Foi bom, concordo. Afinal, o que pretenderá Andriéi Filípovitch com as suas ironias? Ele tem alguma coisa com tudo isto, o idiota? Sempre a meter-se no meu caminho, como um gato preto. Quer se atravessar à minha frente, pôr-me obstáculos, o malandro…”

O senhor Goliádkin lançou novo olhar à sua volta e pôs-se de novo à espera. Contudo, no fundo um pensamento mau o perturbava. Chegou a pensar em abordar sob qualquer pretexto os colegas à saída da repartição, e, em conversa, deixar escapar qualquer alusão como esta: “Ora reparem, meus senhores, mais isto e mais aquilo, vejam que extraordinária semelhança, que casualidade tão estranha…”. Contudo, à medida que ia brincando com o caso, ia-se apercebendo da extensão do perigo.

“Ah, a natureza humana é assim! — disse para consigo, batendo ao de leve com a mão na testa. — Pomo-nos a fantasiar e ficamos logo alegres e alvoroçados! Não, o melhor é esperares um pouco, Iákov Pietróvitch, esperar e sofrer.”

Todavia, o senhor Goliádkin sente uma alegria sem limites. Tem a impressão de ressuscitar do meio dos mortos.

“Afinal isto não vale nada — pensa ele. — Saiu-me um peso de muitas arrobas de cima do peito. E, quanto ao outro, que trabalhe em paz. Contanto que não incomode ninguém, que não se meta com ninguém e seja um bom funcionário, não serei eu que irei contra ele.”

Entretanto o tempo foi passando, chegam as quatro horas e o escritório fecha. Andriéi Filípovitch pega no chapéu e todos fazem o mesmo. O senhor Goliádkin ficou um pouco atrás e, de propósito, é o último a sair, quando todos se dispersavam já em várias direções. Na rua sente-se como se estivesse no paraíso. Sente até desejos de ir dar uma volta pela Perspectiva Niévski.

“Que vida esta! — diz de si para si. — Tudo muda. Lá voltou o bom tempo, o frio e os trenós. O frio é essencial para os russos. Eles só estão contentes quando há gelo. Gosto dos russos e do gelo e também

do frio…”

É assim que o senhor Goliádkin exprime o seu entusiasmo. No entanto há ainda um espinho ferindo-lhe a alma. Não é propriamente tristeza e, contudo, sente o coração tão apertado que não sabe como se há de consolar.

“Enfim, tempo virá em que terei vontade de rir de tudo isto. Senão, vejamos, meu amigo, raciocinemos. Tu és um homem absolutamente igual a mim, em tudo semelhante, e daí? Será razão para eu me pôr a chorar? Que tenho eu com isso? Isso não me diz respeito. Não sei de nada, eis a verdade. O que é preciso é que ele faça a sua obrigação! Afinal onde está o milagre? Fala-se dos irmãos siameses. Pois bem. Suponhamos que somos gêmeos. Até mesmo os grandes homens têm às vezes as suas excentricidades. Na história, por exemplo, temos o célebre Suvórov[6] que cantava como um galo… por causa da política… E também grandes senhores… Oh, mas que me importam os grandes senhores? Eu sou eu. Não desejo conhecer ninguém, não tenho culpa de nada e não quero saber dos inimigos. Não sou de intrigas e tenho orgulho nisso; sou simples, correto, honesto, cordial…”

De repente o senhor Goliádkin cala-se, para e treme como uma folha ao vento. Fecha os olhos durante um minuto. Entretanto, espera… Se estivesse enganado! Torna a abrir os olhos. Olha a medo para a direita. Não, não foi ilusão. A seu lado caminha… o outro senhor Goliádkin, que, muito sorridente, o olha nos olhos e parece esperar o momento de entabular conversa. A conversa, porém, não havia forma de surgir. Dão assim mais de quinze passos. O senhor Goliádkin procura aconchegar-se no casaco e enterrar o chapéu até às orelhas. Mas o ultraje é completo… O próprio casaco e o chapéu do *amigo* eram em tudo absolutamente iguais aos do senhor Goliádkin.

— Senhor — disse por fim o senhor Goliádkin com uma voz fraca que parecia um murmúrio e sem ousar olhar para o amigo — parece-me que os nossos caminhos são diferentes…

— Julgo — acrescentou em tom severo e após um curto silêncio — julgo que não é preciso dizer mais nada…

— Eu gostaria — disse por fim o amigo do senhor Goliádkin. — Eu gostaria… Espero que me desculpe. Não sei a quem hei de dirigir-me. São as circunstâncias da vida… Espero que desculpe a minha ousadia. Mas pareceu-me que o amigo me olhava com simpatia hoje de manhã. Pela minha parte, simpatizei logo com o senhor…

O senhor Goliádkin desejaria meter-se pelo chão adentro.

— Se o senhor, Iákov Pietróvitch… quisesse ter a bondade de ouvir-me…

— Olhe, o melhor… é irmos para minha casa — respondeu o senhor Goliádkin. — Atravessemos para o lado de lá da avenida, vai-se melhor, e depois entramos pela travessa. Sim, é melhor irmos pela travessa.

— Como quiser, vamos por essa travessa — diz timidamente o dócil companheiro do senhor Goliádkin; o tom da resposta significava que ele não tinha o direito de discutir. Na sua situação, tinha de contentar-se com a tal travessa. O senhor Goliádkin não compreendia nada do que se passava. Não acreditava no que via. Não havia forma de refazer-se do seu espanto.

# Capítulo VII

O senhor Goliádkin só se refez um pouco já na escada, diante da porta de sua casa. Em pensamento estava furioso consigo próprio e insultava-se. “Sou um idiota! Por que o trouxe para aqui? Fui arranjar sarna para me coçar! Que pensará Pietruchka quando nos vir juntos? O que não irá ele pensar, aquele patife? Desconfiado como é…” Mas era já demasiado tarde para voltar atrás.

O senhor Goliádkin bateu, a porta abriu-se e Pietruchka pegou nos sobretudos do hóspede e do patrão. O senhor Goliádkin olhou Pietruchka disfarçadamente, procurando através da fisionomia adivinhar-lhe os pensamentos. Mas com grande espanto seu, Pietruchka mantinha o seu ar natural. Parecia até já estar à espera daquela visita.

“Hoje toda a gente sofreu qualquer sortilégio! — pensou o senhor Goliádkin. — Passou por aqui algum feiticeiro. Todos têm qualquer coisa que não é natural. Que o diabo os leve a todos!”.

Assim pensava o senhor Goliádkin enquanto introduzia o hóspede no quarto. Pouco à vontade, disse-lhe que se sentasse. O outro parecia muito intimidado, e seguia humildemente todos os movimentos do senhor Goliádkin, procurando com o olhar descobrir os seus pensamentos. Tinha gestos tímidos, desajeitados. Podia-se compará-lo a alguém que, não tendo roupas próprias, vestisse as de outra pessoa: as mangas são compridas demais, a cintura fica-lhe muito acima. Puxa constantemente o colete que está curto, encolhe-se, procura sumir-se. Observa os outros para ver se o acham ridículo, se fazem troça dele, ou se sentem envergonhados com a sua companhia e cora, fica aniquilado, sofre no seu amor-próprio.

O senhor Goliádkin pôs o chapéu na janela. Movimento imprudente. O chapéu cai no chão. O hóspede precipita-se ao mesmo tempo que o senhor Goliádkin para o apanhar. Limpa-lhe o pó com todo o cuidade, volta a pô-lo no lugar e coloca o seu no chão, junto da cadeira em que se senta. Este pequeno incidente elucidou um pouco o

senhor Goliádkin. Compreendeu que aquele homem devia estar em grandes necessidades. E pôs-se a pensar como iniciaria a conversação. O hóspede mantém-se calado. Timidez, vergonha ou delicadeza? Estaria à espera que o dono da casa começasse? Olhando-o, nada se conclui.

Então, Pietruchka abriu a porta, parou na entrada e, sem olhar nem para o patrão nem para o outro, disse negligentemente e com secura:

— Será preciso trazer dois jantares?

— Sim… Não sei. Sim, podes trazer.

Pietruchka saiu, o senhor Goliádkin olhou para o hóspede que corara até às orelhas. O senhor Goliádkin era bom e, levado pela bondade da sua alma, estabeleceu imediatamente uma teoria.

"É um pobre coitado — pensou — que só hoje se empregou e que deve ter sofrido muito. Talvez nada mais possua do que aquele sobretudo e não tenha com que jantar. Ele é tão tímido!… Mas que tem isso? Até é melhor assim…"

— Se não sou indiscreto — perguntou o senhor Goliádkin — posso saber como o senhor se chama?

— Eu… eu me chamo Iákov Pietróvitch — murmurou como se tivesse vergonha e pedisse desculpa de se chamar assim.

— Iákov Pietróvitch — repetiu o senhor Goliádkin que não foi capaz de dissimular o seu mal-estar.

— Sim, é isso, sou seu homônimo — respondeu o tímido hóspede que ousou sorrir e quis gracejar. Parou logo a seguir com um ar muito sério e um pouco atrapalhado. Reparou que o senhor Goliádkin não estava com vontade nenhuma de brincar.

— O senhor… a que devo a honra?… — perguntou Goliádkin.

— Como sabia já que o senhor é bondoso — interrompeu-o o hóspede com voz tímida, erguendo-se um pouco na cadeira — tomei a

liberdade de me dirigir ao senhor e de lhe pedir… a sua proteção… — Tinha dificuldade em encontrar as expressões, procurando palavras nem demasiado lisonjeiras nem demasiado humildes, de forma a não comprometer a sua dignidade e evitando frases ousadas que pudessem exprimir igualdade, o que seria descabido.

O hóspede do senhor Goliádkin tinha a atitude dum nobre transformado em mendigo, de fraque remendado e que, com os pergaminhos no bolso, ainda não tem o hábito de estender a mão.

— Por amor de Deus — respondeu o senhor Goliádkin, passeando o olhar por si próprio, pelas paredes e pelo seu hóspede. — Em que lhe posso ser útil?

— Iákov Pietróvitch, eu simpatizei logo com o senhor e, desculpe-me, mas pensei que seria capaz de ajudar-me. Pensei, Iákov Pietróvitch… Sou um homem perdido nesta cidade, sou pobre e tenho sofrido muito. Não conheço aqui ninguém. Quando soube que o senhor era meu homônimo e me disseram que era muito bondoso…

O senhor Goliádkin franziu as sobrancelhas.

— Meu homônimo e da mesma terra que eu, resolvi dirigir-me ao senhor e expor-lhe a minha situação…

— Bom, bom… Eu não sei francamente o que hei de dizer-lhe — respondeu com voz perturbada o senhor Goliádkin. — Falaremos depois do jantar.

O hóspede baixou a cabeça. Chegou o jantar. Pietruchka pôs a mesa e os dois homens começaram a comer. Foi uma refeição pouco demorada. Um e outro comeram depressa. O dono da casa não se sentia à vontade. Estava também aborrecido pela má qualidade do jantar. Teria querido obsequiar o conviva e mostrar-lhe que não vivia como um pelintra. Por seu lado, o hóspede também não estava à vontade. Pegou no pão e comeu, mas já não ousou pegar outro. Estava com receio de comer mais que a sua parte. E afirma constantemente que não tem fome nenhuma, que o jantar é muito bom, que está muito contente e que a sua gratidão será eterna.

Depois de terminada a refeição, o senhor Goliádkin acendeu o cachimbo e ofereceu outro ao hóspede. Sentaram-se um diante do outro e o hóspede começou a contar as suas aventuras.

A história do senhor Goliádkin Júnior durou três ou quatro horas. Era uma história feita de circunstâncias comezinhas e vazias de interesse. Tratava-se de um emprego não sei onde, na província, à mistura com procuradores e presidentes de tribunais, intrigas de repartição, um funcionário de alma depravada, uma inspeção e uma mudança inesperada de chefes. O senhor Goliádkin número dois contou também como o fizera sofrer a sua velha tia Pielagueia Siemiônovna, como tinha perdido o lugar por intrigas dos inimigos, como viera a pé até Petersburgo, as tentativas que tivera de fazer, como procurara em vão durante tanto tempo uma situação, como gastara tudo vivendo nos vãos de escada, comendo pão duro, bebendo lágrimas amargas, dormindo no chão, e como por fim uma pessoa qualquer se encarregara de interceder por ele, recomendando-o e arranjando-lhe a atual situação.

Enquanto falava, o hóspede do senhor Goliádkin chorava. Limpara as lágrimas com um lenço azul de quadros, que parecia mais uma toalha do que um lenço.

— É uma confissão geral que lhe faço — diz ele. E confessa que não só não sabe como há de viver e onde instalar-se antes de receber o seu vencimento, mas também que não tem com que encomendar o uniforme.

— Nem sequer pude — diz — comprar as botas.

O senhor Goliádkin ficou comovido, sinceramente comovido, embora a história do seu hóspede fosse banal. Todas as palavras caíram no coração do senhor Goliádkin como um bálsamo celestial. Graças a elas esqueceu-se das suas últimas dúvidas. Uma alegria vivificante: tudo isto afinal é tão natural! Não havia razão, nem para estar triste nem preocupado. “Meu Deus! Há nisto apenas uma coincidência que não é vulgar, mas não se trata, afinal, de nenhuma desgraça. Não é nada que possa molestar uma pessoa ou ferir o seu amor-próprio, ou cortar-lhe a carreira. O homem não tem culpa

quando é a própria natureza a atuar.”

Por último, o hóspede pediu-lhe auxílio, chorou, vociferou contra o destino. Parecia tão simples, sem maldade, sem qualquer intenção reservada! Tão desgraçado e desprotegido! Era de dizer que ele, por seu lado, por qualquer razão oculta, se envergonhava da sua estranha semelhança com o senhor Goliádkin.

A sua atitude era irrepreensível. Procurava agradar ao senhor Goliádkin e o seu olhar era o dum homem que os remorsos de consciência abatem e se sente culpado perante outrem. Se houvesse qualquer assunto a discutir, ele concordaria logo com a opinião do senhor Goliádkin; se por engano ou convicção tivesse contraditado o senhor Goliádkin, ou se julgasse ter-se afastado das ideias deste, ele imediatamente pediria desculpa, daria as suas explicações, faria compreender que o seu pensamento era o do senhor Goliádkin e que via as coisas com os mesmos olhos que ele. Esforçava-se o mais possível por descobrir o pensamento do senhor Goliádkin, a tal ponto que este achou que o seu conviva devia ser o mais amável dos homens.

Pietruchka serviu o chá.

Eram já nove horas. O senhor Goliádkin sentia-se de excelene humor, alegre, animado, e entabulara com o seu hóspede uma conversa muito viva e cheia de interesse. O senhor Goliádkin, quando estava bem disposto gostava de contar coisas interessantes. Assim, por sua vez falou longamente da capital, dos seus divertimentos e belezas… dos teatros, dos círculos, do último quadro de Brulov. Contou que dois ingleses vieram de Londres a Petersburgo de propósito paa verem a famosa grade do Jardim de Verão e regressaram logo à capital inglesa. Falou do serviço, de Olsuf Ivânovitch e de Andriéi Filípovitch; de como a Rússia ia em franco progresso, notadamente nas artes; contou uma anedota lida ultimamente na *Abelha do Norte*[7]; falou de uma serpente que há na Índia dotada de força extraordinária etc., etc. Enfim, o senhor Goliádkin estava muitíssimo contente; primeiro porque se sente tranquilo, segundo porque não só já não tem medo dos inimigos, mas está até disposto a provocá-los para um combate decisivo; terceiro,

porque ele próprio dispensara a sua proteção a outrem e tinha assim praticado uma boa ação.

Parecia-lhe, contudo, que não se sentia ainda totalmente feliz, que continuava no seu coração um vermezinho, insignificante, sim, mas que o ia corroendo. O que o atormentava deste modo era a recordação do que ocorrera na véspera em casa de Olsuf Ivânovitch. Quanto daria ele agora para que nenhum dos acontecimentos da véspera se tivesse passado! "No fundo, isso não vale nada" — concluiu, jurando a si próprio que dali para o futuro se portaria como deve ser e não voltaria a incorrer em semelhantes deslizes. Agora o senhor Goliádkin ganha ânimo; de súbito, sente-se quase totalmente feliz e pensa até em tirar certo partido da vida.

Ordena a Pietruchka que lhes traga o rum e prepare um ponche. O senhor Goliádkin e o seu hóspede esvaziam dois copos. O convidado está cada vez mais amável e dá provas de um comportamento agradável e de grande compostura. Compartilhava da alegria do senhor Goliádkin. Parecia alegrar-se com a boa disposição do dono da casa e olhava-o como seu verdadeiro e único benfeitor. Pegou numa pena e numa folha de papel e pediu ao senhor Goliádkin que não olhasse para o que ele ia escrever, antes de acabar. Era uma quadra muito sentimental, escrita com mão segura e cujo autor se adivinhava ser ele próprio:

Se tu viesses a olvidar-me,
Eu jamais te olvidaria!
Venha lá o que vier,
Deve também recordar-me!

Com os olhos cheios de lágrimas, o senhor Goliádkin, abraçou o hóspede e acabou por tornar-se muito afetuoso. Contou-lhe confidencialmente alguns dos seus segredos e falou de sentimentos íntimos. Falou sobretudo de Andriéi Filípovitch e de Klara Olsúfievna. "Havemos de nos entender bem, os dois, Iákov Pietróvitch — dizia ele. — Viveremos juntos como peixes na água, como irmãos. Seremos nós os mais espertos, meu amigo, e havemos de pregar-lhes uma partida. Não confies neles… eu conheço-te, Iákov Pietróvitch e avalio já o teu caráter. Tu serias capaz de lhes contares tudo, alma cândida! Não, meu irmão, afasta-te deles, de todos eles…"

O hóspede estava completamente de acordo, agradeceu ao senhor Goliádkin e pôs-se também a chorar.

— Ouve, Iacha — continuou o senhor Goliádkin com uma voz trêmula e fraca — instala-te em minha casa por algum tempo ou para sempre. Havemos de entender-nos bem, não te parece? Não te preocupes com a nossa extraordinária semelhança. Há entre nós um laço tão estranho que seria pecado revoltarmo-nos! Seria um pecado! A natureza assim quis e ela sabe o que faz. Digo isto no teu interesse, meu irmão, e ambos agiremos com habilidade e havemos de mostrar-lhes…

Já iam no terceiro ou quarto copo de ponche. O senhor Goliádkin experimenta duas sensações. A princípio sente-se extremamente feliz, depois já não pode suster-se nas pernas. Acaba por convidar o hóspede a passar ali a noite. Arranjaram uma cama improvisada sobre duas cadeiras grandes. O senhor Goliádkin Júnior declarou que é agradável dormir em casa dos amigos, ainda que seja no chão. Dormirá em qualquer parte, onde quiserem, e ficará reconhecido. Agora está no paraíso, mas tem suportado tanto durante a sua vida, sofrido tanto! E quem pode prever o futuro? Deus sabe o que terá ainda de passar! O senhor Goliádkin Sênior insurgiu-se contra estas palavras e pôs-se a demonstrar-lhe que se deve confiar absolutamente em Deus. O hóspede concordava e dizia “que não há como Deus, evidentemente”. Nesta altura o senhor Goliádkin Sênior notou que os turcos têm razão em invocar o nome de Deus, mesmo durante o sono; depois, sem seguir os sábios que caluniam Maomé, o profeta muçulmano, admitiu fosse ele um grande político, e para confirmá-lo faz a descrição do salão dum barbeiro argelino, que lera num livro. Ambos se riram da ingenuidade dos turcos, mas sentiram-se incapazes de não os elogiar e admirar pelo seu fanatismo, que o ópio torna exaltado…

Por fim, o hóspede começou a despir-se. O senhor Goliádkin retirou-se para trás do biombo, pensando que o infeliz talvez nem tivesse camisa, pelo menos camisa decente, e que não se devia humilhar um homem que já tinha sofrido tanto. Queria, por outro lado, entretanto, saber o que fazia Pietruchka, e sondá-lo, observá-lo, e se possível alegrá-lo para que todos se sentissem felizes.

A verdade é que Pietruchka continuava inquietando um pouco o senhor Goliádkin.

— Pietruchka, deita-te — disse baixinho o patrão ao entrar no quarto do criado — deita-te já e amanhã às oito, não te esqueças de acordar-me. Ouviste, Pietruchka?

O senhor Goliádkin falava num tom de voz muito afetuoso, mas Pietruchka não respondeu. Estava arrumando qualquer coisa em cima da cama e nem sequer se voltou para o patrão, como era da mais elementar correção.

— Ouviste, Pietruchka? — repetiu o senhor Goliádkin. — Deita-te já e amanhã às oito acordas-me, ouviste?

— Sim, já sei — resmungou Pietruchka entre dentes.

— Está bem, Pietruchka, digo-te isto para poderes estar descansado. Agora somos todos felizes. Dorme tu também tranquilo. Boa-noite, Pietruchka! Dorme. Todos temos de trabalhar, tu bem sabes, meu amigo. Não penses que eu tenho qualquer intenção reservada…

O senhor Goliádkin pensou: “Não terei ido longe demais? É sempre assim, só faço disparates”. Afastou-se de Pietruchka, descontente consigo próprio. Além disso, sentia-se ofendido com a grosseria e estupidez do criado. “Não se pode ser atencioso com esta corja… O patrão a tratá-lo com deferência… e ele não compreende — pensa o senhor Goliádkin. — Estes imbecis são todos os mesmos.” Voltou para o quarto cambaleando um pouco. O hóspede já estava deitado. Sentou-se um instante na cama.

— Confessa, Iacha — murmurou ele, — confessa, maroto, que não há direito de seres assim para mim, de me teres roubado o nome.

Por fim deu as boas-noites e foi se deitar. O hóspede começava a ressonar. O senhor Goliádkin meteu-se na cama e murmurou sorrindo: “Estás bêbado hoje, meu caro Iákov Pietróvitch, meu grande patife! Agora ris-te, amanhã hás de chorar, tanto mais que choramingas já és tu. Que queres que te faça?”. Neste momento uma estranha sensação

se apoderou do senhor Goliádkin, quer fosse dúvida, quer arrependimento. “Sinto a cabeça à roda, estou embriagado, excedi-me. Sou tolo e disse disparates. Não há dúvida de que o perdão e o esquecimento das ofensas é a maior das virtudes. Contudo, fiz mal. Aí está.”

O senhor Goliádkin levantou-se, pegou na vela e, nas pontas dos pés, foi olhar mais uma vez o hóspede que dormia. Permaneceu diante dele muito tempo, refletindo profundamente. “Que figura triste! Parece um mendigo, um verdadeiro mendigo!” Finalmente o senhor Goliádkin deitou-se. Sentia a cabeça estalando, ouvia campainhas e sinos. Já não se lembrava de nada. Procurou fixar o pensamento. Quis lembrar-se de uma resolução importante, de um assunto delicado. Não podia. Por fim o sono apossou-se dele e dormiu como dormem as pessoas que não têm o costume de beber mas que beberam cinco copos de ponche numa noite, em cavaqueira com os amigos.

## Capítulo VIII

No dia seguinte o senhor Goliádkin acordou, como de costume, às oito horas. Lembrou-se do que se passara e franziu as sobrancelhas. “Eu, ontem, estava idiota de todo” — pensou ele ao levantar-se e olhando a cama do hóspede. Mas qual não foi o seu espanto! Não só o hóspede já não estava no quarto, como a cama em que dormia tinha desaparecido!

— Que vem a ser isto? (O senhor Goliádkin quase gritava.) Que nova história teremos nós?

Enquanto o senhor Goliádkin, de boca aberta, olhava a sala vazia, a porta rangeu e Pietruchka entrou com a bandeja do chá.

— Onde está ele? Onde está? — perguntou o senhor Goliádkin com uma voz que mal se ouvia, apontando para o lugar onde na véspera o hóspede se tinha deitado.

A príncipio, Pietruchka não respondeu, nem sequer olhou para o patrão, voltando propositadamente os olhos para o lado oposto. O

senhor Goliádkin seguiu o seu olhar. Contudo, após um curto silêncio, Pietruchka respondeu com voz rouca e grosseira:

— O patrão não está em casa.

— Idiota, o teu patrão sou eu, Pietruchka.

Com os olhos desmedidamente abertos, fitou o criado. Pietruchka não respondeu mas olhou o senhor Goliádkin de tal modo que este corou até às orelhas. Olhou-o e havia no seu olhar uma censura pesada que valia como uma ofensa. O senhor Goliádkin deixou tombar os braços ao longo do corpo. Por fim Pietruchka declarou que o outro se tinha ido embora havia já hora e meia e não tinha querido esperar. A resposta era aceitável. Pietruchka não tinha razões para mentir. O seu olhar agressivo, a palavra o *outro* que empregou eram nem mais nem menos do que o resultado natural de toda aquela complicada história. O senhor Goliádkin sentia no entanto, de modo impreciso, que as coisas não estavam indo bem e que o destino lhe preparava ainda qualquer surpresa desagradável.

"Bom… veremos — pensou — veremos em que isto vai dar. Oh, meu Deus! — suspirava ele. Depois, com voz já diferente, acrescentou: — Mas por que diabo terei eu feito isto? Não há dúvida. Eu próprio fui buscar lenha para me queimar e risquei o fósforo. Ah! Esta minha cabeça! Esta minha cabeça! Nunca mais deixo de fazer disparates como se fosse um garoto ou um ignorante. Maroto… desavergonhado… Oh, céus! Ele até escreveu versos, o patife, e não havia forma de acabar com os seus protestos de amizade… É sempre assim, vejam bem. Qual será a melhor maneira de o pôr na rua, se ele voltar? Claro que há muitas maneiras. Por exemplo: que, com o meu modesto ordenado… ou meter-lhe medo por isto ou por aquilo; que se quiser viver comigo, mas terá de pagar-me metade da casa e da comida… e dar o dinheiro adiantado. Não… isto não. Não fica bem… seria indelicado. Talvez seja preferível incitar Pietruchka a pregar-lhe qualquer partida ou a ser malcriado com ele. Não, não. É perigoso e não está certo. Que fazer, então, se ele voltar? Está tudo correndo mal, muito mal. Ah, esta minha cabeça! E se ele já não quiser viver comigo? Deus queira que venha… Ficarei muito contente se ele vier. Nem sei quanto daria para o ter aqui." Assim vai raciocinando o

senhor Goliádkin enquanto engole o chá e olha o relógio de momento a momento.

“São nove menos um quarto. São horas de ir para o serviço. Que se irá passar? Gostaria de saber o que estão a tramar, qual é o objetivo deles, qual será o primeiro passo dos meus adversários.” O senhor Goliádkin já não podia aguentar-se por mais tempo. Abandonou o cachimbo por fumar, vestiu-se, e foi para a repartição. Queria descobrir o perigo e observá-lo com os seus próprios olhos. O perigo existia, isso ele sabia muito bem. “Vou já ver… — disse o senhor Goliádkin deixando o sobretudo e as galochas à entrada. — Vou imediatamente tirar tudo a limpo.”

Enquanto tomava esta resolução, o senhor Goliádkin compôs-se e tomou um ar oficial e correto. Quis penetrar no compartimento vizinho, quando, subitamente, no vão duma porta, deu de cara com o seu amigo da véspera. O senhor Goliádkin Júnior parecia muito preocupado e apressado e tinha um ar tão solene e afadigado que qualquer pessoa, ao vê-lo, não podia deixar de pensar: “Deve estar encarregado de uma missão importante”.

— Ah, é o senhor, Iákov Pietróvitch? — diz o senhor Goliádkin detendo o hóspede da véspera.

— Desculpe-me, depois, depois me poderá falar! — exclamou o senhor Goliádkin Júnior, fazendo menção de continuar o seu caminho…

— Contudo, dê-me licença… O senhor, Iákov Pietróvitch, quis, como direi?

— O quê? Explique-se mais depressa.

Nesta altura o hóspede do senhor Goliádkin parou, contrariado, e pôs o ouvido mesmo à altura do nariz do seu interlocutor.

— Era só para dizer, Iákov Pietróvitch, que estou admirado com a sua atitude e que estava longe de esperar…

— Há sempre maneira de se tratarem todos os assuntos. Vá ter

com o secretário de Sua Excelência e depois com o chefe de Gabinete e apresente sua reclamação. Tem algum pedido a fazer?

— Decididamente o senhor me espanta, Iákov Pietróvitch. É impossível que não me reconheça. É evidente que está brincando… Tem um jeito brincalhão…

— Ah, é o senhor? — diz o senhor Goliádkin Júnior como se apenas naquele momento acabasse de reconhecer o outro senhor Goliádkin. — Ah, é o senhor? Então, dormiu bem?

O senhor Goliádkin Júnior sorriu ligeiramente embora se mantivesse aprumado, pois ocupava no serviço um lugar hierarquicamente inferior ao do senhor Goliádkin Sênior. Foi com um sorriso oficial que acrescentou que folgava em saber que o senhor Goliádkin "tinha dormido bem". Depois inclina-se, bate com os pés, olha à direita e à esquerda, põe os olhos no chão e desaparece pela porta mais próxima dizendo que está encarregado de uma missão especial.

"Temos nova história! — murmura o senhor Goliádkin, perplexo. — Nova história!" Sente um formigueiro por todo o corpo. "Há muito já que eu previa isto — continuou, dirigindo-se para a secretária. — Já há muito que o pressentia. Quer dizer que está encarregado de uma missão especial! É isso. Já ontem eu tinha dito que este homem, se veio para aqui, foi com qualquer recomendação particular."

— Iákov Pietróvitch, terminou aquele seu papel de ontem? — perguntou Anton Antônovitch ao senhor Goliádkin que se sentava ao seu lado. — Tem-no aí?

— Aqui está — murmurou o senhor Goliádkin com ar distraído.

— Bom. Pergunto-lhe por ele porque Andriéi Filípovitch já o pediu por duas vezes. Parece que Sua Excelência estava com receio…

— Não, está pronto.

— Ainda bem.

— Parece-me, Anton Antônovitch, que cumpro sempre as minhas

obrigações e executo com cuidado as ordens dos meus chefes…

— Sim, mas que quer dizer com isso?

— Eu… nada, Anton Antônovitch, só lhe queria explicar, Anton Antônovitch… isto é… queria dizer que, às vezes, a maldade e a inveja não poupam ninguém quando está em jogo o pão de cada dia.

— Não estou entendendo bem. Desculpe. A quem quer se referir?

— Quero dizer com isto, Anton Antônovitch, que eu gosto de ir sempre direto ao fim das questões, não sou intriguista e — convenhamos — tenho um certo orgulho nisso.

— Sim, é certo. Aprovo plenamente as suas ideias, mas consinta que lhe faça notar, Iákov Pietróvitch, que não é de boa educação dizer na cara das pessoas o que pensamos delas. Eu, por detrás, não me importo com o que possam dizer de mim mas na minha frente não permito insolências. Enchi-me de cabelos brancos ao serviço do estado e, na minha idade, não admito que me insultem.

— Oh, não, Anton Antônovitch. Vejo que não me compreendeu bem. Eu, Anton Antônovitch, considero uma honra…

— Sim… também eu lhe peço que me desculpe. Fui educado à moda antiga e é já demasiado tarde para aprender as maneiras que hoje se usam. Tenho até agora cumprido sempre os meus deveres. Como sabe, recebi uma medalha de bons serviços…

— Eu sei, Anton Antônovitch. Eu também sou da sua opinião. Não era disso que eu queria falar, mas da máscara, Anton Antônovitch…

— Da máscara?

— Isto é… Receio que volte a interpretar mal o sentido das minhas palavras. Nós somos os dois da mesma opinião, Anton Antônovitch. Eu só quero acrescentar que hoje em dia não são raros os homens que usam máscaras, e que, debaixo da máscara, é difícil reconhecer um homem…

— Não creio. Não é assim tão difícil, às vezes é mesmo muito fácil

e não é preciso irmos muito longe para vermos isso.

— Não, Anton Antônovitch. Repare. Eu falo por mim. Eu, por exemplo, uso máscara no carnaval, em reuniões mundanas. Mas não uso máscara nos restantes dias, perante os homens. É isso que eu quero dizer, Anton Antônovitch.

— Bem. Agora deixemos isso. Não tenho tempo — diz Anton Antônovitch, o qual se ergueu e pegou nuns documentos para os levar ao ministro.

— O seu caso não tardará a esclarecer-se. Acabará por ver quem o acusa e contra quem terá de se defender. Deixemo-nos, pois, de explicações e conversas pessoais que são prejudiciais ao serviço…

— Não, Anton Antônovitch, e… — começou o senhor Goliádkin, empalidecendo um pouco diante de Anton Antônovitch que se afastava — não, não era minha intenção…

“Que quer dizer tudo isto? — pensou o senhor Goliádkin já sozinho. — Donde soprará o vento? Que significará tudo isto?”

No próprio instante em que o senhor Goliádkin, perplexo e meio morto, se preparava para resolver este novo problema, ouviu-se certo reboliço na sala ao lado, a porta entreabriu-se e na moldura apareceu Andriéi Filípovitch que, instantes antes, tinha sido chamado ao gabinete de Sua Excelência. Andriéi Filípovitch, muito agitado, chamou pelo senhor Goliádkin. Este sabia do que se tratava e, como não queria fazer esperar Andriéi Filípovitch, saltou do seu lugar, e foi buscar o documento pedido. Com este na mão, dispunha-se a seguir Andriéi Filípovitch ao gabinete de Sua Excelência. Subitamente, passando quase por debaixo do braço de Andriéi Filípovitch, que estava parado no limiar da porta, o senhor Goliádkin Júnior entrou no compartimento empurrando tudo, afogueado, com ar grave e decidido. Avançou resolutamente em direção ao senhor Goliádkin Sênior, que estava longe de esperar uma coisa daqueles.

— O papel, Iákov Pietróvitch, onde está o papel? Sua Excelência perguntou se já estava pronto — disse depressa e baixo o amigo do senhor Goliádkin Sênior. — Andriéi Filípovitch está à sua espera…

— Já sei, já sei que ele está a espera — murmurou precipitadamente o senhor Goliádkin Sênior.

— Não, Iákov Pietróvitch, não é isso, Iákov Pietróvitch, não sou como pensa; sou muito diferente do que imagina, Iákov Pietróvitch, e interesso-me muito pelo senhor…

— Deixe-me em paz, peço-lhe. Com licença…

— Olhe, Iákov Pietróvitch, ponha-lhe uma capa e na terceira página ponha um sinal, Iákov Pietróvitch…

— Deixe-me em paz, já lhe disse…

— Olhe, Iákov Pietróvitch, há um borrão aqui, já reparou?

Andriéi Filípovitch chamou pela segunda vez o senhor Goliádkin.

— Vou imediatamente, Andriéi Filípovitch. É só um momento… — E voltando-se para o homônimo: — Será que o senhor não entende russo?

— É melhor tirar isso com uma raspadeira, Iákov Pietróvitch. Acredite no que lhe digo. Eu lhe raspo isso, Iákov Pietróvitch, deixe ver…

Pela terceira vez Andriéi Filípovitch chamou o senhor Goliádkin.

— Onde é que o senhor vê o borrão? Não há borrão nenhum…

— Um borrão enorme… olhe aqui. Com licença. Eu o notei. Aqui. Olhe. Com licença, Iákov Pietróvitch… Vou raspá-lo com o canivete. Isto é para o ajudar, Iákov Pietróvitch. Olhe, aqui está.

Neste momento o senhor Goliádkin Júnior, que já tinha ganho a primeira parte da luta, agarrou o papel que o chefe pedira mas em vez de o rapar com o canivete, enrolou-o, meteu-o debaixo do braço e em duas passadas estava junto de Andriéi Filípovitch, que não dera por nada.

O senhor Goliádkin ficou pregado no lugar, com o canivete na mão, como se estivesse se preparando para rapar alguma coisa.

Ainda não tinha compreendido totalmente este novo acontecimento. Ainda se não refizera por completo. Sentira o ataque mas ainda não o interpretara. Por fim, com uma angústia terrível, impossível de descrever, deu um salto e precipitou-se em direção ao gabinete do diretor, pedindo a ajuda do Céu. No compartimento contíguo a esse gabinete dá de cara com Andriéi Filípovitch e o seu homônimo, que vinham de falar com o ministro. O senhor Goliádkin escondeu-se. Andriéi Filípovitch falava e sorria; o homônimo do senhor Goliádkin falava e sorria e, mantendo-se a uma certa distância do primeiro, segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido com o ar mais feliz deste mundo. Andriéi Filípovitch abanava a cabeça com benevolência. Num segundo, o senhor Goliádkin compreendeu a situação. O seu trabalho (como veio a saber mais tarde) tinha excedido as esperanças de Sua Excelência. O ministro estava extremamente satisfeito. Dizia-se até que tinha agradecido ao senhor Goliádkin número dois com toda a simpatia e lhe tinha prometido lembrar-se dele na primeira ocasião…

O imediato pensamento do senhor Goliádkin foi protestar, protestar por todos os meios, até ao extremo das suas forças. Quase sem saber o que fazia, pálido como a morte, foi ter com Andriéi Filípovitch. Mas este, considerando que o assunto do senhor Goliádkin era de ordem pessoal, recusou-se a ouvi-lo e avisou-o de que não tinha tempo a perder, nem mesmo com as coisas que lhe dizem respeito.

O tom seco da recusa chocou o senhor Goliádkin. “É melhor ir bater a outra porta. É preferível dirigir-me a Anton Antônovitch.” Mas por desgraça este último não estava ali. Estava noutro local, ocupado com qualquer coisa. “Foi de propósito que ele não me quis dar explicações — pensou. — Não tenho pois outro remédio senão ir ter com Sua Excelência.” Sempre pálido, de cabeça perdida, sem o poder de decisão necessário, o senhor Goliádkin deixou-se cair numa cadeira.

“Tudo isto é inacreditável! — pensou. — Não é possível… Eu devo ter sonhado. Fui eu com certeza quem foi ao gabinete do ministro! Fui eu quem julgou que era outra pessoa… Não percebo nada! Tudo isto é inverossímil.”

O senhor Goliádkin tinha acabado de tirar esta conclusão, quando de repente o senhor Goliádkin Júnior surgiu na sala com muitos papéis na mão e debaixo do braço. Ao passar diz qualquer coisa a Andriéi Filípovitch e dirige-se com familiaridade a um e outro dos seus colegas.

É evidente que o senhor Goliádkin número dois não tem tempo a perder. Parece preparar-se para sair, mas para bem do senhor Goliádkin Sênior para à porta e põe-se a conversar com dois ou três funcionários que ali se encontram. O senhor Goliádkin Júnior adivinha as intenções do senhor Goliádkin Sênior. Por isso olha à sua volta com inquietação e procura desaparecer. Mas o senhor Goliádkin agarrou já por um braço o seu hóspede da véspera. Os funcionários que o rodeiam afastam-se e esperam com curiosidade. O senhor Góliadkin número um sabe bem que a opinião pública já não está com ele. Sente que se armam intrigas nas suas costas. Mais uma razão para dominar-se. O momento é decisivo.

— Então? — diz o senhor Goliádkin Júnior, olhando com descaramento o senhor Goliádkin Sênior, que mal podia respirar.

— Eu preciso de saber… como é que o senhor explica a sua estranha atitude para comigo…

— Continue… — Nesta altura o senhor Goliádkin Júnior olhou à sua volta, piscou os olhos como para dar entender aos colegas que o rodeavam que a comédia ia começar naquele momento…

— A audácia e a hipocrisia da sua conduta para comigo mostram melhor do que quaisquer palavras quem é o senhor. Não se fie, porém no seu jogo… Não terá sorte…

— Muito bem, Iákov Pietróvitch. Dormiu bem esta noite? — respondeu Goliádkin Júnior desafiando com os olhos o senhor Goliádkin Sênior.

— O senhor esqueceu-se… — disse o senhor Goliádkin número um, completamente transtornado, a ponto de perder quase os sentidos. — O senhor há de mudar de tom, juro-lhe!

— Meu pobre amigo… — diz o senhor Goliádkin Júnior fazendo uma careta ao senhor Goliádkin Sênior. Depois, com grande familiaridade, deu um beliscão na face direita do senhor Goliádkin, que ficou fora de si. O sósia dá conta que o seu adversário treme da cabeça aos pés, que fica mudo de raiva, vermelho como um lagostim, e percebe que irá exceder-se e agredi-lo. Então, de modo mais grosseiro, toma ele a dianteira, dá-lhe dois piparotes na cara, e goza ao ver o adversário imóvel, louco de raiva, com grande galhofa dos rapazes que assistem à cena. O senhor Goliádkin Júnior com um descaramento indecente, continuou dando piparotes no senhor Goliádkin Sênior e, com o sorriso mais venenoso e trocista que pode imaginar-se, diz:

— Não, meu caro Iákov Pietróvitch, estás muito enganado. Não querias mais nada? Quer dizer que vamos os dois fazer intrigas, Iákov Pietróvitch!

Antes que o senhor Goliádkin tivesse tempo de se refazer do seu espanto, sorri para os espectadores, toma o ar mais atarefado do mundo, baixa os olhos, encolhe-se, lança um rápido "Estou com muita pressa", move as pernas curtas e desaparece no compartimento vizinho.

O senhor Goliádkin não acreditava no que os seus olhos viam, nem conseguia ainda compreender o que se passara.

Por fim, acaba por vir a si, compreende de repente que está perdido, desonrado, que deu cabo da sua reputação, que se deixou escarnecer e insultar em público, que foi ofendido da maneira mais infame e traiçoeira por um homem do qual ainda na véspera pensava que poderia vir a ser o seu melhor amigo, e verifica que mais uma vez não soube portar-se à altura da situação. O senhor Goliádkin lança-se então em perseguição do inimigo.

Já não quer saber mais das testemunhas da ofensa. "São todos da mesma força — dizia para si. — Valem tanto uns como os outros. Estão todos contra mim."

Contudo, andados dez passos, apercebe-se de que é inútil tentar qualquer perseguição. Por isso recua.

“Não me escaparás — pensa. — O lobo terá de pagar as lágrimas dos cordeiros.” É agora total o seu sangue frio e a sua resolução é bem enérgica. O senhor Goliádkin aproxima-se de uma cadeira e nela se deixa cair. “Não me hás de escapar — repete. — Não se trata de uma defesa passiva, mas de uma ofensiva resoluta.”

Quem tivesse visto o senhor Goliádkin, com a voz estrangulada, afogueado, contendo a custo a sua comoção, molhar com raiva a pena no tinteiro e depois escrever, teria com certeza afirmado que o assunto não terminaria de um modo vulgar.

A resolução estava agora formada no fundo do seu coração e havia de realizá-la. A bem dizer, não sabia ainda o que iria fazer. Isso pouco lhe importava. “O descaramento não aproveita a ninguém. Conduz muitos à forca. Somente Grichka Otriépiev[8] conseguiu enganar o povo com a sua desfaçatez, mas não por muito tempo.”

Não obstante, o senhor Goliádkin resolveu esperar que as máscaras caíssem e que a verdade começasse a aparecer. Para isso, o que de momento interessava era que a hora da saída chegasse o mais depressa possível. Antes, não faria qualquer tentativa. Mas quando chegasse a hora da saída, tomaria as suas medidas. Sabe muito bem como há de agir depois, como há de organizar o seu plano de ação a fim de esmagar a serpente… Não hão de dar cabo dele como de um farrapo velho. O senhor Goliádkin não o consentiria. Especialmente agora. Sem a última afronta, talvez ele se tivesse resolvido a impor silêncio ao seu coração, talvez se tivesse calado e submetido, e talvez nem chegasse a protestar.

Decerto, a princípio havia de discutir um pouco zangado, procuraria fazer valer o seu direito, mas depois iria cedendo aos poucos e acabaria por consentir em tudo, quando os adversários reconhecessem que quem tinha razão era ele. Talvez fosse até ao ponto de reconciliar-se e de ficar um pouco enternecido. E — quem sabe? — podia ser que uma nova amizade nascesse, sólida e reconfortante, maior ainda que a da véspera e capaz de apagar o que havia de desagradável naquela semelhança. E ambos os funcionários seriam muito felizes, viveriam até velhinhos etc., etc. Enfim, para dizer tudo, o senhor Goliádkin começava a estar arrependido de

querer defender-se e afirmar o seu direito. “Se ele quiser ceder — pensou — se disser que estava brincando, vou perdoá-lo com a condição de me pedir desculpa na frente de todos. Mas não consentirei que me pise aos pés como um capacho. Não o permitiria a ninguém, por mais forte que fosse. Muito menos o permitirei a um indivíduo daquela laia. Não, senhor. Não sou nenhum farrapo.” Desta vez o senhor Goliádkin estava firmemente decidido a fazer alguma coisa. Resolvera protestar, protestar até ao extremo limite das suas forças. Afinal ele era um homem às direitas. Não podia permitir que o ofendessem e que o calcassem como um pobre-diabo. Não o podia admitir, e sobretudo a um homem daqueles. Realmente, se alguém se empenhasse muito em transformar o senhor Goliádkin num “pobre-diabo”, consegui-lo-ia sem grande dificuldade e sem perigo (o próprio senhor Goliádkin tinha a noção disto). Ele se tornara nada menos que isso, no caso em questão, mas um “pobre-diabo” com ambições e sentimentos. Sim, com sentimentos, e isto era afinal o mais importante de tudo.

As horas iam passando lentamente. Por fim soaram as quatro. Os funcionários levantaram-se logo e, a exemplo do chefe, abandonaram a repartição. O senhor Goliádkin mistura-se no meio deles. Os seus olhos não estão sossegados. Não, não há de se deixar escapar uma certa pessoa que ele sabe quem é (e nós também).

Finalmente avista o *amigo* que se dirige para o rapaz do vestiário.

O momento é decisivo; a custo o senhor Goliádkin abre caminho através da massa dos funcionários. Não quer chegar atrasado. Pede o sobretudo, porém, em primeiro lugar, atendem ao amigo, pois havia chegado antes. Enquanto veste o sobretudo, o senhor Goliádkin Júnior olha o senhor Goliádkin Sênior insolentemente, descaradamente, e logo em seguida, com a desfaçatez habitual, passeia o olhar em redor, anda em volta dos colegas, diz uma palavra a um, uma frase a outro, sorri respeitosamente a um terceiro, aperta a mão dum quarto e desce a escada com ar radiante.

O Goliádkin Sênior segue-o e tem a satisfação de o apanhar no último degrau. Agarra-o pela gola do casaco. O senhor Goliádkin Júnior parece um pouco estupefato e um tanto assustado.

— Que deseja de mim? — pergunta com voz fraca.

— Se ainda tem um resto de vergonha, espero que o senhor se lembre das nossas relações de ontem.

— Ah, ótimo! E então? Dormiu bem?

A raiva paralisou por um momento a língua do senhor Goliádkin.

— Dormi bem, dormi… Mas faço questão dizer-lhe que o senhor se vai dar mal com a sua brincadeira…

— Quem lhe disse isso? Isso é o que os meus inimigos dizem!… — respondeu com voz entrecortada o outro senhor Goliádkin, escapando das mãos do verdadeiro senhor Goliádkin.

Logo em seguida correu pela escada abaixo, olhou à sua volta, avistou um cocheiro, correu para ele, sentou-se num *drójki* e desapareceu da vista do senhor Goliádkin Sênior. Este, desesperado, abandonado por todos, procura por sua vez um carro. Não há mais nenhum. Tenta correr, mas sente as pernas enfraquecidas. Com a cabeça transtornada, a boca aberta, aniquilado, apoia-se tremendo de encontro a um poste de luz e fica assim alguns instantes no meio do passeio. Tudo parecia agora definitivamente perdido para o senhor Goliádkin…

## Capítulo IX

Até o próprio destino parecia armar-se contra o senhor Goliádkin. Mas ele continuava de pé e não cedia. Sentia que ainda não estava vencido. Pelo contrário, estava disposto à luta. Uma vez refeito do seu espanto, esfregou as mãos com energia. Via-se bem que não se entregaria. Claro que o perigo era evidente. O senhor Goliádkin sabia-o. Mas, como enfrentá-lo? O problema era esse. Surgem-lhe várias ideias. “Não seria melhor fazer de conta que não é nada comigo? E então? Então… nada… Punha-me de fora, como se o assunto não me dissesse respeito. Talvez ele acabasse por cansar-se. Andaria à minha volta duas, três vezes, e acabaria por ir-se embora. É isso. Sairei vencedor pela resignação. Afinal onde é que está o perigo? Gostaria

que alguém me dissesse… Lavo daqui as minhas mãos… Isto é uma história que não vale nada…”

As palavras não lhe saíam da boca. Estava furioso consigo próprio, censurando-se pela sua baixeza e cobardia. Contudo, as coisas não tinham melhorado. Era necessário que tomasse uma decisão.

Teria dado não sei quanto a quem lhe tivesse indicado qual devia ser essa decisão. Como encontrá-la? Não tinha tempo para se pôr à procura dela. Para não perder tempo, saltou para um *drójki* e voltou para casa.

“E agora, como te sentes? — diz para si. — Como te sentes, Iákov Pietróvitch? Que vais fazer? Que vais fazer, patife? É a hora decisiva e pões-te a chorar e a gemer! Parece impossível!”

O senhor Goliádkin sentia um prazer, que era quase voluptuosidade, em arranhar as suas próprias feridas no meio dos solavancos da carruagem. Pensou: “Se algum mágico viesse dizer-me (ou me fizesse oficialmente a seguinte proposta): ‘Goliádkin, dá-nos um dedo da tua mão direita e ficamos quites; o outro Goliádkin desaparecerá e seremos felizes, ficando tu apenas com um dedo a menos’”. “Oh! Eu daria o dedo, daria o dedo de boa vontade, sem dizer uma palavra… Que o diabo o leve!” — exclamou por fim, desesperado, o senhor Goliádkin. “Mas por que terá acontecido tudo isto e justamente a mim? Haveria necessidade que fosse assim? Por que terá sido assim e não de outra maneira? Dantes tudo estava bem, todos viviam contentes e felizes. Mas… era preciso que isto acontecesse. Enfim, agora não serve de nada todo este discurso. O que é preciso é agir…”

O senhor Goliádkin resolveu-se, pois, a agir. Uma vez nos seus aposentos, sem perder um minuto, pegou no cachimbo e, aspirando grandes fumaças, lançava depois o fumo para a direita e para a esquerda, enquanto caminhava pelo quarto, muito agitado.

Pietruchka pôs-se a servir a mesa. O senhor Goliádkin acaba por tomar uma resolução. Põe de parte o cachimbo, lança o sobretudo pelas costas, previne que não janta em casa e sai precipitadamente. Pietruchka, esbaforido, apanha-o na escada e entrega-lhe o chapéu de

que se tinha esquecido.

O senhor Goliádkin pega no chapéu e arranja à pressa uma explicação qualquer para que Pietruchka não se ponha a magicar e acabe por pensar que ele estava tão perturbado que até se esquecera do chapéu… Mas Pietruchka nem sequer olhou para ele e volta logo a subir a escada. Então, o senhor Goliádkin, de chapéu na mão, sem mais explicações, desce a escada à pressa. Diz de si para si que tudo há de correr pelo melhor e acabar em bem. No entanto todo ele treme… Ei-lo já na rua. Toma um coche e dirigi-se à casa de Andriéi Filípovitch.

"Não seria melhor esperar por amanhã? — pensa ele já à porta de Andriéi Filípovitch, com a mão no cordão da campainha. — Que vou eu dizer-lhe? Não tenho nada de especial para lhe contar. Esta história é tão ridícula… Nem merece a pena… Vale mais levá-la na brincadeira."

De súbito, puxa o cordão. Ouve dentro ruído de passos. Amaldiçoa-se a si próprio, à sua pressa e à sua audácia. As suas últimas desventuras e contactos com Andriéi Filípovitch, que quase tinha já esquecido, voltam-lhe à memória. Mas é demasiado tarde para se retirar. A porta abre-se. Com grande alívio, o senhor Goliádkin sabe que Andriéi Filípovitch ainda não voltou da repartição e que não vem jantar em casa. "Eu bem sei onde ele janta, é lá para os lados da ponte Ismaílov" — pensa o senhor Goliádkin rejubilando interiormente. O criado pergunta:

— Quem é V.Ex.a, para eu poder dizer ao patrão? — Ele responde:

— O senhor Goliádkin. Voltarei mais tarde.

Torna a descer a escada com muito melhor disposição. Já na rua, manda embora o carro e paga ao cocheiro que lhe pede uma gorjeta, alegando: "Estive tanto tempo à espera… os cavalos andaram bem…". O senhor Goliádkin deu-lhe de boa vontade cinco copeques e pôs-se a andar a pé.

Pensa: "Não posso pôr este assunto, assim, de parte. Mas,

pensando bem, haverá razão para todo este barulho? Por que é que eu me aflijo e sofro assim? É um caso consumado… Não se pode voltar atrás. Ora vejamos: há um homem que tem boas referências e é um bom funcionário. É pobre, sofreu muito. Mas ser pobre não é vergonha nenhuma… Eu estou à margem de tudo isto. Que vem a ser, afinal, todo este disparate? Se o destino, se a natureza quiseram que dois homens se pareçam um com o outro como duas gotas de água, que um seja a cópia fiel do outro, será razão para lhe fecharem a porta do ministério? Se o destino é cego, ninguém tem culpa. Deverá ele por isso ser escorraçado e deverão recusar-lhe um emprego? Onde estaria a justiça? É um homem pobre, abandonado, digno de dó. A caridade manda protegê-lo. Não há dúvida nenhuma… Se os chefes pensassem como eu, seriam bons chefes… Boas ideias não me faltam! Mas não, fizeram bem e merecem que os felicitemos por terem ajudado esse pobre… Sim, suponhamos que somos gêmeos… Nesse caso… Os funcionários acabarão por se habituar a esta ideia e as pessoas de fora que forem ao ministério também pouco hão de preocupar-se com isso. Chega a ser comovente. Deus criou dois seres semelhantes em tudo, chefes benévolos ouviram este aviso de Deus e deram asilo aos dois gêmeos… Claro — continua o senhor Goliádkin, baixando um pouco a voz — claro seria muito melhor que nada disto tivesse acontecido, que não houvesse gêmeos nenhuns… Que o diabo leve tudo isto! Para que esta estúpida coincidência? Meu Deus, que diabo de barulho se fez por causa disto tudo!… E o pior é que tem mau caráter, é vil, arisco e bajulador, este Goliádkin. É capaz de dar cabo do meu nome, o malandrim! É preciso trazê-lo debaixo de olho… Ah! Que bomba! E no fim de contas… Tudo isto para quê? É covarde, que continue a sê-lo; para honesto aqui está o outro. É um canalha e eu sou honesto. Hão de dizer: ‘Olhem, este Goliádkin é um malandro, não se fiem nele e não o confundam com o outro: o outro é um bom homem, honesto e virtuoso, regular no serviço e digno de chegar aos postos mais altos…’ Pois é… Mas se nos confundirem? Dele tudo é de esperar… Ah, meu Deus!…”.

O senhor Goliádkin correu assim ao acaso, sem saber para onde ia. Ao atravessar a Perspectiva Niévski voltou a si, mas só depois de ter dado tal empurrão a um transeunte que ele até ficou a ver estrelas. O senhor Goliádkin murmurou uma desculpa sem erguer a cabeça. O

transeunte resmungou palavras pouco lisonjeiras.

Já ele ia longe quando o senhor Goliádkin ergueu o nariz para ver onde estava. Pois encontrava-se precisamente junto do restaurante onde tinha estado a descansar enquanto esperava pela hora do jantar de Olsuf Ivânovitch. Sentiu uma impressão no estômago e lembrou-se de que não tinha jantado. Não esperava nenhum convite. Por isso, sem perder tempo, subiu à pressa a escada do restaurante… Os preços eram muito elevados, mas este pormenor não deteve o senhor Goliádkin. Passara o tempo em que ele se preocupava com semelhantes ninharias…

Na sala iluminada, junto do balcão onde estavam expostos os aperitivos, havia grande número de clientes. O empregado mal tinha tempo de sorrir, de pegar no dinheiro e de dar o troco. O senhor Goliádkin esperou a sua vez e estendeu a mão, modestamente, para um simples bolo.

Afastou-se para um canto, virou as costas aos outros clientes e comeu-o com apetite. Depois voltou para o balcão, pousou o pratinho e como já sabia os preços, tirou da bolsa dez copeques e pôs o dinheiro no balcão, procurando o olhar do vendedor, como se quisesse dizer: “Aqui fica o dinheiro… foi um bolo…”.

— O senhor Goliádkin deve um rublo e dez copeques — diz o empregado por entre dentes.

O senhor Goliádkin ficou estupefato.

— É comigo que está falando? Não… não é, pois não? Eu apenas comi um bolo…

— Comeu nada menos de onze — respondeu o criado com segurança.

— O quê?… o senhor está enganado, garanto-lhe. Eu só comi um bolo…

— Eu contei. Foram onze. Cada um tem de pagar o que come. Aqui não há nada de graça.

O senhor Goliádkin estava perplexo. Parecia obra de feitiçaria! Entretanto o vendedor esperava. Já havia gente em volta do senhor Goliádkin.

Tirou um rublo do bolso. Estava vermelho como um camarão.

“Pois bem, suponhamos que foram onze — pensou. — Não é nada de extraordinário que tenham sido onze. Um homem com fome come onze bolos. Que lhe façam bom proveito! Não é nada do outro mundo!”

De repente ergue os olhos e compreende então onde estava o enigma e a feitiçaria; tudo era claro… Na porta que dava para a sala vizinha, que o nosso herói supunha ser um espelho, quase por detrás das costas do empregado do balcão, em frente do senhor Goliádkin, estava um homem. Este era o próprio senhor Goliádkin, não o antigo, não o herói desta novela, mas o outro Goliádkin, o novo senhor Goliádkin. Parecia de excelente humor; sorriu ao senhor Goliádkin número um, cumprimentou-o e piscou-lhe o olho. Balouçava as pernas e olhava com atenção, pronto a desaparecer na sala contígua e a descer pela escada de serviço. Qualquer perseguição teria sido inútil. Conservava na mão o último bocado do décimo bolo que levou à boca mesmo nas bochechas do senhor Goliádkin, dando estalidos com a língua para demonstrar o seu prazer.

“Malandro — pensa o senhor Goliádkin fazendo-se vermelho de raiva. — Não tem mesmo vergonha nenhuma. Terá sido visto? Parece-me que ninguém deu por ele…” O senhor Goliádkin atira um rublo que lhe queimava os dedos, não reparara no sorriso descarado do vendedor triunfante, abre caminho por entre os fregueses e sai dali sem voltar a cabeça. “Tenho de agradecer-lhe por não me ter comprometido ainda mais. Tenho de agradecer, a ele e ao destino, que tudo tenha acabado bem. O empregado é que foi atrevido. Claro que ele tinha razão. Deviam-lhe um rublo e dez copeques, estava no seu direito de os reclamar. Sem dinheiro ninguém faz nada. Mas podia ter sido mais delicado, aquele maroto.”

Assim ia falando o senhor Goliádkin enquanto descia a escada em direção ao portão. No último degrau, estacou. Corou e apareceram-lhe

lágrimas nos olhos. Durante meio minuto, ficou ali pespegado. Depois bateu resolutamente com o pé no chão, correu para a rua, e, sem voltar a cabeça, afogueado, mas sem sentir a fadiga, pôs-se a caminho de casa.

Uma vez em casa, nem sequer tira o sobretudo, ele que costuma, assim que chega, pôr-se logo de roupão. Não quer saber de cachimbo, senta-se imediatamente no divã, puxa do tinteiro, pega na pena, numa folha de papel e, com uma mão que a comoção torna trêmula, escreve a seguinte carta:

> Caro senhor Iákov Pietróvitch:
>
> Eu não pegaria na pena se as circunstâncias não me obrigassem a isso. Creia que é impelido pela necessidade que entro em semelhantes explicações. Por isso desde já lhe peço que não veja nisto nenhuma intenção de o ofender, mas uma consequência própria das circunstâncias que nos ligam…

"Parece-me que isto sim é bem educado e ao mesmo tempo exprime segurança e firmeza. Não tem nada que possa escandalizá-lo e, enfim, estou no meu direito" — pensava o senhor Goliádkin relendo o que escrevera.

> A sua estranha e inesperada aparição numa noite de tempestade, após um ataque grosseiro dos meus inimigos, cujos nomes calo por desprezo, foi a causa de todos os mal-entendidos que surgiram entre nós. E a sua teimosia em querer entrar à força na minha vida pública e particular ultrapassa os limites da mais elementar delicadeza e correção. Penso que é inútil lembrar-lhe, meu caro senhor, o documento de que indevidamente se apossou, o nome honrado que usurpou para conquistar a simpatia dos superiores, simpatia essa que não merece. É igualmente inútil lembrar-lhe que, voluntariamente e do modo mais ofensivo, o senhor se tem furtado a toda e qualquer explicação. Por último não lembrarei aqui o ato estranho que o senhor cometeu no restaurante. Não é a perda de um rublo — embora isso também tenha alguma importância para mim — que eu lamento. Não posso é furtar-me a exprimir toda a minha indignação pelo que representa de atentado contra a minha honra, na presença de pessoas estranhas e dignas de toda a consideração…

"Não irei demasiado longe? — pensou o senhor Goliádkin. — Não será exagero? Esta alusão à qualidade das pessoas não o irá chocar? Tanto pior; o que é preciso é mostrar firmeza de caráter. Aliás, para adoçar a pílula, posso no fim lisonjeá-lo um pouco."

> …Mas, senhor, esta carta já vai longa. Plenamente convencido da nobreza dos seus sentimentos, espero que a sua lealdade lhe sugerirá os meios de reparar estas faltas de modo a que as nossas relações possam voltar a ser como eram.
>
> Espero não leve a mal o que lhe digo nesta carta, e não me recuse a sua

resposta, de que o meu criado será o portador.
Seu dedicado

Goliádkin

“Bem, levantei a lebre. Chegamos ao ponto das explicações por carta. De quem é a culpa? O culpado é ele. Foi ele quem me levou à necessidade de explicações por escrito. Estou no meu direito…”

O senhor Goliádkin releu a carta mais uma vez, dobrou-a, fechou-a e chamou Pietruchka. Este apareceu como de costume, com olhos de sono e depois de uma grande demora.

— Estás vendo esta carta?

Pietruchka não respondeu.

— Pega nela e vai levá-la ao ministério. Procura o contínuo Vakramáiev. Ele está sempre de serviço, entendes?

— Entendido.

— Entendido! Não sabes falar de outra maneira? Pergunta pelo funcionário Vakramáiev e diz-lhe, olha, diz-lhe assim: “O meu patrão manda-lhe muitos cumprimentos e pede-lhe que veja no seu registro a direção do conselheiro Goliádkin”.

Pietruchka não respondeu e o senhor Goliádkin julgou ver-lhe um sorriso na cara.

— É só isso. Vai depressa, e pergunta onde mora o novo funcionário Goliádkin.

— Já vou.

— Depois levas esta carta ao endereço que te disserem. Entendes?

— Entendido.

— E lá… onde fores levar a carta… hás de entregá-la a esse senhor Goliádkin… Por que te ris, palerma?

— Eu? Eu… não, não estou com vontade nenhuma de rir.

— Escuta: se esse tal senhor perguntar-te quem é o teu patrão, o que faz… enfim, se tentar saber coisas, tu respondas apenas:

— “O meu patrão está bem, muito obrigado. Foi fazer umas visitas… e pede uma resposta por escrito”… Está claro?

— Está claro.

— Então vai.

“Ninguém pode confiar neste idiota! Ri-se! De que se rirá ele? Estou inquieto, aborrecido… É possível que tudo isto acabe bem… Este lorpa vai levar duas horas a fazer o recado. Põe-se a passear… Não se pode mandar a parte nenhuma. Que maçada! Que maçada!”

O nosso herói dispôs-se a esperar tranquilamente, durante duas horas, o regresso de Pietruchka. Durante uma hora, passeia no quarto, fuma cachimbo, para de fumar, pega num livro, estende-se no divã e torna a pegar no cachimbo. Volta a passear no quarto. Quer raciocinar mas não consegue. Esta espera passiva parece-lhe uma agonia.

É-lhe necessário um derivativo. “Pietruchka não virá antes de uma hora, o porteiro pode ficar com a chave, e eu, enquanto espero, pensarei com vagar neste assunto. Vou examiná-lo eu próprio, como deve ser” — diz de si para si o senhor Goliádkin.

Pega no chapéu, deixa o quarto, fecha a porta, entra na casa do porteiro, dá-lhe a chave e dez copeques de gorjeta. O senhor Goliádkin tornou-se agora extremamente liberal.

Antes de mais nada vai a pé até à ponte Ismaílov. Caminha durante meia hora, aproximadamente. No fim do passeio entra no pátio duma casa que bem conhece. Olha as janelas do conselheiro de estado Bieriendiéiev. Exceto três, de cortinas vermelhas, mais nenhuma estava iluminada. Hoje com certeza não tem convidados. Fica um momento no pátio a fim de tomar uma decisão, que não chega a tomar, reflete, faz um gesto com a mão e volta para a rua. “Não tenho nada que ir lá. Que iria fazer? É claro… É preferível que veja eu sozinho o que devo fazer…”

Tomada esta resolução, o senhor Goliádkin pôs-se a caminho da repartição que ficava bastante longe dali. A lama era muita e a neve caía em grossos flocos. Mas para ele, neste momento não havia obstáculos. Estava molhado e sujo de lama, mas… “o fim seria atingido”. Efetivamente o senhor Goliádkin estava perto do fim. Divisava já a massa negra dum grande edifício do estado…

“Esperemos — pensa ele… Vou lá ou não? Que vou fazer lá? Ficarei sabendo onde mora… Mas Pietruchka a estas horas já deve ter voltado com a resposta… estou malbaratando tempo precioso… E para nada… No fim tudo se há de arranjar… No entanto, se eu fosse ter com Vakramáiev… Não. Depois… Afinal nem precisava ter saído… O meu jeito é assim… Não sei dar tempo ao tempo… Hum! Que horas são? Devem ser nove… Se Pietruchka chega, não me encontra em casa… Foi uma tolice ter saído… Que droga!”

Então o senhor Goliádkin correu para casa, na rua Chestilavótchnaia. Chegou estafado, ansioso… e soube pelo porteiro que Pietruchka ainda não tinha voltado… “Eu já sabia… Já são nove horas… Que patife! Com certeza que apanhou alguma bebedeira. Oh, meu Deus, mas que dia!” Meditando e lamentando a sua pouca sorte, o senhor Goliádkin abriu a porta, acendeu um fósforo, despiu-se, pegou no cachimbo e, extenuado, desfeito, esfomeado, deitou-se no divã à espera de Pietruchka. A vela ardia tristemente, a luz dançava nas paredes. O senhor Goliádkin olhava, olhava, pensava, pensava. Por fim, exausto, adormeceu.

Era já muito tarde quando acordou. A vela fumegava, prestes a apagar-se. O senhor Goliádkin deu um salto, sacudiu a cabeça e lembrou-se de tudo, de tudo. Por detrás do tabique ouvia-se o ressonar de Pietruchka. O senhor Goliádkin aproximou-se da janela… Já não havia luzes!… Abriu as vidraças. Em redor o silêncio… A cidade parecia morta, adormecida. “…Com mil diabos, são duas ou três horas…” O relógio por detrás do biombo deu duas pancadas. O senhor Goliádkin correu ao quarto contíguo.

Foi com grande dificuldade que conseguiu, após longas tentativas, acordar Pietruchka e obrigá-lo a sentar-se na cama. Nesse momento a vela apagou-se. Passaram dez minutos antes que o senhor Goliádkin

encontrasse outra vela e a acendesse. Durante estes dez minutos Pietruchka voltou a adormecer… “Patife, canalha, maroto…” — gritava o senhor Goliádkin sacudindo-o. — “Levantas-te ou não? Acordas ou não?” Ao cabo de uma meia hora de esforços, o senhor Goliádkin conseguiu acordá-lo e arrastá-lo para fora… Mas Pietruchka estava a cair de bêbado e mal se tinha nas pernas.

— Patife — gritou o senhor Goliádkin. — Porcalhão, queres dar cabo de mim? Onde puseste a minha carta? Ah, meu Deus!… Por que a escrevi eu? Sou um imbecil com esta malvada suscetibilidade! Onde puseste a carta, malvado? A quem a entregaste?

— Não entreguei a carta a ninguém… Não tinha carta nenhuma…

O senhor Goliádkin torcia as mãos com desespero.

— Ouve, Piotr… ouve o que eu te digo.

— Estou ouvindo…

— Onde foste tu? Responde-me!

— Onde fui? A casa duns amigos… Que tem isso?

— Oh, meu Deus, onde foste primeiro? Estiveste no ministério? Ouve, Piotr, tu bebeste, não foi?

— Eu, bêbado? Não, parece-me que ainda me aguento nas pernas. Nem uma go-o-o-ota…

— Bem, isso não importa que estejas bêbado ou não… Perguntei-te isso para saber… Isso de te embebedares é lá contigo… tenho medo é que te tenhas esquecido… Mas tu te vais lembrar. Foste ou não ter com o funcionário Vakramáiev?

— Não fui… Não há nenhum funcionário com esse nome…

— Bem… Pietruchka… Eu já sei que hoje está frio na rua e que tu bebeste uns copos. Isso não tem importância. Não faz mal. Eu não me zango. Eu também bebi. Mas procura lembrar-te. Foste falar com o funcionário Vakramáiev?

— Bom… Se é isso… Sim, estive lá…

— Fizeste bem em ir lá, Pietruchka. Vês que eu não me zango?

Depois prosseguiu, batendo amigavelmente no ombro do criado e sorrindo-lhe:

— Então tomaste uns tragos… hem, seu beberrão? Mas eu não me importo… Não me zango, vês que não me zango…?

— Não, faz favor, eu não sou beberrão. Fui à casa duns amigos. Não sou nenhum beberrão, nunca o fui.

— Olha, Pietruchka, ouve-me. Não tem importância… não te quero ofender, é de brincadeira que te chamo beberrão. É até porque sou teu amigo. Mas isso não interessa… Vejamos, dize-me agora francamente, Pietruchka, sem esconderes nada, a mim que sou teu amigo: foste procurar o funcionário Vakramáiev e ele te deu o endereço?

— Sim, deu-me o endereço. É um bom homem. “O teu patrão — disse-me ele — é um homem às direitas. Dá-lhe meus cumprimentos, agradece-lhe e diz-lhe que eu o estimo muito e que o respeito, porque o teu patrão, Pietruchka, é um bom homem e tu também és um bom homem.”

— Ah, meu Deus! E o endereço? Com os diabos! Deu-te?

O senhor Goliádkin pronunciou estas últimas palavras em voz quase inaudível.

— Deu.

— Deu! Bem, onde mora então esse funcionário Goliádkin?

— Goliádkin, disse-me ele, mora na rua Chestilavótchnaia. Segues pela tua direita… é num quarto andar. É lá que mora o senhor Goliádkin…

— Velhaco, miserável! — grita o senhor Goliádkin, já com paciência perdida. — Patife! Esse de quem falas sou eu mesmo. Mas

há outro senhor Goliádkin. É do outro que eu te estou falando.

— Oh… é como o senhor quiser, como quiser, a mim tanto me faz. É como quiser…

— E a carta? A carta?

— Que carta? Não há carta nenhuma, não tenho carta nenhuma…

— Onde a puseste tu, malandro?

— Entreguei-a. E ele me disse: “Dá cumprimentos meus ao teu patrão, é um bom patrão. Dá-lhe cumprimentos…”

— Quem disse isso? O próprio Goliádkin?

Pietruchka calou-se um instante, sorriu com a boca escancarada e olhou o patrão nos olhos.

— Responde-me, bandido! — disse o senhor Goliádkin sufocando de raiva. — Que fizeste tu, miserável? Deste cabo de mim, liquidaste-me… Maldito!

— Como quiser. Já estou farto disto — disse resolutamente Pietruchka, retirando-se para trás do biombo…

— Vem cá, vem cá, meu malandro…

— Não vou, não vou. Vou mas é para casa de gente de juízo, de pessoas que não têm embrulhadas nem duplos…

Os pés e as mãos do senhor Goliádkin gelaram. Deixou de respirar.

— Sim, — continou Pietruchka — que não têm duplos… são pessoas como deve ser, que não ofendem ninguém.

— Malvado, tu estás bêbado… Vai dormir, maroto. Amanhã conversaremos — disse o senhor Goliádkin com uma voz que mal se ouvia.

Pietruchka resmungou, deitou-se na cama que estalou, abriu a

boca, estendeu-se e adormeceu tranquilamente como uma criancinha.

O senhor Goliádkin estava mais morto que vivo. A atitude de Pietruchka, as suas alusões vagas mas significativas, que, por virem de um bêbado não o deviam chocar, o mau aspecto que as coisas estavam tomando, tudo isso o abalou profundamente.

“Que diabo de ideia esta de me pôr a discutir com ele a meio da noite?” — disse com um tremor doentio.

“Por que me pus eu a discutir com um bêbado! Que se pode esperar de um homem nestas condições? Só disse mentiras… Mas o que queria ele dizer com aquilo? Oh céus! Para que diabo escrevi eu aquela carta? Bandido, miserável… Contudo eu não podia deixar de lhe dizer qualquer coisa!”

Assim falava o senhor Goliádkin, sentado no divã, imóvel e apavorado. De repente seus olhos se fixaram num ponto com atenção. Temendo uma ilusão ou uma alucinação, estendeu a mão com uma estranha mistura de esperança e de medo. Não, não era nenhuma ilusão nem nenhum logro, mas uma carta, uma carta autêntica que lhe era dirigida. O senhor Goliádkin pegou nela; o coração batia-lhe com força. “Foi com certeza este maroto que a trouxe — pensou ele — “que a colocou aqui e não se lembrou mais. Foi isso, com certeza…”

A carta era do funcionário Vakramáiev, o jovem colega e outrora amigo do senhor Goliádkin. “Eu tinha o pressentimento disto — pensou ele — e adivinho tudo o que esta carta contém…” A carta rezava assim:

Caro Senhor Iákov Pietróvitch:

O seu criado está bêbado e não nos podemos fiar nele. Por isso prefiro responder-lhe por escrito. Apresso-me a declarar-lhe que não terei dúvida em desempenhar-me da missão de que fala, e que por meu intermédio as suas cartas serão entregues à pessoa que sabe. Essa pessoa de quem sou amigo (não direi o seu nome para não enegrecer inutilmente a reputação dum homem sem mácula) mora conosco em casa de Karolina Ivânovna, no quarto em que, quando o senhor era dos nossos, morava um oficial de infantaria que vinha de Tambov. Aliás, encontrará a dita pessoa sempre no meio de gente honesta e leal (o que infelizmente não se pode dizer de muitas outras pessoas).

Quero preveni-lo que daqui para o futuro as nossas relações terminaram. O nosso convívio amigável e a camaradagem de outrora acabaram. Peço-lhe, por isso, senhor, logo que receba esta carta me devolva imediatamente os dois rublos que me deve, da navalha de barba que há sete meses lhe vendi a crédito — não sei se ainda se lembra — quando vivíamos juntos em casa de Karolina

Ivânovna.

Sou forçado a tomar esta decisão porque na opinião das pessoas qualificadas o senhor comprometeu a sua honra e a sua reputação e constitui um perigo para os homens de bem e de vergonha. Há na verdade pessoas que vivem uma vida falsa e cuja conduta é suspeita. Não faltam pessoas dispostas a vingar a ofensa feita a Karolina Ivânovna, que pertence a uma boa família estrangeira, senhora de conduta irrepreensível e, apesar de não ser já muito nova, com um passado sem mancha. Algumas dessas pessoas me pedem que não deixe de lhe dizer em que o senhor ficará sabendo tudo, se é que não sabe já.

Antes de terminar a minha carta quero dizer-lhe, meu caro senhor, que a pessoa que sabe e cujo nome não refiro por simples delicadeza merece o respeito de toda a gente; que tem um esplêndido caráter que o torna simpático a todos, é um bom funcionário e, sobretudo, é sempre fiel à sua palavra e leal, e não tem o costume de apunhalar pelas costas aqueles de quem pela frente se faz muito amigo.

Às suas ordens,

N. Vakramáiev.

P.S. — Aconselho-o pôr na rua o seu criado; é um bêbado que só lhe pode causar aborrecimentos. Fique com Ievstáfi que esteve em tempos lá em casa e agora está desempregado. O seu criado além de bêbado é gatuno: na semana passada vendeu a Karolina Ivânovna, por uma insignificância qualquer, uma porção de açúcar em cubos que lhe deve ter roubado pouco a pouco. Digo-lhe isto no seu interesse, embora certas pessoas passem a vida a ofender e enganar os outros, principalmente os homens honestos e bons. Além disso, há quem o calunie por detrás, por inveja e falta de honestidade.

V.

Depois de ter lido a carta de Vakramáiev, o senhor Goliádkin ficou durante algum tempo imóvel sobre o divã. Uma nova luz irrompia através do nevoeiro espesso que o rodeava, havia já dois dias. Começava a compreender. Tentou erguer-se, dar volta ao quarto para esclarecer e reunir ideias dipersas, para dirigir e concentrar o pensamento e para refletir na sua situação a sangue frio. Mas voltou a cair sem forças sobre o divã.

“Eu pressentia tudo isto, mas por que me escreve ele esta carta? Qual o verdadeiro sentido das suas palavras? Supondo que consiga descobrir, onde me levará tudo isto? Que desagradável feição tomam estas coisas! Ah! Quem me dera que chegue o dia de amanhã e que tudo se esclareça! Agora sei o que tenho a fazer. Direi seja o que for. Serei razoável, mas não deixarei o meu nome ir por água abaixo… Mas ele, o tal, como é que anda metido em tudo isto? Por que se meteu neste assunto? Ah, quem me dera já fosse de dia! Anda fazendo intrigas! Trabalha contra mim! Mas o que é preciso é não perder tempo. Vou já… já escrever uma carta… declarar que estou de acordo,

que consinto… e enviá-la amanhã cedo… e também irei lá prevenilos… Senão caluniam-me…”

O senhor Goliádkin foi buscar papel, pegou na pena e escreveu a seguinte carta em resposta à do funcionário Vakramáiev:

Caro senhor Niéstor Ignátievitch:

Foi com uma enorme e dolorosa surpresa que li a sua carta, a qual me feriu profundamente. Vi claramente que, ao falar das pessoas maldizentes, é a mim que alude. É triste verificar com que rapidez e com que êxito a calúnia estendeu as suas raízes para destruir a minha felicidade, a minha honra e a minha reputação. Choca-me especialmente ver que as pessoas de bons sentimentos, de caráter franco e leal, não se importem com a honra dos outros e acedam a aceitar a calúnia malévola que — ai de nós! — está tão espalhada nestes tempos cruéis e terríveis que vão correndo.

No que se refere à dívida de dois rublos que o senhor me recorda, considero meu dever pagá-la integralmente e o mais depressa possível.

Quanto às suas alusões, meu caro senhor, a determinada pessoa do sexo feminino, digo que não as compreendi muito bem e que ignoro as intenções e desígnios de tal pessoa. A nobreza dos meus sentimentos e a honradez do meu nome, felizmente, continuam intactos. Em qualquer caso estou disposto a consentir numa explicação pessoal, que prefiro a uma explicação por escrito. Estou também disposto a uma reconciliação e espero a reciprocidade. Por isso, peço-lhe, senhor, o favor de transmitir a essa pessoa o meu desejo de ter com ela uma explicação direta e de marcar a hora e o local de um encontro para esse fim. Foi com tristeza que li, meu amigo, as alusões que significam que eu o feri, traindo a nossa velha amizade e difamando-o. Atribuo tudo isto a um mal-entendido, a calúnias grosseiras, à inveja e à malevolência daqueles que, sem exagero, possam chamar os meus inimigos figadais. Eles decerto desconhecem que a inocência é em si uma força, que o descaramento, a arrogância e a grosseria revoltante de certas pessoas chamam a si mais tarde ou mais cedo o desprezo geral, e que tais pessoas serão vítimas da sua própria maldade. Para terminar, peço-lhe que lhes transmita o que se segue. As suas estranhas pretensões, o seu desejo inato de expulsar os outros e de ocupar o lugar deles provocarão o desprezo e a piedade e poderão levá-los a um triste fim. Tais atos são proibidos pela lei. E é bem feito, pois cada um deve contentar-se com o lugar que ocupa. Tudo tem limites. E se se trata de uma simples brincadeira, é inconveniente, direi até imoral. Não tenho dúvida em afirmar, senhor Vakramáiev, que as ideias que acabo de expor, sobre o dever de cada um ocupar o seu lugar, estão de acordo com a mais estrita moralidade.

Sempre a seu dispor,

Goliádkin.

## Capítulo X

Todos estes acontecimentos tinham perturbado o senhor Goliádkin até ao mais fundo da alma. Passou uma noite péssima e não dormiu cinco minutos. Parecia-lhe que algum brincalhão de mau gosto se tinha entretido, espalhado a crina do colchão entre os lençóis. Toda

a noite esteve numa semissonolência, dando voltas sobre voltas, gemendo e dormindo alguns minutos para acordar logo em seguida. Recordações confusas, pesadelos horríveis, sensações desagradáveis oprimiam-no de um modo angustioso. Às vezes, numa meia-luz misteriosa, aparecia-lhe o rosto duro e o olhar de Andriéi Filípovitch a fazer-lhe observações num tom cortês mas gelado. O senhor Goliádkin reconhecia facilmente pela expressão trocista do seu rosto — era aquele que invalidara de modo indigno as tentativas do senhor Goliádkin, comprometera a sua reputação, calcara aos pés as suas ambições e se apoderara do seu lugar no emprego e na vida. Outras vezes sentia formigueiros na cabeça, ao lembrar o piparote que recebera sem protestar, em público e no exercício das suas funções oficiais…

O senhor Goliádkin dava cabo da cabeça à procura da razão pela qual é difícil protestar contra um piparote. Insensivelmente chegou à conclusão de que só pode ser por covardia. E tinha sido ele próprio o covarde. Por quê? Não fora por falta de caráter… Tinha sido por acaso ou por delicadeza, ou por não ter meios para se defender, ou simplesmente porque… porque…

Ah, no fundo, o senhor Goliádkin sabia bem o por que! Então corava, mesmo dormindo. Mas não quer voltar a corar. Há de mostrar uma grande firmeza de caráter. Para quê, afinal? É já demasiado tarde… Que raiva! Chamassem-no ou não, surgia então uma personagem de alma misteriosa que, não obstante estar já esclarecido o mistério, murmurava com um sorriso odioso: “Que vem a ser a firmeza de caráter? Valerá a pena ter firmeza de caráter contigo, Iákov Pietróvitch?”.

Outras vezes ainda o senhor Goliádkin sonhava que estava na alta roda, entre pessoas seletas, distintas. E ele sobressaía no meio delas pela inteligência e boas maneiras. Todos o apreciavam, inclusive alguns dos seus inimigos que se encontravam também ali. Era o convidado mais ouvido. O dono da casa chamava à parte um dos seus convivas e fazia-lhe o elogio do senhor Goliádkin. Este ouvia o que diziam e exultava… E eis que, de novo, voltava a aparecer o maroto, o tal indivíduo mal-intencionado, o senhor Goliádkin Júnior, cuja presença era suficiente para dar cabo do triunfo e da glória do senhor

Goliádkin Sênior. O primeiro provava que o verdadeiro senhor Goliádkin não era o autêntico, mas um falso Goliádkin, que o verdadeiro era ele, que o senhor Goliádkin Sênior não era o que parecia e que não tinha o direito de se misturar com as pessoas da alta roda. O senhor Goliádkin nem sequer tinha tempo de dizer uma palavra. Já todas as pessoas se tinham dedicado de corpo e alma ao senhor Goliádkin Júnior e punham-no fora a ele, verdadeiro senhor Goliádkin, com o mais profundo desprezo. O falso senhor Goliádkin tinha feito mudar instantaneamente todas as opiniões, a seu bel-prazer; chamava a si todos os convidados, mesmo os mais insignificantes!

Procurava a simpatia de todos. Aproximava-se das pessoas com passinhos e falas mansas. Todo ele eram doçuras. Todos sorviam o incenso que ele exalava, e cheios de comoção, soltavam suspiros de prazer. Era instantâneo. A presença deste homem suspeito agia no ambiente com uma rapidez espantosa. Mal tinha acabado de cumprimentar uma pessoa e conquistar a sua simpatia, já estava voltado para outra a enchê-la de amabilidade e de sorrisos. E logo a seguir volta-se para um terceiro e fala-lhe em tom melífluo. Sem que tenhamos tempo de abrir a boca ou de nos espantarmos, já está junto de um quarto. É de meter medo! Parece bruxaria! Todos se sentem felizes com a sua presença. Todos gostam dele, o admiram e concluem unanimemente que a sua amabilidade e a sua graça ultrapassam em muito a amabilidade e graça do verdadeiro senhor Goliádkin. Quanto a este, ninguém faz caso dele, todos o desprezam e enxotam. Pobre do verdadeiro senhor Goliádkin, tão bondoso e dedicado ao amor do próximo…

Cheio de angústia, de terror e de cólera, o pobre senhor Goliádkin corre para a rua. Quer alugar um fiacre para ir diretamente à casa do ministro ou, pelo menos, à casa de Andriéi Filípovitch. Mas — ó céus! — os cocheiros recusam-se a levá-lo e dizem: “Impossível, senhor, não podemos levar clientes absolutamente iguais. O senhor, se é uma pessoa decente, como toda a gente, não deve deixar acompanhar-se por um duplo!”.

Que vergonha! O honestíssimo senhor Goliádkin olha à sua volta e vê com os seus próprios olhos que os cocheiros do fiacre, e

Pietruchka que concorda com eles, têm razão, pois o indigno senhor Goliádkin está mesmo a seu lado e prepara-se evidentemente para uma daquelas patifarias que a nobreza de caráter e a boa educação reprovam. Aquela nobreza de caráter de que o infame Goliádkin número dois, quando lhe convém, sabe tão bem tirar partido.

Sem poder mais, desesperado, o verdadeiro senhor Goliádkin lança-se contra ele, à sorte. Mas a cada passo que dá, cada vez que o seu pé toca no asfalto do passeio surge debaixo da terra um novo senhor Goliádkin, cada vez mais repugnante e com um ar mais atrevido. Todos estes Goliádkin se põem a correr uns atrás dos outros como um bando de patos. Perseguem o senhor Goliádkin Sênior, que já não pode respirar. São já tão numerosos que enchem toda a capital. Um guarda, diante de tal escândalo, vê-se forçado a agarrá-los pela gola e a conduzi-los ao calabouço mais próximo. Tolhido e gelado de medo, o senhor Goliádkin acordou, mas sentiu que a realidade não era mais agradável…

Sensação terrível e atroz… Tal angústia o dominava que era como se alguém lhe arrancasse o coração. O senhor Goliádkin já não podia mais.

“Isto não pode ser!” — gritou resoluto, erguendo-se da cama. Só então acordou completamente.

O dia ia já alto e muito claro. Raios de sol atravessavam as vidraças cobertas de geada e inundavam o quarto. O senhor Goliádkin parecia muito admirado. Em geral, em sua casa, o sol só entrava ao meio-dia e não se lembrava de que em qualquer outra ocasião o tivesse brindado com uma visita tão matinal. Mal tinha tido tempo para se refazer da sua admiração, quando, por detrás do biombo, se ouviu o ruído característico do relógio prestes a bater as horas.

“Vejamos que horas serão” — pensa o senhor Goliádkin. Atento e ansioso espera… Com grande admiração sua, o relógio só bate uma pancada. “Que quer isto dizer?” — exclama saltando da cama.

Sem poder acreditar no que ouve, vai, mesmo em ceroulas, ao cubículo vizinho. Realmente o relógio marcava uma hora. O senhor Goliádkin olhou a cama de Pietruchka. Deste, nem a sombra. A cama

estava feita há muito. As botas dele também não estavam ali. Pietruchka com certeza saíra. O senhor Goliádkin foi ver a porta. Fechada. — “Onde estará Pietruchka?” — murmurou já preocupado e com um arrepio na espinha.

De repente surgiu-lhe uma ideia… Correu à secretária, revolveu papéis, procurou por toda a parte: a carta que escrevera na véspera a Vakramáiev não estava mais ali… Pietruchka tinha saído… O relógio marcava uma hora. A carta de Vakramáiev continha certas alusões, à primeira vista obscuras, mas cujo sentido agora lhe parecia claro. Pietruchka tinha sido aliciado. Não havia dúvida nenhuma.

“Eis o fio da meada!” — exclamou Goliádkin com os olhos muito abertos e batendo com a mão na testa. É então no covil da alemã que está agora o veneno todo. Quando ela me falava na ponte Ismaílov, era já uma medida estratégica. Caçoava comigo. Aquela feiticeira maldita preparava o cerco. É isso, se virmos bem as coisas, é isso. E agora está explicado o aparecimento do outro bandido. Faz tudo parte do mesmo plano. Há muito tempo que manobravam contra mim, que queriam dar-me cabo da vida. Agora está tudo bem claro. Mas que importa? Não perdem por esperar.”

O senhor Goliádkin lembra-se então de que já passava da uma da tarde. Fica aflito. “Terão eles tido já tempo para…? Não, não pode ser, não tiveram tempo. Havemos de ver…”

Veste-se à pressa, pega no papel e na pena, e escreve a seguinte carta:

> Caro senhor Iákov Pietróvitch:
>
> Ou o senhor ou eu. Ambos não pode ser. Digo-lhe muito simplesmente que esse seu desejo absurdo e ridículo, de passar por meu gêmeo, só servirá para o prejudicar e acabará por causar a sua perda. Peço-lhe, pois, no seu próprio interesse, que se afaste e deixe o caminho livre àqueles cujo coração é nobre e cujas intenções são puras. Em caso contrário estou decidido a recorrer a medidas extremas. Por agora deponho a pena e aguardo. Entretanto estou à sua disposição para um duelo à pistola.
>
> I. Goliádkin.

Logo que o nosso herói terminou este bilhete, esfregou as mãos, pôs o chapéu, abriu a porta da rua e foi até à repartição, mas sem

decidir-se a entrar, porque era já muito tarde. O relógio marcava três horas e meia. Foi um pequeno pormenor, à primeira vista insignificante, que o levou a decidir-se.

Virava então a esquina do edifício um homem baixinho, açodado e vermelhusco, que se introduziu no vestíbulo. Era o escriturário Ostáfiev. O senhor Goliádkin conhecia-o bem. Era um homem prestável e pronto para tudo a troco de alguns copeques. Como o senhor Goliádkin conhecia o ponto fraco de Ostáfiev, presumia, com certo fundamento, que o outro viria de alguma taverna, mais ansioso do que nunca por alguns copeques. Decidiu não os poupar e introduziu-se também na entrada. Interpelou-o então e chamou-o com um ar misterioso para um canto retirado, atrás de um grande fogão de ferro. Pôs-se a fazer-lhe perguntas:

— Escuta, meu amigo, como vão as coisas lá por dentro… Não sei se me entendes…

— Entendo, perfeitamente. O senhor como vai?

— Bem. Mas dize-me uma coisa: eu saberei recompensar-te. Que está acontecendo?

— Que quer o senhor dizer?

E Ostáfiev levou a mão à boca.

— Tu bem sabes… Não te ponhas a imaginar coisas. Olha, Andriéi Filípovitch está aí?

— Está.

— E os funcionários também estão?

— Sim, todos.

— E o ministro?

— Sua Excelência também.

O escriturário pôs de novo a mão na boca e olhou o senhor Goliádkin com um ar intrigado e curioso, pelo menos foi o que lhe

pareceu.

— E não há nada de extraordinário?

— Não, nada.

— Não há nada a meu respeito? Nada… Hem? Não ouviste dizer nada?

— Não, até agora nada.

O escriturário pôs uma vez mais a mão diante da boca e olhou com um ar especial para o senhor Goliádkin. Este procurava agora penetrar na fisionomia de Ostáfiev, decifrá-la, ver o que ela podia esconder. Escondia qualquer coisa… Ostáfiev tornava-se mais grosseiro e duro e manifestava menos interesse pelo senhor Goliádkin do que no princípio da conversa.

“No fim de contas, ele tem razão? — pensou o senhor Goliádkin — Quem sou eu para ele? Decerto já está pago pelos outros e é talvez por isso que saiu há pouco. Mas eu hei de dar-lhe…”

O senhor Goliádkin tinha compreendido que a hora da gorjeta chegara.

— Olha, amigo, isto é para ti.

— Muito obrigado, senhor.

— Posso te dar mais, agora, e vou te dar mais quando tudo estiver arrumado. Compreendes?

O escriturário calou-se e, imóvel, olhava para o senhor Goliádkin.

— Bem, agora fala. Não se diz nada a meu respeito?

— Parece-me que até agora… isto é… não, até agora não disseram nada.

Ostáfiev falava lentamente, tal como o senhor Goliádkin, e mantinha um ar um pouco misterioso, mexendo as sobrancelhas, olhando o chão e procurando encontrar o tom adequado. Esforçava-se

por merecer a soma prometida. O dinheiro que recebera, esse, achava que já lhe pertencia de direito.

— Quer dizer que não sabes nada?

— Nada, até agora.

— Então trata de observar. Poderás tomar conhecimento de alguma coisa.

— Sim senhor. Mais tarde talvez venha a saber alguma coisa.

“Nada feito”, pensou o senhor Goliádkin.

— Toma isto, meu amigo.

— Muito obrigado, senhor.

— Vakramáiev veio ontem?

— Veio.

— Não veio mais ninguém? Procura lembrar-te. Puxa por essa cabeça…

O escriturário procurou em vão recordar-se.

— Não, não veio mais ninguém.

Houve um silêncio.

— Escuta, homem, aceita mais isto e dize-me tudo o que sabes.

— Bem…

Ostáfiev estava agora tão manso quando o podia desejar o senhor Goliádkin.

— Dize-me, qual é a opinião que fazem dele?

— Ótima, — respondeu o escriturário arregalando os olhos.

— Que queres dizer com isso?

— Nada: que é ótima.

Ostáfiev franziu significativamente as sobrancelhas. De fato, não sabia o que havia de dizer mais…

“Assim não se consegue nada”, pensou o senhor Goliádkin.

— Ele não estará tramando nada com Vakramáiev?

— Não há nada de novo.

— Pensa bem…

— Diz-se que ambos andam a preparar não sei o quê…

— Mas, o quê?

Ostáfiev levou a mão à boca.

— Não se tratará de uma carta minha para ele?

— O caso é o seguinte: o servente Mítchev foi hoje à casa de Vakramáiev, onde mora também a tal alemã. Posso-lhe perguntar alguma coisa, se o senhor quiser.

— Faze-me este favor, meu amigo, por amor de Deus. Não é que isto tenha tanta importância mas de qualquer modo pergunta-lhe, procura saber se não andam preparando qualquer coisa que me diga respeito. O que é que ele faz? é o que eu quero saber. Depois terás tua recompensa.

— Eu vou fazer como o senhor deseja. Ah, sim! O seu lugar está desde hoje ocupado por Ivan Siemiônovitch.

— O quê? Por Ivan Siemiônovitch! Não pode ser!

— Foi Andriéi Filípovitch quem o mandou para lá.

— Não pode ser! Com que direito? Por que razão? Procura saber, pelo amor de Deus, procura saber tudo. Eu depois te agradecerei. É necessário… Não fiques imaginando coisas… Preciso de saber o que se passa…

— Compreendo. Vou fazer-lhe a vontade. Mas o senhor não entra?

— Não. Eu vim só para ver. Depois, não me esquecerei de te agradecer.

— Sim, senhor.

O escriturário subiu rapidamente a escada e o senhor Goliádkin ficou sozinho.

“As coisas não estão boas — pensou ele — não estão mesmo nada boas… Sim. Estamos metidos em maus lençóis. Que significa tudo isto? Que significarão as alusões dste bêbado? Quem arranjaria toda esta confusão? Ah, agora já eu sei o que isto quer dizer! Eles souberam qualquer coisa e então mandaram outro para o meu lugar… Foi Andriéi Filípovitch quem mandou Ivan Siemiônovitch ocupar o meu lugar. Por quê? Com que fim? Decerto souberam alguma coisa. É Vakramáiev quem manobra tudo isto. Vakramáiev propriamente, não, porque é burro demais para ter ideias. Mas os outros servem-se dele. Foi por isso que mandaram para cá o outro canalha e que a desavergonhada da alemã se queixou. Eu sempre suspeitei da causa das intrigas e do que se escondia debaixo das falinhas do diabo da velha. Bem dizia eu a Krestian Ivânovitch que eles tinham jurado liquidar-me moralmente e que se serviam para isso de Karolina Ivânovna. Por detrás disto há mão de mestre. Não é Vakramáiev, ele é estúpido, já disse. Agora já sei quem trabalha para todos eles. É o malandro, o falsário! Por isso ele é forte. Tem as costas quentes. Daí vêm todos os seus êxitos. Gostaria de saber ao certo o que anda ele agora tramando. Por que recorreram a ele? Como se não tivessem mais ninguém! No fundo, tanto faz ele como outro qualquer. Porém, há muito tempo já que eu andava desconfiado de Ivan Siemiônovitch. Já há muito que eu o observava. É macaco velho. Diz-se que faz empréstimos a pequenos prazos e a alto juro. Mas o malandro do urso é quem dirige tudo. Está sempre a par de tudo. A coisa deve ter começado lá para os lados da ponte Ismaílov. Decerto começou assim…” Nesta altura o senhor Goliádkin fez uma careta, como se acabasse de morder a casca dum limão. Decerto ocorrera-lhe qualquer recordação desagradável. Pensou: “No fundo, isto não tem

importância, só tenho que me preocupar com os meus assuntos pessoais. Por que será que Ostáfiev demora tanto? Naturalmente retiveram-no. É bom que, por minha vez, seja eu quem dirija a intriga e arme a ratoeira. Basta dar dez copeques a Ostáfiev e… ele fica do meu lado. Bem… isso agora é o que falta saber! Mas decerto também lhe pagam e se servem dele para me fazer mal. Ele tem má pinta, o malandro. Esconde o seu jogo com os *não há nada* e os *muito obrigado ao senhor*. Que patife!”.

Ouvem-se passos. O senhor Goliádkin esconde-se depressa atrás do fogão. Alguém acabava de descer a escada e tinha saído para a rua. “Quem vai embora a esta hora?”, pensou o senhor Goliádkin.

Um instante depois tornaram a ouvir-se os mesmos passos. O senhor Goliádkin não pode ter a mão em si e meteu o nariz por uma fresta da “muralha” que o escondia, mas recuou logo a seguir como se lhe tivessem picado a ponta do nariz. Era o malandrim que passava, o intriguista, o sem-vergonha. Caminhava com o passo habitual, bamboleando as pernas. “Canalha!”

O senhor Goliádkin notou que o bandido levava debaixo do braço uma enorme pasta verde que pertencia a Sua Excelência.

“Outra vez em comissões particulares” — pensou o senhor Goliádkin que, despeitado, se encolheu ainda mais e corou.

Acabava o senhor Goliádkin Júnior de passar pelo senhor Goliádkin Sênior, sem dar por isso, quando pela terceira vez soaram passos. O senhor Goliádkin pensou que era o escriturário. Efetivamente foi um escriturário quem se aproximou do fogão. Mas não era Ostáfiev. Era um outro chamado Pissarienko.

O senhor Goliádkin ficou surpreendido: “Por que teria Ostáfiev metido terceiros no assunto? Oh, estes marotos… não se pode confiar neles!”.

— Viva! O que há? — diz a Pissarienko. — Quem te mandou aqui?

— Vim por causa do senhor. Não há nenhuma novidade. Se

houver qualquer coisa, será avisado.

— E Ostáfiev?

— Não pode vir. Sua Excelência passou duas vezes pela secretaria. Eu também não me posso demorar.

— Obrigado, meu amigo, obrigado… Diz-me só…

— Dou-lhe a minha palavra de honra que não tenho tempo… estão sempre a chamar por nós. O senhor fique por aqui e, se houver alguma coisa que lhe diga respeito, será avisado.

— Não, diz-me só…

— Agora deixe-me, tenho pressa — dizia Pissarienko tentando soltar-se das mãos do senhor Goliádkin, que o tinha agarrado pela aba do casaco. — Agora não posso. Deixe-se estar por aqui e será informado do que se passa.

— Mas já vais, meu amigo, já vais. Olha, tenho aqui uma carta.Pagarei pela entrega…

— Está bem, senhor.

— Trata de a entregar ao senhor Goliádkin.

— Bem. Logo que termine o meu serviço, irei levá-la. Entretanto o senhor fique aqui, ninguém o verá.

— Não, meu amigo, não tenciono ficar aqui. Poderiam ver-me. Vou ali, a um café naquela rua. Esperarei por ti. E tu, se souberes alguma coisa, manda-me recado. Entendes?

— Está bem, agora tenho de ir. Já entendi.

— Eu saberei agradecer-te — gritou o senhor Goliádkin a Pissarienko, que tinha finalmente conseguido escapar-se.

“Rufião! Está cada vez mais malcriado — pensou o senhor Goliádkin saindo detrás do fogão. — Todos se calam, não há dúvida. A princípio é mais isto e mais aquilo. Talvez ele estivesse com pressa,

talvez tivesse muito que fazer lá em cima. E Sua Excelência a passar duas vezes pela seção… Por quê? Hum! Isto não tem importância, claro. É muito possível que não queira dizer nada. Agora é que se vai ver…”

O senhor Goliádkin tinha aberto a porta e preparava-se para sair à rua, quando, de repente, diante do portão ouviu o rodar da carruagem de Sua Excelência.

Antes que ele se refizesse do seu espanto, a portinhola do carro abriu-se e a pessoa que ali vinha saltou do estribo. Era o senhor Goliádkin Júnior que havia saído dez minutos antes.

O senhor Goliádkin Sênior lembrou-se de que a casa do diretor era dali a dois passos.

“É a sua última façanha” — pensou o nosso herói.

O senhor Goliádkin Júnior pegou na pasta verde e noutros papéis, deu uma ordem ao cocheiro e, abrindo a porta de entrada, empurrou o senhor Goliádkin Sênior e, fingindo não o ver, subiu rapidamente a escada.

“Mau sinal — pensou o senhor Goliádkin — as coisas estão ficando pretas. Ah, meu Deus!” Ficou imóvel durante alguns segundos. Por fim decidiu-se. Com o coração alvoroçado e as pernas tremendo, correu atrás do outro. “Ah, que me importa a mim? Não tenho nada que recear! Isto não me diz respeito!” — pensou ao mesmo tempo que tirava no vestíbulo o chapéu, o casaco e as galochas.

Quando entrou na sala de trabalho já o dia declinava e nem Andriéi Filípovitch nem Anton Antônovitch se encontravam mais ali. Estavam ambos conferenciando com o diretor, que — dizia-se — estava com muita pressa, pois tinha assuntos a tratar com o ministro.

Os chefes também já tinham saído. Começava a escurecer. A hora regulamentar do serviço já passara, por isso muitos funcionários, especialmente os mais novos, já tinham deixado o trabalho, conversavam em grupos e gracejavam. Os mais novos de todos brincavam de “cara ou coroa” num canto perto da janela.

O senhor Goliádkin era um homem bem-educado e não queria perder nenhum meio de colher informações. Por isso aproximou-se daqueles com quem tinha melhores relações, para os cumprimentar. Mas os colegas do senhor Goliádkin corresponderam de maneira estranha. Ficou desagradavelmente impressionado pela frieza de todos, pela recusa, pode mesmo dizer-se pela severidade de tal acolhimento. Ninguém lhe apertara a mão. Uns disseram-lhe simplesmente "boa-tarde" e afastaram-se, outros cumprimentaram-no com a cabeça. Um deles virou as costas, fazendo de conta que o não viu. Outros ainda — e isto exasperou o senhor Goliádkin — outros, os mais novos, os fedelhos, como justamente ele lhes chamava, os que não perdem a ocasião de jogar "cara ou coroa" e de fazer tolices, rodearam-no pouco a pouco, agruparam-se à sua volta, fecharam-lhe a saída. Olhavam todos para ele com uma curiosidade insultuosa.

Era mau sinal. O senhor Goliádkin sentiu-o e, sensatamente, preparava-se para não prestar atenção ao fato, quando um acontecimento inesperado o aniquilou de repente e deu cabo dele.

No meio dos jovens que o rodeavam, no instante em que a sua angústia atingia o auge, apareceu subitamente o senhor Goliádkin Júnior. Alegre e bem-disposto como sempre, apressado como sempre, avançava com ar brejeiro, saltitante, mesureiro, sorrindo e caçoando como acontecera na véspera, naquele momento de tão tristes recordações para o nosso amigo Goliádkin. Mostrando os dentes, saracoteando-se, saltitando com um sorriso que era uma saudação a todos, tinha-se introduzido no meio dos outros empregados, apertando a mão a um, batendo no ombro do outro, dando um abraço a um terceiro, explicando ao quarto a missão que Sua Excelência lhe confiara, as suas iniciativas, atos e funções.

Isto era sem tirar nem pôr o que se passara no sonho do senhor Goliádkin Sênior. Depois de ter saltitado por aqui e por ali e desempenhando o seu papel junto de cada um, logo que chamou sobre si as atenções e abraçou a todos, o senhor Goliádkin Júnior, que decerto por descuido não tinha ainda reparado no seu amigo mais antigo, estendeu a mão ao senhor Goliádkin Sênior. Também por descuido — e, contudo, ele tivera tempo de sobra para reconhecer o nojento senhor Goliádkin Júnior — o nosso herói apertou com força e

simpatia a mão que o outro lhe estendia.

Teria se deixado enganar pelo gesto imprevisto do seu terrível inimigo ou teria sido colhido de surpresa? Não se sabe. A verdade é que o senhor Goliádkin Sênior, espírito lúcido, de moto próprio, diante de testemunhas, apertou solenemente a mão daquele que considerava o seu pior inimigo. Grande porém foi sua surpresa e maior a vergonha quando reconhece o homem que anda a persegui-lo e enganá-lo despudoradamente.

Mas o senhor Goliádkin Júnior apercebe-se logo do erro do seu homônimo e, sem pudor, sem a mínima delicadeza, retira repentinamente e com uma insolência brutal a sua mão da do senhor Goliádkin Sênior, e sacode-a depois como se estivesse suja. Cospe de lado num gesto insultuoso, tira o lenço do bolso e limpa a mão que durante um momento estivera na do senhor Goliádkin Sênior.

O senhor Goliádkin Júnior, como era seu hábito, olhava intencionalmente em volta cada um dos presentes para que aprovassem a sua atitude e desprezassem o senhor Goliádkin. O seu gesto parecia, contudo, ter despertado a indignação de todos e até os novos mais estouvados mostravam descontentamento. A desaprovação era geral. Já o senhor Goliádkin número um se regozijava, quando, de repente, uma gracinha lançada a propósito pela boca do senhor Goliádkin número dois derruba e desfaz as últimas esperanças do nosso herói e faz de novo pender a balança a favor do seu terrível inimigo.

— É o nosso Faublas[9] russo! Permitam-me que lhes apresente o jovem Faublas — diz o senhor Goliádkin Júnior, em voz fraca e com a insolência habitual. Bamboleava-se no meio dos outros funcionários e apontava-lhes o verdadeiro senhor Goliádkin petrificado. — Abracemo-nos — continuou ele com uma insuportável familiaridade aproximando-se do homem que ultrajara.

A brincadeira do maldoso senhor Goliádkin Júnior fizera mais efeito por conter uma pérfida alusão a um fato que se tinha espalhado. O senhor Goliádkin sentiu nos ombros as mãos pesadas dos seus inimigos. Tinha tomado uma decisão. Com o olhar brilhante, o rosto

pálido e um sorriso forçado, saiu do grupo e dirigiu-se a passos incertos e precipitados para o gabinete de trabalho de Sua Excelência.

Na antecâmara encontrou Andriéi Filípovitch que saía de lá. Havia ali várias pessoas que o senhor Goliádkin não conhecia e às quais não prestou atenção.

Diretamente, resolutamente, espantado da sua própria coragem e ao mesmo tempo contente consigo próprio, sem perder um segundo, aproximou-se de Andriéi Filípovitch, o qual ficou surpreendido com aquele ataque inesperado.

— Ah! É o senhor… Que deseja? — perguntou o chefe de seção, mal reparando no que o senhor Goliádkin dizia.

— Andriéi Filípovitch, eu… Poderei ir agora mesmo falar com Sua Excelência? — pronunciou distintamente o senhor Goliádkin, fixando resolutamente Andriéi Filípovitch.

— Como? Claro que não pode. — E mirou desdenhosamente o senhor Goliádkin dos pés à cabeça.

— Se digo isto, Andriéi Filípovitch, é porque me admiro de que ninguém obrigue aquele impostor, aquele canalha a desmascarar-se.

— O que!?

— Um canalha, Andriéi Filípovitch!

— De quem está falando?

— De uma pessoa bem conhecida. Sim, — refiro-me a uma pessoa conhecida. Estou no meu direito. Eu julgo, Andriéi Filípovitch, que os chefes deviam ser os primeiros a aprovar reações como esta — acrescentou o senhor Goliádkin fora de si. — Andriéi Filípovitch, o senhor deve ser o primeiro a ver que a minha reação é compreensível e prova a minha inocência… Eu quero ver no meu chefe um pai, Andriéi Filípovitch. Sim, estimo-o como a um pai e vou colocar o meu destino nas suas mãos. Quero dizer-lhe o seguinte. Ouça-me…

Nesta altura a voz do senhor Goliádkin tremeu, o rosto tornou-se

vermelho e duas lágrimas apareceram a brilhar-lhe nas pestanas.

Andriéi Filípovitch ficou tão admirado que, sem dar por isso, recuou dois passos e olhou inquieto à sua volta…

Como terminaria este incidente? Eis, porém, que se abre a porta do gabinete ministerial. Sua Excelência sai acompanhado de alguns funcionários. Todas as pessoas que estavam na antecâmara aproximaram-se. Sua Excelência chamou Andriéi Filípovitch e deram ambos alguns passos juntos, tratando de assuntos oficiais. Então é que o senhor Goliádkin voltou a si. Envergonhado, pôs-se ao lado de Anton Antônovitch Siétotchkin, que caminhava, coxeando, atrás dos outros, de rosto preocupado.

“Eu cometi um deslize, um disparate — pensa — mas não faz mal…”

— Espero — disse baixinho e com voz trêmula — espero que ao menos o senhor, Anton Antônovitch, queira ouvir-me e julgar o meu caso. Enxotado por todos, dirijo-me ao senhor. Não consigo compreender as palavras de Andriéi Filípovitch. Explique-as, por favor, caso possa Anton Antônovitch.

— Tudo se esclarecerá no momento oportuno — respondeu Anton Antônovitch com voz severa e vagarosa, que significava que não lhe interessava prolongar a conversa. — O senhor saberá em breve… Hoje mesmo será avisado oficialmente de tudo.

— O quê?… Oficialmente, Anton Antônovitch? Por que… oficialmente? — perguntou timidamente o senhor Goliádkin.

— Não nos compete a nós, Iákov Pietróvitch, discutir as decisões dos chefes.

— Por que dos chefes? — pergunta o senhor Goliádkin cada vez mais assustado. — Por que dos chefes? Eu não vejo nenhuma razão para incomodar os chefes, Anton Antônovitch. Quererá por ventura referir-se ao que aconteceu ontem?

— Não, não é isso… há outras coisas que lhe censuram…

— Que coisas, Anton Antônovitch?

— Quem é que o senhor quis enganar, afinal? — interrompeu com dureza Anton Antônovitch…

O senhor Goliádkin, pasmado, estremeceu e tornou-se pálido como cera.

— Sim… Anton Antônovitch — disse com voz sumida — se derem ouvidos só às calúnias dos inimigos, se ninguém quiser tomar a defesa de um acusado, então é claro que este… acabará por sofrer sem culpa nenhuma…

— Sim. E que me diz da feia ação que cometeu, atentando contra a reputação de uma honesta menina, cuja família sempre o cumulou de atenções?

— Mas, Anton Antônovitch, que ação foi essa?

— Olhe. Também não sabe o que lhe pode censurar outra jovem, esta, pobre, mas de uma família estrangeira digna de todo o respeito?

— Deixe-me falar, Anton Antônovitch. Escute-me…

— E as outras indecências, as calúnias contra outra pessoa que o senhor acusou de uma ação de que era o único culpado? Como se chama isso, hem?

— Eu não o expulsei de minha casa, Anton Antônovitch, nem fui eu quem deu ordem a Pietruchka… ao meu criado… Ele partilhou do meu pão, Anton Antônovitch, aceitou a minha hospitalidade — afirma o senhor Goliádkin em tom sincero, com o queixo a tremer e as lágrimas nos olhos…

— Compartilhou do seu pão… é o senhor quem o diz — chacoteou Anton Antônovitch com voz irônica que feriu profundamente o nosso herói.

— Dê-me licença, Anton Antônovitch, que lhe pergunte se Sua Excelência sabe…

— Claro que sabe… Mas deixemos isto… Eu não tenho tempo para estar aqui a falar. Hoje ainda o senhor saberá o que tem a saber.

— Por favor, Anton Antônovitch… é só um momento…

— Em outra hora conversaremos.

— Não, Anton Antônovitch… Olhe, escute-me. Eu não sou herético. Estou disposto a…

— Sim… eu sei.

— Não, não sabe, Anton Antônovitch. — Não é isso. O que eu quero dizer, Anton Antônovitch, é que a providência divina concebeu dois seres absolutamente iguais, e os chefes, respeitando este desígnio da providência, resolveram dar asilo aos dois e fizeram bem. É assim ou não, Anton Antônovitch? Eu não sou nenhum libertino. Pelo contrário. Um chefe bondoso é para mim como um pai. E depois… O pobre homem tem necessidade de trabalhar… Ajude-me, Anton Antônovitch. Por amor de Deus, só mais uma palavrinha, Anton Antônovitch…

Anton Antônovitch, porém, já estava longe. O senhor Goliádkin já não sabia dele. Que fazia agora ali especado e qual iria ser a sua sorte? Que iriam fazer dele?

Com o olhar suplicante, procurou Anton Antônovitch por entre os funcionários, a fim de se desculpar e defender bem a inocência dos seus propósitos.

Aos poucos uma nova luz começou a iluminar o caos em que o senhor Goliádkin mergulhara. Era terrível essa luz e dela emergiam fatos que nunca lhe haviam passado pela cabeça. Alguém lhe tocou. Voltou-se. Na sua frente estava Pissarienko.

— Uma carta… senhor.

— Ah! Até que enfim! Estiveste lá?

— Não, a carta veio hoje às dez da manhã. Mítchev trouxe-a da parte de Vakramáiev.

— Está bem, rapaz, está bem. Eu saberei agradecer-te.

O senhor Goliádkin meteu a carta no bolso do casaco que abotoou com todo o cuidado.

Com grande espanto, percebeu então que se encontrava no vestiário dos escritórios, no meio dos funcionários que, tendo terminado o serviço, se dirigiam para a saída.

O senhor Goliádkin não se lembrava de nada. Voltara a vestir o sobretudo, calçara as galochas, pegara no chapéu, fazendo tudo maquinalmente. Os outros funcionários, de pé, imóveis, pareciam esperar fosse o que fosse. Sua Excelência tinha parado no fundo da escada à espera do carro que demorava a chegar e, entrementes, conversava animadamente com dois conselheiros e com Andriéi Filípovitch. Um pouco atrás estava Anton Antônovitch Siétotchkin e mais alguns funcionários que sorriam ao verem o ministro rir e gracejar. No cimo da escada os empregados sorriam também esperando nova gargalhada de Sua Excelência. Só o gordo Fiedosséitch não sorria. Aprumado, junto da porta, esperava com impaciência o seu momento de alegria cotidiana. Era quando, com um gesto ostensivo, abria a porta de par em par para deixar passar Sua Excelência. Mas mais que todos os outros, o indigno e repelente inimigo do senhor Goliádkin, exteriorizava o seu contentamento…

Nesta ocasião tinha esquecido os outros funcionários. Não pensava em insinuar-se junto de cada um deles como era seu hábito. Agora não fazia outra coisa senão ouvir e ver. Não tirava os olhos de Sua Excelência e parecia beber cada uma das suas palavras. Mas, de quando em quando suas mãos, pés e cabeça moviam-se revelando os movimentos secretos da sua alma.

“Que maneiras! — pensou o senhor Goliádkin. — Bandido! Parece um favorito! Gostaria de saber o que tem ele para se insinuar daquela maneira. Nem sutileza, nem caráter, nem cultura, nem sentimentos. Contudo, triunfa. Meu Deus. A que um homem pode chegar! Como ele tem artes de *levar* os outros! Há de ir longe, o malandro! Ainda por cima tem sorte. Que estarão cochichando? Que segredos serão os dele com esta gente? De que estarão todos a falar? Meu Deus! Se eu lhe

fosse perguntar…”

“Não, não voltarei a ceder. Eu tenho também as minhas culpas. Eu bem sei que, hoje em dia, os novos têm direito a ter a sua situação. Sim, por isso não protestarei. Suportarei tudo com paciência e humildade. E se eu tentasse demovê-lo? Não, não conseguirei demovê-lo com palavras. Aquela cabeça é dura, ali não entra nada. Ainda assim, é de tentar. Talvez seja agora o momento oportuno. Tentemos, pois.”

Preocupado, aflito, perplexo, sentindo que não podia continuar assim, que tinha chegado o momento decisivo e lhe era necessária uma explicação, o senhor Goliádkin aproximou-se vagarosamente do seu indigno e misterioso camarada. No mesmo instante, porém, ouviu-se o barulho do carro de Sua Excelência.

Fiedosséitch puxou a porta e… curvado até ao chão, deixou passar o ministro. Todos os que estavam à porta precipitaram-se para a saída, separando assim, por momentos, o senhor Goliádkin Sênior do senhor Goliádkin Júnior.

“Hei de apanhar-te” — disse para si próprio o senhor Goliádkin abrindo caminho por entre a massa dos funcionários e sem o perder de vista.

Por último a aglomeração desfez-se e ele se lançou em perseguição do inimigo.

## Capítulo XI

A respiração do senhor Goliádkin tornava-se ofegante. Voava, como se tivesse asas nos pés, em direção ao inimigo que se afastava rapidamente. Sentia em si uma energia desusada. Apesar disso tinha a impressão de que um simples mosquito — se houvesse mosquitos em São Petersburgo numa época daquelas — teria sido suficiente para, com um simples toque de asas, quebrá-lo pelo meio. Sentia-se fatigado, exausto. Uma força estranha impelia-o para a frente mas já não tinha ânimo para caminhar e os pés recusavam-se a andar. “Tudo

isto se podia arranjar pelo melhor. Pelo melhor ou pelo pior” — pensava o senhor Goliádkin, já sem fôlego, devido à corrida. — “Tudo está irremediavelmente perdido. Já não há lugar para dúvidas. É um caso certo, decidido, arrumado.” No entanto, o senhor Goliádkin pareceu ressuscitar, como se tivesse ganho a vitória numa grande batalha, quando, finalmente, conseguiu deitar a mão ao sobretudo do inimigo no momento em que este ia subir a um carro.

— Cavalheiro, cavalheiro, espero que…

— Não, não espere coisa nenhuma. — Tal foi a resposta evasiva do seu cruel inimigo que, já com um pé no estribo, procurava meter o outro pé dentro do carro e manter-se em equilíbrio enquanto agitava a perna. Ao mesmo tempo tentava com toda força desprender o casaco das mãos crispadas do senhor Goliádkin Sênior.

— Iákov Pietróvitch, apenas dez minutos.

— Estou com pressa, desculpe.

— Por favor, Iákov Pietróvitch… Peço-lhe por amor de Deus, Iákov Pietróvitch! Precisamos de ter uma explicação como homens de palavra que somos. É só um segundo, Iákov Pietróvitch.

— Meu querido amigo, não tenho tempo — respondeu com uma familiaridade fora do propósito e uma certa bonomia o tratante do senhor Goliádkin. — Fica para outro dia. Creia que outro dia, da melhor vontade, mas agora é impossível.

“Covarde” — pensou o senhor Goliádkin.

— Iákov Pietróvitch! — exclamou desesperado. — Nunca lhe quis mal nenhum. Houve gente sem escrúpulos que me caluniou. Mas, por meu lado, estou disposto a… Iákov Pietróvitch. Vamos entrar neste café e lá, de coração nas mãos, francamente, tudo se explicará.

— Está bem, vamos ao café. Concordo, mas só com uma condição, meu amigo; é que fique tudo bem claro, de uma vez para sempre. Só assim — disse o senhor Goliádkin, descendo do carro e batendo descaradamente no ombro do senhor Goliádkin. — Para ser-te

agradável, meu amiguinho, irei onde quiseres. És um bom patife, fazes dos outros o que queres — continuou o falso amigo do senhor Goliádkin, e pôs-se a andar em volta dele com um sorriso.

O café onde entraram os dois Goliádkin ficava retirado das ruas de movimento e, naquela ocasião, estava deserto. Uma alemã fortona surgiu por detrás do balcão quando tocaram a campainha. O senhor Goliádkin e o seu inimigo foram até ao compartimento do fundo, onde um garoto gorducho, de cabeça rapada, procurava com um feixe de cavacos dar vida ao fogão apagado. Entretanto veio o chocolate que o senhor Goliádkin número dois tinha mandado vir.

— É bem apetitosa, esta dona… — disse o senhor Goliádkin Júnior piscando maliciosamente o olho ao senhor Goliádkin Sênior, que corou e não disse nada.

— Ah, bom, já me esquecia. Desculpe. Já sei que o senhor gosta das alemãs pequenas e frágeis, meu caro Iákov Pietróvitch. Aluga-se um quarto na casa duma delas, depois toca a difamá-la, a comer à sua custa etc. e tal.

Enquanto ia fazendo estas alusões maliciosas o senhor Goliádkin número dois andava em volta do seu homônimo, sorria-lhe e fingia-se encantado por estar ali com ele. Mas o senhor Goliádkin Sênior não era tolo que se deixasse iludir.

Depois, o senhor Goliádkin Júnior mudou de tática e começou a jogar mais às claras. Bateu no ombro do outro com uma desenvoltura revoltante e foi ao ponto de dar-lhe um beliscão na face. O nosso herói ficou fulo… e não abriu a boca.

— Tudo isso são fantasias dos meus inimigos — respondeu ele com voz trêmula, dominando-se a custo. Ao mesmo tempo lançava para a porta olhares inquietos, pois o senhor Goliádkin Júnior mostrava-se muito exuberante e era bem de ver que se propunha fazer macaquices, deslocadas num lugar público e impróprias de pessoas educadas.

— É possível que seja como o senhor diz — respondeu friamente o senhor Goliádkin Júnior que adivinhara o que o outro estava

pensando.

Colocou sobre a mesa a chávena que tinha esvaziado com uma sofreguidão imprópria.

— Fazia muito tempo que não nos víamos. Como tem passado, Iákov Pietróvitch?

— Eu só tenho uma coisa a dizer-lhe, Iákov Pietróvitch — respondeu o senhor Goliádkin com calma e dignidade — é que nunca fui seu inimigo.

— Hum! E Pietruchka? É Pietruchka que se chama? Como está ele? Como sempre, não é verdade?

— Sim, como de costume — respondeu o senhor Goliádkin Sênior um tanto admirado. — Não sei como hei de compreendê-lo, Iákov Pietróvitch, pelo meu lado, tem de concordar que sou sincero e correto…

— Sim. Mas o senhor sabe por si — interrompeu o senhor Goliádkin Júnior com voz calma, mostrando-se triste e digno, como que arrependido e repentinamente mudado — sabe que os tempos mudaram para pior. Iákov Pietróvitch, o senhor é inteligente e compreende que a vida não é uma simples brincadeira — concluiu com ar solene o senhor Goliádkin Júnior, procurando fazer acreditar que sabia interessar-se por assuntos elevados.

— Pela minha parte, Iákov Pietróvitch — continuou o senhor Goliádkin com mais vibração — desprezo os rodeios e gosto de dizer francamente as coisas e por isso quero dizer-lhe, Iákov Pietróvitch, que não tenho nenhuma culpa do que se passa. Ora, sabemos bem que é sempre possível corrigir a opinião das outras pessoas. Quero ainda acrescentar, Iákov Pietróvitch, que se olharmos as coisas de um ângulo superior, eu serei obrigado a reconhecer, sem falso amor-próprio, que, claro, se eu tiver certas culpas, estou pronto a confessá-las. O senhor é inteligente e eu estou pronto a confessar com dignidade, sem falsa vergonha que…

— É a fatalidade, o destino, Iákov Pietróvitch. Mas deixemos isto.

Gastemos antes os poucos momentos de que dispomos, a conversar como se fôssemos dois camaradas. Realmente, durante todos estes dias não tive oportunidade de dizer-lhe duas palavras. Mas a culpa não foi minha, Iákov Pietróvitch…

— Nem minha — interrompeu com vivacidade o senhor Goliádkin. — Não tenho culpa de nada disto, sinto-o perfeitamente. Acusemos antes o destino — diz o nosso homem no tom mais conciliador que se pode imaginar.

Aos poucos, a voz ia-se tornando cada vez mais fraca. Tremia.

— Mas afinal não me disse: como tem passado? — insiste com voz melosa o desconcertante sósia do nosso herói.

— De vez em quando tenho tosse — respondeu em voz baixa o senhor Goliádkin.

— Tenha cuidado, andam por aí muitas doenças. É fácil apanhar anginas e eu já comecei a usar roupa de flanela, veja…

— Sim, de fato. As anginas apanham-se facilmente, Iákov Pietróvitch…

Houve um curto silêncio.

— Iákov Pietróvitch, vejo que me enganei. Lembro-me das horas que passamos juntos na minha casa modesta mas acolhedora…

— Não foi o que o senhor referiu na sua carta — disse o senhor Goliádkin Júnior, que pela primeira vez falava a verdade.

— Iákov Pietróvitch, eu estava enganado. Hoje é que vejo. Excedi-me quando escrevi a carta, Iákov Pietróvitch. Até me custa olhar para você. Dê-me essa carta para que eu a rasgue, aqui, na sua frente, Iákov Pietróvitch. Se não quiser, atribua-lhe — peço-lhe — um sentido totalmente diverso, interprete-a como amigo, dê a cada palavra o valor oposto. Eu estava fora de mim. Perdoa-me, Iákov Pietróvitch, eu não sabia o que fazia…

— Que me diz? — perguntou o inimigo com ar distraído e

indiferente.

— Digo que estava absolutamente fora de mim, Iákov Pietróvitch.

— Ah bem! Tinha-se enganado — respondeu, troçando, o senhor Goliádkin Júnior.

— Eu cheguei a pensar, Iákov Pietróvitch — acrescentou o nosso herói com uma total fraqueza e sem compreender a terrível perfídia do seu falso amigo — cheguei mesmo a dizer: “Ora aqui estão dois homens semelhantes em tudo, que foram criados…”

— Ah! Pensou isso?

O instável senhor Goliádkin Júnior ergueu-se e pegou o chapéu. O senhor Goliádkin Sênior não viu a velhacaria e levantou-se também, sorriu francamente e pensou, na sua simplicidade, em encorajá-lo para que se tornasse bom e pudessem até ser amigos.

— Adeus, Excelência! — exclamou inesperadamente o senhor Goliádkin Júnior. O outro estremeceu ao reparar na cara do inimigo.

Para ver-se livre dele estendeu-lhe a mão a despedir-se, mas então… então a insolência do senhor Goliádkin Júnior ultrapassou todos os limites. Apertou-lhe desdenhosamente dois dedos e ousou repetir a intolerável graçola daquela manhã. Isto ia além das medidas da paciência humana, por maior que ela fosse.

Já tinha metido no bolso o lenço com que limpara os dedos, quando o senhor Goliádkin número um se pôs a perseguir na sala vizinha o seu figadal e covarde inimigo. Como se nada tivesse acontecido, instalara-se junto do balcão, comera bolos como uma pessoa que se preza e ia fazendo a corte à pasteleira alemã.

“Diante de uma senhora, não posso” — pensou o senhor Goliádkin que, muito agitado, se aproximara do balcão.

— Realmente, a garota é muito “comestível”. Não acha? — e o senhor Goliádkin Júnior voltava às suas disparatadas brincadeiras, contando com a paciência inesgotável do senhor Goliádkin.

A grande e gorda alemã olhava os seus dois clientes com olhos inexpressivos. Era evidente que não compreendia o russo e lhes sorria com ar afável. O senhor Goliádkin corara. O seu inimigo não tinha vergonha… Sem poder conter-se por mais tempo, lançou-se sobre ele. Quis fazê-lo em bocados, ver-se livre do inimigo de uma vez para sempre. Mas, segundo o seu hábito, o senhor Goliádkin Júnior já estava longe. Tinha desaparecido pela porta.

Depois de um momento de estupefação bem natural, o senhor Goliádkin Sênior, já mais refeito, lançou-se com quantas pernas tinha em perseguição do outro que saltava, entretanto, para o carro que o esperava. A alemã, vendo fugir os dois clientes, pôs-se a gritar e a tocar a campainha com toda a força.

O senhor Goliádkin virou-se, atirou-lhe dinheiro de sobra para pagar duas despesas e nem esperou o troco. Apesar do atraso pode apanhar o inimigo. Agarrou-se bem ao carro e correu na rua procurando subir, o que o outro Goliádkin tentava impedir com energia. O cocheiro, com o chicote, com as rédeas e com os pés, encorajava a mula que, de súbito, se pôs a galope mordendo o freio e escoiceando furiosamente. Por fim o senhor Goliádkin conseguiu trepar para o carro. Face a face com o seu inimigo, com as costas de encontro às costas do cocheiro, os joelhos de encontro aos joelhos do insolente, conseguira agarrar com a mão direita a gola de pele do casaco do outro.

O carro levava vertiginosamente os dois silenciosos inimigos. O senhor Goliádkin mal podia respirar. O caminho era mau, e a cada solavanco ele saltava e corria o risco de quebrar a cabeça. O inimigo não se dava por vencido e procurava precipitá-lo na lama. E ainda por cima o tempo estava horrível. Os flocos de neve teimavam em penetrar através do casaco do senhor Goliádkin. Não se via nada. Era impossível distinguir as ruas por onde o cavalo galopava. O senhor Goliádkin tinha a impressão de já ter vivido estes instantes. Procurava lembrar-se se não fora na véspera, talvez em sonhos, que sentira algo de semelhante. A impressão que tinha não era de angústia, mas de verdadeira agonia. Apertou-se com força de encontro ao seu adversário e quis gritar. Mas os gritos não lhe saíram dos lábios… Por um instante esqueceu tudo, concluiu que aquela aventura não era real,

que era inverossímil e que de nada valia protestar… Tinha chegado a esta conclusão quando um solavanco maior o chamou à realidade. O senhor Goliádkin, como um saco de farinha, caiu do coche, rolou, e concluiu que fora um tolo que se tinha excedido sem razão. Levantou-se. O carro tinha parado no meio dum pátio e o senhor Goliádkin reconheceu imediatamente a porta da casa de Olsuf Ivânovitch. Avistou simultaneamente o homônimo que se dirigia para o portão e ia certamente à casa de Olsuf Ivânovitch. Desesperado, ia correr atrás dele, mas, felizmente, retrocedeu a tempo. Pagou ao cocheiro e pôs-se a correr para onde o levavam os pés. A neve continuava a cair. A noite permanecia úmida e escura como breu. O senhor Goliádkin não corria, voava, derrubando tudo que encontrava: homens, mulheres e crianças. Por onde passava, ouviam-se gritos… Parecia ter perdido a consciência e que não reparava em nada do que existia em seu redor.

Acabou por voltar a si junto da ponte Siemiônovski, depois de ter derrubado duas vendedoras e de ter caído ele próprio.

"É preciso não perder a calma — pensou o senhor Goliádkin. — Ainda há de haver uma solução." Procurou no bolso, tirou um rublo para compensar as duas mulheres por causa das maçãs, das nozes e por bolos espalhados pelo chão. Deu então com a mão na carta que o escriturário lhe entregou pela manhã. Uma súbita esperança o iluminou. Conhecia uma espécie de taverna que ficava a dois passos. Entrou aí, sentou-se logo a uma mesa e sem sequer ouvir o rapaz, o qual veio informar-se do que ele desejava, abriu o envelope e pôs-se a ler com grande surpresa:

> Nobre e amado cavalheiro:
>
> Venho pedir-te, a ti, que sei que és um homem de sentimentos e sofres por minha causa, a ti que eu nunca esquecerei, que me venhas salvar, pois encontro-me em perigo. O caluniador, o intriguista que todos conhecem, prendeu-me nas suas redes e eu estou perdida. Não pude resistir mas ele é um odioso, ao passo que tu… Separaram-nos e têm interceptado as cartas que eu te tenho dirigido. Um homem sem escrúpulos aproveitou-se da sua única qualidade — a sua semelhança contigo… Mesmo quando um homem não é belo, pode seduzir pela sua inteligência, pela força dos sentimentos, pelo encanto das suas maneiras… Estou desgraçada! Querem casar-me à força e é o meu pai, o meu grande amigo, o conselheiro de estado Olsuf Ivânovitch que favorece o plano daquele que quer apenas partilhar a minha posição social e servir-se das minhas relações. Mas estou decidida a protestar por todos os meios ao meu alcance. Espera-me hoje às nove horas em ponto, com uma carruagem, diante das janelas da casa de meu pai. Há um baile em nossa casa. Eu escaparei e fugiremos. Não faltam lugares onde se pode servir utilmente à pátria. Aconteça o que acontecer, lembra-te

sempre, meu amigo, que a inocência é, só por si, uma força.

Adeus. Espera-me com o carro diante da porta de entrada. Vou me entregar à tua proteção, às duas da manhã em ponto.

Klara Olsúfievna

Depois de ler esta carta, o senhor Goliádkin ficou atemorizado durante um instante. A angústia, a comoção deixaram-no branco como a cal da parede. Com a carta na mão, sem saber o que fazia, pôs-se a passear pela sala.

Para cúmulo da desgraça, nem sequer se apercebia de que os outros clientes não tiravam os olhos dele. O desarranjo da roupa, a sua visível comoção, o caminhar desordenado através da sala, os gestos, as palavras soltas que proferia sem dar por isso, não podiam de modo nenhum chamar a seu favor a opinião dos presentes. O próprio empregado olhava desconfiado para ele.

Assim que voltou a si viu-se em pé no meio da sala, olhando de um modo despropositado para um velhote com ar respeitável, que tinha acabado o jantar, e depois de dizer as suas orações diante duma imagem, voltara a sentar-se no seu lugar e o observava atentamente. Muito confuso, notou que todos, sem exceção, o encaravam de um modo pouco tranquilizador.

Um oficial reformado pediu em voz alta que lhe dessem um jornal.

O senhor Goliádkin estremeceu e corou. Por acaso baixou os olhos. A sua roupa estava imprópria não só para estar em público — mas até para estar em casa. Os sapatos, as calças, ou antes, todo o corpo do lado esquerdo estava coberto de lama; o fundo das calças, do lado direito, tinha um enorme rasgão, e o casaco estava esgarçado em várias partes. Contrariado, aproximou-se da mesa diante da qual acabara de ler a carta. O rapaz aproximou-se dele com ar estranho e ameaçador. Sem perceber, o senhor Goliádkin olhou a mesa que estava à sua frente. Não tinha sido tirada. Lá estavam as travessas, um prato sujo e uma faca, um garfo e uma colher.

“Quem jantou aqui?” — perguntou de si para si. — Terei sido eu? É possível. Decerto comi sem dar por isso. Que hei de fazer agora?”

Erguendo os olhos avistou o empregado que parecia querer falar-lhe.

— Quanto devo? — perguntou com voz hesitante.

À sua volta todos começaram a rir, até mesmo o empregado. O senhor Goliádkin compreendeu que acabava de dizer um grande disparate. Procurou o lenço para fazer qualquer coisa. Mas, com surpresa geral e também dele próprio, não foi um lenço que tirou do bolso mas um frasco que continha um medicamento receitado quatro dias antes por Krestian Ivânovitch. “Este medicamento provém da tal farmácia!” Esta frase veio-lhe à ideia. De súbito estremeceu e quase que ia gritando.

Um líquido repugnante e vermelho escuro apareceu com ar sinistro sob os olhos do senhor Goliádkin. O frasco caiu-lhe das mãos e quebrou-se. Lançou um grito e recuou dois passos. O líquido espalhara-se no chão. Pôs-se a tremer dos pés à cabeça e um suor frio perlava-lhe as fontes e a testa. “A minha vida está em perigo.” Movimento, confusão na sala. Há gente em volta do senhor Goliádkin, fazem-lhe perguntas. Alguns agarram-no por um braço. Imóvel, mudo, não sente nada, não vê nada, não ouve nada… Por fim, fugindo do lugar, sai da loja empurrando todos que o querem reter. Caiu quase desfalecido no primeiro coche que encontrou e mandou seguir para casa, à rédea solta.

Ao entrar em casa encontrou Mítchev, o porteiro da repartição, que trazia um sobrescrito oficial.

— Já sei, já sei tudo — disse com voz fraca e triste o senhor Goliádkin, visivelmente aniquilado. — É oficial…

O sobrescrito dirigido ao senhor Goliádkin continha efetivamente um mandato, assinado por Andriéi Filípovitch, para que entregasse a Ivan Siemiônovitch todos os trabalhos que tinha em mãos, bem como a respectiva documentação. O senhor Goliádkin deu dez copeques ao portador.

Uma vez em casa, viu Pietruchka a reunir as roupas e tudo o que lhe pertencia. Ia deixar o senhor Goliádkin a fim de substituir Ievstáfi

em casa de Karolina Ivânovna.

## Capítulo XII

Pietruchka aproximou-se com os braços abanando, descuidado e triunfante. Tinha o ar de alguém que não foi apanhado de surpresa e se sente seguro de si. Era como se fosse agora um estranho à casa, um criado que deixara já de estar ao serviço do senhor Goliádkin.

— Dize-me, Pietruchka — começou o senhor Goliádkin respirando a custo. — Que horas são?

Pietruchka passou silenciosamente para o outro lado do tabique e declarou com toda a independência que devia faltar pouco para as oito.

— Está bem, meu rapaz. Vês… Dá-me licença que te diga que me parece que nos vamos separar.

Pietruchka não disse nada.

— Bem, agora que nos vamos separar, diz-me, francamente, onde estiveste este tempo todo?

— Onde estive? Em casa de pessoas amigas.

— Já sabia, já sabia. Sempre me serviste bem e eu vou passar-te um bom certificado. Mas confessa: vais servir agora na casa dessas pessoas?

— Ora! O senhor bem sabe. É claro que as pessoas de bem não podem influenciar mal a outros.

— Claro, claro. Hoje em dia as pessoas dignas de estima são cada vez mais raras, devemos por isso apreciá-las. Mas quem são os teus novos patrões?

— O senhor bem sabe. Acontece que não posso mesmo continuar ao seu serviço.

— Sim, conheço a tua dedicação e zelo. Apreciei-os e tenho-te amizade. Eu gosto de todas as pessoas boas, mesmo que se trate de um criado.

— Claro, os bons é que vencem. É assim mesmo. A vida não é possível se não houver gente boa.

— Bem, bem, meu amigo. Compreendo. Toma o teu dinheiro e o teu certificado. Agora dá cá um abraço e vamos dizer adeus… Quero ainda pedir-te uma coisa — acrescentou solenemente o senhor Goliádkin. — Tudo pode acontecer, nunca se sabe. A pouca sorte está em toda parte e ninguém lhe pode fugir. Eu, eu julgo que não tens razão de queixa de mim…

Pietruchka calara-se.

— Parece-me que não tens razão de queixa de mim… Mas dize-me uma coisa: que roupas tenho ainda?

— O que há é isto: seis camisas de algodão, três pares de meias, quatro peitilhos, um colete de flanela, dois pares de ceroulas. Eu, por mim, não levo nada que lhe pertença. Sempre olhei pelas coisas do meu patrão. O senhor conhece-me bem…

— Não se trata disso, homem! Não é nada disso.

— Bem sei… senhor. Quando eu trabalhava em casa do general Stolbniakov mandaram-me embora porque a família foi toda para Saratov. Tinham lá uma herdade…

— Ó homem, não se trata disso. Não penses nisso.

— O senhor bem sabe que, na nossa situação, é fácil levantarem-nos má fama. Mas nunca, em casa nenhuma, tiveram nada que me dizer. Estive em casa de ministros, generais, senadores e condes. Estive em casa deles e em casa do príncipe Svintchátchin, em casa do capitão Pieriebórkin e do general Niedobárov e se me vim embora foi porque eles foram para as suas chácaras.

— Claro, está bem. Tudo isso é assim. Eu também vou partir… Cada um segue o seu caminho e não se sabe quando nos voltaremos a

encontrar. Agora ajuda-me a vestir. Depois arranja-me um terno, lençóis, cobertores e almofadas.

— Quer que faça um embrulho?

— Sim, faz um embrulho. Ninguém sabe o que pode acontecer; e depois vai chamar um carro.

— Um carro?

— Sim, um carro que seja cômodo e disponível por algum tempo. Agora não te ponhas a pensar coisas…

— É longe onde o senhor vai?

— Não sei, meu caro, não sei. É melhor incluíres também uma manta. Não achas bom? Olha que eu tenho confiança em ti.

— O senhor vai sair já?

— Sim, vou já, vou. Aconteceu… enfim…

— Compreendo, senhor. Aconteceu o mesmo a um tenente do nosso regimento. Raptou a filha de um proprietário…

— Raptou? Que estás dizendo?!

— Sim, raptou-a e casou com ela noutra freguesia. Tinham preparado tudo de antemão. Tramaram uma perseguição. Mas o príncipe, que agora é falecido, meteu-se no caso e tudo se arranjou.

— Casaram-se? Mas… como sabes tu disso?

— Bem, senhor. Estas coisas espalham-se. Tudo se sabe… Todos têm as suas aventuras… Mas como sou sempre seu amigo quero dizer-lhe uma coisa. O senhor tem uma pessoa que lhe quer mal, que o não pode ver.

— Bem sei, bem sei, E tu também sabes. Vês como tenho confiança em ti? Que me aconselhas a fazer?

— Olhe, senhor, se precisa de comprar lençóis, almofadas e outra

manta para casal ou um cobertor, tudo isso se arranja na vizinha debaixo. Ela tem uma manta de pele que é uma maravilha. É um instante enquanto se compra. E o senhor precisa dela… É de pele e forrada de cetim.

— Bem, tens razão. Tenho confiança em ti. Vai buscá-la. Mas depressa. Temos que nos despachar. Compro a manta, mas tem de ser depressa. Daqui a nada são oito horas. Despachemo-nos pelo amor de Deus. Avia-te, meu amigo. — Pietruchka pôs o embrulho das roupas a um canto e saiu do quarto.

O senhor Goliádkin voltou a pegar na carta mas não teve coragem de tornar a lê-la. Com a cabeça entre as mãos, de boca aberta, encostou-se à parede. Sentia-se incapaz de pensar ou de agir. Não compreendia o que tinha acontecido. Entretanto, o tempo ia passando e Pietruchka não chegava. Resolveu ir procurá-lo. Ao abrir a porta da escada ouviu embaixo as vizinhas tagarelando e gritando, em grande discussão. O senhor Goliádkin compreendeu qual seria o motivo da conversa. Ouviu a voz de Pietruchka e passos logo a seguir. “Oh céus, toda essa gente vem para cá!” — gemeu o senhor Goliádkin, que voltou a correr para o quarto e se lançou para cima de um divã com a cara escondida na almofada.

Depois de um ápice, ergueu-se, calçou as galochas, pôs o sobretudo e o chapéu, pegou na carteira e desceu a escada como um furacão. A certa altura encontrou Pietruchka a quem disse por entre dentes:

— Já não preciso de nada. Posso arranjar-me sozinho. Não necessito de ti. Tudo há de correr da melhor maneira.

Quando chegou ao pátio o coração batia-lhe com força. Não sabia o que havia de fazer. Que iria acontecer? Momento crítico…

“Que hei de fazer, Deus meu! Por que terá acontecido tudo isto? — gritou ele desesperado enquanto caminhava pela rua. — Se não fosse isto, se isto não tivesse acontecido, tudo se arranjava. Até dava um olho ao diabo se isto não ficasse arrumado de uma vez para sempre… Eu bem sei como seria: eu devia ter dito: ‘Não é assim que se fazem as coisas. O senhor não passa de um impostor, de um homem

perigoso para a comunidade. O senhor deve compreender etc. e tal…' Ora aí está. Mas não. Aqui estou a dizer disparates, sou um imbecil. Onde hei de ir? Que vou fazer agora? Para que sirvo eu, afinal? Para que serves tu, idiota de Goliádkin? Para quê? É preciso arranjar um coche, para que ela não molhe os pés, coitadinha. Quem poderia adivinhar? Ora, aí está no que deu uma menina com juízo! Meteu-me numa enrascada, não há dúvida! É o resultado duma educação defeituosa. Desde pequena, em vez de a castigarem, enchiam-na de bombons e de outras gulodices. E depois o velho sempre a choramingar: 'Minha linda, minha joia, hei de casar-te com um conde!' Em vez de a terem em casa puseram-na interna em casa dessa tal francesa, uma emigrada, uma madame Faublas[10] qualquer. Ora aí está. Basta levar-lhe um carro para debaixo da janela a cantar-lhe uma ária espanhola. 'Eu sei que me amas e espero por ti! Fujamos os dois e iremos viver para uma choupana.' Ora fique sabendo, belezinha, que isso não é permitido. A lei proíbe que se tire de casa uma donzela inocente, contra a vontade dos pais. E com que intenção, afinal? Que necessidade há disso? Ela acabará por casar com aquele que o destino lhe enviou. Mais ainda. Eu não sou mais que um pobre funcionário que vai ser demitido do seu lugar. Podem levar-me ao tribunal. Tudo isto são artimanhas da alemã. Instigados por Andriéi Filípovitch, levantaram-me calúnias. Se assim não fosse, como estaria Pietruchka a par de tudo? Em que é que isto lhe diria respeito? Não, minha filha. Não pode ser. E talvez não seja a feiticeira alemã, mas a menina, a única culpada de tudo isto. Ela, no fundo, não é má pessoa. Só a você, Klara, eu devo todo o mal que tenho sofrido a ponto de sentir-me perdido. Não sei que vai ser de mim. Posso eu pensar em casar? Como acabará isto? Daria não sei quanto para o saber."

Mergulhado na sua mágoa o senhor Goliádkin ia caminhando e meditando, até que deu consigo na rua Litiéinaia.

O tempo estava medonho. A neve não parava de cair, como naquela noite inesquecível, à hora fatal da meia-noite, quando começara o seu infortúnio. "Não se pode pensar em viajar com um tempo destes — dizia para si o nosso desgraçado herói. — É o fim do mundo! Oh, meu Deus, onde irei eu encontrar um carro? Parece que lá ao longe há um ponto negro. Vamos ver, Deus meu!" E o senhor

Goliádkin encaminhou-se, vacilando, para o local onde julgara ver um coche. “Não, o que eu vou fazer é ir lá, rojar-me aos pés dele e suplicar: ‘Ouça-me Excelência, eu ponho o meu destino nas suas mãos, nas suas mãos de chefe. Ajude-me, Excelência, este ato é proibido pela lei; ajude-me a salvar a minha dignidade, a minha honra e o meu nome. Eu considero Sua Excelência como um pai. Livre-me deste miserável! Ele não sou eu, é outra pessoa.’ Um bom chefe deve intervir numa circunstância destas, fica-lhe bem, até. Direi que o estimo como se fosse meu pai e como o melhor dos chefes, que lhe confio a minha vida e que me retirarei da vida pública!”

— Olá, você é cocheiro?

— Sim, sou.

— Preciso de uma carruagem para esta noite.

— É para ir longe?

— É para esta noite, amigo. Não interessa o lugar onde vamos.

— Mas quer sair da cidade?

— Sim, talvez. Não sei ao certo. Pode ser que não seja preciso, que as coisas consigam ainda arranjar-se.

— Oxalá, senhor, é preciso sorte para tudo.

— Sim, obrigado. Quanto pedes?

— É para partir já?

— Sim, já, ou antes, não, terás de esperar por mim… mas não muito tempo.

— Se é à hora, com um tempo destes, não posso fazer menos de seis rublos.

— Está bem, pode ser. Depois dou-te uma gorjeta. Vamos, leva-me lá.

— Então suba… Olhe, dê-me licença que dê aí um jeito. Agora

sente-se. Onde quer que vá?

— À ponte Ismaílov.

O cocheiro subiu para o seu lugar e fez avançar as duas mulas que estavam comendo aveia. Subitamente, porém, o senhor Goliádkin puxou o cordão, obrigou o cocheiro a parar o carro ordenou-lhe que desse meia volta e seguisse por outra rua.

Dez minutos depois o carro parou diante da casa onde morava o ministro. O senhor Goliádkin desceu, recomendou ao cocheiro que esperasse, subiu correndo até ao segundo andar e, com o coração aos pulos, puxou a campainha.

A porta abriu-se: estava na antecâmara da residência ministerial.

— Sua Excelência está? — perguntou ao lacaio.

— Que deseja? — perguntou por sua vez o lacaio olhando-o dos pés à cabeça.

— Eu… eu sou o senhor Goliádkin… funcionário… Preciso de tratar de um assunto…

— Faça favor de esperar, tem de esperar um momento.

— Oh, meu caro amigo, eu não posso perder tempo. Trata-se de um assunto sério e urgente.

— Mas… da parte de quem vem? São documentos para entregar?

— Não, eu venho… da minha parte? Anuncie-me, faça favor. É para esclarecer um assunto. Não me importo de lhe dar depois qualquer coisa.

— Impossível. Não podemos aceitar seja o que for. Ele está com visitas. Faça favor de vir amanhã às dez.

— Vá lá dizer que estou aqui. Não posso esperar. A responsabilidade do que acontecer é sua.

— Oh, homem, vai lá anunciá-lo. Tens medo de romper as solas

ou quê? — disse outro lacaio que até então estivera calado.

— As solas? Tu sabes muito bem que não se pode receber ninguém. A vez deles é de manhã.

— Ora, vai lá anunciá-lo. Não te vão cortar a língua por causa disso.

— Eu vou, mas bem sabes que é contra as ordens que temos…

O senhor Goliádkin foi introduzido na primeira sala. Em cima de uma mesa estava um relógio. Viu as horas. Eram nove e meia. Sentiu o coração apertado. No mesmo instante, o criado, na entrada da porta seguinte, anunciou o senhor Goliádkin.

— "Que voz! — pensou, mal-humorado. — Este burro não poderia dizer em tom mais baixo que fulano de tal… está ali e pede licença para informar respeitosamente S. Ex.a… etc. e aguarda que Sua Excelência o receba. Enfim, parece-me que o meu caso não tem solução. Paciência…" Não teve tempo para mais raciocínios porque o criado estava já de volta, pronto a conduzi-lo ao gabinete do ministro.

Mal entrou, os objetos baralharam-se aos seus olhos. Não conseguia distingui-los. Pensou: "São visitas." Finalmente conseguiu reparar numa condecoração sobre o fraque negro de Sua Excelência. Pouco a pouco voltou-lhe a visão nítida das coisas.

— Que há? — disse a seu lado uma voz conhecida.

— Eu sou conselheiro titular, Excelência…

— Sim. E, então?

— Eu vim para dar uma explicação.

— Como? O quê?

— Vim para dar uma explicação a Vossa Excelência.

— Mas… quem é o senhor?

— Goliádkin, Excelência.

— Bem… Que deseja?

— É isto… Enfim… Eu considero V.Ex.a como um pai. Eu próprio peço a minha demissão. Peço que me defenda do inimigo.

— Qual inimigo?

— Todos o sabem.

— Que é que todos sabem?

O senhor Goliádkin calou-se. O queixo começava a tremer-lhe…

— Mas o que deseja afinal, diga!

— Eu pensava que seria uma atitude nobre… Eu considero o meu chefe como um pai. Proteja-me, pe… peço-lhe… a cho… rar. Será uma boa ação…

Sua Excelência virou a cabeça. Durante alguns segundos o senhor Goliádkin não viu mais nada. Sentia o peito oprimido e custava-lhe a respirar. Já não sabia onde estava. A vergonha e o desespero apossaram-se dele. Quando voltou a si, notou que Sua Excelência conversava com as outras pessoas e discutia em voz alta.

O senhor Goliádkin reconheceu imediatamente uma delas: era Andriéi Filípovitch. Mas não havia forma de lembrar-se quem era a outra. Contudo, aquele rosto não lhe era estranho. Era um homem já de uma certa idade, alto e forte, com sobrancelhas e suíças espessas e um olhar duro mas expressivo. Trazia uma condecoração e fumava um charuto. Fumava e abanava gravemente a cabeça, olhando de vez em quando para o senhor Goliádkin. Este sentiu-se pouco à vontade e resolveu olhar para outro lado. Deu então com os olhos num conviva inesperado. No meio da porta, que o senhor Goliádkin supusera ser um espelho, como já acontecera uma outra vez, apareceu *o tal*, o seu conhecido, *o amigo*, do senhor Goliádkin. Vinha do compartimento contíguo, onde decerto estivera a escrever. Sobraçando um maço de papéis, foi pôr-se diante do ministro e, com habilidade, meteu-se na conversa. Estava um pouco atrás de Andriéi Filípovitch e ficava encoberto pelo tal desconhecido que fumava charuto. Parecia

interessadíssimo na conversa, abanava a cabeça, sorria e olhava Sua Excelência com ar servil, sempre à espera de poder meter a sua colherada.

“Covarde” — pensou o senhor Goliádkin dando um passo em frente. Então o ministro voltou-se e aproximou-se em pessoa do senhor Goliádkin.

— Está bem, está bem. Pode retirar-se. Eu examinarei o seu caso e darei ordem para que seja readmitido.

Ao dizer isto Sua Excelência olhou o desconhecido das suíças que fez com a cabeça um sinal de assentimento.

O senhor Goliádkin teve a sensação muito nítida de que não o julgavam tal como era. Pensou: “É preciso que eu me explique. Chegou a ocasião… Excelência”.

No momento em que baixava os olhos viu com grande espanto uma mancha branca nos sapatos de Sua Excelência. “Os sapatos terão um rasgão?” — pensou. Mas logo se apercebeu que era apenas um reflexo do verniz que brilhava muito. Levantou os olhos e compreendeu que, se não falasse, o seu caso não acabaria bem… Deu um passo em frente.

— Façam favor… Excelência. Eu penso que nos nossos dias já não se pode usar um nome falso…

Sua Excelência não respondeu mas puxou com força o cordão da campainha. O senhor Goliádkin deu mais um passo.

— É um homem vulgar e corrompido, Excelência — disse ele. Estava transtornado, morto de medo; contudo, corajosamente, apontava para o seu infame sósia que andava em volta do ministro.

— Sim, senhor, é este mesmo. É a este que me refiro.

Estas palavras provocaram um movimento geral. Andriéi Filípovitch e o desconhecido moveram a cabeça. Sua Excelência puxou a campainha com impaciência. Então o senhor Goliádkin Júnior por sua vez avançou.

— Excelência, peço humildemente perdão de ousar levantar a minha voz.

O seu ar resoluto, os seus gestos, tudo nele significava que se sentia senhor dos seus direitos.

— Dê-me licença que lhe pergunte — disse, dirigindo-se agora ao seu rival — diante de quem é que o senhor julga que está falando? Diante de quem está o senhor? Em casa de quem?

O senhor Goliádkin Júnior estava vermelho de comoção e tremia de indignação e de cólera. Tinha lágrimas nos olhos.

— O senhor e a senhora Basovríukov! — anunciou o lacaio no centro da porta.

“Que belo nome!” — pensou o senhor Goliádkin. Mas, ao mesmo tempo, sentiu que alguém lhe punha amigavelmente a mão nas costas e que o empurrava brandamente com a outra mão. O seu covarde gêmeo passava-lhe à frente, indicando-lhe o caminho. O senhor Goliádkin viu claramente que o encaminhavam para as grandes portas do gabinete. “Foi exatamente como em casa de Olsuf Ivânovitch” — pensou.

Já estava na antecâmara. Junto dele só os dois lacaios e o seu gêmeo.

— O sobretudo, o sobretudo… do meu melhor amigo! O sobretudo do meu melhor amigo! — disse o infame com voz de falsete. Arrancou o sobretudo das mãos dum criado e — brincadeira disparatada! — meteu-o nele pela cabeça abaixo.

Enquanto procurava libertar-se, o senhor Goliádkin ouviu distintamente os dois criados rindo. Mas não fez caso, não se importou com coisa nenhuma, saiu da antecâmara e deu consigo na escada iluminada. O senhor Goliádkin Júnior tinha-o seguido.

— Adeus, Excelência! — exclamou ele.

— Sacripanta! — respondeu com voz sufocada o senhor Goliádkin Sênior.

— Está bem, se isso lhe agrada.

— Velhaco!

— Também serve… — respondeu o indigno inimigo do digno senhor Goliádkin, enquanto o encarava do cimo da escada, de pé, olhando o seu rival nos olhos. Parecia provocá-lo… Indignado, o senhor Goliádkin escarrou e dirigiu-se ao portão.

Estava tão abatido que nem se lembrava de quem o tinha ajudado a subir para o carro. Por fim, deu conta de que o levavam ao longo do canal do Fontanka. "Estou vendo que vamos em direção à ponte Ismaílov", pensou ele. Quis formar uma ideia mas não foi capaz. A única ideia que lhe surgira era atroz e inexplicável. "Bem, isto não tem importância." — concluiu. E deixou-se levar até à ponte Ismaílov.

## Capítulo XIII

Parecia que o tempo ia melhorar. A neve que até então tinha caído em grandes flocos, tornava-se cada vez mais rara e acabou por parar. Finalmente o céu descobriu-se e algumas estrelas brilharam aqui e além. A rua estava agora apenas molhada e suja. No entanto a atmosfera continuava úmida e irrespirável, principalmente para o senhor Goliádkin, que já de si tinha dificuldade em respirar. O sobretudo encharcado deixava passar a umidade, o que lhe dava uma desagradável sensação de mal-estar. A água tornava-o mais pesado e o senhor Goliádkin sentia-se tão fraco que mal podia com ele. Vinham-lhe arrepios de febre e parecia-lhe que um enxame de mosquitos vorazes lhe picavam o corpo. E sentia-se inundado por um suor gelado. Nem forças tinha já para repetir com a firmeza e a decisão habituais a sua frase favorita: que talvez de um momento para o outro tudo viesse a arranjar-se pelo melhor, fosse lá de que maneira fosse. "Porque afinal nada disto tem importância" — concluiu simplesmente o senhor Goliádkin.

Enxugou as gotas frias que lhe corriam pelo rosto, caídas das abas do chapéu redondo que estava completamente encharcado.

“Nada tem importância!” Tentou sentar num cepo grosso que estava junto de um montão de cavacos, no pátio de Olsuf Ivânovitch. Não era agora ocasião de pensar em serenatas à moda de Espanha ou em escadas de corda, mas de procurar um canto cômodo onde pudesse esconder-se à vontade.

A bem dizer, ele se sentia muito tentado pelo cantinho de entrada da casa de Olsuf Ivânovitch, onde já quase no princípio desta verídica história, tinha passado duas horas, entre um armário e um velho biombo, no meio do lixo, dos restos e da louça suja da cozinha. E havia já duas horas que o senhor Goliádkin esperava no pátio de Olsuf Ivânovitch. Mas, desta vez, o canto cômodo onde estivera tão à vontade apresentava inconvenientes. Provavelmente tinham reparado nele e tomado precauções, depois da história do último baile. Além disso era-lhe necessário esperar um sinal combinado com Klara Olsúfievna. Um sinal combinado era imprescindível. É o costume em ocasiões destas.

Diz de si para si: “Não fui eu quem tomou a iniciativa, por isso, a mim, apenas me compete aguardar o desenrolar dos acontecimentos, nada mais”.

O senhor Goliádkin lembrou-se de um romance que tinha lido há muito tempo. A heroína, em circunstâncias absolutamente análogas, fazia a Alfredo um sinal combinado, pendurando uma fita cor-de-rosa na janela. Mas de noite e com o clima de São Petersburgo, conhecido pela umidade e súbitas variações, era impossível utilizar uma fita cor-de-rosa.

“Já não estamos no tempo das fitas cor-de-rosa — pensou o senhor Goliádkin. — Vou sentar-me sem fazer barulho. Pode ser ali, por exemplo.”

O senhor Goliádkin tinha escolhido o seu lugar no pátio, mesmo em frente das janelas, junto de uma rima de cavacos. Com certeza que devia haver ali muita gente: cocheiros, moços e um ou outro criado. Ouvia-se o barulho de rodas e o relinchar dos cavalos. Não obstante, o local era cômodo. E tinha a vantagem de estar na sombra. Ninguém podia ver o senhor Goliádkin mas ele podia observar tudo o que se

passava… As janelas estavam iluminadas… Olsuf Ivânovitch reunia os amigos. No entanto não se ouvia música. “Afinal não é um baile, mas outra reunião qualquer” — pensou o senhor Goliádkin meio desfalecido. “Mas… será mesmo hoje? Não haverá engano de data? É muito possível, tão possível como qualquer outra coisa. É possível que a carta tivesse sido escrita ontem e não me tivesse sido entregue. E isto por culpa desse maroto de Pietruchka, que é um desleixadão. Ou talvez tivesse sido escrita amanhã… não — que estou a dizer? Talvez amanhã é que eu tivesse de esperar com o carro.” O senhor Goliádkin sentiu-se gelar e procurou a carta no bolso para ficar sossegado. Mas — Ó céus! — a carta não estava lá. “Que aconteceu? — balbuciou meio morto. — Onde a terei eu deixado? Será que a perdi? Só me faltava isto! — gemeu. — Sabe Deus em que mãos iria ela cair (ou talvez já tivesse caído). Meu Deus, que irá acontecer agora? Oh, que triste sorte a minha!” O senhor Goliádkin tremeu só de pensar que talvez o seu malvado gêmeo lhe tivesse enfiado o sobretudo pela cabeça só com o único fim de apoderar-se da carta, de cuja existência teria tido conhecimento pelos seus inimigos. “Não é a primeira vez que ele se apodera de alguma coisa — pensou. — E a prova é que… Mas, de que serve agora a prova?” Seguiu-se uma crise de espanto e de medo. O sangue subiu-lhe à cabeça. Gemendo e rangendo os dentes, enterrou nas mãos a cabeça que lhe escaldava, curvou-se, e pôs-se a pensar. Mas os pensamentos saíam-lhe desordenados.

Vinham-lhe à ideia caras estranhas, lembrava-se de acontecimentos esquecidos havia muito. Surgiam-lhe, ora de uma forma vaga, ora de uma forma precisa, pedaços de canções que nada tinham a ver com o caso e que o obcecavam. Estava verdadeiramente acabrunhado. “Oh meu Deus, meu Deus — pensou, procurando ganhar ânimo e conter os soluções. — Meu Deus, dai-me coragem no meio de tantas infelicidades! Estou perdido, aniquilado. Isto tinha de ser assim, não podia deixar de ser assim. O meu lugar está perdido, perdido sem esperança! E ainda que por este lado as coisas se arumassem… Admitamos que as coisas se arrumem. O pouco dinheiro que tenho ainda me chegaria para algum tempo. Só precisaria um pequeno quarto, meia dúzia de móveis. Já não terei Pietruchka e passaria muito bem sem ele. Seria apenas um hóspede. O que não deixava de ter as suas vantagens… Entra-se e sai-se quando se quer, Pietruchka

não estará sempre a resmungar que eu entro tarde. Ser hóspede… bem bom! Contudo… não é nada disto que interessa agora!” A sua exata situação vem-lhe de novo à memória. Olha em redor. “Ah, Deus meu! Ah, Senhor! Que estou eu a dizer! Tudo está perdido!” Voltou a pôr a cabeça, que escaldava, entre as mãos geladas.

— O senhor ainda demora muito a ir-se embora? — disse uma voz por cima dele.

Estremeceu. À sua frente estava o cocheiro encharcado e a tiritar de frio.

Já impaciente e também porque estava ali sem fazer nada, tinha-se lembrado de ir ver o que o cliente fazia atrás do monte de madeira.

— Eu? meu amigo… não… Vou já, vou já… Espero só um momento.

O cocheiro partiu resmungando.

“Que tem ele que resmungar?” — pensou o senhor Goliádkin por entre lágrimas. — Eu o contratei para a noite inteira… estou no meu direito. A obrigação dele é esperar. A demora é comigo. Tanto faz que eu vá como fique. Ora essa! Se me apetece estar atrás de um monte de lenha, isso é comigo! Não tem nada com isso, é comigo. Se uma pessoa quer estar aqui, está mesmo. Não faço mal a ninguém.”

“Pense bem, minha senhora: fique sabendo que, nos dias de hoje, já ninguém quer habitar uma cabana. E neste nosso século industrial, minha querida senhora, não se pode viver sem umas certas bases. O melhor exemplo disso é a senhora mesma.” — “Sim” — dirá ela — basta ser-se chefe de repartição e habitar uma cabana à beira-mar.” — “Mas em primeiro lugar, minha querida senhora, não há chefes de repartição à beira-mar. E depois há uma grande distância entre mim e um chefe de repartição. Suponhamos que eu faça o meu pedido. Apresento-me, chego e digo: quero ser chefe de repartição. E digo mais: defenda-me do meu inimigo. Vão responder, responderão que já há muitos chefes de repartição e que isto aqui não é como em casa dessa tal francesa, que lhe meteu na cabeça esses famosos princípios, cujo resultado está à vista. A moral, minha menina, é ficar em casa,

respeitar o pai e não pensar cedo demais em namoricar. Os namoros virão na altura devida. Ora aí está. Eu estou de acordo sobre que é necessário possuir várias prendas. É preciso tocar piano, saber francês, história, geografia, catecismo e aritmética, e nada mais. Ou melhor, também é preciso saber cozinhar. Uma jovem bem educada deve também saber cozinhar. Mas antes disso… hão de impedi-la de casar, hão de persegui-la e fechá-la num convento e então que será de mim? Serei obrigado a subir até a colina vizinha, como acontece nos romances idiotas, a desfazer-me em lágrimas e a olhar a fria muralha do seu cárcere de reclusão e a morrer, por fim, à maneira dos idiotas poetas e romancistas alemães? Será assim, minha senhora?"

"Em primeiro lugar permita-me que lhe diga com toda a amizade que não é assim que se deve agir. Em segundo lugar, merece umas palmadas e os seus pais também as merecem, por a terem deixado ler livros franceses que nada ensinam de bom, e antes escondem veneno, um veneno mortal, minha querida senhora. Para onde julga — permita-me perguntar-lhe — que poderemos fugir os dois impunemente?"

"Quer uma cabana à beira-mar? Para nos pormos a arrulhar, a fazer festas um ao outro e vivermos toda a vida cheios de alegria e felicidade? E depois surgiria um passarinho novo na cabana… Ah, muito bem… E um dia eis que diz a seu pai, o conselheiro de estado Olsuf Ivânovitch: — pai, nasceu-nos um passarinho, retire-nos, pois, a sua maldição e abençoe a nossa união."

"Não, minha senhora, as coisas não podem ser assim. E, em primeiro lugar, não haverá arrulhos, não conte com isso. Hoje o marido é o senhor e uma mulher bem educada deve agradar-lhe em tudo. Quanto à ternura, ninguém se importa com ela neste século da grande indústria. Fique sabendo que o tempo de Jean Jacques Rousseau já vai longe. Hoje o marido volta do trabalho com fome e diz: 'Querida, tens qualquer coisa que se coma, aguardente e arenque?' E então a senhora deverá ter sempre prontos a aguardente e o arenque. O marido sentará diante da comida, cheio de apetite. Nem sequer olhará para a esposa e dirá: 'Vai para a cozinha, amor, vai olhar pelo jantar'. Dará um beijo uma vez por semana e ainda por cima com indiferença. Vendo bem as coisas, é assim mesmo. Mas que

tenho eu a ver com tudo isto? Por que me envolveu nos seus caprichos?”

“O senhor é um homem generoso — dirá a senhora — um homem que sofre por mim e que me é querido.”

“Mas, minha senhora, em primeiro lugar eu não sou o homem que lhe convém. Não sei dizer galanteios, como vê. Não sei dizer gracinhas às senhoras, detesto brincar de amor e a minha cara, confesso, não se presta absolutamente nada para isso. Em mim não há presunção nem cinismo. Eu sou um homem de senso, não gosto de intrigas e tenho muito gosto nisso. Ora aí está. Ando entre as pessoas sem máscara de qualquer espécie…”

De súbito, o senhor Goliádkin estremeceu. A barba ruiva e encharcada do cocheiro surgiu de novo por detrás da lenha.

— Eu vou já… vou já — disse o senhor Goliádkin com voz trêmula e meio desfalecido.

O cocheiro coçou a cabeça, cofiou a barba, deu um passo em frente, parou e olhou o senhor Goliádkin com desconfiança.

— Vou já. Bem vês… é só um instante. Só demoro mais um instante… bem vês…

— O senhor vai ficar aí eternamente? — disse por fim o cocheiro com ar decidido e aproximando-se mais do senhor Goliádkin.

— Não, vou já. Estou à espera, como vês.

— Ah, bem.

— Como vês… De que terra és tu?

— Sou eslavo.

— Teu patrão é bom?

— Mais ou menos.

— Ainda bem, meu rapaz. Espera, pois, um minuto… Bem vês…

Há muito tempo que estás em São Petersburgo?

— Há um ano, pouco falta.

— Gostas daqui?

— Mais ou menos.

— Bem, deves agradecer à Providência meu amigo. Quando se encontram pessoas boas, devem estimar-se. Hoje em dia são cada vez mais raras. Mesmo quem é rico nem sempre é feliz. Não faltam exemplos. É mesmo assim…

O cocheiro pareceu apiedar-se do senhor Goliádkin.

— Bem, se o senhor quiser, eu espero. Ainda é preciso esperar muito tempo?

— Não, eu já não espero mais. Não achas? Bem vês que te falo com toda a franqueza. Já não espero mais.

— Então já não vai de carro?

— Não, rapaz, mas descansa que te dou já uma boa gorjeta. Quanto devo?

— O senhor já sabe o que combinamos. Estive muito tempo à espera. O senhor não quer o meu prejuízo, não é verdade?

— Com certeza… Toma.

O senhor Goliádkin deu seis rublos ao cocheiro e decidiu-se a não perder mais tempo. Partirá sem mais delongas — está resolvido. O cocheiro já está despedido. O melhor é ir-se também embora.

Precipitou-se para fora do pátio, saiu pelo portão, virou à esquerda e, sem voltar a cabeça, pôs-se a correr, agora mais satisfeito. “Talvez que tudo possa ainda arranjar-se — pensou ele. — E terá sido possível evitar uma desgraça.” O senhor Goliádkin sentiu-se extremamente aliviado.

“Ah! Se tudo pudesse ainda compor-se…! Mas já não acreditava

nisso. Vou… não… talvez fizesse melhor, ou antes, não…”

Hesitando sempre e procurando uma solução, chegou à ponte Siemiônovski e… decidiu-se definitivamente a voltar atrás. “Assim é melhor… isto é, aparecerei como um estranho que se põe simplesmente em observação. Assim, aconteça o que acontecer, não hei de meter-me em nada. E pronto, está tudo acabado!”

Tomada esta decisão, regressa, agora satisfeito com a ideia de que a partir deste momento podia considerar-se alheio a tudo o que acontecesse. Era melhor assim. Não teria responsabilidades e veria tudo o que lhe interessava ver. Era uma ótima ideia.

Tranquilizado, escondeu-se de novo atrás da pilha de madeira e olhou atentamente as janelas.

Não teve de olhar nem de esperar muito tempo. Repentinamente, por detrás de todas as janelas, notou uma estranha agitação. Por entre as cortinas afastadas apareceram pessoas e grupos que se juntavam. Todos procuravam olhar para o pátio. Escondido atrás da pilha de lenha, o senhor Goliádkin, interessado, olhava por sua vez este movimento. Estendia o pescoço para um e outro lado, tendo o cuidado de não sair da sombra projetada pela pilha de lenha.

De repente estremeceu de pavor e quase caiu para trás. Pareceu-lhe — o que não demorou muito a confirmar-se — que toda aquela gente estava simplesmente à procura dele, dele, senhor Goliádkin. O pior é que fugir era impossível, podiam vê-lo…

O senhor Goliádkin, cheio de medo, apertava-se o mais que podia contra a pilha de lenha, mas depois reparou que a sombra o tinha traído e não o cobria já por completo. De boa vontade teria consentido em esconder-se entre os cavacos, em qualquer buraco, fosse onde fosse, contanto que pudesse estar ali sossegadinho. Oh, mas isso não podia ser! Que raiva! Então, resolutamente, olhou ao mesmo tempo para todas as janelas; era preferível assim… Sentiu de repente que algo o queimava como um ferro em brasa. Tinham-no reconhecido, todos sem exceção o tinham reconhecido e acenavam-lhe com a cabeça e com as mãos. Chamavam-no pelo nome. Já outras vidraças rangiam e se abriam também. Vozes diferentes chamavam-no daqui e

dali ao mesmo tempo. “O que me espanta é que não saibam castigar a estas meninas, enquanto são pequenas” — murmurou fora de si. Alguém desceu a escada correndo. Era ele — não havia dúvida — ele, fardado, sem chapéu, açodado, correndo, aos pulinhos. Cinicamente, mostrava uma grande alegria por ver, finalmente, o senhor Goliádkin.

— Iákov Pietróvitch — disse o velhaco. — Iákov Pietróvitch, está aí? Olhe que se resfria! Está frio aí, Iákov Pietróvitch. Venha até aqui acima…

— Não, senhor, não é preciso, Iákov Pietróvitch — murmurou humildemente o senhor Goliádkin.

— Impossível… Iákov Pietróvitch, todos perguntam pelo senhor e pedem que suba. Estão à sua espera. “Dê-nos o prazer, disseram eles, de nos trazer Iákov Pietróvitch!”

— Não, Iákov Pietróvitch, compreenda… Eu tenho de ir… Preciso voltar para casa, Iákov Pietróvitch — respondeu o senhor Goliádkin sentindo-se simultaneamente arder de vergonha e gelar de pavor.

— Não, de modo nenhum — murmurou o malandro. — Não pode ser. Venha cá — disse resolutamente, ao mesmo tempo que o ia conduzindo em direção à escada.

O senhor Goliádkin quis resistir. Mas como todos olhavam para ele, sentiu que seria absurdo teimar e caminhou em direção à escada. Caminhou? Ele próprio não sabia para onde ia. Não tinha ainda voltado a si, pálido, despenteado, inquieto e de olhar perturbado. Horror! O salão e todas as outras salas estavam apinhadas de convidados… Tantas senhoras! Toda essa gente se comprimia em redor do senhor Goliádkin, procurava-o, empurrava-o. Notou que queriam obrigá-lo a caminhar em determinada direção. Uma ideia lhe atravessou o espírito: “Não é para o lado da porta?”. Entretanto não era para a porta que o empurravam, mas em direção à poltrona confortável de Olsuf Ivânovitch.

De um lado da poltrona estava Klara Olsúfievna, pálida, com ar lânguido e triste, mas ricamente vestida. O que mais impressionou o senhor Goliádkin foram as flores brancas que sobressaíam sobre a

negrura dos seus cabelos. Do outro lado da poltrona estava Vladímir Siemônovitch, de preto e com uma condecoração recente na botoeira. Levaram o senhor Goliádkin até junto de Olsuf Ivânovitch. O senhor Goliádkin Júnior, que tomara um ar bondoso que muito sossegara o nosso herói, amparava-o de ambos os lados. Ali estava também Andriéi Filípovitch com o seu ar grave.

"Que significa isto?" — perguntou a si mesmo o senhor Goliádkin. Quando compreendeu que o levavam em direção a Olsuf Ivânovitch, o seu espírito iluminou-se como num relâmpago. Pensou na carta interceptada e, ao chegar, por fim, diante da poltrona de Olsuf Ivânovitch, a sua angústia era indizível.

"Que irão fazer de mim?… O tom da carta era ousado mas sincero e revelava certa nobreza. Direi que…" Mas aquilo que ele mais temia não aconteceu. Olsuf Ivânovitch pareceu acolhê-lo o melhor possível. Não lhe estendeu a mão mas abanou a cabeça grisalha com ar triste e benévolo ao mesmo tempo. Pelo menos foi esta a impressão do senhor Goliádkin. Iria até afirmar que vira brilhar uma lágrima nos olhos baços de Olsuf Ivânovitch. E também nas pestanas de Klara Olsúfievna parecia brilhar uma lágrima. E uma lágrima também nos olhos de Vladímir Siemônovitch. Pensou que a imperturbável dignidade de Andriéi Filípovitch comovera todos até as lágrimas. Ou não estaria ele próprio sendo vítima de uma ilusão, pelo muito que havia chorado? Até mesmo naquele momento lágrimas escaldantes lhe corriam ainda pelas faces geladas… Sentiu-se reconciliado com os homens e com o destino. O amor unia-o não só a Olsuf Ivânovitch e a todos os convidados, mas também ao seu malvado sósia que já não lhe parecia malvado nem sósia, mas um estranho bastante simpático. Por entre os soluços e a comoção que lhe brotava do coração aliviado, quis falar a Olsuf Ivânovitch, mas a sua perturbação não o permitia. Pôde apenas apontar o coração, num gesto que falava por si… Por fim, decerto na intenção de poupar a sensibilidade dum velho de cabelos brancos, Andriéi Filípovitch puxou o senhor Goliádkin para um lado e pareceu deixar-lhe toda a liberdade. Sorrindo e balbuciando não sei que palavras, mas já em paz com os homens e com o destino, o senhor Goliádkin foi abrindo caminho através da massa compacta de convidados. Todos lhe davam passagem, o olhavam com curiosidade

estranha e uma simpatia misteriosa e incompreensível. Entrou noutro compartimento. Também ali continuava ele a ser assunto da conversa. Percebeu vagamente que vinha muita gente atrás dele. Seguiam cada um dos seus movimentos, discutiam baixo, acaloradamente, abanavam a cabeça; cochichava-se, falava-se, faziam comentários.

Ao virar a cabeça avistou o senhor Goliádkin Júnior mesmo a seu lado. Pegou-lhe na mão impulsivamente, puxou-o para um canto, pediu-lhe que o socorresse e não o abandonasse neste momento crítico em que ia começar uma vida nova. O senhor Goliádkin número dois disse que sim com a cabeça e apertou com força a mão do senhor Goliádkin número um, cujo coração parecia querer saltar-lhe de comoção dentro do peito. Custava-lhe respirar, parecia que abafava. Todos aqueles olhos em cima dele o oprimiam e esmagavam… De passagem avistou o conselheiro, que usava cabeleira postiça. Este o olhava com ar severo, perscrutador, que destoava da simpatia dos restantes…

O senhor Goliádkin quis dirigir-se a ele, sorrir, explicar-se, mas não pôde. Depois, de súbito, perdeu a noção dos fatos e o sentido das realidades. Logo que voltou a si, deu conta de que se movia no meio dum largo círculo de convidados. De repente chamaram-no do compartimento vizinho: senhor Goliádkin! — Foi um grito súbito que passou de grupo em grupo. Todos os presentes correram em direção à porta do primeiro salão, e quase o empurravam até lá.

O conselheiro da cabeleira postiça e do coração desapiedado estava ao lado do senhor Goliádkin. Pegou-lhe na mão, obrigou-o a sentar-se a seu lado, mas a uma certa distância da poltrona de Olsuf Ivânovitch. Os convidados formaram várias filas e sentaram-se em volta do senhor Goliádkin e de Olsuf Ivânovitch. Calaram-se e puseram-se quietos. O silêncio era solene. Todos olhavam Olsuf Ivânovitch, e pareciam esperar um acontecimento extraordinário. O senhor Goliádkin notou que o seu homônimo e Andriéi Filípovitch se tinham colocado de cada um dos lados da poltrona de Olsuf Ivânovitch, em frente do conselheiro. O silêncio prolongava-se e com ele a expectativa…

“Parece exatamente aquilo que se passa numa família quando um

dos seus membros vai partir para uma viagem longínqua… Só falta as pessoas levantarem-se e rezarem…” — pensou o nosso desventurado herói, cujas reflexões foram interrompidas pela súbita agitação de todos os presentes. Contudo, ninguém parecia surpreendido. É ele que chega… que chega” — diziam uns para os outros.

“Quem será?” — perguntou para si o senhor Goliádkin, que estremeceu, sentindo não sei que estranha sensação.

— Chegou o momento — disse o conselheiro, olhando com atenção para Andriéi Filípovitch que, por sua vez, olhou para Olsuf Ivânovitch. Este abanou a cabeça com ar grave e solene.

— Levantemo-nos — disse o conselheiro, e fez sinal ao senhor Goliádkin para que se levantasse também. Todos se levantaram. O conselheiro pegou então na mão do senhor Goliádkin Sênior, enquanto Andriéi Filípovitch pegava na mão do senhor Goliádkin Júnior. Os dois “gêmeos” foram colocados um em frente do outro, no meio da multidão dos convidados, que, reunidos em círculo, não despregavam os olhos deles. O senhor Goliádkin passeou à sua volta um olhar hesitante. Logo lhe apontaram o senhor Goliádkin Júnior, que lhe estendia a mão.

“Querem reconciliar-nos” — pensou ele. Comovido, estendeu a mão ao inimigo. Depois estendeu também a face. O senhor Goliádkin Júnior fez outro tanto. Contudo, o senhor Goliádkin Sênior julgou vislumbrar um sorriso mau nos lábios do outro. Pareceu-lhe ver no olhar, que rapidamente lançou em seu redor, uma intenção malévola, uma expressão que era de mau agouro.

Ele tivera uma pequena contração, antes do seu beijo de Judas. Na cabeça do senhor Goliádkin havia sinos que tocavam… e seus olhos iam se fechando. Julgou ver uma multidão numerosa de Goliádkini absolutamente iguais, que forçavam com ruído a porta da sala. Mas era já demasiado tarde. O beijo sonoro e pérfido ficara a ressoar no ar. Qualquer coisa de inesperado aconteceu então…

A porta do salão abriu-se de par em par e no limiar apareceu um homem. Só de vê-lo o senhor Goliádkin sentiu-se gelar. Seus pés pregaram-se no chão e um grito estrangulou-se em seu peito,

sufocado. Mas não tinha ele previsto já tudo isto? Não o tinha pressentido?… O recém-chegado aproximou-se com ar grave e majestoso do senhor Goliádkin… que o conhecia muito bem. Tinha-o visto já muitas vezes… e no próprio dia em que…

O estranho, alto e forte, vestia à paisana, e tinha ao pescoço uma bela cruz; as suíças eram espessas e negras. Só lhe faltava um charuto na boca para a semelhança ser completa.

O seu olhar fez gelar de pavor o senhor Goliádkin. Com ar grave e triunfante, o temível estranho aproximou-se do nosso pobre amigo… Este lhe estendeu a mão. O estranho tomou-a na sua e levou atrás de si o senhor Goliádkin que o olhava com um olhar alucinado…

— É… é Krestian Ivânovitch Rutenspitz, doutor em medicina e cirurgia, um seu velho conhecido, Iákov Pietróvitch — disse-lhe bem ao ouvido uma voz melíflua, a do seu sósia, a voz do homem sem princípios nem vergonha, cujo rosto resplandecia de alegria pérfida e de mau agouro…

Com ar satisfeito, esfregava as mãos, sacudia a cabeça, e dava passinhos por entre os grupos de pessoas. Parecia que de um momento para o outro se ia pôr a dançar… Ei-lo agora que avançava saltitante, tira uma vela das mãos dum criado, caminha para a frente, iluminando o senhor Goliádkin e Krestian Ivânovitch…

O senhor Goliádkin ouviu distintamente precipitarem-se atrás dele todos os convidados que estavam no salão. Sentiu que se comprimiam e se empurravam. Ouvia-os repetir: “Isto não tem importância, não tenha medo, Iákov Pietróvitch, é o seu velho amigo conhecido Krestian Ivânovitch Rutenspitz…”.

Por fim chegaram à grande escadaria, brilhantemente iluminada. Também ali estava uma multidão de pessoas. A porta do pátio abriu-se ruidosamente e eis Goliádkin, ali, juntamente com Krestian Ivânovitch. Diante do portão estava um carro atrelado a quatro cavalos que relinchavam de impaciência. O patife do senhor Goliádkin Júnior desceu os degraus em três pulos e abriu ele próprio a portinhola. Com um gesto significativo, Krestian Ivânovitch convidou o senhor Goliádkin a subir. O seu gesto convidativo fora, de resto,

supérfluo. Havia tanta gente ansiosa por ajudar o senhor Goliádkin a subir…

Perdido de medo, o senhor Goliádkin deu uma olhadela para trás. Toda a escadaria brilhantemente iluminada estava cheia de gente; por toda parte olhos curiosos se fixavam nele. O próprio Olsuf Ivânovitch presidia à cena do patamar de cima, sentado na sua poltrona confortável, olhando tudo com uma atenção cheia de interesse. Parecia que todos aguardavam qualquer coisa.

A multidão sussurrou de impaciência quando o senhor Goliádkin se voltou.

— Espero não ter feito nada de censurável, nada que possa merecer censura… nas minhas relações oficiais — disse timidamente o senhor Goliádkin.

Ouviram-se exclamações. Todos abanavam a cabeça negativamente. Brotaram lágrimas dos olhos do senhor Goliádkin.

— Bem… eu estou pronto… eu confio a minha sorte inteiramente… eu confio o meu destino a Krestian Ivânovitch…

Um grito de alegria, terrível, ensurdecedor, saiu da boca daqueles que o rodeavam e foi repetido como um eco de mau agouro pela multidão que esperava. Krestian Ivânovitch de um lado, Andriéi Filípovitch do outro, ajudaram então o senhor Goliádkina subir para a sua carruagem. O duplo, covarde como de costume, empurrou-o por detrás.

O desgraçado senhor Goliádkin Sênior olhou pela última vez aquela gente e as coisas em volta e, tremendo como um gato que tivessem mergulhando em água fria — se é lícita tal comparação! — instalou-se no carro. Krestian Ivânovitch subiu atrás dele. A portinhola fechou-se. Ouviu-se o estalar dum chicote: os cavalos puseram-se em movimento… Todos se precipitaram atrás do carro. Os gritos agudos e selvagens dos inimigos corriam atrás do senhor Goliádkin e acompanhavam-no pela estrada. Durante alguns minutos apareceram rostos conhecidos à volta da carruagem que o levava. Mas pouco a pouco o carro avançou… e eles desapareceram.

Quem o seguiu mais tempo foi ainda o pérfido do seu homônimo. Com as mãos nos bolsos das calças da farda, corria alegremente, ora de um lado, ora do outro, do carro. Por último agarrou-se à portinhola, ficou aí suspenso, enfiou a cabeça pela janela e, à maneira de despedida, pôs-se a atirar-lhe beijos. Mas por fim até ele se cansou e acabou por desaparecer também.

O senhor Goliádkin sentia uma dor estranha no coração; o sangue parecia ferver-lhe na cabeça, que estalava. Sentia-se abafar, teria querido desabotoar-se, pôr o peito ao léu, cobri-lo de neve, inundá-lo de água fria. Acabou por perder os sentidos…

Quando voltou a si viu que os cavalos o levavam por uma estrada desconhecida, rodeada de um lado e de outro por florestas sombrias. A paisagem era nua e agreste.

Subitamente, julgou que ia desmaiar de medo. Dois olhos, brilhantes como duas brasas, olhavam-no na penumbra do carro e refletiam uma alegria diabólica e de mau presságio.

Não era Krestian Ivânovitch… Quem seria, então? Era ele? *Ele?* Sim, era de fato Krestian Ivânovitch, não o antigo mas um outro Krestian Ivânovitch que agora lhe parecia terrível.

— Krestian Ivânovitch, eu creio que não fiz mal nenhum — começou ele timidamente, tremendo e procurando, pela sua submissão e humildade, provocar a piedade do terrível Krestian Ivânovitch.

— “O senhor vai ter casa de graça, com luz, aquecimento e tudo que é preciso. É mais do que merece…” Tal foi, severa como uma sentença, a resposta de Krestian Ivânovitch.

O senhor Goliádkin deu um grito e pôs as mãos na cabeça. Ai dele! Já há muito pressentia que, mais tarde ou mais cedo, isto havia de acontecer…

**1** Uma das principais avenidas de Petersburgo.↩

**2** Sem cerimônia.↩

**3** Antiga e afamada marca de champanhe francês.↩

**4** Nome do proprietário e de um grande armazém de gêneros alimentícios de Petersburgo.↩

**5** Sinal com que na fortaleza de Pedro e Paulo se avisava à população de São Petersburgo de que as águas do Nievá tinham subido e ameaçavam inundar os bairros baixos da cidade.↩

**6** Marechal russo (1729-1800) que venceu os turcos, conquistou Varsóvia e Praga e derrotou os franceses na Itália. A “Medalha Suvórov”, instituída em 1942, é a mais alta condecoração militar russa.↩

**7** Jornal político e literário que apareceu em Petersburgo, de 1825 a 1854.↩

**8** Nome verdadeiro do falso czar Dimítri.↩

**9** Herói de célebre romance francês *Os amores do cavaleiro de Faublas*, de Louvet de Couvray. Era um moço de belo porte, atrevido e caprichoso, um elegante depravado.↩

**10** Designação genérica para a mulher que faz ou ensina trabalhos manuais femininos às moças, por ter uma senhora francesa, daquele nome, se dedicado a esta atividade e nesta ter obtido grande popularidade.↩

# O senhor Prokhártchin

# O senhor Prokhártchin
(1846)

O mais sombrio, o mais humilde canto da residência de Ustínia Fiódorovna era ocupado por Siemion Ivânovitch Prokhártchin. Era um homem já maduro, muito sensato e que não bebia. Modesto funcionário, o seu ordenado mal chegava para as suas necessidades, e Ustínia Fiódorovna considerava que não podia pedir-lhe decentemente mais de cinco rublos por mês. Viam alguns nesta magnanimidade apenas uma consequência de certo cálculo interessado; em todo caso — seria para zombar dos maldizentes? — ela tinha chegado a tratar o senhor Prokhártchin como um favorito mas sem segunda intenção, com a maior honradez. Note-se que Ustínia Fiódorovna, mulher das mais respeitáveis e de forte corpulência, e que dava provas de uma predileção muito acentuada pela carne e pelo café, ao mesmo tempo que um marcado aborrecimento pelos dias de jejum, tinha ainda outros hóspedes. Mas estes pagavam o dobro de Siemion Ivânovitch. Esses seres turbulentos, esses "debochadores de má sorte", tinham-se arruinado no conceito de hospedeira, por troçarem do seu miserável companheiro de pensão. Não fosse a sua pontualidade no pagamento dos aluguéis, nunca ela teria consentido, não digo em hospedá-los, mas até em vê-los.

Siemion Ivânovitch tinha sido promovido a favorito de Ustínia Fiódorovna a partir do dia em que foi conduzido ao cemitério de Vólkovo um certo cadáver que, enquanto vivo, apreciara demasiado as bebidas. Afastado do serviço civil — para não dizer expulso — esta personagem, a despeito do seu olho vazado e da perna que lhe faltava — perdidos, segundo dizia, "num acidente de bravura" — essa personagem nem por isso deixara de ganhar todos os favores que Ustínia Fiódorovna podia conceder e, sem dúvida, teria vivido ainda bastante tempo na qualidade de parasita se não tivesse morrido subitamente como um beberrão incorrigível, em consequência de libações imoderadas. Isto se passava em Piéski, quando Ustínia Fiódorovna tinha apenas três locatários, dos quais, depois da transferência e ampliação do estabelecimento, lhe ficou apenas o senhor Prokhártchin.

Será necessário dizer dos incontáveis defeitos do senhor Prokhártchin ou dos novos comensais? Desde o princípio, as relações entre ele e os outros não pareciam ser das mais excelentes. Deve saber-se que os novos pensionistas de Ustínia Fiódorovna viviam como verdadeiros irmãos. Muitos eram empregados nas mesmas repartições. Todos perdiam regularmente o ordenado no jogo, no primeiro dia de cada mês; todos gostavam de gozar em companhia uns dos outros, das alegrias da existência. Compraziam-se também, por vezes, em conversar familiarmente de assuntos elevados e, se bem que nessas ocasiões as coisas não se passassem sem questiúnculas, depressa se restabelecia a boa harmonia, pois os preconceitos estavam banidos desta república.

Os mais notáveis destes senhores eram Mark Ivânovitch, homem de senso e versado nas letras, e Oplevániev Priepolovienko, homem cheio de brandura e de simplicidade. Havia também Zinóvi Prokófitch, cuja única aspiração era ter acesso na alta sociedade, e o escrivão Okieânov, que estivera a ponto de arrebatar a palma nos favores de Ustínia Fiódorovna. Havia ainda um outro escrivão. Súdvin, o burguês Kontariov e outros. Mas Siemion Ivânovitch, segundo parecia, não contava amigos entre eles.

Ninguém certamente lhe queria mal, visto que desde os primeiros dias cada um lhe tinha feito justiça, achando-o bom e sereno, sem grande trato do mundo, mas com alguns amigos antigos e leais. Tinha sem dúvida os seus defeitos, mas achavam que o único que poderia eventualmente trazer-lhe consequências graves seria apenas a sua completa falta de imaginação.

Além desse defeito, o senhor Prokhártchin não tinha uma aparência de molde a impressionar favoravelmente quem quer que fosse, e é sobre a aparência que de preferência se fixam os trocistas; contudo, este aspecto pouco atraente não lhe tinha acarretado más consequências. Com efeito, Mark Ivânovitch, na sua qualidade de homem sensato, tinha tomado abertamente a defesa de Siemion Ivânovitch e proclamado, num estilo lindamente floreado, que Prokhártchin era um homem amadurecido e sério, para quem já tinha passado havia muito o tempo das elegias. De maneira que, se Siemion Ivânovitch não tinha relações agradáveis com toda aquela gente, era

sem dúvida apenas por sua culpa.

A atenção dos outros hóspedes fixara-se primeiro na sua avareza sórdida, que não tardaram a descobrir e a pôr no seu ativo. Por nada deste mundo consentia ele em emprestar o seu bule, ainda que fosse por um instante, o que era tanto menos justificado quanto bebia muito pouco chá, substituindo-o de boa vontade por certa tisana bastante agradável e composta de ervas campestres de que tinha sempre uma provisão abundante. Além disso, o seu gênero de alimentação era muito particular. Jamais concedia a si próprio a totalidade da refeição ordinária de Ustínia Fiódorovna. Como o seu preço global era de cinquenta copeques, Siemion Ivânovitch apenas consumia o valor de vinte e cinco copeques, contentando-se com sopa de couves, um pouco de empada ou um prato de carne, mas, a maior parte das vezes, não comia nem sopa de couves nem carne, contentando-se em comer o seu pão com cebolas, ou queijo branco, ou pepinos salgados, ou qualquer outro alimento de preço baixo, e não se decidia a exceder a metade do preço da refeição, a não ser que estivesse morto de fome.

Aqui confessa o biógrafo que nunca se teria prendido com pormenores na aparência tão insignificantes, como pormenores tão mesquinhos e, digamo-lo, quase ultrajantes para leitores apaixonados pelo estilo elevado, se tais pormenores não constituíssem uma particularidade distintiva, um traço dominante do caráter do nosso herói. Com efeito, o senhor Prokhártchin não estava de modo algum privado de recursos, como se comprazia em afirmar, para que não pudesse comer e satisfazer a sua fome. Se se privava sem a menor vergonha e com todo o desprezo pelas más línguas, era para satisfação da sua louca avareza e também por um excesso de precaução, como depois há de ver-se melhor.

Mas sentiríamos escrúpulo em aborrecer os nossos leitores com a enumeração minuciosa de todas as manias de Siemion Ivânovitch; e não só renunciamos à descrição do seu traje, por muito pitoresco e divertido que tivesse podido parecer-nos, como foi aliás necessário que Ustínia Fiódorovna o tivesse formalmente testemunhado para que nós relatemos isto: que Siemion Ivânovitch não confiava nada à lavadeira, ou pelo menos, tão raramente o fazia que poderia muito bem ignorar-se a existência de qualquer roupa branca no número dos

seus bens mobiliários. A dona da casa assim o disse redondamente: que durante vinte anos consecutivos, o muito estimado Siemion Ivânovitch se tivera gosto em acumular a sujeira no canto que lhe era destinado, sem aliás parecer envergonhado disso, e, além de que, durante toda a sua vida na terra, também não tinha feito caso absolutamente nenhum de meias, lenços e outros ornatos vãos, segundo ela pudera ver, com os seus próprios olhos, pelo buraco de um velho biombo; e que muitas vezes lhe acontecera achar-se na situação de não poder cobrir a nudez do seu corpo.

Estes boatos só começaram a espalhar-se após o falecimento de Siemion Ivânovitch, pois enquanto vivo — e era sobretudo daí que provinham as suas desinteligências com os outros pensionistas — ele não podia suportar, a despeito das mais amigáveis relações, que alguém se permitisse vir meter o nariz no seu "canto", sem que primeiro tivesse pedido autorização para isso. Era um homem intratável, concentrado e inacessível aos vãos discursos. Também não admitia conselhos nem brincadeiras, e não ensaiava nada para reduzir ao silêncio quem se lembrava de dar conselhos! "Conselhos, a mim! Criançola, um patife da tua marca faria muito melhor em ocupar-se de si próprio!" Não era altivo, e de boa vontade trataria por tu todas as pessoas; mas não suportava a indiscrição, nem que alguém, sabedor das suas manias, maliciosamente viesse interrogá-lo sobre o conteúdo do seu baú. Este baú, arrumado debaixo da cama, guardava-o ele como à menina dos seus olhos, se bem que todos soubessem muito bem que não guardava ali mais nada senão algumas roupas velhas e esfarrapadas. Mantinha-se firme na sua mania e tinham-no até ouvido anunciar a intenção de procurar um novo cadeado de segredo. No dia em que, impelido pela sua imbecilidade, Zinóvi Prokófitch tinha manifestado a ideia indecente e grotesca, de que sem dúvida Siemion Ivânovitch escondia as suas economias naquele baú, com o pensamento nos herdeiros, toda a assistência ficou aterrada perante as consequências extraordinárias duma saída tão inconveniente.

Primeiro, o senhor Prokhártchin não soube encontrar expressões adequadas para replicar a uma insinuação tão impertinente. Decorreu um longo minuto durante o qual apenas saíram da sua boca palavras desprovidas de qualquer significado. Com muito custo, acabamos por

compreender que Siemion Ivânovitch censurava a Zinóvi Prokófitch um ato já antigo, mas com as características da mais sórdida avareza, e logo pôs-se a profetizar ao imprudente o fiasco infalível de todas as suas tentativas para penetrar na alta roda, ao mesmo tempo que uma não menos certa sova da parte de um alfaiate a quem o dito Zinóvi Prokófitch devia algum dinheiro. Quanto ao mais, não era senão um garoto.

— E pretendes tu tornares-te alferes de hussardos! Bem podes perder as esperanças; nunca o serás e, ainda por cima, quando os chefes conhecerem todas as tuas histórias, hão de reduzir-te a escrivão. Entendeste, ordinário?

Parecia que, depois disto, Siemion Ivânovitch tinha ficado mais calmo. Mas decorridas em silêncio cinco horas, começou de novo a pregar um sermão a Zinóvi Prokófitch, perante o espanto da assistência. E a coisa não ficou por aqui. À noite, quando Mark Ivânovitch e o hóspede Priepolovienko organizaram um chá e convidaram o escrivão Okieânov, Siemion Ivânovitch deixou a cama e veio juntar-se a eles, contribuindo com a sua quota-parte de quinze ou vinte copeques. Esta necessidade de chá era evidentemente apenas um pretexto, pois logo se pôs sem-cerimônia a desenvolver largamente o tema de que um homem pobre, uma vez que não passa de um homem pobre, não podia pensar em fazer economias. Depois, quando se revelou uma ocasião propícia, o senhor Prokhártchin aproveitou-a para confessar a sua própria pobreza. Na antevéspera, tinha até pensado em pedir emprestado um rublo a um certo insolente, mas, agora, era mais que certo que já não o faria para que o tal fedelho não fosse depois gabar-se disso. Quanto a ele, Siemion Ivânovitch, mandava todos os meses cinco rublos à cunhada, sem o que a pobre mulher teria morrido e, contudo, se ela tivesse falecido, havia muito que ele teria podido comprar uma roupa nova. E falou assim demoradamente, evidenciou tão bem as intenções e a questão do homem pobre e da cunhada, e dos cinco rublos, que acabou por fazer uma grande baralhada e teve de calar-se.

Só três dias mais tarde, quando ninguém pensava já em importuná-lo e todos tinham esquecido por completo o caso, é que ele tirou a conclusão de que Zinóvi Prokófitch havia sem falta de quebrar

uma perna assim que entrasse nos hussardos, que não teria depois outro recurso senão substituir a perna avariada por uma perna de pau, e que então haviam de ver Zinóvi Prokófitch vir pedir pão a Siemion Ivânovitch, o qual, aliás, sentiria um verdadeiro prazer em repelir sem um olhar as súplicas daquele guri.

Escusado será dizer que tudo isto pareceu muito interessante e curioso aos outros hóspedes. Sem mais reflexões, esta assembleia resolveu fazer uma investida decisiva contra Siemion Ivânovitch. Ora, desde que o senhor Prokhártchin tinha resolvido juntar-se ao grupo, parecia fazer empenho em ficar a par de tudo e multiplicava as perguntas com um fim misterioso, que não se sabia qual fosse, de maneira que os conflitos rebentavam sem dificuldades nem preliminares. Para entrar na matéria, Siemion Ivânovitch descobrira um meio extremamente sutil e já conhecido dos nossos leitores: à hora do chá deixava a cama, aproximava-se do grupo, como pode fazer um homem modesto, inteligente, afável, e lançava os vinte copeques regulamentares ao anunciar a sua intenção de participar na festazinha. Toda aquela bela juventude se entendia por meio de rápidas piscadelas de olho e a conversa começava logo, muito decente e muito séria.

Mas algum folgazão ousado punha-se subitamente a divulgar uma coleção de novidades, a maior parte das vezes tão infundadas como inverossímeis. Por exemplo: que tinha ouvido Sua Excelência confiar a Diemid Vassílievitch, que os empregados casados valiam mais do que os solteiros e que se lhes devia dar a preferência na promoção; porque os homens verdadeiramente judiciosos e sensatos adquirem na prática da vida matrimonial numerosas aptidões. Consequentemente, o orador, desejoso por distinguir-se e ver os seus vencimentos aumentados, propunha-se contrair um legítimo enlace com uma certa Iefrônia Prokófievna. Ou então, o engraçado dizia ter notado muitas vezes em alguns dos seus colegas um tal desconhecimento das praxes mundanas e das boas maneiras, que parecia impossível admiti-los no convívio das senhoras. Para remediar um tão deplorável estado de coisas, tinham resolvido nas altas esferas que se faria um desconto sobre os ordenados, com o fim de organizar uma sala de dança onde se pudessem aprender, quer a elegância de atitudes, quer a nobreza de

porte, a cortesia, o respeito pelos mais velhos, a firmeza de caráter, a bondade de coração e o sentimento de gratidão, e outras belas qualidades. Outras vezes sabia-se de súbito que todos os empregados, mesmo os mais antigos, tinham de ser submetidos a um exame para que se pudesse apreciar o seu grau de instrução, do que resultaria desfazerem-se muitas aparências e verem-se bastantes pessoas forçadas a pôr as cartas na mesa. Em suma, diziam-se ali variadíssimas coisas, cada qual mais absurda. Todos simulavam acreditar e, como se estivessem muito interessados, faziam algumas alusões às consequências que poderiam advir de tais medidas para alguns membros do grupo, e parecia que imploravam conselhos sobre a maneira como deveriam conduzir-se naquelas circunstâncias.

É fácil perceber que até um homem menos simples, menos tímido que o senhor Prokhártchin, teria perdido a cabeça com toda esta tagarelice. E todos os indícios deram a entender, realmente, que o mesmo se deu com Siemion Ivânovitch, espírito limitado e pouco aberto a ideias novas. Com toda a certeza, teve de dar voltas e mais voltas à cabeça perante cada uma daquelas novidades sensacionais, de desvendar-lhes a causa e acabar por perder-se nesse dédalo de pensamentos insólitos, antes de ter podido adaptá-los à sua própria compreensão, e este jogo mental acabou por fazer descobrir em Siemion Ivânovitch um certo número de faculdades singulares e completamente insuspeitadas. Circularam boatos a seu respeito, que depois de suficientemente ampliados chegaram até à repartição onde ele trabalhava. O seu efeito foi ainda acentuado por mudanças reveladas na fisionomia do nosso herói, cujo aspecto jamais se tinha alterado durante uma longa sucessão de anos. O seu rosto tornara-se inquieto, o olhar desconfiado e receoso; começou a sobressaltar-se, apurava o ouvido a cada novo conto absurdo, com ansiedade febril. Para cúmulo de tal mudança, não é que se tornou um apaixonado investigador da verdade? Esta mania tomou tais proporções que ele ousou, finalmente, informar-se por si próprio e por duas vezes da exatidão das famosas novidades, junto de Diemid Vassílievitch e, se deixamos em silêncio a continuação de tais diligências de Siemion Ivânovitch, é devido ao simples respeito pela sua memória.

Primeiro concluiu-se disto que ele era uma espécie de misantropo

desdenhoso das conveniências sociais; acharam-no extravagante e não se enganaram, pois ficava muitas vezes como que alheado a ponto de esquecer-se de tudo por momentos, permanecendo no mesmo lugar, boquiaberto, com a pena no ar, petrificado, mais parecido com a sombra de um ser inteligente do que com o próprio indivíduo. E aconteceu mais de uma vez que, perante o espetáculo inesperado deste olhar embaciado e esgazeado, um certo colega distraído se pôs a tremer a ponto de deixar cair um borrão no seu relatório e de escrever nela alguma palavra descabida. A inconveniência de tal comportamento fazia afastar todas as pessoas decentes, de tal maneira que acabaram por não ter já quaisquer dúvidas acerca da desordem mental de Siemion Ivânovitch. Um dia espalhou-se pela repartição o boato de que o senhor Prokhártchin havia causado apreensão ao próprio Diemid Vassílievitch, que não tivera outra coisa a fazer senão recuar, quando se tinha encontrado num corredor frente a frente com esta personagem de conduta inquietante. Quando Siemion Ivânovitch soube disto, levantou-se de mansinho, procurou com precaução um caminho por entre as mesas e as cadeiras, pegou no sobretudo e desapareceu durante algum tempo. Teria sido medo? Ou estava motivado por qualquer outra razão? Não o sabemos, mas a verdade é que durante uns dias não foram capazes de encontrá-lo, nem em casa, nem na repartição.

Não vamos tratar de atribuir as ações de Siemion Ivânovitch ao desarranjo do seu espírito. Faremos apenas notar que o nosso herói não era de modo algum um homem de sociedade, e que por ser muito tímido, vivera até então num isolamento quase completo, fazendo-se notar por um caráter tão misterioso como taciturno.

Por isso, durante toda a sua estada em Piéski, tinha permanecido estendido no leito, atrás do biombo, num silêncio absoluto e sem conviver com ninguém. Os seus dois companheiros de hospedagem dessa época, tão misteriosos como ele, levavam exatamente a mesma vida, e este trio tinha passado assim alguns quinze anos jazendo deitado, cada um atrás do seu biombo. Num silêncio augusto, as horas e os dias tinham deslizado felizes e remansosos, e então tudo decorria tão bem que nem Siemion Ivânovitch nem Ustínia Fiódorovna se lembravam já por que acaso se tinham encontrado. “Há talvez dez

anos, talvez quinze, talvez vinte e cinco, que ele vive em minha casa", dizia a mulher. Há de, portanto, julgar-se muito natural que o nosso herói tão sério e tão reservado se tinha sentido desagradavelmente perturbado no decurso deste último ano, entre aquela juventude ruidosa.

O desaparecimento de Siemion Ivânovitch provocou uma grande comoção na hospedaria, primeiro porque era o preferido, e depois porque não foram encontrados seus documentos, que ficaram entregues à dona da casa. Durante dois dias Ustínia Fiódorovna derramou torrentes de lágrimas, tal como era seu hábito nos momentos críticos. Durante dois dias inteiros questionou com os outros locatários, queixando-se de terem infligido todos os males possíveis ao seu hóspede, e que ela o perdera por causa dessas zombarias. No terceiro dia obrigou-os a todos a irem procurar o desaparecido e a trazê-lo de volta, custasse o que custasse, vivo ou morto. Pelo fim da tarde viram entrar o primeiro escriturário Súdvin, que declarou estar na pista do fugitivo. Tinha-o visto no mercado de Tolkutchka e noutros locais; seguira-o de muito perto mas não ousara falar-lhe, mesmo quando se encontrara de cara a cara com ele no incêndio da ruela de Krivói. Cerca de meia hora mais tarde chegaram Okieânov e Kontariov, que confirmaram ponto por ponto o relato de Súdvin. Tinham passado muito próximo do fugitivo, a dez passos talvez, mas também não ousaram falar-lhe. Tinham ambos notado que Siemion Ivânovitch estava na companhia de uma espécie de mendigo e bêbado. Chegaram por fim os dois últimos locatários. Quando acabaram de ouvir atentamente tudo o que se referiu, decidiram que Prokhártchin não podia estar longe e não tardaria a voltar. Sabiam, além disso, havia muito tempo, que Prokhártchin se dava com aquele mendigo, homem muito pouco recomendável, bulhento e dissimulado, que o devia ter seduzido por meio de algum ardil. Este homem fizera a sua aparição pela interferência do camarada Riemniov e passara alguns dias na hospedaria. Afirmava que "sofria pela verdade". Anteriormente devia ter sido funcionário na província, e teria sido demitido com os seus colegas depois da passagem de um inspetor. Veio então para São Petersburgo, lançara-se aos pés de Porfíri Grigórievitch pedindo-lhe um lugar em qualquer repartição, e o conseguira. Mas, perseguido pela pouca sorte, tornou a encontrar-se

mais uma vez suspenso, em consequência do fechamento da repartição, que vieram a reorganizar mais tarde, mas sem o incluírem no número dos novos empregados… devido à sua incapacidade administrativa e também à sua capacidade para um gênero de trabalho completamente diferente, sem falar do seu "amor pela verdade" e das intrigas dos inimigos. Depois desta narrativa, durante a qual este Zimoviéikin abraçou muitas vezes o seu amigo Riemniov, homem melancólico, de barba hirsuta, cumprimentou baixinho os circunstantes, cada um por sua vez, sem esquecer a criada Avdótia, proclamando-os a todos os seus benfeitores, e confessando-se depois, pelo que lhe dizia respeito, um ser indigno, frouxo, importuno, turbulento e néscio, e pedindo à honrada assembleia que não lhe quisesse mal na sua desgraça.

Uma vez obtida a proteção destes cavalheiros, o senhor Zimoviéikin depressa se tornou alegre, contente, e pôs-se a beijar as mãos de Ustínia Fiódorovna, apesar dos tímidos protestos desta, que modestamente se desculpava da sujidade das referidas extremidades. Prometeu também para essa mesma noite fazer apreciar todos os seus talentos numa dança típica. Mas, mesmo no dia seguinte, a aventura teve um desfecho lamentável, quer porque Zimoviéikin tivesse posto demasiada "ação" na sua dança, quer porque tivesse realmente "desrespeitado e ultrajado" Ustínia Fiódorovna, como afirmava ela, "que conhecia Iároslav Ilhitch e que havia muito tempo teria podido ser esposa de um oficial". Fosse como fosse, Zimoviéikin viu-se obrigado a sair dali. De fato foi-se embora, mas voltou, sujeitou-se de novo a ser expulso vergonhosamente, soube introduzir-se nas boas graças de Siemion Ivânovitch, a quem conseguiu apanhar as melhores calças e reapareceu depois mais uma vez na qualidade de sedutor do nosso herói.

A hospedeira, mal soube que este se achava são e salvo e que a busca dos documentos por consequência se tornava inútil, acalmou-se instantaneamente e foi repousar. Contudo, alguns dos hóspedes concordaram em fazer ao fugitivo uma recepção triunfal. Sem medo de o estragarem, afastaram o biombo da cama e colocaram junto dela o famoso baú. Estenderam a cunhada sobre a cama, isto é, uma boneca feita com a ajuda do xale da hospedeira, da sua toca e da sua

capa; de tal maneira preparam aquilo que qualquer pessoa se enganaria facilmente. Uma vez realizada com êxito esta tarefa, esperaram impacientemente a chegada de Siemion Ivânovitch para anunciar-lhe que a cunhada deixara a sua província para vir vê-lo, e que a infeliz mulher não tivera outro remédio senão deitar-se atrás do biombo. Esperaram durante muito tempo…

Mark Ivânovitch teve tempo de jogar e perder o seu salário duma quinzena a favor dos senhores Priepolovienko e Kontariov; Okieânov tantas vezes bateu com as cartas no nariz, à maneira de penitência, que este apêndice lhe ficou todo inchado e rubicundo. Depois de dormir até fartar-se, Avdótia levantou-se para ir buscar lenha e aquecer o fogão. Quanto a Zinóvi Prokófitch, deixou-se encharcar como um pinto, à força de ir constantemente à rua a ver se não chegaria Siemion Ivânovitch; mas nem o nosso herói nem o seu amigo mendigo apareciam. Já cansados, todos acabaram por deitar-se, mas deixando todavia a "cunhada" atrás do biombo.

Só por volta das quatro horas se ouviu ao portão uma algazarra suficientemente formidável, que constituía já uma recompensa digna dos esforços que estes cavalheiros tinham feito para não dormirem. Era ele, ele próprio, Siemion Ivânovitch, o senhor Prokhártchin, mas em que estado! Houve um "Oh!" geral, uma tal comoção que nem sequer se pensou mais na cunhada. O desertor parecia estar desacordado. Um cocheiro de um velho carro levou-o aos ombros até ao seu canto, onde o depôs todo enregelado, transido, em andrajos. À dona da casa, que perguntava onde é que o seu hóspede se tinha podido embriagar daquele modo, respondeu o cocheiro:

— Mas ele não está embriagado. Asseguro-lhe que ele não bebeu uma gota do que quer que seja. Isto deve ser uma síncope ou um ataque de apoplexia.

Para maior comodidade, encostaram Siemion Ivânovitch ao fogão, e depois de o examinarem, reconheceram que, com efeito, não havia ali bebedeira mas também não havia apoplexia. Havia indubitavelmente qualquer coisa, mas o quê? Sem poder mover a língua, sacudiam-no estremecimentos, batia as pálpebras e fixava um olhar espantado, ora sobre um, ora sobre outro dos assistentes, que

estavam em trajes menores. Interrogaram o cocheiro a fim de saber onde é que ele o tinha encontrado.

— Foram uns rapazes muito folgazões que o entregaram nesse estado. Voltavam de Kolomna.[1] Teriam brigado? Teria ele tido convulsões? Quem sabe? O que posso garantir-lhes é que eram uns rapazes muito folgazões.

Levantaram Siemion Ivânovitch e levaram-no para cima da cama. Quando, ao estender-se, sentiu a cunhada ao lado e o baú aos pés, lançou um grito terrível, quase se pôs de gatinhas e, todo a tremer, esforçou-se por cobrir com as mãos e com o corpo a maior superfície possível do seu bauzinho, ao mesmo tempo que deitava olhares selvagens e assustados sobre os presentes, como se tivesse querido exprimir que preferia a morte à perda da centésima parte que fosse do seu tesouro.

Ficou assim deitado dois ou três dias atrás do biombo, afastado do mundo e de todos os seus ruídos vãos. A partir do dia seguinte, já ninguém pensava nele. No entanto, o mesmo tempo seguia o seu curso e as horas sucediam às horas, os dias aos dias. Uma espécie de torpor delirante invadira a cabeça escaldante e pesada do doente. Mas ele não se movia, não se queixava. Pelo contrário, estava mergulhado num silêncio feroz e contraía-se sobre a cama, tal como uma lebre assustada que se aperta de encontro à terra com a aproximação do caçador. Por momentos, pesava sobre o quarto um silêncio morno e desesperante, sinal de que todos os hóspedes tinham partido, cada um para as suas ocupações, e Siemion Ivânovitch podia completamente à vontade distrair-se da sua tristeza ouvindo os ruídos próximos da cozinha, onde a hospedeira se entregava à lida, ou o ruge-ruge do calçado deformado de Avdótia, que limpava a casa, percorrendo todos os quartos. Assim deslizavam as horas, horas de preguiça e de sonolência, horas monótonas como as gotas de água que se ouviam cair no balde da cozinha. Depois, um por um, ou em grupos, os hóspedes entravam, e Siemion Ivânovitch podia ouvi-los queixaram-se do tempo, pedir a refeição, fazer barulho, fumar, disputarem em tom áspero, reconciliarem-se, jogar cartas e entrechocar as chávenas, preparando o chá. Maquinalmente, o doente fazia um movimento para se levantar e juntar-se a eles, pagando o imposto estabelecido, mas, de

súbito, recaía no seu torpor. Sonhava então que havia um momento que se encontrava à mesa, tomando chá e participando da conversa. Pronto a agarrar a ocasião, Zinóvi Prokófitch infiltrava no assunto alguma alusão relativa às cunhadas e às suas relações possíveis com esta espécie de boas pessoas. Chegado a este ponto, Siemion Ivânovitch esforçava-se por desculpar-se e responder; mas saindo simultaneamente de todos os lábios a frase protocolar: "Reparamos já muitas vezes…", cortava-lhe de um golpe todas as suas réplicas e ele nada tinha de melhor a fazer do que sonhar com o primeiro do mês, dia abençoado em que recebia os rublos da Administração. Na escada, desenrolava as notas recebidas e, lançando um olhar furtivo à sua volta, apressava-se a dissimular metade do salário bem ganho no cano de uma das botas. Sempre na escada — e sem de modo algum se dar conta de que realizava estas evoluções na cama — prometia a si mesmo, logo que entrasse em casa, pagar a sua pensão à hospedeira, depois compraria algumas coisas indispensáveis, e fazia notar, a quem isso de direito competisse, que tinham infligido descontos ao seu ordenado, que nada mais lhe ficava para enviar à cunhada. Em seguida, iria lamentá-la como era seu dever, e durante dois dias a fio não falaria senão dela. Ao fim de dez dias havia ainda de insistir na sua miséria para que os companheiros ficassem bem convencidos.

Tomadas todas estas decisões, apercebia-se de que Iefímovitch, aquele homenzinho silencioso e calvo que durante vinte anos vivera a seu lado, sem que nem uma só vez lhe tivesse ouvido qualquer palavra, estava também na escada contando os seus rublos e resmungava abanando a cabeça: "É dinheiro!". E, descendo a escada, concluía tristemente: "Quem não tem dinheiro, não tem pão inteiro!". No patamar acrescentou: "Tenho sete filhos, senhor". Depois, sem escrúpulos de conduzir-se como um fantasma e completamente ao contrário das leis da vida real, o homenzinho calvo elevava-se de súbito de uns centímetros ou mais acima do solo e, com a mão que tremia, traçava no ar uma linha oblíqua descendente e resmungava que o filho mais velho ia para o liceu, e fuzilava o senhor Prokhártchin com um olhar indignado, como se quisesse torná-lo responsável pela existência desses sete filhos; enterrava depois o chapéu até os olhos, dava meia volta à esquerda e desaparecia. Com o que Siemion Ivânovitch ficava muito impressionado e, se bem que

absolutamente seguro da sua inocência, começava a admitir que era por culpa sua que havia sete crianças naquela casa infeliz. Amedrontado punha-se a correr, pois lhe parecia que, voltando atrás, o homenzinho calvo procurava agarrá-lo com a intenção expressa de revistá-lo e de apanhar-lhe o dinheiro em nome dos sete filhos, prescindindo de toda a consideração à pobre cunhada de Siemion Ivânovitch. E Prokhártchin corria, corria sempre até perder o fôlego, enquanto ao seu lado corria também uma porção de pessoas com dinheiro que retinia nos bolsos dos coletes. Depois, toda a gente se pôs a correr, ressoaram as trombetas dos bombeiros e, transportando quase ao cimo das vagas humanas, rolou até o lugar daquele incêndio a que tinha assistido na companhia do mendigo. O bêbado, isto é, o senhor Zimoviéikin, esperava-o ali. Veio ao encontro de Siemion Ivânovitch, tomou-o pela mão e conduziu-o até o coração da turba. Como ainda há pouco, agitava-se à volta deles uma multidão encapelada que obstruía o cais do Fontanka entre as duas pontes, assim como todas as ruas e ruelas ao redor. Como havia ainda pouco, também ambos se viam empurrados contra a parede dum enorme depósito de madeira, repleto de curiosos vindo da cidade, do mercado de Tolkutchka, saídos das casas e das tavernas próximas. Revia tudo isto tão nitidamente como se na realidade o presenciasse e, através dos turbilhões da febre e do delírio, estranhas figuras começaram a passar-lhe diante dos olhos.Reconhecia algumas delas. Uma era aquele senhor de aspecto tão imponente, com uns dois metros de altura, pelo menos, e com um bigode de meio metro, que durante todo o incêndio ficara postado atrás das suas costas, cumprimentando-o quando o nosso herói, tomado de uma espécie de transporte frenético, se pusera a bater com os pés como para aplaudir as proezas dos bombeiros que ele via muito bem do seu lugar elevado. Outro era aquele homem novo e tão vigoroso que, à força de braços, o erguera para cima do muro que pretendia saltar com o fim de acudir e salvar qualquer pessoa. Viu em seguida passar o rosto do velhote de cor lívida, vestido com um roupão gasto pelo uso e apertado por qualquer coisa de indefinível, o qual, antes de rebentar o incêndio, a fim de procurar em alguma mercearia biscoitos e tabaco para o seu inquilino, abria agora passagem pelo meio da multidão, dirigindo-se para a casa incendiada onde ardiam a sua mulher, a sua filha, e trinta rublos escondidos debaixo de um colchão de penas. Mas a figura mais nítida foi a

daquele pobre mulher com a qual sonhara já muitas vezes durante a sua doença, e que voltava a ver tal como era, com sapatos de cortiça, um pau na mão, toda esfarrapada, e com um saco às costas. Só esta gritava mais alto que os bombeiros e que toda a multidão, brandia a muleta e gesticulava, dizendo que os próprios filhos a tinham posto na rua, e que além disso tinha perdido duas moedas de cinco copeques: "Os filhos… o dinheiro… o dinheiro… os filhos!". Não parava de revolver estas palavras numa algazarra ininteligível, até que todos acabaram por deixá-la só no seu desespero e voltar-lhe as costas. Mas a velha não se acalmava; gritava, ululava, gesticulava, sem prestar a mínima atenção ao incêndio, nem às pessoas, nem à desgraça alheia, nem mesmo às fagulhas e às faíscas que caíam quase por cima dela.

O senhor Prokhártchin chegava a sentir medo, pois via claramente que tudo aquilo não era tão simples e não podia ficar assim. Com efeito, muito perto dali, um camponês, envolto numa peliça esfarrapada, subia para uma pilha de madeira e, com os cabelos e a barba chamuscados, punha-se a amotinar a multidão contra Siemion Ivânovitch. E a chusma continuava a adensar-se e o camponês a vociferar e, petrificado de terror, o senhor Prokhártchin lembrou-se de repente que este camponês não era senão um certo cocheiro de carruagem que, cinco anos antes, ele tinha ignobilmente roubado, quando saltara da carruagem antes de lhe ter pago, para desaparecer depois num pé de vento por uma casa de duas portas. O senhor Prokhártchin quis gritar, falar, mas a sua voz estrangulava-se na garganta. Sentia a pressão do povo furioso que o apertava e abafava como uma serpente. Num esforço sobre-humano, acordava. Mas apenas para se dar conta de que o seu canto estava pegando fogo, assim como o biombo e todo o aposento, e também Ustínia Fiódorovna e os seus hóspedes. A sua cama estava em chamas, e a almofada, o cobertor, o baú e até o precioso colchão de que ele se apoderava para o levar na fuga. Foi assim que penetrou em camisa e descalço no quarto da hospedeira, onde foi agarrado, atado de pés e mãos e levado para detrás do biombo, que ardia muito menos do que a sua pobre cabeça. Tornaram a metê-lo na cama.

Assim o homem dos fantoches arruma no fundo duma caixa o polichinelo que já se agitou bastante, insultando todas as pessoas e

vendendo a alma ao diabo. Até a próxima representação, o títere interromperá a sua existência, deitado na caixa em companhia desse mesmo diabo, do negro, de Pierrot, de Colombina e do feliz apaixonado desta última, o comissário. Todos os hóspedes se sentaram em volta do leito de Siemion Ivânovitch e ali ficaram, fazendo convergir sobre eles olhares curiosos. Finalmente recuperou os sentidos e, fosse por pudor, ou por qualquer outra razão, pôs-se a puxar para si o cobertor, com toda a energia, sem dúvida para se esconder de todos aqueles olhares compassivos.

Mark Ivânovitch foi o primeiro a romper o silêncio e, como homem sensato, começou a dizer suavemente que era necessário acalmar-se, que era uma coisa má e vergonhosa estar assim doente, que aquilo só era próprio de crianças, e que devia mas era tratar-se e retomar o trabalho. Terminou mesmo com uma gracinha, dizendo que os ordenados dos empregados doentes ainda não estavam fixados e que, como também lhes não davam adiantamentos, segundo ele, uma tal situação não podia trazer-lhe um proveito apreciável. Em suma, cada um tomava uma parte evidente no sofrimento de Siemion Ivânovitch e o lamentava.

Mas, com a mais incompreensível ingratidão, este se obstinava em permanecer na cama, em calar-se e puxar o cobertor. Contudo, Mark Ivânovitch não se considerou vencido e, dominando-se, pronunciou algumas palavras amáveis, pois devem ter-se certas atenções para com um doente. Mas Siemion Ivânovitch não queria ouvir nada. Com um ar desconfiado, resmungava não se sabe o quê por entre os dentes e, de súbito, pôs-se a rolar para a direita e para a esquerda uns olhos tão furiosos que pareciam querer reduzir a pó a assistência. Um tal comportamento tornava supérfluos todos os cuidados e, sem poder conter-se mais, por ver que aquele homem se obstinava, Mark Ivânovitch, mostrando-se ressentido e encolerizado, declarou redondamente e sem qualquer preâmbulo que já era tempo de ele se levantar, que não tinha jeito nenhum ficar assim deitado sem receios nem cuidados, que ele era tolo, indecente e malcriado por gritar de noite e de dia histórias de incêndios, de cunhadas, de bêbados, de cofres e sabe o diabo que mais ainda; e que, se Siemion Ivânovitch não tinha vontade de dormir, também não tinha o direito de impedi-lo aos

outros, e que disso podia ele estar bem certo.

Este discurso produziu o seu efeito. Siemion Ivânovitch voltou-se sem dificuldade para o orador e declarou-lhe, não sem firmeza, apesar de o fazer com voz fraca e enrouquecida:

— Cala-te, mequetrefe. Não és mais do que um charlatão. Tens-te talvez na conta de um príncipe, não?

Mark Ivânovitch ia começar a enfurecer-se, quando se lembrou de que se estava entendendo com um doente; acalmou-se e esforçou-se por envergonhá-lo. Siemion Ivânovitch ripostou mais uma vez, afirmando que não toleraria nenhuma graça a seu respeito, ainda que fosse da parte de um fazedor de versos como Mark Ivânovitch. Seguiu-se um grande silêncio. Até que por fim, emergindo do seu espanto, Mark Ivânovitch declarou em tom firme e não sem eloquências que Siemion Ivânovitch devia saber que se encontrava rodeado de boa convivência e que não podia de modo algum ignorar como as pessoas se conduzem em sociedade. Quando vinha a propósito, Mark Ivânovitch cultivava o gênero oratório e gostava de impô-lo aos seus ouvintes. Pelo contrário, e sem dúvida pela sua longa prática do silêncio, Siemion Ivânovitch tinha o gesto e a palavra breves e, se lhe acontecia embrenhar-se em algum período demasiado longo, uma palavra desencadeava outra, esta outra uma terceira e assim sucessivamente, de maneira que, quando tinha já a boca cheia delas, acabava por lançá-las na mais pitoresca desordem. Eis por que, a despeito de toda a sua circunspecção, lhe acontecia soltar disparates. Respondeu:

— Mentes! Tu não passas de um boêmio. Mas ainda hás de acabar por pegar num saco e ires-te embora a mendigar. És um livre-pensador, um vagabundo. Esta é que é a verdade, meu versejador!

— Siemion Ivânovitch, continuas a divagar.

— O quê? — replicou o doente. — Um tolo divaga, mas o sábio emprega a sua inteligência. Tu não sabes nada de nada, seu vagabundo, seu sabichão que estás aí falando que nem um livro impresso! Um dia hás de pegar fogo e nem tu próprio sentirás que é a tua cabeça que está ardendo. Compreendes o apólogo?

— Está bem!… Mas… isto é… o que é que está dizendo? Que a minha cabeça vai arder?

Aliás, Mark Ivânovitch não acabou. Todos viam bem que Siemion Ivânovitch não recuperara o seu equilíbrio mental e que divagava. Mas a hospedeira não pôde deixar de lembrar-se acidentalmente que havia uma certa moça sem cabelo, que ateara fogo a uma casa da ruela de Krivói ao acender uma vela, e que em consequência disso ardera todo o bazar. Mas um desastre semelhante não aconteceria certamente ali e todos podiam considerar-se em segurança no seu canto…

— Vejamos, Siemion Ivânovitch — exclamou fora de si Zinóvi Prokófitch, interrompendo a hospedeira. — Siemion Ivânovitch, por quem me toma senhor? Não estamos aqui para contar-lhes histórias de cunhadas, ou de exames, ou de dança. É isso que imagina, não é?

— Pois bem, responde-me a isto — replicou o nosso herói, que reuniu as suas últimas forças para se erguer na cama, furioso com estes sinais de interesse. — O que vem a ser um bobo? És tu e também pode ser um cão, mas não hei de dizer disparates só para te dar prazer. Estás ouvindo, moleque? Eu não sou teu criado, meu senhorzinho.

Siemion Ivânovitch quis dizer ainda mais alguma coisa, mas, esgotado de forças, caiu outra vez na cama. Ficaram todos de boca aberta, compreendendo o estado em que se encontrava o seu companheiro e sem saber bem o que haviam de fazer para lhe darem algum auxílio. De repente a porta da cozinha rangeu, entreabriu-se, e viram passar uma cabeça — a daquele bêbado amigo de Prokhártchin, o senhor Zimoviéikin, — uma cabeça que examinou timidamente o local, como era seu costume. Parecia que estavam à espera dele. Todos lhe fizeram sinal para se aproximar. Todo ufano e sem tirar sequer o sobretudo, aproximou-se da cama.

Sem dúvida alguma, Zimoviéikin tinha atravessado momentos difíceis durante aquela noite. O lado direito da face desaparecia debaixo de um penso. O pus derramado pelos olhos umedecia-lhe as pálpebras inchadas, e a parte esquerda do seu gabão, e toda a roupa

em frangalhos estava empapada de lama imunda. Debaixo do braço trazia um violino que, evidentemente, ia vender. Não se tinham enganado ao chamá-lo, pois, logo que soube o motivo por que voltava, dirigiu-se a Siemion Ivânovitch com ar de superioridade consciente, como um homem que sabe qual o caminho que deve seguir.

— Então, Sienhka! — exclamou ele — Levanta-te. Vamos, Sienhka, sensato Prokhártchin, rende-te à razão. Se teimas, ponho-te fora da cama: não teimeis, está bem?

A energia rápida deste discurso não deixou de causar admiração nos circunstantes. Mas ficaram ainda mais admirados ao verem que estas palavras e o aspecto do orador impressionavam e assustavam Prokhártchin, a tal ponto que foi a custo que pôde decidir-se a murmurar por entre dentes o anátema indispensável:

— Vai-te embora, infeliz. Não passas de um miserável, de um larápio; estás ouvindo, vagabundo, preguiçoso, ladrão!

— Não, irmão — ripostou Zimoviéikin sem perder uma gota do sangue frio. — Sensato Prokhártchin, tu não estás procedendo como deve ser.

E lançando em volta um olhar satisfeito, prosseguiu:

— Além disso, basta de histórias, não achas? Aconselho-te a obedeceres, se não quiseres que eu te desmascare, que conte tudo, estás ouvindo?

Siemion Ivânovitch pareceu ficar vivamente impressionado ao ouvir estas palavras: estremeceu e pôs-se a passear em volta uns olhos assustados. Encantado com o efeito conseguido, o senhor Zimoviéikin ia continuar, quando Mark Ivânovitch fez passar adiante o seu zelo e, vendo Siemion Ivânovitch um pouco mais sossegado, fez-lhe ponderar que a aplicação de semelhantes concepções era, de momento, não só inútil, mas até prejudicial e absolutamente imoral; que era fazer mal aos outros e dar-lhes o mais funesto exemplo. Todos esperavam o melhor resultado desta homilia, tanto mais que Siemion Ivânovitch, agora completamente calmo, lhe respondia moderadamente. Estabeleceu-se então uma delicada discussão. Com fraternal interesse,

todos perguntavam a Siemion Ivânovitch o que era que o tinha assustado de tal maneira. Ele respondeu, mas muito evasivamente; os outros insistiram, ele replicou; cada um dos dois partidos retomou uma vez mais a palavra e depois todos se envolveram na conversa, e esta acabou por tomar um rumo tão estranho e surpreendente que, positivamente, nem sabemos como referi-la. A moderação transformou-se em impaciência; a impaciência em gritos, os gritos em lágrimas e, furioso, Mark Ivânovitch acabou por ir embora, espumando de raiva e declarando que, até então, nunca encontrara homem tão amigo de contrariar. Oplevániev cuspiu, em sinal de desprezo; Okieânov parecia atemorizado; Zinóvi Prokófitch choramingava e Ustínia Fiódorovna derramou uma torrente de lágrimas, gritando que tinham acabado com o seu hóspede, que ele perdera a razão e que ia morrer sem a extrema-unção, que ela era órfã e que todos queriam levá-la à ruína… Em suma, todos puderam convencer-se de que a semente germinara sobre um solo abençoado, que tudo brotara à medida dos seus desejos, e que Siemion Ivânovitch tinha irremediavelmente perdido o juízo. Todos se calaram, pois, se era verdade que tinham conseguido aterrorizar Siemion Ivânovitch, eles próprios se sentiam agora cheios de medo e de compaixão…

— Como! — exclamou Mark Ivânovitch. — Mas de que é que o senhor tem medo? Que mosca lhe mordeu? Quem diabo é que pensa no senhor? Com que direito treme assim? Quem é o senhor, afinal? Um simples zero, menos ainda do que uma casca de laranja! Isto é que o senhor é! Há alguma razão para se assustar? Porque mataram uma mulher na rua, vai imaginar que também o vão matar? Hem? Diga: de que se trata, afinal?

— Tu… tu… tu… és um imbecil — resmungava Siemion Ivânovitch. — Hão de comer-te o nariz… Tu mesmo hás de comê-lo com pão, sem dares por isso sequer…

— Imbecil, eu! Imbecil, eu! — vociferava Mark Ivânovitch sem poder acreditar nos seus ouvidos. — Seja: admitamos que sou imbecil. Mas terei eu exames a fazer? Terei de casar? De aprender a dançar? Irá a terra faltar-me? Que é que há, meu caro, não tem lugar bastante? O sobrado vai desmoronar sobre sua cabeça?

— Sim, sim… Hão de perguntar a tua opinião… Hão de fechá-la pronto.

— Pronto! Pronto!… O que é que hão de fechar? Que história é essa agora?

— Isto não impede que tenham expulsado o bêbado…

— Bom, expulsaram-no, mas é um bêbado, ao passo que eu ou você somos pessoas decentes!

— Decentes, bom. E, contudo, ela continua sempre lá…

— Sempre!… Mas quem é ela?

— Quem há de ser… a repartição!… A chan… cela… ria!!!

— É mais que certo, está doente dos miolos, mas a repartição é uma coisa precisa…

— Precisa; hoje e amanhã é precisa; mas pode ser que depois de amanhã já o não seja. É sempre a mesma história…

— Mas então receberia de uma vez os seus ordenados de um ano inteiro, ouviu, Tomé? Pois você é, como Tomé, a incredulidade em pessoa. E, em consideração pelos seus antigos serviços, seria posto numa outra repartição…

— Os meus ordenados, serei com certeza obrigado a comê-los; os ladrões vão tirá-los de mim, e além disso tenho uma cunhada, ouves? uma cunhada, cabeça de pau!

— Uma cunhada! Ora essa, você é um homem ou não?

— Um homem, sim, eu sou um homem e, por muito sábio que sejas, tu és um imbecil, uma cabeça de alho chocho, isto é o que tu és. Não tenho necessidade de responder às tuas mentiras… Há ocasiões em que se suprime todo o pessoal; foi Diemid Vassílievitch que o disse.

— Ah! Diemid, Diemid… Mas…

— E as pessoas veem-se depois no olho da rua. Que replicar a isto?

— Ora, ora, meu amigo! Ou o senhor está fazendo humorismo ou tem algum parafuso frouxo, muito simplesmente… Conte essa história direito, vá. Nada de falsa vergonha; diga-nos a verdade, amigo, você não está girando bem, não é?

— Louco! — exclamaram todos, torcendo as mãos de desespero. A hospedeira teve de agarrar Mark Ivânovitch pelo meio do corpo, com medo de que ele fizesse Siemion Ivânovitch em pedaços.

— Sienhka de bom coração, Sienhka, tu, o sensato — suplicava Zimoviéikin — tens então uma alma de pagão? Tu, tão simples, tão virtuoso, não me ouves? Ai! Tudo isto vem do teu excesso de virtude; eu, eu não passo de um tolo, de um trapalhão, de um mendigo sujo e, contudo, este excelente homem não me repeliu e trata-me com consideração. Agradeço-lhe, assim como à dona da casa; cumprimento-os até ao chão e, ao fazer isto, cumpro apenas o meu dever, patroazinha.

Então Zimoviéikin cumprimentou com efeito até ao chão, com um gesto não destituído de nobreza. Siemion Ivânovitch quis prosseguir no seu discurso, mas desta vez não lhe deixaram tempo para tal: houve um brado geral de súplicas, de argumentos persuasivos, de consolações, de tal maneira que ele acabou por sentir vergonha e, numa voz fraca, pediu que o deixassem justificar-se:

— Muito bem — disse ele — está entendido: eu sou bom e amável, virtuoso, fiel e dedicado; derramaria o meu sangue até a última gota, ouve bem… para conservar o meu emprego; mas sou pobre e se a… ah!… Cala-te!… Ela, agora, ainda existe mas, depois, de repente, acabou-se… Compreendes? Então, eu, eu terei de ir pelos caminhos, com um saco às costas, entendeste?

— Sienhka! — bramiu Zimoviéikin, dominando o tumulto com a sua voz forte. — Tu não passas de um livre-pensador e eu vou contar tudo. O que és tu, no fim das contas? Uma cabeça oca, um imbecil, um simplório que há de fazer com que o varram do seu lugar, sem mais cerimônias! Que és tu, senão isto?

— Isso mesmo — disse Siemion Ivânovitch.

— Como isso mesmo? E vá alguém meter-se a conversar com ele!…

— Sim, como se há de falar com ele? — perguntou alguém.

— É fácil — concordou Siemion Ivânovitch; — quando uma pessoa está livre, está livre; mas quando se está na cama…

— Como um livre-pensador, como um voltaireano… Sienhka, tu não passas de um livre-pensador, um livre-pensador!

— Basta! — gritou o senhor Prokhártchin, agitando a mão a pedir silêncio. — Mas compreende, compreende de uma vez, idiota: eu sou tímido hoje e tímido amanhã; mas, de repente, um belo dia, perco a minha timidez, solto uma insolência e mando-te passear…

— Mas o que tem ele? — trovejou de novo Mark Ivânovitch, saltando da cadeira onde se sentara para descansar e precipitando-se para a cama, muito perturbado e tremendo de raiva. — Mas o que é que tem? Que espécie de idiota é você? E quando não tiver nem lar, nem fogo para se aquecer? Então o mundo fez-se só para você? Será você um Napoleão, ou o quê? Quem diabo é você? É um Napoleão? É Napoleão? Sim ou não? Mas responda de uma vez, se é ou não, Napoleão.

Mas o senhor Prokhártchin não lhe respondeu. Não que esta ideia de ser um Napoleão o enchesse de confusão, nem que ele receasse assumir uma tal responsabilidade, mas sentia-se incapaz de discutir, de dizer o que quer que fosse de razoável… Seguiu-se uma crise. Uma onda de lágrimas brotou dos seus pobres olhos queimados de febre; ocultou o rosto nas mãos emagrecidas e ossudas, e começou a falar por entre soluços, afirmando e jurando que era tão pobre, tão infeliz, tão simplório, tão tolo, tão ignorante, que deviam ter a bondade de perdoar-lhe, de olhar por ele, de defendê-lo, dar-lhe de comer e de beber, de não o desprezarem… e abandonarem… e sabe Deus quantas coisas mais. Ao mesmo tempo que se lamentava, lançava em volta olhares aterrados, como se tivesse medo que o teto desabasse ou que o chão soçobrasse. Todos o lamentavam, os corações embrandeciam

cada vez mais. A própria hospedeira, desfeita em lágrimas, tornou a deitar o doente. Enfim, compenetrado da inutilidade dos seus ataques à memória de Napoleão, Mark Ivânovitch insurgiu-se contra esta pretensão. Segundo dizia, nada se comparava com uma boa chávena de camomila. Quanto a Zinóvi Prokófitch, com o seu excelente coração, soluçava, derramava torrentes de lágrimas e gritava o seu arrependimento por ter assustado Siemion Ivânovitch, contando-lhe todas aquelas histórias estúpidas. Depois, ao considerar que o doente se queixara da sua pobreza e implorara auxílio, abriu uma subscrição, de momento limitada ao pequeno círculo dos hóspedes. Todos suspiravam, lamentavam e choravam a pouca sorte de Siemion Ivânovitch, sem contudo conseguirem compreender aquele terror tão repentino. Pois afinal, por que teria sido aquilo? Ainda se ele tivesse ocupado algum cargo importante ou se tivesse mulher e filhos; se tivesse sido arrastado perante um tribunal… Mas não valia dois caracóis, toda a sua riqueza se resumia num velho baú com o seu cadeado alemão; e permanecera durante vinte anos deitado atrás dum biombo, ignorando tudo do mundo, da vida e das suas dores… E eis que, de repente, por causa de uma brincadeira vã e estúpida, deixava de ter o juízo no seu lugar e apavorava-se com a descoberta de que a vida é dura… Mas não é ela dura para todos? “Se ele se tivesse dado ao trabalho — como disse mais tarde Okieânov — de pensar que a vida é igualmente dura para todos, teria conservado a razão e continuado a viver como todos nós.”

Durante todo o dia não se falou de outro assunto senão de Siemion Ivânovitch. Iam vê-lo constantemente; perguntavam-lhe como estava; prodigalizavam-lhe consolações… Mas, ao anoitecer, já não tinha necessidade de consolações, abismado na febre e no delírio. Chegaram ao ponto de ir chamar um médico e todos os hóspedes se empenharam em cuidar dele e velá-lo toda a noite, cada um por sua vez, a fim de estarem prevenidos, em caso de alarme. Eis por que, depois de terem instalado à cabeceira de Siemion Ivânovitch o seu companheiro, o beberrão, estes senhores organizaram uma partida de cartas destinada a mantê-los acordados. Mas como não jogavam a dinheiro, o jogo não lhes despertava nenhum interesse e depressa se aborreceram. Então deixaram o jogo e começaram a discutir até berrar e a dar pancadas na mesa, de tal maneira que cada um acabou por

tornar a meter-se no seu quarto, vociferando palavras violentas. Como estavam todos furiosos, já ninguém quis ficar de guarda. Acabaram por adormecer e depressa reinou no aposento um silêncio sepulcral. Além do mais, fazia muito frio. Okieânov foi um dos últimos a adormecer e eis o que ele contou mais tarde:

— Sonho ou realidade, tive a impressão de que, muito perto de mim, dois homens conversavam, aí pelas duas horas da manhã.

Num deles reconheceu Zimoviéikin, o qual acordou o seu amigo Riemniov, e os dois ficaram conversando durante muito tempo. Depois o primeiro afastou-se e ele o ouviu, tentando abrir a porta da cozinha com uma chave. A hospedeira confirmou mais tarde que essa chave estava debaixo do seu travesseiro e que desaparecera nessa noite. Depois Okieânov julgou ouvir vozes atrás do biombo e que acendiam ali uma vela.

Quanto ao resto, não sabia mais nada, pois em seguida adormecera para só acordar com os outros, no momento em que todos haviam saltado da cama, ao ouvirem um grito capaz de acordar um morto. A todos parecia que tinham visto apagar-se uma vela. Ao mesmo tempo que este reboliço, ressoava atrás do biombo o ruído confuso duma luta. Logo que acenderam a luz puderam ver que eram Riemniov e Zimoviéikin que se esmurravam, cobrindo-se mutuamente de censuras e de injúrias. Riemniov gritou então:

— Não fui eu; este é que é o assassino!

— Larga-me! — vociferava o senhor Zimoviéikin. — Eu estou inocene, posso jurar!

Nem um nem outro tinha já figura de gente; mas, nem sequer repararam neles, pois o doente tinha acabado de sair da cama. Só quando separaram os beligerantes, é que encontraram o senhor Prokhártchin estendido debaixo da cama e, segundo parecia, sem dar acordo de si. Tinha arrastado consigo o cobertor e o travesseiro, de maneira que apenas se via sobre o leito um colchão sujo e velhíssimo e, dos lençóis, nem a sombra — aliás nunca os tivera. Retiraram Siemion Ivânovitch da sua posição inferior e voltaram a deitá-lo sobre o colchão, mas perceberam imediatamente que tudo seria inútil e que

aquilo dera conta dele: os membros inteiriçavam-se e respirava a custo. Rodearam-no; todo o seu corpo estremecia; viam bem que ele se esforçava por gesticular e falar, mas já não podia mover as mãos nem a língua. Contudo mexia as pálpebras, como dizem que mexem as cabeças que o carrasco acaba de cortar, quando estão ainda quentes e sangrentas.

Até que por fim os estremecimentos e as convulsões pararam. O senhor Prokhártchin alongou as pernas e foi para o outro mundo responder pelas suas boas e más ações. O que lhe teria acontecido? Teria sido medo? Tivera um pesadelo, como afirmou mais tarde Riemniov? Que se teria passado? Ninguém sabia. A verdade é que, mesmo que o comissário se apresentasse em pessoa na hospedaria para levar Siemion Ivânovitch, devido às suas opiniões voltaireanas, ou que ali entrasse uma mendiga afirmando ser a cunhada; ou até mesmo que viessem dizer-lhe que tinha direito a duzentos rublos de gratificação; ainda que a sua cama tivesse ardido, e a cabeça juntamente com ela, é provável que não tivesse mexido um dedo. Mas enquanto se dissipava o primeiro pasmo e os circunstantes recuperavam pouco a pouco o dom da palavra, e começavam a pôr de pé as suas hipóteses; enquanto Ustínia Fiódorovna revistava febrilmente debaixo do travesseiro, debaixo do colchão e até nas botas do defunto, e se fazia um interrogatório sumário a Riemniov e a Zimoviéikin, o hóspede Okieânov, até então o mais comedido, o mais tímido e o menos ardente, recuperava de repente, com toda a sua presença de espírito, a universalidade dos seus latentes dotes naturais, pegava no chapéu e raspava-se dali para fora. E, no momento em que os horrores da anarquia atingiam o cúmulo naquela casa, até então pacífica, a porta abriu-se e, mais impressionante do que o raio, viram aparecer um senhor de aparência distinta, rosto severo e descontente, seguido de Iároslav Ilhitch e de um acólito, atrás dos quais se conservava, confuso, o próprio Okieânov. O senhor de ar distinto e severo foi direto à cama onde repousava Siemion Ivânovitch, apalpou-o, fez uma careta, levantou os ombros e declarou que já nada havia a fazer, que aquele homem estava morto, lembrando, todavia, que o mesmo acidente acontecera nos últimos dias a um senhor dos mais prestigiados e de alta estatura, e que tivera, como aquele, a ideia de morrer. Então, afastou-se da cama, disse que o tinham importunado

inutilmente e saiu.

Iároslav Ilhitch tomou imediatamente o seu lugar e Riemniov e Zimoviéikin estavam confinados a quem de direito. O comissário fez algumas perguntas, apoderou-se muito habilmente do baú que a hospedeira se preparava para abrir, pôs as botas no seu lugar, e fez notar que estavam esburacadas e impróprias para usar; mandou que pusessem o travesseiro no lugar, chamou Okieânov, pediu a chave do baú que foi encontrada, como por acaso, no bolso do beberrão Zimoviéikin, e foi então abrir o receptáculo dos tesouros de Siemion Ivânovitch. Nada lhe faltava: ali estavam duas rodilhas, um par de meias, metade dum lenço, um chapéu velho, vários botões, umas solas gastas e os contrafortes dumas botas; numa palavra: um amontoado de trapos que cheiravam a bafio. Além do cadeado alemão, não havia nada de valor. Interpelado severamente, Okieânov declarou-se pronto a prestar juramento. O travesseiro foi examinado: não oferecia qualquer particularidade além da singular falta de limpeza, mas, sob outros aspectos, era completamente semelhante a qualquer outro. Apoderaram-se então do colchão; começaram a levantá-lo e detiveram-se para refletir um instante, quando um objeto caiu pesadamente no chão com um ruído metálico. Apanharam-no, apalparam-no, e reconheceram que estava ali um rolo com uma dezena de rublos.

— Olá! Olá! Olá! — exclamou Iároslav Ilhitch apontando o lugar onde o colchão estava aberto e por onde saíam a crina e o algodão com que estava cheio. Olharam mais de perto e viram que o rasgão tinha sido feito muito recentemente com uma faca de uns trinta e cinco centímetros de comprimento, que descobriram no colchão ao introduzirem a mão, e que não era outra senão a faca da cozinha da hospedeira. Iároslav Ilhitch ainda não tinha acabado de pronunciar um novo “Olá! Olá!”, quando caiu um segundo rolo de algumas moedas de valores diferentes. Agarraram imediatamente em tudo. Então, entenderam por bem abrir o colchão e pediram uma tesoura. Um coto de vela que se desfazia em pingos iluminava então um quadro bastante interessante para ser observado. Uns dez hóspedes tinham-se agrupado em volta do leito, com os trajes mais pitorescos, todos desgrenhados, por barbear, com a cara por lavar e com as

pálpebras inchadas de sono. Uns estavam muito pálidos, outros escorriam suor; uns tremiam de febre, outros eram sacudidos por arrepios. Completamente aturdida e atemorizada, a hospedeira mantinha-se de braços cruzados, na expectativa da opinião de Iároslav Ilhitch; enquanto do alto do fogão, a criada Avdótia e a gata preferida da patroa, contemplavam com um ar de curiosidade assombrada esta cena limitada pelo biombo desconjuntado. O baú violado revelava o mistério repugnante das suas entranhas; o cobertor e o travesseiro jaziam no piso, debaixo do recheio arrancado do colchão. Enfim, sobre a mesa brilhava um montão de moedas de prata e de cobre. Siemion Ivânovitch conservava a sua calma, tranquilamente estendido na cama, sem parecer pressentir a sua ruína. Na ocasião em que trouxeram a tesoura e em que, ardendo por mostrar o seu zelo, um subordinado de Iároslav Ilhitch puxou um pouco bruscamente pelo colchão para o desembaraçar mais depressa de estar por debaixo do seu proprietário, Siemion Ivânovitch, muito delicadamente, começou a dar lugar, rolando sobre um lado de maneira a voltar as costas aos espectadores; com a segunda sacudidela, voltou-se sobre o ventre, depois rolou ainda e, como faltava uma tábua à cabeceira da cama, viram-no de repente mergulhar com a cabeça para baixo, deixando apenas à vista dois pés ossudos, magros e azulados, muito semelhantes a ramos calcinados. Como naquela noite era aquele o segundo mergulho do senhor Prokhártchin nesta direção, levantou-se uma suspeita e, por sugestão de Zinóvi Prokófitch, alguns dos hóspedes saltaram para cima da cama para verem se não haveria por ali alguma coisa escondida. Mas a pesquisa resultou inútil e, por ordem expressa e lacônica de Iároslav Ilhitch, convidando-os a evacuar imediatamente o lugar das suas investigações, dois dos mais razoáveis pegaram cada um por uma perna aquele inopinado capitalista e o colocaram mais uma vez sobre a cama. Os punhados de crina e de algodão continuavam a voar por todos os lados, formando pilhas sempre crescentes… Tinham extraído do colchão rolos pesados e espessos, quer de rublo e meio, quer de moedas de cinquenta copeques e de outras. A totalidade estava agora bem alinhada, sobre uma mesa, por ordem de valor. Terminadas todas as buscas, nem uma só nota de banco tinham encontrado. Sacudiram então o invólucro do colchão para se assegurarem de que estava bem vazio, depois puseram-se a contar as moedas. À primeira vista qualquer pessoa seria levada a

imaginar que não havia ali menos de um milhão. Contudo, se bem que estivesse longe de um milhão, a soma ao todo era ainda considerável: dois mil quatrocentos e noventa e sete rublos e cinquenta copeques. De maneira que, se a subscrição proposta na véspera por Zinóvi Prokófitch se tivesse realizado, haveria algo ali dois mil e quinhentos rublos.

O dinheiro foi empacotado. Selaram o cofre do morto e, como a hospedeira começasse a lamentar-se, explicaram-lhe onde e quando deveria apresentar o certificado que estabelecesse a dívida do seu defunto locatário para com ela. Foi exigida a assinatura daqueles que deviam fazê-la e trocaram-se duas palavras relativamente à famosa cunhada. Mas, de repente, tornou-se claro que esta cunhada não passava de um mito, produto da insuficiente imaginação tantas vezes exprobada ao pobre Prokhártchin, e concordaram em não se preocupar mais com o assunto, por completamente inútil, e porque, além disso, poderia prejudicar o bom nome do senhor Prokhártchin. Passada a primeira comoção, quando se soube o que era o defunto, ficaram todos silenciosos e começaram a trocar olhares desconfiados. Tomando a peito o modo de proceder de Siemion Ivânovitch, alguns sentiram-se profundamente chocados… Uma fortuna daquelas! Como teria aquele homem podido acumular uma soma tão considerável?

Muito senhor de si, Mark Ivânovitch tentou explicar por que é que Siemion Ivânovitch caíra de repente naquela doença de pânico, mas já não o escutavam, Zinóvi Prokófitch tornou-se pensativo. Okieânov bebeu um pouco, os demais agruparam-se junto dos outros e o pequeno Kontariov, que se distinguia por um nariz parecido com o bico dum pardal, mudou-se na mesma noite, depois de ter colado e atado cuidadosamente os seus pacotes, explicando em tom frio aos curiosos que os tempos iam duros e que o aluguel daquela casa era muito caro. Quanto à hospedeira, não parava de chorar, maldizendo aquele Siemion Ivânovitch que não tinha tido escrúpulo de prejudicar uma pobre órfã. E como alguém perguntasse a Mark Ivânovitch por que é que, em seu juízo, o defunto não guardara o dinheiro em qualquer banco, ele respondeu:

— Que quer? Era um pobre de espírito; faltava-lhe imaginação.

— E a senhora, Ustínia Fiódorovna, não era menos simplória — interpôs Okieânov. — Durante vinte anos teve este homem debaixo do seu teto e não teve tempo de… ah! ah! Esta foi boa!

— Oh! O que está o senhor dizendo? — replicou a hospedeira ao que interpelara Mark Ivânovitch, fingindo não ter ouvido as palavras intencionais de Okieânov. — Para que precisa ele do banco? Ele apenas precisava de trazer-me um punhado de moedas e de dizer-me: "Olha, Ustínuchka, aqui está para ti e alimenta-me até ao fim dos meus dias". Juro por todos os santos que o teria sustentado, que teria cuidado dele… Ah! O impostor! Enganou-me bem, a mim, uma pobre órfã!

Voltaram para junto do leito de Siemion Ivânovitch. Estava agora convenientemente deitado, vestido com o seu melhor e, aliás, único terno, e o queixo obstinado escondia-se por detrás da gravata muito mal posta. Tinham-no lavado e penteado, mas não barbeado porque não tinham podido encontrar uma navalha de barba em casa. Tinha havido por certo uma, propriedade de Zinóvi Prokófitch, mas já completamente romba, fora vendida vantajosamente no mercado de Tolkutchka e, a partir desse dia, os hóspedes iam todos fazer a barba na barbearia. Também não houve tempo de dar um arranjo à desordem do quarto de Siemion Ivânovitch. O biombo partido estava por terra, revelando a solidão daquele que durante tanto tempo tinha escondido e simbolizando a verdade de que a morte arranca todos os véus, desmascara todos os segredos, descobre todas as intrigas. O recheio do colchão juncava o sobrado, e um poeta não teria deixado de comparar este canto, agora desolado e frio, com o ninho desfeito duma andorinha "diligente". Tudo fora devastado pela tempestade; a mãe e a sua cria morreram, e a caminha quente, tão amorosamente feita de penas e penugem, estava agora toda revolvida…

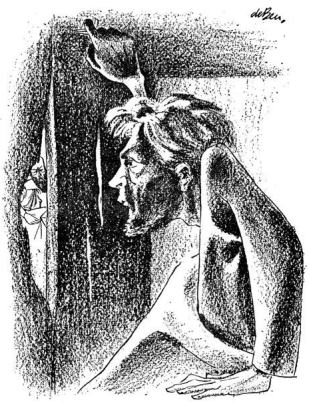
Aliás, Siemion Ivânovitch tinha antes o ar de um velho egoísta ou de qualquer pardal ladrão. Ali estava, muito tranquilo, como quem tem a consciência em paz, como se não tivesse sido o autor de todas aquelas partidas para enganar as pessoas de bem da maneira mais ignóbil. Já não ouvia o pranto da sua desamparada hospedeira. Muito pelo contrário, tal como um capitalista maldoso, decidido até ao túmulo a não perder o tempo na inatividade, o teriam achado

completamente absorvido por cálculos de especulação. O seu rosto exprimia uma meditação profunda e os lábios comprimiam-se num ar de gravidade, de que nunca ninguém o teria julgado capaz enquanto vivo. Parecia ter ganho muito em inteligência e conservava o olho direito meio fechado, como se tivesse querido agarrar à pressa alguma ideia muito importante que não tivera tempo de desembrulhar… Parecia dizer:

— Bem, não achas que já choraste bastante, sua pateta? Trata de ir dormir, ouves? Eu estou morto e já não preciso de nada. Ah! como é bom estar assim deitado… Repito-te que estou morto! Parece impossível, mas sem dúvida alguma, se eu não estivesse morto e me levantasse de repente, julgas que acontecia qualquer coisa?

**1** Cidadezinha próxima de Petersburgo.↩

# A dona da casa



# A dona da casa
# (1847)

## Capítulo primeiro

Embora de má vontade, Ordínov não teve outro remédio senão procurar um novo quarto. A dona da casa em que vivera até então, uma pobre mulher, viúva dum funcionário e já entrada em anos, viu-se obrigada por circunstâncias imprevistas a sair de Petersburgo e ir viver na província com uns parentes e, para cúmulo, tudo se deu repentinamente, antes mesmo de expirar o contrato de aluguel. O rapaz, que tinha direito a estar na casa até ao princípio do mês seguinte, pensava com nostalgia na vida tranquila que levara entre aquelas quatro paredes já suas conhecidas e sentia uma inexplicável contrariedade perante a ideia de ter de deixar aquele quarto que lhe era já familiar. Era pobre, e o quarto, apesar de tudo, era caro demais para os seus recursos. Por isso, no dia seguinte àquele em que a viúva se foi embora, pegou no chapéu com ar decidido e foi dar uma volta pelas ruas de Petersburgo para ver os escritos que estariam colados nas portas indicando que se precisava de um hóspede, olhando sobretudo para as casas mais velhas e piores, nas quais seria mais fácil encontrar alguma família pobre que quisesse alugar um quarto.

Andou muito tempo à procura com toda a atenção, mas pouco a pouco acabou por distrair-se com outras sensações até então nunca experimentadas. Começou a olhar à sua volta… a princípio de um modo superficial, como por distração, sem pensar em nada de particular; depois, com maior interesse e, por último, com franca curiosidade. Aquela multidão que ia e vinha à sua volta, toda essa vida inquieta, contínua e ruidosa da rua; todas as novidades que ali encontrava; aquele ambiente desacostumado… todo aquele azafamado viver cotidiano pelo ganho, tão aborrecido do petersburguês, que leva uma vida ativa sempre a lidar, mas que até ao fim da sua vida só pensa em arranjar maneira de retirar-se para um ninhozinho quente, e remediar-se e contentar-se com ele; todo aquele tagarelar e aquela agitação vazia suscitavam agora em Ordínov, pelo contrário, uma sensação estranhamente calma e repousante. As suas faces pálidas

estavam ligeiramente rosadas, nos seus olhos brilhava a esperança de uma nova ilusão, e pôs-se a aspirar o ar fresco quase com avidez. Sentia a alma extraordinariamente leve.

Até então tinha vivido uma vida tranquila, de absoluta solidão. Três anos antes, depois de ter feito os seus exames e de sob alguns aspectos poder considerar-se uma pessoa livre, foi visitar um homenzinho já velho, que apenas conhecia por ouvir falar, e teve de esperar bastante até que o criado se dignou anunciá-lo ao patrão duas vezes. Então Ordínov entrou num grande salão de teto alto, sombrio e triste, um desses imensos e aborrecidos salões que ainda se encontram em algumas casas senhoriais de tempos passados, e achou-se ali diante de um velho de cabelos de prata, com o peito cheio de condecorações, que em tempos fora amigo e colega de seu pai nos serviços públicos, e que depois se tinha encarregado da tutela do filho. O velho entregou-lhe o que ainda restava. A soma não era muito grande; era o remanescente de uma herança que, por haver dívidas, fora sujeita a leilão, e que provinha dos antepassados. Ordínov tomou o pacotinho com indiferença, despediu-se para sempre do velho e saiu de novo para a rua.

Era uma tarde de outono, fria e lúgubre; o jovem ia pensativo e tomado de uma estranha tristeza que até aí não tinha conhecido. Ardiam-lhe os olhos; sentia que tinha febre e que se tinha gripado. Pelo caminho ia fazendo cálculos e pensava que, com aquela quantia, poderia aguentar-se dois ou três meses e, poupando muito, até mesmo quatro. Na primeira e melhor casa que encontrou alugou um quarto pequeno — exatamente em casa daquela pobre viúva dum funcionário que agora o deixava em apuros — e dali a uma hora já estava instalado. Aí levou uma vida de estranho, como se estivesse desligado de todas as pessoas. Por isso, em dois anos, não chegou a arranjar nenhuma amizade.

Isso aconteceu, sem que ele mesmo tivesse percebido; e também nem sequer chegou a suspeitar que, entretanto, pudesse haver outra vida além daquela — uma vida ruidosa, barulhenta, flutuante, em perpétua mudança, que chamava constantemente pelas pessoas, e à qual mais tarde ou mais cedo não era possível fugir. Naturalmente ele sabia que existia essa vida — como poderia ignorá-lo? — mas não a

conhecia nem nunca procurara conhecê-la. Tinha vivido isolado desde a infância, e agora que era quase um homem, essa solidão fazia já parte da sua estranha maneira de ser. Devorava-o uma paixão, uma dessas paixões profundas, insaciáveis, que absorvem toda a existência dum homem, e que às criaturas da têmpera de Ordínov não lhes concedem um lugar, por menor que seja, na esfera dessa outra vida. Essa sua paixão era… a ciência. Primeiro absorveu-lhe a juventude e, pouco a pouco, roubou-lhe o sono e a tranquilidade do espírito com o seu ópio estonteante; privou-o dos alimentos sãos e do ar fresco, que nunca chegara a penetrar no seu estreito cubículo. Ordínov, porém, na sua embriaguez, não reconhecia nada disto nem queria sequer confessá-lo. Era jovem e no momento nada mais lhe interessava. Essa paixão transformava-o numa verdadeira criança perante o mundo exterior e incapaz para toda a vida de saber lidar com as pessoas quando viesse a ser preciso procurar entre elas uma posição. A ciência é para alguns um capital que apertam sofregamente nas mãos, mas a paixão de Ordínov, pelo contrário, acabava por ser uma arma dirigida contra ele próprio.

No seu caso era mais uma ânsia inconsciente de aprender, de investigar e entesourar sabedoria na sua alma, do que a obediência a razões e conclusões determinadas… e o mesmo acontecia com tudo aquilo por que se interessava, até com as coisas mais insignificantes. Já em pequeno o haviam tomado por uma criança prodígio, tão diferente se mostrava dos companheiros. Perdera os pais muito cedo e não se recordava deles; mas, devido ao seu temperamento estranho e tímido, teve de suportar muitos ataques e grosserias dos condiscípulos, o que o tornou ainda mais ensimesmado. A sua tendência para a solidão, porém, nunca obedeceu, nem mesmo agora, a qualquer plano ou sistema; longe disso, o que o impelia para ela era o entusiasmo pela invenção, o ardor, a febre do artista. Criou para uso próprio toda uma filosofia das coisas; pouco a pouco, ao longo dos anos, brotou e desenvolveu-se no seu espírito uma nova ideia, a princípio vaga e obscura, mas já maravilhosamente consoladora, que veio a concretizar-se numa nova e reveladora forma que, à medida que se desprendia dele, o fazia sofrer, o torturava, e lhe dilacerava a alma. Mas percebia ainda a sua originalidade, a independência e a precisão dessa ideia, que surgia diante dos seus olhos como uma revelação da

verdade e com todas as forças procurava que ela o conduzisse à criação; mas, agora, a princípio, só ele existia, pois a época da elaboração propriamente dita vinha ainda muito longe, talvez longe demais, e talvez fosse de todo irrealizável.

Caminhava agora pelas ruas como um provinciano, alheio ao resto do mundo e que ao ver-se de repente fora do seu estúpido lugarejo, se encontra de chofre numa cidade ruidosa e cheia de movimento. Tudo lhe parecia novo e estranho. Mas ele se tinha tornado tão alheio àquele mundo que agora o rodeava e se agitava à sua volta, que nem lhe ocorria sequer espantar-se com as suas estranhas impressões. Por outras palavras: nem sequer dava conta de quanto estava distanciado de tal mundo; pelo contrário, ia-se apoderando dele uma sensação muito especial de embriagadora alegria, semelhante àquilo que sente um esfomeado quando, após um prolongado e forçado jejum, lhe dão de comer e de beber… embora possa parecer estranho que um acidente tão pequeno no curso exterior duma vida, como é uma mudança de quarto — pudesse tirar um petersburguês do seu "cortiço", mesmo que esse petersburguês fosse o próprio Ordínov. Claro que é preciso ter em conta que ele, durante quase todos aqueles anos, mal tinha posto os pés na rua, e nunca, como hoje, fosse lá pelo que fosse, se tinha sentido tão atraído pelo ambiente exterior.

Cada vez se sentia mais contente de vagabundear pelas ruas. Reparava em tudo e a tudo prestava atenção.

E ao mesmo tempo, fiel à sua maneira de ser, ia também lendo nos quadros que os seus olhos contemplavam, como nas linhas dum livro. Tudo produzia nele uma impressão particular e nenhum pormenor lhe escapava; com olhos pensativos espreitava a fisionomia de quanto o rodeava, escutava o barulho das conversas e a pronúncia popular que, às vezes, lhe feria os ouvidos… tal como se tivesse a pretensão de procurar em tudo que surgia ao seu alcance a exatidão das conclusões a que chegara no silêncio das suas noites. Muitos pormenores que escapavam aos outros, a ele surpreendiam-no e inspiravam-lhe uma ideia nova e, pela primeira vez na sua vida, lamentava ter estado tanto tempo enclausurado numa cela, sepultado vivo. Ali tudo era mais rápido, o pulso batia-lhe com mais força, a

inteligência libertava-se da solidão angustiosa, na qual a sua atividade se limitara quase a uma simples reação perante a firme e entusiástica vontade de trabalhar; agora trabalhava por si, depressa mas com tranquilidade, com segurança e ousadia. E acima de tudo, sentia de um modo quase inconsciente a ânsia de penetrar naquele mundo para ele desconhecido, que até então ignorava, ou antes, que até então só tinha pressentido com o seu instinto de artista. Sem querer, o coração começou a bater-lhe mais depressa, com uma espécie de nostalgia sentimental e ardente simpatia. Olhava com curiosidade os homens que passavam a seu lado, mas todos lhe eram estranhos e todos iam preocupados com os seus próprios problemas e ideias… Pouco a pouco, desapareceu toda a despreocupação de Ordínov; a realidade ficou-lhe mais próxima e ele começou a senti-la como um peso que o angustiava; depois acometeu-o uma estranha e involuntária sensação de respeito.

Sentiu-se cansado diante da torrente de novas impressões que o submergia, tal como o doente que se levantou da cama pela primeira vez, cheio de alvoroço, mas que, daí a pouco, entontecido pela luz do dia, ensurdecido e estonteado pelos barulhentos e desconcertantes quadros desta vida tumultuosa e das íntimas impressões, fecha os olhos e deixa-se cair. Ficou triste e pensativo. Começou a temer por si, por toda a sua atividade e até pelo futuro.

Um pensamento novo lhe roubou a tranquilidade: lembrou-se de repente que passara toda a vida sozinho, que não havia uma única pessoa que lhe tivesse afeto e que também ele não amava ninguém. Alguns transeuntes com quem, sob qualquer pretexto, tentou entabular conversa, olhavam-no espantados e de um modo muito particular. Parecia-lhe que o tomavam por um louco, ou pelo menos por um excêntrico… o que, no fim das contas, era verdade. Lembrava-se de que já desde pequeno todos fugiam da sua companhia e se sentiam mal a seu lado, especialmente por causa do seu jeito pensativo e concentrado. Não ignorava a simpatia profunda de que era capaz, mas sabia também que nunca contribuía para que se criasse um sentimento de fraternidade entre ele e os outros, mesmo aqueles com quem simpatizava, pelo que se afastava de todos e até do seu próprio sentimento. Já em pequeno isto constituíra uma tortura, entre os seus

companheiros. Agora essa tortura voltava a apoderar-se dele e dizia para si próprio que, na verdade, desde sempre as pessoas lhe fugiam e ninguém jamais se preocupara com a sua solidão.

Continuou a caminhar, mergulhado nesses pensamentos, sem reparar no rumo que tomava, até que finalmente deu consigo num bairro muito afastado da cidade. Numa taverna barata e com pouca gente, pediu alguma coisa para comer e voltou de novo para o meio da rua. De novo começou às voltas, de rua em rua, e de praça em praça, ao longo de muros cinzentos e amarelos. Depois surgiram umas pobres casas acinzentadas, bambeadas, a que se seguiram os edifícios enormes de grandes fábricas, vermelhos, negros de fumo, disformes, com as suas chaminés fumegantes. O ambiente à sua volta parecia morto, de tal modo havia em tudo um ar de abandono, de escuridão, de rigidez e de hostilidade… pelo menos era esta a impressão de Ordínov. Através de uma viela comprida foi dar a uma pequena praça onde se erguia uma igreja.

Distraído como ia, penetrou no templo. As cerimônias tinham já terminado e a igreja estava deserta; somente duas velhas continuavam ainda ajoelhadas junto da porta. O sacristão, um velhote de cabelos brancos, apagava as luzes. Os raios de sol poente, penetrando por uma janelinha aberta na cúpula, projetavam um feixe de luz que atravessava a igreja e ia deter-se junto de um altar lateral, envolvendo-o num fulgor cintilante. O sol descambou e a luz tornou-se mais fraca; mas quanto mais densa era a sombra debaixo das abóbadas, com tanto maior fulgor brilhavam em muitas partes as douradas imagens dos santos, diante das quais ardiam, crepitando, as chamas das velas e das lamparinas de azeite. Ordínov, cheio de uma melancolia que, reprimida até então, surgia subitamente do esquecimento e o inundava por completo, tinha-se encostado à parede no canto mais escondido da igreja, e por um momento permaneceu ali esquecido de si próprio e de tudo quanto o rodeava. De repente chegou-lhe aos ouvidos um surdo rumor de passos, que, em cadência lenta, se iam aproximando, vindos da porta. Endireitou-se, voltou a cabeça e, mal avistou as pessoas que entravam, apoderou-se dele uma inexplicável curiosidade. Era um homem de idade e uma mulher nova. O homem era corpulento, ainda empertigado e forte, mas de uma

palidez doentia. A julgar pela sua fisionomia, podíamos tomá-lo por um comerciante vindo de muito longe. Trazia um grande capote negro, forrado de pele, posto negligentemente sobre os ombros — ao que parecia, parte da indumentária domingueira — e debaixo dele um blusão russo, largo, abotoado de cima até embaixo, como nos velhos tempos em que se usava o traje nacional. Em volta do pescoço trazia, atado negligentemente, um lenço vermelho claro. Tinha na mão um gorro de pele. A barba comprida e basta, precocemente encanecida, tombava-lhe sobre o peito, e entre as sobrancelhas espessas e caídas brilhava um olhar ardente, febril, e ao mesmo tempo penetrante e altivo. A mulher, que teria uns vinte anos, era de uma beleza estonteante. Trazia um casaco azul claro, orlado de uma pele cara, e na cabeça um lenço branco de cetim, atado com um nó debaixo do queixo. Tinha os olhos fitos no chão e mostrava um ar altivo e grave, que contrastava com a sua figura, o que tinha qualquer coisa de comovente; e as doces linhas do seu rosto, infantilmente puro e comovido, com o reflexo das luzes pareciam transfigurar-se tristemente. Havia algo de estranho naquele imprevisto casal.

O velho parou debaixo da abóbada central e inclinou-se até o chão, apesar da igreja estar vazia. A sua companheira fez o mesmo. Ele então lhe pegou na mão e conduziu-a perante a grande imagem da Mãe de Deus, a que a igreja era consagrada, e cujas vestes guarnecidas de pedras preciosas e de ricas franjas emitiam deslumbrantes fulgores com o reflexo da luz das numerosas velas. O sacristão, que andava por ali de um lado para o outro, saudou o velho com respeito, e este se limitou a corresponder com um aceno de cabeça. A mulher pôs-se de joelhos junto da imagem da Virgem até tocar no chão com a testa. O velho pegou na ponta do manto que caía da base da imagem e cobria a cabeça com ele. Ouviram-se então na igreja soluços abafados.

Ordínov comoveu-se com a solenidade da cena que perante ele se desenrolava e esperou, impaciente, o fim daquelas devoções. Ao cabo de algum tempo a mulher voltou a erguer a cabeça e de novo a luz lhe deu em cheio no rosto encantador. Ordínov estremeceu e, sem querer, deu um passo para trás. Entretanto, ela havia dado a mão ao velho e, lentamente, saíram da igreja. Nos olhos da mulher havia lágrimas que, ao baixar ela as pálpebras de longas e escuras pestanas, lhe rolavam

pelas faces ternas e no entanto pálidas. Nos seus lábios assomava um leve sorriso, que não era suficiente para fazer desaparecer do seu rosto os sinais de uma angústia quase infantil e de um terror quase místico. Cambaleando, segurava-se ao velho, e era evidente que tremia de comoção.

Surpreendido e profundamente tomado de uma doce sensação, que nunca até então experimentara, e que o impelia como uma força, Ordínov seguiu-os a ambos… e alcançou-os sob a arcada do pórtico. O velho lançou-lhe um olhar severo e hostil; ela também o olhou, mas de um modo tão vago e distraído que deixava bem perceber que um único pensamento ocupava naquele momento a sua imaginação. Ordínov pôs-se a segui-los a certa distância, sem que ele próprio soubesse por que o fazia. Entretanto tinha já anoitecido.

O velho e a moça enveredam por uma rua larga, comprida e suja, que ia ter diretamente aos arredores da povoação. Era uma rua com pequenas lojas, hospedarias e estalagens baratas, onde os negociantes de varejo armavam bancas com artigos de todos os gêneros; depois seguiram por uma comprida e estreita viela, que entre muros extensos ia dar a um grande prédio de quatro andares, cujos pátios conduziam a outra rua muito grande e animada. Estavam já perto de casa. De repente o velho voltou-se e mediu com o olhar o rapaz que os seguia tão teimosamente. Ordínov parou como que enfeitiçado: compreendeu num instante o que havia de estranho na sua conduta. O velho tornou a olhá-lo, como se quisesse certificar-se de que o seu olhar não se tinha enganado e, em seguida, ambos, ele e a companheira, desapareceram pela estreita porta do pátio da casa. Ordínov tornou atrás.

A sua disposição de espírito era a pior possível e censurava-se a si próprio: tinha desperdiçado inutilmente um dia inteiro, tinha-se cansado em vão e, como se isto não bastasse, para cúmulo tinha acabado aquele dia já perdido com um disparate com letra grande, ao tomar um encontro vulgar por um acontecimento extraordinário.

Também naquela tarde ficara descontente consigo próprio por se ter tornado tão estranho ao mundo e tão pouco sociável para com os seus semelhantes. E, afinal, tinha sido apenas o instinto que o levara a

fugir de tudo quanto na sua vida exterior, e talvez também na sua vida íntima — que igualmente fazia já parte da sua "ideia" — pudesse distraí-lo, influenciá-lo e perturbá-lo. Agora, pelo menos, sentia já saudades e até certos remorsos ao pensar no seu tranquilo refúgio; depois apoderou-se dele uma inexplicável tristeza e pensou, preocupado, na sua vida futura; onde iria arranjar outro quarto e quanto tempo ainda teria de andar a procurá-lo. Mas o que mais o preocupava era que semelhantes bagatelas o pudessem inquietar até aquele extremo. Desanimado e incapaz de coordenar dois pensamentos seguidos, dirigiu-se finalmente — entretanto fizera-se já muito tarde — para a sua antiga morada, e mal se encontrou ali convenceu-se de que pouco faltara para que tivesse passado por ela sem a reconhecer. Admirado da sua distração abanou a cabeça, atribuindo o fato apenas ao cansaço e, ao chegar ao último andar do prédio, nas águas-furtadas, entrou no seu tugúrio. Acendeu a luz, sentou-se e ficou entregue aos seus pensamentos. De súbito, veio-lhe à ideia com toda a nitidez a imagem da mulher que chorava. A impressão que então sentiu foi tão viva, tão profunda e poderosa, e tinham ficado tão amorosamente impressas na sua alma aquelas suaves e ternas feições, e tão fielmente as recordava agora — aquelas feições onde se lia uma comoção e um terror místico, uma humildade infantil e uma fé cheia de abnegação — que seus olhos se enevoaram e, ao mesmo tempo, ondas de fogo correram pelo corpo. Mas a aparição desvaneceu-se. Àquela embriaguez seguiu-se um surdo mal-estar, uma espécie de raiva impotente. Sem se despir, enrolou-se numa manta e atirou-se para cima da cama dura.

Na manhã seguinte Ordínov acordou muito tarde e com o espírito inquieto e deprimido. Teve de fazer um grande esforço para poder pensar nas suas preocupações imediatas.

Já na rua, tomou a direção oposta à do dia anterior, como o único fim de não percorrer os lugares já visitados. Por fim encontrou-se com um pobre alemão chamado Spiess que, juntamente com a filha, que se chamava Tíntchen, dispunha de um quartinho como o que ele procurava. Imediatamente fechou contrato com o alemão que logo retirou o letreiro onde se lia: *Aluga-se*. Achou muito louvável, muito mesmo, o desejo que Ordínov exprimiu de consagrar-se à ciência, pelo

que ali ninguém o incomodaria e, por fim, declarou-se encantado por recebê-lo. Ordínov preveniu-o de que à tardinha viria instalar-se na sua nova residência. Resolvido aquele assunto, dispôs-se a voltar ao seu antigo quarto, mas pelo caminho mudou de propósito e tomou outro rumo. Imediatamente a sua disposição melhorou também, embora no seu íntimo não tivesse outro remédio senão rir de si próprio. Na sua impaciência, desta vez o caminho parecia-lhe muito mais comprido, pelo menos muito mais do que ele pensara. Chegou por fim à igreja onde estivera na tarde anterior. Estavam precisamente dizendo a missa. Procurou um local donde pudesse ver todos os fiéis, mas entre estes não se encontravam os que ele procurava. Com as faces em fogo, saiu dali, depois de uma espera demorada e inútil. Procurou com teimosia sufocar um certo sentimento incomodativo e apelou para toda a sua energia a fim de dar aos pensamentos o rumo que desejava. Queria pensar em coisas triviais e, de repente, lembrou-se que eram horas de comer… Como sentia apetite entrou na mesma taverna onde na véspera tinha comido qualquer coisa. Depois saiu dando voltas ao acaso, atravessou ruas desconhecidas mas cheias de trânsito e, em seguida, através de ruas estreitas e desertas, caminhou até chegar a um arrabalde onde já se estendia o campo a que o outono tinha roubado a folhagem. Teria continuado a caminhar, sem dar por isso, se a sensação nova e já de há muito não experimentada, que aqueles lugares nele suscitavam, não o tivesse vindo arrancar à sua meditação.

Era um dia seco e frio como há muitos no mês de outubro, em Petersburgo. Perto dali avistava-se uma cabana e junto dela duas medas de feno. Um cavalinho de aldeia, pequeno e tão magro que quase se podiam contar suas costelas, estava por ali desatrelado, de cabeça baixa e a cauda pendurada, como se estivesse a meditar, junto de uma *tarataika* de duas rodas. Um cão vulgar, que se entretinha roendo um grande osso junto da roda quebrada dum carro, começou a ganir, e um garoto dos seus três anos, vestindo apenas uma camisinha, coçou a cabecinha loura e encaracolada, e ficou a olhar com espanto o solitário recém-chegado. Nas traseiras da cabana havia hortas e campos. Ao longe estendiam-se manchas de bosques e por cima de tudo um céu azul, limpo de nuvens. Do outro lado, porém, algumas nuvens escuras, de frio, moviam-se devagar, como se empurrassem

pelo céu acima um bando de imponderáveis aves de rapina, sem que se ouvisse um grito ou um bater de asas. Havia em tudo uma grande tranquilidade e, ao mesmo tempo, uma indefinível tristeza, como se a natureza ansiosamente esperasse algo de secreto e misterioso… Ordínov continuou a caminhar, mas a tristeza que o oprimia era cada vez maior. Regressou, então, à cidade onde agora se ouviam toques de sinos, chamando os fiéis às orações da tarde. Estugou o passo e dali a pouco encontrava-se de novo na igreja que desde a véspera se lhe tornara tão querida.

A jovem desconhecida lá estava.

Viu-a de joelhos, perto da porta de entrada, entre muitos outros fiéis. Ordínov abriu passagem por entre filas de gente de pé, por entre a chusma dos mendigos, de velhotas andrajosas, de doentes e estropiados que esperavam uma esmola à porta da igreja, e ajoelhou-se junto da moça. As suas roupas tocavam nas dela e ele ouvia a sua respiração ofegante e o murmúrio das suas preces. Tal como na véspera, aquele rosto parecia espiritualizado por um sentimento de fé convicta e corriam-lhe lágrimas pelas faces afogueadas, como a quererem lavar algum terrível pecado que lhe manchasse a alma. No local onde ambos estavam ajoelhados reinava completa escuridão, quebrada de quando em quando pelo bruxulear da chama da lamparina da imagem mais próxima, agitada pelo vento que penetrava por uma fenda da estreita janela, e cujo fulgor punha um reflexo trêmulo naquele rosto feminino e gravava cada um dos seus traços na memória do jovem, deslumbrando-o e penetrando dolorosamente no seu coração. Mas ao mesmo tempo essa tortura era acompanhada de um prazer embriagador, de um prazer quase raivoso. Por fim, tal estado de espírito foi superior às suas forças. Não podia resistir-lhe por mais tempo. Uma dor apertava-lhe o peito e sentiu uma súbita e inexplicável nostalgia… um suspiro escapou-lhe dos lábios e inclinou a testa que escaldava sobre os ladrilhos gelados da igreja. No coração, apenas uma dor que parecia querer transformar-se num doce tormento…

Seria difícil dizer se tudo isto se devia à sua sensibilidade exacerbada até ao extremo, ou se a sua súbita irrupção se devia atribuir ao angustioso e enigmático silêncio das longas noites de

insônia, como consequência de um estado muitas vezes experimentado, em que um impulso inconsciente, um desejo vago e um esforço imperioso do seu espírito, um esforço sobranceiramente impaciente, lhe enchia o coração de um inexprimível suplício que tinha chegado a um ponto em que, sem dúvida, lhe teria despedaçado, se não tivesse encontrado um alívio naquele mesmo extravasamento. A menos que tivesse simplesmente chegado o momento da explosão, como chega tudo neste mundo, quando deve chegar, segundo a ordem natural das coisas… tal como num dia de verão, de calor sufocante, o céu fica de repente escuro e se desencadeia um temporal de trovões e de relâmpagos para salvar tudo aquilo que o ardor do sol ameaçava fazer secar de calor e sede, e ficar pendurado em brancas gotas de chuva nos ramos verdes das árvores, e pisar a erva e fazer inclinar até o chão os tenros cálices das flores — com o único fim de que, depois, quando o sol voltar a lançar os seus primeiros raios tudo volte a reanimar-se, para, de novo salvo, procurar o sol e elevar triunfalmente até ao céu o seu fresco e delicioso aroma, em sinal de júbilo pela renovação da vida. Este mesmo perturbante prazer vital que toda a natureza parece sentir depois de uma tempestade, como toda folha que ainda brilha úmida da chuva, todo cálice da flor que se tenha vergado sob o peso das gotas e agora de novo se ergue ao sol… esse mesmo sentimento apoderou-se de Ordínov… Simplesmente o moço não podia exprimir o que se passava com ele, tão pouco consciente disso foi naquele momento, se é que chegou a ser.

Por isso nem sequer deu conta de que a cerimônia religiosa estava no fim e apenas saiu do seu êxtase, quando, seguindo a desconhecida, teve de abrir caminho por entre as pessoas. A cada instante se viam obrigados a parar por causa da multidão; mas precisamente por isso, por ter que deter-se e esperar, pela primeira vez pôs ela os olhos nele, voltando depois a olhá-lo com espanto crescente, até que a certa altura os seus olhos claros se cruzaram com os dele, e então, de súbito, fez-se vermelha… como se tivesse compreendido tudo repentinamente e o rosto se lhe tivesse incendiado. No mesmo instante, porém, por entre o aperto da multidão surgiu também a corpulenta figura do velho. Tomou ele a mão da moça e, vendo Ordínov, lançou-lhe um olhar tão hostil, tão maldosamente trocista, que o rapaz sentiu uma estranha e medonha cólera apoderar-se do seu coração. Não tardou a

perdê-los de vista na escuridão e, receoso, abriu caminho por entre as pessoas e saiu da igreja sem sequer dar por isso. O vento da tarde bateu-lhe no rosto como uma vergastada de gelo, mas não conseguiu refrescá-lo; tirava-lhe o fôlego, oprimia-lhe o peito, e o coração começou a palpitar-lhe lenta e violentamente, como se quisesse saltar-lhe. Durante muito tempo procurou a desconhecida, mas, por fim, renunciou a encontrá-la, pois não a via em parte alguma, nem na rua nem na travessa. De repente, porém, ocorreu-lhe uma ideia que logo se converteu num desses arrevesados planos que em geral costumam ser mais ou menos disparatados, mas cuja realização em casos destes se consegue quase sempre com êxito… e porque afinal são precisamente estes planos disparatados aqueles que mais depressa procuramos realizar, enquanto os mais sensatos ficam só como projetos.

No outro dia, por volta das oito da manhã, Ordínov dirigiu-se a tal casa, atravessou o portal e viu-se num pequeno pátio, estreito e sujo. O porteiro, que andava por ali varrendo, suspendeu a sua faina, apoiando-se ao pau da vassoura; olhou Ordínov dos pés à cabeça e, por fim, perguntou-lhe o que desejava…

Esse porteiro era um homem ainda jovem, dos seus vinte e cinco anos e, contudo, tinha uns traços envelhecidos, com a cara cheia de rugas, baixo, e com uns sinais que não deixavam dúvidas sobre a sua ascendência tártara.

— Ando a procura de um quarto — respondeu-lhe Ordínov impaciente.

— Que diz o senhor? — perguntou-lhe o porteiro com ar trocista e olhando-o com cara de quem já lhe tinha farejado os bolsos.

— Que quero alugar um quarto.

— Não há nenhum que dê para a rua — respondeu o tártaro com um ar um tanto enigmático.

— E interior, também não?

— Também não — e, dizendo isto, pôs-se de novo a varrer o

pátio.

— Não haverá, por acaso, entre os inquilinos do prédio algum que queira alugar-me um quarto? — perguntou Ordínov ao porteiro metendo-lhe na mão uma gratificação.

O tártaro olhou-o, guardou o dinheiro no bolso e voltou a pegar na vassoura… mas depois de um pequeno silêncio, explicou outra vez:

— Não, aqui não há ninguém que queira hóspedes.

O rapaz, porém, já não lhe prestava atenção e dirigia-se para as tábuas meio apodrecidas e oscilantes que, sobre um charco de lama, eram o único caminho que levava às traseiras da casa, a uma escada tão suja como todo o prédio, e cujo último degrau estava metido noutro lodaçal igual ao primeiro. Ao pé da escada, à entrada, vivia um pobre homem que fazia caixões mortuários, por diante de cuja oficina Ordínov passou sem fazer qualquer pergunta, subindo sem detença os degraus gastos e esburacados. Ao chegar ao primeiro andar encontrou, mais às apalpadelas do que com a vista, uma pesada porta que outrora devia ter estado forrada com uma esteira, de que agora apenas restavam alguns farrapos pendentes. Puxou a aldraba e abriu a porta. Não se tinha enganado. Perante ele estava o velho que vira na igreja e que agora o olhava, pasmado.

— Que deseja? — resmungou em voz baixa e dura.

— O senhor não quererá alugar um quarto? — perguntou Ordínov sem saber bem o que dizia nem mesmo o que queria dizer.

Atrás do velho avistara a desconhecida.

O velho nada disse, mas dispunha-se a fechar a porta, dando assim a entender a Ordínov que estava ali a mais.

— Mas, sim, senhor… nós temos um quarto para alugar — disse de repente a moça com voz simpática.

O velho voltou-se para ela.

— Eu só preciso de um cantinho qualquer — disse Ordínov,

entrando logo para a sala e dirigindo-se à jovem.

Mas as palavras morreram-lhe nos lábios; qualquer coisa de estranho se desenrolou de repente ante os seus olhos: uma cena muda mas eloquente. O velho ficara tão lívido como se fosse desmaiar e contemplava a jovem com olhos vítreos, imóveis e penetrantes. Também ela a princípio empalideceu; mas logo depois o sangue lhe voltou com violência ao rosto e nos seus olhos brilharam estranhas cintilações. Sem dizer nada, encaminhou Ordínov para o quarto próximo.

O andar compunha-se ao todo de um único aposento, enorme, dividido em três compartimentos por dois tabiques. Da entrada escura e estreita, em que se penetrava quando se saía do patamar, passava-se por uma porta que parecia dar para o quarto de dormir. À direita outra porta dava para o quarto que destinavam ao sublocatário. Era um aposento muito pequeno e apertado, que parecia entalado de encontro às duas janelas baixas. Além disso estava atulhado dos mais variados objetos que imaginar se possa. Tudo ali era pobre e acanhado, mas apesar disso notava-se um certo arranjo. O mobiliário consistia numa mesa tosca, sem pintura, duas cadeiras vulgares e duas camas: uma, junto do biombo, e outra encostada à parede fronteira à porta. No canto do quarto estava uma imagem grande e antiga, com um resplendor dourado, sobre um pedestal, e por cima dela uma lamparina de azeite. Um grande fogão russo, contra a qual se apoiava o tabique, aquecia ao mesmo tempo o quarto e o vestíbulo.

Saltava à vista que aquele andar era demasiado pequeno para três pessoas adultas.

Começaram os três a tratar do aluguel, mas exprimiam-se com tal falta de jeito e incoerência que mal conseguiam entender-se. Ordínov, que estava a dois passos do velho e da jovem, receava que chegassem aos seus ouvidos as pancadas do coração: sentia-se tremer, cheio de uma agitação em que havia laivos de angústia. Finalmente chegaram a acordo e fecharam o contrato. O rapaz manifestou desejo de mudar-se logo e, involuntariamente, olhou para o velho. Este continuava pálido, mas aos seus lábios assomava agora um sorriso tranquilo e pensativo, que desapareceu, contudo, mal o seu olhar se encontrou com o de

Ordínov. O velho voltou a franzir as sobrancelhas.

— Tem documentos? — perguntou de repente em voz alta e dura, enquanto abria a porta da escada.

Ordínov disse que sim com a cabeça, um tanto espantado com a pergunta.

— Quem é o senhor? Como se chama?

— Vassíli Ordínov. Não sou empregado. Vivo com absoluta independência — respondeu Ordínov com um à-vontade que roçava pela brusquidão, tal como o velho.

— Eu também — acrescentou aquele. — Chamo-me Iliá Múrin e vivo dos meus rendimentos. Quer mais esclarecimentos? Bem, adeus!

Duas horas mais tarde Ordínov estava já instalado na nova moradia e não menos admirado com o caso do que o senhor Spiess e sua filha Tíntchen que, depois de o esperarem em vão, concluíram que o hóspede desaparecido os tinha querido enganar. Verdadeiramente nem o próprio Ordínov compreendia como sucedera tudo aquilo, — e o que é mais — nem sequer estava muito interessado em compreender.

## Capítulo II

O coração batia-lhe com tanta força que diante dos seus olhos bailavam pontos verdes e de quando em quando sentia vertigens. Doía-lhe a cabeça. Mecanicamente, pôs-se a desembrulhar as suas coisas; desatou um embrulho que continha a roupa branca de uso; abriu o caixote dos livros e dos papéis e pôs-se a arrumá-los sobre a mesa. Mas não tardou a abandonar esse trabalho. Fizesse o que fizesse, tinha sempre diante dos olhos a imagem da jovem, que desde o primeiro momento tinha se gravado no seu coração com traços tão nítidos, e que tanta alegria comunicara à sua pobre vida, de tal maneira que, agora, os seus pensamentos pareciam os dum ébrio e tinha o espírito tão transtornado que já nem sabia o que queria. Pegou nos documentos com o fim de apresentá-los ao velho que era agora o

seu senhorio… na esperança — claro — de vê-la, a ela, de relance. Mas Múrin limitou-se a entreabrir a porta, pegou nos documentos, olhou-os, abanou a cabeça e disse apenas: “Deus te guarde”, voltando a fechá-la imediatamente. Um sentimento desagradável se apossou de Ordínov. Custava-lhe olhar o velho, sem que soubesse por que. Encontrava sempre no seu olhar certo desprezo e maldade. Mas essa impressão incômoda, felizmente não tardou a desvanecer-se. Havia já três dias que habitava naquela casa e parecia-lhe viver no meio de um torvelinho, em comparação com a sua calma existência anterior. Agora nem pensar podia, não, que até se assustava. De repente tudo mudara para ele; experimentava a vaga sensação de que a sua vida se partira em duas metades e que nenhum dos seus pensamentos era aplicável à primeira metade. Só sentia um desejo, só tinha uma ilusão…

Sem saber como interpretar a conduta do velho, voltou para o seu quarto. Junto do fogão onde se fazia a comida trabalhava uma velhota curvada pelos anos. Estava tão suja e esfarrapada que dava repugnância olhar para ela. Tinha, ainda por cima, todo o aspecto de ser muito má. Era a criada. Ordínov, que a ouvia resmungar e via mover-se o seu desdentado maxilar inferior, dirigiu-lhe a palavra mas ela não se dignou responder-lhe. Parecia que se calava só por maldade. Chegou por fim a hora da refeição. A velha tirou a comida do forno — sopa de couve, pastéis e carne de vaca — e levou-a ao outro quarto. Ordínov serviu-se também da mesma comida. Depois da refeição fez-se na casa um silêncio de morte.

Ordínov pegou num livro e foi lendo parágrafo por parágrafo e páginas inteiras, esforçando-se por apreender-lhes o sentido, mas nem ele mesmo poderia dizer se efetivamente sabia o que estava lendo. Não tardou a abandonar o livro e entregou-se de novo à tarefa de pôr em ordem as suas coisas. Mas também pouco tempo esteve ocupado nisto. Impaciente, pegou no gorro e na capa e foi para a rua. Sem reparar na direção que tomava, começou a andar, esforçando-se por coordenar os pensamentos e meditar um pouco na sua nova situação. Mas aquele esforço de vontade acabou por degenerar numa tortura… que ia infligindo a si próprio. Parecia que tinha apanhado um resfriado: tão depressa sentia calafrios como parecia arder em febre e,

às vezes, seu coração punha-se a bater com tal força que tinha de encostar-se a uma parede. “Não; é preferível morrer… morrer de uma vez para sempre”, murmuravam os seus lábios febris, sem que reparasse sequer no que dizia. Andou assim vagueando pelas ruas durante muito tempo, de um lado para o outro, até que por fim uma forte sensação de frio e umidade lhe fez reparar que chovia a cântaros. Então voltou a si e tornou atrás. Pouco antes de chegar a casa deu de cara com o porteiro que, segundo parecia, o tinha estado observando durante uns momentos com curiosidade, mas que entrou em casa mal notou que o rapaz o tinha visto.

Em duas passadas, Ordínov estava junto dele.

— Bom-dia. Diz-me uma coisa: como te chamas?

— Chamam-me porteiro — respondeu-lhe o tártaro rindo-se.

— Estás aqui há muito tempo, porteiro?

— Vou ver se me lembro…

— O meu senhorio, o senhor Múrin, em cuja casa moro, vive de fato dos rendimentos?

— Se ele o disse, é porque vive…

— Mas, não faz nada?

— O que faz? Olhe, vive… Está doente, reza… e mais nada.

— E aquela moça, é sua mulher?

— Que moça?

— A que vive com ele?

— Se ele o disse, é porque é. Adeus, senhor.

O tártaro puxou para baixo a viseira do gorro e meteu-se no seu cubículo junto da porta da casa.

Ordínov subiu as escadas em direção ao quarto. Foi o velho quem

lhe abriu a porta, tremendo; resmungou qualquer coisa para consigo, fechou a porta e voltou a passo lento para junto do fogão, perto do qual parecia passar a maior parte do tempo. Começava a escurecer. Ordínov quis pedir uns fósforos mas os donos da casa tinham a porta do quarto fechada. Chamou a velha que se endireitara um pouco e que, apoiada sobre um cotovelo, olhava o rapaz por cima do fogão, pensando o que poderia ele ter ido pedir junto daquela porta fechada. Sem dizer nada, atirou-lhe uma caixa de fósforos. Quando voltou para o quarto Ordínov tornou a pegar nos livros. Ia caindo pouco a pouco numa estranha disposição e, embora ele próprio não pudesse dizer o que se passava consigo, sentou na cama que, na verdade, o atraía. E pareceu-lhe que ia adormecer. Por várias vezes despertou e compreendeu semiconscientemente que aquilo não era um sonho mas uma apatia mórbida e torturante. Em dado momento ouviu bater à porta da rua e disse para si que deviam ser os donos da casa que voltavam dos ofícios da tarde. Pensou que devia ir ao encontro deles e pedir-lhes alguma coisa. Levantou da cama e foi — ou antes, pareceu-lhe que levantava e que ia — mas logo tropeçou e foi cair em cima de um monte de lenha que a velhota deixara no meio da casa. A partir daquele momento já não deu mais conta do que se passava consigo, e quando depois de muito, muito tempo — como supunha — voltou a abrir os olhos, ficou extraordinariamente admirado ao verificar que continuava no mesmo local, isto é, na cama, completamente vestido, e que uma jovem de sedutora beleza, carinhosamente preocupada, se debruçava sobe ele com uma expressão calma e maternal no rosto. Sentiu-a pôr-lhe um travesseiro debaixo da cabeça, cobri-lo com qualquer coisa quente e pousar a mão suave na sua testa que escaldava. Quis agradecer-lhe, beijar aquela mão, levá-la aos lábios que ardiam; banhá-la de lágrimas e beijá-la, e ficar a beijá-la toda a vida. Quis também dizer-lhe muitas coisas; mas… nem ele mesmo sabia o quê! Oh, quanto teria dado para morrer naquele instante! Mas tinha os braços pesados como chumbo e não podia movê-los. Parecia-lhe que tinha emudecido e que não podia falar, limitando-se por isso a sentir como o sangue lhe corria com violência pelas veias, até ao ponto de parecer-lhe que o levava pelos ares; alguém lhe deu um pouco de água e depois ele voltou a cair em profunda inconsciência.

Na manhã seguinte acordou por volta das oito horas. O sol reluzia

em dourados fulgores através dos vidros esverdeados da janela. Uma impressão deliciosa corria por todo o corpo do doente. Estava tranquilo e sereno… Sentia-se extraordinariamente feliz. Tinha a impressão de que estava alguém à sua cabeceira, muito perto do travesseiro. E à medida que ia voltando a si, pensava em ir pelo quarto à procura da sua nova amiga e, pela primeira vez na vida, poder dizer-lhe: “Bom-dia, muito obrigado, meu amor”.

— Dormiste tanto tempo! — disse ternamente uma voz feminina.

Ordínov olhos à sua volta; alguém se aproximava da cama e se inclinava sobre ele com um doce e afetuoso sorriso nos lábios. Era a linda dona da casa.

— Estiveste muito mal — prosseguiu — mas agora já estás bom; por que te privas da liberdade, se esta é mais saborosa do que o pão e mais linda do que o sol? Anda, levanta-te, meu filho!

Ordínov pegou-lhe na mão e apertou-lha convulsivamente. Julgava estar ainda sonhando.

— Espera, que te fiz um chá. Queres chá? Bebe, verás como te fará bem. Eu também estive doente e sei o que é isso.

— Sim, dá-me o chá — disse Ordínov com voz sumida mas conseguindo já erguer-se.

Sentia-se ainda muito fraco, como se estivesse moído e um arrepio pelas costas o fez estremecer. Mas parecia-lhe que tinha o coração aquecido pelo sol e cheio de uma clara e festiva alegria. Adivinhava que ia começar para ele uma vida nova e atraente. Por uns instantes julgou que ia dar-lhe uma vertigem.

— Então, chamas-te Vassíli? — perguntou-lhe ela. — Se me não engano… Não foi assim que ontem te chamou o meu senhor?

— Sim, chamo-me Vassíli. E tu, como te chamas? — perguntou-lhe Ordínov, aproximando-se dela, apesar de custar-lhe manter-se em pé.

De repente cambaleou. Ela o segurou pelas mãos e sorriu.

— Eu? Ekatierina — e ficou a olhá-lo com os seus radiosos olhos azuis.

Continuavam de mãos dadas.

— Será capaz de me dizer uma coisa? — perguntou-lhe ela, por fim.

— Não sei…

O rapaz sentia a vista escurecendo.

— És tão estranho! Vamos, meu filho, não estejas aborrecido nem triste; vem cá, senta aqui, aqui bate sol… Assim: agora fica bem quietinho. Não venhas atrás de mim! — acrescentou a jovem ao observar que ele parecia querer retê-la. — Eu volto já e ficarei perto de ti o tempo que quiseres.

Voltou realmente, trazendo-lhe o chá e sentou diante do rapaz.

— Anda, bebe… O quê? Ainda te dói a cabeça?

— Não, já não me dói — disse Ordínov — ou antes, não sei bem, talvez me doa… Não, não quero… estou bem assim, estou… Não sei o que sinto! — exclamou com o coração palpitando e procurando as mãos dela. — Deixa-te estar aqui, não te vás embora; dá-me outra vez a tua mão… tenho uma névoa nos olhos… Tu és o meu sol — disse como se arrancasse do coração as palavras uma a uma, mas ao mesmo tempo sentia-se encantado por estar falando com ela. Parecia-lhe que tinha um nó na garganta, até que, finalmente, toda aquela tensão teve um súbito desafogo num soluçar abafado e convulsivo.

— Pobrezinho! Tens vivido até agora entre gente sem coração? Estás só no mundo? Não tens família?

— Não, não tenho ninguém… estou completamente só; mas isso não tem importância! Já estou melhor… já estou… bem…

Julgava delirar. Parecia-lhe que o quarto andava à sua volta.

— Eu também estive muitos anos sem ver ninguém…

E de repente acrescentou, depois de uma pausa e voltando a ficar silenciosa:

— Que é isso? Por que me olhas dessa maneira…?

— Como? Fala…

— Olhas para mim como se os meus olhos te dessem calor… Como quando se ama alguém… Eu te tenho no coração desde que te ouvi as primeiras palavras. Se caíres doente olharei por ti. Mas tu não vais piorar, não é verdade? Vais ficar bom de todo e então viveremos como dois irmãos. Queres? É difícil encontrar um irmão quando Deus não nos deu nenhum…

— Mas, quem és tu? Donde vieste? — murmurou Ordínov com voz sumida.

— Oh! Eu não sou daqui… mas que importância tem isso? Olha: há uma história que talvez conheças, de doze irmãozinhos que viviam num bosque sombrio, e de uma linda menina que um dia se perdeu no bosque, foi ter à casa dos doze irmãozinhos, arranjou-lhes e limpou-lhes a casa e fez tudo isso com muito carinho. Pois bem, quando os doze irmãozinhos voltaram, compreenderam que lhes aparecera uma irmã, foram atrás dela e pediram-lhe que ficasse vivendo com eles. E ela acedeu ao seu pedido e os doze tratavam-na por irmã e nunca a aborreciam e ela repartia a sua amizade por todos. Nunca ouviste esta história?

— Já, já ouvi — respondeu Ordínov em voz baixa.

— Não achas que a vida é bela? Não gostas de viver?

— Oh! sim!… Viver sempre!… Viver muito!… — disse Ordínov como se sonhasse.

— Eu não sei — disse Ekatierina pensativa — mas parece-me que até a morte deve ser boa… Mas a vida… Se é boa! Viver, amar e tratar com carinho as criaturas bondosas… Mas como, estás pálido…

— Sim, sinto tonturas…

— Espera, vou buscar o meu travesseiro e o meu cobertor e faço-te a cama. Depois dormes, sonhas comigo, e ficas bom. A nossa velhota também está doente…

E sem se calar, tratava já de lhe fazer a cama, voltando-se de quando em quando para olhar Ordínov de soslaio.

— Tens tantos livros! — disse, depois de terminada a sua tarefa, abrindo um pouco o baú. Foi buscar o cobertor e, ao voltar, aproximou-se de Ordínov, amparou-o com o braço direito e levou-o até à cama, cujos travesseiros levantou para que ele reclinasse bem a cabeça, cobrindo-o depois com a manta.

— Dizem que os livros corrompem os homens — continuou ela abanando a cabeça, pensativa. — Gostas muito de livros?

— Sim — respondeu Ordínov, não sabendo bem se sonhava ou se estava acordado. E como para certificar-se de que não estava sonhando, procurou a mão de Ekatierina e apertou-a entre as suas.

— O meu senhor também tem muitos, muitos livros! Assim! — e com a mão descreveu um grande volume. — Diz que são livros sagrados. E lê-me sempre alguma coisa deles. Qualquer dia levo-te até eles. Queres que te diga o que é que ele me lê?

— Diz — murmurou Ordínov sem poder tirar os olhos da jovem.

— Gostas de rezar? — perguntou-lhe ela depois de um curto silêncio. — Olha… eu tenho sempre um medo… muito medo…

Não se explicava e, enquanto falava, parecia pensar noutra coisa.

Ordínov levou a mão dela aos lábios.

— Por que me beijas a mão? — disse ela corando ligeiramente. Em seguida começou a rir. — Está bem… Podes beijá-las — e estendeu-lhe ambas as mãos.

Depois tirou uma delas, pô-la na testa escaldante do rapaz e, de repente, fez-lhe uma carícia, alisou-lhe o cabelo, e ficou ainda mais excitada. Por fim ajoelhou-se junto da cama e apoiou a face contra a

face do moço; este sentiu o sopro cálido da sua respiração… De súbito, Ordínov sentiu que pelas faces lhe corriam lágrimas de fogo… Era a jovem que chorava. Ordínov quis dizer qualquer coisa, refletir sobre o caso, mas cada vez se sentia mais fraco; nem sequer podia mover-se. Nesse momento alguém bateu à porta e ouviu-se o ruído da tranqueta. Ordínov apercebeu-se vagamente de que o velho, o dono da casa, tinha chegado, e que em seguida Ekatierina se erguia, embora devagar e sem mostras de medo, e se ia embora fazendo antes o sinal da cruz na frente dele. Ordínov permanecia de olhos fechados. De repente, um beijo de fogo queimou-lhe os lábios e sentiu como que uma punhalada no coração. Quis gritar mas perdeu os sentidos.

A partir daquele momento entrou numa estranha disposição, numa vida de sonho que só a febre ou a doença podem originar. Havia momentos em que, num estado de semiconsciência, lhe parecia que o tinham condenado a viver um longo sonho interminável, cheio de estranhos sobressaltos, de lutas e de dores. Com indignação e revolta tentava opor-se a um destino que queria subjugá-lo; mas no ponto cruciante da luta, no transe mais desesperado, percebia que de repente outra força inimiga vinha dominá-lo e o esmagava, sentindo então que de novo perdia os sentidos e que à sua volta se adensavam trevas impenetráveis, parecendo-lhe até ouvir o grito de tortura e desolação que ele próprio lançava ao cair naquele abismo escancarado e profundo. Por outro lado, havia também para ele momentos de uma felicidade excessiva, sufocante, como só raras vezes um homem consegue sentir; momentos em que a energia vital de todo o ser lateja de um modo exagerado e nos sentimos como que arrebatados a uma esfera mais alta, onde todo o passado nos surge com nitidez e se revela com uma total coerência, e que o breve contato com essa luz produz em nós um sentimento de alegria e de triunfo, vibrante e exaltante, e o futuro que desconhecemos se mostra como um sonho desperto, e sem sabermos donde vem, a ilusão inefável, como um orvalho refrescante, cai sobre a nossa alma, e quereríamos gritar de alegria, ao mesmo tempo que sentimos como a carne é frágil e impotente ante essa fúria de impressões; e que se quebra o fio da vida que nos prende ao passado, e uma vida nova surge diante de nós como uma vida depois da ressurreição… Depois perdia de novo a consciência e apoderava-se dele uma espécie de sonolência em que reviviam todas as impressões

dos últimos dias e as coisas que vira, semelhantes a quadros manchados, desfilavam ante os olhos da sua alma num rápido cortejo. Depois tornava a esquecer-se de todos os acontecimentos recentes e admirava-se de já não estar na sua antiga casa, com a antiga senhoria. Não conseguia perceber por que razão a boa velhota não ia ao fogão onde ardiam as últimas brasas; parecia-lhe ver ainda na parede do quarto o reflexo trêmulo e vago da luz prestes a extinguir-se, e perguntava a si próprio por que não aquecia ela ao fogo as suas pobres mãos descarnadas, como costumava, antes de fechar a porta do fogão, sempre resmungando, como é hábito dos velhos, dando uma vez ou outra uma olhadinha no seu estranho hóspede, que não lhe parecia muito bom da cabeça, como dizia, por andar sempre às voltas com os livros. Depois lembrava-se de novo que tinha mudado para outra casa, embora sem perceber a razão e apesar de a alma lhe parecer fugir num constante e irreprimível impulso… Mas para onde quereria ela ir? Para onde o quereria levar? Qual fosse a razão daquele suplício e quem teria lançado nas suas veias aquele fogo voraz que parecia pôr-lhe o sangue em brasa… eram coisas que, por mais que fizesse, não conseguia explicar. Frequentemente estendia a mão com avidez para uma sombra, julgava ouvir passos leves no quarto aproximando-se da sua cama, e uma voz doce e suave que murmurava ternas palavras aos seus ouvidos: parecia-lhe sentir na face, como um sopro, a respiração de alguém, e um magnífico sentimento de amor o comovia profundamente até ao mais íntimo de si mesmo, de modo que até lhe estremecia a alma, lágrimas ardentes lhe corriam pelas faces escaldantes e, de repente, um beijo suave e implorativo lhe pousava sobre os lábios; então, era como se uma dor escaldante e sem fim lhe tirasse a vida; era como se a vida e o mundo todo se detivessem, como se tudo morresse à sua volta durante séculos, e sobre tudo caísse uma longa noite milenária…

Era como se voltasse a viver os despreocupados anos de sua infância e parecia-lhe até ver de novo a chácara em que nascera e os prados férteis e as campinas por onde correra já mais crescido, e onde ia cortar flores. Pelo menos ele julgava ver tudo isso. Até que, de súbito, via surgir uma figura cuja presença lhe infundia um terror mais que infantil e lançava na sua alma o primeiro veneno de dor, de amargura e de lágrimas. Era como se aquele estranho velho estivesse

de posse de toda a sua vida futura; contudo, apesar de todo o seu medo, não podia tirar os olhos dele e o velho seguia-o por toda parte, saía detrás de todas as árvores e arbustos, fazia-lhe acenos, macaquices, piruetas, mudando de forma em cada uma das suas brincadeiras, até sentar-se, por fim, como a cabeça de um gnomo no pescoço do seu cavalinho, e voltava então a mirá-lo dali, rindo e fazendo caretas. E no colégio estava sentado entre os seus condiscípulos e escondido debaixo do banco. Ou erguia a capa de um livro até à altura de um dedo, e debaixo dela surgiam a olhá-lo aqueles olhos hostis e provocantes. Se adormecia, então o repelente fantasma sentava na beira da sua cama e ficava a noite inteira sussurrando uma história fantástica de que ele não percebia patavina, por mais que apurasse o ouvido, mas que, ainda assim, enchia de pavor o seu coração de criança, causando-lhe uma dor que já não tinha nada de infantil. E o maroto do velho continuava com a sua história, até que uma espécie de desmaio lhe paralisava os sentidos, e por fim perdia a consciência de tudo. E então, de repente, parecia-lhe que despertava e começava de novo uma singular combinação de semilucidez e de sonho; despertava já feito homem e atormentavam-no visões dos episódios recentes da sua vida. Sabia onde se encontrava naquele instante, sabia que estava só no mundo, só entre pessoas estranhas e suspeitas, que — e aqui começava novamente o sonho — deslizavam pelo seu quarto e andavam por todos os cantos, falando por entre dentes e fazendo sinais à velha que estava de novo junto do fogão e se esquentava e esquentava as suas mãos emagrecidas, e piscavam os olhos uns aos outros, apontando para a cama em que ele jazia. Sentia-se transtornado, excitado; queria saber quem eram aquelas pessoas, o que procuravam no seu quarto e por que tinham lá entrado, e só então parecia compreender que tinha ido parar no covil de uns bandidos, onde alguém desconhecido, um poder até então ignorado o tinha sequestrado, sem que antes tivesse procurado saber quem eram os inquilinos ou tivesse olhado mais demoradamente os donos da casa. A incerteza torturava-o e a sua cólera aumentava, e aqui começava de novo na escuridão da noite a história sussurrada, embora o narrador não fosse agora o velho mas uma velhota baixa e estranha que, de cócoras, diante do fogão, ia contando a história à chama trêmula da luz quase a apagar-se, em voz branda, muito branda, e abanando a cabeça de cabelos prateados. Mas logo de novo

surgiram diante dele visões pavorosas; a história, sussurrada que mal ouvia e menos ainda percebia, ganhava vulto e rostos, e o rapaz verificava cheio de terror que tudo que se passara na sua vida, até mesmo os seus pensamentos e os seus sonhos e aquilo que tinha lido nos livros, e muitas coisas que já esquecera, tudo isso voltava a ter vida, surgia à sua frente em quadros gigantescos, vinha ao seu encontro, cercava-o e punha-se a dançar; surgiam ante os seus olhos imensos pomares, cidades enormes erguiam-se da terra e voltavam a desmoronar-se; descobriu cemitérios nunca vistos, cujos sepulcros se abriram enviando-lhe os seus mortos… Via surgirem raças e povos inteiros que se engrandeciam e se extinguiam diante dele, e via finalmente todos os seus pensamentos, mal começava a concebê-los, tomarem forma real e palpável, deixando o seu pensamento de ser uma simples representação espiritual e uma coordenação de conceitos, para se tornar numa criação, criação de mundos inteiros, criação de miríades de seres… e ele se via a si próprio arrastado como um átomo de pó, nesse universo infinito, ilimitado, do qual não podia libertar-se nem fugir para nenhum lado. E contemplava tudo isso e via como toda essa vida o esmagava com a sua tremenda tirania, e o avassalava e o perseguia com uma enorme ironia. Sentia-se morrer, convertido em pó e cinza, morrer para sempre, sem perspectiva de ressurreição; e queria fugir, mas em todo o mundo não havia um cantinho sequer onde pudesse esconder-se. Então, tomava-o um desespero indescritível, reunia todas as suas forças com um grito medonho (pelo menos era o que lhe parecia) e… acordava.

Tinha o corpo todo alagado em suor. No quarto reinava um silêncio de morte; a noite ia já muito alta. E, contudo, parecia-lhe ouvir ainda a tal história maravilhosa que não percebia, como se uma voz pausada lhe contasse algo que, pelo visto, ele já conhecia; algo que falava de bosques sombrios e de bandoleiros ousados, de um antigo capitão de bandidos, tal como se falassem do próprio Stienhka Rázin[1], o herói cossaco, e em seguida de alegres boêmios e despreocupados vagabundos e de uma linda jovem, e da mãe Volga.[2] Não era tudo aquilo uma história? Não estava a ouvi-la acordado? Passou uma hora com os olhos abertos, numa imobilidade dolorosa, sem mover um único membro. Finalmente tentou levantar-se com muito cuidado, notando com alegria que o verdugo cruel não lhe tinha

roubado as forças. A febre, com as suas visões, tinha passado, e agora começava para ele a realidade. Reparou que continuava vestido, tal como durante a sua conversa com Ekatierina, donde concluiu que ela se tinha ido embora. Tomou uma decisão repentina e sentiu em si uma força nova. Ao tocar no frágil tabique deu com a mão numa espécie de apoio ou cabide que ali tinham pregado, decerto com qualquer fim, Agarrou-se a ele e endireitou-se, descobrindo por entre as tábuas ralas do tabique frinchas estreitas pelas quais um riozinho de luz quase imperceptível penetrava no seu quarto. Espreitou por uma dessas frestas e conteve a respiração.

Num canto do outro quarto via-se a cama com uma mesa à frente, coberta com um tapete de Bukara e atulhada de grandes cartapácios encadernados, que pareciam livros de igreja ou qualquer outra espécie de livros sagrados. Noutro canto havia uma velha imagem, igual à do quarto de Ordínov, diante da qual ardia também uma lamparina. Na cama estava deitado Múrin, coberto com uma manta de pele, prostrado, com ar doente e pálido como um morto. Tinha um livro aberto sobre os joelhos. Junto da cama, sentada num banquinho, estava Ekatierina; estava abraçada ao velho e encostada ao seu peito. Olhava-o com uns olhos de criança, atentos e admirados, e parecia seguir com uma incontida e ansiosa curiosidade o curso de sua narrativa. De vez em quando a voz do narrador elevava-se e a vida voltava ao seu rosto lívido; os olhos brilhavam-lhe, franzia as sobrancelhas, os lábios estremeciam-lhe e Ekatierina parecia empalidecer também de medo e inquietação. Depois, qualquer coisa parecida com um sorriso voltava a surgir no rosto do velho e Ekatierina ria-se moderadamente. De súbito brotavam lágrimas dos seus olhos, o velho acariciava-lhe ternamente a cabecinha e ela o cingia com mais força com os seus braços brancos e apertava-se ainda com mais amor contra o seu peito.

A princípio Ordínov pensou que aquilo era também um sonho. Sim, ficou convencido de que assim era. Mas o sangue subiu-lhe à cabeça e as fontes latejaram-lhe dolorosamente, como se as veias lhe fossem rebentar. Arrancou o apoio, levantou-se da cama e, cambaleando e às apalpadelas, devagar, como um sonâmbulo, começou a dar voltas pelo quarto, sem saber o que fazia, impelido por

aquele fogo que lhe abrasava o sangue… até chegar à porta do quarto vizinho, onde chamou com todas as suas forças; correram o ferrolho ferrugento, a porta abriu-se e, ruidosa e alvoroçadamente, penetrou na alcova dos donos da casa. Viu como Ekatierina se erguia assustada, e como os olhos do velho, debaixo das sobrancelhas franzidas, emitiam raios coléricos, e como uma ira terrível lhe descompunha o rosto. Viu também como o velho, sem tirar os olhos dele, procurava a pistola que estava pendurada na parede e lhe apontava ao peito com a mão insegura… Depois soou um tiro, seguido de um grito selvagem, quase inumano…

Mal o fumo se dissipou, um espetáculo horroroso se ofereceu aos olhos de Ordínov. Tremendo, inclinou-se para o velho. Múrin jazia por terra, completamente desfigurado, sacudido por convulsões, com a boca espumante e o rosto crispado, no qual apenas se distinguia o branco dos olhos. Ordínov adivinhou que o infeliz sofrera um ataque grave. Ajoelhou-se junto dele, ao lado de Ekatierina, para o socorrer.

## Capítulo III

Passaram toda a noite muito agitados à cabeceira do doente. No dia seguinte, embora não estivesse ainda completamente restabelecido da sua enfermidade, Ordínov levantou-se muito cedo e saiu à rua. À entrada tropeçou com o porteiro. Desta vez o tártaro cumprimentou-o logo de longe e olhou-o curiosamente, mas de repente pareceu refletir e pôs-se a manejar a vassoura, embora sem perder de vista Ordínov, que se aproximava pouco a pouco.

— Escuta: não ouviste nada esta noite? — perguntou-lhe Ordínov.

— Ouvi, sim.

— Quem é esse homem?

— Isso deve-o saber quem lhe alugou o quarto na casa dele. Eu não tenho nada com isso.

— Ora bolas! Responde ao que te perguntam! — exclamou Ordínov, cheio de uma excitação doentia como nunca sentira até

então.

— Que quer que lhe diga? Eu não tenho culpa nenhuma… A culpa é do senhor… que o assustou… Por baixo vive o homem dos ataúdes, que nunca ouve nada, mas hoje ouviu, e a mulher que é surda dos dois ouvidos também ouviu, e no outro portal, que fica bastante longe, também ouviram… O senhor bem vê! Tenho de ir dar parte à polícia.

— Não te incomodes que eu mesmo vou — disse Ordínov dirigindo-se à porta.

— Eu, no fim das contas… Foi o senhor quem se entendeu com ele… Senhor, senhor, espere aí!

Ordínov voltou-se; o porteiro levou respeitosamente a mão ao gorro.

— Que foi?

— Se o senhor sai, eu vou lá para cima…

— Para quê?

— É melhor que o senhor se vá embora…

— És tolo! — respondeu Ordínov e dispôs-se novamente a sair.

— Espere, senhor, espere.

O porteiro tornou a levar a mão ao barrete e murmurou um pouco envergonhado:

— Senhor, deixe-me que lhe diga: por que há de atormentar um pobre homem? Isso é pecado? Deus ordena que não… O senhor bem sabe!…

— Bem… Vem cá… toma, e diz-me: quem é esse homem?

— Quem é ele?

— Sim…

— Isso digo-lhe eu sem que seja preciso dar-me nada.

Dizendo isto, voltou a pegar na vassoura, deu duas ou três vassouradas, olhou em volta, e em seguida fixou os olhos em Ordínov com ar importante e disse:

— O senhor é doido e quer viver com gente de juízo; mas isso é assunto seu. Já lhe disse o que penso.

Depois o tártaro olhou Ordínov de um modo ainda mais expressivo, como se a indiferença daquele o ofendesse. Voltou a pegar na vassoura. Por fim, como se tivesse dado a tarefa por acabada, aproximou-se de Ordínov com cara de mistério, fez um gesto característico cujo sentido escapou ao rapaz, e murmurou:

— Ele é… Percebe?

— Ele… o quê?

— Maluco…

— Como?

— É como lhe digo. Eu sei muito bem o que estou dizendo! — prosseguiu em tom ainda mais misterioso. — Está doente. Tinha uma barca, assim, sabe? e mais outra, outra e outra; tinha quatro barcas que navegavam no Volga. Eu sou de lá e sei que ele tinha, além disso, uma fábrica que se incendiou e desde então ficou assim!

— Então está transtornado?

— Não, senhor, não! Completamente transtornado não está, é até um tipo muito esperto. Não há nada que ele não saiba, pois tem lido livros sem conta e, além disso, lê a sina… É assim: uma pessoa chega: dois rublos, três rublos, quarenta rublos, conforme… Abre o livro e vai dizendo a cada um tim-tim por tim-tim o que deseja saber. Mas primeiro tem que pôr-lhe o dinheiro em cima da mesa; sem dinheiro nada feito!

E o tártaro riu-se com gosto ao pensar na tática de Múrin.

— Então lê a sina e prediz o futuro?

— Hum, hum! — o porteiro fez que sim com a cabeça, dando-se ares de importância. — E tudo o que ele diz sai certo. Reza muito, passa a vida rezando! Mas isso… já se sabe, é preciso estar com disposição — acrescentou o tártaro com o tal gesto enigmático.

Naquele momento alguém o chamou do outro pátio e ao mesmo tempo apareceu um velhote baixo e meio corcunda, envolto numa pele. Vinha tossindo e parecia resmungar com as suas próprias barbas ralas e grisalhas, e andava devagar, com muito cuidado, como se tivesse medo de cair a cada passo. Parecia um velho que em virtude do peso dos anos, voltara a ser criança.

— O senhorio! O senhorio! — murmurou o tártaro, pressuroso, fazendo um ligeiro aceno a Ordínov e, tirando o barrete, correu solícito ao encontro do velho, cuja cara pareceu a Ordínov ser sua conhecida, lembrando-se dela como se a tivesse visto não havia ainda muito tempo. Contudo, o rapaz concluiu que afinal esse pormenor não interessava, e apressou-se a sair do pátio. Mas, ao retirar-se, ia convencido de que o porteiro era um mentiroso.

“Este tipo esteve a tapear-me! — pensou. — Quem sabe o que haverá no fundo de tudo isto?”

Pensando assim, saiu para a rua. Não tardou que novas impressões viessem distrair-lhe a atenção daqueles aborrecidos pensamentos. Para mais essas impressões não eram de natureza muito agradável. O dia estava cinzento e frio e nevava um pouco. Ordínov sentia-se de novo cheio de arrepios. Parecia que a terra começava a oscilar debaixo dos seus pés. E, de repente, ouviu uma voz conhecida que o cumprimentava afetuosamente:

— Iároslav Ilhitch! — exclamou Ordínov. Diante dele estava um indivíduo de aparência saudável, de faces coradas, que, a julgar pelo seu aspecto, poderia ter trinta anos, magro, com uns olhinhos cinzentos muito vivos, fisionomia aberta num sorriso e vestido… bem, como sempre se vestiu Iároslav Ilhitch. E com este sorriso no rosto estendeu fraternalmente a mão a Ordínov. Havia cerca de um ano que Ordínov o conhecera por acaso, na rua. O que em última análise tinha

contribuído para esse conhecimento, além do acaso, foi a predileção especial de Iároslav Ilhitch em travar conhecimento com pessoas célebres, especialmente com literatos, escritores conhecidos ou jovens prometedores. Embora esse tal de Iároslav Ilhitch tivesse uma voz muito calma, sabia contudo, no decurso da conversação, inclusive com os amigos mais íntimos, arranjar um tom de voz sonoro, extraordinariamente enfático e jovial, que tinha na verdade algo de imponente… tal como se por um esforço de vontade se tivesse acostumado a tomar um ar de superioridade, a ponto de não permitir a menor contradição.

— Que fazes aqui por estas bandas? — exclamou Iároslav Ilhitch com a mais viva expressão de cordial alegria perante este encontro inesperado.

— Moro aqui.

— Desde quando? — a voz de Iároslav Ilhitch, ao dizer isso, soou um ou dois tons mais acima, pois estava na verdade surpreendido e esquecera-se por isso do seu tom habitual. — E eu sem saber de nada! Afinal somos vizinhos, homem! Porque eu também moro aqui, isto é, nestas redondezas. Há já um mês que voltei do governo de Riazan… Rapaz, não fazes ideia quanto me alegro por ter-te encontrado! — e Iároslav Ilhitch entregava-se ao seu riso bonacheirão. — Sierguiéiev! — exclamou, voltando-se de repente com voz mais excitada. — Espera-me em casa de Tarássov, hem! Dás uma boa descompostura ao porteiro e diz-lhe que vá já à loja. Dentro de uma hora estarei lá…

E depois de dar este recado a outro indivíduo, pegou alegremente no braço de Ordínov e levou-o até à taverna mais próxima.

— Bem, este assunto está arrumado. Agora falemos das nossas coisas, pois já há muito tempo que não nos víamos. Diz-me em primeiro lugar: como vão os teus trabalhos? — perguntou-lhe quase respeitosamente e em voz mais baixa, como o faria um amigo verdadeiramente interessado pelas coisas do outro.

— Eu… Que hei de dizer, rapaz?… Continuo como dantes! — respondeu Ordínov um tanto distraído, pois precisamente naquele instante já outro pensamento o preocupava.

— Está bem, Vassíli Mikháilovitch, isso é bem próprio de ti! A isso chamo eu consagrar a vida a uma ideia elevada! — e ao dizer isto apertou com força a mão de Ordínov. — Deus te ajude com o teu trabalho! E que alegria eu sinto em ter-te encontrado, rapaz! Tu és um homem diferente dos outros. Quantas vezes me tenho lembrado de ti e perguntado a mim mesmo: "Por onde andará agora e que fará o nosso talentoso e espiritual Vassíli Mikháilovitch?".

Iároslav Ilhitch pediu um pequeno gabinete reservado para ele e para o seu convidado e encomendou uma refeição com vinho e todos os complementos.

— Eu li muito durante todo este tempo — continuou com um sorriso aprazível e em tom modesto. — Em primeiro lugar li o Púchkin todo…

Ordínov olhou-o distraído.

— Sim, realmente não se pode negar, é admirável quando descreve as paixões humanas. Mas, antes de mais nada, permite-me que te exprima a minha gratidão. Ajudaste-me tanto explicando-me a tua maneira de pensar, a tua ideologia, digamos assim…

— Por amor de Deus, homem…

— Não, não… por favor, não digas que não. Gosto de fazer justiça a todos. E sinto-me muito orgulhoso de que, pelo menos esse sentimento… o amor da justiça… não se tenha desvanecido em mim…

— Deixa-me dizer-te que és injusto contigo próprio e que eu ignorava realmente…

— Nada disso, pelo contrário: estou sendo justo — respondeu-lhe Iároslav Ilhitch com desusada veemência. — Que sou eu comparado contigo? Nada, não é verdade?

— Ó homem, peço-te…

— Diz antes que tenho razão.

Seguiu-se um curto silêncio.

— Eu, seguindo os teus conselhos, pus de lado as más companhias, o que equivale a dizer que pus de lado também certos maus costumes — acrescentou Iároslav Ilhitch ao fim de um instante, no mesmo tom. — Nos momentos que o escritório me deixa livre, em geral vou para casa e dedico-me a ler qualquer livro útil… e confesso-te que só desejo uma coisa, Vassíli Mikháilovitch: ser útil à minha pátria até onde o permitirem as minhas forças…

— E já não é pouco, dadas as tuas qualidades.

— Achas?… Só Deus sabe que com essas palavras derramas um bálsamo sobre as minhas feridas, meu bom amigo!

Iároslav Ilhitch estendeu vivamente a mão a Ordínov e estreitou-a na sua em sinal de gratidão.

— Não bebes? — perguntou-lhe, logo que a sua excitação se acalmou um pouco.

— Não posso: ando doente.

— Doente! Que estás dizendo? Não, rapaz… Não pode ser! Já há muito tempo?… Mas, homem, como foi isso?… Queres que eu…? Conta isso direito; quem é o médico que te trata? Se queres eu vou chamar o meu e trago-te num instante. É um médico esplêndido, garanto!

E Iároslav Ilhitch fez menção de pegar o chapéu.

— Não, rapaz, obrigado. Não é preciso. Eu nunca sigo os tratamentos e não simpatizo com os médicos…

— Que ideia é essa, homem? O meu médico é muito bom! — afirmou Iároslav Ilhitch convencido. — Ainda não há muito tempo… Sim, vale a pena contar… Ainda não há muito tempo, quando eu estava na casa dele, chegou um pobre serralheiro e disse: “Dei cabo da minha mão com a ferramenta, trate-me senhor doutor!”. Pois bem; Siemion Pafnútitch viu que o desgraçado já estava quase com gangrena e fez os preparativos necessários para lhe amputar a mão. Fê-lo na minha frente. Mas fê-lo com tal… isto é, de um modo tão

simpático, que eu, confesso-te… se não fosse a compaixão que no infeliz me inspirava, teria tido um verdadeiro prazer… de índole científica, claro está. Mas diz lá: onde e quando apanhaste essa doença?

— Quando mudei para a minha nova casa… É hoje o primeiro dia em que me levanto.

— Sim, de fato ainda não pareces bom de todo. Não devias ter vindo para a rua tão depressa. Mas então já não vives no mesmo lugar? Por que saíste dali?

— Porque a minha antiga senhoria saiu de Petersburgo.

— Domna Sávichna! Será possível? Uma velhota tão simpática!… Sabes! Eu tinha por ela uma espécie de amor filial!… Havia alguma coisa de patriarcal na sua vida retirada. E, ao olhá-la, parecia-nos ter diante de nós todos os bons tempos passados… Quero dizer que tinha certa… sim, certa poesia… Estás me entendendo, não é? — terminou Iároslav Ilhitch um tanto confuso e, pouco a pouco, fez-se vermelho, de envergonhado, com um rubor que lhe chegava até às orelhas.

— Sim, era uma velhinha muito simpática.

— Mas deixa-me perguntar-te: para onde te mudaste?

— Não é longe daqui, em casa de um tal Kochmárov.

— Ah! Conheço-o! É um bom homem! Somos muito amigos e posso assegurar-te que é na verdade uma boa pessoa!

Via-se claramente que Iároslav Ilhitch sentia grande prazer em falar daquele velho e poder dizer que era seu amigo. Mandou vir outro cálice de licor e acendeu um cigarro.

— E alugaste um andar só para ti?

— Não, vivo com outras pessoas.

— Ah! E quem é o dono da tua casa? Talvez o conheça também.

— Chama-se Múrin e vive dos seus rendimentos. É um homem de

idade, muito forte…

— Múrin… Múrin… Espera… Vive na parte de trás, por cima do homem que faz ataúdes?

— É esse mesmo.

— Hum! E estás bem lá?

— Mudei-me ainda há muito pouco tempo!

— Hum! isto é… Ainda não tiveste nada com ele?

— Em que sentido? Que queres dizer concretamente?

— Nada… nada… Estou convencido de que estarás lá muito bem, se estás contente com o teu quarto. Eu não queria dizer nada em contrário. Somente como conheço a tua maneira de ser… Diz-me com franqueza: que te parece o velho?

— Olha, considero-o um doente…

— Sim, na verdade é mesmo e sofre muito… Mas não lhe notaste mais nada? Não notaste nele nada de estranho? Falaste com ele?

— Apenas duas palavras. Parece um homem insociável e não muito bom da cabeça…

— Hum! — disse Iároslav Ilhitch. — É um infeliz! — exclamou por fim, depois de um prolongado silêncio.

— Ele?

— Sim… Um infeliz, e ainda por cima extraordinariamente esquisito e extravagante. Contudo, se não se meter contigo… Perdoa que tenha chamado tua atenção sobre ele; mas é que também a mim me inspira certo interesse…

— A mim também… Gostaria de saber alguma coisa de certo sobre a sua personalidade, visto que, afinal, vivo em casa dele…

— Mas, meu rapaz, eu só sei isto: consta que esse homem outrora

foi riquíssimo. Era comerciante, como possivelmente já ouviste dizer. Depois a adversidade caiu sobre ele e ficou na miséria. Durante um temporal afundaram-se no Volga, com toda a carga, muitas das barcas que possuía. Tinha além disso uma grande fábrica cuja direção, se não me engano, confiara a um empregado; a fábrica ardeu e o empregado morreu entre as chamas. Tudo isto representou para ele, como deves calcular, uma perda considerável. Assim, parece que Múrin, em consequência de catástrofe, ficou num tal estado de espírito que temeram pela sua razão. E, efetivamente, em briga com outro comerciante, dono também de muitas barcas, portou-se de modo tão estranho que o incidente só pode explicar-se atribuindo-o a um certo transtorno mental, o que eu estou disposto a admitir. Ouvi muitos outros pormenores que confirmaram esta opinião. Depois ainda lhe aconteceu outra coisa… que na realidade não tem outra explicação se a não atribuirmos à má sorte.

— O que foi, então? — perguntou Ordínov.

— Dizem que o velho, provavelmente num acesso de loucura, matou um jovem comerciante de quem até então fora muito amigo. Porém, depois de consumado o ato voltou a seu juízo, caindo então num tal desespero que quis pôr termo à vida. Pelo menos é o que se conta. Qual foi depois o fim do caso, isso já eu não sei ao certo; contudo consta-me que de então para cá, e já faz muitos anos, não deixou de fazer penitência… Mas… que tens tu, Vassíli Mikháilovitch? A minha narrativa comoveu-te?

— Oh, não! Continua… Dizias tu que ele faz penitência… E não é só ele, decerto…

— Isso não sei. Parece não haver mais ninguém implicado no assunto. Eu só sei…

— O quê? Diz…

— Só sei… enfim, realmente não tenho mais nada a acrescentar… Sei só que se passou com ele alguma vez qualquer coisa de extraordinário, foi simples consequência dos vários golpes com que sucessivamente o feriu o destino.

— Parece muito religioso. Tudo isso será talvez pura hipocrosia…

— Não penso isso, Vassíli Mikháilovitch. Sofreu tanto, coitado! Acredito que seja um homem convicto.

— Mas agora já não está louco, acredito. A mim, pelo menos, não me dá essa impressão.

— Oh, não, não está! Isso posso eu assegurar-te. Sem dúvida nenhuma hoje está na plena posse das suas faculdades. A única coisa que tu próprio observaste, é que é muito religioso e até mesmo beato. Contudo, de maneira geral, como te disse, é um homem sensato. Fala bem, com muita compostura, e é além disso, fica sabendo, um homem de grande imaginação. Mas ainda hoje pode ler-se no seu rosto a atormentada história da sua vida. Esta costuma deixar sempre as suas marcas. Segundo dizem, é um homem invulgar e muito lido.

— Parece que só lê livros de religião…

— Bem, isso é verdade. É um místico.

— Como?

— Um místico. Mas tudo isto fica entre nós. Vou te dizer ainda (mas pedindo também segredo) que durante certo tempo esteve submetido a apertada vigilância. Porque deves saber que esse homem exerce grande influência sobre aqueles que o visitam.

— Até que ponto?

— Até um ponto inverossímil… Ouve: dantes vivia noutro bairro. Tinha certo renome e um dia Alieksandr Ignátievitch… um homem muito rico, distinto e estimado, foi visitá-lo em companhia de um tenente, apenas por mera curiosidade. Chegaram a casa dele, o nosso homem recebeu-os e pôs-se a examiná-los. Começou, como sempre, por observar com toda a atenção as feições dos visitantes, antes de aceder a escutá-los. Quando o cliente não lhe agrada despede-o logo sem-cerimônia nenhuma, segundo dizem. Começou então perguntando àqueles o que desejavam. Alieksandr Ignátievitch respondeu-lhe que isso ele próprio podia adivinhar graças aos seus dons especiais e ao

seu conhecimento dos homens. “Bem; passe agora para este quarto” — disse-lhe o bruxo. Alieksandr Ignátievitch não contou o que no outro quarto ouviu ou aconteceu; mas depois, ao sair de lá, vinha branco como o papel. Contam o mesmo de uma senhora da melhor sociedade de Petersburgo. Também ela saiu branca como o papel e banhada num mar de lágrimas.

— É estranho. E agora já se deixou disso?

— Proibiram-no severamente. Mas há muitos outros episódios para contar. Por exemplo, um jovem alferes, único representante de uma família distinta, teve uma vez o atrevimento de rir-se dele. “De que ris? — disse-lhe o velho, aborrecido. — Daqui a três dias estarás assim.” E cruzou as mãos no peito como se costuma fazer aos mortos no caixão…

— Sim? E depois?

— Depois… Custa-me a acreditar, mas dizem que a profecia se cumpriu integralmente.

— Tem qualquer dom, Vassíli Mikháilovitch! — Enquanto te contei esta triste história não fizeste senão sorrir. Eu bem sei que, quanto à cultura tu me ultrapassas. Mas acredita no que te digo. Não se trata de nenhum charlatão. Afinal, nas obras de Púchkin encontrarás algo de semelhante.

— Hum! Não te contradigo, homem… Mas, segundo penso, dizem que não vive só…

— Isso não sei… Ah! Sim. Creio que vive com a filha…

— A filha?

— Sim… ou não. Espera… com a mulher. Julgo que é sua mulher. De positivo sei apenas que se trata de uma mulher. Só a vi uma vez de costas e não me fixei muito.

— Hum! É estranho…

O rapaz ficou pensativo. Iároslav Ilhitch, pelo contrário,

mergulhou-se numa agradável meditação. O encontro com Ordínov tinha-o alvoroçado e quase o comovera. E sentia-se sobretudo contente por ter-lhe podido contar uma história tão interessante. Sentado e de cachimbo na boca, contemplava o amigo. E de repente deu um pulo, assustado.

— Santo Deus! Assim passamos uma hora na conversa a ponto de esquecer-me de tudo! Olha, caro Vassíli Mikháilovitch, agradeço ao destino o nosso encontro. Mas agora te peço desculpa, pois tenho de marchar quanto antes… Dás licença que te vá visitar na tua ilustre casa?

— Ora essa! Se o fizeres terei nisso o maior prazer. Talvez eu te vá também fazer uma visita, se tiver tempo… mas ainda não sei.

— Que dizes tu, rapaz? É verdade? Não calculas a alegria que me davas! Não podes imaginar até que ponto eu me sentiria honrado com a tua visita!

Saíram da taverna. Já na rua saiu-lhes ao encontro Sierguiéiev e anunciou-lhe que não tardaria a passar por ali Wilm[3] Emieliânovitch. Os dois amigos olharam e efetivamente viram no fundo da rua uma parelha de cavalos de um amarelo claro, atrelados a um pequeno mas elegante coche. Iároslav Ilhitch apertou a mão do seu “melhor amigo” exatamente como se quisesse espremê-la, e correu em direção ao carro do dignitário, voltando-se duas vezes no caminho para olhar Ordínov e tornar a despedir-se dele.

Ordínov sentia um tal cansaço em todo o corpo que mal podia ter-se de pé. Foi com grande dificuldade que se arrastou até a casa. À porta, voltou a encontrar-se com o porteiro, que tinha estado observando de longe a despedida de Iároslav Ilhitch e se mostrava agora muito atencioso. Ordínov passou em frente dele sem se lhe dirigir. À entrada deu inesperadamente com um homenzinho atarracado e de cabelos brancos que, cabisbaixo, vinha de visitar Múrin.

— Deus do Céu! Perdoai-me os meus pecados! — murmurou o rapaz desviando-se para o lado com repugnância.

— O senhor desculpe. Fiz-lhe mal?

— Não, senhor; obrigado pela sua atenção… Deus do Céu!

E o homenzinho continuou descendo a escada, resmungando, cuspindo e murmurando orações enquanto ia vendo com muito cuidado onde punha os pés. Era o senhorio do prédio, o mesmo indivíduo com quem o porteiro se tinha mostrado tão solícito. E então Ordínov lembrou-se de que já tinha visto aquele velhote em casa de Múrin, no próprio dia em que se tinha mudado para ali.

Sentia que os últimos acontecimentos lhe tinham alterado o sistema nervoso e o tinham excitado; sabia também que a sua imaginação e a sua sensibilidade se achavam extremamente exacerbadas e, tendo isto em conta, pôs-se de sobreaviso contra uma possível ilusão dos sentidos. Pouco a pouco ia caindo num estado de completa apatia que o oprimia com a sensação de um peso de chumbo e lhe sufocava o peito como se fosse uma carga de toneladas, sob a qual o seu coração sofria uma nostalgia inexprimível. Tinha a alma repleta de lágrimas silenciosas e prestes a transbordar…

Deitou-se de novo na cama que lhe tinham feito e pôs-se outra vez à escuta. Distinguia claramente a respiração de duas pessoas no quarto contíguo; uma ofegante, doentia, desigual; a outra suave, imperceptível, às vezes também irregular mas trêmula de agitação interior, como se ali palpitasse um coração com o mesmo desejo, com uma paixão idêntica à sua. De quando em quando distinguia passos suaves, discretos, e o roçar das saias dela, e o movimento dos pés, que despertava no peito do moço uma vaga dor, intensa, e, contudo, agradável. Por fim pareceu-lhe ouvir um leve soluço e depois uma prece ardente. Então teve a certeza de que ela estava ajoelhada aos pés da imagem e erguia as mãos desolada. Mas quem era ela? Por quem rezava? Que paixão sem remédio lhe atormentava o coração? Por que se afligia e sofria e chorava aquelas lágrimas tão ardentes e sem esperança?

Começou a recordar tudo quanto ela lhe dissera, cada uma das palavras que ainda lhe vibravam aos ouvidos como uma música, e a cada lembrança, a cada expressão que ele repetia em pensamento, o

seu coração respondia com uma palpitação surda e angustiosa… Por um momento pareceu-lhe que via tudo isto em sonhos. Mas no mesmo instante estremeceu até ao mais profundo do seu ser, até ao ponto de pensar que a dor e a nostalgia o iam matar, ao recordar o seu hálito quente, as suas faces suaves, e os seus beijos de fogo. Fechou os olhos e mergulhou-se em pensamentos felizes. Em qualquer parte um relógio deu uma hora. Era tarde. O crepúsculo vespertino caía sobre a cidade.

Subitamente pareceu-lhe que ela se inclinava de novo sobre ele e o olhava com aqueles seus olhos claros, magníficos, que brilhavam úmidos de pranto e de felicidade radiante, tão calmos e puros como o alto céu sem fim numa noite de estio ardente. E o seu rosto exprimiu uma tal serenidade e havia no seu sorriso uma tal mescla de ventura infinita, de piedade e de amor, e apoiava-se ao seu ombro num abandono tão inocente e confiado que o rapaz deixou escapar do peito amargurado um suspiro de felicidade. Era como se ela lhe quisesse dizer alguma coisa, confiar algum segredo. De novo julgou ouvir o eco da sua voz que lhe atravessava o coração. Avidamente aspirou o ar que ela aquecia com a sua respiração próxima, eletrizando-o. Num assomo de nostalgia passou os olhos pelo quarto… Ela estava diante dele, inclinada sobre o seu rosto, tremendo, agitadíssima. Dizia não sei o quê, rezava e tinha as mãos postas. Apertou-a nos seus braços e ela se deixou cair toda trêmula contra o seu peito.

## Capítulo IV

— Que tens? Que te aconteceu? — perguntou-lhe Ordínov subitamente desperto, apertando-a nos braços cada vez com mais força e mais ardor. — Que te aconteceu, Ekatierina? Que receias tu, meu amor?

Ela chorava de mansinho e ocultava o rosto em fogo de encontro ao peito do rapaz. Durante muito tempo não pôde falar. Tremia dos pés à cabeça, como depois de um grande susto.

— Não sei, não sei — pôde dizer por fim, com voz que mal se percebia, como se a angústia lhe tivesse paralisado o coração. — Nem sei mesmo como vim até junto de ti… — e cada vez se aproximava

mais dele e, levada por um sentimento irreprimível, doentio até, beijava-lhe os ombros, os braços e o peito. Finalmente, como se estivesse desesperada, tapou o rosto com as mãos e caiu de joelhos. Mas logo que Ordínov se pôs de pé, tomado por um indefinível sentimento de opressão, a fez sentar ao seu lado, ficou ruborizada de vergonha, os seus olhos pareciam implorar piedade e o sorriso forçado que se esboçava nos seus lábios deixava adivinhar que mal ousava lutar contra o poder invencível daquelas novas comoções, pois tal propósito teria sido antecipadamente frustrado. De súbito pareceu assustar-se com qualquer coisa e, receosa, afastou Ordínov com um gesto; deixou de o fitar, e de olhos no chão respondeu em voz baixa e angustiosa às perguntas precipitadas do rapaz.

— Decerto tiveste algum pesadelo! Ou te aconteceu qualquer coisa má? meu amor. Foi ele quem te meteu medo?… Tem febre e delira… Talvez no meio da febre tenha proferido qualquer palavra que tu não entendeste bem… Disse alguma barbaridade? Sim?… Ou foi tudo um sonho?

— Não… Eu mal durmo — respondeu-lhe Ekatierina, dominando a custo a sua excitação. — Não consigo adormecer. Mas ele estava calado e só me chamou uma vez. Abeirei-me da sua cama, falei-lhe, falei-lhe… Tinha tanto medo… Mas ele não acordou. Coitado, estava muito doente. De repente tive tanto medo, senti um susto tão grande que me pus a rezar e me lembrei então de vir ter contigo.

— Sossega, Ekatierina; tudo isso é o resultado do susto que te demos ontem…

— Não, não foi por isso que me assustei…

— Então por que foi? Aconteceu-te alguma coisa de ontem para cá?

— Sim, há instantes — e estremeceu, agarrando-se ainda mais a ele, como uma criança assustada. — Olha, não penses que vim ter contigo sem uma razão — disse, interrompendo o choro e apertando-lhe as mãos em sinal de gratidão. — Nem que não houve motivo para não poder suportar por mais tempo a solidão. Mas basta de lágrimas, não chores tu também! Por que hão de fazer-te chorar os sofrimentos

duma estranha? Guarda as lágrimas para os dias maus, quando a solidão pesar sobre o teu coração e não tiveres ninguém a teu lado… Diz-me: não tens noiva?

— Não. Antes de conhecer-te não tive nenhuma.

— Antes de me conheceres, a mim? Consideras-me então como tua noiva?

Olhou-o de repente, surpreendida, ia dizer alguma coisa mas ficou calada e baixou os olhos. Seu rosto ruborizou-se e num instante pareceu uma fogueira. O pranto chorado tornou-lhe os olhos brilhantes. Uma pergunta parecia acudir-lhe aos lábios. Com um carinho envergonhado olhou uma ou duas vezes o rapaz e tornou depois a baixar a cabeça.

— Não; eu não posso ser o teu primeiro amor — disse —, não, não — repetiu pensativa, com leves movimentos de cabeça. Pouco a pouco, o sorriso ia-lhe voltando aos lábios. — Não, meu filho — continuou — eu não posso ser tua noiva.

E ficou-se a olhá-lo; mas de repente assomou-lhe ao rosto uma tal expressão de dor, uma tristeza tão desconsolada, e o seu desespero íntimo patenteou-se com uma tal violência que Ordínov experimentou um sentimento inexplicável, doentio, de piedade pelos sofrimentos ignorados da jovem, e olhou-a com a expressão de quem sente uma compaixão que aumenta o seu próprio tormento.

— Presta atenção ao que te vou dizer — disse-lhe ela com uma voz que lhe trespassava o coração e, pegando-lhe nas mãos, beijou-as como para sufocar entre elas as lágrimas que já lhe afluíam aos olhos. — Ouve, meu amigo, e não esqueças nunca o que vou dizer-te: domina o teu coração e procura deixares de me amar como agora me amas. Desse modo conseguirás mais fácil defenderes-te de um mau inimigo e granjeares a amizade de uma irmã. Eu virei ver-te, se quiseres; serei carinhosa contigo e não me arrependerei de ter-te conhecido. Estarei de dia e de noite junto de ti, como quando tiveste febre. Aceita-me como irmã. Não foi em vão que fomos bons um para o outro, e eu, com lágrimas nos olhos, rezei à Virgem por ti. Não encontrarás outra como eu. Procura por toda a terra, vai por todos os

cantos… Não, não — acredita-me — não acharás outra noiva que possa amar-te como eu, se é amor que desejas. Oh! Vou te amar com ardor, vou te amar eternamente como agora te amo e vai ser assim porque tens uma alma muito pura, muito clara… transparente! Vou te amar porque eu, mal te vi pela primeira vez, senti logo que tu eras o hóspede da minha casa, hóspede desejado e sonhado, e não foi sem razão que quiseste instalar-te em nossa casa. E vou te amar ainda porque os teus olhos respiram amor quando me olhas e me falam do teu coração. E quando esses olhos dizem alguma coisa eu fico logo sabendo o que esconde dentro de si, e por isso daria então a vida em troca do teu amor, e por ti sacrificaria a minha liberdade, porque é bom ser-se escrava de quem nos deu o coração… Mas a minha vida, que não me pertence, é patrimônio de outro e a minha vontade está já comprometida. Mas aceita-me como irmã e sê tu também para mim um irmão, ajuda-me com todo o teu coração se de novo me ameaçarem perigos. Faz que eu não tenha que envergonhar-me por vir-te ver e passar a noite inteira junto de ti, como agora, entendes? O teu coração ouviu-me também? Compreendeste bem tudo o que acabo de te dizer?

Queria acrescentar mais alguma coisa; olhou-o nos olhos e pôs-lhe uma mão no pescoço, mas parecia que lhe faltavam as forças, pois, soluçando, deixou cair a cabeça sobre o peito do rapaz e o seu sofrimento atraiçoou-a num acesso de choro. O peito arquejava-lhe e o rosto ardia-lhe como uma brasa.

— Minha vida! — exclamou Ordínov com a vista enevoada pela excitação e quase sem fôlego. — Meu amor! — murmurou sem saber o que dizia, sem compreender as palavras nem se compreender a si mesmo, tremendo com medo de dissipar com um sopro todo o encanto, toda aquela embriaguez dos sentidos e, com ela, tudo o que lhe estava sucedendo e que o rodeava e que mais lhe parecia fantasia do que realidade. Estava tão perturbado! — Não sei, não te compreendo; esqueci o que disseste, perdi a razão… Apenas sinto o coração… Minha rainha!

Impressionado como estava, faltou-lhe a voz. Ela se estreitava cada vez com mais ardor de encontro ao seu corpo. Bruscamente ele se levantou cambaleando e, incapaz de dominar-se por mais tempo,

como se o excesso de felicidade o privasse de energias, caiu de joelhos diante dela. Um estremecimento semelhante a um soluço escapou-lhe do peito dolorosamente e percorreu-lhe o corpo todo… e em virtude da plenitude daquelas sensações, até então nunca experimentadas, tremia-lhe a voz, que saía do mais fundo do seu ser como o som de uma corda ferida.

— Quem és tu? Quem és tu? Donde vieste? De que céu caíste para mim? Será um sonho tudo isto? Não chego a estar certo de que tu sejas uma realidade. Não me mandes calar; deixa-me falar e dizer-te tudo, tudo!… Há já muito tempo que tinha desejos de falar assim… Quem és tu, alegria da minha alma? Diz-me como encontraste o caminho do meu coração? Conta-me: há já muito tempo que és minha irmã? Onde estiveste até agora? Conta-me tudo, conta, que vida foi a tua antes, onde estiveste e a quem amaste. Conta-me tudo, porque eu quero saber tudo. De que terra és? O céu, lá, é igual ao nosso? Quem tinhas lá a teu lado, quem era o teu amor? Para quem se inclinou primeiro o teu coração? Conheceste a tua mãe, ela acarinhou-te e tratou de ti em pequenina, ou foste criada entre gente estranha? Foste sempre como agora? Fala-me dos teus sonhos e anseios, dos que se realizaram e dos que não chegaram a tornar-se realidade. Conta-me tudo. Quem foi o primeiro a conquistar o teu coração de mulher e a quem o entregaste? Diz-me que preço tenho de dar por ele, o que tenho de dar-te a ti… por… ti. Diz-me, minha alma, meu sol, minha irmãzinha: como posso eu merecer o teu coração?

Faltou-lhe a voz e deixou cair a cabeça no regaço da amiga. Mas, ao levantar a vista para ela, ficou mudo de espanto: Ekatierina estava sentada, pálida como uma morta, imóvel sobre a cama, e olhava fixamente o vazio, com olhos tresloucados, enquanto os lábios lhe tremiam agitados por uma dor muda, inexprimível. Ergueu-se lentamente, deu uns passos e deixou-se cair aos pés da velha imagem… como louca, proferindo palavras ininteligíveis que lhe escapavam do peito com grande dificuldade. Parecia ter perdido a razão. Ordínov levantou-a, deitou-a na cama e ficou inclinado sobre ela, tomado de viva inquietação. Passado um momento ela abriu os olhos, fez um movimento como se quisesse apoiar-se sobre os cotovelos, percorreu o quarto com uns olhos sem expressão, olhou

também o rapaz e pegou-lhe na mão. Puxou-o mais para si, moveu os lábios como se fosse dizer-lhe qualquer coisa, mas não chegou a dizer nada. Por fim irrompeu num choro desabalado.

Balbuciou duas palavras, mas os soluços interromperam-na, sufocando-lhe a voz. Quando tornou a levantar a cabeça olhou para Ordínov com tal desespero que ele, sem o perceber, aproximou-se mais para não perder nenhum som que saísse da sua boca. Por fim ouviu-a murmurar claramente:

— Eu sou uma perdida; perderam-me, estou perdida!

Ordínov ergueu bruscamente a cabeça e olhou-a desconcertado. Um pensamento vulgar, odioso, lhe atravessou o espírito. E Ekatierina pôde ver a súbita e dolorosa crispação do seu semblante.

— Sim, perdida! — exclamou. — Seduziu-me um homem sem escrúpulos! Foi ele o meu corruptor! Vendi-lhe a minha alma… Oh! Por que, por que falaste em minha mãe? Por que me fizeste lembrar dela?… Deus te… Deus te perdoe…

E chorava silenciosamente. O coração de Ordínov batia com tal violência que pouco lhe faltou para gritar de dor.

— Ele diz — murmurou ela em tom de mistério e contendo a respiração — ele diz que, quando morrer, virá buscar a minha pobre alma pecadora… Eu lhe pertenço. Vendi-lhe a minha alma… E agora não faz outra coisa senão atormentar-me e ler-me coisas dos seus livros… Ali, olha, tem ali o livro. Ali! Ele diz que eu estou em pecado mortal. Olha, ali está o livro. Ali…

E apontava com terror um grosso volume. Ordínov não tinha reparado que aquele se encontrava ali. Pegou nele maquinalmente. Era um daqueles livros religiosos de outros tempos, ilustrado com magníficas estampas, que o rapaz tivera já ocasião de ver por mais de uma vez. Mas naquele momento sentia-se incapaz de fixar a atenção fosse no que fosse.

Abraçou a jovem e procurou tranquilizá-la.

— Não penses nisso, deixa-o para lá. Afligiram-te e assustaram-te, mas agora estou aqui contigo. Confia em mim, meu bem, minha estrela.

— É que tu ainda não sabes nada. Ainda não sabes! — exclamou ela voltando a apertar-lhe as mãos. — Eu estou perdida para sempre… Vivo sempre cheia de medo! Mas tu não me atormentes, não me faças sofrer! Quando eu vou ter com esse homem — continuou ela — fala-me muitas vezes com palavras que só ele sabe; outras, pega num livro, no maior e põe-se a ler-me nele… dizendo coisas ameaçadoras e terríveis! Eu não sei que livro é esse, nem sequer entendo bem tudo o que ele diz, mas ao ouvi-lo sinto uma angústia tão grande, tão grande… parece-me que não é ele quem fala mas outra pessoa, alguém que não perdoa, e tão inexorável que o coração se me despedaça e sinto uma dor ainda maior do que era antes o meu susto.

— Não voltes para junto dele! Por que vais? — disse Ordínov sem reparar bem no que dizia.

— Por que venho eu ver-te a ti? Se me perguntasses, não sabia que dizer-te… Mas ele está sempre a dizer-me: “Reza, reza, reza”. Às vezes, na escuridão da noite, fico rezando horas e horas inteiras. De vez em quando o sono me vence; mas o medo torna a despertar-me logo e então é como se à minha volta se formasse uma vaga tormenta, como se gente má me inflingisse um suplício mortal, sem que eu pudesse chamar pelo socorro de alguém ou alguém me pudesse salvar. Sinto um aperto na alma e quase sinto que todo o corpo se me desfaz em pranto. E então ponho-me outra vez a rezar, a rezar, até que a Virgem, lá do alto, fixe em mim o seu olhar. Por fim levanto-me e vou meio morta para a cama; mas já mais de uma vez tenho acabado por adormecer de joelhos diante da imagem. Então parece-me que ela acorda e me chama… e depois acaricia-me e sossega-me… e sinto um grande alívio. Sim, seja qual for a desgraça que possa cair em cima de mim, a seu lado não tenho medo nenhum. Ele é poderoso! A sua palavra é grande!

— Mas a que desgraça te referes? — perguntou-lhe Ordínov tremendo e com o coração desesperado.

Ekatierina empalideceu. Aos olhos de Ordínov parecia uma condenada que põe a sua última esperança no indulto.

— É que eu… eu sou maldita, sou uma assassina de almas; a minha mãe amaldiçoou-me. Eu a matei!

Ordínov abraçou-a em silêncio. Ela se chegou ainda mais a ele. Ordínov sentia que um estremecimento sacudia o corpo da moça como se quisesse arrancar-lhe a alma do corpo.

— Fui eu que a mandei para debaixo da terra fria — disse ela completamente entregue à recordação e tomada de viva excitação, parecendo contemplar uma vez mais naquele instante um acontecimento que já nada podia anular, o passado irreparável. — Eu queria confessar-te isto já há mais tempo, mas ele me proibiu sempre com pedidos, com ameaças, com censuras e com troças. Outras vezes, porém, é ele quem se põe a me lembrar, como se fosse meu inimigo e meu juiz. Então recordo tudo… como esta noite… como sempre, a cada momento, como se tivesse o passado diante de mim… Ouve-me, ouve-me! É já uma coisa antiga, nem sequer posso precisar quando ocorreu, e contudo tenho-a fresca na minha imaginação como se tivesse acontecido ainda ontem, como um sonho da noite passada que até ao amanhecer me oprimisse o coração. É o medo que faz com que o tempo pareça tão longo! Senta-te, senta-te aqui junto de mim, vou contar-te toda a minha vida… Amaldiçoa-me, pois já o estou… Vou revelar-te toda a minha vida…

Ordínov quis detê-la, impedi-la de falar; mas ela juntou as mãos como se lhe implorasse o favor de escutar as suas confidências, e depois, muito agitada, continuou a sua narrativa. Falava de um modo desconexo e aos arrancos, e a voz denunciava a tempestade que lhe rugia dentro da alma; contudo Ordínov compreendeu muito bem o seu relato, pois a existência dela vinha confundir-se com a sua própria vida, e as dores dela com as suas próprias dores. Julgava ter mais uma vez diante de si o seu inimigo. E esse inimigo ia ganhando corpo a cada uma das palavras da moça, tornava-se cada vez mais tangível e parecia ao rapaz que ele lhe oprimia com força o coração, ao mesmo tempo que troçava insultuosamente da sua cólera. O sangue começava a ferver-lhe como se de repente lhe tivesse aparecido o velho

malfazejo dos seus pesadelos (Ordínov estava convencido disso), e o tivesse ali diante em carne e osso.

— Era uma noite como esta — começou Ekatierina — mas ainda mais escura e medonha, e o vento assobiava na nossa floresta como nunca até então eu tinha ouvido… Aquela noite foi o começo da minha perdição… O azinheiro rugiu diante das nossas janelas. Eu não sei, mas um pobre mendigo que costumava bater à nossa porta — era um velhinho já muito velho — dizia que se lembrava de ter visto já aquele azinheiro quando era criança e que nesse tempo era já tão forte como então, quando o furacão lhe arrancou as raízes. Naquele mesma noite — como me recordo ainda! — a tormenta destruiu as barcas que meu pai tinha no rio — vivíamos junto da fábrica — o meu pai, apesar de estar doente, foi logo lá. A minha mãe e eu ficamos sozinhas em casa. Estávamos sentadas na sala e eu dormitava, mas a minha mãe, coitada, estava tão triste que não parava de chorar devagarinho… e eu sabia muito bem por que é que ela chorava. Havia pouco tinha sarado de uma doença mas estava ainda muito pálida e andava sempre a dizer-me que eu devia ir-lhe preparando a mortalha… De repente, por volta da meia-noite, ouço bater à porta. Dou um salto, aflui-me todo o sangue ao coração… A minha mãe dá um grito assustada… Eu não a olho, não sou capaz; mas pego no pequeno lampião e vou eu mesma abrir… Era ele! Senti-me triste, pois ficava sempre triste quando ele vinha a nossa casa, desde que eu era pequenina, desde até onde alcançavam as minhas recordações, desde que tinha o uso da razão. Naquele tempo o cabelo dele ainda não era branco, tinha a barba negra e o olhar ardente como uma brasa. Até então nunca me olhara com bons olhos. Naquela noite perguntou-me: “A tua mãe está em casa?”. Eu semicerrei a porta e respondi-lhe: “Sim, mas o papai não está”. Ele me respondeu: “Já sei”. E de repente olhou-me; pela primeira vez me olhou de frente. Voltei-me a fim de me retirar. Mas ele continuava no mesmo lugar. “Por que não entra?.” “Estou pensando”, disse ele. Lentamente seguiu-me, mas ao entrar perguntou-me de repente em voz baixa: “Por que me disseste que o teu pai não estava em casa quando te perguntei pela tua mãe?”. Eu não lhe respondi. A minha mãe ficou espantada ao vê-lo e fez logo menção de correr ao seu encontro. Mas ele mal lhe concedeu um olhar… Eu vi tudo. Estava encharcado de água e de neve… Nunca chegamos a

saber, nem a minha mãe nem eu, donde vinha nem de que vivia… Daquela vez havia nove semanas que não o víamos… Atirou o gorro para cima da mesa. Tirou as luvas, mas não se inclinou perante as imagens nem cumprimentou a dona da casa, e foi logo sentar-se perto do fogo…

Ekatierina pôs a cabeça nas mãos como se alguma coisa a oprimisse e atormentasse, mas não tardou a erguer-se, continuando a sua narrativa.

— Ele se pôs a falar em tártaro com a minha mãe. Eu não percebia nem uma palavra. Até então, sempre que ele ia lá, afastavam-me; mas desta vez a minha mãe não se atreveu a dizer-me o que quer que fosse. O bandido comprava a minha alma; e eu olhava minha mãe como se me orgulhasse disso. Notei que falava de mim. A minha mãe começou a chorar. Eu reparei que ele levava a mão ao punhal que lhe pendia do cinto. Levantei-me e peguei-lhe no cinto para tirar-lhe o punhal. Mas ele rangeu os dentes de raiva e tratou de afastar-me… Bateu-me no peito mas não o larguei. Pensei: “Vou morrer”. Minha vista escureceu e estremeci sem soltar um grito. E então, embora estivesse meio desmaiada, pude ver que ele tirava o cinturão, levantava o braço com que me tinha empurrado, tirava da bainha o punhal do Cáucaso e ameaçava-me com ele, dizendo: “Toma, corta-me a mão; vinga-te do que te fiz; eu vou me abaixar diante de ti até tocar no chão”. Desviei o punhal. O coração começou a palpitar-me surdamente, mas não olhei para ele. Recordo ainda que sorria; mas não disse nada e apenas olhava para minha mãe, para os seus olhos tristes, e o meu olhar era de raiva, enquanto um sorriso maldoso não me saía dos lábios. E a minha mãe continuava sentada, lívida e silenciosa como uma morta…

Ordínov ouvia cada uma das suas palavras com enorme ansiedade. Mas, aos poucos, a excitação da moça foi abrandando e o seu falar tornou-se mais tranquilo. Estava dominada pelas suas recordações e o seu temor fundia-se num sentimento que passava para além do mar sem fim dos seus sentidos.

— Ele pegou no gorro sem despedir-se. E eu peguei de novo no lampião para acompanhá-lo até à porta, adiante de minha mãe que,

embora ainda doente, fizera um esforço para levantar-se da cadeira e acompanhá-lo. Chegamos à porta, abria-a, os cães ladraram; eu fiquei calada. Ele parou, e de súbito tirou o gorro e fez-me com ele uma vênia até ao chão. Ao mesmo tempo vi que metia a mão debaixo da capa e tirava do bolso do peitilho uma caixa pequenina, forrada de marroquim. Abriu a caixa, eu olhei e vi brilhar pérolas autênticas: eram para mim. "Tenho na cidade — disse ele — uma amiga a quem pensava levar estas pérolas de presente; mas não o fiz. Fica tu com elas, minha flor, enfeita com elas a tua beleza ou calca-as aos pés. Faz como quiseres, mas fica com elas." Eu peguei nelas mas não com intenção de as pisar, o que teria sido uma honra demasiado grande. Peguei nelas sem dizer nada. Entrei em casa e coloquei as pérolas na mesa, diante de minha mãe… Fora para isso que as aceitara. Ela permaneceu calada durante muito tempo, estava tão branca como a parede e parecia que não se atrevia a dirigir-me a palavra. "Que quer dizer isto?" — disse por fim. Eu lhe respondi: "O negociante as trouxe para ti, nada mais posso dizer-te". E vi como as lágrimas lhe corriam pelas faces e como sua respiração se tornava difícil. "Não, sonsa, ele não as traria para mim!" Ainda recordo a mágoa com que pronunciou aquelas palavras, com tanta pena como se tivesse o coração a transbordar em lágrimas. E eu a olhei… e estive tentada a lançar-me a seus pés, mas em vez de o fazer disse-lhe o que um mau espírito me inspirou naquele instante: "Bem, se não são para ti, hão de ser para o papai! Vamos entregá-las a ele, quando ele voltar vou dizer que vieram uns comerciantes que se esqueceram aqui da mercadoria". Ao ouvir isto, a minha mãe desatou a chorar, e o seu choro era cheio de amargura… "Será isso o que eu hei de fazer! — exclamou. — Direi ao teu pai que espécie de comerciantes estiveram aqui e que espécie de mercadoria procuravam! Direi tudo àquele de quem és filha, minha malvada! Tu já não és minha filha; tu és uma serpente venenosa! Digo-te eu que sou tua mãe!" Eu não respondi e nem uma só lágrima correu dos meus olhos… Ai! Tinha a alma como morta… Retirei-me para o meu quarto e passei toda a noite ouvindo o temporal e, ao mesmo tempo, continuava sempre atenta ao desfilar dos pensamentos que o temporal fazia nascer em mim.

Passaram cinco dias. Depois, uma tarde, o meu pai voltou mal-humorado e sombrio pois, pelo caminho, a sua doença tinha-se

agravado. Observei que trazia um braço numa tipoia e adivinhei logo que o inimigo tinha se atravessado no seu caminho. E fora o inimigo que o deixara naquele estado. E eu sabia também que inimigo tinha sido. Eu sabia tudo!… Nem sequer dirigiu a palavra à minha mãe; não perguntou por mim. Chamou os criados e mandou que não trabalhassem na fábrica e defendessem a casa de visitas estranhas. O coração me dizia que algum acontecimento grave se ia dar em nossa casa. Por isso não nos deitamos. A noite passou devagar. De novo na escuridão se levantou um temporal e a minha alma encheu-se de inquietação. Abri a janela… tinha o rosto em fogo, corriam-me lágrimas dos olhos e o meu coração não podia achar sossego. Parecia ter fogo dentro de mim! De boa vontade teria saído dali, daquele exíguo quarto sufocante e teria ido para longe, para o fim do mundo, onde surgem os relâmpagos e as tormentas e onde nascem as tempestades. O meu coração de menina palpitava e tremia… De repente, era já muito tarde, acordo de um sono leve… ou então um nevoeiro caiu sobre a minha alma e enganou-me. De repente ouço chamarem-me à janela: “Abre!” e vejo um homem empoleirado numa escada de corda. Compreendi logo quem era o tardio visitante. Abri a janela e deixei-o entrar na minha solitária alcova. Era ele! Sem tirar o gorro, sentou-se na arca e respirava apressadamente como se tivesse sido perseguido por um tropel de inimigos. Eu estava em pé e pude reparar que ele estava pálido. “O teu pai está em casa?” perguntou. “Está.” “E a tua mãe também?” “Também” — respondi. “Cala-te um momento. Não ouves nada?” “Ouço.” “O quê?” “Uma espécie de assobio junto da janela!” “Bem, minha bela, queres agora agarrar o inimigo pelos cabelos? Queres chamar o teu pai e ser causa da minha perdição? Submeto-me à tua vontade: seja como tu quiseres! Tens aqui uma corda: prende-me, se o teu coração te aconselha a que veles pela tua honra de donzela.” Eu estava calada. “Que dizes? Fala, minha joia!” “Que queres?”, perguntei-lhe eu. “O que quero? Despedir-me do meu antigo amor e consagrar-me daqui para o futuro a um amor novo, jovem… a ti, minha bela!” Pus-me a rir. Eu própria não sei como a sua insolente maneira de falar pôde tocar o meu coração. “Por isso, agora, minha rica, deixa que me desculpe, que ponha à prova a minha coragem e me despeça dos teus pais”, disse ele e levantou-se. Eu estava tão trêmula que os dentes me batiam e o coração, no peito, parecia-me um ferro em brasa. Abri a porta. E quando ele transpunha

o limiar, apelei para todas as minhas forças e empurrei-o para fora. “Toma as tuas pérolas e não voltes a ter o descaramento de me oferecer presentes!” E atirei-lhe o cofrezinho com as pérolas.

Ekatierina fez uma pausa para tomar fôlego. Tinha mudado de cor, como várias vezes no decurso do seu relato; os olhos azuis tinham-lhe escurecido e brilhavam com um brilho estranho. Depois empalideceu e a sua voz subia e baixava de tom, pela força da dor recalcada.

— Fiquei só — continuou — e era como se um turbilhão se tivesse apoderado de mim. De repente quer-me parecer que me chamam, ouço vozes e gritos, correrias de gente pelo pátio e gritos de: “A fábrica está pegando fogo!”. Não esboço sequer um movimento; limito-me a ouvir as pessoas que saem de casa correndo; apenas ficamos ali nós, a minha mãe e eu. Eu sabia que a minha mãe lutava já com a morte, que havia já três dias que agonizava; eu, a sua maldita filha, sabia tudo isso… De súbito, ouço um grito perto do meu quarto, nada mais que um grito, pequeno e fraco, que soou como a vozinha duma criança que, sonhando, grita e depois, tudo voltou a ficar silencioso… Apaguei a luz… senti frio na escuridão e cobri o rosto com as mãos com medo de olhar à minha volta. Depois voltaram a ouvir-se vozes no meu quarto, cada vez mais claras. Da fábrica vinham homens correndo. Fui à janela… e pude ver que traziam o meu pai morto, e ouvi que diziam: “Caiu da escada… da escada caiu na caldeira que estava fervendo… Deve ter sido coisa do demônio!”. Atirei-me para cima da cama. Não me movia e esperava; quem ou o quê, nem eu sabia. Foi uma hora terrível, aquela. Não sei quanto tempo permaneci sentada. Só sei que, por fim, tive a impressão de que tudo rodava à minha volta. Sentia na cabeça uma pressão surda e a fumaça fazia-me arder os olhos. E alegrava-me que o meu fim estivesse próximo. De repente alguém me tocou no ombro e me levantou. Eu abri os olhos e vi quanto a escuridão me permitia ver. Era ele… e tinha a roupa rasgada e queimada, ainda fumegante e cheirando a chamusco. “Vim à tua procura, minha linda — disse-me. — Livra-me da perdição, já que nela me fizeste cair. Entreguei-te hoje a minha alma. Mas não devo ser eu só a pedir perdão pelos pecados desta maldita noite; sejamos dois a rezar e a pedir em conjunto.” E

depois o infame pôs-se a rir. “Vamos, ensina-me por onde se pode sair daqui sem ser visto.” Eu lhe peguei na mão e levei-o. Descemos a escada, atravessamos o corredor sem fazer ruído; abri a porta do celeiro — trazia sempre a chave comigo — e apontei a janela. Lá estava o jardim. Então ergueu-me no ar com os seus braços fortes e saltou comigo pela janela. Depois, já no chão, corremos durante muito tempo, de mãos-dadas. Até que por fim avistamos o bosque escuro e denso. Ele parou e escutou. “Perseguem-nos, Kátia! Vêm já atrás de nós, minha bela, mas não havemos de lhes dar as nossas vidas de presente, num momento como este! Dá-me um beijo, querida, e promete-me amor eterno e eterna ventura!” “Por que tens as mãos sujas de sangue?” — perguntei-lhe. “Sujas de sangue, minha pequenina? É que matei os vossos cães. Ladravam alto demais para um hóspede que chega a desoras! Anda, vem!” E de novo retomamos a corrida. Pelo caminho que levava ao bosque encontramos o cavalo de meu pai, que tinha sacudido as rédeas e abandonado a cavalariça: não queria morrer ali queimado! “É Deus que o envia em nossa ajuda! — exclamou ele — Anda, Kátia, sobe!” Eu fiquei calada. “Ou não queres? Pois vê bem, eu não sou o Anticristo nem o espírito do mal; vê como faço o sinal da cruz, olha!” E efetivamente persignou-se. Depois montou a cavalo, pegou em mim no ar e eu me apertei contra o seu corpo, esqueci-me de tudo e parecia-me que tudo aquilo era um sonho; pude ver que tínhamos chegado às margens dum rio largo, muito largo. Ele se apeou, ajudou-me a descer e encaminhou-se para uns juncos onde ocultou o cavalo. À maneira de despedida, deu uma palmada no pescoço do animal. “Adeus, velho amigo! — disse — Anda, procura outro amo que os antigos te abandonaram todos.”

Aquilo comoveu-me. Pus os braços em volta do pescoço do cavalo, apertei a face contra a sua fina pele e dei-lhe um beijo. Depois subimos os dois para a barca e pegando ele nos remos não tardamos a deixar a margem do rio, já bastante longe da nossa casa. Depois pousou os remos e ficou olhando a água à sua volta. E enquanto observava o rio, murmurou: “Salve, ó mãe, água sem dono, que alimentas muitos filhos de Deus e és a minha protetora! Guardaste bem os meus haveres e conduziste suavemente as minhas mercadorias?”. Eu estava calada e tinha os olhos no chão, pois o rosto ardia-me de vergonha. “Ou preferiste ficar com tudo, tempestuosa e

insaciável como és — continuou murmurando — e vais me prometer em troca proteger a minha pérola mais valiosa e embalá-la? Mas, dize qualquer coisa, pequena. Por que estás tão calada? Irradia calor, sê um sol e afugenta as trevas noturnas!" E ao dizer aquilo ria-se. O seu coração abrasava-se junto de mim; demais o percebia eu, mas por pudor não queria dar-me por achada. Tinha vontade de dizer qualquer coisa mas no entanto continuava calada. "Bem, seja como quiseres!", disse ele ao ver o meu arisco silêncio. Disse isto com pena e parecia muito triste. "O amor não se consegue pela força. Valha-me Deus, és muito orgulhosa! Já vejo que me odeias e muito! Valho assim pouco ante os teus olhos azuis, minha pomba?" Eu o escutava e sentia verdadeiramente ódio por ele, ódio que nascia do próprio amor, mas impus silêncio ao meu coração e disse: — "Se vales ou não vales, como posso sabê-lo? Mas o que sei é que sou uma louca, uma desavergonhada que na escuridão da noite abre a um estranho a porta do seu quarto de donzela, vende a sua alma por um pecado mortal e não sabe dominar o seu louco coração. Isto talvez só o saibam as minhas lágrimas ardentes e também deve saber aquele que, como um criminoso, se mostra ufano do mal que fez e se diverte à custa do coração de uma menina". Assim dizia eu para mim própria mas não me pude conter por mais tempo e rompi a chorar… Ele continuava calado e olhava-me. Eu tremia como uma folha de árvore. "Olha, pequena, ouve-me — disse-me depois de uma pausa e cravando em mim os seus olhos de fogo — eu não falo por falar e é muito sério o que vou dizer. Enquanto quiseres fazer-me feliz serei para ti um amo carinhoso, mas se tu deixares de me querer… nesse caso não penses que vou gastar palavras inúteis. Não digas nada, não te preocupes; basta que me faças um sinal com as tuas pestanas de zibelina ou um gesto com os teus dedinhos para que te deixe livre, e te devolva a tua preciosa liberdade. Mas no mesmo instante — ouve bem, minha orgulhosa — a minha vida acabará e a morte me receberá nos braços!" Ao ouvir aquelas palavras os meus sentidos vibraram…

Possuída de grande agitação, Ekatierina fez uma pausa na sua narrativa. Respirou profundamente e dispôs-se a continuar, mas os seus olhos brilhantes encontraram-se com o olhar febril de Ordínov que lhe bebia as palavras. Ela estremeceu, quis dizer alguma coisa mas seu rosto ficou de novo vermelho e não disse nada… Depois,

inconscientemente ergueu as mãos, apertou com elas a cabeça e atirou-se de bruços sobre o travesseiro… Ordínov estava extremamente comovido. Um sentimento torturante, uma agitação de que ele mesmo se não apercebia, mas que não podia suportar, corria como um veneno pelas suas veias, cada vez com maior ímpeto; um impulso violento e, contudo, reprimido; uma paixão ávida, que reclamava ser satisfeita e se tornava intolerável, absorvia todo o seu pensamento e misturava-se a tudo que sentia. Mas ao mesmo tempo, uma tristeza infinita, ilimitada, começou a oprimir-lhe o coração. Por mais de uma vez, durante a narrativa de Ekatierina, esteve a ponto de gritar, implorando silêncio. Queria lançar-se aos seus pés e pedir-lhe com lágrimas que não fizesse reviver os seus anteriores tormentos de amor, o seu primeiro e para ele ainda incompreensível e puro entusiasmo; e ansiava por umas lágrimas que há muito tempo reprimia. Seu coração apertava-se de ansiedade e parecia que lhe queria saltar e recolher em si todo o pranto que a alma já não podia conter. Mal ouvia o que Ekatierina lhe contava, e o sentimento que a pobre criatura despertava nele tornava o seu amor selvagem e desmedido. Naquele instante maldizia a sua paixão, queria sufocá-la, abafá-la, e parecia-lhe que pelas suas veias lhe corria não sangue mas chumbo fervente.

— Ah! Não julgues que te contei já toda a minha desgraça! — suspirou Ekatierina como se tivesse uma súbita resolução. — Não, nada disso! — exclamou com uma voz em que vibrava um sentimento novo e avassalador e em que se lia toda a dor que parecia destroçar-lhe a alma. — Os meus sofrimentos e as minhas dores ainda não começaram! Que me importa a minha mãe, embora no mundo eu não possa achar outra? Que importa que me tenha amaldiçoado num momento de desespero? Que me importa a minha antiga vida tão descuidada, o meu quartinho confortável e a minha liberdade de solteira? E que pode inquietar-me a ideia de me ter vendido ao diabo e de ter condenado a minha alma à perdição, e que por um pouco de felicidade tenha de ser culpada para todo sempre? Ah, não, não me importa nada disso, ainda que nisso esteja a minha perda! O que verdadeiramente me amargura a vida e me destroça o coração é ter-me feito escrava desse homem, é que eu alimente a minha desonra e a minha vergonha, como se fossem um prazer e uma alegria, e que o

meu coração se perturbe com a ideia do seu desprezo… Nisto, sim, está a minha verdadeira desgraça: que o meu coração não tenha forças para protestar nem para revoltar-se e nem sequer sinta indignação ante o insulto que lhe fizeram!

As palpitações do coração detiveram-se no peito da pobre moça e um soluçar convulso cortou-lhe a palavra. A respiração saía-lhe ofegante pelos lábios que ardiam; o peito erguia-se e baixava e os olhos brilhavam-lhe em clarões bravios. Estava naquele instante tão sedutora, o seu semblante exprimia uma tal força de sentimentos e de paixão, e cada uma das suas feições, dos seus traços, estremecia com tão arrebatadora beleza, que de novo desapareceu todo o sentimento hostil no espírito de Ordínov. O seu coração levava-o para a jovem, sentia ânsias de apertar-se contra o seu peito trêmulo e, louco de paixão, quereria abandonar-se com ela numa embriaguez inconsciente, nas vagas da mesma tormenta, no mesmo indescritível sofrimento, e morrer abraçado a ela, da mesma morte. Ekatierina encontrou o olhar de Ordínov e sorriu ao compreender que os seus dois corações se consumiam no mesmo fogo. Ordínov já não sabia ao certo o que sentia.

— Tem pena de mim, sê piedosa! — murmurou ele com voz sumida, e inclinou-se para ela, tanto, que a sua respiração se confundia com a de Ekatierina, enquanto os seus olhos estavam mergulhados nos dela. — Tu matas-me! Eu não entendo nada dos teus sofrimentos, tenho a alma transtornada… Que me importa a mim saber por que chora o teu coração? Diz-me o que queres… e eu tudo farei… Mas não me mates, não dês cabo da minha vida!…

Extático, contemplava Ekatierina. Nas faces da jovem as lágrimas tinham esgotado. Ela queria interrompê-lo, pegar-lhe as mãos, dizer-lhe alguma coisa e não encontrava as palavras. Um sorriso estranho desenhou-se lentamente nos seus lábios e pareceu que se esforçava por sorrir.

— Bem, mas ainda não te contei tudo! — disse ela, por fim, com voz balbuciante. — Escuta um pouco mais… pois espero que tu, que tens um coração tão afetuoso, não te negarás a escutar-me. Ouve o que te conta a tua irmã… Ainda não sabes nada dos meus sofrimentos!

Vou agora contar-te como passei com ele um ano, mas para quê? Passado um ano foi rio abaixo com os seus amigos, e deixou-me só na aldeia com o seu pai adotivo. Ali ficava eu a morrer de aborrecimento até o seu regresso. Esperei um mês, outro… e, de repente, eis que me encontro na aldeia com um rapaz comerciante, e ao vê-lo lembrei-me então dos bons tempos passados. “Irmãzinha, querida irmãzinha! — disse ele ao reconhecer-me. — Eu sou Alhocha, o teu companheiro de infância. Brincávamos os dois em pequenos. Os nossos pais fizeram-nos noivos quando éramos pequenos… não te lembras? Já te esqueceste? Lembra-te, minha amiga, pois sou da tua aldeia…” “Que dizem lá de mim?” — perguntei-lhe. “Dizem que fugiste de casa, que te desonraste e te entregaste a um bandido, a um corruptor de almas” — respondeu-me Alhocha, sorrindo. “E tu que dizias de mim, Alhocha?” “Vim com a intenção de dizer muitas coisas, — e o coração alvoroçava-lhe — muitas coisas, mas agora que te vi, já esqueci tudo… Deste-me volta à cabeça — disse baixinho. — Bem, fica também com a minha alma, embora venhas a troçar do meu coração e do meu amor, minha beleza! Estou só no mundo, herdei os bens dos meus pais, sou dono de mim mesmo e a minha alma é minha, pois não a vendi a ninguém, como fez uma pessoa que eu bem sei, que afogou a sua consciência. Nem sequer precisas de comprá-la, porque eu te dou de presente, já que, pelo que vejo, não sabe ter mão em si.” Eu me pus a rir e mal me disse aquilo uma ou duas vezes… Bem, viveu ali um mês e esqueceu-se de tudo, sem querer saber da sua fazenda. Mandou embora os companheiros e habitou-se a uma vida solitária. Até que por fim tive pena dele e uma manhã disse-lhe: “Espera esta noite que escureça, lá embaixo, no cais, que eu irei lá procurar-te. Estou farta da vida estúpida que aqui passo”. Chegou a noite, fiz uma trouxa das minhas coisas e a minha alma começou a sentir tristeza e a lutar com os meus pensamentos. Mas, eis que… inesperadamente entra o meu senhor em casa. “Boa-noite — disse ele. — Vem cá! Está-se levantando uma tempestade no rio, não podemos perder tempo!” Segui-o; chegamos à margem do rio, mas dali a uma certa distância é que se encontravam os nossos. De repente vimos… um barco — em que estava sentado um remador conhecido, que parecia esperar alguém. “Boa-noite, Alhocha, Deus te salve! — disse-lhe o meu senhor. — Que é isso? Ficaste para trás ou queres ainda ir para o teu barco? Leva-nos contigo, sê amável, leva-nos até junto dos nossos! Não tenho aqui a

minha lancha e não sei nadar!” “Sobe — disse-lhe Alhocha, e o meu coração tremia ao ouvir a sua voz. — Sentem-se, o ar chega para todos e na minha barca há ainda espaço para vocês!” Subimos para a barca.

A noite estava escura, não havia estrelas, o vento rugia, as águas encrespavam-se mas estávamos já a uma versta de distância da margem. Íamos os três calados. “Tempestade! — disse por fim o meu senhor. — E desta vez vai ser um caso sério! Nunca vi no rio uma noite como esta! E a carga é demais para a barca! Com este temporal não pode aguentar com três pessoas!” “É verdade, tens razão, não pode levar três pessoas. Um de nós está a mais” — disse Alhocha. E na sua voz vibrava uma comoção reprimida. “Bom, e que havemos de fazer, Alhocha? — disse o meu senhor. — Eu te conheci de pequeno, o vinho da amizade bebi com teu pai que Deus haja; reparti com ele o pão e o sal… por isso, diz-me Alhocha, em caso de necessidade, serias capaz de alcançar a outra margem ou poderias morrer afogado?”

“Não — respondeu Alhocha; — não poderia alcançá-la.”

“Mas, quem sabe? Talvez tivesses os santos do teu lado e pudesses lá chegar.” — “Não, com este temporal não me atrevo, ficaria na água.” — “Bom, pois agora ouve tu, Katarínuchka, minha pérola, meu tesouro! — disse, voltando-se para mim. — Recordo-me de uma noite semelhante, mas em que as ondas não estavam encrespadas, e em que as estrelas cintilavam luminosas e a lua brilhava… Responde-me, pois pergunto-te isto sem qualquer intenção: lembras-te dessa noite?” “Sim”, disse-lhe eu. “Pois se a não esqueceste hás de recordar também que então um homem corajoso mostrou a uma linda menina a maneira de recuperar a sua liberdade, se algum dia viesse a deixar de o amar… lembras-te?” “Também me lembro disso” — respondi eu, mais morta do que viva. “Ah! Então também o não esqueceste? Pois então olha: três pessoas são uma carga grande demais para este barco. Não terá chegado a nenhum de nós a sua hora? Diz, meu amor, fala, diz uma só palavra, minha pomba!” Nessa outra noite também, eu não disse nada! — murmurou Ekatierina empalidecendo um pouco.

Mas não acabou a sua história.

— Ekatierina! — gritou uma voz forte e rouca.

Ordínov estremeceu. À porta do quarto estava Múrin, inerte, embrulhado na sua peliça; lívido, contemplava a companheira com uns olhos fixos que pareciam de louco. Ekatierina empalideceu e, como que fascinada, fixou também o olhar sobre ele.

— Vem comigo, Ekatierina! — murmurou o doente com voz que mal se ouvia.

E saiu do quarto. Ekatierina continuava com o olhar fixo na porta, como se ele ainda ali estivesse. Mas de repente subiu-lhe o sangue às faces pálidas e, pouco a pouco, levantou da cama. Ordínov não reparou no seu primeiro movimento.

— Até amanhã, meu amor! — disse ela.

E a sua voz soou como um sorriso tranquilo e estranho.

— Até amanhã! Mas não esqueças onde ficamos. Escolhe entre os dois; diz a quem queres e a quem não queres, minha flor!

— E tu vais lembrar? Terás paciência mais esta noite? — perguntou-lhe ela pousando a mão no ombro do amigo e despedindo-se dele com um terno olhar.

— Ekatierina, não fiques com ele, não fiques! Está louco, não vês? — murmurou Ordínov, tremendo por ela.

— Ekatierina! — gritou a voz de Múrin do outro lado do tabique.

— Por que não? Seria capaz de matar-me, não é verdade? — perguntou-lhe Ekatierina, rindo. — Boa-noite, meu amor! — disse depois, apertando ternamente a cabeça do rapaz contra o seu peito, enquanto súbitas lágrimas afluíram aos seus olhos. — Apaga a tua dor, meu amor, que amanhã despertarás para a alegria!

E beijou-o apaixonadamente.

— Ekatierina, Ekatierina — implorou Ordínov e quis ajoelhar-se diante dela para a deter — Ekatierina!

Sorrindo, voltou-se ainda uma vez para ele, fez-lhe um aceno de

despedida, e saiu do quarto. Ordínov ouviu-a entrar no de Múrin. Conteve a respiração e pôs-se a escutar, mas não ouviu nenhum ruído. O velho estava calado e talvez até tivesse perdido os sentidos… Ordínov quis ir para junto dela, mas os pés faltaram-lhe, as forças abandonaram-no e voltou a cair sobre a cama extenuado…

## Capítulo V

Ao voltar de novo a si, não pode logo precisar se estava amanhecendo ou anoitecendo. O quarto estava completamente às escuras. A lamparina diante da imagem devia ter-se apagado. Ordínov não sabia quanto tempo tinha dormido; sabia apenas que tivera um sonho doentio. Ao acordar esfregou a cara com as mãos sem saber o que fazia, como se quisesse afugentar um pesadelo e as visões noturnas. Mas ao levantar-se, sentiu o corpo moído, e os seus membros, exaustos, negaram-se a obedecer-lhe. Doía-lhe a cabeça, tinha vertigens e corriam-lhe calafrios pelo corpo, alternando com ondas quentes de febre. Com a lucidez do despertar voltou-lhe também a memória, e sentia o coração apertado e tremia ao evocar, no espaço de um segundo, toda a noite anterior. Só com essa recordação palpitava-lhe o coração com tanta força e eram tão vivas e rápidas as suas sensações, como se tivesse decorrido apenas um minuto e não uma noite inteira, muitas horas já, desde que Ekatierina saíra do seu lado. Sentia ainda os olhos ardendo das lágrimas que chorara… A menos que não fossem já novas lágrimas que lhe vinham no fundo da alma! E, contudo, aquilo que parecia milagre: no tormento que sentia havia lugar para o prazer e para a doçura, embora, ao mesmo tempo, cada um dos seus nervos lhe afirmasse que não seria possível para outra vez dominar-se daquele modo. Houve instantes em que se sentiu a dois passos da morte e se dispunha já a recebê-la como um hóspede desejável que se aproximava dele revestindo a forma duma mulher; a tal ponto de tensão havia chegado a sua sensibilidade, voltando de novo a alvoroçar-se de um modo tão tumultuoso, ao despertar, a sua paixão e uma tal fascinação, um tal entusiasmo lhe enchia a alma que, a sua vida, elevada a uma altura de vertigem, estava também a ponto de despenhar-se e rolar, para em seguida perecer para sempre… Quase no mesmo momento, como

resposta à sua dor e ao vibrar do seu coração, soou uma voz que lhe pareceu conhecida, como essa íntima vibração que a alma humana experimenta nos seus instantes de alvoroço, nos seus momentos de grande felicidade, comovendo toda a sua existência… e essa voz não era outra senão a suave, musical voz de Ekatierina. Muito perto dele, quase à cabeceira da sua cama, soou um canto que a princípio exprimia melancolia e timidez. Mas depois a voz foi-se erguendo e baixando em vibrações melodiosas, como se morresse e, contudo, contasse ainda ternamente o tormento inquietante do desejo reprimido que para sempre se albergara no seu coração triste. Mas a voz não tardou a elevar-se de novo e a correr, ardente e trêmula, provindo de uma paixão que não podia ser abafada por mais tempo, para ir por fim perder-se num mar de encanto, um oceano sem fim de melodias feiticeiras, tão arrebatadoras e venturosas como o primeiro olhar do amor. Ordínov compreendeu também a letra do canto, que era a expressão comovedoramente simples e penetrante de um sentimento puro, tranquilo, por ser consciente e diáfano… e, quanto à forma, de uma estrutura arcaica, como essas baladas que em tempos passados brotavam da boca do povo. Mas Ordínov não reparava no sentido, esquecia-o para ouvir apenas a música, e as palavras amorosas e singelas da velha canção tinham para ele uma letra diferente, outra letra em que palpitava a mesma nostalgia que agitava o seu peito, palavras que eram como a repercussão das comoções mais íntimas e profundas da sua paixão, e, contudo incompreensíveis para ele próprio, e que, ao convidarem-no a amar, lhe davam a entender quanto ela sabia também desses tormentos. O rapaz julgava ouvir os últimos ecos tristes duma vida que se extingue por amor, e depois a alegria exuberante de uma vontade que despedaça as algemas e, livre e leve, se espraia pelo mar sem fim da suprema felicidade; mas em seguida parecia-lhe ouvir a primeira confidência trêmula do amor, por entre lágrimas e rubores, na confissão envergonhada e hesitante de uns lábios de mulher que ainda conservam o aroma do pudor, e depois, ainda aquela voz voltava a erguer-se como o desafio de uma bacante que, ufana e orgulhosa do seu encanto, sem segredos, nua, olha à sua volta com um sorriso faiscante, de pupilas ébrias e oblíquas…

Ordínov não pôde esperar o fim do canto e saltou logo da cama.

Logo aquele cessou também.

— Já passou a manhã, meu amigo — disse a voz de Ekatierina do outro lado do tabique —, por isso tenho que dar-te as boas-tardes. Levanta-te, vem ter conosco, traze-nos a alegria; estamos à tua espera, eu e o meu senhor, que somos ambos boas pessoas e estimamos-te. Apaga o ódio com o amor, se é que os nossos corações guardam qualquer ressentimento. Diz-nos uma palavra afetuosa…

Ordínov saiu imediatamente do seu quarto, sem ele próprio se aperceber que se dirigia para o dos vizinhos. A porta abriu-se à sua frente e ele olhou para dentro, contemplou a cena e ficou deslumbrado perante o riso dourado da feiticeira que tinha diante de si. Não ouvia nem via nada, nem ninguém, senão a ela. Naquele momento a radiante figura da jovem era o farol da sua vida e da sua alegria.

— O sol já teve duas vezes a cor vermelha desde que nos separamos — disse ela estendendo-lhes as duas mãos. — Olha pela janela e verás como a terceira está prestes a desaparecer. Eram semelhantes, essas cores, ao rubor duma linda menina — continuou ela a rir. — O primeiro rubor da manhã era como o fogo que uma jovem sente pela primeira vez no seu coração, quando ele lhe começa a palpitar no peito; e o segundo recordava o instante em que a jovem perde a sua timidez e sente que o sangue, como fogo, lhe acode ao rosto… Entra, entra na nossa casa, meu filho! Por que estás aí parado à porta? Encontrarás aqui honras e amizade, e antes de mais nada aceita as boas-vindas do dono da casa.

E, com um sorriso luminoso, acenou com a mão a Ordínov e o fez entrar no quarto. O coração do rapaz confrangia-se. Todo o fogo que no seu íntimo ardia se apagara num instante, mas só por um instante. Transtornado, baixou os olhos para não a ver. Sentia que a sua beleza era tão sedutora que não poderia suportar o seu olhar ardente. Não. Nunca a vira como naquele dia. Pela primeira vez contemplava agora a alegria e o encanto do riso no seu rosto, e as suas pestanas negras brilhavam, mas não como antes, por causa do pranto derramado. A mão dele tremia nas dela. Se tivesse levantado os olhos, teria visto que os olhos de Ekatierina irradiavam um sorriso triunfal e que refletiam

claramente comoção e amor apaixonado.

— Levanta-te, velho! — disse ela, por fim, como se de repente e pela primeira vez desse conta da situação. — Saúda o hóspede com palavras de afeto. É nosso hóspede e tão bom como um irmão. Ergue-te, velho orgulhoso, não sejas soberbo, ergue-te, saúda-o, aperta a sua mão e convida-o para a nossa mesa.

Ordínov ergueu os olhos e era como se também pela primeira vez se apercebesse da realidade: esquecera-se totalmente de Múrin e nem sequer pensava que estivesse ali. Os olhos do velho, que pareciam apagados, como se estivesse prestes a morrer, olhavam-no imóveis, e com uma funda sensação de dor. O rapaz lembrou-se do olhar que ele da última vez lhe tinha lançado, por debaixo das espessas e arqueadas sobrancelhas, que estavam agora de novo franzidas em sinal de dor e sofrimento. Uma leve sensação de vertigem se apoderou do rapaz. Olhou à sua volta e foi então que pela primeira vez teve a noção exata do lugar em que se achava. Múrin continuava prostrado na cama, mas estava ainda completamente vestido e dava a impressão de que se tinha levantado naquela manhã e saído à rua. Em volta do pescoço tinha um lenço vermelho e calçava alpercatas. Via-se que a doença já lhe passara, contudo tinha ainda o rosto extremamente pálido e quase amarelado. Ekatierina estava de pé, junto da cama, com as mãos sobre a mesa, e o seu olhar ia de um para o outro; mas o sorriso afetuoso não desaparecia do seu semblante. Parecia que tinha sido ela quem, com um gesto, provocara tudo aquilo.

— Ah, sim! És tu! — disse Múrin, levantando-se lentamente e sentando-se na cama. — Tu és meu hóspede. Estou em dívida para contigo; andei mal, e ontem, sem querer, assustei-te com a pistola. Quem podia adivinhar que também estavas doente! Mas eu julguei… — acrescentou com uma voz abafada que a doença tornava ainda mais rouca. Depois franziu a testa e instintivamente afastou o olhar de Ordínov. — As desgraças costumam vir sem avisar: introduzem-se em nossa casa como um ladrão, e quando damos conta já as temos em cima. A ti também ainda não há muito que te dei com a faca do peito — resmungou, dirigindo-se a Ekatierina. — Eu estou doente, amigo. De quando em quando, dão-me ataques… Bom. Para que mais explicações? Basta o que está dito! Senta-te. Serás meu convidado!

Ordínov continuava a olhá-lo, pouco à vontade.

— Senta-te, homem; senta-te — gritou o velho impaciente. — Não vês que ela quer? Hum!… Quer dizer que, segundo parece, são irmãos? E gostam um do outro como dois tontinhos!

Ordínov sentou-se.

— Olha que irmãzinha arranjaste! — continuou o velho com ar festivo, e ria mostrando os dentes muito brancos e bonitos. — Como vocês se querem, meus filhos! Não vês que irmã tão jeitosa tu tens, homem? Mas, fala, responde! Olha como a ela lhe ardem as faces! Diz que ela é linda, gaba a sua beleza diante de toda a gente! Mostra como o teu coração suspira por ela!

Ordínov franziu as sobrancelhas e olhou para o velho. Este estremeceu sob o olhar dele. No coração de Ordínov nascia uma cólera cega. Com um instinto inteiramente animal, sentia que tinha na sua presença um inimigo mortal. Não compreendia o que se passava em si mesmo. Tinha perdido a faculdade de pensar.

— Não me olhes! — disse por trás dele a voz de Ekatierina.

Ordínov voltou-se.

— Não me olhes, digo-te eu, se é que o mau arrasta ao mal… Tem compaixão dos que te querem bem! — disse Ekatierina, rindo.

E, de súbito, pôs-lhe as mãos nos olhos por detrás… mas depois retrocedeu e cobriu o próprio rosto com elas. Por entre os dedos brilhava o seu chamejante rubor… Depois deixou cair as mãos e esforçou-se por enfrentar, corajosa e sem medo, o olhar dos dois homens. Mas estes olhavam-na em silêncio… Ordínov, com certo amor assombrado, pois sentia pela primeira vez o coração vibrar diante de uma mulher; o velho, pelo contrário, olhava-a com atenta e inquisidora frieza. O seu rosto pálido não deixava transparecer nada; só os lábios estavam exangues e tremiam.

Ekatierina tornou-se também séria, aproximou-se da mesa e começou a afastar os livros, os papéis, o tinteiro e outras coisas que ali

havia. A sua respiração era apressada e desigual. De vez em quando continha o fôlego como se sufocasse e lhe oprimisse o coração que palpitava inquieto. Pesadamente, como as ondas do mar sobre a margem, o seu peito erguia-se e baixava. Não olhava para ninguém e as suas pestanas comprimidas e escuras reluziam sedosas sobre as faces suaves…

— Meu amor! — murmurou Ordínov.

Mas logo se dominou, pois sentiu pousar sobre ele o olhar do velho. Como um relâmpago, aquele olhar inflamou-se num instante, ávido, perfurante, hostil, inimigo e cheio de um frio desdém. Ordínov levantou-se, mas um poder invisível parecia ter-lhe acorrentado os pés. Tornou a sentar-se e apalpou as próprias mãos, como se não acreditasse que tudo aquilo não era realidade mas apenas um simples sonho. Parecia-lhe sentir a tortura dum pesadelo, como se tivesse fechado os olhos num doloroso e doentio crepúsculo. Mas — coisa estranha! — não queria despertar.

Ekatierina levantou o pano da mesa, abriu um armário, donde tirou uma rica toalha bordada a seda e ouro, e estendeu-a sobre a mesa; depois tirou um jarro de prata antiga, lavrada, e do qual, segundo o costume antigo, pendiam as taças, também de prata, colocou-o em cima da mesa e tirou três taças: uma para o dono da casa, outra para o hóspede e a terceira para ela. Com olhar grave e quase pensativo pôs os olhos no velho e depois no rapaz.

— Qual é de nós três aquele que não quer bem a outro? — perguntou. — Aquele a quem ninguém queira bem, esse deve querer-me a mim e beber comigo na mesma taça. Mas eu quero a ambos como a pessoas de família; bebamos, pois, pelo amor e pela boa harmonia!

— Bebamos e afoguemos em vinho os pensamentos tristes! — disse o velho com voz diferente. — Serve o vinho, Ekatierina!

— E a ti também? — perguntou Ekatierina a Ordínov, olhando-o de frente.

O jovem estendeu em silêncio a sua taça.

— Esperem! — exclamou de repente o velho erguendo a taça. — Que cada um de nós veja realizado o que deseja no íntimo do seu coração!

Tocaram as taças e beberam.

— Agora, bebamos os dois — disse Ekatierina voltando-se para o velho. — Bebamos, se não me guardas rancor! Brindemos pela felicidade vivida, em honra dos anos passados! Brindemos do fundo do coração, pelo amor feliz! Deixa-me servir-te mais vinho, velho, se o teu coração ainda bate por mim!

— O teu vinho é forte, minha pomba; mas tu mal o provaste! — disse o velho, rindo, e estendeu a sua taça.

— Vou te servir outra vez, mas bebe o vinho até o acabares… Para que hás de viver e atormentar-te sempre com pensamentos tristes? Com isso apenas conseguimos fazer mal ao coração. É a tristeza que origina os pensamentos e por sua vez estes originam-na a ela: uma pessoa feliz, não pensa. Bebe, velho. Afoga os teus pensamentos em vinho!

— Muita amargura deves ter no teu coração, visto que queres acabar assim com ela tão depressa! Oxalá pudesses acabar com toda de uma vez, minha pomba branca! Eu bebo pela tua felicidade, Kátia! Mas, e o senhor… Também tem qualquer desgosto? Se é que me permite a pergunta…

— O que eu tenho é de foro íntimo! — murmurou Ordínov sem tirar os olhos de Ekatierina.

— Ouviste, velho? Eu própria há muito tempo que não me conhecia nem pensava em nada; mas chegou um momento em que reconheci tudo e de tudo me recordei, e então voltei a viver todo o passado com uma avidez insaciável, no fundo da alma.

— É mau sinal quando uma pessoa começa a recordar-se do passado — observou o velho pensativo. — O que já passou é como o vinho que já se bebeu! Que vale a felicidade passada? A roupa velha joga-se fora e não se pensa mais nela…

— Mas então sentimos necessidade de outra nova! — respondeu Ekatierina com um riso um tanto forçado, enquanto duas grossas lágrimas lhe brilhavam entre as pestanas. — Por isto se vê que uma vida não se pode extinguir num momento, e que o coração duma mulher nova suporta muito! Não se aquieta facilmente, sabes tu, velho!? Olha, caiu uma lágrima na tua taça!

— Foi pois a troco de muita felicidade que compraste a tua dor? — perguntou-lhe Ordínov numa voz que tremia de comovida.

— Tu tens muito que vender, amigo — respondeu-lhe o velho — já que falas sem ninguém to pedir.

E riu de maneira enigmática e maldosa, olhando descaradamente para o seu hóspede.

— O preço por que comprei a minha dor — respondeu Ekatierina com uma voz que revelava certo desgosto e aborrecimento — a um parecerá muito, e a outro, pouco. Um sacrifica tudo por ela e nada recebe em troca; outro não dá coisa alguma e o coração segue-o, obediente. Mas repara: não censures ninguém — voltou o rosto para ele e olhou-o com tristeza. — Um é homem e o outro também… Quem poderá dizer por que razão a alma vai atrás de um e não atrás de outro? Enche a tua taça, velho! Bebe à felicidade da tua filha querida, da tua humilde escrava, como noutros tempos, quando pela primeira vez ela te ensinou a amar. Vamos, ergue a tua taça!

— Seja! Mas serve-te tu também!

— Espera, velho! Não bebas ainda, deixa-me antes dizer uma palavra!

Ekatierina apoiou os cotovelos sobre a mesa e contemplou imóvel, com olhos apaixonados e brilhantes, os olhos do velho. Uma audácia especial brilhou de repente naquele olhar. Todos os seus gestos eram seguros, as suas maneiras inesperadas e rápidas. Parecia ter fogo na alma e exalá-lo prodigiosamente. E a sua beleza, com a agitação e com o nervosismo, era ainda maior. Ria, e os seus dentes pequenos e iguais brilhavam entre os lábios, como pérolas. A sua respiração era apressada e entrecortada de comoção. As asas finas do seu nariz

tremiam. Uma das suas lindas tranças, que lhe davam duas voltas em torno da cabeça, soltara-se e caíra ocultando-lhe a orelha esquerda e parte da face carminada. As fontes brilhavam-lhe, úmidas.

— Diz-me a verdade, velho! Diz-me a verdade, meu bem, antes que a tua razão se escureça! Aqui está a minha branca mão! Há de haver alguma razão para que as pessoas te considerem bruxo. Também estudaste nos livros e conheces a magia negra! Vê agora as linhas da minha mão, bom velho, e lê nelas o meu desgraçado destino! Só te peço que me digas a verdade! Bem, diz-me o que pensas e o que sabes: a tua filhinha será feliz, ou não lhe perdoarás e chamarás a desgraça para o seu caminho, valendo-se dos teus sortilégios? Diz-me: será tranquilo o canto em que farei o meu ninho, ou terei, à maneira das aves migradoras, que andar toda a minha vida à procura de amparo, entre gente estranha, como uma pobre órfã? Diz-me: quem é meu inimigo e me guarda rancor… e quem é meu amigo e só tem no coração amor para me oferecer. Diz-me: o meu jovem e ardente coração terá de permanecer toda a sua vida solitário, até embotar-se com o tempo, ou encontrará, pelo contrário, outro coração igual a ele e que bata de felicidade em uníssono com ele… até uma nova dor? E diz-me, velhinho, com toda a verdade, onde, sob que céu azul ou para além de que mar e de que florestas longínqua vive o meu belo falcão; diz-me onde e se também ele perscruta com olhos penetrantes o horizonte em busca da sua companheira, e se também me espera com ânsia, e se o seu amor também é ardente, ou se já o esqueceu e me engana, ou se me não engana e permanece fiel! E diz-me também por fim isto, que é o mais importante: se está escrito que teremos de passar os dois ainda muito tempo juntos, sentados aqui, neste mísero tugúrio, a lermos livros misteriosos! Ou se terei eu de dizer-te adeus, fazer-te uma grande vênia pela tua hospitalidade, e por me teres dado de comer e de beber, e por me teres contado histórias! Mas tem cuidado: diz-me a verdade, não me mintas! Chegou o momento, tem cuidado contigo!

A sua excitação aumentava a cada novo desejo que exprimia, até que, ao proferir as últimas palavras, a sua voz perdeu o domínio de si própria, como se um torvelinho lhe tivesse destroçado o coração. Os seus olhos relampejaram e os seus lábios pareciam tremer levemente.

E, contudo, a sua voz denunciara ao mesmo tempo vibrações irônicas; nas suas palavras parecia ocultar-se constantemente uma ironia e era de dizer que no seu escárnio vibrava um soluço dissimulado pelo riso. Tinha-se inclinado para o velho, por cima da mesa, e olhava-o nos olhos com uma curiosidade inquisidora. Mal ela se calou, Ordínov sentiu que o seu coração começava a palpitar. Olhou-a e esteve prestes a lançar um grito de entusiasmo e a levantar-se da cadeira. Mas reparou num breve olhar do velho e ficou hipnotizado, paralisado no seu lugar; era uma estranha mistura de desprezo, mofa, inquietação hostil e ao mesmo tempo uma curiosidade rancorosa e maligna o que aquele olhar, duro e rápido, deixava transparecer, e perante Ordínov estremecia sempre e sempre, seu coração se enchia de ódio e de raiva impotente.

Pensativo e com uma curiosidade triste, o velho contemplava a sua Ekatierina que o tinha ferido, que tinha trespassado o coração; chegara finalmente a pronunciar aquelas palavras e ele nem sequer tinha pestanejado. Não fazia senão sorrir desde que a jovem se calara.

— Muitas coisas queres tu saber ao mesmo tempo, minha pombinha que criaste asas e queres agora levantar voo! Enche mais uma vez esta taça funda e bebamos primeiro pelo fim da nossa amizade e também pela nossa boa vontade; para que não aconteça malograr-se o meu desejo por causa do mau-olhado de alguém. O diabo tem grande poder! Curto é o caminho que leva até ao pecado!

Ergueu a taça e esvaziou-a. Quanto mais bebia, mais pálido se punha. Os seus olhos, de vermelhos pareciam duas brasas. Era evidente que aquele brilho febril e aquela súbita palidez de morte eram os prenúncios de um novo ataque. Pois aquele vinho era pesado e ardente. Também Ordínov sentia, apesar de ter bebido apenas uma taça, que a vista lhe fugia; o seu sangue, alterado pela febre, já não podia resistir à força daquele vinho que lhe sobre-excitava o coração e lhe perturbava a mente. A sua inquietação aumentava de momento para momento. Tornou a encher a taça daquele vinho espesso e bebeu um trago sem saber bem o que fazia nem como lutar contra a sua agitação; ao mesmo tempo o sangue girava-lhe pelas veias cada vez mais impetuoso… sentia-se como que arrebatado por um sonho de febre e, apesar da sua atenção obstinada, mal podia seguir o que

ocorria entre Ekatierina e o velho.

Este deu uma pancada forte com a taça, sobre a mesa.

— Mais vinho, Ekatierina! — exclamou. — Vamos, minha velhaca, dá-me mais vinho até me embebedares! Mesmo que o velho beba, descansa que ainda fica muito para ti! Isso, põe mais, enche a taça, minha joia… assim! Agora bebamos os dois! Por que bebeste tu tão pouco? Ou teria sido eu que não reparei bem?

Ekatierina respondeu qualquer coisa cujo sentido escapou a Ordínov e o velho cortou-lhe a palavra; pegou-lhe na mão como se já não tivesse forças para conter tudo quanto lhe ia no íntimo. Estava pálido, os olhos, umas vezes ficavam nublados, outras voltavam a flamejar num fogo estranho. Tremiam-lhe os lábios descoloridos e, numa voz vacilante e desigual, onde de vez em quando havia vibrações de entusiasmo, disse à companheira:

— Dá-me a tua mãozinha, minha linda! Vou ler-te a sina e dizer-te toda a verdade! Disseste bem, Ekatierina, eu sou realmente um feiticeiro! O teu coração de ouro adivinhou que só eu sou capaz de decifrá-lo e que não ocultarei a verdade a esse ingênuo, a esse cândido coração! Só há uma coisa que tu ignoras; é que nem eu, o bruxo, posso tornar-te ajuizada! A discrição não é adorno para mocinhas e, ainda que uma pessoa lhe diga a verdade, nunca chegam a entendê-la nem a compreender nada! A tua cabecinha… é uma serpente astuta, mesmo quando o coração se afoga em lágrimas! Ela própria abre o seu caminho e sabe deslizar cautelosa por entre os perigos, e conseguir habilmente os seus desejos! É certo que às vezes consegue aquilo que quer servindo-se da razão… e quando não for assim, vai conseguir pela sua beleza ou pelo encanto dos seus olhos negros! A beleza quebranta a vontade e por muito duro que seja um coração… ela o quebra, com a sua força! Ficarás aniquilado pelo sofrimento e pela inquietação! E quando a dor se apodera de um homem… Mas não é os corações fracos que ela procura. A infelicidade, quando chega, instala-se antes nos corações fortes e, silenciosamente, e sem que ninguém dê por isso, vai-lhe extorquindo lágrimas e lágrimas de sangue, o que é um saboroso espetáculo para os maus. Mas a tua dor, minha filha, essa é como uma pegada sobre a areia, que a chuva desvanece, que o sol

evapora e o vento apaga. Mas espera, deixa-me continuar, vou ler-te a sina: serás escrava daquele que amares, vais lhe entregar a tua liberdade e a tua vontade, serão entregues como penhores que não hás de recuperar jamais; não saberás esquecer o teu amor no momento oportuno; semearás um pequeno grão e o teu sedutor fará amadurecer a espiga e recolherá todo o cereal! Minha filha, minha cabecinha preciosa: sepultaste uma lágrima tua no meu vinho e hás de sem dúvida sepultar nele ainda mais de cem; disseste lindas palavras, enamoraste-te dele e tu própria chamaste a dor! Mas nunca hás de ter de te lamentar por causa dessa lagrimazinha, dessa gotinha de celestial orvalho, nunca! Há de ser-te devolvida com juros essa pérola de pranto e não falta muito; pela noite grande e triste, quando a dor cruel apunhalar o teu coração… então, sobre o teu seio ardente, essas lágrimas hão de queimar-te como bronze líquido; e hás de verter ainda mais lágrimas até ensanguentares teu níveo peito, e, até que chegue a manhã, nublada e sombria como um amanhecer de chuva, vais dar voltas sobre o leito, derramarás um sangue purpurino das tuas feridas abertas, e nunca mais, mesmo quando o dia já for alto, hão de curar-se essas feridas! Serve-me mais vinho, Ekatierina, mais vinho, minha pomba, pelos bons conselhos que te dou! Mas preciso ainda de dizer-te mais coisas, minha filha!

Baixou a voz, que lhe tremia; poderia dizer-se que um soluço se escapava do seu peito… Serviu-se ele próprio de mais vinho, avidamente; depois tornou a bater com a taça sobre a mesa. E de novo se incendiou o seu olhar turvo.

— Ai! Faz como quiseres! — exclamou. — O que passou, passou! Serve-me mais, mais, enche-me a taça até aos bordos para que o vinho arranque a minha estúpida cabeça de cima destes ombros e a minha alma se afogue nele! Adormece-me bem para aquela noite imensa, para aquela que já não tem manhã, faz com que perca o juízo para sempre! Vinho bebido é como vida vivida! Mas o comerciante perderia as mercadorias se abrisse as mãos em vão! Se as não desse por sua própria vontade e pelo seu valor, também o inimigo derramaria sangue, também havia de correr sangue inocente, e os compradores teriam de acrescentar ao combinado a sua alma perdida! Mais vinho, mais vinho, Ekatierina!

Mas, de repente, a mão que segurava a taça de prata pareceu quedar-se rígida como num espasmo, e não tornou a mover-se. Respirava apressadamente e a cabeça tombou-lhe sobre o peito. Uma vez ainda fixou o olhar imóvel sobre Ordínov, como se quisesse trespassá-lo pela última vez; mas também esse olhar se foi apagando gradualmente, e as pálpebras lhe baixavam como se fossem de chumbo. Uma palidez mortal lhe cobriu o rosto… No entanto os seus lábios ainda se agitaram como se quisessem dizer alguma coisa… De repente uma lágrima grande e ardente brilhou-lhe entre as pestanas e aí ficou suspensa por uns instantes, até que se fundiu e rolou lentamente pela sua face lívida…

Ordínov já não tinha forças para continuar a ver aquilo. Levantou-se, avançou um passo e, cambaleando, aproximou-se de Ekatierina e puxou-a por um braço; mas ela nem sequer o olhou e ficou como se nem o tivesse visto. Parecia ter também enlouquecido, como se um estranho pensamento se tivesse apoderado dela e a cativasse com o seu feitiço, e a tivesse assim, obcecada. Atirou-se de encontro ao peito do velho adormecido, cingiu-lhe o pescoço com os braços níveos e ficou-se a olhá-lo, imóvel, como se não pudesse desviar dele os olhos. Nem sequer deu conta de que Ordínov a tomava por um braço. Somente passado um instante ergueu a cabeça e voltou a olhá-lo, fixando nele um longo e penetrante olhar. Depois estremeceu, como se tivesse despertado; um forçado e assustado sorriso, quase doloroso, brotou do mais íntimo do seu ser, assomando-lhe aos lábios…

— Vai embora, vai logo! — murmurou. — Estás bêbado e és mau! És um mau hóspede para mim!

E de novo se voltou para o velho e outra vez, fascinada, voltou a fixar os olhos sobre o rosto dele.

Parecia vigiar a respiração do adormecido; parecia querer acariciar o sono dele com o seu olhar. Sim, parecia até que queria abafar a respiração, como se não se atrevesse a deixar pulsar o coração. No seu rosto, em todo o seu ser, notava-se um tão grande arrebatamento de amor, que, de repente, Ordínov sentiu um ímpeto de desespero, de raiva e de cólera.

— Ekatierina, Ekatierina! — exclamou, segurando-a violentamente por um braço.

O rosto dela crispou-se de dor; levantou a cabeça e olhou-o; porém, com tal expressão de escárnio, com tão insolente desprezo, que ele ficou pasmado, sem compreender nada do que via. Ela apontou para o velho a adormecido e olhou para Ordínov de tal maneira… como se todo o ódio do seu inimigo lhe tivesse passado para a alma, e ele o sentiu como se alguma coisa se tivesse quebrado dentro de si, com uma dor imensa que o deixava gelado.

— O quê? Julgas que será capaz de matar-me? — disse Ordínov, encolerizado, fora de si.

E como se um demônio lhe tivesse sussurrado qualquer coisa ao ouvido… compreendeu de repente… e o seu coração estremeceu numa risada terrível.

— Logo te comprarei ao teu comerciante, minha bela, se é a minha alma que me pedes! Fica tranquila que não há de matar ninguém…

O sorriso imóvel que não se apagava dos lábios de Ekatierina pareceu-lhe terrível. O escárnio infinito daquele sorriso torturava o coração de Ordínov. Não sabia já o que fazia, procedia maquinalmente. Apoiou-se contra a parede e desprendeu um rico punhal antigo do gancho em que estava pendurado. Uma expressão de assombro deslizou pelo rosto de Ekatierina: mas, ao mesmo tempo, aquela expressão de ódio e desdém assomou aos seus lábios com tal força que Ordínov se esqueceu de tudo. Olhou para a jovem e sentiu uma vertigem… Parecia-lhe que alguém impelia a sua mão, pronta já a cometer um ato indigno e, como louco e levado por um impulso alheio, retirou o punhal da bainha… Ekatierina continuava imóvel, numa tensão ansiosa, seguindo cada um dos movimentos do rapaz…

Ordínov fixou os olhos sobre o velho…

De repente pareceu-lhe que uma das suas pálpebras se erguia lentamente e que, por entre as pestanas, um dos seus olhos o mirava, zombeteiro. Os olhares de ambos encontraram-se, defrontando-se

fixamente: durante um minuto, sem um estremecimento, Ordínov susteve o olhar de Múrin… De súbito pareceu-lhe que todo o rosto do velho se abria num sorriso diabólico que ressoava pelo quarto, e que o sangue se gelava no seu corpo, paralisando-o. Uma ideia atroz, tão negra como a noite, passou pelo seu cérebro. Estremeceu, o punhal tombou-lhe das mãos e foi cravar-se sobre o chão. Ekatierina deu um grito como se despertasse de um sonho, de um pesadelo pavoroso e se encontrasse ainda tomada do seu espanto… O velho ergueu-se lentamente e, com o rosto pálido e cheio de rancor, de um pontapé atirou com o punhal para um canto do quarto. Ekatierina estava pálida como uma morta, de pé junto da cama, e não se mexia. Os olhos dela fecharam-se, as suas feições exprimiam uma dor muda, insuportável; cobriu o rosto com as mãos e, aos gritos, lançou-se aos pés do velho.

— Alhocha! Alhocha! — exclamou tomada de um desespero infinito.

O velho cingiu-a com os seus braços rijos e apertou-a com força contra o peito. Mas enquanto tinha assim a cabeça inclinada, todas as suas feições se abriam num riso insolente e descarado, de tal maneira que Ordínov começou a sentir que um horror glacial se apoderava dele. Engano, cálculo, tirania e zeloso domínio sobre aquele pobre e dilacerado coração de uma mulher… foi isto o que o rapaz viu naquele insolente riso.

— Louca! — murmurou, estremecendo de horror e saindo daquele quarto à pressa.

## Capítulo VI

Quando na manhã seguinte, ainda pálido e excitado pelos episódios da noite, Ordínov entrava pelas oito da manhã em casa de Iároslav Ilhitch — que fora visitar movido por um impulso que ele mesmo não compreendia — ficou parado entre os umbrais, rígido de assombro, porque dentro da sala estava… Múrin. O velho estava ainda mais pálido do que Ordínov e mal podia aguentar-se de pé, mas, apesar disso e da amabilidade com que Iároslav Ilhitch, que se

alegrava muito com a sua visita, não queria sentar-se.

Quando Iároslav Ilhitch viu Ordínov dirigiu-lhe uma saudação que revelava uma alegre surpresa, mas logo a sua alegria cedeu lugar a uma expressão de perplexidade, de modo que parou a meio do caminho, indeciso, sem se resolver a oferecer-lhe uma cadeira. Via-se claramente que não sabia o que havia de dizer nem que fazer, e que ao mesmo tempo compreendia a inconveniência de continuar fumando naquele momento o seu cachimbo turco. Mas, apesar disso — tão grande era a sua perturbação — continuou a puxar fumaças do cachimbo, se bem que não com a calma costumada, mas com aspirações mais frequentes e apressadas. Ordínov lançou um rápido olhar a Múrin e viu no seu rosto algo de semelhante ao sorriso malicioso da noite anterior, o que voltou a provocar a sua ira. Contudo os sinais de hostilidade não tardaram a desaparecer do rosto do bruxo, que tomou uma expressão hermética e de absoluta indiferença.

Lentamente, fez uma profunda reverência ao seu hóspede… Este pequeno incidente teve o bom resultado de obrigar Ordínov a recuperar a sensatez. Olhou atentamente Iároslav Ilhitch com olhos penetrantes, como para inferir do rosto dele a maneira como devia conduzir-se naquela ocasião. E a Ilhitch pareceu que era bem penoso aquele olhar interrogador.

— Mas, por favor, vem cá, aproxima-te, caro Vassíli Mikháilovitch! — exclamou por fim, transtornado. — Agradeço-te muito a honra que me dás com a tua visita… Com a tua presença, honrarás… esta humilde casa.

Iároslav Ilhitch coordenava mal as ideias e as palavras, perdeu o fio do discurso, fez-se rubro até às orelhas, de tão comovido, e também com raiva ao ver que as frases não lhe saíam direitas, e que, por mais que fizesse, já não havia remédio. Arrastou com grande ruído uma cadeira até ao meio da casa.

— Não te vou roubar muito tempo, Iároslav Ilhitch, queria apenas…

— Ó, homem! Que é isso? Tu, roubares-me tempo, a mim…

Vassíli Mikháilovitch!… Não, homem; vais tomar uma chávena de chá!… Eh! anda logo, rapaz! E o senhor, é claro, também não recusa uma chávena, não é verdade?

Múrin disse apenas que sim com a cabeça, dando a entender que considerava muito natural o oferecimento.

Iároslav Ilhitch pôs-se a ralhar com o criado pela sua habitual demora em acorrer ao seu chamado, pediu-lhe em tom severo três chávenas de chá, depois do que se sentou na cadeira mais próxima da de Ordínov. Já sentado, abanava a cabeça para um lado e para o outro, como um catavento, olhando alternadamente para os dois visitantes. A sua situação não tinha certamente nada de agradável. Era evidente que queria dizer alguma coisa, alguma coisa de muito delicado, sobretudo para um dos dois; contudo, apesar das voltas que dava à cabeça, as palavras não lhe vinham à boca. Ordínov também não sabia muito bem o que queria dizer e ainda muito menos o que devia pensar.

Houve um momento em que pareceu que ambos iam falar… Entrementes, o taciturno Múrin teve tempo de observá-los atentamente e de tornar a dar ao semblante um ar de tranquilidade…

— Vim participar-te — anunciou Ordínov de repente — que por causa de certo incidente aborrecido me vejo forçado a deixar o meu atual alojamento e…

— Então é verdade? — interrompeu-o Iároslav Ilhitch. — Francamente, caiu-me o coração aos pés quando este senhor me anunciou o teu propósito. Mas…

— Mas, como pode ele comunicar-te uma coisa dessas? — perguntou Ordínov, assombrado e olhando Múrin. Este cofiou a barba e sorriu para consigo.

— Pois é verdade, foi ele quem me disse! — insistiu Iároslav Ilhitch. — A não ser que eu tenha ouvido mal… Em todo caso devo dizer que… palavra de honra!… não houve, em tudo quanto me disse, nem uma sombra de ofensa a ti…

E Iároslav Ilhitch pôs-se vermelho ao dizer isto e só com muita dificuldade conseguiu conter a sua agitação. Múrin que parecia entretanto ter-se divertido bastante com a perturbação de Iároslav Ilhitch e do seu hóspede, julgou chegado o momento de intervir na conversa e deu um passo em frente.

— Por esse motivo, senhor, — começou lentamente, inclinando-se diante de Ordínov à maneira dos camponeses — por esse motivo me atrevi a incomodar o nosso amigo. O caso é este… o senhor sabe… nós, isto é, eu e minha mulher… teríamos muito gosto e não diríamos nada em contrário. Mas… digam o que quiserem… o senhor bem sabe, porque já o viu, como é o nosso quarto. E, sobretudo, temos mais que o suficiente para nós os dois, pelo que estamos sempre a dar graças a Deus para que nos não desampare e nos mantenha sempre nesta situação. Aliás, o senhor mesmo viu tudo isto e não é preciso dizer mais nada.

E Múrin passou a manga pela barba, como um verdadeiro aldeão.

Ordínov sentia uma grande repugnância.

— Sim, é verdade, já eu mesmo disse isso noutra ocasião. Está doente, efetivamente… *ce malheur*…[4] isto é, perdão, queria…

— Sim, sim…

— Sim, é isso, é…

Ordínov e Iároslav Ilhitch fizeram um ao outro mútuas reverências, sem levantar dos seus lugares, e Iároslav Ilhitch, procurando apagar a leve discrepância surgida com um sorriso de desculpa, continuou:

— Aliás, informou-me com muitos pormenores e, ao anunciar-me… eu o acredito, pois o tenho por um homem de palavra — juro! — que a doença dessa… senhora…

Ao chegar a este ponto, o consciencioso Iároslav Ilhitch… talvez para dissipar uma ligeira dúvida que tinha voltado a patentear-se no rosto de Múrin, olhou para este com olhos interrogadores.

— De minha mulher…

O bom Iároslav Ilhitch deu-se por satisfeito com aquela explicação e continuou a falar:

— A sua mulher… já não o é, mas que já o foi… por isso, a sua… bem, *pardon*, não sei… bom. O certo é que está doente e deves lembrar-te disso. Diz que tu a incomodas nas suas ocupações e ele assevera o mesmo… Por que me escondeste um incidente tão importante, Vassíli Mikháilovitch?

— Qual?

— Sim… o do revólver — disse Iároslav Ilhitch por entre dentes e de um modo evasivo, de tal maneira que só uma parte mais que insignificante, um milésimo de censura, se podia deduzir do tom de terna amizade da sua voz de tenor. — Mas — apressou-se a acrescentar — agora que sei tudo… ele me contou completamente todo o episódio… tenho de dizer-te que terias feito muito bem e seria digno de ti se lhe perdoasses o seu ato involuntário. Juro-te que vi lágrimas nos seus olhos quando me contava tudo!

Iároslav Ilhitch tornou a corar um pouco, os olhos brilhavam-lhe e modificou levemente a posição da cadeira e do corpo.

— Eu queria dizer-lhe, cavalheiro, isto é, eu e minha mulher, que nós pedimos a Deus pelo senhor — recomeçou Múrin fitando Ordínov, enquanto Iároslav Ilhitch continuava a lutar por dominar-se e o olhava serenamente — mas o senhor sabe que ela é uma pobre doente, meio tonta, e eu também não ando lá muito bem…

— Mas não vale a pena incomodar-se — atalhou Ordínov com impaciência. — Eu estou disposto a mudar-me imediatamente!

— Não, cavalheiro, nós estamos muito satisfeitos com o senhor!

Múrin voltou a fazer-lhe outra grande vênia.

— Senhor, eu não me refiro a isso. Quero apenas dizer uma coisa… É que ela é meio parenta minha. O senhor tem de me desculpar por eu não me exprimir melhor. Somos pessoas humildes,

senhor… mas ela é assim desde pequena. Caprichosa, criada no meio dos bosques, sem outro convívio senão o dos barqueiros e operários da fábrica! E eis que lhe arde a casa, e a mãe morre no incêndio. Mas ela conta tudo isto sabe Deus como… Eu não quero contradizê-la; em Moscou viram-na médicos da maior nomeada, em con… con… conferência, como eles dizem… e nada, senhor… Que não há nada a fazer… Que é incurável. A infeliz não tem no mundo mais ninguém senão eu, por isso vive comigo… isto é, vivemos juntos e juntos rezamos ao Senhor e confiamos na sua onipotência. Mas — repito — diga ela o que disser, não a contrario nunca…

Ordínov empalideceu. Iároslav Ilhitch voltou a olhar para um e para outro alternadamente.

— Mas eu não queria falar disso, senhor, não! — continuou Múrin e abanou a cabeça com ar grave. — Ela, coitada, tem um temperamento arrebatado e é tão terna e mimada que toda se enrosca, e está sempre ansiosa por um namorado… e, com licença dos senhores, está sempre “esfomeada” por um noivo; nisto consiste a sua tara. Por isso eu me ponho a contar-lhe histórias para a distrair e para que não pense nessas coisas… Este é o caso. Mas eu pude ver, senhor, que ela… o senhor perdoe-me por dizer isto assim — desculpou-se Múrin fazendo uma reverência e cofiando de novo a barba com a manga — que ela… se apaixonou pelo senhor e se pôs de conversa e como o senhor, correspondendo os seus requebros, mostrava intenção de aproveitar-se dela…

Iároslav Ilhitch ficou vermelho como uma brasa e olhou Múrin com ar de censura. Ordínov dominou-se a ponto de continuar tranquilamente sentado.

— Não… quero dizer… eu, senhor, não me referia a isso, eu não passo de um humilde aldeão… Nós somos gente simples, sem ilustração. Somos seus servos — fez outra profunda reverência. — E nós, tanto eu como minha mulher, pedimos pelo senhor nas nossas orações! De que nos havemos de queixar, se sempre gozamos de fortuna e de boa saúde… que mais podíamos desejar? Mas, senhor, que hei de eu fazer? Hei de meter a cabeça numa corda? O senhor sabe que isto é uma questão de vida ou de morte; tenha pena de nós…

O senhor desculpe a minha maneira de falar, eu sou um camponês e o senhor é um senhor… É um rapaz forte e altivo — muito bem! — mas deve saber que ela é uma criança sem nenhuma experiência… É uma pena! Sim, senhor… é uma mulher bonita e carinhosa… e eu sou um pobre velho sempre cheio de achaques… de modo que o demônio pode tentar seja quem for! Eu estou sempre a distraí-la com contos e histórias e consigo realmente entretê-la. E não imagina como pedimos a Deus pelo senhor, como lhe pedimos com todas as veras de nossa alma! E além do mais, que interesse pode o senhor ter por ela? Embora seja bonita, não se pode negar, contudo é uma pobre aldeã, uma camponesa sem educação, boa para um lavrador e nada mais! E o senhor merece melhor do que isso! Creia que rezamos pelo senhor, com todas as forças do nosso coração!

Múrin inclinou-se outra vez numa profundíssima reverência e permaneceu durante muito tempo nessa atitude submissa, sem deixar, entretanto, de passar a manga pela barba. Iároslav Ilhitch não sabia concretamente que atitude havia de adotar.

— É verdade, meu amigo! — começou, apenas para dizer alguma coisa. — Ele já me contou tudo… e, segundo parece, a coisa não tem grande importância. Mas não te ponhas a pensar, caro Vassíli Mikháilovitch, que eu, ora, que eu tenha imaginado qualquer coisa! Mas diz-me: já estás melhor da tua doença? — perguntou-lhe com interesse, pousando nele um olhar implorativo.

— Quanto lhe devo? — perguntou Ordínov de repente, fitando Múrin.

— Como? Nós não somos nenhuns bandidos! O senhor não tem com certeza a intenção de nos ofender! Não, senhor, deveria envergonhar-se… Em que é que nós o ofendemos? Peço-lhe que me diga…

— Mas… meu amigo, isso pouco importa para o caso. Seja como for, é seu inquilino. Assim, não compreende que, pelo contrário, é o senhor quem de certo modo o ofende, negando-se a aceitar uma indenização? — interveio Iároslav Ilhitch, pois considerava seu dever mostrar a Múrin o lado feio do seu procedimento.

— Mas, por favor! Como pôde pensar? Tenha piedade de nós, senhor! Em que o ofendemos? Não fizemos tudo quanto podíamos para lhe sermos agradáveis? Seja bom e perdoe-nos! Somos porventura pagãos ou ladrões de estrada? Nós não nos opomos a que continue a viver na nossa casa e compartilhe da nossa pobre mesa, e que lhe faça bom proveito… Isto está bem, é justo… e não temos nada que dizer em contrário, mesmo nada, nem se fala mais nisso. O que acontece é que o diabo se meteu nisto, que eu estou doente, e ela, coitada, também… Que havemos de fazer? Não temos ninguém que nos sirva, e se não fosse isso, não tínhamos nada que dizer. Mas creia que o estimamos muito, que o estimamos de todo o coração!

Múrin inclinou-se de novo diante de Ordínov, numa profunda reverência. Iároslav Ilhitch estava verdadeiramente comovido e envolveu o amigo com um olhar quase orgulhoso.

— Que dizes a isto? Não te parece um belo gesto? — exclamou com entusiasmo. — O sentimento sagrado de hospitalidade não amortece nunca no coração do povo russo!

Ordínov olhou-o de um modo severo e mediu-o de alto a baixo com uns olhos que exprimiam repugnância.

— Sim, é verdade, senhor, para nós a hospitalidade é uma coisa sagrada! — confirmou Múrin e de novo esfregou a barba com a manga, da esquerda para a direita. — E precisamente por isso me veio agora uma ideia: o senhor estava conosco só a título de hóspede — continuou aproximando-se de Ordínov — e tudo correria bem, senhor… se por exemplo, um dia, isto é uma suposição, um dia mais… claro que não teríamos nada que dizer em contrário. Mas o caso é que o demônio é mau conselheiro, como costuma dizer-se, e a minha mulher não está bem. Sim, senhor, se não fosse isso… quero dizer, se por exemplo eu vivesse sozinho… Oh, então eu mesmo o serviria e faria tudo para lhe agradar! Mas, claro, na situação em que estamos não se pode pensar nisso! Porque, afinal, quem poderíamos nós ter mais gosto em ter na nossa companhia do que o senhor? Senão, veja: não sabe quanto eu daria por vê-lo completamente bom de saúde, e até conheço realmente um remédio… Bem, fique ciente que, para nós, o senhor foi só um hóspede, palavra, um hóspede e nada mais,

senhor!…

— Existe efetivamente esse meio? — observou Iároslav Ilhitch. Mas logo a seguir calou-se e virou o rosto para o outro lado.

Ordínov tinha-o ofendido ostensivamente ao olhá-lo com aquele austero espanto.

Iároslav Ilhitch era por natureza um homem muito honrado e muito decente; mas agora, que tinha finalmente compreendido tudo, a sua posição era difícil. Sentia uma vontade enorme de rir-se! Se estivesse sozinho com Ordínov (bons amigos como eram), não teria de reprimir-se e teria dado largas à sua hilaridade. E, em qualquer caso, porque no fundo era um bom rapaz, teria apertado com simpatia a mão de Ordínov, teria afirmado com toda a sinceridade e franqueza que agora sentia por ele um redobrado afeto e que o desculpava etc. A juventude é sempre a juventude. Contudo, diante de Múrin, naturalmente, não podia fazê-lo; e por isso o rapaz se encontrava numa situação tão difícil que nem sabia o que havia de fazer…

— Um meio, isto é, um remédio! — retificou Múrin, cujo rosto, depois daquela indiscreta invocação de Iároslav Ilhitch, denotava grande alvoroço. —Sim, senhor, eu, com as minhas poucas luzes, sim, com a minha curta inteligência de homem de aldeia, só posso dizer uma coisa — continuou, dando um passo. — O senhor terá decerto lido muitos livros; digo mais: o senhor tem muito talento, demasiado talento e eu até seria capaz de afirmar que já o esgotou. Mas como nós costumamos dizer no campo, chega um momento em que a inteligência fica parada no ponto a que chegou, e daí já não passa…

— Basta! Não continue! — atalhou Iároslav Ilhitch em tom severo.

— Vou-me embora! — disse Ordínov. — Muito obrigado por tudo Iároslav Ilhitch, até à vista. Qualquer dia venho outra vez! — apressou-se a prometer-lhe, antecipando-se ao pedido que se lia no rosto de Iároslav Ilhitch. — Adeus!

Ordínov já não ouvia mais nada. E, meio tonto, saiu daquele recinto.

Estava aniquilado e seu pensamento estava paralisado, experimentava apenas a vaga sensação de que se sentia doente, mas, ao mesmo tempo, apoderava-se dele um frio desespero que o fazia esquecer-se de uma dorzinha quase imperceptível que tinha no peito. Pensava na morte; pensava que o melhor seria morrer quanto antes. Os pés negavam-se a sustê-lo e teve de sentar-se no banco dum passeio, sem dar a menor atenção aos transeuntes, a toda aquela gente que, pouco a pouco, começou a reunir-se à sua volta, uns por curiosidade e compaixão, outros ansiosos por saber o que lhe acontecera para poder prestar-lhe auxílio. E, de repente, chegou-lhe aos ouvidos o eco da voz de Múrin, que o enchia de pavor, como se a ouvisse num pesadelo. Então ergueu os olhos: o velho estava ao seu lado. O rosto pálido grave e pensativo. Era um homem totalmente diferente daquele que, em casa de Iároslav Ilhitch, acabava de divertir-se tão descaradamente à sua custa. Ordínov levantou-se, Múrin agarrou-o por um braço e tirou-o de entre o povo:

— Ainda tens de ir buscar as tuas coisas — disse-lhe, olhando-o de soslaio e soltando-lhe o braço. — Não te aflijas, rapaz! — acrescentou, procurando animá-lo. — És novo, para que te hás de afligir?

Ordínov permanecia calado.

— O senhor está aborrecido comigo? Parece… Mas por quê? Cada qual defende o que lhe pertence!

— Eu não o conheço! — exclamou Ordínov bruscamente — e as suas coisas não me interessam. Ela, ela é que… — exclamou, e as lágrimas correram em borbotões dos seus olhos, rolando-lhe pelas faces, donde o vento se apressava a evaporá-las… Ordínov levou a mão ao rosto como para enxugá-las… Mas os gestos, o olhar, o movimento involuntário dos seus lábios trêmulos e arroxeados… tudo indicava que o seu espírito não era já capaz de discenir e que sobre ele descia a loucura.

— Já te expliquei — disse Múrin, franzindo as sobrancelhas — que ela está meio louca. Como e por que terá perdido o juízo, é coisa que não precisas de saber. Mas, mesmo assim, ela é para mim o que é!

Quero-lhe mais do que à vida e não deixarei que ninguém a roube! Compreendeste agora?

Os olhos de Ordínov chamejavam.

— Mas por que — disse — por que me sinto eu como se tivesse perdido a minha vida? Por que me dói tanto o coração? Por que havia eu de ter conhecido Ekatierina?

— Por quê? — repetiu Múrin com um leve sorriso, pondo-se depois grave e pensativo. — Por quê? Isso também eu não sei — murmurou por fim. — Os propósitos da mulher não são nenhum mar insondável, pois podem ser explorados e, apesar disso, é necessário dar-lhes o que querem, quer o reclamem com astúcia, com obstinação ou com maus modos; mas temos que oferecê-lo como se apenas fosse preciso meter a mão no bolso e tirá-lo de lá. É mais que certo, senhor, que ela estava disposta a fugir em sua companhia — continuou pensativo. — Ela desprezava assim este pobre velho, depois de ter-se encontrado com ele em todos os transes em que é possível uma pessoa encontrar-se na vida. É evidente que o senhor lhe agradou logo à primeira vista! O senhor… tal como qualquer outro… Eu não lhe proíbo nada, deixo-lhe fazer em tudo à sua vontade. E se ela me pedisse leite de ave, leite de ave lhe daria, e procuraria por todo o mundo a ave capaz de dar leite, ainda que não existisse. É muita fantasia! Morre pela sua liberdade, mas temos de fazer de conta que não sabemos o que ela quer! E veja como acabou de pensar que em parte alguma poderia estar tão bem como com o velho! Ah, meu rapaz! É ainda muito novo, muito novo! Tem o coração ardente como a mocinha que seca as lágrimas com o braço quando o noivo a deixa. Mas ouça bem, senhor, o que eu lhe digo. O homem de coração sensível não pode estar só. Deem-lhe o que quiserem!… Tudo devolverá espontaneamente, e, se lhe oferecerem meio planeta e lhe disserem: “Pega e reina sobre ele!…”, que julga que fará? Vai se esconder, morto de medo. Outro tanto acontece com a liberdade; basta oferecê-la a esse homem de temperamento fraco e verás logo como arranja maneira de prender-se e a devolve. Para os corações débeis, de nada vale a liberdade. Não sabem o que hão de fazer dela. Só lhe digo uma coisa: ainda é muito novo! Mas, bem vistas as coisas, que tenho eu com o senhor? Que fique, ou que se vá! O senhor ou qualquer

outro, é a mesma coisa. Desde o primeiro momento soube logo o que iria acontecer. Opor-me, não teria servido de nada. Não devemos nunca contrariar os outros se queremos ser felizes. Mas tudo isto, senhor — continuou Múrin, filosofando à sua maneira — tudo isto é só falar por falar: pois do que se diz ao que se faz vai uma grande distância. Mas, no fim das contas, Deus sabe o que não poderia ter acontecido! Quando uma pessoa está furiosa, lança mão de um punhal, e se apanha a outra desarmada, atira-se com unhas e dentes ao pescoço do inimigo. Mas se é o próprio inimigo que te mete a faca na mão e te oferece o peito nu… serás tu próprio que recuas!

Tinham chegado ao pátio. O tártaro que os vira ao longe tirou o gorro e olhou Ordínov com maliciosa curiosidade.

— Tua mãe está em casa? — perguntou-lhe Múrin secamente.

— Está!

— Diz-lhe então que traga aqui para baixo as coisas deste senhor. E tu também… Vamos, mexe-te!

Subiram as escadas. A velha que servia em casa de Múrin e que — coisa que Ordínov ignorava! — era mãe do porteiro, reuniu à pressa as coisas dele e fez com elas um volumoso embrulho.

— Espere, vou buscar uma coisa que também lhe pertence…

Múrin subiu ao quarto e voltou logo, entregando a Ordínov um cofrezinho ricamente trabalhado a seda e pérolas, o mesmo que Ekatierina tinha colocado debaixo da sua cabeça quando estivera doente.

— Trago-lhe isto da parte dela — disse. — Agora vá com Deus; mas aviso-o de que tenha cuidado —, acrescentou a meia voz e em tom paternal — do contrário poderá suceder-lhe qualquer coisa de desagradável.

Parecia não lhe querer amargurar a despedida. Mas mal Ordínov transpôs a porta da casa e lançou a esta um último olhar, brilhou nos olhos do velho um clarão da mais profunda maldade.

Múrin fechou a porta atrás de si, quase com repugnância.

Duas horas mais tarde Ordínov estava outra vez em casa de Spiess, o alemão. Tíntchen bateu palmas, gritando “Meu Deus!” ao reconhecê-lo. A primeira coisa que fez foi perguntar-lhe pela saúde e, ao saber que estava doente, dispôs-se logo a tratá-lo.

O velho Spiess contou-lhe depois, muito satisfeito, que estava precisamente pensando em fixar o escrito com o dizer *Aluga-se*, pois exatamente naquele dia expirava o prazo de validade do aluguel que pagara. Como é de supor, o velho não perdeu a ocasião para sublinhar o sentido organizador dos alemães, tanto coletiva como individualmente, e de enaltecer ao mesmo tempo a proverbial honradez germânica. Naquele mesmo dia Ordínov adoeceu gravemente e durante três meses não pôde sair da cama.

A sua convalescença foi muito demorada. A vida em casa dos alemães decorria monótona e tranquila. O velho parecia no fundo um bom homem, sem nada de extraordinário, e a linda Tíntchen era, dentro da moral mais estrita, o que de melhor se pode desejar. E contudo Ordínov achava aquela vida tão insípida e sem cor, como se o mundo tivesse já perdido para ele toda a luz e toda a alegria. Caiu numa triste nostalgia e tornou-se irritável; veio a ser vítima das impressões que experimentava e que sentia com uma intensidade doentia, de maneira tal que o seu estado de espírito acabou por parecer-se com a da hipocondria, até que por fim a sua sensibilidade se embotou por completo para as impressões exteriores. Às vezes passava semanas inteiras sem abrir um livro. Não se preocupava sequer com o futuro; o dinheiro escapava-se por entre os dedos e já de antemão se confessava vencido; nem sequer pensava nos dias que haviam de vir. Contudo, de vez em quando voltava a sentir o seu antigo amor pela ciência, aquela febre que dantes o obrigava a criar, e os pensamentos e formas que outrora gerava o seu espírito voltavam a surgir no passado e pareciam-lhe palpáveis…

Mas agora não faziam senão torturá-lo e roubar-lhe as energias. As suas ideias não chegavam a converter-se em atos. O poder criador estava amortecido, e por isso a criação parecia também ter estancado. Era como se todas aquelas ideias brotassem agora como fantasmas no

seu espírito, unicamente para escarnecer da impotência do seu criador. Ocorreu-lhe, sem querer, numa hora de consternação, comparar-se com esse aprendiz de feiticeiro que, tendo roubado ao mestre o segredo dos seus prodígios, ordenou à vassoura que lhe levasse água, e depois se afogou nessa água por ter esquecido a fórmula que servia para a fazer parar. Quem sabe se ele teria podido dar ao mundo qualquer ideia grande, original e nova! Talvez estivesse destinado a evidenciar-se na ciência. Pelo menos tinha chegado a pensar nisso, noutro tempo. E uma fé sincera torna-se só por si uma garantia para o futuro. Agora, porém, ria-se daquela sua confiança e… não avançava um passo. Meio ano atrás ainda ele era bem diferente: tinha desenvolvido, com características próprias, o esboço duma obra em que exporia as suas ideias, e nesta obra, apesar de ainda ser tão jovem, tinha posto todas as suas esperanças, até mesmo as de ordem material. Essa obra havia de ser um livro sobre a história da Igreja e, enquanto a escrevia, iam brotando da sua pena, em caudais, palavras de uma profunda e fervorosa convicção. Agora voltava a rever o plano, leu-o, modificou-o, pensou no tema e procurou nos livros mais variados, até que por fim rejeitou aquela ideia… Expulsou-a, sem pensar em substituí-la por qualquer outra. Depois começou lentamente a desabrochar na sua alma um confuso misticismo, uma espécie de crença na predestinação e nos pressentimentos, nos segredos mais profundos do mundo. O infeliz sofreu tormentos indizíveis, até que finalmente se voltou para Deus em busca de auxílio. A criada dos alemães, uma velhota russa muito beata, contava, toda contente, como o seu pacato hóspede rezava na igreja com muito fervor, e como às vezes estava horas inteiras imóvel, de joelhos, a fronte inclinada até o chão…

Ordínov não dissera a ninguém nada do que lhe tinha acontecido. Contudo, às vezes, especialmente à hora do crepúsculo, quando soavam os sinos da igreja chamando para a oração da tarde, esses sons despertavam na sua alma a recordação daqueles instantes… em que pela primeira vez experimentara aquele sentimento novo para ele e que o fazia tremer de joelhos, junto dela, esquecido de tudo o que o rodeava e ouvindo apenas o pulsar do seu coração… e recordava como depois, repentinamente, aquela simples ilusão iluminou num momento a sua vida solitária, enchendo-o de um prazer mágico que lhe

arrancava lágrimas… E ao evocar agora tudo aquilo, era como se o arrebatasse uma tempestade, tempestade que se erguia no fundo da sua própria alma, ferida para sempre; depois estremecia e de novo o tormento do amor voltava a arder nele como um fogo que lhe queimasse o peito; então doía-lhe o coração, que parecia lhe querer saltar com a força da paixão; e, com a dor, o seu amor crescia e tornava-se maior e mais profundo. Deixava-se ficar com frequência assim até altas horas, sentado, esquecido de tudo e da sua vida cotidiana, esquecido do resto do mundo; horas e horas só e triste… e apoiava os cotovelos sobre os joelhos e tapava o rosto com as mãos, até que as lágrimas lhe corriam por entre os dedos e, desiludido e cansado, abanava a cabeça enquanto os seus lábios murmuravam baixinho: "Ekatierina! Meu amor! Minha querida! Minha irmãzinha!".

Pouco a pouco, cada vez mais arraigada, foi-se formando nele uma convicção terrível, ou antes, chegou a persegui-lo e a atormentá-lo sem o deixar um só momento, até transformar-se de pura suspeita em coisa verossímil, ao princípio, e por fim em coisa certa, autêntica convicção. Parecia-lhe — e, como dissemos, acabou por acreditar — que Ekatierina não tinha de maneira alguma alterados nem o espírito nem a razão, embora Múrin falasse verdade ao atribuir-lhe uma certa "fraqueza de caráter". Pensava também que algum segredo criminoso a unia ao velho, embora Ekatierina não tivesse nunca chegado a dar conta desse suposto crime, por causa da sua pureza de intenções, acabando assim por cair no poder do ancião. Quem era ela? Não sabia. Mas assediava-o a imagem de uma tirania impiedosa e implacável, exercida pelo velho sobre aquela pobre e frágil criatura, e o coração palpitava-lhe em acessos de indignação impotente. Parecia-lhe que o velho, só porque ela um dia tivera um vislumbre de tudo o que sucedera, lhe tinha censurado perfidamente "o crime", a sua culpa e a sua queda, com o fim de atormentar sem descanso aquele pobre e débil coração, manejando as coisas da maneira que lhe parecia mais conveniente para os seus desígnios e para manter a cegueira dela, e fomentando por outro lado as inclinações do seu inexperiente, ardente e perturbado coração, para deste modo ir-lhe dando asas e levar tão longe aquela alma, noutro tempo livre e indiferente, que ela acabasse um dia por julgar-se incapaz de libertar-se, quer procurando a sua salvação na vida verdadeira, quer revoltando-se contra o seu

dominador…

Com o tempo Ordínov tornou-se ainda mais estranho do que antes, sem que por isso se levantasse algum obstáculo por parte dos alemães, o que, para sermos justos, não devemos deixar de dizer. Mas de quando em quando levantava da cama, saía à rua e punha-se a vagabundear sem rumo fixo. Fazia isto quase sempre pelas horas do entardecer, procurando bairros solitários e afastados, onde raras vezes se via alguém. E certa tarde chuvosa de primavera aconteceu-lhe encontrar-se com Iároslav Ilhitch numa dessas ruas afastadas.

Este emagrecera muito; os seus olhos afetuosos tinham perdido o brilho e tudo nele dava a impressão de sentir-se desiludido desta vida. Ia muito à pressa tratar de um assunto que, pelo visto, não admitia demoras, e ia além disso muito molhado e muito sujo, e do nariz, em geral muito limpo, mas agora um tanto arroxeado pelo mau tempo, pendia de um modo inverossímil uma grande gota de chuva. Além disso usava agora suíças, ele que dantes, só usava bigode.

Aquelas suíças e a circunstância de Iároslav Ilhitch, no primeiro momento, ter feito menção de escapar ao encontro com o seu antigo amigo, surpreenderam Ordínov… E — coisa estranha! — até certo ponto foram causa de que sofresse e se apoquentasse o coração daquele rapaz que até ali nunca se importara com a compaixão de quem quer que fosse. O Iároslav Ilhitch de outros tempos era-lhe querido pelo seu ar bondoso, cândido, e — vamos falar francamente — por aquela pontinha de parvoíce que não tinha a menor pretensão de enganar ninguém. Por isso lhe era desagradável mesmo, que um homem simples, de quem gostava precisamente por causa dessa simplicidade, se transformasse de repente num espertalhão. Mas o receio com que no primeiro momento olhara para Ordínov desapareceu mais rapidamente ainda do que este o notara.

Felizmente, apesar daquela mudança, não tinha perdido os seus antigos costumes, pois já se sabe que aquilo que o berço dá a tumba leva; por isso iniciou o diálogo em tom da melhor amizade. Fez notar em primeiro lugar que tinha muito que fazer e depois que havia muito tempo não via Ordínov. Mas, de repente, deu à conversa um rumo diferente e completamente novo. Pôs-se a falar da falta de sinceridade

dos homens em geral, da fragilidade dos bens terrenos, assim como da inútil vida deste mundo, que só conhece desilusões… Não tardou também que, em tom exaltado, não trouxesse Púchkin à conversa, e continuou a falar dos seus bons amigos com certo cinismo, depois do que, e à maneira de remate, se permitiu uma ou duas alusões à falsidade dos que se intitulam publicamente nossos amigos, quando na realidade, desde que o mundo é mundo, não existiu um só caso de amizade verdadeira. Em suma: Iároslav Ilhitch tinha-se tornado sagaz.

Ordínov não o contradisse; mas apoderou-se dele uma inexprimível e torturada tristeza; parecia-lhe assistir ao enterro do seu melhor amigo.

— Ah, homem, imagina que já me esquecia de te contar! — interrompeu de repente Iároslav Ilhitch, como se se tivesse recordado de súbito de uma coisa importante. — Tenho uma notícia para te dar! Ainda te lembras daquela casa onde viveste algum tempo?

Ordínov estremeceu e empalideceu.

— Pois imagina que nessa casa acaba de descobrir-se há pouco uma quadrilha de bandidos! Imagina, rapaz: uma quadrilha! Contrabandistas, ladrões, larápios da pior espécie e o diabo sabe que outros malandros da mesma laia! Muitos deles já estão à sombra, mas a outros ainda não lhes puderam lançar mão. Adotaram-se as medidas mais severas. E imagina tu… lembras-te ainda do senhorio do prédio? Sim, daquele homem baixinho e tão beato, que tinha todo o aspecto de um digno e respeitável ancião?

— Sim!

— É para que vejas o que é a humanidade! Pois era esse precisamente o chefe da quadrilha. Que te parece? Hem? Não é de ficarmos com os cabelos em pé?

Iároslav Ilhitch falava com entusiasmo e condenava o mundo inteiro por causa de um só pecador, pois um Iároslav Ilhitch não pode fazer outra coisa senão julgar todos por um só, tal é a sua maneira de ser.

— E os outros?… E Múrin? — exclamou Ordínov respirando a custo.

— Múrin!… Ah, sim! Esse! Não, Múrin era um velhote simpático… Mas, espera! Espera! Acabas de lançar uma nova luz sobre o assunto…

— Como? Também fazia parte da quadrilha?

O coração de Ordínov palpitou com força no seu peito… Morria de ansiedade.

— Não, não… Como é possível que te tivesse ocorrido uma coisa dessas?

Iároslav Ilhitch fixou em Ordínov os seus olhos cinzentos com um olhar imóvel… Sinal de que não estava mais seguro.

— Não é possível que Múrin fosse desses. Três semanas antes tinha saído de Petersburgo com a mulher… de regresso à sua terra… Soube isto pelo porteiro… Aquele tártaro insolente, lembras-te?

**1** Famoso bandido, conhecido na época pela ousadia e destemor.↩

**2** *Mátuchka Volga*, designação corrente entre os barqueiros, os *burláki*.↩

**3** Sic no original russo. Provável abreviatura do prenome alemão Wilhelm.↩

**4** Esta infelicidade…↩

# Um romance em nove cartas

# Um romance em nove cartas
# (1845-47)

## Carta primeira

*de Piotr Ivânovitch a Ivan Pietróvitch*

Meu prezado e querido amigo Ivan Pietróvitch:

Pode dizer-se que há já três dias ando em sua perseguição, meu caro amigo, pois preciso falar-lhe de um assunto urgente, muito urgente mesmo, mas infelizmente não tem sido possível encontrá-lo. Ontem, em casa de Siemion Alieksiéievitch, onde ambos estávamos, a minha mulher pôs-se a gracejar à sua custa, fazendo notar que tanto você como Tatiana Pietróvna mostravam muitíssimo pouco apego ao lar; realmente ainda não fizeram três meses de casado e já é difícil apanhá-los em casa. Todos nós rimos francamente do comentário, movidos, claro está, pela sincera estima que temos por vocês. Mas, pondo agora de parte os gracejos, o que é certo, meu amigo, é que por sua causa me encontro verdadeiramente moído, como se costuma dizer. Siemion Alieksiéievitch pensava que talvez você estivesse no clube da Sociedade Unida, no baile que ali davam. Deixei a minha mulher com a de Siemion Alieksiéievitch e dirigi-me imediatamente para o dito clube. Imagine você a situação em que me encontrava: num baile… só… e sem mulher. Ivan Andriéievitch, com quem dei de cara no vestíbulo, tirou logo — grande malandro! — da circunstância de eu ali estar só, umas conclusões muito estranhas sobre o meu fraco pelos prazeres da dança; sem mais nem menos, pegou-me num braço e arrastou-me à força até à sala de baile, apesar de afirmar que o seu espírito se sentia prisioneiro na Sociedade Unida e que aqueles odores de transpiração e de perfume de reseda o deixavam enjoado. O fato é que não o encontrei ali, nem a você nem a Tatiana Pietróvna, pelo que Ivan Andriéievitch me garantiu — afirmando-o com todas as letras — que o encontraria sem falta no teatro Alieksandr, onde representavam a obra-prima de Griboiédov[1].

Corri até lá mas, de vocês, nem sombra!

Esta manhã pensava em encontrá-lo em casa de Chestogânov… Esperança enganadora! Chestogânov mandou-me para Pieriepálkin… Passos perdidos! Em suma: neste instante sinto-me completamente estafado, o que não o deve admirar, dada a anterior descrição das minhas inúteis caminhadas; já pode fazer uma ideia do que eu corri. Mas o assunto de que se trata não é para ser tratado por carta (está me entendendo?). Seria preferível tratá-lo pessoalmente. Seja como for, necessito imprescindivelmente, e o mais cedo possível, de me encontrar com você, e por isso peço-lhe que tenha a bondade de vir esta tarde com sua mulher tomar chá conosco. A minha mulher ficará encantada com a visita. Com isso ficarão vocês merecedores de minha gratidão até ao fim dos meus dias, como costuma dizer-se. Quanto ao resto, meu querido amigo… já que estou escrevendo… continuarei. Vejo-me obrigado a recordar-lhe certas coisas, sim, meu querido amigo, vejo-me obrigado a fazer-lhe uma leve censura acerca de certo desabafo, cuja vítima escolhida com extraordinária má intenção — posso considerar-me eu próprio…

… Ó meu diabo encapotado! Ó homem sem consciência! Há coisa de um mês enviaram-me vocês um amigo pessoal, um tal Ievguéni Nikoláievitch, acompanhado de uma afetuosa recomendação da parte de vocês (o que equivale a dizer que para mim é sagrada), com o que fiquei muito contente, visto ter assim oportunidade de arranjar uma nova amizade; acolhi o jovem visitante de braços abertos e, sem dar por isso, fui eu próprio meter-me na boca do lobo. Bem, na verdade, um lobo, para sermos justos, não é. Mas, seja como for, mandando-o ter comigo, prestaram-me um péssimo serviço. Abstenho-me por agora de dar-lhe aqui explicações mais minuciosas…

O tempo urge e, por carta, compreende, nem sempre é fácil dizer certas coisas, pelo que lhe peço encarecidamente, meu caro amigo e colega, que me diga se não haveria maneira de fazer compreender a esse rapaz… Claro está, com toda a discrição… e cortesia… mas de forma inequívoca… e sem ofender demasiado… enfim, pessoalmente e com muito tato… por forma indireta mas significativa… que nesta cidade há muitas outras casas sem ser a minha… É que eu já não posso mais, meu amigo. Minha paciência se esgotou! Estou quase caindo “por terra”, como diz o nosso amigo polaco Siemiônovitch!

Quando nos virmos, vou lhe contar tudo. Com isto que lhe acabo de dizer, não tive de modo algum a intenção de insinuar que o referido jovem seja abusador, ou que, por exemplo, seja antipático sob qualquer outro ponto de vista. Muito pelo contrário, é, até debaixo de todos os aspectos, um homem muitíssimo simpático. O pior é que… bem, você tem de ter paciência até que nos possamos ver. Mas, se daqui até lá estiver com ele, peço-lhe por tudo, meu amigo, que não deixe de dizer-lhe alguma coisa. Eu também o poderia fazer, mas você já me conhece; não me decido, e quando estou realmente decidido a fazer qualquer coisa, já é tarde. Mas foi você quem o meteu em nossa casa e no-lo recomendou. No entanto ainda esta tarde teremos ocasião de falar de tudo isto com vagar. Por isso, até logo!

SEU, ETC.

P.S. — O meu garoto já há umas semanas que anda adoentado e tem piorado de dia para a dia. São os dentinhos que estão querendo romper. A minha mulher aflige-se muito com isso e está esgotada. Mas não deixe de vir. Vão nos dar ambos um verdadeiro prazer, meu querido amigo.

## CARTA II

*de Ivan Pietróvitch a Piotr Ivânovitch*

Meu muito estimado Piotr Ivânovitch:

Recebi ontem a sua carta, li-a e fiquei muito admirado. Você à minha procura, sabe Deus por onde e em casa de quem, e eu, entretanto, muito tranquilo na minha! Até às dez estive à espera de Ivan Ivânitch Tolokónov, que não chegou a vir. Mal recebi a sua carta chamei a minha mulher… Vestimo-nos ambos, tomamos um *drójki* — não tenho medo das despesas — e por volta das sete e meia estávamos em sua casa. Contudo… você não estava e foi a sua mulher quem nos veio receber. Esperei por si até às onze e meia. Era impossível esperar mais. Trago a minha mulher a casa, pago de novo o *drójki*, e vou diretamente à casa de Pieriepálkin, na esperança de o encontrar lá;

mas tenho nova desilusão. Volto para casa, passo a noite em claro e, muito agitado, vou de manhã três vezes a sua casa — às nove, às dez e às onze — por três vezes faço despesa com as idas e vindas, e de novo fico com um nariz de palmo e meio.

A leitura da sua carta surpreendeu-me bastante. Fala-me de Ievguéni Nikoláievitch e pede-me que lhe faça certas recomendações, sem me dizer uma palavra acerca da razão por que deveria fazê-lo. Claro que a discrição é digna de louvor; mas o meu papel é, em última análise, de tanta importância como o seu, embora eu, pelo menos, saiba que não costumo dar à minha mulher documentos importantes para com eles fazer papelotes. Para ser franco, vou lhe dizer que não compreendo com que fim me escreve todas essas coisas. E, sobretudo, já que estamos a falar disto, por que me mistura, a mim, em toda esta confusão? Não tenho prazer nenhum em ver-me metido em camisas de onze varas. Ora, você podia muito bem "cantá-las" sozinho a esse rapaz. Eu, por agora, só consigo ver uma coisa; que preciso de ter uma explicação com você. Contudo, o tempo vai passando. Tenho de reduzir as minhas despesas e não sei o que hei de fazer se você não cumprir certas obrigações que, aliás, prometeu cumprir. Não é possível adiar a viagem e viajar custa dinheiro. Sem contar com o que gasta a minha mulher, que está desejosa que eu lhe compre uma capinha de veludo da última moda. Pelo que se refere a Ievguéni Nikoláievitch, apresso-me a observar-lhe o seguinte: ontem mesmo, sem perder tempo, voltei a pedir informações sobre a pessoa dele, enquanto o esperava por você em casa de Páviel Siemiônitch Pieriepálkin. Donde apurei que este jovem é dono de quinhentas almas no governo de Iaroslav e está além disso destinado a herdar da avó umas terras nas vizinhanças de Moscou, com trezentas almas. Ignoro a quanto ascenderá o seu capital em dinheiro; mas imagino que, sobre isto, você deve estar mais bem informado do que eu. Faça também o favor de me indicar definitivamente o lugar e a hora para o nosso encontro. Diz-me você que Ivan Andriéievitch o tinha informado de que poderia encontrar-nos, a mim e a minha mulher, no teatro Alieksandr. A isto só posso responder-lhe que Ivan Andriéievitch não parece andar muito perto da verdade, e que tanto a ele como ao que ele diz não se deve dar crédito, pois não há ainda três dias enganou a própria avó em cerca de oitocentos rublos.

P.S. — A minha mulher está no seu estado interessante, anda muito enervada e com propensão, de vez em quando, para a melancolia. E como no teatro costumam às vezes dar tiros em cena ou imitar trovões com diversas máquinas, eu, por este motivo, para não a expor ao perigo de um susto, jamais vou lá. Além disso nunca fui um apaixonado de espetáculos de teatro.

## CARTA III

*de Piotr Ivânovitch a Ivan Pietróvitch*

Meu querido e dileto amigo Ivan Pietróvitch:

Venho pedir-lhe perdão, mil vezes perdão, e justificar-me imediatamente em sua presença, na medida do possível.

Ontem, pouco antes das seis da tarde, precisamente quando estávamos pensando em vocês com sincera simpatia, apareceu-nos em casa uma pessoa da parte do meu tio Stiepan Alieksiéievitch, com a notícia de ter-se agravado o estado da tia. Para não assustar a minha mulher não lhe disse nada e, com o pretexto de ir tratar de um assunto da maior urgência, saí de casa em direção à da doente que estava, realmente, muito mal: pouco depois das cinco havia tido outro ataque, que era já o terceiro no decurso dos dois últimos anos. Karl Fiódoritch, seu médico assistente, disse-nos que era muito possível que ela não passasse daquela noite. Imagine a minha situação, meu querido amigo! Toda a santa noite de pé, correndo de um lado para o outro, sem contar com a natural aflição! Por volta do amanhecer, completamente arrasado, tanto de corpo como de espírito, acabei por atirar-me sobre um divã no quarto do tio, mas não me lembrei de lhe pedir que me chamasse cedo; por isso estive a dormir até ao meio-dia e meia hora. A tia estava melhor. Voltei para casa; a minha mulher, coitada… bem, nem é preciso dizer mais — tinha passado a noite aflita, sem poder conciliar o sono, numa excitação fácil de compreender. Comi qualquer coisa, sosseguei-a e dirigi-me para sua

casa. Você não estava. Em vez de encontrá-lo, encontrei Ievguéni Nikoláievitch. De regresso a casa, sento-me e ponho-me a escrever esta pequena carta. Não fique aborrecido nem me leve a mal, meu caro amigo! Corte-me a cabeça se quiser, mas não me retire a sua amizade. Soube pela sua mulher que você, esta noite, deve ir à casa de Slaviânov. Lá estarei sem falta. Vou esperá-lo com a maior impaciência.

ENTRETANTO, SOU, AO SEU DISPOR, ETC.

P.S. — Estamos desesperados com o nosso garoto. Karl Fiódoritch receitou-lhe um purgante. O pequeno está com febre, chora, e ontem nem conhecia as pessoas. Hoje, felizmente, já nos conheceu e voltou a dizer "papai" e "mamãe", e a gritar como de costume: "bu… ah". A minha mulher não faz senão chorar.

## CARTA IV

*de Ivan Pietróvitch a Piotr Ivânovitch*

Meu muito estimado Piotr Ivânovitch:

Estou a escrever-lhe em sua casa, no seu quarto, sentado na sua própria secretária; mas antes de pegar na pena, estive duas horas e meia à sua espera. Agora dê-me licença, Piotr Ivânovitch, que lhe exponha com toda a franqueza a minha opinião sobre este assunto tão aborrecido.

Deduzi da sua última carta que estavam à sua espera em casa de Slaviânov, e que você devia ter lá chegado logo atrás de mim; pois eu também lá estive e esperei por você nada mais nada menos do que umas boas cinco horas; mas você não apareceu. Ora, eu não posso permitir que me façam de tolo! Nem estou para servir de passatempo aos outros! Que pretende de mim, afinal? Permita-me, meu caro senhor…

Mas continuemos: de manhã, muito cedinho, vou a sua casa, supondo que o encontraria ainda em vale de lençóis, pois não faço o

mesmo que certas pessoas insensatas (para não dizer outra coisa), as quais só Deus sabe em que lugares ou entre que espécie de gente vão procurar os amigos, sabendo contudo que podem encontrá-los em casa a qualquer hora previamente combinada. Mas não tive o gosto de o encontrar. Não sei ainda o que me impede de lhe dizer a verdade nua e crua. Assim, limito-me a observar-lhe que você não parece ser um homem de palavra, que não se importa de cumprir ou não o que promete, e que, pelo visto, se esquece de certas atenções. Depois de observar a sua conduta para comigo, vejo-me na necessidade de confessar que muito me espanta a astúcia de que tem dado provas. Pelo que se passa agora não duvido de que já há muito tempo procede você com má intenção. Para provar a exatidão das minhas suposições, a melhor prova que posso apresentar é o fato de ainda na semana passada você se ter apoderado de uma forma quase ilícita daquela carta escrita por seu próprio punho e que me era dirigida, na qual você mesmo — embora de um modo obscuro e arrevezado — mudava ao sabor das suas conveniências as cláusulas de certo acordo de que deve estar muito bem lembrado. Você tinha medo das provas, destruiu-as e, segundo parece, quer fazer-me de palhaço. Eu, porém, não estou disposto a consentir isso, pois até à data presente ninguém jamais fez pouco de mim, muito pelo contrário, todos me consideram bastante. Mas agora já abri os olhos. Você pretende despistar-me, atirar-me poeira aos olhos com as suas insinuações acerca de Ievguéni Nikoláievitch, enquanto eu, depois da sua carta de 7 deste mês, que ainda não consegui compreender, procuro a forma de ter um encontro pessoal; obriga-me a andar de um lado para o outro por lugares onde tem o cuidado de não pôr os pés e, segundo todos os indícios, não procura senão esconder-se de mim.

Julga, meu caro senhor, que não sou capaz de adivinhar as suas intenções?

Promete-me este mundo e o outro em troca dos meus serviços, que bem conhece; oferece recomendações a diferentes pessoas, etc., mas faz tudo isso de maneira enigmática, com o propósito de, com aparente justificação, me extorquir do bolso dinheiro emprestado, em quantias consideráveis, e sem nenhuma espécie de garantias, só com o pretexto da amizade, como, para não irmos mais longe, aconteceu na

semana passada. Agora porém que já recebeu o dinheiro, anda a esconder-se de mim e não parece lembrar-se nem por momentos do favor que lhe prestei, principalmente ao apresentar-lhe Ievguéni Nikoláievitch. Talvez você esteja a contar com a minha próxima viagem a Simbirsk e viva na ilusão de que não façamos contas antes disso. Mas, se assim for, afirmo-lhe desde já com toda a seriedade — e dou-lhe a minha palavra de honra — que se assim for, repito, estou disposto a continuar ainda durante mais dois meses em Petersburgo, de modo a conseguir o meu fim e encontrá-lo, seja lá onde for. Eu às vezes também sei fazer certas coisas, por muito que isso custe aos outros. Para terminar aviso-o de que se em todo o dia de hoje me não der explicações satisfatórias — primeiro por escrito, e depois cara a cara, pessoalmente — e se na sua carta me não confirmar, como é devido, as cláusulas principais que ambos combinamos, e, por último, se não me explicar os seus pensamentos reservados acerca de Ievguéni Nikoláievitch, nesse caso, ver-me-ei obrigado a adotar medidas que serão com certeza muito desagradáveis para você, mas que para mim serão muito agradáveis.

Com consideração etc.

## Carta V

*Piotr Ivânovitch a Ivan Pietróvitch*

*11 de novembro.*

Meu muito querido amigo Ivan Pietróvitch, da minha maior consideração:

A sua carta causou-me a mais profunda consternação. Então você, que é o meu melhor amigo, embora bastante propenso à injustiça não se envergonha de me escrever nesses termos, a mim, que tanto o estimo… e de me julgar tão levianamente, sem descer bem ao fundo da questão, a ponto de quase me fazer cair doente, em virtude da maneira agreste como me tratou?

Eu, em troca, apresso-me a chegar à fala com você e a dar-lhe

explicações que refutem as acusações que me faz.

Você, Ivan Pietróvitch, não me encontrou ontem aqui porque repentina e inesperadamente aconteceu chamaram-me para a cabeceira dum moribundo. Pois fique sabendo que a minha tia, Iefímia Nikoláievna, faleceu ontem às onze da noite. Todos os meus parentes, por unanimidade, me escolheram a mim para tratar de todas as aborrecidas diligências a que a morte nos obriga, de maneira que tive tanto que fazer que me foi completamente impossível encontrar-me hoje com você ou escrever-lhe duas linhas que fossem. Por isso me aflige tanto esse mal-entendido que surgiu entre nós. A minha observação a propósito de Ievguéni Nikoláievitch, que eu fazia em ar de brincadeira e ao correr da pena, você não a interpretou bem e deu-lhe um sentido que me ofende profundamente. Chega até a falar de dinheiro e não oculta os seus receios. Pelo que se refere a estes, estou disposto a aceder a todos os seus desejos e exigências, mas permita-me que lhe lembre agora que essa quantia — os trezentos e cinquenta rublos — recebi-os de sua mão a semana passada com determinadas condições que ficaram bem especificadas, e não a título de empréstimo. Neste último caso não teria deixado de dar-lhe uma letra ou um vale. Não quero ir ao ponto de discutir as restantes barbaridades que insinua na sua carta. Vejo que tudo isso se deve a uma interpretação errônea da sua parte, atestando a sua habitual precipitação em julgar as pessoas, a sua fogosidade e o seu espalhafato, desprovidos de qualquer circunspecção. Estou certo, porém, que o seu sentido da justiça e a honradez do seu caráter não o deixarão persistir muito tempo nessa desconfiança e que há de ser você o primeiro a estender-me a mão em sinal de reconciliação. Enganou-se, Ivan Pietróvitch, enganou-se redondamente.

Contudo, apesar disso, embora a sua carta me tivesse ferido profundamente, teria sido eu o primeiro a ir a sua casa apresentar-lhe as minhas desculpas se, infelizmente, não tivesse tido tanto que fazer — e hoje ainda tenho mais do que ontem — que me sinto morto de cansaço e mal posso ter-me de pé. Para cúmulo da desgraça, também a minha mulher teve de meter-se na cama. E receio que se trata de qualquer doença séria. Quanto ao garoto, graças a Deus vai melhor. Mas por agora vou terminar… tenho uma montanha de assuntos para

despachar!

SUBSCREVO-ME, SEU MELHOR AMIGO ETC.

## CARTA VI

*de Ivan Pietróvitch a Piotr Ivânovitch*

*14 de novembro.*

Meu caro senhor:

Esperei durante três dias, que fiz o possível por empregar de maneira útil… Recordando a máxima: "a cortesia e a dignidade são as primeiras qualidades que devem ornamentar um homem", e embora o senhor não tenha respondido à minha última carta de 10 deste mês com uma só palavra ou ação, não tenho querido dar-lhe pressa, a fim de por um lado lhe dar tempo de cumprir os seus deveres de cristão para com sua tia e, por outro, para eu próprio ter tempo para certas reflexões e cálculos sobre o assunto que sabemos. Agora, porém, já não hesito em falar-lhe de um modo definitivo e categórico.

Confesso-lhe francamente que ao ler as suas duas primeiras cartas fiquei sinceramente convencido de que o senhor realmente não tinha compreendido o que eu queria; foi também esta a principal razão por que eu desejava tanto vê-lo e falar-lhe, e não quis confiar o assunto ao papel, pondo-me assim de sobreaviso contra a possibilidade de incorrer em ambiguidades, tratando-o por escrito. Como sabe, eu não sou homem que tenho recebido uma educação especializada e também não tive oportunidade de assimilar maneiras finas, mas, em compensação, é-me estranha a oca fatuidade, pois uma experiência bem amarga ensinou-me até que ponto o aspecto exterior das pessoas pode enganar, assim como também não é raro que entre as flores se oculte uma serpente venenosa. Mas o senhor compreendeu-me; só não me respondeu na forma conveniente, porque tendo em atenção a falsidade do seu caráter, estava desde o princípio disposto a faltar à sua palavra de honra e a acabar assim com a amizade que nos unia.

A prova disso é a maneira vergonhosa como se conduziu, maneira

essa de agir que me prejudica lesando os meus interesses… coisa que nunca esperei do senhor e em que, até ao presente, me recusaria a acreditar, pois encoberta como tem estado, desde o princípio, na rede das suas boas maneiras, do seu fino trato, da sua experiência, eu, sem me preocupar com o proveito que poderia tirar das minhas relações com a sua pessoa, supus ter encontrado em si um amigo sincero, um verdadeiro camarada, o que me dava grande satisfação. Mas agora não tive outro remédio senão reconhecer que neste mundo há infelizmente homens que, sob aparências falazes e brilhantes, ocultam veneno no coração e passam o tempo a fazer intrigas contra os outros e a preparar-lhes armadilhas astutas e terríveis e, que por este motivo costumam pintar o branco de negro, não utilizando sequer a sua habilidade literária para proveito e edificação dos amigos e da pátria, mas unicamente para enganar e iludir os que têm a pouca sorte de fazer negócios ou combinações com eles. A sua deslealdade para comigo ressalta com toda a claridade do seguinte:

Em primeiro lugar, ao descrever-lhe eu na minha carta, meu caro senhor, de um modo claro e preciso, a situação em que me encontrava, assim como ao perguntar-lhe, na primeira que lhe escrevi, o que queria dizer com aquelas reticências e palavras indiretas a propósito de Ievguéni Nikoláievitch, o senhor respondeu-me por alto e passando por cima do que era primacial e, depois de me ter aborrecido e de me ter lançado a dúvida no espírito, acabou por fazer-se dessentido. Isto é, depois de me ter trazido para a arena, procedimento que não é possível classificar com um epíteto decente — escreve-me queixando-se de mim próprio nesse tom lastimoso. Que nome quer o senhor que se dê a isto? E como o tempo era para mim precioso e o senhor me fazia dar a volta à cidade à sua procura, ainda com a máscara de amigo, tem depois o descaramento de escrever-me cartas em que propositadamente evitava mencionar o assunto principal, entretendo-se em compensação exclusivamente com coisas secundárias; fala-me da sua vida particular, da sua mulher, por quem, em qualquer caso, tenho a maior consideração, e participa-me que o médico receitou um purgante ao seu garoto, que tem os dentes a romper. Fala-me de tudo isto nas suas cartas com uma insistência que eu considero francamente ofensiva. Acho perfeitamente natural que qualquer pai se preocupe com os sofrimentos do filho; mas, por que se

há de pôr a falar disso quando se trata de qualquer coisa de muito diferente e de maior importância? Fui-me calando e suportando… Deus sabe com quanto custo! Agora, porém, que já passou o tempo preciso para o senhor estar livre das obrigações que o falecimento da sua tia fez recair sobre os seus ombros, vejo-me na obrigação de proceder de um modo definitivo, e vou, sem perda de tempo, pôr as coisas a claro. Por outro lado, o senhor, com as suas falsas indicações de lugares onde poderia encontrá-lo, mas onde nem sequer sonhava pôr os pés, quis com certeza obrigar-me a fazer papel de idiota ou de fantoche, coisas para que eu não tenho a mínima propensão. Além disso, depois de me ter convidado a visitá-lo e de me ter feito esperá-lo inutilmente em sua casa, vem agora dizer que o chamaram para a cabeceira da sua tia doente, que tivera um ataque às cinco em ponto, com o que o senhor, aparentemente muito contrariado, explicava o contratempo. Contudo, durante três dias, tive felizmente oportunidade de ser informado de que no dia 7, durante a noite, pouco antes da vinte e quatro horas, a sua tia tivera uma apoplexia. Donde concluo que o senhor nem sequer tem escrúpulos de abusar da santidade do parentesco quando se trata de enganar o próximo. Finalmente, na sua última carta comunica-me a morte da referida tia, a qual segundo me disse, faleceu precisamente à hora em que eu, seguindo as suas indicações para a dita entrevista, devia encontrar-me em sua casa, onde de fato estava. Neste ponto os seus escandalosos cálculos e invenções superam tudo que se possa imaginar, pois, segundo soube casualmente de uma fonte de toda a confiança, sua tia faleceu aproximadamente vinte e quatro horas depois da hora a que o senhor tão pouco piedosamente a “fez” morrer, ou seja às onze da noite de 11 de novembro e não de 10. Não quero ir mais longe agora e expor-lhe todas as restantes provas da sua falsidade. Mas para qualquer juiz imparcial um único pormenor será suficiente: que o senhor nas suas cartas me chame seu sincero amigo e me lisonjeie sem qualquer disfarce, com o único fim, a meu ver, de me iludir e de me fazer esquecer de tomar certas precauções.

Chego assim, ao seu maior embuste e deslealdade, que se cifram nestes pontos: o silêncio contínuo que tem mantido nos últimos tempos sobre quanto se refere aos nossos interesses; e a subtração reprovável dessa carta em que o senhor — de um modo indireto e que

eu não pude ainda compreender — tinha exposto o nosso mútuo contrato com todas as suas cláusulas; e o fato de me ter extorquido, com uma violência que passou das marcas, esses 350 rublos, sem me dar um recibo ou qualquer outro documento comprovativo, valendo-se apenas da minha qualidade de amigo — isto é uma maneira de dizer — e, finalmente, a sua maneira escandalosa de caluniar o nosso comum amigo Ievguéni Nikoláievitch.

Agora já não tenho dúvidas nenhumas acerca do que o senhor pretendia com a referida calúnia e que não era senão que, ao dito amigo — perdoe a expressão — se não podia arrancar nem o couro nem o cabelo, o que equivale a dizer que não podia tirar dele nenhum proveito, e que ele não era peixe nem carne, o que o senhor menciona claramente como um crime na sua carta de 6 deste mês. Ora, eu conheço Ievguéni Nikoláievitch e parece-me que é um jovem modesto, de bons costumes, e é esta a razão por que é simpático a todas as pessoas, por que goza de geral estima e tem perante si a perspectiva de chegar a ser alguém. Também sei que o senhor, durante duas semanas, não passou uma noite sem jogar com ele pelo menos vários notas de rublo, talvez até mais de cem, guardando no bolso talvez mais de um cento dessas notas, com o que desfalcou miseravelmente Ievguéni Nikoláievitch. Agora, porém, parece ter esquecido tudo e, em vez de me agradecer pelo que lhe tenho suportado, fica-me com o meu rico dinheiro para sempre, pedindo-me ao mesmo tempo que seja seu amigo e, procurando "levar-me" com a perspectiva das muitas vantagens que isso me trará, obriga-me assim a dar-lhe uma quantia considerável. Bem, depois de ter tirado dinheiro de maneira tão indigna, a mim e a Ievguéni Nikoláievitch, esquece-se de me agradecer como devia e chega ao ponto de caluniar aquele que eu próprio, por minha recomendação, introduzi em sua casa. Contudo o senhor continua até hoje, segundo as informações dos seus amigos, a ser "unha com carne" com Ievguéni Nikoláievitch e chega até ao exagero de o beijar diante de todos e de o apresentar em toda a parte como o seu melhor amigo, embora, segundo suponho, não haja ninguém tão estúpido que não adivinhe logo o que o senhor pretende com essas fantochadas e o que na verdade valem todas essas demonstrações de amizade. Eu, pelo menos, digo francamente que tais demonstrações são enganadoras e falsas, e constituem um ultraje a todas as regras da

decência e aos direitos das pessoas, um insulto a Deus e uma prova de maldade. Exemplo e confirmação do que digo sou eu próprio, ou melhor, o que me aconteceu com o senhor. Quando o ofendi eu, fosse no que fosse, ou fui injusto para com sua pessoa, para que se atreva a tratar-me tão mal?

Dou por terminada a minha carta. O que tinha a dizer-lhe está dito. Acrescentarei apenas uma coisa: se o senhor, logo que receber esta carta, não me entregar imediatamente a quantia exata que lhe adiantei, ou seja os 350 rublos, abonando-me além disso os juros correspondentes, conforme o prometido, saberei encontrar maneira de o obrigar a fazê-lo, ainda que seja exigindo-lhe publicamente através dos tribunais, pois tenho a lei a meu favor; e, para terminar, permita-me que lhe diga que estou de posse de certos documentos que são outras tantas provas que, logo que deixem de estar na mão deste seu humilde criado, vão deixá-lo de rastros aos olhos do mundo.

SEU ETC.

## CARTA VII

*de Piotr Ivânovitch A Ivan Pietróvitch*

*15 de novembro.*

Ivan Pietróvitch:

Depois de ter recebido a sua grosseira e inqualificável missiva, a primeira coisa que me ocorreu foi rasgá-la como curiosidade. Além do mais, estes mal-entendidos e desavenças fazem-me sofrer. Para falar com franqueza, não tinha intenção de lhe responder. Mas a necessidade obriga-me a fazê-lo e também o desejo de lhe participar que não me seria desagradável vê-lo ainda nesta sua casa, o mesmo digo em nome de minha mulher, que ainda não está completamente bem e não pode suportar o cheiro das botas engraxadas. Juntamente devolvo a sua esposa, com os melhores agradecimentos, um livro, o *Dom Quixote*, que ainda conservava em meu poder. Quanto às suas galochas, que segundo parece esqueceu em nossa casa quando da sua

última visita, devo comunicar-lhe muito contristado que, apesar de todos os nossos esforços, não nos foi possível encontrá-las. Continuamos contudo à procura delas. Se não conseguirmos encontrá-las, vou lhe comprar umas novas.

Tenho a honra etc. …

## VIII

A 16 de novembro Piotr Ivânovitch recebeu pelo correio duas cartas. Abriu a primeira e encontrou dentro do sobrescrito uma folha de papel rosa pálido, muito bem dobrada. A letra era de sua mulher. Era dirigida a Ievguéni Nikoláievitch e tinha a data de 2 de novembro. Dentro desse sobrescrito não havia mais nada. Piotr Ivânovitch leu:

"Querido Ievguéni: Ontem foi-me completamente impossível. O meu marido não saiu de casa toda a tarde. Mas vem amanhã às onze em ponto, sem falta. Às onze e meia o meu marido tem de partir para Tsárskoie, donde não voltará até à uma. Passei toda a noite muito desassossegada. Obrigada pelas notícias que me mandas. Que montanha de papel! É verdade que foi ela quem escreveu tudo isso? O estilo, convenhamos, não é mau de todo. Mais uma vez, obrigada; vejo que gostas de mim. Não fiques aborrecido com o que se deu ontem e vem amanhã sem falta. — A."

Piotr Ivânovitch abre a outra carta:

"Piotr Ivânovitch: Nunca mais voltarei a transpor os umbrais da sua casa; foi inútil o trabalho de escrever esta carta. Na próxima semana vou para Simbirsk, mas você permanece aqui; com um amigo incomparável e que lhe é muito querido: Ievguéni Nikoláievitch. Desejo que se divirta. Quanto aos tamancos, não se preocupe."

## IX

A 17 de novembro, recebe também Ivan Pietróvitch duas cartas pelo correio. Abre a primeira e tira do sobrescrito uma folha de papel

pequena e escrita à pressa, com a letra de sua mulher. É dirigida a Ievguéni Nikoláievitch e está datada de 4 de agosto. Além da carta, o sobrescrito nada mais contém. Ivan Pietróvitch lê:

"Adeus, adeus, Ievguéni Nikoláievitch! Que Deus lhe pague mais esta prova de bondade! Que seja muito feliz; a sorte que a mim me coube na vida é triste, espantosa! Foi vontade sua. Se minha tia não existisse, eu não me teria apegado tanto a você. Não se ria de nós ambos. Casamo-nos amanhã. A titia está muito contente por eu ter encontrado um homem bom que se case comigo, mesmo sem dote. Foi hoje a primeira vez que olhei para ele com atenção. Creio que é bom rapaz. Não tenho tempo para nada, para nada, adeus, adeus, meu querido! Lembre-se muito de mim, porque eu… eu não o esquecerei nunca. Adeus! Assino esta última minha carta como a primeira… lembra-se?

TATIANA"

A outra carta dizia o seguinte:

"Ivan Pietróvitch: amanhã você receberá umas galochas novas. Não estou acostumado a tirar coisas alheias dos bolsos dos outros, nem também está no meu feitio isso de andar a apanhar trapos na rua.

Ievguéni Nikoláievitch sai dentro de dias para Simbirsk, a pedido do avô, para quem tem de tratar ali uns negócios, e pediu-me que lhe arranje um companheiro de viagem. Quererá você ir com ele?"

**1** Diplomata e autor dramático russo (1793-1829). Sua obra-prima foi a peça *A dor de ter talento*.↩

# Polzunkov

# POLZUNKOV
# (1848)

Pus-me a olhar aquele homem com mais atenção. Até no seu aspecto exterior tinha algo de particular que fazia com que, mesmo sem querermos, por mais preocupados que estivéssemos, nos puséssemos a olhá-lo atentamente, até que, depois, acabávamos sempre por sermos acometidos de uma irreprimível vontade de rir. Foi precisamente o que sucedeu comigo. Aquele rapaz tinha uns olhos tão inquietos, ou, para melhor dizer, ele próprio era tão sensível ao magnetismo dos olhares que lhe dirigiam, que no momento em que uma pessoa se pusesse a olhá-lo adivinhava logo que ela ia converter-se em seu observador e procurar desvendar o segredo dos seus olhos.

Pela sua constante mobilidade e pela forma como continuamente se voltavam para um e para outro lado, lembravam um catavento. Coisa estranha! A julgar pela aparência, dava impressão que estava sempre com medo que se rissem dele e, no entanto, era precisamente com isso que ele ganhava a vida: era o bobo de toda a gente e adaptava-se sempre a tudo, fosse qual fosse a classe de pessoas entre as quais se encontrasse, tanto no sentido físico como moral. Os bobos voluntários não nos inspiram dó. Contudo, observei imediatamente que aquele ser estranho, aquele homem ridículo, não nascera para palhaço. A sua inquietação, a sua constante e doentia angústia, motivada pela consciência do ridículo, depunham a seu favor. Parecia-me que era maior o empenho que tinha em agradar a quem lhe pagava, do que verdadeiramente obter compensações materiais. Consentia da melhor vontade que se rissem dele indiscretamente mas, ao mesmo tempo — eu, pelo menos, seria capaz de jurar — sofria, e o seu coração sangrava só de pensar que os espectadores pudessem ser tão grosseiros e cruéis que se rissem não só das suas palhaçadas mas dele próprio como homem. Estou convencido de que nessas ocasiões compreendia claramente a estupidez da sua situação, embora nenhum protesto lhe saísse da boca. Estou convencido, como já disse, que nele tudo provinha da bondade do coração e não de qualquer preocupação material, como por exemplo do receio de que o despedissem e se visse de um instante para o outro sem um copeque. Porque aquele homem

andava sempre pedindo dinheiro emprestado; isto é, valia-se dessa fórmula para pedir esmola, e quando tinha já feito bastantes palhaçadas e divertido o público, tomava essas esmolas como ganho seu. Recebia assim bastante dinheiro! E que maneira tinha ele de recebê-lo! Nunca me havia passado pela cabeça que num espaço de corpo tão exíguo, como era o rosto enrugado e anguloso daquele homem, pudessem caber ao mesmo tempo tantos trejeitos diferentes, tantas expressões inesperadas e características, e tantos esgares que iam ao ponto de refletir por vezes a mais penosa das angústias.

Naquela cara podia observar-se tudo: vergonha, descaramento, cólera, o abatimento do fracasso, súplicas de perdão, a consciência do próprio valor e, ao mesmo tempo, a plena consciência da própria insignificância… Tudo isto passava em relâmpagos por aquele semblante.

Havia já mais de seis anos que vivia daquele modo, neste mundo de Deus, e ainda não conseguira aprender a conter-se no momento mais importante da "facada". Não quero dizer com isto que fosse insensível ou procedesse de uma forma grosseira. Tinha o coração demasiado inquieto, demasiado ardente para isso. Na minha maneira de ver, era até o homem mais decente e honrado deste mundo, apenas com um ponto fraco: é que ao primeiro sinal, sem intenção alguma e de boa-fé, era capaz de cometer uma grosseria só para agradar ao próximo. Numa palavra: como homem não valia nada. E o mais curioso é que andava vestido como os demais, nem melhor nem pior: limpo, e até com um certo aprumo e pretensão. Este esforço para a compostura exterior e sobretudo íntima; a preocupação consigo próprio, a par da humilhação contínua da sua personalidade, tudo isso formava o mais clamoroso contraste e inspirava compaixão e troça, tudo ao mesmo tempo. Se no fundo do seu coração estivesse convencido de que aqueles que se riem são os melhores homens que há no mundo — coisa que, apesar das suas experiências, se esforçava por acreditar — e de que se riam das suas facécias e não da sua pessoa, havia de ser com prazer que tiraria o fraque e que o teria vestido do avesso, e teria ido por essas ruas a divertir os outros, proporcionando a si próprio o prazer de distrair os seus benfeitores.

Mas não conseguia de maneira nenhuma chegar ao equilíbrio.

Basta pensar noutra faceta da sua maneira de ser: este tipo original tinha gestos altivos e até magníficos quando nenhum perigo o espreitava. Bastava ver e ouvir como ele sabia retorquir com aprumo, e até com um certo heroísmo, a qualquer dos ouvintes que o tivesse ofendido para além de certos limites. Mas isto raras vezes acontecia.

Em suma: era um mártir, na perfeita acepção da palavra, mas o mais inútil e, por isso mesmo, o mais ridículo dos mártires.

Estava eu a observá-lo, quando entre os hóspedes se travou uma grande discussão. De repente, vi o nosso homem subir a uma cadeira e pôr-se a gritar a plenos pulmões, reclamando o direito de falar sozinho.

— Preste atenção — disse-me o dono da casa ao ouvido. — Às vezes diz coisas muito curiosas… Não quer ouvir?

Eu disse que sim com a cabeça e misturei-me com os outros ouvintes. O espetáculo de um homem bem vestido, empoleirado numa cadeira, a falar aos gritos, provocou uma expectativa geral.

Muitos que não conheciam aquele tipo estranho olhavam-se perplexos, enquanto outros se riam a bom rir.

— Eu conheço Fiedossiéi Nikolaitch! Eu conheço Fiedossiéi Nikolaitch melhor do que ninguém! — gritava ele de cima da sua alta tribuna. — Cavalheiros, deixem-me falar! Vou-lhes contar coisas de Fiedossiéi Nikolaitch! Acreditem-me, é uma história simplesmente admirável!

— Conte, Óssip Mikháilitch, conte!

— Conte!

— Então escutem todos…

— Escutem! Escutem!

— Vou começar. Contudo, aviso-vos, meus senhores, é uma história muito estranha…

— Está bem, está bem…

— E ao mesmo tempo uma história muito ridícula!

— Ótimo, excelente! Vamos a ela!

— É um episódio da vida do seu mais humilde…

— Então para que nos disse que é uma história cômica?

— E até um tanto trágica!

— Ah!

— Numa palavra: a história que lhes vai proporcionar o ensejo de me ouvirem, meus senhores… a história devido à qual me encontrava entre uma assistência tão seleta…

— Bom, deixe-se de piadas, sim?

— Vamos lá à história…

— Sim, vamos à história… acaba de uma vez com o preâmbulo… Vamos à história que nos vai custar dinheiro outra vez… — acrescentou em voz baixa um rapaz que meteu a mão no bolso e, em vez do lenço, como por casualidade, tirou o porta-moedas.

— A história… O que eu queria era ver muitos dos senhores no meu lugar. Foi por causa de toda esta história que eu não casei.

— O quê? Você, casar? Então Polzunkov queria casar? Deus do Céu!

— Quanto não daria eu para conhecer a senhora de Polzunkov! — gritou um rapaz de cabelo ruivo e encaracolado que se aproximou do orador.

— Bem, meus senhores, vamos à primeira parte da minha história: vai fazer agora seis anos certos, na primavera, no dia trinta e um de março… não esqueçam esta data, senhores… era a véspera…

— Do primeiro de abril! — exclamou o rapazinho do cabelo

encaracolado.

— És muito esperto. Bem. Assentemos pois que era a véspera. Em N…, capital do distrito, adensavam-se já as sombras e a lua dispunha-se a surgir lentamente na abóboda celeste etc. …, quando de repente, eis que… na hora derradeira do crepúsculo vespertino, eu saio devagarinho e discretamente do meu humilde tugúrio, depois de me ter despedido da minha avó que estava já completamente "gagá". Os senhores perdoem-me que eu use esta expressão moderna, que ainda há pouco ouvi de Nikolai Nikolaitch. Mas a verdade é que a minha avó, coitada, estava realmente "gagá": cega, surda, muda e meio biruta… Creio que pior não poderia ser. Confesso-lhes que eu tremia dos pés à cabeça, sem saber o que tinha: o meu coração dava pulinhos como um gato que sente uma mão ossuda a agarrá-lo pelo gasganete.

— Dá-me licença, senhor Polzunkov?

— Que deseja?

— Que conte as coisas com mais simplicidade, sem se pôr a enfeitá-las…

— Às suas ordens — respondeu Óssip Mikháilitch, um tanto aborrecido com a interrupção. — Bem, como ia dizendo, saí e dirigi-me à casa de Fiedossiéi Nikolaitch… à sua bem adquirida casa… Ele não era, como sabem, nem meu colaborador nem meu colega, mas um chefe rigoroso e exigente. Fiz-me anunciar e imediatamente me levaram ao seu gabinete. Ainda me parece estar a vê-lo diante de mim: a sala estava quase, quase completamente às escuras, pois ainda não tinham trazido as luzes. Ponho-me à espera e, de repente, entra Fiedossiéi Nikolaitch. De modo que nos encontramos os dois sozinhos na penumbra.

— Que se passou então entre vocês? — perguntou um oficial.

— Oh, homem! Que está imaginando? — exclamou Polzunkov e virou-se depois com o rosto contraído numa careta para o rapaz do cabelo encaracolado. — Bem, o que eu lhes digo, meus senhores, é que aquela situação era de fato estranha. Quer dizer, verdadeiramente estranha não era. Era uma daquelas situações a que se chama uma

situação concreta, prática… Eu me limitei a tirar do bolso um maço de papéis, isto é, de documentos oficiais…

— Papéis?

— E ele por sua vez também tirou do bolso do colete outro maço de papéis e depois trocamos os nossos maços…

— Era capaz de apostar que cheiravam a graxa — interrompeu um cavalheiro bem vestido, de cabelo muito frisado.

— A graxa? — replicou logo Polzunkov. — Ah!

> Não obstante era eu bem liberal,
> como tantos que outrora conheci!

Se alguma vez algum dos senhores for mandado para a província, verá então que não é fácil uma pessoa aquecer-se à chama da pátria, como não… Mas o poeta disse: “Até a fumaça da pátria me é agradável e querida!”. A nossa pátria é a nossa mãe, nossa mãe, meus senhores, nossa mãe carnal; nós somos as suas crias e mamamos nela!…

Houve uma gargalhada geral.

— Mas acreditem, meus senhores: a mim ninguém jamais me engraxou as mãos com dinheiro — acrescentou Polzunkov, olhando receoso todo o auditório.

Uma nova gargalhada acolheu as suas palavras.

— É a verdade pura!

Calou-se de repente e pôs-se a olhar para todos com uma expressão singular. Talvez — quem o poderia dizer? — talvez naquele instante pensasse que era mais honrado e honesto que muitos daqueles pretensiosos senhores que constituíam o seu auditório… E até se extinguir aquele assomo de hilaridade geral conservou a sua expressão séria e pensativa.

— Bem — continuou Polzunkov logo que o auditório serenou — ainda que eu nunca tenha deixado que me engraxassem as mãos,

naquela ocasião guardei no meu bolso o proveito do meu suborno… Isto é, tinha nas mãos documentos que… numa palavra, se me tivessem dado na cabeça enviá-los a certas pessoas, Fiedossiéi Nikolaitch teria passado um mau bocado…

— De forma que ele os comprou de você, não foi?

— Isso mesmo.

— E quanto lhe deu por eles?

— Deu-me a mesma importância por que outros hoje em dia venderiam a consciência… se alguém a quisesse comprar… Quando guardei o dinheiro no bolso foi como se me despejassem um jarro de água fervente pela cabeça. Para falar com franqueza, meus senhores, nem posso dizer o que sentia, pois estava mais morto do que vivo, mal podia mexer os lábios e tinha os joelhos a tremer: sentia-me culpado, muito culpado; terrivelmente culpado mesmo, meus senhores; a consciência acusava-me e estava quase a pedir perdão a Fiedossiéi Nikolaitch…

— E então ele lhe perdoou?

— Eu não cheguei a pedir! Limito-me a expor-lhes qual era então o meu estado de espírito; eu tenho, bem… eu tenho um temperamento impulsivo. Ele me olhou direto nos olhos: “Não tem temor de Deus, Óssip Mikháilitch?”. Bem… que havia eu de fazer? Estendi as mãos; olhei de revés: “Por que não havia eu de temer a Deus, Fiedossiéi Nikolaitch?”. Disse isto apenas por conveniência, mas estive quase a cair redondamente no chão. “Você, que há tanto tempo é amigo da nossa família, que tem sido para nós quase um filho… e Deus sabe o que o futuro nos reservará ainda, Óssip Mikháilitch! E vem agora a ameaçar-me de me ir denunciar!… Como poderei eu, daqui para o futuro, confiar seja em quem for, Óssip Mikháilitch?” Ah, senhores, como o bom do homem me falou à consciência! “Diga-me: como hei de eu confiar nos homens, Óssip Mikháilitch?”, pergunto a mim próprio. “Que hei de pensar deles?” Só lhes digo que tinha a garganta seca e que a voz me tremia; já me sentia prestes a mudar de resolução e peguei no chapéu… “Onde vai, Óssip Mikháilitch? Será na realidade capaz de, na véspera dum tal dia… será verdadeiramente capaz de me

pôr assim a perder? Que mal lhe fiz eu?” “Fiedossiéi Nikolaitch!” — respondi — “Fiedossiéi Nikolaitch!” Resumindo, meus senhores: cedi, derretendo-me como um torrão de açúcar. E aquele maço de notas que guardava no bolso parecia gritar: “Malvado! Ladrão!”. E era como se no bolso me pesassem cem arrobas quando, afinal, talvez nem chegassem a pesar cem gramas. “Já vejo que se arrependeu” — disse Fiedossiéi Nikolaitch — “Olhe, já sabe que amanhã é o dia do Santo do meu nome… Bem, não chore. Basta. Pecaste e te arrependeste. Vamos! Talvez eu consiga fazer-te voltar ao bom caminho! Oxalá os meus deuses familiares — recordo-me tão bem de ele me ter dito isto, o maroto! — te protejam e te guardem…” Meteu o braço dele no meu e levou-me à presença das pessoas de sua família. Senti frio na espinha; pus-me a tremer. “Com que olhos me olhariam aqueles?” — pensava eu. Porque os senhores devem ter em consideração que… como direi? que ainda ficava por esclarecer um assunto muito delicado…

— Referente à senhora de Polzunkov?

— Maria Fiedossiévna tinha muita razão em dizer que em sua casa todos me consideravam como um filho. Já há meio ano que assim era, ou seja, quando ainda vivia Mikhail Maksímitch Dvigáilov, aquele fidalgo reformado. Este morreu de repente e como tinha deixado passar o tempo sem fazer testamento, daí resultou que por mais esforços que se fizessem não encontraram nada do que lhe pertencia.

— Ah!

— Não levem isto a mal, meus senhores. Desculpem-me, eu tinha prometido não brincar com este assunto, e a graça que fiz, de fato não presta; mas isso não quer dizer nada, pois bem pior foi ainda a situação em que eu fiquei, por assim dizer apenas com um zero em perspectiva, pois o tal fidalgo reformado, embora nunca tivesse posto os pés em casa… vivia como um príncipe, talvez porque no seu tempo tinha tido “mão leve” e podia muito bem ter-me considerado seu filho… natural.

— Ah!

— O caso era exatamente assim, meus senhores! Pois bem: em

casa de Fiedossiéi Nikolaitch, por essa razão, todos me mostravam cara feia. Reparei logo, imediatamente, e embora isso não me chocasse, sempre me retraiu um pouco. Quando de repente por desgraça minha — quem sabe se para meu bem — aconteceu chegar àquela terra um oficial de cavalaria… Bem, é fácil de ver que as suas obrigações não eram pesadas; cavalaria ligeira… e, assim, se não se tivesse tornado tão amigo de Fiedossiéi Nikolaitch, a sua posição ficaria firme como uma bala na parede. Eu, o amigo da casa há tantos anos, fui preterido… e para que os senhores vejam o disparate: que fiquei ressentido. Visto que de certo modo era filho da casa etc. e tal… quanto tempo tinha eu ainda que esperar? Então ele se pôs a contestar, isto é, pôs-se a contar-me um poema em doze cantos, que uma pessoa, só de ouvir, sentia a boca doce e até lambia os beiços. Mas se alguém lhe perguntasse o que queria dizer tudo aquilo, ele então, o espertalhão, escapava-se como uma enguia, não havia nada que o detivesse e saltava suavemente por cima de todos os obstáculos. Em resumo: só lhes digo que tinha um talento, um destes talentos que fazia inveja a muitos: a sua inspiração era verdadeiramente fenomenal. Pelo sim, pelo não, vai imaginando o que mais te agradar. Pois os senhores bem podem imaginar o que eu pensaria. Sigo o fio das suas cantigas, deixo-me de graças e ponho-me a suspirar e a gemer: “Ah, oh!”. Digo que me dói o coração de tanto amor, verto lágrimas e abro o peito às confidências. Que imbecis nós somos, às vezes! O velhote não tinha consultado os livros da paróquia e não sabia que eu já passava dos trinta anos! Bom! Não me deixaria apanhar! Contudo as coisas não me estavam correndo bem; à minha volta risos e troças… e deu-me uma fúria que quase me sufocava. Saí dali com a resolução de não voltar a pôr mais os pés naquela casa… e de… fazer a denúncia. Reconheço que não devia ter feito isso, que foi uma falta de delicadeza da minha parte denunciar um amigo; mas temos de convir que havia razão de sobra para isso, razões de peso, e que se tratava de um assunto de importância capital. Mil e quinhentos, foi quanto me deram quando troquei as notas!

— Ah! Lá temos nós a graxa!

— Sim, meus senhores, era dinheiro de suborno, dado por um comerciante! E não foi na verdade nenhum pecado! Mas vou

continuar… Como decerto se lembram, ficamos no ponto em que me arrastou meio morto e, portanto, meio vivo, à sala onde serviam o chá. Todos pareciam ofendidos, ou melhor, perturbados. Numa palavra: abatidos, completamente abatidos, deixando ver nos rostos uma gravidade, uma tristeza nos olhos, algo de paternal, de familiar… É que o filho pródigo tinha regressado ao lar! Bem; sentamo-nos à mesa para tomar o chá; a mim fervia-me um samovar no peito, enquanto os pés estavam frios como a neve. Tremia e rezava! Maria Fomínichna, a sua senhora e conselheira áulica — agora é a senhora conselheira leitora — começou então a falar comigo, tratando-me por tu. "Por que estás tão magro, meu filho?" — perguntou-me. "É que estou muito resfriado, Maria Fomínichna" — respondi-lhe eu. E o fio da minha voz tremia. Em seguida, sem mais nem menos, começou a embrulhar as coisas de tal maneira que parecia depois que uma víbora me mordera na consciência. "Quiseste atraiçoar o pão e o sal do nosso parentesco; as lágrimas de sangue que tenho chorado deviam agora queimar-te o coração!" Era assim que ela falava; contra a sua própria consciência o dizia! Que mulher tão astuta! Sentou-me à mesa e serviu o chá. "Bem — pensava eu — se estivesses na praça porias no chinelo todas as vendedoras de hortaliça!" Para cúmulo da desgraça apareceu também ali a filha, Maria Fiedossiévna, com toda a sua inocência, um pouco pálida e com os olhos úmidos de pranto… Então fiquei aniquilado, completamente aniquilado! Mais tarde tive ocasião de saber que aquelas lagrimazinhas tinha-as ela chorado pelo oficial de cavalaria, o qual fugira em segredo, pois já era tempo de bater em retirada… embora nenhuma ordem o obrigasse a fazer isso? Calar e aguentar! Contudo, eu, ao contemplá-la, fiquei, como disse, completamente aniquilado; peguei no chapéu, na intenção de desaparecer dali o mais rápida e secretamente possível… mas houve quem me tirasse o chapéu e me fechasse a porta. Todos sorriram e olharam uns para os outros enquanto eu, perplexo, pronunciava não sei que palavras falando do Deus do amor; ela, a pombinha, foi sentar-se ao piano e em tom melancólico pôs-se a tocar a *romanza* dum hussardo que se apoiava no sabre. Santo Deus!… "Ah! vamos esquecer tudo, tudo e vem aos meus braços!", exclamou de repente Fiedossiéi Nikolaitch. Eu, no estado em que estava, me precipitei de encontro ao seu colete. "Meu benfeitor, meu pai natural!" — exclamava eu, vertendo lágrimas ardentes. Santo Deus! As consequências foram

terríveis! Chorava ele, chorava a mulher, chorava Máchenhka… e até uma ruivinha que ali estava se pôs também a chorar. De repente, de todos os lados começaram a sair exclamações — Deus tinha abençoado o seu lar! — e também eles choravam… quantas lágrimas, quantos perdões, quanta alegria! Tinha regressado alguém que andara perdido, choravam por mim como por um soldado que volta são e salvo ao torrão natal! Ofereciam-me doces, brincavam de prendas e de cabra-cega. “Oh, como me dói.” — “O quê?” — “O coração.” — “E por quê?”

A pombinha fez-se vermelha. O velho e eu bebemos depois um ponche… até que por fim nos separamos e eu saí todo encharcado em melaço…

Voltei para casa da minha avó. Tinha a cabeça atordoada, todo o caminho até casa fui rindo sozinho e, já em casa, andei durante duas horas passeando de um lado para o outro; acordei a velha e disse-lhe como me sentia feliz. “Ele te deu dinheiro, o patife?” “Deu, avozinha, deu. A sorte entrou-nos em casa; abrace-me avó!” “Bem, então agora arranja casamento, que já vai sendo tempo de casares” — disse-me a velha. — “O céu ouviu as minhas preces.”

Depois fui acordar Sofron. “Sofron, vem descalçar-me as botas! Sofrochka, já podes dar-me os parabéns, já podes abraçar-me! Vou casar, meu amigo, vou casar, amanhã bem podes tomar um pileque, pois casa-se o teu patrão!”

Ai, como eram falsos os raios de sol que brilhavam no meu coração! Ia para me deitar mas levantei-me e pus-me a pensar e a repensar, e de súbito lembrei-me: amanhã é o primeiro de abril, um dia luminoso e alegre; que aconteceria… Sim?… Embora lhes custe a acreditar o fato é que saltei da cama, acendi a luz e sentei à secretária. Estava completamente fora de mim, pois já tinha esquecido de tudo… Passava-se comigo o que acontece com quem se entrega ao jogo de alma e coração. Com toda a minha lucidez precipitei-me para a infelicidade. É sempre assim. Está na nossa massa do sangue. Pedem-nos um pouco e damos logo tudo o que temos. Dão-nos uma bofetada, e nós, muito contentes, oferecemos as costas. Acenam-nos com uma côdea de pão e nós, como os cães, vamos logo atrás deles meneando a

cauda… e ainda por cima lhes beijamos a mão! Oh, senhores, se ao menos agora… Os senhores riem-se e cochicham uns com os outros, pelo que vejo! Daqui a pouco, quando eu lhes tiver contado todos os meus segredos, hão de rir-se de mim e enxotam-me; mas, apesar disso, quero contar-lhes tudo, tudo sem esconder nada. E, afinal, quem me obriga a isso? Quem assim ordena? Alguém que está por detrás de mim e que em voz baixa me diz: "Conta, conta". E eu me ponho a contar e abro-vos o coração como se fossem meus irmãos legítimos ou meus amigos íntimos… Ora, aí está!

As gargalhadas, que já se tinham ouvido aqui e ali, subiram de tom e acabaram por afogar a voz do narrador que estava indiscutivelmente num momento de inspiração, e que ao ver aquilo fez uma pausa, passeou os olhos durante uns minutos pela assistência e, de repente, como que sacudido por um vendaval, desatou a rir como se se apercebesse do cômico da situação… continuando depois a sua narrativa:

— Não dormi naquela noite, meus senhores; passei-a quase toda rabiscando no papel; tinham-me pregado uma bela peça! Ah, senhores! Quando me lembro disto, sinto uma fúria…! Passei a noite acordado e de manhã tinha olhos de sono. Tudo aquilo me tinha excitado. Na manhã seguinte, quando acordei, não tinha dormido mais do que duas horas; vesti-me, lavei-me, penteei o cabelo e pus-lhe brilhantina; vesti o fraque novo e fui direitinho à festa de Fiedossiéi Nikolaitch. Levava o papelzinho que escrevera metido no chapéu. Ele me acolheu de braços abertos e até quis apertar-me outra vez contra o seu colete paternal. Mas eu adotei uma atitude reservada e recuei um passo: "Não, Fiedossiéi Nikolaitch. Faça o favor de ler este bilhete", disse-lhe eu estendendo-lhe o papelzinho. Nele se dizia como um tal Óssip Mikháilitch, por estas e por outras razões, se despedia dele… e assinava com todos os meus nomes e apelidos. Santos Deus, do que eu me havia de ter lembrado! Realmente não podia ter tido melhor ideia!… Como era primeiro de abril, resolvi pregar uma peça e arranjar uma cara como se ainda me sentisse ofendido, e durante a noite anterior tivesse meditado e concluído que não precisava dele nem da filha para nada; o dinheiro em questão, guardara-o no bolso; portanto, sobre esse assunto que não se preocupasse mais, e eu ali

estava a fazer as minhas despedidas.

“Deus queira que eu não tenha um dia de voltar a servir sob as ordens dum chefe como Fiedossiéi Nikolaitch! Procuraria outro emprego e então daria andamento à denúncia. Fiz-me engraçado até este ponto para lhe pregar um susto (e na verdade tinha razões de sobra para assustar-se com tudo aquilo). Desde a véspera era seu amigo para a vida e para a morte, pensava eu — de maneira que posso permitir-me uma brincadeira de família e inquietar um pouco o coração paternal de Fiedossiéi Nikolaitch…” Pegou logo no papel, desdobrou-o e eu vi como o seu rosto mudava. “O que significa isto, Óssip Mikháilitch?” “Hoje é o primeiro de abril! Que o passe com muita saúde, Fiedossiéi Nikolaitch!” respondi eu como um idiota, ou melhor, como um guri que se escondesse atrás da poltrona da avó e de repente, para assustá-la, se pusesse a gritar-lhe ao ouvido com todas as forças: “Quiquiriqui!”. Sim, senhor… Até sinto vergonha, meus senhores, de contar-lhes isto! Não, prefiro não continuar…

— Qual o quê! Continue, continue!

— Conte tudo! Tem de contar tudo ponto por ponto! Continue! — gritaram de todos os lados da sala.

— Bem, meus senhores: pois aquilo me deixou apavorado, senti vontade de chorar e comecei a censurar a mim próprio: “Quiseste fazer-te engraçado e eis o que arranjaste com as tuas chalaças. Pregaste-lhes um susto e em troca tratam-te tão bem que tu próprio te envergonhas e assustas com o que fizeste. Como pude eu, sem o merecer, ocupar nos seus corações um tal lugar?” “Oh, meu filho — disse-me a mulher — pregaste-me um tal susto que ainda me tremem os joelhos e mal posso suster-me de pé.” Como louco corri para Máchenhka e perguntei-lhe o que ia ser de nós. “Olha como o teu noivo já tem outra cara! Embora eu tenha agido mal, meu filho, deves perdoar-me, a mim, que sou uma velha. Meu raciocínio era que, visto que ontem te fizemos voltar tarde para casa, talvez tenhas pensado e penses ainda que te bajulamos exageradamente. Sê boazinha, Máchenhka, não o trates mal; Óssip Mikháilitch não é nenhum estranho e eu sou tua mãe, não é preciso dizer mais nada! Graças a Deus não tens vinte anos, mas quarenta e cinco já feitos!”

Bem. O que pensam os senhores? Pois pouco faltou para eu me lançar aos seus pés! Todos voltaram a chorar de alegria e se abraçavam e diziam graças. Também Fiedossiéi Nikolaitch tinha imaginado uma peta para o primeiro de abril. Dizia que a Fênix lhe tinha trazido uma carta no seu bico refulgente… E todos riram muito… Nada senhores, que tenho vergonha de contar… Mas agora irei direto ao fim da minha história. Passou-se um dia e outro, uma semana inteira, eu estava noivo. Tinham-se encomendado as alianças, marcado o dia de boda, e se o noivado ainda se mantinha em segredo, era porque esperávamos que chegasse o inspetor. Aguardava-o com muita impaciência, pois opunha-se à minha felicidade. "Se pudesse tornar a agarrá-lo pelo pescoço…" pensava eu. Mas Fiedossiéi Nikolaitch, sempre brincando, sempre brincando, mas o certo é que ia deixando cair sobre mim todo o peso do trabalho: fazer contas e mais contas, encerrar os balanços dos livros e muitas outras coisas. Reinava por toda a parte a mais espantosa das desordens; estava tudo atrasado, cheio de falhas e de erros. "Bem — pensava eu — faz isso pelo teu sogro." Ele andava adoentado e cada vez se sentia pior. Eu também estava fino como um palito. Passava as noites trabalhando e às vezes tinha a sensação de que acabaria por rebentar; mantinha-me porém disposto a levar até o fim a minha tarefa. De repente mandaram-me um recado dizendo que fosse o mais depressa possível, pois Fiedossiéi Nikolaitch estava nas últimas. Pelo caminho, correndo, dava voltas ao miolo pensando no que iria acontecer. Fui encontrar Fiedossiéi Nikolaitch sentado, com a cabeça envolta em compressas de vinagre, suspirando e gemendo; "Ai, ai! Meu filho — disse-me ele — vou morrer. A quem hei de confiar os meus?" A mulher e os filhos soluçavam. Máchenhka estava desfeita em lágrimas e eu me pus também a chorar. "Não, Deus não há de ser tão injusto que obrigue a minha família a pagar os meus pecados!", dizia ele… Depois ordenou a todos que saíssem do quarto e fechassem a porta, e que nos deixassem sós. "Quero pedir-te uma coisa." "Diga." "Socorre-me, meu amigo, senão nem na sepultura hei de ter sossego. Preciso de dinheiro!" "Para quê?"

Eu empalidecera ao balbuciar estas duas palavras.

— Tenho que repor na caixa dinheiro que tirei; quando se trata

do bem dos outros não sou capaz de fazer economias. Não me censures. Sei que me caluniaram… Fiquei com os cabelos brancos dos sofrimentos que vi à minha volta. Estamos à espera do inspetor e em casa de Matviéiev faltam na caixa sete mil rublos de que eu sou o único responsável. É a mim que hão de pedi-los, pois de Matviéiev nada há a esperar! Já lhe pedi tanto!

"Meu Deus! — disse para comigo. — Que homem este!"

— No dote da minha filha — continuou ele — não quero tocar. É dinheiro sagrado. Tenho um pouco, é verdade, mas está na mão de pessoas de quem nada posso esperar.

Caí de joelhos diante dele, arrasado.

— Meu benfeitor — exclamei — ofendi-te e fiz-te cair doente. Essas línguas venenosas assanharam-se contra ti; vou devolver-te o dinheiro, o dinheiro que me deste. — Ele fixou em mim os olhos, agradecido, e pelas suas faces correram lágrimas.

— Não esperava outra coisa de ti, meu filho; levanta-te. Já te tinha perdoado devido às súplicas de minha filha, mas agora perdoo-te de todo o meu coração. Curaste-me dos meus males! Abençoado sejas para sempre!

Bem, senhores, depois de receber a sua benção saí correndo para casa e voltei logo com a soma prometida.

— Aqui está o dinheiro, meu amigo; apenas gastei cinquenta rublos!

— Não tem importância — disse ele —; não há necessidade de levar a exatidão a esse ponto e o tempo voa. Escreve só um valezinho, dizendo que, por conta do ordenado, solicitas um adiantamento de cinquenta rublos e põe a data atrasada…

Pois bem, que pensam os senhores? Pois escrevi o vale!

— Bem. Afinal, em que ficou tudo isso?

— Depois passou-se o seguinte, meus senhores: no outro dia de

manhã, muito cedo, entregaram-me um embrulhinho fechado e selado. Sabem o que vinha lá dentro? A minha demissão! Anda, trabalha e desunha-te, que aí tens o pagamento!

— Mas isso parece impossível!

— Isso mesmo era o que eu clamava, meus senhores. “Como será possível?” pensava. “Teria chegado o inspetor?” Meu coração parecia adivinhar. Tal como estava, corri à casa de Fiedossiéi Nikolaitch.

— Que significa isto? — perguntei-lhe. — Esta demissão?

— Que demissão? Não entendo o que queres dizer!

— Uma demissão de serviço! Porventura pedi eu que me exonerassem?

— Claro que pediste; no primeiro de abril pediste a tua demissão, Óssip Mikháilitch. Os meus olhos e os meus ouvidos não costumam enganar-me! Por que vens agora fazer essa pergunta?

— Oh, meu Deus!

— É verdade, meu amigo; eu também lamento muito que deixe o serviço tão depressa. Quem é novo deve trabalhar. Mas você parece ter qualquer coisa na cabeça… Quanto ao certificado de bons serviços, com isso não se preocupe, disso encarrego-me eu. Você se portou sempre muito bem!

— Mas aquilo não era senão uma brincadeira, Fiedossiéi Nikolaitch; aquilo que escrevi era uma partida, estávamos em família…

— Uma brincadeira? Com essas coisas não se brinca, meu rapaz! Por uma brincadeirinha dessa ordem uma pessoa pode ir parar na Sibéria. Bem, fique com Deus que eu não tenho tempo para conversas. O inspetor já veio e em primeiro lugar estão as coisas do serviço. Se quiser, pode jogar dominó, mas o que deve fazer é trabalhar. Eu lhe redigirei um certificado como deve ser. Quanto ao resto — e isto é o que eu lhe queria dizer — fique sabendo que eu comprei a casa de Matviéiev para onde nos vamos mudar por estes dias; de modo que já

não nos tornaremos a ver por aqui.

Pus-me a correr até minha casa.

— Estamos perdidos, avozinha, perdidos!

A velhota, coitada, chorava! Naquele instante vieram entregar-me, da parte de Fiedossiéi Nikolaitch, uma gaiola com um estorninho e uma carta da qual se lia: “1º de abril”, e nada mais. Bem, meus senhores, acharam graça da minha história?

— Sim, e depois?

— Depois? Um dia encontrei-me na rua com Fiedossiéi Nikolaitch e tive desejos de dizer-lhe na cara que ele era um patife.

— E então?

— Então… as palavras não me vieram à boca!

# Coração frágil

# Coração frágil
(1848)

Naquele quarto andar, quase junto do telhado, viviam dois funcionários ainda novos: Arkádi Ivânovitch Niefiediévitch e Vássia Chumkov.

Antes de mais, devo explicar ao leitor o motivo por que de um dos heróis da minha história digo todos os nomes e sobrenomes, ao passo que do outro cito apenas o nome de batismo e um só sobrenome, o que, de outro modo, poderia julgar-se incorreto ou demasiado familiar[1]. Também seria natural que eu explicasse com exatidão a idade, hierarquia e profissão das pessoas em questão. Como, porém, a maior parte dos escritores começam por uma introdução desse gênero, preferi iniciar logo a minha história pela ação… só para não incorrer na falta de gosto de que os outros padecem, ou como hão de afirmar alguns, por um prurido de originalidade e fantasia.

De modo que dou por terminada aqui a minha introdução e vou imediatamente ao assunto.

Às seis da tarde, na véspera de Ano-Novo, Chumkov voltou para casa. Arkádi Ivânovitch, que estava dormindo, acordou e olhou o amigo de soslaio. Notou que ele trazia o melhor terno e uma camisa irrepreensivelmente branca. Isto, como é natural, deixou-o admirado. Que teria ele em mira? Donde vinha? E a este fato juntava-se ainda a circunstância de naquele dia não ter comido em casa.

Chumkov acendeu a luz e Arkádi adivinhou logo que o amigo queria acordá-lo com um ruído que parecesse não ser propositado. E assim aconteceu, efetivamente: Vássia tossiu duas vezes, deu vários passos para um lado e para outro, e deixou cair no chão o cachimbo, como por acaso, ao dar com ele na esquina do fogão. Arkádi Ivânovitch não pôde conter o riso.

— Acaba logo com isso, seu mosca-morta! — disse.

— O quê? Tudo não estás dormindo, Arkacha?

— Olha, não tenho certeza, mas parece-me que não.

— Ah, Arkacha! Boas-tardes, colega! Se soubesses o que tenho para te dizer!

— Claro que não sei! Mas aproxima-te!

Vássia aproximou-se, como se já estivesse à espera daquele convite e não suspeitasse das intenções de Arkádi Ivânovitch. Este agarrou-lhe a mão, obrigou-o habilmente a dar meia-volta até fazê-lo cair sobre a cama de barriga para o ar e começou a apertar-lhe o pescoço, o que parecia divertir imenso o bom de Arkádi Ivânovitch, que estava sempre bem disposto.

— Vencido! — exclamou. — Vencido!

— Arkacha, Arkacha! Que estás fazendo, homem! Larga-me, larga-me pela tua saúde! Não vês que me amarrotas o terno?

— Deixa amarrotar. Por que vestiste hoje o terno novo? Assim aprenderás a ser mais cauteloso e para outra vez já não hás de vir meter-te na boca do lobo. Mas conta logo essa história: onde estiveste, onde comeste?

— Arkacha, por amor de Deus, larga-me, homem!

— Onde comeste?

— Pois era isso mesmo o que eu ia te dizer!

— Então diz logo!

— Está bem, mas primeiro, larga-me!

— Não, não vou te largar enquanto não me contares tudo!

— Arkacha, Arkacha! Não vês que assim é impossível, completamente impossível? — gemeu o pobre Vássia, lutando em vão para soltar-se dos braços fortes do amigo… — Há coisas que…

— Que coisas?

— Coisas que se uma pessoa começa a contar em semelhante situação, perdem toda a seriedade. É-me completamente impossível… Seria ridículo e… a coisa não tem nada de ridículo, pelo contrário, é tudo quanto há de mais sério!

— Lá vem ele com a seriedade! Que andarás tramando? Olha, conta-me antes coisas para rir… Deixa-te de coisas sérias; não me contes nada sério que não estou para te ouvir. És meu amigo ou não? Diz se és meu amigo!

— Arkacha, por amor de Deus, não posso mais!

— E eu não estou para te dar ouvidos!

— Olha Arkacha — começou Vássia, que estava atravessado no meio da cama e se esforçava por todos os meios para dar relevo às suas palavras. — Arkacha… Eu, por mim, te dizia… O pior é que…

— Está bem. Desembucha, então!

— Arkacha! Fica sabendo que tenho noiva e que me vou casar!

Arkádi Ivânovitch, em silêncio, tomou Vássia nos braços como se fosse um garoto (embora Vássia não fosse pequeno demais, era fraco), e pôs-se a passeá-lo assim, suspenso dos seus braços, de um lado para o outro, exatamente como quem embala um menino de peito.

— Pois vou acabar com a tua alegria, meu nenê!

Mas ao reparar que Vássia descansava nos seus braços imóvel e sem dizer nada, caiu em si e compreendeu que talvez se tivesse excedido na sua brincadeira; por isso deixou-o em pé no meio do quarto e deu-lhe um tapinha na face.

— Vássia, estás zangado?

— Ouve, Arkacha…

— Feliz Ano-Novo?

— Olha, Arkacha, não estou zangado… Mas… por que serás tu tão maluco? Quantas vezes já te disse que não acho graça nenhuma nessas coisas?

— Bem, não te zangues!

— Eu nunca me zango com ninguém! Mas bem vês que me ofendeste!

— Ofendi-te? Em quê, homem?

— Vim ter contigo, como meu amigo que és, com a alma a transbordar de alegria, ansioso por abrir-te o meu coração e comunicar-te a minha felicidade…

— Sim, mas de que felicidade falas tu? Por que não principiaste logo por me dizer isso?

— Bem, fica sabendo que vou casar! — respondeu Vássia de mau humor, pois sentia-se na verdade magoado.

— O quê? Tu, casar? Isso é verdade? — gritou Arkacha a plenos pulmões. — Não, não!… Como é possível? Vejam só… chorando! Vássia, meu amigo, ouve-me! Diz-me… isso é verdade?

E Arkádi Ivânovitch tornou a abraçar o amigo.

— Bem, talvez agora compreendas o que se passa comigo! — disse Vássia. — Tu me estimas e és um bom amigo, eu sei. Chego a ti cheio de alegria e entusiasmo, e tu atiras com toda essa alegria e esse entusiasmo para cima da cama, sem sombra de dignidade… Ora, deves compreender, Arkacha — continuou Vássia rindo — que numa posição tão cômica, na qual eu, de certo modo, nem sequer era senhor de mim próprio… Não queria ridicularizar assuntos do coração… Só faltou perguntares-me o nome dela! Mas juro-te que antes teria deixado que me matassem do que pronunciar o seu nome em tal circunstância!

— Vássia, mas por que não começaste tu por me dizer isso? Teria acabado logo com a brincadeira! — exclamou Arkádi Ivânovitch sinceramente penalizado.

— Bem. Deixemos isso. Eu dizia unicamente… Tu sabes o meu jeito. O que me contrariava era não poder dar a notícia como queria. Pensava em dar-te uma grande alegria, participar tudo de maneira delicada e solene, contar-te todos os pormenores… Para falar a verdade, Arkacha, tenho-te tanta amizade que me parece que, se não fosses tu, não casava e talvez nem pudesse continuar a viver neste mundo.

Arkádi Ivânovitch, que era extremamente sensível, chorava e ria enquanto ouvia o amigo. A este acontecia o mesmo. Abraçavam-se e tornavam a abraçar-se, esquecidos de tudo o mais.

— Conta como foi isso, diz, como foi? Conta tudo, Vássia! Desculpa, meu caro, desculpa-me; estou comovido e transtornado como se me tivesse caído um raio em cima, juro-te! Mas não, homem! Tudo isso é simplesmente uma invenção tua! Aposto que estás inventando! — exclamou Arkádi Ivânovitch olhando o amigo com desconfiança; contudo, ao ver no seu rosto a clara confirmação do seu firme propósito de casar em breve, atirou-se para cima da cama e pôs-se a dar cambalhotas de alegria com tanto entusiasmo que as paredes do quarto até tremiam.

— Vássia, vem cá! — exclamou pondo-se finalmente de pé.

— Olha, meu amigo: verdadeiramente, não sei… como nem por onde começar!

Olhavam um para o outro muito comovidos.

— Quem é ela, Vássia?

— Tem o sobrenome Artiômieva! — exclamou Vássia, trêmulo de felicidade.

— Então é sério mesmo?!

— Sério. Já teria contado muitas coisas a respeito dela, mas tu nunca acreditas em nada. Por isso preferi calar-me. Oh, Arkacha, se soubesses quanto me custou ter segredos para ti!… Mas tinha medo de falar! Pensava que isto tudo podia vir ainda a acabar e eu estava tão

apaixonado, Arkacha! Oh meu Deus, meu Deus! Ela estava noiva — continuou, tornando logo a parar devido à comoção. — Havia já um ano que ela estava comprometida e eis que transferem o noivo não sei para onde; bem, eu o conhecia… Um como há muitos, valha-nos Deus! Não voltou mais a dar notícias e para ela isso foi como se tivesse morrido. Esperava, esperava, sem saber o que havia de pensar… De repente, há quatro semanas, ele voltou… mas casado e sem dar explicação. Não foi isto uma maldade? Uma traição? Não havia ninguém que se atrevesse a defendê-lo. A pobrezinha não fazia senão chorar, e eu então apaixonei-me por ela… Bom… apaixonado por ela, a bem dizer já eu estava há muito tempo, sempre o estive! Consolava-a e tornava cada vez mais frequentes as minhas visitas. Nem eu mesmo sei como isto foi. Ela, por seu lado, acabou também por se dedicar a mim; na semana passada não pude conter-me por mais tempo, as lágrimas saltaram-me dos olhos, rompi em soluços e disse-lhe tudo, tudo: que a amava… numa palavra, tudo!… "Eu também o amo, Vassíli Pietróvitch! — disse ela — mas não passo de uma moça, não me engane… Eu até já tenho medo de me dedicar seja a quem for." Bem, meu amigo, foi assim… Ficamos noivos. Comecei depois a pensar como havia de dizê-lo à mãe dela. Lisanhka dizia que era um assunto delicado e que eu devia esperar um pouco; ela não se atrevia a fazê-lo. "A mamãe — dizia — não há de querer que eu me case tão depressa", e chorava. Não insisti. Hoje, porém, fui e contei tudo à velhota. Lisa lançou-se a seus pés e eu também. E ela… ela nos abençoou. Arkacha, Arkacha meu amigo! Vamos viver todos juntos! Não digas que não. Nada deste mundo me faria separar-me de ti!

— Vássia, estou ouvindo o que me contas e ainda não acredito que seja a verdade. Por Deus te juro que me custa a crer. Parece-me… Diz-me: como vais casar? Como é possível que eu tenha estado cego todo este tempo? Eu também vou confessar uma coisa, Vássia: também eu pensava em casar, mas, casando-te tu, é a mesma coisa… também eu serei feliz!

— Ah, se soubesses como estou contente! — disse Vássia comovido e pôs-se a dar voltas no quarto para um lado e para o outro. — E tu também estás, não é verdade? Somos pobres mas havemos de ser felizes… e isto não é nenhuma loucura. A nossa felicidade não é

fictícia como a dos livros, somos felizes de verdade!

— Vássia, escuta uma coisa!

— O que é? — perguntou Vássia parando diante de Arkádi Ivânovitch.

— Lembrei-me de uma coisa… Tenho medo de te dizer… Desculpa, mas tira-me as dúvidas. De que pensas tu viver? Eu, bem vês, não caibo em mim de contente com a perspectiva do teu casamento: quase morro de alegria mas… insisto na pergunta: de que vais viver?

— Ah meu Deus, como tu és, Arkacha! — exclamou Vássia, que parou, olhando o amigo com profundo espanto. — De que tu te foste lembrar! A própria mãe não pensou nisso nem dois minutos, quando eu lhe falei. Pergunta-lhes a elas de que viveram até aqui! Quinhentos rublos por ano para três pessoas! É quanto lhes dá ao todo a pensão com que têm de manter-se! Disso, vivem, ela, a mãe e um irmãozinho, a quem ainda por cima têm de pagar a escola!… É assim que as pessoas vivem! Nós, tu e eu, somos verdadeiros capitalistas, pois eu, quando as coisas me correm bem, já tenho tirado por ano os meus bons setecentos rublos!

— Olha, Vássia, perdoa-me! Era pensando em vocês que eu dizia isto… Mas que história é essa de setecentos rublos? Queres dizer trezentos…

— Trezentos?… E Iulian Mostakóvitch? Esqueceste dele?

— Iulian Mostakóvitch! Isso não vem ao caso. Não são trezentos rublos de ordenado certo, dinheiro com que se possa contar. Claro que Iulian Mostakóvitch é excelente pessoa: eu sinto por ele o maior respeito, compreendo que chegasse onde chegou e tenho-lhe amizade porque ele te ajuda e pagou-te um trabalho pelo qual, se fosse outro, não te teria dado nada. Apenas se limitaria a encarregar dele qualquer funcionário… Contudo, diz-me, Vássia… Ouve-me, Vássia, pois não é disparate nenhum: sei que não há em todo Petersburgo quem tenha uma letra como a tua e estou disposto a ver tudo pelo melhor — concluiu Niefiediévitch com certo entusiasmo — mas, e se de repente

— Deus queira que não! — ele se aborrecesse contigo, rescindisse o contrato e chamasse outra pessoa? Sabe alguém o que pode acontecer nesta vida? Neste caso não poderias contar com Iulian Mostakóvitch…

— Olha, Arkacha, se vamos pensar nisso, também nos poderia cair agora o teto em cima…

— Bem, bem. Não é que eu deseje…

— Mas ouve uma coisa: por que havia ele de me despedir? Não, escuta. Eu procuro fazer-lhe os trabalhos com pontualidade e o melhor que posso, e ele é tão bom para mim, Arkacha… Olha, ainda hoje me deu cinquenta rublos!

— Deveras. Vássia? Uma gratificação?

— Foi do seu próprio bolso. Disse-me: “Olha, rapaz, há cinco meses que não recebes nada. Se precisas de alguma coisa, diz, pois eu estou muito contente contigo. E não quero que trabalhes para mim de graça!”. Disse-me assim mesmo. Eu até chorei, Arkacha.

— Olha, Vássia, já acabaste a nova cópia?

— Não… ainda não.

— Vássienhka, meu filho, então em que tens gasto o tempo?

— Em primeiro lugar, não há pressa, Arkádi; ainda tenho dois dias inteiros para a terminar.

— Mas já a começaste, ao menos?

— Com os diabos, homem! Olhas-me de um modo que até me fazes medo! Que tem de especial que ainda não tivesse começado? Tu, com os teus terrores, até tiras a coragem às pessoas! Ah… ah… ah! Acredita, homem, que tem isso de especial? Acabo-a num abrir e fechar de olhos, num instante…

— Mas… e se não a acabas? — exclamou Arkádi encolhendo os ombros. — Precisamente nesta altura em que ele te gratificou! E ainda mais, agora, que pensas casar!… Oh… oh… oh!

— Isso não tem nada que ver com o caso! — exclamou Chumkov quase desesperado. — Vou começar imediatamente, é já… Verás que daí não acontecerá nada de grave!

— O que me admira, Vassiútka, é como pudeste esquecer-te disso!

— Ai, Arkacha! Eu podia lá ter paciência para estar sentado! Era tal a minha perturbação que mal podia trabalhar na repartição… Ah! Mas hei de passar esta noite escrevendo e amanhã à noite faço o mesmo, e depois de amanhã também, e verás como depois acabo tudo!

— Falta-te muito?

— Não me distraias, pelo amor de Deus, não me distraias. Para com isso!

Arkádi Ivânovitch foi em ponta de pés, devagarinho, até à cama e estendeu-se: daí a pouco quis logo levantar de novo mas disse para si próprio que não devia distrair o amigo e continuou quieto.

Pelo visto, a notícia do casamento tinha-o perturbado a ponto de roubar-lhe o sossego. Olhava para Chumkov que, por sua vez, o olhava também, sorria e o ameaçava com o dedo. Chumkov franziu as sobrancelhas como se nelas estivessem as suas forças e o ambicionado êxito do seu trabalho e depois tornou a fixar os olhos sobre o papel. Parecia que também ele não podia dominar a sua comoção; mudava constantemente de pena, mexia-se na cadeira e parava de repente de escrever, para recomeçar logo em seguida; a mão tremia-lhe e recusava visivelmente obedecer-lhe.

— Arkacha! Também lhe falei de ti! — exclamou de súbito, como se isto lhe tivesse lembrado de repente.

— Ah, sim? — disse Arkacha. — Estava mesmo para te perguntar!

— Bem, logo te contarei o resto. Olha, já comecei a falar e não o queria fazer antes de ter copiado pelo menos quatro folhas! É que de repente me lembrei que tinha isso para te dizer. Mas está visto. Não me apetece nada escrever agora. Não faço senão pensar em vocês…

E Vássia sorria.

Houve um silêncio.

— Uf! Esta caneta não presta! — exclamou Chumkov, mal-humorado, atirou-a para cima da mesa e pegou noutra.

— Vássia! Ouve só isto…

— Bem. Mas é a última vez…

— Ainda tens muito que escrever?

— Ah, meu amigo!

Vássia franziu a testa como se não houvesse no mundo pergunta mais terrível do que aquela.

— Olha, lembro-me de uma coisa…

— Diz!

— Não… Continua antes a escrever!

— Não, diz logo!

— Já são sete horas, Vássia!

Ao dizer isto Niefiediévitch sorriu ironicamente e olhou para Vássia, a medo, pois não sabia como ele iria acolher a sua ideia.

— Bom. Que vem a ser? Fala de uma vez, homem! — disse Vássia e parecia verdadeiramente desejoso de deixar de escrever. Olhava Arkádi nos olhos e estava muito pálido.

— Sabes uma coisa?

— Acaba de uma vez, pelo amor de Deus!

— Então, ouve: estás muito excitado e não podes trabalhar agora. Por isso… espera… espera… eu vou ver, vou ver como isso vai — disse Niefiediévitch, saltando da cama, de um pulo, de forma a não dar tempo a qualquer resposta de Vássia. — Antes de mais nada é necessário que sossegues e recuperes a calma, não achas?

— Arkacha, Arkacha! — exclamou Vássia dando um salto da cadeira. — Eu hei de passar aqui a noite toda escrevendo; juro-te que o farei!

— Está bem, está bem. Mas amanhã não poderás ficar em pé, de tanto sono…

— Não… Não hei de adormecer, de maneira nenhuma…

— Isso não tem importância. Naturalmente, aí pelas cinco, adormeces, mas eu te chamo às oito! Amanhã é dia feriado e por isso podes ficar amarrado à cadeira a escrever todo o dia. Mas… ainda te falta assim tanto, Vássia?

— Sim. Olha!

— Oh, filho, nem por isso!

— Não, ainda é bastante! — disse Vássia, erguendo para Niefiediévitch uns olhos tímidos, interrogativos, como se da resolução deste dependesse tudo, terminar ou não a cópia.

— Quanto?

— Dois cadernos!

— Creio que não te será difícil acabá-los. Hás de acabá-los com certeza!

— Arkacha!

— Olha, Vássia! Agora, no Ano-Novo, todas as pessoas se reúnem com a família e só nós… não temos lar e estamos órfãos. Ah, Vássienhka! — Niefiediévitch abraçou Vássia e apertou-o contra o peito.

— Tens razão, Arkádi!

— Olha, Vassiútka, vou dizer-te uma coisa! Escuta, Vassiútka, meu filho!

Arkádi tinha a boca muito aberta, como se o entusiasmo não o

deixasse falar. Vássia, que tinha ainda as mãos nos ombros fortes de Arkádi, olhou-o com os olhos também muito abertos, como se quisesse dizer-lhe qualquer coisa e hesitasse…

— Mas o que ias dizer? — perguntou-me por fim.

— Por que não me apresentas a ela esta noite?

— Sim, Arkádi, iremos até lá. Tomaremos chá com elas. Mas sabes uma coisa? Não ficamos lá até à meia-noite, voltamos para casa antes que comece o Ano-Novo — exclamou Vássia com sincero entusiasmo.

— De acordo: duas horinhas, nem mais nem menos!

— E depois… adeus, até que eu acabe o meu trabalho!

— Vassiútka!

— Arkádi!

Em três minutos Arkádi vestiu o seu melhor terno. Vássia não fez mais do que passar a escova pelo seu, pois atirara-se ao trabalho com uma tal pressa que nem sequer tirara o casaco.

Num instante estavam na rua, cada qual mais feliz. O caminho que tinham de seguir ia pelo lado de Petersburgo até Kolomna. Arkádi Ivânovitch caminhava a passos largos e firmes; pelo seu modo de andar podia ver-se quanto o alegrava a felicidade do amigo. Vássia dava passinhos miúdos, mas sem quebra de dignidade. Pelo contrário, nunca ele causara em Arkádi tão boa impressão. Enquanto caminhavam sentia uma grande estima por ele, e um defeito físico de Vássia, que o leitor ignorou até aqui (ele era um pouco aleijado), e que sempre inspirara a Arkádi Ivânovitch uma profunda compaixão, contribuía para que fosse agora maior e mais viva a sua simpatia pelo amigo. Arkádi Ivânovitch sentia vontade de chorar, mas continha-se.

— Mas, onde vamos nós, Vássia? Por aqui chegamos mais depressa! — exclamou ao ver que Vássia queria meter pelo Próspekt Vosniessiénski.

— Vem por aqui, Arkacha, por aqui!…

— Garanto-te que por este lado é mais perto, Vássia!

— Olha, Arkacha… é que — disse Vássia em voz baixa e em tom de mistério — é que… quero levar uma lembrança a Lisanhka…

— Bem, isto é outro caso…

— Olha, Arkacha… aqui na esquina está a loja de *madame* Leroux… É uma loja magnífica!

— O que é que lhe vais oferecer?

— Um chapéu, Arkacha. Esta manhã vi um muito bonito na vitrine; perguntei que tipo era aquele e disseram-me que era um chapéu à Manon Lescaut. Tem fitas cor de cereja e, se não for muito caro… E ainda que o seja, Arkacha…

— Amigo Vássia, tu pões todos os poetas num chinelo! Vamos lá…

Assim fizeram e em dois minutos estavam na loja. Atendeu-os uma francesa já de idade, de olhos negros e cabelos ondulados, que mal pôs os olhos nos clientes pareceu ficar tão contente e feliz como eles, talvez até mais contente! Vássia, de tão entusiasmado, sentia-se tentado a beijar a velha senhora Leroux.

— Arkacha! — disse para o amigo enquanto passeava o olhar por todos os adornos e preciosidades que se exibiam sobre balcões de madeira, na grande mesa da loja. — Que maravilha! Olha, que te parece? Não gostas deste mimo? Este, homem! — E Vássia indicou ao amigo um chapeuzinho muito engraçado, não aquele que queria comprar, pois já de longe este lhe tinha chamado a atenção. Contemplava-o com uma tal ansiedade que parecia temer que pudessem roubá-lo, ou que o próprio chapéu tivesse asas e se pusesse a voar enquanto estendia a mão para pegá-lo.

— Não, este — disse Arkádi Ivânovitch apontando para outro chapéu. — Este, para meu gosto, ainda é mais bonito!

— Bem, Arkacha! Essa escolha depõe a teu favor: já sabes que eu me inclino perante o teu bom gosto — observou Vássia que, evidentemente, só por amizade concordava com a escolha do amigo. — Não há dúvida de que este chapéu é encantador; mas no entanto olha para este!

— De qual gostas mais?

— Estás olhando para ele…

— É aquele? — perguntou Arkádi com certa hesitação. Contudo, Vássia, que não podia conter-se por mais tempo, tirou o chapeuzinho do suporte donde parecia querer escapar-se, como se, após uma longa espera em que se lhe tinham inteiriçado as fitas, os entrançados e as rendas, se alegrasse por ter encontrado finalmente um comprador; e naquele instante um grito de entusiasmo se escapou do peito de Arkádi Ivânovitch. A própria *Madame* Leroux, que durante todo aquele tempo guardara silêncio enquanto eles escolhiam, brindou então Vássia com um sorriso benévolo e esse sorriso parecia dizer: “Sim, senhor. Acertou. É digno da felicidade que o espera”.

— Está provado que mesmo sozinho foi capaz de seduzir! — exclamou Vássia que dirigia toda a sua ternura para o chapeuzinho encantador. — E eu que quase nem o via, a este maroto!

E deu-lhe um beijo, isto é, atirou um beijo no ar, pois nem sequer se atrevia a roçar com o hálito aquela joia.

— Assim se esconde o verdadeiro mérito — acrescentou Arkádi Ivânovitch, entusiasmado, para dar uma nota humorística à situação, graças àquela frase que de manhã tinha lido num jornal. — Eh, Vássia! Que dizes a isto?

— Viva, Arkacha! Hoje estás para brincar, como dizem as senhoras… Não é verdade, *Madame* Leroux?

— Como?

— Não acha que eu tenho razão, minha cara senhora? — *Madame* Leroux sorriu com benevolência para Arkádi Ivânovitch.

— Não imagina como neste momento a idolatro… Deixe-me abraçá-la…

E Vássia depôs um beijo em cada uma das faces da modista.

O sentimento da dignidade própria exigia que esta não se desse por achada naquele instante de semelhante ousadia. Com um sentido inato de compostura e natural aprumo, *Madame* Leroux compreendeu o entusiasmo de Vássia, desculpou o atrevimento e soube ter mão na situação. Além disso era impossível alguém zangar-se a sério com Vássia!

— *Madame* Leroux, qual é o preço?

— Cinco rublos — respondeu ela com um sorriso.

— E este, *Madame* Leroux? — perguntou Arkádi Ivânovitch apontando para o que tinha escolhido.

— Esse são oito rublos.

— Agora vai ter paciência, *Madame* Leroux. A senhora vai ter a bondade de dizer qual é o mais bonito dos dois, o mais elegante e o que escolheria para si.

— Este é mais caro; mas esse que escolheu… *Il est plus coquet.*[2]

— Pois então levamos este.

*Madame* Leroux embrulhou o chapéu numa folha de papel de seda muito fino e prendeu-o com um alfinetinho. E o papel com o chapeuzinho lá dentro parecia ainda mais leve do que sem ele. Vássia pegou no embrulho e quase sem se atrever a respirar, despediu-se de *Madame* Leroux; balbuciou ainda umas palavras de cortesia e saiu da loja.

— Sou um idiota, Arkacha, um doido varrido! — exclamou Vássia a rir; mas o riso logo ficou quase imperceptível e Vássia afastava-se angustiosamente de todos os que passavam, como se temesse que estes quisessem tirar-lhe o querido chapéu e não pudessem fugir a tal tentação.

— Escuta uma coisa, Arkacha! — disse passados uns instantes e havia na sua voz vibrações que revelavam a sua imensa felicidade. — Arkádi, se soubesses como sou feliz, tão feliz!

— Deveras, Vássienhka? E eu também!

— Não, Arkacha, não. A amizade que me dedicas é enorme, eu bem sei. Mas tu não podes sentir nem a décima parte do que eu sinto neste momento. O meu coração transborda de felicidade! Arkacha! Eu não mereço tanta ventura! Sou o primeiro a reconhecer. Que fiz eu para merecer tanto bem, — exclamou com uma voz que vibravam soluços reprimidos — que boas ações pratiquei eu, diz-me lá? Lembra-te de quanto desgraçados há neste mundo, quantas lágrimas, quantas penas, quantos dias sem sol! E eu, em compensação… Eu tenho o amor de uma mulher como esta… Tu hás de vê-la e hás de conhecer o seu nobre coração. Sou duma classe modesta, mas tenho uma situação e um ordenado certo. Vim a este mundo com um defeito: sou aleijado. Mas apesar disso ela quer-me. E que afetuoso e delicado foi para mim Iulian Mostakóvitch! Raras vezes fala comigo, mas hoje… "Olha, Vássia — disse-me (tão certo como chamar-me Vássia) — hoje, como é dia de festa, vais dar um passeio, não é verdade?" E sorria. "Não, senhor — apressei-me a responder-lhe — porque tenho que fazer!" Mas logo caí em mim e disse: "Contudo, talvez procure distrair-me um pouco, Excelência…" Disse-lhe assim, tal e qual. Então ele meteu a mão no bolso, deu-me esse dinheiro e ainda me disse umas palavras amáveis… Eu estava quase a chorar; ele também dava mostras de comoção e, pondo-me a mão no ombro, disse-me: "Que continues a ser sempre como até agora, Vássia…". Vássia calou-se por um instante.

— E não é só isto — prosseguiu Vássia. — Eu nunca te disse, Arkádi… Arkádi! Mas é a verdade pura: se não fosse a tua amizade, eu não seria já deste mundo… Não, não, eu não seria já deste mundo. Não, é o que te digo, Arkacha! Deixa-me apertar-te a mão, vamos, quero exprimir-te a minha gratidão!… — Vássia teve de calar-se.

Arkádi Ivânovitch ia lançar-se nos braços do amigo, mas naquele momento iam atravessando a rua e, de repente, ouviram por detrás a voz cortante dum cocheiro: "Cuidado!". E ambos, comovidos e assustados, correram a toda a pressa para alcançar o passeio. Arkádi

Ivânovitch ficou satisfeito por se ter dado aquele incidente. Aquele excesso de gratidão, por parte de Vássia, explicava-se como um desabafo de momento. Era-lhe doloroso, porque pensava que, até então, nunca havia prestado nenhum favor ao amigo. Até sentia vergonha de ouvir as frases de gratidão de Vássia! Mas ainda tinha a vida toda à sua frente… e Arkádi Ivânovitch respirou profundamente, propondo-se dali para o futuro…

Já tinham desistido de esperar por eles! A prova é que já estavam tomando o chá! E, para dizer a verdade, às vezes os velhos têm palpites que os novos não têm. Lisanhka tinha afirmado com toda a convicção que o noivo já não viria naquele noite: "*Mámienhka*! O coração diz-me que ele não vem!".

A mãe, pelo contrário, acreditava que vinha; o coração adivinha-lhe com razão que Vássia não poderia ter sossego e não teria outro remédio senão vir vê-las, tanto mais que por ser véspera de Ano-Novo não tinha de ir para o emprego. Por isso, ao abrir a porta e ao vê-lo, Lisanhka não acreditava nos seus olhos; fez-se muito vermelha e o coração começou a palpitar-lhe tão depressa como o dum passarinho preso. Sim, fez-se rubra como uma cereja, com que, aliás, já se parecia.

— Meu Deus, mas que surpresa! — um ah! de júbilo lhe chegou aos lábios. — Isto não se faz, seu mentiroso! — exclamou atirando-se para os braços de Vássia.

Mas podem imaginar agora o seu espanto e a sua confusão ao descobrir por detrás de Vássia, procurando esconder-se, muito intimidado, Arkádi Ivânovitch, que não estava habituado a lidar com senhoras e era terrivelmente desajeitado. Daquela vez já não havia remédio… mas para outra não tornariam a apanhá-lo! Imaginem-no, à entrada, com as suas galochas, a capa e um gorro até às orelhas, e no pescoço um horroroso cachecol amarelo, que ainda por cima lhe tapava parte da nuca e era difícil de desatar. Ora, ele tinha que desatá-lo para poder deixar, em quem o visse, uma boa impressão. E aquele maroto de Vássia, aquele insuportável Vássia, tão carinhoso e bom, mas que agora se revelava cruel, pois começou a dizer em voz alta:

— Olha, Lisanhka, apresento-te Arkádi Ivânovitch! Queres saber quem é? É o meu melhor amigo, Lisanhka, dá-lhe um abraço e um beijo; não hesites em beijá-lo, pois logo que o conheças um pouco, não te fartarás nunca de o beijar…

Que havia de fazer o pobre Arkádi Ivânovitch? O coitado continuava de pé e procurava desatar aquele malvado nó! Nada! Aqueles entusiasmos de Vássia tornavam-se às vezes tão importunos! Claro que nisso só manifestava o seu bom coração… mas, ainda assim, aquilo sempre custava…

Por fim entraram ambos na sala… A mãe gostou muito de conhecer Arkádi Ivânovitch; já tinha ouvido falar tanto dele, tinha… mas não terminou a frase. Um ah! alvoroçado ressoou na sala e cortou-lhe a palavra. Santo Deus! É que Lisanhka estava de pé e olhava o chapeuzinho que Vássia tirara do papel e, com as mãos juntas, numa atitude ingênua, ria a mais não poder… Seria possível que *Madame* Leroux não tivesse nenhum chapéu mais bonito do que aquele?

Ah! Como poderia haver algum mais bonito? Falo a sério. A mim choca-me profundamente a ingratidão daquela noiva! Mas ainda acabariam por concordar as duas que não podia haver nada mais bonito que aquele encantador chapéu… Não havia pois razões para eu estar preocupado… Pronto, já estavam agora todos de acordo comigo; tinha sido um engano e nada mais! Estou por isso disposto a perdoar-lhe. Os leitores desculpem-me que eu lhes fale tanto do chapéu, que era de tule do mais fino e transparente, com umas largas fitas cor de cereja e enfeitado de renda. E por debaixo do tule e do entrançado saíam, na parte de trás, duas fitas que iam cair sobre o pescoço… Era necessário apreciá-lo um pouco pelo lado de trás! Olhem-no, por favor! Parece que não querem olhar para ele… Vejam-no por detrás. Vejam como duas lágrimas semelhantes a duas pérolas correm das negras e compridas pestanas, tremulam ali um momento e vêm cair sobre o tule, fino como o ar, sobre esse tule de que está feita esta maravilha artística de *Madame* Leroux… Mas eu fico aborrecido porque essas duas lágrimas não dizem bem com o chapeuzinho… Não! Um tal chapéu precisa de ser aceito a sangue-frio, pois só assim pode ser devidamente apreciado!

Sentaram. Vássia sentou ao lado de Lisanhka e a mãe junto de Arkádi Ivânovitch. Começaram a falar e Arkádi Ivânovitch recuperou todo o seu aprumo. É com prazer que lhe faço justiça. Na verdade não podia esperar-se outra coisa dele. Depois de uma meia dúzia de palavras sobre Vássia, muito habilmente pôs-se a contar coisas de Iulian Mostakóvitch, o protetor do amigo. E exprimia-se com tanta habilidade e acerto que durante uma hora não parou de falar. Era digna de ver-se a descrição com que Arkádi Ivânovitch fazia brilhar as qualidades de Iulian Mostakóvitch, mais ou menos diretamente relacionadas com Vássia. Por tudo isso a velha senhora mostrou-se entusiasmada, verdadeiramente entusiasmada com ele; e disse-o até a Vássia. De propósito, chamou-o de lado para lhe dizer que o amigo era um rapaz muito gentil e muito simpático e, o que era mais importante, bastante sensato e correto. Vássia, ao ouvi-la, quis rir de alegria. Pensava em como aquele tão sensato Arkacha, ainda uma hora antes o tinha obrigado a tombar em cima da cama! Depois a mãe fez sinal a Vássia para que passasse, sem os outros darem por isso, à sala contígua. E ali fez uma traiçãozinha a Lisanhka, pois mostrou a Vássia o presente que a noiva lhe queria dar pelo Ano-Novo. Era uma carteira com um desenho primoroso, bordado a ouro, que tinha num dos lados um veado a correr com um ar tão natural e tão vivo que se não podia exigir mais, e do outro o retrato dum general famoso, também muito parecido. O contentamento de Vássia era indescritível.

Entretanto, na outra sala, também não tinham perdido o tempo. Lisanhka tinha-se aproximado de Arkádi Ivânovitch, estendera-lhe a mão e agradecera-lhe… E Arkádi Ivânovitch compreendeu logo que se tratava de Vássia. Lisanhka estava profundamente comovida. Tinha sabido que Arkádi era um bom amigo do seu noivo, que o estimava muito e olhava por ele e constantemente lhe dava bons conselhos, pelo que só tinha a agradecer-lhe, esperando que Arkádi Ivânovitch também lhe dispensasse, a ela, a sua amizade, ainda que fosse só metade da que tinha por Vássia. Perguntou-lhe se este era cuidadoso com a saúde. Falou-lhe do seu temperamento exaltado e da sua falta de sentido de orientação prática e de conhecimento das pessoas. Acrescentou que ela havia de fazer o possível por acostumar-se ao seu feitio e por defendê-lo de tudo e exprimiu por fim a esperança de que Arkádi Ivânovitch não os abandonaria e que havia de ficar morando

com eles.

— Viveremos os três juntos e seremos como um só — exclamou ela com ingênuo entusiasmo.

Mas o tempo passava e resolveram terminar a visita. Como é natural, elas procuraram reter os visitantes; Vássia fez-lhes ver de maneira rápida mas decisiva que não podiam demorar-se mais e Arkádi Ivânovitch confirmou as palavras do amigo. Naturalmente perguntaram-lhes a razão. E ficaram destarte informadas de que Vássia estava fazendo um trabalho para Iulian Mostakóvitch: um trabalho tão importante, tão difícil e urgente que tinha de estar pronto dali a dois dias e estava ainda muito atrasado. A sogra suspirou ao ouvir isto, mas Lisanhka assustou-se e quis que Vássia saísse logo. Nem por isso o último beijo que trocaram perdeu o seu valor, pois se foi mais rápido e apressado, teve também maior calor e mais paixão. Finalmente separaram-se e os dois amigos dirigiram-se para casa.

Logo que se encontraram na rua começaram a trocar impressões. E veio a concluir-se que Arkádi Ivânovitch se tinha enamorado perdidamente de Lisanhka. E quem podia compreendê-lo melhor que o feliz Vássia? Arkádi Ivânovitch confessou tudo ao amigo, sem rodeios. Vássia riu-se e alegrou-se com o fato e afirmou que dali para o futuro seriam ainda mais amigos do que até então.

— Oh, ainda bem que me compreendes, Vássia — disse Arkádi Ivânovitch. — É isso mesmo! Eu lhe quero a ela como te quero a ti, ela será para mim como já é para ti, um anjo da guarda, e a felicidade de vocês chegará até mim e aquecerá também o meu coração! Ela será também a dona da minha casa; porei nas suas mãos a minha felicidade, ela velará por mim e por ti. Sim, sou teu amigo… e também o serei dela. Hão de estar os dois sempre a meu lado, e será como se tu, em vez de seres uma só pessoa, daqui para o futuro fosses três…

Arkádi calou-se, dominado pelo excesso dos seus sentimentos. As suas palavras tinham comovido Vássia até ao mais fundo do seu coração. Nunca pensara ouvir tais coisas da boca de Arkádi. Este não costumava exprimir-se daquele modo, nem gostava de salamaleques,

mas era evidente que naquela ocasião tinha manifestado os sentimentos mais apaixonados!

— Hei de olhar por ambos, e de acarinhá-los — continuou. — Em primeiro lugar, serei o padrinho de todos os teus filhos, de todos sem qualquer exceção, e além disso, Vássia, é preciso pensar também no futuro. Temos de alugar um andar e comprar móveis, de maneira que cada um de nós tenha o seu quarto. Amanhã mesmo, Vássia, irei pelas ruas ver as casas com escritos. Três… não, dois quartos; dois chegam. Reconheço agora, Vássia, que foi um disparate aquilo que disse esta tarde, que o dinheiro não chegava. Não chega o quê! Mal a vi, compreendi que tinha de chegar. Ela merece tudo! Oh, agora é que vamos os dois trabalhar! Agora, Vássia, é necessário ter coragem e alugarmos um quarto de vinte e cinco rublos! É preciso que seja um bom quarto, amigo. Uma boa casa faz o homem alegre e sugere-lhe bons pensamentos. E além disso Lisanhka será a nossa "caixa", não havemos de gastar nem um copeque em coisas inúteis! Achas que torno a pôr os pés numa taverna? Por quem me tomas, Vássia? Por nada deste mundo voltarei a fazer isso! Pelo contrário, havemos de trabalhar os dois o mais possível, e verás como nos aumentam o ordenado e nos dão gratificações. Agora é que vamos trabalhar, Vássia! Vamos devorar o expediente como leões! Imagina que… — sentia-se tão feliz que até lhe fugia a voz — de repente, nos vinham parar ao bolso vinte e cinco ou trinta rublos… Ótimo! Já poderíamos comprar-lhe chapéus, um xale e meias novas! Mas para mim teria ela que providenciar outro cachecol porque, repara como este já está velho: amarelo e roto… E logo hoje é que tive a triste ideia de o pôr! E tu, Vássia, também és de morte, pois foste mesmo apresentar-me no momento exato em que procurava desembaraçar-me dele… Mas deixemos isso! Olha, eu tratarei do dinheiro! Além disso tenho de dar-lhes um presente, exigem-no a minha honra e o meu amor-próprio! A minha gratificação deste ano deve chegar para isso. Achas que pagarão logo? Não te preocupes, Vássia; eu vou comprar-vos colheres de prata e facas das boas… Não, não é necessário que sejam de prata; o que é preciso é que sejam boas. E também tenho de comprar uma casaca, uma casaca para mim, pois quero ser o vosso padrinho de casamento. E tu também meu amigo, hei de olhar por ti dia e noite, hei de estar sempre no teu encalço; vamos, acaba o trabalho, meu

irmão, acaba de uma vez! E depois, à tardinha, sairemos a dar uma volta e seremos felizes… E em casa, havemos de jogar cartas! Passaremos os serões juntos… Hás de ver como se vai passar bem o tempo… Que pena eu não te poder ajudar! Quem me dera poder fazer-te a cópia toda! Por que não havemos nós de ter a letra igual?

— É verdade — respondeu Vássia. — É verdade. Não tenho tempo a perder. Creio que já devem ser onze horas. Vamos ao trabalho!

E Vássia, que todo aquele tempo tinha escutado o amigo, sorridente, procurando manifestar-lhe todo o seu afeto, ele que, numa palavra, escutara Arkádi com toda a sua alma, de repente calou-se, ficou inquieto e quase saiu a correr. Pelo visto, algum pensamento desagradável viera de súbito por cobro à sua desenfreada fantasia.

Também Arkádi Ivânovitch começou a dar mostras de inquietação; Vássia mal respondia às suas perguntas e, por outro lado, proferia palavras incoerentes.

— Que te aconteceu, Vássia? — perguntou-lhe por fim Arkádi, ao ver que aquele estugava o passo de tal maneira que ele mal podia acompanhá-lo. — Estás assim tão aborrecido?

— Deixa-me. Perdemos tempo demais conversando! — respondeu Vássia mal-humorado.

— Vássia, não te preocupes — interrompeu-o Arkádi. — Eu sei muito bem que, de outras vezes, tens copiado muito mais folhas em menos tempo… Não te aflijas, homem! Tu tens muito jeito… Em último caso, podes fazer uma letra menos apurada; não é necessário que tudo que escrevas saia como letra de forma. Vais ver! Mas se te apoquentas agora ficas nervoso e o trabalho não te sairá bem!

Vássia não deu resposta ou murmurou qualquer coisa por entre dentes, e ambos continuaram correndo em direção à casa.

Vássia pôs-se imediatamente a trabalhar. Arkádi Ivânovitch estava muito sossegado; despiu-se calmamente e deitou-se, sem perder Vássia de vista… De repente ficou assustado… “Mas o que terá ele? — pensou ao ver o rosto pálido do amigo, com aqueles olhos brilhantes.

— Aquela agitação que transparece em todos os seus movimentos… A mão que lhe treme… Mau, mau… talvez fosse bom aconselhá-lo a que se deitasse e dormisse um pouco; talvez assim lhe passasse a excitação…”

Vássia, que tinha terminado naquele instante uma página, ergueu os olhos e o olhar foi encontrar-se com o do amigo. Mas logo baixou o olhar e tornou a pegar na pena.

— Olha, Vássia, não seria melhor que te deitasses um pouco? Parece que estás com febre…

Vássia, mal-humorado, olhou quase com ódio para Arkádi e não lhe respondeu.

— Vássia, o que tens tu?

Vássia parecia meditar.

— Não te parece que eu devia tomar uma chávena de chá, Arkacha? — perguntou-lhe de repente.

— Como? Por quê?

— É que o chá dá forças. Dormir, não quero, e não dormirei! Mas o chá espertava-me e poderei vencer melhor o cansaço.

— Ótimo, Vássia, ótima ideia! Acho muito bem; estava já para te dizer. O que me admira é não ter lembrado disso mais cedo. Mas… sabes uma coisa? Como Mavra não estará disposta a levantar-se…

— Isso é que é o pior!

— Por que, homem? Que tem isso? — exclamou Arkádi Ivânovitch saltando da cama descalço. — Vou eu mesmo preparar o samovar…

Arkádi Ivânovitch foi à cozinha e trouxe o samovar, enquanto Vássia continuava rabiscando. Depois Arkádi Ivânovitch vestiu-se e foi à padaria para que Vássia tivesse alguma coisa que comer durante a noite. Um quarto de hora depois o samovar estava em cima da mesa.

Os dois amigos tomaram o chá juntos, mas em silêncio. Vássia continuava absorto.

— Ah, ouve uma coisa que eu te queria dizer! — disse por fim voltando a si. — Amanhã temos de ir dar as boas-festas.

— Não é absolutamente necessário.

— Sim, é preciso, e eu vou — disse Vássia.

— Não, olha, eu te substituo em tudo. Para que hás de ir tu? Amanhã deves é trabalhar! Esta noite escreverás até às cinco e depois vais para a cama e dormes, senão tua cara há de estar deplorável amanhã! Acordo-te às oito em ponto.

— Mas… não parecerá mal que tu me substituas e assines por mim em todas as coisas? — perguntou Vássia já meio disposto a aceitar a proposta do amigo.

— Mas por quê? Há muita gente que faz isso!

— Tenho medo de que…

— De quê?

— Com os outros não me importo, mas com Iulian Mostakóvitch… É o meu protetor, Arkacha, e se percebe que outra pessoa…

— Percebe o quê! Bobagem, Vássienhka! Não é possível que ele perceba… Sabes bem que eu sei fazer o teu nome de modo que ninguém distingue se foste tu que o escreveste ou não. E logo ele é que havia de reparar! Valha-te Deus!

Vássia não respondeu e apressou-se a esvaziar a chávena. Depois meneou a cabeça em ar de dúvida.

— Vássia, meu filho! Ai, quando isto terminar! Mas, Vássia, o que se passa? Olha, rapaz, tu estás me dando cuidado! Eu não me deito, Vássia; não durmo. Mostra-me o que te falta ainda copiar…

Vássia olhou para Arkádi Ivânovitch de uma tal forma que este

sentiu uma alfinetada no coração e não disse nada.

— Vássia! O que tens tu? O que tens? Por que me olhas dessa maneira?

— É que, Arkádi, olha: amanhã, já sabes, tenho de ir cumprimentar Iulian Mostakóvitch.

— Pois claro que vais, por que não? — disse Arkádi olhando para o amigo numa expectativa angustiosa.

— Olha, Vássia: escreve mais depressa e não receies que eu te aconselhe o que quer que seja para teu mal, pois nunca o faria. Quantas vezes o próprio Iulian Mostakóvitch não tem dito que o que mais aprecia na tua letra é a ligeireza com que a traças. Só Skoropliétchin é que gosta que a letra pareça pintada e sirva de modelo para os filhos copiarem em casa… Assim poupa dinheiro, pois escusa de comprar um manual de caligrafia. Mas Iulian Mostakóvitch só exige uma coisa: rapidez, rapidez, rapidez! Mas não sei o que tens, Vássia, não sei que te faça… Tenho receio… A tua agitação desconcerta-me!

— Mas eu não tenho nada! — exclamou Vássia e reclinou-se esgotado na cadeira.

Arkádi assustou-se.

— Queres um pouco de água, Vássia? Vássia!

— Não te aflijas, deixa-me — disse Vássia apertando a mão do amigo. — Não tenho nada. Sinto-me apenas um pouco triste, Arkádi, embora não possa precisar a razão da minha tristeza. Olha, falemos de outra coisa, não pensemos nisto…

— Sossega, pelo amor de Deus, Vássia, sossega. Depois acabas isso, homem! E se não acabares… paciência! Que havemos de fazer, no fim das contas? Não é para salvar um homem da morte! Parece que praticas um crime se não fizeres isso…

— Arkádi — disse Vássia ao amigo, olhando-o de um modo tão expressivo que aquele ficou apavorado, pois nunca o tinha visto tão

comovido. — Se eu fosse sozinho, como até aqui… Mas não! Não é isto o que eu queria dizer! Tu és um bom amigo e eu nunca tive segredos para ti… Mas… para que hei de afligir-te?… Olha, Arkádi, a sorte dá muito a uns e pouco a outros. É o que acontece comigo. Se a ti, por exemplo, te exigissem gratidão e reconhecimento… e tu não pudesses…

— Vássia, dou-te a minha palavra de honra que não estou entendendo!

— Eu nunca fui ingrato — continuou Vássia como se falasse consigo próprio. — Mas quando não consigo exprimir o que sinto é como se… como se pudessem julgar que eu sou efetivamente um ingrato, e isso dá cabo de mim!

— Mas que tolice é essa que estás dizendo, rapaz! A gratidão resume-se para ti em acabares o trabalho a tempo? Pensa bem no que estás dizendo, Vássia! É só por aí que se poderá avaliar a tua gratidão?

Vássia permaneceu calado e olhou para o amigo com olhos de espanto, como se aquela objeção inesperada o tornasse incapaz de pensar. Chegou até a sorrir, mas voltou imediatamente a ficar sério. Arkádi interpretou aquele sorriso como o fim de todos os seus temores e sentiu-se de novo contente.

— Bem, Arkacha, deita-te! — disse Vássia. — Faz só com que eu não adormeça, pois isso seria uma desgraça… Vou recomeçar o trabalho… Arkacha!

— Que é?

— Nada, era só…

Vássia tornou a pegar na pena e Arkacha deitou-se. Nem um nem outro tinha feito qualquer alusão à visita daquela tarde. Talvez se sentissem ambos um tanto culpados por terem desperdiçado tempo. Não tardou muito que Arkádi Ivânovitch adormecesse… embora ainda preocupado com o estado de Vássia. Com grande espanto seu, eram oito da manhã quando acordou. Vássia também acabara por adormecer na sua cadeira, sem largar a pena, pálido e exausto. A luz

tinha-se apagado. Mavra trabalhava na cozinha preparando o samovar.

— Vássia… Vássia! — exclamou Arkádi. — Quando adormeceste?

Vássia abriu os olhos e deu um pulo da cadeira.

— Ah! — exclamou. — Adormeci!

Olhou logo para os papéis mas não lhes tinha acontecido nada, tudo estava em ordem: nenhum borrão, nem qualquer mancha de cera que poderia ter caído da vela.

— Penso que devo ter adormecido às seis! — disse Vássia. — Faz tanto frio de noite! Vamos tomar o chá e depois vou pôr-me de novo…

— Sentes-te mais calmo?

— Sim, agora estou bem!

— Então feliz Ano-Novo, Vássia!

— Felicidades, meu caro; que o novo ano te dê tudo o que desejas!

Abraçaram-se. Os lábios de Vássia tremiam e nos seus olhos havia lágrimas. Arkádi Ivânovitch calou-se; sentia-se muito triste. Beberam ambos o chá à pressa.

— Arkádi… decidi ir eu próprio cumprimentar Iulian Mostakóvitch!

— Ele não daria por nada…

— Se não fizesse assim, não ficava com a consciência tranquila, meu amigo!

— Ora, estás aí trabalhando para ele e a consciência ainda te acusa… Deixa-te disso, Vássia!… Bem. Eu também vou sair…

— Onde vais? — perguntou Vássia.

— Vou à casa da família Artiômieva desejar-lhe felicidades em meu e em teu nome.

— Excelente ideia! Será a maneira de eu ficar aqui em casa a trabalhar aproveitando o tempo. Espera um momento que eu vou escrever uma carta.

— Escreve o que quiseres, que tens muito tempo. Eu ainda me vou lavar, fazer a barba e escovar. Vássia, meu irmão, vamos ambos ser muito felizes! Dá cá um abraço, Vássia!

— Estás bem certo disso?

— É aqui que mora o senhor Chumkov, que é funcionário? — disse naquele momento uma voz infantil, à porta da escada.

— É aqui mesmo, sim — respondeu Mavra mandando entrar o pequeno.

— Quem é, quem é? — exclamou Vássia dando um salto na cadeira e correndo para a entrada. — Ah, Piétienhka, és tu?

— Bom-dia! Venho apresentar-lhe os meus votos de felicidades para o Ano-Novo, Vassíli Pietróvitch! — disse um garoto muito vivo, aí dos seus dez anos, de cabelo preto e ondulado. — A minha irmã encarregou-me de apresentar-lhe também votos em seu nome, assim como a mamãe; e a minha irmã disse-me ainda que lhe desse um beijinho…

Vássia levantou o garoto ao ar e deu-lhe um grande e afetuoso beijo nos lábios, que eram iguais aos de Lisanhka.

— Dá-lhe tu outro beijo, Arkádi — disse, dirigindo-se ao amigo e entregando-lhe Piétia.

E, sem pôr os pés no chão, Piétia passou para os braços fortes de Arkádi Ivânovitch.

— Queres chá, pequeno?

— Muito obrigado, já tomei. Hoje levantamo-nos muito cedo. A

minha mãe e a minha irmã foram à primeira missa. A minha irmã levou duas horas a lavar-me, pentear-me, vestir-me e coser as calças que eu rasguei ontem à tarde quando andava a brincar com Sacha na rua; estávamos fazendo bolas de neve e jogando-as e, de repente…

— Catrapuz! Não foi?

— Isso mesmo! E depois, durante todo esse tempo que eu disse, a minha irmã esteve em volta de mim até me deixar num brinco, e depois deu-me um beijo e disse: “Presta atenção: agora vais à casa de Vássia dar-lhe as boas festas e saber se passou bem a noite e se… se…” Ela me disse para lhe perguntar não sei o quê… Ah, já me lembro! Se tinha acabado aquele trabalho de que ontem falou, e além disso… tenho tomado nota — disse o pequeno tirando um papelzinho do bolso. — Aqui está: se estava agora mais tranquilo.

— Vou acabá-lo! Vou acabá-lo! Diz-lhe que vou acabá-lo!

— Bem, e… ainda há outra coisa… Ah, mas esqueci-me! A mana tinha-me dado uma carta e uma lembrança para você mas… esqueci-me…

— Valha-nos Deus! E onde as deixaste, rapaz? Ah, estão aí? Ouve, meu filho, ouve o que a tua irmã diz. Que boa e carinhosa ela é! Ontem, a tua mãe mostrou-me uma carteira que ela me queria dar; infelizmente não pôde acabá-la a tempo e, em seu lugar, manda-me um cachinho dos seus cabelos negros, sem com isso querer dizer que desista da carteira. Olha, Arkacha, olha!

E Vássia, comovidíssimo, mostrava a Arkádi um cachinho preto que beijou apaixonadamente, acabando por guardá-lo no bolso da frente, junto do coração.

— Vássia! Hei de comprar-te um medalhão para pores o cachinho! — disse-lhe Arkádi Ivânovitch.

— Hoje vamos comer vitela assada e amanhã miolos de vitela. E a mamãe vai-nos fazer uma torta… E não tornaremos a comer sopa de aveia — disse o rapaz pondo ponto final no relato.

— Que garoto esperto! — disse Arkádi Ivânovitch. — Vássia, vais ser o mais feliz dos mortais!

O pequeno tomou chá, deram-lhe um bilhete e beijos sem conta, e ele se foi embora alegre e radiante como chegara.

— Aí está, meu amigo — disse Arkádi Ivânovitch louco de alegria. — Como vês, tudo corre às mil maravilhas! Não tens que te afligir nem te queixar. De hoje em diante acabaram-se os desgostos, Vássia. Dentro de duas horas estarei de volta; primeiro irei ver a família Artiômieva e depois Iulian Mostakóvitch.

— Adeus, Arkacha… Ah, se eu pudesse! Não, vai-te embora, vai! — disse Vássia. Fica assente que eu não vou à casa de Iulian Mostakóvitch, não é?

— Claro! Adeus!

— Espera, homem, espera aí! Escuta: diz-lhes o que te vier à ideia… Dá-lhes um beijo por mim. Depois contas-me tudo, sim? Tudo!

— Com certeza. Agora quero que voltes a ser o mesmo que dantes; ontem parecias fora de ti e não conseguias sobrepor-te a tantas impressões. Mas agora já te refizeste… Bem, Vássia, fica com Deus! Até logo…

Os dois amigos separaram-se finalmente. Arkádi Ivânovitch esteve toda a manhã pensativo, sem lhe sair da ideia o amigo. Conhecia o seu temperamento fraco e impressionável. Pelo visto a felicidade tinha-o transtornado; sim, era isso, a felicidade.

“Não me tinha enganado! — disse Arkádi para consigo. — Deus do céu, que susto eu tive ontem à noite! De qualquer coisa faz uma tragédia! Que exagerado ele é! Na verdade precisa que olhem por ele. Sim, tenho de olhar por ele!”

Arkádi passou por casa de Iulian Mostakóvitch às onze horas e na mesinha da entrada juntou o seu nome modesto à interminável lista de presunçosas personagens que, numa folha de papel, toda ela já garatujada, ali tinham escrito já os seus. Mas qual não foi o seu

espanto ao ver que, mesmo atrás do seu nome, estava a assinatura de Vássia Chumkov… “Que significa isto?” — pensou assustado. E Arkádi Ivânovitch, que momentos antes acalentara tantas ilusões, saiu dali completamente desalentado. Que desgraça os ameaçaria? Que queria dizer aquilo? Que iria acontecer?

Chegou a Kolomna cheio de ideias lúgubres e a princípio esteve muito pensativo. Só depois de falar com Lisanhka voltou a si e vieram-lhe lágrimas aos olhos; estava verdadeiramente inquieto por causa de Vássia. Voltou o mais depressa possível para casa. Precisamente junto do Nievá, deu de cara com Chumkov. Este caminhava também tão depressa que melhor se diria que corria do que caminhava.

— Onde vais? — gritou-lhe Arkádi Ivânovitch.

Vássia parou, como um criminoso apanhado com a boca na botija.

— Eu… eu saí só para dar uma volta…

— Não te pudeste conter e queres ir a Kolomna? Ah, Vássia, Vássia! E por que teimaste em ir à casa de Iulian Mostakóvitch?

Vássia não respondeu, limitando-se a fazer um gesto, e disse em seguida:

— Arkádi! Não sei o que tenho! Eu…

— Bem, Vássia, eu sei muito bem o que tu tens. Mas sossega. Ontem estiveste todo o dia muito inquieto e excitado. Não admira nada! Todos te estimam e vivemos para ti; o teu trabalho está adiantado, não tardará que esteja pronto; verás que em breve está pronto, mas tu começas a pensar bobagens, a empreender não sei o quê…

— Não, não é isso, não é…

— Lembra-te, Vássia, lembra-te como ficaste quando foste promovido; nem estavas bem em ti! Com a alegria e a gratidão começaste a trabalhar de uma tal maneira que depois, durante uma semana, não pudeste fazer mais nada… É o mesmo que está acontecendo agora…

— Está bem Arkádi… Mas agora é outra coisa muito diferente, totalmente diferente…

— Diferente, como? Claro… Agora as coisas não são tão rápidas, mas, apesar disso, tu te afliges…

— Não, não… simplesmente… Continuemos.

— E se desistisses de ir lá agora e voltasses comigo para casa?

— Não, meu amigo, com esta cara não posso ir lá… Já pensei nisso. Mas não era capaz de estar em casa sem ti. Agora que vens comigo, recomeçarei… a escrever! Vamos para casa!

Puseram-se a andar e durante uns momentos caminharam em silêncio. Vássia ia agora de novo muito depressa.

— Ainda não me perguntaste por elas… — observou Arkádi Ivânovitch.

— Ah, é verdade, Arkacha! Como estão?

— Vássia, outra vez não te reconheço.

— Não te preocupes; deixa lá isso! Conta-me tudo, Arkacha! — disse Vássia com voz suplicante, como se quisesse na verdade evitar qualquer nova explicação.

Arkádi Ivânovitch lançou um profundo suspiro; não sabia como lidar com Vássia.

As notícias de casa da noiva voltaram a pôr Vássia muito animado. Começou a falar delas com entusiasmo.

Os dois amigos tomaram juntos a refeição do meio-dia. A mãe de Lisanhka enchera de bolos os bolsos de Arkádi Ivânovitch e os dois amigos tagarelaram muito contentes enquanto comiam. Depois de comer, Vássia manifestou a sua intenção de deitar-se um pouco para poder trabalhar à noite. E assim fez. Naquela manhã, um amigo convidara Arkádi para lanchar e ele não podia deixar de ir. Por isso os dois amigos separaram-se. Arkádi prometeu vir o mais cedo possível,

talvez pelas oito.

Aquelas três horas de separação pareceram-lhe três anos. Até que finalmente Arkádi voltou para junto de Vássia. Ao entrar em casa reparou que não havia luz. Vássia tinha saído. Perguntou por ele a Mavra. Esta lhe disse que Vássia tinha estado toda a tarde a escrever; depois pusera-se a passear no quarto de um lado para o outro, e por fim, havia perto de uma hora, tinha saído… prevenindo-a de que regressaria dali a uma meia hora; e que se por acaso Arkádi Ivânovitch chegasse antes, lhe dissesse — terminou Mavra — "que ele tinha saído para desenferrujar as pernas", coisa que lhe tinha repetido umas três ou quatro vezes.

"Com certeza está em casa da família Artiômieva", pensou Arkádi Ivânovitch abanando a cabeça.

Dali a pouco deu um pulo da cadeira: uma nova esperança lhe havia surgido.

"Talvez já tivesse acabado a cópia — pensou. — Com certeza que foi isso. Não pôde conter-se e foi até lá. Mas não… Nesse caso teria esperado por mim. Vamos ver como isto está!"

Acendeu a luz e aproximou-se da secretária de Vássia; o trabalho estava realmente muito adiantado e parecia estar quase a chegar ao fim. Arkádi Ivânovitch ia aproximar-se mais, quando, nesse instante, Vássia entrou.

— Ah! Estás aqui? — exclamou estremecendo.

Arkádi Ivânovitch não disse nada. Tinha receio de fazer perguntas a Vássia. Este baixou os olhos e começou a pôr os papéis em ordem, silenciosamente. Por último, os olhos dos dois amigos encontraram-se. O olhar de Vássia era tímido e suplicante. Arkádi, ao vê-lo, recuou assustado.

— Vássia, meu caro, que te aconteceu? Que tens? — exclamou aproximando-se dele e apertou-o nos braços. — Explica-me que tristeza é essa que não percebo, pobre amigo! Que te aconteceu, homem? Conta-me tudo, com toda a franqueza… Não é possível que…

Vássia apoiou-se mais contra o peito do amigo. Não podia falar. Faltavam-lhe as forças.

— Bem, Vássia, está bem! Se não terminares o trabalho, que hás de fazer? Eu não consigo compreender o que se passa contigo, o que tens e por que te afliges desse modo. Olha, eu, por ti, não me importo de fazer seja o que for… Ah, meu Deus, meu Deus! — suspirou, passeando pelo quarto e pegando em tudo o que encontrava à mão, como se procurasse um remédio para salvar Vássia. — Amanhã irei em teu nome falar com Iulian Mostakóvitch e pedir-lhe que te conceda mais um dia de prazo. Contar-lhe-ei tudo, se é essa razão por que estás assim aflito.

— Deus te livre disso! — exclamou Vássia pondo-se branco como a cal da parede. Mal se podia ter de pé.

— Vássia, Vássia!

Vássia voltou a si. Os lábios tremiam-lhe; procurava falar mas apenas pôde apertar a mão de Arkádi em silêncio. E a mão dele estava gelada. Arkádi contemplava-o numa expectativa lancinante. Vássia tornou a olhar para ele.

— Vássia! Que tens? Estás-me cortando o coração, meu amigo!

Torrentes de pranto corriam dos olhos de Vássia; apertou-se contra o peito do amigo.

— Enganei-te, Arkádi! — soluçou alto. — Preguei-te uma mentira.

— Como, Vássia? Que queres dizer com isso? — perguntou-lhe Arkádi fora de si, cheio de ansiedade e de medo.

— Sim…

E Vássia, com um gesto desesperado, tirou de uma gaveta seis grossos cadernos que pareciam exatamente iguais ao que estava copiando, e pô-los em cima da mesa.

— Que é isto?

— Aqui tens tudo o que eu devia ter pronto depois de amanhã. E apenas fiz a quarta parte… Não me perguntes como foi isto, meu amigo. Não sei o que me aconteceu. Sinto-me como quem desperta de um sonho. Perdi três semanas completas. Todo o tempo era pouco para ela… O coração só me puxava lá… A incerteza atormentava-me… e eu não podia, não podia trabalhar. Nem sequer me lembrava do trabalho! Só agora, quando começava a ser verdadeiramente feliz, é que despertei!

— Vássia! — começou Arkádi Ivânovitch resolutamente. — Vássia, não tenhas receio, eu hei de salvar-te. Compreendo tudo. Isto não é nenhuma brincadeira. É preciso que eu te salve. Espera: amanhã de manhã irei falar com Iulian Mostakóvitch. Não abanes a cabeça, homem; ouve o que te digo. Vou contar-lhe tudo o que se passou, se me dás licença… Vou explicar-lhe… Não me há de faltar a coragem. Explicarei a situação e o que tu sofres.

— Mas tu não percebes que isso seria a minha perdição? — respondeu Vássia inteiriçado de medo.

Arkádi Ivânovitch fez-se pálido, mas dominou-se e começou a sorrir.

— Mas que tem isso de extraordinário, Vássia, que tem isso de estranho? Noto que ainda te afligi mais. Compreendo muito bem o que se passa contigo. Há já cinco anos que vivemos juntos e tu és pouco resistente, mesmo muito pouco. A própria Lisavieta Mikháilovna já o notou. E além disso és um desajuizado, o que não está certo. De um momento para o outro, vais de águas abaixo, homem. Ora, eu sei muito bem o que tu querias. Querias que Iulian Mostakóvitch ficasse louco de alegria por tu ires casar… e que desse um baile em tua honra… É isso mesmo! Não precisas de franzir a testa. Olha, só com esta observação já estás ofendido. Não podes negar que isto é assim; bem sei o que tu querias… Que não houvesse um só desditoso no mundo porque tu és feliz e te vais casar. Tens de concordar que não ficarias contrariado, se a mim, que sou o teu melhor amigo, me viesse parar às mãos um capital de cem mil rublos e todos os inimigos se reconciliassem, se abraçassem no meio da rua cheios de alegria e, se possível, viessem aqui visitar-te. Não julgues, meu caro, que isto é

fantasia, pois é a pura verdade. Há já muito tempo que te conheço. Porque te sentes feliz, querias que todos se sentissem também felizes. Custa-te sentires-te feliz sozinho. Por isso, com todas as veras da tua alma, gostarias de te mostrares digno da tua felicidade e realizar, para tranquilidade da tua consciência, qualquer boa ação. Bem; avalio como te deve afligir que, precisamente naquilo em que poderias mostrar as tuas aptidões, nisso, de repente, falhasse a tua gratidão, como tu dizes. Sofres só de pensar que Iulian Mostakóvitch possa ficar aborrecido ao ver que tu, neste caso, não correspondeste às esperanças que ele em ti depositara. Doloroso é para ti pensar que poderias chegar a ouvir censuras da sua boca, daquele a quem chamas o teu protetor… e principalmente nesta altura em que o teu coração transborda de alegria e não sabes a quem hás de agradecer… Não é assim, meu filho, não é verdade o que estou dizendo?

Com voz trêmula, Arkádi Ivânovitch pôs fim às suas palavras e respirou profundamente.

Vássia, cheio de afeto, olhou para o amigo. Nos lábios apareceu-lhe um sorriso. Na expectativa de uma esperança, todo o rosto se lhe iluminou.

— Bem, ouve o que vou dizer — começou de novo Arkádi Ivânovitch, também esperançado. — Não há necessidade de que Iulian Mostakóvitch perca o fraco que tem por ti, não é verdade? É isso que te preocupa, não é? Ora, se assim é — disse Arkádi saltando da cadeira — eu me sacrifico e amanhã vou falar com Iulian Mostakóvitch… Não digas que não! Vássia, tu fazes do teu atraso um crime! Mas ele, Iulian Mostakóvitch, que é generoso e magnânimo, não pensa da mesma maneira. Ele, meu caro Vássia, há de escutar-nos e salvar-nos. E então? Sentes-te mais sossegado?

Com lágrimas nos olhos Vássia apertou a mão do amigo.

— Está bem, Arkádi — disse. — O que está feito, está feito. Não acabei o meu trabalho, pronto! Que hei de eu fazer? Não há necessidade de que tu te incomodes, eu próprio irei falar com ele e conto-lhe tudo. Já estou mais sereno, já estou tranquilo. Tu, não, tu não deves ir… Ouve, faz-me a vontade…

— Vássia, meu querido! — exclamou Arkádi Ivânovitch satisfeito. — As minhas palavras impressionaram-te. Estou muito contente por ver que já reconsideraste e estás disposto a ter mais juízo! Aconteça o que acontecer, estarei sempre a teu lado, não esqueças. Já vejo que não queres que eu vá falar com Iulian Mostakóvitch… Está bem; não irei, deixarei isso a teu cargo. Mas, olha, amanhã deves ir lá. Ou antes, não, não vás, fica antes aqui a escrever, estás ouvindo? Mas irei lá eu e procurarei informar-me discretamente do que se passa com esse trabalho, se é urgente ou não, se tens de fato de terminá-lo no prazo que te disse e o que acontecerá se o não terminares até então. E depois venho para casa e conto-te tudo, está certo? Já temos assim um motivo de esperança, pois imagina que, por exemplo, a cópia não é urgente! Que bom! E talvez até Iulian Mostakóvitch se tenha esquecido dela, e neste caso estamos salvos, Vássia!

Vássia abanou a cabeça, pensativo! Não tirava os olhos do rosto do amigo.

— Bem. Sinto-me tão fraco e estou tão cansado! — disse suspirando. — Não quero pensar mais nisto. Falemos de outra coisa. Olha, agora vou só terminar a folha que estou fazendo… até ao ponto final e mais nada. Ouve, Arkacha, já há muito tempo que ando para te fazer esta pergunta: como é que me conheces tão bem?

Dos seus olhos caíram lágrimas sobre a mão de Arkádi.

— Se soubesses, Vássia, a amizade que te tenho, não me fazias essa pergunta.

— Tens razão, Arkádi; mas eu não consigo perceber bem por que motivo és assim tão meu amigo. Quero que saibas, Arkádi, que esse teu afeto me pesa verdadeiramente. Quantas vezes, quando me deito, começo a pensar em ti — porque penso sempre em ti antes de adormecer e o coração pulsa-me então com tanta força, tanta força… Por tu seres tão meu amigo e eu não ter maneira de te mostrar a minha gratidão…

— Olha como tu és, Vássia! Como te comoves! — disse Arkádi, com o coração dolorido só de recordar a cena do dia anterior em plena rua.

— Bem, queres que eu esteja sossegado e eu nunca o estive mais do que agora. Sabes uma coisa? Olha, queria dizer-te, mas receio ofender-te; tu ficas sentido com as mínimas coisas e depois me pões a culpa e… eu fico receoso… Olha, como neste mesmo instante eu estou tremendo, sem saber por quê… Mas escuta o que te quero dizer. Julgo que até esta altura me conheci mal, é isso. E até ontem também não tinha aprendido a conhecer os outros. Eu, meu amigo, não sei dar às coisas o devido valor. Tinha o coração endurecido. Ainda não pude neste mundo fazer bem a ninguém… e não podia, mesmo, fazê-lo… Até a minha figura é uma desgraça! Em compensação, a mim, todos me fizeram sempre bem, a começar por ti, julgas que não percebo? O que acontece é que sempre me calei, sim, sempre me calei!

— Vássia, não continues!

— Por que, Arkacha? Que mal há nisso? — interrompeu-o Vássia, a quem o pranto mal deixava falar. — Ontem mesmo te contei o que se passou com Iulian Mostakóvitch. Sabes como ele em geral é de poucas falas e às vezes até rude. Tu mesmo já lhe tens suportado muitas observações e, contudo, ainda ontem se pôs a gracejar comigo e deu provas de um coração bondoso que ele esconde de todos os outros…

— E que tem isso, Vássia? Isso só mostra que és digno dessa honra…

— Oh, Arkacha! Com quanto prazer eu teria acabado este trabalho! Não o fazendo, dei cabo da minha vida. O coração bem me dizia. Não, não é por causa disso — interrompeu Vássia ao notar que Arkádi dirigia o olhar para a rima de papel que estava sobre a mesa — isso não tem importância, não é mais que papel escrito. Isso está arrumado. Hoje, Arkacha, fui à casa delas… mas não entrei. Não fui capaz! Parei à porta. Ela estava tocando piano; ouvia-se de fora. E vê tu, Arkádi — acrescentou com voz que quase se não ouvia — não me atrevi a entrar…

— Mas… que tens tu, Vássia? Estás com tão mau aspecto…

— Não é nada. Não me sinto muito bem; sinto as pernas fracas, talvez por não ter dormido toda a noite. Parece que tenho uma névoa

diante dos olhos. E aqui, aqui…

Apontou para o coração e, ao mesmo tempo, caiu sem sentidos.

Quando viu que ele voltava a si, Arkádi dispôs-se a tomar medidas rigorosas. Quis obrigá-lo a deitar-se à força. Mas por mais que fizesse para o persuadir, Vássia resistiu. Corava, juntava as mãos e teimava em continuar escrevendo e em terminar aquela folha. E para não o irritar ainda mais e em vão, Arkádi não teve outro remédio senão aceder, deixando-o entregue à papelada.

— Olha — disse Vássia sentando-se no seu lugar — tenho uma ideia, uma esperança. Não lhe levo tudo amanhã, levo só uma parte e vou dizer que me esqueci do resto ou que o perdi… Mas não, não sou capaz de mentir. Prefiro contar-lhe tudo. Direi a verdade: que não pude terminar o trabalho. Falarei do meu noivado: ele também casou há pouco tempo e há de compreender-me. Vou lhe contar tudo com simplicidade e respeitosamente… As minhas lágrimas hão de comovê-lo…

— Acho bom, sim… Vai ter com ele e explica-lhe tudo… Mas as lágrimas não são precisas para nada. Para que hás de chorar? Ouve, Vássia: sabes que há pouco me pregaste um grande susto?

— Bem, está então decidido que vou. Mas agora deixa-me escrever Arkacha, deixa-me escrever! Eu não incomodo ninguém, deixa-me escrever em paz!

Arkádi estendeu-se na cama. Mas não se sentia sossegado a respeito de Vássia. Este era capaz de tudo. Mas para que havia de pedir desculpa? Não era aí que estava o problema. O fato era que não tinha cumprido o seu dever, sentia-se culpado e a consciência acusava-o. Mas ainda: sentia-se inferiorizado e indigno da ventura que o bafejara, procurava um pretexto, e abalado desde a véspera pela forma súbita como se tinham desenrolado os acontecimentos, não havia maneira de recuperar a serenidade. “Sim, era isso” — dizia para consigo Arkádi Ivânovitch. Por tudo isso urgia salvá-lo, reconciliando-o consigo próprio. E Arkádi, depois de meditar no assunto durante muito tempo, acabou por resolver ir o mais depressa possível, logo no dia seguinte de manhã, ter com Iulian Mostakóvitch e contar-lhe tudo.

Vássia continuava sentado a escrever. Arkádi Ivânovitch, preocupadíssimo, meteu-se na cama disposto a continuar pensando no caso, mas em breve adormeceu e só acordou com os primeiros alvores do novo dia.

— O quê? Ainda estás aí? — exclamou ao ver que Vássia continuava sentado a escrever.

Arkádi correu para ele, agarrou-o à força e arrastou-o para a cama. Vássia sorria tranquilamente e seus olhos fechavam-se de cansaço. Mal podia falar.

— Eu ia agora mesmo deitar-me — disse. — Olha, Arkádi, parece-me que ainda conseguirei acabá-lo. Estou escrevendo cada vez mais depressa. Não posso é estar mais tempo sentado… Já não aguento… Chama-me às oito sem falta…

Já não podia mais e caiu num sono que parecia de morte.

— Mavra —, disse Arkádi Ivânovitch baixinho, dirigindo-se à criada que entrava naquele instante com o chá — ele me pediu que o chamasse daqui a uma hora, mas não pode ser. De maneira nenhuma! É preciso que durma pelo menos dez horas seguidas, entendes?

— Sim, senhor.

— Não arranjes o almoço nem raches lenha e, sobretudo, não faças barulho. Se perguntar por mim dizes que eu fui para a repartição, estás ouvindo?

— Sim, senhor. E ele que fique dormindo, descansado. Eu gosto que os meus patrões durmam bem. Mas quanto à tal taça partida por causa da qual o senhor me deu bronca, não fui eu mas a gata que a quebrou como lhe hei de mostrar…

— Chiu! Caluda!

Arkádi Ivânovitch obrigou Mavra a ir para a cozinha, pediu-lhe a chave e fechou-a lá. Em seguida foi para a repartição. Pelo caminho ia pensando como é que havia de fazer-se anunciar a Iulian Mostakóvitch e se não seria melhor não mexer no caso. Uma vez na repartição

perguntou, hesitante, se Sua Excelência estava; disseram-lhe que não e que era muito provável que não viesse durante todo o dia. No primeiro instante Arkádi Ivânovitch pensou ir procurá-lo em casa, mas desistiu a tempo, reconsiderando que, se Iulian Mostakóvitch não tinha ido à repartição, é porque o retinha em casa qualquer assunto urgente. Assim, desistiu da sua primeira ideia. As horas pareceram-lhe então interminavelmente longas. Antes de sair procurou informar-se da cópia de que Chumkov tinha sido encarregado. Mas ninguém soube dizer-lhe nada sobre o assunto. Só lhe disseram que Iulian Mostakóvitch costumava confiar-lhe trabalhos particulares, sem que ninguém pudesse precisar do que se tratava. Por fim soaram as três horas e Arkádi Ivânovitch dirigiu-se a toda a pressa para casa. Na escada do ministério, um escriturário estava conversando e dizia que Vassíli Pietróvitch Chumkov tinha estado ali por volta da uma e tinha perguntado por Arkádi e também por Iulian Mostakóvitch. Ao ouvir isto, Arkádi tomou um *drójki* e, aflitíssimo, mandou seguir para casa.

Foi encontrar Chumkov a dar voltas, pelo quarto, muito agitado. Quando viu Arkádi Ivânovitch recompôs-se imediatamente e procurou dissimular a sua perturbação. Sentou-se em silêncio pôs-se a escrever. Pelo visto, queria evitar as perguntas do amigo. Era como se a presença dele o contrariasse e estivesse decidido a, dali para o futuro, não lhe dar a conhecer as suas intenções. Arkádi compreendeu isto e sentiu o coração apertado. Sentou-se na cama e abriu um livro — o único que possuía — mas não tirava os olhos de Vássia. Este mantinha um obstinado silêncio e continuava a escrever sem levantar a vista. Passaram assim algumas horas e o sofrimento de Arkádi foi aumentando durante esse tempo. Por fim, por volta das onze da noite, Vássia levantou a cabeça e pôs-se a olhar para Arkádi em silêncio, com olhos inexpressivos e parados. Passaram três minutos. “Vássia!” — exclamou por fim Arkádi. Mas Vássia não respondeu. “Vássia!” — insistiu ele e, de um salto, levantou-se da cama. “Vássia, que tens, que sentes?” — exclamou, aproximando-se dele. Vássia ergueu a cabeça e voltou a olhá-lo com os mesmos olhos estúpidos e imóveis. “Deu-lhe algum desmaio”, pensou Arkádi sentindo um calafrio correr-lhe o corpo. Foi buscar o jarro da água e borrifou a cabeça de Vássia, umedeceu-lhe as fontes, esfregou-lhe as mãos e daí a pouco Vássia voltou a si. “Vássia, Vássia!” — chamava Arkádi debulhado em pranto,

sem poder conter-se — “Vássia, não acabes com a tua vida, tem cautela com a tua saúde, Vássia!” Depois calou-se e segurou-o nos braços. O rosto do amigo tinha uma expressão estranha; esfregava a testa e agarrava a cabeça como se tivesse medo de que ela se despedaçasse.

— Não sei o que tenho — disse por fim —; parece-me… Mas não te aflijas, Arkádi, fica tranquilo, não há novidade — acrescentou olhando-o com olhos tristes. — Tudo corre bem, tudo!

— Ainda… procuras sossegar-me! — exclamou Arkádi com o coração aflito. — Vássia — acrescentou — deita-te, dorme um pouco, anda! Não te atormentes em vão. Mais vale deixares isso para logo.

— Está bem, está bem! — repetia Vássia — Vou-me deitar. Para te dizer a verdade tinha pensado acabá-lo, mas agora acho melhor… sim…

E Arkádi meteu-o na cama.

— Olha aqui, Vássia — disse-lhe com energia — é necessário pôr termo a isto. Diz-me o que estás planejando.

— Ah! — exclamou Vássia esboçando um gesto de desalento e voltando a cabeça para o outro lado.

— Então, Vássia, vamos resolver isto de uma vez por todas; eu não quero ser cúmplice na tua perda. Por isso, não posso ficar calado por mais tempo. Não te deixo dormir enquanto não tomares uma resolução definitiva.

— Como quiseres, como quiseres! — repetiu Vássia enigmaticamente.

“Resolveu calar-se”, pensou Arkádi Ivânovitch.

— Ouve-me, Vássia — disse —, pensa no que eu te disse: eu posso salvar-te; amanhã decidirei a tua sorte, entendes? Pregaste-me um susto tão grande, que até já falo como tu! Que disparate falar na sorte! A coisa não é assim tão importante! O que tu receias é perder a amizade e a simpatia que Iulian Mostakóvitch mostra por ti… Mas hás

de ver como a não perdes… Eu…

Arkádi Ivânovitch ia prosseguir, mas interrompeu-se porque Vássia levantou-se, acenou com as duas mãos e, sem dizer nada, beijou o amigo.

— Está bem! — disse com voz fraca. — Está bem! Não se fala mais nisto.

E voltou de novo o rosto para a parede.

“Meu Deus — pensou Arkádi. — Meu Deus! Que terá ele? Perdeu o juízo por completo! Que estará meditando? Está dando cabo de si próprio!”

Arkádi olhou-o desolado.

“Se adoecesse — pensou Arkádi — talvez ainda fosse o melhor. Com a doença diminuiriam todas as suas preocupações e o assunto resolvia-se por si. Mas que estou pensando? Deus me perdoe!”

Entretanto Vássia parecia ter adormecido. Arkádi Ivânovitch ficou contente com este bom prenúncio e decidiu não se afastar toda a noite da cabeceira do amigo. Mas Vássia parecia muito inquieto, não fazia senão revolver-se na cama de um lado para o outro e de vez em quando abria os olhos. Por fim cedeu ao cansaço e acabou por cair num sono profundo. Deviam ser duas da manhã quando Arkádi Ivânovitch adormeceu também com o cotovelo apoiado na mesa.

Teve um sonho tranquilo, mas estranho. Pareceu-lhe que acordava mas que Vássia estava ainda na cama a dormir. Mas — coisas esquisitas! na cama estava só a figura de Vássia, o qual tinha enganado Arkádi, levantando-se e sentando-se à mesa a escrever. Arkádi sentiu uma dor, ficou profundamente triste e não tinha outro remédio senão verificar que Vássia o enganava. Queria agarrá-lo, chamá-lo e obrigá-lo a voltar para a cama. Mas Vássia deu um grito e Arkádi viu então que tinha nos braços um cadáver. Um suor frio correu-lhe pela testa; o coração batia-lhe com violência. Acordou e abriu os olhos. Vássia estava de fato sentado à mesa… escrevendo.

Arkádi não podia acreditar no que os seus olhos viam e olhou para a cama: mas não, Vássia não estava lá. Arkádi deu um salto, ainda debaixo da impressão do sonho. Mas Vássia não se mexeu. Continuava a escrever. Apavorado, Arkádi deu logo conta de que Vássia arrastava pelo papel a pena sem tinta, virava as folhas em branco, umas após as outras, como se estivesse de fato produzindo alguma coisa.

"Não, agora não se trata de nenhum desmaio", pensou Arkádi Ivânovitch que tremia dos pés à cabeça.

— Vássia, Vássia! Responde-me! — gritou, sacudindo-o por um ombro. Mas Vássia continuava calado, rabiscando sobre o papel com a caneta seca.

— Até que enfim, até que enfim a pena escreve tão depressa como eu quero! — disse e olhou para Arkádi.

Arkádi pegou-lhe na mão e tirou-lhe a pena.

Um queixume saiu do peito de Vássia. Deixou cair os braços, olhou outra vez para Arkádi, pôs as mãos na cabeça com uma expressão triste e angustiada, como se quisesse arrancar um anel pesado, férreo, que a estivesse apertando e, depois, devagarinho, como se tivesse caído em profunda meditação, deixou tombar a cabeça sobre o peito.

— Vássia! Vássia! — exclamou Arkádi Ivânovitch desesperado. — Vássia!

Passados uns momentos, Vássia pôs os olhos nele, os seus grandes olhos azuis onde brilhavam lágrimas, e o seu rosto lívido exprimia uma tortura sem fim… Murmurou não se sabe o quê…

— Que disseste? Que disseste? — repetia Arkádi debruçado sobre ele.

— Por quê só eu? Por quê só eu? — murmurava Vássia. — Que fiz eu?

— Vássia! Que tens? De quem é que tens medo, Vássia? Fala,

homem! — gritou Arkádi juntando as mãos com desespero.

— Por que me vão mandar para as fileiras? — e olhava o amigo com olhos interrogativos. — Por que me vão mandar para o degredo? Que mal fiz eu?

Arkádi estremeceu de espanto, não queria, não podia acreditar. Estava absolutamente aniquilado.

Um instante depois refez-se. “Isto vai já passar-lhe” — disse, pálido, com os lábios roxos e trêmulos, e depois vestiu-se. Pensava ir imediatamente chamar um médico. Mas deteve-se ao ouvir um grito de Vássia. Arkádi aproximou-se dele e abraçou-o, inquieto, como uma mãe abraça um filho.

— Arkádi, Arkádi, não digas isto a ninguém, ouves? Que ninguém sofra por minha causa…

— Mas, que tens? Que sentes? Volta a ti, Vássia, volta a ti.

Vássia suspirou e lágrimas silenciosas correram-lhe pelas faces.

— Por que estão querendo matá-la? Que culpa tem ela disto? — murmurou desolado e aflito. Só eu sou culpado; a culpa é toda minha.

Calou-se por um instante.

— Adeus, minha adorada noiva! Adeus, meu amor! — murmurou abanando a sua pobre cabeça.

Arkádi estremeceu e dispôs-se a ir à pressa chamar um médico.

— Vamos, são horas! — exclamou Vássia, que tinha reparado nos gestos de Arkádi. — Vamos até lá, meu amigo, vamos até lá. Estou pronto! Tu irás comigo!

Calou-se e olhou para Arkádi com expressão de abatimento e ao mesmo tempo de desconfiança.

— Vássia, não venhas atrás de mim, pelo amor de Deus! Espera aqui que eu volto já, já — disse Arkádi também fora de si.

Pegou no chapéu para ir chamar o médico. Vássia tornou a sentar-se, obediente e sossegado; apenas nos seus olhos se lia uma decisão desesperada. Arkádi voltou atrás, tirou de cima da mesa a faca de papel, olhou mais uma vez o seu infeliz amigo e saiu de casa.

Eram oito da manhã. A luz do dia tinha já dissipado as sombras, no quarto.

Não encontrou ninguém nas ruas. Andou uma hora correndo de um lado para o outro. Todos os médicos por quem perguntava aos porteiros tinham já saído para as suas visitas aos hospitais ou aos doentes particulares. Só encontrou um em casa. Este fez muitas e minuciosas perguntas ao criado quando ele lhe anunciou que Arkádi estava ali; donde era, porque razão o chamava, de que classe social parecia ser esse cliente tão madrugador… para acabar por dizer que não podia atendê-lo, pois tinha muito que fazer e não podia sair de casa, além de que doentes daquela espécie — mandou ele dizer a Arkádi — deviam ser levados para um hospital.

Depois disto, Arkádi, que não esperava semelhante resultado, mandou "passear" todos os médicos do mundo e voltou para casa cheio de apreensões a respeito do amigo. Quando chegou, encontrou Mavra a esfregar o chão, como se nada tivesse acontecido, e dispondo-se depois a partir lenha para acender o fogão. Correu ao quarto. Vássia não estava.

"Onde teria ele ido?… Onde?… Onde se terá lembrado de ir, o infeliz?" perguntou a si mesmo Arkádi, tomado de um pânico terrível…

Fez perguntas a Mavra, mas esta de nada sabia; não tinha visto nem ouvido Vássia.

"Deus tenha misericórdia de nós!", murmurou Arkádi.

E correu a Kolomna. Era ali com certeza que Vássia devia estar.

Eram já dez horas quando lá chegou. Mas nem Lisanhka nem a mãe sabiam nada de Vássia. Arkádi, perturbadíssimo, não saía do seu espanto e não cessava de perguntar onde estaria Vássia. A velhota,

sem se poder ter em pé, deixou-se cair num divã. Lisanhka, toda trêmula, começou a perguntar a Arkádi o que tinha sucedido. Mas… que havia ele de lhes dizer? Procurava a maneira de sair dali o mais depressa possível; disse-lhes qualquer coisa em que não acreditaram; saiu correndo, terrivelmente inquieto, à procura de Vássia. Dirigiu-se à repartição com o fim de dar ali parte do sucedido e pedir que se tomassem quanto antes as providências necessárias.

Pelo caminho lembrou-se de que Vássia talvez tivesse ido falar com Iulian Mostakóvitch. Sim, o mais natural era que tivesse ido! Já antes de ir a Kolomna Arkádi tinha pensado naquela possibilidade. Ao passar diante da casa de Sua Excelência, esteve prestes a entrar; mas disse ao cocheiro que passasse à frente. Queria ir primeiro à repartição certificar-se se Vássia se encontrava lá, e só no caso de não o encontrar aí é que iria à casa de Sua Excelência, quando mais não fosse para comunicar-lhe a notícia. Alguém teria de fazê-lo.

Mal chegou perto do gabinete de Sua Excelência vieram logo ter com ele alguns colegas novos da mesma categoria e perguntaram-lhe o que acontecera a Vássia. E todos comentavam o fato de Vássia ter perdido o juízo e de se ter convencido que o iam deportar por negligência de serviço. Arkádi Ivânovitch respondeu àquela enxurrada de perguntas, ou antes, não respondeu a ninguém como devia ser e apressou-se a entrar para os compartimentos internos. No corredor veio a saber que Vássia se achava no gabinete de Iulian Mostakóvitch, onde também estava a maior parte dos funcionários superiores. Diante da porta, parou. Um dos empregados perguntou-lhe o que desejava. Mas ele, sem reconhecer quem o interpelava, pronunciou o nome de Vássia e penetrou no gabinete. Cá fora chegara-lhe aos ouvidos a voz de Iulian Mostakóvitch.

— Que deseja o senhor? — voltaram-lhe a perguntar-lhe.

Arkádi Ivânovitch envergonhou-se e estava já disposto a voltar atrás, quando através da porta aberta avistou seu amigo Vássia. Então, sem mais hesitações, entrou na sala. Reinava ali a maior confusão e alvoroço. Iulian Mostakóvitch dava mostras de grande comoção. À sua volta estavam em grupos todos os funcionários superiores, que conversavam uns com os outros e pareciam perplexos. Um pouco à

parte, estava Vássia. Ao vê-lo, Arkádi sentiu-se desfalecer. Vássia estava lívido, com a cabeça erguida, as mãos hirtas coladas às costuras das calças como se fosse um recruta que acabasse de assentar praça e estivesse na presença de seus chefes. Não tirava os olhos de Iulian Mostakóvitch. Imediatamente todos deram conta da presença de Arkádi e como alguns dos presentes sabiam que era amigo e companheiro de quarto de Vássia, comunicaram logo isso a Sua Excelência e apresentaram-lhe Arkádi. Este queria responder às perguntas que lhe faziam; mas, ao olhar para Iulian Mostakóvitch e ao notar a expressão de tristeza e piedade do seu rosto, desatou a chorar como uma criança pequena. Mais ainda: apertou a mão de Sua Excelência, apertou-a contra os olhos e salpicou de lágrimas, de tal maneira que Sua Excelência teve de retirar a sua. Fez um gesto e disse apenas:

— Bem, meu rapaz, vejo que tens bom coração.

Arkádi soluçava e dirigia a todos os presentes olhares suplicantes. Era como se todos fossem irmãos do seu pobre Vássia e compartilhassem intensamente do seu próprio desgosto.

— Como… teria acontecido isto? — perguntou-lhe Iulian Mostakóvitch. — Por que teria perdido o juízo?

— Por gra-ti-dão! — foi a única coisa que Arkádi Ivânovitch pôde responder.

Aquela resposta deixou todos boquiabertos; pareceu-lhes absurda.

Como era possível que alguém perdesse o juízo por gratidão? Arkádi procurou explicar-se o melhor que podia.

— Meu Deus, mas que pena! — exclamou Iulian Mostakóvitch. — E pensar que o trabalho de que o encarreguei não era de urgência nenhuma! Deu cabo de si por um nada, o infeliz!

E Iulian Mostakóvitch voltou a dirigir-se a Arkádi pedindo-lhe que lhe desse mais pormenores sobre o sucedido.

— Ele disse — declarou — que não contássemos nada a *ela*…

Quem é *ela*? É a noiva?

Arkádi explicou-lhe tudo. Entretanto Vássia esforçava-se por vir a si. Num supremo esforço parecia querer recordar alguma coisa da máxima importância, que naquele momento — pensava — seria sem dúvida muito oportuna. Com olhares interrogadores e ao mesmo tempo aflitos, olhava à sua volta com a ilusão de que talvez os outros se lembrassem daquilo que ele tinha esquecido. Fixou os olhos em Arkádi… e, de súbito, neles se viu brilhar a luz duma esperança. Deu um passo em frente, depois mais três, e por fim juntou as pernas com rigidez como fazem os soldados quando algum oficial os chama. Todos esperavam com grande ansiedade o desenlace daquela cena.

— Tenho um defeito físico, Excelência. Sou fraco e baixinho, e não sirvo para o exército — disse por fim com voz entrecortada. Todos os que se encontravam na sala sentiram um aperto no coração. Iulian Mostakóvitch estava comovido, não obstante ser um homem de temperamento forte.

— Levem-no daqui — disse, e fez um gesto expressivo.

— Ai, a minha cabeça! — exclamou Vássia a meia voz.

Deu meia volta à esquerda e saiu dali. Todos os colegas saíram atrás dele. Arkádi fez outro tanto. Tiveram contudo de esperar pelo carro que devia conduzir Vássia ao hospital. Por isso, procuraram retê-lo na sala de entrada. Ele ficou ali sentado e parecia mergulhado em profundas meditações. Cumprimentava com a cabeça todos os conhecidos, como a despedir-se deles. E de instante a instante olhava para a porta como se esperasse que lhe dissessem: “É agora!”. À sua volta formara-se um círculo apertado, todos falavam e abanavam a cabeça. Muitos estavam admirados com o que acabavam de ouvir; uns comentavam o caso acaloradamente, outros exprimiam a sua compaixão por Vássia e elogiavam as suas qualidades de homem modesto e sossegado, que dava tão grandes esperanças. Falavam da sua aplicação e da sua ânsia de saber e de estudar.

— Tinha alcançado uma situação à custa do seu próprio esforço — observou um.

Falavam, comovidos, da dedicação de Vássia a Sua Excelência. Alguns não conseguiam compreender como Vássia poderia ter pensado e acreditado (a ponto de enlouquecer por causa disso), que por não ter terminado o trabalho iam mandá-lo para o desterro. Recordavam que até há pouco tempo ele era um mísero servente, e que só a Iulian Mostakóvitch, que confiara na sua habilidade e na sua boa vontade e rara modéstia, devia a sua posição atual. Era esta a opinião geral. Quem parecia mais comovido era um companheiro de trabalho de Vássia, um pobre homem atarracado, dos seus trinta anos. Estava branco como o papel, tremia-lhe todo o corpo e sorria de modo estranho, talvez porque todas as cenas, mesmo as tristes, divertem de certo modo os espectadores e quase os alegram. Aquele indivíduo andava para cá e para lá, à volta da barreira que se formara à roda de Chumkov, e como era baixo punha-se em pontas de pés e puxava pelos botões do casaco a todos com quem tinha familiaridade, e assegurava-lhes que sabia muito bem a que se devia tudo aquilo e que se tratava de um caso fácil de compreender, embora grave, do qual se não devia falar levianamente. Empinava-se e dizia coisas aos ouvidos dos outros, fazia fortes acenos de cabeça e tornava a dar mais uns passos. Por último deu-se o remate da cena. Surgiu um médico, acompanhado de um enfermeiro. Dirigiram-se a Vássia e disseram-lhe que devia segui-los. Vássia deu um salto da cadeira, lançou olhares perscrutadores sobre os presentes, e depois acompanhou o médico. De repente, porém, pareceu procurar alguém com os olhos.

— Vássia, Vássia! — exclamou Arkádi Ivânovitch por entre soluços.

Vássia parou e Arkádi aproximou-se dele. Abraçaram-se ambos pela última vez e não havia quem os separasse. Era uma cena triste. Que fatalidade lhes arrancava as lágrimas dos olhos? Por que choravam os dois? Em que consistia a desgraça? Por que não se entendiam já?

— Toma, guarda isto? — disse Chumkov e pôs na mão de Arkádi um papelzinho. Guarda-o bem.

Vássia não pôde continuar falando. Chamavam-no. Desceu a escada a correr e despediu-se de todos com um movimento de cabeça.

Tinha o desespero estampado no rosto. Mandaram-no subir para um carro fechado. Os cavalos arrancaram e levaram-no. Arkádi desembrulhou o papelzinho; dentro dele encontrou um anel dos cabelos pretos de Lisa.

Que teria sentido Vássia ao separar-se dele? Dos olhos de Arkádi corriam lágrimas ardentes.

— Pobre Lisa!

Depois do serviço Arkádi dirigiu-se a Kolomna. Não se pode descrever o que se passou ali. Mesmo Piétia, o pequeno Piétia que ainda não podia compreender o que se passara com Vássia, se retirou para um canto, cobriu o rosto com as mãozinhas e rompeu em soluços que pareciam fazer saltar o seu coraçãozinho de criança. Era já noite quando Arkádi voltou para casa. Ao passar pelo Nievá parou um momento e lançou um demorado olhar sobre o rio, e sobre o horizonte enevoado, tingido de vermelho pelos últimos raios do purpúreo e sangrento sol da tarde.

Caía a noite sobre a cidade e toda a imensa capa de neve do rio refulgia, ferida pelos últimos raios de sol em miríades de cintilações. A temperatura era de vinte graus. Um vapor espesso acumulava-se em torno dos numerosos cavalos que corriam e da gente que apressava o passo. Não vibrava no ar o menor ruído e, como gigantes, erguiam-se, de um lado e doutro do rio até ao céu azulado, as colunas de fumo das casas; torciam-se e adensavam-se umas sobre as outras enquanto continuavam a erguer-se, como se novos edifícios e palácios se amontoassem sobre os antigos e formassem uma nova cidade sobre as nuvens… como se todo o mundo, com todos os seus habitantes, os fortes e fracos, com os tugúrios dos pobres e os palácios dos ricos e poderosos da Terra, estivesse a diluir-se naquela hora vespertina, num sonho fantástico que se erguia do chão até ao céu azul-escuro, para ali se dissipar e extinguir-se em nada…

Um sentimento estranho se apoderou do desventurado amigo do pobre Vássia.

Estremeceu de súbito, impelido por um sentimento poderoso e até então para ele desconhecido; uma golfada quente de sangue penetrou-

lhe no coração. Compreendeu de repente o sentido de tudo o que acontecera, compreendeu por que é que Vássia não tinha podido resistir à felicidade e perdera a razão. Tremiam-lhe os lábios, brilhavam-lhe os olhos, empalidecia perante aquela novidade que se lhe revelava.

A partir desse momento Arkádi tornou-se sombrio e taciturno e perdeu toda a jovialidade de outrora. A casa ficou-lhe insuportável e mudou-se para outra. Dois anos mais tarde veio a encontrar Lisanhka, por acaso, numa igreja. Tinha-se casado; acompanhava-a uma ama com um filho nos braços. Cumprimentaram-se e durante muito tempo evitaram falar no passado. Lisa disse-lhe que era muito feliz, embora continuasse tão pobre ou mais ainda do que antes; mas que o marido era muito bom e que a estimava muito…

Mas, de repente calou-se no meio das palavras, os olhos se encheram de lágrimas, afastou-se e baixou a cabeça sobre o genuflexório com o propósito de ocultar a sua dor.

**1** Em russo é incorreção tratar uma pessoa só pelo prenome.↩

**2** É mais gracioso.↩

# O ladrão honrado

## (das memórias de um desconhecido)

# O ladrão honrado
# (das memórias de um desconhecido)
# (1848)

Certa manhã, quando me dispunha a ir para a repartição, Agrafiena, a minha cozinheira, e ao mesmo tempo lavadeira e governanta, entrou no meu quarto e, com grande surpresa minha, pôs-se a falar comigo.

Até então aquela velhinha tinha sido sempre tão calada que, tirando as costumadas perguntas do dia: que prato havia de preparar-me para o almoço etc., quando muito talvez me tivesse dirigido apenas uma palavra no espaço de um ano. Pelo menos eu não lhe tinha ouvido nenhuma.

— Olhe, menino, venho falar-lhe para lhe dizer que devia alugar o quarto pequeno — começou ela apressadamente.

— Qual quarto pequeno?

— Aquele que está junto da cozinha, claro, pois se não há outro…

— Mas por quê?

— Por quê? Porque há quem queira alugá-lo. Aí está o porquê.

— Mas quem é que quer alugá-lo?

— Quem é que quer alugá-lo? Ora, um inquilino. Quem havia de ser?

— Mas nesse quarto nem cabe uma cama. É pequeno demais. Quem é que pode viver ali?

— Mas para que é preciso que viva? Basta que tenha um canto para dormir, que para viver chega-lhe o parapeito da janela!

— Mas que parapeito e que janela?

— Pois está bem à vista aquilo que eu quero dizer. Como se o

senhor não soubesse! No vestíbulo! Ali pode sentar-se, coser, fazer o que quiser. E até pode sentar-se numa cadeira. Sim, porque há uma cadeira e uma mesa, não falta nada.

— Mas quem vem a ser esse tal “ele”?

— Um homem de bem e de confiança. Eu lhe farei a comida e, pelo quarto e pela alimentação, cobrarei três rublos de prata por mês…

Ao fim de muitos esforços acabei por adivinhar que devia ter sido algum velhote que pedira a Agrafiena que o tomasse como hóspede. E quando alguma coisa se metia na cabeça daquela mulher, não tinha outro remédio senão aceitá-lo imediatamente, pois já sabia por experiência que se o não fizesse ela não me deixaria mais em paz. Quando as coisas não corriam à vontade ficava pensativa e acabava por dar mostras de uma melancolia profunda. Esse estado de espírito costumava durar-lhe pelo menos duas ou três semanas, e durante todo esse tempo era certo e sabido que os cozinhados lhe saíam insípidos, que não lavava a roupa e nem sequer limpava a casa; em resumo, tratava de aborrecer as pessoas. Havia muito tempo que eu já tinha percebido que a velhota não era capaz de adotar por si só uma resolução e muito menos de conceber uma ideia original. Mas quando punha qualquer coisa no bestunto, qualquer coisa parecida com uma resolução, bastava dizer-lhe que não ou contradizê-la, para que ela ficasse logo moralmente aniquilada durante algum tempo.

Ora, como então, por nada deste mundo, eu desejava perder a minha tranquilidade, apressei-me em consentir na sua proposta.

— Mas ele tem ao menos algum documento, carteira de identidade ou alguma coisa do gênero?

— É claro que tem! Além disso sabe-se muito bem de quem se trata. É um homem sério, conhecido. Prometeu pagar-me três rublos.

Foi assim que na manhã seguinte o novo inquilino se apresentou no meu pequeno quarto de solteiro, o que, para dizer a verdade, não me aborreceu mesmo nada e, pelo contrário, no íntimo fiquei até bem satisfeito. Porque eu vivo só, como um emigrado. Pode dizer-se que

não tenho um amigo e raras vezes saio de casa. É certo que já estava acostumado à minha solidão; mas dez, quinze ou quem sabe quantos anos mais de semelhantes solidão, em companhia apenas de uma Agrafiena como esta, num quarto de solteiro… era na verdade uma perspectiva muito pouco atraente. Nestas circunstâncias, um companheiro pacato aprecia-se até como uma graça dos Céus.

Agrafiena não tinha mentido: o meu inquilino era uma criatura digna. Dos documentos constava que tinha cumprido o serviço militar, o que aliás eu teria percebido imediatamente só de ver o seu aspecto marcial. É uma coisa que salta logo à vista. De maneira que o meu inquilino, Astáfi Ivânitch, no gênero era do melhor. O aluguel foi imediatamente ajustado. Astáfi Ivânitch começou a contar-nos histórias e episódios da sua vida de soldado. No meio do tédio cada vez maior da minha vida, um narrador como aquele era um verdadeiro tesouro. Uma das suas histórias chegou mesmo a deixar em mim uma impressão tão duradoura que, por isso mesmo, quero reproduzi-la aqui, explicando ao mesmo tempo as circunstâncias em que a ouvi.

Um dia, eu estava sozinho em casa. Tanto Astáfi como Agrafiena tinham saído. De repente percebi que alguém entrava no vestíbulo. Devia ser uma pessoa estranha. Saí do meu quarto para ver de quem se tratava e fui encontrar ali um desconhecido, um homem de baixa estatura, e que, apesar de estarmos já no outono, não trazia nenhum agasalho.

— O que desejas?

— Queria ver o funcionário Alieksándrov. Não mora aqui?

— Não; não mora aqui ninguém com esse nome, meu caro; *adieu*.

— Mas o porteiro disse-me que ele morava aqui — murmurou o visitante recuando com prudência até à porta.

No dia seguinte, precisamente no momento em que Astáfi Ivânitch me provava uma jaqueta que fazia para mim, alguém tornou a entrar no vestíbulo. Entreabri a porta. Nesse instante o visitante da véspera, mesmo nas minhas barbas, tirou o meu sobretudo de peles do

cabide, pô-lo no braço e saiu. Agrafiena, pasmada, abriu uns olhos e uma boca de todo tamanho, mas não fez o mínimo esforço para defender o meu agasalho. Astáfi Ivânitch, esse sim, saiu a correr atrás do ladrão; mas, passados dez minutos, voltava desolado e com as mãos vazias. O ladrão desaparecera como se a terra o tivesse engolido.

— Apre! Felizmente que ao menos não levou a capa. Senão tê-lo-ia deixado completamente depenado, aquele meliante.

Astáfi Ivânitch estava tão perturbado, que eu, admirado da sua reação, não tardei em esquecer completamente o sucedido. O meu hóspede é que não conseguia compreender como é que aquilo podia ter acontecido. Largava o trabalho a todos os momentos e começava de novo a contar o episódio, a maneira como as coisas se tinham passado: o local em que ele estava; como aquilo acontecera a uma distância de dois passos, na sua própria cara, e como não lhe tinha sido possível deitar a mão ao gatuno. Passado um instante voltou ao trabalho, mas não tardou muito que o largasse de novo. Daí a pouco, já ele descia a escada a toda a pressa para contar o acontecimento ao porteiro, como todos os pormenores, e lançar-lhe a culpa do caso. Depois tornou a subir e pôs-se a recriminar Agrafiena; finalmente quando retomou o trabalho, continuou ainda a resmungar com os seus botões acerca do sucedido, insistindo em que ele estava ali e não noutro lugar, e como nas suas próprias barbas, apenas a dois passos de distância, aquele tipo tinha levado o sobretudo etc. etc.

Nesse mesmo dia à tarde, para ver se me distraía do meu aborrecimento, convidei-o para uma chávena de chá, pois sabia que ele havia outra vez de pôr-se a falar do roubo, o que, à custa de ser tão repetido e da profunda comoção que ele punha no relato, conseguia divertir-me de maneira extraordinária.

— Ora esta, o que havia de nos acontecer, Astáfi Ivânitch!

— É de pôr uma pessoa maluca. Eu, que não sou o prejudicado, até fervo de raiva. Vejam lá se ele levou o meu capote… Não há coisa pior neste mundo do que um ladrão! Quantas vezes esses malandros não roubam a um desgraçado uma miséria qualquer que ele conseguiu arranjar à custa de esforços e de trabalhos honestos, lhe levam todas

as suas economias, lhe roubam o tempo que gastaram! Arre! É melhor nem pensar nisso. Mas, o senhor não tem pena de ter perdido aquilo que era seu?

— Sim, por certo, Astáfi Ivânitch; preferia mesmo tê-lo visto pegando fogo; agora que um gatuno desapareça assim, muito belamente, com o que me pertence, é claro que não acho graça nenhuma…

— É claro, ninguém gosta de ser espoliado. Um ladrão não é um homem como os outros… Mas quer saber uma coisa, senhor, que eu uma vez conheci um ladrão, que, apesar de tudo, era uma pessoa honrada?

— Qual honrada! Pode existir algum ladrão que seja honrado, Astáfi Ivânitch?

— É assim mesmo como lhe digo! Mas como é que um ladrão pode ser honrado? É claro que não há ladrões honrados. O que eu quero dizer simplesmente é que esse indivíduo era um homem honrado, apesar de ter roubado. Até fazia dó.

— Ora vamos lá a ver como era isso, Astáfi Ivânitch.

— O senhor já vai ver. Isso foi há dois anos. Nessa altura, havia quase um que eu estava desempregado. Mas já antes, quando ainda estava colocado, tivera ocasião de conhecer um indivíduo que se tinha transviado. Conhecemo-nos numa taverna. Ele era um bêbado, um vagabundo, um vadio; tinha sido empregado mas fora despedido por causa da sua má cabeça. Que tipo mais brincalhão! Só Deus sabe do que ele andava vestido! Às vezes nem camisa trazia por debaixo da capa; todo o dinheiro que lhe caía nas unhas, ia largá-lo na taverna. No entanto, apesar disto tudo, não era de briga, lá isso não, até pelo contrário: muito pacífico, amável e bonacheirão; nunca pedia nada a ninguém e envergonhava-se por tudo e por nada; a única coisa que ele tinha de mau era aquela paixão pela pinga, e, se bem que não o pedisse, sempre lhe dávamos qualquer coisa para beber. Pois bem; desde que nos conhecemos, o tipo deu em apegar-se a mim, de tal maneira que não conseguia ver-me livre dele. A mim, afinal de contas, isso me era indiferente. Que homem aquele! Tal qual um cão, sempre

atrás de uma pessoa! Fosse eu para onde fosse, lá ia atrás de mim. E isto logo desde a primeira vez que nos vimos. Que homem tão palerma! Começou por: “Deixe-me dormir em sua casa, esta noite”. Bem, consenti; tinha os documentos em dia e não apresentava mau aspecto. No dia seguinte… que o deixasse passar outra vez a noite em minha casa; ao terceiro apareceu-me mesmo de dia, sentou-se a meu lado, junto da janela, e ali ficou também para dormir. “Bem — pensava eu — vais ficar com esta carga nas costas. Portanto, toca a dar-lhe de comer e de beber e a preparar-lhe também uma tarimba. Agora, tu que não tens nada de rico, vais ter de sustentar ainda mais este.” Já antes de se apegar a mim daquela maneira se tinha colado também a outro, a um funcionário. Embriagavam-se juntos, o empregado chegava a pôr-se num estado vergonhoso e acabou por morrer na miséria. Chamava-se Emiélia Ilhitch, esse miserável. Eu não fazia outra coisa senão dar voltas ao miolo para sacudi-lo de cima de mim. Custava-me muito pô-lo à margem; estava tão arruinado e decaído que faria compaixão a qualquer pessoa. “É tão calado, tão manso, nunca faz uma pergunta, senta-se e põe-se a olhar para nós nos olhos, como um cão! É preciso ver bem até que ponto a bebida pode perder uma pessoa!” Eu pensava com os meus botões: “O que tenho a fazer é dizer-lhe muito simplesmente: ‘anda, dá o fora. Emieliânuchka! Não perdeste nada por aqui; erraste a porta; dentro em breve nem eu próprio terei um osso para roer, quanto mais de sobra para ti!’ Estou sentado e penso no que irá ele dizer, quando eu lhe falar assim. Imagino como vai pôr-se a olhar para mim durante muito tempo, e como se deixará ficar sentado sem perceber logo às primeiras nem uma palavra sequer, até que por fim, quando tiver percebido, vai se levantar do parapeito da janela e apanhará a trouxa…”. Ainda me parece estar vendo aquele bocado de pano de quadrados vermelhos, que só Deus sabe o que teria, todo cheio de buracos, e que ele nunca largava. “E puxará então a capa para tomar um aspecto mais decente e para que se lhe não veja a roupa toda rasgada… (que ele era muito sensível). Depois há de abrir a porta e, com as lágrimas nos olhos, sairá então. Mas eu não posso consentir que esse pobre homem se afunde assim tão completamente…” Meu coração não consentia. Por outro lado pensava: “Mas o que vai ser de ti, dentro de dias?”. “Deixa estar Emieliânuchka — dizia para comigo mesmo —; em minha casa não podes tu refocilar por muito tempo; não tarda que eu tenha de

sair daqui e então já não me encontrarás.” Bem, estavam as coisas neste pé quando Alieksandr Filimônovitch, meu defunto patrão — que Deus o tenha em sua glória! — me disse uma vez: “Olha, Astáfi, eu estou na verdade muito satisfeito contigo e, quando regressarmos à fazenda, tornarei a dar-te trabalho e não te esquecerei”. Eu estava empregado em casa dele como porteiro; era um bom patrão mas, por infelicidade, morreu logo naquele ano. E portanto eu não tive outro remédio senão procurar outro abrigo. Peguei nas minhas coisas e nas minhas economias, procurei a casa duma velhota que conhecia e aluguei-lhe um quarto — um cubículo — pois era a única coisa de que ela dispunha. Essa velhota servira não sei onde como ama e nessa altura recebia uma pequena mensalidade; vivia absolutamente sozinha. “Pois bem — pensava eu — adeus, meu caro Emieliânuchka, que já não me tornas a ver.” Pois sabe o que aconteceu? Ao cair da tarde volto para casa, depois de ter visitado um velho amigo, e sabe quem é que vou encontrar? Ao bom do Emiélia, muito bem sentado em cima do meu baú e com a trouxa toda esfarrapada ao lado, à minha espera. Até tinha conseguido que a velha lhe emprestasse a Bíblia e estava a lê-la, muito tranquilo, mas com o livro de pernas para o ar! Tinha dado com a minha nova morada, aquele patife! Deixei cair os braços: “Pronto — disse para comigo — já não há nada a fazer, não tenho outro remédio senão aguentar esta estopada. Mas por que não corri eu com ele há mais tempo?”. De maneira que me limitei a perguntar-lhe: “Trouxeste os teus documentos, Emiélia?”. E depois sentei-me e pus-me a pensar nas muitas contrariedades que aquele vagabundo podia trazer-me. “E além disso, tem que cear comigo” — dizia eu. — “Pela manhã, um naco de pão com duas cebolinhas, para ficar mais saboroso; depois, à hora do almoço, outro pedaço de pão duro e mais cebolas; e à noite, cebolas com *kvas* e também pão, se o pedir. De vez em quando uma sopa de couves até apanharmos uma indigestão. Ora, a comida! Eu não como muito, e os bêbados, como se sabe, não comem nada. Agora quanto à bebida é que é o pior…” Foi precisamente nesta altura que me passou de repente pela cabeça uma ideia que me fez grande impressão: “Afinal, se ele se for embora, acaba-se a minha alegria!”. Desde esse instante propus-me seriamente tornar-me seu pai e protetor. “Vou livrá-lo daquele vício — pensava eu — hei de fazer com que perca o gosto da bebida. Espera aí homem. Bem, Emiélia, podes ficar, mas ouve o que

te digo: de hoje em diante tens de te portar bem!" E acrescentava cá para comigo: "Mas, pouco a pouco, a bem, hei de acostumar-te ao trabalho; entretanto sempre te deixo alguns momentos de folga e depois então verei para que serves, Emiélia". Porque é natural que todos os homens tenham predisposição para o trabalho. E foi assim que, a partir daquele dia, comecei a observá-lo em silêncio. Mas ai! Aquele Emieliânuchka era um caso completamente perdido! Comecei a censurá-lo com boas palavras: "Porque mais isto e mais aquilo. Ouve lá, meu rapaz: não te parece que devias fazer mais caso da tua própria pessoa? Já basta de bebedeira! Não vês que estás feito num farrapo? A tua capa, diga-se a verdade, está mesmo num crivo. Não podes continuar assim; já é tempo e mais que tempo de te emendares!". O meu amigo Emieliânuchka está ali sentadinho, e de cabeça baixa. "O que diz o senhor?" Tinha chegado a tal ponto que até já atropelava as palavras de tal maneira que não conseguia articular nem uma como devia ser. Se lhe falavam em alhos, acabava por responder de bugalhos. Pois, como ia dizendo, Emiélia ouvia-me, ouvia-me durante muito tempo e finalmente lançava um suspiro.

— Por que suspiras, Emiélia Ilhitch? — perguntava-lhe eu.

— Por na… da, Astáfi Ivânitch; não se preocupe. Sabe uma coisa? Hoje, em plena rua, duas velhas se atracaram. Uma delas, sem querer, derrubou um cesto de cogumelos da outra.

— Ah, sim? E então o que é que tem isso de especial?

— Então a outra, de propósito, entornou o cesto de cerejas da primeira e achatou-lhas todas com os pés!

— Ora vejam lá! E o que aconteceu depois?

— Não sei, Astáfi Ivânitch; eu só vi isto…

— Só isso! Ah, Emiélia Emieliânuchka, começo a achar que os teus miolos também estão bêbados!

— Um homem perdeu umas notas, na esquina da Gorókovaia para a Sadóvaia. Um tipo qualquer encontrou-as e disse: "Eu encontrei isto". Mas um outro, que as tinha visto também, respondeu: "Não,

quem as achou fui eu". "Mas fui eu quem as viu primeiro!" E começaram a questionar, Astáfi Ivânitch. Entretanto apareceu um polícia que pegou no dinheiro, foi devolvê-lo àquele que o tinha perdido, e aos tais ameaçou-os de levá-los ao Comissariado.

— Muito bem. E que mais? Achas nisso alguma coisa de interessante, Emieliânuchka?

— Ah!… eu… nada! Mas as pessoas riram-se, Astáfi Ivânitch.

— Ai, Emieliânuchka! As pessoas! Vendeste a tua alma por uma moeda de cobre. Sabes o que eu te digo, Emiélia Ilhitch?

— O que é Astáfi Ivânitch?

— Que vás procurar trabalho, pela centésima vez to digo. Procura uma ocupação, tem piedade de mim!

— Mas como é que eu hei de procurar um emprego, se não sei qual é que devo aceitar, e se, por outro lado, ninguém me quer admitir, Astáfi Ivânitch!

— Por que é que te despediram da repartição, Emiélia? Anda, confessa, seu pau-d'água!

— Astáfi Ivânitch, Vássia, o criado foi hoje chamado ao Comissariado!

— Mas por quê, Emieliânuchka?

— Ah, isso não sei, Astáfi Ivânitch. Tinha de ser assim, tinham pedido a sua prisão…

"Oh — pensei eu — estamos perdidos os dois, Emieliânuchka! É Deus que nos castiga pelos nossos pecados!" Mas diga-me uma coisa, senhor; que havia uma pessoa de fazer com um tipo daqueles nas costas? Era um grande espertalhão! Ouvia tudo o que eu dizia mas quando a coisa o aborrecia ou percebia que eu não estava lá muito bem disposto, pegava na capa e sumia… Passava o dia às voltas pelas ruas, para voltar a casa tão abastecido como uma pipa. Quem é que lhe dava de beber, onde é que ele ia arranjar dinheiro para o vício…

Só Deus sabe, que eu por mim nunca soube!

— É isso mesmo — dizia-lhe eu. — Em breve há de chegar o dia em que a tua cabeça deixe de funcionar. Já bebeste bastante neste mundo, bastante! Mas ficas avisado que, de hoje em diante, se entrares em casa bêbado, hás de ir curtir a bebedeira na escada. Fica sabendo que não te abro a porta!

Depois dessa ameaça, ainda Emiélia ficou dois dias em minha casa; mas ao terceiro tinha desaparecido. Esperei, esperei… Nada, não aparecia! Garanto-lhe, senhor, que não conseguia tirá-lo do meu pensamento, que tinha pena dele, Deus é testemunha de que, apesar de tudo, eu tinha pena dele. Onde teria ido parar o pobre homem? Meu Deus, agora, sim, podia dar-se por perdido;

Mais uma noite chegou e ele sem vir… Na manhã seguinte vou até à escada e que vejo eu? Pois tinha passado a noite ali… Tinha a cabeça sobre um degrau e estava estendido ao comprido, enregelado de frio!

— Que fazes aqui, Emiélia? Meu Deus, ao que tu chegaste!

— O senhor tratou-me mal; disse-me que eu tinha de dormir na escada. Por isso não me atrevi a chamar, Astáfi Ivânitch, e deitei-me aqui para dormir…

Eu senti então raiva e compaixão ao mesmo tempo!

— Ai, Emeliá, se tu tivesses ânimo para fazer outra coisa que não fosse limpar a escada com o corpo!

— Que outra coisa, Astáfi Ivânitch?

— Ah, seu devasso, se ao menos — eu estava mesmo furibundo — se ao menos quisesses aprender para alfaiate! Olha para a capa que trazes! Como se ainda não bastasse estar já feita num farrapo, ainda te pões a limpar o pó da escada com ela! Se ao menos pegasses numa agulha e cosesses esses buracos, como manda a decência! Anda seu beberrão!

E sabe o senhor o que ele fez? Pois foi e pegou numa agulha. Eu

tinha-lhe falado com certa energia, e ele, pelo visto, estava disposto a emendar-se. Tirou a capa e pôs-se a enfiar uma agulha. Eu olhava para ele, e é claro, já se sabia, aqueles olhos inflamados e com uma orla vermelha, as mãos a tremerem… não ajudam! Ele bem se esforça mas o fio não entra; torna a umedecer a ponta da linha e a torcê-la, e… Pois sim! Até que por fim o homem desistiu e pôs-se a olhar para mim.

— Bem, Emiélia: queres fazer um favor? Deus te perdoe, se puder. Entra, se queres, mas não tornes a dar-me este aborrecimento de passares a noite na escada…

— Mas que hei de eu fazer, Astáfi Ivânitch, se sei muito bem que estou sempre bêbado e que não sirvo para nada… e que só o senhor, o meu ben… ben… benfeitor, se interessa por mim?

E em seguida os seus lábios azuis começaram a tremer e pela sua face pálida rolou uma lágrima. Ainda essa lagrimazinha não lhe tinha chegado à barba malcuidada, onde ficou a tremer, quando, de repente, dos seus olhos brotou então uma torrente de pranto… Pois senhor, até parecia que me estavam a cortar o coração com uma faca! “Apre, que sensível tu és, homem! Não sabia disso! Se eu o soubesse, se eu o tivesse adivinhado!…” “Não — disse comigo mesmo — já não estou para me preocupar mais contigo; faz o que quiseres, até te tornares num farrapo.”

E ainda haveria muito mais para dizer, se bem que a coisa em si mesma é tão vazia, tão insignificante e tão reles que nem vale a pena referi-la. O senhor, por exemplo, não daria por ela, mas eu, em compensação, daria muito se o tivesse, porque assim já não teria sofrido nada disto. Eu tinha um esplêndido par de calças de montar, de riscas azuis, umas calças maravilhosas que me tinha mandado fazer um proprietário que não quis levá-las, alegando que eu as tinha feito muito estreitas.

“Eis aqui um rico presente! Pode ser que na Tolkutchka[1] me deem por ele, pelo menos cinco rublos, ou então, faço delas duas calças para os senhores de Petersburgo e ainda me deve sobrar um pedaço para fazer um colete para mim. Para um pobre como eu, tudo serve!”

Por esta altura passava o meu Emieliânuchka uns tempos tristes e

difíceis. Acontecia-lhe de ter de estar dois e até três dias sem beber. Nem uma só gota de vodca lhe chegava aos lábios e estava como um homem que tivesse levado uma paulada na cabeça, segurando-a com as duas mãos, de tal maneira que fazia mesmo pena. “Anda, meu caro — dizia eu para comigo — quando já não tiveres dinheiro para o vício, tu próprio hás de regressar ao bom caminho; já te avisei muitas vezes, pode ser que agora entres nos eixos.” As coisas estavam neste ponto quando chegaram as festas do Natal. Vou à missa do galo, volto a casa, e que vejo? O bêbedo do Emieliânuchka sentado no parapeito da janela e balançando-se para cá e para lá.

“Olá! — penso eu. — Outra vez, hem? Grande velhaco!” Não sei por que, mas o certo é que me dirigi imediatamente para o baú. As famosas calças tinham desaparecido. Procuro, revolvo tudo, nada. Tinham voado! Senti então um aperto no coração. Fui ter com a velha e comecei a acusá-la, pois nem sequer me veio à cabeça que pudesse ter sido Emiélia, se bem que tivesse estado fora de casa todos aqueles dias e tivesse regressado embriagado…

— Valha-te Deus, homem; para que queria eu as tuas calças? Iria eu vesti-las? — dizia a velha. — Também a mim me desapareceu uma jaqueta…

— Esteve alguém aqui? — perguntei.

— Não veio ninguém e eu não saí de casa durante todo o dia. Quem esteve aqui foi Emiélia Ilhitch, que depois saiu e voltou, e que agora está ali todo refestelado… Ora, pergunte-lhe também a ele!

— Emiélia, por acaso, por qualquer motivo, pegaste nas minhas calças, as que eu tinha feito para aquele senhor?

— Eu?! Eu não, Astáfi Ivânitch — respondeu ele. — Eu… eu não mexi nelas.

Que aborrecimento! Pus-me outra vez a procurar, a procurar… Nada! Emeliá continuava sentado na janela, a bambolear-se. Acabei também por sentar-me diante dele, em cima do baú, e pus-me a olhá-lo de revés. “Olá!”, pensei eu, e imediatamente o coração me deu um baque e o sangue me subiu à cabeça. De súbito Emiélia pousou sobre

mim os seus olhos.

— Não — disse ele muito depressa — eu não peguei as calças… Talvez o senhor suponha isso, porque… porque… mas não, eu não lhes toquei.

— Mas então onde estão elas, Emiélia Ilhitch?

— Não sei — replicou — eu não as vi.

— Muito bem, Emiélia Ilhitch; então é porque desapareceram sozinhas…

— Talvez, Astáfi Ivânitch. Não sei nada disso.

Levantei-me, dirigi-me para ele, que continuava à janela, acendi a luz e pus-me a trabalhar. Estava reformando o colete do empregado que vivia no andar de cima. Mas por dentro de mim continuava a ruminar. Parece-me que não me teria custado tanto se toda a roupa se me tivesse queimado no fogão. E a Emiélia não passava despercebida a minha perturbação. Quando um homem faz qualquer coisa de mau pressente a desgraça da mesma maneira que as aves pressentem a tempestade.

— Astáfi Ivânitch — começou Emiélia com uma voz que tremia — é hoje que se casa o Marechal Antip Prokhóritch com a viúva do cocheiro que morreu outro dia.

Mas eu lhe lancei uma olhadela, uma só… que ele compreendeu perfeitamente. Então, levantou-se de súbito, dirigiu-se para a cama e começou a remexer na roupa. Eu fiquei muito quieto, mas ele, entretanto, continuou busca que busca, sempre a falar: “Aqui não há nada, nadinha; onde teriam ido parar o diabo das calças?”. Continuo na expectativa e que vejo então? Que Emiélia se mete debaixo da cama. Já não podia conter-me:

— Que vem a ser isso, Emiélia Ilhitch? — pergunto-lhe eu. — Que estás fazendo aí?

— Estou verificando se elas estarão caídas aqui por debaixo, Astáfi Ivânitch.

— Deixe-se disso, senhor! — de furioso que estava até o tratava por senhor. — Vale a pena porventura que o senhor se atire no chão dessa maneira por causa de um pobre homem como eu?

— Ah, Astáfi Ivânitch, isso não tem importância! O que é certo é que as calças em alguma parte hão de estar, a questão é saber procurá-las.

— Hum! — disse eu. — Conta-me uma coisa, Emiélia Ilhitch…

— Diga, Astáfi Ivânitch…

— Não se teria dado muito simplesmente o caso de que tu me tivesses roubado, como um ladrão e velhaco, em sinal de agradecimento, por ter repartido contigo o meu pão?

Enquanto eu dizia isto procurava ele enternecer-me, arrastando-se de joelhos à minha frente, sobre o chão.

— Não, Astáfi Ivânitch…

E assim se deixou ficar durante muito tempo debaixo da cama, agachado, até que por último se tornou a pôr de pé. Olhei para ele e vi que estava branco como a cal. Foi sentar-se junto da janela e assim esteve a meu lado, coisa de dez minutos.

Mas depois levantou-se outra vez e dirigiu-se a mim tão cheio de medo como o próprio pecado:

— Não, Astáfi Ivânitch — disse ele — eu não tive o atrevimento de levar as suas calças.

Enquanto dizia isto o corpo tremia-lhe todo, a voz tremelicava-lhe também e batia com a mão no peito, de tal maneira que eu próprio senti uma angústia e me pus direito e rígido, tal como se tivesse ficado colado ao parapeito da janela.

— Pois bem, Emiélia Ilhitch — disse-lhe — seja como quiser; desculpe-me se fui injusto, se o acusei sem razão. Deixemos as calças em paz. Afinal de contas não nos fazem falta para vivermos. Graças a Deus ainda tenho mãos para trabalhar. Não é por isso que me vou pôr

a roubar, nem tampouco irei pedir esmola a outro pobre…

Emiélia continuava pregado ali, escuta o que eu digo e, por fim… senta-se. E assim ficou sentado durante toda a noite, sem se mexer do seu lugar; eu me fui a deitar… e deixei-o ali sentado. No dia seguinte de manhã, quando me levantei, vi-o deitado no chão, enrodilhado na sua capa. Sentia-se humilhado e por isso não quis deitar-se na cama.

Por essa altura eu já lhe tinha perdido a amizade e posso até dizer que o odiava. Era a mesma coisa que se um filho meu me tivesse roubado, dando-me um terrível desgosto. “Ai, Emiélia, Emiélia” — pensava eu. Sabe o senhor o que aconteceu? Pois Emeliá passou duas semanas seguidas bebendo sem interrupção. Até parecia um doido de tão bêbado que andava. Saía de casa todas as manhãs e quando voltava, à noite, vinha cheio de álcool como um alambique! E nem sequer lhe ouvi uma só palavra naquelas duas semanas! Parecia mesmo que queria acabar consigo próprio! Por fim, quando já tinha gasto o dinheiro todo, as suas saídas acabaram e voltou a sentar-se junto da janela. Posso garantir que esteve por três vezes sentado e em silêncio, durante vinte e quatro horas. E de repente começa a chorar. Está sentado junto de mim, senhor, e chora… E de que maneira! Como um chafariz, e além disso parecia que nem dava conta de que estava a chorar. A mim é uma coisa que me custa, ver um homem chorar, sobretudo quando se trata de um homem já velho como Emiélia, que chora por causa da sua pobreza e da sua dor.

— Que tens, Emiélia?

Ele estremeceu. Pela primeira vez, depois daquele dia, eu voltava a dirigir-lhe a palavra.

— Por amor de Deus, Emiélia, mas por que estás sentado aí, dessa maneira? Pareces uma coruja…

Fazia-me verdadeiramente dó, aquele desgraçado.

— Astáfi Ivânitch… eu queria arranjar trabalho.

— E que gênero de trabalho, Emiélia Ilhitch?

— Qualquer gênero. Talvez volte a empregar-me onde já estive… Já fui procurar Fiódor Ivânitch e supliquei-lhe… Não está certo que eu seja um encargo para o senhor, Astáfi Ivânitch. Quando encontrar trabalho hei de devolver-lhe tudo o que gastou comigo, Astáfi Ivânitch, vou recompensá-lo de todas as suas atenções…

— Basta, Emiélia, basta! Foi uma tristeza, isso é verdade, mas o que passou, passou. O mundo não vai acabar por causa disso!

— Não, Astáfi Ivânitch, pode ser que o senhor pense que… Mas eu não tive o atrevimento de tirar-lhe as suas calças…

— Bom, pode ser que seja como dizes, Emieliânuchka!

— Não, Astáfi Ivânitch, compreendo muito bem que não devo continuar aqui. Perdoe-me, Astáfi Ivânitch…

— Deus seja contigo — disse-lhe. — Mas quem é que te ofendeu, Emiélia Ilhitch, quem é que te põe fora desta casa? Eu pelo menos não sou.

— Não, senhor; mas eu compreendo que não está certo que continue a viver na sua casa, Astáfi Ivânitch… É preferível que eu me vá…

— Para onde vais tu, Emiélia Ilhitch? Tem juízo, homem. Para onde hás de ir?

— Fique com Deus, Astáfi Ivânitch, não tente reter-me — e pôs-se de novo a chorar. — Vou-me embora, Astáfi Ivânitch, vou agora mesmo. O senhor já não é para mim o mesmo que era antes…

— Ora essa! Tu é que és um tipo sem miolos, que juraste muito simplesmente acabar contigo, Emiélia Ilhitch.

— Não, Astáfi Ivânitch; agora o senhor fecha sempre o baú; bem o vejo e isso dá-me vontade de chorar… Não, deixe-me ir, Astáfi Ivânitch, e desculpe-me se em alguma coisa o ofendi…

Não quer acreditar, senhor? Pois foi-se embora… a valer! Ainda o esperei durante o dia e pensava: “Bem, à noite há de voltar…”. Mas

não veio! No dia seguinte… também não, e no outro… nada! Eu estava cheio de inquietação, não podia comer nem beber, nem dormir. Por aquela é que eu não esperava! Ao quarto dia fui até à taverna à sua procura e a todos perguntei por ele: “Nada! Emieliânuchka tinha desaparecido! Endoideceu — pensei eu — ou talvez esteja por aí estendido, sabe Deus onde, perdido de bêbado”. Voltei para casa mais morto do que vivo. No dia seguinte saí de novo à sua procura e recriminava-me a mim próprio por ter consentido que um mentecapto fizesse o que lhe deu na veneta. Até que no quinto dia, mal tinha amanhecido quando bateram à porta. Era Emiélia que voltava! Muito pálido, com o cabelo todo sujo, tal como se tivesse dormido no meio da rua, e magro como um palito! Tirou a capa, sentou-se na minha frente, em cima do baú, e pôs-se a olhar para mim. Eu fico todo contente por tornar a vê-lo, mas logo a seguir volta a me cutucar aquela antiga suspeita, e com mais força do que nunca. Pois ainda que seja pecado, antes queria que ele tivesse rebentado no olho da rua do que voltar a vê-lo naquele estado. No entanto ele ali estava. E sempre custa ver um semelhante em tal estado. Passava-lhe a mão pelas costas tentando consolá-lo!

— Vamos, Emieliânuchka — disse-lhe eu — vê se arranjas outra casa, já estás outra vez aqui. Se não tivesses vindo hoje teria ido procurar-te por todas as tavernas. Comeste alguma coisa?

— Sim, Astáfi Ivânitch.

— Mas deves ter comido muito mal. Olha, meu caro, ainda nos sobrou um pouco de caldo de couves, de ontem à noite; não penses que aqui em casa fizemos jejum, que até houve carne. Também há cebolas e pão. Trata mas é de comer, come que é para criares forças!

Dei-lhe de comer e percebi então que devia haver já alguns três dias que o infeliz não levava nada à boca… Tal era a fome que ele tinha.

— Estou muito satisfeito por te ver, homem! Espera aí que vou buscar-te um litro de aguardente para esqueceres os teus desgostos! Vamos fazer de conta que nada se passou entre nós; prometo não guardar ressentimento, Emieliânuchka!

Fui buscar a aguardente.

— Muito bem, Emiélia Ilhitch; um brinde por este dia de festa. Queres? À tua saúde!

Estendeu a mão com avidez, ia já a pegar no copo, mas vacilou por um momento; depois conseguiu segurá-lo e ia levá-lo à boca. A mão tremia-lhe tanto que a aguardente se entornava. Mas…que vejo? Ele coloca outra vez o copo no seu lugar, sem o provar!

— O que tens, Emieliânuchka?

— Nada. É que eu… Astáfi Ivânitch…

— O quê! Já não bebes?

— Não, eu… Astáfi Ivânitch… nunca mais hei de beber… Astáfi Ivânitch…

— Deixaste a bebida para sempre, Emieliânuchka, ou foi só por hoje?

Não respondeu. Daí a um pedaço apoiou a cabeça nas duas mãos.

— Estarás doente, Emiélia?

— Sim, sinto-me muito mal, Astáfi Ivânitch.

Levei-o para a cama. Era verdade que estava doente. A testa escaldava-lhe e a febre fazia tremer o corpo. Passei aquele dia todo à sua cabeceira. À noite o seu estado piorou. Adicionei ao *kvas* um pouco de manteiga e de cebola, e umas migalhas de pão.

— Toma a sopa — disse-lhe eu — e vais ver como ficas melhor…

A cabeça tremia-lhe.

— Não — respondeu ele — hoje não como nada, Astáfi Ivânitch.

A velha também estava preocupada com ele; fez-lhe chá… Mas tudo foi inútil; ele não melhorou. Bem, a coisa está ficando preta! Ao terceiro dia pela manhã fui buscar o médico. Ali, na mesma casa,

morava um médico conhecido, chamado Kostoprávov. Eu já o conhecia de quando tinha estado com os senhores de Bossomiáguin, que uma vez o chamaram por minha causa. Quando ele chegou observou-o e disse: “Para isto não valia a pena chamarem-me. Deem-lhe uns pós…” Eu não me tinha lembrado disso, pois pensava que o médico é que devia receitá-los. E assim se chegou ao quinto dia da sua doença.

Ele estava na cama, na minha frente, e eu sentado perto da janela, trabalhando. A velha acendia o fogão. Ninguém falava. Tinha o meu coração tão amargurado como se estivesse para morrer-me um filho querido. Sentia que Emiélia me mirava. Já desde manhã reparava que ele fazia esforços para me dizer alguma coisa mas que não tinha coragem. Quando olhei para ele notei que os seus olhos estavam muito tristes. Porém, quando viu que eu olhava para ele, desviou os olhos para outro lado.

— Astáfi Ivânitch!

— Que é, Emieliânuchka?

— Suponhamos que a minha capa se vendia na Tolkutchka, quanto dariam por ela, Astáfi Ivânitch?

— O quê, quanto dariam? Pode ser que dessem aí uns três rublozinhos, Emieliânuchka.

“Sim, vais ver o que te dão — pensava eu para comigo. — Experimenta e vais ver que não te dão nada por ela. Até se haviam de rir, dessa ideia de quereres vender um semelhante farrapo.” Mas a ele dizia-lhe outra coisa, pois bem sabia quem ele era e conhecia o seu excelente caráter.

— Eu acho também que dariam uns três rublos pela capa, Astáfi Ivânitch, porque é de fazenda, Astáfi Ivânitch.

— Não sei, Emiélia Ilhitch — disse-lhe eu. — Se a levares lá alguma vez podes começar por pedir três rublos.

Emiélia ficou um momento em silêncio.

— Astáfi Ivânitch!

— O que é, Emieliânuchka?

— Venda a capa quando eu morrer, não me enterre com ela. Para mim, depois, já não me serviria de nada, e em compensação para o senhor ainda pode valer alguma coisa.

Aquelas palavras fizeram-me tanta impressão que nem consegui dizer nada. A única coisa que eu percebia muito bem era que a morte começava a aproximar-se de Emieliânuchka. Ficamos de novo em silêncio. E assim se passou uma hora. Eu, inquieto, olhava-o de soslaio; ele não tirava os olhos de mim, mas quando os nossos olhares se cruzavam desviava ele o seu.

— Não queres beber um golinho de água, Emiélia Ilhitch?

— Quero sim, Astáfi Ivânitch.

Dei-lhe de beber e ele bebeu com sofreguidão.

— Obrigado, Astáfi Ivânitch — disse ele.

— Queres mais alguma coisa, Emieliânuchka?

— Não, Astáfi Ivânitch, não preciso de nada; só queria…

— O quê?

— Isso…

— O quê, Emieliânuchka?

— As calças… Fui eu quem as roubei, Astáfi Ivânitch.

“Bem — disse eu para comigo — Deus te perdoará, infeliz; fica em paz…” Mas perdi o ânimo. As lágrimas corriam-me pela faces numa torrente e tive de me afastar.

— Astáfi Ivânitch!

Voltei-me e percebi que Emiélia ainda queria dizer-me mais

qualquer coisa, que tentava soerguer-se com todas as suas forças e mexer os lábios… De súbito pôs-se muito vermelho e ficou a olhar para mim… A seguir pôs-se pálido, lívido, deitou a cabeça para trás, lançou ainda um profundo soluço… e entregou a alma a Deus.

**1** Praça pública, em Moscou e em outras cidades russas, onde existia uma feira de venda, compra e troca de objetos usados.↩

# A mulher alheia e o homem debaixo da cama

# A mulher alheia e o homem debaixo da cama (1848)

## Capítulo primeiro

— Queira desculpar, cavalheiro, me dê licença que lhe faça uma pergunta…

O transeunte estremeceu e, assustado, olhou para o indivíduo embrulhado numa peliça que assim o interpelava sem mais nem menos, em plena rua, àquela hora (seriam umas oito da noite). Já se sabe que todo petersburguês se assusta quando um desconhecido o interpela no meio da rua, ainda que o faça de maneira cortês, tal como o da minha história.

De maneira que o transeunte estremeceu e assustou-se um tanto.

— Desculpe incomodá-lo — continuou o indivíduo da peliça — mas eu… eu, realmente, não sei… Espero que me desculpe… Como o senhor pode ver, eu não estou no meu perfeito juízo…

Nessa altura é que o jovem da *biekiecha* — um casaco pastoril — se apercebeu de que o outro indivíduo, efetivamente, não parecia estar lá muito bom da cabeça. A sua testa enrugada estava muito pálida, a voz insegura, e os seus pensamentos estavam sem dúvida todos baralhados, pois as palavras saíam-lhe da boca com dificuldade e via-se muito bem o esforço enorme que fazia para se dirigir com um pedido a uma pessoa que, a julgar pelo seu aspecto, devia encontrar-se muito abaixo dele na escala social. Acrescente-se a isto que o tal pedido era já de si bastante embaraçoso e, para mais, vindo de um cavalheiro como aquele, que vestia uma peliça magnífica, ostentava um fraque verde-escuro irrepreensível e condecorações imponentes — o que era evidentemente uma coisa estranha. O senhor da peliça dava perfeitamente conta de tudo isso e daí o perturbar-se de tal maneira que não lhe foi possível dominar os sentimentos; mas depois, refreando como pôde a sua comoção, dispôs-se a pôr termo àquela situação incômoda que ele mesmo provocara.

— Queira desculpar, eu não sabia muito bem o que fazia. Mas o senhor não me conhece… Eu… Desculpe tê-lo feito parar…

Tirou o chapéu, deu-lhe umas voltas no ar e afastou-se rapidamente.

— Cavalheiro, estou ao seu dispor…

Mas o sujeito da peliça tinha desaparecido já no escuro e o jovem não teve outro remédio senão deixá-lo seguir o seu caminho.

“Que tipo esquisito!”, pensou o da *biekiecha*.

Quando começava já a esquecer o próprio espanto que lhe causara o acontecimento, foram os seus próprios cuidados que vieram de novo preocupá-lo e pôs-se assim a passear pela rua, para cima e para baixo, sem perder de vista um certo prédio de muitos andares. A névoa tombou sobre a cidade e o jovem ficou muito contente, pois, com a névoa, ninguém estaria percebendo o seu vaivém senão um espectador ocasional, um cocheiro de *drójki* que inutilmente esperava um freguês.

— Queira desculpar!

O jovem voltou-se bruscamente e, com assombro, encontrou-se de novo com o mesmo cavalheiro de momentos antes.

— Desculpe que eu volte a… — começou aquele de novo — mas o senhor… com certeza que é homem de bem. O senhor não repare em mim… quero dizer, como pessoa, ou seja em sentido social… Mas não era isso o que eu queria dizer-lhe. Mas… seja humano… O senhor está em frente de um homem que se vê na contingência de se lhe dirigir com um pedido vexatório…

— Se for coisa que esteja na minha mão… Pode dizer-me do que se trata?

— O senhor é capaz de pensar que eu vou pedir-lhe dinheiro…

O misterioso indivíduo franziu a boca num sorriso, empalideceu e irrompeu num riso histérico.

— Eu, cavalheiro…

— Não. Queira desculpar, mas já vejo que estou a aborrecê-lo. É que eu não me posso tolerar a mim próprio! Considero-me como um homem que não percebe as coisas, como um tolo, se quiser; mas não pense o senhor…

— Mas diga sem mais rodeios, diga! — interrompeu-o o jovem em tom animador, embora fazendo já alguns gestos impacientes com a cabeça.

— Ah! Então, o senhor, um rapazelho, está a chamar-me à ordem, tal qual como se eu fosse também um rapazola estouvado. Meu Deus! Com certeza que devo ter perdido o juízo! Diga-me: que pensa de mim, de me ver assim a esta hora, neste estado de humilhação? Quer me dizer sinceramente?

O jovem olhou-o um pouco confuso mas não disse nada.

— Permita-me que lhe pergunte com toda a franqueza: não viu passar por aqui uma senhora? É este o pedido que lhe queria fazer! — disse resolutamente o indivíduo da peliça.

— Uma senhora?

— Exatamente, uma senhora.

— Mas… passaram por aqui tantas!

— Ah! Sim! — interrompeu-o o enigmático sujeito com um amargo sorriso. — Eu sou distraído e meio desaparafusado; não era isso o que eu queria dizer. Eu… o que eu queria perguntar-lhe era se não tinha visto uma senhora com uma pele de raposa, um capuz de veludo preto e um véu também preto… Não a viu?

— Não vi nenhuma senhora com esses sinais… não vi passar nenhuma.

Por seu lado o jovem queria também perguntar qualquer coisa; porém, o homem da peliça já tinha voltado a eclipsar-se e o seu paciente interlocutor apenas pôde divisar ao longe a sua silhueta.

“Que vá para o diabo!”, disse por fim.

Visivelmente mal-humorado, cingiu mais ao pescoço o cachecol e tornou ao seu interrompido passeio para cima e para baixo, sem esquecer as suas medidas de precaução nem perder de vista a porta do referido prédio de muitos andares. Estava furioso.

“Por que não virá? — pensava. — Daqui a pouco são oito!”

Nesse momento bateram oito horas no relógio da torre mais próxima.

“Daqui a pouco… É que já são precisamente oito!”

— Queira desculpar…

— Oh, perdão… Mas é que o senhor apareceu tão de repente que me assustou — disse o jovem desculpando-se; mas dessa vez a sua voz soou já quase irritada.

— Aqui estou eu outra vez… Naturalmente há de parecer-lhe estranho…

— Tenha a bondade de explicar-se sem mais rodeios. Até agora ainda não consegui inteirar-me completamente do que deseja…

— Ah, o senhor tem pressa? Pois então vou contar-lhe tudo francamente, sem empregar palavras supérfluas. Que vou eu fazer? As circunstâncias juntam às vezes homens que, no que respeita à sua condição, nada têm de comum entre si… Mas vejo que o senhor se impacienta… É assim, como lhe digo… Aliás nem sequer sei como hei de exprimir-me. Em resumo: eu ando à procura de uma senhora… Como vê, decidi-me a contar-lhe tudo. Tenho de certificar-me irrevogavelmente, ou, se prefere, comprovar onde é que teria ido essa senhora. Quem ela é… acho que é coisa que o não interessa, senhor.

— Bem… continue, continue!

— Continue?… O senhor fala num tom… Isto é, queira desculpar; pode ser que o tenha ofendido quanto o tratei por rapazelho; mas garanto-lhe que não… Em suma: se o senhor quisesse fazer-me um

grande favor… Nada, vou dizer-lhe: essa senhora… Nada mais posso dizer-lhe senão que pertence a uma distinta família, com a qual também me dou… E como eu estou nesta situação, que não tenho ninguém neste mundo…

— Bom; e que mais?

— Ponha-se no meu lugar, rapaz! (Ah! Torno a pedir-lhe desculpas; outra vez me escapou essa história de rapazelho! Além disso, os minutos são preciosos… Imagine que essa senhora… É capaz de me dizer quem mora nesse prédio?

— Ora! Ali… mora muita gente!

— Sim, tem razão — disse rapidamente o homem da peliça, sorrindo, como tentando salvar a situação. — Vejo que me exprimi com pouca precisão. Mas por que me fala o senhor nesse tom? É certo que eu, reconheço-o, não me expressei como era necessário; de maneira que o senhor, se fosse um homem de bem, devia achar que já chegava de humilhação… Digo-lhe mais que se trata de uma senhora de posição média, quero dizer, que é mulher de *poucos fundos*… Desculpe, estou transtornado… Estou a falar-lhe como se se tratasse de literatura… Chegou-se agora a acordo sobre que as novelas de Paul de Kock têm pouco fundo, e daí, o mal que elas têm… Bem, mas…

O rapaz olhou compassivamente o senhor da peliça, que estava todo encolhido e o mirava com um sorriso estúpido, ao mesmo tempo que, a cada momento, sem motivo aparente, levava as duas mãos à gola da *biekiecha* do seu interlocutor.

— O senhor perguntou-me quem mora ali, não foi? — inquiriu o jovem, voltando atrás.

— Exatamente, mas o senhor já me disse: ali mora muita gente.

— Sim, isso é verdade, mas por acaso conheço uma pessoa das que ali moram e que se chama Sófia Ostáfievna — respondeu o jovem em voz baixa e animada de uma certa simpatia.

— Ah! sim! Bem vejo que, com certeza, sabe mais alguma coisa,

meu rapaz!

— Garanto-lhe que não, que não sei nada. Apenas isso que lhe disse… e que, a julgar pelo seu aspecto tão perturbado…

— Eu… acabo de saber pela criada que ela visita esta casa… Mas o senhor enganou-se nos seus cálculos, quero dizer, que ela não vem aqui visitar Sófia Ostáfievna… Nem sequer a conhece!

— Não? Queira desculpar então.

— Bem se vê que nada disto lhe interessa, rapaz — observou a estranha criatura com amarga ironia.

— Olhe — começou o jovem, mas depois interrompeu-se por uns momentos. — Ignoro a causa do seu atual estado de espírito; mas diga-me francamente: o que lhe acontece é que há uma mulher que o engana, não é verdade?

E o jovem sorriu com expressão animadora.

— Assim, pelo menos, já nos poderemos entender — acrescentou, sorrindo, e todo o seu semblante aparentou a generosa intenção de fazer-lhe uma reverência.

— O senhor me arrasa! Mas veja… Confesso-lhe sinceramente e… adivinhou exatamente do que se trata… Mas a quem é que isso não viria logo à ideia?… A sua compaixão comove-me profundamente. Há de reconhecer que os jovens… Aliás, se bem que eu já nada tenha de um jovem, o costume, como sabe, entre a juventude, entre a rapaziada, cá entre nós, já se sabe que o senhor não ignora…

— Oh, eu compreendo, compreendo! Mas afinal, em que posso ser-lhe útil?

— Já vai ver. Talvez estivesse de acordo em que uma visita a Sófia Ostáfievna… Além disso nem sequer sei ao certo onde teria ido essa senhora: sei apenas que se encontra nesta casa. E é claro, quando o vi aqui a passear para baixo e para cima, como eu fazia o mesmo pelo outro passeio, disse com os meus botões… Fique sabendo que eu estava à espera dessa senhora… Consta-me que está ali… Eu desejava

ter um encontro com ela e explicar-lhe, expor-lhe com toda a tranquilidade que não é muito decente que, numa palavra, que é escandaloso… Não sei se me faço entender…

— Hum! Muito bem…

— Não faço isto por mim. Não imagine uma coisa dessas… Oh, não! Essa mulher é-me completamente estranha. O marido está lá, na ponte Vosniessiénski; de boa vontade teria vindo ele próprio, mas não pôde decidir-se… Ainda não quer acreditar, como todos os maridos… — neste ponto o cavalheiro da peliça fez um esforço para sorrir. — Eu sou apenas amigo dele. E é claro, o senhor há de reconhecer que eu, um homem que goza da consideração de todas as pessoas, por assim dizer, não podia ser de maneira nenhum aquilo que o senhor sem dúvida estava inclinado a acreditar… É claro como água!

— Perfeitamente. Bem, e que mais?

— Pois, como já tive a honra de dizer-lhe, estou aqui por delegação; encarregaram-me disto, compreende? Coitado! Mas eu calculo que a essa mulher astuta — ela tem sempre um livro de Paul de Kock debaixo do travesseiro — estou convencido de que não lhe há de ser difícil escapulir-se de casa sem que ninguém dê por isso. Para falar com sinceridade, apenas sei pela criada que ela costuma vir a esta casa, e aqui me tem o senhor feito idiota, pois assim que ouvi aquilo corri logo a postar-me aqui defronte. Quero apanhá-los com a boca na botija, custe o que custar! Havia já muito tempo que eu tinha um pressentimento! Por isso queria perguntar… O senhor andava na rua para cá e para lá… Não sei como eu…

— Muito bem; em resumo: que deseja saber?

— Sim… eu… eu… Eu, infelizmente, não tenho o prazer de conhecê-lo e, francamente, nem sequer me atrevo a manifestar tal curiosidade… Por exemplo, quero dizer… quem… e o quê… e por quê… Mas seja como for com certeza que o senhor consentirá que eu…

E o homem da peliça, trêmulo, pegou na mão do rapaz e a apertou com força e sinceridade impulsiva.

— Muito prazer, muito prazer! Devia ter feito isto logo no princípio — prosseguia excitado — mas às vezes uma pessoa está tão transtornada que se esquece de tudo!

O homem estava tão perturbado que não podia parar quieto nem um momento; olhava sem cessar para a direita e para a esquerda; ora se mantinha sobre um pé, ora sobre o outro, quase que escarvava o chão, de impaciente, e mexia constantemente quer num botão quer numa ponta da *biekiecha* do rapaz.

— Pois eu — continuou — desejava dirigir-me ao senhor em termos da maior amizade. Queira desculpar-me a liberdade com que me exprimo — para lhe pedir… se não lhe seria possível passear antes por aquela rua, do outro lado da casa, compreende? E eu faria o mesmo; mas aqui, diante da porta, para que ela não possa escapar-se sem ser vista, percebe? Porque tenho realmente medo de que ela possa esgueirar-se sem que eu a veja. Isso, é preciso evitá-lo a todo o custo. E o senhor, logo que a veja, corra a chamar-me imediatamente. Faz-me um sinal e segura-a… Mas que estou eu dizendo? Não estou em mim! Só agora é que compreendo toda a estupidez e improcedência da minha proposta!

— Mas por quê? Peço-lhe…

— Não, não, queira desculpar-me! Eu estou meio doido, eu… eu não estou em estado de raciocinar com clareza. Nunca me aconteceu uma coisa destas. Estou como se tivesse ouvido a minha sentença de morte! Vou até confessar-lhe, porque eu sou absolutamente franco e leal para com o senhor, rapaz… Sim, ao princípio até o tomei pelo amante.

— Muito bem; para falar com franqueza, o que o senhor quer saber é o que eu faço aqui, não é verdade?

— Oh, meu caro senhor, que está dizendo! Deus me livre de pensar uma coisa dessas! Mas… mas vê o senhor algum inconveniente em dar-me a sua palavra de honra de que não é um amante?

— Nenhum; dou-lhe a minha palavra de honra de que o sou, mas não da sua mulher. Nesse caso não estaria eu aqui de plantão no meio

da rua, mas estaria com ela, na sua própria casa. Está claro, não acha?

— Da minha mulher? Quem é que lhe disse isso, meu rapaz? Eu sou solteiro e vivo só, como já lhe disse. Eu… bom, eu também sou um amante.

— O senhor disse que o marido… está à espera lá adiante, na ponte!

— De fato, de fato… Quando eu lhe disse isso… Mas ouça, meu rapaz, há ainda outros… enredos e trapalhadas! Há de reconhecer, meu frangote, que uma certa irreflexão, sobretudo visto que temos ambos o mesmo caráter… Isto é, quero dizer…

— De que se trata?

— Bom, quero que fique informado, de maneira terminante, que eu não sou o marido…

— Muito bem; já disse isso. E agora que eu já o tranquilizei, peço-lhe que me deixe em paz; e para que isso se lhe torne mais fácil, desde já prometo chamá-lo imediatamente. Mas agora faça-me o favor de se ir embora e de me deixar o campo livre. Porque eu também estou à espera de uma mulher!

— Oh, desculpe, desculpe, meu rapaz, que eu já saio daqui! Essa apaixonada impaciência do seu coração me inspira simpatia! Compreendo-o, meu rapaz! Oh, como eu o compreendo bem, agora!

— Está bem, está bem…

— Até breve! Mas desculpe-me, meu rapaz, se ainda insisto… Já não sei como devo exprimir-me… Mas dê-me outra vez a sua palavra de honra de que não é o amante.

— Juro-lhe!

— Apenas só mais uma pequena pergunta, a última: sabe qual é o apelido do marido da sua… vamos, da mulher por quem se interessa?

— Claro que sei; mas não é o seu. E finalmente, cavalheiro, pode

deixar-me em paz?

— Mas diga-me: como conseguiu saber o meu nome?

— Olhe, vou dar-lhe um conselho. Faça o favor de se retirar. Está perdendo tempo e, nesse ínterim, ela pode sair do prédio quantas vezes quiser que o senhor não dá por isso… Que mais deseja ainda? A mulher que o senhor procura traz uma pele de raposa e um capuz na cabeça, enquanto a que eu espero traz um casaco de quadros e um chapeuzinho de veludo azul-claro. Deseja saber mais alguma coisa?

— Um chapeuzinho de veludo azul-claro? Pois a que eu espero está precisamente com um casaco de quadros e um chapeuzinho de veludo azul-claro! — exclamou fora de si o incomodativo indivíduo, que parecia criar raízes no chão, em frente do rapaz.

— Ó diabo! Mas, meu caro senhor, é pura casualidade… dessas que acontecem na vida! A mulher que eu espero não costuma vir a esta casa.

— Mas onde se encontra agora… aquela que o senhor espera?

— Tem alguma coisa com isso?

— É a única coisa que me interessa, com toda a franqueza!

— Ó diabo! O senhor, pelo que vejo, não tem moral! Pois bem, senhor cornudo: vou lhe dizer! A mulher que eu espero tem conhecimento neste prédio, no terceiro andar. Agora, diga-me: que mais deseja saber? Agora só falta que me pergunte o nome dela.

— Meu Deus! Eu também tenho conhecimento no terceiro andar dessa casa. O general…

— Que general?

— Sim, é isso: um general. E se desejar posso também dizer-lhe o nome dele… É o General Polóvits. Isto é tudo! Quer dizer, não, não é — acrescentou, dominando-se rapidamente (por dentro, no entanto, praguejava como um carroceiro: “Ah, diabo! Se viesse um raio que te partisse!”).

— Não é essa?

— Não, senhor.

De repente ficaram ambos calados e estacaram, aparvalhados, um em frente do outro.

— Por que me olha tão fixamente? — exclamou de súbito o jovem sacudindo-se do seu espanto, mal-humorado.

O homem da peliça deu mostras de inquietação.

— Eu… eu francamente confesso-lhe que…

— Não, me dê licença, falemos razoavelmente. O assunto interessa aos dois. Diga-me uma coisa: que relações tem o senhor ali?

— Refere-se às minhas amizades?

— Claro, às suas amizades…

— Olhe, veja, veja! Já percebi tudo nos seus olhos, já vi que acertei!

— Deixemos isso. Mas não, ora bolas! O senhor é cego? Não vê que eu estou aqui em carne e osso e portanto não posso estar com ela? E agora, enfim, diga lá o que tem para dizer; que, aliás, a mim é-me completamente indiferente que o senhor fale ou fique calado.

E o jovem, ao dar por concluído o assunto, deu meia-volta, desenhou um gesto no ar e chegou mesmo a dar uma sapatada no chão.

— Mas… Peço-lhe, eu estou disposto a contar-lhe tudo como a um homem de bem. A princípio minha mulher visitava os Polóvits (fique sabendo que ainda é parenta deles, e eu, evidentemente, não desconfiava de nada, isto é, toda e qualquer suspeita estava bem longe do meu espírito. Mas ontem encontrei-me na rua com Sua Excelência e com grande assombro fui inteirado de que havia já três semanas que tinha mudado de casa, e que minha mulher (mas que disse eu! Não se trata da minha mulher mas sim da mulher de outro… já lhe disse que

o marido dela está ali à espera, na ponte Vosniessiénski). Pois bem: essa senhora disse que tinha ido visitar os seus parentes… aqui, precisamente neste prédio… A criada, por seu lado, informou-me que Sua Excelência tinha alugado um andar a um tal Bobínitzin, um garoto…

— Ó diabo! Lá vem o senhor outra vez com a mesma cantiga…

— Cavalheiro, é que eu estou fora de mim, estou assombrado!

— Vá para o diabo que o carregue! Quero lá saber que esteja fora de si ou apenas assombrado! Ah! Agora já começo a perceber alguma coisa! Ali… ora veja!

— Aonde? Aonde?… Basta que pronuncie o nome de "Ivan Andriéievitch" para que eu acuda imediatamente…

— Está bem… Ó diabo, ó diabo! Até este momento não fazia a menor ideia! Ivan Andriéievitch!

— Aqui estou — gritou o homem no mesmo instante, voltando atrás num pé de vento, numa ansiedade assustada e comovida. — O que é? O que há? Onde?

— Não… Chamei-o unicamente para… Queria apenas saber como se chama essa senhora…

— Glaf…

— Glafira?

— Não; não é precisamente Glafira… Queira desculpar, mas não posso revelar o nome dela.

E o digno cavalheiro, ao dizer isto, pôs-se branco como a cal.

— Está bem. De acordo em que não se chama Glafira… Eu já sabia que ela não se chamava Glafira; a outra também não tem esse nome… Mas, afinal, quem é que ela foi visitar nessa casa?

— Em que casa?

— Onde há de ser? Nessa aí em frente, irra!

O rapaz, na verdade, de tão furioso não podia parar sossegado.

— Ah! Vê? Donde é que sabe que ela se chama Glafira?

— Mas que tom esse em que está falando!

— Com mil diabos! Costumo empregar para falar o tom que me parece mais conveniente… Mas quer ou não dizer por uma vez quem é ela? Será a sua mulher, por acaso?

— Não… quero dizer, eu sou solteiro, como já lhe disse… O que não me parece lá muito certo é que ao conversar com um homem infeliz… com um homem que… não quero dizer que seja digno de toda a estima… mas que, pelo menos, é um homem bem-educado… o senhor a todo o momento esteja sempre com essas palavras na boca: "Ó diabo!" "Ó diabo!". Porque, ao senhor, não se lhe ouve nada que não seja diabo, demônio, e outras coisas do gênero…

— Muito bem; pois vá para o diabo! Estou no mesmo… Mas fique sabendo que…

— O senhor está cego pela cólera e por isso eu me calo. Mas, meu Deus! Que é aquilo?

— Onde?

Ouviram-se rumores e risos; duas mulheres, elegantemente vestidas, saíam do tal prédio naquele momento. Os dois homens lançaram-se com rapidez no seu encalço.

— Não! Já pode ver!

— Que quer o senhor dizer?

— Que não é ela.

— Como! Enganaram-se, os senhores? — perguntou uma delas, chamado um *drójki*.

— Onde vamos, minhas senhoras?

— A rua Prokov. Sobe, Ânuchka, que eu te levo.

— Está bem, eu vou aqui. Vamos, cocheiro, depressa!

O *drójki* partiu.

— Donde teriam elas saído?

— Valha-me Deus! Isso é que… Mas não seria melhor segui-las?

— Para onde?

— Até casa de Bobínitzin, onde havia de ser?

— Não. Isso não está bem.

— Por que não?

— Eu iria de boa vontade; mas ela havia de dizer outra coisa… E poderia fazer troça de mim. Diria que tinha vindo aqui de propósito para me fazer uma surpresa e depois ainda começava com censuras.

— E saber que ela deve ter estado ali! Olhe, eu não sei nada, mas… por que não fazemos a prova? Escute: vá lá acima, à casa do general.

— Mas se ele já não mora aqui!

— Não faz mal. O senhor não está entendendo… Ela esteve em casa dele e o senhor veio vê-lo também… compreende? O senhor finge não saber que ele mudou de residência e diz que ia lá só para ir buscar a sua mulher etc. etc. …

— E depois?

— Depois verá quem deseja: a Bobínitzin, diabo!

— Bem; mas que tem o senhor com tudo isto, afinal?

— O quê? Ai, já estamos outra vez na mesma? Ó homem! O senhor não tem vergonha?

— Mas por que é que se põe dessa maneira? O senhor deseja

saber sem dúvida alguma…

— O que é que eu desejo saber? Vá para o diabo que o carregue! Não quero saber da sua vida para nada. Irei eu sozinho e o senhor caminhe e ponha-se a vigiar a saída, mas depressa, corra, homem!

— Ó criatura, o senhor inflama-se por qualquer coisa — exclamou o homem da peliça, à beira do desespero.

— Ora essa! Que tem de particular que eu me inflame? — perguntou o rapaz por entre dentes, empurrando com grande furor o cavalheiro da peliça. — Afinal quem vem a ser o senhor? — resmungou colérico.

— Mas, senhor, permita-me…

— Diga de uma vez quem é, seu toleirão! Como é que se chama?

— Não sei… não sei como me chamo, rapazinho. Para que é que precisa de saber o meu nome? Não posso lhe dizer. Vou acompanhá-lo com muito gosto… Vamos, não quero ficar atrás, estou disposto a tudo… Somente, digo-lhe a verdade, estou acostumado a uma linguagem mais correta. Uma pessoa nunca deve perder a linha. Mas se o senhor por qualquer razão perdeu a serenidade (e eu julgo saber qual o motivo), nem por isso deve esquecer as conveniências… O senhor ainda é muito novo, meu rapaz!

— Bom; e a mim que me importa que o senhor já seja velho? Se é assim, vá-se mas é embora; que faz dando voltas por aqui?

— Mas que história vem a ser essa de eu já ser velho? Não sou assim tão velho, meu rapaz! Bem, já me excedi e esqueci da minha posição… Mas fique sabendo que eu não ando por aqui dando voltas!

— Bem se vê que não! Bom, vá-se embora, com mil diabos!

— Não; assentemos em que eu o acompanho. O senhor não pode me impedir, estamos os dois interessados no caso; eu o acompanho…

— Mas fale baixo, homem! Cale-se!

Entraram no prédio e subiram as escadas até ao terceiro andar. No patamar havia pouca luz.

— Espere. Tem fósforos?

— Fósforos?

— O senhor não fuma?

— Ah, sim! Tenho, tenho…

O homem da peliça rebuscava afanosamente todos os bolsos.

— Ó diabo! Mas isto é um… Parece-me que é esta a porta.

— É essa… essa… essa… essa!

— Essa, essa, essa! Vamos, grite ainda mais alto! Mas o senhor não pode estar calado?… Psiu!

— Não estou acostumado a estas embrulhadas, preciso fazer um esforço sobre mim mesmo… O senhor é um malcriado, um insolente!

Acendeu-se um fósforo.

— Vê? Aqui está a chapa de metal. Aqui está: Bobínitzin. Está vendo? Bobínitzin.

— Bem vejo! Bem vejo!

— Então, cale-se. De… va… ga… rinho… O quê? Apagou-se?

— Apagou-se.

— Chamamos?

— Sim — concordou resolutamente o homem da peliça.

— Bem, então chame o senhor.

— Ó, homem, mas por que hei de ser eu? Comece o senhor, chame o senhor primeiro.

— Covarde!

— O senhor também não é nenhum valentão!

— Chame o senhor!

— Digo-lhe a verdade: quase me arrependo de lhe ter confiado este segredo. O senhor…

— Eu, o quê?

— O senhor aproveitou-se da minha perturbação, percebeu que eu…

— Para o diabo que o carregue! Eu o acho simplesmente ridículo, o que já é bastante.

— Mas… por que está o senhor aqui?

— E o senhor, por que está neste lugar?

— Isto é que é moralidade! — acrescentou quase involuntariamente o homem da peliça.

— O que é que o senhor disse a respeito da moralidade? Será que o senhor tem alguma, porventura?

— Olhe, o que está fazendo é precisamente uma imoralidade.

— Que imoralidade?

— Sim, senhor. Em minha opinião, todo marido ofendido é… um medíocre!

— Ah! Então vem a ser o marido? Mas o senhor não dizia que o marido estava ali à espera, na ponte? Se é assim por que é que se excita dessa maneira? Por que se mete onde não foi chamado?

— Sabe quem é que o senhor me parece? O amante!

— Se vai por esse caminho, não tenho outro remédio senão confessar-lhe que, no meu conceito, o senhor é um banana. Ou, por

outras palavras, quer saber o quê?

— De tal maneira que, segundo crê, sou eu o marido — acrescentou o homem da peliça, como se lhe tivessem jogado uma caneca de água fervente e retrocedendo involuntariamente alguns passos.

— Silêncio! Caluda! Não ouve?

— É ela?

— Não.

— Mas que escuro está aqui!

Na escada fez-se um silêncio sepulcral. Sentiu-se um ruído no andar de Bobínitzin.

— Por que havemos nós de nos ofender? — murmurou o homem da peliça.

— Ó diabo! O senhor foi o primeiro a dar-se por ofendido!

— Mas é preciso ver a maneira como o senhor me tratou!

— Cale-se!

— E é preciso ver que reconheça que ainda é muito novo!

— Cala-se ou não?

— Um momento; estou completamente de acordo com o senhor, o marido que se encontra em semelhante situação é um palerma…

— Oh, homem, cale-se de uma vez!

— Mas para que continuar com essa fúria contra o pobre do marido?

— É ela?

Mas nesse mesmo instante o ruído cessou.

— É ela?

— É. Mas por que se exalta tanto? Se é estranho ao assunto, que lhe importa isso?

— Ah, meu rapaz, meu rapaz! — balbuciou o senhor da peliça com uma voz tão insegura que mais parecia um soluço. — Eu… bem vê, no estado de perturbação em que… O senhor encontrou-me numa situação demasiado humilhante; agora é noite; amanhã, se bem que depois de tudo isto não voltaremos com certeza a encontrarmo-nos, e não quero dizer que tenha o mínimo receio de encontrá-lo… que, aliás, não se trata de mim mas do meu amigo, daquele tal que está à espera na ponte de Vosniessiénski. Pode acreditar no que lhe digo. Como lhe disse, trata-se da mulher dele e não da minha. Coitado! Ga… garanto-lhe! Conheço-o muito bem. Deixe-me contar-lhe tudo. Sou amigo dele, como está vendo, pois… se o não fosse, como poderia eu tomar tanto interesse pela sua infelicidade? Disse-lhe muitas vezes: "Para que casaste tu, homem? Não eras um homem digno, uma pessoa com a sua posição, que ocupa um lugar de importância? Por que havias de sujeitar tudo isto aos caprichos duma *coquette*? Não achas que tenho razão?". Mas nada… "Vou casar — dizia ele — porque desejo desfrutar os prazeres da família…" Pois toma lá os prazeres agora! Noutro tempo também ele pregou peças aos maridos; agora chegou a vez de ele mesmo saborear o petisco. Há de desculpar-me estas manifestações a que a necessidade me obriga… É um infeliz… agora tem ele que esgotar o cálice…

Neste momento a voz começou a fugir ao homem da peliça e o jovem ouviu algo de semelhante a um soluço, tal como se o seu interlocutor se tivesse posto a chorar seriamente.

— Para o diabo que o carregue! Pelo visto ainda há idiotas neste mundo! Mas não quer por uma vez dizer-me quem é?

E o rapaz cerrou os dentes de furor.

— Não, não. Há de concordar que isso não estaria certo… Eu procedo com dignidade e sinceridade… Mas o senhor, sempre tornou a empregar um tal tom de voz!

— Bem. Desculpe; mas qual é o seu sobrenome?

— Para que quer saber?

— Ah!

— É-me completamente impossível dizê-lo ao senhor…

— Conhece o senhor Chábrin? — perguntou-lhe o rapaz à queima-roupa.

— Chábrin?

— Sim, Chábrin. Ah! — aqui, o da *biekiecha* permitiu-se imitar um pouco o mais velho. — Sabe de quem se trata?

— Não, não sei que Chábrin vem a ser esse! — exclamou o da peliça com uns olhos que lhe saíam dolorosamente das órbitas. — Não conheço absolutamente nenhum Chábrin. O amigo de que lhe falei é uma pessoa decente; conheci-o por casualidade. E quanto às suas incorreções só posso explicá-las tendo em conta a sua excitação, que lhe tira a faculdade de discernimento…

— Esse tipo é um velhaco e não uma pessoa decente. Um lorpa, um larápio que roubou uma boa quantia de dinheiro. Não há de tardar que tenha de haver-se com a Justiça!

— Desculpe, — disse o homem da peliça, que tinha empalidecido — o senhor não o conhece; pela maneira como fala vê-se bem que não o conhece, nem de vista.

— É verdade que pessoalmente não o conheço; mas em compensação conheço perfeitamente o seu caráter, baseando-me em fontes fidedignas.

— Ó criatura, de que fontes está o senhor falando? Eu, bem vê, sou tão distraído…

— Esse tipo é um burro! Um palerma de primeira categoria! Um tipo abananado que nem sabe guardar a mulher, isso mesmo! Já pode ver que o conhece.

— Desculpe-me, rapaz, mas a sua teimosia cega-o…

— Ah!

— Ah!

Voltou a ouvir-se barulho no andar de Bobínitzin. A porta abriu-se e soaram vozes.

— Ah! Não é ela, não; não é ela! Conheço a sua voz! Agora já sei tudo! Acredite que não é ela! — afirmou o homem da peliça com veemência, ao mesmo tempo que a cara se lhe tornava lívida.

— Cale-se, homem!

O rapaz encolheu-se num canto para não ser visto.

— Meu caro senhor, tenho muita pressa; não é ela e folgo muito com isso.

— Pois bem, então vá-se embora, anda, mexa-se, homem.

— Mas por que é que quer ficar aqui?

— E por que é que o senhor não se vai embora?

Nesse instante a porta abriu-se e o homem da peliça apressou-se a desaparecer pelas escadas abaixo.

Roçando quase por ele, passaram um cavalheiro e uma dama; o jovem julgou que o coração lhe ia saltar pela boca afora… Apenas reconheceu uma clara e conhecida vozinha de mulher e a seguir uma voz mais forte de homem, que lhe era desconhecida.

— Isto não tem nada de especial; tomarei um trenó — disse a voz forte.

— Ah, está bem, está bem assim.

— Ficará logo à nossa espera, diante da porta. É um momento.

E depois o homem desapareceu, enquanto a senhora ficava só.

— Glafira! Então são essas as tuas juras! — exclamou o rapaz de *biekiecha*, puxando a senhora por um pulso.

— Ah! Mas quem é? És tu, Tvorógov? Meu Deus! Que fazes aqui?

— Quem era esse homem?

— É o meu marido! Desaparece imediatamente, pelo amor de Deus, não tarda que ele esteja aqui! De Polovítsin! Vai-te já daqui, peço-te por tudo; tira-te da minha frente, homem!

— Mas há já três semanas que Polovítsin se mudou daqui. Sei tudo!

— Ah!

E ao dizer isto a mulher saiu a correr pelas escadas abaixo com toda a rapidez que lhe era possível. Mas o rapaz deteve-a mais uma vez.

— Quem é que te disse isso? — perguntou ela.

— O teu marido, Ivan Andriéievitch, que não está longe daqui, que se encontra na sua própria presença, minha senhora…

Efetivamente, Ivan Andriéievitch, que tal era o nome do homem da peliça, estava na escada, diante de sua mulher.

— Ah! Mas és tu? — exclamou o marido.

— Ah! *C´est vous?* — exclamou por sua vez Glarifa Pietrovna lançando-se para ele com sincera alegria. — Meu Deus! As coisas que me acontecem! Estive em casa da família Polovítsin; já podes imaginar… já sabes que vive na ponte Ismaílov; lembras-te do que te disse? Pois bem, tomei ali um trenó. No caminho os cavalos espantaram-se, fizeram o trenó em estilhas e atiraram comigo sobre a neve, a uns cem passos daqui. Levaram o cocheiro ao Comissariado; eu, naturalmente, fiquei como doida. De maneira que nesse momento chegou o senhor Tvorógov…

— O quê?

O senhor Tvorógov assemelha-se mais ao assombro personificado do que ao senhor Tvorógov.

— O senhor conheceu-me logo e teve a amabilidade de me acompanhar. Mas já que estás aqui, posso voltar contigo para casa. Mas permita-me, senhor Tvorógov, que lhe exprima a minha mais profunda gratidão.

E ao dizer isto a dama estendeu a mão ao senhor Tvorógov, cada vez mais atônito, e apertou-lhe a dele tão fortemente que por um pouco não lhe arrancava um grito.

— O senhor Ivan Ilhitch Tvorógov, meu amigo — disse, apresentando-o ao marido. — Tive o prazer de conhecê-lo no último baile que deram os Skorlúpov… Julgo que já te falei dele… Não te recordas, querido?

— Ah! Acho que já me lembro, minha filha! Recordo perfeitamente! — afirmou com energia o senhor da peliça, ao qual tinham acabado de chamar querido. — Muito prazer! Muito prazer!

E apertou com sincera alegria a mão do senhor Tvorógov.

— Com quem está o senhor falando? Que significa isto? — perguntou de repente a voz forte.

E diante do grupo surgiu inopinadamente um homem altíssimo cuja presença fez calar os outros, e que se pôs a examinar com a maior atenção o senhor da peliça.

— Ah! *Voilà Monsieur* Bobínitzin! — exclamou a dama em tom familiar. — Donde vem o senhor, dá licença que pergunte? Isto é que se chama um encontro! Ora imagine! Acabo de ser arremessada de um trenó pelos cavalos… Mas aqui está o meu marido! Jean, deixa que te apresente a *Monsieur* Bobínitzin, que tive o gosto de conhecer no baile dos Kárpovi…

— Ah! Muito prazer! Muito prazer!… Vou buscar já um coche, minha querida!

— Está bem, Jean, vai buscá-lo. Mas estou tremendo e tenho os

nervos desafinados por causa do susto! Não me sinto bem… Esta noite, no baile de máscaras — sussurrou ao ouvido de Tvorógov. — Adeus, adeus, senhor Bobínitzin. Voltaremos a vermo-nos amanhã no baile dos Kárpovi?

— Não, *pardon*, não tenciono ir lá; onde eu hei de ir amanhã… se não for agora mesmo… — resmungou indistintamente por entre os dentes o senhor Bobínitzin, sem que se pudesse ter ouvido o final da frase.

Fez uma espécie de reverência, subiu para o seu trenó e afastou-se.

Nesse momento apareceu uma segunda carruagem. A dama subiu, mas o cavalheiro da peliça titubeou antes de subir também. Parecia que não se encontrava em condições de fazer qualquer movimento, e com uns olhos de louco, observava descaradamente o rapaz da *biekiecha*, que apenas correspondia ao seu descaramento com um sorriso que não tinha nada de espiritual.

— Não sei…

— Encantado por tê-lo conhecido — acrescentou o jovem com uma leve inclinação, como se fosse tombar para a frente, e depois deixou entrever algo parecido com susto ou temor.

— Muito prazer, muito prazer!

— Parece-me que o senhor perdeu uma galocha…

— Ah! É verdade. Muito obrigado, muito obrigado! É que eu gosto muito de usar galochas de borracha!

— Mas segundo dizem, com galochas de borracha os pés suam muito. Minha querida, eu volto já; tenho de acabar uma conversa que tínhamos começado. Na verdade é certo aquilo que teve a amabilidade de me fazer notar: os pés suam! Desculpe, mas eu…

— Oh! Que deseja!

— Tive muito gosto, muito mesmo, em tê-lo conhecido…

O homem da peliça sentou-se no trenó coberto, junto de sua mulher, e os cavalos partiram.

O jovem continuou ainda por muito tempo imóvel no seu lugar, olhando espantado para a carruagem, até que a perdeu de vista.

## Capítulo II

Na noite seguinte celebrava-se não sei que espetáculo na Ópera Italiana. Tinha já começado o primeiro ato quando Ivan Andriéievitch entrou na sala como uma bomba. Jamais alguém lhe tinha notado tal paixão nem observado tão intenso apreço pela música como agora. Pelo menos corria a fama de que Ivan Andriéievitch por nada deste mundo poderia privar-se de uma horazinha de sono na Ópera Italiana; e que até costumavam afirmar que ele próprio tinha dito que o sono, ali, tinha uma doçura e um sabor especiais, pois que a prima-dona — assim se exprimira por mais de uma vez, entre os amigos — que cantara a ária do sono, o fazia com a mesma suavidade com que mia uma gatinha branca.

Mas havia já muito tempo que costumava exprimir-se assim, coisa de meio ano, ao passo que agora… Ah! Agora, Ivan Andriéievitch não podia fechar os olhos em sua casa, nem sequer à noite. Mas deixemos isso. Segundo dizíamos, ele tinha entrado como uma bomba na sala que regorgitava de público. O arrumador, assustado, deu um pulo e em seguida, com visível receio olhou o bolso dianteiro do fraque do recém-chegado, como se temesse ver sair dali alguma faca. Convém notar que por essa ocasião o público estava então dividido em dois grupos formados pelos partidários respectivos de cada uma das prima-donas. Uns chamavam-se os… *sitas*; outro os… *nistas*.

Mas os dois grupos amavam a música com tal paixão que os arrumadores tinham grande receio de que se desse uma ruptura do amor ao belo que encarnavam as duas prima-donas. Eis aí por que o arrumador, ao observar um entusiasmo tão juvenil num homem já de cabelos brancos — verdadeiramente ainda não estava completamente branco, mas de qualquer maneira era um cinquentão, de aspecto e de idade aparentemente sensatos — murmurasse involuntariamente as

palavras de Hamlet, príncipe da Dinamarca:

> Quando os velhos atacam com tanta ferocidade,
> O que não farão os novos?

Sim, quando os velhos se conduziam daquela maneira, o que não havia a esperar dos novos? E essa era a razão por que, conforme já disse, o arrumador olhava com receio o bolso dianteiro do fraque de Ivan Andriéievitch, antecipadamente disposto a ver sair dali um punhal. Mas aquele bolso continha unicamente uma carteira e nada mais.

Apenas chegou à sala, Ivan Andriéievitch passou num ápice revista a todos os camarotes da segunda fila e… horror! O coração deu-lhe um baque. Ela estava ali! O general Polovítsin ocupava um camarote com a esposa e a sogra. No mesmo camarote encontrava-se também o ajudante do general, um homem extraordinariamente atencioso e amável, e ainda outro cavalheiro à paisana.

Ivan Andriéievitch aguçou a vista o mais que lhe era possível, mas oh! dor e tristeza! O tal indivíduo à paisana, que não conhecia, escondia-se por detrás das costas do ajudante e era assim completamente irreconhecível.

Ela estava ali e tinha dito categoricamente que não iria!

Era precisamente essa ambiguidade que Glafira manifestava a todos os momentos, que aniquilava o pobre Ivan Andriéievitch. E o tal rapaz à paisana punha-o num estado de completo desespero. Como que ferido de morte, caiu sobre a cadeira.

“Que significa isso?” — pareciam perguntar aos demais.

No entanto a coisa era muito simples…

O lugar em que Ivan Andriéievitch, no seu desespero, se tinha deixado cair ficava precisamente por baixo do que ocupava o General Polovítsin e sua família, a mulher e os senhores mencionados, de maneira que, para cúmulo de infelicidade, nem sequer podia ver o que ali sucedia. É portanto compreensível que o sangue lhe fervesse, tal

como a água na chaleira. De todo o primeiro ato mal ouviu uma nota. Dizem que o melhor que a música tem é adaptar-se bem a todos os estados de espírito: ao que está alegre parece alegre, ao que está triste, pelo contrário, parece triste… Que mais pode desejar-se? Nos ouvidos de Ivan Andriéievitch começava a bramir uma tormenta. Para maior desdita, adiante, atrás e junto dele, soavam vozes tão antipáticas que ao infeliz até lhe parecia que ia lhe estalar o coração. Finalmente o primeiro ato terminou. Mas foi precisamente no exato momento em que o pano caía, que uma coisa extraordinária aconteceu ao nosso herói, de tal maneira que até a pena parece recusar-se a descrevê-la.

Sucede às vezes que um programa caído do parapeito de algum dos camarotes de cima comece a descer pelo ar lentamente. O espetáculo sobre o palco não é lá muito interessante, e o público, aborrecido e indiferente, consegue assim um motivo para espairecer e distrair-se. Cheias de interesse, as pessoas seguem então os revoluteios ziguezagueantes do suave e leve papelzinho, fazendo por adivinhar qual será o término da sua viagem, a pobre cabeça ameaçada que nem de longe suspeita a fatalidade que se aproxima. É também muito divertido observar o modo como a referida cabeça dá imediatamente um pulo e olha espantada à sua volta… e depois o interessado, no primeiro momento, infalivelmente fica surpreendido e perturbado. Também me dão sempre muito cuidado os binóculos que as senhoras tão imprudentemente pousam no parapeito do camarote; não consigo tirar do pensamento que infalivelmente irão cair de um momento para o outro sobre alguma cabeça completamente desprevenida.

Mas a Ivan Andriéievitch veio a acontecer uma coisa que até aqui não aconteceu jamais a ninguém, ou que pelo menos não encontrou quem a descrevesse. Nenhum programa de espetáculo veio cair em cima do seu desprevenido toutiço, bastante despojado já do ornamento capilar. Confesso que se me torna muito penoso reproduzir o incidente com toda a fidelidade, pois é muito pouco agradável dizer que sobre a digna e despida cabeça do inquieto e excitadíssimo Ivan Andriéievitch veio a cair exatamente uma coisa tão imoral como é uma enjoativa carta de amor. Pelo menos o pobre Ivan Andriéievitch, cuja cabeça de maneira nenhuma esperava semelhante surpresa, deu um salto tão grande, tal como se sobre a sua digna cabeça tivesse

caído de repente um rato vivo ou qualquer outro bicho repugnante.

Que a carta era de amor, saltava logo à vista. Em primeiro lugar estava escrita num papel macio, indiscretamente perfumado, e além disso era tão pequena que uma senhora podia escondê-la na sua luva. Provavelmente teria caído quando, discreta e rapidamente, queriam entregá-la ao destinatário, escondida num programa de mão. Talvez a causa da sua queda tivesse sido um movimento não premeditado do ajudante do general, que fez com que a missiva se desprendesse do programa antes que o seu remetente o tivesse podido notar e ocultar. Fosse como fosse, o tal rapaz vestido à paisana apenas tinha recebido o programa, com o qual, naturalmente, não sabia o que havia de fazer. Era na verdade uma situação pouco airosa; mas temos de concordar que muito mais desagradável era aquela em que se encontrava Ivan Andriéievitch.

*Prédestiné*! murmurou, enquanto por todos os poros transpirava um suor frio e apertava convulsivamente a carta na mão, como se alguém pudesse vir arrebatar-lhe aquele tesouro.

“Predestinado!” “Quem procede mal tem sempre castigo!” — pensou. “Mas não, isso não é verdade! Que falta cometi eu ao arriscar a minha vida?”, continuou, pensativo.

E a uma ideia seguia-se logo outra. Mas quem poderia enumerar todas as ideias que se cuzavam por um cérebro tão agitado como aquele?

Ivan Andriéievitch ficou então imóvel no seu lugar, tal como se efetivamente fosse aquilo que parecia ser: nem um morto, nem um vivo. Convenceu-se de que todo o público estava a par da sua ridícula infelicidade, se bem que, precisamente naquele momento, o pano acabasse de cair por entre uma salva de palmas e a prima-dona começasse a provocar uma verdadeira tempestade de entusiasmo.

— Cantou lindamente — observou com timidez para o vizinho da esquerda, um almofadinha.

Esse tal almofadinha, que se encontrava no cúmulo do êxtase, aplaudia freneticamente e dava também pateada, tudo para exprimir o

seu entusiasmo; lançou a Ivan Andriéievitch um olhar distraído; depois, pondo as mãos em concha à volta da boca, lançou aos quatro ventos, num grito estentório, o nome da cantora. Ivan Andriéievitch, que nunca tinha presenciado um tal alvoroço, sentia-se encantado.

"Não, não percebeu nada!", disse para si mesmo, tranquilizado, e alheou-se. Mas um senhor gordo, por trás dele, tinha-se posto já em pé e, voltando-lhe as costas, passava revista às filas de camarotes, de binóculo em punho.

"Muito bem!", pensou Ivan Andriéievitch. Os espectadores das filas da frente também não deviam ter visto nada.

Timidamente, mas animado de uma alegre esperança, atreveu-se a dar uma olhadela aos lugares da plateia, onde estava também o seu; mas teve imediatamente um estremecimento de desgosto, pois o que ali viu, de maneira nenhuma poderia agradar-lhe: nessa fila, uma formosa dama, recostada no seu lugar, apertava nervosamene o lenço sobre a boca e ria a mais não poder.

"Oh, as mulheres, as mulheres!", suspirou e resmungou Ivan Andriéievitch.

E esgueirou-se rapidamente para a porta, procurando não distribuir demasiadas pisadelas pelo público.

Talvez o leitor possa perguntar como é que Ivan Andriéievitch chegou à conclusão de que a referida carta de amor procedia daquele camarote da segunda fila. Convém saber-se que, por cima dessa segunda fila, havia ainda uma terceira e depois uma galeria — cinco filas ao todo. Por que teria aquela carta caído precisamente daquele camarote da segunda fila e não lá mais de cima, da galeria, por exemplo, onde também havia senhoras? É que a paixão é exclusiva e os ciúmes… a paixão mais exclusiva deste mundo.

Ivan Andriéievitch precipitou-se para porta; e assim que lá chegou parou junto da luz mais próxima do *foyer*[1], rasgou o sobrescrito da carta e leu:

Esta noite, depois do espetáculo, na Rua G***, em casa de K***, no terceiro

andar, entrada pela rua. Espero-te lá *sans faute*.[2]

A letra da carta era-lhe desconhecida; mas havia um pormenor que não lhe deixava dúvidas: naquela carta havia uma entrevista marcada. Por isso, o seu primeiro pensamento foi este: “Prevenir, intervir, evitar o mal enquanto é tempo”.

E por um momento pensou também: “Incriminar os culpados, ali mesmo no teatro, imediatamente”. Mas como fazê-lo? Ivan Andriéievitch apressou-se a subir ao segundo andar; felizmente reconsiderou a tempo e, já à porta do camarote, resolveu voltar atrás. No entanto não estava absolutamente decidido, não sabia o que havia de fazer nem aonde dirigir-se. Na sua indecisão encaminhou-se para o outro lado e olhou pela porta aberta do camarote fronteiro. Efetivamente, em cada um dos cinco camarotes que caíam em linha perpendicular sobre o lugar em que ele se encontrava, havia senhoras e cavalheiros. A missiva amorosa podia muito bem ter caído de qualquer desses cinco camarotes, tanto mais que Ivan Andriéievitch estava convencido de que os seus ocupantes estavam todos conjurados contra ele. Mas a despeito de todas as evidentes probabilidades, ficou aferrado à sua primeira opinião. Passou todo o segundo ato a passear pelos corredores, sem encontrar vivalma. Chegou até a dirigir-se à bilheteria para informar-se dos nomes das pessoas que tinham ocupado aqueles cinco camarotes… Infelizmente encontrou-a fechada. Por fim soaram aplausos, ovações, bravos e os nomes dos artistas. Estava terminado o espetáculo. Mas Ivan Andriéievitch tinha já o seu projeto. Pegou na peliça e encaminhou-se a toda pressa para a Rua C***, para pescar, para apanhar os culpados em fragrante delito e, acima de tudo, para proceder com mais energia do que no dia anterior.

Não tardou que desse com a casa, e estava precisamente a ponto de entrar, quando, de repente, roçando-lhe quase pelo braço entrou no prédio um homem envergando um paletó de corte elegante, o qual subiu num ápice a escada em direção ao terceiro andar. Se bem que não lhe tivesse visto o rosto, pareceu a Ivan Andriéievitch que se tratava do rapaz da noite anterior. O coração estremeceu-lhe. O rapaz levava já dois lances do avanço… Como detê-lo? Como alcançá-lo? De súbito ouviu abrir-se uma porta… e certamente sem chave, como se já

estivessem à espera daquele que chegava. Ivan Andriéievitch alcançou essa porta precisamente no momento em que por detrás dela desaparecia o jovem e sem que todavia a tivessem fechado do lado de dentro. Intentou refletir um pouco, demorar-se a considerar a gravidade do passo que ia dar, raciocinar acerca de mais isto e mais aquilo, antes de tomar uma resolução definitiva. Quis o destino que nesse instante uma grande carruagem parasse à porta do prédio. A porta abriu-se ruidosamente e a seguir ouviram-se as passadas incertas de alguém que, entre tosses e pigarreios, começava a subir as escadas devagar. Ivan Andriéievitch não tinha previsto esse episódio; empurrou a porta e entrou no andar com toda a solenidade do marido enganado que se sente em pleno direito de violar a casa alheia. Apareceu primeiro uma criada e logo depois um criado; mas nenhum dos dois pôde deter o intruso. Como uma bomba, Ivan Andriéievitch penetrou no quarto mais próximo, atravessou duas salas quase às escuras e entrou de repente num quarto onde estava uma senhora nova e bonita que ficou a olhá-lo, atônita e assustada. Porém, nesse momento e antes que Ivan Andriéievitch pudesse dar conta do que se passava, ouviram-se passos pesados no quarto contíguo, que se aproximaram da porta. Eram os mesmos passos que Ivan Andriéievitch tinha sentido atrás de si quando subia as escadas.

— Meu Deus! O meu marido! — exclamou a senhora horrorizada, mais pálida do que o seu penteador, e juntando as mãos desesperada.

Ivan Andriéievitch compreendeu que se tinha metido num beco sem saída, que tinha cometido uma verdadeira loucura que agora já não era possível remediar. A porta abria-se já, e o marido, de andar pesado, entrava no quarto… Ivan Andriéievitch não sabia o que havia de fazer. Também não podia explicar o que é que o impedia de sair ao encontro do desconhecido e explicar-lhe o seu erro com toda a franqueza, pedir-lhe desculpa da sua inconveniência e finalmente… retirar-se. Evidentemente que não coberto de louros nem aureolado de heroísmo… mas pelo menos de uma maneira decente e franca.

Mas não. Ivan Andriéievitch acabou por conduzir-se como um colegial que não sabe o que é a reflexão e como se se julgasse um segundo Don Juan.

A primeira coisa que fez foi esconder-se por detrás das cortinas do leito; mas, passados dois segundos, deixou-se cair de joelhos, de tão assustado que estava, e sem se deter a pensar, de gatinhas, escorregou para debaixo da cama do casal desconhecido. O medo tinha paralisado nele toda a faculdade de pensar… pois só assim pode explicar-se que Ivan Andriéievitch, que era também um marido enganado, ou que em tal conta se julgava, praticasse agora o que julgava tão mal no próximo. Quem sabe se ele, com a sua presença, não queria proporcionar a outro as mesmas torturas que o tinham supliciado a ele? Fosse como fosse, o certo é que se meteu debaixo da cama e ali se encontrou sem compreender como tinha lá chegado. Mas o mais assombroso para ele era que a mulher o tivesse deixado fazer aquilo, sem tentar opor-se. Nem sequer tinha soltado um grito ao ver surgir de súbito diante de si aquele homenzinho já meio velho, que em seguida foi esconder-se debaixo da sua cama, sem ter pedido licença a ninguém. É de supor que a pobre, com o susto, tivesse perdido o uso da palavra.

Entretanto, pouco a pouco, bocejando e lamuriando, o pesado marido entrou no quarto. Com lentidão senil chegou junto da esposa, deu-lhe as boas-noites e depois deixou-se cair pesadamente numa funda poltrona, nem mais nem menos como se viesse sobrecarregado debaixo de uma carga de lenha. A seguir foi acometido de um teimoso ataque de tosse.

Ivan Andriéievitch que de tigre feroz se tinha tornado um manso cordeirinho, e tremia e se encolhia como um ratinho na presença dum gato, mal se atrevia a respirar, não obstante saber por experiência própria que nem todos os maridos enganados mordem. Porém, nem sequer lhe ocorreu pensá-lo, quer por deficiência da sua faculdade reflexiva, quer por qualquer outra razão. Cautelosamente, tateando devagarinho, atreveu-se a orientar-se debaixo da cama a fim de colocar os membros numa posição mais cômoda. Qual não foi porém o seu assombro, o seu terror, a sua estupefação, quando, ao estender a mão de mansinho, tropeçou com um vulto que se movia e lhe prendia a mão!

Debaixo da cama estava outro homem!

— Quem está aí? — perguntou Ivan Andriéievitch num fio de voz e a tremer.

— Não lhe importa o meu nome! — respondeu o outro muito baixo, mas com perceptível ironia. — Esteja quieto e cale o bico, já que caiu na armadilha.

— Mas que maneira de falar!

— Silêncio!

E o homem que estava a mais… pois um debaixo da cama já era bastante… apertou com tal força a mão de Ivan Andriéievitch que ele esteve a ponto de dar um grito de dor.

— Cavalheiro! Cavalheiro!

— Silêncio!

— Mas não me esmague a mão, senão grito!

— Bem, então ande, grite se se atreve!

Ivan Andriéievitch pôs-se vermelho de vergonha. O desconhecido parecia não saber o que era a piedade. Talvez se tivesse já exposto de outras vezes à perseguição do destino e estivesse acostumado a ver-se naqueles apertos. Mas Ivan Andriéievitch era um novato nestas peripécias e julgou que se aproximava o fim dos seus dias. O sangue escaldava-lhe na cabeça. Que fazer? Nada mais do que deixar-se ficar estendido tal como estava, de boca para baixo. E calou-se.

— Minha querida, eu estive — começou o velho marido — minha adorada, eu estive em casa de Páviel Ivânitch. Começamos a jogar *préférence*, mas olha: coj… coj… — insistiu a tosse — coj… coj, coj. Ai, minhas costas! Ai, meu Deus… coj… coj!

E o velho continuou a tossir interminavelmente.

— As costas — continuou por fim com voz fraca, enxugando as lágrimas — começaram a doer-me com esta força por causa das malditas hemorroidas… não podia estar nem de pé nem sentado…

Nem sentado! coj… coj… coj!

Parecia que a esse novo ataque de tosse estava destinada uma vida muito mais longa do que ao velho que o sofria. Logo que a tosse abrandava um pouco, o velhote resmungava meia dúzia de palavras incompreensíveis, que outro acesso de tosse não tardava a apagar.

— Cavalheiro, por favor, chegue-se um pouco para lá — murmurava entretanto Ivan Andriéievitch.

— Como quer o senhor que eu me afaste se mal caibo aqui?

— Mas, seja como for, há de reconhecer que eu não posso ficar tanto tempo de boca para baixo. É a primeira vez que tal me acontece!

— E a mim também é a primeira vez que me sucede encontrar-me em tão desagradável vizinhança.

— Mas, de qualquer maneira, rapaz… devo dizer-lhe…

— Silêncio!

— Silêncio? Permita-me que lhe diga que a sua maneira de se exprimir, seu moleque, é um tanto descortês, para não dizer outra coisa… Se não me engano, é ainda muito novo; eu sou mais velho do que o senhor.

— Faça favor de calar-se!

— Cavalheiro! Está excedendo as medidas, não sabe com quem está falando…

— Com um tipo que está metido debaixo de uma cama alheia…

— Mas eu me encontro nestas circunstâncias por obra do acaso… Ao passo que o senhor, se não me engano, está aqui devido à sua falta de moral.

— Pois engana-se redondamente!

— Rapazinho, eu sou mais velho, já lhe disse…

— Senhor! Faça favor de não se esquecer que estamos debaixo de uma cama estranha. E peço-lhe que não me fure os olhos com a mão!

— Eu não vejo nada, aqui!

— Por que é que engordou tanto?

— Meu Deus! Nunca até à data me vi numa situação tão humilhante!

— Lá isso é verdade; mais humilde que esta, creio que não há outra.

— Por favor, cavalheiro, por favor! Eu não sei concretamente quem é o senhor, nem tampouco como aconteceu tudo isto; sei apenas que me encontro aqui por engano… Eu não sou aquilo que o senhor pensa…

— Eu nada pensaria a seu respeito, se o senhor não me saísse sempre ao encontro… Mas faça o favor de se calar de uma vez!

— Cavalheiro, se não se chega um pouco para lá, vou ter uma apoplexia. O senhor será o responsável pela minha morte! Garanto-lhe… Eu sou um homem honrado, um… pai de família. Não posso conformar-me com uma coisa destas.

— Foi o senhor que espontaneamente veio colocar-se nela. Bom, vá lá, já tem um pouco mais de lugar. Mas não torne a abrir a boca!

— Oh, já vejo que é um rapaz simpático! Confesso que tinha pensado mal do senhor… — começou Ivan Andriéievitch num assomo de gratidão, ao mesmo tempo que procurava colocar o corpo intumescido numa posição mais cômoda. — Lamento muito as suas aflições; mas que havemos de fazer? Compreendo que possa pensar mal de mim. Permita-me que ao menos pela minha reputação possa ficar ilibado no seu conceito… Permita-me que lhe explique quem sou e como é que me enganei, contra minha vontade! Torno a afirmar-lhe, eu não me encontro aqui pela razão que supõe… Tenho um medo terrível de…

— Mas, finalmente, não desejará fazer o favor de se calar? Não

compreende ao que se expõe, se o ouvem? Cuidado, que ele vai parar de tossir.

Efetivamente, a tosse do velhote tinha acalmado e ele se dispunha de novo a falar.

— Sabes, meu amorzinho — pigarreou o velho penosamente e depois com voz lamentosa continuou: — Sabes, meu amorzinho… coj… coj… Ai, que maçada! Fiedossiéi Ivânovitch disse-me: “Você devia experimentar” — coj… coj — “Tomar chá de mil-em-rama”. Ouviste o que eu disse, minha querida?

— Ouvi, homem!

— Bem. Pois foi o que ele me disse: “Você devia era tomar chá de mil-em-rama”. Eu lhe respondi: “Mas eu já pus sanguessugas”. E ele me respondeu: “Não, Alieksandr Diemiânovitch; o chá de mil-em-rama é muito melhor; em primeiro lugar é um ótimo purgante, acredite…” coj… coj… E tu o que é que achas? Parece-te que seria melhor o chá de mil-em-rama? coj… coj… ai… coj!

— Acho que não perdias nada em provar esse remédio — opinou a jovem esposa.

— Está bem, hei de tomá-lo! Mas ele me disse: “Pode ser que você esteja tuberculoso”. Coj… coj! Não, o que eu tenho é mas é gota e um pouco de catarro gástrico… coj… coj… Mas ele insistiu: “E talvez também tuberculose”. De maneira que… coj… coj! O que te parece, meu amor, achas que estarei realmente tuberculoso?

— Como podes pensar um momento sequer em tal coisa, Alieksandr Diemiânovitch? Isso é uma tolice!

— Mas foi o que ele disse. Tuberculoso! Mas por que não te despes e não te deitas, meu amorzinho? Coj… coj… O que eu tenho hoje é uma gripe.

— Uf! — queixou-se Ivan Andriéievitch, na sua postura forçada debaixo da cama. — Por amor de Deus, homem, afaste-se um pouco!

— Não pode estar um momento quieto?

— O senhor está de implicância comigo. Pelo visto jurou que havia de me ofender! Naturalmente é o senhor o amante dessa mulher!

— Cala-se ou não?

— Não senhor, não me calo! Não consinto que mande aqui! Não há dúvida, o senhor é que é o amante. Se nos descobrem, eu não tenho culpas no caso… Estou completamente fora…

— Mas cale o bico, criatura! — atalhou o rapaz encolerizado. — Fique sabendo que hei de dizer que o senhor é que me atraiçoou, que podia ser meu pai e que está arruinado. Assim, pelo menos, já não hão de supor que eu é que sou o amante dessa senhora.

— Meu Deus! Parece ter jurado que havia de fazer-me perder a cabeça. Julga que a paciência não tem limites?

— Cale-se, senão eu o ensino a calar-se de outra maneira! O senhor é a minha desgraça! Mas não quer dizer-me como é que veio parar aqui? Se o senhor não tivesse aparecido, teria passado aqui a noite sossegadamente até amanhã, estendido à minha vontade, e depois aproveitava a oportunidade para safar-me…

— Mas eu não posso estar aqui estendido até amanhã! Eu sou um homem razoável. Tenho conhecimentos, tenho quem me proteja… Mas, diga-me: acha que é capaz de adormecer?

— Quem?

— Quem há de ser? O velho.

— Claro que há de adormecer. Nem toda a gente é como o senhor. Há os que tresnoitam até na sua própria casa…

— Cavalheiro! Cavalheiro! — exclamou Ivan Andriéievitch transido de espanto. — Fique sabendo que eu também costumo dormir na minha casa; esta é a primeira vez… Meu Deus! Já vejo que não me conhece! Como se chama o senhor? Diga-me sem rodeios, peço-lhe, suplico-lhe em nome da afeição mais desinteressada… Como se chama?

— Tome cuidado! Ou… ou usarei de meios violentos!

— Mas, deixe, deixe que eu lhe explique, rapaz, toda esta triste história…

— Não quero ouvir nada, nem quero saber nada do senhor! Deixe-me em paz. Cale-se, ou então…

— Mas é que não posso…

Debaixo da cama travou-se uma luta breve; mas por isso mesmo mais rija, até que Ivan Andriéievitch acabou por se calar.

— Meu amor, não te parece que anda por aqui o gato?

— O gato? Como… por que dizes isso?

Sem dúvida que a jovem não sabia o que havia de dizer, pois a avaliar pela sua voz sobressaltada e insegura, ainda não tinha recuperado a presença de espírito.

— De qual gato estás falando?

— Ora, do nosso Vasska, mulher. Há já duas semanas, ia eu entrando no escritório e fui dar com ele ali, todo enroscado numa cadeira; quando me viu pôs-se a rosnar como agora. Perguntei-lhe: “Que tens, Vasska?”. Mas ele continuou a rosnar. Então eu lhe disse para comigo: “Meu Deus! Quem sabe se ele não estará anunciando a minha morte?”.

— Livra, de que coisas tu falas hoje! Não tens emenda…

— Bem, bem, não te aborreças, minha querida. Já vejo que te custa pensar que eu possa morrer; mas não te aborreças. Disse isso unicamente por dizer. Mas, para falar verdade, podias despir-te e meter-te na cama… Eu ainda fico aqui um pouquinho, sentado na poltrona… coj… coj…

— Por favor, não… Depois…

— Bem, bem, não te aborreças, não te aborreças… Mas para te dizer a verdade, ia jurar que andam por aqui ratos…

— Que ideia! Tão depressa te parecem gatos como ratos! Não sei o que tens hoje!

— Bem… bem… coj… coj… Nada, coj… coj… Serias muito boazinha se… coj…

— Está vendo? Fala tão alto que ele já o ouviu! — murmurou o rapaz para o seu vizinho enquanto o velho tossia.

— Se soubesse em que é que estou pensando! O nariz já me escorre sangue!

— Pois deixe escorrer, mas cale-se! Tenha paciência até que ele se vá!

— Oh rapaz, mas ponha-se no meu lugar. Nem sequer sei quem tenho aqui ao meu lado!

— Sua posição seria menos incômoda se o soubesse? Pois a mim não me interessa absolutamente nada saber como é que o senhor se chama… Mas a propósito: qual é o seu nome? Diga o senhor primeiro!

— Não. Para que precisa saber? Vou lhe explicar unicamente em virtude de que casualidade absurda…

— Caluda, que já deixou de tossir…

— Acredita, minha querida, afirmo-te que ouvi distintamente cochichar aqui perto!

— Ai, homem, não, isso não é possível! Talvez o algodão te tenha saído do ouvido!

— Ah, a propósito. Olha… aqui… por cima de nós… coj… coj… No andar de cima, aqui, coj…

— Por cima de nós?! — murmurou o jovem. — Ó diabo! E eu que julgava que este era o último andar do prédio! Agora é que sei que é o segundo…

— Rapaz, cavalheiro! — interveio Ivan Andriéievitch como se alguém lhe tivesse dado uma bofetada. — Que é que está dizendo?

Pelo amor de Deus! Que interesse tem isso para o senhor? Também eu achava que este era o terceiro e último andar! Mas valha-me Deus! Afinal ainda há outro andar?

— Não; afirmo-te, querida, com certeza que há aqui alguém — disse o velho que estava agora melhor da tosse.

— Silêncio! Ouviu o que ele disse? — murmurou o rapaz cujas mãos apertavam as de Ivan Andriéievitch como tenazes de ferro.

— O senhor esmaga-me os dedos! Isso é um abuso. Largue-me!

— Silêncio!

Produziu-se nova luta, seguida de um novo silêncio.

— Olha, quando eu vinha subindo encontrei-me com uma senhora toda jeitosa — continuou o velhote. — Ainda não te havia dito?

— Toda jeitosa? Ah, sim? Conta-me isso direitinho — pediu a jovem consorte.

— Não há mais nada… encontrei-me com uma senhora muito bonita na escada… Ainda não te havia dito? Então é porque me esqueci… Ando com a memória tão fraca… eu devia era tomar erva-de-são-joão… Coj!

— O quê?

— Devia tomar chá de erva-de-são-joão. Dizem que faz muito bem… coj… coj… Sim, dizem que faz muito bem…

— O senhor é que o fez interromper! — murmurou o rapaz furioso.

— Estavas dizendo que esta noite tinhas encontrado na escada uma senhora muito bonita — continuou a mulher.

— O quê?

— Que tinhas encontrado uma senhora muito bonita.

— Que senhora?

— Tu é que deves saber!

— O quê? Eu? Ah, sim, é verdade!

— Até que enfim! Maldita múmia! — murmurou o rapaz lá debaixo da cama e de boa vontade teria dado um soco nas costas do desmemoriado velhote para que ele se lembrasse.

— Meu Deus! Estou tremendo de medo! Meu Deus, meu Deus! Está acontecendo hoje o mesmo que ontem à noite, tal qual a mesma coisa!

— Silêncio!

— Ah! Ah! Que grande velhaca! Com uns olhos que brilhavam por debaixo de um chapeuzinho azul-claro…

— Um chapeuzinho azul-claro! Ó diabo!

— É ela! Tem um chapeuzinho azul-claro! Meu Deus, meu Deus! — lamentou-se Ivan Andriéievitch em desespero.

— Muito bem; mas afinal quem é *ela*? — perguntou o rapaz em voz sossegada, mas apertando ansiosamente as mãos.

— Silêncio! — interrompeu-o desta vez Ivan Andriéievitch — Que ele está falando!

— Ó diabo… diabo!

— Mas afinal, qualquer mulher pode ter um chapéu azul-claro! — murmurou Ivan Andriéievitch em tom hesitante.

— E por sinal que parece uma boa transviada — prosseguiu o velhote. — coj… coj! Vem aqui muitas vezes, sem dúvida para se encontrar com algum amante… Anda sempre fazendo requebros… e mudando de amante…

— Uf, que conversa aborrecida — interrompeu a mulher. — Não sei como isso te pode interessar.

— Bem, bem! Não te enfades! — apressou-se o velho a pedir-lhe — Eu… eu… Coj! Se te aborreces não torno a falar-te nisto. Esta noite estás de mau humor…

— Mas… onde se veio meter? — perguntou de repente o rapaz, debaixo da cama, num tom sussurrante e excitado.

— Vê? Vê? Agora já começa a interessar-se, mas antes não queria que eu lho contasse?

— Ah, sim… antes, não. E é-me completamente indiferente! Mas fique calado! Ao diabo que a carregue, toda essa história; é de fazer perder a cabeça!

— Olhe, meu rapaz, não se aborreça. Eu não sei o que digo! Eu… eu queria apenas dizer que o senhor se interessava sem motivo por este episódio… Mas qual é o seu nome? Não o conheço, segundo vejo, mas desejava saber concretamente quem é. Meu Deus! Já nem sei o que digo!

— Acabe com isso, criatura! — disse o rapaz, mas em tom de quem está pensando noutra coisa.

— Hei de contar-lhe tudo desde o princípio até ao fim. Talvez imagine que não quero contar, que lhe guardo rancor, não é verdade? Aqui tem a minha mão! Simplesmente, acho-me agora numa situação um tanto humilde, aí é que está. Mas comece o senhor por responder-me: como é que veio parar aqui? Por que razão, com que objetivo penetrou o senhor nesta casa? Pela parte que me diz respeito, não estou zangado, juro-lhe; não lhe guardo rancor, aqui tem a minha mão. Não sei se estará um pouco suja, pois este lugar não brilha pelo asseio. Mas isso que importa? O que importa é o sentimento.

— Vá para o diabo com a sua mão! Muitas graças nós devíamos mas era dar por podermos estar aqui entendidos de barriga para baixo, e ainda o senhor se põe com cerimônias!

— Desculpe que lhe diga, mas o senhor trata-me precisamente como se fosse um farrapo! — objetou Ivan Andriéievitch num assomo de desespero, com uma voz como só se emprega para implorar. —

Trate-me com um pouco mais de cortesia… Está ouvindo?… apenas com um pouquinho mais de cortesia, que eu lhe conto tudo. Verá como ficamos amigos; até estou com vontade de o levar a jantar em minha casa. Mas declaro-lhe com toda a sinceridade que não é possível continuarmos nesta situação por mais tempo. O senhor está em erro, o senhor não sabe…

— Mas quando é que a teria encontrado? — murmurou o rapaz por entre os dentes, com viva comoção. — Talvez ela tivesse estado à minha espera… Não… não tenho outro remédio senão sair daqui custe o que custar.

— Ela? Quem vem a ser *ela*, rapaz? A quem se refere? Pensa que no andar de cima…? Meu Deus, meu Deus! Que fiz eu para merecer um tal castigo?

Ivan Andriéievitch tentou voltar-se de cara para cima mas não conseguiu, o que aumentou ainda mais a sua desdita.

— Que interessa ao senhor saber quem é ela? Com seiscentos mil demônios! Eu vou me retirar daqui!

— O que está dizendo, rapaz? E eu? Tenho de ficar aqui, não? — murmurou Ivan Andriéievitch aterrado.

E fincou as mãos nas abas do fraque do companheiro.

— Que tenho eu com o senhor! Fique sozinho. Ou então direi que o senhor é meu tio, um tio arruinado, que gastou até ao último copeque toda a sua fortuna, para que esse velhorro não se lembre de pensar que sou eu o amante da mulher.

— Ó rapaz, mas isso é completamente impossível. Nem pensar em semelhante coisa! Quem é que acreditaria que eu sou seu tio? Nem uma criança de peito acreditava nessa — murmurou Ivan Andriéievitch como quem faz uma jura.

— Então não fale tanto, ao menos, e esteja sossegadinho. Pode passar a noite aqui tranquilamente e logo que amanheça estudará a melhor maneira de se escapar. Fique descansado que ninguém há de

dar pela sua presença; uma vez que se escape um, não vai ocorrer a ninguém que possa haver ainda outro homem metido debaixo da cama… Uma dezena que fosse, poderiam estar aqui completamente tranquilos. Volte-se de costas…

— Não me aperte, rapaz! E se me dá a tosse? É preciso pensar em tudo!

— Psiu!

— Olha, meu amor, parece-me que no andar de cima vai começar o espetáculo — observou o velho com voz de sono, pois naquele meio tempo quase tinha adormecido.

— No andar de cima?

— Olhe, rapaz: vou ver se me escapo também!

— Bom!

— Ó, rapaz, pelo amor de Deus! Afirmo-lhe que vou sair daqui.

— Pois eu fico. A mim tanto me faz. Sabe o que acabei de crer e com bastante fundamento? É que aqui não há outro marido enganado senão o senhor… Compreende?

— Meu Deus, que cinismo! Mas julga isso, de verdade? Mas por que insiste que eu seja casado? Já lhe disse que sou solteiro…

— Como? É solteiro? O senhor? Bem se vê…

— Sim, senhor; e também podia muito bem ser um amante… O que é que o senhor sabe de mim?

— Olha, olha, um amante! Ah… ah!

— Cavalheiro, cavalheiro! Escute, vou contar-lhe tudo! Escute a minha confissão… a confissão dum desesperado… Eu não tenho nada a ver com esta história, pois repito-lhe que sou solteiro… tão solteiro como o senhor. Trata-se neste caso de um amigo meu, de um camarada da infância… Mas eu sou um amante… Bem… Um dia ele disse: “Sou um desgraçado; desconfio da minha mulher”. “Mas, meu

caro, em que te fundamentas para desconfiares dela?”… Não quis escutar-me… Os ciúmes são ridículos, os ciúmes são um vício!… Porém ele acrescentou: “Não, sou um desgraçado… Tenho de beber este cálice de amargura… desconfio da minha mulher…”. “Tu eras meu amigo desde a infância — disse-lhe eu. — Juntos colhemos flores nos campos e ao mesmo tempo gozamos as primeiras alegrias da vida…” Meu Deus, já não sei o que estou dizendo! Ó rapaz, você não faz outra coisa senão rir! Daqui a pouco me põe doido!

— Doido já o senhor é!

— Esta é boa! Eu já desconfiava que o senhor havia de dizer-me uma coisa dessas; ainda antes de eu ter aberto a boca já meu coração adivinhava. Mas faça favor de não se rir assim, rapaz. Também eu ria, dantes, também eu me portava assim. Ah… mas em compensação, agora… agora vou virar em doido, com certeza!

— Olha, meu amor, não estava alguém a falar? — perguntou o velhote com lentidão preguiçosa. — Ora eras tu, minha mulherzinha?

— Oh *mon Dieu*! — queixou-se a pobre mulher.

— Psiu! — ouviu-se debaixo da cama.

— Deve ser por cima de nós, no terceiro andar — observou a mulher transida de medo.

Debaixo da cama produziam-se ruídos acusadores, cada vez mais perceptíveis.

— Sim! Parece-me que deve ser — disse também o velho pensativo. — Aqui por cima… Parece-me que já te disse quando entrei… coj… coj… encontrei-me com um jovem de bigodinho…

— De bigodinho! Meu Deus! Isso quer dizer com certeza que se tratava do senhor — murmurou Ivan Andriéievitch.

— Oh, diabo, trata-se de um homem! Mas se eu estou aqui debaixo da cama, ao seu lado, como poderia ele ter-se encontrado comigo? Não me apalpe tanto a cara!

— Meu Deus, sinto-me desfalecer!

Nesse momento ouviu-se também um grande barulho no andar de cima.

— Que se passará ali? — perguntou o rapaz.

— Eu estou trêmulo, tenho os cabelos em pé, ajude-me!

— Psiu!

— É verdade, minha filha, agora ouço perfeitamente; estão fazendo lá em cima uma algazarra dos diabos. E precisamente no quarto de dormir. Não achas que devíamos enviar um recado a essa gente, para que nos deixem dormir?

— Ah, não faltava mais nada!

— Bem, bem, não se manda recado nenhum. Por que está hoje de tão mau humor?

— Oh, *mon Dieu*! Hoje nunca mais adormeces!

— Lisa, tu não gostas de mim.

— Ó homem, mas que coisas tu dizes! Como é que eu não havia de gostar de ti? Simplesmente… Se soubesses como estou cansada hoje!

— Bem… bem… Eu já me vou embora!

— Ai, não homem… Não te vás embora! — exclamou de repente angustiada. — Olha, sim, o melhor… Sim, vai-te embora, vai!

— Mas o que tens tu, minha querida? Tão depressa dizes que me vá como queres que fique… coj… coj… Em casa dos Panafídini… A menina… coj… coj… ganhou uma boneca de Nuremberg!

— Agora começas a falar de bonecas!

— Coj… coj… Uma boneca lindíssima… Coj… coj…

— Já está a despedir-se! — murmurou o rapaz para o seu companheiro de desdita. — Agora ele se vai embora e nós já poderemos sair! Alegre-se, criatura!

— Deus queira, e que se vá depressa!

— Isto foi uma boa lição para o senhor…

— Rapaz! Por que me fala de lição? Lição de que? Parece-me que… Não, o senhor ainda é muito novo para dar lições a mim!

— E no entanto posso dá-las… Escute!

— Meu Deus, que vou espirrar!

— Chiu! Não se atreva a uma coisa dessas!

— Mas que hei de eu fazer? Aqui cheira a ratos e entrou-me pó pelo nariz! Não posso conter-me! Por favor, tire-me o lenço do bolso da jaqueta, que não posso mexer-me… Meu Deus, meu Deus, que teria eu feito para merecer este castigo!

— Aqui tem o lenço! Quanto à sua pergunta, vou dizer-lhe o que é que o senhor fez para ser castigado desta maneira! O senhor é ciumento. Não sei lá por que suspeitas, anda a bater as ruas da cidade penetrando nas casas alheias, importunando as pessoas, provocando escândalos…

— Rapaz! Apesar de tudo eu ainda não provoquei nenhum escândalo!

— Cale a boca!

— Você não tem autoridade para me pregar sermões. Eu sou mais decente do que você!

— Repito-lhe que se cale!

— Vejam só!…

— O senhor está armando um escândalo e assustando uma formosa mulher que não sabe o que há de fazer da vida, de tão

assustada, e que talvez acabe por cair doente devido à comoção; está dando motivos de inquietação a um honrado ancião que já tem bastante que fazer com os seus achaques; a um pobre velho que acima de tudo precisa de descanso… E tudo isto por quê? Muito simplesmente porque se lhe meteu na cabeça uma mania que o faz percorrer as ruas e assaltar as casas. Não compreende a ideia que forçosamente temos de formar do senhor, devido à sua própria maneira de se conduzir? Compreende ou não compreende?

— Está bem, rapaz. Compreendo. Mas ainda que seja assim, não tem o direito…

— Cale-se! Por que fala de direitos? O senhor não vê como isto pode acabar tragicamente? Não compreende que esse velho, que ama a mulher acima de todas as coisas, ficará simplesmente doido quando o vir sair debaixo da cama da esposa? O senhor não pode ser a causa de uma tragédia! Porque, quando o virem sair, a arrastar-se todo aquele que o vir há de fartar-se de rir! Eu nem sei o que daria para o ver sair, às claras. Deve ser de morrer de riso!

— E você? Com certeza que em semelhante transe, ao sair de debaixo de uma cama, também ficaria ridículo. Acredite que também eu daria qualquer coisa para o ver!

— O senhor?

— Sim, rapaz, porque você deve ter estampada na cara a sua própria falta de moral.

— Lá vem o senhor outra vez com a história da imoralidade! Sabe lá as razões por que eu estou aqui? Entrei nesta casa por engano, pois o meu intuito era ir para o andar de cima. Sabe Deus por que me teriam deixado entrar aqui! Provavelmente ela estava à espera de outro… Claro que esse outro não era o senhor. Quando ouvi os seus passos e vi que a senhora ficava tão assustada, escondi-me apressadamente debaixo da cama. Além disso aqui estava muito escuro. Aliás, a minha presença neste lugar não pode de modo algum justificar a sua. O senhor não passa de um velho grotesco e ciumento. Sabe por que é que eu não me vou embora? Talvez ache que eu tenha medo! Pois engana-se redondamente; já há muito que eu me teria ido

se não fosse ter pena do senhor. Morreria se eu o abandonasse. Havia de ficar feito parvo diante deles se o obrigassem a sair lá para fora e ficaria maluco para todo o sempre.

— Por que havia eu de ficar feito parvo? Por que me aplica essa comparação? Não podia arranjar outra? Por que não poderia eu recuperar o juízo? Pois fique sabendo que havia mais de acontecer o contrário…

— Quieto! Não ouve como o cão ladra? Tudo por causa do seu maldito palavreado! Até o cãozinho acordou! Esse miserável animal vai ser a nossa perdição!

Efetivamente, o cãozinho da senhora, que até então não se tinha mexido na sua almofada, no canto onde dormia, acordou de repente, rosnou durante algum tempo e, finalmente, precipitou-se com latidos agudos para debaixo da cama.

— Meu Deus, o cão! — murmurou Ivan Andriéievitch meio morto de susto.

— Este é que nos vai descobrir! Agora é que se vai saber tudo! Que mal fiz eu, meu Deus, para merecer este castigo?

— E tudo, evidentemente, por causa da sua covardia!

— Ami, Ami!, vem cá — exclamou de repente a jovem levantando-se muito assustada.

— *Ici, ici, viens ici!*[3]

Mas o cãozinho, em vez de fazer caso dos chamamentos da dona, foi e arremeteu contra Ivan Andriéievitch.

— Que se passa, meu amor? Por que está Amichka dessa maneira? — perguntou o velhote. — Haverá ratos debaixo da cama ou andará o gato por aí? Eu bem te dizia que ouvia barulho… E já sabes que o nosso Vasska está constipado…

— Esteja quieto, homem! — murmurou o rapaz. — Não se mexa! Pode ser que o cão se vá embora!

— Cavalheiro, cavalheiro! Largue-me a mão! Por que me aperta desse modo!

— Esteja quieto!

— Juro-lhe que o cão está me mordendo o nariz! Quer que eu fique sem nariz?

Seguiu-se uma pequena luta na qual Ivan Andriéievitch conseguiu por fim retirar a mão. O cão ladrava furiosamente; mas de repente soltou uma rosnadela e depois calou-se.

— Ah! — exclamou a mulher.

— Que está fazendo? — disse o rapaz furioso. — Vai descobrir-nos! Por que prendeu o cão? Ó diabo! Olhe que o mata! Ouça o que eu lhe digo, largue-o imediatamente. Não ouve? Seu estúpido, não faz ideia nenhuma dos sentimentos duma mulher! É capaz de nos enviar os dois ao patíbulo se fizer o mais pequeno dano ao seu cãozinho!

Mas Ivan Andriéievitch até estava surdo, de tão assustado; não ouvia nada. Tinha conseguido prender o cão pelo pescoço, e levado por um exagerado instinto de conservação, tinha-o agarrado com tanta força que o pobrezinho apenas podia lançar de quando em quando uma rosnadelazinha antes de exalar o último suspiro.

— Estamos perdidos! — murmurou o rapaz.

— Amichka! Amichka! — exclamou a senhora. — *Mon Dieu*! Que teriam feito ao meu Ami? Amichka, Amichka! *Ici*! Oh, que malandros! Que bárbaros! Meu Deus, eu vou ficar doente!

— Mas que passa, meu amor? — exclamou o velho que ia já a meio do sono. — Que tens, minha filha? Amichka, aqui, aqui! Amichka, Amichka, Amichka! — gritou o velho com impaciência dando estalos com a língua e batendo palmas; mas tudo foi inútil. Amichka não aparecia.

— Mas por onde andará ele? Vamos, Amichka! *Ici*! Não vens? Seria possível que o gato o tivesse comido? Seja como for, não deixa de ser acertado que eu castigue um pouco o Vasska, pois já há um mês

que não apanha. O que achas? Meu Deus! O que aconteceu, meu amor? Estás tão pálida! Água, socorro! Socorro!

E o velho, como louco, precipitou-se para a porta.

— Assassinos! Ladrões! — exclamou a senhora deixando-se cair sobre a *chaise-longue*.

— Mas quem são eles? Onde estão? — perguntou o velho à porta.

— Há aqui uns homens… Uns homens desconhecidos… Aqui, debaixo da minha cama! Oh *mon Dieu*! Amichka! Amichka! Que te fizeram? Meu pobrezinho!

— Deus de misericórdia! De que homens falas tu? Amichka! Mas não… vamos a ver… Criados! Venham cá… Quem anda aí? — exclamou o velho completamente transtornado pela comoção, pegando na luz e inclinando-se para olhar para debaixo da cama.

— Quem está aí? Socorro! Criados!

Ivan Andriéievitch estava mais morto do que vivo, junto do cadáver de Amichka. O rapaz, porém, seguia atentamente todos os movimentos do velho. Rapidamente, observou que se dispunha a agachar-se, e enquanto ele procurava o intruso do outro lado da cama, aproveitou a ocasião para sair dali num abrir e fechar de olhos.

— *Mon Dieu!* — murmurou a senhora ao ver diante de si um rapaz tão galante. — Quem é o senhor? Eu pensava…

— O outro ficou debaixo da cama — disse o rapaz em voz baixa e rápida. — Ele é quem é o culpado da morte de Amichka!

— Ah! — exclamou a senhora, horrorizada.

Mas o rapaz, de um pulo, retirou-se do quarto.

— Ah! Quem está aí? Vejo uma bota! E uma perna! — resmungou o velho, que tateava com um pé o corpo de Ivan Andriéievitch.

— Assassino! Esse é que é o assassino! Oh, Ami! Oh, Ami! — gemia a senhora.

— Saia daí! Saia daí! — gritou o velho batendo com os pés no tapete. — Quem é você? Que procura aqui? Meu Deus! Quem é este homem?

— Por amor de Deus, por todos os santos! Por misericórdia! — implorou Ivan Andriéievitch, que se arrastou de gatinhas, ajoelhando-se depois, estendendo as mãos suplicantes e continuando a arrastar-se. — Por amor de Deus, Excelência, não chame ninguém! Não é preciso! O senhor… o senhor não pode ordenar que me ponham assim no olho da rua! Eu não sou pessoa com quem se proceda assim, dessa maneira! Eu sou um cavalheiro! Trata-se de um engano, Excelência; enganei-me, e é tudo. Vou explicar-lhe tudo, Excelência, tudo, tudo, tudo! — continuou Ivan Andriéievitch por entre soluços que lhe cortavam a voz. — Quem tem a culpa disto tudo é a minha mulher; quer dizer, a minha mulher, não, mas uma mulher alheia… pois saiba V. Excelência que eu não sou casado, mas somente… O marido é um companheiro de escola, um meu amigo de infância…

— Vá para o diabo com o seu amigo de infância! — gritou o velho batendo encolerizado com o pé no chão. — Você é um ladrão, um criminoso, um assassino! Entrou aqui unicamente para roubar! Nem sequer existe esse seu amigo de infância!

— Não, senhor… Juro-lhe que não sou nenhum ladrão, Excelência. Eu sou realmente amigo dele desde a infância. Eu… incorri simplesmente num erro: enganei-me na porta…

— Bem se vê…

— Não, Excelência! Eu não sou o que o senhor pensa! Engana-se! Asseguro-lhe que se encontra em grave erro, Excelência. Olhe bem para a minha cara e verá assim claramente que eu não sou um ladrão. Minha senhora, minha senhora! — implorava Ivan Andriéievitch, dirigindo-se com gestos suplicantes à mulher do velho. — A senhora, a senhora, como mulher sensível vai me compreender melhor… Eu… Fui em quem matou Amichka… Mas estou inocente… Juro-lhe por Deus! Quem tem a culpa de tudo isto é a mi… quero dizer, a minha mulher, não, mas uma estranha. Eu… eu sou um infeliz; eu esgotei o cálice…

— Que me importa a mim que o tenha esgotado? Que com certeza não foi apenas um cálice, a julgar pelo seu aspecto! Mas não quer explicar-me como veio parar aqui? — exclamou o velho tremendo de comoção, se bem que dissesse afinal lá para consigo que aquele indivíduo não parecia realmente um ladrão vulgar. — Responda ao que lhe pergunto: como… é que veio parar… aqui? Então não é um ladrão?

— Não, Excelência, não sou um ladrão! Eu… sou apenas um desastrado… que se enganou na porta! Em nome de Cristo que não sou um ladrão! Tudo isto foi por causa dos meus ciúmes! Vou contar-lhe tudo, Excelência, tudo e com toda a franqueza; como se fosse meu pai, contarei tudo; como a meu pai, já que pela idade V.Exa. podia muito bem sê-lo…

— O quê? O que diz? Eu, seu pai?

— Excelência, Excelência! Pode ser que o tenha ofendido! Se assim foi, peço-lhe perdão, Excelência. Com certeza que, com uma mulher tão jovem, na sua idade, deve ser muito agradável… Excelência, creia-me, ver um casal assim… na flor da sua idade… Não chame os criados; pelo amor de Deus não chame os criados; eu conheço muito bem essa gentalha, haviam de rir-se de todos nós… Acredite que os conheço muito bem… Quero dizer, com isto não pretendo dar a entender que conte criados entre os meus amigos, conheço-os porque os tenho ao meu serviço, tal como V. Exa., e a cada passo se estão rindo na minha cara, esses velhacos. Excelência, julgo que não me enganei, vê-se bem que tenho a honra de estar falando com um príncipe.

— Qual príncipe, eu sou um simples cidadão. E peço-lhe que se deixe de títulos e não pretenda iludir-me com bajulações, que não consegue nada com isso. O que eu quero é que me diga como é que chegou aqui! Portanto tenha a bondade de explicar-se.

— Com muito gosto. Isto é, não. Excelência… V. Excelência desculpe-me, eu o julgava um príncipe. Tinha imaginado… V. Excelência perdoe, estava em erro. Mas é que tem uma tal semelhança como o príncipe Korotokútchev, ao qual tive a honra de ser

apresentado em casa do meu amigo, o general Pruiev… Repare V.Exa., eu estou relacionado com príncipes; conto com um príncipe autêntico entre as minhas amizades; V.Exa. não pode portanto tomar-me por aquilo que me toma. Não sou nenhum bandido, nenhum ladrão. Excelência, não chame os criados! Por amor de Deus, tenha compaixão de mim! Reconsidere: se chama os criados, que intrigas não irão eles levantar!

— Mas como é que veio parar aqui? — exclamou a senhora. — E, sobretudo, quem é você?

— Sim, isso… Quem é você? — repetiu o velho. — E eu, minha querida, convencido de que era Vasska que andava debaixo da cama! E em vez do gato quem lá andava era este tipo… Ah, bandido! Quem é você? Fale, criatura, diga de uma vez!

E o velho voltou a bater o pé, impaciente.

— Não posso, Excelência! A minha história é uma história ridícula, Excelência! Vou contá-la toda a V. Excelência, explicarei tudo… Bem, quero dizer com isto… Não chame gente estranha, Excelência. Seja magnânimo, tenha piedade de mim. Acredite que não quer dizer nada o fato de eu me ter metido debaixo da cama… Nem por isso perdi a minha dignidade. É a história mais ordinária do mundo, minha senhora — insistiu o pobre Ivan Andriéievitch dirigindo-se à jovem com um gesto implorativo. — A senhora, Excelência, vai rir-se quando a ouvir. Neste momento, minha senhora, tem diante de si… um marido ciumento. Como V. Excelências veem eu próprio me humilho e faço-o espontânea e voluntariamente. Declaro também que fui eu o culpado da morte de Amichka. Mas… Meu Deus, já não sei o que estou dizendo!

— Mas como é que veio parar aqui?

— A coberto da obscuridade, Excelência, quando me aproveitava da obscuridade… Perdão! Oh, perdão, de joelhos imploro o seu perdão! Eu sou simplesmente um marido ofendido! Não vá imaginar, Excelência, que eu seja um amante. Não sou nenhum amante, afirmo-o! V. Exa. tem uma mulher muito virtuosa, se me é lícito exprimir-me assim… É pura e inocente, creia-me…

— O quê? O quê? Que descaramento vem a ser esse? — exclamou o velho com a cara toda vermelha, voltando novamente a bater o pé sobre o chão. — Você está maluco ou bebeu demais? Como se atreve a falar da minha mulher?

— Criminoso, assassino, que matou o meu Ami! — exclamou a jovem indignada. E pôs-se a chorar pela perda de Amichka. — E ainda por cima se atreve a insultar-me!

— Excelência… minha senhora… Excelência! Foi um engano! — protestou Ivan Andriéievitch quase fora de si. — Pense de mim o que quiser, considere-me mesmo um louco, pelo amor de Deus; sim senhora, como um louco pode considerar-me, se quiser… Juro pela minha honra que isso me agradaria muito! De boa vontade estenderia a minha mão a V. Excelência, mas não me atrevo… Eu estava ali sozinho… eu sou o tio… isto é, quero dizer que não devo ser tomado por nenhum amante… Santo Deus! Lá estou eu outra vez a atrapalhar-me! Eu não tive intenção de ofender Vossa Excelência! — exclamou Ivan Andriéievitch dirigindo-se à jovem. — A senhora é uma mulher e deve saber o que é o amor… esse terno sentimento… Mas que estou eu dizendo? Nada, que já estou outra vez a fazer confusões. Apenas desejava dizer-lhes que sou um velho; isto é, um velho, não; mas sim um homem maduro… um ancião na flor da idade. Com isto tudo apenas quero dizer que de maneira nenhuma poderia ser seu amante, minha senhora, porque um amante costuma ter sempre uns certos ares de *Mister* Richardson[4]. ou Don Juan… Mas, meu Deus, o que estou a dizer! Pelo menos há de compreender, minha senhora, que sou um homem culto, que estou em dia com a literatura. Vossa Excelência ri-se! Pois folgo muito, muitíssimo, por lhe ter podido arrancar um sorriso! Oh, como estou contente por vê-la rir!

— *Mon Dieu!* Que homem tão ridículo! — exclamou a senhora, que mordia os lábios para não rir claramente.

— Tens razão — concordou o velho, rindo também, visivelmente satisfeito por ver rir sua mulher. — Olha, meu amor, eu julgo que não, realmente não deve ser um ladrão. Mas como viria ele ter aqui?

— Bem sei, compreendo… é uma coisa estranha, mais do que

estranha! Parece verdadeiramente uma coisa de romance! Como? Assim: é meia-noite na cidade… quando, de repente… um homem estranho debaixo da cama, no quarto de dormir. Uma coisa estranha, espantosa, não? Uma coisa à Rinaldo Rinaldini,[5] não é verdade? Mas o caso não fica por aí, ainda não disse tudo, Excelência. Mas vou contar-lhe tudo… E a Vossa Excelência, minha senhora, vou dar outro cãozinho em troca daquele que perdeu. Um cãozinho muito bonito; tal qual como o outro. Com o mesmo pelinho sedoso e as mesmas patinhas curtas, de tal maneira que não possa dar dois passos seguidos sem enredar-se na própria pelagem e rolar depois pelo chão. E que apenas coma torrõezinhos de açúcar. Hei de dar-lhe um assim… minha senhora… Irei procurá-lo sem falta.

— Ah, ah, ah! — ria a senhora a bom rir, à custa do pobre Ivan Andriéievitch. *Mon Dieu! Mon Dieu!* Que ridículo!

— É verdade! Ah, ah, ah! Coj… coj… coj… Que desastradão, todo sujo de pó! Coj… coj… coj!

— Excelência, Excelência! Neste momento me sinto completamente feliz! Era capaz de suplicar-lhe agora que me estendesse a sua mão, simplesmente não me atrevo, minha senhora; compreendo que incorri num grande erro, que me enganei redondamente; mas agora já abri os olhos, agora acredito que também a minha mulher é pura e inocente e que desconfiava dela sem razão.

— A sua mulher? Mas você… tem mulher? — exclamou a senhora sem poder conter o riso por mais tempo.

— O quê? Mas é casado? Será possível? Essa é que nunca me passaria pela cabeça. Ah, ah, ah! Coj… coj… coj!

— Excelência, Excelência! A minha mulher é quem tem a culpa de tudo; quero dizer, não, pelo contrário, o culpado sou eu por ter suspeitado dela… Eu sabia que aqui, neste prédio, devia dar-se uma entrevista… no terceiro andar… no andar de cima. Por acaso a carta em que se marcava a entrevista caiu nas minhas mãos. Mas enganei-me; julguei que já tinha chegado ao andar da entrevista e meti-me debaixo da cama, sem ter tido tempo de pensar no que fazia.

— Ah, ah, ah! Coj… coj… coj!

— Ah, ah, ah!

— Ah, ah, ah — e Ivan Andriéievitch acabou também por rir. — Oh, como sou feliz! Como é bom estarmos todos contentes e em tão boa harmonia! E minha mulher… Oh, agora já não tenho dúvida nenhuma… completamente inocente! Estou convencido disso! Não é verdade que deve ser assim, minha senhora?

— Ah, ah, ah! Coj… coj… coj! Ouve, querida, sabes quem é ela? — perguntou o velho no meio do riso e da tosse, à mulher.

— Quem é? Ah, ah, ah! Quem te parece que seja?

— Coj… coj… coj! Pois é essa tal criaturinha que coqueteia com toda a gente! É ela, não há dúvida! Ia apostar em como é essa mulher!

— Excelência, tenho a certeza de que se está referindo a outra… Estou absolutamente persuadido…

— Mas, sendo assim, por que perde você um tempo tão precioso? — interrompeu-o a senhora, deixando de rir. — Apresse-se homem! Corra, suba, que talvez possa apanhá-los ainda!

— V. Excelência tem razão! Vou lá agora mesmo! Mas sei de antemão que não hei de encontrar ninguém. Não pode ser a minha mulher; estou firmemente convencido… A minha mulher está na sua casinha! Sou eu o único culpado! Isto é, a culpa disto tudo tem-na os meus ciúmes… Não acha V. Excelência? Ou pensa que poderei encontrá-los lá em cima?

— Ah, ah, ah!

— Eh, eh, eh! Coj… coj… coj…

— Bom, vá-se embora, vá-se embora!

— E se voltar a passar diante da nossa porta, entre e conte-nos tudo — exclamou a mulher com vivacidade. — Ou melhor ainda, venha visitar-nos amanhã em companhia de sua esposa, gostava de

conhecê-la.

— Então, adeus, minha senhora, muito obrigado! Dou-lhe a minha palavra que virei com ela. Folgo muito por tê-la conhecido! E sinto-me muitíssimo contente por que todo este enredo tenha tido um desenlace tão rápido e satisfatório!

— Bem, e não se esqueça do cãozinho.

— Nunca, minha senhora! Também hei de trazê-lo sem falta! — prometeu Ivan Andriéievitch já à porta. — Branco como uma bola de neve, pequenino e com uma pelagem de seda! Adeus, minha senhora! Muitíssimo prazer em tê-la conhecido! Acredite que tive um verdadeiro prazer!

E fazendo uma reverência, Ivan Andriéievitch desapareceu.

— Eh, eh, senhor! Espere um momento, chegue aqui num instantinho! Coj… coj… coj! — exclamou de súbito a voz rouca do velho.

Ivan Andriéievitch voltou-se.

— Não encontro Vasska em parte nenhuma, o nosso gato… Pode dizer-me se por acaso não estava também debaixo da cama?

— Não, não estava, Excelência. Aproveito a oportunidade para reafirmar a V. Exa. que tive um grande prazer em conhecê-lo. Considero como uma honra…

— Agora o pobre-diabo anda sempre a espirrar e a miar. Tem que viver apanhando sempre!

— Muito bem, Excelência, não há nada como os castigos para educar os animais.

— O quê?

— Eu dizia simplesmente, Excelência, que os castigos estão muito indicados para a educação dos animais, para torná-los obedientes.

— Ah, sim? Bem, bem isso mesmo era o que eu queria dizer ao

senhor. Muito obrigado… Coj… coj!

Quando Ivan Andriéievitch se viu na rua, permaneceu durante muito tempo imóvel, sem sair do lugar, como ameaçado de um ataque de apoplexia. Depois, lentamente, tirou o chapéu, enxugou o suor frio que lhe escorria pela testa, distendeu o corpo, reconsiderou ainda um pouco e por fim encaminhou-se devagar para casa.

Foi enorme a sua surpresa ao saber que havia muito tempo que Glafira Pietróvna tinha voltado do teatro, acometida de uma dor de dentes fortíssima, pelo que tinha mandado chamar o médico e trazer sanguessugas, e que, metida na cama, aguardava impaciente a chegada do marido.

Ivan Andriéievitch começou por dar uma palmadinha na testa, pediu logo água e uma escova para limpar-se a si e à roupa; feitas essas coisas, resolveu-se a entrar no quarto da mulher.

— Ó homem, poderás dizer-me onde passas as noites? Mas que aspecto o teu! Por onde andaste? Nunca vi uma coisa destas! Enquanto a mulher está na cama, à beira da morte, o marido anda de calças pardas, sem que ninguém lhe possa pôr a vista em cima. Onde estiveste, homem? Talvez tivesses andado a espiar-me, para ver se me apanhavas em alguma entrevista, que eu teria dado não sei a quem… Não há dúvida! Não tardará que sejas objeto da curiosidade de todos… Todos hão de apontar-te com o dedo!

— Meu amor! — balbuciou Ivan Andriéievitch, nesse instante acometido de tal emoção que teve de puxar do lenço, pois sentia-se sem forças para falar, sem palavras, nem sequer ideias…

Mas quem poderia descrever o seu espanto, o seu horrível susto, quando, do bolso traseiro do fraque, ao tirar o lenço, viu cair o cadáver de Amichka! Não tinha reparado que no instante de suprema aflição por que tinha passado, debaixo daquela cama, ao ver-se obrigado a sair do seu esconderijo, tinha ali guardado o cadáver da sua vítima, talvez movido pelo instinto de conservação, com o fim de ocultar as provas do seu delito e de iludir assim o sofrimento.

— Que é isso? — gritou a mulher assustada. — Um cãozinho

morto! Meu Deus! Onde arranjaste isso? O que te aconteceu? Donde vens tu, homem? Diz logo!…

— Meu amor! — balbuciou Ivan Andriéievitch — Meu amor!

Mas preferimos deixar aqui o nosso herói a acrescentar qualquer coisa da nossa lavra que não tenha relação com a aventura referida. É possível que algum dia venha ainda a contar todos estes infelizes acontecimentos… Mas, por hoje, o leitor não tem outro remédio senão concordar comigo numa coisa: que os ciúmes constituem uma paixão imperdoável, pior ainda, são uma autêntica desgraça…

**1** Salão de reunião.↩

**2** Sem falta.↩

**3** Aqui, aqui, vem cá.↩

**4** Escritor inglês, autor de novelas sentimentais com intenção moralizadora.↩

**5** Herói do romance do mesmo nome, do escritor alemão C. A. Vulpius (1702-1827). Fora traduzido para o russo em 1802 e gozou de grande popularidade.↩

# Uma árvore de Natal e um casamento

# Uma árvore de Natal e um casamento (1848)

Aqui há dias assisti a um casamento… Mas não… Antes disso tenho de contar-lhes umas coisas a propósito de uma festa de Natal. Uma festa de casamento é, já de si, uma linda festa, e então daquela gostei muitíssimo… Mas o outro acontecimento impressionou-me ainda mais. Ao assistir àquelas bodas, tive forçosamente de me recordar da festa de Natal. Vou contar-lhes o que se passou então…

Há uns cinco anos recebi certo dia, entre o Natal e o Ano-Novo, um convite para um baile infantil que ia realizar-se em casa de uma família da minha amizade. O dono da casa era uma pessoa influente, que estava muito bem relacionada; tinha um grande círculo de amigos, desempenhava papel de relevo na sociedade e costumava urdir tramas de toda a espécie; de modo que era fácil supor que aquela festa de crianças era apenas pretexto para que a gente crescida, especialmente os papais, pudessem reunir-se "inocentemente" em maior número que de costume, e a aproveitar a ocasião para falarem, como por acaso, de toda espécie de acontecimentos e coisas notáveis. Mas como a mim tais coisas e tais acontecimentos não interessavam absolutamente nada, e como tinha poucos conhecimentos entre as pessoas que ali se encontravam, passei todo o serão entregue a mim mesmo, sem que ninguém me incomodasse. O mesmo aconteceu com outro convidado que, segundo me pareceu, não era pessoa conhecida nem pelo nome nem pela posição social, e à semelhança do que acontecia comigo, somente por puro acaso se encontrava naquele baile de crianças… o qual imediatamente chamou a minha atenção. O seu aspecto exterior impressionava favoravelmente: era alto, magro, tinha um ar sério e estava bem-vestido. Via-se logo que não gostava de distrações nem de conversas frívolas. Ao instalar-se num cantinho tranquilo, o seu rosto, cujas negras sobrancelhas se franziram, tomou uma expressão dura, quase sombria. Saltava aos olhos que, exceção do dono da casa, não conhecia nenhum dos presentes. E também não era difícil adivinhar que aquela festazinha o aborrecia muitíssimo, embora tivesse mantido até ao fim o ar dum homem feliz que passa o tempo agradavelmente.

Vim a saber mais tarde que vivia na província e se encontrava de passagem em Petersbugo, onde no dia seguinte se decidiria um complicado pleito do qual dependia todo o seu futuro. Tinha-se apresentado ao dono da casa com uma carta de recomendação, e este, muito cortesmente, convidara-o para o serão; mas segundo parecia não contava absolutamente nada que desse aos donos da casa motivo para se ocuparem dele, por pouco que fosse. E como ali não se jogavam cartas e ninguém lhe oferecia um cigarro, nem se dignava dirigir-lhe a palavra — decerto só pelo andar da carruagem conheciam logo quem ia dentro — o nosso homem viu-se obrigado, para entreter as mãos, a ficar a noite inteira acariciando as suíças. Tinha realmente umas belas suíças, mas, ainda assim ocupava-se demasiado delas, pois quase nos fazia acreditar que primeiro tinham nascido elas e depois é que lhe tinham juntado o homem, só de propósito para acariciá-las.

Além daquele cavalheiro, o qual não se preocupava absolutamente nada com a festa dos cinco pequenos e gorduchos filhos do dono da casa, houve ainda outro indivíduo que também me chamou a atenção. Este, porém, tinha um aspecto totalmente diferente: via-se logo que se tratava de uma grande personagem!

Chamava-se Iulian Mostakóvitch. Logo ao primeiro olhar se percebia que era um convidado de honra e que se achava perante o dono da casa aproximadamente na mesma posição que, relativamente a este último, ocupava o provinciano desconhecido. O dono da casa e a esposa desfaziam-se em amabilidades para com ele, pode mesmo dizer-se que lhe faziam uma espécie de corte, apresentando-lhe todos os convidados sem apresentarem ele próprio a ninguém. Segundo observei, o dono da casa tinha até nos olhos uma lagrimazinha de comoção, quando Iulian Mostakóvitch, elogiando a festa, lhe garantiu que raras vezes tinha passado umas horas tão agradáveis. Eu, geralmente, costumo sentir um mal-estar estranho na presença de pessoas assim tão importantes; por isso, depois de observar durante algum tempo o que faziam os garotos, fui até um pequeno *boudoir*, onde por acaso não havia ninguém, e ali me instalei entre os vasos de plantas da dona da casa, que ocupavam o aposento quase por completo.

Os meninos eram todos muitíssimo atraentes, deliciosos de

ingenuidade e frescura, e por mais que as mães e as criadas lhes recomendassem que se portassem como gente grande, não faziam caso e mostravam-se crianças como eram. Haviam despojado a árvore de Natal de todos os seus enfeites e já tinham também destroçado metade dos brinquedos, antes ainda de saberem a quem se destinavam. Um garotinho de olhos tão negros como os cabelos despertou a minha atenção de modo especial: mostrava-se interessado em disparar contra mim um tiro com uma pequena pistola de madeira que lhe havia cabido em sorte. Mas quem atraía mais a atenção dos convidados era a sua irmãzinha. Teria talvez uns onze anos, era delicada e pálida, e tinha uns grandes olhos pensativos. Os outros garotos deviam tê-la magoado com qualquer palavra, pois veio refugiar-se no local onde eu me instalara, sentou-se num canto e pôs-se a brincar com a boneca. Os convidados indicavam uns aos outros com muito respeito o pai da pequena, que era um rico comerciante, e não faltou quem observasse em voz baixa que ele pusera já de lado para o seu dote uns trezentos mil rublos em bom metal sonante. Por acaso olhei para o grupo que mantinha esta conversa e dei com os olhos em Iulian Mostakóvitch, que, com as mãos cruzadas atrás das costas e a cabeça um pouco de lado, parecia escutar com muito cuidado interesse o insípido diálogo. Ao mesmo tempo admirei a habilidade do dono da casa ao distribuir as prendas aos pequeninos. À garota dos trezentos mil rublos coubera a boneca mais bonita e mais cara. O valor das outras prendas ia diminuindo gradualmente, segundo a categoria dos pais dos pequenos. Ao último garoto, um pequenino de uns dez anos, magricela, ruivo e com sardas, apenas coube um livro de histórias instrutivas que tratavam da grandeza do mundo natural, das lágrimas de comoção e de outras coisas no gênero: um livrinho árido, sem qualquer estampa ou desenho.

Era o filho duma pobre viúva que dava aulas aos filhos do dono da casa e a quem tratavam por aia. O tal rapazinho era uma criança tímida, envergonhada. Vestia uma camisinha escura de tecido barato. Depois de receber o livro andou durante um certo tempo rondando à volta dos brinquedos das outras crianças, e era evidente que tinha uma vontade enorme de brincar com elas, mas não se atrevia. Compreendia já muito bem as diferenças de posição social. Eu olhava com agrado as brincadeiras dos meninos e observava a grande

independência de que davam provas. Chocava-me ver que aquele pequeno de quem falei se sentisse tão atraído pelos ricos brinquedos dos outros, sobretudo por um teatrinho de fantoches em que provavelmente desejaria participar, a ponto de servir-se de lisonja. Sorriu e procurou tornar-se simpático aos outros; deu a sua maçã a uma garota gorducha que tinha já o bolso atulhados de guloseimas, e foi até ao extremo deixar-se cavalgar por um dos pequenos, tudo para poder entrar na brincadeira do teatro. Mas nesse instante apareceu um adulto que era uma espécie de vigilante e expulsou-o dali, empurrando-o e puxando-o por um braço. O garoto soube conter as lágrimas. Depois apareceu também a aia sua mãe e disse-lhe que não aborrecesse os outros meninos. Então o garoto veio para onde estava a pequena. Ela o acolheu carinhosamente e puseram-se os dois a vestir a boneca, muito entretidos.

Havia meia hora já que eu ali estava sentado entre as flores e quase chegara a adormecer embalado inconscientemente pelo tagarelar infantil do pequeno ruivo e da futura beldade com trezentos mil rublos de dote quando, de repente, surgiu no compartimento Iulian Mostakóvitch. Aproveitara a ocasião em que se levantara uma grande disputa entre os garotos da sala para desaparecer dali sem dar nas vistas. Minutos antes tinha-o eu visto ao lado do rico comerciante, pai da garota, em animado colóquio e por uma ou outra palavra solta que apanhei no ar adivinhei que discutiam as vantagens dum emprego qualquer em relação a outro. Agora estava pensativo, de pé, junto dos vasos, sem reparar em mim, e parecia meditar em qualquer coisa.

“Trezentos… Trezentos… — murmurava. — Onze… doze… treze… dezesseis… Cinco anos! Suponhamos a quatro por cento… Doze vezes cinco… sessenta. Bom; ponhamos ao todo, ao fim de cinco anos… Quatrocentos. É isso… Mas aquele malandro não se há de contentar com quatro por cento. Quererá pelo menos oito, ou até mesmo dez. Façamos de conta… quinhentos mil… Hum! Meio milhão de rublos. Assim já é melhor… Bom… e depois os impostos… Hum!”

A sua resolução era firme. Sua aparência se desanuviara e dispunha-se já a sair da sala, quando reparou na garota que estava num canto com a boneca, junto do menino pobre. Estacou. Não reparou em mim, escondido como estava atrás da folhagem. Pareceu-

me muito excitado. Seria difícil, contudo, precisar se a sua comoção era devida às contas que acabara de fazer ou a qualquer outro fato, pois esfregou as mãos sorridente e parecia não poder estar quieto. A sua agitação foi aumentando cada vez mais, ao olhar novamente para a rica herdeira. Quis dar um passo em frente, mas voltou a parar e olhou com cuidado à sua volta. Então, aproximou-se da garota em pontas de pés, devagarinho e sem fazer ruído, como alguém que sabe que vai praticar uma ação feia. Como ela estava atrás do garoto, ele se inclinou e deu-lhe um beijo na cabecinha. A pequena, assustada, deu um grito, pois não tinha dado pela sua presença.

— Que estás fazendo aqui, minha filha? — perguntou-lhe baixinho e depois de olhar em redor deu-lhe uma palmadinha na face.

— Estamos brincando…

— Ah! Estás brincando com este? — e Iulian Mostakóvitch deu uma olhadela ao garoto. — Olha, rapaz; estavas melhor na sala — disse-lhe ele.

O garoto não respondeu e ficou olhando para ele. Iulian Mostakóvitch voltou a olhar rapidamente em volta e inclinou-se de novo para a pequena.

— Que é isto, minha menina? É uma boneca? — perguntou-lhe.

— Sim, é uma bonequinha… — respondeu a garota contrafeita e franzindo levemente as sobrancelhas.

— Uma boneca… Mas tu sabes, minha filha, de que são feitas as bonecas?

— Não… — respondeu a pequena num murmúrio e tornou a baixar a cabeça.

— Pois fica sabendo: fazem-nas de trapos velhos, minha joia. Mas tu estavas melhor na sala com os outros meninos. — E Iulian Mostakóvitch, ao dizer isto voltou a olhar com severidade para o rapazinho. Este e a pequena franziram a testa e encostaram-se mais um ao outro. Pelo visto não queriam separar-se.

— Sabes para que te deram esta boneca? — tornou a perguntar Iulian Mostakóvitch com uma voz cada vez mais meiga.

— Não.

— É para que sejas boazinha e carinhosa.

Ao dizer isto Iulian Mostakóvitch voltou a olhar para a porta e perguntou à garota com uma voz que mal se ouvia e cheia de impaciência e comoção:

— Tu também gostarás de mim se eu visitar os teus pais?

Ao dizer isto, Iulian Mostakóvitch quis dar outro beijo na menina mas o garoto, ao ver que a sua amiguinha estava quase a chorar, abraçou-a, cheio de súbita aflição e, por pena e carinho, pôs-se a chorar alto juntamente com ela. Iulian Mostakóvitch ficou furioso.

— Fora daqui! Fora daqui! — disse muito zangado para o garoto. — Vai para a sala! Vai para junto dos outros meninos!

— Não, não, não! Não quero que ele se vá embora! Por que é que ele se há de ir embora? Vá o senhor! — gritou a pequena. — Ele fica aqui! Deixe-o estar! — acrescentou quase chorando.

Naquele instante ouviram-se vozes junto da porta e Iulian Mostakóvitch ergueu o busto imponente. Mas o rapazinho assutou-se ainda mais do que Iulian Mostakóvitch; largou a garota e correu sem ser visto, cosido às paredes, até à sala de jantar. Iulian Mostakóvitch dirigiu-se também para ali, como se nada tivesse passado. Tinha o rosto congestionado e, como se viu ao passar por um espelho, ele próprio ficou admirado com o seu aspecto. Talvez se sentisse contrariado por se ter excitado tanto e falado de forma tão desabrida. Pelo visto, os seus cálculos tinham-no absorvido e entusiasmado de tal maneira que, apesar de toda a sua dignidade e astúcia, procedeu como um garoto; e depois, sem se deter a meditar, começou logo a atacar o seu objetivo. Eu o segui até ao outro compartimento… e foi um espetáculo verdadeiramente estranho aquele que presenciei. Vi nada menos que Iulian Mostakóvitch, o digno e respeitável Iulian Mostakóvitch, batendo no pequeno que fugia cada vez mais diante

dele e, cheio de medo, não sabia onde se havia de meter.

— Vamos, fora daqui! — Que fazes aqui, patife! Anda, daqui para fora! Vieste roubar fruta, não foi? Decerto roubaste alguma, hem? Pois, ou dás o fora, ou vais ver como elas te mordem!

O rapaz, intimidado, resolveu-se por fim a adotar uma medida desesperada de salvação: meteu-se debaixo da mesa. Ao ver aquilo o seu perseguidor ficou ainda mais furioso. Louco de raiva puxou o grande pano de cambraia que cobria a mesa, com a intenção de obrigar o garoto a sair dali. Mas este ficou muito quietinho, apavorado, e não se mexeu. Devo dizer que Iulian Mostakóvitch era bastante corpulento. Era o que se diz um homem gordo, de bochechas coradas, já com um pouco de barriga, rechonchudo e de pernas gordas… em suma: um sujeito vigoroso e completamente redondo, desde a ponta dos pés até à cabeça. Gotas de suor corriam-lhe já pela testa; respirava arquejante e quase num estertor. O sangue, por se ter baixado, subia-lhe vermelho e quente até à cabeça. Estava furibundo, tão grande era a sua cólera ou — quem sabe? — os seus ciúmes. Eu desatei a rir alto. Iulian Mostakóvitch voltou-se para mim num relâmpago, e não obstante a sua alta posição social, a sua influência e a sua idade, ficou atrapalhadíssimo. Naquele instante entrou na sala o dono da casa. O garoto saiu debaixo da mesa e limpou o pó dos joelhos e dos cotovelos. Iulian Mostakóvitch recuperou a serenidade, compôs o casaco que estava suspenso de um dos lados, e assoou-se.

O dono da casa olhou-nos, aos três, surpreendido; mas como homem inteligente que toma a vida a sério, soube aproveitar a ocasião para falar a sós com o seu convidado.

— Ah! Olhe: é este o pequeno que lhe recomendei… — começou, apontando o rapazinho.

— Ah! — respondeu Iulian Mostakóvitch, que não conseguira ainda recompor-se completamente.

— É o filho da preceptora — continuou o dono da casa e em tom compungido. — É uma pobre mulher, viúva dum honesto funcionário. Não haveria qualquer maneira, Iulian Mostakóvitch…?

— Ah! Tinha-me esquecido! Não, não! — interrompeu ele, cortante. — Não me leve a mal, meu caro Filip Alieksiéievitch; mas é completamente impossível. Já me informei, mas atualmente não há nenhuma vaga, e ainda que houvesse, tem à frente dele dez candidatos com mais direito… Sinto muito, creia, mas…

— Que pena! — disse o dono da casa pensativo. — É um rapazinho muito ajuizado e muito bom…

— Pois a mim, pelo que pude ver, parece-me um grande maroto — observou Iulian Mostakóvitch com um sorriso forçado. — Anda! Que queres aqui! Vai brincar com os teus companheiros! — disse para o garoto olhando-o intencionalmente.

Depois, pelo visto, não pôde resistir à tentação de me lançar, também a mim, um olhar terrível. Mas eu, em vez de me intimidar, ri-me abertamente na sua cara. Iulian Mostakóvitch virou-se logo para o outro lado e perguntou ao dono da casa quem era aquele rapaz tão estranho. Puseram-se ambos a cochichar e saíram da sala. Eu pude ainda ver pela fresta da porta entreaberta como Iulian Mostakóvitch, que escutava o dono da casa com muita atenção, abanava a cabeça, admirado e receoso.

Depois de me ter rido quanto quis, também eu voltei para o salão. Ali estava agora a importante personagem, rodeada de pais e mães de família e dos donos da casa, fala em tom muito animado com uma senhora que acabavam de apresentar-lhe. A senhora pegava na mão da garota que Iulian Mostakóvitch beijara dez minutos antes. O homem elogiava a pequena, pondo-a nas maiores alturas; exaltava a sua beleza, a sua graça, a sua boa educação, e a mãe ouvia-o quase com lágrimas nos olhos. Nos lábios do pai havia um sorriso. O dono da casa compartilhava complacentemente da alegria geral. Os outros convidados também davam mostras de boa disposição e tinham obrigado os pequenos a interromperem as brincadeiras para que os não incomodassem com a sua tagarelice. O ambiente era de grande animação. Pude então ouvir como a mãe da garota, profundamente comovida, com frases de rebuscada cortesia, pedia a Iulian Mostakóvitch que lhe desse a honra de os visitar, e ouvi também como Iulian Mostakóvitch, sinceramente encantado, prometia corresponder

sem falta ao amável convite, e como os convidados ao dispersarem-se em várias direções, como manda a etiqueta, se desfaziam em elogios pondo nos píncaros da lua o rico comerciante, a mulher e a filha, e principalmente Iulian Mostakóvitch.

— Este senhor é casado? — perguntei eu em voz alta a um meu amigo que se encontrava ao lado de Iulian Mostakóvitch.

Este lançou-me um olhar colérico que refletia bem os seus sentimentos.

— Não — respondeu o meu amigo, visivelmente contrariado pela intempestiva pergunta, que eu, já de propósito, lhe fizera em voz alta.

*

Há dias tive de passar pela igreja de… A multidão que se apinhava no átrio e a elegância dos trajes despertaram-me a atenção. As pessoas falavam de um casamento. Era um dia de outono, enevoado, e começava a cair neve. Entrei na igreja, confundido entre o povo, e olhei para ver quem era o noivo. Era um sujeito baixo e forte, com barriga e muitas condecorações no peito. Andava muito ocupado de um lado para o outro, dando ordens, e parecia muito excitado. Por fim ouviu-se na porta um grande rebuliço: acabava de chegar a noiva. Abri caminho por entre a multidão e pude ver uma extraordinária beldade, para a qual ainda há pouco despontara a primavera. Mas vinha pálida e triste. Os seus olhos erravam distraídos. Pareceu-me até que lágrimas já choradas tinham avermelhado esses olhos. A severa beleza dos seus traços dava à sua figura uma certa dignidade, e dessa melancolia, resplandecia a alma inocente e imaculada da infância, e lia-se nela algo de inexplicavelmente inexperiente, inconsciente, infantil, que sem palavras parecia implorar piedade.

Dizia-se que a noiva devia ter quando muito dezesseis anos. Olhei o noivo com mais atenção e de súbito reconheci nele o próprio Iulian Mostakóvitch, que havia cinco anos não tinha tornado a ver. E olhei também para a noiva. Santo Deus! Abri caminho por entre o povo, em direção à saída, com o desejo de me ver fora dali o mais depressa

possível. Entre a assistência dizia-se que a noiva era muito rica, que possuía em metal sonante meio milhão de rublos, mais um rendimento de não sei quanto…

“As contas saíram-lhe certas” — pensei eu, e saí para a rua.

# Noites brancas

# Noites brancas
(1848)

## Primeira noite

Era uma noite prodigiosa, uma dessas noites que talvez só vejamos quando somos novos, querido leitor. Estava um céu tão fundo e tão claro que ao olhá-lo uma pessoa era forçosamente levada a perguntar se seria possível que debaixo de um céu daqueles pudessem viver criaturas más e tenebrosas. Questão esta que, para dizer a verdade, só é costume levantar-se quando somos novos, mesmo muito novos, querido leitor. Prouvera a Deus que pudésseis reviver com frequência essa idade na vossa alma! Enquanto ia pensando assim em várias pessoas, é claro que acabava por recordar-me involuntariamente do panegírico que a mim próprio eu tinha tecido, nesses tempos.

Já desde a manhã que se tinha apoderado de mim uma estranha disposição de espírito. Vinha-me a impressão de que vivia tão sozinho, de que havia ainda de chegar a ver-me abandonado por toda a gente, que todos haviam de vir a afastar-se de mim. Naturalmente todos têm agora o direito de perguntar-me: “Bem, vejamos: quem vêm a ser esses todos?”. Mas eu já há oito anos que vivo em Petersburgo e, apesar disso, nunca me pareceu que tivesse arranjado um só amigo. E para que queria eu os amigos? Eu sou amigo de toda a cidade de Petersburgo. Mas precisamente por isso é que me parece que todos me abandonam e que toda a cidade se dispõe a partir com a chegada do verão. Chego quase a ficar preocupado com o fato de ficar sozinho, e já há três dias que ando muito triste, a dar voltas pela cidade, sem conseguir compreender o que se passa no meu íntimo. Na Niévski, no Jardim de Verão, no cais[1], já não era possível descobrir nenhuma das caras que costumava encontrar diariamente à mesma hora, nos mesmos lugares. Evidentemente que os outros não me conheciam; mas eu … eu os conheço. Conheço-os muito bem; tenho estudado as suas fisionomias e fico contente quando os vejo contentes, e aflijo-me quando os vejo preocupados. Sim, posso dizer que uma vez cheguei quase a fazer uma amizade: foi com um homem já de idade, com o

qual costumava encontrar-me todos os dias, à mesma hora, no Fontanka. Tinha uma cara muito séria e pensativa, e movia constantemente os maxilares, como se ruminasse qualquer coisa; abanava um pouco o braço esquerdo e trazia sempre na mão direita uma grande bengala de nós, encimada por um castão de ouro. Também tinha reparado em mim com interesse. Estou certo de que, quando ele não me encontrava à hora já sabida, no local costumado, no Fontanka, devia sentir uma certa contrariedade. Por isso pouco faltou para que nos cumprimentássemos quando nos víamos, ainda mais tendo em conta que ambos éramos pessoas de bom aspecto. Ainda não há muito que, como aconteceu termos estado dois dias sem nos vermos, quando no terceiro nos encontramos, ficamos quase a ponto de levar a mão ao chapéu, mas felizmente refletimos a tempo, deixamos cair as mãos e passamos um em frente do outro com visíveis sinais de mútua satisfação.

Também conheço os edifícios. Quando passo diante deles, quase posso dizer que cada um dos prédios mal me vê põe-se logo a correr, avança dois passos à frente, me olha por todas as suas janelas e me diz: “Bom dia, aqui estou! Como tem passado? Eu felizmente estou bem, mas para o mês de maio vão acrescentar-me outro andar”. Ou então: “Bom dia! Como está? Sabe uma coisa? Amanhã vão rebocar-me a fachada”. Ou, finalmente: “Olhe, houve fogo e estive quase a ficar todo queimado… Se soubesse o susto que eu tive!”. E outras coisas do gênero. É claro que tenho os meus favoritos entre eles e até alguns bons amigos. Um deles vai ser revisto por um arquiteto neste verão; vai reconstruí-lo e ficará como novo. Terei sem falta de passar por ali todos os dias para que o meu amigo não me pareça depois um desconhecido, Deus o livre de uma coisa dessas! E nunca esqueci a história das minhas relações com aquela casinha pequenina, de um cor-de-rosa claro, de que eu gostava tanto. Era uma casinha encantadora; olhava-me sempre com muito afeto, e estava tão orgulhosa da sua beleza entre as vizinhas vulgares, que o meu coração alegrava-se quando passava diante dela. Ms eis que, na semana passada, quando entrei na rua e olhei para a minha amiguinha… ouço um clamor lastimoso: “Olha o que me fizeram! Pintaram-me de amarelo! Que bárbaros! Que perversos! Não respeitaram nada! Nem as colunas, nem as cornifas!”. De fato, a minha amiguinha estava

amarela como um canário. E de tão aborrecido que fiquei com aquilo, estive prestes a apanhar uma icterícia, e ainda agora não me sinto completamente refeito, nem também me sinto com coragem para tornar a olhar para a minha pobre amiguinha, que uns desalmados puseram da cor do Celeste Império.

Por tudo isto… agora já poderá compreender o meu querido leitor, até que ponto eu conheço esta cidade de Petersburgo.

***

Disse já como durante três dias fui torturado por uma estranha inquietação, até que finalmente consegui descobrir a sua causa. Não me sentia bem na rua (não via este, nem tampouco, aquele, nem aqueloutro, nem estoutro… "Por onde diabo andarão eles?"), e também não me sentia bem em casa. Quase que nem a mim próprio me reconhecia. Gastei sem proveito duas tardes investigando o que seria que me faltava entre as quatro paredes da minha casa. Por que me sentiria eu tão mal em casa? Olhava com um olhar perscrutador as paredes verdes denegridas pelo fumo e fixava a vista no teto onde prosperavam as teias de aranhas protegidas de Matriona; passava revista a todo o mobiliário, principalmente às cadeiras e, mentalmente, perguntava a mim próprio se não estaria ali a razão do meu mal-estar (aliás também hoje não existe já em minha casa uma cadeira igual às desse tempo, e eu próprio, também, já não sou o mesmo). Sim, até me deu na cabeça para chamar Matriona e, em tom paternal, fazer-lhe uma censura por causa das teias de aranha e do desleixo em que trazia todas as coisas; mas ela se limitou a olhar para mim muito espantada e saiu sem dizer uma palavra.; de maneira que as teias de aranha continuam incólumes, dependuradas do teto.

Mas esta manhã, finalmente, descobri a causa de tudo. Ah! Então todos se vão embora para veranear e me deixam aqui sozinho! Era isto e mais nada: eles se tinham raspado. Desculpem a expressão, mas naquele momento não me veio à cabeça nenhuma outra mais elegante. Na verdade todos os habitantes de Petersburgo tinham já deixado a cidade, ou estavam prontos a deixá-la de um dia ou de um momento para o outro. Pelo menos para mim, todo homem de certa idade, de

aspecto respeitável, que eu via subir para um *drójki*, tomava-o logo por um honesto pai de família que, depois de ultimar as suas ocupações cotidianas, abandonava a cidade para passar o resto do dia entre os seus. Todos os transeuntes tinham já um aspecto completamente diferente, um aspecto que parecia dizer: “Nós ainda aqui estamos, apenas por acaso, pois dentro de algumas horas já estaremos bem longe, no campo”. Às vezes abria-se uma janela em cujas vidraças tamborilavam primeiro uns dedinhos brancos e compridos, e logo a seguir aparecia a linda cabecinha duma bela moça que chamava a florista; então eu imaginava que também aquelas flores se encontravam ali por casualidade, e que moça as comprava, mas não para recrear-se junto daquele ramo em que deviam existir duas corolas abertas, que seriam como uma amostra de primavera no quarto abafadiço, mas que, pelo contrário, logo em seguida iria abandonar a cidade levando consigo aquelas flores. Mas isto ainda não é tudo; é que eu ia fazendo tais progressos na minha nova profissão de investigador que não tardei em poder dizer com toda certeza, só pelo aspecto exterior, que lugar de veraneio tinha escolhido cada pessoa. Os moradores das elegantes isbás, ou das vilas próximas de Peterhof[2], caracterizavam-se pela sua elegância requintada, tanto no andar como em todos os seus gestos, até pelos seus trajes e chapéus de verão, e possuíam carruagens esplêndidas nas quais vinham à cidade. Os habitantes de Pargalovo[3] e arredores impunham-se pela sua discreta compostura, e os da ilha de Krestóvski[4] pela sua jovialidade imperturbável. Quando acontecia encontrar-me com uma comprida procissão de moços de fretes que, com o lenço na mão, caminhavam molengões junto das carroças atulhadas, nas quais se balouçavam montanhas de mesas, de camas, de cadeiras, de divãs turcos e sem ser turcos, coroadas às vezes no cocuruto pela cozinheira, de cara assustada, a qual, quando se sentia mais sossegada, vigiava com olhos de lince todo aquele magnífico aparato, para que nenhuma coisa caísse e ficasse pelo caminho; e também quando via vir pelo Nievá ou pelo Fontanka um par de lanchas carregadas de utensílios domésticos, navegando rumo às ilhas ou pela corrente acima, até à Tchórnaia Rietchka[5] — tanto as lanchas como os seus condutores se multiplicavam aos meus olhos, às dezenas e às centenas — parecia-me que todas as pessoas se levantavam e saíam em caravanas da cidade, e que Petersburgo se transformava num deserto, de tal maneira que eu

sentia uma exaltação enorme e considerava-me ofendido; e, naturalmente, acabava por ficar de mau humor, pois era eu o único de todos os habitantes de Petersburgo que não tinha possibilidade nem tampouco razão nenhuma para ir veranear. Por isso estava disposto a subir para uma carroça qualquer, ou a acompanhar todo o indivíduo que entrava para um *drójki*; simplesmente nenhum deles se dignava convidar-me. Era como se de um momento para o outro todos se tivessem esquecido de mim, como se, no fundo, eu fosse completamente estranho para todos.

Dava frequentes e grandes passeios pelas ruas, de maneira que, segundo o meu costume, chegava a esquecer dos lugares por onde andava. Até que um dia me aconteceu ir ter aos limites da cidade. Nesse momento fiquei muito satisfeito, atravessei para o outro lado da barreira[6] e continuei caminhando por entre os campos e pelas terras de cultura, sem sentir o menor cansaço, e até pelo contrário, como se me tivesse libertado de um grande peso. Todos os que passavam por mim me olhavam afetuosamente, o que era afinal uma espécie de saudação; parecia que todos estavam satisfeitos por qualquer coisa. E também eu fiquei muito contente, tanto como nunca estive na minha vida.

Tal qual como se me tivesse visto de repente na Itália… Tal era o poderoso influxo que a natureza exercia sobre mim, doentio habitante da cidade, que se sente abafar entre as paredes dos prédios!

Há qualquer coisa de indizivelmente patético na natureza do nosso Petersburgo, quando nele desperta a primavera; quando de repente ostenta todo o seu sortilégio e exibe todas as graças que o céu lhe empresta; quando se cobre de tenra erva nova e se enfeita de flores garridas e de delicadas florinhas. Então faz-me sempre lembrar a menina triste para a qual olhamos cheios de pena, às vezes com piedosa simpatia, e na qual às vezes também nem sequer reparamos, mas que um dia, de repente, quando menos se espera, como por artes mágicas se torna de um momento para o outro tão bonita que ficamos desconcertados e aturdidos e, ao vê-la, perguntamos admirados: “Que poder teria lançado esta luz nos olhos tristes e sonhadores desta mocinha? Quem fez subir o sangue às suas faces pálidas e murchas, quem fez com que o seu rosto suave mostre agora uma tal paixão? Por

que se levanta o seu peito? Quem foi que, assim tão de repente, trouxe força e vida e beleza ao rosto da pobre menina, cujo sorriso suave brilha agora e se transforma num riso ardente?”. E olhamos à nossa volta, procuramos alguém e começamos a perguntar e a adivinhar… Mas esse momento é passageiro e talvez no dia seguinte voltemos a encontrar o mesmo lânguido e sonhador olhar anterior, a ver de novo pálido rosto e a mesma indolência e vulgaridade de movimentos, e até talvez alguma coisa de novo, uma espécie de desgosto, como sinal de pena e de aborrecimento por aquele breve instante de alegre animação… E então sentimos pesar de que tenha brilhado diante dos nossos olhos com uma luz tão falsa e enganadora… tristeza por não termos chegado sequer a tomar-lhe o gosto…

E sem dúvida que essa noite foi para mim ainda mais bela do que o dia. Regressei já tarde à cidade e davam dez horas quando me aproximava de casa. O meu caminho levava à direção do canal, onde a essa hora não costumava haver ninguém. Vivo, só eu, naquele bairro tranquilo e remoto. Ia caminhando, e ao mesmo tempo cantava, pois quando me sinto feliz não tenho outro remédio senão cantar uma cantiga qualquer, como todo homem feliz que não tem amigos nem conhecidos, nem pessoa alguma com quem compartilhar os seus momentos de alegria. Mas eis senão quando me aconteceu nessa noite ser envolvido numa surpreendente aventura.

Não muito longe de mim acabava de descobrir uma figura de mulher; estava de pé e apoiava os cotovelos no parapeito da muralha, e parecia absorvida na contemplação das águas turvas do canal. Trazia um chapeuzinho amarelo muito bonito e uma pequena e graciosa capa preta. “É uma jovem, e morena, por certo”, pensei eu. Parece não ter sentido os meus passos, pois não fez movimento algum quando eu passei por ela devagarinho, contendo a respiração e com o coração palpitante. “Que coisa estranha! — disse para comigo. — Deve estar completamente absorvida nos seus pensamentos!” E de súbito estremeci e fiquei pregado no chão: até os meus ouvidos chegavam soluços apagados. Se não era engano meu, a moça chorava… Passado um pequeno instante tornei a ouvir outro soluço e depois outros. Meu Deus! O meu coração teve um pressentimento. Por muito tímido que eu seja com as mulheres, naquele caso… é que as circunstâncias eram

tão singulares! Em suma: tomei uma decisão, aproximei-me dela e… e teria sem dúvida começado por saudá-la — “Minha senhora!” — se não me tivesse lembrado que essa expressão se encontra pelo menos mil vezes em todas essas novelas russas em que se descreve o ambiente da boa sociedade. Mas contive-me. Enquanto procurava uma fórmula de saudação apropriada, a moça tornou a si, e quando me viu baixou os olhos e afastou-se discretamente. Eu comecei a segui-la, o que ela pareceu notar; depois abandonou o cais, atravessou a rua e dirigiu-se ao outro passeio. Então já não me atrevi a segui-la. O meu coração batia como o de uma ave presa. Mas naquele momento o acaso veio em meu auxílio.

No referido passeio surgiu de repente um homem junto da desconhecida… um homem de idade madura, mas com uma apresentação que não correspondia à sua idade. Cambaleava e, de vez em quando, apoiava-se às paredes. A moça continuou a andar, de olhos baixos, sem olhar para lado nenhum, com essa ligeireza própria de todas as jovens que não desejam que ninguém se aproxime e se ofereça para acompanhá-las à casa. Também aquele cambaleante cavalheiro não teria coseguido alcançá-la se não tivesse recorrido, com certa malícia, a qualquer coisa que não podia prever-se: sem dizer-lhe uma palavra e sem lhe chamar a atenção, começou a segui-la. Ela ia ligeira como o vento, mas o sujeito aproximou-se rapidamente e alcançou-a; a moça deu um grito e… eu dei graças a Deus pela bengala que levava. Num instante atravessei para o outro passeio; o sujeito compreendeu logo as minhas intenções e reconsiderou; não dise nada, retrocedeu, e quando ia já a uma distância que não nos permitia ouvi-lo, começou a protestar energicamente contra o meu procedimento. Mas nós quase já nem percebíamos as suas palavras.

— Ampare-se ao meu braço — disse eu para a desconhecida. — Assim já ele não se atreverá a aborrecê-la.

Em silêncio pôs a sua mãozinha que tremia ainda de susto e comoção sobre o meu braço. Oh, abençoado cavalheiro! Lancei um rápido olhar à minha desconhecida; era encantadora e morena, conforme logo de longe me tinha querido parecer. Nas suas pestanas pretas brilhavam ainda lágrimas… de medo ou de desgosto, pelo mesmo motivo que a fazia chorar há pouco sobre o cais, quem sabe lá!

Mas já os seus lábios tentavam sorrir. Também ela olhou para mim de soslaio; fez-se corada ao ver que eu tinha reparado nesse seu gesto e baixou os olhos.

— Diga-me: por que fugiu de mim com essa pressa? Se eu a tivesse acompanhado, nada daquilo lhe teria acontecido.

— Mas se eu não o conhecia! E pensava que você também…

— Ah! Mas agora também ainda não me conhece!

— Já estou conhecendo mais ou menos. Mas… por que treme?

— Oh! Já vejo que percebeu tudo num instante — disse eu, pois julguei poder deduzir da sua observação que, além de bela, era inteligente. — Então conhece as pessoas logo ao primeiro olhar! Escute: é verdade que eu sou tímido com as mulheres, e não nego que fiquei pelo menos tão perturbado como você, quando há pouco esse cavalheiro lhe provocou um susto… E também agora sinto qualquer coisa parecida com o medo; toda esta noite me parece um sonho, a mim, que nunca cheguei a pensar que pudesse algum dia ver-me nesta situação, falando com uma moça bonita.

— Nunca? Isso é verdade?

— Palavra! E se o braço me treme neste momento. isso se deve unicamente ao fato de que nunca ele sentiu o contato de uma mãozinha tão encantadora como a sua. Eu já não tenho o hábito de lidar com senhoras, o que não quer dizer que alguma vez o tenha tido. Não; eu tenho vivido sempre só, isolado… Nem sequer sei como hei de falar com as mulheres. Por exemplo, não sei se já lhe disse qualquer tolice. Se a disse, peço-lhe que me diga com toda a franqueza, que eu não levo a mal.

— Não, não, nada disso, pelo contrário. E uma vez que me pediu que fosse sincera, digo-lhe francamente que me agrada muito essa sua timidez para com as mulheres. E se quiser saber mais, vou lhe dizer ainda que o acho muito simpático e que só o mandarei sair do meu lado quando chegar a casa.

— É tão encantadora que vou perder a minha timidez — exclamei eu entusiasmado. — Mas então, adeus, probabilidades!

— Probabilidades? Que significa isso? Não, isso aí já não me agrada!

— Desculpe! Foi uma palavra que… me escapou contra a minha vontade. Mas como é que não é capaz de supor que num momento como este eu não tenha podido sentir o desejo…

— De agradar-me?

— Claro! Mas… por amor de Deus, seja generosa! Lembre-se da minha maneira de ser. Já tenho vinte e seis anos… e quase que não tenho convivido com ninguém. Como poderia eu, de repente e sem preparação alguma, sustentar um diálogo segundo todas as regras da arte? Mas há de compreender-me melhor se eu lhe disser tudo francamente, se lhe abrir o meu coração. Eu não posso calar-me quando o meu coração grita… Acredite, eu não conheço nenhuma mulher, nenhuma! Geralmente não encontro quem goste de mim. Mas sonho todos os dias que alguma vez, em algum lugar, hei de encontrar e hei de conhecer alguém… Ai, se soubesse quantas vezes me tenho apaixonado, só em imaginação!

— Mas como é isso possível? E de quem?

— De nenhuma mulher, concretamente, apenas de um ideal que aparece nos meus sonhos. Eu, em sonhos, imagino novelas completas. Oh, ainda não me conhece! Mas que estou eu dizendo! É claro que na minha vida já falei com duas ou três mulheres, mas que mulheres! Estalajadeiras, não é preciso dizer mais nada… Mas olhe, vou contar-lhe qualquer coisa para a distrair. Já por várias vezes tenho estado tentado, na rua, a aproximar-me de alguma jovem e pôr-me a falar com ela sem mais nem menos. É claro que se ela fosse sozinha, agiria respeitosamente mas também ansioso e arrebatado de paixão, e então lhe diria como me sinto só no mundo e ia pedir que não me afastasse do seu lado, pois assim eu perderia a oportunidade de falar com uma mulher. Pensava até dizer-lhe que seria um dever para uma mulher não repudiar as súplicas de um homem tão infeliz como eu. E que afinal aquilo que tenho a pedir-lhe se reduz a que me permita duas

palavras fraternas, e a que me dedique um pouco de compaixão e não me afaste do seu lado logo no primeiro momento, e que acredite na minha palavra, e que tenha a paciência de ouvir o que tenho para lhe dizer… e se levar tudo para a brincadeira, tanto faz! Mas que me conceda pelo menos alguma esperança e me diga duas palavras, quando nada para trazer um pouco de alegria ao meu espírito, ainda que nunca mais nos tornemos a ver… Você acha isto engraçado? Bem, afinal eu apenas dizia isto por…

— Não se aborreça comigo. Dou risada porque você é o inimigo de si mesmo. Se tentar, verá como consegue logo o que deseja, ainda que seja em plena rua; e quanto mais simplesmente melhor. Não há mulher nenhuma, a menos que se trate de uma perversa ou de uma tonta, ou que esteja mal disposta nesse momento por qualquer razão, que seja capaz de afastá-lo sem escutar essas palavras que acaba de dizer… Sobretudo se o pedir assim, tão modestamente… Mas não, estou falando tolices! É claro que o tomaria por um doido. Falava segundo os meus sentimentos. Mas eu sei realmente lidar um pouquinho com os homens.

— Oh, muito obrigado! — exclamei eu. — Nem sabe o favor que me fez com essas palavras!

— Pronto, pronto! Mas agora me diga por que é que percebeu que eu sou uma mulher com a qual, bem, a qual considera digna… de sua atenção e da sua amizade… numa palavra: que não sou nenhuma estalajadeira, como dizia há pouco. O que o levou a aproximar-se de mim?

— O que foi? O que foi? Você ia sozinha, aquele sujeito foi atrevido, e além disso é noite; há de reconhecer que era um dever…

— Não, não; eu me refiro ao momento anterior a esse, quando eu ia no outro passeio, ainda no cais. Não tentou aí aproximar-se de mim?

— Ali, no outro passeio? Nem sei o que hei de responder-lhe… Tenho receio… Sim, repare, eu estava hoje tão contente… calcule que sempre a caminhar e a cantar, acabei por me encontrar fora dos limites da cidade; nunca me tinha sentido tão feliz. A senhora, pelo

contrário… Mas talvez me tivesse apenas parecido… (desculpe, se a faço lembrar), mas pareceu-me que você chorava… e eu… eu não podia ver uma coisa dessas… Oprimia-me o coração… Meu Deus! Não seria possível eu ajudá-la? Não poderia eu compartilhar os seus sofrimentos? Era pecado que eu sentisse piedade, como um irmão? Desculpe, se falei em piedade… Afinal, dá no mesmo… Pode ofendê-la o fato de que eu involuntariamente sentisse o impulso de aproximar-me e de falar-lhe?

— Está bem, não diga mais nada, já compreendo — interrompeu-me a moça olhando confusa para o chão; e eu senti que a sua mão tremia. — Eu é que tenho a culpa de ter começado. Mas estou satisfeita por não ter me enganado a seu respeito… Bem, estou quase chegando a casa; é já naquela travessa, daqui a dois passos… E por isso despeço-me de você. Adeus e muito obrigada!

— Mas então nunca mais nos tornaremos a ver? Vamos dar assim por terminado o nosso conhecimento?

— Veja como nós somos — disse ela a rir; — a princípio apenas queria dizer-me duas palavras, e agora… Enfim, não digo nada de definitivo… Pode ser que nos tornemos ainda a ver!

— Amanhã estarei aqui outra vez — apressei-me a dizer-lhe — Desculpe-me se estou já a tornar-me exigente.

— Sim, lá isso é verdade, não é nada paciente. Quase que está exigindo…

— Escute uma coisa! Escute! — interrompi-a. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa… Veja bem, é que tem de ser; amanhã tenho de voltar aqui. Sou um sonhador, mal conheço a vida real, e um momento como este é tão difícil de conseguir para mim, que me seria absolutamente impossível não estar continuamente a evocá-lo nos meus sonhos. Esta noite vou passá-la toda inteira a sonhar com você. Esta noite? Toda a semana, todo o ano! Não tenho outro remédio senão vir postar-me aqui amanhã, neste mesmo local em que agora estamos, à mesma hora e serei feliz recordando o nosso encontro desta noite. Já gosto deste lugar. Como este tenho já outros dois ou três em Petersburgo, que me são queridos. Às vezes até tenho chorado, como a senhora também há

pouco chorou, quando uma recordação me assalta de repente… Talvez que a senhora esta noite chorasse também ali, no cais, simplesmente por isso, por ter recordado qualquer coisa… Desculpe-me, tornei a falar na mesma coisa. Talvez um dia tivesse sido muito feliz naquele lugar…

— Bem — exclamou então a moça — eu também estarei aqui amanhã, aí pelas dez. Já vejo que não posso dissuadi-lo… Mas o senhor ainda não sabe do que se trata… É que eu não tenho outro remédio senão vir aqui. Não vá imaginar que por interesse ou razões particulares estou a marcar-lhe uma entrevista. É que não tenho outro remédio senão estar aqui a essa hora, fique sabendo… Mas… bem, vou ser absolutamente sincera: não me importo que o senhor venha também. Em primeiro lugar, talvez até me custasse ver-me só, como hoje; mas isso não interessa. Não; em resumo: terei muita satisfação em tornar a vê-lo, para… trocar com você duas palavras. Mas… não queria que pensasse mal de mim. Não vá imaginar que estou querendo ter um encontro com você… Não faria uma coisa dessas ainda que… Mas é este o meu segredo. Ah! E fique sabendo que há de ser com uma condição…

— Uma condição? Diga, fale! Aceito-a desde já; estou disposto a tudo — exclamei com sincero entusiasmo. — Respondo por mim… Serei obediente e respeitador… Já sabe como eu sou…

— Precisamente por isso, porque já o conheço, é que lhe peço que venha amanhã — disse a moça a rir. — Já o conheço a fundo. Mas, como lhe dizia, venha, mas com uma condição: há de ser amável e fazer o que eu lhe pedir, não é verdade? Escute, estou falando com toda a franqueza, não me faça a corte… Isso não seria possível, de maneira nenhuma. Em troca estou pronta a ser sua amiga a partir deste momento; aqui tem a minha mão… E mais nada, peço-lhe.

— Juro-lhe! — exclamei e apertei a mão que ela me estendia.

— Bem, não é preciso jurar. Eu sei muito bem que o senhor é tão inflamável como a pólvora. Não me leve a mal falar-lhe assim. Mas se soubesse… Não conheci um só homem ao qual pudesse dirigir a palavra ou pedir um conselho. É claro que, geralmente, uma mulher

não procura os conselhos de um homem no meio da rua; mas você é uma exceção. Compreendo-o já tão bem como se o conhecesse há vinte anos. Não é verdade que o senhor não é nenhum incorreto e que sabe cumprir a sua palavra?

— Você verá… Não sei é como hei de passar as vinte e quatro horas que faltam até amanhã. Como hei de sobreviver a esta noite?

— Deixe-se dormir a sono solto. Agora, boa noite… E não se esqueça da confiança que depositei em sua pessoa. Mas era tão belo o que disse há pouco! E além disso você tem razão, uma mulher não pode aperceber-se de todos os seus sentimentos, mesmo que se tratasse só de uma compaixão fraterna. Olhe: você disse isso tão bem, que nesse momento me veio a ideia de fazê-lo depositário de toda a minha confiança…

— Sim, mas para quê?

— Amanhã lhe direi. Até lá guardo segredo. É melhor assim; quando souber tudo até há de parecer-lhe uma coisa de romance. Pode ser que lhe conte amanhã; mas também pode ser que não. Antes disso quero ainda falar-lhe de outra coisa; temos de nos conhecer melhor, primeiro…

— Oh! Pela minha parte estou disposto a contar-lhe já amanhã toda a minha vida. Tudo isto para mim faz-me pensar que me está acontecendo qualquer coisa de maravilhoso… Onde estou eu, meu Deus? Mas diga-me: não está arrependida de não me ter repelido quando eu me aproximei? Foram apenas dois minutos, mas tornou-me feliz para sempre. Feliz, sim, é assim mesmo! Quem sabe, é possível até que tenha feito que eu me reconciliasse comigo próprio e dissipasse todas as minhas dúvidas! Talvez eu tenha certos momentos… Ah, não, amanhã vou lhe contar tudo, então há de compreender tudo o que…

— Bem, está combinado! Será você o primeiro a falar.

— Combinado!

— Então, até amanhã!

— Até amanhã!

Separamo-nos. Eu passei toda a noite a andar daqui para ali; não podia decidir-me a voltar para casa. Era tão feliz! Só pensava no nosso próximo encontro.

## Segunda noite

— Muito bem, são e salvo! — disse-me ela, à maneira de saudação e, sorrindo, apertou-me as duas mãos.

— Já há duas horas que estou aqui. Não sabe o dia que passei…

— Imagino, imagino… Mas vamos ao que interessa. Por que você acha que eu vim? Em primeiro lugar, não vim para dizermos tolices, como ontem à noite. Não, ouça-me, devemos ser mais ajuizados. Pensei muito a sério sobre o caso.

— Mas por que havemos de ser mais ajuizados? Eu, pelo meu lado, estou disposto a isso; simplesmente, parece-me que nunca em toda a minha vida me lembrei de nada tão acertado como ontem à noite…

— Sério? Mas escute: em primeiro lugar peço-lhe que não me aperte a mão dessa maneira; e depois participo-lhe que pensei muito a seu respeito.

— Deveras? Como? E qual foi o resultado?

— O resultado? Acabei por chegar à conclusão de que devíamos voltar os dois ao princípio; pois afinal — disse cá para comigo — eu não o conheço, e você, ontem, tratou-me como a uma garota; sim, como se eu fosse uma criança. Donde se conclui que a causa de tudo isto foi eu ter tão bom coração; e acabei pregando a mim mesma um belo sermão, como acontece quase sempre, quando examinamos o nosso procedimento. E por isso, para reparar todos os erros, propus-me informar-me o mais minuciosamente possível sobre tudo o que respeita à sua pessoa. Mas como eu não conheço ninguém que possa fornecer-me quaisquer dados sobre a sua vida, há de ser você mesmo

quem me há de contar tudo, mas tudo, e com todos os pormenores. Bem, vejamos: que espécie de homem é você? Vamos, comece, fale, conte-me a sua história.

— História! — exclamei eu assustado — Minha história? Mas quem lhe disse que eu tenho uma história? Eu não tenho história nenhuma…

— Não tem outro remédio senão tê-la… Como podia viver neste mundo sem ter uma história? — respondeu ela a rir.

— Pois, creia-me, eu não tenho história nenhuma! Porque tenho vivido para mim próprio, como costuma dizer-se, só, completamente só, sempre só, completamente só. Sabe o que significa "só"? Pois é isso mesmo…

— Mas como é possível? Só! Então tem passado a vida sem ver ninguém?

— Bem, sem ver ninguém, propriamente… Claro que tenho visto. Mas apesar disso estive sempre sozinho.

— Bem, renuncio a compreendê-lo. Nunca falou com ninguém?

— Falar, verdadeiramente falar, não.

— Mas que espécie de homem é você? Não quererá dizer-me? Não, não, espere, serei eu própria quem vai lhe dizer; você, com certeza, tal como eu, deve ter tido uma avó. A minha é cega e não consente por nada deste mundo que eu me afaste um momento do seu lado; de maneira que já me esqueci quase de falar. Haverá já dois anos fiz-lhe ver que ela não podia impedir que eu lhe pregasse uma partida; que fez ela então? Pegou na aba da minha saia e pregou-a com um alfinete à da sua… e assim passamos agora as duas todo o santo dia, agarradas uma à outra. Ela faz meia, apesar de não ver; e eu tenho de ficar sentada a seu lado, a coser ou a ler um livro… Oh! Às vezes ponho-me a pensar e parece-me estranho que viva assim, já há dois anos, pegada a ela desta maneira…

— Meu Deus, isso deve ser terrível! Mas eu não tenho nenhuma

avó…

— Então não percebo por que é que há de estar sempre metido em casa.

— Ouça, quer saber quem eu sou?

— Evidentemente!

— Sério?

— Sim, a sério.

— Pois bem, eu sou um … tipo.

— O quê? Um tipo? Que espécie de tipo? — perguntou a jovem surpreendida e pôs-se a rir com tanta vontade como se não se risse já há mais de um ano. — Agora é que percebi: é bem divertido conversar com o senhor. Espere, está ali um banco, sentemo-nos. Por aqui não passa ninguém e portanto não podem ver-nos. Bem, comece a sua história. Porque nessa de que não tem história é que eu não acredito. É claro que tem; o que acontece é que não a quer contar. Mas, antes de mais nada, diga-me: o que vem a ser um tipo?

— Um tipo? Um tipo… é um indivíduo original. Uma espécie de misantropo cômico — disse-lhe eu e não pude deixar de rir-me também. — Simplesmente há… como hei de dizer? Há caracteres. Uma coisa: sabe o que é um sonhador?

— Um sonhador? Claro que sei. Eu própria sou uma sonhadora. Às vezes, quando estou sentada junto da minha avó… quantas coisas não penso eu! Quando começo a sonhar, os sonhos vão-se desenrolando por si próprios e já tenho chegado a sonhar que estou casada com um príncipe chinês… Às vezes, faz muito bem, isto de… sonhar. Se bem que, afinal, quem sabe! Sobretudo quando temos outras coisas em que pensar… — concluiu a moça, pensativa, e desta vez com um ar muito sério.

— Ótimo! Se já alguma vez se casou com um príncipe chinês, então forçosamente há de compreender-me. Escute… Mas peço licença: ainda não sei como se chama.

— Ora até que enfim. Sim senhor, realmente lembrou-se muito cedo de me perguntar…

— Meu Deus! Não tinha lembrado disso, sentia-me tão feliz!

— Pois chamo-me… Nástienhka.

— Nástienhka. Só Nástienhka?

— Só. Acha que é pouco, criatura insaciável?

— Muito pouco! Oh, não, de maneira nenhuma! Pelo contrário, já é muito, mesmo muito, minha amiga, que desde a primeira noite se tenha tornado logo para mim Nástienhka simplesmente.

— Também penso o mesmo. Bem: e então, que mais tem para me dizer?

— Pois escute, Nástienhka, que vai ouvir uma história muito engraçada.

Sentei-me a seu lado, fiz uma cara de gravidade pedante e comecei, como se estivesse a ler uma conferência.

— Há aqui em Petersburgo certos recantos verdadeiramente estranhos, que a Nástienhka talvez não conheça. Pode-se dizer que nunca neles bate o sol que brilha para todos os petersburgueses, mas sim outro sol diferente, que foi criado só para eles, e que, parece que brilha ali também de uma maneira diferente, com um fulgor que não existe em parte alguma deste mundo. Nesses cantos de que falo, Nástienhka, parece que se agita outra vida, uma vida que não se assemelha de maneira alguma àquela que nos rodeia, como só poderia existir em um reino distante de muitos milhares de léguas, porém jamais aqui entre nós e nestes nossos tempos tão graves, gravíssimos. Mas, precisamente, essa vida é apenas uma mistura de algo de puramente fantástico, de um ideal fervoroso e, ao mesmo tempo, apesar disso — e infelizmente, querida Nástienhka — de uma obscura rotina e de habitual monotonia, para não chamar-lhe vulgar, vulgar até ao desespero.

— Ufa! Mas que introdução essa! O que virá a seguir?

— Pois virá, Nástienhka… parece-me que nunca me cansaria de lhe chamar Nástienhka… Virá a afirmação de que nesses recantos vivem homens estranhos… seres desses a que as pessoas chamam sonhadores. Um sonhador — para explicar-me mais concretamente — não é um homem, fique sabendo, mas uma criatura de sexo neutro. Geralmente o sonhador costuma viver fora do mundo, num canto retirado, como se se escondesse da luz do dia, e, uma vez instalado no seu esconderijo, vive e cresce nele tal como o caracol na sua concha, ou pelo menos pode dizer-se que é parecido com esse animalejo singular, que é ambas as coisas, o animal e sua própria morada, e ao qual chamamos tartaruga. Mas que imagina? Por que será que ele ama tanto as quatro paredes, invariavelmente pintadas de verde claro, desbotadas, vergonhosamente sujas e denegridas pelo fumo? Por que é que esse homem grotesco, quando algum dos seus raros amigos vai visitá-lo — além disso costuma acontecer que até estes deixem em breve de visitá-lo — se mostra tão atarantado e inibido? É que ele tem todo o aspecto de alguém que cometeu um crime num lugar ermo, que fabrica moeda falsa ou faz poemas para enviá-los a alguma revista, acompanhados de uma carta em que participa que assassinou o autor dos versos, e que, por ter sido seu amigo, se considera no dever de publicar as obras do defunto. Por que, não quererá me dizer, Nástienhka, por que é que durante essas visitas a conversa nunca é muito prolongada, e por que é que dos lábios do amigo caído do céu, que noutras ocasiões, está continuamente gracejando à custa do belo sexo ou de outros temas amenos, nesse momento em que vai visitar o sonhador, não pronuncia nem uma só palavra graciosa? Por que será que este novo amigo se há de sentir, nessa sua primeira visita — em geral nunca passam da primeira — um tanto inibido, e por que será também que, apesar de toda a sua inventiva — supondo que ele possui esse dom — apenas fala por monossílabos, perante a cara desesperada do outro que, num esforço sobre-humano, infelizmente vão, tenta animar o diálogo e pôr em evidência que ele também sabe encaminhar uma conversa e falar do belo sexo, procurando assim atenuar, pelo menos por meio da sua solicitude e boa vontade, a decepção do hóspede que um dia teve a triste ideia de ir cair onde ninguém o tinha chamado? E por que é que o visitante pega tão facilmente no chapéu e se despede com brevidade, com a desculpa de que se lembrou de repente de uma coisa importante que não pode esperar? E por que se

liberta tão rapidamente a sua mão de pressão calorosa da mão do outro que, com a maior tristeza na alma, procura ainda reparar aquilo que é já irreparável? Por que será que o amigo que se retira, ainda mal fechou a porta atrás de si, desata logo a rir, e por que jura ele a si mesmo não tornar nunca mais a visitar aquele extravagante, ainda que no fundo não seja má pessoa? E por que não poderia a sua fantasia, durante a visita, negar-lhe o pequeno prazer de comparar a expressão da cara daquele tipo invulgar, com o focinho de um gatinho que, caído entre as mãos de garotos mal-educados, que o atraíram com falsos carinhos, sofre os seus maus tratos e por fim acaba por ir refugiar-se debaixo de uma cadeira num canto escuro, para depois, ali, lamber e relamber a pele, lavar o maltratado focinho com as patas dianteiras e alisá-lo, pôr-se depois a considerar com olhos tristes a natureza das coisas e da vida, e até as migalhas de pão que uma criada compadecida lhe atira das sobras da mesa farta…

— Escute, — interrompeu-me Nástienhka, que durante todo este tempo não tinha deixado de escutar-me com uns olhos muito grandes e a boca entreaberta — escute: não percebo nada de tudo isso, nem tampouco consigo explicar por que é que me faz essas perguntas tão esquisitas. A única coisa que compreendo é que você deve ter-se encontrado em situações semelhantes, sem dúvida alguma.

— Evidentemente — respondi eu muito sério.

— Bem, então se tudo isso é verdade, continue — disse Nástienhka. — Agora quero saber como acaba a história.

— Deseja saber o que é que o nosso herói — ou para melhor dizer, eu, visto que eu, isto é, a minha modesta pessoa, sou o herói da história — o que é que eu faço no meu canto, não é isso? Deseja saber por que razão a inesperada visita do tal amigo me deixa assim transtornado e me faz ruborizar como um endurecido pecador, quando a porta se abre; por que não sei receber o hóspede e desempenho tão desajeitadamente o meu papel de dono da casa…

— Claro, naturalmente desejo saber isso tudo. Mas ouça: você conta tudo isso lindamente, mas não lhe seria possível contá-lo de maneira menos bela? Porque você fala como se estivesse a ler num

livro aberto à sua frente.

— Nástienhka — respondi eu num tom importante e severo, enquanto fazia todos os esforços para não rir — querida Nástienhka: eu sei muito bem que conto as coisas de maneira demasiado bela, mas desculpe-me, pois não sei contá-las de outra maneira. Agora, querida Nástienhka, pareço-me com aquele gênio do rei Salomão, que esteve mil anos fechado numa pequena caixa selada com sete selos, e afinal conseguiu romper todos. Querida Nástienhka, agora que nós dois voltamos a nos encontrar depois de uma tão grande separação — porque eu já a conheço desde há muito tempo querida Nástienhka, pois já há muito que ando à procura de alguém… o que é a prova de que eu a procurava e de que o destino tinha escrito que nos havíamos de encontrar precisamente neste local — agora abriram-se mil torneiras na minha cabeça e tenho que vazar o meu coração numa torrente de palavras, se não quiser que elas me afoguem. Por isso lhe peço que não me interrompa, Nástienhka, e me escute paciente e submissamente, pois se não for assim, não continuo…

— Não, não, não. Isso não! Conte, que eu já não torno a abrir a boca!

— Bem, vou continuar. Querida Nástienhka, todos os dias há uma hora, para mim, que aprecio extraordinariamente. Essa hora é aquela em que as lojas, as oficinas e os ministérios se fecham e todas as pessoas se dirigem para suas casas para preparar a refeição do meio-dia, estender-se uns momentos e descansar um pouco, hora em que, durante o caminho, as pessoas se põem a fazer projetos para a tarde e para a noite, e para todo o tempo livre que ainda lhes resta. Nessa hora costuma também o nosso herói (consinta, Nástienhka, que eu fale de mim na terceira pessoa, pois, na primeira, poderia parecer imodéstia), nessa hora, digo, costuma o nosso herói, que também tem o seu trabalho regular, acompanhar os outros durante um pedaço do caminho. Então, um estranho sentimento de bem-estar transparece no seu rosto pálido e um pouco murcho. Com olhos comovidos olha as nuvens vespertinas que deslizam pelo cálido céu petersburguês. Não, não lhe minto ao dizer que ele as vê; na realidade não as vê, porque ele não vê absolutamente nada, mas olha, e olha tudo de um modo inconsciente, como se estivesse cansado ou como se tivesse ao mesmo

tempo o pensamento ocupado com outra coisa diferente, longínqua, especial, de tal maneira que não tarda em ter para tudo quanto o rodeia mais do que um ligeiro olhar, e isto ainda quando um acaso consegue distrair a sua atenção. Sente-se quase feliz, pois deu já por terminada a sua tarefa até o dia seguinte; alegre como um colegial que se levanta dos bancos da escola e pode de novo entregar-se às suas brincadeiras e distrações favoritas. Se a Nástienhka pudesse observá-lo escondida, havia de ver como essa alegria começava logo a atuar beneficamente sobre os seus nervos alterados e sobre a sua fantasia, de uma excitabilidade doentia. Julga que ele pensa em comer? Ou na tarde que tem ainda à sua frente? O que será que o preocupa tanto? Será aquele cavaleiro que, com tanta cortesia, e sem dúvida de maneira tão pitoresca, saúda a dama que passa junto dele naquela carruagem magnífica? Não, Nástienhka; que lhe importam todas essas insignificâncias? Agora ele é rico da sua própria vida, da sua vida íntima; tornou-se rico de um momento para o outro, e o último raio do sol poente não brilhou em vão, tão cheio de calor vital, ao despertar no seu coração ardente uma multidão de impressões. Agora mal atenta no caminho, cujas particularidades mais pequenas ainda há um momento observava com tão grande interesse. É que a deusa fantasia já o envolveu na sua dourada rede que encheu de visões estonteantes, de uma vida gratuita e prodigiosa: e talvez (quem pode sabê-lo?), talvez o elevasse já, nas suas mãos caprichosas, desde o passeio duro de granito, pelo qual vai caminhando em direção a casa, até o sétimo céu, aquele que fica mais longe deste mundo. Se nesse momento pretendesse, sem mais nem menos, falar com ele e perguntar-lhe onde se encontra nesse preciso instante, por que rua vai a caminhar… ele não poderia responder nem a uma coisa nem a outra e, possivelmente, corando de vergonha, ia lhe responder qualquer coisa, a primeira que lhe viesse à cabeça. Por isso mesmo também ele estaca de repente e se põe a olhar à sua volta, assustado, só porque uma velhota o fez parar no meio do passeio e lhe perguntou por uma rua, que não sabe onde fica. Com uma feição aborrecida e contrariada, continua sempre a caminhar, sem reparar que mais de um transeunte se ri ao vê-lo e que mais de um o segue com o olhar, e que uma senhora que o evitou aflitivamente, de repente se põe a rir como uma menina, tão grotescas se lhe afiguram a cara e o sorriso aéreo, o gesticular das mãos do sonhador. Mas eis que já a mesma fantasia

arrebatou nas suas asas travessas a velha, os transeuntes curiosos e os moços rústicos que buscam o descanso da tarde, ali, no Fontanka — suponhamos que o nosso herói se encontre neste momento junto do cais do canal — tudo isso foi apanhado na rede caprichosa da fantasia, tal como a teia de aranha aprisiona as moscas. Com este despojo recém-conquistado entra o extravagante em sua casa, senta-se à mesa e come, e depois de terminada a refeição ainda não voltou completamente a si; até que a infalível Matriona, mal-humorada e taciturna, lhe vem trazer o cachimbo; até esse momento, como disse, ainda não caiu completamente em si, e então repara com assombro que já comeu, sem ter sequer dado por isso. É já escuro no seu quarto e ele tem a alma triste e vazia. À sua volta desvaneceu-se todo um império de sonhos: secretamente, sem ruído, sem deixar provas, como só um sonho pode desvanecer-se, e ele nem sequer poderia contar aquilo que viu. Mas um obscuro sentimento que começa a agitar-se no seu coração, pouco a pouco lhe vai infundindo um novo anseio, afagando, sedutor, a sua fantasia e, sem querer, aí volta à sua frente uma nova cavalgada de visões. Reina o silêncio no pequeno quarto; a solidão e o ócio acariciam a sua imaginação que, suavemente, começa a esquentar-se; produz-se nela um leve movimento, uma espécie de fervura imperceptível semelhante à da água na máquina de café da velha Matriona que anda por ali perto na sua lida, na cozinha, fazendo placidamente o café; demora tanto e só agora começou a ferver… De súbito, ainda antes de ter chegado à terceira página, das mãos do nosso sonhador tomba o livro que maquinalmente, apenas por hábito, tinha tirado da prateleira. A força da sua imaginação voltou a reanimar-se e, como por encanto, eis que surge em seu redor um novo mundo, uma nova vida encantadora. Um novo sonho… uma nova felicidade. Novo, requintado e doce veneno… Oh, que lhe interessa a ele esta vida real! Segundo a sua limitada maneira de ver, nós, os outros, Nástienhka!, levamos uma vida lenta, monótona e vazia. Segundo ele pensa, estamos todos descontentes com a nossa sorte e atormentados, pela existência… E de fato é verdade: há de reparar como entre nós, os que não somos sonhadores, ao primeiro olhar tudo parece frio, árido e hostil, como se tudo fosse mau e inimigo… “Coitados!”, pensa o meu sonhador. E não é nada de estranho ele pensar assim. A Nástienhka não pode ver essas visões mágicas que surgem à sua frente, tão sedutoras, tão magníficas, tão sem limites,

como que nascidas do próprio nada, visões em cujo primeiro plano aparece sempre, nem seria preciso dizer, o nosso sonhador com o seu eu tão querido. Não pode ver que aventuras, que série inesperada de coisas lhe acontecem. A Nástienhka pergunta: “Mas com que sonha o senhor?”. Para que perguntar? Sonho simplesmente com tudo, com tudo… Com o destino de um poeta que a princípio não é reconhecido e mais tarde vem a despertar um interesse universal; na sua amizade com E. T. A. Hoffman, com a noite de São Bartolomeu[7], com Diana Vernon[8], com uma ação heroica na tomada da cidade de Kazan[9] pelo czar Ivan Vassílievitch[10], com uma estrela do tablado, com uma bailarina, com João Huss[11] antes do Concílio, com a ressurreição dos mortos em *Roberto, o Diabo*[12] (conhece essa partitura? cheira a cemitério), com Minna[13] e seus comparsas com a batalha de Berezina[14], com a recitação de uma poesia em casa da condessa V. D., com Dalton, com Cleópatra e *i suoi amanti*, com uma casinha de Kolomna[15], com um cantinho muito petersburguês onde pudesse ter sentadinha a seu lado uma mulherzinha muito amada que, com a boquinha e os olhos muito abertos, o escutasse nos serões do inverno… tal qual como a Nástienhka me está escutando agora, minha pombinha… Não, Nástienhka, que lhe importa a ele, ao nosso apaixonado preguiçoso, que lhe importa esta vida terrestre que a nós tanto nos encanta? Para ele é uma pobre, uma mísera vida que merece compaixão, e nem sequer supõe que também alguma vez há de chegar para ele a hora em que daria com gosto todas as suas fantasias por um só dia dessa vida, e até mesmo, não por um dia alegre, ou por uma felicidade, pois nem sequer há de poder escolher nessa hora de pesar, de arrependimento, e de autêntica dor. Mas por enquanto não chegou ainda esse dia terrível… e ele nada deseja porque paira acima de todos os desejos, porque já os tem todos, porque já está repleto e é o próprio artista da sua vida, e pode a todo instante modelá-la à sua vontade. E surge tão fácil, tão naturalmente, esse fantástico mundo de fábula, como se tudo não fosse senão uma invenção do cérebro. Na verdade somos frequentemente tentados a acreditar que toda essa vida não é uma criação da sensibilidade nem um caprichoso jogo insubstancial ou uma invenção enganadora, mas uma autêntica realidade, uma coisa que existe realmente, algo de real e de palpável. Pois diga-me Nástienhka: por que será que nos instantes dessa vida irreal chegamos a conter a respiração? Por quê? Qual o motivo por

que, como por efeito de um sortilégio inexplicável, o nosso pulso bate mais depressa, as lágrimas afluem aos nossos olhos, as faces do sonhador ficam afogueadas e todo o seu ser parece dilatar-se num prazer arrebatador? Por que existem para ele noites inteiras que passa mergulhado numa profunda alegria, numa felicidade, sem pensar em dormir nem por um momento? E quando a manhã volta a brilhar com róseos matizes nos vidros das janelas e os primeiros alvores do dia penetram com a sua luz indecisa e vaga no aposento, e o nosso sonhador, rendido e esgotado, se estende no leito e fica adormecido — por que terá ele então a impressão de que vai morrer de pura felicidade, com todo o seu espírito quase doentiamente comovido, e por cima de tudo isto, com uma dor penosa e doce no coração? Sim, Nástienhka; é assim que nós nos iludimos e, como estranhos, julgamos involuntariamente que uma paixão verdadeira, física, comove a nossa alma. Involuntariamente acreditamos que nos nossos sonhos incorpóreos há qualquer coisa de vivo e palpável. Mas que ilusão! Suponhamos, por exemplo, que no peito do sonhador despertou o amor com toda a sua dor inesgotável… Basta que olhemos para ele para ficarmos convencidos da realidade do seu sentimento. Ao vê-lo assim, querida Nástienhka, poderá acreditar que ele nem sequer conhece aquela que ama nesses seus sonhos encantados? Viu-a ele alguma vez que não fosse nas obcecantes visões da sua fantasia? E fez ele outra coisa que não fosse… sonhar com essa paixão? Não é verdade que ela tem sempre continuado, ao longo dos anos da sua vida, levada pela mão… formando os dois um parzinho… e sem preocupar-se com unir a sua vida à do seu rival? Não é verdade que, quando ele se despediu, já tarde, ela se deixou tombar chorando contra o seu peito, sem reparar na tormenta desencadeada debaixo do céu inclemente, sem se aperceber do vendaval que secava as lágrimas sobre as suas faces? Teria sido então tudo isto um simples sonhar acordado… e também o jardim solitário e abandonado, com os carreirinhos cobertos de erva, em que ambos passearam tantas vezes de mãos dadas, erguendo ilusões, e em que se desejaram e se amaram *tão triste e docemente*, segundo a frase da velha canção? E também essa antiga e arruinada mansão senhorial em que ela viveu tanto tempo só e triste, com aquele marido velho e austero que, eternamente calado e carrancudo apoquentava como um espectro os dois amantes que escondiam o seu amor como crianças tímidas? Como sofriam, como

temiam, que puro e inocente era esse amor, e como — nem é preciso dizê-lo — como eram maus os outros homens, Nástienhka! E, meu Deus, não tornou ele a vê-la realmente, passado algum tempo, longe da pátria, debaixo de um céu estranho do Sul, num palácio — tinha que ser num palácio — numa cidade eterna e maravilhosa, num salão de baile e ao som de uma música embriagadora? Não teriam eles então estado os dois encostados à janela emoldurada de mirtos e de rosas, e ela, tirando a máscara, não disse ao seu ouvido: "Sou livre!", e ele não a estreitou depois nos seus braços, doido de felicidade, e não se cingiram realmente os seus corpos, e por um instante esqueceram todas as suas dores e o tormento da separação, a casa sombria, o velho conde, o jardim abandonado na pátria longínqua, e o banco em que trocaram os últimos beijos apaixonados, para finalmente se desprenderem os seus braços? Oh, sim! Não há mais remédio senão concordar, Nástienhka, que é uma coisa bem natural que uma pessoa se excite e se faça vermelha, e fique perturbada como um colegial apanhado numa travessura, como se tivesse acabado de guardar uma maçã roubada numa chácara alheia, quando de repente se abre a porta de casa e surge entre os umbrais um garoto sadio, um moço sempre alegre e jovial que nos saúda alegremente, como se nada tivesse acontecido. "Meu caro, acabo de chegar de Pávlovsk"[16]. Meu Deus! Tinha morrido o velho conde e ela estava livre! Sentimo-nos alagados numa felicidade inconcebível. Era esta a notícia que nos traziam de Pávlovsk.

Fiz uma pausa, pois o meu apaixonado solilóquio estava chegando ao fim. Devo dizer ainda que eu tinha uma vontade enorme de irromper numa gargalhada forte, estrepitosa, de deixar sair de dentro de mim qualquer coisa que vinha envolta em risos, pois sentia que efetivamente no meu íntimo começava a bulir e a apertar-me a garganta um diabinho malicioso que me fazia cócegas no queixo e nas pálpebras…

Naturalmente eu esperava que Nástienhka, que me olhava com uns olhos imensos de mulher compreensiva, se pusesse a rir de um modo infantil, irreprimível, e lamentava já ter ido tão longe nas minhas confidências e ter-lhe contado coisas que já há tanto trazia no meu íntimo, e que por isso podia expô-las como se as fosse lendo em

algum livro aberto. Durante anos inteiros tinha-me preparado para julgar a mim próprio como um réu e para ditar a minha própria sentença; e agora, realmente, não conseguira conter-me e tinha pronunciado a sentença, se bem que, para falar francamente, sem cair na ilusão de que pudesse ser compreendido. Mas, com grande assombro da minha parte, ela ficou calada por um momento e depois apertou suavemente a minha mão e perguntou-me num tom de estranha e terna simpatia:

— Mas, na verdade, tem passado assim toda a sua vida?

— Toda a minha vida, Nástienhka — respondi — desde que vivo neste mundo, e creio que há de ser assim até o fim.

— Não, isso não; não é possível que seja assim — protestou ela com inquietação visível — e também não é assim. Então também podia ser possível que eu viesse a passar toda a minha vida ao lado da minha avó. Escute: sabe que não é nada agradável levar sempre essa vida?

— Bem sei, Nástienhka, se sei! — exclamei eu sem poder ocultar os meus sentimentos. — E agora sei, melhor do que antes, que perdi inutilmente os melhores anos da minha vida. Sim, bem sei, e este conhecimento dói-me agora mais do que nunca, uma vez que Deus me enviou você, meu anjo bom, para me dizer e demonstrar isso. Agora que estou sentado a seu lado e que falo com você, infunde-me um extraordinário desalento pensar no que há de vir, pois na vida que tenho ainda à minha frente… apenas vejo solidão, e de novo essa vida ociosa, inútil e aborrecida. E que hei de eu sonhar então que seja mais belo do que a vida, depois de ter realmente gozado aqui, ao seu lado, instantes tão felizes? Oh, bendita seja, minha amiga encantadora, por não me ter afastado logo às primeiras palavras! É graças a isso que eu posso dizer que, pelo menos, ainda tive duas noites felizes na minha vida!

— Ah, não, não! — exclamou Nástienhka com os olhos brilhantes de lágrimas. — Não, isso não pode ser. Não nos podemos separar assim. O que são duas noites?

— Ah, Nástienhka, Nástienhka! Sabe que consegui reconciliar-me

comigo mesmo para muito tempo? Sabe que daqui para diante já não hei de ter pensamentos tão negros como em muitos momentos anteriores? Sabe que talvez eu já não torne a preocupar-me por ter incorrido num pecado e num delito, se é que uma vida dessas é pecado e delito? E não julgue que exagero de qualquer maneira, Nástienhka; não pense isso, pelo amor de Deus! Há momentos em que sinto tal tristeza, tal espanto… Nesses momentos chega a parecer-me e até começo a acreditar, que já não poderei iniciar nenhuma vida nova, pois já por mais de uma vez tive a impressão de que perdia todo o sentimento e toda a sensibilidade para tudo quanto é realidade e vida verdadeira; porque eu me amaldiçoei a mim mesmo; porque às minhas noites fantásticas se seguem momentos de prostração que são terríveis. E para além de tudo isto acabamos por sentir que as massas humanas se agitam à nossa volta em ruidoso tropel, ouvimos e vemos como vivem as criaturas: o que se chama viver, viver de verdade e acordado, e chegamos a verificar que a nossa vida não obedece à nossa vontade, que a nossa vida não se deixa moldar como um sonho, que eternamente se renova e fica eternamente jovem, e nela nenhuma hora é igual à que se segue, enquanto a horrível fantasia, essa nossa força de imaginação, acaba por ficar desconsolada e suscetível, e monótona até a vulgaridade, escrava da sombra, do puro pensamento, escrava das primeiras nuvenzinhas que de repente cobrem o sol e oprimem numa dor amarga o nosso coração que tanto ama esse mesmo sol. E até na própria dor, que fantasia! Sentimos que, por fim, essa mesma fantasia que parece inesgotável, há de esgotar-se na sua eterna tensão, pois nos vamos tornando mais viris e amadurecidos, e superamos os nossos antigos ideais, que se desvanecem e se reduzem a palavras e a pó. E se depois não houver outra vida, temos de nos pôr a reunir os restos desse entulho para com eles voltarmos a refazê-la. E contudo a nossa alma reclama e anseia por alguma coisa completamente diferente. E em vão o sonhador remexe nos seus antigos sonhos, como se ainda procurasse no rescaldo uma centelha, uma só, por pequena que fosse, sobre a qual pudesse soprar, e com a nova chama assim ateada aquecer depois o coração enregelado e voltar a despertar nele o que dantes lhe era tão querido, o que comovia a nossa alma e nos arrebatava o sangue, aquilo que fazia subir as lágrimas aos nossos olhos e que era uma ilusão tão bela. Nástienhka, sabe até onde é que eu cheguei? Sabe que até me vejo na

obrigação de celebrar o jubileu das minhas sensações, o aniversário daquilo que um dia foi maravilhoso e que no entanto nunca existiu, pois esses aniversários comemoram todos os mesmos sonhos vãos e loucos? Sabe que apesar disso tenho de o fazer, porque a esses sonhos loucos nem sequer se seguem já outros que os substituam e afugentem. Pois os sonhos precisam também de ser substituídos… Sozinhos, de persi, nunca terminam e sobrevivem a si mesmos, sabe? Agora procuro de preferência os locais em que um dia fui feliz, feliz à minha maneira, e tento pela imaginação imprimir ao presente a forma do passado que não volta, ou então evocar esse próprio passado; e então, como uma sombra, ponho-me muitas vezes a dar voltas sem objetivo pelas ruelas de Petersburgo. Lembro-me neste momento, por exemplo, de que faz agora um ano, ia eu por este passeio, a esta mesma hora, tão só e triste como hoje. E recordo que os meus pensamentos de então eram tão tristes como os de agora, e se bem que o passado não seja melhor, parece-nos sempre que o foi, como se tivéssemos então vivido mais placidamente e não tivéssemos sentido ao de cima da alma essa vaga melancolia que agora nos persegue; que não sentíamos esses remorsos de consciência que nos atormentam de um modo tão doloroso e persistente, e não nos deixam um momento de repouso, nem de dia, nem de noite. E uma pessoa abana a cabeça e murmura: “Como os anos passam depressa!”. E pergunta ainda: “Que fizeste durante esse tempo? Chegaste realmente a viver ou não?”. “Olha, dizemos nós para nós mesmos, repara que frio faz neste mundo. Basta que passem mais uns anos para que chegue a espantosa solidão, a trêmula velhice que traz consigo a tristeza e a dor. O teu mundo fantástico há de perder então as suas cores, murcharão e morrerão os teus sonhos, e como as folhas amarelas que tombam das árvores, também eles cairão de ti…” Ó Nástienhka! Que tristeza então vermo-nos sozinhos, completamente sozinhos, e não termos de que nos lamentarmos… nem isso, ao menos! Pois tudo aquilo que perdemos nada era, nada mais do que um zero, um simples zero: apenas uma ilusão.

— Mas por amor de Deus, acabe, não me aflija mais — exclamou Nástienhka enxugando uma lagrimazinha que lhe corria pelo rosto. — Agora tudo isso passou. Agora nunca mais estaremos sós, pois, aconteça o que acontecer, havemos de ser sempre amigos. Escute: eu

sou uma pessoa inculta: não estudei muito, embora a minha avó me tenha arranjado professores; mas acredite, eu o compreendo muito, muito bem, pois tudo isso que me contou também eu o sentia quanto estava sentada perto de minha avó. É claro que nunca poderia contá-lo assim tão bem, porque não tenho estudos — acrescentou baixinho, pois o meu patético arrazoado tinha-lhe infundido um certo respeito — mas estou muito contente por ter merecido essas confidências. Agora já o conheço, conheço-o a fundo. E sabe o que lhe digo? Que lhe vou contar também a minha história, desde o princípio até o fim, e depois há de dar-me um conselho. Você é um homem inteligente, já sei; mas há de prometer-me que, depois de me ter escutado, dará uma opinião sincera.

— Ah, Nástienhka! — respondi-lhe. — Eu nunca dei conselhos a ninguém e também não possuo essa inteligência a que se referiu; mas agora vejo bem que se tivéssemos vivido sempre assim, havia realmente de chegar a tê-la, e que poderíamos dar um ao outro grandes conselhos de prudência. Pois bem, encantadora Nástienhka: de que conselho precisa? Diga sem rodeios. Eu estou agora tão contente, tão alegre, sinto-me tão feliz que provavelmente não seria preciso puxar-me pela língua, como costuma dizer-se.

— Não, não! — exclamou Nástienhka com precipitação. — Eu preciso de um conselho prudente, um conselho saído do coração. um conselho sinceramente amigo e que me seja dado, repare, como se você tivesse gostado de mim durante toda a vida…

— Bem, Nástienhka, combinado! — exclamei eu. — Mas acredite que se eu gostasse de você já há vinte anos, não gostaria mais fervorosamente do que neste momento.

— Dê-me a sua mão! — disse Nástienhka.

— Aqui a tem!

— Bem, então muita atenção, que lhe vou contar a minha história.

## História de Nástienhka

— Metade da minha história você já conhece, quero dizer, já sabe qu eu tenho uma avó…

— Se a outra metade não é mais comprida do que a primeira… — objetei eu sorrindo.

— Fique em silêncio e escute-me. Antes de mais nada, uma condição: não há de interromper-me, pois, do contrário, acabaria por atrapalhar-me. Portanto, atenção. Eu tenho uma avó. Vivo com ela desde criança, pois fiquei órfã de pai e mãe quando era ainda pequena. Julgo que a minha avó foi rica noutros tempos, porque está sempre a falar dos belos dias que se foram. Foi ela quem me ensinou o francês, embora depois me tivesse arranjado um professor. Aos quinze anos — agora tenho dezessete — deixei de estudar. Foi por essa época que fiz aquela diabrura. Não poderia dizer-lhe concretamente que diabrura foi: basta que lhe diga que não foi nenhuma coisa do outro mundo. Mas ainda assim o resultado foi que a minha avó me chamou uma certa manhã e disse-me que, como não podia vigiar-me por causa de sua cegueira, tinha decidido, e assim o fez, pegar num alfinete e prender as minhas saias às suas, participando-me que havíamos de passar assim a vida as duas se eu não me emendasse. A princípio não encontrei qualquer possibilidade de libertar-me; a única coisa que fiz foi trabalhar, ler e estudar; isto tudo sempre agarrada às fraldas da vovó. Uma vez recorri a uma artimanha e disse a Fiokla que se sentasse no meu lugar. A tal Fiokla é a nossa criada e é surda, coitada. Foi assim que ela tomou o meu lugar quando a avozinha estava já adormecida na sua poltrona. Eu aproveitei e saí correndo em busca de uma amiga que tinha na vizinhança. Mas a coisa não nos saiu bem. A vovó acordou antes que eu tivesse regressado, e perguntou não sei que, julgando que eu estava ao seu lado, como sempre, pois, como disse, ela é cega. Mas Fiokla, que a viu falar, não pôde perceber o que ela dizia por causa da surdez; e foi assim que a infeliz, depois de ter meditado muito sobre o que havia de fazer, tirou o alfinete e, correndo, veio buscar-me…

Nástienhka desatou a rir. Eu, naturalmente, imitei-a. Mas depois tornou logo a ficar séria.

— Olhe, não dê risada da minha avó. Eu, se faço isso, é por causa

do cômico da situação. Que havemos de fazer-lhe? A vovó, coitada, é assim… Mas fique sabendo que, apesar de tudo, gosto dela. Pois bem: quando voltei para casa esperava-me um bom carão; tive de ir sentar-me imediatamente junto dela, as minhas roupas foram outra vez presas às suas, e depois… meu Deus! Não podia mexer-me! Ah! Esqueci de dizer que nós, ou melhor, que a minha avó é proprietária de uma casinha, uma casinha de madeira apenas com três janelas na fachada, muito engraçada e tão velha como a sua dona. Mas tem um quarto no andar de cima e a vovó arranjou um inquilino para lá.

— Então também tinham um hóspede? — perguntei eu como por acaso.

— Tínhamos — respondeu Nástienhka — e por sinal que sabia ficar calado, muito melhor do que você. Além disso ele mal sabia mexer a língua. Era um velhinho miúdo, surdo, encarquilhado, tonto, cego e paralítico, de maneira que não podia continuar por muito tempo neste mundo e por isso resolveu morrer. Depois o quarto ficou livre e tivemos de procurar um novo inquilino, pois a renda do quarto e a pensão da vovó são os nossos únicos recursos. O novo inquilino era um rapazinho, que não era de Petersburgo. Como nem sequer tentou discutir o preço do quarto, a vovó alugou-lhe; mas mal ele se tinha retirado, perguntou-me: “Nástienhka, o inquilino é velho ou novo?”. Eu não quis mentir-lhe e disse-lhe: “Muito novo, muito novo, não é, avozinha, mas também não é velho”.

“E que aspecto tem? É pessoa distinta?”, perguntou-me ela ainda. Eu, mais uma vez não quis mentir-lhe. “Sim, avozinha — disse-lhe— tem um aspecto muito distinto.” Mas a minha avó suspirou:

— Ah, minha filha! Isto é uma prova a que Deus nos vai sujeitar. Digo-te isto, minha filha, para que não olhes para ele muitas vezes. Os tempos estão de uma tal maneira! Um inquilino pobre e, entretanto, com um aspecto distinto! Antes era tudo muito diferente.

A vovó estava sempre intrometendo os tempos passados na conversa. Nesses tempo ela era mais nova, o sol brilhava mais e aquecia melhor, e a nata não azedava tão depressa… Tudo era melhor no seu tempo. Eu, enquanto ela dizia estas coisas, permanecia sentada

e calada; mas dizia cá para comigo: “Que intenção teria tido a avozinha quando me perguntou se o inquilino é novo e distinto?”. Mas isso foi um pensamento fugaz, e depois pus-me outra vez a contar as malhas e continuei a fazer meia, como se nada tivesse acontecido. Mas uma manhã… eis que de repente entra o nosso inquilino na sala onde nós estávamos, para nos perguntar pelo tapete que lhe tínhamos prometido para o seu quarto. As palavras começam a enrolar-se. A avozinha fala pelos cotovelos e depois vai e diz-me: “Nástienhka, vai ao meu quarto e traz o ábaco”. Eu me pus imediatamente de pé, o sangue subiu-me ao rosto, não sei por quê, ao mesmo tempo esqueci-me completamente de que estava presa às suas roupas e, em vez de tirar o alfinete às escondidas, para que o inquilino não visse, dei um puxão tão forte que acabei indo rolar atrás da cadeira da minha avó. Mas, ao ver que o inquilino tinha percebido tudo, pus-me ainda mais corada e fiquei ali especada; de súbito rompi a chorar… De tal maneira me envergonhava de ter rolado pelo chão. Mas, a vovó então me disse: “Que estás fazendo aí? Por que não vais buscar aquilo que te disse? Anda, vai.” Mas eu redobrava o meu choro. Então o inquilino compreendeu que eu estava envergonhada por ele ter assistido à cena, despediu-se rapidamente e foi-se embora. A partir dessa tarde, mal sentia qualquer ruído lá fora, o meu coração dava logo um pulo. “Será o inquilino que nos vem visitar?”, pensava eu e em seguida ia e desprendia o alfinete devagarinho, para que a vovó não desse por isso. Mas afinal nunca era ele… Ele não vinha. E assim passaram duas semanas. Até que um dia nos mandou dizer por Fiokla que tinha muitos e bons livros, e se a vovó queria que eu lhe lesse alguns para distraí-la. A vovó, agradecida, aceitou o oferecimento, limitando-se a perguntar-lhe se na verdade eram livros decentes, “pois se são imorais — disse — não poderás lê-los de maneira nenhuma, Nástienhka, porque tiravas deles um mau proveito”.

— Então o que é que eu devo ler, avozinha? — perguntei-lhe — O que dizem os livros maus?

— Coisas más, minha filha. É neles que se descreve a maneira como os jovens libertinos seduzem as meninas honestas; como, com a promessa de casamento, as tiram de casa de seus pais e depois as abandonam, e como as desventuradas acabam sempre mal. Eu — disse

a minha avó — li muitos desses livros e todos eles — acrescentou — descrevem tudo tão ao natural, que uma pessoa até passa a noite sem dar por isso. E por isso, Nástienhka — concluiu — cuidado com os livros desse gênero. Que livros nos mandou ele?:

— Romances de Walter Scott, avozinha — disse eu.

— Ah! Romances de Walter Scott. Mas tem muito cuidado, pode esconder-se neles algo de suspeito. Quem sabe se ele não pôs entre essas páginas alguma cartinha de amor!

— Não, avozinha, aqui não há nenhuma.

— Vê bem por todos os lados, até na capa; às vezes escondem aí as cartas.

— Não, avozinha — disse-lhe eu — também não há nada na capa.

— Bem; mas não te esqueças que toda a cautela é pouca — respondeu-me ela.

E assim começamos a ler Walter Scott, e em coisa de um mês tínhamos já dado conta de quase metade dos livros. A seguir ele enviou-nos outros, entre os quais vinham as obras de Púchkin, de maneira que eu já não podia estar sem ler e por causa dos livros esqueci-me completamente que podia casar-me com um príncipe chinês. Estavam as coisas neste pé quando por acaso me encontrei um dia com o nosso inquilino na escada. A avozinha tinha-me mandado buscar qualquer coisa. Ele passou e eu me fiz muito corada… e ele também enrubesceu, depois sorriu e cumprimentou-me perguntando-me pela saúde da avó. A seguir perguntou-me se eu já tinha lido os livros. E eu lhe respondi:

— Já, já.

— É mesmo? E de qual é que gostou mais?

Respondi-lhe:

— Aqueles de que mais gostei, foram *Ivanhoé* e as obras de Púchkin.

E com isto, por aquela vez, demos por terminada a nossa conversa. Ao fim de uma semana tornei a encontrá-lo outra vez na escada. Mas nesse dia a avó não me tinha mandado buscar nada, era eu quem precisava de qualquer coisa. Deviam ser duas da tarde eu sabia que era essa a hora a que o nosso inquilino costumava vir a casa.

— Boa tarde! — disse-me ele.

— Boa tarde! — respondi-lhe eu.

— Não se aborrece de estar assim todo o dia sentada perto da sua avó? — perguntou-me.

Ao ouvir aquela pergunta, não sei por quê… o que é certo é que tornei a fazer-me corada, envergonhei-me e fiquei um tanto ofendida com as suas palavras… talvez porque já não fosse ele o primeiro que me fazia aquela pergunta. Estive quase tentada a retirar-me sem responder, mas faltaram-me as forças.

— Você é uma boa menina — disse ele. — Desculpe-me que lhe fale desta maneira, mas garanto-lhe que gostaria de lhe proporcionar uns momentos mais agradáveis do que lhe proporciona a sua avó. Não tem amigas com quem se dê? – Respondi-lhe que não tinha nenhuma, pois Máchenhka, a minha única amiga, tinha ido para Pskov. — Gostaria de vir um dia comigo ao teatro? — perguntou-me ele.

— Ao teatro? — perguntei eu por minha vez. — E minha avó?

— Espere! — disse ele. — Não precisa lhe dizer nada… Pode vir sem ela saber…

— Não — disse-lhe eu; — não quero enganar a vovó. Adeus, passe muito bem!

Ele se limitou a cumprimentar-me, sem me dizer uma palavra. Nessa tarde, logo que acabou de comer, veio visitar-nos. Sentou-se, pôs-se a falar com a vovó e perguntou-lhe se nunca saía de casa, se não tinha amizades… e, de repente, disse:

— Comprei um camarote para a ópera, para esta noite: cantam *O barbeiro de Sevilha*; mas os amigos com quem eu tinha combinado ir

esta noite, já não podem, surgiu-lhes inesperadamente um contratempo. Por isso tenho de ir sozinho!

— *O barbeiro de Sevilha*! — exclamou a vovó. — É o mesmo *Barbeiro* que cantavam noutros tempos?

— Sim, minha senhora — respondeu ele. — O mesmo.

E ao dizer isto olhou para mim. Mas eu já tinha percebido tudo, corei, e o coração palpitava-me de ansiedade.

— Então conheço-o! — exclamou a avó. — Como é que não havia de conhecê-lo? Se cantei a parte de Rosina, sobre os palcos, quando era nova!

— Então não gostava de tornar a ouvi-lo esta noite na Ópera? — perguntou-lhe ele. — assim já não se perdia o bilhete…

— Bem, por mim, vou — exclamou a minha avó. — Por que não havíamos de ir? E também Nástienhka nunca foi a um teatro!

Que alegria, meu Deus! Vestimo-nos e marchamos para a Ópera! A vovó está cega e já é muito velhota, mas pelo menos queria ouvir a música e, além disso, aceitou o convite principalmente por minha causa, para que eu me divertisse, pois a não ser por aquele processo, nunca teríamos ido à Ópera. Qual a impressão que me teria feito *O barbeiro de Sevilha*… nem é preciso que lhe diga, pois já deve calcular.

Ele esteve sempre a olhar para mim naquela noite com um ar muito afetuoso, e eu compreendi então que aquilo que ele me tinha dito na escada tinha sido apenas para me experimentar para ver se eu era capaz de ir com ele ao teatro sozinha. E então fiquei muito satisfeita por lhe ter respondido daquela maneira. Quando me deitei, nessa noite, estava tão orgulhosa e tão alegre, e o coração pulsava-me com tanta força que tive até um pouco de febre e estive sempre a sonhar com o tal *Barbeiro*.

Eu pensava, naturalmente, que dali em diante o nosso inquilino iria tornar mais frequente as suas visitas… mas enganei-me Quase nunca mais nos visitou. Apenas o fazia uma vez por mês e somente

para nos convidar a ir com ele ao teatro. Ainda fomos mais duas vezes com ele, mas… a mim, aquilo não me agradava. Eu percebia que apenas lhe inspirava compaixão, e nada mais, por causa de estar assim constantemente presa às roupas da minha avó. E quanto mais aquilo se prolongava, mais me aborrecia; não podia estar sentada, nem ler, nem trabalhar, por mais que me esforçasse. Às vezes ria-me e fazia qualquer coisa que eu sabia perfeitamente que ia desgostar a vovó. Mas depois ficava quase a chorar, quando não chorava mesmo a valer. Finalmente acabei por cair quase doente. A temporada da Ópera estava acabando e o nosso inquilino deixou por completo de nos visitar. Mas quando nos encontrávamos — na escada, evidentemente — cumprimentava-me muito sério e silencioso e passava junto de mim como se não me quisesse falar, e quando ele já estava lá em cima há muito tempo, ainda eu estava na escada, corada como uma cereja, pois o sangue subia-me às faces assim que punha os olhos nele.

A minha história está prestes a acabar. Fez precisamente um ano em maio que o nosso inquilino voltou a visitar-nos, depois de uma larga ausência, e disse à minha avó que tinha arrumado já os assuntos que precisava de tratar aqui e que por isso se via obrigado a ir viver durante um ano em Moscou. Quando o ouvi dizer aquilo empalideci e deixei-me cair sobre uma cadeira… Julguei que ia morrer.

Que hei de fazer? Perguntava e tornava a perguntar a mim mesma, torturava a cabeça, afligia-me, até que por fim tomei uma resolução. “Amanhã ele vai-se embora”, disse, e decidi-me naquela mesma noite, enquanto minha avó dormia, a preparar também as minhas coisas. Dito e feito. Fiz um embrulho com os meus vestidos e a roupa branca de que precisava e, com o embrulho na mão, mais morta do que viva, subi as escadas até o andar do nosso inquilino. Creio que devia ter levado quase uma hora a subir aquela escada. Quando abriu a porta do quarto, deu um pulo e olhou para mim. como se eu fosse um fantasma. Mas isso foi coisa de um momento. Depois foi logo buscar um copo d’água, que me entregou e me fez beber, pois eu mal podia ficar de pé. O coração batia-me tão forte que até me doía a cabeça e parecia que já nem compreendia nada. Mas quando voltei a mim, a única coisa que fiz foi pôr o embrulho em cima da cama dele, sentar-me ao lado, tapar a cara com as mãos e romper numa torrente

de lágrimas. Creio que ele percebeu tudo imediatamente, pois sentou-se junto de mim, ficou muito pálido e deteve-se a olhar-me com tanta tristeza que se me partia o coração.

— Escute — começou — escute, Nástienhka, eu não posso. Eu sou pobre! De momento não posso contar com coisa nenhuma, nem sequer com uma colocação. De que iríamos nós viver se nos casássemos?

Falamos durante muito tempo. Por fim, eu perdi completamente o domínio sobre mim própria e disse que não podia continuar a viver com a vovó, que queria ir-me embora e não estava disposta a consentir que me prendessem pelas saias; que se ele quisesse estava disposta a acompanhá-lo a Moscou, pois já não podia viver sem ele! Vergonha, amor e orgulho… tudo isto eu sentia ao mesmo tempo; e como que atacada de convulsões, deixei-me cair sobre a cama. Tinha tanto medo de um desaire! Ele ficou um momento calado, depois levantou-se, aproximou-se de mim e puxou-me por uma mão.

— Ouve, minha querida, minha boa Nástienhka — disse-me, e a voz dele era trêmula de choro — ouve-me: juro-te que se algum dia me encontrar em situação que possa casar-me, serás tu a minha eleita, aquela que espero me há de fazer feliz. Juro-te que não poderia ser outra senão tu. Mas ouve ainda uma coisa: eu, agora, tenho de partir para Moscou, onde devo ficar um ano. Espero arranjar uma colocação durante este tempo. Se quando eu voltar tu ainda gostares de mim, juro-te que havemos de ser felizes os dois. Mas agora é impossível, estou na maior pobreza e não tenho o direito de prometer-te nada. Mas se daqui a um ano também ainda não estiver na situação de o fazer, esperaremos um pouco mais até que por fim havemos de conseguir o que desejamos…Claro que se até lá não tiveres dado a outro a tua preferência, pois eu não te obrigo com nenhuma palavra, não posso nem devo fazê-lo.

Assim me falou ele e no dia seguinte partiu. Mas antes de se ir embora, ainda nos tornamos a falar e combinamos não dizer nada a minha avó. Foi ele quem assim o quis. É aqui que… acaba a minha história. Desde essa data até agora já passou precisamente um ano. Ele voltou, já há três dias e…

— E quê? — perguntei-lhe eu inquieto.

— Até agora ainda não veio visitar-nos! — terminou Nástienhka esforçando-se por se dominar. — Nem uma palavra, nem uma carta!

Deteve-se, permaneceu um momento silenciosa, baixou a cabeça cobrindo o rosto com as mãos, e rompeu num pranto tão desconsolado que me partia o coração.

Nunca tinha esperado este desfecho.

— Nástienhka! — exclamei, pondo na minha voz a maior bondade e a mais profunda simpatia. — Nástienhka! Pelo amor de Deus, não chore assim! Quem lhe deu essas notícias? Pode ser que ele nem sequer esteja aqui…

— Está aqui, está — confirmou ela com insistência. — Naquela noite, antes da sua partida, combinamos uma coisa… Quando tivemos aquela explicação que acabei de lhe contar, viemos aqui a este lugar, e andamos passeando por aqui. Eram dez horas e estivemos sentados neste mesmo banco. Eu então já não chorava, pois sentia um prazer tão grande em escutá-lo… Ele me afirmava que havia de vir visitar-nos quando voltasse, e que se eu não me opusesse, então diríamos tudo à minha avó. Mas agora, já voltou, sei muito bem, e no entanto não veio ver-nos, não veio!

E começou outra vez a chorar.

—Valha-me Deus! Não sei o que hei de fazer por você! —exclamei e, na minha inquietação, levantei-me do banco, — Diga-me, Nástienhka, não seria possível ir eu procurá-lo e falar-lhe?

— Você, ir procurá-lo — perguntou ela erguendo os olhos de repente.

— Bem, não era bem isso o que eu queria dizer, evidentemente! Mas escute… por que não lhe escreve uma carta?

— Não, isso não pode ser, não me fica bem! — respondeu ela rapidamente, baixando a cabecinha, sem olhar para mim.

— Mas por que não, afinal? Por que é que não pode ser? — continuei, pois o meu plano começava a agradar-me. — A questão está na carta que lhe iria escrever! Há cartas e cartas… Ai, Nástienhka, tenha pena de mim, apesar de tudo! Eu não quero aconselhá-la mal! Acredite que não tem nada de especial que faça isso! Também foi a Nástienhka, afinal, quem deu o primeiro passo… Por que não quer agora?

— Não, não, isso não está certo. Seria quase colocar-me à frente dos seus olhos…

— Ah, que menina esta! — interrompi-a eu sem ocultar o meu sorriso. — E afinal está no seu direito de fazê-lo, desde que ele lhe deu a sua palavra. Além disso ele — segundo que deduzo daquilo que me contou — também é uma boa pessoa — prossegui eu envolvendo-me cada vez mais na lógica das minhas deduções e conclusões. — Como se conduziu ele com você naquela altura? Não é verdade que se comprometeu com aquela promessa? Ele disse-lhe que só se casaria quando estivesse em condição de o fazer, e quanto a você, em compensação, deixou-a em completa liberdade; por isso, se quiser, pode desligar-se dele em qualquer momento… Portanto é a Nástienhka quem deve dar agora o primeiro passo, visto que ele lhe deixou em tudo o direito de prioridade… Precisamente como se se tratasse agora de desligar-se da palavra dada ou de outra coisa qualquer…

— Diga-me: no meu caso, como é que escreveria?

— Escreveria o quê?

— Essa carta…

— Eu… Muito simplesmente… Começava… “Meu prezado amigo…”

— Não há outra solução senão começar assim?

— Não. Mas que tem a objetar a isto? Imagino…

— Não, não, está muito bem, continue!

— Bem. “Meu prezado amigo: desculpe se…” Mas não, essas desculpas são supérfluas. Aqui os fatos bastam para explicar tudo.Por isso diríamos simplesmente: “Venho escrever-lhe e pedir-lhe que me desculpe a minha impaciência, mas fui tão feliz durante um ano, quando vivia na ilusão de que… onde hei de eu ir procurar agora a paciência necessária para suportar um dia só que seja de incerteza? Agora que já voltou e não se dignou vir visitar-me, vejo-me na necessidade de pensar que, com o tempo, devia ter mudado de maneira de pensar. Nesse caso esta carta apenas lhe dirá que não me queixo nem lhe faço qualquer censura. Como havia eu de censurar-lhe alguma coisa, se não é culpa sua que eu não tenha podido prender o seu coração por mais tempo? É este o meu destino… Você é um homem fino e inteligente, e estou certa de que estas minhas toscas linhas não hão de fazê-lo rir nem lhe causarão aborrecimento. Mas no entanto não se esqueça de que é uma pobre moça que lhe escreve, que se encontra completamente só e não tem uma pessoa a quem possa contar as suas penas e pedir um conselho, e que também nunca aprendeu a dominar o seu coração. Mas não se aborreça comigo, se é que incorri na torpeza de, por um instante, abrigar dúvidas na minha alma. Sei muito bem que você não seria capaz de ofender, nem sequer pelo pensamento, aquela que tanto lhe quis e que apesar de tudo ainda…”

— Isso, é isso mesmo! Era isso mesmo o que eu tinha pensado! — exclamou Nástienhka, e os seus olhos brilharam de alegria. — Oh, você dissipou todas as minhas dúvidas! Foi Deus quem enviou você! Muito obrigada, muito obrigada!

— Muito obrigada? Por quê? Por Deus ter me enviado em seu auxílio? — perguntei-lhe e, extasiado, contemplei o seu rosto que refulgia de prazer.

— Sim, por isso mesmo!

— Ah! Nástienhka! Verdadeiramente devemos estar agradecidos a várias pessoas, só pelo fato de viverem conosco ou de viverem tão sozinhas. Eu, por exemplo, estou-lhe muito grato por tê-la encontrado e poder pensar em você daqui para diante.

— Bem, bem, não diga mais nada! Mas agora… Você ainda não sabe tudo. É o seguinte: dessa vez tínhamos combinado que, logo que ele estivesse de volta, me faria saber por alguém nosso conhecido, pessoas boas e simples, que não sabem nada das nossas relações; mas que no caso de não me poder escrever, pois muitas vezes não se pode dizer numa carta tudo o que se deseja, no próprio dia da sua chegada, às dez da noite em ponto, viria a este mesmo lugar, onde nos devíamos encontrar. Eu sei muito bem que ele está em Petersburgo já há três dias e, até agora, ainda não recebi duas letras suas nem também me veio ver. De dia é-me impossível sair de casa sem que a minha avó dê conta. Por isso… Oh, se tivesse a bondade de se encarregar de levar a minha carta a essas pessoas de que acabo de lhe falar! Elas a farão chegar às mãos dele. E se tivesse resposta trazia-me aqui às dez da noite… Sim?

— Mas… e a carta? E a carta? Primeiro é preciso escrever a carta! Senão, é preciso deixar tudo para amanhã.

— A carta… — Nástienhka, confusa, olhou para o chão. — A carta… sim, mas…

Deteve-se e não prosseguiu; afastou de mim o seu rostinho que brilhava como uma rosa vermelha, e de súbito senti na minha mão um… um envelope, e naturalmente com uma carta acabada de escrever. E ao mesmo tempo… esse pormenor despertou em mim uma recordação… Aos meus ouvidos de repente uma encantadora e graciosa melodia e…

— Ro… si… na! — cantei eu.

— Oh, Ro… si… na! — cantamos os dois, e ela esteve quase a deixar-se cair de felicidade nos meus braços enquanto ia ficando cada vez mais corada e sorria por entre as lágrimas que, como gotas de orvalho, brilhavam nas suas pestanas.

— Pronto, pronto! Agora vamos despedir-nos! — disse rapidamente. — Aí fica a carta; e pode ver o endereço onde deve entregá-la; está no sobrescrito. Adeus, até breve! Até amanhã!

Apertou-me as duas mãos com muita força, saudou-me também

com a cabeça e desapareceu como uma sombra na ruela estreita. Eu fiquei durante muito tempo sem me mexer, no mesmo lugar, seguindo-a com a vista.

— Até breve! Até amanhã! Até amanhã! — repetia eu maquinalmente, depois de ela já ter desaparecido.

## Terceira noite

Hoje, estava um dia triste, chuvoso, cinzento, turvo e sombrio…

Tal qual como a velhice que me aguarda. E agora assaltam o meu pensamento estranhas e fugidias impressões, surgem-me problemas confusos… e eu não tenho forças nem disposição para resolvê-los. E afinal isso não é da minha conta!

Hoje não nos vimos. Quando ontem nos despedimos apareciam já no céu nuvens escuras e começava a levantar-se uma névoa. Eu insisti: “Amanhã vamos ter um dia nublado”. Ela não respondeu. Que havia de dizer? Para ela esse dia era claro e diáfano e nenhuma nuvem podia ensombrar sua felicidade.

— Se chove não nos podemos ver — disse por fim — porque nesse caso não venho à rua.

Eu pensava que ela, hoje, não teria chegado a dar pela chuva; mas não apareceu.

Ontem vimo-nos pela terceira vez… Foi a nossa última noite clara…

Na verdade, é digno de reparo aquilo que a alegria e a felicidade podem fazer de um homem. Como o amor exalta o nosso coração! É como se ele, todo inteiro, se derramasse dentro de outro coração e desejássemos que toda a gente se sentisse feliz e sorrisse, à nossa volta! Como é contagiosa essa alegria! Ontem havia nas suas palavras tanta ternura e no seu coração tanta bondade para mim! Como ela estava atenciosa, expansiva, afetuosa e amável! Como me animava o espírito e me serenava o coração! Oh, de tanta felicidade que sentia

até estava lisonjeadora! E eu … eu tomava tudo aquilo por ouro de lei e pensava que ela …

Meu Deus, como foi possível que nem sequer tenha pensado nisso? Como podia eu estar tão cego, sabendo como sabia que tudo aquilo pertencia a outro, e quando devia ter dito a mim mesmo que toda aquela sua ternura e carinho … sim, todo o carinho que ela me demonstrava … mais não eram do que a expressão da sua alegria perante o encontro próximo com ele, e o seu desejo de fazer-me compartilhar a sua alegria, ou simplesmente de desabafá-la comigo? Mas ele nunca mais aparecia e nós os dois esperávamos em vão; e ela, ao ver que ele não vinha, começou a ficar triste, preocupada e taciturna. Os seus movimentos e as suas palavras já não tinham a mesma ligeireza alada de há pouco, nem também respirava já o mesmo abandono confiante. Mas então, coisa estranha! Redobrou a sua atenção e afetuosidade para comigo, e me pareceu então que tudo aquilo que ela desejava para si e que a trazia num desassossego, ainda que por acaso nunca viesse a consegui-lo, desejaria involuntariamente oferecer a mim. E, tremendo pela sua felicidade, cheia de angústia e de nostalgia, compreendia finalmente que eu também amava, que eu a amava a ela, e então a sua alma sentiu piedade do meu pobre amor. Porque quando somos infelizes ficamos mais aptos a compreender o sofrimento alheio; a nossa sensibilidade, assim não se degrada, mas, pelo contrário, adensa-se e acumula-se…

Saí ao seu encontro cheio de ansiedade, pois só com muito custo me foi possível esperar pela hora da entrevista. Mas não podia imaginar o que me aguardava nesse instante, nem tampouco previa a maneira tão invulgar como tudo isto ia terminar. Ela estava radiante de júbilo, aguardando a resposta do outro. E a resposta era ele próprio quem deveria trazê-la… ele que, sem dúvida, se daria pressa em acudir à sua chamada… Ela estava firmemente convencida disso. Havia já uma hora que ela esperava ali, quando eu cheguei. A princípio, tudo quanto eu dizia dava-lhe vontade de rir. Quis continuar a falar, mas, de repente… calei-me.

— Sabe por que estou eu tão contente? — perguntou-me ela — e me sinto tão satisfeita por o ver? Por que estou tão carinhosa para com você?

— Diga — perguntei eu, e o meu coração batia…

— Pois eu lhe tenho toda esta amizade porque você não se apaixonou por mim. Outro, no seu lugar, teria começado por me importunar e aborrecer, teria suspirado e fingido que estava doente. Mas você foi tão franco e tão simples!

E apertou-me a mão com tanta força que por pouco eu não gritava. E riu-se outra vez.

— Meu Deus! Como você é meu amigo! — continuou depois de uma pausa cheia de seriedade. — Acredito verdadeiramente que foi Deus quem o enviou. Que teria sido de mim se não o tivesse ao meu lado? Tem sido tão bom para mim! Se eu me casar havemos de continuar assim, amigos… como dois irmãos. Hei de gostar de você quase tanto como dele…

Custaram-me estas palavras e, naquele mesmo instante, senti um desgosto imenso; mas a seguir, qualquer coisa semelhante a um sorriso se esboçou na minha alma.

— Está muito desassossegada —disse-lhe — pois, no fundo, tem medo que ele não venha.

— Mas que ideia! Se não estivesse tão contente, é muito provável que me fizesse chorar com essa sua descrença e com as suas censuras. Além disso não tem feito outra coisa senão insistir numa hipótese que pode trazer-me muitas contrariedades. Mas isso fica para depois; por agora confesso-lhe que adivinhou. Eu estou verdadeiramente… fora de mim! Eu sou toda ansiedade e percebo tudo e tudo ouço como através de uma nuvem… Mas basta… não falemos mais de sentimentos…

E eis que de súbito ouvimos uns passos e vimos sair da obscuridade um transeunte que se encaminhava para nós. Estremecemos, e pouco faltou para que ela não desse um grito. Eu retirei o meu braço, no qual ela apoiava a sua mãozinha e dei meia volta para escapar-me sem ser visto. Mas tínhamo-nos enganado: era um estranho, que seguiu tranquilamente o seu caminho.

— De que tem medo? Por que retirou o braço? — perguntou-me

ela amparando-se novamente em mim. — Isso não tem nada de especial! Havemos de ir ter com ele, de braço dado. Quero que ele veja que nos estimamos.

— Oh, como nós nos queremos! — exclamei eu.

“Oh Nástienhka, Nástienhka — pensei em silêncio. — O que disseste com essas palavras! Com um carinho desses, Nástienhka, até o coração pode gelar… e encher-se de uma tristeza mortal… A tua mão está fria, Nástienhka, enquanto a minha arde como lume. Como és cega, Nástienhka! Oh, uma criatura feliz, às vezes pode tornar-se insuportável! Mas eu, para ti, nunca podia ser mau…”

Finalmente o meu coração estava tão cheio que, quisesse ou não quisesse, não tive outro remédio senão começar a falar:

— Nástienhka! — exclamei. — Sabe como passei o dia de hoje?

— Não… Como foi? Conte-me imediatamente! Por que é que ainda não me disse?

— Pois olhe, Nástienhka, esta tarde, depois de ter cumprido tudo quanto me mandou, de ter entregue a carta àquelas pessoas, voltei para casa e fui dormir…

— E então foi só isso o que fez durante o resto do dia? — perguntou-me ela a rir.

— Sim, pouco mais — respondi eu, dominando-me rapidamente, pois sentia que as lágrimas queriam saltar-me aos olhos com toda a força. — Acordei uma hora antes daquela que estava combinada para o nosso encontro; mas a mim parecia-me que não tinha dormido nada. Não sei o que se passava comigo. E quando vinha para aqui parecia-me que o fazia apenas para lhe vir contar. Era como se o tempo tivesse parado, como se daí para diante apenas uma única sensação, um único sentimento, viessem a dominar-me por completo, como se um só momento houvesse de preencher toda a eternidade, e como se em mim a vida tivesse estancado… Quando acordei lembrei-me de umas frases musicais, que eu talvez tivesse ouvido alguma vez, já há muito tempo, mas que depois tivesse esquecido. E parecia-me que minha vida tinha

abandonado a minha alma havia muito e que agora só…

— Ah! Meu Deus! — interrompeu-me Nástienhka. — Que quer dizer com isso tudo? Não estou entendendo.

— Ah! Nástienhka! Procurava explicar-lhe de qualquer maneira essa estranha sensação — disse eu com voz triste, mas na qual se encerrava uma esperança, embora muito longínqua.

— Está bem, muito bem, mas não continue! — exclamou ela com rapidez…

Num instante tinha percebido tudo, a velhaca!

Pôs-se muito falante e alegre, e até vulgar. Agarrou-se ao meu braço, ria, falava, esforçava-se por que eu também risse, e qualquer palavra minha mais comovida arrancava-lhe logo uma grande e sonora gargalhada… Comecei a sentir-me um tanto aborrecido e ela então se pôs a coquetear comigo.

— Sabe de uma coisa? — disse — Confesso-lhe que estou um tanto desapontada por você não se ter apaixonado por mim. Por aí se vê que as mulheres nunca podem acreditar nos homens! No fim de contas não tem outro remédio senão reconhecer, meu inconquistável senhor, que sou uma mulher inocente e sincera. Eu digo-lhe tudo, tudo, qualquer que seja a maluqueira que me venha à cabeça.

— O quê? Escute! Onze horas! — disse eu quando se ouviu ao longe a primeira badalada vagarosa do relógio da torre.

Ela calou-se, o seu riso desvaneceu-se e pôs-se a contar as badaladas.

— É verdade, já são onze horas — disse finalmente com uma voz um tanto insegura e perplexa.

Depois lamentei tê-la interrompido e deixei-a contar as badaladas do relógio. E recriminei-me a mim próprio da má intenção que me tinha impelido. Senti-o por ela. E não sabia como havia de reparar a minha falta. Procurei consolá-la e arranjar razões que justificassem a ausência do outro. Citei vários exemplos, formulei conclusões; e, na

verdade, nunca ninguém se deve ter deixado convencer com mais facilidade do que ela, naquele momento, como qualquer de nós teria igualmente acolhido, em semelhantes circunstâncias, uma palavra de consolo, e teria mesmo agradecido a mais insignificante justificação.

— Sim, e, além disso — continuei, defendendo o outro cada vez com maior resolução e, ao mesmo tempo, muito impressionado pela claridade dos meus próprios argumentos — ele não podia vir hoje. A Nástienhka contagiou-me a sua inquietação e o seu desassossego, a tal ponto que me esqueci do tempo… Mas lembre-se que ele talvez só agora tenha recebido a sua carta. Suponhamos que, por qualquer motivo, se vê impossibilitado de vir pessoalmente e tem de escrever-lhe… Assim, só amanhã é que poderá receber a carta dele. Eu irei até lá amanhã muito cedo e digo-lhe o que se passa. E podemos ainda supor muitas outras coisas, igualmente prováveis: suponhamos, por exemplo, que, quando a carta chegou, ele não estava em casa e que, por isso, ainda não a leu. Tudo é possível!

— Bem, isso é verdade! — concordava logo Nástienhka. — Não me tinha lembrado disso, claro que tudo é possível! — confirmava com voz condescendente e cheia de conformidade, mas na qual, no entanto, como uma leve e desagradável dissonância, transluzia um pensamento diferente.

— Então vamos fazer uma coisa: amanhã muito cedo você vai à casa dessas pessoas conhecidas e, se elas tiverem qualquer coisa para mim, vem logo dizer-me. Sabe onde eu moro? — E indicou-me a sua morada.

Depois, de um momento para o outro, pôs-se outra vez muito carinhosa para comigo e, ao mesmo tempo, parecia tomada de uma certa timidez… Na aparência, pode-se dizer que me escutava com muita atenção… Mas quando eu lhe fiz uma pergunta ficou calada e afastou os olhos dos meus, perturbada. Eu me inclinei um pouco para frente para poder ver-lhe o rosto e, na verdade, ela estava chorando.

— Mas o que é isso? Você está parecendo um nenê! Uma garotinha sem pingo de juízo! Vamos… Para que essas lágrimas?

Ela tentou sorrir e dominar-se; mas o rosto estremecia-lhe e o seu

peito agitava-se cada vez mais.

— Estava pensando em você — disse ela após um silêncio. — É tão bondoso… Seria preciso que o meu coração fosse de pedra para que eu não sentisse isto. Sabe o que pensei? Pus-me a compará-los, aos dois. Por que é que ele não há de ser… você? Por que não será ele como você? Ele vale muito menos e no entanto eu gosto mais dele do que de você.

Eu não respondi. Mas ela parecia esperar que eu fizesse qualquer observação.

— É possível que eu não o compreenda e que não o conheça muito bem. Mas sabe uma coisa? Acho que tenho um certo medo dele. Estava sempre tão sério e tão… como se estivesse também sempre cheio de orgulho. Provavelmente tudo isso seria só na aparência, porque no seu coração deve haver mais ternura do que no meu… E também sei como ele me olhava quando… me apresentei no seu quarto com o embrulho da minha roupa… E no entanto é assim, é como se ele estivesse muito acima de mim, sim, como se não fôssemos os dois da mesma condição, como se pertencêssemos a classes sociais diferentes!

— Não, Nástienhka, tudo isso significa apenas que você o quer mais do que a ninguém neste mundo e até muito mais do que a si mesmo.

— Bem, pode ser que seja assim — respondeu Nástienhka ingenuamente. — Mas sabe a ideia que me veio agora mesmo? Que daqui em diante já não falo mais nele mas de coisas comuns… Já há muito que o tinha pensado. Explique-me: por que não havemos todos de ser como irmãos uns para os outros? Por que motivo, quando nos encontramos diante de outra pessoa, mesmo que ela seja a melhor do mundo, havemos sempre de esconder e de calar qualquer coisa? Por que não havemos nós todos de dizer com absoluta sinceridade aquilo que trazemos no coração, quando sabemos muito bem que as nossas palavras não seriam em vão? Parecemos todos mais frios e taciturnos do que somos na verdade; é caso de dizer que as pessoas têm medo de se comprometer expondo com franqueza os seus sentimentos…

— Ah! Nástienhka! Você tem muita razão; mas isso deve-se a várias causas — respondi eu, ao mesmo tempo em que me fechava melhor na minha concha e guardava para mim os meus mais íntimos sentimentos.

— Não, não! — contradisse ela com profunda convicção. — Você, por exemplo… não é como os outros… Eu… desculpe-me, não sei como explicar-me, mas parece-me que… por exemplo, neste momento… Sim, parece-me que precisamente neste momento está fazendo um sacrifício por mim — disse ela quase balbuciando e olhando-me de fugida. — Desculpe lhe falar assim. Sou uma jovem simples; mal conheço ainda a vida e, verdadeiramente, muitas vezes nem sei me explicar bem — acrescentou com uma voz em que vibrava um sentimento oculto, enquanto se esforçava por sorrir. — Mas quero dizer-lhe que lhe estou muito grata, que sei muito bem e que sinto… Desejo que Deus lhe dê todas as felicidades! Quanto àquilo que me contou acerca dos seus sonhos, parece-me que não é verdade; isso não tem nenhuma relação com a sua pessoa… Você tem de ser bom e, acima de tudo… pelo que me disse, vejo bem que é um homem diferente. Mas é claro que se alguma vez se apaixonar… queira Deus que seja muito feliz! E para essa a quem você vier a amar, nem é preciso desejar mais nada, pois, em sua companhia, por força que há de ser feliz. E digo isso porque sou mulher, pode acreditar em mim…

Calou-se e trocamos um amistoso aperto de mãos. Eu também estava muito comovido para poder falar. Ficamos ambos calados.

— Sim, já não virá hoje — disse ela por fim, levantando a cabeça. — Já é muito tarde.

— Virá amanhã — disse eu num tom de voz firme e convencido.

— Sim — disse ela muito satisfeita — agora vejo muito bem que hoje era demasiado cedo e pode ser que amanhã também não venha. Bem, então até breve, até amanhã! Se chover, pode ser que eu não saia. Mas depois de amanhã… depois de amanhã hei de vir sem falta, e você… venha também sem falta. Quero vê-lo para lhe contar tudo.

Quando nos despedimos estendeu-me a mão e disse-me, pousando os seus olhos sobre os meus, num olhar franco:

— Daqui para diante nunca mais nos tornaremos a separar, não é verdade?

— Oh, Nástienhka, Nástienhka! Se soubesses como estou só neste mundo!

No outro dia, quando bateram as nove da noite, já não pude ficar nem um momento mais no meu quarto; vesti-me e saí para a rua, apesar da chuva. Fui até o lugar onde nos costumávamos encontrar e sentei-me no banco. Passado pouco tempo levantei-me e fui até a rua em que ela morava; mas depois enchi-me de vergonha e, a dois passos da sua casa, retrocedi sem levantar sequer os olhos para as janelas. Cheguei a casa num estado de espírito como nunca tinha experimentado. Que sombrio, que úmido e que aborrecido tudo! "Se fizesse bom tempo — dizia para comigo — havia de passar a noite toda vagabundeando por essas ruas… É preciso esperar até amanhã, amanhã ela vai contar-me tudo."

No entanto acabei por confessar a mim próprio que ele não tinha respondido à sua carta; pelo menos, hoje, não respondeu. Mas isso é perfeitamente natural. Para que havia ele de escrever-lhe? Há de vir mas é vê-la pessoalmente…

## Quarta noite

Meu Deus! Como acabou tudo isto!

Às nove da noite estava no local combinado. Vi-a logo de longe; estava de pé, tal como na primeira vez em que a vi no cais; apoiava-se à balaustrada e não sentiu que eu me aproximava.

— Nástienhka! — exclamei sem poder dominar a minha comoção.

Ela estremeceu, voltou-se e olhou para mim.

— O quê! — disse — Tão depressa!

Eu olhei para ela sem compreender.

— Deixe ver! Dê-me a carta! Trouxe-a?

E estendeu a mão para a balaustrada.

— Não, não trago carta nenhuma — eu respondi devagar. — Mas ele não veio?

Ela empalideceu intensamente e ficou a olhar para mim. Tinha perdido todas as esperanças.

— Que Deus o proteja! — exclamou finalmente com voz vacilante e lábios trêmulos. — Que Deus o proteja, visto que me abandona!

Baixou os olhos… Depois tentou erguê-los para me olhar, mas não pôde. Durante um momento permaneceu assim, até que conseguiu dominar a sua perturbação; depois voltou-se de repente, apoiou os cotovelos na amurada e começou a chorar.

— Acalme-se! Sossegue! — eu disse procurando consolá-la; mas diante daquela dor não tive coragem para prosseguir… Que podia eu dizer-lhe?

— Não tente consolar-me — exclamou ela chorando —, não me fale dele; não me diga que ainda há de vir e que não é verdade que ele me tenha abandonado de maneira tão cruel e desumana. E por quê? Por quê? Havia alguma coisa de mau na minha carta, nessa pobre carta?

Os soluços abafaram de novo a sua voz. Achei que meu coração ia estalar de dó.

— Oh, que crueldade! — insistia ela. — Nem uma linha, nem uma palavra! Se ao menos tivesse respondido, se ao menos tivesse escrito, ainda que fosse só para me dizer que já não me queria! Mas assim… Nem uma linha, nem uma palavra em todos estes dias! Como lhe foi fácil magoar-me, a mim, pobre moça desamparada, cujo único pecado consiste em amá-lo! Oh, como tenho sofrido nestes três dias! Meu Deus! Deus do Céu! Lembrar-me eu de que me aproximei dele pela primeira vez, sem que ele me tivesse chamado nem me tivesse pedido, que me rebaixei diante dele e chorei e até lhe pedi um pouco, só um pouco de amizade! E agora, isto… Não, fique sabendo — encarou de novo comigo e os seus olhos negros cintilavam — que isto não é

possível! Isto não pode ficar assim! Talvez ele não tivesse recebido a minha carta! Talvez a estas horas nada saiba ainda a este respeito. De outra maneira não se compreende, julgue por si próprio, fale por amor de Deus, explique-me… Eu não posso compreender… como é que um homem é capaz de se conduzir com tanta vilania como ele se conduziu comigo. Não ter respondido nem sequer uma palavra à minha carta! O homem mais vil deste mundo teria sido mais compreensivo! A não ser… a não ser que lhe tenham dito mal de mim! — encarou de repente comigo. – Não acha? O que lhe parece?

— Olhe, Nástienhka, amanhã irei eu próprio vê-lo em seu nome.

— Isso!

— Vou lhe perguntar simplesmente o que se passa e lhe contar tudo.

— Sim, e que mais havemos de fazer?

— A Nástienhka vai escrever-lhe outra carta. Não diga que não! Hei de obrigá-lo a apreciar o seu procedimento, explicarei tudo, e se ele…

— Não, meu bom amigo, não! — atalhou ela. — Deixemos isso. Ele não tornará a ouvir uma palavra minha. Eu já não o conheço, já não gosto dele, hei de fazer por… es… que… cer…

Não continuou.

— Acalme-se, acalme-se! Sente-se aqui neste banco, Nástienhka — disse-lhe eu e levei-a até o banco, um pouco mais adiante.

— Já estou sossegada. Pronto. Acabou-se. Saberei conter as minhas lágrimas! Acha que vou me matar por causa disto, ou adoecer?

O meu coração parecia estalar. Quis falar mas não pude.

— Escute — continuou ela pegando-me na mão — você não seria capaz de se portar desta maneira, não é mesmo? Não seria capaz de responder com uma gargalhada trocista a uma pobre moça que se tivesse dirigido a você por não saber dominar o seu fraco e ingênuo

coração, não é verdade? Com certeza que havia de saber apreciá-la melhor. Você teria dito que ela estava sozinha no mundo, que não conhecia nada da vida e não sabia apreciar-se a si própria e defender-se do amor que lhe tinha, e que não tinha culpa de nada… que ela não tinha feito nada de mau… Oh, meu Deus, oh, meu Deus!

— Nástienhka — exclamei eu, incapaz de dominar a minha comoção por mais tempo. — Nástienhka, você me martiriza! Dilacera o meu coração, Nástienhka, me mata! Eu já não posso calar-me por mais tempo! Eu tenho de falar, preciso de lhe dizer o que já não me cabe no coração!

Enquanto dizia isto levantei-me do banco. Ela me pegou na mão e olhou para mim assombrada.

— O que tem? — perguntou-me por fim.

— Deixe que eu lhe diga tudo, Nástienhka! — implorei-lhe com decisão. — Nástienhka, não tenha medo daquilo que eu lhe vou dizer, pois é um disparate, um impossível e uma tolice. Já sei que nunca há de realizar-se; mas não posso calar-me por mais tempo! Peço-lhe, por tudo aquilo que agora sofre, suplico-lhe, imploro-lhe que me perdoe desde já!

—Mas então o que é? De que se trata? — tinha deixado de chorar e fitava-me com muita atenção. Os seus olhos admirados demonstravam uma curiosidade singular. De que se trata?

— É impossível, Nástienhka, bem sei, mas eu… eu a amo, Nástienhka! Esta é a verdade! Pronto, já lhe disse tudo! Agora já sabe se daqui em diante pode continuar a falar-me como tem feito até aqui e também se deve ouvir o que ainda tenho para lhe dizer…

— Bem… Mas que tem isso? Tem alguma coisa de extraordinário? Eu já sabia que você me amava; sempre me quis parecer que… me… sim, que me tinha alguma afeição! Ai, meu Deus…

— A princípio, sim, era só isso, Nástienhka; mas agora! Agora eu estou na mesma disposição de espírito que a Nástienhka, quando se foi apresentar no quarto dele com o embrulhinho das suas roupas. Não,

eu estou ainda em piores condições do que a Nástienhka, pois ele, então, não amava outra mulher… Enquanto a Nástienhka ama outro homem…

— Que quer dizer com isso? Eu… eu não o compreendo. Mas diga: por quê? Ou melhor: para que tudo isso e assim tão de repente? Meu Deus! Que tolices eu digo! Mas você…

Nástienhka estava perturbadíssima, suas faces se ruborizaram e fixou a vista sobre o chão.

— Que hei de eu fazer, Nástienhka, que hei de eu fazer? Sou culpado, cometi um abuso. Oh, não! Nástienhka, eu sou inocente. Sinto, percebo claramente que o coração me diz que estou no meu direito, que, com isto, não posso ofendê-la nem magoá-la. Eu era seu amigo; bem, pois agora continuarei a ser ainda seu amigo… Não cometi nenhuma traição nem me portei deslealmente. Repara, Nástienhka, estou chorando. Que importa? Isso não prejudica ninguém. Hão de secar por si mesmas, estas lágrimas.

— Mas, sente-se, sente-se — e quis obrigar-me a sentar-me. — Ai, meu Deus!

— Não, Nástienhka, não me sento! Agora já não posso continuar aqui por mais tempo e você nunca mais há de tornar a ver-me; vou lhe dizer tudo e depois vou me embora. Nunca poderá saber até que ponto eu lhe quero. Mas eu devia ter sabido guardar segredo e não afligi-la neste momento, falando-lhe assim de mim com tanto egoísmo. Não! Mas eu… não fui capaz de me conter! Você começou a falar dele, portanto a Nástienhka é quem tem a culpa, a culpa de tudo; mas eu sou inocente. Apesar de tudo não pode afastar-me do seu lado, assim, sem mais nem menos…

— Mas eu não o afasto! — afirmou Nástienhka, fazendo o possível por dominar a sua perturbação.

— Não? É verdade que não? E eu que estava para ir já embora… Seja como for, tenho de ir; mas antes quero dizer-lhe tudo, pois há pouco, enquanto a Nástienhka falava e chorava, e estava à minha frente com a sua dor, e tudo isso porque… Bem porque… Digo-lhe,

Nástienhka, pelo desdém a que a votavam, se soubesse quanto amor eu sentia por você no meu coração, quanto amor! E custava-me tanto não poder valer-lhe com todo esse amor, o meu coração parecia que ia saltar e… e… não pude calar-me mais; precisava falar, Nástienhka, tinha de ser!

— Está bem! Fale, fale calmamente! — disse Nástienhka de súbito, com uma comoção inexplicável. — Talvez estranhe que eu lhe diga isto, mas… sim, fale! Mais tarde lhe explicarei, lhe contarei tudo!

— Só inspiro compaixão a você, Nástienhka; o que sente é apenas piedade por mim. Mas o que está feito, está feito. Depois de termos falado já não podemos retirar as palavras. Não é verdade? Bem, agora já sabe tudo. Este é o nosso ponto de partida. Até que extremo chegamos, já o sabe, se é que me está escutando. Quando a Nástienhka se sentou aqui e se pôs a chorar, eu disse para comigo… Ah, por favor, deixe-me dizer-lhe o que pensei! Disse para comigo que a Nástienhka… seja lá pelo que for… Bem, numa palavra: que fosse lá pelo que fosse, a Nástienhka tinha deixado de gostar dele. Depois… isto pensei ontem, Nástienhka, e antes de ontem, que você não tinha outro remédio senão gostar de mim. A Nástienhka dizia, sim, foi a própria a dizer que já tinha um pouco de amizade por mim. Bem… e que mais? Sim, isto é quase tudo o que eu tinha para dizer-lhe. Só me falta dizer-lhe o que será isso, do seu amor por mim. Mais nada! Por isso ouça-me com toda a atenção, minha amiga… pois com certeza que pelo menos minha amiga não deixou de ser… Evidentemente que eu não passo de um homem ingênuo, pobre e insignificante; mas isso agora não interessa… Não sei o que me acontece, que acabo sempre por me pôr a falar de outras coisas; mas isso é por causa da minha comoção, Nástienhka… Eu estou disposto a amá-la tanto, tanto que, ainda que a Nástienhka continue a amar esse homem que eu nem sequer conheço, havia de verificar que o meu amor não lhe traria nenhum inconveniente. Havia de sentir somente, e isto a todos os momentos, que junto de você palpitava um coração agradecido, oh, sim, muito agradecido, fervoroso, e que por você… oh, Nástienhka, Nástienhka! A que me reduziu você!

— Mas não chore, não quero que chore! — disse Nástienhka levantando-se rapidamente do banco. — Vamo-nos embora, venha,

não chore, não chore mais! — e enxugou-me as faces com o seu lencinho. — Venha, vou dizer-lhe uma coisa… Se ele já não quer saber de mim e já me esqueceu… mesmo que eu continue a gostar dele… não posso ocultá-lo a você, nem quero enganá-lo… Ouça e responda-me depois. Se eu, por exemplo, chegasse a amá-lo a você, isto é, se eu… Oh, meu amigo, meu querido amigo! Quando penso como deve tê-lo magoado e feito sofrer, quando o elogiava precisamente por me não ter feito a corte! Oh, meu Deus! Como é que eu não fui capaz de prever uma coisa destas? Como eu pude ser tão tola, como…? Mas está bem; estou decidida e vou dizer-lhe tudo…

— Não, Nástienhka: sabe de uma coisa? Vou deixá-la, é o melhor, Vejo muito bem que só estou a atormentá-la. Agora começa a sentir remorsos por se ter divertido à minha custa; mas eu não quero que a Nástienhka, ainda por cima da sua dor… Sou eu quem tem a culpa de tudo, Nástienhka; por isso… adeus!

— Não, não se vá embora, escute-me primeiro: não pode esperar um momento?

— Esperar? Esperar para quê?

— Escute: eu gosto dele, mas este amor deve acabar, há de acabar… Por certo que há de acabar; já começa a extinguir-se, bem o sinto… Quem sabe, talvez tenha acabado completamente hoje, pois eu o odeio por ele ter troçado de mim, enquanto você ficava ao meu lado chorando comigo… e com certeza que nunca me teria deixado aqui à espera, como ele fez, pois você gosta de mim a valer, enquanto ele nunca me amou… e, além disso, porque eu… afinal, também gosto de você… Sim, amo-o! Tanto quanto você a mim. Já lhe disse, já o ouviu… Gosto de você porque você é melhor do que ele, porque é mais amável do que ele, porque… porque ele…

A comoção embargou-lhe a voz, apoiou a cabeça no meu ombro, inclinou-se até tocar no meu peito e depois começou num pranto doloroso. Eu tentava consolá-la, acariciava-a, fazia por tranquilizá-la, mas ela não podia conter-se; apertava-me a mão e balbuciava por entre soluços:

— Espere, espere um pouco. Está passando… Já vou deixando

de… Só quero dizer-lhe uma coisa… Não pense que estas lágrimas… me vêm só devido à minha fraqueza; tenha um pouquinho de paciência até que se extingam…

Finalmente deixou de chorar. Levantou-se, enxugou os últimos vestígios do pranto, e pusemo-nos ambos a caminhar. Eu queria falar, mas ela me pedia constantemente que eu lhe concedesse algum tempo para pensar. E assim íamos os dois em silêncio… Até que, por fim, já mais sossegada, começou:

— Vou contar-lhe tudo — disse com voz débil e insegura, mas na qual vibrava depois um sentimento íntimo que atingiu de tal modo o meu coração, que este se pôs a tremer com uma espécie de dor agradável. — Não pense que eu seja uma inconstante ou uma louca, nem que tão depressa possa esquecer e ser infiel… Gostei dele durante um ano e juro-lhe por Deus que nunca, nem sequer em pensamento, lhe fui infiel. Mas ele mostrou que não sabia apreciar-me; não fez outra coisa senão manifestar descaso por mim… Deus lhe perdoe! Mas ele me fez sofrer… Eu… eu já não gosto dele, pois só posso amar o que é belo e o que é grande, o que é parecido comigo e me parece bem; sou assim e ele não é digno de mim… Que Deus o proteja! Mas isto, afinal, ainda é melhor do que se acontecesse que apenas mais tarde eu tivesse vindo a perceber o seu verdadeiro caráter… Por isso… está tudo acabado! E quem sabe, meu amigo —, continuou apertando-me a mão — quem sabe se todo esse amor não foi senão uma ilusão ou uma pura imaginação, e se teve origem na minha educação, naquela vida tão monótona que tenho levado, sempre presa às saias da minha avó? Talvez eu estivesse predestinada a gostar de outro, de outro que tivesse tido mais piedade de mim e… e… Bem, deixemos isto, não falemos mais nisto — interrompeu-se Nástienhka, quase sem voz e sem alento, devido à intensidade da sua comoção. — Eu apenas queria dizer-lhe… Eu queria dizer-lhe que, se você, apesar de eu o amar a ele… De o amar não, de o ter amado… Se apesar disso… Quero dizer, se sente e acredita… que o seu amor é tão grande que pode afugentar do meu coração… Se você tem tanta pena de mim e não quer agora deixar-me entregue ao meu destino, sem consolação nem esperança; se for capaz de amar-me sempre assim, como agora me ama… então, eu lhe juro… que a minha gratidão… que o meu

amor há de ser digno do seu… Quer aceitar a minha mão?

— Nástienhka! — julgo que as lágrimas e os soluços abafavam a minha voz. — Nástienhka! Oh, Nástienhka!

— Pronto, pronto! Já chega por agora! — disse ela rapidamente, visivelmente apressada e dominando-se com esforço. — Já dissemos tudo, não é verdade? E você sente-se agora feliz e eu também, por isso não é preciso dizermos mais nada. Espere… Olhe, tenha piedade de mim… Fale-me de outra coisa, peço-lhe por tudo!

— Sim, Nástienhka, já chega; agora sou feliz… Tem razão, Nástienhka; falemos de outra coisa, pronto, pronto! Sim! Do que quiser…

E como já não sabíamos o que havíamos de dizer, ríamos e chorávamos e proferíamos palavras sem sentido. Em breve tínhamos atingido a calçada e pusemo-nos a passear por ali, para cima e para baixo; tão depressa atravessávamos a rua e ficávamos parados, como retrocedíamos e nos dirigíamos para o cais; parecíamos duas crianças…

— Eu vivo só, Nástienhka — disse-lhe eu dado momento. — Mas… Bem, eu, a Nástienhka já o sabe, sou pobre, ganho apenas mil e duzentos rublos por ano, mais isso pouco importa…

— Claro que não, e a vovó tem a sua pensão; por isso, não precisamos do seu ganho. Mas temos de levar a vovó conosco.

— Pois com certeza… E a minha Matriona…

— Ah, sim! E nós também temos Fiokla!

— Matriona é uma boa mulher, que só tem um defeito: é não ter nem uma ponta de imaginação, uma ponta sequer, Nástienhka; só percebe aquilo que aprende por experiência. Mas isto também não é um obstáculo…

— Claro que não! Podem as duas viver juntas muito bem. Mas venha visitar-nos amanhã.

— O quê? Ir a sua casa? Bem, pelo meu lado…

— Podia alugar o andar de cima. Já lhe disse que temos um andarzinho que, agora precisamente, está por alugar. A última inquilina foi uma senhora de idade, uma aristocrata, que deixou o quarto e anda em viagem pelo estrangeiro, e parece-me que a vovó, agora, quer antes um inquilino jovem. Outro dia perguntei-lhe: "Mas por que tem esse interesse em que ele seja moço?" E ela me respondeu: "Porque sempre é melhor, estamos mais seguras e eu já sou velha. Não imagines que eu tenho a intenção de te casar com ele". Mas eu sei muito bem que é esse o seu intento…

— Ah, Nástienhka!

E desatamos os dois a rir.

— Bem, já chega de tagarelices. Mas diga-me: onde vive agora? Já me esquecia de lhe perguntar.

— Ali perto… da ponte, em casa de um tal Barânikov.

— É uma casa grande, não é verdade?

— É, é…

— Ah, já sei qual é! É uma casa muito bonita. Mas fique sabendo: tem de mudar-se e vir morar conosco…

— É já amanhã, Nástienhka, é amanhã mesmo. Ainda devo uma pequena parte do aluguel da outra casa, mas não faz mal… Tenho de ir já buscar o meu ordenado…

— Mais uma coisa: eu também posso dar lições para aumentar os nossos rendimentos; aprendo primeiro e depois poderei ensinar…

— Naturalmente, é uma ótima ideia… E a mim, não tarda que aumentem o ordenado… Nástienhka!

— Então, a partir de amanhã poderemos considerá-lo nosso vizinho?

— Sim, e depois havemos de ir à Ópera para ouvirmos *O barbeiro*

*de Sevilha*, pois não tardam em representá-lo.

— Isto mesmo, vamos à Ópera! — disse Nástienhka rindo. — Espere, isso não, é melhor esperar que levem outra coisa…

— Bem, então não vamos ouvir isso. Claro que é preferível, tinha-me esquecido desse pormenor…

E tagarelávamos e caminhávamos; aquilo era uma espécie de embriaguez… Parecia-nos que íamos envolvidos numa névoa e que não sabíamos o que nos tinha acontecido. Tão depressa parávamos e ficávamos muito tempo a falar, sem passarmos para outra laje, como retomávamos o passo e continuávamos a andar, muito longe, sabe Deus até onde, sem dar por isso, sempre a rir e a chorar ao mesmo tempo. Tão depressa Nástienhka começava a dizer que queria voltar já para casa e, como eu não me atrevia a retê-la, nos púnhamos logo a caminho, para acabarmos por reparar, ao fim de um quarto de hora, de repente, que estávamos de novo no nosso banco do cais — como suspirava muito fundo e uma lágrima rolava pela sua face… e eu então a olhava, assustado e perplexo… Até que ela tornava a pegar-me na mão e recomeçávamos a falar e a caminhar…

— Mas agora sim, já é tempo e mais que tempo que eu volte para casa. Já deve ser tardíssimo! — disse por fim Nástienhka resolutamente. — É preciso não sermos tão crianças!

— Está bem, Nástienhka, mas fique sabendo que esta noite também não poderei dormir. E por isso, nem vou para casa.

— Também eu não devo dormir nada esta noite. Mas podia ficar ao pé de mim mais algum tempo…

— Com certeza que fico!

— Mas agora não damos mais voltas, não?

— Não, agora, não!

— Palavra de honra? Mas alguma vez tenho de voltar para casa! Bem, palavra de honra, vai ser agora, mesmo! — disse ela rindo.

— Bem, então vamos lá!

— Vamos!

— Olhe para o céu, Nástienhka, olhe para cima! Amanhã vamos ter um dia lindo… Como o céu está azul e olhe para aquela lua! Aquela nuvenzinha pardacenta vai escondê-la dentro de um momento… Veja, veja! Não, afinal passou roçando-a só de leve! Repare, repare!

Mas Nástienhka não via as nuvens nem o céu.

Tinha-se quedado, de pé, rígida, junto de mim, e depois apertou-se com força contra o meu corpo. Tomada de uma enorme perturbação, cada vez com mais força, como se procurasse um amparo, e a sua mão tremia dentro da minha. Olhei para ela e ela apertou-se ainda mais de encontro a mim.

Naquele momento passava perto de nós um homem moço… o qual nos olhou fixamente, hesitou, deteve-se por um instante e depois afastou-se um ou dois passos. O meu coração deu um salto…

— Nástienhka, quem é aquele homem? — perguntei-lhe em voz baixa.

— É ele! — murmurou ela, e segurou-se ao meu braço, a tremer.

— Nástienhka! Nástienhka! És tu? — chamou de repente uma voz por detrás de nós e, em seguida, o rapaz de há pouco aproximou-se.

Meu Deus! Como ela vibrou ao ouvir aquela voz! Como estremeceu! Como se desprendeu do meu braço e correu ao seu encontro… Eu estava parado e olhava para o rapaz que, parado também, olhava… Mas, mal ela lhe tinha estendido a mão, e apenas tinha acabado de se lançar nos seus braços, largou-o e, antes que eu tivesse dado conta, já estava de novo junto de mim, cingia com os dois braços o meu pescoço e depunha sobre os meus lábios um beijo ardente. Depois, sem dizer uma palavra, correu de novo para ele, pegou-lhe nas mãos e levou-o.

Fiquei ainda ali por muito tempo a olhar para eles… que não

tardaram em desaparecer da minha vista.

## A manhã

As minhas noites acabam com uma manhã. Amanheceu um dia hostil; chovia, e as gotas de chuva soavam como uma espécie de lamúria monótona na minha janela; dentro de casa estava escuro, como acontece nos dias de chuva e, lá fora, tudo era sombrio. A mim doía-me a cabeça, tinha tonturas e sentia que me corria pelos membros a febre de um resfriado.

— Menino, está aqui uma carta; foi o correio que a trouxe — disse Matriona.

— Uma carta? De quem?

— Não sei, abra-a e veja, menino; lá dentro deve dizer de quem é…

Abri o sobrescrito; a carta era dela e dizia assim:

> Oh, perdoe-me! — escrevia-me Nástienhka. — Peço-lhe de joelhos que não se aborreça comigo. Enganei-o e enganei a mim própria. Foi um sonho, uma ilusão… Quando penso em você, sofro desesperadamente. Perdoe-me, oh, sim, perdoe-me!
>
> Não me acuse, pois o que eu sentia por você continuo ainda a sentir; disse-lhe que o amava e continuo a amá-lo, juro; e sinto por você qualquer coisa que é mais do que amor. Meu Deus, se fosse possível amar os dois ao mesmo tempo! Oh, se você e ele não fossem mais do que um e mesmo homem!
>
> Deus vê-me e sabe que eu estaria disposta a tudo, por você. Eu sei que sofre neste momento e que está triste. Ofendi-o e o fiz sofrer, mas já sabe… Quando se ama, não dura muito o aborrecimento. E você gosta de mim!
>
> Eu lhe estou muito grata pelo seu amor. E a sua recordação há de acompanhar-me toda a vida como um doce sonho que não pode olvidar-se ao despertar. Não, nunca poderei esquecer como me mostrou tão fraternalmente a sua alma e, na sua bondade, aceitou como seu o meu coração ferido e lacerado, para cuidar dele com ternura e com amor e para restituir-lhe a saúde… Se me perdoar, a sua recordação há de transformar-se num sentimento de eterna gratidão e não se extinguirá nunca na minha alma. E hei de ter sempre esta recordação como uma coisa sagrada, jamais o esquecerei, pois tenho um coração leal. Ontem, o que fez o meu coração foi apenas regressar às mãos daquele que já dantes era o seu dono.
>
> Havemos de nos tornar a ver, você há de vir a nossa casa, não nos abandonará, e há de ser eternamente nosso amigo e nosso irmão… E quando vier visitar-nos, vai me dar a sua mão… Não é verdade? Quando me tiver perdoado, já nada lhe há de custar estender-me a sua mão, não é assim? E o seu amor por mim será o mesmo, não é?
>
> Sim; continue a querer-me, não me abandone, pois agora amo-o tanto que

quero ser digna do seu amor, quero merecê-lo… meu querido amigo! Casaremos na próxima semana. Ele voltou cheio de amor por mim e disse que nunca me esqueceu… Não se aborreça por eu lhe falar dele. Quero ir com ele visitar você, e tenho a certeza que ele há de despertar-lhe simpatia. Não é verdade?

Perdoe-me, não me esqueça e não deixe de querer à sua

Nástienhka.

Li e reli aquela carta muitas vezes, e os meus olhos encheram-se de lágrimas; até que por fim deixei-a cair e escondi o rosto entre as mãos.

— Menino, ainda não viu? — disse daí a pouco a voz de Matriona.

— O quê, velha[17]?

— As teias de aranha. Já as tirei! Agora já pode casar-se, se quiser, ou trazer convidados, se isso lhe agrada, que pela minha parte…

Eu olhei para ela. É uma mulher forte, nova ainda, mas não sei por quê, pareceu-me vê-la de repente com os olhos sumidos, cheia de rugas na testa, velha e achacada, à minha frente… Também não sei por quê, mas pareceu-me que igualmente o meu quarto estava tão velho quanto ela. Vi empalidecerem as cores das paredes, descobri novas teias de aranha em todos os cantos. Não sei por quê, quando relanceei a vista através da janela, pareceu-me que o prédio fronteiro, que o estuque das pilastras estava todo gretado, que as cornijas se fendiam e enegreciam, e que as janelas estavam cheias de manchas e de sujeira.

Talvez que a culpa de tudo isto a tivesse aquele raio de sol que de súbito surgiu por entre as nuvens, para logo depois voltar a esconder-se por detrás de outra ainda mais escura, anunciadora de chuva, de tal maneira que todas as coisas se tornaram ainda mais escuras e mais sombrias… Ou seria que os meus olhos divisaram o meu futuro e nele viram algo de árido e de triste, algo semelhante a mim mesmo, ao que eu sou agora, àquilo que serei dentro de quinze anos, neste mesmo quarto, igualmente só, com a mesma Matriona, que em todo esse tempo nem por isso há de ter-se tornado mais sensata…

Agora não perdoar a ofensa, Nástienhka; turvar a tua clara e pura felicidade com nuvens escuras, fazer-te censuras para que o teu coração se atormente e sofra, e palpite dolorosamente, quando não deve fazer mais senão exultar de júbilo, ou tocar sequer uma só das suaves flores que hás de pôr nos teus cabelos negros, quando te casares com ele… Oh, não, Nástienhka; isso não o farei eu nunca, nunca! Que a tua vida seja ditosa e tão diáfana e agradável como o teu sorriso, e bendita sejas pelo instante de felicidade que deste a outro coração solitário e agradecido!

Meu Deus! Um momento de felicidade! Sim! Não será isso bastante para preencher uma vida?

**1** Os três mais belos passeios de São Petersburgo.↩

**2** Localidade próxima do centro de Petersburgo, para onde as pessoas ricas iam a passeio ou em vilegiatura.↩

**3** Aldeia a uns 15 km de Petersburgo, na estrada da Finlândia.↩

**4** Uma das ilhas do delta do Nievá, que serviam de passeio aos petersburgueses.↩

**5** i.e., Ribeira Negra, na parte continental de Petersburgo.↩

**6** … que cercava a cidade.↩

**7** Matança de hugenotes em Paris, na noite de 23 para 24 de agosto de 1572, por instigação de Catarina de Médicis e dos Guises, com o consentimento de Carlos IX, rei da França. Houve então cerca de vinte e cinco mil mortos.↩

**8** Personagem de Walter Scott em *Rob Roy*.↩

**9** Importante cidade a meio caminho entre Moscou e os Urais, próxima do Volga.↩

**10** Ivan IV, conhecido também por Ivan, o Terrivel.↩

**11** Reformador religioso tcheco (1369-1415). Adotou as ideias de Wicleff, foi excomungado por Alexandre V e queimado vivo por sentença do Concílio de Constança. Suas cinzas foram atiradas ao Reno.↩

**12** Ópera histórico-legendária, em cinco atos, com música de Meyerbeer e libreto de Scribe e Dalavigne, estreada em Paris, em 1831.↩

**13** Personagem de Walter Scott em *Minna e Brenda*.↩

**14** Rio da Rússia Branca, afluente do Dnieper. Em 1812, ao atravessá-lo, em retirada, as tropas de Napopleão sofreram grande desastre.↩

**15** *A casinha de Kolomna*, poema de Púchkin.↩

**16** Pequena cidade, lugar de vilegiatura, 25 km ao sul de Petersburgo, célebre, na época, pelos seus concertos musicais.↩

**17** Sic no original russo: *Chtó, stáruka?*↩

# Niétotchka Niezvânova

# Niétotchka niezvânova
(1849)

## Capítulo primeiro

Não conheci o meu pai. Morreu quando eu tinha apenas dois anos, e a minha mãe voltou logo a casar-se com outro homem. Estas segundas núpcias foram para ela motivo de muitos sofrimentos, se bem que se tivesse casado por amor. O meu padrasto era músico. Tinha uma vida bem estranha, e era além disso o homem mais invulgar que até hoje conheci. Exerceu uma grande influência sobre mim e a impressão que me deixou foi tão forte que nunca mais, enquanto eu viver, sairá da minha memória. Mas para que esta narrativa fique compreensível, vou começar por contar a sua vida, que vim a conhecer devido a tudo quanto ouvi da boca de B***, célebre virtuose de violino, que na sua mocidade foi amigo do meu padrasto.

Meu pai adotivo chama-se Iefímov. Nasceu nos domínios de um opulento proprietário rural e era filho de um pobre músico que, depois de ter percorrido muitas terras, ali tinha ido parar e havia entrado para a orquestra desse proprietário. Este levava uma vida nababesca e apreciava muito a música. Contavam que, embora nunca tivesse saído das suas propriedades, levando a sua indolência ao extremo de nem sequer ter visitado Moscou, fez uma vez uma viagem não sei a que terra do estrangeiro só para ouvir três concertos que tinha visto anunciados nos jornais. Mantinha uma grande orquestra nos seus domínios e gastava quase todos os rendimentos no pagamento e na manutenção dos músicos. Foi nessa orquestra que o meu padrasto ingressou como clarinetista. Aos vinte e três anos travou amizade com um homem muito estranho. Naquele mesmo distrito vivia um rico fidalgo, um conde, que sustentando à sua custa um teatro, acabou por arruinar-se. Esse tal conde tinha despedido o diretor da sua orquestra, um italiano, devido à sua péssima conduta. Com efeito, tratava-se de uma pessoa sem dignidade. Quando perdeu o lugar, começou a frequentar as tabernas, a embebedar-se, e ainda por cima a pedir dinheiro emprestado. Como é natural, depois já ninguém quis dar-lhe colocação. Pois foi com este homem que o meu pai adotivo veio a

travar uma estreita amizade. Amizade de natureza bem singular, pois ninguém podia dizer que o mais novo ficasse prejudicado com aquele convívio, e o próprio senhor rural, que a princípio lhe tinha proibido falar com o italiano, acabou por autorizar aquela amizade tão estranha. Entretanto o italiano morreu de repente. Os camponeses foram encontrá-lo estendido uma manhã numa vala, ao lado de uma cerca. Fizeram-se as digilências necessárias e averiguou-se que tinha morrido de um ataque de coração. Todas as coisas que lhe pertenciam se encontravam na posse do meu padrasto, o qual se deu pressa em exibir documentos que demonstravam o seu pleno direito a ficar com elas; possuía inclusive um escrito do punho e com a letra do falecido, no qual ele nomeava Iefímov como seu herdeiro, no caso de vir a morrer antes dele.

Compunha-se a herança de um fraque preto que o defunto tinha cuidadosamente guardado, na esperança de tornar a vesti-lo alguma vez, e de um violino que não tinha nada de particular.

Ninguém se apresentou a disputar a herança ao clarinetista. Mas logo a seguir, passado algum tempo, um músico que fazia de primeiro violino na orquestra do conde, apareceu um dia nos domínios do proprietário com uma carta do seu amo. Nessa carta o conde pedia ao senhor rural que procurasse convencer Iefímov, o clarinetista da sua orquestra, a que lhe vendesse o violino do defunto italiano. Se fosse preciso, oferecia por ele três mil rublos, e acrescentava que já tinha pedido a Iegor Iefímov, por mais de uma vez que o fosse visitar, com o fim de combinar pessoalmente a venda do violino, mas sem nada conseguir. Terminava o conde a sua carta dizendo que oferecia pelo violino o que ele realmente valia, pelo que, à terceira negativa de Iefímov em vender-lhe, julgava ver a suspeita ofensiva de que ele quisesse explorar a ingenuidade do clarinete. Por isso apelava agora para a intervenção do amo.

Este mandou chamar Iefímov.

— Por que não queres vender o violino? — perguntou-lhe. — Não precisas dele. Oferecem-te por ele três mil rublos , que é exatamente o seu valor, e enganas-te que há alguém que te dê mais. O conde não quer prejudicar-te.

Iefímov respondeu que ele, por sua vontade, não iria ter com o conde; se a isso o obrigassem acataria no entanto a ordem do seu amo. Mas desde já declarava que não venderia o violino ao conde, e que se dele o despojassem seria também porque o seu amo em tal consentiria.

É claro que com essa resposta ofendeu o proprietário. Este costumava gabar-se de tratar bem os seus músicos, pois todos eles eram verdadeiros artistas, e a sua orquestra, por isto, era não só muito melhor do que a do conde mas até superior à de uma capital.

— Bom; está bem — respondeu o proprietário; — vou escrever ao conde a dizer-lhe que não queres vender o violino simplesmente porque não te apetece… e nada mais! Pois estás no teu direito de vendê-lo ou de não vendê-lo, segundo te apraza, entendes? Mas agora diz-me uma coisa, homem: que pensas tu fazer com o violino? Tu tocas clarinete e por infelicidade, apenas medianamente. Vende-me o violino a mim. Dou-te três mil rublos por ele. (Se alguém soubesse o instrumento de que se tratava!)

Iefímov sorria.

— Não, senhor, não lhe vendo o violino — disse. — Agora, se empregar a violência…

— Sim; uma vez que não há outro recurso, apelarei para a força! — exclamou o proprietário indignado… pois que a cena decorria em presença do músico enviado pelo conde e, a avaliar por aquelas respostas, podia fazer-se uma ideia desfavorável da situação dos músicos do proprietário. — Pronto, vai-te daqui mal-agradecido! Some-te da minha vista! Que seria de ti sem mim, com esse clarinete que nem sequer sabes tocar bem? Em minha casa comes até te fartar, andas bem vestido e ganhas um ordenado; vives numa grande casa, desempenhas o papel de artista, e parece que não reparas em nada disso. Tira-te da minha frente, não me irrites com a tua presença!

O proprietário costumava despedir dessa maneira aqueles que incorriam na sua cólera, pois tinha medo de si próprio, do seu caráter violento. Com um *artista*, como chamava aos seus músicos, não queria levar demasiado longe a sua severidade.

A venda não chegou pois a efetuar-se; e parecia que a coisa tinha ficado por ali, quando, de repente, aproximadamente um mês depois do episódio referido, o primeiro violinista do conde descobriu algo de inaudito: debaixo da sua própria responsabilidade, publicou uma notícia dizendo que Iefímov era culpado da morte do italiano, ao qual tinha assassinado para apoderar-se da herança. Além disso acusava-o ainda de, por meio da violência e da astúcia, ter arrancado ao falecido aquele escrito em que o nomeava seu herdeiro, o que poderia provar com testemunhas. Nem os pedidos do proprietário, que intercedeu por Iefímov, nem os pedidos do conde puderam dissuadi-lo do seu propósito. Fizeram-lhe ver que nada se podia objetar contra a autópsia médica do cadáver e que estava a proceder contra a própria consciência, quem sabe se movida por um desejo pessoal de vingança, pelo fato de o italiano não ter deixado a ele aquele valioso instrumento. O músico insistiu nas suas acusações, chegando a jurar que estava na razão e que o suposto ataque cardíaco não tinha sobrevindo ao defunto por causa da embriaguez, mas sim como consequência de uma intoxicação, pelo que exigia que se exumasse novamente o cadáver.

À primeira vista, as suas imputações poderiam ser tomadas a sério. Como era natural, deu-se a seguir início à instrução do respectivo processo. As diligências judiciais, seguidas com ansiedade por todo o distrito, tiveram rápido andamento e terminaram comprovando que a denúncia era falsa. O músico do conde foi condenado a uma justa pena, sem fazerem mais caso de que, apesar de tudo, continuava ainda a afirmar a verdade das suas acusações. Finalmente acabou por confessar que não possuía provas positivas do que afirmara; que era tudo invenção sua; que se tinha deixado levar pelas suas suspeitas, que tinham acabado por se converterem em convicções, e devido ao que, ainda então continuava persuadido — mesmo depois de a Justiça ter demonstrado a indubitável inocência de Iefímov — de que fora este o único causador da morte do italiano diretor da orquestra, e que se ele não o tinha envenenado, fosse lá como fosse, devia tê-lo despachado para o outro mundo. E afinal não chegou a cumprir a pena, pois adoeceu repentinamente com uma inflamação cerebral, enlouqueceu e foi recolhido a um manicômio.

Durante todo este tempo o proprietário velou por Iefímov como um pai teria cuidado de seu filho. Apesar de nunca sair das suas propriedades, nessa ocasião foi por mais de uma vez à cidade para visitar o infeliz na prisão e consolá-lo; deu-lhe dinheiro, e como tivesse sabido que Iefímov fumava, levou-lhe cigarros dos melhores; quando finalmente o meu padrasto foi posto em liberdade, organizou uma grande festa para toda a sua orquestra. Considerava que a denúncia apresentada contra Iefímov era alguma coisa que afetava toda a orquestra, pois ligava muita importância à boa conduta dos seus músicos, talvez até mais do que às suas faculdades artísticas.

Tinha passado um ano sobre esses acontecimentos quando um dia começou a correr pela chácara a notícia de que tinha chegado à capital do distrito um francês, célebre virtuose do violino. Ao ouvir aquilo o proprietário convidou logo o artista para sua casa, o qual aceitou o convite; estava já tudo preparado para o receberem e convidada a melhor sociedade daqueles arredores, quando se deu um fato surpreendente.

Uma manhã foram anunciar ao senhor que Iefímov não se encontrava em parte alguma. Procuraram, rebuscaram, enviaram pessoas a vários lados… nada, tinha desaparecido sem deixar rastro.

A orquestra encontrava-se assim numa situação desesperada. Que fazer, sem o clarinetista? Mas, ao terceiro dia, recebeu o senhor uma carta do francês na qual, este, com altivez insultante, se desligava da sua promessa, acrescentando que tinha muito má impressão desses senhores que mantinham uma orquestra e que era muito deprimente ver um grande artista ao serviço de um homem que não sabia apreciar o seu valor. Como exemplo do que dizia, bastava citar a Iefímov, o artista genial e o melhor violinista de todos quantos existiam na Rússia.

O proprietário leu a carta com espanto crescente. O quê? Aquele Iefímov, pelo qual ele tão paternalmente velara, ao qual dispensara tantas atenções, esse mesmo Iefímov tinha-se atrevido a caluniá-lo de maneira tão indigna e vergonhosa, e, pior ainda, no conceito de um artista célebre, que ele tinha tanto empenho que formasse uma boa opinião da sua orquestra? Mas além disso a carta continha ainda outro

enigma: chamava o francês a Iefímov o artista mais genial e o melhor violinista de quantos ouvira na Rússia, e das suas palavras finais depreendia-se que não queriam reconhecer o talento de Iefímov, obrigando-o a tocar um instrumento diferente daquele que devia. Tudo isto surpreendeu o senhor de tal maneira que resolveu ir à cidade para falar pessoalmente com o francês. Mas antes de pôr-se a caminho recebeu uma carta do conde, na qual este o convidava a visitá-lo e lhe participava que tanto o artista francês como Iefímov estavam em sua casa, e que o francês já tinha contado a história. Ele, o conde, tinha-se indignado tanto quando soube da calúnia de Iefímov, que por enquanto o retinha em sua casa, tornando-se além disso necessária ali a presença do senhor, pois que também a ele próprio afetavam as calúnias de Iefímov. Em suma: que era preciso deslindar o caso, e quanto antes, melhor.

O proprietário foi imediatamente à casa do conde, apresentou-se ao francês e explicou-lhe o assunto. Disse que nunca suspeitara de que Iefímov tivesse tanto talento; para ele não passava de um clarinete mediano… e que a primeira notícia que tivera de que ele sabia também tocar violino, era a que lhe tinha chegado com a sua carta. Acrescentava, além disso, que Iefímov era um homem livre e que podia ter deixado a sua casa sempre que o tivesse desejado, visto que assim o tratavam tão mal. O francês ficou estupefato. Chamaram Iefímov. Mas este parecia outro na maneira de conduzir-se; apresentou-se com modos arrogantes, respondeu zombeteiramente às perguntas que lhe fizeram e teve o descaramento de afirmar que tudo quanto o francês dissera era a pura verdade. Semelhante insolência indignou o conde de tal maneira que disse na própria cara do meu padrasto que ele era um velhaco e um embusteiro e que merecia que o castigassem sem piedade.

— Não se dê a incômodos, senhor conde — replicou o meu padrasto troçando. — Graças a Sua Excelência já eu tive os meus para escapar às consequências de um processo criminal. Sei perfeitamente a instâncias de quem é que obrou Alieksiéi Nikíforitch, seu ex-músico, ao apresentar a sua denúncia contra mim.

Aquilo era demasiado para o conde. Encheu-se de cólera perante uma acusação tão insolente. E um agente da Polícia, que se

encontrava no salão e que tinha chegado havia pouco para conferenciar com o conde, concordou depois que o insultante descaro de Iefímov era uma malvada calúnia, pelo que, cortesmente, pedia licença para detê-lo imediatamente ali mesmo, em casa do magnata. Também o francês exprimiu o seu sentimento e declarou que nunca julgara possível tamanha ingratidão. Ao ouvir aquilo o meu pai adotivo ficou cego de raiva e disse que preferia a própria prisão e todos os cárceres do mundo àquela vida que até então sofrera, pois tivera de ganhar o pão como músico na orquestra do senhor, sem nunca na sua pobreza ter tido oportunidade de libertar-se mais cedo. Levaram-no do salão. Encerraram-no num aposento afastado e anunciaram-lhe que no dia seguinte iriam conduzi-lo à cidade.

Aí pela meia-noite abriu-se a porta do compartimento em que tinham encerrado Iefímov. Era o seu amo que o procurava. Vestia uma camisa de noite, calçava chinelas e trazia uma lâmpada na mão. Pelo visto não conseguira adormecer, às voltas na cama, até que por último, para afugentar pensamentos angustiosos, e apesar da hora já avançada, resolvera levantar-se. Iefímov não estava dormindo e olhou com espanto o noturno visitante. Este pousou a lâmpada sobre a mesa e, muito comovido, sentou-se numa cadeira em frente dele.

— Iegor — disse-lhe — porque te portaste comigo desta maneira?

Iefímov não respondeu. O senhor repetiu a pergunta, na qual transparecia um invulgar e profundo sentimento de desgosto.

— Só Deus o sabe! — respondeu finalmente o meu padrasto, voltando logo o rosto para o outro lado. — Deve ter andado o diabo em tudo isto. Nem eu próprio sei quem me leva a fazer o que faço. Bem, não posso continuar na sua casa, não posso… O diabo anda a tentar-me!

— Iegor — insistiu o senhor — volta para minha casa! Esquecerei tudo, perdoarei tudo. Olha, serás o primeiro dos meus músicos, vou te gratificar muito melhor…

— Não, não, senhor; não diga mais nada… Eu já não lhe pertenço! Já lhe disse que o diabo anda a tentar-me. Se ficasse na sua casa, seria capaz de incendiá-la. Sinto às vezes impulsos desses… e em

certas ocasiões sofro tanto que preferia nunca ter vindo a este mundo. Agora já não posso responder por mim, por isso deixe-me em paz, senhor! Tudo isto começou desde a data em que travei amizade com aquele diabo…

— A quem te referes? — perguntou o senhor.

— Àquele homem que encontraram estendido como um cão ao pé da cerca e do qual ninguém queria ouvir falar… Ao italiano!

— Iegóruchka, foi ele quem te ensinou a tocar violino?

— Foi. Infelizmente aprendi com ele muitas coisas. Mais valia que nunca o tivesse conhecido!

— Mas ele tocava o violino assim tão bem, Iegóruchka?

— Não, tocava mal, mas ensinava muito bem. Eu aprendi sozinho, ele não fez mais do que dirigir-me… e oxalá antes as mãos me tivessem caído do que tivesse aprendido esta arte! Agora nem eu próprio sei o que quero. Faça o senhor a prova. Pergunte-me: "Iegorka, mas o que desejas tu? Pede-me tudo o que quiseres, que eu te darei tudo quanto queiras…". Tão certo como eu estar aqui diante do senhor, que eu não saberia responder-lhe, pois nem eu próprio sei o que desejo. Não, senhor, deixe-me. Hei de fazer com que me expulsem daqui, irrevogavelmente… para bem longe, e então acabou-se!

— Iegor — insistiu o senhor depois de uma pausa — não te abandonarei nesta crise. Se não queres ficar comigo, vai-te. És livre, não posso obrigar-te… Mas não te hei de deixar ir assim, sem mais nem menos. Iegor, toca-me alguma coisa no teu violino; dá-me esse prazer, Iegor. Peço-te, toca… Peço-te por tudo! Repara que eu não estou a ordenar-te mais sim a pedir-te; toca alguma coisa, Iegóruchka; toca para mim a mesma coisa que tocaste para o francês! Dá-me esse gosto, homem. Tu és teimoso… pois bem, eu também sou. Já vês, Iegóruchka, que eu também tenho a cabeça dura. Compreendo-te muito bem, sinto perfeitamente o que tu sentes. Não viverei mais se não tocares por tua própria vontade aquilo que tocaste para o francês!

— Bem, vou fazer-lhe a vontade — disse Iefímov. — Tinha jurado não tocar nunca mais para ninguém e muito menos para o senhor; mas o meu coração dispensa-me desse juramento. Vou tocar para o senhor; mas ouça bem: faço-o pela primeira e última vez, ainda que para isso me oferecesse mil rublos.

Pegou no violino e começou a tocar variações sobre temas de canções russas. B*** disse-me que jamais tinha ouvido tocar com tal paixão e de maneira tão prodigiosa como o meu padrasto tocava aquelas variações, nas quais revelava as suas primeiras e melhores faculdades. Ao senhor, que não podia ouvir com indiferença qualquer música, ainda que não fosse como aquela, corriam-lhe as lágrimas pelas faces. Quando o meu padrasto terminou, puxou da bolsa, tirou trezentos rublos, deu-lhe e disse:

— Podes ir-te, Iegor. Ponho-te em liberdade e encarrego-me de resolver a questão do insulto que nos infligiste, ao conde e a mim. Mas antes disso ouve-me: não tornes a aparecer-me. O mundo é grande e, se alguma vez nos tornássemos a encontrar, creio que seria doloroso para ambos. Por isso… fica com Deus, homem!… Mas espera, quero dar-te ainda um conselho, só um: não bebas e estuda, estuda sem descanso. Não te embriagues demasiado. Digo-te isto como um pai te diria. Por isso, repito-te, lembra-te sempre do que te digo: estuda e não toques no copo, pois no momento em que o tiveres à mão e beberes um trago para afugentar a tristeza (e não hão de ser poucas as que te esperam na vida!), podes dar-te por perdido: bem sabes que é uma armadilha e, tal como o italiano, acabarás por tombar numa vala. Agora, adeus, filho… Mas vem cá… abraça-me, rapaz.

Abraçaram-se e depois o meu padrasto recuperou a sua liberdade.

Mas assim que se viu livre dirigiu-se logo à capital do distrito e ali se pôs a gastar alegremente os seus trezentos rublos, convivendo com gente reles, pelo que dentro em pouco se viu na necessidade de entrar para uma orquestra de cômicos ambulantes, como primeiro e talvez o único violino. Isto não estava certamente de acordo com os seus primitivos desígnios, que eram os de dirigir-se o mais brevemente possível a Petersburgo para ingressar ali numa boa orquestra, assegurar assim a vida e ter depois tempo livre para dedicar ao

objetivo único de aperfeiçoar a sua educação artística. Não ficou muito tempo naquela orquestra, porque logo depois teve uma briga com o empresário, rescindiu o contrato e deixou a companhia. Chegou então para ele uma época em que acabou por cair em tal desânimo que se resolveu a realizar um ato de desespero, o qual não humilhou pouco o seu orgulho. Escreveu ao senhor rural, seu antigo amo, descrevendo-lhe a sua situação e pedindo-lhe dinheiro numa carta que nem por isso deixava de ir ainda escrita com certa altivez. Mas não obteve resposta. Perante isto escreveu segunda carta mas, desta vez, num tom de humilhante lisonja, chamando ao senhor seu protetor e verdadeiro conhecer da arte; terminava implorando o seu auxílio. Finalmente recebeu resposta a essa segunda carta. O senhor enviava-lhe cem rublos, acompanhados de duas linhas da mão e letra do seu secretário, dizendo-lhe que nunca mais se tinha lembrado dele. Quando recebeu aquele dinheiro, a intenção do meu padrasto foi dirigir-se imediatamente a Petersburgo; mas, depois de pagar as suas dívidas, viu-se com uma quantia tão exígua que não era possível pensar já na viagem projetada. Ficou portanto na província, ingressou noutra orquestra, onde não tardou também a inimizar-se com os companheiros; entretanto lutava com a adversidade, na ilusão de poder mudar-se para São Petersburgo. Passaram-se seis anos completos, até que um dia se apoderou dele uma espécie de pânico. Viu com desespero como aquela vida miserável e fatigante tinha destruído a sua arte. E por isso, uma manhã abandonou a orquestra, pegou no violino e lançou-se pelas estradas a caminho de Petersburgo, onde chegou num estado lamentável. Uma vez aí alugou uma água-furtada pobríssima. Foi aí que pela primeira vez veio a encontrar-se com B***, que por essa altura acabava de chegar da Alemanha e começava também a tentar a sua carreira. Não tardou que os dois se tornassem íntimos amigos. B*** ainda hoje recorda esses tempos com profunda comoção. Eram ambos jovens, ambos alimentavam as mesmas ilusões e perseguiam o mesmo objetivo. No entanto B*** era mais novo do que o meu padrasto e pouco sabia ainda das misérias e das dores da boêmia artística, além do que era alemão e procurava atingir os seus fins de maneira sistemática e persistente, com uma apreciação objetiva das suas próprias faculdades e tendo exatamente calculado de antemão o lugar até onde poderia chegar. O seu novo amigo, pelo contrário, já com trinta anos, tinha conhecido as

dificuldades da miséria, perdido a resistência e a paciência, e sacrificado as suas melhores energias trabalhando durante sete anos, para ganhar o pão de cada dia, em teatros da província e orquestras particulares. A única coisa que durante esse tempo lhe deu forças para aguentar aquela vida foi a constante e persistente ideia de vir um dia a ver-se livre de dificuldades, amealhar algum dinheiro e fixar-se em Petersburgo. Mas esse pensamento era vago, obscuro, um íntimo *sentir-se predestinado para qualquer coisa*; aliás, com o tempo, acabou também por perder toda esta sua clarividência. Quando finalmente se viu em Petersburgo, tudo isso se tornou algo de inconsciente; em breve perdeu o hábito de pensar e imaginar aquela viagem, de maneira que nem ele próprio sabia já concretamente o que procurava. O seu entusiasmo era convulsivo, espasmódico e ao mesmo tempo acompanhado de uma biliosa amargura; muitas vezes chegava a apresentar aspectos de verdadeira loucura, como se com esse entusiasmo quisesse enganar-se a si próprio ou fazer-se acreditar que as suas primeiras energias e o seu primeiro fervor permaneciam ainda intactos. B***, mais fleumático e dotado de maior preparação científica, sentia-se profundamente impressionado com aquele entusiasmo. Ficava maravilhado e chegava a vislumbrar no meu padrasto um futuro gênio universal. Estava absolutamente convencido de que esse havia de ser o futuro do seu amigo. Mas não tardou que abrisse os olhos e percebesse com quem lidava. Viu e compreendeu que aquele fogoso entusiasmo, aquele ardor e aquela impaciência não eram mais do que desespero inconsciente pela recordação do tempo perdido, durante o qual não tinha podido desenvolver as suas faculdades; chegou a compreender que, em última análise, o talento que ele possuíra nunca devia ter sido muito grande, nem mesmo nos primeiros anos da sua vocação, e chegou à conclusão de que em tudo aquilo havia muito de presunção, de inútil amor-próprio, um orgulho inato e uma fantasia incansável que tomava como tema exclusivo a própria genialidade.

— Mas, apesar de tudo — dizia B*** — nem por isso deixava de admirar a estranha personalidade do meu camarada. Sob os meus olhos travava-se a toda hora aquela batalha, a luta desesperada e febril de uma vontade, uma luta titânica contra uma íntima inércia. O infeliz tinha gasto sete anos preocupado com o único pensamento da

sua futura glória e, mergulhado nos seus sonhos, nem sequer tinha reparado como, com o tempo, ia esquecendo cada vez mais os próprios princípios da arte, como ia perdendo a técnica. Mas, na sua louca fantasia, construía a todos os instantes os mais grandiosos projetos. Não só desejava ser um gênio de primeira grandeza, o maior de todos os violinistas do mundo, pois nessa conta se tinha, com toda a seriedade, mas também ainda se propunha, além disso, ser compositor, se bem que não tivesse nem a mais leve noção de contraponto. Mas o que mais me admirava — prosseguia B*** — era que aquele homem, que tão pouco conhecia a teoria da arte, tivesse dela uma compreensão instintiva, clara e profunda. Compreendia e sentia a arte tanto a fundo, que depois de tudo não era nada de extraordinário que se enganasse ao avaliar os próprios méritos e se julgasse não um crítico musical de sensibilidade apuradíssima, mas um artista criador e até um gênio. Às vezes, na sua maneira rude e simples de falar, apesar de, como disse, não possuir noção alguma da teoria ou ciência musical, acontecia-lhe dizer verdades tão profundas que eu ficava atônito, punha-me a olhar para ele sem compreender como é que podia adivinhar aquilo, tanto mais que nunca lia um livro nem estudava. Eu lhe devo muito — confessava B*** espontaneamente — pois os seus conselhos serviram-me muito para o aperfeiçoamento da minha arte. Naquilo que a mim me respeitava — prosseguia B*** — estava eu tranquilo quanto ao futuro. Também eu amava apaixonadamente a minha arte, se bem que soubesse desde o princípio o que tinha a esperar de mim próprio, ou seja, que jamais havia de ser mais do que uma espécie de artífice no campo da música. Mas sinto-me ufano por não ter dissipado como um louco os dons que a Natureza me concedeu, e, pelo contrário, por tê-los antes multiplicado. E quando agora a pureza da minha execução e o aperfeiçoamento da minha técnica chamam a atenção, posso dizer que apenas os devo ao meu estudo perseverante e incansável, ao pleno conhecimento, quero dizer, à apreciação objetiva das minhas faculdades, à minha renúncia espontânea e ao meu constante combate à vaidade e à preguiça, satisfazendo-me com as minhas próprias possibilidades.

B*** ainda tentou influir no espírito do amigo, depois de ter começado a disciplinar-se a si próprio; mas os seus bons conselhos

apenas serviam para aborrecê-lo. A consequência disso foi até um afastamento que se foi tornando cada vez maior. Não tardou que B*** reparasse que o amigo se entregava cada vez com maior frequência a uma estranha apatia, permanecendo durante muito tempo como que abstraído e entediado; que dia a dia se tornavam mais raros os seus transportes entusiásticos e, pelo contrário, cada vez mais frequentes as suas crises de inconsolável desalento. Por fim, parecia que Iefímov até do violino se tinha esquecido, pois passava semanas e semanas sem lhe pegar. A partir desse momento começou a resvalar pela ladeira… e em breve se tornou uma presa de todos os vícios. Acontecia precisamente aquilo contra o que o tinha prevenido o seu antigo senhor; tornou-se um bêbado e B*** observava-o com espanto. De nada serviam conselhos nem censuras. Pouco a pouco Iefímov foi caindo no maior cinismo, e pelo menos aparentemente perdendo também todo sentimento de dignidade. Por exemplo: não tinha nem sombra de vergonha de viver à custa de B***, e como se isto ainda fosse pouco, procedia como se tivesse todo o direito de o fazer. Entretanto B*** também não andava muito folgado de dinheiro. Pôs-se à procura de trabalho: dava lições, tocava em casa de comerciantes alemães e de empregados modestos quando estes davam pequenas recepções em suas casas; não ganhava assim grande coisa, mas no entanto o que tirava ainda era suficiente para levar uma vida mediana. Porém Iefímov parecia que nem sequer dava conta da difícil situação do amigo. Não tinha a menor consideração por ele, falava-lhe secamente e às vezes até passava dias inteiros sem lhe dar uma palavra. Uma vez B***, com muito cuidado e com as melhores maneiras, confessou-lhe que não estava lá muito certo que ele descuidasse tanto a prática do violino, pois acabaria por perder a técnica. Iefímov ficou todo aborrecido ao ouvir aquelas palavras e respondeu que tinha tomado a decisão de nunca mais pegar no violino… tal como se esperasse que o outro depois lhe implorasse de joelhos. Noutra ocasião pediu-lhe B*** que o acompanhasse a tocar num daqueles bailes onde ele ia; tratava-se de uma festa onde era preciso mais de um violino. Esse convite deixou Iefímov verdadeiramente furioso. Indignado, declarou que não era nenhum músico ambulante e que não podia consentir em entregar-se àquelas reles ocupações a que B*** se entregava, rebaixando a nobre arte da música até o ponto de pôr-se a tocar para que pudessem dançar uns

simples burgueses, que não sabiam apreciar a sua execução nem o seu talento. B*** não lhe respondeu; mas logo que ele partiu para o seu trabalho, Iefímov, durante a sua ausência, pôs-se a pensar sobre o incidente e chegou à conclusão de que B*** apenas quisera dar-lhe a entender, com aquilo, que ele estava vivendo à sua custa e que devia fazer também qualquer coisa para ganhar algum dinheiro. Quando o amigo voltou, Iefímov começou logo a dirigir-lhe censuras pela sua maneira vulgar de conduzir-se, acabando por participar-lhe que não ficaria nem mais um minuto na sua casa. Desapareceu, de fato, e B*** não mais o viu durante dois dias; mas ao terceiro apresentou-se novamente, como se nada tivesse acontecido e, tranquilamente, continuou a fazer a mesma vida que antes.

Apenas a antiga amizade e a força do hábito, e acima de tudo isso a compaixão que a B*** inspirava aquele homem falhado, o impediram de pôr um fim àquela vida fastidiosa, desligando-se definitivamente do seu companheiro de quarto. Mas por fim sempre tiveram de separar-se. B*** teve sorte: tinha conseguido a proteção de um alto dignitário e a sua notoriedade, que crescera rapidamente, valeu-lhe um lugar na orquestra da Ópera Imperial, onde alcançou um grande e justificado êxito. No momento em que se despediu de Iefímov, deu-lhe algum dinheiro, aconselhando-o uma vez mais a voltar ao bom caminho. Mas também dessa vez não foi ouvido. B*** considerava a sua amizade com Iefímov como um dos maiores acontecimento da sua vida e um dos que nele tinham feito maior impressão. É que os dois ansiavam por alcançar o mesmo objetivo. Por isso, como não haveriam de se sentir ligados um ao outro?

Em um era bem natural que isso sucedesse, e, quanto ao outro, talvez fossem as próprias extravagâncias e os grosseiros e perniciosos defeitos de Iefímov que faziam precisamente com que ele mais se lhe pegasse. B*** compreendia isso perfeitamente. Calava-se, mas pressentia qual seria o fim do amigo. À despedida, abraçaram-se ambos e as lágrimas lhes umedeceram os olhos. E Iefímov, lavado em pranto e com voz mal segura, disse-lhe que era um homem perdido, que já há muito tempo o sabia, mas que só agora compreendia toda a grandeza da sua desdita.

— Eu não tenho talento! — exclamou, pálido como um cadáver.

B*** estava profundamente comovido.

— Iegor Pietróvitch — disse-lhe ele — que é que estás dizendo? Com esse desespero, vais mas é direto para a cova; vê se arranjas um pouco de coragem e de persistência. Agora, num momento de desânimo, dizes que não tens talento. Mas isso não é verdade. Tu tens talento, garanto-o eu! Decerto que tens! Sei muito bem como sentes e compreendes a arte. A prova disso é a tua própria vida. Já me contaste toda e por aí se vê que, já antes disto, este mesmo desespero te assaltou algumas vezes. Nesse tempo, o teu primeiro mestre, aquele homem invulgar de que tantas vezes me falaste, despertou a tua paixão pela arte e adivinhou o teu talento. Pois agora, fica sabendo, continuas ainda a sentir a arte com a mesma intensidade do que antes. Nesse tempo nem tu próprio percebias o que se passava contigo. Não te foi possível continuar com o teu amo; decidiste separar-te dele, correr mundo em busca de outra coisa, que não sabias ao certo o que seria. Infelizmente o teu mestre morreu cedo demais. Deixou-te com esse vago anseio, e, sobretudo, não te explicou o seu segredo. Tu compreendeste que por aquele caminho não ias dar a nenhum lado; precisavas de outro mais largo; sentias-te predestinado para alcançá-lo, mas simplesmente não sabias como consegui-lo e na tua nostalgia e no teu tormento, todas as coisas que te rodeavam se tornaram para ti odiosas e hostis. Não foi em vão que sofreste esses seis anos de miséria; durante esse tempo estudaste, pensaste, conheceste a ti próprio e pudeste avaliar as tuas forças. Agora já conheces a arte e também a tua vocação. Meu amigo, escuta o que te digo: a única coisa que te falta é paciência e coragem. Tens à tua frente um futuro mais brilhante do que o meu; tu és cem vezes mais artista do que eu; mas foi pena que Deus não te tivesse dado sequer a décima parte da minha persistência! Estuda e não bebas, como já noutro tempo te aconselhou o teu generoso patrão e, acima de tudo… começa de novo, começa pelo alfabeto, por assim dizer. De que sofres tu agora? De miséria? De fome? Pois a fome e a miséria servem para formar o espírito dos artistas. Isso são males próprios dos começos e, pode-se mesmo dizer, deles inseparáveis. Por agora ninguém te conhece, e nem mesmo querem conhecer-te, é assim o mundo. Mas tudo há de ser bem diferente quando se descobrir que tens realmente talento. Então hão de cair sobre ti a inveja, a vulgaridade e, sobretudo, a estupidez,

coisas essas que te hão de ser mais difíceis de suportar do que a própria pobreza. Todo talento precisa de simpatia e deseja ser compreendido. Mas hás de ver o que são as pessoas que te rodeiam logo que tenhas alcançado qualquer coisa que se pareça com o êxito. Hão de rebaixar, desdenhar, ou nem sequer apreciarão aquilo que a ti te custou tanto trabalho, privações, fome e noites de insônia. Esses amigos futuros nada farão para te animar nem consolar. Nem mesmo hão de proclamar aquilo que em ti houver de bom e de original, mas até pelo contrário, com alegria maligna hão de pôr em evidência os teus defeitos, assinalar precisamente o que em ti houver de mau e os teus pontos fracos e, debaixo da aparência da imparcialidade, da indiferença e até o desprezo pela tua pessoa, vão se alegrar com os teus defeitos, tal como se se tratasse de celebrar uma festa… Mas tu és orgulhoso e pões o teu orgulho à vista, muitas vezes de maneira intempestiva, o que poderá sem dúvida vir a provocar ressentimentos em algum imbecil, e então, ai de ti, meu amigo! Serias um contra muitos… e com as suas alfinetadas acabariam por te matar. Eu próprio começo já a saber o que isso é! Mas toma consciência de ti por uma vez! Não estás em tal miséria que não tenhas ao menos para viver; não descures o estudo, e "serra madeira", como eu serrei também muitas vezes em casa de burgueses e de empregados, enquanto eles bailavam. Mas tu és um impaciente — impaciência em ti é uma doença — não és um pessoa modesta, prometes a ti mesmo demasiado, pensas em excesso e não dás ao teu cérebro um minuto de repouso. Tens muito palavreado; mas quando pegas no arco do violino, logo te falta a vontade. Tens muito amor-próprio mas não tens coragem. Por isso te digo que deves tornar-te mais brioso, tem paciência e estuda, e mesmo que não tenhas confiança em ti próprio, continua a trabalhar. Tu és ardoroso, possuis algo de fundamental. Talvez consigas o teu objetivo, mas se o não alcançares, confia ao menos no acaso. Seja como for, nem por isso hás de sair perdendo, pois em compensação, ainda os ganhos seriam maiores.

Iefímov escutou o seu antigo camarada, profundamente comovido. Enquanto ele falava até a cor pouco a pouco foi voltando ao seu pálido rosto e os olhos lhe brilhavam com fulgores de ilusão e de esperança. Mas não tardou que aquele entusiasmo se transformasse num sentimento de fatuidade e na sua arrogância costumada; quando

B*** estava quase a chegar ao fim das suas exortações, Iefímov ouvia-o já distraído e impaciente. Apesar disso, no fim apertou-lhe a mão com força, agradeceu-lhe e… depois, como sempre lhe acontecia nas suas transições do mais fundo desalento e desencanto de si próprio para a maior arrogância, quando não até à mais descarada impertinência, respondeu-lhe petulantemente que não se preocupasse com ele, pois bem sabia como havia de arranjar-se para preparar o seu futuro. Esperava em breve arranjar protetores e, então, daria concertos e, de um momento para o outro, alcançaria dinheiro e glória. B*** encolheu os ombros, não lhe respondeu nada e ambos se despediram com a intenção de não ser a separação muito demorada. Iefímov gastou em pouco tempo o dinheiro que o amigo lhe deu e não tardou a procurá-lo para lhe pedir mais.

Ainda fez o mesmo por três ou quatro vezes, até à decima vez; é claro que, por fim, a paciência de B*** esgotou-se e um dia mandou-lhe dizer que não estava em casa. Foi a partir daí que o perdeu de vista…

Decorreram dois anos. De repente, um dia, quando voltava de um ensaio para casa, encontrou-se B*** numa ruela, diante de uma taberna do mais reles aspecto, com um indivíduo embriagado, mal vestido, que logo o chamou pelo seu nome. Era Iefímov. Estava muito mudado e tinha o cabelo todo emaranhado. Podia notar-se logo à primeira vista que a vida dissoluta tinha deixado marcas indeléveis sobre aquelas feições. Apesar de tudo B*** sentiu uma verdadeira alegria por tê-lo encontrado e acompanhou-o até à taberna. Ali, num cubículo abafado e cheio de fumo, pôde B*** apreciar melhor o estado do seu velho amigo. Reparou que estava vestido de farrapos, que tinha as botas completamente estragadas, e que o peitilho da camisa, já rota, estava manchado de vinho. O cabelo começava a cair-lhe e também tinha muitos já brancos.

— O que fazes agora?: Onde moras? — perguntou-lhe B***.

Iefímov olhou-o um tanto confuso e intimidado e começou a falar-lhe em palavras balbuciadas e tão incoerentes que B*** chegou quase a pensar que ele talvez não estivesse em seu perfeito juízo. Por fim Iefímov acabou por confessar-lhe que não era capaz de falar enquanto

não bebesse primeiro um copo de aguardente, mas que logo se dava o caso de que já não lhe fiavam naquela tasca.

Ao mesmo tempo em que disse isto fez-se muito ruborizado mas tratou de disfarçar com certa desenvoltura, sem no entanto o conseguir, do que resultou uma atitude forçada que ainda tornava mais triste o seu aspecto, e que despertou em B*** uma piedade sincera. Verificava agora que na realidade se tinham confirmado todos os seus receios.

Pediu aguardente. O semblante de Iefímov tomou uma expressão de gratidão e comoveu-se tanto que, de lágrimas nos olhos, esteve quase para beijar as mãos do amigo. Depois, enquanto comia qualquer coisa, soube B*** com a maior surpresa que durante o tempo que estiveram sem se ver aquele infeliz se tinha casado. E o seu espanto foi ainda maior quando ele o informou a seguir, de que a mulher era quem tinha a culpa de toda a sua desdita e miséria, e que o casamento tinha acabado com todas as suas faculdades artísticas.

— Mas como foi isso? — perguntou-lhe B***.

— É como te digo, meu amigo. Há já dois anos que eu não pego no violino — respondeu Iefímov. — Essa mulher é uma criatura vulgar e estúpida, uma autêntica ignorante. Não fazemos outra coisa senão brigar e andar sempre em discussão.

— Mas se era assim, por que te casaste com ela?

— Porque não tinha pedaço de pão para meter na boca, quando a conheci… e ela tinha então uns mil rublos… foi por isso que casei com ela. Mas é doida por mim. Agarrou-se a mim e não me larga. De maneira que gastei o dinheiro em vodca e perdi também… a minha arte. Está tudo perdido!

B*** teve a impressão de que Iefímov queria de certa maneira justificar-se e que, verdadeiramente, parecia ter pressa de fazer aquelas confidências, como se quisesse antecipar-se a qualquer observação ou pergunta.

— Está tudo perdido! — insistiu.

E contou mais ao amigo que nos últimos tempos tinha acabado por perder no jogo o que ainda lhes restava, de maneira que agora… bem, B*** era um dos primeiros violinistas de Petersburgo; mas contudo, a ele, a Iefímov, nem sequer poderia chegar-lhe aos calcanhares, assim ele quisesse tocar…

— Está bem; mas diz-me… como te arranjas agora? — perguntou B***, que não percebia muito bem do que se tratava no final das contas. — Então por que não procuras meio de ganhar algum dinheiro?

— Ah… não vale a pena! — acrescentou Iefímov com um gesto desdenhoso. — Quem é que aprecia hoje a verdadeira arte? Tu próprio, percebes alguma coisa dela? Bem pouco, para não dizer nada. Tocar umas valsinhas para que o público arraste os pés… é tudo o que vocês sabem fazer! Mas daí não passam! Artistas verdadeiros nem sequer os conhecem de vista, quanto mais de ouvido. E para que despertá-los? Qual nada!… Que fiquem como estão!

Ao dizer isto Iefímov tornou a fazer outro gesto de desprezo… mas cambaleou, pois já tinha bebido muito. Depois convidou B*** a ir a sua casa. B*** começou por recusar, mas acabou por perguntar-lhe o endereço e prometeu ir vê-lo no dia seguinte. Iefímov, que naquele momento estava bem alimentado e bebera também, olhava com ares de chacota o seu antigo camarada e parecia sentir um prazer enorme aborrecendo-o de qualquer modo. Ao se despedirem segurou rapidamente no rico sobretudo de peles do amigo, e segurou-o com jeito de pessoa de categoria inferior que deseja ser amável para um superior ajudando-o a vestir-se. E quando atravessavam o compartimento da frente, a taberna propriamente dita, deteve-se e apresentou B*** ao taberneiro e aos fregueses, como o primeiro violinista da capital. Em suma: portou-se de maneira indigna.

Apesar disso B*** não deixou de ir visitá-lo no dia seguinte de manhã, na água-furtada onde nós vivíamos na maior miséria. Tinha eu então quatro anos e havia dois que a minha mãe estava casada com Iefímov. Ah, minha pobre mãe! Modesta preceptora, mas em compensação dotada de excelente educação e muito bonita, tinha-se casado em primeiras núpcias com um homem já de certa idade, para

fugir à miséria. Mas apenas esteve casada com ele três anos incompletos. O meu pai morreu de repente. E quando se repartiram os bens que ele deixou, pelos herdeiros, a minha mãe ficou comigo e com uma pequena quantia que lhe coube nas partilhas. Tornar a encontrar um lugar de preceptora ia ser quase impossível, visto que tinha uma menina ainda pequenina. Foi por essa altura que, casualmente, veio a conhecer Iefímov, e se apaixonou realmente por ele. Também ela era uma exaltada, uma sonhadora fantasiosa. Também ela o considerava um gênio e tinha fé nas suas palavras presunçosas, quando ele se punha a falar do seu futuro brilhante. A sua fantasia sentia-se lisonjeada perante a ideia da sorte invejável que ia caber-lhe, de ser a protetora e a companheira de um artista genial; e casou-se com ele. Mas logo no primeiro mês de casada se desvaneceram todas as suas esperanças e ilusões, e se viu frente a frente com a triste realidade. Iefímov, que talvez tivesse casado com ela somente por causa dos mil rublos, ainda mal o dinheiro não tinha acabado cruzou os braços e começou a dizer a todos — e parecia até que isso lhe dava prazer — que, com o casamento, tinha perdido os seus dotes artísticos; que não podia trabalhar naquela trapeira, debaixo dos olhares de uma família esfomeada; que nessas condições ninguém poderia sentir-se inspirado nem sonhar com melodias; e que, afinal, talvez desde o princípío da sua vida estivesse predestinado para toda aquela infelicidade. Segundo parece, até ele próprio acabou por acreditar firmemente nas suas lamentações e, provavelmente, alegrar-se por ter encontrado aquele novo processo de justificar-se. Era evidente que havia já muito tempo que aquele homem desventurado, aquele homem falhado, a despeito das suas qualidades artísticas, andava à procura de um pretexto exterior ao qual pudesse atribuir todas as suas desditas e fiascos. Naturalmente não podia conformar-se com a ideia de que já de há muito estivesse perdido para a arte. Lutava desesperadamente contra essa ideia inquietante, como quem luta contra um pesadelo e, quando por fim a realidade começou a aparecer-lhe diante dos olhos, chegava a achar que ia perder o juízo, tal era o seu horror. Como podia ele renunciar àquilo que fora durante tanto tempo a finalidade única da sua vida? Até o último momento acreditou, ou pelo menos a si próprio queria fazer ver que, apesar de tudo, ainda não estava nada perdido. No entanto tinha os seus momentos de dúvida e era então que se entregava à bebida para afugentar o sofrimento. Talvez nem ele

próprio soubesse, naquele tempo, como a mulher lhe era indispensável. Era a sua justificação viva; chegou a criar a ideia obsessiva de que tudo poderia arranjar-se de novo se a mulher morresse, visto que ela era a culpada de tudo.

A minha pobre mãe, entretanto, nada percebia. Sonhadora inveterada, nem sequer se atrevia a dar um passo no caminho da realidade. Tornou-se impertinente, desabrida, maldosa, passava a vida brigando com o marido que parecia comprazer-se verdadeiramente em atormentá-la e dizia-lhe a todo instante que ele devia trabalhar para não esquecer a sua arte. Mas a cegueira e a ideia fixa do meu padrasto e sobretudo a sua tensão nervosa tornavam-no insensível e quase desumanamente cruel para com ela. Punha-se muitas vezes a dizer-lhe, por entre risadas, que nunca mais havia de pegar no violino, sem pensar um momento sequer na sua terrível falta de consideração ao atirar palavras daquelas ao rosto da sua própria mulher. A minha mãe, que apesar de tudo manteve por ele até a morte uma ternura apaixonada, não estava acostumada a uma vida daquelas. Começou a ficar adoentada, por último, adoeceu de fato e, não encontrando nenhum meio de alívio, era contínuo e probante o seu sofrimento.

Como se tudo isto não bastasse, tinha ainda que prover a manutenção de todos nós. Resolveu meter-se a cozinhar e a servir comida para fora; mas o marido, às furtadelas, tirava-lhe o dinheiro todo e também acontecia muitas vezes que os clientes que iam buscar comida tinham de regressar com os tachos vazios. Quando B*** nos veio visitar, já a minha mãe tinha deixado esse negócio; ocupava-se então em tingir e em lavar roupa. Assim íamos nós arrastando a vida na nossa trapeira.

B*** ficou muito admirado com a nossa miséria.

— Escuta, meu pobre amigo: para que ficas aí falando de arte? — disse ele voltando-se para o meu padrasto. — É graças a tua mulher que vocês se sustentam; mas tu, que fazes tu?

— Eu? Nada! — respondeu o meu padrasto.

B*** não conhecia nem metade da infelicidade da minha mãe.

O marido, quando voltava para casa bêbado, costumava trazer consigo um bando de amigalhaços e… o que ali não acontecia, santo Deus!

B*** falou durante muito tempo com o seu antigo camarada. Declarou-lhe francamente que, se ele não se emendasse, não estava disposto a ajudá-lo, e que também não lhe dava dinheiro, já que seria todo para gastar em vodca. Terminou pedindo-lhe que tocasse qualquer coisa no violino para poder avaliar o que poderia fazer em seu favor. Enquanto o meu padrasto foi buscar o violino, B*** em segredo, quis dar algum dinheiro a minha mãe, mas ela não o aceitou. Era a primeira vez que lhe ofereciam uma esmola! Então B*** deu-me as moedas a mim e a pobre mulher desatou a chorar. O meu padrasto tirou o violino do estojo, pôs-se a experimentá-lo, mas daí a pouco declarou que para poder tocar precisava beber primeiro. Trouxeram vodca. Ele bebeu e pôs-se a passear pela sala, para lá e para cá.

— Em homenagem à nossa antiga amizade vou tocar-te uma composição da minha própria autoria — disse ele para B*** e tirou da cômoda um caderno volumoso e poeirento. — Tudo isto eu escrevi — disse, apontando o caderno. — Tu vais ver… Isto, meu amigo, é muito diferente dessas composições para bailaricos!

B*** permaneceu em silêncio por muito tempo; depois tirou do bolso uns papéis de música que trazia consigo e pediu ao meu padrasto que tocasse qualquer coisa dali.

Iefímov ofendeu-se ao ver que ele não ligava importância às suas composições; no entanto acedeu ao pedido do amigo, provavelmente com receio de perder a simpatia e os favores do seu antigo camarada.

Tocou. B*** reconheceu que, desde o tempo em que tinham deixado de se ver, tinha ele aprendido muito e com certeza que devia ter trabalhado, apesar de, nas suas fanfarronadas, dizer que nunca mais tinha pegado no violino desde que se casara. Ah, se vissem a alegria da minha pobre mãe naquele momento! Olhava embevecida para o marido e voltava a sentir-se vaidosa por causa dele! O bom de B*** estava também muito satisfeito e disse que estava disposto a ajudá-lo com a sua melhor boa vontade. Por esse tempo já ele estava

muito bem relacionado e, de fato, fez tudo o que estava na sua mão pelo seu pobre companheiro de estudo, depois de lhe ter exigido que desse a sua palavra de que dali para diante havia de ter uma boa conduta. Começou por comprar-lhe roupa decente e depois apresentou-o a duas pessoas importantes, das quais dependia o ingresso de Iefímov na orquestra em que queria colocar-se. Iefímov mostrou-se muito favoravelmente disposto a aceitar essa colocação, talvez porque até ali a coisa não passava de palavras. Pelo menos acolheu a proposta do amigo com mostras da maior alegria. Contou-me depois B*** que chegara a sentir-se comprometido perante as lisonjas e os protestos de admiração com que o meu padrasto se esforçou por exprimir-lhe a sua gratidão, provavelmente com a intenção de assegurar desse modo a proteção do camarada.

Compreendeu finalmente que todos queriam encaminhá-lo pela boa senda e até deixou de beber. E por fim deram-lhe realmente um lugar na orquestra de um teatro. Saiu vencedor da prova, pois, num mês, graças à sua aplicação e boa vontade, voltar a recordar tudo aquilo que em ano e meio de folgança tinha esquecido. Prometeu continuar sempre tal como então, cumprir fiel e pontualmente os seus deveres e tornar-se mais digno.

No entanto, nem por isso as condições da nossa vida melhoraram. Pois, do seu ordenado mensal, o meu padrasto não só não entregava a minha mãe nem um único copeque, como até o gastava todo embriagando-se e convidando os seus novos amigos que formavam já uma autêntica legião. Eram na sua maior parte empregados do teatro, coristas e comparsas; quer dizer, indivíduos entre os quais ele podia sobressair. No entanto, ao mesmo tempo, fazia todo o possível por evitar o convívio com todas as pessoas de mais talento. Àqueles, naturalmente, podia ele impor-se e infundir-lhes uma admiração especial, o que desde o princípio conseguiu imediatamente dizendo-lhes e contagiando-os da sua convicção de que ele era um grande artista, um gênio ignorado ao qual a mulher tinha condenado à ruína, e que o diretor da orquestra onde trabalhava não tinha nem a mais leve ideia do que fosse a música. Troçava de todos os solistas da orquestra, assim como da seleção das obras que executavam e dos compositores de ópera. Começou por fim, a expor toda uma nova

teoria sobre a arte musical. Numa palavra: tornou-se antipático a todos os componentes da orquestra, brigou com todos e não tardou muito, também com o próprio diretor, conduziu-se grosseiramente com os superiores, arranjou fama de homem turbulento e intriguista, e ao mesmo tempo de inútil, e levou as coisas a tal extremo que se tornou insuportável para todos. E na verdade era bem estranho que um homem tão insignificante, um músico tão deficiente, tivesse aquelas enormes pretensões e falasse com tal jactância.

Afinal acabou também por vir a ter uma disputa com B***. Inventou uma intriga odiosa, uma calúnia vil acerca do seu protetor, e a pôs em circulação como verdadeira. Esteve apenas meio ano na orquestra, pois acabaram por despedi-lo devido à sua negligência e maneira tão reprovável de conduzir-se quando estava embriagado. Mas nem assim conseguiram livrar-se dele. Não tardou que o vissem aparecer por ali coberto de andrajos, pois a roupa melhor já a tinha vendido ou empenhado, e foi apresentar-se naquela figura aos seus antigos companheiros de orquestra, sem querer saber se eles o acolheriam bem ou mal, e pôs-se a contar-lhe enredos, a disparatar, a lamentar a sua vida e a convidá-los a todos para irem a sua casa e verem a fera que ele tinha por mulher. Naturalmente havia quem se divertisse a puxar-lhe pela língua, dando-lhe mais copos a beber e regozijando-se com as tolices que dizia. Porque ele sabia falar com certa inventiva, com sarcasmo, intercalava nas suas histórias ironias mordazes e amostras de cinismo que achavam aplauso certo entre muitos dos que o ouviam. Acabaram por tomá-lo por um bobo meio maluco, que era divertido ouvir disparatar nas horas de lazer. Também os seus ex-camaradas costumavam provocá-lo pondo-se a falar, na sua presença, de algum novo grande virtuose do violino que devia andar a dar concertos pela Rússia e o qual era também esperado em Petersburgo. Logo que ouvia aquilo, Iefímov mudava de cara, ficava desalentado, perguntava qual era o nome do artista, como é que ele tocava e se tinha muito talento, mostrando perfeitamente a inveja que o desconhecido artista lhe provocava com a sua fama. Parece que foi por essa altura que começou a manifestar-se a sua loucura sistemática, a sua megalomania; aquela ideia fixa de ser o primeiro violinista, pelo menos de Petersburgo, embora perseguido pela má sorte, e que só em virtude de certas intrigas não chegava a ser

conhecido como devia e estava portanto condenado a morrer na obscuridade. Por último até se envaidecia com esta ideia, pois há sempre também quem chegue a gozar com a suposição de ser perseguido e incompreendido, a gozar com as próprias lamentações ou com a adoração silenciosa do seu orgulho e da sua não reconhecida grandeza. Iefímov conhecia todos os virtuoses petersburgueses e podia até contá-los pelos dedos, mas nenhum deles, na sua opinião, era digno sequer de lavar-lhe os pés. Os seus colegas e outros entendidos também na música, incluindo até muitos profanos que estavam a par da sua mania de grandeza, procuravam trazer precisamente à conversa o tema dos novos gênios para dar-lhe a oportunidade de criticar antecipadamente os seus supostos rivais. Depois divertiam-se com o seu mau humor, com as suas maldosas insinuações e, sobretudo, com as suas manhosas observações ao censurar a execução técnica dos outros. A maior parte das vezes não o compreendiam, no entanto estavam convencidos de que não havia mais ninguém que, como ele, soubesse fazer tão bem e com tanta verossimilhança a caricatura dos grandes músicos contemporâneos, nem também quem melhor do que ele fosse capaz de pô-los na rua da amargura. Além disso até os próprios artistas de que ele fazia uma tão desapiedada chacota o temiam um pouco, pois não só conheciam a sua palavra mordaz como também reconheciam a exatidão dos seus ataques e opiniões.

De certo modo estavam já todos acostumados a vê-lo pelos corredores e por detrás dos bastidores dos teatros. Os porteiros deixavam-no entrar sem qualquer dificuldade, como se se tratasse de uma personagem imprescindível. De maneira que acabou por tornar-se no teatro uma espécie de Tersites[1] musical. Isto durou ainda uns dois ou três anos. Até que por fim também neste último papel acabou por tornar-se antipático. Puseram-no no olho da rua e nos dois últimos anos da sua vida foi como se já estivesse morto para aquela gente, pois nunca mais quiseram vê-lo. No entanto B*** ainda o encontrou umas duas ou três vezes, mas o meu padrasto estava já tão transtornado mentalmente que até inspirava mais compaixão do que repugnância. B*** chamou-o, mas Iefímov sentiu-se ofendido com isso, puxou o chapéu amolgado para cima dos olhos e passou de largo. Passado algum tempo, num dia de festa, de manhã, foram anunciar a B*** que o seu antigo colega Iefímov desejava felicitá-lo. B*** veio recebê-lo.

Iefímov, perdido de bêbado, estava no vestíbulo; ao ver o amigo, fez-lhe uma grande vênia, chegando quase a tocar no chão, murmurou qualquer coisa por entre dentes e negou-se redondamente a aproximar-se mais. O significado da sua atitude era pouco mais ou menos este: “Como poderemos nós, os sem talento, cultivar o convívio de celebridades tão grandes e notáveis como Vossa Excelência? Para nós outros, os humildes, chega um lugar de criado quando vimos apresentar as nossas felicitações; fazemos a nossa vênia e desaparecemos logo”. Em suma: foi uma atitude feia, estúpida e repugnantemente baixa. Desde essa manhã, durante muito tempo, nunca mais B*** tornou a vê-lo, até que … até que sobreveio a catástrofe que havia de pôr fim àquela vida triste, asfixiante, desolada e enferma. Essa catástrofe foi não só o acontecimento mais dramático da minha infância mas com certeza também da minha vida inteira.

Antes de passar a descrevê-lo, devo descrever a minha infância e explicar o significado que para mim teve esse homem, esse homem que tão dolorosa impressão deixou na minha alma de menina e que foi a causa da morte da minha pobre mãe.

## Capítulo II

As recordações da minha infância datam apenas dos dez anos. Não sei como explicar o fato de que tudo quanto até então experimentara não tenha deixado em mim uma impressão nítida, que eu pudesse agora evocar. Mas aproximadamente a partir dos meus nove anos e meio, posso recordar quase dia a dia o meu passado; é toda uma vasta série de reminiscências, tal como se se tratasse de coisas passadas ainda ontem… Recordo-me de alguns acontecimentos anteriores a este tempo, mas apenas como se tudo se tivesse passado em sonhos. Assim, recordo-me, por exemplo, da lâmpada que ardia continuamente num canto obscuro da nossa casa, diante de uma imagem antiga, e de como uma vez, na rua, me meti por debaixo das patas dos cavalos de um esquadrão de cavalaria, o que me custou três meses de cama; e também de como durante aquela doença, uma noite, enquanto estava deitada ao lado de minha mãe, pois dormia na cama dela, acordei de repente com um pesadelo e, finalmente, do medo com

que fiquei, a partir daí, do silêncio e da escuridão da noite, e dos ratos que vagueavam e corriam pelos cantos. Passava as noites todas tremendo de medo, cobria a cabeça com os lençóis, mas, apesar de tudo, não me atrevia a acordar a minha mãe, donde eu concluía depois que era ainda maior o medo que ela me inspirava do que aquele que tinha dos ratos e da escuridão.

Mas a partir do momento em que a minha consciência despertou, desenvolvi-me rapidamente, de tal maneira que todos ficavam admirados, e muitos acontecimentos infantis bem depressa ficaram compreensíveis para mim, de um modo quase inquietante. Tudo se revelou, tudo se tornou inteligível num prazo brevíssimo. E esse tempo em que eu comecei a fazer uso da razão e que, ao contrário dos anos anteriores, recordo com uma clareza espantosa, deixou em mim uma triste e profunda impressão. Impressão que se repetiu depois todos os dias e que cada vez se foi tornando mais intensa, e que finalmente emprestou uma tonalidade obscura, peculiar, a todo o tempo que vivi na companhia dos meus pais e a toda a minha infância.

Parece-me agora que, nesse tempo, despertara eu de um profundo sonho (se bem que, ao tempo em que isto aconteceu, nem por isso tive um grande abalo).

Verifiquei um dia que vivia numa grande sala de teto baixo. Tudo estava sujo e o ambiente era muito úmido. As paredes desbotadas eram de um verde encardido, e num canto via-se um enorme fogão russo. Pelas janelas divisava-se a rua ou, para melhor dizer, via-se o telhado da casa fronteira, pois as tais janelas eram largas mas baixas, quase não passavam de umas frestas horizontais abertas na parede. Os poiais dessas janelas estavam tão altos que eu tinha de encarrapitar-me em cima de uma cadeira e de um banquinho para conseguir subir, mesmo assim com muita dificuldade, ao meu lugar favorito, e isto quando não havia em casa alguém que me proibisse. Da nossa trapeira podia ver-se quase a metade da cidade, pois vivíamos num prédio grande, muito grande, de seis andares. Todo o nosso mobiliário consistia nas relíquias de um velho e derreado sofá de couro, todo cheio de pó e a deixar sair a crina por todos os lados; de uma mesa tosca e não aparelhada, de duas cadeiras e uma cama na qual dormia

a minha mãe; um pequeno armário num canto, uma cômoda que estava sempre descambada, e um biombo feito de tiras de papel.

Lembro-me de uma vez, já à tardinha: estava toda a casa revolvida, no chão havia uma barafunda de escovas e de trapos, uma garrafa partida e não sei já quantas coisas mais. Recordo-me de que a minha mãe estava muito aflita e que chorava, não sei por que motivo. A um canto estava o meu pai, feito num farrapo, como de costume. Respondia-lhe qualquer coisa com um pequeno sorriso trocista, o que tinha por efeito pôr a minha mãe ainda mais exaltada, e depois, pelo ar, tornaram a voar pratos e escovas. Eu me pus a chorar e a gritar e coloquei-me entre eles. Estava terrivelmente assustada e, num desespero, lancei-me de encontro a meu pai para protegê-lo com o meu corpo. Só Deus sabe por que é que se me teria afigurado que a cólera de minha mãe era infundada e que o pai estava inocente. Eu desejava interceder por ele, o que equivalia a arrostar com o castigo de que ele fosse merecedor. Eu tinha um medo atroz de minha mãe e achava que todos os outros tinham também. Minha mãe olhou-me, então, assombrada; depois pegou-me pela mão e levou-me para trás do biombo. Magoou-me a mão — doeu muito — mas ainda maior foi o susto do que a dor, e nem sequer me atrevi a queixar-me. No entanto lembro-me ainda de que, por causa disso, a minha mãe fez amargas censuras a meu pai, acusando-me a mim. (Vou chamá-lo meu pai, se bem que fosse padrasto, pois só muito mais tarde vim a saber que não nos unia qualquer parentesco). Toda aquela cena devia ter durado ao todo umas duas horas e eu, tremendo e excitada, esforçava-me por adivinhar em que acabaria tudo aquilo. Por fim a briga terminou e a minha mãe saiu para ir tratar de qualquer coisa. Então o meu pai chamou-me, deu-me um beijo e alisou-me os cabelos, sentou-me nos seus joelhos, e eu me encostei no seu peito, com muita força. Foi esse o primeiro carinho paternal que experimentei e talvez por isso me recorde agora tão bem de tudo quanto aconteceu nessa ocasião. Compreendi também que, pelo fato de ter tomado aquela defesa, tinha ganho aquela prova de carinho de meu pai e então pela primeira vez me ocorreu o pensamento de que a minha mãe o fazia sofrer muito. A partir desse dia nunca mais pude expulsar tal ideia, que cada vez passou a excitar-me e a revoltar-me ainda mais.

Desde então despertou em mim um carinho sem limites pelo meu pai, mas era um carinho estranho e pouco próprio de uma criança. Poderia quase dizer-se que era mais um sentimento de compaixão maternal, se não fosse cômica tal designação… aplicada a uma meninazinha! Parecia-me sempre que o meu pai era digno de lástima e que era vítima de uma perseguição injusta, de uma grande tirania; enfim, via nele um mártir, de tal modo que me teria sido impossível não amá-lo com uma paixão tão exaltada que tocava as raias da loucura, não me desvelar por consolá-lo, nem prodigalizar-lhe os meus carinhos, não me esgotar em tomar cuidado nele e fazer-lhe todo o bem que me era possível. Ainda hoje não compreendo claramente por que é que me teria metido na cabeça que ele era um mártir e um homem sumamente desventurado. Quem teria infundido em mim aquela ideia? Como poderia eu, uma criança, compreender o que quer que fosse acerca dos seus insucessos e desilusões pessoais? E o que é certo é que os compreendia, embora os imaginasse à minha maneira. Mas, insisto, apesar de tudo não consigo explicar como é que eu pude chegar a formar uma tal ideia. Talvez fosse devido à severidade com que minha mãe me tratava, que eu me tivesse dedicado de tal modo a meu pai, como se ele fosse a única criatura no mundo que, em minha opinião, era objeto de um tratamento tão injusto como aquele que me davam a mim, vendo nele, portanto, um companheiro de infortúnios.

Já falei do meu primeiro despertar do sonho da infância, da minha primeira iniciação na vida consciente. A partir desse momento o meu coração ficou ferido, principiou o meu desenvolvimento, que se realizou com uma rapidez excessivamente apressada e enervante.

Já então não podia dar-me por satisfeita com as simples experiências anteriores. Começava a refletir, a meditar e observar; mas essas observações tomavam em mim um aspecto tão anormalmente precoce que a minha inteligência acabou por interpretar tudo segundo as suas próprias imagens e conceitos, de maneira que em breve acabei por achar-me em um mundo que apenas existia só para mim. Tudo quanto me rodeava se foi tornando cada vez mais parecido com aquelas histórias que o meu pai costumava contar-me e que eu, naturalmente, tomava como puras verdades. Foi assim que cheguei a conceber as mais estranhas ideias. Compreendi perfeitamente — se

bem que não pudesse explicar como — que a minha família era muitíssimo invulgar e que os meus pais não se pareciam absolutamente nada com as outras pessoas que eu nesse tempo conhecia. Por que é que os outros se riam e por que reparava eu depois que no tugúrio em que vivíamos ninguém se ria, nem ninguém tinha nunca uma alegria? Que poder me obrigava, a mim, uma garota de nove anos, a observar com tanta atenção tudo quanto me rodeava e a reparar em todas as palavras que ouvia das pessoas com quem me encontrava na escada ou na rua, quando, à tarde, agasalhada com o velho xale de minha mãe, ia à venda próxima comprar alguns copeques de açúcar, de chá ou de pão? Compreendia, sem saber como, que no nosso tugúrio reinava a tristeza, uma inexplicável e insuportável tristeza. Dava voltas ao juízo para adivinhar qual seria a causa disso e não sei quem é que me ajudou a interpretar à minha maneira aquele enigma; acusava a minha mãe de tudo, olhava-a como uma inimiga mortal do meu pai, mas, repito… nem eu própria sei explicar como é que consegui chegar a conceber tal ideia. E quanto mais me agarrava a meu pai mais obrigada me sentia a aborrecer a minha mãe. Ainda hoje me aflijo ao recordar isto. Mas aconteceu uma coisa que contribuiu ainda mais para aumentar o meu amor por meu pai.

Uma vez, seriam umas dez horas da noite, a minha mãe enviou-me à venda a buscar borras. O meu pai não estava em casa. No regresso tropecei e caí no meio da rua, entornando tudo quanto trazia na tigela. A primeira coisa de que me lembrei foi de como a minha mãe iria ficar zangada quando soubesse. De repente senti uma dor horrível no braço esquerdo e ao mesmo tempo percebi que não me podia levantar. Já havia gente parada à minha volta. Uma velhinha tentou levantar-me, mas um rapaz que por acaso passou por ali naquele momento aproximou-se e bateu-me com uma chave na cabeça. Por fim consegui pôr-me de pé, apanhei os cacos da tigela e pus-me a andar, coxeando, quase impossibilitada de dar um passo. De súbito descobri o meu pai. Estava no meio do povo, diante de uma linda casa fronteira à nossa. Pertencia aquela casa a não sei que família importante, e estava nessa noite esplendidamente iluminada. Diante do portão havia muitas carruagens paradas e lá dentro ouvia-se tocar uma orquestra. Puxei o meu pai por uma ponta do casaco,

mostrei-lhe a tigela partida e disse-lhe que não me atrevia a voltar para casa. Estava convencida de que ele havia de proteger-me. Mas por que estava eu assim tão convencida e quem me tinha dito ou de onde tinha eu deduzido que ele gostava mais de mim que a minha mãe? Eis aqui qualquer coisa que não poderia explicar. Por que me dirigi eu a ele sem uma ponta de receio, ao passo que, só por medo, não me atrevia a voltar para casa onde me esperava minha mãe? Ele me pegou na mão, consolou-me e depois disse-me que me ia mostrar uma coisa muito linda; levantou-me ao ar e susteve-me nos braços. Eu não podia ver nada por causa da dor que sentia, pois o meu pai tinha-me pegado precisamente pelo braço machucado, que me doía terrivelmente, mas apesar disso não soltei um gemido, só para não assustá-lo. Ele me perguntou várias vezes se eu via alguma coisa. Esforcei-me como pude para responder-lhe afirmativamente e disse-lhe que via umas cortinas vermelhas por detrás das janelas. Quando ele ia atravessar comigo para o outro passeio, para regressarmos a casa, desatei logo a chorar… não sei por quê… abracei-me ao seu pescoço e supliquei-lhe que voltasse depressa para casa. Recordo que no entanto a sua ternura me oprimia e que me custava suportar que um dos dois — o meu pai — visto que tinha o dever de gostar de ambos — fosse bom e carinhoso para comigo, enquanto o outro, minha mãe, me infundia tanto respeito e temor.

Afinal a minha mãe nem por isso ficou muito zangada e limitou-se a dizer que eu devia ir logo para a cama. Lembro-me de que a dor do meu braço se tornou cada vez mais forte e que comecei a sentir febre; mas apesar de tudo sentia-me feliz e estava muito contente porque, afinal, tudo tinha acabado bem; passei a noite inteira a sonhar que estava em frente da tal casa importante e dos lindos cortinados vermelhos.

Quando acordei no dia seguinte, o meu primeiro pensamento, a primeira preocupação foi a casa das cortinas vermelhas. Mal o meu pai tinha acabado de sair trepei logo ao parapeito da janela para admirar o palácio fronteiro. Verdadeiramente, aquela casa já antes tinha excitado a minha curiosidade infantil. Quantas vezes, logo que escurecia e se acendiam as luzes da rua, não me lembrava eu de ir contemplar essa casa cujas cortinas encarnadas começavam a brilhar

com uma luz quase sangrenta, por detrás das grandes vidraças de cristal. Diante do portão costumavam estar sempre paradas luxuosas carruagens e também paravam muitas vezes por ali cavaleiros montados em altivos e airosos cavalos, e tudo isto cativava a minha atenção maravilhada; as vozes e os chamamentos dos cocheiros e dos criados, todo aquele vaivém em frente da casa, as lanternas coloridas das carruagens e as senhoras tão elegantes e bem vestidas que para elas entravam, tudo isso tomou na minha fantasia infantil as proporções de algo fabulosamente extraordinário e grandioso. E depois do meu encontro com o meu pai, diante do palácio, este perante os meus olhos, cresceu ainda mais em prestígio e sortilégio. Na minha imaginação acordada surgiram visões e pressentimentos invulgares. E afinal não é nada de extraordinário que entre umas criaturas tão estranhas como eram os meus pais, eu acabasse por tornar-me uma menina estranha e de exaltada fantasia. Porém, o que a mim mais me impressionava era o contraste que havia entre os caracteres dos meus pais. Admirava-me, por exemplo, que a minha mãe lidasse durante todo o dia pela nossa mísera casa e que, por isso, a todo momento dirigisse censuras a meu pai, lançando-lhe em rosto que era ela quem tinha de trabalhar e de nos sustentar a todos… e, sem querer, perguntava a mim mesma por que não a ajudaria o meu pai e por que vivia entre nós como um estranho. De algumas palavras soltas de minha mãe eu tirei uma explicação. Fiquei sabendo, com grande espanto, que o meu pai era um artista (logo essa palavra me impressionou), um homem que possuía um grande talento. Em seguida a minha imaginação esforçou-se por arranjar um significado para essa nova palavra, dizendo que um artista devia ser qualquer coisa de especial, um homem absolutamente excepcional, diferente dos outros homens. Talvez a conduta do meu pai tivesse contribuído em parte para que eu formasse essa ideia do que fosse um artista, se é que anteriormente não teria eu ouvido qualquer coisa, pormenor esse de que já não me lembro. Foi quase incompreensível para mim o significado das palvras que o meu pai proferiu uma vez diante de mim, num tom estranho:

“Então viria um dia em que já não seria pobre mas sim um ricaço e, quando a mãe morresse, então, havia de renascer para outra vida.”

Lembro-me de que fiquei muito assustado quando lhe ouvi dizer aquilo. Tão grandes foram o meu espanto e o meu medo que não pude ficar mais tempo no quarto e fui para o patamar da escada fria, onde me pus a chorar, e ali fiquei chorando, de coração apertado, de cotovelos no parapeito da janela e com a cara escondida entre as mãos. Mas depois, de tanto pensar continuamente sobre o significado daquelas palavras e de me ir acostumando pouco a pouco à espantosa ilusão do meu pai… a minha própria fantasia veio em meu auxílio. Pelo menos não me foi possível suportar por muito tempo o tormento da incerteza, e por isso tive de acabar por chegar a qualquer conclusão. E então, não sei como, acabei por acreditar realmente que o meu pai, assim que a minha mãe morresse, abandonaria aquele aborrecido tugúrio e ia me levar com ele para outro lugar. Mas para onde? Eis o que, até o último momento, nunca pude imaginar claramente. Lembro-me apenas de que tudo quanto pudesse embelezar esse lugar para onde os dois havíamos de ir (de que nós os dois havíamos de ir para lá, é que eu não tinha dúvidas), tudo quanto me era possível imaginar de belo e radioso e magnífico, tudo isso o empregava eu em adornar os meus sonhos de futuro. Acreditava que em breve nos tornaríamos ricos e, então, já não teria nunca mais de ir à loja comprar as coisas que a minha mãe me mandava, o que me custava sempre muito, porque os garotos da vizinhança, logo que me apanhavam na rua, metiam-se comigo… e eu tinha muito medo deles, sobretudo quando me mandavam buscar leite ou ovos, pois sabia de antemão que entornaria o leite ou deixava cair os ovos no chão e que, depois, ao chegar a casa, apanhava uma sova. E punha-me a imaginar as roupas esplêndidas que o meu pai usaria depois e que iríamos morar em uma casa magnífica… e era então que me vinha sempre à memória o palácio das cortinas vermelhas e o encontro com o meu pai, diante do portão; e contribuía para ajudar ainda mais a minha fantasia aquele pormenor de ter desejado me mostrar qualquer coisa. Nem é preciso dizer que nos meus sonhos de futuro era naquela casa que nós nos instalávamos para depois viver ali uma vida completamente feliz. A partir da época em que todos os dias , especialmente à tarde, cheia de interesse e curiosidade comecei a contemplar aquele palácio encantado, punha-me a pensar naquela fila de carruagens da tal noite e nos convidados e nos suntuosos aposentos que até então nunca tinha visto. E depois imaginava que voltava a

ouvir os suaves acordes da música, que se ouviam já em surdina, observava os contornos das figuras que se agitavam sobre as cortinas e esforçava-me por adivinhar o que se passaria ali, por detrás daquelas janelas… parecia-me que ali é que devia ser o Paraíso e que a vida, ali, devia correr numa eterna alegria. Comecei a odiar a nossa água-furtada e os nossos trapos. E como uma vez a minha mãe me ralhou e mandou sair da janela, pensei logo que ela tinha ciúmes e não queria que eu olhasse para aquela casa e nem sequer pensasse nela, que lhe pesava a nossa felicidade e que desejava até adiá-la, pelo menos enquanto ela vivesse. E toda aquela tarde olhei para a minha mãe com desconfiança.

Como podia a minha alma enraivecer-se daquela maneira contra a pobre e desditosa criatura que era minha mãe? Até hoje não compreendi todo o suplício da sua vida, e agora não posso, sem sentir uma punhalada terrível no coração, recordar o seu martírio. Também então, nessa época obscura da minha infância vulgar, durante o meu desenvolvimento anormalmente rápido, me acontecia às vezes a alma se confranger de dor e de mágoa… e a inquietação, a tristeza e a dúvida oprimiam-me o espírito. Também então me acontecia sentir a consciência revoltada e percebia muito bem que era injusta para com minha mãe. Mas parecia que tínhamos medo e que fugíamos uma da outra. E não me lembro de nem sequer uma só vez ter tido um gesto de carinho para ela. Agora, até as recordações mais insignificantes me comovem e martirizam o coração.

Uma vez, lembro-me muito bem — provavelmente o que vou contar não tem importância nenhuma, será quase uma ingenuidade, mas é que pormenores destes são os que agora mais me afligem e aqueles que ficaram mais bem gravados na minha memória — uma vez em que o meu pai não estava em casa, a minha mãe mandou-me à loja buscar açúcar e chá. Mas antes pensou primeiro durante muito tempo, sem se decidir a mandar-me e pôs-se a contar em voz baixa os torrões de açúcar… um balanço de mendigo, para ver o que ainda tinha. Contando e recontando, assim esteve durante uma meia hora, se não me engano, sem chegar a um resultado nas suas contas. Acrescente-se a isto que, muitas vezes, talvez por causa do desgosto, caía num estado de meditação profunda. Tal como se ainda neste

momento ela estivesse diante dos meus olhos, recordo que falava consigo própria, baixinho, ao mesmo tempo em que ia contando as moedas uma por uma e como se cada palavra que pronunciava fosse uma espécie de mágico esconjuro. Tinha as faces e os lábios descorados, as mãos tremiam-lhe constantemente e, quando se sentava e se punha a meditar, estava sempre a mexer a cabeça.

— Não, não é preciso — disse por fim, lançando-me uma olhadela. — O melhor é ir-me deitar e dormir. Queres vir dormir também, Niétotchka?

Eu não disse nada. Então ela me levantou um pouco o queixo, olhou-me com tanto carinho e doçura, e o seu rosto triste iluminou-se com um sorriso tão brando e maternal que o meu coração se confrangeu e começou a bater com muita força. Além disso tinha-me chamado Niétotchka, o que era sinal de ternura. Esse diminutivo do meu nome era invenção dela, foi assim que transformou o meu verdadeiro nome de Anna. Quando me chamava Niétotchka já eu sabia que ia falar-me com meiguice. Aquilo comoveu-me; de boa vontade a teria abraçado e me teria encostado ao seu peito para chorarmos as duas juntas. A pobrezinha esteve assim, a acariciar-me a cabeça, durante muito tempo… Talvez por fim até já de uma maneira mecânica, sem dar-se conta de que estava a acariciar-me, murmurava: “Niétotchka, Anieta, minha filha!”. As lágrimas queriam correr-me pelas faces mas contive-me convulsivamente e consegui dominar-me. Como se vê, de certo modo opunha-me até à sua própria ternura, não deixando transparecer nem o menor sentimento, ainda que por dentro estivesse a sofrer. Não, aquela minha insensibilidade não podia ser natural. Não teria sido com certezaa sua seriedade que me teria disposto daquela maneira contra minha mãe. Mas eu sei de onde vinha aquilo: vinha do extraordinário carinho que eu tinha pelo meu pai, que chegava a ser-me prejudicial por ser tão exclusivo. Às vezes, quando à noite, no meu canto, despertava no catre debaixo do leve cobertor, acabava sempre por encher-me de medo. Meio adormecida, recordava como havia pouco tempo ainda, quando era mais pequena, dormia na mesma cama que a minha mãe e, quando acordava, aí pela meia-noite, não tinha medo; aconchegava-me mais contra ela, fechava os olhos e tornava depois a adormecer. Sentia que, quisesse ou não,

não tinha outro remédio senão amá-la, do fundo da minha alma. Daí a alguns anos cheguei à conclusão que muitas crianças são às vezes de uma insensibilidade espantosa, e que se alguém lhes mostra carinho costumam dedicar-se exclusivamente a essa pessoa e, é claro, não se importam depois com mais ninguém. Era o que se dava comigo.

Às vezes reinava na nossa trapeira, durante semanas e semanas, um silêncio de morte. Os meus pais pareciam cansados de brigar, eu fazia entre eles a minha vida habitual, sempre calada, sempre a pensar, a devanear, desejando e esforçando-me sempre nessas minhas meditações por adivinhar algo que para mim era um enigma. Da observação dos dois, de meu pai e de minha mãe, eu percebia perfeitamente o que eles eram um para o outro; compreendia a sua eterna e surda hostilidade, explicava toda a dor e essa impressão deprimente da estranha vida que se desenrolava na nossa água-furtada… Compreendia tudo isso, evidentemente, sem acertar com as causas nem adivinhar todo o seu alcance, e compreendia-o até onde, então, me era possível compreendê-lo. Durante os grandes e sossegados serões de inverno, costumava ficar durante horas a contemplá-los, no meu canto, sem que eles disso se apercebessem; seguia todos os seus movimentos, estudava fisicamente o rosto do meu pai e esforçava-me tenazmente por adivinhar em que estaria ele pensando, em que ocuparia o seu espírito. Depois era a minha mãe que absorvia a minha atenção e que me inquietava. A minha mãe passeava no quarto incansavelmente de um lado para o outro, durante horas seguidas e, às vezes, até alta noite, quando não podia dormir — sofria muito de insônias — e ia sempre falando sozinha, como se não estivesse ninguém no quarto, e tão depressa cruzava os braços como os abria, ou juntava as mãos como se estivesse num desespero ou sentisse um sofrimento indizível. Às vezes escorriam-lhe lágrimas pelas faces, umas lágrimas que talvez nem ela mesma já sentisse, pois parecia que, de quando em quando, soçobrava numa completa inconsciência. Além das suas preocupações inquietavam-na ainda graves padecimentos físicos; simplesmente ela não lhes ligava importância.

A solidão e o silêncio que eu não me atrevia a romper, começavam a tornar-se cada vez mais pesados. Havia já um ano que a

minha consciência despertara e, durante esse tempo, não tinha feito outra coisa senão pensar, meditar, sonhar e atormentar-me em segredo com anseios ignorados e confusos que de repente me acometiam. Parecia-me que andava perdida numa selva. Foi o meu pai quem primeiro deu por isso. Chamou-me e perguntou-me por que eu tinha aquele ar tão estranho. Já não sei o que lhe teria respondido; lembro-me apenas de que ele ficou muito pensativo e que por último me disse que ia trazer-me uma cartilha para me ensinar a ler. Eu esperava com impaciência aquele livro extraordinário e toda essa noite me perdi em sonhos fantásticos, pois é claro que não tinha a menor ideia do que seria uma cartilha. No dia seguinte, finalmente, o meu pai começou, realmente, a ensinar-me pela cartilha. Compreendi logo do que se tratava e, dentro em pouco, aprendi a ler sem dificuldade, pois sabia que isso lhe agradava muito. Foi esse o tempo mais feliz da minha vida passada. Quando o meu pai me elogiava, me acariciava os cabelos e me beijava, de tão contente eu até chorava. Por isso não tardou que ele também começasse a gostar de mim. Daí a pouco eu já me atrevia a falar com ele e, à noite, ficávamos horas e horas a tagarelar sem nos cansarmos, se bem que eu muitas vezes não compreendesse nem uma só palavra de tudo quanto ele me dizia. Mas sempre tinha um certo medo dele, e temia acima de tudo que ele pudesse pensar que eu me aborrecia de ouvi-lo e, por isso, esforçava-me o mais possível por fazê-lo acreditar que entendia tudo. Por fim acabou até por tornar-se um hábito seu, esse de ficar todo o serão sentado junto de mim a conversar comigo. Assim que o sol se punha vinha logo para casa e começávamos com a cartilha. Mandava-me sentar num banquinho, à sua frente, e depois de me dar a lição lia-me sempre um trecho de qualquer livro. Geralmente eu não compreendia grande coisa dessas leituras, mas ria muito, pois achava que isso lhe agradava. E na verdade conseguia distraí-lo e o meu sorriso parecia dar-lhe alegria. Uma vez, depois da lição, contou-me uma história. Era a primeira que ouvia na minha vida. Eu, no meu lugar, parecia que estava enfeitiçada; suspensa do enredo, parecia-me, enquanto o escutava, que passeava pelo Paraíso e, quando ele terminou a narrativa, de tão entusiasmada nem sabia o que havia de fazer. E não era que o conto me tivesse agradado muito… não, não era isso, mas sim porque ali o impossível se tinha tornado rapidamente possível, pois eu acreditava na realidade de tudo quanto tinha acabado de

ouvir. É claro que depois soltei imediatamente as rédeas da minha fantasia e, num abrir e fechar de olhos, dei por realidades todos os meus fantásticos sonhos. Foi assim que logo a seguir comecei a ver a casa das cortinas vermelhas, mas as personagens do conto eram — não sei por que motivo — o meu pai, apesar de ser ele quem contou a história; a minha mãe, que se opunha a que nós fôssemos nem eu sei para onde; depois… ou melhor, em primeiro lugar até, antes de todos, eu própria, com todos os meus fantásticos, loucos e completamente impossíveis sonhos de futuro; com tudo isso armava-se tal confusão na minha cabeça que não tardava em produzir-se um caos indecifrável, e durante algum tempo aí ficava eu diante dos meus pais, privada de todo sentimento de ternura e, perante as coisas, incapaz de discernir entre a realidade e a fantasia transportada sabe Deus até que mundos.

Nesse tempo eu andava ansiosa por falar com o meu pai a respeito do que estaria para acontecer, de tudo aquilo por que ele próprio esperava e sobre o lugar para onde ele pensava conduzir-me, quando finalmente abandonássemos a nossa trapeira. Pela minha estava firmemente convencida de que tudo aquilo não tardaria em tornar-se realidade, simplesmente, não sabia de que maneira, e precisamente por isso me afligia tanto que não fazia outra coisa senão dar voltas à cabeça. Às vezes — sobretudo à noite — parecia-me que de um momento para o outro o meu pai ia fazer-me um sinal disfarçadamente e mandar-me sair de casa e que, então, eu pegava em segredo na minha cartilha, para que a minha mãe não desse por isso e, naquele quadro sem moldura, que desde há muito tempo estava pendurado na parede e que eu tinha decidido levar comigo… Depois do que sairíamos ambos a correr, sempre em segredo e nunca mais voltávamos a ver a minha mãe. E aconteceu que, num dia em que ela não estava em casa, mas em que estava o meu pai, e por sinal de muito bom humor — estava sempre de bom humor quando bebia — como que levada por um pressentimento acerquei-me dele e comecei a falar em mil e uma coisas, mas com o sentido de fazer derivar depois a conversa para o meu tema favorito. Finalmente consegui que ele risse, divertido com a minha conversa e, depois, de repente… lancei-me contra o seu peito e estreitei-o com muita força, embora o meu coração palpitasse de receio, como se fosse dizer-lhe algo de misterioso e de terrível; comecei então a fazer-lhe perguntas

tumultuosas, incoerentes, balbuciantes: para onde é que nós íamos, e que coisas teríamos de levar conosco, onde íamos viver, se não seria naquele palácio das cortinas vermelhas?

— De que palácio estás falando? Que cortinas vêm a ser essas? Que quer dizer isso tudo, que estás aí a fantasiar, minha maluquinha?

Fiquei assustada e procurei explicar-lhe, morta de medo, que nós os dois, quando a minha mãe morresse, não continuaríamos a viver naquela trapeira, mas que ele, depois, havia de me levar para bem longe dali, não sabia para onde, mas para um lugar onde iríamos viver ricos e felizes. E por fim afirmei-lhe até que tudo aquilo ele mesmo tinha me prometido. Eu estava efetivamente convencida de que ele já em outra ocasião tinha me falado sobre aquilo, pelo menos era o que naquele momento se me afigurava.

— A tua mãe? Morta? Quando ela morrer? — repetia, olhando-me assombrado, ao mesmo tempo em que enrugava as espessas e embranquecidas sobrancelhas, e mudava levemente de expressão. — Mas que maluquices vêm a ser essas, minha bobinha?

E depois ralhou comigo, ralhou-me muito, disse que eu era uma tola que não percebia nada… e não sei que mais… Estava muito comovido.

Não compreendi nem uma palavra das suas censuras, e o que ainda menos percebi foi por que teria ele ficado tão aborrecido por eu ter apanhado no ar aquelas palavras que, levada pela cólera e pela miséria, tinha proferido contra minha mãe, e que as tivesse conservado na minha memória, que as soubesse de cor e tivesse meditado sobre elas. Mas, de qualquer forma, e por muito grande que fosse a sua excitação, aquele episódio deu-lhe muito que pensar. Eu, no entanto, não podia compreender por que razão mostrava ele tal aborrecimento e sentia nascer na minha alma uma amargura e opressão que iam aumentando cada vez mais, até que, finalmente, as lágrimas me saltaram. Pensei então que tudo quanto nos esperava na nossa bela vida do futuro, era de tal importância que eu, ai de mim, não devia falar nisso, nem sequer pensá-lo! Mas percebia também, embora não muito claramente, que, com aquilo, tinha ofendido a

minha mãe. E então fui acometida de um grande medo e de um grande espanto, e depois vieram certas dúvidas que se insinuarem na minha alma e me fizeram estremecer toda por dentro.

Quando o meu pai reparou que eu chorava e me afligia, tentou consolar-me, enxugou-me as lágrimas com a manga e disse-me que não chorasse mais. Estivemos assim uns momentos em silêncio. Ele tinha um ar grave e parecia meditar; depois começou novamente a falar; mas, por mais esforços que eu fizesse para compreender o que ele dizia, achava tudo muito confuso. De algumas palavras soltas deduzi que procurava explicar-me quem era, que era um grande artista mas que ninguém o compreendia, em suma, que possuía um grande talento. Lembro-me muito bem de que a seguir me perguntou se eu tinha entendido tudo quanto ele dissera e, quando eu, naturalmente, lhe respondi que sim, ele repetiu a pergunta: “Então, tenho talento?”. Eu confirmei: “Tem sim senhor!”. Ao ouvir isto sorriu levemente, talvez porque a ele próprio parecesse ridículo o fato de se pôr a falar de uma coisa tão séria com uma garota. O nosso diálogo acabou por ser interrompido por Karl Fiódoritch que surgia inesperadamente. Meu pai, apontando-o, disse:

— Olha, aí tens Karl Fiódoritch que, em compensação, não tem cinco copeques de talento!

Eu não pude conter o riso, pois não sei por quê, achei muita graça naquela piada e logo fiquei outra vez muito contente.

Era o tal Karl Fiódoritch um indivíduo muito curioso. Eu, nessa época, conhecia e via tão pouca gente, que me recordo dele perfeitamente. Sim, vejo-o tão bem como se estivesse ainda diante dos meus olhos. O seu sobrenome era Mayer; era alemão e tinha vindo viver na Rússia com um único objetivo: ingressar no bailado imperial de Petersburgo. Mas infelizmente era tão mau bailarino que nem sequer no coro do fundo de cenário queriam admiti-lo, e apenas o empregavam como figurante. Nessa qualidade desempenhava papéis insignificantes, como o de acólito de Fortimbras[2] ou de um dos cavaleiros de Verona, os quais, em número de vinte, e todos ao mesmo tempo puxam as suas espadas de cartão e entoam em uníssono: “Daremos a vida pelo rei!”.

Mas nem por isso o nosso homem deixava de entusiasmar-se pelos seus papéis, e talvez não existisse no mundo um artista mais apaixonado pela sua arte do que Karl Fiódoritch. A sua maior infelicidade e o maior desgosto da sua vida era que o não admitissem como componente do corpo de baile. Pois, para ele, a dança era a arte por excelência e tinha tanta devoção por essa sua arte como o meu pai pelo violino. Ele e o meu pai tinham estado colocados no mesmo teatro e ali se tinham feito amigos e, desde então, tornara-se visitante assíduo do seu antigo colega da orquestra e o único que se lhe mantinha fiel. Viam-se ambos com muita frequência e lamentavam-se mutuamente da má sorte e de que ninguém os compreendesse. O alemão era um homem extremamente sentimental e carinhoso e tinha pelo meu pai um afeto fervoroso e desinteressado. Julgo que o meu pai, em troca, não tinha por ele simpatia nenhuma, limitando-se a suportar a sua companhia, à falta de outra melhor. Infelizmente, o meu pai, com o seu critério parcial, não podia aceitar que a dança fosse uma arte, o que magoava profundamente o alemão, a ponto que chegava a chorar. Como o meu pai conhecia o fraco do amigo, divertia-se à sua custa falando desdenhosamente da arte do bailado, o que punha verdadeiramente fora de si o pobre Karl Fiódoritch, que depois se desunhava procurando demonstrar as excelências da dança.

Desse tal Karl Fiódoritch e da sua amizade com o meu padrasto, contou-me B*** mais tarde muitas coisas: B*** chamava sempre ao entusiástico bailarino, *o gafanhoto de Nuremberg*. Entre muitas outras coisas, recordo muito bem os seus colóquios, quando ambos, já depois de terem bebido, se punham a lamentar-se da sua triste sorte de gênios desconhecidos. Eu contemplava em silêncio aqueles dois homens estranhos e apiedava-me deles; quando se punham a chorar, também a mim, sem saber por quê, me saltavam logo as lágrimas dos olhos. Tudo isto acontecia sempre na ausência da minha mãe, porque o alemão tinha muito medo dela e, quando vinha visitar-nos, esperava sempre primeiro na escada que alguém saísse do quarto para lhe perguntar se ela estava em casa e, quando isso sucedia, retirava-se logo descendo os degraus a dois e dois. Trazia sempre consigo poesias alemãs e entusiasmava-se a lê-las e a declamá-las com grandes gestos, enquanto ao mesmo tempo nos ia traduzindo cada frase com grande dificuldade, num russo muito imperfeito, mas de que nós

conseguíamos pelo menos perceber o sentido.

Aquilo divertia o meu pai e eu, às vezes, até chorava de tanto rir. Uma vez os dois descobriram um livro russo que os entusiasmava de maneira indescritível, a tal ponto que, todas as vezes que se encontravam, se punham novamente a lê-lo. Lembro-me de que era um drama em verso, de não sei que escritor russo de fama temporária. As primeiras estrofes me ficaram de tal modo gravadas na memória que, passados muitos anos, reconheci imediatamente aquele livro quando uma vez veio a cair-me debaixo dos olhos. Consistia o argumento na tragédia de um grande artista chamado Kapok, que em determinada altura exclamava: “Ninguém me compreende!”. E depois, logo a seguir, dizia: “Sim, na verdade eles compreendem-me!”. Ou então: “Não tenho nem uma amostra de talento!”. Era qualquer coisa no gênero, o tal drama. Como é de calcular, tinha um epílogo sumamente trágico. Não é preciso dizer que aquele dramalhão não tinha absolutamente mérito nenhum. Mas acontecia que, naqueles dois leitores que achavam em si próprios grandes semelhanças com o protagonista, provocava uma impressão ao mesmo tempo ingênua e trágica. Lembro-me ainda de que Karl Fiódoritch se entusiasmava às vezes a tal ponto que se levantava de um pulo do seu lugar, ia para o outro lado do quarto, e exortava-nos, com os olhos cheios de lágrimas e implorando justiça, ao meu pai e a mim, a quem ele chamava *madmuassel*[3], naquele próprio momento, de árbitros inapeláveis entre ele, o seu destino, e o público. E a seguir punha-se a dançar, e a cada passo de dança gritava, dizendo que declarássemos imediatamente se ele era ou não um artista, e se na verdade poderia dizer-se com justiça que não possuía talento. O meu pai então piscava-me o olho disfarçadamente e dava-me a entender que ia pregar uma partida ao pobre homem. Eu ficava louca de vontade de rir, mas o meu pai, escondido, ameaçava-me com o dedo, e eu então me esforçava o mais que podia para conter o riso. E ainda hoje, só com a lembrança de tais cenas, não posso deixar de rir. Vejo tão claramente diante de mim o pobre Karl Fiódoritch! Era muito baixinho, magro como um palito e tinha o cabelo já grisalho, o nariz curvo e vermelho, e sempre enfeitado com restos de tabaco. Tinha as pernas encurvadas de maneira especial e, apesar disto tudo, mostrava-se muito ufano do seu aspecto e usava umas calças estreitíssimas. Logo que o homem

terminava as suas cabriolas, estendia os braços e sorria — na atitude que os bailarinos adotam no palco. O meu pai deixava passar um bom momento, como se não lhe fosse possível dar logo uma opinião, e obrigava assim o desconhecido bailarino a ficar naquela difícil atitude, até que por fim uma das pernas começava a fraquejar-lhe, apesar de todos os seus esforços para não perder o equilíbrio. Finalmente o meu pai compadecia-se: olhava para mim com uma cara muito séria, como se me consultasse: "Que havemos de lhe dizer?". E o bailarino fixava também sobre mim os seus olhos intensamente implorativos.

— Não, Karl Fiódoritch, bem se vê que é trabalho perdido; não chegas lá! — dizia por fim o meu pai num tom de quem parecia que lhe custava muito a dizer uma verdade tão amarga.

Então, do peito de Karl Fiódoritch soltava-se um verdadeiro gemido; porém, recobrava ânimo num momento, com grandes gestos pedia novamente a nossa atenção, afirmando-nos que ainda daquela vez não tinha dançado segundo as boas regras e por isso tornava a pedir-nos que servíssemos de juízes definitivos. E ia outra vez para o outro lado e punha-se a fazer piruetas, com tal entusiasmo que até dava cabeçadas no teto da casa… Mas suportava a dor como um espartano e acabava por voltar à tal atitude difícil, àquela dos braços estendidos e do sorriso… e, de mãos trêmulas, ficava esperando o nosso veredito. Mas o meu pai era implacável e repetia com a maior seriedade:

— Não, Karl Fiódoritch; é uma fatalidade mas não chegas lá!

Então, geralmente, eu já não podia mais dominar-me, soltava uma gargalhada e o meu pai fazia outro tanto. Karl Fiódoritch, que tinha acabado por perceber a zombaria, ficava vermelho de raiva e, com lágrimas nos olhos e com um desgosto sincero, apesar de ridículo — o que mais tarde me apoquentava, provocando-me uma piedade sincera por aquele desventurado — dizia para o meu pai:

— Tu não és meu amigo!

Pegava no chapéu e ia-se embora, jurando por tudo quanto havia de mais sagrado que nunca mais tornaria a pôr os pés em nossa casa.

Mas as sombras daquelas zangas não costumavam durar muito. Passados dois dias já o homem estava de volta, punham-se os dois a ler outra vez aquele dramalhão e a derramar as infalíveis lágrimas de costume e, de novo, quando acabavam, Karl Fiódoritch nos tornava a pedir que servíssemos de árbitros decisivos entre ele, o público e o destino, mas que o fizéssemos a sério, como devia ser entre amigos verdadeiros, e que nos deixássemos de brincadeiras.

Um dia a minha mãe mandou-me à loja buscar qualquer coisa e, quando voltava para casa e trazia muito fechada na minha mão a moedinha de prata que lá me tinham dado de troco, encontrei-me com o meu pai na escada. Quando o vi comecei logo a rir, pois não podia ocultar a alegria que me vinha sempre que o via. Ele se inclinou para mim para me dar um beijo e reparou então na moedinha de prata que eu levava na mão… Esqueci-me de dizer que eu conhecia tão bem as expressões do seu rosto que me bastava olhá-lo para adivinhar logo os seus desejos. Se o via triste e aborrecido, até me apetecia morrer. As ocasiões em que se mostrava mais abatido era quando não tinha dinheiro para beber um trago, pois a bebida tinha-se tornado para ele uma verdadeira necessidade. Quando dessa vez o encontrei na escada, pareceu-me que devia ter-lhe acontecido qualquer coisa de extraordinário. Virava os olhos turvos com tal inquietação que me parece que a princípio nem sequer reparou em mim. Mas quando pôs os olhos no dinheiro que eu levava na mão e, em seguida, estendeu a mão como se fosse para tirar-me a moeda, mas no mesmo instante a retirou. Não havia dúvida de que travava uma luta consigo mesmo. Finalmente pareceu-me que tinha conseguido dominar-se e, então, disse-me que saísse dali, que fosse imediatamente para casa, ao mesmo tempo que desceu com rapidez dois ou três degraus… De repente deteve-se e chamou-me. Mas estava indeciso:

— Niétotchka — disse-me com precipitação —, dá-me esse dinheiro que eu depois te darei outra vez! O quê? Não me queres dar? Não o dás ao teu papai? Bem se vê que não gostas de mim!

Eu já tinha pensado em dar-lhe o dinheiro. Mas no primeiro momento, a ideia de que a minha mãe ia ficar zangada, o meu receio e, acima de tudo, a instintiva vergonha dele e de mim mesma, fizeram-me hesitar e levaram-me a negar-lhe o dinheiro. Ele

compreendeu tudo isso e disse-me rudemente:

— Está bem, deixa, não é preciso!

— Não, não, papai, tome lá. Digo que eu perdi ou que me roubaram os rapazes da vizinhança.

— Bem, bem, já vejo que és uma garota esperta — disse ele. E sorriu com os lábios trêmulos, sem ocultar a sua alegria, ao sentir a moeda na mão. — Além disso também és uma boa pequena, um anjinho. Dá-me a tua mãozinha, quero beijá-la.

E tomou-me a mão, que eu apressei a retirar. Apoderou-se de mim uma certa compaixão por ele, e a minha vergonha aumentava cada vez mais e mais. Não pude conter-me e, morta de medo, corri escadas acima, sem tornar a olhar para o meu pai, que ficou pregado no lugar onde estava. Quando entrei em casa, as faces escaldavam-me e o coração batia de medo, com uma sensação lancinante que até aí ignorava. Mas, sem uma ponta de hesitação, disse à minha mãe que tinha perdido o dinheiro, que ele se tinha afundado na neve e que, apesar de o ter procurado muito bem, não o tinha podido encontrar. Eu estava à espera, pelo menos, de alguns tabefes, no entanto ela não me tocou. A princípio ficou completamente fora de si, pois por essa altura estávamos na mais completa miséria. Deu-me alguns gritos, mas depois caiu em si e já não me ralhou mais; disse-me apenas que eu era uma desajeitada e uma cabeça no ar e que parecia não ter um pingo de amizade por ela, visto que não tinha nenhum cuidado com o dinheiro que tanto lhe custava a ganhar.

Aquelas palavras magoaram-me muito mais do que me teriam magoado as pancadas. A minha mãe começava já a conhecer-me; não lhe tinha passado despercebida a minha sensibilidade, que com frequência tomava aspectos quase mórbidos e, por isso, acreditava que, com aquelas censuras amargas, em vez do procedimento que até aí tinha empregado, podia castigar-me muito melhor e fazer com que eu me tornasse mais sensata.

Nessa tarde, à hora em que o meu pai costumava voltar para casa, fui esperá-lo no patamar da escada. Qualquer coisa que eu não sabia ao certo o que era e me atormentava dolorosamente a consciência,

sobreexcitava também os meus sentimentos. O meu pai chegou finalmente e eu fiquei muito contente quando o vi, como se a sua presença fosse para mim a promessa de algum alívio. Vinha contente, mas quando olhou para mim o seu rosto tomou uma expressão ansiosa. Olhou receoso para a nossa porta e levou-me para o canto mais escondido; tornou ainda a dar uma tímida espreitadela para a parte do nosso quarto; tirou do bolso um bombom que tinha comprado e, com um fio de voz, mas em tom de admoestação, pôs-se a dizer que nunca mais voltasse a tirar dinheiro à minha mãe e que também não devia dizer-lhe que lhe tinha dado; que isso não estava certo, que era uma vergonha e, sobretudo, que não estava certo. Se daquela vez ele o tinha feito, era porque aquele dinheiro lhe fazia muitíssima falta, mas em breve havia de devolver-me e, então, já poderia dizer que o tinha encontrado; mas tirar o dinheiro da minha mãe era uma coisa feia, e que eu, para o futuro, não devia nem sequer pensar em tal coisa e que, se eu tomasse sentido e obedecesse às suas palavras, aquele não seria o último bombom que me comprava. Para acabar, chegou inclusive a dizer que a minha mãe era digna de dó, que a pobrezinha estava muito doente e que era ela a única a trabalhar para nós e a manter-nos. Eu o ouvia transida de medo; tremia-me o corpo e as lágrimas, irreprimíveis, saltavam-me dos olhos. Era tal a minha comoção que não consegui dizer uma palavra nem mexer-me do meu lugar. Por fim o meu pai entrou em casa, não sem que antes não tornasse a ordenar-me que não chorasse nem dissesse nada do que se tinha passado à minha mãe, recomendando-me isto acima de tudo. Também ele, pelo que pude observar, estava muito perturbado. Toda aquela noite eu passei como se estivesse sob a influência de um enfeitiçamento , e pela primeira vez não me atrevi a olhar para o meu pai nem a sentar-me ao seu lado. E ele via-se também que fugia propositadamente do meu olhar. A minha mãe ia e vinha pelo quarto, como costumava fazer, na sua preocupação. Sentia-se naquele dia pior do que o costume e até já tinha tido ameaças de um ataque. Em resumo: por causa de todas aquelas minhas torturas íntimas, acabei por ficar com febre nessa noite. Atormentaram-me pesadelos confusos e doentios… até que por fim, já sem poder-me conter, desatei a chorar. O choro despertou a minha mãe, que me chamou baixinho e me perguntou o que eu tinha. Não lhe respondi e pus-me ainda a chorar com mais desolação do que anteriormente.

Então a minha mãe acendeu a luz e procurou tranquilizar-me; julgou que eu teria acordado assustada por efeito de algum pesadelo.

— Mas que tonta que tu és — disse ela. — Sempre que sonhas acabas por chorar. Mas não te assustes, minha filha! Não tenhas medo!

Beijou-me e disse-me que fosse dormir na cama dela. Mas eu não quis ir, porque não me atrevia a abraçá-la nem a deitar-me perto dela. Estava muito desassossegada. Desejaria contar-lhe tudo. E ia já para fazê-lo, quando de súbito me recordei das palavras proibitivas do meu pai, e me calei.

— Minha pobre filha, Niétotchka! — ouvi minha mãe dizer baixinho, enquanto me cobria com o seu velho xale, pois tinha percebido que eu estava cheia de arrepios. —Hás de vir a ter tão pouca saúde como eu — e olhou-me com tal tristeza que eu não pude suportar o seu olhar, fechei os olhos com muita força e voltei-me para o outro lado. Já não me lembro de nada mais, porque em seguida adormeci; apesar disso, meio adormecida, pude ainda ouvir vagamente as palavras com que a minha mãe se esforçava por me tranquilizar e acalentar-me o sono. Nunca eu tinha suportado tão grande suplício. O meu coração batia de tal maneira que até parecia me doer.

No dia seguinte, acordei já mais animada. Voltei a falar com o meu pai, mas não toquei em nada do sucedido, calculava que isso não lhe agradaria. E não me enganava; também ele tinha vontade de falar, pois parecia que tinha sentido também todo o penoso aspecto daquela tensão que entre nós se estabelecera, pelo menos mostrava uma cara muito séria quando os nossos olhares se cruzavam. Depois apoderou-se dele uma alegria invulgar, um alvoroço quase infantil ao ver-me outra vez contente e carinhosa. A minha mãe não tardou a sair, como de costume e, então, ele não pôde conter-se mais. Começou a beijar-me de tal maneira que eu cheguei até a sentir uma espécie de arrepio e ria e chorava ao mesmo tempo. Finalmente disse que, em sinal de agradecimento por eu ter sido tão boa e tão obediente, ia mostrar-me uma coisa muito bonita, que eu ficaria muito contente quando visse. Ao dizer isto, desabotoou o jaquetão e tirou uma pequena chave que trazia ao pescoço, pendurada em um cordãozinho preto; olhou-me

com grande solenidade, como se esperasse ver nos meus olhos toda a alegria que, a seu ver, eu devia experimentar; abriu o nosso baú e tirou dele uma caixa preta e muito comprida, que até então eu nunca tinha visto. Pegou na caixa com certa hesitação… Era curioso como ele tinha mudado assim, tão depressa! O sorriso tinha desaparecido do seu rosto e, em vez dele, tinha agora uma expressão verdadeiramente solene. Abriu com muito cuidado aquela caixa misteriosa e tirou dela um objeto de forma muito estranha. Pegou nele também com muito cuidado e quase com devoção, explicou-me que era o seu violino, o seu instrumento de músico. Pôs-se então a falar-me em voz baixa e solene… e assim esteve falando durante muito tempo sem que eu entendesse nada. Apenas me ficavam nos ouvidos aquelas frases já conhecidas, de que ele era um artista, que tinha muito talento, que ainda um dia havia de tocar naquele violino e, por fim, que nós estávamos destinados a ser ainda muito ricos e felizes. As lágrimas escorriam-lhe dos olhos e deslizavam-lhe pelas faces. Eu estava profundamente comovida. Por último beijou o violino e obrigou-me a beijá-lo também. Quando percebeu que eu tinha vontade de observá-lo melhor, levou-me para junto da cama da minha mãe depôs o violino sobre as minhas mãos; mas reparei que ele tremia com medo que eu pudesse quebrá-lo ou estragá-lo. Peguei no violino e toquei nas cordas, que vibraram num trêmulo levíssimo.

— Isto é que vem a ser a música? — perguntei eu erguendo os olhos para ele.

— Isso mesmo, isto é que é a música! — repetiu ele esfregando as mãos alegremente. — És uma menina muito boazinha e muito esperta!

Mas, apesar daqueles elogios e de toda a sua alegria, eu não deixava de reparar que ele estava desassossegado por causa do violino e, então, comecei também a ficar assustada… e entreguei-lhe o instrumento. Ele tornou a guardá-lo na caixa com o mesmo cuidado com que o tirara; fechou-a e tornou a guardá-la no baú, mas prometeu-me, ao mesmo tempo que me acariciava os cabelos, que tornaria a mostrar-me sempre que eu me portasse tão bem e fosse tão obediente como tinha sido daquela vez. Foi assim que o violino veio afugentar a nossa tristeza comum. Naquela tarde, quando saiu, ainda me tornou a dizer em segredo que não me esquecesse do que no dia

anterior me tinha recomendado no patamar da escada.

Assim nasceu na nossa trapeira e, pouco a pouco, foi crescendo o meu amor… ou, para dizer melhor, a minha paixão, pois não conheço palavra mais exata para designar um sentimento tão avassalador como aquele me inspirava o meu pai e que, para mim mesma, era um tormento… e que chegou a adquirir as proporções de um sentimento morbidamente degenerado. Eu não tinha senão um prazer: pensar nele a toda hora, sonhar com ele; nem outra vontade, nem outro desejo senão fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para proporcionar-lhe uma alegria, por pequena que fosse. Quantas vezes não o esperava eu no cimo da escada, tremendo e tiritando de frio, só para ouvir as suas passadas um momento antes de vê-lo chegar e vê-lo antes de mais ninguém! Se ele me fazia algum mimo, se tinha para comigo um gesto de ternura, ficava louca de alegria. E, no entanto, por mais de uma vez cheguei a sofrer quase fisicamente quando pensava na minha dura insensibilidade para com minha mãe, Havia momentos em que desejava morrer de dor e de piedade quando a olhava. Naquelas brigas constantes dos meus pais, eu não podia manter-me indiferente nem assistir a elas imparcialmente, pois via-me obrigada a escolher entre eles e a decidir-me por um dos dois. E pus-me ao lado daquele homem meio tresloucado, somente porque a meus olhos parecia digno de compaixão, humilhado, e porque desde o princípio tinha feito em mim uma impressão inesquecível e dado asas à minha fantasia. Mas, afinal de contas, quem poderia dizer ao certo por que é que eu me pus do seu lado? Talvez eu me tivesse sentido atraída por ele precisamente pela sua invulgaridade, invulgar até no seu aspecto exterior, e porque não era tão grave e seco como a minha mãe, porque era quase um louco, porque tinha todo o aspecto de um saltimbanco e, finalmente, porque tinha menos medo dele e até menos respeito do que tinha por minha mãe. De certa maneira, era mais parecido comigo. E, pouco a pouco, foi-se arraigando em mim o sentimento de que eu afinal lhe era superior, de que insensivelmente o ia tornando meu, de que lhe era imprescindível, sim, às vezes, coqueteava com ele. Realmente, aquele meu estranho apego a meu padrasto tinha qualquer coisa de romance… Mas esse romance não havia de ser muito duradouro: não tardou que eu perdesse os meus pais. As suas vidas tiveram um fim trágico, que deixou uma grave e dolorosa marca nas minhas

recordações. Como é que tudo isso aconteceu é o que vou contar a seguir.

## Capítulo III

Por essa altura, uma notícia chegou que veio comover profundamente toda a cidade de Petersburgo: espalhou-se o boato da vinda próxima do famoso S…z. Armou-se entre todos os apaixonados da música e entre aqueles que tinham quaisquer interesses relacionados com ela, uma grande celeuma. Cantores, atores, poetas, pintores, todos os aficionados da música e até mesmo os que nunca o tinham sido e com modesto orgulho confessavam até não conhecerem nem uma nota sequer, andavam agora numa verdadeira batalha em busca de bilhetes para aquele concerto. O salão mal podia conter a décima parte dos entusiastas que possuíam ou tinham podido arranjar os vinte e cinco rublos do preço da entrada. Mas a celebridade europeia do tal S…z, a sua laureada velhice e, além disso, a imarcescível juventude do seu talento, assim como a circunstância de nos últimos tempos não se ter dignado tocar senão raras vezes, juntamente com a certeza de que era aquele o último concerto que dava na Europa, porque depois abandonaria definitivamente o violino, excitavam a admiração e a curiosidade do público.

Disse já como a chegada de qualquer virtuose do violino, por muito modesta que fosse a sua celebridade, provocava no meu padrasto a mais desagradável impressão. Era sempre dos primeiros a ir escutar os artistas estrangeiros para poder julgar o mais cedo possível a importância da sua arte. Por mais de uma vez caiu doente só por ter escutado elogios a algum novo astro, e apenas se sentia consolado, quando, por fim, achava algum defeito para apontar à execução do apreciado artista, o que se apressava logo a divulgar onde quer que fosse, como a sua “modesta opinião”, com ironia mordaz. Acreditava aquele louco que em todo o mundo apenas havia um gênio, um artista único, e que esse artista, naturalmente, era ele. Pois bem: o primeiro rumor e depois a certeza de que aquele gênio mundial, S…z ia dar um concerto em Petersburgo provocou-lhe verdadeira comoção. Além disso devo fazer notar que havia já dez anos que em Petersburgo não

se tinha ouvido um verdadeiro talento musical, e muito menos um gênio como S…z. Por isso o meu padrasto não podia ter ainda uma ideia precisa sobre o que fosse a execução de um artista europeu de primeira categoria.

Contaram-me que apenas se ouviram as primeiras notícias, ainda duvidosas, já ele andava por entre os bastidores. Ficara muitíssimo excitado e fora logo, inquieto, procurar informações a respeito de S…z e do seu projetado concerto. Como havia já muito tempo que não o viam por ali, a sua aparição repentina provocou uma certa impressão. Houve quem quisesse irritá-lo e lhe dissesse em tom autoritário:

— É verdade, caro Iegor Pietróvitch: agora já não vai ouvir música de corpo de baile, mas uma música que não te deixará viver em paz para o resto dos teus dias.

Dizem que o meu padrasto ficou pálido ao ouvir aquela piada; mas respondeu com muita fleuma, ainda que com um sorriso forçado:

— Aguardemos. Às vezes, de longe, um camelo chega a parecer uma montanha. Esse S…z apenas esteve em Paris e, se bem que os franceses tivessem posto o seu nome nas alturas… bem sabe como são esses franceses!

Todos os circunstantes puseram-se a rir. O infeliz ressentiu-se mas dominou-se, e apenas acrescentou que ele, por seu lado, não queria dizer nada, mas que em breve se veria; que, por agora, o que era preciso era esperar até que aparecesse em público aquele tão encarecido prodígio, para o que já não faltava muito.

Contou-me B*** que nesse mesmo dia, pouco antes do escurecer, se encontrou na rua com o príncipe H***, um mero diletante no que respeita à execução artística mas, como homem, um crítico incomparável. Seguiam os dois o mesmo caminho e enquanto caminhavam iam falando, naturalmente, do virtuose que já tinha chegado, quando, de repente, B*** avistou o meu pai, que estava parado diante da vitrine de uma loja de instrumentos de música, a ler com muita atenção um programa de teatro que anunciava em grandes letras o concerto do famoso virtuose do violino, S…z.

— Vê aquele homem que está ali parado diante daquela vitrine? — perguntou B*** rapidamente ao príncipe.

— Quem é? — perguntou por sua vez o interpelado.

— Já deve ter ouvido falar dele. É um tal Iefímov, de que tanto lhe tenho falado, e ao qual, devido à sua influência, arranjamos uma vez uma colocação.

— Ah, sim já me lembro — disse o príncipe. — Tem-me falado dele. Dizem que é um homem interessante. Gostava de o ouvir tocar.

— Não vale a pena — disse B*** laconicamente. — E além disso é uma coisa constrangedora. Não sei o que se passaria com o senhor, mas a mim faz-me sempre uma impressão dolorosa. A sua vida é… uma tragédia espantosa. Um inferno. Eu tenho por ele uma profunda simpatia, e por mais desfeitas que me faça, nunca deixo de ter pena dele. Disse o senhor que ele deve ser interessante, e realmente é; simplesmente a impressão que deixa às pessoas é penosa e muito triste. Começa por ser um maníaco e, além disso, é um louco que tem três crimes a pesar-lhe sobre a consciência — além da sua, arruinou ainda mais duas vidas: a da mulher e a da filha. Como o conheço muito bem, sei perfeitamente que morreria no momento em que chegasse a tomar consciência do seu crime. Mas precisamente, o mais terrível é que já há oito anos que quase o reconhece e durante todo esse tempo tem lutado com a sua consciência para o não reconhecer plenamente.

— Dizem que está na miséria. É verdade? — perguntou o príncipe.

— É; mas a miséria é para ele quase uma felicidade, pois a seus olhos, é uma justificação. Assim, enquanto for pobre, poderá afirmar a todas as pessoas que a miséria é que é a causa da sua ruína, porque se fosse rico e tivesse tempo de sobra, estaria livre de preocupações e poderia demonstrar a todos o grande artista que é. Casou-se na ilusão de que os mil rublos que a mulher trazia para o casal o ajudariam a alcançar o seu objetivo. Procedeu como um louco, como um poeta, foi assim aliás que sempre procedeu. Sabe o que afirma há oito anos e ainda hoje não se cansa de repetir? Que a culpada de todo o seu

insucesso é a mulher, que ela é um estorvo para ele. E ele não faz nada, nem sequer pensa em trabalhar… Mas tirem-lhe a mulher… o que seria dele neste mundo? Faz alguns anos que não toca violino… e quer saber por quê? Porque sempre que pega no arco se vê obrigado a confessar a si próprio que é uma nulidade, uma respeitável nulidade e não um artista. Ao passo que, não pegando no violino, pode continuar a ter ilusões. É um sonhador. Acredita que um dia, por artes mágicas, há de converter-se no homem mais célebre do universo. O seu lema é: *Aut Caesar, aut nihil*, como se fosse possível isso de ser um César, rapidamente e de um modo simples. Toda a sua ambição, todas as suas aspirações se resumem… na glória. Mas quando esse sentimento se transforma no primeiro e único estímulo de um artista, este deixa de o ser, pois sacrificou aquilo que deve ser o seu objetivo principal, ou seja, o amor à arte por si mesma e não por qualquer outra razão. E, se não, aí tem o senhor o exemplo de S…z; quando empunha o arco, já não há mais nada no mundo para ele senão a música. Depois disto, o principal para ele deve ser o dinheiro e, em terceiro lugar, julgo eu, vem depois a fama. Mas quase nem chegou a tratar disso… Sabe com que é que esse infeliz se preocupa? — concluiu B***, apontando Iefímov com a cabeça. — Pois o que agora ocupa o seu pensamento é a coisa mais mesquinha, absurda e até lamentável e ridícula que se pode imaginar, ou seja, tirar as dúvidas sobre se ele, Iefímov, é maior do que S…z, ou S…z maior do que ele… nada mais nada menos, pois está convencido de que é o maior artista de todo o mundo. Procure convencê-lo de que não é um artista e garanto-lhe que cai redondo no chão… Para ele ia ser muito difícil renunciar a uma ideia fixa, à qual sacrificou toda a sua vida, e que no fundo sempre foi séria e profunda, pois a princípio era sem dúvida um dos eleitos.

— Então seria interessante levá-lo a ouvir S…z — observou o príncipe.

— Sim, devia ser — disse B*** pensativo. — Decerto que encontraria também uma maneira de justificar-se. A sua fantasia é mais forte do que a realidade; por isso, sem dúvida que lhe seria fácil encontrar alguma nova explicação.

— Acha que sim? — perguntou o príncipe.

Assim falando, aproximaram-se do meu pai. Este, quando os viu, quis escapar-se para que não reparassem nele; mas B*** deteve-o e começou a falar com ele. Perguntou-lhe se pensava ir ao concerto de S…z, o célebre artista. Iefímov respondeu-lhe com indiferença que ainda não sabia se iria ou não, pois tinha coisas de mais importância com que se ocupar do que o tal concerto e todos os virtuoses da "estranja", mas ia ver, pois ainda não tinha nada decidido, se por acaso poderia dispor de algum momento — e por que não? — talvez a "doença" se lhe pegasse também.

Lançou ao príncipe e a B*** um olhar rápido e algo inquietante, acompanhado de um leve sorriso desconfiado, e despediu-se deles a pretexto de que tinha muito que fazer.

Mas eu sabia já, desde o dia anterior, a preocupação em que meu pai estava. Não sabia ao certo o que o atormentava; mas evidentemente que, observando-o da maneira que eu o observava, não me tinha passado despercebido que nos últimos tempos trazia um peso sobre o coração. Até a minha mãe pareceu também notar. Nessa ocasião ela estava muito doente, mal podia mexer os pés e quase que não era capaz de dar um passo. O meu pai chegava muito cedo a casa e tornava depois a sair. De manhã aparecia com três ou quatro convidados, amigalhaços seus de outro tempo, coisa que muito me admirava, pois, tirando Karl Fiódoritch, quase não víamos mais ninguém. Todos os outros tinham já deixado de visitar-nos havia muito tempo, precisamente desde a época em que o meu pai perdera o seu lugar na orquestra. Finalmente apareceu também Karl Fiódoritch, ansioso e apressado, com um programa do concerto. Eu os ouvia falar e escutava-os com a maior atenção; fazia-me tanta pena tudo aquilo que, de certa maneira, chegava a sentir-me culpada de toda aquela agitação e perturbação que lia no rosto do meu pai. Queria saber a todo custo de que é que eles falavam; foi então que pela primeira vez chegou aos meus ouvidos o nome de S…z. De outras frases do diálogo deduzi que era preciso desembolsar pelo menos quinze rublos se se queria ouvir o célebre músico. Lembro-me também de como o meu pai, de repente, perdeu a paciência, fez com a mão no ar um gesto de despeito, à maneira de troça, e disse que sabia já de cor e salteado como eram esses prodígios estrangeiros, esses gênios presunçosos de

faculdades fabulosas, e que também conhecia S…z. Eram todos judeus que vinham à caça do dinheiro russo, o que lhes era muito fácil, pois os russos, na sua ingenuidade, admiravam todos os desatinos, sobretudo aqueles que os franceses, com seu chauvinismo, punham nas alturas, sem saberem apreciar o verdadeiro talento. Nessa altura eu já sabia o que significava isso de ter talento. Os amigalhaços do meu pai riram-se a bom rir, e depois foram-se embora, enquanto o meu pai ficava muito preocupado. Eu adivinhava que, fosse lá pelo que fosse, ele tinha aversão por S…z e, por isso, para o consolar e afugentar o seu mau humor, fui, aproximei-me da mesa, peguei no programa, tentei soletrar o texto e li alto o nome de S…z. Depois comecei a rir, olhei para o meu pai, que estava sentado e dava mostras de grande preocupação, e disse-lhe:

— Puf! Este é capaz de ser outro como Karl Fiódoritch, que também não "chega lá".

O meu pai estremeceu como se eu lhe tivesse pregado um susto, tirou-me o programa, deu um grito, bateu com os pés no chão, pegou no chapéu e dispôs-se a sair; mas depois voltou-se e já no patamar, chamou-me. Acudi ao seu chamamento e ele me beijou, disse-me que eu era uma boa menina, que não queria aborrecê-lo, e que esperava de mim um grande favor; mas não me disse em que poderia consistir esse grande favor. Além disso, afligia-me ouvi-lo; sentia, ao olhar para ele, que a sua afetuosidade não tinha nada de sincera… e isso me comovia. Comecei a atormentar-me por sua culpa.

No dia seguinte, à hora da refeição — isto é, na véspera do concerto — o meu pai parecia que estava aniquilado. Era completamente outro e não tirava os olhos da minha mãe. Por fim — e isso admirou-me um tanto — foi e dirigiu-lhe a palavra. (Sim, isso deixou-me verdadeiramente assombrada, pois ele quase nunca lhe falava.) E depois da refeição começou a fazer todo o possível por distrair-me; ora com um, ora com outro pretexto, chamava-me de vez em quando ao patamar e, depois de olhar para um e outro lado, como se temesse que pudesse vir alguém, punha-se a acariciar-me e a dar-me beijos, a dizer-me que eu era muito boa e muito obediente; e que eu gostava muito do meu pai e que, portanto, sem dúvida nenhuma faria tudo quanto ele me mandasse. Tudo isto me pôs num tal estado

de tensão que, por último, já quase me era intolerável. Até que por fim, quando me chamou pela décima vez ao patamar, é que o caso ficou claro. Com um rosto desassossegado e atormentado, olhando constantemente com grande inquietação para todos os lados, perguntou-me se eu sabia onde é que a minha mãe guardava os vinte e cinco rublos que no dia anterior tinha trazido para casa. Eu fiquei petrificada de medo ao ouvir aquela pergunta. Mas nesse momento ouviram-se ruídos na escada, o meu pai sobressaltou-se, deixou-me e foi-se embora. Só voltou ao entardecer. Com visíveis sinais de agitação, de preocupação e de abatimento, sentou-se em silêncio na sua cadeira e o seu olhar vagueava pelo quarto à minha procura, pousando em mim com alegria. Então tornou a apoderar-se de mim um medo estranho e comecei deliberadamente a desviar o olhar.

Logo que anoiteceu, a minha mãe me chamou e deu-me umas moedinhas de cobre para que fosse à venda buscar chá e açúcar. Em nossa casa raramente se tomava chá. Minha mãe apenas de permitia esse luxo — atendendo à nossa miséria, para nós isso era realmente um luxo — quando se sentia doente e com febre. Eu peguei no dinheiro e, mal cheguei ao patamar, saí correndo com quantas forças tinha, com medo que viessem atrás de mim. Não me enganava o coração: o meu pai, na escada, chamava-me e eu tive de entrar outra vez no prédio.

— Niétotchka — balbuciou com voz insegura. — Minha filha! Olha, dá-me esse dinheiro que eu amanhã te trago outra vez.

— Paizinho, paizinho! — exclamei implorante e toda trêmula, lançando-me de joelhos a seus pés para comovê-lo. — Paizinho! Não lhe posso dar! A mamãe está doente… Precisa de chá… Não posso tirar esse dinheiro da mamãe; não posso, acredite. Numa outra vez, qualquer outro dia eu faço, mas agora, não!

— O quê? Não me queres dar? Não queres? — murmurou ele furioso. — Então não me dás? Pois então fica para aí, fica com a tua mãe, que eu já não quero saber de vocês, vou-me embora e não te levo comigo! Ouves, sua má, o que eu te digo? Estás ouvindo?

— Paizinho! — exclamei assustada. — Tome lá o dinheiro, pegue!

Mas o que há de ser de mim agora? — balbuciei, agarrando-me a uma ponta da sua jaqueta. — A mãezinha vai chorar, com certeza; está muito doentinha e ralha comigo…

Creio que ele não esperava tanta resistência da minha parte; no entanto aceitou o dinheiro; depois… como se tivesse medo de não poder resistir aos meus gemidos e às minhas lágrimas, deixou-me rapidamente e saiu para a rua. Eu subi as escadas; mas quando cheguei à porta do nosso quarto, faltaram-me as forças. Não me atrevia a entrar, não podia entrar; todo o meu ser se achava comovido e agitado. Escondi o rosto entre as mãos e, vacilante, dirigi-me para a janela, tal como fizera daquela vez em que ouvi meu pai dizer que desejava que a minha mãe morresse bem depressa. E ali fiquei com os cotovelos apoiados ao parapeito, perplexa e aturdida, mas ao mesmo tempo de ouvido atento a qualquer ruído que viesse da escada. Finalmente percebi que alguém subia a toda pressa. Era ele: conhecia-lhe os passos.

— Que fazes aqui? — perguntou em voz baixa quando me viu. Atirei-me contra o seu peito.

— Aqui tens! — exclamou ele com rudeza, metendo-me o dinheiro na mão. — Toma o dinheiro, guarda-o! Mas fica sabendo que a partir deste momento deixo de ser teu pai. Gostas mais da tua mãe do que de mim! Pois então fica com a tua mãe! Nunca mais te quero ver! — deu-me um empurrão e tornou a descer as escadas rapidamente.

— Papai! Papai! Paizinho! Farei tudo o que me disser! — exclamei por entre soluços. — Gosto mais de você do que da minha mãe! Tome o dinheiro, tome-o, paizinho!

Mas ele já não me ouvia; compreendi então que já tinha desaparecido…

Toda a noite me senti muito mal e tremia com os arrepios da febre. Lembro-me de que a minha mãe me chamou para o seu lado; mas eu não estava em meu perfeito juízo, não ouvia nem via nada. Aquilo acabou com uma crise: pus-me a chorar e a gritar… A minha pobre mãe estava muito assustada e não sabia o que havia de fazer.

Levou-me para a sua cama e eu me abracei ao seu pescoço e assim me deixei ficar, até que, pouco a pouco, adormeci; mas até durante o sono estremecia a cada instante ou assustava-me com qualquer coisa. Assim se passou aquela noite.

Na manhã seguinte acordei muito tarde, quando a minha mãe já tinha saído. O meu pai e um desconhecido estavam sentados no quarto e conversavam em voz muito baixa. Eu esperava impaciente que o desconhecido fosse embora; e logo que finalmente ficamos sós, eu e meu pai, corri para ele e, numa voz fraca e por entre lágrimas, pedi-lhe que me perdoasse.

— Queres voltar a ser boazinha como antes? — perguntou-me ele muito sério.

— Quero, sim, papai, quero — balbuciei. — Vou-lhe dizer onde é que a mamãe guarda o dinheiro. Tem-no numa caixa, na sua mala; pelo menos era ali que ela ontem o tinha.

— Ontem? Onde? — exclamou dando um pulo. — Onde é que dizes?

— Mas a malinha está fechada, papai — apressei-me a dizer. — É preciso esperar até que a mamãe me mande trocar o dinheiro, pois os cobres que eu vi já se acabaram…

— Preciso de quinze rublos, Niétotchka! Ouves? Só quinze rublos, mais nada! Arranja-me para esta noite: amanhã já te devolvo. Vou já buscar-te bombons e nozes… e até hei de comprar-te uma boneca… e amanhã outra… e todos os dias te trago guloseimas se fores uma menina obediente.

— Isso não, papai, não é preciso que me traga nada disso! Eu não quero doces, não os como; dou todos a você — disse eu enquanto as lágrimas ameaçavam sufocar-me, pois o meu coração estava apertado e parecia querer estalar.

Compreendia naquele momento que ele não tinha compaixão de mim, que nem sequer tinha amizade por mim, pois não via como eu lhe queria a ele e era até capaz de imaginar que eu lhe obedecia

interessada nas guloseimas. Nesse momento, com os meus dez anos, eu compreendia direitinho e sentia-o profundamente, compreendia já que essa descoberta deixaria em mim uma marca indelével, que dali por diante já não poderia querer-lhe, que para sempre tinha perdido o meu pai de antes. Mas ele estava esperançado em obter o dinheiro por meu intermédio. Vejo agora que, por ele, eu estava disposta a tudo e que não recuaria diante de nada deste mundo. Mas só Deus sabe o que este *tudo* significava então para mim. Eu sabia o que aquele dinheiro representava para a minha pobre mãe; sabia que ela podia cair doente de comoção e de inquietação se se visse sem ele e escutava no meu íntimo a voz do remorso. Ele, pelo contrário, não via nada disto; continuava a tomar-me por uma garotinha de três anos, quando, por esse tempo, era já uma adolescente capaz de refletir. A sua alegria não tinha limites; beijava-me pedia-me que não chorasse, prometia levar-me ainda nesse mesmo dia para longe de minha mãe, provavelmente para lisonjear a minha fantasia, que incansavelmente seguia por esse caminho. Por fim tirou do bolso um programa do concerto e depois disse-me, lamentando-se que aquele homem que ia ver nessa noite era seu inimigo, seu inimigo mortal; mas que nem os seus inimigos todos juntos poderiam nada contra ele. Parecia mesmo uma criança, ao falar assim, dos seus inimigos. Porém, quando reparou que eu já não sorria como de costume, ao ouvi-lo, mas que o escutava muito séria e calada, pegou no chapéu e saiu, dizendo que tinha ainda de tratar de um assunto de urgência; mas, quando ia saindo, tornou a beijar-me e dirigiu-me um sorriso inseguro, como se não tivesse muita confiança em mim e para afastar a possibilidade de que eu voltasse com a palavra atrás.

Disse já que ele parecia um louco; e foi assim que o vi, na véspera do concerto. Precisava do dinheiro para comprar um bilhete, tal como se adivinhasse que aquele concerto havia de decidir para sempre a sua sorte. Por causa dele perdeu de tal maneira o juízo que, na noite anterior, até aqueles míseros cobres me quisera tirar, como se eles fossem suficientes para adquirir o bilhete tão desejado. E a sua estranha disposição tornou-se ainda mais notória quando, como de costume, nos pusemos à mesa a comer, já bastante tarde. Não podia estar quieto nem um momento e não comia nada, levantando-se e tornando a sentar-se a cada instante, muito pensativo. Ora pegava no

chapéu, como se se dispusesse a partir, ora caía em estranhas meditações; tão depressa resmungava qualquer coisa por entre dentes como divagava a vista à sua volta, procurando-me com os olhos, para fazer-me sinais de grande impaciência, por não ter na sua mão o dinheiro, e como se estivesse aborrecido comigo por o não ter ainda tirado da minha mãe. Até esta acabou por reparar nos meus estranhos modos desse dia e olhou para mim assombrada. Mas eu me sentia culpada como um réu de um crime de morte. Depois da refeição, fui para o meu canto e, tremendo de febre, estive contando os segundos até que chegasse o momento em que a minha mãe costumava enviar-me à loja por alguma ninharia. Nunca na minha vida passei momentos tão angustiosos: pareciam-se eternos e permaneceram para sempre gravados na minha memória. Há momentos — poderia avaliá-los em minutos — em que aprendemos muito mais do que em anos inteiros. Eu sabia que estava a ponto de praticar algo de mau e de feio; ele próprio tinha vindo afirmar os meus bons sentimentos, ao conduzir-me pela primeira vez ao mal, para depois, talvez assustado e, em todo caso arrependido, dizer-me que eu tinha procedido muito mal no ato que praticara. Não percebia ele como é difícil enganar uma criatura ávida por aprender a formar a sua personalidade e que já sentiu e pensou muitas coisas de bem e de mal? Compreendo sem dúvida que foi uma necessidade extrema a que o levou uma vez mais a lançar-me no caminho do vício, sacrificando assim a minha pobre e inocente infância… O que o induziu a ousar de novo ferir com aquele golpe a minha consciência. E enquanto estava acocorada no meu canto comecei a pensar naquilo; por que teria ele querido oferecer-me uma recompensa por uma coisa que eu estava disposta a fazer espontaneamente? Impressões novas, impulsos novos e até então ignorados, novas perguntas se formulavam em tropel no meu interior e me infligiam um terrível suplício. Depois, de repente, lembrei-me da minha mãe. Imaginei o seu desespero quando se visse despojada daquele dinheiro que, com tanto custo, tinha ganho. Daí a pouco a minha mãe suspendeu o trabalho, que era sempre superior às suas forças, e chamou-me. Tirou o dinheiro da cômoda e, quando me entregou, disse-me:

— Vai lá, Niétotchka! Mas, pelo amor de Deus, vê se tomas cuidado para não te darem moedas falsas, como outro dia, e não

percas o dinheiro!

Dirigi a meu pai uns olhos implorativos; mas ele me fez um sinal, sorriu e esfregou as mãos de impaciência. Tinham dado seis horas e o concerto começava às oito. Também ele devia ter sofrido muito durante essas horas.

Eu fiquei parada no patamar, à sua espera. Mas ele estava tão alterado e impaciente que esqueceu todas as precauções e saiu correndo atrás de mim, a toda pressa. Dei-lhe o dinheiro; a escada estava às escuras e eu não pude ver-lhe a cara; mas senti, sim, percebi que lhe tremia todo o corpo quando pegava nas moedas. Quedei-me, pasmada, sem arredar um pé. Ainda eu estava mal refeita daquela impressão, logo ele me ordenou que subisse para lhe ir buscar o chapéu. Não queria tornar a subir.

— Papai! Não entra também? — perguntei-lhe com voz fraca, agarrando-me ainda à minha última esperança: a sua ajuda.

— Não. Vai tu sozinha… Mas… espera! — exclamou, reconsiderando rapidamente. — Espera; vou buscar-te os doces… Mas vai primeiro a casa e traz-me o chapéu.

Parecia-me que uma mão gelada me apertava o coração. Subi as escadas. Quando entrei no quarto, transtornada, olhei à minha volta e, se nesse momento tivesse dito que me tinham roubado o dinheiro, a minha mãe teria acreditado. Num ataque de desespero, que repentinamente se apoderou de mim, numa convulsão, atirei-me sobre a cama de minha mãe e escondi o rosto entre as mãos. Passado um momento senti que a porta rangia suavemente e que o meu pai entrava no quarto. Vinha buscar o chapéu.

— Onde está o dinheiro? — perguntou-me de repente minha mãe, que adivinhava agora, como que à luz de um relâmpago, que alguma coisa de anormal se tinha passado. — Onde está o dinheiro? Diz, anda! — e afastando-me da cama, puxou-me para o meio do quarto.

Eu permanecia calada, de olhos fixos no chão; quase não percebia o que se passava nem o que me diziam.

— Onde está o dinheiro? — gritou e depois fixou-se no meu pai, que pegava no chapéu. — Onde está o dinheiro? — repetiu. — Ah, já sei, deu-te! Bandido! Verdugo! Queres também desencaminhar-me a criança? Mas não! Não te hás de ir assim!

E correu para a porta, fechou-a e guardou a chave no bolso.

— Fala! Confessa! — disse, encarando comigo, com uma voz sufocada pela comoção. — Diz-me tudo! Fala, menina, fala! Se não, já sei o que te hei de fazer!

Pegou-me na mão e quase que me feriu para me obrigar a confessar. Estava completamente fora de si e não dava conta do que fazia. Mas eu tinha jurado a mim mesma não falar, não dizer uma só palavra referente ao meu pai. Se bem que, pela última vez, lhe tivesse dirigido um tímido olhar… Um olhar seu, uma só palavra, qualquer coisa que eu esperava dele e que implorava em silêncio… e teria sido feliz, apesar de todas as dores e de todos os suplícios… Porém… Santo Deus! Com um gesto insensível, ameaçador, impôs-me silêncio, como se naquele momento houvesse qualquer coisa capaz de me intimidar ainda… Formou-se em mim um nó na garganta, faltou-me o ar, fraquejaram-me as pernas… e perdi os sentidos… Repetiu-se a crise da véspera.

Tomei acordo quando, daí a pouco, bateram à porta. A minha mãe foi abrir e viu um homem de libré, que entrou no quarto titubeando, olhando para tudo com olhos espantados e perguntando depois por Iefímov, o músico. O meu pai apresentou-se e o criado entregou-lhe um sobrescrito fechado, explicando-lhe que vinha da parte do senhor B***, que naquele momento se encontrava em casa do príncipe H***. O sobrescrito continha um bilhete para o concerto do famoso S…z.

A presença daquele criado de luxuosa libré, enviado do príncipe H***, em casa do pobre músico, fez, no primeiro momento, uma grande impressão na minha mãe. Já disse que a pobre mulher continuava a estimar o marido. Até depois de oito anos de desencantos, de sofrimentos e de desgostos, o seu coração não tinha mudado; sim, apesar de tudo ainda o amava. Talvez a pobrezinha

achasse que ia mudar de vida. A sombra de uma esperança era o suficiente para fazê-la vibrar. Quem sabe se ele, na sua teimosia, lhe tinha contagiado a sua inquebrantável fé! Aquela fé do marido parecia exercer sobre ela um certo influxo… assim, não é de estranhar que perante aquela gentileza do príncipe se pusesse a imaginar mil coisas boas para o seu futuro. Em seguida mostrou-se disposta a perdoar-lhe, a esquecer todos os dissabores da sua vida comum, inclusive aquela última ação indigna — a de não ter escrúpulos de querer perverter a sua única filha — a tudo estava disposta, arrastada pela torrente das suas renascidas ilusões; a considerar aquela ação vergonhosa como uma falta leve e sem consequências, como uma fraqueza que poderia desculpar-se, atendendo à sua vida infeliz e à sua situação desesperada. Por isso perdoava-lhe tudo e sentia nesse instante uma piedade infinita por aquele homem desmoralizado.

O meu pai pareceu ter ficado muito comovido. Também ele estava surpreendido com a gentileza de B*** e do príncipe. Encarou em seguida a minha mãe, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido e ela saiu. Voltou daí a dois minutos trazendo o dinheiro trocado, e o meu pai deu um rublo de prata ao criado, que o aceitou, retirando-se depois com uma grande reverência. A minha mãe tornou a sair, daí a pouco voltou com uma tábua e começou a passar a melhor camisa do meu pai. Foi ela própria que lhe apertou ao pescoço a gravata de batista branca, que guardava já desde tempos imemoráveis, juntamente com um fraque muito surrado que o meu pai tinha mandado fazer ainda antes de ter entrado para a orquestra. Logo que terminou os seus preparativos, o meu pai pegou no chapéu, mas antes de sair pediu ainda um copo d'água. Estava pálido e sentou-se completamente esgotado numa cadeira. Tive de lhe trazer a água… Seria o caso de que outra vez um sentimento hostil se tivesse já insinuado no coração da minha mãe e se tivesse esfriado o seu primeiro entusiasmo?

Por fim, o meu pai saiu. Eu tornei a encolher-me no meu canto, e ali, durante muito tempo, contemplei a minha mãe em silêncio. Era a primeira vez que a via tão agitada, tremiam-lhe os lábios, tinha as faces afogueadas, e de quando em quanto notava-lhe pequenos estremecimentos nervosos. Até que por fim a sua dor se expandiu em

soluços comprimidos e desolados.

— Sim, sou eu, eu é que tenho a culpa de tudo — lamentava-se. — E agora, que há de ser dela quando eu morrer?

De repente ficou parada no meio do quarto, como que ferida por aquele pensamento.

— Niétotchka! Minha filha! Minha pobre filha! Pobrezinha, desgraçada! — disse, tomando-me as mãos e abraçando-me convulsivamente. — Quem há de tomar conta de ti quando eu já não puder fazê-lo? Minha pequenina, minha pequenina! Oh, tu não podes compreender-me! Mas olha: tu hás de lembrar-te sempre do que agora te digo, não é verdade, Niétotchka?

— Sim, mamãezinha, sim! — exclamei eu, juntando as mãos, como se lhe dirigisse uma súplica.

Manteve-me assim, muito apertada, durante muito tempo, como se a assustasse a ideia de ter de separar-se mim. O meu coração despedaçava-se.

— Mãezinha, mãezinha! — balbuciei eu sem poder continuar, pois os soluços já me estrangulavam a garganta — Por que… por que é que não gostas do papai?

E as lágrimas, até aí reprimidas, correram-me pelas faces.

A minha mãe soltou um suspiro. E de novo, torturada por novos sofrimentos, se pôs a passear pelo quarto dizendo:

— Pobrezinha, pobrezinha! E eu, que nem sequer tinha percebido que já está mais crescida! Já entende, já sabe tudo, meu Deus! Que exemplo para ela, o desta casa!

E torcia as mãos com desespero.

Depois aproximou-se de mim e pôs-se a beijar-me carinhosamente; beijou-me as mãos, sobre as quais caíam as suas lágrimas, e pedia e suplicava, na sua desolação… Nunca eu tinha visto tanto sofrimento, nem ninguém tão transtornado pela dor… Por fim,

esgotada, acabou por ficar meio amodorrada. Talvez tivesse ficado assim uma hora completa. Até que se levantou, cansada, visivelmente extenuada e me disse que me fosse deitar.

Fui para o meu cantinho, deitei-me e tapei a cabeça com o lençol; mas não podia dormir. Atormentava-me a recordação dos meus pais. Esperava impacientemente o regresso do meu pai. Mas sentia horror ao pensar nele. Aproximadamente meia hora depois, a minha mãe pegou na luz e acercou-se devagarinho da minha cama para ver se eu dormia. Apressei-me a fechar os olhos e fingi que dormia para não a inquietar. Quando ficou convencida de que eu já estava dormindo, dirigiu-se para o amário, abriu-o e encheu um copo de vinho. Bebeu-o e depois foi para a cama. A luz ficou acesa em cima da mesa e a porta do quarto aberta, como era costume quando o meu pai saía de noite.

Eu estava amodorrada; mas não conseguia pegar no sono. Mal tinha adormecido quando tornei a despertar, sobressaltada por terríveis pesadelos. Cada vez era maior a opressão que eu sentia. Queria gritar mas a voz não me saía da garganta. Por fim — já noite alta—a porta abriu-se. Não sei bem, nem posso dizer o tempo que teria decorrido; mas quando de novo abri os olhos, vi o meu pai. Parecia-me muito pálido. Estava sentado na cadeira, junto da porta, e mergulhado nos seus pensamentos. Reinava no quarto um silêncio de morte.

Durante muito tempo contemplei-o, mas ele não se mexia do lugar. Continuava imóvel, sentado, a cabeça dobrada sobre o peito e as mãos rígidas sobre os joelhos. Por duas ou três vezes estive quase tentada a chamá-lo, mas não fui capaz. De súbito, saiu da sua meditação, ergueu os olhos e levantou-se da cadeira. Ficou um instante parado no meio do quarto… como se se sentisse indeciso sobre o que havia de fazer. A seguir dirigiu-se à cama da minha mãe, pôs-se à escuta e, quando se convenceu de que ela dormia, encaminhou-se para a arca onde guardava o violino.

Levantou a tampa, tirou a caixa preta do instrumento e colocou-a sobre a mesa; depois tornou a olhar à sua volta; tinha o olhar turvo e inseguro como eu nunca vira.

Pegou no violino; mas em seguida tornou a pô-lo no seu lugar, foi até a porta e fechou-a. Reparou depois que o armário tinha ficado aberto, caminhou até lá, devagarinho e, vendo o copo e a garrafa de vinho, encheu-o e bebeu. Depois, pela terceira vez, se dirigiu para o violino e de novo se aproximou da cama da minha mãe. Transida de medo, esperava o que estaria para se passar.

Ele esteve durante um certo tempo, demasiado a meus olhos, à escuta. Depois, de súbito, destapou o rosto de minha mãe e apalpou-a com a mão. Eu estremeci. Ele tornou a inclinar-se para ela, curvando-se muito, até roçá-la quase com a fronte; mas quando nesta última vez se endireitou, trazia um sorriso sobre o rosto intensamente pálido. Muito devagarinho e com um gesto protetor, voltou a tapar a que dormia, com o lençol, cobrindo-a da cabeça até os pés; mas eu, sem saber por quê, pus-me a tremer, tomada de um vago susto. Começava a ter medo daquele sono profundo de minha mãe e, com um pressentimento violento, contemplava pasmada a linha imóvel da mortalha que, num contorno anguloso, caía sobre a massa daquele corpo… De repente, com a rapidez do relâmpago, um pensamento terrível me passou pela cabeça.

Quando o meu pai terminou todos aqueles preparativos, voltou ao armário, bebeu o resto do vinho que havia na garrafa, e aproximou-se da mesa com o corpo todo preso de violentos estremecimentos. Pegou de novo no violino. Eu já o tinha visto e sabia que era um instrumento musical; porém, naquele momento, esperava dele algo de espantoso, de terrível e de estranho… e ao ouvir as suas primeiras vibrações, estremeci. O meu pai começou a tocar. Mas os sons brotavam de uma maneira estranha e desconexa e, além disso, ele se detinha a cada instante, como se procurasse lembrar-se de qualquer coisa… até que por fim, com o rosto desfigurado, abandonou o arco e volveu os olhos para a cama, de maneira muito particular. Parecia que qualquer coisa ali o inquietava. Voltou outra vez até junto do leito… Eu seguia cada um dos seus movimentos, não tirava os olhos dele, apesar de sentir-me paralisada de terror.

De súbito, apressadamente, começou a procurar qualquer coisa… e outra vez o mesmo pressentimento pavoroso me passou pela mente. Perguntei a mim mesma por que é que ela não teria acordado quando

ele lhe tocou na face. Vi que ele se punha a revolver todas as roupas que tínhamos; pegou no xale de minha mãe, na sua velha blusa, na sua camisa de dormir, e até nas minhas roupinhas, que eu tinha deixado nas costas de uma cadeira, e cobriu com tudo isso o corpo da adormecida, de tal maneira que ela acabou por ficar invisível debaixo daquele montão de roupa. A minha mãe continuava sem se mexer.

Estava profundamente adormecida.

Pareceu-me que ele respirava mais à vontade depois de ter feito aquilo. Agora já nada o estorvava nem inquietava; tirou a luz do lugar em que estava e colocou-a um pouco mais adiante; e virou-se para a porta, para deixar de ver a cama. Depois pegou no violino e, num arrebatamento de desespero, feriu as cordas com o arco… Começara a música.

Mas aquilo não era música… Recordo-me perfeitamente daquela noite; recordo-me de tudo quanto nela vi e ouvi; e sobretudo daquilo que me deixou uma impressão tão profunda. Não, aquilo não era música como a que, mais tarde, vim a ter oportunidade de ouvir. Não eram as notas de um violino, aquelas, mas era como se pela primeira vez, no nosso obscuro covil, ressoasse altitronante, uma voz terrível. Talvez que as minhas impressões fossem falsas, mórbidas e sobreexcitadas, ou que aquilo por que eu tinha passado e visto predispusesse já a minha sensibilidade desse modo para ter aquelas desoladas e dolorosas sensações… Fosse como fosse! Mas eu estava firmemente convencida de que o que eu ouvia eram os lamentos, os gritos e os soluços de um homem. Naquelas notas exprimia-se o mais profundo desespero, e quando por último chegaram ao seu espantoso final, em que se dava tudo quanto se pode dar na expressão da dor soluçante, do suplício de corações dilacerados e de anseios de impossíveis venturas, fundindo-se tudo isso, logo depois, em uma só expressão… já não me foi possível conter-me por mais tempo… toda eu tremia, as lágrimas saltavam dos meus olhos em torrentes e, lançando um grito desolado, precipitei-me para o meu pai e abracei-o com todas as minhas forças. Ele deu um grito e largou o violino…

Durante um momento pareceu estonteado. Depois os seus olhos começaram a correr e a saltar por todos os lado, como se procurasse

alguma coisa… até que, imediatamente, voltou a pegar no violino e deu-me com ele uma pancada na cabeça que… se fosse um pouco mais forte me teria deixado ali estendida.

— Papai! — exclamei eu. — Paizinho!

Ele tremia, voltou-se e, cambaleando, avançou dois passos:

— Ah! Ainda estás aqui? Então ainda não se acabou tudo! Ainda existes tu! — exclamou, levantando-me furiosamente pelos ombros.

— Paizinho! — exclamei eu, enquanto ele me mantinha suspensa. — Não, não, não me meta medo! Não me meta medo!

O meu choro pareceu impressioná-lo. Tornou a pousar-me no chão com muito cuidado, olhou-me durante uns momentos, com uns olhos estúpidos, como se não me conhecesse… e começou, pouco a pouco, a lembrar-se de algo que tinha esquecido. De repente, foi como se qualquer coisa o revolvesse por dentro, como se de súbito o tivesse assaltado um pressentimento terrível… Dos seus olhos turvos brotou uma torrente de lágrimas e tornou a inclinar-se para mim e a olhar-me no rosto com fixidez e com muita atenção.

— Paizinho! — eu implorei cheia de medo. — Não olhe para mim, assim, paizinho! Paizinho! Vamo-nos embora! Venha já! Venha, corra!

— Sim, corramos, corramos! Já é tempo! Vamo-nos embora daqui, Niétotchka! Já! Já!

E mostrou-se tão apressado como se de repente se tivesse lembrado que tinha alguma coisa para fazer. Preocupado, olhou em redor… apanhou rapidamente um lenço de minha mãe que estava caído no chão e guardou-o; reparou depois num lenço de cabeça, apanhou-o também e guardou-o, como se se dispusesse a empreender uma grande viagem e quisesse prevenir-se com tudo quanto supunha que lhe poderia fazer falta.

Eu me vesti também rapidamente e, tal como ele, pus-me a reunir também tudo o que julgava necessário para a viagem.

— Já tens tudo? Já tens tudo? — perguntou-me ele cheio de pressa. — Já está tudo pronto? Anda, despacha-te, depressa!

Fiz a minha trouxa o mais rapidamente que pude, ele me pôs um lenço na cabeça, e estávamos já quase prontos para sair, quando me lembrei de levar também comigo a imagem da parede. O meu pai aprovou a minha ideia. Parecia agora muito tranquilo; falava em voz baixa e instava comigo para que eu me apressasse. Pegamos os dois numa cadeira, pusemo-la sobre um banco… e depois de termos trepado com muito cuidado sobre aquela geringonça que oscilava, conseguimos chegar ao quadro. Podíamos dar já por terminados os nossos preparativos de viagem. O meu pai pegou-me na mão e íamos já a sair… quando ele parou outra vez. Esfregou a testa durante muito tempo, como se se esforçasse por recordar-se de alguma coisa de que se tivesse esquecido. Finalmente lembrou-se; procurou o molho de chaves debaixo do travesseiro da minha mãe, abriu a cômoda e começou apressadamente a revolver tudo. Até que por fim veio ter comigo trazendo algum dinheiro que tinha encontrado no cofrezinho.

— Toma, toma, guarda-o! — disse-me em voz baixa. — Não o percas nem te esqueças dele, não te esqueças!

Pôs-me primeiro o dinheiro na mão, mas depois tirou e guardou-me no peito. Recordo que estremeci ao sentir sobre o corpo o contato daquelas moedas, e foi como se, pela primeira vez, eu tivesse descoberto o que era o dinheiro. Já nos dispúnhamos de novo a partir, quando ele tornou mais uma vez a parar.

— Niétotchka! — era evidente que tinha de fazer grandes esforços para concentrar as suas ideias. — Minha filha… Há uma coisa que estou esquecendo… Mas não sei o que é. O que será? Não me lembro… Mas, sim… É isso! Já sei… Vem cá, Niétotchka.

Levou-me ao canto onde estava a imagem e disse-me que me ajoelhasse.

— Reza, minha filha, reza! Será melhor para ti!… Sim, verdadeiramente há de ser melhor! — murmurou ele ao meu ouvido, apontando para a imagem e olhando ao mesmo tempo para mim de modo estranho. — Reza, Niétotchka, reza, reza! — disse-me ainda

numa voz invulgarmente suplicante e deprecativa.

Eu me ajoelhei e, cheia de espanto e desespero, bati com a testa no chão e permaneci um minuto como que desmaiada. Nervosamente, reuni todas as minhas ideias, concentrei todo o pensamento na minha prece; mas o medo dominava-me por completo. Já não queria ir com o meu pai e até pelo contrário, desejava ficar ali. Até que finalmente dei largas, com impulsiva violência, àquilo que me abatia e torturava.

— Papai! — exclamei por entre catadupas de lágrimas. — E a mamãe? O que vai ser da mamãe? Onde está a minha mãe?

As lágrimas sufocaram-me a voz e não pude continuar. Também ele olhou para mim, por entre lágrimas. Depois levou-me até junto da cama, desviou as peças de roupa ali amontoadas e levantou o lençol. Meu Deus! Estava morta, hirta, gelada. O seu rosto mostrava já a azulínea palidez cadavérica. Então lancei-me sobre ela, como se tivesse perdido o juízo, e abracei-me fortemente contra o seu cadáver. O meu pai mandou-me pôr de joelhos.

— Inclina-te diante dela, minha filha! Despede-te dela…

Inclinei-me profundamente. Ele fez o mesmo. Estava terrivelmente pálido; os lábios tremiam-lhe e parecia que mastigava qualquer coisa.

— Não fui eu, Niétotchka, não fui eu! — disse-me com voz trêmula, apontando para o cadáver. — Estás ouvindo? Não fui eu, eu não tenho culpa de nada. Lembra-te disto, Niétotchka!

— Papai! — exclamei eu assustada. — Vamos embora! Já é tempo!

— Sim, já é tempo! Já há muito tempo que devíamos ter ido! — disse-me ele muito à pressa, pegando-me numa mão e levando-me para fora do quarto. — Bem, já estamos cá fora! Graças a Deus que tudo tem o seu fim!

Descemos a escada. O porteiro, apesar de meio adormecido, abriu-nos a porta, olhando-nos com certo receio e como se tivesse

vontade de nos perguntar porque é que o meu pai ia com tanta pressa que eu mal podia acompanhá-lo. Caminhamos até o fim da rua e fomos ter ao cais do canal. Durante a noite tinha nevado, as ruas estavam brancas e ainda continuavam a cair uns flocos muito finos. Estava frio; eu me sentia gelada até os ossos, corria nas pegadas do meu pai, agarrando-me às abas do seu fraque. Ele levava o violino debaixo do braço e parava a cada momento para tornar a pôr o estojo no seu lugar, pois escorregava-lhe constantemente.

Andamos assim aproximadamente um quarto de hora. O meu pai deixou depois o passeio para seguir pelo caminho em declive que descia até o canal e sentou-se no último marco. A dois passos de nós havia um atalho. À nossa volta não se via viva alma. Meu Deus! Lembro-me como se fosse agora, do terrível pensamento que então me passou pela ideia! Ia enfim realizar-se aquilo com que eu sonhava havia já um ano; tínhamos abandonado o nosso mísero tugúrio. Mas era isto aquilo por que eu tanto tinha ansiado, sonhado e esperado, aquilo que a minha fantasia de mocinha construíra quando procurava imaginar a felicidade do que tanto desejara? Mas o que mais depressa veio torturar-me foi a recordação de minha mãe. “Por que a tínhamos abandonado?” — perguntei a mim mesma. — Por que a tínhamos deixado assim tão sozinha?” Lembro-me de que, naquele momento, era isso o que mais me preocupava e inquietava.

— Paizinho! — comecei, incapaz de suportar por mais tempo a minha preocupação dolorosa. — Paizinho!

— Que é? — perguntou-me ele em tom desabrido.

— Por que deixamos a mamãe, paizinho? Por que a abandonamos? — insistia eu por entre lágrimas. — Papai, voltemos para casa! Vamos chamar alguém para ficar ao lado dela!

— Está bem, está bem — exclamou ele subitamente, levantando-se do marco, como se lhe tivesse ocorrido alguma ideia nova que lhe desfizesse todas as suas dúvidas. — Sim, Niétotchka, isto assim não está bem; devemos voltar para junto da tua mãe. A pobrezinha, ali, deve ter muito frio! Vai tu, Niétotchka; vai lá que a luz ficou acesa! Não tenhas medo; manda vir alguém para junto dela e depois vem

então outra vez ter comigo. Vai sozinha que eu espero aqui por ti… Eu não saio daqui.

Obedeci-lhe; mas ia já sobre o passeio, quando, de repente, tive um pressentimento… Olho à minha volta… e eis que… vejo que ele sai correndo, que passa para o outro lado e continua depois correndo. Tinha-me abandonado a mim também! Acabava de me abandonar naquele momento! Pus-me a gritar com todas as minhas forças e corri no seu encalço, transida de medo. Eu corria, desabalada, mas ele cada vez estugava mais o passo… e continuou correndo, cada vez mais veloz, até que finalmente o perdi de vista. Apenas pude apanhar o seu chapéu, que lhe tinha caído durante a correria. Levantei-o do chão e continuei correndo. Faltava-me a respiração e fraquejavam-me as pernas. Tinha a impressão de que me estava acontecendo qualquer coisa de espantoso; parecia-me que aquilo tudo era um pesadelo e às vezes até sentia o mesmo que nos sonhos, quando sonhava que alguém corria atrás de mim e que eu fugia; mas os meus pés começavam a negar-se a me obedecer e os perseguidores já me alcançavam… e, de repente, eu própria me precipitava num abismo. O coração estalava-me de dor; sofria tanto, o meu coração chamava-o aos gritos e queria saltar quando pensava que o meu pai ia assim correndo sem capa, sem chapéu fugindo precipitadamente de mim, de mim, da sua filha querida… Eu não desejava mais nada senão poder alcançá-lo, estreitá-lo uma vez mais com muita força nos meus braços, dar-lhe muitos beijos e dizer-lhe que não tivesse tanto medo de mim, para afirmar-lhe o meu carinho, para tranquilizá-lo, dizer-lhe que não continuaria a segui-lo se ele não quisesse que eu o seguisse, e que voltaria para a minha mãe. Vi como ele se esgueirou pela embocadura de uma rua. Quando cheguei também à esquina e ia a seguir por aquela rua, tornei a vê-lo, mas já muito longe, sempre correndo… Então as forças fugiram-me e rompi a chorar e a gritar. Lembro-me de que, enquanto ia assim correndo, deparei com dois homens que tinham ficado parados no meio da rua e que olhavam para nós os dois, assombrados!

— Papai! Papai! — exclamei pela última vez. Mas de repente resvalei pelo passeio e fui cair precisamente diante do portão de uma casa. Sentia o sangue a escorrer-me pelo rosto. Um momento depois perdia os sentidos.

.....

Despertei sobre uma cama fofa e quente e vi à minha volta rostos afetuosos e amáveis que pareciam alegrar-se com o meu despertar. Vi uma velhinha com a armação dos óculos encavalitada sobre o nariz; um senhor importante que me olhava, muito condoído, e uma senhora de maravilhosa formosura, e finalmente um outro senhor já velho e de cabelos brancos, que me segurava a mão pelo pulso, enquanto olhava para o relógio. Eu despertava para uma nova vida. Um daqueles homens com quem me tinha encontrado quando corria atrás do meu pai era o príncipe H*** e eu tinha caído precisamente diante do portão da sua casa. Logo que, depois de muitas diligências, veio a saber quem eu era, o príncipe que tinha enviado a meu pai aquele bilhete para o concerto e que agora estava muito preocupado com o estranho acontecimento, decidiu recolher-me em sua casa e educar-me juntamente com os seus filhos. As investigações feitas acerca do meu pai permitiram averiguar que o tinham apanhado em certo lugar, já fora da cidade, no qual, num ataque de loucura furiosa, se tinha defendido com tenacidade. Internaram-no depois no pavilhão de loucos de um hospital, no qual veio a morrer passados dois dias.

Morreu dessa maneira porque tal morte tinha que ser a consequência natural da sua vida. Era fatal que tinha de morrer assim, quando tudo aquilo que até então o tinha sustido acabava de cair por terra, de uma vez para sempre, desvanecendo-se como um fantasma, como um sonho, como uma criação incorpórea e vã da sua imaginação. Morreu quando viu desfazer-se a sua última ilusão, ao ver tombar diante dos seus olhos, de um só golpe, toda a obra da sua fantasia, e ao adquirir de repente a clara intuição da inanidade de tudo quanto até ali o tinha iludido e lhe servira de fim último na vida. Deslumbrou-o a verdade com a sua luz insuportável e o que era somente erro apareceu-lhe então como mentira. Naquela noite pôde apreciar a arte de um verdadeiro gênio, que o tocou diretamente na alma e que ao mesmo tempo o condenou para todo o sempre. Com a última vibração das cordas do violino do grande S…z, todo o mistério da arte e do gênio lhe foi revelado, o gênio eternamente jovem, poderoso e autêntico, ofuscou-o com a sua verdade. Tal como se tudo aquilo que durante toda a sua vida o atormentara com secretos e

impenetráveis suplícios, tudo quanto até ali, apenas como um espectro, o assustara, torturando-o nos seus sonhos de um modo vago e quase insensível; aquilo que só de quando em quando aflorava à sua consciência, de onde ele o afugentava com terror e diante do que se entrincheirava, defendendo-se por detrás da mentira de toda a sua vida e de tudo quanto os seus pressentimentos lhe anunciavam, mas que ele até então se tinha obstinado em não ver… tal como se tudo isso se lhe tivesse mostrado de repente brilhante e transparente, manifestando-se claramente diante dos seus olhos, que, até ali, tão teimosamente tinham recusado reconhecer a luz como luz e as trevas como trevas. Mas os seus olhos não puderam suportar o fulgor da verdade; pela primeira vez eles viam, agora bem claro, o que tinha sido, o que era e o que o aguardava, tudo isso o deslumbrou e lhe abrasou o pensamento. Apareceu-lhe com a rapidez do relâmpago e, como um raio, o incendiou. Acontecera pois aquilo que toda a sua vida receara e esperara, cheio de sofrimento e de terror. A espada do verdugo, que toda a sua vida tinha estado suspensa por sobre a sua cabeça, e que, com uma tortura indizível, parecia esperar que caísse sobre ele… tinha caído agora, finalmente! E o golpe tinha sido mortal! Ainda tentara escapar à sua sentença; mas já não encontrou refúgio, pois as suas últimas ilusões e os seus argumentos derradeiros tinham-se desvanecido. Aquela que durante anos tinha sido um fardo para ele, que, segundo ele julgava, não o deixava viver e, depois, de cuja morte ele, com uma fé cega, esperava renascer, como que por milagre, ressuscitar, por assim dizer… Essa, estava já debaixo da terra. Agora estava ele completamente só; nenhum peso carregava já sobre os seus ombros, nada o prendia. Agora, finalmente, era livre! Desejou então, tomado de um desespero convulsivo, submeter-se à sua própria apreciação; desejou julgar-se a si mesmo como árbitro imparcial, com severidade e com justiça implacáveis… Mas o seu arco, sem força, foi incapaz de dar forma à sua íntima vontade musical… E no momento em que se viu obrigado a reconhecê-lo, a loucura apoderou-se dele, a loucura que o rondava havia já dez anos.

# Capítulo IV

A minha convalescença fazia progressos lentos; mas ainda depois de ter abandonado a cama, durante muito tempo tive os sentidos como que paralisados e não conseguia atinar com o que me havia sucedido. Tinha momentos nos quais me parecia, e só Deus sabe como eu desejava que assim fosse, que tudo isso não fora mais do que um sonho. À noite, quando adormecia, tinha a impressão de que, quando acordasse, de repente, iria ver de novo a nossa miserável trapeira e iria ali encontrar os meus pais… Porém, pouco a pouco acabei por compreender melhor a minha nova situação e perceber que me achava agora completamente só no mundo e que vivia entre estranhos. Foi então que, pela primeira vez, senti que era uma órfã.

Cheia de curiosidade, comecei a fixar-me em todas as coisas novas que me rodeavam. A princípio parecia-me tudo tão estranho e fabuloso, e eu ficava tão perturbada, tanto que as novas caras e o novo gênero de vida, os aposentos daquela velha mansão principesca, que ainda hoje tenho tão perfeitamente gravados na retina… de tetos altos, magníficos, mas também sinistros e obscuros — ainda hoje, não sei por quê, me inspira um medo enorme a ideia de ter de atravessar um grande salão. Ainda não estava completamente restabelecida da minha doença e, por isso, as minhas impressões eram ainda tão melancólicas, como aliás não podiam deixar de ser, se tivermos em conta o meu estado de espírito e a solene escuridão daquele palácio. Acrescente-se a isto que no meu coração de mocinha iam crescendo cada vez mais uma grande tristeza e uma grande nostalgia, cuja causa para mim própria era desconhecida. Às vezes ficava durante muito tempo profundamente admirada diante de um quadro, de um espelho ou de uma chaminé de artístico lavor, ou de uma estátua que parecia mesmo ter-se escondido no seu nicho profundo para, dali, me poder observar melhor ou pregar-me algum susto… Ficava parada e depois acabava por já não saber explicar a mim própria por que estava eu ali, o que é que eu desejava, em que pensava e, por fim, quando despertava da minha contemplação tomava-me sempre uma certa angústia e perturbação e o coração começava a bater-me com muita

força.

De todas as pessoas que, tirando o velho médico, tive oportunidade de ver de quando em quando, durante a minha doença, foi um senhor já de idade que mais me impressionou. Estava sempre sério; mas ao mesmo tempo era tão bondoso e olhava-me às vezes com tão profunda e sincera compaixão! Não tardou que o seu rosto se tornasse para mim o mais simpático de todos. De boa vontade lhe teria dirigido a palavra, mas não sabia como havia de começar; parecia sempre cansado, falava pouco, geralmente apenas dizia duas ou três palavras e o sorriso nunca aparecia nos seus lábios. Era o príncipe H***, aquele que tinha me recolhido na rua e levado para sua casa. Quando eu estava já em vias de restabelecimento, as suas visitas tornaram-se mais raras. E quando pela última vez, segundo disse, me veio ver, trouxe-me bolos e um livro com estampas, beijou-me, abençoou-me e pediu-me que não estivesse triste. E enquanto assim me animava, deu-me a notícia de que não faltava já muito para que eu tivesse uma amiguinha com quem poderia distrair-me, uma menina da minha idade, a sua filha Kátia que naquela altura se encontrava em Moscou. A seguir falou com uma francesa, já de idade, a preceptora de seus filhos e com a aia que me assistia; apontou para mim e retirou-se. Depois desse dia só voltei a vê-lo passadas três semanas.

O príncipe tinha em sua casa uma vida muito solitária. A metade mais espaçosa do palácio era ocupada pela princesa, que frequentemente passava semanas e semanas sem ver o marido uma única vez. Com o tempo reparei que os criados e, em geral, todos quantos viviam naquela casa raramente falavam do príncipe, como se ele não vivesse no palávio. Todos o estimavam e lhe tinham até amizade; no entanto pareciam considerá-lo um bicho raro. E creio que ele o sabia, que dava a impressão de ser um tanto diferente dos outros mortais e, por isso, procurava fazer com que o vissem o menos possível…

Mais adiante hei de voltar a insistir sobre este pormenor e direi muitas outras coisas acerca do príncipe.

Uma manhã vestiram-me roupa nova; puseram-me um vestido de lã preta com um galão branco, em sinal de luto… um vestido que eu

contemplei com triste admiração; pentearam-me com muito esmero e depois levaram-me dali, daquele quarto de cima, aos aposentos da princesa, situados no andar de baixo. Fiquei verdadeiramente assombrada quando ali entrei; jamais tinha visto tal magnificência, um luxo tão grande como aquele que me rodeava. Mas esta impressão durou apenas um momento, pois logo a seguir empalideci ao ouvir a voz da princesa que me mandava aproximar. Já quando estavam a vestir-me eu tinha tido o pressentimento de que algo de doloroso estava para me acontecer, se bem que nem eu própria pudesse explicar por que me viera esse pressentimento. Em geral era sempre com um estranho receio que eu me aproximava das pessoas que compunham o mundo da minha nova vida, e esse receio estendia-se sem exceção a tudo quanto de novo me ia acontecendo.

A princesa mostrou-se muito afetuosa para comigo e beijou-me. Então eu, já menos coibida, comecei a mirá-la. Era a mesma linda senhora que tinha visto à cabeceira da minha cama, no dia em que fui recolhida, no momento em que recuperava os sentidos. Beijei-lhe a mão; mas eu estava tão nervosa que não pude responder nem a uma só das suas perguntas… Não tinha ainda serenidade para tanto. Ela me fez sentar a seu lado, sobre um banco baixinho. Julgo que já de antemão o tinham ali posto para mim. Segundo todas as aparências, o que a princesa desejava era cativar-me, conseguir que eu me afeiçoasse a ela e fazer para mim as vezes de mãe. Eu, pelo contrário, não podia compreender que gozasse já da sua estima e com a minha conduta, também não ganhei nada na sua opinião. Ordenou que me dessem um lindo álbum de estampas e convidou-me a admirá-las. Ela escrevia uma carta; mas de vez em quando interrompia a sua ocupação para fazer-me várias perguntas às quais eu não sabia responder acertadamente… pois estava perturbada, balbuciante, esquecia-me a meio das frases e depois já não sabia recomeçar. Numa palavra: apesar de ter vivido até ali uma vida verdadeiramente extraordinária, na qual o principal papel tinha ficado a cargo do Destino, ao unir, pode dizer-se que misticamente, as vidas dos meus pais, e se bem que no meu passado houvesse muito de interessante e de inexplicável, e até de fantástico, parecia eu que, naquele instante… ficava verdadeiramente cômica no meio de toda aquela melodramática situação em que me encontrava: como uma mocinha qualquer, tímida

ou intimidada, e até mesmo um pouco bobinha. Principalmente isto desagradou muito à princesa, e creio que não tardou a fartar-se da minha presença, do que tive toda a culpa.

Aí pelas três horas chegaram os primeiros convidados — era o dia de recepção da princesa — e de novo se pôs muito afetuosa e amável para comigo. Às perguntas que as visitas faziam, ela respondia por mim: “Oh, sim, é um caso muito interessante!”. E depois contava-lhes toda a minha história em francês. Enquanto ela falava, todos olhavam para mim, moviam a cabeça e lançavam exclamações de dó. Um rapaz novo assestou sobre mim as suas lunetas e contemplou-me à sua vontade; um senhor de idade, muito perfumado, quis por força beijar-me, e enquanto tudo isto se passava, eu estava ali sentadinha no meu tamborete, tão depressa pálida como afogueada, de olhos baixos, sem ousar mexer-me e com todo o corpo tremendo. O meu coração palpitava surdamente e parecia querer saltar-me do peito. Eu me abismava na recordação da minha vida anterior, da nossa mísera água-furtada; pensava no meu pai, nos nossos compridos e silenciosos serões; na minha mãe; e quando pensei nela os olhos encheram-se imediatamente de lágrimas e formou-se um nó na garganta. Aí, com que vontade teria ido dali em busca da solidão!

Logo que a última visita saiu, o rosto da princesa tornou de novo a ficar muito sério. Não me olhava já com o mesmo afeto de há pouco; falava-me secamente, fixando em mim os seus penetrantes olhos negros, que de vez em quando me miravam durante quase um quarto de hora, enquanto os seus lábios finos, franzidos, me infundiam um incógnito temor.

À noite levaram-me outra vez para o meu quarto, lá em cima. Enquanto dormia, tive febre; despertei à meia-noite, apoquentada por pesadelos; chorei e senti-me muito infeliz. Mas no dia seguinte começou de novo o mesmo jogo; quero dizer que fui levada outra vez à presença da princesa. Até que por fim esta se aborreceu de contar a minha história às visitas e estas de fazer espaventos de compaixão e de dó. Afinal de contas eu era uma menina como as outras, sem nada de candura, como sei que a princesa, falando de mim, acabou por dizer a uma senhora de idade que lhe tinha perguntado se não estava já cansada de prestar-me atenção. Nessa noite levaram-me mais uma vez

para o meu quarto e não tornei a ver a princesa. Eu tinha desempenhado o papel que me competia.

Mas era-me permitido percorrer toda a casa e estar onde me apetecesse. Realmente, eu não podia estar quieta; atormentava-me uma inquietação profunda, doentia, que talvez derivasse da nostalgia do meu perdido lar e de um anseio indeterminado. Ficava muito contente sempre que podia escapar-me e ir dar voltas e mais voltas pelas grandes salas do andar de baixo. Ainda hoje me lembro da vontade que sentia de ir falar com os criados; mas tinha medo que me respondessem mal; por isso preferia calar-me e ficar sozinha. O meu divertimento favorito consistia em esconder-me em qualquer canto onde pudesse mais facilmente passar despercebida… atrás de alguma cadeira ou de outro móvel que pudesse esconder-me toda, e aí afundar-me então de novo nas minhas evocações, pôr-me a pensar e a repensar em tudo quanto me tinha sucedido. Mas, coisa estranha! Os últimos dias em que vivi ainda com os meus pais, aqueles terríveis dias derradeiros da nossa existência em comum, tinha-os eu esquecido, ou pelo menos, por então, não davam sinal de vida dentro de mim. Claro que ainda sabia tudo… recordava aquela noite, o violino e o meu pai; sabia como lhe tinha arranjado o dinheiro; mas não podia compreender nem explicar nada de tudo isso… Agora oprimia-me ainda mais o coração a recordação daqueles momentos em que o meu pai me fizera pôr de joelhos diante da minha mãe já morta… Quando me lembrava disto estremecia toda com um arrepio. Tremia e vinham-me ímpetos de gritar. A respiração tornava-se difícil por causa da opressão que sentia no peito, e o coração batia-me tão fortemente que, finalmente, assustada, apressava-me a deixar o meu canto e a subir de novo pela escada, a correr.

Tomara eu que me deixassem assim, sempre sozinha! Mas não se pense que isso era muito fácil. Eu era constantemente alvo de uma dolorosa e conscienciosa atenção, pois o príncipe tinha ordenado que me deixassem em completa liberdade, mas que, ao mesmo tempo, não me perdessem de vista nem um só momento. E muito me chocava que de quando em quando se apresentasse no meu quarto alguma das criadas ou das diferentes pessoas que viviam naquela casa, e depois se retirasse sem dizer uma palavra. Aquela vigilância assombrava-me e,

em parte, provocava-me uma angústia. Não compreendia por que seria aquilo. Por isso acabei por concluir que me vigiavam com alguma intenção e só Deus sabia o que iriam depois fazer de mim. Por esse motivo pensei — ainda me lembro disto — em examinar toda a casa com o fim de ver se descobria um esconderijo onde, em caso de necessidade, pudesse refugiar-me.

Aconteceu assim que um dia me desorientei e, de maneira completamente imprevista, vim a dar comigo na escada do palácio. Era toda de mármore branco, com os degraus cobertos de tapetes e enfeitada com vasos e flores. Em cada patamar estavam dois homenzarrões sentados, com trajes sarapintados de várias cores, com luvas e gravatas de brancura deslumbrante. Contemplei-os com o maior espanto, e apesar de ter pensado tanto nisso, não cheguei a compreender por que é que eles estavam ali sentados, por que não diziam nada e se limitavam a olhar um para o outro.

Com o tempo acabei por encontrar maior prazer nas minhas correrias solitárias por aquele palácio principesco. Mas havia ainda outra coisa que me fazia constantemente desejar abandonar os aposentos do andar de cima. É que ali vivia uma idosa tia do príncipe, uma solteirona que raramente saía do palácio e também raramente deixava os seus aposentos. Aquela velha era a pessoa mais importante do palácio e eu tinha muito medo dela. Nas relações com ela, guardavam todos uma etiqueta soleníssima, e até a orgulhosa princesa tinha de ir visitá-la pessoalmente duas vezes por semana e em dias fixados. Geralmente ia de tarde, e entre ambas entabulava-se então um diálogo seco, entrecortado de frequentes e graves silêncios, durante os quais a velha mastigava uma oração e passava por entre os dedos as contas do rosário. Estas visitas duravam o que a tia considerava conveniente, até que se levantava e dava na princesa um beijo leve, fazendo-lhe assim compreender que por esse dia a visita estava terminada. De começo, a princesa visitava a anciã todos os dias; mas depois, por indicação desta, tinha-se introduzido esta inovação que representava um alívio, pois a princesa nos outros cinco dias da semana já não tinha de apresentar-se ali pessoalmente, limitando-se a mandar todos os dias de manhã um criado a informar-se da saúde da sua parenta.

A idosa senhora levava uma autêntica vida de monja. De fato, aos trinta e cinco anos tinha entrado para um convento, onde permanecera dezessete, mas sem chegar nunca a tomar o véu. Transcorrido esse tempo deixou o claustro e veio para Moscou viver com uma irmã, a condessa viúva de L***, cuja saúde piorava cada vez mais, e reconciliar-se também com uma irmã mais velha, igualmente solteira, a princesa de H***, com a qual estivera de relações cortadas durante uns vinte anos. Dizia-se contudo que as três irmãs se davam muito mal, que tinham estado inúmeras vezes a ponto de se separarem, o que não faziam, porque no fundo não podiam passar umas sem as outras, pois eram esses mesmos desgostos que lhes distraíam o aborrecimento e afugentavam assim as tristes horas da velhice. Porém, apesar dessa vida tão pouco atraente e da solene tranquilidade que reinava no seu palácio de Moscou, toda a boa sociedade moscovita se considerava obrigada a visitar as três velhas. Viam nelas as guardiãs de todas as tradições aristocráticas e de todas as leis do antigo bom-tom. A condessa devia ter sido uma grande dama pois, pelo menos ainda depois da sua morte, as pessoas conservavam dela uma boa recordação. Todos os petersburgueses que iam a Moscou não deixavam de fazer-lhe a sua visita. Aqueles que fossem recebidos na sua casa achavam logo bom acolhimento em todas as outras. Por morte da condessa as irmãs solteiras separaram-se; a mais velha ficou em Moscou e ali recebeu a parte que lhe correspondia na herança da falecida, que não tinha filhos, e a mais nova, a ex-monja, veio para Petersburgo viver com seu sobrinho, o príncipe H***. Os dois filhos deste, Kátia e Alieksandr, tiveram de ficar uma temporada em Moscou com a tia, depois da morte da condessa, para lhe servirem de distração e consolo na sua solidão.

A princesa, que amava os filhos com loucura, não se opôs a isso e teve de renunciar a eles por todo o tempo que durou o luto. Esqueci-me de dizer todos naquela casa guardavam ainda luto quando eu ali entrei, se bem que esse período estivesse quase a chegar ao fim.

A velha solteirona vestia-se sempre de negro e as suas roupas eram de lã vulgar. Usava ainda uma gorjeira branca, pregueada e engomada, o que lhe dava o aspecto de uma freira. Nunca largava o rosário e assistia regularmente na igreja, e com toda a solenidade, aos

ofícios matutinos; jejuava quase todos os dias; recebia a visita de altos dignitários eclesiásticos e de outras personalidades respeitáveis, e lia livros de votos. Em resumo: tinha uma vida verdadeiramente monástica. Por isso reinava sempre nos aposentos do andar superior um silêncio quase inquietante; nem sequer rangia uma porta; a velha tinha um ouvido tão apurado como uma menina de quinze anos, e se ouvia qualquer coisa chamava imediatamente para inquirir do motivo do menor ruído. Por isso ali todos falavam em voz baixa e andavam nas pontas dos pés, e até a pobre francesa, que também já era uma senhora de idade, teve de renunciar ao seu calçado favorito… aos sapatos de salto alto, pois os saltos estavam proibidos.

Estava eu já há duas semanas no palácio, quando um dia a solteirona perguntou por mim, informou-se sobre a minha pessoa perguntando quem eu era, o que fazia, por que estava ali e outros pormenores. A sua curiosidade foi imediatamente satisfeita com o maior zelo. Apresentou-se logo um segundo emissário nos aposentos da francesa para perguntar-lhe qual o motivo por que a princesa ainda não me tinha apresentado. E por causa disto armou-se um grande alvoroço: lavaram-me a cabeça e as mãos e pentearam-me; ensinaram-me as vênias que tinha de fazer, a maneira como devia beijar-lhe a mão, o modo afetuoso como devia olhar para ela e o entusiasmo com que devia exprimir-me… Em suma: quebrou-se de repente a rotina da minha vida. Depois foi preciso enviar também um emissário à princesa, para perguntar-lhe se desejava ver a orfãzinha. A resposta, primeiro foi negativa; porém, ao fim de uma hora, mandou a informação de que no dia seguinte, depois da oração da manhã, podiam levar-me aos seus aposentos. Eu não consegui dormir nessa noite e depois disseram-me que até tinha delirado em voz alta, dizendo e repetindo que ia vê-la e pedindo-lhe perdão. Finalmente fui conduzida à sua presença. Encontrei-me diante de uma senhora miudinha, fraca, sentada numa cadeira de braços de espaldar monumental. Inclinou levemente a cabeça e assestou a luneta para melhor me observar. Lembro-me muito bem de que não me achou nada simpática. Notou que eu estava muito mal-educada, que não sabia beijar a mão nem dobrar o joelho. Fez-me perguntas às quais eu não soube responder e, depois, quando me perguntou pelos meus pais, rompi a chorar, o que foi extremamente desagradável para a senhora,

se bem que apesar de tudo procurasse consolar-me e me tivesse dito que devia ter confiança em Deus. Depois perguntou quanto tempo havia já que eu não ia à igreja e, como eu não percebesse o que ela queria dizer — pois, então, eu não fazia ainda a menor ideia destas coisas — mostrou o seu descontentamento pela minha má educação. Mandou chamar a princesa e tomou com ela uma grave deliberação: que no próximo domingo me levariam sem falta à igreja. Até esse dia ela iria pedindo a Deus por mim. Depois disto ordenou que me levassem da sua presença, pois lhe tinha deixado uma péssima impressão. O que não era nada de extraordinário, nem poderia mesmo ter sido de outra maneira. Mas o seu aborrecimento não foi apenas momentâneo. Nesse mesmo dia declarou que eu era uma criança travessa, que se ouvia por toda a casa o barulho que eu fazia, se bem que tivesse estado todo o tempo sentadinha na minha cadeira. Claro que tudo isso eram apenas fantasias da velha. Mas, por infelicidade, aquela observação foi confirmada no dia seguinte, pois por acaso deixei cair uma xícara que ficou em pedaços no chão. Isso aborreceu a francesa e toda a criadagem, e imediatamente me conduziram para o quarto mais afastado, fazendo um grande espanto com gestos dos braços e da cabeça.

Não me lembro como veio a terminar esse incidente. Mas o que é certo é que havia ainda essa razão para que eu preferisse deambular pelos aposentos do andar de baixo, onde sabia muito bem que não aborrecia ninguém.

Um dia eu estava sentada numa daquelas salas, completamente só, com o rosto entre as mãos, a cabeça baixa e imóvel. Não sei há quanto tempo estaria eu nessa posição. Pensava, pensava em vão, pois a minha inteligência ainda mal formada não era suficiente para subjugar a minha melancolia e cada vez sentia maior opressão dentro de mim e era maior o meu desgosto. Eis senão quando, de súbito, ouço uma voz discreta que me dizia:

— Mas o que tu tens, minha pobrezinha?

Levantei os olhos: era o príncipe. O seu rosto bondoso deixava transparecer uma profunda compaixão, um sincero dó. Eu o olhei com tal expressão de desventura e de tristeza que se lhe umedeceram os

seus grandes olhos azuis.

— Pobre orfãzinha! — disse ele em voz baixa, acariciando-me os cabelos.

— Não! Órfã, não! Não! — exclamei, balbuciando e lançando um gemido, pois dentro de mim tudo se revoltou, foi como se eu quisesse assim, com esse grito, escapar-me de algo invisível que ameaçava aprisionar-me. Levantei-me da cadeira, peguei-lhe na mão e beijei-lhe, de tal maneira que as minhas lágrimas a salpicaram, e repeti com voz implorativa: — Não! Órfã, não! Não!

— Minha filha! O que tu tens, minha pequena? De que precisas, Niétotchka?

— Onde está a minha mãe? E a minha mãe? — exclamei, desatando a chorar, incapaz de dominar por mais tempo o meu desgosto… e caí de joelhos diante do príncipe, quase desfalecida. — Onde está a minha mãe? Diga-me, senhor, onde está a minha mãe?

— Desculpa, minha filha… Fiz-te recordá-la… Meu Deus! O que eu fiz? Vem cá, vem para perto de mim, Niétotchka, vem cá!

Pegou-me na mão e levou-me dali. Estava visivelmente comovido. Levou-me a uma sala onde eu nunca tinha estado.

Era o oratório do palácio. Lá fora escurecia. À luz da lâmpada cintilavam as auréolas douradas e as joias das imagens. No meio de todo aquele brilho e daquele ouro, as caras dos santos pareciam escuras e opacas. Ali nada fazia lembrar as outras dependências do palácio; era tão diferente de tudo quanto eu tinha visto antes, tão misterioso e imponente, que eu estava perturbada e silenciosa e o medo tinha-se apoderado da minha alma. Nem era necessário tanto para que os meus nervos ficassem numa excitação verdadeiramente doentia.

O príncipe fez-me ajoelhar diante de uma imagem da Virgem, e ele ficou de pé, ao meu lado.

— Reza, minha filha, reza! Ou antes, rezemos juntos, os dois! —

disse com uma voz branda e vacilante.

Mas eu não podia rezar; estava inquieta e assustada demais… Vinham-me aos lábios as palavras do meu pai, naquela última noite, junto do cadáver da minha mãe, e deu-me então um novo ataque de nervos. Tive de voltar outra vez para a cama e nesse segundo período da minha doença estive a dois passos da morte.

Uma manhã chegou aos meus ouvidos um nome desconhecido: S…z. Foi uma das aias quem pronunciou este nome junto da minha cama. Estremeci; as recordações assaltaram-me e nem sei quantas horas estive pensando, sonhando e atormentando-me com os delírios da febre. Devia ser já muito tarde quando despertei; o quarto estava às escuras. A lamparina da noite já se tinha apagado e a aia que estivera me velando já se tinha retirado. De repente comecei a ouvir uma música ao longe. De vez em quando as notas sumiam-se, para logo daí a pouco voltarem a ouvir-se, cada vez mais claras e distintas, como se se aproximassem de mim. Não sei que sentimento se apoderou da minha alma, nem que intenção surgiu então na minha cabeça febricitante. Levantei-me, saltei da cama — não sei como tive forças para isso — vesti à pressa o meu vestidinho de luto e, tateando, deixei o quarto. Nem na segunda nem na terceira sala encontrei ninguém. Até que finalmente cheguei ao corredor. Ali, a música ouvia-se melhor. Ao centro do corredor ficava a escada; era por aqui que eu me escapava sempre para os grandes salões do andar de baixo. A escada estava esplendidamente iluminada; lá em baixo ouviam-se passos. Escondi-me num canto para que não me vissem e desci pelo grande corredor. A música ressoava no salão contíguo; era dali que vinha também um rumor de vozes, como se estivessem ali reunidas mil pessoas. A enorme porta que conduzia do corredor ao salão estava coberta por reposteiros duplos de veludo púrpura. Levantei o primeiro reposteiro que caía sobre o corredor e coloquei-me entre os outros. O coração batia-me tão forte que mal me podia ter de pé. Mas ao fim de dois minutos tinha já dominado a minha agitação, a ponto de atrever-me a levantar um pouco a ponta do outro reposteiro, que caía sobre a parte de dentro do salão… Meu Deus! Aquele salão tão grande e tão sombrio, que eu quase não me atrevia a visitar de dia, brilhava agora com o fulgor de mil círios. Era um mar de luz que avançava sobre

mim, de tal maneira que os meus olhos, habituados à obscuridade, ficaram a princípio dolorosamente deslumbrados. Uma onda de perfume soprou-me sobre o rosto, como uma brisa cálida e fragrante. Agitava-se ali um sem-número de pessoas, todas com um ar de alegria, de contentamento e felicidade. As senhoras ostentavam penteados lindos e resplandecentes, e por todos os lados eu via brilhar olhos radiantes de prazer. Quedei-me enfeitiçada. Mas parecia-me que já antes, não sabia onde, em algum lugar, eu tinha visto aquilo tudo… como num sonho… À minha memória voltou então a lembrança das horas do entardecer, na nossa trapeira, com a sua alta janela sobre a rua lá em baixo, com os seus revérberos refulgentes, e as janelas da casa fronteira com as suas cortinas vermelhas, os seus coches diante do portão, o relinchar e o escarvar dos magníficos cavalos, as vozes e o ir e vir de gente pela rua, as sombras das pessoas por detrás das janelas, recortando-se sobre o fundo vermelho das cortinas sedosas e, como pano de fundo disto tudo, uma música vaga e longínqua… "Então era este o Paraíso" — pensei. — "O Paraíso para onde eu queria fugir com o meu pobre pai!…" Então isso não era um sonho? Sim, já nos meus sonhos eu tinha visto tudo quanto agora contemplava… A minha fantasia voava com as asas bem abertas, com um ardor talvez duplicado pela minha doença… e lágrimas de felicidade escorregavam-me pelas faces. Com a vista procurei o meu pai entre a multidão: "Deve estar aqui, com certeza", pensava, e o coração palpitava-me com tal intensidade e tamanha angústia que me faltava o ar… A música parou mas logo imediatamente se armou uma grande celeuma e uma espécie de murmúrio percorreu todo o salão. Curiosa e inquieta, contemplava todos os rostos que dali conseguia ver e esforçava-me por reconhecê-los. De súbito, uma nova onda de agitação percorreu todo o salão. Distingui então sobre um estrado um ancião alto e magro. O seu pálido rosto sorria; inclinou-se com certa gravidade e saudou para um e outro lado. Tinha na mão um violino. Seguiu-se um profundo silêncio, como se todos tivessem contido a respiração; todos olhavam para o ancião e pareciam esperar alguma coisa. O velho pegou no violino, levantou o braço e feriu as cordas com o arco. A música começou e para mim foi como se me apertassem o coração. Com uma sensação de indizível angústia e contendo a respiração, escutava aquelas vibrações; nos meus ouvidos soava algo de conhecido, como se já o tivesse ouvido alguma vez, e tive então o

pressentimento, a expectativa de algo terrível, de algo tremendo que iria acontecer dentro do meu coração. Soava agora mais agudo o violino e as notas sucediam-se, mais rápidas e gráceis. De repente, ouviu-se um gemido humano, uma coisa que parecia um soluço lastimoso, uma inútil súplica de alguém, mas os assistentes permaneceram silenciosos enquanto aqueles lamentos perpassavam por sobre as suas cabeças… Depois as notas tornaram a gemer para finalmente se calarem, como se tivessem sido tomadas de um desespero. Cada vez mais, com maior certeza, no meu coração se revelava qualquer coisa… Simplesmente, não queria acreditar… Cerrava os dentes para não romper em queixumes de dor e agarrava-me à cortina para não tombar no chão… Fechei os olhos e tornei a abri-los, logo em seguida, pois não podia acreditar que tudo aquilo não fosse mais do que um sonho, do qual havia de despertar num momento de horror já meu conhecido, e tornei a ver aquela noite e a ouvir aquelas mesmas notas… Abri de novo os olhos para certificar-me… e voltei a fixar o rosto de todas aquelas pessoas, uma a uma… Não; eram outras pessoas, outras caras. E no entanto parecia-me que todos esperavam o mesmo que eu, alguma coisa, e que tal como eu, também estavam atormentados pela nostalgia e sentiam impulsos de gritar de desespero, ao ouvir aquela música. Mas as trêmulas invocações e súplicas daquelas notas tornaram-se ainda mais dilacerantes, mais desesperadas e contínuas… até que de súbito ressoou um alarido terrível, louco, e então eu quase que desmaiei… Não havia dúvida, aqueles era o mesmo grito! Reconheci-o, já o tinha ouvido tal como naquela noite, quando me trespassou a alma: “O meu pai! O meu pai!” — passou-me pela imaginação, como um relâmpago. — “O meu pai está aqui, é ele, chama-me, é o seu violino!” Um gemido saiu daquela multidão e uma vozearia atroadora ressoou pelo salão. Então um choro ruidoso, desesperado, brotou do meu peito. Não pude suportar mais, corri a cortina e precipitei-me no salão.

— Paizinho! Paizinho! És tu? Onde estás? — gritei como uma louca.

Não consigo explicar como é que cheguei junto dele; deixaram-me avançar, abriram-me o caminho e, com um grito doloroso, lancei-me nos seus braços… Julgava abraçar o meu pai… De súbito senti que

umas mãos grandes e fracas pegavam em mim e me levantavam ao ar, que uns olhos negros me miravam e pareciam abrasar-me com o seu fogo. Fiquei num espanto: “Não! Este não é o meu pai! Este é o seu assassino!”, pensei. Depois caí numa terrível excitação, num desespero louco… e de repente percebi que acima de mim soava uma gargalhada e que essa gargalhada se repetia por todo o salão como um aplauso único, ensurdecedor… E perdi os sentidos.

## Capítulo V

Foi esse o segundo e último período da minha doença.

Quando de novo voltei a mim, vi à minha frente o rosto de uma menina mais ou menos da minha idade, e involuntariamente estendi os braços para ela. Só de olhar aquela menina da minha idade a minha alma se encheu logo de uma espécie de felicidade, como de um doce pressentimento. O seu rosto era de uma beleza ideal, de uma formosura verdadeiramente arrebatadora, radiosa… Dessa espécie de formosura que nos faz deter imediatamente, como que trespassados por uma agradável perturbação, como que assustados perante o seu feitiço, ao mesmo tempo que nos sentimos agradecidos pela sua presença, por haver-se mostrado aos nossos olhos e passado pelo nosso caminho. Era Kátia, a filha da princesa, que regressara de Moscou durante a minha doença. Sorriu ao ver o meu gesto instintivo e, diante daquele sorriso, os meus nervos enfraquecidos estremeceram num doce enlevo.

Daí a pouco a princesa chamou pelo pai, que, perto dali, falava com o médico.

— Bem, graças a Deus! Até que enfim! — exclamou o príncipe pegando-me na mão, enquanto o seu rosto deixava transparecer uma sincera alegria. — Ainda bem, ainda bem, é uma felicidade! — continuava ele a dizer com aquele seu modo de falar, rápido mas suave. — Olha, esta menina que vês aqui é Kátia, a minha filha. Agora vão ser as duas umas boas amiguinhas… e tu vais ter uma companheira para brincares. Mas tens de te pôr boa muito depressa! Mazinha, que nos deste tantos sustos!

Na verdade, a minha convalescença fez rápidos progressos. Daí a dois dias já podia levantar-me. Kátia vinha todas as manhãs à minha cama, sempre com um sorriso ou com um riso que nunca saía dos seus lábios. Eu esperava a sua vinda como quem espera a felicidade. Como gostaria de beijá-la! Mas a travessa princesinha demorava-se apenas um instante ao meu lado, pois não podia estar muito tempo quieta. A sua vida era um contínuo andar para trás e para frente, correr, saltar, rir e fazer um enorme barulho que se ouvia em toda a casa… Por isso explicou-me logo no primeiro dia que se aborrecia muito de estar ali sentada perto de mim, e que, portanto, apenas havia de vir visitar-me uma ou outra vez e isso apenas porque tinha pena de mim. De maneira que tinha de ser assim, já que deixar de vir completamente, não podia ser. Mas quando eu estivesse boa, então — prometia ela — eu havia de ver como nos divertiríamos as duas. Por isso todas as manhãs a sua primeira saudação era esta:

— Então? Já estás boa?

Mas como eu estava cada vez mais magra e mais pálida, e ao meu rosto triste o sorriso chegava sempre acompanhado de uma vacilante angústia e como que a medo, a princesa, aborrecida, franzia o sobrolho, movia a cabecinha e batia no chão com o seu pezinho impaciente:

— Mas ontem disseste que hoje tinhas de estar boa! Que vem a ser isso? Não te dão de comer?

— Sim, um bocadinho — respondi eu timidamente, pois já lhe tinha medo.

Eu desejava apenas uma coisa: ser-lhe simpática; e por isso tinha medo de desagradar-lhe com alguma palavra ou algum gesto. A sua visita encantava-me cada vez mais. Enquanto ela estava sentada junto de mim, não tirava os olhos dela, e quando ia embora parecia-me que continuava ainda a vê-la nos mesmos lugares em que ela tinha estado, de pé ou sentada. Sim, até à noite a via nos meus sonhos. E quando acordava, se não a via à cabeceira, punha-me a imaginar conversas com ela, que era sua amiga, que tagarelávamos, jogávamos e chorava com ela quando nos ralhavam ou queriam castigar-nos por alguma

diabrura. Em suma: pensava nela e via-a nos meus sonhos como se estivesse enamorada dela. Eu ansiava por ficar rapidamente boa e crescer depressa, como ela queria. Algumas vezes, quando ela, como um vendaval, entrava no meu quarto de manhã e eu voltava a escutar a sua pergunta impaciente:

— Então? Já estás boa? Mas valha-me Deus, estás mas é cada dia mais magra! — eu então me afligia como se fosse culpada. Mas também seria difícil encontrar qualquer coisa de mais sério do que o espanto de Kátia ao verificar que eu não ficava boa de um dia para o outro, o que chegou a aborrecê-la seriamente.

— Bem, então… queres que te traga hoje empadas? — disse-me ela um dia. — Come empadas e vais ver como ficas gorda!

— Então, está bem, traz-me — respondi eu muito contente por poder assim vê-la duas vezes.

Depois de me perguntar se eu já estava boa, a princesinha costumava sentar-se diante de mim e ficava depois a olhar-me, muito séria, com os seus olhos negros. E sempre que me dizia ou me perguntava qualquer coisa, olhava-me primeiro de alto a baixo, com a mais ingênua admiração. Mas a nossa conversa nunca durava muito. Eu tinha medo de Kátia, dos seus ditos repentinos, mas ao mesmo tempo morria por falar com ela.

— Por que estás tão calada? — perguntava-me Kátia quando ficávamos muito tempo a olharmo-nos sem dizer nada.

— Que é que teu pai está fazendo? — perguntava-lhe eu por ter encontrado esse recurso que me permitia sempre iniciar qualquer conversa.

— O meu pai? Nada. Está bom. Hoje bebi duas xícaras de chá e não uma só. E tu, quantas?

— Uma.

Novo silêncio.

— Hoje, o Falstaff ia-me mordendo.

— Esse Falstaff é algum cão?

— É. Ainda não o viste?

— Ainda não.

Eu não sabia o que havia de dizer mais e a princesa tornava a olhar para mim, espantada.

— Diz qualquer coisa. Não gostas de falar comigo?

— Oh, muito! Por que não vens mais vezes?

— Sim, já me disseram isso: que viesse ver-te, que isso te daria alegria. Mas procura ver se te levantas o mais depressa possível. Hoje tenho de te trazer empadinhas… Mas por que ficas sempre calada?

— Porque sou assim.

— Pensas muito?

— Penso.

— Pois a mim estão sempre a dizer-me que eu falo muito e penso pouco. Por acaso, falar será alguma coisa má?

— Não. Eu gosto muito de te ouvir.

— Bem, hei de perguntar isto a *Madame* Léotard, que sabe tudo. Mas diz-me lá: em que pensas tu?

— Penso em ti — eu lhe disse depois de um breve silêncio.

— E isso te distrai?

— Sim.

— Então gostas muito de mim?

— Muito.

— Pois eu, apesar disso, não gosto de ti. Estás tão magricela! Espera… Vou buscar empadinhas… Até já!

E a princesinha dava-me um beijo no ar e desaparecia como por encanto.

Depois de comer, na verdade, trazia-me as empadas. Entrava correndo, traquina como um diabrete, rindo e gritando de contente por trazer-me para eu comer aquilo que me tinham proibido.

— Come, come mais, come muitas! Estas são as minhas empadinhas, que eu deixei de comer por tua causa. Bem, adeus!

E desaparecia logo.

Uma vez, logo depois da refeição, entrou no meu quarto como um pé-de-vento. Tinha os cabelos negros revolvidos como se tivesse passado por eles um vendaval; os olhos rebrilhantes e as faces reluzentes e escarlates; devia ter corrido e saltado muito, depois das suas lições.

— Sabes brincar de volante? — perguntou-me ela, ansiosa, transbordando de entusiasmo e toda apressada.

— Não — eu lhe respondi muito triste por não poder dizer-lhe que sim.

— Ah! Como estás? Bem; pois então trata de ficar boa que eu depois te ensino. Vim só por causa disto. Estava a jogar com *Madame* Léotard. Adeus, estão à minha espera!

Finalmente pude deixar a cama, se bem que continuasse ainda fraca e sem forças. O meu primeiro pensamento foi nunca mais me separar de Kátia. Havia nela qualquer coisa que exercia sobre mim uma atração irresistível. Nunca me fartava de olhar para ela, com o que Kátia parecia admirar-se muito. A força que me impelia para ela era tão forte e eu me entregava tão apaixonadamente a esse impulso, que ela, naturalmente, acabou por notá-lo e a princípio isso pareceu-lhe qualquer coisa de extraordinário. Lembro-me ainda de que, certa vez, quando brincávamos as duas juntas, não pude conter-me e abracei-me a ela com a intenção de dar-lhe muitos beijos. Mas ela furtou-se ao meu abraço, segurou-me as mãos, franziu o sobrolho como se eu a tivesse ofendido e perguntou-me:

— Que é isso? Por que me beijas?

Ao ouvir aquilo, eu estremeci, consciente da minha culpa, e não disse nada. A princesa encolheu os ombros em sinal de que não percebia nada de tudo aquilo (esse encolher de ombros tornara-se já um hábito seu), e depois, muito séria, apertou fortemente os seus lábios finos, interrompeu a brincadeira e sentou-se sobre o divã, onde ficou muito tempo observando-me… enquanto, segundo parece, ia pensando sobre algo de profundo e de grave, tal como se se tratasse de resolver um problema de que subitamente se tivesse recordado. Em todos os seus casos duvidosos fazia o mesmo. Mas eu não podia acostumar-me àquelas rígidas demonstrações do seu caráter.

A princípio lançava as culpas sobre mim mesma e pensava que realmente eu devia ser uma criatura muito estranha. Mas, ainda que assim fosse, havia uma pergunta que me atormentava com uma incerteza cruel: por que não havia eu de conquistar a amizade de Kátia e de conseguir a sua simpatia, de uma vez para sempre? O meu insucesso nas nossas relações causava-me uma dor quase física e sentia vontade de chorar a cada palavra leviana de Kátia ou a cada um dos seus olhares desconfiados. Não somente o meu sofrimento aumentava de dia para dia, mas até de hora para hora, porque, com Kátia, as coisas se passavam todas muito depressa. Logo passados dois dias eu percebi que ela não podia suportar-me, sim, que até me tinha ódio. Na alma daquela mocinha tudo acontecia de modo rápido e brusco… podia-se até dizer brutal e, talvez com razão, se, por outro lado, em todas essas manifestações relampejantes de um caráter franco e ingenuamente aberto, não houvesse também uma certa graça inata e distinta. Começou o seu afastamento por lhe ter surgido uma dúvida, que depois deu lugar ao desprezo e, segundo penso, só pela razão de que eu não sabia nenhuma brincadeira. A princesa gostava de alvoroço, de correrias; era vigorosa, viva, hábil, enquanto eu era… precisamente o contrário. Ressentia-me ainda da doença, era calada e pensativa, e as brincadeiras infantis não me divertiam. Numa palavra: faltavam-me todas as qualidades que poderiam agradar a Kátia. Além disso eu não podia suportar que alguém estivesse aborrecido comigo: punha-me logo triste, perdia a vontade para tudo e já não tinha coragem para reparar o meu erro e tentar desfazer a má impressão que

causara. Em resumo: acabava por tornar-me completamente antipática. Era isto que Kátia não podia compreender. A princípio parecia sobretudo surpreendida; depois contemplava-me à sua maneira, com uma admiração silenciosa, como acontecia algumas vezes depois de se ter cansado em vão durante uma hora a querer ensinar-me, por exemplo, a jogar o arco, que eu teimava em não aprender. E quando após isso eu ficava triste e as lágrimas assomavam aos meus olhos, ela, depois de ter pensado muito sobre mim, sem poder chegar a uma conclusão decisiva, nem pelos seus pensamentos nem com a sua contemplação, optava simplesmente por virar-me as costas e pôr-se a brincar sozinha, sem ligar para mim, e, sobretudo, sem falar comigo… e isto não por esse dia unicamente, mas por vários dias seguidos. Essa conduta da princesinha feriu-me a tal ponto que eu já não podia suportar o seu desprezo. A minha nova solidão tornou-se ainda mais pesado do que na água-furtada e comecei a ficar triste e melancólica; e de novo voltaram à minha imaginação os pensamentos lúgubres.

*Madame* Léotard, que nos vigiava, acabou por reparar na mudança que se tinha dado no nosso convívio. E como o meu abatimento a tinha chocado, dirigiu-se à princesa e sem mais rodeios repreendeu-a por não querer ser minha amiga. A princesinha franziu o sobrolho, encolheu os ombros e declarou-lhe terminantemente que não podia entender-se comigo; que eu não sabia jogos nenhuns e que estava sempre meditabunda, pensando só Deus sabia em quê; por isso preferia esperar que chegasse o irmão, que não tardaria em regressar de Moscou, para brincar então com ele, pois tinha um temperamento muito mais alegre.

Mas *Madame* Léotard não ficou satisfeita com aquela resposta; censurou-a por me deixar sozinha, por não levar em conta que eu ainda estava adoentada e que, por isso, não podia mostrar-me de tão boa disposição como ela; o que afinal era até melhor, pois a sua conduta era insuportável, de tão estabanada, porque tinha quebrado isto e estragado aquilo, e ainda há dois dias até o *bull-dog*, para castigo, a quisera comer. Numa palavra: *Madame* Léotard falou-lhe claramente e para remate da sua repreensão ordenou-lhe que viesse buscar-me e procurasse fazer imediatamente as pazes comigo.

Kátia ouviu com a maior atenção, como se verdadeiramente lhe dissessem qualquer coisa de novo, e pareceu compreender que naquelas palavras havia qualquer coisa de justo e de acertado. Deixou o arco com que andava a brincar por toda a casa, aproximou-se de mim e, ao ver-me tão séria, fez-me esta pergunta na qual eu nem queria acreditar:

— Queres brincar?

— Não — respondi-lhe rapidamente, mas um tanto temerosa do rosto franzido de *Madame* Léotard.

— Então, o que é que tu queres?

— Estar aqui sentada, porque me canso de correr. Não te aborreças comigo, Kátia, porque eu gosto muito de ti.

— Está bem, então brinco eu sozinha — disse devagarinho, refletindo, e como se ela mesma se admirasse de que as coisas corressem de maneira que ela já não podia ser considerada culpada. — Bem, *adieu*. Não estou zangada contigo — e estendeu-me a sua mãozinha. — Por que não trocamos um beijo? — acrescentou, depois de ter pensado um pouco, talvez lembrando-se do incidente anterior e ao mesmo tempo para agradar-me e acabar assim mais depressa com a nossa desavença.

— Como quiseres — respondi com uma tímida esperança.

Ela aproximou-se então de mim muito séria, sem um sorriso, e me beijou. E, certa de ter cumprido o que lhe fora ordenado, e até mais, só para dar prazer a uma pobre menina, afastou-se então de mim, toda alegre e satisfeita. Não tardou que eu a ouvisse outra vez traquinando por todas as salas, enchendo-as com as suas risadas, até que por fim se cansou e, arquejante, atirou-se sobre um divã para descansar um pouco e recuperar as forças. Mas durante todo esse tempo esteve sempre a olhar para mim com receio, pois eu devia com certeza parecer-lhe um animal raro. Parecia que tinha vontade de me falar, de perguntar-me qualquer coisa sobre a minha pessoa, qualquer coisa que lhe passava pelo pensamento; mas não sei por quê, ainda dessa vez se conteve e absteve-se de perguntas.

Kátia recebia geralmente as suas lições na parte da manhã. *Madame* Léotard apenas lhe ensinava francês. A lição consistia em repetir de cor a gramática e em ler as fábulas de La Fontaine. Ensinavam-na dessa maneira porque era muito difícil conseguir que ela suportasse duas horas de lição. E para isso tinham sido precisos os pedidos do pai e as ordens da mãe. Mas agora a mocinha cumpria conscientemente a sua promessa.

Era muito viva, compreendia tudo com presteza e memorizava facilmente. No entanto tinha uma maneira singular de estudar; quando, por exemplo, não compreendia qualquer coisa, punha-se imediatamente a pensar sobre ela, a dar-lhe voltas na cabeça, preferia perder o juízo do que pedir a alguém que lhe explicasse aquilo que ela, com todos os seus cinco sentidos postos sobre a questão, não conseguia perceber… Para ela isso seria uma vergonha. Acontecia-lhe até torturar-se um dia inteiro com um problema e aborrecer-se depois consigo própria quando não podia resolvê-lo sem auxílio alheio, e só em último lugar, quando já estava esgotada de tanto pensar, é que ia procurar a preceptora e lhe pedia então que lhe explicasse aquilo que não tinha podido compreender. E procedia assim com tudo. Tinha meditado muito sobre as coisas, mas à primeira vista ninguém seria capaz de o supor. E no entanto às vezes tinha ingenuidades terríveis; em certas ocasiões fazia perguntas inacreditavelmente tolas para uma menina de sua idade, e outras vezes revelavam as suas respostas uma agudíssima sagacidade, acompanhada da inteligência mais ampla e sutil.

Quando eu, passado algum tempo, me encontrava já em condições de estudar, *Madame* Léotard um dia submeteu-me a um pequeno exame e depois de verificar que já sabia ler, mas que por outro lado escrevia muito mal, declarou que não havia tempo a perder e que era preciso que eu começasse imediatamente o estudo do francês.

É claro que nada tive a objetar e no dia seguinte à tarde sentamo-nos ambas, Kátia e eu, na secretária do gabinete de *Madame* Léotard. Infelizmente nesse dia Kátia estava tão distraída e tão lenta na compreensão que *Madame* Léotard quase nem a reconhecia. Eu, pelo contrário, aprendi logo de uma só vez o alfabeto francês, pois apenas

tinha um desejo: o de agradar à nossa professora. *Madame* Léotard censurou Kátia durante toda a tarde, e quanto a lição terminou, aborreceu-se tanto que lhe ralhou asperamente.

— Ponha os olhos aqui — disse ela apontando para mim. — É uma pequena ainda adoentada que se põe a estudar pela primeira vez e aprende numa hora dez vezes mais do que a menina. Veja se se envergonha!

— O que é que ela sabe mais do que eu? — perguntou Kátia muito admirada. — Se ela ainda agora vai no alfabeto!

— Quantas horas demorou a menina para aprendê-lo?

— Três.

— Pois ela levou apenas uma hora. De maneira que compreende as coisas três vezes mais depressa do que a menina e há de alcançá-la num instante, não lhe parece?

Kátia refletiu durante um momento e de repente corou intensamente. Era rubor, vergonha… o que de melhor nela existe, quer se tratasse de um malogro, de aborrecimento por alguma ofensa ou de qualquer coisa mal feita pela qual lhe tivessem ralhado. Dessa vez pouco faltou para que desatasse a chorar; mas ficou calada e olhou-me com um tal olhar que parecia queimar-me. Então eu adivinhei o que ela sentia… A pobre pequena era extraordinariamente orgulhosa e ambiciosa!

Quando *Madame* Léotard se retirou, procurei entabular conversa com Kátia, com o fim de afastar-lhe o aborrecimento e de lhe fazer ver que as palavras da francesa não me interessavam; mas Kátia continuou calada e fingiu que não me tinha ouvido.

Uma hora depois apresentou-se no meu quarto, onde eu estava com um livro na mão, mas sem ler, pois não fazia outra coisa senão pensar em Kátia, atormentada e assustada com a ideia de que ela nunca mais quisesse voltar a falar-me.

Ela me olhou com severidade, sentou-se como sempre em cima do

divã e ficou a observar-me durante meia hora. Eu não pude conter-me. Levantei a cabeça e olhei-a interrogativamente.

— Sabes dançar? — perguntou-me ela de repente.

— Não.

— Pois eu sei.

Silêncio.

— E tocar piano?

— Também não.

— Pois eu sei. E é muito difícil de aprender.

Eu não disse nada.

— *Madame* Léotard disse que tu és mais inteligente do que eu.

— Disse isso para te arreliar — observei.

— E o papai também o diz para me arreliar?

— Isso não sei — respondi.

Novo silêncio. Depois, a princesinha, impaciente, bateu com o pé no chão.

— Serás capaz de fazer troça de mim por eu não aprender tão depressa como tu? — exclamou, incapaz de ocultar o seu ressentimento.

— Ah, isso não, que ideia!

E, de um salto, levantei-me e corri para ela para abraçá-la.

—Não tem vergonha de pensar essas coisas e de fazer essas perguntas? — exclamou de súbito a voz de *Madame* Léotard, que já há um momento nos observava da sala contígua e tinha ouvido a nossa conversa. — Envergonhe-se, menina! Invejar esta pobre pequena e pretender deslumbrá-la, dizendo-lhe que sabe dançar e tocar piano!

Que feio que isso é, minha filha! Vou contar tudo ao príncipe.

A princesa fez-se vermelha.

— Isso não é nada bonito, isso é que não! Fez-lhe perguntas ofensivas, de propósito. Os pais dela eram pobres e não tinham dinheiro para pagar-lhe uma professora; aprendeu tudo sozinha porque é inteligente. A menina devia gostar dela e tratá-la muito bem. E em vez disso põe-se a ralhar-lhe e a dizer-lhe coisas que a magoam. Devia envergonhar-se! Envergonhar-se! Ela é uma orfãzinha! Não tem ninguém que olhe por ela neste mundo. Só lhe faltava que a menina se pusesse a humilhá-la, recordando-lhe que é uma princesa e ela não. Bem, até logo. Medite no que acabei de lhe dizer e faça o possível por emendar-se.

A princesa meditou no assunto precisamente durante dois dias. Durante esses dois dias ninguém a ouviu rir nem correr. À noite eu podia ouvir como até em sonhos ela disputava com Madame Léotard. Sim, até parecia ter emagrecido durante esses dois dias, pelo menos o seu rosto delicado estava agora mais pálido. Ao terceiro dia encontramo-nos casualmente lá em baixo, nas salas grandes. A princesa voltava de junto de sua mãe e, quando me viu, parou e sentou-se numa cadeira. Eu me quedei, em expectativa.

— Niétotchka, por que me ralharam por tua causa? — perguntou-me ela de repente.

— Oh, não foi por minha causa, Kátienhka! — apressei-me a emendar, como se quisesse desculpar-me.

— *Madame* Léotard disse que eu te ofendi…

— Não, não me ofendeste, Kátienhka.

A princesinha encolheu os ombros, sinal de que não percebia.

— Por que andas sempre a chorar? — perguntou-me depois de um breve silêncio.

— Se tu não queres, não tornarei a chorar — eu disse e as lágrimas vieram-me aos olhos.

Ela tornou a encolher os ombros.

— Antes também choravas assim?

Não lhe respondi.

— Por que vieste viver conosco? — tornou a perguntar-me de repente, depois de um curto silêncio.

Olhei-a, assombrada, e senti como que uma punhalada no coração.

— Porque fiquei órfã — eu disse finalmente, depois de refazer-me da minha perturbação.

— Antes vivias com os teus pais?

— Sim.

— Bem… e eles não gostavam de ti?

— Gostavam — respondi com dificuldade.

— Mas eram pobres?

— Sim.

— Muito pobres?

— Sim.

— E não estudaste nada enquanto viveste com eles?

— Só aprendi a ler.

— Não tinhas brinquedos?

— Não.

— Quantas divisões tinha a tua casa?

— Só uma.

— Só uma?

— Sim.

— E tinhas criados?

— Não, nenhum.

— Mas então quem é que te servia?

— Era eu mesma que ia aos recados.

As perguntas da princesa afligiam-me cada vez mais. As recordações afluíam à minha memória, a minha solidão e o espanto da princesinha… tudo isso feria e dilacerava o meu coração que sangrava. Tremia de febril excitação e o pranto ameaçava suforcar-me.

— Então deves estar muito contente por viver conosco, não?

Eu fiquei calada.

— Tinhas vestidos bonitos?

— Não.

— Feios?

— Sim.

— Eu vi as tuas roupas, já me mostraram.

— Então por que me perguntas? — eu exclamei tomada de um novo sentimento, que até aí me era desconhecido. — Por que me perguntas isso? — continuei, e o sangue subiu-me ao rosto, de indignação. — Por que fazes troça de mim?

A princesinha corou também e levantou-se; mas logo depois dominou-se.

— Não… eu não faço troça de ti — disse. — Queria apenas saber se os teus pais eram pobres.

— Mas por que me perguntas pelos meus pais? — exclamei e as lágrimas, nascidas na minha alma dolorida, correram-me pelo rosto.

— Por que me perguntas por eles? Eles te fizeram algum mal, Kátia?

Kátia estava de pé, confusa, diante da sua cadeira, sem saber o que havia de responder. Nisto, o príncipe entrou no quarto.

— O que tu tens, Niétotchka? — ele me perguntou ao reparar nas minhas lágrimas. — O que te aconteceu? Por que choras? — tornou a perguntar-me e reparou então em Kátia, que estava vermelha como uma romã. — De que estavam falando? Por que se zangaram? Niétotchka, por que tu choras?

Eu não pude responder-lhe; mas peguei na mão do príncipe e beijei-a, salpicando de lágrimas.

— Kátia, diz-me a verdade: o que aconteceu?

Kátia não sabia mentir.

— Fui eu que lhe disse que tinha visto a roupa ordinária que ela trazia quando os pais eram vivos.

— Ah, foi isso? E quem te mostrou essa roupa? Quem teve o descaramento de te mostrar?

— Ninguém. Fui eu que vi — respondeu Kátia com voz firme.

— Bem, já te conheço e sei que não és capaz de acusar ninguém. E que mais se passou?

— Então ela se pôs a chorar e disse: “Por que fazes troça dos meus pais?”.

Ela não tinha dito aquilo, mas certamente devia ter sido essa a sua intenção, assim ela própria o tinha percebido e assim eu também o tinha percebido, desde a sua primeira pergunta.

— Pois bem: vais já pedir-lhe perdão.

A princesinha empalideceu, não disse nada nem se mexeu.

— Vamos — insistiu o príncipe.

— Não quero — disse Kátia por fim, em voz baixa, mas com expressão resoluta.

— Kátia!

— Não; não peço e não peço! — gritou ela com olhos chamejantes e batendo no chão com os pezinhos. — Não quero, papai; não quero pedir-lhe perdão! Eu não a quero, não quero viver com ela. Eu não tenho culpa de que ela esteja sempre chorando. Não peço e não peço!

— Vem cá — disse o príncipe pegando-lhe na mão para conduzi-la ao seu quarto. — Niétotchka, vai lá para cima — acrescentou, dirigindo-se a mim.

Eu tentei retê-lo, interceder por Kátia; mas o príncipe repetiu a sua ordem em tom severo, e eu fui para as dependências do andar de cima, assustada e cheia de medo. Quando entrei no meu quarto, deixei-me cair sobre o divã e meti a cabeça entre as mãos. Pus-me a contar os minutos. Esperava a chegada de Kátia com impaciência febril; estava disposta a lançar-me a seus pés. Por fim a princesinha apareceu; passou junto de mim sem me dizer uma palavra e foi sentar-se no canto mais afastado. Tinha os olhos avermelhados e as faces inchadas de chorar. Ao ver aquilo toda a minha firmeza me abandonou. Fiquei a olhá-la aflitivamente, paralisada pela angústia.

Lançava toda a culpa sobre mim mesma; esforçava-me por demonstrar a mim própria que era eu a única culpada. Mil vezes senti vontade de me aproximar de Kátia, e outras tantas me faltou coragem para fazê-lo, pois ignorava como é que ela me acolheria.

Decorreram dois dias nesta situação. Na tarde do segundo dia, Kátia recuperou a sua boa disposição, pediu até o seu arco, se bem que não tardasse em abandoná-lo e ir sentar-se num canto sozinha e mal-humorada. Porém, antes de deitar-se, dirigiu-se de repente para mim, deu mesmo dois passos para aproximar-se; os lábios tremiam-lhe como se fosse para falar; mas depois deteve-se, deu meia volta e retirou-se. Depois desse dia, outro se passou, até que, finalmente, *Madame* Léotard, muito admirada, submeteu a princesinha a um interrogatório perguntando-lhe se ela estava doente ou o que se tinha passado entre nós para que estivesse tão murcha. Kátia respondeu-lhe evasivamente

qualquer coisa que eu não pude ouvir bem; mas quando *Madame* Léotard se retirou, fez-se muito corada e rompeu a chorar. Saiu do quarto correndo, para que eu não pudesse ver as suas lágrimas. Mas alguma vez aquilo havia de ter fim e veio a tê-lo no terceiro dia do nosso amuo. Depois do almoço, Kátia veio ao meu quarto e aproximou-se de mim com timidez:

— O papai mandou-me pedir-te perdão — disse. — Perdoas-me?

Eu lhe peguei rapidamente nas mãos e, ansiosa, exclamei:

— Perdoo! Perdoo!

— O papai mandou-me dar-te um beijo. E tu também me dás um?

A minha resposta foi cobrir-lhe as mãos de beijos. Quando ela levantou os olhos para me olhar, pude ver uma expressão invulgar no seu rosto. Tremiam-lhe os lábios e o queixo e havia lágrimas nos seus olhos; mas ela dominou rapidamente a sua comoção e até sorriu levemente.

— Vou dizer ao papai que já te dei um beijo e te pedi perdão — disse ela em voz baixa, como se falasse consigo mesma. — Já há três dias que não o vejo. Disse-me que não lhe aparecesse enquanto não tivesse feito o que ele me mandou — acrescentou, depois de refletir um momento.

E, num passo vacilante e de rosto pensativo, encaminhou-se para junto do pai, como se não estivesse muito segura do seu bom acolhimento.

Uma hora depois eu já ouvia outra vez nas salas do andar de cima o rebuliço de costume, os risos e as correrias de Kátia e os latidos de Falstaff, um barulho como de qualquer coisa que caísse e se fizesse em pedaços, de livros que tombassem de uma mesa, e o arco rodando; numa palavra: Kátia tinha-se reconciliado com o pai. O meu coração pulsava de alegria.

No entanto não veio ver-me e percebia claramente que ela evitava falar comigo. Mas, apesar de tudo, eu tinha o privilégio de excitar a

sua curiosidade. Agora, cada vez com mais frequência, se sentava na minha frente para me perscrutar à vontade. E as suas observações eram cada vez mais ingênuas. Aquela menina animada e voluntariosa, de que todos naquela casa tratavam com mil cuidados, como se fosse uma joia de alto preço, não podia compreender como é que eu já por mais de uma vez e contra a sua vontade me tinha atravessado no seu caminho. Felizmente tinha um coraçãozinho bom e generoso, que por si só, sem outro guia senão o instinto, acabava sempre por achar o que era justo. Quem tinha maior ascendência sobre ela era o pai, a quem idolatrava. A mãe gostava dela até à loucura, mas ao mesmo tempo era muito severa; dela tinha herdado Kátia o egoísmo, o orgulho e a firmeza de caráter; mas tinha também de suportar todas as suas más disposições, que às vezes degeneravam em tirania moral. Simplesmente… suportava-as. A princesa tinha umas ideias muito especiais sobre a educação e por isso a educação de Kátia era uma amálgama de mimo ilimitado e de severidade implacável. O que um dia lhe permitiam, proibiam-no depois de repente e muitas vezes sem fundamento. De maneira que a todos os momentos contradiziam o sentimento da justiça no espírito da pequena… Mas sobre isto falarei mais adiante. Por agora quero apenas fazer notar que ela regulava a sua conduta pela de seus pais. Para com o pai conduzia-se tal como era na realidade; entregava-se a ele sem restrições, com toda a sinceridade; nada ficava no seu caráter de oculto ou de reservado. Com a mãe, em compensação, procedia de um modo completamente oposto; reservada, receosa e obediente sem reclamar. Mas esta obediência não era sincera; acatava as ordens da mãe sem convicção, como se obedecesse, por assim dizer, a uma convenção. Mais adiante hei de insistir sobre este ponto e procurar explicá-lo com mais clareza. No entanto direi desde já, em honra da minha Kátia, que ela acabou finalmente por compreender a mãe e, depois, quando lhe obedecia, fazia-o já com conhecimento absoluto do ilimitado amor maternal que a princesa lhe tinha e que era suscetível de aumentar até chegar aos extremos de uma exaltação doentia… mas que a princesa lhe oferecia com prudente generosidade. Por infelicidade, isto, mais tarde, de nada havia de servir à sua arrebatada cabecinha!

Mas ainda não disse o que se passava então comigo.

Um sentimento novo, para mim inexplicável, me excitava de uma maneira desacostumada, e não exagero se disser que sofria sob o influxo deste novo sentimento, como debaixo de um autêntico sofrimento. Em suma… seja-me permitida a expressão: é que eu estava enamorada da minha Kátia. Sim, aquilo era amor, amor com lágrimas e arroubos, amor apaixonado. O que é que nela me atraía? De onde vinha aquele amor? Começou com o primeiro olhar que fixei em Kátia, quando todo o meu ser se sentiu de súbito docemente ferido perante a sua beleza. Nela tudo era belo; nenhuma das suas más qualidades fazia verdadeiramente parte da sua natureza inata… sim, eram todas postiças e todas andavam sempre em guerra com o seu instinto. Tudo nela dava a entender a sua boa disposição natural, que somente de quando em quando podia tomar uma forma falsa; mas nela, a começar por essa luta interior, tudo se manifestava numa alegre confiança, tudo prometia beleza no futuro. Todos se alegravam quando a viam, todos gostavam dela e todos a animavam. Quando nos levavam a passear — geralmente aí pelas três horas da tarde — quantas pessoas daquelas com quem nos cruzávamos na rua a olhavam e ficavam embasbacadas, e não eram poucas as vezes em que ouvíamos atrás de nós uma exclamação de admiração. Tinha nascido para ser feliz, devia ter nascido para isso, era essa a impressão que dava a todos que a viam. É possível que a minha sensibilidade estética tivesse despertado então do seu profundo sono quando a vi pela primeira vez, e que, ao olhá-la, a sua formosura me tivesse revelado o sentimento do gelo; provavelmente seria esta a causa do meu amor.

O maior defeito da princesinha ou, para melhor dizer, o traço fundamental do seu caráter, que tinha tendência para imprimir-se fortemente na sua maneira de ser, era o orgulho. Esse orgulho estendia-se até pormenores insignificantes, frequentemente tocava as raias do amor-próprio e degenerava numa soberbia inconsciente; de maneira que, por exemplo, quando a contrariavam, fosse da maneira que fosse, nem de longe ficava aborrecida, pois começava logo por ficar simplesmente surpreendida. Não compreendia que as coisas pudessem ser de maneira diferente da que ela queria. No entanto, apesar disso tudo o sentimento da justiça acabava por triunfar sempre no seu coração. Mas quando se convencia de que realmente tinha procedido mal, submetia-se sem custo e com firme resolução à

vontade dos seus educadores. O fato de que, no seu convívio comigo, nem sempre fosse absolutamente fiel a si própria, explica-se a meu ver por essa invencível tendência que de vez em quando alterava a retidão e a unidade de todo o seu caráter. Não podia ser de outra maneira; era demasiado apaixonada nos seus sentimentos e, por isso, eram sempre os choques com a realidade que pouco a pouco lhe iam abrindo os olhos e dirigindo-a pelo bom caminho. Tudo quanto começava e fazia chegava sempre a uma feliz conclusão, simplesmente, às vezes, essa conclusão comprava-a ela ao preço de contínuos desvios e de erros constantes.

Em breve Kátia me deu por suficientemente observada e daí por diante resolveu-se a deixar-me em paz. Começou a proceder em tudo como se eu não existisse. Não trocava comigo nenhuma palavra supérflua, nem sequer as necessárias. Eu não tomava parte nas suas brincadeiras, e isto não porque me tivesse afastado com violência, mas arranjou as coisas habilmente de maneira que parecesse que era eu quem não queria brincar com ela. Continuávamos a ter aulas juntas; e quando me apontavam como modelo em que ela devia inspirar-se, pela minha atenção e compreensão mais rápida, nem sequer me dava a honra de sentir-se ferida no seu amor próprio por esses elogios, apesar de o ter tão fundamente arraigado que até o nosso *bull-dog*, "Sir John Falstaff", era capaz de ofendê-la. Esse tal Falstaff era um canzarrão frio e fleumático, mas mau como um tigre e, quando o irritavam, chegava até o extremo de não obedecer aos seus donos. Além disso tinha ainda esta peculiaridade: não gostava de pessoa nenhuma daquela casa; mas o seu maior inimigo era sem dúvida alguma a princesa velha, a tia do príncipe… Mas deixemos isto mais para diante. À vaidosa Kátia meteu-se um dia na cabeça que havia de vencer o seu amigo Falstaff. Não podia suportar que existisse alguém, nem sequer um animal, que não acatasse a sua autoridade, que não se submetesse a ela, sim, que não gostasse dela. Por isso resolveu-se a atacar o cão. Queria dominá-lo. Porque havia Falstaff de gozar daquele privilégio? Mas o inflexível *bull-dog* não estava disposto a prestar-lhe vassalagem.

Foi depois do almoço; estávamos as duas sentadas no grande salão, enquanto Falstaff, estendido sobre o soalho, a meio da casa,

gozava a sua sesta. De repente a princesinha lembrou-se de que ele precisava de uma boa ensinadela. Deixou as suas brincadeiras e começou a aproximar-se de Falstaff com muito cuidado, nas pontas dos pés, dirigindo-lhe as mais ternas palavras e fazendo-lhe rapapés. Mas o cão já de longe lhe mostrava a terrível dentuça. A princesinha deteve-se. O seu desejo era apenas o de aproximar-se de Falstaff e acariciá-lo — atrevimento que ele jamais tinha consentido a alguém, exceto à princesa mãe — e de obrigá-lo a segui-la. Era uma empresa difícil, que acarretava um perigo sério, pois Falstaff não vacilaria em morder-lhe uma mão ou até em mordê-la toda. Era forte como um urso, e eu, do meu lugar, seguia inquieta e angustiada todos os gestos de Kátia. Sabia como era difícil fazê-la renunciar a um capricho que se tivesse metido na sua cabeça, e que os mordiscos com que Falstaff começava já a ameaçá-la não poderiam constituir argumento suficiente para dissuadi-la. Apenas compreendeu que não devia aproximar-se do cão diretamente e, depois de uma breve hesitação, mudou de tática, envolvendo-o em círculos cada vez mais apertados. Mas quando a terceira volta se aproximava já de sua meta, da qual, Falstaff não estava disposto a deixá-la passar, contendo-a ali como à máxima distância que lhe pemitia, o cão voltou a mostrar-lhe as presas. A princesinha, aborrecida, bateu os pés no chão, voltou-lhe as costas e acabou por ir sentar-se no sofá para refletir.

Ao fim de alguns minutos tinha descoberto outro ardil: saiu do salão e voltou com um fornecimento completo de pastéis de massa folhada, de tortas e de empadas; em suma: mudou de armas. Mas também estas não impressionaram o cão, talvez porque já estivesse farto. Nem sequer se dignou olhar para os pastéis que ela lhe atirava; e como a princesinha se aproximasse de novo do limite proibido, o cão tornou a protestar, desta vez de maneira mais enérgica, pois levantou a cabeça, mostrou os dentes, rosnou e fez um movimento como se fosse para dar um salto. A princesinha pôs-se vermelha de cólera, deixou as guloseimas e voltou para o seu lugar.

Estava muito excitada. Não fazia senão bater continuamente com os pezinhos sobre o tapete, as faces brilhavam-lhe de coradas e aos seus olhos assomavam lágrimas de despeito. Então, por acaso, de repente o seu olhar encontrou-se com o meu… e o sangue subiu-lhe ao

rosto. Levantou-se de um salto e num passo resoluto dirigiu-se para o terrível *bull-dog*.

Talvez que Falstaff, nesse momento, tivesse ficado paralisado pela surpresa. Deixou que o inimigo transpusesse a fronteira e só quando ele estava à distância de dois passos, é que acolheu a temerária com uma rosnadela. Eu morria de medo. Mas ela estava tão resoluta como eu nunca a tinha visto; os olhos cintilavam na certeza do triunfo. Nessa ocasião teria podido servir de modelo para um artista. Impávida, resistiu ao olhar ameaçador do feroz animal e também não conseguiu intimidá-la a sua dentuça, não menos inquietante. O *bull-dog* levantou a cabeça. O seu peito largo exalou um bufido ameaçador e parecia que ia dilacerá-la naquele instante. Mas a princesinha, sobranceira, colocou a sua mãozinha sobre o lombo do animal e acariciou-o por três vezes. Falstaff permaneceu quieto e indeciso por um instante. Era aquele o momento mais terrível; em seguida o animal levantou-se pesadamente, espreguiçou-se e abandonou o salão com lentidão fleumática, pensando provavelmente que não valia a pena brigar com crianças. A princesinha, vitoriosa, foi-se pôr mesmo sobre o lugar conquistado, e lançou-me então um olhar radioso, todo cheio da embriaguez do seu triunfo. Eu estava branca como a cal. Ela reparou nisto e desatou a rir. Mas de repente também pela carinha dela se espalhou uma palidez mortal. Mal tive tempo de chegar junto do sofá, sobre o qual ela se deixou cair meio desfalecida.

O amor que eu sentia por ela não tinha limites. Desde esse dia em que por sua causa sofri tamanha aflição, só com muito custo pude dominar-me. Consumia-me de tristeza, sentia mil vezes o impulso de me atirar contra o seu peito; mas uma timidez inexplicável me mantinha imóvel e enfeitiçada no meu lugar. Recordo no entanto que procurava deliberadamente fugir de me encontrar com ela, para que não notasse a minha perturbação; mas quando ela por acaso entrava no meu quarto, onde eu me refugiava, depois eu sentia tremores e o coração batia-me tão forte que parecia apoderar-se de mim uma vertigem. Creio que nada disto passou despercebido a Kátia, e que ao notá-lo, segundo me pareceu, durante dois dias seguidos andou muito perturbada. Mas não tardou a acostumar-se a isto. Assim decorreu um mês, durante o qual fui eu a única a sofrer. Os meus sentimentos, se é

que assim me posso exprimir, possuem uma certa e inexplicável extensibilidade; a minha natureza é extremamente paciente, de maneira que só em último caso pode produzir-se uma verdadeira explosão dos meus sentimentos. Convém dizer que Kátia e eu, durante todo esse tempo, mal tínhamos trocado meia dúzia de palavras. Mas pouco a pouco, por certos indícios, acabei por compreender que a conduta que ela adotara para comigo não deveria atribuí-la nem à indiferença, nem à inimizade, e que era apenas um afastamento premeditado da sua parte, tal como se tivesse prometido a si mesma manter-se sempre a uma certa distância. Mas eu já nem de noite dormia e, durante o dia, até mesmo diante de *Madame* Léotard não conseguia ocultar a minha perturbação. O meu amor por Kátia estava se tornando estranho, e ia até o ponto de me apoderar secretamente do seu lenço e, de outra vez, da fita de sua cabeça, para, à noite, enchê-los de lágrimas e de beijos. A princípio a sua indiferença custava-me tanto que me sentia verdadeiramente ofendida; mas depois tudo se alterou em mim e eu nem sequer dei conta dos meus sentimentos. Aconteceu assim que todas as minhas antigas impressões pouco a pouco foram substituídas pelas novas, e que a recordação da minha triste vida anterior foi perdendo com o tempo a sua intensidade doentia, pois forçoso era que cedesse perante a nova realidade.

Mas lembro-me ainda de quantas vezes eu despertava durante a noite, me levantava devagarinho e, em pontas de pés, deslizava até a cama da princesinha. E ali ficava horas e horas contemplando a adormecida à luz tênue da lamparina noturna. Muitas vezes chegava mesmo a sentar-me na sua cama, inclinava-me sobre o seu rosto e aspirava a sua cálida e regular respiração, como se fosse uma brisa suave e embaladora. Devagarinho, tremendo de receio, costumava depor beijos sobre as suas mãozinhas, os seus ombros, as suas faces, e até sobre os seus pezinhos, quando acontecia ficarem descobertos por se ter desprendido o cobertor. Em breve me pareceu notar — eu a observava continuamente, se bem que às furtadelas — que de dia para dia se ia tornando mais ajuizada, e que o seu caráter perdia a sua firmeza anterior; acontecia que se passavam dias inteiros sem que ninguém a ouvisse traquinar; mas logo a seguir fazia um barulho tão grande como nunca se tinha ouvido. Tornou-se irritável e presunçosa; mudava frequentemente de cor e, comigo, deixava-se levar a extremos

de exagerada crueldade; tão depressa se negava a comer ao mesmo tempo que eu e a sentar-se junto de mim, como se eu lhe inspirasse uma invencível antipatia, como ia para os aposentos da mãe e ali passava o dia quase todo, apesar de saber do desejo que eu tinha de vê-la ao meu lado; ou então vinha e sentava-se na minha frente e ficava a contemplar-me muito tempo, de tal maneira que eu, tomada de uma perturbação mortal, não sabia o que havia de fazer, punha-me de mil cores e nem sequer me atrevia a sair do quarto. Por duas vezes Kátia se queixou de febre, embora até então nunca tivesse estado doente. Depois, de repente, uma manhã deu-se nela uma mudança invulgar e significativa; obedecendo às ordens imperiosas da princesa, foi para os aposentos da mãe, que por um pouco ia desmaiando de susto ao ouvi-la queixar-se de que estava resfriada. Devo fazer notar que a princesa estava muito descontente comigo, e que atribuía todas as mudanças que se davam em Kátia à minha influência perniciosa ou, para empregar as suas próprias palavras, à influência do meu severo caráter. Já há muito que tinha vontade de nos separar; mas considerou mais prudente adiar a separação, pois calculava que para isso teria de enfrentar a tenaz oposição do príncipe. Este, se bem que desejasse fazer-lhe todas as vontades, empenhava-se algumas vezes por fazer valer a sua com uma teimosia egoísta. E a princesa conhecia bem o marido.

Aquela mudança da princesa provocou em mim tal impressão que passei uma semana num estado de espírito lastimoso. Sofria por causa do amor que lhe tinha e quebrava a cabeça em busca do motivo pelo qual eu pudesse inspirar-lhe semelhante aversão.

A tristeza dilacerava-me a alma e o sentimento da injustiça e um amargo ressentimento começavam a apoderar-se do meu coração ferido. Surgiu então também em mim o orgulho e, quando me juntava a Kátia para sair a passeio, olhava-a de um modo tão indiferente, tão séria e de maneira tão diversa da anterior, que era visível a impressão que isso lhe fazia. É claro que esta minha mudança apenas se manifestava uma vez por outra, em acessos inesperados, mas então o meu coração voltava a sofrer; e esta dor ia crescendo cada vez mais, e dia a dia eu ia ficando mais fraca e tristonha. As coisas estavam neste pé, quando, uma manhã, com grande e alegre espanto da minha parte,

a princesinha tornou a visitar as dependências lá de cima. A primeira coisa que fez foi atirar-se, sorridente, para os braços de *Madame* Léotard, e declarar-lhe, sempre a sorrir, que tinha decidido vir viver outra vez conosco; depois, cumprimentou-me com uma inclinação de cabeça; mas em seguida desviou os olhos e pediu licença para não ter aula naquele dia. Toda a tarde ficou brincando por ali. Eu nunca a tinha visto tão animada e satisfeita. Mas, ao escurecer, pôs-se taciturna, pensativa e de novo uma sombra de tristeza voltou a obscurecer o seu rosto encantador. Quando a mãe apareceu à noite nos nossos aposentos para perguntar como estava a filha, pude ver como Kátia procurava com todas as suas forças mostrar-se alegre e risonha. Mas depois, quando ficamos sozinhas, começou a chorar. Eu estava transtornada. Quando a princesinha reparou que eu a observava, saiu da sala. Tudo isso indicava que uma nova crise a ameaçava. A princesa chamou o médico; ordenou que *Madame* Léotard a informasse diariamente de tudo o que se ia passando e disse-lhe que prestasse toda a atenção à vigilância de Kátia. Mas só eu adivinhava o verdadeiro motivo daquela transformação. O meu coração começou a palpitar de esperança.

Na verdade o nosso pequeno romance aproximava-se do fim. No terceiro dia, depois que tinha voltado a viver conosco, reparei que toda a tarde me esteve mirando com uns olhos muito risonhos, demorando-se sobre mim muito tempo… Por duas ou três vezes se encontrou o nosso olhar e de cada uma delas nos fizemos muito vermelhas e baixamos os olhos envergonhados. Até que a princesinha começou a rir e saiu do quarto. Às três horas vieram buscar-nos para o passeio de costume. E logo Kátia se chegou para mim.

— Tens os cordões dos sapatos desamarrados — disse-me ela. — Deixa ver que eu amarro.

Quis baixar-me para atá-las eu própria e fiz-me muito corada ao ver que finalmente Kátia me dirigia a palavra; mas ela insistiu:

— Deixa que eu amarro! — exclamou com risonha impaciência, deitando-se aos meus pés e tornando a fazer-me o laço do sapato.

Eu contive a respiração; não sabia o que havia de fazer e, no meio

da minha perturbação, sentia um doce bem estar. Quando acabou de me atar os cordões, endireitou-se e olhou-me desde os pés até a cabeça.

— Também tens o lenço mal posto — disse, palpando-o com as mãos. — Vou apertá-lo bem.

Não fiz oposição. Ela desatou o laço do meu lenço e tornou a colocar a seu gosto.

— É que podias apanhar uma bronquite — disse-me com um sorriso trocista, e os seus olhos negros e úmidos dirigiram-me um olhar travesso.

Eu estava completamente fora de mim; não sabia o que se passava comigo nem o que se passava com Kátia. Felizmente que o nosso passeio não foi muito longo, pois de outra maneira não teria podido conter-me e a teria coberto de beijos em plena rua. Mas quando subíamos as escadas do palácio aproveitei a oportunidade para lhe dar às escondidas um beijo sobre um ombro. Ela deu por isso, estremeceu, mas não disse nada. Nessa noite, vestiram-na com os requintes dos dias de festa e levaram-na às dependências do andar de baixo. A princesa dava recepção. Mas nessa noite produziu-se naquela casa um enorme alvoroço.

Kátia teve um ataque de nervos. A princesa estava transtornada de espanto. O médico chegou e não soube o que havia de fazer. Atribuíram a causa à doença anterior de Kátia e à sua idade; mas eu pensava uma coisa muito diferente sobre o caso. No dia seguinte de manhã Kátia apareceu como de costume, rosada, contente, transbordante de saúde; mas tão inquieta e caprichosa que nem parecia a mesma.

Em primeiro lugar, durante toda a manhã não quis obedecer à *Madame* Léotard. Depois, declarou que desejava ir visitar a tia-avó. E, efetivamente, dessa vez a princesa permitiu-lhe que fizesse essa visita, que por sinal ia contra os hábitos da solteirona, que não podia tolerar a sua pequena sobrinha. Tinha sempre algum defeito para apontar e geralmente não queria vê-la; mas, desta vez, sabe-se lá por que razão, concordou em recebê-la. A princípio tudo correu bem; durante uma

hora reinou ali uma paz perfeita, pois tinha ocorrido à espertalhona da princesinha pedir perdão à velha de todas as suas diabruras, de todas as algazarras e rebuliços que armava. E a avozinha, profundamente comovida, acedeu e perdoou-lhe. Mas isto era ainda pouco para a pequena. E lembrou-se também de confessar à anciã todas as diabruras que ainda não tinha cometido e que não passavam de simples projetos. Adotou a atitude de uma penitente arrependida e confessou as suas imaginárias culpas à velha devota, que, a princípio, estava encantada de ouvi-la, pois aquela vitória sobre Kátia lisonjeava o seu amor-próprio, tanto mais que a garota era o ídolo de todo o palácio, a preferida de todos, e perante os seus caprichos até a própria princesa era impotente.

Entre outras coisas confessou-lhe Kátia que tinha tido a intenção de pregar um cartão de visita no seu vestido, de esconder Falstaff debaixo de sua cama, de quebrar-lhe as lunetas, de tirar dali todos os livros piedosos e pôr em seu lugar os romances franceses que a mãe costumava ler; de espalhar buscapés pelo seu quarto, de meter-lhe uma barata num bolso, etc., etc., passando sempre no seu relato de um pecado a outro cada vez maior. A tia-avó pôs-se lívida e hirta, e depois amarela de raiva… até que por fim Kátia, sem poder conter-se mais, pôs-se a rir loucamente e saiu do quarto como um pé-de-vento. A velha mandou imediatamente chamar a princesa e contou-lhe tudo, carregando as cores, é claro; esta pediu-lhe que perdoasse a travessura de Kátia e não a obrigasse a castigá-la pois que ela andava adoentada. Mas a velha negou-se a escutar as suas súplicas e declarou que no dia seguinte sairia de casa, ameaça que não retirou senão quando a princesa lhe deu a sua palavra de honra de marcar o castigo para quando Kátia estivesse restabelecida e que, então, havia de proceder com todo o rigor que ela desejava.

Kátia ouviu imediatamente uma severa reprimenda e teve de ficar lá em baixo, nos aposentos da mãe. Mas a espertalhona não esteve ali muito tempo.

Quando eu desci, daí a pouco, fui encontrá-la já na escada. Tinha aberto a porta e chamado Falstaff. Compreendi logo que projetava uma vingança terrível. E vão já ver do que se tratava.

Entre todos os inimigos que a princesa tinha no palácio, o maior era Falstaff. Este não era carinhoso com ninguém nem gostava de pessoa nenhuma; era arrogante, orgulhoso até a insolência. Como disse, não gostava de ninguém; exigia o devido respeito de todas as pessoas, o qual todos lhe mostravam mantendo-se à maior distância possível dele, pois ao respeito misturava-se também uma boa dose de receio. Mas um dia encontrou-se com a princesa velha e, como por encanto, mudou de maneira de ser… E então fizeram-lhe uma grande injustiça: proibiram-lhe formalmente o acesso às dependências de cima.

No primeiro momento Falstaff não cabia em si de indignação por aquela ofensa e deixou-se ficar durante uma semana inteira arranhando a porta que no extremo da escada lhe impedia a passagem. Não tardou porém a compreender quem e por que motivo tinham dado aquela ordem contra ele e, quando no domingo seguinte a princesa saía do quarto para ir à igreja, Falstaff atirou-se contra ela lançando um uivo furioso. Foi somente pelo acaso de naquela ocasião se encontrarem ali alguns criados, que a princesa ficou a dever o fato de ter escapado à terrível vingança do animal ressentido. Falstaff foi corrido de maneira ignominiosa e a partir daquele dia adotaram o costume de o fecharem no quarto mais afastado sempre que a princesa saía dos seus aposentos. Deram-se instruções severas a todos os criados. Mas apesar disso o rancoroso animal encontrou meio de transpor por duas ou três vezes a zona proibida. Assim que chegava ao alto da escada atravessava como um relâmpago todas as salas em direção ao quarto da princesa velha. Nessas ocasiões nem os criados podiam detê-lo. Felizmente a princesa tinha a porta do quarto sempre fechada e Falstaff tinha de limitar-se a ficar ali algum tempo uivando de maneira horrorosa até que os criados chegavam e o afugentavam. Mas a velha que, enquanto ouvia aqueles uivos se punha a gritar como se o cão a estivesse a comer viva, acabava sempre por ficar doente por causa do susto e da angústia que sofria. Já por várias vezes tinha enviado o seu ultimato à princesa, a propósito das incursões de Falstaff, e de uma delas chegou até o extremo — provavelmente num instante de irreflexão — de dizer que, ou saía o cão daquela casa ou saía ela; mas a princesa não se resolveu a separar-se de Falstaff.

A princesa não constumava criar grande amizade por ninguém; mas Falstaff, depois dos filhos, açambarcava todo o seu afeto. Havia já uns seis anos que o príncipe tinha voltado certo dia da caça trazendo consigo um cachorrinho, um animalzinho sujo e doente, com um aspecto verdadeiramente lastimável, mas que nem por isso deixava de ser um *bull-dog* de raça pura. O príncipe tinha-lhe salvo a vida. É certo que o cão conduzia-se da maneira mais desabrida e, por isso, a pedido da princesa, foi relegado para o pátio dos fundos da casa, onde o prenderam com uma corrente. O príncipe nada teve que objetar. Mas dois anos depois, quando a família passava a primavera numa casa de campo que possuía nas margens do Nievá, aconteceu que o pequeno Alieksandr, o irmão mais novo de Kátia, a que chamavam Sacha, caiu ao rio. A princesa viu o desastre, começou a gritar e preparava-se para atirar-se à água, do que só com muito trabalho a impediram. De contrário, teria morrido afogada. Mas a correnteza arrastava consigo a criança, cujas roupas eram já a única coisa que se via flutuando à superfície da água. A toda pressa tentaram lançar uma lancha; mas ainda assim teria sido um verdadeiro milagre salvar o pequenino. Eis senão quando o nosso grande *bull-dog*, dando uns saltos enormes, avança até à margem do rio e se atira à água, começa a nadar vigorosamente em direção ao pequeno que se afogava, prende-o nos dentes fortes e volta triunfantemente para a margem. A princesa jogou-se aos pés, abraçou-se ao cão sujo e molhado e começou a beijá-lo loucamente. Mas Falstaff[4] que, diga-se de passagem por aquele tempo ainda atendia pelo prosaico e até plebeu nome de Friks, era inimigo declarado de toda a ternura e correspondeu aos afagos da princesa, mordendo-a num ombro, no lugar que mais facilmente a sua fúria pôde atingir. A princesa conservou até o fim da vida a cicatriz da mordedura; mas a sua gratidão para com o animal que lhe tinha salvo o filho não conhecia limites. Por isso Falstaff foi conduzido às dependências da principesca família, foi lavado, cuidado, e até lhe puseram uma coleira de prata lavrada. Daí em diante Falstaff acostumou-se a penetrar no toucador da princesa, onde se deitava sobre uma magnífica pele de urso, e tantos progressos fez com ele a amizade da senhora que ela chegou a poder acariciá-lo sem que ele a mordesse. Quando a princesa soube que o seu favorito se chamava Friks, ficou aborrecida com essa evidente falta de gosto, e imediatamente todos tiveram de quebrar a cabeça para ajudá-la a

encontrar um nome mais apropriado, se possível fosse clássico, verdadeiramente castiço. Em Heitor[5] e Cérbero[6] nem pensar, pois eram muito frequentes; tinha de ser um nome bem invulgar, como aquele que afinal vieram a pôr no favorito da princesa. Depois de muito pensar, o príncipe acabou por encontrar um que convinha à desmedida voracidade daquele cão: Falstaff. Todos o acolheram com entusiasmo e ficou eleito esse. Falstaff portou-se dali em diante muito melhor. Como inglês de puro sangue, era naturalmente taciturno e sisudo; não atacava ninguém de repente, mas exigia que respeitassem o seu tapete da pele de urso e o tratassem com o devido respeito. No entanto, de quando em quando, Falstaff sentia uma espécie de *spleen* e recordava-se com amargura de que a sua irreconciliável inimiga, a que tinha querido arrebatar-lhe os seus direitos soberanos, continuava impune. Então esgueirava-se secretamente até o alto da escada e, como encontrava sempre fechada a porta do patamar, postava-se ali perto, escondendo-se o melhor possível em algum canto onde fosse menos provável de ser descoberto, e ali ficava esperando fleumaticamente que algum criado se esquecesse de fechar a porta. Às vezes, na sua obsessão de vingança, ficava ali inutilmente à espera três dias seguidos, no seu esconderijo, pois toda a criadagem tinha ordens severas para que a porta nunca ficasse aberta. Assim, teve que refrear o seu desejo de vingança durante dois meses, que era o tempo que tinha decorrido desde a última vez que havia subido ao patamar.

— Falstaff! Falstaff! — exclamou a princesa abrindo a porta no alto da escada e atraindo o *bull-dog* com uma voz muito carinhosa.

Nesse instante o cão já tinha pressentido que a porta da escada estava aberta e dispunha-se portanto a atravessar o seu Rubicão[7]. Mas o convite que a princesa lhe fazia parecia-lhe tão incompreensível que a princípio nem queria dar crédito aos seus ouvidos. Era esperto como um gato e, fingindo não ter reparado na oportunidade que lhe oferecia o fato de a porta estar aberta, foi até a janela, colocou as patas dianteiras sobre o parapeito e pôs-se a olhar o prédio vizinho… Numa palavra: conduziu-se como a mais inocente criatura deste mundo, como um transeunte indiferente que se detém um momento a admirar a arquitetura de um belo edifício. Mas o seu coração pulsava já numa doce esperança. Que grandes não teriam sido o seu espanto e a sua

alegria, como não teria ele ficado transtornado ao ver aberta de par em par aquela porta e, ao ouvir que o chamavam, rogavam e incitavam a invadir a zona proibida, e que podia em seguida saciar o seu justo desejo de vingança! Começou a uivar de alvoroço, mostrou os dentes e passou diante de nós como um furacão, de tal maneira que até fazia medo vê-lo, de tão embriagado que ia pelo triunfo.

Corria com tal fúria que derrubou imediatamente um criado que, lá em cima, lhe saiu ao encontro, fazendo-o estatelar-se de costas no meio do chão e, conforme às correspondentes leis naturais, deu ele também uma volta redonda sobre si mesmo. Falstaff voava como um projétil de canhão. *Madame* Léotard rangia os dentes de espanto. Mas Falstaff alcançou imediatamente a porta fechada, levantou as patas dianteiras e começou a uivar de tal maneira que fazia arrepiar as pessoas. Como resposta ouviu-se então um grito medonho da velha princesa. Mas logo, de todos os lados, acorreu a legião dos inimigos, todos os de casa, apareciam lá em cima e a coisa veio a acabar quando Falstaff, o terrível Falstaff, atado pelas quatro patas, tornado inofensivo, com a cabeça metida num cesto e bem atado com uma sólida corda, foi reconduzido aos aposentos inferiores, tal como um guerreiro vencido que é retirado do campo da batalha.

Em seguida mandaram um recado à princesa.

Porém, dessa vez, a princesa já não estava disposta a perdoar. Mas a quem devia ela castigar? Como era natural, adivinhou logo quem era a culpada… O seu olhar pousou em Kátia… que continuava ali, pálida e consciente da sua culpa. A pobrezinha não tinha pensado nas consequências da sua travessura. Mas caíram também suspeitas sobre os criados inocentes e por isso Kátia estava quase pronta a confessar toda a verdade.

— Foste tu que fizeste isto? — perguntou a princesa com severidade.

Eu vi que Kátia se punha pálida como uma morta… e então adiantei um passo e disse com voz resoluta:

— Não, fui eu que soltei o Falstaff… Por descuido… — acrescentei, pois toda a coragem me faltou quando a princesa pôs

sobre mim o seu olhar ameaçador.

— *Madame* Léotard, é a senhora quem lhe vai dar o castigo! E quero que lhe sirva de lição! — disse a princesa e depois retirou-se.

Eu olhei para Kátia; estava como que alheia , pasma; os braços pendiam-lhe, frouxos, e o rosto, pálido, olhava para o chão.

O único castigo que empregavam na educação dos filhos do príncipe consistia em fechá-los num quarto escuro. Ficar duas horas fechada num quarto escuro… afinal, não é grande coisa. Mas quando metiam ali a criança à força, contra sua vontade, e lhe diziam que ia ficar fechada, o castigo tornava-se já mais pesado. Geralmente conservavam as crianças ali umas duas horas. A mim, atendendo à enormidade do meu delito, fecharam-me por quatro horas. Eu julguei que ia morrer de prazer ao entrar na minha prisão. Pensava em Kátia. Sabia que eu tinha triunfado. Mas em vez de me deixarem ali por quatro horas, fiquei até às quatro da manhã. E isto aconteceu devido ao seguinte:

Duas horas depois de eu ter sido fechada, *Madame* Léotard recebeu a notícia de que tinha chegado a filha, que vivia em Moscou, a qual estava doente e desejava falar com ela. Partiu imediatamente para vê-la e, como era natural, não se lembrou mais de mim. A moça que estava encarregada de nós duas, supôs que *Madame* Léotard, antes de partir, devia já ter-me libertado; não tardou também que Kátia recebesse ordem para ir ter com a mãe e ficou com ela até às onze. Quando subiu ao andar de cima ficou muito admirada por não me ver deitada. Nástia ajudou-a a deitar-se, mas a princesinha tinha as suas razões para não perguntar por mim. Deitou-se e ficou à minha espera, pois apesar de saber que eu tinha sido fechada apenas por quatro horas, supunha que a criada não tardaria a aparecer comigo de um momento para o outro. Mas Nástia tinha-se esquecido completamente de mim, tanto mais que eu costumava despir-me sempre sozinha. De tudo isso resultou que eu acabei por passar a noite na minha prisão.

Seriam quatro horas da madrugada, quando, de repente, fui acordada por um grande barulho. Eu me tinha estendido no chão e acabado por adormecer. No primeiro momento dei um grito,

assustada, mas depois ouvi a voz de Kátia que era a que se ouvia melhor, sobressaindo entre as de *Madame* Léotard, de Nástia e da porteira. Finalmente abriram a porta e *Madame* Léotard aproximou-se, beijou-me e abraçou-me e, chorando, apertou-me contra o peito, pedindo-me que lhe perdoasse por se ter esquecido de mim. Eu lancei-lhe os braços em volta do pescoço e comecei a chorar. Tiritava de frio e doía-me o corpo todo de ter dormido no chão. Procurei Kátia com a vista; mas ela havia corrido para o quarto e, quando eu lá cheguei, já estava metida na cama e dormia ou fingia dormir. Ao princípio da noite tinha esperado por mim, mas depois acabou por adormecer, contra sua vontade; mas às quatro horas acordou, de repente. E então pôs todos em alvoroço: primeiro a *Madame* Léotard, que já tinha regressado; depois a Nástia e, por fim, a todas as criadas… e com todo esse batalhão veio em seguida libertar-me.

No dia seguinte todos lá em casa ficaram a par da minha aventura. A própria princesa chegou a dizer que tinham usado comigo de excessiva severidade. E então vi também pela primeira vez o príncipe verdadeiramente pesaroso. Aí pelas dez horas da manhã veio ver-nos, aparentando visíveis sinais de comoção.

— *Madame* — disse, encarando a francesa, — pode dizer-me que método é esse que adotou? Como pode proceder dessa maneira com uma pobre criança? Esse sistema de castigar é uma barbaridade, uma autêntica barbaridade. É simplesmente digno dos citas! Fechar assim num quarto escuro, durante toda a noite, uma pobre pequena, fraca e, além do mais, tão simples e humilde, tão inofensiva… A isso chama-se fazer o possível por inutilizar as pessoas! Não sabe tudo quanto ela sofreu? Não; essa sua conduta é simplesmente desumana, é o que lhe digo, *Madame*. Como é possível empregar tal castigo? Quem é que se lembrou disso pela primeira vez?

A pobre *Madame* Léotard, lavada em lágrimas, começou a explicar ao príncipe o sucedido. Disse-lhe que a sua filha tinha chegado de Moscou e que tinha sido essa a causa de ela se ter esquecido de mim, acrescentando que o castigo, em si, era uma coisa útil e que Jean Jacques Rousseau o tinha preconizado.

— Jean Jacques Rousseau, *Madame*! Que tenho eu a ver com Jean

Jacques? Olhem que autoridade! Isto, para não dizer que Rousseau não tinha o direito de falar de educação, pois abandonou os seus próprios filhos, *Madame*; Jean Jacques Rousseau era um homem imoral, *Madame*!

— Jean Jacques Rousseau! Jean Jacques Rousseau um homem imoral? Príncipe! Príncipe! Que está dizendo?

E *Madame* Léotard pôs-se vermelha de indignação.

No fundo era uma excelente mulher e raramente se zangava; mas quando alguém começava a meter-se com os seus favoritos, a ofender, por pouco que fosse, as clássicas sombras de Corneille ou de Racine, ou a dizer algo de ofensivo para Voltaire ou para Jean Jacques Rousseau, considerando este último um homem sem moral… era o fim do mundo! Começava logo a chorar e a tremer de indignação.

— O senhor se esquece, *mon prince*! — exclamou fora de si, com uma voz insegura, devido ao seu estado de comoção.

O príncipe retomou então a sua serenidade, pediu desculpa, aproximou-se de mim e, beijando-me com ternura, abençoou-me e foi-se embora.

— *Pauvre prince!* — suspirou *Madame* Léotard, já mais calma. Depois sentamo-nos as duas à mesa para a aula.

Mas a princesinha estava muito distraída. Antes de descermos para a sala de jantar, dirigiu-se a mim, com o rosto muito afogueado; e depois ficou parada olhando-me, sorridente, tomou-me pelos ombros e, rapidamente, como se estivesse envergonhada com qualquer coisa, disse:

— Quer dizer que ontem à noite estiveste tanto tempo fechada por minha causa? Pois esta tarde, depois do jantar, hás de vir brincar comigo no salão!

Nesse momento chegou alguém e a princesinha afastou-se de mim com a rapidez do relâmpago.

Depois do jantar, à tarde, fomos ambas de mãos dadas para o

salão. A princesa estava muito excitada e respirava apressadamente. Eu, pelo contrário, estava muito contente e sentia-me mais feliz do que nunca.

— Queres jogar bola? — perguntou-me ela. — Então vem aqui!

Levou-me para um canto da sala; mas, em vez de se afastar de mim e de atirar-me a bola, de longe, estacou a três passos do local em que eu me encontrava, ficou muito corada, cobriu o rosto com as mãos e atirou-se para cima do sofá. Eu fiz menção de aproximar-me, mas ela pensou que eu queria ir embora.

— Não te vás, Niétotchka, fica comigo! — disse-me rapidamente.

Depois atirou-se contra mim e muito afogueada e com lágrimas nos olhos, apertou-me contra o seu peito. Tinha as faces úmidas e os lábios vermelhos como cerejas… e as madeixas do cabelo revoltas. Começou a beijar-me completamente fora de si; cobria-me o rosto de beijos, os olhos, os lábios, o pescoço, as mãos, e ao mesmo tempo chorava como se estivesse numa crise de nervos; eu me apertava contra ela e abraçávamo-nos as duas, contentes e felizes, como duas boas amigas ou … como um parzinho de amantes que se tornasse a ver após uma longa separação. O coração de Kátia batia tão forte que eu sentia as suas pulsações!

Ouviu-se uma voz na sala do lado. Era a princesa que chamava Kátia.

— Adeus, Niétotchka, até logo à noite! Vai lá para cima e espera por mim!

Beijou-me devagarinho ainda uma vez, quase em silêncio, mas com ardor, e depois saiu do salão correndo. Eu fui lá para cima, ansiosa, transtornada, entontecida, como que esgotada. Atirei-me sobre o divã, afundei a cara entre as almofadas e derramei lágrimas de pura alegria. O coração palpitava com tanta violência como se quisesse saltar-me do peito. Não sei como passei aquelas horas até chegar a noite. Finalmente bateram onze e fui para a cama. Só à meia-noite é que a princesinha voltou; sorriu-me de longe mas não disse nada. Nástia despiu-a e parecia que ela demorava aquela operação de

propósito.

— Mais depressa, Nástia, mais depressa! — pedia Kátia.

— Mas o que tem a menina? Seria de ter subido as escadas correndo que o seu coraçãozinho bate dessa maneira? — perguntou-lhe Nástia.

— Ah, meu Deus, Nástia! Mas que mole que tu és! Mais depressa! — e a princesinha, impaciente, bateu com o pezinho no chão.

— Mas que menina! — disse Nástia e beijou o pezinho da princesa, que acabava de descalçar.

Por fim Nástia acabou de despir a princesa; esta meteu-se na cama e a criada retirou-se. Logo a seguir Kátia saltou da sua cama e veio para a minha. Eu a acolhi com um grito de alegria.

— Vem antes para aqui, vem tu para a minha cama! — dizia.

E daí a um minuto já estávamos as duas na sua cama, abraçávamo-nos com força e apertávamo-nos uma contra a outra. A princesinha quase me sufocava com os seus beijos.

— Eu sei que tu me beijavas quando julgavas que eu estava dormindo! — murmurou, fazendo-se muito corada.

Eu comecei a chorar.

— Niétotchka! — murmurou Kátia corando também. — Minha querida, se soubesses há quanto tempo eu gosto de ti!

— É mesmo? Há quanto tempo?

— Desde aquele dia em que o papai me mandou pedir-te perdão, quando começaste a defender o teu… Niétotchka… Minha orfãzinha! — disse ela prolongando as sílabas e voltando a cobrir-me de beijos. Ao mesmo tempo chorava.

— Ah, Kátia!

— O que é? O que é?

— Por que demoraste tanto tempo… tanto tempo? — E não acabei a frase.

Estávamos abraçadas, convulsivamente, e durante três minutos não pronunciamos uma palavra.

— Ouve: que pensavas tu de mim? — perguntou-me a princesinha.

— Oh, muitas coisas, Kátia! Não fazia outra coisa senão pensar em ti, de noite e de dia!

— E dizias o meu nome quando sonhavas, porque eu bem ouvia…

— Sério?

— E também choravas!

— Então… Já vês! Por que tu és tão orgulhosa?

— Eu era uma tola, Niétotchka! Às vezes tenho umas venetas que não posso dominar! Não sei por quê, tinha certa aversão de você.

— Mas por quê?

— Porque sou má. A princípio antipatizava contigo porque eras melhor do que eu. Depois porque o papai gostava mais de ti do que de mim! O papai é muito bom, não é verdade, Niétotchka?

— Se é! — exclamei com entusiasmo.

— Sim, é muito bom — repetiu Kátia, muito séria. — Mas que hei de fazer? Ele é sempre assim… Bem, mas quando tive de pedir-te perdão, até chorei e tornei a sentir raiva de ti…

— Pronto, olha que já estás quase a chorar.

— Cala-te, bobinha, tu também não estás a chorar a todos os momentos? — exclamou Kátia, tapando-me a boca. — Olha, eu me esforçava por conquistar a tua amizade, mas depois, de repente, vinha um ódio, um ódio tremendo, horrível!

— Mas por quê?

— Porque sim. Não sei explicar por quê! Mas depois me convenci de que tu não podias viver sem mim e então disse: “Pois vais ver como eu te vou fazer sofrer!”.

— Ah, Kátia!

— Minha querida! — exclamou ela beijando-me as mãos. — E então jurei que por nada deste mundo havia de te falar! E sabes por que é que eu fui fazer festas ao Falstaff?

— É verdade, que arrojo o teu!

— Se soubesses o medo que eu tive! — disse ela estremecendo. — Mas sabes por que é que eu fiz isso?

— Por quê?

— Porque tu estavas presente. Eu via que tu olhavas para mim… Ah! Então tudo o mais se me tornou indiferente! Pus-me a provocar o cão! É verdade que ficaste assustada? Que tremeste por mim?

— Oh, de uma maneira terrível!

— Bem sei. Mas que alegria eu senti quando vi que Falstaff abandonava o campo de batalha! Meu Deus, e que medo eu tive quando o vi ir-se embora! Que medo! Ufa!

E a princesinha tornou a estremecer e irrompeu num riso nervoso. De súbito, levantou a sua carinha afogueada e ficou me contemplando com muita atenção, durante muito tempo. Como dois diamantes, brilhavam duas lágrimas nas suas pestanas.

— Mas o que é que haverá em ti para que eu te tenha tomado esta amizade tão grande… És pálida, tens o cabelo louro, és uma pateta que passa a vida chorando e tens os olhos azuis… Minha orfãzinha!

E Kátia tornou a apertar-me nos seus braços para cobrir-me novamente de beijos. Algumas lágrimas suas caíram sobre as minhas faces. Estava muito comovida.

— E no entanto como eu gostava de ti! Estava sempre pensando em ti! Não, não, não te digo! Era tão egoísta! De que seria que eu tinha medo, por que me envergonharia na tua presença? Mas agora, olha como estamos as duas, assim, tão bem!

— Kátia! Se soubesses como fico comovida só de te ouvir! — exclamei, desvanecida de felicidade. — Parece que o coração me quer saltar!

— Bem… Pois continua a ouvir, Niétotchka! Mas antes, diz-me: quem te pôs esse nome de Niétotchka?

— Foi a minha mãe.

— Por que não me falas dela?

— Sim, hei de contar-te tudo, tudo! — prometi, entusiasmada.

— Mas onde tu puseste aqueles dois lencinhos meus, os de renda? E a fita do meu cabelo, onde a escondeste? Ah, não tens vergonha? Eu sei tudo!

Pôs-se a rir e fez-se muito corada.

— Não, eu dizia cá para comigo: "Anda, sofre, que eu quero ver-te sofrer um pouco". Mas muitas vezes pensava: "Pois se eu já não gosto dela, não posso suportá-la!". E tu sempre tão mansa como um cordeirinho! E o medo que eu tinha de que tu me julgasses uma tola! Tu és inteligente, Niétotchka, muito inteligente! Não é verdade?

— Ora! Deixa-te dessas coisas, Kátia. Do que tu te havias de lembrar!

— És sim, és inteligente. — continuou Kátia em tom convicto e com muita seriedade. — Eu sei muito bem. Mas escuta: uma noite acordei gostando muito de ti, muito. Toda a noite não tinha feito outra coisa senão sonhar contigo! E pensava: "Vou mudar-me para os aposentos da mamãe e fico lá. Não quero gostar dela, não quero!". Mas, quando nessa noite me deitei ali, pensei: "Se ela viesse agora, como ontem à noite…". Mas nem sequer te vi em sonhos. E o que me custou ter de fingir que dormia, muito sossegada! Ai, como nós fomos

tolinhas, Niétotchka!

— Mas por que tu não querias gostar de mim?

— Oh, isso é que eu também queria saber! Por que afinal eu gostei de ti desde o primeiro momento! Sempre gostei de ti. Só depois, mais tarde… é que te criei aversão. Às vezes sentia vontade de te matar com beijos e com pancada. Assim, minha tonta!

E deu-me um safanãozinho.

— Mas lembras-te de como te amarrei o cordão do sapato?

— Se lembro!

— Gostaste? Eu olhei para ti e pensei: “Que simpática que ela é, apesar de tudo! Pronto, vou lhe amarrar o laço do sapatinho… O que ela irá pensar disto?”. E enquanto o fazia sentia um prazer tão grande! A minha vontade, nesse momento, foi comer-te com beijos… Afinal não te beijei… Mas se visses como logo depois tudo isso me pareceu ridículo, tão ridículo! E toda essa tarde, durante o passeio, tive medo de não me poder conter e de desatar a rir. Não podia olhar para ti, tão cômico me parecia tudo aquilo. Mas se soubesses como gostei que tivesses sido tu a ir para o calabouço! — o meu irmão e eu chamamos calabouço ao quarto escuro. — Tiveste medo?

— Muito!

— Mas olha, eu não estava contente só porque tivesses sido tu a ficar culpada diante da mamãe, mas também porque tivesses ido para o calabouço por minha causa! Pensava: “Agora ela está lá e chora, com certeza… Ah, Como eu gosto dela! Os beijos que hei de lhe dar amanhã!”. E não senti a mínima compaixão por ti, juro-te, apesar de ter chorado também umas lagrimazinhas…

— Pois eu, fica sabendo, não chorei; apesar de tudo estava muito contente.

— O quê? Não choraste? Sua má! — exclamou a princesinha e, com os seus lábios macios, sugou-me a pele como uma ventosa.

— Kátia, Kátia! Meu Deus, minha adorada!

— Pois então faz de mim o que quiseres. Anda, bate-me! Vamos, dá-me um safanão! Anda, minha querida, aqui me tens.

— Louquinha!

— E que mais?

— Tontinha!

—E que mais?

— Beija-me!

E beijávamo-nos e chorávamos e ríamos ao mesmo tempo e os nossos lábios estavam inchados de beijar.

— Olha, Niétotchka, de hoje em diante hás de dormir sempre comigo. Gostas de beijos? Pois então havemos de nos beijar muito. E também não quero que estejas triste. Por que estás sempre tão triste? Diz-me, por quê?

— Sim, hei de dizer-te tudo. Mas agora já não estou triste, pelo contrário, estou até muito contente!

— Não, espera; vais ver como daqui a pouco tempo hás de ter as faces tão coradas como as minhas. Ai, quem me dera já que seja dia! Queres ir já dormir, Niétotchka?

— Não.

— Bem, então continuamos a conversar.

E ficamos ainda a falar durante umas boas duas horas. Sabe Deus o que nós dissemos! Kátia começou por declarar-me todos os seus projetos de futuro e confessou-me que gostava do pai mais do que de ninguém, talvez até mais do que de mim. Depois concordamos as duas em que *Madame* Léotard era uma boa senhora e pouco severa. A seguir combinamos o que havíamos de fazer no dia seguinte e no outro, e além disso traçamos ainda o plano da nossa vida pelo menos para uns vinte anos. Para o futuro imediato fez Kátia o seguinte plano:

um dia era ela quem mandava o que eu tinha de fazer, no outro, era eu quem dava ordens, e competia então a ela obedecer sem replicar, e assim sucessivamente, mandando e obedecendo alternadamente; além disso, faríamos também o possível por nos zangarmos um pouco, só de fingimento, para termos depois o gosto de fazer as pazes. Enfim, preparávamo-nos para sermos infinitamente felizes. Até que por fim nos sentimos cansadas de tanto conversar. Meus olhos já fechavam de sono. Kátia pôs-se a rir, fez troça de mim, chamando-me dorminhoca, mas… passados dois minutos, ainda antes de mim, ela já estava dormindo!

No dia seguinte, acordamos as duas ao mesmo tempo, beijamo-nos rapidamente, pois já se ouviam passos e, se eu me demoro um pouco mais em meter-me na minha cama, éramos surpreendidas por Nástia, que vinha para o dormitório.

Todo esse dia estivemos como que inebriadas de alvoroço. Passávamos correndo de um quarto para o outro e escondíamo-nos quase todo o tempo das outras pessoas, pois, mais do que tudo, temíamos os olhares dos outros. Finalmente comecei a contar a Kátia a história da minha vida. Kátia ficou sinceramente comovida.

— Mas que má que tu és! Por que não me contaste logo tudo, desde o princípio? Como eu teria gostado de ti! Mas diz-me: os rapazes da rua batiam em ti de maneira que te magoassem?

— Sim, eu tinha tanto medo deles!

— Que maus! Olha, Niétotchka, um dia reparei como um rapaz batia em outro na rua. Vais ver. Amanhã, sem que ninguém dê por isso, vou buscar a chibata de Falstaff, e quando nos encontrarmos com algum desses malandrinhos, verás como bato neles!

E os seus olhos chamejavam de cólera.

Sempre que alguém entrava no quarto ficávamos assustadas. Que medo nós tínhamos que nos surpreendessem quando nos beijávamos, pois naquele dia beijamo-nos pelo menos umas cem vezes! Assim se passaram os dois primeiros dias. Eu quase tinha medo de morrer de puro gozo. O sentimento da minha felicidade era tão forte que me

cortava a respiração. Mas a nossa felicidade não podia durar muito.

*Madame* Léotard, que por ordem da princesa não perdia Kátia de vista, observou-nos durante esses três dias com assombro crescente e durante esse tempo reparou em algumas coisas que lhe deram muito que pensar. Ao terceiro dia, avistou-se com a princesa e informou-a pormenorizadamente de tudo quanto em nós lhe tinha chamado a atenção: que andávamos as duas como que alheadas, que havia três dias não nos separávamos nem um só momento, que nos beijávamos a todos os instantes, chorávamos, ríamos e estávamos constantemente numa tagarelice, coisa que até então nunca ela tinha visto e não sabia a que atribuir aquilo, mas que lhe parecia que a princesinha andava num estado quase doentio, e por isso pensava se não seria preferível que não andássemos tão juntas.

— Já há algum tempo que isso me preocupa — respondeu a princesa. — Bem me queria parecer que dessa órfã tão estranha não podiam esperar-se senão aborrecimentos. O que me contaram dela, da sua vida anterior… é de pôr os cabelos em pé, é simplesmente terrível! Pelo visto já exerceu a sua influência sobre Kátia. A senhora diz que Kátia está muito amiga dela?

— Sim, parece-me que gosta dela com verdadeira loucura.

A princesa corou de raiva. Andava já então muito ciosa da amizade que a filha tinha por mim.

— Isso me parece uma coisa anormal — disse. — Antes andavam sempre separadas e confesso-lhe que isso me agradava. Se bem que se trata de uma garota ainda pequena, não me sinto sossegada, compreende? Ela deve ter herdado muitas coisas da mãe, costumes e até inclinações. Não sei o que o príncipe teria achado nela. Já lhe tenho falado muitas vezes da conveniência de metê-la num internato.

*Madame* Léotard tentou então me defender, mas a princesa já tinha tomado a sua resolução. Mandou chamar Kátia e, quando ela chegou à sua presença, comunicou-lhe que até o próximo domingo, isto é, durante toda uma semana, não me veria mais.

Soube disso nesse mesmo dia à noite, e então apoderou-se de mim

um grande pesar. Pensava em Kátia e receava que a nossa separação viesse a custar-lhe a vida. Eu estava transtornada e era tão grande o meu desespero que, durante a noite, adoeci. No dia seguinte de manhã, o príncipe veio ver-me e disse-me em voz baixa, assim que ficamos sós, que estivesse sossegada e esperasse a sua nova visita. Mas infelizmente foram em vão todos os seus esforços para dissuadir a princesa de sua determinação. A minha tristeza ia sempre aumentando e a dor que eu sentia era tão dilacerante que quase tinha medo de sufocar.

Na terceira manhã, Nástia trouxe-me um bilhetinho de Kátia:

> Quero-te até a loucura. Estou ao lado da mamãe e só penso na maneira de me escapar. Juro-te que hei de escapar-me, custe o que custar; por isso não chores. Escreve-me e diz-me que gostas de mim. Em sonhos, estou abraçada a ti durante toda a noite e sofro muito. Niétotchka, mando-te esses bolinhos. *Adieu*.

Respondi-lhe pela mesma portadora. Durante todo esse dia li e reli as palavras de Kátia, sem deixar de chorar. *Madame* Léotard atormentava-me com a sua ternura. À noite soube que tinha ido procurar o príncipe e que lhe afirmara que eu ia com certeza cair doente mais uma vez, se não me deixassem ver Kátia, e lamentou-se de ter inspirado aquela desconfiança à princesa. Eu perguntei a Nástia o que fazia Kátia. Respondeu-me que Kátia não chorava mas que estava muito pálida.

Na manhã seguinte Nástia veio dizer-me ao ouvido:

— Vá ao gabinete do príncipe. Mas desça pela escada da direita.

Todo o meu ser estremeceu num alegre alvoroço. Louca de esperança, desci lá embaixo e chamei à porta do gabinete. Não estava ninguém. De repente sinto que me abraçam com força por detrás e que Kátia me beija apaixonadamente. Risos, lágrimas… Num instante soltou-se dos meus braços, correu para o recinto onde estava o pai e encostou-se a ele como um pequeno esquilo, pendurando-se nos seus ombros; mas não pôde aguentar-se assim, deu um salto e deixou-se cair sobre o divã. Aquilo fez com que o príncipe ficasse tão nervoso que teve de sentar-se. Kátia ria e chorava ao mesmo tempo.

— Papai, como tu és bom, papai!

— Louquinha! Como vocês são as duas! Mas o que se passa? De onde vem toda essa amizade?

— Ah, papai! Não nos perguntes nada sobre isso, porque disso tu não percebes nada!

E já estávamos de novo abraçadas.

Eu olhava para Kátia com tristeza; tinha emagrecido naqueles três dias. As boas cores da sua carinha tinham sido substituídas por uma suave palidez. Pus-me a chorar de desgosto.

Nástia bateu levemente na porta… sinal de que princesa tinha dado pela ausência de Kátia. A minha amiguinha, ao ouvir aquilo, tornou-se pálida como uma morta.

— Já chega, minhas meninas! Tornamos a encontrar-nos aqui todos os dias. Despeçam-se por hoje e vão com Deus — disse o príncipe.

Estava visivelmente comovido pois era testemunha da nossa dor; mas as coisas não podiam ser de outra maneira.

Nessa mesma noite receberam no palácio a notícia de que o pequeno Sacha se encontrava muito mal. A princesa decidiu partir imediatamente no dia seguinte de manhã para Moscou. Tudo se deu tão rapidamente que eu apenas percebi o que se passava cinco minutos antes da princesa iniciar a sua viagem. Foi ao príncipe que nós tivemos de agradecer o fato de nos ter sido possível despedirmo-nos, pois a princesa nem disso queria ouvir falar. A princesinha parecia muito abatida. Eu corri como uma louca e atirei-me contra o seu peito. A carruagem que havia de levá-la estava já à porta. Kátia olhou para mim e, de repente, desmaiou. Eu a cobri de beijos. A princesa ficou muito assustada e deu-lhe sais a cheirar. Por fim Kátia abriu os olhos e o seu primeiro movimento foi para me abraçar.

— Adeus, Niétotchka! — exclamou e tentou sorrir; mas apenas conseguiu esboçar uma careta indescritível. — Não te aflijas por minha causa; isto não é nada; já estou boa e dentro de um mês já me terás aqui outra vez. E então nunca mais havemos de nos separar.

— Pronto, Kátia! — disse-lhe a princesa, muito tranquila. — Vamos!

Mas a princesinha ainda se voltou para mim e uma vez mais me estreitou nos seus braços.

— Minha vida! — murmurou ainda. — Até breve!

Beijamo-nos pela última vez e a princesinha afastou-se de mim… por muito, por muitíssimo tempo. Oito anos correram, antes que nos tornássemos a ver.

***

Foi deliberadamente que contei com tanta minúcia este episódio da minha infância. A história das nossas duas vidas está inseparavelmente ligada. O seu romance… é também o meu romance. Estava escrito que eu havia de conhecê-la, e ela, de conhecer-me a mim. E além disso não podia resistir ao prazer de afundar-me cada vez mais na recordação da minha infância. Agora a minha narrativa vai começar a caminhar mais depressa. A minha vida caiu então numa grande calma e só quando fiz dezesseis anos é que me pareceu despertar de novo para uma vida real…

Mas antes devo dizer ainda algumas palavras acerca dos primeiros tempos que se seguiram à partida da família do príncipe.

Fiquei com *Madame* Léotard.

Decorreram assim duas semanas. Depois chegou de Moscou um emissário do príncipe trazendo-nos a notícia de que ele e a família adiavam por prazo indefinido o seu regresso a Petersburgo. E como *Madame* Léotard, por motivos particulares, não podia ir para Moscou, já não tinha o que fazer em casa do príncipe. No entanto continuou ligada à família, passou a viver com a primogênita da princesa.

Até agora ainda não tive ocasião de falar de Alieksandra Mikháilovna… pela simples razão de que, até então, apenas a tinha visto uma só vez. Era filha do primeiro matrimônio da princesa. A origem e a família da princesa eram um tanto confusas. O seu

primeiro marido era apenas administrador de uma propriedade. Quando se casou pela segunda vez, não sabia o que havia de fazer daquela filha. Com um partido brilhante para ela, não podia contar. O dote era modesto; mas, finalmente, quatro anos antes de eu ter entrado para o palácio, conseguiram encontrar-lhe um marido rico, que ocupava elevada posição. Alieksandra Mikháilovna viu-se elevada a um novo círculo social e introduzida num mundo desconhecido. A princesa costumava visitar a filha, quando muito umas duas vezes por ano. Em compensação, o príncipe, seu pai adotivo, ia vê-la todas as semanas e levava consigo Kátia. Nos últimos tempos a princesa não via com bons olhos que Kátia fosse visitar a irmã e, por isso, o pai levava-a muitas vezes em segredo. Kátia adorava a irmã, apesar de serem ambas de temperamento muito diferente.

Alieksandra Mikháilovna tinha nessa altura vinte e dois anos; era calma, terna e muito carinhosa. Parecia que uma dor secreta, oculta, iluminava as suas belas feições. E no entanto eu tinha a impressão de que a gravidade e a tristeza não se coadunavam bem com o seu belo e afetuoso semblante; pois a uma criança não fica bem a tristeza. Não podíamos olhar para ela sem sentirmos logo uma grande simpatia. Era de uma palidez quase translúcida e parecia propensa à tuberculose. Levava uma vida muito recolhida, não gostava de receber nem de fazer muitas visitas. Não tinha filhos. Lembro-me de que uma vez esteve em nossa casa para falar com *Madame* Léotard e que nessa ocasião se aproximou de mim e deu-me um beijo muito sentido. Acompanhava-a um senhor magro, já de idade. Quando me viu, os seus olhos encheram-se de lágrimas. Era B***, o virtuose de violino… Alieksandra Mikháilovna passou-me um braço pela cintura e perguntou-me se eu queria ir viver com ela, como se fosse sua filha. Eu olhei para ela no rosto e reconheci nela a irmã da minha Kátia; abracei-a com uma dor vaga no coração e tornei a sentir como era grande a minha solidão… Era como se me tivessem tornado a dizer: “És uma órfã!”. Depois Alieksandra Mikháilovna entregou-me uma carta do príncipe, que eu li reprimindo os soluços. Escrevia-me com muita bondade e carinho, o príncipe, pedindo para mim a bênção de Deus e desejando que na larga vida que tinha à minha frente, eu fosse muito feliz. Terminava pedindo-me que quisesse também à sua outra filha. Kátia escrevia-me também umas linhas e dizia-me que, agora,

não se separava nem por um momento de junto de sua mãe.

Antes de terminar esse dia, tive portanto de me mudar para outra casa, para viver entre outras pessoas, depois de me ter visto obrigada a desprender o coração de tudo quanto já me tinha tornado querido e familiar. Cansada, rendida, entrei naquele que ia ser o meu novo lar. O meu coração sangrava…

E eis aqui como vai começar um novo capítulo da minha vida.

# Capítulo VI

A minha nova vida corria tão plácida e tranquila como se eu estivesse entre eremitas… Passei ali mais de oito anos e não me lembro de que durante todo esse tempo, tirando uns tantos *diners* obrigatórios, se tivesse reunido alguma vez muita gente naquela casa, ou que tivessem vindo parentes ou amigos para visitar-nos. Com exceção de duas ou três pessoas que vinham de quando em quando — por exemplo, B***, o artista que era grande amigo do príncipe H*** e também da sua filha adotiva, Alieksandra Mikháilovna, e os senhores que por questões de negócio procuravam o seu marido — pode dizer-se que ninguém nos visitava. O marido de Alieksandra Mikháilovna estava sempre ocupado com assuntos do seu emprego, dispondo de bem pouco tempo livre, que repartia por igual entre a família e os deveres sociais. Relações de alta categoria, que de maneira alguma podia desleixar, obrigavam-no com frequência a lembrar-se da sociedade. Todos conheciam a sua ambição desmedida, mas ao mesmo tempo gozava também da reputação de homem honrado e sério e, sobretudo, conforme já disse, desempenhava um alto cargo e, segundo parece, a sorte e o êxito favoreciam-no e todas as pessoas simpatizavam com ele. Todos lhe dedicavam uma estima muito particular que, por certo, não era extensiva a sua esposa. Alieksandra Mikháilovna vivia numa solidão completa, se bem que parecesse que essa solidão lhe era agradável e que até se sentia feliz por isso. O seu caráter plácido parecia feito para aquela vida tranquila.

A mim dedicou-me amizade profunda; queria-me como se eu fosse sua filha, e eu que não tinha ainda acabado de enxugar as lágrimas que chorava por causa da minha separação de Kátia… eu, com o coração dolorido, lancei-me nos seus braços meigos, maternais, como num porto de salvação. E desde o primeiro dia até hoje, nunca deixei de amá-la ardentemente, sem que algum dia tenha enfraquecido o meu fervor. Ela era para mim a mãe, a irmã e a amiga; era tudo para mim e cuidava e velava pela minha juventude. Acrescente-se a isto que eu não tardei a adivinhar e a pressentir que o seu destino não era tão feliz como à primeira vista poderia pensar-se, a avaliar pela sua

vida exterior, sossegada e tranquila, pela sua liberdade aparente e por aquele bondoso e sereno sorriso que tantas vezes iluminava o seu afável semblante. Longe disso, eu ia descobrindo quase diariamente, à medida que ia me desenvolvendo, qualquer coisa de novo na vida da minha protetora, algo que, numa tortura latente, veio a adivinhar o meu coração e com essa triste descoberta aumentou o meu amor por ela e o meu apego à sua pessoa.

Tinha um feitio tímido e brando. Ao contemplar as suas feições puras e diáfanas, que pareciam emanar tranquilidade, ninguém teria julgado possível que no seu límpido coração pudesse alojar-se uma inquietude. Era inconcebível que houvesse alguém, fosse quem fosse, a quem ela não pudesse amar; a piedade habitava perene no seu coração, sobrepondo-se mesmo à repugnância ou ao medo… e, apesar disso, não tinha conseguido senão pouquíssimos amigos e até interiormente vivia também numa solidão completa… Era apaixonada por temperamento e sensível a todas as impressões, mas ao mesmo tempo parecia que tinha medo da sua própria sensibilidade e que estava sempre em guarda para que o seu coração não a traísse… ainda que fosse só em sonhos. Acabei por estranhar que, às vezes, nos momentos mais tranquilos lhe assomassem de repente lágrimas aos olhos, como se uma recordação tivesse surgido na sua alma, a recordação de qualquer coisa que atormentasse dolorosamente a sua consciência e estivesse sempre à espreita para aparecer de repente nos momentos felizes e, como um inimigo, afugentar a felicidade. E quanto mais tranquila, feliz e contente parecia, mais se afigurava que a dor se aproximava e mais fatalmente lhe surgiam de repente as lágrimas, como se lhe tivesse dado um ataque. Não me lembro nem de um só mês tranquilo durante aqueles oito anos. O marido parecia que a amava muito, e ela… que o idolatrava. Mas, para quem os observasse, logo a partir do primeiro instante havia de parecer que existia entre eles qualquer coisa de inexprimível. Devia existir ali de permeio algum segredo — algum segredo do passado — pelo menos foi isso o que eu pensei, desde o primeiro instante.

O marido, desde a primeira vez que o vi, deixou-me a impressão de um homem de gênio. Essa foi a impressão que ele me deixou quando eu era ainda uma garota e depois nunca mais pude modificá-

la. O seu aspecto era de um homem magro, de elevada estatura, e parecia querer ocultar o seu olhar por detrás dos grandes e verdes cristais dos seus óculos. Era seco, pouco comunicativo e, até no trato íntimo com a mulher, nunca lhe ocorria um tema de conversa adequado. Era evidente que achava incomodativa a presença dos estranhos. Não tinha o menor afeto por mim. Eu, quando nos reuníamos à noite no salão de Alieksandra Mikháilovna para tomar o chá, sentia-me sempre muito mal disposta na sua presença. De soslaio, observava Alieksandra Mikháilovna, reparava na sua tristeza, media cada uma das suas palavras e estudava cada um dos seus gestos. E ela empalidecia ao ver que o marido se portava com brusquidão ou com indiferença, ou então, punha-se de repente muito corada, como se de alguma palavra sua tivesse deduzido uma alusão ou uma censura qualquer. Eu compreendia que a sua vida, ao lado dele, era dura e, apesar disso, pelo menos a julgar pelos indícios exteriores, não podia viver sem ele nem um instante. Impressionaram-me as atenções que tinha para com ele; não perdia nenhuma das suas palavras nem dos seus gestos. Parecia que, com todas as suas forças, queria prestar-lhe justiça e compreendia que, apesar de tudo, não era capaz. Sim, era quase como se lhe mendigasse uma aprovação; um leve sorriso dele, uma meia palavra afetuosa… e ei-la feliz como uma garota nos primeiros tempos de um amor ainda tímido e sem esperança. Procedia com o marido com a mesma cautela com que se procede com um doente grave. Mas a mim parecia que ele a olhava por cima do ombro, com uma compaixão humilhante e dolorosa. Mal ele se despedia com um aperto de mão e se retirava para o seu gabinete, parecia que se dava nela uma metamofose. Os seus movimentos, a sua conversa, tudo nela se tornava depois mais livre, mais alegre e mais seguro. Somente se notava nela uma certa perturbação muito tempo depois de ter falado com o marido. Começava então a recordar cada uma das suas palavras, como para examiná-las de novo. Perguntava-me com muita frequência se não seria ela que teria ouvido mal: “É verdade que Piotr Alieksándrovitch disse isto ou aquilo?”, como se procurasse um outro sentido àquilo que ele dissera. Passada uma hora voltava então a ser ela própria, como se se tivesse convencido de que ele estava muito satisfeito com ela e que as suas inquietações não tinham fundamento. Então, de súbito, punha-se contente e alegre, começava a beijar-me e a rir-se comigo, ou sentava-se ao piano e punha-se a tocar a primeira

coisa que lhe ocorria. Tocava muitas vezes e era capaz de ficar improvisando durante muito tempo. Depois, de repente, deixava de tocar e eu a via então lavada em lágrimas. Mas assim que reparava na minha comoção, apressava-se a assegurar-me em voz baixa, como se tivesse medo que nos pudessem ouvir, que aquilo não era nada, verdadeiramente nada, que aquelas lágrimas corriam por si, sozinhas, sem nenhum fundamento, que não queriam dizer nada, pois até, pelo contrário, estava muito contente e satisfeita e, portanto, eu não tinha motivos para me comover. Quando o marido estava presente, acontecia que ela, de súbito, inquietava-se por ele e começava a perguntar-lhe onde é que tinha estado, por que tinha ido ali, para quando tinha encomendado os cavalos, se estava mal disposto ou de boa saúde, se passava bem, o que tinha dito, etc., etc. Não se atrevia a tocar nos assuntos do seu serviço. Quando ele, por acaso, a aconselhava ou lhe pedia qualquer coisa, ela o escutava submissa e parecia ouvi-lo como uma escrava ouve o seu senhor. Ficava completamente desvanecida quando ele elogiava qualquer coisa sua, como, por exemplo, um livro, um objeto de arte ou qualquer dos seus trabalhos. A seguir, ficava toda orgulhosa e começava a pavonear-se. E a sua felicidade era incomensurável quando alguma vez — o que sucedia de longe em longe e ainda como por descuido — ele mostrava um pouco de ternura por nós. Então seu rosto se iluminava, irradiando uma verdadeira felicidade, e nesses momentos, talvez ela se entregasse até demais à sua própria alegria, na maneira de se conduzir com o marido. Algumas vezes, chegava a pedir, sem que ele lhe tivesse dado oportunidade para isso — se bem que, para dizer a verdade, sempre com hesitação e timidez — que fosse ouvi-la tocar alguma composição que o livreiro de música lhe tinha enviado, ou que lhe desse a sua opinião sobre algum livro, ou até que a deixasse ler-lhe algumas páginas, quando estas a tinham impressionado. Geralmente o marido acedia com benevolência a esses pedidos e sorria-lhe com um ar de superioridade como se sorri a uma criança quando lhe consentimos alguma brincadeira invulgar, para não privá-la demasiadamente cedo da sua ingenuidade. Não sei por que é que aquele sorriso, aquela altiva condescendência, aquela desigualdade entre eles me revoltava tanto. Sei apenas que me calava, que me continha e me limitava a observá-la com curiosidade infantil, se bem que já preocupada com ideias precocemente sérias. Às vezes eu notava que, de repente, ele

parecia lembrar-se de qualquer coisa; era como se caísse em si, como se contra sua vontade se recordasse de qualquer coisa grave, terrível, inevitável e, então, num instante, desaparecia do seu rosto aquele sorriso de superioridade e os seus olhos pousavam tão cheios de piedade na sua mulher, que esta ficava como que paralisada e em mim nascia uma dor materialmente física, por causa da própria compaixão que eu sentia; se aquilo se passasse comigo, creio que teria sofrido uma tortura mortal. Num momento desaparecia também toda a alegria do rosto de Alieksandra Mikháilovna. Se estava tocando piano, interrompia a música, se lia um livro, quebrava-lhe a voz. Empalidecia, estremecia convulsivamente e calava-se. Seguia-se um silêncio penoso e opressivo que às vezes durava muito tempo. Até que por fim o marido tentava romper esse silêncio. Levantava-se, como que para dominar o seu aborrecimento e a sua excitação e, depois de dar uns passos pela sala, sombriamente taciturno, apertava a mão da mulher, respirava com força, pronunciava com custo uma ou duas palavrinhas para tranquilizá-la e ia-se embora; Alieksandra Mikháilovna começava então a chorar e apoderava-se dela uma tristeza torturante. Frequentemente ele lhe punha a bênção antes de sair e fazia-lhe o sinal da cruz, como se faz a uma criança pequena, à noite, quando se vai deitar, e ela recebia essa bênção arrasada num pranto de gratidão e com silencioso respeito. Mas houve duas noites (apenas duas ou três, durante esses oito anos) que eu nunca poderei esquecer… De repente produziu-se em Alieksandra Mikháilovna uma transformação completa. No seu rosto, antes tão plácido, refletiram-se de um dia para o outro, em vez da habitual submissão e humildade perante o marido, a cólera e a rebeldia. A tempestade ia-se preparando lentamente. O marido tornou-se mais taciturno, mais severo, e o seu semblante ficou ainda mais sombrio. Até que finalmente o coração da pobre mulher deixou de poder suportar mais. Com uma voz balbuciante de comoção começou um dia a falar-lhe, primeiro em frases curtas, incoerentes, cheias de sentido e de amargas reticências, até que de súbito, como se já não pudesse reprimir-se por mais tempo, desatou a chorar e, depois, irrompeu num assomo de cólera, com censuras, com queixas e com provocações desesperadas, como se estivesse com um ataque grave. Era digna de ver-se a paciência com que o marido suportou tudo aquilo, com que compaixão procurou serená-la e como chegou a beijar-lhe a mão, até que finalmente

também a ele se soltaram as lágrimas; e então parecia que a ela, de repente, a consciência lhe relembrava qualquer coisa e a acusava. As lágrimas do marido fizeram-na tremer e, possuída de um novo desespero, jogou-se aos seus pés e por entre lágrimas e soluços implorou o seu perdão, que ele apressou a dar-lhe. Mas durante muito tempo ainda a sua consciência esteve desassossegada e continuou sempre a pedir-lhe perdão, sem deixar de chorar. Depois de todos esses arrebatamentos, no mês seguinte, ela viveu ainda mais tímida, mais cheia de angústia perante o marido. Eu não tinha percebido absolutamente nada de todas aquelas queixas e censuras; além disso mandavam-me sempre sair da sala, com algum pretexto; no entanto, nem assim conseguiram ocultar-me tudo completamente. Eu observava e via, e o que não via, adivinhava; e assim, desde o princípio suspeitei logo que, evidentemente, ali havia um segredo; que aqueles súbitos desabafos de um coração lacerado não eram crises nervosas vulgares; que não era sem uma razão que o marido estava sempre tão sombrio e mostrava sentir aquela ambígua compaixão pela sua pobre mulher doente; que também a timidez desta e a sua inquietação, e até aquele amor humilde e estranho que mal se atrevia a manifestar-se, deviam ter um motivo especial, e que a sua própria solidão, aquela vida tão retraída e quase claustral que ela levava, assim como o seu súbito rubor e a não menos súbita palidez em presença do marido, que sempre me chocavam e sempre me davam que pensar, deviam obedecer a razões particulares.

Mas cenas como as que acabo de me referir eram raras, muito raras, e como a nossa vida, a não ser por isso, decorria numa monotonia completa, e eu tinha tanto apego a Alieksandra Mikháilovna como se desde sempre a tivesse conhecido, e, por outro lado, estava a desenvolver-me rapidamente, novas coisas se me iam revelando — se bem que ainda não tivesse consciência disso, eram novidades que me distraíam das minhas observações — acabei por acostumar-me completamente àquela vida e às singularidades das pessoas que me rodeavam. É claro que, se me punha a pensar nisso, dizia para mim mesma que, sem dúvida, também não era possível outra coisa; pois em última análise, o fato de pensar naquilo não me conduzia a qualquer resultado. Acrescente-se a isto que eu gostava dela com verdadeira loucura e, involuntariamente, tratava de não

irritar as suas feridas com a minha curiosidade; custava-me demais a sua dor para que o fizesse. Mas talvez ela me compreendesse melhor do que eu me compreendia, e quantas vezes ela não me deu agradecimentos tácitos pela minha amizade e pela minha dedicação! Quantas vezes, ao ver como eu me preocupava com ela, me sorria por entre lágrimas ou se punha a gracejar acerca dos seus frequentes choros, ou a contar-me que era muito feliz e estava muito contente; como todos eram bons para ela e como todos gostavam dela;que Piotr Alieksándrovitch sofria muito por causa dela e esforçava-se para poupar-lhe os desgostos, e que ela, por isso, era muito feliz, muito feliz! E estreitava-me entre os seus braços com um profundo sentimento e o rosto iluminava-se de uma paixão ardente; de maneira que, a mim, se assim se pode dizer, partia-me o coração de pura simpatia.

Jamais esquecerei o seu rosto. Tinha umas feições regulares e sua magreza e palidez pareciam servir unicamente para realçar o encanto da sua beleza grave. O seu cabelo negro, abundante, que segundo a moda de então penteava liso, colado às fontes, projetava sombras fundas sobre o oval das faces, o que tornava ainda mais encantador o estranho contraste dos seus olhos azuis, de uma transparência infantil que irradiava ternura, amor e bondade, e nos quais às vezes transluzia tanta tristeza e desamparo. Eram uns olhos que pareciam ter medo de todas as sensações, recear toda comoção sincera, quer se tratasse de uma alegria passageira ou de uma tristeza suave. Mas nas horas felizes de placidez, o seu olhar refletia, aquele seu olhar que penetrava tão fundo no nosso coração, com tanta claridade e calor, tanta pureza serena; ou então miravam-nos esses olhos com tanta ternura e de um modo tão doce, refletia-se neles tanta simpatia por tudo quanto é nobre e bom, merecedor do afeto e da piedade que tínhamos de nos entregar a ela com toda a nossa alma, que se lhe submetia sem restrições e se esforçava por conquistar a sua e apropriar-se daquela claridade e daquela paz e tranquilidade que dela emanavam. Também às vezes levantamos os olhos para o céu azul e sentimos a possibilidade de ficarmos assim, na sua doce contemplação horas inteiras, e a nossa alma se torna mais livre e mais serena, tal como se nela se refletisse, como numa água tranquila, a ampla e enorme cúpula celeste. Mas quando — o que acontecia frequentemente — o

entusiasmo lhe fazia subir a cor ao rosto e o peito lhe arfava com a força da comoção, então os seus olhos lançavam centelhas de um escuro fogo, como se a sua alma, que guardava zelosamente a chama pura do belo que lhe inspirava aquele entusiasmo, tivesse assomado inteira nas estrelas das suas pupilas. Nessas ocasiões parecia penetrada pelo Espírito Santo. E naquela súbita elevação da sua alma, desde a tranquilidade e placidez de espírito ao mais ardente entusiasmo e a uma pura e severa espiritualidade, havia tanto de fé ingênua e pueril, que um artista teria dado metade da vida por ter visto o rosto daquela mulher nesses momentos e ter podido fixar sobre uma tela o seu entusiasmo.

E logo, desde os primeiros dias da minha presença em sua casa, pude observar como ela se alegrava com a minha companhia, no meio de sua solidão. Nesse tempo apenas tinha um filho que nascera havia um ano. Mas a mim tratou-me sempre como filha e nunca fez nenhuma distinção entre mim e os seus próprios filhos. E como se preocupava com a minha educação! *Madame* Léotard chegava até muitas vezes a rir-se do seu zelo excessivo. E na verdade começamos com tanto fervor, quisemos abarcar tantas coisas que não tardamos que nos desorientássemos. Ela queria obrigar-me a aprender tantas coisas de uma só vez que, por isso, estava sempre incitando-me com uma carinhosa impaciência; mas eu, ou melhor, a minha cultura não podia tirar daquilo grande utilidade. A princípio ela se afligia com a minha incapacidade; mas depois resolveu antes rir-se e então tornamos a começar de novo, desde o princípio; no entanto, logo desde o primeiro fracasso Alieksandra Mikháilovna se declarou ousadamente contra o antiquado sistema de *Madame* Léotard. Rindo, discutiram ambas sobre os seus métodos respectivos; mas a minha nova professora pronunciou-se categoricamente contra aquele sistema arcaico e afirmou que após alguns ensaios não tardaríamos em encontrar o bom caminho; que a nada conduziria o entulharem-me a cabeça com regras, e que todo o êxito dependeria exclusivamente de reconhecerem e de desenvolverem as minhas aptidões naturais, procurando estimular a minha boa vontade. Ela estava com razão, pois o seu método triunfou de maneira brilhante. Em primeiro lugar, acabamos entre nós com os papéis de professora e de aluna. Estudávamos como duas boas amigas e acontecia muitas vezes que era

eu quem ensinava Alieksandra Mikháilovna, sem perceber que isso era afinal um estratagema didático da parte dela. E também não poucas vezes discutíamos as duas e, com um zelo ardente, tratava de explicar-lhe as coisas conforme eu as entendia, até que Alieksandra Mikháilovna, mansa e discretamente, me obrigava a retificar as minhas opiniões. As questões acabavam geralmente por fazerem nascer a luz no meu espírito e logo depois eu compreendia a sua habilidade e descobria que ela — o que ocorria com bastante frequência — tinha consagrado horas inteiras em meu proveito. Então lançava-me nos seus braços e apertava-a fortemente entre os meus. Mais tarde passei a fazer isso a todo momento. A minha sensibilidade surpreendia-a e comovia-a tanto que costumava ficar durante muito tempo a contemplar-me, maravilhada. Começou a perguntar-me pela minha vida anterior e, depois de ouvir-me, demonstrava ainda maior ternura e seriedade para comigo; seriedade, sim, porque eu, com a minha triste infância, não só lhe inspirava compaixão mas até um certo apreço. Depois das minhas confidências, costumávamos ficar as duas conversando e eu procurava explicar-lhe os acontecimentos da minha vida, de tal maneira que me parecia que voltava a experimentá-los e tirava muito proveito deles. *Madame* Léotard achava esses diálogos demasiado sérios para a minha idade e, ao ver as minhas lágrimas involuntárias, costumava afirmar que eram completamente despropositadas. Mas eu pensava de maneira muito diferente sobre o caso, visto que depois daquelas lições me sentia sempre muito livre e ligeira e alegre de coração, tal como se na minha vida não existisse nada de obscuro e de triste. Estava também muito grata para com Alieksandra Mikháilovna por me ter dado ocasião de estimá-la cada vez mais. É claro que Madame Léotard não dava conta de que, desse modo, tudo no meu interior se ia pacificando e ordenando paulatinamente, e encontrando a sua harmonia tudo aquilo que anteriormente, resoluta e precocemente tempestuoso se erguera na minha alma, tudo aquilo perante o que o meu coração dilacerado na sua dor amarga se sentia tão desorientado que se tinha visto obrigado a deter-se, pois apenas sofria, sem contudo poder atinar com a causa e com a origem das suas feridas.

Começávamos as duas o dia reunindo-nos no quarto do menino, o seu único filho, que despertávamos, vestíamos, lavávamos e fazíamos

tomar a primeira refeição e que entretínhamos com brincadeiras, procurando ao mesmo tempo ensiná-lo a falar. Logo que já tínhamos acabado de tratar dele, iniciávamos nosso estudo. Este abrangia tudo, não se limitava verdadeiramente a nada de concreto. Líamos, comunicando mutuamente as nossas impressões e os nossos pensamentos durante a leitura; depois, quando nos cansávamos disso, entrávamos na música e parecia que nem dávamos pelo tempo. As tardes passávamos geralmente muito animadas. Às vezes, vinha visitar-nos B***, o amigo de Alieksandra Mikháilovna, e *Madame* Léotard também nos acompanhava. Frequentemente durante a conversa surgia uma discussão sobre a arte e a vida (que nós apenas conhecíamos de ouvido), ou então sobre a realidade e o ideal, o passado e o futuro; e soava a meia-noite e, às vezes até mais, e nem dávamos por isso. Eu escutava com a maior atenção, entusiasmava-me com o que eles diziam, ria ou ficava impressionada; e foi também nesses serões que pouco a pouco fiquei conhecendo mais pormenorizadamente tudo o que dizia respeito ao meu pai adotivo e à minha primeira infância.

A esse tempo eu era já quase uma mulherzinha. Deram-me um professor; mas sem a ajuda de Alieksandra Mikháilovna pouco teria eu adiantado. Com o meu professor de Geografia talvez não tivesse conseguido mais nada senão ficar cega de tanto procurar cidades e rios no mapa. Em compensação, com Alieksandra Mikháilovna eu empreendia verdadeiras viagens à volta do mundo, durante as quais atravessávamos países fantásticos, víamos mil maravilhas; e assim passamos muitas horas fantasiando, e, com aquele entusiasmo, a nossa aplicação era tão grande que não nos chegavam todos os livros que ela tinha lido e nos víamos obrigadas a comprar mais. Bem depressa me encontrei em condições de dar lições ao meu professor de geografia, se bem que ele, a verdade seja dita, conservou até o fim a superioridade em indicar com a exatidão mais precisa a situação das mais insignificantes povoações no mapa, no que respeita a graus de longitude e de latitude, assim como o número de habitantes em milhares, centenas e dezenas. Também ao professor de história se pagavam pontualmente as horas de aula; mas era quando ele saía que, verdadeiramente, Alieksandra Mikháilovna e eu começávamos a aprender história, puxávamos dos nossos livros e nos púnhamos a

ler… e assim ficávamos até altas horas da noite. Nunca senti maior entusiasmo do que durante essas leituras. Exaltávamo-nos as duas de tal maneira que até parecia que éramos nós próprias os heróis que praticavam todas aquelas façanhas. É certo que líamos mais nas entrelinhas do que no texto; aliás Alieksandra Mikháilovna tinha uma arte magistral para narrar ou explicar os acontecimentos; de tal maneira que rememorava completamente o passado como se se tratasse de coisas atuais. Concordo que deve até parecer cômico que nos entusiasmássemos a esse ponto e nos deixássemos ficar lendo, lendo até à meia-noite, eu, uma meninota, e ela, uma mulher casada, com o coração ferido e que achava a vida tão pesada. Mas o que é certo é que era assim mesmo. Eu sabia que a meu lado ela ficava consolada e esquecia as suas penas. Tanto quanto abrangem as minhas recordações, já então me ocorriam pensamentos estranhos quando a contemplava em silêncio e ainda antes de saber qualquer coisa sobre a sua vida eu já tinha adivinhado muitas.

Fiz os treze anos. Alieksandra Mikháilovna ia cada vez pior de saúde. Tinha-se tornado irritável e estava constantemente abismada numa desolada tristeza. O marido passava agora, geralmente, mais tempo a seu lado, se bem que se mostrasse tão taciturno e sombrio como antes. Então comecei a interessar-me mais vivamente por ela. Tinha saído já da idade infantil; a minha imaginação enveredava por formas mais concretas, por novas impressões, observações e suposições, e o mistério que tão gravemente pesava sobre aquela família começou a atormentar-me com mais força. Havia momentos em que me parecia que tinha já adivinhado completamente o enigma. Mas logo a seguir acabavam por apoderar-se mim certa indiferença e apatia, e até certa raiva e esquecia aquele interesse, pois não chegava a encontrar uma resposta para aquela pergunta única. Às vezes — e cada vez com mais frequência — eu sentia a estranha necessidade de ficar sozinha a pensar, pensar continuamente. Passava-se agora comigo precisamente a mesma coisa do que no tempo em que vivia com os meus pais e em que — ainda antes de conhecer o meu pai adotivo — passava o ano todo a meditar e a contemplar o mundo do meu canto, de tal maneira que acabava por ficar sozinha, com os fantasmas engendrados pela minha própria fantasia. A única diferença era que agora existiam em mim novos impulsos inconscientes e maior

impaciência, uma nostalgia mais aguda, uma ânsia mais poderosa de movimento, de agitação; de maneira que não podia já, como então, concentrar a minha atenção e a minha ansiedade em um só objeto. E também Alieksandra Mikháilovna começou por essa altura a afastar-se de mim. Com a idade que tinha então, eu não podia continuar a ser amiga dela. Eu já não era nenhuma criança, perguntava muitas coisas e às vezes olhava-a de uma maneira que a fazia baixar a vista. Havia ocorrências singulares. Eu não podia suportar as suas lágrimas e frequentemente, quando ela fixava em mim os seus olhos, encontrava os meus arrasados de pranto. Então eu me lançava nos seus braços e estreitava-a nos meus, apaixonadamente. Que poderia ela responder-me? Eu compreendia que era um fardo para ela. Mas às vezes — e eram esses uns momentos bem tristes — era ela quem me abraçava de repente, tomada de um íntimo desespero, como se procurasse a minha simpatia, como se não pudesse já suportar por mais tempo a sua solidão, como se eu já tivesse compreendido completamente e sofresse juntamente com ela. Porém, apesar de tudo, subsistia entre nós um segredo que ambas sentíamos; e assim, fui eu que nesses momentos comecei a afastar-me dela. Tornou-se difícil permanecer em sua companhia. Além disso, tirando a música, quase nada nos unia já. E até isso o médico a proibiu. Livros? Essa era precisamente a zona de maior perigo. Já não sabia o que havia de escolher nem como partilhar isso comigo. Nem sequer uma só vez passávamos da primeira página; cada palavra parecia ter um significado especial; cada frase indiferente podia assumir o sentido de um enigma. Conversas entre as duas, como antes, com absoluta franqueza, agora, nem pensar nisso!

Precisamente por esse tempo, o destino, de uma maneira súbita e inesperada, deu outro rumo à minha vida. A minha atenção, os meus sentimentos, o meu coração, o meu cérebro, tudo isso se voltou de repente e, com todas as energias exaltadas até o entusiasmo, para uma atividade diferente e que até então me era completamente desconhecida; e eu então ia penetrando, quase sem dar por isso, em um novo mundo; nem tinha tempo de olhar para trás, para explorar os horizontes e reconsiderar; pode ser que isso fosse a minha perdição, o que eu própria claramente sentia; mas a tentação era mais poderosa do que o medo, e eu caminhei sempre em frente, para o objetivo, de olhos fechados. E durante muito tempo tive de afastar-me dessa

realidade que já se me tinha tornado pesada, e para a qual tão avidamente como em vão, procurava um fim. Vou explicar do que se tratava.

Das três portas da sala de jantar, uma levava aos grandes salões de recepção; outra ao meu quarto e ao das crianças, e a terceira, à biblioteca. Mas à biblioteca ia dar também outra porta, apenas separada do meu quarto por um gabinete de trabalho no qual se encontrava frequentemente o ajudante de Piotr Alieksándrovitch. Este empregado exercia também as funções de secretário e de certo modo era a sua mão direita. Era ele quem tinha a chave da biblioteca e das estantes. Um dia, depois do almoço, ele não estava em casa e eu fui encontrar essas chaves caídas no tapete desse dito gabinete. Senti curiosidade, guardei as chaves e experimentei a porta com uma delas. Consegui abrir e entrei na biblioteca. Era um salão grande e claro, no qual se viam oito grandes armários cheios de livros, encostados às paredes. A maioria, ou pelo menos uma grande parte, tinha cabido como herança a Piotr Alieksándrovitch. Os outros tinham sido reunidos pouco a pouco, pois Alieksandra Mikháilovna comprava-os constantemente. Até então, a mim apenas me tinham dado a ler livros escolhidos com muito cuidado, de tal maneira que não me foi difícil suspeitar que muitas coisas não queriam me deixar ler, e que muitas coisas portanto ainda constituíam um mistério para mim. Isso me despertou uma curiosidade invencível e, com alternativas de temor e alvoroço, e com um sentimento mais particular de que eu não dava conta, abri o primeiro armário e peguei no primeiro livro que achei à mão. Nesse armário havia apenas romances. Guardei o livro, fechei o armário, levei-o e, tomada de estranhas sensações, com o coração ora palpitando ora parecendo que ia parar, dirigi-me para o meu quarto, como se tivesse pressentido que em virtude do ato que acabava de realizar, iria operar-se uma grande transformação na minha vida. Assim que me vi em porto seguro, no meu quarto, com a porta fechada, abri imediatamente o livro. Mas não me atrevi logo a lê-lo, assaltada de outra preocupação: devia primeiro assegurar de uma vez para sempre a entrada na biblioteca e de maneira que ninguém pudesse dar por isso, para assim poder ir ali em todos os momentos tirar o livro que desejasse e levá-lo para o meu quarto. Decidi por isso renunciar provisoriamente ao prazer de ler aquele livro; em vez disso

tornei a colocá-lo no seu lugar, na biblioteca, mas conservando as chaves em meu poder. Guardei-as e escondi-as: foi esta a única má ação que cometi em toda a minha vida. Em seguida fiquei aguardando as consequências, que não foram graves; o secretário, depois de procurar inutilmente as chaves durante uma tarde, no outro dia mandou chamar o serralheiro, e este, remexendo num enorme molho de chaves que trazia consigo, não tardou em encontrar outras que serviam para o fim que se desejava. Com isto o assunto ficou arrumado e ninguém chegou a saber que as antigas se tinham perdido. Mas apesar de tudo procedi com prudência e deixei passar uma semana antes de entrar na biblioteca, e só o fiz quando me convenci de que ninguém suspeitava de mim. De princípio escolhia sempre a hora em que o secretário não estava em casa, e então ia até lá, atravessando o seu gabinete de trabalho; mas depois passei a dirigir-me diretamente da sala de jantar para a biblioteca, pois, se bem que o secretário tivesse as chaves da mesma no bolso, os livros inspiravam-lhe tão pouco interesse que nunca transpunha aqueles umbrais.

Comecei a ler com autêntica voracidade e tudo quanto lia exercia sobre mim como que um feitiço. Todas as minhas novas necessidades, todos os vagos desejos da minha adolescência, que de um modo tão inquieto e rebelde tinham surgido na minha alma, prematuramente despertos pela minha precocidade, tudo isso encontrava agora um derivativo por onde canalizar-se, como se tivesse achado o seu verdadeiro caminho. O meu coração e os meus sentidos ficaram imediatamente tão encantados, e a minha fantasia desenvolveu-se tão desmedidamente que me esqueci de tudo quanto até aí me rodeava, como se se tratasse de algo remoto, perdido na distância. Era como se o próprio destino me tivesse colocado no limiar da nova vida — para a qual eu tendia com uma ânsia tão tumultuosa e sobre a qual meditava de dia e de noite como sobre um enigma — antes de introduzir-me nela, e me mantivesse ali ainda um instante para conduzir-me a um posto de vigia de onde eu pudesse vislumbrar o futuro num mágico panorama e mostrá-lo numa perspectiva brilhante e sedutora. Eu estava certamente predestinada a conhecer desde logo todo esse porvir, lendo-o primeiro nos livros, experimentando-o em sonhos, nas ilusões e na apaixonada nostalgia, na saborosa comoção do meu jovem espírito. Lia, sem qualquer seleção, todos os livros que me vinham

parar às mãos; mas o Destino velava por mim: tudo quanto experimentara e sentira até então tinha sido tão puro, tão forte, que as páginas isoladas, maliciosas e sujas que pudesse ter encontrado, não conseguiam fazer em mim a menor impressão. O meu saudável instinto infantil, a minha pouca idade e todo o meu passado me defendiam e parecia-me apenas que via de repente, com plena consciência, a uma luz clara, toda a minha passada existência. Na verdade, cada página que lia suscitava depois em mim uma recordação, tal como se eu tivesse vivido tudo aquilo ou algo semelhante, alguma vez, tão conhecidas me eram já aquelas paixões, todo aquele viver, com os seus quadros fantásticos! E como poderia ter sido de outra maneira, como podia eu, com aquilo, não esquecer a realidade até ficar estranha, quando em cada livro via encarnadas diante dos meus olhos as leis do próprio destino, do próprio espírito, que dominam a vida do homem, mas como que emanadas, todas elas, de uma lei superior da vida humana, que ao mesmo tempo contém a salvação e a redenção da Humanidade? Eu andava precisamente pressentindo e tratando de investigar essa lei suprema com todas as minhas forças, com todos os ímpetos que uma espécie de instinto de conservação despertara em mim. Era como se alguém me tivesse já chamado a atenção e por isso esta se dirigisse com toda a segurança para esse objetivo como se na minha alma se revelasse uma clarividência e dia a dia fosse aumentando e afirmando-se nela uma nostalgia própria, ainda que também ao mesmo tempo a minha ânsia desse porvir e dessa vida — sobre a qual eu lia diariamente e que diariamente também, com essa força só própria da arte, e com todos os encantos da poesia, me impressionava e atraía — se tornasse cada vez mais poderosa. Mas, como disse já, a minha fantasia também dominava a minha impaciência e, para dizer a verdade, eu era apenas ousada nos meus sonhos, porque na realidade sentia um medo instintivo perante o futuro. E por essa razão, tal como se tivesse feito um pacto secreto comigo própria, inconscientemente tinha imposto a mim mesma a obrigação de contentar-me por então em gozar essa vida com a fantasia, na qual eu podia atuar como senhora e sem limites, na qual tudo era felicidade e alegria, enquanto a desgraça, ainda que ali existisse, apenas desempenhava um papel passivo, qualquer coisa como um papel transitório que somente para efeitos de contraste se tornava necessário, para que nas minhas novelas,

sonhadas com tanto entusiasmo, tudo acabasse finalmente bem e pudesse conduzir a um feliz desenlace.

E essa vida, essa vida exclusivamente de imaginação, essa vida ferozmente separada de tudo quanto me rodeava, conseguiu prolongar-se durante três anos completos.

Aquela vida era o meu segredo e ao fim desses três anos, ainda eu própria não sabia se devia temer ou não que de súbito se revelasse. O que eu experimentara durante esses três anos tocava-me demasiado de perto: tinha crescido excessivamente próximo de mim. Eu própria me projetava em todos esses sonhos com demasiada claridade para que olhos alheios, fossem de quem fossem, com um olhar imprudente não viessem alterar e assustar a minha alma. Acrescente-se ainda que todos lá em casa levávamos uma vida tão solitária, tão afastada de toda a sociedade, tão monasticamente tranquila que, sem querer, em cada um de nós tinha de desenvolver-se uma vida interior, uma concentração sobre si próprios. E era isso o que se dava também comigo. Durante esses três anos não observei à minha volta a menor transformação; tanto antes, como depois, prevalecia uma uniformidade incolor, que hoje, a mim mesma o confesso, se não me tivesse enchido da minha vida secreta, teria destroçado por completo a minha alma, e sabe Deus como eu me teria libertado daquele triste círculo, lançando-me quem sabe por que saída. *Madame* Léotard envelhecia a olhos vistos e retraía-se quase por completo nos seus aposentos; as crianças eram ainda muito pequenas, com elas não se podia contar; B*** era um homem demasiado igual a si próprio, e o marido de Alieksandra Mikháilovna, demasiado sério, longínquo e hermético. Entre ele e a mulher continuava a interpor-se a mesma relação enigmática que a mim me perturbava sempre, como um mistério inquietante e tenebroso, e dia a dia aumentava o meu ansioso desvelo por Alieksandra Mikháilovna. A sua vida, tão incolor e tão triste, começava a murchar. O seu estado piorava de dia para dia. Tinha-se apoderado da sua alma uma espécie de desespero; algo incorpóreo, de que não podia dar-se conta, parecia gravitar sobre ela, paralisando-a, e ela suportava em silêncio o seu peso como se se tratasse de uma cruz inevitável que estivesse condenada a carregar todo o tempo que durasse a sua breve existência. E, na verdade, a mim

parecia-me que o coração lhe ia parando pouco a pouco, naquele surdo suplício; até o seu pensamento tinha tomado já uma direção diferente, tornando-se mais sombrio, melancólico e desolado. Surpreendeu-me sobretudo uma descoberta: parecia-me que ela, à medida que eu me ia tornando maior, se afastava cada vez mais de mim, até ao ponto de que a sua reserva para comigo acabou por tomar a forma de uma certa irritabilidade, que exteriorizava sob a forma de aborrecimento. Havia momentos em que eu tinha a impressão de que tinha deixado de estimar-me e de que eu representava um fardo para ela. Por esse motivo comecei também a afastar-me dela e quanto isso aconteceu não tardei em contagiar-me da sua reserva. Do que resultou que todas as coisas que experimentei durante aqueles três anos e tudo o que ia amadurecendo no meu interior permaneceram como um segredo meu. E, como já não tínhamos confiança uma na outra, nunca pude abrir-lhe francamente o meu coração, apesar de querer-lhe cada vez mais. Não me é possível pensar agora, sem chorar, em toda a afeição que ela por mim mostrava e quanto de todo o seu coração se resumia em mim, com todos os seus tesouros de afeto, e como se manteve sempre fiel ao seu voto de fazer para mim as vezes de mãe. É certo que os seus próprios sofrimentos a afastavam às vezes de mim por uma temporada e acho até que por então eu me esquecia, já que eu não fazia nada para que ela me recordasse. A este tempo eu tinha feito os meus dezesseis anos, sem que ela notasse o meu desenvolvimento. Mas nas suas horas de lucidez, quando olhava conscientemente à sua volta, parecia que se assustava de repente, e então mandava-me chamar, tirava-me do meu quarto, onde eu costumava passar o tempo, e fazia-me depois um nunca acabar de perguntas, como se quisesse examinar-me e pôr-me à prova, e nessas ocasiões obrigava-me a ficar a seu lado todo o dia. Esforçava-se por adivinhar todos os meus desejos, todas as minhas comoções, e era então visível como a preocupava a idade em que eu já ia entrando. E assim como olhava pelo meu presente, preocupava-se também com o meu futuro, e com um afeto imenso procurava assegurar-me o seu auxílio em todas as circunstâncias. Simplesmente, na nossa intimidade tínhamo-nos tornado estranhas uma para a outra, e por isso ela não percebia que às vezes se conduzia com excessiva ingenuidade, e que eu penetrava profundamente nas suas intenções. Assim, por exemplo, como uma vez ela tivesse reparado nos meus livros — eu tinha então

dezesseis anos — perguntou-me de repente o que estava lendo e, quando viu que eram historietas do gênero de histórias para crianças, ficou assustada. Eu adivinhei depois a razão do seu susto e observei-a com atenção. Durante duas semanas portou-se de maneira como se fosse preparar-me, examinar-me e certificar-se, antes de mais, do meu grau de maturidade mental. Até que finalmente se decidiu e sobre a nossa mesa apareceu um dia *Ivanhoé*, de Walter Scott, romance que eu já tinha lido pelo menos umas três vezes. A princípio ela espiava com grande ansiedade a espécie de impressões que em mim suscitaria aquela leitura; então não tardou a desaparecer entre nós aquela tensão anterior e ambas nos enchemos outra vez de entusiasmo; eu me sentia contente, mesmo muito contente por não ter de afastar-me do seu lado. Quando terminamos a leitura do romance, ela estava encantada comigo. Todas as observações que eu fiz durante a leitura, cada palavra minha, cada ideia que lancei, tomou-as todas por muito pertinentes. Segundo a sua opinião, eu estava até excessivamente adiantada. Surpreendida e satisfeita, tornou a encarregar-se, com muita alegria, de dirigir o meu desenvolvimento; já não queria separar-se de mim; mas isso não estava no seu poder. Não tardou que a sorte se interpusesse entre nós, separando-nos e impedindo a nossa mútua aproximação. Para isso bastou apenas a primeira ameaça séria da sua doença; o desgosto triunfou na sua alma e de novo tornou a aparecer aquele alheamento, outra vez se interpôs entre nós aquele segredo, a desconfiança voltou a separar-nos e pode ser que tivesse sido tanto uma inibição da sua parte como da minha aquilo que veio interpor-se entre nós duas.

No entanto, apesar disso, havia certos momentos mais poderosos do que tudo. Leituras cativantes, uma palavra afetuosa, a sugestão da música… e esquecíamo-nos de tudo e começávamos a falar, com frequência mais do que era preciso, para logo depois nos sentirmos mutuamente coibidas. Era então como se de repente déssemos conta de nós próprias e nos olhássemos espantadas de nós mesmas, com uma curiosidade cômica e até com receio. Cada uma de nós tinha marcado certos limites para além dos quais não podia aproximar-se da outra; ainda que o tivéssemos desejado, não teríamos ousado atravessar essas fronteiras.

Uma tarde, pouco antes de escurecer, eu estava no salão de Alieksandra Mikháilovna, muito absorvida na leitura de um livro. Ela estava sentada ao piano e improvisava sobre motivos de música italiana. E como depois tivesse começado a executar a melodia de uma ária conhecida, eu, imediatamente, sob o estímulo daquela música que me cativava, comecei a cantarolar em voz baixa. Aquela música arrebatava-me e então levantei-me de um pulo e aproximei-me do piano. Alieksandra Mikháilovna pareceu adivinhar o meu desejo e passou ao acompanhamento, seguindo amavelmente todos os tons da minha voz. Parecia espantada com o fato de eu possuir aquela voz. Até então nunca tinha cantado diante dela e nem eu própria sabia que tinha voz. E eis que, agora, de repente, parecíamos ambas possuídas de uma inspiração interior. Eu levantava cada vez mais a voz, despertava em mim uma energia até então ignorada, uma paixão que fazia crescer a alvoroçada admiração de Alieksandra Mikháilovna, e que eu percebia em cada nota do seu acompanhamento. E eu acabei aquela ária de tal maneira, estava tão inspirada, tão compenetrada da letra, que ela, tomada de um enorme entusiasmo, me pegou nas mãos e olhou-me com olhos radiantes:

— Anieta! Mas tu tens uma voz maravilhosa! — exclamou encantada. — Meu Deus! E eu que nunca tinha dado por isso!

— Pois se até eu própria não sabia! — afirmei-lhe, comovida de alegria.

— Ah, Deus te abençoe, Deus te abençoe, minha filha, minha pequenina, meu tesouro! Dá graças a Deus pelo dom que te concedeu! Quem sabe… ah, meu Deus, meu Deus…

Estava tão cheia de assombro, tão fora de si pela força da sua alegria, que não sabia o que havia de dizer-me nem como demonstrar-me o seu carinho. Foi esse um dos tais momentos de sinceridade, de amizade e de compreensão, que havia já algum tempo não se produziam entre nós. Uma hora depois organizou-se uma espécie de festa lá em casa. Ela mandou imediatamente chamar B*** e enquanto ele não chegava, começamos com outra canção que eu sabia. Dessa vez tremia de receio. Tinha medo de desfazer, com o meu fracasso, a primeira impressão que tinha deixado. Mas logo depois a minha voz

tornou a dar-me ânimo e a infundir-me segurança. Cantava, e eu própria me admirava da potência da minha voz. Aquele segundo ensaio acabou com as minhas dúvidas. Alieksandra Mikháilovna nem sabia o que havia de fazer de tão contente que estava; mandou chamar as crianças e até a ama, e, por fim… a tanto chegara o seu entusiasmo que foi buscar o marido, obrigou-o a sair do escritório para trazê-lo até onde nós estávamos, liberdade essa que, em qualquer outra ocasião, nem em pensamentos teria ousado. Piotr Alieksándrovitch escutou com benevolência aquela novidade, felicitou-me e foi o primeiro a dizer que era preciso mandarem educar-me a voz. Alieksandra ficou tão agradecida, tão contente como se Deus lhe tivesse concedido uma grande graça, e quis até beijar as mãos do marido.

Finalmente chegou B*** A sua alegria foi enorme. Gostava muito de mim e recordava-se do meu pai adotivo e do passado, e depois de me ter ouvido cantar duas ou três canções, com uma cara séria e preocupada, e até com os seus ademanes de solenidade misteriosa, declarou que eu tinha sem dúvida uma bela voz e talvez até também talento musical, e que portanto forçoso era que me mandassem educar a voz; mas… E pôs-se a refletir; tanto ele como Alieksandra Mikháilovna pareciam dizer que era perigoso gabar-me tanto logo de princípio, e eu reparei que eles se entenderam entre si, de tal maneira que a conspiração que tramaram contra mim resultou muito branda e ingênua. Eu me ri comigo mesma durante toda a noite, pois quando cantei outra vez, pude ver como eles se esforçavam por parecer indiferentes e faziam até ressaltar com uma evidente intenção as minha falhas, e como se punham a falar alto. Mas não puderam conservar por muito tempo o domínio sobre si próprios e foi B*** o primeiro a ser infiel, rendendo-se à sua alegria íntima. Eu não supunha que ele me quisesse tanto.

Toda essa noite reinou entre nós a alegria, e a nossa conversa animada respirava uma afetuosidade desacostumada. B*** contou-nos a história de alguns artistas, de uma maneira muuito feliz, e, como artista que era, ao falar-nos da arte dos maestros célebres fê-lo com um entusiasmo que chegou a tocar as raias da veneração e da reverência.

Falou-se também do meu padrasto e depois a conversa caiu sobre a minha pessoa, e ele começou a relembrar de novo a minha infância; passou depois a falar do príncipe e da família, dos quais tão poucas notícias eu tivera desde a nossa separação. Até Alieksandra Mikháilovna sabia muito pouco deles; quem estava mais bem informado era B***, que tinha estado em Moscou algumas vezes. Mas quando chegou a esse ponto, a conversa tomou um rumo um tanto misterioso e enigmático, e houve dois ou três pormenores que diziam respeito ao príncipe e que eu não cheguei a perceber. Alieksanda Mikháilovna pediu notícias de Kátia; mas B*** não pôde dizer nada de particular e pareceu até que fugia deliberadamente de falar nela. Isto me deixou atônita. Eu não me tinha esquecido nem um momento de Kátia, mas pelo contrário, o amor que lhe votava tinha-se até enraizado cada vez mais na minha alma; e nunca pensei que nela pudesse ter-se operado algum dia uma mudança. Não tinha deixado de meditar naqueles anos todos em que íamos vivendo separadas, nem na diferença da nossa educação e nos nossos caracteres. Jamais havia ela saído do meu pensamento, onde eu continuava sempre a vê-la menina como a conhecera, e na minha imaginação continuava junto de mim, caminhávamos as duas sempre de mãos dadas. Como eu costumava identificar-me sempre com a heroína de todos os romances que lia, reservava também para a minha amiguinha, a princesinha, um papel junto de mim, duplicando assim as proporções do livro, cuja segunda parte era eu exclusivamente quem elaborava, valendo-me para isso do auxílio dos meus autores favoritos, aos quais, evidentemente, saqueava sem nenhuma piedade.

Nessa mesma noite ficou combinado em conselho de família qual professor havia de educar-me a voz. B*** recomendou o melhor de todos. De maneira que no dia seguinte apresentou-se em nossa casa o famoso maestro italiano D…, o qual me experimentou a voz e se exprimiu quase nos mesmos termos que B***, mas acrescentando que me seria muito conveniente estudar em sua casa, juntamente com as suas outras discípulas, pois a emulação e o bom exemplo eram estimulantes excelentes, etc., etc. Alieksandra Mikháilovna mostrou-se de acordo e, assim, a partir desse dia, comecei a ir regularmente três vezes por semana, de manhã, às oito horas, ao Conservatório, acompanhada de uma criada.

Mas agora devo me referir a um estranho acontecimento que produziu em mim uma grande e duradoura impressão, e em consequência do qual, como por efeito de uma brusca ruptura, entrei em outra época da minha vida. Eu ainda não tinha completado os dezessete anos, quando de súbito, se apoderou da minha alma uma incompreensível apatia; uma inércia especial, insuportável, melancólica, que eu própria não compreendia, começou a dominar-me. Todas as minhas ansiedades, todo o meu esforço e toda a minha vontade se embotaram, e até a minha fantasia se aquietava, como se se tivesse esgotado. Uma indiferença fria tinha substituído em mim o antigo fervor ardente e impaciente. Até o meu talento, que enchia de admiração todas as pessoas que me queriam, deixou de inspirar-me qualquer interesse, e eu, insensível, também o desprezava. Nada me interessava e até por Alieksandra Mikháilovna apenas sentia outra vez aquela fria indiferença anterior, apesar de todas as censuras que no meu íntimo a mim mesma eu fazia. Somente uns acessos de tristeza sem causa, ou de lágrimas súbitas, vinham interromper aquela apatia singular. E tinha ânsias de solidão… Então, nessa altura da minha vida aconteceu algo estranho que comoveu a minha alma até as suas maiores profundidades e transformou aquela paz em uma autêntica tempestade. Magoaram e feriram o meu coração. E isso acontece desta maneira:

## Capítulo VII

Entrei um dia na biblioteca (nunca o esquecerei) e peguei no último romance de Walter Scott, que ainda não tinha lido. Ainda me lembro de que nesse dia me atormentava uma tristeza sem motivo, uma espécie de pressentimento. Sentia vontade de chorar. Na sala brilhava ainda o ouro claro dos últimos raios oblíquos do sol poente, que entravam em caudais pela alta janela e iam morrer sobre as tábuas reluzentes do soalho. Tudo estava em silêncio. Também não havia ninguém nos aposentos próximos. Piotr Alieksándrovitch não estava em casa e Alieksandra Mikháilovna encontrava-se doente, de cama. Eu comecei a chorar e, enquanto folheava a segunda parte do romance, tentava adivinhar por uma ou outra frase solta, que lia de quando em quando, o sentido do texto. Era quase a mesma coisa que

se passa quando abrimos um livro ao acaso e lemos a primeira frase que se nos depara, como se fosse a sentença de um oráculo. Há momentos em que se nos aguçam morbidamente todas as potências espirituais e anímicas, e imediatamente levantam como que uma clara labareda na consciência e, nesse instante, a alma inquieta que sofria já com um pressentimento, e até com o antegozo do futuro, chega a sentir-se penetrada por um desvario profético. E queremos viver, viver assim, e o coração que arde na mais ardente e cega esperança, desejaria abranger todo o futuro, de uma só vez… o futuro, com toda a sua misteriosa incógnita e também com as suas tormentas e tempestades, pois tudo isto é também vida verdadeira. Era isso precisamente o que eu sentia.

Lembro-me de que fechei o livro para abri-lo outra vez ao acaso e, com o pensamento no futuro, ler alguma frase como se fosse a sentença de um oráculo. Mas quando o abri, e ia começar a passar as folhas, verifiquei que de entre elas saía uma folha de papel de carta escrito e dobrado em duas dobras tão apertadas, como se estivesse já há anos metida naquele livro, onde a teriam deixado por esquecimento. Cheia de curiosidade, pus-me a examinar o meu achado. Era uma carta, mas sem endereço e assinada unicamente com duas iniciais: S. D. A minha curiosidade foi aumentando, desdobrei o papel cujas folhas estavam quase coladas uma à outra, e de tão comprimidas, até tinham deixado o sinal das suas dimensões nas páginas do volume. O papel estava já muito gasto nas dobras e percebia-se que tinham lido muitas vezes aquela carta. A tinta tinha empalidecido… havia com certeza muito tempo que fora escrita, muito tempo. Em seguida saltaram-me à vista palavras soltas e o meu coração começou a palpitar, numa ansiedade enorme. Confusa, pus-me a mirar aquela carta por todos os lados, como se quisesse adiar a sua leitura. Aconteceu por acaso que a olhei mais de perto e que a aproximei da luz; conheciam-se claros vestígios de lágrimas sobre ela, e estas, em algumas partes, tinham apagado palavras completas. De quem seriam aquelas lágrimas? E, por fim, com o coração suspenso, li a primeira meia página e… fiquei a ponto de lançar um grito. Tornei a colocar o livro no seu lugar, fechei o armário, escondi a carta entre a minha roupa, corri para o meu quarto e, uma vez ali, fechei a porta e recomecei a leitura. O meu coração batia tão fortemente que as letras

me bailavam diante dos olhos, e demorei muito tempo a perceber o que lia. Aquela carta era uma revelação para mim, a descoberta daquele segredo… Um relâmpago atravessou a minha imaginação, pois adivinhei imediatamente a quem é que ela era dirigida. Bem sabia eu que cometia uma falta ao ler aquelas linhas, mas as circunstâncias podiam mais do que eu. A carta era dirigida a Alieksandra Mikháilovna.

Ei-la, aqui: vou reproduzi-la fielmente, palavra por palavra. Só vagamente compreendi o que ela dizia e depois, durante muito tempo ainda, refleti sobre o enigma e torturei o cérebro para resolvê-lo. Nesse momento acabou a minha vida interior. O meu coração ficou perturbado para muito tempo, talvez para sempre, pois aquela carta teve grandes consequências. O pressentimento que eu tivera, ao querer consultar o oráculo sobre o meu futuro, não me tinha enganado.

Aquela carta era uma última carta, uma derradeira e terrível despedida. Enquanto a lia, o meu coração se contraía tão dolorosamente como se eu própria naquele instante perdesse tudo, como se os meus sonhos e as minhas ilusões me deixassem para sempre e nada mais restasse já à minha frente senão uma vida inútil e supérflua.

Quem seria o autor daquela carta? Aquela carta encerrava tantas alusões, tantas provas, que não era possível enganarmo-nos e, sem dúvida, continha também tantos enigmas que era impossível não nos perdermos em conjeturas. Mas posso dizer que não me enganei; ademais, o próprio estilo da carta dizia já numa eloquência gritante, e confirmavam-no também outros pormenores, todo o caráter daquelas relações, nas quais dois corações se tinham despedaçado. O autor da carta exprimia os seus sentimentos e as suas ideias, com toda a sinceridade. Mas eis aqui a carta… que transcrevo literalmente:

> "Dizes que não me hás de esquecer…! E eu acredito em ti e daqui para diante toda a minha vida há de resumir-se em tuas palavras. Temos de nos separar; a nossa hora já soou. Há muito tempo que eu o sabia, minha triste e plácida formosura, mas até agora ainda não o tinha compreendido. Durante todo esse tempo que foi nosso, desde que começaste a amar-me, nem um momento só o meu coração deixou de sofrer e de tremer por este nosso amor e — és capaz de acreditar? — que, agora, a minha dor já não é tão grande. Havia já muito tempo que eu sabia que isto tinha de terminar assim e que esta era a sorte que nos estava reservada. É o Destino. E escuta, deixa-me dizer-te, Alieksandra: nós dois

não éramos da mesma condição; foi uma coisa que eu sempre senti! Não te merecia, e eu, apenas eu, devia sofrer o castigo pela felicidade que tinha gozado! Diz-me: que era eu, comparado contigo, antes de conhecer-te? Meu Deus! Passaram já dois anos e ainda não estou em mim; até agora ainda não compreendi como tu pudeste me amar! Não consigo explicar como pudemos ir tão longe, nem como é que isto começou. Lembras-te ainda daquilo que eu era, comparado contigo? Era eu digno de ti, que mérito tinha eu, em que é que eu me distinguia? Antes de conhecer-te era um homem rude e ingênuo, e tinha um aspecto triste e severo. Não desejava outra vida, não a procurava, nem sentia vontade de procurá-la. Tudo em mim estava envilecido e eu não encontrava nada mais importante do que o meu trabalho de todos os dias. Tinha apenas uma preocupação… O dia de amanhã! E ainda a respeito desse amanhã me conduzia eu de um modo bem diferente. Antes, sim, em outros tempos, uma vez eu tinha sonhado com algo semelhante e, como um louco, erguido castelos no ar. Mas desde então tinha já passado muito tempo e tinha acabado por adaptar-me à minha vida; levava uma existência solitária, concentrada, tranquila, e nem sequer sentia o frio que me esfriava o coração. E assim o meu espírito ia se embotando. Eu sabia que para mim nunca havia de nascer um novo sol, assim o acreditava e assim tinha de ser. Quando tu cruzaste o meu caminho, ignorava que podia atrever-me a levantar os olhos para ti. Eu estava diante de ti como um escravo. Na tua presença o meu coração não estremecia, não sentia nenhuma saudade de ti nem criava ilusão alguma; estava absolutamente tranquilo. A minha alma não te conhecia, se bem que também ela se encontrasse com gosto junto da sua bela irmã. Sei-o, sentia-o assim, vagamente. Podia senti-lo porque até na última partícula de pó se reflete a luz divina do sol, que o aquece e acaricia, tal como à flor mais fresca, diante da qual se inclina com humildade.

"Mas como eu sabia tudo, hás de lembrar-te que, depois de cada noite, depois da cada uma daquelas palavras que comoviam a minha alma até às maiores profundidades, eu ficava como que deslumbrado e transtornado, tudo em mim era confusão e — acreditarás? — estava tão assombrado, a minha fé era tão pouca que eu não te percebia. Nunca te falei disto. Tu não sabias de nada; eu não era assim quando tu me conheceste. Se eu tivesse podido, se eu me tivesse atrevido a falar, haveria já muito tempo que te teria confessado. Mas calava-me. Agora, sim, vou contar-te tudo, pois quero que saibas a quem perdes, de que espécie de homem te separas. Sabes como eu comecei a compreender-te? A paixão apoderou-se de mim como um fogo; como um tóxico, espalhou-se pelo meu sangue; transtornou todas as minhas ideias e sentimentos; eu me sentia como que embriagado, movia-me como por entre uma névoa, e ao teu amor puro, compassivo, não respondia como teu igual nem como alguém que tivesse sido digno do teu puro amor, mas de um modo louco, cruel. Eu não te conhecia. Respondia-te como a uma mulher que se rebaixasse aos meus olhos para pôr-se ao meu nível, e não como a uma mulher que queria levantar-me até a sua altura. Sabes o que eu pensava de ti, o que significava isso de rebaixares-te até mim? Não, não quero ofender-te, dizendo isso; apenas te direi uma coisa: tiveste uma desilusão enorme comigo. Nunca, nunca eu poderia erguer-me à tua altura! Eu apenas podia te contemplar inacessível, encerrar a tua essência espiritual no meu ilimitado amor. Mas a minha paixão não era amor. Do amor eu tinha medo: não me atrevia a amar-te. O amor… pressupõe comunidade, igualdade e eu não era digno de ti… Nem sei o que se passava comigo! Oh! Como exprimir-me de maneira que tu possas compreender-me? Eu, a princípio, não acreditava… Lembras-te como, logo que se acalmou a minha primeira comoção e se dissiparam as nuvens dos meus olhos, e me ficou só um sentimento puro e sem mácula — essa foi a minha impressão de assombro, de perturbação e de medo — lembras-te como, soluçando, me lancei de repente aos teus pés? E lembras-te também como tu, assustada e atônita, me perguntaste o que tinha? Fiquei calado, não fui capaz de te responder, mas a minha alma despedaçou-se. A felicidade oprimia-me como uma carga insuportável e os meus soluços diziam: "Por que aconteceu isto? Que fiz eu para merecê-lo? Por que esta felicidade? Irmã, minha irmã!". Oh, e quantas vezes — e tu reparavas — quantas vezes não

beijei eu os teus vestidos às escondidas, pois sabia que não era digno de ti… e me faltava o alento e o coração me palpitava devagar e com força, como se fosse parar, parar para sempre. Quando te pegava na mão, empalidecia e tremia; tu perturbavas-me com a tua pureza. Não, não consigo exprimir tudo isso que enchia a minha alma e que com tanta veemência desejaria transbordar dela em palavras.Sabes que muitas vezes ficava difícil suportar a tua ternura calma e compassiva, que era um tormento para mim? Quando me beijaste (foi uma única vez e nunca o esquecerei), os meus olhos nublaram-se e a minha alma como que mergulhou numa névoa escura. Por que não havia eu de ter morrido a teus pés, nesse momento? Ouve: é esta a primeira vez que eu te trato por *tu*, apesar de já há muito tempo me teres pedido que o fizesse. Compreendes o que quero dizer? Quero dizer-te tudo e vou dizer-te isto: tu tens por mim um grande amor; tu gostas de mim como a irmã do irmão; tu me amas como obra tua, pois foste tu quem fez viver o meu coração; tu despertaste a minha alma, enchendo-a de doces ilusões; mas eu não podia, não me atrevia… Eu nunca te chamei irmã, porque não podia ser teu irmão, porque não éramos iguais, porque tu tinhas-te enganado comigo!

"Mas olha, estou falando unicamente de mim; até mesmo agora, neste momento de dor, apenas penso em mim, apesar de saber que tu sofres por minha causa. Oh, não sofras por mim, minha amiga querida! Tudo isto se veio a saber e… tanto barulho para nada! Repudiaram-te a ti, em vez de ser a mim, há de ser a ti que hão de castigar com o seu desprezo e as suas troças, porque eu já estava bem baixo aos olhos de todos! Oh, e como foi grande a minha culpa em não ser digno de ti! Se aos olhos das pessoas eu tivesse outra condição, títulos ou valor pessoal, se eu lhes merecesse maior apreço… então, poderiam te perdoar. Mas eu não sou nada e nada valho; sou um homem ridículo e não há nada tão vil como o ridículo! Mas… quem são esses os que murmuram? Precisamente por isso, só porque eles murmuram, eu perdi todo o valor… então, eu era fraco. Queres que te diga qual é hoje a minha disposição de espírito? Pois olha, dou risada da minha sombra e creio que as pessoas têm razão quando dizem que eu me odeio a mim próprio e me acho ridículo aos meus próprios olhos. Sim, odeio até a minha cara, a minha figura, todos os meus costumes, todos os meus gestos torpes; sempre tive ódio por mim mesmo. Oh, perdoa o meu rude desespero! Mas tu própria me ensinaste a dizer-te tudo. Empurrei-te para a desgraça; por minha causa chegaste a ser alvo das troças e dos risos dos outros… porque eu não era digno de ti.

"E este é o único pensamento que me aflige; atormenta-me o cérebro sem cessar, trespassa-me e destrói-me o coração. E parece-me que tu nunca amaste o homem que eu era, mas um outro que só tu vias em mim; enganaste-te comigo. É isso o que agora me tortura, o que há de torturar-me até a minha morte, se é que… não hei de ainda enlouquecer.

"Mas tenho que despedir-me agora de ti, despedir-me! Agora que já sabes tudo, que começam a ouvir-se os seus gritos e os seus juízos severos (já os ouvi); agora, que me sinto pequeno e rebaixado a meus próprios olhos e que me envergonho de mim mesmo, e até de ti me envergonho, pela tua escolha; e agora que eu me amaldiçoei já a mim próprio… agora devo desaparecer para o bem da tua tranquilidade. É preciso que seja assim e não tornarás jamais a ver-me. Assim deve ser, assim está marcado pela sorte. Muito me deu ela, ainda que fosse por engano, e agora repara o seu erro, tirando-me tudo. Cruzaram-se os nossos caminhos, conhecemo-nos e agora novamente nos separamos até que voltemos a nos encontrar. Onde e quando será? Oh, diz-me, meu amor, onde nos voltaremos a ver, onde poderei encontrar-te, como poderei reconhecer-te… e se então me compreenderás? Tenho a alma tão cheia de ti! Oh! Por que nos acontece isto? Por que temos de nos separar? Explica-me… Eu não o compreendo, não o poderei compreender nunca. Explica-me tu como é possível partir uma vida em duas metades, como é possível arrancarem-nos o coração do peito e, no entanto, não morrer. Quando penso que nunca mais hei de tornar a ver-te, nunca mais!

"Meu Deus, e que burburinho armaram! Como receio agora por ti! Há uma

hora falei com o teu marido; nenhum de nós dois é digno dele, se bem que em nada o tenhamos ofendido. Ele sabe tudo: vê-nos tal e como nós somos, e compreende tudo; já há muito tempo que o percebeu. E agora saiu em tua defesa como um herói. Ele te protegerá contra os murmúrios dos outros e há de amparar-te; tem por ti um amor e uma estima sem limites; há de ser o teu salvador agora que eu desapareço… Eu até senti vontade de lhe beijar as mãos… Ele me disse que era preciso que eu partisse imediatamente. E já está decidido! Diz que por tua causa rompeu com toda essa gente rica, mas eles estão todos conjurados contra ti. Acusam-no de excessivamente fraco e presunçoso. Meu Deus! O que não hão de dizer de ti! Mas se eles soubessem! Não podem, não são capazes de compreender a verdade. Perdoa-lhes, minha pobrezinha, perdoa-lhes como eu lhes perdoo. A mim fizeram-me perder mais do que a ti!

"Não sei… Não sei o que te escrevo. Que te disse eu ontem, quando nos despedimos? Já esqueci tudo. Eu não estava em mim… Tu começaste a chorar… Perdoa-me essas lágrimas! Sou tão fraco, tão tímido!

"Queria ainda dizer-te mais uma coisa… oh, beijar-te uma vez mais as mãos salpicadas dessas lágrimas que ontem apagaram as minhas letras no painel! Lançar-me uma vez mais a teus pés. Se eles soubessem como é puro e bom o teu sentimento! Mas estão cegos; têm os corações duros e soberbos; não veem nem verão nunca. Por que lhes falta aquilo com que se vê! Nunca hão de acreditar que tu estás inocente, ainda que todos o jurassem. E eles serão capazes de atirar-te pedras! Que não será a primeira? Oh, não hão de deter-se e hão de lançar mil pedras sobre ti! Sim, eles farão isso porque sabem a maneira de fazê-lo. Reúnem-se todos e dizem que são inocentes porque o são! Oh, se eles soubessem o que fazem! Se fosse possível dizer-lhes tudo, sem rodeios, para que eles pudessem ouvir, ver, compreender e convencerem-se! Mas não, não, são tão maus… Eu falo a linguagem do desespero… até pode ser que calunie. E talvez te contagie do receio que sinto por ti! Não, não tenhas medo deles, minha vida! Hão de aprender a conhecer-te; pelo menos há já um que te compreende: o teu marido! Por isso, não desesperes.

S.D."

Era tão grande a minha comoção que estive muito tempo sem perceber o que se passava comigo, a realidade tinha vindo surpreender-me repentinamente, de maneira inesperada, no meio da alegre vida de sonhos que eu levava havia três anos. Cheia de espanto cheguei à compreensão de que tinha nas minhas mãos um grande segredo e que esse segredo havia de ser, enquanto eu vivesse, uma pressão para mim… Como? Eis aqui o que por então ignorava. Sentia que naquele momento tinha começado para mim uma nova vida. Agora, sem o desejar, era eu uma coparticipante demasiado próxima na vida e nas relações daquelas criaturas que compunham ainda todo o meu mundo circundante, e receava por mim mesma. Como me tinha intrometido em sua vida, eu, a quem ninguém tinha chamado, eu, que era uma estranha para eles? Que poderia eu oferecer-lhes? Como poderia alguma vez romper aquelas cadeias que, de maneira tão súbita, me ligavam a um segredo? Seria por acaso o meu novo papel tão doloroso para eles como para mim? Eu podia não me calar ou não

aceitar esse papel, ou fechar para sempre no meu coração o que sabia. Mas o que é me esperava? O que eu devia fazer? E, afinal, concretamente, o que é que eu sabia? Dentro de mim formulavam-se mil perguntas ainda vagas e obscuras e oprimiam-me o coração de maneira intolerável. Eu estava como que louca.

Depois, lembro-me bem, surgiram outros momentos que me trouxeram sensações novas, estranhas, que eu nunca tinha experimentado até então. Era como se qualquer coisa se fundisse no meu peito, como se aquela antiga nostalgia se afastasse de mim, e o meu coração, lentamente, se fosse enchendo de qualquer coisa, de que eu não sabia se me havia de entristecer ou alegrar. A minha disposição de espírito, nesses momentos, era comparável à daquele que abandona para sempre a sua casa e a sua vida anterior, tranquila e despreocupada, para empreender uma caminhada larga e desconhecida, e que pela última vez relanceia a vista à sua volta e em pensamento se despede de tudo, com o coração penetrado de uma amarga tristeza, com o pressentimento sombrio de tudo quanto no futuro ignora e que talvez seja triste e hostil. Finalmente desatei a chorar e esse choro espasmódico aliviou-me. Sentia necessidade de ver alguém, de ouvir esse alguém e de abraçá-lo com muita força. Agora já não podia, não queria estar só: corri em busca de Alieksandra Mikháilovna e passei toda a noite em sua companhhia. Estávamos as duas sós. Pedi-lhe que não fosse para o piano e, apesar dos seus pedidos, neguei-me a cantar. Sentia-me abatida e não podia concentrar o pensamento. Acho que choramos as duas. Pelo menos creio que me lembro de que ela se assustou quando me viu naquele estado de espírito e me dirigiu algumas palavras com o fim de me tranquilizar e de acalmar a minha agitação. Observou-me, inquieta, afirmou-me que eu não estava bem e que devia ter mais cuidado comigo. Despedi-me dela com tristeza e aborrecida comigo mesma. Estava como que inconsciente e quando me meti na cama, tinha febre.

Demorei vários dias para me recompor, para despertar daquele estado e poder examinar mais claramente a minha situação. Por esse tempo levávamos uma vida completamente solitária, pois Piotr Alieksándrovitch precisou ir a Moscou para tratar de um assunto particular e demorou-se ali três semanas. Mas, apesar de ter sido tão

breve o tempo que estiveram separados, foi enorme o desgosto de Alieksandra Mikháilovna por estar longe do marido. Às vezes parecia mais tranquila, mas, apesar disso, fechava-se no seu quarto, de onde concluí que a minha presença a molestava. Mas também eu sentia ânsias de solidão. O meu pensamento trabalhava numa tensão verdadeiramente espasmódica e, no entanto, não conseguia sair da névoa que me envolvia. Depois, durante muito tempo tornei a recair numa meditação torturante que não podia afugentar e que se apoderava de mim como um sonho. E então parecia-me que alguém se ria de mim, e essa preocupação alterava e envenenava todos os meus pensamentos. Não podia apagar as visões torturantes que a todos os momentos me surgiam pela frente e que não me deixavam um minuto de repouso. Eu assistia a um grande e cruel martírio, e via a vítima que, tranquila, serena, sem uma queixa e sem razão, assim era sacrificada. Parecia-me que aquele a quem ela se oferecia em holocausto a desprezava e se ria dela. Parecia-me ver um pecador que imputava pecados a um justo e o meu coração despedaçava-se. Mas ao mesmo tempo desejava sacudir com toda as energias aquela suspeita; amaldiçoava essa suspeita e aborrecia-me a mim própria pelo fato de as minhas convicções não serem outras convicções, mas apenas simples conjeturas, e pelo fato de não poder encontrar-lhes um fundamento. Depois voltei a relembrar aquelas frases, aquelas últimas e veementes palavras da terrível despedida. Imaginava essa despedida daqueles que… eram de condição desigual; esforçava-me por descobrir todo o torturante sentido daquela palavra: “Não sou teu igual”. E comovia-me terrivelmente aquele último adeus desesperado: “Sou ridículo e eu próprio me envergonho da tua escolha”. Que queria dizer aquilo? Que espécie de seres eram aqueles? Que aspirações tinham, que tormentos sofriam? Que tinham eles perdido? Dominei-me e tornei a ler com a maior atenção aquela carta que encerrava tanto desespero e cujo sentido era para mim tão estranho incompreensível. Mas a carta tombou-me das mãos e uma comoção alvoroçada se apoderou da minha alma… Tudo aquilo havia de encontrar um dia a sua solução, mas, ou não via por então o seu desenlace, ou tinha medo de vê-lo!

Estava quase doente, quando um dia parou diante do portão da casa a carruagem de Piotr Alieksándrovitch. Tinha regressado de

Moscou. Alieksandra Mikháilovna, muito contente, apressou-se a sair ao encontro de seu marido; porém, eu fiquei como que paralisada. No entanto me lembro de que eu mesma me surpreendi, com espanto, da minha súbita comoção. Não pude conter-me e corri para o meu quarto. Não compreendo o que me teria assustado dessa maneira; mas o fato de sentir aquele susto infundiu-me ainda mais medo. Daí a um quarto de hora chamaram-me e entregaram-me uma carta do príncipe. Vi depois no salão um desconhecido que tinha chegado de Moscou em companhia do príncipe e, de palavras soltas da sua conversa que apanhei no ar, pude inferir que ele vinha passar uma temporada conosco. Era o procurador do príncipe que tinha vindo de Petersburgo por motivo de algum assunto importante da família daquele que até então tinha estado a cargo de Piotr Alieksándrovitch. Foi ele também quem me entregou a carta do príncipe, dizendo-me que igualmente a princesa desejara escrever-me e que até o último momento insistiu em assegurar-me que me escreveria; mas que finalmente acabara por deixá-lo partir com as mãos vazias, suplicando-lhe que me dissesse o seguinte: que, na verdade, nada tinha para escrever-me; que já tinha rasgado uma carta de cinco folhas mas que se tinha convencido de que, por escrito, não se podia dizer nada, e que, finalmente, em breve teríamos oportunidade de falar demoradamente, pois não nos tardaríamos a ver. À minha pergunta impaciente sobre quando seria o nosso encontro, respondeu-me o desconhecido que o príncipe e toda a sua família tinham a intenção de regressar em breve a Petersburgo, o que certamente não deixariam de fazer. O meu alvoroço quando ouvi aquilo foi tão grande que não sabia o que fazer nem o que dizer; subi rapidamente para o meu quarto, fechei-me à chave, e pus-me a chorar enquanto abria a carta do príncipe. Prometia que em breve nos tornaríamos todos a ver e, profundamente comovido, felicitava-me pelos meus progressos: terminava dando-me a sua bênção e prometendo velar pelo meu futuro. Eu não deixei de chorar enquanto lia aquela carta; e as minhas lágrimas eram acompanhadas de um sofrimento tão insuportável que, lembro-me, cheguei a inquietar-me por mim própria. Não sabia o que se passava comigo.

Decorreram assim dois dias. No quarto situado entre o meu e a biblioteca, onde antes trabalhava o secretário e ajudante de Piotr Alieksándrovitch, trabalhava agora à tarde e muitas vezes também

depois do jantar, até à meia-noite, aquele recém-chegado. Muitas vezes ele e Piotr Alieksándrovitch reuniam-se no gabinete, fechavam-se e trabalhavam juntos. Uma tarde, Alieksandra Mikháilovna pediu que fosse ter com o marido, que estava no seu escritório, e lhe perguntasse se queria tomar o chá conosco. Não estava ninguém no escritório; mas, supondo que ele não tardaria a voltar, fiquei ali à espera. Numa parede via-se o retrato dele. Recordo ainda como estremeci quando olhei aquele retrato, que depois tornei a contemplar com uma comoção para mim mesma incompreensível. Estava muito alto e o crepúsculo vespertino não deixava já vê-lo com clareza; para vê-lo melhor aproximei uma cadeira e subi nela. Queria descobrir, nem eu sabia o quê: era como se esperasse encontrar uma resposta às minhas perguntas; e ainda me lembro de que o que mais me chocou naquele retrato foram os olhos. Ao mesmo tempo pensei que nunca tinha reparado nos olhos daquele homem, pois trazia-os sempre escondidos por detrás das lentes.

Já em pequena não me tinha sido possível suportar o seu olhar, e isso por efeito de um preconceito inexplicável e estranho, mas que ao mesmo tempo achava justificado. De repente, pareceu-me que os olhos do retrato se afastavam, confundidos, com o fim de escaparem ao meu inquisidor e perscrutador olhar, que o evitavam tenazmente, e que, naqueles olhos, se abrigavam a falsidade e a mentira; pareceu-me ter adivinhado tudo e uma alegria, que eu própria não conseguia explicar, correspondia em mim àquela intuição. De súbito pareceu-me que havia alguém no gabinete. Olhei à minha volta: diante de mim estava Piotr Alieksándrovitch, que me fixava atentamente. De repente, ele corou. Eu me fiz também muito vermelha e, de um salto, desci da cadeira.

— Que faz aqui? — perguntou-me com severidade. — Por que está aqui?

Eu não sabia o que havia de responder. Recompus-me e, como Deus quis, transmiti-lhe o convite da esposa. Não sei o que ele me respondeu nem tampouco como saí do quarto; mas quando regressei para junto de Alieksandra Mikháilovna, já me tinha esquecido completamente da resposta que ela esperava, e disse-lhe ao acaso que sim, que ele tomaria o chá conosco.

— Mas o que tu tens, Niétotchka? — perguntou-me ela. — Estás vermelha como uma romã. Olha para o espelho e verás… O que tu tens, minha filha?

— Não sei, talvez fosse de ter vindo muito depressa… — eu lhe disse.

— O que te disse, Piotr Alieksándrovitch? — interrompeu-me ela, um tanto confusa.

Eu não lhe respondi. Naquele momento, ouviram-se passos; era ele que chegava e eu me escapuli. Durante duas horas estive aguardando, tomada de grande tristeza. Finalmente, Alieksandra Mikháilovna chamou-me. Parecia taciturna e preocupada. Quando eu entrei, deitou-me um olhar rápido e inquiridor e fechou os olhos. Julguei ter notado uma certa perturbação no seu rosto. Não tardei a perceber que estava de mau humor: falava pouco, evitava olhar-me diretamente e, como resposta às perguntas preocupadas de B***, queixou-se de dor de cabeça. Piotr Alieksándrovitch, em compensação, estava mais falante do que de costume; mas apenas falava com B***.

Alieksandra Mikháilovna, distraída, foi sentar-se ao piano.

— Cante-nos alguma coisa — pediu B***, dirigindo-se a mim.

— Sim, Anieta, canta a tua nova canção — disse Alieksandra Mikháilovna rapidamente, como se escolhesse com alegria aquele pretexto.

Olhei para ela e pareceu-me vê-la tomada de uma grande ansiedade.

Mas não pude dominar-me. Em vez de aproximar-me do piano para cantar pelo menos qualquer coisa, perturbei-me, fiquei indecisa e, no meio da minha perturbação, não fui capaz de arranjar um pretexto, até que por fim me mostrei aborrecida e me neguei firmemente a fazer-lhes a vontade.

— Mas por que não queres cantar? — perguntou-me Alieksandra Mikháilovna, que ficou a olhar para mim, e o mesmo fez o marido

durante uma fração de segundo.

Aqueles dois olhares restituíram-me o domínio de mim mesma. Levantei-me na maior perturbação, a qual tentava em vão dissimular, e tremendo pela força de uma comoção que vinha a ser uma amálgama de cólera e de impaciência, tornei a repetir com mais veemência que não queria, que não podia cantar… que estava doente. Quando disse isto, olhei para todos francamente. Mas só Deus sabe quanto eu teria dado para ter podido fechar-me no meu quarto naquele momento e esconder-me das vistas de todos.

B*** ficou surpreendido e Alieksandra Mikháilovna, visivelmente preocupada, embora não tivesse dito nada. Piotr Alieksándrovitch levantou-se rapidamente do seu lugar, disse que se tinha esquecido de qualquer coisa de importância e, como se fosse muito contrariado por causa disso, saiu precipitadamente da sala, avisando previamente que talvesse voltasse mais tarde, mas que, se entretanto não voltasse, se despedia já de B***, ao qual apertou a mão.

— Pode dizer-me o que se passa? — perguntou-me B***. — Na verdade, parece que está doente.

— De fato não me sinto bem, não me sinto bem — respondi-lhe com impaciência.

— Agora estás pálida, e no entanto ainda há pouco estavas tão corada! —disse Alieksandra Mikháilovna, mas calou-se logo em seguida.

— Ora, isto não é nada! — eu disse para tranquilizá-la e dirigi-me para ela. Olhei-a francamente, no rosto. A pobre não pôde resistir ao meu olhar; baixou o seu como uma culpada e um leve rubor subiu até as suas faces pálidas. Eu lhe peguei nas mãos e beijei-as. Ela me olhou — bem o senti — com uma tímida alegria.

— Desculpe que eu me porte hoje como uma garota desobediente — disse-lhe com a maior brandura — mas na verdade não me sinto bem. Por isso peço-lhes que tenham paciência e consintam que eu me retire para o meu quarto.

— Todos nós somos crianças — respondeu ela com um tímido sorriso. — Eu também sou uma criança, e pior, muito pior do que tu — murmurou ela ao meu ouvido. — Então boa noite e desejo-te as melhoras. Mas, por amor de Deus, não fiques aborrecida comigo!

— Aborrecida com a senhora? Por quê? — perguntei-lhe surpreendida por aquela ingênua confissão.

— Por quê? — repetiu ela, tomada de súbita perturbação, como se se tivesse assustado consigo própria. — Por quê? É para que vejas como eu sou, Niétotchka! O que é que eu te queria dizer… Boa noite! És mais viva do que eu… E eu sou pior do que uma criança.

— Bem… Está bem!

Eu estava comovida e não sabia o que havia de responder. Tornei a beijá-la e retirei-me.

Fiquei aborrecida comigo própria, pois compreendia que era muito imprudente e que não sabia conduzir-me. Aquilo era qualquer coisa que me envergonhava até o ponto de fazer-me chorar e dormi nessa noite com um grande peso sobre o coração. No dia seguinte, quando acordei, o meu primeiro pensamento foi que tudo aquilo da noite anterior… nada mais tinha sido do que um pesadelo; que tudo se reduzia a uma alucinação mútua, devido à qual tínhamos atribuído àquelas futilidades a importância de acontecimentos transcendentes; e que muito simplesmente nos tínhamos precipitado, devido precisamente à nossa inexperiência da vida e ao fato de não estarmos acostumadas a receber impressões vindas do exterior. Eu compreendia que aquela carta é que tinha a culpa de tudo, pois me tinha inquietado excessivamente, inflamando a minha fantasia, obrigando-a a sair da sua costumada órbita, e, portanto, o melhor que eu tinha a fazer era não voltar, dali por diante, a lembrar-me dela. Depois de ter conseguido aliviar o meu desgosto com a ajuda desses raciocínios, convencida de que seria muito fácil levar a cabo tal resolução e não tornar a pensar na carta, fiquei tranquila e até alegre e encaminhei-me para a aula de canto. O ar da manhã acabou por desanuviar-me o pensamento. Aqueles passeios matinais até a casa do professor constituíam para mim um verdadeiro alívio e agradavam-me muito.

Era tão bom caminhar pela cidade que começava já a animar-se, principiando, como um relógio, a sua tarefa diária! Geralmente passávamos pelas ruas centrais que eram evidentemente as mais concorridas e a mim agradava aquele começo da minha carreira artística, inclusive aquele contraste entre os pormenores cotidianos, os pequenos cuidados, que apesar de tudo são de uma importância fundamental, e a arte que me esperava a dois passos daquela vida, no terceiro andar de um prédio gigantesco, habitado desde cima até abaixo por criaturas para as quais a arte nada significava. Eu, com o meu papel de música debaixo do braço, por entre aquela gente atarefada e fatigada — acompanhada pela velha Natália que, embora nem suspeitasse, sempre me fazia preocupar com o enigma daquilo que poderia ser o seu pensamento — e, por fim, o meu professor — meio italiano e meio francês, um homem verdadeiramente estranho, em algumas ocasiões um entusiasta inflamado, mas noutras um pedante e quase sempre, e em primeiro lugar, um vaidoso — tudo isso me distraía e me trazia motivos de riso ou de reflexão. Deve levar-se ainda em conta que eu, por muito indecisa que estivesse, amava já a minha arte com apaixonada ilusão. Levantava castelos no ar, pintava para mim mesma o mais lisonjeiro futuro e não eram raras as vezes que voltava para casa… com a cabeça em fogo. Em resumo: nesses momentos, eu era quase feliz.

Eram os mesmos sentimentos que me animavam quando voltava para casa, aí pelas dez horas. Todas as minhas preocupações tinham desaparecido e, segundo me lembro ainda, estava na melhor das disposições, cheia de toda a espécie de ilusões quanto ao futuro. Mas, de repente, quando subia as escadas estremeci como se me tivesse queimado. Acaba de ouvir lá em cima a voz de Piotr Alieksándrovitch, que descia a escada naquele instante. O sentimento de desgosto que me tomou foi tão forte, que a recordação da noite anterior se apoderou de mim, dessa vez com tal força e de maneira tão súbita, que não tive coragem para dissimular. Fiz-lhe um breve cumprimento; mas o meu rosto denotava de modo tão claro os meus sentimentos, que ele se deteve a olhar para mim. Eu corei e subi mais depressa. Ele resmungou qualquer coisa e continuou o seu caminho.

Pus-me a chorar de raiva, mas não podia compreender bem do

que se tratava. Durante todo o dia estive transtornada, sem saber o que havia de fazer para acabar de pôr termo a todo aquele suplício moral e libertar-me dele de uma vez para sempre.

Mil vezes tomei a decisão de ser mais discreta dali em diante e mil vezes a angústia tornou a apoderar-se de mim. Sentia que odiava aquele homem e ao mesmo tempo sentia-me desesperada comigo mesma. Caí doente de tantas comoções e perdi o domínio sobre o meu próprio espírito. Por fim, acabei por odiá-los a todos e passava os dias inteiros no meu quarto. Nem sequer ia ver Alieksandra Mikháilovna. Foi ela quem veio procurar-me. E quando me olhou no rosto, quase que deu um grito. Estava tão pálida, quando me vi no espelho, que até fiquei assustada com o meu aspecto. Alieksandra Mikháilovna demorou-se uns momentos junto de mim, como se procurasse fazer companhia a uma criança doente.

No entanto a sua abnegação e o seu carinho puseram-me tão triste e a sua ternura para comigo tornou-se tão intolerável, e angustiava-me tanto a sua presença, que lhe pedi que me deixasse sozinha. Ela se retirou muito preocupada com o meu estado. Finalmente desatei a chorar e tive uma verdadeira crise de lágrimas. Depois senti-me mais aliviada…

Mais aliviada porque tinha decidido ir vê-la. Queria ajoelhar-me a seus pés, dar-lhe a carta que tinha perdido e confessar-lhe tudo; todos os tormentos que tinha sofrido, todas as minhas dúvidas e com todo o amor ilimitado que por ela sentia, abraçar-me a ela, dizer-lhe que era sua filha, sua amiga; abrir-lhe completamente o meu coração para que pudesse olhá-lo e ver o amor tão fervoroso que eu tinha por ela e como era inquebrantável a confiança que nela depositava. Meu Deus! Eu sabia, compreendia que era eu a última pessoa a quem ela poderia abrir o coração; mas precisamente por isso parecia-me, por não ter outro recurso, que as minhas palavras ainda deviam ter algum valor… Adivinhava, compreendia a sua dor, se bem que de maneira vaga e confusa, e o meu coração batia de indignação ao pensar que ela pudesse ruborizar-se diante de mim, diante da minha apreciação…

— Ó minha pobrezinha, minha pobrezinha, terás sido tão pecadora como supões?

Era isto o que eu queria dizer-lhe, diante dela. O sentimento da justiça arrebatava-me; eu nem era senhora de mim mesma. Não sei se teria sido capaz de dizer-lhe tudo… Mas vim a cair em mim, depois de um acontecimento casual que nos salvou a ambas da perdição, compelindo-me a dar quase o primeiro passo. O desgosto apoderou-se de mim. Eu não teria podido, apesar disso, ressuscitar o seu coração para uma nova esperança? Não. A única coisa que teria feito, teria sido desejar que ela morresse na ocasião.

Mas aconteceu o seguinte: quando me dirigia para o seu quarto, atravessando a penúltima sala que o antecedia, entrei de repente por outra porta, nessa sala. Piotr Alieksándrovitch, sem me ter visto, deu também alguns passos em direção ao quarto da esposa. Eu me detive, como que paralisada. De maneira nenhuma desejaria tê-lo visto naquele momento. Quis retroceder; mas, de repente, a curiosidade deixou-me ali estacada, sem movimento.

Piotr Alieksándrovitch atravessou a sala, deteve-se um instante diante do espelho, alisou os cabelos com as mãos e, de repente, cheia de um assombro indescritível, ouvi-o trautear uma música alegre. Como um relâmpago, pela minha imaginação passou uma recordação vaga e remota dos meus anos da infância. Mas, graças a essa evocação, tornou-se mais compreensível a estranha sensação que então experimentei. Exponho aqui essa recordação.

Ainda nos primeiros anos da minha permanência naquela casa, surpreendeu-me muito uma vez certa observação casual que, até agora, no momento presente, não se me apresentou claramente à consciência, mas que então me fez compreender bem a causa da minha inexplicável aversão àquele homem. Já disse que, nesse tempo, a sua presença me provocava sempre uma grande contrariedade. Também me referi à impressão que em mim fazia o seu caráter severo e sombrio, o seu rosto muitas vezes triste, verdadeiramente lúgubre; e como me eram difíceis de suportar aqueles momentos que passávamos juntos tomando o chá com Alieksandra Mikháilovna, e também… que sentimento tão doloroso se apoderava do meu coração quando — o que apenas sucedeu duas ou três vezes — fui testemunha daquelas cenas deprimentes, para mim então ainda completamente incompreensíveis.

Foi no mesmo quarto e quando nos dirigíamos ambos para os aposentos de Alieksandra Mikháilovna. Tomava-me um medo infantil quando me encontrava sozinha com ele, escondia-me num canto, angustiada, e pedia a Deus que ele não reparasse em mim. Exatamente como agora, também ele se deteve diante do espelho, e eu estremeci, assaltada por uma impressão desconhecida, muito pouco infantil. Pareceu-me que ele mudava de cara de um momento para o outro. Pelo menos antes, quando assomou ao espelho, eu tinha visto um sorriso nos lábios, um sorriso tal como nunca lhe tinha visto, pois ele nunca se ria na presença de Alieksandra Mikháilovna. E depois, subitamente, ainda mal não tinha lançado os olhos ao espelho, mudava por completo de cara; o sorriso desaparecia como por efeito de uma ordem e dava lugar a uma expressão de indizível amargura que fosse violentamente imposta à sua alma; um sentimento que, segundo parecia, não existia poder humano capaz de escondê-lo, por muito grande que fosse o intento de disfarçá-lo; e que uma dor convulsiva lhe contraía a boca, lhe franzia a testa e as sobrancelhas. O seu olhar severo escondeu-se por detrás dos óculos; numa palavra: o seu rosto, como se obedecesse a uma ordem, tornou-se num instante a cara de outro homem. Lembro-me de que eu, uma pobre criança, que não precisava de tanto para me assustar, comecei a tremer de medo, de medo de compreender, de penetrar em tudo e de ver o que via, e desde esse momento, aquela impressão desagradável, deprimente, ficou para sempre gravada no meu coração. Depois de se ter olhado daquela maneira no espelho, baixou a cabeça e tomou um ar de cansaço — aquele com que costumava apresentar-se diante de Alieksandra Mikháilovna — e encaminhou-se devagar para o seu toucador. Foi esta a recordação que agora, de repente, passou como um relâmpago pela minha memória.

Também agora, como então, ele julgava encontrar-se sozinho naquela sala, e também parou diante do mesmo espelho. Então, como agora, ali estava eu sem que ele me visse, animada de um sentimento hostil, desagradável. Mas quando o ouvi cantarolar aquela cançoneta — uma cançoneta nos lábios daquele de quem havia tudo a esperar menos aquilo — e ao ficar meio paralisada de espanto, quando no mesmo instante, atravessou o meu pensamento, como um relâmpago, a sua semelhança com aquele outro instante da minha infância… não

posso exprimir a sensação que, de repente, como um punhal, me trespassou a alma. Todos os meus nervos se crisparam e, como resposta àquela infeliz cançoneta, soltei uma gargalhada tal que o pobre cantador se afastou do espelho, de um pulo, deu um grito e, pálido como um cadáver, como um malfeitor surpreendido em flagrante delito, ficou a olhar para mim, transtornado de assombro, de surpresa e de raiva. O seu olhar irritou-me doentiamente e respondi-lhe com outra gargalhada nervosa, interminável… Depois passei junto dele sem deixar de me rir, e rindo sempre entrei no quarto de Alieksandra Mikháilovna. Eu sabia que ele estava por detrás do reposteiro; que talvez estivesse indeciso entre entrar ou retirar-se; que a cólera e o rancor o deixavam aturdido, preso ao lugar em que se encontrava… e, com uma impaciência estranhamente irritada, obsessiva, esperava, para ver pelo que havia de decidir-se. Alguém teria apostado que ele não entrava, e teria ganho a aposta. Levou meia hora até se decidir. Alieksandra Mikháilovna ficou durante muito tempo a olhar para mim, assombrada; e foi em vão que perguntou pela causa da minha agitação. Mas eu não podia responder-lhe, faltava-me respiração. Por fim, pensou que eu acabava de ter um ataque de nervos e ficou olhando para mim, inquieta. Quando me encontrei um pouco mais refeita, peguei-lhe nas mãos e cobri-as de beijos. Então acabei por recuperar a serenidade e disse para comigo mesma que a teria morto se não se tivesse dado aquele meu encontro casual com o marido. Olhei para ela como teria olhado para uma ressuscitada.

Piotr Alieksándrovitch entrou no aposento.

Lancei-lhe um breve olhar. Parecia que nada tinha acontecido, quero dizer, estava tão sombrio e concentrado em si mesmo como de costume. Apenas me senti chocada ao ver que estava pálido e que tinha franzidas as comissuras dos lábios, de onde concluí que só com muito esforço dominava a sua comoção. Saudou friamente Alieksandra Mikháilovna e, em silêncio, sentou-se no seu lugar. A sua mão tremia um pouco quando segurou na xícara de chá. Eu esperava um assomo de cólera e um vago sobressalto se apoderou de mim. Desejaria retirar-me imediatamente, mas não podia decidir-me a abandonar Alieksandra Mikháilovna, que tinha mudado de aspecto ao ver entrar

o marido. Também ela tinha o pressentimento que nada de bom a esperava. E finalmente acabou por acontecer o que eu esperava com tanta ansiedade.

No meio do mais profundo silêncio levantei os olhos e o meu olhar foi encontrar-se com os cristais das lentes de Piotr Alieksándrovitch, precisamente fixos em mim. Aquilo era tão chocante, por ser tão fora do costume, que eu estremeci, estive a ponte de deixar escapar uma exclamação e fechei os olhos. Alieksandra Mikháilovna reparou no meu terror.

— O que tem? Por que ficou tão vermelha? — perguntou-me Piotr Alieksándrovitch com secura e até grosseria.

Fiquei calada. O meu coração batia com tanta força que não teria podido articular uma palavra.

— Por que ficou tão vermelha? Por que enrubesce constantemente? — perguntou ele dirigindo-se a Alieksandra Mikháilovna, enquanto me olhava de soslaio.

O mal-estar cortou-me a respiração. Olhei para Alieksandra Mikháilovna com olhos implorativos. Ela me compreendeu. Às suas faces pálidas subiu um leve rubor.

— Anieta — disse-me, com uma voz tão firme como eu de maneira alguma podia ter esperado dela — vai para o teu quarto que eu já vou lá, daqui a um momento; passaremos juntas o serão…

— Acabo de fazer-lhe uma pergunta. Não me teria ouvido, por acaso?:— interrompeu Piotr Alieksándrovitch, levantando a voz, como se não tivesse ouvido o que dizia a mulher. — Por que fica tão corada quando me vê? Responda-me.

— Porque tu fazes enrubescer a ela e até a mim — respondeu por mim Alieksandra Mikháilovna, balbuciando, muito excitada.

Eu olhei para ela, surpreendida. Já desde o princípio a energia da sua réplica me fora completamente incompreensível.

— Eu faço com que tu cores? — perguntou Piotr Alieksándrovitch

extraordinariamente assombrado, na aparência, e enfatizando muito aquele *eu*. — Quer dizer que ficas vermelha por minha causa? Mas será que dou motivo para que tu cores? Qual dos dois te parece que deve corar: tu ou eu? Diz.

Aquela pergunta era tão clara, inclusive para mim e formulou-a num odioso e mordaz tom de chacota que eu lancei um grito de horror e precipitei-me para junto de Alieksandra Mikháilovna. Surpresa, dor, censura e repugnância era o que transparecia no seu rosto lívido. Eu dirigi um olhar de súplica a Piotr Alieksándrovitch, e para comovê-lo mais, juntei as minhas mãos. Pelo que parece, ele próprio estava um tanto assustado; mas ainda não lhe tinha passado a cólera que o tinha feito proferir aquelas palavras. A minha súplica muda pareceu desconcertá-lo, de certo modo. O meu gesto devia ter-lhe dado a entender que sabia já bastante daquilo que entre eles devia ter sido um segredo, e que tinha compreendido muito bem o sentido das suas palavras.

— Anieta, anda, vai para o teu quarto — repetiu Alieksandra Mikháilovna numa voz fraca mas firme, e levantou-se do seu lugar. — Tenho de falar de um assunto urgente com Piotr Alieksándrovitch…

Estava aparentemente tranquila; mas aquela tranquilidade sobressaltava-me mais do que se a tivesse visto agitada. Eu continuava de pé, como se não tivesse ouvido o que ela tinha dito, e não me mexia dali. Parecia-me que ela não tinha compreendido bem a minha exclamação nem o meu gesto.

— Aí tens a tua obra! — disse Piotr Alieksándrovitch apontando para a mulher.

Meu Deus! Eu nunca tinha presenciado desespero semelhante àquele que via agora desenhado naquele rosto angustiado de espanto e meio morto. Ele me pegou pelo pulso e me levou até à porta. Quando ia saindo, tornei a olhá-la ainda uma vez. Alieksandra Mikháilovna estava de pé, junto da chaminé, com os cotovelos apoiados sobre o mármore e a cabeça nervosamente apertada entre as mãos. A atitude do seu corpo exprimia uma tortura insuportável. Eu peguei na mão de Piotr Alieksándrovitch e apertei-a suplicante.

— Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! — disse-lhe num murmúrio. — Tenha pena dela.

— Não tenha medo de nada, não se aflija — disse-me e olhou-me de maneira muito particular. — Não é nada. É apenas uma crise. Vá, vá logo!

Já no meu quarto, lancei-me sobre o sofá e cobri o rosto com as mãos. Três horas permaneci nessa atitude e durante esse tempo padeci torturas infernais. Por fim, já não podia mais e mandei perguntar se podia ir ver Alieksandra Mikháilovna. Foi *Madame* Léotard quem me trouxe a resposta. Piotr Alieksándrovitch mandava-me dizer que a crise já tinha passado, que não havia perigo algum, mas que ela precisava descansar. Mas, apesar disso, nessa noite fiquei acordada até às três da manhã, dando voltas pelo quarto. O meu pensamento não parava de trabalhar. Encontrava-me numa situação que me parecia mais enigmática do que nunca; mas, até certo ponto, sentia-me mais tranquila… talvez por sentir-me a mais inocente de todos. Com um grande desejo de que amanhecesse depressa, meti-me finalmente na cama.

No dia seguinte, com um desgosto bem compreensível, observei uma frieza inexplicável em Alieksandra Mikháilovna. A princípio julguei que ela devia ter o seu nobre e puro coração magoado, depois daquela cena com o marido e da qual eu tinha sido testemunha. Eu sabia que aquela criatura se achava em estado de corar diante de mim e até de pedir-me perdão por ter-me magoado com aquela cena infeliz. Mas não tardou que eu lhe notasse uma espécie de preocupação concreta, um mal-estar que parecia ter apenas uma causa única determinada e que se evidenciava sob vários aspectos: tão depressa respondia às minhas palavras de um modo seco e frio, como me dirigia frases de duplo sentido; depois voltou a mostrar-se muito carinhosa para comigo, como se se arrependesse daquela rigidez e frialdade, que o seu coração não podia sentir por muito tempo contra mim e, com as suas palavras afetuosas e suaves, procurava apagar aquela má impressão dando a entender que aquela mudança lhe era muito penosa. Finalmente eu lhe perguntei com toda a franqueza se ela tinha qualquer coisa para me dizer. A minha pergunta inesperada desconcertou-a um pouco; mas imediatamente olhou à sua volta,

depois olhou para mim com os seus grandes olhos tranquilos e, com um terno sorriso nos lábios, disse-me:

— Nada, Niétotchka. Simplesmente, como me fizeste essa pergunta assim, tão de repente, fiquei inibida. Mas isso foi unicamente por me teres falado de repente… eu te garanto. Mas agora me escuta e diz-me a verdade, minha filha: tu não terias também, ao me fazeres essa pergunta tão repentina, alguma coisa no teu íntimo, alguma coisa que esteja te perturbando?

— Não — respondi, fitando-a de olhos bem claros.

— Bem, está bem! Se tu soubesses como te agradeço essa bela e franca… Não é que eu tivesse imaginado qualquer coisa de mau… Isso, nunca! Não perdoaria a mim mesma esses pensamentos. Mas olha: quando eu te recebi como filha, eras uma criança, e agora tens já dezessete anos. Tu bem o sabes. Eu estou doente; sou como uma criança que requer cuidados constantes. Eu nunca poderia fazer para ti completamente as vezes de uma mãe, por maior que fosse a ternura que houvesse no meu coração. O fato de que agora ande preocupada por esse motivo não é culpa tua, mas apenas minha. Por isso desculpa a minha pergunta e perdoa-me se eu não cumpri devidamente a minha obrigação, a promessa que fiz a ti e ao teu pai adotivo, quando te recebi nesta casa. Isto me aflige muito e sempre me afligiu, minha filha.

Eu a abracei e pus-me a chorar.

— Oh, muito obrigada, muito obrigada por tudo! — exclamei, salpicando-lhe as mãos de lágrimas. — Não me fale assim, não me dilacere o coração. Para mim, foi mais do que uma mãe. Deus a abençoe por tudo quanto fez por mim! À senhora e ao príncipe, pela bondade que tiveram para comigo, uma pobre criatura abandonada!

— Pronto, Niétotchka, pronto! Abraça-me com muita força, assim, junto ao teu coração! Mas olha, não sei por quê, parece-me que é esta a última vez que tu me abraças.

— Não, não! — exclamei, soluçando alto como uma criança. — Não, isso não pode ser! Ainda há de ser feliz, apesar de tudo… Ainda

tem uma longa vida à sua frente. Acredite que nós todos havemos ainda de ser muito felizes.

— Muito obrigada pela tua amizade, Niétotchka! Poucos são os que me querem, todos me abandonaram!

— Mas quem é que a abandonou? Quem foi?

— Houve tempo em que eu não estava tão só, Niétotchka, tu não sabes. Todos me abandonaram, afastaram-se desta casa como se tivesse acontecido algo de extraordinário. E eu tenho continuado à sua espera, esperei-os toda a minha vida… Agora, que Deus lhes perdoe. Olha, Niétotchka, como o outrono vai já adiantado! Em breve iremos ter neve, e quando caírem os primeiros flocos, cairei eu também! Mas não quero queixar-me! Adeus a todos!

Tinha o rosto alongado e transparente; nas suas faces ardiam rosetas vermelhas; tremiam-lhe os lábios, que pareciam consumidos por um fogo interior.

Sentou-se ao piano e tocou algumas notas. Nesse momento uma corda soltou-se e ouviu-se um longo, trêmulo e dolorido som…

— Ouviste, Niétotchka, ouviste? — perguntou, numa voz apagada e apontando para o piano. — Esta corda estava tensa demais; por isso não pôde mais e soltou-se. Ouves este som, como se extingue, dolente?

Falava a custo. O seu rosto refletia uma dor vaga, espiritual, e tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Pronto, Niétotchka, pronto! Vai buscar os meninos!

Levei-lhe as crianças. A presença delas pareceu serená-la e dar-lhe um pouco mais de ânimo. Mas, passada uma hora, tiveram de deixá-la.

— Se eu morrer, ficas tu com eles, Anieta, não é verdade? — disse num fio de voz, como se tivesse medo de que a ouvissem.

— Tenha piedade de mim — disse e sorriu. — Achas que eu falei isso a sério? Às vezes digo certas coisas… Sou como uma criança a

quem é preciso desculpar muita coisa.

Quando disse isto, olhou-me com uma grande timidez, como se tivesse medo de deixar escapar qualquer coisa que teria no coração. Eu esperava.

— Olha, não o assustes — disse-me, por fim, baixando os olhos, com um claro rubor no rosto, e em voz tão baixa que mal se ouvia.

— A quem? — perguntei-lhe, assombrada.

— Ao meu marido. Seria o fim de tudo, se lhe fosses contar isto.

— Como? Por quê? — repeti a minha pergunta com assombro sempre crescente.

— Mas pode ser que não lhe contes. Por que te interessaria este assunto! — respondeu ela, e visivelmente procurou penetrar no meu espírito, ao mesmo tempo que se refletia um sorriso bondoso nos seus lábios, e cada vez o seu rosto se tornava mais corado. — Mas deixemo-nos de brincadeiras!

O meu coração apertou-se dolorosamente.

— Mas isto, sim, olha: quando eu morrer hás de gostar deles, não é verdade? — acrescentou seriamente e voltou a mostrar um semblante misterioso. — Como se fossem teus filhos… Sim? Vê bem, eu te tratei sempre como filha e como tal te quis também.

— Sim, sim — respondi sem saber o que dizia, desfeita em lágrimas e sufocada de comoção.

Um beijo ardente me queimou a mão… que eu não consegui retirar a tempo. O espanto paralisou-me a fala.

“Mas o que se passa? Em que pensa ela? O que se teria passado ontem?”, pensei.

Depois, Alieksandra Mikháilovna queixou-se de que se sentia cansada.

— Já desde há muito tempo que eu me sinto doente, mas não

queria assustar vocês — disse. — Os dois gostam de mim, não é verdade? Até logo, Niétotchka, e agora me deixa; mas logo à noite volta sem falta, sim?

Prometi e senti um alívio quando me retirei. Não me teria sido possível resistir por mais tempo.

“Pobrezinha, pobrezinha! Que suspeita a impele para o túmulo? — soluçava eu. — Que novo desgosto dilacera o teu coração, desgosto de que tu nem sequer te atreves a falar? Meu Deus! Essa dor que já desde há muito eu tinha percebido nela; essa vida tão triste, esse seu amor tão humilde, que não pede nada. E como se isto ainda fosse pouco, agora, neste momento em que está já com um pé à beira do sepulcro, quando o seu coração cansado, que se sente culpado e não ousa murmurar nem queixar-se… ainda sobre ela cai uma nova dor, à qual há de sucumbir, sem resistência!”

Nessa tarde, ao pôr do sol, aproveitei a ausência de Ovrov (aquele administrador do príncipe que tinha vindo de Moscou), entrei na biblioteca, abri um armário e procurei um livro para ir lê-lo a Alieksandra Mikháilovna. Queria distraí-la dos seus tristes pensamentos e animar-lhe o espírito com qualquer coisa engraçada, alegre… Procurei durante muito tempo. Entretanto anoiteceu e com a obscuridade aumentou o meu sofrimento. Veio parar às minhas mãos aquele mesmo livro onde achei a tal carta, achado cujas consequências sofria… cujos segredos vieram destroçar a minha vida, e do qual desde as distâncias do passado soprava um vento tão frio, tão desconhecido e misterioso e de um modo tão ameaçador…

“Que vai ser de nós? — pensei. — O cantinho onde estávamos tão abrigadas, tão livres e tão a nosso gosto… vai ficar deserto.O puro e claro espírito que protegeu a minha infância abandona-me. O que me espera depois?”

Assim estava eu, pensativa, meditando sobre tudo isso, refletindo sobre todo o passado, que tão querido era para o meu coração, e permanecia imóvel como se sentisse já qualquer coisa de iminente, de desconhecido e misterioso… Lembro-me tão bem desses momentos como se os estivesse vivendo agora. De tal maneira ficaram gravados

na minha imaginação.

Tinha nas mãos a carta e o livro aberto; as minhas faces estavam úmidas de lágrimas. De súbito, estremeci: junto de mim vibrava uma voz conhecida. Naquele mesmo momento senti que me arrancava a carta das mãos. Dei um grito e voltei-me. À minha frente estava Piotr Alieksándrovitch. Segurou-me por um pulso e não me deixou mover do meu lugar; com a mão direita aproximava a carta da luz e esforçava-se por decifrar as primeiras linhas… Eu teria preferido morrer a deixar-lhe a carta. O seu sorriso triunfante deu-me a entender que tinha conseguido ler o princípio. Eu ia perder os sentidos…

Mas um momento depois, sem dar conta do que fazia, precipitei-me sobre ele e arranquei-lhe a carta da mão. Isso aconteceu de maneira tão inesperada, que não posso perceber como é que pude apoderar-me da carta. Mas quando compreendi que ele queria tirá-la de novo, guardei-a rapidamente debaixo da minha blusa e retrocedi uns passos.

Olhamo-nos os dois em silêncio, por um instante. Eu tremia; ele… pálido, de lábios lívidos… foi o primeiro a quebrar esse silêncio.

— Bem! — disse com uma voz que a comoção tornava fraca. — Espero que não dê ocasião a que eu tenha de empregar a força; por isso, por sua livre vontade, dê-me essa carta.

Foi então que eu saí do meu espanto. Perante aquela prepotência, a vergonha e a indignação apoderaram-se do meu espírito. Lágrimas ardentes tombaram dos meus olhos. Tremia, devido à força da comoção, e durante um momento não me achei na situação de articular uma palavra.

— Ouviu? — exclamou ele, e adiantou um passo em minha direção.

— Deixe-me, deixe-me! — exclamei eu, retrocedendo. — O que está fazendo é uma coisa indigna, vil. O senhor enlouqueceu! Deixe-me sair.

— O quê? O que vem a ser isso? Como se atreve a falar-me dessa maneira? Depois de tudo quanto… Entregue-me essa carta, ouviu?

Avançou mais um passo; mas viu nos meus olhos uma tão fria determinação que se deteve, indeciso, refletindo…

— Bem — disse finalmente com aspereza, ainda que dominando-se a custo. — Uma coisa e depois a outra… Mas primeiro…

Relanceou os olhos pela sala.

— Quem… é que a deixou entrar na biblioteca? Por que está aberto este armário?

— Não espere que eu responda a essas perguntas — disse-lhe. — Não posso falar com o senhor sobre esse assunto. Deixe-me sair.

Encaminhei-me para a porta.

— Um momento! — disse ele e pegou-me numa mão. — Não há de sair assim!

Eu retirei em silêncio a minha mão e dirigi-me outra vez para a porta.

— Como quiser. Mas eu não posso consentir que receba cartas de amantes, na minha casa…

Eu dei um grito e fixei sobre ele um olhar terrível…

— E por isso…

— Não continue! — exclamei. — Como pode o senhor dizer…? Como pode dizer uma coisa dessas? Meu Deus, meu Deus!

— Como?! O quê?! Ainda por cima me ameaça?!

Eu olhei para ele num desespero, aniquilada. A luta entre nós dois tinha chegado ao último grau de animosidade. Mas eu não podia compreender. Suplicava-lhe com os olhos que não levasse as coisas até mais longe. Estava disposta a perdoar-lhe todas as ofensas, contanto que ele não continuasse. Ele me lançou um olhar penetrante e pareceu refletir.

— Não me faça desesperar! — murmurei, assustada.

— Não; é preciso acabar com isso — disse ele por fim, como se tivesse recuperado o juízo. — Devo confessar-lhe que hesitei um momento perante essa ideia — acrescentou, com um estranho sorriso. — Mas, infelizmente, o caso é bem claro. Ainda pude ler o princípio da carta. É uma carta de amor! Não o pode negar. É escusado. E se hesitei um momento foi apenas por me ter visto na necessidade de juntar às suas outras boas qualidades a capacidade de mentir, e por isso repito-lhe…

A sua maldade ia crescendo à medida que ele ia falando. Estava pálido; os lábios tremiam-lhe e franziam-se e custava-lhe muito articular as palavras. A sala achava-se já completamente às escuras. Eu estava ali indefesa, perante um homem que era capaz de infligir os piores suplícios à sua esposa. E, na verdade, todas as aparências depunham contra mim. Eu estava envergonhada, completamente transtornada; não podia compreender a fúria daquele homem. Sem lhe

responder, fora de mim, saí de repente daquela sala e apenas recuperei a serenidade quando me vi à porta do quarto de Alieksandra Mikháilovna. Nesse momento ouvi os seus passos, e ia refugiar-me no quarto, quando, de repente, me quedei imóvel, como se me tivessem dado uma pancada na cabeça.

"Como estará ela? — pensei. — Aquela carta! Não, prefiro tudo, a ter de dar esse golpe ao seu coração…"

E ia voltar atrás. Mas era tarde demais: ele estava a meu lado.

— Onde vai? Venha… Mas aqui, não, aqui, não — e puxei-o pela mão. — Tenha pena dela! Voltemos para a biblioteca ou para onde quiser. Senão, acaba com ela.

— Você é que acaba com ela! — respondeu ele e retrocedeu.

Todas as minhas esperanças pareciam perdidas. Compreendi que ele queria contar tudo quanto tinha acontecido a Alieksandra Mikháilovna.

— Pelo amor de Deus! — exclamei, e retive-o com todas as minhas forças.

Exatamente nesse instante, o cortinado levantou-se, e à nossa frente surgiu Alieksandra Mikháilovna. Quedou-se, surpreendida, a olhar para nós. E fez-se ainda mais pálida. Via-se que lhe custava muito manter-se de pé. Devia ter feito um grande esforço para chegar até ali, atraída pelas nossas vozes.

— Que é isso? De que falavam, aqui? — perguntou, num espanto enorme.

Houve um silêncio e ela se tornou pálida como uma morta. Eu me lancei contra ela, abracei-a e levei-a para o seu quarto. Piotr Alieksándrovitch seguiu-nos. Eu estreitava o meu rosto contra o peito de Alieksandra Mikháilovna e abraçava-me a ela cada vez com mais força, transida de ansiedade.

— Que se passa? Que se passa entre os dois? — perguntou ela de novo.

— Pergunta a ela. Não a defendias tanto ainda ontem? — disse Piotr Alieksándrovitch deixando-se cair pesadamente numa poltrona.

Eu me apertava cada vez com mais força contra o peito de Alieksandra Mikháilovna.

— Mas, meu Deus, que quer dizer isto? — exclamou ela numa grande angústia e tomada de um grande espanto. — Estás tremendo e lavada em lágrimas. Diz-me, Anieta, o que se passa entre os dois?

— Não, dá-me licença que eu seja o primeiro a falar — disse Piotr Alieksándrovitch, aproximando-se de nós. Pegou-me pela mão e afastou-me violentamente da esposa. — Fique aí, de pé — disse, apontando para o meio da sala. — Vou julgá-la diante daquela que tem feito para você as vezes de uma mãe. E tu, Alieksandra Mikháilovna, faz-me o favor de te acalmares e de te sentares. Tenho muita pena de não poder evitar-te esta aborrecida revelação, mas não há outro remédio…

— Meu Deus! De que se trata? — murmurou Alieksandra Mikháilovna.

E com olhos angustiados, olhou-nos, primeiro a mim e depois ao marido. Eu juntei as mãos, na expectativa daquele instante fatal. Não esperava piedade dele.

— Numa palavra — continuou Piotr Alieksándrovitch — quero que faças de juiz nesta questão. Tu, não sei por quê, sempre… e pode ser que se trate de uma das tuas fantasias, ainda ontem mesmo, pesaste e disseste… não sei bem como hei de me exprimir. Envergonho-me dessas suposições… Bem, tu sempre a tens defendido, puseste-te ao seu lado contra mim e acusaste-me de ser injustamente severo; chegaste até a insinuar que tal severidade, injusta, obedecia ao influxo de outro sentimento… Tu… sim, não compreendo como não me é possível dominar a minha excitação, porque me envergonho ao pensar nas tuas alusões, porque não posso me exprimir francamente contigo na sua presença…Em suma, tu…

— Oh, não vais dizer uma coisa dessas! Não terás o arrojo de o dizer! — exclamou Alieksandra Mikháilovna, corando de pudor. —

Não, evitarás essa vergonha. Fui eu, eu apenas quem pensou isso. Mas já se acabaram todas as minhas suspeitas. Perdoa-me, perdoa-me! Estou doente, deves desculpar-me! Não lhe digas nada a ela, não! Anieta, vai-te embora daqui. Ele está gracejando, sou eu quem tem culpa de tudo. Oh, mas que brincadeira tão dolorosa!

— Vou dizer-lhe em duas palavras. Tu tinhas ciúmes dela — declarou sem piedade Piotr Alieksándrovitch em resposta às súplicas de sua esposa.

Alieksandra Mikháilovna deu um grito e segurou-se à cadeira, quase sem forças para ter-se de pé.

— Que Deus te perdoe! — murmurou finalmente, com uma voz fraca. — Perdoa-me tu, Niétotchka; sou eu a culpada de tudo! Eu estava doente, eu…

— Isso é uma crueldade, uma vileza, uma maldade — eu gritei, fora de mim, pois então percebia já tudo, tudo, e em primeiro lugar, porque é que ele se empenhava em julgar-me diante da mulher. — Isso apenas merece desprezo… O senhor…

— Anieta! — exclamou Alieksandra Mikháilovna dirigindo-se a mim, assustada.

— Comédia, comédia e nada mais! — exclamou Piotr Alieksándrovitch, dirigindo-se a nós, tomado de uma indescritível comoção. — Comédia, repito! — e não deixava de olhar para a mulher com um sorriso trocista. — E a única que nesta comédia acaba por ficar enganada… és apenas tu. Ela julga que nós — articulou, quase sem respiração e apontando para mim — temos estas explicações e que somos tão tolos que consentimos que nos ofendam e havemos de nos fazer corados até à raiz dos cabelos quando nos falam de coisas semelhantes. Peço-te que me desculpes, talvez eu me exprima com demasiada rudeza e sinceridade, e até talvez de um modo excessivamente tosco; mas… isto tinha de se dar. Minha tolinha, continuas ainda convencida da honesta conduta desta… rapariga?

— Meu Deus! O que tens tu? Esqueces-te de ti próprio — murmurou Alieksandra Mikháilovna quase gelada de espanto.

— Por favor, não empregues frases ribombantes — interrompeu Piotr Alieksándrovitch em tom depreciativo. — Essa linguagem, para mim, não serve. O assunto é muito simples e vulgar, pois fica sabendo que…

Mas eu não o deixei continuar. Peguei-lhe numa mão e afastei-o. Um momento mais e… tudo estaria perdido.

— Não fale da carta — disse-lhe eu, ao ouvido. — Ela não resistiria a esse golpe. Uma censura que me fizesse a mim seria o mesmo que fazê-la a ela. Ela não pode condenar-me, porque eu sei tudo… compreende? Tudo!

Ele me olhou com olhos penetrantes e curiosos e… meu rosto ficou afogueado.

— Sei tudo, tudo — repeti.

Ele parecia ainda hesitar. Aos seus lábios assomava uma pergunta. Eu me adiantei:

— De tudo quando aconteceu — eu disse em voz alta, dirigindo-me a Alieksandra Mikháilovna, que nos contemplava, tímida e assombrada — sou eu a única culpada. Há já quatro anos que eu ando a enganá-la. Apoderei-me da chave da biblioteca e desde já quatro anos que leio livros às escondidas. Piotr Alieksándrovitch surpreendeu-me hoje ali com um livro que não devia encontrar-se nas minhas mãos. Por interesse por mim, exagerou as coisas diante da senhora… Mas renuncio a defender-me — acrescentei, ao observar nos seus lábios um sorriso trocista. — eu é que tenho a culpa de tudo. A tentação foi mais forte do que eu, e depois de lhe ter cedido, tive vergonha de lhe confessar… foi só isto, quase só isto, o que se passou entre nós dois.

— Oh… que descaramento! — murmurou junto de mim Piotr Alieksándrovitch.

Alieksandra Mikháilovna escutava-me com atenção inquieta. No seu rosto refletia-se a desconfiança. Olhou para nós alternadamente, primeiro para mim, depois para o marido. Eu mal me atrevia a

respirar. Ela curvou a cabeça sobre o peito e cobriu os olhos com a mão, decerto para meditar em cada uma das minhas palavras. Finalmente levantou a cabeça e olhou para mim com um ar inquiridor.

— Niétotchka, minha filha, eu sei que tu não és capaz de mentir — disse. — Foi só isso o que aconteceu?

— Só — respondi.

— Só? — repetiu ela encarando o marido.

— Sim, só isso — respondeu este fazendo um grande esforço. — Só isso!

Eu respirei.

— Dás-me a tua palavra, Niétotchka?

— Sim — respondi, sem pestanejar.

Mas não pude conter-me e deitei um olhar a Piotr Alieksándrovitch. Este sorriu quando me ouviu dar a minha palavra. Eu me fiz escarlate e a minha perturbação não passou despercebida a Alieksandra Mikháilovna. Uma dor dilacerante se refletiu no seu rosto.

— Basta — disse tristemente. — Acredito em vocês. Como não havia de acreditar?

— Eu penso que aquela confissão é o suficiente — observou Piotr Alieksándrovitch. — Ouviste bem o que ela disse? Que pensas tu daquilo?

Alieksandra Mikháilovna calou-se. A situação tornava-se cada vez mais insuportável.

— Amanhã, sem falta, irei verificar todos os livros — continuou Piotr Alieksándrovitch. — ainda não sei de quais se tratava, mas…

— Que livro estavas lendo? — perguntou Alieksandra Mikháilovna.

— Qual era? Responda — disse ele, dirigindo-se a mim. — Deve saber explicá-lo melhor do que ninguém — acrescentou num tom de motejo reprimido.

Eu perdi a serenidade e não fui capaz de articular uma palavra. Alieksandra Mikháilovna corou e baixou os olhos. Seguiu-se um grande silêncio. Piotr Alieksándrovitch, mal-humorado, passeava pelo quarto.

— Não sei o que se passou entre vocês — começou finalmente Alieksandra Mikháilovna, pronunciando as palavras com hesitação— mas se verdadeiramente tudo se resumiu a isso — esforçava-se por dar a cada palavra um sentido especial, ao mesmo tempo que evitava olhar para o marido, cujo olhar imperturbável aumentava cada vez mais a sua confusão — se tudo se resume a isso, então não sei por que havemos de nos atormentar tanto e chegarmos até a altura de nos pormos a dois passos do desespero, por causa dessa insignificância. A culpada de tudo sou eu, apenas eu, e lamento-o muitíssimo. Tomei a meu cuidado a sua educação e sou eu quem deve arcar com a responsabilidade. Por isso é ela quem tem de perdoar o meu descuido. Não me atrevo a condená-la. Mas por que havemos de nos excitar tanto? O perigo já passou. Olha para ela, homem. A sua conduta imprudente teve algumas consequências para ela? Como se eu não conhecesse a minha filha, a minha querida filha! Porventura não sei que ela tem um coração nobre e puro e que naquela cabecinha — continuou, puxando-me para si e acariciando-me — se esconde uma inteligência pura e diáfana? Deixemos isto, meus filhos. Não falemos mais nisto. Provavelmente há qualquer outra coisa no fundo da nossa tristeza, talvez uma sombra passageira se tivesse estendido sobre nós e nada mais. Mas nós, com a nossa amizade e em boa harmonia, devemos dissipar esta nossa má compreensão. Talvez haja muito de recalcado entre nós, e de tudo isso sou eu a culpada. A mim, a princípio, só Deus sabe que suspeitas me ocorreram, mas das quais apenas o meu cérebro doente é o responsável… E… e se lhes deixei entrever qualquer coisa, perdoem-me ambos, porque… porque, afinal, não seria um grande pecado o meu ao pensar…

Corou e olhou timidamente para o marido, esperando com inquietação uma palavra sua. O marido, enquanto ela falava, tinha nos

lábios um sorriso trocista. De repente, interrompeu o seu passeio pelo quarto e foi postar-se diante dela, com as mãos atrás das costas. Contemplou a sua comoção e ficou satisfeito com ela. Alieksandra Mikháilovna perturbou-se quando sentiu fixo em seu rosto o olhar imperturbável do marido. Ele continuava tranquilo, como se esperasse qualquer coisa. Por fim interrompeu aquele sorriso enervante, silencioso e reprimido.

— Que pena que me fazes, pobre criatura! — disse finalmente com gravidade e amargura, depois de deixar de sorrir. — Estás fazendo um papel que não te assenta bem. Afinal, o que é que tu queres? Desejas tornar-me objeto de novas suspeitas ou, para melhor dizer, renovar as suspeitas antigas, que mal consegues ocultar ainda nas tuas palavras? O que tu queres dizer é que não há motivo para nos aborrecermos com ela, que ela continua a ser pura e boa, mesmo depois da leitura de livros imorais, cuja imoralidade… atrevo-me a dizê-lo por minha conta… parece ter começado já a dar os seus frutos; e finalmente, que tu estás de acordo com ela, não é assim? E depois… depois de teres dito isso, queres agora afirmar, dar a entender uma coisa diversa. Pensas que o meu aborrecimento e a minha animosidade derivam de um certo sentimento diferente. Ainda ontem à noite querias dar a entender… Por favor, não me interrompas, quero dizer tudo com absoluta franqueza… Insinuavas ontem à noite que alguns homens (segundo a tua opinião, se bem me lembro, tais homens eram geralmente homens maduros, sérios, expeditos e enérgicos e não sei quantas coisas mais, que tu, num assomo de generosidade, lhes atribuías), que em alguns homens, repito, o amor (e só Deus sabe com que intenções o dizias) não pode manifestar-se senão de uma forma rude, violenta, ofensiva, unido com frequência à desconfiança e à aversão. Aliás, não me lembro precisamente se te exprimiste com as mesmas palavras… Por favor, não me interrompas; eu conheço muito bem a tua filha adotiva; ela já pode ouvir tudo, tudo, pela centésima vez… Tudo! Tu estás muito enganada! Mas não compreendo para que hás de insistir nessa afirmação de que eu sou um homem desse gênero… Por que hás de tu querer lançar essa pecha, precisamente sobre mim! Sim, na minha idade já não fica bem a inclinação para as meninotas e, finalmente, minha amiga, eu sei qual é o meu dever e como tu querias desculpar-me generosamente; insisto

naquilo que disse: que um delito é sempre um delito, uma culpa, uma ação suja e desonesta, por muito alto que tu queiras colocar o sentimento pecaminoso. Mas já chega! Não falemos mais disto! E que eu não ouça falar mais destas coisas vergonhosas!

Alieksandra Mikháilovna chorava.

— Oxalá eu tenha verdadeiramente merecido ouvir-te dizer tudo isso! — exclamou, ao mesmo tempo que me abraçava por entre soluços. — Oxalá as minhas suspeitas tenham sido tão sem razão para que tenhas podido assim, tão cruelmente troçar delas! Mas tu, minha filha, para que hás de ser obrigada a ouvir estes insultos? E eu sem poder valer-te! Eu tenho de me calar! Meu Deus… Não… Não posso me calar, não podes exigir-me tanto! Não posso suportá-lo… A tua conduta é verdadeiramente absurda!

— Não se aflija e tranquilize-se! — disse lhe eu num fio de voz, tentando acalmar a sua agitação, pois temia que ela, com as suas censuras, o fizesse exorbitar.

— Que mulher cega! — exclamou ele com energia. — Mas será o caso de que não saibas, de que não vejas?

Deteve-se um momento.

— Afaste-se dela! — ordenou e desprendeu a minha mão das de Alieksandra Mikháilovna. — Não consinto que você toque na minha mulher! O seu contato mancha! A sua presença é um insulto para ela! Mas… Por que razão hei de calar-me, quando o que é preciso é dizer tudo? — exclamou, batendo com os pés no chão. — Vou dizer-lhe tudo, tudo. Ignoro o que a menina sabe, e não sei com que pretendia ameaçar-me, nem tampouco desejo sabê-lo. Por isso, ouça-me — continuou, dirigindo-se a Alieksandra Mikháilovna.

— Cale-se! — exclamei e quase me atirei sobre ele. — Cale-se! Não diga nem uma palavra!

— Não, tenho de falar!…

— Cale-se! Em nome de…

— Em nome de quê, menina — replicou ele pegando-me na palavra rapidamente e, durante um segundo, fitou-me nos olhos, de maneira inquiridora. — Em nome de quem? Ouça o que vou dizer-lhe: eu lhe apanhei uma carta do seu amante! E tu, agora, já ficas sabendo o que se passa na nossa casa. Agora ouviste já o que se passa junto de ti! Era isto o que tu não tinhas visto, aquilo em que não tinhas reparado.

Eu mal podia ter-me de pé. Alieksandra Mikháilovna ficou pálida como um cadáver.

— Isso não é possível — balbuciou, com uma voz quase imperceptível.

— Eu vi essa carta com os meus próprios olhos, tive-a nas minhas mãos e li as suas primeiras linhas; não pode tratar-se de uma alucinação. Era uma carta de amor. Ela me tirou e agora está em seu poder. A coisa não pode ser mais clara, é perfeitamente palpável! E, se apesar disto, ainda duvidas, não tens mais do que olhar para ela, e depois verás como se dissiparão todas as tuas dúvidas.

— Niétotchka! — exclamou Alieksandra Mikháilovna de repente. — Não, não, não fales nem digas nada! Não sei do que se trata, o que, como… Meu Deus, meu Deus!

Cobriu o rosto com as mãos e pôs-se a chorar.

— Não! Isso não é possível! — tornou a exclamar. — Estão enganados. Isso… isso… eu sei o que isso quer dizer! — disse lentamente, ao mesmo tempo que fixava os olhos no marido. — Tu… eu… não podia… não, tu não me enganarás, não podes enganar-me! Conta-me tudo, diz-me tudo! Ele está enganado, não é verdade? Está, não está? Viu outra coisa e julgou ver… não é verdade? Não é verdade? Por que não me dizes tudo, Anieta, minha filha, minha querida filha?

— Responda, responda imediatamente! — gritou Piotr Alieksándrovitch. — Responda. É verdade ou não que eu vi a carta nas suas mãos?

— Sim — respondi, precipitadamente, devido à intensidade da minha comoção.

— Essa carta era do seu amante?

— Era.

— Com o qual continua ainda em relações?

— Sim, sim, sim! — eu disse fora de mim, confirmando tudo o que ele perguntava, cegamente, apenas como fim de pôr termo àquele suplício.

— Ouviste? E agora, o que tens a dizer? Acredita em mim, com todo o teu bom coração, tão confiado — acrescentou, pegando na mão de sua esposa — e reconhece o teu erro, mantido pela tua mórbida fantasia. Agora, já podes ver quem é… esta menina… Eu apenas queria reduzir *ab absurdum* as tuas suspeitas. Tudo isso eu já tinha notado há muito tempo, e folgo de ter podido finalmente desmascará-la na tua presença. Era-me difícil vê-la ao teu lado, nos teus braços, sentada conosco à mesma mesa, sim, em nossa casa! E revoltava-me a tua cegueira. Por isso e apenas por isso eu lhe prestava atenção e a observava; e aconteceu que tu reparaste nessa minha atenção, e então, sabe Deus que suspeitas criaste e que edifício construíste sobre essas bases, na tua imaginação. Mas agora já tudo está claro, todas as dúvidas estão desfeitas, e amanhã mesmo, menina, você deixará esta casa! — terminou, encarando-me.

— Alto! — disse Alieksandra Mikháilovna e levantou-se. — Eu não acredito em toda esta cena. Não me olhes com essa cólera, nem te rias. É a ti mesmo que eu faço juiz; apenas quero expor a minha opinião. Anieta, minha filha, vem cá; dá-me a tua mão, assim… Ninguém está livre de culpas, todos nós somos pecadores — disse com uma voz trêmula de pranto e ao mesmo tempo olhou humildemente para o marido. — Quem pode repudiar a mão de alguém? Dá-me a tua mão, Anieta, minha filha! Eu não sou mais digna nem melhor do que tu! Tu não podes ofender-me com a tua presença, pois também eu, também eu sou pecadora!

— Mulher! — exclamou Piotr Alieksándrovitch. — Que dizes tu?

Não te esqueças…

— Não me esqueço de nada.Não me interrompas. Deixa-me falar até o fim. Tu viste uma cartas nas suas mãos e até chegaste a ler qualquer coisa; tu dizes… e ela… confessou que essa carta era do seu amante. Mas quererá isso dizer que ela se tenha envilecido? Isso te dá o direito de a tratares dessa maneira, na minha presença, de ofendê-la assim, diante da tua mulher? Terias por acaso pesado tudo bem, na tua consciência? Estará isso tudo absolutamente certo?

— Ah! Queres ver que agora ainda vou ter de lhe pedir perdão! É isso o que desejas? — exclamou Piotr Alieksándrovitch furioso. — Até me fazes perder a paciência, com esse arrazoado! E tu saberás também de quem falas, o quê e a quem defendes? Mas já vais saber… Tudo…

— E não vês o mais importante, porque estás cego pela cólera e pelo orgulho. Não vês o que defendo, nem de quem falo. Eu não defendo o vício. Mas tu também pensavas (e me darás razão quando refletires), tu pensavas que ela era inocente e ignorante como uma menina. Repito-te que não defendo o vício. Apresso-me a justificar-me, se assim o desejas. Sim, se ela fosse uma mulher casada, se fosse mãe e tivesse esquecido os seus deveres… então te daria razão… Já vês que me justifico. Por isso não te esqueças disto nem me faças nenhuma censura. Mas, e se ela recebeu esta carta sem suspeitar nada de mau? E se, na sua inexperiência, apenas se terá deixado levar por um sentimento grande e por não ter ninguém junto dela que a detivesse? E se fosse eu a principal culpada, por não ter velado pelo seu coração? E se tu, com a tua crua suspeita, tivesses ferido os seus puros sentimentos virginais? E se tivesses manchado a sua imaginação, com as tuas cínicas palavras e observações sobre a carta? Se tu quisesses ver que neste rosto cheio de virginal pudor, apenas transparecem a pureza e a inocência e o inquieto rubor de uma donzela… o pudor que agora lhe reconheço e que já antes lhe reconheci quando, ainda há pouco, como que transviada no meio da sua dor, ela não sabia o que dizia e, na angústia do seu coração, a todas as tuas perguntas desumanas, respondia: “Sim, sim, sim!” Isso foi desumano e cruel da tua parte; nem te reconheço; isso não te perdoarei nunca, nunca!

— Oh, tenha pena de mim, tenha pena de mim! — exclamei e

apertei-a com força nos meus braços. — Ouça-me, acredite em mim, não me repudie!

E, tomada da mais profunda comoção, postei-me de joelhos diante dela.

— E se — continuou ela, mal podendo respirar — e se eu, agora, não estivesse ao seu lado, se tu, com as tuas palavras, a tivesses assustado e a pobrezinha se julgasse realmente culpada; se tivesse perturbado a sua consciência, a sua alma, e destruído a paz do seu coração? Meu Deus! E querias expulsá-la de casa! Mas tu não sabes com quem lidas? Pois fica sabendo que se a expulsasses de casa, nos expulsarias às nós duas… a mim também. Ouves bem o que eu digo?

Os seus olhos cintilavam e o peito tremia-lhe com força; a sua excitação doentia crescia até a sua última crise.

— Sim, na verdade, já te ouvi bastante — exclamou Piotr Alieksándrovitch. — E basta! Não ignoro que existem amores platônicos… e sei disto por mim próprio, estás ouvindo? Sei à minha custa! Mas não me conformo em viver com esse vício dourado, debaixo do meu teto. Não o compreendo e, por conseguinte… fora com ele! Se a senhora se sente culpada, se tem consciência de alguma culpa — não me compete a mim recordar-lhe, senhora — se a si lhe ocorresse a ideia de abandonar a minha casa… apenas me cumpre dizer-lhe, recordar-lhe que a senhora se esqueceu, de maneira lamentável, de levar a efeito a sua decisão no momento oportuno, na hora precisa, já há anos antes de… se já esqueceu a data, eu posso avivar-lhe a memória…

Eu olhei para Alieksandra Mikháilovna. Ela se apoiou convulsivamente em mim, sentindo-se desfalecer de dor, de olhos semicerrados, presa de um sofrimento desumano. Um pouco mais… e teria sucumbido.

— Oh, por amor de Deus, tenha piedade, ao menos uma vez! Não diga a última palavra — exclamei fora de mim e lancei-me aos pés de Piotr Alieksándrovitch, sem pensar no que fazia; mas era tarde demais. Apenas um grito leve se ouviu como resposta às minhas palavras e a pobrezinha caiu sem sentidos.

— O senhor matou-a! — eu disse. — Peça socorro, salve-a! Eu espero pelo senhor no seu escritório. Preciso falar-lhe para lhe dizer tudo…

— Dizer tudo? O quê?

— Depois!

O desmaio de Alieksandra Mikháilovna durou duas horas. Toda a casa ficou num alvoroço. O médico abanava a cabeça, duvidoso. Às duas horas me dirigi ao gabite de Piotr Alieksándrovitch. Este acaba de regressar do quarto da mulher. Pôs-se a passear pela sala, mordeu os lábios quase até fazer sangrar e parecia pálido e preocupado. Nunca o tinha visto daquela maneira.

— O que é que você tinha para me dizer? — perguntou-me ele secamente. — Disse que…

— Aqui está a carta que me tirou. Reconhece-a?

— Sim.

— Pois pode ficar com ela.

Pegou na carta e aproximou-a da luz. Eu o observava com toda a atenção. Passado pouco tempo, voltou a folha com força e pôs-se à procura da assinatura. Pude ver como o sangue lhe subia ao rosto.

— O que é isto? — perguntou-me, surpreendido.

Um pouco mais serena, não demorei a responder.

— Há três anos encontrei essa carta dentro de um livro. Compreendi que a tinham deixado ali por esquecimento, li-a e… fiquei a par de tudo. Guardei-a, por não saber a quem havia de entregá-la. Ao senhor eu não podia entregá-la. E por quê? Ao senhor não devia ser desconhecido o conteúdo desta carta, pois encerra toda a triste história… Mas o que eu agora não compreendo é que objetivo poderia ter tido a sua ocultação. Apesar de tudo não compreendo ainda perfeitamente a sua alma obscura. O senhor queria conservar a sua superioridade… e conseguiu. Mas, para quê? Para triunfar sobre

um fantasma, para mandar no coração de uma doente, para demonstrar-lhe que se tinha enganado e que o senhor, pelo contrário, estava inocente perante ela. E conseguiu, pois essa suspeita… tornou-se a obsessão de um espírito que se apaga, talvez a última queixa de um coração abatido pela injustiça dos juízos alheios, com os quais o senhor estava de acordo. Que havia de mau em que o senhor gostasse de mim? Era isto o que ela dizia, o que ela queria demonstrar-lhe. Mas o seu orgulho e o seu egoísmo cioso foram implacáveis. Adeus, já não são precisas mais explicações. Mas tenha cuidado; agora eu já o conheço e compreendo bem as suas intenções, não esqueça!

Retirei-me para o meu quarto… quase inconsciente. Quando cheguei à porta, Ovrov, o ajudante de Piotr Alieksándrovitch, deteve-me.

— Tenho de lhe falar — disse-me, com uma reverência cortês.

Eu o olhei e naquele momento não compreendi o que ele dizia.

— Depois, desculpe-me, mas por agora não me sinto bem — disse-lhe finalmente e passei de largo.

— Então, até amanhã — disse ele, e fez-me outra reverência, acompanhada de um sorriso ambíguo.

Mas talvez isso tivesse sido o que me pareceu. Foi como uma visão, que passou, ligeira, diante dos meus olhos…

**1** Personagem da *Ilíada*, demagogo e detrator dos caudilhos do exército grego, tipo da covardia insolente.↩

**2** Personagem de uma novela de cavalaria da Idade Média.↩

**3** Corruptela de *mademoiselle*.↩

**4** Nome pelo qual era conhecido John Falstaff, famoso capitão e diplomata inglês. Companheiro de orgias de Henrique IV, foi imortalizado por Shakespeare em *Henrique IV* e *As alegres comadres de Windsor*, como o tipo da libertinagem e do cinismo.↩

**5** O mais valente dos chefes troianos, filho de Príamo e esposo de Andrômaca. Na *Ilíada*, mata Pátroclo e é morto por Aquiles.↩

**6** Na mitologia grega, cão de três cabeças, que guardava a porta do Inferno.↩

**7** Pequeno rio entre a Itália e a Gália Cisalpina, atravessado por César a despeito da proibição do Senado. Por isso, “atravessar o Rubicão” passou a significar tomar uma decisão arrojada, opondo-se a uma proibição.↩

# O pequeno herói

# O pequeno herói
# (1857)

Nesse tempo, eu ainda não tinha onze anos. Em julho me mandaram para uma chácara nas imediações de Moscou, onde vivia certo parente, chamado T… ov. Nessa ocasião, encontravam-se reunidos na sua casa uns cinquenta convidados ou talvez mais — não posso precisar quantos seriam, pois não me preocupei em contá-los. A festa atingiu o apogeu e cada qual divertia-se à sua maneira. Parecia que aquela festa nunca mais acabaria; que o dono da casa jurara a si próprio malbaratar o mais depressa possível a colossal fortuna, o que conseguiu daí a pouco tempo, pois hoje, na verdade, já perdeu a última polegada de terra das suas herdades.

A todos os momentos chegavam novos convidados. Moscou ficava tão próximo dali, que se via daquele ponto a cidade. Os convidados que se cansavam cediam o posto a recém-chegados, para que a festa se prolongasse indefinidamente. Divertimentos de toda espécie sucediam-se sem cessar, sem que se pudesse prever o último da série. Sucediam-se excursões a cavalo pelos arredores e grandes passeios pela margem do rio ou pela floresta: merendas e comezainas ao ar livre faziam parte da ordem do dia e, nas noites bonitas, ceávamos no extenso terraço da mansão senhorial, profusamente enfeitado com flores exóticas. A sua fragrante plenitude florida, juntamente com a iluminação brilhante do local, fazia com que as senhoras, todas jovens e lindas, parecessem ainda mais bonitas, quando sentadas à mesa, com o rosto cheio das cores frescas trazidas das excursões do dia, animadas, de olhos brilhantes e alegres, e quando se punham a tagarelar, graciosas e discretas, com uns e com outros, e quando, entre gracejos, deixavam vibrar as suas risadas argentinas. Dançava-se, tocava-se e cantava-se. Quando o tempo não estava bom, fazíamos quadros vivos, fazíamos jogos de sociedade, nos quais havia muito por onde escolher e, é claro, também representávamos peças teatrais. Realizávamos muitas vezes conferências, relatos dos acontecimentos mais importantes, anedotas etc., etc.

Dentre os convidados sobressaíam alguns com características

pessoais e reconhecidos como heróis da festa. Não faltavam ali as invejas e as intrigas, nem as costumadas pequenas calúnias, sem as quais a humanidade não pode viver e milhares de indivíduos morreriam de aborrecimento, dada a pequenez da sua imaginação, tal como as moscas sucumbem no outono. Mas como eu, nesse tempo, contava apenas onze anos, ainda não compreendia aquela gente, e como, além disso, trazia o pensamento em coisas muito diferentes, na minha memória apenas fixava uma ou outra palavra solta das coisas que por aqui e por ali escutara. Mais tarde recordei um pouco daquilo que então vagamente ouvira, e não conseguira compreender. Além disso, nas minhas retinas infantis apenas podia gravar-se, de um modo duradouro, o brilhante aspecto exterior daquele espetáculo. E toda aquela animação festiva, a jovialidade despreocupada, aquela vida alegre e radiosa, tudo o que até então eu nunca vira nem ouvira, gravou em mim uma tal impressão, que durante os primeiros dias, vivi completamente aturdido, e a minha cabeça jovem chegou a sentir vertigens.

De fato, era ainda um rapazinho, apenas um rapazinho, e todas aquelas lindas senhoras que me acariciavam não impressionavam grandemente a minha idade. Mas… coisa estranha! Apesar dos meus onze anos, às vezes apoderava-se de mim uma estranha sensação, que eu próprio, naquele tempo, não podia explicar; era como se qualquer coisa roçasse pelo meu coração com muita suavidade e ternura, algo de desconhecido e nem sequer imaginado, a fazer com que, depois, meu coração começasse a arder e a palpitar como ao efeito de um grande susto, a ponto de, muitas vezes, impelir de repente o sangue escaldante às minhas faces. Havia momentos de vergonha para mim — era mesmo assim, envergonhar-me — ante os vários privilégios infantis postos ao meu desfrute; envergonhava-me, repito, e quase os interpretava como ofensa pessoal. Às vezes me sentia possuído de qualquer coisa assim como espanto, e esgueirava-me para qualquer canto onde ninguém pudesse ver-me, com o objetivo de retomar alento e recordar-me de algo que, segundo eu pensava, estivera perto de mim e imediatamente, e de um modo inesperado, escapara da minha memória, sem deixar o menor vestígio… e sem o que, eu julgava, não poderia viver, embora entendesse conveniente não falar sobre isso.

Finalmente parecia-me estar escondendo qualquer coisa das pessoas, algo a cujo respeito, por nada deste mundo teria dito uma palavra a ninguém, pois eu, então um rapazinho, sentia perante as pessoas tamanha vergonha que quase me fazia chorar. Mas, no meio do barulho em meu redor, bem depressa comecei a sentir certa solidão. Na verdade havia ali outros meninos, mas, ou eram maiores ou menores do que eu, e além disso não gostava de brincar com eles. Tenho a certeza de que não me aconteceria nada de particular, se não tivesse adotado naquela sociedade uma posição excepcional como o fiz. Para os olhos de todas aquelas senhoras encantadoras, eu não passava daquele pequeno e incaracterístico rapazinho por elas acariciado, e com o qual se julgavam no direito de brincar como com uma boneca. Sobretudo uma delas, uma jovem loura e sedutora, com a mais bela e abundante cabeleira já vista na minha vida, parecia apostar de propósito em não me deixar sossegado um só momento. Enquanto a mim me impacientavam e me revoltavam os risos que provocava entre os convidados com os seus gracejos, a ela, pelo contrário e com toda a certeza, pareciam diverti-la o mais possível. Conduzia-se às vezes como uma autêntica colegial; no entanto era encantadora e na sua beleza havia qualquer coisa saltando à vista e perturbando-nos completamente. É claro; não se parecia nada com essas atrevidas lourinhas que afinal são tão meigas e rosadas como ratinhos brancos ou tão aduladoras como criadinhas. Não era muito alta e sim um tanto roliça; mas o seu rosto mostrava umas feições suaves e finas, de encantadora distinção. Aquele rosto possuía eletricidade, de tal maneira que podia iluminar-se às vezes como um relâmpago, e, sobretudo, a sua dona era toda fogo, como costuma dizer-se: viva, impulsiva, ardente. Os grandes olhos vivos, podia dizer-se, lançavam centelhas, como pedras preciosas. Jamais trocaria uns olhos azuis e radiantes como aqueles, pelos negros olhos das mulheres do Sul, fossem ainda mais negros do que o mais negro olhar andaluz, pois a minha lourinha estava para mim, verdadeiramente, tal como aquela sua irmã de olhos negros para um célebre poeta que a cantara em belíssimas estrofes, dizendo e jurando sobre a sua disposição de dar a vida sempre que lhe fosse permitido tocar, mesmo só com a ponta dum dedo, na mantilha da sua dama. Acrescentarei ainda que a minha bela era a mais alegre de todas as belas, e ao mesmo tempo a mais estouvada, buliçosa e alvoroçada criaturinha, e tudo isto apesar

de casada havia cinco anos. O riso não se apagava quase nunca nos seus lábios, nos lábios tão frescos e jovens como as macias pétalas duma rosa, quando começa a abrir o cálice fragrante ao contato dos raios de sol matinal, e quando este sorveu já as reluzentes e frias gotas de orvalho.

Recordo-me de que, no segundo dia da minha estada ali, se realizou uma representação teatral. O salão estava apinhado de gente; nem um só lugar livre, e como eu por acaso me atrasasse um pouco, tive de presenciar a peça de pé. Mas a divertida comediazinha posta em cena agradou-me tanto que, insensivelmente, fui deslizando para a frente, e, passado pouco tempo, encontrei-me nas primeiras filas. Aí me detive, apoiando-me ao encosto da cadeira duma senhora, a qual não era outra senão a minha linda loura. Mas devo acrescentar, nessa altura ainda não nos conhecíamos. E eis que, de repente… não sei como aquilo se deu… pus-me a contemplar os seus ombros, de beleza extraordinária, tão suaves e brancos como espuma de leite, embora então me fosse completamente indiferente olhar para os mais formosos ombros femininos ou para o chapeuzinho com fitas cor de fogo que cobria os cabelinhos cinzentos duma respeitável senhora da primeira fila. Ao lado da beldade loura sentava-se uma solteirona, uma dessas mulheres, como depois tive ocasião de observar, desejosas de estar o mais próximo possível das senhoras mais novas e bonitas, escolhendo geralmente aquelas não acostumadas a fazer medo aos rapazes. Mas falo a esse respeito, apenas de passagem; se me refiro a isto é apenas porque aquela velha solteirona acabou por reparar no meu olhar admirativo, inclinou-se em seguida para a sua formosa vizinha e, com um sorriso malicioso, murmurou qualquer coisa ao seu ouvido. Imediatamente esta olhou para mim e os seus olhos chamejantes fitaram-me na escuridão, de tal maneira que eu, distraído, estremeci, intimidado. Ela se pôs a rir.

— Gostas da peça? — perguntou-me, fitando-me com uma expressão zombeteira e piscando os olhos.

— Gosto, gosto — respondi e continuei a contemplá-la com certa admiração, que de novo pareceu agradar-lhe.

— Por que estás aí, de pé? Deves estar cansado. Os lugares estão

todos ocupados?

— Sim, minha senhora, estão todos ocupados, não há uma cadeira livre — disse, mais preocupado agora com o desejo de encontrar onde me sentar do que com os cintilantes olhares da bela senhora, e muito contente também por aparecer finalmente uma boa alma capaz de ter piedade de mim. — Já olhei para ver se havia alguma cadeira livre mas não há nenhuma.

— Então vem para cá! — disse-me com decisão, tal como fazia sempre com tudo, com a rapidez do relâmpago, assim as coisas lhe viessem à cabeça. — Vem para junto de mim, vamos, senta-te no meu colo.

— No seu colo? — repeti quase maravilhado, sem saber o que fazer.

Como disse, começavam a envergonhar-me e a ofender-me os meus privilégios de criança. E aquela senhora loura era a mais solícita de todas. Além disso, eu, então um rapaz algo tímido e envergonhado, começava a sentir certo medo especial das mulheres, e por isso aquele convite deixou-me na maior perplexidade.

— Sim, homem, sim, no meu colo! Por que não queres sentar-te nos meus joelhos? — E pôs-se a rir, pois ria-se sempre com muita vontade, não se sabe bem por quê… Talvez por causa de alguma lembrança ou também de satisfação ao ver a confusão em que me deixara.

Corei muito e, perturbadíssimo, olhei às furtadelas em redor, como se procurasse uma oportunidade para escapar. Ela se aproximou, pegou-me na mão, puxou-me com força e, de repente, de um modo completamente inesperado e com grande espanto da minha parte, apertou-me a mão entre os seus dedos ardentes, como torniquete. Aquele apertão doeu-me muito e tive de empregar todas as minhas forças para não gritar. Portanto, não é de estranhar fizesse eu uma cara muito esquisita. Por outro lado, não só estava cheio de assombro e de medo, mas simplesmente de repugnância, graças a que, por minha experiência própria, acabava de descobrir: como uma senhora tão linda podia ser tão má e tratar daquela maneira um pequeno que

não lhe fizera mal nenhum, e, ainda por cima, diante de tanta gente? Talvez minha cara de desgosto refletisse todas as comoções da minha alma, pois a maldosa loura ria-se gostosamente e continuava a apertar-me os dedos, como se os quisesse partir. Era de se dizer que experimentava estranho prazer em realizar qualquer loucura e atormentar um pobre rapazinho até levá-lo ao ponto do desespero. Eu, na verdade, estava quase a atingir o desespero. Em primeiro lugar sentia-me morrer de vergonha, pois todos os convidados mais próximos assestavam sobre nós o olhar, uns surpreendidos e encantados, outros, trocistas, pois não tardaram a perceber a linda lourinha a fazer-me alguma das suas. E além disso tinha vontade de deixar escapar um gemido, pois a bela parecia pôr todo o seu orgulho em apertar-me os dedos, com todas as forças, precisamente porque eu não gritava. No entanto eu resistia como um pequeno espartano e calava. Temia assustar o público com os meus gritos e chamar a atenção geral; nem sequer podia suspeitar o resto. No meu desespero comecei a sustentar uma luta renhida com aquela dama, a fim de libertar os meus dedos da sua mão, mas a cruel criatura tinha muito mais força. Finalmente não pude suportar a dor por mais tempo e soltei um grito… E era precisamente isso que ela esperava. Num abrir e fechar de olhos, largou a minha mão e pôs-se tão quietinha, como se nada tivesse passado, como a pessoa mais inocente deste mundo e não soubesse nada acerca da maldade alheia; numa palavra: procedeu como um autêntico colegial, que, mal o professor voltou as costas, logo começa a fazer travessuras, mais não seja a dar uma cotovelada nas costelas de outro rapazinho mais fraco, ou a fazer outra qualquer diabrura, para, a seguir, num abrir e fechar de olhos, colocar-se cheio de compostura e ajuizado, afundar-se no seu banco e baixar os olhos, com ar de santinho ou começar a ler com redobrada atenção no seu livro, deixando assim o mestre, que acudira logo ao ouvir barulho e nele fixara os olhos de gavião, com um nariz de palmo e meio.

Mas, por felicidade minha, naquele momento veio chamar a atenção de todos a arte histriônica do nosso anfitrião… que desempenhava na peça o papel de protagonista. Ressoaram aplausos tempestuosos e eu me apressei a aproveitar aquela ocasião para fugir; abri caminho por entre as filas de pessoas e corri para o canto oposto, donde, meio escondido atrás de uma coluna, cheio de medo, me pus a

olhar para o lugar ocupado pelo meu lindo verdugo. Durante muito tempo ela olhou, a ver se me encontrava, mas não conseguiu localizar o meu esconderijo. Ria-se com vontade, chegando a apertar o lenço sobre a boca. Pelo visto custava-lhe bastante tivesse a nossa briga acabado tão depressa, e talvez começasse a imaginar uma nova maroteira.

Foi assim o começo do nosso conhecimento e, desde aquela tarde, nunca mais fiquei sossegado a seu respeito. Perseguia-me sem cessar e sem piedade. Tornou-se para mim autêntico pesadelo. O ridículo das troças de que me fazia vítima consistia principalmente em fingir-se louca de amor por mim… e em confessá-lo, sem o menor recato, diante de toda a gente. Naturalmente, para mim, à época um simples rapazinho envergonhado, aquela brincadeira era tudo quanto de mais terrível se possa imaginar, e causava-me desespero capaz de me fazer chorar; por duas ou três vezes ela me colocou em situações tão aborrecidas e desairosas que estive a pique de me atirar aos socos contra aquela minha teimosa adoradora. Mas a minha ingênua perturbação, o meu desespero e a minha raiva apenas pareciam ser outros tantos acicates a incitarem-na a continuar me perseguindo. Não tinha nem uma ponta de piedade por mim; eu já nem sabia onde me havia de esconder para lhe escapar; e, para cúmulo da desdita, as risadas que sabia arrancar aos outros com as suas troças excitavam-na ainda mais, fazendo-a quase atingir um verdadeiro descaramento. E devo reconhecer também — isto penso eu hoje, porque, nesse tempo, ainda não era capaz de formar uma opinião — que ela se permitia demasiadas liberdades com uma criança, como eu era então.

Ela era assim por temperamento, e isto não quer dizer que fosse má; era também uma autêntica criança mimada. Segundo soube depois, quem mais a mimava era o marido, um senhor gorducho, com uma cara muito fresca, com muito dinheiro e poucas ocupações, conforme era possível avaliar pelo gênero da sua vida. Tinha constantemente qualquer coisa a fazer e nunca se demorava duas horas no mesmo lugar; ia todos os dias à sua chácara de Moscou e em alguns dias, até duas vezes, e sempre, como dizia, por causa dos negócios. Seria difícil encontrar algo mais alegre e divertido do que a sua cara e a sua atitude — cômicas e sérias ao mesmo tempo. Amava

loucamente a mulher: pode-se dizer que a adorava como a uma deusa.

Ele, escusado mencionar, nada lhe negava e nunca esquecia as coisas do seu agrado. Ela contava grande número de amigas e de amigos. Não havia ninguém para quem ela não fosse simpática e, além disso, não era muito exigente na escolha das amizades, embora, no fundo, se mostrasse muito mais séria do que poderia deduzir-se dos pormenores ora referidos. Mas de todas as suas amigas, a única por quem ela verdadeiramente tinha afeto era uma senhora, sua parente afastada, também presente na chácara, como convidada. Existia entre ambas amizade verdadeiramente íntima, dessas amizades invulgarmente ternas e finamente espirituais, cuja existência costuma fluir do encontro de dois caracteres às vezes totalmente diferentes, muitas vezes até opostos, mas dos quais um é mais grave e profundo do que o outro; aquele, em compensação, se subordina a este com uma aguda compreensão da própria dignidade e com abnegado carinho, reconhecendo a sua superioridade e conservando a sua amizade no coração, como um tesouro de alto valor. Produz-se então essa convivência mútua, terna e interiormente variada, na qual um põe bondade e condescendência, e o outro amor e respeito pelo que lhe é superior… um respeito, para dizer a verdade, assinalado por um traço de receio, um receio de perder, de qualquer maneira, aos olhos daquele por quem temos tamanha estima, e que ao mesmo tempo nos inspira o desejo de penetrarmos ainda mais no seu coração, graças ao valor das nossas ações. As duas amigas eram da mesma idade mas, entre elas, notava-se uma diferença quase incomensurável, logo pressentida no seu aspecto exterior. *Madame* M… era também muito bela, mas a sua beleza tinha qualquer coisa de especial. Logo à primeira vista esse matiz encantador fazia com que ela se distinguisse naquele conjunto de mulheres formosas; e esse algo, difícil de definir, exercia uma irresistível força de atração sobre as pessoas, ou, para melhor dizer, despertava em todos quantos a viam um sentimento bom e puro, impelindo-os para ela com uma secreta e poderosa simpatia. Há rostos assim. Junto dela sentíamo-nos melhores, mais livres e expansivos; e no entanto o olhar dos seus grandes olhos tristes, revelando energia e espírito, era tímido e inquieto, como se procurasse continuamente fugir de qualquer coisa de hostil e ameaçadoramente terrível, e esse temor estranho infundia às vezes uma tristeza dolorida

por sobre as suas plácidas feições, a nos trazer à lembrança os rostos sacrossantos das *madonnas* italianas, e quase a prostrar-nos tristes também, como se, à sua semelhança, sofrêssemos igualmente qualquer desgosto. Que ela os tinha, adivinhava-se com toda facilidade. No seu rosto pálido e alongado, apesar da delicada beleza das suas feições puras e regulares, e da angustiosa gravidade duma dor indefinida e oculta, transparecia ainda o primitivo rosto infantil, o rosto dos anos inesquecíveis e felizes, de uma felicidade talvez inconsciente. E a isto juntava-se ainda aquele sorriso sereno e um tanto esquivo, indefinido, e tudo inspirava tão inexplicável simpatia por aquela mulher, que todos sentiam no fundo do coração uma doce e íntima inquietação por causa dela, uma inquietação manifestada mesmo à distância, acompanhando-nos sempre, através do tempo e do espaço. Talvez fosse demasiado reservada e taciturna, apesar de ser difícil encontrar outra pessoa dotada de maior atenção e amabilidade, sempre que alguém se sentisse necessitado de afeição. Há mulheres que passam pela vida fazendo o ofício de irmãs de caridade. Junto delas não é preciso esconder nem calar nada, pelo menos de tudo aquilo quanto em nossas almas existe de doente e magoado. O sofredor pode aproximar-se delas, confiado, sem receio de incomodá-las, pois raramente existirá alguém desconhecendo quanto amor infinitamente paciente, quanta piedade e quanta capacidade de perdão pode encontrar-se no coração de certas mulheres. Nesses corações guardam-se tesouros delicadíssimos de consolação e de esperança, apesar de eles próprios se acharem também, às vezes, lacerados… corações que sofrem e que amam mais do que os outros, e, no entanto, escondem cuidadosamente as suas chagas dos olhos curiosos, pois o amor profundo cala-se e esconde-se. A essas mulheres não as assustam nem a profundidade nem a gravidade das feridas; quem se lhes aproxima com a sua dor, já é digno delas. Nasceram para ajudar os outros. *Madame* M… era alta, airosa e esbelta, mas um pouco magra. Os movimentos um tanto desgraciosos, lentos e suaves e não isentos de certa dignidade, como animados de ligeireza infantil. Também os gestos deixavam transparecer uma espécie de abandono que no entanto não pedia proteção a ninguém nem reclamava amparo.

Disse antes que as maliciosas observações da teimosa loura me provocavam vergonha, dor e raiva, fazendo sangrar o meu coração.

Mas havia além disso outro motivo, e bem estranho e estúpido, que eu escondia sigilosamente de todos, tremendo como o avaro pelo seu tesouro, e só com o pensamento, ainda que eu estivesse sozinho com a cabeça perturbada em algum canto escuro, onde o olhar trocista do meu verdugo não pudesse alcançar-me, e me sentisse a salvo de todos os olhares, só com o pensamento, repito, do objeto daquele motivo, o meu coração paralisava-se de pura comoção, de vergonha e de medo. Numa palavra: estava enamorado de *Madame* M… E no entanto não devo pensar que acabo de dizer uma grande tolice, uma vez que de maneira nenhuma isso me passava pela cabeça? Mas… por que razão, de todas as caras que via, só aquela era capaz de me impressionar assim? Por que é que os meus olhos a seguiam sempre, onde quer que ela estivesse? Por que sentia eu aquele agrado em contemplá-la, apesar de meus sentimentos não se encontrarem então ainda aptos para descobrir as mulheres e aproximar-me delas? Acontecia isso sobretudo à noite, quando todos os convidados se juntavam no salão, e eu, em algum canto, só e escondido, me punha a olhar sem objetivo para todos os lados… onde os meus olhos quisessem ir ter, se bem que eu tivesse outra missão especial de que incumbi-los. A não ser a minha perseguidora, raramente alguém me dirigia uma palavra, de maneira que nesses serões acabava sempre por me aborrecer mortalmente. Para me distrair ocupava-me em observar a todos os presentes, e apurava o ouvido quando falavam de coisas que eu de todo não compreendia. Aconteceu assim, naturalmente, que os tristes olhos e o sorriso plácido de *Madame* M… vieram cativar-me atenção, sem que pudesse depois iludir o singular, vago e imponderável feitiço que exerciam sobre mim. Acontecia-me frequentemente ficar até horas mortas na sua contemplação, sem poder afastar dela os olhos. Cada gesto seu, cada movimento, cada palavra sua ficavam-me gravados na memória, e espiava a menor alteração na sua voz, não aguda, mas de timbre profundo, obscuro, um tanto velado, e — coisa estranha — dessas minhas observações e dessas singulares e doces impressões, despertou-se em mim uma curiosidade completamente inexplicável. Era como se adivinhasse nela um segredo, para o qual não tinha outro remédio senão encontrar depressa uma chave.

O que depois mais me apoquentava era a situação na sua presença. Todas aquelas troças e gracejos me rebaixavam aos seus

olhos e constituíam para mim uma das mais terríveis ofensas. E quando alguma vez *Madame* M…, involuntariamente, fazia coro com o riso geral que eu inspirava, o meu desespero atingia então o cúmulo, o sofrimento e a vergonha punham-me fora de mim, escapava-me das mãos da minha perseguidora com o furor do possesso… e corria lá para cima, para o segundo andar da casa, onde acabava por ficar o resto da noite sem me atrever logo a descer ao salão. Além disso, nesse tempo eu não sabia ainda perceber a índole da minha vergonha nem da minha excitação; todo o processo se desenrolava por completo no inconsciente. Ainda não tivera oportunidade de falar duas palavras seguidas com *Madame* M… e por nada deste mundo me atreveria a entabular com ela uma conversa. Uma noite, porém, depois de um dia bastante aborrecido, durante o passeio deixei-me ficar para trás, e como estava terrivelmente cansado, voltei para casa, atravessando o jardim. Escolhi o caminho mais breve, uma alameda retirada e, de súbito, descubro num banco *Madame* M… Estava sentada ali, completamente só, como se estivesse procurando aquela solidão; estava reclinada, a cabeça baixa, e os seus dedos revoluteavam mecanicamente um lenço que segurava na mão. Tão absorta nos seus pensamentos nem sentiu que me aproximava.

Quando reparou em mim, levantou-se rapidamente do banco, voltou a cabeça para o lado, e pude ainda ver que ela levava o lenço aos olhos para enxugar os vestígios das lágrimas. Devia ter chorado. Mas depois fingiu que nada acontecera; sorriu-me a acompanhou-me até a casa. Já me esqueci daquilo sobre que teríamos falado; durante o caminho ela apenas procurou afastar-me de si, com vários pretextos: ora me pedia lhe cortasse uma flor, ora me perguntava quem passava a cavalo pela avenida próxima. Mas, enquanto me afastava dela, levava rapidamente o lenço aos olhos, pois as lágrimas, rebeldes, não queriam parar, e pelo contrário, continuavam a brotar-lhe do coração dolorido e torturado, até assomarem aos pobres olhos. Compreendi muito bem que a minha companhia lhe era incomodativa, uma vez que assim procurava afastar-me. Ela percebia também que, a mim, nada me havia passado despercebido, e no entanto não podia dominar-se… o que aumentava a minha piedade por ela. Aborrecia-me comigo próprio até ao desespero, amaldiçoava a minha infelicidade e a minha estupidez, que não me permitiam encontrar pretexto para me

retirar sem lhe dar a entender que, apesar de tudo, percebia o seu desgosto. Por isso caminhava a seu lado, contrariado e aborrecido, de coração apertado, e, apesar de todos os meus esforços, não encontrava palavra para animar nossa monossilábica conversação.

Esse encontro causou-me tão profunda impressão que passei todo o serão a olhar para *Madame* M…, às furtadelas. Mas, a despeito das minhas precauções, os nossos olhos chegaram ainda a encontrar-se umas duas ou três vezes, e à segunda, ela se pôs a rir. Essa a única vez que eu a vi rir naquele dia, em toda a reunião. A melancolia não se apagara no seu rosto e estava até mais pálida do que antes. Ficou sempre a palestrar com uma senhora de idade, que se tornara simpática para todos pela sua bisbilhotice e mexericos constantes, inspirando-lhes certo receio, e por isto, todas as pessoas se viam obrigadas a se mostrar amáveis e atentas para com ela, mesmo contra a vontade…

Aí pelas dez horas apareceu repentinamente o marido de *Madame* M… Reparei como ela estremeceu perante aquela aparição inesperada e como o rosto pálido ainda mais empalidecera até um extremo verdadeiramente inquietante. Aquilo foi uma coisa tão estranha que também os outros repararam: pelo menos, perto de mim entabulou-se um comentário em voz baixa, do qual se depreendia que a pobre *Madame* M… levava uma vida muito pouco invejável. O marido era, como todos sabiam, ciumento como um mouro, não pelo amor que lhe tivesse, antes por amor-próprio. Porque aquele homem, em primeiro lugar era… um europeu, e além disso um contagiado das exaltadas ideias modernas, que muito apreciava. Quanto ao aspecto exterior, era moreno, alto e robusto, com uma barbicha cortada à europeia e uma cara fresca e redonda, com uns dentes brancos como açúcar, e que, enfim oferecia todo o aspecto dum perfeito cavalheiro. Era tido por um homem “inteligente”. É este o epíteto que em certos meios se dá a um tipo especial de homens que prosperam à custa dos outros, que nada fazem nem desejam fazê-lo, e que, devido à perene vida de divertimento e vadiagem, acabam por trazer no corpo, em vez de um coração, um pedaço de toucinho como costumam dizer-se. Mas é precisamente a esses tipos que nós ouvimos constantemente dizer que se nada fazem é por causa de certas circunstâncias complicadas e

adversas, que deram cabo deles, sendo por isso uma coisa bem triste, o fato de eles não fazerem nada. É este o seu estribilho, *le mot d´ordre*[1] que por todos os lados vão impingindo esses gozadores… com o que conseguem aborrecer-nos imediatamente, para não dizer outra coisa, tal como toda hipocrisia ostensiva ou todas as palavras insignificativas e vãs. Além disso, alguns desses vermes que dizem não encontrar que fazer — sobretudo quando não procuram a valer — parecem ter a pretensão de convencer todas as pessoas de que em lugar do coração têm, não um pedaço de toucinho, mas qualquer coisa de muito profundo. Em que consiste essa coisa, concretamente e em resumo, nem o melhor cirurgião o poderia dizer… Não o poderia dizer, entenda-se bem, apenas por delicadeza. É a vida que esses cavalheiros do ócio fazem, a razão de que todas as suas faculdades se reduzam à ironia barata, à crítica míope e a afirmações de uma presunção desmedida. Mas como não têm mais nada que fazer senão por a descoberto as faltas e os erros do próximo, e como são dotados de bondade e urbanidade — tal como as ostras — não lhes é difícil, nessas circunstâncias, viver entre as pessoas, com muita precaução e cautela, do que se gabam até à saciedade. Estão por exemplo convencidos de que todas as pessoas devem prestar-lhes homenagens e por isso olham o mundo como domínio seu. Apenas veem néscios em todos os que os rodeiam e estão muito convencidos de que podem espremer-lhes o sangue até a última gota, enquanto ele correr, como se faz a uma laranja ou a uma esponja. De certa maneira, julgam-se os senhores do mundo e imaginam haver sido convencionado que toda esta louvável ordem de coisas se deve apenas ao fato de eles serem personagens tão inteligentes e importantes. Na sua vaidade sem limites jamais reconhecem os próprios erros, mas pelo contrário, sempre, em todas as ocasiões e em todos os sentidos, se consideram criaturas perfeitas. Assemelham-se a esse tipo de homens que têm por antepassados a Tartufo e a Falstaff[2], a esses espertalhões que tantas vezes conseguem enganar os outros, que eles próprios chegam a acreditar que tudo quanto dizem, fazem ou deixem de fazer tem a sua razão de ser; quer dizer, é ótimo que eles vivam da maneira como o fazem e enganem os outros; tantas vezes se ouviram a si mesmos lamentarem-se da sua honradez e generosidade, que acabaram por acreditar nisso, e os seus ludíbrios são testemunhos da mais sincera honestidade. Autocríticos e autoconhecedores de si próprios, isso

nunca eles desejaram ser. São demasiado rudes para se darem ao trabalho de pensarem muito. Acima de todas as coisas e acontecimentos colocam sempre o seu próprio eu valioso, o Moloch ao qual tudo sacrificam, o seu magnífico eu. Toda a natureza, o mundo inteiro, não é para eles mais do que um grande e belo espelho, que parece criado de propósito só para que um pequeno deus possa admirar-se continuamente nele, e sem que tenha de refletir nada nem mais ninguém, a não ser a própria pessoa. Portanto, não é de estranhar que em tais circunstâncias vejam sempre os fenômenos deste mundo um tanto deturpados, e nunca como realmente são. Têm sempre a propósito de tudo uma frase feita, e sem dúvida — o que, seja dito de passagem, os faz parecer muito inteligentes — sempre moderníssima. Sim, pode afirmar-se que são principalmente eles que se encarregam de divulgar as frases, cujo êxito sabem farejar a tempo. Sim, farejar… É esta a única qualidade que possuem, pois realmente pode dizer-se que têm o olfato apurado, pelo menos o suficiente para farejar antes dos demais essas frasezinhas modernas, e para se apoderarem delas a tempo, de tal maneira que depois acaba por parecer que foram eles os seus criadores. Proveem-se especialmente daquelas que exprimam o seu grande amor pela humanidade e representam, segundo parece, a única, verdadeira e racional amizade entre os homens, e além disso arremetem sem consideração alguma contra os antiquados românticos, condenando neles tudo quanto é belo e elevado, sem compreenderem que o menor sentimento dos tais românticos vale mais do que toda a sua existência de moluscos. Com o espírito embotado não são capazes de reconhecer a verdade sob uma forma ainda mal amadurecida, diferente daquela que é evidente, quando ainda em fase de transição, e assim eliminam tudo quanto se encontra ainda em gérmen e busca ainda a sua forma e, por isso mesmo, não atingiu ainda a perfeição. Esses homens impantes e bem alimentados levaram geralmente vida alegre, de perpétua euforia. Os outros fizeram tudo; eles nada fizeram nem sabem, evidentemente, como é difícil levar qualquer coisa até o fim. Mas ai daquele que, com um pouco de atrevimento, toque ao de leve nos seus infalíveis sentimentos! Não lhe perdoarão nem o esquecerão, nunca mais! Vingam-se, e com prazer. Em resumo: um tipo destes não passa de gigantesco balão inchado até mais não poder, cheio de sentenças, de estribilhos da moda e de provérbios.

Quanto ao resto, o senhor M… era homem notável, e possuía certa qualidade que, em todo caso, o caracterizava de maneira especial, bom narrador, formava-se sempre um círculo à sua volta. Nessa noite mostrava-se particularmente animado: assenhoreou-se da conversa, a palavra fácil, quase espiritual, de bom humor, e conseguiu que todos o escutassem e dele não tirassem os olhos. *Madame* M…, em compensação, esteve todo o tempo em silêncio e via-se bem que sofria; parecia tão triste que eu temia, a todo momento, ver brilhar de novo as lágrimas nos seus olhos. Tudo isto, como disse, provocava-me profunda impressão. Estava perturbado e admirado, e estranha curiosidade apoderou-se de mim. Passei toda a noite a sonhar com o senhor M…, e posso dizer que até então raramente sofrera pesadelos tão dolorosos e emocionantes.

No dia seguinte vieram chamar-me muito cedo para ir ao salão, onde se ensaiavam os quadros vivos dos quais eu devia também participar. Os referidos quadros vivos, juntamente com uma representação teatral e um grande baile, tudo para a mesma noite, constituíam os festejos em comemoração ao aniversário da caçula do nosso pródigo anfitrião. Tínhamos apenas à nossa frente uns cinco dias. Para essa festa haviam sido convidadas umas cem pessoas de Moscou e da família dos proprietários vizinhos, de maneira que era preciso fazer grandes preparativos, os quais, como era natural, aumentavam o burburinho. Os ensaios, ou melhor, a prova dos trajes realizou-se com grande atraso, porque o conhecido artista R…, amigo e hóspede do nosso anfitrião, que por puro prazer se oferecera para montar os quadros, quis por força ir a Moscou comprar o que faltava. Por isso urgia andar depressa. Eu fora escolhido para atuar num quadro vivo, com *Madame* M… O quadro representava uma cena da Idade Média, e chamava-se “A Castelã e seu Pajem”.

Estava terrivelmente nervoso quando me reuni à *Madame* M… nos ensaios. Desnecessário dizer que me convencera de que ela iria adivinhar imediatamente nos meus olhos todos os pensamentos, dúvidas e presunções que na noite anterior se tinham cruzado pela minha imaginação. E além disso oprimia-me certo sentimento de culpabilidade para com ela, por tê-la surpreendido na sua dor e reparado nas suas lágrimas. Quem sabe se não estaria aborrecida

comigo? Mas, graças a Deus, tudo correu otimamente e sem qualquer percalço desagradável: aconteceu, simplesmente, que ela nem sequer reparou em mim. Evidentemente conservava o pensamento noutro lado, não parecia ver-me, nem preocupar-se com os ensaios. Dava a impressão de se achar absorvida por alguma preocupação grande e dolorosa. Quando terminaram os ensaios, escapei-me rapidamente e vesti-me. Dez minutos depois, dirigi-me ao terraço que dava para o jardim. No mesmo instante, saindo de outra porta, ali surgiu também *Madame* M… e encontramo-nos os dois na presença do seu enfatuado senhor e marido, chegando do jardim, onde fora acompanhar um grupo de lindas jovens. Aquele encontro com a mulher apanhou-o de surpresa. *Madame* M… fez-se imediatamente muito corada e no seu aspecto, violentamente perturbado, transparecia certo desgosto. O marido, muito despreocupado, trauteando uma ária e alisando a linda barba, com uma cara muito séria, franziu um pouco as sobrancelhas quando viu a mulher e pôs-se a fitá-la com um olhar nitidamente inquisitorial.

— Vais para o jardim? — perguntou-lhe, ao reparar que trazia a sombrinha e um livro.

— Não, vou ao bosque — disse ela, corando levemente.

— Sozinha?

— Não, com ele — e apontou para mim. — Saio todas as manhãs sozinha, a dar um passeio — acrescentou, como quem dá uma explicação, mas numa voz um tanto insegura, fingindo indiferença, mas vibrando tanto quanto na ocasião em que mentimos pela primeira vez na vida, conscientemente.

— Hum!… Acabo precisamente de acompanhar ali um grupo. Vão reunir-se todos no roseiral, para se despedirem de N… Vai deixar-nos, como suponho deves saber… Aconteceu-lhe qualquer infelicidade em Odessa… A prima (a tal prima era a loura que me perseguia) está num tal estado que ri e chora ao mesmo tempo, de maneira que, por ela, nada se pode saber ao certo. E disse-me que tu, não sei por que motivo, estavas aborrecida com N…, e por isso não irias lá. Suponho que isto não tem fundamento…

— Uma brincadeira das suas — disse *Madame* M…, e começou a descer os degraus do terraço.

— Então é este o teu *cavalier servant* de todos os dias? — perguntou ele ainda, como por acaso, com um franzir de lábios zombeteiro, e fixando em mim o monóculo.

— Sim, senhor, o seu pajem! — exclamei eu, furioso por causa daquele olhar e daquela zombaria, e depois desatei a rir na sua cara e saltei de uma só vez três degraus.

— Bem, pois então muito prazer — resmungou o senhor M…, e continuou o seu caminho.

Eu, naturalmente, aproximara-me de *Madame* M… quando esta apontara para mim, procedi como se estivéssemos combinados há uma hora, e concordei naquilo de que todas as manhãs, desde há um mês, íamos juntos ao bosque. Não podia compreender a razão por que aquele encontro a deixara tão perturbada e o que tencionava quando se resolveu a cometer aquela pequena mentira. Por que não teria dito simplesmente que ia sozinha? Eu não sabia o que pensar de tudo aquilo. Mas, pouco a pouco, apesar da minha insegurança e dos meus receios, comecei a olhar para ela às furtadelas, com ingênua curiosidade; mas, como havia ainda pouco, nos ensaios, ela não reparou um instante sequer nem nos meus olhares nem na minha interrogação silenciosa. Simplesmente, aquela preocupação torturante continuava a refletir-se ainda com mais clareza e profundidade nas suas feições agitadas e transparecia em todos os seus movimentos, sobretudo na rapidez do andar. Devia estar com pressa, pois acelerou o passo e olhava com inquietação para todas as alamedas e clareiras do bosque, e também para o lado do jardim. Da mesma maneira comecei a experimentar certa ansiedade. Nisto, sentimos tropel de cavalos atrás de nós. Era uma grande cavalgada de senhoras e de homens, de cavaleiros em seu corcéis, acompanhando o tal N…, que nos deixava de maneira tão inesperada.

Entre as amazonas divisei a minha loura, da qual o Senhor M… nos falara, dizendo que rira e chorara ao mesmo tempo. Segundo o hábito, ria-se agora com tanta vontade, como uma garota, e mostrava-

se tão alegre e prazenteira como nunca. Montava um magnífico cavalo branco. Quando o grupo nos alcançou, N… tirou o chapéu, mas não segurou as rédeas da montada nem disse palavra a *Madame* M…Logo todos desapareceram numa volta do caminho. Lancei uma olhadela a *Madame* M… e quase soltei um grito de espanto: empalidecera como um cadáver e não se mexia; dos seus olhos tombavam grandes lágrimas. Os nossos olhares encontraram-se; *Madame* M… corou, desviou a vista por um momento, e percebi-lhe no rosto o sofrimento e a inquietação, apesar de ela fazer um esforço enorme para se recompor. Era agora para ela, ainda mais dispensável e incomodativo do que no dia anterior; não tinha dúvidas sobre isso. Mas como havia de me afastar, com que pretexto deixá-la?

De súbito, *Madame* M…, como se tivesse lido no meu pensamento, abriu o livro que trazia consigo, e enquanto o sangue lhe subia de novo às faces, disse, esforçando-se visivelmente para não me olhar, como se até então não tivesse reparado nisso:

— Ah! Este é o segundo volume! Enganei-me! Podes ir buscar-me o primeiro, por favor?

Não havia dúvida. Já desempenhara o meu papel e despediam-me com a maior sem-cerimônia.

Por isso deitei a correr com o livro e não voltei. O primeiro volume ficou assim intato nessa manhã, em cima da mesa.

A partir desse dia sofri tal transformação que quase me tornei estranho para mim próprio; meu coração palpitava numa angústia contínua. Tinha o maior cuidado em não me encontrar em parte nenhuma com *Madame* M… Em compensação comecei a contemplar com uma curiosidade quase selvagem o seu feliz marido e senhor, como se nele pretendesse descobrir algo de particular. Ainda hoje não compreendo por que sentiria então aquela curiosidade ridícula; lembro-me de que tudo a quanto me aconteceu nessa manhã me causou um assombro muito especial. E, no entanto, aquilo não fora senão o princípio dum dia em que iriam acontecer-me outras coisas muito diferentes e de muito maior importância.

Nesse dia, contra o costume, almoçamos muito mais cedo. Ao

princípio da tarde, devíamos fazer uma excursão a uma aldeia próxima para assistirmos a uma autêntica festa rústica que ali ia realizar-se, e por isto se adiantou a hora da nossa refeição. Há três dias andava eu muito contente com a ideia dessa festa, na qual só Deus sabia o que me esperava. Tomamos o café no terraço. Segui prudentemente as outras pessoas até à saída da sala de jantar e escondi-me atrás de umas cadeiras. Foi a minha curiosidade que me inspirou esse ardil, e tão grande ela era que, para satisfazê-la, me expus ao perigo de que *Madame* M… pudesse surpreender-me. Mas o acaso dispôs as coisas de outra maneira: fui cair nas proximidades da minha loura perseguidora. Nesse dia acontecera-lhe qualquer coisa de maravilhoso e quase inverossímil: estava mais bela do que nunca. Como e por que teria sido aquilo … não sei dizer; mas com as mulheres costumam acontecer frequentemente esses prodígios. Encontrava-se entre nós um novo hóspede, um rapaz alto, louro, vindo de Moscou precisamente para preencher o vazio deixado entre nós por N…, ao partir nessa manhã, e corria o boato de que estava mortalmente apaixonado pela nossa loura beldade. Mas o novo hóspede há muito que, a respeito dela, se encontrava na mesma situação que Benito em relação a Beatriz, na obra de Shakespeare, *Muito barulho por nada*. Em resumo: a nossa beldade obteve nesse dia um grande êxito. As suas brincadeiras e lembranças eram tão encantadoras, tão alegremente ingênuas, tão perdoavelmente indiscretas; além disso estava tão convencida, com tão graciosa gravidade, do aplauso geral, que durante todo o tempo os convidados não fizeram outra coisa senão admirá-la. À sua volta formou-se um tríplice círculo de ouvintes, surpreendidos, maravilhados e encantados, pois nunca lhes parecera tão sedutora. Cada palavra sua era acolhida como algo de prodigioso e repetida com admiração; cada um dos seus ditos zombeteiros. Era como se ninguém a tivesse julgado capaz de tanto gosto, habilidade e inteligência. As suas costumadas loucuras infantis, às vezes quase degeneradas em disparates, relegavam-na a segundo plano e faziam com que apenas uma ou outra pessoa reparasse nas suas melhores qualidades… ou aqueles que as observavam, no meio de tantas puerilidades, as atribuíssem a pura casualidade; por isso o seu triunfo repentino foi acolhido com murmúrio geral de admiração.

Além disso, para esse êxito contribuiu também uma circunstância especial, um tanto maliciosa, se levarmos em conta o papel que nela desempenhou o marido de *Madame* M… O tal rapaz propusera-se — e devo informar que com o apoio de todos, ou pelo menos, daquela dourada juventude — a mexer com o senhor M…, e só com ele, de maneira realmente impiedosa, e isto por diversas razões, indubitavelmente de muita importância, aos seus olhos. A lourinha descarregava contra ele um verdadeiro fogo salpicado de alusões, de motejos indiretos e sarcasmos da pior espécie, tão cerrados, francos e pesados, que ninguém podia pensar em devolvê-los à sua amável atiradora, sarcasmos perante os quais a vítima se achava quase indefesa, que nunca erravam o alvo e que acabaram por fazer-lhe perder a cabeça e pô-la num estado da mais violenta cólera e no mais cômico desespero

Ao certo, não sei, mas creio poder afirmar que aquele duelo não era obra do acaso, mas ela o começara com determinada intenção. Na verdade, aquele desesperado desafio começara antes, quando estávamos ainda à mesa. Chamo-lhe desesperado porque o senhor M… não era pessoa para depor as armas com facilidade. Apelando para toda a sua presença de espírito, precisava de afinar toda a sua perspicácia e habilidade, verdadeiramente quase inexistentes, para não dar um tropeção e ver-se obrigado a abandonar o campo, coberto de desprezo e de vergonha. A luta desenrolou-se entre o riso quase ininterrupto de todos os presentes. Os ventos corriam agora pouco propícios para o senhor M…, naquele segundo dia, e o êxito colhido à sua chegada estava no fim. Conforme eu e outras pessoas notamos, *Madame* M… por mais de uma vez quase interrompeu as palavras da sua indiscreta amiga. Mas esta parecia empenhada em enfiar um barrete de bobo no seu invejoso marido, ou pelo menos fazê-lo desempenhar um papel ridículo; queria convencer os outros de que ele era pelo menos um Barba-Azul, a julgar por aquilo de que ainda me lembro e pelo que também, por acaso, vim a desempenhar naquela farsa.

Tudo se passou de maneira súbita e inesperada e de que mal me recordo. Estava de pé, ouvindo o que um e outro diziam, sem suspeitar nada de mau, e até me esquecera das minhas precauções,

quando, de repente, fui envolvido na refrega, pois a lourinha acabava de apontar-me como inimigo mortal e natural adversário do senhor M…, enamorado pretendente de sua esposa, apaixonado até à loucura. A terrível criatura deu a sua palavra de honra de que aquilo que dizia era a pura verdade, e afirmou em voz alta e solene que podia apresentar provas irrefutáveis, por exemplo, que nessa mesma manhã tinha visto no bosque…

Não pode terminar a frase: eu me apressei a interrompê-la num momento, para mim, decisivo. Ela soube rodear tão astutamente a questão, a sua esgrima era tão genial, e tinha tão bem aparelhado o remate cômico, e além disso imitava tudo de maneira tão engraçada, que uma estrepitosa salva de palmas acolheu aquela última chacota. E embora tenha adivinhado então que não era eu quem fazia o papel mais ridículo, acabei por sentir uma tal agitação, perturbação e receio, que, com lágrimas nos olhos, com toda dor e pânico do desespero e da vergonha, meti-me rápido por entre as cadeiras, até que fiquei a meio do círculo das pessoas e, com a voz abafada pelas lágrimas, gritei para a minha inimiga:

— Será possível que não tenha vergonha… de dizer… assim, em voz alta… e diante de tantas senhoras… semelhantes mentiras? A senhora porta-se como uma criatura estouvada… e, ainda por cima, diante de homens! Tem alguma coisa para responder a isto? A senhora já é uma pessoa adulta e… além disso, é uma senhora casada…

Aplauso atroador interrompeu as minhas censuras infantis. O discurso fez furor. Mas não se riam dos meus gestos, nem das lágrimas que havia nos meus olhos, mas sim e principalmente por eu surgir assim, quase como defensor do senhor M…, e era isso o que provocava uma hilaridade irresistível. Mas naquela altura fiquei petrificado e quase perdi os sentidos, tão grande era a minha repugnância por aquela gente… Pus-me a tremer, cobri o rosto com as mãos e deitei a correr, fugindo dali; à porta, dei um encontrão num criado que transportava um serviço de chá numa bandeja, e, como um vendaval, subi as escadas até me precipitar no meu quarto. Tirei a chave que estava do lado de fora e fechei-me. Aquilo me salvou, pois, em minha perseguição precipitava-se nos meus calcanhares uma verdadeira caterva; meio minuto depois investia contra a minha porta todo um

bando impetuoso, formado por todas as senhoras da casa. Ouvia-as rir e palrar, numa confusão de mil vozes atropeladas, umas mais rápidas do que outras; pareciam um bando de andorinhas, trinando ao mesmo tempo. Todas, todas sem exceção, me suplicavam e intimavam a abrir a porta, nem que fosse só por um momento; afirmavam que não me fariam mal, apenas queriam comer-me com beijos, como diziam. Que ameaça poderia ter sido mais terrível, para mim? Morrendo de vergonha, apertei o rosto contra a almofada e por nada deste mundo abriria a porta nem responderia uma sílaba. Elas ficaram durante muito tempo fazendo um grande barulho e implorando, do outro lado da porta; mas eu me mantive insensível e surdo, como um rapazinho de onze anos é capaz de proceder.

Que havia de fazer? Tudo fora descoberto, tudo aquilo que eu tão zelosamente trazia oculto e escondido de todos os olhares… ia ficar para sempre coberto de vergonha e de opróbrio. É certo que, na realidade, não seria capaz de dizer o que, afinal, eu mantinha assim tão angustiosamente oculto; mas a descoberta dessa qualquer coisa oculta fazia-me, no entanto, tremer como as folhas duma arvore. Também, naquela ocasião, não sabia exatamente se a tal coisa oculta era boa ou má, gloriosa ou depreciativa. Mas o certo é que agora compreendia num minuto, para meu tormento e suplício, que tudo aquilo era burlesco e vergonhoso. Ao mesmo tempo a minha intuição dizia-me que semelhante ideia era falsa, antinatural e grosseira; mas o certo é que aquele golpe esgotava-me, aniquilava-me; a faculdade de pensar, ou melhor, de conhecimento, ficara em mim quase paralisada, e parecia, de certo modo, emaranhada e convulsionada. Era-me impossível revoltar-me contra esse raciocínio. Não podia sequer examiná-lo a fundo, estava assim como um entontecido e apenas me sentia magoado de maneira desumana e vergonhosa. Chorava lágrimas de impotência e ao mesmo tempo via-me excitado; no meu peito fervia uma raiva impotente e não tardei a sentir um ódio que nunca antes sentira, pois era a primeira vez que experimentava uma dor séria e uma verdadeira irritação. Rude golpe me atingira, menino inconsciente, as fibras do primeiro sentimento, ainda ignorado e em germe; fora posto a nu o primeiro sentimento de pudor juvenil, terno e esquivo, profanando-o e zombando da minha primeira e talvez mais séria impressão estética. Mas podia ser que aqueles que se riam não

soubessem até o que faziam e fossem incapazes de imaginar os meus sofrimentos. A tudo isto juntava-se também uma circunstância especial, que eu próprio não consigo ainda explicar perfeitamente, ou, para melhor dizer, que até agora não me atrevi ainda a explorar. No meio da minha dor e do meu desespero, deixei-me ficar estendido sobre a cama, ocultando o rosto sob as almofadas. Corriam calafrios por todo o meu corpo e sentia febre. Apoquentavam-me dois problemas: que teria visto aquela loura, no bosque, entre mim e *Madame* M…; que teria ela podido ver? Segundo: como, de que maneira, com que olhos me atreveria eu, dali em diante, a olhar para a face de *Madame* M… sem morrer, nesse mesmo instante, de vergonha e desespero?

Um extraordinário alvoroço no vestíbulo veio despertar-me daquela semi-inconsciência em que me achava. Levantei-me e assomei à janela. O pátio estava cheio de carruagens, de cavalos, de serviçais de estrebaria e de cocheiros; era de dizer que todos os convidados nos iam deixar. Dois cavaleiros tinham já montado e os outros entravam para os coches. Lembrei-me então da projetada excursão à aldeia próxima e certa inquietação se apoderou de mim; comecei a procurar com a vista a minha pequena égua, mas não consegui descobri-la… era indubitável, pois, que se tinham esquecido de mim. Não pude conter-me e desci rapidamente as escadas, sem pensar nas consequências nem em coisa alguma…

Lá embaixo esperava-me uma notícia terrível: não havia, disponível para mim, um só cavalo ou lugar nos coches. Estavam todos tomados e eu tive de renunciar ao prazer da excursão.

Ferido por novo desgosto, fiquei parado junto da escada, contemplando tristemente a grande fila de carruagens, as amazonas e os cavaleiros, cujos corcéis piafavam, impacientes.

Esperavam apenas por um dos cavaleiros que se atrasara um pouco. Ao fundo da escada havia um cavalo aparelhado, que molhava de espuma o lugar onde se encontrava, batia com as patas no chão e ao menor ruído empinava-se, mostrando assim a sua ansiedade por começar a caminhada. Dois palafreneiros seguravam-no pelas rédeas, ao mesmo tempo que procuravam manter-se a maior distância

possível do alcance das suas patas, coisa imitada pelos outros também.

Havia na verdade uma razão, e por certo muito desagradável, para que eu não fizesse parte da cavalgada. Sem falar de que tinham chegado novos hóspedes, os quais ocuparam todos os lugares disponíveis nas carruagens, quis a infelicidade que adoecessem dois cavalos, um dos quais era o meu. Mas não era eu o único a quem sucedia tal contratempo: também já não havia cavalo livre para o novo hóspede, aquele rapaz pálido a quem já me referi. E por isso o nosso anfitrião fora obrigado a oferecer a esse hóspede um potro branco ainda mal adestrado, fazendo-lhe no entanto reparar, para descanso da sua consciência, que era impossível montar aquele animal, e que por isso até já pensara vendê-lo, por causa da braveza; simplesmente, ainda não encontrara comprador. Mas, apesar de advertência, o rapaz afirmou-lhe sentir-se completamente seguro na sela, e além disso possuía absoluta disposição de cavalgar qualquer montada, contanto que pudesse participar da excursão. Quando ouviu isto, o anfitrião calou-se… mas observei que aos seus lábio assomava um sorriso ambíguo, velhaco. Postava-se agora junto da escada, esperando aquele cavaleiro que se sentia tão seguro sobre a sela; simulava esperar também o seu cavalo, esfregava as mãos e olhava continuamente para a porta. Os dois palafreneiros, segurando o potro pelas rédeas, aparentavam esconder os mesmos pensamentos que o seu amo, mostrando-se muito orgulhosos porque tantos espectadores os contemplassem como domadores de um animal selvagem capaz de, num momento, só com um coice matar um homem, mas parecia-me ver nos seus olhos o mesmo sorriso trocista que havia nos do amo, e olhavam também continuamente para a porta por onde devia aparecer o ousado cavaleiro. Além disso, também o animalzinho se conduzia como se estivesse de cumplicidade com o dono e com os palafreneiros; estava ali muito orgulhoso, e, por vezes, muito sossegado, com a cabeça levantada, como se percebesse algumas dezenas de olhares a se fixarem sobre ele, e como se precisamente se orgulhasse da sua má reputação, à semelhança de tantos embusteiros que incorrigivelmente se gabam das suas proezas. E parecia até que o animal provocava o temerário, para ver se ele tinha a ousadia de privá-lo da sua liberdade.

Finalmente, o temerário apareceu. Sentia muito ter feito esperar a

assistência, e enquanto enfiava as luvas à pressa, subiu os degraus da escada de montar, e dispunha-se a fazê-lo, quando, já com a mão estendida sobre a sela, um relincho selvagem o deixou desconcertado, acompanhado de um clamor de prevenção de toda a assistência. O rapaz retrocedeu um passo e olhou espantado para a montada, cujo corpo tremia todo; resfolegava, furiosa, e voltava os olhos raiados de sangue para todos os lados, levantando as patas dianteiras, como se se dispusesse a arremeter de um momento para o outro e fugir dali em pulos descomunais, deixando embasbacados os dois palafreneiros. O rapaz contemplou o animal com certa desconfiança; depois corou levemente e ficou hesitante; levantou a vista, olhou à sua volta e reparou no terror das senhoras…

— Belo animal — disse, como se falasse consigo próprio — e penso que deve mesmo dar gosto montá-lo; mas… querem saber uma coisa? É que não serei eu quem há de fazê-lo — terminou, dirigindo-se ao dono da casa, com um sorrisinho sereno e jovial, que ficava muito bem ao seu rosto bondoso e inteligente.

— Apesar disso eu continuo a tê-lo por um cavaleiro modelo; palavra… — respondeu aquele, visivelmente satisfeito e, involuntariamente agradecido, apertou a mão do hóspede, por este ter reconhecido logo ao primeiro olhar a espécie de animal de que se tratava, e acrescentou, orgulhoso: — Pode acreditar que eu, que fui hussardo durante vinte e três anos, graças a este cavalheiro tive o gosto de tombar por terra umas três vezes, isto é, tantas quantas foram as que montei este… inútil objeto… Tankred, meu caro, nós não somos dignos de ti. Quem conseguir montar-te tem de ser um segundo Iliá Múromiets[3], que neste momento deve estar muito sossegadinho na sua aldeia de Karáchov[4], que nós não conhecemos, à espera de que te nasçam os dentes. Vamos, rapazes, levem-no! Já estamos fartos de o ver! Foi tempo perdido, trazê-lo até aqui! — exclamou, dirigindo-se aos palafreneiros, e tornou a esfregar as mãos, muito satisfeito consigo próprio.

Devo dizer que Tankred não tinha qualquer utilidade para o seu dono, era em vão que gastavam com ele a ração. Além disso, quando comprou aquele animal, o velho hussardo comprometera a sua fama de conhecedor de cavalos, pois aquele potro, que à parte a bela

estampa, não tinha valor algum, custara-lhe quantia fabulosa… Contudo, estava muito contente com ele, que tão bem justificava a sua péssima reputação e granjeava pelo menos certa notoriedade, conquanto da pior espécie.

— Mas, o quê?! Não vai à excursão? — exclamou a loura, que, pelo visto, tinha empenho em fazer-se acompanhar dessa vez pelo seu *cavalier servant*. — É verdade que não se atreve?

— Não, pelo menos desta vez não! — respondeu o rapaz a rir-se.

— Diz isso a sério?

— Penso que a senhora tem um grande desejo de ver-me quebrar a cabeça!

— Pois bem, então monte o senhor no meu cavalo, sem receio, é manso como um cordeirinho. Não nos demoremos… Está selado e pronto. Vou experimentar o seu potro. Não é possível que Tankred seja tão mal educado.

Dito e feito. A lourinha saltou da sua sela, e antes de acabar a frase, já estava por terra, à nossa frente.

— Oh, não conhece o meu Tankred, para imaginar que ele iria deixar-se montar por uma senhora! Além do mais, também não posso consentir que a senhora quebre a cabeça… seria lamentável — respondeu o nosso anfitrião com a sua afetada galanteria habitual, unida a certa severidade, e até mesmo rudeza impertinente, e que ele julgava ser a característica do velho soldado, do bom rapaz destinado a agradar às senhoras, segundo pensava. Era esta uma das suas manias, que todos já conheciam.

— Vamos, homem, e tu, meu guinchão… não te atreves? Tinhas tanta vontade de vir conosco! — exclamou de súbito a loura, encarando-me e apontando para Tankred. Era evidente que ela não me fazia aquela proposta a sério, mas que falava assim para não tornar a montar de novo o cavalo, sem mais nem menos, depois de assim se ter apeado dele em vão, e além disso para me *castigar* pela ousadia de aparecer na sua frente. — Com certeza que tu não és como… bem!

Não é preciso mencionar nomes… Não és como um herói que todos conhecemos, e deves ter vergonha de mostrar pouca valentia, sobretudo diante de tanta gente, meu lindo pajem! — acrescentou, deitando um rápido olhar a *Madame* M…, cuja carruagem estacionava junto da escada.

Meu coração estava cheio de ódio e de desejos de vingança desde que ela se aproximara de nós com a intenção de trocar sua montada por Tankred… Mas como podia eu exprimir esses sentimentos, perante aquele inesperado convite? A minha vista turvou-se quando reparei no olhar que ela dirigia a *Madame* M… Como um relâmpago, passou-me pela imaginação a ideia… Sim, num segundo, em uma fração de segundo já a ideia se transformara em vontade… O seu olhar fez sobre mim o efeito de uma fagulha sobre um monte de pólvora… se é que o vaso já não estava transbordando e que aquela última gota, de um só golpe, me fez tornar a ser o que era e tudo se alvoroçou em mim, fazendo que apenas com uma só proeza procurasse aniquilar a todos os meus inimigos e vingar-me deles diante de todos os presentes, mostrando-lhes que espécie de herói era eu. Mas talvez alguém me tivesse revelado naquele instante, graças a qualquer prodígio ou a algum truque de magia, uma amostra da Idade Média, e eu, na minha ardente fantasia, vislumbrasse torneios, cavaleiros andantes, escudeiros, formosas e nobres damas, lanças quebrando-se pelos ares, e ouvisse o entrechocar das armas, gritos e ovações da multidão e, no meio de tudo isso, o bater de medo de um coração assustado, que para o bravo que luta na palestra soa mais doce do que todos os clarins da vitória… Não; não sei realmente se nesse instante foi esse delírio que me transtornou a cabeça, ou se, como penso, nessa ocasião não pensei nem senti outra coisa senão que chegara a minha última hora. Meu coração deixou de palpitar e depois recuei um pouco, desci de um pulo a escada e fui colocar-me junto do potro.

— Ah! então julga que eu tenho medo? — exclamei, atrevido e orgulhoso, tomado de uma comoção que me perturbava os sentidos e fazia afluir o sangue ao rosto. — Pois então vai ver…

E antes que alguém tivesse podido segurar-me, já eu tinha posto a mão sobre as crinas de Tankred e um pé sobre o estribo. Tankred empinou-se, agitou a cabeça com selvageria, soltou-se num ímpeto

brusco das mãos dos palafreneiros e afastou-se rapidamente do pátio… Um grito de horror escapou da boca de todos os espectadores.

Só Deus sabe como, no meio daquela doida correria, fui capaz de atinar com o outro estribo, e também não compreendo como não larguei as rédeas. Tankred voou comigo pela cancela, voltou à direita e, com o pescoço estendido e levantado, às cegas, ao longo da sebe. Ouvi nesse momento, atrás de mim, o clamor de cinquenta vozes; e a gritaria despertou-me tanta alegria e tanto orgulho, que nunca mais pude esquecer-me desse insensato momento da minha infância. O sangue subia-me à cabeça e atordoava-me, sufocando a minha angústia. Não tinha consciência de mim próprio. Além disso, tudo aquilo, tanto quanto me lembro, encerrava realmente qualquer coisa de cavalheiresco.

As minhas cavalarias começaram e acabaram dentro de um escasso minuto… pois, de outro modo, o cavaleiro não teria sofrido pouco. E ainda assim, devo a minha salvação ao milagre. Sabia montar, é verdade, mas a minha antiga e pequena égua assemelhava-se mais a um cordeirinho. É escusado dizer que Tankred me teria feito saltar da sela se tivesse tido tempo para isso. Quando chegou ao fim da cerca do pátio, assustou-se com uma grande pedra atravessada no caminho; empinou-se e deu uma reviravolta tão tremenda, que ainda agora é para mim um enigma o fato de eu não ter rolado da sela, com uma bola, por um espaço de três braças, para depois, finalmente, ficar por ali despedaçado, nem tampouco compreendo como o próprio Tankred não partiu simplesmente a espinha naquele rodopio tão repentino. Dirigiu-se então com violência para a cerca, recuando rudemente; moveu a cabeça com um ímpeto selvagem, levantou as patas dianteiras e, dando pinotes e corvetas, parecia nada mais desejar senão sacudir-me da sela, como se eu fosse um tigre que lhe tivesse saltado sobre o lombo e cravasse na sua carne as presas e as garras. Um momento mais… e eu voaria pelos ares… No entanto, vários cavaleiros já acudiam em meu auxílio. Dois deles fecharam lhe o caminho e os outros dois aproximaram tanto dele as suas montadas que quase me esmagavam as pernas. Seguraram fortemente as rédeas de Tankred. Daí a pouco estávamos de novo junto da escada.

Desceram-me da sela, pálido e com o corpo todo a tremer.

Tankred quedou-se, imóvel, de ilhargas frementes, o focinho palpitante e sanguinolento, e a respiração ofegante, e, além disso, todos os seus nervos tremiam de raiva e de revolta contra a insolência impune de uma criança que lhe infligira tamanha afronta. À minha volta continuavam a ouvir-se vozes de angústia e de assombro, e ao mesmo tempo de admiração.

Naquele momento meu olhar encontrou-se com o de *Madame* M… Ela estava pálida e comovida, e — nunca esquecerei esse momento, fiz-me tão vermelho como o carmim. Não sei o que se passou comigo, mas, perturbado e intimidado por uma impressão nova, fixei, envergonhado, a vista sobre o chão. Todos, porém, repararam naquele meu olhar, colheram-no, roubaram-no também. Os olhares se voltaram depois para *Madame* M…, e quando esta se viu assim, de repente, objeto da curiosidade geral, sobressaltou-se igualmente e ficou vermelha como uma menina, talvez por causa de uma sensação que, contra sua vontade, a surpreendia, apesar de se sentir absolutamente inocente. E no meio do seu sobressalto, esforçou-se por sorrir… O que não lhe serviu para ocultar o seu rubor…

Para um observador imparcial tudo isto havia de parecer naturalmente muito ridículo; mas veio provocar-me uma nova crise muito ingênua e inesperada, de timidez perante as risadas gerais, pois via o episódio debaixo de um aspecto invulgar. A loura, que me incitara a realizar aquele ato temerário, e até então fora sempre a minha irreconciliável inimiga, atirou-se de súbito contra mim, cingiu-me com ambos os braços e cobriu-me de beijos. Não queria acreditar fosse eu capaz de aceitar o seu desafio e pudesse apanhar a luva jogada por ela, ao mesmo tempo que deitara um pequeno olhar para *Madame* M… E quando me viu sair dali em cima de Tankred, por pouco não ia desmaiando, de tão assustada e arrependida. Mas agora quando tudo já tinha passado, observando, como os outros, o meu olhar para *Madame* M…, reparando ao mesmo tempo na minha comoção e no meu rubor súbitos — agora que podia dar ao incidente um significado romântico, com outro sentido — agora, acometia-a um tal entusiasmo pela minha proeza cavalheiresca, que corria para mim e estreitava-me nos seus braços, comovida, orgulhosa e entusiasmada. Um momento depois voltou-se com rapidez, encarou os outros

espectadores à nossa volta, e com uma cara extremamente séria, deixando transparecer um grande e ingênuo orgulho, com duas lágrimas cristalinas a desprenderem-se das pestanas e com uma voz tão séria como eu nunca lhe ouvira, exclamou:

— *Mais, c'est très serieux, messieurs, ne riez pas!*[5]

E apontou para mim, sem reparar que todos pareciam enfeitiçados na sua frente a somente a ela contemplavam. Aquela sua rápida e inesperada tirada de afabilidade e aquelas lágrimas sinceras nuns olhos constantemente risonhos… tudo aquilo se afigurou aos presentes como inesperado prodígio e por isso eles a fitavam de alto a baixo, quase paralisados pelo sortilégio da sua ternura apaixonada, do seu olhar e da sua voz. Ninguém tirava os olhos dela, tão bela se apresentava na sua comoção e no seu entusiasmo. Até o nosso velho anfitrião se pôs tão vermelho como uma tulipa. E segundo afirmaram mais tarde, teria dito e confessado que, para vergonha sua, estivera enamorado do seu lindo hóspede pelo menos durante um minuto. Agora, eu era um autêntico cavaleiro antigo, um autêntico herói…

Muitos aplaudiram.

— É para que vejam o que é a nova geração — observou o dono da casa.

— Agora deve vir conosco, não tem outro remédio — apressou-se a loura a exclamar. — Temos de arranjar-lhe um lugar. Ou então, monte comigo no meu cavalo, e venha ao meu colo… Ah, não, não! Isso não está certo! — interrompeu-se rindo, sem poder conter a gargalhada, ao lembrar-se do nosso primeiro encontro. Mas enquanto ria, acariciava-me ternamente a mão, visivelmente desejosa, de boa-fé, de ganhar a minha amizade e de fazer-me esquecer a ofensa.

— É verdade, não há outro remédio! — exclamaram ao mesmo tempo outras vozes. — Ele o merece bem!

Tudo se arranjou num abrir e fechar de olhos. Aquela mesma solteirona que me fizera conhecer a sua linda amiguinha, em seguida viu-se assediada por todos os rapazes: pediam-lhe para não ir, para ceder-me o seu lugar e deixar-se ficar em casa. Embora isto lhe fosse

desagradável, a pobre criatura não teve outro remédio senão ceder a esses rogos, e, com um sorriso contrafeito, apeou-se da carruagem, conquanto no íntimo se mordesse de raiva. A sua protetora, minha antiga inimiga e grande amiga de agora, quando passou ao seu lado, sorrindo como uma garota, confessou-se cheia de inveja e mais: de boa vontade trocaria com ela, pois o céu insinuava ameaçar chuva e não tardaria que todos nós voltássemos encharcados.

De fato, a sua profecia realizou-se. Uma hora depois fomos surpreendidos por um aguaceiro e tivemos de nos recolher em casa duns lavradores, onde nos vimos obrigados a esperar várias horas. Aí pelas dez, pudemos então começar o regresso, com um ar úmido e fresco. Um pouco antes, *Madame* M… aproximou-se e perguntou-me por que tinha eu ido para aquele passeio apenas com aquela blusa tão leve, de marinheiro. Respondi-lhe não ter tido tempo de por a capa. Então ela pegou um alfinete, fechou-me o decote até em cima e tirou um lenço de seda que usava e pô-lo no meu pescoço. Estava tão solícita e fez aquilo tudo tão depressa que nem me deu tempo de agradecer-lhe.

Quando chegamos a casa, procurei-a e encontrei-a finalmente numa salinha, em conversa com a loura e com aquele rapaz amável que comprometera nesse dia a sua reputação de bom cavaleiro, quando não se atreveu a montar Tankred. Aproximei-me dela, agradeci-lhe e entreguei-lhe o lencinho. Depois tive vergonha de tudo quando acontecera nessa tarde e desejei fugir dali correndo, subir até ao meu quarto, para, aí, com toda a tranquilidade e calma, refletir sobre qualquer coisa que naquele momento nem eu próprio sabia definir e formar uma ideia clara a esse respeito. De tal maneira me encontrava cheio de novas impressões. Quando lhe entregava o lenço, tornei logo, é claro, a corar até às orelhas.

— Aposto qualquer coisa como ele gostaria de conservá-lo como recordação — obsevou o jovem, sorrindo. — Dá para ver em seus olhos o desgosto por ter de se desfazer dele.

— Claro, claro! — atalhou a loura. — Não veem como ele está, o fedelho! — disse ela ainda, aparentemente muito aborrecida e movendo displicentemente a cabeça; calou-se imediatamente, no

entanto, diante do olhar sério de *Madame* M… a pedir-lhe que não insistisse nas suas troças comigo.

Em seguida, retirei-me.

— Mas onde vais tu com essa pressa? Isso não é maneira de te despedires! — e ao dizer isto veio ter comigo ao quarto próximo e pegou-me afetuosamente nas mãos. — Se tinhas tanto empenho em conservar aquele lenço, não devias entregá-lo. Podias ter dito que o perdeste ou esqueceste em qualquer parte, e pronto. Não achas? Que tonto!

Deu-me um piparote com os dedos e começou a rir outra vez, ao reparar no meu rubor.

— Bem… Mas agora já somos bons amigos, não é verdade? Terminou a nossa briga, não é assim? Sim. Sim ou não?

Comecei também a rir e, sem dizer palavra, apertei-lhe a mão.

— Então agora está tudo bem! Mas por que estás tão pálido e tremendo? Será resfriado?

— Sim, e por isso não me sinto muito bem.

— Coitadinho! Isso é efeito da comoção! Sabes uma coisa? Vai já para a cama, e não desças lá embaixo para jantar, e depois de dormires um bom sono, verás como isso tudo passa. Anda, vamos!

Levou-me até lá em cima e tudo lhe parecia pouco para me demonstrar a sua amizade. Enquanto me deixava só, para me despir, foi lá embaixo, à cozinha, e trouxe uma chávena de chá quente para que eu o bebesse, já na cama. Depois arranjou-me outro cobertor quente e aconchegou-me com muita ternura. As suas atenções tão carinhosas admiravam-me e comoviam-me muito… embora os meus nervos, já excitados por tantas peripécias, ficassem ainda mais sensíveis com a febre. De repente estendi os braços e abracei-a, como à melhor e mais querida amiguinha, e então precipitaram-se na minha memória todas as impressões daquela tarde, apoderando-se do meu coração cansado. Estava quase a chorar e apertei-me com força contra

o seu peito. Ela adivinhou os meus pensamentos e os meus sentimentos e creio que chegou até a comover-se.

— És um bom rapazinho — disse-me baixinho ao ouvido, olhando-me com uns olhos tranquilos — por isso não deves conservar ódio contra mim. É verdade que já não estás zangado comigo?

Enfim, a partir desse dia, passou a ligar-nos a mais fiel a terna amizade.

Era manhã quando, no dia seguinte, acordei muito cedo e o sol já enchia o meu quarto com a sua luz dourada. São e alegre, saltei da cama sem sentir o menor indício de resfriado, e, até pelo contrário, experimentava agora uma alegria imensa, inexplicável. Lembrei-me dos acontecimentos do dia e da noite anteriores, e nem sei quando teria dado para que aparecesse ali naquele instante a minha nova amiga, a nossa beldade loura, e me apertasse de novo nos braços. Entretanto, era muito cedo e todos dormiam ainda. Vesti-me depressa, desci ao jardim e encaminhei-me depois para o bosque. Segui a direção em que o arvoredo era mais denso, mais resinosa a fragrância das árvores e onde os raios do sol apenas conseguiam penetrar de revés e quase às furtadelas, por entre a folhagem espessa. A manhã era maravilhosa.

Continuei a andar, internando-me cada vez mais no bosque, até finalmente encontrar o outro extremo, sobre a falda duma colina próxima do rio. Moscou fica apenas a duzentos passos da orla do bosque, quando se desce pela vertente da lomba. Na outra margem do rio, andavam a ceifar feno. Parei e, de longe, apreciei aquela faina campestre. Reparei como, a cada movimento dos ceifeiros, rebrilhavam ao sol grandes filas de foices aguçadas, logo desaparecendo como cobras reluzentes que tornassem a enfiar-se pela terra, para se esconderem, e como a erva cortada ia caindo do mesmo lado em espessas e vistosas gabelas, e ali quedavam na terra formando grandes faixas muito direitas. Não me lembro quanto tempo fiquei ali, embevecido. De repente, caí de novo em mim; vindos do bosque, em direção à guarita, situada entre o caminho e a casa senhorial, chegavam aos meus ouvidos relinchos de cavalo e ecos dum impaciente piafar. Não podia dizer se o cavaleiro acabava de soltar as

rédeas ao cavalo, ou se pelo contrário este relinchava já há muito tempo e escarvava o chão, o que, embebido naquela minha contemplação da ceifa, nem sequer percebera. Cheio de curiosidade, voltei para o bosque, e a poucos passos ouvi vozes rápidas mas em tom baixo, naquele silêncio. Aproximei-me mais, afastei os ramos dos últimos arbustos e — recuei assustado — pois, entre a ramagem acabava de ver brilhar um vestido branco. Uma voz suave de mulher feriu os meus ouvidos e fez palpitar o meu coração. Era a voz de *Madame* M… Bem próximo dela, um cavaleiro lhe falava, montado no seu cavalo, e, com grande espanto da minha parte, verifiquei tratar-se daquele rapaz que uns dias antes nos deixara e partira acompanhado de todas as senhoras e também do Senhor M… Não correra a notícia de que ele fora para qualquer sítio bem longe dali, no sul da Rússia? Portanto, era natural o meu espanto ao vê-lo ali outra vez, àquela hora e sozinho, com *Madame* M…, no bosque!

Ela aparentava ter chorado e estar muito excitada, mas nunca eu a vira tão linda. O rapaz segurava-lhe uma das mãos e, inclinando-se, levou-a aos lábios. Eu acabava de surpreendê-los no momento da despedida. Deviam estar com pressa. Por fim tirou uma carta do bolso, entregou-a a *Madame* M…, inclinou-se na sua sela, cingiu-lhe a cintura com um braço e deu-lhe um beijo, demorado e ardente. Um momento depois fez vibrar o chicote e afastou-se dali, a galope. Ela ficou ainda por uns instantes seguindo-o com a vista; depois voltou-se e, lentamente, caminhou em direção à chácara. Passados alguns instantes, pareceu voltar de novo a si, como despertada de um sonho; afastou rapidamente os ramos dos arbustos junto da guarita, e começou a caminhar, já no interior do bosque.

Eu a segui, surpreso e perturbado pelo que acabava de ver. Meu coração pulsava fortemente, como se tivesse sofrido um grande susto. Não havia dúvida de que estava como que alheado e entontecido; meus pensamentos dispersavam-se sem que eu conseguisse detê-los, mas lembro-me bem de que me sentia profundamente triste. De vez em quando via brilhar o seu vestido branco por entre a verdura. Segui-a sem vontade, de maneira quase mecânica e apenas abrigava um pensamento: não a perder de vista e evitar aparecer aos seus olhos. Por fim ela passou através de um caminho, do bosque para o jardim.

Esperei um momento e depois saí também do bosque. No mesmo instante descobri sobre a greda amarela do carreiro um envelope fechado, que reconheci ao primeiro olhar: era o mesmo dado por N… a *Madame* M… dez minutos antes.

Apanhei-o e mirei-o por todos os lados: era um envelope branco, sem endereço, sem nada escrito, não muito grande, mas muito grosso e volumoso, como se contivesse pelo menos três folhas de papel carta.

Que teria aquele envelope? Talvez guardasse todo o segredo! Talvez naquela carta encerrada lá dentro, N… explicasse pormenorizadamente a *Madame* M… tudo quanto não se atrevera a dizer-lhe minutos antes, na sua breve entrevista. Pelo visto, nem sequer tinha chegado a apear-se do cavalo… Ou não tivera tempo para mais, ou receou talvez não poder manter-se fiel à sua palavra, prolongando a despedida. Quem saberia?!

Parei, tornei a pôr a carta no chão, em lugar bem visível, e escondi-me atrás de uma árvore, de onde poderia vê-la muito bem. *Madame* M…, eu pensava, não tardaria a dar pela sua falta e voltaria para procurá-la, pelo mesmo caminho, até o bosque. No entanto, não pude esperar muito tempo: tornei a apanhar a carta do chão, guardei-a no bolso e corri atrás da senhora. Ela já chegara ao jardim e ia agora pela grande alameda que conduzia diretamente à chácara, caminhando com passo rápido, mas com a cabeça baixa. Eu não sabia como proceder. Alcançá-la e entregar-lhe a carta? Isso equivaleria a dar-lhe a entender que eu presenciara tudo, que sabia tudo. Depois disso, como teria coragem de voltar a olhar para ela? Continuava pois à espera que ela saísse do seu êxtase, se lembrasse da carta e sentisse a sua perda. Nesse caso, ia deixá-la cair discretamente no chão para que ela a encontrasse depois. Mas não; ela, pelo visto, já não se lembrava da carta. Já estava a dois passos da chácara e do terraço, já a tinham visto.

Nessa manhã, contra o costume, todos tinham madrugado, pois na noite anterior, após aquela malograda excursão, combinaram um piquenique, do qual eu ainda não tivera conhecimento. Por isso já estavam preparados para a partida e se aglomeravam no terraço. Esperei durante dez longos minutos, para que não me vissem chegar

do jardim com *Madame* M… Dei uma volta e alcancei a casa por outro lado. Ela passeava agora pelo terraço, inquieta, pálida e excitada, e em tudo dava claramente a entender grandes esforços para não revelar a sua agitação e sua angústia. Apesar disso, os seus olhos, assim como o desalentado vaivém deixavam transparecer tanta dor e tanto sofrimento, que, evidentemente, havia de chocar quem a observasse. Depois desceu a escada e deu uns passos pelo caminho do jardim. Seus olhos procuravam afanosamente e até sem cautela nem discrição alguma, na greda e no pavimento do terraço. Não havia dúvida: dera, finalmente, pelo desaparecimento da carta e receava que ela tivesse caído nas proximidades da casa; sim, devia estar convencida disso.

Alguém disse, e depois os outros repetiram-no também, que ela parecia pálida e nervosa. Seguiram-se perguntas sobre a sua saúde e conselhos aborrecidos. Devia acalmar-se, divertir-se, rir, mostrar-se mais alegre. De quando em quando olhava para o marido, postado na outra extremidade do terraço, conversando com duas senhoras, e então voltava a estremecer e a apoderar-se dela o mesmo grande desânimo daquela tarde em que o marido aparecera repentinamente. Eu estava ali no terraço, de pé, com a carta no bolso, segurando-a convulsivamente, e pedia ao Destino que ela reparasse finalmente em mim. Desejaria tranquilizá-la, consolá-la, mesmo com um olhar apenas, e se possível murmurar-lhe duas palavras ao ouvido. Mas quando por acaso ela veio a fixar-se em mim, estremeci e baixei os olhos.

Presenciava a sua tortura e não me enganava na minha suposição. Ainda hoje estou tão pouco a par desse segredo como então, e dele sei apenas os aspectos até aqui relatados. Talvez as suas relações com N… não fossem da índole que à primeira vista pode parecer. Talvez aquele beijo fosse um último beijo de despedida, uma recompensa devida por um sacrifício feito por ele em favor da sua tranquilidade e da sua honra. Ele a deixava. Partia, sabe-se lá para onde, para muito longe, talvez por toda a vida, para não tornar a vê-la. E, por fim, aquela carta que eu segurava convulsivamente… Quem saberia o seu conteúdo? Quem poderia fazer qualquer juízo sobre aquele assunto? Evidentemente, a súbita revelação do seu segredo teria sido para ela um golpe terrível, fatal. Ainda vejo diante dos meus olhos o seu

vaivém pelo terraço. O seu sofrimento devia ser horrível! Sentir, saber, estar convencida e esperar como quem espera a sua execução, que dali a um quarto de hora, ou, quem sabe, talvez dentro de um minuto, não mais, seria alvo da curiosidade pública… pois, de um momento para o outro, alguém podia encontrar a carta. Não tinha endereço; qualquer pessoa podia abri-la e então… que aconteceria, então? Que suplício poderia parecer-lhe mais terrível do que aquele que a esperava? Ia e vinha por entre os seus futuros juízes. Dentro de um minuto, todas aquelas caras risonhas e afáveis se tornariam severas e de aspecto implacável. Troça, indignação e frio desdém haviam de ler-se nelas… e, além disso, uma sombra eterna e sem esperança ia se abater sobre sua vida… Na verdade, então eu não percebia isto tão claramente como agora. Podia apenas pressenti-lo e sentir compaixão, uma piedade profunda, indizível, por aquela angústia, nem sequer compreendida perfeitamente. Mas, fosse qual fosse o seu segredo… naquela hora de aflição, da qual fui testemunha e que jamais esquecerei, já ela expiara bastante, se é que tinha qualquer coisa a expiar.

De repente ouviu-se alegre convocação incitando-nos a partir. Respondeu-lhe uma estridente vozearia e, entre risos e gracejos, todos se levantaram. Daí a poucos minutos já não havia ninguém no terraço. *Madame* M… negou-se a tomar parte na excursão e acabou por confessar que não se sentia muito bem. Felizmente todos se apressavam a partir e ninguém pensou em tornar a importuná-la com perguntas e conselhos: já ninguém tinha tempo a perder. Apenas ficaram em casa alguns convidados. O marido aproximou-se dela e disse-lhe qualquer coisa; ela lhe respondeu que a sua indisposição passaria depressa, que não se preocupasse; que não queria deitar-se, preferia dar uma volta pelo jardim, sozinha… ou comigo… Quando disse isto, olhou para mim. Eu corei de alegria: era aquela a melhor oportunidade a se me oferecer. Um momento depois lá íamos os dois.

Ela seguia o mesmo caminho por onde voltara e parecia esquadrinhar involuntariamente cada alameda, cada recanto do jardim, cada vereda; caminhava sem levantar os olhos do chão, sem fazer caso de mim… É mesmo possível que se tenha esquecido da minha companhia.

Quando chegamos à orla do bosque, onde eu encontrara a carta e onde terminava o caminho de greda, deteve-se de súbito, cansada, e disse com uma voz que me despedaçava a alma, tão triste e sem esperança ela me soou, que não se sentia bem e queria regressar. Mas ainda mal chegáramos de novo ao jardim, quando outra vez se deteve e ficou com o olhar perdido no vácuo. Um sorriso triste e doloroso lhe crispou os lábios e, como se estivesse esgotada, disposta a tudo quanto pudesse cair sobre ela, encaminhou-se novamente em silêncio para o bosque, sem dirigir-me uma palavra e sem mesmo reparar na minha presença…

De boa vontade romperia aquele silêncio, mas não sabia como começar.

Dirigimo-nos, ou melhor, encaminhei-a para o local onde ela estivera uma hora antes e onde eu ouvira o escarvar do cavalo. Perto dali, junto de um olmo já muito velho, havia uma grande pedra cavada em forma de banco e em volta da qual cresciam o musgo, o jasmim silvestre e a hera. (Ocorria no bosque um grande número daquelas *surpresas*, como por exemplo, bancos, grutas, pequenas pontes, etc.) Ela se sentou no banco e ficou a olhar, com o pensamento ausente, a paisagem encantadora estendida à nossa frente. Ao fim de algum tempo abriu um livro e tudo indicava que começaria a ler; mas na realidade permanecia inerte e não voltava a folha nem lia; nem sequer tinha consciência dos seus atos. Seriam onze horas da manhã. O sol ia alto, a meio do céu diáfano, infinitamente alto e azul, e parecia consumir-se no seu próprio fogo. Os ceifeiros estavam já bem longe e mal os víamos do nosso lugar. A seu lado, ininterruptamente, continuavam a segui-los as faixas do feno ceifado, e quando a aragem as levantava, com um sopro leve, desprendia-se delas a fragrância do feno fresco. E à nossa volta ouviam-se, incansáveis, os gorjeios daqueles que não semeiam nem ceifam e são tão livres como o ar em que voam. Toda a Natureza respirava grande felicidade!

Olhei timidamente para a pobre mulher, — a única que parecia morta no meio da toda aquela alegre vida; das pálpebras caíam-lhe agora lágrimas, que a dor lhe fizera assomar aos olhos. Estava na minha mão o dar alegria àquela pobre alma triste e torná-la feliz, mas não sabia como começar e torturava horrivelmente a minha

imaginação. Por mais de mil vezes estive a ponto de aproximar-me e de entregar-lhe o envelope, mas, em todas elas, começava logo a subir-me o sangue à face.

De repente ocorreu-me uma ideia feliz: encontrava um meio e tudo estava salvo.

— Vou buscar-lhe umas flores, quer? — perguntei-lhe com uma voz tão contente que ela levantou os olhos para mim.

— Está bem — disse ela finalmente com uma voz cansada, sorrindo de maneira quase imperceptível e absorvendo-se de novo na leitura.

— Porque, senão, vão ceifar aqui também a erva e não deixarão nem uma flor — exclamei eu alegremente, e afastei-me dali, brincando.

Não tardou e eu reuni uma quantidade de flores, embora fosse apenas um ramalhete de simples e modestas flores silvestres, que talvez nem fossem dignas de serem colocadas numa jarra, numa sala. E no entanto, com que alegria não pulsou o meu coração enquanto procurava as flores e as reunia num ramalhete! A minha colheita era constituída por rosas bravas e jasmins silvestres. Depois, corri a um trigal próximo. Ali, eu sabia da existência de papoulas. Cortei algumas e apanhei também espigas de um amarelo dourado, escolhendo as mais bonitas. Ao fim do caminho encontrei um autêntico viveiro de malmequeres, de maneira que, com tudo isso, o meu ramalhete ficou bem vistoso. Depois, mais além, já no campo, encontrei campainhas azuis e cravos silvestres, e embaixo, na margem do rio, rosas de água, amarelas. Por fim, já de regresso, quando me aproximava um pouco do bosque, no desejo de cortar uns ramos de carvalho prateado para fazer com eles uma espécie de coroa que circundasse o meu ramo, encontrei ainda amores-perfeitos bravos e, perto deles, escondidas entre a relva, violetas perfumadas, úmidas de orvalho, que chamaram a minha atenção com a sua fragrância. O meu ramalhete estava pronto. Rodeei os caules com umas grandes e delgadas fibras de erva, e no meio das flores, com muito cuidado, coloquei a carta de maneira a facilitar a sua visão, por muito pouca atenção que dessem ao

ramalhete.

E então levei-o a *Madame* M…

Durante o caminho a carta pareceu-me demasiadamente à vista entre as flores, e por isso cobri-a um pouco com ervas. Quando me aproximei da senhora introduzi a carta um pouco mais no meio do ramo, e quando já estava mesmo a dois passos dela, meti-a tão profundamente no seio das flores que, então, já não se via absolutamente nada. De novo o sangue tornou a subir-me ao rosto, e o meu desejo era escondê-lo entre as mãos e deitar em seguida a correr; porém ela olhou tão distraidamente para as minhas flores como se tivesse esquecido o meu propósito de colhê-las para sua alegria. Levantou a mão mecanicamente, pegou, quase sem olhar, no meu presente, sem lhe prestar atenção, pô-lo em cima do banco… e tornou a fixar os olhos sobre o livro, absorta nos seus pensamentos. Veio-me o desejo de chorar de aflição ao ver o fracasso do meu plano. "Contanto que não deite o ramo fora… — pensei. — Que não se esqueça dele." Depois estendi-me sobre a relva, perto do banco, coloquei a mão direita debaixo da cabeça e fechei os olhos, como se me dispusesse a dormir. Todavia, em segredo, não a perdia de vista nem um instante.

Passou bastante tempo, talvez uns dez minutos; o seu rosto parecia-me cada vez mais pálido… De súbito, o acaso veio em meu auxílio.

Um grande besouro, de um dourado escuro, apareceu por ali, trazido na aragem. Primeiro revoluteou, zumbindo, por sobre a minha cabeça; depois começou a zunir em volta de *Madame* M… Ela o enxotou com a mão por mais de uma vez. O besouro não desaparecia. Então pegou no meu ramalhete e brandiu-o no ar, para afugentar o inseto. Nesse mesmo instante a carta desprendeu-se de entre as flores e foi cair precisamente em cima do livro aberto. Eu estremeci. Ela olhava, assombrada, ora para a carta, ora para as flores, e indicava não querer acreditar na realidade. De repente, fez-se muito corada, levantou rapidamente os olhos e me fitou. Eu já os tinha fechado de novo e fingia dormir a sono solto. Por nada deste mundo teria coragem de olhá-la francamente no rosto. O coração pulsava-me violentamente e ao mesmo tempo ameaçava parar. Esforçava-me por

conter a respiração. Não sei quanto tempo teria permanecido assim; talvez dois ou três minutos. Por fim, atrevi-me a abrir os olhos, muito devagarinho. Sentada, lia a carta, as faces ruborizadas e os olhos brilhantes, úmidos de lágrimas; no rosto agora iluminado, cujas feições aparentavam vibrar de alegre comoção, compreendia que aquela carta a fazia feliz e afugentava a sua dor, como a uma nuvem escura. Um sentimento docemente doloroso penetrou no meu coração e começou a ficar difícil continuar fingindo.

Jamais esquecerei esse momento!

De repente ouvi chamar e perto de nós soaram vozes:

— *Madame* M…! Natalie! Natalie!

Ela não respondeu. Levantou-se rápida, aproximou-se e inclinou-se sobre mim. Senti que contemplava o meu rosto. As minhas pálpebras queriam estremecer; contraí-me convulsivamente e não fiz o menor movimento. Procurei dar à minha respiração o ritmo tranquilo e uniforme; temia, entretanto, que o coração saltasse, tão violentas eram as suas pulsações. De súbito senti lágrimas e um beijo ardente na minha mão estendia sobre o peito. E depois, outro beijo ainda sobre a mão.

— Natalie! Natalie! Onde estás? — repetiu-se o chamamento de há pouco.

— Já vou! — respondeu *Madame* M… com a voz suave, sumida e alterada pelo pranto, e tão baixinho. Só eu pude ouvi-la.

Então o meu coração parou, atraiçoou-me, pois fez subir todo o sangue às minhas faces. Em seguida outro beijo rápido me queimou os lábios. Abri os olhos soltando um leve grito de espanto; mas nesse momento qualquer coisa de sedosa suavidade me tombou sobre eles. — o tal lenço que *Madame* M… me pusera ao pescoço, na tarde de outro passeio — como se viesse protegê-los contra o sol. Um momento depois ela partia. Eu apenas pude escutar o rumor apressado de passos distantes. Achava-me agora sozinho…

Tirei o lenço de sobre o rosto e beijei-o, morto de felicidade.

Pensei enlouquecer! Permaneci ainda por muito tempo estendido sobre a relva, apoiado sobre os cotovelos e olhando distraidamente, sem fazer um movimento; a colina, os campos e os prados, o rio a deslizar por entre eles, traçando grandes curvas, e lá adiante, até onde a vista podia alcançá-lo, serpenteava por entre novas veredas e por entre granjas e aldeias, cujas casinhas se erguiam nas lonjuras diáfanas, como pontinhos verdes; contemplando os bosques azulados e mal delineados, pois pareciam envoltos numa névoa, a se estender pelo horizonte; e um estranho e doce silêncio, emanado da solene tranquilidade da paisagem, ia serenando pouco a pouco, com infinita suavidade, o meu alterado coração. Toda a minha alma começou a sentir estranha, vaga e deliciosa nostalgia, como se estivesse vendo qualquer coisa nunca vista, como se, de repente, nela tivesse despertado o desejo. Receoso e ao mesmo tempo cheio de alegria, o meu coração começou a adivinhar algo de misterioso e a tremer em ansiedade. Então o meu peito se dilatou e eu o senti doer como se alguém estivesse a perfurá-lo e lágrimas, lágrimas de felicidade tombaram-me dos olhos cobri o rosto com as mãos, e tremendo como o caule duma erva, entreguei-me sem defesa ao primeiro conhecimento e às revelações do coração, ao primeiro relancear de olhos, confuso ainda, sobre a minha natureza masculina. Nesse momento que acabou a minha infância…

……

Quando, duas horas depois, regressei à casa, *Madame* M… já não se encontrava entre os convidados. Partira com o marido para Moscou, onde, segundo diziam, notícia inesperada os chamara. Desde então nunca mais tornei a vê-la.

**1** Palavra de ordem.↩

**2** Personagens imortalizados por Molière, na comédia do mesmo título, e por Shakespeare em *Henrique IV e As alegres comadres de Windsor*, como protótipos do homem hipócrita, falso, e do libertino e cínico.↩

**3** Herói do folclore russo. Um dos principais heróis das rapsódias russas da Idade

Média.↩

**4** Aldeia russa onde Iliá Múromiets praticava sua proezas.↩

**5** Isto é uma coisa muito séria, meus senhores, não se riam!↩

# O sonho do tio

# O sonho do tio
(1859)

## Capítulo primeiro

Não há dúvida de que a senhora mais importante de Mordássov é Maria Alieksándrovna Moskaliova… Disso não há dúvida nenhuma! Conduz-se como se nada nem ninguém lhe importasse e, pelo contrário, todos dependessem dela. É claro que, precisamente por isso, ninguém na aldeia a pode ver e muitos a odeiam do fundo do coração. Mas em compensação todos a temem… o que é precisamente aquilo que ela deseja e necessita. Necessidade esta que, a meu ver, constitui uma prova de altos dotes políticos. Como será possível que, sendo Maria Alieksándrovna uma mulher que morre por mexericos e que já não pode dormir na noite em que nenhum boato novo chega aos seus ouvidos, como será possível, pergunto, que saiba conduzir-se de maneira que ninguém, ao vê-la, nem de longe pode pensar que essa grande senhora, de tão imponente aspecto, seja a maior intriguista do mundo, ou, pelo menos, de Mordássov? Pelo contrário, estão todos convencidos de que basta simplesmente a sua presença para que cessem todos os falatórios, se ruborizem os mexeriqueiros, se ponham a tremer como crianças diante do professor e se torne impossível falar de qualquer coisa que não gire à volta de temas elevados. A referida senhora sabe, por exemplo, pormenores tão importantes e tão escandalosos acerca de mais de uma pessoa respeitável de Mordássov, que, se alguma vez os contasse, demonstrando além disso, a sua verdade, como só ela sabe fazer, certamente vai se repetir em Mordássov o terremoto de Lisboa. Mas quanto a isso não há preocupações, porque ela é muito discreta a respeito dessas coisas, e apenas as conta, no máximo e em caso extremo, às suas amigas. A maior parte das vezes limita-se a meter medo aos interessados, dando-lhes a entender que está a par de tudo e mantendo-os numa angústia constante, em vez de liquidá-los de uma só vez. Isto é astúcia, a isto é que se chama tática. Oh, sim! Maria Alieksándrovna distingue-se de todos nós pelo seu irrepreensível *comme il faut*,[1] que a todos serve de modelo. Neste aspecto, não tem rival em Mordássov. Sabe, por

exemplo, destruir, aniquilar a sua inimiga com uma só palavra: mas faz isso como se nem notasse ter dito a palavra fatal.

Note-se que essa característica é peculiar às pessoas mais distintas. Em resumo: no que respeita a questões de tato, poderia dar lições até a Pinel.[2] Tinha muitas relações. Muitas das pessoas que visitavam Mordássov iam vê-la e ficavam encantadas com o seu bom acolhimento, e muito tempo depois ainda continuavam a cartear-se com ela. Um dos seus visitantes teve uma vez a feliz ideia de imortalizar a boa recordação que Maria Alieksándrovna lhe deixara, num pequeno poema que ela mostrava com orgulho a todos os que a visitavam. Um literato transumante dedicara-lhe também uma pequena novela, lida um dia em sua casa, numa das suas recepções, causando a todos a mais lisonjeira impressão. Um sábio alemão de Carlsruhe, que veio honrar-nos com a sua visita, apenas com o fim de estudar certa variedade de vermes cornúpetos, que apenas se dão no nosso distrito, e a cuja descrição dedicou imediatamente quatro tomos *in-quarto*,[3] ficou tão encantado com o bom acolhimento e com a amabilidade de Maria Alieksándrovna, que continua ainda a escrever-lhe de Carlsruhe cartas extremamente respeitosas, a que ela, naturalmente, não deixa de responder. Sim, Maria Alieksándrovna já foi até comparada, de certo modo, com Napoleão… primeiro. Claro que só por troça e pelos seus inimigos, e mais para hidrolisá-la do que por amor à verdade. Mas, para não falar nisto… e embora eu reconheça a extravagância de tal comparação, atrevo-me no entanto a fazer uma pergunta absolutamente inocente: por que é que (sabem dizer?), por que é que o grande Napoleão teria sentido vertigens quando atingiu as posições mais elevadas? Os partidários da antiga dinastia atribuem esse fato à circunstância de Napoleão não ser nenhum rebento de família imperial, nem sequer nobre de velha linhagem, e, portanto, nada mais natural que as alturas lhe provocassem vertigens, e que ele se transtornasse só ao pensar na sua humilde origem e na posição modestíssima que na realidade lhe correspondia. Mas, prescindindo de explicação tão engenhosa, que tão vivamente recorda o esplendor da velha corte francesa, tomarei a liberdade de fazer esta pergunta: por que motivo nunca eu vi que, em ocasião alguma, Maria Alieksándrovna fosse acometida de vertigens e por que será que sempre e apesar de todos os desgostos, continua a ser

a senhora mais importante de Mordássov? Há casos, por exemplo, em que toda gente diz: “Bem, vamos lá a ver como é que Maria Alieksándrovna sai deste apuro!”. Pois vejam: o apuro surgiu, apresentou-se, passou de largo… e não aconteceu nada. Tudo ficou como estava, senão muito melhor! Por exemplo, não deve haver aqui quem não se lembre de como seu marido, Afanássi Matviéievitch, veio a perder, por inépcia ou por estupidez, o emprego que tinha, tão vantajoso, pois, com as suas respostas provocou a cólera dum inspetor que tinham enviado para apanhá-lo com a boca na botija. Nessa ocasião todos acreditaram que Maria Alieksándrovna compreendeu que, com o marido, já não havia nada a fazer… e tais artes teve que não perdeu nem uma ponta da sua influência na boa sociedade e por isso a sua casa continua a ser até à data a casa mais importante de Mordássov. A esposa do nosso governador, Anna Nikoláievna Antípova, inimiga figadal de Maria Alieksándrovna — embora, a julgar pelas aparências, seja a sua melhor amiga — esteve dessa vez a ponto de cantar vitória; mas como todas as pessoas verificaram que Maria Alieksándrovna conservava a serenidade, os mordassovianos acabaram finalmente por compreender que a sua dignidade tinha raízes mais fundas do que tinham suposto.

Embora nos tenhamos já referido a Afanássi Matviéievitch, quero, apesar disso, dizer acerca dele algumas palavras. Devo fazer notar, antes de mais, que o seu aspecto exterior não pode ser mais respeitável e que tem até uns modos distintos… simplesmente, tem o mau hábito de perder a cabeça nos momentos difíceis e de se pôr a olhar para as pessoas com olhos de carneiro mal morto. É um homem imponente e de aspecto digno, especialmente quando assiste a um banquete de aniversário, onde se apresenta com uma faixa branca. O pior é que uma pessoa apenas mantém essa impressão a seu respeito, até ao momento em que ele abre a boca e solta a primeira palavra. Depois — os senhores, desculpem, mas é a verdade pura — uma pessoa acaba por ter vontade de tapar os ouvidos.

Não é de maneira nenhuma digno de Maria Alieksándrovna. É esta a opinião geral. Foi apenas graças ao talento de sua esposa que conseguiu chegar a tão elevada posição. A meu ver, a colocação que desde o princípio estaria mais indicada para ele teria sido na horta,

para desempenhar, e de certeza que o desempenharia na perfeição, o ofício de espantalho. Aí, e unicamente aí, poderia ser de uma verdadeira e indiscutível utilidade para a pátria. E foi por isso precisamente que Maria Alieksándrovna procedeu muito acertadamente ao enviar Afanássi Matviéievitch, logo a seguir à referida ocorrência da sua demissão, para uma chácara que possuía a três verstas da povoação, onde é também senhora de cento e vinte almas, o que, diga-se de passagem, constitui todo o seu patrimônio e toda a sua fonte de rendimentos, donde tira com que prover a todos os seus gastos, que, aliás, não são poucos, pois tanto agora como dantes vive com grande fausto. Assim já poderão compreender que, se até esse momento ela manteve o marido a seu lado, foi apenas em virtude do vantajoso cargo que ocupava, do bom ordenado que recebia… além dos emolumentos. Mas assim que ordenado e emolumentos se acabaram, ela desfez-se dele como de um móvel completamente inútil e supérfluo. E por isso toda gente elogiou o lúcido critério de Maria Alieksándrovna, assim como a sua decisão e energia. Afanássi Matviéievitch vive agora aí, no campo, como o peixe na água. Há pouco tempo fui visitá-lo e passei uns momentos deliciosos na sua companhia. Entretém-se a pôr várias gravatas brancas, engraxa ele mesmo as botas… não porque não tenha criados, mas por puro prazer, pelo gosto que tem em vê-las reluzir como um espelho. Bebe chá três vezes por dia, toma banho com muito agrado, e está plenamente satisfeito consigo e com a sua vida. Ainda se lembram dessa aborrecida história que correu por aí, haverá coisa de ano e meio, a propósito de Zinaída Afanássievna, filha única de Maria Alieksándrovna e de Afanássi Matviéievitch? Essa tal Zinaída é indiscutivelmente formosa entre as formosas, e teve uma boa educação; mas… já fez vinte e três anos e ainda está por casar. Entre as diversas razões que tem apresentado para explicar tão estranha circunstância, figuram os confusos boatos que tem circulado a respeito das estranhas relações de Zina com um certo professorzinho da escola distrital, boatos que, apesar de tudo, ainda não se extinguiram… e são agora mais insistentes do que nunca. Pois continua ainda a falar-se de uma certa cartinha de amor que Zina escreveu uma vez e que andou logo de mão em mão em Mordássov. Apesar de que, no fim de contas, quem pode afirmar ter visto com os seus próprios olhos a tal carta ou bilhete? — que não devia ser grande. Ao passar de mão em mão, em

qual ficou definitivamente? Todos ouviram falar da cartinha, mas ninguém chegou a vê-la. Eu, pelo menos, nunca encontrei ninguém que tivesse chegado a vê-la. Se dirigirdes a mais leve alusão sobre este assunto a Maria Alieksándrovna, será tempo perdido, pois não vos compreenderá. Mas suponhamos, apesar de tudo, que Zina tivesse de fato escrito essa carta — eu creio plenamente que ela a escreveu. Não seria merecedora do mais alto apreço a diplomacia de Maria Alieksándrovna? Com que habilidade e acerto soube ela cortar as asas a esse boato aborrecido e escandaloso! Dos seus lábios não saiu nem uma palavra, nem uma alusão. E agora já nem sequer presta atenção a essa calúnia odiosa. No entanto só Deus sabe o que ela terá feito para conservar imaculada a honra de sua filha única. E, por outro lado, não é perfeitamente compreensível que Zina continue solteira? Que pretendentes podem apresentar-se a uma jovem nas circunstâncias de Zina, que apenas poderá dignar-se oferecer a sua mão a um príncipe herdeiro? Já se viu alguma vez neste mundo uma beleza comparável à sua? Claro que ela tem vaidade, talvez até demasiada vaidade, do seu palminho de cara. Dizem que Mosliakov bebe os ares por ela, mas não se deve supor sequer que ela o queria. Quem vem a ser este Mosliakov? Ora… um rapaz bonitinho, um senhorito que possui cento e cinquenta almas, não tem dívidas e é de Petersburgo. Mas em compensação… não tem nem uma ponta de juízo. É um desorientado, um tagarela, cheio de ideias avançadas. E, no fim de contas, que vêm a ser centro e cinquenta almas… e sobretudo, com essas ideias avançadas… Não, já o tenho dito, nem pensar nesse casório!

Tudo o que o meu honrado leitor leu até este momento, escrevi-o eu há já cinco longos meses, e, verdade seja dita, por puro entusiasmo. Não esconderei que tenho um fraco por Maria Alieksándrovna. Tinha até a intenção de compor uma espécie de panegírico dessa grande mulher, talvez em forma de carta humorística para um amigo, no estilo daquelas famosas epístolas que, naqueles antigos e áureos tempos que, graças a Deus, se foram para não voltar, se publicavam na *Abelha do Norte* e noutras revistas do gênero. Mas como não tenho nenhum amigo, e além disso sou de meu natural tímido em questões de literatura, guardei o manuscrito na gaveta da minha secretária, como um ensaio literário e a título de recordação de uns momentos de

aprazível entretenimento em horas de ócio e boa disposição. Entretanto passaram-se cinco meses, até que por fim se deu um dia na nossa querida cidade um grande acontecimento. Uma manhã, muito cedinho, ouviu-se o rodar duma carruagem pelas ruas da povoação; vinha nela o príncipe K…, e parou ao pé da casa de Maria Alieksándrovna.

As consequências dessa visita foram incalculáveis. O príncipe permaneceu apenas três dias em Mordássov; mas esses três dias ficaram para sempre gravados na memória de todos. Sim, e de certa maneira posso até dizer que o príncipe fez perder a cabeça a toda a cidade. A narração desse acontecimento há de vir a constituir no futuro a página mais notável dos anais de Mordássov. Elaborar literariamente essa página e submetê-la depois à apreciação do estimado leitor é o que, agora, depois de algumas hesitações, me proponho.

Compreende a minha narrativa a história pormenorizada e história da exaltação, glorificação e solene decadência de Maria Alieksándrovna e da sua casa de Mordássov, tema digno e sedutor para um literato. Naturalmente vou começar por explicar por que motivo é que a vinda do príncipe à cidade e a sua visita a Maria Alieksándrovna constituíram um tão importante acontecimento; mas, para isso, tenho de descrever mais minuciosamente a figura do príncipe e é isso o que vou fazer. Além disso é absolutamente indispensável conhecer a vida do príncipe para que se possam depois explicar muitas coisas no decurso do nosso relato. Assim, deixo-me de mais preâmbulos e vou começar.

## Capítulo II

Devo informar, antes de mais, que o príncipe K…, no que respeita às suas ideias, não era aquilo que se pode chamar um velho. E no entanto dava a impressão, a quem o visse, de que estava a cair aos pedaços; devia ter sido um grande boêmio e tinha o aspecto de estar muito gasto. Em Mordássov contavam coisas extraordinárias e às vezes com a sua nota de extravagantes. Uma vez chegaram mesmo a dizer que o velho magnata estava meio amalucado. Mas o que a todos

parecia mais estranho era que, sendo ele um proprietário tão opulento, que possuía quatro mil almas, aparentado com muitos dignitários conhecidos, pelo que podia ter desempenhado um papel magnífico no nosso governo, vivesse completamente afastado do mundo, na sua esplêndida chácara. Muitas pessoas respeitáveis que o conheceram havia uns seis ou sete anos, quando permanecera uma temporada na cidade, afirmavam todas unanimemente que nesse tempo o nosso herói não podia suportar a solidão e tinha então uma conduta completamente oposta à dum eremita.

Mas, seja como for, eu tive oportunidade de colher, da fonte mais fidedigna, os seguintes dados acerca da sua vida.

Uma vez, na sua juventude, que, diga-se de passagem, ia já bastante longe, fez o príncipe a sua aparição na sociedade, de um modo brilhantíssimo, andou na pândega, teve amantes. Fez viagens ao estrangeiro, cantou *romanzas*, disse pilhérias e não se distinguiu nunca pelos seus brilhantes dotes de inteligência. Nem é preciso dizer que, com umas e com outras, gastou o nosso homem todo o seu capital, de tal maneira que, ao chegar a velho, veio a encontrar-se sem um copeque. Não faltou então quem o aconselhasse a voltar para as suas propriedades, que já estavam para ser postas à venda, e o nosso homem veio para Mordássov, onde ficou seis meses completos antes de continuar a visita aos seus domínios. A vida de província foi-lhe muito agradável e a consequência disto foi que nesse meio ano acabou de gastar-se tudo quanto lhe restava, pois o príncipe não se resignava a prescindir do jogo nem de aventuras galantes… embora desta vez isso acontecesse com damas provincianas. Acrescente-se a tudo isto que era um homem bonacheirão, embora não isento, evidentemente, de alguns costumes principescos muito agradáveis, mas que os mordassovianos consideravam como características exclusivas dos mais fátuos magnatas, e por isso, em vez de lhes causar repugnância, provocavam-lhes a melhor impressão. Sobretudo as senhoras estavam encantadas com o seu querido hóspede e conservam dele mais de uma interessante recordação. Diziam, entre outras coisas, que o príncipe gastava agora metade dum dia a vestir-se e a reconstruir a sua figura composta de peças desmontáveis. Ninguém conseguia explicar onde poderia ele ter perdido todas as peças do corpo que lhe faltavam.

Usava peruca, barba e bigode postiços; e até a mosca à Mazarino, debaixo do lábio inferior, era falsa. Usava o cabelo literalmente colado à cabeça, pelo por pelo, e todo ele brilhava de um negro retinto. Perfumava-se e empoava-se todos os dias. Diziam até que alisava as rugas do rosto por meio de certas molas minúsculas que trazia escondidas no cabelo. Diziam também que usava espartilho porque partira duas costelas ao atirar-se desastradamente de uma janela… durante uma aventura de amor na Itália. Coxeava do pé esquerdo. E havia quem afirmasse que esse mesmo pé esquerdo não era seu, pois o perdera em Paris, por ocasião de um enredo amoroso, e que mandara fazer, para suprir a sua falta, outro de madeira ou de cortiça. Mas, na verdade, se fossemos a dar ouvidos a todos esses boatos… O certo é que usava um olho de vidro, o direito, evidentemente que muito caro e de fatura sumamente artística. A dentadura decerto era também postiça. Todos os dias se lavava com as mais variadas águas de toucador e se perfumava e besuntava de brilhantina até ficar empastado. E isto apesar de todos se lembrarem, por outro lado, que já por esse tempo o príncipe estava muito velho e era de uma loquacidade pavorosa. Como podem calcular, o futuro lhe aparecia com as mais negras cores. Todos sabiam que estava completamente arruinado. Aconteceu nessa altura que uma parenta sua, uma velha pré-histórica que passava a vida em Paris e da qual em rigor não se podia esperar… passou desta para melhor, depois de, aproximadamente um mês antes, ter enterrado o seu herdeiro. De maneira que o príncipe se viu assim de um dia para o outro, e do modo mais inesperado, herdeiro universal da velha. Couberam-lhe destarte, para ele sozinho, quatro mil almas e umas propriedades magníficas, a sessenta verstas da nossa povoação. Sem perda de tempo, o nosso herói foi a Petersburgo para regularizar aí as suas coisas. À despedida foi homenageado pelas senhoras da localidade com um esplêndido jantar, para o qual se quotizaram todas, fazendo a respectiva recolha de donativos. Contam que o príncipe esteve nesse dia de uma amabilidade encantadora, gracejou e riu à vontade e contou as mais extraordinárias anedotas. Por fim prometeu às suas amigas instalar-se o mais cedo possível em Dunákovo — era esse o nome da sua propriedade — e onde — empenhou sua palavra de honra — haveria continuamente festas, piqueniques, bailes e noites italianas com fogos de artifício e balõezinhos de cores. As senhoras da

localidade, depois da sua partida, levaram um ano inteiro a falar das festas prometidas e esperando, impacientes, o seu velho amigo. Mas em breve tiveram de contentar-se com fazer umas simples excursões a Dunákovo, onde podia ver-se o velho casarão senhorial e o grande parque, no qual havia sebes de acácias apoiadas em leões e outros animais, figuras artificiais de gigantescos cavadores, lagos artificiais nos quais balançavam barcos com turcos de madeira, que tocavam flautas pastoris, latadas, pavilhões, *monplaisirs* e outras ridicularias do gênero.

Finalmente o príncipe voltou. Para assombro e decepção de todos, nem uma só vez apareceu na cidade, indo logo estabelecer-se nas sua terras e aí começou a levar uma vida de anacoreta. A seguir espalharam-se estranhos rumores referentes à sua pessoa, e pode dizer-se que, a partir dessa época, se tornou obscura e fantástica a história do príncipe. Contavam, por exemplo, que em Petersburgo as coisas não lhe tinham corrido muito bem, que alguns dos seus parentes e herdeiros presuntivos, fundamentando-se na sua franqueza mental, tinham falado em nomear um tutor, receando provavelmente que tornasse a gastar os seus bens. E havia até quem afirmasse que os tais parentes quiseram metê-lo num manicômio, mas que um deles, pessoa respeitável, intercedera por ele, fazendo-lhes ver que o pobre príncipe, mesmo sem isso, estava meio morto, e que, portanto, não tardaria a morrer espontaneamente… com o que, sem necessidade de manicômio, entrariam na posse da herança. Mas torno a perguntar: não é verdade que há pessoas mexeriqueiras neste mundo? E sobretudo em Mordássov? Esses rumores a respeito das intenções dos seus parentes deviam ter infundido tal pânico no espírito do príncipe, que mudou completamente de maneira de ser e começou a fazer de repente essa vida de cenobita. Algumas pessoas da nossa localidade foram visitá-lo e felicitá-lo a Dunákovo. Mas, ou não foram recebidas, ou lhes dispensaram um acolhimento muito estranho. Dizem que o príncipe, ou já não conhecia, ou não queria conhecer nenhum dos antigos amigos.

Também o nosso governador um belo dia se resolveu a ir até lá. E voltou trazendo a notícia de que, em sua opinião, o príncipe se encontrava efetivamente um pouquinho irresponsável, e depois,

sempre que lhe falavam da sua viagem a Dunákovo, a nossa primeira autoridade ficava de mau humor. As senhoras exprimiam francamente o seu desgosto perante tal notícia, até que, por fim, um dia chegou aos seus ouvidos um boato de importância transcendente. Uma tal Stiepanida Matviéievna, mulheraça gorda e já entrada em anos, que ninguém conhecia e cujo parentesco com ele se ignorava se apoderara da vontade do príncipe, com o qual viera de Petersburgo e em cuja casa andava agora, de cá para lá, com vestidos de algodão e um molho de chaves na mão. O príncipe lhe obedecia em tudo como uma criança e não se podia dar ali um passo sem autorização dela. Ela própria o servia e lhe ralhava, o lavava e trazia debaixo do olho, e lhe cantava cantigas para adormecer como a um menino de peito. Finalmente, afugentava as visitas, sobretudo os seus parentes, os quais, muito compreensivelmente, de quando em quando apareciam em Dunákovo com o fim de fazerem várias investigações. Em Mordássov deram muito que falar essas relações estranhas, sobretudo entre as senhoras. Acrescentavam ainda os bem informados que Stiepanida Matviéievna administrava como muito bem lhe parecia, sem oposição de espécie nenhuma, os bens do príncipe, que despedia, sem consultas, os trabalhadores dos campos, os criados, os administradores e os guardas e que embolsava todos os rendimentos. Fazia isso tudo tão bem feito que os servos estavam contentíssimos com a sua sorte.

Quanto ao príncipe, passava a vida quase exclusivamente no seu quarto de vestir, sem se preocupar com outra coisa senão provar perucas e fraques, dedicando o resto do tempo a fazer companhia a Stiepanida Matviéievna. Com esta jogava cartas, fazia *patience* e dava de quando em quando um passeiozinho montado numa sossegada égua inglesa, ocasiões em que Stiepanida Matviéievna o acompanhava infalivelmente num carro… por causa do que pudesse acontecer. É claro que o príncipe montava unicamente por vaidade, pois mal se podia ter na sela. Às vezes viam-no também sair a pé, envolvido num elegante paletó, com um chapéu de palha, de abas largas, ostentando uma gravatinha cor-de-rosa e provido de um monóculo, uma cestinha para apanhar cogumelos e um raminho de flores na mão esquerda. A maior parte das vezes ia acompanhado de Stiepanida Matviéievna e levavam dois criados de libré, seguidos de um coche (pois ninguém sabe o que pode acontecer). Quando encontravam algum trabalhador

e este os cumprimentava, afastando-se para o lado, com profunda e respeitosa reverência: “Bom dia, príncipe, paizinho; bom dia, alegria nossa e sol da nossa vida”, logo o príncipe assestava sobre ele o monóculo e lhe respondia afetuosamente com um benévolo movimento de cabeça: *Bonjour, bon ami, bonjour*!

Estes e outros boatos corriam em Mordássov de boca em boca. Parecia completamente impossível esquecerem o príncipe. Se bem que é preciso levar em conta o fato de ele estar tão próximo. Qual não seria, pois, o espanto geral, quando uma manhã se espalhou a notícia de que o príncipe, aquele anacoreta, aquele tipo estranho, chegara em pessoa a Mordássov e se apeara à porta de Maria Alieksándrovna, entrando-lhe em casa. Todos se movimentaram, aguardando uma explicação do acontecimento, perguntando uns aos outros o que significava aquilo. Algumas senhoras queriam dirigir-se imediatamente a casa de Maria Alieksándrovna, pois a chegada do príncipe parecia-lhes algo de extraordinário. Escreviam bilhetinhos umas às outras, faziam visitinhas, mandavam suas criadas e criados à cata de notícias. O que mais chamava a atenção era tivesse o príncipe vindo visitar precisamente a Maria Alieksándrovna. E quem mais se intrigava era Anna Nikoláievna Antípova, visto que o príncipe ainda era seu parente, embora fosse preciso, para encontrar tal parentesco, percorrer toda a árvore genealógica, por entre uma legião de tias, avós e sogras. Compreendo agora que, para responder devidamente a tais perguntas será necessário entrarmos em casa da própria Maria Alieksándrovna, onde pedimos ao respeitável leitor que nos siga. É um pouco cedo, pois talvez ainda não tenham soado dez horas; mas estou certo de que ela não irá dar-nos com a porta no nariz, a nós que somos os seus melhores amigos e que, até pelo contrário, nos receberá com todo agrado.

## Capítulo III

Assentemos em que são dez horas da manhã. Estamos em casa de Maria Alieksándrovna, nesse compartimento que a dona da casa chama, nas ocasiões solenes, o seu salão. Neste mesmo sentido, Maria Alieksándrovna tem também um *boudoir*. O assoalho do salão está

rebrilhante e das paredes pendem lindas tapeçarias. Predomina o vermelho no mobiliário. Numa das paredes vê-se uma chaminé e por cima desta um espelho; diante do espelho um relógio de mesa, de bronze, com um cupido, um atestado de mau gosto. Entre as janelas, pendurados, dois espelhos sem gazes. À frente destes, umas mesinhas com os seus respectivos relógios. Na parede do fundo sobressai um magnífico piano que os seus pais compraram para Zina, porque aprecia a música. No outro extremo da sala vê-se uma grande mesa, coberta com toalhas de uma brancura deslumbrante, sobre a qual ferve um samovar de prata, junto de um gracioso serviço de chá. Serve-o Nastássia Pietrovna Ziáblova, que, como parenta afastada de Maria Alieksándrovna, vive em sua companhia. Duas palavras a seu respeito: Nastássia Pietrovna Ziáblova é viúva, terá seus trinta anos bem vividos, moreninha, com um tom de pele muito fresco e olhos pretos muito vivos. Não é o que se pode dizer feia. Temperamento alegre, ri muito e com muita vontade; é bastante esperta; é claro que adora mexericos, mas sabe muito bem aproximar-se do fogo sem se queimar. É mãe de dois filhos que estudam não sei em que colégio. De boa vontade casaria novamente. Seu primeiro marido foi um militar no serviço ativo. Enfim, conduz-se com bastante aprumo.

Maria Alieksándrovna, a protagonista, senta-se junto da chaminé, muito bem disposta e com um vestido verde claro que lhe fica muito bem. Está contentíssima com a visita do príncipe, neste momento ocupado com o arranjo pessoal e não se pode ver. De tão contente nem sequer procura dissimular seu alvoroço. Diante dela um rapaz contando qualquer coisa com muita animação. Deve ter uns vinte cinco anos. Em seus olhos pode-se ver o desejo de agradar à sua interlocutora. Boas maneiras, mas entusiasma-se com demasiada facilidade e, além disso, esforça-se por parecer gracioso e satírico. Irrepreensivelmente vestido, é louro e nada feio. Mas já falamos bastante dele; não é outro senão o Senhor Mosliakov, um rapaz de muitas esperanças. Maria Alieksándrovna pensa que este jovem deve ter a cabeça um pouco oca; apesar disto, desfaz-se em atenções para com ele. É um pretendente à mão de sua filha Zina, da qual, segundo ele próprio diz, está loucamente apaixonado. Volta-se a cada instante para olhá-la, tentando fazê-la rir com suas piadas. Mas Zina mostra-se indiferente e não lhe demonstra quase nenhuma importância. Neste

momento a moça senta-se ao piano. Os dedos finos folheiam um almanaque. É uma destas criaturas que provocam sempre uma admiração entusiástica, diria eu, quando se apresentam num baile ou numa festa de sociedade. É indescritivelmente graciosa; alta, esbelta, um magnífico cabelo preto, olhos maravilhosos, quase negros, de um desenho admirável; os ombros, os braços e colo… duma deusa antiga; um pezinho minúsculo e um andar de rainha. Hoje está um pouco pálida, mas os lábios sedosos, de um rosa desmaiado e de contornos maravilhosos, e entre os quais brilham os dentinhos brancos, como um fio de pérolas, fazem sonhar com eles três noites seguidas a quem os viu uma vez. Parece séria e até severa. É de dizer que o Senhor Mosliakov teme um pouco o seu olhar atento; pelo menos não parece muito seguro de si quando se atreve a levantar os olhos para ela. Os seus movimentos são de uma indolência altiva. Traja um vestido simples, de musselina branca. O branco assenta-lhe muito bem. E além disso, que é que não lhe fica bem? Num dos dedos finos brilha um anel de cabelo entrançado que… a avaliar pela cor, não é da mãe. Mosliakov nunca se atreveu a perguntar-lhe de quem é esse cabelo. Esta manhã Zina mostra-se muito melancólica, e até mesmo triste, como se a afligissem certas inquietações. Em compensação, Maria Alieksándrovna dá mostras de uma loquacidade inesgotável, embora de vez em quando dirija para a filha um olhar estranho, quase de receio… e ainda o faz de soslaio, como se tivesse medo.

— Estou tão satisfeita, tão satisfeita, Páviel Alieksándrovitch — observa — que tenho vontade de chamar pela janela os que passam na rua! Isto para não falar na agradável surpresa que nos deu, tanto a Zina como a mim, ao apresentar-se em nossa casa duas semanas antes do prometido. E o que ainda mais me alegra é que tenha trazido consigo o príncipe, nosso querido príncipe. Já sabe a amizade que sinto por esse velhinho encantador. Mas não, não, não é possível que me compreenda! O senhor é novo e nunca poderá compreender os sentimentos das pessoas da minha idade, por mais que eu fosse capaz de descrevê-los. O senhor nem sequer sabe o que ele foi para mim noutro tempo, haveria uns seis anos… E tu sabes, Zina? Ah, não! Tinha-me esquecido, estavas em casa da tia, passando uma temporada… Talvez não me acredite, Páviel Alieksándrovitch, mas fui para ele uma conselheira, uma irmã, uma mãe. Obedecia-me como

uma criança. Havia qualquer coisa de ingênuo, de terno e sublime no nosso convívio, nem sei como exprimi-lo! Por isso sei perfeitamente por que motivo, agora, levado pela gratidão, ele se recordou precisamente da minha casa e não de nenhuma outra, *ce pauvre prince*! Mal sabe o senhor, Páviel Alieksándrovitch, que talvez possa dizer que lhe salvou a vida ao ter a ideia de trazê-lo para minha casa? Oh, e com que desgosto tenho pensado nele durante estes seis anos tão longos! Acreditará em mim se lhe disser que até sonhava com ele? Dizem que essa horrível mulher o traz enfeitiçado e que se propôs acabar com o pobrezinho. Mas, graças a Deus, das garras dessa bruxa já o senhor o tirou! Agora devemos aproveitar a ocasião e fazer o possível para salvá-lo definitivamente. Mas diga-nos, explique-nos finalmente de que meios se serviu para conseguir esse milagre! Descreva-me com todos os pormenores como o encontrou. Porque antes, quando os senhores chegaram, eu apenas dei atenção ao principal, quando afinal é nos pormenores que está a explicação de tudo. Sou doida por pormenores; até nas coisas mais importantes, aquilo em que fixo logo minha atenção é nos pormenores… e… enquanto ele acaba de preparar-se…

— Não posso fazer mais nada senão repetir-lhe o que já disse, Maria Alieksándrovna — e Mosliakov dispôs-se imediatamente a repetir a sua história… e poderia repeti-la ainda outras vezes, sem se envergonhar, pois o seu maior prazer consistia em escutar-se a si mesmo. — Passei a noite toda de vigia e claro está que não preguei olho em toda a santa noite… Pode calcular a pressa que eu tinha — acrescentou, inclinando-se um pouco para o lado de Zina. — Numa palavra: eu levantava a voz pedindo cavalos e fazendo um grande barulho em todas as postas; se uma pessoa descrevesse isto e o publicasse, resultaria um poema de gosto ultramoderno, mas disse-o apenas por dizer. Às seis em ponto da manhã cheguei eu à última posta, Iguíchevo, tiritando de frio… Nem queria parar para me aquecer… Gritei pedindo muda de cavalos. Provavelmente, com os meus gritos, devo ter dado um susto muito razoável à empregada da posta e ao filho que tinha ao colo, um susto de tal ordem que com certeza o leite lhe deve ter secado… Uma aurora maravilhosa, dessas em que a geada se tinge de vermelho e prata. Mas nem reparava em nada e lancei-me outra vez a galope, como uma seta. Os cavalos

seguintes custaram-me verdadeira batalha: para os obter, tive que tomá-los a um assistente de Pedagogia, com o qual por pouco não travo um duelo. Aí disseram-me que, um quarto de hora antes, partira com cavalos seus certo príncipe que ali pernoitara. Mal ouvi aquilo, parti como se tivesse acabado de sair da prisão. Creio ter lido imagem semelhante numa elegia moderna. Ao chegar exatamente a nove verstas de distância da povoação, onde começa o caminho para a colônia de Svetessórek, passeio a vista em redor e deparo um espetáculo extraordinário. No caminho jaz caída de lado uma carruagem monumental; ao seu lado, como pasmados, o cocheiro e dois criados, e do carro que, como disse, está tombado sobre um lado, saem gemidos de partir a alma. A princípio a minha intenção foi seguir para a frente sem parar, pois disse para comigo: "O carro está apenas de lado, por isso, eles que se arranjem!". Mas o amor ao próximo que, como diz Heine, nos fez meter o nariz em tudo, acabou por triunfar em mim. Mando parar. Eu, o meu Siemion e o cocheiro — um autêntico russo — apressamo-nos a prestar auxílio aos caídos e depois nós todos, seis no total, unindo as nossas forças, conseguimos por de pé o carro que, para dizer a verdade, não tem pés. Houve também dois camponeses que nos ajudaram com uns paus… Iam para a cidade e dei-lhes uma pequena gorjeta. Então disse para comigo: "Este deve ser com certeza o velho príncipe de que me falaram no posto de mudas." Olho bem para ele… e graças a Deus, era realmente o meu príncipe. O Príncipe Gavrila! Calcule a minha surpresa! Fui e chamei-o: "*Prince! Tio!*". Mas, como era natural, não me reconheceu ao primeiro olhar… ou melhor, reconheceu-me imediatamente… creio que ao segundo olhar… Mas, para dizer a verdade, aqui, *inter nos*, julgo que apesar de tudo ele não sabe ao certo quem sou, e parece-me que me toma por outro e não por parente. Deve haver já perto de sete anos que eu o vi pela última vez em Petersburgo. Nesse tempo, como pode calcular, eu era ainda quase uma criança. No entanto lembro-me muito bem dele. Causou-me grande impressão. Em compensação, ele… como é que havia de se lembrar de mim! Pois imagine, está encantado, abraça-me… mas o corpo treme-lhe todo de medo, e chora, oh, se chora! Vi-o com os meus próprios olhos! Pusemo-nos a falar disto e mais daquilo… até que por fim consegui convencê-lo a que subisse comigo para o meu coche e… me acompanhasse até Mordássov… mesmo que fosse apenas por um dia, para que se

distraísse e descansasse um pouco. Concordou sem objeções… Disse-me que se dirigia, quando lhe ocorreu o acidente, ao mosteiro de Svetessórek, com o fim de ver o Padre Missail, ao qual estima muitíssimo e não menos venera; que Stiepanida Matviéievna — quem, entre nós, os seus parentes, não ouviu falar da tal Stiepanida Matviéievna? A mim, não haverá ainda um ano que ela me expulsou às vassouradas de Dunákovo — que a sua Stiepanida Matviéievna, repito, tinha recebido uma carta de Moscou, dizendo-lhe que, ou o pai ou a filha, estavam nas últimas, ao certo não sei qual, nem também me interessa absolutamente nada; pode ser que estivessem os dois, o pai e a filha, dando o último suspiro… e até um certo sobrinho dela que faz de fanfarrão, na sua taberna… Mas, para abreviar, Stiepanida Matviéievna estava tão comovida que se decidiu, haverá coisa de dez dias, a deixar o seu príncipe e a pôr-se a caminho de Moscou, a fim de embelezar essa cidade com sua presença. O príncipe, entretanto, ficou dois dias muito sossegadinho em sua casa, a provar perucas umas atrás das outras, a brilhantinar o cabelo, a pintar o bigode, a fazer *patience* e jogando talvez também a *préférence* sozinho, apenas para matar o tempo. Até que, finalmente, não pode continuar sem a sua Stiepanida Matviéievna. Então ordenou que lhe preparassem a carruagem a fim de dirigir-se ao mosteiro de Svetessórek. Um dos criados, que, mesmo quando Stiepanida Matviéievna não está presente, tem medo dela, tentou ainda fazer qualquer objeção ao príncipe, mas este manteve-se firme no seu propósito. Ontem, depois do jantar, pôs-se a caminho, pernoitou em Iguíchevo, continuou a sua viagem quando o dia clareou, para daí a pouco ir cair, a dois passos da morte, com toda a sua bagagem, exatamente onde começa na estrada o caminho que leva ao mosteiro. Então, eis que surjo eu e o convenço a vir comigo fazer uma visita à nossa comum amiga, a muito estimada Maria Alieksándrovna… Ele diz ainda que a senhora é a mais encantadora de todas as mulheres que conheceu na vida… E aqui nos tem, embora o príncipe se demore nos seus preparos, ajudado pelo criado, que teve o especial cuidado de trazer consigo, e ao qual sempre, em todos os casos e em todos os transes, cuida de não esquecer, pois preferia morrer a apresentar-se diante de senhoras sem certos preparativos ou, para melhor dizer… acrescentamentos… E é esta a história toda… muito agradável, não é verdade?

— O senhor é sempre muito engraçado! Não achas, Zina? — exclamou encantada Maria Alieksándrovna assim que o rapaz acabou de contar sua história. — Tem tanto jeito para contar! Mas ouça, *Monsieur* Paul… uma pergunta: é capaz de me explicar minuciosamente o seu parentesco com o príncipe? Chama-o tio, não é verdade?

— Palavra de honra que não sei ao certo, Maria Alieksándrovna, que grau de parentesco me liga a ele; creio que é o sétimo grau, pouco mais ou menos… Mas não Réaumur, hem?! Mas com este caso de parentesco não tenho nada a ver… Estou completamente inocente! Palavra de honra! A culpa quem a deve ter é minha tia Aglaia Mikháilovna. A qual, diga-se de passagem, passa a vida a contar o número dos parentes. Foi ela também quem, haverá um ano, me induziu a fazer essa viagem até Dunákovo, em que me acompanharia com muito gosto. Em resumo: o fato é que eu, muito simplesmente, o chamo tio, e que ele assim se dá por chamado. E, no fim das contas, é isto que interessa. E portanto… é este o nosso parentesco, pelo menos até à data…

— Muito bem. Pois continuo convencido de que só Deus lhe pode ter inspirado a ideia de trazê-lo consigo para nossa casa. Só o pensar no que poderia acontecer ao pobrezinho se fosse parar a outra casa que não a nossa, me faz tremer! Haviam de fazê-lo em pedaços, sugado até à medula dos ossos, literalmente devorado! Iam se lançar sobre ele como sobre uma mina, como sobre um filão de ouro… Iam expoliá-lo até mais não poder! Não pode imaginar, Páviel Alieksándrovitch, que gente tão baixa, má e avarenta há nesta terra…

— Mas, Deus meu, à casa de quem, a não ser à sua, é que ele o poderia ter levado? Nem fale nisso, pelo amor de Deus, Maria Alieksándrovna — exclamou Nastássia Pietrovna, a viúva, que deitava nas chávenas o chá. — À de Anna Nikoláievna, talvez?

— Mas… como é possível que ele continue invisível? É estranho — disse Maria Alieksándrovna levantando-se, impaciente.

— Refere-se a meu tio? Oh, penso que ele deve ainda demorar umas cinco horas a preparar-se! Embora também pudesse suceder…

pois o pobre anda muito esquecido… não se lembra de que está em sua casa… É um homem tão extravagante! Não se esqueça disto, Maria Alieksándrovna!

— Não diga tolices!

— Não são tolices, Maria Alieksándrovna, o que lhe digo é a verdade pura. Ele não é um homem, mas um boneco articulado! A senhora, há seis anos não o vê, ao passo que eu o vi ainda não faz uma hora. Está quase um cadáver! É apenas a sombra de uma pessoa; seria possível dizer, muito simplesmente, que se esqueceram de dar-lhe sepultura! Tem olhos postiços, pernas de cortiça, todo montado sobre molas, e até para falar tem de servir-se delas!

— Meu Deus, que língua terrível a sua, como estou vendo! — exclamou Maria Alieksándrovna tomando uma expressão séria. — Não tem vergonha… como jovem e como parente… de falar assim de um senhor tão respeitável? Nem quero falar da sua imensa bondade! — e a sua voz tomou uma entoação de comoção sincera. — É preciso não esquecer também que o príncipe é um vestígio, uma ruína, um despojo da nossa aristocracia. Meu amigo, *mon ami*! Parece-me bem que as suas tolices são o fruto dessas ideias modernas de que fala constantemente! Mas, santo Deus! Não tenho dúvida alguma em professar as suas novas ideias. Sei perfeitamente que, no fundo, essas ideias são nobres e honradas! Sinto que há nelas até qualquer coisa de sublime. Mas tudo isso, digamos, não me impede de ver o lado prático das coisas. Já conheço o mundo, vi muita coisa e, além disso, sou mãe, ao passo que o senhor é ainda muito novo. O príncipe é velho e, por isso, aos nossos olhos deve parecer um pouco ridículo. Lembro-me de que, da última vez que falamos, manifestou o senhor a intenção de emancipar os seus servos, acrescentando que é preciso fazer alguma coisa pela sociedade, mas tudo isso se deve à leitura de Shakespeare, que lhe transtornou a cabeça. Mas acredite, meu amigo, de Shakespeare para cá, o mundo deu muitas voltas, e se esse Shakespeare se erguesse do túmulo não perceberia patavina da nossa vida moderna, apesar de todo o seu talento. Se nos nossos dias há ainda alguma coisa nobre e elevada, é unicamente na alta sociedade que se encontra. Um príncipe, mesmo que viva numa choça vai se conduzir como num palácio e ninguém lhe pode tirar a natureza de

príncipe. Aí tem o marido de Natália Dimítrievna, que mandou fazer um palácio e, apesar disso, não é nem será nunca outra coisa senão o marido de Natália Dimítrievna! E a própria Natália Dimítrievna é e será sempre… a antiga Natália Dimítrievna e nada mais! O senhor é também, em parte, um representante da alta sociedade, já que dela descende. E também eu não me tenho por estranha nesse meio… mas não procede bem quem renega a sua origem. Quanto ao mais, há de ir vendo tudo com o tempo, e muito melhor do que eu, *mon cher* Paul, e acabará por mandar passear o tal Shakespeare. Mas já perdi o fio da meada, *mon cher* Paul, deixemos Shakespeare em paz, que eu vou lá em cima ver o que aconteceu ao príncipe. Talvez precise de qualquer coisa e, os meus criados…

Maria Alieksándrovna saiu da sala com certa pressa, pois pensava nos criados.

— Maria Alieksándrovna sempre está muito contente porque o príncipe não tenha ido parar a casa de Anna Nikoláievna! Pois, realmente, não teve essa senhora o descaramento de dizer a toda a gente que é parenta dele! Agora, a pobre, é até capaz de sofrer uma síncope de raiva! — observou Nastássia Pietrovna; mas quando reparou que não lhe respondiam, olhou à sua volta. Um olhar deitado a Zina e a Páviel Alieksándrovitch foi o bastante para ela ver em que pé estava a coisa e apressou-se imediatamente a sair do quarto, como se tivesse esquecido qualquer coisa relacionada com o chá. Além disso, logo a seguir, como compensação, pôs-se a escutar atrás da porta.

Páviel Alieksándrovitch encarou em seguida com Zina. Estava terrivelmente comovido e a voz tremia-lhe.

— Está zangada comigo, Zinaída Afanássievna? — perguntou com uma expressão tímida e implorativa.

— Zangada com você? Por que? — perguntou Zina levemente corada e erguendo para ele os lindos olhos.

— Por ter aparecido antes do combinado! Mas não podia suportar mais, Zinaída Afanássievna, não podia esperar ainda mais duas semanas… Até sonhava com você! E apressei-me a vir para conhecer

finalmente a sentença do destino! Mas enruga a testa, parece contrariada… Será que também desta vez não possa saber nada de definitivo?

De fato, Zina franzira o sobrolho.

— A sua chegada não me causou a menor surpresa — respondeu a moça, baixando os olhos, mas com voz firme e grave, deixando transparecer claramente o seu aborrecimento. — Já o esperava e como a iminência do acontecimento se me tornava bastante desagradável, pois… quanto antes, melhor! O senhor reclama ou suplica-me uma resposta. Como quiser… Ora não posso fazer mais nada senão repetir-lhe o que já de outras vezes lhe disse, pois a minha resposta continua a ser a mesma: espere, é o que lhe torno a dizer. Ainda não tomei uma decisão definitiva, por isso não posso afirmar-lhe que serei sua mulher. Não deve querer obrigar-me a fazer uma promessa deste gênero, Páviel Alieksándrovitch. Mas acrescentarei, para sua tranquilidade, que isto também não significa que eu o repudie definitivamente. E olhe: se ainda lhe deixo uma esperança, faço-o unicamente porque vejo a sua impaciência e a sua inquietação, e em atenção a elas. Repito-lhe: quero continuar completamente livre e, se no fim lhe responder com uma negativa, não deverá acusar-me nem censurar-me por tê-lo feito alimentar falsas esperanças. E é tudo!

— Mas… que vem a ser isso? — exclamou Mosliakov com voz pesarosa. — Não é uma esperança? Será que não posso construir uma ilusão com as sua palavras, Zinaída Afanássievna?

— Reflita sobre quanto acabo de dizer-lhe e depois conclua o que quiser. Pode fazê-lo, se assim o deseja. Mas não posso acrescentar mais nada ao que já disse. Não o afasto definitivamente: limito-me a dizer-lhe que espere. Só lhe peço não se esqueça de uma coisa: que fico com absoluta liberdade de dizer-lhe não, definitivamente, quando quiser. E, nesse caso, de duas uma, Páviel Alieksándrovitch: se se apresentar aqui antes do prazo combinado, com o intento de conseguir qualquer coisa de um modo indireto, talvez com a esperança de que alguém, minha mãe, por exemplo, possa influir sobre mim, desde já lhe digo que se engana redondamente. Se assim fosse podia desde já contar com uma negativa. Está ouvindo? Mas enfim… Deixemos isto por

agora e não me faça lembrar do assunto nem por uma simples alusão.

Tudo isto foi dito por Zinaída num tom seco, categórico e sem a menor hesitação, como se o tivesse aprendido de cor. *Monsieur* Paul compreendeu que fora burlado. Nesse momento entrou na sala Maria Alieksándrovna. Logo atrás dela vinha a Senhora Ziáblova.

— Creio que está quase a aparecer, Zina! Nastássia Pietrovna, prepara o chá!

A senhora não parecia menos excitada.

— Anna Nikoláievna mandou pedir notícias. Aníutka, a criada dela, já veio farejar à cozinha. Que grande desgosto não vai ela ter! — exclamou Nastássia Pietrovna Ziáblova, e apressou-se a preparar o samovar.

— Que me importa tudo isso! — exclamou Maria Alieksándrovna encolhendo os ombros — Como se eu me preocupasse alguma coisa com o que possa pensar Anna Nikoláievna! O de que ela pode ter a certeza é que nunca eu mandaria a minha criada bisbilhotar na sua cozinha! E espanta-me, choca-me sinceramente que tu, Nastássia Pietrovna, me tenhas por inimiga dessa pobre mulher, e não só tu como toda gente. Olhe, Páviel Alieksándrovitch, julgue o senhor, visto que nos conhece às duas… Pois bem: é capaz de me dizer por que é que eu havia de ser inimiga de Anna Nikoláievna? Talvez por causa da posição social? A mim, essas coisas são-me indiferentes. Que a dela seja mais elevada? Seria eu a primeira a felicitá-la por isso. E enfim… tudo isso é uma injustiça. Estou sempre a defendê-la, considero um dever meu protegê-la! Todos a caluniam. Mas por que hão de encarniçar-se todos contra ela? Por que é nova e se enfeita muito? Bem, e daí? É preferível que ela dê para isso do que para coisas que não se podem dizer… como acontece com Natália Dimítrievna. E que tem de especial que Anna Nikoláievna nunca pare em casa e ande sempre de um lado para o outro? Meu Deus! Pois se a pobre criatura não teve educação, nem pôde instruir-se e, portanto, naturalmente para ela é insuportável abrir um livro e fixar a atenção durante dois minutos sobre a mesma coisa! Que coqueteia e faz *flirt* com todos os homens que passam por sua casa? Mas então por que é que estão

sempre a fazer-lhe ver que é muito graciosa, quando a única coisa que ela tem é ser branca e mais nada? Bem. Mas por que é que andam sempre a dizer-lhe que dança admiravelmente? A infeliz usa uns chapeuzinhos horríveis e penteia-se de uma maneira ainda mais horrível… Mas que culpa tem ela de que Deus não lhe tenha dado melhor gosto e em compensação a tenha feito tão ingênua? Diga-lhe o senhor que fica muito bonita com um cartucho de doces no cabelo… que ela o põe logo em seguida. Que é uma bisbilhoteira? Olhem que coisa extraordinária! Como se aqui não fossem todos uns mexeriqueiros! Que Suchílov, o das barbas floridas, a visita todas as manhãs e todas as tardes, e vai ver também que todas as noites? Mas o que há de a pobre criatura fazer, se o marido está jogando até às cinco da manhã com os amigos? E além disso, pode ser que, no fim de contas, todos esses falatórios não passem de puras calúnias. Já lhe disse que hei de sair sempre, sempre em sua defesa. Ah, meu Deus! Aí está o príncipe! Sim, é ele, é ele! Podia reconhecê-lo entre mil! Até que enfim o torno a ver, *mon prince*! — exclamou Maria Alieksándrovna e apressou-se a ir ao seu encontro.

## Capítulo IV

A um primeiro e distraído olhar, ninguém tomaria o príncipe por um homem de idade, muito menos por um velho. Só depois de o observar mais de perto e atentamente é que se repara que o infeliz é um cadáver montado sobre molas. Deitaram mão de todos os artifícios para disfarçar de adolescente essa múmia. A peruca, de uma naturalidade assombrosa; as suíças, o bigode e a mosca reluzem com um negror magnífico e cobrem-lhe metade do rosto. A outra metade usa-a artisticamente empoada e não deixa ver a menor ruga. Onde as deixou ele? Eis o mistério. Veste-se à última moda, parece um autêntico manequim; traz uma espécie de casaco à americana ou coisa do gênero, que, juro-o, não sei bem o que seja, mas deve ser com certeza qualquer coisa de ultramoderno, inventada exclusivamente para visitas matinais. Luvas, gravata, colete, roupa interior — tudo é novo e flamante e denota bom gosto. Coxeia um pouco, mas faz isso com tanta graça que, pode se dizer, o faz porque a moda assim ordena. Num dos olhos traz o monóculo, precisamente no olho de

vidro. Envolve-o uma nuvem de perfume. Quando fala, arrasta extraordinariamente as palavras… talvez por fraqueza senil, ou talvez por causa da dentadura postiça, embora o possa fazer também para causar maior impressão em quem o escuta. Algumas sílabas, adoça-as de modo enjoativo e pronuncia os *ais* quase como *eis*. A palavra *iá*, por exemplo, pronuncia-a como *ii-á*, com mais doçura ainda talvez. Deixa transparecer em todo seu aspecto uma certa indolência que deve ter aprendido ao longo da sua vida galante. Aliás, se conserva ainda alguma coisa dessa vida galante de outrora deve ser sem ele próprio saber, qualquer coisa como uma antiga e esfumada recordação, como um passado há muito desvanecido, e ao qual, por infelicidade, todos os cosméticos, corpetes, perucas e perfumes deste mundo não poderiam ressuscitar. E portanto é preferível assentarmos desde já em que a pobre criatura perdera já há muito tempo, se não o juízo, pelo menos a memória, pois o pobre esquecia-se no mesmo instante daquilo que acabava de dizer, e estava constantemente a fazer confusões, a dizer e a desdizer mentiras. Para se poder manter uma conversa com ele era necessária alguma prática. Mas Maria Alieksándrovna deixou-se levar pelo seu entusiasmo e assim, à chegada do príncipe, deu mostras de uma euforia indescritível.

— Não há dúvida, é o mesmo, não mudou absolutamente nada durante este tempo! — exclamou segurando as mãos do hóspede e conduzindo-o para uma confortável poltrona. — Sente-se, sente-se, príncipe. Seis anos, seis anos sem nos vermos durante todo este tempo, e nem uma simples carta, nem sequer duas letras. Oh, isso não foi nada bonito, príncipe! Se visse como eu estava zangada com o senhor, *mon cher prince*! Mas… o chá, o chá! Ai, meu Deus! Nastássia Pietrovna, o chá!

— De fato, de fato… *Mea culpa!* — tartamudeou o príncipe (tínhamo-nos esquecido de dizer que o príncipe gaguejava também um pouco, embora o fizesse para seguir a moda). — *Mea culpa!* Mas crei… a, apesar de tudo, que o ano passado tinha a intenção de vi…i…isitá-la inadi…ii…avelmente! — continuou, passando os olhos pela sala. — Mas tiraram-me isso da cabeça… Como grassava aqui o cólera…

— Qual, príncipe! Quem lhe disse isso? Aqui nunca houve cólera! — retificou Maria Alieksándrovna.

— O que havia aqui era uma epizootia, tio — interveio Mosliakov, que desejava chamar a atenção do príncipe. Maria Alieksándrovna conteve-o com um olhar severo.

— Bem, seria uma epizo…otia ou qualquer coisa do gênero… O certo é que desisti. Mas, e o seu marido, Maria Alieksándrovna? Continua no seu cargo de admi…nis…trador do Estado?

— Ah, não, não! — disse Maria Alieksándrovna balbuciando. — Já não tem a administração…

— Sou capaz de apostar que o tio está enganado e confundindo com Anna Nikoláievna Antípova — exclamou o gracioso Mosliakov, mas calou-se imediatamente, ao ver o efeito que suas palavras provocaram em Maria Alieksándrovna.

— Ah, sim… Anna Nikoláievna! Esqueço-me sempre do seu nome! Sim… Antípova; é isso, Antípova — confirmou o príncipe.

— Não, não, príncipe, está enganado — disse Maria Alieksándrovna com um sorriso amargo. — Eu não sou Anna Nikoláievna e, confesso-lho francamente, nunca teria esperado do senhor que me confundisse com outra. Estou assombrada, príncipe. Eu sou a sua única amiga, eu sou Maria Alieksándrovna Moskaliova. Não se lembra de mim?

— Maria A…lieksándrovna! Claro! Mas eu pensava precisamente que a senhora era… Como se diz? Ah, sim! Anna Vassíli…evna. *C'est delicieux!* De maneira que não é em casa dela que eu estou… Mas eu supunha, meu filho, que tu me levavas a casa de Anna Matvié…ievna! *C'est charmant!* Que, afinal… não é raro sucederem-me estas coisas… É muito frequente que eu não chegue até onde tenciono… Mas, enfim, eu estou sempre bem disposto, sem…pre bem disposto, aconteça o que acontecer. Então a senhora não é Nastássia Vassílievna? É curioso!

— Eu sou Maria Alieksándrovna, príncipe, Maria Alieksándrovna. Oh, tenho muito que lhe perdoar, príncipe! Pensar que se esqueceu da sua melhor amiga!

— Está bem… a minha melhor amiga! *Pardon, pardon!* —

gaguejou o príncipe e fixou o olhar sobre Zina.

— Esta é a minha filha Zina. O senhor não a conhecia, príncipe. Quando nos visitou, da outra vez, ela não estava aqui, sabe? Haverá uns seis anos…

— Com que então é a sua filha… *Charmante, charmante!* — murmurou o príncipe e tornou a contemplar a moça com curiosidade — *Mais quelle beauté!* — acrescentou, visivelmente surpreendido.

— Príncipe, faça o favor de servir-se — disse Maria Alieksándrovna e chamou a atenção do príncipe para o rapaz cossaco que lhe apresentava a bandeja de chá.

O príncipe pegou numa chávena e ficou a olhar para o rapaz, de bochechas muito coradas.

— Ah! Este é o seu filho? — perguntou. — Que rapaz jeitoso! E… e… naturalmente… deve ser um rapazinho muito ajuizado, não é verdade?

— Ah, príncipe! — apressou-se a interrompê-lo Maria Alieksándrovna. — Se soubesse as notícias terríveis que chegaram aos nossos ouvidos, acerca da sua pessoa! Acredite que me assustaram seriamente… Não se magoou? Tenha cuidado, essas coisas não devem desprezar-se…

— Ia-me atirando para o outro mundo, para a sepultura, aquele cocheiro! — exclamou o príncipe com desusada animação. — Pensei que aquilo era o fim do mundo ou qualquer coisa do gênero. Assustei-me tanto… que… Deus me perdoe, nem sabia se estava de cabeça para cima ou para baixo… Não, não esperava uma coisa daquelas de maneira ne…nhuma! Confio-me a ti, meu filho, trata tu disso e investiga o caso a fundo. Estou convencido de que esse vadio jurara matar-me.

— Está bem, tio — respondeu Páviel Alieksándrovitch. — Eu me encarregarei de estudar o caso. Mas ouça, tio, não seria melhor perdoar-lhe, atendendo à solenidade do dia?

— Por nada deste mundo lhe perdoarei! Estou absolutamente convencido de que tinha a intenção de me eliminar! Ele e Laurênti também, esse que ficou lá em casa. Calcule que esse rapaz tem a cabeça cheia de certas ideias no…vas! Tomou-me uma grande aversão. Para dizer tudo: é um comunista, no verdadeiro sentido da palavra! Tenho até medo de encontrá-lo!

— Ah, acaba de dizer uma grande verdade, príncipe! — exclamou Maria Alieksándrovna. — Não pode imaginar o que eu sofro por causa destes malandros! Calcule que despedi dois dos meus criados, mas os novos que vieram substituí-los saíram-me tão estúpidos que ralho com eles desde a manhã até à noite. O príncipe não pode fazer ideia de como são imbecis!

— Bem, bem, mas eu… sempre lhe digo… Eu acho muito bem que os criados sejam, até certo po…onto, imbecis — observou o príncipe, que, como todos os velhos, se punha muito presumido quando o escutavam respeitosamente. — De certa maneira isso fica bem a um criado… a sua digni…dade está mesmo no fato de ser fiel e estúpido. Pelo menos em alguns casos. Isso dá-lhes mais gravi…dade, põe neles uma maior solenidade na cara, imprime-lhes, digamos, certa nota de boa educação, porque eu, a primeira coisa que exijo de todos é boa educação. Para isso, o meu Tieriênti… lembras-te de Tieriênti? Bastou-me pousar-lhe a vista em cima para dizer logo: “Porteiro. Tu serás o meu porteiro”. É fe…no…menalmente estúpido. Mas que imponência, que pomposidade! Que papada a sua, tão fresca e corada! E de gravata branca, e sobretudo com a farda de gala! Causa uma impressão extraordinária! Criei amizade a ele. Quando olho para ele fico extasiado. Tem um ar tão importante, como se estivesse defendendo alguma tese. Digo mesmo, parece Kant, o filósofo alemão ou, para melhor dizer, parece um peru inchado e cevado: é um criado absolutamente *comme il faut*…

Maria Alieksándrovna riu-se com entusiasmo e até bateu palmas. Páviel Alieksándrovitch secundou-a, de bom grado; achava o tio muito divertido. E Nastássia Pietrovna também se riu. E até a própria Zina.

— Mas que humor, que alegria, que espírito o príncipe tem! — exclamou Maria Alieksándrovna. — Que invulgar dom o seu de

reparar nos pormenores mais insignificantes! E desaparece de repente da sociedade e isola-se durante seis anos, entre as suas quatro paredes! Com um talento desses! Mas o senhor até podia escrever livros, príncipe! Havia de deixar na sombra a Fonvízin,[4] a Griboiédov e a Gógol!

— Sim, sim! — disse o príncipe desvanecido. — Eu poderia deixá-los… Olhe, eu, dantes, tinha muito talento. Cheguei até a compor um *vau…de…vi…lle*. E não há dúvida de que pus nele algumas canções de…li…ci…o…sas! É o que lhe digo… Simplesmente, não chegou a representar-se…

— Como seria agradável que nos lesse esse *vaudeville*! E calhava agora tão bem, Zina! Porque, sabe uma coisa, príncipe? Temos em projeto uma representação de amadores… que se destina a um fim patriótico, em benefício dos feridos… Por isso, o seu *vaudeville*… Já pode ver como nos calhava mesmo bem!

— Sem dúvida! Pela minha parte… estou disposto a voltar a escrevê-lo… Simplesmente, como lhe digo, já me esqueceu completamente… Apenas me lembro de que tinha duas ou três piadas que — o príncipe beijou com graça as pontas dos dedos. — E sobretudo no estrangeiro fiz au…tên…tico fu…ror… Ainda me recordo de *Lord* Byron. Éramos amigos íntimos. No Congresso de Viena dançou a *krakoviak* de maneira encantadora.

— *Lord* Byron? Mas o que está dizendo, tio?

— Sim, senhor, *Lord* Byron. Embora possa acontecer que não fosse *Lord* Byron mas outro lorde qualquer. É isso mesmo! Não era *Lord* Byron, não, senhor! Era um po…laco. Agora já me lembro bem. Era um polaco muito extravagante; fazia-se passar por conde; mas depois veio a saber-se que não passava de cozinheiro. Simplesmente, dançava a *krakoviak* de um modo en…can…ta…dor e por fim acabou quebrando uma perna. Eu até lhe fiz uns versos

> O nosso ad…mi…rá…vel po…laco
> Dança a *krakoviak* num calcanhar…

E que mais… que mais? Esqueci-me… infelizmente… do que se

seguia…

> Mas quando quebrou a perna,
> Logo o baile se acabou…

— Sim, devia ser isso, tio! — exclamou Mosliakov, cujo entusiasmo aumentava.

— A mim também me parece que devia ser assim — respondeu o tio — ou, pelo menos, qual…quer coisa parecida. Embora talvez fosse de outra maneira; do que não tenho dúvida é que me saíram muito bem esses versos… mas… esqueceram-me algumas coisas. Isto é devido às minhas múltiplas ocupações…

— Deve ser, príncipe; mas diga-nos: o que fez durante todo este tempo em que viveu na solidão? — perguntou, interessada, Maria Alieksándrovna. — Tenho pensado tanto no senhor, *mon cher prince*, que ardo de impaciência por saber qualquer coisa com mais minúcia…

— Que tenho feito? Olhe, muitas e variadas coisas. Por exemplo: tenho descansado… Mas às vezes dá-me para imaginar uma quantidade de coisas…

— Tem uma grande imaginação, o tio?

— Sim, meu filho, muito grande. Às vezes imagino as coisas com tanta nitidez que até eu próprio me ad…mi…ro. Quando eu estava em Kádniev… *à-propos*… Não eras tu o vice-governador de Kádniev?

— Eu, tio? Não, nunca! Mas que lembrança! — exclamou Páviel Alieksándrovitch.

— Pois imagina, rapaz, que te tenho tomado sempre pelo vice-governador e que dizia cá para comigo: mas como é possível que tenha mudado de cara? Porque aquele a que me refiro tinha uma cara de homem di…gno e es…perto. Um homem muito esperto, que estava sempre fazendo versos a propósito de tudo. De perfil, fazia lembrar um pouco o ás de paus.

— Não, príncipe — interveio Maria Alieksándrovna — afirmo-lhe que, se continua a fazer essa vida, é um homem perdido. Viver cinco

anos enclausurado, sem ver nem ouvir nada do que se passa pelo mundo… É um homem perdido, príncipe! Pergunte a todos aqueles que se interessem pelo senhor e vai ver como todos dizem que é um homem acabado.

— Será possível? — exclamou o príncipe assombrado.

— Afirmo-lhe, príncipe! Acredite que lhe falo como amiga, como irmã. Falo-lhe desta maneira porque lhe tenho amizade, porque a recordação do passado, para mim, é sagrada. E que lucraria eu em lisonjeá-lo? Não, príncipe, acredite-me: deve mudar totalmente o seu modo de vida… Do contrário, adoece, enfraquece e morre…

— Meu Deus? Mas estarei eu para morrer assim tão depressa? — perguntou o príncipe, assustado. — Olhe, a senhora tem razão, estou sofrendo terrivelmente com as minhas he…mor…roidas, sobretudo de algum tempo a esta parte… E quando me dão esses ataques, vêm-me às vezes com uns sintomas as…som…brosos… Hei de descrever-lhos pormenorizadamente… Em primeiro lugar…

— Tio, é melhor deixar isso para outra ocasião! — interveio rapidamente Páviel Alieksándrovitch — porque agora… não acha que já é tempo de nos irmos embora?

— Bem! Então deixemos isto para outra ocasião! Pode ser que não seja in…te…res…sante! Tenho pensado muito sobre isso… Mas, seja como for, é uma doença interes…sante. Tem diferentes fases… Meu filho, lembra-me disto esta noite, que quero descrever-te pormenorizadamente um caso…

— Mas ouça, príncipe: devia tentar curar-se no estrangeiro — voltou a interrompê-lo Maria Alieksándrovna.

— No estrangeiro? Ah, sim! Não tenho outro re…médio senão fazer uma viagem ao es…tran…geiro! Lembro-me de que, quando tinha vinte anos, fiz uma viagem ao estrangeiro e diverti-me lá à grande. Estive quase a casar com uma francesinha, *une viscomtesse*. Eu estava muito apai…xonado por ela e queria consagrar-lhe toda a minha vi…da. Mas, como lhe disse, não me casei com ela, pois um ou…tro a roubou de mim. E, coisa estranha! Bastou que eu me

afastasse dela durante duas horas para que o outro me suplantasse, o tal barão alemão. O desgraçado foi depois parar ao manicômio por uma temporada.

— Mas, *cher prince*, eu apenas disse que o senhor devia cuidar da sua saúde… Como no estrangeiro há médicos tão bons… e, além disso, que significa uma simples mudança de país? O senhor deve decididamente abandonar o seu Dunákovo, pelo menos por algum tempo!

— Per-fei-ta-mente! Já há muito tempo que estou decidido a fazê-lo, e repare: tenho a intenção de submeter-me a um tratamento hi…dropático.

— Hidropático?

— Sim, senhor, hidropático! Já em outra ocasião segui um tratamento hidropático. Estive num balneário. Por sinal que também se encontrava aí uma senhora de Moscou, cujo nome me esqueceu; mas lembro-me de que era uma senhora muito poética, que teria uns setenta anos. Acompanhava-a uma filha sua, de uns cinquenta, viúva e com gota-serena num olho. A filha dizia também quase tudo em ver…so. Depois sofreu um acidente; matou uma das servas que lhe servia de criada e compareceu perante a Jus…tiça. Bem, como estava dizendo, elas lembraram-se de que eu devia experimentar uma cura de águas. Nessa altura, eu não tinha nada de maior. Mas elas insistiram: “Trate-se, trate-se”. Até que, finalmente, por cor…te…sia, comecei também a beber á…água. Disse para comigo: “Pode ser que melhores!”. E toca a beber, e bebi tanto ou tão pouco que meti no bucho uma cas…cata de água, e é para que veja como a hidropatia é uma ótima coisa, a mim fez-me muito bem, de tal maneira que se por fim não tivesse caído doente, agora, palavra de honra, estaria perfeitamente bem de saúde…

— A conclusão não pode ser mais justa, tio. Diga-me: estudou lógica alguma vez?

— Mas que pergunta, Santo Deus! — exclamou Maria Alieksándrovna sem poder conter-se.

— Claro que estudei, filho, claro. Simplesmente, há já algum tempo que… E também estudei fi…lo…sofia na Alemanha, onde segui um curso; simplesmente, como isso já foi há muito tempo, já me esqueci… Mas, como dizia… meteu-me tanto medo com essa doença, que estou muito assustado. Eu já venho.

— Mas aonde vais, príncipe? — exclamou Maria Alieksándrovna, assombrada.

— Venho já… eu já volto… Vou só tomar nota dum pensamento novo… *Au revoir!*

— Olá! O que lhe parece isto? — observou Páviel Alieksándrovitch torcendo-se de riso.

Maria Alieksándrovna acabou por perder a paciência.

— Não compreendo, não posso compreender por que é que ri — exclamou com veemência. — Rir assim de uma pessoa velha e respeitável, de um parente, e zombar de cada uma das suas palavras! E tudo isso apenas porque é bom… Eu coro por sua causa, Páviel Alieksándrovitch. Mas não vai me dizer o que é que lhe acha de tão ridículo? Eu, para dizer a verdade, não lhe acho nada.

— Mas… e isso de ele não conhecer ninguém e dizer tantos disparates?

— Isso é apenas uma consequência da vida horrorosa que tem levado, desses cinco anos de prisão debaixo da tirania dessa mulher infernal. Devia ter pena dele, em vez de fazer chacota! Sobretudo as suas últimas palavras, como costuma dizer-se, bradam aos céus! Ele não me conheceu, nem ao menos a mim. O senhor é testemunha. Repito-lhe que brada aos céus! Devemos fazer o possível por salvá-lo. Eu procurei convencê-lo a fazer essa viagem ao estrangeiro, apenas com a ideia de arrancá-lo das garras dessa bruxa.

— Sabe o que lhe digo? É que devíamos casá-lo, Maria Alieksándrovna — exclamou Páviel Alieksándrovitch.

— Outra vez! O senhor é insuportável, *Monsieur* Mosliakov!

— Nada disso, Maria Alieksándrovna, nada disso. Desta vez falo a sério. Por que é que não acha bem casá-lo? Não é assim uma ideia tão disparatada. *C'est une idée comme une autre*. É capaz de me dizer em que é que o casamento o poderia prejudicar? Pelo contrário, na situação em que se encontra, é o único meio de salvá-lo. Segundo a lei, ainda pode casar. Em primeiro lugar, ia se ver livre dessa malvada bruxa — desculpe a expressão. — E em segundo — e isto é o principal — suponhamos que ele casava com uma jovem solteira, ou melhor ainda, com uma viúva, uma viúva bonita, boa, inteligente e carinhosa, e sobretudo pobre, que tratasse dele como uma filha e soubesse agradecer-lhe por ele a ter feito sua esposa. Que mais poderia ele desejar do que ter a seu lado uma criatura boa e carinhosa, que estivesse sempre junto dele, em vez dessa… megera? É claro que tinha de ser bonita, porque o meu tio jamais gostou das feias. Reparou como ele não tirava os olhos de Zinaída Afanássievna?

— Mas onde havia ele de encontrar uma noiva dessas? — perguntou Nastássia Pietrovna Ziáblova, que o escutava com muita atenção.

— É a própria quem está fazendo a pergunta. Por que não havia a senhora de ser essa noiva? Ora, diga-me: por que não havia a senhora de casar-se com um príncipe? Em primeiro lugar, a senhora, de feia não tem nada… e, além disso, é viúva… Em terceiro lugar, é nobre, e em quarto, também é pobre (porque de rica nada tem) e em quinto e último lugar, porque é uma mulher discreta e, por conseguinte, saberá estimá-lo, manejá-lo como lhe parecer e fazê-lo expulsar do seu lado essa mulher que o domina. Podia levá-lo ao estrangeiro, regalá-lo com doces e guloseimas, como a uma criança, e assim procederia até ao momento em que ele tivesse de deixar este mundo, o que pode acontecer dentro de um ano, ou quem sabe se daqui a dois meses e meio. E então estaria feita princesa, rica, viúva, e poderia depois casar-se com um marquês ou com um intendente-geral. *C'est joli, n'est-ce pas?*

— Oh, isso não há dúvida, mais não fosse por gratidão, havia de gostar dele, se ele casasse comigo! — exclamou a senhora Ziáblova — e os seus olhos pretos e expressivos cintilaram. — Simplesmente, tudo isso não passa de… um gracejo.

— Um gracejo? Mas por que havia de ser um gracejo? Dou-lhe licença para me cortar um dedo se ainda hoje mesmo não ficam os dois comprometidos. Não há coisa mais fácil do que convencer o tio a fazer aquilo que os outros querem. Diz sempre a tudo: “Sim, está bem”. A senhora já deve ter reparado. Por isso, vamos casá-lo sem que ele mesmo saiba o que faz. Podemos enganá-lo sem escrúpulos, uma vez que o fazemos para seu bem… Se a senhora quisesse ir arranjar-se um pouco, Nastássia Pietrovna…

O entusiasmo de Mosliakov degenerou em delírio. E à senhora Ziáblova, de toda a sua discrição… crescia-lhe água na boca.

— Ah, não era preciso o senhor dizer-me que estou vestida de maneira impossível! — acrescentou. — Há muito tempo me esqueci de mim própria e renunciei a todas as esperanças… É verdade que eu pareço… uma cozinheira?

Durante todo este diálogo, Maria Alieksándrovna permaneceu calada e imóvel na sua cadeira, com fisionomia particularmente grave. Não me engano se disser que a estranha proposta de Páviel Alieksándrovitch lhe causou à primeira impressão certo pânico e que, por instantes, a deixou sem saber o que pensar… Por último acabou por se refazer do choque.

— Tudo isso é admirável, mas não deve passar de brincadeira e fantasia, brincadeira que, neste caso, não pode ser mais inoportuna — exclamou, dirigindo-se a Mosliakov.

— Mas, querida Maria Alieksándrovna, por que há de ser uma fantasia e, além disso, inoportuna?

— Por muitas razões, a começar pela de que o senhor está em minha casa, e o príncipe é meu hóspede, e eu não estou disposta a consentir que ninguém deixe de guardar-lhe em minha casa a consideração que lhe é devida. E por isso apenas posso tomar as sua palavras, Páviel Alieksándrovitch, como uma brincadeira. Mas, graças a Deus, aqui está o príncipe.

— Sim, aqui estou eu outra vez! — exclamou o príncipe entrando na sala. — É ex…traordinário, *cher ami*, a quantidade de pensamentos

no…vos que me ocorreram hoje! Em compensação, há ocasiões em que, embora pareça impossível, não me ocorre ne…nhum. Tenho dias em que não me ocorre ne…nhum.

— Provavelmente, tio, isso é uma consequência do acidente do coche. O tombo sacudiu-lhe os nervos e…

— Sim, meu filho; eu também o atribuo a isso, e até me parece que a queda possa ter efeitos cura…tivos. Por isso estou disposto a perdoar a Fieofil. Para te dizer a verdade, não acredito que tivesse atentado contra a minha vida. E tu, que pensas? Além disso, ainda há pouco lhe mandei dar o castigo de lhe raparem a bar…ba.

— Raparem-lhe a barba, tio? Mas se ele tem uma barba tão grande como o reino da Prússia!

— Como o reino da Prússia. Muito bem! Creio que acertasse na tua compara…ção. Simplesmente trata-se de uma barba postiça. E reparem, que casualidade! Acabam de mandar-me um prospecto anunciando que receberam uma nova remessa de barbas do estrangeiro, com muitas barbas para cocheiros e senhores, assim como suiças, bigodes, moscas etc., e tudo de excelente tra…balho e a pre…ço muito razoável. Então eu me lembrei: “Ora vamos a ver como te ficam as barbas postiças”. E encomendei uma barba para cocheiro, pois umas barbas dão sempre um aspecto mais solene. Mas aconteceu que, entretanto, cresceu a Fieofil uma barba natural quase com o dobro do tamanho. Fiquei sem saber o que fazer. Obrigá-lo a tirar a barba natural ou devolver a postiça e deixá-lo com a sua? Depois de pensar muito, optei pela postiça.

— Pensando talvez que a arte está acima da Natureza… não é verdade, tio?

— Precisamente. E como o infeliz sofreu quando lhe raparam as barbas! Até parecia que, com as barbas, perdera também a sua brilhante carreira… Mas não te parece que já é tempo de nos pormos a caminho?

— Quando quiser, tio!

— Suponho, príncipe, que não irá a outro lugar senão à casa do Governador — exclamou Maria Alieksándrovna, excitada. — O senhor, agora, pertence-me a mim, príncipe; é nosso para todo o dia. É claro que nada lhe direi a respeito da boa sociedade desta terra… Talvez queira visitar também Anna Nikoláievna, e… para que ter ilusões?! Além disso tenho a certeza de que, com o tempo, o senhor há de abrir os olhos. Mas não se esqueça de que eu sou a sua hospedeira, a sua irmã, a sua mãe, a sua servidora, e acredite, príncipe: eu temo pelo senhor; o senhor não conhece essa gente, não, não a conhece; no entanto, pelo menos…

— Tenha confiança em mim, Maria Alieksándrovna. Cumprirei o que lhe prometi — disse Mosliakov.

— Ah, sim, eu já o conheço! Confiar no senhor! Príncipe, espero-o ao meio-dia. Aviso-o de que jantamos cedo. Que pena o meu marido estar na chácara! Como ele havia de gostar de vê-lo! Se soubesse o respeito, a amizade que ele sente pelo senhor!

— Seu marido? Mas a senhora também tem marido? — perguntou o príncipe.

— Ah, meu Deus! Mas que fraca memória tem o senhor, príncipe! Já se esqueceu de nós! Mas, a sério, não se recorda do meu marido… Afanássi Matviéievitch? Agora está em suas propriedades; viu-o aqui mais de mil vezes. Seriamente que não se recorda da Afanássi Matviéievitch, príncipe?

— Afanássi Matviéievitch! Diz a senhora que está em suas propriedades. *Mais c'est delicieux!* Então também tem marido! Que casualidade tão no…tável! Isto até parece coisa de *vau…deville*: "Mal o marido saiu, logo…", já não sei como é que continuava. Embora, fosse como fosse, o certo era que a mulher saía também… Sim, senhor, muito engraçado…

— "Mal o marido saiu, logo a mulher saiu também", tio — acrescentou Mosliakov.

— Isso mesmo. É isso. Obrigado, rapaz; é isso… "Saiu também"… *Charmant, charmant!* Assim forma um verso completo. Tu acertas

sempre, rapaz! Bem, e, de toda a maneira, eu ainda me lembrava de que a mulher fazia qualquer coisa. *Charmant, charmant!* Sim, apenas me esquecera desse pormenor… Está bem! Já podemos ir embora. *Au revoir, madame; adieu, ma charmante demoiselle!* — acrescentou o príncipe, fazendo uma reverência a Zina e beijando depois, muito satisfeito, as pontas dos dedos.

— Até à hora do jantar, príncipe! Não se esqueça de estar aqui para o jantar — gritou-lhe ainda Maria Alieksándrovna.

## Capítulo V

— Nastássia Pietrovna, podia dar um pulinho até à cozinha, e ver como aquilo vai? — disse Maria Alieksándrovna, depois de despedir o príncipe. — até me faz doer o coração pensar que esse estúpido Nikita é capaz de estragar a comida! Tenho certeza de que está caindo de bêbado…

Nastássia Pietrovna obedeceu. Quando saiu da sala, deu uma olhada receosa em Maria Alieksándrovna e pôde observar que esta se encontrava num estado de agitação invulgar. Por isso, em vez de ir ver o que fazia o estúpido Nikita, Nastássia Pietrovna atravessou o salão, percorreu rapidamente o corredor em direção ao seu quarto, e daí passou a uma saleta escura, na qual se guardavam alguns baús, dois vestidos velhos dependurados na parede e uma trouxa de roupa suja. Nas pontas dos pés, dirigiu-se para uma porta que estava fechada, conteve a respiração, agachou-se e pôs-se a espreitar pelo buraco da fechadura. Era essa uma das três portas da sala em que nesse momento se encontravam Zina e sua mãe.

Maria Alieksándrovna tem Nastássia Pietrovna na conta de mulher impetuosa mas, em última análise, atarantada. É certo que já por mais de uma vez achou de pensar que a tal Nastássia Pietrovna é muito capaz de pôr-se a escutar por detrás das portas. Mas neste momento Maria Alieksándrovna está tão preocupada com os seus problemas e tão comovida, que não se preocupou com tomar precauções. Está sentada na sua poltrona fofa e olha para a filha com uma expressão séria. Zina sente sobre si esse olhar e começa a

entristecer.

— Zina!

A interpelada volta lentamente o rosto pálido para a mãe e ergue os olhos negros e sonhadores.

— Zina, queria falar-te de um assunto importante…

Zina acaba de voltar-se completamente para sua mãe, junta as mãos, apoia-se no piano e fica na expectativa. No rosto refletem-se aborrecimento e zombaria, embora procure dissimular.

— Zina, diz-me com franqueza, que impressão te deixou hoje Mosliakov?

— Já sabes há muito tempo a opinião que tenho dele — responde Zina de má vontade.

— Sim, *mon enfant*, mas a mim parece-me que a sua… corte começa a aborrecer-te.

— Diz que está apaixonado por mim; por isso é preciso perdoar-lhe a insistência.

— É estranho, dantes não eras tão benévola… para com ele. Pelo contrário, sempre que eu falava nisso, ficavas contra ele…

— Também é estranho que tu, dantes, saísses sempre em sua defesa e sejas agora a primeira a atacá-lo.

— Sim, tens razão, não o nego, Zina. Dantes agradava-me ver-te casada com ele. Custava-me ver-te sempre tão triste, tão pesarosa… tira-me o sono. Estou convencida de que apenas uma mudança radical na tua vida pode salvar-te. E esta mudança não poderia ser outra senão… o casamento. Não somos ricos, e não podemos portanto permitir-nos o luxo de uma viagem ao estrangeiro. Os tolos desta terra espantam-se de que tenhas já vinte e três anos e continues solteira, e, por causa disso, põem mil boatos a correr. Mas hei de dar a tua mão a algum conselheiro da localidade ou a Ivan Ivânovitch, o nosso administrador? Há aqui, porventura, um homem digno de ser teu

marido? Mosliakov é um imbecil, bem sei; mas é preferível aos outros. É de boa família, tem parentes influentes, possui cento e cinquenta almas… o que sempre é melhor do que não ter nada certo e expor-se aos riscos da sorte. Já podes ver por que pensei nele. Mas juro-te, nunca me inspirou grande simpatia. Tenho certeza de que o Senhor Todo-Poderoso me susteve. E agora que Deus te depara qualquer coisa de melhor… Oh! Ainda bem que não lhe deste o sim! Sim, suponho que não te comprometeste hoje com ele…

— Para que toda essa dissimulação, se podes dizer o que desejas, em poucas palavras? — exclamou Zina, irritada.

— Dissimulação, Zina, dissimulação? É possível que apliques essa palavra a tua mãe? Tudo quanto digo é útil. Já faz algum tempo não acreditas no que te digo. Olhas-me como inimiga e não como mãe.

— Basta, mãezinha! Não vamos agora discutir por causa de uma palavra! Será possível que não nos entendamos? Julguei que tínhamos tempo de sobra para nos conhecermos.

— Ofendes-me, minha filhinha! Não achas que eu estou pronta para todos os sacrifícios, contanto que assegure o teu futuro?

Zina olhou para a mãe com olhos de enfado e de troça.

— Pensas talvez casar-me com esse príncipe para assegurar meu futuro? — perguntou-lhe com um sorriso estranho.

— Não disse nada disso, filha; mas já que trouxeste o assunto à baila, não te esconderei que poderias considerar-te verdadeiramente feliz, se casasses com o príncipe.

— Pois a mim parece-me isso simplesmente uma loucura — exclamou Zina com veemência. — Uma autêntica loucura. E parece-me também, mãezinha, que dás mostras de possuir demasiada imaginação, que és, em toda a acepção da palavra, uma verdadeira poetisa. Já há quem assim te chame. Estás sempre com projetos às voltas. Projetos de que não desistes nem pela sua impossibilidade nem pelo seu caráter despropositado. Ainda há pouco, quando o príncipe estava aqui sentado, eu supunha o que tu tramavas. E quando

Mosliakov dizia aqueles disparates e punha em relevo a necessidade de salvar o príncipe, eu lia no teu rosto os teus pensamentos. Sou capaz de apostar como nesse momento pensavas naquilo que agora acabas de propor-me. Simplesmente, como sucede que eu acabei por ganhar antipatia pelos planos que fazes a respeito da minha modesta pessoa, e que servem unicamente para me afligir, peço-te não me tornes a falar mais de nenhum projeto, estás ouvindo, mãezinha? Nem mais uma palavra acerca disso, agradeço-te que assim o faças — acrescentou, e até lhe faltava a respiração, de tão excitada.

— És uma criança, Zina; uma criança irritável e doente — respondeu Maria Alieksándrovna com voz comovida, na qual parecia tremerem lágrimas. — Falas-me mal educadamente, ofendes-me. Nenhuma mãe suportaria o que todos os dias suporto de ti. Mas estás excitada, doente, sofres, e sou tua mãe, e acima de tudo, cristã. Devo sofrer e perdoar. Mas, uma palavra, Zina: se eu tivesse pensado verdadeiramente nesse casamento… por que havia ele de parecer-te uma loucura? Parece-me que nunca Mosliakov disse nada de tão ajuizado como isso… de que o príncipe devia casar, embora, evidentemente, que não com essa desmazelada da Nastássia. Nisso, é claro, não foi ele nada esperto.

— Escuta, mamãe, diz-me francamente: fazes todas essas perguntas apenas por curiosidade ou com alguma intenção?

— Eu, minha filha me limito a perguntar-te: por que te parece isso uma loucura?

— Ah, é verdadeiramente horrível que desejem essa sorte para uma pessoa! — exclamou Zina, indignada, e batendo levemente no chão com o pé, impaciente. — Bem, pois vou dizer-te por que. Não falando já com todas as outras tolices… isso de explorar a caduquice dum velho, enganá-lo e casar esse pobre palerma, apenas com o fim de apanhar-lhe o dinheiro, para estar depois todos os dias a desejar-lhe a morte a todos os instantes, parece-me não só um absurdo como uma tal malvadez, que de maneira nenhuma poderia felicitar-te por te ter ocorrido semelhante ideia, mamãe.

Houve um minuto de silêncio.

— Zina! Já te esqueceste do que aconteceu há dois anos?

Zina encolheu os ombros.

— *Mamacha!* — exclamou depois com voz severa. — Tu prometeste solenemente nunca mais me falar nisso.

— E não menos solenemente te peço agora, minha filha, que me deixes faltar à promessa, que até hoje não quebrei nunca, nem uma só vez. Já é tempo de falarmos as duas com absoluta franqueza. Estes dois anos de silêncio tem sido terríveis. Não podemos continuar assim… Estou disposta a pedir-te de joelhos; deixa-me desabafar ao menos uma vez. Olha, Zina, é de joelhos que a tua mãe pede! E dou-te solenemente a minha palavra de honra… a palavra de uma mãe desventurada, que adora a sua filha, de que nunca mais, de modo algum e em caso nenhum, mesmo que se tratasse da salvação da minha vida, voltarei a falar-te destas coisas. Será esta a última vez que o faço… Mas desta vez não tenho outro remédio senão fazê-lo.

Maria Alieksándrovna esperava um êxito total destas palavras.

— Fala! — disse Zina, que tinha empalidecido visivelmente.

— Obrigada, Zina. Há dois anos que um jovem professor veio dar lições a teu falecido irmão…

— Mas para que é preciso essa introdução tão solene, mamãe? Para que toda essa eloquência, todos esses pormenores, que não são precisos para nada, que apenas servem para afligir uma pessoa e que as duas conhecemos de sobra? — atalhou Zina, colérica e como que repugnada.

— É porque eu, a tua mãe, sinto-me obrigada a justificar-me perante ti, minha filha. Além disso quero mostrar-te o caso de um ponto de vista completamente diferente desse outro, tão falso, do qual costumas apreciá-lo. E em último lugar, para que compreendas as conclusões que desejo tirar daí. Não acredites, minha filha, que eu quero brincar com o teu coração; não, Zina; tu deves ver em mim uma verdadeira mãe, que sempre hei de ser para ti, e quem sabe se, arrasada em pranto, não te arrojarás um dia aos meus pés, aos pés da

“mulher cruel”. Conforme acabas de chamar-me, implorando essa reconciliação que tão teimosamente, até ao dia de hoje, me tens negado. Por isso queria dizer-te tudo, Zina; fazer-te a história de tudo, desde o princípio. Senão, prefiro não dizer nada.

— Fala! — repetiu-lhe Zina.

— Está bem, Zina. Continuarei então… Pois, como ia dizendo… esse professor da escola do distrito, que era ainda quase um adolescente, produziu em ti uma impressão que me era completamente incompreensível. Eu confiava demasiado no teu talento, no teu nobre orgulho e, sobretudo, na sua insignificância — é preciso dizer tudo — para poder suspeitar que entre vocês existia qualquer coisa. E eis que, de repente, me apareces um dia, muito decidida, dizendo que pensavas em casar com ele! Zina, isso foi o mesmo que dar-me uma punhalada no coração! Soltei um grito e perdi os sentidos. Mas… deves lembrar-te disso, com certeza. Pensando depois no caso, entendi que devia pôr em jogo todo o meu poder, que tu qualificaste então de tirania. Mas repara, minha filha: como pensar que poderia ser teu marido, o marido de Zinaída Moskaliova, um rapazinho, filho dum *pope*, que apenas conta com doze rublos de ordenado, autor de uns versos lamentáveis, que por pura piedade lhe publicam na *Biblioteca da Ilustração*, e que apenas sabe falar desse malvado Shakespeare! Isso era simplesmente impossível. Perdoa, Zina, mas só de recordá-lo fico fora de mim. De maneira que fui e afastei-o de ti. Mas a ti não houve poder no mundo que te contivesse. Teu pai não fazia senão pestanejar e fazer trejeitos, e nem sequer entendeu o que lhe disse. Mas teimaste em não prescindir do teu menino, viam-te com ele, às escondidas, e, o que era pior, começaste a cartear-te com ele. Pela cidade não tardaram a espalhar-se boatos. Toda a gente começava com piadas. Todos estavam contentes, todos faziam comentários e, de repente, todas as minhas profecias se cumpriram. Ralhaste com o rapazinho e ele portou-se como uma criatura indigna… como um canalha, que não merecia o nome de homem. Ameaçou tornar públicas as tuas cartas. Essa ameaça provocou-te tal indignação que não te pudeste conter e o esbofeteaste. Sim, minha filha, até esse pormenor conheço. Sei tudo, tudo, tudo. O infeliz mostrou nesse mesmo dia uma tua carta a esse patife de Sancin e,

passada uma hora, já a carta estava nas mãos de Natália Dimítrievna, a minha mortal inimiga. Nessa mesma noite, esse louco, arrependido, tentou suicidar-se, tomando veneno. Em resumo: era de esperar um escândalo horrível. Essa enxovalhada da Nastássia, apareceu-me então muito assustada com a tremenda notícia de que a carta se encontrava havia uma hora em poder de Natália Dimítrievna; uma hora mais e ninguém desconheceria na terra a tua desonra. Fiz um esforço sobre mim mesma para não desmaiar… Mas que golpes tão dolorosos, Zina, os que descarregaste sobre meu coração! Essa insolente e descarada Nastássia teve o atrevimento de pedir pela carta duzentos rublos a pronto pagamento, prometendo, em troca, devolvê-la. E aí vou eu sozinha, correndo de chinelas sobre a neve, para ir empenhar ao judeu Bumstein o meu adereço, recordação de minha mãe, que Deus tenha em sua glória… Às duas horas já a carta está em meu poder. Nastássia tinha-a roubado, quebrando a caixinha onde a guardavam. A prova estava destruída, a tua honra salva. Mas que angústias me fizeste passar nesses dias, Zina! No dia seguinte pude ver, pela primeira vez na minha vida, que tinha o cabelo salpicado de branco, Zina. Já sabes agora o conceito que deves fazer desse rapaz. Hás de reconhecer, talvez com um sorriso amargo, que teria sido uma loucura unir o teu destino ao dele. Mas desde então, minha filha, nunca mais deixaste de sofrer; não podes esquecê-lo; ou, para melhor dizer, não é a ele que tu não podes esquecer — pois sempre foi indigno de ti — mas ao fantasma da tua felicidade de um dia. Esse desgraçado está hoje às portas da morte, dizem que está tuberculoso; mas tu, que és boa como um anjo, não queres casar-te enquanto ele for vivo, para não ferir o seu coração, pois o infeliz atormenta-se com ciúmes, embora eu esteja convencida de que nunca te quis com um amor profundo e nobre. Consta-me que desde que soube que Mosliakov te corteja, anda por aí bisbilhotando, espiando e fazendo perguntas a toda gente. Tu perdoas-lhe, minha filha, adivinho-o, e só Deus sabe as lágrimas tão amargas com que tenho regado os travesseiros do meu leito…

— Deixa-te disso, mamãe! — interrompeu-a Zina, numa expressão de sofrimento insuportável. — Isso dos travesseiros do teu leito era muito preciso, não é verdade? — acrescentou ironicamente. — Mas não serás capaz de falar com simplicidade, sem adotar esse tom declamatório?

— Tu não me acreditas, Zina. Não me olhes com esses olhos tão hostis, minha filha! Nestes dois anos tenho tido sempre os meus úmidos de pranto, embora te oculte as minhas lágrimas, e juro-te que durante este tempo sofri uma grande transformação. Há muito que me apercebi dos teus sentimentos e confesso-te que foi agora que pude medir pela primeira vez toda a grandeza da tua dor. Mereço eu censuras, minha filha, por ter considerado esse amor como uma pieguice romântica que te meteu na cabeça esse malvado Shakespeare, esse estúpido que está sempre a meter o nariz onde não é chamado? Que mãe de família me teria condenado pelo medo e pelas precauções que o receio me fez tomar, ou pela severidade da minha opinião? Mas agora, agora que tenho assistido ao espetáculo da tua dor durante dois anos seguidos, compreendo e sei apreciar devidamente os teus pensamentos. Acredita-me pode ser que eu te compreenda melhor agora, do que tu te compreendes a ti própria. Estou convencida de que não amas esse rapazinho mas sim os teus sonhos dourados, as tuas ilusões perdidas, o teu ideal sublime. Também eu amei um dia e talvez mais apaixonadamente do que tu. Também tenho sofrido. Também acariciei o meu ideal. E haverá alguém que possa condenar-me por isso? E, principalmente, poderá condenar-me por considerar o teu casamento com o príncipe o melhor que tu, na tua atual situação, podes e deves fazer?

Zina escutou assombrada este longo discurso, pois sabia que a mãe não adotaria este tom sem um motivo. Mas a última e inesperada conclusão acabou de pô-la fora de si.

— Pelo que vejo, pensaste a sério casar-me com o príncipe! — exclamou, assombrada, e olhou cheia de medo para a mãe. — Então não se trata apenas de sonhos, projetos, mas… de uma decisão? Quer dizer que adivinhei! E… em que sentido esse casamento me salvaria e por que razão é necessário? E… que tem isso a ver com tudo que disseste? Com toda essa história? Afirmo-te que não te compreendo, mamãe!

— Pois muito me espanta que não possas compreender-me, *mon ange* — exclamou Maria Alieksándrovna que, por sua vez, se ia exaltando. — Numa palavra, trata-se disto: é que assim poderias introduzir-te noutra sociedade, noutro mundo. Deixar para sempre

esta terra repelente e para ti cheia de recordações odiosas, na qual não tens nem uma amiga nem um amigo, onde és caluniada e onde todas as alcoviteiras te têm aversão por causa da tua beleza. Ainda esta primavera poderias viajar pela Itália, pela Suíça, pela Espanha, Zina, a Espanha onde existem a Alhambra e o Guadalquivir, e não este miserável riacho que corre por aqui, e que tem com certeza um nome pouco decente…

— Mas com licença, mamãe, estás falando como se eu já estivesse casada, ou, pelo menos, como se o príncipe tivesse pedido a minha mão.

— Deixa-me, minha adorada, que sei muito bem o que estou dizendo. O primeiro ponto já discutimos, agora entremos no segundo. Compreendo muito bem, querida, a repugnância com que poderias ceder a tua mão a Mosliakov…

— Não preciso dessa tua observação para saber que nunca, jamais casaria com ele — atalhou Zina com veemência e seus olhos lançaram chispas.

— E se soubesses como compreendo a tua aversão! É horrível, minha filha, jurar amor a um homem que não se ama. É mais do que terrível ser de quem não apreciamos. Mas ele reclama o teu amor; casaria contigo, só por ti: leio nos olhos com que olha para ti, quando tu não o estás vendo. E depois, uma mulher tem de expiar os seus erros… O que eu tive de sofrer nos meus vinte cinco anos de casada! O teu pai é que foi o causador da minha infelicidade. Posso dizer que sugou toda a minha juventude! Quantas vezes não me viste tu chorar.

— O papai está muito tranquilo nas suas terras; peço-te que o deixes em paz — disse Zina.

— Sim, já sei, tu o defendes sempre. Ah, Zina, se visses como o coração me queria saltar quando… por pura conveniência, queria ver-te casada com Mosliakov! Em compensação, com o príncipe seria outra coisa. É claro que não poderás amá-lo… Disso nem vale a pena falar… Nem ele tampouco tem a pretensão de que tu o ames…

— Meu Deus, que absurdo! Mas digo-te que estás completamente

enganada, que partes de um princípio falso. Hás de compreender que eu não quererei sacrificar-me, sem saber ao menos com que fim. Não quero casar com ninguém, quero continuar solteira. Há dois anos me assedias, positivamente, só por eu não querer casar. Mas hás de acabar por te cansares. De mim não conseguirás nada nesse sentido. Não quero casar e basta. Não casarei.

— Mas, meu amor, não tomes uma atitude dessas, Zina, pelo amor de Deus, antes de me ouvires. Jesus, como és teimosa! Consente que te explique o caso segundo o meu ponto de vista, e verás como me hás de dar razão. Pode ser que afinal não lhe reste nem sequer uma ano de vida, ou lhe restem dois, no máximo, e penso que mais vale ser viúva do que ficar solteira; isso para não falar em que, depois da sua morte… te verias feita princesa, rica, livre e independente. Tu, minha filha, talvez olhes com desdém todos estes cálculos… cálculos que se baseiam na sua morte próxima. Mas eu sou tua mãe e haveria alguma mãe que se atrevesse a censurar-me pelas minhas previsões? E em último lugar, diz-me, meu anjo, minha boa filha: tens assim uma tal piedade por esse rapaz, que serias capaz de permanecer solteira, enquanto for vivo? Penso que se… Mas pensa bem, minha filha. Toma em consideração que, se casares com o príncipe, ressuscitas o pobre espiritualmente, proporcionas-lhe uma grande alegria. Desde que tenha um átomo de juízo, esse rapaz deverá compreender que não pode ter ciúmes dum príncipe, seria ridículo. Será obrigado a reconhecer que casas por conveniência e, por conseguinte, forçada. E compreenderá, finalmente, que no dia em que o príncipe morrer, podes casar de novo… se quiseres…

— Em resumo, eis o que tudo isso significa: “Casa com o príncipe, apanha-lhe o dinheiro, espera que morra e depois casa com o teu noivo”. Como sabes dispor bem as coisas! Procuras seduzir-me com essa proposta… Bem te compreendo, mamãe. Oh, se te compreendo! Nunca podes deixar de fazer intervir sentimentos nobres, mesmo na circunstância mais vergonhosa. Por que não disseste simplesmente: “Olha, Zina, é uma vergonha, mas é vantajoso para ti e deves aceitar”? Dessa maneira, pelo menos, terias procedido com sinceridade.

— Mas, minha filha, por que teimas em encarar as coisas desse ponto de vista? Do ponto de vista da astúcia e da cobiça que me

atribuis? Então os meus planos parecem-te algo de escandaloso, um logro premeditado?: Mas, em nome de todos os santos do céu, quererás dizer-me onde está aqui a vergonha, onde está o logro? Vai ao espelho e olha-te: és tão bonita que mereces um império. E serias tu, tu, sendo assim tão bela, quem iria sacrificar a um velho os melhores anos da tua vida, iluminar com os fulgores dum astro maravilhoso o ocaso da sua existência, e abraçar-te, como a hera, à sua velhice; mas não como essa velhaca que o enfeitiçou e lhe está sugando a seiva que lhe resta. Por acaso seu dinheiro ou seu título valem verdadeiramente mais do que tu? Onde estão o logro e a vergonha? Não sabes o que dizes, Zina.

— Evidentemente valem mais do que eu, pois queres que eu case com ele a todo custo. O ludíbrio é sempre ludíbrio, sejam quais forem os seus fins.

— Pelo contrário, minha filha, pelo contrário. Um ludíbrio como esse pode justificar-se até num ponto de vista elevadíssimo, num ponto de vista cristão, minha filha. Tu própria me disseste um dia, num acesso de loucura, que desejavas ser irmã de caridade. O teu coração, nessa altura, estava magoado, mas agora está empedernido. Disseste — bem sei — que já não podias gostar de mais ninguém. Mas se já não crês no amor, volta os teus sentimentos para outro objeto mais elevado; faz isso sinceramente, como uma filha, põe toda a tua fé na santidade da tua missão… e verás como o Senhor te abençoa. Também esse velho tem sofrido, também é infeliz, também sofre perseguição. Há muitos anos o conheço e sempre me inspirou estranha simpatia, algo como um amor, como se o coração me deixasse adivinhar alguma coisa. Sê para ele uma amiga, uma filha… até o seu brinquedo… para dizer tudo. Mas aquece-lhe o coração, faz isso pelo amor de Deus e pela virtude. Não penses que é ridículo. Já não é senão a metade de um homem… é certo, mas tem piedade dele, pois para isso és cristã. Domina-te a ti própria; que, ações como essa, só dominando-te, poderás realizar. Parece-nos difícil tratar feridas nos hospitais, aspirar o mau cheiro dos lazaretos. Pois há anjos de Deus que fazem tudo isso e, ainda por cima, dão graças a Deus por lhes ter dado essa vocação. Acredita, isto seria um bálsamo para o teu coração ferido… uma ocupação para a tua vida, um ato sublime, e verias como

as tuas feridas cicatrizavam. Onde estão o egoísmo e a vergonha? Mas não acreditas no que te digo. Talvez penses que me engano ao falar de deveres e de grandes ações. Não podes compreender que eu, pobre mulher frívola e mundana, tenha coração, sentimentos e moral. Bem, pois não me acredites, ofende a tua mãe: mas confessa, pelo menos, que as suas palavras são razoáveis. Se quiseres, supõe que não sou eu quem fala, mas outra pessoa qualquer. Fecha os olhos, volta-me as costas e imagina que é outra a voz que ouves… Enganas-te, se pensares que, aqui, o que se procura é apanhar dinheiro como num ato de compra e venda. Nada disso, minha filha. Mas em todo caso, prescinde do dinheiro, renuncia a ele e dá-o todo aos pobres. Serve-te dele para que lhe seja útil, a esse infeliz rapaz, no seu leito de morte.

— Não aceitaria nenhuma ajuda — disse Zina em voz baixa, como se falasse consigo mesma.

— Ele, não, mas a mãe era capaz de aceitar — acrescentou triunfantemente Maria Alieksándrovna. — A mãe aceitaria às escondidas. Vendeste os brincos que a tia te ofereceu para o socorrer, haverá meio ano. Estou a par de tudo. Sei também que a velha lava roupa para fora, para que o seu pobre filho não morra de fome.

— Bem depressa não precisará mais fazer isso!

— Já sei a que te referes — atalhou imediatamente Maria Alieksándrovna, tomada de verdadeiro entusiasmo, pois lhe ocorrera uma ideia genial. — Já vais perceber aquilo que eu quero dizer. Dizem que esse infeliz está tuberculoso e não tardará a morrer. Mas quem sabe lá? Há dois dias mandei perguntar a Kalist Stanislávitch pelo verdadeiro estado do rapaz; já vês como me interesso por ele, pois tenho coração, Zina. Kalist Stanislávitch mandou-me dizer que a doença é de algum cuidado, sim, mas que o médico está convencido de que não pode ser tuberculose e sim… uma doença do peito, de certa gravidade. Tu própria podes ir perguntar-lhe se isto é ou não verdade. E o próprio Kalist Stanislávitch me afirmou estar o médico convencido de que, se o rapaz pudesse levar outro gênero de vida, sobretudo mudar de ares e de impressões, seria muito fácil curar-se. Disse-me que na Espanha — já antes ouvi falar disso e li obras que falam disso — há uma ilha, creio que se chama Madeira — seja como

for, tem o nome dum vinho — na qual os doentes do peito se curam, e até os que estão verdadeiramente tuberculosos. Muitos vão para esse lugar apenas com o fim de se curarem nesse clima benigno. Claro que, na maioria são príncipes, e também comerciantes, enfim, gente rica. Só por si essa Alhambra, com as suas murtas e os seus limoeiros, e esses espanhóis montados em mulas… Tudo isso deve provocar uma grande impressão num espírito poético! Acreditas verdadeiramente que ele não aceitaria o teu dinheiro, a tua proteção, para uma viagem destas? Pois se ele te inspira tanta compaixão, engana-o! Um engano é perdoável, quando se trata de salvar com ele a vida do próximo. Dá-lhe esperanças, promete amá-lo, diz-lhe que depois de viúva serás sua mulher. Podes dizer-lhe tudo isso de maneira delicada e nobre. A tua mãe não poderia aconselhar-te nada de mau, Zina. Farias isto para salvar a sua vida, e para este fim tudo é lícito! Essa esperança vai lhe infundir uma nova vida, vai levá-lo a cuidar mais da sua saúde, a tomar remédios e a seguir as prescrições do médico. Procurará a cura para poder gozar da prometida felicidade. E, se ficar bom, claro que nem por isso vais casar com ele; mas, adiantará qualquer coisa o fato de ter recuperado a saúde. Seja como for, fica devendo a ti a salvação. Em última análise, ele também é digno de piedade. Talvez tenha conseguido melhor situação e, se for verdadeiramente digno de ti, não haverá inconveniente em que, com o tempo, venhas a casar com ele. Se ficar completamente bom, poderás arranjar-lhe uma posição, na alta sociedade, ajudá-lo a construir um futuro. E então esse casamento seria mais perdoável do que agora, pois, presentemente, seria completamente impossível. Que vos esperaria se teimásseis em casar à força? Evidentemente o desprezo geral, a pobreza, a algazarra das crianças da escola metida nos ouvidos — porque isto faz parte da sua profissão — leituras de Shakespeare em comum, passar toda a santa vida em Mordássov e, como remate, a sua morte inevitável, prematura. Ao passo que, de outra maneira, digo-te que podes oferecer-lhe a possibilidade de ressuscitar, de certo modo, de entre os mortos, para passar a viver uma vida útil. Perdoando-lhe… obrigando-o a idolatrar-te. Aflige-o a sua vergonhosa tentativa de vingança. Mas se agora lhe mostrares a perspectiva duma vida nova e lhe deres o teu perdão, vais ver como o reanimas com essa esperança e o reconcilias consigo próprio. Pode entrar para o serviço do Estado e alcançar até títulos e honras. E, supondo que não fique bom, pelo menos morrerá

feliz, reconciliado contigo também, à sombra das murtas e dos limoeiros, debaixo de um céu exótico. Oh, Zina! Tudo isso está nas tuas mãos! Tudo isso poderás alcançá-lo… desde que cases com o príncipe!

Maria Alieksándrovna deu por terminado o seu discurso. Seguiu-se um longo silêncio. Uma agitação indescritível apoderara-se de Zina.

Não tentemos explicar os sentimentos de Zina que, por outro lado, também não conseguimos adivinhar. Parecia que Maria Alieksándrovna acertara o verdadeiro caminho para chegar ao coração de sua filha. Sem saber o que se passava no íntimo de Zina, a princípio fez todo o possível para adivinhá-lo, até que, finalmente, deu com o verdadeiro caminho. Feriu sem consideração alguma as fibras mais sensíveis desse coração e, naturalmente, não pôde, segundo o seu costume, prescindir de invocar nobres sentimentos, apesar de saber de antemão que, com isso, não enganaria a filha.

"Mas, para que serve isto tudo? — pensou Maria Alieksándrovna. — Ela não me acreditará. Ainda bem que lhe dei um motivo para refletir. Se eu pudesse dar-lhe a entender, de um modo discreto, aquilo que não posso dizer-lhe francamente…"

Com esses pensamentos tendia ela para o seu fim e conseguiu-o. Zina acabou por escutá-la com grande atenção: tinha as faces afogueadas e respirava agitada.

— Olha, *mamacha* — disse-lhe por fim, resoluta, embora a palidez mortal do seu rosto mostrasse claramente o que aquela resolução lhe custava. — Olha, *mamacha*…

Nesse momento crítico as palavras de Zina foram cortadas por um ruído no vestíbulo e por uma voz aguda e desagradável perguntando por Maria Alieksándrovna. Esta, assustada, deu um estremeção.

— Ah, meu Deus! — exclamou. — É o diabo que me manda essa importuna! Mas se ainda há duas semanas eu quase a pus na rua! Que se há de fazer, meu Deus! Não, não tenho outro remédio senão recebê-la! Com certeza traz novidades, do contrário não se atreveria a apresentar-se em minha casa. Deve tratar-se de qualquer coisa muito

importante, Zina. Não tenho outro remédio senão inteirar-me. Não devo deixar escapar nada. Mas de maneira nenhuma, minha amiga! Como lhe agradeço a sua visita! — exclamou afetuosamente saindo a receber a coronela, que entrava. — Como estou contente por se ter lembrado de mim, minha querida Sófia Pietrovna! Que surpresa agradável.

Zina saiu da sala.

## Capítulo VI

Em questões de inteligência, Sófia Pietrovna Karpúkhina, mulher dum coronel, apenas podia comparar-se a uma gralha. Fisicamente mais parecia com um pardal. Pequenina, uns cinquenta anos, olhos agudos e penetrantes, cara toda coberta de borbulhas e de sardas amareladas. O corpo diminuto e mirrado, sobre duas perninhas de pardal, finas e firmes, estava embrulhado num vestido de seda escuro, que fazia um ruído constante, pois a dona não podia sossegar um momento. Essa coronela era uma mexeriqueira das piores e vingativa. O fato de ser coronela de tal modo a transtornara que acabou por perder o juízo. Estava quase sempre em pé de guerra com seu marido, o coronel, e não poucas vezes o infeliz saía dessas rixas com o rosto feito um mapa, por causa dos arranhões da cara-metade. Além de tudo isto, tinha a boa senhora o costume de quebrar o jejum, todas as manhãs, com quatro copinhos de vodca, ração repetida à noite e, finalmente, sentia um ódio quase de louco por Anna Nikoláievna Antípova, que havia uma semana a expulsara de casa, e por Natália Dimítrievna Karpúkhina, participante do fato.

— Vim apenas por um momento, *mon ange* — começou, com voz estridente. — Não tenciono sequer sentar-me. Queria apenas comunicar-lhe a grande novidade da terra. Todos andam meio loucos, e tudo por causa desse infeliz príncipe. As nossas comadres, *vous comprenez*, perseguem-no, a deitar-lhe o anzol: disputam-no, arrancam-no das mãos umas das outras, puxam por ele, oferecem-lhe champanhe… Talvez não acredite… Não, realmente é inacreditável. Mas como teve coragem de o deixar escapar? Sabe onde ele se encontra neste momento? Em casa de Natália Dimítrievna.

— De Natália Dimítrievna! — exclamou Maria Alieksándrovna tendo um estremecimento que a fez saltar da poltrona. — Mas se ele saiu apenas para ir fazer uma visita ao governador, ou quando muito, também a Anna Nikoláievna, mas apenas por um momentinho!

— Um momentinho! Sim, sim! Agora há de ver-se doida para lhe deitar outra vez a mão! De fato ele foi ver o governador, mas não o encontrou em casa e daí foi visitar Anna Nikoláievna, à qual deu a palavra de que jantará com ela esta tarde; mas Natália, que estava lá, apressou-se logo a convidá-lo para almoçar! E é lá que ele se acha neste momento!

— Mas como?! E Mosliakov que me prometera…

— Mosliakov! Um grande velhaco esse Mosliakov! Ela se arranja! Esse também bateu asas! Dê graças a Deus por ele não ter ido à casa de apostas jogar todo o dinheiro, como o ano passado. E o príncipe também tomará parte no jogo e acabará depenado! E que mexeriqueira a tal Natália! Anda dizendo a todos, em alto gritos, que você queria apoderar-se do príncipe, com esta e mais aquela intenção… *Vous comprenez?* E foi o que ela disse a ele mesmo. O pobre príncipe, é claro, nada percebe: está ali sentadinho como um cão que acaba de sair da água e diz a tudo que sim. Estamos vendo quão manhosa é essa Natacha! Apresentou imediatamente ao príncipe a sua Sonhka… Imagine, uma garota de quinze anos, ainda de saias curtas! De vestido pelos joelhos, não é preciso dizer mais nada! E mandou chamar também Machka, a órfã, que não se fez de rogada para se apresentar também com a saia por cima dos joelhos… Vi com as minhas lunetas… Puseram-lhes na cabeça um gorrinho vermelho com umas plumas… não sei o que aquilo queria dizer… E assim, meio nuas como estavam, puseram-se a dançar a *kasatchok* para o príncipe! Já sabe qual é o fraco do príncipe e não é preciso dizer-lhe que… ele até se babava… “Que formas — dizia — que formas!” e olhava-as de cima abaixo com as lunetas… e elas, todas presumidas. As duas, muito excitadas, escarranchavam as pernas de uma maneira que nem quero dizer-lhe… Uma bonita dança! Já houve tempo em que eu também dancei, com um xale nos ombros, quando saí da pensão de meninas de *Madame* Jarnies… e causei uma impressão verdadeiramente aristocrática. Até senadores me aplaudiram. Ali só se educavam filhas

de príncipes e de condes. Mas isso que dançaram hoje estas pequenas era simplesmente o cancã. Eu morria de vergonha. É como lhe digo, morria! Numa palavra, não pude olhar para aquilo nem mais um minuto!

— Também esteve em casa de Natália Dimítrievna? Mas se…

— Sim, bem sei que há uma semana que ela me desconsiderou. Não nego. Mas, *ma chère*, eu queria ver esse príncipe, ainda que só pela frincha da porta; por isso decidi apresentar-me em sua casa. Se não fosse assim, onde é que podia vê-lo? Teria eu posto ali os pés, se não fosse por causa desse endemoninhado príncipe? Repare nisto: ofereceram chocolate a todos menos a mim. E ela, durante todo esse tempo, nem sequer se dignou dirigir-me a palavra. Fez isso intencionalmente… aquela linguaruda. Há de pagar! Mas, *adieu, mon ange*, que estou com muita, muita pressa… Ainda tenho de ir ver Akulina Pantílovna para lhe contar… Bem, pode dizer adeus ao príncipe. Nunca mais lhe porá a vista em cima! Ainda mais com aquela falta de memória… e com as artimanhas que saberá urdir Anna Nikoláievna para o não deixar fugir! Ali todos têm medo que você… *Vous comprenez?* Claro que por causa de Zina.

— *Quelle horreur!*

— Pode acreditar no que lhe digo! Na terra não se fala de outra coisa! Não há dúvida de que Anna Nikoláievna o vai reter para o sentar à mesa, e depois, está claro, ficará com ele para sempre. Ela faz tudo isso para fazê-la sofrer, *mon ange*. Por uma abertura da cerca dei uma olhada no pátio. Se visse que barulho, que azáfama! Na cozinha não pararam um momento de meter coisas no forno e de trinchar animais… Não lhe digo mais nada, até mandaram buscar champanhe! Não se deixe ficar, minha amiga, apareça, quando ele vier à sua casa, deite-lhe o anzol e não o deixe fugir. Ele dera-lhe a palavra, primeiro do que a mais ninguém! É seu hóspede e não de Anna Nikoláievna! E pode ter a certeza de que essa ordinária, essa matreira faz isto unicamente para nos dar uma decepção. Aquela parva, lá por ser mulher do administrador, não me chega nem aos calcanhares! Porque se ela é administradora, eu sou coronela! Eu fui educada na pensão aristocrática de *Madame* Jarnies… *Mais adieu, mon ange!* O meu trenó

está à espera, senão, ficaria a fazer-lhe companhia…

E o jornal ambulante desapareceu. Maria Alieksándrovna tremia, de nervosa. O conselho que a alcoviteira acabava de dar-lhe não podia ser mais simples e mais prático. Não tinha tempo a perder. Tratava-se apenas de resolver previamente a maior dificuldade. Maria Alieksándrovna dirigiu-se como um furacão para o aposento da filha.

Zina passeava pelo quarto, de braços cruzados, cabisbaixa, pálida e nervosa, olhos de quem chorou. O olhar que deitou à mãe denotava decisão. Reprimiu imediatamente as lágrimas e nos lábios assomou-lhe um sorriso sarcástico.

— Mamãe, — disse, antes que a mãe começasse a falar — gastaste comigo palavras demasiadas. Mas não conseguiste atirar-me poeira aos olhos. Já não sou uma garota. Querer fazer-me ver que eu, neste caso, faria o papel de uma irmã de caridade, para o qual não sinto a menor vocação, e pretender justificar uma ação vil com um fim nobre… isso é jesuitismo puro, e a mim não me podes enganar. Sim, a mim não me enganas com as tuas manhas, é preciso que não o esqueças.

— Mas, *mon ange*! — exclamou Maria Alieksándrovna com certa angústia.

— Ouve-me até ao fim, mamãe — continuou Zina. — Apesar de saber muito bem que tudo isso não é mais do que jesuitismo e de estar plenamente convencida da indiscutível baixeza dessa manobra… apesar de tudo isso, aceito em todos os pontos a tua proposta, estás ouvindo? — em todos os seus pontos, e digo-te que estou absolutamente de acordo em casar com o príncipe e até em secundar-te em todos os teus esforços para levá-lo ao altar. Perguntarás por que faço isto… Mas isso é comigo. A ti deve bastar-te que eu esteja decidida… Sim, estou decidida a tudo; calçarei nele as botas, servirei de enfermeira, dançarei para o distrair, como expiação da minha baixeza! Farei tudo, tudo, contanto que não dê ocasião a que se arrependa de ter casado comigo. Está bem, mas peço-te que me fales com toda a franqueza e me digas como é que esperas fazer com que ele repare em mim. Quando começaste a falar-me deste assunto em

termos tão categóricos — eu já te conheço — era porque tinhas algum plano. Sê sincera pelo menos uma vez na vida! Essa sinceridade é a única condição que ponho. Não posso comprometer-me a fazer nada antes de saber aquilo que pensas fazer.

A inesperada resolução da filha provocou tal comoção em Maria Alieksándrovna que ficou por um momento sem poder falar diante dela, contemplando-a com os olhos muito abertos. O espanto roubara-lhe quase a faculdade de pensar. Acostumara-se à ideia de que deveria travar uma luta com aquele aborrecido romantismo da filha, cujo austero sentido da dignidade sempre lhe fizera medo, e verificava agora de repente que Zina estava completamente de acordo com ela e decidida a tudo, embora contradizendo as suas próprias convicções! Mas ainda bem, uma vez que as coisas estavam neste pé, a sua empresa ia ficar extraordinariamente sólida… e os olhos de Maria Alieksándrovna brilharam de entusiasmo.

— Minha Zínotchka! — exclamou entusiasmada. — Zínotchka! Agora sim, reconheço-te como filha!

Não pôde dizer mais nada, dirigiu-se para a filha para abraçá-la.

— Ai, meu Deus! Não te pedi que me abraçasses! — exclamou Zina com uma repugnância nervosa. — Não preciso das tuas ternuras repentinas. Peço-te apenas que respondas à pergunta que te fiz e nada mais!

— Mas, Zina, minha filha, não sabes como gosto de ti! Adoro-te e, em compensação, repudias-me! A mim, que faço tudo pela tua felicidade.

— Bem, não te zangues, mamãe! É que eu estou um pouco nervosa! — disse à mãe para a tranquilizar.

— Mas eu não estou zangada, meu anjo, não estou zangada — afirmou Maria Alieksándrovna que ia retomando o seu entusiasmo. — Compreendo que deves estar um tanto nervosa! Olha, minha filha, queres que fale com toda a sinceridade? Pois bem, serei sincera contigo, completamente sincera, acredita! Sim, a única coisa que é preciso, agora, é que acredites em mim! Mas afirmo-te, Zínotchka, que

aquilo que se chama um plano, com todos os seus pormenores bem combinados, ainda não o tenho, e além disso, é completamente impossível tê-lo. És bastante esperta, meu anjo, para compreenderes por que não o posso ter. Vejo até algumas dificuldades prévias… Precisamente, essa bisbilhoteira acaba de atordoar-me os ouvidos… Ai, meu Deus, não posso perder tempo! Olha, minha filha, falo-te com o coração nas mãos e juro-te que tudo se há de arranjar! — afirmou no seu entusiasmo. — Esta minha convicção não é de caráter fantástico, como disseste há pouco, meu anjo! Pelo contrário, tem uma base real, apoia-se nos fatos… Fundamenta-se na falta de memória do príncipe… Porque ele é de tal gênero… É um canhamaço de onde podemos tirar tudo o que quisermos! O principal é que ninguém se nos venha atravessar no caminho! Mas como é que se atrevem, esses imbecis — e Maria Alieksándrovna deu uma palmada na mesa com altivez e os olhos soltaram faíscas. — Eu lhes digo! Mas o mais importante é meter já mãos à obra… Se tudo correr bem, ainda hoje pode ficar resolvido o ponto principal!

— Está bem, mamãe, mas escuta: uma confissão sincera! Sabes por que é que me preocupa o teu plano? Porque não confio em mim própria. Disse-te que estou decidida a essa ação má; mas se os pormenores do teu plano fossem demasiado repugnantes, demasiado feios, desde já te participo que desdigo tudo que disse e que deixo de te apoiar. Bem sei que isto seria outro ato mau: comprometer-se uma pessoa a praticar uma vileza e depois assustar-se da lama em que está metida até ao pescoço… Mas, que hei de fazer? É assim e, pronto…

— Mas, Zínotchka, onde está esse ato mau a que te referes? *Mon ange!* — atreveu-se a mãe a objetar-lhe timidamente. — Trata-se de um casamento vantajoso e a uma coisa destas não há moça que resista! Só há um ponto de vista donde isto pode ser encarado, e assim tudo se afigura muito decente…

— Ah, mamãe, peço-te pelo amor de Deus, não brinques comigo às escondidas! Já te disse que estou disposta a tudo, tudo! Que queres de mim? Não tenhas medo que eu trate as coisas pelo seu verdadeiro nome… Talvez seja a única coisa que me tranquiliza — e um amargo sorriso lhe assomou os lábios.

— Está bem, está bem, meu anjo; é perfeitamente possível não estar de acordo quanto ao modo de pensar e no entanto estimarmo-nos mutuamente. Simplesmente… se os pormenores te inquietam e receias sejam demasiado sujos, não te preocupes e deixa tudo por minha conta; garanto-te que nem a mais pequena gota de lodo há de salpicar-te. Então eu ia pôr-te em foco perante os olhos de toda gente? Deixa-me trabalhar e verás como tudo se arranja, da maneira mais decente… Sim, o mais importante neste assunto é… absolutamente decente e até elegante, não dar ocasião ao menor escândalo e, mesmo que provocasse algum escândalozinho inevitável e insignificante… aliás… nessa altura já nós teremos galgado o alto da montanha! Mas não ficaremos aqui! Que gritem até esganiçar-se… Terão de contentar-se com roer as unhas de inveja. Isto para não dizer que essa gente não merece sequer que nos preocupemos com ela. Não te aborreças, Zínotchka, mas espanta-me que tu… orgulhosa como és, tenhas esses receios!

— Ai, mamãe! Eu não tenho nem uma ponta de medo! Mas não queres compreender-me! — acrescentou Zina excitada.

— Bem, bem, meu anjo, não te aborreças! O que eu queria dizer é que essa gente comete vilezas todos os dias que Deus dá, ao passo que tu, em todo caso, cometerias apenas uma na tua vida… Mas que ideia! Tola que eu sou! Que estou dizendo? Quem fala de vileza? Onde está a vileza, ou o que há aqui de sujo, como dizes? Nada disso, muito pelo contrário, minha filha, é uma ação muito nobre aquela que vais realizar. Repito-te, minha filha: tudo depende unicamente do ponto de vista em que nos colocamos…

— Ah, mamãe, deixa-te de raciocínios — atalhou Zina, colérica e batendo com o pé no chão.

— Está bem, querida, não falarei mais desta maneira! É que não percebi…

Fez-se um breve silêncio. Maria Alieksándrovna sentia que a filha estava inquieta e procurava o seu olhar como o cãozinho que praticou alguma tolice olha para a dona.

— Não consigo perceber por onde vais começar — disse Zina

vencendo a repugnância. — Estou convencida de que te vais meter numa embrulhada. Desprezo a opinião dessas pessoas, mas, para ti, mamãe, vai ser uma vergonha.

— Oh, se é só disso que tens medo, meu anjo… não te preocupes! Suplico-te, imploro-te! Contanto que nos entendamos as duas… por mim não te preocupes, minha filha! Se soubesse quantas vezes tenho ido buscar lã sem nunca ter ficado tosquiada! Não é esta a primeira complicação em que me meto! Por isso, permite ao menos que eu faça uma tentativa! Seja como for, o principal é vermo-nos o mais depressa possível a sós com o príncipe! Isso é a primeira coisa a fazer! Disso depende tudo o mais! Mas o coração já me adivinha como tudo vai acabar! Vão se virar contra nós com sete pedras na mão, mas… que nos importa isso? Saberei metê-los na ordem. A única pessoa de que tenho medo é de Mosliakov…

— De Mosliakov? — perguntou Zina com desprezo.

— Sim, minha filha, de Mosliakov! Ter medo dele, medo de verdade, não tenho, Zina! Afirmo-te que hei de arranjar as coisas de tal maneira que ele não há de ter outro remédio senão ajudar-nos. Ainda não me conheces, Zínotchka! Não sabes do que sou capaz! Ah, Zínotchka meu anjo! Mas o príncipe chegou, esta ideia passou-me logo pela cabeça! A inspiração veio-me nesse mesmo instante. E, afinal, diz-me uma coisa: quem teria podido imaginar que ele viria precisamente hospedar-se em nossa casa? Ocasião semelhante não tornaria a repetir-se, nem em mil anos! Zínotchka, meu anjo, não tem nada de desonroso que te cases com um velho; desonra seria casares com um homem que te fosse antipático e ao qual não pudesses suportar e do qual tivesses que ser mulher a valer. Neste caso não se pode falar bem de matrimônio, mas simplesmente de contrato doméstico. Contrato com o qual ele, e apenas ele, sai ganhando… Porque é preciso apreciar a sorte do tio! Ai, Zínotchka, nem sabes como estás bonita, hoje! Estás até mais do que bonita, estás maravilhosa! Se eu fosse homem seria capaz de oferecer-te um império para que gostasses de mim! São todos tão estúpidos! Como é possível não beijar esta mão — e de fato, Maria Alieksándrovna beijou apaixonadamente a mão de sua filha. — És carne da minha carne e sangue do meu sangue! Deveremos obrigar esse tolo a casar contigo, e se preciso for, vamos casá-lo à força! E

depois, Zínotchka, como é que vamos viver? Suponho que, depois, quando fores feliz, não irás expulsar de tua casa a tua mãe! É verdade que entre nós tem havido uns pequenos aborrecimentos; mas, apesar de tudo, nunca tiveste quem te quisesse tanto como eu…

— Mamãe, se de fato tens qualquer coisa pensada, talvez o melhor seja… começares o mais cedo possível. Aqui, só fazes perder tempo! — disse Zina constrangida.

— É verdade, é verdade, Zínotchka; já é tempo de me ir! Oh, tenho estado aqui a tagarelar! E entretanto elas vão fazendo todo o possível para nos roubarem o príncipe. Vou já num pulo! O que devemos fazer é tomar já um carro, procurar Mosliakov e depois… Arranco-o dali à força, senão, está tudo perdido! Adeus, Zínotchka, até logo, querida; não percas a coragem, não duvides, não fiques triste, sobretudo não fiques triste! Tudo há de correr bem, tudo se arranjará às mil maravilhas! O principal é o ponto de vista do qual encaramos as coisas… Então vais ser rica?!

Maria Alieksándrovna abençoou a filha, correu para o seu quarto, parou uns minutos diante do espelho e, passado um instante, ia na sua carruagem, sempre a postos para uma pressa, cambaleando pelas ruas de Mordássov. Porque Maria Alieksándrovna vivia *en grand*…

“Não, não hão de ser vocês quem levam a melhor! — pensava, já na carruagem. — Zina está de acordo comigo e isso é meio caminho andado! Era agora que eu me ia deixar vencer! Que disparate! Aquela Zina! Até que enfim cedeu. Talvez tenha influído outra razão na tua cabecinha, minha linda! Mas o certo é que eu não podia ter-lhe apresentado um futuro mais risonho! O recurso foi infalível! À parte isso tudo, é preciso reparar como está hoje tão bonita! Se eu tivesse aquele rosto, faria andar metade da Europa de cabeça à roda! Bem, tenhamos paciência… Quando for princesa e começar a conhecer certas coisas, esse demônio de Shakespeare lhe sairá da cabeça. Porque, afinal, que tem a pobrezinha visto até agora? Mordássov e o tal mestre-escola! Hum… Que princesa vai ser! Gosto tanto que seja assim orgulhosa! Como é altiva! Quando olha para uma pessoa parece uma rainha… Como será possível que não saiba aquilo que vale?! Agora parece que começa a perceber! E além disso, eu estarei sempre

ao seu lado! Hei de fazer com que esteja sempre de acordo comigo em tudo, e se convença de que, sem mim, nada poderá conseguir. Também serei princesa e em Petersburgo hão de ficar sabendo quem sou! Adeus, terrinha miserável! O príncipe morre, o mestre-escola há de desaparecer também e então casarei a minha filha com um príncipe reinante! Apenas uma coisa me inquieta: não terei confiado demasiado nela? Não me teria mostrado demasiado sincera, demasiado sentimental? De fato isto me assusta… quase tenho medo da minha filha!”

E Maria Alieksándrovna quedou-se pensativa.

Zina, assim que ficou só, continuou a dar voltas para lá e para cá, no seu quarto, de braços cruzados e pensativa. Refletia sobre muitas coisas. E, quase inconscientemente, murmurava para consigo: “Já era tempo, já era tempo e mais que tempo!”. Que significava esta exclamação? Por mais de uma vez brilharam lágrimas nas suas compridas e sedosas pestanas. Nem de longe pensava em disfarçar o seu estado de espírito. As preocupações de sua mãe eram desnecessárias. Em vão tentava esta penetrar no pensamento de sua filha: Zina resolvera definitivamente auxiliá-la e arrostar com toda as consequências.

“Ora toma! — pensava Nastássia Pietrovna Ziáblova ao retirar-se do escuro quarto de vestir, quando a coronela se foi embora. — E eu que alimentava tantas ilusões a respeito do príncipe e até pensara em por um véu para lhe agradar! Que tola fui em pensar que ia casar comigo! Anda… aí tens o véu cor-de-rosa! Esta Maria Alieksándrovna! Então sou uma desmazelada e deixei-me subornar por duzentos rublos! Não faltava mais nada senão que eu te servisse de graça! Eu ganhei aquele; fiquei com ele atendendo aos gastos que podia custar-me a façanha… Podia ter acontecido que eu própria me achasse nas circunstâncias de me ver obrigada a molhar as mãos a alguém… Que tens que saber se fui eu que forcei a fechadura ou se tive que pedir a outra pessoa? Enquanto eu trabalhava para ti estavas muito descansada! O que queres é depenar este pássaro! Pois deixa estar, minha filha, que te darei o pássaro! Hei de mostrar-vos, às duas, se sou uma porca ou não! Deixem estar que hão de ficar sabendo quem é Nastássia Pietrovna e aprender a não abusar da sua modéstia!”

# Capítulo VII

Maria Alieksándrovna abandonou-se por completo à sua inspiração. Elaborara um grande e audacioso plano. Casar a filha com um Creso, príncipe e ainda por cima velho, e isso sem que ninguém soubesse, a coberto da fraqueza mental e desamparo do seu hóspede, poderia dizer-se até de certa maneira, à socapa… era verdadeiramente qualquer coisa, não só de ousado mas até de airoso. Evidentemente tal plano era de uma conveniência sedutora; mas, se falhasse, a sua autora ficaria coberta de um opróbrio eterno e indelével. "Já de outras vezes tenho escapado de perigos", dissera a Zina, e com razão. Como não havia de considerar-se uma heroína!

Sem dúvida, tudo isso poderia comparar-se a um assalto em plena rua, entretanto Maria Alieksándrovna não prestava grande atenção ao fato. Tinha, a este propósito, um lema de exatidão maravilhosa: "O que está feito, feito está", lema simples e instrutivo, mas que a fantasia adornava com tais atrativos que só de pensar nisso Maria Alieksándrovna sentia arrepios e um formigueiro pelo corpo todo. Encontrava-se num estado de grande excitação que a fazia quase estremecer. Mulher dotada de inspiração e de indiscutível espírito criador, elaborara um plano estratégico, ainda nos primeiros balbucios, mas concebido *en grand* e via na sua imaginação, nas suas linhas gerais. Era necessário esperar pelos mais diferentes e imprevistos episódios. Maria Alieksándrovna tinha fé em si própria; não a preocupava o medo de falhar, pelo contrário. Desejava meter mãos à obra o mais depressa possível, atirar-se à liça quanto antes. O pensamento dos obstáculos com que devia lutar e dos possíveis contratempos fazia com que se apossasse dela uma impaciência, uma nobre impaciência. Expliquemo-nos mais claramente: o maior perigo que Maria Alieksándrovna temia e pressentia era representado pelos seus estimados conterrâneos, os mordassovianos e, sobretudo, pela boa sociedade das senhoras mordassovianas, cujo ódio irreconciliável conhecia por experiência. Sabia, por exemplo, com certeza absoluta, que na cidade toda a gente adivinhara as suas intenções, apesar de não ter dito a ninguém uma só palavra dos seus projetos matrimoniais. Graças às suas tristes e múltiplas experiências, sabia que nunca possuíra um segredo, por mais bem guardado, que, passadas duas

horas, não fosse do conhecimento das comadres que iam à rua e às lojas. É claro que, de momento, Maria Alieksándrovna não se preocupava com os perigos; mas os seus cálculos nunca falhavam. Também desta vez não a enganavam. Havia, porém, uma coisa que ainda ignorava, um fato consumado, a saber:

Ao meio-dia, passadas precisamente três horas da chegada do príncipe a Mordássov, já pela terra se haviam espalhado uns estranhos rumores, cuja procedência ninguém podia explicar, mas que depressa se divulgaram. Afirmavam todos que Maria Alieksándrovna combinara com o príncipe o casamento com a filha, que Mosliakov fora posto à margem, e já podia dar-se tudo por feito, selado e assinado. Donde haviam partido esses rumores? Porventura os mordassovianos conheciam tão bem Maria Alieksándrovna para atinar assim tão depressa com os seus mais íntimos pensamentos e sonhos? Mas nem a contradição que existia entre esses boatos e o costumado processo dessas coisas (pois um casamento não pode combinar-se numa hora mas precisa de muitas oportunidades), nem a invenção evidente dos mesmos (pois ninguém podia assegurar donde provinham), era capaz de roubar a fé que neles depositavam os mordassovianos. Por isso continuaram a espalhar-se tenazmente e a encontrar cada vez maior crédito. O mais espantoso é que começaram a difundir-se ainda antes de Maria Alieksándrovna ter entabulado com a filha o diálogo que transcrevemos. E por aqui já se pode ver como as pessoas da província tem o ouvido bem apurado. Os provincianos são instintivamente inclinados para o maravilhoso, e isso se baseia num estudo íntimo e esmerado do próximo, feito durante muitos anos, aguilhoados pelo interesse. Nas províncias todos vivem como numa redoma. Não há possibilidade de ocultar-lhes seja o que for, a esses respeitáveis provincianos. Todos conhecem o próximo a fundo e sabem das pessoas muitas coisas que elas próprias ignoram. O provinciano, em minha opinião, não é psicólogo e perspicaz por natureza. Lê nos pensamentos alheios. Por isso, por mais de uma vez me tenho assombrado sinceramente por encontrar com tanta frequência nas províncias tantos tolos, em vez de psicólogos e leitores do pensamento. Mas isto é uma observação feita de passagem e supérflua.

Seja como for, o certo é que o tal boato produziu um efeito

estrondoso. O casamento com o príncipe pareceu a todos tão vantajoso, tão brilhante, que ninguém reparou na estranheza de tal união. E neste momento devo fazer outra observação: Zina era talvez ainda mais odiada na terra do que a mãe. Por que? Não é possível dizer. Talvez alguma culpa houvesse nesse ódio pela beleza da jovem, ao que pudesse juntar-se o fato de Maria Alieksándrovna ser, apesar de tudo, uma pessoa da *nossa geração*. Pode ser que, se tivesse abandonado a terra, ainda acabassem por lhe sentir a falta. Entretinha as pessoas com as suas constantes embrulhadas. Talvez, sem ela, tivessem morrido de tédio. Zina, pelo contrário, conduzia-se como se vivesse nas nuvens e não na povoação de Mordássov. Não condizia bem com aquela gente, não era do mesmo nível nem tratava os seus conterrâneos de igual para igual, mas dava antes mostras, talvez sem se aperceber, de um orgulho insuportável. E era "essa Zina", da qual tinham chegado a dizer-se "coisas escandalosas", aquela soberba e presunçosa "senhorita" que ia agora elevar-se à categoria de milionária e de princesa e dar entrada na alta sociedade! Depois, quando enviuvasse, passados os três anos da praxe, casaria em segundas núpcias com um duque, quem sabe se com um general ou um governador. Ora, precisamente, o governador do distrito era viúvo e tinha um fraco pelo belo sexo. Então seria ela a dama mais importante de todo o distrito, o que, só de pensar, fazia crispar os nervos a todos, e por isso nenhuma outra notícia podia provocar em Mordássov um descontentamento tão grande como a deste consórcio entre Zina e o príncipe. Levantou-se imediatamente uma tempestade de indignação. Os habitantes da terra disseram em uníssono que aquilo era um pecado e uma vileza. Que o velho não regulava bem da cabeça, que o tinham enganado e iludido, e, tudo isso, aproveitando-se da sua falta de juízo. Alguns chegavam mesmo a dizer que era preciso salvar o pobre velho daquelas garras ávidas de sangue; que aquilo era um verdadeiro ato de espoliação e, finalmente, que tinha Zina mais do que as outras? Não havia na terra outras moças igualmente dignas de casarem com o príncipe?

Maria Alieksándrovna imaginava todos esses mexericos que não pudera ouvir. O fato de imaginá-los bastava; sabia de certeza que todos estavam dispostos a apelar para os meios possíveis e impossíveis a fim de impedir a realização dos seus planos. Todos queriam roubar-

lhe o príncipe, de maneira que se via obrigada a lutar para o reaver. E ainda que pudesse voltar a deitar-lhe o anzol, não podia mantê-lo manietado em sua casa. E, além disso, quem lhe garantia que ainda hoje mesmo, talvez dentro de dois segundos, não irromperia pelos seus salões todo o batalhão de senhoras mordassovianas alegando um pretexto tão forte que ela não teria outro remédio senão recebê-las? Se lhes fechava a porta, espreitariam pelas janelas: o que talvez pareça impossível, mas que no entanto acontecera já em Mordássov algumas vezes. Em resumo: não havia um momento, nem um segundo a perder, tanto mais que ainda nada fizera e nem sequer iniciara sua tarefa. De repente ocorreu-lhe uma ideia que se apoderou rapidamente da sua mente astuta. Não nos esqueceremos de referi-la no momento oportuno, mas, de momento, diremos apenas que a nossa heroína ia nesse instante na sua carruagem, aos tombos pelas ruas de Mordássov, cheia de cólera e de entusiasmo, decidida a uma luta legal, caso fosse preciso travá-la, para apoderar-se do príncipe. Ignorava ainda concretamente como procederia e por onde começar; mas, em compensação, sabia muito bem, com absoluta segurança, que era mais fácil Mordássov vir abaixo do que ela deixar de realizar o seu plano até ao mínimo pormenor.

Deu o primeiro passo com mais êxito do que seria de esperar. Encontrou o príncipe na rua, agarrou-o e levou-o para jantar em sua casa. Se me perguntassem agora como é que, apesar de todos os manejos dos seus inimigos, conseguiu Maria Alieksándrovna levar a sua a melhor e deixar Anna Dimítrievna com uma cara de palmo e meio, esperando em vão pelo príncipe, ia me ver obrigado, de certo modo, a responder que tal pergunta me parece uma ofensa contra Maria Alieksándrovna. Então não havia ela de sobrepor-se a Anna Nikoláievna Antípova? A nossa heroína puxou muito simplesmente pelo príncipe, que se encontrava diante da casa da sua amiga, e, sem consideração alguma, nem sequer pelas objeções de Mosliakov, receoso dum escândalo, meteu o velhote no seu coche. Maria Alieksándrovna distinguia-se precisamente das suas inimigas pelo fato de, chegado um momento crítico, não se demorar a pedir a opinião de ninguém nem recuar perante um possível escândalo, pois guiava-se fielmente pela máxima de que os fins justificam os meios. É verdade que o príncipe também não opôs uma resistência séria, esquecendo-se

imediatamente, conforme era seu costume, do incidente, e dando mostras de estar muito constante. À mesa, conversou pelos cotovelos, de muito bom humor; disse até pequenos gracejos e contou anedotas sem graça nenhuma, passando de umas para as outras sem dar por isso. Bebera três copos de champanhe em casa de Natália Dimítrievna. E aqui tornou a beber, pois Maria Alieksándrovna enchia-lhe o copo a todo momento, até que o infeliz acabou por perder o resto de lucidez que ainda conservava. O jantar estava irrepreensível. O "desavergonhado" de Nikita não o estragara. E a dona da casa animou-o com a sua encantadora amabilidade. Mas, por infelicidade, os outros comensais eram tão aborrecidos quanto ela animada. Zina, de certo modo, guardava um silêncio solene. Mosliakov, aparentemente, não estava de bom humor, mal bebia e comia. Parecia refletir e, coisa rara nele, Maria Alieksándrovna sentia uma grande inquietação. Nastássia Pietrovna Ziáblova estava com uma cara muito carrancuda e fazia às furtadelas uns estranhos sinais para Mosliakov, mas dos quais ele não se apercebia. Não se mostrasse a dona da casa tão amável e espirituosa, o jantar teria parecido verdadeiramente um banquete fúnebre.

E, com tudo isto, Maria Alieksándrovna era presa de uma agitação indescritível. Bastava a cara séria de Zina e os seus olhos de quem chorou, para a inquietarem indescritivelmente. Importava vencer agora uma grande dificuldade; era preciso apressar-se, não havia minuto a perder… e aquele malvado Mosliakov, ali sentado com tanta fleuma, sem se mover, como um vadio que não tem nada a fazer e não deixa que se faça. Com ele pela frente nada se podia tentar. Maria Alieksándrovna levantou da mesa, muito desassossegada e até com algum receio. Mas qual não foi o seu assombro, o seu alvoroçado espanto, se me permitem a expressão, quando Mosliakov, levantando também, se aproximou dela e, de maneira completamente inesperada, comunicou-lhe que, embora lhe custasse muito, não tinha outro remédio senão retirar-se.

— Mas por que? — perguntou-lhe Maria Alieksándrovna muito perturbada.

— Ora veja, Maria Alieksándrovna — balbuciou Mosliakov um pouco sobressaltado e confuso — aconteceu-me uma coisa estranha.

Nem sei como explicar-lhe… Aconselhe-me, por amor de Deus!

— Mas de que se trata?

— Ora ouça: encontrei hoje na rua o meu padrinho Boródniev… já sabe a quem me refiro, aquele que é comerciante… O pobre velho está muito zangado comigo; fez-me acusações e diz que eu me tornei muito orgulhoso. Esta é a terceira vez que venho a Mordássov e ainda não fui a casa dele. Bem, mas hoje, quando o encontrei, agarrou-me e disse-me: "Espero-te lá em casa para o chá. Não deixes de vir." Agora são quatro em ponto e o meu padrinho, que é um homem antigo, costuma tomar o chá logo depois da sesta, aí por volta das cinco. Que havia eu de fazer? As coisas são como são, mas, de qualquer modo… Maria Alieksándrovna, não pense mal de mim. O pobre homem livrou o meu falecido pai de apuros quando perdeu aquele dinheiro no jogo. E esse foi até o motivo por que ele foi meu padrinho. Se o meu casamento com Zinaída Afanássievna vier a realizar-se, conto apenas com cento e cinquenta almas. Ao passo que ele possui um capital de um milhão de rublos e há quem o suponha ainda maior. E não tem filhos. De maneira que, se uma pessoa souber agradar-lhe, pode ser que a faça sua herdeira. E, coitado, como já tem uns setenta anos bem puxados… Portanto, já pode ver!

— Ah, meu Deus! Pois se é assim, que espera? Para que essas hesitações? — exclamou Maria Alieksándrovna com uma alegria quase despudorada. — Vá, corra, criatura! Com essas coisas não se brinca! Claro… por isso estava o senhor preocupado! Vá, *mon ami*, corra já! Esta manhã devia-lhe ter feito uma visita para dar-lhe a entender como a sua amizade o lisonjeia e como o aprecia. Ah, estes rapazes, estes rapazes!

— Mas, Maria Alieksándrovna, foi a senhora mesma quem me fez observações pouco favoráveis a respeito dessa amizade! Ainda não há muito tempo dizia que o tal meu padrinho é um pacóvio, com uma barbaça enorme, e que trata de igual para igual os taberneiros e outras pessoas ordinárias!

— Ah, *mon ami*! Evidentemente posso enganar-me, às vezes; não sou infalível. Já não me lembro bem do que lhe disse; talvez eu

estivesse numa disposição de espírito que… E, depois, nessa altura ainda o senhor não se interessava pela Zínotchka… Isso, naturalmente, era egoísmo da minha parte; mas agora tenho de encarar a coisa de outro ponto de vista. Que mãe se atreveria a censurar-me? Vá ver o seu padrinho imediatamente, não perca um instante. E também deve passar o serão em sua companhia. Mas ouça: fale-lhe também de mim… Diga-lhe que sinto por ele uma grande estima e, sobretudo, que o sei apreciar; mas saiba dizê-lo de maneira que não soe falso! Ai, meu Deus! Como não me lembrei eu disto antes! Eu própria o teria feito apressar-se!

— Salvou-me, Maria Alieksándrovna! — Mosliakov estava encantado. — Daqui para diante, palavra de honra, farei tudo quanto me disser. E acredite que até receava falar nisto! Bem, então, até logo, vou lá. Faça favor de apresentar as minhas despedidas a Zinaída Afanássievna. Mas diga-lhe que depois voltarei.

— Deus o abençoe, *mon ami*! E não se esqueça de lhe dar lembranças minhas! Não há dúvida de que é um bom velhote. Há muito mudei de opinião a seu respeito… E além disso sempre me encantou esse seu aspecto de russo à antiga, de autêntico russo… *Au revoir, mon ami, au revoir!*

“A coisa está correndo bem. Os deuses são-me propícios”, pensou consigo, louca de alegria.

Páviel Alieksándrovitch Mosliakov dirigiu-se à sala de entrada para apanhar o seu casaco de peles e, de repente, viu surgir na sua frente, como se acabasse de sair debaixo do chão. Nastássia Pietrovna Ziáblova, a qual, evidentemente, estava à sua espera.

— Aonde vai? — perguntou-lhe segurando-o por um braço.

— À casa de Boródniev, Nastássia Pietrovna. É o meu padrinho… aquele que me livrou de apuros… Um velho rico que, na certa, me deixará qualquer coisa no seu testamento e ao qual, portanto, devo agradar.

Mosliakov estava de ótimo humor.

— A casa de Boródniev? Ah, sim?! Então pode renunciar à sua noiva! — disse-lhe secamente Nastássia Pietrovna.

— Como renunciar?

— É o que lhe digo. Julga que já a pode chamar sua? Pois então abra os olhos, criatura, que querem casá-la com o príncipe. Ouvi com estes ouvidos.

— Com o príncipe?! Por favor, Nastássia Pietrovna…

— Deixe-se de favores! Quer ter a certeza do que lhe digo? Pois então largue o casaco e venha comigo…

Mosliakov, meio atordoado, largou o casaco e seguiu a Ziáblova na ponta dos pés, a qual o conduziu ao quarto escuro onde naquela manhã estivera à espreita.

— Mas, por favor, Nastássia Pietrovna, eu não percebo nada disto!

— Já vai entender tudo, depois de ver e ouvir um pouco. A comédia deve estar começando.

— Que comédia?

— Chiu! Não fala tão alto! A comédia reduz-se simplesmente a que o estão fazendo de bobo, criatura! Esta manhã, quando o senhor saiu com o príncipe, Maria Alieksándrovna pregou um sermão à filha, durante uma hora, procurando convencê-la a casar com o príncipe, e pôs em jogo tais estratagemas que a mim até se me revolvia o estômago só de ouvi-la. Ouvi tudo daqui. Zina acabou por ceder. E se ouvisse as coisas que diziam as duas de você! Chamaram-lhe imbecil, disseram que não valia nada, e Zina declarou peremptoriamente que por nada deste mundo casaria com você… Mas, console-se, meu amigo, que de mim também disseram das boas. Não me chamaram imbecil, isso não… E eu, que pensara por um veuzinho cor-de-rosa! Mas escute, escute!

— Mas se isso é verdade, seria a falsidade mais infame do mundo — murmurou Mosliakov, o qual olhava para Nastássia Pietrovna com

uma cara apatetada.

— Faça o que eu lhe digo e vai ter ocasião de ouvir outras lindezas.

— Mas por onde é que eu posso escutar?

— Por aqui, há uma fresta.

— Mas, Nastássia Pietrovna, eu… eu não sou capaz de pôr-me a escutar ninguém…

— Deixe-se disso! Não esteja com esses preconceitos! Já que veio até aqui… Ponha o ouvido à escuta!

— Mas…

— Se de fato não se sente capaz disso, então vá com Deus. Eu, se o faço, é apenas para seu bem… e ainda se faz de rogado! Porque, a mim, é-me indiferente… Eu não penso ficar mais tempo aqui, nem sequer esperarei até o fim da tarde!

Mosliakov encheu-se de coragem, agachou-se e pôs-se a escutar junto da fresta. O coração pulsava-lhe com força e as frontes latejavam-lhe. Quase nem dava conta do que fazia.

## Capítulo VIII

— Então, gostou de estar em casa com Natália Dimítrievna? — perguntou-lhe Maria Alieksándrovna que, com uns olhos cheios de curiosidade, passava revista ao campo de batalha iminente e queria começar a conversa por um tema o mais inocente possível.

Depois do jantar conduziram o príncipe ao mesmo salão em que nessa manhã o recebera a dona da casa. Todas as recepções solenes se realizavam em casa de Maria Alieksándrovna, nesse *salon*, do qual se mostrava muito orgulhosa. Com seis taças de champanhe no bucho, o canhamaço do príncipe mal podia ter-se de pé. Mas em compensação falava sem descanso. Maria Alieksándrovna compreendeu que aquela vivacidade não podia durar muito e que o velho não tardaria a adormecer. Era preciso agarrar a ocasião pelos cabelos. Verificava com alegria como o lúbrico velhote não tirava os olhos de Zina, e o seu coração de mãe palpitava, alvoroçado.

— Muito… bem! É muito… bonita! — respondeu o príncipe — É uma mulher única, essa Natália Dimítrievna, uma mulher incompa… rá…vel!

Para Maria Alieksándrovna, preocupada agora com os seus grandes planos, esse elogio feito à sua inimiga foi como uma punhalada em pleno coração.

— Que está dizendo, príncipe! — e os seus olhos fuzilavam. — Nem sei o que lhe diga dessa sua opinião a respeito de Natália Dimítrievna ser uma mulher incomparável! O senhor diz isso porque não conhece a sociedade daqui! Isso não é senão uma exibição das próprias virtudes, dos próprios sentimentos nobres, uma comédia, uma opereta com dourados e purpurina. Penetre nos bastidores desse palco e encontrará um inferno, um autêntico ninho de víboras, no qual seria devorado até os ossos.

— Que me diz? Será possível? — exclamou o príncipe surpreendido. — Estou espan…tado!

— Juro-lhe que é verdade. Ah, *mon prince*! Olha, Zina, vou contar ao príncipe o caso tão ridículo e vergonhoso que se deu com essa Natália a semana passada, lembras-te? Sim, príncipe, é essa mesma Natália Dimítrievna com quem o senhor se mostra tão encantado. Oh, querido príncipe, juro-lhe que não gosto de intrigas! Mas não tenho outro remédio senão deixá-lo a par do que nos aconteceu com ela, ainda que apenas para distraí-lo e para que possa ver, como através de um vidro cristalino, que espécie de gente é a que vive nesta terra. Já vai ver. Haverá umas duas semanas que a tal Natália Dimítrievna veio visitar-me. Oferecemos-lhe café, mas, já não me lembro por que motivo tive de sair do salão por um momento. Recordo-me muito bem de que o açucareiro estava completamente cheio de torrões de açúcar. Pois bem: quando voltei, vim encontrá-lo apenas com três torrõezinhos no fundo, quase vazio. Desde já lhe digo que no salão não havia mais ninguém senão ela. Que tal lhe parece isto? E olhe que é uma rica proprietária. É claro que isto que acabo de lhe contar é apenas uma coisa ridícula e não tem a menor importância; mas por isto já o senhor pode ver o que é a gente fina desta terra.

— Mas, será possí…ivel? — o príncipe estava sinceramente assombrado — Que avareza monstruosa! Então ficou com todos os torrões?

— É para que veja como ela é de fato uma mulher in…compa…rável. que tal lhe parece este lamentável episódio? Penso que teria morrido de repente se algum dia me viesse à cabeça uma ideia tão vergonhosa.

— Claro… Claro… Mas, apesar de tudo, sabe o que lhe digo? É que ela é uma *belle femme*!

— Quem? Natália Dimítrievna? Mas, por amor de Deus, príncipe: se ela é muito simplesmente um estafermo! Ah, *mon prince, mon prince*! Como pode dizer uma coisa dessas? Pensava que tinha melhor gosto!

— Bom, pode ser que seja um esta…fer…mo. Mas, apesar de tudo, é elegante… E aquela moça que dançava, também era muito bem feita…

— Refere-se à Sônia? Mas ela ainda é uma criança, príncipe! Não deves ter mais do que uns catorze nos!

— Ah, sim?! Pois olhe, é tão engraçada e está tão encorpada… É uma criaturinha muito graciosa! E a outra que dançava com ela… também é muito jei…tosa…

— Ah! Essa é uma órfã, príncipe. Costuma mandá-la vir muitas vezes para casa dela.

— Então é órfã? De fato… não estava muito asseada; se ao menos tivesse lavado as mãos… Mas, apesar de tudo, é como lhe digo, era muitíssimo graciosa!

Enquanto falava, o príncipe ia olhando para Zina cada vez com mais atenção, e cada vez mais deslumbrado, através dos óculos.

— *Mais quelle charmante personne!* — murmurou em voz baixa, estalando quase a língua de gozo.

— Zina, por que não tocas qualquer coisa no piano? Ou então canta-nos alguma canção. Se soubesse como ela canta bem, príncipe! Pode afirmar-se que é uma artista, uma artista consumada! E se o príncipe soubesse — continuou Maria Alieksándrovna a meia voz, enquanto Zina se dirigia para o piano com um andar tão sereno e leve que acabou por conquistar o príncipe. — Se soubesse como ela é tão boa filha! Como gosta de mim, que dócil é para a sua mãe! Tem uns sentimentos, um coração…

— Ah, sim! Sentimentos! Olhe, vou-lhes dizer a verdade… Conheci apenas uma mulher na minha vida com a qual poderia compará-la — interrompeu-a o príncipe, literalmente babado. — Foi a Condessa Nainzki, que Deus tenha em sua glória, pois morreu haverá uns trinta anos. Era uma mulher maravi…lhosa, de uma formosura indescri…tí…vel, que acabou por casar com o cozinheiro…

— Com o cozinheiro, príncipe?

— Sim, com o cozinheiro… um fran…cês, no estrangeiro… Comprou-lhe aí um título de con…de! Ele tinha um ti…po interes…

sante, era muito cul…to e tinha um bigodi…nho…

— Mas como… como é que eles se davam, príncipe?

— Ah, muito bem! Mas não tardaram a separar-se. Ele lhe gastou o dinheiro todo e depois deixou-a. Brigaram precisamente por causa de um mo…lho…

— Mamãe, que queres que toque? — perguntou Zina.

— Ah, é melhor cantares qualquer coisa, Zínotchka! Vai ver como canta, príncipe! Gosta de música?

— Oh, sim… *Charmant, charmant!* Sou doido por música. Conheci Beet…ho…ven no estrangeiro!

— Beethoven? Ouve, Zina, o príncipe foi amigo de Beethoven! — repetiu Maria Alieksándrovna entusiasmada.

— Ah, príncipe! Mas a sério que foi amigo de Beethoven?

— De verdade… Gostávamos muito um do outro… Ele estava sempre com o nariz metido na caixa de rapé. Era um tipo cômico!

— Quem, Beethoven?

— Sim, Beethoven! Embora possa acontecer que não seja a ele que eu me refiro mas a algum outro alemão…zeco! Porque ali há muitos alemães… Sim, pode ser que eu esteja fazendo con…fu…são…

— Bem, mas que hei de eu cantar, mamãe? — perguntou Zina.

— Ah, Zina! Canta essa *romanza* que tu sabes, essa que tem um ar tão cavalheiresco e medieval! Ah, príncipe! O entusiasmo que sinto por tudo quanto é cavalheiresco! Aqueles burgos, aqueles castelos! Toda essa vida da Idade Média! Esses trovadores, esses arautos, esses torneios… Eu te acompanho, Zina! Sente-se aqui, príncipe, aproxime-se mais um bocadinho! Ah, esses castelos!

— Ah, sim, a mim também me entusiasmam esses castelos! — murmurou o príncipe encantado, enquanto cravava o seu único olho no rosto da jovem. — Mas, *mon Dieu*, essa *romanza*! Eu conheço essa

*ro…man…za*! Ouvi-a já há muito tempo… Faz-me lembrar tantas coisas! Ah, *mon Dieu*!

Não tentarei descrever o que o príncipe sentiu quando Zina começou a cantar. A moça cantou uma antiga balada francesa que então estivera na moda. Zina tinha uma voz magnífica. O seu timbre de contralto, puro e sonoro, penetrava o coração de quem o ouvia. O seu rosto maravilhoso, com aqueles olhos magníficos, os finos e suaves dedos com que mudava as folhas da partitura, os cabelos negros e brilhantes, apanhados numa grossa poupa; o colo firme que se levantava e baixava alternadamente; toda a sua figura, de pé, diante dele, cheia de altivez, de beleza e nobreza… Tudo acabou por dar definitivamente volta ao miolo do pobre velhote. Comia-a com os olhos, arquejava comoção. O seu velho coração, aquecido pela champanhe, a música e essas recordações que todos temos, palpitava cada vez mais depressa e com mais força… como há muito não lhe palpitava. De boa vontade se teria lançado aos pés de Zina e desatado a chorar quando terminou o seu canto.

— Oh, *ma charmante enfant*! — exclamou beijando-lhe a mão. — *Vous me ravissez!*[5] Agora, só agora é que eu percebo… Mas… mas… oh, *ma charmante enfant*!

E quase lhe faltava a voz.

Maria Alieksándrovna sentia que o momento tinha chegado.

— Mas, por que se enterra o senhor ainda em vida, príncipe? — disse-lhe solenemente. — Com tanto sentimento, com tanta energia vital e com tanta riqueza de alma, por que se sepulta o senhor em vida e passa os dias na solidão? Como pode viver assim, afastado das pessoas, dos amigos? Isso é imperdoável! Volte a si, príncipe! Abra os olhos para a vida! Acorde no coração as recordações do passado, pense na sua dourada juventude, nos alegres e despreocupados dias da sua mocidade! Sacuda essa modorra, ressuscite! Volte de novo a viver em sociedade, entre os homens! Viaje pelo estrangeiro, percorra a Itália, a Espanha! Sobretudo a Espanha, príncipe! Precisa de alguém que o guie, um coração que o ame, que compartilhe os seus sentimentos, que olhe pelo senhor? Para que servem os amigos? O

senhor tem-nos e bastaria fazer-lhes um sinal para acudirem em tropel. Eu seria a primeira a deixar tudo e a acorrer imediatamente à sua chamada! Não esqueci a nossa amizade, príncipe. Era capaz de deixar o meu marido para o seguir… e, se fosse mais nova, se reunisse a beleza e a bondade da minha filha, então me ofereceria voluntariamente para ser sua companheira de viagem, sua amiga e até sua esposa, se o senhor assim o desejasse.

— Tenho a certeza de que a senhora, no seu tempo, foi também uma *charmante personne* — disse o príncipe e assoou-se. Tinha olhos úmidos.

— Nós revivemos nos nossos filhos, príncipe! — acrescentou Maria Alieksándrovna numa entoação grave. — Eu tenho a meu lado também um anjo da guarda! É a minha filha… a amiga do meu coração, com a qual partilho todos os meus pensamentos, príncipe. A minha filha tem repudiado todos os seus pretendentes apenas para não sair do meu lado!

— Então ela também viria com a senhora, se me acompanhasse ao es…tran…gei…ro? Nesse caso farei sem fal…ta uma viagem ao es…tran…gei…ro. Sim, sem falta! E se pudesse prometer-me… Mas é uma criatura encantadora, de…li…cio…sa! Oh, *ma charmante enfant* — e o príncipe tornou a beijar-lhe a mão. A pobre criatura queria até deitar-se a seus pés.

— Mas, príncipe, o senhor disse que se pudesse ter a esperança — exclamou Maria Alieksándrovna, que sabia aproveitar as ocasiões. — O senhor sempre tem coisas, príncipe! Mas será possível que não se julgue ainda digno da estima de uma mulher? Não é a juventude que faz a beleza. Não se esqueça que é, por assim dizer, uma relíquia da aristocracia! É o representante dos mais delicados e cavalheirescos sentimentos e… maneiras! Não se apaixonou Maria pelo velho Mazepa?[6] Sei também, por ter lido, que Lauzun, esse encantador marquesinho da corte de Luís… já não me lembro de qual Luís… quando já velho, o que se pode dizer mesmo velho, fez andar à roda a cabeça duma das mais famosas beldades da corte… E quem é que lhe disse que o senhor é velho? Quem lhe meteu isso na cabeça? Mas, por acaso, homens como o senhor podem envelhecer alguma vez? Velho, o

senhor, com toda essa riqueza de sentimentos, de ideias, de bom humor, de espírito, de energia vital e maneiras elegantes! Bastava que se apresentasse em qualquer parte do estrangeiro, numas termas, se assim o desejasse, em companhia de uma moça, de uma linda mulher, como por exemplo, a minha Zina — pode não ser ela, apresento-a apenas como exemplo — e ia ver a sensação que fazia! O senhor é um membro da aristocracia e ela uma beldade entre as beldades! Leva-a aos salões de braço dado, solenemente. Aí, ela canta entre a mais brilhante sociedade, e o senhor, por seu lado, dedica-se a fazer observações espirituosas, para se distrair… E vai ver como todos então se juntarão para ver um par tão interessante! Toda a Europa se ocupará do senhor, virão notícias sobre vós nos jornais, que encherão colunas e colunas! Oh, *mon prince*! E ainda diz: "Se pudesse ter a esperança"…

— Co…lunas? Ah, sim! Nos jornais — murmurou o príncipe que não tinha compreendido metade daquela arenga e estava cada vez mais agitado. — Minha filha, se não está can…sa…da, pode repetir a *ro man…za* que acaba de can…tar?

— Mas, príncipe! Ela sabe outras *romanzas* ainda mais bonitas… Lembra-se daquela cançoneta, *L'Hirondelle*? Com certeza a deve ter ouvido!

— Claro que me lembro… ou, para melhor dizer, esqueci-me… Não, não, que torne a can…tar a mesma *roman…za* de há pouco! Nada de *L'Hirondelle*! A mesma, a mes…ma de há pou…co! — insistiu o príncipe como uma criança caprichosa.

Zina voltou a cantar a *romanza*. E quando acabou, o pobre príncipe não pode conter-se e deitou-se de joelhos a seus pés. Até chorava, o desgraçado.

— Oh, *ma belle châtelaine*![7] — e a voz tremia-lhe de velhice e comoção. — Oh, *ma belle châtelaine*! Oh, pequenina! Quantas coisas me recordas com essa *roman…za*! Quantas coisas de outros tempos! Sempre acreditei que dantes tudo seria melhor do que depois… Eu cantava a duo… com a viscondessa… esta mesma *romanza*… mas agora, já não sei…

Tudo isto disse o príncipe como sufocado e fazendo pausas. A língua entaramelava-se. Algumas das suas palavras mal se percebiam. Mas via-se claramente que estava profundamente comovido… e Maria Alieksándrovna, reparando nisso, apressou-se a deitar ainda mais lenha no fogo.

— *Mon prince*! Será que se apaixonou pela minha Zina? — exclamou. Compreendia que o instante era decisivo.

A resposta do príncipe correspondeu às suas esperanças mais audaciosas.

— Sim, apaixonado até ao delírio! — exclamou o velho animando-se repentinamente e continuando de joelhos diante da jovem, tremendo de pura comoção. — Era capaz de dar a vida por ela! Se eu pudesse esperar… Mas levan…te-me que estou um pouco fra…co. Eu… se quisesse… poderia atrever-me a ofere…cer-lhe o meu cora…ção… passaria… passaria toda a vida a cantar-me *ro…manzas* e eu não me cansaria de o…lhá-la!

— Ah, *mon prince, mon prince*! Isso é pedir-me a sua mão! O senhor quer roubar-me a minha Zina, o meu anjo, a minha filha querida! Então terá que arrancá-la dos meus braços, porque… por sua livre vontade não te larga a tua mãe, Zina!

Maria Alieksándrovna correu em direção à filha e abraçou-a, apesar de calcular que Zina podia repeli-la com violência, pois a sua atitude era exagerada. Zina sofria em todas as fibras da sua alma e aquela comédia ia lhe ficando insuportável. Mas calava-se e isto era tudo quanto a mãe necessitava para conseguir seus projetos.

— A nove pretendentes já ela deu o não, e tudo para não se separar da sua mãezinha! — continuou Maria Alieksándrovna. — Mas desta vez o coração adivinha-me que vou perdê-la! Eu já tinha percebido como o príncipe olhava para a minha Zina! O senhor venceu-a com a sua aristocracia, príncipe, com a sua distinção invulgar! Oh, o coração diz-me que o senhor nos veio separar!

— A…do…ro-a! — exclamou o príncipe que tremia de maneira estranha.

— Serás capaz de deixar a tua mãe? — exclamou Maria Alieksándrovna e voltou a atirar-se ao pescoço de sua filha.

Zina apressou-se a acabar com aquele transe tão custoso. Estendeu ao príncipe, em silêncio, a sua admirável mão, e fez até um esforço para sorrir. O príncipe apoderou-se com um ímpeto selvagem daquela mãozinha e cobriu-a de beijos ardentes.

— Agora começo a viver! — exclamou arrebatado de entusiasmo.

— Zina! — exclamou solenemente Maria Alieksándrovna. — Põe os olhos neste cavalheiro! É o homem mais respeitável e nobre de todos que conheço! É um cavaleiro da Idade Média! Mas para que dizer-lhe isto, se ela já o sabe, se ela o sabe por desdita minha… Oh, por que teria o senhor entrado nesta casa! Mas… enfim… que se há de fazer? Deponho nas suas mãos o meu tesouro precioso, o meu anjo de guarda! Proteja-a, príncipe! É uma mãe que lhe pede, e que mãe não compreenderia a minha dor?

— Basta, mamãe! — admoestou-a Zina.

— Vai colocá-la a salvo de todas as ofensas, príncipe! A sua espada saberá castigar o insolente que ousasse ofender a minha filha!

— Não continues, mamãe, ou…

— Sim, hei de castigá-lo — murmurou o príncipe. — Oh, é agora que eu vou começar a viver! Desejo que a boda se celebre i…me… dia…mente… dentro de um momento! Vou… mandar já alguém a Dunákovo buscar uns brilhantes… para pô-los a seus pés!

— Que paixão! Que amor! Que nobreza de sentimentos! — exclamou Maria Alieksándrovna. — E teve o senhor coragem, príncipe, de sepultar-se naquele lugarejo e afastar-se de todos! Não me cansarei de censurá-lo, príncipe! Até parece que endoideço quando penso nessa coisa diabólica…

— Mas que havia eu de fa…zer, se ti…nha tanto medo? — balbuciou o príncipe quase a chorar e com uma voz tremente. — Se me queriam encerrar num mani…cô…mio! Foi por isso que eu me

meti a…li!

— Num manicômio? Oh, que crueldade! Sempre há gente muito má neste mundo! Que patifes! Sim, ouvi qualquer coisa sobre isso, *mon prince*! Mas quem estava doido eram eles! E afinal por que?

— A causa, até eu próprio a desconheço! — acrescentou o velho, que se sentou, esgotado. — Eu… sabe… estive num baile… e contei ali uma a…ne…dota…zinha que, segundo parece… não lhes agradou! E foi esse o pretexto de que eles se serviram!

— Só por isso, príncipe?

— Não. É que eu também joguei car…tas com o príncipe Piotr Die…mié…tich e tinha ficado sem um seis. Eu tinha dois re…is e três damas, ou, melhor, três damas e dois re…is… Não, um rei… E depois é que vinham as da…mas!

— E isso que tem? Oh, que Humanidade tão infame! Mas o senhor está chorando, príncipe! Deixe essas lágrimas que agora já nada tem a temer! Eu estarei ao seu lado, príncipe! Eu não me separarei de Zina e veremos se essa gentinha se atreve a dizer uma palavra! O seu casamento, príncipe, ainda mais que surpreendê-la vai aborrecê-la! Não terão outro remédio senão reconhecer que o senhor ainda é capaz… Isto é, não terão outro remédio senão pensar que uma beleza como está ninguém a vai por nas mãos dum louco. Agora já o senhor pode levantar a cabeça, bem alto, e olhar de frente esses desavergonhados…

— Isso, isso, hei de olhá-los na cara — e seus olhos iam se fechando.

“Quem sabe lá se o pobre já está atordoado e eu estou aqui a perder tempo com todo este palavreado!”, pensou Maria Alieksándrovna.

— Príncipe, o senhor está excitado, bem vejo. Devia descansar um pouco — disse-lhe ela com uma voz persuasiva, enquanto se inclinava sobre ele maternalmente.

— Sim, sim, de boa vontade me deitaria — disse o príncipe.

— De fato! Descanse um pouquinho! Espere, eu própria vou ensinar-lhe o caminho… Se for preciso, vou levá-lo até a cama… Mas por que olha tão fixamente para esse retrato, príncipe? É o da minha mãe! Um anjo, é que ela era, e não uma mulher! Oh, por que não estará ela ainda entre nós? Era uma santa, coitadinha!

— Uma san…ta? *C'est joli*… Eu também tive mãe… *Une princesse*… Olhe, era uma mulher ex…traor…di…nária… Mas não era isso o que eu queria dizer-lhe… Estou um pouco can…sa…do! *Adieu ma charmante enfant!* Terei muito gosto… Hoje… Amanhã… Bem, tanto faz. *Au revoir, au revoir!* — quis fazer um gesto de despedida mas escorregou e por pouco que não se estatelava.

— Cuidado, príncipe! Segure-se ao meu braço! — indicou-lhe Maria Alieksándrovna.

— *Charmant! Charmant!* — murmurou o príncipe ao sair. — Agora é que eu começo a viver!

Zina ficou só. Parecia-lhe que tinha um peso enorme sobre os ombros. Sentia náuseas. Desprezava-se a si própria. As faces escaldavam-lhe. Com as mãos convulsivamente enclavinhadas… e os dentes cerrados, continuou ali, cabisbaixa e imóvel. Lágrimas de vergonha corriam dos seus olhos… Nesse momento a porta abriu-se violentamente e Mosliakov entrou na sala.

## Capítulo IX

Tinha ouvido tudo!

Pálido de cólera e de comoção, irrompeu no salão, porque, aquilo não se podia chamar entrar. Zina olhou para ele assombrada.

— Agora já sei quem é a senhora! — exclamou ele sufocado. — Agora, finalmente, já a conheço!

— Quem eu sou? — repetiu Zina, que olhava para ele como para

um louco, sem compreender as suas palavras… Mas de repente compreendeu-as e os seus olhos relampejaram de cólera.

— Como se atreve a falar dessa maneira? — e dirigiu-se para ele.

— Ouvi tudo! — repetiu Mosliakov com solenidade mas recuando sem querer diante das moça.

— Que quer dizer com isso? Então esteve escutando à porta?

— Sim, estive escutando! Decidi-me a essa ação baixa; mas assim pude ficar sabendo que… Nem sei como hei de explicar-me… Não sei como dizer-lhe… o conceito que agora me merece — respondeu ele perdendo por momentos a coragem e a firmeza do olhar.

— E mesmo que tenha ouvido tudo? De que pode o senhor acusar-me? E, sobretudo, que direito tem de me fazer censuras? Que direito tem de empregar para comigo uma linguagem tão baixa?

— Eu? Que direito tenho? É a senhora quem pergunta? Vai casar-se com o príncipe e acha que não tenho direito? Tenho aquele que me concedeu ao dar-me o sim… Simplesmente!

— Eu? Quando?

— Sabe muito bem quando foi!

— Ainda esta manhã tive a franqueza de dizer-lhe com toda a clareza, dada a sua insistência, que não podia prometer-lhe nada de concreto.

— Mas… seja como for… A senhora não me disse que… Também não me repeliu definitivamente! Reservava-me para as faltas! Estava a lisonjear-me!

No pálido rosto de Zina refletiu-se um sentimento de mágoa, como provocado por uma dor aguda, lancinante; mas dominou-se.

— Se eu não o despedi completamente — respondeu devagar e claramente, embora deixasse transparecer na sua voz um leve tremor — foi apenas por compaixão. O senhor mesmo me pedira que não o

desenganasse já, que adiasse um pouco a resposta, que o tratasse com mais benevolência e “depois — disse o senhor — quando estiver convencida de que sou um homem honrado, pode ser que já não me repudie!”. Foram estas as próprias palavras que o senhor me disse quando principiou a cortejar-me. Não pode negar. E agora atreve-se a dizer que eu estive a lisonjeá-lo… Mas deve ter reparado no meu aborrecimento quando o vi aparecer duas semanas antes do combinado, e há de reconhecer que eu não procurei ocultar-lhe esse desgosto, e que, pelo contrário, manifestei-o claramente. Com certeza reparou nisso, pois me perguntou se eu estava aborrecida com o senhor por ter antecipado a sua chegada. Pense que, com certeza, ninguém deseja lisonjear outra pessoa quando não esconde o seu aborrecimento perante o interessado. O senhor teve o atrevimento de me dizer que eu o tinha de reserva para as faltas. A isso respondo-lhe eu dizendo-lhe pouco mais ou menos o que pensava sobre o senhor: “Embora não seja um homem muito inteligente, contudo pode ser bom e, portanto, talvez possa casar com ele”. Mas agora que, felizmente, pude convencer-me a tempo de que o senhor não só é um estouvado, mas também um estouvado mal intencionado, não posso fazer outra coisa senão despedir-me do senhor, desejando-lhe que passe muito bem. Vá com Deus!

Zina voltou-lhe as costas e saiu lentamente do salão.

Mosliakov compreendeu que desta vez perdera tudo e ficou fora de si.

— Ah, então sou um estouvado! — exclamou. — Então sou um estouvado! Está bem! Fique com Deus! Mas antes de me ir embora hei de pôr a gente desta terra a par de tudo e contarei a todos como a sua mãe soube enganar o príncipe, embebedando-o primeiro. Hei de contar tudo a toda gente! Há de ficar sabendo quem é Mosliakov!

Zina estremeceu e ia deter-se para responder-lhe como merecia, mas reconsiderou a tempo, limitando-se a encolher os ombros e fechar a porta atrás de si.

Quase ao mesmo tempo apareceu à porta Maria Alieksándrovna. Tinha ouvido a última exclamação de Mosliakov, adivinhou num

instante tudo quanto acontecera e ficou assustada. Mosliakov ainda não saíra, estava ainda a dois passos do príncipe. Mosliakov podia divulgar a notícia pela terra, mas, para bom êxito dos seus planos, o seu segredo tornava-se indispensável, mesmo que fosse por pouco tempo! Maria Alieksándrovna deitou as suas contas. Bastou-lhe refletir durante um segundo sobre a situação para descobrir a maneira de amansar Mosliakov.

— Mas, que lhe aconteceu, *mon ami*? — perguntou-lhe aproximando-se dele e estendendo-lhe afetuosamente a mão.

— Como? Como se atreve a dizer *mon ami*? — exclamou Mosliakov furioso. — Chamar-me *mon ami* depois da partida que me pregou! Proíbo-lhe isso terminantemente, minha senhora! Julga que vai enganar-me outra vez?

— Sinto muito, muitíssimo, encontrá-lo nessa disposição de espírito, Páviel Alieksándrovitch. Que tom é esse, criatura? O senhor não se incomoda muito em escolher as expressões que devem empregar-se quando se fala com uma senhora!

— Com uma senhora… Será tudo o que quiser… menos uma senhora! — tornou a exclamar Mosliakov encolerizado.

Não sabemos o que ele queria dizer com isso. Mas era, sem dúvida, qualquer coisa de aniquilador.

Maria Alieksándrovna olhou para ele com olhos piedosos.

— Sente-se! — disse-lhe depois com uma voz triste, e indicou-lhe a mesma cadeira pouco antes ocupada pelo príncipe.

— Ouça, Maria Alieksándrovna, fique sabendo que essa já não pega! — Mosliakov estava completamente fora de si. — Olha para mim como se em vez de ser a senhora a culpada, fosse eu! Mas repito-lhe que isso não pega! Que emprego com a senhora umas maneiras… Mas não vê que tudo isso acaba com a paciência duma pessoa? Não acha?

— Meu amigo — respondeu-lhe Maria Alieksándrovna —

permita-me que continue a chamar-lhe assim, pois não tem melhor amizade do que a minha. O senhor sofre… e por isso não me surpreende que fale nesse tom! Estou decidida a dizer-lhe tudo, a abrir-lhe o meu coração de par em par, tanto mais que, para lhe dizer a verdade, me sinto um pouco culpada diante do senhor! Por isso lhe digo que se sente e conversemos.

Maria Alieksándrovna falava com uma voz dolente, suave, e todo o seu rosto deixava transparecer dor. Mosliakov sentou-se em frente dela.

— Estava junto da porta? — prosseguiu no mesmo tom suave e dirigiu-lhe um olhar carregado de censuras.

— Sim, estive escutando! E ainda bem! Se não o fizesse ainda agora estaria iludido! Assim, ao menos, pude ficar sabendo tudo quanto tramava contra mim — respondeu sem pejo. A sua própria cólera o irritava e incitava cada vez mais.

— E o senhor, tão correto, foi capaz de decidir-se a cometer uma ação dessas! Valha-nos Deus!

Mosliakov teve um sobressalto.

— Mas, Maria Alieksándrovna! Isto é inaudito! Faça o favor de reparar naquilo a que a senhora, tão correta e com tantos princípios, teve a coragem de se decidir, antes de condenar os outros!

— Permita-me ainda uma perguntas — interrompeu-o ela sem reparar na sua veemência. — Quem o induziu a espiar-nos, quem lhe ensinou a maneira de o fazer, quem dentro desta casa espia os nossos passos? É isto a primeira coisa que devo saber!

— Desculpe-me… mas não posso lhe dizer.

— Não faz mal. Eu me encarreguei de descobrir. Já lhe disse, *cher Paul*, que de certo modo me sinto culpável perante o senhor. Se apreciar bem as coisas, há de reconhecer que a minha culpa, se é que realmente se me pode imputar alguma, reduz-se unicamente a ter desejado o seu bem.

— O meu bem? Oh, basta, basta. Afirmo-lhe, minha senhora, que agora já não me engana! Não sou nenhuma criança!

E deu meia volta na cadeira, com tal violência que ela rangeu em todas as suas junturas.

— Peço-lhe, meu amigo, que faça o possível por acalmar-se. Escute-me com atenção e verá como vai ficar de acordo comigo! Começo por dizer-lhe que era minha intenção contar-lhe tudo… Pensava pô-lo a par do caso, até aos mais íntimos pormenores, e teria assim ficado sabendo tudo sem necessidade de rebaixar-se a espiar atrás das portas. E se nada lhe disse antes, foi apenas porque tudo estava ainda muito no ar e podia falhar de um momento para o outro. Já vê que não posso ser mais franca para com o senhor. Além disso, não tem nada que deitar culpas sobre a minha filha. Zina ama-o até à loucura e deu-me muito trabalho tirar-lhe isso da cabeça e fazer com que acedesse a casar com o príncipe.

— Ainda há um momento tive oportunidade de receber a prova clara da verdade desse amor que toca as raias da loucura! — observou Mosliakov com ironia.

— Sim. Mas como é que falou com ela? Como um verdadeiro enamorado? E finalmente… Que homem bem educado é que se exprime nesse tom? O senhor ofendeu-a e enervou-a.

— Deixe-se disso, Maria Alieksándrovna! Ainda esta manhã, depois de se ter mostrado tão amável comigo quando cheguei com o príncipe, já a senhora me caluniou! Pôs-se a falar de mim pintando-me com as mais feias cores! Sei tudo, tudo!

— E provavelmente através da mesma suja origem, não? — perguntou Maria Alieksándrovna com um sorriso depreciativo. — Sim, Páviel Alieksándrovitch, é verdade; pus-me a falar mal do senhor, a dizer horrores, e confesso-lhe que muito me custou. Mas não servirá isso para demonstrar precisamente como era difícil conseguir que Zina concordasse em renunciar ao senhor? Será possível que não compreenda? Se Zina não gostasse do senhor, que necessidade tinha eu de depreciar o seu caráter, de torná-lo até ridículo, de recorrer a esses meios extremos? Mas o senhor ainda não sabe tudo. Eu tive que

apelar para a minha autoridade de mãe para arrancar do seu coração e só depois de esforços inauditos pude conseguir que ela acedesse às minhas súplicas, e isto só na aparência. Se esteve escutando à porta deve ter visto como ela não me apoiou nem com uma palavra nem com um olhar nos meus esforços para ser agradável ao príncipe. Mal abriu a boca durante todo esse tempo. E cantou como um autômato. Tinha a alma cheia de dor. E foi por isso, por compaixão por ela, que me apressei a por termo à cena, levando o príncipe comigo. Tenho a certeza de que ficou chorando, quando se viu só. O senhor, quando entrou, deve ter visto as suas lágrimas…

Mosliakov lembrou-se então de que na verdade, quando entrou no salão, vira lágrimas nos olhos de Zina.

— Mas… qual a razão por que procedeu desse modo para comigo? Para que era preciso falar mal de mim, caluniar-me… conforme acaba de dizer?

— Ah, isso é outro assunto! Escute: se o senhor, desde o princípio, tivesse procedido com discrição e me tivesse feito essa pergunta, ter-lhe-ia dito logo… Sim, o senhor tem razão! Fiz tudo isso unicamente em atenção ao senhor! Não pense em meter Zina em tudo isto. Pergunta por que é que eu fiz isto? Pois vou responder-lhe francamente: em primeiro lugar, por Zina. O príncipe é rico, de nobre linhagem, tem relações influentes, é o que se chama um bom partido. E finalmente, se deixa Zina viúva cedo, segundo todas as probabilidades… visto que todos temos de morrer mais cedo ou mais tarde… a minha filha vai estar nova, livre, princesa, relacionada com a sociedade mais distinta e imensamente rica. Então, se ela assim o desejar, poderá voltar a casar e será um partido brilhantíssimo… Mas é evidente que ela apenas fará um segundo casamento com aquele a quem já antes amava e cujo coração teve de dilacerar ao casar-se com o príncipe. E então, a piedade poderá obrigá-la a reparar o agravo que anteriormente fizera àquele que amava…

— Hum! — resmungou Mosliakov que olhava para o pés, pensativo.

— Em segundo lugar… e isto lhe faço notar apenas de passagem

— prosseguiu Maria Alieksándrovna — pois pode dar-se o caso de que não me tenha compreendido bem. O senhor lê Shakespeare e daí tira todos os seus elevados sentimentos; mas, na prática, na realidade, meu amigo, por muito talento que o senhor tenha, é ainda muito novo… ao passo que eu sou mãe, Páviel Alieksándrovitch! Por isso ouça-me: por agora dou ao príncipe a mão de minha filha, e em parte é em atenção a ele, pois quero salvá-lo por meio desse casamento. A minha amizade por esse nobre velho, tão bom e cavalheiresco, não é de agora. Fomos amigos noutros tempos. Ele é muito infeliz nas garras dessa mulher. Acabará por atirar com ele para a sepultura! Deus é testemunha de que eu apenas pude levar Zina a aceitar esse casamento, fazendo-lhe ver a grandeza desse ato de abnegação. E ela deixou-se conduzir pela sua nobreza de alma, pelo seu entusiasmo por tudo quanto seja vencer-se a si mesma. Tem uma alma de heroína romântica. Fiz-lhe ver que é um dever de boa cristã ser o apoio, o consolo, a amiga, a alegria, o ídolo dum homem que talvez conte apenas um ano de vida. Desse modo não ficará em poder dessa desavergonhada, nos últimos dias da sua existência não o rodearão o medo e a solidão, mas, pelo contrário, a serenidade, a amizade e o amor. Os derradeiros dias da sua vida vão lhe parecer um paraíso. É capaz de dizer-me o que há de egoísmo em tudo isso? Diga antes que se trata da abnegação de uma irmã de caridade e não de egoísmo!

— Então… Fez tudo isso apenas para o bem do príncipe, por amor do próximo e não por egoísmo? — murmurou Mosliakov com ironia.

— Também é compreensível essa sua pergunta, Páviel Alieksándrovitch! Não pode ser mais clara. O senhor pensa que eu uni jesuiticamente a conveniência do príncipe com a minha própria conveniência. Que lhe hei de dizer? Pode ser que eu também tenha feito os meus cálculos, não jesuiticamente, mas… sem querer. Bem sei que há de admirar-se de uma confissão tão franca, mas apenas lhe peço uma coisa, Páviel Alieksándrovitch! É que acredite que Zina não teve absolutamente nada a ver com tudo isto! A minha filha é inocente, inocente como um anjo; ela não percebe nada de cabalas… apenas deve amar, a pobrezinha! Se alguém andou aqui com cálculos e combinações, fui eu e só eu. Mas consulte a sua consciência com

toda a seriedade e diga-me: quem em meu lugar não teria feito o mesmo? Nós atendemos sempre à nossa conveniência, mesmo nos atos mais desinteressados, e fazemo-lo quase inconscientemente, sem darmos por isso! Claro que todos se costumam enganar, atribuindo-os à sua nobreza de alma; mas no meu caso pessoal, não me engano; confesso-lhe sinceramente que, apesar de toda a sublimidade do meu afeto… procedi interesseiramente! Mas o senhor perguntou-me se eu tive presente a minha conveniência. Eu já não preciso de nada, Páviel Alieksándrovitch. Já estou no fim da vida! Pensei apenas no meu anjo, na minha filha! E que mãe seria capaz de me censurar?

Brilhavam lágrimas nos olhos de Maria Alieksándrovna. Mosliakov escutava, estupefato, toda aquela descarada confissão e, como tudo aquilo se lhe afigurava absolutamente incompreensível, não fazia senão pestanejar.

— Bom, sim… Que mãe? — balbuciou por fim. — A senhora sabe falar lindamente, Maria Alieksándrovna… Mas… o que é certo é que a senhora me tinha dado a sua palavra… A senhora fez-me alimentar certas ilusões! Que efeito pensa a senhora que a sua conduta pode ter produzido em mim? Medite sobre isso! Não posso ir-me embora, assim…

— Mas julga que, ao proceder assim, também não me lembrei do senhor, *mon cher Paul*? Ora ouça, criatura: em todas maquinações eu tinha sempre presente o seu próprio interesse, foi precisamente por causa do seu interesse que eu me lancei nesta aventura!

— Por causa do meu interesse! — exclamou Mosliakov atônito. — Como vem a ser isso?

— Meu Deus! Sera possível que seja tão pouco perspicaz? — exclamou Maria Alieksándrovna num repto de eloquência. — Oh, esta mocidade, esta mocidade! Por aqui já pode ver o que se ganha em ler Shakespeare, em sonhar e crer que se vive realmente… quando afinal não faz senão pensar por outra cabeça e guiar-se por ideias alheias! Pergunta-me o senhor, meu bom Páviel Alieksándrovitch, que interesse era esse que eu tomei pelo senhor. Dê-me licença que lhe explique: é que Zina o ama… Disto é que não há dúvida! Bom. Mas eu

tinha notado que, apesar do seu amor evidente, a moça sentia qualquer desconfiança a seu respeito, sim… uma desconfiança dos seus sentimentos, do seu amor. Já tinha reparado que ela se esforçava muitas vezes por mostrar-se fria com o senhor… O que era consequência das suas reflexões e dos seus receios. Não reparou nisso também, Páviel Alieksándrovitch?

— Sim… E chocava-me, naturalmente… Ainda hoje… Mas onde é que quer chegar com o seu discurso, Maria Alieksándrovna?

— Calma, calma, que já lhe digo. Assentamos em que o senhor também já o tinha notado, não é verdade? Bem; e eu, naturalmente, não podia enganar-me. A minha filha desconfiava do senhor, precisamente pela constância das suas boas inclinações. Eu, que sou mãe, como é que não havia de adivinhar o que se passava no coração de minha filha? Imagine agora o senhor que, em vez de ter penetrado na sala com censuras e quase com juramentos que forçosamente tinham de irritar e ofender a pobrezinha, que, inocente, bela e altiva, estava diante do senhor, e com o que, além disso, não fazia mais senão firmá-la na desconfiança que sentia a respeito da segurança das suas boas qualidades… imagine, repito, que em vez disso o senhor tinha escutado essa notícia tranquilamente, com lágrimas de pesar e até de desespero, e até com altiva dignidade, que teria demonstrado a nobreza do seu espírito…

— Hum!

— Não, não me interrompa, Páviel Alieksándrovitch. Quero pintar-lhe esse quadro que não pode deixar de impressioná-lo. Imagine que, nessa disposição de ânimo que acabo de lhe dizer, o senhor vem, aproxima-se dela e diz-lhe simplesmente: “Zinaída! Amo-te mais do que à vida, mas razões de família nos separam, Compreendo os motivos que se interpõem entre nós. Trata-se da tua felicidade e não me atrevo a ser um obstáculo para ela. Zinaída! Adoro-te! Sê muito feliz, se é que o podes ser!”. Depois do que, lança-lhe um olhar… Um olhar de carneiro mal morto, se me permite a comparação; imagine que cena e diga-me que impressão não teriam feito as suas palavras no coração de minha filha!

— Bem… Maria Alieksándrovna; suponhamos que isso seja como diz. Compreendo-o perfeitamente, mas… afinal de contas, que teria eu ganho com isso? O mesmo que agora… ir daqui com as mãos abanando…

— Nada disso, meu amigo! Não me interrompa! Tenho o maior interesse em pintar-lhe o quadro completo, com todas as suas ulteriores consequências, para ver se assim o convenço. Continue a imaginar que, passado algum tempo, se encontram os dois na alta sociedade. Encontram-se, num baile, por exemplo, no meio duma iluminação radiosa e dos acordes duma música arrebatadora, entre grupos de mulheres lindíssimas e… apesar de toda essa alegria que o rodeia, o senhor é o único que aí está triste, pensativo e pálido, e seguindo-a com o olhar, apoiado à branca coluna… mas de maneira que possa ser visto com facilidade… Enquanto ela se agita no torvelinho da alta sociedade. Ela dança. Os sons cativantes duma valsa de Strauss deleitam os seus ouvidos, à sua volta o talento da alta sociedade faísca em frases brilhantes… Mas o senhor está sozinho, pálido e consumido de paixão. E Zinaída, que sentirá nessa altura? Imagine! Com que olhos o fitará? "É possível — dirá para si própria — que eu tenha duvidado deste homem que sacrificou tudo por mim, tudo, e tem o coração dilacerado por minha causa?" Oh, acredite em mim: todo o seu antigo amor surgirá na sua alma com o ímpeto duma paixão dominadora.

Maria Alieksándrovna fez uma pausa breve para poder respirar. Mosliakov recostou-se na cadeira tão pensativo, que esta tornou a ranger pela segunda vez. Maria Alieksándrovna prosseguiu:

— Velando pela saúde do príncipe, empreende Zináida em sua companhia uma viagem pelo estrangeiro, pela Itália, pela Espanha… a Espanha onde florescem as murtas e as laranjeiras, o céu é de um azul profundo e corre o Guadalquivir… Pela terra do amor, onde não é possível a vida sem amor e onde rosas e beijos se enlaçam no ar, por assim dizer. Pois o senhor irá também, aí começa ela a sentir pelo senhor uma paixão irresistível. Amor, juventude, Espanha… Meu Deus! É claro que o vosso amor é um amor platônico, puríssimo. Mas, enfim, o certo é que ambos podem consolar-se mutuamente olhando um para o outro! Compreende, meu amigo? Claro que as pessoas más,

que nunca faltam, não deixarão de dizer que o que o leva ali não é a amizade de parente que possa sentir pelo velho doente. Mas foi intencionalmente que eu qualifiquei o vosso amor de platônico, para que essa gentinha possa dar-lhe outra interpretação. Eu sou mãe, Páviel Alieksándrovitch… Será eu quem lhe aconselharia alguma coisa de mal? É verdade que o príncipe não se encontra em estado de vigiá-los, mas… que mal haverá nisso? Seria assim, tão simplesmente, que iriam dar crédito a uma calúnia tão infame? Isto para não dizer que um dia terá de morrer e morrerá abençoando os últimos anos da sua vida. Agora diga-me: com quem casaria então Zina senão com o senhor? O senhor é parente do príncipe, mas já afastado; por isso, legalmente, nada se pode objetar contra esse casamento. De maneira que o senhor casa com a jovem, rica e distinta princesa… e o senhor deixaria com um nariz de palmo e meio os mais distintos aristocratas que tinham já erguido o sonho de levá-la ao altar. Então, graças à sua mulher, irão se abrir para o senhor as portas dos mais seletos salões; graças à sua mulher, chegará o senhor a ocupar uma posição importante no mundo oficial e terá títulos e condecorações a granel. Agora possui apenas cento e cinquenta almas, mas depois será rico, o que se chama rico. O príncipe deixara tudo previsto no testamento: disso encarrego-me eu. E depois, o principal é que… ela terá entretanto, ocasião de convencer-se completamente da lealdade do seu coração, da sua amizade, e o senhor surgirá de repente como um herói de nobreza de alma e de abnegação… E depois venha perguntar-me que vantagem tira de tudo isso… É preciso estar cego para não ver essa vantagem nem compreendê-la… quando está à sua mão e lhe acena e lhe sorri e até lhe diz: “Olha para mim, eu sou a tua sorte”. Por amor de Deus, Páviel Alieksándrovitch!

— Maria Alieksándrovna! — Mosliakov estava possuído de uma agitação indescritível. — Agora, sim, já compreendo tudo! Portei-me com ela de uma maneira vil e grosseira!

Saltou da cadeira e arrepelou os cabelos.

— É de compreensão lenta — acrescentou Maria Alieksándrovna. — Sobretudo de compreensão lenta.

— Sou um burro, Maria Alieksándrovna! — exclamou Mosliakov

desesperado. — Agora já perdi tudo e amo-a com loucura!

— Pode ser que ainda não esteja tudo perdido — disse em voz baixa a senhora Moskaliova como se falasse para si mesma, como se refletisse.

— Oh, se isso fosse verdade! Ajude-me! Diga-me uma palavra, salve-me!

E Mosliakov pôs-se a chorar.

— Meu amigo — disse-lhe Maria Alieksándrovna, compassiva, e estendeu-lhe a mão. — Procedeu com excessiva veemência, num arrebatamento passional, e, portanto, levado apenas pelo amor que lhe tem. O senhor estava desesperado, fora de si. Com certeza que ela viu isto perfeitamente…

— Amo-a com loucura e estou disposto a sacrificar tudo por ela!

— Olhe, vou tentar justificá-lo perante Zina…

— Maria Alieksándrovna!

— Sim, vou cuidar disso. Vou levá-lo à sua presença. E o senhor explicará a ela tudo como eu lhe acabo de explicar.

— Meu Deus! Como a senhora é bondosa, Maria Alieksándrovna! Mas não poderia fazer isso imediatamente?

— Deus me livre de uma coisa dessas. Oh, que pouca experiência a sua, meu amigo! Da maneira que ela é soberba! Tomaria isso por uma nova ofensa, por um atrevimento. Amanhã, sim, procurarei tratar de tudo, mas agora… agora deve sair, deve ir a qualquer lugar; o melhor que tem a fazer é ir a casa desse comerciante… do seu padrinho… à noite talvez pudesse voltar, embora eu não aconselhe.

— Bem, bem, então vou-me embora. Meu Deus, a senhora é a minha salvadora! Mas se o príncipe não morrer tão depressa?

— Meu Deus, que ingênuo o senhor é, *mon cher Paul*! Mas pelo contrário, nós próprios devemos desejar que ele viva com saúde ainda

uns dois anos! Devemos amá-lo, sim, a esse velho bondoso e cavalheiresco e desejar-lhe de todo o coração uma vida longa. Dia e noite pedirei eu a Deus, com lágrimas nos olhos, pela felicidade da minha filha. Mas infelizmente parece-me que não devemos ter muitas ilusões sobre a saúde do príncipe. Tanto mais que seria bom que tivesse ainda tempo de instalar-se na sua residência e deixar Zina bem apresentada e admitida na sociedade. Tenho muito medo que todos estes trabalhos, na sua idade, lhe deem o golpe de misericórdia. Mas nós rogaremos a Deus, em cujas mãos está tudo. Já se vai embora? Dou-lhe a minha benção, *mon ami*. Tenha esperança e paciência, não perca a coragem, e acima de tudo seja homem. Nunca pus em dúvida a sua nobreza de sentimentos…

Apertou-lhe a mão com força a Mosliakov esgueirou-se na ponta dos pés para fora do quarto.

"Oh, deste imbecil já eu me livrei! — pensou Maria Alieksándrovna triunfante. — Agora é a nossa vez."

A porta abriu-se naquele instante e Zina entrou. Estava horrivelmente pálida e os olhos cintilavam-lhe.

— Mamãe — disse — acaba depressa com isto ou não suporto mais! Isto é tão sujo e repugnante que me dá vontade de sair correndo para fora desta casa! Por que me atormentas assim, por que me irritas desta maneira? Vou adoecer, ouviste? Vou adoecer de nojo.

— Zina! Mas que tens tu, meu anjo? Estiveste escutando à porta? — exclamou Maria Alieksándrovna e olhou angustiosamente, inquiridora, para a filha.

— Sim, estive escutando. Queres talvez enganar-me, como a esse idiota? Ouve: juro-te que se continuas a atormentar-me e a fazer-me desempenhar um papel tão vergonhoso nesta escandalosa comédia, deitarei tudo a perder e tudo acabará mal. Já não chega que eu me tenha prestado ao principal e me tenha declarado disposta a carregar com esse enorme fardo? E prestei-me porque não me conhecia… Pois o certo é que me sinto atolada em lama.

Saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Maria Alieksándrovna seguiu-a atentamente com os olhos e ficou pensativa.

“Tenho de me apressar — murmurou, refletindo. — Zina é o maior perigo! E se todos esses velhacos não acabam por nos deixar em paz e vão espalhar pela terra a grande novidade… o que com certeza já devem ter feito a estas horas… então posso dar tudo por perdido. Zina não poderá resistir ao escândalo e voltaria com a sua palavra atrás. É necessário, levar imediatamente o príncipe para as nossas propriedades, custe o que custar. Vou pôr-me a caminho e trago o palerma do meu marido. Para alguma coisa há de servir! Ali, o velho poderá descansar e depois… Por isso, a caminho!”

Tocou a campainha.

— O trenó está pronto? — perguntou ao criado que acudiu à chamada.

— Há muito tempo, minha senhora — respondeu ele.

Mandara preparar o trenó quando acabara de levar o príncipe ao andar de cima, aos aposentos dos hóspedes.

Vestiu-se e foi imediatamente buscar Zina, a fim de pô-la ao corrente da sua resolução e, se possível, ensinar-lhe como devia conduzir-se. Mas Zina já não quis ouvi-la; deitara-se na cama e apertava o rosto contra o travesseiro. Enterrando as lindas mãos nos negros e longos cabelos, deixando ver até ao cotovelo os braços alabastrinos. De vez em quando estremecia, como se de repente um calafrio lhe percorresse todo o corpo. Maria Alieksándrovna começou a falar-lhe mas Zina nem sequer levantou a cabeça.

Depois de permanecer um momento de pé, junto dela, saiu preocupada e ordenou ao cocheiro que levasse os cavalos a galope, a fim de ganhar tempo.

“O pior de tudo foi Zina ter-nos ouvido! — pensou ao sentar-se no seu cômodo trenó coberto, que corria velozmente em direção ao seu destino. — O que eu disse a Mosliakov foi quase o mesmo que lhe disse a ela. E, orgulhosa como é, pode ser que se sinta ofendida… Mas

o principal, o principal é resolver tudo antes… antes que os outros saibam. Mas… e se o palerma do meu marido não estivesse agora em casa?”

Essa ideia deixou-a indescritivelmente furiosa, tomada de uma cólera que não augurava nada de bom para Afanássi Matviéievitch. Revolvia-se, nervosa, sobre o assento. Não podia sossegar.

## Capítulo X

Os cavalos arrancaram. Já dissemos como, ao sair naquela manhã em busca do príncipe para trazê-lo outra vez para sua casa, Maria Alieksándrovna tivera uma ideia genial. Não era outra senão a de *confiscar* o príncipe e levá-lo o mais cedo possível para as suas terras situadas nas redondezas da cidade, onde então se encontrava seu marido, Afanássi Matviéievitch, completamente despreocupado e gozando de perfeita tranquilidade. Não queremos esconder o fato de Maria Alieksándrovna se sentir cada vez mais atormentada por uma inexplicável inquietação. O que aliás costuma acontecer até aos verdadeiros heróis, e precisamente no momento de conseguirem o seu triunfo ou quando já a dois passos de conseguir. Uma voz secreta lhe dizia que havia perigo em permanecer em Mordássov. “Mas quando me vir no campo, já não me importo que a cidade se alvoroce!” E nem é preciso dizer que no campo também ela não tinha tempo a perder. De um momento para o outro podia acontecer qualquer coisa de imprevisto… ainda que não concedamos crédito aos rumores que os inimigos da nossa heroína espalharam depois à sua custa, dizendo que naqueles instantes críticos chegou mesmo a temer a intervenção da Polícia. Em resumo: era preciso casar Zina com o príncipe o mais urgentemente possível. Maria Alieksándrovna tinha ao seu alcance tudo quanto era necessário para isso. Ali, nas suas propriedades, o cura da aldeia podia abençoar a boda. Esta podia celebrar-se dali a dois dias e, em caso de necessidade, até no dia seguinte. Quantos casamentos se não tinham realizado no espaço de duas horas! Ao príncipe podia fazer-se acreditar que aquela pressa e aquele prescindir de todas as cerimônias e festas de costume, como os banhos e o banquete nupcial, representavam a última palavra do *comme il faut* e

que, com essa simplicidade, a boda se tornava mais imponente. Ou então também se lhe podia pintar tudo aquilo como uma aventura romântica, fazendo vibrar assim a fibra mais sensível do coração do velho. E supondo que as coisas assim não caminhassem bem, restava ainda o recurso de *tranquilizá-lo* com vinho, e, o que era ainda melhor, mantê-lo meio bêbado todo o tempo que aquilo durasse. Depois, acontecesse o que acontecesse, já ninguém podia impedir que Zina fosse princesa. E no caso de que o escândalo não pudesse evitar-se, quer em Petersburgo, quer em Moscou, onde viviam os parentes do príncipe, restava a consolação de pensar que se achavam muito longe dali, no campo, isto para não dizer que Maria Alieksándrovna estava convencida de que na alta sociedade ocorria sempre algum escândalo, sobretudo em questão de casamentos, e que era até de bom-tom que os houvesse, pois os escândalos da alta sociedade, em sua opinião, traziam sempre qualquer coisa de especial… qualquer coisa no gênero d'*O Conde de Monte Cristo*, ou das *Memórias do Diabo*. Bastava que Zina se apresentasse depois acompanhada de sua mãe para que todos se rendessem perante os fatos consumados e sem que nenhuma daquelas condessas e princesas de Mordássov pudesse fazer-lhe frente, todas as quais Maria Alieksándrovna saberia aniquilar ao mesmo tempo ou cada uma por sua vez. Em consequência de todas estas reflexões Maria Alieksándrovna voava agora a caminho das suas propriedades em busca de Afanássi Matviéievitch, que lhe era necessário para o bom êxito dos seus projetos.

De fato, levar o príncipe para as suas terras, levá-lo a Afanássi Matviéievitch, ao qual talvez não quisesse ser apresentado, pedia muita reflexão. Mas se fosse Afanássi Matviéievitch quem tomasse a iniciativa de convidar o príncipe a visitá-lo, o caso tomava outro aspecto. Isto para não falar em que a apresentação de um digno e já maduro pai de família, de fraque, gravata branca e chapéu na mão, havia fatalmente de fazer impressão; e se a isso se acrescentasse que o tal digno pai de família, ao ter a primeira notícia da chegada do príncipe, se apressava a vir cumprimentá-lo de tão longe, o caso não podia deixar de ser extremamente lisonjeiro para o velho magnata. "Diante de um convite feito nessas condições, torna-se difícil recusar", pensava Maria Alieksándrovna.

Os cavalos percorreram finalmente as três verstas, e Sofron, o cocheiro, deteve-os diante do vestíbulo da casa rústica, de madeira, ampla e de um só piso, que, com a comprida fila de janelas e as velhas tílias que a circundavam, tinha uma aparência decrépita e completamente denegrida pelos ventos e pelas chuvas. Era essa a residência de verão de Maria Alieksándrovna.

— Onde para esse parasita? — gritou Maria Alieksándrovna penetrando no quarto como um pé-de-vento. — Que faz aqui esta toalha? Ah! Estava secando! Pelo visto, voltaste à mania dos banhos. Então, tomando chá? Não tens nada a dizer, meu palerma? Por que não cortaste o cabelo? Grichka! Grichka! Por que não cortaste o cabelo ao senhor, como te mandei a semana passada?

Maria Alieksándrovna trazia a intenção de maltratar amavelmente o marido; mas ao verificar que este acabava de sair do banho e estava tomando muito tranquilamente o seu chá, já não pode conter a cólera. Tanta inquietação e desassossego por seu lado e tão venturosa placidez pelo de seu inútil e completamente supérfluo Afanássi Matviéievitch, formavam um contraste que a encolerizava. Enquanto ela falava, o parasita, ou, para falar mais cortesmente, o suposto parasita, estava sentado, sofrendo de um pânico silencioso, diante do seu samovar; escancarava os olhos, a boca e os ouvidos, e olhava atônito para a mulher, cujo súbito aparecimento o tinha deixado petrificado. À porta do vestíbulo esperava de pé a robusta figura de Grichka, que parecia sempre ter passado uma noite má e ainda naquele momento contemplava a cena com olhos sonolentos e piscos.

— O senhor não deixa, por isso é que não cortei — disse, muito murcho, com voz surda. — Pelo menos umas dez vezes aproximei-me com as tesouras… “Vamos, menino, vamos que a senhora pode vir e depois ralha conosco, se não tiver o cabelo cortado…” Mas o senhor respondia sempre: “Espera, homem, espera, que no domingo tenho que fazer uns caracóis e para isso é preciso tê-lo comprido”.

— Que? Mas tu fazes caracóis, homem! Tu usas caracóis postiços? Hão de ficar muito bem nessa cabeça de martelo! Valha-me Deus, que desordem vai nesta casa! A que cheira aqui? Responde, idiota, responde, é a ti que eu pergunto! — exclamou Maria Alieksándrovna

cada vez mais encolerizada com o inocente Afanássi Matviéievitch, que sentia um pânico mortal.

— Mãe…zinha! — balbuciou por fim o sobressaltado marido, sem se levantar do lugar e dirigindo um olhar implorativo à severa esposa. — Mãezinha!

— Quantas vezes já te disse, quantas vezes tentei fazer entrar nessa cabeça de burro, que não sou tua mãe? Eu, tua mãe, idiota? Como te atreves a dirigir-te com esse nome a uma senhora distinta, que devia estar na alta sociedade e não ao lado dum brutamontes como tu?

— Bem… bem… no entanto tu és… tu és minha mulher perante a lei… E por isso é que eu te chamava como é costume… entre os casados — disse Afanássi Matviéievitch procurando desculpar-se, mas erguendo ao mesmo tempo as mãos à cabeça para proteger os cabelos.

— Ah… idiota! Alguém ouviu alguma vez resposta mais tola? Mas que entenderá este pacóvio por sua mulher perante a lei? Quem no mundo ou na boa sociedade emprega hoje essa expressão estúpida, própria dum seminarista, essa frase tão vulgar e repelente de “mulher perante a lei”? E, sobretudo, como te atreves a recordar-me que sou tua mulher, precisamente quando ponho todo o meu engenho e me esforço o mais possível para me esquecer de que o sou? Bem, não vais acabar de secar esse cabelo, criatura? Pelo menos uma três horas ainda levas! Como hás de vir comigo nesse estado? Como hei de apresentar-te assim às pessoas? Não sei que fazer contigo!

Maria Alieksándrovna juntou as mãos num gesto de desespero, enquanto andava no quarto de um lado para o outro. Afinal, o percalço não era tão grande que não pudesse reparar-se; mas é que a boa senhora nem sempre podia dominar o seu gênero despótico e dominador. E por isso tornara-se uma necessidade para ela descarregar sempre a sua cólera sobre a cabeça do pobre Afanássi Matviéievitch, pois a tirania é um costume que acaba sempre por se converter numa necessidade. E além disso já sabemos de que classe de expressões se servem na intimidade muitas senhoras finas, de certa classe social… observação que eu não queria deixar de fazer.

Afanássi Matviéievitch seguia tremendo as evoluções de sua esposa e suava de medo.

— Grichka! — exclamou a senhora. — Veste o senhor imediatamente! Com o fraque, as calças, a gravata branca, o colete… Depressa! Onde está a sua escova de cabelo, onde está ela?

— Mãezinha! Mas se eu ainda há pouco saí do banho! Não vês que me posso constipar se vou sair com um tempo destes?

— Não te preocupes, que não te hás de constipar.

— Mas tenho o cabelo todo molhado!

— Já seca num instante… Vamos Grichka, pega na escova e esfrega com força! Com mais força, homem! Mais força! Assim!

O solícito e submisso Grichka cumpria as suas ordens escovando com todas as forças a cabeça do senhor, ao qual, para fazer essa operação com mais comodidade, segurava pelos ombros e sacudia por detrás, sem reparar sequer que o nariz da sua vítima quase batia na beira da mesa.

Afanássi Matviéievitch estava quase a chorar.

— Bem, agora vem cá. Levanta-o, Grichka! Onde está a brilhantina? Baixa um pouco a cabeça, meu estúpido; vamos, baixa-a, não ouviste o que eu te disse?

A Maria Alieksándrovna aplicou-se ela própria à tarefa de brilhantinar o marido, puxando implacavelmente pelas suas madeixas de fartos e grisalhos cabelos, que, por infelicidade sua, não cortara como devia. Afanássi Matviéievitch, soluçava, resfolegava, mas não soltou um só grito, suportando pacientemente aquela unção forçada.

— Acabaste com o resto das minhas forças, porco! — exclamou Maria Alieksándrovna. — Baixa mais a cabeça, descarado; baixa mais a cabeça! Percebes?

— Mas, como te deixei eu sem forças, mãezinha? — perguntou titubeando, o marido, e baixou a cabeça o mais que pôde.

— Parasita! Serás tão tolo que não possas compreender uma alusão? Bem, agora penteia-te. E agora põe a roupa, mas depressa!

A nossa heroína sentou-se num cadeirão e dispôs-se a contemplar com um olhar inquisitorial a cerimônia do vestir de seu marido. Este estava um pouco mais refeito e recuperara a presença de espírito. Quando chegou o instante de pôr a gravata atreveu-se mesmo a formular uma observação pessoal sobre a forma e a beleza do nó. E quando enfiou finalmente o fraque, deu mostras de ter perdido todo o medo e mirou-se até ao espelho com certa veneração.

— Onde me levas, Maria Alieksándrovna? — perguntou, satisfeito de si próprio.

Sua esposa nem queria acreditar naquilo que ouvia.

— Mas já se viu uma coisa destas?! Como te atreves, meu idiota, a perguntar onde te levo?

— Mas, mãezinha, sempre é conveniente saber…

— Cala-te e não tornes a ter o atrevimento de me chamares mãezinha, especialmente no lugar onde vamos agora… senão já sabes que durante um mês não provas nem uma gota de chá.

Assustado, o marido calou-se

— Mas vejam isto! Nem sequer soube arranjar uma condecoração, este vadio! — disse, olhando com desprezo para o seu fraque preto.

Afanássi Matviéievitch sentiu-se ofendido.

— As condecorações, mãezinha, dão-se aos chefes superiores; e eu sou conselheiro, não nenhum vadio — disse com uma nobre repugnância.

— Mas que vem a ser isto? Porventura aprendeste a pensar? É pena que eu não tenha tempo, agora, para me haver contigo, senão… Mas não aches que me esqueço, não perdes por esperar… Grichka, dá-lhe o chapéu! E o casaco de peles! Agora, até eu voltar, limpem bem estes três quartos e o quarto do canto também. Em seguida, estão

ouvindo? tirem as coberturas dos espelhos e dos relógios. E tu, Grichka, vê se tudo está pronto daqui a uma hora. E pões o fraque, ouves, Grichka?

Subiram para o trenó e os cavalos arrancaram. Afanássi Matviéievitch estava assombrado e Maria Alieksándrovna meditava em silêncio sobre a maneira de meter na cabeça dura do marido algumas regras de etiqueta, com a maior simplicidade e clareza. Mas o marido falou primeiro.

— Olha, queres saber uma coisa? Esta noite tive um sonho muito estranho — disse ele quebrando o silêncio repentinamente.

— Ah, sim? Vejam só! E eu pensando que ele ia dizer qualquer coisa de especial! Um sonho! Mas que atrevimento é esse de vires falar-me dos teus sonhos? Muito estranho… Mas sabes o que significa estranho? Olha, não tornarei a repetir-te outra vez: se te atreveres a dizer uma só palavra que seja acerca do teu sonho ou de qualquer outra coisa, nem sei o que te faço! Agora dá atenção ao que vou dizer-te: o príncipe K… veio visitar-me. Lembras-te do príncipe K…?

— Sim, lembro-me, mãezinha, lembro-me. Mas por que foi ele visitar-te?

— Cala-te! Isso não é da tua conta! Quando o cumprimentares apressa-te a convidá-lo com toda a amabilidade, a título de dono da casa, a visitar as nossas propriedades. Mas se te atreves, hoje, esta noite ou amanhã, ou depois de amanhã, a dizer uma palavra que seja, ponho-te um ano inteiro… a guardar pratos. Assim, muito cuidado com a língua, hem? É tudo o que tens a fazer… compreendes?

— Mas… se me perguntarem alguma coisa?

— Não respondes, faz de contas que não ouviste.

— Mas… isso não parecerá mal, Maria Alieksándrovna?

— Bem, então dizes um monossílabo, como por exemplo, hum!, ou qualquer coisa do gênero… de maneira que dês a entender que és um homem esperto e pensas duas vezes antes de dizer uma coisa.

— Hum!

— Compreendes? Vens comigo e eu digo que tu, assim que soubeste da visita do príncipe, te apressaste, muito lisonjeado, a vir à cidade com a intenção de apresentar-lhe os teus respeitos e de convidá-lo para as nossas terras. Compreendes?

— Hum!

— Agora deixa-te desse hum, mastruço, e responde ao que te pergunto.

— Está bem, mãezinha, farei tudo como dizes; mas… para que é que se convida o príncipe?

— Outra vez! Mas tu voltaste a pensar? Que te importa a ti para que seja? E, sobretudo, como tens coragem de fazer-me perguntas?

— É que… Maria Alieksándrovna, como é que eu posso convidá-lo se tu me proíbes de falar?

— Eu falarei por ti, ouves? Tu te limitas a fazer reverências, compreendes, com o chapéu na mão… Compreendeste?

— Sim, Ma… Maria Alieksándrovna.

— O príncipe é muito talentoso. Se ele te disser alguma coisa, mesmo que se dirija a ti, limitas-te a responder com um sorriso jovial e bonacheirão… Ouviste?

— Hum!

— Lá estás tu outra vez com o hum! Responde-me, claramente, se compreendeste ou não!

— Ouvi, Maria Alieksándrovna, ouvi, como é que não havia de ouvir? Isto do hum faço-o apenas para praticar, conforme me recomendaste. Mas estava pensando no que me compete fazer. Portanto, se o príncipe me disser qualquer coisa, tenho apenas que olhá-lo e sorrir, como me mandaste. Mas se ele me fizer alguma pergunta?

— Meu Deus, que cabeça dura a tua! Como é difícil fazer-te compreender as coisas! Já te disse, nesse caso não tens nada que falar, eu falarei por ti. Limitas-te a olhá-lo e a rir.

— Mas então o príncipe há de pensar que sou parvo!

— Estão vendo? De toda a maneira acabaria por notá-lo…

— Hum! Bem… e se outra pessoa me pergunta qualquer coisa?

— Ninguém te perguntará nada, ninguém estará presente. E no caso de estar alguém presente — Deus nos livre disso! — e te perguntasse ou te dissesse alguma coisa, respondes-lhe com um sorriso sarcástico. Sabes o que é um sorriso sarcástico?

— É um sorriso de pessoa talentosa, não?

— Eu te dou o… talento! Quem é que se lembra de esperar de ti, meu burro, um sorriso espiritual? O que seu quero dizer é um sorriso trocista, um sorriso zombeteiramente depreciativo.

— Hum!

“Só Deus sabe como é que nos vamos sair desta! — pensou Maria Alieksándrovna suspirando. — Até parece que jurou fazer-me perder a cabeça! Talvez fosse melhor não o ter trazido.”

Ao mesmo tempo que se entregava a estes pensamentos inquietantes e se censurava amargamente a si própria, Maria Alieksándrovna assomava continuamente à janela do trenó para apressar o cocheiro. Os cavalos corriam mas parecia-lhe que avançavam cada vez menos. Afanássi Matviéievitch ia encolhido no seu canto e repetia mentalmente as lições recebidas. Por fim chegaram à povoação e os cavalos pararam diante da casa de Maria Alieksándrovna.

Mal a nossa heroína se apeara reparou noutro trenó, também de dois assentos e coberto, cujos cavalos suados pararam naquele momento à porta de sua casa. Era o veículo em que Anna Nikoláievna Antípova costumava dar os seus passeios. No interior do carro estavam sentadas duas senhoras. Uma era Anna Nikoláievna, e a outra, Natália

Dimítrievna, que havia algum tempo se tornara sua amiga mais sincera e sequaz.

O coração de Maria Alieksándrovna sobressaltou-se violentamente. Acabara de reprimir um grito de assombro, quando avistou um segundo carro também ocupado. Nesse momento ouviram-se cumprimentos afetuosos.

— Maria Alieksándrovna! E em companhia de Afanássi Matviéievitch! São eles! Mas donde virão? Chegaram mesmo a tempo! Nós vínhamos precisamente visitá-los! Que surpresa!

As senhoras subiam as escadas e chilreavam como andorinhas. Maria Alieksándrovna não queria acreditar naquilo que os seus olhos viam e os seus ouvidos ouviam.

— Tanta gente aqui! — disse. — Isto parece uma conspiração! Vamos a ver o que isto vai dar! Embora, a mim… não me metam medo estas palermas… Esperem que já vão ver!

## Capítulo XI

Mosliakov despediu-se de Maria Alieksándrovna completamente tranquilo, com respeito aos seus temores, segundo parecia. Ela soubera conquistá-lo para a sua causa. Aconteceu que o rapaz não foi ver Boródniev, pois desejava estar só. A vaga de sonhos românticos e heroicos que o inundava de repente tirava-lhe todo o sossego. Pensou numa solene entrevista com Zina, nas nobres lágrimas do seu coração generoso, na sua palidez e no seu desespero, no brilhante baile petersburguês, na Espanha, no Guadalquivir, no seu amor e no príncipe moribundo, que antes de exalar o último suspiro uniria as mãos dos dois. Depois pensou na sua maravilhosa mulher, que se lhe mantém fiel e todos os dias o enche de admiração com o seu caráter heroico e os seus delicados sentimentos; pensava também — assim, em silêncio — nas atenções de alguma condessa da mais alta sociedade, em cujos salões infalivelmente teria acesso, em virtude do seu casamento com Zina, a princesa viúva de K…, e também, finalmente, no cargo de vice-governador, na riqueza… Numa palavra:

tudo isso continuava agora falando eloquentemente na sua alma, imensamente satisfeita, de modo atraente e sedutor, lisonjeando sobretudo o seu amor-próprio. Mas — e não sei verdadeiramente a explicação — quando começou depois a cansar-se um tanto de todo esse entusiasmo, ocorreu-lhe de repente um pensamento muito aborrecido: o de que tudo aquilo, supondo que se realizasse, era ainda algo que estava para vir e, de momento, apesar de tudo, o haviam ludibriado. Quando lhe ocorreu este pensamento observou também que fora demasiadamente longe, e que nessa altura se encontrava num subúrbio de Mordássov, solitário e desconhecido. Escurecera. Pelas ruas, onde as casinhas pareciam surgir da terra, todos os cães que, como acontece nas cidades da província, se reuniam em número pavoroso naquele arrabalde onde precisamente não havia nada que guardar nem que pudesse tentar os ladrões, uivavam desesperados. Começava a nevar. Caíam flocos úmidos e pesados. De vez em quando passava algum camponês retardatário ou alguma mulher de tamancos. Tudo isto punha Mosliakov de mau humor… péssimo indício, pois, quando as coisas nos correm bem, tudo nos parece cor-de-rosa. Páviel Alieksándrovitch pensava involuntariamente em que, até então, era ele quem preponderava em Mordássov, lisonjeava-o muito que em todas as casas lhe dessem a entender que o consideravam um bom partido, caso ele se lembrasse de pedir-lhes as filhas em casamento. E agora, de repente, teria de arrostar com a sua derrota? Como iriam rir-se dele! E, de fato, não podia ir informar todas as pessoas do que acontecera e contar-lhes aquilo dos futuros bailes de Petersburgo, dos salões ornados de colunas, nem falar-lhes do Guadalquivir. Por isso, enquanto pensava acerca destas coisas, afligia-se a si mesmo e, lamentando a sua sorte, lembrou-se no entanto de qualquer coisa que inconscientemente havia algum tempo trazia cravado no coração com um espinho.

“Mas, será verdade tudo isso? Chegará de fato a realizar-se tudo isso que Maria Alieksándrovna pintou com tão lindas cores?”

Ao mesmo tempo disse para si próprio que Maria Alieksándrovna era uma mulher muito astuta e, por muito grande que fosse a estima de que ela gozasse na cidade, passava a vida a intrigar e a mentir. Compreendia que, ao *eliminá-lo*, o fizera por sua conta e risco, e que,

em última análise, pintar quadros brilhantes com a imaginação estava ao alcance de qualquer pessoa. Pensava também em Zina e revia o último olhar que a jovem lhe dirigira, o qual podia falar de tudo menos de amor recalcado e apaixonado. E, como se tudo isso ainda não chegasse, disse também para consigo que, no fim de contas, ela o repelira com todas as letras e lhe passara selo de parvo. Estes pensamentos fizeram que Páviel Alieksándrovitch ficasse pregado ao chão e corasse de vergonha, de tal maneira que até lhe saltaram as lágrimas. E para cúmulo de desgraça aconteceu-lhe naquele momento qualquer coisa de desagradável: escorregou e foi cair sobre um monte de neve. Enquanto enterrava os joelhos naquela massa branda e solta e se esforçava por se levantar, caiu sobre ele toda a matilha que algum tempo o perseguia e se pôs a provocá-lo por todos os lados. O menor e mais atrevido deles teve até a insolência de ferrar-lhe os caninos no sobretudo de peles, ficando agarrado a ele. Com interjeições ofensivas, Mosliakov conseguiu libertar-se do cão e seguiu depois para diante, cambaleando, até à mais próxima esquina, com o sobretudo esfarrapado. Quando aí chegou percebeu pela primeira vez que se perdera. Já se sabe, não há ninguém que ao ver-se perdido num bairro desconhecido — e sobretudo de noite — chegue a percorrer uma rua até o fim, e que uma força misteriosa o vai impelindo a meter-se por becos e travessas, num ziguezaguear afadigado… E como Mosliakov não devia constituir exceção a essa regra, acabou por se extraviar completamente.

“Quero lá saber de todas essas ideias sublimes! — murmurou para consigo, cuspindo, raivoso. — O diabo leve todos esse sentimentos nobres mais o Guadalquivir!”

Não quero afirmar que Mosliakov estivesse muito atraente nesse momento.

Passadas duas horas de vagabundagem, encontrava-se completamente esgotado e aflitíssimo, diante da casa de Maria Alieksándrovna. Vendo tantos carros diante da porta não pode deixar de ficar assombrado.

“Mas haverá recepção? — perguntou a si mesmo. — Para que será tudo isto?”

Interrogou o criado e soube por ele que Maria Alieksándrovna fora às suas terras, donde voltara acompanhada de Afanássi Matviéievitch, que se apresentara de fraque e de gravata branca. O príncipe acabara de dormir a sua sesta, mas ainda não aparecera às visitas. Mosliakov, sem dizer palavra, encaminhou-se para o andar superior, em busca do príncipe. Encontrava-se precisamente nessa disposição de espírito em que os de caráter fraco se sentem capazes de tudo, até dos mais repugnante ato de vingança, sem pensar que talvez venham a ter remorsos toda a vida.

Foi encontrar o príncipe numa cômoda cadeira de braços, diante da sua *nécessaire* de viagem, com a calva ao léu, mas já com a mosca e as suíças postas. A peruca estava ainda nas mãos do seu já encanecido ajudante de câmara, seu favorito Ivan Pakhômitch, que a escovava com uma cara muito séria, preocupada e respeitosa.

O príncipe, demonstrando ainda não estar completamente curado da bebedeira, apresentava um aspecto lamentável: parecia esgotado de cansaço, não fazia senão abrir e fechar os olhos e olhou para Mosliakov como se nunca o tivesse visto na vida.

— Como está, tio, como se sente? — perguntou-lhe Mosliakov.

— Ah! És tu? — o príncipe acabou por reconhecê-lo. — Dormi uma sestazinha. Ai, meu Deus! — disse, reanimando-se num instante. — Ai que não tenho a minha cabeleira posta!

— Oh, não se preocupe com isso, tio! Eu o ajudarei a pô-la, se lhe faz falta.

— Olha, acabaste de descobrir o meu segredo. Eu mandara fechar a porta. Mas, meu amigo, dá-me tua palavra de hon…ra… de que não revelarás a ninguém o meu se…gredo nem dirás que uso cabeleira postiça.

— Por amor de Deus, tio, tem cada ideia! Acha-me capaz de uma coisa dessas?

— Bem… bem… Mas… Já vejo que és um rapaz de bons sentimentos e por isso vou fazer-te uma sur…presa e revelar-te os

meus se…gredos todos. Ora vamos lá a ver: que tal achas o meu bigode?

— Admirável, tio! Simplesmente prodigioso! Como é que conseguiu conservá-lo durante tanto tempo e tão bem?

— Pois olha, é para que saibas, é pos…tiço! — exclamou o príncipe, pousando sobre Mosliakov um olhar de triunfo.

— Mas será possível? Ninguém diria! E as suíças? Confesse, tio, que as suíças, pinta-as.

— Pinto-as! Sim, pinto-as! Também são completamente… pos… tiças!

— Isso não pode ser, tio! Desculpe, mas não acredito. O senhor está brincando comigo!

— *Parole d'honneur, mon ami!* — encareceu o príncipe, vaidoso. — Olha, é para que vejas: com as outras pessoas acontece o mesmo que contigo, todos se iludem. Até a própria Stiepanida Matviéievna não quer acreditar, embora seja ela quem as coloca em mim algumas vezes… Mas estou conven…cido, meu filho, de que saberás guardar o segredo. Palavra de honra?

— Palavra de honra, tio, que não direi nada a ninguém! Acha realmente que eu sou capaz disso?

— Ai, meu amigo, se soubesse quantas coisas me aconteceram na tua ausência! Fie…o…fil atirou-me ao chão pela segunda vez!

— Pela segunda vez? Como?

— Já vais saber; quando íamos perto do mosteiro…

— Ah, já sei, tio. Esta manhã…

— Não, não. Não devia ter sido há mais de duas horas. Eu entrei no mosteiro, mas ele fez virar o coche. Que horror! Parece que sinto o coração parar, só de lembrá-lo!

— Mas o tio tem dormido…

— Depois fui fazer essa viagem, conforme te disse… No entanto pode ser que tenhas razão… Que… Mas que es…tranho isto tudo!

— Com certeza foi um sonho, tio, pois esteve toda a tarde dormindo, aqui!

— Sério? — e o príncipe ficou pensativo. — Sim, pode ser que tenha sido tudo um sonho. Mas, seja como for, lembro-me muito bem de tudo quanto sonhei. Primeiro sonhei com um búfalo cinzento, com uns chifres enor…mes; depois com um administrador do Estado, também com chi…fres, se não me engano…

— Não seria Nikolai Vassílitch Antípova, tio?

— Sim, talvez fosse ele. E depois também sonhei com Napole…ão Bonaparte… Sabes uma coisa, rapaz? Tenho uma semelhança espantosa com Napoleão… E de perfil… pareço-me muitíssimo com um papa da antiguidade… Não me achas parecido com um papa?

— Acho mais parecido com Napoleão, tio.

— Bem, isso *en face*. Já te disse que assim, também noto essa semelhança. Bom, pois sonhei que o via sentado na sua ilha, e que estava tão fala…dor, tão ani…mado, tão espiri…tuoso, que lhe achei uma graça enor…me…

— Refere-se a Napoleão? — perguntou Mosliakov olhando pensativo para o príncipe. Ocorrera-lhe de repente uma ideia singular, que, de momento, não via ainda muito clara.

— Sim, rapaz, de Napoleão. Falamos de filo…sofia. E olha, meu filho, tive muita pena de que os ingleses… se portassem com tanta severidade para com ele. É a pura verdade; se não o tivessem mantido com grilhetas, era pássaro para lhes fugir das mãos. Que doido! No entanto tenho pena do infeliz. Eu não o teria tratado com tanta dureza. Tê-lo-ia levado para uma ilha des…abitada…

— Mas por que havia de ser desabitada? — perguntou Mosliakov, distraído.

— Bem, podia ser uma ilha habitada, mas por homens ra…

zoáveis… E, além disso, teria preparado para ele várias distrações: teatros, música, bailes… e tudo à custa do Estado. É claro que não o deixaria passear sem a competente vigi…lância, pois, do contrário, não demoraria em dar às de vila-diogo. Parece que apreciava muito um certo gênero de empadas. Pois eu mandaria que as servissem todos os dias. Teria até olhado por ele com um amor pa…ternal. Comigo estaria bem!

Mosliakov ouvia distraidamente a tagarelice do príncipe, ainda não bem acordado e, impaciente, tamborilava com os dedos sobre a mesa. Procurava a maneira de fazer recair a conversa sobre o casamento. Para dizer a verdade, nem ele próprio sabia ao certo o que queria. Sentia um desejo intenso de vingança. De repente o velho lançou uma leve exclamação, um grito de assombro.

— Ah, *mon ami*! Esqueci-me de dizer-te! Imagina que fiquei hoje noivo!

— Noivo?! — perguntou Mosliakov com uma animação extraordinária.

— Sim, tal qual! Noivo! Que? Já te vais embora, Pakhômitch? Ótimo. Pois trata-se de *une charmante persone*… *Mais*… Confesso-te, meu filho, que procedi com levi…an…dade… Só agora o percebo… Ai, valha-me Deus!

— Mas… dê-me licença, tio… Quando foi isso?

— Olha, para te dizer a verdade, rapaz, nem sei ao certo quando foi. Talvez tivesse sonhado… Mas que coisa estranha!

Mosliakov estremeceu de alegria. Que ideia magnífica!

— Mas quando e como ficou noivo? — perguntou, impaciente.

— Trata-se da filha da dona desta casa, *mon ami*… *Cette belle persone*… Não me lembro do nome! Mas olha, *mon ami*: o caso é que eu não posso casar… com ela… Que hei de fazer agora?

— Claro! O casamento para o senhor, tio, seria uma ruína. Mas deixe lhe fazer uma pergunta, tio. Tem a certeza de que, efetivamente,

se comprometeu a casar com essa meninas?

— Sim, rapaz, certeza absoluta!

— Mas não terá sido tudo um sonho, como aquele da queda do coche pela segunda vez, que teve durante a sesta desta tarde?

— Sim, dever ter razão… Talvez fosse um sonho… Olha, agora já não sei como devo conduzir-me! *Mon ami*, como hei de saber agora se me comprometi ou não a casar com ela? Meu filho, avalia bem a minha situação!

— Olhe, tio, a meu ver, acho que não precisa de saber nada disso.

— Por quê?

— Porque estou convencido de que tudo isso não foi mais do que um sonho!

— Também penso o mesmo, *mon ami*, tanto mais que costumo ter sonhos pa…re…cidos!

— Pois então, repare, tio: não se esqueça de que esta manhã bebeu um bocadinho mais da conta, e depois, ao meio-dia, também, e finalmente…

— Sim, é verdade, meu filho… Está claro… Deve ser este o motivo!

— E, além disso, tio, supondo ainda que tivesse ficado tocado até esse ponto, não me parece se tivesse excedido de maneira a comprometer-se a casar com essa senhora. Porque eu o conheço, sei que é bastante sensato para não fazer uma coisa dessas e…

— Sim, sim, tens razão.

— Imagine o que diriam os seus parentes, que mesmo sem isso já não estão de bem com o senhor, se viessem a saber…

— Meu Deus! — exclamou o príncipe horrorizado. — Que diriam…

— Então já vê! Diriam todos em uníssono que o tio não podia ter feito uma coisa dessas se estivesse em seu perfeito juízo, que isso era prova de que não estava, e que, portanto, era preciso nomear-lhe um tutor; que o tio os enganara, e, enfim, haviam de encerrá-lo num lugar onde ficasse sujeito à vigilância.

Mosliakov sabia bem como aterrorizar o velhote.

— Anjos do céu! — e o príncipe tremia como vara verde. — Achas que me enclausuravam, de verdade?

— Ai, não! Por isso lhe digo, tio, não é possível que se tenha precipitado e comprometido desse modo. O tio sabe muito bem o que lhe convém! Por isso afirmo redondamente que tudo isso não foi mais do que um sonho.

— É claro que foi um sonho, filho! — confirmou o príncipe amedrontado. — Como explicaste tudo tão acertadamente! Agradeço-te muito por me teres tran…qui…li…zado!

— E eu estou muito satisfeito por tê-lo encontrado hoje! Porque, se eu não estivesse aqui, talvez ficasse nessa ilusão, podia acreditar que se comprometera de fato com essa menina e então… não teria outro remédio senão cumprir a sua palavra e casar com ela. Imagine os perigos que isso lhe acarretava!

— Sim, sim, muitos pe…ri…gos!

— Pois repare que essa moça tem apenas vinte e três anos. Aqui, não encontra quem case com ela, mas eis que surge o tio, um aristocrata rico e distinto, como seu salvador. A família dela havia de pegar na sua proposta de casamento… e seria casado à força, se preciso. E depois punham-se à espera de que o tio morresse… talvez prematuramente.

— Deveras?

— E depois, imagine o tio, um homem com os seus dotes…

— Isso, com os meus dotes!

— Com o seu talento e o seu espírito!

— Isso, com o meu talento!

— E ainda por cima, príncipe! É claro que não podiam encontrar partido melhor para a filha do que o tio! Agora imagine o que diriam seus parentes!

— Ah, *mon ami*! Meus parentes acabavam comigo! Já me fizeram sofrer bastante… Olha, penso que até eram capazes de me meterem num ma…ni…cô…mio! Por isso, acabou-se, *mon ami*, não falemos mais disto! Por que… que havia eu de fazer num ma…ni…cô…mio?

— Está claro, tio! E por isso, agora, quando for lá para baixo ter com essas pessoas, eu não o deixarei sozinho. Lá embaixo estão visitas!

— Visitas! Valha-me Deus!

— Não se aflija, tio, que estarei a seu lado!

— Obrigado, filho, obrigado, és o meu salvador. Mas olha, preferia ir-me embora!

— Isso, amanhã, tio, amanhã às sete da manhã. Agora temos de nos despedir de todos e participar-lhes que partimos amanhã.

— Tenho que ir sem fal…ta, como te disse, ver o Padre Misail… *Mais, mon ami*, e se teimassem no casa… men… to?

— Não tenha medo, tio, aqui estou para defendê-lo. O que lhe recomendo muito é que, por mais que digam e afirmem, o tio teime sempre a dizer que foi um sonho…

— Não te preocupes, não te preocupes! Foi tudo um sonho, não há dú…vi…da! Agora, aqui para nós, digo-te que foi um sonho de… li…cio…so! A rapariga é ma…ra…vi…lho…sa…mente bonita, e se visses, que formas!

— Bem, até já, tio. Vou lá embaixo ver o que se passa e o tio…

— Que? Vais-te embora e deixas-me aqui sozinho? — exclamou o

príncipe assustado.

— Não… Mas como temos de ir os dois lá para baixo, não convém que nos vejam entrar juntos, mas primeiro a mim e depois o tio…

— Ah, bom! Entretanto vou registrar um pensamento!

— Está bem, tio. Escreva o pensamento e depois desça. E amanhã, muito cedinho…

— E depois de amanhã, sem falta… vamos ao convento. *Charmante, charmante!* Mas ouve, *mon ami*: se visses, que formas! Um prodí…gio! Se de fato tivesse de casar, casava…

— Deus o livre de uma coisa dessas, tio!

— Bem, pois que me livre! Até à vista, filho… Eu já vou… Depois de escrever isto… E a pro…pósito:já leste as memórias de Casanova?

— Sim, já li… Mas por quê?

— Ora, porque… Por nada, meu filho, já não me lembro por que te perguntei isto.

— Depois lembra-se, tio. Até já!

— Até já, *mon ami*! Até já! O certo é que foi um sonho de…li… cio…so, de…li…cio…so!

## Capítulo XII

— Viemos todas, todas, para vê-los, até Praskóvia Ilínichna e Luísa Kárlovna quiseram vir — cochichava Anna Nikoláievna ao entrar no salão e olhando com grande curiosidade para tudo quanto via à sua volta.

Era uma mulher pequenina e bonita, vestida com um luxo ostensivo e muito consciente da sua beleza. Trazia a convicção de que ia encontrar o príncipe conversando com Zina no extremo do salão.

— E Ekatierina Pietrovna e Felissata Mikháilovna também queriam vir — acrescentou Natália Dimítrievna, senhora de grande corpulência (a mesma cujas formas eram tanto do gosto do príncipe e que fazia lembrar um granadeiro).

Trazia um capuz cor-de-rosa, extraordinariamente pequeno, que lhe ficava apenas no alto da cabeça. Havia três semanas convertera-se na maior amiga de Anna Nikoláievna, à qual já há tempos assediava, e que, a julgar pelas aparências, de boa vontade teria engolido de uma vez… com ossos e tudo.

— Com certeza não será preciso dizer como me sinto encantada por vê-las todas em minha casa, e, sobretudo, a esta hora da noite — balbuciou Maria Alieksándrovna depois de refeita do primeiro choque. — Mas tenham a bondade de dizer-me: a que prodígio se deve o terem-se recordado hoje de mim, quando há muito renunciara à honra das vossas visitas?

— Pelo amor de Deus, Maria Alieksándrovna!

— Pelo amor de Deus, Maria Alieksándrovna! O que diz! — exclamou Natália Dimítrievna bajuladoramente envergonhada, com uma voz afetada e infantil destoando notavelmente da sua corpulência.

— *Mais ma charmante* Maria Alieksándrovna! — gorjeou entretanto Anna Nikoláievna. — Temos de acabar com os preparativos para a nossa representação teatral! Ainda hoje Piotr Mikháilovitch disse a Kalist Stanislávitch que não achava nada bem nunca mais nos despacharmos com isto e não fazermos senão discutir! Por isso hoje nos reunimos todas e pensamos: “Vamos a casa de Maria Alieksándrovna e encontremo-nos ali todas!”. Natália Dimítrievna encarregou-se de avisar as outras. Hão de vir todas, sem falta. E assim poderemos deliberar em conjunto para ver se isto, finalmente, anda para diante… É para não poderem dizer que não fazemos senão discutir, não é verdade, *mon ange*? — acrescentou graciosamente, beijando Maria Alieksándrovna. — Ah, olha Zinaída Afanássievna! Não há dúvida! Está cada dia mais bonita!

E Anna Nikoláievna apressou-se a ir ao encontro de Zina e a dar-

lhe um beijo.

— Cada vez ficas mais bonita! — observou lisonjeadora Natália Dimítrievna, e esfregou as manápulas.

“O diabo que as carregue a todas! Esqueci-me dessa história do teatro! Espertalhonas!” — pensou Maria Alieksándrovna mordendo-se de raiva.

— Além do mais, minha querida — continuou Anna Nikoláievna — tens agora em casa o nosso querido príncipe! Bem sabes que, em Dunákovo, dantes, havia um teatro. Já nos informamos e ficamos sabendo que ainda lá existem em qualquer lugar, velhas decorações, um pano de cena e até algum guarda-roupa. O príncipe esteve hoje em minha casa, e tão admirada fiquei com a sua visita que nem me lembrei de falar-lhe nisso. Mas, agora, aqui, podemos comunicar-lhe os nossos projetos teatrais. Apoias as nossas diligências, e o príncipe, com certeza, nos deixará ir buscar essas coisas… Vais ver! Porque se não fosse assim, a quem iríamos encarregar das decorações? Além disso, e isto é o mais importante, queremos interessar o príncipe na representação. Não tem outro remédio senão contribuir para a subscrição… Pois é em benefício dos pobres… E quem sabe se ele não quererá também encarregar-se de algum pequeno papel! Como é tão amável e amigo de agradar! E para isso não seria preciso mais nada senão convidá-lo.

— Sim, com certeza ele aceitará algum papel. Podemos fazê-lo representar todos os que quisermos — observou Natália Dimítrievna ambígua.

Anna Nikoláievna não enganara Maria Alieksándrovna: a todos os instantes chegavam novas visitas. A dona da casa mal tinha tempo para receber as recém-chegadas e responder a todas essas exclamações que o decoro e o bom-tom impõem em tais casos.

Não vou descrever todas essas senhoras. Direi apenas que nos seus olhos brilhavam centelhas de uma malícia especial. Todos os rostos mostravam expectação e uma impaciência verdadeiramente doentia. Algumas tinham ido ali com o propósito deliberado de testemunhar um escândalo, daqueles que se tornam famosos, e não perdoariam a si

próprias se perdessem semelhante oportunidade. Aparentemente desfaziam-se todas em bajulações para com Maria Alieksándrovna, mas, apesar disto, esta pressentia a tempestade. Todas lhe faziam perguntas a respeito do príncipe; perguntas que à primeira vista não pareciam ter nada de particular, no entanto encerravam alguma alusão e denotavam uma intenção secreta.

Começaram a servir o chá. As senhoras sentaram-se. Algumas, em grupo, aproximaram-se do piano. Pediram a Zina que cantasse qualquer coisa; esta respondeu-lhes secamente que não se sentia muito bem. O seu rosto pálido tornava a resposta aceitável. Seguiram-se perguntas de comiseração que deixavam também suspeitar de uma segunda intenção. Perguntaram por Mosliakov, e quando o fizeram, dirigiram-se exclusivamente a Zina. Maria Alieksándrovna estava atenta, nada lhe escapava, via tudo quanto sucedia até ao último pormenor e ouvia o que dizia cada uma daquelas senhoras, quase uma dezena, e respondia imediatamente a todas as perguntas, sem se preocupar, como se vê, com a escolha das palavras. Tremia por causa de Zina e admirava-se de que ela não se tivesse já escapado, conforme costumava fazer em ocasiões semelhantes.

Entretanto, também as visitas tinham reparado em Afanássi Matviéievitch. Costumavam todas desfazer-se em atenções para com ele, procurando desde modo ferir Maria Alieksándrovna. Esperavam agora conhecer mais pormenores pelos lábios daquele pobre homem, estúpido e de caráter fraco, Maria Alieksándrovna observava inquieta o assédio de que era objeto aquele… É verdade que a todas as perguntas respondia invariavelmente: “Hum!”; mas fazia-o com uma expressão tão triste e abatida, tão pouco natural, que a pobre senhora estava sobre brasas.

— Maria Alieksándrovna! Afanássi Matviéievitch não nos quer falar! — exclamou uma jovem astuta e de olhos penetrantes, a qual, pelo visto, nada receava nem se deixava enganar. — Diga-lhe que seja um pouco mais delicado com as senhoras!

— Eu?! Mas se nem eu mesma sei o que ele tem hoje! — respondeu Maria Alieksándrovna interrompendo a conversa com Anna Nikoláievna e sorrindo jovialmente. — Nunca o vi tão pensativo nem

tão taciturno! Nem eu pude arrancar-lhe uma palavra da boca! Por que não respondes a Felissata Mikháilovna, *cher* Athanase?

— Mas… mas… mãezinha, foste tu mesma quem… — balbuciou o marido, atônito. Encontrava-se nesse momento, de pé, junto da chaminé do fogão de sala, aceso; as mãos baixas, numa atitude pitoresca que ele próprio descobrira, e dispunha-se a tomar o chá. As perguntas daquelas senhoras perturbavam-no de tal maneira que se ruborizava como um colegial. Quando balbuciou as primeiras palavras de defesa, caiu sobre ele um tão terrível olhar de sua esposa, que, de tão assustado, ia perdendo os sentidos. Como não sabia o que fazer e, por outro lado, desejava reparar o seu erro, ganhar as boas graças da esposa e alcançar novamente a sua consideração, resolveu ingerir imediatamente um gole de chá. Como estava muito quente, e engolira um trago demasiadamente grande, queimou a boca e a garganta, deixou cair a chávena, o chá passou-lhe para a traqueia e foi acometido de um ataque de tosse tão forte que teve de sair do quarto, deixando atônitos todos os presentes. Em resumo: a dona da casa percebeu claramente que as amigas estavam a par de tudo e não tinham ido visitá-la com boas intenções. A situação era perigosa, pois podiam entabular na sua presença uma conversa com o seu imbecil marido e saber por ele coisas inconvenientes. E podiam até disputar-lhe o príncipe e levá-lo dali naquela mesma noite; sim senhor, roubá-lo, muito simplesmente. Tudo era possível. Mas o destino preparava-lhe outro golpe. De súbito, viu surgir Mosliakov à porta, quando supunha estivesse em casa de Boródniev. Podia esperar tudo nessa noite, menos essa visita. Estremeceu no seu lugar, como se a tivessem picado.

Mosliakov deteve-se à entrada do salão e pareceu desconcertado perante tão numerosa afluência. Não podia disfarçar a comoção, visível mesmo de longe.

— Oh, meu Deus! Páviel Alieksándrovitch! — exclamaram ao mesmo tempo várias senhoras.

— Mas é Páviel Alieksándrovitch! Veja isto, Maria Alieksándrovna! Não estava em casa de Boródniev? Diziam até que o senhor se escondera em casa do seu parente! — acrescentou Natália

Dimítrievna.

— Escondido? — respondeu Mosliakov com um sorriso forçado. — Que expressão estranha! Desculpe, Natália Dimítrievna; não preciso esconder-me de ninguém, nem tampouco desejo esconder-me de ninguém — acrescentou deitando um olhar significativo para Maria Alieksándrovna.

Maria Alieksándrovna tremeu.

“Também este burro põe as orelhas de fora? — disse e lançou-lhe um olhar de soslaio. — Isto, agora, é o pior…”

— É verdade, Páviel Alieksándrovitch, que foi demitido… do serviço, bem entendido? — perguntou-lhe sub-repticiamente Felissata Mikháilovna fitando-o nos olhos.

— Demitido?! Que quer dizer com isso? Trata-se apenas de uma transferência. Vou para Petersburgo — respondeu Mosliakov secamente.

— Ah, então devo felicitá-lo! — continuou Felissata Mikháilovna. — Ficamos muito alarmadas quando nos disseram que pretendia um emprego aqui em Mordássov. Aqui, como sabe, Páviel Alieksándrovitch, os empregos não são seguros, fogem antes que tenhamos tempo de os agarrar.

— Em todo caso, o senhor podia encontrar aqui um lugar de mestre-escola do distrito; dizem que está vago, agora — observou Natália Dimítrievna.

A alusão era tão transparente que Anna Nikoláievna ficou um pouco inquieta e fez um sinal com o pé, às escondidas, à sua maliciosa amiga.

— Pensa então que Páviel Alieksándrovitch aceitaria um lugar de mestre-escola? — perguntou Felissata Mikháilovna.

Mosliakov não sabia o que responder. Voltou as costas àquelas senhoras e fez menção de se retirar. Naquele momento encontrou-se com Afanássi Matviéievitch, que lhe estendia a mão num gesto

bonacheirão, Mosliakov evitou estender-lhe a mão e fez-lhe um cumprimento trocista e exagerado. Extremamente agitado, dirigiu-se a Zina, assestou-lhe um olhar de ódio e disse-lhe:

— Tudo isto é à sua bondade que tenho de agradecer. É só esperar um pouco, e ainda esta noite ficará sabendo como sou estúpido!

— Para que esperar até logo? Neste momento já se vê — respondeu Zina em voz alta e olhou o seu antigo pretendente de alto a baixo com uma expressão de repugnância.

Mosliakov afastou-se rapidamente… pois aquela resposta em voz alta enchera-o de espanto.

— Vem de casa de Boródniev? — atreveu-se por fim a perguntar-lhe Maria Alieksándrovna.

— Não, minha senhora, estive com meu tio.

— Com seu tio? Mas esteve agora com o príncipe?

— Ah! então o príncipe já acordou? Disseram-nos que estava dormindo! — exclamou assombrada Natália Dimítrievna e dirigiu um olhar extremamente penetrante para a dona da casa.

— Não se preocupe com o príncipe, Natália Dimítrievna! — acrescentou Mosliakov. — Já acordou e, graças a Deus, também já está lúcido, outra vez. Fizeram-no beber, primeiro em sua casa, Natália Dimítrievna, e depois aqui, até que o pobre acabou por perder o juízo, que, na verdade, não é muito. Mas agora, felizmente, pudemos os dois trocar impressões e recuperou a faculdade de raciocinar com coerência. Não tarda que ele venha aí para despedir-se da senhora, Maria Alieksándrovna, e agradecer sua hospitalidade. Porque amanhã, muito cedo, partimos os dois para o mosteiro, donde o acompanharei pessoalmente a Dunákovo, para protegê-lo contra um possível assalto, como o de outro dia. Em Dunákovo voltará a cair nos braços de Stiepanida Matviéievna, que já deve ter voltado de Moscou, e então não é possível pensar que ele faça alguma viagem… Por isso, respondo eu!

Enquanto falava, Mosliakov não deixava de lançar a Maria Alieksándrovna olhares carregados de ódio. Esta permanecia muito calada, como se o medo lhe tivesse tirado a fala. Devo confessar com certa mágoa que a minha heroína se sentia, pela primeira vez na vida, seriamente preocupada.

— Então partem amanhã? — perguntou Natália Dimítrievna dirigindo-se a Maria Alieksándrovna.

— Ah, sim?! — foi a exclamação que se ouviu de todos os lados do salão, pronunciada com acentos de ingenuidade. — E nós contando… Quem esperava uma coisa destas?

A dona da casa já não sabia o que responder. De repente deu-se um incidente inaudito, que desviou a atenção de todos: no quarto contíguo ouviu-se um estranho ruído e um clamor lastimoso, depois do que surgiu na sala, inopinadamente, Sófia Pietrovna Karpúkhina.

Sófia Pietrovna era a mulher mais extravagante de toda a cidade de Mordássov. Tão extravagante que, ultimamente, todas as famílias distintas lhe tinham cerrado as portas. Devo informar também que a referida senhora tomava invariavelmente todos os dias, às sete em ponto da tarde, um par de copinhos de vodca… por causa das dores de estômago, conforme dizia. Assim tonificada, adquiria geralmente uma estranha disposição de espírito… isto, para não empregar expressões demasiado fortes. Nessa disposição de espírito se achava agora de penetrar como um tufão em casa de Maria Alieksándrovna.

— Ah, como a senhora é, Maria Alieksándrovna! — exclamou. — É assim que a senhora procede para comigo! Mas não se incomode, venho apenas por um momento; nem sequer penso sentar-me! Vim apenas para ver com meus próprios olhos se era verdade o que me disseram! Hem? Então temos baile, solene banquete de bodas e a Sófia Pietrovna deixam-na para um canto, em casa, a passar as meias! Convidam a todos, menos a mim! Mas ainda há pouco me chamava “querida amiga”, e *mon ange*, quando vim para informá-la do que se passava em casa de Natália Dimítrievna com o príncipe. E agora vejo que essa Natália Dimítrievna, que a senhora dantes punha na rua da amargura, se encontra em sua casa, como convidada de honra. Não,

não se incomode, Natália Dimítrievna! Não preciso do seu chocolate à *la Santé*, a dez copeques a onça! Eu bebo em minha casa muito melhor do que esse!

— Bem se vê! — respondeu a Dimítrievna.

— Mas, pelo amor de Deus, Sófia Pietrovna! — exclamou Maria Alieksándrovna, vermelha de cólera. — Que lhe aconteceu hoje? Acalme-se, mãezinha!

— Oh, não se preocupe comigo, Maria Alieksándrovna! Eu sei tudo, tudo! — gritou Sófia Pietrovna com uma voz aguda e desagradável, rodeada por todas aquelas senhoras, que pareciam divertir-se com a cena. — Sei tudo, absolutamente tudo, sim, senhora! A sua parenta Nastássia veio correndo a minha casa e contou-me tudo! A senhora sequestrou esse pobre príncipe, embebedou-o e depois obrigou-o a prometer casamento à sua filha, sim, à sua filha, com a qual ninguém quer casar, e agora julgava que de uma cajadada matava dois coelhos… e te vias de um dia para o outro feito duquesa… Oh, não se incomode, que eu também sou coronela! E se não quer convidar-me para o casamento, a mim, que me importa? Eu estou mais acostumada a frequentar a alta sociedade do que a senhora! Eu jantei em casa da Condessa Zalikhvátski e tive como pretendente à minha mão o Comissário-geral Kúrotchkin! Como se o seu convite me fizesse alguma falta!

— Sófia Pietrovna! — exclamou Maria Alieksándrovna relativamente tranquila, apesar de estar como sobre brasas. — Ouça o que eu lhe digo: acho que não está certo entrar, da maneira que o fez, numa casa distinta, e, além disso, nestas circunstâncias, e se não se retira imediatamente e acaba com essa lengalenga, terei de tomar providências…

— Já sei, já sei, chama os seus criados e manda-me por na rua! Não é? Mas não se incomode, eu vou-me embora sem ser preciso isso. Adeus e case a sua filha com quem quiser; e a senhora, Natália Dimítrievna, não tem nada que rir de mim, vá para o diabo mais o seu chocolate. Eu não fui convidada para esta casa, mas também não dancei o *kasatchok* diante do príncipe para o distrair! Mas afinal por

que se ri, pode saber-se, Anna Nikoláievna? Pois olhe, fique sabendo que Suchílov acaba de quebrar uma perna e tiveram que levá-lo para casa. E a senhora, Felissata Mikháilovna, tome cuidado, se a sua criada Matriona, que anda descalça, coitada, não se lembrar de levar a vasa todas as manhãs para o campo, de maneira que não se ponha a mugir todos os dias junto das janelas, qualquer dia quebro-lhe uma perna. Bem… Fique com Deus, Maria Alieksándrovna, e passe muito bem!

Sófia Pietrovna desapareceu. As senhoras puseram-se a rir, mas Maria Alieksándrovna não sabia o que fazer nem o que dizer.

— Parece-me que estava bêbada! — disse Natália Dimítrievna de maneira muito afetada.

— Mesmo assim… é um descaramento!

— *Quelle abominable femme!*

— Sim… No entanto sempre nos distraiu!

— Mas disse coisas horríveis!

— Ela falou num casamento… De que se trata? — perguntou Felissata Mikháilovna.

— Mas isso é horrível! — exclamou finalmente Maria Alieksándrovna. — E foram estes monstros que espalharam esses boatos absurdos! Não é para admirar. Felissata Mikháilovna, que semelhantes senhoras se encontrem em nossa melhor sociedade… Não… O mais surpreendente, parece, é que as referidas senhoras não possam prescindir de que as escutem, as apoiem, lhes deem crédito, as…

— O príncipe, o príncipe! — exclamaram de repente e ao mesmo tempo todas as senhoras presentes.

— Oh, meu Deus! *Cher prince!*

— Ora, até que enfim, graças a Deus! Agora é que vamos saber a verdade — murmurou Felissata Mikháilovna ao ouvido da sua vizinha.

# Capítulo XIII

O príncipe entrou no salão com um sorriso nos lábios. Vendo tantas senhoras juntas, sumiu da sua fraca memória, como por encanto, toda a perturbação em que Mosliakov o lançara. As senhoras receberam-no com exclamações de alegria e ele derreteu-se como um doce. Geralmente, as senhoras eram sempre muito gentis para com ele. Tratavam-no com muita familiaridade. Tinha o privilégio de distraí-lo com a sua interessante pessoa. Felissata Mikháilovna chegara mesmo a afirmar nessa tarde — claro que só por graça — que estava disposta a lançar-se aos seus pés, se isso lhe agradasse, pois era "velhinho tão simpático, tão simpático…". Maria Alieksándrovna, assim que o viu entrar, envolveu-o com o olhar, com a intenção de ler qualquer coisa no rosto… Para ver se adivinhava o desenlace daquela situação tão crítica. Era evidente que alguma coisa havia de acontecer; com certeza Mosliakov tramara alguma. O plano da nossa heroína corria um sério risco de falhar… Mas, da cara do príncipe nada se podia concluir, era a mesma de sempre.

— Mas, graças a Deus! Aqui está o príncipe! Fez-nos esperar tanto! — exclamaram algumas senhoras.

— Estávamos impacientes, príncipe, mais que impacientes! — gritaram todas.

— Isso lison…jeia-me muito! — tartamudeou o príncipe e sentou-se à mesa onde se via o samovar. Num instante, as senhoras o rodearam. Apenas Anna Nikoláievna e Natália Dimítrievna continuaram ao lado da dona da casa. Afanássi Matviéievitch sorria respeitosamente. Mosliakov sorria também, olhando impertinentemente para Zina, que não lhe ligava a menor importância. A moça aproximou-se do pai e sentou-se junto dele, ao lado da chaminé.

— Mas, príncipe, é verdade que pensa em nos deixar? — perguntou Felissata Mikháilovna.

— De fato, *mes… dames*, tenho de ir embora! Devo fazer sem fal…ta, uma viagem ao es…tran…gei…ro!

— Ao estrangeiro, príncipe, ao estrangeiro? — exclamaram todas em coro. — Como se lembrou de uma coisa dessas?

— Sim, sim, ao es…tran…gei…ro! — confirmou o príncipe, jovial. — Sim, e aquilo precisamente que me incita a essa viagem são as novas i…dei…as!

— As nova ideias?! A que ideias se refere, príncipe?

— As novas ideias — insistiu o príncipe com uma grande convicção, segundo parecia. — Agora toda a gente lá vai por causa das novas i…dei…as! Ora, como eu também quero adquirir novas i…dei…as…

— Talvez o tio queira entrar para a maçonaria — perguntou Mosliakov, desejando evidentemente fazer-se espirituoso perante as senhoras.

— Olha, acertaste — respondeu o tio um pouco admirado. — Há alguns anos pertenci a uma loja maçônica do estrangeiro e adquiri ali muitas ideias no…vas! Nesse tempo pretendia contribuir para a ilustração dos meus contemporâneos, e em Frank…fort decidi dar alforria ao meu Sidor, que levara comigo para o es…tran…gei…ro! Simplesmente, ele, com grande espanto meu, libertou-se a algum tempo, tornei a encontrá-lo em Pa…ris. Era amante duma senhorita dos *boulevards*. Olhou para mim e fez-me um aceno com a cabeça. Por sinal a tal senhorita era bem bonita!

— Mas, tio, se fizer essa viagem ao estrangeiro, pensa emancipar todos os seus camponeses? — exclamou Mosliakov rindo-se às gargalhadas.

— É claro! Adivinhaste o meu pen…sa…mento! — respondeu imediatamente o príncipe. — É essa a minha intenção. Transformá-los, de servos em trabalhadores livres.

— Mas, por amor de Deus, príncipe, olhe que lhe fogem todos quando fizer isso, e depois, quem é que paga as rendas? — objetou Felissata Mikháilovna.

— É mesmo, fugiam todos! — afirmou muito agitada Anna Nikoláievna.

— Valha-me Deus! Mas acham que realmente fu…gi…riam todos? — perguntou o príncipe assombrado.

— É inevitável! Quando lhes der a liberdade, todos irão embora e ficará sozinho! — corroborou Natália Dimítrievna.

— Ah, sim? Pois então não lhes darei a liberdade! Eu disse que se tratava apenas de uma intenção.

— Isso está bem, tio! — opinou Mosliakov.

Maria Alieksándrovna ouvia e observava em silêncio. Parecia-lhe que o príncipe se esquecera completamente de tudo…

— Dê-me licença, príncipe — começou em voz alta e cheia de dignidade — que lhe apresente o meu marido… Afanássi Matviéievitch. Chegou há pouco das nossas propriedades, logo que soube da sua chegada, para vir cumprimentá-lo.

Afanássi Matviéievitch adotou uma atitude rígida. Parecia-lhe que lhe tinham feito um elogio.

— Ah, muito, muito prazer, muito prazer! — disse o príncipe. — Afanássi Matviéievitch! Dê-me licença… Lembrei-me de uma coisa… Afaná…ssi Matviéievitch. Bem, é este o tal que vive nas suas propriedades, *charmant, charmant*. Muito prazer, repito, muito prazer! — e voltou-se para Mosliakov. — Este é o tal, sabes, de que se falava naqueles versos? Como eram eles? Ah, sim, já me lembro: “Mal o homem assomou à porta, a mulher saiu para a rua…” É isto, a mulher também ia a algum lugar…

— Ah, ótimo! “Mal o homem assomou à porta, a mulher saiu para a rua…” É a letra do *vaudeville* que representaram aqui há uns dois anos — precisou Felissata Mikháilovna.

— É isso, da casa! Esqueço-me sempre! *Charmant, charmant!* Com que então o senhor é o tal? Pois muito prazer em conhecê-lo! — disse o príncipe estendendo mão a Afanássi Matviéievitch sem se levantar

da cadeira. — Bem, então como tem passado?

— Hum!

— De saúde, muito bem, príncipe, mesmo muito bem — apressou-se a responder Maria Alieksándrovna.

— Vê-se logo que está bem. Vive sempre no campo, não? Faz muito bem! É ver estas faces coradas e o que deve se divertir por lá…

Afanássi Matviéievitch sorriu e fez uma reverência. Mas perante a última observação do príncipe não se conteve e irrompeu em grandes gargalhadas. A hilaridade tornou-se geral. As senhoras rebolavam-se a rir. Zina corou e fixou os olhos chamejantes em Maria Alieksándrovna, que estava furiosa. Era tempo de mudar de conversa.

— Então, descansou muito, príncipe? — perguntou com sorriso adulador, ao mesmo tempo que dava a entender ao marido, com um sorriso colérico, que devia tornar a sentar-se imediatamente.

— Oh, dor…mi lindamente! — disse o príncipe — e por si…nal que tive um sonho en…can…ta…dor, verdadeiramente en…can…ta…dor!

— Um sonho? Então conte-o! eu gosto muito de ouvir contar sonhos — exclamou Felissata Mikháilovna.

— E eu também! Eu também! — concordou Natália Dimítrievna.

— Um sonho en…can…ta…dor! — repetiu o príncipe com um sorriso desvanecido. — Mas é se…gre…do!

— Ah! Mas por que é que não pode contá-lo? Foi assim um sonho tão extraordinário, príncipe? — perguntou Anna Nikoláievna.

— Foi, é um grande se…gre…do!

— Oh, então deve ser terrivelmente interessante!

— Aposto que o príncipe sonhou que se lançava aos pés de alguma beldade e lhe declarava o seu amor — exclamou Felissata Mikháilovna. — Vamos, confesse, príncipe, que foi isso que sonhou!

Vamos, querido príncipe, confesse!

— Confesse, príncipe, confesse! — pediram de todos os lados do salão.

O príncipe escutou, muito vaidoso e visivelmente envaidecido por todas aquelas exclamações. A suposição de Felissata Mikháilovna lisonjeava extraordinariamente o seu amor-próprio. Não podia esperar nada mais agradável e até lambia os lábios, de gosto.

— Apesar de ter dito que o meu sonho é um grande se…gre…do — respondeu finalmente — vejo-me obrigado a confessar que a senhora acertou por com…ple…to, o que muito me espanta!

— Então acertei?! — exclamou Felissata Mikháilovna. — Ótimo, príncipe! Pois agora, faça como quiser, mas eu penso que devia dizer-nos quem era a beldade!

— Não tem outro remédio senão dizer!

— É desta terra?

— Ah, querido príncipe, diga, diga!

— *Mesdames, mesdames!* Se desejam assim tanto sabê-lo, apenas posso dizer-lhes uma coisa: que é mais en…can…tado…ra e a mais pura de quantas meninas conheço!

O príncipe derretia-se de gozo.

— A mais encantadora! É… daqui? Quem poderá ser? — perguntavam a si próprias as senhoras, trocando olhares e sinais significativos.

— Com certeza será a mesma que nesta terra goza da fama de mais bela entre todas! — disse Natália Dimítrievna esfregando as manápulas vermelhas e olhando significativamente com os seus olhos de gata para Zina. Ao mesmo tempo todos os olhares convergiram sobre a jovem.

— Mas, príncipe, uma vez que sonha coisas dessas… por que não

casa a sério? — perguntou-lhe a fanhosa Felissata Mikháilovna, espalhando à sua volta um olhar muito significativo.

— Teríamos muito gosto em vê-lo casado — exclamou outra senhora.

— Ah, querido príncipe, case, case por favor!

— Case, case! — exclamaram por todos os lados. — Por que não havia de casar?

“Sim, de fato… por que não hei de casar?”, pensou também o príncipe, ao qual toda aquela vozearia entontecera um pouco.

— Veja lá, tio! — exclamou de repente Mosliakov.

— Ah, sim, meu filho! Já compreendo! Pois bem, *mes…dames*, já não estou em condições de casar, e, depois de ter passado uma noite en…can…ta…do…ra em casa da nossa querida amiga, penso partir amanhã de manhã, cedinho, para ir visitar o Padre Mis…sail no seu mosteiro, de onde sairei diretamente para o estrangeiro, a fim de poder observar de perto os pro…gres…sos da cultura eu…ro…peia.

Zina empalideceu e olhou para a mãe. Mas Maria Alieksándrovna já tomara uma resolução. Até ali limitara-se a aguardar, mantendo-se na expectativa, pois pensava que as suas inimigas tinham se adiantado a ela. Mas finalmente acabou por compreender tudo e resolveu cortar imediatamente as cem cabeças daquela hidra. Levantou-se majestosamente da cadeira, aproximou-se da mesa com um passo firme e olhou com um orgulho olímpico para as suas inimigas anãs. Via-se nos seus olhos o fogo do entusiasmo e da inspiração. Estava decidida a cortar pela raiz todo aquele aborrecido falatório, a aniquilar, simplesmente, aquele velhaco de Mosliakov, a esmagá-lo como a uma barata e a recuperar de novo, de um golpe decisivo, toda a sua perdida influência sobre o idiota do príncipe. Para tal era preciso uma extraordinária desenvoltura, mas isso nunca faltava a Maria Alieksándrovna.

— *Mesdames* — começou num tom solene e majestoso (Maria Alieksándrovna adorava a solenidade). — *Mesdames*, já ouvi, durante

muito tempo, a vossa tagarelice, as vossas alegres e espirituosas brincadeiras, acho que por agora basta, e que chegou a minha vez de dizer duas palavras. Como sabe, encontramo-nos aqui todas reunidas por casualidade… no que tenho o maior prazer! Nunca me decidiria a comunicar-vos precipitadamente um importante segredo de família, antes do que exige o decoro. Mas parece-me que ele próprio procura chamar a atenção, por meio de discretas alusões, sobre a referida circunstância, o que me leva a pensar que não só não lhe desagradará de maneira nenhuma a declaração formal e solene do nosso segredo familiar, como até a deseja… Não é verdade, príncipe, que eu não me engano?

— Não… Não se engana, não… E tenho muito gosto… Muito gosto — disse o príncipe que não percebera patavina de tudo aquilo.

Maria Alieksándrovna conteve a respiração por um instante, para observar a impressão das suas palavras e tomar fôlego. Passou revista a toda a assembleia: as senhoras seguiam com uma avidez de aves de rapina as suas palavras. Mosliakov estremeceu. Zina corou e levantou-se do seu lugar, e Afanássi Matviéievitch assoou-se, na expectativa de um grande acontecimento.

— Pois, *mesdames*! É com muito prazer que estou disposta a confiar-lhes o meu segredo de família. Vão ficar sabendo que esta tarde, depois do jantar, o príncipe, seduzido pela beleza e… e por outros predicados de minha filha, me deu a honra de pedir a sua mão. Príncipe — terminou com uma voz de comoção e de pranto — não leve a mal a minha franqueza! Somente o excesso de alegria pôde arrancar, antes do tempo, este segredo do meu coração e… que mãe me censuraria por isso?

Não tenho palavras para descrever a impressão que causou em todos os presentes aquela declaração de Maria Alieksándrovna. Todos pareciam petrificados de assombro. As amigas desleais que quiseram assustar Maria Alieksándrovna, dando-lhe a entender que estavam informadas de tudo e pensavam aniquilá-la com a revelação prematura do segredo — tinham começado com piadas indiretas — mostravam-se agora abatidas, elas próprias, por aquela hábil sinceridade. Não faltava certa coerência a todo aquele jogo tão

ousado. Era verdade que o príncipe queria espontaneamente casar-se com Zina? Então não tinham feito cair em nenhuma armadilha, embebedando-o e enganando-o? Não pensa casar-se em segredo nem longe daqui? Porventura Maria Alieksándrovna não tem medo de nada nem de ninguém? Então não há forma de impedir esse casamento, uma vez que o príncipe se casa por sua vontade e sem que ninguém a isso o force? Houve um instante de vozearia geral, depressa transformado numa exclamação de alegria, Natália Dimítrievna foi a primeira a aproximar-se de Maria Alieksándrovna para abraçá-la; seguiu-se Anna Nikoláievna, e a esta, Felissata Mikháilovna. Todos se levantaram dos seus lugares e formaram um círculo em torno da dona da casa. Muitas senhoras empalideceram de inveja. Zina viu-se envolvida por pessoas que a felicitavam. Até à volta de Afanássi Matviéievitch se formou também um pequeno círculo. Maria Alieksándrovna estendia os braços teatralmente e estreitava quase violentamente a filha contra o peito. Apenas o príncipe contemplava a cena com assombro, embora não deixasse de sorrir amavelmente. E além disso, toda aquela algaravia lhe agradava imenso. E quando viu que a mãe abraçava a filha de maneira tão patética, puxou do lenço e enxugou as lágrimas do seu único olho.

— Felicidades, príncipe, felicidades! — gritavam por todos os lados.

— Então, vai casar, príncipe?

— É verdade que casa?

— Vai casar, o príncipe! Vai casar!

— É verdade, é verdade — respondia o príncipe ao qual agradavam muito todo aquele rebuliço e aquelas felicitações — e confesso-lhes que agradeço muito a simpatia que por este motivo me de…mons…tram e que não as esquecerei nun…ca, nun…ca. *Charmant, charmant!* Fizeram-me comover tanto, que tenho até vontade de chorar…

— Dê-me um beijo, príncipe! — exclamou Felissata Mikháilovna, dominando com sua voz desagradável toda aquela algaraviada.

— E confesso-lhes também — prosseguiu o príncipe apesar de o interromperem de todos os lados — que o que mais me espanta é que Maria Ivâ…nov…na, a digna dona desta casa, tenha adivinhado, com tão es…pan…to…sa exa…tidão, o meu sonho. Tal qual, como se ela própria o tivesse sonhado! Extraordinária intuição! Extraordinária intuição!

— Mas, príncipe, já está o senhor outra vez falando do seu sonho!

— Diga, príncipe, diga! — pediram as senhoras rodeando-o.

— Sim, príncipe: a que propósito vem esse segredo? Já é tempo de descobrir o mistério — disse Maria Alieksándrovna decidida e severa. — Eu compreendi muito bem a sua delicada alegoria, a encantadora ternura com que dava a entender o seu desejo de tornar público o seu compromisso. Sim, *mesdames*, é verdade que hoje, o príncipe, bem acordado e não em sonhos, se ajoelhou aos pés da minha filha e lhe deu formalmente a sua palavra de casamento.

— Sim, minhas senhoras, tal como na realidade e nas mesmas cir…cuns…tân…cias — confirmou o príncipe. — *Mademoiselle* — prosseguiu dirigindo-se a Zina com desusada costesia; a Zina ainda não completamente refeita da sua comoção. — *Mademoiselle!* Juro-lhe que nunca teria ousado pronunciar o seu nome se ou…tros o não tivessem feito antes! Foi um sonho em…can…ta…dor e considero-me duplamente feliz por poder contá-lo a você, minha menina. *Charmant… charmant!*

— Mas, por amor de Deus, lá vem outra vez a história do sonho! — murmurou Anna Nikoláievna ao ouvido de Maria Alieksándrovna, muito comovida e um pouco pálida.

Mas, oh dor! Nem era necessário tanto para que Maria Alieksándrovna se pusesse a tremer de medo.

— Que vem a ser isto? — murmuraram também entre si as outras senhoras, trocando olhares significativos.

— Mas, por favor, príncipe — exclamou Maria Alieksándrovna com um sorriso doloroso — permita-me dizer-lhe que me deixa

assombrada. Que ideia é essa tão estranha, de se pôr agora a falar em sonhos? Digo-lhe francamente que, até este momento, pensei tratar-se unicamente de uma brincadeira; mas… se é brincadeira, não pode ser mais inoportuna… Eu só posso atribuir isso a uma distração sua, mas…

— Sim, isso deve ser por causa da sua distração — opinou também Natália Dimítrievna.

— Sim, pode ser o efeito de uma distração — confirmou o príncipe, cada vez compreendendo menos do que lhe falavam, nem ao certo o que dele desejavam. — E olhem, minhas senhoras: vou contar-lhes uma a…ne…do…ta. Uma vez, em Petersburgo, convidaram-me para um enterro em uma *maison bourgeoise, mais honnête*,[8] e eu pensei tratar-se de uma festa de aniversário. Mas essa realizara-se na semana anterior. Bem. Fui e encomendei um ramo de ca…mélias para a dona da casa, peguei nele, vou até lá e sabem o que fui encontrar? Um respeitável ancião metido no ataúde, coisa que me espantou. E fiquei sem saber o que fazer com o meu ramalhete.

— Príncipe, agora não é ocasião de se pôr a contar historietas! — interrompeu-o, furiosa, Maria Alieksándrovna. — A minha filha não precisa de andar à caça de maridos, mas ainda hoje, esta tarde, o senhor lhe prometeu casamento, junto desse piano. Nada fiz para o obrigar… Posso até firmar que a sua decisão me causou grande estranheza… Fosse como fosse, tive depois uma ideia, mas não quis falar nisso enquanto o príncipe não despertasse. Mas eu sou mãe… Trata-se da minha filha… O senhor acaba de falar-nos de um sonho e pensei que queria revelar publicamente o seu compromisso sob a forma duma alegoria. Sei que podem ter tentado dissuadi-lo disso… e calculo até quem poderá ser… Mas explique-se, por amor de Deus, príncipe, explique-se categoricamente. Graças deste gênero não se permitem numa casa decente.

— Claro! Graças como esta não se permitem numa casa decente! — confirmou o príncipe sem saber o que dizia, embora começasse a sentir-se pouco à vontade.

— Isso não é resposta à minha pergunta, príncipe! Peço-lhe uma

resposta categórica; declare agora mesmo, diante de todos os presentes, que me pediu a mão de minha filha!

— Pois bem, não tenho inconveniente em declará-lo. Como disse, já contei tudo e, Felissata Mikhái…lovna adivinhou perfeitamente o meu sonho.

— Qual sonho! Qual sonho! — exclamou Maria Alieksándrovna furiosa. — Não foi um sonho mas uma realidade, príncipe! Está ouvindo? uma realidade!

— Rea…li…dade! — exclamou o príncipe assombrado e de tão espantado até se pôs de pé. — Estás ouvindo, meu filho? Cumpriu-se o que há pouco me pro…fe…ti…zaste! — disse, olhando para Mosliakov. — Mas eu afirmo-lhe, Maria Alieksándrovna, que está enganada! Eu estou ab…so…lu…ta…men…te com…ven…ci…do de que foi tudo um sonho!

— Meu Deus! — exclamou Maria Alieksándrovna juntando as mãos.

— Acalme-se, Maria Alieksándrovna — interveio Natália Dimítrievna. — Pode ser que se trate de um esquecimento do príncipe… Talvez daqui a pouco se lembre…

— Isso não me interessa, Natália Dimítrievna — exclamou Maria Alieksándrovna mal-humorada. — Como é possível que ele se tenha esquecido de uma coisa destas? Quem se esqueceria de uma coisa destas? Por favor, príncipe! Quer divertir-se à nossa custa? Não quererá o senhor fazer-nos uma brincadeira como as que estavam em moda no tempo da Regência e aquelas que agora Dumas nos descreve nos seus romances? Mas, sem falar em que isso, na sua idade, já não lhe fica bem, digo-lhe que não há de levar a sua avante. A minha filha não é nenhuma viscondessa francesa! Esta tarde, como disse, quando ela estava aqui, depois de ter cantado uma *romanza*, o senhor lançou-se aos pés dela e pediu-lhe aceitasse o seu nome. Não estou delirando! Não estou sonhando! Diga, príncipe, estou dormindo ou acordada?

— Bem… Embora, talvez — respondeu o príncipe aturdido. — Isto é, parece-me que agora não está dor…mindo. mas há pouco, note

bem, foi por isso que eu tive aquele sonho, porque adormeci.

— Deus do Céu! Que vem a ser isto? Tão depressa dorme como acorda… O diabo que o entenda… Suponho que está delirando, príncipe!

— Sim, o diabo que o entenda… Aliás, parece-me que, agora, já não sei nada! — murmurou o príncipe dirigindo à assistência um olhar inquieto.

— Mas como é possível que o príncipe tenha visto tudo isso em sonho quando fui eu que lhe contei esse suposto sonho, com todos os pormenores e, além disso, o senhor não o contara antes a ninguém?

— Mas pode ser que o tenha contado a alguém! — opinou Natália Dimítrievna.

— Sim, pode ser que o tenha contado a alguém — repetiu o príncipe completamente desorientado.

— Isto é uma comédia! — murmurou Felissata Mikháilovna ao ouvido da sua vizinha.

— Santo Deus! Isto é de fazer perder a paciência! — exclamou Maria Alieksándrovna juntando as mãos num desespero. — Ela lhe cantou uma *romanza*, príncipe, uma *romanza*! Também pensa que isso foi apenas um sonho?

— Sim, de fato parece-me que me cantou qualquer coisa — murmurou o príncipe, pensativo.

De repente, uma recordação iluminou-lhe o rosto.

— Meu filho! — exclamou, dirigindo-se a Mosliakov, — esqueci-me de dizer-te que, efetivamente, a tal menina me cantara qualquer coisa, assim como uma *ro…man…za*, uma *ro…man…za* em que se falava de palácios e de um trovador! Sim, sim, agora me lembro muito bem… Por sinal até me fez chorar. Pois olhem, meus senhores, estou fazendo uma grande con…fu…são, parece-me que não foi um sonho mas sim uma rea…li…dade!

— Muito obrigado pela sua sinceridade, tio! — observou Mosliakov com a maior tranquilidade, embora a sua voz deixasse transparecer um tremor de comoção. — Fica-lhe muito bem essa franqueza. Parece-me que o problema não pode ser mais fácil de resolver do que é. Acho que, na verdade, deve ter ouvido essa canção. Zinaída Afanássievna canta muito bem. Trouxeram-no para aqui, depois do almoço, e Zinaída Afanássievna cantou-lhe essa *romanza*. Eu não estava presente nessa ocasião; mas é de supor que o tio se tivesse deixado arrastar pelo entusiasmo e recordasse os antigos tempos em que também cantava *romanzas*… com a viscondessa de que nos falou de manhã… E depois, agradavelmente impressionado com tudo isso, foi e sonhou que estava apaixonado e noivo…

Maria Alieksándrovna estava pasmada. Nunca julgara possível aquele descaramento.

— Sim, filho, sim! Deve ter sido isso! — exclamou o príncipe entusiasmado. — Precisamente por estar tão agradavelmente impres… sio…nado! lembro-me muito bem e que me cantaram uma *romanza*! E devia ter sido por isso que eu sonhei que ia casar! E por isso também me lembrei da viscondessa… Mas como percebeste tudo tão bem! Agora sim, já estou ab…so…lu…ta…men…te convencido de que foi tudo um sonho! Maria Alieksándrovna! Afirmo-lhe que foi tudo um sonho! Um sonho e nada mais. Pois, de maneira alguma me atreveria a brincar com os seus no…bi…lís…si…mos sentimentos…

— Ah, agora percebo perfeitamente quem anda metido nisto tudo, — exclamou Maria Alieksándrovna, raivosa, encarando Mosliakov. — É o senhor o vil culpado de tudo isto! Foi o senhor quem, para se vingar de minha filha o ter repelido, transtornou o juízo deste pobre idiota! Mas vais pagar por isso, seu tratante! Sim, vais pagar, espera!

— Maria Alieksándrovna! — exclamou Mosliakov vermelho como um tomate. — Essas palavras são de tal índole… Nem sei como qualificá-las… Sei apenas que nenhuma senhora educada se permitiria… Eu não procuro defender o meu parente… Mas há de reconhecer que enganar assim um velho, fazê-lo cair numa armadilha…

— Precisamente: fazê-lo cair numa armadilha! — respondeu o príncipe, esforçando-se por esconder-se atrás de Mosliakov.

— Afanássi Matviéievitch! — gritou Maria Alieksándrovna com uma voz que não parecia sua. — Ouves como nos insultam e envergonham? Ou te consideras desligado de todos os deveres para conosco? És um pai de família ou um estafermo, simplesmente? Outro marido teria lavado com sangue a afronta feita aos seus…

— Mãezinha! — exclamou Afanássi Matviéievitch, muito vaidoso por terem solicitado o seu auxilio. — Mãezinha! Por acaso não sonhaste tudo isso, e ao acordares, confundiste, como é costume?

Mas não consentiram que Afanássi Matviéievitch expusesse até o fim sua lúcida explicação. Até então, as senhoras tinham-se contido, mantendo um aspecto de digna gravidade, embora, por dentro, se remordessem de maldosa alegria. Mas agora romperam todas ao mesmo tempo em estrondosas gargalhadas. Maria Alieksándrovna, esquecendo-se de todo o seu *comme il faut*, dispunha-se a lançar-se sobre o marido para arrancar-lhe os olhos; mas as outras não a deixaram. Natália Dimítrievna aproveitou no entanto a ocasião para verter algumas gotas de veneno.

— Maria Alieksándrovna, talvez tenha sido assim, não seja tão exaltada — disse com voz pegajosa.

— Mas que é que talvez tenha sido assim? Que é que talvez tenho sido assim? — gritou Maria Alieksándrovna, que não compreendera bem.

— Olhe, Maria Alieksándrovna, isso costuma acontecer…

— Mas que é que costuma acontecer? — perguntou Maria Alieksándrovna.

— Que talvez tenha sido só um sonho!

— Um sonho? Que fui eu que sonhei? E atreve-se a dizê-lo na minha cara?

— Realmente, pode ser que tenha sido um sonho! — opinou

também Felissata Mikháilovna.

— De fato, talvez real…ment…te tenha sido só um sonho! — murmurou também o príncipe.

— Até ele! Até ele! — lamentou-se Maria Alieksándrovna juntando as mãos.

— Mas não desespere, Maria Alieksándrovna! Pense que é Deus quem nos manda os sonhos. E se Deus desejar uma coisa, há de realizar-se forçosamente, pois tudo está nas suas mãos. Por isso não vale a pena afligir-se!

— É verdade… Não vale a pena afligir-se — concordou o príncipe.

— Mas julgam todos que eu estou doida? — exclamou Maria Alieksándrovna, que mal podia falar, tamanha a sua agitação. Aquilo superava suas forças! Procurou rapidamente uma cadeira e… "desmaiou". Todos se precipitaram para ela.

— Isto é fingimento — disse Natália Dimítrievna ao ouvido da sua amiga Anna Nikoláievna.

Mas, naquele instante de excitação e de angústia supremas, apareceu em cena uma nova personagem que até então não pronunciara palavra, e, de repente, como por artes mágicas, tudo tomou outro aspecto.

## Capítulo XIV

De maneira geral, Zinaída Afanássievna era muito romântica. Não sei se devido ao fato de ter lido, juntamente com o seu "menino", como sua mãe dizia, os livrecos desse "estouvanado de Shakespeare", o certo é que nunca Zinaída se permitira um arrebatamento tão romântico, ou melhor, heroico, como o que vou contar.

Pálida, olhos resolutos, tremendo quase de comoção, adiantou-se uns passos, lentamente, formosa no meio da sua cólera. Observou os

presentes, pousando sobre eles um longo olhar de desafio e, depois, no meio daquele silêncio que, de repente, caíra no salão, encarou sua mãe que acabava de refazer-se do desmaio e voltara a abrir os olhos.

— Mamãe — exclamou Zina. — Para que enganar as pessoas? Para que rebaixar-se a mentir? Mesmo sem isto já é tudo tão sujo que não vale a pena agacharmo-nos mais para esconder esta sujeira!

— Zina, Zina… Que dizes, minha filha?! Vê se voltas a ti! — exclamou cheia de sobressalto Maria Alieksándrovna, e levantou-se de um pulo.

— Já te disse, já te preveni, mamãe, que eu não podia suportar esta vergonha — continuou Zina. — Vamos-nos rebaixar, vamo-nos ainda manchar mais? Olha, mamãe: eu assumo todas as responsabilidades, pois sou eu a mais culpada. Fui eu quem… com o meu consentimento, dei ensejo a toda esta odiosa trama! Tu és minha mãe, gostas de mim e julgaste fazer-me feliz à tua maneira, do modo por que entendes a felicidade! A ti, tudo se pode perdoar, mas a mim, nada!

— Zina, mas irás contar… Meu Deus! Bem desconfiava que ainda me estava reservada esta nova provação.

— Sim, mamãe… Vou contar tudo! Fomos injuriados, fomos todos injuriados!

— Tu exageras, Zina! Estás fora de ti e não sabes o que dizes! Além disso, para que vais contar tudo? Com que fim? A vergonha não cai sobre nós… vou mostrar que o escândalo pouco nos incomoda…

— Não, mamãe — exclamou Zina, e a voz tremia-lhe de cólera. — Não quero calar-me mais diante desta gente cuja opinião desprezo e que veio apenas para divertir-se à nossa custa! Não sofrerei mais tempo, passivamente, os seus insultos. Nenhuma delas tem direito a cobrir-me de lama. Todas elas são capazes de fazer coisas mil vezes piores do que aquelas que tu ou eu tenhamos feito. Não, nenhuma delas tem o direito de nos julgar!

— Não querem ver isto? Que tal está a pequena? Que quer ela?

Insultar-nos? — exclamaram de todos os lados do salão.

— Realmente, parece que não sabe o que diz! — disse Natália Dimítrievna.

Digamos de passagem que, dessa vez, Natália Dimítrievna tinha razão. Se Zina considerava aquelas senhoras indignas de julgá-la, por que se dignava fazer-lhe aquelas confissões? Pelo menos tratava-se de qualquer coisa de precipitado… segundo opinaram depois as melhores cabeças de Mordássov. Tudo se poderia ter arranjado! Podiam deixar de ligar importância a tudo aquilo! É verdade. Mas a própria Maria Alieksándrovna tinha incorrido nessa noite em muitos erros por se ter deixado arrastar pela precipitação e pela soberba. Porque afinal ainda tinha o recurso de meter a ridículo o velho idiota dizendo que, efetivamente, fora tudo uma brincadeira. E, em última instância, tê-lo posto na rua! Mas Zina, desmentindo todo o bom senso e toda a sabedoria mordassovianas, virou-se para o príncipe.

— Príncipe — disse para o velhote, que se levantou do seu lugar num a atitude de respeito pela jovem — perdoe-me, perdoe-nos a todos! Enganamo-lo, fizemo-lo cair numa armadilha!

— Por que não te calas, desgraçada? — exclamou Maria Alieksándrovna, presa de enorme desespero.

— Menina! Menina! *Ma charmante enfant!* — balbuciou o príncipe completamente estupefato.

Mas Zina deixou-se arrebatar pelo seu caráter orgulhoso, impulsivo e fantasista no mais elevado grau, e esqueceu todas as regras de conveniência que a realidade lhe impunha. Esqueceu-se até de sua mãe, que durante todas aquelas confissões da filha se contorcia em íntimas convulsões.

— Sim, enganamo-lo príncipe! A minha mãe, ao querer arranjar as coisas de maneira que o senhor se casasse comigo, e eu, ao aceitar e apoiar a sua proposta. À mesa, fizeram-no beber demais e eu prestei-me a cantar e a seduzi-lo… Sim, ao senhor, fraco e inválido, queríamos lisonjeá-lo, sim, lisonjeá-lo por causa da sua riqueza, como disse Páviel Alieksándrovitch, e do seu título de príncipe. Tudo isto é

muitíssimo vil e eu quero expiá-lo mas juro-lhe, príncipe, que eu não me decidi a esta vileza com um fim baixo. Eu queria… Mas para que falar, afinal? É uma vergonha dupla, querer justificar-me, apesar de tudo! Mas olhe, vou lhe dizer apenas que… se tivesse recebido qualquer coisa do senhor… que eu… se tivesse chegado a receber qualquer coisa do senhor, em compensação havia de ser o seu brinquedo, a sua criada, a sua bailarina, a sua escrava! Teria jurado isso a mim própria e cumpriria rigorosamente o meu voto, isso é que lhe posso afirmar!

Calou-se um momento para respirar. As senhoras pareciam ter emudecido e ouviam-na com os olhos muito abertos. A inesperada saída de Zina, para elas completamente incompreensível, deixava-as atordoadas. Somente o príncipe parecia comovido até as lágrimas, apesar de não compreender nem metade das coisas que Zina dizia.

— Mas eu caso com você, *ma belle enfant*, se tem assim tanto empenho nisso — balbuciou — e terei muita honra nisso, minha menina! O que lhe afirmo é que tudo isto, me pa…re…ce um so…nho! mas por que se aflige assim? A mim parece-me que ainda não com… pre…en…di tu…do! *Mon ami* — continuou dirigindo-se a Mosliakov — explica-me, rapaz!

— E o senhor, Páviel Alieksándrovitch — interrompeu-o Zina dirigindo-se também a Mosliakov — o senhor, que, em tempos cheguei a considerar como meu futuro marido; o senhor que se vingou de mim com tanta crueldade… será possível, realmente, que se tenha juntado a essas víboras para arrastar-me pelo chão e cobrir-me de lama? Mas não sou eu quem deve censurá-lo. E dizia o senhor que me amava! Mas eu ainda sou mais culpada do que o senhor! Ofendi-o e magoei-o e o que esta tarde lhe disseram, a demonstrar-lhe que não, era pura mentira, puro embuste. Eu nunca o amei, e embora estivesse resolvida a ser sua esposa, fazia-o apenas para sair daqui, desta vilória miserável, e sacudir de mim toda esta lama… Mas pode estar certo de que se me tivesse chegado a casar com o senhor, teria encontrado em mim uma esposa boa e fiel… O senhor vingou-se de mim cruelmente… e se isto pode lisonjear o seu amor-próprio…

— Zinaída Afanássievna! — interrompeu-a Mosliakov.

— Sim, e continua a odiar-me…

— Zinaída Afanássievna!

— Se alguma vez — prosseguiu Zina contendo as lágrimas que lhe subiam aos olhos — se alguma vez me quis…

— Zinaída Afanássievna!

— Zina, Zina! Minha filha! — soluçava Maria Alieksándrovna.

— Eu sou um patife, Zinaída Afanássievna, um patife e nada mais! — afirmou Mosliakov provocando uma grande celeuma com as suas palavras.

Ouviram-se exclamações de assombro e de pesar; mas Mosliakov continuava fixo no seu lugar, e pelo menos na aparência, sem poder dizer palavra. Para os caracteres fracos, acostumados a uma permanente submissão, existe sempre, quando algum dia se decidem a revoltar-se e a protestar, numa palavra, a proceder com resolução e com firmeza, para esses caracteres, dizia, existe sempre certo limite, bem próximo, no qual vem a abater-se a sua energia e a sua fortaleza de um momento. A princípio o seu protesto costuma ser muito enérgico. Estão possuídos de um arrebatamento que toca as raias da loucura. Arremetem de um golpe, com os olhos chamejantes, contra os obstáculos, e deitam sobre os ombros cargas demasiado pesadas para as suas forças. Mas esse mesmo homem que se mostra tão furioso não tardará a atingir o tal limite e imediatamente o vereis pálido, como que assustado de si próprio, atordoado perante a terrível pergunta: “Que fiz eu?”. Depois, o seu nervosismo se afunda e é até muito possível que desate a chorar, se empenhe em dar explicações, se roje de joelhos, peça perdão, implore e rogue que tudo torne a ser como antes. Foi o que aconteceu pouco mais ou menos a Mosliakov. Depois de se ter revoltado, de ter jurado perder aquela a quem julgava culpada de tudo, depois de ter satisfeito a sua cólera e a sua vaidade, e de se ter tornado odiado e odioso perante si próprio, agora, de repente, sentia remorsos e vinha rebaixar-se perante a inesperada intervenção de Zina. As suas últimas palavras significavam a sua ruína definitiva. Pois muito bem: num momento, passou de um extremo ao outro.

— Sou um burro, Zinaída Afanássievna! — exclamou num ímpeto de sincero desespero. — Mas, não, que digo eu?! Um burro ainda é pouco! Sou incomparavelmente pior do que um burro! Hei de demonstrar-lhe, Zinaída Afanássievna, que um burro também pode ser um homem de nobres sentimentos! Tio! Eu o enganei! Sim! Fui eu e só eu que o enganei! Não, não foi em sonhos, mas acordado e na realidade, que o tio prometeu casamento a esta menina. Fui eu, velhacamente, quem, despeitado por ela ter me repelido, lhe fiz acreditar, para me vingar, que fora tudo um sonho!

— Que coisas interessantes se descobrem nesta casa — murmurou Natália Dimítrievna para a sua vizinha Nikoláievna.

— Meu filho! — respondeu o príncipe. — A…cal…ma-te! A…cal…ma-te! Até me assustas com esses gritos. Afirmo-te que estás em er…ro. Estou absolutamente decidido a casar se isso é assim tão necessário… Mas não disseste que aquilo fora um sonho?

— Meu Deus! Como hei de convencê-lo agora? Diga-me, diga-me, tio, que hei de fazer para convencê-lo? Tio, tio! Repare que se trata de uma coisa muito séria, do assunto mais importante para uma família… Reflita, tio, reconsidere!

— Está bem, meu filho, farei como tu dizes, re…con…si…de…ra…rei! Mas espera um momento, deixa ver se me lembro! Primeiro, sonhei com o meu cocheiro Fie…o…fil…

— Deixe-se agora de Fieofil!

— Bem. Suponhamos que não foi com ele que eu estive. Depois sonhei com Napo…le…ão e então pareceu-me que estávamos embriagados e que surgia uma senhora que comia o açúcar todo…

— Mas, tio — atalhou Mosliakov, provavelmente num momento de paralisação de seu raciocínio — isso foi o que Maria Alieksándrovna lhe contou, depois do almoço, referindo-se a Natália Dimítrievna! Eu estava presente e ouvi tudo! Tinha-me escondido e ouvia e olhava por uma frincha da porta…

— Então, Maria Alieksándrovna! — exclamou Natália

Dimítrievna. — Então também foi contar ao príncipe que eu tirei o açúcar do seu açucareiro! De maneira que eu venho a sua casa para lhe roubar açúcar!

— Saia! Faça favor de sair! — exclamou Maria Alieksándrovna desesperada.

— Que vem a ser isso, Maria Alieksándrovna? Não pode falar-me nesse tom… Então eu venho a sua casa para roubar açúcar! Já sabia que, desde há algum tempo, você se dedicava a propalar essas mentiras a meu respeito! Sófia Pietrovna já me informara de tudo… Então eu roubo-lhe o açúcar, hem?

— Mas, *mesdames* — interveio o príncipe — se isso foi tudo um sonho que eu tive! Como muitos outros que tive e posso ainda vir a ter!

— Sua bruxa! — resmungou baixo Maria Alieksándrovna.

— Isso de bruxa é comigo? — exclamou Natália Dimítrievna. — E a senhora que é, pode saber-se? Sei, desde há algum tempo, que você me pôs a alcunha da camela! Tudo isso está muito bem; mas eu, ao menos, tenho um marido que é homem de fato, ao passo que o seu não passa de um fantoche…

— Bem se vê que anda em tudo isto língua de velha — disse o príncipe, recordando a sua conversa com Maria Alieksándrovna.

— Que? Também o senhor! Também o senhor se dá ao luxo de insultar uma senhora respeitável? Então tem esse descaramento? Pois se eu sou uma velhorra, que não será você, seu estafermo… que só tem uma perna?

— Que? Eu só tenho uma perna?

— E é zarolho! — exclamou Maria Alieksándrovna.

— E usa colete para disfarçar as costelas que lhe faltam! — insistiu Natália Dimítrievna.

— Está todo montado sobre molas!

— Não tem na cabeça um só cabelo seu!

— E o bigode também não é seu! — exclamou Maria Alieksándrovna.

— Mas… o nariz, ao menos deixe-me o nariz, Maria Stiepâ… nova! — interrompeu o príncipe, com a alma dilacerada por todas aquelas revelações inesperadas. — Meu filho, atraiçoaste-me! Foste contar a todos que uso cabeleira postiça…

— Tio, tio…

— Não, meu filho; eu não posso com…ti…nu…ar aqui nem mais um momento! Leva-me para qualquer parte! *Quelle société!* Mas para onde me trouxeste tu, homem?

— Velho idiota! Velho gaiteiro! — exclamou Maria Alieksándrovna.

— Meu Deus! — balbuciou, lívido, o príncipe. — Tinha-me es… que…ci…do um momento do motivo por que vim, mas do motivo por que me vou, hei de lembrar-me para sem…pre… Vamos, *mon ami*, leva-me daqui, senão estas fúrias dão cabo de mim. Além disto, tenho de ir es…cre…ver um novo pensamento.

— Já vamos, tio, ainda é cedo. Daqui a pouco levo-o a uma estalagem onde hei de dormir também…

— Bem, bem, vamos então para a estalagem! *Adieu, ma charmante enfant!* Só…só tu… és boa e virtuosa. És uma verdadeira senhora! Vamos, meu filho! Meu Deus!

Não tentarei descrever o final desta desagradável cena, depois da partida do príncipe. As senhoras retiraram-se no meio duma grande algazarra e gritaria. Maria Alieksándrovna acabou por ficar sozinha… entre os escombros da sua glória. Todo o seu poder. Todo o seu prestígio, toda a sua importância… desabaram numa noite. Compreendia que nunca mais poderia elevar-se de novo a tal altura. O seu despótico domínio de tantos anos na boa sociedade de Mordássov ruíra definitivamente. Que lhe restava agora fazer? Filosofar? Mas não

gostava de filosofias. Passou a noite toda muito indisposta. Zina estava desonrada e os mexericos nunca mais acabariam! Um horror!

Como historiador consciencioso devo, no entanto, informar que o que mais teve de sofrer com a má disposição da senhora foi o pobre Afanássi Matviéievitch. Acabou por acocorar-se no quarto das arrumações, onde passou a noite, transido de frio.

Finalmente, amanheceu; mas o novo dia também não trouxe nada de bom. É sabido que uma desgraça nunca vem só.

## Capítulo XV

Quando a desgraça teima em nos perseguir, não nos larga tão cedo. É coisa que já se sabe há muito tempo. Como se toda esta vergonha e este escândalo não tivessem sido bastantes para Maria Alieksándrovna, a sorte reservara-lhe ainda outras surpresas.

Na manhã seguinte, antes das dez horas, espalhou-se inesperadamente pela povoação um estranho e quase inverossímil boato, que toda a gente acolheu com maldosa alegria, como a qualquer escândalo desacostumado que caia por cima do nosso querido próximo.

— Será possível! Perder a consciência e a vergonha até um extremo desses! — diziam todos. — Rebaixar-se dessa maneira, prescindir até esse ponto de toda a cautela, soltar as rédeas desse modo! — e outras coisas assim.

O que aconteceu foi o seguinte:

Nessa manhã, muito cedo, por volta das sete horas, chegou à casa de Maria Alieksándrovna, numa grande ansiedade, uma pobre velha, pedindo à criadagem, com lágrimas nos olhos, que fosse acordar a menina, mas em segredo, sem que Maria Alieksándrovna soubesse. Zina surgiu imediatamente, pálida e assustada. A velha lançou-se a seus pés, beijou-os, salpicou-os de lágrimas e implorou-lhe que fosse ver o seu pobre filho doente, Vássia, que passara a noite toda com uma respiração ofegante, tão ofegante, que talvez não passasse

daquele dia. Contou-lhe a velha, soluçando, que era o próprio Vássia quem a chamava para despedir-se dela antes de morrer e que por todos os anjos do céu e por tudo quanto em outro tempo houvera entre eles, lhe suplicava que fosse, pois, do contrário, o infeliz morreria desesperado.

Zina decidiu imediatamente ir vê-lo, sem se demorar a pensar que com aquela visita ao doente, confirmaria os boatos correntes em outro tempo pela povoação a respeito da sua correspondência, daquela escandalosa carta e da sua indecorosa maneira de conduzir-se, etc.

Sem dizer palavra à mãe, envolveu-se num casaco de peles e partiu em companhia da velha. Teve de atravessar toda a povoação para chegar a um dos bairros mais pobres. Aí, no extremo da ruela solitária, erguia-se uma casinha velha e empenada, cujas janelas pareciam frinchas ou buracos, e em volta da qual a neve se amontoava até uma grande altura.

Aí, num quartinho estreito e de teto baixo, mal cheiroso, e cujo espaço era ocupado, em metade, por um gigantesco fogão, jazia sobre um catre de tábuas, sobre um enxergão de, no máximo, uns dois dedos de espessura, um rapaz embrulhado num velho capote de uniforme. Tinha o rosto pálido e definhado; nos olhos via-se um hesitante brilho febril, as mãos secas e afiladas e os braços pareciam dois pauzinhos; a respiração cava e ofegante e a voz rouca. Percebia-se que devia ter sido um bonito rapaz, mas a doença o desfigurara, e olhá-lo provocava nas pessoas essa dor que causa sempre a contemplação dos tuberculosos e dos moribundos. Sua velha mãe, que durante um ano e quase até ao último momento acreditara que o seu Vássienhka recuperaria a saúde, não tinha outro remédio senão reconhecer agora que ao seu pobre filho apenas restavam poucos dias de vida. Estava de pé, junto do seu leito miserável, com as mãos juntas, amarfanhada pela dor, mas de olhos enxutos. Contemplava-o, não se cansava de o olhar… Não queria acreditar, apesar de saber, que daí a poucos dias a terra fria havia de cobrir o seu pobre Vássienhka e a neve acumular-se sobre a sua sepultura. Mas Vássia não olhava para ela. Todo o seu rosto exausto de mártir respirava felicidade. Via finalmente diante de si aquela com a qual sonhava acordado havia ano e meio e que de dia e de noite não lhe saía do pensamento. Sabia que ela lhe perdoaria,

que viera como um anjo de Deus consolá-lo no seu leito de morte. Estreitava as suas mãos, ria e chorava ao mesmo tempo, não se cansava de olhá-la, maravilhado e… todo o passado, tudo o que já não podia voltar outra vez começou a ressuscitar de novo na alma do moribundo. A vida voltou a pulsar no seu coração e parecia querer fazer sentir à jovem, antes de despedir-se dela, a grande dor de sua perda.

— Zina! — exclamou — Zinotchka! Não chores por mim, não te aflijas, não te entristeças porque eu vou morrer. Eu hei de ver-te sempre… Como agora… Hei de sentir que as nossas almas continuam unidas, que me perdoaste. Beijarei as tuas mãozinhas, como antes, lembras-te? E morrerei sem sentir a morte. Como estás magra, Zina! Meu anjo, com que bondade me olhas! Lembras-te como te rias, dantes? Lembras-te? Ah, Zina, eu não te posso pedir que me perdoes, não quero recordar-me de nada do que se passou, pois mesmo que me perdoes, eu nunca perdoarei a mim próprio. Passei muitas e longas noites sem dormir, noites terríveis, Zina. E nessas noites, prostrado nesta cama, pensava e meditava, e dizia que era muito melhor para mim morrer… Sim, muito melhor! Eu já não mereço viver, Zina!

Zina chorava e estreitava em silêncio a sua mão, como se quisesse assim exortá-lo a continuar falando-lhe.

— Por que choras, meu amor? — continuou o doente. — Por eu ir morrer, só por isso, meu anjo? Quanto ao resto há muito tempo que morreu e o enterramos. Tu és mais dotada do que eu, tens um coração melhor do que o meu, e por isso deves compreender quanto eu sou mau. Como é possível gostares de mim? Se visses como me fez sofrer a ideia de que saibas como eu sou mau e inútil… Questão de amor-próprio e talvez também de dignidade… não sei… Tu… que eras para mim o amor e a vida, tornaste-te para mim um sonho. E eu não fazia outra coisa senão sonhar e sonhar, e não viver. Era orgulhoso, desprezava o povo… Mas por que tinha eu aquele orgulho perante as pessoas? Tudo isto era um sonho, Zina, quando líamos Shakespeare; mas quando chegou a ocasião, foi ver a prova que eu dei da minha pureza de coração e da minha nobreza de sentimentos!

— Cala-te! — interrompeu-o Zina. — Não continues! Não foi

assim, como dizes… Estás-te a martirizar inutilmente.

— Não me interrompas, Zina. Já sei que me perdoaste, e talvez desde há muito tempo. Mas tu examinaste a minha conduta, formaste o teu juízo e compreendeste quem eu sou; e é isso precisamente o que me atormenta. Eu sou indigno do teu amor, Zina. Tu, quando chegou o momento, deste provas de ser verdadeiramente boa e generosa; disseste à tua mãe que não te casarias com mais ninguém senão comigo, e terias cumprido a tua palavra, pois cumpres sempre aquilo que prometes. Ao passo que eu, eu… quando chegou o momento de agir… Olha, Zina: então, eu não compreendia tudo o que terias sacrificado por mim, se tivesses casado comigo. Então eu não podia compreender que se tivesse casado comigo, talvez tivesses morrido de fome. Pensava apenas que, se casasses comigo, casavas com o grande poeta… o futuro grande poeta… e não quis compreender as razões que me expuseste ao pedir-me que adiássemos o nosso casamento. Acusei-te, atormentei-te, tiranizei-te, desprezei-te e, por fim, recorri à ameaça de tornar pública aquela carta. Portei-me como um patife, como um fanfarrão! Oh, que desprezo devias ter sentido por mim! Ainda bem que não nos casamos. Eu nunca poderia ter compreendido o teu sacrifício; ia te atormentar continuamente e te afligir com a nossa pobreza. E os anos passariam. E talvez chegasse a odiar-te… como a um estorvo na minha vida. Assim foi muito melhor. Agora, pelo menos, as lágrimas purificaram o meu coração. Ah, Zina! Tem por mim um pouco daquele amor que dantes sentias. Ainda que seja apenas nestes últimos instantes… Já sei que sou indigno do teu amor… mas… mas… alma da minha alma, minha vida!

Durante todo este discurso Zina tentou por várias vezes fazê-lo calar; mas ele não fazia caso. Instigava-o o desejo de desabafar com ela; por isso continuou a falar, penosa e apressadamente, com uma voz cada vez mais rouca e fraca.

— Se não me tivesses conhecido, se não me tivesses tomado essa amizade, pode ser que não estivesses assim agora — disse Zina. — Ah, por que havíamos de nos conhecer, por que?

— Não, meu amor, não te censures pelo fato de eu ir morrer! — continuou o doente. — Sou eu o único culpado! Meu Deus, como eu

era o orgulhoso! E romântico! Mas conhecerás bem toda a minha estúpida história, Zina? Olha, faz alguns anos houve aqui um criminoso, um grande bandido e assassino que, ao chegar a hora do castigo, demonstrou ser um pobre-diabo. Sabia que, se estivesse doente, a sentença não lhe seria aplicada, e então foi arranjar vodca, deitou nela tabaco do mais reles e bebeu a mistura. Não tardou que vomitasse sangue e bílis. E assim continuou até que por fim adoeceu realmente dos pulmões. Levaram-no para o lazareto e, passados poucos meses, morreu tuberculoso. Pois bem, meu amor: eu me lembrei dele… naquele dia… já sabes… depois do caso da carta… e decidi imitá-lo. Mas por que pensas tu que escolhi a tísica? Por que não me enforquei ou me atirei à água? Julgas talvez que tivesse medo da morte. Talvez… Mas a mim há de parecer-me sempre, Zina, que em tudo aquilo houve qualquer coisa de sugestão. Eu pensava apenas como seria bonito ver-me prostrado numa cama, tísico, moribundo, e que sofresses e dirigisses censuras a ti mesma, e torturasses a alma por me teres posto nesse estado… e viesses então ver-me, cheia de arrependimento… e te ajoelhasses perante mim… E que eu te perdoaria e morreria nos teus braços… Não é verdade que eu era tolo, Zina, terrivelmente tolo?

— Cala-te, não digas essas coisas! — implorou Zina. — Não fales assim. Tu não és tão… Pensemos noutra coisa, nas nossas horas de felicidade.

— É que tudo isso me faz sofrer, meu amor, e portanto gosto de falar nisso! Há ano e meio não te via. Tenho que dizer-te tudo. Desde aquele dia, sabes, tenho vivido completamente só e não houve um só minuto que não pensasse em ti, em ti, meu anjo, ao qual não me canso de olhar… Ah, com que prazer eu teria feito qualquer coisa, qualquer coisa de grande, de bom, a fim de obrigar-te a não mudar de opinião a meu respeito. Até o ultimo momento, nunca julguei que morria. A doença não me abateu de repente, e durante algum tempo ainda pude andar por aí, com os pulmões doentes… E se visses que caprichos ridículos me assaltavam. De repente, por exemplo, ambicionava ser um grande poeta, publicar uma poesia nos *Anais* de Mordássov; uma poesia como até então nunca se tivesse escrito. Nessa poesia eu havia de exprimir todos os meus sentimentos, havia de pôr toda a minha

alma, para que sempre, onde quer que estivesses, pudesses ter-me junto de ti e recordar-te de mim, graças aos meus versos, e reconhecesses finalmente… que eu não era tão mau como eu próprio pensava. Um disparate, não é verdade, Zínotchka? Um disparate!

— Não, não, Vássia, nada disso! — implorou Zina.

Lançou-se sobre o seu peito e beijou-lhe as mãos.

— E como os ciúmes me atormentavam! Julgo que… teria morrido se soubesse que te casaras. Eu mandaria vigiar-te, espiar-te… fazia-o sempre por mi… — e apontou para a velha. — Não gostavas de Mosliakov, não é verdade, Zínotchka? Oh, meu anjo! E continuarás a pensar em mim quando eu morrer? Já sei que não me esquecerás… mas com o tempo, o teu coração há de esfriar um dia, chegará o inverno na tua alma, e então acabarás por esquecer-me, Zínotchka.

— Não, não… Nunca! Nunca irei casar… Tu és o primeiro… e o último… Serei eternamente tua!

— Tudo morre, Zínotechka; tudo, até as recordações… até os nossos mais nobres sentimentos se extinguem. E em seu lugar ocupam a nossa alma os pensamentos razoáveis. E por que levar isso a mal? Por isso goza a vida, Zínotchka, e que seja longa e feliz. Não te proíbas amar de novo, se tornares a sentir amor… Não é possível amar toda a vida um morto… Bastará que penses em mim de vez em quando e me dediques uma recordação… Não te lembres nunca daquilo que foi mau, esquece-o, apaga-o na tua memória. E o nosso amor também teve coisas boas, Zina. Oh, aqueles dias maravilhosos que fugiram para sempre! Escuta, meu anjo: eu senti sempre predileção pelas horas da noite e pelo crepúsculo vespertino. Pensa muito em mim quando vires o pôr do sol… Oh, não, não! Para que morrer? Oh, quanto daria eu agora para que a nossa vida pudesse renascer! Não, não te esqueças, meu amor, não te esqueças daqueles tempos! Era primavera, o sol brilhava, luminoso, as flores lançavam para o ar os seus perfumes e à nossa volta tudo parecia em festa… E agora, em comparação, olha, olha…

E o infeliz apontou com a mão esquálida para a janela obscura, cheia de geada. Depois pegou de súbito na mão de Zina, apertou-a

contra os seus olhos e pôs-se a chorar, pôs-se a chorar de uma maneira que cortava o coração. Aquele pranto parecia dilacerar-lhe o peito doente.

Esteve todo esse dia afligindo-se assim. Zina consolava-o como podia, pois também ela sofria angústias mortais. Afirmava-lhe que nunca o esqueceria e jamais poderia amar homem algum como o amara. Ele acreditava nas suas palavras, sem contradizê-la; sorria, beijava-lhe as mãos; mas no seu coração pungiam-lhe as recordações do passado, como se o fossem aniquilar. Passou assim um dia inteiro. Maria Alieksándrovna mandar buscar a filha, pelo menos dez vezes, suplicando-lhe voltasse para casa para que não acabassem de lhe fechar para sempre as portas da sociedade distinta. Por fim, ao escurecer, quase fora de si, com medo, resolveu-se ir buscá-la pessoalmente. Mandou-a vir para o quarto contíguo e quase se pôs de joelhos, pedindo-lhe não "cravasse no seu coração aquele último e mais agudo punhal". Zina veio ter com ela e ouvia tudo quanto a mãe lhe dizia; não compreendia, porém, o sentido das suas palavras. Parecia-lhe que a cabeça lhe ia saltar de dor. O encontro terminou e Maria Alieksándrovna teve de voltar só e desesperada. Zina resolvera passar a noite no tugúrio do moribundo.

Passou toda a noite sentada à cabeceira da sua cama. O estado do doente agravava-se cada vez mais. O novo dia amanheceu e não havia esperança de que o moribundo lhe sobrevivesse. A velha mãe andava pela casa, de um lado para o outro, como uma louca, como se não desse por nada. Oferecia remédios ao filho, mas este não queria tomá-los. A agonia foi longa. O doente já não podia falar. Do seu peito apenas saíam de quando em quando uns sons roucos e sem ritmo. Até o último momento fixou o olhar sobre Zina, procurando-lhe os olhos, e quando sua vista começava a escurecer, a sua mão insegura continuou a procurar as da jovem para estreitá-las. Acabou-se o curto dia de inverno. E quando o último raio do sol poente tingiu de vermelho os cristais da geada, na única janela do quarto, a alma do infeliz abandonou o seu corpo gasto.

Quando a velha viu o cadáver do seu Vássia idolatrado, começou a torcer as mãos e, gritando com todas as forças, atirou-se sobre o despojo inanimado.

— Foste tu que o mataste, pérfida, víbora. Tu é que o enfeitiçaste! — exclamou, desesperada, dirigindo-se a Zina. — Foste, tu, feiticeira maldita, assassina, foste tu que o mataste!

Zina não a ouvia. Estava de pé, pasmada, inclinada sobre o morto. Finalmente pareceu voltar a si; persignou-se, deu um beijo no morto e, como um autômato, deixou o quarto. Ardiam-lhe os olhos e sentia-se tonta. O suplício daqueles dois dias e duas noites sem dormir deixara-a estonteada, meio morta. Sentia apenas vagamente que o passado se lhe desprendia do coração, e começava agora para ela uma nova vida, triste e baça… Mal caminhara dez passos, encontrou Mosliakov, como surgido da terra. Parecia esperar por ela.

— Zinaída Afanássievna — começou, num murmúrio angustioso, depois de olhar para um lado e para outro, pois ainda havia luz na rua — Zinaída Afanássievna. Eu, não há dúvida, sou um tolo. Mas se quisesse, deixaria de ser um tolo, pois, veja, afinal procedi nobremente. No entanto lamento ser um tolo… Além disso, com certeza me perdoa… pois tinha as minhas razões…

Zina olhou para ele sem compreendê-lo e continuou o seu caminho em silêncio. Mas o passeio, alto, não chegava para duas pessoas, e, como Zina não se chegara para o lado e caminhava pelo meio, Mosliakov via-se obrigado a seguir junto dela e a olhá-la de frente, e a caminhar pisando a neve da rua.

— Zinaída Afanássievna — continuou — eu pensei muito, e, se não vê inconveniente, eu, pelo meu lado, estou disposto a pedir de novo a sua mão. Estou disposto até a esquecer tudo, Zinaída Afanássievna; a esquecer todo esse escândalo. Mas com uma condição: que, enquanto estivermos aqui, isto seja para todos um segredo. Zinaída sairá daqui o mais cedo possível e também sem que ninguém o saiba. Faremos com que um padre, em qualquer lugar, nos case, também no maior segredo, e depois iremos para Petersburgo, se possível na diligência do correio, de maneira que só poderá trazer consigo um baú… Hem? Que diz a isto? Estamos de acordo? Zinaída Afanássievna, fale depressa. Olhe que não posso esperar… podem ver-nos!

Zina não lhe respondeu; mas ficou parada e olhou para ele, e olhou-o de tal maneira que ele compreendeu tudo imediatamente; pôs o chapéu e desapareceu na primeira esquina.

“Mas, como teria sucedido isto? — disse, maravilhado. — Antes de ontem, ainda as coisas estavam muito frescas e ela deitava sobre si as culpas de tudo… sim, de tudo… e agora, pelo contrário… Bem se vê que houve já dois dias de permeio.”

Enquanto tudo isto se passou deram-se em Mordássov vários acontecimentos. Um deles, muito dramático: o príncipe, que Mosliakov conduzira à estalagem, adoeceu nessa noite e com bastante gravidade. Mas na cidade só vieram a ter conhecimento do fato no outro dia de manhã. Kalist Stanislávitch não se separava nem um momento da cabeceira do enfermo. À noite houve uma conferência de todos os médicos de Mordássov, aos quais foi dirigido um convite para esse fim, redigido em latim. Mas, apesar do latim, o príncipe perdeu os sentidos, começou a delirar, e pedia a Kalist Stanislávitch que lhe cantasse uma certa *romanza* e falava muito de perucas. Às vezes parecia transido de medo e gritava cada vez com mais força. Os médicos chegaram à conclusão, na sua conferência, que em consequência da hospitalidade mordassoviana, se declarara ao príncipe uma gastrite, e esta — provavelmente durante o trajeto para a estalagem — subira-lhe à cabeça. Reconheciam também que alguma comoção moral devia ter também as suas culpas. Como resultado das suas deliberações, concordaram igualmente que havia algum tempo o príncipe se aproximava da morte e que, portanto, faleceria inevitavelmente. Pelo menos nisto não erraram, pois o pobre velho morreu nessa noite — inevitavelmente. A sua morte causou grande admiração aos mordassovianos, pois ninguém podia imaginar esse fatal desenlace. Afluíram em bando à estalagem onde o cadáver jazia ainda por amortalhar; falaram muito e remexeram-se ainda mais; moveram muito a cabeça e, para remate, condenaram unânime e severamente o assassinato do desventurado príncipe, evidentemente, com o pensamento em Maria Alieksándrovna e em sua filha. Compreendiam todos que aquele incidente, quanto mais não fosse, pelo que tinha de escandaloso, havia de ser muito falado e a sua notícia chegaria, só Deus podia saber até onde e… Mas é impossível

reproduzir aqui tudo o que aquela gente disse e receou nessa noite.

Moaliakov, enquanto estas coisas se passavam, andava de um lado para o outro, de cabeça perdida. Nessa disposição de espírito se encontrava quando falou com Zina. Na verdade, a sua situação não podia ser mais difícil: fora ele quem levara o príncipe para aquela terra, levando-o primeiro a casa de Maria Alieksándrovna e dali para a pousada, e agora nem sequer sabia o que havia de fazer do cadáver, como e onde enterrá-lo, nem a quem comunicar a triste notícia. Devia levá-lo para Dunákovo? Além disto, ele era, de certo modo, *sobrinho* do defunto. Tremia de pensar que pudessem imputar-lhe a morte do príncipe.

"Esta história vai saber-se em Petersburgo, há de chegar até à alta sociedade", pensava com inquietação.

Aos mordassovianos não podia pedir conselho: pareciam todos igualmente inquietos, todos se afastavam do morto e deixavam Mosliakov a velá-lo, sozinho, lugubremente. Estavam as coisas neste pé quando aconteceu algo de imprevisto, que mudou radicalmente a situação.

No segundo dia depois da morte do príncipe, apresentou-se na cidade, pela manhã, um cavalheiro de aspecto distinto. Logo todo Mordássov começou a falar dele, não em voz alta mas baixa e misteriosamente, e quando passava pela rua para ir ver o governador, todos os mordassovianos espreitavam às furtadelas pelas frinchas das portas e por detrás das cortinas o importante hóspede. Até o nosso governador, Piotr Mikháilovitch, devia estar um tanto perplexo e indeciso sobre o que devia fazer. O referido hóspede não era outro senão o célebre príncipe Chtchepietílov, parente do falecido príncipe K…, homem ainda novo, de uns trinta e cinco anos, com distintivos de coronel. Esses galões fizeram tal impressão no mundo da burocracia que até os mais humildes escriturários sentiram um arrepio nas costas ao vê-los e todos se perfilaram marcialmente. O Chefe da Polícia, por exemplo, perdeu completamente a cabeça — claro que em sentido figurado — moralmente falando. Fisicamente, apresentou-se em pessoa, embora com uma cara de palmo e meio.

Toda a cidade soube imediatamente que o príncipe Chtchepietílov vinha de Petersburgo e, de passagem, estivera em Dunákovo. Como não encontrara o príncipe ali, viera buscá-lo a Mordássov, onde como um raio, caíram sobre ele a notícia da morte do seu parente e os rumores que circulavam sobre as circunstâncias e a causa do seu falecimento. Piotr Mikháilovitch — o nosso governador — viu-se muito aflito quando teve de fornecer-lhe os dados necessários. Ademais, todos os mordassovianos andavam com cara de réus. Acrescente-se a isto que o príncipe recém-chegado tinha uma cara séria, de quem não é para brincadeira, embora estivesse ansioso pela herança.

Encarregou-se imediatamente de todas as diligências necessárias naquelas circunstâncias. Mosliakov escondia-se com vergonha do verdadeiro e não hipotético parente e apressou-se a desaparecer… sabe-se lá para onde.

A primeira coisa que o parente verdadeiro do príncipe fez foi ordenar se desse imediatamente sepultura ao cadáver, no mosteiro, onde deviam também celebrar-se as exéquias. O príncipe dava as suas ordens seca, séria e brevemente; mas ao mesmo tempo com muito tato e acerto.

Toda a povoação se juntou no mosteiro para assistir às exéquias. Espalhara-se entre as senhoras o absurdo boato de que Maria Alieksándrovna viria à igreja e, junto do catafalco, de joelhos e em voz alta, pediria perdão das suas culpas, e que assim devia fazer, segundo a lei. Claro que isso era uma loucura e que pela cabeça de Maria Alieksándrovna nem sequer passara a ideia de ir à igreja. Além disto, esqueci-me de dizer que depois de Zina ter regressado a casa, ela e sua mãe se puseram a caminho, nessa mesma noite, para as suas propriedades, pois Maria Alieksándrovna considerava impossível continuar a viver naquela cidade. Daí seguia ela, excitada, os novos boatos que as suas inimigas espalhavam, e enviava os seus criados à cidade para lhe trazerem pormenores sobre o príncipe forasteiro… Numa palavra: estava numa contínua excitação. A estrada que levava do mosteiro a Dunákovo passava a menos de uma versta de distância da chácara de Maria Alieksándrovna, e assim ela pode contemplar perfeitamente, das suas janelas, o desfile do cortejo fúnebre, o qual,

terminados os ofícios religiosos, se trasladava do mosteiro para a aldeia onde o cadáver do príncipe devia ser sepultado. O féretro ia num alto carro mortuário, atrás do qual seguia a interminável fila de carruagens que escoltavam o coche fúnebre até ao cruzamento do caminho, para aí dar meia volta e regressar à povoação. E durante muito tempo, a comprida fila de trenós foi deslizando sobre os campos nevados, à retaguarda do negro carro fúnebre que avançava lentamente, com imponente majestade. Maria Alieksándrovna não pode contemplar aquilo durante muito tempo e afastou-se da janela.

Passada uma semana mudou-se com sua filha e seu marido para Moscou, e, passado um mês, soube-se em Mordássov que pusera à venda a sua chácara e a sua casa da cidade. E assim Mordássov perdera para sempre a sua turbulenta e mais importante dama. É claro que não deixaram de fazer-se comentários maliciosos. Assim, por exemplo, houve quem afirmasse que a chácara seria vendida por Afanássi Matviéievitch…

Mas um ano passou, e outro e outro, e Maria Alieksándrovna caiu no esquecimento. Oh, dor! Assim costuma acontecer neste mundo. No entanto não faltou quem dissesse que fora viver noutra povoação do mesmo distrito, em cujas imediações comprara uma chácara é que voltava de novo a impor aí o seu império a toda gente; que Zina continuava solteira e que Afanássi Matviéievitch… Mas para que repetir esses boatos? Não contêm uma só palavra de verdade.

***

Três anos se passaram desde que se escreveram as últimas linhas desta linda história da crônica mordassoviana, e quem poderia imaginar devesse eu ainda desenrolar o meu manuscrito e acrescentar uma notícia à minha narrativa. Vamos ao caso. Começarei por Páviel Alieksándrovitch Mosliakov.

Quando deixou Mordássov, dirigiu-se para Petersbugo, onde, graças a certas pessoas influentes, pode conseguir aquele bom emprego que em tempos lhe fora prometido. Não tardou a esquecer todos os acontecimentos mordassovianos, imiscuindo-se no bulício da grande cidade — na ilha Vassíliev e nos cais — entregando-se ao jogo

e à boêmia. Constantemente preocupado com a ideia de seguir as correntes do século, apaixonou-se outra vez e de novo o repeliram solenemente. Na sua desorientação e no seu tédio decidiu-se, sem ter sequer refletido sobre o assunto, a tomar parte numa expedição enviada a uma das fronteiras da nossa pátria infinita, com o fim de inspecionar outra empresa semelhante, não sei bem ao certo do que se tratou. Felizmente que a expedição atravessou todas as selvas e desertos, depois de longas jornadas à capital da remota região fronteiriça, e apresentou-se ao governador-geral. Este era um militar severo, alto e magro, um veterano com muitas cicatrizes ganhas nas batalhas, duas estrelas no peito e uma cruz branca ao pescoço. Recebeu a expedição com muita dignidade e cortesia e convidou os seus membros para um baile que devia nessa mesma noite celebrar-se para comemorar o dia do santo onomástico da generala governadora. Mosliakov ficou louco de alegria. Vestiu o seu irrepreensível traje de baile, de Petersburgo, com o qual pensava conseguir um êxito enorme, e entrou no salão, pomposamente decorado, com um ar muito jovial e passos ligeiros. Mas imediatamente baixou um pouco a sua altivez ao encontrar-se de repente com muitos uniformes com dragonas de retorcidos e grossos cordões de ouro, e dólmãs com o peito coalhado de condecorações. Em primeiro lugar teve de fazer a competente reverência à generala governadora, que ouvira dizer ser jovem e bonita. Dirigiu-se para ela cheio de vaidade e aprumo; mas, de súbito, estacou. À sua frente estava Zina, num riquíssimo vestido de baile e ostentando luxuosos adereços de brilhantes, orgulhosa, bela e cheia de gravidade.

Ela não o reconheceu. O seu olhar passou com indiferença sobre o seu rosto e logo a seguir voltou-se para outro indivíduo. Mosliakov afastou-se, muito nervoso, e entre a multidão encontrou um jovem funcionário que parecia morto de medo por estar no baile da governadora. Mosliakov pôs-se a fazer-lhe perguntas e por ele ficou sabendo coisas muito interessantes. Contou-lhe, em primeiro lugar, o empregadinho, que o governador casara havia dois anos, que esse casamento se realizara por ocasião de uma viagem a Moscou, e que a sua jovem esposa procedia de uma riquíssima e distinta família. Que era de uma beleza assombrosa e se lhe podia chamar, sem exagero, formosa entre as formosas. Era, porém, muito orgulhosa e apenas

dançava com os generais. Nesse baile encontravam-se ao todo nove generais, tanto da localidade como de fora, incluindo os verdadeiros conselheiros do Estado. A generala governadora tinha mãe, a qual vivia ali com ela e procedia também de muito boa família, e devia ser muito espirituosa; mas que, sem recalcitrar, se submetia em tudo à vontade da filha, e o general governador estava loucamente apaixonado pela mulher. Mosliakov perguntou-lhe também por Afanássi Matviéievitch; mas naquela *remota região fronteiriça* não faziam a menor ideia acerca da sua pessoa. Mais refeito da sua comoção, percorreu Mosliakov as salas contíguas e não tardou a encontrar-se com Maria Alieksándrovna, suntuosamente vestida, abanando-se com um leque riquíssimo e falando animadamente com um dos principais dignitários da expedição. À sua volta formara-se um círculo de aspirantes às sua atenções… e ela… tratava-os a todos com a maior amabilidade.

Mosliakov teve a ousadia de dar-se a conhecer. No primeiro momento Maria Alieksándrovna mostrou certa perturbação, mas logo serenou. Com um amável sorriso, dignou-se reconhecê-lo, depois do que lhe perguntou pelos seus conhecimentos petersburgueses e por que não partira para o estrangeiro. À cidade de Mordássov nem sequer a mencionou, como se nunca tivesse estado ali. Depois de trazer à baila o nome de não sei que príncipe, de muita influência em Petersburgo, e de informar-se do estado da sua saúde — note-se que Mosliakov não tinha a menor notícia do referido magnata nem do grau de amizade que Maria Alieksándrovna tivera com ele — voltou-se com indiferença para um dos dignitários que a rodeavam, já de cabeça branca, e pôs-se a falar com ele, esquecendo-se completamente de Mosliakov. Este, com um sorriso sarcástico e chapéu na mão, regressou ao grande salão de baile. Conservou toda a noite uma cara séria e distraída, e nos lábios, um sorriso diabólico e mordaz. Encostado a uma coluna, numa atitude teatral — o salão, de propósito, tinha colunas — assim ficou enquanto durou o baile, sem se mexer, sem estremecer sequer e devorando Zina com os olhos. Mas infelizmente todos os esforços que fez para chamar a sua atenção, todas as suas estranhas atitudes e desesperada expressão do rosto foram tempo perdido. Zina nem sequer reparou nele. Até que, finalmente, com as pernas entorpecidas e os pés cansados de estar

tanto tempo parado, voltou para o seu alojamento, furioso, irritado e com uma fome assassina… pois, apesar de apaixonado e de sofrer, não podia ficar sem cear. Sentia-se completamente esgotado e como se lhe tivessem dado uma sova. No entanto, ainda durante muito tempo andou pelo quarto às voltas e reviravoltas, meditando no passado longínquo.

Na manhã seguinte, em consequência de uma notícia recebida durante a noite, foi necessário destacar uma pessoa da expedição e Mosliakov ofereceu-se com alegria para desempenhar esse serviço. Quando se afastou da cidade, respirou livremente, pois começava a sentir-se de novo reviver. Na planície imensa e lisa refulgia a brancura da neve. Somente ao longe, no horizonte, se via a faixa escura da floresta.

Os cavalos, fogosos, corriam tão ligeiros e tranquilos que dava gosto, e os cascos arrancavam pedaços duros de neve que caíam sobre a capota do trenó.

O tinir das campainhas e dos guizos vibrava, nítido, e soava nas lonjuras da claridade invernal. Mosliakov, primeiro, ficou pensativo; depois começou a devanear e, por fim, adormeceu. Quando chegou à terceira paragem despertou fresco e são e animado de pensamentos completamente diferentes.

**1** Como deve ser, dignidade.↩

**2** Notável médico alienista francês.↩

**3** Diz-se do formato dos livros impressos em folhas dobradas duas vezes; livro nesse formato.↩

**4** Denis Fonvízin (1742-1792). Dramaturgo russo, criador da comédia nacional russa. Aleksandr Griboiédov (1795-1829). Dramaturgo, compositor e diplomata russo. Nikolai Gógol (1809-1852). Contista, romancista e dramaturgo russo.↩

**5** Encanta-me!↩

**6** Ivan Mazepa (1639-1709). Hetmane (chefe) dos cossacos da Ucrânia. Aliado de Carlos XII contra Pedro, o Grande, envenenou-se depois da batalha de Poltava.↩

**7** Minha bela castelã!↩

**8** Casa burguesa, mas decente.↩

# A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores

# A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores
(1859)

## Primeira parte

### Capítulo primeiro / introdução

O meu tio, o coronel Iegor Ilhitch Rostâniev, depois de ter pedido a reforma, foi viver em sua propriedade de Stiepântchikovo, que lhe coubera em herança, e aí se fixou de tal maneira que qualquer pessoa o teria tomado por um senhor rural de nascimento e acreditado piamente que nunca em toda a sua existência transpusera os limites do seu patrimônio.

Há na verdade caracteres que a tudo se acomodam e a tudo se moldam. E o meu tio coronel pertencia a esse gênero de pessoas. Seria difícil imaginar um homem de temperamento mais bonacheirão e conciliador, em todos os sentidos. Se alguém se lembrasse de lhe pedir, com a cara mais séria, que levasse aos ombros, durante um trajeto de duas verstas, um indivíduo que lhe fosse completamente estranho, é muito provável que o tivesse feito.

Tão bondoso era o meu tio que, de boa vontade, cederia ao primeiro que lhe pedisse… e ao primeiro mendigo daria até a camisa. A sua estatura era de gigante; corpanzil alto e rígido, cara bonita, dentadura branca de neve, bigode enorme, louro escuro, voz sonora e forte de sorriso franco e ruidoso. Falava depressa e por frases sincopadas.

Ao tempo em que foi viver em Stiepântchikovo ainda não completara quarenta anos. Desde o berço, ou melhor, desde os dezesseis anos era hussardo. Casou muito novo, idolatrou a mulher, mas não tardou a perdê-la. Guardou sempre por ela, no coração, uma recordação indelével e de funda ternura. Quando herdou depois essa

propriedade de Stiepântchikovo, que aumentava de seiscentas almas o seu patrimônio, pediu a reforma e, como dissemos, mudou-se para o campo, juntamente com os seus dois filhos: Iliúchka, de oito anos — e cujo nascimento custara a vida a sua mãe — e Alieksandra, a filha mais velha, já de quinze anos, à qual todos chamavam Sáchenhka e também Sacha, e que ao tempo da morte da mãe se encontrava interna num pensionato em Moscou. Não tardou que a casa de meu tio parecesse a arca de Noé. Eis como isso aconteceu.

Na época em que tomou posse da sua herança e pediu a reforma, enviuvou sua mãe, a generala Krakótkina, casada em segundas núpcias com o general desse nome, durante uns dezesseis anos, quando o meu tio era ainda simples corneteiro, apesar de já ir pensando em casar. A sua mamãe negou-se durante muito tempo a dar-lhe autorização para o casamento; derramou lágrimas ardentes, censurou-lhe o egoísmo, a ingratidão, a falta de respeito; demonstrou-lhe que os seus rendimentos — possuía duzentas e cinquenta almas[1] — mal chegavam para o sustento de sua família (isto é, para o sustento da sua mamãe, com toda a sua corte de amigas, que invariavelmente viviam em sua casa, e dos seus cãezinhos mimados, gatinhos da China etc.) e, no meio destas censuras, comédias e lágrimas, de repente, de um modo completamente inesperado, casou ela própria, adiantando-se ao filho, apesar de andar já nos seus quarenta e dois anos.

Aliás, ela encontrou maneira de explicar o fato ao meu pobre tio, fazendo-o acreditar que casava unicamente com o intento de alcançar um apoio para os dias da sua velhice, e assim lhe jogava ainda na cara o seu vergonhoso egoísmo, visto que, com uma insolência tão reprovável, pensava em abandonar a casa.

Não consegui jamais saber a razão que pode impelir um homem tão sensato, segundo parecia, como o general Krakótkin, àquele casamento com uma viúva de quarenta e dois anos. Somos levados a pensar que o que ele procurava eram os seus bens. No entanto há quem pense que era muito simplesmente uma mulher que cuidasse dele, pois já então pressentia a iminência de todo aquele tropel de achaques que haviam de assaltá-lo nos anos seguintes. O certo é que o general não tinha uma grande paixão pela mulher e todo o tempo que

viveu em sua companhia se comprouve em dizer-lhe graças amargas a toda hora. O general era um *avis rara*. Medianamente culto, muito esperto, sentia um grande desprezo por toda a gente; não tinha consideração por ninguém; ria-se de tudo e de todos, e quando se ia já fazendo velho, melindroso, carregado de achaques, herança duma vida não muito regular nem muito ordenada, tornou-se maldoso, irritável e cruel.

Teve sorte no serviço; mas apesar disso viu-se exposto a não sei que contratempo aborrecido, o que o obrigou a pedir a reforma às pressas para não ter de comparecer perante o Conselho de Guerra e perder o ordenado. Este percalço acabou por azedar-lhe o gênio. Quase desprovido de recursos, sem outro patrimônio senão uma centena de almas, afundado na miséria, ninguém explicava como vivia nem quem o ajudava. Entretanto de nada se privava nem reduzia os seus gastos e tinha carruagem própria. Não tardou em ver-se privado do uso das pernas, e os dez anos seguintes passou-os muito bem sentado em cômodas poltronas, que dois criados de libré arrastavam quando preciso. Esses criados só o ouviam abrir a boca para dizer os mais cruéis insultos. A carruagem, os criados e as poltronas eram pagos pelo seu insolente enteado, que mandava à mãe tudo quanto podia, onerava com duplas e triplas hipotecas as suas terras, privava-se até do mais necessário, contraía dívidas e mais dívidas, que jamais poderia pagar e, apesar de tudo isso, não conseguia que deixassem de considerá-lo um filho mau e ingrato. Tal era o caráter de meu tio que ele próprio acabou por acreditar que era verdadeiramente um egoísta e, para castigar-se a si mesmo e não ser egoísta, cada vez enviava maiores quantias à mamãe. A generala sentia verdadeira adoração pelo marido. Aliás, talvez o que nele a encantasse mais fosse o fato de ser general, e ela, como sua mulher que era… generala.

Tinha a casa dividida em duas metades: uma para cada cônjuge. E foi naquela que lhe competia que a generala viveu todo o tempo que durou a precária existência do marido, rodeada de uma corte de amigas e cãezinhos mimados, bem como das mexeriqueiras da cidade que iam a sua casa tomar café.

A generala era uma pessoa muito conceituada na cidade. O comadrio, os pedidos para que fosse madrinha de batismo, assim como

o jogo da paciência compensavam-na plenamente das suas contrariedades domésticas. Todas as pessoas mais velhas da povoação lhe contavam coisas, em todas as partes lhe guardavam sempre o melhor lugar… Numa palavra: tirava do seu generalato todo o proveito que podia. O general não se preocupava absolutamente com estas coisas; mas às vezes troçava da mulher, diante de estranhos, afetando ingenuidade e, por exemplo, perguntava a si próprio por que teria casado com semelhante criatura e ninguém se atrevia a responder-lhe. Pouco a pouco todas as suas amizades o iam abandonando e, no entanto, não podia passar sem companhia; gostava de tagarelar, de discutir, e sentia-se muito orgulhoso por ter sempre alguém que o escutasse. Era livre-pensador e ateu da velha guarda e, assim, gostava de enredar-se em filosofias, discutindo os temas mais elevados.

Mas, infelizmente, à gente da cidade não interessavam esses temas elevados, e foi por isso que, pouco a pouco, todos o foram abandonando. E que os parentes tentaram organizar, por causa dele, partidas noturnas de *whist* ou de *préférence*; mas o general costumava pôr fim aos seus jogos com tais fúrias de cólera, que a generala e a sua corte de amigas, aterrorizadas, punham-se a acender velas às imagens dos santos, mandavam dizer missas e procuravam adivinhar o futuro por meio de favas e de cartas. Iam distribuir pão branco pelos presos e aguardavam, arrepiadas, a hora de voltar ao *whist* e à *préférence*. Estariam, portanto, obrigadas a suportar, ao menor descuido, gritos, insultos e até pancada, como recompensa. O general, quando qualquer coisa lhe desagradava, não se continha, diante de quem quer que fosse. Guinchava como uma velha, proferia insultos como um cocheiro. Às vezes, depois de ter mandado para o diabo todos os seus companheiros de jogo, de ter feito em tiras o baralho e de o ter arremessado à cabeça de algum dos parceiros, punha-se entretanto a chorar de raiva e de desgosto, e isso tudo apenas pelo motivo de alguém ter jogado uma dama em vez de um nove. Até que, finalmente, como ia já perdendo a vista, teve necessidade de uma pessoa que lhe lesse as coisas. E foi então que surgiu em cena a figura de Fomá Fomitch Opískin.

Confesso que é com certa solenidade que apresento esta

personagem. É, sem sombra de dúvida, uma das mais importantes da minha narrativa. Até que ponto será merecedora da atenção dos meus leitores… não posso dizer; será preferível que o próprio leitor responda a esta pergunta.

Surgiu Fomá Fomitch em casa do General Krakótkin como parasita da sua mesa…nem mais, nem menos. De onde teria ele vindo, é coisa que permanece envolta nas brumas do mistério. Aliás, realizei ultimamente investigações com o propósito de procurar dados acerca do passado desta notável personagem.

A princípio disseram que fora funcionário não sei onde, e tivera de sofrer, é claro que se subentende logo, sofrer por amor da verdade. Acrescentavam também que em outros tempos cultivara a literatura em Moscou. O que não tem nada de estranho; a ignorância crassa de Fomá Fomitch não podia ser de maneira nenhuma um obstáculo para a sua carreira literária.

Mas, de fonte segura, sabe-se apenas que em nada conseguira prosperar, e se vira finalmente obrigado a entrar para o serviço do general, na qualidade de leitor e de filósofo. Não houve humilhação que não tivesse de sofrer para comer as sopas do general. Na verdade, já muito depois da morte deste, quando Fomá se viu de repente convertido, de uma maneira completamente imprevista, numa figura importante e extraordinária, costumava afirmar a todos que, no momento em que se apresentou para desempenhar o papel de bobo, nada mais fizera senão sacrificar-se generosamente em honra do seu amigo, e que o general era o seu benfeitor, um grande homem incompreendido; que somente a ele, Fomá, se dignara confiar os mais íntimos segredos da sua alma, e que por fim, se ele, Fomá, a pedido do general, imitara certos animais e representara alguns quadros vivos, a isso descera unicamente para distrair e alegrar a alma do paciente amigo, achacado de toda a espécie de maleitas. Mas as afirmações e declarações de Fomá Fomitch sobre este ponto dão lugar a muitas dúvidas. Fosse como fosse, o certo é que Fomá Fomitch, ao tempo em que fazia de bufão, desempenhava ainda outro papel na outra metade da casa do general, ocupada pelas senhoras. Como procedia é coisa que não pode imaginar quem não for especialista nestas doenças.

Sentia pela generala uma espécie de mística veneração… Por quê? Mistério. Pouco a pouco foi assumindo sobre toda a metade feminina da casa do general um poder surpreendente, em parte semelhante ao prestígio de certo Ivan Iákovlievitch e de outros sábios e profetas do seu calibre, os quais são visitados nos manicômios, onde têm o seu domicílio natural, por muitas senhoras que os admiram. Lia-lhes livros que tratavam da salvação das almas, falava-lhes, com lágrimas eloquentes, das virtudes cristãs; contava-lhes a sua vida e os atos de heroísmo que praticara, ia todos os dias à igreja e, de manhã cedinho, dedicava-se a adivinhar o futuro, em certas ocasiões. Sabia sobretudo explicar magistralmente os sonhos e falar mal do próximo. Não tardou que o general se apercebesse daquilo que se passava na outra metade da sua casa e levou então o despotismo sobre o seu parasita até ao extremo. Mas o martírio de Fomá Fomitch serviu para avivar o respeito com que o olhavam a generala e todas as amigas da sua corte.

Até que finalmente se deu uma mudança. Morreu o general. Por sinal que teve morte bastante estranha. Tendo sido sempre livre-pensador e ateu, encheu-se de repente de uns remorsos inverossímeis. Chorava, fazia atos de contrição, beijava as imagens e chamava o padre. Mandava dizer missas e pedia que rezassem por ele. O infeliz dizia em altos gritos que não queria morrer e, com lágrimas nos olhos, pedia a Fomá que lhe perdoasse. Sobretudo este fato deu imediatamente a Fomá um extraordinário poder. Ademais, pouco tempo antes que a alma do general se separasse do seu generalesco corpo, aconteceu o seguinte: a filha do general, havida do seu primeiro matrimônio, minha tia Praskóvia Ilínichna, ainda solteira e permanentemente em casa do general, uma das suas vítimas prediletas e indispensável a ele durante aqueles dez anos da sua paralisia, prestando-lhe todo o gênero de serviços, e detentora de sua simpatia, graças à sua simples e modesta bondade, aproximou-se do seu leito, chorando muito, com o intento de acomodar o travesseiro do moribundo. Este agarrou-a pelos cabelos, deu-lhe três safanões e gritou ao mesmo tempo, iracundo. Dez minutos depois era cadáver. A notícia foi imediatamente comunicada ao coronel, meu tio, apesar da generala ter dito muitas vezes que não queria vê-lo, que preferia morrer a encontrar-se com seu filho em circunstâncias semelhantes. Escusado será dizer que o enterro foi dos mais pomposos…

evidentemente que a expensas daquele mau filho, que ela não queria ver.

Na granja de Kniássev, pertencente a vários proprietários, e na qual a generala contava as suas cem mil almas, ergueu-se entretanto uma mausoléu de mármore branco, ornado de inscrições celebrando o espírito, as várias aptidões, a bondade de alma e os excelentes dotes militares do falecido general. Fomá Fomitch colaborou ativamente na redação dessas inscrições. A generala ficou durante muito tempo ressentida, negando-se a perdoar ao seu insolente filho. Soluçando, jurava e trejurava, rodeada da sua corte de amigas parasitas e dos seus cãezinhos mimados, que preferia comer pão duro e, é claro, regado com as suas lágrimas, e ir por esse mundo afora com umas muletas a pedir esmola, a ceder aos pedidos do seu desobediente filho para viver com ele em Stiepântchikovo, e que nunca, nunca havia de pôr ali os pés. Geralmente, a palavra pés aplicada neste sentido era pronunciada pelas senhoras de um modo impressionante. A generala fazia-o de maneira magistral, prodigiosa… Numa palavra: demonstrava uma eloquência inverossímil. Mas devo informar que, ao mesmo tempo que proferia estas lamentações, ia-se já pouco a pouco habituando à ideia de se mudar para Stiepântchikovo. O coronel acabou por estafar os cavalos, pois percorria todos os dias as quarenta verstas que separavam Stiepântchikovo da cidade, e só ao fim de duas semanas, depois do enterro do marido, consentiu a generala em aparecer ao seu desnaturado filho. Fomá Fomitch ficou encarregado de dirigir as negociações. Durante estas duas semanas não se cansou de censurar e de pintar com as mais negras cores a conduta repreensível e desumana daquele ingrato, fazendo-lhe verter lágrimas sinceras e pondo-o a dois passos do desespero. Por este tempo começou a absurda influência, o despotismo cruel que Fomá Fomitch viria a exercer sobre o meu tio. Fomá percebeu imediatamente o tipo de pessoa que ele era. Pensou logo que os seus tempos de bobo tinham acabado, e que daí por diante também ele podia dar-se ares de grande senhor. Vingava-se assim do passado.

— Que diria o senhor — dizia Fomá — se a sua mãe, como costuma dizer-se, a autora dos seus dias, pegasse num bordão e, apoiando sobre ele as suas mãos trêmulas e descarnadas pelas

privações, se lançasse a pedir esmola por esses caminhos? Não seria isto um pouco estranho, em primeiro lugar atendendo à sua categoria de generala, e em segundo às suas virtudes? Que lhe pareceria se de repente ela tropeçasse, o que não seria nada de extraordinário, precisamente debaixo da sua janela, e estendesse para ela as suas mãos, enquanto o senhor dormia tranquilamente num fofo colchão de penas e… sim, senhor, rodeado de luxo? Mas o mais horrível de tudo — permita-me que lhe diga com toda a franqueza, coronel — o mais horrível de tudo é o senhor estar neste momento embasbacado diante de mim e insensível, de boca aberta e olhos enxutos, numa atitude imprópria daquele a quem põem diante da imagem de tamanha desdita, quando deveria estar com os cabelos em pé e chorar torrentes de lágrimas… sim, senhor, torrentes, lagos, mares, oceanos de lágrimas!

É que Fomá, levado pelo seu excesso de eloquência, acabava por fazer umas grandes confusões. Assim acabavam sempre as suas tiradas de eloquência. Como é de prever, o caso acabou por a generala, acompanhada das suas amigas parasitas e dos seus cãezinhos, de Fomá Fomitch e da menina Pieriepelítsina, a sua favorita, se mudar finalmente para Stiepântchikovo, com todos os seus hábitos. Dizia ela que se tratava apenas de um “ensaio”, para ver até onde chegava o respeito de seu filho. Já podem imaginar a situação do coronel e até que ponto levaria o seu respeito! A princípio, a generala, na sua qualidade de viúva recente, considerava seu dever entregar-se duas ou três vezes por semana a demonstrações de desespero perante a recordação do seu inolvidável general e, durante essas demonstrações, não sabemos por que razão, implicava sempre com o coronel. Às vezes, sobretudo quando presente alguma visita, levando consigo o seu netinho Ilínichna e a neta Sáchenhka, então de quinze anos, a generala punha-os a seus pés, diante da cadeira onde se sentava, e olhava-os longa, triste e chorosamente, contemplando-os como a umas pobres crianças, como aos filhos “daquele pai”. Lançava fundos e contritos suspiros e, finalmente, rompia em queixumes e lágrimas reprimidas, ficando assim pelo menos uma hora. Ai do coronel se não soubesse compreender estas lágrimas! Realmente, o desgraçado quase nunca sabia compreendê-las, e quase sempre o grande ingênuo se apresentava, parecia que de propósito, nestes lacrimosos instantes, e,

quisesse ou não, tinha de suportar uma nova repreensão. Mas o seu respeito pela mãe não diminuía e, por fim, atingiu até limites extremos.

Em resumo: ambos, a generala e Fomá Fomitch, compreenderam que a tempestade, representada pela pessoa do General Krakótkin, que durante tantos anos ribombara por cima das suas cabeças… passara para não voltar. Às vezes acontecia que a generala, por qualquer coisa insignificante, se deixava cair desmaiada sobre um divã. Armava-se um grande reboliço e uma grande gritaria. O coronel ficava aterrado e tremia como uma vara verde.

— Que filho teimoso! — gritava a generala ao recuperar os sentidos. — Dilaceras-me as entranhas, *mes entrailles, mes entrailles*!

— Mas, *mámienhka*, por que havia eu de dilacerar-te as entranhas? — exclamava ingenuamente o coronel.

— Dilaceras-me, dilaceras-me! E ainda troças, malvado! Dás risada! Ai, que eu morro!

O coronel, como era natural, ficava acabrunhado.

Mas, fosse como fosse, a generala nunca chegava a morrer. Passada meia hora o coronel explicava a algum dos presentes o que acontecera, pegando-lhe por um botão do casaco à americana:

— Uma *grande dame*, a generala… não é verdade, meu amigo? É uma boa velhinha; mas, é claro, como está habituada a viver com muito luxo… E eu, pobre de mim, não sei compreendê-la! Agora está ressentida comigo. De fato, sou culpado. Eu, meu amigo, ainda não sei bem em que consiste a minha culpa; no entanto, de qualquer modo, sei que sou culpado…

Acontecia que a menina Pieriepelítsina se julgava obrigada a passar-lhe um sermão diante de todos os presentes. Já entrada em anos, sem pestanas, o cabelo postiço, uns olhinhos pequeninos e penetrantes, uns lábios finos como lâminas e mão ásperas, considerava-se obrigada a aplicar ao coronel a seguinte prática:

— A culpa disto tudo está na sua falta de respeito. Tudo isto se dá por ser o senhor um egoísta e não fazer outra coisa senão atormentar a sua pobre *mámienhka*, a qual não está acostumada a este tratamento. Porque ela é generala, ao passo que o senhor não é mais do que coronel…

— Repara, meu amigo, nisto que diz a menina Pieriepelítsina — observava o coronel ao seu interlocutor. — No fundo é uma excelente criatura; para mim, a mãezinha é como um homem. Que mulher enérgica! Não imagines que ela gosta de viver à custa dos outros, ela também é filha de um tenente-coronel, meu caro! É como te digo!

Mas tudo isso era fogo de vista. A mesma generala que experimentava esses arrebatamentos, tremia como um ratinho diante do antigo bobo do seu falecido marido. Fomá Fomitch trazia-a completamente enamorada. Não se atrevia a dizer palavra, quando ele falava e, pelo contrário, era toda ouvidos e não tirava dele os olhos. Um primo segundo de meu tio, que era também hussardo reformado, ainda novo, mas que por duas vezes malbaratara seus haveres e vivia desde há algum tempo a expensas de meu tio, confessou-me um dia com toda a franqueza e simplicidade que estava absolutamente convencido de que a generala mantinha relações ilícitas com Fomá. Eu, é claro, repudiei, indignado semelhante suposição, como coisa demasiado grosseira e ordinária. Não, tratava-se de qualquer coisa de muito diferente, e esta não a posso explicar se não puser primeiramente o leitor a par de certos aspectos do caráter de Fomá Fomitch, como eu próprio vim depois a conhecê-lo.

Imaginem pois um homem, o mais inútil e pusilânime, receoso das pessoas, sem préstimo para nada, completamente inútil, muitíssimo feio, mas extraordinariamente soberbo da sua pessoa e egoísta, sem possuir a mínima qualidade que pudesse justificar o seu amor-próprio, morbidamente exagerado. Desde já informo o seguinte: Fomá Fomitch estava imbuído de um ilimitado amor-próprio, mas de uma índole especial, desse amor-próprio que apenas existe nas criaturas mais inúteis e, como acontece geralmente nesse caso, um amor-próprio ressentido, elevado pelos desastres sofridos, que se foi exasperando pouco a pouco, e que destila inveja e fel a cada novo conhecimento do êxito do próximo. Escusado será dizer que, por cima

de tudo isto, possuía ainda uma sensibilidade extremamente melindrosa e a mais aguda desconfiança. Talvez o leitor pergunte: mas em que se fundamentava todo esse amor-próprio? Como é que, sendo tão inúteis, podem criar tal amor-próprio indivíduos que pela sua posição social deviam aperceber-se do verdadeiro lugar que lhes corresponde na vida? Como responder a essa pergunta? Sabe-se lá! Talvez haja exceções e seja o meu herói uma delas. E de fato constituía exceção à regra, como teremos ocasião de ver.

Mas permitam-me por minha vez uma pergunta: julgam que os indivíduos que tiveram a honra e a sorte de ser os vossos bobos e os vossos parasitas, julgam porventura que eles se despojaram por completo do seu amor-próprio? Mas… e a inveja, a intriga, a calúnia, os mexericos e o surdo murmurar pelos cantos da vossa própria casa, nas vossas costas, junto da vossa própria mesa? Quem sabe?! Pode suceder que, em alguns destes parasitas, humilhados pela sorte destes vossos bobos e palhaços, não só não tenham morrido o amor-próprio, a humilhação, o parasitismo e a bufoneria, mas precisamente devido a eles, tenha ainda tomado maiores proporções! Pode muito bem suceder que esse desmedido amor-próprio fosse simplesmente no seu princípio um falso sentimento de dignidade pessoal ofendido pela primeira vez ainda na infância… pela arbitrariedade alheia, pela pobreza e pela sujidade, e talvez exacerbado porque a criança, o futuro parasita, tivesse visto os seus pais tratados com desprezo. Mas eu disse também que Fomá Fomitch constituía exceção à regra geral. E, na verdade, o nosso homem acalentava as suas presunções de literato, todavia era desprezado e desconhecido pelos outros. Mas a literatura é capaz de perder não só a um Fomá Fomitch como a qualquer outra pessoa. Refiro-me, é claro, aos incompreendidos. Não sei ao certo, mas devemos supor que as coisas também não haviam corrido muito bem a Fomá Fomitch, antes de ele praticar a literatura. Talvez nos seus outros empreendimentos apenas tivesse encontrado pateada, ou quem sabe se qualquer coisa ainda pior, em vez do galardão desejado. Eu, afinal de contas, não o sei; mas tive ensejo de averiguar depois, e consta-me de boa fonte que efetivamente Fomá apresentou em Moscou um romanisco muito semelhante àqueles que há trinta anos apareciam aí às dezenas, todos os anos, no gênero de *A libertação de Moscou, Os filhos do amor e Os russos em 1104*, e outros

dramalhões que, no seu tempo, proporcionavam um agradável deleite ao agudo espírito do barão Brambeus. Isto fora havia muito tempo; mas o veneno da vaidade literária costuma corroer às vezes profundamente e de modo incurável, sobretudo quando se trata de indivíduos inúteis e néscios. Fomá Fomitch azedou-se logo nos seus primeiros passos na senda da literatura, e desde então juntou-se definitivamente a essa imensa legião de ressentidos, da qual saem depois todos os loucos, todos os velhacos e vagabundos. Calculo ter-se manifestado nele por este tempo essa presunção monstruosa, essa sede de glória, de distinções e de aplausos. Até como bobo soubera arranjar uma corte de idiotas que se extasiavam diante dele. Distinguir-se sempre e em todas as partes, granjear aplausos e louvores… eis toda a sua ambição. Como não havia quem o elogiasse… elogiava-se ele a si próprio. Tive oportunidade de ouvir certa frase a Fomá Fomitch, em casa de meu tio, em Stiepântchikovo, quando campeava ali como senhor e déspota absoluto: “Eu não sou do vosso mundo — costumava dizer às vezes com uma gravidade misteriosa — não sou dos vossos. Meu lugar não é aqui! Tomo conta de vós, ponho as vossas coisas em ordem, sirvo-vos de mestre, sim, mas, depois, um belo dia, adeus, toca para Moscou para editar um jornal! Trinta mil pessoas se juntarão para lê-lo todos os meses. O meu nome soará, finalmente, e então… ai dos meus inimigos!”. Entretanto aquele gênio ia-se louvando a si próprio e exigia recompensa imediata. De maneira geral é sempre agradável receber adiantado, e especialmente neste caso. Sei que se esforçava com toda a seriedade por convencer o meu tio, de que ele, Fomá, tinha uma grande missão a realizar, que para ela viera a este mundo e era incitado ao seu cumprimento por um espírito alado, ou qualquer coisa assim, que costumava aparecer-lhe em sonhos. Consistia essa missão em escrever uma obra cheia de pensamentos profundíssimos, destinada a salvar o gênero humano, que havia de provocar um terremoto universal e sacudiria a Rússia inteira. E quando toda a Rússia tremesse, ele, Fomá, voltando as costas à glória, ia se recolher a um convento e passaria as noites e os dias em oração, nas cavernas de Kiev, pedindo a Deus pela felicidade da pátria. Tudo isto encantava o meu tio.

Imaginem, pois, como não se sentiria Fomá, homem experimentado em todos os reveses da vida, que talvez tivesse

apanhado por mais de uma vez. Fomá, no fundo um voluptuoso e um egoísta; Fomá… literato ressentido; Fomá, bobo por causa do pão de cada dia; Fomá, com alma de déspota, apesar de todas as misérias passadas e humilhações; Fomá, vaidoso e transtornado pelo êxito, graças a uma proteção idiota e à sua arte para ludibriar — colocado em tudo ao mesmo nível que o seu protetor, em cuja casa finalmente se instalara depois de tanto vagabundear.

Devo descrever mais minuciosamente o caráter de meu tio, pois sem isso não é possível explicar o triunfo de Fomá. Por agora direi apenas que lhe assentava perfeitamente o ditado: "Deram-lhe o pé e ele tomou a mão". Como sabia se compensar dos antigos vexames! As almas baixas, quando se libertam da opressão, transformam-se em opressoras. Fomá fora oprimido… e sentia agora necessidade de oprimir os outros; tinham passado por cima dele… e agora era ele quem punha os pés por cima dos outros. Tinha servido de bobo e agora sentia um desejo invencível de ter bobos também. Tornara-se de uma insolência extrema. Era exigente até ao limite do impossível, capaz de pedir a lua; tiranizava os outros sem consideração alguma e chegava finalmente a um ponto que as pessoas simples, que não tinham presenciado estes seus excessos e apenas os conheciam de ouvido, olhavam para tudo isso com um sortilégio, uma obra de bruxaria, benziam-se e cuspiam.

Referi-me a meu tio. Sem explicar seu caráter invulgar — repito-o — é impossível compreender aquele domínio absoluto que Fomá exercia numa casa alheia. Impossível também compreender toda essa metamorfose dum palhaço num grande senhor. Não só era muito bondoso… como também cheio de delicadeza, apesar de certa rudeza exterior, de uma requintada nobreza de alma e de uma coragem evidente. Digo coragem intencionalmente: meu tio não recuava perante a responsabilidade, perante o dever e, o que importa ainda mais neste caso, nenhum obstáculo o detinha. Possuía a alma pura como uma criança. E de fato era uma criança, uma criança de quarenta anos, expansiva no mais alto grau, sempre de bom humor, acreditando sempre que todos os homens eram bons, preocupado com as necessidades alheias e capaz de pôr nas alturas as qualidades do próximo e ver até virtudes onde não era possível existirem. Era um

desses homens de coração puro que se recusam a admitir a maldade dos outros, sempre prontos a prestar toda espécie de favores aos semelhantes, alegram-se com a prosperidade alheia, vivem permanentemente num mundo ideal e, nos seus insucessos, deitam as culpas sobre si mesmos e nunca sobre outrem. Sacrificar-se pelo bem do próximo… eis a sua vocação! Não faltará quem chame a isto pobreza de espírito, falta de caráter e fraqueza. Em suma: era de fato fraco, excessivamente brando de caráter, não por falta de integridade, mas sim pelo medo de ofender, de parecer cruel, pelo excessivo respeito pelos outros e pelo homem, de maneira geral. Quanto ao mais, apenas mesquinho e falto de caráter quando se tratava dos seus próprios interesses, dos quais muito se desprendera, e por isso toda a vida não foram poucas as vezes que teve de sofrer as burlas daqueles pelos quais sacrificava as suas próprias conveniências. Embora no fim de tudo jamais acreditasse que podia ter inimigos; e no entanto tinha-os, simplesmente não dava por isso. Demonstrava um medo horrível dos gritos e das rusgas domésticas, tal como de um incêndio, mas depois acomodava-se e conformava-se com tudo. Procedia assim por certa bondade tímida da alma, por certa delicadeza coibida. “Para quê — dizia ele à pressa, alijando de si toda espécie de censuras, de pusilanimidade e de fraqueza — para quê? Gozemos a vida e sejamos felizes!” Escusado dizer que era, de seu natural, propenso a ceder a todos os impulsos nobres. Acontecia simplesmente que um velhaco astuto conseguira apoderar-se completamente do seu espírito e induzi-lo até a cometer uma vileza, contanto que a mascarasse com aspectos de bondade, é claro. Meu tio era extremamente propenso a deixar-se convencer pelos outros e neste ponto cometia os seus erros. Quando, depois de muitos dissabores, acabava por convencer-se de que fora joguete dum desonesto, a primeira coisa que fazia era deitar a culpa sobre si mesmo e apenas sobre si. Imaginem agora aquela casa tranquila a ser governada por aquela mulher dominante, caprichosa, idiota, a sua mãe, secundada pelo outro idiota… o seu ídolo, que até aí apenas temera o general, e agora não receava ninguém, e possuído, além disso, da ânsia de libertar-se de todo o passado… Uma idiota perante a qual meu tio considerava dever inclinar-se sem retorquir, pela simples razão de que era sua mãe. Começaram por fazer ver a meu tio que era um homem rude, irritável, inculto e, o que era pior, egoísta até ao mais alto grau. O mais curioso é que a idiota da velha

acreditava nessas acusações. Sim, senhor, e penso que Fomá Fomitch também, em parte. Convenceram até o meu tio de que Fomá Fomitch era um ser enviado por Deus para salvar-lhe a alma, assim como para aplacar as suas desenfreadas paixões, e que ele dava mostras de orgulho, rico como era, ao atirar-lhe na cara, a Fomá Fomitch, o pão de cada dia. Não tardou que meu pobre tio se convencesse rapidamente do seu profundo relaxamento, arrepelasse os cabelos e pedisse perdão…

— Eu, meu caro, eu é que tenho a culpa — dizia para o primeiro amigo que ia visitá-lo. — Sou eu quem tem a culpa de tudo! Preciso de portar-me com o dobro da delicadeza para com aquele a quem faço bem… isto é… eu! Que fazes tu de bem? Mas que estou eu dizendo aqui? Não fazes bem nenhum; pelo contrário, ele é que me faz bem, consentindo em viver em minha casa, e não eu a ele! E, como se isto ainda fosse pouco, ainda por cima lhe jogo na cara o pão que come… Isto é, jogar-lhe na cara, verdadeiramente, não jogo; mas, pelo visto, devia ter-me descuidado com a língua… Eu me descuido muitas vezes com a língua… E convenhamos… o homem tem sofrido bastante e fez grandes coisas: dez anos, nada mais, nada menos, assistiu ao seu amigo doente, sem fazer caso dos vexames, e tudo isto merece recompensa! Além disto, trata-se de um homem de ciência! Escritor! Um homem muito culto! Um modelo de nobreza de alma… numa palavra, uma excelente criatura!

A figura de Fomá, sábio e infeliz, fazendo de bobo para um senhor caprichoso e cruel, suscitava no coração generoso do meu tio piedade e indignação. Todas as extravagâncias de Fomá, todas as indelicadezas da sua conduta, desculpava-as imediatamente o meu tio, atribuindo-as aos seus sofrimentos, humilhações e amarguras de outrora. Decidiu na sua alma terna e sensitiva que, a um homem que sofreu não se pode dispensar o mesmo trato que a uma pessoa vulgar, que não só nada se lhe tem a perdoar, como além disso e em primeiro lugar se deve tentar sanar-lhe as feridas com doçura, ajudá-lo a levantar-se e a reconciliar-se com a Humanidade. Tendo-se proposto este fim, entusiasmou-se extraordinariamente e chegou a perder por completo a faculdade de aperceber-se, embora de longe, que aquele seu brilhante amigo era um patife presunçoso, caprichoso, egoísta,

vadio e parasita… e tudo o mais que quiserem pensar. Acreditava de olhos fechados na ciência e na genialidade de Fomá. Esquecera-me de dizer que, perante a palavra ciência ou literatura, meu tio se inclinava com a reverência mais ingênua e submissa, embora nunca tivesse estudado.

Esta uma das suas principais e inocentes manias.

— Está escrevendo a sua obra! — costumava dizer, caminhando na ponta dos pés, depois de ter atravessado dois compartimentos desde o gabinete de Fomá Fomitch. — Não sei ao certo do que se trata — acrescentava com uma expressão vaidosa e séria. — Mas, meu amigo, que coisa confusa… Digo isto com a melhor das intenções… Muitos compreenderão do que se trata, mas aqui para nós, meu amigo, tudo isso é incompreensível… Parece-me que anda escrevendo não sei que acerca de forças produtoras… Pelo menos assim diz. Naturalmente trata-se de política. Sim, o seu nome há de ser conhecido! E então nós dois seremos também célebres graças a ele. Foi ele quem me disse, meu amigo!

Sei de boa fonte que o meu tio, por indicação de Fomá, se viu obrigado a rapar as suas bonitas suíças, de um louro escuro. Observou-lhe que, com elas, parecia um francês e podia fazer supor aos outros que não amava muito a sua pátria. Pouco a pouco começou também Fomá a imiscuir-se na administração da propriedade e a dar a meu tio sábios conselhos. Sábios conselhos esses que eram terríveis. Os camponeses não tardaram a compreender com quem tinham de haver-se e quem era o verdadeiro senhor. Eu próprio tive ocasião de ouvir uma conversa de Fomá com os camponeses; conversa que, confesso, escutei às escondidas. Fomá declarara antes disso que apreciava conversar com os espertos camponeses russos. Aconteceu que uma vez se encaminhou para a eira, onde se guardavam as pedras de moer o trigo, e se pôs a falar com os camponeses da propriedade, apesar de não saber distinguir a aveia da cevada, insistindo sobre os sagrados deveres dos campônios para com os senhores, aflorando a questão da eletricidade e o problema do alívio do trabalho, do qual, pelo visto, não percebia palavra. Pôs-se, entretanto, a dar lições aos seus ouvintes acerca do modo como a terra dava voltas em redor do sol, e por fim, comovido até ao fundo da alma com a própria eloquência, passou a

dissertar acerca dos ministros. A mim nada daquilo me chocou. Conta Púchkin que um pai dizia para o seu filho — um garoto de quatro anos — que, ele, seu paizinho, “era tão valente que o imperador era louco por ele”.

Pelo visto, esse tal pai necessitava de alguém que o ouvisse, ainda que fosse uma criança de quatro anos… Os camponeses escutavam sempre Fomá com muita reverência.

— E ouve cá, paizinho? Tu também recebes um soldo do czar? — perguntou-lhe de repente um velhote pequenino, chamado Arkhip Korótki, de entre o grupo de camponeses que o rodeavam, de pé, com a intenção evidente de fazer-lhe uma pergunta maliciosa. A pergunta pareceu-lhe demasiado familiar e ele não podia suportar familiaridades.

— Que tens tu com isso, parasita? — respondeu Fomá olhando com desprezo para o pobre aldeão. — Quem te mandou meter o nariz onde não és chamado? Queres que te cuspa na cara?

Era sempre nesse tom que Fomá Fomitch falava aos espertos camponeses russos.

— Ai, paizinho! — exclamou outro camponês. — Deves compreender que somos uns ignorantes. Nós sabemos lá se tu és major, coronel, ou até general! Por isso não sabemos que tratamento havemos de te dar!

— Idiotas! — insistiu Fomá Fomitch um pouco mais brando. — Há soldos e soldos. Há muitos generais que não recebem nada… pela simples razão de que não tem utilidade alguma para o czar. Eu, pelo contrário, ganhava vinte mil rublos por ano durante todo o tempo que servi num ministério, embora para dizer a verdade, não recebesse esse dinheiro, pois eu servia só pela honra, que para mim era suficiente. Oferecia o meu soldo para o ensino oficial e para os habitantes da cidade de Kazan, atingida por um incêndio.

— Quê? Foste tu quem reedificou metade de Kazan, paizinho? — tornou a perguntar, maravilhado, o mesmo camponês.

De maneira geral os camponeses admiravam Fomá Fomitch.

— Sim, também tenho o meu quinhão nisso — respondeu Fomá por entre os dentes, como se censurasse a si próprio o ter-se dignado entabular tal diálogo com “semelhante” indivíduo.

Os diálogos com meu tio eram de outro gênero.

— Que espécie de pessoa era o senhor? — dizia Fomá, por exemplo, refestelando-se, depois do opíparo jantar, na sua poltrona, junto da qual postava-se um criado a enxotar-lhe as moscas com um ramo fresco de tília. — Que espécie de homem era o senhor antes de me conhecer? Eu, agora, acendi na sua alma uma pequena centelha de fogo divino. Ora diga lá: não é verdade que eu acendi na sua alma uma pequena centelha de fogo divino? Responda: acendi ou não essa centelha?

Verdadeiramente, não compreendia Fomá Fomitch por que formulava a meu tio tais perguntas. Mas o silêncio e a inquietação de meu tio exasperavam-no. Ele, dantes tão obsequioso e submisso, inflamava-se agora como a pólvora à menor contrariedade. O silêncio de meu tio parecia-lhe um insulto, e insistia para arrancar-lhe uma resposta.

— Mas responda, homem, responda! É verdade ou não, que eu acendi uma pequena centelha na sua alma?

O meu tio matava o juízo, na sua perplexidade, revolvia-se no seu lugar e não sabia que responder.

— Tomo a liberdade de lhe fazer notar que estou à espera da sua resposta — continuava Fomá Fomitch num tom ressentido.

— *Mais respondez, doc*, Iegóruchka! — intervinha a generala encolhendo os ombros.

— O que eu lhe perguntei foi isto: arde ou não em sua alma essa pequena centelha? — repetia Fomá, condescendente, tirando um bombom da caixa sempre ali, sobre a mesa, ao alcance da sua mão, segundo as ordens da generala.

— Confesso que não sei o que hei de dizer-te! — respondia o meu tio, por fim, com o desespero nos olhos. — Pode ser que sim, ou qualquer coisa semelhante… Mais vale não me perguntar nada, porque pode ser que eu diga algum disparate…

— Muito bem! Então tenho eu tão pouco valor para o senhor que nem vale a pena responder-me! É isso o que quer dizer, não é? Sim, deve ser isso, eu, para o senhor, não valho nada.

— Valha-nos Deus, Fomá! Não é isso! Como é que eu podia pensar uma coisa dessas?

— Mas afinal foi isso o que o senhor disse!

— Vamos, Fomá, não queira desmentir-me, não foi isso!

— Esta é boa! Então agora sou mentiroso? Assim, em sua opinião, faço-lhe essas perguntas só para travar discussão! Muito bem, junto mais este vexame aos muitos que lhe tenho suportado! Seja!

— *Mais, mon fils!* — exclama muito assustada a generala.

— Fomá Fomitch! *Mamacha!* — exclamava o meu tio desesperado. — Juro pelo amor de Deus que não foi por mal! Pode ser que eu não tenha tido o devido cuidado com as palavras… Mas não ligues importância ao que eu digo, Fomá, eu sou um tolo… Sim, compreendo que o sou; eu próprio sei que não tenho nada de esperto… Eu sei, Fomá, sei muito bem. Não precisas me dizer — acrescentava, agitando os braços. — Tenho quarenta anos e, até agora, que te conheci, até ao momento preciso em que te conheci, imaginava que era um homem… digamos, um homem em toda acepção da palavra. Olha, até hoje ainda não tinha percebido que era um grande pecador, um egoísta de primeira categoria, e que tenho feito tantas coisas más na vida que até é de espantar possa andar ainda de cabeça erguida.

— Sim, na verdade é egoísta! — observava Fomá Fomitch condescendente.

— Agora eu próprio compreendo que o sou. Mas juro que vou me

emendar!

— Deus te ouça! — sentenciava, à guisa de remate, Fomá Fomitch, suspirando com unção e erguendo-se da poltrona para fazer a sua costumada sestazinha depois do almoço. Fomá Fomitch dormia sempre um pouco depois das refeições.

Para acabar este capítulo, permitam-me falar mais concretamente das minhas relações pessoais com o meu tio e explicar de que modo me vim a encontrar inesperadamente com Fomá Fomitch e a imiscuir-me, sem querer, em todos os acontecimentos mais importantes nessa famigerada granja de Stiepântchikovo. Assim poderei dar por acabada a minha introdução e passar diretamente à minha história.

Na minha infância, quando os meus pais morreram e me vi só no mundo, o meu tio passou a fazer para mim às vezes de pai. Encarregou-se de me educar à sua custa e… numa palavra, fez por mim o que nem sempre costumam fazer os pais verdadeiros. Logo no primeiro dia em que me levou para sua casa me senti unido a ele por uma grande amizade. Contava eu então dez anos e creio que simpatizamos logo os dois um com o outro e nos compreendemos mutuamente. Jogávamos pião os dois, escondíamos a touca de dormir duma velhota, uma solteirona muito irascível, nossa parenta afastada. Depois pegava na touca e atava-a à cauda do meu papagaio, que subia com ela pelos ares… Passaram muitos anos e só voltei a ver o meu tio em Petersburgo, onde, por esse tempo, terminava os estudos que ele custeava. Dessa vez dediquei-me a ele com todo o ardor da juventude. Havia no seu caráter qualquer coisa de nobre, de distinto, de sincero, jovial e simples, que me atraía como os outros. Quando saí da Universidade, vivi algum tempo em Petersburgo, sem nada fazer e, como costuma acontecer aos mancebos da minha idade, firmente convencido de que não tardaria muito havia de realizar alguma façanha extraordinariamente notável e até grandiosa. Não me podia conformar com ficar em Petersburgo. Necessitado de dinheiro, escrevia ao meu tio, que nunca dizia não. Estavam as coisas neste pé quando me aconteceu ouvir da boca dum camponês do meu tio, que fora a Petersburgo tratar de uns negócios, que em Stiepântchikovo se passavam umas coisas muito estranhas. Esses primeiros boatos despertaram o meu interesse e a minha admiração. Comecei a cartear-

me a miúdo com o meu tio. Respondia-me sempre de modo um tanto obscuro e estranho e apenas me falava dos estudos, exprimindo as grandes esperanças que, no aspecto científico, depusera em mim, e dizendo esperava poder orgulhar-se dos meus futuros triunfos. De repente, após um longo silêncio, recebi uma carta muitíssimo estranha e completamente diferente das anteriores. Continha tais e tão invulgares alusões, tal confusão de termos contraditórios, que não entendi quase nada do seu conteúdo. Consegui apenas compreender que o seu autor queria dar um sinal de alarma. Uma coisa somente saltava à vista: o meu tio pedia-me muito a sério, e quase de joelhos, lhe escrevesse pelo correio seguinte, dizendo que consentia em casar-me com a preceptora dos seus filhos, filha dum pobre empregado da província, de sobrenome Ietchóvkin, excelentemente educada numa escola de estudos clássicos, em Moscou, à custa do meu tio. Escrevia-me dizendo que a criatura era uma infeliz e eu podia reparar a sua desdita, o que eu faria, sem dúvida movido pela minha nobreza de sentimentos, pelo que me mandava antecipadamente os agradecimentos mais cordiais e se comprometia a pagar-lhe o enxoval de noiva. Quanto ao mais, falava deste enxoval com certo mistério e timidez, e terminava pedindo-me nada dissesse a ninguém acerca do assunto. Esta carta deixou-me num tal estado de excitação que acabei por sentir vertigens. E a que rapaz da minha idade, que acaba de sair da Universidade, não teria causado profunda impressão aquela proposta de casamento, quanto mais não fosse pelo seu aspecto romântico? Além disso eu ouvira dizer que a jovem preceptora era muito bonita. No entanto, eu não sabia o que decidir; apesar disso apressei-me a escrever ao meu tio dizendo-lhe que me ia pôr imediatamente a caminho de Stiepântchikovo. Meu tio incluíra na carta uma quantia para os gastos da viagem. Mas, apesar de tudo, cheio de dúvidas e de hesitações, demorei-me ainda em Petersburgo umas três semanas.

De repente tive um dia oportunidade de encontrar-me com um antigo companheiro de armas do meu tio, que de passagem, no seu regresso do Cáucaso para Petersburgo, parara em Stiepântchikovo. Era um homem já entrado em anos e muito discreto, mas solteirão inveterado. Falou-me com antipatia de Fomá Fomitch e contou-me um episódio do qual até àquele momento eu não tinha a menor notícia,

isto é, que Fomá Fomitch e a generala tinham proposto casar o meu tio com uma solteirona extravagante, meio doida e com meio milhão de dote pelo menos; que a generala já conseguira lograr a velha, convencendo-a de que ainda eram parentes, e assim a trouxera para viver em sua casa; que o meu tio estava desesperado; mas que, com todas as probabilidades, acabaria por resignar-se a casar com o meio milhão do dote; e por último, que aquelas duas grandes cabeças, a generala e Fomá Fomitch, tinham uma conduta horrorosa para com a pobre e desamparada preceptora dos meus primos e mostravam o máximo empenho em pô-la fora de casa, provavelmente com receio de que o coronel se apaixonasse por ela e talvez por já ter-se apaixonado. Estas últimas notícias puseram-me fora de mim. A todas as perguntas que lhe fiz para saber se o meu tio estaria de fato apaixonado pela preceptora o meu interlocutor não quis ou não pode responder de maneira decisiva. Aliás, falou-me de tudo isso em termos de grande laconismo e com evasivas, evitando claramente entrar em pormenores. Pus-me a pensar. Aquela estranha notícia contradizia a carta de meu tio e estava em desacordo com a sua proposta matrimonial… Mas não havia tempo a perder. Decidi pôr-me imediatamente a caminho de Stiepântchikovo, desejoso não só de tranquilizar e de tornar razoável o meu tio, como também de salvá-lo, se possível; isto é, pôr Fomá na rua, impedir o seu odioso casamento com a solteirona e, finalmente… como, para mim, em suma, o suposto amor de meu tio pela preceptora era simplesmente uma invenção do tal Fomá Fomitch, tornar feliz aquela desditosa ou, por outras palavras, oferecer a minha mão à interessante jovem etc. Pouco a pouco fui-me entusiasmando a tal ponto que, como costuma acontecer quando se é ainda novo, passei da dúvida para o extremo oposto. Enchi-me de repente de uma ansiedade enorme por realizar imediatamente maravilhas e coisas portentosas. Parecia-me até que dava mostras de uma grandeza de alma pouco comum ao sacrificar-me para tornar feliz uma criatura inocente e boa… Numa palavra: durante a viagem senti-me extraordinariamente vaidoso de mim próprio. Estávamos em julho. O sol brilhava, resplandecente; a toda a volta os meus olhos contemplavam incomensuráveis lonjuras de campos com os trigais maduros. Passara tanto tempo em Petersburgo que agora me parecia nunca ter visto de verdade este vasto mundo de Deus.

## Capítulo II / O senhor Baktchéiev

Aproximava-se o fim da minha viagem. Quando cheguei à pequena aldeia de B…, distante apenas dez verstas de Stiepântchikovo, vi-me obrigado a parar no ferreiro próximo da barreira, por ter saltado o aro duma das rodas dianteiras da minha *tarantás*. Arranjá-la de qualquer maneira para que pudesse andar ainda aquelas dez verstas seria provavelmente coisa de pouca demora; por isso, em vez de vaguear pela aldeia, decidi aguardar ali mesmo que o ferreiro reparasse a avaria. Quando desci do carro, avistei um senhor gordo que, como eu, se vira obrigado a parar também para que consertassem a sua carruagem. Havia já uma hora que suportava a névoa sufocante, gritava e proferia insultos com uma impaciência resmungona, fustigava os operários e dava voltas em redor da sua magnífica carruagem. À primeira vista, esse irascível senhor pareceu-me um autêntico brutamontes. Devia andar pelos quarenta e cinco, estatura mediana, muito gordo e picado de bexigas. A gordura, a papada e a barriga, assim como as faces pálidas e flácidas, eram sinais evidentes da sua vida de proprietário opulento. Havia qualquer coisa de feminino em toda a sua figura, que saltava imediatamente à vista. Vestia um terno amplo, que apesar disso ainda lhe ficava um pouco justo, bonito e caro, mas que não era precisamente da última moda.

Não consigo explicar por que se zangou comigo, tanto mais que pela primeira vez me via e nem sequer tínhamos trocado uma palavra. Assim que desci da minha *tarantás*, reparei logo na sua antipatia, nos seus olhares estranhamente iracundos. Eu, pelo contrário, sentia uma grande vontade de travar conhecimento com ele. Das conversas dos criados concluí que viera nesse altura de Stiepântchikovo, da casa de meu tio, e por isso era natural que eu quisesse fazer-lhe várias perguntas. Tirei o chapéu e, com a maior amabilidade, referi-me a como eram aborrecidos estes contratempos durante uma viagem. Mas o gordanchudo olhou-me dos pés à cabeça com um olhar hostil e displicente, resmungou qualquer coisa por entre os dentes e, com a maior calma, voltou-me as costas. Esta parte da sua pessoa, apesar de ser um objeto bastante curioso para ser observado, não podia, no final de contas, prestar-se a nenhum diálogo amistoso.

— Grichka! Não resmungues! Senão parto-te a cara! — gritou de repente para o criado, como se não tivesse ouvido uma palavra daquilo que eu lhe dissera a respeito dos contratempos durante a viagem.

O tal Grichka era um criado velho, grisalho, que vestia um sobretudo de abas compridas e usava umas enormes suíças cinzentas. A avaliar por certos indícios era também muito resmungão e mastigava continuamente palavras, muito mal-humorado. Entre o senhor e o criado houve imediatamente uma explicação.

— Vai berrando! — resmungou Grichka, mas tão alto que todos o ouviram e, com mau modo, afastou-se dali dirigindo-se para a carruagem.

— Que estavas dizendo? Essa do "vai berrando!" Estás ficando descarado? — gritou o gordalhufo ficando muito vermelho.

— Por que lhe há de dar para embirrar comigo? Já não se pode abrir a boca?

— Embirrar com ele! Estão vendo? Então ele pode resmungar contra mim e eu não posso dizer-lhe nada?!

— Mas por que havia eu de resmungar?

— Por quê? Como se eu não soubesse! Eu bem sei por que resmungas! É porque nos metemos ao caminho antes do jantar… é por isso!

— Como se isso me incomodasse alguma coisa! Por mim, se quiser, pode passar até o dia em jejum. Eu não estava falando do senhor, e sim com os ferreiros.

— Com os ferreiros? Que tinhas que falar com eles?

— Eu não me queixava deles, mas sim da carruagem…

— E que tem a carruagem?

— Por lhe ter dado para se escangalhar! Já podíamos estar em

casa!

— Sim… mas tu estavas falando do coche… Dizias qualquer coisa a meu respeito e não dele! Tem graça! Ele é o culpado de tudo e ainda se aborrece!

— Eu não sei por que é que o senhor havia de embirrar comigo hoje. Deixe-me em paz, sim?

— Por que vieste sentado durante todo o caminho, como um basbaque, sem abrir a boca? Por quê? Em compensação, outras vezes falas pelos cotovelos!

— É que me tinha entrado uma mosca pela boca adentro… Era por isso que eu não falava e estava calado como um basbaque. Além disso não tinha nada para lhe dizer… Se queria ouvir histórias, devia ter trazido consigo a tagarela da Melânia.

O gordalhufo abriu a boca como se fosse responder alguma coisa; mas pelo visto não lhe veio nada à ideia e calou-se. O criado, por seu lado, muito ufano da sua dialética, e por ter demonstrado perante os presentes a sua ascendência sobre o patrão, foi juntar-se, muito vaidoso, aos trabalhadores, e pôs-se a falar com eles. As minhas tentativas para travar conhecimento com o senhor gordo foram infrutíferas, especialmente devido à minha falta de jeito. Uma circunstância imprevista veio, porém, inesperadamente, em meu auxílio. À janela de uma carruagem, hermeticamente fechada, que devia estar ali há muitíssimo tempo à espera de conserto, assomou um rosto meio adormecido, sujo e de cabelos revoltos. Seu aparecimento suscitou a hilaridade geral entre os trabalhadores. Tinham fechado aquele homem, perdido de bêbado, no carro, e agora, que curtira e bebedeira, via que não podia sair dali. Suplicava em vão aos brincalhões que o libertassem, mas ninguém fazia caso dele. Até que por fim implorou a um deles que lhe trouxesse as suas ferramentas. Mas este pedido serviu apenas para aumentar a algazarra jovial.

Há pessoas que se divertem com coisas bastante estranhas. Os esgares dum bêbado que tropeça e se estatela no chão, duas mulheres que se puxam os cabelos e outra coisas assim costumam levar essas criaturas a um riso sincero, sem saberem por que. O obeso

proprietário devia pertencer sem dúvida a este número. Pouco a pouco, a sua fisionomia, até então mal-humorada e severa, foi-se animando e dulcificando, até que por último desapareceram dela todos os vestígios de aborrecimento.

— Mas é Vassíliev! — exclamou surpreendido. — Como teria ele caído na armadilha?

— Vassíli, sim, senhor, Stiepan Alieksiéievitch! Vassíliev! — gritaram todos ao mesmo tempo.

— É um vadio, senhor — acrescentou um dos trabalhadores, indivíduo vigoroso, corpulento e bem-apessoado, com uma expressão pedantesca no semblante e evidentes pretensões de sobressair entre os companheiros. — Há três dias ele fugiu de casa do amo e veio refugiar-se aqui. E agora se põe a pedir o formão. Mas para que queres tu o formão, cabeça de alho chocho? Vai ver que queres empenhar a tua última ferramenta…

— Eh, Arkhípuchka! O dinheiro… evapora-se. Vem e vai-se! Vamos, tira-me daqui pelo amor de Deus! — suplicou Vassíliev com uma voz fraca e insegura, deitando a cabeça pela janela do coche.

— Fica quietinho, meu caro! — respondeu-lhe Arkhip, implacável. — Há três dias conseguiste fugir; hoje, ao amanhecer, apanharam-te no meio da rua e trouxeram-te para aqui. Dá graças a Deus porque te tenhamos arranjado um esconderijo e dito a Matviéi Ilhitch que estavas doente e apresentavas sintomas de ter a *febre pútrida mucosa*.

Repetiram-se as gargalhadas.

— Mas onde está o meu formão?

— É o nosso aprendiz que o tem! Onde havia de estar? Aqui o tem o homem, Stiepan Alieksiéievitch!

— Ah, ha, ha! Ah, vadio! Na cidade é que te espera um trabalho, o de empenhar a ferramenta! — exclamou o gorducho sorrindo muito ufano e passando de repente para uma prazenteira disposição de

espírito.

— E pensar que és um carpinteiro como não há nenhum em Moscou! Mas veja como se porta aquele malandro! — acrescentou, aproximando-se de mim de repente. — Tira-o dali, Arkhip, pode ser que precise de alguma coisa!

Obedeceram ao senhor. Tiraram a barra com que tinham trancado a portinhola do coche para se divertirem à custa de Vassíliev quando ele acordasse, e ele saiu então, todo sujo, negro e esfarrapado. Piscava os olhos diante do sol, espirrava e cambaleava; depois, pondo uma mão diante dos olhos, à maneira de viseira, olhou à sua volta.

— Tanta gente, tanta gente! — murmurou movendo a cabeça. — E ninguém está bê… ba… do! — acrescentou titubeando tristemente, como se se censurasse a si próprio… — Vamos, meus amigos, bom dia!

Os risos repetiram-se.

— Bom dia! Ó homem, abre bem os olhos e vê onde já vai a manhã! Tolo!

— Não mintas, Emiélia, agora é a tua semana.

— Cá, por mim, pode ser já, vamos!

— Eh, eh, eh! Não és má pessoa! — exclamou o gorducho, tornando a sorrir e pousando outra vez sobre mim um olhar amável. — Mas tu não tens vergonhas, Vassíliev?

— É uma pena, senhor, é uma grande pena, Stiepan Alieksiéievitch — respondeu Vassíliev muito sério, movendo os braços e visivelmente satisfeito por ter oportunidade de falar dos seus desgostos.

— Mas o que é que é pena, seu burro?

— É uma enormíssima pena que nos passem para Fomá Fomitch.

— Quem? Como? — exclamou o gorducho muito impressionado.

Eu dei um passo em frente. Aquele incidente também me tinha impressionado.

— Sim, com todo o domínio de Kapitónovka. O nosso amo, o coronel, a quem Deus dê saúde, decidiu ceder a Fomá Fomitch todo o domínio de Kapitónovka, todo o seu patrimônio, que tem sessenta almas. “É para ti, Fomá — disse ele! Tudo isso é para ti e não é muito, não és um rico proprietário; tens apenas, ao todo, dois peixes de renda, no lago Ladoga! Foi isso que o teu falecido pai te deixou quando morreu! O teu pai foi — continuou Vassíliev com certa satisfação maldosa, pondo uma ponta de maldade em tudo quanto se referia a Fomá Fomitch — o teu pai foi um pilar da nobreza, embora não se saiba de onde nem quem era. Como tu, vivia à grande, e era doido pela boa comida. E agora que eu te cedo Kapitónovka, tornas-te um proprietário, um pilar da nobreza, terás pessoas que te pertençam e poderás sentar-te junto do fogão e levar vida de fidalgo…”

Mas Stiepan Alieksiéievitch já não o escutava. O efeito que sobre ele produziu a dúbia história de Vassíliev foi extraordinário. Tão comovido ficou o gordalhufo que até empalideceu; a papada tremia-lhe e tinha os olhos injetados. Julguei que ia ter uma congestão.

— Era o que faltava — disse resfolegando com força. — O parasita de Fomá transformado em proprietário! Livra! Um raio os parta a todos! Vamos, homem, depressa! Despacha-te! Vamos para casa!

— Dê-me licença que lhe pergunte — disse-lhe eu colocando-me resolutamente na sua frente. — O senhor acaba de nomear Fomá Fomitch; parece-me que o seu sobrenome, se não me engano, é Opískin. Bem, pois eu desejava… numa palavra, tenho as minhas razões particulares para interessar-me por esse sujeito, e teria muito gosto em ouvir da sua boca até que ponto pode dar-se crédito ao que disse este homem acerca do fato de seu amo, Iegor Ilhitch Rostâniev, ter decidido ceder uma das suas terras a Fomá Fomitch. Não pode calcular o que isto me interessa e eu…

— Permita que lhe pergunte por minha vez — respondeu-me o senhor gordo — até que ponto se interessa por esse sujeito, conforme

disse, apesar de que, para mim, não é esse o nome que ele merece, mas o de impostor! Em que alturas ele se pôs! Um refinado malandro é que ele é!

Respondi-lhe que até ao presente não tinha o prazer de conhecer o tal indivíduo; mas que Iegor Ilhitch Rostâniev era meu tio e eu… o meu nome era Sierguiéi Alieksándrovitch.

— Então é o senhor o tal rapaz muito instruído?! *Bátiuchka*[2], em casa dele estão à sua espera com a maior impaciência! — exclamou o gorducho com uma alegria indescritível. — Olhe, eu vim agora de lá, de Stiepântchikovo. Levantei-me da mesa a meio do jantar e vim sem provar o *pudding*; não podia estar mais tempo sentado à mesa com Fomá Fomitch. Briguei com todos e fiquei zangado, por causa de Fomá! Mas isto é o que se pode chamar um feliz encontro! O senhor vem comigo, sim? Eu sou Stiepan Alieksiéievitch Baktchéiev, e ainda tenho uma vaga ideia do senhor, de quando era pequeno… Quem havia de dizer! Permita-me que…

O gorducho pôs-se na ponta dos pés e beijou-me.

Passados os primeiros momentos de perturbação, crivei-o imediatamente de perguntas. A ocasião era de aproveitar.

— Mas quem é esse Fomá? — perguntei-lhe. — Como é que esse homem conseguiu impor a sua vontade até esse ponto naquela casa? Por que não o correm à chibatada? Confesso-lhe que…

— Corrê-lo, diz o senhor? Sabe o que está dizendo? Iegor Ilhitch, diante dele, anda na ponta dos pés. Olhe, uma vez meteu-se na cabeça de Fomá que era quarta e não terça; havia de ver como todos diziam que, de fato, era quarta e não terça-feira. “Não quero — disse ele — que hoje seja terça-feira, mas sim quarta.” De maneira que aquela semana teve duas quartas-feiras em vez de uma, como as demais. Acha talvez que eu exagero? Pois olhe, é pura verdade o que eu lhe disse. E afirmo-lhe que é caso para uma pessoa fugir dali correndo!

— Já ouvi dizer qualquer coisa a esse respeito, mas pensava…

— Pensava, pensava! Não sabe fazer outra coisa! Que é que está

sempre pensando? Não seria melhor que me perguntasse de uma vez e francamente aquilo que quer saber? Pois bem, vou eu próprio dizer-lhe. Fique sabendo que a mãe de Iegor Ilhitch, se bem que seja uma autêntica senhora, e, além disso, generala, a meu ver perdeu o juízo e não se atreve sequer a respirar diante de Fomá. É ela quem tem a culpa de tudo, foi ela quem o meteu lá em casa. Agora está enfeitiçada por ele, está meio maluca, a pobre criatura, isto sem ofensa do seu título de Excelência… Com os seus cinquenta anos, dependurou-se ao pescoço do velho Krakótkin… Da irmã de Iegor Ilhitch, de Praskóvia Ilínichna, a solteirona, que anda já pelos quarenta… dessa nem quero falar. Apenas se lhe ouvem queixumes e ais… Estou cheio dela até aqui… A única coisa que lhe vale é ser uma mulher! E eu a respeito, não por isto ou por aquilo, mas atendendo simplesmente a que é uma senhora. Ufa! Mas que estou eu dizendo? Só agora me lembro de que ela é sua tia! Em compensação, a filha do coronel, embora seja ainda uma garota… anda nos dezesseis anos, a meu ver tem mais juízo do que os outros todos juntos; não pode suportar Fomá e dá gosto vê-la. Uma senhora em toda acepção da palavra! E por que havia ela de vê-lo com bons olhos? Por que havia de respeitar esse tal Fomá que ganhava a vida fazendo de bobo para o falecido General Krakótkin? Como se fosse preciso, para divertir o general, imitar todos os animais que ele lhe mandava! Isto faz lembrar aquele ditado que diz: “Vânia ainda ontem cavava a terra, e hoje já é uma pessoa importante”. Porque agora, o seu tio, o coronel, encara esse bobo laureado como o seu próprio pai, tem-no como guia, àquele patife, e pouco falta que lhe faça reverências, àquele parasita! Arre!

— No fim de contas, a pobreza não é nenhum vício… e… confesso-lhe… permita-me uma pergunta: é interessante, tem espírito?

— Quem? Fomá? Qual o quê! É mesmo uma beleza! — respondeu Baktchéiev com um estranho tremor na voz. A minha pergunta devia ter-lhe causado grande impressão e a partir daquele momento começou a olhar-me com desconfiança. — Uma beleza! Vejam só! Sabe o que lhe digo, paizinho? É que o tipo se parece com todo o gênero de animais. Enfim, não seria eu quem diria alguma coisa se ele ao menos tivesse talento e se preocupasse em nos agradar, aquele malandro… Nesse caso, eu, embora com pouca vontade, não teria

outro remédio senão inclinar-me perante o seu talento; mas o pior é que ele não tem nem uma ponta de talento! O que parece é que ele deu de beber um filtro a todos os daquela casa e que é um grande bruxo! Ufa! Até já estou cansado de falar dele. É caso para cuspir e calar-me. Livra, paizinho, deu-me até vontade de vomitar, com as suas perguntas! Mas vamos a ver, criaturas, isso ainda não está pronto?

— É preciso tornar a pintar a parte preta — respondeu Grigóri muito aborrecido.

— Que preta! Eu te darei a preta! Sim, senhor, eu podia contar-lhe tais coisas que o senhor ficaria de boca aberta até ao dia do Juízo Final! Olhe, eu, a princípio, também lhe tinha respeito, é o que lhe digo. Mas bem arrependido estou, muito me custa, fui um burro! É que ele me deu volta ao miolo. Aquele sabichão! Não havia nada que ele não soubesse, era doutor em todas as ciências! Ora veja: uma vez deu-me umas gotas para tomar. Porque eu, paizinho, ando sempre doente, é o que lhe digo. Naturalmente não acredita que eu seja um doente. Pois bem, com as tais gotas, se me descuido, ia desta para melhor. Mas espere, deixe estar que já vai ter ocasião de ver tudo com os seus próprios olhos, quando estiver lá. E a gracinha há de custar lágrimas de sangue ao pobre coronel. Com o tempo verá. Hoje já não há ninguém nesta comarca que não se tenha indisposto com ele por causa desse malvado Fomá. O insolente não respeita ninguém que vá àquela casa. De mim, nem vale a pena falar, mas o tipo é atrevido até para pessoas de categoria. Diz desaforos a toda gente, a todos passa sermões, aquele patife. “Eu sou um sábio, eu sou mais inteligente do que ninguém, todos têm de obedecer-me. Eu sou um poço de ciência.” Bem, e ainda que fosse? Por que motivo um sábio há de tratar a pontapé aqueles que não sejam? E quando o tipo se põe a falar da sua ciência, nunca mais acaba… tá… tá… tá… Tem uma língua que se fosse cortada e atirassem com ela para uma estrumeira, ainda ali continuaria badalando. Agora anda num frenesi, parece que tem bicho-carpinteiro. Quer fazer coisas impossíveis. Mas para que falar mais dele? Só lhe digo que agora se lhe meteu na cabeça que os criados deviam todos falar francês! Quê?! Não acredita? Pois olhe, ele diz que isso há de ser muito útil para todos. Veja: até com os criados! Livra! Veja que palhaço! Não me diz para que pode servir o francês

aos criados? E a nós também, que falta é que nos faz? Para fazer a corte às garotas, nos bailes, ou entendermo-nos com as mulheres casadas? Uma idiotice… e nada mais! Olhe, afinal basta emborcar uma garrafa de vodca, que ficamos logo falando todas as línguas. Quero lá saber do vosso lindo francês! Mas espere, o senhor também deve falar um bocado de francês… porque isto, etc. e tal… — Baktchéiev afastou-se para o lado visivelmente mal-humorado. — O senhor, paizinho, deve ser um homem culto, não é verdade? Também procurou arranjar cultura?

— Sim, até certo ponto… interessei-me.

— E aprofundou todas as ciências?

— Aprofundar, verdadeiramente, não… Confesso-lhe que, por agora, me dedico mais à observação. Até aqui tenho vivido em Petersburgo e agora vou para casa do meu tio…

— E que é que o leva lá? Era melhor que tivesse ficado onde estava, se é que tinha onde. Não, paizinho, desde já lhe afirmo que, aqui, pouco proveito há de tirar da sua cultura e o seu tio de pouco há de valer-lhe… Vai-se meter na boca do lobo! Talvez não acredite, mas em vinte e quatro horas que estive ali até emagreci! Quê?! Não acredita que emagreci? Não, não acredita; seja, mas olhe que é como lhe digo.

— Não, não, desculpe, eu acredito! Simplesmente não compreendo como é que isso possa ser — respondi-lhe cada vez mais perplexo.

— Sim, sim… o senhor diz que acredita, mas eu é que não acredito no senhor! Os senhores são todos uns malabaristas, com a sua cultura. Gostariam de ver-nos andar todos pulando num único pé só pelo gosto de observar! Não, paizinho, eu não estou a par da cultura, não posso tragá-la! Basta o que tive de conviver com os senhores de Petersburgo… esses inúteis! São todos uns maçons; de longe já cheiram a incredulidade! Não se atrevem a beber nem um copinho de vodca, como se a vodca mordesse… Ufa! Fez-me excitar, paizinho, já não estou para mais conversas! Não quero estar aqui a contar-lhe historietas, até já tenho a língua dormente. Não se pode falar mal de

toda gente, paizinho, é pecado… Agora, em casa do seu tio, meteram um tal Vidopliássov, o cocheiro, que também é um homem culto. É tudo obra de Fomá Fomitch…

— Se fosse eu — interveio Grigóri que até àquele momento assistira ao diálogo conservando um silêncio digno — não o tinha deixado sair com vida do chicote. Se me tivesse caído debaixo das mãos, acabava-lhe com a raça! Havia de lhe ter dado tantas que nem os números todos chegariam para contá-las!

— Cala-te! — gritou o patrão. — Mete a viola no saco, que ninguém falou contigo!

— Vidopliássov — disse eu titubeando, sem saber o que havia de falar —Vidopliássov… Que nome tão estranho, não é?

— Mas por que é que é estranho? Lá vem o senhor também com essa! Esta gente instruída…

Eu perdi a paciência.

— Desculpe — disse-lhe eu — mas por que está assim mal disposto comigo? Que mal lhe fiz eu? Confesso-lhe que há uma hora o escuto e no entanto ainda não consegui compreender do que se trata…

— Mas por que se zanga, paizinho? — respondeu o gordo. — Ninguém o ofendeu! Eu não fui capaz de lhe falar com mais delicadeza. Não leve a mal por eu ser tão falador e ter gritado com o meu criado. Embora esse Grichka seja um velhaco acabado, eu, precisamente por isso, tenho amizade a esse vadio. A mim, o que me perde é ser tão sensível… Digo-lhe francamente, o único culpado de tudo isto é esse malvado Fomá! Há de dar cabo de mim; juro-lhe que há de dar cabo de mim! Há duas horas estou aqui assando ao sol por causa dele! Tinha a intenção de ir visitar o *protopope* enquanto estes malandros arranjavam a avaria. É uma boa pessoa, o tal *protopope*. Esse Fomá transtornara-me a cabeça de tal maneira que já não podia vê-lo. Nem a ninguém dos seus! Aqui, fique sabendo, não há sequer uma casa de pasto decente onde se possa comer qualquer coisa. Nesta aldeia, desde o primeiro até ao último, são todos uns presunçosos. Porque veja: eu não diria nada se ele fosse uma grande besta —

continuou Baktchéiev, implicando outra vez com Fomá Fomitch, que, pelo visto, não lhe saía do pensamento — porque então, vamos lá, talvez esse título chegasse para explicar tudo; mas ele nem a isso chega. Juro-lhe que nem essa categoria tem, sei-o de certeza; ele diz que sofreu por causa da verdade… talvez nos tempos de Santa Engrácia[3]; e por isso agora temos de adorá-lo de joelhos! Julga-se muito acima de nós. Se alguém se atreve a não lhe fazer a vontade em qualquer coisa… aí o tem gritando e queixando-se: "Aí está, insultam-me! Lá porque sou pobre, não me têm respeito!". Ninguém se atreva a sentar-se à mesa sem Fomá… ao passo que ele, em compensação, pode ficar no seu quarto a resmungar: "Aí está, ofendeu-me; eu sou um estranho, um pobre, como um farrapo!". Mas os outros que se sentem sem ele e depois o verão aparecer entoando a mesma cantilena: "Então sentaram-se à mesa sem contar comigo? Não têm a mínima atenção para comigo". Em suma: é a cantiga do costume. Eu, paizinho, calei-me durante muito tempo. Ele julgava que eu me havia também de por a dançar diante dele, como um cão amestrado sobre as patas traseiras… Sim, sim, não queria mais nada? Desculpa, meu caro, vai na boleia que eu subo para a almofada! Eu, veja lá, servi no mesmo regimento que Iegor Ilhitch. Deixei o serviço no posto de alferes, ao passo que ele chegou até coronel, e foi com essa patente que apareceu a visitar-me na minha chácara, haverá um ano. Nessa altura eu lhe disse: "Olha, meu amigo, toma cuidado, não apapariques Fomá dessa maneira, olha que ainda te hás de arrepender!". Mas ele respondeu-me: "Qual, homem, ele é uma excelente pessoa, é meu amigo (referia-se a Fomá); anda me dando lições de moral". "Bem — disse eu cá para comigo — com a moral não se brinca. Se ele se pôs a ensinar-lhe moral… adeus, minhas encomendas!" Sabe por que é que ele começou hoje outra vez com histórias? Porque amanhã é dia de Santo Elias (e o senhor Baktchéiev benzeu-se), que é o nome de Iliúchka, de seu priminho. Eu pensara ir passar o dia com eles, jantar lá e levar ao garoto um brinquedo que mandei vir da capital, um alemãozinho que, por meio de umas molas, beija a mãozinha da noiva e depois enxuga uma lágrima com o lenço… Coisa bonita! Mas agora já não vou lhe dar nada! Olhe, está aí, no fundo do coche, e o alemãozinho até já tem o nariz partido. Iegor Ilhitch de boa vontade teria dado feriado no dia do seu santo, mas Fomá não o deixou: "Mas que interesse é esse agora por Iliúchka? De mim nunca ninguém se lembra". Grande estupor! Ter

inveja de um garoto de nove anos que celebra o seu dia onomástico! “Não — disse ele — também é o dia do meu santo!” Ora, hoje é dia do santo de Iliá e não do de Fomá. “Não, não, também é o do meu santo — disse ele.” Eu olhei para ele mas não disse nada. Então que tal lhe parece isto? Pois era vê-los andarem todos na ponta dos pés e cochichando em conciliábulos sobre o que haviam de fazer. Se deviam celebrar o seu santo no dia de Iliá, se deviam felicitá-lo ou não. Se não o felicitavam podia sentir-se ofendido, mas se o felicitavam… podia rir na cara deles. Livra! Sentamo-nos à mesa… Mas, paizinho, está-me ouvindo ou não?

— Sim, estou a ouvi-lo e com grande prazer, porque graças ao senhor cheguei finalmente a saber… e confesso-lhe…

— Sim, sim… há de ter um grande prazer, não há dúvida! Já sei o que isso quer dizer… É capaz de estar caçoando de mim!

— Desculpe, mas por que havia eu de caçoar do senhor? Pelo contrário. Além disso o senhor exprime-se de maneira tão original… que de boa vontade tomaria nota de tudo quanto diz.

— Hem? Que vem a ser isso de tomar nota, paizinho? — perguntou o Senhor Baktchéiev com certo receio e olhando-me desconfiado.

— Não, em última análise… é muito possível que não o faça… dizia-lhe isto unicamente…

— Mas, seriamente, quer tirar-me o suco?

— Que vem a ser isso de tirar-me o suco? — perguntei-lhe eu assombrado.

— Ora, o que é! É pensares em aproveitar-te das minhas palavras; porque eu estou aqui a dar à língua e depois tu vais e chapas-me num livro.

Apressei-me a afirmar ao Senhor Baktchéiev que eu não era daqueles que faziam isso, mas ele continuou a olhar-me com desconfiança.

— Que não és desses, já se vê! Mas pode ser que ainda faças pior do que eles. Fomá já me tem ameaçado de me por num livro.

— Permita-me uma pergunta — interrompi-o, desejoso de mudar de tema. — É verdade que o meu tio se quer casar?

— Quer casar? Não é aí que está o mal. Se lhe apetece casar, case-se. O mal — acrescentou o Senhor Baktchéiev pensativo — é outra coisa. Hum! A isso, paizinho, não lhe posso dar uma resposta categórica. As mulheres, agora, andam ali como moscas em volta de sopa; mas verdadeiramente ninguém sabe qual é que quer casar-se. Aqui, entre nós, paizinho, digo-lhe que não simpatizo muito com as mulheres. Simplesmente elas também são pessoas; mas é certo que é uma vergonha andar atrás das saias e prejudica a salvação da alma. Mas que o seu tio está apaixonado como um gato da Sibéria, disso posso dar-lhe a certeza. A respeito disso, paizinho, como vê não quero dizer nada; mas acho que é uma vergonha nunca mais decidir nada. Se queres casar, casa; não te atrevas, porém, a dizer nada a Fomá, nem também à velhota, porque viria a casa abaixo com o barulho e cortavam-te logo as vazas. A velha, como é natural, está do lado de Fomá; o velhaco de Fomá Fomitch ficaria furioso se entrasse lá em casa outra mulher, pois sabe que então não parava ali nem mais um minuto. É muito possível que a dona da casa o agarrasse pela gola do casaco com as suas próprias mãos e o expulsasse de casa, ou, se fosse pessoa decidida, de qualquer outra maneira, pois não há em toda a comarca quem o queira nem para escriturário. Está vendo o que aquele biltre é capaz de urdir, de acordo com a velha, para ver se o casa com essa… Paizinho, por que me interrompeste? Eu ia contar-te o mais importante — vais e cortas-me a palavra! Sou mais velho do que tu e os mais velhos não devem ser interrompidos.

Pedi-lhe desculpa.

— Deixa-te de desculpas! Eu queria que tu apreciasses, como homem culto que és, a maneira como hoje fui tratado nessa casa. Bom, se és homem de bem, pensa e aprecia. Tínhamo-nos sentado à mesa e aquele malvado, durante toda a refeição, acredita, comia-me com os olhos. Eu já sabia o rancor que ia suscitar-lhe. Ele se sentou e, de tão furioso, nem podia sossegar. De boa vontade me engoliria, aquele

rancoroso! É um tipo com tanto amor-próprio que mal pode dominar-se! E ainda uma vez queria dar-me lições de moral! Por que, não me dirá, por que estou tão gordo? Esse o seu estribilho: por que estou tão gordo, por que não sou magro? Está vendo só? Respondi-lhe com toda a paciência: "Então, Deus quer que seja assim, Fomá Fomitch; uns são gordos, outros magros, e contra a divina Providência nada podem os mortais". Boa resposta… não acha? Pois ele respondeu-me por sua vez: "Não, tu possuis quinhentas almas, levas vida folgada e não prestas o mínimo serviço à nação; é preciso servir, mas tu te deixas ficar muito bem sentado em casa, tocando harmônio". É verdade: quando estou aborrrecido, ponho-me a tocar harmônio". Mas respondi-lhe outra vez com toda a paciência: "E em que hei de servir, Fomá Fomitch? Em que farda posso embrulhar esta minha gordura? Se vestir uma farda, talvez apertando-me muito possa caber nela; e nas primeiras vezes posso sentir vontade de espirrar e depois saltam-me todos os botões; isto pode muito bem me acontecer. E se isso acontecesse na presença do comandante? Deus me livre… e então…". Bem, diga-me cá, paizinho, isto era coisa para rir? Pois bem, ele riu à minha custa, já se vê; até parecia que rebentava com tanto ah! ah! E tanto hi! hi! Repito-lhe que é um tipo sem uma ponta de vergonha; além disso pôs-se a insultar-me em francês, chamando-me *cochon*. Isso de *cochon*, bem sei o que quer dizer. Vai ver que ele julga que eu sou talvez algum pateta? Mas apesar de tudo, calei-me e aguentei, sim, senhor, aguentei; mas depois acabou por faltar-me a paciência, levantei-me da mesa e disse diante de todos em voz bem alta: "Confesso que me enganei contigo, Fomá Fomitch; pensava que eras bondoso, bem educado, e vejo agora, irmão, que és tão reles como nós". Foi isto o que eu lhe disse e saí da mesa sem provar o *pudding*, que ali deixei quando tinham acabado de servi-lo… Adeus, fiquem aí com o seu *pudding* e com tudo mais!

— Desculpe — disse eu depois de ter escutado toda a narrativa do Senhor Baktchéiev. — Estou disposto a dar-lhe razão em tudo. Mas, no fim das contas, ainda não sei o principal… e olhe… eu tinha feito umas certas ideias acerca dessa pessoa…

— Que ideias, paizinho? — perguntou o Senhor Baktchéiev com alguma malícia.

— Escute — comecei um pouco receoso — pode ser que não seja oportuno agora… mas vou expor-lhe os meus pensamentos. Veja o que eu pensei: é muito provável que estejamos equivocados a respeito de Fomá Fomitch; pode acontecer que todas essas suas razões fossem consequência do seu feitio especial, talvez até da sua própria inteligência… Quem sabe? Pode ser que o seu temperamento exaltado, exacerbado pelos sofrimentos, segundo dizem, sentisse ânsias de vingança contra toda a Humanidade. Ouvi dizer que foi uma espécie de bobo; quem sabe se isso não representava para ele uma humilhação, um agravo, um insulto? Ora suponha: um homem inteligente… a fazer o papel de bobo! Podemos pensar que a partir daí se tornou desconfiado para com toda a Humanidade e… talvez se tenha reconciliado depois com ela… isto é, com as pessoas, mas ainda assim não estranharia tivesse adquirido um caráter especial, originalíssimo e… e… e, sem dúvida deve haver qualquer coisa de invulgar nesse homem. Deve haver alguma razão para que todos lhe rendam homenagens!

Eu próprio me apercebi de que me enredava numa grande confusão. O que poderia perdoar-se atendendo à minha pouca idade. Mas o Senhor Baktchéiev não quis saber disso. Fitou-me nos olhos com muita gravidade e sisudez e depois corou como um tomate.

— Esse Fomá, um homem especial? — perguntou com voz insegura.

— Desculpe, mas isso não quer dizer que eu, no entanto, esteja convencido de tudo quanto disse. Eu levantava apenas algumas hipóteses…

— Ah, paizinho, olhe, gosto muito de fazer perguntas; estudou Filosofia?

— Por que me pergunta isso? — exclamei surpreendido.

— Deixe-se disso e responda-me sem rodeios, paizinho, e com toda a franqueza: estudou Filosofia?

— Sim, estudei, confesso, mas…

— Ora aí está! — clamou o Senhor Baktchéiev dando largas à sua indignação. — Antes que o senhor tivesse aberto a boca já eu tinha o pressentimento de que estudara Filosofia! A mim ninguém me engana! Farejo um filósofo a três verstas de distância! Ora, então queira Deus que se dê muito bem com o seu Fomá Fomitch! Agora é um homem especial! Arre! Este mundo está perdido! Eu pensava que o senhor era uma pessoa sensata, mas o senhor… Vamos! — gritou para o cocheiro empoleirado na boleia do coche já consertado. — Para casa!

Tentei acalmá-lo e, por fim, de fato abrandou um pouco; mas demorou muito até decidir-se a voltar às boas. Entretanto subiu também para o coche, com a ajuda de Grigóri e de Arkhip, o mesmo que contara as peripécias de Vassíliev.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta — disse-lhe aproximando-me do carro. — Não tenciona voltar mais à casa de meu tio?

— À casa do seu tio? Mas quem disse isso? Julga que eu sou pessoa de guardar rancor? A minha infelicidade consiste precisamente em ser eu um banana e não um homem! Não deve tardar uma semana que eu não esteja ali outra vez. Esta é a minha desgraça! O Senhor mandou-me este Fomá para castigo dos meus pecados! Tenho raça de mulher, falta-me firmeza para tudo! Sou um covarde de primeira categoria, paizinho!

Apesar de tudo separamo-nos amigavelmente e ele convidou-me até para jantar com ele.

— Venha, paizinho, venha jantar comigo! Lá em casa temos uma vodca chegada agora mesmo de Kiev e um cozinheiro de Paris. E sabe arranjar uns fricassés e umas empadas que a gente não tem outro remédio senão comer e lamber os dedos e fazer-lhe uma reverência até aos pés. É um tipo muito instruído! Simplesmente, há algum tempo que não lhe chego a roupa ao pelo e o homem está um pouco soberbo… Venha à minha casa! Eu o convidava para hoje mesmo, mas é que não estou bem disposto, sinto-me cheio de bílis e mal posso ter-me de pé! Eu sou um pobre doente, um homem cheio de achaques. Talvez não acredite… Mas, vamos lá, adeus, paizinho! Já são horas e mais que horas. Olhe, a sua *tarantás* também já está pronta. Diga a

Fomá que faça o possível por não se encontrar comigo, senão arreio-lhe uma que…

Mas as suas últimas palavras não chegaram aos meus ouvidos. O seu coche, puxado por quatro cavalos vigorosos, arrancou de uma vez e perdeu-se entre nuvens de pó. A minha *tarantás* já estava pronta, subi para ela e passado pouco tempo a aldeia ficava para trás. “Em resumo, esse senhor exagera — pensei eu. — É demasiado colérico e não pode ser imparcial. Mas seja como for, é muitíssimo estranho aquilo que contou a respeito do meu tio. E já tenho duas afirmações que me asseguram que o meu tio está apaixonado por essa moça… Hum! Caso-me ou não me caso?” E afundei-me outra vez em reflexões.

## Capítulo III / O meu tio

Confesso que fiquei numa certa inquietação. Os meus devaneios românticos tomaram de repente um rumo muito estranho e melancólico à medida que me ia aproximando de Stiepântchikovo. Seriam umas cinco da tarde. O caminho seguia ao lado do jardim senhorial. De novo, volvidos longos anos de ausência, voltava eu a ver aquele jardim enorme no qual passara alguns dias felizes da minha infância e não poucas vezes revivida nos meus sonhos, no dormitório do colégio. Desci do carro e encaminhei-me diretamente, atravessando o jardim, para a chácara senhorial. Desejava chegar ali em segredo, sem ninguém saber, sem que ninguém me visse, e falar em primeiro lugar acerca de tudo com o meu tio e, se possível, bisbilhotar um pouco. Assim fiz. Atravessando a álea de tílias velhíssimas, fui dar ao terraço, do qual se passava para os compartimentos internos por uma porta envidraçada. Esse terraço estava rodeado de alegretes floridos e adornado com vasos de plantas caras. Aí me encontrei com o velho Gavrila, que noutros tempos me carregara ao colo e agora era o digno criado particular do meu tio. O velho, de óculos encavalitados no nariz, trazia um caderno na mão, no qual lia com extraordinária atenção. Vira-o dois anos antes em Petersburgo, onde fora acompanhado do meu tio, e agora me reconheceu imediatamente. Com lágrimas de alegria aproximou-se e beijou-me as mãos, e com esse movimento os óculos escorregaram-lhe do nariz e cairam no

chão. Essas demonstrações de amizade do velho comoveram-me profundamente. Mas lembrando-me do diálogo travado com o Senhor Baktchéiev, a primeira coisa que me chamou a atenção foi aquele caderninho suspeito que Gavrila trazia entre as mãos.

— Que é isso, Gavrila? Lembraste-te agora de aprender francês? — perguntei ao velho.

— De fato ando a aprendê-lo, na minha idade, como se fosse um garoto! — confirmou tristemente Gavrila.

— Quem é que te ensina? É Fomá Fomitch?

— É, paizinho. Deve ser uma pessoa muito inteligente.

— Sim, deve ser! Mas diz-me uma coisa: ele ensina de viva voz?

— É pelo caderno, paizinho!

— Esse que tens aí? Ah! Palavras francesas em caracteres russos… Engenhoso! E vocês deixam-se enganar assim por um finório, por um burro como esse… Não tens vergonha, Gavrila? — exclamei e, num instante, esqueci-me de toda aquela minha benevolência para Fomá Fomitch, por causa da qual havia um momento se aborrecera comigo o Senhor Baktchéiev.

— Mas como pode ser isso, paizinho? — respondeu-me o velho — Como pode ser burro quando tem os senhores dominados dessa maneira?

— Hum! Pode ser que tenhas razão, Gavrila — respondi desconcertado perante aquela observação. — Leva-me à presença do meu tio.

— O senhor desculpe, mas eu não me atrevo a apresentar-me diante dele. Ganhei-lhe medo. Já pode fazer uma ideia: as coisas andam de tal maneira que eu me venho refugiar aqui, e quando percebo que Fomá Fomitch sai de casa, escondo-me entre os vasos.

— Mas por que tens esse medo?

— Porque não sei a lição. Fomá Fomitch mandou-me pôr de joelhos e eu… não me pus. Já sou velho. Sierguiéi Alieksándrovitch, para que hão de fazer-me essas partidas? O senhor pôs-se furioso por eu não ter obedecido a Fomá Fomitch. “Ele — disse — se interessa pela tua educação, meu pacóvio, e quer que tu aprendas francês…” Bem, farei por lhe agradar, vou ver se decoro umas palavras. Fomá Fomitch prometeu dar-me aula esta noite.

Tudo aquilo me parecia muito confuso. “Nisto do francês deve haver de permeio alguma história que o velho não pode explicar-me”, pensava eu.

— Uma pergunta, Gavrila: que tipo tem esse homem? É bem apessoado, de estatura corpulenta?

— Quem? Fomá Fomitch? Qual, paizinho, é um tampinha!

— Hum! Tem um pouco de paciência, Gavrila, que isto ainda se há de arranjar; prometo-te que se há de arranjar, Gavrila… Mas onde está o meu tio?

— O senhor está atrás da cavalariça falando com os delegados dos camponeses. Os velhos de Kapitónovka vieram com muitas homenagens e reverências. Ouviram dizer que o senhor tem a intenção de cedê-los a Fomá Fomitch. E vinham pedir-lhe não o fizesse.

— Mas por que é que se reuniram por detrás da cavalariça para falar?

— Por precaução, paizinho…

Efetivamente fui encontrar o meu tio atrás da cavalariça. Ali, num pequeno campo, estava ele diante de um grupo de camponeses que lhe faziam muitos salamaleques e pareciam pedir-lhe qualquer coisa com muita insistência. O meu tio, segundo parecia, dava-lhes explicações. Aproximei-me e chamei-o em voz alta. Voltou-se e caímos nos braços um do outro.

O meu tio ficou extraordinariamente contente com a minha chegada e o seu alvoroço tinha qualquer coisa de frenético. Abraçava-

me, apertava-me as mãos. Parecia que recebia um filho salvo de algum perigo mortal. E também como se eu, com a minha presença, viesse libertá-lo de algum perigo mortal e trouxesse comigo a solução de todas as suas dúvidas, a felicidade e a alegria da sua vida, da sua e da de todos os que amava. Porque o meu tio não conseguia ser feliz sozinho. Passadas as primeiras impressões de júbilo começou a falar com tal veemência que não tardou a fazer uma enorme embrulhada e a perder o fio à meada. Encheu-me de perguntas, teimou que havia de apresentar-me imediatamente à família. E assim dirigimo-nos logo para casa… mas, a meio caminho, regressou, quis apresentar-me aos camponeses de Kapitónovka. Depois, lembro-me, pôs-se a falar de um indivíduo que eu não conhecia, um tal senhor Koróvkin, um homem muito estranho do qual se tornara amigo três dias antes, na cidade, e ao qual esperava agora impacientemente para hospedá-lo em sua casa. Deixou de referir-se a Koróvkin e pôs-se a falar de outro. Eu o contemplava com prazer. Respondendo às suas confusas perguntas, declarei-lhe que não queria ir para o serviço militar, mas pensava prosseguir nos estudos. Assim que eu pronunciei a palavra estudos o meu tio franziu o sobrolho e tomou um aspecto de gravidade desacostumada. Sabendo que eu nos últimos tempos me dedicara à mineralogia, levantou a cabeça e passeou o olhar com orgulho à sua volta, como se sozinho e sem ajuda de ninguém houvesse descoberto todos os minerais. Já disse que, ao ouvir a palavra ciência, dava sempre mostras de profundo respeito, tanto mais desinteressado quanto ele não compreendia uma palavra de coisa alguma.

— Ah, meu amigo, são raras no mundo pessoas que sabem tudo! — disse-me, com uns olhos cintilantes de alegria. — Tu te vês no meio delas, as escutas e embora reconheças que não sabes nada, sentes uma alegria sincera! E por quê? Porque nisso se resume a utilidade, a inteligência, o bem-estar de todos! Assim o entendo eu. Assim é que eu vejo as coisas. Eu, agora, ando de trem; mas o meu Iliúchka, quem sabe, talvez voe pelos ares… Mas, vamos lá, o comércio e a indústria… estas grandes estradas, segundo dizem… Oh! Vamos, quero dizer que, encares o fato por onde o encares, também isto é útil para a Humanidade… É útil, não é verdade?

Mas voltemos ao nosso encontro.

— Tem paciência, meu amigo, tem paciência — começou ele, esfregando as mãos e falando muito depressa. — Admiro o homem. O homem de ciência; há de ficar na história. Mas é assim que se diz, ficar na história? Foi assim que Fomá me explicou… Espera um pouco, já vais conhecê-lo…

— Refere-se a Fomá Fomitch, tio?

— Não, não, meu amigo! Agora me referia a Korórvkin. Também se chama Fomá e… Mas isso dizia-o eu agora a respeito de Korórvkin — acrescentou ruborizando-se sem saber por que e como se receasse que as suas palavras pudessem chegar aos ouvidos de Fomá.

— A que ciência se dedica ele, tio?

— Às ciências, meu amigo, às ciências em geral. Não sei dizer-te ao certo a qual ciência em especial, mas é a todas elas. Precisas ouvi-lo dissertar acerca dos caminhos de ferro. Como ele sabe! — acrescentou o meu tio baixando a voz e piscando significativamente o olho direito. — Sabe muito, e olha, tem ideias livres… Eu já o tenho notado, sobretudo quando fala das delícias da família… O pior é que eu não percebi quase nada do que ele disse — não tinha muito tempo. — Se não fosse isso poderia agora repetir-te de memória as suas palavras… E além disso, é um homem de excelentes qualidades. Convidei-o para hoje. Estou à espera dele de um momento para o outro.

Enquanto ele falava, os camponeses não tiravam os olhos de mim, com as bocas muito abertas e os olhos arregalados, como se presenciassem algum prodígio.

— Desculpe, tio — interrompi-o eu. — Segundo parece vim atrapalhar a sua conversa com os camponeses. Com certeza estão aqui por causa de alguma coisa importante. Confesso-lhe que tenho as minhas presunções e gostaria muito de escutá-los.

O meu tio pôs-se, de repente, a falar com muita eloquência e entusiasmo.

— Ah, sim! Já me tinha esquecido! Bem vês… Não sei o que hei

de fazer! Corre o boato… e eu gostaria de saber quem foi o primeiro que supôs isso… de que eu ia cedê-los a Fomá Fomitch com toda a Kapitónovka — lembras-te da Kapitónovka? Quando a falecida Kátia ainda era viva, íamos para ali brincar todas as tardes — toda a Kapitónovka que conta ao todo sessenta e oito almas.

— Bom. Pois nós — exclamaram os camponeses — não queremos sair da tua dependência.

— Isso é verdade, tio? Então não lhe cede a Kapitónovka? — exclamei eu quase transtornado de alegria.

— Nunca o pensei, nunca me passou isso pela ideia. Mas quem é que te disse? Devo ter dito qualquer coisa e a partir daí armaram uma embrulhada! Mas por que não gostam de Fomá? Espera um pouco, Sierguiéi, que já serás a ele apresentado — acrescentou, lançando-me um olhar tímido, como se pressentisse em mim outro inimigo de Fomá Fomitch. — Já vais ver, meu amigo, que homem…

— Não queremos sair do teu poder, não queremos outro — exclamaram de repente os camponeses, todos ao mesmo tempo. — Tu és nosso pai e nós somos teus filhos!

— Dê-me licença, tio — intervim eu. — Ainda não conheço Fomá Fomitch mas… se soubesse as coisas que me contaram dele… Vou dizer-lhe uma coisa: quando vinha para cá encontrei-me com o Senhor Baktchéiev. Aliás, acerca de tudo isto já formei as minhas ideias. Seja como for, tio, despeça agora os camponeses e fiquemos os dois sós para falar sem testemunhas. Quero confessar-lhe que foi para isso que eu vim…

— Está bem, está bem! — exclamou o meu tio. — Bem pensado! Despedimos os camponeses e depois falamos os dois a sós, amigavelmente, cordialmente, discretamente. Bem — acrescentou falando depressa e dirigindo-se aos camponeses — por agora façam o favor de nos deixarem, meus amigos. E daqui por diante, quando precisarem, venham ter sempre comigo, sempre comigo; seja em que ocasião for, dirijam-se sempre primeiro a mim.

— Paizinho! Tu és o nosso pai e nós somos teus filhos! Não nos

entregues a Fomá Fomitch! São os pobres que isso pedem! — clamaram ainda os camponeses.

— Não sejam tolos! Já não lhes disse que não penso cedê-los?

— Porque senão vai pôr-nos tontos com os seus ensinamentos, paizinho. Aos daí de casa já os trantornou a todos…

— Quê? Também vos quer ensinar francês? — exclamei eu quase alarmado.

— Não, paizinho; até agora Deus tem tido piedade de nós — respondeu um dos camponeses que, segundo parecia, era o porta-voz dos outros, grande tagarela, ruivo, com uma enorme calva que lhe vinha até à parte traseira da cabeça, e uma barbicha rala, clara e em forma de cunha, a qual mexia toda quando ele falava, como se estivesse viva. — Não senhor, até agora Deus teve piedade de nós.

— Então que vos anda ele ensinando?

— Coisas que em nosso entender se reduzem a isto: compra um cofrinho de ouro mas dá cá os teus cobres…

— Mas que quer dizer isso de cobres?

— Sieriójka! Tu estás errado! Isso é uma calúnia! — exclamou o meu tio corando e dando mostras de grande excitação. — Eles, os grandes tolos, não compreendem o que ele lhes diz. Ele apenas… A que propósito vem isso dos cobres? E tu fazes mal em precipitar-te a julgar as coisas e em disparatar logo a seguir. — Depois o meu tio olhou ameaçadoramente para o camponês e disse: — Queremos ajudar-te, seu animal, tu não percebes e ainda por cima gritas!

— Desculpe, tio; mas… e isso do francês?

— Ele faz isso unicamente por causa da pronúncia, Sieriójka, unicamente por isso — continuou o meu tio com uma voz um pouco suplicante. — Ele próprio me disse que o fazia unicamente por causa da pronúncia… Acerca disso inventaram uma história estranha… Tu não estás a par, por isso não podes apreciá-la. Meu amigo, primeiro é preciso conhecermos bem os fatos para os podermos julgar… Acusar é

muito fácil.

— Mas eu não os compreendo! — exclamei com veemência, tornando a olhar para os camponeses. — Por que não lhe disseram francamente: “Isso não pode ser assim, Fomá Fomitch, por que isto e mais aquilo?” Não sabem falar?

— Onde está o rato capaz de pôr um guizo na coleira do gato? “Eu, camponês ignorante — disse ele — venho ensinar-te a higiene e a ordem. Por que andas com essa camisa tão suja?” Nós respondemos: “Por estar encharcada de suor, é por isso que não está limpa. Não podemos mudar de camisa todos os dias. A limpeza não ressuscita e a pobreza não mata”.

— Há pouco esteve ele na eira — terminou outro camponês alto e magro, a roupa toda esburacada, umas sandálias velhíssimas e, segundo parecia, daqueles que estão sempre descontentes por qualquer coisa e têm sempre na ponta da língua uma palavrinha mordaz e amarga. Até àquele momento apoiara-se nos ombros dos outros camponeses, escutando em silêncio, com má vontade, e durante todo aquele tempo não lhe desapareceu do rosto um sorrisinho ambíguo, amargo e velado. — Sim, esteve na eira. “Sabem — perguntou-nos ele — quantas verstas são daqui ao Sol?” Mas quem é que pode sabê-lo? Isso da ciência não é conosco mas com os senhores. “Nada disso — respondeu ele. — Vocês são uns broncos, não conhecem a sua utilidade; ao passo que eu — disse — sou astrólogo. Conheço todos os astros que Deus criou.”

— Bem, ele disse-te as verstas que vão da Terra ao Sol? — perguntou o meu tio animando-se de repente e piscando-me um olho, alegremente, como se dissesse: “Vamos ver o que vai sair daqui!”.

— Disse… disse que eram muitas — respondeu sem querer o camponês, que não esperava aquela pergunta.

— Mas quantas é que ele disse… quantas?

— O senhor deve saber melhor do que nós, que somos uns ignorantes.

— Já sei, meu amigo, mas vê se te lembras.

— Muitas, centos ou milhares de verstas, disse ele. Uma enormidade. Carradas de verstas.

— Ora essa! meu amigo! E tu a julgares que daqui ao Sol havia só uma versta, que lhe podias tocar com um dedo! Pois não é assim, meu amigo. Fica sabendo que a Terra é redonda como uma bola… compreendes? — continuou o meu tio colocando as mãos de uma certa maneira, como para formar uma esfera.

O camponês sorriu amargamente.

— Sim, como uma bola. Segura-se no ar, mantém-se sozinha e dá voltas ao redor do Sol. E o Sol não se move, embora te pareça que sim. É curioso, não é verdade? Pois quem descobriu isto foi um tal Capitão Cook, um marinheiro… No entanto, vá-se lá bem saber quem é quem o descobriu — acrescentou o meu tio em voz baixa, dirigindo-se a mim. — Eu, meu amigo, não estou muito a par… E tu sabes qual é a distância da Terra ao Sol?

— Sim, sim, tio — respondi eu contemplando admirado toda aquela cena. — Mas quero dizer-lhe uma coisa: é verdade que a ignorância é como a sarna; mas essa de se pôr a ensinar astronomia aos camponeses…

— Isso mesmo, é uma espécie de sarna! — exclamou o meu tio entusiasmado com a minha comparação, que lhe parecia extraordinariamente justa. — Que bela ideia! Uma verdadeira sarna! Eu sempre disse… isto é, dizer, propriamente… nunca disse, mas pensei muitas vezes. Ouçam, rapazes — acrescentou voltando-se para os camponeses — a ignorância é uma espécie de sarna, uma autêntica porcaria! Por isso Fomá Fomitch os queria instruir. Queria ensinar-lhes coisas úteis, disso não há dúvida. A instrução é uma coisa conveniente para todos, até para os criados. Oh, a ciência! Bem, bem, meus amigos, vão com Deus. Estou tão contente! Não se apoquentem que não penso cedê-los!

— Protege-nos, paizinho!

— Que vivas muitos anos, paizinho!

E os camponeses ajoelharam-se.

— Não, não, levantam-se! Guardem essas reverências para Deus e para o czar e não para mim… Bem, vão-se com Deus, portem-se bem, façam por que gostem de vocês…etc., etc… Sabes — disse depois dirigindo-se para mim quando os camponeses se retiraram, e transtornado de alegria — o camponês gosta de palavras amáveis e também de que lhe deem algum pequeno presente. Que achas? Dou-lhes alguma coisa… para celebrar a tua chegada? Sim ou não?

— Sim, tio, o tio é um Frol Silin, um benfeitor da humanidade, segundo vejo.

— Não, isso não, meu amigo, deixa-te de comparações. É que já há algum tempo eu queria dar-lhes um presente — acrescentou o meu tio a título de explicação. — Mas por que achavas tu graça por querer eu instruir os camponeses? Não, meu amigo, dizia tudo aquilo por estar satisfeito por te tornar a ver, Sieriójka. Simplesmente, queria que o camponês soubesse… a distância que vai daqui ao Sol e ficasse de boca aberta. É engraçado vê-lo quando ele fica assim, como um papalvo… Até parece que estremeço todo por dentro. Mas olha, meu amigo, não digas nada em casa acerca de minha palestra com os camponeses. Escolhi precisamente esse local, por detrás da cavalariça, para que não nos vissem. Não é natural que ele passasse por aí; é uma coisa muito importante e eles próprios se foram embora, muito calados. Olha, fiz isso para bem deles…

— Bem, tio, aqui me tem finalmente — exclamei eu mudando de tema e desejoso de tocar o mais depressa possível no assunto principal. — Confesso-lhe que a sua carta me inquietou de tal maneira que…

— Meu amigo, nem uma palavra a este respeito — atalhou-me ele sobressaltado e baixando até a voz. — Depois, depois falaremos de tudo. Talvez eu seja culpado para contigo, é possível até que muito culpado…

— Culpado para comigo, tio?

— Depois, depois, meu amigo! Depois te explicarei tudo. Mas tu estás um rapagão, meu jovem! A minha vontade era abrir-te o meu coração e dizer-te… a ti, que és culto e a única pessoa com quem conto… além de Koróvkin… Escusado será dizer-te que, aqui, ninguém te pode ver. Por isso procura ser prudente e estar de sobreaviso.

— Não me podem ver? — perguntei olhando assombrado para o meu tio, pois não podia compreender como é que pessoas que nem sequer me conheciam ainda, já me odiavam. — A mim?

— A ti, meu amigo. Que se há de fazer? Fomá Fomitch tem-te um pouco… Bom! E a mãezinha, que vê pelos olhos dele, também. Por isso sê prudente e respeitador; não os contradigas e, sobretudo; tem muito respeito…

— Para com Fomá Fomitch, tio?

— Que se há de fazer, meu amigo? Não penses que estou a defendê-lo. De fato é possível que o homem tenha os seus defeitos, e talvez agora, neste mesmo instante… Ah, meu amigo, Sieriójka, se soubesses como tudo isto me incomoda! E pensar que tudo isto podia arranjar-se e podíamos ser todos muito felizes! Mas, enfim, quem é que não tem defeitos? De fato, ninguém é perfeito!

— Tome cuidado, tio. Veja o que faz…

— Ah, meu amigo! Tudo isto são intrigas, nada mais. Olha, vou dar-te um exemplo: agora anda ele zangado comigo. E sabes qual é o motivo? Talvez, no fundo, eu tivesse culpa. Mas é melhor explicar-te tudo depois…

— Olhe, tio, eu, a respeito desse caso tenho uma ideia especial — interrompi-o, ansioso por expor-lhe meu pensar. Estávamos os dois ansiosos por fazer mútuas confidências. — Em primeiro lugar, ele foi um palhaço, e isto o amargurou, o diminuiu, cortou os seus ideais; e por isso se tornou mau, rancoroso, e sente a ânsia de se vingar do gênero humano… Mas se conseguíssemos reconciliá-lo com a Humanidade, fazer com que voltasse a sua primitiva natureza…

— Isso, isso mesmo! — exclamou o meu tio entusiasmado. — Bem pensado! Ótima ideia! Também seria vergonhoso e vil se nos precipitássemos em condená-lo sem mais nem menos. Isso! Ai, meu amigo, compreendes-me, trouxeste-me uma grande consolação… Talvez se possa ainda arranjar tudo! Olha, queres saber uma coisa? Não me atrevo a aparecer ali. Tu vieste e agora me vão fazer pagar caro a tua chegada.

— Tio, se é assim… — balbuciei eu; atônito, perante aquela declaração.

— Não, não, não! Por nada deste mundo! — exclamou ele pegando-me no braço. — Tu és o meu hóspede, sou eu que o quero! Tudo isto me deixou assombrado.

— O tio vai dizer-me agora mesmo — comecei eu acentuando as palavras — para que desejou que eu viesse. Que espera de mim e por que se sente culpado para comigo?

— Meu amigo, não me perguntes nada! Depois, depois! Depois te explicarei tudo! Pode ser que seja muito culpado para contigo, mas não queria ficar mal nisto e… e… casar-te com ela — acrescentou pondo-se muito vermelho, não sei devido a que sentimento, e apertando-me a mão efusivamente, com violência. — Mas, chega, nem mais uma palavra! Em breve saberás tudo… De ti dependerá… O principal é que te tornes simpático a ele, e lhe causes boa impressão. Sobretudo não o contradigas…

— Mas diga-me uma coisa, tio: que pessoas estão aqui em casa? Eu, na verdade, lhe confesso, tenho tido tão pouca convivência social que…

— E isso preocupa-te agora? — interrompeu-me o meu tio, sorrindo. — Ora! Não te preocupes! O que é preciso é que não percas o ânimo. O principal é ter coragem, não ter medo. Perguntaste-me quem está aqui em casa? Vais ver: em primeiro lugar a minha mãe — começou a dizer-me muito depressa. — Ainda te lembras da mamãe? É uma boa velhinha, tem muito bom coração; muito desinteressada. Um pouco antiga, mas isso só a dignifica. Às vezes enfia certas coisas na cabeça e então… Agora também está zangada comigo; mas

reconheço que tenho a culpa; sim, sei que sou o culpado. Bem, em resumo, é o que se chama *une grande dame*, uma generala, viúva de um homem excelente; era general, e portanto uma pessoa cultíssima; é claro que não deixou bens, mas estava coberto de belas cicatrizes; numa palavra… inspirava respeito. Também temos conosco a menina Pierieplítsina. Bom… ela está… não sei… nestes últimos tempos… arranjou um feitio… Mas não se pode condenar toda gente… Bem, deixemos a menina Pierieplítsina em paz… Não vás julgar que ela seja uma parasita. Olha, meu amigo, o pai dela era tenente-coronel. Ela é a preferida da mamãe, meu caro. Também temos em casa a minha irmã Praskóvia Ilínichna. Bom, desta não há muito a dizer: simples e boa, um pouco introvertida, mas um coração! Tu atendes sempre ao principal, ao coração… É solteira, sabes? Mas esse animal do Baktchéiev, segundo parece, anda a fazer-lhe a corte e tem a intenção de pedir a sua mão. Mas tu, caladinho, que é segredo! Bem, vamos ver quem é que falta nomear. Dos pequenos não é preciso falar; tu próprio os vais ver. Amanhã é o dia do santo de Iliúchka… Vais ver! Ah, esquecia-me: temos também como hóspede, há um mês, Ivan Ivânitch Mizíntchikov, que parece é teu parente em terceiro grau; é isso, em terceiro grau! Pediu a reforma há pouco tempo, servia nos hussardos; ainda é um homem novo. Um coração de ouro! Mas escuta: gastou tanto dinheiro que, para dizer a verdade, não percebo como conseguiu isso! Se bem que ele não tivesse grande coisa, mas apesar disso esbanjou, contraiu dívidas… Agora está aqui como hóspede. Até há pouco mal o conhecia; ele apareceu e se apresentou. Um bom homem, pacífico, digno. Ninguém aqui em casa lhe ouve uma palavra. Está sempre calado. Fomá pôs-lhe a alcunha de “silencioso desconhecido”, e ele, nada, não se aborreceu absolutamente. Fomá está muito contente com ele; simplesmente, diz que não deve ir muito longe. Também Ivan nunca se mete com ele e dá-lhe razão em tudo. Hum… É muito agradável. Bem, Deus o ajude! Hás de vê-lo. Temos também hóspedes da cidade: Páviel Siemiônitch Obnóskin, com a mãe; ele é um rapaz muito inteligente, mas um pouco austero, sabes? Para dizer a verdade, não sei bem caracterizá-lo, mas é de uma moralidade excelente, rígida. Bom, e para terminar temos também Tatiana Ivânovna, a quem julgo que conheces. Também é nossa parenta afastada; não, não a conheces; é uma solteirona, já não é muito nova, é verdade, mas muito simpática, rica, meu amigo, tem dinheiro que

chegava para comprar dois Stiepântchikovos. Recebeu há pouco uma herança; mas até então vivia na maior pobreza. Mas tu, meu amigo, Sieriójka, não a julgues de ânimo leve; é um pouco doente… sabes? Tem um caráter bastante fantasmagórico… Mas tens uma alma nobre e saberás compreendê-la, pois segundo dizem sofreu muito nesta vida. É preciso ter muito tato com as pessoas que sofrem. A princípio não faças suposições. Não há dúvida de que ela tem as suas fraquezas, de que algumas vezes faz umas grandes baralhadas, fala comendo as palavras e não sabe o que quer; não a julgues mentirosa; tudo quanto diz, meu amigo, brota de um coração puro e nobre, e se por acaso diz alguma mentirazinha, isso deve-se unicamente, segundo dizem, à invulgar nobreza da sua alma… Compreendes?

Parecia-me que o meu tio fazia uma terrível confusão.

— Dê-me licença, tio — disse-lhe eu. — Bem sabe como gosto do senhor. Consinta que lhe pergunte francamente: pensa casar com alguma dessas senhoras ou não?

— Quem é que disse isso? — respondeu-me ele corando como uma criança. — Olha, meu amigo, vou-te contar tudo: em primeiro lugar, não caso. A mamãe, e em parte a minha irmã também, e principalmente Fomá Fomitch, pelo qual a mamãe sente veneração… e efetivamente tem motivos para lhe estar agradecida… estão os três empenhados em que eu case com essa Tatiana Ivânovna de que te falei, por certas razões, para bem de toda a família… Não há dúvida de que ela gosta de mim… não o nego; mas nem por isso hei de casar… jurei-o a mim próprio. Mas, apesar de tudo, ainda não me atrevi a dar-lhes resposta; não lhes disse que sim nem que não. A mim, meu amigo, acontece-me sempre a mesma coisa em todas as circunstâncias. Imaginam que estou de acordo com os seus desejos e querem à viva força que eu, amanhã, a pretexto de ser dia de festa familiar, declare as minhas intenções. E eu, meu filho, eu estou… não sei o que fazer… Além disso não sei por que motivo Fomá Fomitch está zangado comigo e a mamãe também. Eu, meu amigo, confesso que estava apenas à espera de vocês, de ti e de Koróvkin… para os convencer, como se diz…

— Mas, tio, em que pode valer-lhe esse Koróvkin de que fala?

— Pode, meu amigo, pode. Se visses o gênero de homem que é… Só te digo que é um homem de ciência. Confio nele cegamente. É ouvi-lo falar das delícias da família! Eu, confesso, também confio em ti. Estou convencido de que lhes farás ver as coisas. Bem. Suponhamos que eu sou culpado… verdadeiramente culpado; compreendo tudo, não sou insensível. Mas nesse caso podiam perdoar-me. E como poderíamos viver então! Ai, meu amigo, como está crescida a minha Sáchenhka! Já podia casar! E o meu Iliúchka também está muito desenvolvido! Amanhã é o dia do seu santo. De Sáchenhka é que tenho medo… Tem um temperamento muito vivo…

— Tio, onde está a minha mala? Vou mudar de roupa e volto já…

— No quarto dos hóspedes, meu amigo, lá em cima. Eu já tinha mandado que, quando chegasses, te levassem para esse quarto lá de cima, para que não te vissem. Isso mesmo, isso mesmo, vai mudar de roupa! Muito bem, muito bem, muitíssimo bem! Eu, entretanto, vou prepará-los. Anda, vai com Deus! E já sabes, meu amigo, silêncio! Quer queiras quer não, tens de ser um Talleyrand. Pronto, chega! Eles devem estar lá embaixo tomando chá. Fomá Fomitch gosta de tomá-lo quando acaba de dormir a sesta já sabes; sim, é melhor… Bem, eu vou até lá e não demores a aparecer, não me deixes muito tempo sozinho; sinto-me um pouco constrangido quando estou com eles. Bem, adeus! Olha, espera, quero pedir-te uma coisa: não tornes a fazer-me censuras como aquelas de há pouco, ouviste? É preferível, se tiveres qualquer coisa para me dizer, que a deixes para depois, para quando estivermos sozinhos, e até lá vai suportando tudo com paciência. Eu, por causa disso, já vês, deitei tudo a perder. Estão todos zangados comigo…

— Desculpe tio, mas de tudo quanto tive ocasião de ouvir e de ver, concluí que…

— Que sou um covarde, não? Vamos, pode dizer com toda a franqueza — atalhou-me, de um modo completamente inesperado. — Que se há de fazer, meu amigo! Não julgues que não o sei. Mas agora aqui estás. Vai, despacha-te depressa e volta logo em seguida.

Assim que cheguei lá em cima abri a mala às pressas e tirei a roupa necessária, seguindo as recomendações do meu tio, para não me

demorar. Depois de mudar de roupa apercebi-me de que ainda não sabia nada do que desejava, apesar de ter conversado com o meu tio uma hora bem puxada. Isto desconcertava-me. Apenas uma coisa para mim estava bem clara: meu tio continuava ainda empenhado em que eu me casasse, e portanto eram infundadas todas as afirmações em contrário, no tocante a estar meu tio apaixonado pela tal moça. Lembro-me de que, no entanto, me sentia muito agitado. Entre outras coisas veio-me à ideia de que, eu, com a minha chegada e o meu silêncio perante o meu tio, quase havia feito uma promessa, dando-lhe a minha palavra e comprometendo-me para sempre. "Como é fácil — pensava eu — pronunciar uma palavra que depois há de prender-nos para sempre, de pés e mãos! E isto sem ter sequer visto a noiva." E depois prossegui nos meus pensamentos: "A que se deverá essa embirração que toda a família tem por mim? Por que motivo todos hão de julgar-se obrigados a não ver com bons olhos, como diz o meu tio, a minha vaidade? E que papel estranho faz ele na sua própria casa! Por que anda com todos estes segredinhos e estes sustos?". Confesso que tudo isto me parecia completamente absurdo; os meus sonhos românticos e heroicos desvaneciam-se ao. primeiro contacto com a realidade. Ainda conservava nos ouvidos aquela primeira conversa com o meu tio e já a sua proposta me parecia estranha e extravagante, e compreendia que ela, nas circunstâncias presentes, apenas podia convir a ele. E compreendia também que praticara um disparate ao aceder assim, sem mais nem menos, à sua proposta, com aquele entusiasmo. Vesti-me às pressas, cheio de dúvidas inquietantes, e tão distraído estava que nem reparei no criado que me ajudava com tanta solicitude.

— O senhor põe esta gravata de cor adelaidina, ou prefere esta de quadradinhos? — perguntou-me de repente o criado com uma submissão fastidiosa.

Olhei para ele e pareceu-me digno de observação. Era um indivíduo novo ainda, muito bem vestido para peralta de cidade: fraque cor de canela, calças brancas, colete cor de palha, sapatos de verniz e uma pequena gravata cor-de-rosa; tudo isto, indubitavelmente, escolhido com certa intenção. Tudo chamava imediatamente a atenção, fazendo pensar no bom gosto do rapaz.

Também com o mesmo fim pusera bem à vista a corrente do relógio. O rosto era pálido e um tanto esverdeado; o nariz grande, curvo, fino, extraordinariamente branco, de uma brancura de porcelana. O sorriso dos lábios finos, embora muito delicado, revelava um certo tédio. Os olhos grandes, vivos, pareciam de vidro e olhavam com uma parvoíce pouco vulgar; no entanto deixavam também transparecer certa delicadeza. Nas orelhas, finas e macias, trazia, também por delicadeza, uma pequena bola de algodão. Os cabelos, de um louro esbranquiçado, compridos e escassos, usava-os frisados e untados de brilhantina. Tinha as mãos pálidas, pequeninas e como que ungidas com água de rosas; os dedos terminavam em unhas compridas e rosadas, muito cuidadas. Em suma: todo ele revelava finura e vaidade. Tanta era a sua distinção, que ciciava, em vez de pronunciar, o *erre*; baixava e levantava a vista, suspirava e cansava-se de maneira inacreditável. Exalava um cheiro a perfume. Era baixo, fraco, com um ar gasto, e, quando andava, as pernas fraquejavam-lhe, como se a cada passo tivesse vontade de sentar-se, o que sem dúvida se lhe afigurava o cúmulo da distinção. Numa palavra: era o representante máximo da distinção, da finura, e possuía o mais requintado sentimento da dignidade própria. Esta última circunstância, não sei por que, me pareceu antipática, não foi de maneira nenhuma do meu agrado.

— Então esta gravata é de cor adelaidina? — perguntei-lhe eu olhando-o fixamente.

— Sim, senhor, adelaidina — respondeu-me com muita delicadeza.

— E não há alguma de cor agrafenina?

— Não, não senhor. Isso não é possível.

— Por quê?

— Porque o nome de Agrafiena não tem nada de distinto.

— Não? Por quê?

— Não posso lhe dizer. Adelaide, pelo menos é um nome estrangeiro, nobre; ao passo que Agrafiena é o nome de qualquer

mulherzinha.

— Mas estás em teu perfeito juízo?

— Estou, sim, senhor. O senhor pode pensar de mim o que quiser; mas muitos generais e não poucas senhoras se têm sempre sentido muito satisfeitos com o meu convívio.

— Está bem. Como te chamas?

— Vidopliássov.

— Ah! Então és o Vidopliássov?

— Sou sim, senhor.

— Então, tem paciência, meu amigo, que hei de ficar a conhecer-te melhor.

"Mas isto parece-me uma casa de loucos", disse eu para comigo enquanto descia as escadas.

## Capítulo IV / A hora do chá

A saleta do chá era aquele compartimento que dava para o terraço, onde ao chegar me encontrei com Gavrila. Aquela advertência cautelosa de meu tio sobre a antipatia com que eu ia ser recebido enchera-me de inquietação. A juventude, às vezes, costuma transbordar de amor-próprio; mas o amor-próprio juvenil é quase sempre pusilânime. E por isto senti extraordinária contrariedade quando, ao assomar à entrada da saleta e ao ver ali reunidas, em volta da mesa do chá, tantas pessoas, me sucedeu tropeçar no tapete, e embora não caísse fui de roldão parar ao centro da sala. Fiquei tão perturbado como se por um instante me sentisse em riscos de perder a própria carreira, a honra e o bom nome, e fiquei ali parado, sem me mexer, vermelho como um tomate, olhando estupidamente para toda gente. Lembro-me muito bem desse acidente, aliás, vulgar, mas de grande influência sobre o meu estado de espírito durante quase todo aquele dia e, por consequência, nas minhas relações com algumas das

personagens da minha história. Esbocei um cumprimento a todos os presentes, cumprimento que não acabei e, pondo-me ainda mais corado, dirigi-me ao meu tio e peguei-lhe na mão.

— Boa tarde, tio — disse-lhe eu ofegante e, embora pretendesse dizer qualquer coisa diferente, mais oportuna, nada me ocorreu e larguei de repente, inesperadamente, aquele boa-tarde.

— Boa tarde, meu amigo — respondeu o meu tio muito preocupado comigo. — Como vês, estamos todos bem. Mas não te atrapalhes, homem — disse em voz baixa. — Isso acontece a qualquer pessoa. Embora saiba muito bem que num caso desses uma pessoa chegue quase a desejar que a terra o engula… Mamãe, deixa-me apresentar-te o nosso rapaz; é um pouco envergonhado, mas certamente que vais gostar dele. O meu sobrinho Sierguiéi Alieksándrovitch — acrescentou, dirigindo-se a todos em geral.

Mas antes de prosseguir na minha narrativa, querido leitor, permite-me que te apresente uma por uma todas aquelas personagens, entre as quais me sucedeu encontrar-me tão de repente. É necessário para a boa compreensão da minha história.

Compunha-se a assistência de algumas senhoras e apenas de dois homens, além de mim e do meu tio. Fomá Fomitch — que tanto desejava conhecer, e que — naquele mesmo instante o percebi — era o dono onipotente de toda a casa — não estava presente. Brilhava pela sua ausência e parecia ter levado consigo toda a luz do aposento. Estavam todos murchos e tristes. Era impossível não reparar nisto logo ao primeiro olhar; apesar de não me achar nem muito sereno nem muito lúcido naquele momento, pude observar muito bem que o meu tio, por exemplo, embora não tão excitado como eu, recorria no entanto a todas as suas energias para ocultar a sua inquietação sob uma aparência de despreocupação. Mas parecia ter uma pedra sobre o coração. Um dos homens que se encontravam na saleta era um rapaz de uns vinte e cinco anos, precisamente aquele Obnóskin do qual pouco antes o meu tio me falara, gabando a sua inteligência e a sua moralidade. Achei esse indivíduo sumamente antipático; todo ele emanava um *chic* de mau gosto; a roupa, embora na moda, um pouco gasta e pobre, e o rosto aparentava também qualquer coisa de gasto. O

bigode, de um louro claro e pouco espesso, e a barbicha descuidada, deviam querer revelar um homem de caráter independente e talvez um livre-pensador. Continuamente fazia caretas; sorria com malícia fingida; balançava-se na cadeira e revistava-me minuciosamente com as lunetas. Quando eu me dirigia a ele, tirava-as imediatamente, como se não se atrevesse a olhar-me de frente.

O outro homem, também novo, de uns vinte e oito anos, era aquele meu parente afastado, que se chamava Mizíntchikov. Efetivamente era muito taciturno. Durante todo o tempo do chá não disse uma só palavra, nem sorriu quando as pessoas sorriam. Não vi nele o menor indício daquela timidez de que falara meu tio; pelo contrário, os olhares dos seus olhos verdes exprimiam resolução e um caráter muito pessoal. Mizíntchikov era moreno, de cabelo preto, bem parecido; vestia com muita distinção, mas à custa do meu tio, como mais tarde vim a saber. De entre as senhoras, a que mais chamou a minha atenção foi a menina Pieriepelítsina, por causa do seu rosto extraordinariamente feio e descolorido. Estava sentada junto da generala, da qual falaremos depois; não com a cadeira ao mesmo nível da outra, mas um pouco afastada para trás, em sinal de respeito; inclinava-se a todo momento e murmurava qualquer coisa ao ouvido da sua protetora. Outras três senhoras, velhas, parasitas da dona da casa, sentavam-se em fila junto de uma janela, caladas, esperando o chá com muita dignidade e sem tirarem os olhos da generala. Chocou-me também imediatamente uma senhora gorda, literalmente inchada, de uns cinquenta anos, vestida com péssimo gosto, toda cheia de enfeites e quase sem dentes, em vez dos quais se viam as raízes negras e apodrecidas, o que não a impedia de escancarar a boca, falar aos gritos e fazer até olhinhos para os homens e coquetear. Ostentava como adorno muitas pulseirinhas e, da mesma maneira que *Monsieur* Obnóskin, não fazia outra coisa senão assestar sobre mim as lunetas. Era a mãe deste. A tranquila Praskóvia Ilínichna, minha tia, ia servindo o chá. Esta, via-se bem, de boa vontade teria corrido a abraçar-me e a beijar-me, e teria até derramado algumas lágrimas ao ver-me depois de tão longa ausência; mas, naturalmente, não se atrevia a fazê-lo. Pareciam todos inibidos. Junto dela sentava-se uma linda jovem, dos seus quinze anos, olhos pretos, os quais não tirava de cima de mim, tomada de uma curiosidade infantil; era a minha prima

Sacha. Finalmente os meus olhos pousaram na mais interessante talvez de todas aquelas personagens, uma senhora muito esquisita, luxuosamente vestida e como uma garota, embora estivesse já muito longe daquela condição, pois devia pelo menos contar uns trinta e cinco anos. Rosto pálido, magro e seco, mas de grande vivacidade de expressão. Ondas de rubor subiam a todos os instantes às suas faces pálidas, quase a cada um dos seus gestos, a cada excitação do seu espírito. Agitava-se constantemente, balouçava-se como se não pudesse dominar-se e estar uns minutos sossegada. Olhava para mim com uma curiosidade ávida; inclinava-se a todos os momentos para dizer qualquer coisa ao ouvido de minha prima Sáchenhka ou a outro vizinho de cadeira, e a seguir punha-se a sorrir da maneira mais ingênua e pueril. Todas essas suas singularidades, com grande assombro da minha parte, passavam completamente despercebidas aos demais, como se previamente se tivessem posto de acordo. Adivinhei que era Tatiana Ivânovna, a qual, segundo a expressão do meu tio, era um pouco fantasmagórica, e com a qual o davam por comprometido em casamento, e à qual todos naquela casa rendiam homenagem por causa da sua riqueza. Agradaram-me muito os seus olhos doces e azuis, e embora já cercados de rugas, havia tal candura na sua expressão, tanta bondade e tanta alegria que era um prazer encontrar o seu olhar. Desta Tatiana Ivânovna, uma das principais heroínas da minha história, falarei mais pormenorizadamente; a sua biografia é interessante. Cinco minutos depois do meu aparecimento na sala de chá, chegou do jardim um bonito rapaz. Era o meu primo Iliúchka, que celebrava o seu santo no dia seguinte, e trazia os bolsos cheios de bolos e um pião nas mãos. Atrás dele entrou uma garota já crescida, um pouco pálida e cansada, mas bonita. Lançou a todos um olhar curioso, desconfiado e até arredio, pousou ligeiramente os olhos em mim e foi sentar-se ao lado de Tatiana Ivânovna. Lembro-me que o meu coração se sobressaltou, pois adivinhei que ela era a tal preceptora. Recordo-me também de que o meu tio, quando a viu entrar, lançou-me um rápido olhar e corou muito, depois do que se inclinou de repente, levantou Iliúchka ao ar e o trouxe até mim para que eu lhe desse um beijo. Reparei também que *Madame* Obnóskina, a princípio olhou levemente para o tio, e depois, com um sorriso característico, fixou as lunetas sobre a preceptora. O meu tio ficou muito perturbado e, não sabendo o que fazer, chamou Sáchenhka para

me apresentar; a menina levantou-se em silêncio e, com muita gravidade e solenidade, fez-me uma grande reverência. Isso desvaneceu-me, pela sua espontaneidade. Nesse mesmo instante, a minha boa tia Praskóvia Ilínichna, sem poder reprimir-se mais, deixou de servir o chá, correu para mim e pôs-se a falar comigo. Mal tivera tempo de dizer-lhe duas palavras, quando se ouviu a voz guinchona da menina Pieriepelítsina, gritando que, "pelo visto, Praskóvia Ilínichna se tinha esquecido da mamãe (a generala); a mamãe pedia o chá, ela não lhe servia e estavam à espera"; Praskóvia Ilínichna afastou-se de mim e, com a maior diligência, começou de novo a cumprir a sua obrigação. A feliz generala, a pessoa mais importante de toda aquela reunião, e a cuja voz todos obedeciam, era uma velhinha magra, que vestia luto rigoroso, de aspecto maldoso, sobretudo por causa da idade e por ter perdido as suas últimas faculdades mentais (que nunca foram muitas), pois noutros tempos fora bondosa. O generalato tornara-a mais estúpida e presunçosa. Quando de mau humor; a casa tornava-se um inferno. De duas maneiras manifestava seu mau humor; a primeira era a do silêncio, e então por dias inteiros não abria a boca, conservando um silêncio teimoso, batendo com o pé em tudo quanto encontrava pela frente e atirando-o propositadamente ao chão. A outra maneira era completamente diferente, era eloquente. Costumava pôr-se, a minha avó — pois era minha tia-avó — extraordinariamente triste, à espera do fim do mundo, de todos os seus bens e da família, estado em que profetizava pobreza e todas as desgraças imagináveis. Entusiasmava-se com os seus vaticínios; punha-se a contar pelos dedos as calamidades futuras e parecia sentir um estranho entusiasmo e fúria na sua descrição. Dizia que havia muito previra tudo isso, mas se conservava calada, pois "naquela casa" não se podia falar. Mas que se lhe guardasse o devido respeito, se ao menos lhe prestassem ouvidos, seria outra coisa, e mais isto e mais aquilo, com o que imediatamente concordava toda a sua corte de parasitas, a senhora Pieriepelítsina e, por fim, era solenemente confirmado por Fomá Fomitch. No momento em que cheguei, estava terrivelmente rabugenta e, segundo parecia, da primeira maneira, a silenciosa, a mais estranha. Todos olhavam para ela, inquietos. Apenas Tatiana Ivânovna, que não ligava importância nenhuma a tudo aquilo, se mostrava numa excelente disposição de espírito. O meu tio levou-me até junto da anciã, numa atitude especial, até com certa solenidade; mas esta, fazendo uma

careta de desagrado, afastou maldosamente a chávena.

— Quem é este *vol… tigeur*?[4] — murmurou por entre dentes e, erguendo-se, voltou-se para a senhora Pieriepelítsina.

Aquela pergunta estúpida deixou-me intrigado. Não conseguia perceber por que havia ela de chamar-me *voltigeur*. Mas essas saídas eram vulgares nela. A Pieriepelítsina inclinou-se e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido; mas a velha moveu os braços maldosamente. Eu estava de boca aberta e olhava interrogativamente para o meu tio. Todos tinham os olhos fixos em mim e Obnóskin mostrava os dentes, o que não me agradava nada.

— Olha, meu amigo, às vezes, não sabe o que diz — murmurou-me o meu tio ao ouvido, também desconcertado. — Isto não tem importância, ela é assim, mas tem um coração excelente. Deves atender ao principal, ao coração!

— Isso, ao coração, ao coração! — clamou inesperadamente a voz guinchona de Tatiana Ivânovna, que enquanto tudo isto se passava não tirava os olhos de cima de mim e não sossegava no lugar. Naturalmente, a palavra "coração", que o meu tio pronunciara em voz baixa, chegara aos seus ouvidos.

Não continuou, embora se percebesse que desejava acrescentar algo. Ou porque se tivesse atrapalhado, ou por outra coisa qualquer, o certo é que se calou de repente, corou muito, olhou rapidamente para a preceptora, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido e, de súbito, recostou-se no espaldar da cadeira e desatou a rir às gargalhadas, como atacada de histerismo agudo. Eu olhava para todos com grande inquietação; mas com grande surpresa minha pude ver todos muito tranquilos e como se nada de particular tivesse acontecido. Compreendi imediatamente quem era Tatiana Ivânovna. Finalmente serviram-me o chá e fiquei um pouco mais refeito. Não sei por que, de repente ocorreu-me a ideia de entabular uma conversa muito amável com as senhoras.

— O tio tem razão — comecei — em dizer-me que qualquer pessoa pode atrapalhar-se. Confesso-lhe francamente… — para que dissimulá-lo? — e dirigi um sorriso amável a *Madame* Obnóskina —

que, até hoje, mantive pouca convivência com senhoras; por isso quando há pouco tive essa entrada tão pouco elegante, pareceu-me que a minha atitude no meio da sala era ridícula e fazia lembrar *O saco do mendigo*. Não é verdade? Leram *O saco do mendigo*? — concluí e, atrapalhando-me cada vez mais e corando, por causa daquela sedutora franqueza, voltei-me para olhar para *Monsieur* Obnóskin, que mostrava de novo os dentes e me passava revista com os olhos, dos pés à cabeça.

— É verdade! É verdade! É verdade! — exclamou logo o meu tio com extraordinária animação e muito contente de que pelo menos se tivesse entabulado um diálogo e eu me refizesse da minha timidez. — Realmente, meu amigo; o que dizes da atrapalhação, não tem nada de extraordinário! Atrapalhar-se e perder a cabeça… Olha, eu, no meu *début* até disse uma mentira, não acreditas? Não, pelo amor de Deus, Anfissa Pietróvna, olhe que é uma coisa digna de ouvir-se! Quando saí tenente, mandaram-me para Moscou e fui então visitar uma senhora de alto coturno, para a qual me entregaram uma carta de apresentação. Não há dúvida de que era uma senhora muito orgulhosa, mas no fundo muito bondosa, excelente pessoa, numa palavra. Bem. Pois eu vou a sua casa… e mandam-me entrar. A sala de visitas estava cheia de pessoas importantes. Faço uma reverência e sento-me. Passado um momento a senhora pergunta-me: "Então, paizinho, tu também tens terras?". Devo dizer que eu, naquela altura, não tinha nem uma galinha… mas que havia de responder? Fiquei completamente desorientado. Todos olhavam para mim (puf, um tenentezinho!). Ora bem, por que não havia eu de confessar: "Não, senhora, não tenho"? Dizer a verdade é que teria sido proceder com nobreza. E no entanto não tive coragem. "Sim, tenho — respondi eu — cento e setenta almas." Por que teria eu dito precisamente cento e setenta? Já que mentia, podia arredondar a conta… não é verdade? Um momento depois, pela minha carta de apresentação viria ela a saber que eu era um pobretão e também um mentiroso. Mas que se havia de fazer? Ora, o que eu fiz: sair dali de orelha murcha e não voltar nunca mais na minha vida. Eu, nessa época, não possuía absolutamente nada. E ainda agora, tudo quanto tenho se reduz a trezentas almas que herdei de meu tio Afanássi Matviéievitch, mais as duzentas almas de Kapitónovka, herdadas antes de minha avó Akulina

Panfílovna; ao todo umas quinhentas, pouco mais ou menos. E é tudo! Mas a partir de então jurei a mim mesmo nunca mais mentir e não minto.

— Bom, eu, no seu caso, não teria jurado nada. Sabe-se lá o que pode acontecer! — observou Obnóskin sorrindo ironicamente.

Obnóskin pôs-se a rir alto, refestelando-se no espaldar da cadeira; a sua mamãe sorriu; a menina Pieriepelítsina guinchou de um modo particularmente desagradável; Tatiana Ivânovna desatou também às gargalhadas, sem saber por que, e até bateu palmas, de tão divertida… Numa palavra, eu tive assim oportunidade de ver claramente a consideração que ali manifestavam por meu tio. Sáchenhka, piscando maliciosamente os olhos, fixou-os com hostilidade sobre Obnóskin. A preceptora corou e pôs os olhos no chão. Meu tio parecia assombrado.

— Mas que é isto? Que aconteceu? — repetia e olhava para todos, atônito.

Enquanto tudo isto se passava, o meu parente Mizíntchikov permanecia sentado, um pouco à parte, calado e tranquilo, e nem sequer riu quando todos riram. Bebia o seu chá, saboreando-o; olhava filosoficamente para os presentes e, às vezes, como se estivesse prestes a sofrer um intolerável ataque de aborrecimento, espetava os lábios e punha-se a assobiar baixinho, naturalmente obedecendo a um antigo costume. Não tardou a moderar-se. Obnóskin, que se divertia à custa do meu tio e queria fazer o mesmo comigo, parecia não se atrever a olhar para Mizíntchikov, conforme observei. Reparei também que o meu tristonho parente olhava de quando em quando, de soslaio, para mim, e com visível curiosidade, como se procurasse adivinhar quem era eu.

— Estou convencida — exclamou de repente *Madame* Obnóskina — estou absolutamente convencida, *Monsieur* Serge — é assim que se chama não é verdade? — que no seu Petersburgo não foi muito devoto das senhoras. Eu sei que agora há lá muitos, mesmo muitos rapazes, que fogem do convívio das senhoras. Cá para mim acho que são todos livre-pensadores. Só dessa maneira, isto é, como um ato de livre-pensamento, consigo explicar essa atitude. E confesso-lhe que isto me

espanta, espanta-me simplesmente!

— Nunca frequentei a alta sociedade — respondi com uma veemência desacostumada. — Mas isso… eu, pelo menos… penso… Eu vivia, isto é, geralmente alugava um quarto… mas, apesar de tudo, estou de acordo com a senhora. Depois arranjarei amizades. Até agora nunca saí de casa…

— Consagrava-se às ciências — observou o meu tio muito vaidoso.

— Ah, tio! Lá vem o senhor com as ciências! Imagine — exclamei com grande amabilidade e o sorriso nos lábios, dirigindo-me outra vez à Senhora Obnóskina. — O meu tio é a tal ponto devoto da ciência que até descobriu, não sei onde, em plena estrada, um admirável filósofo prático chamado Korórvkin. As primeiras palavras que hoje me dirigiu, depois de alguns anos de ausência, foi que esperava esse mago fenomenal com uma impaciência que posso qualificar de convulsiva… por amor da ciência, já se vê…

Pus-me a rir, esperando provocar o riso geral, como glorificação da minha sutileza.

— A quem se refere? Que nome disse? — perguntou secamente a generala dirigindo-se à Pieriepelítsina.

— Um dos hóspedes de Iegor Ilhitch, que são sempre pessoas cultas — respondeu com perverso deleite a solteirona.

O meu tio estava estupefato.

— Ah, sim! Tinha-me esquecido! — exclamou dirigindo-me olhares carregados de censuras. — Estou à espera de Korórvkin. É um homem de ciência, um homem que há de sobreviver ao nosso século…

Interrompeu-se e ficou silencioso. A generala mexeu as mãos, e desta vez num gesto de desdém tão ostensivo que deu um empurrão na chávena de chá a qual caiu ao chão e se fez em cacos. Houve um reboliço geral.

— Quando está de mau humor pega sempre em qualquer coisa e

atira-a ao chão — disse-me em voz baixa o meu tio, desconcertado. — Mas isso é só quando está zangada… Meu amigo, não repares, não olhes, desvia a atenção para outra coisa… Mas que ideia foi essa de mencionares Koróvkin?

Mas eu, sem necessidade dessa advertência, desviara a vista e nesse preciso instante os meus olhos encontraram os da preceptora. Pareceu-me que no olhar dela havia uma espécie de censura e até um pouco de desprezo. O rubor da irritação afogueava-lhe as faces pálidas, Compreendi o seu olhar e adivinhei que, com o meu odioso e estúpido intento de meter meu tio a ridículo, a fim de fazer esquecer um pouco o meu próprio aspecto grotesco, não granjeara a simpatia daquela moça. É impossível dizer até que ponto me senti envergonhado por causa disto!

— Gostaria de falar com o senhor a respeito de Petersburgo — começou de novo Anfissa Pietróvna, logo que passou o reboliço provocado pela queda da chávena. — Recordo-me com tanto deleite, posso mesmo dizer assim, da nossa vida nessa cidade encantadora… Não é verdade, Pol? O general Polovítsin… Ah, e que mulher encantadora, en-can-ta-do-ra era a generala! Aquilo é que era aristocracia, o *beau monde*! Diga-me: conhecia-a, por acaso? Eu, confesso-o, esperava-o com impaciência, esperava saber por seu intermédio muitas coisas dos nossos amigos de Petersburgo…

— Tenho muita pena de não poder… Mas imagine … Já lhe disse que raramente aparecia nos salões. Por isso nem sequer conheço de vista o general Polovítsin, nem sequer a ouvi mencionar até agora — respondi com impaciência, trocando de repente, a minha amabilidade anterior por um estado de alma altamente irritável e esquivo.

— Dedica-se à mineralogia! — exclamou, muito ufano, o meu incorrigível tio. — Isso da mineralogia consiste em colecionar pedrinhas de todos os gêneros, não é, rapaz?

— Sim, tio, trata de pedregulhos…

— Hum! Há tantas ciências e todas tão úteis! Olha para te dizer a verdade, rapaz, eu não sabia ao certo o que fosse essa famosa mineralogia! Em outros assuntos, melhor ou pior, cá me arranjo; mas

em questões de ciências, não percebo patavina… Confesso-o francamente!

— Que é que confessa francamente? — repisou Obnóskin com um sorrisinho.

— Paizinho! — exclamou Sáchenhka, dirigindo a seu pai um olhar de censura.

— Que é, meu amor? Ai, meu Deus, estou sempre a interrompê-la, Anfissa Pietróvna! — lamentou o meu tio, que não compreendera o significado do olhar de sua filha. — Desculpe-me, pelo amor de Deus!

— Oh, não se incomode — respondeu-lhe Anfissa Pietróvna com um sorrisinho agridoce. — Aliás eu já disse tudo quanto tinha a dizer ao seu sobrinho, e para conclusão acrescentarei apenas, *Monsieur* Serge, é o seu nome, não é verdade? que é absolutamente necessário que se emende daqui para diante. Eu acho que a ciência, a arte… a cultura, por exemplo… numa palavra, todas essas ideias elevadas, possuem, por assim dizer, as suas qualidades se-du-to-ras, mas nunca poderão substituir as senhoras… As mulheres, as mulheres, rapaz, é que hão de ajudá-lo a fazer-se, e sem elas não é possível caminhar para a frente. É impossível, impossível!

— Impossível, impossível — exclamou outra vez a voz um tanto guinchona de Tatiana Ivânovna. — Desculpe — começou com precipitação infantil e, é claro, fazendo-se muito vermelha — permita-me, queria perguntar-lhe uma coisa…

— Faça favor de dizer — respondi, olhando-a atentamente.

— Queria perguntar-lhe uma coisa: tenciona demorar-se aqui muito tempo?

— Não sei, depende do ponto em que estiver o caso…

— O caso! Mas que caso é esse? Oh… louco…

E Tatiana Ivânovna, corando até mais não poder, cobriu o rosto purpúreo com o leque, inclinou-se para a preceptora e começou a murmurar qualquer coisa ao seu ouvido.

— Esteja sossegada, esteja sossegada! — exclamou depois, afastando-se da sua confidente e encarando rapidamente comigo, como se receasse pudesse escapar-lhe das mãos. — Com licença: sabe o que eu lhe digo? É que o senhor é parecido com um rapaz jei-to-sís-si-mo! Sáchenhka, Nástienhka, vocês se lembram? Parece-se terrivelmente com esse doido… Lembras-te Sáchenhka? Esse que nós encontramos no passeio… a cavalo e com um colete branco… Esse que me fita com as lunetas, de um modo tão descarado! Lembram-se? Eu rasguei o véu, perdi a paciência e, inclinando-me para o coche, gritei-lhe: "Insolente!" e depois atirei para a estrada o meu ramo de flores… Não te lembras, Nástienhka?

E a solteirona, muito agitada, cobriu o rosto com as mãos; depois, de repente, levantou-se do seu lugar, foi até à janela, tirou uma rosa de um vaso e atirou-a aos meus pés, e a seguir abandonou a sala com precipitação. Isto passou-se num abrir e fechar de olhos. Produziu-se certo reboliço, mas dessa vez a generala permaneceu no seu lugar completamente tranquila. Anfissa Pietróvna, por exemplo, também não deu mostras de assombro, mas, pelo contrário, ficou até muito despreocupada e olhou com certa tristeza para o filho. As outras senhoras ruborizaram-se, e Páviel Obnóskin, com um aborrecimento para mim incompreensível, levantou-se do seu lugar e dirigiu-se para a janela. O meu tio começou a me fazer sinais, mas naquele instante apareceu na sala outra personagem sobre a qual se concentrou a atenção geral.

— Ah, até que enfim aparece Ievgraf Lariônitch! Acorreu à minha chamada! — exclamou o meu tio com indescritível júbilo. — Que nos trazes da cidade, meu amigo?

"Que bicho raro! Parece que os juntou aqui todos de propósito!", pensei comigo sem no entanto me compenetrar bem de tudo quanto acontecera diante dos meus olhos e sem também me demorar a pensar no caso; eu, pelo visto, tinha vindo enriquecer a coleção daqueles tipos estranhos, rivalizando com eles.

## Capítulo V / Ietchóvkin

Entrou na sala, ou para melhor dizer, infiltrou-se (apesar de as portas serem bem largas), uma insignificante figura que logo na entrada começou a fazer salamaleques e a rir, mostrando os dentes e olhando para todos com uma curiosidade extraordinária. Era um velhinho pequenino, picado de bexigas, com uns olhos penetrantes e astutos, quase completamente calvo e com um sorrisinho ambíguo e sutil nos lábios grossíssimos. Trazia fraque, um fraque muito usado e que parecia ter sido feito para outra pessoa. Um dos botões estava apenas preso por um fio, e outros dois ou três tinham desaparecido. Sapatos escalavrados e um gorro engordurado completavam o resto da sua indumentária; Trazia na mão um lenço de lã, de quadrados, já muito gasto pelo uso, e com o qual enxugava o suor da testa e das fontes. Reparei que a preceptora corou um pouco e me dirigiu um olhar penetrante. Pareceu-me que nesse olhar havia qualquer coisa de orgulhoso e de ameaçador.

— Vim diretamente da cidade até aqui, meu protetor! Direitinho da cidade! Já lhe conto tudo, mas primeiro deixe-me apresentar-lhe os meus respeitos — disse o velho enquanto ia entrando e depois dirigiu-se em primeiro lugar à generala, mas a meio caminho deteve-se e tornou a dirigir-se ao meu tio.

— O senhor já conhece a nota principal do meu caráter, meu protetor. Sou um patife, um verdadeiro patife! Repare como eu, assim que entro, vou logo procurar a pessoa mais importante da casa, me dirijo a ela, para assim granjear de início a sua benevolência e proteção. Sou um malandro, paizinho, um autêntico malandro, meu protetor! Peço licença, mãezinha, minha senhora, Excelência, para beijar a fímbria do seu vestido, pois os meus lábios manchariam a sua mãozinha preciosa, a sua excelentíssima destra!

A generala, com grande assombro meu, estendeu-lhe a mão e com bastante deferência.

— E à senhora também, minha beldade, tenho a honra de cumprimentá-la — continuou, encarando com a menina Pieriepelítsina. — Que se há de fazer, menina, eu sou um fanfarrão! Já em 1841 ficou decidido que eu devia ser um fanfarrão quando me eliminaram do serviço e deram a Valentim Ignátievitch Tíkhontsev o

título de Excelência. Deram-lhe uma assessoria, fizeram-no assessor, e a mim fizeram-me patife. Eu sou de tal qualidade que até declaro isso. Que se há de fazer! Tentei viver honradamente, lá isso tentei, sim senhor; mas agora tenho de fazer as coisas de outra maneira. Alieksandra Iegórovna, minha flor — continuou, dando volta à mesa e aproximando-se de Sáchenhka — dê-me licença que lhe beije a fímbria do vestido; você cheira a maçã e a tudo que é delicado. Ao nosso menino, que celebra amanhã o seu santo, hei de trazer-lhe um arco e uma flecha, que estive fazendo esta manhã, ajudado pelos meus garotos. Qualquer dia será capaz de dispará-lo. Mas antes disso terá de crescer, fazer-se um militar e cortar uma cabeça de turco… Tatiana Ivânovna… ah, se não estivesse aqui a nossa protetora também lhe beijaria a orla do vestido. Praskóvia Ilínichna, mãezinha nossa: não posso aproximar-me da senhora, pois se não fosse isso, não só lhe beijaria as mãos como até os pés… Tal qual! Anfissa Pietróvna, apresento-lhe os meus respeitos. Ainda hoje rezei a Deus pela senhora, protetora nossa. De joelhos e com lágrimas nos olhos, pedi a Deus pela senhora e pelo senhor seu filho, para que lhe conceda muitas honras e inteligência, sobretudo esta última! Cumprimento também respeitosamente a Ivan Mizíntchikov. Deus lhe conceda tudo quanto deseja! Porque é difícil saber ao certo o que deseja; o senhor é tão calado e… Boa tarde, Nástia! Os meus garotos mandam-te muitos cumprimentos; todos os dias falamos em ti. E agora, finalmente, os meus cumprimentos mais solenes ao dono da casa. Vim da cidade, senhor, vim direitinho da cidade. Este é o seu sobrinho que estava a estudar na Universidade, não é verdade? Então os meus mais humildes respeitos; queira estender-me a mão.

Todos se riram. Compreendi que aquele velhote, de certa maneira fazia ali o papel de bobo. As suas palhaçadas provocavam a hilaridade geral. Alguns não compreendiam seus sarcasmos, mas ele não poupava quase ninguém. Somente à preceptora é que se limitou a chamá-la simplesmente Nástia, com uma cara muito séria e fazendo-se corado. Eu retirara a minha mão; mas, pelo visto, era precisamente isso o que o velho esperava para dirigir-me a palavra.

— Eu apenas queria que me deixasse apertar a sua mão; não julgue que eu tivesse a pretensão de beijá-la! Achou que era isso o que

eu queria? Não, paizinho, por agora apenas queria apertá-la. O senhor, naturalmente, tomou-me por um bobo! — continuou olhando-me com uma expressão zombeteira.

— Nada disso… Desculpe… Eu…

— Deixe, deixe, paizinho! Se eu fosse bobo, no final de contas, não seria o único nesta casa! Mas o senhor deve respeitar-me. Afinal não sou o bobo que imagina. Eu… sou um escravo, a minha muIher uma escrava. Eu me dedico a adular as pessoas! Creia-me! Assim consegue-se sempre alguma coisa, quanto mais não seja, o suficiente para comprar leite para a petizada! Açúcar, semeia açúcar por todos os lados, que assim a vida te correrá melhor! Isto digo-lhe em segredo, paizinho; quem sabe se não lhe virá também a ser útil… Ando por aqui aos azares da sorte e por isso faço palhaçadas!

— Hi… hi… hi… Ah, que atrevido é este velho! Não temos outro remédio senão rir das coisas que diz — exclamou Anfissa Pietróvna.

— Mãezinha, minha protetora, fique sabendo que os burros são aqueles que melhor vivem neste mundo! Se eu tivesse descoberto isto há mais tempo, teria começado logo de pequeno a fazer-me burro e talvez hoje fosse mais esperto. Mas como em pequeno me esforcei por ser esperto, agora não passo de um burro velho.

— Faz favor de me dizer — interveio Obnóskin, ao qual pelo visto não agradara aquela observação de há pouco, sobre a *intieligéntsia*, pois se refestelou pedantescamente na sua poltrona e olhou para o velhote através das lunetas, como para um micróbio — faça favor de dizer… esqueço-me sempre do seu nome… Como é que se chama?

— Ai, paizinho! O meu apelido é Ietchóvkin, mas que interessa isso? Há nove anos estou desempregado… e vivo ao deus-dará. Mas tenho filhos, e, como diz o ditado: “Deus dá cordeiros ao rico e filhos ao pobre”.

— Ah, sim… filhos! Mas isso, agora, não vem ao caso. Isso fica para depois. Olhe, há muito tempo eu queria perguntar-lhe uma coisa: por que é que o senhor, quando entra, parece que vem sempre olhando para trás? Isso é muito ridículo.

— Por que olho sempre para trás? Pois olhe: é que me parece sempre que vem alguém atrás de mim para dar-me um piparote, como se faz a uma mosca; é por isso que olho para trás. Manias, paizinho, manias.

Todos se riram novamente. A preceptora levantou-se e fez menção de retirar-se; mas logo a seguir tornou a deixar-se cair no seu lugar. No seu rosto transpareceu qualquer coisa de doentio, de doloroso, apesar do rubor que lhe cobria as faces.

— Olha, rapaz! Sabes quem ele é? — murmurou-me o meu tio ao ouvido. — É o pai dela!

Encarei o meu tio. Esquecera-me completamente do apelido de Ietchóvkin. Viera todo o caminho animado de heroicos pensamentos; sonhando com o destino daquela jovem, idealizando para ela planos generosos, e com tudo isto acabei por esquecer-me do seu apelido, ou, para melhor dizer, ao princípio não dei a mínima, atenção a esse pormenor.

— O pai dela?! — perguntei em voz baixa. — Mas eu pensava que ela era órfã!

— É verdade, rapaz, é o pai dela. E é um homem muito digno, de alma nobre, e não vás julgar que ele bebe, faz isto por inclinação natural para as palhaçadas. Vive na maior miséria, tem oito filhos a seu cargo! E vivem todos à custa do ordenado de Nástienhka. Puseram-no fora do emprego por causa da sua má-língua. Vem ver-nos todas as semanas. É muito melindroso… Nunca quer aceitar nada. Já quis ajudá-lo muitas vezes… Tenho querido… mas nunca consegui que ele aceitasse nada! Pois bem, vamos lá, Ievgraf Lariônitch: que nos contas de novo? — perguntou o meu tio dando uma palmada no ombro do velho, ao notar que ele, desconfiado, ouvira o nosso diálogo.

— Que conto de novo, meu protetor? Que Valentim Ignátievitch apresentou ontem uma contestação no caso Trítchin. Ficou comprovado que ele não tem nada em seu poder. Trata-se desse mesmo Trítchin que, ao olhar para uma pessoa, parece um samovar a resfolegar. Não se lembra? Pois, falando de Trítchin, escreve Valentim

Ignátievitch: “Se esse tão falado Trítchin — disse ele — não soube guardar a honra da sobrinha, quando ela o ano passado fugiu com um oficial, como havia de saber guardar a caixa?”. É assim mesmo que ele diz no tal escrito… Juro-lhes que não estou mentindo!

— Arre! Que está dizendo o senhor? — exclamou Anfissa Pietróvna.

— Falando da vida alheia de novo! Seja comedido, meu caro Ievgraf! — admoestou o meu tio. — Que língua a sua! É um homem reto, honrado, franco… posso afirmá-lo… Tu tens uma língua venenosa! E não compreendo como não lhe tens medo! Porque neste mundo também há gente boa, simples…

— Deus me livre da gente simples, meu pai e protetor! — exclamou o velhote com uma vivacidade especial.

Esta observação agradou-me. Aproximei-me dele com decisão e apertei-lhe a mão com força. Para dizer a verdade o que eu queria era protestar abertamente contra a opinião geral, demonstrando abertamente ao velho a minha simpatia. Embora pudesse ter acontecido que eu pretendesse ganhar desse modo as boas graças de Nástienhka levgráfovna. Mas o meu gesto repentino não produziu grande efeito.

— Permita fazer-lhe uma pergunta — disse eu corando e atrapalhando-me, como de costume. — Já ouviu falar dos jesuítas?

— Não, paizinho, a esse respeito nada sei, ou melhor, sei muito pouco… Mas diga o senhor o que sabe…

— Sim, efetivamente… queria dizer-lhe, qualquer coisa sobre esse assunto… Mas já falaremos disso… Por agora queria apenas dizer-lhe: pode ter a certeza de que eu o compreendo… e… sei apreciar…

— Não me esqueço do senhor, paizinho, não me esqueço… Gravarei a sua recordação na minha memória com letras de ouro: olhe, vou dar um nó no lenço para não me esquecer.

E de fato pôs-se a fazer um nó no lenço, unindo os extremos do

mesmo, que estava roto e manchado de fumo.

— Ievgraf Lariônitch, tome o seu chá — exclamou Praskóvia Ilínichna.

— E já, minha linda senhora! É já, princesa e não só senhora! Isto é por causa do chá. Tenho o prazer de participar-lhe que encontrei no caminho Stiepan Alieksiéievitch Baktchéiev, minha senhora. Ia tão contente que até dava gosto vê-Io! Pensei que fosse por andar com ideias de casamento! "Bajula, bajula!" — acrescentou em voz baixa quando passou junto de mim com a chávena de chá, fazendo-me sinais significativos. — Então não está aqui o maior dos meus protetores, Fomá Fomitch? Naturalmente não vem tomar chá…

O meu tio estremeceu, como assustado e olhou com inquietação para a generala.

— Eu, para dizer a verdade, não sei — acrescentou com hesitação, com autêntico medo. — Nós avisamo-lo, mas ele… Sinceramente, não sei… Talvez não esteja com disposição para… Eu já mandei Vidopliássov chamá-lo e… se for preciso, irei eu mesmo.

— Vi-o há pouco — disse-lhe Ietchóvkin em segredo.

— Ah, sim? — exclamou o meu tio com inquietação. — E então?

— A primeira coisa que fiz assim que cheguei foi ir ter com ele para lhe apresentar primeiro do que a todos os meus cumprimentos. Disse-me que tomava o chá sozinho e acrescentou que talvez mordiscasse também um naco de pão seco. Tal qual.

Estas palavras, segundo parecia, causaram um verdadeiro espanto no meu tio:

— Mas devias ter-lhe explicado, levgraf Lariônitch, devias ter-lhe explicado — exclamou finalmente o meu tio olhando para o velho com severidade e censura.

— Eu lhe disse, lhe disse…

— Quê?

— Ele demorou muito tempo a responder. Estava a trabalhar na resolução de não sei que problema de matemática, investigando não sei o quê. Tratava-se, parece, de um problema muito difícil. À minha frente esteve ele a esboçar as tábuas de Pitágoras… Eu bem o vi. Repetiu a operação por três vezes, até que por fim à quarta levantou a cabeça e dava a ideia de que até esse momento não reparara na minha presença. “Não, não vou, parece que está lá um desses tais tipos ‘cultos’. Que posso eu fazer ao lado de um luminar desses?” Foi assim que teve a gentileza de falar, a respeito desse luminar…

E o velho, zombeteiro, olhou-me de soslaio.

— Bem, já esperava isso! — exclamou o meu tio erguendo os braços. — Meu coração já tinha adivinhado! Isso de “culto” é contigo, Sierguiéi. Mas que se há de fazer agora?

— Confesso-lhe, tio — respondi eu encolhendo os ombros com dignidade — que, a meu ver, se trata de uma frase ridícula, que não vale a pena tomar-se a sério e, francamente, não compreendo a sua preocupação…

— Ah, meu amigo, não sabes o que isto é! — exclamou ele fazendo um gesto enérgico.

— Agora é tarde para lamentar — exclamou de repente a menina Pieriepelítsina. — O senhor, legor Ilhitch, é o principal culpado de tudo isto. Depois do mal feito… Se tivesse ligado mais importância a sua mãe, não teria agora de que lastimar-se.

— Mas, Anna Nílovna, é capaz de me dizer em que pequei eu? Pelo amor de Deus! — respondeu o meu tio em voz tão sumida como se fosse fazer-lhe uma declaração de amor.

— Eu temo a Deus, Iegor Ilhitch! Tudo isto deriva de ser o senhor um egoísta e não estimar sua mãe — respondeu, muito digna, a menina Pieriepelítsina. — Por que não a respeitou logo de princípio? Ela é sua mãe. O que lhe digo é verdade. Porque eu também sou filha dum tenente-coronel, não sou uma qualquer…

Pareceu-me que a Pieriepelítsina se metia na conversa apenas

com o fim de nos informar a todos, especialmente a mim, recém-chegado, que era filha dum tenente-coronel e não uma qualquer…

— Sim, a causa de tudo está em ele ter ofendido sua mãe! — exclamou por fim a generala num tom azedo.

— Mamãe, por piedade! Em que te ofendi eu?

— Tudo isto é por seres um monstro de egoísmo, Iegóruchka — continuou a generala cada vez mais acalorada.

— Mamãe, mamãe! Mas por que sou eu um monstro de egoísmo? — exclamou o meu tio quase desesperado. — Há cinco dias, há cinco dias que está zangada comigo, sem dirigir-me uma palavra! E tudo isso, por quê? Por quê? Que me julguem, que um tribunal completo venha para me julgar! E ouçam a minha defesa! Há muito tempo me tenho calado, mamãe, mas a senhora nem sequer se dignou prestar-me um momento de atenção! Anfissa Pietróvna! Páviel Semiônitch, generoso Páviel Semiônitch! Sierguiéi, meu amigo! Tu és imparcial nesta questão, tu podes julgar desinteressadamente.

— Acalme-se, Iegor Ilhitch, acalme-se — exclamou Anfissa Pietróvna. — Não mate a sua mãezinha!

— Eu não mato a minha mãe, Anfissa Pietróvna; aqui tem o meu peito… dilacere-o! — continuou o meu tio com essa exaltação exacerbada que costuma apoderar-se das pessoas fracas de caráter, quando se lhes esgota a paciência, embora toda essa exaltação não passe de fogo de palha. — Quero que fiquem sabendo que eu não ofendi ninguém! Sou o primeiro a reconhecer que Fomá Fomitch é uma excelente pessoa, digníssima e, sem dúvida alguma, dotada de excelentes qualidades; mas… mas, neste caso tratou-me injustamente.

— Hum! — murmurou Obnóskin como se quisesse excitar o meu tio ainda mais.

— Páviel Semiônitch, meu bom Páviel Semiônitch! O senhor, de fato, também pensa que eu sou, como costuma dizer-se, um madeiro insensível? Pois olhe que eu vejo e compreendo é com o coração sangrando e chorando que eu lhe digo: toda esta baralhada deriva do

grande amor que ele me tem. Mas, diga o que quiser, afirmo em nome de Deus que nesta ocasião se portou de maneira injusta para comigo. Vou contar-lhe tudo. Quero contar agora essa história, Anfissa Pietróvna, com todos os pormenores e o mais claramente possível, para que se veja bem de que se trata e se a minha mãezinha tem razão para estar zangada comigo, por eu não ter obedecido a Fomá Fomitch. Escuta tu também, Sierioga — acrescentou, encarando comigo, atitude que manteve todo o tempo que durou a sua narrativa, como se lhe metessem medo os outros ouvintes e duvidasse da sua simpatia — escuta tu também e decide se eu tenho ou não tenho razão. Olha, vou dizer-te por onde é que começou esta história: há uma semana, apenas há uma semana, passou pela nossa capital o meu antigo chefe, o General Russapiétov, com a esposa e a sogra, e demoraram-se aí alguns dias. Eu fiquei muito contente. Aproveitei a ocasião para ir até lá visitá-los e convidá-los para jantarem conosco. Eles me prometeram que viriam assim que tivessem tempo. Podes acreditar que se trata de um homem excelente, que tem feito muito bem neste mundo e é, sem dúvida alguma, uma pessoa importante. Tem sido muito bom para a sogra e, além disso, casou uma órfã com um rapaz muito sério (que atualmente é cozinheiro em Malínovo, mas que possui uma cultura que poderíamos chamar universal), numa palavra, é um general às direitas! Bem. Nós tivemos bastante trabalho, preparando doces e fricassés; e até mandamos vir uma banda de música. Eu, é claro, não cabia em mim de contente e até parecia que era o dia de meu santo! Mas Fomá Fomitch não gostou de me ver tão contente! Estava sentado à mesa, ainda me lembro, e serviram-lhe o seu assado predileto, com natas, e ele, muito calado, até que por fim disse: “Não me ligam importância, não me ligam importância”. “Por que dizes isso, Fomá Fomitch?” — perguntei-lhe eu. “Sim, agora já ninguém quer saber de mim, só se preocupam com os generais, agora preferem os generais!” Bom, eu, é claro, agora conto tudo abreviadamente, atendendo apenas ao essencial; mas se soubessem o que ele largou por aquela boca… Em resumo: perdi por completo a vontade de dar a festa! Que se havia de fazer? Eu, naturalmente, não tinha mais disposição para nada e estava como um coelho ao qual deram uma cacetada.

Chega o dia solene. O general manda dizer que não pode vir, pois tem de partir sem demora. Corro ao encontro de Fomá Fomitch e digo-

lhe: “Olha, Fomá, podes estar descansado! Ele não vem.” Que pensas tu? Nem por isso me perdoou. “Ofenderam-me — insistiu — ofenderam-me”, e daí ninguém o arrancou. Fiz-lhe ver isto e mais aquilo. “Não — dizia ele — fique-se com o seu general. — Para você, o general vale mais do que tudo — acrescentou. — Quebraram-se os laços da nossa amizade.” Aqui tens, meu amigo, o motivo pelo qual, segundo julgo, está ressentido comigo. Não sou nenhum palerma, nenhum burro, nenhum cordeirinho. Tudo isto, bem sei, deve-se à grande amizade que ele me tem, aos ciúmes que sentiu. Ele próprio dizia ter ciúmes do general. Receia perder a minha estima; quer pôr-me à prova e saber o que eu seria capaz de sacrificar por ele. “Não — disse ele — eu, para o senhor, sou o mesmo que o general, eu para o senhor também tenho o título de Excelência. Vou me reconciliar com o senhor, quando me demonstrar o seu respeito!” “Como posso eu demonstrar-lhe o meu respeito, Fomá-Fomitch?” “Quando passar um dia inteiro a chamar-me Excelência, então terá demonstrado o seu respeito.” Fiquei como se me tivesse caído um raio aos pés! Podes calcular o meu espanto! “Isto — disse ele — deve servir-lhe de lição para que não se envaideça tanto com os seus generais quando há quem possa ser muito mais digno do que todos os seus generais juntos.” Bem, então perdi a paciência, confesso, confesso francamente! “Fomá Fomitch — disse-lhe eu — achas seriamente que isso é possível? Achas que sou capaz de uma coisa dessas? Então posso dar-te o tratamento de Excelência? Mas como é que eu hei de chamar-te Excelência, meu Deus?! Pensa na maneira como se chega a general! Olha, eu próprio vou dizer-te. Isso seria, como costuma dizer-se, um atentado contra a lei. Porque, repara: o general serve à Pátria, dá por ela a sua vida, derrama o seu sangue no campo de batalha. Como posso eu chamar-te Excelência?” Mas Fomá não se deu por vencido. “Farei por ti tudo o que quiseres, Fomá. Uma vez mandaste-me cortar as suíças porque eram indício de pouco patriotismo… e eu cortei-as, embora me custasse muito, mas cortei-as. Enfim, isso não tem importância, farei tudo o que possa dar-te agrado; mas renuncia ao título de general.” “É que isso seria proveitoso para o seu orgulho., serenava-lhe o espírito.” Foi isto o que ele disse. E é por isto que há uma semana inteira não me fala e corre com todos que vão procurá-lo. De ti, ouviu dizer que eras um rapaz culto… disso tenho eu a culpa. Disse-lhe por casualidade, quando se falou de ti; envaideci-me, quis-

me gabar… E ele logo depois disse que, no momento em que tu pusesses os pés aqui, se retiraria. “Já vejo que eu, para o senhor, não sou um homem culto.” O que não vai ser quando chegar Koróvkin! Ora vê lá tu, julga por ti mesmo se eu tive alguma culpa. Só por não ter querido tratá-lo por Excelência… Vamos, diz-me a verdade, achas que é possível viver desta maneira? E por que motivo, esta tarde, fez com que o pobre Baktchéiev se levantasse da mesa? Suponhamos que Baktchéiev não sabe patavina de astronomia e que a mim me acontece o mesmo… Bem, e no fim de contas, por quê?

— Porque és um invejoso, Iegóruchka — tornou a grunhir a generala.

— Mãezinha! — exclamou o meu tio completamente desesperado. — Faz-me perder a cabeça! A senhora não fala por si, repete palavras de outra pessoa… Hei de acabar por ser um mono, um pau insensível e não seu filho!

— Tio, eu ouvi dizer — antepus, extremamente impressionado com a discussão — ouvi dizer a Baktchéiev… não sei se com razão ou sem ela, que Fomá Fomitch tinha inveja de lliúchka, que festeja amanhã o seu santo, e afirmava que amanhã era também o seu. Confesso que esta demonstração do seu caráter me deixou estupefato, que…

— O seu aniversário, rapaz, o seu aniversário, o seu santo não, o seu aniversário![5] — atalhou rapidamente o meu tio. — Não foi assim que ele disse, mas tinha razão: amanhã é o dia dos seus anos. A verdade acima de tudo, meu amigo…

— Mas é que não, também não é o dia do seu aniversário! — exclamou Sáchenhka.

— Não? — respondeu o meu tio muito confuso.

— Não é, não, paizinho! O pai diz isso, apesar de saber que não é verdade, para enganar a si mesmo e tornar-se simpático a Fomá Fomitch. O dia dos anos dele é em março… Lembre-se de que no dia anterior tínhamos ido ouvir missa no mosteiro e que ele não deixou ninguém em paz, no coche. Passou o tempo todo a gritar que a

almofada lhe comprimia as costas e a beliscar-nos a todos; até deu dois socos na tia. E depois, quando fomos felicitá-lo pelo seu aniversário, ficou furioso por nós não termos posto camélias no ramo de flores que levávamos. “Eu gosto de camélias — disse ele — porque sou de gostos delicados; mas vocês não quiseram dar-se ao trabalho de cortarem algumas camélias para mim, na estufa.” E todo o dia esteve intratável, sem dignar-se dirigir-nos a palavra.

Poderia jurar que uma bomba que tivesse caído ali, no meio da sala, de repente, não teria provocado a estupefação e o terror geral que provocou aquela franca insurreição… E da parte de quem? De uma garota à qual nem sequer era permitido erguer a voz diante da avó. A generala, muda de espanto e, aturdida, endireitou-se, voltou a cabeça e ficou a olhar para a audaciosa garota como se não acreditasse no que viam os seus olhos. O meu tio estava meio morto de espanto.

— Que insolente! Acabam por matar a avozinha, tantos são os desgostos que lhe dão! — exclamou a Pieriepelítsina.

— Sacha, Sacha! Cai em ti! Que tens, Sacha? — gritou o meu tio olhando alternadamente para a generala e para Sáchenhka, querendo que ela ficasse quieta.

— Não me calarei, paizinho! — exclamou Sacha saltando subitamente da cadeira, batendo no chão com os pés e de olhos chamejantes. — Não quero calar-me! Há muito tempo me irritam com o vosso Fomá Fomitch, com o vosso horrível e antipático Fomá Fomitch! Esse tal Fomá Fomitch domina todo mundo, porque todos o julgam um indivíduo de um talento enorme, um coração de ouro, de uma cultura colossal, um benfeitor dos pobres, um poço de virtudes! E ele, o burro, também julga que tem isso tudo! Tantos pratos de doce lhe têm dado que outro qualquer já estaria enjoado; mas ele engole tudo o que lhe põem na frente e ainda pede mais. Hão de ver como ele ainda vai nos engolir a todos e depois põe a culpa no paizinho. Esse Fomá Fomitch é um desavergonhado, um desavergonhado, digo-o bem alto e sem medo de ninguém! É um estúpido, um egoísta, um porco, um coração cheio de fel, um tirano, um mexeriqueiro, um mentiroso… Cá por mim punha-o no olho da rua, imediatamente, imediatamente,

mas o pai adora-o, o paizinho está enfeitiçado por ele…

— Ah! — exclamou a generala e tombou desfalecida sobre o divã.

— Minha querida, Agáfia Timofiéievna, meu anjo! — gritou Anfissa Pietróvna. — Onde está o frasco de sais? Água, água depressa!

— Água, água! — gritou também o meu tio. — Mãezinha, mãezinha, acalme-se! Peço-lhe de joelhos, sossegue!

— Vais ficar a pão e água, fechada no quarto escuro! Assassina! — ameaçou a Pieriepelítsina dirigindo-se a Sáchenhka, trêmula de cólera.

— Pois que me ponham a pão e água! Eu não tenho medo de nada! — gritou Sáchenhka por sua vez, num paroxismo. — Tenho de defender o paizinho, já que ele não sabe defender-se! Quem é esse Fomá Fomitch comparado com o meu paizinho? Come o seu pão e ainda o humilha, esse malvado! Ah, garanto-vos que hei de fazer em migalhas o vosso Fomá Fomitch! Desafio-o e mando-o para o outro mundo com dois tiros…

— Sacha! Sacha — clamou o meu tio desesperado. — Diz uma palavra mais… e estou perdido… perdido sem salvação…

— Paizinho! — exclamou Sáchenhka abraçando-se convulsivamente ao pai, numa torrente de lágrimas. — Paizinho! Mas como é que tu, tão bom, tão bom, tão inteligente, te deixas dominar dessa maneira? Como podes rebaixar-te tanto diante desse insolente, desse ordinário, tornares-te um joguete seu e cair assim no ridículo? Paizinho, meu paizinho tão bom…

A menina rompeu em soluços, cobriu o rosto com as mãos e saiu da sala correndo.

Armou-se um enorme reboliço. A generala continuava desmaiada. O meu tio continuava ajoelhado a seus pés, beijando-lhe as mãos. A menina Pieriepelítsina andava de um lado para o outro à volta dos dois, e lançava a todos olhares coléricos e solenes. Anfissa Pietróvna borrifava as fontes da generala com água e dava-lhe o frasquinho de

sais a cheirar. Praskóvia Ilínichna tremia e chorava em silêncio. Ietchóvkin procurava um buraco onde esconder-se, mas a preceptora estava de pé, muito pálida, com uma expressão repassada de dor. Mizíntchikov era o único que continuava impassível. Levantou-se do seu lugar, dirigiu-se para a janela e pôs-se a olhar para longe, sem prestar a mínima atenção àquela cena.

De repente, a generala ergueu-se no divã, levantou-se e lançou-me um olhar ameaçador.

— Fora! — gritou batendo com o pé no chão.

Devo confessar que nem de longe esperava uma coisa daquelas.

— Fora! Fora da minha casa! Ponha-se na rua! Quem é que o mandou vir? Não quero respirar o seu hálito! Fora!

— Mamãe, mamãe! Que é isso? Mas é o Sierioga! — murmurou o meu tio com o corpo todo sacudido por um tremor. — Mamãe, ele veio para passar uns tempos conosco!

— Que dizes? Sierioga? Não pode ser! Não quero ouvir mais nada; fora, já disse! É Korórvkin. Tenho a certeza de que é Korórvkin. Os meus pressentimentos não me enganam. Veio para expulsar Fomá Fomitch; foi para isso que escreveram, a chamá-lo. Eu já adivinhava… Fora daqui, miserável!

— Tio, se é assim — disse eu num tom vibrante de indignação — se é assim, desculpe — e peguei no chapéu.

— Sierguiéi, Sierguiéi, que fazes? Só faltava isto… mamãe! Mas repara que é Sierioga! Sierguiéi, acalma-te! — gritou o meu tio correndo atrás de mim e procurando tirar-me o chapéu das mãos. — Tu és meu hóspede, deves ficar, sou eu que o quero! Trata-se simplesmente — acrescentou em voz baixa — ela só se põe assim quando se zanga! Não devias ter aparecido… logo de entrada… assim, logo de entrada, compreendes? Mas tudo se há de arranjar. Ela vai te perdoar… Vais ver como te perdoa! É boa, coitadinha, mas às vezes desvaria… Ouve, confundiu-te com Korórvkin. Mas vais ver como depois te perdoa, estou convencido disso… Mas quem trazes tu? —

exclamou dirigindo-se a Gavrila que naquele momento entrava na sala.

Gavrila não vinha só; acompanhava-o outro criado, um rapaz de dezesseis anos, de muito boa figura, admitido em casa precisamente devido à sua boa apresentação, conforme soube depois. Chamava-se Falálei. Trazia um terno especial: blusa russa, de seda, decotada à volta do pescoço e cingida por um cinturão de entrançado dourado, calções amplos, pretos, e botas de pele de cabra com dobras vermelhas. O rapaz chorava amargamente, e as lágrimas, umas atrás das outras, brotavam dos seus grandes olhos de pombo.

— Que aconteceu? — exclamou o meu tio. — Que aconteceu? Vamos, fala, malandro!

— É que Fomá Fomitch mandou-nos chamar aos dois — respondeu Gavrila a medo. — A mim, para me examinar, e a ele…

— E a ele… para quê?

— A este viu-o dançando! — respondeu Gavrila com voz chorosa.

— Dançando? — exclamou assustado o meu tio.

— Dan…çando, sim senhor!

— A *kamárinskaia*.

— A *ka … má … rinskaia*!

— E Fomá Fomitch bateu-te!

— Ba … teu!

— Era só o que faltava! — gritou o meu tio. — Ai a minha cabeça! — e levou as duas mãos à cabeça.

— Fomá Fomitch! — anunciou Vidopliássov entrando na sala.

A porta abriu-se e Fomá Fomitch apareceu em pessoa perante os circunstantes perplexos.

## Capítulo VI / Do touro branco e do mujique de Kamarinsk

Antes de ter a honra de apresentar ao leitor Fomá Fomitch, no seu aspecto externo, o melhor que possa, considero imprescindível dizer algumas palavras acerca de Falálei e de explicar por que era tão terrível o fato de ter dançado a *kamárinskaia*, até ao ponto de Fomá Fomitch o castigar. Falálei era um jovem mujique, órfão desde tenra idade, e afilhado da falecida esposa de meu tio. Por isso o meu tio lhe dedicava grande amizade. Bastava isto para que Fomá Fomitch, ao estabelecer-se em Stiepântchikovo e ao dominar a vontade de meu tio, embirrasse com seu favorito. Mas o rapaz, fosse lá por que fosse, era muito grato para com a generala, e apesar da aversão de Fomá Fomitch, continuou lá em casa com os senhores. A própria generala o quis e Fomá Fomitch teve de aguentar, mas encarou aquilo como uma ofensa — para ele tudo o era — e descarregando a sua zanga sobre o meu tio, completamente inocente, e do qual aproveitava todas as ocasiões para se vingar. Falálei era, no seu gênero, um bonito moço. Tinha rosto de menina, o rosto de uma galante jovem aldeã. A generala mimava-o e protegia-o, estimava-o como a um brinquedo bonito e invulgar. Seria difícil dizer de quem mais gostava, se do seu mimado cãozinho, *Ami* ou de Falálei. Já descrevemos o seu traje, invenção da generala. Era ela quem lhe pagava a brilhantina, e Kuzmá, o barbeiro, frisava-lhe o cabelo nos dias de festa.

O rapaz tinha um caráter muito estranho. Declará-lo completamente idiota ou imbecil, não seria exato. Era verdadeiramente tão lento de compreensão e tão ingênuo que às vezes se poderia tomar por um perfeito imbecil. Quando tinha um sonho ia logo contá-lo aos senhores. Intrometia-se nas suas conversas e, sem a menor cerimônia, cortava-lhes a palavra. Referia-lhes coisas de maneira nenhuma dignas de ouvir-se. Derramava as mais ardentes lágrimas quando a senhora desmaiava ou acusavam demasiado o senhor. Associava-se a todas as desditas da casa. Algumas vezes aproximava-se da generala, beijava-lhe a mão e perguntava-lhe por que estava zangada… e a generala, generosamente, perdoava-lhe todas essas impertinências. Tinha um temperamento extremamente sensível: manso e inofensivo como um cordeirinho e alegre como uma

criança feliz. A mesa davam-lhe sempre uma guloseima.

Às refeições colocava-se por detrás da cadeira da generala e era louco por açúcar. Se lhe davam algum torrãozinho punha-se a mordiscá-lo com os dentes fortes, brancos como a neve, e uma satisfação indescritível brilhava-lhe nos olhos alegres de pombo e em todo o lindo rosto.

Havia muito Fomá Fomitch embirrava com ele; mas, compreendendo que, por mal, nada conseguiria, decidiu de repente transformar-se em protetor do rapaz. Começando por censurar ao meu tio o não fazer nada pela educação dos servos, ele, por seu lado, resolveu aplicar-se depois à tarefa de ensinar ao pobre rapazinho elegância, boas maneiras e francês. "Assim, não pode ser! — disse ele disfarçando o seu perverso pensamento (pensamento que, por outro lado, não ocorreu somente a Fomá Fomitch, conforme pode asseverar o autor da presente história). — Assim, não pode ser! Ele está sempre aqui, ao lado da senhora; mas imagine que ela, de repente, esquecendo-se de que ele não sabe francês, vai e lhe diz por exemplo: *Donné muá mon muchuar*[6]. Ora é necessário que possa livrar-se de dificuldades e servir a sua senhora!" Não só era impossível meter o francês na cabeça de Falálei, como também o seu tio Andron, o cozinheiro, que em tempos pretendera ensinar-lhe o alfabeto russo teve de desistir do seu intento e pôr a cartilha de lado. Tão rude era Falálei em questões de letras, que não era possível fazer-lhe compreender nada. E mais: sobre isso tinham até inventado uma história. Os servos começaram a fazer troça de Falálei por causa do francês; mas o velho Gavrila, criado particular do meu tio, atreveu-se a renunciar abertamente à conveniência de aprender a pronúncia francesa. A coisa chegou aos ouvidos de Fomá Fomitch, e este, muito zangado, determinou que o seu inimigo Gavrila se pusesse também a aprender francês. E foi este o princípio de toda essa história do francês que tanto indignara Baktchéiev. Pior ainda foi o caso das boas maneiras. Fomá não conseguiu ensiná-las a Falálei, o qual, apesar de todas as descomposturas, continuou a ir todas as manhãs contar os sonhos que tivera durante a noite, o que, para Fomá Fomitch, era uma coisa do maior mau gosto e demasiado familiar. Mas Falálei teimou em ser Falálei. É de ver que este fiasco, quem em primeiro lugar havia

de pagar era o meu tio.

— Querem saber o que ele fez hoje, querem? — exclamou uma tarde Fomá Fomitch, que escolhera, para produzir, maior efeito, a hora em que estavam todos reunidos. — Sabe, coronel, até onde conduz o seu sistemático descuido? Hoje devorou o pedaço de empada de peixe que o senhor lhe deu à mesa; pois sabe o que ele dizia? “Vem cá, vem cá, alma infeliz; vem cá idiota, mamarracho.”…

Falálei aproximou-se, chorando e enxugando os olhos com ambas as mãos.

— Que dizias tu enquanto comias a empada? Repete-o diante de todos!

Falálei não respondia e continuava a chorar amargamente.

— Pois então, eu vou contar. Tu dizias, dando pancadinhas na tua barriga farta e ordinária: “Empanturrei-me de empada, como Martinho de sabão”. Repare, coronel: será permitido dizer tais palavrões numa sociedade bem-educada, e muito mais, na alta sociedade? Foi isso o que disseste ou não? Fala!

— Foi! — confirmou Falálei soluçando.

— Bem. E agora vais dizer-me: por acaso Martinho come sabão? Onde é que viste algum Martinho comendo sabão? Vamos, diz, mostra-me onde existe esse Martinho fenomenal!

Silêncio.

— Estou-te perguntando — insistia Fomá — quem é esse Martinho. Quero vê-lo, tenho vontade de conhecê-lo. Vamos, diz: quem é ele? Inspetor, astrônomo, inventor, poeta, capitão do exército, camponês… Alguma destas coisas tem de ser. Responde!

— Cam… po… nês! — respondeu finalmente Falálei sem deixar de chorar.

— De quem? Quem é o seu senhor?

Mas Falálei não sabe dizer quem é o seu senhor. Como é de supor, a cena terminou com a saída de Fomá, colérico, da sala, e dizendo em altos gritos que o tinham ofendido. A generala sofreu o costumado faniquito e o meu tio amaldiçoou a hora em que nasceu. Pediu perdão a todos e passou o resto do dia nos seus aposentos privativos, caminhando na ponta dos pés.

Como aconteceu no dia seguinte ao da referida história do sabão martinesco, Falálei foi levar de manhã o chá a Fomá Fomitch, e esquecera completamente o tal Martinho da cena da véspera. Então contou-lhe que nessa noite sonhara com um touro branco. Aquilo era o cúmulo. Fomá Fomitch ficou extraordinariamente zangado; mandou imediatamente chamar o meu tio e pôs-se a recriminá-lo pelo sonho de tão mau gosto que Falálei tivera. Dessa vez tomaram-se medidas enérgicas; fizeram comparecer Falálei e, para castigo, mandaram-no pôr num canto, de joelhos. E admoestaram-no severamente por ter uns sonhos tão ordinários, próprios de camponeses. “Eu tenho razão para estar aborrecido — disse Fomá. — Além de que ele não devia ter o atrevimento, nem sequer devia passar-lhe pela cabeça a ideia de vir aqui incomodar-me, contando os seus sonhos, sobretudo quando se referem a um touro branco. Sem falar de tudo isso, coronel, o senhor não tem outro remédio senão dar-me razão e concordar comigo: esse touro branco é uma prova mais da ordinarice, da grosseria de alma de servo do seu mal-educado Falálei. Os sonhos são conforme os pensamentos das pessoas… Já não disse que não há nada a fazer dele e não convém esteja na sala com os senhores? Nunca, nunca hão de conseguir que este papalvo, esta cabeça oca, se eleve à altura de qualquer coisa de grande ou de poético. “Será possível que não possas — continuou, dirigindo-se a Falálei — que não possas ver em sonhos qualquer coisa de delicado, de nobre, uma cena da boa sociedade, como por exemplo dois cavalheiros jogando cartas ou senhoras passeando por um jardim ameno?” Falálei prometeu-lhe que nessa noite veria cavalheiros ou senhoras a passearem por um jardim ameno.

Quando se deitou, Falálei rezou a Deus, de lágrimas nos olhos, e durante muito tempo ficou a pensar como haveria de fazer para não tornar a ver aquele malvado touro branco. Mas as ilusões humanas são

falazes. Quando se levantou na manhã seguinte, lembrou-se com espanto de que durante toda a noite não fizera outra coisa senão sonhar com o horrível touro branco e não com nenhuma senhora passeando por um jardim ameno. Desta vez as consequências foram extraordinárias. Fomá Fomitch declarou resolutamente não acreditar na possibilidade de semelhante ocorrência, repetição de um mesmo sonho, e que qualquer pessoa da casa, talvez o próprio coronel, doutrinara Falálei com o fim de zombar dele. Por causa disto houve muitos gritos, censuras e lágrimas. A generala adoeceu nessa noite. Todos lá em casa estavam consternados. Restava apenas a fraca esperança de que Falálei, na noite seguinte, ou seja, na terceira, visse em sonhos algo de delicado e seleto. Que grande não foi o desgosto geral quando se passou a semana toda sem que Deus enviasse a Falálei todas as santas noites outro sonho senão aquele do touro branco e só do touro branco! De coisas delicadas, nem amostra!

Mas o mais curioso de tudo isso é que Falálei, durante todo esse tempo não se lembrou de mentir, de dizer muito simplesmente que não tinha visto em sonhos o touro branco, mas outra coisa qualquer, por exemplo, um coche cheio de senhoras e Fomá Fomitch entre elas, tanto mais que mentir, num caso destes, não seria nenhum pecado. Falálei era tão simplório que, embora quisesse mentir, não teria sabido. E por isso ninguém se lembrou de o induzir a tal. Todos sabiam que Falálei havia de desdizer-se na primeira oportunidade e Fomá Fomitch ia então apanhá-lo a mentir. Que fazer? A situação de meu tio tornou-se insuportável. Falálei era decididamente incorrigível. O pobre rapaz chegou a emagrecer devido à inquietação em que andava. A ama da casa, Melânia, afirmava que ele estava endemoninhado e borrifava-o com água que lhe atirava dum canto da casa. Nesta proveitosa operação tomava parte também Praskóvia Ilínichna. Mas nem isso serviu de nada. Não havia poder contra uma coisa daquelas!

— Diabos levem o touro! — exclamava Falálei por seu lado. — Todas as noites hei de sonhar com ele! Pois eu, todas as noites antes de me deitar, rezo: “Que não sonhe com o touro branco, que não sonhe com o touro branco!”. E de repente, não sei como, ele está em cima de mim, o malvado, muito gordo, com uns chifres tamanhos que

metem medo, ui, ui, ui!

O meu tio estava desesperado. Mas felizmente Fomá Fomitch pareceu esquecer-se de repente do touro branco. No entanto ninguém pensava que Fomá Fomitch pudesse esquecer-se de uma coisa importante. Convencemo-nos todos, com grande desgosto de que guardaria o touro branco de reserva, para largá-lo na primeira oportunidade. Mas aconteceu que até à data da minha chegada Fomá Fomitch não voltara a soltar o touro branco. Outros assuntos, outras preocupações e outros pensamentos buliam na sua fecunda e engenhosa cachimônia. Eis aqui por que deixou respirar em paz a Falálei. E ao mesmo tempo que Falálei, todos respiravam em paz. O moço recuperou a alegria e chegou a esquecer-se por completo do passado. O touro branco começou a aparecer com menos frequência nos seus sonhos, embora uma vez por outra o rapazinho se lembrasse da sua fantástica existência. Em suma: tudo teria corrido às mil maravilhas se no mundo não existisse a *kamárinskaia*.

É preciso que se saiba que Falálei dançava muito bem; era esta a sua graça principal, o seu dom inato; bailava com um brio e uma alegria extraordinários; mas o que ele dançava melhor era a dança do mujique de Kamarinsk. E não era que achasse muita graça à estouvadice, às insensatas ações desse aturdido camponês; não, apenas gostava de dançar a *kamárinskaia* porque ouvir essa música e não começar a dançar era-lhe absolutamente impossível. Às vezes; à noite, dois ou três lacaios, o cocheiro e o jardineiro, que tocava violino, e também algumas moças, reuniam-se, formando círculo em qualquer lugar, num pequeno campo, por detrás das cavalariças dos senhores, e o mais longe possível de Fomá Fomitch. Começavam a tocar e a dançar e, por fim, solenemente, lá chegava também a vez da *kamárinskaia*. A orquestra compunha-se de duas balalaicas, uma guitarra, um violino e um tamborim, no qual batia muito bem Mitiúchka, o moço de recados. Era digno de ver-se o que acontecia então a Falálei: punha-se a dançar até esquecer-se de tudo, até esgotar as últimas forças, excitado pelos risos e pelos gritos da assistência. Soluçava, gritava, ria, batia palmas; bailava como se uma força estranha o arrastasse, incompreensível, à qual não pudesse resistir e que o obrigasse a acelerar cada vez mais o ritmo da sua dança furiosa,

ferindo o solo com os tacões. Eram esses os momentos do seu maior entusiasmo e tudo teria corrido bem se não tivesse chegado finalmente aos ouvidos de Fomá Fomitch o caso da *kamárinskaia*.

Fomá Fomitch ficou furioso e mandou imediatamente chamar o coronel.

— Eu só queria que me dissesse uma coisa, coronel — começou Fomá. — Jurou acabar com o resto de juízo deste pobre idiota? Se assim for, eu sairei imediatamente desta casa; se não, eu…

— Mas a propósito de que vem isso? Que aconteceu? — perguntou o meu tio assombrado.

— Que aconteceu? Então o senhor não sabe que este franganote dança a *kamárinskaia*?

— Bem… e que tem isso? — perguntou o meu tio.

— Que tem isso?! — exclamou Fomá. — Ainda o pergunta! O senhor é o seu amo e em certo sentido também o seu pai! Então nessa idade ainda não sabe o que é a *kamárinskaia*? O senhor não saberá, por acaso, que essa dança representa, secundada pela letra, um camponês grosseiro que se embriaga e comete depois todo o gênero de atentados contra a moral? O senhor não sabe o que fez esse velhaco manhoso? Pois rompeu os mais estimados, os mais sagrados laços, espezinhou-os com os seus sapatões de ganhão acostumado a pisar somente o chão da taberna. O senhor não percebe que com essa resposta me inflige uma terrível ofensa? Compreende ou não?

— Mas, Fomá… Lembre-se de que se trata apenas de uma canção…

— Apenas de uma canção! E o senhor não tem vergonha de confessar que conhece essa canção? O senhor, um membro da boa sociedade, um pai de filhos delicados e inocentes, e ainda por cima, coronel! Apenas uma canção! Mas eu tenho a certeza de que essa cançoneta nasceu de algum acontecimento real! Apenas uma canção! Mas qual é a pessoa decente que pode, — sem morrer de vergonha, confessar que conhece essa canção, que ouviu alguma vez essa

canção? Qual a pessoa decente?

— Sim, mas pelo visto tu também a conheces, uma vez que perguntas isso — respondeu o meu tio ingenuamente aparvalhado.

— Quê?! Eu a conheço? Eu… Eu… Aí está. Já me ofendeu! — exclamou de, repente Fomá e deu um salto da cadeira, trêmulo de cólera. Nunca teria esperado uma resposta tão esmagadora.

Não é necessário descrever a cólera de Fomá Fomitch. O coronel foi ignominiosamente afastado da vista daquele paladino da moral, pela incongruência e pela estupidez da sua resposta. Mas a partir daí Fomá Fomitch jurou a si próprio estudar a maneira de apanhar Falálei com a boca na botija, isto é, dançando a *kamárinskaia*. À noite, quando todos estavam entretidos com qualquer coisa, ele saía cautelosamente para o jardim, dava a volta à horta e escondia-se num matagal, donde podia ver ao longe o pequeno campo onde se fazia a tal dança. Daí espiava o pobre Falálei, como o caçador espia o pássaro, imaginando com deleite o escândalo que, se se saísse bem do seu estratagema, poderia armar perante todos, e principalmente perante o coronel. Até que por fim o êxito veio coroar os seus aturados esforços. O rapaz lá estava, dançando a *kamárinskaia*. Depois disto poderá compreender-se como não teria ficado o coronel com os cabelos em pé, quando viu o sovado Falálei, e ouviu Vidopliássov anunciar Fomá Fomitch, que de maneira tão inesperada e em tão crítico momento se apresentava em pessoa diante dos nossos olhos.

## Capítulo VII / Fomá Fomitch

Contemplei o homem com a maior curiosidade. Gavrila teve uma frase justa ao descrevê-lo como uma fraca figura. Fomá era baixinho, louro mas já grisalho, o nariz acavalado e pequenas rugas espalhadas por todo o rosto. A meio da barbicha tinha um grande sinal. Andava pelos cinquenta anos. Entrou na sala muito devagar, com um passo lento e de olhos baixos. O rosto e toda a sua pedante figura denotavam a mais insolente fatuidade. Com grande assombro meu, apresentou-se de roupão, é certo que um ótimo roupão de corte estrangeiro, mas, em última análise, de roupão, e além disso também

de chinelos. Trazia a gola da camisa aberta à *l'enfant*, o que dava a Fomá Fomitch um aspecto aparvalhado. Caminhou para uma cadeira vaga, aproximou-a da mesa e sentou-se sem dizer palavra. Imediatamente se acalmou todo aquele burburinho, toda a agitação que ali reinava minutos antes. Fez-se um silêncio tão profundo que podia ouvir-se o voo duma mosca. A generala acalmou-se e ficou mansa como um cordeiro. Toda a submissão de escrava daquela pobre louca para com Fomá Fomitch ficou bem à vista, Não tirava os olhos do seu favorito, estava suspensa de um olhar seu. A menina Pieriepelítsina, mostrando os dentes, esfregava as mãos, e a pobre Praskóvia Ilínichna tremia de medo.

— Chá, chá! Mas um bocadinho mais doce, porque Fomá Fomitch, depois da sesta, gosta dele mais doce… Não é verdade, Fomá Fomitch?

— Quero lá saber de chá, agora! — exclamou depois Fomá e com um gesto de dignidade ressentida recusou a oferta. — A senhora é que gosta de tudo doce demais!

Aquelas palavras e a entrada de Fomá Fomitch na sala, de um ridículo inverossímil devido à sua solenidade pedante, despertaram em mim um interesse extraordinário. Sentia curiosidade para ver até onde podia chegar o descaramento daquele homenzinho tão pegado a si mesmo.

— Fomá! — disse o meu tio. — Apresento-te o meu sobrinho, Sierguiéi Alieksándrovitch! Acaba de chegar!

Fomá Fomitch olhou-me dos pés à cabeça.

— É assombroso como o senhor, coronel, se compraz em me cortar sempre a palavra de um modo sistemático — continuou depois de um silêncio significativo, sem dedicar-me a menor atenção. — Estava a falar-lhe de um assunto sério e o senhor começa a falar… sabe Deus de quê… Não viu Falálei?

— Vi sim, Fomá…

— Oh! viu? Bem, pois se o viu não tenho nada a dizer-lhe. Pode

sentir-se ufano do resultado… Em sentido moral! Vem cá, idiota! Aproxima-te, boneco holandês! Não tenhas medo!

Falálei avançou, soluçando, de boca entreaberta e bebendo as lágrimas. Fomá Fomitch contemplava-o com gozo.

— Foi intencionalmente que eu lhe chamei boneco holandês, Páviel Siemiônitch — observou, recostando-se na cadeira e inclinando-se levemente para Obnóskin, sentado à sua esquerda. — De maneira geral já sabe que não sou partidário de que ninguém suavize a sua maneira de falar seja em que caso for. A verdade, em primeiro lugar. Pois podem tapar o lodo com o que quiserem: será sempre lodo. Para que tornar as coisas mais bonitas do que são? Para que enganar-se a si próprio e enganar os outros? Só no estúpido toutiço de um homem da chamada alta sociedade podia caber o desejo dessas absurdas regras de conveniência. Diga-me, faço-o minha testemunha: encontra qualquer coisa de belo neste boneco? Quero dizer, qualquer coisa de elevado, de distinto, de admirável… e, como costuma dizer-se, qualquer coisa de bonito?

Fomá Fomitch falava devagar, serenamente e com certa indiferença elegante.

— Alguma coisa de belo, nele? — respondeu Obnóskin com um desdém insultante. — A mim parece-me apenas um bocado de bife e nada mais…

— Hoje me aproximei do espelho e olhei para mim — continuou Fomá, omitindo o eu por dignidade. — Evidentemente que nunca me considerei bonito, mas contra minha vontade cheguei à conclusão de que há contudo qualquer coisa nestes olhos cinzentos que me distinguem de um Falálei. Que pensamento, que vida, quanta alma neste olhar! Não o digo por vaidade. Falo, em termos gerais, da minha pessoa. E agora me diga o senhor: pode haver sequer um átomo de alma nesse pedaço de carne vivente? Não, não pode; repare, Páviel Siemiônitch, como nestas criaturas, absolutamente desprovidas de ideias e de ideais, e que apenas comem carne de vitela, como nelas é sempre repugnantemente fresco o tom do seu rosto, de uma frescura ostensiva e estúpida. Quer ver até onde vai a sua capacidade de

pensar? Vamos ver este caso! Aproxima-te mais, vem cá para seres examinado! Por que abres assim a boca? Queres engolir alguma baleia? És bonito? responde: tu és bonito?

— Bo…ni…to! — respondeu Falálei com soluços reprimidos.

— Ouviu? — continuou Fomá dirigindo-se triunfalmente a Obnóskin. — Pois ainda lhe há de ouvir outras coisas! Estou disposto a submetê-lo a um exame. Pode ver, Páviel Siemiônitch, há pessoas que se comprazem em corromper e arruinar este pobre idiota. Talvez eu julgue com demasiada severidade ou me engane; mas falo por amor à Humanidade. Este boneco acabou agora mesmo de dançar a mais ordinária das danças, E parece que, aqui, não há ninguém que se importe com isso. Faça o favor de escutar… Responde: que estavas tu fazendo há pouco? Responde, responde imediatamente… Ouviste?

— Estava dançando — exclamou Falálei contendo os soluços.

— E que dançavas tu? Que dança era? Diz.

— A *kamárinskaia*.

— A *kamárinskaia*! Que dança vem a ser essa? Que é isso de *kamárinskaia*? Pode saber-se alguma coisa desta resposta? Vejamos: dá-nos uma ideia do que é essa tua *kamárinskaia*!

— Um cam… po… nês…

— Um camponês! Só um camponês? É espantoso! Com certeza deve ser um camponês célebre! Quer dizer que, uma vez posto em verso e em danças, é porque deve ser um mujique famoso! Vamos, responde!

Torturar o próximo… era uma necessidade para Fomá. Entretinha-se a brincar com a sua vítima como o gato com o rato; mas Falálei calava, soluçava e não compreendia a pergunta.

— Vamos, responde! — insiste Fomá. — Perguntaram-te quem era esse mujique! Fala, de uma vez! Era servo da gleba ou da Coroa, era livre, servo, ou da Economia?[7] Há mujiques de mujiques…

— Da Economia.

— Ah, era da Economia! Está ouvindo, Páviel Siemiônitch? Um novo acontecimento histórico: o mujique de Kamarinsk era… da Economia. Hum! Bem. E que fazia esse tal mujique econômico? Que proezas fez ele para ter ficado memória sua em canções e bailados?

A pergunta era grave e, dirigida a Falálei, perigosa.

— Vamos… o senhor… no entanto… — observou Obnóskin olhando de soslaio para a mãe, que começava a remexer-se no divã, de um modo estranho. Mas que podia ser feito? Os caprichos de Fomá Fomitch tinham força de lei.

— Por favor, tio, é melhor deter a língua a esse pedante… Repare no seu atrevimento… É capaz de obrigar Falálei a dizer alguma tolice, com certeza — murmurei ao ouvido do meu tio, transtornado e sem saber o que fazer.

— Fomá, se tu… — balbuciou. — Olha, apresento-te o meu sobrinho, este rapaz, que se dedica à mineralogia…

— Torno a pedir-lhe, coronel, não me interrompa com a sua mineralogia, da qual o senhor não sabe palavra e que talvez muitos outros ignorem também. Não sou nenhuma criança. Ele vai responder-me que o tal mujique, em vez de preocupar-se com o bem dos filhos, se dedicava a esvaziar copos na taberna e depois vinha para a rua caindo de bêbado. É a isto que se reduz o argumento desse poema, uma glorificação da bebida. Não se preocupe que ele já sabe o que há de responder… Vamos lá, responde: que fazia o tal mujique? Olha que eu já o disse, já te preparei a papinha. Mas quero ouvi-lo da tua boca: que fazia ele, por que se tornou célebre, por que alcançou essa glória imortal que agora celebram os versejadores?

O desventurado Falálei olhou angustiosamente à sua volta e, sem saber o que dizer, abria e fechava a boca como um peixe fora da água e posto sobre a areia.

— Tenho vergonha de di…zer! — gemeu por fim, profundamente consternado.

— Ah, tens vergonha de dizer! — exclamou Fomá triunfante. — Já esperava esta resposta, coronel! Tem vergonha de dizer mas não tem de fazer. Foi esta a moral que o senhor pôs na sua alma, que ele tem já bem enraizada e que o senhor continua a infundir-lhe! Mas para que gastar mais saliva? Podes ir para a cozinha, Falálei! Não te direi mais nada, por consideração pelos presentes; ainda hoje hás de receber um castigo implacável e doloroso. Se assim não for, se desta vez preferirem agradar-te e não a mim, nesse caso podes ficar aqui divertindo os teus senhores com a *kamárinskaia*. Eu não permanecerei nem mais um dia nesta casa. Estou farto. Está dito. Vai-te!

— Esta parece-me um pouco forte demais — murmurou Obnóskin.

— É verdade! — exclamou o meu tio, mas interrompeu-se e não continuou. Fomá lançou-lhe um olhar terrível.

— Há uma coisa que me espanta, Páviel Siemiônitch — continuou Fomá. — Que fazem afinal todos esses literatos, poetas, homens cultos e pensadores do nosso tempo? Não reparam nas canções que o povo russo canta e a que letra adapta os seus bailados esse mesmo povo russo? Que fizeram até o dia de hoje esses Púchkini, Liémontoves e Borodini? O povo dança a *kamárinskaia*, essa apoteose da bebedeira, enquanto eles cantam *Não me esqueças*. Por que motivo não compõem, em vez disso, canções decentes para que o povo as cante e eles deixem em paz os seus botequins? Eis aqui um problema social! Que me descrevam um mujique, mas que seja um mujique enobrecido, um lavrador, e não um mujique. Que me descrevam este bom aldeão em toda a sua simplicidade, inclusive com os seus *lápti*… Eu nada teria a dizer… Mas ao mesmo tempo que o descrevam ornado dessas virtudes pelas quais — atrevo-me a dizer — poderia incutir inveja ao próprio Alexandre da Macedônia… Conheço a Rússia e a Rússia me conhece, e é por isso que falo assim. Que nos pintem esse mujique, carregado de filhos e de cãs, numa úmida isbá, agrilhoado pela fome até, mas contente e bem disposto, fazendo alarde na sua pobreza e cheio de desdém pelo ouro dos ricos. Admitamos mesmo que o rico, comovido, lhe leve o seu ouro… e admitamos também que nesta ocasião me preocupa a união de virtudes do mujique com as do seu senhor, ou melhor, do aristocrata nato. O aldeão e o aristocrata, tão distanciados

na escala social, unidos enfim na virtude… Que ideia sublime! Mas, em vez disso, que vemos nós? De um lado, botequins, e de outro… visitas às tabernas de onde saem depois bêbados cá para fora! Ora digam-me lá se isto tem alguma coisa de poético? De que se envaidecem? Onde está o talento? Onde a graça? Onde a moral? Eu não as vejo!

— Devo-te cem rublos, Fomá Fomitch, pelo que acabas de dizer! — exclamou Ietchóvkin ao que parece muito entusiasmado. — Espera lá por essa! Nem um copeque furado! — murmurou depois ao meu ouvido. — Adula, meu amigo, adula!

— Sim, senhor, falou muito bem — concordou Obnóskin.

— É verdade, é verdade, é verdade! — exclamou o meu tio que escutara tudo aquilo com uma atenção vivíssima e lançando-me de vez em quando olhares triunfantes. — Olha o tema em que ele tocou, hem? — disse-me discretamente ao ouvido enquanto esfregava as mãos muito satisfeito. — Palavras profundas as tuas, Fomá Fomitch. Olha, aqui está o meu sobrinho — acrescentou num impulso comovido. — Ele também se dedica à literatura… Tenho o prazer de apresentá-lo a ti.

Tal como antes, também dessa vez Fomá Fomitch não ligou importância à minha pessoa nem à apresentação do meu tio.

— Por amor de Deus não me apresente mais! Peço-lhe a sério — disse eu em voz baixa ao meu tio, com um gesto enérgico.

— Ivan Ivânitch! — começou Fomá de repente, encarando com Mizíntchikov e olhando-o de frente. — Eu já falei, e o senhor o que pensa?

— Eu? Pergunta-me a mim? — inquiriu Mizíntchikov com ar de quem acaba de acordar.

— Sim, ao senhor. Se lhe pergunto é porque dou grande apreço às pessoas de talento positivo e não a esses indivíduos de uma cultura problemática, que só têm talento porque estão continuamente falando dele e de cultura, e que às vezes importunam intencionalmente uma

pessoa só para poderem exibi-los em alguma feira ou coisa parecida.

Essa pedra vinha, evidentemente, contra o meu telhado. Eu não tinha a menor dúvida de que toda aquela arenga de Fomá Fomitch, juntamente com o fato de ele não me ter dedicado a menor atenção, com todo aquele discurso a propósito de literatura, eram exclusivamente dirigidos contra mim com o objetivo de fazer esbarrar, de aniquilar e destruir de uma vez, desde o seu primeiro passo, o petersburguês culto e inteligente. Eu não tinha a menor dúvida a este respeito.

— Se quer que lhe diga a minha opinião… Olhe, nada, estou de acordo com a sua — respondeu Mizíntchkov com indolência e aborrecimento.

— Estão todos de acordo comigo! É para uma pessoa sentir-se vaidosa! — observou Fomá Fomitch. — Digo-lhe com franqueza, Páviel Siemiônitch — continuou depois de uma pausa, dirigindo-se de novo a Obnóskin. — Se por alguma coisa respeito ao imortal Karamzin, não é pela sua história. nem pela sua *Marfa Possádnitsa*, mas unicamente por ter escrito *A velha e a nova Rússia*, unicamente por ter escrito *Frol Silin*, essa epopeia sublime. Essa obra sua honra a raça e há de ficar ao longo dos séculos. É uma epopeia sublime!

— Isso mesmo, isso mesmo, isso mesmo! É uma epopeia sublime! Frol Silin, que homem generoso! Lembro-me de a ter lido, que o herói deu liberdade a duas donzelas, e depois ergueu os olhos ao céu e chorou. Que gesto sublime! — exclamou o meu tio radiante de satisfação.

Pobre tio. Nunca podia dominar-se para não intervir num diálogo “culto”. Fomá sorriu maliciosamente mas não disse nada.

— Aliás, hoje, também se escrevem boas coisas — observou prudentemente Anfissa Pietróvna. — Por exemplo, aí têm os senhores *Os segredos de Bruxelas*.

— Não digo que não — disse Fomá, condescendente. — Ainda há pouco li um poema… Como se chama ele? Ah, sim! *Não me esqueças*. Mas, para lhes dizer a verdade, de todas as coisas modernas, o que me

agrada mais é *O copista*, uma pena leve!

— *O copista!* — exclamou Anfissa Pietróvna. — É esse que escreve cartas para os jornais? É encantador! Que jogos de palavras!

— É assim mesmo: jogos de palavras. Ele brinca, como se costuma dizer, com a pena. Tem uma pena de uma leveza extraordinária.

— Sim, mas é um pedante — observou repentinamente Obnóskin.

— Pedante… não discuto; mas que pedante simpático e gracioso! Não há dúvida de que, no fundo, nenhuma das suas ideias poderia resistir ao embate da crítica; mas a verdade é que arrebata as pessoas com a sua leveza. Palavreado puro… concordo; mas um palavreado simpático, um palavreado gracioso. Lembra-se daquele artigo em que ele dizia que também possuía propriedades?

— Propriedades? — exclamou o meu tio. — Isso está bem… E em que distrito?

Fomá deteve-se, olhou fixamente para o meu tio e continuou neste tom:

— Bem, agora me diga, em nome da sã razão: que me interessa a mim, leitor, saber que esse senhor tem propriedades? Se assim é… ainda bem! Mas com que donaire, com que talento ele escreve! Chispa talento, torrentes de talento! Assim, assim é que se deve escrever! Penso que seria assim que escreveria se me desse para colaborar nos jornais…

— Assim e talvez ainda melhor — observou respeitosamente Ietchóvkin.

— Tem até qualquer coisa de melodioso no estilo — insistiu o meu tio.

Fomá Fomitch, por fim, não pôde conter-se.

— Coronel! — exclamou. — Permita-me que lhe peça, de uma vez para sempre, com a maior delicadeza, que não se meta na nossa conversa e nos deixe terminá-la em paz. O senhor não pode dar

opiniões acerca daquilo em que falamos; não pode, não senhor. Não estrague o nosso amável colóquio. Preocupe-se com os assuntos da casa, beba chá, mas deixe a literatura tranquila… que não perderá nada com isso, garanto-lhe.

Isto era o cúmulo da insolência. Eu não sabia o que havia de pensar.

— Fôste tu próprio que disseste, Fomá, que o estilo dele é melodioso — disse o meu tio atrapalhado, procurando defender-se.

— É verdade. Mas eu falava com conhecimento de causa, com base, ao passo que o senhor…

— É verdade: nós dizemo-lo com inteligência — ponderou Ietchóvkin, que lisonjeava descaradamente Fomá Fomitch. — Porque nós somos muito inteligentes e, se for preciso, ainda podemos emprestar alguma aos outros, pois a que temos chega para dois ministérios e, talvez, ainda podíamos fornecer dela um terceiro. É para que se veja como nós somos!

— Bem… lá disse eu outra tolice — concluiu o meu tio, sorrindo com a sua bonacheirice habitual.

— Ainda bem que o reconhece — observou Fomá Fomitch.

— Não, não, Fomá, eu não me zango. Sei que tu, como os outros, me tratam como uma pessoa de família, como a um irmão. E isso, não só te permito como até peço. Acho isso muito bem, mesmo muito bem! Isso, para mim, é conveniente. Agradeço-vos, porque assim posso corrigir-me!

A minha paciência estava quase esgotada. Tudo quanto até então ouvira dizer de Fomá Fomitch parecia-me um tanto exagerado. Mas agora via tudo por mim próprio, o meu assombro não reconhecia limites. Não queria acreditar naquilo que via e ouvia; não podia compreender tamanha insolência, tão grande fatuidade, de um lado, e tão voluntária submissão, tão dócil conformidade do outro. Até o meu tio parecia espantado daquela ousadia. Saltava à vista que aquilo era por causa de… Eu ansiava ardentemente por ter algum atrito com

Fomá, bater-me de algum modo com ele, dizer-lhe duas coisas… acontecesse depois o que acontecesse. Este pensamento punha-me num desassossego. Procurava uma ocasião propícia e, enquanto ela não chegava, machuquei completamente a aba do meu chapéu. Mas a ocasião não se apresentou; Fomá não queria, decididamente, reparar em mim.

— Tens razão, tens razão, Fomá — continuou o meu tio, procurando justificar-se com o maior empenho e, de certo modo, reparar a aspereza das suas palavras anteriores. — Tiveste muita razão em dizer isso, Fomá. Agradeço-te. Para apreciar um assunto é preciso conhecê-lo primeiro. Lamento. Não é a primeira vez que isto me acontece. Calcula tu, Sierguiéi, que uma vez até examinei… Dás risada? Bom! Mas juro-te que examinei. Convidaram-me para um estabelecimento de ensino, para que assistisse aos exames e me sentasse entre os examinadores, por atenção para comigo, pois havia um lugar de sobra. E confesso-te que tive medo e me vi aflito, pois não sei uma palavra de nenhuma ciência. Mas que havia eu de fazer? Caíste na ratoeira… Mas depois… não aconteceu nada, tudo correu lindamente; abalancei-me até a fazer pequenas perguntas aos examinandos, como por exemplo: “Quem foi Noé?”. De maneira geral respondiam muito bem; depois almoçamos e bebemos champanhe pelo êxito do estabelecimento. E por sinal que era bem bom!

Fomá Fomitch e Obnóskin riram.

— Eu, depois também dei risada — exclamou o meu tio sorrindo da maneira mais bonacheirona, muito contente por ver os outros também contentes. — Deixa estar, Fomá, que ainda os hei de fazer rir mais. Vou contar-lhes o fiasco em que incorri uma vez… Calcula Sierguiéi, que nós estávamos em Krasnogorsk…

— Permita-me uma pergunta, coronel: é muito comprida essa história? — interrompeu-o Fomá.

— Ah, Fomá! É que se trata de uma história muito estranha, absolutamente para morrer de riso. Cala-te e escuta; juro-te que vale a pena. Vou contar o meu fiasco.

— Eu escuto sempre com muito prazer as suas histórias quando

são desse gênero — disse Obnóskin bocejando.

— É escusado; temos de ouvi-la — disse Fomá.

— Bom. Juro-te que vale a pena, Fomá. Vou contar o meu fiasco, Anfissa Pietróvna. Escuta tu também, Sierguiéi, que é urna coisa instrutiva. Estávamos em Krasnogorsk — começou o meu tio radiante de satisfação, atropelando e comendo as palavras, e empregando intermináveis preâmbulos, como fazia sempre que se punha a contar alguma coisa para distrair a tertúlia. — Acabara eu de chegar ali, quando, naquela mesma noite, fui até o teatro. A primeira atriz era a Kuropátkina, uma mulher lindíssima, que ainda antes de ter terminado o espetáculo fugiu com Zvierkov, o professor de equitação, de maneira que tiveram de descer o pano… Quero avisar que o tal Zvierkov era uma besta, bebia e jogava cartas, e não era na verdade nenhum bêbado, mas estava sempre disposto a passar horas com os companheiros. Agora, quando se embebedava, esquecia-se de tudo: do lugar onde vivia, em que país, como se chamava… Numa palavra, de tudo, embora no fundo fosse um bom rapaz… Bem, pois eu tinha ido ao teatro. No intervalo levanto-me do meu lugar e venho até ao corredor, onde encontro o meu antigo companheiro Kornukov. Por sinal um rapaz muito simpático. Havia seis anos não nos víamos. Estivera numa campanha militar e trazia o peito coberto de cruzes; agora, segundo me disseram não há muito, é conselheiro de Estado; ingressou na burocracia e há de vir a ocupar altos cargos… Bem. Como é natural ficamos muito contentes por nos termos encontrado. Falamos de muitas coisas. Ora muito bem: à nossa direita, num camarote, havia três senhoras; a da esquerda tinha a cara mais horrível que se possa imaginar… Soube depois que era uma excelente mulher, mãe de família e que tem feito o marido muita feliz… Bom. Pois eu, como um imbecil, vou e pergunto a Kornukov: “Ora diz-me lá, meu amigo, sabes que gênero de estafermo é aquele?”. “A quem te referes?” “Aquela.” “Ah, sim, é a minha prima!” “Ó diabo!” Imaginem a minha situação! Então, para remediar o erro, disse-lhe:“Não, meu caro, não me referia a essa. Olha bem. Referia-me àquela que está sentada ao lado; quem é?”. “Essa é a minha irmã.” Ó diacho, que fiasco! A irmã, de fato, era um verdadeiro botão de rosa, muito bonita e bem vestida; toda enfeitada com pulseirinhas de ouro, fitas e rendas;

numa palavra, parecia um anjo. Veio a casar-se com um bom homem, um tal Píktin. Fugiu com ele e depois casou-se sem o consentimento dos pais; mas agora já tudo se arranjou, vivem muito bem, e os pais, estão felicíssimos… Bem. Pois como ia contando, depois virei-me para o meu amigo e disse: “Não, homem, não dizia essa — a verdade é que eu já não sabia o que havia de fazer — não dizia essa”. “Então é a do meio, não?” “Isso mesmo, a do meio!” “Essa, meu caro; é a minha mulher!” Aqui para nós, era um autêntico mimo e não uma mulher. Dava até vontade de comê-la. “Bem — disse eu então ao meu amigo — já viste um burro alguma vez? Pois olha: aqui tens um ao teu lado, junto de ti; e a sua cabeça está à tua disposição; bate sem medo.” Ele desatou a rir. Depois do espetáculo apresentou-me à família e provavelmente já lhes teria contado o meu fiasco. Como nós nos rimos todos! Nunca na minha vida passei um momento tão divertido! E para que vejas, Fomá, os disparates que uma pessoa pode fazer! Ah, ah, ah!

Em vão se riu o meu pobre tio, em vão relanceou à sua volta o olhar jovial e bonacheirão: um silêncio de morte foi a resposta à sua divertida história. Fomá Fomitch conservava-se num silêncio severo e os outros faziam o mesmo; apenas Obnóskin sorriu brevemente, pressentindo sem dúvida a descompostura que aguardava o meu tio. Este ficou muito atrapalhado e pôs-se vermelho como um tomate. Era precisamente o que Fomá queria.

— Já acabou? — perguntou-lhe por fim, dirigindo-se com muita gravidade ao desconcertado narrador.

— Sim, acabei, Fomá.

— E então, sente-se vaidoso?

— Como vaidoso, Fomá? — exclamou quase compungido o meu tio.

— Sente-se agora mais leve? Sente-se satisfeito por ter interrompido uma agradável sessão literária entre amigos, apenas com o fim de dar pasto ao seu excessivo amor-próprio?

— Basta; não continue, Fomá! A única coisa que eu pretendia era divertir-vos, e tu…

— Divertir-nos? — exclamou Fomá subitamente excitado. — Mas se aquilo para que o senhor tem jeito é para amargurar a vida de uma pessoa e não para diverti-la! Divertir! Não percebe o senhor que essa historieta que contou é quase imoral? Não preciso dizer por que, seria inconveniente… aliás é bem claro… O senhor acaba de contar-nos, alardeando uma lamentável rudeza de sentimentos, como foi capaz de troçar de uma senhora digna e distinta, apenas porque ela não teve a honra de agradar-lhe. E também queria que nós, que nós também troçássemos dela; isto é, queria fazer com que aplaudíssemos o seu procedimento grosseiro e vulgar, e tudo pela simples razão de ser o dono desta casa. O senhor pode fazer o que quiser, coronel, pode arranjar uma corte de parasitas, de aduladores e mais gente da mesma casta; pode até fazê-los vir de países longínquos para aumentar a sua corte, com prejuízo da sensatez e da nobreza de alma; mas nunca Fomá Fomitch será o seu adulador nem o seu parasita. Disso pode estar o senhor certo…

— Mas, Fomá, não te zangues assim comigo, Fomá?

— Não, coronel; já, há muito tempo que o conheço, que leio no seu íntimo. O senhor possui um amor-próprio sem limites; tem a pretensão de possuir um espírito irresistível e esquece-se de que essa própria pretensão o impede de tê-lo. O senhor…

— Chega, Fomá, pelo amor de Deus! Envergonhas uma pessoa!

— É que é muito triste ver tudo isto e, depois de ter visto, uma pessoa não pode calar-se. Sou pobre, vivo em casa da senhora sua mãe. Podem julgar que pretendo lisonjeá-lo com o meu silêncio, e não quero que qualquer fedelho possa tomar-me por um parasita seu. Talvez eu, ao entrar aqui esta tarde, tenha recalcado intencionalmente a minha legítima franqueza, talvez me tenha visto obrigado a incorrer quase em grosseria, devido precisamente a que o senhor me coloca nesse transe. O senhor trata-me com demasiada desconsideração, coronel. A avaliar pela sua maneira de conduzir-se comigo, poderiam tomar-me por um parasita da sua mesa. O senhor parece comprazer-se em humilhar-me perante desconhecidos, quando eu sou seu igual, está ouvindo? Sou igual em todos os pontos de vista. Pode ser que seja eu quem lhe faça um favor em viver em sua casa, e não o senhor a mim.

A mim humilham-me; depois eu tenho de me fazer valer… O que é muito legítimo. Eu não posso calar-me, tenho de falar, tenho de protestar imediatamente, para dizer-lhe franca e lealmente que o senhor é fenomenalmente invejoso. O senhor vê, por exemplo, que uma pessoa com a sua conversa simples e afável, evidencia a sua cultura, o seu saber e o seu bom gosto; pois logo aí o temos a morder-se todo por dentro e a dizer para consigo: "Pois também eu vou demonstrar a minha ilustração e o meu bom gosto." E qual é esse seu bom gosto, se me permite a pergunta? A respeito de bom gosto o senhor percebe tanto como, por exemplo, um bocado de carne de vitela. Isto é duro, violento, reconheço-o; mas ao menos é franco e justo. Estas coisas não as ouve aos seus aduladores, coronel.

— Mas… Fomá!

— Deixe-se, de tantos "Mas, Fomá!". Já sabemos que a verdade é amarga. Mas está bem, deixemos a questão para depois; agora permita-me a mim também que eu faça por divertir estes senhores. O senhor não pode açambarcar todas as oportunidades de brilhar. Páviel Siemiônitch, já alguma vez viu, porventura, um monstro marinho com forma humana? Eu, já há algum tempo que o estou admirando. Olhe para ele, olhe como quer comer-me com os olhos…

Voltara-se agora para Gavrila. O velho criado estava de pé diante dele e, efetivamente, via com pesar como troçavam de seu amo.

— Quero que goze também este espetáculo, Páviel Siemiônitch. Ora vamos lá, fantasma, chega-te aqui! Digna-te aproximar-te mais, Gavrila Ignátitch! Ora aqui tem Gavrila, Páviel Siemiônitch; como castigo da sua estupidez, pusemo-lo a estudar francês. Eu, tal como Orfeu, também amansei estas feras, apenas, em vez da música emprego o francês. Ora vamos lá, *franciú*, *messiú* Chematon — ele fica desesperado quando o chamam *messiú* Chematon — já sabes a lição?

— Já, sim, senhor — respondeu Gavrila baixando a cabeça.

— E *parlé vú fransé*?

— *Guí, messiú, je li parle an pu…*[8]

Não sei se a triste figura de Gavrila ao pronunciar aquelas frases francesas seria a causa, ou se o teriam feito para agradar a Fomá; o certo é que todos desataram a rir assim que Gavrila começou a abrir a boca. Até a generala se dignou sorrir. Anfissa Pietróvna deixou-se cair sobre o espaldar do divã, soluçando e guinchando de riso. Mas aquelas risadas gerais fizeram com que Gavrila, ao ver qual era a finalidade do exame, não pudesse conter-se e murmurasse com desgosto:

— Vejam ao que eu cheguei na minha velhice!

Fomá Fomitch deu um pulo:

— Que é isso? Que disseste? Atreves-te a resmungar?

— Não, Fomá Fomitch — respondeu Gavrila com dignidade — não disse uma palavra, pois eu não devo abrir a boca na tua frente, que és um senhor. Mas todos os homens são feitos à imagem e semelhança de Deus. Eu já fiz sessenta e três anos. O meu pai ainda se lembrava de Pugátchov,[9] e o meu avô, juntamente com o seu amo, Matviéi Nikititch que Deus tenha em Sua glória — e também com o senhor Pugátchov, morreu na forca, e por isso o falecido senhor, Afanássi Matviéievitch, o tinha em grande apreço; o meu pai serviu-lhe de ajudante de câmara e morreu como camponês livre. Mas eu, senhor Fomá Fomitch, apesar de ser simplesmente o servo dum senhor, nunca tive de sofrer afronta semelhante.

E ao dizer estas últimas palavras Gavrila abriu os braços frouxos e baixou a cabeça.

O meu tio olhava-o inquieto.

— Bem, chega, Gavrila! — exclamou. — Para que tanta tagarelice? Cala essa boca!

— Deixe-o, deixe-o! — interveio Fomá empalidecendo um pouco e sorrindo com esforço. — Que fale. São estes os frutos do seu…

— Vou dizer tudo — continuou Gavrila com uma vivacidade desacostumada — e não hei de perdoar nada. Podem me amarrar as mãos, mas não a língua! Já sei, Fomá Fomitch, que eu para ti sou um

criado, um ser inferior; mas ainda assim também tenho os meus pontos de honra a defender. Sou obrigado a servir-te e a obedecer-te porque nasci servo e devo cumprir os meus deveres conscientemente e com respeito. Se tu te fechas para escrever um livro, eu tenho a obrigação de ficar de guarda à tua porta e de não deixar entrar ninguém. Se me mandas estudar um livro, eu não devo discutir contigo, porque essa é a minha obrigação, porque esse é o meu dever nesse caso. Servir-te em tudo quanto me mandas: eis aqui o que eu faço com o maior gosto. Mas isso de pôr-me a ladrar no fim da minha vida, como um estrangeiro, de envergonhar-me ainda diante das pessoas, não! Pois o que é certo é que, agora, não posso dar um passo pela aldeia sem que todos me digam: "Diz-nos qualquer coisa, *franciú*, diz-nos qualquer coisa!". Não, senhor Fomá Fomitch, eu não só sou burro, como as pessoas decentes começam já a dizer que o senhor é mau, e que o nosso amo diante do senhor não é mais do que uma criança, e que o senhor embora pelo nascimento seja como o filho dum general, e até pode ser que lhe tenha faltado muito pouco para chegar a isso é, apesar de tudo isso, tão mau como uma fúria.

Gavrila deu por terminados os seus desabafos. Eu estava louco de entusiasmo. Fomá Fomitch mostrava-se pálido de raiva, entre a expectativa geral, e como se não se tivesse ainda apercebido completamente da inesperada arremetida de Gavrila, como se naquele momento estivesse calculando até que ponto devia zangar-se. Por fim a sua cólera estalou:

— Quê?! Atreveu-se a insultar-me! A mim! Mas isto é uma rebelião! — gritou Fomá levantando-se da cadeira.

Atrás dele levantou-se a generala, estendendo os braços. A tempestade ia começar. O meu tio esforçava-se por afastar o culpado Gavrila da vista dos presentes.

— Ponham-lhe as cadeias, cadeias com ele! — gritou a generala. — Levem-no imediatamente para a aldeia e entreguem-no aos soldados, legóruchka! Se não o fizeres, não contas com a minha benção de mãe! Ponham-lhe imediatamente as grilhetas e entreguem-no à tropa!

— Quê! — gritava Fomá. — Escravo! Hamlet! Atrever-se a insultar-me, a mim! Ele, ele é que é um pedaço da sola dos meus sapatos! Atrever-se a chamar-me “fúria”!

Eu me pus de pé com uma resolução inesperada.

— Confesso que neste caso estou completamente de acordo com a opinião de Gavrila — disse eu olhando Fomá Fomitch nos olhos e tremendo de comoção.

Este ficou tão desconcertado com esta investida que, no primeiro momento, parecia nem querer acreditar naquilo que ouvira.

— Também este? — exclamou por fim avançando para mim como um louco furioso e verrumando-me materialmente com os seus olhinhos injetados de sangue. — Quem és tu?

— Fomá Fomitch — exclamou o meu tio completamente desorientado. — É Sierioga, o meu sobrinho.

— Ah, é o tal que é muito “culto”! — grunhiu Fomá. — Então é este o tal que é culto? *Liberté, egalité, fraternité! Journal des Débats!* Não, meu caro, tu mentes! Aqui não é á Saxônia! Aqui não é Petersburgo! Não nos podes enganar! Deixa-me em paz com os teus *débats*! Fica-te aí com os teus *débats*, que nós dizemos: “Vai dar esse osso a roer a outro cão!”. Culto! Se tu sabes muito… eu já esqueci sete vezes mais que tudo isso! Olhem a grande cultura!

Se os outros o não tivessem contido, creio que se teria lançado sobre mim, de punhos cerrados.

— Mas este homem está bêbado — exclamei eu olhando perplexo à minha volta.

— Quem? Eu?! — gritou Fomá com uma voz diferente da sua.

— Tu, sim!

— Bêbado?

— Bêbado, sim!

Isso já ele não foi capaz de suportar. Deu um grito, como se lhe tivessem atravessado o corpo e atirou-se para fora da sala. A generala, segundo parecia, queria desmaiar; mas achou preferível correr atrás de Fomá Fomitch. Correram todos atrás dela e, atrás de todos, o meu tio. Quando voltei a mim e olhei à minha volta, vi-me só com Ietchóvkin. O qual sorria e esfregava as mãos…

— Dos jesuítas… Há um momento o senhor me prometeu — disse ele com uma voz aduladora.

— Quê? — perguntei-lhe eu, que já me tinha esquecido daquilo.

— Prometeu falar-me dos jesuítas… referiu-se a não sei que anedota…

Eu saí para o terraço e daí desci até ao jardim. Minha cabeça estava rodando…

## Capítulo VIII / Declaração de amor

Haveria já um quarto de hora andava eu às voltas pelo jardim, mal-humorado e aborrecido comigo próprio e perguntando a mim mesmo: "E agora, que hei de fazer?". Era a hora do poente. De súbito, na sombra duma alameda deparei Nástienhka. Havia lágrimas nos seus olhos e trazia nas mãos um lenço, com o qual as enxugava.

— Andava à sua procura — disse-me ela.

— E eu à sua — respondi-lhe. — Diga-me: isto é uma casa de doidos ou estou enganado?

— Não senhor, não é uma casa de doidos — respondeu ela como se tivesse ficado ofendida e olhando-me fixamente.

— Mas se não, como é que podem passar-se coisas destas? Pelo amor de Deus, diga-me qualquer coisa! Para onde foi o meu tio? Posso ir ter com ele? Estou muito contente por tê-la encontrado; talvez possa explicar-me alguma coisa.

— Não, o melhor é ir ter com ele. Eu venho agora de lá.

— Mas onde estão eles?

— Vá-se lá saber! Talvez estejam outra vez na horta — disse, excitada.

— Mas em qual horta?

— Ora escute: a semana passada Fomá pôs-se a gritar que não podia estar fechado em casa, e de repente foi para a horta, encontrou por acaso aí um sacho e pôs-se a cavar a terra. Todos nós ficamos espantados. Teria enlouquecido? “Agora — dizia ele — já não poderão dizer-me que como o seu pão sem fazer nada; ponho-me a cavar a terra, hei de ganhar o pão que aqui comi e depois vou-me embora. É para que se veja a necessidade em que me encontro!” Ouvindo-o, todos se puseram a chorar e quase se ajoelharam e queriam tirar-lhe o sacho; mas ele, sempre a cavar; quase arrancou os nabos todos! Se fez isso uma vez, agora é possível que queira repetir a façanha. É capaz de tudo.

— E conta-me isso, assim, com essa calma! — exclamei eu terrivelmente desgostoso.

Ela me olhou com os seus olhos brilhantes.

— Desculpe, mas eu também já nem sei o que digo! Deixe-me fazer-lhe uma pergunta: sabe para que vim eu aqui?

— Não — respondeu ela corando intensamente e um sentimento de desgosto pareceu refletir-se no seu rosto agradável.

— Desculpe — continuei. — Agora estou nervoso; compreendo que não devia pôr-me a falar disto, especialmente com a senhora… Mas tanto faz! A meu ver, nestes assuntos, a franqueza é o melhor. Confesso… isto é, quero dizer… Está a par das intenções do meu tio? Pois fique sabendo que ele me rogou pedisse a sua mão…

—Oh, que loucura! Não diga uma coisa dessas, por favor! — implorou ela cortando-me a palavra ao mesmo tempo que se ruborizava extraordinariamente.

Fiquei estupefato.

— Mas por que loucura? Foi por isso que ele me escreveu!

— Que lhe escreveu? Ao senhor? — perguntou-me com vivacidade. — Mas como, se me prometera não fazê-lo! Que loucura, que loucura!

— Desculpe — balbuciei sem saber o que havia de dizer. — Talvez tenha sido uma imprudência da minha parte, uma precipitação, mas é que neste momento… Avalie bem: nós estamos rodeados sabe Deus de quê…

— Oh, por amor de Deus, não se desculpe! Acredite que mesmo sem isso me havia de ser sempre doloroso escutar qualquer coisa a esse respeito; entretanto, calcule, eu também desejava falar com o senhor para averiguar alguns pormenores… Ah, que desgosto! Por que havia ele de lembrar-se de escrever-lhe! Era precisamente isso que eu receava! Meu Deus, que homem! E o senhor levou o caso a sério e apressou-se logo a vir! Era só o que faltava!

Não escondia o seu desgosto. A minha situação não era nada invejável.

— Confesso-lhe que não esperava — disse eu no meio da maior perturbação — semelhante acolhimento, e que, pelo contrário, pensava…

— Ah! Que pensava o senhor? — exclamou ela com uma leve ironia, e mordeu levemente os lábios. — Olhe, diga-me uma coisa: que lhe dizia ele nessa carta?

— Bem…

— Não se aborreça comigo, por favor, não se ofenda; eu não preciso disso para ter já bastantes aborrecimentos — disse ela com amargura e ao mesmo tempo um breve sorriso lhe assomou aos lábios encantadores.

— Ah, por favor, não me tome por um imbecil! — exclamei com veemência. — Pode acontecer que esteja prevenida contra mim. Que lhe tivessem falado mal de mim. Talvez pelo arrebatamento que tive

há pouco, lá dentro. Mas não falemos disso… Isso não tem importância, afirmo-lhe. Eu próprio penso que devo parecer-lhe um tolo. Por favor, não ria de mim! Já nem sei o que digo… Tudo isto é por causa dos meus vinte e dois anos…

— Oh, meu Deus! E isso que importa?

— Que importa? Quando se tem vinte e dois anos vê-se logo na cara, como aconteceu comigo há pouco, no meio da sala, ou como agora, aqui, na sua frente. Oh, maldita idade!

— Oh, não, não! — respondeu Nástienhka contendo o riso com esforço. — Estou convencida de que o senhor é bom, amável e inteligente, e digo-lhe a sério que lhe falo com o coração nas mãos. Simplesmente… é muito egoísta. Mas disso não pode uma pessoa corrigir-se.

— Parece-me que sou egoísta apenas até onde é preciso.

— Ah, não! Mas há pouco, quando ficou tão sobressaltado… e por quê? Por ter tropeçado quando entrou… Que direito tinha o senhor de rir do seu tio, tão bom, do seu tio tão generoso e do qual só tem recebido bem? Por que pretendia fazê-lo passar por ridículo, quando o senhor também o era? Isso não foi uma coisa vergonhosa, muito mal feita? Isso não o dignificou nada e confesso-lhe, nesse instante, inspirou-me ódio.

— E tinha razão. Eu não me portei bem. Pior, fui grosseiro. A senhora reparou nisso… é quanto basta para me sentir castigado. Ralhe comigo, ria de mim; mas escute: é possível que ainda venha a mudar de opinião — acrescentei, dominado por não sei que estranho sentimento. — Conhece-me há tão pouco, depois, quando me conhecer melhor… talvez…

— Pelo amor de Deus, não falemos mais nisso! — exclamou Nástienhka com impaciência.

— Muito bem, muito bem; pronto, já aqui não está quem falou! Mas… onde é que eu poderei… encontrá-la?

— Onde pode encontrar-me?

— Olhe, pode ser que não nos tornemos a ver, Nastássia Ievgráfovna. Pelo amor de Deus, conceda-me uma entrevista, se possível para hoje mesmo. Porque agora já está escurecendo. Bom; suponhamos que seja amanhã de manhã, o mais cedo possível; direi para me acordarem cedo. Já sabe: ali, junto daquele tanque, há um caramanchel. Eu me lembro bem e conheço o caminho. Vivi aqui quando era pequeno.

— Uma entrevista? Mas para quê? Se já estamos aqui falando!

— Mas é que eu por enquanto ainda não sei nada, Nastássia levgráfovna. Primeiro preciso de saber tudo quanto respeita ao meu tio. Ele não tem outro remédio senão dizer-me tudo, e então é possível que possa dizer-lhe qualquer coisa de muito importante…

— Não, não! Não é preciso, não é preciso! — exclamou Nástienhka. — Digamos tudo agora para não termos de tornar a falar deste assunto. Mas tire da ideia isso de ir ao caramanchel; garanto-lhe que não vou… Peço-lhe seriamente.

— De maneira que isto significa que o meu tio se portou comigo como um louco! — exclamei num ímpeto de contrariedade insuportável. — Para que me teria ele mandado vir, afinal? Mas escute: que barulho é este?

Estávamos próximo da chácara. Pelas janelas abertas ouviam-se choros e gritos extraordinários.

— Meu Deus! — exclamou ela empalidecendo. — Outra vez! Meu coração bem estava adivinhando!

— Seu coração estava adivinhando? Apenas uma pergunta, Nastássia Ievgráfovna. Eu, é claro, não tenho o mínimo direito para tal, mas se me decido a fazer-lhe esta última pergunta é por bem do meu tio. Diga-me: é verdade que ele está apaixonado pela senhora ou não?

— Ah! Afaste de uma vez para sempre da sua cabeça essa

loucura! — exclamou ela num ímpeto de aborrecimento. — Também o senhor! Se estivesse apaixonado por mim não pensaria em casar-me com o senhor — acrescentou com um amargo sorriso. — Mas por que será isto? Não sabe do que se trata? Não ouve esses gritos?

— Mas… é Fomá Fomitch…

— Sim, devem estar falando de mim; é por minha causa tudo isto, eles dizem o mesmo disparate que o senhor; também pensam que ele está apaixonado por mim. E como eu sou pobre e não tenho importância nenhuma neste mundo; mas nada de mau podem dizer a meu respeito, servem-se do recurso de casá-lo com outra e empenham-se em conseguir que ele me expulse de sua casa, assim como ao meu pai, para estarem mais tranquilos. Quando eu lhe disse isto, ficou fora de si e parecia disposto a acabar com Fomá Fomitch. Agora tenho a certeza, é sobre isto que eles falam, o coração está me dizendo que é.

— Tem razão. Portanto o meu tio não tem outro remédio senão casar com essa Tatiana?

— Com qual Tatiana?

— Ora, com essa doida…

— Não tem nada de doida. É uma boa mulher. Não tem o direito de falar assim. Tem um coração de ouro, mais nobreza de alma do que muitos. Ela não tem culpa de ser infeliz.

— Desculpe. Suponhamos que tem toda a razão naquilo que diz; mas não estará enganada quanto ao principal? Por que dispensam eles tão bom acolhimento ao seu pai? Se estivessem tão aborrecidos com a senhora, como diz, e quisessem pô-la fora daqui, também estariam zangados com o seu pai e não o receberiam dessa maneira.

— Mas o senhor não percebe o que o meu pai faz aqui por minha causa? Papel de bobo, é o que o pobrezinho representa para eles. Se o recebem bem é principalmente porque ele procura lisonjear Fomá Fomitch. E como o próprio Fomá Fomitch foi bufão, gosta agora de ter também um bufão. Sabe por que meu pai faz isto tudo? É só por minha causa, só por minha causa. Pode parecer ridículo a algumas

pessoas mas é muitíssimo bondoso. Ele pensa, só Deus sabe por que, não deve ser pelo bom ordenado que eu ganho aqui, afirmo-lhe, mas pensa que me conviria continuar nesta casa. Agora já o convenci do contrário. Escrevi-lhe uma carta peremptória. O meu pai veio para levar-me com ele, se for possível ainda amanhã mesmo, pois está tudo acabado. Querem comer-me viva e sei muito bem que neste momento estão disparatando por minha causa. Por minha causa dão-lhe desgostos atrás de desgostos, tudo por minha causa, e por minha causa ainda hão de acabar com ele. Para mim é como um pai… e olhe, talvez mais do que um pai verdadeiro. Não quero esperar mais. Sei mais coisas do que os outros. Amanhã, amanhã mesmo vou-me embora. Quem sabe? Pode ser que, assim, desistam a tempo de casá-lo com Tatiana Ivânovna… Pronto, já lhe disse tudo. Diga-lhe o senhor também isto tudo, pois agora já não tenho tempo de falar-lhe; nem me deixam fazer em parte alguma, sobretudo a Pieriepelítsina. Diga-lhe que não se aflija por minha causa; que prefiro comer pão negro e viver numa cabana com o meu pai, a ser a causa da sua ruína. Sou pobre e devo viver como pobre. Mas, meu Deus, que alvoroço! Que gritaria! Que se estará passando lá dentro? Não, seja o que for, vou agora mesmo lá! E direi tudo, na frente de todos, aconteça o que acontecer! Adeus.

Saiu correndo. Fiquei cravado no meu lugar, meditando em tudo que havia de ridículo no papel que pouco antes me decidira a representar e ao mesmo tempo nas consequências de tudo aquilo. De súbito, Gavrila surgiu na minha frente.

— Faz favor de ir ter como seu tio? — disse-me com uma voz triste.

Eu caí em mim.

— O meu tio? Mas onde está ele? Que aconteceu?

— Está na sala de chá. No mesmo lugar onde há pouco o tomaram os senhores.

— E quem está com ele?

— Está só. Está à sua espera.

— De quem? De mim?

— Mandou chamar Fomá Fomitch. Acabaram-se os bons tempos — acrescentou com um profundo suspiro.

— Fomá Fomitch. Hum! E os outros onde estão? Onde está a senhora?

— Nos seus aposentos. Desmaiou e agora está deitada, sem conhecimento e chorando.

Entretanto chegáramos ao terraço. Era-quase noite. O meu tio, efetivamente, achava-se só na mesma sala em que eu acabara de travar aquela discussão com Fomá Fomitch e passeava, dando grandes passadas. Quando me viu, dirigiu-se para mim e estreitou-me a mão com força. Estava pálido e respirava ofegantemente; as mãos tremiam-lhe e um estremecimento nervoso lhe corria de vez em quando pelo corpo.

## Capítulo IX / Sua Excelência

— Meu amigo, tudo acabou, está tudo resolvido! — exclamou com uma voz sumida e um tanto trágica.

— Tio — disse-lhe eu — que gritos eram esses que ouvi?

— Gritos, meu amigo, gritos? Gritos de todos os gêneros. A mamãe desmaiou e armou-se logo o alvoroço do costume. Mas estou decidido e mantenho-me assim… Agora não tenho medo de ninguém, Sierioga. Quero mostrar-lhe que tenho caráter… e vou demonstrar. Olha, foi para isso apenas, que te mandei chamar, para que me ajudes a demonstrá-lo… Sinto o coração destroçado, Sierioga! Mas tenho o dever, estou obrigado a proceder com energia. Justiça inexorável!

— Mas que se passou, tio?

— Rompi com Fomá — respondeu o meu tio com voz resoluta.

— Tio! — exclamei eu entusiasmado. — Não podia ter-se lembrado de nada melhor. E se eu puder ajudá-lo em qualquer coisa, disponha de mim à vontade.

— Obrigado, meu amigo, obrigado! Agora já está tudo resolvido. Estou à espera de Fomá; já mandei chamá-lo. Ou ele ou eu! Temos de separar-nos! Se amanhã ele não sair desta casa, junto todas as minhas coisas e volto para os hussardos. Hão de receber-me e vão me entregar uma divisão. Fora com esta maneira de viver! Vida nova! Mas tu ainda andas com o caderno na mão? — exclamou com aborrecimento, dirigindo-se a Gavrila. — Tira dele, rasga, deixa-o em pedaços! Eu sou o teu senhor e ordeno-te que não estudes francês. Tu não podes, tu não te atreves a desobedecer-me, porque sou eu o teu amo e não Fomá Fomitch.

“Louvado seja Deus! — disse consigo Gavrila: — A coisa, parece, foi a sério.”

— Meu amigo! — prosseguiu o meu tio com uma profunda

comoção. — Essa gente exige de mim o impossível. Senão, avalia por ti mesmo: tu, agora, estás entre ele e mim como juiz imparcial. Tu não sabes, tu não sabes o que eles querem, o que me exigem peremptoriamente. É qualquer coisa contra a Humanidade, a nobreza de alma, a honra… Já te conto tudo, mas agora…

— Já sei tudo, tio! — exclamei, interrompendo-o. — Já tinha adivinhado. Falei há pouco com Nastássia Ievgráfovna.

— Meu amigo, agora nem uma palavra, nem uma palavra a respeito disso! — atalhou-me depressa, como assustado. — Depois te contarei tudo, mas por agora… Que é isso? — exclamou dirigindo-se a Vidopliássov, que entrava. — E Fomá Fomitch?

Vidopliássov comunicou-lhe a notícia de que Fomá Fomitch "não queria vir e aceder à exigência de encontrar-se com um indivíduo grosseiro, com o qual se incompatibilizara, e que estava muito ressentido".

— Vai chamá-lo e que ele venha cá! Traga nem que seja de rastos! Que venha aqui! É para vir, ainda que seja à força! — exclamou o meu tio batendo com os pés no chão.

Vidopliássov, que nunca vira o amo possuído de tal cólera, retirou-se intimidado. Eu não saía do meu assombro.

"Com certeza se trata de qualquer coisa muito séria — pensei — para um homem do seu temperamento ser capaz de mostrar tal zanga e resolução."

Durante um momento, o meu tio, em silêncio, passeou pela sala, como se travasse uma luta consigo mesmo.

— Tu, por agora, não rasgues ainda o caderno — disse finalmente para Gavrila — Tem paciência e deixa-te ficar aqui, pode ser que me faças falta… Meu amigo! — acrescentou dirigindo-se a mim. — Olha, acho que gritei demais. Todos os problemas se devem tratar com dignidade, virilmente, sem gritos e sem ofensas. Sobretudo sem ofensas, sabes, Sierioga? Não seria melhor que fosses até lá fora? Para ti, tanto faz. Eu, depois, hei de contar-te tudo… Não é verdade? Que

pensas? Peço-te que o faças por mim.

— O tio tem medo? Arrependeu-se? — disse-lhe eu olhando-o fixamente no rosto.

— Não, não, meu amigo, não me arrependo! — exclamou com violência redobrada. — Agora não tenho medo de nada. Tomei medidas decisivas, bem decisivas. Não sabes, não podes imaginar o que essa gente exigia de mim. Que obrigação tinha eu de lhes fazer a vontade? Já lhes demonstrei que nenhuma. Vou me revoltar e vou lhes mostrar! Hei de lhes mostrar alguma vez! Mas olha, meu amigo, estou arrependido de ter mandado chamar-te. Para Fomá poderia ser muito doloroso que estivesses aqui como testemunha da sua humilhação. Escuta: quero pô-lo fora desta casa de maneira nobre, sem humilhá-lo. É um assunto tão melindroso que, nele, até as palavras doces amargam, e de certo modo ofendem. Eu… sou rude, não tenho cultura e digo às vezes coisas de que depois me arrependo. Além disso ele tem feito muito por mim… Vamos, meu amigo, vai lá para fora… Mas descansa que hei de fazer-lhe sentir a minha força! Sierioga, peço-te, sai! Eu depois te conto tudo. Mas sai, pelo amor de Deus!

E o meu tio empurrou-me para o terraço no momento preciso em que Fomá entrava na sala. Confesso: não me afastei dali, mas continuei no terraço, onde já estava muito escuro e onde, portanto, era muito difícil que me vissem da sala. Decidira escutar tudo.

Não quero justificar de maneira nenhuma a minha conduta, mas atrevo-me a dizer que, ao permanecer meia hora bem puxada no terraço e ao não ter perdido a paciência, realizei uma proeza de mártir. No meu lugar, não só podia ouvir tudo muito bem, como conseguia ver: as portas da sala eram de vidro. Passarei agora a descrever Fomá Fomitch, ao qual tinham mandado chamar, com ordem de empregar a violência, caso ele opusesse resistência.

— Que ameaça foi essa que chegou aos meus ouvidos, coronel? — disse Fomá entrando na sala. — Referia-se à minha pessoa?

— A ti, sim, Fomá; tranquiliza-te — respondeu corajosamente o meu tio. — Senta-te aqui; falemos seriamente, amistosamente,

fraternalmente; senta-te, Fomá…

Fomá Fomitch sentou-se solenemente numa cadeira. Meu tio andava na sala de um lado para o outro, dando grandes e desajeitadas passadas, visivelmente preocupado com a maneira de começar o seu pequeno discurso.

— Sim, fraternalmente — repetiu. — Tu deves compreender, Fomá; não és nenhuma criança e eu também já não sou um rapaz. Numa palavra: nós dois já temos uma certa idade. Hum! Olha, Fomá: os nossos temperamentos coincidem em alguns pontos… sim, em alguns pontos, e, portanto, Fomá, não seria melhor separarmo-nos? Eu estou convencido de que tu tens uma alma nobre, de que me tens amizade, e por isso… Mas, para que falar tanto? Fomá, eu sou e serei teu amigo para sempre, juro por todos os santos. Aqui tens quinze mil rublos; isto, meu amigo, é tudo quanto pude amealhar, juntando tudo e tirando alguma coisa aos meus. Fica com ele, sem mais preocupações! Tenho a obrigação, sinto-me no dever de olhar por ti! Aqui tens essa quantia, quase toda em notas. Guarda-a sem relutância. Não tens obrigações nenhumas para comigo, porque eu nunca estarei em condições de poder recompensar tudo o que fizeste por mim. Sim, é isto o que eu sinto, embora de momento discordemos em pontos capitais. Amanhã ou depois de amanhã… ou quando te convier, havemos de nos separar. Diriges-te à aldeia, que fica a umas dez verstas daqui; aí encontrarás uma casinha atrás da igreja, na primeira travessa, com cortinas verdes e os caixilhos das janelas, brancos; uma casinha muito bonita, que pertence à viúva do *pope*, e que parece feita de propósito para ti. A dona quer vendê-la. Quero comprá-la para ti, é claro, não com esse dinheiro. Podes estabelecer-te aí, próximo de nós. Dedica-te à literatura, à ciência; alcançarás a glória… Esses empregados todos, desde o primeiro até ao último, são boa gente, simpática, pacífica; o *protopope* é um homem instruído. Virás passar os dias de festa conosco… e a nossa vida será um paraíso! Ora diz-me lá: queres assim ou não?

“São estas as condições para expulsar Fomá — pensei eu. — O meu tio não me falou na questão do dinheiro.”

Durante muito tempo houve um grande silêncio. Fomá, sentado na sua cadeira e, aturdido, contemplava o meu tio, imóvel, o qual dava sinais de não estar muito tranquilo diante daquele silêncio e daqueles olhares.

— Dinheiro! — exclamou enfim Fomá com uma voz surda, de aborrecimento. — Onde, onde está esse dinheiro? Venha ele para cá, que venha para cá imediatamente!

— Aqui o tens Fomá; são as últimas reservas, tudo o que tenho, São letras de câmbio e notas… Podes ver… Toma.

— Gavrila! Fica com esse dinheiro! — exclamou humildemente Fomá. — A ti, velho, pode ser-te útil… Não! — tornou a gritar com uma voz que vibrava estranhamente, e levantando-se de um salto da cadeira. — Não! Me dá, me dá esse dinheiro, Gavrila! Me dá! Me dá! Me dá essas notas para que eu as espezinhe, para que eu as destrua e lhes cuspa e as atire ao ar, lhes urine em cima e as conspurque! Oferecerem-me dinheiro a mim, a mim! Subornarem-me para que eu saia desta casa! Mas teria eu ouvido bem? É possível que eu tenha sofrido este último escárnio? Aqui, aqui tem os seus milhões! Olhe, é isto, isto e isto que eu faço com eles! É para que veja como se porta Fomá Opískin, visto que até agora não o tinha ainda percebido!

E Fomá espalhou pelo ar, na sala, todo o maço das notas. É de notar que não rasgou nenhuma, nem lhes cuspiu como dissera numa fanfarronada, limitando-se a amarrotá-las um pouco, e isto muito ao

de leve. Gavrila apressou-se a apanhar as notas do chão e depois de Fomá ter saído entregou-as ao amo.

O gesto de Fomá fez com que meu tio ficasse convertido numa autêntica estátua. Estava agora diante de Fomá, imóvel, aturdido, de boca aberta. Entretanto, Fomá tornou a sentar-se na sua cadeira e respirava ofegantemente, como assaltado por uma comoção indescritível.

— És um homem digno, Fomá — exclamou o meu tio como se despertasse de um sonho. — És o mais nobre dos homens!

— Já sei — respondeu Fomá numa voz débil mas de inexcedível dignidade.

— Fomá, perdoa-me! Eu me portei contigo como um embusteiro! Fomá!

— Sim — confirmou Fomá.

— Fomá, não me espanta a tua nobreza de alma! — continuou o meu tio tomado de entusiasmo. — O que me assombra é que eu tenha podido descer até um tal extremo de grosseria, de inépcia e maldade, para assim oferecer-te dinheiro, a ti, nestas condições. Mas, Fomá, tu te enganas numa coisa, eu não queria de maneira nenhuma subornar-te nem pagar-te para que saísses desta casa; o que eu queria pura e simplesmente era que pudesses contar com algum dinheiro, para que não passasses dificuldades quando saísses do meu lado. Juro-te! Estou pronto a implorar o teu perdão de joelhos, de joelhos, Fomá, e se quiseres, agora mesmo me lançarei a teus pés, de joelhos… Basta que o queiras.

— Eu não preciso dos seus joelhos para nada, coronel!

— Mas, pelo amor de Deus, julga por ti próprio: eu estava furioso, de cabeça perdida… Mas olha: diz-me a maneira, diz-me como é que eu posso apagar esta ofensa. Ensina-me, fala…

— De maneira nenhuma, de maneira nenhuma, coronel! E. pode estar certo de que amanhã mesmo sacudirei o pó dos meus sapatos nos

umbrais desta casa.

E Fomá começou a levantar-se da cadeira. O meu tio, cheio de espanto, obrigou-o a sentar-se outra vez.

— Não, Fomá, tu não te vais embora, suplico-te! — exclamou o meu tio. — Não é preciso falar de pó nem de sapatos, Fomá. Tu não te vais, se não queres que eu vá atrás de ti até ao fim do mundo e não te deixe um momento até que finalmente consintas em perdoar-me… Juro, Fomá, que assim farei!

— Perdoar-lhe, ao senhor! — exclamou Fomá. — Mas o senhor pensa que são de agora as suas culpas para comigo? Julga que o é mais agora do que quando me dava um pedaço de pão? Julga que foi agora, num minuto, que envenenou todos os pedaços de pão que eu comi nesta casa? O senhor acabou de me atirar à cara cada um desses pedaços de pão que eu comi nesta casa; o senhor acaba de dar-me a entender que eu tenho vivido aqui como um escravo, como um lacaio, como aquele que lhe limpa as botas. E eu a julgar, devido à minha dignidade própria, que ocupava em sua casa o lugar dum amigo, dum irmão. Não foi o senhor mesmo quem, com as suas palavrinhas traiçoeiras, me convenceu mil vezes dessa fraternidade? Para que é que o senhor urdia em segredo essas redes em que eu acabei caindo como um tolo? Por que é que o senhor urdia na sombra esta armadilha de lobo na qual agora acaba de lançar-me? Por que não acabou comigo de uma só vez, com um só golpe desse porrete? Por que, logo de princípio, não me cortou a cabeça, como a um galo, como castigo de… bem, como castigo, por exemplo, de eu não pôr ovos? Sim, porque de fato assim é, na realidade. Insisto nesta imagem, coronel, embora a tenha ido buscar à vida provinciana e recorde o tom vulgar da literatura contemporânea. Insisto nela porque põe à vista todo o absurdo das suas acusações, pois eu perante o senhor não cometi outro delito senão o desse galo, que se torna odioso para o seu dono insensato, pelo fato de não pôr ovos. Desculpe, coronel, mas porventura pode pagar-se ao amigo ou ao irmão, com dinheiro…? O principal está aqui: “Sim, querido amigo; eu estou muito grato para contigo, salvaste-me a vida. Aqui tens dois dinheiros de prata, de Judas; mas tira-te da minha frente”. Que ingenuidade! Como se portou grosseiramente para comigo! O senhor julgava que eu só pensava no

seu dinheiro, quando eu sentia apenas um sentimento paradisíaco ao velar pelo seu bem. Oh, como me dilacerou o coração! O senhor brincou com os meus sentimentos mais nobres, como um escaravelho brinca com a sua bola de estrume. Há muito tempo, há muito tempo, coronel, que eu previa tudo isto… e por isso, há muito tempo me parecia que o seu pão me ficava atravessado na garganta e que me amargava. Por isso os seus colchões de penas me picavam, em vez de serem cômodos. Por isso o seu açúcar e os seus doces eram para mim pimenta pura e não doces. Não, coronel! Fique o senhor sozinho; seja o senhor, sozinho, muito feliz, e deixe Fomá seguir o seu triste caminho com a sua roupa ao ombro. Assim será, coronel.

— Não, Fomá, não! Não será assim, não é possível que seja! — gritou o meu tio completamente abatido.

— Sim, coronel, sim. Será, pela simples razão de que assim deve ser. Amanhã mesmo sairei desta casa. Espalhe todas as suas notas à minha volta, cubra até com elas o meu caminho, atapete toda a estrada até Moscou com as suas notas… que eu, muito ufano, caminharei por cima delas. Estes meus pés, coronel, espezinharão, encherão de lodo, espatifarão essas notas, e Fomá demonstrará amplamente a sua nobreza de alma. Disse-o e hei de cumpri-lo… Adeus… coronel! A… deus, coronel!

E Fomá começou de novo a levantar-se da sua cadeira.

— Perdão, Fomá, perdão! Esquece! — insistiu o meu tio com uma voz implorante.

— Perdão! Mas para que precisa o senhor do meu perdão? Bem. Suponhamos que eu lhe perdoe; eu sou cristão, não posso deixar de perdoar e quase já lhe perdoei. Mas resolva o senhor mesmo. Serão compatíveis as duas coisas: ter uma ponta de razão e de nobreza de alma e continuar depois disto, um minuto só que seja, em sua casa? Porque o senhor expulsou-me!

— Sim, são compatíveis, Fomá, são compatíveis! Afirmo-te que são!

— Compatíveis? Mas seria possível que continuássemos como

antes? O senhor não vê que eu, com a minha nobreza de sentimentos, o aniquilei, ou, para melhor dizer, que o senhor, com o seu vil procedimento, se rebaixou a si mesmo? O senhor arrasta-se pela lama, enquanto eu me elevo. Como poderíamos ser agora iguais? Mas não é verdade que só pode existir amizade entre iguais? Digo isto com, o coração sangrando e não pavoneando-me nem elevando-me acima do senhor, como pode julgar.

— Mas se a mim também me sangra o coração, Fomá, juro-te!

— E é este o mesmo homem — continuou Fomá mudando de tom e chegando até à doçura. — E é este o mesmo homem pelo qual tantas vezes perdi o sono de noite? Quantas vezes, nas minhas noites de insônia, eu me levantei do leito, acendi a luz e disse para mim próprio: "Agora ele dorme tranquilamente, confiado em ti. Não durmas, Fomá; vela por ele, talvez descubras qualquer coisa para a felicidade desse homem". É para que veja o que pensava Fomá nas suas noites de insônia, coronel. Mas chega, chega!

— Mas eu farei por merecer, Fomá, eu farei por merecer novamente a tua amizade… Juro-te!

— Merecer! E onde está a garantia? Como cristão perdoo e até lhe quero; mas como homem, e como homem bem nascido, não posso deixar de desprezá-lo. Devo fazê-lo, vejo-me obrigado a fazê-lo em nome da moral; porque o senhor enlameou-se com a sua conduta, ao passo que eu tive o mais nobre dos gestos. Bem. É capaz de me dizer qual dos seus seria capaz de um gesto semelhante? Qual deles recusaria essa considerável soma de dinheiro que acaba de recusar o mais humilde e desprezível de todos, Fomá, enfim, pelo seu amor à grandeza de alma? Não, coronel; para tornar-se igual a mim tem de realizar uma série de grandes ações! Mas de que ações será o senhor capaz, se nem sequer pode tratar-me por senhor, como seu igual, mas só por tu, como a um criado?

— Mas olha, Fomá, se eu te trato por tu é por amizade! — exclamou o meu tio. — Eu não sabia que tu não gostavas disso. Meu Deus! Se o tivesse sabido!

— O senhor — continuou Fomá — o senhor, que não pôde, ou,

para melhor dizer, que não quis aceder ao pedido mais simples e insignificante, quando eu lhe pedi que me desse, como a um general, o título de Excelência…

— Mas, Fomá, isso teria sido um atentado… Fomá!

— Um grande atentado! Aprendeu essa frase em algum livro e agora a repete como um papagaio? Mas o senhor não sabe que me ofendia, me desonrava com a sua negativa de tratar-me por Excelência? Sim, atentava contra a minha dignidade, na medida em que não compreendia as minhas razões, tomando-me por um tolo caprichoso, digno do manicômio. Ora vejamos: o senhor pensa que eu não compreendo que seria ridículo aos seus olhos, se quisesse que me tratassem por Excelência, eu, que desprezo todas essas honras e grandezas terrenas, insignificantes em si mesmas, se não forem acompanhadas de virtude? Nem a troco de milhões quereria o título de general sem a virtude. Mas o senhor, afinal, tomava-me por um imbecil! Era em seu proveito que eu sacrificava o meu amor-próprio e consentia que o senhor me tomasse por um idiota, o senhor e os seus amigos cultos; unicamente para iluminar a sua inteligência, desenvolver a sua moralidade e induzi-lo ao contacto de novas e melhores ideias, é que eu me decidi a pedir-lhe que me desse o tratamento de general. Eu queria sobretudo que daí para diante o senhor não considerasse os seus generais pelos mais resplandecentes luminares do globo; queria demonstrar-lhe que a hierarquia… não é nada sem a grandeza de alma, e que não havia motivo para alegrar-se tanto com a visita do tal general, pois talvez tivesse ao seu lado pessoas virtuosas. Mas o senhor pavoneia-se continuamente na minha frente com a sua graduação de coronel, a tal ponto que, evidentemente, devia ser-lhe muito difícil resolver-se a tratar-me por Excelência. Aí é que estava o nó da questão! É ai que é preciso ir procurar o motivo e não a nenhum atentado contra nenhum regulamento. A razão de tudo isto reduz-se a que o senhor é coronel, e eu simplesmente Fomá…

— Não, Fomá, não! Juro-te que não é isso! Tu és um homem culto; tu não és simplesmente Fomá… Eu te estimo…

— Muita honra. Está bem. Então se é verdade que me estima, dê-

me a sua opinião: eu sou digno do título de general? Responda imediata e categoricamente sou digno dele ou não? Quero ver até onde chega a sua inteligência e a sua maturidade espiritual.

— Pela tua honorabilidade, pela tua generosidade, pela tua inteligência, pela tua sublime grandeza de alma… és digno! — declarou, orgulhoso, o meu tio.

— Pois, se sou digno, por que não me trata por Excelência?

— Fomá, se quiseres eu te trato…

— E eu exijo. Agora sou eu quem exige, coronel; insisto nisso e imponho. Vejo como isso lhe custa e por isso imponho. Este sacrifício será o primeiro passo para a série das suas façanhas, porque… não se esqueça, o senhor fica obrigado a realizar toda uma série de grandes ações para poder igualar-se a mim; fica obrigado a dominar-se a si próprio e só então acreditarei na sua sinceridade…

— Amanhã começarei a tratar-te por Excelência, Fomá.

— Não, amanhã não, coronel. Amanhã? Nem falar nisso. Eu lhe exijo que a partir de agora, deste mesmo instante, comece a tratar-me por Excelência.

— Desculpa, Fomá, eu não vejo inconveniente nenhum… Simplesmente, assim de repente, Fomá!

— Por que não há de ser agora mesmo? Ou terá vergonha? Nesse caso terei de considerar-me ofendido por o senhor ter vergonha.

— É que… Fomá, eu estou disposto e até o considero uma honra… Mas é que, assim, sem mais nem menos, logo no começo, dizer: “Bom dia, Excelência…”. Olha, isso é impossível.

— Não, nada de “Bons dias, Excelência”. Esse tom é ofensivo, faz lembrar os bobos, a farsa. Eu não consinto bufões ao meu lado. Corrija, corrija isso imediatamente, coronel. Mude de tom.

— Mas tu não estás brincando, Fomá?

— Em primeiro lugar nada de tu, Iegor Ilhitch, mas tu… o senhor… não se esqueça; e não me chamo Fomá, mas Fomá Fomitch.

— Ah, por amor de Deus! Fomá Fomitch, está bem; pois com muito prazer, com muitíssimo prazer. Simplesmente… que ia eu a dizer?

— Custa-lhe acostumar-se à expressão Excelência; é compreensível, é compreensível. Se já se tivesse acostumado há mais tempo a empregá-la… Mas é desculpável, sobretudo tratando-se de um homem inculto; que tem certa dificuldade em exprimir-se bem. Bom, se não pode por si sozinho, eu o ajudarei. Pois diga: Vossa Excelência.

— Bom; Excelência.

— Não, não é assim. Muito bem, Excelência, mas simplesmente, Excelência. Eu já lhe disse, coronel, mude de tom. Espero também que não levará a mal que eu lhe proponha que se incline levemente e ao mesmo tempo deite o corpo para diante, dando a entender desse modo o respeito que sente e como está disposto a cumprir rigorosamente as ordens que lhe deem. Eu convivi com generais e sei muito bem tudo isso… Ora vamos lá: Excelência!

— Excelência!

— Folgo imenso por encontrar finalmente ocasião para pedir-lhe perdão por não ter apreciado desde o princípio a excelência da sua alma. Atrevo-me a acreditar que daqui para diante não regatearei as minhas forças débeis em proveito dos demais… Bem, chega.

Meu pobre tio! Viu-se obrigado a repetir toda essa arenga, frase por frase, palavra por palavra. Eu presenciava aquilo e ruborizava-me como culpável. A cólera ia-se apoderando de mim.

— Bem. Não lhe parece agora — exclamou aquele verdugo — que de repente se lhe tornou mais leve o coração, que na sua alma esvoaça um anjo? Não sente a presença desse anjo? Responda-me!

— Sim, Fomá. Efetivamente sinto-me mais leve — respondeu o meu tio.

— Como se o seu coração, depois de ter-se vencido a si próprio se banhasse num tanque de azeite, como costuma dizer-se?

— Sim, Fomá, sim. De fato parece-me que me derreto como manteiga.

— Que vem a ser isso de manteiga? Hum! Eu não falei em manteiga… Mas, está bem, tanto faz… Isto é o que se diz, coronel, ter cumprido o seu dever. Vença-se a si mesmo. O senhor está cheio de amor-próprio, ama-se a si mesmo de um modo horrível.

— Sim, é verdade, Fomá; tenho muito amor-próprio, reconheço-o — respondeu o meu tio com um suspiro.

— O senhor é um egoísta, um tremendo egoísta…

— Sim, na verdade sou egoísta, Fomá. Eu próprio o reconheço, e foi desde que te conheci que descobri isso.

— Eu agora lhe estou falando como um pai, como uma mãe carinhosa… O senhor afasta todas as pessoas do seu lado.

— Tens razão, Fomá.

— O senhor é um grosseirão. Trata com tanta brutalidade os sentimentos humanos, aferra-se com tanto amor-próprio às suas opiniões, que todo homem reto sente impulsos de sair correndo e pôr entre o senhor e a sua pessoa trinta léguas de distância.

O meu tio voltou a suspirar profundamente.

— Seja mais afável, mais atento, mais afetuoso com o próximo; esqueça-se de si próprio a favor dos outros e depois olhe então para si. Viva e deixe viver o próximo… é essa a minha norma. Seja paciente, trabalhe, reze e espere… eis aí os princípios que eu desejaria poder inculcar de uma vez para sempre a toda a Humanidade. Aprenda-o de memória e então eu lhe abrirei o meu coração e chorarei pelas suas dores… se for preciso… De outra maneira não existirá no senhor senão o eu, o eu e a vontade de dominar… Até que por fim uma pessoa acaba por envaidecer-se com tanta autoridade.

“Mas que homem!”, murmurou Gavrila, de pé junto da porta.

— Tens razão, Fomá, eu mesmo sinto em mim a verdade do que dizes — concordou, comovido, o meu tio. — Mas, no fundo, a culpa não é toda minha. Bem sabes a educação que me deram e como vivi entre soldados. Juro-te, Fomá, que tudo isso o senti eu mesmo. Quando deixei o serviço, todos os hussardos, toda a divisão chorava e diziam que nunca tinham visto outro como eu… E eu, ao ouvi-los, sentia no meu íntimo que talvez não fosse completamente um homem perdido…

— Outra vez o acesso de egoísmo! Lá o apanho eu outra vez em pleno ataque de egoísmo! O senhor gaba-se e ao mesmo tempo faz-me uma censura com essas lágrimas dos hussardos. Mas por que nunca me gabo das lágrimas alheias? E sabe Deus se teria motivos para fazê-lo, pode ser que os tivesse.

— Escapou-se da boca isto, Fomá, não te zangues… Estava a recordar-me dos bons tempos de outrora.

— Os bons tempos não caem do céu, somos nós próprios que os fazemos; estão contidos no nosso coração, Iegor Ilhitch. Porque eu fui sempre feliz e, apesar de todos os sofrimentos, mantive-me alegre, com a alma em paz, nunca tive antipatia por ninguém, a não ser por esses imbecis que se têm por cultos e aos quais nunca pude nem poderei suportar. Não simpatizo com os imbecis. E que são, no fim de contas, esses tipos cultos? Homens de ciência. Mas a ciência converte-se para eles em algo de aprendido e não em ciência. Bem. De que falava esse, há pouco? Mande-o para cá. Traga para cá todos esses tipos cultos que eu me atrevo a rebater-lhes todas as regras convencionais; posso atirar à cara de todos eles a sua verdadeira condição. E isto para não falarmos da minha nobreza de alma…

— Sem dúvida, Fomá; sem dúvida… Quem pode duvidar disso?

— Há pouco, por exemplo, demonstrei eu, além de inteligência, cultura extraordinária, conhecimento do coração humano, domínio da literatura contemporânea. Fiz ver e demonstrei irrefutavelmente como um tema tão vulgar como esse da dança *kamárinskaia* pode converter-se num tema elevado de conversa, quando aquele que o maneja é um

homem de talento. E depois? Soube algum deles apreciá-lo devidamente? Não, ainda por cima foram insolentes. E olhe, estou convencido de que ele já lhe disse que eu sou um ignorante. Mas até o próprio Maquiavel ou Mercadante, eles não teriam pejo de acusá-los de ignorantes, se os soubessem pobres e desconhecidos… Mas eu ouvi falar de um Koróvkin… Que tipo é esse?

— É um homem muito inteligente, Fomá, um homem de ciência… Estou à espera dele. Tenho a certeza de que vais simpatizar com ele, Fomá.

— Hum! Duvido. Provavelmente será algum burro contemporâneo, a abarrotar de sabedoria livresca. Esses tipos não têm alma, coronel, nem sequer coração. E que vale o saber sem a virtude?

— Mas este, Fomá, não é assim. Se visses como fala dos prazeres da família! Asseguro-te que é uma boa pessoa, Fomá.

— Hum! Está bem, depois veremos, examinaremos Koróvkin — terminou Fomá endireitando-se no seu lugar. — No entanto eu ainda não lhe perdoei tudo, coronel. A ofensa foi muito dura. Mas rezarei e talvez Deus envie a paz ao coração ulcerado. Amanhã voltaremos a falar disto, mas agora permita-me que me retire. Estou fatigado, esgotado…

— Ah, Fomá! — exclamou o meu tio assustado. — Vês como estás cansado? Sabes uma coisa? Por que não queres restaurar um pouco as tuas forças, tomar qualquer coisa? Vou dizer imediatamente…

— Tomar qualquer coisa? Ah, ah, ah! — respondeu Fomá com um riso depreciativo. — Primeiro envenenam-te com um tóxico e depois suplicam-te: “Não queres tomar qualquer coisa?”. Agora vem então com panos quentes… O senhor, coronel, é um materialista!

— Olha, Fomá, eu disse isso na melhor das intenções.

— Está bem, chega. Não falemos mais disso. Eu me retiro e o senhor vai agora já ver a sua mãe; deite-se a seus pés, de joelhos; soluce, chore, peça-lhe perdão. Este é o seu dever, a sua obrigação.

— Ah, Fomá! Eu já tinha pensado nisso; agora mesmo, quando falavas, pensava nisso. Estou disposto a deitar-me aos seus pés de joelhos, até à eternidade. Mas já pensaste bem, Fomá, naquilo que exigem de mim? Repara que isso é uma injustiça; olha que isso é uma coisa horrível, Fomá. Sê completamente generoso, faz-me completamente feliz, pensa, resolve e então… então… juro…

— Não, Iegor Ilhitch, não; isso não é da minha conta — respondeu Fomá. — O senhor sabe muito bem que eu não não tenho nada com isso; ou melhor, suponhamos que o senhor está convencido de que sou eu a causa de tudo. Pois afirmo-lhe que desde o primeiro momento estive alheio a este assunto. Trata-se exclusivamente da vontade de sua mãe, a qual, naturalmente, só deseja o seu bem… Vá até junto dela, apresse-se a resgatar a sua culpa, mostrando-se ao menos obediente… E não se arrependa. Mas eu… eu passarei toda a noite pedindo a Deus pelo senhor. Já há muito tempo não sei o que é sono, Iegor Ilhitch. Adeus! Adeus também a ti, velho! — acrescentou, dirigindo-se a Gavrila. — Sei que não procedeste por impulso próprio. Desculpa-me também se em alguma coisa te ofendi… Adeus, adeus, adeus a todos e que o Senhor vos abençoe!

Fomá retirou-se. Eu me precipitei imediatamente para o quarto.

— Estiveste ouvindo? — perguntou o meu tio.

— Estive, sim, tio. Estive ouvindo. E o senhor teve coragem de chamar-lhe Excelência!

— Que havia eu de fazer, meu amigo? E sinto-me até orgulhoso… Isso não é nenhuma façanha, comparado com o seu gesto tão nobre. Mas que homem generoso e grande! Sierguiéi, tu já o ouviste… O que eu não consigo explicar de maneira nenhuma é como fui capaz de decidir-me a oferecer-lhe esse dinheiro. Meu amigo! Estava cego, estava furioso; eu não o compreendia; odiava-o, deitava-lhe a culpa de tudo. Mas não. Ele não pode ser meu inimigo. Agora é que eu vejo. E reparaste na expressão de nobreza que se desenhou no seu rosto quando recusou o dinheiro?

— Está muito bem, tio. Orgulhe-se quanto quiser; porque eu vou-me embora. Minha paciência acabou. É a última vez que falo com o

senhor. Diga-me: que quer de mim? Por que me mandou vir e que espera de mim? Sim, está tudo terminado, não posso ser-lhe útil em nada, vou-me embora. Não posso suportar estas cenas. Vou-me embora hoje mesmo.

— Meu amigo! — balbuciou o meu tio, segundo o seu costume. — Espera ao menos dois minutos; eu, meu amigo, vou agora mesmo ver a mamãe… É preciso decidir junto dela um assunto grave, importante, transcendente… Mas tu, entretanto, vai para os teus aposentos. Olha, Gavrila, leva-te ao pavilhão de verão, sabes, ao pavilhão de verão! Aquele que tem saída para o jardim. Eu já tratei de tudo e mandei levar para lá a tua mala. E eu vou lá em cima pedir perdão à minha mãe. Resolvo este assunto… Agora já sei o que hei *de* fazer e a seguir corro à tua procura e conto-te tudo, até o último pormenor, *e* abro-te o meu coração… E… e… voltarão a brilhar dias felizes para nós. Apenas dois minutos, só dois minutos, Sierguiéi!

Apertou-me a mão e saiu apressadamente da sala. Não me restava outro recurso senão deixar-me conduzir por Gavrila.

## Capítulo X / Mizíntchikov

A parte da casa a que Gavrila me conduziu chamava-se *a ala nova*, apenas pela força do hábito, pois na realidade era de construção já antiga, obra dos anteriores proprietários. Era uma casinha de madeira, muito bonita, que se erguia a alguns passos da casa velha, a meio do jardim. Por três dos seus lados era rodeada de tílias velhíssimas, que com as suas copas sombreavam o seu teto. Os três quartos estavam bem mobilados e dispostos para receber o hóspede. Quando entrei no quarto que me era destinado e para o qual já tinham mudado a minha mala, vi em cima de uma mesinha, ao lado da cama, uma folha de papel de carta escrevinhada por um verdadeiro calígrafo com todo o gênero de gatafunhos e adornada com grinaldas e florinhas. As letras maiúsculas e as grinaldas estavam avivadas com várias cores. Tudo aquilo, no seu conjunto, representava um trabalho de caligrafia realmente notável. As primeiras palavras que li, compreendi logo tratar-se de uma petição a mim dirigida, e na qual me chamavam “ilustre benfeitor”. No sobrescrito lia-se: *Lamentações de Vidopliássov*.

Mas quando concentrei a atenção para compreender qualquer coisa do que estava escrito, todos os meus esforços foram inúteis; tudo aquilo era um enorme disparate, escrito no elevado estilo próprio de lacaio. Apenas fui capaz de compreender que Vidopliássov se encontrava não sei em que aflitiva situação, que pedia o meu auxílio, no qual punha todas as suas esperanças, atendendo à minha cultura e, para terminar, pedia-me intercedesse por ele junto de meu tio e para esse fim pusesse a funcionar a minha máquina, conforme dizia literalmente como remate da petição. Ainda eu a estava lendo quando a porta se abriu e entrou Mizíntchikov.

— Espero que me permita privar de sua amizade — disse-me com naturalidade, mas muito às pressas e estendendo-me a mão: — Há pouco não tive oportunidade de dizer-lhe duas palavras, apesar de que assim que o vi, tive logo vontade de falar-lhe.

Respondi-lhe que também eu tinha muito prazer etc., embora me encontrasse na mais lamentável disposição de espírito. Sentamo-nos.

— Que lhe aconteceu? — perguntou-me, fixando o olhar na folha de papel que eu segurava ainda na mão. — Talvez alguma lamentação de Vidopliássov. É isso mesmo. Eu tinha certeza de que Vidopliássov havia de assediá-lo. Também a mim me entregou uma cartinha semelhante, com as mesmas lamentações; mas ao senhor, como já há algum tempo que o esperavam, provavelmente devia tê-la preparado com antecedência. Não se admire. Há aqui muitas coisas estranhas e também, verdadeiramente, coisas que fazem rir…

— Que fazem rir?

— Sim. Ou prefere chorar? Se quiser, posso contar-lhe a biografia de Vidopliássov, e tenho a certeza de que o fará rir.

— Confesso-lhe que, agora, não estou para Vidopliássov — respondi-lhe eu aborrecido.

Parecia-me que a visita de Mizíntchikov e as suas amáveis palavras tinham qualquer intenção, e que o Senhor Mizíntchikov, muito simplesmente precisava de mim. Há pouco mantivera-se taciturno e sério; agora se mostrava alegre, sorridente e disposto a

contar-me uma longa história. Era evidente, logo à primeira vista, que aquele homem possuía em elevado grau o domínio de si próprio e conhecia as pessoas.

— Maldito Fomá! — exclamei eu e dei raivosamente um soco sobre a mesa. — Não tenho a menor dúvida de que é o único culpado de todas as coisas más que aqui acontecem e que anda metido em tudo. Maldito velhaco!

— O senhor, ao que parece tem por ele uma antipatia excessiva — observou Mizíntchikov.

— Antipatia excessiva! — exclamei exaltando-me. — Não há dúvida de que há pouco me deixei arrebatar pela cólera e que dei ocasião a que toda a gente fizesse mau juízo de mim. Eu compreendi muito bem que me excedi e me conduzi mal sob todos os pontos de vista, e calculo que isto ninguém vai me perdoar. Compreendo também que isso não era maneira de portar-se numa reunião de pessoas decentes. Mas diga-me: como era possível não me revoltar? Olhe, sabe o que digo? Que isto é uma casa de loucos. E… e em resumo: que me vou embora, muito simplesmente… e pronto!

— Fuma? — perguntou-me Mizíntchikov muito tranquilo.

— Sim.

— Então acho que não lhe parecerá mal que eu fume. Lá em casa não é permitido e eu já estou meio hipocondríaco por causa disso. Concordo — continuou, depois de acender um cigarro — que tudo isto parece um manicômio; mas tenha a certeza de que eu não me permito fazer mau conceito do senhor, precisamente porque, no seu lugar, pode ser que eu me tivesse exaltado e excedido ainda mais do que o senhor.

— Mas por que o não fez na ocasião, se estava assim tão aborrecido? Eu me lembro de que o senhor, pelo contrário, demonstrou até muito sangue frio, e confesso-lhe que me pareceu muito estranho não tivesse defendido o meu pobre tio, o qual está sempre disposto a fazer bem… a todos e a cada um em particular…

— O senhor tem razão. Ele é muito amigo de fazer bem; mas, ir em sua defesa, tenho-o por perfeitamente inútil. Em primeiro lugar porque é inútil para ele e até um pouco humilhante; e em segundo porque no dia seguinte me poriam na rua. Mas *eu* lhe digo com toda a franqueza: a minha situação é de tal índole que me vejo obrigado a ter em grande apreço a hospitalidade que aqui desfruto.

— Mas eu não aspiro de maneira nenhuma à sua franqueza a respeito da situação… Embora no fim de contas tenha vontade de perguntar-lhe como consegue viver aqui já há alguns meses…

— Faça o favor de perguntar o que quiser, eu estou à sua disposição — respondeu-me Mizíntchikov rapidamente, aproximando a sua cadeira.

— Olhe, explique-me então, por exemplo, uma coisa: há um momento Fomá Fomitch repudiou quinze mil rublos que já estavam nas suas mãos… Vi-o com os meus olhos.

— Quê? Sério? — exclamou Mizíntchikov. — Conte-me, faça o favor!

Eu lhe contei tudo, mas sem falar no caso do *Vossa Excelência*… Mizíntchikov escutou-me com viva curiosidade; o *seu rosto deixou*, também transparecer qualquer coisa quando ouviu a menção da entrega dos quinze mil rublos.

— Refinado malandro! — exclamou, depois de ter ouvido tudo. — Não esperava isso de Fomá.

— Pois o certo é que recusou o dinheiro. Como explicar isto? Talvez invocando a sua nobreza de alma…

— Recusou quinze mil para apanhar mais tarde trinta mil. Mas sabe uma coisa? — acrescentou pensativo. — Eu duvido que Fomá tenha deitado contas. Trata-se de um homem prático e também a seu modo, um pouco poeta. Quinze mil… Hum! Olhe, ele, de *boa* vontade teria ficado com o dinheiro, mas não pôde resistir à tentação de representar um papel, de dar-se ares de magnânimo. Afianço-lhe que é um cogumelo venenoso cheio de amor-próprio.

Mizíntchikov também estava aborrecido. Era visível que estava muito magoado e até um pouco invejoso. Eu o contemplava com curiosidade.

— Hum! É preciso esperar grandes mudanças — acrescentou pensativo. — Agora, Iegor Ilhitch está disposto a obedecer em tudo a Fomá. Que coisa melhor poderá ele fazer senão casar? — resmungou por entre dentes.

— Então acha que esse casamento virá fatalmente a realizar-se… esse absurdo, esse antinatural casamento com essa pobre idiota?

Mizíntchikov olhou-me com olhos penetrantes e disse:

— Aliás, eles se apoiam numa ideia fundamental. Afirmam que ele tem a obrigação de fazer qualquer coisa pela família.

— Como se ainda fizesse pouco! — exclamei indignado. — E o senhor, o senhor atreve-se a dizer que essa é uma ideia fundamental… casar-se com uma velha estúpida!

— Não há dúvida de que estou de acordo com o senhor a respeito de que se trata de uma velha idiota… Hum! Fica-lhe muito bem gostar do seu tio e eu também partilho dos seus sentimentos… embora, considerando os seus haveres, ele pudesse muito bem dar maior incremento às suas terras. Mas eles jogam, além dessa, com outras razões: receiam que Iegor Ilhitch se case com a preceptora dos filhos. Reparou como a moça é bonita?

— Mas, por acaso… isso será verossímil? A mim parece-me uma calúnia. Diga-me, pelo amor de Deus, pois isso interessa-me muito…

— Oh, apaixonado, completamente apaixonado! Mas é claro que o esconde.

— Que o esconde? Acha que ele o esconde? Bem. E ela? Também gosta dele?

— Pode ser que também goste muito dele. Além disso todas as vantagens são para ela, porque é muito pobre.

— Mas que provas tem o senhor de que eles gostam um do outro?

— É impossível não o notar; aliás, segundo parece, têm encontros secretos. Afirmam também que ela mantém relações ilícitas com ele. Mas peço-lhe que não lhe vá dizer. Eu lhe falo com toda a franqueza.

— Mas será possível acreditar numa coisa dessas? — exclamei eu. — E o senhor é capaz de dizer que também o crê?

— É claro que não acredito completamente, não chego a tanto. Embora pudesse muito bem ser verdade.

— Mas como? Lembre-se da nobreza de alma, da honorabilidade do meu tio.

— De acordo. Mas é possível que ele se tenha deixado arrastar até esse extremo com a intenção de converter depois as suas relações num casamento legal. Há muitos que procedem assim. Aliás, repito-lhe que de maneira nenhuma dou crédito absoluto a esses boatos, tanto mais quanto já têm dito horrores a respeito dela. Já têm chegado a afirmar que anda metida com Vidopliássov.

— Aí tem, já pode ver! — exclamei eu. — Com Vidopliássov! Diga-me, isso é possível? Não mete nojo ouvir semelhantes coisas? Ou acredita realmente nesse boato?

— Afirmo-lhe que não acredito nada desses falatórios — respondeu tranquilamente Mizíntchikov. — Embora, por outro lado, pudesse muito bem ser. No mundo, tudo pode acontecer. Eu não estava presente e, além do mais, isso não é coisa que me interesse. Mas como vejo que o senhor, seja lá pelo que for, tem um grande interesse no caso, considero dever meu acrescentar que, efetivamente, pouco crédito merece, a meu ver, a suposta ligação com Vidopliássov. Tudo isso são intrigas de Anna Nílovna, isto é, da Pieriepelítsina. É ela quem espalha esses boatos por inveja, pois pensou em tempos vir a ser mulher de Iegor Ilhitch — valha-me Deus! — atendendo a que era filha de um tenente-coronel. Agora teve de renunciar às suas ilusões e daí sua raiva. Mas, enfim, creio que já lhe contei o que sei acerca deste assunto, e confesso-lhe que não me agradam os mexericos, tanto mais que, com isso, a única coisa que se faz é perder um tempo

precioso. Eu vim procurá-lo com um intento bem modesto.

— Intento? Se em alguma coisa posso ser-lhe útil…

— Penso e espero também que lhe interessará qualquer coisa, porque, segundo vejo, gosta muito do seu tio e partilha da sua maneira de pensar a respeito do casamento. Mas antes de fazer-lhe esse pedido, tenho ainda de solicitar-lhe outro previamente.

— Diga.

— Então ouça. Pode acontecer que esteja disposto a aceder ao meu pedido principal, mas também pode acontecer o contrário; mas, seja como for, antes de expor-lhe o meu caso, peço-lhe que me dê a certeza mais absoluta, a sua palavra de honra, como homem nobre e honrado, de que tudo quanto acaba de ouvir-me ficará entre nós no mais profundo segredo, e que o senhor, em ocasião alguma nem por ninguém, há de violar este segredo ou aproveitar-se em seu favor da ideia que vou passar imediatamente a expor-lhe. Está de acordo comigo nesse ponto?

Aquele preâmbulo era solene. Dei-lhe a minha palavra. — Bem — disse-lhe eu. — Fale…

— A coisa, no fundo, não pode ser mais simples — começou Mizíntchikov. — Eu, confesso-lhe, o que quero é raptar Tatiana Ivânovna e casar com ela. Compreende?

Eu olhei cara a cara para o senhor Mizíntchikov e durante um momento não pude articular uma palavra.

— Confesso-lhe que não estou entendendo nada — disse-lhe por fim. — E, além disso — continuei — julgando que estava falando com um homem sensato, não esperava da sua parte…

— Esperasse ou não esperasse — atalhou Mizíntchikov — isso quer dizer, em última análise, que tanto eu como as minhas intenções somos disparatados… Não é verdade?

— Não queria dizer tanto, mas…

— Oh, por favor, não se canse procurando as palavras! Não se incomode. Com isso proporciona-me o senhor uma grande satisfação, pois assim vamos nos entender mais depressa. Eu, além disso, reconheço que tudo isto deve parecer-lhe, à primeira vista, um tanto estranho. Mas atrevo-me a afirmar-lhe que o meu projeto não só não é absurdo, como é até muitíssimo razoável. E se o senhor quiser ter a amabilidade de ouvir todas as circunstâncias…

— Oh, pelo amor de Deus! Escutarei com a máxima atenção.

— Afinal de contas, não tenho muito para contar. Olhe, encontro-me presentemente com grandes encargos e sem um copeque. Tenho de sustentar uma irmãzinha de dezenove anos, órfã de pais, que tem de ganhar a vida, pois não dispõe de quaisquer recursos. Do que, em parte, sou eu o culpado. Recebi como herança quarenta almas. Precisamente nesse tempo devia eu ascender a alferes. Bom. A primeira coisa que fiz, é claro, foi hipotecar as quarenta almas, para gastar o dinheiro, já se vê. Comecei a levar uma vida estúpida, só para me fazer notado, para tornar-me elegante; joguei na Bolsa e na roleta, bebi; enfim, uma vida absurda, como lhe digo, e que me envergonho de recordar. Agora já assentei esta cabeça e estou terminantemente decidido a mudar de gênero de vida. Mas para isto necessito absolutamente de contar com uma soma de cem mil rublos em metal soante. Ora, como eu não posso arranjá-la com o meu ordenado de oficial, não tenho habilitações nem sei fazer nada, e a minha cultura é insignificante, é claro que só tenho um recurso: ou dedicar-me ao roubo ou casar-me com uma mulher rica. Eu vim para aqui quase descalço e a pé, não de carruagem. A minha irmã deu-me os seus últimos três rublos quando saí de Moscou. Aqui tive ocasião de conhecer a referida Tatiana Ivânovna e ocorreu-me imediatamente essa ideia. E logo a seguir tomei a resolução de sacrificar-me e de casar com ela. Há de concordar que tudo isto não pode ser mais sensato. Aliás, faço-o eu principalmente por causa da minha irmã… e claro que também por minha causa…

— Mas, diga-me, pensa pedir formalmente a mão de Tatiana Ivânovna?

— Deus me livre disso! Punha-me imediatamente na rua e ela

nem sequer teria tempo de me dizer que não. Mas se eu lhe propuser um rapto, uma fuga, será outra coisa, dirá logo que sim. Isto é o principal; que a coisa tenha algo de romântico, de espalhafatoso. Escusado será dizer que logo a seguir nos casaríamos como Deus ordena. O principal é tirá-la daqui!

— Mas por que está o senhor tão convencido de que ela deve estar disposta a fugir com o senhor sem mais nem menos?

— Oh, não se preocupe! Tenho a certeza absoluta. É nisso precisamente que assenta a ideia fundamental: que Tatiana Ivânovna está disposta a meter-se de amor com o primeiro homem que encontre, com qualquer que a requeste. É por isso que, antes de lhe falar, apresentei a condição prévia de que não se aproveitaria da minha ideia a seu favor. O senhor, com certeza, há de reconhecer que seria uma tolice uma pessoa não se valer de uma oportunidade destas, sobretudo nas circunstâncias em que eu me encontro.

— Mas se é assim, trata-se de uma doida varrida… Ah, desculpe — interrompi-me, de repente, apercebendo-me da situação. — Visto que tem essas intenções a seu respeito…

— Por favor, chega de rodeios! Já lhe pedi. O senhor perguntava-me se ela não será completamente louca. Como hei de responder a uma coisa dessas? É claro que se não a meteram num manicômio é porque não está completamente louca. Além disso, nessa sua mania pelos amoricos não acho nada que acuse uma loucura especial. Ela, no fim de contas, é uma solteirona decente. Olhe, até o ano passado viveu na maior pobreza e assim desde que nasceu, submetida ao domínio das suas protetoras. Tem um coração extraordinariamente sensível; nenhum homem pedia a sua mão… por isso, imagine, sonhos, ilusões, esperanças, as paixões que sempre teve de abafar no fundo do seu coração, os costumados escárnios das suas supostas benfeitoras… tudo isso, naturalmente, deve ter levado a azedar um caráter sensível como o seu. Mas de repente vê-se com uma fortuna nas mãos; deve reconhecer que isto pode subir à cabeça de qualquer pessoa. Bem. Agora, naturalmente todos andam à volta dela e a amimam, de maneira que ressuscitam todas as suas ilusões. Há pouco falava de um almofadinha de colete branco. Esse fato ocorreu exatamente como ela

o contava. Por esse pormenor já pode fazer ideia do resto. Com suspiros, com cartinhas e com versos, podemos fazê-la render imediatamente. Se a isso acrescentar as entrevistas secretas, as serenatas à espanhola e outras ninharias quejandas, pode fazer dela o que quiser. Já fiz a prova e, sem qualquer dificuldade, concedeu-me uma entrevista secreta. Quanto ao resto, por agora aguardo uma ocasião propícia. Mas daqui a quatro dias, o mais tardar, não tenho outro remédio senão raptá-la. No dia anterior ao do rapto redobrarei os suspiros e as piscadelas de olhos: eu toco um pouco de guitarra e também canto. À noite, encontro no caramanchão, e ao despontar da aurora, estará pronto o coche. Tomo-a nos braços, montamos e levantamos voo. Há de compreender que em tudo isto não haverá o menor perigo. Ela não é nenhuma menina e além disso terá até prazer em ser raptada. Mas logo que tenha fugido comigo, contrairá assim, disso não há dúvida, um compromisso. Vou levá-la para uma casa decente, mas pobre… Mantenho-a aí, a umas quarenta verstas, onde, até ao dia do casamento, a trarão na palma da mão, mas sem consentir que homem algum se aproxime dela. Entretanto não quero perder tempo, casaremos dentro de três dias… se for possível. Naturalmente, para tudo isso preciso de dinheiro. Fiz as contas e vejo que não preciso de mais de quarenta rublos para já, e para isso confio em Iegor Ilitch; ele vai me dar esse dinheiro sem saber para que é. Compreende agora?

— Compreendo — disse eu acabando finalmente por perceber tudo. — Mas diga-me, em que posso ser-lhe útil?

— Ah, o senhor pode ser-me utilíssimo! Se não fosse assim, não lhe teria dito nada. Acabo de confessar-lhe que tenho em vistas uma família honrada, mas pobre. Pois o senhor podia ajudar-me, tanto aqui como aí, e, por último, como padrinho do meu casamento. Confesso-lhe que sem a sua ajuda serei como um homem sem braços.

— Outra pergunta. Por que se dignou o senhor escolher-me para me honrar com a sua confiança, a mim, a quem o senhor ainda não conhece, pois estou aqui apenas há umas horas?

— A sua pergunta — respondeu Mizíntchikov com o mais amável sorriso — a sua pergunta dá-me um grande prazer, digo-o francamente, porque me proporciona uma ocasião para exprimir-lhe a

alta estima em que o tenho.

— Oh, muita honra!

— Não. Olhe, eu estudei-o um pouco. O senhor é impetuoso e… e bom e jovem. Mas eu estou convencido de uma coisa: se o senhor me dá a sua palavra de que não contará a ninguém o que aqui falamos, tenho a certeza de que há de cumpri-Ia. O senhor não é Obnóskin… isto, em primeiro lugar. Em segundo é um homem honrado e não há de aproveitar-se da minha ideia a seu favor, a não ser, naturalmente, que quisesse entrar em amigável competição comigo. Nesse caso podia acontecer que eu tivesse muito gosto em ceder-lhe a minha ideia, ou melhor, ceder-lhe Tatiana Ivânovna, e estivesse disposto a ajudá-lo na sua empresa mas com uma condição: a de receber de si, uns meses depois do casamento, cinquenta mil rublos, para o que naturalmente o senhor me passaria previamente, já se vê; a correspondente letra a tantos por cento…

— Quê? — exclamei eu. — Quê? O senhor a está oferecendo?

— Naturalmente que posso cedê-la, desde que ela consinta e queira. Eu, não há dúvida, ficaria, perdendo; mas… a ideia pertence-me, e, bem sabe, as ideias valem dinheiro. Em terceiro e último lugar, escolhi-o porque não haveria outro. E esperar mais tempo, obrigado por este conjunto de circunstâncias, era impossível… Acresce que estamos em vésperas da Páscoa e da Ascensão e então interrompem-se os saraus. Espero que agora me compreenda já completamente!

— Perfeitamente, e uma vez mais lhe prometo guardar o seu segredo com toda a discrição, simplesmente, não posso ser seu camarada neste assunto, o que considero meu dever, participar-lhe desde já.

— Mas por quê?

— Por quê? — exclamei dando por fim largas aos meus sentimentos. — Não compreende que semelhante procedimento nada teria de honesto? Suponhamos que faz bem os seus cálculos, baseando-se na fraqueza mental e na infeliz mania, dessa criatura. Não deveria isso precisamente, por si só, fazê-lo desistir dos seus

propósitos, como fidalgo que é? É o senhor mesmo quem diz que ela é digna de respeito, apesar de todo o seu ridículo. E quer o senhor aproveitar-se assim, de repente, da sua infelicidade, com o fim de extorquir-lhe cem mil rublos? O senhor, naturalmente, não pensa ser seu marido verdadeiro, cumprir os seus deveres conjugais; o senhor vai sem falta abandoná-la… Isto é tão pouco cavalheiresco que, desculpe, não compreendo como é que se atreveu a pedir o meu auxílio.

— Oh, oh, meu Deus, que romantismo! — exclamou Mizíntchikov olhando-me com honesta admiração. — Embora ao fim de contas não se trate de romantismo. É que o senhor, segundo parece, não percebeu bem. Diz que isto é pouco cavalheiresco, no entanto quem lucra neste caso não sou eu mas ela… Pense um pouco!

— Não há dúvida de que, se nos colocarmos no seu ponto de vista, o senhor realiza a ação mais generosa casando-se com Tatiana Ivânovna! — respondi com um sorriso sarcástico.

— Não é assim? É. Trata-se precisamente de uma ação generosa — exclamou Mizíntchikov, que agora se ia excitando por sua vez. — Repare. Em primeiro lugar eu me sacrifico e me conformo, em ser seu marido… parece-me que isto já… é alguma coisa! Em segundo lugar, apesar de ela possuir várias centenas de milhares de rublos efetivos, apesar disso, vou me contentar em ficar apenas com cem mil, e já dei a mim próprio a palavra de honra de que não lhe tomaria nem um só copeque mais em toda a minha vida, embora pudesse fazê-lo. Isto também é qualquer coisa, não acha? Finalmente; reflita um pouco: poderá ela vir a viver em paz? Para que ela vivesse em paz seria preciso recolhê-la num manicômio, pois é de esperar que a cada momento se lhe atravesse um bandido no caminho, um vigarista ou aventureiro, de barbicha em ponta e bigodinho, e a imprescindível guitarra para dar as serenatas consabidas, no estilo de Obnóskin — o qual já a traz enamorada — que se case com ela, lhe tire tudo e depois a deixe abandonada no meio do caminho. Esta, por exemplo, é uma casa muito decente, e no entanto o senhor pode ver como a animam, porque deitaram os olhos para o seu dinheiro. É preciso livrá-la dessas ciladas, salvá-la. Bem. Suponhamos pois que ela casa comigo… Acabavam-se de uma vez todas essas maquinações. Eu me

comprometo a vigiá-la para que fique a salvo de todas essas desditas. Em primeiro lugar vou levá-la imediatamente para Moscou, para uma família honrada, embora, pobre… não me refiro a essa de que falei há pouco, essa é outra. Nesta outra estará constantemente em contato com minha irmã e olharão por ela com todo cuidado. De capital vão lhe ficar duzentos e cinquenta mil rublos, talvez trezentos mil; com essa quantia, já sabe como se pode viver. Poderá permitir-se todos os divertimentos, bailes de máscaras, concertos. Poderá também pensar em amoricos; simplesmente, eu, naturalmente, tomarei as minhas medidas; sonhar, pode sonhar o que quiser; mas realizar, nem por sombras. Agora, por exemplo, todos podem ofendê-la; mas depois ninguém poderá fazê-lo; será minha mulher, a Mizíntchikova, e eu não consinto que trocem do meu apelido. Então isto não vale alguma coisa? Como é natural, eu não farei vida com ela. Ela ficará em Moscou e eu em qualquer parte, em Petersburgo. Digo-lhe já isto porque quero tratar do caso honestamente. E que tem de particular o fato de vivermos separados? Ora veja. Reflita sobre o seu caráter. Será ela uma mulher para casar e viver com o marido? Será possível, por acaso, esperar constância dela? Da maneira que é estabanada! Muda de opinião constantemente e é capaz de esquecer-se no dia seguinte que se casou na véspera e realizou um matrimônio legal. Sim, no fim de contas eu fazia-a desgraçada se vivesse na sua companhia e lhe exigisse o cumprimento severo das suas obrigações. Evidentemente eu iria visitá-la pelo menos uma vez por ano, e não pelo dinheiro… garanto-lhe. Já lhe disse que apenas quero cem mil rublos… e assim há de ser. Em questões de dinheiro vou me portar com ela do modo mais cavalheiresco. Quando estiver junto dela um dia ou dois, talvez três, hei de procurar dar-lhe alegria e não aborrecimentos. Brincarei com ela, conto-lhe anedotas picantes, levo-a a um baile, trato-a com muito mimo, dou-lhe prendas, canto-lhe romanzas, levo-lhe um cãozinho, vou agir românticamente e manterei com ela uma correspondência amorosa. Ela vai ficar encantada por ter um maridinho tão romântico, tão apaixonado e divertido. Em minha opinião, tudo isto é racional. Oxalá todos os maridos se portassem desse modo. As mulheres só gostam dos maridos quando eles estão ausentes, ao passo que, na realidade, e seguindo o meu sistema, eu conquistarei o coração de Tatiana Ivânovna da maneira mais suave, para toda a vida. Que mais pode ela desejar? Ora, diga-me, não acha

que isto seria o paraíso nesta vida?

Eu o escutei em silêncio, assombrado. Compreendia que discutir com o senhor Mizíntchikov seria impossível. Estava fantasticamente convencido de que tinha razão e também da grandeza das suas intenções, e falava delas com o entusiasmo dum inventor. Mas restava tocar num ponto doloroso e não havia outro remédio senão aclará-lo.

— O senhor já pensou — disse-lhe eu — que ela está mais ou menos comprometida com o meu tio? Roubando-lhe a noiva inflige-lhe uma grave ofensa; irá roubá-la quase na véspera do casamento e, como se isto ainda fosse pouco, tira-lhe o dinheiro necessário para a realização dessa façanha.

— Ah, o senhor de fato é muito simpático! — exclamou Mizíntchikov com entusiasmo. — Mas esteja tranquilo, eu já previra a sua objeção. Em primeiro e principal lugar, o seu tio ainda não lhe pediu uma declaração. Por isso eu ainda não posso saber se ela é sua noiva. Além disso peço-lhe observar que já há três meses ando às voltas com esta ideia, muito antes de poder estar informado das intenções desta gente; e por fim estou perfeitamente justificado perante ele, no ponto de vista moral, e até, se proceder com alguma severidade no seu juízo, há de reconhecer que não sou eu quem a rouba, mas é ela quem me rouba… com a qual já tive, repare bem, encontros secretos à meia-noite, no jardim. Finalmente dê-me licença: não se mostrava o senhor indignado há pouco porque queriam obrigar o seu tio a casar com Tatiana Ivânovna? Como vem agora defender esse casamento e tem coragem de falar de ofensa à família e de honra? Eu, pelo contrário, presto ao seu tio um serviço inestimável: o de salvá-lo. Isto… deve por força reconhecê-lo. Ele encara esse casamento com horror e além disso está apaixonado por outra mulher. E que mulher seria Tatiana Ivânovna para ele? Ela, com ele, seria uma infeliz, porque, pode dizer o que quiser, mas o certo é que, com ele, ela teria de dominar-se para não atirar rosas aos rapazes. Ao passo que, na noite em que eu a raptar, não haverá generala nem Fomá Fomitch capazes de impedi-lo. Pense que casar-se uma pessoa com uma senhora que se escapa das mãos do noivo, não é nenhuma honra. Então, porventura, não farei um favor, uma boa ação a Iegor Ilhitch?

Confesso que este último argumento me impressionou fortemente.

— Mas se o meu tio se lhe declarasse já amanhã? — disse eu. — Nesse caso, para o senhor seria um pouco tarde, ela seria oficialmente sua noiva.

— É claro, seria tarde! E, portanto, exatamente por isso preciso de apressar-me, para isso não suceder. Para que vim eu pedir-lhe auxílio? Para mim só há uma coisa difícil. Mas, unidos, sairemos triunfantes e impediremos que Iegor Ilhitch se declare formalmente. É preciso empregarmos todas as nossas energias e, em caso extremo, dar uma boa sova a Fomá Fomitch, e com isso desviar a atenção geral, a fim de que não se lembrem desse casamento. É claro que isto só num caso extremo, é apenas um exemplo. Para isto conto também com o senhor.

— Mas uma coisa ainda, uma última pergunta. O senhor não revelou a mais ninguém senão a mim as suas intenções?

Mizíntchikov coçou a orelha e fez uma careta azeda.

— Confesso-lhe — respondeu-me — que essa pergunta, para mim, é pior do que a pílula mais amarga. O mal está precisamente em que já revelei parte do meu pensamento… Numa palavra: portei-me como um tolo chapado! E sabe a quem? A Obnóskin! Digo-lhe que a mim próprio me parece incrível. Não explico como poderia ter feito uma coisa dessas. Ele farejava por aqui. Eu não o conhecia bem, mas como acabara de ter esta ideia, estava impaciente. E como além disso já então compreendia que havia de precisar de um ajudante, fui e escolhi Obnóskin. É imperdoável, imperdoável!

— E que fez ele?

— Acedeu com entusiasmo; mas ao outro dia, de manhã cedo, desapareceu. Passados três dias apareceu de novo acompanhado da mamãe. A mim nem palavra me deu, e até foge da minha sombra como se tivesse medo dela. Eu compreendi imediatamente o que ele tramava. E a mãe é uma mulher tão ladina e astuta que seria difícil encontrar outra em todo o mundo. Eu já a conhecia antes. Não há dúvida que lhe contou tudo. Calo-me e espero; espiam-me e o assunto encontra-se um tanto comprometido… Por isso tenho tanta pressa.

— Mas, concretamente, que receia deles?

— Muito, sem dúvida que não podem fazer; mas podem criar dificuldades… é verdade. Exigem dinheiro como recompensa do seu silêncio e da sua ajuda, isso eu sei… Simplesmente, eu não lhes posso dar grande coisa, e não lhes hei de dar… já o decidi. Mais de três mil rublos é impossível. Avalie o senhor por si: três mil para eles, quinhentos para a boda, mais o que o seu tio me emprestar, que terei fatalmente de restituir-lhe. Acrescente a isto as taxas do costume. Bom. À minha irmã também é preciso dar qualquer coisa, seja lá o que for… Vão me ficar assim muito mais de cem mil rublos? Além do mais os Obnóskini vão-se hoje embora.

— Vão-se embora? — perguntei-lhe com curiosidade.

— Daqui a pouco, depois do chá. O diabo que os leve! Mas vai ver como amanhã aqui estão outra vez. Bom. Então estamos de acordo?

— Confesso-lhe — respondi titubeando — não sei o que hei de responder-lhe. O assunto é bastante espinhoso… O que pode ter a certeza é que guardarei um segredo absoluto acerca de tudo isto. Eu não sou Obnóskin. Mas creio que não pode contar com a minha ajuda.

— Já vejo — exclamou Mizíntchikov levantando-se da cadeira — que Fomá Fomitch e a sua tia-avó ainda não esgotaram a sua paciência e que embora goste muito do seu bom e nobre tio, ainda não se apercebeu bem de como o fazem sofrer! O senhor ainda é muito novo. Mas paciência. Amanhã vai se levantar, vai se informar, e à noite estará de acordo comigo. Olhe que de outra maneira o seu tio será um homem perdido… Compreende? É preciso evitar que o casem. Não se esqueça de que é muito provável que amanhã ele se declare formalmente. E então será tarde. É preciso decidir hoje.

— Eu lhe desejo o maior êxito, mas ajudá-lo, verdadeiramente… não sei como.

— Não sabe? Bom. Deixemos isto para amanhã! — resolveu Mizíntchikov sorrindo, ironicamente. — *La nuit porte conseil*[10]. Até à vista. Eu virei procurá-lo amanhã, muito cedo. Mas o senhor, pense…

Fez uma reverência e foi-se, murmurando qualquer coisa por entre os dentes.

Saí logo atrás dele, para dar umas voltas. A lua ainda não aparecera; a noite estava escura, o ar morno e leve. As folhas das árvores não se moviam.

Apesar do meu horrível cansaço sentia vontade, de passear, de distrair-me e de concentrar os meus pensamentos. Mas não teria dado dez passos quando, de súbito, ouvi a voz do meu tio. Este subia, não sei com quem, a pequena escada da casinha de verão e falava com extraordinária animação. Eu me voltei imediatamente e chamei-o. O meu tio ia em companhia de Vidopliássov.

## Capítulo XI / No cúmulo da dúvida

— Tio! — exclamei — Até que enfim o encontro.

— E eu, meu amigo, ia precisamente à tua procura. Vou acabar de dizer umas coisas a Vidopliássov, e depois vou para junto de ti, para conversarmos. Tenho muito que contar-te.

— Ainda com Vidopliássov! Bem. Então acabe o que tem a dizer-lhe.

— Apenas cinco ou dez minutos, Sierguiéi, e estarei absolutamente à tua disposição. Olha, tenho de tratar de um assunto.

— Sim, provavelmente de alguma tolice — exclamei eu aborrecido.

— Mas que queres que te diga? Ora veja, atravessar-se no caminho duma *pessoa* quando ela vai para se deitar. Mas, meu amigo, não podias ter escolhido outra ocasião para me apresentares as tuas queixas? Não posso mais, vocês dão cabo de mim! Os meus protestos não se referem a ti, Sierguiéi!

E o meu tio movimentou as mãos com extraordinária energia.

— Mas trata-se assim de um assunto tão importante que não

possa ser adiado? Tio, é que precisava de…

— Ah, meu amigo! Se visses o barulho que fazem, dizendo que eu não velo pela moralidade dos meus criados! Amanhã viriam com queixas por eu não o ter atendido, e por isso…

E o meu tio moveu novamente os braços.

— Bem, então trate disso o mais depressa possível! Veja se quer que o ajude. Vamos para casa. De que se trata? — disse eu enquanto entrávamos.

— Olha, é que ele está aborrecido com o sobrenome que tem e quer mudá-lo. Que pensas tu?

— Com o sobrenome? Mas por quê? Bem, tio, antes de continuarmos permita dizer-lhe que ele próprio diz que só nesta casa podem acontecer coisas dessas — acrescentei, deixando cair os braços, assombrado.

— Ah, meu amigo. Também sei abrir os braços, mas isso não serve para nada — exclamou o meu tio aborrecido. — Vamos, fala tu, tenta conversar com ele. Há dois meses que não me deixa em paz…

— É um sobrenome sem significado — exclamou Vidopliássov.

— Por que sem significado? — perguntei-lhe estupefato.

— Porque é. É o mais horrível que se pode imaginar.

— Mas por que é horrível? E, além disso, como mudá-lo? Há alguém que mude de sobrenome?

— Desculpe, mas haverá muitos sobrenomes como este?

— De fato, reconheço que é um sobrenome um pouco estranho — continuei no cúmulo do assombro. — Mas que se há de fazer? Não era o sobrenome do teu pai?

— É verdade, e por culpa do meu pai estou condenado a sofrer eternamente, pois me coube em sorte ter de usar um sobrenome que só me traz desgostos e troças — respondeu Vidopliássov.

— Era capaz de apostar como no meio disto tudo anda Fomá Fomitch! — exclamei com aborrecimento.

— Não, meu amigo, isso não, estás enganado. É verdade que Fomá Fomitch o protege. Tomou-o como secretário e a isso se reduz o seu trabalho. É claro que tem cuidado também da sua educação espiritual, infundiu-lhe nobres sentimentos, de tal maneira que, em certo sentido, é hoje uma pessoa esclarecida… Bem, eu hei de contar-te tudo.

— É verdade — atalhou Vidopliássov. — Fomá Fomitch é o meu verdadeiro protetor, e como o é, efetivamente, fez-me ver a minha insignificância, que sou um verme da terra, coisa que até à data ainda não cheguei a compreender.

— Já vês, Sierioga, já vês do que se trata — continuou o meu tio atrapalhando-se enquanto falava, conforme era seu costume. — Ele viveu em Moscou quando era ainda criança, ao serviço dum professor de caligrafia. Se soubesses como ele aprendeu a escrever junto desse homem! Sabe fazer curvas e traços e iluminar as letras a cores e ouro, sabes? E pintar cupidos. Numa palavra, é um artista. Iliúchka anda aprendendo com ele. Pago-lhe meio rublo por lição. Foi o próprio Fomá quem fixou esse preço. Também vai à casa de três proprietários destes arredores e também lhe pagam. Já vês de quem se trata! E também faz versos.

— Versos! Só faltava isso!

— Versos, meu amigo, não penses que exagero; versos a sério, com rima, como dizem, com consoantes no fim e sobre todos os assuntos, que compõe rapidamente sobre qualquer coisa. Um verdadeiro talento! Para o dia do santo da minha mãe escreveu uma carta tão bonita que ficamos de boca aberta. Até metia coisas da Mitologia e as musas esvoaçavam de maneira que… Olha, como se chama isso? Ah, sim, chama-se perfeição de estilo… uma autêntica perfeição de estilo. Foi Fomá quem a corrigiu. Bom. E a mim, é claro, tudo isto me agrada. Que faça todos os versos que quiser, contanto que não abuse muito! Eu, meu caro Grigóri, falo-te, bem vês que te falo como um pai. Fomá ouviu falar disto, quis que lhe mostrassem os

versinhos e entusiasmou-o, nomeou-o seu leitor e seu copista. Numa palavra, encarregou-se da sua educação. Por isso ele tem razão quando diz que Fomá é o seu protetor. Bom. Pois olha que tem um nobre romantismo naquela cabeça e um prurido de independência… Foi Fomá quem me explicou tudo isto, e eu, é verdade, não o esqueci. Mas, confesso-o, até sem necessidade de Fomá queria dar-lhe a alforria. É uma vergonha, sabes? Fomá opõe-se a isso. Diz que precisa dele, que lhe tem amizade, e além disso acrescenta ainda: "Para mim, senhor, é também uma grande honra poder contar um trovador entre os meus criados particulares. Assim se usa entre certos barões e pessoas que vivem *en grand*". Assim, tal qual: *en grand*; com todas as letras: *en grand*. Só Deus sabe como ele se porta. O pior de tudo: toma uma tal soberba diante dos outros criados, por causa dos versos, que chega a não lhes querer falar… Não te ofendas por isto, Grigóri, falo-te como pai… Como se isto ainda fosse pouco, o ano passado enfiou na cabeça que havia de casar com uma camponesa, Matriona, por sinal bem bonita, honesta, trabalhadora e muito prazenteira. Bom. Pois de repente disse que não a queria… e deixou-a. Estará ele assim tão vaidoso da sua pessoa que pense primeiro tornar-se célebre e procurar depois outra noiva?

— Fiz isso aconselhado por Fomá Fomitch — observou Vidopliássov — que é o meu verdadeiro protetor…

— Bom. Guarda para ti esse Fomá Fomitch! — exclamei aborrecido.

— Ah, meu amigo, deixa isso! — apressou-se o meu tio a dizer-me. — Mas olha, agora não o deixam em paz. Essa moça, muito esperta e conflituosa, pôs todos contra ele; apupam-no constantemente e até os garotos o tratam como a um palhaço…

— Quem tem a culpa de tudo é Matriona — observou Vidopliássov — porque a tal Matriona é uma imbecil e, além de ser também uma autêntica idiota, é uma mulher de gênio insuportável. Por causa dela vivo neste inferno.

— Ah, Grigóri! Eu bem te disse — continuou o meu tio olhando severamente para Grigóri. — Sabes, Sierguiéi? As pessoas daqui

encontraram um mote que rima com o sobrenome dele.

— Um sobrenome ignóbil! — exclamou Vidopliássov.

— Bem, faz o favor de te calares, Grigóri. Fomá também acha… Ou melhor, não se trata verdadeiramente de que tenha aprovado qualquer outro, mas é que se por acaso vier a publicar os seus versos como Fomá pensa, um apelido assim não poder favorecê-lo… Não é verdade?

— Mas ele quer publicar os versos, tio?

— Publicá-los, sim, meu caro. É coisa decidida. … mas à minha custa. E no frontispício dirá *pelo servo Fulano de tal;* e no prefácio exprimirá a sua gratidão a Fomá por tê-lo ilustrado. Será dedicado a Fomá, Fomá escreverá também o prólogo. Ora bem. Como supor sequer que no frontispício pudesse figurar: *Obras de Vidopliássov*?

— *Lamentações de Vidopliássov* — corrigiu o autor.

— Bem. Portanto, já vês, e para mais lamentações. Que sobrenome vem a ser esse de Vidopliássov? Fere o sentimento da delicadeza, como diz Fomá. E todos os críticos haviam de dizer sabe Deus que gracejos à sua custa. Lembra-te de Brambeus, por exemplo… Mas esse pouco se importava! Começaram por rir e do sobrenome, e aquilo foi de caixão à cova, não é verdade? Repara no que digo: eu, por mim, poria um nome qualquer ao pé dos versos um — pseudônimo, creio que é assim que se chama, não tenho certeza — qualquer coisa que acabasse em imo. “Não senhor — disse ele — comunique a toda a povoação que daqui para diante passarei a ter outro nome, visto que sou um homem de talento e portanto devo ter um sobrenome nobre.”

— Aposto como o tio lhe fez a vontade.

— Eu, só para não levantar conflitos… Nessa altura existia um desacordo entre mim e Fomá… Bem, pois a partir daí todas as semanas muda de sobrenome e escolhe sempre :os mais delicados: Olieándrov, Tiulpânov… Olha, Grigóri, começaste por dizer que querias chamar-te Viérni!![11] Grigóri Viérni desagradou-te logo depois

porque houve qualquer pessoa da povoação que o fez rimar com *skviérni*[12]. Reclamaste. Castigamos o brincalhão. Andaste duas semanas pensando noutro nome — quantos não te vieram à cabeça! — até que por fim decidiste pedir que te chamassem Ulánov. Mas não quererás dizer-me se não há coisa mais estúpida do que esse nome de Ulánov? Eu, no entanto, acedi e tornei a participar a toda a gente a mudança do teu sobrenome para Ulánov. Isto, meu amigo — acrescentou o meu tio dirigindo-se a mim — só para tirar este peso de cima de mim… Durante três dias chamaste-te Ulánov. Sujaste todas as paredes, todas as tábuas do caramanchão, riscando tudo com o lápis: Ulánov. Depois começaste a escrevê-lo por todos os lados; Ulánov, experiência; Ulánov, experiência. Até que o resultado foi este; arranjaram-te outra vez uma rima, Bolvanov[13]. Não achei graça nenhuma a essa do Bolvanov… e aí torna ele a mudar de sobrenome. Já me esqueci do que escolheste a seguir.

— Plhassati[14] — respondeu Vidopliássov. — Se pelo meu sobrenome me podem tomar por um bailarino, ao menos ficará mais distinto adaptando-o ao estrangeiro: Tántsev.

— Bem, seja Tántsev — concordei eu, Sierguiéi, e assim ficamos. Simplesmente apareceu logo outro brincalhão que arranjou nova rima para o flamante apelido, rima que não se pode dizer. E agora aqui está ele de novo à procura de outro nome. Era capaz de apostar em como já pensou noutro sobrenome. Acertei ou não, Grigóri? Fala!

— Eu, na verdade, há algum tempo queria submeter à sua apreciação um nome novo, muito elegante.

— Qual é?

— Esbukietov.[15]

— Mas não tens vergonha, Grigóri? O nome dum cosmético! E ainda te consideras inteligente! Sabe-se lá os dias que andaste a ruminar sobre isso! Anda escrito nos frascos de perfume…

— Desculpe tio, — disse-lhe em voz baixa — este tipo é simplesmente um cretino, um cretino, um cretino chapado.

— Que se há de fazer, meu amigo? — respondeu-me também a meia voz. — Aqui em casa estão todos convencidos de que tem muito talento e de que todas as suas qualidades são excelentes…

— Bem. Mas acabe de falar com ele, por amor de Deus!

— Escuta, Grigóri. Olha, meu amigo, agora não tenho tempo — começou o meu tio num tom de desculpa, como se também tivesse medo de Vidopliássov. — Vê bem se é agora altura de eu atender às tuas desventuras… Tu dizes que voltaram a fazer-te não sei que ofensa. Bem. Muito bem. Eu te dou a minha palavra de honra que ainda amanhã resolverei o caso. Mas agora vai com Deus… Espera! E Fomá Fomitch?

— Já se recolheu. Disse que se alguém perguntasse por ele, respondêssemos que tencionava passar esta noite toda em oração.

— Hum! Bem, adeus, adeus! Olha, Sierioga: ele está sempre do lado de Fomá, de maneira que também tenho medo dele. E aqui ninguém gosta dele porque vai contar tudo a Fomá. Agora foi-se embora mas amanhã é capaz de vir com ditos e contos. Mas eu, meu amigo, como lá em cima já tudo se arranjou, estou agora tranquilo… Só tinha pressa por tua causa. Até que enfim estou de novo só contigo — acrescentou apertando-me as mãos fraternalmente. — Eu pensava, meu amigo, que estavas zangado e querias ir-te embora. Até mandei que te vigiassem. Mas, graças a Deus, agora… Uma coisa… que foi aquilo? O velho Gavrila… que dizia ele? E Falálei e tu… todos à uma! Bem, graças a Deus, graças a Deus! Até que enfim posso falar-te à vontade. Vou abrir-te o meu coração. Tu, Sierioga, não te vás embora, porque só te tenho a ti… a ti e a Koróvkin…

— Mas desculpe, tio… Que se arranjou lá em cima, tio, e que tenho eu a esperar aqui, agora, depois do que aconteceu? Confesso-lhe que com tudo isto tenho a cabeça rodando!

— E a minha, achas que está boa? Já há meio ano, meu amigo, que ando com a cabeça à roda. Mas, graças a Deus, agora tudo se arranjou. Em primeiro lugar, perdoaram-me, perdoaram-me tudo, dentro de certas condições, sem dúvida; eu quase não tenho medo de nenhuma. A Sáchenhka perdoaram. Sacha também. Sacha, há pouco…

É uma impetuosa! Às vezes sai um pouco da linha mas tem um coração de ouro. Sinto-me orgulhoso desta moça, Sierioga. Deus lhe dê todas as felicidades. A ti também perdoaram e sabes como? Poderás fazer quanto quiseres, andar por todas as salas e até pelo jardim, mesmo quando haja hóspedes… Em suma, fazer quanto te apetecer, mas com uma condição: a de que amanhã não abrirás a boca diante da mamãe nem de Fomá Fomitch. É uma condição irrecusável, isto é, para dizer tudo, nem uma palavra. Eu já respondi por ti que estava bem, que te limitarás a escutar o que as pessoas mais velhas… Isto quer dizer que os outros é que falam. Dizem que és muito novo… Foi o que disse também Anna Nílovna…

Sem dúvida alguma eu era muito novo e bem o demonstrei nessa ocasião, exprimindo a minha indignação perante tão injuriosas condições.

— Desculpe, tio — exclamei quase sem poder respirar. — Diga-me apenas uma coisa, para poder sossegar: estou ou não numa casa de doidos?

— Ora, rapaz, lá vens tu com críticas! Tens muito pouca paciência! — respondeu o meu tio assustado. — De maneira nenhuma, não estás numa casa de doidos. Acontece simplesmente que de ambos os lados se encarniçam demasiado. Mas olha, meu amigo, tu mesmo deves reconhecer que não te conduziste lá muito bem. Reflete sobre o que disseste… a um homem respeitável pela sua idade.

— Esses tipos não são respeitáveis pela idade, tio.

— Olha, meu amigo, já estás abusando. Isso é ser livre-pensador… Não sou inimigo de um livre-pensador razoável; mas isto, assim, não está certo, e de fato surpreendes-me, Sierguiéi.

— Não se zangue, tio. Sou culpado, mas é para com o senhor. Agora quanto ao seu Fomá Fomitch…

— Mau. A que propósito vem isso do seu, caro Sierguiéi? Não o julgues tão severamente. É um misantropo… e nada mais, e um pouco adoentado. Com isso não é possível ser severo. Mas apesar de tudo é nobre, quero dizer, é mesmo a mais nobre das criaturas. Olha, tu

próprio fôste testemunha disso, há pouco: parecia mesmo ter uma aura à sua volta! Embora às vezes tenha as suas esquisitices, não devemos reparar nisso. A quem isso não acontece?

— Desculpe, tio, mas pelo contrário, a quem é que isso acontece?

— E insistes! És pouco generoso, Sierioga, não sabes perdoar.

— Bem, está bem, tio, está bem. Deixemos isso. Diga-me: viu Nastássia Ievgráfovna?

— Ah, meu amigo. Também falamos sobre ela. Olha, Sierioga, vou dizer-te, antes de mais, o principal. Nós todos combinamos… felicitar amanhã Fomá Fomitch, sem falta, pelo seu aniversário, porque amanhã, de fato, é o seu aniversário. Sáchenhka é uma boa môça, mas está enganada. Por isso iremos todos em grupo, cedo, antes do jantar. Iliúchka vai lhe levar uns versos que o hão de deixar todo derretido… uns versos lisonjeiros. Ah, se viesses também conosco felicitá-lo, Sierioga! Talvez te perdoasse tudo. Como seria bom reconciliarmo-nos todos! Meu amigo, esquece a ofensa, Sierioga, que tu também o ofendeste… A um homem tão respeitável!

— Tio, tio — exclamei, acabando por perder a paciência. — Eu queria precisamente falar com o senhor sobre esse assunto, mas o tio… Não sabe, torno a repetir-lhe, o tio não sabe o que se passa com Nastássia Ievgráfovna.

— Mas que é isso, rapaz, que tens? Por que gritas? Precisamente por causa dela é que foi toda esta história de há pouco. Embora a questão não venha só de agora, mas já desde há muito tempo. Eu não quis falar-te disso até este momento, para não te inquietar, mas eles pretendiam nada mais nada menos do que expulsá-la desta casa, e agora exigem de mim que seja eu quem a despeça. Podes imaginar a minha situação… Bom. Agora, graças a Deus, está tudo arrumado! Olha, não te escondo nada, eles julgavam que eu estava apaixonado por ela e queria casar com ela. Numa palavra, que eu me encaminhava para a ruína, porque isto, na verdade, seria correr para a perdição. Foi isto o que eles me fizeram ver… de maneira que, para me salvarem, concordaram em despedi-la. Tudo isto foi obra da mamãe, mas a pior de todas era Anna Nílovna. Fomá, até agora tem estado calado. Já os

convenci a todos e lhes comuniquei a tua intenção de te casares com Nástienhka e precisamente para isso vieste. Bem. Com isto tranquilizaram-se imediatamente e agora ela está aqui em casa, mas apenas provisoriamente o que interessa é que ela continua aqui. Também te reabilitei na opinião geral ao expor a tua intenção de te casares. A mamãe, pelo menos, ficou completamente tranquila. Anna Nílovna continua a resmungar. Não sei o que fazer para contentá-la. Que quererá, verdadeiramente, essa tal Anna Nílovna?

— Tio, como está enganado, tio! O senhor não sabe que Nastássia Ievgráfovna se vai embora já amanhã, se já não foi? Não sabe que o pai veio hoje de propósito para levá-la? Que isso é já uma coisa assente? Que foi ela própria quem me disse hoje, e para remate foi procurá-lo? Sabe isto tudo ou não sabe?

O meu tio ficou parado diante de mim, de boca aberta. Pareceu-me que estremecia e do seu peito saiu um pequeno suspiro.

Sem perder um minuto, apressei-me a contar-lhe toda a minha conversa com Nástienhka, a minha oferta de casamento, a sua negativa formal, o seu aborrecimento contra o meu tio por ter-se atrevido a mandar-me vir por meio de uma carta; expliquei-lhe como ela pensava salvá-lo com a sua saída; do casamento com Tatiana Ivânovna… Em resumo, não lhe escondi nada, fazendo com que ele notasse, pelo contrário, tudo o que havia de desagradável naquelas notícias. Eu queria excitar o meu tio para que se resolvesse a tomar medidas definitivas e, de fato, excitei-o.

— Onde está ela, não sabes? Onde está ela agora? — exclamou finalmente, empalidecendo de ansiedade. — E eu, tão tolo, pensando que lá em cima já estava o caso arrumado! — acrescentou com um gesto desolado.

— Não sei onde ela está neste instante. Apenas posso dizer-lhe que, há um momento, quando se ouviram aqueles gritos, ela correu à sua procura e queria dizer-lhe tudo isso alto e bom som, diante de todos. Provavelmente não lhe foi possível.

— E ainda que o tivesse conseguido, que poderia fazer ali? Ai, aquela cabecinha exaltada! Mas tu, tu fizeste bem. Mas por que te

teria ela repudiado? É absurdo! Devias ter-lhe agradado. Por que não lhe terias agradado? Responde, diz-me por amor de Deus, por que não lhe terias agradado?

— Desculpe, tio, mas como posso responder a tais perguntas?

— Olha, isso não é possível. Tens forçosamente de casar com ela, Para que te mandei vir de Petersburgo? Tens de fazê-la feliz. Daqui a pouco vão expulsá-la daqui. Quando for tua mulher, minha sobrinha por afinidade… já não poderão fazê-lo. Para onde ela havia de ir? Colocar-se como preceptora? É um absurdo disparatado pensar que vá colocar-se como preceptora. Ora diz-me onde vai ela encontrar uma colocação, em que casa há de ir viver? O velho já tem nove bocas a seu cargo, ali todos passam fome. Olha; ela, de mim não aceitaria absolutamente nada se sair por causa destes mexericos, nem ela nem o pai. Mas como é que ela pode ir-se embora assim? Que horror! É claro que aqui vai haver barulho… bem sei. Há muito tempo recebe o ordenado adiantado para atender às necessidades da família. Se é ela quem a mantém! Bem. Suponhamos que eu a recomendo como preceptora, que lhe encontro colocação em qualquer família honesta e boa. Mas, ó diabo, onde encontrar por aqui uma família decente, verdadeiramente decente? E suponhamos entretanto… isso seria de bradar aos céus… Mas, meu amigo, aí é que está o mal. É possível confiarmos nas pessoas? Além disso trata-se de um homem pobre e desconfiado, ao qual parece que o obrigam a pagar o pão e as atenções com humilhações. Eles ofendem-na, ela é orgulhosa, e então… sim, que se passará então? E se ainda por cima disto tudo se lhe atravessasse no caminho um desses tipos que arvoram em conquistadores? Ela era capaz de lhe cuspir na cara; estou certo disso, mas, apesar de tudo, o aparecimento de um sedutor é sempre uma ofensa. Além disso podem correr boatos que a prejudiquem, pairar sobre ela uma sombra, uma suspeita, e então. Parece que a cabeça me quer voar! Ai, meu Deus!

— Tio! Permita-me uma pergunta! — disse-lhe eu solenemente. — Não fique aborrecido comigo. Pense que a resposta a esta pergunta pode ser decisiva, e que também eu, até certo ponto, tenho direito a exigir-lhe uma resposta, tio!

— Mas de que se trata?

— Diga-me, como se estivesse diante de Deus, franca e sinceramente: não acha que está um tanto apaixonado por Nastássia Ievgráfovna e desejava casar com ela? Pense bem, repare que é por causa disso que a expulsam daqui.

O meu tio fez o mais enérgico gesto de justo repúdio.

— Eu? Apaixonado? Por ela? Por acaso estarão todos doentes da cabeça ou se terão conjurado contra mim? Para que te mandei eu então chamar, senão para demonstrar-lhes que estavam todos erganados? Para que quereria eu então casar-te com ela? Eu? Apaixonado? Por ela? Na verdade estão todos…

— Se é assim, dê-me licença, tio, que lhe diga tudo. Afirmo-lhe solenemente. que não acho nada de insensato na sua proposta. Pelo contrário, pelo contrário, o tio iria fazê-la feliz, se é que gosta dela e… que Deus o ajude. Que Deus o ampare e aconselhe!

— Mas, tu dizes isso… — exclamou o meu tio quase horrorizado. — Espanta-me que possas falar assim, com esse sangue frio… e… de uma maneira geral, tu, meu, amigo, procedes sempre com certa leviandade, já notei em ti esse defeito. Bom. Mas não te parece um absurdo o que dizes? Como, diz-me lá, como podia eu casar com ela, se a encaro como uma filha e não de outro modo? Se teria vergonha de olhá-la de outra maneira e até considerava isso um pecado?! Eu já sou velho… e ela é uma garotinha. Foi isto que Fomá me fez ver, empregando até as mesmas expressões. Eu a amo com um amor paternal, mas tu podes sentir por ela amor de marido. Ela, talvez por gratidão, não me repudiaria; mas depois não deixaria de olhar-me com desprezo, por ter-me querido aproveitar da sua gratidão, ou então ia torná-la infeliz e perderia a sua amizade. Mas eu seria capaz de dar a vida por ela, pela minha filhinha! Gosto dela tal como de Sacha, talvez mais, confesso-te. Sacha é minha filha segundo o direito, segundo a lei, ao passo que esta, faço dela minha filha por amor. Eu a recebi por causa da sua pobreza, criei-a. Kátia, a minha adorada falecida, gostava muito dela e a deixou para mim como outra filha. Fui eu que a eduquei, mandei-a aprender francês e piano, ofereci-lhe livros e tudo

mais… Reparaste no sorriso dela? Viste-o, Sierioga? Parece que troçava de ti; mas não, não troça, pelo contrário, até gosta de ti… Eu pensava que tu irias ter com ela e lhe oferecerias a tua mão. Assim, ia se convencer de que eu não tenho quaisquer intenções e deixariam de pôr a correr todos esses ignóbeis boatos. Ela ficaria então conosco em paz e sossego; e como seríamos todos felizes então! Olha, vocês dois já são meus filhos, os dois órfãos, pouco mais ou menos foram criados os dois debaixo da minha tutela. E como gosto de vocês dois, como gosto! Dedicaria a vocês a minha vida inteira; não havia nunca de separar-me de vocês. Ah, como poderíamos ser felizes! Por que há de essa gente estar sempre de mau humor, indispor-se uns com o outros e não se poder ver? Oh, como eu os acolheria a todos e faria por explicar-lhes tudo do fundo do coração! Como lhes poria diante dos olhos a sinceridade do meu coração! Ah, meu Deus!

— Sim, tio, sim. Tudo isso está muito bem mas o certo é que ela me disse que não.

— Disse-te que não! Hum! Olha, para te dizer a verdade, eu tinha esse pressentimento — exclamou ele distraído. — Mas não — continuou — não acredito! Isso não é possível. Mas vê como é que terias tratado do caso. Naturalmente tocaste no assunto de um modo pouco discreto e até é possível que a tivesses ofendido. Desculpa, mas até as pessoas delicadas podem ser inconvenientes… Conta-me tudo outra vez, diz-me como as coisas se passaram, Serguiei!

Eu lhe repeti outra vez tudo com todas as minúcias. Quando cheguei ao passo em que Nástienhka dissera que esperava salvar o meu tio de Tatiana Ivânovna, com o seu afastamento, ele sorriu amargamente.

— Salvar-me! — disse ele. — Salvar-me até amanhã de manhã!

— O senhor não quer dizer com isso que vai casar-se com Tatiana Ivânovna, tio! — exclamei inquieto.

— Mas por que queria eu que não despedissem Nástienhka amanhã? Amanhã será o pedido de casamento, prometi-o formalmente.

— Está assim decidido, tio?

— Que hei de eu fazer, rapaz, que hei de eu fazer? É uma coisa que me dilacera o coração, mas estou decidido. Amanhã pedirei a sua mão. Querem que o casamento se realize sem fasto, em família; assim, meu amigo, será melhor. Tu serás o meu pajem. Eu já falei por ti. De maneira que nessa altura não terão outro remédio senão te terem cá em casa. Eles dizem: "É uma fortuna que fica para os teus filhos". Sem dúvida. Que não faz uma pessoa pelos filhos? De gatinhas, seria eu capaz de andar por eles, tanto mais que na verdade é justo. Estou obrigada a fazer tudo pelos meus. Não hei de ser sempre um egoísta.

— Mas tio, olhe que ela está doida! — exclamei eu num momento de distração e senti o coração apertado.

— E que tem isso? Doida, completamente, não está. É uma mulher que sofreu muito sabes? É uma infeliz… Que se há de fazer, meu amigo. Com certeza que eu preferia uma com o juízo todo! Esta, em compensação, é tão boa… Se soubesses! Tem um coração tão nobre!

— Mas, valha-me Deus, como o tio já está acostumado a essa ideia! — exclamei desesperado.

— Mas que havia eu de fazer senão isto? Por minha causa todos se preocupam e, no final de contas, eu bem adivinhava que mais cedo ou mais tarde não haveria salvação para mim, que haviam de obrigar-me a casar. Pois então, quanto antes, melhor; ao menos deixam de falar mais nisso. Olha, Sierioga, vou dizer-te tudo com a máxima franqueza; em parte até estou contente. Uma vez que estou decidido, já agora, deito tudo para trás das costas… Dá mais tranquilidade. Parece que era este o meu fado. Mas o principal, o que conta ainda é que Nástienhka fica. Foi com esta condição que eu acedi. E pensar que agora é ela que quer ir-se embora! Mas não há de ser assim! — exclamou o meu tio batendo com os pés no chão. — Ouve, Sierguiéi — acrescentou com um gesto enérgico — espera aqui por mim, não vás lá para casa; eu estarei aqui dentro dum momento.

— Mas aonde vai, tio?

— Talvez possa encontrá-la, Sierguiéi. Tudo se há de esclarecer, verás que tudo se há de esclarecer e … e … casarás tu com ela… doute a minha palavra de honra.

O meu tio saiu rapidamente da sala, dirigiu-se para o jardim e não para a chácara. Eu, da janela, seguia-o com a vista.

## Capítulo XII / A catástrofe

Fiquei sozinho. A minha situação era insuportável. Eu fazia resistência, mas o meu tio queria casar-me quase à força. Eu me afundava e me esgotava em congeminações. Mizíntchikov e a sua proposta não me saíam do pensamento. Fosse como fosse, era preciso salvar o meu tio. Eu pensava até em ir buscar Mizíntchikov e contar-lhe tudo. Mas, entretanto, onde tinha ido o meu tio? Ele dissera que ia procurar Nástienhka; mas o certo é que se metera no jardim. A ideia de encontros clandestinos passou-me pela imaginação e um sentimento de desgosto se apoderou da minha alma. Recordei-me das palavras de Mizíntchikov referentes a umas relações secretas… Depois de ter refletido um momento, repudiei com aborrecimento todas as minhas suspeitas. O meu tio não podia enganar-me, isso era evidente. A minha inquietação crescia de instante para instante. Indeciso, desci os degraus, saí para o jardim escuro e avancei pela mesma alameda pela qual enveredara o meu tio. A lua começava a elevar-se. Eu conhecia perfeitamente o jardim e não temia perder-me. A caminho do velho caramanchão, que se erguia solitário, junto do antigo lago coberto de lodo, parei de repente e fiquei pregado ao chão. Até mim chegavam rumores de vozes no caramanchão. Não poderia exprimir o sentimento de desgosto que se apoderou de mim. Estava convencido de que eram o meu tio e Nástienhka, e segui para diante, tranquilizando em todo caso a minha consciência, dizendo para comigo que caminhava no mesmo passo de há pouco e que não pretendia esconder-me. De repente ouviu-se claramente o ruído dum beijo, seguido do rumor dumas palavras de protesto, e imediatamente depois um grito agudo de mulher. No mesmo instante, uma mulher vestida de branco saiu a correr do caramanchão e passou por mim roçando-me como uma andorinha. Pareceu-me que ela tapava a cara

com as mãos para não ser conhecida. Provavelmente tinha me visto do caramanchão. Mas qual não foi o meu assombro ao ver Obnóskin à entrada deste, atrás da assustada dama… Obnóskin, o qual, segundo me dissera Mizíntchikov, havia pouco partira. Por seu lado também Obnóskin, quando me viu, ficou muito perturbado; todo o seu descaramento desapareceu.

— Desculpe mas… não esperava encontrá-lo — exclamou sorrindo e balbuciando.

— Nem eu ao senhor — respondi com certa maldade. — Tanto mais que me comunicaram que o senhor fora embora.

— Não… fui apenas acompanhar a minha mãe até um lugar que também não fica longe daqui. Mas seria possível confiar na sua discrição?

— Para quê?

— Há ocasiões… Deve concordar comigo… há ocasiões em que um homem verdadeiramente honrado precisa de contar com todos os nobres sentimentos de outro homem, também verdadeiramente honrado… Espero que há de compreender-me…

— Pois não compreendo absolutamente nada.

— Viu uma senhora, que estava aqui comigo no caramanchão?

— Vi-a mas não a conheci.

— Não a conheceu?! Pois essa senhora vai ser em breve minha mulher.

— Os meus parabéns. Mas em que posso ser-lhe útil?

— Numa coisa: guardando o mais profundo segredo sobre o fato de me ter visto em companhia dessa mulher.

“É tudo? — pensei para mim. — Senão…”

— Verdadeiramente não sei — respondi a Obnóskin — Espero que me desculpe, mas não posso dar-lhe a minha palavra…

— Pelo amor de Deus seja amável! — suplicou Obnóskin.

— Pense na minha situação; trata-se de um segredo. O senhor também pode ter uma noiva e então eu, pelo meu lado…

— Psiu! Vem aí alguém.

— Por onde?

Efetivamente, a trinta passos de nós distinguia-se já a figura dum homem que caminhava ao longo do lago.

— Provavelmente… deve ser Fomá Fomitch — murmurou Obnóskin com um tremor que lhe percorreu todo o corpo. — Conheço-o pela maneira de andar. Meu Deus! Mais um passo e ele chega aqui. Ouça… Desculpe! Hei de agradecer-lhe… peço-lhe!

Obnóskin desapareceu. Passado um minuto o meu tio surgiu diante de mim, como nascido do chão.

— És tu? — disse-me. — Está tudo estragado, Sierioga, está tudo estragado!

Reparei que ele tremia também dos pés até à cabeça.

— Mas que aconteceu, tio?

— Vamo-nos embora daqui! — exclamou respirando ofegantemente.

E pegando-me com força no braço, obrigou-me a segui-lo. Durante todo o caminho até à casinha não disse uma palavra nem me deixou falar. Eu esperava qualquer coisa de extraordinário e não me enganei. Assim que entramos em casa, quase desfaleceu, fez-se lívido como um cadáver. Salpiquei-o imediatamente com água.

“Deve ter acontecido qualquer coisa de terrível — pensei — para que um homem como ele desmaie.”

— Tio, que lhe aconteceu? — perguntei-lhe finalmente.

— Está tudo estragado, Sierioga. Fomá encontrou-me no jardim

com Nástienhka, no instante preciso em que eu a beijava…

— Beijava! No jardim! — exclamei, olhando atônito para o meu tio.

— No jardim, sim, meu amigo! Deus me valha! Atravessava eu o jardim com a ideia de encontrá-la… Queria falar com ela, sobre ti, está claro. Mas havia já uma hora que ela me esperava ali, junto do banco que há por detrás do lago… Era para aí que ela costumava ir algumas vezes quando precisava falar comigo.

— Algumas vezes, tio?

— Algumas, meu amigo! Nestes últimos tempos víamo-nos ali quase todas as noites. Mas naturalmente eles espiaram-nos… sim, estou informado de que nos espiavam, que foi Anna Nílovna quem tramou tudo. Suspendemos as nossas entrevistas a tempo; havia já quatro dias que não nos encontrávamos ali e só hoje tornamos a falar. Tu bem vês como isto era preciso; se não fosse assim, como havíamos de ter combinado a entrevista? Fui ali na esperança de encontrá-la e havia já uma hora que ela lá estava à minha espera. Precisávamos trocar impressões…

— Meu Deus, que imprudência! Mas o tio não sabia que eram espiados?

— Sim, mas é que se tratava de uma situação crítica, Sierioga. Tínhamos muitas coisas a dizer urgentemente. De dia não me atrevo a olhar para ela. Ela olha para um lado e eu desvio a vista para o outro, como se nem sequer soubesse que ela existe neste mundo. Mas à noite reunimo-nos e falamos…

— Bom. Continue, tio!

— Quase que nem tinha tempo para dizer-lhe duas palavras, sabes? O coração batia-me, dos meus olhos corriam lágrimas… Eu lhe dizia que devia aceitar as tuas propostas… e ela respondia-me: “Afinal, não gosta de mim… não há dúvida que não compreende nada”. E de repente foi e atirou-me os braços, estreitou-me e rompeu em pranto e soluços. “Eu — dizia ela — só gosto de você e não casarei

com mais ninguém. Há muito tempo gosto de você, mas não casarei com você, amanhã sairei desta casa e irei para um convento.”

— Meu Deus! Seriamente que ela falava assim? Bem. E que mais, que mais, tio?

— Levanto os olhos e diante de nós estava Fomá. De onde teria ele vindo? Estaria por acaso escondido atrás de um arbusto, esperando este pecado?

— Canalha!

— Eu perdi os sentidos. Nástienhka saiu correndo e Fomá Fomitch, em silêncio, avançou para nós, ficou a dois passos de mim e pôs-se a proferir ameaças… Imagina tu, Sierguiéi, o escândalo que amanhã vai haver.

— Bem. Não pense nisso.

— Mas tu não compreendes — exclamou o meu tio desesperado e saltando da cadeira — não compreendes que eles queriam perdê-la, culpá-la, desonrá-la, achar um pretexto para cobri-Ia de infâmia e depois expulsarem-na daqui, e que agora já têm esse pretexto? Eles diziam que nós dois mantínhamos relações ilícitas. Não chegaram a dizer que ela também andava metida com Vidopliássov? Tudo isto eram intrigas de Anna Nílovna. Pois que não dirão agora essas vis criaturas? Que se irá passar amanhã? E se Fomá vai contar tudo? Achas que devo falar com Fomá?

— Não há dúvida de que ele irá contar tudo.

— Pois ele que conte, que conte… — exclamou o meu tio cerrando os dentes e apertando os punhos. — Mas acho que não, acho que não. Não contará, guardará tudo para si… é um homem muito digno! Terá consideração por ela…

— Tenha ou não tenha — respondi eu com energia. — Seja como for, o tio tem obrigação de pedir já amanhã a mão de Nastássia levgráfovna.

O meu tio ficou a olhar-me de alto a baixo.

— O tio não vê que será o causador da desonra dessa moça, se essa história se espalha? Não compreende que é preciso reparar o mais depressa possível o seu erro? Que é necessário poder encarar todos bem de frente? Que deve fazer com que todos saibam que pediu a mão da moça, trocando as voltas a Fomá, se ele se atrever a atacá-la?

— Meu amigo! — exclamou o meu tio. — Enquanto me encaminhava para aqui vinha eu pensando nisso tudo.

— E que decidiu?

— Decidi começar por te contar tudo, primeiro.

— Bravo, tio!

Eu abracei o meu tio.

Ficamos conversando durante muito tempo. Eu lhe expus todas as razões, toda a necessidade inadiável em que ele se encontrava de casar com Nástienhka o que, no fundo, compreendia muito melhor do que eu. Mas a minha eloquência incitava-o. Eu me entusiasmava por ele. Era preciso incitá-lo, pois de outro modo nunca se resolveria. Perante o dever, perante a responsabilidade, submetia-se sempre. Mas apesar de tudo não sabia como conduzir aquele assunto. Eu sabia e acreditava firmemente que o meu tio não retrocederia um passo perante aquilo que reconhecesse como seu dever; mas não conseguia acreditar tivesse energia suficiente para revoltar-se contra os parentes. Eu me esforçava por instigá-lo e encorajá-lo e exprimia-me com toda a veemência da juventude.

— Mais vale assim, mais vale — dizia eu — pois agora está tudo decidido e dissiparam-se as suas últimas dúvidas. Aconteceu aquilo que o tio não esperava, embora na realidade tudo isso os outros já viam e tinham notado antes do senhor. Nastássia Ievgráfovna ama-o. Ou o tio prefere que este honesto amor redunde na sua desonra e infâmia?

— Nunca! Mas, meu amigo, poderei eu realmente vir a ser tão feliz? — exclamou o meu tio abraçando-me. — Mas por que é que ela me ama, por quê? Entendo que não tenho nada… Eu já sou velho para

ela; sério que não podia esperar… Meu anjo, meu anjo! Ouve, Sierioga. Há pouco me perguntaste se eu não estaria apaixonado por ela. Tinhas alguma ideia de que isso pudesse ser?

— Eu via apenas que o tio gostava dela como não é possível gostar mais. Amava-a, sem saber. Mandou-me vir, queria casar-me com ela unicamente para que virasse sua sobrinha e não se afastasse do seu lado…

— E tu… tu desculpas-me, não é verdade, Sierguiéi?

— Oh, tio!

E caímos de novo nos braços um do outro.

— Olhe, tio, tudo se conjura contra si. É preciso fazer frente e lutar contra todos, já a partir de amanhã…

— Sim… sim, amanhã! — repetiu ele um tanto pensativo. — Atacaremos o assunto com energia viril, com verdadeira nobreza de alma, com inteireza de caráter.

— Não se amedronte, tio.

— Eu não me amedronto, Sierioga. Simplesmente, não sei como hei de começar, como iniciar o ataque.

— Não se preocupe com isso, tio. Deixe tudo para amanhã. Hoje descanse. Quanto mais se pensa nas coisas, pior. E se Fomá der à língua… é expulsá-lo imediatamente desta casa e abrir fogo contra ele…

— E se não for possível expulsá-lo? Eu resolvi isto, meu amigo. Amanhã vou vê-lo cedinho, assim que amanhecer, e digo-lhe tudo de quanto falamos. Não tem outro remédio senão compreender-me, ele que é tão nobre, o mais digno deste mundo. Mas uma coisa me inquieta: e se a minha mãe disse a Tatiana Ivânovna que eu ia amanhã pedi-la em casamento? Isso seria terrível!

— Não se preocupe por causa de Tatiana Ivânovna, tio.

E contei-lhe a cena do caramanchão com Obnóskin. O meu tio ficou pasmado. Mas não lhe disse uma palavra a respeito de Mizíntchikov.

— Que criatura fantástica! Verdadeiramente fantástica! — exclamou. — Coitada! Andam atrás dela. Querem aproveitar-se da sua ingenuidade. Ora esta, Obnóskin! Mas ele não tinha ido embora? Que estranho, sim, estranho! Estou desconcertado, Sierioga… Amanhã mesmo é preciso sabermos e adotarmos medidas… Mas tens certeza de que era Tatiana Ivânovna?

Eu lhe respondi que, para dizer a verdade, não conseguira ver-lhe o rosto; mas tinha as minhas razões para estar realmente seguro de que era Tatiana Ivânovna.

— Hum! Não se tratará antes de algum devaneio com alguma jovem daqui e a ti pareceu que era Tatiana Ivânovna? Não seria Dacha, a filha do jardineiro? É uma descarada. Já tem dado que falar e é por isso que te digo isto, já tem dado que falar. Anna Nílovna apanhou-a com a boca na botija. Mas, afinal, que importância tem isso? Para mais o homem dizia que pensava casar-se… É estranho, muito estranho!

Finalmente; separamo-nos. Eu abracei e felicitei o meu tio.

— Amanhã, amanhã — repetiu ele — tudo se resolverá. Vou ter com Fomá e falo-lhe francamente, como a um irmão, vou lhe abrir todos os escaninhos do coração, o meu íntimo. Adeus, Sierioga! Deita-te, que estás cansado. Eu, com certeza que não hei de dormir nada esta noite.

E foi-se. Eu me deitei imediatamente, cansado e esgotado até mais não poder. O dia fora difícil. Os nervos escangalhados, antes de adormecer ainda senti tremores e arrepios. Mas, por muito estranhas que tivessem sido as minhas impressões antes de adormecer, toda a sua estranheza, no entanto, nada significava diante daquela do meu despertar na manhã seguinte.

## Segunda parte

# Capítulo I / A perseguição

Dormi com um sono pesado, sem sonhos. De repente senti que sobre os meus pés pesava uma carga de dez *puds*. Dei um grito e acordei. Era já dia; na janela, o sol brilhava claro. Em cima da minha cama, ou, para melhor dizer, em cima dos meus pés estava sentado o Senhor Baktchéiev.

Não era possível haver dúvidas, era ele. Libertando os pés como foi possível endireitei-me na cama e fiquei a olhar para ele, com a surpresa estúpida de quem não está ainda bem acordado.

— A olhar para tudo! — exclamou o gordo. — Mas por que te admiras? Levanta-te, paizinho, levanta-te. Já há meia hora que eu estou aqui, abre os olhos de uma vez!

— Mas que aconteceu? Que horas são?

— Ainda é cedo, paizinho; mas a nossa fada Iefrônia não esperou que fosse dia e partiu. Levanta-te, vamos à sua procura.

— Mas de que lefrônia se trata?

— Ora, quem há de ser senão a nossa, a nossa musa? Voou. Antes que o sol nascesse, bateu asas. Eu vim até aqui apenas num instante, para acordá-lo; mas cá estou já há duas horas. Levante-se paizinho, que o seu tio está à sua espera. Espera-o uma grande recepção! — acrescentou com um certo timbre irônico na voz.

— Mas de quem e de que fala o senhor? — exclamei eu impaciente e pondo-me logo a fazer conjeturas. — Talvez de Tatiana Ivânovna?

— Pois de quem havia de ser? Acertaste. Eu bem os avisei… não quiseram escutar-me. Pois agora aí a têm! Meteu-se de amores, amor subiu-lhe à cabeça. Ufa! E com quem… com quem? Com o da barbicha!

— Mizíntchikov?

— Frio, frio! Mas, paizinho, esfrega bem os olhos, espevita para a

festa! Parece que a ceia de ontem te caiu mal e que ainda estás um pouco tonto. Com Mizíntchikov! Ah, ah! Com Obnóskin é que foi e não com Mizíntchikov! Ivan Mizíntchikov é um homem sério e agora vem conosco à sua procura…

— Que diz? — exclamei, esforçando-me por saltar da cama. — Com Obnóskin!

— Oh, como és pesado! — respondeu o gordo levantando-me da cama. — Eu aqui a perder tempo com ele, a dar-lhe a novidade como se fosse alguém importante, e ele ainda a duvidar. Bem, paizinho, se queres vir conosco, levanta-te já, veste as calças e não me faças estar aqui tagarelando, pois já perdi contigo um tempo precioso.

E saiu, muito aborrecido.

Espantado com esta notícia, saltei da cama, vesti-me rapidamente e corri para fora do quarto. Pensando encontrar o meu tio em casa, onde, segundo parecia, todos dormiam ainda sem saber do que acontecera, dirigi-me cautelosamente para a escada dos senhores, e aí me encontrei com Nástienhka. Ia vestida com roupa de uso caseiro, com um penteador ou um roupão. Tinha os cabelos em desordem; via-se bem que acabava de levantar-se e parecia esperar alguém na escada.

— Diga-me, é verdade que Tatiana Ivânovna fugiu com Obnóskin? — perguntou-me, atropelando as palavras, com a voz entrecortada, pálida e desassossegada.

— Dizem que sim. Eu vou procurar o meu tio, queremos ir atrás dela.

— Oh! Vão, vão, quanto antes. A pobre corre para a perdição, se não a alcançarem a tempo…

— Mas onde está o meu tio?

— Naturalmente além, próximo das cavalariças. Mandou preparar um coche. Eu estou aqui à espera dele. Faça favor de lhe dizer, da minha parte, que eu tenho de sair desta casa ainda hoje sem falta. Que

já resolvi tudo. O meu pai veio buscar-me. Eu irei agora mesmo, se for possível. Agora já está tudo perdido. Tudo se desfez!

Enquanto falava assim olhava para mim desvairadamente e, de repente, começou a chorar. Parecia que ia dar-lhe um ataque de histerismo.

— Acalme-se — pedi-lhe eu. — Isto ainda há de acabar tudo bem… Vai ver… Mas que tem, Nastássia Ievgráfovna?

— Eu… eu não sei… o que tenho — disse ela respirando, ofegante, e apertando-me a mão com força. — Diga-lhe…

Nesse momento ouviu-se um ruído na porta próxima.

Ela me apertou mais a mão e, sobressaltada, sem dizer nada, deitou a correr pelas escadas acima.

Eu me encontrei depois com todos, com o meu tio, com Baktchéiev e Mizíntchikov, no cercado traseiro, junto das cavalariças. À caleche de Baktchéiev foram atrelados novos cavalos. Estava tudo pronto para a partida, esperavam apenas por mim.

— Aqui está ele! — exclamou o meu tio quando me viu. — Já sabes? — acrescentou com uma expressão um pouco estranha. Inquietação, distração e, ao mesmo tempo, um pouco de esperança refletiam-se no seu olhar, na sua voz e nos seus gestos. Pensava, provavelmente, que acabava de dar-se uma mudança capital no seu destino.

A seguir informaram-me de tudo, sem omitirem um único pormenor. O Senhor Baktchéiev, que passara uma noite horrível, saíra de sua casa ao despontar do dia, com a intenção de chegar a tempo de ouvir missa no mosteiro, a umas cinco verstas da sua granja. Mas, ao deixar a estrada para tomar um atalho, lobrigou uma *tarantás* que voava como uma seta, e lá dentro viu Tatiana Ivânovna e Obnóskin. Tatiana Ivânovna, choramingando e como que assustada, começou a gritar, ao mesmo tempo que estendia as mãos para o Senhor Baktchéiev, como se implorasse proteção. Era isto, pelo menos, o que se deduzia do que ele contava.

— E o tratante, o barbichas — explicava ele — parecia mais morto do que vivo e queria esconder-se de mim… Pois sim, mas a mim não me escapas tu…

Sem perder tempo a pensar, Stiepan Alieksiéievitch voltou de novo para a estrada, encaminhou-se para Stiepântchikovo, acordou o meu tio, Mizíntchikov e, finalmente, a mim. Resolveram partir imediatamente em sua perseguição.

— Aquele Obnóskin, aquele Obnóskin! — dizia o meu tio voltando-se constantemente para mim, como se em vez disso quisesse dar-me a entender outra coisa. — Quem é que seria capaz de supor uma coisa destas?

— Desse homem ruim era sempre possível esperar uma baixeza — exclamou Mizíntchikov com uma expressão de profunda desolação, mas ao mesmo tempo voltava a cabeça para o outro lado, evitando o meu olhar.

— Então que fazemos? Vamos ou não vamos? Ou vamos ficar aqui a tagarelar até à noite? — interrompeu o Senhor Baktchéiev subindo para o carro.

— Vamos, vamos — exclamou o meu tio.

— Tudo há de acabar bem, tio — murmurei-lhe ao ouvido. — Não vê como as coisas estão correndo otimamente?

— Está bem, rapaz, não gracejes… Ai, meu amigo! Agora eles vão expulsá-la, mais não seja senão como castigo, por não terem conseguido os seus planos… Não compreendes? Um horror, meu coração já adivinhou!

— Mas então, Iegor Ilhitch, quando é que se decide? — gritou pela segunda vez o Senhor Baktchéiev. — Desatrelamos os cavalos e vamos comer qualquer coisa ainda? Que lhe parece? Não teria bebido uns tragos de vodca?

Disse estas palavras com uma ironia tão mordente que já não houve mais possibilidade de não obedecer imediatamente ao Senhor

Baktchéiev. A seguir subimos todos para a carruagem e os cavalos arrancaram.

Durante algum tempo seguimos calados. O meu tio deitava-me olhares significativos mas evitava falar-me diante dos outros. De vez em quando afundava-se em meditações; depois, como se acordasse, estremecia e olhava à sua volta. Mizíntchikóv, segundo parecia, estava tranquilo, fumava um cigarro e olhava com a dignidade dum homem injustamente ofendido. Em compensação Baktchéiev não podia estar sossegado. Resmungava por entre dentes, olhava para todos com nítido aborrecimento; corava, resfolegava, cuspia e não podia estar quieto.

— Tem a certeza, Stiepan Alieksiéievitch, de que eles se dirigiam para Míchino? — perguntou o meu tio de repente. — Isso, meu caro, fica a vinte léguas daqui — acrescentou, olhando para mim. — É uma aldeola de trinta almas. Mudou há pouco tempo de dono e passou a ser propriedade dum ex-funcionário público. Um chicaneiro como não deve haver outro. Pelo menos é o que dizem, embora possa não ser verdade. Stiepan Alieksiéievitch, tem a certeza de que Obnóskin se dirigia para lá e que o referido ex-funcionário lhe tinha oferecido auxílio?

— Ora essa! — ripostou imediatamente o senhor Baktchéiev. — Já disse e continuo a dizer que foi para Míchino. Simplesmente, pode acontecer que no tal Míchino chamem Mitkoi[16] ao tal Obonóskin. Perderam três horas a tagarelar junto da cerca…

— Não se preocupe — observou Mizíntchikov — havemos de encontrá-los.

— Sim, sim, esperem lá por essa! Ele está mesmo ali à nossa espera! Tem a faca e o queijo na mão; para que havia de esperar?

— Sossega Stiepan Alieksiéievitch, sossega, que havemos de chegar a tempo! — disse o meu tio. — Ainda não tiveram tempo de fazer nada… Vais ver como é assim.

— Ainda não tiveram tempo de fazer nada? — exclamou com malícia o Senhor Baktchéiev. — Que havia ela de ter tido tempo de

fazer, se é tão recatada? “Ajuizada, dizem, ajuizada!”, — acrescentou com um tom de voz como se quisesse arremedar alguém. — Tem sofrido muito. Agora é que ela vai saber como as coisas são. E nós aqui a percorrermos o caminho em sua perseguição, com a língua de fora, desde o romper da alva até à noite. Nem ao menos nos deixam rezar ao domingo. Arre!

— No entanto ela não é nenhuma menina — observei eu — e não está sob tutela. Se ela não quiser, não podemos obrigá-la a voltar para trás. Que direito temos nós sobre ela, afinal?

— Isso é verdade — respondeu o meu tio — ela, porém, há de querer, garanto-te. Assim que nos vir… assim que nos vir… virá logo ter conosco; eu respondo por ela. Além disso não é possível abandoná-la assim ao acaso, vítima do destino. É um dever evitá-lo…

— Não está debaixo de tutela — exclamou Baktchéiev olhando para mim com cara de poucos amigos. — Mas se ela é maluca, paizinho, maluca de todo! Ora esta… E que tem que não esteja debaixo de tutela? Ontem, não quis falar-lhe nisso, mas vou dizer agora, por engano entrei no quarto dela e fui encontrá-la sozinha, diante do espelho, com as mãos na cintura e dançando uma escocesa. E a maneira como estava vestida! Um autêntico figurino, um figurino de modas! Cuspi e retirei-me. Então tive o pressentimento disto tudo, como se o tivesse visto escrito.

— Mas quem tem a culpa? — observei com certa timidez. — Bem se vê que Tatiana Ivânovna… não está de perfeita saúde… ou, para melhor dizer, está atacada de uma certa mania… A mim parece-me que o único culpado em tudo isto é Obnóskin e não ela.

— Não está de perfeita saúde? Só faltava esta! — exclamou o gordalhufo corando de raiva. — Pelo visto juraram fazer-me perder a cabeça. Ela é maluca, paizinho, torno a te dizer, maluca chapada, mas lá por isso não deixa de gozar de excelente saúde. Desde pequena que tem a mania das paixonetas. E agora o amor levou-a ao último extremo. Mas, desse tipo da barbicha nem é bom falar. Agora é que ele vai viver à grande com o dinheiro… e depois ainda se há de rir dela.

— Acha que a abandonará?

— Oh, não! Havia de andar de um lado para o outro com o seu tesouro? Que lhe interessa ela? Há de abandoná-la; deixá-la em qualquer lugar, ao pé duma árvore… e adeus, fica aí aspirando o perfume das florzinhas!

— Vamos, tu exageras, Stiepan, não será tanto assim! — exclamou o meu tio. — Mas afinal que tens tu com isso? Não sei por que estás assim, Stiepan.

— Mas eu sou um homem ou não sou? A coisa é de fazer ferver o sangue a qualquer, mesmo que não lhe diga respeito põe uma pessoa fora de si. Talvez fale assim, só por compaixão… Ai, este mundo está podre! Mas, afinal, por que vou eu lá? Por que me apoquento? Que me interessa isto tudo? Que mal tem isto para mim?

Assim resmungava o Senhor Baktchéiev, mas em breve deixei de dar atenção às suas palavras e pus-me a pensar naquela que íamos perseguindo… em Tatiana Ivânovna. Eis aqui uma breve biografia sua que consegui obter de fontes dignas de crédito e que considero indispensável reproduzir aqui para melhor compreensão da sua aventura. Órfã e pobre, criada entre estranhos, numa casa pouco hospitaleira, assim viveu a infeliz jovem até que se tornou uma solteirona. Tatiana Ivânovna, em toda a sua pobre vida esgotou até às fezes o cálice da amargura: orfandade, humilhações, raptos, e toda a dor de quem come um pão alheio que de má vontade lhe dão. De caráter alegre por natureza, estabanada e despreocupada em alto grau, a princípio foi suportando como pôde a sua amarga sorte e, de vez em quando, até dava risada com um riso alegre e franco; mas, com os anos, essa triste sorte acabou por vencê-la. Pouco a pouco Tatiana Ivânovna foi-se tornando amarelenta, seca, muito sensível, de uma delicadeza mórbida, afundou-se num devaneio contínuo, interrompido por vezes por prantos histéricos e soluços convulsivos. Quanto menos felicidades terrenas lhe concedia a realidade, tanto mais se consolava e compensava do seu abandono graças à fantasia. Quanto mais verdadeira, quanto mais desapiedadamente se iam afundando, até ruírem por fim as suas últimas esperanças nesta vida, mais imperiosamente se apoderavam dela as suas irrealizáveis ilusões…

Riqueza espantosa, formosura inultrapassável, pretendentes elegantes, opulentos, distintos, célebres, todos príncipes e filhos de generais, que lhe ofereciam o seu coração, guardado só para ela com infantil virgindade, e que morriam a seus pés pela violência do seu amor. Finalmente *ele*… *ele*, o ideal da beleza no qual se resumiam todas as perfeições possíveis, apaixonado e submisso e, para cúmulo, artista, poeta, filho dum general, tudo ao mesmo tempo, começou a intoxicá-la, aparecendo-lhe não só em sonhos, mas até quando estava acordada. A sua razão começou a fraquejar e não pôde resistir ao veneno deste ópio dos seus secretos e contínuos devaneios… E de repente, eis que a sorte veio alterar por completo a sua vida. No último grau da humilhação, no meio da mais triste e desolada realidade, quando servia de dama de companhia a uma velha desdentada, a mais insuportável e rabugenta deste mundo, que de tudo lhe lançava culpas e lhe atirava em rosto cada côdea de pão que em sua casa comia ou cada trapo que vestia, na situação duma pobre criada a quem qualquer pessoa pode ofender, desanimada pela sua vida amarga, e além disso presa duma fantasia desenfreada… recebe inesperadamente a notícia da morte dum parente afastado, ao qual havia já um certo tempo (nunca ela, no seu aturdimento, se tinha lembrado dele) tinham morrido todas as pessoas de família; um homem estranho, que vivia escondido no fundo duma província, misantropo solitário, azedo, silencioso, que se dedicava à frenologia e ao empréstimo de dinheiro a juros. E eis assim que uma imensa fortuna, de repente, como por artes mágicas, veio cair-lhe em cima, e uma grinalda de rosas douradas se desfolhou aos pés de Tatiana Ivânovna. Era ela a única herdeira desse parente, que tinha, morrido solteiro. Couberam-lhe cem mil rublos em herança. Esta sorte bizarra acabou de transtorná-la. De fato, como é que a sua razão, já alterada por causa deste acontecimento, não havia de acreditar daí em diante na verdade dos seus desvarios e dos seus sonhos, que começavam já a realizar-se? E a pobre acabou por perder definitivamente a última parcela de juízo que ainda lhe restava. Embriagada de felicidade, entregou-se sem freios ao seu mundo encantador de sonhos impossíveis e arrebatadoras ilusões. Desapareceram todas as suas cautelas, as suas dúvidas, todos os limites da realidade e as suas leis. Trinta *e* cinco anos, uma beleza que se apagava, uma tristeza outonal, e todo o delíquio *de* uma ilimitada nostalgia de amor… habitavam na

sua alma. Os sonhos já uma vez se tinham concretizado. Por que não haviam de continuar a concretizar-se? Por que não havia ele de aparecer? Tatiana Ivânovna não discernia, limitava-se a acreditar. Mas, enquanto esperava por ele, pelo ideal, nobres, galãs, cavalheiros de todo gênero, ou, simplesmente cavalheiros, militares ou civis, oficiais de diversas armas, aristocratas e poetas, que tinham estado em Paris ou, pelo menos, em Moscou; com barba ou sem ela, com suíças e sem suíças, espanhóis e não espanhóis (mas de preferência espanhóis) começaram a aparecer-lhe dia e noite numa quantidade tão aterradora e desconcertante, despertando grandes inquietações em todos quantos a rodeavam. Dali à Casa Amarela[17] faltava apenas um passo. Como um colar resplandecente, cingiram-se em torno dela todas estas belas ilusões. Acordada na vida real, via tudo de uma maneira fantástica. Olhasse para quem olhasse, ficava imediatamente rendida, qualquer homem que passasse diante dela era um espanhol, se algum homem morria, morria de amor por ela. Tudo isto se enraizou ainda mais no seu espírito pelo fato de, por aquela altura, terem começado a revolutear à sua volta indivíduos como, por exemplo, Obnóskin, Mizíntchikov e muitos outros, que perseguiam os mesmos fins. Começaram todos de repente a lisonjeá-la, a elogiá-la e a adulá-la. A pobre Tatiana Ivânovna não queria suspeitar sequer que tudo isso fosse por causa do seu dinheiro. Estava perfeitamente convencida de que, como por artes mágicas, todos os homens se tinham emendado de um momento para o outro, e eram todos, desde o primeiro ao último, joviais, simpáticos, afetuosos e bons. Ele ainda não aparecera, mas não havia a menor dúvida de que havia de aparecer, e, mesmo sem isso, a vida atual era tão agradável, tão sedutora, tão cheia de todo gênero de prazeres e distrações, que não custava muito esperar por ele. Tatiana Ivânovna saboreava doces, desfolhava as flores da satisfação, lia romances. Os romances esquentavam ainda mais a sua imaginação e, em geral, não costumava passar da segunda página. Não levava a leitura mais por diante, absorvida pelos sonhos mais arrebatadores, à mais breve alusão ao amor, e às vezes, simplesmente, perante a descrição de uma paisagem, de uma sala ou de um vestido. Encomendava constantemente novos vestidos, rendas, chapéus, fitas, cordões, bordados, modelos, doces, flores e cãezinhos mimados. Na modista, três moças passavam o dia fazendo os seus vestidos, enquanto a senhora os provava diante do espelho. Parecia até mais

nova e bonita desde que herdara. Até ao presente não sabia precisamente qual o seu parentesco com o falecido Krakótkin. Sempre estive convencido de que esse parentesco era uma invenção da generala, desejosa de apanhar Tatiana Ivânovna, para, fosse como fosse, casar o meu tio com o seu dinheiro. O Senhor Baktchéiev tinha razão em falar de paixonetas que absorviam o juízo de Tatiana Ivânovna, e a ideia do meu tio, ao saber a notícia da sua fuga com Obnóskin, de correr no seu encalço e de fazê-la voltar para casa, mesmo à força, era muitíssimo racional. A pobre criatura não era capaz de viver sem uma tutela e com certeza que acabariam com ela se caísse nas mãos de aventureiros.

Eram dez horas quando chegamos a Míchino. Era esta uma pobre e pequena aldeola, a três verstas de distância da estrada real, e reduzia-se a poucas casas. Seis ou sete cabanas de camponeses, encarquilhadas e escurecidas pelo fumo, cobertas de colmo, e que mostravam um aspecto desolado e hostil ao viajante. Num quarto de versta ao redor não se descobria nem uma horta nem uma árvore. Com certeza que semelhante lugarejo não podia causar boa impressão em Tatiana Ivânovna. A casa do senhor da terra consistia num edifício moderno, comprido e estreito, com sete janelas em fila e coberto provisoriamente de colmo. O funcionário-proprietário acabara de instalar-se na sua chácara. A entrada ainda não tinha cerca e apenas num dos seus lados começavam a levantar a paliçada com uns troncos de nogueira, aos quais ainda não tinham tido tempo de arrancar as folhas secas. Aí, junto do muro, estava a carruagem de Obnóskin. Caímos sobre os culpados como a neve sobre a cabeça dos que passam. Pela janela aberta ouviam-se gritos e choros.

Um rapagão descalço, que encontramos à entrada, deitou a correr voltando a cabeça. Na primeira sala, num divã turco, comprido e sem espaldar, estava sentada, toda chorosa, Tatiana Ivânovna. Quando nos viu deu um grito e cobriu a cara com as mãos. Junto dela encontrava-se Obnóskin, tão assustado e perturbado que até fazia pena. Tão perturbado estava que se adiantou para nos apertar as mãos, como se tivesse ficado contente com a nossa chegada. Pela porta que dava para o quarto contíguo via-se um vestido de senhora; alguém parecia escutar por uma fresta, sem que nós tivéssemos reparado nisso. A dona

da casa não veio receber-nos. Segundo parecia, não se encontrava em casa; ali, todos se escondiam.

— Aqui está a nossa viajante! E escondendo o rosto! — exclamou o Senhor Baktchéiev entrando atrás de nós naquela sala.

— Refreie o seu entusiasmo, Stiepan Alieksiéievitch. Isso é de mau gosto. O único que neste instante tem direito a falar é Iegor Ilhitch. Nós estamos em segundo lugar — observou Mizíntchikov com energia.

O meu tio, lançando um olhar severo ao Senhor Baktchéiev e como se não reparasse em Obnóskin, que se dirigia para ele com a mão estendida, foi até onde estava Tatiana Ivânovna, que continuava ainda escondendo o rosto com as mãos e, com a voz mais doce e a mais sincera simpatia, disse-lhe:

— Tatiana Ivânovna, todos nós gostamos tanto de você e sentimos por você tanto respeito, que viemos para nos informarmos das suas intenções. Quereria acompanhar-nos até Stiepântchikovo? Hoje é o dia do santo de Iliúcha. A mamãe a espera impacientemente e tanto Sáchenhka como Nástienhka não têm feito outra coisa senão chorar por sua causa toda a manhã…

Tatiana Ivânovna ergueu de súbito a cabeça, olhou-o por entre os dedos e, de repente, desatou a chorar, atirando-se ao pescoço dele. — Ah, sim, levem-me, levem-me daqui quanto antes! — disse, soluçando. — E já, e já!

— Apagou-se o incêndio! — murmurou Baktchéiev puxando-me pelo braço.

— Isto quer dizer que está tudo acabado — exclamou o meu tio dirigindo-se com muita secura a Obnóskin e quase sem olhar para ele. — Tatiana Ivânovna, digne-se dar-me o braço. Vamos!

No quarto contíguo ouviu-se um rumor de saias. A porta rangeu e entreabriu-se mais.

— No entanto, se encarar o fato noutro ponto de vista —

observou Obnóskin, olhando inquieto para a porta entreaberta — ponha-se no meu lugar, Iegor Ilhitch… A sua maneira de proceder em minha casa… E eu juro-lhe… Mas o senhor nem sequer se dignou cumprimentar-me, Iegor Ilhitch…

— O seu procedimento em minha casa não foi nada decente — respondeu o meu tio fixando o olhar severo no seu interlocutor — e esta casa também não é sua, segundo ouvimos dizer. Tatiana Ivânovna não quer permanecer aqui nem mais um minuto. Que mais deseja saber? Nem uma palavra, escute, nem uma palavra mais, peço-lhe. Tenho o maior desejo de evitar mais explicações e ao senhor convém também que assim seja.

Mas Obnóskin atrapalhou-se de tal maneira que proferiu as mais inesperadas asneiras.

— Não me despreze, Iegor Ilhitch — começou em voz baixa, contendo as lágrimas por vergonha e com os olhos fixos na porta, provavelmente com receio de que lá dentro o ouvissem. — Tudo isto foi obra da mamãe e não minha. Eu não fiz isto por interesse, Iegor Ilhitch; fiz, unicamente, por fazer; eu, não há dúvida que o fiz por interesse, Iegor Ilhitch, mas com um fim digno. Havia de tirar bom rendimento do capital… ajudaria os pobres. Eu queria desenvolver o movimento contemporâneo a favor da cultura e propunha-me também fundar uma bolsa de estudo para a Universidade. Já pode ver o emprego que eu me propunha dar à minha riqueza, Iegor Ilhitch. Eu não… não deve pensar isso, Iegor Ilhitch…

Todos nós, de repente, sentimos uma vergonha enorme. Mizíntchikov corou também e voltou a cara para o outro lado; o meu tio atrapalhou-se de tal maneira que ficou sem saber o que havia de dizer.

— Pronto, pronto, está bem! — exclamou finalmente. — Esteja tranquilo, Páviel Siemiônitch. Que se há de fazer! Uma coisa destas acontece a qualquer pessoa… Se quiseres, meu amigo, vem também almoçar conosco… Eu estou muito contente, sim senhor, muito contente.

Mas o Senhor Baktchéiev agiu de outra maneira.

— Fundar uma bolsa, hem? — exclamou impetuosamente. — Bela maneira de fundar bolsas! Tu, que és capaz de arrancar a pele ao primeiro que encontras… Ainda não ganhou na sua vida nem para umas calças e já fala em fundar bolsas! Ah, vadio, vadio! Conquistaste um coração terno! Mas onde está a tua mamãezinha? Aposto como está aí, atrás de algum biombo ou debaixo da cama, escondida e mortinha de medo…

— Stiepan, Stiepan — gritou o meu tio.

Obnóskin ficou vermelho como um tomate e fez menção de protestar; mas, antes que tivesse tido tempo de abrir a boca, abriu-se a porta e a própria Anfissa Pietróvna, vermelha de raiva, entrou como um pé-de-vento no quarto.

— Que é isto? — exclamou. — Que vem a ser isto que se passa aqui? O senhor, Iegor Ilhitch, entra por uma casa honesta acompanhado dos seus acólitos, assusta as senhoras e põe-se a discutir… Já se viu alguma vez uma coisa parecida? Eu, graças a Deus, ainda não perdi a cabeça, Iegor Ilhitch. E tu, meu pateta — continuou falando exaltadamente e encarando agora o filho — pões-te a chorar diante dele! Ofendem a tua mãe, na sua própria casa, e tu de boca fechada! Como é que depois disto quererás ser tido na conta de um homem honrado? Tu, depois disto, és um miserável e não um homem!

Anfissa Pietróvna, naquele momento, não tinha nem os salamaleques nem as denguices, nem as lunetas do costume. Era agora uma autêntica fúria, uma fúria desmascarada.

O meu tio, assim que a viu entrar apressou-se a pegar no braço de Tatiana Ivânovna e preparou-se para abandonar o campo; mas Anfissa Pietróvna atravessou-lhe o caminho.

— O senhor não há de ir-se embora sem mais aquelas, Iegor Ilhitch! — exclamou de novo. — Com que direito leva daqui à força Tatiana Ivânovna? Custa-lhe que ela se tenha escapado das malhas da sua rede, nas quais pretendia apanhá-la; ajudado por sua mãe e por esse imbecil de Fomá Fomitch. O senhor queria casar com ela movido pelo vil interesse. Desculpe, mas nós pensamos com mais

honestidade… Tatiana Ivânovna, quando viu o que se tramava em sua casa contra ela, com o fim de a casarem, procurou ela própria refúgio em Pávlucha. Foi ela própria quem lhe pediu a salvasse da sua rede e assim se viu obrigada a fugir de noite… aí tem. Foi a isto que a levaram! Não é assim, Tatiana Ivânovna? E, se é assim, como se atreve a entrar com toda essa tropa numa casa decente e distinta, com a pretensão de levar consigo à força uma senhora honesta, apesar dos seus gritos e das suas lágrimas? Eu não consinto numa coisa dessas! Não consinto! Eu ainda tenho o juízo todo! Tatiana Ivânovna fica porque é essa a sua vontade! Venha cá, Tatiana Ivânovna, não dê ouvidos a essa gente, são seus inimigos e não amigos. Não hesite, venha cá! Eu hei de ajustar contas com eles!

— Não, não! — exclamou assustada Tatiana Ivânovna. — Não quero, não quero! Mas que homem! Eu não quero casar-me com o seu filho! Olhem que marido esse!

— Não quer? — gritou Anfissa Pietróvna resfolegando, raivosa. — Não quer? Venha cá, mesmo que não queira! Mas então como é que se atreveu a enganar-nos? Então como é que teve o atrevimento de lhe dizer que sim, de fugir com ele de noite, de abraçar-se a ele e de ocasionar-nos despesas? Quem sabe se o meu filho não terá perdido algum bom partido por sua causa? Pode ser que, por sua causa, tenha perdido dez mil rublos de dote! Não, não! A senhora tem de pagar-nos uma indenização, não tem outro remédio senão pagá-la. Temos provas. A senhora fugiu de noite…

Mas nós não escutamos até o fim aquele arrazoado. Todos ao mesmo tempo, agrupados à volta do meu tio, desfilamos diante de Anfissa Pietróvna, saímos para a escada e preparamo-nos imediatamente para subirmos para a carruagem.

— É assim que se conduzem sempre os velhacos! — gritou Anfissa Pietróvna no alto da escada, fora de si. — Mas eu lhes direi! Vão me pagar… Levam-na para uma casa indecente, Tatiana Ivânovna! A senhora não pode casar-se com Iegor Ilhitch, anda metido com a preceptora, mesmo à frente do seu nariz…

O meu tio estremeceu, empalideceu e dispôs-se a ajudar Tatiana

Ivânovna a subir para a carruagem. Eu me coloquei do outro lado do carro, e estava à espera da minha vez de me sentar, quando de repente surgiu na minha frente a figura de Obnóskin, o qual me puxou pelo braço.

— Ao menos deixe-me pedir-lhe a sua amizade — disse, apertando-me a mão com força e com uma certa expressão de dor no rosto.

— Amizade? — perguntei pondo-me de pé no estribo da carruagem.

— Sim, amizade. Eu, ontem, descobri que o senhor era um homem cultíssimo. Não pense mal de mim… Eu, verdadeiramente, fui nisto tudo um joguete da minha mãe, uma personagem secundária. Eu, para o que tenho inclinação é para a literatura, acredite; isto foi tudo obra da minha mãe…

— Acredito, acredito — respondi-lhe. — Adeus!

Subimos para a carruagem e os cavalos arrancaram. Os gritos e as pragas de Anfissa Pietróvna ouviram-se ainda durante algum tempo, e por todas as janelas da casa assomaram de repente caras desconhecidas que nos olhavam com selvagem curiosidade.

Na carruagem íamos agora os cinco; Mizíntchikov sentou-se na boleia cedendo o seu anterior lugar ao Senhor Baktchéiev, que se viu assim diante de Tatiana Ivânovna. Esta estava muito contente por vir conosco, embora continuasse a choramingar.

O meu tio esforçava-se por consolá-la conforme podia. Também ele estava triste e pensativo. Era visível que as insultantes palavras de Anfissa Pietróvna a propósito de Nástienhka pesavam dolorosamente sobre o seu coração. Quanto ao mais a nossa viagem de regresso teria se realizado sem nenhum incidente se o Senhor Baktchéiev não tivesse vindo conosco.

Assim que se viu sentado em frente de Tatiana Ivânovna, pareceu transformar-se noutro homem. Não podia fixar a vista com serenidade em parte nenhuma, revolvia-se no seu lugar, corava como um tomate

e voltava os olhos para um lado e para outro, muito perturbado; sobretudo quando o meu tio se pôs a consolar Tatiana Ivânovna, o gorducho ficou decididamente fora de si e pôs-se a rosnar como um *bull-dog* irritado. O meu tio olhou para ele, sobressaltado. Finalmente Tatiana Ivânovna acabou também por reparar na estranha disposição de espírito do seu vizinho e começou a fitá-lo de alto a baixo; depois olhou para nós e sorriu; de repente esgrimiu a sombrinha e, com um gesto gracioso, deu com ela uma pancadinha no ombro do Senhor Baktchéiev.

— Louco! — exclamou com a mais sedutora coqueteria e depois cobriu logo o rosto com o leque.

Esta saída foi a gota que fez transbordar o vaso.

— Que significa isso? — gritou o gordo. — Que quer dizer isso, *madame*? Agora mete-se comigo?

— Louco, louco! — respondeu Tatiana Ivânovna e de súbito desatou a rir e a bater palmas.

— Para! — exclamou o Senhor Baktchéiev dirigindo-se ao cocheiro.

O carro parou. O Senhor Baktchéiev abriu a portinhola e dispôs-se a descer da carruagem a toda a pressa.

— Mas, que tens tu, Stiepan Alieksiéievitch? Onde vais? — gritou estupefato o meu tio.

— Nada, que já estou até aqui! — respondeu o gordo trêmulo de cólera. — O mundo está perdido! Eu já sou velho, *madame*, para andar com namoros. Prefiro morrer a meio do caminho. Adeus, *madame*, *comã-vu-porté-vu*?[18]

E depois de dizer isto apeou-se rapidamente. A carruagem correu um pouco atrás dele.

— Stiepan Alieksiéievitch! — gritou o meu tio, perdendo por fim a paciência. — Não sejas tolo, vamos, sobe! Olha que já são horas de voltarmos para casa.

— Vão vocês — resmungou Stiepan Alieksiéievitch, resfolegando com força, por causa do cansaço, pois, devido à sua gordura, já quase não estava habituado a andar.

— Depressa, cocheiro! — gritou Mizíntchikov.

— Mas que fazes tu, homem, que fazes? Para — exclamou o meu tio. Mas a carruagem já se pusera de novo em movimento. Mizíntchikov calculara bem: conseguimos imediatamente o resultado desejado.

— Para, para — gritou atrás de nós uma voz desesperada. — Para, bandido, para, criminoso, tu és…

O gordalhufo aproximou-se finalmente, esgotado, ofegante, escorrendo suor pela testa, a gravata desmanchada e em mangas de camisa. Taciturno e insociável, voltou a subir para a carruagem e desta vez cedi-lhe o meu lugar. Pelo menos assim já não ficava em frente de Tatiana Ivânovna, a qual durante toda esta cena não parara de rir e de bater palmas, e durante todo caminho não foi capaz de olhar serenamente para Stiepan Alieksiéievitch. Este, por seu lado, até chegarmos a casa, não disse nem uma só palavra e permaneceu durante todo o trajeto com os olhos obstinadamente fixos nas voltas das rodas de trás da carruagem.

Era já meio-dia quando chegamos a Stiepântchikovo. Dirigi-me imediatamente para os meus aposentos, onde depois Gavrila me veio trazer o chá. De boa vontade teria interrogado o velho; mas quase a seguir, apareceu o meu tio, que o mandou sair.

## Capítulo II / Novidades

— Eu, meu amigo, venho apenas por um momento — começou o meu tio atrapalhando-se logo. — Tinha pressa de comunicar-te… Já sei tudo. Nenhum deles assistirá hoje ao jantar exceto Iliúcha, Sacha e Nástienhka. A mamãe, segundo dizem, está com os seus desmaios. Só com muito custo conseguiram que voltasse a si. Bom trabalho lhes deu! Agora decidiram reunir-se todos nos aposentos de Fomá e a mim também me convidaram. Mas o caso é que não sei se hei de felicitar ou não Fomá pelo seu aniversário… o que é importante. E, finalmente, como teriam encarado todo este incidente? É terrível, Sierioga, meu coração está adivinhando…

— Pelo contrário, tio — apressei-me a interrompê-lo — caminha tudo às mil maravilhas. Agora é impossível pensarem em casá-lo com Tatiana Ivânovna… e isso é o principal. Já no caminho senti vontade de lhe dizer isto.

— Sim, sim, meu caro, mas nem tudo se resume nisso. Em tudo isso se vê sem dúvida a mão de Deus, como dizes; mas eu não me referia a isso… Pobre Tatiana Ivânovna! Em que embrulhada ela está metida… Que reles, que baixo, esse Obnóskin! Mas, afinal, por que lhe chamo eu reles? Não estava disposto a fazer o mesmo que ele, a casar-me com ela? Mas aliás não era bem isto o que eu queria dizer-te… Não ouviste o que disse em altos gritos, está manhã, essa embusteira de Anfissa Pietrovna, a propósito de Nástia?

— Ouvi, tio. Não vê agora como é preciso meter mãos à obra, depressa?

— Imediatamente, aconteça o que acontecer — respondeu o meu tio. — Soou a hora solene. Simplesmente, nós, ontem, esquecemo-nos de tratar de um ponto, e eu, depois, passei a noite inteira a dar voltas à cabeça. Ela aceitará? Este é que é o ponto.

— Por favor, tio! Pois se ela mesma disse que o queria!

— Isso é verdade, meu amigo. Mas não te esqueças que, depois, ela acrescentou: “Por nada deste mundo me casaria com ele”.

— Ora, tio! Isso são palavras, e além disso as coisas, hoje, mudaram de figura.

— Achas? Não, meu caro Sierguiéi, isto é um assunto delicado, terrivelmente delicado. Hum! Mas olha: se bem que eu esteja muito triste, no entanto toda a noite uma alegria remexeu no fundo do meu coração… Bem, vou-me embora, estou com pressa. Estão à minha espera, já vou chegar atrasado. Espera, já me esquecia. Ai, meu Deus! — exclamou voltando para trás. — Já me esquecia do mais importante. Sabes uma coisa? Escrevi uma carta a Fomá.

— Quando?

— Ontem à noite; de manhã cedo mandei-a por intermédio de Vidopliássov. Nela explico tudo em duas palavras; digo-lhe tudo sincera e francamente. Numa palavra: disse-lhe que me vejo na obrigação absoluta — compreendes? — de pedir a mão de Nástienhka. Peço-lhe também que não diga nada do nosso encontro do jardim e invoco toda a sua nobreza de alma para que interceda por mim junto da mamãe. Pode ser, meu amigo, que eu tenha escrito uma carta mal redigida, mas foi sincera e, como se costuma dizer, salpicada pelas minhas lágrimas…

— E então? Ele respondeu?

— Até agora, não, mas há pouco, antes de termos saído esta manhã para aquela perseguição, encontrei-o em traje de noite, com chinelas e gorro (ele dorme de gorro); não sei donde vinha, mas não me disse nem uma palavra. Nem sequer olhou para mim. Fitei-o bem de frente, na cara… e nada!

— Tio, não tenha ilusões acerca dele. Ainda lhe vai armar alguma…

— Não, meu amigo, não fales assim — exclamou o meu tio agitando as mãos. — Eu já estou convencido. Ao fim e ao cabo esta é a minha esperança. Ele há de compreender. É volúvel, é caprichoso…

não digo que não. Mas quando se trata de um assunto que requer grandeza de alma, então brilha como uma pérola… tal qual, como uma pérola. Tu, até agora, Sierguiéi, ainda não tiveste ocasião de ver a sua nobreza de sentimentos… Mas, meu Deus! Se de fato ele não guardasse o segredo de ontem à noite, então… Eu não sei o que sucederia nesse caso, Sierguiéi. Em quem é que eu hei de acreditar, afinal, neste mundo? Mas não, não é possível que ele desça a tamanha baixeza. Eu valho menos do que o seu dedo mindinho. Não abanes a cabeça, meu amigo; é a pura verdade… que não valho.

— Iegor Ilhitch a sua mãe está num desassossego — ouviu-se dizer de repente a antipática voz da Pieriepelítsina, a qual, provavelmente, teria conseguido escutar todo o nosso diálogo pela janela aberta. — Andam à sua procura por toda a casa e não são capazes de encontrá-lo.

— Meu Deus, que me atrasei! — exclamou o meu tio. — Veste-te depressa pelo amor de Deus e vamos até lá! Vim apenas para avisar-te… Já vou, já vou, Anna Nílovna, já vou!

Quando fiquei sozinho recordei-me do meu encontro dessa manhã com Nástienhka e alegrei-me muito por não ter falado no caso ao meu tio, pois o teria lançado ainda em maior confusão. Eu pressentia que um grande escândalo estava para se dar, e não conseguia compreender como é que o meu tio se arranjaria para levar por diante o seu propósito e pediria a mão de Nástienhka. Repito: apesar de toda a minha confiança na sua nobreza de alma duvidava no entanto daquilo que seria capaz de fazer.

Mas era necessário apressarmo-nos. Eu me considerava na obrigação de ajudá-lo e comecei imediatamente a vestir-me; mas embora me apressasse, atrasei-me no meu desejo de vestir bem. E no meu quarto apareceu então Mizíntchikov.

— Venho por sua causa — disse-me ele. — Iegor Ilhitch chama-o urgentemente.

— Então vamos lá.

Eu já estava completamente pronto. Saímos.

— Que temos de novo? — perguntei-lhe no caminho.

— Reuniram-se todos nos aposentos de Fomá— respondeu-me Mizíntchikov. — Fomá está bem disposto mas um pouco, apreensivo e apenas fala e range os dentes. Além disso deu um beijo a Iliúcha e felicitou-o, o que fez com que Iegor Ilhitch ficasse todo derretido. E, como se isto ainda fosse pouco, há pouco comunicou a todos, por intermédio da Pieriepelítsina, que não queria que o cumprimentassem pelo seu aniversário, e que dissera o contrário, a princípio, para nos pôr à prova… A velha ficou de nariz torcido mas, assim como assim, acabou por sossegar quando viu Fomá contente. Da nossa aventura ninguém disse nem uma palavra, como se nada tivesse acontecido; como Fomá está calado, calam-se também. Durante toda a manhã não quis receber ninguém, apesar de a velha, antes de nós termos chegado, lhe ter pedido por todos os santos que fosse falar um pouco com ela. E por fim foi em pessoa bater à sua porta. Mas ele tinha-se fechado por dentro e respondeu que estava rezando pelo gênero humano ou alguma coisa do estilo. Traz alguma fisgada, conhece-se na cara. Mas como Iegor Ilhitch não é capaz de ler nada na cara dele, está que não cabe em si de contente, de entusiasmo, com a piedade de Fomá Fomitch; parece uma criança. Iliúcha rabiscou uns versinhos e o coronel mandou-me vir buscá-lo.

— E Tatiana Ivânovna?

— Tatiana Ivânovna o quê?

— Sim. Está com ele?

— Não, está no seu quarto — respondeu secamente Mizíntchikov. — Suspira e chora. Pode ser que esteja envergonhada. Ao pé dela está, segundo parece… a preceptora. Mas… que é isto? Parece que vem aí uma tempestade. Ora, olhe para o céu.

— De fato parece — respondi, descobrindo uma nuvem escura no extremo do horizonte.

Nesse momento chegávamos ao terraço.

— Mas confesse que Obnóskin… hem? — continuei, sem poder

conformar-me em não saber o que pensaria Mizíntchikov sobre este ponto.

— Não me fale nisso! Não me recorde esse canalha! — exclamou de repente, parando, fazendo-se encarnado e batendo com os pés no chão. — Que imbecil! Que imbecil! Estragar desta maneira uma coisa tão boa, uma ideia tão luminosa! Olhe, não há dúvida nenhuma de que eu fui um burro em não ter desconfiado dos seus manejos… Reconheço-o solenemente. Talvez o senhor estivesse à espera de que eu lhe fizesse esta confissão. Mas juro-lhe que, se ele tivesse conseguido levar o assunto por diante, como devia ser, podia suceder que lhe tivesse perdoado. Idiota, três vezes idiota! Como suportar estes tipos ao pé de nós? Por que não os mandam para a Sibéria como colonos? Mas não me importa. Agora, ao menos, já tenho experiência e ainda havemos de ver quem é que fica a ganhar. Acaricio já uma nova ideia. O senhor há de concordar: por que haverá uma pessoa de desistir de uma ideia, só porque um imbecil qualquer a roubou e não soube levá-la a bom termo? Isso seria injusto! E finalmente essa Tatiana Ivânovna não tem outro remédio senão casar… é o seu destino. E se até agora não houve ninguém que a metesse num manicômio é porque, afinal, pode muito bem casar. Vou pô-lo a par do meu novo plano…

— Bem… mas isso, depois — interrompi-o — porque já chegamos.

— Está bem, fica para depois! — respondeu Mizíntchikov com um sorriso ambíguo nos lábios. — Mas agora… aonde vamos? Falo com o senhor. Ah, diretamente ter com Fomá Fomitch. Venha comigo, pois é a primeira vez que o senhor se apresenta lá… Verá como tudo isto vai acabar numa comédia…

## Capítulo III / O santo de Iliúcha

Fomá ocupava duas divisões amplas e bonitas, que estavam mais bem mobiladas que o resto da casa. Estava rodeado do maior *confort*, aquele grande homem. Flamantes e custosas tapeçarias pelas paredes, cortinas de seda bordadas nas janelas; tapete, espelho, chaminé,

poltronas fofas e elegantes… tudo demonstrava a terna amizade dos donos da casa por Fomá Fomitch. Nas janelas viam-se vasos de flores e à frente delas, em floreiras de mármore. No meio do escritório havia uma mesa grande, coberta com um pano encarnado e cheia de livros e manuscritos. Um magnífico tinteiro de bronze e uma quantidade de penas de ganso, que estavam ao cuidado de Vidopliássov. Todo este conjunto demonstrava os árduos trabalhos espirituais de Fomá Fomitch. Diga-se de passagem que havia já oito anos que Fomá vivia aqui e não tinha escrito nada. Mais tarde, quando ele morreu, recolhemos os manuscritos que deixara. Não tinham o mínimo valor. Encontramos, por exemplo, o princípio dum romance histórico que se passava em Nóvgorod no século VII;[19] e também uma poesia monstruosa: "O anacoreta no cemitério", escrita em versos livres; uma absurda investigação sobre o significado e características do camponês russo e acerca da maneira como devia ser tratado; e por fim um pequeno romance: *A condessa Mónskaia*, também por acabar. E era tudo. E para isto fazia Fomá Fomitch gastar ao meu tio todos os anos uma boa soma de dinheiro em livros e revistas. E muitos deles estavam por abrir. E também, com o tempo, por mais de uma vez surpreendi Fomá lendo Paul de Kock, para o que — é claro — se escondia o mais possível das pessoas. Na parede posterior do escritório havia uma porta envidraçada que comunicava com o resto da casa.

Estavam à nossa espera. Fomá Fomitch estava sentado numa cômoda poltrona, embrulhado num capote muito comprido que lhe chegava até aos pés, e sem gravata. De fato, mostrava-se taciturno e pensativo. Quando entramos, franziu levemente as sobrancelhas e lançou-me um olhar curioso. Cumprimentei-o; correspondeu-me com brevidade, embora de modo cortês. A minha tia-avó, ao ver que Fomá Fomitch me cumprimentava com tanta benevolência, baixou-me a cabeça com um sorriso. A pobre criatura não esperara nessa manhã que o seu favorito recebesse com tanta tranquilidade a notícia da aventura de Tatiana Ivânovna, e por isso estava agora contentíssima; embora fosse verdade que desde a manhã estava com vertigens e espasmos. Atrás da sua cadeira, como de costume encontrava-se a menina Pieriepelítsina; que apertava os lábios finos, sorria maliciosa e zombeteiramente e esfregava uma na outra as mãos ossudas. Junto da generala sentavam-se duas velhas parasitas, de nobre linhagem,

sempre silenciosas. Achava-se também presente uma proprietária da vizinhança, que também não descerrava os lábios, e que tinha ido ali depois da missa apenas com o fim de felicitar a mamãe-generala no dia da festa. A tia Praskóvia Ilínichna escondia-se em qualquer parte, em algum canto, onde observava em sobressalto Fomá Fomitch e a avó. O meu tio estava sentado numa poltrona e uma alegria fora do vulgar brilhava nos seus olhos. Junto dele encontrava-se Iliúcha, ostentando uma linda blusa de gala e, com a sua cabecinha encaracolada, parecia belo como um anjo. Sacha e Nástienhka, às escondidas de todos, tinham-no feito decorar uns versos para que ele desse assim uma grande alegria a seu pai naquele dia, demonstrando o seu adiantamento nos estudos. O meu tio quase chorava de alegria; a invulgar cortesia de Fomá, o bom-humor da generala, o santo de Iliúcha… tudo isso lhe fazia literalmente a cabeça dar voltas e por isso me mandou chamar solenemente para que eu participasse também, o mais cedo possível, do alvoroço geral, e ouvisse ler os versinhos. Sacha e Nástienhka, que tinham chegado pouco depois de nós, estavam agora à volta de Iliúcha. Sacha não deixava de sorrir e naquele momento parecia feliz como uma criança. Nástienhka tentava também sorrir, embora um minuto antes, quando entrara, viesse pálida e triste. Somente ela fora cumprimentar e tranquilizar Tatiana Ivânovna, no regresso da sua aventura, tendo permanecido até esse momento no seu quarto, fazendo-lhe companhia. O travesso Iliúcha só com esforço continha o riso, olhando para as suas professoras. Conforme disse, tinham inventado os três uma comédia, que se dispunham agora a representar… Esperem, já me esquecia de Baktchéiev. Estava sentado a uma certa distância dos outros, numa poltrona, ainda triste e corado, arredio; resmungão e desempenhando assim um papel bem estranho numa festa de família. Junto dele passarinhava Ietchóvkin que, aliás, passarinhava por todos os lados; beijava as mãos à generala e à proprietária vizinha, quando passava em frente dos convidados, dizia qualquer coisa ao ouvido da menina Pieriepelítsina ou bajulava Fomá Fomitch… Em suma: estava em todas as partes. Esperava também, numa atitude simpática, os versinhos de Iliúcha e, quando eu entrei, desfez-se em reverências, sinal de altíssimo respeito e estima. Não parecia de maneira nenhuma que tivesse ido ali para olhar pela filha e para levá-la para sempre de Stiepântchikovo.

— Ora cá o temos nós! — exclamou o meu tio alvoroçado. — Meu caro Sierguiéi, Iliúcha tem ali uns versos engatilhados… uma coisa inesperada, uma verdadeira surpresa! Eu fiquei espantado e então mandei-te buscar, e até que chegasses ficou suspensa a recitação dos versos… Vamos, senta-te aqui! Vamos lá ouvi-los. Fomá Fomitch, por que não confessas, meu amigo, que foste tu que te lembraste disto tudo para dar uma alegria a este pobre velho? Vamos, confessa que foste tu!

Ao ouvir o meu tio falar diante de Fomá, naquele tom de voz, qualquer pessoa pensaria que as coisas se tinham arranjado da maneira mais feliz. Mas embora o meu tio não fosse capaz de ler na cara das pessoas, segundo a frase de Mizíntchikov, eu, quando olhei para Fomá, não pude deixar de dar razão àquele e pensar que alguma coisa estava para acontecer…

— Não se preocupe comigo, coronel — respondeu Fomá com uma voz fraca, num tom de voz de homem que perdoa ao seu inimigo. — Eu também tive uma grande surpresa com isto; tudo isto é devido à sensibilidade e à delicadeza dos seus filhos. Os versos sempre têm alguma utilidade, até para a pronúncia… Mas eu esta manhã não estava para versos, Iegor Ilhitch. Eu estava rezando… O senhor já sabe… Mas terei muito prazer em escutar esses versos…

Eu, entretanto, felicitei Iliúcha e dei-lhe um beijo.

— Está bem, Fomá, está bem! Já me esquecia… mas eu tenho certeza da tua amizade, Fomá. Dá-lhe outro beijinho, Sierioga! Olha que rapagão ele está! Bem, começa já, Iliúcha! De que se trata? Naturalmente de alguma ode solene, qualquer coisa de Lomonóssov!

E o meu tio adotou uma atitude digna. Mal podia estar quieto de tão contente e alvoroçado.

— Não, paizinho, não é nada de Lomonóssov[20] — respondeu Sáchenhka contendo o riso a custo. — É uma coisa de guerreiros que pelejam com os seus inimigos; assim, Iliúcha vai aprendendo já qualquer coisa do exército. Chama-se o *Assédio de Pamba*, paizinho!

— *O Assédio de Pamba!* Não me lembro. Que Pamba vem a ser

essa? Tu a conheces, Sierioga? Deve ser qualquer coisa de heroico.

E o meu tio voltou a adotar uma atitude séria.

— Anda, começa Iliúcha! — ordenou Sáchenhka.

Nove anos o capitão…

Começou Iliúcha com voz fraca, igual e compassada, sem marcar pontos nem vírgulas, como costumam geralmente fazer as crianças que recitam poesias aprendidas de memória:

Nove anos o capitão
A Pamba já sitiava,
Nem ele nem sua tropa,
Nenhuma carne provava.
De leite puro de ovelha
Sua gente sustentava.
Seus nove mil combatentes,
Aceitando o que ele disse,
Tinham voto de jejum
Até que a praça caísse.

— Mas como é isso? Por que não haviam de beber senão leite? — exclamou o meu tio olhando-me estupefato.

— Continua Iliúcha! — ordenou Sáchenhka.

Faltam as forças a todos
E a praça está como antes;
Dezenove homens apenas
São agora os sitiantes…

— Mas que trapalhada é essa? — exclamou o meu tio desassossegado. — Isso é impossível! Restarem apenas dezenove homens de todo o exército, quando antes formavam um corpo de tropas tão importante! Como é isso, rapaz? Como pode ser isso?

Mas quando chegou aqui, Sacha não pôde mais conter-se e desatou a rir com um riso franco e infantil, e ainda que não houvesse motivo algum para rir, teria sido impossível, ao vê-la, não nos rirmos também.

— Paizinho, é que são versos cômicos — exclamou muito vaidosa

do êxito da sua travessura infantil. — O autor os escreveu assim intencionalmente, paizinho, para fazer rir!

— Ah, cômicos — exclamou o meu tio com uma cara resplandecente. — Cômicos! Já vejo, já… é verdade, é verdade, cômicos! E muito engraçados, por sinal, muitíssimo engraçados; porque essa de pôr a leite um exército inteiro, em cumprimento de um voto! É que não vejo a necessidade de fazer esse voto! Muito engraçado! Não é verdade, Fomá Fomitch? Olhe, mamãe, são uns versos cômicos, como aqueles que os poetas fazem às vezes… Não é verdade, Sierguiéi, que os escrevem? Sim senhor, e, estes são bem engraçados… Muito bem. Vamos lá, Iliúcha, continua.

Dezenove homens somente!
Grita, aflito, o capitão,
Ó meus bravos camaradas,
O sacrifício foi vão.
Desfraldai vossas bandeiras
E toquem a retirada.
Não temos corpo nem alma
Para mais uma arrancada.
E que fique de memória
A promessa malfadada
De beber apenas leite,
Leite apenas e mais nada!

— Mas que disparate! Como consolar-se — voltou o meu tio a interromper — de ter estado nove anos sem provar senão leite? Que virtude invulgar! Não teria sido melhor comer um cabrito inteiro por pessoa, para que a tropa não perecesse? Admirável, magnífico! Agora vejo, agora vejo, é uma sátira, ou para melhor dizer… como se chama isso? Uma alegoria, não é verdade? Sim, talvez uma sátira de algum general estrangeiro — acrescentou o meu tio dirigindo-se a mim, franzindo as sobrancelhas com gravidade e piscando-me o olho. — Então que dizes? No entanto é uma sátira inocente, nobre, que não ofende ninguém! Magnífica, magnífica! E o que é mais importante ainda, muito digna. Bem, Iliúcha, continua! Ah, que diabo de moça! — acrescentou, olhando com amor para Sáchenhka e de soslaio para Nástienhka, que se pôs encarnada e sorriu.

Os dezenove, ao ouvi-lo,
Valor querem recobrar,
Mas vacilam no seu posto,
Sem forças para marchar.

Levanta-se o capelão
E diz logo sem demoras:
Se eu tivesse um bom presunto
E de vinho uma garrafa,
A cidade a estas horas,
Já nas nossas mãos estava…

— Aí está! Eu não dizia? — exclamou o meu tio no cúmulo da alegria. — Em todo o exército havia apenas um homem sensato, esse capelão! Que grau é esse, Sierguiéi? Qualquer coisa como capitão, não é verdade?

— Não, tio, trata-se de um padre, de um religioso.

— Ah, sim, sim, sim! Capelão, capelão! Que os há de várias Ordens, não é? Beneditinos, creio… Há beneditinos?

— Há, sim, tio!

— Hum! Bem me queria parecer! Bem, Iliúcha, continua. Admirável, magnífico!

Começou o capitão
A rir de boa vontade,
A toda a gente ordenando
Que já dali não se aparte.
"Venha uma ovelha, somente
Para o bom do capelão,
Que eu reconheço que tem…
Tem carradas de razão!"

— Agora é que é de rebentar a rir! Já se viu semelhante. burro? É cômico até o fim! Então um cordeiro, hem? Então lá havia cordeiros. Então porque não os comiam? Bem, Iliúcha; continua! Absolutamente admirável! Extraordinariamente engraçado!

— Já acabou, paizinho!

— Ah, já acabou! Realmente, que mais havia ainda para dizer? Não é verdade, Sierguiéi? Magnífico, Iliúcha! Ah, meu caro, de quem foi a ideia? Foi tua, Sacha?

— Não, foi de Nástienhka. Isto é, nós estávamos a ler e ela então disse de repente: "Que versos engraçados! Olhem, o dia do santo de Iliúcha está chegando; vamos ver se ele os aprende de cor para depois

os recitar. Vão ver como todos se hão de rir!”.

— Então foi ideia de Nástienhka? Pois muito obrigado, muito obrigado — balbuciou o meu tio pondo-se imediatamente muito encarnado, como um rapazinho. — Dá-me outro beijinho, Iliúcha? Beija-me tu também, minha marota — disse chamando Sáchenhka e olhando-a ternamente nos olhos.

— Tem paciência, Sáchenhka, que também chegará o dia do teu santo — acrescentou, como se não soubesse o que havia de dizer, de tão contente.

Eu me dirigi a Nástienhka e perguntei-lhe: — Mas de quem são os versos?

— Sim, de quem são? — exclamou o meu tio. — Com certeza foi um grande poeta que os escreveu, não é verdade, Fomá?

— Hum! — murmurou Fomá por entre os dentes.

Mas durante todo o tempo que durou a leitura não lhe saiu dos lábios um sorrisinho zombeteiro.

— Para dizer a verdade, esqueci-me — respondeu Nástienhka olhando timidamente para Fomá Fomitch.

— Esses versos foram escritos pelo Senhor Kuzmá Prútkov, paizinho, e foram publicados no *Contemporâneo* — declarou Sáchenhka.

— Kuzmá Prútkov! Não me recordo: — repetiu o meu tio. — Eu conheço é Púchkin! Que, aliás, é um poeta muito digno! Não é verdade, Sierguiéi? E além do mais é um homem de bom coração… Que admirável revista esse *Contemporâneo*! Não tenho outro remédio senão assiná-la, uma vez que conta com poetas dessa altura… Os poetas entusiasmam-me! Admiráveis rapazes! Dizerem tudo em verso! Recordas-te, Sierguiéi, daquele literato que conheci em Petersburgo em tua casa? Lembro-me que tinha um nariz muito especial… Não era? Que dizias tu, Fomá?

Fomá Fomitch, que cada vez estava mais sombrio, resmungou

qualquer coisa por entre os dentes,

— Não, não… Não é nada — disse, como se contivesse o riso com grande custo. — Continue, Iegor Ilhitch, continue! Eu depois falarei também… Olhe, aí tem Stiepan Baktchéiev, que escutou com grande satisfação isso que o senhor disse de ter conhecido um literato de Petersburgo…

Stiepan Alieksiéievitch, que permanecera todo o tempo sentado à distância, apreensivo, levantou imediatamente a cabeça, fez-se muito vermelho e deu meia volta na cadeira.

— Tu, Fomá, não te metas comigo e deixa-me em paz! — disse olhando colérico para Fomá com os seus olhinhos pequenos, injetados de sangue. — Que me interessa a tua literatura? O que eu quero é saúde — resmungou por entre os dentes. — E quanto ao resto… São todos uns voltairianos, essa é que é a verdade!

— Os literatos são voltairianos? — exclamou Ietchóvkin, colocando-se em seguida ao lado do Senhor Baktchéiev. — Acaba de dizer uma grande verdade, Stiepan Alieksiéievitch. Foi assim que ainda há pouco tempo se dignou exprimir-se Valientin Ignátitch. A mim chamou-me voltairiano… Meu Deus! Mas olha, todos sabem que eu não escrevi nem uma linha… A culpa é de Voltaire! É sempre a mesma coisa!

— Bem, já chega — observou o meu tio com gravidade: — Isso é um erro! Voltaire foi apenas um escritor engenhoso, ria-se dos preconceitos, mas nunca foi voltairiano. Isso foi o que disseram dele os seus inimigos. Mas, na verdade, por que hão de deitar sobre o infeliz as culpas de tudo?

Tornou a ouvir-se o risinho antipático de Fomá Fomitch. O meu tio olhou-o, inquieto, e ficou imediatamente muito atrapalhado.

— Não, eu, já sabes, Fomá, leio tudo nos jornais — observou confusamente, como se quisesse justificar-se. — Tu, Fomá, tinhas muita razão quando disseste há pouco que era preciso fazer uma assinatura. Eu também pensava o mesmo! Hum! Não há dúvida de que espalham a cultura! E, uma vez que é assim, quem poderá chamar-se

filho da sua pátria, se não se tornar assinante? Não é verdade, Sierguiéi? Hum… Sim, senhor… Aí têm vocês o *Contemporâneo*. Mas olha, Sierioga a ciência mais poderosa, a meu ver, a que se guarda nas folhas dessa revista tão volumosa que se chama, não me lembro como… Uma que tem a capa amarela…

— *Os Anais da Pátria*, paizinho.

— Isso mesmo, *Os Anais da Pátria*, belo título, Sierguiéi… Não é verdade? Toda a pátria está ali, viva! Finalidade nobilíssima! Revista utilíssima! E que grande! Procura e vê lá se vês outra igual! É uma ciência que, pode dizer-se, nos entra pelos olhos adentro… Ainda não há muito… que eu vi a mesa um livro; pego nele por curiosidade, abro-o e leio três páginas. Olha, meu, amigo, fiquei simplesmente estonteado. Ali explicava-se tudo, sabes? O que significam por exemplo vassoura, pá, concha, cão! Porque para mim vassoura significava vassoura e cão significava cão! Mas não, meu amigo, para as pessoas cultas, não é vassoura, é qualquer coisa da mitologia; ou algo parecido, já não me lembro… É para que vejas, meu caro, como nós somos ignorantes!

Não sei o que Fomá pensaria fazer depois daquele novo disparate do meu tio; mas naquele mesmo instante Gavrila entrou e ficou de cabeça baixa, parado à porta.

Fomá Fomitch olhou significativamente para ele.

— Já está, Gavrila? — perguntou em voz baixa e indecisa.

— Já — respondeu Gavrila tristemente e lançando um suspiro.

— Puseste também a minha trouxa no carro?

— Sim.

— Bem, pois então eu também estou pronto! — exclamou Fomá e levantou-se da cadeira, devagar. O meu tio olhou para ele, estupefato. A generala levantou-se logo e rodou, inquieta, a vista à sua volta:

— Desculpe-me, coronel — começou Fomá com um gesto digno — que lhe peça que suspenda por um momento a sua interessante

dissertação acerca das escolas literárias, Poderá continuá-la quando eu tiver saído. Eu, ao despedir-me de vós para sempre, queria dizer lhes algumas palavras derradeiras…

De todos os presentes se apoderou o temor e a estranheza.

— Fomá! Fomá! Mas que te aconteceu? Aonde vais? — exclamou finalmente o meu tio.

— Vou deixar a sua casa, coronel — disse Fomá com uma voz muito tranquila. — Decidi partir numa simples carroça de camponês. Nela tenho já os meus haveres, que não são muitos, com alguns livros queridos, duas mudas de roupa… e nada mais! Eu sou pobre, Iegor Ilhitch; mas por nada deste mundo aceitaria agora o seu dinheiro, que ontem recusei!

— Mas, por amor de Deus, Fomá! Que significa isso? — exclamou o meu tio fazendo-se branco como a cal.

A generala começou a soluçar e olhou desolada para Fomá, estendendo-lhe os braços. A menina Pieriepelítsina preparou-se para ampará-la. As outras parasitas ficaram petrificadas nos seus lugares. O Senhor Baktchéiev levantou-se pesadamente da sua cadeira.

— Bem, a história do costume! — murmurou Mizíntchikov ao meu ouvido.

Nesse momento ouviram-se uns trovões longínquos; a tempestade ia começar.

## Capítulo IV / A expulsão

— Parece-me que o senhor coronel perguntava: “Que significa isto?” — inquiriu Fomá solenemente, no meio da admiração geral. — Muito me admira essa pergunta! Comece antes por explicar-me primeiro como é que pode olhar-me ainda na cara! Explique-me ainda essa feição psicológica da humana insolência, que assim eu poderei partir enriquecido ao menos com um novo conhecimento acerca da perversidade do gênero humano.

Mas o meu tio não estava em condições de responder. Olhava para Fomá, espantado e abatido, com a boca aberta e os olhos exorbitados.

— Senhor, que desgosto! — exclamou a menina Pieriepelítsina.

— O senhor não compreende, coronel, que a sua obrigação, agora, é deixar-me partir sem fazer pergunta alguma? Parece-me que em sua casa a minha moral de homem já maduro e sensato corre sério perigo. Acredite que as suas perguntas só podem conduzir ao descobrimento da sua vergonha…

— Fomá! Fomá! — exclamou o meu tio, com um suor frio a correr-lhe pela fronte.

— Por isso dê-me licença que, sem mais preâmbulos, lhe dirija algumas palavras de despedida, as últimas da minha estada em sua casa, Iegor Ilhitch. O mal está feito e já não tem remédio. Espero que compreenda aquilo a que quero referir-me. Mas, de joelhos lhe peço, se guarda ainda no seu coração uma centelha de honestidade, refreie a impetuosidade das suas paixões. E se o fogo da concupiscência não consumiu ainda de todo o edifício da sua alma, faça o possível por apagar esse fogo.

— Fomá, asseguro-te que estás em erro! — exclamou o meu tio exaltando-se pouco a pouco e pressentindo com espanto até onde aquilo iria parar.

— Refreie as suas paixões — continuou Fomá em tom solene como se não tivesse ouvido os protestos do meu tio. — Vença-se a si próprio! “Se queres dominar o mundo inteiro… domina-te a ti próprio.” Eis aqui a minha norma de sempre. O senhor é proprietário, necessita de brilhar pelas suas virtudes, como uma pérola, mas em vez disso, que exemplo tão triste dá aos seus inferiores! Noites inteiras eu pedi pelo senhor a Deus, tremendo, esforçando-me pela sua sorte. Mas não pude conseguir, porque a felicidade resume-se na virtude.

— Mas isso não é possível, Fomá! — voltou a interrompê-lo o meu tio. — Tu não estás bem informado, tu fazes confusão.

— Na verdade o senhor esquece que é proprietário — continuou Fomá mais uma vez desinteressado dos protestos do meu tio. — Mas não pense que a ociosidade e a entrega aos prazeres são a condição do estado de senhor rural. Isso seria a perdição! Nada de ociosidade, mas sim de responsabilidade perante Deus, o czar e a Pátria. A trabalhar, a trabalhar é que um proprietário rural deve estar, como o último dos seus campônios!

— Mas, isso quer dizer que, daqui para diante, terei eu de trabalhar para os meus servos? — resmungou Baktchéiev. — Porque eu também sou proprietário rural.

— Agora falo convosco, criados — continuou Fomá dirigindo-se a Gavrila e a Falálei, que espreitavam à porta. — Amai os vossos senhores e cumpri a sua vontade com docilidade e submissão. Deste modo também os vossos senhores vos amarão a vós. E o senhor, coronel, seja justo e compassivo para com eles. Porque eles também são homens… imagem de Deus, já se tem dito; humildes cujo cuidado está a seu cargo, como se fossem filhos, ao do czar e ao da Pátria. Grande dever, mas grande mérito também o seu.

— Fomá Fomitch… Querido!… Como te lembraste de uma coisa dessas? — exclamou a generala desolada, quase a desmaiar de susto.

— Bem, já chega! — concluiu Fomá sem dar sequer atenção à generala. — Agora entremos em pormenores, confessemos que são desagradáveis mas indispensáveis, Iegor Ilhitch. O senhor ainda não mandou segar o feno no campo de Karínskoie. Não demore mais, faça-o já, é esse o meu conselho.

— Mas… Fomá!

— Bem sei que o senhor queria deitar abaixo o bosque de Sirianóvski. Não o faça… é outro conselho que lhe dou. Conserve o bosque intacto, porque os bosques mantêm a umidade da superfície terrestre… É verdadeiramente lamentável que o senhor se tenha lembrado tão tarde de semear o trigo de verão, é assombroso que o tenho deixado atrasar-se tanto…

— Mas… Fomá!

— Já chega. Não é possível dizer tudo, visto que não há tempo. Eu vou lhe enviar instruções por escrito, num caderno, se for preciso. Mas adeus, adeus a todos. Deus os proteja e abençoe. A ti abençoo-te eu, meu filho — continuou, dirigindo-se a Iliúchka — e que o Senhor te livre do fogo voraz das tuas futuras paixões. Também te abençoo a ti, Falálei; esquece-te da *kamárinskaia*… E a vós outros, todos… lembrai-vos de Fomá… Eia, vamos, Gavrila! Conduz-me, velho!

E Fomá encaminhou-se para a porta. A generala rompeu em soluços e correu atrás dele.

— Não, Fomá! Eu não te deixarei partir assim! — exclamou o meu tio e, aproximando-se dele, pegou-lhe num braço.

— Isso significa que deseja empregar a violência? — perguntou-lhe logo Fomá.

— Sim, Fomá, se for necessário empregarei a violência — respondeu o meu tio tremendo de irritação. — Tu, há um momento, disseste qualquer coisa que tens de explicar. Não recebeste a minha carta, Fomá?

— A sua carta! — suspirou Fomá excitando-se, como se apenas estivesse à espera daquela pergunta para explodir. — A sua carta! Agora vem com essa da carta! Que carta! Eu rasguei essa carta, cuspi sobre ela! Espezinhei-a com os meus pés, cumprindo assim um sagrado dever de humanidade! Aí tem tudo, já que me obriga a dar-lhe explicações. Olhe, olhe, olhe…

E umas folhas de papel voaram pelo quarto.

— Repito, Fomá, que não compreendeste bem — exclamou o meu tio empalidecendo cada vez mais. — Eu falava nessa carta de um pedido de casamento, Fomá, e da minha felicidade.

— Pedido de casamento! O senhor seduziu uma moça e procura enganar-me com esse pedido de casamento, pois eu o vi com ela, de noite, no jardim, ao pé duma árvore.

A generala deu um grito e deixou-se cair desmaiada na cadeira.

Armou-se um enorme reboliço. A pobre Nástienhka pôs-se muito pálida e parecia uma morta. Sáchenhka, assustada, abraçou-se a Iliúchka, tremendo como se estivesse com febre.

— Fomá! — exclamou o meu tio fora de si. — Se divulgas esse segredo cometerás a ação mais ignóbil do mundo!

— Eu divulgo esse segredo — gemeu Fomá — e com isso realizo uma ação nobilíssima. Eu fui enviado por Deus para informar o mundo todo dos seus pecados. Estou disposto a subir ao teto de palha duma choça de camponês para gritar daí aos quatro ventos a sua feia conduta, para que todos os desta terra fiquem a saber e todos os que por ela passarem. Sim, que todos o saibam, todos: ontem à noite eu surpreendi-o com esta menina, de aspecto tão inocente, no jardim, junto duma árvore!

— Oh, que horror! — exclamou a Pieriepelítsina.

— Fomá, não me faças perder a cabeça! — gritou o meu tio apertando os punhos e chispando fogo pelos olhos.

— Mas ele — gemeu Fomá — ele, com receio de que eu o tivesse visto, teve o descaramento de escrever-me uma carta enganadora, a mim, um homem honesto e reto, para fazer-me cúmplice do seu crime, sim, do seu crime… porque de uma jovem inocente o senhor fez…

— Uma só palavra mais que possa ofendê-la e eu… mato-te, Fomá, juro-te!

— Pois eu vou proferir essa palavra, porque de uma jovem até aqui inocentíssima o senhor fez a fêmea mais corrompida…

Ainda Fomá mal tinha pronunciado a última palavra, logo o meu tio se atirou a ele, agarrou-o pelo pescoço, deu-lhe meia volta como se fosse um trapo e, de um empurrão, impeliu-o até à porta de vidro que do gabinete levava à entrada da casa. Tão violento foi o embate, que a porta se abriu com estrépito, e Fomá, saltando aos tropeções os sete degraus de pedra, foi parar ao vestíbulo. Os vidros partidos voaram pelos ares e foram cair na escada.

— Gavrila, leva-o! — exclamou o meu tio, lívido como um morto. — Leva-o na carroça e que não esteja nem dois minutos mais em Stiepântchikovo!

Por muito que Fomá Fomitch tivesse calculado, não podia esperar semelhante desenlace.

Não ousarei descrever o que sucedeu nos primeiros minutos seguintes àquele episódio. O pranto da generala, desmaiada na sua cadeira, era de partir o coração; a estupefação da menina Pieriepelítsina perante o inesperado arrebatamento do meu tio, sempre tão pacífico; os ais e os uis das parasitas; o susto, que ia quase dando um desmaio, de Nástienhka, junto da qual estava o pai, solícito; a dor de Sáchenhka, que ficou estonteada; as idas e vindas do meu tio, pelo quarto, tomado de um sofrimento indescritível, à espera que a mãe voltasse a si; e finalmente o choramingar ruidoso de Falálei, apiedado dos senhores… tudo isso formava um espetáculo inenarrável. Acrescentarei ainda que naquele momento desabou uma tempestade enorme; o fragor dos trovões ouvia-se cada vez mais próximo e na varanda caíam catadupas de chuva.

— Está linda a festa! — resmungava o Senhor Baktchéiev movendo a cabeça e abrindo os braços.

— Um horror! — murmurei eu ao seu ouvido, também fora de mim, com o desgosto. — Mas ao menos já correram Fomitch e desta

vez não voltará.

— *Bátiuchka!* Volte a si! Sente-se melhor? Já pode ouvir-me? — perguntou o meu tio parando diante da cadeira da velha.

Ela levantou a cabeça, estendeu os braços e, de olhos suplicantes, olhou para o filho que nunca vira tão arrebatado.

— *Bátiuchka!* — continuou ele. — A medida encheu-se, a mãezinha bem viu. Eu não queria resolver este assunto desta maneira, mas a ocasião apareceu e não podia já ser adiado. Ouviu a calúnia, ouça agora a justificação. Mãezinha, eu amo esta bondosa e honestíssimo menina. Amo-a desde há algum tempo e nunca deixarei de amá-la. Ela fez a felicidade dos meus filhos e será para a senhora a filha mais respeitadora; e por isso, agora, diante da senhora, na presença dos de minha família e amigos, eu, solenemente, ponho a seus pés o meu pedido e peço-lhe que me dê a honra imensa de consentir em ser minha esposa.

Nástienhka estremeceu, corou imediatamente e levantou-se do seu lugar. A generala esteve um momento com o olhar fixo no filho, como se não compreendesse o que ele dizia e, de repente, pôs-se diante dele de joelhos e numa grande gritaria.

— Iegóruchka… meu pombinho… Traz-me outra vez Fomá Fomitch! — exclamou. — Traz agora mesmo senão eu morro!

O meu tio ficou estupefato ao ver sua velha mãe, voluntariosa e egoísta, de joelhos, a seus pés. Uma dolorosa comoção se refletia no seu rosto; finalmente, voltando a si, apressou-se a levantá-la do chão e a colocá-la na cadeira.

— Traz-nos outra vez Fomá Fomitch, Iegóruchka! — continuou gemendo a velha. — Traz, meu querido, que eu não posso viver sem ele!

— *Bátiuchka!* — exclamou o meu tio com veemência. — Não ouviu o que ele disse? Eu não posso trazer Fomá, pense bem. Não posso, não posso fazê-lo, depois da sua ruim e baixa calúnia contra este anjo de honestidade e de virtude. Não vê, mãezinha, que eu tenho

um dever a cumprir, que a minha honra me manda agora proteger a virtude? Já ouviu, eu peço a mão desta menina e suplico-lhe a si que abençoe a nossa união.

A generala voltou a levantar-se do seu lugar e ajoelhou-se diante de Nástienhka.

— Minha querida, minha filha! — gemeu. — Não te cases com ele, não te cases com ele e pede-lhe que traga Fomá Fomitch! Minha pombinha, Nastássia levgráfovna! Darei tudo, sacrificarei tudo por ti, contanto que não lhe dês a tua mão. Eu ainda não gastei tudo, ainda me restam bens de meu falecido marido. Tudo, darei tudo, e a Iegóruchka também, desde que não me enterres viva e lhe peças que traga Fomá Fomitch!

E durante muito tempo teria continuado a velha gemendo assim, se a Pieriepelítsina e as outras parasitas, entre suspiros e soluços, não se tivessem decidido a erguê-la do chão, aborrecidas por a verem assim aos pés duma preceptora assalariada. Nástienhka mal podia ter-se em pé, de nervosa, e a Pieriepelítsina choramingava também, mas de raiva:

— Dá cabo da sua mãe! — exclamou, dirigindo-se ao meu tio. — Mata-a! Nastássia levgráfovna, não dê ocasião a que mãe e filho se zanguem, isto brada aos céus!

— Anna Nílovna, modere a sua língua! — gritou o meu tio. — Já tenho tido bastante paciência.

— Também eu tenho tido bastante paciência para suportá-lo! Por que me há de deitar em cara a minha orfandade? Acha bem insultar uma órfã? Apesar de tudo eu não sou sua escrava. Sou filha dum tenente-coronel! Não tornarei a pôr os pés nesta casa! Não tornarei… Ainda hoje mesmo…

Mas o meu tio nada escutava; dirigiu-se para Nástienhka e, com muita gentileza, pegou-lhe na mão:

— Nastássia levgráfovna, ouviu o meu pedido de casamento? — disse-lhe, olhando-a com tristeza, quase desolado.

— Não, Iegor Ilhitch, não! Deixemos isso respondeu Nástienhka que, por sua vez, se sentia desanimada. — Tudo isto é inútil — continuou, estreitando-lhe a mão e rompendo a chorar. — Isto, depois daquilo de ontem… não; isto não pode ser, o senhor deve compreender. Enganamo-nos, Iegor Ilhitch… Mas eu vou recordá-lo sempre como meu protetor e … sempre pedirei a Deus pelo senhor…

As lágrimas apagaram a sua voz. O meu pobre tio, parece, esperava aquela resposta; nem por um momento se lembrou de porfiar, de insistir… Escutou-a, inclinado na sua frente, sem largar-lhe a mão, silencioso e abatido. Assomaram lágrimas aos seus olhos.

— Ainda ontem lhe disse — continuou Nástia — que não podia ser sua esposa. Porque; bem vê, não me querem em sua casa; eu já pressentia tudo isto há muito tempo, há muito tempo; a sua mãe não nos dá a sua bênção… Os outros também não. E o senhor, supondo ainda que não viria a arrepender-se depois, não seria completamente feliz ao meu lado… com o seu bondoso caráter.

— Lá isso é, bondoso caráter. Isso mesmo, bondoso. Lá isso é, Nástienhka, de fato! — concordou seu velho pai que estava de pé, do outro lado do seu lugar. — Essa é a palavra que se lhe ajusta perfeitamente e é preciso que todos o saibam.

— Eu não quero que haja discórdias em sua casa por minha culpa — continuou Nástienhka. — Mas não se preocupe comigo, Iegor Ilhitch; a mim ninguém me há de ultrajar nem ofender… Eu vou com o meu pai hoje mesmo… É melhor separarmo-nos, Iegor Ilhitch…

E a pobre Nástienhka tornou a desfazer-se em lágrimas.

— Nastácia levgráfovna, é essa a tua última palavra? — perguntou o meu tio olhando-a com uma angústia inexprimível. — Diga-me só uma palavra, que eu sacrificarei tudo pela senhora.

— A última palavra; a última, legor Ilhitch — voltou Ietchóvkin a concordar — e ela explicou-lhe tudo tão bem, que eu, confesso, nem o esperava. O senhor é um homem muito bondoso, Iegor Ilhitch; assim, tal qual, um homem muitíssimo bondoso, e concedeu-nos uma grande honra. Uma grande honra, é como lhe digo, uma grande honra! Mas,

apesar de tudo nós não somos seus iguais, Iegor Ilhitch… O senhor, Iegor Ilhitch, precisa de uma noiva que seja rica, distinta, bonita, e que tenha também uma boa voz; e que, toda carregada de brilhantes e até de plumas de avestruz, vá e venha por estas salas… Então pode ser que Fomá Fomitch se declare vencido e dê a sua bênção. Porque o senhor há de trazer outra vez Fomá Fomitch. Foi inutilmente, inutilmente que se permitiu ofendê-lo assim. Pois veja como ele falava só por pura virtude, pelo seu amor à moral… Será o senhor mesmo quem dirá depois que ele o fazia por virtude… vai ver. É um homem muito digno. Mas nesta altura já deve estar todo molhado. O melhor era trazê-lo agora… Porque, bem vê, não tem outro remédio senão trazê-lo.

— Trazê-lo, trazê-lo! — exclamou a generala. — Ele, meu querido, apenas te dizia a verdade!

— Lá isso era — continuou Ietchóvkin. — Já pode ver como sua mãe sofre inutilmente… Traga-o já, sim! Mas nós, com Nástienhka, vamo-nos embora… agora mesmo…

— Espera, Ievgraf Lariônitch! — exclamou o meu tio. — Por favor! Uma palavra, Ievgraf, uma palavra apenas!

Depois de ter dito isto, retirou-se, foi sentar-se num canto, baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos, como se meditasse em qualquer coisa.

Neste instante um trovão imponente se ouviu quase por cima da nossa casa. Todo o edifício retumbou. A generala começou a guinchar, a Pieriepelítsina imitou-a, as amigas parasitas persignaram-se, mortas de medo, e o Senhor Baktchéiev fez o mesmo.

— Paizinho, profeta Elias! — murmuraram cinco ou seis vozes ao mesmo tempo, em coro.

Depois daquele trovão iniciou-se um aguaceiro tão violento que parecia que um oceano inteiro se despenhara de repente sobre Stiepântchikovo.

— E Fomá Fomitch? Que irá ser dele? — gritou a menina

Pieriepelítsina.

— Iegóruchka, vai buscá-lo! — gritou a generala numa voz desolada e, como se tivesse endoidecido, encaminhou-se para a porta. As amigas fizeram-na parar, rodearam-na, consolaram-na, soluçando e gemendo. Aquilo era pior do que Sodoma!

— Foi com um sobretudo e de sapatilhas! — insistiu a Pieriepelítsina. — Nem sequer levou guarda-chuva! É capaz de ser morto por alguma faísca!

— Lá isso é — concordou Baktchéiev. — E depois, com esta chuva ficará numa sopa.

— Cale-se! — disse-lhe eu em voz baixa.

— Mas ele também é uma pessoa, ou não será? — respondeu-me, mal-humorado, o senhor Baktchéiev. — Não é nenhum cão. Que diabo, o senhor não era capaz de ir agora para a rua! E, senão, vá e saia lá…

Pressentindo uma disputa e receando-a, aproximei-me do meu tio, o qual permanecia mergulhado numa grande letargia, sentado numa cadeira.

— Tio — disse-lhe eu colando a boca ao seu ouvido. — Concorda em trazer Fomá Fomitch? Pense que isso seria o cúmulo do escândalo, sobretudo enquanto aqui estiver Nastássia Ievgráfovna.

— Meu amigo — respondeu-me o meu tio erguendo a fronte e olhando-me nos olhos com energia — eu julgo-me a mim próprio neste instante e sei muito bem o que devo fazer. Não te preocupes; ninguém insultará Nástia… foi o que decidi:

Levantou-se do seu lugar é aproximou-se da mãe.

— Mamãe — disse — acalme-se que eu vou buscar Fomá Fomitch; ainda hei de alcançá-lo. Ainda não pode ir muito longe. Mas juro-lhe que apenas o trarei com uma condição a de que aqui, em público, diante de todas as testemunhas da ofensa, se comprometa a confessar-se culpado e peça solenemente perdão a esta honesta

menina. Eu conseguirei isto dele. Vou obrigá-lo! De outra maneira não mais transporá os umbrais desta casa. Juro-lhe também, mamãe, solenemente, que se ele aceder a isto de boa vontade estou disposto a lançar-me aos seus pés e a dar-lhe tudo, tudo, tudo quanto me for possível, sem prejudicar os meus filhos! Porque eu, a partir deste dia, renuncio a tudo. Apagou-se a estrela da minha felicidade. Sairei de Stiepântchikovo. Continuai vós a viver aqui, tranquilos e felizes. Eu volto para o regimento… e, no fragor da guerra, no campo de batalha, porei fim à minha sorte desesperada… Já chega! Vou-me!

Naquele momento a porta abriu-se e Gavrila, todo encharcado, completamente coberto de lama, apareceu perante a assistência estupefata.

— Que é isso? Donde vens? Onde está Fomá? — exclamou o meu tio precipitando-se sobre Gavrila.

A seguir a ele todos fizeram o mesmo e com viva curiosidade rodearam o velho, o qual escorria verdadeiras torrentes de água lodosa. Soluços, ais, gritos sublinhavam cada palavra de Gavrila.

— Ficou junto da plantação de álamos, a meia versta daqui — começou com uma voz lamentosa. — O cavalo espantou-se com um relâmpago e atolou-se na valeta.

— Como? — gritou o meu tio. — A carroça virou…

— Mas… e Fomá?

— Caiu na valeta.

— Continua, conta!

— Magoou-se nas costas e começou a chorar. Eu, então, desatrelei o cavalo e vim a correr para dar a notícia.

— E Fomá? Ficou lá?

— Levantou-se e continuou a caminhar para a frente, apoiado a um pau — concluiu Gavrila, depois do que lançou um suspiro e baixou a cabeça.

Os choros e os gemidos do belo sexo eram indescritíveis.

— Polkan! — exclamou o meu tio e saiu imediatamente da sala. Trouxeram-lhe Polkan, montou e, passado um momento, o galope do cavalo anunciou-nos a todos que tinha começado a busca de Fomá Fomitch. O meu tio tinha-se lançado ao caminho sem ter sequer posto o gorro.

As senhoras correram à janela. Entre ais e gemidos ouviram-se também conselhos. Falavam das excelências dum banho morno imediato, de dar a Fomá Fomitch fricções com álcool, de tisanas, e de que Fomá Fomitch desde a manhã nem sequer tinha levado à boca um pedaço de pão, que estava em jejum. A menina Pieriepelítsina encontrou os seus óculos, por ele esquecidos no estojo, e o achado produziu uma impressão extraordinária; a generala pegou neles, entre suspiros e lágrimas e, sem largá-los da mão, foi até à janela para olhar o caminho. A expectativa alcançou finalmente o último grau da tensão nervosa… Noutro extremo da sala estava Sáchenhka consolando Nástia; ambas se abraçavam e choravam. Nástienhka segurava Iliúchka e beijava o discípulo, a despedir-se. Iliúchká chorava aflitivamente, embora não soubesse bem por que Ietchóvkin e Mizíntchikov, à parte, falavam de qualquer coisa. A mim parecia-me que Baktchéiev, ao ver as senhoras, estava prestes também a chorar. Aproximei-me dele.

— Não, meu caro — disse-me. — Fomá estava decidido a ir-se embora, simplesmente o tempo não o permitiu; além disso não lhe atrelaram ao carro bois com chifres de ouro. Não se preocupe, meu amigo, o dono da casa terá de ir-se e ele ficará.

A tormenta tinha-se afastado e o Senhor Baktchéiev, parece, mudara já de maneira de pensar.

De repente ouviram-se gritos de “Já aí vem!”, e as senhoras, soluçando, correram para a porta. Não tinham decorrido talvez dez minutos desde que o meu tio partira. Parecia impossível que em tão pouco tempo tivesse trazido Fomá Fomitch; mas não tardou que o mistério se aclarasse muito simplesmente. Fomá Fomitch, ao despedir-se de Gavrila, caminhou de fato para diante, apoiado a um pau; mas

quando se viu completamente sòzinho, no meio dos trovões, dos relâmpagos e da chuva, deitou a vergonha para trás das costas, voltou-se para os lados de Stiepântchikovo e pôs-se a caminhar no rastro de Gavrila. O meu tio encontrou-o já na granja. Chamaram imediatamente um viajante, colocaram o recém-chegado na carroça, acudiram camponeses e fizeram subir para ela o completamente encharcado Fomá Fomitch. Assim o levaram também até aos braços abertos da generala, a qual estava quase aparvalhada de susto, ao vê-lo naquele estado. Estava ainda mais molhado e enlameado do que Gavrila. Armou-se um reboliço enorme; queriam levá-lo imediatamente aos aposentos superiores para que mudasse de roupa. Outros queriam que lhe dessem uma tisana e outros medicamentos tonificantes; andavam todos alvoroçados, de cabeça transtornada; falavam todos ao mesmo tempo. E Fomá, como se não reparasse em nada nem em ninguém. Carregaram-no em braços. Quando o depuseram na poltrona, deixou-se cair nela pesadamente e tapou os olhos. Alguém gritou que ele ia morrer; ergueu-se um clamor enorme Quem mais gritava era Falálei, esforçando-se por abrir caminho através do grupo de senhoras que rodeavam Fomá Fomitch, para beijar-lhe as mãos…

## Capítulo V / Fomá Fomitch torna todos felizes

— Para onde me trouxeram? — perguntou finalmente Fomá Fomitch com uma voz de quem morre pela verdade.

— Grande embusteiro! — murmurou Mizíntchikov, junto de mim. — Nem sequer sabe para onde o trouxeram. Agora vai representar outra comédia!

— Estás conosco, Fomá, rodeado dos teus! — exclamou o meu tio. — Anima-te, acalma-te! De fato convinha que mudasses de roupa, senão podes apanhar um resfriado… Não queres tomar alguma coisa para te fortaleceres um pouco? Um copinho de qualquer coisa, para aqueceres…

— Um pouco de Málaga, tomaria — insinuou Fomá tornando a abrir os olhos.

— Málaga? Haverá aqui em casa? — disse o meu tio olhando preocupado para Praskóvia Ilínichna.

— Então não havia de haver? — insistiu Praskóvia Ilínichna. — Ainda temos quatro garrafas intactas — e imediatamente, fazendo tilintar as chaves, correu em busca do vinho de Málaga, seguida pelos gritos de todas as senhoras, que andavam em redor de Fomá como moscas à volta do mel… O que pôs o Senhor Baktchéiev no cúmulo do mau humor.

— Agora pede Málaga! — resmungou. — Quer um vinho que ninguém bebe! Pois vejamos: quem é que bebe Málaga, a não ser algum trampolineiro como ele? Arre! Mas por que estou aqui? De que estou à espera?

— Fomá — começou o meu tio parando a cada palavra — agora que… já estás descansado… e te encontras entre nós… queria dizer-te, Fomá, que não sei como pudeste acusar há pouco uma criatura tão inocente…

— Onde, onde está a minha inocência? — gritou Fomá como se tivesse febre e delirasse. — Onde, os meus dias dourados? Onde estás tu, minha adorada infância, tempo em que eu, inocente e bom, corria pelos campos atrás das mariposas? Onde, onde esses tempos? Restituam-me a minha inocência; restituam-ma!

E Fomá, juntando as mãos, olhava para todos como se alguém tivesse a sua inocência no bolso. Baktchéiev estava quase a estalar de cólera.

— É ver o que ele pede! — resmungou mal-humorado. — Deem-lhe a sua inocência… talvez queira dar-lhe algum beijinho. Quem sabe se, quando era pequeno, não era já tão patife como agora…

— Fomá! — começou de novo o meu tio.

— Onde, onde estão esses tempos em que eu ainda acreditava no amor e amava os homens? — gritava Fomá. — Em que eu abraçava os homens e chorava pelos seus sofrimentos! Ao passo que agora… Onde estou eu? Onde estou?

— Estás conosco, Fomá, tranquiliza-te! — exclamou o meu tio. — Mas eu queria dizer-te uma coisa, Fomá!

— Faça o favor de se calar — admoestou-o a menina Pieriepelítsina chispando fogo pelos seus olhinhos maldosos.

— Onde estou eu? — continuou Fomá. — Quem está à minha volta? São búfalos e touros que me ameaçam com os seus chifres. Vida, quem és tu? Vive, vive, sofre desonra, desprezos, chicotadas, pancadas, e só quando os teus restos tiverem descido ao sepulcro os homens se recordarão e elevarão aos teus pobres ossos um monumento!

— Agora fala de um monumento! — murmurou Ietchóvkin juntando as mãos.

— Oh! Não levanteis monumentos, a mim! — gritou Fomá. — Não levanteis! Eu não preciso de monumentos! No vosso coração, sim, erigi-me aí um monumento, embora também aí não seja necessário, pois não preciso dele, não preciso dele!

— Fomá — interrompeu-o o meu tio — chega! Deixa os monumentos em paz e escuta. Olha, Fomá, eu penso que tu, ardendo num fogo sagrado, como costuma dizer-se, me fizeste aquelas censuras; mas enganaste-te levado pelo teu zelo pela virtude… garanto-te que estavas em erro…

— Mas por que não o deixa em paz? — tornou a admoestá-lo a menina Pieriepelítsina. — Tenciona dar cabo desse infeliz, que está agora nas suas mãos?

Depois da Pieriepelítsina revoltou-se também a generala e atrás dela todo o seu séquito; todas agarraram o meu tio pelos braços, para que deixasse Fomá.

— Cale-se, Anna Nílovna, porque eu sei muito bem o que estou dizendo! — respondeu o meu tio com energia. — Trata-se de uma coisa sagrada! Tu és razoável, tu tens a obrigação de pedires perdão agora mesmo, à inocente menina que ofendeste…

— Que menina? Que menina é que eu ofendi? — exclamou Fomá arregalando os olhos, estupefato, como se esquecido completamente do incidente e não compreendesse do que se tratava.

— Sim, Fomá; e se neste momento espontaneamente reconheceres a tua culpa, juro-te, Fomá, que me deitarei a teus pés e então…

— Mas a quem é que eu ofendi? — lamentou-se Fomá. — A que menina? Onde está ela? Onde está essa menina? Dê-me algum sinal dessa menina!

Nesse momento Nástienhka, sobressaltada e receosa, aproximou-se de Iegor Ilhitch e puxou-o pelo braço.

— Não, legor Ilhitch, deixe-o, não é preciso que ele se desculpe! Para quê? — disse, com uma voz suplicante. — Deixe-o!

— Ah, agora me lembro! — exclamou Fomá. — Meu Deus! Agora me lembro! Oh, ajudai-me, ajudai-me todos a lembrar! — pediu, tomado, segundo parecia, de terrível aflição.

— Digam-me, é verdade que fui corrido daqui como um cão e que um raio me atingiu? É verdade que me fizeram rolar pelas escadas? É verdade tudo isto?

Os choros e lamentos das senhoras foram a resposta mais eloquente às perguntas de Fomá Fomitch.

— Sim, é verdade — continuou ele. — Agora me lembro… Lembro-me de que, depois do raio e da minha queda, corri para aqui, perseguido pela tempestade, para vir cumprir o meu dever e depois desaparecer definitivamente. Levantai-me, que me faltam as forças, mas tenho obrigação de cumprir o meu dever!

Imediatamente o levantaram da poltrona. Fomá adotou a atitude oratória e estendeu os braços.

— Coronel! — exclamou. — Agora me lembro de tudo; a tempestade não aniquilou *as* minhas faculdades mentais; deixou-me apenas um pouco surdo do ouvido direito, *o* que talvez seja devido não só à tempestade, como também à queda… Mas isso não tem

importância. Quem é que se preocupa com o ouvido direito de Fomá?

Fomá imprimiu uma certa ironia às suas últimas palavras e sublinhou-se com um sorriso tão doloroso que imediatamente *as* senhoras, aflitas, redobraram os seus lamentos. Todas elas, com olhos de censura e algumas com verdadeira raiva, fixaram o olhar sobre o meu tio, que começava já a acovardar-se perante tão unânime expressão da opinião geral. Mizíntchkov cuspiu e foi para a janela. Baktchéiev tocava-me com o cotovelo cada vez com mais força, não podia estar quieto.

— Agora… escutai a minha confissão! — exclamou Fomá abrangendo-nos a todos com um olhar ufano e enérgico. — E ao mesmo tempo apreciem a sorte do infeliz Opískin, Iegor Ilhitch! Já há algum tempo que eu o observo, que eu o observo com tristeza do meu coração, e vejo tudo, ao passo que o senhor nem sequer suspeitava que eu o estivesse observando. Coronel! É possível que eu me tenha enganado, mas conhecia o seu egoísmo, o seu infinito amor próprio e a sua fenomenal concupiscência; e quem pode acusar-me por eu ter tremido involuntariamente pela honra de uma criatura inocentíssima?

— Fomá, Fomá! Toma cuidado com a língua, Fomá! — gritou o meu tio olhando com inquietação para a torturada expressão do rosto de Nástienhka.

— Não só me inquietava o fato de essa menina ser inocente e digna de toda a confiança, como também a sua inexperiência — continuou Fomá corno se não tivesse ouvido a advertência do meu tio. — Eu via que um terno sentimento florescia no seu coração, como uma rosa fresca, e sem querer lembrava-me de Petrarca, que diz que a inocência confina às vezes com a imoralidade; eu suspirava, lamentava-me, e ainda que, por esta jovem, pura como uma pérola, eu teria dado o meu sangue como penhor, quem me respondia por si, Iegor Ilhitch? Conhecendo a irreprimível impetuosidade das suas paixões, sabendo, por o conhecer, que está sempre disposto a sacrificar tudo pelo mais insignificante dos seus prazeres, eu, de repente, comecei a sentir um grande espanto e sobressaltei-me pela sorte que esperava esta menina honestíssima…

— Fomá! Mas tu pensaste uma coisa dessas? — exclamou o meu tio.

— Com grande dor do meu coração, pensei-o pelo senhor. Se quer saber tudo: o que sofri, pergunte-o a Shakespeare; ele lhe dirá no seu *Hamlet* o estado da minha alma. Eu estava aterrorizado. Na minha inquietação, na minha tristeza, eu via tudo negro, e não era esse o negrume de que se fala em um romance famoso… garanto-lhe! Daí o meu desejo, que o senhor pôde ver, de afastá-la desta casa. Eu queria salvá-la, daí também o fato de, nestes últimos tempos, o senhor me ver cheio de aborrecimento e aversão por todo o gênero humano… Oh! Quem teria sido capaz, então, de reconciliar-me com a Humanidade? Sinto que talvez tenha estado desatento e injusto para com os seus hóspedes, para com o seu sobrinho, para com o Senhor Baktchéiev, ao exigir-lhe que soubesse astronomia; mas quem poderá acusar-me, se levar em conta o estado da minha alma nessa altura? Voltando a apoiar-me em Shakespeare, direi que o futuro me aparecia como um imenso abismo de profundidade insondável, no fundo do qual se escondia um crocodilo. Sentia que o meu dever era impedir a catástrofe, que era essa a minha obrigação… E que sucedeu? O senhor não soube compreender as nobilíssimas intenções da minha alma, e sempre me tem pago com maldade, ingratidão, troças, vexames…

— Fomá! Se é assim… sim, sem dúvida eu sinto — exclamou o meu tio com extraordinária veemência.

— Se o senhor sente, efetivamente, então tenha a bondade de escutar-me até o fim e não me interrompa. Continuo: toda a minha culpa se reduz, pois, a que eu me preocupava demasiado com o destino desta menina, porque é uma criança, comparada consigo. Era o meu imenso amor pela Humanidade que me fazia parecer nesse tempo algo de parecido com um demônio de ira e de desdém. Eu estava disposto a lançar-me sobre as pessoas e a devorá-las. E o senhor sabe, Iegor Ilhitch, que todos os seus atos, como se fosse de propósito, vinham fomentar o meu desprezo e convencer-me da razão de todas as minhas dúvidas? Sabe que ontem à noite, quando o senhor me atirou com o seu dinheiro à cara, para que eu saísse desta casa, eu pensei: “Quer assim afastar de si, juntamente com a minha pessoa, o meu conselho, para mais fàcilmente cometer o seu crime?”.

— Fomá! Fomá! Mas foi ontem que tu pensaste isso? — exclamou espantado o meu tio. — Meu Deus, e eu que estava tão alheio a tudo!

— Foi o próprio Céu que me infundiu essas suspeitas — continuou Fomá. — E diga francamente: que havia eu de pensar quando um ignominioso acaso me levou nessa mesma noite àquele banco de pedra do jardim, que havia eu de sentir nesse instante… oh, meu Deus, ao verificar finalmente, com os meus próprios olhos, que todas as minhas suspeitas ficavam assim de repente absolutamente justificadas? Mas a mim ainda me restava uma esperança, débil; é verdade, mas apesar de tudo, uma esperança… E que foi feito dessa esperança? Esta manhã o senhor encarregou-se de reduzi-Ia a cinzas e a pó. Enviou-me aquela carta, declarava-me nela a sua intenção de casar-se, pedia-me que lhe desse o meu consentimento… "Por que — disse eu para comigo — por que me escreve ele precisamente agora, que já o surpreendi, e não antes? Por que, dantes não se aproximava ele de mim, feliz e contente — pois o amor lê-se no rosto — por que não vinha então abraçar-me, chorar sobre o meu peito lágrimas de felicidade imensa e não me contava tudo, tudo? Sou eu por acaso algum crocodilo capaz de o comer e não de dar-lhe um conselho proveitoso? Ou algum escaravelho repugnante que não servisse senão para picá-lo e não para contribuir para a sua felicidade? Serei eu para ele um amigo ou um vil inseto?" Eis aqui a pergunta que a mim mesmo eu fazia esta manhã. "Para quê, afinal — pensei eu — para que mandou vir o sobrinho da capital e o pôs em contacto com esta menina, senão para enganar-nos, tanto a nós como ao seu insensato sobrinho, e entretanto consumar em segredo a mais criminosa das suas intenções?" Não, coronel, se alguém confirmava perante mim a ideia de que o seu amor correspondido era um crime, era o senhor e apenas o senhor. Além disso o senhor era um criminoso também para com esta jovem, porque, com a sua concupiscência e o seu egoísmo, a expunha a ela, pura e honesta, à calúnia e a suspeitas terríveis!

O meu tio permanecia calado, abanando a cabeça; a eloquência de Fomá vencia todas as suas objeções e sentia-se já disposto a reconhecer-se carregado de crimes. A generala e o seu séquito calavam-se e escutavam Fomá com agrado; mas a Pieriepelítsina contemplava a pobre Nástienhka com maldosa solenidade.

— Desorientado, de coração trespassado, morto — continuou Fomá — fechei-me hoje à chave e pus-me a rezar para que Deus me enviasse bons pensamentos! Finalmente prometi a mim mesmo, pela última vez e em público, admoestá-lo a si. Talvez eu tenha tomado demasiado calor por esta causa, talvez me deixasse arrastar demasiado pela minha indignação; mas como recompensa do meu nobre propósito, o senhor foi e expulsou-me. Quando saí, a rebolar, disse para comigo: "Aí tens como o mundo recompensa sempre a virtude". Então caí por terra e depois mal me lembro do que aconteceu.

Soluços e lamentos interromperam Fomá Fomitch nesta trágica evocação. A generala dirigiu-se para ele levando na mão uma garrafa de Málaga, que apenas para este fim arrancara das mãos de Praskóvia Ilínichna, que estava já de volta; mas Fomá empurrou aquela mão, o vinho e a generala, com magnanimidade.

— Estejam quietos — exclamou — que preciso de acabar! Pois bem: o que aconteceu depois da minha queda, ignoro-o. Sei apenas uma coisa, é que agora, molhado até aos ossos e em perigo iminente de apanhar uma febre, estou aqui para fazer todos felizes. Coronel! Por muitos indícios, que agora não quero explicar, estou firmemente convencido de que o seu amor era puro e até sublime, embora ao mesmo tempo pecaminosamente desconfiado. Rebaixado, adulterado, suspeito de ofensa a uma jovem, a essa mesma jovem por cuja honra, como um cavaleiro da Idade Média, estava disposto a derramar a minha última gota de sangue… Decidi agora demonstrar-lhe como se vinga Fomá Opískin da afronta recebida! Dê-me cá a sua mão, coronel!

— Com muito prazer, Fomá — exclamou o meu tio. — E visto que tu, agora, puseste as coisas no seu lugar, no que respeita à honestidade desta nobre senhora, eu… naturalmente… aqui tens a minha mão, Fomá, juntamente com o meu pesar…

E o meu tio, com veemência, estendeu-lhe a sua mão sem suspeitar no entanto o que ele ia fazer com ela.

— Dê-me também a sua mão — continuou Fomá com voz débil, afastando o círculo de senhoras que o rodeava e dirigindo-se a

Nástienhka.

Nástienhka sobressaltou-se, deu um passo e olhou com timidez para Fomá.

— Aproxime-se, aproxime-se, minha filha! É preciso para a sua felicidade — acrescentou Fomá amavelmente, que continuava com a mão do meu tio entre as suas.

“Que estará ele tramando?”, perguntou Mizíntchikov a si mesmo.

Nástia, assustada e trêmula, aproximou-se de Fomá e, timidamente, estendeu-lhe a sua mãozinha.

Fomá pegou nela e colocou-a na mão do meu tio.

— Uno-vos e abençoo-vos — declamou em tom soleníssimo — e, se a bênção de um desgraçado, morto de amargura, pode servir-vos de alguma coisa, sede felizes. Eis aqui como se vinga Fomá Opískin! Viva!

A estupefação geral foi enorme. Aquele desenlace foi tão inesperado que para todos foi um pouco incompreensível. A generala ficou tal como estava, de boca aberta e com a garrafa de Málaga na mão. A Pieriepelítsina empalideceu e começou a tremer de raiva. As parasitas ergueram os braços e ficaram petrificadas nos seus respectivos lugares. O meu tio estremeceu, fez menção de dizer qualquer coisa, mas não pôde. Nástia ficou pálida como uma morta e, com uma voz tímida, disse que “aquilo não podia ser”… Mas já era tarde. Baktchéiev foi o primeiro — é preciso fazer-lhe esta justiça — a responder ao hurra de Fomá Fomitch, em seguida eu, e depois de mim, Sáchenhka, com a sua vozinha guinchona, que correu também a abraçar o pai; depois Iliúchka; depois Ietchóvkin e no fim de todos Mizíntchikov.

— Hurra! — gritou pela segunda vez Fomá. — Hurra! E de joelhos, filhos da minha alma, de joelhos diante da vossa terna mãezinha. Pedi-lhe que vos dê a sua bênção e, se for preciso, também eu me porei a seus pés de joelhos convosco.

O meu tio e Nástienhka, que ainda não tinham trocado um olhar,

sem compreenderem o que lhes tinha acontecido, prostraram-se de joelhos diante da generala; todos se juntaram à sua volta; mas a velha estava meio tola, sem nada compreender também. Fomá salvou a circunstância: ajoelhou-se ele também aos pés da sua protetora. O que acabou de uma vez com todas as suas dúvidas. Vertendo lágrimas, declarou finalmente que dava o seu consentimento. O meu tio levantou-se e encheu Fomá de abraços.

— Fomá! Fomá! — exclamou; mas a voz embargou-se e não pôde continuar.

— Champanhe! — gritou Stiepan Alieksiéievitch. — Hurra!

— Não senhor, nada de champanhe! — replicou a Pieriepelítsina, que tinha tido tempo de reconsiderar e de pesar todas as circunstâncias, juntamente com as suas consequências. — Acendamos antes uma vela a Deus, rezemos e demos-lhe graças, assim como também a todos os santos e anjos do Céu…

Imediatamente resolveram todos obedecer ao sensato conselho; estabeleceu-se uma confusão horrível. Foi preciso acender uma vela. Stiepan Alieksiéievitch aproximou uma cadeira e subiu para ela para colocar a vela diante da imagem; mas a cadeira resvalou, e ele juntamente com ela, embora se equilibrasse depois. Muito, calmo, declinou a tarefa nas mãos da Pieriepelítsina. A fraca solteirona resolveu o caso num abrir e fechar de olhos; a vela começou logo a arder. A freirinha e as amigas parasitas puseram-se a benzer-se e a fazer reverências até ao chão. Pegaram na imagem do Salvador e apresentaram-na à generala. Meu tio e Nástienhka tornaram a ajoelhar-se e a cerimônia realizou-se segundo as devotas indicações da Pieriepelítsina, que acrescentava a cada palavra: “De joelhos, beijem a imagem e a mão da mamãe!”. O Senhor Baktchéiev sentiu-se também na obrigação de beijar a imagem, a seguir aos noivos, e aproveitou também a oportunidade para beijar ainda a mãozinha da mamãe! Dava mostras de um orgulho indescritível.

— Hurra! — tornou a gritar. — E agora já podemos beber champanhe!

Todos estavam contentes. A generala chorava mas ao mesmo

tempo sorria por entre as lágrimas, pois aquela união, abençoada por Fomá, adquiria agora aos seus olhos um caráter sagrado e sacrossanto; e o mais importante era ela sentir que Fomá tinha realizado algo de grande e que daqui por diante ficaria em sua casa pelos séculos dos séculos. Todos os parasitas, pelo menos os que estavam presentes, se entregaram ao júbilo geral. O meu tio… voltou a ajoelhar-se diante da mãe, beijou-lhe as mãos, depois do que me veio abraçar a mim, a Baktchéiev, a Mizíntchikov e a Ietchóvkin. Por pouco que não esmagava Iliúchka nos braços. Sacha foi abraçar e beijar Nástienhka. Praskóvia Ilínichna estava desfeita em lágrimas. O Senhor Baktchéiev, quando tal viu, dirigiu-se a ela… e beijou-lhe a mão. O velho Ietchóvkin retirou-se para um canto, onde chorava, enxugando os olhos com um lenço de quadrados. Noutro canto Gavrila choramingava e contemplava Fomá Fomitch com veneração; e dos olhos de Falálei as lágrimas saltavam em torrentes, enquanto ele se aproximava de todos os presentes e lhes beijava a mão. Estavam todos muito comovidos. Ninguém falava, ninguém pensava em dar explicações; parecia que já estava tudo dito; ouviam-se unicamente exclamações de alvoroço. Entretanto, ninguém conseguia compreender como é que aquilo se tinha dado, assim, tão de repente. Sabiam apenas uma coisa que era tudo obra de Fomá Fomitch, e por isso qualquer coisa de irrevogável e definitivo.

Não teriam decorrido ainda cinco minutos sobre a alegria geral, quando de súbito apareceu na sala Tatiana Ivânovna. De que maneira, devido a que rumor, é que ela, que estava lá para cima, pôde ser informada tão depressa daqueles amores e daquele casamento? Entrou na sala, de rosto radiante, com lágrimas de alegria nos olhos, com um vestido elegantíssimo (tinha tido tempo de mudar de roupa) e dirigindo-se imediatamente para Nástienhka, abraçou-a com grandes exclamações.

— Nástienhka, Nástienhka! Tu o amavas e eu sabia! — exclamou. — Meu Deus! Eles se amavam e sofriam às escondidas, em segredo! Perseguiam-nos! Que romance! Nástia, minha adorada, diz-me a verdade toda, amavas este louco, não é assim?

Como resposta, Nástia abraçou-a e beijou-a.

— Meu Deus, que romance encantador! — e Tatiana Ivânovna pôs-se a bater palmas. — Ouve, Nástia, ouve, meu anjo; os homens todos… todos, desde o primeiro até ao último… são uns monstros de maldade e não merecem o nosso amor. Mas talvez este seja melhor que os outros. Vem cá, louco! — exclamou dirigindo-se ao meu tio e pegando-lhe na mão. — Gostas dela a sério? Serás verdadeiramente capaz de amar? Olha bem para mim, quero olhar-te nos olhos, quero ver se esses olhos mentem ou falam verdade. Mas não, não mentem, brilha neles o amor. Oh, que felicidade! Nástienhka, minha amiga, ouve-me; tu não és rica, ofereço-te trinta mil rublos. Toma-os, em nome de Deus! Eu não preciso deles, não preciso, ainda me fica muito. Não, não, não! — exclamou, ao ver que Nástia não queria aceitá-los. — Cale-se o senhor também, Iegor Ilhitch, que isto não lhe interessa. Não, Nástia, eu já tinha pensado… dar-te um presente; já há muito tempo queria fazer isso, esperava apenas pelo teu primeiro amor. Eu velarei pela vossa felicidade. Ofendes-me se não aceitas; fazes-me chorar, Nástia… Não, não e não!

Tatiana Ivânovna estava tão entusiasmada que, pelo menos naquele instante, era impossível contradizê-la. O caso não ficou completamente resolvido mas sim adiado para mais tarde. Pôs-se a beijar a generala, a Pieriepelítsina… a todos nós. Baktchéiev, da maneira mais respeitosa, aproximou-se dela e tomou-lhe a mão.

— Minha mãezinha! Minha pomba! Perdoa a este imbecil, por tudo o que aconteceu; não sabia que tinhas este coração de ouro!

— Louco! — murmurou Tatiana Ivânovna dando um piparote no nariz de Stiepan Alieksiéievitch com a luva e afastando-se depois ligeira como um zéfiro, e roçando-o com a saia luxuosa. O gordo afastou-se para o lado respeitosamente.

— Minha digna senhora! — murmurou desconcertado. — Já colaram o nariz ao alemão! — acrescentou, atrapalhado, e olhando-me nos olhos com alegria.

— Que nariz? A que alemão? — perguntei-lhe admirado.

— Aquele de que lhe falei, aquele que beija a mão à sua alemã e enxuga as lágrimas com o lenço. Foi o meu Ievdókhin quem o colou

ontem; e depois, quando voltei da nossa perseguição, pedi-lhe que o enviasse para mim… Um encanto!

— Fomá! — exclamou o meu tio no cúmulo da felicidade. — Tu és o causador da minha felicidade! Corno poderei pagar-te?

— Não é preciso, coronel — respondeu Fomá com um gesto de asceta. — “Viva sem se lembrar de mim” e seja feliz sem Fomá.

Pelo visto, estava ressentido; no meio da alegria geral, tinham-se esquecido dele.

— Isto tudo é alegria, Fomá! — exclamou o meu tio. — Eu, meu amigo, nem sei onde estou. Ouve, Fomá, ofendi-te. Toda a minha vida, o meu sangue todo não seriam suficientes para reparar essa ofensa, e por isso calo-me e não digo nada. Mas se alguma vez precisares da minha cabeça para alguma coisa ou da minha vida; se for necessário que eu, por ti, me arroje ao fundo dum precipício, não tens mais do que mandar e depois verás… É o que te posso dizer, Fomá!

E o meu tio, deixando cair as mãos, declarou a impossibilidade de acrescentar mais qualquer coisa que pudesse exprimir melhor o seu pensamento. Limitou-se a fixar em Fomá os olhos agradecidos; arrasados de lágrimas.

— És um anjo! — exclamou por sua vez; elogiando Fomá, a menina Pieriepelitsìna

— Sim, sim — acrescentou Sáchenhka. — Eu não sabia como Fomá Fomitch era bom, e por isso me portava tão mal para com ele. Mas desculpe-me, Fomá Fomitch, e esteja certo de que, daqui para diante, hei de querer-lhe com todas as veras da minha alma. Se soubesse como gosto de você, agora!

— Sim, Fomá! — concordou Baktchéiev. — Desculpa-me a mim também, que sou um burro! E não te conhecia, não te conhecia! Tu, Fomá Fomitch, não só és uma pessoa culta como também és… um herói! Ponho a minha casa à tua disposição. E o melhor é vires até lá, meu amigo, depois de amanhã; tu e a mamãe-generala e os noivos… Todos, todos à minha casa! Hão de ver como vamos comer… Embora

eu não seja de basófias, quero dizer-vos: a única coisa que não encontrarão em minha casa é leite de ave! Palavra de honra! Quanto ao mais, há tudo!

No meio destas efusões, Nástienhka aproximou-se também de Fomá Fomitch e, sem mais preâmbulos, abraçou-o e beijou-o.

— Fomá Fomitch! — exclamou a moça. — Tu és o nosso benfeitor; fizeste conosco aquilo que eu não sei como pagar-te e apenas poderei dizer-te que serei para ti como uma irmã terna e respeitosa…

Não pôde terminar: as lágrimas apagaram a sua voz. Fomá beijou-a na fronte e as lágrimas saltaram-lhe também.

— Minha filha, filha do meu coração! — disse — Vive e goza a vida e nos instantes de felicidade lembra-te algumas vezes deste pobre proscrito! De mim posso eu dizer que a desdita deve ser a mãe da virtude. Parece-me que quem disse isto foi Gógol, escritor frívolo, mas no qual se encontram às vezes pensamentos valiosos. O desterro é uma infelicidade! Agora vou andar errante pelo mundo, com o meu cajado, e quem sabe? Pode ser que devido à minha própria desdita me torne mais virtuoso! Esta ideia… é o único consolo que me resta!

— Mas onde pensas tu ir, Fomá? — exclamou o meu tio com inquietação. Todos estremeceram e fixaram o olhar sobre Fomá. — Mas poderei eu ficar em sua casa, depois da maneira como procedeu para comigo, coronel? — perguntou Fomá com extraordinária dignidade.

Mas não o deixaram falar; um alarido geral lhe abafou a voz. Obrigaram-no a sentar-se na cadeira, puseram-se a chorar e não sei quantas coisas mais fizeram. Não havia dúvida nenhuma de que não estava nos seus planos abandonar esta casa, como também não fora sua intenção fazê-lo no dia anterior nem naquele mesmo dia, quando caiu no caminho. Ele sabia de sobra que agora todos se agarrariam a ele, já que a todos tinha feito felizes e tinham novamente fé na sua pessoa e estavam dispostos a levá-lo ao colo e a considerar isto como uma honra e uma felicidade. Mas, provavelmente, a anterior covardia da sua alma, ao assustar-se com a tempestade, feria agora um pouco a

sua vaidade e incitava-o a tentar algo de heroico e, sobretudo… havia ainda a tentação de dar-se ares de grande homem; podia falar bem, escrever, colocar-se a si mesmo nas nuvens; não era possível resistir à tentação. E ele não resistia; fazia por livrar-se dos que o seguravam; pedia imperiosamente o seu cajado, implorava que lhe devolvessem a sua liberdade, que o deixassem completamente livre; gritava dizendo que nesta casa estava desonrado, humilhado; que apenas tinha regressado para fazer todos felizes. Finalmente conseguiu libertar-se, mas obrigaram-no novamente a sentar. Não foram capazes foi de conter a sua eloquência.

— Não é verdade que me ofenderam aqui? — gritou. — Não me mostraram os dentes? Não é verdade que o senhor, coronel, tal como os rapazes da rua, mal-educados, não me mostrou também os punhos cerrados? Sim, coronel! Sirvo-me desta imagem, porque se os não mostrou fisicamente, tanto faz, foram golpes morais, que às vezes ferem mais do que os materiais. E não quero já falar desses golpes…

— Fomá! Fomá — exclamou o meu tio. — Não me mates com essas recordações. Já te disse que todo o meu sangue seria pouco para resgatar essa ofensa. Sê generoso! Esquece, perdoa e fica conosco, compartilhando da nossa felicidade! Que é obra tua, Fomá!

— Eu quero amar, amar o homem — gritou Fomá — mas a mim não me dão o homem, proíbem-me de amar, roubam-me o homem. Dai-me o homem para que eu possa amá-lo! Onde está o homem? Onde se esconde esse homem? Como Diógenes com a sua lanterna, tenho andado a procurá-lo durante toda a vida e não posso encontrá-lo, e não posso amar ninguém enquanto não encontrar esse homem! Ai daquele que me impeça! Eu grito: “Deem-me o homem para que eu possa amá-lo”, e quem me trazem é Falálei! E amarei eu a Falálei? Estarei eu disposto a amar a Falálei? Posso eu, em última análise, amar Falálei, ainda que o deseje? Não. Por que não? Ora, porque é Falálei. E porque não amo eu o gênero humano? Porque tudo quanto há neste mundo se reduz… a Falálei ou a coisa parecida. Eu não amo Falálei, eu não quero saber de Falálei para nada; eu cuspo em Falálei; se me obrigarem a escolher, prefiro Asmodeu a Falálei. Vem, vem cá meu verdugo de sempre! Vem cá! — exclamou encarando de repente com Falálei que, da maneira mais inocente, olhava espreitando por

cima do círculo que rodeava Fomá Fomitch. — Vem cá! Eu vou lhe demonstrar, coronel — acrescentou Fomá puxando para si a mão de Falálei, pasmado de medo — eu vou lhe demonstrar a justiça das minhas palavras a respeito das zombarias e maus tratos da vida! Olhe, olhe, coronel, olhe para a sua obra! Vamos, Falálei, fala!

O pobre rapaz, tremendo de medo, passou à sua volta um olhar desolado, procurando algum modo, fosse ele qual fosse, de salvar-se; mas o que todos fizeram foi estremecer e aguardar, transidos de espanto, a sua resposta.

— Vamos, anda, Falálei, eu estou à espera!

Como resposta, Falálei contraiu o rosto, abriu a boca e pôs-se a berrar como um bezerro.

— Coronel. Veja que teimosia! Acha isto natural? Pela última vez me dirijo a ti. Falálei, diz-me; que sonhaste esta noite?

— Sonhei…

— Fala, diz que me viste a mim — murmurou-lhe Baktchéiev.

— Sonhei com a sua virtude! — murmurou-lhe Ietchóvkin junto do outro ouvido.

Falálei limitou-se a virar os olhos para um e outro lado.

— Com… com a sua… virt… com um touro branco! — por fim exclamou derramando lágrimas ardentes.

Ouviu-se um ai geral. Mas Fomá Fomitch estava nesse dia animado de uma generosidade extraordinária.

— Ao menos vejo a tua sinceridade, Falálei — sinceridade que não vejo nas outras pessoas. Deus seja contigo! Se procuras troçar de mim com esse sonho, por indicação de outros, que Deus castigue a ti e aos outros. Mas se não é assim, então respeito a tua ingenuidade, pois até na mais ínfima criatura deste mundo, que és tu, tenho o costume de ver a imagem e semelhança de Deus… Perdoo-te, Falálei! Abraça-me, meu filho! Eu fico!

— Fica! — exclamaram todos alvoroçados.

— Fico e perdoo. Coronel, ofereça açúcar a Falálei, para que ele não chore num dia em que estamos todos tão contentes.

Escusado será dizer que semelhante generosidade produziu um efeito surpreendente. Ele, naquele instante, preocupava-se assim… e com quem? Com Falálei! O meu tio apressou-se a cumprir a ordem do açúcar. Imediatamente — Deus sabe como — apareceu nas mãos de Praskóvia Ilínichna um açucareiro de prata. O meu tio apressou-se a tirar com a mão trêmula, primeiro dois torrões, depois três, e por fim deixou-os todos, ao ver que não estava em condições de fazer nada, tal era a felicidade que sentia.

— Oh — exclamou — um dia não são dias! Toma, Falálei! — e entregou-lhe o açucareiro todo.

— Para ti, pela tua sinceridade! — acrescentou à guisa de conclusão moral.

— O Senhor Korórvkin — anunciou de repente Vidopliássov, à porta.

Produziu-se um leve reboliço. Pelo visto, a visita de Korórvkin era inoportuna. Todos olharam para o meu tio com ares interrogativos.

— Korórvkin! — exclamou o meu tio com certa indecisão. — Claro que tenho muito gosto… mas — acrescentou, olhando timidamente para Fomá — mas verdadeiramente não sei se desculpar-me, agora… neste momento. Que te parece, Fomá?

— Não faz mal, não faz mal! — exclamou Fomá, benévolo. — Receba Korórvkin, que participe da alegria geral.

Numa palavra: Fomá Fomitch estava numa disposição de espírito angelical.

— Com o maior respeito permito-me comunicar-lhes — observou Vidopliássov — que Korórvkin não se encontra no seu estado habitual.

— Não se encontra no seu estado habitual? O quê? Que significa

isso?

— Isto mesmo, que não está em perfeita lucidez.

Mas tivemos a solução do enigma antes que o meu tio tivesse tido tempo para abrir a boca, pôr-se vermelho, inquietar-se e desconcertar-se até ao último extremo. À porta da sala apareceu o próprio Korókvin; soltou-se do braço de Vidopliássov e avançou, no meio da estupefação geral. Era um homem baixo, bastante forte, de uns quarenta anos, de cabelos escuros mas salpicados de branco, curtos, com uma cara corada e redonda, uns olhinhos injetados de sangue, gravata solta, segura por trás com um elástico, vestindo um fraque todo coçado, como se tivesse andado a rebolar-se pelo feno ou pela lama, já com buracos nos sovacos, com umas calças inverossímeis e um gorro gorduroso até mais não poder, o qual trazia no braço. Aquele homem estava completamente bêbado. Quando se viu a meio da sala parou, cambaleando, de cara virada para o chão, como se refletisse; depois desatou a rir às gargalhadas.

— Desculpem, meus senhores — disse — eu… isso… — elevou a mão à garganta — estou até aqui!

A generala adotou imediatamente uma atitude de dignidade ofendida. Fomá, sentado na sua poltrona, observava com um olhar irônico o extravagante convidado. Baktchéiev olhava para ele atônito, com um espanto que deixava transparecer uma certa simpatia. A estupefação do meu tio era indescritível; com toda a sua alma, sofria por Korókvin.

— Korókvin! — começou. — Ouve!

— *Atendé!*[21] — interrompeu-o Korókvin. — Eu me apresento: filho da Natureza… Mas que vejo eu? Há aqui senhoras… Mas, meu tolo, por que não me disseste que havia aqui senhoras? — acrescentou, olhando para o meu tio com um sorriso velhaco. — Nem uma palavra! Não resmungues! Vou me apresentar também ao belo sexo… Respeitáveis senhoras! — começou, movendo a língua com dificuldade e embrulhando as palavras. — Bem veem, infelizmente, como… bem, para quê continuar? Quanto ao resto, passa-se por alto… Músicos, polca!

— Não seria melhor tirar uma soneca? — perguntou Mizíntchikov, aproximando-se tranquilamente de Koróvkin.

— De maneira nenhuma! — respondeu Koróvkin com azedume. — Imaginas que eu estou bêbado? Pois enganas-te redondamente… E, além disso, onde é que se pode dormir aqui?

— Vamos, eu mesmo o levo.

— Onde? Para a cavalariça? Não, meu amigo, a mim não me levas tu! Eu já lá passei a noite… Mas, está bem, leva-me… Porque não havia eu de ir com um homem bondoso? Não preciso dê almofadas, um militar não precisa de almofadas. Mas tu devias arranjar-me um divãzinho… Sabes? — acrescentou, parando. — Meu amigo, tu pareces-me uma pessoa esperta, olha… Por que não me dás qualquer coisa para matar o bicho… só para matar o bicho, quero dizer, um copinho…

— Está bem, está bem! — respondeu Mizíntchikov.

— Bom… Mas espera, que antes tenho de despedir-me. *Adieu, mesdames et mesdemoiselles!* Tomaram-me de ponta, como costuma dizer-se… Bem, não interessa! Depois nos explicaremos… mas espera por mim para começar… ou uns cinco minutos antes… Mas não comecem sem mim, ouviram? Não comecem…

E o alegre hóspede desapareceu atrás de Mizíntchikov. Estavam todos calados. O espanto geral ainda não desaparecera. Até que finalmente Fomá começou a rir em voz baixa; mas os seus risos foram paulatinamente subindo de tom, até que se transformaram em gargalhadas. Quando viu aquilo, a generala pôs-se também a rir, embora conservasse no rosto a sua expressão de dignidade ofendida. Começaram a ouvir-se risos involuntários por todos os lados. O meu tio levantou-se, aturdido, vermelho até às lágrimas, e durante um momento não foi capaz de articular uma palavra.

— Meu Deus! — exclamou por fim. — Quem poderia dizer uma coisa destas! Embora, no fim de contas, isto possa acontecer a qualquer pessoa… Garanto-te, Fomá, que é um homem honrado, um homem excelente e até muito culto. Vais ver… Fomá!

— Já vejo, já vejo! — respondeu Fomá sufocado de riso. — Muito culto, lá isso é, muito culto.

— Se o ouvisses falar de vias férreas! — observou Ietchóvkin.

— Fomá! — exclamou o meu tio; mas as risadas gerais apagaram a sua voz e Fomá ria até às lágrimas. O meu tio, ao ver isto, pôs-se também a rir.

— Bem, fazem bem! — disse, resignado. — Tu és generoso, Fomá, tens um grande coração, fizeste-me feliz… Perdoa também a Koróvkin.

A única que não ria era Nástienhka. Com os olhos transbordando de amor, olhava para o noivo e parecia dizer-lhe:

— Como és belo, e bom, e nobre, e como eu gosto de ti!

## Capítulo VI / Conclusão

O triunfo de Fomá foi completo e indescritível. Efetivamente, sem ele nada se teria realizado, e o fato consumado eliminava todas as dúvidas e hostilidades. A gratidão daqueles aos quais fizera felizes era infinita. O meu tio e Nástienhka quase queriam comer-me quando eu insinuava vagamente a que se devia o fato de Fomá ter dado consentimento para a sua boda. Sáchenhka gritava: “É bom, muito bom, Fomá Fomitch, tem um lugar no fundo do meu coração”. E censurava-me também pela minha dureza de sentimentos. Completamente transformado, Stiepan Alieksiéievitch teria me estrangulado, por assim dizer, se eu me tivesse lembrado de proferir alguma frase irreverente para Fomá Fomitch. Agora seguia Fomá como um cãozinho, recreava seus olhos nele, e a qualquer coisa que dissesse, acrescentava: “És um homem excelente, Fomá!”. Quanto a Ietchóvkin, encontrava-se no cúmulo do entusiasmo. Havia muito tempo que o velho percebera que Nástienhka transtornara a cabeça de Iegor Ilhitch e, desde então, acordado e a dormir, pensava apenas na maneira de unir os dois. Pôs-se a magicar no caso até que Fomá nele se intrometeu. Apesar de que o velho não via Fomá Fomitch com bons

olhos; numa palavra, era evidente que Fomá Fomitch estava destinado a reinar naquela casa pelos séculos dos séculos e que a sua tirania não teria fim. É sabido que até os indivíduos mais antipáticos, mais voluntariosos, costumam amansar-se com o tempo, quando satisfizeram os seus desejos. Fomá Fomitch, pelo contrário, ficava cada vez mais soberbo com os seus êxitos e cada vez levantava mais a grimpa. À mesa, antes do jantar, depois de ter mudado de roupa, refestelava-se no seu lugar, chamava o meu tio e, diante de toda a família, punha-se a dar-lhe lições.

— Coronel! — começava. — O senhor vai contrair um matrimônio legal. Já pensou nas responsabilidades?

E assim por diante; imaginai sete páginas do tamanho do *Journal des Débats*, de tipo miúdo, atafulhadas dos mais grosseiros absurdos, nas quais nada havia semelhante a responsabilidades, mas sim apenas atrevidas reflexões acerca do talento, da perspicácia, da generosidade, da hombridade e desinteresse do próprio Fomá Fomitch. Estavam todos famélicos, todos desejosos de comer, mas apesar disso ninguém ousava contrariá-lo e, todos, complacentemente, escutavam o sermão até o fim; até Baktchéiev, apesar do seu descomunal apetite, estava muito quieto, sem mexer-se, no mais absoluto respeito. Quando esgotava todas as reservas da sua eloquência, Fomá Fomitch, finalmente, punha-se de bom humor e atacava então as iguarias com bastante energia, pronunciando as mais estranhas palavras de saudação. Dava-se ares de pessoa de espírito e fazia rir os outros, naturalmente à custa dos mais novos. Todos se riam e aplaudiam as suas graças. Mas algumas delas eram tão baixas e transparentes que até o próprio Baktchéiev ficava perplexo. Finalmente Nástienhka levantava-se e saía. O que entusiasmava Fomá Fomitch até ao delírio; mas retomava imediatamente a sua compostura, com breves palavras, mas contundentes, elogiava a dignidade de Nástienhka e propunha-se brindar à saúde da ausente. O meu tio, depois de uns instantes de sobressalto e de contrariedade, sentia-se disposto então a abraçar Fomá Fomitch. De maneira geral parecia que os noivos sentiam uma timidez recíproca e se envergonhavam da sua felicidade, e esse pormenor não me passou despercebido; até se casarem não trocaram uma palavra e era de dizer que evitavam olharem-se um ao outro.

Quando nos levantávamos da mesa, o meu tio ia não se sabia para onde. Eu ia procurá-lo no terraço. Aí, sentado numa cadeira, depois do café, Fomá entregava-se à eloquência, com grande entusiasmo. À sua volta estavam solenemente Ietchóvkin, Baktchéiev e Mizíntchikov. Um dia parei a escutar.

— Por que — clamava Fomá — estarei eu disposto a subir agora mesmo ao cadafalso pelas minhas convicções? E por que motivo nenhum de vós se acha na disposição de subir ao cadafalso? Por quê? Por quê?!

— Mas isso de subir ao cadafalso é escusado, Fomá — dizia Ietchóvkin. — A que conduz isso? Em primeiro lugar é cômico e, em segundo, se te queimassem… que restava de ti?

— Que restava? Restavam umas cinzas nobres. Mas como poderás tu compreender-me, como podes tu apreciar-me? Para ti, a não ser César ou Alexandre da Macedônia, não há ninguém bom. E que fizeram afinal esses Césares? A quem tornaram feliz? Que fez o teu tão gabado Alexandre da Macedônia? Subjugar toda a Terra? Mas dá-me uma falange como a sua que também eu pelejarei, e tu pelejarás e ele pelejará… Simplesmente, ele matou o virtuoso Clito… Enquanto eu não mataria o virtuoso Clito… Pulha! Patife! Uma boa sova lhe daria eu e não essa fama universal da História… e o mesmo faria a César.

— Também não perdoa a César, Fomá Fomitch?

— Nem pela cabeça me passa uma coisa dessas, é um imbecil! — gritou Fomá.

— Faz muito bem em não lhe perdoar — concordava com entusiasmo Stiepan Alieksiéievitch, que também bebera — não perdoes a nenhum desses tipos; eram todos uns farsantes, todos queriam apenas o seu interesse. Vermes! Ainda não há muito que um deles queria instituir uma bolsa de estudos. Sabe-se lá o que isso quer dizer. Apostava em como se trata de alguma nova porcaria. E outro, ainda há pouco tempo, no meio de gente decente, pedia rum. Eu, cá por mim, por que não hei de beber? E bebe tu também, bebe, bebe, e depois para um pouco, e a seguir, se te agradar, torna a beber… Não perdoes a nenhum. São todos uns velhacos! O único que tem cultura

és tu, Fomá!

Baktchéiev, quando se dedicava a alguém dedicava-se integralmente, sem restrições de gênero algum.

Fui encontrar o meu tio no jardim, junto do lago, no lugar mais solitário. Estava em companhia de Nástienhka.

Quando me viu, Nástienhka escondeu-se por detrás duma árvore, como se fosse culpada. O meu tio veio ter comigo, de rosto brilhante; nos seus olhos havia lágrimas de alegria. Pegou-me nas duas mãos e estreitou-mas com força.

— Meu amigo! — disse-me — eu nem quero acreditar na minha felicidade… E Nástia também. Não fazemos outra coisa senão admirar-nos e darmos graças a Deus… Neste momento, ela chora. Queres acreditar que até agora ainda não consegui compreender, que tudo se confunde na minha cabeça, que creio e não creio? E por que será isto? Por quê? Que fiz eu? Que fiz para merecê-lo?

— Se alguém o merecia, era o tio — disse-lhe comovido. — Nunca vi um homem tão honesto, tão bondoso, tão nobre como o tio.

— Não, Sierioga, não; isto é demasiado — respondeu o meu tio com uma espécie de nostalgia. — O mau é sermos bons (falo apenas por mim) quando as coisas nos correm bem; mas quando nos correm mal, não se aproximem demais… Há um momento falava eu disto a Nástienhka. Ah, como me seduz a inteligência de Fomá! Mas, quererás acreditar? Eu, até ao dia de hoje, não tive fé nele, embora procurasse convencer-te das suas excelências; ainda ontem, também não cria nele, quando recusou o presente que eu lhe ofereci. É com vergonha que o digo! Mas o meu coração dilacera-se ao pensar no que aconteceu há umas horas! Eu não estava em mim… Quando falava dele, há pouco, a Nástia, parecia que me doía o coração. Eu não compreendia, eu saltei como um tigre…

— E então, tio? Quem sabe se não teria razão?

O meu tio apertou-me as mãos.

— Não, meu amigo, não fales assim. Tudo isso foi simplesmente o resultado da teimosia da minha natureza, de eu ser um egoísta cruel e voluptuoso e de entregar-me sem freio às minhas paixões. Foi isto que disse o próprio Fomá. Que responder a uma coisa destas? Tu não sabes, Sierioga — continuou comovidamente — quantas vezes me tenho eu conduzido como um homem impertinente, cruel, injusto, soberbo, e isto não apenas com Fomá. E agora, de repente, tudo isto me vem à memória e envergonho-me por não ter feito até agora nada para merecer semelhante felicidade. Nástia dizia o mesmo há um momento, embora eu não saiba bem que pecados podia ela ter cometido, visto que é um anjo e não uma criatura humana. Dizia-me que temos grandes obrigações para com Deus e que agora, daqui em diante, nos devemos esforçar por sermos cada dia melhores e fazer muito bem… E se tivesses ouvido com que fervor e que bem dizia isto… Meu Deus, que moça!

Calou-se, de comovido. Depois de um momento continuou:

— Prometemos sermos muito carinhosos para com Fomá, com a mamãe e com Tatiana Ivânovna. Ah, essa Tatiana Ivânovna! Que boa criatura! E como eu sou culpado para com todos! Também para contigo eu tenho culpas… Mas se alguém se atrevesse agora a ofender, pouco que fosse, Tatiana Ivânovna… Oh, então… Bem, não falemos disso! Também havemos de fazer qualquer coisa por Mizíntchikov.

— Sim, tio, agora também já mudei de opinião a respeito de Tatiana Ivânovna. Não é possível não sentir por ela respeito e compaixão.

— Tens razão, tens razão! — concordou o meu tio com veemência. — Não é possível não sentir respeito por ela. E agora, repara em Korókvkin, por exemplo. Tu também te riste dele — acrescentou, olhando-me nos olhos com severidade — e todos fizeram o mesmo. Pois não tinham razão… É uma excelente criatura, excelente; simplesmente, o destino… Tem sofrido muito… Talvez não acredites, mas é verdade.

— Não tio, por que não havia eu de acreditar?

E comecei a falar com entusiasmo naquilo que, na criatura mais

degradada, pode ser encontrado ainda de altíssimo sentido humano, da profundidade insondável da alma humana, de que não devemos desprezar os que fraquejaram, mas, pelo contrário, aproximarmo-nos deles e reabilitá-los; de que, geralmente, a noção que se tem do que é o bem e o mal, não é verdadeira etc., etc. Numa palavra: entusiasmei-me e falei também da escola da Natureza, e, para terminar, recitei uns versos:

> Quando, transtornados pela dor…

O meu tio ficou loucamente entusiasmado.

— Meu amigo, meu amigo! — exclamou exaltado. — Tu me compreendes perfeitamente e sabes exprimir melhor do que eu o que eu queria dizer. É assim mesmo, é assim mesmo! Senhor, por que serei eu tão mau? Por que hei de eu cair com tanta frequência na maldade, quando seria tão belo e tão agradável ser bom? Também Nástia dizia o mesmo há um instante… Mas olha que paisagem bonita! — acrescentou olhando à sua volta. — Que natureza! Que quadro! Que árvores! Olha, é completamente humano! Que seiva, que folhas! Que sol! Como depois da tempestade tudo se alegra e resplandece de novo! Olha, parece que as árvores também pensam qualquer coisa e sentem e louvam a vida! Não é verdade? Que pensas tu?

— Que pode muito bem ser assim, tio. Em meu entender, é claro.

— E no meu também… Divino, divino Criador! Tu deves guardar boas recordações deste jardim, Sierioga! O que tu correste e brincaste por aqui, quando eras pequeno! Olha, eu ainda me lembro de quando eras pequenino — acrescentou, olhando-me com uma expressão de afeto e de felicidade indescritível. — Só do lago é que era proibido aproximares-te. Mas lembras-te daquela tarde em que a falecida Kátia te apanhou e se pôs a acariciar-te? Antes, tinhas andado a correr pelo jardim e ficaste todo acalorado; tinhas o cabelo alvoroçado, num emaranhado de caracóis. Ela brincava com os teus cabelos e dizia: “Como fizeste bem em trazer o orfãozinho para nossa casa!” Lembras-te?

— Lembro sim, tio.

— Ainda não tinha escurecido completamente e o sol brilhava claro, em vosso redor, e eu estava sentado num canto e fumava o meu cachimbo, enquanto vos olhava… Eu, Sierioga, todas as semanas vou visitar o seu túmulo à cidade — acrescentou com uma voz comovida, na qual se percebiam um tremor e lágrimas reprimidas. — Falava disto há pouco, com Nástia; e ela dizia que havemos de lá ir os dois juntos…

O meu tio calou-se, esforçando-se por reprimir a sua comoção. Nesse momento Vidopliássov aproximou-se de nós.

— Vidopliássov! — exclamou o meu tio estremecendo. — Vens da parte de Fomá Fomitch?

— Não, venho por minha conta.

— Ótimo! Assim ficaremos a saber de Korórvkin. Há pouco, meu amigo, eu tinha a intenção de perguntar… Mas mandei que o atendessem… a Korórvkin… De que se tratava, Vidopliássov?

— Tomo a liberdade de lembrar-lhe que ontem se dignou o senhor preocupar-se com o meu pedido e prometeu-me a sua proteção contra as ofensas cotidianas.

— Outra vez às voltas com a questão do sobrenome? — exclamou o meu tio assustado.

— Que se há de fazer? Ofendem-me a toda a hora…

— Ah Vidopliássov… Vidopliássov! Como posso eu remediar isso? — disse o meu tio pesaroso. — Mas, vamos ver, que ofensas são essas? Parece-me que perdeste o juízo e ainda acabas por ir parar à Casa Amarela.

— Lá isso parece, que perdi o juízo — começou Vidopliássov.

— Bem, bem — atalhou o meu tio. — Eu, meu amigo, disse isso sem intenção de ofender-te, para ser-te útil. Mas vamos lá que ofensas são essas que dizes? Aposto em como se trata de alguma ninharia.

— Já não há salvação possível.

— A que te referes?

— A que é pior de todas é Matriona. Amargura-me a vida. Já se sabe que muitas pessoas de educação que me veem uma vez, dizem logo que eu pareço estrangeiro, sobretudo por causa da minha cara morena. Não acha, senhor? Bem, pois agora para mim já não há salvação. Mal apareço por essas ruas, vêm logo todos atrás de mim, gritando-me coisas feias; até os garotos, aos quais deveriam dar açoites, vêm atrás de mim gritando. Assim que me veem armam logo um grande burburinho… Não há salvação. Prometa que me ampara, senhor!

— Ah, Vidopliássov… Mas que te dizem eles? Com certeza, trata-se de alguma tolice sem importância.

— Não está certo que o repitam.

— Mas afinal de que se trata?

— Seria uma abominação repeti-lo.

— Diz, anda!

— *Grichka-golanetz*.

— Ufa, que homem! E eu a imaginar já nem sei o quê! Pois olha, tu cospe e passa de largo.

— Mas eu cuspo e então ainda gritam mais.

— Desculpe… tio — intervim eu — daquilo que ele se queixa é que o seu lugar não é nesta casa. Mande-o, nem que seja apenas por uma temporada, para Moscou, para junto do tal calígrafo. Creio que o tio me disse que ele tinha vivido ali em casa dum calígrafo.

— Sim, meu amigo, mas isso acabou tragicamente!

— Como?

— O homem — respondeu Vidopliássov — teve a infelicidade de apoderar-se de versos alheios, e por isso, sem atenderem às suas prendas, enviaram-no para a ilha, onde morreu.

— Bem, bem, Vidopliássov; tranquiliza-te, por agora, que eu vou pedir notícias e tudo se há de arranjar — disse o meu tio. — Prometo-te. E Korókvin? Que faz ele? Dorme?

— Não está em casa, acaba de se retirar. Por isso é que eu vim com as minhas lamentações.

— Foi-se embora? Mas por que o deixaste ir? — exclamou o meu tio.

— Por causa do meu bom coração; fazia pena vê-lo. Quando se sentiu lúcido começou a dar socos na cabeça e a gritar…

— Que dizia ele?

— Com licença do senhor, dizia: “Como poderei eu agora aparecer diante do belo sexo?”. E depois acrescentava: “Sou indigno da Humanidade!”. E tudo com evidentes sinais de dor e com palavras amargas.

— Que homem tão sensível! Eu não te dizia, Sierguiéi? E tu, Vidopliássov, tê-lo deixado escapar quando eu te dissera que não o perdesses de vista. Ah, meu Deus, meu Deus!

— Tive pena dele. Pediu-me que não dissesse nada. O postilhão que o tinha trazido deu de comer ao cavalo e tornou a atrelá-lo. E quanto à quantia que lhe foi entregue há três dias, mandou agradecer e comunicar que a enviará por uma das primeiras diligências.

— Que quantia é essa, tio?

— Levou vinte e cinco rublos — respondeu Vidopliássov.

— Isso, meu amigo, foi o que eu lhe dei em segredo, na estação de muda; o que ele tinha não chegava. Claro que me mandará essa quantia pelo primeiro correio… Ah, meu Deus, que pena! Achas que devemos mandar alguém buscá-lo?

— Não tio, é melhor não o fazer.

— É o que eu penso também. Olha, Sierioga, não há dúvida de

que eu não sou nenhum filósofo, mas acho que todos os homens são muito melhores do que parecem. É o que acontece com Koróvkin: não foi capaz de suportar a vergonha… Mas vamos ter com Fomá. Já nos demoramos aqui bastante; a esta hora já deve estar a chamar-nos ingratos e esquecidos. Vamos até lá. Ah. Koróvkin, Koróvkin!

***

Este romance está a chegar ao fim. Os noivos casaram e o gênio do bem impera como senhor absoluto, encarnado na pessoa de Fomá Fomitch. Ao chegarmos aqui, poderíamos demorar-nos em explicações; mas, realmente, todos os esclarecimentos seriam supérfluos. Pelo menos é esta a minha opinião. Em vez dessas explicações, direi ainda umas palavras acerca do destino posterior de todos os heróis da minha narrativa; sem esse pormenor, como é sabido, não pode dar-se por concluída nenhuma novela e assim também o ordenam as regras.

A boda do feliz par celebrou-se umas sete semanas depois dos acontecimentos que acabo de descrever. Realizou-se tudo recatadamente, em família, sem pompa especial e sem hóspedes ilustres. Eu fiz o papel de pajem de Nástienhka; Mizíntchikov, de meu tio. Mas a primeira e mais importante personagem, escusado será dizê-lo, foi Fomá Fomitch. Todos olhavam para ele e o amimavam. Mas aconteceu que de uma vez se esqueceram de servir-lhe a champanhe. Voltou imediatamente à baila com as histórias do costume, desfazendo-se em censuras, lamentações e gritos. Fomá correu a fechar-se à chave no seu quarto, gritando que não lhe ligavam importância, que agora já tinham entrado pessoas novas e por isso ele não era mais do que uma palha que se pode deitar pela janela. O meu tio estava consternado; Nástienhka chorava; a generala, como de costume, teve o seu faniquito… A festa nupcial transformou-se num banquete fúnebre. Foi esta a sorte que coube ao meu tio e à pobre Nástienhka, em oito anos de vida com o seu benfeitor Fomá Fomitch. Até à sua morte (Fomá Fomitch morreu há um ano) foi um egoísta, um homem de mau gênio; zangou-se e resmungou, e apesar disso o afeto do feliz casal por ele não só não diminuiu como, pelo contrário, foi aumentando de dia para dia, à medida que aumentavam os seus

caprichos. Iegor Ilhitch e Nástienhka eram tão felizes um com o outro, que até tinham medo da sua felicidade; pensavam que Deus os tinha favorecido em demasia, que não eram dignos de tantas graças e pressentiam que deviam expiar a sua felicidade com dores e aflições. Compreende-se que Fomá Fomitch pudesse fazer, naquela casa tão aprazível, tudo quanto lhe desse na veneta. O que não teria havido nesses sete anos! É impossível imaginar a que extraordinárias fantasias se não entregaria às vezes a sua alma, saturada e ociosa, na invenção dos mais refinados caprichos duma moral verdadeiramente burlesca! Três anos depois do casamento do meu tio morreu a minha tia-avó. Ao ver-se assim, como um órfão, Fomá ficou desesperado. E ainda hoje contam com horror em casa do meu tio qual era então o seu estado de espírito. Quando abriram a sepultura, lançou-se para ela e pediu que o enterrassem com a defunta. Durante um mês tiveram de ter muito cuidado para que não pudesse pegar em algum garfo ou faca; e uma vez quatro pessoas tiveram de lhe tirar à força uma agulha que queria engolir. Houve uma testemunha secundária desta cena que fez a observação de que Fomá podia muito bem ter engolido mil vezes a referida agulha durante a refrega e, no entanto, não a engoliu. Mas esta observação foi acolhida por todos com enérgica reprovação e o seu expositor tachado de dureza de alma. Apenas Nástienhka ficara calada e se sorria, pelo que o meu tio a olhava com alguma inquietação. Fomá Fomitch, de uma maneira geral, embora continuasse a dominar em casa do meu tio e a entregar-se a toda a espécie de fantasias, como antes, abstinha-se agora daquelas despóticas e ofensivas arengas que dantes produzia. Fomá lamentava-se, chorava, censurava, envergonhava; mas não se zangava já como dantes… nem fazia cenas como a do *Vossa Excelência*, o que era obra de Nástienhka. Esta quase sem essa intenção, obrigou Fomá aceder um pouco e a dominar-se. Não se conformava com o presenciar a humilhação de seu marido e conseguiu o seu desejo. Fomá via claramente que ela quase o compreendia. Digo quase porque Nástienhka tratava também Fomá com muitos mimos e concordava sempre com as palavras do marido quando este punha o seu filósofo nas maiores alturas. Ela queria obrigar todos a respeitarem seu marido e por isso chegava até a aprovar a sua amabilidade para com Fomá Fomitch. Mas estou convencido de que o coração de ouro de Nástienhka devia ter esquecido todas as antigas ofensas. Perdoara

tudo a Fomá, quando este a unira ao meu tio, e além disso estava absolutamente de acordo com a ideia de que àquele homem que tinha sofrido, ao ex-bobo, não se lhe podia exigir muito, mas que, pelo contrário, seria preciso fazer todo possível para sanar-lhe o coração. A pobre Nástienhka pertencia também ao número dos humilhados, pois tinha sofrido e compreendia aquilo. Durante uns meses Fomá estava tranquilo, até fazia carícias e pantomimas, mas depois… começavam outros ataques inesperados; acabava por cair numa espécie de sonho magnético, pondo todos no cúmulo do receio. De repente, por exemplo, o homem que sofrera dizia qualquer coisa, sorria até, mas de um momento para o outro ficava petrificado, precisamente na mesma atitude em que se encontrava momentos antes do ataque. Se, por exemplo, estava a sorrir, conservava o sorriso nos lábios; se tinha qualquer coisa na mão, mesmo que fosse um garfo, ficava assim, com o garfo na mão, erguido no ar. Depois, naturalmente, a mão baixava; mas Fomá Fomitch já não sentia nada, nem se lembrava de nada quando lhe baixavam a mão. Estava sentado, olhava para os outros, movia até os olhos; mas não dizia uma palavra, nem ouvia, nem tampouco sequer compreendia. Esse estado prolongava-se às vezes por mais de uma hora. Naturalmente, todos lá em casa ficavam mortos de medo; continham a respiração, retiravam-se nas pontas dos pés, choravam. Finalmente Fomá voltava a si queixando-se de uma grande debilidade, e assegurava que durante todo aquele tempo nada tinha visto nem ouvido. Só faltava isso para completar a figura do homem capaz de suportar durante horas inteiras torturas voluntárias… e tudo unicamente para poder dizer depois: “Olhe para mim, a minha sensibilidade é maior”. Até que finalmente Fomá Fomitch abandonou o meu tio pelas ofensas de todas as horas e pela falta de consideração, e foi viver com o Senhor Baktchéiev. Stiepan Alieksiéievitch, que depois do casamento do meu tio tinha tido muitas discussões com Fomá Fomitch, mas que acabava sempre por pedir-lhe perdão, dessa vez encarou o caso com um ardor desacostumado, acolheu Fomá com entusiasmo, deu-lhe de comer até empanturrá-lo e falou até seriamente em pedir-lhe contas e em mover-lhe um processo. Entre eles estava pendente uma certa questão por causa de um pedaço de terreno, pelo qual no entanto nunca chegaram a entrar em litígio, pois o meu tio, para evitar questões, cedeu-o a Stiepan Alieksiéievitch. Sem dizer palavra, o Senhor Baktchéiev mandou atrelar a carruagem,

partiu para a cidade e apresentou ali uma demanda, reclamando a entrega formal daquele terreno, e as custas judiciais, para desse modo lhe fazer pagar o seu desonesto e egoísta procedimento. Enquanto tudo isto se passava, Fomá, no dia seguinte, aborrecia-se mortalmente em casa do Senhor Baktchéiev, perdoou ao meu tio, que tinha ido ali com esse fim, e voltou para Stiepântchikovo. A raiva do Senhor Baktchéiev, quando voltou da cidade e não encontrou Fomá ali, foi espantosa; mas passados três dias já estava de novo em Stiepântchikovo cantando a palinódia, pedindo perdão, com lágrimas nos olhos, pelo que acontecera, e retirando a demanda. O meu tio, nesse mesmo dia reconciliou-o com Fomá Fomitch, e outra vez Stiepan Alieksiéievitch se pôs a andar atrás de Fomá, como um cão, e a dizer como dantes, a cada palavra sua: "Como tu és inteligente, Fomá! Como és culto, Fomá!".

Fomá Fomitch descansa agora no seu túmulo, junto da generala; sobre o seu sepulcro ergue-se um rico monumento de mármore branco, todo cheio de inscrições elegíacas e de elogios sentenciosos. Às vezes, Iegor Ilhitch e Nástienhka, quando saem a dar um passeio dirigem-se ao cemitério a visitar Fomá. No entanto não podem falar dele sem experimentar um sentimento especial; lembram-se de todas as suas palavras, do que comia, do que gostava. Conservam as suas coisas como relíquias. Sentindo-se assim completamente órfãos, o meu tio e Nástienhka uniram-se ainda mais um ao outro. Deus não lhes deu filhos; falam muitas vezes disso, mas não se atrevem a queixar-se. Sáchenhka, já há muito que se casou com um bom rapaz. Iliúchka faz os seus estudos em Moscou. De maneira que o meu tio e Nástienhka vivem sòzinhos e cada dia gostam mais um do outro. O seu amor é qualquer coisa quase de doentio. Nástia reza a toda a hora. No dia em que um deles desapareça, penso que o outro não poderá sobreviver-lhe uma semana. Mas que Deus lhes dê a ambos uma longa vida. Tratam todas as pessoas com grande afabilidade e estão sempre prontos a partilhar com os desprotegidos tudo quanto possuem. Nástienhka gosta muito de ler vidas de santos e diz muitas vezes que as virtudes vulgares nada significam e que é preciso dar tudo aos pobres e viver feliz na miséria. Se não fosse o pensamento de Iliúchka e de Sáchenhka, seria isso que o meu tio faria, pois está sempre de acordo com a mulher em tudo.

Praskóvia Ilínichna vive com eles e esforça-se o mais possível por agradar-lhes em tudo; é ela quem governa a casa. O Senhor Baktchéiev, por ocasião do casamento do meu tio, fez-lhe propostas matrimoniais, mas ela deu-lhe um não peremptório. De onde todos concluíram que ela tinha o intento de fazer-se freira, mas tal não aconteceu. Praskóvia Ilínichna é por natureza uma criatura interessante; apaga-se completamente diante daqueles a quem ama, preocupa-se a todos os instantes com eles, revê-se neles, rende-se a todos os seus caprichos e anseia por servi-los constantemente. Agora que a generala morreu, considera dever seu não separar-se do irmão e agradar em tudo a Nástienhka. O velho Ietchóvkin ainda é vivo e nos últimos tempos vem mais a miúdo à casa da filha. A princípio o meu tio sentia-se desgostoso porque ele e a sua gente miúda (como diz referindo-se a seus filhos) viviam completamente afastados de Stiepântchikovo. Todos os esforços do meu tio para atraí-lo eram inúteis; não só se mostrava orgulhoso, mas também arredio e irritável. O seu amor-próprio raiava às vezes pelo doentio. A ideia de que o recebessem a ele, um pobretão, numa casa rica, por piedade, era-lhe insuportável, insofrível… matava-o; também recusava às vezes o auxílio de Nástienhka e somente se resignava a aceitar dela o indispensável. Do meu tio, negava-se em absoluto a aceitar qualquer coisa. Nástienhka estava muito enganada ao dizer-me nessa noite no jardim que o pai fazia o papel de bobo por causa dela. É verdade que ele, nessa altura, tinha um desejo imenso de casar Nástienhka, mas aquelas bufonerias fazia-as porque elas lhe saíam do íntimo, correspondiam a uma necessidade que sentia de desabafar o seu mau humor acumulado. A necessidade de fazer palhaçadas e de lançar indiretas, tinha-a na massa do sangue. Caricaturava-se a si próprio, gabando-se de ser o pior e mais descarado dos aduladores; mas ao mesmo tempo dava a entender claramente que o fazia assim por temperamento; e quanto mais baixas eram as suas adulações tanto mais clara e francamente deixava transparecer que o não dizia a sério. Era esse o seu caráter. Conseguiu colocar os filhos nos melhores centros docentes de Moscou e de Petersburgo, mas só depois que Nástienhka lhe garantiu que era ela quem lhes custeava os estudos, da sua algibeira particular, à custa dos trinta mil rublos que Tatiana Ivânovna lhe tinha oferecido. Trinta mil rublos que não chegou verdadeiramente a aceitar de Tatiana Ivânovna, embora tivesse

procurado não feri-la no seu amor-próprio, prometendo-lhe recorrer ao seu auxílio na primeira vez que dele necessitasse. E assim fez de fato: por duas vezes recebeu dela empréstimos de vulto. Mas Tatiana Ivânovna morreu, e então Nástia entrou na posse dos trinta mil rublos. A morte da pobre Tatiana Ivânovna foi repentina. Toda a família se tinha reunido num baile que dava um proprietário vizinho e mal ela acabara de pôr o seu vestido de baile e uma grinalda de rosas brancas na cabeça, sentiu-se de repente indisposta, sentou-se numa cadeira e morreu. Enterraram-na com essa mesma grinalda. Todos lá em casa gostavam muito de Tatiana Ivânovna e tratavam-na como a uma menina. Muito se admiraram com a razoável determinação do seu testamento; além dos trinta mil rublos de Nástienhka, tudo mais, que ascendia a trezentos mil rublos, destinara-o à educação de órfãs pobres e a dotes, que deviam ser-lhes entregues quando saíssem dos estabelecimentos de ensino. No ano da sua morte casou-se também a Pieriepelítsina, a qual, uma vez desaparecida a generala, ficara a viver em casa do meu tio, na esperança de ganhar a amizade de Tatiana Ivânovna. Estavam as coisas neste pé quando surgiu um funcionário-proprietário, o dono de Míchino, aquela pobre granja onde se desenrolou aquele antigo episódio entre Obnóskin e sua mãe, por causa de Tatiana Ivânovna. Esse tal funcionário era muito oportunista e tinha sete filhos da primeira mulher. Suspeitando que a Pieriepelítsina tivesse dinheiro, começou a cortejá-la, e ela não se fez rogada para aceitá-lo. Mas a Pieriepelítsina não tinha com que mandar tocar um cego; tinha ao todo trezentos rublos, que Nástienhka lhe dera quando se casou. Agora, marido e mulher andam sempre em briga, desde manhã até à noite. Ela puxa os cabelos dos enteados e chega-lhes os seus sopapos; e a ele também lhe arranha a cara (pelo menos é o que se diz) e a todo momento lhe lança em rosto a sua condição de filha dum tenente coronel.

Mizíntchikov também se estabeleceu. Muito discretamente, renunciou aos seus planos acerca de Tatiana Ivânovna e dedicou-se a estudar economia rural. O meu tio apresentou-o a um opulento conde, proprietário, senhor de três mil almas, a dezoito verstas de Stiepântchikovo, o qual ia de longe em longe visitá-lo. Quando reparou na capacidade de Mizíntchikov, e levando em conta a recomendação do meu tio, o conde ofereceu-lhe o cargo de

administrador das suas terras e despediu o administrador atual, um alemão que, desmentindo a proverbial honradez teutônica, alcançara sobre os seus bens. Passados cinco anos já ninguém reconhecia aquela chácara; os camponeses tinham enriquecido; tinham repartido a propriedade, o que dantes era impossível; os rendimentos tinham quase duplicado… Em resumo: o novo administrador tornou-se famoso em todo aquele distrito pelos seus processos de economia. Qual não foi a indignação e o assombro do conde, quando Mizíntchikov, passados esses cinco anos, rejeitando todas as propostas e melhorias de soldo decidiu retirar-se do serviço e se assim o pensou, melhor o fez. O conde pensou que algum proprietário vizinho ou de outro distrito talvez o tivessem roubado. Mas todos ficaram espantados quando, de repente, dois meses depois de ter pedido a demissão, vieram a saber que Ivan Mizíntchikov era dono duma magnífica herdade, com cem almas, situada apenas a quatro verstas da do conde, a qual comprara a certo hussardo esbanjador, seu amigo de outros tempos. Sobre estas cem almas tomou imediatamente uma hipoteca e passado um ano já tinha mais setenta almas. Atualmente é também proprietário de umas terras incomparáveis. Toda a gente se admira e pergunta onde é que ele teria ido buscar o dinheiro. Alguns limitavam-se a abanar a cabeça. Mas Ivan Ivânovitch está completamente tranquilo e sente-se em todo o seu direito. Já mandou vir a irmã de Moscou, a mesma que lhe deu os últimos três rublos quando ele foi para Stiepântchikovo, uma jovem muito simpática, que não está já na primeira juventude, franca, amável, instruída, mas extraordinariamente pateta. Tinha vivido todo esse tempo em Moscou, em casa duma certa protetora sua; agora é muito dedicada ao irmão, governa-lhe a casa, faz da sua vontade uma lei, e é absolutamente feliz. O irmão não tem muitos mimos para com ela e olha-a um pouco por cima do ombro; mas ela parece não dar por isso. Em Stiepântchikovo todos gostam muito dela e afirmam que o Senhor Baktchéiev está louco de amor por ela. De boa vontade se declararia mas tem medo que ela lhe diga que não. Aliás, acerca do Senhor Baktchéiev esperamos falar noutra ocasião, noutra história, mais pormenorizadamente.

Já falei, segundo creio, de todas as minhas personagens… Ah! Já me esquecia: Gavrila está já muito velhinho e esqueceu-se

completamente do francês. Falálei tornou-se um excelente condutor de diligências, mas o pobre Vidopliássov entrou já há algum tempo no manicômio e, segundo parece, aí morreu… Penso ir em breve a Stiepântchikovo e procurarei saber ao certo o que foi feito dele, pelo meu tio.

**1** Calculava-se a riqueza dos proprietários rurais pelo número de “almas” (servos da gleba) que possuíam.↩

**2** Forma de tratamento, de respeito amistoso.↩

**3** Literalmente, *nos tempos do czar Ervilha*.↩

**4** Cabeça de vento.↩

**5** O dia festivo de cada indivíduo era o do Santo do seu nome, e não o do aniversário.↩

**6** Corruptela de: *Donnez moi mon mouchoir*. — Dê-me o meu lenço.↩

**7** Categoria de servos pertencentes aos mosteiros.↩

**8** Corrupção de: *Parlez vous fránçais?* e de *Oui, monsieur, je le parle un peu…*↩

**9** Cabecilha da insurreição cossaca de 1773. Fez-se passar pelo czar Pedro III, que os rebeldes tinham assassinado, e foi executado na forca em 1775.↩

**10** A noite é boa conselheira.↩

**11** Embora empregado como nome de pessoa, é termo comum russo. Significa leal, fiel.↩

**12** Também termo comum russo. Significa desagradável, ruim.↩

**13** Sobrenome derivado de *bolvan*, bobo. Sátira evidente do autor. Aliás era esta uma das características de Dostoiévski — formar nomes derivados de termos comuns russos, para qualificar os personagens, como acontece, logo a seguir, com Plhassat.↩

**14** Significa *bailarino*, e isto explica as lamentações de Vidopliássov.↩

**15** Empregado na acepção de delicado, feminil. Na época, marca de determinado cosmético. Da mesma forma que os anteriores, é nome forjado.↩

**16** Derivado de *mitki*, irrequieto.↩

**17** *Sic*. O manicômio.↩

**18** Corrupção de *Comment vous portez-vous?*↩

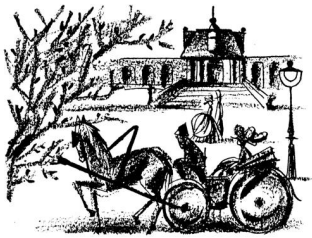
**19** Quando esta cidade ainda não existia.↩

**20** Mikhail Lomonóssov (1711-1765). Uma das personalidades mais notáveis da Rússia do século XVIII, depois do reinado de Pedro, o Grande; filho dum pescador, foi ao

mesmo tempo poeta, historiador, gramático e físico. É sobretudo conhecido por suas odes à Imperatriz Catarina e é considerado como o criador da moderna linguagem literária russa.↩

**21** Corrupção de *attendez*!, isto é, olhem!↩

# Apêndice



# Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução[1]

ARCHIN. Medida de comprimento equivalente a 0,71 m.

ARKHIEPÍSKOP. Grau hierárquico no clero ortodoxo, intermediário entre bispo e metropolita.

ARKHIMANDRIT. Grau superior do padre-monge, geralmente prelado do mosteiro.

ÁRTIEL. Associação de trabalho comunitário.

AÚL. Povoado no Cáucaso e na Ásia Central.

BABA. Mulher casada na linguagem popular; mulher — em sentido pejorativo, aplicado às mulheres vulgares.

BALALAICA (*balalaika*). Instrumento musical, popular, de três cordas.

BÁRIN, BÁRINHA. Senhor, senhora. Tratamento respeitoso dado outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente emprega-se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.

BÁTIUCHKA. Paizinho; diminutivo arcaico, em geral utilizado pelo povo ao se dirigir ao pope.

BIECHMIET. Casaco curto pespontado, usado pelos tártaros e povos do Cáucaso.

BIEKIECHA. Casaco de homem ajustado na cintura.

BIELKA. Esquilo.

BLIN. Panqueca. Prato típico da quaresma.

BOGOMÓLIETS. Crente, peregrino.

BOIARDO (*boiárin*). Na Rússia moscovita, senhor, grande latifundiário pertencente à classe reinante.

BOLVAN. Bobo.

BONHOMIE, *fr*. Bondade de caráter, unida à delicadeza nas maneiras,

BORCHTCH. Sopa de beterraba e outros legumes.

BOUDOIR, *fr*. Pequena sala de estar, geralmente de senhora.

BRAT. Irmão.

BRÁTIETS. Irmão. Forma arcaica usada em sentido figurado: irmão de armas, de religião etc.

BRIOCHE, *fr*. Pequeno bolo macio, de farinha, manteiga, leite e ovos.

BRUDERSCHAFT, *al*. Fraternidade; irmandade. Costume dos estudantes alemães de beberem em conjunto, entrelaçando os braços, para em seguida usar, entre eles, a forma de tratamento tu.

BURKA. Capa de pele de carneiro, muito usada nas montanhas do Cáucaso.

BURLAK. Homem que puxava outrora as cordas com que eram arrastados os barcos contra a corrente.

CAFTÃ (*kaftan*). Antigo traje masculino; casaco comprido.

CHACHKA. Arma branca, do tipo do sabre, de curva pequena.

CHÁRIK. Bolinha.

CHARMANT, *fr*. Encantador, agradável, gentil.

CHIBUK. Cachimbo turco.

CHLIÚPKA. Barco largo e resistente.

CHTCHERBATI. Diz-se das pessoas que têm marcas de varíola no rosto, ou a quem faltam dentes.

CHTCHI. Sopa de couves.

COCHON, *fr*. Porco, porcalhão.

COMPTOIR, *fr*. Balcão, caixa.

COPEQUE (*kopiéika*). Moeda divisionária, centésima parte do rublo.

COTTAGE, *in*. Casinha de campo.

CREPE, *fr*. Bolo folhado.

CZAR (*tsar*). Título do monarca na Rússia moscovita.

DATCHA. Casa de veraneio fora da cidade.

DÉBAT, *fr*. Conferência, palestra, debate.

DIÁDUCHKA. *Tio*. Em sentido figurado, de afeto e respeito.

DIÁKON. Na igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

DIESIATINA. Medida de superfície da terra, equivalente a 1 hectare e 9 cm.

DINER, *in*. Janta; convidado para jantar; comensal.

DJIGUITOVKA. Conjunto de arriscados exercícios equestres, de que eram exímios os cossacos.

DRÓJKI. Carruagem leve.

DUGÁ. Parte dos arreios dos cavalos, um arco de madeira.

DVÓRNIK. Porteiro.

DVORÓVI. Servo do serviço doméstico do latifundiário.

EPARQUIA (*epárkhia*). Diocese ortodoxa administrada por um bispo ou arcebispo ou metropolita.

EPÍSKOP. Grau hierárquico superior a bispo ortodoxo.

FELDSCHER, *al*. Cirurgião militar.

FELDWEBEL, *al*. Primeiro sargento ou sargento ajudante, no Exército

imperial russo.

FEUERBACH, *al*. Riacho de fogo.

FRAUENMILCH, *al*. Literalmente: leite de mulher.

FRÜSHTÜCK, *al*. Pequeno almoço, café da manhã.

GLÁSNI. Representante eleito nas assembleias administrativas públicas.

GNIEDÓI. Cavalo baio.

GOLUBTCHIK. Pombinho, querido.

GORIÉLKI. Jogo popular russo semelhante à cabra-cega.

GÓROD. Cidade.

GORÓDSKAIA DUMA. Conselho Municipal ao qual estava confiada a administração da cidade, antes da revolução.

GRÍVIEN. Moeda equivalente a dez copeques.

GROCH. Antiga moeda russa equivalente a meio copeque.

GRUCHA. Pera.

GÚSLI. Antigo instrumento musical de cordas.

GVOZD. Prego, cravo.

IÁ. Pronome russo da primeira pessoa, singular.

ÍCONE (*ikona*). Imagem de Deus, de um santo ou santos em forma de estampas.

IERARKH. Denominação oficial dos bispos.

IEROMONAKH. Padre-monge.

IKONOSTÁS. Parede enfeitada de ícones, a qual separa o altar da nave, na igreja ortodoxa.

INTIELIGÉNTSIA. Camada social composta pelos intelectuais.

ISBÁ (*isbá*). Casa camponesa de madeira.

ISPRÁVNIK. Chefe de polícia de distrito na Rússia czarista.

ISVÓSTCHIK. Cocheiro de carro de aluguel.

JÁVORONOK. Calhandra. Fazem-se pãezinhos em forma de calhandras, quando elas regressam da migração às regiões quentes, simbolizando a chegada da primavera.

JUNKER, *al*. Suboficial nobre do Exército imperial russo.

KACHA. Mingau.

KALÁTCHI. Pães de trigo em forma de trança, os de Moscou são os mais famosos.

KAMÁRINSKAIA. Dança popular russa.

KAPITANCHKA. Capitoa, mulher do capitão.

KASATCHOK. Dança popular russa, em que o dançarino se mantém de cócoras e vai lançando as pernas para diante.

KATSAVIÉIKA. Casaco curto, sem botões.

KAVÁRDAK. Confusão.

KEEPSAKE, *in*. Lembrança, presente; espécie de álbum literário, ilustrado, muito em voga no fim do século XIX.

KNUT. Azorrague de cordas, ou tiras de couro, presas a um cabo de madeira que serve para fustigar os cavalos.

KOCHKILDI, *ta*. Saudação tártara.

KRAKOVIAK. Bailado polonês, um tanto agitado, da região de Cracóvia.

KRIEPOSTNÓI. Servo da gleba.

KULIEBIAKA. Empada recheada de carne, peixe etc.

KULITCH. Pão doce em forma cilíndrica, típico, para festejos da Páscoa.

KUMATCH. Tecido de algodão de cor vermelho vivo.

KUNAK, *ta*. Amigo.

KUTIÁ. Arroz doce com passas e mel. Prato típico no dia de finados.

KVAS. Bebida feita de pão de centeio e de lúpulo ou de frutas.

LANDAU, *fr*. Carruagem de quatro rodas e capota dupla que abre e fecha.

LÁPOT. Espécie de alpargatas feitas da entrecasca de tília.

LAVA. Arremesso. Ataque da cavalaria cossaca.

LIKHATCH. Cocheiro de cavalo veloz e carruagem elegante; hoje, chofer que despreza as regras do tráfego.

LINIÉIKA. Carruagem de vários lugares, dispostos lateralmente.

LUTCHINA. Lasca de madeira comprida e fina, usada antigamente para acender luzes ou fogo.

MADONNA, *it*. Gênero de quadro clássico reproduzindo o rosto da Virgem Maria.

MAIDAN. No sul da Rússia, feira, praça da feira.

MAMACHA (mámienhka). Mãe.

MÁTUCHKA. Mãezinha; diminutivo arcaico, utilizado especialmente pelo povo para designar a mulher do pope.

MITKI. Irrequieto.

MIR OU SKHOD. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

MITROPOLIT. Grau hierárquico superior dos bispos ortodoxos.

MONAKH. Monge.

MONPLAISIR, *fr*. Recanto de jardim, preparado para repouso e diversão nos parques das grandes mansões.

MUJIQUE (*mujik*). Camponês.

NAGAIKA. Chicote usado pelos cossacos, curto e de couro.

NARÓDNIK. Movimento político russo da segunda metade do século XIX, conhecido como populista, que considerava os camponeses, e não o proletariado, como a classe revolucionária.

NA TCHAI. Para o chá. Gorjeta.

NHAVHA. Babá.

NIET. Não.

OFITSIÁNSKAIA. Recinto destinado aos criados nas antigas mansões.

OKHRANA. Polícia secreta, especial e de segurança política do Estado imperial russo.

OKROCHKA. Sopa fria de *kvas*, legumes e carne ou peixe cortados em pedacinhos.

ONUTCHA. Faixa de pano grosseiro para enrolar as pernas antes de calçar as botas ou os *lápti*.

OSMÍNIK. Antiga unidade de peso, variável conforme o local. Oitava parte de um total.

ÓSTROV. Ilha.

OTIETS. Pai.

PAPACHA. Pai, paizinho. Em sentido figurado, de respeito e afeto. Também boné de peles usado pelos cossacos.

PARÁCHNIK. Preso escolhido para serviços leves.

PERSPECTIVA (próspekt). Avenida, rua larga e reta.

PFEFFERKUCHEN, al. Torta de pimenta.

PIATAK. PIATATCHOK (dimin). Moeda de cinco copeques.

PICHKA. Pãozinho redondo e fofo, doce ou salgado.

PIELHMIÉNI. Prato típico siberiano, semelhante ao ravióli, recheado de carne.

PIKA. Arma branca, espécie de lança longa, muito usada pelos cossacos.

PLHASSAT. Dançar.

PODIOVKA. Casaco de homem comprido e justo na cintura.

PODPOLKÓVNIK. Tenente-coronel.

POLKÓVNIK. Coronel.

PONOMAR. Sacristão ortodoxo.

POPE (pop). Padre, sacerdote da hierarquia inferior na igreja ortodoxa.

PORÚTCHIK. Tenente, no Exército czarista.

PÓSLUCHNIK. Irmão converso ou noviço, que jurou obediência, no clero monástico ortodoxo.

PRÁPORCHTCHIK. Alferes.

PRIÁNIK. Biscoito de mel.

PROTODIÁKON. Diácono superior.

PROTOIEIRIÉI. Padre superior.

PROTOPOPE (*protopop*). Sinônimo de protoieiriéi.

PSALÓMCHTCHIK. Servidor da igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

PUD. Unidade de peso equivalente a 16,4 kgs.

QUADRILLE, *fr*. Contradança de salão, em que tomam parte várias duplas em número par.

RASKÓLHNIK. Sectário da agrupação religiosa dos “velhos crentes”.

RUBLO (*rubl*). Unidade monetária russa.

SAJENH. Medida russa de comprimento equivalente a 2,13 m.

SAMOVAR (*samovar*). Aparelho de metal, com aquecimento interno em forma de um tubo comprido, que se enche de carvão, destinado a ferver água.

SARAFAN. Vestimenta das camponesas russas. Vestido sem mangas.

SAUBUL, *ta*. Saudação tártara.

SELIM ALÊIKIM, *ta*. Louvado seja Alá! Fórmula de saudação nos países islâmicos.

SIROTÁ. órfão.

SKHOD ou MIR. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

SKÓPIETS. Adepto da seita religiosa que tinha por base o voto de castidade. Castrado.

SKVIÉRNI. Ruim.

SPLEEN, *in*. Mau humor.

STABSKAPITAN, *al*. Capitão de Estado-Maior.

STANOVÓI. Chefe da polícia rural na Rússia czarista.

STARCHINÁ. Antes da revolução, representante eleito de uma das camadas sociais para administrar negócios públicos.

STÁRIETS. Homem idoso, mendigo, monge de grande reputação por sua sabedoria, meditação etc.

STÁROSTA. Chefe eleito ou designado de uma entidade. Antes da revolução, chefe eleito da aldeia.

STAROVIER. Adepto de um movimento religioso composto de várias seitas, surgido na Rússia no século XVII como resultado da cisão da igreja. Os staroviéri procuravam conservar os velhos ritos da igreja e seu modo de vida.

SUKHAR. Pão ressequido e grosseiro; espécie de pão de munição constante da ração dos soldados.

SVAKHA. Casamenteira; mulher que tinha por incumbência fazer a ligação entre as famílias dos noivos e combinar o casamento e o dote.

TARANTÁS. Carroça de quatro rodas, coberta ou descoberta.

TARATAIKA. Carro leve, de duas rodas, tipo *charrete*.

TCHERKESKA. Casaco comprido e estreito, dos caucasianos e cossacos, justo na cintura, sem gola e decote em forma de V.

TCHERNOSIOM. Terras férteis, negras, ricas em substâncias orgânicas.

TCHERVÓNIETS. Nota de dez rublos, usada antigamente.

TCHÉTVIERT. Quartilho, antiga medida equivalente a um quarto de um total, aproximadamente dois litros.

TCHETVIERTAK. Moeda no valor de um quarto de rublo, 25 copeques.

TCHIEKMIEN. Vestimenta de homem, espécie de capa muito usada pelos cossacos.

TCHIN. Grau hierárquico dos militares e funcionários civis.

TCHIKIR, *ta*. Vinho do Cáucaso, pouco fermentado.

TCHINÓVNIK. Funcionário do Estado.

TIELIEGA. Carroça de quatro rodas para transporte de cargas.

TIÚRIA. Prato de pão esmigalhado e *kvas*.

TRIEPAK. Dança popular russa, muito animada.

TRÓICA (*tróika*). Trenó ou carro puxado por três cavalos.

TULUP. Casaco comprido de peles de carneiro com o pelo para dentro.

TUNGUS. Antiga denominação dos evenos, habitantes do norte e leste da Sibéria.

UCASSE (*ukás*). Decreto de uma instância superior do regime, equivalente a uma lei.

UGLOV. Esquina, canto.

UIESD. Na Rússia antiga, distrito ou cantão administrativo.

UNIAT. Adepto da *uniá*. Eclesiástico e crente da igreja greco-católica.

UNTEROFFIZIER, *al*. Suboficial.

VATRUCHKA. Pãozinho com requeijão.

VERSTA (*vierstá*). Medida russa de comprimento, equivalente a 1,06 quilômetros.

VIÉRCHOK. Antiga medida russa de comprimento, equivalente a 4,4 cm.

VIÉRNI. Leal, fiel.

VODCA (*vodka*). Bebida alcoólica russa, aguardente feita de trigo.

VOIEVODA. Na antiga Rússia, chefe de exército ou distrito.

VÓLOST. Na Rússia antes da revolução, unidade administrativo-territorial, subdivisão de distrito nas regiões rurais.

YÁKCHI, *ta*. Está bem!

YOK, *ta*. *Não*.

ZAKÚSKI. Frios para acompanhar o aperitivo.

ZVIER. Besta, fera, alimária.

ZÁVTRAK. Pequeno almoço, café da manhã.

ZIÉMSKI NATCHÁLHNIK. Na Rússia czarista, chefe de distrito com poderes administrativos, jurídicos e policiais.

ZIÉMSTVO. Antes da revolução, poder autônomo local nas regiões rurais, cujos representantes, em sua maioria, eram grandes latifundiários e nobres.

**1** Constam, também, deste vocabulário os termos comuns russos já aportuguesados e registrados nos dicionários, tais como *czar*, *rublo*, *vodca* etc., seguidos, porém, da transliteração fonética, entre parêntesis. O mesmo não sucede com os vocábulos doutras línguas, que, por corriqueiros demais, faziam supérflua a sua inclusão p.e. adieu do francês, e *pudding* do inglês.↩
*al*. alemão *fr*. francês *in*. inglês *it*. italiano *la*. latim *po*. polonês *ta*. tártaro.

**Copyright © 2018 by Global Editora**

1a Edição Digital, Nova Aguilar, 2022

**Jefferson L. Alves** – diretor editorial
**Jiro Takahashi** – editor executivo
**Sebastião Lacerda** – consultoria
**Flávio Samuel** – gerente de produção
**Booknando e Taís do Lago** – produção digital
**Jefferson Campos** – assistente de produção
**Luiz Maria Veiga, Eunice Nunes de Freitas e Márcia Benjamim** – revisão
**Homem de Melo & Troia Design** – projeto de design

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dostoiévski, Fiódor
Fiódor Dostoiévski [livro eletrônico] : obra completa / versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes ; precedida de uma introdução geral, prólogos às seções e diversos glossários e índices de Natália Nunes ; acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben. – 1. ed. – São Paulo : Editora Nova Aguilar, 2022.
ePub

Título original: Fiódor Dostoiévski
Conteúdo: Introdução geral – Novelas da juventude.

ISBN 978-65-89645-23-8 (v. 1)

1. Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881 2. Ficção russa I. Nunes, Natália. II. Mendes, Oscar. III. Ben, Luis de. IV. Título.

22-116112CDD-891.73

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura russa891.73

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

EDITORA
NOVA AGUILAR

**Editora Nova Aguilar**
Rua Pirapitingui, 111 — Liberdade
CEP 01508-020 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 3277-7999
e-mail: novaaguilar@novaaguilar.com.br

Direitos reservados.
Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

No de Catálogo: **10044.EB**

# Fiódor Dostoiévski

# *Obra completa*

VOLUME 2

Obras de transição
Romances da maturidade

# Fiódor Dostoiévski
# *Obra completa*

## volume 2
## Obras de transição
## Romances da maturidade

Versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes

Precedida de uma Introdução Geral, Prólogos às Seções, por Natália Nunes

Acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben

***

1a edição digital

São Paulo

2022

Editora Nova Aguilar

BIBLIOTECA
UNIVERSAL

# FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
# Obra completa em quatro volumes

## VOLUME 1

## Introdução geral

## Novelas da juventude

Pobre gente / O duplo / O senhor Prokhártchin / A dona da casa / Um romance em nove cartas / Polzunkov / Coração frágil / O ladrão honrado / A mulher alheia e o homem debaixo da cama / Uma árvore de Natal e um casamento / Noites brancas / Niétotchka Niezvânova / O pequeno herói / O sonho do tio / A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores

## VOLUME 2

## Obras de transição

Humilhados e ofendidos / Memórias da casa dos mortos / Uma história aborrecida / Notas de inverno sobre impressões de verão / Memórias do subterrâneo

## Romances da maturidade

Crime e castigo

## VOLUME 3

O jogador / O idiota / O eterno marido / Os demônios

## VOLUME 4

O adolescente / Os irmãos Karamázovi

## Outros escritos

Esquema para o grande pecador / O crocodilo / O Mujique Márei / Uma doce criatura / O sonho de um homem ridículo / Excertos do diário de um escritor

SUMÁRIO

## Obras de transição

Prólogo geral
Humilhados e ofendidos
Memórias da casa dos mortos
Uma história aborrecida
Notas de inverno sobre impressões de verão
Memórias do subterrâneo

## Romances da maturidade

Prólogo aos Romances da maturidade
Crime e castigo

## Apêndice

Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução

Fotografia de Dostoiévski com pouco mais de sessenta anos.

# OBRAS DE TRANSIÇÃO

Prólogo geral

Humilhados e ofendidos

Memórias da casa dos mortos

Uma história aborrecida

Notas de inverno sobre impressões de verão

Memórias do subterrâneo

# Prólogo geral

## Obras de Dostoiévski que antecederam a fase dos seus grandes romances

É indubitável que a experiência siberiana divide, por assim dizer, a vida e a obra de Dostoiévski em dois períodos. Se o seu gênio literário-psíquico-metafísico é de natureza inata, se na sua obra da juventude surgem já muitos dos elementos que constituirão, mais tarde, diretrizes constantes em todas as suas futuras criações, o que se verifica é que não há ainda, nessa obra da juventude, o pleno desenvolvimento de toda a capacidade genial do escritor. Porque nela permanece muito de embrionário, de tentativa, de hesitação e de simples prefiguração; e porque o escritor não se libertou do pendor imitativo próprio da mocidade; em suma, não encontrou ainda, verdadeiramente, a sua maneira.

Esta maneira é qualquer coisa que não se refere propriamente à técnica formal – embora a revelação de uma técnica romanesca mais complexa e perfeita coincida, de fato, nele, com o encontro dessa nova maneira de formulação da sua temática essencial; vimos como a obra da juventude é quase toda escrita na primeira pessoa, sob a forma de memórias, ou com a intervenção direta do narrador na ação novelística, e como foi sempre laboriosa, neste escritor, sabemos, a construção das suas obras.

A nova maneira corresponde mesmo à explicitação dos seus grandes temas, que são sobretudo de natureza ético-religiosa, e à criação dos grandes tipos que assumem tal problemática. Na obra da juventude de Dostoiévski, nenhuma das suas personagens atinge, nas paixões que sofrem, aquela intensidade e densidade elevadas, aquele grau de febre que vamos encontrar, por exemplo, no Raskólhnikov de *Crime e castigo*. Um Makar Alieksiéievitch é uma alma de grande sensibilidade, mas essa, se bem que profunda e intensa, é um rio manso que corre sempre por leito de fracos desníveis, não forma nunca uma autêntica cachoeira, não espuma, não ruge nem espadana, nem se contorce por meandros apertados e caprichosos.

Claro que surgem aqui e além pequenas torrentes impetuosas que deixam já pressentir o fragor que há de ouvir-se mais tarde: a Nástienhka das *Noites brancas* e a Niétotchka Niezvânova, do romance do mesmo nome, são já almas tumultuosas que se liberam em ímpetos ardentes e violentos. Mas só quando a par da intensidade *patológica* surgir um outro elemento, o da razão dialética e argumentadora, nos surgirá também uma daquelas formidáveis personagens verdadeiramente demoníacas, como Raskólhnikov, Stávroguin ou Ivan Karamássov. Prefigurações destes tipos, na obra da juventude de Dostoiévski, aparecem talvez apenas com o senhor Goliádkin, de *O duplo*, e com Fomá Fomitch de *A granja de Stiepântchikovo*.

É pois exatamente este elemento dialético, esta espécie de maiêutica socrática transposta para a criação romanesca, para uma progressiva formulação da problemática ética e religiosa essencial humana, o que caracteriza a nova maneira de Dostoiévski, que será a maneira dos seus grandes romances da maturidade. Mas, não a consegue o escritor logo após sua saída do presídio. Antes disso hão de decorrer ainda alguns anos e terá de fazer ainda novos ensaios.

Quando saiu do presídio de Omsk, em 1854, e se instalou em Semipalatinsk, também na Sibéria, onde ficará ainda cumprindo pena mais leve, que o obriga, agora, a servir no 7º Batalhão das linhas siberianas, Dostoiévski, desejando retomar a sua interrompida carreira literária, escreve dois romances jocosos, *O sonho do tio* e *A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores*[1]. O primeiro é uma obra leve e fácil, diga-se, sem qualquer implicação de ordem filosófica, uma caricatura de certos tipos e meios provincianos; já o segundo tem mais envergadura e nele se agitam personagens que apresentam, em certo grau, muitas características da intensidade patológica dostoievskiana: a figura do coronel Iegor Ilhitch preludia a do príncipe Míchkin de *O idiota*, e a de Tatiana Ivânovna é uma dessas desconcertantes mas verídicas mulheres desvairadas, como a Ekatierina Ivânovna, de *Crime e castigo*, e outras, que aparecem em cena nos grandes romances da maturidade; e o teatral, grotesco, sádico, terrível e, no fundo, frustrado e humilhado Fomá Fomitch, também possui já muitas das características dos vários demônios que espalharão labaredas de fogo pelos fundos obscuros dos ambientes dostoievskianos.

De regresso a Petersburgo, fundada já a revista literária *Vriémia* (*O Tempo*) de sociedade com seu irmão Mikhail, escreve e publica Dostoiévski, afanosamente, em 1861, um novo romance, grande, na extensão, *Humilhados e ofendidos*. Não será ainda este novo livro, porém, que reconquistará para o escritor o seu perdido lugar na literatura russa. A crítica foi-lhe novamente desfavorável, e ele próprio reconhece que, se bem que haja nesse romance algumas páginas de que não se envergonha, não realizara ainda a obra desejada e que, no fundo, sabia que seria capaz de produzir. Na verdade, esse romance, de caráter folhetinesco, embora nos apresente personagens de admirável contextura psicológica, como o leviano e inconstante Alhocha, e a indomável e ardente Nelly, é, em última análise, um dramalhão convencional e de exagerado ultrarromantismo.

Por volta da sua primeira viagem ao estrangeiro escreveu e publicou Dostoiévski duas pequenas obras: uma coletânea de notas de viagem, escritas já na Rússia, e que são mais um ensaio de crítica psíquico-social dos povos e das terras por onde passou – Alemanha, França e Inglaterra – do que, verdadeiramente, um livro de viagens. De maneira quase rigorosa, tudo quanto era tópico e concretizado aí foi abolido, para ficarem apenas as suas observações, aliás argutas, mas de generalização apressada, parte motivada por um conhecimento superficial de gentes com quem só teve um contacto brevíssimo, parte pelo seu parcialismo de eslavófilo quase fanático.

A segunda destas duas pequenas obras é uma novela, *Uma história aborrecida*, publicada no mesmo ano que a anterior, em 1862, e na mesma revista *Vriémia*. Aí a sua capacidade crítica se apresenta sob a forma de sátira, que, aproveitemos para sublinhar isso, é uma das formas sob a qual se exprime uma das facetas que mais concorrem para a expressão da genialidade do escritor – o humorismo. Porque Dostoiévski não nos pinta apenas o sofrimento do homem, faz-nos rir ou sorrir também do seu ridículo. *Uma história aborrecida*, se bem que não seja um dos melhores contos de Dostoiévski, como é por exemplo *O pequeno herói*, possui no entanto verdade psicológica e sagacidade de observação da realidade.

A obra que, entretanto, durante este período da sua vida e da sua carreira, que medeia entre a saída do presídio e a publicação do

primeiro grande romance, lhe daria a glória, não só na sua pátria, como em todo o mundo, seriam as *Memórias da casa dos mortos*, publicadas ainda em 1861.

O contacto permanente, desde a infância, do escritor com o povo, prova-o no "episódio do camponês Márei", mais tarde relatado no *Diário de um escritor*, e as suas deambulações pelos bairros populares de Petersburgo. Mas foi a experiência do presídio que lhe deu, a ele, intelectual e nobre, a possibilidade de um conhecimento muito mais direto e profundo desse mesmo povo. Aí ele conheceu o povo russo na sua naturalidade, em toda a verdade dos seus sentimentos e da sua mentalidade, em toda a sua vitalidade carregada de instintos e na força ardente da sua alma mística, resignada e sofredora; aí conheceu Dostoiévski caracteres de homens fortes e endurecidos, e foi colocado em presença desse ingrediente que, afinal, é um componente real da existência: o mal, o mal essencial, o mal metafísico.

Havia no presídio criminosos de têmpera dura, que não conheciam o remorso nem o arrependimento dos seus crimes, que se moviam para além das noções tradicionais e acatadas de mal e de bem. E viu também o sofrimento, injusto às vezes, de tantos que sofriam devido às consequências más de uma sociedade imperfeita. Teve, apesar de tudo, oportunidade de ir tomando as suas notas, e registrava frases, às vezes diálogos inteiros, ou esboçava, a breves traços, os retratos físicos e morais dos seus companheiros de trabalhos forçados. Mas decorrem alguns anos antes que o escritor tivesse coragem de pôr-se a recordar o grande pesadelo. Foi-lhe necessário primeiramente apagar na memória as cores demasiado cruas das impressões e comoções ainda frescas, espalhar sobre elas a penumbra do tempo, que deixa ver melhor os contornos e os pormenores. E quis também apagar a sua própria figura para dar maior realce às outras personagens do drama e apresentar-nos a realidade com a maior objetividade e verdade nua de que fosse capaz. Foi assim que nasceram esses quadros impressionantes das *Memórias da casa dos mortos*; que fizeram chorar lágrimas ao czaréviche, e lhe granjearam de novo a aprovação da crítica e o apreço do público.

Aliás, o escritor não esgotaria todo o rico manancial haurido nessa fonte de amargura, que foram os quatro anos de presídio, nas

suas *Memórias da casa dos mortos*. Como disse Henri Troyat, "Não devemos julgar que, com as *Memórias da casa dos mortos*, Dostoiévski traça um risco debaixo duma soma e alinha o total das suas últimas verificações. Aquela obra magnífica de verdade humana, de probidade cruel, é o primeiro resultado de quatro anos de sofrimentos e meditações.

Dostoiévski viu o mundo. Descreveu-o magistralmente. Mas só apresentou o dinheiro miúdo do seu tesouro. Desembaraçou-se dele como quem atira o lastro.

Uma vez realizado esse gesto, pode tomar altura. Pode desprender-se do pitoresco siberiano, esquecer os crânios rapados, as faces devastadas, as conversas ordinárias, para só pensar na lição inefável do presídio. Transmite o que aprendeu. E a vida inteira não lhe chegará para levar a cabo semelhante tarefa".

Uma das coisas que Dostoiévski aprendeu no presídio foi, como vimos, a certeza da existência de seres para quem a ética tradicional era uma palavra vã. Veremos como no primeiro grande romance da maturidade, *Crime e castigo*, o protagonista procurará também colocar-se à margem dos "princípios eternos" gravados no coração dos homens, e arrogará a si o direito de ultrapassar certas normas, surgindo assim a ética do super-homem, e, tal como alguns dos criminosos que o escritor conheceu na Sibéria, Raskólhnikov, o tenebroso protagonista desse romance, não chegará nunca a conhecer, verdadeiramente, o arrependimento.

É nesta obra, publicada em 1866, que o escritor atinge já em plenitude não só a nova maneira dialética a que aludimos como também a técnica formal de um autêntico romance.

Entretanto, este romance foi precedido por uma outra obra que talvez seja a única que poderemos classificar de "obra de transição", na totalidade de todos os escritos de Dostoiévski. Dizemos a única, porque, a respeito da obra deste genial escritor, não se pode falar de fases de transição. A sua obra está, desde o início, em trânsito contínuo para uma definição cada vez mais clara e aprofundante, que só vem a ser dada pelo panorama da sua totalidade; o espírito de

Dostoiévski foi, desde o início, possuído de certos fantasmas que revestiram diversas aparências ao longo dessa obra, e ele sempre procurou encarar certos temas essenciais por vários ângulos e caminhos; por exemplo, o problema da sensualidade, tanto foi estudado no tipo do perverso Svidrigáilov, como no do pervertido Stavróguin; o seu próprio complexo de Édipo, contra o pai, aparece sob vários aspectos: foi visto, na obra da juventude, por exemplo, na figura do padrasto de Niétotchka, será de novo visto em breve na da velha usurária de *Crime e castigo*, e até, em última transposição, no velho Karamássov. O que há na obra de Dostoiévski anterior a *Crime e castigo* é pressentimento e prefiguração, mas não transição. Obra de transição, referimo-lo, serão, por suas características de fundo e de forma, essas estranhas e geniais *Memórias do subterrâneo*. É precisamente esse ato de penetração decisiva no subterrâneo, isto é, no subconsciente do espírito humano, ainda antes de Freud, que marca o momento da grande exploração desse novo mundo até então quase intocado na literatura e na psicologia.

Embora o herói-narrador dessas memórias, o homem do subterrâneo, se sirva já, antes de Raskólhnikov, da dialética argumentadora, não chega, no entanto, a atingir o mesmo demonismo, a mesma envergadura; é apenas um quase-demônio, um anti-herói, como já alguém considerou. Toma impulso, mas não dá o salto decisivo; aproxima-se da barreira, do limite, mas não o transpõe; não comete um crime, contenta-se com um pequeno desforço de ressentido e humilhado, humilhando e magoando, por sua vez, um ente que é ainda mais indefeso que ele. Não consegue conquistar, verdadeiramente, a liberdade. Possui já a sua filosofia, mas exprime-a numa arenga, num monólogo em que combaterá precisamente a razão; possui a sua filosofia, mas não possui ainda a arte de filosofar, e é isto, além da técnica formal de uma narrativa compósita em que, juntamente com as memórias do narrador, se intercalam dois episódios novelísticos, que nos leva a classificar esta obra como de transição.

Misturada a reflexão e as comoções obtidas na experiência da Sibéria, com a meditação sobre os grandes problemas filosóficos da existência e sobre a situação política agitada da sua pátria, que se

prepara para viver uma grande convulsão, e com os seus complexos pessoais profundos, a sua natureza de tímido, de masoquista e sensual, de ambicioso, de crítico, de artista, de profeta e de místico genial, da sua pena sairão finalmente os grandes romances da maturidade, que marcam momentos capitais na evolução da consciência humana.

**1** Publicados no primeiro volume desta edição.↩

# Humilhados e ofendidos

# Humilhados e ofendidos
(1861)

## Primeira parte

### Capítulo primeiro

O ano passado, em 22 de março à noite, aconteceu-me uma coisa extraordinária. Todo o dia percorrera a cidade à procura de alojamento. O anterior era muito úmido e, por essa altura, eu começara a tossir fortemente. No outono planejara mudar-me, mas adiei a mudança até à primavera. Em todo aquele dia não conseguira arranjar nada que me servisse. Em primeiro lugar desejava um quarto independente só para mim, e que, além disso, fosse bem amplo e, ao mesmo tempo, o mais barato possível, É que numa casa pequena também as ideias se tornam pequenas. Quando planejo os meus futuros romances, gosto de passear ao longo de meu quarto. É verdade, sempre gostei mais de ruminar as minhas obras e as minhas fantasias à medida que me ocorriam, do que de escrevê-las – e isto não é por preguiça. Mas por que será então?

Desde manhã sentia-me indisposto e, ao pôr do sol, achava-me mesmo muito mal; começava a apoderar-se de mim uma espécie de febre. Além disso não parara de andar durante todo o dia e estava esgotado. Ao entardecer, antes do crepúsculo, saí até ao Próspekt Vosniessiénski.[1] Adoro o sol de março em Petersburgo, sobretudo quando se põe numa tarde radiante e fria. A rua toda começa logo a faiscar, salpicada de luz claríssima. Todas as casas começam imediatamente a cintilar. As suas cores cinzentas, amarelas, e de um verde sujo, perdem num instante toda a fealdade. Pode-se dizer que nossa alma se ilumina, como se estremecêssemos ou alguém nos despertasse, dando-nos uma cotovelada. Vemos logo tudo com outros olhos, outros pensamentos. É extraordinário o poder dum raio de sol na alma dum homem!

Mas o raio de sol foi-se; o frio aumentou e começou a picar-me o

nariz; adensaram-se as sombras; refulgiu o gás das lojas e dos armazéns… Ao passar em frente da pastelaria do Müller, parei, como se esperasse um acontecimento; algo que pressentia de extraordinário, e efetivamente, nesse mesmo momento vi no passeio fronteiro um velho com um cão. Recordo-me de como o meu coração estremeceu sob o peso de uma sensação desagradável e sem que eu possa explicar por quê. Não sou nenhum místico; não creio em impulsos do coração nem em pressentimentos, e no entanto têm-me acontecido coisas muito difíceis de explicar pelos fenômenos conhecidos e naturais. Por exemplo: por que motivo a aparição daquele velho se me afigurou o anúncio de algo de extraordinário? Será que a febre e o mal-estar geram ideias enganosas?

O velho dirige-se à pastelaria, aproxima-se com passo lento, inseguro, apoiando-se nas pernas como em dois pedaços de madeira inarticulados, curvado, fincando o bordão entre as pedras da rua.

Nunca vira uma figura tão estranha, e já antes disto, todas as vezes que o encontrava em casa de Müller, deixava-me uma triste impressão. A elevada estatura, os ombros arqueados; o rosto de oitenta anos, de aspecto cadavérico; o casaco puído, o chapéu redondo, todo amassado e rasgado, que devia contar bem mais de vinte anos de serviço sobre aquela cabeça sem um único cabelo, com apenas um pequeno tufo na nuca, não brancos, mas amarelos; os movimentos de autômato. Tudo nele chocava a quem pela primeira vez o visse. Causava uma impressão esquisita olhar aquele velho sobrevivente, por assim dizer, sem tutela nem vigilância, que parecia um louco fugido do manicômio. Era de uma magreza imensa incorpórea, uma armação só de pele e ossos. Os olhos, grandes e meigos, rodeados de olheiras profundas, olhavam constantemente para o vácuo, sem que parecessem dar conta do que os rodeava, e tive ensejo de verificar que, embora eu me colocasse na sua frente, continuava a caminhar como se nada obstruísse o seu caminho, como se o espaço estivesse vazio. Os frequentadores habituais da pastelaria nunca se haviam decidido a dirigir-lhe a palavra, e ele tampouco havia interpelado jamais alguém. “No entanto, por que irá a casa do Müller e que terá a fazer ali?”, pensava eu, parado do outro lado da rua e contemplando-o contra vontade. Um certo aborrecimento,

consequência da doença e do cansaço, se apoderava de mim. “Em que pensará ele?”, continuei, comigo mesmo. “Que se passará naquela cabeça? E pensará sequer em alguma coisa? Tem um rosto sem vida a tal ponto que, evidentemente, perdeu toda a expressão. Além disto, onde teria ido buscar aquele cão sarnoso, que não o larga – como se os dois formassem um todo inseparável – e tão parecido com ele?”

Aquele infortunado cão parecia ter igualmente oitenta anos; sim, sem dúvida, devia ter. Em primeiro lugar, pelo aspecto denotava uma velhice imprópria de um cão e, além disso, por que me surgira imediatamente, desde que o vi pela primeira vez, a ideia de que aquele cão não era como os outros, mas que era… um cão extraordinário, que fatalmente devia ter algo de fantástico, de mágico, que talvez fosse uma espécie de Mefistófeles em forma de cão, e que o seu destino, de certo modo misterioso, ignorado, estava ligado ao do seu dono? Só de olhá-lo alguém adivinharia imediatamente que com certeza haviam decorrido uns vinte anos desde a última vez em que o cão comera. A sua magreza era de esqueleto, – ou pior – tal como a do dono. Caíra-lhe o pelo quase todo e o rabo, que lhe pendia como um pau, sempre torcido, trazia-o metido entre as pernas. A cabeça alongada e fraca, olhava só para o chão. Nunca na minha vida vira um cão tão repelente. Quando os dois iam pela rua o dono adiante e o espantalho atrás – roçava este pelas abas do casaco do outro, como se lhes fosse colado. E o seu modo de andar, todo o seu aspecto, pareciam dizer a cada passo: “Que velhos somos, Senhor, que velhos somos!”.

Lembro-me de que me ocorreu também pensar terem-se o velho e o cão escapado de alguma estranha narrativa de Hoffmann, ilustrada por Gavarny[2], e que andassem pelo mundo na qualidade de anúncio ambulante do editor…

Atravessei finalmente a rua e dirigi-me atrás do velho até à pastelaria.

Aqui conduzia-se ele de maneira estranha, e Müller, nos últimos tempos, costumava fazer uma careta de aborrecimento quando, de pé, atrás do balcão, via entrar o incômodo visitante. Em primeiro lugar, o estranho hóspede nunca pedia nada. Ia sempre direito a um canto,

junto da estufa, e ali se sentava. Se esse lugar se encontrava ocupado, depois de permanecer algum tempo contemplando com sobressaltada perplexidade aquele que se apoderara do seu posto, o velho, como que inibido, encaminhava-se para outro canto junto da janela. Pegava numa cadeira, sentava-se devagar, tirava o chapéu, colocava-o no chão, ao seu lado, punha perto o bordão, e depois, recostando-se na cadeira, quedava-se imóvel durante umas três ou quatro horas. Jamais pegava num jornal, proferia uma palavra ou fazia qualquer rumor; limitava-se a sentar e assim se deixava ficar, olhando para o vazio com os olhos muito abertos; porém, com tal fixidez e tanta ausência de vida que poderia apostar-se em como ele nada via nem tampouco ouvia de tudo o que o rodeava. O cão, depois de dar duas ou três voltas sem sair do mesmo lugar, acabava por deitar-se tristemente a seus pés; afundava o focinho entre as patas, respirava profundamente e, estendendo-se no chão a todo o comprimento, ficava assim imóvel toda a noite, como se estivesse morto. Era como se aqueles dois seres passassem o dia inteiro em algum lugar de defuntos e somente ao pôr do sol ressuscitassem com a única finalidade de se dirigirem à pastelaria do Müller e cumprir ali algum dever misterioso e ignoto. Depois de estar assim sentado três ou quatro horas, o velho finalmente levantava-se, apanhava o chapéu e empreendia o regresso a casa. Igualmente se levantava o cão e, voltando a encolher a cauda e a baixar a cabeça, com o mesmo vagaroso caminhar de antes, começava maquinalmente a seguir o dono. Os fregueses da pastelaria acabaram por guardar distância do velho, evitando aproximar-se dele, como se lhes inspirasse desprezo. Porém ele nunca chegou a dar por isso.

Esses clientes eram, na maioria, alemães. Iam ali de todo o Próspekt Vosniessiénski; eram todos proprietários de vários estabelecimentos: serralharias, padarias, tinturarias, chapelarias, casas de arreios, todos eles gente patriarcal, na acepção germânica da palavra. Em casa de Müller observava-se o patriarcalismo. O dono costumava participar de conversas com os clientes conhecidos, sentando-se com eles à mesa, e consumiam a costumada quantidade de ponche. Os cães e a prole do pasteleiro aproximavam-se também frequentemente dos fregueses; estes afagavam os cães e as crianças. Todos se conheciam uns aos outros e todos se guardavam mútuo, respeito. E quando os clientes se ensimesmavam na leitura de

periódicos alemães, por detrás da porta do fundo, nos aposentos do dono, ouviam-se as notas da valsa *Augustin* que no derreado piano tocava a sua filha mais velha, uma alemãzinha loura, de cabelo eriçado, muito parecida com um ratinho branco. A valsa era acolhida com satisfação. Eu ia a casa de Müller nos primeiros dias de cada mês para ler os diários russos que se recebiam ali.

Quando entrei na pastelaria, reparei que o velho estava sentado junto da janela, e a seus pés o cão agachado, como sempre. Em silêncio, sentei-me num canto e, mentalmente, fiz-me esta pergunta: "Por que viria eu aqui, quando decididamente nada tenho a fazer neste lugar e, além disso, estando assim doente? Devia era ir depressa para casa, tomar uma chávena de chá e meter-me na cama. Será o caso de que eu venha unicamente para ver este velho?". Apoderou-se de mim um grande descontentamento. "Que me importa esse velhote? – pensei recordando a estranha, mórbida impressão que me provocara o seu encontro na rua. – E, além disso; que me importam também estes aborrecidos alemães? Por que esta fantástica disposição de espírito? Por que este invencível desejo de solidão que noto em mim de algum tempo para cá e que me impede de viver e de olhar a vida com olhos claros, este desejo que um crítico já notou em mim ao censurar com aspereza a minha novela?" Entretanto, pensando e resmungando, continuava no meu lugar, sem que o mal-estar deixasse de me afligir cada vez mais e mais, até que, por fim, ficava doloroso abandonar aquele recanto tão quentinho. Peguei na *Gazeta de Frankfurt*, li duas linhas e quedei-me amodorrado. Os alemães não me incomodavam. Liam, fumavam, e só de quando em quando, uma vez em cada meia hora, comunicavam laconicamente e em voz baixa uns aos outros, alguma notícia de Frankfurt ou algum dito do seu célebre escritor humorista, Scheffel. Depois, com o seu orgulho nacional duplicado, voltavam a enfronhar-se de novo na leitura.

Permanecera assim adormentado uma meia hora até que despertei com um grande calafrio. Decididamente, devia ir para casa. Entretanto, naquele mesmo instante, uma cena alemã, na pastelaria, obrigou-me uma vez mais a ficar. Disse que o velho, ainda mal se sentava na sua cadeira, imediatamente fixava o olhar num ponto e não voltava a pousá-lo em nenhum outro durante toda a noite. Uma vez

por outra me ocorreu que fosse o branco daquele olhar que se fixava algures, embasbacado e teimoso e, quando isso acontecia, dava-me pressa em mudar de lugar. Daquela vez a vítima do velho era um alemão pequenino, rechonchudo e extraordinariamente afetado, com um colarinho duro, muito engomado, com uma carantonha vermelhusca, freguês de passagem, o qual tinha um negócio em Riga e se chamava, segundo soube depois, Adam Ivânitch Schultz, amigo íntimo de Müller, mas que não conhecia ainda o velho nem a maioria dos fregueses. Lia com deleite o *Dorfbardier* e saboreava o seu ponche, quando de repente lhe aconteceu levantar a cabeça e encontrar o olhar parado do ancião fixo na sua pessoa. Aquilo aborreceu-o. Adam Ivânitch era muito rabujento e suscetível como são em geral todos os alemães "importantes". Pareceu-lhe estranho e ofensivo que se pusessem a examiná-lo com aquela insistência descortês. Com mal contido descontentamento afastou a vista do pouco delicado freguês, resmungou qualquer coisa consigo próprio e, em silêncio, tornou a aplicar-se à leitura do jornal. Entretanto não pôde conter-se e, passados dois minutos, observou o velho furtivamente por cima do jornal: o mesmo olhar obstinado, o mesmo exame imbecil. Ainda por aquela vez Adam Ivânitch se calou. Mas, ao repetir-se aquilo pela terceira vez, irritou-se e julgou do seu dever sair em defesa de sua honra e não deixar mal vista diante de um público notável a nobre cidade de Riga, da qual, pelo visto, se julgava representante. Com um gesto de enfado pôs o jornal na mesa, deu sobre ela uma pancada enérgica com a vareta a que estava seguro o periódico e, arrebatado por um sentimento de dignidade pessoal, todo vermelho do efeito do ponche e da indignação, pousou por sua vez os olhinhos injetados de sangue no velho maçador. Era de dizer que ambos, o alemão e seu adversário, se esforçavam por se dominar com o poder magnético dos olhares e que esperavam, a ver qual dos dois se rendia primeiro, baixando a vista. Aquela pancada com a vareta e a extravagante atitude de Adam Ivânitch atraíram para ele a atenção dos presentes. Todos, a seguir, deixaram suas ocupações e, com grave e tranquila curiosidade, puseram-se a contemplar os dois contendores. A cena era realmente muito cômica. No entanto, o magnetismo das olhadelas de réptil do rubicundo Adam Ivânitch não dava resultado. O velho, sem se preocupar com coisa alguma, imperturbável, continuava a olhar o furioso Senhor Schultz, e, evidentemente, não reparava que era objeto

da curiosidade geral, como se tivesse a cabeça na lua e não cá na terra. Por fim a paciência de Adam Ivânitch esgotou-se e explodiu.

– Por que me olha o senhor com tal fixidez? – interpelou em alemão, com voz cortante e estentórea e aspecto ameaçador. Mas o adversário persistiu no silêncio, como se nada tivesse percebido nem ouvido. Adam Ivânitch interpelou-o então em russo:

– Pergunto-lhe, por que me olha com tanta insistência – exclamou com redobrada fúria. – Sou conhecido na corte e o senhor não! – acrescentou saltando da cadeira.

Entretanto, o velho nem por um instante se moveu. Entre os alemães ouviu-se um murmúrio de desagrado. O próprio Müller, atraído pelo barulho, veio para o meio da sala. Informado da questão, pensou que talvez o velho fosse surdo e foi dizer-lhe ao ouvido:

– O Senhor Schultz pede-lhe que não o encare tão fixamente – gritou-lhe com todas as forças e olhando nos olhos o estranho freguês.

O velho olhou maquinalmente para Müller e logo no seu rosto impassível até então transluziram indícios de um pensamento desagradável, de determinada e desassossegada comoção. Inclinou-se, apanhou depressa o chapéu e o bordão, levantou da cadeira e, com um sorriso doloroso, o sorriso humilde de um desventurado que, por engano, ocupou um lugar que lhe não correspondia, dispôs-se a deixar o estabelecimento. Naquela precipitação mansa, submissa, do pobre ancião esfarrapado, havia qualquer coisa que fazia tanto dó, tanto disso que às vezes parece oprimir-nos o coração, que todos os presentes, a começar por Adam Ivânitch, mudaram logo de atitude. Era evidente que o velho não somente era incapaz de ofender alguém, como também, a todo instante, pelo visto, temia pudessem escorraçá-lo dali como a um mendigo.

Müller era homem bom e compassivo.

– Não, não! – exclamou dando uma palmadinha animadora no ombro do velho. – Sente-se! *Aber Herr!*[3] Schultz pede-lhe “encarecidamente” que o não “olhe” com tanta “insistência”. É “conhecido” na corte…

Mas o pobrezinho nada compreendia. Baixou-se ainda mais do que anteriormente, recolheu o seu velho lenço azul feito em farrapos, que lhe caíra do chapéu, e começou a fustigar o cão que continuava estendido no chão, sem se mexer, e que parecia bem ferrado no sono, com o focinho entre as patas dianteiras.

– Azorka! Azorka! – gritou o velho com voz tremente. – Azorka!

Azorka permanecia impassível.

– Azorka! Azorka! – repetiu ansiosamente o velho dando com o pau no cão.

Mas este continuou sem mudar de posição.

O bordão tombou das mãos do velho. Agachou-se, pôs-se de joelhos e com ambas as mãos levantou o focinho do cão. Pobre Azorka! Estava morto. Morrera sem dar por isso, aos pés do dono, quem sabe se de velhice, se de fome. O velho contemplou-o um instante, transtornado, como se lhe fosse impossível compreender que Azorka pudesse ter morrido. Depois, em silêncio, inclinou-se sobre o seu defunto servidor e roçou o rosto pálido pelo focinho frio do cão. Estávamos todos comovidos… Finalmente o infeliz levantou. Estava lívido e tremia como atacado de febre.

– Pode-se embalsamá-lo – disse o compassivo Müller, desejoso de consolar um pouco o velhote. – Pode-se embalsamá-lo; Fiódor Kárlovitch Krieger é mestre nessa arte – afirmou Müller apanhando do chão o cajado e entregando-o ao velho.

– Sim; isso faço eu bem – encareceu o próprio Herr Krieger, chegando-se ao primeiro plano.

Era um alemão compridaço, seco e afável, cabelos eriçados e revoltos, olhinhos diminutos e nariz recurvo.

– Fiódor Kárlovitch Krieger tem muito talento para fazer todo gênero de excelentes trabalhos de dissecação – acrescentou Müller, que começava a entusiasmar-se com a própria ideia.

– É verdade que tenho muito jeito para “fasser” toda espécie de

excelentes “trrabalos de dissekação” – tornou a dizer Herr Krieger – e dissecarei o seu “contrapeso”, de graça, para você – acrescentou num rasgo de magnânimo desinteresse.

– Isso não; eu “pagarrei” ao “senhorr” o seu “trrabalo” – exclamou Schultz pondo-se duplamente vermelho, arrebatado também de generosidade e considerando-se causa inocente daquela desdita.

O velho escutava tudo aquilo com cara de não compreender e continuava com o corpo todo a tremer.

– Não se vá embora! Vai mas é beber uma dose de conhaque do melhor! – exclamou Müller ao ver que o enigmático cliente se dispunha a sair.

Trouxeram-lhe o conhaque. O velho pegou, maquinalmente, no copo, mas como a mão lhe tremia, antes que chegasse a levá-lo aos lábios entornou metade no chão e, sem beber uma gota, voltou a pô-lo sobre o balcão. A seguir, esboçando um sorriso estranho, sem qualquer relação com o caso, com passo apressado, desigual, saiu da confeitaria deixando ali Azorka. Estávamos todos atônitos; ouviram-se exclamações.

– *Schwernot! Was fur eine Geschichte!*[4] – diziam os alemães olhando uns para os outros.

Lancei-me em perseguição do velho. A alguns passos da confeitaria, à direita de quem sai, há uma ruela estreita e escura, de casas enormes. Uma coisa me dizia que o velho devia com certeza ter ido por ali. A segunda casa da direita estava em construção e cheia de andaimes. A vala que circundava a casa avançava quase até o meio da rua; junto da vala tinham posto um passadiço de tábuas para os transeuntes. Num recanto obscuro que a vala formava com a casa vizinha, encontrei o velho. Estava sentado no extremo da passadeira de tábuas e segurava a cabeça com as mãos, os cotovelos apoiados nos joelhos. Sentei-me junto dele.

– Escute – disse-lhe sem saber bem por onde começar – não se aflija por causa de Azorka. Venha, que o levarei a sua casa. Acalme-se. Vou buscar um carro. Onde mora?

O velho não me respondeu. Eu já não sabia o que havia de fazer. Por ali não passava ninguém. De repente pegou-me na mão.

– Estou abafado! – exclamou com voz débil, dificilmente perceptível. – Estou abafado!

– Vamos para sua casa! – exclamei, obrigando-o a levantar. – Vai tomar um pouco de chá e deitar-se… Volto já com um carro. E chamo o médico. Conheço um…

Provavelmente lhe disse muito mais. O velho conseguiu levantar; porém, mal se pusera de pé, deixou-se cair de novo ao chão e começou a resmungar não sei o que, com aquela sua voz confusa e apagada. Inclinei-me para ele e consegui ouvir:

– Em Vassílievski Óstrov – murmurou – na Sexta Linha… Sexta Linha. – E calou-se logo.

– Mora em Vassílievski? Pois não ia por bom caminho, porque fica à esquerda e não à direita. Eu vou levá-lo…

O velhote não se mexia. Peguei-lhe pela mão, mas a sua desprendeu-se como morta. Olhei-lhe para o rosto, inclinei-me sobre o seu corpo… Era um cadáver! Tudo aquilo me parecia um sonho.

Este incidente acarretou-me muitos trabalhos, durante os quais caí também com febre. Pus-me logo à procura da casa do velho. No entanto ele não vivia em Vassílievski, mas a dois passos do próprio local em que morreu, no edifício Klugen,[5] num quinto andar de água-furtada, num aposento para ele somente, composto de um insignificante vestíbulo e de um quarto grande mas de teto muito baixo, com três frestas a modo de janelas. Vivia na maior miséria. O mobiliário reduzia-se a uma mesa, duas cadeiras e um divã velhíssimo, duro como uma pedra, e soltando palha por todos os lados. Este era todo o seu mobiliário. O fogão, pelo visto, há muito tempo não se acendia; tampouco se viam por ali algumas velas. Julgo agora seriamente que o velho ia a casa do Müller com o único fito de encontrar ali luz e calor. Em cima da mesa havia uma bilha de barro vazia, e uma velha côdea de pão duro. No que respeita a dinheiro, nem um copeque. Nem sequer se encontrou a roupa branca necessária,

para lhe fazer a mortalha; uma pessoa ofereceu uma camisa. Era evidente que não podia viver assim, sozinho, daquela maneira, e era provável que, ainda de longe em longe, alguém fosse visitá-lo. Na mesma mesa estavam guardados os seus documentos. O defunto era estrangeiro, mas súdito russo, Jeremias Smith, mecânico, de setenta e oito anos. Em cima da mesa estavam dois livros: um compêndio de Geografia e o Novo Testamento, na versão russa, com as margens riscadas a lápis e marcadas com as unhas. Adquiri aqueles livros para mim. Fiz perguntas aos vizinhos, ao senhorio; pouco ou nada sabiam. Havia muitos inquilinos naquele prédio, quase todos operários e alemães, que ocupavam dependências mobiladas e com pensão. O administrador do prédio, que era pessoa de condição, também não soube dizer-me grande coisa do seu falecido inquilino, a não ser que alugava aquele quarto por seis rublos mensais, que vivia ali havia quatro meses, mas que nos dois últimos não pagara um só copeque, e por isso até se vira obrigado a despedi-lo. Perguntei-lhe se não costumava vir ninguém vê-lo. A essa pergunta pessoa alguma soube dar-me uma resposta satisfatória. O prédio era grande e entrava muita gente naquela espécie de arca de Noé. Seria impossível lembrarem-se de todos. O porteiro, que vivia ali havia já cinco anos, e certamente poderia dar-me algumas informações, partira para a terra havia umas duas semanas, com seus pais, deixando a substituí-lo um sobrinho, rapaz novo, que ainda não conhecia nem sequer a metade dos moradores. Não sabia muito bem como ia terminar tudo aquilo; o certo é que acabaram por sepultar o morto. Naqueles três dias, entre várias coisas que tive de fazer, fui a Vassílievski Óstrov, na Sexta Linha, e mal ali chegara, logo tive de rir de mim próprio. Que podia eu encontrar na Sexta Linha senão um amontoado de casas vulgares? No entanto – dizia para comigo – por que motivo o velho, ao morrer, teria mencionado a Sexta Linha e Vassílievski Ostrov? Não estaria delirando?

Voltei a ver o quarto desalugado de Smith e agradou-me. Aluguei-o para mim. O essencial era tratar-se de um quarto grande, ainda que de teto muito baixo; tanto que, de princípio, experimentava sempre a impressão que ia bater nele com a cabeça. Entretanto, não tardou que me acostumasse. Por seis rublos mensais não era possível encontrar coisa melhor. Seduziu-me a sua independência; não me restava senão

regular a questão do serviço, porque sem ter quem para nós o faça é impossível viver. O porteiro, a princípio, ofereceu-se para subir ao meu andar pelo menos uma vez por dia e atender-me no mais necessário. “E, quem sabe – pensava eu – se não virá alguém procurar o velho.” Entretanto tinham passado cinco dias depois da sua morte e ninguém ainda aparecera.

## Capítulo II

Por esse tempo, quer dizer, há um ano, ainda eu colaborava em jornais, redigindo artigos, e acreditava firmemente que havia de chegar a escrever algo de extraordinário, de muito bom. Trabalhava então num romance extenso. Mas a coisa parou quando caí doente num hospital, e, pelo visto, estou condenado a uma morte rápida. E se tenho de morrer em breve, para que hei de escrever?

Sem querer constantemente estou a recordar aquele tedioso ano passado da minha vida. Quero agora descrevê-lo todo, pois, se a mim próprio não proporcionasse esta ocupação, morreria de tristeza. Todas essas passadas impressões me põem, às vezes, num verdadeiro transe de paixão e de tortura. Mas, passadas a palavras escritas, hão de tomar um aspecto mais tranquilizador, mais sereno; vão se tornar menos semelhantes a um delírio, a um pesadelo. Isto é o que eu penso. O próprio mecanismo da caneta é por si benéfico; acalma, refreia, desperta em mim os antigos hábitos de literato, transforma as minhas evocações e sonhos dolorosos num trabalho, numa ocupação… Sim, estou pensando bem. Além disso deixo como legado o meu manuscrito ao enfermeiro, ainda que as minhas memórias lhe venham a servir unicamente para tapar as janelas, quando chegar a ocasião de lhes pôr as vidraças de inverno.

No entanto, depois de tudo, não sei por que razão comecei a minha narrativa pelo meio. Mas, como vou contar tudo, é preciso começar pelo princípio. Além do mais, não há de ser muito extensa a minha autobiografia.

Não nasci aqui, mas bem longe, no distrito de***. Quero acreditar que os meus pais eram boas pessoas, no entanto deixaram-me órfão

muito cedo e fui assim criado em casa de Nikolai Sierguiéitch Ikhmiêniev, um modesto proprietário que me acolheu por dó. Tinha apenas uma filha, Natacha, mais nova do que eu três anos. Criamo-nos juntos, como irmão e irmã. Oh! Minha doce infância! Como te deploro e lamento agora que tenho vinte e cinco anos, e ao morrer, somente a ti recordarei com entusiasmo e gratidão! Então, o céu era tão límpido, com um sol tão pouco petersburguês, e transbordavam tal alegria e alvoroço os nossos pequenos corações! Então, à nossa volta tínhamos campos e bosques e não um montão de pedras inertes, como agora. Que maravilhosos o jardim e o parque Vassiliévskoie, de que Nikolai Sierguiéitch era administradorl Naquele jardim, Natacha e eu costumávamos brincar; por detrás dele havia um denso e triste bosque, no qual um dia nos perdemos os dois… tempos lindos, dourados! A vida começava a aparecer-nos misteriosa e atraente, e era um prazer conhecê-la. Então, atrás de cada arbusto e de cada árvore, parecia-nos que vivia um ser misterioso e desconhecido; o mundo das aparências confundia-se com o da realidade; e quando nos fundos vales se adensava a bruma da tarde e em faixas cinzentas e sinuosas se ia enroscando entre a vegetação bravia que trepava pela vertente pedregosa da nossa grande encosta, Natacha e eu, mesmo no extremo do cume, de mãos dadas, olhávamos para baixo e ficávamos à espera que alguém viesse lá de baixo ter conosco ou surgisse de entre a névoa… Os contos da nossa ama eram então a pura, a indubitável verdade. Em certa ocasião, muito tempo depois, tive oportunidade de fazer recordar a Natacha como nessa época nos presentearam uma vez com um livro de *Leituras infantis*, e como imediatamente tínhamos ido para o jardim, para junto do tanque, onde, à sombra de um velho e frondoso castanheiro, tínhamos o nosso predileto banco verde, e como ali sentamos e nos pusemos a ler um conto de fadas que se chamava *Alphonse et Lalinde*. Ainda hoje não posso lembrar-me dessa historiazinha sem sentir um estranho tumulto no coração; e quando relembrei a Natacha, há um ano, as duas primeiras linhas – “Afonso, o herói do meu conto nasceu em Portugal; seu pai foi Dom Ramiro, etc.” – por um pouco que não me pus a chorar. É certo que isto foi um disparate e por isso Natacha sorri tão estranhamente do meu entusiasmo. Também ela pensou logo isso, nessa ocasião (lembro-me), e para consolar-me pôs-se ela própria a evocar o passado. Palavra após palavra, também ela se ia comovendo. Inesquecível aquela noite,

rememoramos tudo, tudo… Quando me enviaram à capital do distrito, para um colégio interno – Senhor! Como eu chorei então! – e quando nos voltamos a separar, na altura em que eu deixei para sempre Vassiliévskoie! Então terminara os estudos no colégio e mudei-me para Petersburgo para entrar na Universidade. Tinha eu então dezoito anos e ela quinze. Diz Natacha que eu era tão esganifrado que ninguém podia olhar-me que não sentisse vontade de rir. No momento da despedida chamei-a à parte, com intenção de dizer-lhe algo de terrivelmente sério; porém logo a minha língua ficou paralisada e não consegui dizer nada. Recorda ela que eu estava muito perturbado. E assim se frustrou a nossa conversa. Eu não sabia o que havia de dizer, e ela, é possível que também não soubesse; porque senão talvez me tivesse compreendido. A única coisa que fiz foi pôr-me a chorar tristemente e acabei por me afastar sem ter dito nada. Voltamos a nos encontrar em Petersburgo, haverá uns dois anos. Tinha então o velho lkhmiêniev vindo ali para tratar da sua demanda.

## Capítulo III

Nikolai Sierguiéitch Ikhmiêniev procedia de boa família, que, entretanto, de há muito vinha empobrecendo. Mas apesar disso herdara ainda de seu pai uma boa propriedade, de cento e cinquenta almas. Aos vinte anos resolveu ingressar nos hussardos. Tudo caminhava pelo melhor, quando no sexto ano de serviço lhe aconteceu perder todos os seus bens no jogo, numa noite de azar. Não pregou olho em toda essa noite. Na seguinte voltou a apresentar-se à banca do jogo e apostou numa carta o seu cavalo, a última coisa que lhe restava. Ganhou aquela carta, e depois outra, e mais uma terceira, de tal maneira que passada meia hora de jogo, recuperara uma das suas propriedades, a Ikhmiênievka, que conta cinquenta almas, segundo o último censo. Não continuou a jogar e no dia seguinte pediu a reforma. Mas perdera cem almas irremediavelmente. Depois de dois meses deram-lhe a reforma como tenente e foi estabelecer-se na sua granja. Nunca depois na sua vida falou daquelas jogadas e, apesar da sua indiscutível bondade, decerto que se teria chegado a vias de fato com quem tivesse o atrevimento de tocar no assunto. Na aldeia ocupava-se constantemente com o cuidado das suas terras, e aos trinta

e cinco anos casou-se com uma jovem pobre mas de boa linhagem. Chama-se Anna Andriéievna Chumílova; não trazia dote mas fora educada num conhecido internato da capital, dirigido por uma emigrada, a Senhora de Mont Revèche – do que Anna Andriéievna se orgulhou durante toda a vida, ainda que ninguém pudesse jamais adivinhar em que consistia aquela educação. Sierguiéitch tornou-se um excelente administrador dos seus bens. Com ele aprendiam a economizar todos os proprietários dos arredores. Passaram alguns anos, quando, na quinta próxima, no lugarejo de Vassiliévskoie, de novecentas almas, se apresentou, procedente de Petersburgo, o seu dono, o príncipe Piotr Alieksándrovitch Valkóvski. A sua chegada produziu em todos aqueles arredores uma grande impressão. O príncipe era ainda novo, se bem que não mais um rapaz; ocupava uma elevada posição, tinha relações distintas, era bem apessoado, dispunha de dinheiro e, finalmente, era viúvo, o que naturalmente mais interessava às mulheres e moças de todo o distrito. Falava-se do brilhante acolhimento que lhe dispensara o governador da capital, do qual era ainda parente em certo grau; e de que "todas as senhoras da capital ficaram encantadas com a sua distinção", etc., etc. Numa palavra: era um desses brilhantes representantes da alta sociedade petersburguesa, que raramente aparecem pelas províncias e que, quando tal acontece, produzem um efeito extraordinário. O príncipe, entretanto, não era nada amável, sobretudo com aqueles de quem não necessitava e aos quais considerava inferiores. Com os seus vizinhos de chácara, entendeu por bem não travar relações, o que lhe granjeou muitos inimigos. E por isso todos ficaram muito admirados quando um dia ele se lembrou de fazer uma visita a Nikolai Sierguiéitch. É certo que Nikolai Sierguiéitch era um dos seus mais próximos vizinhos. Em casa dos Ikhmiênievi produziu o príncipe uma grande impressão. Quem mais se entusiasmou com ele foi Anna Andriéievna. Passado pouco tempo já ele entrava ali como em sua casa, ia vê-los todos os dias; convidava-os para a sua chácara, procurava ser engraçado, contava anedotas, passava as mãos pelo seu detestável piano, cantava. Os Ikhmiênievi não saíam do seu espanto: como seria possível que, dum homem tão fino e simpático, se pudesse dizer que era orgulhoso, altivo, egoísta, como unanimemente proclamavam os vizinhos? Temos de admitir que, efetivamente, logo de princípio simpatizara com Nikolai Sierguiéitch, homem simples, reto, franco, de nobre condição.

Aliás, não tardou que tudo se explicasse. O príncipe fora a Vassiliévskoie com o intuito de demitir o seu administrador, um alemão libertino, ambicioso, agrônomo já de cabelos brancos e de nariz aquilino, mas que apesar de todas estas excelências roubava com o maior descaro e, como se isto não bastasse, matara de pancada alguns campônios. Finalmente Ivan Kárlovitch era esperto e sempre pronto para se aproveitar das ocasiões, dizendo muitas bravatas e falando constantemente do cavalheirismo germânico; apesar de tudo isso foi posto dali para fora e não sem certa dose de enxovalho. O príncipe precisava de um administrador e pôs os seus olhos em Nikolai Sierguiéitch, muito entendido e honradíssimo, a respeito do qual seria impossível conceber a mínima suspeita. Ao que parece, o príncipe desejaria que o próprio Nikolai Sierguiéitch se tivesse oferecido para o cargo de administrador; porém, tal não aconteceu, e o príncipe, uma bela manhã, foi ele próprio fazer-lhe essa proposta, na forma de um amistoso e insistente pedido. A princípio, Ikhmiêniev negou-se; mas as consideráveis gratificações seduziram Anna Andriéievna, e as amabilidades redobradas do interessado acabaram por dissipar as últimas hesitações. O príncipe alcançara o seu objetivo. Concordemos em que era grande conhecedor das pessoas. No curto tempo do seu convívio com Ikhmiêniev percebeu logo perfeitamente com quem tratava e compreendeu que, àquele teria de cativar de um modo amistoso e cordial, atrair a sua amizade, e que sem isso o dinheiro de pouco serviria. Necessitava de um administrador no qual pudesse confiar cegamente e para sempre, a fim de nunca mais ter de aparecer em Vassiliévskoie, segundo efetivamente pensava. A sedução que exerceu em lkhmiêniev foi tão forte, que este acreditou plenamente na sua amizade. Nikolai Sierguiéitch era um destes indivíduos bons e ingenuamente românticos, tão abundantes por aqui, na Rússia, que nem vale a pena falar deles, e que se tomam afeição a uma pessoa (e sabe Deus, por que, às vezes), entregam-lhe toda a sua alma, levando as demonstrações da sua adesão até um ponto verdadeiramente grotesco.

Passaram uns anos. A propriedade do príncipe prosperava. As relações entre o proprietário de Vassiliévskoie e o seu administrador mantinham-se também sem o menor desentendimento de qualquer das partes, reduzindo-se exclusivamente a assuntos de caráter prático. O

príncipe, sem intrometer-se nunca naquilo que Nikolai Sierguiéitch determinava, dava-lhe às vezes certos conselhos que causavam a admiração de lkhmiêniev pela sua índole sumamente prática e oportuna. Era evidente que não só não gostava de fazer gastos supérfluos, mas também sabia economizar. Cinco anos após a sua visita a Vassiliévskoie, outorgou poderes a Nikolai Sierguiéitch para a aquisição de outra magnífica propriedade de quatrocentas almas, no mesmo distrito. Nikolai Sierguiéitch estava entusiasmado; os êxitos do príncipe, os boatos sobre a sua prosperidade tocavam-lhe a alma como se se tratasse de um irmão seu. E o entusiasmo atingiu o cúmulo quando o príncipe, em certa ocasião, chegou a demonstrar-lhe a grande confiança que nele depositava. Mas ao chegar a este ponto é imprescindível que eu recorde alguns pormenores particulares da vida do dito príncipe Valkóvski, o qual é, de certo modo, uma das personagens principais da minha narrativa.

## Capítulo IV

Já anteriormente disse que ele era viúvo. Casara muito novo, e por interesse. De seus pais, irreparavelmente arruinados em Moscou, quase nada herdou. Vassiliévskoie estava hipotecado e re-hipotecado; pesavam sobre ele dívidas enormes. O príncipe, que contava então vinte e dois anos, e se vira obrigado a colocar-se em Moscou, não sei bem em que repartição, não dispunha de um copeque e andava nesta vida “como um pobre ramo de um velho tronco”. O casamento com a filha, já madura, de um lavrador-negociante foi a sua salvação. O sogro ludibriou-o sem dúvida no que respeitava a dote, mas apesar de tudo, com o dinheiro da mulher pôde resgatar as terras de seu pai e levantar a cabeça outra vez. A filha do comerciante, a mulher do príncipe, mal sabia escrever e não era capaz de dizer duas palavras seguidas; feia de rosto, apenas possuía uma enfatuada dignidade; e era também boa e dócil. O príncipe soube tirar completo partido daquela dignidade; logo no primeiro ano de casamento abandonou a mulher que entretanto lhe dera um filho, deixando-a em companhia do sogro em Moscou, e partiu para o distrito de***, onde, graças à influência de uma conhecida personagem de Petersburgo, alcançou uma posição muito brilhante. A sua alma estava ávida de honrarias, de distinções,

de um bom futuro, e compreendendo que, com a mulher, não poderia viver nem em Petersburgo nem em Moscou, resolveu, na esperança de conseguir algo de melhor, iniciar a sua carreira pelas províncias. Diz-se que já no primeiro ano da sua vida com a esposa fez sofrer muito a infeliz, com os seus maus tratos. Tais rumores mortificavam sempre muito Nikolai Sierguiéitch, que se punha com veemência na defesa do príncipe, afirmando que ele era incapaz de comportar-se de modo tão vil. Até que ao fim de oito anos a princesa morreu e em seguida o viúvo mudou-se para Petersburgo. Aí causou também uma certa impressão. Novo ainda, de boa aparência, rico, dotado de algumas brilhantes qualidades, de indiscutível habilidade, de bom gosto e de inalterável bom humor – apresentou-se ali, não como quem procura proteção e boa sorte, mas com certa independência. Dizem que, de fato, possuía algo de fascinante, de arrebatador e de poderoso. Agradava extraordinariamente às mulheres e as suas relações com uma beldade da alta roda granjearam-lhe uma fama escandalosa. Desbaratava sem custo o dinheiro, apesar da sua tacanhez natural, que roçava pela mesquinhez; jogava forte nas cartas e nem sequer franzia o sobrolho perante as perdas mais elevadas. Não fora a Petersburgo para se divertir; precisava estabelecer-se definitivamente na capital e de consolidar a sua carreira, o que conseguiu. O conde Nainzki, seu parente influente, que a princípio, por ele lhe ter aparecido como um solicitante, não lhe prestara atenção, impressionado agora pelos seus triunfos na sociedade, julgou possível e até distinto fixar nele a sua particular atenção e dignou-se até receber na sua casa, para o educar, o filho dele, que contava então oito anos. Foi nesse tempo que se deu a visita do príncipe a Vassiliévskoie e o seu conhecimento com Ikhmiêniev. Finalmente, tendo obtido por intervenção do conde um posto relevante numa das mais importantes embaixadas, passou-se para o estrangeiro. De novo voltaram a correr confusos rumores acerca dele; falavam de certo incidente aborrecido que lhe acontecera no estrangeiro; porém, ninguém podia ao certo dizer do que se tratava. Soube-se apenas que conseguira comprar quatrocentas almas, segundo se disse. Regressou do estrangeiro muitos anos depois com um cargo importante e ocupou imediatamente em Petersburgo uma posição elevada. Pela propriedade de Ikhmiêniev espalhou-se o boato de que ia casar-se em segundas núpcias, ligando-se a uma distinta, opulenta e poderosa família. “Vão vê-lo feito um grande senhor!”,

exclamou Nikolai Sierguiéitch esfregando as mãos de contente. Eu estava então em Petersburgo, na Universidade, e recordo-me de que Ikhmiêniev me escreveu de propósito para falar-me disso e perguntar-me se eu sabia algo de positivo sobre aqueles boatos de casamento. Escreveu também ao príncipe, pedindo que me protegesse; mas este não respondeu à sua carta. Eu, a única coisa que sabia era que seu filho, que se educara primeiro em casa do conde, e depois no Liceu, terminara os seus estudos de ciências aos dezenove anos. Foi isto que comuniquei a Ikhmiêniev, e também lhe dei a saber que o príncipe queria muito ao filho, tratava-o muito bem e começava já a preocupar-se com o seu futuro. Tudo isso sabia eu por intermédio de um condiscípulo meu que conhecia o jovem príncipe. Por esse mesmo tempo, numa bela manhã, recebeu Nikolai Sierguiéitch uma carta do príncipe que lhe provocou o mais extraordinário assombro…

O príncipe, que até então, como já disse, nas suas relações com Nikolai Sierguiéitch se limitara pura e simplesmente a tratar dos assuntos da propriedade, escrevia-lhe agora nos termos mais minuciosos, francos e amistosos, acerca das suas circunstâncias familiares; lamentava-se do filho, dizia-lhe que este o desgostara muito pela sua conduta; mas que, naturalmente, não se deviam tomar muito a sério aquelas diabruras de garoto (como se vê; esforçava-se por desculpá-lo); no entanto estava disposto a castigá-lo, a infundir-lhe um certo medo, e isto faria enviando-o por uma temporada para a aldeia, debaixo da tutela de Ikhmiêniev. Acrescentava o príncipe que confiava totalmente no seu excelente e nobilíssimo Nikolai Sierguiéitch; e em particular em Anna Andriéievna, pedindo a ambos que acolhessem aquele ciclone na sua família, procurassem assentar-lhe a cabeça no lugar, lhe tomassem afeto e, se possível, e isso era o principal, corrigissem o seu desajuizado caráter, “inculcando-lhe as regras de vida, salvadoras e rígidas, tão necessárias ao homem”. Nem vale a pena dizer que o velho Ikhmiêniev se encarregou do assunto com entusiasmo. O principezinho chegou e ele recebeu-o em sua casa como se fosse seu próprio filho. Não tardou que Nikolai Sierguiéitch criasse por ele uma viva afeição, e o mesmo se deu com Natacha, e a tal ponto que ainda depois, quando já rompera relações com o príncipe pai; o velho se recordava com gosto do seu Alhocha, nome por que ele costumava tratar Alieksiéi Pietróvitch. Este era no fundo

um rapaz extremamente simpático, gentil, fraco de caráter e nervoso como uma mulher, mas ao mesmo tempo jovial e ingênuo, de alma franca e capaz dos mais nobres sentimentos, e coração amoroso, sincero e agradecido… Chegou a ser o ídolo dos Ikhmiênievi. Apesar dos seus dezenove anos era todavia uma autêntica criança. Tornava-se difícil imaginar por que o teria enviado para ali o pai, que, segundo disse já, lhe queria tanto. Murmuravam que o principezinho, em Petersburgo, levara uma vida tempestuosa e louca; não queria entrar no serviço do Estado e o pai estava muito descontente por essa razão. Nikolai Sierguiéitch nada quis perguntar a Alhocha, porque seu pai, ao que parece, passava deliberadamente por alto, na sua carta, a verdadeira causa da deportação do filho. Ademais corriam rumores relativos a certa imperdoável loucura de Alhocha, a não sei que amores com uma dama, e um duelo; também sobre certas perdas inverossímeis no jogo chegavam mesmo a falar de uns dinheiros alheios que ele teria gasto em proveito próprio. Diziam também que o príncipe tomara a deliberação de afastar de si o filho, não porque este fosse culpado de alguma coisa, mas por causa de certas considerações de ordem pessoal e egoísta. Nikolai Sierguiéitch afastava com repugnância tais suposições, tanto mais que Alhocha queria muitíssimo a seu pai, com o qual não convivera em todo o tempo da sua infância e adolescência; falava dele com entusiasmo arrebatado; era evidente que estava sob sua influência. Alhocha costumava falar também de certa condessa, pela qual bebiam os ares o pai e o filho, a qual dera a preferência a Alhocha, o que muito aborrecera o príncipe. Contava sempre esta história com infantil candura, por entre risadas ruidosas e joviais; porém, Nikolai Sierguiéitch imediatamente se interpunha, cortando-lhe a palavra. Alhocha afirmava também que o pai queria casá-lo.

Havia quase um ano estava desterrado, escrevendo de quando em quando cartas respeitosas a seu pai, nos prazos combinados e, por fim, a tal ponto se aclimatara a Vassiliévskoie que, no fim desse ano, quando o príncipe foi em pessoa à aldeia (do que oportunamente prevenira Ikhmiêniev), foi ele, o próprio desterrado, que acabou por pedir a seu pai o deixasse continuar ali o maior tempo possível, garantindo-lhe que a vida rústica… era a mais indicada para ele. Todas as resoluções e desmandos de Alhocha provinham do seu

temperamento, delicado e nervoso no mais alto grau; do seu fogoso coração, do seu aturdimento, que às vezes tocava as raias da insensatez; da sua extraordinária facilidade para se deixar submeter a qualquer influência e da sua absoluta falta de vontade. Entretanto, o príncipe escutou o pedido do filho com certa apreensão.

Nikolai Sierguiéitch sentia agora certa dificuldade em reconhecer o seu antigo "amigo": o príncipe Piotr Alieksándrovitch sofrera uma modificação considerável, tornara-se subitamente muito desconfiado para com Nikolai Sierguiéitch. Na revisão das contas, sobretudo, mostrava uma avidez repulsiva, uma tacanhez e meticulosidade incompreensíveis. Tudo isso afligiu profundamente o excelente Ikhmiêniev que, durante muito tempo, nem queria acreditar nessas coisas.

Dessa vez tudo correu de maneira diferente daquela em que o príncipe fizera a sua primeira visita a Vassiliévskoie, catorze anos atrás. Agora o príncipe travava conhecimento com todos os seus vizinhos, com os de categoria importante, sobretudo. Em compensação, a Nikolai Sierguiéitch não o visitou nem uma só vez e comportou-se como se ele fora seu subordinado. Até que de repente se deu um acontecimento extraordinário: sem motivo aparente, produziu-se uma ruptura violenta, entre o príncipe e Nikolai Sierguiéitch. Soaram frases duras, ofensivas, proferidas por ambas as partes. Indignado, Ikhmiêniev afastou-se de Vassiliévskoie; porém, as coisas não ficaram por aí. Por todos aqueles arredores começaram a difundir-se boatos repugnantes. Afirmavam que Nikolai Sierguiéitch, adivinhando o caráter do príncipe mais novo, soubera aproveitar-se de todos os seus defeitos; que a sua filha Natacha (que nessa ocasião completara dezoito anos) resolvera dar volta ao juízo do jovem, de vinte; que os pais dela protegiam aqueles amores, ainda que fingissem não dar por eles; que a astuta e "imoral" Natacha acabara por transtornar o rapaz; que durante todo aquele ano, graças aos seus ardis, não vira ele uma só das moças autenticamente nobres, como tantas poderia ter conhecido nas respeitáveis casas dos proprietários vizinhos. Asseguravam, finalmente, que os noivos tinham combinado entre si irem casar a quinze verstas de distância de Vassiliévskoie, na aldeia de Grigóriev, segundo as aparências, às escondidas dos pais de

Natacha, os quais entretanto estavam a par de tudo, até nos seus mínimos pormenores, e assediavam a filha com os seus abomináveis conselhos. Em resumo: um livro inteiro seria pequeno para recolher tudo o que as comadres da freguesia vieram a dizer sobre aquela história. E o mais importante: o príncipe acreditava piamente em tudo isso e chegou até a apresentar-se em Vassiliévskoie, exclusivamente por essa razão, em consequência de certa delação anônima que da província lhe tinham enviado a Petersburgo. Sem nenhuma dúvida alguém que conhecesse a Nikolai Sierguiéitch não teria acreditado nem uma só palavra de tudo aquilo de que o inculpavam. No entanto o certo era que, como é costume, todos se alvoroçavam, falavam, comentavam e viravam a cabeça e… pronunciavam uma sentença irrevogável. Ikhmiêniev era suficientemente orgulhoso para pôr-se a justificar a filha perante aquelas linguarudas e, com toda a severidade, proibiu à mulher que entrasse em quaisquer explicações sobre o assunto com os vizinhos. Quanto a Natacha, durante um ano inteiro alvo daquelas calúnias, nada sabia de semelhantes murmúrios; em casa ocultavam-lhe tudo com o maior cuidado; e por isso vivia tão alegre e inocente como uma garota de doze anos.

Com tudo isto, o desentendimento entre o príncipe e Ikhmiêniev tornava-se cada vez mais fundo. E os boateiros também não adormeciam. Apareceram delatores e testemunhas, e o príncipe pôde comprovar por fim que a administração durante tantos anos desempenhada por Nikolai Sierguiéitch nem de longe se distinguira por honrada. Ainda mais: que havia três anos, com o pretexto da venda de um bosque, Nikolai Sierguiéitch guardara para si mil rublos de prata. Do que podia apresentar provas claras perante os juízes, baseadas na lei. Tanto mais que na venda desse bosque, procedera sem contar com os poderes legais do príncipe e por sua livre escolha, tendo nessa ocasião prevenido o príncipe de que isso era imprescindível, e remetendo-lhe pela venda uma quantia inferior à que realmente recebera. Claro que tudo isto eram puras calúnias, como depois se demonstrou. Mas o príncipe assim o afirmava e, apoiado por testemunhas, arrastou Nikolai Sierguiéitch perante os tribunais. Ikhmiêniev não pôde suportar mais e respondeu com insultos igualmente fortes. Deu-se uma cena terrível. E o pleito judicial começou imediatamente. Nikolai Sierguiéitch, por falta de alguns

documentos, e, sobretudo, de influências, e por não ser também muito experiente em tais assuntos, começou desde o princípio a perder terreno. Embargaram-lhe as terras. Irritado, o velho deixou tudo e resolveu finalmente trasladar-se a Petersburgo, a fim de conduzir pessoalmente a sua parte na questão, deixando como administrador dos seus assuntos um hábil advogado. Segundo parece, não tardou o príncipe a reconhecer de si para si que agravara injustamente a Ikhmiêniev. Porém, as ofensas de parte a parte tinham sido tão graves, que seria despropositado falar de reconciliação. O príncipe, enfurecido, pôs então em jogo todas as suas forças para conseguir que a questão se decidisse a seu favor, ou o que vinha a dar no mesmo, para arrebatar ao seu ex-administrador o último pedaço de pão.

## Capítulo V

Vieram pois os lkhmiênievi viver em Petersburgo. Não quero descrever o meu encontro com Natacha, de quem estivera separado durante aqueles quatro anos e a quem não pudera esquecer nem um instante. Não sabia explicar o sentimento que ela me inspirava; mas ao vê-la agora de novo, o meu primeiro pensamento foi que era a mulher que o destino me trazia. Pareceu-me logo pouco desenvolvida e que continuava a ser a mesma garota de antes da nossa separação. Mas dia a dia ia descobrindo nela um novo e ignorado encanto, que parecia ter ocultado até então… Que entusiasmo me provocavam essas descobertas! Durante os primeiros tempos da sua estada em Petersburgo, lkhmiêniev mostrava-se irritável, bilioso; a sua causa não caminhava bem e ele encolerizava-se e enchia-se de indignação, entregando-se por completo à sua papelada, sem querer saber dos outros para nada. Anna Andriéievna, sua mulher, estava como que transtornada; Petersburgo fazia-lhe medo; suspirava e chorava recordando-se da terra onde até então vivera. Queixava-se de que Natacha estava em idade de casar-se e que não lhe apareciam pretendentes, do que se lamentava com uma grande franqueza comigo, certamente por não ter outra pessoa de mais confiança a quem fazer as suas confidências. Eu terminara então o meu primeiro romance; estava no início da minha carreira literária e, como principiante, não sabia para onde voltar os olhos. Nada tinha dito aos

lkhmiênievi, com receio de uma reprimenda, pois continuamente me censuravam por viver na ociosidade, sem ofício nem benefício, e por não tentar nada para arranjar colocação.

Meu pai adotivo ralhara-me muito e, como as suas censuras nasciam de um afeto paternal, não tive coragem de dizer-lhe em que me ocupava. Menti, dizendo-lhe que não encontrava emprego, se bem que fizesse tudo para consegui-lo. Um dia, Natacha, de lágrimas nos olhos, chamou-me de parte e disse-me que pensara no futuro; fez-me perguntas, quis saber como empregava eu o tempo e, como evitei dizer-lhe a verdade, obrigou-me a jurar-lhe que não consentiria nunca que a preguiça e a ociosidade provocassem a minha desdita. Não lhe tinha dito o gênero de trabalho em que me ocupava, se bem que uma só palavra sua de encorajamento me traria mais contentamento do que os juízos mais favoráveis de todos os críticos juntos.

Até que o meu livro apareceu; já antes da publicação produzira grande celeuma no mundo literário. B***[6] ficou contente como uma criança, ao ler os meus escritos. Nunca senti tanta felicidade como nos primeiros momentos do meu triunfo; eu não comunicara nem lera a minha obra a ninguém; trabalhava a altas horas da noite, cheio de sonhos e de esperanças; trabalhava com paixão; vivia com as pessoas que eu próprio criava, como se fossem meus filhos, como seres que verdadeiramente existissem; amava-os; tomava parte nos seus sofrimentos e alegrias e chorava lágrimas sobre o infortúnio do meu herói.

Nem sei descrever quanto os alegrou, a Ikhmiêniev e a sua mulher, o rumor do meu êxito, se bem que a sua primeira impressão tivesse sido de surpresa. Anna Andriéievna não queria acreditar que aquele jovem escritor, a quem toda a gente elogiava, fosse… eu próprio, aquele Vânia que… e punha-se a abanar a cabeça. O velho foi mais demorado em render-se à minha admiração, e quando os primeiros rumores lhe chegaram aos ouvidos, veio para mim, todo assustado, dizendo-me que eu podia dar por perdida toda a esperança de entrar para o serviço do Estado e falando-me da vida desordenada que, em geral, levavam os escritores.

Mas, as apreciações favoráveis que de mim faziam os jornais, e

algumas palavras de elogio que ouviu da parte de pessoas nas quais depositava uma confiança que tocava a adoração, fizeram-no mudar de ideia. Os seus últimos escrúpulos desfizeram-se quando viu que o meu trabalho me trouxera dinheiro e o que se podia ganhar com a literatura. Passou assim da dúvida à confiança plena; feliz como uma criança, com o meu êxito, entregou-se às maiores ilusões, aos sonhos mais brilhantes sobre o meu futuro. Todos os dias idealizava para mim novos triunfos e forjava um novo projeto. E que projetos!

Começava a demonstrar por mim uma certa consideração que antes não sentia. Não obstante, lembro-me de que, até no meio do entusiasmo, voltavam a assaltá-lo as dúvidas antigas, e assim, às vezes costumava dizer: "Ser poeta, que coisa esquisita! Os poetas… tinham alguma vez feito caminho, alcançado honras? Nada havia a esperar desses escrevinhadores, lambuzadores de papel!". Pude observar que estas perplexidades lhe chegavam sempre à hora do crepúsculo (tenho bem gravado na memória tudo quanto respeita a esse tempo). Sobretudo a essas horas, punha-se nervoso, impressionável e desconfiado. Natacha e eu sabíamos disso e dávamos risada de antemão. Eu fazia todo o possível por meter-lhe na cabeça ideias mais otimistas e contava-lhe algumas anedotas de Sumarókov,[7] que fora nomeado general,[8] ou de Dierjávin,[9] ao qual uma vez presentearam com uma tabaqueira cheia de moedinhas de ouro; dizia-lhe que a imperatriz Ekatierina visitara a Lomonóssov[10]; falava-lhe de Púchkin, de Gógol…

– Bem sei, meu filho, já sei isso tudo – respondia, quando era natural que tivesse ouvido essas histórias pela primeira vez na sua vida. – Quanto a ti, o que me consola um pouco, rapaz, é que não te inclinas muito para a versalhada. Os versos são absurdos e não me agradam. Acredita num velho que só deseja o teu bem: é tempo perdido; que os colegiais façam versos, vá lá. Agora, num jovem da tua idade, seria caminhar direto para o manicômio. Púchkin pode ser um grande homem, ninguém o nega. Mas para dizer a verdade, eu não o li muito. Versos e nada mais, e isto é bem efêmero. Agora, a prosa, é coisa diferente; na prosa pode instruir-se o povo, falar do amor da pátria, da virtude… Não sei explicar-me bem, mas tu compreendes-me. É a amizade que me faz falar assim. Mas vamos ver, lê – disse ele

como remate, em tom protetor, no dia em que por fim lhe levei o meu livro, quando nos encontrávamos todos reunidos à volta da mesa redonda, depois do chá. – Lê-nos alguma coisa do que escrevinhaste. Deste muito que falar. Vamos, vamos ver do que se trata.

Abri o livro e dispus-me a ler. O meu romance fora posto à venda nesse mesmo dia e, quando consegui um exemplar, corri com ele à casa de lkhmiêniev. Custara-me muito não lhe ter lido anteriormente algum pedaço, mas o manuscrito estava nas mãos do editor. Natacha chorou de despeito e queixou-se de que os estranhos viessem a ler o meu livro antes dela… Por fim, estávamos todos preparados; o pai tomou um ar extraordinariamente solene, de crítico. Queria julgar severamente (convencer-se por si mesmo). A velha Anna mostrava também um aspecto mais solene do que o costume; pouco faltou para que não pusesse uma touca nova para ouvir a leitura.

Havia já um certo tempo observara ela que eu olhava para a sua querida Natacha com um infinito amor, que o meu espírito estava suspenso do dela, que se me enevoava a vista quando lhe falava, e que Natacha, por sua vez, olhava-me com uns olhos mais brilhantes do que antigamente; chegara o tempo em que o êxito vinha para dar realização aos meus sonhos dourados e para trazer-me a felicidade.

A velhota reparara também, havia algum tempo, que o marido me elogiava de modo excessivo, e que nos olhava, à filha e a mim, de certa maneira… e alarmou-se. Eu não era nenhum conde, nem príncipe ou duque reinante! Nem sequer um conselheiro da Instrução Pública, com ideias, como era próprio, ou um jovem galante, com muitas condecorações. “Não sei por que o hão de elogiar tanto – pensava ela… – Um escritor, um poeta… Afinal, que vem a ser um escritor?” Quando fantasiava, a pobre Anna não era nada humilde.

“Elogiam-no – pensava referindo-se a mim – e por quê? Não sei. Escritor, poeta… Mas o que vem a ser, afinal, um escritor?”

## Capítulo VI

Li-lhes o meu romance todo de uma vez. Começamos

imediatamente depois do chá e permanecemos sentados até às duas da madrugada. A princípio, o velho franziu o sobrolho. Esperava qualquer coisa de uma sublimidade que lhe fosse incompreensível, pelo menos algo de muito elevado, e em vez disso encontrou-se perante coisas que sucediam diariamente e que toda a gente sabia; as mesmas que aconteciam constantemente à nossa volta. Se ao menos o meu herói fosse um homem de interesse excepcional! Alguma personagem histórica como Roslávliev, ou lúri Miloslávski…[11] Mas não. Eu punha em evidência o pobre-diabo de um empregado, com a casaca coçada e sem botões, e isto contado na linguagem com que toda a gente fala… Era verdadeiramente extraordinário! Anna Andriéievna olhava para o marido com ar interrogativo e um tanto enfadada, como se estivesse para dizer:

– Vale a pena imprimir um livro destes e, sobretudo, dar dinheiro por ele?

Natacha era toda atenção, escutava com grande interesse; não deixava um instante de olhar os meus lábios e a cada palavra que eu pronunciava movia os seus, tão bonitos. Que mais podia eu desejar? Já todos os meus ouvintes tinham os olhos arrasados de lágrimas. Anna Andriéievna chorava de verdade, compadecida do meu herói, de todo o coração e, segundo deduzia dos seus gestos, desejaria poder ajudá-lo nas suas desditas. O velho renunciara aos seus sonhos de grandeza e de elevação. “Dos primeiros passos se vê que não vais muito além disso. Está contada com simplicidade mas chega ao coração – disse. – Compreende-se e fixa-se na memória aquilo que acontece à nossa volta. Por esta história se vê que até o homem mais decaído e humilde continua a ser um homem e merece o nome de irmão nosso.”

Natacha escutava, chorava e, às escondidas, por debaixo da mesa, apertava-me as mãos com força. Acabou a leitura; Natacha pôs-se de pé, com as faces vermelhas e os olhos rasos de pranto; pegou-me de repente na mão, beijou-a e saiu precipitadamente da sala. Os velhos trocaram um olhar.

– Hum! Que entusiasmo! – disse o pai admirado da ingenuidade da filha. – Não há nisto maldade nenhuma, é uma boa menina –

acrescentou, olhando para a mulher com o intento de desculpar a filha e também, de certo modo, a si próprio.

Anna Andriéievna, porém, apesar da comoção que experimentara durante a leitura, demonstrava agora menos entusiasmo e parecia que estava para dizer:

"Alexandre da Macedônia pode ser um herói, mas isso não é razão para se ficar de cabeça à roda".

Natacha não tardou em voltar, feliz e contente e, ao passar perto de mim, beliscou-me levemente. Ikhmiêniev queria ajuizar "a sério" a minha obra; mas a alegria o fez esquecer seu propósito.

– Muito bem, amigo Vânia, muito bem – disse-me alvoroçado. – Isso saiu-te bem, melhor do que eu esperava, se bem que não seja nada de grande nem de sublime. Olha, eu tenho *A libertação de Moscou*, que li lá mesmo, em Moscou, e logo desde as primeiras linhas se sente algo de elevado pelos ares, como uma águia, rapazinho… Este teu livro é muito simples e muito fácil de compreender. É o que mais me agrada, que seja tão compreensível e tão real. Até me parece que tudo isso me aconteceu a mim próprio. E afinal para que falar de coisas tão sublimes, que ninguém compreende? Ainda que, em verdade, não te ficaria mal se modificasses um pouco o teu estilo; dou-te todos os meus elogios, mas creio que te falta, dize lá o que quiseres, um pouco de elevação… Bom, agora já é tarde, pois já está impresso. Mas na segunda edição – pois terá de fazer uma segunda edição… e te dará mais dinheiro…

– É verdade, Ivan Pietróvitch, que isto te deu muito dinheiro? – perguntou Anna Andriéievna. – Oh! Meu Deus, quanto mais olho para ti, mais me custa a acreditar!

– O dinheiro que hás de ganhar! Olha, Vânia – continuou Ikhmiêniev alegrando-se por instantes: – isso não vale o que vale o serviço do Estado, mas no fim de contas, sempre é uma profissão. Hão de ler-te as pessoas mais importantes. Não dizes que Gógol recebe uma pensão e que foi enviado ao estrangeiro? Quem sabe se tu… eh! É capaz de ser ainda cedo demais! Sim, deve ser ainda demasiado cedo, é preciso que escrevas outra coisa. Nesse caso, escreve, rapaz, e

apressa-te, não te ponhas a dormir sobre os louros alcançados.

Dizia isto tão convencido, com tal bondade, que não tive coragem para cortar-lhe a palavra e refrear o seu entusiasmo.

– E se te dessem uma cigarreira para te animar! Quem sabe! Talvez te convidem para a corte – acrescentou com certa malícia, piscando o olho a Natacha: – Ou será ainda muito cedo para que te chamem?

– Bom, já o temos na corte – disse a mãe ressentida.

– Um pouco mais e fazem-me general – disse eu a rir.

O velho ria também com toda a vontade; estava absolutamente satisfeito.

– Meu general, não deseja comer qualquer coisa? – disse Natacha, que entrementes havia preparado a ceia. E soltando uma gargalhada, lançou-se nos braços de seu pai.

– *Papacha*, *papacha*, que bom! – gritava, louca de entusiasmo.

– Bem, bem – dizia Ikhmiêniev também muito comovido. – Bem, bem, chega… General ou não, vamos comer. Que coração sensível! – dizia, dando leves pancadinhas nas faces coradas de Natacha. – Afinal de contas, Vânia, é a minha amizade que me faz falar assim; mas suponhamos que não eras general (e mesmo isso ainda está longe); todavia, de qualquer maneira, não serias um desconhecido, mas um autor!

– Agora diz-se escritor, *papacha*.

– Ah, não é autor? Não sabia disso. Bom, chamemo-lo escritor. Quero dizer que se o não fizerem gentilhomem da câmara pelo fato de ter escrito um romance, também não tem importância; entretanto podem fazê-lo qualquer outra coisa: agregado de uma embaixada estrangeira; também podem enviá-lo à Itália para se aperfeiçoar na arte ou estipularem-lhe uma pensão em dinheiro. Certamente pelos teus méritos hás de receber distinções ou recompensas. Pelo teu trabalho e não como uma proteção humilhante.

– Apre! Não te conformas com pouco, Ivan Pietróvitch! – acrescentou Anna Andriéievna.

– Não, papá – disse Natacha rindo. – Deem-lhe antes uma condecoração; agregado de embaixada! Que miséria! – E deu-me outro beliscão no braço.

– Repara como ela ri – dizia o velho pousando um olhar de orgulho na sua Natacha, de faces coradas como a romã e olhos radiantes como estrelas. – Talvez eu tenha ido um pouco longe demais, meus filhos; mas sou assim; e no entanto, quando te olho, não vejo em ti nada de extraordinário, Vânia…

– Meu Deus, mas que querias tu ver, *papacha*?

– Não é isso o que eu quero dizer: quero dizer é que não acho nada de poético na sua figura… Os poetas dizem que têm uns cabelos assim, enormes, e uns olhos assa… Como o Goethe e companhia. Li isso num almanaque. Mas… que é? Disse alguma tolice? Porque se riem de mim? Tenho ideias mas não sei explicar-me; "a tua figura não me parece má, até pelo contrário, agrada-me"… Não era isso que eu queria dizer… Ser um homem honrado, um homem de coração, isso é que importa. Leva sempre uma vida honrada e não te preocupes com mais coisa nenhuma. Tens à tua frente um vasto caminho. Realiza com honra a tua obra. Era isso o que eu queria dizer, era isso!

Que tempos felizes! Passava todas as tardes em casa dos lkhmiênievi, todas as minhas horas de liberdade; contava aos velhos todas as notícias do mundo literário; imediatamente os escritores lhes tinham começado a interessar; liam os artigos de B***, o crítico que eu tanto elogiara e, ainda que o não compreendessem, admiravam-no e censuravam asperamente os seus inimigos que escreviam na *Abelha do Norte*. Eu tinha finalmente acabado por ouvir Natacha dizer-me "sim" em voz mansa, de cabeça baixa e lábios quase cerrados.

A mãe vigiava-nos. Mas Natacha e eu ludibriávamos a sua vigilância. Os nossos corações palpitavam em uníssono. Os pais andavam alerta, conjeturando e refletindo.

– Alcançaste um grande êxito – dizia-me Anna Andriéievna

mexendo muito a cabeça, – mas se para a próxima vez fraquejas ou sai por aí qualquer coisa de outro autor, que hás de fazer? Se ao menos tivesses um emprego!

– Quanto a mim, ouve o que te digo – acrescentou o velho depois de refletir um instante: – tive já ocasião de reparar que tu e Natacha… Hem? Não vejo mal algum nisso. No entanto são ainda muito novos e a minha Anna Andriéievna tem razão. Aguardemos. Tu tens talento, muito talento mesmo. Muito bem. Não chegas a ser um gênio, como disseram de ti a princípio, mas tens realmente talento. Hoje voltei a ler aquela crítica que te dedicaram na *Abelha*. Tratam-te nela com severidade excessiva. No entanto temos de reparar que se trata de um jornaleco. Mas vê: o talento, apesar de tudo, não significa dinheiro no bolso e vocês dois são pobres. Esperem um meio aninho ou um ano. Se tudo te correr bem, se então caminhares em terreno sólido, Natacha será tua. Se não, pensa tu próprio…

E ficamos nisto. Mas vejam em que situação nos encontrávamos um ano depois!

Sim, foi precisamente um ano depois. Num esplêndido dia de setembro, ao anoitecer, doente e com o desespero na alma, cheguei à casa dos meus velhotes e deixei-me cair numa cadeira meio desfalecido, de tal maneira que todos se assustaram ao me ver. Minha cabeça rodava, o meu coração estava cheio de angústia. Por dez vezes chegara à porta e outras tantas retrocedera. Não porque não alcançasse êxito na minha carreira literária ou não tivesse ainda obtido glória e dinheiro; não por não ser ainda adido de embaixada nem ver jeitos de ir à Itália como bolsista, mas porque… Num só ano podem viver-se dez e neste ano que acabava de passar, a minha Natacha tinha-os vivido. Um abismo se abrira entre nós dois e recordo-me de estar, naquela tarde, sentado em frente do velho, silencioso, torturando com mãos nervosas a já muito amassada copa do meu chapéu. Estava sentado e esperava não sabia o que, quando Natacha entrou. Eu vestia um terno muito gasto e que me assentava mal. Meu rosto tinha ficado muito magro e pálido e, sem dúvida, nem de longe me parecia com um poeta; nos meus olhos nada transluzia daquela grandeza de que um dia falara Nikolai Sierguiéitch.

A velha mirava-me com mal dissimulada compaixão; mostrava-se muito solícita para comigo e parecia pensar: “Olhem a quem eu ia entregar a minha Natacha! Deus me livre!”.

– Toma uma chávena de chá, Ivan Pietróvitch. – O samovar fervia sobre a mesa. – Como te sentes, meu rapaz? Sentes-te doente? – perguntou-me num tom lamuriento que ressoa ainda nos meus ouvidos.

Enquanto falava comigo parecia pensar noutras coisas; o marido estava também absorto nas suas meditações.

Eu sabia que eles sentiam agora grande inquietação sobre o resultado do seu pleito com o príncipe Valkóvski e experimentavam ainda outra contrariedade que quase fizera adoecer Nikolai Sierguiéitch. O príncipe filho achara maneira de vir visitá-los uns cinco meses antes. O velho lkhmiêniev, que lhe queria como a um filho e diariamente se recordava muito dele, recebeu-o cheio de alegria.

À mulher, isso levava-a a recordar-se de Vassiliévskoie e dava-lhe vontade de chorar. As visitas do jovem tornaram-se cada vez mais frequentes. Ikhmiêniev, reto e franco, recusou com indignação toda a espécie de subterfúgios. Por espírito de nobre orgulho, nem sequer se demorava a pensar o que poderia dizer o príncipe e desprezava todas as absurdas suposições que ele pudesse fazer, quando viesse a saber que o filho frequentava a casa dos Ikhmiênievi. Mas o velho ignorava se ainda lhe restariam forças para suportar novos agravos. O príncipe jovem deu em ir ali quase diariamente. Entendia-se muito bem com os velhos e ali se deixava ficar quase até ao cair da noite. Como era natural, não tardou viesse o príncipe a saber tudo. Pronunciou então as mais abomináveis palavras. Insultou Nikolai Sierguiéitch numa carta horrível e proibiu terminantemente a seu filho que visitasse os Ikhmiênievi. Isto se passara precisamente quinze dias antes da minha visita.

O velho mostrava-se extremamente aflito. Como podia acontecer voltassem a caluniar daquela maneira à sua Natacha, criatura tão pura, tão inocente? O nome de sua filha manchado pelo mesmo que

tão horrorosamente havia ultrajado o seu…

Iria suportar tudo isto sem exigir uma reparação? Nos primeiros dias, o desgosto obrigou-o a ficar de cama. De tudo isto eu tinha conhecimento. Chegara até aos meus ouvidos, se bem que doente e abatido pelo sofrimento, não tivesse ido a casa dos Ikhmiênievi havia já três semanas. E sabia também… quero dizer, não, não fazia mais do que pressenti-lo; sabia, porém não ousava acreditá-lo, que outra coisa lhe importava agora, a ela, mais do que o resto, e tratava de ler isso nos seus olhos…

Sim, aquilo era um suplício. Tinha medo de adivinhar, tinha medo de acreditar; mas desejava o momento fatal. E no entanto ali estava eu por causa dela. Sentia que alguma coisa me atraía para ela naquela noite!

– Olá, Vânia! – disse imediatamente Ikhmiêniev, como se despertasse. – Estiveste doente? Há quanto tempo te não vejo! Sinto-me culpado, devia ter ido ver-te. Mas, acontece que… – e voltou a afundar nos seus pensamentos.

– Tenho estado um pouco adoentado – respondi-lhe.

– Hum! Adoentado! – replicou depois de uns momentos. – Adoentado! Bem te avisei, mas não me quiseste escutar. Hum! Meu caro Vânia, a musa viveu sempre na trapeira, morta de fome, e assim há de viver eternamente…

Não estava de bom humor o velho. Era preciso ter o coração muito magoado para falar-me assim. Pus-me a observá-lo: estava lívido e os seus olhos exprimiam certa inquietação; tinha algum problema que não conseguia resolver. Mostrava-se mais violento e bilioso do que de costume. A mulher olhava-o com ansiedade e aproveitou um momento em que ele voltou a cabeça para fazer-me um rápido sinal.

– Como passa Natacha Nikoláievna? Está em casa? – perguntei timidamente a Anna Andriéievna.

– Está sim – respondeu a mãe, a quem a minha pergunta parecia

contrariar. – Ela já vem. Mas que coisa engraçada! Três semanas sem nos vires ver! Ela também está um pouco… não sei como dizer; não sei o que ela tem, se está bem ou mal! Deus a proteja! – e lançou ao marido um olhar assustado.

– Está mal o quê! – respondeu Nikolai Sierguiéitch de mau humor, comentando – Está boa. Está-se tornando mulher e nada mais. Quem pode compreender esses desgostos, esses caprichos de mocinha!

– Não fales de caprichos! – respondeu Anna Andriéievna num tom ressentido.

O velho calou-se e pôs-se a tamborilar com os dedos sobre a mesa.

"Meu Deus, terá sofrido algum desgosto?", pensava eu, inquieto.

– E tu, que nos contas de novo? – disse um instante depois. – B*** continua com as suas críticas?

– Sim, continua com elas – respondi-lhe.

– Ah, Vânia! Vânia! – acrescentou ele deixando cair os braços. – Para que serve a crítica!

A porta abriu-se e Natacha entrou.

## Capítulo VII

Trazia na mão o chapéu que, ao entrar, deixou sobre o piano; depois dirigiu-se para mim e, sem dizer uma palavra, estendeu-me a mão. Os seus lábios agitaram-se levemente como se desejasse dirigir-me alguma frase de cortesia, mas não, não chegou a dizer nada.

Havia três semanas que não nos víamos; eu a contemplava com assombro e espanto. Que transformação se operara nela! O meu coração perturbou-se ao ver as suas faces pálidas e descarnadas, os lábios trêmulos como se sentisse arrepios de febre e os olhos que, debaixo da sombra das suas pestanas escuras, irradiavam uma chama ardente e uma apaixonada energia.

Mas, meu Deus, como estava bonita! Nunca, nem antes nem depois, a vi tão bela como nesse dia fatal. Era esta a mesma Natacha que havia um ano, no máximo, não tirava os olhos de mim, cujos lábios se moviam ao mesmo tempo que os meus durante a leitura do meu livro, e que com tanta alegria e despreocupação ria e gracejava com o pai e comigo à sobremesa do jantar? Era esta a mesma Natacha que, no quarto próximo, com as faces vermelhas e os olhos baixos me dissera "sim"?

Ouviu-se a voz sonora e grave dum sino que tocava a vésperas. Natacha estremeceu e a velha benzeu-se.

– Estão tocando a vésperas, Natacha; tu queres ir… – disse – Isso mesmo, vai, Natacha, vai rezar; a igreja é perto. Por que hás de estar sempre aqui recolhida? Estás tão pálida! Até parece que alguém te rogou uma praga!

– Acho que hoje… não vou – disse Natacha lentamente e baixando a voz, quase num murmúrio. – Não me… sinto… bem… – acrescentou, empalidecendo cada vez mais.

– Era melhor ires, Natacha; há pouco querias ir e até já estavas com o chapéu na mão; vai, vai rezar, Natacha; vai pedir a Deus que te dê saúde – disse Anna Andriéievna olhando para a filha com receio.

– Sim, vai; ao mesmo tempo apanhas um pouco de ar – reforçou o velho olhando com inquietação o rosto da filha. – A tua mãe tem razão. Olha, Vânia acompanha-te.

Pareceu-me que um amargo sorriso assomava aos lábios de Natacha. Dirigiu-se para o piano, pegou e pôs o chapéu; as mãos tremiam-lhe. Todos os seus movimentos pareciam inconscientes; não dava conta do que fazia. Os pais olhavam-na com estranheza.

– Adeus – disse ela com uma voz que mal se ouvia.

– Por que nos dizes adeus, minha querida? Vais assim para tão longe? Será bom apanhares ar, estás tão pálida. Ah! Meu Deus, já me esquecia! (Esqueço-me de tudo). Acabei o teu breve e cosi-lhe por dentro uma oração. Meu amigo! Foi uma freira de Kiev[12] que me

ensinou o ano passado, é muito eficaz. Leva-o, Natacha! Vamos, Natacha! Pode ser que Deus Nosso Senhor te dê saúde. És a nossa única filha…

Tirou da sua caixa de costura uma cruzinha de ouro que Natacha trazia sempre ao pescoço; o breve que acabava de terminar pendia da mesma fita.

– Deus te dê saúde! – disse, pondo-lhe a cruz e benzendo-a. – Há algum tempo benzia-te todas as noites antes de adormeceres e dizia uma oração que tu ias repetindo, mas agora já não és a mesma. Deus Nosso Senhor não quer dar-te a paz de espírito. Ah, Natacha, Natacha! As minhas orações de mãe já não te servem de nada! – E a velhinha desatou a chorar.

Natacha beijou em silêncio a mão de sua mãe e deu um passo para a porta; mas de súbito retrocedeu e aproximou-se do pai, muito agitada.

– *Papacha*, abençoe também a sua filha – disse com uma voz abafada e caindo de joelhos diante dele.

Estávamos todos perturbados ao vermos a sua atitude tão inesperada e solene. O pai olhou para ela um momento, completamente atônito.

– Natacha! Minha pequenina! Minha filhinha! Minha adorada! Que tens tu? – gritou por fim e dos seus olhos caíram lágrimas. – Que desgosto te consome? Por que choras dia e noite? Eu bem vejo tudo; nem durmo; levanto-me a todos os momentos e vou escutar à porta do teu quarto. Diz-me tudo, Natacha; confia os teus desgostos a teu velho pai e nós…

Não acabou e amparou-a entre os seus braços.

Ela apertou-se convulsivamente contra o seu peito e escondeu a cabeça no seu ombro…

– Não é nada! Não é nada! É que estou um tanto nervosa – dizia ela, sufocada pelas lágrimas que retinha.

– Que Deus te abençoe como eu te abençoo, minha querida, minha adorada filha, – disse o pai – que te envie a paz de espírito; e te defenda sempre de todo o mal. Pede a Deus, meu amigo, para que chegue até Ele a súplica deste pecador.

– E que a minha bênção te acompanhe – acrescentou a mãe desfeita em lágrimas.

– Adeus – murmurou Natacha com voz fraca.

Chegou à porta e parou. Olhou para eles outra vez, como se quisesse dizer qualquer coisa; mas faltaram-lhe as forças e saiu de casa correndo. Eu me precipitei atrás dela com o pressentimento de que alguma coisa de mau ia acontecer.

## Capítulo VIII

Natacha caminhava em silêncio, de cabeça baixa e sem olhar para mim; mas quando voltou a cabeça, no cais do Nievá, parou de repente e pegou-me a mão.

– Estou abafada – murmurou – tenho o coração opresso! Sinto-me sufocar!

– Voltemos, Natacha – exclamei assustado.

– Mas não compreendes, Vânia, que eu saí para não voltar? – disse, olhando-me com uma angústia indizível.

O meu coração deixou de pulsar. Tinha este pressentimento; enquanto caminhava já o pressentia, como através de um nevoeiro, há muito tempo; no entanto as suas palavras caíram sobre mim como um raio.

Caminhávamos tristemente pelo cais. Eu não podia falar; fazia esforços para raciocinar; mas estava completamente transtornado; a cabeça andava-me às voltas. Aquilo parecia-me tão monstruoso, tão impossível!

– Tu hás de culpar-me, Vânia – exclamou finalmente.

– Não… Não… Não acredito, isso não pode ser – respondi, sem saber o que dizia.

– E no entanto é assim, Vânia! Deixei-os; não sei o que será deles. Nem sequer o que será de mim!

– Vais à casa dele, Natacha? Vais?

– Vou – respondeu-me.

– Mas isso é impossível! – gritei com exaltação. – Tu sabes que é impossível. Minha pobre Natacha! Isso é absurdo! Acabas com teus pais e corres para a perdição. Não compreendes, Natacha?

– Sim, eu sei, mas não posso deixar de fazê-lo; não é a minha vontade – disse, e as suas palavras tinham um acento de desespero, como se caminhasse para um suplício.

– Volta, volta, que ainda estás a tempo! – suplicava-lhe eu com tão maior insistência, com tanto maior ardor quanto eu mesmo reconhecia a inutilidade das minhas exortações e a sua ineficácia em tal momento. – Pensaste no teu pai? Bem sabes que o pai *dele* é inimigo do teu, que o insultou e acusou de ladrão! Não percebes? Tu sabes que o seu pleito… Não sabes isto, Natacha? Sim, meu Deus! Sim, bem sabes: disseram que teus pais te quiseram ligar a Alhocha quando ele estava em vossa casa, no campo. Lembra-te. O que teu pai sofreu com essas calúnias durante estes anos! Até os cabelos lhe embranqueceram! Pensa bem. Mas o principal já sabes, Natacha. Meu Deus! Imagina o que lhe custará perder-te agora para sempre, a ti, o seu tesouro, a única coisa que lhe resta na sua velhice. Tu bem sabes, o teu pai julga-te inocente e caluniada por essa gente soberba. A antiga animosidade recrudesceu ao receber agora Alhocha em casa. O pai dele voltou a insultar o teu; e a cólera ferve na alma do pobre velho por causa desta nova injúria, e assim todas essas acusações ficarão justificadas. Hão de todos dizer que o príncipe tem razão em acusar-vos, a ti e ao teu pai. Que vai acontecer? Ele morre de vergonha. E de quem e que vem o golpe? De ti, da sua filha, da sua única e adorada menina! E a tua mãe? Pensas que sobreviverá ao velho? Natacha, Natacha, que vais tu fazer? Cai em ti, regressemos.

Ela continuava calada; finalmente olhou-me com um ar de censura, e eu li uma dor tão intensa, um sofrimento tão grande nos seus olhos, que compreendi como o coração ferido lhe sangrava. Compreendi como lhe custara tomar aquela resolução e como eu acabava por torturá-la e dilacerá-la com as minhas inúteis e tardias reflexões; mas apesar de tudo não pude conter-me e continuei:

– Há um instante dizias a Anna Andriéievna que talvez não saísses, que não virias à igreja. Desejavas ficar. Talvez a tua decisão não seja irrevogável, não é verdade?

Um sorriso amargo foi a sua única resposta. Por que lhe perguntei eu aquilo? Eu bem via que a sua decisão era irrevogável.

– Gostas assim tanto dele? – gritei com desgosto, olhando-a e sem aperceber-me da minha pergunta.

– Que queres que te diga, Vânia? Tu bem vês; ele me disse que fosse e eu vou esperá-lo – disse ela com o mesmo sorriso dolorido.

– Mas escuta, ao menos – disse-lhe eu agarrado ainda a uma última esperança. – Tudo se pode arranjar ainda, tudo se pode ainda arranjar, Natacha; eu próprio prepararei os vossos encontros… tudo. Ninguém te obrigará a deixares a tua casa; não te vás, eu passarei as vossas cartas. Que não faria eu? Eu saberei arranjar tudo; tu ficarás contente, vais ver… Pelo menos não te perderás, Natacha. Tudo há de correr bem; hão de namorar quanto quiserem e quando os vossos pais tiverem deixado de guerrear-se e injuriar-se (o que há de acontecer, mais tarde ou mais cedo), então…

– Basta, Vânia, cala-te – e apertava-me a mão, sorrindo por entre lágrimas. – Meu bom amigo, meu querido Vânia, como és bom e honesto! Não dizes nem uma palavra de ti! Ofendi-te e perdoas-me, não pensas senão na minha felicidade. Queres encarregar-te de levar e trazer as nossas cartas – e rompeu em pranto. – Eu sei como gostaste de mim, como ainda gostas, que não me fazes nenhuma censura e nunca me disseste uma palavra dura. E eu, eu… Meu Deus, como eu sou má para ti! Lembras-te, Vânia, lembras-te do tempo que passamos juntos? Ah! Mais valia que não o tivesse conhecido, que nunca o tivesse encontrado… Teria sido tão feliz contigo, Vânia, contigo meu

amiguinho querido! Já vês como eu sou… Pois não me ponho eu, agora, a recordar a nossa felicidade passada, como se não tivesses já bastantes desgostos… Estiveste três semanas sem vires; pois olha, nem um momento sequer pensei que pudesses maldizer-me e odiar-me. Eu bem sabia por que é que tu não vinhas: para não seres uma censura viva para mim. Mas tu próprio não tinhas pena de me veres? Eu, Vânia, também tinha pena de ti. Ouve, Vânia, eu amo Alhocha com um amor louco, mas parece-me que a ti te queria mais como amigo, e que não saberei viver sem ti; és-me preciso; faz-me falta o teu coração de ouro… Ah, Vânia, que tempos dolorosos e cheios de amargura se aproximam!

E desfazia-se em lágrimas. "Que vontade eu tinha de te ver!", dizia-me, afogando as lágrimas.

– Estás magro, pálido. Estiveste doente, Vânia? Só te falo de mim; e tu… como vais com os teus jornais? Vai adiantado o teu romance?

– Que me interessam os meus romances, Natacha? Nada. Mas diz-me: ele exigiu-te que fizesses isto?

– Não. Sou eu que… ou melhor… eu… Escuta! Ele tem razão quando diz que sou eu. Olha, meu querido Vânia, vou contar-te tudo; querem casá-lo com uma jovem de família distinta e rica. O pai dele, já tu o conheces, é um intrigante e quer à viva força que ele case, e fará tudo o que for necessário para o conseguir, porque uma ocasião assim nem em dez anos torna a aparecer. Grandes relações, uma enorme fortuna, muito bonita, bem educada e um anjo de bondade. Alhocha está enamorado dela, e como o pai tende a desembaraçar-se do filho o mais cedo possível para poder ele próprio casar-se, quer a todo custo desfazer a nossa união. Receia a influência que eu tenho sobre Alhocha.

– Mas o príncipe – interrompi-a, assustado – não conhece as vossas relações? Até aqui apenas suspeitava…

– Sabe, sabe tudo. Alhocha ultimamente contou-lhe tudo. Ele próprio me confessou que dissera tudo ao pai.

– Meu Deus! Então ele contou tudo ao pai… e em que altura!

– Não o culpes, Vânia – interrompeu-me Natacha – não te rias dele. Seria injusto julgá-lo como tu o julgas. É uma pessoa que teve uma educação diferente da nossa. Achas que ele tem consciência do que faz? A primeira influência é suficiente para fazê-lo esquecer o juramento que acaba de fazer, de guardar um segredo. Ele não tem personalidade: está de prevenção contra uma pessoa, e no mesmo dia, com a mesma boa-fé, confia-se a outra qualquer. No primeiro encontro vai contar tudo. Comete qualquer a ação má e nós não sabemos se havemos de culpá-lo ou defendê-lo. É capaz de chegar ao sacrifício mas isso não lhe dura senão até à próxima impressão, e de novo esquece tudo. Também se esquecerá de mim se eu não estiver constantemente ao seu lado; é assim, ele.

– Ah, Natacha! Pode ser que isso não seja verdade, que seja apenas um boato. Como queres que ele se case, se ainda é uma criança?

– O pai tem os seus cálculos, acredita!

– Como sabes tu que a sua noiva é tão bonita e que lhe agrada?

– Foi ele mesmo que disse.

– Quê? Disse-te que pode amar outra e ao mesmo tempo exige de ti esse sacrifício?

– Não, Vânia, não. Tu mal o conheces, quase não o viste, precisavas de conhecê-lo melhor para julgá-lo. Não há coração mais honesto e puro do que o seu. Seria melhor que ele mentisse? Que possam seduzi-lo, não é estranho. Se estivesse oito dias sem me ver, esqueceria de mim para amar outra, ao passo que, se me vir constantemente, cairá outra vez aos meus pés. Não. Ele fez bem em não me esconder isso, senão eu morreria de ciúmes. Sim, Vânia! A minha decisão é irrevogável. Se eu não estiver constantemente ao seu lado, imediatamente deixará de amar-me, vai me esquecer e me abandonar. Pode outra seduzi-lo, e eu, que faria depois? Morreria, mas que importa? A morte seria uma felicidade para mim. Mas viver sem ele é mil vezes mais horrível do que a morte, do que todos os tormentos! Oh, Vânia, Vânia… Podes compreender até que ponto eu o amo para deixar os meus pais por causa dele? Não me ralhes, porque

eu estou decidida. Preciso que ele esteja ao meu lado a todas as horas, a todos os instantes! Eu não posso voltar atrás. Sei que me perco e perco a outros… Ah, Vânia! – exclamou, estremecendo toda. – Se ele já não me amasse! Se fosse verdade o que disseste, – eu não dissera tal coisa – que ele não faz outra coisa senão enganar-me! Se não fosse bom e sincero de verdade sem o ser apenas na aparência! Se ele fosse mau e vaidoso! Vê tu se eu estaria aqui a defendê-lo contra ti, enquanto ele estava com outra, quando eu, vil criatura, abandonei tudo por ele e vou à sua procura pelas ruas! Ai, Vânia!

E deixou escapar uns gemidos tão dolorosos que a alma me doeu. Compreendi imediatamente que Natacha já não era dona da sua vontade. Apenas os ciúmes podiam cegá-la até ao ponto de ter tomado uma resolução tão louca e insensata. Mas também eu me consumia de ciúmes, e tinha o coração dilacerado. Não fui capaz de continuar a dominar-me e deixei-me possuir de um sentimento mesquinho.

– Não compreendo como possas amá-lo depois do que me disseste dele. Tu não o estimas, tu não acreditas no seu amor e, no entanto, corres para ele e sacrificas-lhe as vidas dos seres mais queridos. Que vais fazer? Preparam um para o outro uma vida cheia de amarguras. Tu o amas demais, Natacha, demais! Não compreendo um amor assim!

– Sim, amo-o loucamente – respondeu-me, empalidecendo, como se tivesse adoecido. – A ti nunca cheguei a amar assim, Vânia. Compreendo que perdi a razão, que não devia amá-lo desta maneira… Não é bom este amor. Sinto-o. Ouve, Vânia, já desde há algum tempo que o sinto; nos momentos mais felizes tive sempre o pressentimento de que ele não me daria senão desgostos e tormentos. Mas que hei de eu fazer se as dores que dele me vierem são venturosas para mim? Não sei eu de antemão o que me espera, o que hei de padecer? Jurou amar-me, fez-me toda a espécie de promessas, mas eu não tenho fé alguma nelas; não acredito nele; nunca acreditei; agora mesmo não sei se me mente, não sei se é capaz de mentir-me. Disse-lhe sinceramente. Não quero obrigá-lo a nada. Ninguém gosta de obrigações e eu sou a primeira que as odeio. Eu me sinto feliz em ser sua escrava voluntária e em sofrer por ele, contanto que esteja junto de mim, que possa vê-lo, olhá-lo. Creio que o deixaria amar outra, contanto que eu estivesse ali ao seu lado… Que baixeza! Não é verdade, Vânia? – gritou, fixando

em mim os olhos chamejantes. – Sei que isto é uma baixeza e, no entanto, se ele me abandonasse, iria procurá-lo pelo mundo inteiro, embora ele me repudiasse e expulsasse. Tu me exortas a renunciar à minha decisão, a voltar atrás. De que serviria isso? Amanhã iria com ele, se ele me dissesse, se ele me mandasse. Não precisa senão chamar-me, assobiar-me como a um cão, para que eu me ponha logo ao seu lado… Tormentos… Não acredito nos tormentos, se vierem dele… Ao menos saberei que é por ele, por ele que sofro! Oh! Não tens vergonha disto que eu te digo, Vânia?

"E os seus pais?", pensava eu comigo. Ela parecia já os ter esquecido.

– Mas ele não quer casar contigo, Natacha?

– Prometeu, prometeu-me tudo. Disse-me que iríamos já amanhã, discretamente, casar fora da povoação; mas ele não sabe o que diz. Talvez nem saiba o que é preciso para um casamento. Que marido singular! Dá vontade de rir, na verdade! E se casarmos e não for feliz no casamento, depois há de censurar-me… Não quero que tenha nunca uma censura a fazer-me. Eu lhe dou tudo sem exigir-lhe nada. Se ele não há de ser feliz com o casamento, para que torná-lo desgraçado?

– É uma criança, Natacha – disse. – E és tu mesma que o vais agora procurar?

– Não, prometeu vir buscar-me aqui. Marcamos encontro – e olhou com impaciência, ao longe; mas não se via ninguém.

– E ainda não chegou! És tu a primeira a chegar – gritei-lhe indignado. Natacha estremeceu, como se lhe tivessem dado uma pancada. A sua face mostrou uma dor enorme.

– É muito possível que não venha – disse com um amargo sorriso. – Escreveu-me dizendo que se eu não lhe prometia vir, se veria obrigado a adiar a sua decisão… A nossa fuga e o nosso casamento. Que o pai queria levá-lo à casa da noiva. Disse-me isso com tanta simplicidade e naturalidade, como se o fato não tivesse importância. E se ele tivesse realmente ido vê-la, a ela, Vânia!

Não respondi. Natacha pegou-me nas mãos com força; os seus olhos cintilavam.

– Está com ela – repetiu tão baixo que mal o ouvi. – Esperava que eu não viesse para ir a casa da noiva e dizer depois, que era eu que não tinha vindo. Já está cansado de mim e abandona-me! Oh, meu Deus! Louca que eu sou! Da última vez disse-me que eu o aborrecia… Portanto, por que o espero eu?

– Olha, lá vem ele! – gritei eu, de repente, ao vê-lo ao longe. Natacha estremeceu, deu um grito e, largando a minha mão, correu ao seu encontro. Ele acelerou também o passo e um momento depois já estavam os dois nos braços um do outro. Na rua, além de nós, não havia quase ninguém. Eles se beijavam e riam. Natacha ria e chorava ao mesmo tempo. Parecia que se viam depois de uma longa separação. As suas faces pálidas tingiram-se de vermelho; parecia pregada ao chão… Alhocha viu-me e dirigiu-se para mim.

## Capítulo IX

Eu olhava para ele avidamente, embora o tivesse visto já muitas vezes; procurava o seu olhar como se ele viesse dissipar todas as minhas dúvidas e explicar-me tudo. Como podia aquele jovem ter enfeitiçado Natacha, inspirando-lhe um amor tão arrebatado, um amor que a fazia esquecer os seus primeiros deveres e sacrificar loucamente tudo o que até então julgara mais sagrado?

O príncipe pegou-me nas duas mãos, apertou-as com força, e o seu olhar, doce e sereno, chegou-me ao coração.

Pensei que podia ter-me enganado no conceito que fizera dele, levado apenas pelo fato de ele ser meu rival. Eu não lhe tinha afeição e não poderia nunca vir a tê-la; pode ser que fosse eu a única pessoa que o não via com bons olhos. Tinha muitas coisas que não me agradavam, a começar pela sua figura sedutora, e precisamente por este particular. Mais tarde reconheci que o apreciei levianamente.

Era alto, esbelto, delgado; o rosto ovalado, sempre pálido; o

cabelo louro, grandes olhos azuis, doces e pensativos, que brilhavam às vezes com uma alegria ingênua, infantil. Os lábios, vermelhos e carnudos, de um desenho admirável, quase sempre com um ricto sério; e por isso mesmo se tornava ainda mais encantador o seu inesperado e jovial sorriso, tão ingênuo, que fosse qual fosse a disposição em que estivéssemos, sentíamos necessidade de corresponder-lhe com outro. Vestia sem excessivo apuro, mas sempre com elegância, e esta elegância que ostentava em tudo, via-se bem que não lhe custava nenhum esforço, era-lhe inata. Possuía na verdade algumas qualidades feias; era estouvado, presunçoso e um pouco impertinente; e sofria de alguns maus costumes de menino elegante. Mas era muito franco e simples. Era o primeiro a reconhecer os próprios defeitos, a censurá-los e metê-los a ridículo.

Eu julgava que aquele rapazote nunca seria capaz de mentir, nem por brincadeira, e que, se mentia, o fazia sem dar por isso. Até o seu egoísmo se tornava simpático porque não procurava escondê-lo de maneira nenhuma. Não havia nele uma ponta de dissimulação. Fraco, confiado e tímido de espírito, não tinha força de vontade. Ofendê-lo ou enganá-lo seria um pecado tão grande como enganar ou ofender uma criancinha. De uma ingenuidade inacreditável para a sua idade, quase nada sabia da vida e parecia que aos quarenta anos nada chegaria também a saber dela. Há pessoas assim, que parecem condenadas a esperar eternamente a maioridade. Parecia-me que não podia haver uma pessoa que não gostasse dele; sabia lisonjear-nos com as suas carícias de criança. Natacha dissera a verdade: debaixo de qualquer influxo poderoso, era capaz de cometer uma ação má; mas creio que morreria de repente, quando compreendesse as suas consequências. Natacha sentia instintivamente que havia de ser a sua soberana, a sua dominadora, e que acabaria por torná-lo sua vítima. Sentia prazer amando-o até à loucura e atormentando-se até à dor, tal a maneira como gostava dele; talvez por isto se tivesse apressado a ser a primeira a sacrificar-se. Mas nos olhos dele cintilava o amor e contemplava-a numa espécie de êxtase. Ela olhou para mim, distraída. Nesse instante esquecera tudo… era feliz.

– Vânia! – gritou de repente. – Fui injusta para com ele, não o mereço. Pensava que não virias, Alhocha. Esquece o meu mau

pensamento! – acrescentou, olhando-o com um amor imenso. Ele sorriu, beijou-lhe a mão e, sem largá-la, disse dirigindo-se a mim:

– Não me culpe, já há algum tempo eu queria abraçá-lo como a um irmão. Ela me tem falado tanto no senhor! Nós nos temos visto pouco; quase não temos trocado uma palavra. Sejamos amigos e… perdoe-me – disse, corando um pouco e com um sorriso tão sedutor que eu não pude contrariá-lo.

– Sim, sim – respondeu Natacha, – para nós é como um irmão; já nos perdoou e, sem ele, não poderíamos ser felizes. Ah, como nós somos maus, Alhocha! Mas agora viveremos os três juntos. Vânia, vai ter com eles, pois conhecem o teu coração bondoso, e quando virem que me perdoaste, pode ser que abrandem um pouco contra mim. Diz-lhes tudo, tudo, com as palavras que o coração te ditar. Defende-me, salva-me, expõe-lhes todas as minhas razões. Sabes, Vânia, que talvez eu não me tivesse decidido a isto, se tu não tivesses aparecido lá em casa? Tu és a minha salvação. Eu construí imediatamente a esperança de que tu saberias falar-lhes de maneira a adoçar-lhes o horror da primeira impressão. Oh, meu Deus, meu Deus! Diz-lhes da minha parte, Vânia, que já sei que, para mim, não há perdão; que eles me perdoariam, mas Deus não poderá perdoar-me; mas ainda que eles me amaldiçoem eu os abençoo e rezarei por eles toda a minha vida. O meu coração está com eles. Ah! Por que não poderemos ser todos felizes? Por que, por que… meu Deus? Que fiz eu? – gritou de repente como se tivesse voltado a si, tapando o rosto com as mãos. Alhocha apertou-a entre os seus braços. Ficamos todos calados por uns momentos.

– E teve coragem de exigir-lhe semelhante sacrifício? – gritei lançando a Alhocha um olhar de censura.

– Não me condene – repetiu ele. – Por muito grandes que sejam todos estes desgostos, não hão de durar mais do que um instante, é a minha íntima convicção. Um pouco de firmeza é o suficiente para suportar este momento. Foi a própria Natacha que me disse. O senhor sabe que a causa de tudo é esse orgulho de família, essas querelas que hão de terminar um dia, e esse processo… Mas… Eu refleti muito sobre isso, afirmo-lhe. Há de acabar um dia. Havemos de nos reunir

todos de novo e seremos tão felizes que os nossos pais, quando nos virem, hão de reconciliar-se… Quem sabe se o nosso casamento não será o princípio da reconciliação! Penso que não poderá ser de outra maneira. Que lhe parece?

– Fala de casamento; mas quando se casam? – perguntei, olhando para Natacha.

– Amanhã ou depois de amanhã; no máximo depois de amanhã… Não tenho a certeza, vejam bem, nem eu mesmo sei; e na verdade não tenho nada preparado. Pensei que Natacha talvez não viesse hoje. Aliás o meu pai quer levar-me esta noite à casa da minha noiva. (Porque me arranjaram uma noiva, Natacha não lhe disse? Mas eu não a quero.) Por isso não posso decidir nada de maneira segura. Seja como for, casaremos depois de amanhã. Pelo menos é isto o que eu penso, porque não pode ser de outra maneira. Amanhã vamos sair a caminho de Pskov. Tenho um companheiro de estudos do Liceu, que vive perto daí, um ótimo rapaz. Pode ser que eu lhe apresente. Aí devemos encontrar algum pope, embora eu não saiba ao certo se lá haverá agora. Devia ter-me informado antes mas não tive tempo… Embora, no fim de contas, isso seja um pormenor sem importância. O que importa é atender ao principal. Podemos mandar vir um de uma aldeia próxima, não é verdade? É pena não ter tido tempo de escrever ao meu amigo umas linhas a preveni-lo… Devia tê-lo feito… E se ele, agora, não estivesse em casa… Ora, não tem importância! Desde que a gente queira, tudo o mais se arranjará por si. Não é verdade? Amanhã ou depois de amanhã, o mais tardar, Natacha estará em minha casa. Aluguei um andarzinho no qual nos instalaremos no nosso regresso. Como deve compreender, não quero voltar a casa de meu pai, não é verdade? O senhor há de ir visitar-nos, arranjei uma casinha muito boa. Os meus antigos companheiros de estudo irão também visitar-nos, organizaremos tertúlias…

Eu o olhava com assombro e angústia. Natacha parecia implorar-me com os olhos que não o julgasse com severidade e fosse mais indulgente; ela seguia as suas palavras com um sorriso triste e no mesmo tempo admirava-o como se admira um menino lindo e traquinas, ao escutar a sua tagarelice absurda mas encantadora. Eu olhava Natacha com olhos de censura. Sentia um desgosto enorme.

– E o seu pai? – perguntei-lhe. – Tem a certeza de que lhe perdoará?

– Com certeza, é o que lhe resta. Claro que a princípio há de amaldiçoar-me, bem sei. É tão severo para comigo! Pode ser que se dirija à Justiça e, numa palavra, queira fazer valer a sua autoridade paterna… Mas não deve ser coisa séria. Gosta muito de mim, a princípio ficará zangado, mas acabará por perdoar-me. Depois todos se reconciliarão e todos poderemos ser felizes, todos. Até o pai dela.

– E se não perdoar? Pensou nisso?

– De certeza que perdoará, embora não tão depressa como seria para desejar; mas se não fosse assim, iria lhe provar que tenho caráter. Ele não faz outra coisa senão censurar a minha falta de energia, a minha leviandade; pois agora é que ele há de ver se eu sou um maluco ou não. O homem que funda um lar não é nenhum palhaço; eu já não sou… nenhuma criança… Hei de dizer-lhe que quero ser como os outros, como os homens casados. Viverei do meu trabalho. Natacha disse que mais vale isso do que viver à custa dos outros, como eu vivo. Se soubessem como ela me dá bons conselhos! Eu nunca me teria lembrado, não fui criado dessa maneira, não me educaram nessas ideias. Na verdade eu próprio reconheço que sou um aturdido e quase um inútil; mas olhe, há três dias tive uma ideia maravilhosa. Embora o momento não seja muito oportuno, vou contar-lhe porque é preciso que Natacha o ouça também, e o senhor, espero que me aconselhe. Trata-se disto: quero escrever crônicas para os jornais, como o senhor. Vai pôr-me em contato com os jornalistas, não é verdade? Conto com a sua ajuda. Esta noite estive pensando num romance, sabe? Podia ser que saísse bem. O argumento foi tirado de uma comédia de Scribe…[13] Mas outro dia lhe contarei. O principal é que isto me renda dinheiro… O senhor ganha alguma coisa com os seus escritos, não é verdade?

Não pude conter um sorriso.

– Não se ria – disse ele sorrindo também. – Não, desculpe – acrescentou com uma ingenuidade inconcebível. – Não olhe para mim assim, asseguro-lhe que tenho o dom da observação, e o senhor há de ver. Mas por que não experimentar? Talvez consiga qualquer coisa,

embora o senhor talvez tenha razão: não sei nada da vida real; isso é o que me dizem, Natacha e toda a gente. De que poderia eu escrever? Ria, ria, mas corrija-me, faço-o por amor dela. Reconheço e lamento; não sei como pude inspirar-lhe um amor tão grande. Creio que seria capaz de dar a minha vida por ela! Nunca tive medo de nada; mas agora já começo a ter medo. Que vai ser de nós? Meu Deus! É possível que, a um homem que sabe e quer cumprir o seu dever, chegue um momento na vida em que lhe faltem forças para fazer isso? Venha o senhor em nosso auxílio. O senhor é o único amigo que nos resta. Isto é a única coisa que sei. Desculpe contar tanto com sua pessoa; sei que tem um grande coração, que vale muito mais do que eu. Mas hei de emendar-me, de certeza que hei de tornar-me digno de ambos.

E no seu olhar brilhava um sentimento bom e lindo. Com que confiança me apertava a mão e como estava certo da minha amizade!

– Natacha há de ajudar a corrigir-me – prosseguiu. – Não faça má opinião de nós. Tenho muitas esperanças e, no ponto de vista material, podemos estar completamente tranquilos; se por exemplo o meu romance não me saísse bem (eu, na verdade, penso que é um mamarracho e se lhe falei dele foi para ouvir a sua opinião), daria lições de música. Não sabia que eu aprendi música? Não tenho vergonha de viver do meu trabalho. A respeito disso tenho ideias modernas. Aliás, possuo uma quantidade de coisas bonitas que não servem para nada; vou vendê-las e teremos com que viver, sabe Deus quanto tempo. Enfim, supondo que as coisas corram mal, posso, em último caso, entrar para a Administração. O meu pai já quis obrigar-me a isso mas eu aleguei que estava mal de saúde. (Em último lugar, trabalharei em qualquer coisa.) Assim verá como o meu casamento me foi útil; que me tornou mais sério e que, efetivamente, sirvo para alguma coisa; vai se alegrar e me perdoar.

– Mas, Alieksiéi Pietróvitch, já pensou no que pode acontecer entre o seu pai e o de Natacha? Que pensa que se passará esta noite em casa deles?

Eu apontava para Natacha, que de súbito empalidecera, ao ouvir as minhas palavras. Eu era inexorável.

– Sim, sim. Diz bem, tem razão, é horrível – respondeu ele. – Estou consternado… Mas que se há de fazer? Se ao menos os pais dela nos perdoassem! E se soubessem como eu gosto deles! Trataram-me sempre como a um filho e veja como eu lhes pago! Estas querelas, este processo! Não pode imaginar até que ponto tudo isto me é odioso! E por que hão de zangar-se? Nós, que gostamos tanto uns dos outros, zangarmo-nos! Se pudessem reconciliar-se! Verdadeiramente deviam fazê-lo; tudo se acabaria. As suas palavras fizeram-me sofrer, Natacha; é horrível o meu procedimento para contigo. Eu bem te preveni… És tu quem insistes; mas há de ver, Ivan Pietróvitch, como tudo se arranjará o melhor possível. Não lhe parece? Acabarão por fazer as pazes. Nós vamos reconciliá-los. Isso é certo, não poderão resistir ao nosso amor; ainda que nos amaldiçoem, continuaremos a amá-los. O senhor não sabe como o meu pai, às vezes, tem bom coração; simplesmente, às vezes perde a cabeça. Se visse com que ternura me falava ele esta manhã, esforçando-se por me convencer! E entretanto eu procedo agora contra a sua vontade. Não sabe o que me custa! E tudo isto por causa de vis preconceitos. Que loucura! Bastava que reparasse bem nela e estivesse meia hora ao seu lado, para que o meu pai desse o seu consentimento para tudo – e ao dizer isto Alhocha dirigiu a Natacha um olhar cheio de ternura e paixão. – Já tenho pensado mil vezes com delícia em como ele há de gostar dela quando a conhecer bem e como todos ficarão assombrados quando virem quanto ela vale. Nunca deve ter visto moça desta qualidade. O meu pai está convencido de que ela é uma intrigante. O meu dever é reabilitá-la na sua honra e saberei cumpri-lo. Ah, Natacha! Todos vão gostar de ti! – gritou triunfante. – Todos! Quem é que não há de gostar de ti? – acrescentou com entusiasmo. – Tenho certeza absoluta de que este dia nos há de trazer todas as venturas, paz e reconciliação. Abençoado seja este dia! Não é verdade, Natacha? Mas que tens tu? Meu Deus! Que te aconteceu?

Natacha estava lívida. Durante todo o tempo que Alhocha falou, manteve o olhar fixo sobre ele; mas os seus olhos estavam imóveis e o rosto cada vez mais pálido. A mim parecia-me que já não escutava e que estava quase desfalecida. As exclamações de Alhocha despertaram-na. Estremeceu, olhou à volta e, de repente, me encarou. Tirou uma carta do bolso e a passou para mim, repentinamente, às

escondidas de Alhocha.

Era uma carta para os seus, escrita na véspera; entregou-a com um olhar de desespero, que ainda recordo e que me encheu de espanto; compreendi que agora via claramente todo o horror da sua conduta; quis dizer-me qualquer coisa e começou a falar, mas desmaiou e eu não tive tempo senão para ampará-la.

Alhocha, então, empalideceu de terror; friccionava-lhe as fontes, beijava-lhe as mãos e a boca; passados alguns momentos, Natacha recuperou os sentidos. Perto, estava o coche de aluguel em que viera Alhocha. Mandou-o aproximar-se e nele colocou Natacha, a qual parecia privada de conhecimento. Quando se despediu, apertou-me a mão e a salpicou de lágrimas ardentes. O coche partiu e eu fiquei durante muito tempo cravado no mesmo lugar, seguindo-o com os olhos. Toda a minha felicidade se desfizera, toda a minha vida estava estragada.

Compreendia isso muito bem. A seguir voltei à casa dos velhos, pelo mesmo caminho por que tínhamos vindo. Não sabia como entrar, o que dizer; tinha as ideias entorpecidas, minhas pernas se dobravam…

Esta é toda a história da minha felicidade; assim terminou e se desfez o meu amor! Agora continuarei a minha narrativa interrompida.

## Capítulo X

Cinco semanas depois da morte de Smith, instalei-me no seu alojamento. Para mim foi este um dia de tristeza insuportável. Fazia frio e caía continuamente uma chuva misturada de neve. Ao entardecer, o sol apareceu por um momento e um raio perdido entrou no meu quarto, sem dúvida por curiosidade. Comecei a ficar arrependido de ter-me instalado ali. Conquanto fosse grande, o quarto era de teto baixo e muito escuro, de ar viciado devido à má ventilação e desagradàvelmente vazio, apesar dos móveis. Então pensei que ia perder nesse cubículo a pouca saúde que me restava.

Passei toda a manhã arrumando os meus papéis, revendo-os e pondo-os em ordem. Como não havia pasta, guardei-os numa fronha. Depois sentei-me a escrever. Estava trabalhando no meu romance grande, mas a pena escorregava-me da mão; tinha o pensamento noutra coisa…

Larguei a pena e sentei-me à janela. Começava a escurecer e a minha tristeza cada vez aumentava mais; assaltavam-me ideias lúgubres. Assaltava-me o pressentimento de que acabaria por sucumbir em Petersburgo. “A primavera aproxima-se – pensava. – Voltarei à vida, sairei deste tugúrio para a luz do dia e respirarei o cheiro fresco dos campos e dos bosques, pois já há muito não os gozo.” Lembro-me de que pensei também: “Que felicidade, se, por obra de magia ou por um milagre, pudesse esquecer completamente todo o passado, tudo o que sofri nos últimos anos, esquecer tudo, refrescar a cabeça e começar a viver com ideias novas!”. Pus-me a sonhar com isso e a esperar uma ressurreição. “E se eu fosse para um manicômio – decidi finalmente – para dar uma volta ao cérebro e mudar de modo de ser e começar a viver de novo?” Tenho sede de viver e de acreditar na vida… Mas lembro-me de que então soltei uma gargalhada. Que havia eu de fazer quando saísse da casa dos loucos? Continuar a escrever romances?

Assim sonhava e me apoquentava eu, enquanto ia escurecendo completamente. Nessa noite tinha eu uma entrevista com Natacha, que me escrevera na véspera. Levantei-me e dispus-me a sair. Sentia, mesmo sem isso, a necessidade de deixar aquele quarto triste e de ir a qualquer parte, embora me caísse chuva ou neve em cima.

À medida que a escuridão aumentava, o meu quarto parecia-me mais amplo, como se se fosse dilatando cada vez mais. Imaginava que todas as noites e em todos os cantos ia ver Smith, que ele estaria ali, sentado, olhando-me fixamente, como olhava na pastelaria de Adam Ivânitch, e com Azorka deitado a seus pés.

E exatamente nesse momento aconteceu-me qualquer coisa que me causou profunda impressão. Além disso, ou fosse porque tinha os nervos cansados, ou pelas novas impressões que em mim produzia o meu novo alojamento, ou, enfim, pela melancolia que nos últimos

tempos me dominara, o certo é que acabei por me encontrar nessa disposição de espírito em que costumo cair frequentemente à noite, desde que estou doente, e a que chamo “pavor místico”. Consiste num temor profundo, inquietante, qualquer coisa que eu próprio não consigo definir, algo de fantástico ou de irreal relativamente às outras coisas, mas que parece postar-se diante de mim e avolumar-se num instante, como se quisesse troçar de todos os raciocínios com a irrefutabilidade de um fato terminante, horrível, informe, implacável. Este pânico vai crescendo em mim gradualmente, a despeito de todas as invocações que faço à serenidade e ao raciocínio, de maneira que, embora finalmente nesse momento consiga o espírito maior lucidez, nem por isso deixa de se encontrar privado de toda possibilidade de afugentar a inquietação. Não presta ouvidos à razão: é ineficaz, e esse vislumbre de discernimento apenas serve para aumentar ainda mais a sobressaltada ansiedade da expectação. Parecia-me esse medo, em parte, o medo das pessoas que temem as almas do outro mundo. Mas no meu sobressalto, o aspecto vago dessa inquietação agravava ainda mais o meu suplício. Lembro-me que estava de pé diante da minha mesa, de costas para a porta, e que ia já pegar o chapéu, quando, de repente, nesse mesmo instante me assaltou a ideia de que inevitavelmente, quando me voltasse, iria ver Smith: começaria por abrir a porta sem ruído e ficaria parado entre os umbrais examinando o meu quarto; depois, docemente, baixando a cabeça, viria postar-se na minha frente, fixaria em mim o seu olhar e de repente daria risada com um longo riso desdentado, imperceptível, que havia de convulsionar o seu corpo durante muito tempo. Esta visão surgiu à minha frente com clareza e precisão extraordinárias, e ao mesmo tempo apoderou-se de mim a certeza plena, irrefutável, de que tudo isso havia infalível e inevitavelmente de acontecer, que já acontecera e que, se eu ainda o não via, era apenas porque estava de costas para a porta, a qual talvez acabara de abrir-se nesse mesmo instante. Súbito voltei-me e… de fato, a porta abriu-se suave por si só, sem ruído, exatamente como eu tinha imaginado um minuto antes. Dei um grito.

Durante um momento não apareceu ninguém, como se a porta se tivesse aberto sozinha; mas de súbito, entre os umbrais surgiu– uma figura estranha: dois olhos, conforme pude distinguir na obscuridade, olhavam-me fixos e tenazes.

Senti que todos os membros me ficavam gelados. Com um espanto enorme, reconheci que era uma garotinha; e se tivesse sido o próprio Smith em pessoa, talvez não me tivesse assustado tanto como com essa aparição estranha, inesperada, de uma menina desconhecida no meu quarto, àquela hora e naquele momento.

Já disse que a porta se abrira devagarinho e cautelosamente, como se ela tivesse medo de entrar. Depois de se ter apresentado, parou à entrada e olhou-me com um espanto que raiava pela hipnose; finalmente, adiantou dois passos devagarinho, suavemente, e parou diante de mim sem ter pronunciado uma palavra. Examinei-a mais de perto: era uma menina de doze ou treze anos, baixinha, magra e pálida, como se convalescente de uma doença grave.

E por isso mesmo os seus olhos grandes e negros brilhavam extraordinariamente. Com a mão esquerda segurava um grande lenço velho, esburacado, com o qual cobria o peito, que lhe tremia ainda do frio da noite. O vestuário era um autêntico farrapo; os cabelos, pretos e bastos, estavam em desordem.

Permanecemos assim um ou dois minutos fitando-nos mutuamente.

– Onde está o meu avô? – perguntou-me ela, finalmente, com uma voz rouca e fraca, como se tivesse o peito ou a garganta doentes.

Todo o meu pavor místico desapareceu perante esta pergunta. Perguntava por Smith; a sua pista aparecia de repente, de uma maneira inesperada.

– O teu avô? Morreu! – disse-lhe eu bruscamente, sem pensar na resposta, mas em seguida arrependi-me.

A menina permaneceu um instante imóvel, e de repente pôs-se a tremer tão fortemente que eu pensei que ela ia ter um ataque de nervos. Tive de ampará-la para que não tombasse. Passados poucos minutos, encontrava-se melhor e pude ver claramente que fazia esforços sobre-humanos para disfarçar a comoção.

– Perdoa-me, pequena, perdoa-me! – supliquei-lhe. – Disse-te isso,

assim, tão de repente… e além disso pode ser que não fosse assim, minha pobrezinha! Quem procuravas tu? O velho que vivia aqui?

– Sim – respondeu desanimadamente e olhando-me com inquietação.

– Chamava-se Smith?

– Sim.

– Então é ele… Sim, morreu… Mas não chores, minha pomba. Porque não apareceste há mais tempo? E agora… donde vens tu? Foi enterrado… ontem. Morreu de repente. És neta dele?

A menina não respondeu às minhas perguntas rápidas e desordenadas. Deu meia volta em silêncio e saiu do quarto devagarinho. Eu estava tão desorientado que não fiz nada para retê-la nem para continuar a interrogá-la. Parou outra vez à porta e, voltando-se para mim, perguntou-me:

– Azorka também morreu?

– Sim, Azorka também morreu – respondi, achando a pergunta estranha; parecia convencida de que Azorka havia de morrer ao mesmo tempo que o velho.

Ouvindo a minha resposta, a menina saiu do quarto, fechando com cuidado a porta atrás de si. Um minuto depois corri em sua busca, muito contrariado por tê-la deixado partir. Saiu tão discretamente que nem sequer a ouvi abrir a outra porta do patamar. “Não deve ter tido tempo de abrir a outra porta”, pensei, e pus-me à escuta no patamar. Mas estava tudo em silêncio e não se ouvia o menor ruído de passos; apenas se ouviu a porta dum andar inferior, ao fechar-se, e tudo voltou a mergulhar no maior silêncio. Apressei-me a descer a escada; desde o meu quarto até ao quinto andar era de caracol, mas a partir do quarto era direita. Era uma escada suja, negra e sempre escura; uma dessas escadas que costuma haver frequentemente nos prédios grandes, divididos em andares modestos. Nesse momento já estava completamente às escuras.

Tateando, desci até ao quarto andar e parei; e de repente pareceu-me sentir que ali, no patamar, havia alguém que se colava à parede e procurava fugir de mim. Pus-me a tatear com as mãos: a menina estava ali, no canto, o rosto contra a parede, chorando baixinho.

– Por que tens medo? – disse-lhe. – Assustei-te, fui desajeitado; o teu avô, quando morreu, falou de ti; foi a sua última palavra… Deixou-me ali uns livros que talvez sejam teus… Como te chamas? Onde moras? Ele disse que era na Sexta Linha…

Mas não acabei. Ela deu um grito de susto, talvez por eu saber onde ela vivia, repeliu-me com a sua mão fraca e ossuda e desceu a escada rapidamente. Corri atrás dela. Ainda se ouvia o barulho dos seus passos. De repente, parou. Quando cheguei à rua, desaparecera. Fui até ao Próspekt Vosniessiénski e as minhas pesquisas foram inúteis. "Naturalmente escondeu-se em qualquer parte", pensei, quando ainda na escada.

## Capítulo XI

Mal pusera o pé no sujo e resvaladiço passeio do Próspekt, deparei um transeunte que, pelo visto, mergulhado em profundas reflexões, ia ligeiro e cabisbaixo. Grande foi o meu espanto quando reconheci nele o velho Ikhmiêniev.

Essa era para mim uma noite de encontros inesperados. Eu sabia que o velho Ikhmiêniev estivera três dias muito doente e agora encontrava-o na rua, com aquela umidade. Aliás, ele já não saía à noite e, desde a fuga de Natacha, isto é, havia quase meio ano, mal punha os pés na rua. Pareceu ficar contente por me ver, como quem finalmente encontra um amigo com o qual pode trocar impressões; estendeu-me a mão efusivamente e, sem perguntar onde eu ia, levou-me com ele. Mostrava certo alarme e inquietação. "Onde poderá ele ir?" – pensava eu. Era inútil perguntar-lhe. Tornara-se terrivelmente desconfiado e, às vezes, na pergunta ou na observação mais ingênua via uma alusão humilhante ou uma ofensa. Olhei-o às furtadelas: tinha aspecto doentio; estava muito mais magro e com barba de uma semana. Os seus cabelos, completamente brancos, escapavam-se,

revoltos, do chapéu amassado; e caíam-lhe em grandes madeixas na gola do sobretudo, velho e puído. Já disse que, às vezes, tinha momentos da mais completa distração, esquecia-se, por exemplo, de que não estava só e punha-se a falar consigo mesmo, gesticulando e mexendo-se. Fazia pena vê-lo.

– Onde vais, Vânia? – perguntou ele. – Eu vim tratar dos meus assuntos. Tens passado bem de saúde?

– Sim. E o senhor? – respondi-lhe. – Ainda está convalescente e já sai…

O velho não me respondeu, como se não me tivesse ouvido.

– Como está Anna Andriéievna?

– Está bem… está bem, embora com os seus achaques. Anda um pouco triste. Fala muitas vezes de ti… Por que não nos vais ver? Ias agora a nossa casa, Vânia? Não te estarei aborrecendo, desviando de teu caminho? – perguntou, olhando-me desconfiadamente, pois o melindroso velho era tão sensível que, se lhe tivesse dito que não ia naquele momento à sua casa, se teria ofendido e despedido de mim. Apressei-me a dizer-lhe que ia precisamente visitar Anna Andriéievna, embora soubesse muito bem que já era tarde e talvez não pudesse ir à casa de Natacha.

– Muito bem – disse, completamente tranquilizado com a minha resposta. – Está muito bem – e de repente calou-se e ficou pensativo, como se não soubesse o que havia de dizer mais. – Sim, está muito bem – repetiu maquinalmente passados alguns momentos, como se despertasse de um sonho profundo. – Hum! Olha, Vânia, tu foste sempre para nós como uma pessoa de família; Deus não nos quis dar um filho, mas te enviou a nós; sempre pensei isto e a minha velha também… Que Deus te abençoe por isso, Vânia. Tu foste sempre respeitador e obediente como um filho, bom e grato para conosco, e nós os dois te abençoamos e te amamos…

A sua voz tremia; calou-se um minuto antes de continuar.

– Mas bem, que te aconteceu? Estiveste doente? Por que não nos

vens ver há tanto tempo?

Eu lhe contei a história de Smith e desculpei-me também dizendo-lhe que estivera um pouco adoentado e que ficara difícil ir a Vassílievski, porque era muito longe; continuavam vivendo em Vassílievski. Estive quase a confessar que, apesar de tudo isso, tivera oportunidade de visitar Natacha; felizmente contive-me a tempo. A história de Smith interessou-o vivamente. Seguia as minhas palavras com atenção. Quando soube que o meu alojamento era lúgubre e quase pior do que o outro, e que me custava seis rublos por mês, indignou-se.

De maneira geral era muito impaciente e colérico. Apenas Anna Andriéievna sabia acalmá-lo quando se punha assim, e nem sempre.

– Hum! Toma, aí tens, aí tens a literatura, Vânia! – gritou irritado. – Levou-te a uma trapeira e há de levar-te ao cemitério; eu já te disse, eu já te disse… E B***, ainda faz críticas?

– Morreu tísico… parece-me que já o disse.

– Morreu! Hum! Morto! Tinha de ser! E deixou alguma coisa à mulher e aos filhos? Tu me disseste que tinha mulher. Para que casará essa gente?

– Não, não deixou nada – respondi com tristeza.

– Já podes ver! – gritou tão indignado como se falasse de um parente próximo, do seu próprio irmão. – Vês, Vânia? Eu já imaginava que ele teria de acabar assim! Não deixou nada! Muito bonito! A glória imortal mas… com isso não se come. Quanto a ti, meu amigo, também já o pressentia; gabava-te, mas o coração já me adivinhava tudo. Quer dizer que B*** morreu! Como é que ele não havia de morrer? A vida é bela… e este lugar também… Olha!

E com um movimento de mão repentino, impaciente; mostrou-me a perspectiva lúgubre da rua, fracamente iluminada pelos revérberos escondidos entre a névoa, as casas sujas, as lajes do chão reluzentes de umidade, os transeuntes tristes, tristes e aborrecidos por causa da chuva; todo aquele quadro, coroado pela cúpula negra, como

salpicada de nanquim, do céu de Petersburgo. Já tínhamos chegado à praça; diante de nós erguia-se a estátua, no meio das trevas, um pouco iluminada embaixo pelas lanternas do gás; e mais adiante erguia-se a imensa mole sombria da Catedral de Isaak, que sobressaía vagamente na cor nebulosa do céu.

– Dizias tu, Vânia, que B*** era um homem bom, generoso, simpático e simples, um homem de coração. São todos assim, simpáticos e bons. Mas a única coisa que sabem é multiplicar o número de órfãos… Hum! Sim, calculo que devem sentir-se felizes por morrer! Eh! Mais valia que fossem para longe, para qualquer parte, para a Sibéria! Que queres tu, menina? – perguntou de repente ao ver no passeio uma pequenina que pedia esmola.

Era uma garotinha miúda e débil, de sete ou oito anos, no máximo, coberta de sujos andrajos; trazia os pezinhos sem meias, calçados nuns sapatos rotos. Esforçava-se por tapar o corpinho, trêmulo de frio, com uma espécie de vestido sem feitio e que já lhe ficava apertado. Voltava para nós a sua carinha triste, pálida e doentia; olhava-nos com timidez e resignação e, como se receasse um mau acolhimento, estendia-nos a mãozinha trêmula… O velho estremeceu também quando a viu e encarou-a tão vivamente que a assustou. Ela teve um sobressalto e afastou-se.

– Que te aconteceu, menina – disse-lhe. – Estás pedindo esmola? Então, toma…

Tremendo de comoção, rebuscou nos bolsos e tirou duas ou três moedinhas de prata; mas pareceu-lhe pouco, procurou novamente e tirou um rublo do porta-moedas, que era tudo quanto levava, e o pôs na mão da mendiga.

– Deus te proteja… minha filha! Que o anjo da guarda te acompanhe!

E com a sua mão tremente fez várias vezes o sinal-da-cruz sobre a infeliz; mas, de repente, ao ver que eu o observava, franziu as sobrancelhas e continuou a andar com grandes passadas.

– Olha, Vânia, não posso ver – disse, depois de um silêncio cheio

de tristeza, que durou muito tempo – não posso ver essas inocentes criaturinhas, tiritando de frio no meio da rua, por culpa dos seus malditos pais. Embora, pensando bem, que mãe é que seria capaz de enviar uma menina para este horror, se ela própria não fosse uma desgraçada? Provavelmente, além, no seu casebre, terá outros irmãozinhos e esta deve ser a mais velhinha; talvez a pobre mulher esteja doente ou já seja velha, e… hum!, estes não são filhos de príncipes. Há muitos neste mundo, Vânia, que não são filhos de príncipes. Hum!

Calou-se por uns momentos, pensativo.

– Ouve, Vânia, eu prometi a Anna Andriéievna, prometi-lhe… isto é, concordamos os dois em adotar uma orfãzinha… a primeira que encontrássemos, naturalmente, pobre e pequenina, compreendes? Nós, já velhos, aborrecemo-nos sozinhos. Hum! Simplesmente, a minha mulher põe algumas objeções; por isso fala-lhe tu, peço-te, não em meu nome, mas como coisa tua; expõe razões … Compreendes? Já há muito tempo que queria te pedir isso… para que consigas o seu consentimento… mas era-me difícil. Perfilhar uma menina? Bem sei que não há necessidade disso. Era só para ouvir uma voz infantil… Bem, para que falar de tolices? E afinal é pela minha velha que eu o faço, para que se distraia mais do que comigo. Mas que tolices! Olha, Vânia, desta maneira nunca mais chegamos! Tomemos uma carruagem; ainda estamos longe e Anna Andriéievna já deve estar à nossa espera com impaciência.

Eram sete e meia quando chegamos à casa de Anna Andriéievna.

## Capítulo XII

Os velhos amavam-se muito. O amor e a longa convivência tinham-nos unido com um laço indestrutível. No entanto, jamais, nem agora nem nos tempos mais felizes, Nikolai Sierguiéitch fora muito expansivo com Anna Andriéievna, e muitas vezes chegava até a ser rude, sobretudo diante de estranhos. Algumas pessoas ternas e sensíveis experimentam certa timidez, certo pudor e aversão em mostrarem o seu coração, mesmo à pessoa amada, não somente em público como também na intimidade, e apenas de longe em longe lhes escapa uma demonstração de amor, tanto mais efusiva quanto mais tempo esteve reprimida.

Assim fora sempre o velho lkhmiêniev para com a sua Anna Andriéievna. Estimava-a e amava-a muitíssimo, embora ela não fosse mais do que uma mulher bondosa e que não sabia outra coisa senão amá-lo; mas ele não permitia muitas vezes que ela lhe demonstrasse com demasiada efusão o seu amor. Desde a fuga de Natacha, o amor dos velhos aumentara. Sentiam doentiamente que tinham ficado sozinhos no mundo. E ainda que Nikolai Sierguiéitch tivesse momentos em que se punha muito sombrio, nem por isso era menos verdade que não podiam estar separados umas horas sem sentirem verdadeira tristeza. Parecia que tinham feito um acordo tácito para não falarem nunca de Natacha, como se ela não existisse. Anna Andriéievna, embora isso lhe fosse muito doloroso, não ousava fazer alusão à fugitiva na presença de seu marido. Havia muito que, no seu coração, tinha perdoado. Tínhamos combinado entre os dois, entre mim e ela, que eu lhe levaria notícias da sua amada e sempre lembrada filha.

A velhinha ficava doente quando se passava um certo tempo sem nada saber de Natacha; quando eu ia vê-la perguntava-me e tornava a perguntar-me com uma curiosidade insaciável, e as minhas palavras aliviavam-lhe a alma. Uma vez ia morrendo de desgosto ao saber que Natacha estava doente e quis até ir vê-la. Mas isto foi um caso extremo. A princípio não ousava exprimir o desejo de ir ver a filha, e

quase sempre, depois dos nossos diálogos, quando já me perguntara tudo, achava que não podia passar sem se queixar diante de mim, e afirmava que embora se interessasse pela sorte da filha, Natacha cometera uma falta tão grande que era impossível perdoar-lhe. Mas tudo isto era fingido; havia ocasiões em que Anna Andriéievna quase desmaiava, chorava, chamava por Natacha com os nomes mais doces, queixava-se amargamente do marido; depois, na presença deste, falava de orgulho e de dureza de coração, e chegava a dizer que Deus não perdoa aos que não querem perdoar; mas não ousava tocar mais diretamente na questão. Nesses momentos o velho punha-se carrancudo e sério; franzia as sobrancelhas sem nada dizer, mudava de conversa ou, finalmente, retirava-se para o quarto e deixava-nos sozinhos, de maneira que a mulher podia desabafar a tristeza com lágrimas e lamentações. Parecia que, quando eu chegava, depois de me cumprimentar se metia no quarto de propósito para me dar tempo a comunicar a Anna Andriéievna as últimas notícias de Natacha.

Foi o mesmo que fez naquele momento: "Venho todo molhado – disse quando entrou em casa. – Vou lá dentro num instante. E tu, Vânia, senta-te. Conta o que te aconteceu no teu novo alojamento. Eu volto já". E saiu dali precipitadamente, fazendo o possível por não olhar para nós, como se se envergonhasse de ser ele próprio a proporcionar a nossa conversa. Quando regressava, nestas ocasiões, mostrava-se severo e sério, tanto para comigo como para Anna Andriéievna, e até pesaroso para consigo próprio pela sua falta de firmeza e excessiva condescendência.

– Procede sempre assim, – disse-me a pobre velha, que nos últimos tempos me comunicava até os seus pensamentos mais íntimos – procede sempre assim comigo e o mesmo faz para com a filha. Para que será esse fingimento para comigo? Então eu sou uma estranha para ele? Podia perdoar à minha Natacha e talvez o deseje, só Deus o sabe. À noite, chora, que eu o ouço. Mas quando não está só faz-se forte, o orgulho sustém-no. Diga-me, Ivan Pietróvitch, onde ia ele?

– Nikolai Sierguiéitch? Não sei, vinha precisamente perguntar-lhe.

– Assustei-me quando o vi sair com esse tempo. "É preciso que tenha qualquer coisa de muito importante a tratar", disse para

comigo. Mas que poderá ele fazer de mais importante do que aquilo que já sabes? Pensei isso mas não ousei interrogá-lo; eu agora o vejo sempre em aflição e por isso não me atrevo a perguntar-lhe nada. Meu Deus, cheguei a pensar que ele ia vê-la, mas não tive coragem de lhe perguntar nada! Ele sabe tudo a respeito dela, até as coisas mais insignificantes. Sim, eu creio que ele está a par de tudo, mas não sei como. Ontem e anteontem passou o dia numa grande inquietação. Mas por que estás calado? Diz-me, meu filho, aconteceu qualquer coisa? Esperava-te como a um anjo da guarda. Bem, diz-me, esse malvado abandonou a Natacha?

Contei a Anna Andriéievna, com toda a franqueza, o que sabia. Eu era sempre muito franco para com ela. Disse-lhe que Natacha e Alhocha estavam à beira de um rompimento; que havia entre eles sérias desavenças e que Natacha me escrevera suplicando-me fosse vê-la nessa mesma noite, às dez, e que teria ido se não tivesse encontrado Ikhmiêniev. Expliquei-lhe que a situação era crítica; que o pai de Alhocha, que havia uma semana regressara da sua viagem, não queria aceitar nada, fazia grande pressão sobre o filho, e o mais grave era que o rapazote parecia agora sentir já menos repulsa pela noiva que lhe destinavam e achava-a até muito a seu gosto.

Acrescentei que Natacha me escrevera num momento de grande excitação; dizia que esta noite devia decidir-se tudo; o que, não sabia. Também era estranho me tivesse escrito com data do dia anterior, mas pedindo-me que fosse hoje, a uma hora determinada, às dez. E que, por isso, desejava ir lá o mais cedo possível.

– Vai, vai já, meu amigo, vai sem falta! – exclamou a velha. – Quando ele voltar, tomas uma chavenazinha de chá… Ah! Não trouxeram o bule. Matriona! És uma estabanada e não uma criatura às direitas! E o samovar?… Já sabes, tomas uma chávena de chá e em seguida procuras um pretexto e vais. E amanhã virás sem falta contar-me tudo. Vai já! Ai, meu Deus, se aconteceu alguma nova desgraça! Embora, pensando bem, que poderia ser pior do que o presente? Não é verdade, Vânia? O meu marido está a par de tudo quanto se passa, tenho a certeza. Eu sei muitas coisas por Matriona, que se informa por intermédio de Agacha, e Agacha pelo marido de Maria Vassílievna, que serve em casa do príncipe… O meu Nikolai está de péssimo

humor, zanga-se e grita, e depois custa-lhe muito falar; estamos em falta de dinheiro. Parece que está assim por causa do dinheiro. Tu já conheces a nossa situação. Depois do jantar meteu-se no quarto com o pretexto de se deitar um pouco; mas eu olhei por uma fresta da porta, que ele não conhece, e vi-o ajoelhado diante da imagem, rezando. Diante daquilo, também as minhas pernas fraquejaram. Ele não tomou chá nem dormiu a sesta; pegou o chapéu e saiu às cinco. Não me atrevi a perguntar-lhe para onde, pois acabaria por gritar. Por tudo e por nada grita com Matriona e algumas vezes comigo também. E, quando ele começa assim, as pernas tremem-me e parece que me arrancam coração. Claro que tudo isso é forçado, bem sei que é forçado; mas, seja como for, é horrível. Quando ele partiu, estive durante uma hora pedindo a Deus lhe desse bons pensamentos… Mas onde está essa carta? Quero vê-la.

Mostrei-a; sabia que Anna Andriéievna alimentava a doce ilusão de que Alhocha, a quem ela algumas vezes chamava malvado, desalmado e maluco, acabaria por casar-se com Natacha, e que o pai, o príncipe Piotr Alieksándrovitch, daria para isso o seu consentimento. Assim o dizia muitas vezes diante de mim, embora noutras se arrependesse e desdissesse as palavras. Mas por nada deste mundo se teria atrevido a exprimir as suas esperanças na presença de Nikolai Sierguiéitch, embora soubesse que o velho o supunha e já, em mais de uma ocasião lhe dirigira censuras. Penso que teria amaldiçoado definitivamente Natacha e que a teria expulso para sempre do seu coração, se tivesse acreditado na possibilidade desse matrimônio.

Era esta então a opinião de todos. Ele esperava a filha com todas as ânsias do coração; mas esperava a ela sozinha, arrependida e depois de ter arrancado do coração até a recordação de Alhocha. Era esta a condição necessária para o perdão, e embora ele o não dissesse, era o que todos deduzíamos, ao vê-lo.

– É um rapaz sem caráter e de mau coração, sempre lhe disse – confiava-me Anna Andriéievna. – Não souberam educá-lo, saiu um estouvado. Vai abandoná-la. Que será da pobre Natacha? Meu Deus, com o amor que ela lhe tem! Mas que achará ele de particular na outra? É estranho!

– Eu ouvi dizer que é encantadora e Natacha Nikoláievna também o diz, Anna Andriéievna – interrompi-a.

– Tu não falas a verdade! Para vocês, garatujadores de papel, assim que veem umas saias, todas são encantadoras. Se Natacha a gaba é porque tem uma alma muito nobre. Não sabe chamá-lo às contas, aguenta tudo e sofre. Quantas vezes a terá enganado esse malvado, esse desalmado! Mas eu, Ivan Pietróvitch, fico espantada. O orgulho cega-os a todos. Se ao menos o meu marido vencesse os seus ressentimentos, perdoasse a minha pombinha e a trouxesse para cá… Como eu a trataria bem! Está mais magra?

– Está, sim, Anna Andriéievna.

– Querido Ivan Pietróvitch, como eu sou desgraçada! Choro dia e noite… Hei de contar-te… Quantas vezes tenho estado quase para pedir-lhe indiretamente que a perdoe; mas falta-me a coragem. O coração adivinha-me, temo que se zangue e nos amaldiçoe a todos. Até agora ainda não lhe ouvi maldições… mas tenho muito medo que nos amaldiçoe. Seria uma desgraça. O pai amaldiçoa e Deus castiga. Por isso passo a minha vida a tremer… Mas tu, Ivan Pietróvitch; devias ter vergonha, tu que não recebeste de nós senão palavras de amizade, como podes achá-la encantadora? Como havia eu de esperar isto de ti? Encantadora! Não é isso o que diz Maria Vassílievna, que vive em casa do príncipe (eu não procedi bem, mas um dia convidei-a a tomar chá aqui, quando o meu marido estava ausente), e ela contou-me todos os pormenores. O pai de Alhocha mantém relações ilícitas com uma condessa, a qual já há muito tempo que o censura por não se casar com ela; mas ele faz-se desentendido. Esta condessa tornou-se notável, ainda em vida do marido, pela sua conduta escandalosa. Quando enviuvou, partiu para o estrangeiro e aí… ora, italianos ou franceses, tanto fazia, todos lhe serviam. Foi lá que ela pescou o príncipe Piotr Alieksándrovitch, pai de Alhocha. Mas a enteada, que era muito bonita, foi crescendo. Ficou-lhe do seu primeiro casamento. A condessa dava cabo da sua fortuna; a pequena ia crescendo e os dois milhões que o pai, negociante de aguardente, lhe deixara, iam também crescendo. Dizem que tem agora três milhões; o príncipe, que não é tolo, pensou: “Bom partido para Alhocha!”. (Não é tão tolo que deixe escapar uma oportunidade destas.) Há um conde seu parente, homem

de elevada posição, que o apoia. Três milhões não são para desprezar. “Está bem – disse – fala à condessa.” O príncipe foi e comunicou-lhe o seu plano; ela não o quis ouvir; é uma mulher sem princípios, dizem, uma insolente; aqui já não a recebem em parte nenhuma; isto não é como no estrangeiro. “Não – disse-lhe – casa tu comigo, e não o teu Alhocha com a minha enteada.” Dizem que a moça gosta da madrasta e que lhe obedece em tudo. Segundo dizem, tem uma alma de anjo. O príncipe respondeu-lhe: “Olha, condessa, não te apoquentes. Perdeste a tua fortuna e estás crivada de dívidas. Mas se a tua enteada casar com Alhocha, farão um ótimo par; ela é uma santinha e o meu filho, um palerminha; nós dois vamos manejá-los à nossa vontade, vão ficar debaixo da nossa tutela e tu terás dinheiro. E em compensação – diz-me – para que servia eu casar-me contigo?”. Que espertalhão! É mesmo um pedreiro-livre! Há seis meses que isso se passou e a condessa ainda não decidiu nada; mas agora dizem que fizeram uma viagem a Varsóvia e já se puseram de acordo. Isto tudo me foi contado por Maria Vassílievna, e é verdade, pois ouviu-o da boca dum homem de confiança. Portanto aí tens: dinheiro, milhões, e além disso encantadora.

A história de Anna Andriéievna impressionou-me profundamente, pois concordava com o que havia pouco me dissera Alhocha, jurando-me que jamais faria um casamento por dinheiro. Mas Ekatierina Fiódorovna ia-o conquistando e seduzindo. Além disso Alhocha dissera-me ainda que o pai talvez se casasse também, embora repudiasse esses receios, para não inquietar prematuramente a condessa. Já disse que Alhocha gostava muito do pai; gostava dele, elogiava-o muito e acreditava nele como num oráculo.

– A tal encantadora não é fidalga, sabes? Não é condessa – insistiu Anna Andriéievna, magoada com o meu elogio da futura noiva do jovem príncipe. – Natacha seria melhor partido para ele, é nobre, é uma autêntica senhora. A outra é filha dum comerciante, ao passo que Natacha… Ainda ontem – esqueci de te dizer – o meu velho abriu o cofre onde guarda os seus papéis e passou toda a noite revendo e arrumando os nossos velhos pergaminhos. Estava aí sentado, muito sério. Eu tricotava, sem olhar para ele, medrosa; ele percebeu que eu não dizia nada, aborreceu-se, e depois, apesar disso chamou-me e

esteve a explicar-me a nossa genealogia. Os Ikhmiênievi, já no reinado de Ivan, o Terrível, eram nobres, e os meus, os Chumílovi, já eram conhecidos nos tempos de Alieksiéi Mikháilovitch[14]; possuímos todos os documentos, e Karamzin[15] menciona-os na sua história. Por isso, meu filho, já vês que neste campo nada temos a invejar a ninguém. Assim que o velho começou a me explicar isso, compreendi imediatamente a sua intenção. Não havia dúvida que estava ferido pelo desprezo que mostram por Natacha. A outra, mais do que nós, só tem a riqueza. Mas o que é certo é que esse bandido vai atrás da fortuna. Isso já se sabe. Não tem coração, é um avarento. Dizem que professou secretamente nos jesuítas de Varsóvia. É verdade?

– Esse boato é absurdo – exclamei, interessando-me involuntariamente por aquele boato; e também me impressionou a notícia de que Nikolai Sierguiéitch se tivesse posto a rever a sua ascendência.

– São todos uns malvados sem coração – continuou Anna Andriéievna. – Então ela, a. minha querida, sofre e chora? Ah, já é tempo de ires ter com ela! Matriona, Matriona! Que estúpida é esta criada! Uma criminosa e não uma criada! Não a ofenderam? Diz-me tudo, Vânia.

Que havia eu de responder-lhe? A velhota chorava. Eu perguntei-lhe que desgraça era essa que lhe acontecera e à qual aludira havia pouco.

– Ai, meu filho, uma desgraça só não chegava; decerto o cálice ainda não estava esgotado! Olha, meu amigo, não te lembras que eu tinha um medalhão de ouro com o retrato da minha Natacha quando era pequena? Contava apenas oito anos, o meu anjo! Encomendamo-lo a um pintor que passou por aqui; mas tu, segundo parece, já não te lembras desse retrato. Representava-a de Cupido, com os seus cabelos louros, como ela os tinha então, todos frisados, e uma camisinha de musselina branca, através da qual se via o corpinho… Estava tão bonita que uma pessoa não se cansava de olhar para ela. Pedi ao pintor que lhe pusesse duas asas, mas ele não quis. Pois olha, eu, depois de tantos desgostos como os que temos sofrido, tirei o medalhão da caixinha onde o guardara e pendurei-o ao pescoço, num

fiozinho onde trago a cruz. Mas com muito medo que o meu marido o visse. Já sabes que ele mandou tirar ou queimar tudo o que havia dela nesta casa, para que nada a recordasse. Mas assim, ao menos já podia olhar para ela, e às vezes chorava ao contemplá-la, o que me aliviava; dizia-lhe palavras ternas, e à noite, quando estava só, beijava-a no medalhão como se beijasse a ela mesma, e outras vezes falava-lhe baixinho; quando estava só, fazia-lhe perguntas, parecia-me que ela me respondia e então continuava a perguntar, e antes de me deitar persignava-a… Ai, *golubtchik*![16] Vânia, como custa dizê-lo! Eu estava muito contente porque ele não sabia nada nem reparara no medalhão. Mas uma manhã não o encontrei. Procurei, revolvi tudo… mas em vão. Se eu sabia onde o tinha posto! Julguei que morria. Continuei a procurar, a procurar… Nada! Onde poderia ter ido parar? "Talvez – disse para comigo – tenha caído na cama." Revistei tudo, e nada! Alguém o devia ter encontrado. Mas quem poderia ter sido senão ele ou Matriona? Ela gosta muito de mim (Matriona, então o samovar?). "Bem – disse para mim mesma – se foi ele que o encontrou, que vai agora acontecer?" Sentei-me. Invadiu-me uma grande tristeza e comecei a chorar, sem poder conter as lágrimas. Mas Nikolai Sierguiéitch demonstra-me maior ternura do que nunca; quando repara no meu estado aflige-se, como se soubesse por que choro e tivesse dó de mim. E eu penso: como é que ele pode saber? Naturalmente encontrou o medalhão e o destruiu. Era capaz disso, na sua ira. Destruiu e agora está arrependido. Fui procurá-lo debaixo da janela, junto da fonte, com Matriona… Nada. Poderia ter caído na água. Passei a noite toda chorando. Era essa a primeira em que não fazia o sinal-da-cruz sobre o retrato. Ah, ah, isto é um mau agouro, Ivan Pietróvitch! Não anuncia nada de bom. No outro dia, ainda de olhos molhados, recomeço a chorar. Esperava-te a ti, meu amigo, como a um anjo de Deus, embora sentisse a alma em ferida.

E a velha rompeu num pranto desolador.

– Ah, esquecia de dizer-te uma coisa! – exclamou de repente, satisfeita por ter lembrado. – Ouviste-o falar a respeito de uma órfã?

– Ouvi, Anna Andriéievna. Disse-me que pensavam os dois e tinham combinado adotar uma menina pobre, uma órfã. É verdade?

– Eu não pensei nisso. Não quero nenhuma órfã. Recordava-me a nossa infelicidade, o nosso desgosto. Eu só posso gostar da minha Natacha. Era e será a minha única filha. Mas por que teria ele tido essa ideia, meu amigo? Que pensas tu, Ivan Pietróvitch? Talvez pense que assim posso consolar-me. Como me vê tão chorosa! Também pode ser que queira esquecer a sua filha adotando outra. Que te disse ele de mim durante o caminho? Como o achaste, carrancudo, zangado? Depois falaremos nisso. Não te esqueças de vir amanhã, pelo amor de Deus!

## Capítulo XIII

O velho entrou; olhou curioso e como se estivesse envergonhado, e sentou à mesa.

– E o samovar? – perguntou. – Por que não o trouxeram?

– Vem já, paizinho, vem já – apressou-se a dizer Anna Andriéievna.

Assim que viu Nikolai Sierguiéitch, Matriona apareceu com a chaleira, como se estivesse à espera que ele chegasse para a trazer.

Era uma velha criada, hábil e dedicada, mas muito rabujenta, caprichosa e teimosa. Tinha medo de Nikolai Sierguiéitch e diante dele tinha cuidado com a língua. Do que se desforrava sobejamente no seu trato com Anna Andriéievna. Estava sempre resmungando e via-se bem que tinha a pretensão de dominar a patroa, embora ao mesmo tempo estimasse, cordial e sinceramente, tanto a ela como a Natacha.

A esta Matriona já eu a conhecia há muito tempo.

– Hum! Não é muito agradável chegar a casa molhado e não quererem preparar-lhe rapidamente uma chávena de chá – resmungou o velho a meia voz.

Anna Andriéievna olhou para mim. Ele não gostava de gestos disfarçados e naquele momento esforçava-se por não olhar para nós; mas percebia-se em seu rosto que tinha reparado.

– Fui tratar de um assunto, Vânia – disse de repente. – É uma vileza. Já te contei? Condenam-me em tudo. Claro, não tenho provas! Fazem-me falta documentos que não possuo e o inquérito judicial é injusto.

Falava do seu litígio com o príncipe; o processo ainda se arrastava e tomara um mau aspecto para Nikolai Sierguiéitch. Eu me calava sem saber o que responder-lhe. Ele me olhava com receio.

– Então? – gritou de repente, excitado pelo nosso silêncio. – Quanto antes, melhor! Fará bem em condenar-me; não ficarei desonrado, ainda que me obriguem a pagar. A minha consciência está tranquila; condenem-me até onde quiserem. Quando me tiverem arruinado, pelo menos vão me deixar em paz. Abandonarei tudo e irei para a Sibéria.

– Meu Deus! Para onde é que tu queres ir? Para que para tão longe? – exclamou Anna Andriéievna.

– Que fazemos nós aqui? – perguntou-lhe ele com rudeza, como se tivesse ficado contente com a sua contrariedade.

– Mas… e as outras pessoas? – disse Anna Andriéievna olhando-me com ansiedade.

– Quais pessoas? – gritou ele passeando a sua vista irritada de mim para ela e vice-versa. – Quais pessoas? Os traidores? Os ladrões? Os caluniadores? Esses existem de sobra em todos os lados. Espera que também os encontraremos na Sibéria. E além disso, se não quiseres vir comigo, ficas, eu não te obrigo.

– Nikolai Sierguiéitch… meu amigo! Que faria eu aqui, sem ti? – exclamou a pobre Anna Andriéievna. – Além de ti, não tenho mais ninguém no mundo…

Ficou confusa. Calou-se e olhou para mim cheia de espanto, como se implorasse proteção e ajuda. O velho mostrava-se desesperado. Tudo o irritava, era impossível contradizê-lo.

– Acalme-se, Anna Andriéievna! Na Sibéria já não se vive hoje tão

mal como antes. Se lhes acontecer qualquer infelicidade, se se virem forçados a vender a propriedade de Ikhmiênievka, nesse caso, o projeto de Nikolai Sierguiéitch é excelente. Na Sibéria pode encontrar-se facilmente uma boa propriedade e… então…

– Aí está! Ao menos tu, Ivan, compreendes-me. Foi precisamente isso o que eu pensei. Deixo tudo e vou-me.

– Não esperava isso – gritou Anna Andriéievna juntando as mãos. – Também tu, Vânia. Não esperava isso de ti, Vânia… Só tens recebido mimos de nós, e agora…

– Ah! Ah! Ah! Pois que esperavas tu? Como julgas que vamos viver aqui? Pensa um pouco! O dinheiro voou; estamos gastando os últimos copeques e com certeza não me aconselhas a ir pedir perdão ao príncipe Piotr Alieksándrovitch, não é verdade?

Quando ouviu falar do príncipe, a pobre velha começou a tremer de medo; a colher de chá escapou-lhe das mãos e foi cair ruidosamente na tigela.

– Não, com certeza – exclamou Ikhmiêniev, troçando, com um sorriso maldoso e desabrido. – Que te parece, Vânia? Achas que faria bem em ir? Para que hei de eu emigrar para a Sibéria? Amanhã, cedinho, visto-me, penteio-me e calço-me. Anna Andriéievna prepara-me uma camisa nova (com pessoas desta classe é necessário). Compro umas luvas de categoria e apresento-me diante de Sua Excelência: "*Bátiuchka*, Excelência, meu benfeitor, meu pai… perdoe-me e tenha dó de mim! Dê-me pão, tenho mulher e filhinhos!". Achas isto bem, Anna Andriéievna? É isto o que tu queres?

– *Bátiuchka*, eu não quero nada, falei sem saber o que dizia; desculpa-me se te ofendi em alguma coisa; mas não grites – disse ela tremendo cada vez mais de medo.

Estou persuadido de que ele sentia a alma dorida ao ver as lágrimas e o terror da sua pobre mulher; estou convencido de que sofria mais do que ela, mas que não podia conter-se. É o que costuma acontecer às pessoas melhores mas nervosas, e que apesar da sua bondade se deixam dominar pela sua excitação e pelo seu desgosto,

até com prazer, e chegam até, seja lá pelo que for, a ofender outras pessoas inocentes, e, em particular, os seres mais próximos.

As mulheres, por exemplo, sentem às vezes necessidade de se fazerem de vítimas e desejam que os outros se apiadem delas, ainda que não existam nem ofensas nem desgraças. Há alguns homens que, nisto, são parecidos com as mulheres, e precisamente aqueles que não têm nada de feminino. O velho Ikhmiêniev sentia a necessidade de ralhar, embora com isso ele próprio sofresse também.

Lembro-me de que tive uma ideia. Não teria ele feito já algumas diligências do gênero da que propusera Anna Andriéievna? Não teria sido inspirado pelo Senhor, e não teria saído efetivamente com a intenção de ver Natacha, mas tinha se arrependido no caminho ou se lhe frustrou qualquer coisa e desistiu do seu propósito – como fatalmente tinha de acontecer – e voltara para casa ressentido e humilhado, envergonhado dos seus recentes desejos e sentimentos, procurando alguém sobre quem descarregar a sua raiva por causa da sua fraqueza e escolhendo precisamente a pessoa que sabia partilhar esses desejos e sentimentos? Podia ser que, desejando embora perdoar à filha, imaginasse o entusiasmo e a alegria da pobre Anna Andriéievna, e em vista do fracasso, naturalmente, descarregasse de preferência sobre ela.

Quando viu a mulher tremer de espanto, conteve-se. Parecia envergonhar-se da sua cólera e, por um momento, reprimiu-se. Estávamos todos calados; eu me esforçava para não olhar para ele. Mas esse momento durou pouco. De qualquer forma, era preciso desabafar, ou com uma explosão ou com uma maldição.

– Olha, Vânia – disse de repente – a mim, custa-me; eu não queria, mas chegou o momento de falar francamente, sem rodeios, como um homem honrado. Compreendes-me, Vânia? Estou satisfeito por que estejas presente e quero dizer diante de ti, para que também o ouçam os outros, que todos esses suspiros e essas lágrimas me exasperam. Quando eu arranco alguém do meu coração, ainda que seja com sangue e dor, nunca mais esse alguém volta. É assim. Disse e faço. Refiro-me ao que aconteceu há meio ano. Compreendes, Vânia?

Levantou da cadeira e deu um soco sobre a mesa com tanta força que as chávenas tilintaram.

– E falo disto, francamente, com toda a intenção, para que as minhas palavras não possam nunca enganar-te – acrescentou olhando com olhos cintilantes e evitando nitidamente o olhar da mulher. – Repito-o: isso é um absurdo. Não quero… A mim, o que mais me indigna é que, como a um imbecil, como ao maior malandro, todos me julguem capaz de ter tão baixos, tão covardes sentimentos… Pensam que a dor me faz perder a cabeça… Que absurdo! Eu afugentei, esqueci-me dos antigos sentimentos.

– Nikolai Sierguiéitch, tenha piedade de Anna Andriéievna – gritei, indignado, sem poder conter-me e olhando-o quase com aborrecimento. – Repare na maneira como está procedendo com ela.

Mas isto não foi senão deitar mais lenha no fogo.

– Não há piedade! – exclamou ele tremendo e empalidecendo. – Não tenho piedade porque de mim também não a têm… Na minha própria casa há conjuras contra a minha fronte agravada, a favor de uma filha corrompida, digna de maldição e de todos os castigos.

– *Bátiuchka* Nikolai Sierguiéitch, não a amaldiçoes! Tudo o que quiseres, tudo, menos isso! Não amaldiçoes a tua filha! – gritou Anna Andriéievna.

– Sim, amaldiçoo – gritou o velho ainda com mais energia do que antes – já que exigem de mim, que fui ofendido, uns com suspiros e outros com alusões, que eu vá ver essa maldita e lhe peça perdão. Sim, sim, é assim mesmo! Por causa disso martirizam-me de dia e de noite, diariamente, na minha casa. Olha, Vânia – acrescentou, tirando do bolso uns papéis, com a mão trêmula – olha para os maços do nosso pleito, onde dizem que eu despojei o meu benfeitor, onde me chamam ladrão e esbanjador… Eu estou desonrado, difamado, e isso por causa dela!

E jogou sobre a mesa vários papéis que tirara com precipitação do bolso, uns atrás dos outros, procurando impacientemente entre eles o que desejava mostrar-me; mas o documento preciso parecia esconder-

se propositadamente. Na sua impaciência tirou do bolso tudo quanto lhe vinha à mão e de repente… qualquer coisa pesada e sonora caiu sobre a mesa. Anna Andriéievna deu um grito. Era o medalhão perdido! Eu não queria acreditar no que via. O sangue afluiu ao rosto do velho e afogueou as suas faces.

Teve um sobressalto. Anna Andriéievna levantou, estendeu a mão e olhou-o, suplicante. O seu rosto brilhava numa esperança alegre e luminosa. Aquela cor no rosto, aquela comoção do velho, à nossa vista… Sim, ela não se enganara; compreendia agora como o medalhão desaparecera. Compreendia que ele o tinha encontrado e ficado satisfeito com o achado, e talvez, trêmulo de alegria, o tivesse guardado para escondê-lo de todos os olhares; talvez, sozinho, às escondidas de todos, se tivesse comprazido em contemplar o rosto da sua filha querida… olhando-o sem nunca se cansar; talvez ele, tal como a sua mãe infeliz, se escondesse de todos para falar com a sua adorada Natacha, imaginar as suas respostas e responder por ela; e à noite, numa tristeza torturante e lançando suspiros, beijaria a imagem querida e em vez de maldições daria o seu perdão e a sua bênção àquela que não queria ver e que amaldiçoava à frente dos outros.

– Então ainda gostas dela, meu querido? – exclamou Anna Andriéievna sem poder conter-se, diante: daquele pai sombrio que havia um instante amaldiçoara a sua Natacha.

Ao ouvir isto, um furor ensandecido brilhou nos olhos do velho. Pegou no medalhão, atirou-o ao chão e espezinhou-o furiosamente. – Para sempre, amaldiçoo-a para sempre! – gritou com uma voz cortante. – Para sempre, para sempre!

– Meu Deus! – exclamou a velha. – A ela, a ela, à minha Natacha! A carinha da minha Natacha debaixo dos teus pés! Tirano, cruel, orgulhoso, coração de pedra!

Quando ouviu os gemidos da mulher, o velho furioso quedou-se espantado do que fizera.

De repente, pegou no medalhão e ia já para sair do quarto; mas ainda mal saíra, caiu de joelhos, agarrando-se com as mãos ao divã que estava próximo e apoiando a cabeça inerte sobre ele. Gemia como

uma criança, como uma mulherzinha. Os soluços tomavam-lhe o peito, como se quisessem aniquilá-lo. O severo velho estava nesse instante mais débil do que uma criança. Oh, agora já não podia amaldiçoar; agora já não se envergonhava de nós, e no seu irreprimível arrebatamento de amor, pôs-se na nossa presença a cobrir de beijos inumeráveis o retrato que um minuto antes espezinhara sobre o chão. Parecia que toda a sua ternura, todo o seu amor pela filha, tanto tempo reprimidos, irrompiam agora com uma força irresistível e ao estalarem com essa força arrastavam atrás de si todo o seu ser.

– Perdoa-lhe! Perdoa-lhe! – gritou Anna Andriéievna abraçando-o. – Deixa que ela volte para casa de seus pais, meu querido, que Deus, no seu terrível juízo, há de levar em conta a tua mansidão e a tua clemência!

– Não, não, nunca! – exclamou ele com uma voz estridente e ofegante. – Nunca, nunca!

## Capítulo XIV

Até às dez horas não consegui aparecer em casa de Natacha. Ela vivia agora no cais do Fontanka, perto da ponte Siemiônovski, no sujo prédio principal do comerciante Kolotúchkin, no quarto andar. Nos primeiros tempos, quando da sua fuga da casa paterna, ela e Alhocha moravam num andar, não muito grande mas bonito e cômodo, na Litiéinaia.[17] Mas em breve se acabaram os recursos do jovem príncipe. Não se tinha feito professor de música; começou a pedir dinheiro emprestado e contraiu dívidas enormes. Gastava o dinheiro em pagar o andar e em presentes para Natacha, que protestava contra esse esbanjamento, ralhava com ele e às vezes até se punha a chorar. O sensível e terno Alhocha, que passava às vezes uma semana inteira pensando com prazer no presente que lhe daria e como é que ela o acolheria, que fazia disso uma verdadeira festa e estava constantemente a falar-me das suas esperanças e ilusões, ficava tão desanimado com aqueles ralhos e lágrimas que sofria dolorosamente e por causa desses presentes surgiam entre eles censuras, discussões e desgostos. Além disso Alhocha gastava muito, às escondidas de

Natacha, divertindo-se com antigos camaradas que o impeliam a enganá-la… Ia com Josefinas e Minas[18], apesar de amá-la loucamente. Amava-a até com certa dor. Dizia-me muitas vezes, triste e pesaroso, que o humilhava valer menos que um dedo da sua Natacha e que se sentia incapaz de elevar-se até ela e de fazer-se digno do seu amor.

Em parte, tinha razão. Eram completamente diferentes. Ele sentia-se uma criança diante dela e ela olhava-o sempre como uma criança. Confessava-me, com lágrimas nos olhos, suas aventuras com Josefinas e pedia-me que não falasse disso a Natacha; e quando, tímido e irritado, ia vê-la em minha companhia (tinha que ser em minha companhia, afirmando-me que não se atrevia a enfrentar o seu olhar, depois da sua falta, e que só eu podia valer-lhe), a Natacha bastava-lhe vê-lo para adivinhar tudo. Ela era muito boa e nem sei como podia perdoar-lhe sempre todas as culpas. De maneira geral as coisas passavam-se assim: Alhocha entrava comigo e começava a falar-lhe com humildade, olhando-a timidamente nos olhos. Ela adivinhava imediatamente que ele tinha culpas; mas não dizia nada, nem começava logo a falar nisso, nem lhe fazia censuras, e, pelo contrário, começava a acariciá-lo e mostrava-se muito contente, não por uma atitude estudada ou por fingimento, mas sinceramente, pois para esta bondosíssima criatura era um prazer perdoar e amar.

Parecia que, perdoando a Alhocha, experimentava uma satisfação especial. Mas por então tratava-se apenas de Josefinas. Ao vê-la assim tão clemente e mansa, Alhocha já não podia conter-se e punha-se então ele próprio a contar-lhe tudo sem que ninguém o tivesse interrogado, para desabafar e “ficar como antes”, conforme dizia.

Quando lhe perdoávamos, o seu entusiasmo não tinha limites. Às vezes até chorava de júbilo, de prazer. Beijava-a e abraçava-a. Depois ficava muito contente e começava a contar-nos com uma sinceridade infantil todos os pormenores das suas relações com Josefinas; ria-se, ria-se às gargalhadas, e o serão acabava bem, alegremente.

Quando acabou o dinheiro, começou a vender objetos. Para alojamento de Natacha procuraram um quarto pequenino, barato, no Fontanka.

Continuaram a vender coisas; Natacha chegou a vender vestidos e a procurar trabalho de costura; quando o soube, Alhocha ficou desesperado; jurou, gritou que se desprezava a si próprio; mas com isso não se remediava nada.

Atualmente, até esses últimos recursos tinham acabado. Restava-lhe apenas o trabalho; mas a retribuição era insignificante.

Nos primeiros tempos em que viveram juntos, Alhocha teve grandes altercações com o pai. A insistência do príncipe em querer casar o filho com a enteada da condessa, Ekatierina Fiódorovna, não passava de um projeto; no entanto estava bem aferrado a este projeto. Apresentou a Alhocha a sua futura noiva, incitou-o a esforçar-se por se lhe tornar simpático e obrigou-o a isso com muitos conselhos; entretanto o caso dificultava-se por causa da condessa. Depois o pai começou a fechar os olhos sobre as relações do filho com Natacha, confiado no tempo e esperando que, dada a leviandade do rapaz, o tempo esfriaria o seu amor. Quase que deixou de importar-lhe a hipótese de o filho casar-se com Natacha.

Os amantes, esses, tinham adiado tudo até à reconciliação com o pai e até que as circunstâncias mudassem.

Era visível, também, que Natacha não queria falar disso. Alhocha segredara-me que o pai estava muito contente com toda esta história, pois gozava com a humilhação dos Ikhmiênievi.

Somente por formalidade continuou a mostrar má cara ao filho; reduziu-lhe a sua já bastante exígua pensão (era demasiado avaro com ele) e ameaçou-o de a retirar completamente; mas em breve partiu para a Polônia, ao encontro da condessa, que tratava então aí dos seus interesses, sempre com a ideia de conseguir o seu projeto nupcial. A bem dizer, Alhocha era ainda muito novo para se casar; mas a noiva que ele lhe propunha era muito rica e não se podia pensar em perder uma tal oportunidade. O príncipe conseguiu o seu fim. Até nós chegaram rumores de que finalmente o casamento fora combinado. No tempo a que me refiro, acabava o príncipe de regressar a Petersburgo. Acolheu o filho afavelmente; mas a sua teimosia em continuar com Natacha desgostou-o. Começou a duvidar, a recear. Exigiu-lhe

enérgica e terminantemente a ruptura; mas depois pensou que seria melhor apelar para outros meios e levou Alhocha à casa da condessa. A enteada, embora ainda quase uma criança, tinha a reputação de possuir uma grande beleza, extraordinária bondade e um espírito sereno e alegre, inteligente e sensato. O príncipe pensava que seria necessário meio ano para conseguir o seu objetivo, que Natacha então não teria já para seu filho o atrativo da novidade, e que ele não olharia para a sua futura noiva da mesma maneira que agora. Em parte, mas apenas em parte, acertou. De fato, Alhocha ficou seduzido. Acrescentarei que o pai, de um momento para o outro começou a mostrar-se muito amável com o filho (exceto na questão de dinheiro). Alhocha suspeitava que debaixo dessa afabilidade se ocultava um propósito decidido, irrevogável, e sofria… embora não tanto como teria sofrido se não visse todos os dias Ekatierina Fiódorovna. Eu sabia que havia já cinco dias que Alhocha não ia à casa de Natacha. Com a avidez de vê-la, que sempre conservei, corri até lá, de casa dos Ikhmiênievi, pensando naquilo que ela queria dizer-me. Ainda ao longe descobri uma vela acesa na janela. Havia muito tínhamos combinado que ela poria uma vela na janela quando tivesse uma grande e imprescindível necessidade de me ver, para que, se por casualidade me acontecesse passar por ali próximo (o que acontecia quase todas as noites), ao ver essa luz, fora do comum, na janela, eu pudesse compreender que ela me esperava e eu lhe era necessário. Nos últimos tempos rara era a noite em que faltava a luz…

## Capítulo XV

Fui encontrar Natacha sozinha. Passeava pelo quarto de um lado para o outro, com os braços cruzados no peito e como se estivesse afundada num sonho. Havia já algum tempo o samovar me esperava sobre a mesa.

Natacha estendeu-me a mão em silêncio e sorrindo. Tinha o rosto pálido, a sua expressão era de sofrimento. O sorriso aparentava algo de resignado, doloroso e terno. Os seus olhos claros de pomba pareciam maiores do que de costume, e os cabelos mais espessos, naturalmente por efeito da sua magreza e da doença.

– Julguei que não viesses – disse estendendo-me a mão. – Ia mandar Mavra para ver se estavas doente.

– Não, não estive doente, é que me entretiveram. Eu já te conto. Que há de novo?

– Nada – disse ela fingindo surpresa. – Por que me fazes essa pergunta?

– Como me escreveste ontem marcando-me uma hora e dizendo-me que não deixasse de vir pontualmente, nem mais cedo nem mais tarde, e isto não é normal…

– Ah, sim! É que julguei que ele viria hoje…

– Mas ele não vem todos os dias?

– Não; e eu pensava que, se ele não viesse, teria de falar contigo – acrescentou depois de um momento de silêncio.

– E tu o esperavas esta noite?

– Não, não esperava. À noite vai ele até lá.

– E tu pensas, Natacha, que já não virá mais?

– Há de voltar, com certeza – respondeu, olhando-me com uma seriedade especial.

Não lhe agradava a rapidez das minhas perguntas. Ficamos um momento calados, continuando a passear pelo quarto.

– Estive bastante tempo à tua espera – disse, sorrindo de novo. – Sabes o que eu fazia? Olha, passeava de um lado para o outro recitando uns versos. Lembras-te? *O pequeno chocalho, o caminho sob a neve. O samovar que ferve sobre a mesa de carvalho*…[19] Nós os recitávamos juntos:

O Sol já se pôs; o caminho está claro
E a noite olha
Com os seus milhões de pupilas turvas…
Vibrando no doce tilintar do chocalho.
Oh, quando, quando chegará o meu amigo

Para descansar no meu regaço!
Que hora tão doce! Brilhando sobre os vidros,
A lua começa a brincar com o orvalho.

E depois:

De repente o meu ouvido escuta… a voz apaixonada do poeta
Vibrando no doce tilintar do chocalho.
Oh, quando, quando chegará o meu amigo
Para descansar no meu regaço!
Que hora tão doce! Brilhando sobre os vidros,
A lua começa a brincar com o orvalho.
O samovar ferve sobre a mesa de carvalho
O fogão crepita e jorra luz, num canto.
Atrás da cortina colorida está o leito…

Que bonito! Que versos comovedores e que quadro fantástico eles descrevem! Há apenas a tela, o desenho está só esboçado… podemos bordar nele o que quisermos. Duas comoções, a primeira e a última.

Esse samovar, essa cortina de indiana… como isso tudo é natural! Tal como nas casas abastadas da nossa vila; parece-me que vejo essa casa; novinha, de madeira, ainda sem tábuas a revesti-la… E depois este outro quadro:

Depois a mesma voz se torna a ouvir,
Ressoando tristemente no tilintar do chocalho.
Onde está o meu velho amigo? Tenho medo de que ele não venha mais
Para me encher de beijos e carícias.
Oh, que vida a minha! Tão triste, tão mesquinha!
Como está triste este quarto! O vento sopra sobre os vidros!
Lá fora há apenas uma torre que a névoa já não deixa ver;
Pode ser que tenha desaparecido.
Oh, que vida! As cortinas do meu leito já estão descoloridas!
Estou doente mas não volto para casa de meus pais,
Seria enganar a todos… Para mim não haveria mais perdão…
E a velhota começaria logo a resmungar…

“Estou doente”. Esse “doente”, como está bem aplicado! “Seria enganar a todos” … quanta ternura e languidez nestes versos e quanta dor de recordação; mas uma dor dessas que a própria pessoa provoca e ama… Senhor, como isso é tudo tão verdadeiro!

Ficou calada, como se se abandonasse ao começo duma vertigem mental.

– Meu querido Vânia! – disse depois de uns minutos de silêncio.

Em seguida calou-se de repente, como se tivesse esquecido do que queria dizer ou tivesse dito aquilo só por dizer, levada por um impulso de momento. E ao mesmo tempo continuávamos a passear pelo quarto. Em frente da imagem ardia uma lamparina. Nos últimos tempos Natacha mostrava-se mais devota mas não gostava que lhe falassem disso.

– Quê? Há festa amanhã? – perguntei-lhe eu. – Acendeste a lâmpada?

– Não, não há festa – respondeu. – Mas senta, Vânia, deves estar cansado. Queres chá? Ainda não o tomaste? Donde vens agora?

– De casa deles – era assim que designávamos sempre os pais dela.

Submeteu-me a um verdadeiro interrogatório. Devido à comoção, tornara-se ainda mais pálida. Expliquei-lhe pormenorizadamente o meu encontro com o velho, a minha conversa com a mãe e a cena do medalhão. Contei-lhe tudo minuciosamente, sem omitir nada. Escutava-me avidamente, bebendo cada uma das minhas palavras. Eu nunca lhe escondia nada. Brilhavam lágrimas nos seus olhos; a cena do medalhão provocou-lhe uma comoção violenta.

– Diz-me mais coisas, Vânia, mais coisas! – disse, interrompendo a minha narrativa a todos os momentos. – Dá-me mais pormenores, diz-me tudo, tudo, com o máximo de pormenores que possas. Tu saltas muitas coisas.

Repeti-lhe a minha narrativa pela segunda e terceira vez, respondendo largamente às suas contínuas perguntas.

– Achas que, de fato, ele queria vir aqui? – perguntou depois de um momento de silêncio.

– Eu não sei, Natacha, não faço a menor ideia. Que ele está triste por tua causa e gosta de ti, salta à vista… Tenho a certeza de que gosta de ti e sofre por te ter perdido; quanto a ter a intenção de vir ver-te, isso… isso…

– Dizes que beijou o meu retrato? E que dizia quando o beijava?

– Apenas palavras soltas, exclamações. Chamava-te os nomes mais doces… chamava-te…

– Chamava-me!

– Sim.

Pôs-se a chorar em silêncio.

– Coitados! – disse. – E ele sabe tudo – acrescentou depois de um silêncio. – Isso não é prudente. E a respeito do pai de Alhocha também sabe muitas coisas.

– Natacha – disse-lhe eu timidamente. – Vamos vê-los… vem comigo, queres?

– Quando? – disse alarmada e estremecendo no seu lugar.

Pensava que eu queria ir naquele mesmo instante.

– Não! Não falemos mais nisso… é melhor, Vânia – acrescentou cruzando as mãos sobre o peito e sorrindo tristemente. – Não, meu amigo! Insistes sempre sobre a mesma coisa, mas não me fales mais disso…

– Então… nunca, nunca mais esta terrível história terá fim – gritei desolado. – És tão orgulhosa que não te decides a dar o primeiro passo. Ele só espera isso; tu deves ser a primeira. Talvez não espere senão isso para perdoar-te… Ele é teu pai, tu ofendeste-o. Respeita a sua dignidade, que é lógica, que é natural. É isto o que deves fazer! Vem, que ele vai te perdoar sem condições.

– Isso é impossível, Vânia, e não me censures inutilmente. Desde que os abandonei tenho pensado nisso dia e noite. Quantas vezes não falei disto contigo! E tu mesmo sabes como não é possível tentar uma coisa dessas. Não, meu amigo, não posso! Se o tentasse, ainda se enfurecia mais contra mim. O passado não volta, e sabes por que é impossível que volte? Porque é impossível que voltem aqueles anos felizes da minha infância, que passei com eles. Ainda que meu pai

perdoasse, agora já não me reconheceria. Ele amava ainda em mim a criança, a menina. Amava a minha inocência infantil. Quando me acariciava olhava-me ainda na testa, como quando eu tinha sete anos, e, sentada sobre os seus joelhos, lhe cantava as minhas cantiguinhas de roda. Desde a primeira até à última noite em que estive com eles, sempre foi até à minha cama para abençoar-me. Um mês antes da nossa desgraça comprou-me uns brincos sem eu saber. Estava contente como um garoto, pensando como eu ia ficar satisfeita com o presente, e zangou-se muito com todos, e comigo em primeiro lugar, quando eu lhe disse que havia já algum tempo que estava a par da compra dos brincos. Três dias antes da minha saída notou que eu estava triste e afligiu-se tanto que até ficou adoentado e… sabes o que ele fez? Para me distrair, empenhou-se em levar-me ao teatro… Oh, meu Deus! Julgava que podia assim curar a minha tristeza. Repito-o, ele via e amava em mim a criança e não queria pensar que algum dia me tornaria mulher. Isto não lhe entrava na cabeça. Se eu voltasse agora para casa não me reconheceria. Ainda que me perdoasse, com quem é que ele se acharia agora? Eu já não sou a mesma. Já vivi muito. Embora lhe agradasse assim, ele havia de suspirar pela felicidade passada e teria de reconhecer com desgosto que eu já não sou a mesma de antes, de quando ele amava ainda em mim a criança; e o que passou parece sempre melhor. É sempre com dor que recordamos! Oh, e que belo é o passado, Vânia! – exclamou, interrompendo-se com este grito, que lhe apertava dolorosamente o coração.

– É verdade o que tu dizes, Natacha – respondi-lhe eu. – Mas isso significa que, agora, terá de conhecer-te e querer-te outra vez… Porque o principal é conhecer… Mas que importa? Pensas por acaso que ele não será capaz de compreender-te? Ele, com o coração que tem…

– Vânia, não sejas injusto. Que tem de especial que me compreenda? Eu não estava falando disso… Mas escuta. O amor paterno também tem os seus ciúmes. Ele está ofendido por eu ter convivido com Alhocha sem ele saber. Ele sabe que nem sequer suspeitava isto e ainda mais que as infelizes consequências do nosso amor, a minha fuga, lhe custa sobretudo a minha ingrata dissimulação. Eu não fui ter com ele desde o princípio, não lhe revelei

a menor palpitação do meu coração desde o começo do meu amor; pelo contrário, ocultei-lhe tudo, escondi-me dele. E afirmo-te, Vânia, essas dissimulações doem-lhe mais, ofendem-no mais do que as próprias consequências do meu amor… Isto é, o meu afastamento deles e a minha entrega total ao meu amante. Suponhamos que ele me recebe agora como um pai carinhoso e afável; ainda assim, ainda vai ter alguns motivos de hostilidade. Ao segundo, ao terceiro dia surgiriam as reticências, as recordações, as mortificações. Embora me perdoasse não o faria incondicionalmente. Suponhamos que eu, no fundo do meu coração, reconheço que ele tem direito a estar ressentido até ao último extremo com a culpada. E embora me seja doloroso que ele não queira compreender quanto me custa a mim própria esta felicidade com Alhocha e os sofrimentos que eu própria tive de padecer, que me submeto em tudo à sua vontade, a tudo me resigno… pois, ainda assim, tudo isso há de parecer-lhe pouco. Exigirá de mim uma submissão impossível; exigirá que renegue o meu passado, que renegue Alhocha e o meu amor por ele. Há de pretender o impossível: que volte ao passado e apague da nossa vida este meio ano. Mas eu não posso renegar nada disso, eu não posso renunciar… O que aconteceu, tinha de acontecer… Não, Vânia, agora já não é possível! Ainda não chegou o momento.

– Então quando chegará?

– Não sei. Ainda devo sofrer pelo nosso bem futuro… comprá-lo ao preço de novas torturas. O sofrimento purifica tudo!

Eu fiquei calado e olhei-a, pensativo.

– Por que me olhas assim, Alhocha… isto é, Vânia? – exclamou, enganando-se e rindo do seu erro.

– Vejo-te rir, Natacha. Onde foste buscar esse riso? Há pouco não o tinhas.

– Pois que tem o meu sorriso?

– Mostra que, verdadeiramente, ainda conservas a candura infantil… Mas quando te ris, parece que te dói o coração… Estás mais magra, Natacha, até parece que tens o cabelo mais farto; é esta a recompensa que te dão? Isso também é obra dele?

– Como tu gostas de mim, Vânia! – respondeu, olhando-me com afeto. – E tu, que fazes agora? Trazes qualquer trabalho entre mãos?

– O costume; escrevo romances, mas com muito custo e sem proveito. A inspiração não me acode. Não é possível escrever e concentrar a atenção quando se está triste; a dor destrói as ideias felizes. Além disso, para os jornais é preciso escrever com prazo fixo. Eu, agora, penso deixar o romance e escrever narrativas curtas, qualquer coisa de leve e gracioso e sem ponta de tristeza. Estou decidido. Todos precisam de estar contentes e divertir-se!

– Pobre de ti! Trabalhas tanto… E Smith?

– Smith morreu.

– Ele não te apareceu? Digo-te isto a sério, Vânia, porque estás com os nervos escangalhados; tudo isso são desvarios. Quando me falaste em alugar esse quarto, logo te avisei. Deve ser um quarto

úmido e insalubre.

– Isso é. Ainda esta noite me aconteceu lá uma coisa… Mas depois te contarei…

Ela estava agora afundada numa meditação profunda.

– Como teria eu podido escapar-me deles? Devia ter febre – disse, olhando-me com uns olhos que não esperavam resposta.

Se eu lhe tivesse falado naquele momento, não me teria ouvido.

– Vânia – disse-me com uma voz imperceptível – pedi-te que viesses para falar-te de uma coisa.

– De quê?

– Rompi com ele. É preciso acabar com esta vida. Chamei-te para desabafar contigo tudo quanto tenho calado até agora.

Era sempre assim que a pobrezinha começava as suas confidências, anunciando-me segredos mas percebendo logo que eu já os conhecia todos.

– Ai, Natacha! Já te ouvi mil vezes dizer a mesma coisa! Não duvido que, embora vivam juntos, nada há de comum entre vocês; a vossa união é um tanto estranha. Mas… terás coragem para separar-te?

– Até hoje havia apenas essa intenção, Vânia, mas agora estou resolvida. Gosto dele até à loucura; no entanto compreendo que sou o seu primeiro inimigo, que estou a estragar o seu futuro. É preciso que lhe devolva a sua liberdade. Casar-se comigo, não pode, não tem energia para fazer frente ao pai. E eu também não posso obrigá-lo. E além disso fico muito satisfeita se ele se casar com essa noiva que lhe arranjaram. Assim não lhe custará tanto separar-se de mim. Devo fazê-lo. É a minha obrigação… Se o amo, devo sacrificar tudo por ele, devo provar-lhe o meu amor, tenho obrigação disso. Não é verdade?

– E poderás convencê-lo?

– Nem sequer o tentarei. Se entrasse aqui neste momento, seria para ele a mesma de sempre. Mas tenho a obrigação de encontrar um meio para que ele me abandone sem remorsos. É isto o que me aflige, Vânia. Não serias capaz de aconselhar-me qualquer coisa?

– Só há um meio – disse eu – deixá-lo completamente e amar outro. Simplesmente, é difícil; já conheces o seu caráter. Há cinco dias que não vem. Suponhamos que te abandonou definitivamente; não tinhas mais nada a fazer senão escrever-lhe uma carta dizendo-lhe que eras tu quem o deixavas e verias como ele vinha logo.

– Por que não gostas dele, Vânia?

– Eu?

– Sim, tu, tu. Tu és o seu inimigo secreto e raivoso. Tenho visto muitas vezes que o teu maior prazer é rebaixá-lo e enegrecê-lo. Sobretudo pintá-lo de cores negras; digo-te isto a sério.

– Já me disseste isso mil vezes, Natacha! Basta, Natacha! Falemos de outra coisa.

– Queria mudar-me para outro quarto – disse outra vez. – Mas não te aborreças, Vânia…

– Juro-te que não estou aborrecido! Mas para que te hás de mudar? Ele dava logo contigo.

– O amor é poderoso e o seu novo amor ia retê-lo. Se voltasse para mim, não seria senão por um momento… Não achas?

– Não sei, Natacha. Nesse homem tudo é inexplicável. Quer casar-se com outra e amar-te a ti. Ele é capaz de tudo ao mesmo tempo.

– Se eu tivesse a certeza de que ele a amava, então, Vânia, não me escondas nada! Sabes alguma coisa e não me queres dizer?

Olhou-me com olhos inquietos e indagadores.

– Não sei nada, minha amiga, palavra de honra. Sempre fui franco para contigo. Aliás, suponho que não deve estar tão apaixonado pela

enteada da condessa como nós pensamos.

– Achas, Vânia? Meu Deus, se isso fosse verdade! Só queria que ele entrasse neste momento, pois conhecia logo tudo no seu rosto. Mas não vem, não vem!

– Estás à espera dele, Natacha?

– Não. Ele está com ela, bem o sei… mandei indagar… Quanto eu daria para vê-la, a ela! Ouve, Vânia, vou dizer um absurdo, mas não será possível que eu a veja, não poderei chegar um dia a conhecê-la? Que pensas tu?

Aguardava a minha resposta num desassossego.

– Vê-la, ainda seria possível… Mas vê-la, só, é pouco.

– Eu me contentaria com vê-la; isso bastava para eu adivinhar o resto. É que eu endoideço andando assim, sozinha, com os meus pensamentos, por este quarto, para trás e para diante! Pensamentos como um torvelinho, tão dolorosos! Pensei se tu não poderias conhecê-la. Disseste-me que a condessa elogiou muito o teu romance. Tu vais algumas noites a casa do príncipe R***, onde ela também vai. Procura que te apresentem. Alhocha mesmo pode apresentar-te. Depois, poderás dizer-me tudo aquilo que eu quero saber.

– Natacha, minha amiga, disso falaremos depois. Mas diz-me seriamente: achas que terás coragem para uma ruptura? Examina-te agora. Estás serena?

– Havia de ter – disse muito baixo. – Por ele… tudo. A minha vida toda por ele! Mas escuta, Vânia, o que me enlouquece é pensar que agora ele está com ela, esquecido de mim, sentado ao seu lado, conversando e rindo – lembras-te? – como quando se sentava aqui… Olhando-a nos olhos… Ele olha sempre assim; e nem sequer se lembra de que eu estou aqui… contigo…

– E és tu, Natacha… aquela que ainda há um instante dizia…

– Unamo-nos e não nos separaremos nunca – atalhou-me com olhos cintilantes. – Eu lhe estou grata por isto. Mas custa muito,

Vânia, que seja ele o primeiro a esquecer-me. Ai, Vânia, que suplício! Nem eu mesma me compreendo. Penso uma coisa e depois outra… Que vai ser de mim?

– Basta, basta, Natacha, acalma-te!

– Já lá vão cinco dias que a todas as horas, a todos os momentos… A sonhar, acordada, sempre ele, ele! Vânia, vamos até lá, leva-me.

– Basta, Natacha, não vamos.

– Estava à tua espera, Vânia! Há três dias que penso neste projeto. Por isso te escrevi… Tu deves levar-me, não deves negar-te a isso… Esperava-te há três dias…

Parecia fora de si. No vestíbulo ouviu-se um ruído; parecia que Mavra discutia com alguém.

– Escuta, Natacha! Quem será? – perguntei-lhe.

Escutou com um sorriso incrédulo e, de repente, fez-se terrivelmente pálida.

– Meu Deus! Quem será? – disse com voz sumida.

Quis reter-me mas eu precipitei-me para o vestíbulo, ao encontro de Mavra. Ele perguntava qualquer coisa a Mavra, e esta, a princípio não queria deixá-lo entrar.

– De onde virá? – dizia ela cheia de autoridade – Como? Está bem, está bem; mas por onde temos andado? Agora vai-te. A mim não me enganas tu. Vamos, desaparece. Que disseste?

– Não tenho medo de ninguém… Vou entrar! – disse Alhocha um pouco desconcertado.

– Bom, vai-te. És demasiado estouvado.

– Eu entro… Ah! O senhor está aqui? – exclamou quando me viu. – Muito prazer em vê-lo! Bem, já aqui estou! Que devo fazer?

– Entrar, simplesmente – respondi-lhe. – De quem é que tem medo?

– Eu não tenho medo de nada, afirmo-lhe, porque eu, para com ela, Deus é testemunha, não sou culpado. Pensa talvez que sou? Pois vai ver como eu me justifico imediatamente. Natacha, posso entrar? – disse com um peculiar sorriso afetuoso, em pé, diante da porta fechada.

Ninguém lhe respondeu.

– Que significa isto? – perguntou com inquietação.

– Nada; ela estava aí há um momento – respondi eu. – Talvez qualquer coisa…

Alhocha abriu a porta e, cautelosa e timidamente, deitou um olhar para o quarto. Não estava ninguém. Depois, de repente, viu Natacha escondida entre o armário e a janela. Estava aí escondida, mais morta do que viva.

Quando me lembro disto ainda hoje não posso deixar de sorrir. Alhocha aproximou-se dela devagarinho.

– Natacha, que tens? Boa noite, Natacha – disse timidamente olhando-a com certo receio.

– Quem… eu? Nada! – respondeu ela terrivelmente comovida, como se tivesse cometido uma culpa. – Queres chá?

– Natacha, escuta – disse Alhocha completamente transtornado – pensas que eu sou culpado e não sou… De maneira nenhuma! Tu própria hás de ver… Hei de contar-te tudo!

– Para quê? – murmurou Natacha. – É inútil. Toma a minha mão de amiga e o resto acabou-se para sempre – e quando saiu do seu esconderijo as cores começavam a subir-lhe às faces. Tinha os olhos baixos, como se não se atrevesse a olhar para Alhocha.

– Oh, meu Deus! – exclamou ele comovidamente. – Se eu tivesse alguma culpa não me atreveria a olhá-la no rosto depois disto. Repare,

repare! – gritou me encarando. – Considerar-me culpado; estão todos contra mim, todas as aparências me condenam. Há cinco dias que não venho. Correm boatos de que estou com a noiva, e que faz ela? Despede-me. Diz-me: “Dá-me a mão e acabou-se!”. Natacha, minha querida, meu anjo, eu não tenho culpa, tu bem sabes! Eu não tenho culpa de nada! Pelo contrário, pelo contrário!

– Mas… tu, lá… Tu, agora, foste convidado para lá… Como é que estás aqui? Que horas são?

– Onze e meia. Eu estive lá, é verdade… Mas disse-lhes que me sentia indisposto e vim, e esta é a primeira, a primeira vez que em cinco dias me vejo livre, que consegui deixá-los e vir ver-te, Natacha. Claro que podia ter vindo antes, mas foi intencionalmente que o não fiz. Por quê? Já vais saber, que eu já explico. Foi para isso que vim, para te explicar, e juro em nome de Deus que desta vez não tenho nada que censurar-me diante de ti. Nada!

Natacha levantou a cabeça e olhou-o… Como resposta, os olhos do rapaz brilharam com tal alegria, com um tão honesto alvoroço, que era impossível não acreditar nele. Eu pensava que eles, como tantas outras vezes, iriam lançar um grito e atirarem-se nos braços um do outro. Esperei um dos momentos que já presenciara. Natacha, como se estivesse sucumbida de felicidade, inclinou a cabeça no seu peito e de repente começou a chorar… Alhocha não pôde conter-se. Lançou-se a seus pés. Beijava-lhe as mãos e os pés, parecia delirante. Aproximei uma cadeira e ele sentou. As pernas fraquejavam-lhe.

# Segunda parte

## Capítulo primeiro

Um instante depois ríamos como loucos.

– Mas deixem-me, deixem-me contar-lhes – gritou Alhocha impondo a sua voz sonora sobre os nossos risos. – Eles julgam que, agora, é o mesmo de antes… Que eu me entretenho com ninharias…

Mas eu digo-lhes que trago entre mãos um assunto interessantíssimo… Então não se calam?

Ardia de impaciência por falar. Pelo seu aspecto podia concluir-se que trazia notícias importantes. Mas a própria gravidade do seu rosto, ingenuamente ufana, fazia rir Natacha. Eu me pus também a rir. E quanto mais ele se aborrecia, mais nós nos ríamos. A zanga e o desespero infantil de Alhocha acabaram por fim por nos pôr nesse estado de espírito em que basta mostrar o dedo mínimo para imediatamente se desatar a rir, como o marinheiro de Gógol. Mavra, que chegava da cozinha, parou à porta e, olhando-nos com sincero desgosto, lamentou que a boa Natacha não tivesse deixado Alhocha na rua, como esperara que acontecesse durante esses cinco dias, e que ainda por cima estivéssemos todos tão contentes. Finalmente, quando viu que os nossos risos ofendiam Alhocha, Natacha deixou de rir.

– Que queres tu contar-nos?

– Então o samovar não se prepara? – perguntou Mavra intrometendo-se, sem a menor consideração por Alhocha.

– Sai daqui, Mavra, sai! – respondeu-lhe este pegando-lhe a mão e empurrando-a precipitadamente. – Vou contar-lhes tudo, tudo o que se passou, e tudo o que está para se passar, pois eu já sei tudo. Eu bem vejo, meus amigos, que querem saber onde estive estes cinco dias e é isso o que eu quero contar-lhes; simplesmente, vocês não me deixam. Em primeiro lugar deves ficar sabendo, Natacha, que te enganei durante todo este tempo; já há muito, muito, que te engano, e isto é o principal.

– Que me enganas!

– Sim, há um mês, ainda antes que o meu pai tivesse vindo. Agora chegou o momento de falar com franqueza. Há um mês, quando ainda estava fora, o meu pai escreveu-me uma carta muito longa, da qual não vos disse nada. Nessa carta comunicava-me ele simplesmente, e reparem, num tom tão sério que fiquei assustado, que o assunto do meu casamento já estava arrumado, que a minha noiva era um modelo de perfeição, e que embora naturalmente eu fosse indigno dela, casaríamos irrevogavelmente; e que por isso devia fazer o

possível por esquecer todas as loucuras que me enchiam a cabeça, etc., etc. Bem; o que ele entende por loucuras, já sabem o que é. Ora eu lhes ocultei esta carta com o maior mistério.

– Ocultaste-nos! – interrompeu Natacha. – Olhem do que ele se gaba! Contaste-nos logo tudo! Ainda te vejo a procurares desculpar-te, terno e conciliador, como se eu tivesse alguma coisa que perdoar-te; e disseste-nos o conteúdo da carta, parágrafo por parágrafo.

– Isso não é possível. Do principal não lhes disse uma palavra. Talvez tenham adivinhado alguma coisa; isso é lá com vocês, mas eu não lhes contei nada. Ocultei-lhes tudo e sofri horrivelmente com isso.

– Lembro-me, Alhocha, que tu me contaste tudo pormenorizadamente, aos pedaços, imediatamente, em frases soltas – interrompi eu olhando para Natacha.

– Contaste-nos tudo! Não te gabes agora do contrário! – insistiu ela. – Mas porventura tu podes calar alguma coisa? Até Mavra o sabia. Não é verdade, Mavra?

– Claro, como não havia de saber? – concordou Mavra apontando-o com a cabeça. – Nos primeiros três dias contou tudo. Não é lá muito esperto!

– Que aborrecimento discutir com vocês! Dizes isso tudo por má, Natacha! E tu, Mavra, também te enganas. Lembro-me de que, nessa altura, eu não estava em mim. Lembras-te, Mavra?

– Como não havia de lembrar-me? Se agora também não está bom!

– Não, não, eu não falo disso. Lembra-te. Nessa ocasião nós estávamos sem dinheiro e tu foste empenhar a minha cigarreira de prata. Mas vamos ao principal. Desculpa-me, Mavra, se te faço notar que me tratas com muito pouca consideração. Tudo isso foi Natacha quem te ensinou. (Agora acho que me lembro.) Mas do tom, do tom da carta, vocês não sabem nada, e o tom, numa carta, é o principal. Era disso que queria falar-lhes.

– Bom. Então que tom era esse? – perguntou Natacha.

– Ouve, Natacha; tu perguntas de uma maneira… Não ri, pois isto não é para rir. Afirmo que se trata de alguma coisa muito séria. Nunca o meu pai me falara assim. Seria preferível o terremoto de Lisboa a afrontar as consequências da oposição à sua vontade. Era digno de ver, esse tom!

– Bem. Conta. Por que te sentiste obrigado a esconder de mim essa carta?

– Ah, meu Deus! Para não te assustar. Pensava que tudo poderia arranjar-se. Mas com a recepção dessa carta e a chegada imprevista do meu pai, começaram os meus tormentos. Propunha-me responder-lhe de maneira clara, séria e firme, mas não surgiu a ocasião. Ele não me falou do caso. Que espertalhão! Pelo contrário, parecia pensar que era coisa resolvida e que não podia haver entre nós discussões nem dúvidas. Estás ouvindo? Como se as coisas tivessem fatalmente de ser assim. Que presunção! Estava tão carinhoso comigo, tão terno! Eu estava simplesmente pasmado. Como ele é inteligente, Ivan Pietróvitch! Se o conhecesse! Leu tudo, sabe tudo; basta ver uma pessoa uma só vez para lhe conhecer logo os pensamentos, como se fossem os seus; não há dúvida de que deve ser por isto que lhe chamam jesuíta. Natacha não gosta que eu o elogie. Não te zangues, Natacha. Bem. A princípio ele não queria dar-me dinheiro, mas ontem deu. Natacha, meu anjo, a nossa miséria acabou-se. Olha, olha, tudo quanto descontou na minha pensão, para castigar-me durante este meio ano, me deu ontem. Olha para este dinheiro todo, ainda nem o contei. Mavra, olha para este dinheiro! Já não precisas de empenhar colherinhas.

Tirou do bolso um grosso punhado de dinheiro, mais de cem rublos, e atirou-os ruidosamente sobre a mesa. Mavra ficou satisfeita e elogiou Alhocha. Natacha cortou-lhe a palavra.

– Bem. Que havia eu de fazer? – continuou Alhocha. – Como havia eu de ir contra a sua vontade? Juro-lhes que se ele se tivesse portado mal comigo, eu não teria pensado em nada nem um segundo. Eu lhe diria redondamente que não, que já sou um homem feito e

refeito e que agora já… pronto, acabou! E acreditem-me, teria me mantido firme. Mas agora, que dizer-lhe? Não me culpes. Vejo que estás descontente comigo, Natacha. Por que olham um para o outro dessa maneira? Estão convencidos de que cedi à primeira pressão e que perdi logo a firmeza? Nada disso; sou mais firme do que vocês pensam! A prova é que, apesar da minha situação comprometida, pensei logo a seguir: "É este o meu dever, tenho obrigação de dizer tudo a meu pai; é o meu dever", e então contei-lhe tudo e ele escutou-me até ao fim.

– Que lhe disseste, afinal? – perguntou Natacha inquieta.

– Disse-lhe que não queria outra noiva senão aquela que tenho, ou seja, tu. Verdadeiramente ainda não lhe disse isto, mas já o preparei e vou dizer amanhã; é coisa decidida. De momento disse-lhe que era vergonhoso e indigno isso de uma pessoa casar com outra por causa do dinheiro, e uma estupidez da nossa parte o considerarmo-nos aristocratas. Com ele, sou franco como com um irmão. Depois expliquei-lhe que eu sou *tiers état*[20], e que o *tiers état* é o essencial, que sinto orgulho de parecer-me com todos e que não quero distinguir-me de ninguém… Numa palavra: procurei enfiar-lhe na cabeça todas estas ideias sãs. Falei-lhe com um entusiasmo, com um aprumo de que eu próprio me admirava. Combati os seus pontos de vista. Disse-lhe à queima-roupa: "Que espécie de príncipes somos nós? Só pela linhagem; mas, na realidade, que temos de principesco? Em primeiro lugar não somos verdadeiramente ricos, e hoje a riqueza é o principal. Nestes tempos, o príncipe dos príncipes é Rothschild. Além disso há já um longo século que não se ouve falar de nós na alta sociedade; o último que ainda teve alguma fama foi tio Siemion Valkóvski, e apenas ficou conhecido em Moscou porque desbaratou as últimas trezentas almas que restavam à nossa família. E se o seu pai não tivesse feito economias, todos os seus descendentes estariam hoje lavrando a terra como aconteceu a outros príncipes. Por isso não temos de que nos orgulhar". Enfim disse-lhe tudo o que tinha cá dentro… tudo, com entusiasmo e franqueza, e ainda acrescentei mais qualquer coisa. Ele não se aborreceu mas até me censurou por me ter esquecido do conde Nainzki e aconselhou-me a que me tornasse simpático à princesa X***, minha madrinha, que poderia facilitar-me a

entrada na alta sociedade; que se a princesa me recebesse bem, também em todos os lugares me receberiam bem e poderia então dar a minha carreira por ganha, e assim continuou a pintar o meu futuro.

O pior era que eu, por tua causa, deixava tudo. Eu estava debaixo da tua influência! Mas até agora nunca chegou a mencionar-te e vê-se até claramente que evita isso. Procedemos os dois astuciosamente, procuramos ver qual é que engana o outro e estou convencido de que o nosso dia há de chegar.

– Muito bem; mas em que ficaram? Que decidiu ele? Isso é o principal. E presta atenção ao que dizes, Alhocha!

– O que ele decidiu só Deus sabe; eu não falo demasiado, cinjo-me ao assunto; ele não resolveu nada, sorria a todos os meus raciocínios, mas com um certo sorriso, como se tivesse pena de mim. Compreendo que isto é humilhante, mas é assim mesmo. Ele me disse: "Estou perfeitamente de acordo contigo, sou da tua opinião, vamos lá um pouco até a casa do conde Nainzki, mas tem cuidado, não digas uma palavra de tudo isto. Eu te compreendo, mas eles não te compreenderiam". Segundo parece, também não o recebem ali muito bem, e isso aborrece-o. De maneira geral, o meu pai, presentemente, não goza de simpatia na alta sociedade. O conde, a princípio, recebeu-me friamente e, do alto da sua grandeza e como se eu me tivesse esquecido de que me criei em sua casa, começou a me lembrar disso. Parecia ofendido pela minha ingratidão, quando, verdadeiramente, não há tal ingratidão da minha parte. É que uma pessoa aborrecia-se tanto naquela casa! Recebeu o meu pai com a máxima frieza; tão frio, tão frio, que não consigo perceber por que é que meu pai vai lá. Tudo isso me custava… Pouco faltava ao meu pobre pai para se curvar diante dele. Compreendo que fazia tudo isso por minha causa, que afinal não preciso disso. Propus-me demonstrar a meu pai todo o meu sentir, que procurava dominar. E por quê? Das suas convicções não conseguiria fazê-lo mudar; não consigo senão aborrecê-lo e desgostos já ele tem que cheguem. "Basta! – disse para comigo – apelemos para a astúcia; eu sou mais esperto que todos eles; obrigarei o conde a respeitar-me…" E acreditem, atingi imediatamente o meu fim. Um dia foi o suficiente. Agora, o conde é para mim a amabilidade personificada. E isto foi exclusivamente obra minha, efeito da minha

esperteza pessoal, sem que o meu pai se tivesse metido no caso.

– Ouve, Alhocha, o melhor era falares no assunto – disse Natacha com impaciência. – Eu pensava que ias falar em qualquer coisa do nosso caso e limitas-te a contar-nos os teus êxitos em casa do conde Nainzki. Que me interessa o teu conde?

– Que te importa? Ouve isto, Ivan Pietróvitch! Se este é o assunto principal! Tu vais ver, tu própria acabarás por ficar admirada. Tudo se há de esclarecer no fim. Mas é preciso que me deixem falar… Eu, finalmente (por que não dizer com franqueza?), olha, Natacha, e você também, Ivan Pietróvitch: eu, às vezes, sou… na verdade, sou muito pouco sensato. Concordemos até que (às vezes sou) até simplesmente estúpido. Bom. Mas garanto-vos que nessa altura empreguei a maior astúcia… Bom… E até mesmo talento. E olhem, eu pensava que vocês ficariam contentes por eu não ser sempre… desajeitado…

– Pronto, chega, Alhocha, chega, meu querido!

Natacha não podia suportar que Alhocha fosse tomado por tolo. Quantas vezes se zangou comigo por eu lhe fazer ver, sem rodeios, que Alhocha cometera uma tolice! Não podia consentir que humilhassem o seu amante, tanto mais que ela, no seu foro íntimo, o tinha por um medíocre. Mas nunca deixava transparecer a sua opinião, receando ofender o seu amor-próprio. Ele nestes casos era particularmente perspicaz e adivinhava os mais secretos pensamentos dela. Natacha percebia, tinha pena dele e punha-se logo a lisonjeá-lo e a acariciá-lo. Eis o motivo por que, agora, as suas palavras a feriam profundamente.

– Basta, Alhocha! Tu és apenas um pouco estouvado, nada mais – acrescentou. – Mas por que hão de rebaixar-te?

– Muito bem. Mas deixa-me acabar. Depois da visita ao conde, meu pai ficou furioso. Eu disse comigo: “Espera um pouco”. Fomos depois a casa da princesa. Eu tinha ouvido dizer que ela coxeava e estava surda e adorava cãezinhos. Em sua casa reúne-se muita gente, mas ela não ouve o que dizem. No entanto tem grande influência social e o próprio conde Nainzki, *le superbe, faisait antichambre chez elle*.[21] Pelo caminho compus o meu plano de campanha, baseado, sabem em quê? Na simpatia que felizmente inspiro a todos os cães. Já

percebi isso. Será que eu possuo certa força magnética ou será isso o resultado do muito que eu gosto dos animais? Sabe-se lá! A propósito de forças magnéticas, ainda não te contei, Natacha, que estive uma vez em casa dum médium e que evocamos alguns espíritos. É muito engraçado. Mas eu fiquei impressionado, Ivan Pietróvitch. Evoquei o espírito de Júlio César.

– Ah, meu Deus. Por que o de Júlio César? – exclamou Natacha soltando uma gargalhada. – Não te contentavas com menos?

– É que eu… tinha de chamar alguém… Então não tinha o direito de chamar Júlio César? Que tinha isso de especial? Bom, podes dar risada!

– Nada, é claro… Meu querido! Bem, mas conta-nos… que te disse Júlio César?

– Dizer-me, não me disse nada. Eu tinha um lápis e o lápis deslizava sozinho por cima do papel e escrevia. Diziam que era Júlio César quem escrevia. Eu não acredito.

– Bem, mas que escreveu ele?

– Escreveu qualquer coisa no estilo de Gógol… Mas para de dar risada!

– Então fala-nos da princesa!

– Bem; chegamos à casa da princesa e eu comecei a fazer caretas para Mimi. Mimi é uma horrível cadela, velha e desdentada. A princesa é doida por ela; parece que têm ambas a mesma idade. Enchi a cadelinha de bombons e num quarto de hora ensinei-a a dar-me a patinha, coisa que não tinham conseguido durante a sua longa existência. A princesa estava entusiasmada; chorava de alegria. “Mimi, Mimi, dá cá a patinha.” Assim que chegava alguém punha-se logo: “Mimi, a patinha. Olhem como ela aprendeu a cumprimentar!”. Entrou o conde Nainzki. “Mimi, a patinha!” E dirigia-me um olhar comovido, de gratidão. É uma boa velhinha. Até me dá pena! Continuei a lisonjeá-la. Vi numa tabaqueira um retrato de mulher (o seu), feito talvez há sessenta anos, quando ela era nova e, pegando-lhe

entusiasmado, exclamei: “Que lindo retrato! Que beleza maravilhosa!”. Esteve quase a derreter-se; falou-me disto e daquilo; gabou-me, perguntou-me onde fizera os meus estudos e disse-me que eu tinha um cabelo muito bonito, etc., etc. E também a fiz rir contando-lhe uma história escandalosa. Isso encantou-a; limitou-se a ameaçar-me com um dedo, embora tivesse rido muito. Quis que me aproximasse dela… Beijou-me, benzeu-me, pediu-me que fosse todos os dias distraí-la. O conde apertou-me a mão; tinha uma expressão untuosa, e meu pai, que é uma excelente criatura, honesta e nobre, talvez não acreditem, mas quase chorava de alegria quando regressávamos os dois à casa; abraçou-me, falou-me com franqueza, com uma franqueza um pouco misteriosa, acerca da minha carreira, de relações, de dinheiro, de casamento, de tal maneira que muitas coisas nem entendi. E também me deu dinheiro. Isto foi ontem. No dia seguinte voltei à casa da princesa. O meu pai sempre é uma boa pessoa… Não pensem que, embora ele tente afastar-me de ti, Natacha, o faz porque esteja enganado ou porque ambiciona os milhões de Kátienhka; tu não os tens, mas ele ambiciona-os apenas para mim, e é só por ignorância que é injusto para comigo. E que pai não deseja a felicidade do filho? Ele não tem culpa de se ter acostumado a resumir a felicidade no dinheiro. Acontece o mesmo a todos eles. É preciso ter em conta que é desse ponto de vista que devemos julgá-lo e não de outro… e por isso não temos outro remédio senão dar-lhe razão. Eu vim de propósito para convencer-te disto, Natacha, porque sei que tu tens uma ideia preconcebida contra ele, embora também não tenhas culpa disso. Eu não te acuso…

– De maneira que tudo se resume a que tiveste um grande êxito junto da princesa. É essa a tua grande astúcia? – perguntou Natacha.

– Quê? Que disseste? Isso é apenas o princípio… Se falei da princesa foi porque, compreendes, graças a ela poderei convencer meu pai e ainda não fiz mais do que principiar a história principal.

– Bem, então conta lá tudo!

– Hoje aconteceu-me outro episódio, e também bastante estranho, de tal maneira que ainda estou impressionado – continuou Alhocha. – Devo avisar-vos de que, embora o meu pai tenha combinado o meu

casamento com a condessa, até agora, oficialmente, não havia nada assente. De maneira que podíamos romper sem que se produzisse nenhum escândalo; o único que está informado é o conde Nainzki, e este considera-se como nosso parente e protetor. Embora eu, nestas duas semanas, tenha visitado muito Kátia, até esta mesma noite ainda não lhe disse uma palavra a respeito do futuro, isto é, do casamento, e… bom, do amor. Estava também combinado, de princípio, conseguir o consentimento da princesa K***, da qual se esperam lá em casa toda espécie de benefícios e uma chuva de ouro. Quando ela diz uma coisa, todos a repetem; tem tantas relações! Está empenhada em introduzir-me na alta sociedade. Mas a que particularmente inspira todos estes planos é a condessa, a madrasta de Kátia. O fato é que a princesa, por causa dos seus enredos, ainda não quis recebê-la em sua casa, e quando a princesa não recebe uma pessoa os outros também já não a recebem; por isso agora apresenta-se para ela uma boa ocasião… o meu casamento com Kátia. E por isso a condessa, que dantes se opunha ao casamento, hoje ficou extremamente contente com o meu êxito junto da princesa. Mas isto é secundário, vamos ao principal. Eu conheço Ekatierina Fiódorovna desde o ano passado. Mas então eu era ainda uma criança, não percebia nada. Nem sequer reparei nela…

– Acontecia que então gostavas mais de mim – interrompeu-o Natacha – e por isso não reparaste nela. Em compensação, agora…

– Não continues, Natacha! – exclamou Alhocha com veemência. – Estás redondamente enganada e ofendes-me! Além disso eu não te interrompo a ti. Continua a escutar e ficarás sabendo de tudo… Ah, se tu conhecesses Kátia! Se soubesses que alma terna, límpida, adorável é a sua! Mas já vais conhecê-la, escuta até o fim! Há duas semanas, quando a condessa chegou, fez com que o meu pai me levasse a visitar Kátia e eu estive todo o tempo a olhá-la atentamente. Observei que ela também me olhava. Isto excitou muito a minha curiosidade, para não falar em que eu já tinha proposto a mim próprio conhecê-la mais a fundo… Propósito que datava já de quando eu recebi aquela carta do meu pai, que me fez tanta impressão. Não quero dizer nada nem pôr-me a gabá-la; afirmarei apenas que é uma brilhante exceção dentro do seu meio. É uma criatura tão original, uma alma tão firme e reta, forte, precisamente pela sua pureza e retidão, de tal maneira que eu,

perante ela, não passo de um garoto, de um seu irmãozinho mais novo, embora só tenha dezessete anos. Houve outra coisa que observei também: é muito melancólica, aparenta uma espécie de pesar secreto. Quase não falava; em casa, está quase sempre calada, como se tivesse medo… Está sempre meditando… Parece ser medo do meu pai. Não gosta da madrasta, segundo me pareceu… A condessa, não sei com que fim, faz ver a todos que a enteada é louca por ela, mas isso não é verdade. Kátia, o que faz é obedecer-lhe com resignação e como se isso fosse uma coisa combinada. Havia já quatro dias que eu pensava no meu projeto, que realizei esta noite. Falar claro a Kátia, contar-lhe tudo com a mais estrita verdade, interessá-la a nosso favor e acabar com tudo isto de uma vez…

– Quê? Que foste tu dizer-lhe? Confessaste-lhe? – disse Natacha sobressaltada.

– Tudo, absolutamente tudo – respondeu Alhocha – e abençoo o céu que me inspirou tal ideia. Mas escutem, escutem. Há quatro dias, depois de ter feito todas estas observações, decidi separar-me de ti para trabalhar por minha própria conta, sem que tu nem ninguém influísse em mim. Somente colocando-me num estado de espírito em que fosse preciso dizer de minuto a minuto que era necessário resolver este caso, que eu tinha o dever de resolvê-lo, fui capaz de armazenar energias e… resolvi-o! Propus-me voltar a ver-nos e trago uma solução!

– Qual? Quê? Conta já!

– É muito simples! Eu me dirigi a ela sem rodeios, honesta e corajosamente… Mas antes de mais devo contar-vos uma coisa que me sucedeu antes disto e que me impressionou de um modo horrível. Antes de sairmos de casa, o meu pai recebeu uma carta. Nesse momento dispunha-me eu a entrar no seu escritório e parei à porta. Ele não me viu. A carta tinha-o impressionado tanto que se pôs a falar só, a lançar exclamações e a dar voltas pela sala e, de repente, soltou uma gargalhada, com a carta na mão. Eu não me atrevia a entrar; esperei um pouco e depois entrei. O meu pai, não sei por que razão, estava muito contente, contentíssimo; falou-me de um modo um pouco estranho; depois ordenou-me que me preparasse para sair,

embora fosse ainda muito cedo. Em casa delas não havia hoje mais ninguém senão nós, e tu pensavas erroneamente, Natacha, ao supor que tinham convidados para esta noite. Não te informaram bem…

– Bem, não divagues, Alhocha, por favor. Fala, diz como foi que contaste tudo a Kátia.

– Tive a sorte de que, durante duas horas, nos deixassem completamente sós. Eu lhe expliquei simplesmente que, embora quisessem casar-nos, o nosso casamento era impossível; que eu, no fundo do meu coração, tinha a maior simpatia por ela e que dela esperava a minha salvação. Depois expliquei-lhe tudo. Imaginem que ela não sabia nada a nosso respeito, da minha vida contigo, Natacha! Se tu visses a impressão que isso lhe fez! A princípio até se assustou. Empalideceu. Contei-lhe toda a nossa história: que tu tinhas fugido dos teus por minha causa; que vivíamos juntos; que agora sofríamos muito e tínhamos medo de tudo e que acudíamos a ela (eu falava também em teu nome, Natacha) para que se pusesse do nosso lado e dissesse francamente à madrasta que não queria casar-se comigo; que a nossa salvação estava nisto, e que, de ninguém mais, senão dela, podíamos esperar nada. Ela me escutou com muita curiosidade, com muita simpatia. Que olhos os seus! Parecia que a alma se lhe espelhava toda nos olhos! Tem mesmo uns olhos de pomba… Agradeceu-me a confiança que eu tinha nela e deu-me a sua palavra de que nos ajudaria na medida das suas forças. Depois começou a perguntar-me por ti; disse-me que tinha muita vontade de conhecer-te; pediu-me que te dissesse que já gosta de ti como de uma irmã; e quando soube que havia já cinco dias sem ver-te, foi ela mesma quem me mandou para aqui…

Natacha estava comovidíssima.

– E tiveste coragem de me contar em primeiro lugar os teus êxitos com essa princesa surda! Ai, Alhocha, Alhocha! – exclamou com uma censura no olhar. – Bem, e Kátia estava alegre, contente, quando te mandou embora?

– Sim… Estava contente por poder realizar uma nobre ação, mas ao mesmo tempo chorava. Porque repara, Natacha, ela também gosta

de mim. Ela mesma me confessou que já começara a gostar de mim, que não vê mais ninguém, e que desde há muito tempo eu lhe agradava; que me distinguira porque à sua volta tudo é astúcia e intriga, ao passo que eu lhe parecia sincero e honesto. Depois ficou em pé e disse: “Deus te ajude, Alieksiéi Pietróvitch… mas eu pensava…”. Não acabou a frase e retirou-se chorando. Combinamos que amanhã dirá à madrasta que não gosta de mim, e que eu também, ainda amanhã contarei tudo a meu pai, e que nos manteremos ambos firmes no nosso propósito. Censurou-me por eu não lhe ter dito mais cedo: “Um homem honesto não deve ter medo de nada…”. Oh, que natureza nobre a sua! Não simpatiza com meu pai; diz que é astuto e que anda atrás do dinheiro. Eu o defendi mas não me acreditou. Combinamos que se não conseguisse que meu pai me atendesse amanhã (e ela com certeza pensava que eu não conseguiria), falasse francamente com a princesa K***. Porque então já ninguém se atreveria a opor-se. Prometemos ser como irmãos um para o outro. Oh, se conhecesses a sua história! Como é infeliz, com que aversão encara a sua vida em casa da madrasta, onde tudo é uma comédia! Não me disse assim diretamente, como se eu lhe inspirasse medo; mas eu adivinhei por algumas palavras suas. Minha querida Natacha, que admiração eu sentiria por ti, se vocês viessem a conhecer-se! Que coração bom ela tem! Que bem se está ao seu lado! Vocês nasceram para serem irmãs. É preciso que gostem uma da outra. Isto é uma coisa que não me sai do pensamento. E na verdade, o que me agradava era vê-las juntas para as olhar a toda a hora e amar as duas com loucura. Não penses nada mau, Natacha, e deixa-me falar dela. É isso exatamente o que eu sinto, desejos de falar dela a ti e de ti a ela. Tu bem sabes que gosto de ti mais do que de todas as outras, mais do que dela… Tu és tudo para mim!

Natacha olhava-o em silêncio, doce, mas tristemente. As suas palavras pareciam lisonjeá-la e atormentá-la ao mesmo tempo.

– Há duas semanas que comecei a estimar Kátia, a perceber o que ela vale – prosseguiu Alhocha. – Ia vê-la todas as noites. Quando voltava a casa, pensava em ti e comparava as duas.

– E qual das duas te agrada mais? – perguntou-lhe Natacha sorrindo.

– Umas vezes és tu, outras, é ela. Mas eras sempre tu quem acabavas por ganhar a palma. Quando falo com ela parece-me que me torno melhor… mais inteligente, de melhor fundo… Enfim, amanhã, amanhã tudo se decidirá.

– E não tens pena dela? Não? Repara que ela gosta de ti, segundo disseste… que tu próprio já reparaste nisso!

– É uma pena, Natacha! Mas nós três vamos amar-nos todos e… depois…

– Ah, e depois… Adeus! – murmurou Natacha muito baixo, como se falasse consigo mesma. Alhocha olhou para ela, perplexo. Mas nesse momento a conversa foi interrompida da maneira mais inesperada. Na sala, que servia ao mesmo tempo de cozinha e de vestíbulo, ouvimos um leve ruído, como se alguém tivesse entrado. Passado uns minutos Mavra abriu a porta e pôs-se a fazer sinais para Alhocha, às furtadelas, chamando-o. Voltamo-nos todos para ela.

– Perguntam por ti; chega aqui num instante, por favor – disse num tom misterioso.

– Quem será? – perguntou Alhocha olhando-nos com inquietação. – Já vou.

Na cozinha estava um criado com a libré que se usava em casa do príncipe seu pai. Pelo visto era o criado do príncipe, o qual, de regresso a casa, mandara parar a carruagem diante do alojamento de Natacha e o enviava para saber se Alhocha se encontrava ali. Depois de informar-se, o criado saiu.

– É curioso. É a primeira vez que pergunta. Até agora nunca o tinha feito – exclamou Alhocha olhando-nos com inquietação. – Que significará isto?

Natacha olhou para ele sobressaltada. De repente Mavra abriu outra vez a porta do quarto.

– Aqui está o príncipe em pessoa! – balbuciou, desaparecendo em seguida.

Natacha, muito pálida, ficou em pé. De repente, os seus olhos cintilaram. Apoiada à borda da mesa, olhava com comoção para a porta por onde devia entrar o inesperado visitante.

– Natacha, não tenhas medo; eu estou contigo; não consentirei que te ofendam – murmurou Alhocha dominando a sua perturbação.

A porta abriu-se e apareceu o príncipe Valkóvski em pessoa.

## Capítulo II

Envolveu-nos num olhar rápido, atento, pelo qual não era possível adivinhar se vinha como amigo ou como inimigo. Mas descreverei minuciosamente o seu aspecto. Aquela noite deixou-me uma impressão especial. Eu já o vira anteriormente. Era homem de uns quarenta e cinco anos, não mais; de feições belas e regulares, que mudavam de expressão segundo as circunstâncias, e estas variações eram muito repentinas, passando do gesto mais amável ao mais sombrio, como se obedecessem a uma mola. O rosto, ovalado, um pouco moreno; os dentes, magníficos; os lábios, finos; o nariz reto, um pouco comprido; a fronte ampla na qual não se via ainda uma só ruga; os olhos, grandes e cinzentos. Tudo era belo nele, e no entanto não produzia uma impressão agradável. Aquele rosto repelia precisamente porque a sua expressão não parecia sua, mas outra constantemente estudada, falsa, postiça, que os prevenia de que jamais se poderia conhecer a sua expressão verdadeira. Olhando-o com atenção, começava-se a suspeitar por debaixo daquela máscara permanente não sei que de mau, de hipócrita e altamente egoísta. Chamavam particularmente a atenção os seus olhos cinzentos e francos.

Somente eles pareciam não estar completamente sujeitos à sua vontade. Esforçava-se por torná-los doces e acariciadores; mas os raios do seu olhar bifurcavam-se, por assim dizer, e por entre os que eram doces e amáveis viam-se brilhar outros, duros e desconfiados, perscrutadores e maliciosos… Era bastante alto e bem proporcionado, um pouco seco, e parecia incomparavelmente mais novo do que era. Os cabelos, castanhos e finos, mal começavam a branquejar. As orelhas, as mãos, os pés, tinha-os de uma delicadeza surpreendente, de

uma delicadeza de raça. Vestia com requintada elegância mas com uma série de pormenores juvenis que não lhe ficavam mal. Parecia o irmão mais velho de Alhocha. Pelo menos ninguém o teria suposto pai dum filho já tão crescido. Avançou em direção a Natacha e disse-lhe, olhando-a fixamente:

– A minha presença em sua casa, a esta hora e sem aviso prévio… é estranha e fora do normal; mas espero que há de reconhecer pelo menos que eu me apercebo da excentricidade da minha conduta. Sei também com quem trato; sei que é compreensiva e generosa. Conceda-me apenas dez minutos e tenho a certeza de que há de compreender-me e perdoar-me.

Disse tudo isto num tom cortês mas enérgico e com certa fatuidade.

– Queira sentar – disse Natacha, ainda não completamente refeita da primeira comoção e um pouco alvoroçada. Fez uma leve reverência e sentou.

– Antes de mais dê-me licença que dirija duas palavras a este – começou, apontando para o filho. – Alhocha, saíste de lá sem esperar por mim e sem te despedires de nós, e disseram à condessa que Ekatierina Fiódorovna estava mal disposta. Retirou-se para o seu quarto, mas depois, de repente, apareceu-nos muito agitada. Sem mais rodeios, disse-nos que não podia ser tua esposa. Disse também que ia meter-se num convento, que tu tinhas implorado o seu auxílio e lhe tinhas confessado que amavas Natália Nikoláievna… Tão inesperada declaração da parte de Ekatierina Fiódorovna, e além disto, em tal momento, era consequência da estranhíssima atitude que tiveras para com ela. Estava quase transtornada. Deves compreender qual seria a comoção e o temor que ela sentiria. Quando passei agora por aqui vi luz na sua janela – continuou, dirigindo-se a Natacha. – Então, uma ideia, que havia já algum tempo me perseguia, apoderou-se de mim com tal força que não pude resistir ao primeiro impulso e entrei em sua casa. Por quê? Vou dizer-lhe imediatamente; mas antes, quero pedir-lhe que não fique admirada se as minhas palavras lhe parecerem um pouco estranhas. Tudo isto foi tão inesperado…

– Creio que serei capaz de compreendê-lo e apreciar… devidamente aquilo que me disser – exclamou Natacha com hesitação.

O príncipe olhava-a fixamente, como se fosse preciso “penetrar-lhe” a alma em um minuto.

– Eu também confio na sua benevolência – continuou – e se tomei a liberdade de vir visitá-la a esta hora, foi precisamente porque sabia com quem tratava. Há muito tempo já que a conheço, embora algumas vezes tenha podido ser injusto e incorrer em falta para com a senhora. Bem sabe que entre mim e o seu pai há aborrecimentos já antigos. Não quero justificar-me; talvez eu seja mais culpado para com ele do que até agora tenho suposto. Mas se assim for, é porque me enganei. Sou desconfiado, confesso-o. Sou mais propenso a pensar mal do que bem; é uma má qualidade, própria de corações duros. Mas não tenho o costume de dissimular os meus defeitos. Acreditei em todas as calúnias e, quando a senhora deixou os seus pais, tremi por Alhocha. Mas então não a conhecia. As informações que fui colhendo pouco a pouco, animaram-me. Observei, estudei e convenci-me de que as minhas suposições não eram fundadas. Soube que se tinha zangado com a sua família e soube também que o seu pai se opunha com todas as suas forças ao seu casamento com o meu filho. O fato de a senhora ter uma tal influência, um tão grande domínio sobre Alhocha, e não o ter aproveitado até agora para obrigá-lo a casar, bastava esse fato para mostrá-la a meus olhos sob um bom aspecto. E no entanto, confesso-o francamente, tomei a resolução de fazer tudo quanto pudesse para evitar toda possibilidade de que a senhora casasse com o meu filho. Sei que me explico com demasiada sinceridade, mas neste momento a sinceridade, pelo meu lado, é mais necessária do que tudo. Há de concordar com isto, quando terminar de ouvir. Na altura em que a senhora deixou a sua casa, saí eu de Petersburgo, mas no momento em que o fiz já não temia por Alhocha. Contava com o seu nobre orgulho. Compreendi que a senhora não desejava o casamento enquanto não ficassem arrumadas as nossas desavenças familiares e não queria perturbar as boas relações existentes entre mim e o meu filho, compreendendo que não lhe perdoaria nunca, e muito menos queria poder ser acusada de ter procurado um noivo príncipe e uma ligação com a nossa casa. Deixou até perceber, pelo contrário, o seu desdém

por nós, esperando o momento em que fosse eu próprio a vir pedir-lhe que me desse a honra de conceder a sua mão ao meu filho. Mas apesar de tudo eu persistia na minha hostilidade para com a senhora. Sem querer justificar a minha conduta, não posso esconder os motivos que me impeliram a proceder assim. Ei-los: a senhora não pertence a uma grande família nem é rica. Nós, embora possuamos algum dinheiro, precisamos de muito mais do que aquele que temos. A nossa casa está em decadência. Precisamos de relações e de dinheiro. A enteada da condessa Zinaída Fiódorovna, embora também não possua relações, é rica. É deixar passar algum tempo e logo começarão a aparecer os pretendentes que nos roubarão a noiva; mas não é possível perder uma tal oportunidade, e por isso, embora Alhocha seja ainda muito novo, resolvi oficializar as suas relações com ela. Já vê que não lhe escondo nada; a senhora pode olhar com desprezo para um pai que é o primeiro a reconhecer que induz o filho, por interesse, a cometer uma má ação, pois abandonar uma moça desinteressada, que sacrificou tudo por ele, e perante a qual é culpado… constitui uma má ação. Mas não procuro justificar-me. A segunda razão para o projetado casamento do meu filho com a enteada da condessa Zinaída Fiódorovna é a de que esta menina é altamente digna de amor e de respeito. É graciosa, de uma educação esmerada, de excelente caráter e muita ponderação, embora seja ainda uma criança, sob muitos aspectos. Alhocha não tem caráter. É estouvado, um tonto. Com vinte anos é uma autêntica criança, sem outro mérito talvez senão o de um coração nobre, bom… Qualidade que, reunida aos seus outros defeitos, se torna até perigosa. Há algum tempo notei que a minha influência sobre ele tinha começado a diminuir; o ardor da sua juventude dominava-o, fazendo-o esquecer certos deveres. Eu, é possível que lhe queira demasiado, no entanto estou convencido de que ele precisa de uma influência constante e boa. É um temperamento dócil, fraco, carinhoso, mais inclinado a amar e a acusar-se do que a mandar. É assim e assim há de ser enquanto for vivo. Já pode imaginar qual não seria a minha alegria ao encontrar em Ekatierina Fiódorovna a jovem ideal que eu desejava para esposa do meu filho. Mas a minha alegria chegava tarde; sobre ele imperava já outro ascendente, impossível de desenraizar: o seu. Quando há um mês regressei de Petersburgo, observei-o perscrutadoramente e, assombrado, verifiquei nele uma notável mudança para melhor. O seu

estouvamento, o seu infantilismo continuavam quase os mesmos, mas afirmavam-se nele algumas nobres inclinações; começava a interessar-se por mais qualquer coisa, sem ser apenas por simples brincadeiras, por tudo quanto é nobre, elevado e honesto. As suas ideias são estranhas e levianas, às vezes injustas; mas os seus desejos, os seus impulsos, o seu coração são agora melhores, e isto é a base de tudo, e isto que nele há de melhor… é indiscutivelmente obra sua. A senhora transformou-o. Confesso-lhe que me lembrei então de que a senhora, melhor do que ninguém, poderia fazê-lo feliz. Mas repeli este pensamento. Eu precisava de afastá-lo da senhora, fosse como fosse; comecei a manobrar e pensava conseguir o meu objetivo. Ainda há uma hora pensava que a vitória era minha. Mas o episódio de casa da condessa fez mudar radicalmente minha maneira de pensar, e acima de tudo impressionou-me um fato inesperado: a estranha seriedade de Alhocha, a firme consciência do seu dever para com a senhora, a vitalidade destas relações. Repito, a senhora realizou nele uma mudança definitiva. E fiquei também admirado de que essa mudança tenha ido ainda mais longe do que eu supunha. Hoje, de repente, mostrou diante de mim indícios de um talento que eu de maneira nenhuma suspeitava nele, e ao mesmo tempo uma sutileza extraordinária, um grande poder de observação. Descobriu o melhor caminho para sair de uma situação que julgava difícil. Estimulou a mais nobre faculdade do coração humano, a faculdade de perdoar e de pagar o mal com o bem. Entregou-se nas mãos da pessoa que ele ofendera e correu para ela pedindo-lhe simpatia e assistência. Despertou todo o orgulho duma mulher, duma mulher que o ama, confessando-lhe diretamente que tem uma rival, e ao mesmo tempo soube suscitar a sua simpatia por essa mesma rival e obteve o seu perdão para ela e a promessa de uma amizade fraterna. Entrar em tais confidências, sem ferir os sentimentos nem ofender, é uma coisa que às vezes se torna difícil até para as pessoas mais sensatas e discretas; mas não o é para os que têm um coração nobre, puro e bom, como o dele. Eu estou convencido de que a senhora, Natália Nikoláievna, não tomou parte alguma na sua conduta de hoje, nem com uma palavra nem com um conselho. Pode ser que até ao momento de ele lhe ter contado, não o tenha sabido. Estou enganado? Não teria sido assim?

– Não, não está enganado – concordou Natacha, cujos olhos e

rosto resplandeciam com um estranho fogo, como de inspiração. A dialética do príncipe começava a produzir os seus efeitos. – Havia já cinco dias que eu não via Alhocha – respondeu. – Foi ele sozinho que pensou e fez tudo isso.

– Assim o creio – confirmou o príncipe. – No entanto este inesperado poder de observação, esta força de vontade, esta consciência do seu dever, esta nobre firmeza, tudo isto, enfim, é o efeito da sua influência sobre ele. Refleti sobre tudo isto demoradamente, quando voltei para casa, e depois de pesar todas as circunstâncias tomei a resolução de vir. Os nossos projetos matrimoniais com a enteada da condessa caíram por terra e já não poderão erguer-se; mas ainda que o contrário fosse possível, não o desejava para ele; estou convencido de que só a senhora poderá fazer feliz o meu filho e ser… o seu verdadeiro guia, pois foi quem lançou os fundamentos da sua felicidade futura. Não lhe ocultei nem lhe ocultarei nada; eu aprecio tudo quanto significa dinheiro, carreiras brilhantes, distinção, linhagem, embora no fundo considere uma grande parte de tudo isso como preconceitos; mas eu adoro estes preconceitos e não quero de maneira nenhuma desprezá-los. No entanto há circunstâncias que impõem silêncio a todas as outras considerações e nas quais não é possível avaliar tudo pela mesma medida… Além disso eu gosto muito do meu filho. Em suma, cheguei à conclusão de que Alhocha não deve separar-se da senhora, porque sem a senhora estaria perdido. E… quer que lhe diga? Há um mês pensei isto, mas até agora não tinha pensado que esta era a solução adequada. Podia ter deixado estas explicações para amanhã em vez de vir importuná-la quase à meia-noite. Mas a minha urgência atual será suficiente para fazer-lhe ver com que interesse e, sobretudo, com que sinceridade trato deste assunto. Eu não sou nenhuma criança e não poderia na minha idade decidir-me a dar um passo irrefletido. Quando me decidi a vir aqui já trazia tudo resolvido e pensado. No entanto compreendo que será ainda preciso um certo tempo para convencê-la de toda a minha sinceridade. Mas vamos ao caso! Será necessário repetir-lhe por que é que vim? Vim cumprir o meu dever para com a senhora, e peço-lhe, com todo o imenso respeito que me inspira, que faça feliz o meu filho e lhe conceda a sua mão. Oh! Não veja em mim um pai severo que acabou por perdoar ao filho e concordou

finalmente em contribuir para a sua felicidade. Não, não! Isto seria injurioso para mim. Não pense também que, sabendo como se sacrificou pelo meu filho, eu viesse já seguro do seu consentimento, baseado em que a senhora se sacrificou por ele; mais uma vez lhe digo que não. Eu sou o primeiro a reconhecer que ele, para a senhora, pouco valor tem, e … ele, que é sincero e bom, há de também vê-lo. Mas deixemos isto. Eu não vim a esta hora por causa disso mas sim – levantou respeitosamente e com solenidade – vim aqui porque quero ser seu amigo. Não ignoro que não tenho direito algum a isso, pelo contrário. Mas… peço-lhe que me dê a oportunidade de merecê-lo. Consinta que lhe faça esta promessa!

Respeitosamente inclinado diante de Natacha, aguardou a sua resposta. Eu o tinha observado atentamente durante toda a sua arenga. Ele reparou nisto. Pronunciou o seu discursozinho friamente mas com certas pretensões dialéticas e afetando às vezes um certo à-vontade. O tom da sua parlenda não correspondia ao impulso que o tinha levado ali, a desoras, pela primeira vez e em tais circunstâncias. Era evidente que trazia algumas das suas frases já preparadas, e em certos momentos do seu longo, e por isso mesmo, estranho discurso, aparentou ser uma boa criatura que se esforçava por dissimular os seus sentimentos sob a capa do humorismo, da despreocupação e do gracejo. Mas tudo isto eu pensei mais tarde. Naquele momento era outra coisa. As últimas palavras pronunciou-as ele comovidamente, com uma tal expressão de sincero respeito por Natacha que seduziu a todos. Qualquer coisa parecida com uma lágrima brilhava nos seus olhos. O nobre coração de Natacha estava completamente vencido. Levantou e, sem proferir palavra, tomada da mais viva comoção, estendeu-lhe a mão. Ele a tomou e beijou-lhe com ternura. Alhocha estava louco de entusiasmo.

– Eu não te dizia, Natacha? – gritou. – Tu não querias acreditar! Não acreditavas que meu pai era o mais nobre coração do mundo! Agora vês, tu própria, já vês!

E atirou-se ao pescoço de seu pai abraçando-o efusivamente. Ele respondeu-lhe da mesma maneira e tratou de dar fim à cena sentimental, como se tivesse vergonha de demonstrar a sua comoção.

– Pronto – disse, pegando o chapéu – vou-me embora. Pedi-lhe apenas dez minutos e estive aqui uma hora – acrescentou sorrindo. – Mas tenho pressa em voltar outra vez. Dá licença que volte, assim que for possível?

– Sim, sim, sim! – respondeu Natacha. – O mais cedo que puder! Quero começar já a gostar muito do senhor! – acrescentou, perturbada.

– Que franca! Que honesta! – disse o príncipe sorrindo das suas palavras. – Nem sequer se esforça por responder com uma fórmula de simples cortesia. Aprecio mais a sua sinceridade do que todas essas finezas. Sim! Vejo que ainda precisarei de muito tempo para tornar-me digno da sua amizade.

– Oh, por favor! Chega de elogios – murmurou Natacha muito comovida.

Como estava bonita naquele momento!

– Bem. Está então tudo combinado? – disse o príncipe. – Só mais uma palavra, para que veja como eu sou infeliz. Não poderei vir vê-la, nem amanhã, nem depois de amanhã. Recebi esta noite uma carta tão importante para mim (reclama a minha imediata participação no assunto) que não posso de maneira nenhuma deixar de comparecer. Preciso sair de Petersburgo amanhã de manhã. Foi por isso que vim, assim, fora de horas, pois não poderia vir dentro dos próximos dois dias. Naturalmente, a senhora não podia supô-lo. Mas como eu sou desconfiado! Por que me pareceria que a senhora havia de ter essa ideia? Sim, esta desconfiança sempre me prejudicou na minha vida e em todos os meus litígios com a sua família, que, é possível, tivessem origem neste meu caráter ruim… Hoje é terça-feira; quarta, quinta e sexta não estarei em Petersburgo. Espero estar de volta no sábado e nesse mesmo dia virei vê-la. Permite que venha passar a tarde com a senhora?

– Claro, claro! – gritou Natacha. – Sábado à tarde, espero-o. E com impaciência.

– Terei o maior prazer. Assim poderei conhecê-la melhor. Bem,

tenho de ir, mas não irei sem ter apertado a sua mão – disse, voltando-se então para mim. – Peço-lhe que me desculpe esta conversa toda… Já tenho tido muitas vezes o gosto de encontrá-lo e creio que até já fomos apresentados. Não posso ir-me sem exprimir-lhe quanto me é agradável renovar este conhecimento.

– Já nos encontramos muitas vezes, é verdade – disse-lhe eu apertando a mão que me estendera – mas sinto muito não me lembrar de que nos tenham apresentado.

– Em casa do príncipe de R***, o ano passado.

– Perdão, tinha-me esquecido. Mas asseguro-lhe que desta vez não será assim. Esta noite há de ficar especialmente gravada na minha memória.

– Tem razão, e na minha também. Sei que o senhor é um verdadeiro e sincero amigo de Natacha Nikoláievna e do meu filho. Tenho a esperança de que me admitam como o quarto entre os três. Não é verdade? – acrescentou dirigindo-se a Natacha.

– Sim, ele é o nosso verdadeiro amigo e vamos viver todos juntos – gritou Natacha com profunda convicção.

Pobrezinha! O seu rosto encheu-se de alegria ao ver que o príncipe não se esquecia de despedir-se de mim. Como gostava de mim!

– Conheço muitos admiradores do seu talento – continuou o príncipe – e entre estes duas verdadeiras admiradoras suas. Teriam muito gosto em conhecê-lo pessoalmente a condessa, a minha melhor amiga, e sua enteada, Ekatierina Fiódorovna Filimônova. Permita-me esperar que me concederá a satisfação de apresentá-lo a estas senhoras.

– Para mim seria uma honra; atualmente tenho poucas relações…

– Mas dê-me o seu endereço. Onde vive? Quero ter o prazer…

– Eu não posso receber em minha casa, príncipe, pelo menos por agora.

– Mas para mim, embora não o mereça, não fará o senhor uma exceção?

– Já que tem assim tanto empenho… eu moro no… no Beco de V***, Casa Klugen.

– Casa Klugen! – exclamou um pouco assombrado. – Quê? Mora aí há muito tempo?

– Não, há muito não – respondi observando-o involuntariamente. – Moro no número quarenta e quatro.

– No quarenta e quatro! Vive… sozinho?

– Completamente só.

– Ah! É que… parece-me que conheço essa casa… ótimo. Passarei sem falta por lá, para cumprimentá-lo; tenho muitas coisas a dizer-lhe e espero muito do senhor. Quero pedir-lhe um favor. Como vê, começo logo com pedidos. Bem, até à vista. As suas mãos!

Apertou a minha mão e a do filho, beijou outra vez a de Natacha e partiu sem consentir que Alhocha o acompanhasse. Ficamos os três em silêncio. O que acabava de acontecer era tão inesperado e imprevisto! Sentíamos todos que tudo mudara num momento em que qualquer coisa de novo, de ignorado, ia começar. Alhocha, sentado junto de Natacha, beijava-lhe as mãos em silêncio e fitava-a no rosto, esperando que ela falasse.

– Querido Alhocha, amanhã irás visitar Ekatierina Fiódorovna – disse-lhe por fim.

– Era isso mesmo o que eu pensava – respondeu. – Não deixarei de o fazer.

– Embora talvez lhe seja doloroso ver-te… Que se há de fazer?

– Não sei, minha amiga, eu também pensava isso mesmo.

Ela sorriu e olhou-o longa e ternamente.

– Que delicadeza a sua! Viu o teu quarto, tão pobre, e nem uma

palavra.

– Uma palavra de quê?

– Ora, de… de te mudares para outro… ou qualquer coisa assim – acrescentou, corando.

– Basta, Alhocha! A que propósito vem isso?

– Quero pôr em relevo a sua delicadeza… e como te elogiou! Eu não te dizia? É capaz de compreender e de sentir tudo. A mim tratou-me como a uma criança. Como ele gosta de mim! E de fato eu sou uma criança!

– Sim, és uma criança, mas mais inteligente do que nós. Meu bom Alhocha!

– Disse também que a minha bondade me prejudicava. Por quê? Não compreendo. Mas diz-me, Natacha, não achas que eu devo já ir ter com ele? Amanhã de manhã tens-me outra vez aqui.

– Vai, vai, meu querido. É uma boa ideia. Mas amanhã vem o mais cedo possível. Daqui para diante já não poderás andar cinco dias longe de mim – acrescentou com malícia, acariciando-o com o olhar.

Estávamos todos cheios de uma alegria doce, plena.

– Vem comigo, Vânia? – disse-me Alhocha ao sair do quarto.

– Não, fica; tenho de falar-te, Vânia. Já sabes, amanhã cedinho.

– Assim que amanhecer. Adeus, Mavra!

Mavra está possuída de uma grande agitação. Ouvira tudo o que o príncipe dissera mas não compreendera bem. Tinha vontade de informar-se e de perguntar. Mas no entanto mostrava-se muito séria, muito ufana. Adivinhava também que se operara uma grande transformação.

Ficamos sós. Natacha pegou-me a mão e ficou durante algum tempo em silêncio, como se procurasse o que havia de dizer.

– Estou cansada – disse finalmente com uma voz fraca. – Diz, vais amanhã visitar os meus pais?

– Com certeza.

– À *mámienhka* podes dizer tudo, mas a ele, não.

– Já sabes que nunca lhe falo de ti.

– Ele logo saberá. Mas repara no que ele diz, como é que encara o caso. Meu Deus, Vânia! Achas que me amaldiçoará se eu vier a casar? Mas não, não é possível!

– Quem há de arranjar tudo é o príncipe; deve reconciliar-se com o teu pai e assim ficará tudo arrumado.

– Ai, meu Deus! Se assim fosse, se assim fosse! – exclamou num tom suplicante.

– Fica tranquila, Natacha. Tudo se há de arranjar. Foi para isso que eu vim.

Ela me olhou fixamente.

– Vânia, que pensas do príncipe?

– Creio que falou com sinceridade e que, se assim é, é um perfeito cavalheiro.

– Que queres dizer? Então ele podia, por acaso, não ser sincero?

– É o que eu penso também – respondi. – "Pode ser que ande a tramar qualquer coisa", pensei comigo.

– Tu estiveste sempre a olhar para ele tão fixamente… É estranho!

– Sim, parecia-me um pouco estranho.

– A mim também. Tem uma tal maneira de falar… Estou esgotada, meu caro Vânia. Olha, deixa-me, agora, e vem ver-me amanhã, quando saíres de casa dos meus pais… Ah! Diz-me, ele não ficaria ofendido por eu lhe ter dito que desejava começar

imediatamente a gostar dele?

– Não. Por que havia ele de ofender-se?

– E não foi também uma tolice? Com isso eu lhe dava a entender que ainda não gostava dele.

– Pelo contrário; foi uma lembrança muito simpática, ingênua e natural. Estavas muito bonita nesse momento! Ele é que será um idiota se, do alto da sua grandeza, não o apreciar assim.

– Parece que o olhas com desconfiança, Vânia. Eu também sou desajeitada, desconfiada, vaidosa. Não te rias; já sabes que nunca escondo nada de ti. Ah, Vânia, tu és o meu melhor amigo! Se eu voltasse a ser infeliz, se os desgostos voltassem, serás tu quem estará junto de mim, e talvez sejas tu só. Como poderei eu agradecer-te? Nunca me abandones, Vânia!

Assim que cheguei em casa, despi-me imediatamente e deitei-me. O meu quarto estava úmido, sombrio como uma gruta. Sentia que em mim se agitava toda a espécie de ideias e sentimentos estranhos e fiquei muitas horas sem poder adormecer.

Mas como havia de rir, nesses mesmos instantes, de todos nós, um homem que dormia em cômodo leito, supondo que se dignasse rir! Mas, não, não se dignaria!

## Capítulo III

No dia seguinte, às dez da manhã, quando saía de minha casa a correr para ir ver os Ikhmiênievi, e ir depois daí a casa de Natacha, encontrei à minha porta a mesma visitante da véspera, a netinha de Smith. Não sei por que, mas lembro que fiquei contente com esse encontro. Não tivera tempo de olhá-la bem na noite anterior e surpreendeu-me mais em pleno dia. De fato seria difícil encontrar uma criatura mais estranha, de aspecto mais original. Pequena, de olhos negros cintilantes, nada russos; uma cabeleira negra, abundante e desgrenhada; um olhar mudo, fixo e perscrutador. Chamaria a atenção de qualquer transeunte na rua. O que mais me impressionava nela era

o seu olhar cintilante, inteligente, e ao mesmo tempo desconfiado. De dia, o seu vestuário, velho e sujo, parecia ainda mais esfarrapado. Parecia-me que devia estar minada por alguma doença lenta que ia gradual e inexoravelmente destruindo o seu organismo. A sua carinha, fraca e pálida, era de um amarelo escuro, pouco natural, com pintas biliosas. Mas, de uma maneira geral, apesar de todos os sinais da miséria e da doença, não era feia. Tinha as sobrancelhas bem desenhadas, finas e belas; particularmente bonitos eram a testa ampla e os lábios magnificamente desenhados, com uma prega que indicava orgulho e ironia, mas muito pálidos, quase incolores.

– Ah! És tu outra vez – disse. – Sempre pensei que havias de voltar. Entra.

Como na véspera, entrou lentamente, olhando à sua volta com desconfiança. Olhava atentamente para o quarto onde vivera o avô, como se quisesse observar as mudanças que ali introduzira o novo inquilino. “Bem. A neta condiz com o avô – pensei eu. – Não estará louca?” Enquanto eu pensava isto, ela continuava calada; eu esperava.

– Os livros – murmurou por fim, baixando os olhos.

– Ah, sim, os livros! Aqui tens, toma; guardava-os precisamente para ti.

Olhou-me com curiosidade e torceu a boca de um modo estranho, como se quisesse esboçar um sorriso incrédulo. Isto durou apenas um minuto e o seu rosto recuperou logo a sua expressão severa e enigmática.

– O meu avô falou-lhe de mim, por acaso? – perguntou, olhando-me dos pés à cabeça com um pouco de ironia.

– Não, ele não me falou de ti, mas…

– E como sabia o senhor que eu viria? Quem lhe disse? – perguntou rapidamente, interrompendo-se.

– Porque pensei que o teu avô não podia viver só, abandonado de todos. Estava tão velho e tão fraco que supus que alguém viria visitá-

lo. Toma, aqui tens os teus livros. Estudas com eles?

– Não.

– Então para que os queres?

– A princípio, quando eu vinha vê-lo, o avozinho fazia-me estudar por eles.

– Então depois deixaste de vir?

– Deixei de vir… Estive doente – acrescentou, à guisa de desculpa.

– Tens pai, mãe, família?

Franziu imediatamente as sobrancelhas e olhou-me assustada. Depois voltou-se e saiu do quarto devagar, sem dignar-se responder-me, como tinha feito na véspera. Estupefacto, segui-a com os olhos. Mas ela deteve-se à entrada.

– De que morreu ele? – perguntou-me de súbito, voltando-se um pouco para mim e com o mesmo gesto e a mesma atitude com que entrara na noite anterior, e também quando parou à porta perguntando-me por Azorka.

Eu me aproximei dela e comecei a contar-lhe tudo à pressa. Ela me escutava, calada e curiosa, com a cabeça baixa e de costas para mim. Contei-lhe também como o velho, ao morrer, me falou da Sexta Linha.

– Eu calculava – acrescentei – que aí devia viver alguém que lhe era querido e esperava que viessem perguntar por ele. Devia gostar muito de ti, porque, no último instante, de quem se lembrou foi de ti.

– Não – murmurou ela involuntariamente, – não gostava de mim.

Estava muito excitada. Enquanto falava eu olhava-a no rosto. Reparei que fazia esforços espantosos para reprimir a sua comoção diante de mim, como se fosse por orgulho. Estava cada vez mais pálida e franziu o lábio inferior. Mas o que mais me impressionava era o bater do seu coração. Cada vez lhe batia com mais força, de tal

maneira que parecia ter um aneurisma. Eu pensava que, de repente, ia pôr-se a chorar como na véspera, mas dominou-se.

– Onde fica o lugar em que ele morreu?

– Eu te mostro quando sairmos. Mas diz, como te chamas?

– Não é preciso.

– Não é preciso?

– Não é, não é preciso, eu não tenho nome – exclamou num tom cortante e como se tivesse ficado zangada, e fez menção de retirar-se. Eu a detive.

– Espera, pequena, que estranha tu és! Olha que eu gosto de ti. Custou-me muito aquilo de ontem, quando te puseste a chorar num canto da escada. Não posso lembrar-me disso. Além disto o teu avô morreu nos meus braços, e com certeza pensava em ti quando me falou na Sexta Linha, como se te lançasse nos meus braços. Apareceu-me em sonhos. Olha, eu arranjei-te uns livros, e és tão arisca que pareces ter medo de mim. Deves ser muito pobre e órfã, e viver sob o domínio de estranhos. É assim ou não?

Eu a contemplava comovidamente e não poderia dizer o que é que me atraía nela. No meu sentimento imiscuía-se qualquer outra coisa que não era a piedade. Talvez o mistério de todo desamparo, a impressão que Smith me deixara ou a fantasia do meu próprio temperamento… Não sei, mas qualquer coisa de indefinido me atraía para ela. As minhas palavras pareciam tê-la perturbado; olhava-me de um modo estranho, já não arredio mas sim suave e demoradamente. Depois voltava a baixar a cabeça, como se refletisse.

– Eliena – murmurou de repente, de um modo inesperado e numa voz sumida.

– Então chamas-te Eliena?

– Sim.

– Queres viver aqui comigo?

– Não pode ser… Não sei… Eu hei de voltar – murmurou ela com esforço e perturbada.

Nesse momento, em qualquer lado ouviu-se um relógio de parede. Estremeceu e, olhando-me com uma tristeza indefinível, doentia, balbuciou:

– Que horas são?

– Devem ser onze e meia.

Estremeceu de medo.

– Senhor! – exclamou, e, de repente, saiu correndo. Eu a detive outra vez no patamar.

– Não tenhas medo de mim! – disse-lhe. – Por que tens medo? Já é tarde, para ti?

– Sim, vim aqui às escondidas. Vou-me embora. “Ela” vai bater-me – exclamou, libertando-se das minhas mãos.

– Escuta – disse-lhe. – Eu também vou a Vassílievski Óstrov, à Linha Treze. Vem comigo que eu te levo a tua casa.

– À minha casa? Não pode ser, não pode ser! – gritou, muito admirada. O seu rosto crispou-se de espanto com o pensamento só de que eu pudesse segui-la até onde vivia.

– Já te disse que tenho de ir à Linha Treze tratar de um assunto, e não à tua casa. Não te acompanharei. Mas, de carruagem, chegaremos depressa. Vamos.

Descemos a escada. Eu mandei parar o primeiro cocheiro que passou com um *drójki* detestável. Pelo visto, Eliena tinha uma grande pressa de partir. O mais curioso de tudo era que nem sequer me atrevia a interrogá-la. Agitava os braços e por pouco não se arremessou do coche quando eu lhe perguntei por que temia tanto a sua própria casa. “Que mistério será este?”, pensava eu.

A pequena ficou mal acomodada. A cada movimento do *drójki*

agarrava-se ao meu paletó com a mão esquerda, pequena, suja e gelada. Com a outra segurava os livros, que devia estimar muito. Quando se acomodou melhor deixou a descoberto um pé e, pelos sapatos esburacados, vi, com grande assombro, que trazia apenas esses sapatos escalavrados, sem meias. Embora tivesse resolvido não perguntar nada, não pude conter-me.

– Então não usas meias? – perguntei-lhe. – Como podes andar assim, com um tempo tão úmido e frio?

– Não – respondeu com secura.

– Mas com certeza deves viver com alguém! Pede-as a qualquer pessoa quando tiveres de sair.

– Ando assim porque quero.

– Pois olha que podes adoecer e morrer.

– Quem me dera morrer!

Era evidente que não queria responder e que as minhas perguntas a irritavam, e contive-me.

– Olha, aqui é que ele morreu – disse-lhe eu apontando para o muro diante do qual morrera o velho.

Olhou fixamente para o lugar e depois disse-me, suplicante:

– Pelo amor de Deus, não venha comigo! Eu irei, eu irei! Assim que puder, irei!

– Bem. Eu já te disse que não iria a tua casa. Mas diz: de quem é que tens medo? Deves ser muito infeliz. Fazes-me pena, quando olho para ti.

– Não tenho medo de ninguém – disse ela desabridamente, num certo tom de aborrecimento.

– Mas por que disseste “ela bate-me”?

– Que me bata! – gritou, e os seus olhos chispavam. – Que me

bata! Que me bata! – repetiu com veemência, e o seu lábio superior arqueava, exprimindo desdém.

Finalmente, chegamos a Vassílievski Óstrov. Ela mandou parar a carruagem à entrada da Sexta Linha e saiu, olhando com inquietação à sua volta.

– Adeus, eu vou sozinha, eu vou sozinha! – repetiu com estranha inquietação, pedindo-me que não a seguisse. – Vá embora já, já!

Continuei o meu caminho. Mas depois de ter andado ao acaso durante algum tempo, mandei embora o *drójki* e, voltando para a Sexta Linha, atravessei rapidamente para o outro passeio da rua. Ainda a vi. Não tivera tempo de afastar-se muito, embora caminhasse muito depressa e olhando à sua volta; chegou até a parar um momento para certificar-se de que ninguém a seguia. Mas eu escondi-me atrás de um portão e ela não me viu. Seguiu o seu caminho e eu atrás dela, pelo outro passeio da rua.

A minha curiosidade estava altamente excitada. Apesar de ter resolvido não a seguir, queria a todo custo ficar conhecendo a casa em que entrasse. Encontrava-me sob o influxo duma impressão dolorosa e estranha, semelhante àquela que me provocara antes, na pastelaria, o seu avô, quando morreu Azorka.

## Capítulo IV

Andamos muito, até ao Próspekt Máli[22]. Ela parecia fugir, mas por fim entrou numa loja. Parei à sua espera. “Não deve viver na loja”, pensei.

De fato, passado um momento, saiu, mas já sem os livros; em vez deles trazia na mão uma tigela. Depois de andar um pouco, entrou pela porta duma casa sórdida. Era uma casa pequena, de pedra, velha, de dois andares, pintada de amarelo sujo. Numa das janelas do andar inferior, de três ao todo, via-se um pequeno caixão vermelho, insígnia dum modesto construtor de ataúdes. As janelas do andar superior eram muitíssimo pequenas e perfeitamente quadradas, com uns vidros

sujos, verdes e estilhaçados, através dos quais se percebiam umas cortininhas de cor, de indiana. Atravessei a rua, aproximei-me da casa e li numa tabuleta de ferro por cima da porta: “Casa da burguesa Bubnova”.

Mal acabara de ler esta inscrição quando, no pátio da Casa Bubnova se ouviram uns gritos insistentes de mulher, seguidos de pragas. Olhei pela portinhola; no patamar da escada de madeira estava uma mulher gorda, vestida com um traje citadino, descabelada e com um xale verde sobre os ombros. O rosto tinha uma repugnante cor avermelhada; os olhos pequeninos, enterrados nas órbitas, injetados de sangue, cheios de maldade. Percebia-se claramente que, apesar de não serem ainda horas de jantar, ela estava já completamente embriagada. Gritava contra a pobre Eliena, petrificada diante dela, com a. sua tigela na mão.

Na escada, por cima do ombro da mulher vermelha, olhava outra mulher com o vestido e o cabelo em desordem, borrada de carmim e de branco. Um instante depois abria-se a porta da escada do sótão e nos degraus apareceu, provavelmente atraída pela gritaria, outra mulher de meia idade, pobremente vestida mas graciosa e de aspecto simpático. Pelas portas abertas do andar de baixo espreitavam outros inquilinos: um velho completamente decrépito e uma jovem. Um mujique robusto e de elevada estatura, provavelmente o porteiro, estava a meio do pátio e, apoiado à vassoura, presenciava a cena, indiferente.

– Ah, maldita! Ah, sanguessuga, percevejo! – gritava a mulher lançando numa catadupa pela boca afora todos os insultos de que era capaz, sem interrupção e engasgando-se, quase. – É assim que agradeces os meus cuidados, meu frangalho? Mando-a buscar pepinos e desaparece. Eu já adivinhava. Eu já sabia o que fazia, quando a mandei. Já adivinhava, olá! Ontem apanhou por causa do mesmo e vejam como hoje tornou a fugir. Por onde andas, vagabunda? Onde é que vais? Com quem vais ter, malvada, piolhosa, com esses olhos espantados, víbora? Onde vais, lama dos charcos? Fala ou mato-te!

E a velha, furiosa, atirou-se sobre a pobre garota, mas conteve-se ao ver que a inquilina do andar de baixo a olhava e, voltando-se para

ela, continuou com as suas lamentações, guinchando ainda mais do que antes e como se a tomasse por testemunha do monstruoso crime da sua vítima:

– A mãe foi desta para melhor! Já sabem, senhores; esta miserável está só no mundo, como um cogumelo, e eu, vendo-a assim tão desamparada e para agradar a São Nicolau, fui e tomei conta desta órfã. Recolhi-a. E que pensam vocês? Há já dois meses que a sustento… e nestes dois meses tem dado cabo de mim, tem-me esfolado e sugado o sangue… Oh, esta sanguessuga, esta serpente venenosa, diabo raivoso! E ela sem dizer pio; batem-lhe e como se tivesse a boca pregada, não diz uma! Dá cabo de mim… e não diz uma palavra! Quem julgas tu que és, toleirona, maltrapilha, mostrengo? Se não fosse eu, tinhas esticado a canela no meio da rua. O que devias era beijar a terra que eu piso, meu aborto! Se não fosse eu, tinha morrido de fome!

– Por que está assim tão zangada, Anna Trifônovna? Deu-lhe outro aborrecimento, ela? – perguntou a mulher com respeito.

– O que é que ela fez, criatura, o que é que ela fez outra vez? Pois contraria-me em tudo. Para salvar um olho dela, eu era capaz de arrancar os meus dois… Eu sou assim! E ela, hoje, por pouco não me manda para o outro mundo. Quando me levantei, mandei-a buscar pepinos e aparece-me às três da tarde. Eu já palpitava isto, quando a mandei; já adivinhava, já adivinhava. Aonde foste? Apareceram-te alguns protetores, não? Não te chego eu? À mãe dela perdoei eu catorze rublos que me devia, paguei-lhe o enterro e fiquei-lhe com esta filha endiabrada, para a educar; tu bem sabes, criatura, tu estás cansada de saber. E depois disto não terei eu direitos sobre ela? Se ao menos ainda me agradecesse… mas não; vai sempre contra mim. Contra mim, que só quero o seu bem! Quis pôr-lhe vestidos de musselina, comprei-lhe botinas, vesti-a como uma boneca. E que imaginam os senhores? Em dois dias esfarrapou tudo e olhem como anda agora. Para castigo deixei-a sem leite durante uma semana. Ponho-a a lavar e ela lava toda a porcaria. Põe-me maluca com o seu silêncio e a sua inflexibilidade; por isso, ontem, bati-lhe até me doerem as mãos. Tirei-lhe os sapatos e as meias para que não pudesse sair… e saiu, mesmo assim! Onde estiveste? Com quem andaste? Fala!

A quem é que foste queixar-te? Fala, vadia, fala!

Raivosamente, lançou-se sobre a pequena, segurou-a pelos cabelos e sacudiu-a.

O prato com os pepinos caiu ao chão e fez-se em cacos, com o que aumentou ainda a fúria da mulher, que se pôs a castigar a vítima na cara e na cabeça, sem que a garota deixasse escapar um grito ou uma queixa.

Precipitei-me para o pátio e, de um salto, lancei-me sobre a ébria, que parecia enraivecida.

– Que faz a senhora? Por que maltrata assim uma pobre criança? – gritei, segurando aquela fúria por um braço.

– Mas que é isto? Quem és tu? – perguntou-me num ar fanfarrão e pondo as mãos na cintura. – Que fazes tu aqui, em minha casa?

– Não tem compaixão! Como se atreve a torturar assim esta pobre órfã?

– Senhor! Jesus! – gritou a megera. – Mas quem és tu e quem é que te chamou? Vieste com ela? Pois vais ver como eu vou fazer queixa ao comissário de Polícia! Então Andron Timofiéitch, que tanto me aprecia! É então contigo que ela vai ter? Socorro, socorro! Por que te vens meter numa casa alheia?

Caminhou para mim de mãos no ar…

Mas nesse momento ouviu-se um grito penetrante, que não parecia humano…

Voltei-me … Eliena, que estava de pé, como insensibilizada, tombou de repente no chão com um alarido terrível, antinatural, tomada de horríveis convulsões. O seu rosto estava transtornado. Costumavam dar-lhe ataques epilépticos. A moça do quarto independente e a mulher de baixo acudiram, levantaram-na e apressaram-se a levá-la para cima.

– Se ao menos rebentasse, essa malvada! – grunhiu a mulher

correndo atrás dela. – Já é o terceiro ataque num mês… Fora daqui, delatora! – e de novo fez menção de atirar-se a mim. – Mas que fazes aí pespegado, *dvórnik*? Para que te pago eu?

– Sai! Sai daqui depressa, se não queres que te dê uma coça! – disse o porteiro por dever de ofício – Não te metas onde não és chamado, mete a viola no saco e põe-te a mexer.

Compreendi que era o melhor que tinha a fazer e parti, convencido de que a minha intervenção tinha sido completamente inútil. Mas fervia de indignação. Já na rua, parei no passeio e olhei pela vigia da porta. Mal eu saí, a mulher gorda dirigiu-se lá para cima e o *dvórnik*, acabado o seu trabalho, desapareceu. Um momento depois, a mulher que ajudara a levar Eliena atravessou o portal em direção à sua casa. Quando me viu parou e olhou-me com curiosidade. A doçura e a bondade do seu rosto encorajaram-me. Voltei a aproximar-me da porta e interroguei-a diretamente.

– Com licença – perguntei-lhe. – É daqui essa garota, a quem acabava de tratar tão mal essa mulher cruel? Pode crer que não se trata apenas de curiosidade. É que eu conheço essa garota e por uma certa razão, interesso-me muito por ela.

– Pois se lhe interessa, leve-a, não deixe que ela se perca aqui – disse-me com receio de que a ouvissem e fez menção de retirar-se.

– Mas explique-me o que devo fazer. Digo-lhe desde já que não sei nada. A Bubnova deve ser a dona desta casa…

– Sim, é.

– E como se encontra esta pequena em seu poder? A mãe dela morreu aqui?

– Parece que sim… Mas isso não é comigo – e procurou outra vez escapar.

– Diga-me, quem é essa pequena? Afirmo-lhe que me interessa muito. E talvez eu possa fazer qualquer coisa. Quem era a mãe dela? Não poderá me dizer?

– Uma estrangeira recém-chegada; vivia conosco, aqui embaixo; estava sempre doente, tísica, e morreu.

– Devia ser muito pobre para viver num canto, num saguão!

– Se era! Fazia pena. A nós ficou ela devendo seis rublos em cinco meses que esteve conosco. Fomos nós que lhe pagamos o enterro; o meu marido fez-lhe o caixão.

– Então como é que a Bubnova diz que foi ela quem lhe pagou o enterro?

– Que ia pagar!

– Como se chamava a falecida?

– Eu não sou capaz de dizê-lo, *bátiuchka*, era um nome pouco vulgar, devia ser alemão.

– Smith?

– Não, não era assim. Mas Anna Trifônovna ficou com a pequena para educá-la, segundo diz. Mas… a coisa não está muito clara…

– Não teria ficado com ela com alguma outra intenção?

– Os seus negócios não são muito claros – respondeu a mulher, perplexa e hesitante (deveria falar ou não?) – Mas, no fim de contas, nós não temos nada com isso, nós somos estranhos…

– Não seria melhor dares um nó na língua? – gritou nas nossas costas uma voz de homem.

Era um homem já idoso, que trazia uma bata até um pouco abaixo da cintura e por cima desta um caftã, e de aspecto citadino. Era o marido da minha interlocutora.

– Olhe, *bátiuchka*, não temos nada a dizer-lhe, isso não nos diz respeito – murmurou, olhando-me de soslaio. – E tu, vem cá. Adeus, cavalheiro! Nós fazemos caixões. Se alguma vez precisar dos nossos serviços, temos muito gosto… em… De outras coisas não temos nada que falar…

Saí daquela casa pensativo e profundamente comovido. Nada podia fazer, mas era-me muito doloroso deixar o caso assim. Algumas das palavras da mulher do fabricante de ataúdes tinham-me impressionado particularmente. Havia ali qualquer coisa que não estava bem; era esse o meu pressentimento.

Ia cabisbaixo e pensativo, quando de repente uma voz forte chamou pelo meu nome. Olho… e vejo à minha frente um homem bêbado, que mal podia manter-se de pé, bem vestido, mas com uma pobre capa e um gorro ensebado. A sua cara era-me bem conhecida.

Parei a olhar para ele. Ele me piscou um olho e sorriu ironicamente.

– Então, já me reconheceste?

## Capítulo V

– És tu, Maslobóiev – exclamei, reconhecendo de súbito o meu antigo condiscípulo do Ginásio do Governo. – Que encontro!

– Há quanto tempo! Há seis anos que não nos víamos! Embora talvez nos tenhamos já encontrado, simplesmente Vossa Excelência não se dignou olhar para mim. Agora és um general, em sentido literário, já se sabe! – e ao dizer isto sorria zombeteiramente.

– Olha, meu caro Maslobóiev, não mintas – interrompi-o eu. – Em primeiro lugar, os generais, mesmo os literários, não têm o meu aspecto, e além disso permite-me que te diga que na verdade me lembro de ter-te encontrado umas duas vezes na rua; mas tu parecias fugir de mim e eu abstenho-me quando vejo que me evitam… Sabes o que eu penso? É que se tu não estivesses agora “alto”, não me terias cumprimentado. Não será isto verdade? Bem. Pois então, boa tarde! Eu, meu caro, estou muito satisfeito por ter-te encontrado.

– Sério? Não te comprometo com a mi… com este aspecto? Bem, é escusado perguntar-te, isso não tem importância; eu nunca me esqueço de que eras um bom rapaz, Vânia. Lembras-te daquela vez em que foste castigado por minha culpa? Tu te calaste, não me

denunciaste, e eu, em vez de agradecer-te, fiquei a rir-me de ti durante uma semana. Que alma inocente a tua! Bom dia, meu amigo, saúde! – e beijamo-nos – Já há anos que ando sozinho… trabalhando dia e noite… e no entanto… Isso não se esquece! E tu, e tu?

– Eu? Também trabalho, e só …

Ele me olhou durante um longo momento, com a viva simpatia dum homem amansado pela aguardente. Embora afinal não precisasse disso para ser uma excelente pessoa.

– Não, Vânia, não; tu não estás como eu – exclamou finalmente com uma expressão trágica. – Olha, eu tenho lido, tenho lido, Vânia, tenho lido… Mas escuta. Fala-me com a alma… Tens pressa?

– Tenho fome e, confesso-te, estou terrivelmente preocupado com um caso. O melhor era… Onde moras?

– Já te digo. Mas isso não é o melhor. Não seria preferível outra coisa?

– Quê?

– Olha para ali. Estás vendo? – e apontava-me uma tabuleta a dez passos do lugar em que nos encontrávamos. – Vês? Pastelaria e restaurante, isto é, trata-se simplesmente de uma casa de pasto, mas é um lugar bom. A clientela é distinta e há boa vodca; não terás nada a dizer. Vim de Kiev a pé. Bebi, bebi bastante, reconheço-o, e aqui não se atrevem a dar-me da má. Sabem quem é Filip Filípitch. Quê? Torces o nariz? Não. Deixa-me falar. É agora meio-dia e um quarto, vi agora. Pois bem, a uma menos vinte e cinco em ponto, largo-te. Entretanto poderemos matar o bicho. Vinte minutos para o velho amigo, valeu?

– Se se trata apenas de vinte minutos, seja, porque, meu caro, juro-te que o assunto…

– Bom. Sempre vens. Assentemos em que vens. Mas, antes de mais, duas palavras. Estás com má aparência; acabas de sofrer algum desgosto, não é verdade?

– Sim.

– Já vês como eu adivinhei. Eu, meu amigo, agora virei fisionomista, é uma profissão como outra qualquer. Bem, vamos lá, entremos e conversemos. Eu, em vinte minutos terei tempo de sobra para estrangular o Almirante Tchaínski[23] e engolir outro trago de aguardente, outro de anis, outro de Pomerânia, outro de *parfait amour*, e mais qualquer coisa ainda. Eu bebo, meu amigo! Só nos dias de festa, antes da missa, é que eu valho qualquer coisa. Tu, se não quiseres, não bebes. Mas eu preciso de ti para uma coisa. Mas entra, mostra a tua bondade. Entremos. Trocaremos duas palavras, e depois, outra vez, até daqui a dez anos. Eu sou o teu irmão, Vânia, e não o teu igual!

– Bem. Não fales mais e entra quanto antes. Durante vinte minutos estou ao teu dispor, mas depois tenho de deixar-te.

Para se entrar no restaurante era necessário subir por uma pequena escada de madeira, com um patamar no segundo andar. Na escada encontramos dois senhores que deviam ter bebido muito. Quando nos viram, afastaram-se, cambaleando.

Um deles era um rapaz muito novo, ainda imberbe, com um bigodinho incipiente e uma expressão de cara completamente estúpida. Vestia com elegância mas com um certo ridículo, era como se trouxesse roupa alheia; trazia anéis valiosos nos dedos, um alfinete de preço na gravata, e tinha um penteado disparatado, com uma espécie de topete na frente. Não fazia senão rir às gargalhadas. O seu companheiro devia ter já uns cinquenta anos; era um homem gordo, barrigudo, vestido com muito desleixo, mas que trazia também um vistoso alfinete na gravata; calvo e de cor arroxeada, uma cara de bêbado, rubicunda e afogueada, óculos no nariz, do tamanho dum botão; a expressão do seu rosto era maliciosa e implicativa. Os seus chispantes, maliciosos e suspicazes olhinhos estavam enterrados em gordura e pareciam olhar por uma fresta. Pelo visto ambos conheciam Maslobóiev; mas o pançudo, quando se encontrou conosco, aparentou, embora apenas por um momento, uma expressão de contrariedade, ao passo que o rapaz esboçava um sorriso de troça disfarçada de servil obsequiosidade. Até tirou o gorro. Porque ia de gorro.

– Desculpe-me, Filip Filípitch – murmurou, olhando-o com

servilismo.

– Por quê?

– Porque pecamos… por aqui – e apontou o pescoço. – Lá dentro está Mitrochka. A semana passada, em certo lugar, apanhou uma tosa! Hi, hi!

O companheiro, contrariado, deu-lhe uma cotovelada.

– Mas o senhor, Filip Filípitch, não quer esvaziar uma garrafa conosco?

– Não, paizinho, agora é impossível – respondeu Maslobóiev – agora tenho um assunto…

– Hi, hi! Também eu tenho um assunto para tratar com o senhor.

O companheiro tornou a dar-lhe com o cotovelo. Via-se que Maslobóiev fazia esforços para os não olhar. Mas ainda mal tínhamos entrado no primeiro compartimento, ao longo do qual corria um armário, bem fornecido de aperitivos, frascos e garrafas de várias cores, quando Maslobóiev me levou para um canto e me disse:

– O rapaz… é o filho de Sizebríukhov, o famoso fabricante de farinhas, que herdou do pai meio milhão, e dedica-se agora à boêmia. Esteve em Paris e arejou ali os bolsos de tal modo que gastou quase a herança toda. Depois herdou outra vez de um tio e veio de Paris gastar aqui o que lhe restava. Escusado será dizer que, dentro de um ano, ficará teso. É um doidivanas. É nos melhores restaurantes, nas casas de mariscos e nas tabernas, com atrizes e hussardos, que ele anda sempre… Há pouco apresentou uma demanda. O outro, o mais velho é… Arkhípov, também comerciante ou qualquer coisa do gênero, e também é doido pela pinga. É um velhaco, um covarde, esse atual comparsa de Sizobríukhov; Judas e Falstaff num pé só, duas vezes falido e de uma sensualidade repugnante, e com certos caprichos… Conheço-lhe um caso de crime, neste gênero… É por isso que ele me evita. Por um lado estou satisfeito por tê-lo encontrado aqui; estava à espera dele… É claro que Arkhípov vive à custa de Sizebríukhov; conhece todos os lugares e é do melhor que há para acompanhar

rapazes deste gênero. Eu, meu caro, aqui há tempos mostrei-lhe os dentes. Mitrochka também os mostrou… é esse rapazinho muito bem vestido que está ali, junto da janela, com cara de cigano. É negociante de cavalos e não há aqui um hussardo que o não conheça. Previno-te de que é tão astuto que é capaz de fabricar moeda falsa na tua frente, e tu, que o estás vendo, vais passá-la. Veste de pelúcia, é verdade, e parece um eslavófilo (o que, em minha opinião, não lhe fica mal); mas põe-lhe um fraque de bom corte, leva-o ao Clube Inglês[24] e verás como todos dizem: "Caramba! Aquele é o poderoso conde Barbônov!". E durante duas horas vão tratá-lo como se fosse o tal conde… E ele fará o seu papel e falará como um conde, de tal maneira que ninguém suspeitará de nada e os enganará a todos. Há de acabar mal. Pois bem. Esse tal Mitrochka[25] mostrou também os dentes ao barrigudo, porque agora anda a tinir e o pançudo roubou-lhe Sizobríukhov, que antes era seu amigo e lhe está roubando a pele. Se se encontraram os dois aqui no restaurante é porque, de certeza, tramam qualquer coisa. Poderia até dizer o que, e calculo que foi Mitrochka, e não outro, quem me avisou de que Arkhípov viria aqui com Sizobríukhov, e que trazem entre mãos algum assunto feio. Eu tenciono aproveitar-me do ódio que Mitrochka tem a Arkhípov, cá tenho as minhas razões; foi precisamente por isso que vim aqui. Mas vou me fazer desentendido com Mitrochka e tu faz também que não reparas nele. Quando sairmos, com certeza que será ele próprio quem há de aproximar-se e me dirá aquilo que preciso de saber… Agora, Vânia, vamos para aquela salinha. Olha… Vamos lá ver, Stiepan – prosseguiu, dirigindo-se ao moço. – Sabes o que eu quero?

– Sei.

– E está pronto?

– Está.

– Então, traz. Senta, Vânia. Mas por que me olhas assim? Estás admirado? Não te admires. A um homem podem sempre acontecer coisas com as quais nem sequer sonhou, sobretudo quando… bem, sobretudo quando eu lia contigo o *Cornélio Nepote*. Mas, olha, Vânia, não te esqueças de uma coisa. Por muito batido que Maslobóiev seja, ainda tem coração, e tudo se reduz a que as circunstâncias mudaram.

Eu quis estudar Medicina, fazer-me professor de literatura nacional, escrevi um artigo sobre Gógol, trabalhei também como pesquisador de ouro, e além disso estive quase para casar… E “ela” estava pelos ajustes embora eu não tivesse nem para mandar tocar um cego. Fiz os preparativos necessários para o casamento e fui comprar umas botas fortes porque as minhas já estavam em tiras… Mas não cheguei a casar. Ela partiu com um professor e eu fiquei num escritório, não num escritório comercial, mas numa casa de penhores. Mas aquilo não me agradava. Os anos passaram e, embora eu não tenha agora nenhum emprego, dinheiro não me falta; deito as minhas contas e faço valer os meus direitos; sou feroz para com os mansos, e manso para com os ferozes. Sigo uma regra. Sei, por exemplo, que ninguém pode lutar sozinho, e… arranjo-me… Geralmente, trabalho à socapa… compreendes?

– És agente secreto ou qualquer coisa do gênero?

– Não, não sou agente, mas ocupo-me de assuntos, em parte oficiais e em parte privados. Olha, Vânia, bebo. E como nunca deixei afogar o juízo, sei bem qual há de ser o meu futuro. O meu tempo já passou; e águas passadas não movem moinhos. Só te digo uma coisa. Se eu apesar de tudo não fosse um homem, não me teria aproximado de ti, Vânia. Tu tinhas razão. Encontrei-me contigo, já te vira mais vezes e quis falar-te; mas não me atrevia, faltava-me coragem. Disseste a verdade, Vânia; se me aproximei de ti foi porque estou bêbado. Mas embora tudo isto tenha o seu interesse, chega de falar de mim! Falemos agora de ti. Bem, meu amigo, pois eu li, li e reli tudo, e meu caro, é à tua primeira obra que me refiro, e ao lê-la estive quase a tornar-me um homem disciplinado. Pouco faltou; simplesmente pensei mas não fiz, achei melhor continuar a ser um homem desordenado. Por isso…

Disse-me ainda muitas outras coisas. Cada vez estava mais bêbado e começou depois a enternecer-se muito e ficou quase a ponto de chorar. Maslobóiev fora sempre um bom rapaz, mas incapaz de ter juízo e de desenvolver uma ideia. Esperto, brigão, desinquietador e buliçoso, já no colégio; mas na realidade um homem de coração; um homem perdido. Há muitos indivíduos como ele entre os russos. Costumam possuir grandes aptidões mas permanecem improdutivos e,

além disso, propendem inconscientemente a atuar contra a sua consciência, por pura fraqueza, em determinados pontos, e não só se perdem, como já de antemão sabem que se hão de perder. Maslobóiev, entre outras coisas, naufragava em aguardente.

– Agora, meu caro, ainda duas palavras – continuou. – Eu dei pelo barulho que fez o teu primeiro livro; li depois várias críticas sobre ti (li, de fato; tu supões que eu já não leio); encontrei-te depois mal calçado, sujo, sem galochas, com um chapéu todo amassado e adivinhei qualquer coisa. Não escreves agora nos jornais?

– Escrevo, sim, Maslobóiev.

– Quer dizer então que fazes de carregador?

– Qualquer coisa do gênero.

– Pois, olha meu amigo, ouve o que eu te digo: embebeda-te melhor. Eu me embebedo, estendo-me no divã (porque eu tenho um divã, fofo, de molas) e imagino que sou qualquer coisa da categoria de Homero, Dante, ou de Frederico Barba-Roxa… Bom. Tudo o que de melhor se pode imaginar. Mas tu, claro, não podes imaginar que és Dante nem Barba-Roxa; primeiro, porque aspiras a ser tu próprio e, além disso, porque não podes permitir-te caprichos, visto que és um carregador. Para mim, a fantasia, para ti, a realidade. Escuta-me com toda a franqueza e como irmão, senão ficarei ofendido e humilhado para os dez anos mais próximos: precisas de dinheiro? Tal qual. Não faças trejeitos. Pegas no dinheiro, pagas os adiantamentos ao editor, sacodes o jugo, descansas sem preocupações durante um ano, imaginas um assunto e escreves um grande livro. Hem? Que dizes?

– Ouve, Maslobóiev. Agradeço a tua fraternal oferta, mas não posso aceitá-la… Por quê? Seria preciso entrar em muitos pormenores. Mas prometo contar-te tudo mais tarde, como de irmão para irmão. Agradeço o teu oferecimento; prometo vir visitar-te e hei de ir, por mais de uma vez. Mas vamos ao assunto. Tu és franco para comigo e por isso resolvi pedir-te um conselho. Tanto mais que, segundo parece, és mestre nestas coisas.

E contei-lhe toda a história de Smith e da sua netinha, começando

pela pastelaria. Coisa estranha: enquanto eu falava parecia-me adivinhar no seu olhar que ele sabia qualquer coisa dessa história. Perguntei se era assim.

– Não, não sei – respondeu. – Mas de fato ouvi dizer qualquer coisa a respeito de um tal Smith, de um velho que morreu numa pastelaria. E de *Madame* Bubnova, sei, efetivamente, qualquer coisa. Dessa senhora recebi eu, haverá dois meses, uma quantia (*je prends mon bien où je le trouve*,[26] e é só nisto que eu sou parecido com Molière). E, embora lhe tenha apanhado cem rublos, nesse mesmo instante jurei a mim próprio apanhar-lhe, não cem, mas quinhentos. Que mulher mais repugnante! Dedica-se a negócios ilícitos. E isso ainda seria o menos; mas é que às vezes ultrapassa todas as marcas. Mas não me tomes por um Dom Quixote, peço-te. O que eu quero é tirar daqui proveito, e quando há um momento nos encontramos com Sizobríukhov, fiquei muito satisfeito. Sizobríukhov visita-a, ao que parece, e deve levar o seu barrigudo; ora como eu já sei a que espécie de negócios se dedica o barrigudo, deduzo que… Bem. Eu o arranjarei. Estou muito satisfeito por que me tenhas falado dessa jovem; agora já tenho outra pista. Eu, meu caro, trato de vários assuntos, e se visses as pessoas com quem lido… Há pouco tive de tratar de um caso com certo príncipe. Se quiseres posso te contar uma certa história, de uma mulher casada. Vem visitar-me, meu amigo, que eu te darei assuntos para livros, assuntos tais que, se os escreveres, nem hão de querer acreditar-te…

– Qual é o sobrenome desse príncipe? – interrompi-o, imaginando qualquer coisa.

– Que te interessa? Bem, é Valkóvski.

– Piotr?

– Isso mesmo.

– Tu o conheces?

– Conheço-o, mas não muito bem. Olha Maslobóiev, vou perguntar-te algumas minúcias acerca desse cavalheiro – disse, levantando-me. – Despertaste em mim um interesse enorme.

– Meu caro, podes perguntar o que quiseres. Eu posso contar histórias, mas só até certo ponto… compreendes? Senão, de outra maneira perde-se o crédito e a fama nos negócios e ainda mais.

– Bem. Tudo quanto a dignidade permita.

Eu estava muito comovido. Ele reparou nisso.

– Bom. Que me dizes agora a respeito dessa história que acabo de contar-te? Sugeriu-te qualquer coisa ou não?

– A tua história? Um momento. Espera dois minutos que eu vou pagar.

Aproximou-se do balcão, e aí, como um desesperado, surgiu de repente o rapazinho do jaquetão de pelúcia, ao qual tão familiarmente tratava por Mitrochka. A mim parecia que Maslobóiev o conhecia melhor do que aparentava. Pelo menos era evidente que não era aquela a primeira vez que se viam. Mitrochka era um rapaz de aspecto muito original. Com o colete, que deixava ver uma linda camisa de seda vermelha; com as feições enérgicas mas bem desenhadas, muito novo ainda, uns olhos cintilantes e trocistas, provocava uma impressão estranha mas não antipática. Os seus gestos tinham qualquer coisa de afetadamente obsequioso, mas ao mesmo tempo esforçava-se visivelmente por dominar-se, adotando um ar altamente preocupado, grave e sério.

– Olha, Vânia – disse Maslobóiev dirigindo-se a mim – vem até

minha casa esta noite, às oito, pois talvez possa dizer-te alguma coisa; simplesmente eu agora não sou ninguém; já fui, mas agora sou apenas um bêbado e não me ocupo de negócios. Mas tenho boas relações; posso interrogar alguém, andar na farra com gente fina; com isso é que eu conto verdadeiramente quando estou livre; isto é, como bêbado também faço qualquer coisa; mas por meio dos amigos… Mas, bom, eu estou meio bêbado… Basta! Aqui tens o meu endereço; na Chestilavótchnaia.[27] Ainda vou beber do dourado; mas em casa. Depois deito-me. Vai! Apresento-te a Alieksandra Siemiônovna e falaremos de poesia.

– E do outro assunto também?

– Bem. Pode ser que sim.

– Irei, irei sem falta…

## Capítulo VI

Havia muito tempo que Anna Andriéievna me esperava. O que eu lhe dissera na noite anterior a respeito da carta de Natacha excitara vivamente a sua curiosidade e por isso ela me esperava desde cedo, pelo menos desde as dez. Quando apareci em sua casa, às duas da tarde, a tortura da espera esgotara quase por completo as forças da pobre anciã. Além disso ansiava por comunicar-me as novas esperanças que concebera no dia anterior e por falar-me de Nikolai Sierguiéitch, o qual andava desde a véspera rabujento e esquivo, embora ao mesmo tempo se mostrasse carinhoso para com ela, de maneira muito especial. Quando eu entrei acolheu-me com uma expressão de frieza e de descontentamento no rosto; mal me cumprimentou, por entre dentes, e não manifestou a menor curiosidade. Foi como se desejasse dizer-me “Por que vieste? Que gosto o teu, de palmilhar as ruas todo o dia”. Estava zangada até mais não poder. Mas eu apressei-me e, sem mais preâmbulos, contei-lhe toda a cena da véspera em casa de Natacha. Assim que ouviu a referência à visita do velho príncipe e o solene pedido da mão de Natacha que ele fizera, logo a anciã abandonou toda a sua fingida indiferença. Não haveria palavras suficientes para descrever a sua

alegria e até o seu êxtase, a maneira como se benzeu, chorou e prostrou-se diante da imagem em genuflexões até ao chão, e como, depois de abraçar-me, quis correr em busca de Nikolai Sierguiéitch e comunicar-lhe a sua alegria.

– *Bátiuchka*, ele está aborrecido com tantas ofensas e humilhações. Mas agora, quando souber que vão dar uma satisfação– a Natacha, há de esquecer tudo num momento.

Com muito custo a dissuadi. A boa velhota, apesar de casada havia vinte e cinco anos, ainda não conhecia bem o marido. Queria também ir comigo imediatamente à casa de Natacha. Fiz-lhe ver que não só podia muito bem acontecer que Nikolai Sierguiéitch não aprovasse o seu procedimento, como até poderíamos fazer assim com que tudo se estragasse ainda. Foi só à força que consegui convencê-la a desistir, mas no entanto reteve-me ainda meia hora e em todo esse tempo não parou de falar.

– Mas por que hei de estar eu aqui metida entre estas quatro paredes, com esta alegria tão grande? – dizia.

Finalmente convenci-a a deixar-me sair, fazendo-lhe notar que Natacha devia estar já à minha espera com impaciência. A velhinha benzeu-me várias vezes durante o caminho até à porta; encarregou-me de felicitar Natacha em seu nome e por pouco não se punha a chorar quando lhe disse que já não podia voltar naquela noite, a menos que não acontecesse a Natacha qualquer coisa de especial. A Nikolai Sierguiéitch não cheguei a vê-lo nesse dia; não dormira a noite passada e queixava-se de dor de cabeça; mas nessa altura descansava no escritório.

Também Natacha me esperara durante toda a manhã. Quando entrei, passeava pelo quarto, como era seu costume, com os braços cruzados e como quem medita em alguma coisa. Ainda hoje, quando me lembro dela, não posso imaginá-la de outra maneira senão sempre sozinha, no seu mísero quarto, pensativa, abandonada, à espera, de braços cruzados, os olhos dolorosamente fixos no chão e dando voltas sem objetivo, de um lado para o outro.

Com uma voz tranquila e sem deixar de caminhar, perguntou-me

por que tinha eu demorado tanto. Expus-lhe com brevidade a minha situação; ela quase não me ouviu. Era evidente que estava preocupada com qualquer coisa.

– Há alguma coisa de novo? – perguntei-lhe.

– De novo, nada – respondeu-me num tom que me fez adivinhar imediatamente que de fato havia qualquer coisa de novo e que ela me esperava para contar-me aquela novidade, mas que, conforme seu hábito, não me diria logo, mas quando eu saísse.

Era assim que fazia sempre. Eu já o sabia e aguardava.

Como era natural, iniciamos a nossa conversa falando do dia anterior. Fiquei muito admirado ao ver que coincidia absolutamente com ela acerca da impressão que o príncipe me deixara; a ela era-lhe decididamente antipático, muito mais antipático do que na véspera. Mas quando lhe fiz notar certos aspectos da sua visita, Natacha disse de repente:

– Ouve, Vânia, a mim tem acontecido sempre que, quando alguém me é antipático na primeira vez, bastava isso apenas para ser indício quase infalível de que mais tarde viria a ser-me simpático. Pelo menos é o que me tem acontecido sempre.

– Deus queira, Natacha. Aliás vou dar a minha opinião, que é definitiva. Eu reparei em tudo e concluí que o príncipe, embora seja um tanto jesuíta, deu o seu consentimento para o vosso casamento com toda a seriedade e de boa-fé.

Natacha ficou parada no meio do quarto e olhou-me com severidade. Todo o seu rosto mudara; até os lábios lhe tremiam levemente.

– Mas como é que ele, num caso destes, poderia empregar a astúcia e… mentir? – perguntou com uma altiva segurança.

– Claro, claro! – apressei-me a responder.

– É claro que não deve mentir. Acho que nem sequer devemos pensar nisso. Também não é possível ir procurar uma razão que

justificasse tal mentira. E, finalmente, que sou eu a seus olhos, no fim de contas, para que quisesse troçar de mim até esse ponto? Pode existir um homem capaz de infligir tal ofensa?

– Claro, claro! – corroborei eu, enquanto pensava para mim: “Tenho a certeza de que era nisto e apenas nisto que tu pensavas enquanto davas esses passeios pelo quarto, minha pobrezinha, e pode ser que duvides disso ainda mais do que eu”.

– Ah, que vontade eu tenho de que ele volte depressa aqui! – disse. – Queria ficar junto de mim uma noite inteira e afinal… Com certeza devia ter assuntos muito importantes, uma vez que deixou tudo e partiu. Sabes alguma coisa, Vânia? Não ouviste dizer nada?

– Vá-se lá saber! Ele anda sempre à cata de dinheiro. Ouvi dizer que está ligado a certa empresa, aqui, em Petersburgo. Eu, Natacha, de negócios não percebo patavina.

– Bem sei. Alhocha falou-me de não sei que carta, de ontem.

– Alguma notícia. A propósito: Alhocha veio?

– Veio.

– Cedo?

– Ao meio-dia. Já sabes que ele é pouco madrugador. Esteve aqui um momento. Eu o mandei para Ekatierina Fiódorovna; não é possível outra coisa, Vânia.

– Então não foi ele próprio lá, por sua livre vontade?

– Não, fui eu que o mandei.

Quis acrescentar qualquer coisa mas ficou calada. Eu a olhei e esperei. O seu rosto exprimia tristeza. De boa vontade a teria interrogado; mas às vezes as perguntas incomodavam-na muito.

– Que rapaz estranho! – disse por fim franzindo levemente a boca e como se se esforçasse por não me olhar.

– Quê? Tiveram alguma zanga?

– Não, de maneira nenhuma; simplesmente… Além disso ele é tão bom… Apenas…

– Bem, em breve acabarão todas as suas amarguras e inquietações – disse-lhe eu.

Natacha olhou para mim, atenta e curiosa. Pode ser que tivesse pensado em responder-me que Alhocha nunca chegara verdadeiramente a ter grandes inquietações; mas pareceu-lhe que nas minhas palavras se encerrava o mesmo pensamento. Mas enganava-se.

Logo se pôs afetuosa e amável. Dessa vez foi particularmente amável. Fiquei fazendo-lhe companhia por mais de uma hora. Estava muito desassossegada. O príncipe metia-lhe medo. Eu pude inferir de algumas perguntas suas que ela desejava saber verdadeiramente a impressão que lhe causara na noite anterior. Como se conduzira? Não teria demonstrado demasiada alegria com a sua presença? Não se teria mostrado demasiadamente exigente? Ou, pelo contrário, excessivamente condescendente? Que teria ele pensado? Não lhe teria parecido ridícula? Não teria sentido desprezo por ela? Com todas estas cavilações, as faces ardiam-lhe como fogo.

– Para que te comoves tanto perante a ideia de que um mau homem tenha podido pensar? Que pense o que quiser! – disse-lhe eu.

– Mau, por quê? – perguntou-me.

Natacha era receosa, mas de coração puro e caráter íntegro. Os seus receios procediam de uma fonte pura. Era orgulhosa, nobremente orgulhosa, e não podia suportar que aquilo que ela julgava superior a tudo fosse objeto de mofa perante os seus próprios olhos. Ao desprezo dum homem vil teria respondido com o mesmo desprezo; mas doía-lhe que troçassem daquilo que considerava sacrossanto, fosse quem fosse o trocista. Isto não era devido à falta de firmeza mas sim ao seu pequeno conhecimento do mundo, à sua falta de convívio com as pessoas, a ter passado a vida metida num canto. Passara a vida toda quase sem sair de casa. E, finalmente, essa qualidade dos seres ingênuos, que talvez lhe tivesse transmitido o pai, de apreciar uma pessoa, considerando-a por aquilo que verdadeiramente é e exagerar exaltadamente a sua parte boa, tinha-se desenvolvido nela num grau

violento. A essas criaturas custa-lhes depois muito refazerem-se da sua desilusão e ainda mais quando sentem que são elas mesmas as culpadas. Para que esperar de uma pessoa mais do que aquilo que ela pode dar? Dizem que, a tais pessoas, uma desilusão as espera a cada momento. O melhor de tudo seria estarem muito quietas nas suas casas e não andarem pelo mundo; e eu já reparei que, efetivamente, têm tal amor ao seu cantinho que acabam por se tornar ariscas. Além disso Natacha sofrera muitos dissabores, muitas afrontas. Era uma criatura doente e ninguém podia culpá-la, se é que as minhas palavras encerravam qualquer recriminação.

Mas eu tinha pressa e levantei para sair. Ela ficou admirada, e por pouco não se pôs a chorar quando viu que eu me retirava, apesar de que, durante todo o tempo que eu ali estivera, não me demonstrou nenhum afeto especial, mas até, pelo contrário, parecia estar mais fria do que de costume. Beijou-me com ímpeto e ficou olhando-me por muito tempo.

– Ouve – disse-me – Alhocha hoje esteve ridículo e até me deixou ficar admirada. Na aparência estava muito carinhoso, muito contente; mas agitava-se e remexia-se muito e não fazia outra coisa senão olhar para o espelho. Não parecia contrariado… mas esteve muito pouco tempo comigo. Calcula que me trouxe doces.

– Doces? Ah, é muito bom e ingênuo! Ah, como vocês são! Agora põem-se a observar-se um ao outro, a espiarem-se, a investigar os rostos e a ler pensamentos secretos sem conseguir decifrá-los. E ele nem sequer… Continua tão alegre e colegial como antes. Mas tu, tu!

E sempre que Natacha mudava de tom e me vinha com queixas de Alhocha ou à procura de que eu lhe resolvesse alguma pequena dúvida, ou a contar-lhe algum segredo, desejosa de ser compreendida apenas por meias palavras, lembro-me de que nessas ocasiões ficava sempre a olhar-me, entremostrando os dentes, e parecia pedir-me que a todo custo eu lhe dissesse qualquer coisa, contanto que ela ficasse mais alegre. Mas lembro-me também de que eu, nesses casos, adotava sempre um tom um pouco severo e cortante, à guisa de reprimenda, o que fazia de um modo completamente inconsciente e “me dava sempre resultado”. A minha seriedade e gravidade pareciam de fato

mais autoritárias, porque às vezes sentimos a necessidade indispensável de que alguém nos ralhe. Pelo menos Natacha ficava algumas vezes perfeitamente tranquila.

– Não, Vânia – continuou, apoiando uma das suas mãos no meu ombro e apertando a minha com a outra – parece-me que ele está pouco entusiasmado… Procede comigo como mari… sabes? Como se fôssemos casados há dez anos, embora como um marido que gosta ainda da mulher. Não achas que é ainda muito cedo para isso? Dá risada, anda de um lado para o outro, como se tudo isso lhe fosse indiferente, como se já estivesse um pouco aborrecido, e não como antes… Está sempre com pressa de ir para junto de Ekatierina Fiódorovna… Falo-lhe e ele não me ouve ou começa a falar-me de outra coisa. Sabes? É esse desagradável costume da alta sociedade, que nós dois lhe tínhamos tirado. Enfim, conduz-se de um modo… como se tudo lhe fosse indiferente… Mas que digo eu! Como nós somos exigentes, Vânia, que déspotas tão voluntariosos! Só agora é que vejo! Não perdoamos a uma pessoa uma simples mudança de expressão e afinal só Deus sabe por que terá sido. E tu, meu amigo Vânia, ainda me vens com censuras! Serei eu a única culpada? Somos nós próprios que provocamos os nossos aborrecimentos e ainda por cima nos queixamos depois… Muito obrigada, Vânia! Conseguiste acalmar-me! Ah, mas se ele viesse! Mas para quê? Até quando? Olha, ainda estou zangada pelo que se passou.

– Mas vocês brigaram? – perguntei-lhe, assombrado.

– Não, não é isso! Simplesmente, eu estava um pouco tristonha, e ele, de tão alegre que estava no princípio, pôs-se de repente murcho, e pareceu-me que se despediu de mim friamente. Mas eu vou mandar chamá-lo… Vem tu também, Vânia, esta noite.

– Sim, sem falta, a não ser que um certo assunto me mantenha ocupado.

– Que assunto vem a ser esse?

– Um caso que me preocupa. Mas penso que hei de poder vir.

## Capítulo VII

Às sete em ponto estava eu em casa de Maslobóiev. Ele vivia na Chestilavótchnaia, num prédio pequeno, do qual ocupava uma ala num andar muito sujo, composto de três quartos no máximo, satisfatoriamente mobiliados. Além disso notava-se ali um certo desafogo e ao mesmo tempo uma excessiva falta de ordem doméstica. Veio abrir a porta uma jovem muito jeitosa, de uns dezenove anos, vestida com simplicidade mas com gosto; muito amável e com uns olhos magníficos. Adivinhei imediatamente que se tratava da própria Alieksandra Siemiônovna, à qual ele já se referira, convidando-me a conhecê-la. Perguntou-me quem era e quando ouviu o meu nome disse-me que ele já me esperava, embora estivesse dormindo no seu gabinete, onde me conduziu. Maslobóiev dormia num bonito e fofo divã, embrulhado no seu capote seboso e com uma almofada de couro debaixo da cabeça. Tinha um sono muito leve. Mal eu entrei, chamou logo pelo meu nome.

– Ah, és tu! Estava à tua espera. Sonhei que vinhas e entravas aqui. Já é tempo. Vamos.

– Aonde?

– À casa dessa senhora.

– De que senhora? Para quê?

– A casa de *Madame* Bubnova, para falar com ela… É uma beldade! – exclamou dirigindo-se a Alieksandra Siemiônovna e até beijou as cabeças dos dedos só com a recordação de *Madame* Bubnova.

– Bom, mas procede com cuidado! – exclamou Alieksandra Siemiônovna, que considerou seu dever mostrar-se um pouquinho aborrecida.

– Ainda não se conhecem? Então vão conhecer-se! Aqui apresento Alieksandra Siemiônovna a este general literato; não se veem gratuitamente senão uma vez por ano; o resto do tempo, só pagando.

– Bem, lá se saiu ele com uma das suas! Mas o senhor, por favor,

não faça caso; está sempre zombando de mim. Mas há generais dessa classe?

– São de um gênero especial. Mas tu, Excelência, não imagines que nós sejamos idiotas; somos muito inteligentes, mais do que parece à primeira vista.

– Não lhe ligue importância. Há de sempre envergonhar-me diante das pessoas decentes, este desavergonhado! Ainda se ao menos me levasses no teatro de vez em quando…

– Dedique-se mas é aos trabalhos domésticos, Alieksandra Siemiônovna… Já se esqueceu daquilo de que deve gostar? Esqueceu-se das palavrinhas que eu lhe ensinei?

– Com certeza que me não esqueci… Isto é alguma tolice?

– Não, nada disso; é qualquer coisa de literário.

– Não quero tornar-me ridícula diante do visitante. Pode ser que signifique qualquer coisa de absurdo. Até a língua se me embrulha ao dizê-lo.

– Se é assim, é porque te esqueceste!

– Pois então não havia de esquecer! Os penates. Amai os vossos penates… foi o que me ensinaste. Pode ser que os penates não existam; mas por isso mesmo é que é preciso amá-los. É tudo mentira.

– Em compensação, *Madame* Bubnova…

– Vai para o diabo com a tua *Madame* Bubnova!

E Alieksandra Siemiônovna retirou-se muito indignada.

– Já é tempo. Vamos. Adeus, Alieksandra Siemiônovna!

Saímos.

– Olha, Vânia, primeiro que tudo tomemos essa carruagem. Isso mesmo! Ora bem. Há pouco, quando nos despedimos, fiquei sabendo uma coisa e soube não por suposições, mas com toda a exatidão.

Ainda demorei uma hora em Vassiliévski, uma hora. Esse barrigudo… é um grande canalha, um porco repugnante, de ações baixas e vis. A essa Bubnova há já algum tempo que a conheço, por se ter metido em enredos desse gênero. Ainda há poucos dias tramava a perdição de uma moça honesta. Esses vestidos de musselina que vestia a essa órfã, conforme me disseste há pouco, causam-me inquietação, porque já ouvira qualquer coisa a respeito disso. Recentemente chegaram até mim certos rumores, por acaso; mas, segundo parece, com fundamento. Quantos anos tem essa jovem?

– A avaliar pela sua aparência, uns treze.

– Mas pelo seu desenvolvimento parece ter menos. Bem. Ela procede desta maneira: se for preciso, dirá que tem onze, se não, quinze. E como a pobre garota é indefesa, sem amparo nem família…

– Que queres dizer?

– Que julgas tu? *Madame* Bubnova não é mulher para tomar conta de uma órfã só por compaixão. Se o pançudo vai lá, é assunto arrumado. Esta manhã já se encontrou com ela. A esse melquetrefe de Sizobríukhov tinham-lhe prometido para hoje uma beldade, uma mulher casada, esposa dum funcionário. Os filhos de comerciantes que se entregam à farra parecem-se todos. Pedem sempre mulheres de funcionários. Já a gramática latina o dizia, lembras-te?: “A distinção é preferível à perfeição”. Mas, no fim de contas, também é possível que eu estivesse bêbado. Bem. A Bubnova não deve atrever-se a meter-se em tais embrulhadas. Pretende zombar da Polícia, mente. Mas também tem medo de mim, sabe que eu tenho boa memória… etc… compreendes?

Eu estava muito excitado. Todas essas notícias me haviam perturbado. Receava chegar tarde e dava pressa ao cocheiro.

– Não te preocupes, pois foram tomadas todas as precauções – disse-me Maslobóiev. – Mitrochka deve estar lá, Sizobríukhov vai lhe dar dinheiro; mas o barrigudo é mau… por natureza. Tudo isto ficou combinado há pouco, mas a Bubnova encontra-se à minha mercê. Por isso não se atreverá…

Chegamos e apeamos em frente do restaurante; mas o indivíduo chamado Mitrochka não se encontrava aí. Depois de dizermos ao cocheiro que esperasse à porta do restaurante, dirigimo-nos a casa da Bubnova. Mitrochka esperava-nos à porta. Pelas janelas filtrava-se a claridade e ouviam-se as risadas de Sizobríukhov, bêbado.

– Já lá estão todos há um quarto de hora – disse-nos Mitrochka. – Não há tempo a perder.

– Mas como nos apresentaremos?

– Como visitas – respondeu-me Maslobóiev. – Eu e Mitrochka somos seus conhecidos. Com certeza que devem ter a porta fechada, mas para nós, não.

Chamou de manso à porta e abriram imediatamente. Foi o porteiro quem a abriu e trocou um olhar significativo com Mitrochka. Entramos devagarinho. Ninguém deu por nós. O porteiro conduziu-nos pela escada e chamou. Perguntaram-lhe quem era e respondeu que ia só – caramba, é preciso mentir! – Abriram e nós entramos de roldão. O porteiro eclipsou-se.

– Ah! Quem são os senhores? – exclamou a Bubnova, bêbeda e encolhendo-se toda no minúsculo vestíbulo, com uma luz na mão. – Que vem a ser isto? – exclamou Maslobóiev. – Então tu, Anna Trifônovna, não conheces os teus estimados visitantes? Não te lembras de mim? Filip Filípitch…

– Ah, Filip Filípitch! É o senhor… meu caro amigo? É que, como o senhor… eu… Mas façam o favor de entrar para aqui…

E atrapalhava-se cada vez mais.

– Para onde? Para aqui? Para esse compartimento? Não. A senhora vai ser mais amável. Queremos beber champanhe; e deve haver aí garotas jeitosas, não?

A dona da casa animou-se imediatamente.

– Para amigos destes arranja-se sempre, iria à China, se fosse preciso.

– Duas palavras, caríssima Anna Trifônovna. Onde está Sizobríukhov?

– A … qui.

– É que eu preciso falar com ele. Como se atreve esse malandro a vir para a pândega sem contar comigo?

– Garanto-lhe que ele não se esqueceu. Estava à espera de alguém, naturalmente era do senhor.

Maslobóiev bateu uma pancadinha na porta e vimos de repente um quartinho com duas janelas com gerânios, umas cadeiras de palha e um piano velhíssimo; tudo adequado àquele lugar. Mas ainda antes que tivéssemos tempo de entrar, quando estávamos ainda conversando no corredor, Mitrochka desapareceu. Soube depois que não entrara mas ficara esperando à porta. Teria de abri-la depois a alguém. A uma mulher desgrenhada e pintada que nessa manhã me olhara por cima do ombro da Bubnova e que era sua comadre.

Sizobríukhov estava sentado num frágil e pequeno divã, forrado de vermelho, diante de uma mesa circular, coberta com um pano. Em cima da mesa viam-se duas garrafas de champanhe sem gosto e uma de um rum detestável; havia também ali bandejas com doces, pães de especiarias e nozes de três espécies. Do outro lado da mesa, em frente de Sizobríukhov, sentada, uma fêmea repelente, quarentona e bexiguenta, vestida de tafetá prêto e com pulseiras e berloques de metal. Era a esposa dum oficial do Estado-Maior; mas, evidentemente, tratava-se de uma falsificação. Sizobríukhov estava embriagado e muito contente. O barrigudo, seu comparsa, não estava ali.

– É assim que se procede, não? – gritou Maslobóiev a plenos pulmões. – Dussot não me tinha convidado?

– Que prazer, Filip Filípitch! – resmungou Sizobríukhov levantando-se para vir ao nosso encontro com um ar satisfeito.

– Bebes?

– Sim, desculpa.

– Deixa-te de desculpas e convida os amigos! Viemos precisamente para nos embebedarmos em tua companhia. Olha, além disso trago-te outro convidado, um amigo. – E Maslobóiev apontou para mim.

– Muito prazer, muito contente… Hi, hi!

– Mas é a isto que chamam champanhe? Parece sopa de couves azedas!

– Isso é ofensa.

– Por isso tu não ousas aparecer em casa de Dussot! E ainda convidas pessoas!

– Estava contando-me precisamente há um momento que estivera em Paris – disse a mulher do oficial. – E agora já se vê que é mentira. Não queria mais nada!

– Fiedóssia Títichna, não sejas ofensiva. Estive. Fui até lá.

– Sim, sim… Um campônio como tu, ir a Paris!

– Mas fui. Tal qual. E tornei-me célebre, juntamente com Karp Vassílitch. Não conheces Karp Vassílitch?

– Por que havia de conhecer o teu Karp Vassílitch?

– É que… Trata-se de um assunto de política. Eu estive lá com ele, em Paris, em casa de *Madame* Joubert, onde partimos um tremó.

– O que é que partiram?

– Um espelho. Um espelho assim, enorme, que ocupava toda a parede, até o teto. Karp Vassílitch já estava bêbado. De tal maneira que até falava em russo a *Madame* Joubert. Estava junto do espelho e, foi, e ameaçou-o com o punho. A Joubert começou a gritar-lhe à sua maneira: “É um espelho que vale setecentos francos (a meu ver, valia só a quarta parte). Cuidado, não o quebre!”. Ele pôs-se a rir e olhou para mim; eu estava sentado em frente dele, num canapé e com uma beldade ao meu lado, embora não tão interessante como esta; mas

também tinha a sua graça, para dizer tudo. E ele pôs-se a gritar: “Stiepan Tieriêntitch, Stiepan Tieriêntitch, vamos a meias?”. E eu respondi-lhe: “Vamos!”. E ele então foi e descarregou um murro sobre o espelho… Paf! Ficou feito em estilhas. A Joubert deu um grito e increpou-o: “Que fizeste bandido?”. Mas ele foi e respondeu-lhe: “*Madame* Joubert, aqui tens o dinheiro e não te oponhas aos meus caprichos”. E foi e entregou-lhe seiscentos e cinquenta francos. Ela lhe abateu cinquenta.

Nesse momento um terrível e agudo alarido se ouviu por detrás duma porta, dois ou três quartos para além daquele em que nos encontrávamos. Eu dei um pulo e deixei escapar também um grito. Tinha reconhecido a voz de Eliena. Imediatamente a seguir a esse alarido de horror ouviram-se outros gritos, insultos, vozes, e por fim o barulho de várias bofetadas aplicadas em cheio, ressoantes, fortes. Aquilo, provavelmente, pedira a intervenção de Mitrochka. De repente a porta do quarto abriu-se, e Eliena, lívida, de olhos alterados, com um vestido de musselina branca todo cheio de rasgões, com o cabelo arranjado mas revolto como se tivesse andado numa briga, irrompeu pelo quarto. Eu estava de pé, em frente da porta, e ela correu direita para mim e agarrou-me as mãos. Todos saltaram dos seus lugares; todos ficaram comovidos. Quando ela entrou, ouviram-se gemidos e gritos. Atrás dela apareceu Mitrochka à entrada da porta, arrastando pelos cabelos o odiado barrigudo, com o aspecto mais miserável que imaginar se possa. Largou-o junto da porta, no chão, e entrou no quarto.

– Aqui está ele! Aí o têm! – disse Mitrochka com um ar de quem cumpriu o seu dever.

– Escuta – exclamou Maslobóiev aproximando-se tranquilamente e dando-me uma palmadinha no ombro. – Vai para a carruagem, leva a pequena contigo para tua casa e o caso está acabado. Amanhã trataremos do resto.

Não precisei de ouvir mais nada. Pegando na mão de Eliena, apressei-me a tirá-la daquele antro. Não sei como o caso acabou por lá. Não procuraram deter-nos; a dona da casa estava petrificada de admiração. Tudo aquilo acontecera tão inesperadamente que nem

sequer pôde impedi-lo. O cocheiro estava à nossa espera e, vinte minutos depois, chegávamos em casa.

Eliena estava meia morta. Desabotoei-lhe o vestido, borrifei-a com água e deitei-a no divã. Começara com febre e entrava no delírio. Contemplei o seu rostozinho pálido, os seus lábios descorados, os cabelos negros, todos revoltos para um lado, mas retorcidos em espiral e untados de brilhantina. Aquele penteado, aquelas fitinhas vermelhas que conservava ainda presas ao vestido… e acabei por compreender toda aquela história odiosa. Pobrezinha! Cada vez ia piorando mais. Não me afastei de junto dela e resolvi não ir ver Natacha nessa noite. De vez em quando Eliena erguia as suas longas pestanas recurvadas e olhava-me, olhava-me longa e atentamente, como se me reconhecesse. Já tarde, à uma da noite, adormeceu. Eu adormeci também junto dela, no chão.

## Capítulo VIII

Levantei-me muito cedo. Passei toda a noite acordando de meia em meia hora e aproximando-me da minha pobre hospedazinha para mirá-la de alto a baixo. Tinha febre e estava um pouco delirante. Mas de manhã continuava profundamente adormecida. “Bom sinal”, pensei. Mas como ainda era cedo, decidi ir o mais depressa possível em busca de médico. Conhecia um alemão, um velhinho solteiro e bondoso que vivia há muito em Vladimírski, na companhia dum criado. Fui à sua procura. Prometeu-me que viria às dez. Eram oito quando fui procurá-lo. Eu tinha um grande desejo de ir, de passagem, procurar Maslobóiev; mas pensei que certamente estaria ainda dormindo, e que além disso Eliena podia acordar de um momento para o outro e assustar-se quando se visse só no meu quarto. No estado em que estava podia esquecer como, quando e por que tinha ido parar a minha casa.

Acordou no momento preciso em que eu entrava no quarto. Aproximei-me dela e perguntei-lhe com cuidado como se sentia. Não me respondeu; mas ficou a olhar-me durante muito tempo, de alto a baixo, com os olhos negros e expressivos. A avaliar pelo seu olhar, parecia-me que compreendia tudo e que se lembrava de tudo

perfeitamente. Pode ser que, seguindo o seu inveterado costume, não me respondesse. E nem nessa noite nem no terceiro dia da sua permanência em minha casa respondeu uma palavra às minhas perguntas, limitando-se a olhar-me nos olhos com o seu longo e pertinaz olhar, no qual, à perplexidade e à curiosidade selvagem se misturava um certo orgulho. Agora, notava também nos seus olhos seriedade e qualquer coisa como desconfiança. Ia pôr-lhe a mão na testa para ver se tinha febre; ela, porém, suavemente e em silêncio, afastou a minha mão com a sua mãozinha e voltou o rosto para a parede. Eu me retirei para não assustá-la.

Tinha eu um grande serviço de chá de cobre. Havia muito tempo o empregava, em vez do samovar, e servia-me dele para pôr a água a ferver. Também tinha lenha que o porteiro me trouxera, para cinco dias. Acendi o fogão, fui buscar água e pus a água para o chá. Entretanto coloquei também o serviço sobre a mesa. Eliena voltou-se para mim e olhava tudo aquilo com curiosidade. Perguntei-lhe se queria alguma coisa. Mas ela voltou de novo o rosto contra a parede e não me respondeu.

“Por que estará zangada comigo? – pensei eu. – Que moça estranha!”

Conforme disse, o meu velho doutor chegou às dez. Examinou a doente com toda a sua germânica atenção e animou-me muito, dizendo-me que, embora se tratasse de um estado febril, não havia motivo para inquietação. Acrescentou que ela devia ter outra doença real, qualquer coisa como palpitações do coração, “mas que esse ponto requeria uma observação especial, e que, por agora, a doentinha estava fora de perigo”. Receitou-lhe uma mistura e não sei que papeizinhos, mais por hábito do que por necessidade, e depois começou a perguntar-me por que é que ela se encontrava ali, ao mesmo tempo que, admirado, passava revista ao meu alojamento. Esse velhinho era um terrível tagarela.

Eliena interessou-o. Dera-lhe uma palmada quando ele quis tomar-lhe o pulso e negava-se a mostrar-lhe a língua. As suas perguntas não respondeu nem uma palavra, limitando-se todo tempo a olhar com muita atenção a sua enorme cruz de São Estanislau, que lhe

pendia do pescoço.

– Deve doer-lhe muito a cabeça – observou o velhinho. – Mas que maneira de olhar! Que olhos!

Julguei desnecessário contar-lhe qualquer coisa a respeito de Eliena e desculpei-me alegando que era uma história muito comprida.

– Avise-me, se for preciso – disse-me à saída, – Por agora não há cuidado.

Decidi ficar todo aquele dia ao lado de Eliena e, se fosse possível, não a deixar enquanto não estivesse bem. Mas como sabia que Natacha e Anna Andriéievna podiam sofrer, estando à minha espera, resolvi avisar pelo menos Natacha, pelo correio interior, de que nesse dia não podia ir vê-la. A Anna Andriéievna não era possível escrever. Ela mesma me pedira terminantemente que nunca lhe escrevesse, a partir daquela vez em que lhe participei por carta a doença de Natacha.

“O velho franziu o sobrolho quando viu a tua carta – disse-me. – Queria saber o que dizia, mas não se decidiu a perguntar. E ficou todo esse dia de mau humor. E a mim também, amigo, me puseste fora de mim com a tua cartinha. Apenas dez folhas! Tinha vontade de perguntar-te mais pormenores, e tu, nada!”

Por isso decidi escrever somente a Natacha e quando fui à farmácia com a receita, de caminho coloquei a carta no correio.

Entretanto Eliena voltou a adormecer. Durante o sono queixava-se levemente e estremecia. O médico acertara: doía-lhe muito a cabeça. De vez em quando dava um gritinho e acordava. E olhava para mim até com aborrecimento, como se lhe fosse particularmente desagradável a minha atenção. Confesso que isto me custava muito.

Aí pela uma chegou Maslobóiev. Vinha preocupado e distraído; ficou apenas um momento e parecia ter muita pressa de partir.

– Bem, meu amigo, eu já calculava que não devias viver à larga – observou, depois de examinar todo o quarto. – Mas, francamente, não

esperava vir encontrar-te nesta baiúca imunda. Porque isto é uma baiúca e não um andar. Mas, enfim, não falemos nisto; o principal é que todas estas ocupações secundárias não fazem outra coisa senão distrair-te do teu trabalho. Ia pensando nisso ontem, quando nos dirigíamos a casa da Bubnova. Mas olha, meu caro, atendendo ao meu temperamento e à minha posição social, sou uma dessas pessoas que não procedem bem mas pregam sermões de moral aos outros. Agora escuta: pode ser que eu venha ver-te amanhã ou depois de amanhã; mas tu não tens outro remédio senão vir a minha casa no domingo de manhã. Espero que nessa altura já esteja completamente arrumado o caso desta pequena; e te falarei seriamente, já que contigo é preciso tomar as coisas a sério. Viver assim não é possível. Ontem limitei-me a fazer alusões; mas agora vou te apresentar raciocínios lógicos. E por fim farei a pergunta: mas o que te aconteceu? Consideras alguma desonra pedir-me dinheiro emprestado?

– Não discutamos – interrompi-o. – Conta-me melhor como terminou aquilo, ontem.

– Como tinha de terminar. Da maneira mais feliz deste mundo e com o bom êxito do nosso plano, compreendes? Agora não tenho tempo. Vim apenas por um momento, para avisar-te de que não tenho tempo para estar contigo. Mas diz-me, tencionas pô-la em algum lugar ou tê-la em tua casa? Porque é preciso pensar nisso e tomar uma decisão.

– De fato ainda não sei bem o que hei de fazer e esperava-te precisamente para que me aconselhasses. Porque, vejamos; em que poderia eu fundamentar-me para a ter comigo?

– Quanto a isso… Na qualidade de criada…

– Peço-te que fales mais baixo. Embora esteja doente, conserva toda a lucidez e pareceu-me que estremeceu. O que quer dizer que se lembra do que aconteceu ontem.

Descrevi-lhe depois o seu caráter e tudo o que tinha observado nela. As minhas palavras interessaram Maslobóiev. Acrescentei que talvez pudesse encontrar-lhe amparo numa casa e contei-lhe por alto o caso dos meus velhos. Verifiquei com grande espanto que conhecia já

qualquer coisa da história de Natacha, e às perguntas que lhe fiz para saber como se informara, respondeu-me:

– Há muito ouvi qualquer coisa referente a um certo assunto. Já te disse que conheço o príncipe de Valkóvski. É muito bem pensado isso que disseste de levá-la a viver com os teus velhos. De contrário seria um estorvo para ti. Mas ouve ainda uma coisa. É preciso pô-la decente. Mas não te preocupes com isso, fica por minha conta… Adeus! Vai visitar-me muitas vezes. Que faz ela, agora? Dorme?

– Parece que sim – respondi-lhe.

Mas assim que ele saiu, Eliena chamou-me imediatamente.

– Quem é? – perguntou-me. A voz dela tremia, mas olhava-me de alto a baixo com altivez. Não consigo exprimir-me de outro modo.

Eu lhe disse que se chamava Maslobóiev e acrescentei que graças a ele conseguira tirá-la da casa da Bubnova, e que a Bubnova tinha muito medo dele. De súbito as suas faces afoguearam-se, como o céu que reflete um incêndio, provavelmente devido às reminiscências da noite anterior.

– E ela não virá até aqui? – perguntou Eliena, olhando-me com curiosidade.

Apressei-me a tranquilizá-la Ela ficou calada e segurou-me a mão com os seus dedinhos febris, mas largou-a imediatamente, como se recordasse qualquer coisa. “Não é possível que, no fundo, sinta por mim uma tal aversão – disse para comigo. – É que assim, a não ser que… a pobrezinha tenha sofrido tantas amarguras que já não tenha fé em ninguém neste mundo.”

À hora marcada fui à farmácia buscar o remédio, e ao mesmo tempo a uma casa de pasto conhecida, onde costumava comer e onde me fiavam. Dessa vez, quando saí de casa levei comigo uma tigela e pedi na casa de pasto uma porção de caldo de galinha para Eliena. Ela não queria comer e tive de deixar o caldo à espera no fogão.

Depois de dar-lhe o remédio, pus-me a trabalhar. Supunha que

estaria adormecida; mas ao dirigir involuntariamente a vista para ela, reparei que se erguera e que olhava com muita atenção, para me ver escrever. Fingi que não percebia.

Até que finalmente acabou por adormecer, com grande satisfação da minha parte, sem delírios e sem gemidos. Comecei então a pensar que Natacha ignorava tudo aquilo, podia aborrecer-se comigo por não ir vê-la, tanto mais que além disso já tinha motivos de sobra para isso, por eu a ter abandonado precisamente quando precisava talvez mais de mim. Ela podia também ter algumas preocupações, alguma incumbência para mim, e eu, parecia de propósito, a esquecia.

Quanto a Anna Andriéievna também não sabia como havia de apresentar-me diante dela no dia seguinte. Pensava e tornava a pensar, e de repente decidi ir aos dois lados. A minha ausência não podia ser superior a duas horas. Eliena dormia e não me sentiria sair. Levantei da cadeira, pus o sobretudo, peguei o gorro, e dispunha-me a sair, quando de repente Eliena me chamou. Fiquei espantado. Teria sido fingido aquele sono?

Devo dizer que, embora parecesse que Eliena não queria falar comigo, aqueles chamamentos tão frequentes, aquele afã de dirigir-se a mim para todas as suas dúvidas, vinham demonstrar o contrário, e confesso que me eram muito agradáveis.

– A quem pensa entregar-me? – perguntou, quando me aproximei dela.

De maneira geral fazia as suas perguntas de repente, de modo totalmente inesperado. Também dessa vez não compreendi logo o que ela queria dizer.

– Há pouco, quando falava com o seu amigo, o senhor disse que queria levar-me não sei para que casa. Mas eu não irei para nenhuma.

Inclinei-me sobre ela: estava de novo ardendo, repetia-se a crise febril. Procurei distraí-la e desenganá-la; afirmei-lhe que se ela preferia continuar comigo, não a confiaria a ninguém. Enquanto falava, tirei o sobretudo e o gorro. Não me decidia a deixá-la só naquele estado.

– Não, vá! – disse ela percebendo que eu queria ficar. – Quero dormir, não tarda que eu pegue outra vez no sono…

– Mas como é que vais ficar sozinha? – disse-lhe, perplexo. – Se bem que dentro de duas horas aqui estarei outra vez…

– Está bem, vá. Senão vou ficar o ano todo doente para que não saia mais de casa – e procurou sorrir e olhou-me de modo estranho, como se lutasse com algum bom sentimento que se insinuava no seu coração. Pobrezinha! O seu bom e terno coraçãozinho mostrava-se agora, apesar do seu ódio pelos homens e desespero aparentes.

A primeira coisa que fiz foi correr à casa de Anna Andriéievna, que me esperava com uma impaciência febril e me acolheu com recriminações; estava na maior inquietação; Nikolai Sierguiéitch saíra logo depois do jantar… Não sabia para onde. Eu calculava que a velha não tivera paciência e devia ter-lhe contado tudo, segundo o seu costume, sob a forma de alusões. Aliás foi o que ela me confessou dizendo que não pudera conter-se para não lhe dar aquela grande alegria, mas que Nikolai Sierguiéitch se mostrara, segundo as suas próprias palavras, mais sombrio do que uma nuvem e nada dissera. “Aferrou-se ao seu silêncio e não respondeu às minhas perguntas” e depois, de repente, saiu depois da refeição. Quando me contava isto Anna Andriéievna tremia quase de medo. Depois pediu-me que lhe fizesse companhia até que Nikolai Sierguiéitch voltasse. Eu me desculpei e disse-lhe, quase abruptamente, que no dia seguinte não poderia ir vê-la e que viera de fugida, a fim de preveni-la. Quase nos zangamos. Ela se pôs a chorar e dirigiu-me censuras duras e amargas. Mas quando me encaminhava já para a porta, correu para mim, atirou-me os braços ao pescoço e pediu-me que não ficasse zangado com ela, que era “uma órfã”, e não ficasse ofendido com as suas palavras.

A Natacha, contrariamente ao que esperava, fui encontrá-la também sozinha e pareceu-me que não estava nesse dia tão contente comigo, como no anterior e, em geral como das outras vezes. Parecia que qualquer coisa a desgostava e coibia. À minha pergunta: “Alhocha veio hoje?”, respondeu-me:

– É claro que veio, mas por pouco tempo. Prometeu-me vir esta noite – acrescentou, como duvidosa.

– E ontem, veio?

– Não… não. Prenderam-no – acrescentou depressa. – E então, Vânia, como vão as tuas coisas?

Compreendi que, por qualquer motivo, queria mudar de assunto e encaminhar o nosso diálogo noutra direção. Olhei-a com atenção; estava visivelmente nervosa. Além disso, quando reparou que eu a observava com toda a atenção, dirigiu-me de repente um olhar rápido e mal-humorado, e tão violento que parecia querer trespassar-me com ele. “Sofre de novo – pensei. – Simplesmente não quer dizer.”

Quando respondi à sua pergunta a respeito da minha vida, contei-lhe toda a história de Eliena, com todas as minúcias. Mostrou grande interesse e ficou muito admirada com a minha narrativa. – Meu Deus! E tiveste coragem para deixá-la sozinha, assim doente? – exclamou.

Expliquei-lhe que de boa vontade teria ficado em casa todo o dia; mas que temia que ela, Natacha, se zangasse comigo e tivesse necessidade de mim na minha ausência.

– Ter necessidade de ti – murmurou para si, refletindo. – Ter necessidade de ti, tenho, Vânia; mas o melhor é deixar tudo para outra ocasião. Foste visitar os meus pais?

E contei-lhe a minha visita.

– Bem. Sabe Deus como meu pai receberá todas estas notícias. Apesar de que, no fim de contas, como é que ele vai recebê-las?

– Como é que vai recebê-las? – perguntei-lhe eu. – Uma mudança dessas!

– Tão grande… Aonde foi ele agora? Vocês pensavam que tinha vindo ver-me. Ouve, Vânia, se puderes vem visitar-me amanhã. É possível que tenha de dizer-te alguma coisa… Só contigo eu tranquilizo a minha consciência. Mas agora volta para casa, vai para junto da tua protegida. Não haverá duas horas que saíste?

– Sim. Adeus, Natacha. Bem; e como esteve hoje Alhocha contigo?

– Quanto a Alhocha não tenho nada a dizer… Admira-me até a tua curiosidade.

– Até à vista minha amiga.

– Adeus.

Estendeu-me a mão com certa indolência e evitou o meu último olhar de despedida. Saí de sua casa um pouco admirado. Pensava que devia estar preocupada com qualquer coisa. “Alguma coisa de grave. Amanhã vai me contar tudo”, pensei.

Voltei a casa triste e, assim que entrei, senti uma terrível comoção. Escurecera. Vi que Eliena estava sentada no divã, a cabeça caída sobre o peito, como num profundo êxtase. Nem sequer me dirigiu um olhar, como se estivesse completamente abstraída.

Aproximei-me dela. Murmurou qualquer coisa para si mesma. “Estará delirando?”, pensei.

– Eliena, minha amiga, que tens? – perguntei-lhe sentando-me a seu lado e pegando-lhe a mão.

– Eu quero ir para lá… Prefiro ficar com ela – sussurrou sem levantar a cabeça.

– Para onde? Com quem? – perguntei-lhe admirado.

– Com ela, com a Bubnova. Não faz outra coisa senão dizer-me que eu lhe devo muito dinheiro, que pagou o enterro da minha mãezinha à sua custa… Não quero que tenha que dizer da minha mãe… Quero trabalhar para ela e pagar-lhe tudo… Só depois disso sairei de sua casa. Agora quero voltar outra vez para a companhia dela.

– Acalma-te, Eliena; não é possível voltares para lá – disse-lhe eu. – Essa mulher tortura-te e procura a tua perdição…

– Pois que me perca, que me mate – respondeu Eliena com

veemência. – Não serei eu a primeira; a outras, melhores do que eu, também ela martiriza. Já me disse uma mendiga da rua. Sou pobre e pobre quero continuar. Toda a minha vida hei de ser pobre; foi o que a minha mãe me ordenou, ao morrer. Trabalharei… Não quero andar com este vestido…

– Amanhã compro-te outro. E também hei de trazer-te livros. Viverás comigo. Não te confiarei a ninguém, desde que não queiras; sossega…

– Trabalharei.

– Muito bem, muito bem. Mas acalma-te, deita-te e dorme.

Mas a pobre pequena rompeu em pranto. Pouco a pouco, as suas lágrimas transformaram-se em soluços. Eu não sabia o que havia de fazer-lhe; dei-lhe água, umedeci-lhe as fontes e a testa. Até que por fim, se deixou cair sobre o divã, completamente esgotada e de novo a assaltou a febre. Cobri-a com o que encontrei à mão e ela adormeceu, mas com um sono desassossegado, interrompido de tremuras e de bruscos despertares. Eu, embora tivesse andado pouco nesse dia, estava terrivelmente cansado e decidi deitar-me logo. A minha imaginação povoava-se de torturantes inquietações. Tinha o pressentimento de que aquela pequena ia causar-me muitos sobressaltos. Mas o que mais me preocupava eram Natacha e os seus problemas. De maneira geral, agora me lembro, raras vezes me vi numa disposição de espírito mais aborrecida do que nessa noite infeliz, quando me deitei.

## Capítulo IX

Acordei muito tarde, às dez. Minha cabeça doía e parecia girar. Olhei para a cama de Eliena; estava vazia.

Nesse mesmo instante, vindos do lado direito do meu quarto, chegaram aos meus ouvidos certos ruídos, como se alguém andasse a varrer o chão. Fui ver. Eliena tinha a vassoura na mão e, segurando com a outra o vestido bonito, que ainda não tirara, desde o dia anterior, varria a casa. Um monte de lenha, que se destinava ao fogão, estava colocado a um canto; sobre a mesa, o pano de cobri-la e o serviço de chá, limpos; numa palavra: Eliena fazia as vezes de dona de casa.

– Olha, Eliena – gritei-lhe – quem te mandou varrer a casa? Eu não quero que faças isso, tu estás doente. Eu não te trouxe para minha casa para trabalhares…

– Mas então quem é que há de varrer o chão? – respondeu ela endireitando-se e olhando-me de frente. – Eu já não estou doente.

– Mas eu não te trouxe para trabalhares, Eliena. Naturalmente tens medo que eu vá ralhar-te, como a Bubnova, e te jogar na cara que vives à minha custa? Onde foste buscar essa horrível vassoura? Aqui não havia nenhuma – acrescentei, olhando-a assombrado.

– É a minha vassoura. Fui eu quem a trouxe. Eu varria aqui o chão do quarto do avô com ela. E ficou aí esquecida, atrás do fogão, até agora.

Voltei para o meu quarto, pensativo. Podia ser que eu estivesse enganado; mas parecia-me que lhe custava aceitar a minha hospitalidade e queria mostrar a todo custo que não era debalde que comia o meu pão. Mas, sendo assim, “que caráter melindroso!”, pensei. Passados dois minutos ela entrou e sentou no seu lugar do dia anterior, no divã, e pôs-se a olhar-me com curiosidade. Entretanto pus o samovar a ferver, pus o chá, enchi uma chávena e a passei para ela

com um pedaço de pão branco. Ela o aceitou em silêncio e sem protestos. Durante aquelas vinte e quatro horas quase nada comera.

– E foste varrer, com o vestido novo! – eu disse, reparando numa grande mancha, na orla do seu vestido.

Ela se olhou de alto a baixo e, de repente, com grande espanto meu, deixou a chávena, apanhou a orla da saia de musselina, com muita calma, e rasgou-a de alto a baixo, de uma só vez. Quando fez aquilo ergueu para mim, em silêncio, os seus olhos penetrantes e brilhantes. O seu rosto estava pálido.

– Que fizeste, Eliena? – exclamei convencido de que se tratava de uma louca.

– É um vestido mau – disse ela, quase sufocada de comoção. – Por que disse que era bom? Eu não o quero vestir – exclamou de repente, saltando do seu lugar. – Hei de rasgá-lo todo. Eu não lhe tinha pedido para vesti-lo. Foi ela quem me obrigou a fazer isso, à força. Eu já rasguei outro vestido e hei de rasgar este também, hei de rasgar, hei de rasgar, hei de rasgar!

E, numa fúria, começou a rasgar o vestido. Num momento deixou-o quase feito em tiras. Quando acabou estava tão pálida, que mal podia ter-se de pé. Eu contemplei, atônito, aquele ato de desespero. Ela me lançou um olhar de desafio, como se eu tivesse procedido mal com ela. Mas eu já sabia o que havia de fazer.

Sem hesitar, decidi comprar-lhe ainda nessa mesma manhã outro vestido. Com aquela criatura selvagem, exasperada, era preciso empregar a bondade. Parecia que nunca encontrara pessoas na sua vida. Se já uma vez, sem se lembrar do castigo cruel que a esperava, estragara o primeiro vestido, com que desespero não devia ela olhar agora aquele que lhe recordava um recente e terrível momento!

Em Tolkutchka[28] podia comprar-se barato um vestidinho, bonito e bonzinho. O mal era que, naquele momento, eu quase não tinha dinheiro que chegasse. Mas desde a véspera, quando me deitei, eu resolvera ir neste dia a um lugar onde esperava encontrá-lo e assim que o tivesse em meu poder dirigir-me à Tolkutchka. Peguei o chapéu.

Eliena seguiu-me atentamente com os olhos, como se estivesse à espera de alguma coisa.

– Vai tornar a fechar-me? – perguntou, ao ver que eu tomava a chave para fechar o quarto, quando saísse, como fizera no dia anterior e no outro.

– Minha amiga – disse-lhe eu, aproximando-me dela. – Não te zangues por causa disto. Eu fecho porque podia entrar alguém. Tu estás doente e ficarias assustada. E sabe Deus quem poderia vir, talvez até a Bubnova, para te levar…

Disse-lhe isto intencionalmente. Mas fechava-a porque não tinha confiança nela. Tinha a impressão de que ia escapar de um momento para o outro. Por isso resolvera proceder cautelosamente. Eliena ficou calada e eu fechei-a mais uma vez.

Sabia de um editor que havia três anos publicava uma obra em muitos tomos. Costumava encontrar trabalho em sua casa quando precisava ganhar rapidamente algum dinheiro. Pagava pontualmente. Fui ter com ele e consegui vinte e cinco rublos adiantados, com a obrigação de levar-lhe, daí a uma semana, um artigo de compilação. Mas eu esperava ganhar tempo para a minha novela. Era isto o que eu fazia quando me encontrava em grandes apuros.

Depois de receber o dinheiro, dirigi-me a Tolkutchka. Não demorei a encontrar ali uma velha penhorista, minha conhecida, que vendia toda espécie de roupas. Descrevi-lhe a figura de Eliena e trouxe-me num instante um vestidinho claro, de algodão, muito apropriado por ser facilmente lavável. Além disso comprei-lhe também um lencinho para o pescoço. Depois de ter pago, pensei que Eliena precisava também de algum casaco, uma capa, ou qualquer coisa assim. O tempo estava frio e ela mal tinha com que cobrir-se. Mas adiei essa compra para outra vez. Eliena era tão susceptível, tão orgulhosa, tão soberba… Só Deus sabe como é que ela acolheu o vestidinho, e isso apesar de eu ter escolhido o mais simples e barato, o mais modesto que se podia imaginar. Também lhe comprei dois pares de meias: um de algodão e outro de lã. Entreguei-os com o pretexto de que ela estava doente e que no nosso quarto fazia frio. Também

precisava de roupa interior. Mas deixei isto para quando a conhecesse melhor. Em vez disso comprei-lhe umas cortinas para a cama, velhas… coisa indispensável e com as quais Eliena iria ficar muito satisfeita.

Com tudo isso não voltei a casa antes do meio-dia. A minha porta abria-se quase sem fazer ruído, e por isso, Eliena, no primeiro momento não me sentiu chegar. Fui encontrá-la de pé, junto da mesa, folheando os meus livros e papéis. Quando me sentiu, deixou imediatamente o livro que lia e retirou-se da mesa, muito vermelha. Eu olhei para o livro; era o meu primeiro romance, um número solto duma revista, em cuja capa tinham posto o meu nome.

– Enquanto esteve fora houve alguém que bateu – disse, como se quisesse dizer: “Por que diabo me fechou à chave?”.

– Talvez fosse o médico – respondi-lhe. – Não lhe respondeste, Eliena?

– Não.

Não lhe respondi, desatei o embrulho e tirei o vestido que comprara.

– Vê, Eliena – disse, aproximando-me dela – não podes continuar com esses farrapos. Por isso comprei este vestido para uso, muito barato, para que não precises de ter muitos cuidados com ele; custou-me apenas um rublo e vinte copeques. Que o uses com muita saúde.

Deixei-lhe o vestido ali próximo. Ela estremeceu e, durante um momento, olhou-me com os olhos muito abertos.

Estava muito admirada e ao mesmo tempo parecia-me perceber nela uma vergonha enorme. Mas qualquer coisa de suave e terno se espalhava pelos seus olhos. Quando vi que ela não dizia nada, aproximei-me da mesa. O meu procedimento surpreendera-a, visivelmente. Mas fez um esforço para dominar-se e sentou, fixando a vista no chão.

Doía-me a cabeça e estava cada vez mais incomodado. O ar fresco

não me fizera bem algum. No entanto era preciso ir à casa de Natacha. A minha inquietação por ela não diminuíra desde o dia anterior, mas, pelo contrário, cada vez aumentava mais. De repente pareceu-me que Eliena me chamava. Voltei-me para ela.

– Quando sair, não me feche – disse ela olhando para outro lado e esticando com o dedo a tela do divã, como se estivesse absorvida nessa ocupação. – Eu não penso fugir.

– Muito bem, Eliena, está combinado. Mas se vier alguém estranho? Sabe-se lá quem é que pode vir!

– Deixe-me a chave que eu me fecho por dentro e se alguém chamar, respondo: “Não está ninguém” – e olhou-me maliciosamente, como se quisesse dizer-me: “Já vê como é simples!”.

– Quem é que lava a sua roupa branca? – perguntou-me de repente, antes de eu ter tempo de responder ao que dissera antes.

– Uma mulher que vive neste prédio.

– Eu também sei lavar. E de onde é que trouxe o jantar, ontem?

– Da casa de pasto.

– Eu também sei cozinhar. Eu lhe faço a comida.

– Basta, Eliena. Como podes tu saber cozinhar, Eliena? Dizes isso por dizer…

Eliena calou-se e baixou a cabeça. Era evidente que não lhe agradara a minha observação. Passaram pelo menos dez minutos e nenhum de nós falou mais.

– Sopa – disse de repente, sem levantar a cabeça.

– Sopa, o quê? Que é isso de sopa? – perguntei-lhe assombrado.

– Sei fazer sopa. Era eu que a fazia para a minha mãezinha, quando ela estava doente. E também ia às compras.

– Já podes ver Eliena, já podes ver como és orgulhosa – disse-lhe

aproximando-me dela e sentando a seu lado no divã. – Eu procedo contigo com toda a sinceridade. Tu, agora, estás sozinha, és infeliz. Eu quero ajudar-te. Como tu me ajudarias também se me visses mal. Mas tu não queres conformar-te com isso e custa-te a aceitar de mim o menor favor. Queres imediatamente pagá-lo, trabalhar para recompensá-lo, como se estivesses com a Bubnova e eu te ralhasse. É assim e isso é uma vergonha, Eliena.

Não respondeu e os lábios tremeram-lhe. Parecia querer dizer qualquer coisa. Mas dominou-se e ficou calada. Eu me levantei para ir ver Natacha. Dessa vez deixei a chave a Eliena e pedi-lhe que, se alguém tocasse, acudisse à porta e perguntasse: "Quem é?". Estava convencido de que acontecera algo de muito grave a Natacha e que havia algum tempo me escondia qualquer coisa, o que nunca antes fizera. Mas de toda maneira decidi ir vê-la, embora fosse apenas por um minuto, pois, de contrário, podia magoá-la com o meu abandono.

Assim aconteceu. Natacha recebeu-me com um ar zangado e um olhar severo. Eu devia ter-me retirado imediatamente mas doíam-me os pés.

– Venho só por um minuto, Natacha – comecei – para pedir-te um conselho: que devo fazer da minha pupila? – e apressei-me a contar-lhe tudo quanto se referia a Eliena. Natacha escutou-me em silêncio.

– Não sei que aconselhar-te, Vânia – respondeu. – Parece tratar-se de uma criatura muito estranha. Talvez esteja muito ressentida, muito assustada. Toma conta dela, pelo menos até ficar boa. Queres levá-la aos nossos?

– Ela diz que não quer separar-se de mim. E, aliás, sabe Deus como eles a acolheriam. Não sei o que hei de fazer. Bem, e tu, minha amiga, como estás? Estiveste doente, ontem? – perguntei-lhe timidamente.

– Sim… e hoje também me dói um pouco a cabeça – respondeu-me, distraída.

– Não viste ninguém dos nossos?

– Não. Vou lá amanhã. Amanhã é sábado…

– Que queres dizer com isso?

– Que à noite, o príncipe deve vir…

– Está bem. Não me tinha esquecido.

– Não, é que eu…

Pôs-se diante de mim e durante bastante tempo olhou-me nos olhos com muita atenção. Nos seus notava-se uma certa obstinação, uma certa decisão; algo de febril, de fogoso.

– Sabes uma coisa, Vânia – disse. – Seria bom que não viesses ver-me; metes-te demasiado na minha vida…

Eu saltei da cadeira e fiquei a olhá-la com um espanto inexprimível.

– Natacha, minha amiga! Que te aconteceu? Que tens? – exclamei inquieto.

– Não me aconteceu nada! Amanhã saberás tudo, tudo; mas agora quero estar sozinha. Olha, Vânia, vai-te embora já. Custa-me tanto, tanto, olhar para ti!

– Mas diz-me ao menos…

– Tudo, amanhã saberás tudo! Oh, meu Deus, mas não te irás embora?

Saí. Ia tão transtornado que mal me lembrava de mim mesmo. Mavra alcançou-me no patamar.

– Está zangada? – perguntou-me. – Eu já tenho medo de me aproximar dela.

– Mas que se passa?

– Ora, o que há de ser? Que o “nosso” há três dias que não se lhe vê nem a sombra nesta casa.

– Há três dias? – perguntei-lhe eu estupefato. – Mas se ela própria me disse ontem que, ele tinha vindo de manhã e que depois voltaria à noite…

– Qual noite! Nem sequer esteve de manhã! Já te disse que não aparece nesta casa há três dias. Foi ela quem te disse que ele tinha estado ontem de manhã?

– Ela mesma.

– Bom – disse Mavra pensativa – uma vez que ela não quer confessar-te que ele não veio, isso quer dizer que o fato a magoa. Um grande estróina, é que ele é!

– A respeito de quem dizes isso? – exclamei.

– A respeito desse, que não sei o que anda fazendo com ela – continuou Mavra abrindo as mãos. – Ontem fez-me ir duas vezes procurá-lo, mas depois mandou-me voltar para trás outras duas vezes. Hoje nem sequer se digna dirigir-me a palavra. Por que não vais tu ter com ele? Eu não me atrevo a deixá-la.

Eu saí, fora de mim, pelas escadas abaixo.

– Voltas esta noite? – gritou Mavra lá de cima.

– Depois verei – respondi-lhe sem parar. – Pode ser que venha e te pergunte: “Como vai a coisa?”. Contanto que não a entregue…

Parecia-me, de fato, que me tinham dado uma pancada em pleno peito.

## Capítulo X

Encaminhei-me diretamente para casa de Alhocha. Vivia com o pai na Málaia Morskaia.[29] Apesar de viver só, o príncipe ocupava todo um grande andar. Alhocha tinha para si dois magníficos quartos. Visitara-o apenas muito poucas vezes, outra e esta, se bem me lembro. Em compensação ele vinha me visitar com mais frequência, sobretudo ao princípio, nos começos das suas relações com Natacha.

Não estava em casa. Dirigi-me diretamente aos seus aposentos e deixei-lhe este bilhete:

> Alhocha: Segundo parece, o senhor perdeu a cabeça. Terça-feira passada, à noite, quando o seu pai foi pedir a Natacha que o fizesse feliz, aceitando ser sua esposa, mostrou-se muito contente com esse pedido, do que fui testemunha; há de concordar que a sua maneira de proceder para com a sua futura esposa é altamente indigna e leviana. Sei muito bem que não tenho direito algum de pregar-lhe moral e prescindo de fazê-lo.
>
> P.S. – Ela não sabe nada desta carta e também não me disse nada do senhor.

Selei a carta e deixei-a em cima da mesa. Às minhas perguntas, o criado respondeu-me que Alieksiéi Pietróvitch mal parava em casa e que só devia voltar de madrugada.

Não sei como cheguei em casa. Parecia que a cabeça me queria voar. As pernas doíam-me e fraquejavam-me. A porta do andar estava aberta. Lá dentro estava sentado, à minha espera, Nikolai Sierguiéitch Ikhmiêniev. Estava sentado à mesa, calado; contemplava Eliena com espanto, a qual o olhava também com grande assombro, embora conservasse um obstinado mutismo. “É claro – disse-me ele – não há dúvida de que há de parecer-lhe estranha.”

– Olha, meu amigo; há uma hora estou à tua espera e, confesso, nunca esperei encontrar-te assim – continuou, passando revista ao quarto e apontando-me Eliena com um piscar de olhos imperceptível. Parecia estupefato. Mas, observando-o atentamente, percebi no seu olhar pesar e melancolia. Tinha o rosto mais pálido do que de costume.

– Senta aqui, senta – continuou com um ar preocupado e abstraído. – Vim correndo, à tua procura; há qualquer coisa de grave. Mas diz-me como estás? Tens mau aspecto.

– Não ando bem de saúde. Desde esta manhã sinto tonturas.

– Pois é preciso ter cuidado com isso. Estás constipado?

– Não. É um ataque de nervos. É uma coisa que costuma acontecer-me. E o senhor, está bom?

– Qual bom! Até me parece que sinto febre. Mas tenho um

assunto para tratar contigo. Senta.

Aproximei uma cadeira e sentei em frente dele, junto da mesa. O velho encostou-se a mim e começou em voz baixa:

– Ouve, não olhes para ela e finge que falamos de coisas sem importância. Que hóspeda é esta que trouxeste para tua casa?

– Depois lhe explicarei tudo, Nikolai Sierguiéitch. É uma pobre garota, órfã de pai e mãe, neta daquele Smith que vivia aqui e morreu de repente na pastelaria.

– Ah, então ele também tinha uma netinha! Mas na verdade, meu amigo, que estranha ela é! Que maneira de olhar, que maneira de olhar! Digo-te a sério, se demorasses mais cinco minutos, não esperava mais por ti. Quis por força abrir-me a porta e, até agora, nem uma palavra; é simplesmente um bicho do mato, nem parece uma pessoa. Mas como veio ela parar aqui? Ah, já percebo! Naturalmente veio procurar o avô, sem saber que ele falecera.

– Foi, foi. Tem sido muito infeliz. O velho, ao morrer, lembrou-se dela.

– Hum! Tal avô, tal neta. Depois me contarás tudo. Talvez seja possível ajudá-la em qualquer coisa, seja como for, visto que é tão infeliz… Mas, por agora, meu amigo, não se poderia dizer-lhe que se retirasse, pois preciso falar-te de um assunto sério…

– Mas dizer-lhe que se vá embora é impossível, porque ela vive aqui!

E expliquei ao velho em duas palavras o que pude, acrescentando que podíamos falar diante dela, pois era uma criança.

– Sim, isso é verdade, é uma criança. Mas tu, meu amigo, deixas-me apalermado. Então ela vive contigo?

E o velho tornou a olhar para ela, atônito. Eliena, compreendendo que falavam dela, continuava silenciosa, de cabeça baixa e beliscando o divã com os dedos. Já tivera tempo de pôr o novo vestido, que chegara mesmo no momento oportuno. Tinha-se penteado com mais

esmero que de costume, talvez em honra do vestidinho novo. De maneira geral, sem contar com a expressão arisca do seu olhar, era uma menina muito engraçada.

– Em resumo, eis aqui do que se trata, meu amigo – tornou o velho. – Trata-se de qualquer coisa de sério, de importante…

Estava sentado com a cabeça baixa, com um ar grave e pensativo e apesar da sua precipitação e daquele “Em resumo”, não soltava uma palavra. “Que será?”, pensava eu.

– Olha, Vânia, vim para te fazer um pedido muito importante. Mas antes… segundo eu mesmo compreendo, é preciso explicar-te algumas circunstâncias… Circunstâncias sumamente delicadas…

Expectorou e olhou-me com timidez; olhou-me e corou; pôs-se encarnado e aborreceu-se consigo próprio pela sua falta de aprumo; zangou-se e decidiu-se:

– Bom. E afinal, para que explicar? Tu mesmo compreenderás! Olha, desafiei o príncipe para um duelo e peço-te que te encarregues de arranjar as coisas e de seres meu padrinho.

Eu me inclinei para trás, na cadeira, e olhei-o no cúmulo do assombro.

– Por que olhas? Não penses que perdi o juízo.

– Mas me dê licença, Nikolai Sierguiéitch! Com que pretexto, para que fim? E, por último, como é possível isso?

– Pretexto! Fim! – exclamou o velho. – É boa!

– Bem, bem, já sei o que quer dizer; mas que lhe adiantará isso? Um duelo! Confesso-lhe que não percebo patavina.

– Eu bem via que não me compreendias. Mas ouve. O nosso processo acabou, isto é, acabará dentro de dias; faltam apenas umas formalidades sem importância; serei condenado. Tenho de pagar-lhe dez mil rublos, assim diz a sentença. A Ikhmiênievka serve de hipoteca. De maneira que esse homem vil ficará com o meu dinheiro,

enquanto eu, despojado da Ikhmiênievka, lhe pago e fico reduzido à miséria. Mas então eu levanto a cabeça:

“Pois bem, respeitável príncipe; há já dois anos que o senhor me ofende; escarnece do meu nome, da honra da minha família. E eu não tive outro remédio, até aqui, senão suportar tudo isso. Então, eu não podia desafiá-lo. O senhor teria dito: ‘És um espertalhão, queres matar-me, para não pagar o dinheiro, pois já te cheira a que serás condenado a pagar mais tarde ou mais cedo. Mas não; primeiro é preciso ver como vai acabar, o processo e depois poderás desafiar-me’. Ora, então, respeitabilíssimo príncipe, o processo está perdido, o senhor saiu triunfante, de maneira que não há inconveniente nenhum; por isso faça o favor de sair à liça”. É este o caso. Que te parece? Não terei eu, finalmente, direito de vingar-me de tudo, de tudo?

Os olhos brilhavam-lhe. Eu o contemplei durante muito tempo em silêncio. Queria penetrar o seu pensamento íntimo.

– Ouça, Nïkolai Sierguiéitch – respondi-lhe, por último, resolvido a dizer-lhe o principal, sem o que não nos poderíamos entender. – Não poderia falar-me com toda a franqueza?

– Posso – respondeu com voz firme.

– Então fale francamente. É apenas o sentimento de vingança que o impele a esse desafio ou não terá em vistas outra finalidade?

– Vânia – respondeu-me – tu sabes que eu não consinto a ninguém que me falem a respeito de certas coisas; mas por esta vez abro uma exceção contigo, porque tu, com uma lúcida inteligência, compreendeste imediatamente que é impossível evitar essa explicação. Sim, eu tenho outro fim: salvar minha filha, que está a caminho da perdição, tirá-la desse caminho, no qual a espera agora o pior extremo.

– Mas como pode salvá-la com esse duelo? Aí é que está a questão.

– Desfazendo tudo o que eles tramam atualmente. Ouve. Não penses que fala em mim a ternura paterna ou alguma fraqueza do

gênero. Tudo isso são balelas! O fundo do meu coração não o mostro eu a ninguém, e tu bem o sabes. A minha filha abandonou-me, fugiu de casa com um amante, e eu arranquei-a do meu coração, arranquei-a de uma vez para sempre, nessa mesma noite, compreendes? Embora tu me tivesses visto chorar por causa dela naquele dia do retrato, não vás concluir daí que eu estou disposto a perdoar-lhe. Também não lhe perdoei nesse dia. Chorava pela felicidade perdida, pelo sonho desvanecido e não por "ela" como é agora. Talvez eu chore muitas vezes, não me envergonho de confessá-lo, como também não me envergonho de reconhecer que amei a minha filha mais do que tudo no mundo. Tudo isto está aparentemente em contradição com a minha decisão atual. Tu podes objetar-me: "Se é assim, se é indiferente à sorte daquela que já não considera como sua filha, então para que se mete de permeio nos projetos dos outros?". Mas a isso posso responder: "Em primeiro lugar porque não quero que se ria de mim um homem velhaco e covarde e, além disso, porque me impele um sentimento do mais vulgar humanitarismo. Embora ela já não seja minha filha, é no entanto uma criatura fraca, desamparada, da qual abusaram e da qual hão de abusar ainda mais até perdê-la definitivamente. Interceder diretamente no assunto, não posso, mas posso de uma maneira indireta; por meio de um desafio. Se me matarem ou derramarem o meu sangue, como irá ela, passando por cima do meu corpo, e talvez do meu cadáver, casar-se com o filho do meu matador, como a filha daquele czar (lembras-te daquele livro que havia em nossa casa e em que aprendeste a ler) que passou por cima do cadáver de seu pai com o carro? Se o nosso príncipe aceitar o duelo, isso significa que já não quer o casamento. Numa palavra, eu não quero esse casamento e empregarei a força para impedi-lo". Compreendes-me, agora?

– Não. Se quer bem a Natacha, como se atreve a impedir o seu casamento, isto é, precisamente aquilo que pode reabilitar o seu bom nome? Lembre-se de que ela ainda é muito nova e precisa de ter boa reputação.

– Ela devia cuspir sobre todas as reputações do mundo! Devia compreender que a maior ignomínia para ela, estará nesse casamento, sobretudo nas suas relações com essa gente vil, com essa sociedade

ruim. Um nobre orgulho… devia ser essa a sua resposta a toda essa gentalha! Então… podia ser que eu consentisse em estender-lhe a minha mão; e depois veríamos quem é que se atrevia a insultar minha filha.

Surpreendi-me perante um idealismo tão desesperado. Mas compreendi imediatamente que não estava em seu perfeito juízo e que devia delirar.

– É idealismo demasiado – respondi-lhe – e, por conseguinte, cruel. Exige dela forças que talvez não lhe tenha transmitido quando a gerou. Aceitará ela esse casamento por ter a ambição de ser princesa? Lembre-se de que ela ama. Trata-se da paixão, do *fatum*. E, finalmente, exige dela o desprezo da opinião pública, perante a qual o senhor mesmo se inclina. O príncipe ofendeu-o publicamente, infamou-o com a acusação vil de que o senhor quis manhosamente ligar-se à sua casa principesca, e o senhor então diz para si próprio: "Se ela o repelir agora, depois desse pedido de casamento, será essa a mais cabal e visível refutação da calúnia anterior". De maneira que, assim, o senhor se inclina perante a opinião desse mesmo príncipe; o senhor aspira a que ele próprio reconheça o seu erro. Pretende vexá-lo, vingar-se dele, e para isso não hesita em sacrificar a felicidade da sua filha. Não será isso egoísmo?

O velho continuava amuado e irritado e durante muito tempo não disse palavra:

– Tu és injusto comigo, Vânia – exclamou finalmente e as lágrimas assomaram-lhe aos olhos. – Juro-te que és injusto. Mas deixemos isto. Não posso abrir-te o meu coração! – continuou, levantando-se e pegando o chapéu. – Só te digo uma coisa. Há um momento, falavas da felicidade da minha filha. Eu digo-o com toda a convicção, não creio em tal felicidade, e isto para não falar já de que nunca esse casamento se realizará, ainda que eu não me intrometa no caso.

– Mas por quê? Por que pensa isso? Sabe alguma coisa? – exclamei com curiosidade.

– Não, não sei nada de concreto. Mas esse canalha maldito não

era capaz de tomar uma decisão dessas. Tudo isso são absurdos, tretas. Tenho a certeza disso, sou capaz de dar a minha palavra de honra. Além disso, supondo ainda que esse casamento se realizava, o que apenas se daria no caso de que a sua maldade visse nele alguma vantagem especial, misteriosa, ignorada… e que eu não veja, nesse caso, julga por ti mesmo, interroga o teu coração: seria ela feliz com esse casamento? Censuras, humilhações, a vida com um garoto que já está farto do seu amor, e, quando se casasse… imediatamente lhe perderia o respeito e começaria a ofendê-la e a rebaixá-la; e ao mesmo tempo, a força da paixão pelo lado dela será reforçada, enquanto do lado dele irá arrefecendo; ciúmes, torturas, dores, a separação e quem sabe se até um crime! Não, Vânia! Se é isto que eles preparam e tu apoias, então aviso-te, terás de dar contas a Deus, mas depois será tarde! Adeus!

Detive-o.

– Ouça, Nikolai Sierguiéitch, façamos uma coisa: esperemos. Acredite que dois olhos, sozinhos, não podem apreciar este assunto e que talvez ele se resolva por si do melhor modo possível, sem decisões forçadas e artificiais, como por exemplo esse duelo. O tempo… é a melhor solução para tudo. E, por fim, deixe-me também dizer-lhe que todo esse projeto é absolutamente impossível. E o senhor imagina que o príncipe vai aceitar o seu desafio?

– Quê? Que dizes? Repara bem!

– Juro-lhe que não o aceitará e acredite que há de encontrar algum pretexto para isso, muito razoável, que conduzirá tudo com uma seriedade pedante e o senhor vai se cobrir de ridículo…

– Obrigado, meu amigo, obrigado! Tu atiras todos os meus raciocínios por terra! Não aceita o desafio?! Não, Vânia; tu és simplesmente um poeta, é isso mesmo, um verdadeiro poeta. Achas que eles não acharia honroso bater-se comigo? Pois eu valho tanto como ele. Eu sou um pai de família, velho, ofendido; tu… um literato russo e por isso és também uma pessoa respeitável; podes muito bem servir de padrinho e… e… verdadeiramente, não consigo compreender o que desejas ainda…

– O senhor espanta-me. Há de apresentar tais pretextos que o senhor será o primeiro a reconhecer que bater-se com ele… é absolutamente impossível.

– Hum! Bom, está bem, meu amigo; seja como dizes! Mas eu esperarei até que expire o prazo marcado, naturalmente. Veremos o que o tempo nos traz. Mas ouve uma coisa, meu amigo; vais me dar tua palavra de honra de que nem lá nem junto de Anna Andriéievna dirás nada a respeito da nossa conversa.

– Está dada.

– E também, Vânia, hás de fazer-me o favor de nunca mais me recordares este assunto.

– Dou-lhe minha palavra de honra.

– Outro pedido ainda. Eu sei, meu filho, que tu te aborreces em nossa casa; mas apesar disso vem visitar-nos o maior número de vezes que puderes. A minha pobre Anna Andriéievna gosta tanto de ti e… e… aborrece-se tanto sem ti… Compreendes, Vânia?

Apertou-me a mão com força. Eu prometi fazer-lhe a vontade, de todo coração.

– E agora, Vânia, o último ponto delicado: tens dinheiro?

– Dinheiro! – repeti eu assombrado.

– Sim – e o velho corou e baixou os olhos – Eu, meu amigo, vejo a maneira como estás instalado… As circunstâncias em que te encontras … E penso que também podes ter outras despesas extraordinárias (podias tê-las agora, precisamente) e… bem, meu amigo, aqui tens estes cento e cinquenta rublos como primeira providência.

– Cento e cinquenta rublos, e ainda como “primeira providência”, e tendo perdido o processo!

– Vânia, pelo que vejo não me compreendes! Deves compreender que podem aparecer gastos “extraordinários”, indispensáveis. Em certos casos o dinheiro proporciona-nos uma posição independente,

prepara-nos para procedermos com independência. Pode ser que agora não te seja necessário, mas não te fará falta no futuro? Em todo caso aí ficam. Foi tudo o que pude arranjar. Não te preocupes, depois me pagarás. Mas agora, adeus. Meu Deus, como estás pálido! Estás doente?

Não lhe respondi e aceitei o dinheiro. Percebia perfeitamente por que é que ele o deixava.

– Mal posso ter-me de pé – respondi-lhe.

– Toma cuidado, Vânia, meu querido, toma cuidado! Não saias hoje. Vou dizer a Anna Andriéievna como estás. Tens médico? Amanhã virei ver-te outra vez; pelo menos farei todo possível para isso, desde que os pés me deixem… Mas, agora, deita-te… Adeus! Adeus, pequena. Eu voltarei. Ouve, meu amigo, aqui tens estes cinco rublos, são para a pequena. Não lhe digas que fui eu que os dei, compra-lhe antes qualquer coisa, uns sapatinhos, roupa interior… O que lhe for mais preciso! Adeus, meu amigo!

Acompanhei-o até à porta. Precisava de dizer ao porteiro que fosse buscar o jantar. Eliena ainda não comera nada.

## Capítulo XI

Mal chegara lá em cima quando a cabeça se me esvaiu e tombei no meio do quarto. Lembro-me apenas do grito de Eliena, que estendeu os braços e correu para me amparar. Foi esse o último pormenor que conservei gravado na memória.

Do que me lembro é do que se passou depois, quando estava na cama. Eliena contou-me depois que ela e o porteiro, que entretanto viera trazer-me o jantar, me tinham levado para o divã. Acordei e adormeci por várias vezes e via sempre inclinada sobre mim a compassiva e preocupada carinha de Eliena. Mas lembro-me de tudo isso como em sonhos, como através de uma névoa, e a doce figura da pobre garota desaparecia perante mim, por entre coisas esquecidas, como se fosse um panorama ou uma estampa; dava-me de beber,

acomodava-me na cama ou sentava à minha cabeceira, triste, assustada, e acariciava-me o cabelo com os seus dedinhos. Lembro-me de que uma vez me deu um beijo muito suave no rosto. De outra, quando abri de repente os olhos de noite, vi, à luz da vela acesa que ardia à minha frente, na mesinha próxima do divã, Eliena com a cabeça sobre o meu travesseiro e timidamente adormecida, de lábios descorados e com a palma da mão debaixo da face pálida. Mas na manhã seguinte acordei restabelecido. A vela estava completamente gasta; um raio de luz da aurora, claro e rosado, brincava na parede. Eliena, sentada numa cadeira, junto da mesa, reclinava a sua cabecinha cansada sobre a mão esquerda, apoiada na mesa; estava profundamente adormecida e lembro-me de que fiquei a contemplar o seu rostinho infantil, que mesmo adormecido tinha uma expressão pouco infantil e apresentava uma beleza estranha e doentia; pálida, com os grandes olhos rebrilhantes nas faces vincadas, aureoladas pelos cabelos de azeviche, que lhe caíam desalinhados e bastos, em um nó frouxo, para um lado. A sua outra mão descansava no meu travesseiro. Suavemente beijei aquela mãozinha, descansada; mas a pobre garota não acordou e apenas um sorriso pareceu assomar aos seus lábios pálidos. Estive a mirá-la e remirá-la e, sem dar por isso, fui-me tranquilizando e adormeci profundamente. Dessa vez não acordei até ao meio-dia. Quando abri os olhos, sentia-me completamente bem. Apenas a debilidade e o peso dos meus membros acusavam a doença recente. Ataques nervosos desse gênero, antes costumavam assaltar-me. Conhecia-os muito bem. De uma maneira geral o mal-estar desaparecia completamente em vinte e quatro horas, o que apesar de tudo não impedia de me provocar nessas vinte e quatro horas efeitos intensos e graves.

Era quase meio-dia. A primeira coisa que vi foram as cortinas que eu comprara no dia anterior, suspensas de uma corda. Fora Eliena quem as arranjara colocando-as no cantinho que ocupava no quarto. Estava sentada junto do fogão e preparava o chá. Quando viu que eu acordara, sorriu, contente, e aproximou-se imediatamente de mim.

– Minha amiga – disse-lhe eu pegando-lhe a mão – passaste a noite toda velando-me. Não sabia que eras tão bondosa.

– E como é que sabe que eu o velei? Como o sabe, se passou a

noite dormindo? – perguntou-me, olhando-me com uma ingênua e envergonhada malícia, e pondo-se ao mesmo tempo muito corada.

– Acordei e vi-te. Só adormeceste de madrugada.

– Quer chá? – interrompeu-me ela como se lhe custasse continuar aquela conversa, como costuma acontecer aos temperamentos pudicos e muito severos em pontos de honra, quando os apontamos para elogiá-los.

– Quero, sim – respondi. – Não jantaste, ontem?

– Não jantei mas ceei. O porteiro trouxe-me a ceia. Mas não fale, deixe-se estar deitado e sossegado. Ainda não está completamente bom – acrescentou, trazendo-me o chá e sentando-se à minha cabeceira.

– Qual deitado! Estarei até à tarde, mas depois levanto, não tenho outro remédio, Liênotchka.

– Ora! Mas por quê? Com quem tem de encontrar-se? Com o visitante de ontem?

– Não, não é com ele.

– Pois ainda bem que não é com ele. Foi ele o culpado de que ficasse assim, ontem. Então é com a filha dele?

– Como sabes que ele tem uma filha?

– Porque ouvi tudo, ontem – respondeu, baixando a cabeça.

Estava aborrecida. Arqueava as sobrancelhas.

– É um velho severo – acrescentou depois.

– Mas tu o conheces? Pois olha, é muito bondoso.

– Não, não, é mau, eu estive a ouvi-lo – respondeu com veemência.

– Mas que foi que tu ouviste?

– Não quer perdoar à filha…

– Mas gosta dela. Ela se portou mal com ele, e ele, no entanto, preocupa-se com ela e sofre por causa dela.

– Mas por que não lhe perdoa ele? Agora, ainda que não lhe perdoasse, a filha já não iria com ele.

– Não? E por quê?

– Porque ele não merece que a filha goste dele – respondeu com exaltação. – Mais vale que o deixe para sempre e se ponha a pedir esmola e que ele veja a filha pedindo esmola e sofra.

Os seus olhos brilhavam e tinha as faces em fogo. “Não há dúvida de que deve dizer o que sente”, pensava eu.

– E era em casa deste homem que o senhor queria que eu fosse viver? – acrescentou depois de uma pausa.

– Sim, Eliena.

– Não, preferia ir servir.

– Nada do que dizes está certo, Eliena! Que absurdo! Onde pensas que poderias colocar-te?

– Em casa de qualquer mujique – respondeu-me com impaciência, cada vez mais meditabunda.

Era muito irascível.

– Mas um mujique não precisa de criados – disse-lhe eu sorrindo.

– Bem, então em casa de algum senhor.

– Com o teu temperamento, tu, ires colocar-te em casa de uns senhores?

– Com o meu…

Quanto mais se zangava mais cortantes eram as suas respostas.

– Mas se tu não te dominas!

– Hei de dominar-me. Levarei bronca e portanto ficarei quieta intencionalmente. Vão me bater e eu não abrirei a boca, ainda que me matem, e por nada deste mundo hei de chorar. Vai ser mais difícil suportar uma pessoa que não chora.

– Mas que dizes tu, Eliena?! És assim tão má? E tão soberba! Deves ter sofrido muito…

Levantei e aproximei-me da minha mesa grande. Eliena continuou no divã, olhando para o chão, pensativa e beliscando o pano com os dedinhos. Permanecia em silêncio. “Teria ficado aborrecida por causa das minhas palavras?”, pensei.

De pé, junto da mesa, pus-me a folhear maquinalmente os livros do dia anterior, que me tinham levado para a compilação que devia fazer e, pouco a pouco, fui-me absorvendo na leitura. Costuma acontecer-me isso frequentemente; pego num livro apenas por um momento, folheio-o, afundo-me na leitura e esqueço-me de tudo.

– Que está escrevendo agora? – perguntou-me Eliena com um sorriso tímido, aproximando-se da mesa devagarinho.

– Olha, Liênotchka, isto é uma bagunça. Mas é para isto que me pagam.

– Processos?

– Não, não são processos – e expliquei-lhe conforme pude que eu escrevia diversas histórias de diferentes personagens, com o que compunha livros, aos quais dava o nome de contos e romances. Ela me ouvia com grande curiosidade.

– É verdade tudo quanto escreve?

– Não, é inventado.

– E por que escreve coisas que não são verdade?

– Faz favor de ler e verás; aqui tens este livrinho; tu já o folheaste

uma vez. Porque tu deves saber ler …

– Sei.

– Bem, então já vais ver. Olha, este livrinho fui eu que escrevi.

– O senhor? Vou lê-lo.

Queria dizer-me ainda qualquer coisa, mas parece que isso lhe custava e estava muito comovida. As suas perguntas escondiam qualquer coisa.

– E pagam-lhe muito por isso? – perguntou-me finalmente.

– Conforme. Umas vezes muito, e outras nada, porque o trabalho não corresponde. É um trabalho difícil, Liênotchka.

– Então o senhor não é rico?

– Não, não sou rico.

– Bem. Então eu trabalharei e hei de ajudá-lo.

Deitou-me um olhar rápido, ruborizou-se, baixou os olhos e, dirigindo-se para mim, pegou-me de repente em ambas as mãos e apertou com força, com muita força, o seu rosto contra o meu peito. Eu olhei para ela atônito.

– Eu gosto do senhor… Eu não sou orgulhosa – disse. – Disse-me há pouco que eu sou soberba. Não, não… Eu não sou assim… Eu gosto do senhor. O senhor é a única pessoa que gosta de mim…

E já as lágrimas a sufocavam. Um momento depois brotaram do seu peito com o mesmo ímpeto que no dia anterior, no momento do ataque. Caiu aos meus pés de joelhos e pôs-se a beijar-me as mãos, os pés…

– O senhor gosta de mim! – repetia. – É o único, o único!

Abraçou-me os joelhos, convulsamente. Todo o seu sentimento, tanto tempo reprimido, afluía agora ao exterior, num impulso indomável, e eu compreendia aquela estranha teimosia do coração que

se escondera pudicamente até então, tanto mais teimosamente, com tanta maior severidade, quanto mais violenta era a sua ânsia de expansão, e tudo isso até à explosão inevitável, em que todo o seu ser, de repente, cedeu àquela necessidade de amor, de gratidão, de carícias, de lágrimas, até ao esquecimento de si mesmo.

Pouco a pouco foi serenando, mas ainda não levantava os olhos para mim. Por duas vezes, suavemente, os seus olhos pousaram no meu rosto, e havia neles uma grande doçura e qualquer coisa de semelhante a um sentimento sobressaltado que entrava logo a esconder-se. Finalmente fez-se muito corada e sorriu.

– Estás melhor? – perguntei-lhe. – Como tu és sensível, Liênotchka, e delicada, minha pequena!

– Não, Liênotchka, não! – murmurou ela escondendo o rosto ainda.

– Liênotchka, não? Então?

– Nelly.

– Nelly? Mas por que há de ser Nelly? Bem, está bem, é um nome muito bonito. Se é esse o teu gosto, chamo-te assim.

– Era assim que me chamava minha *mámienhka*… E nunca mais ninguém senão ela me chamou assim. E eu também só queria que fosse ela a chamar-me assim. Mas o senhor pode chamar-me dessa maneira, eu gostava muito. Eu, do senhor, hei de gostar sempre, sempre…

“Coraçãozinho amoroso e orgulhoso – pensei eu. – Quanto tempo não foi preciso para que te rendesses… Nelly!” Mas agora eu sabia que o seu coração me pertencia para sempre.

– Olha, Nelly – disse-lhe eu assim que ela serenou. – Acabas de dizer que apenas a tua *mámienhka*, e mais ninguém, gostou de ti. Mas o teu avozinho também não gostava muito de ti?

– Não gostava de mim.

– Mas tu choraste por ele aqui, na escada, lembras-te?

Ficou um momento pensativa.

– Não gostava de mim… Era mau!

E que sentimento de dor se refletiu no seu rosto!

– Mas deves pensar que, a ele, não se lhe podia exigir nada, Nelly. Segundo parece não estava em seu perfeito juízo. Morreu inconsciente. Já te contei como é que ele morreu.

– Sim. Mas ele só ficou assim no último mês em que viveu. Costumava ficar aqui sentado todo o dia e, se eu não viesse vê-lo, assim ficava dois ou três dias sem comer nem beber. Mas antes estava muito melhor.

– Antes, quando?

– Antes de a minha *mámienhka* ter morrido.

– Tu trazias-lhe de comer e de beber, Nelly?

– Trazia.

– E onde ias buscá-lo? À casa da Bubnova?

– Não, eu nunca recebia nada de casa da Bubnova – respondeu-me com altivez e com uma voz um pouco tremente.

– Mas onde ias buscá-lo? Porque tu não tinhas nada.

Nelly não respondeu e empalideceu extraordinariamente; depois pousou em mim um longo, longo olhar.

– Eu andava pedindo esmola pelas ruas… Juntava cinco copeques e comprava-lhe pão e rapé…

– E ele consentia? Nelly! Nelly!

– A princípio saía sozinha e não lhe dizia nada. Mas depois, quando soube, era ele mesmo quem me mandava pedir. Punha-me no

passeio, pedia aos que passavam, e ele, entretanto, punha-se às voltas por aí, à espera; e quando via que me davam alguma coisa, aproximava-se de mim e tirava-me o dinheiro, como se eu tencionasse escondê-lo, como se eu não estivesse pedindo para ele.

Dizendo isto, sorria de um modo cáustico, amargo.

– Tudo isso foi quando a minha *mámienhka* morreu. Ele ficou meio tolo.

– Então, parece que gostava muito da tua *mámienhka*. Por que não vivia com ela?

– Não, não gostava… Era mau e nunca chegou a perdoar-lhe… como esse velho mau, de ontem – disse em voz baixa, como num murmúrio, e cada vez se punha mais pálida.

Eu estremeci. O enredo de todo um romance brilhava na minha imaginação. Essa pobre mulher, que morreu num saguão, em casa de um carpinteiro de caixões; a filha, órfã, visitando de quando em quando o avô, que tinha amaldiçoado a mãe; o velho extravagante e aloucado, que morre numa pastelaria, ao mesmo tempo que o cão…

– Olhe, Azorka, dantes, era da minha *mámienhka* – disse Nelly de súbito, sorrindo a não sei que evocação. – O avô, dantes, gostava muito da minha *mámienhka* e, quando ela fugiu de casa, ele ficou com Azorka, que era dela. Por isso gostava tanto de Azorka… Não perdoou à minha mãe; mas quando o cão morreu, ele morreu também – acrescentou Nelly gravemente e o sorriso fugiu do seu rosto.

– Nelly, que era ele "dantes"? – perguntei-lhe depois de esperar um momento.

– Dantes era rico. Eu não sei o que fosse… – respondeu. – Parece que tinha uma fábrica… Era o que a minha *mámienhka* me dizia. A princípio ela pensava que eu era ainda muito pequena e contava-me tudo. Não fazia senão beijar-me e dizer-me: "Hás de saber tudo, lá chegará esse tempo, pobrezinha, minha infeliz". E chamava-me sempre pobre e infeliz. E de noite, quando pensava que eu estava dormindo, e eu realmente fingia que dormia, não fazia outra coisa

senão chorar, inclinada sobre mim; dava-me muitos beijos e dizia: “Desgraçadinha!”.

– E de que morreu a tua *mámienhka*?

– Tísica; está agora fazendo seis semanas.

– E tu lembras-te de quando o teu avô ainda era rico?

– Então, ainda eu não tinha nascido! A minha *mámienhka* fugiu de casa antes de eu ter nascido…

– Com quem fugiu?

– Não sei – respondeu Nelly com uma voz apagada e como se refletisse. – Ela foi para o estrangeiro e eu nasci lá.

– No estrangeiro? Onde?

– Na Suíça. Eu estive lá, e na Itália, e também estive em Paris.

Fiquei espantado.

– E lembras-te de tudo isso, Nelly?

– De muitas coisas ainda me lembro.

– E como falas tão bem o russo, Nelly?

– É que a minha mãe, quando ainda estávamos lá, ensinou-me russo. Era russa e a mãe dela também era russa; mas o avô era inglês, embora fosse como russo. E quando voltamos de lá, com a minha *mámienhka*, há ano e meio, acabei de aprender a língua. A minha mãe estava doente. Passávamos muitas necessidades. *Mámienhka* não fazia mais nada senão chorar. A princípio procurou o avô aqui, em Petersburgo, e eu dizia-lhe muitas vezes que ela procedera mal para com ele, e então, ela punha-se a chorar… Como chorava! Como chorava! Mas quando soube que o avô também estava na miséria, as suas lágrimas redobraram. Começou a escrever-lhe cartas e mais cartas; mas ele não respondia a nenhuma.

– E por que voltou a tua mãe do estrangeiro? Foi por causa do

pai?

– Não sei! Estávamos lá tão bem! – e os olhos de Nelly iluminaram-se. – A minha *mámienhka* vivia só comigo. Tinha um amigo muito bom, tão bom como o senhor… Conheceu-o aqui. Mas morreu no estrangeiro e então a minha *mámienhka* regressou…

– Então foi com ele que a tua mãe fugiu?

– Não, não foi com ele. A *mámienhka* fugiu de casa do avô com outro, que a deixou logo.

– E com quem fugiu, Nelly?

Nelly olhou-me e não respondeu. Parecia que sabia com quem tinha fugido a mãe e quem era o seu pai, mas que lhe custava dizer-me o nome…

Eu não quis mortificá-la com perguntas. O seu caráter era estranho, nervoso e impetuoso, capaz de arrebatamentos; simpático mas hermético, de tão orgulhoso e desconfiado. Durante todo o tempo que eu a tratei, apesar de amar-me de todo o seu coração, com o amor mais luminoso e transparente, quase igual ao que dedicava à sua falecida mãe, da qual não podia recordar-se sem dor… apesar disso raras vezes era franca comigo e, a não ser nesse dia, quase nunca sentia necessidade de falar no seu passado; pelo contrário, até parecia ocultá-lo zelosamente. Nesse dia, durante algumas horas, por entre suspiros e soluços convulsos que interrompiam a sua narrativa, revelou-me tudo o que a fazia sofrer e mais mortificava nas suas recordações, e nunca me esquecerei dessa história estranha. Mas o principal dessa história vamos deixar mais para diante.

Era uma história estranha: a história duma mulher abandonada, que sobreviveu à sua felicidade; doente, cansada e abandonada por todos; repelida pela última criatura em que podia ainda esperar… seu pai, ao qual ofendera em outro tempo e que por sua vez acabara por perder a razão devido aos desgostos e humilhações sofridos. A história duma mulher levada até aos extremos do desespero, que, juntamente com a filha, à qual considerava ainda uma criancinha, andava pelas sujas e frias ruas petersburguesas pedindo esmola; de uma mulher que

esteve longos meses moribunda num saguão lúgubre e à qual o pai negou o perdão até o último instante da vida, e depois, quando se arrependeu e correu a perdoar-lhe, apenas encontrou um cadáver hirto, em vez daquela a quem amava mais do que tudo neste mundo. Era um história singular, de misteriosas e mal compreensíveis relações entre o ancião que perdera a razão e a netinha, que já compreendia muito de tudo isso, apesar da sua tenra idade, sem ter conhecimento de mais nada durante anos da sua vida triste e monótona. Era uma história lúgubre, uma dessas tristes e dolorosas histórias, que com tanta frequência e sem se dar por isso se desenrolam debaixo do sombrio céu petersburguês, nos escuros, escondidos refúgios da enorme cidade, entre vidas loucas e tumultuosas, profundos egoísmos, interesses desenfreados, repugnante perversidade e crimes sangrentos, entre todo esse inferno duma vida desenfreada e anormal…

Mas esta história vai ficar para mais tarde.

# Terceira parte

## Capítulo primeiro

Havia algum tempo escurecera e a noite chegara, quando acordei de um macabro pesadelo e voltei a recordar-me da realidade.

– Nelly – disse – olha, agora estás doente, fraca, e eu sou obrigado a deixar-te só, nesse estado de comoção e cheia de lágrimas. Minha amiga, perdoa-me, e fica sabendo que existe também uma criatura amável e a quem também não perdoaram, infeliz, ofendida e humilhada. Espera por mim. E eu próprio me sinto tão atraído para ela, agora, depois do que me contaste, que me parece que não seria capaz de suportar o não vê-la imediatamente, neste mesmo instante…

Não sei se Nelly compreenderia tudo o que eu lhe disse. Eu estava fora de mim, tanto pela impressão que me deixara o seu relato como pela minha recente enfermidade; mas dirigi-me à casa de Natacha. Já era tarde, eram nove horas quando lá cheguei.

Na rua, à porta da casa onde Natacha vivia, vi uma carruagem e pareceu-me a do príncipe. Para se chegar ao andar de Natacha passava-se pelo pátio. Assim que comecei a subir a escada ouvi diante de mim, um degrau acima, um indivíduo que subia tateando, com cuidado, e que aparentemente não conhecia a casa. Pensei que seria o príncipe, mas não tardei a pôr de parte essa ideia. O desconhecido subia resmungando e blasfemando, e com tanto mais vigor e energia quanto mais subia. É certo que a escada era empinada, suja, estreita, sempre às escuras; mas aquelas pragas que começaram no terceiro andar, não poderia eu nunca atribuí-las ao príncipe: o senhor que subia à minha frente praguejava como um cocheiro. Mas no terceiro andar começava a haver luz; diante da porta de Natacha ardia constantemente uma lanterna. Ali alcancei o meu desconhecido e qual não foi a minha surpresa quando reconheci o príncipe. Pareceu-me que lhe era muitíssimo desagradável encontrar-se assim cara a cara comigo. No primeiro momento não me reconheceu; mas não tardou a mudar completamente a expressão do rosto. Ao seu primeiro olhar, hostil e rancoroso, sucedeu de repente outro, afetuoso e alegre, e, com um alvoroço um pouco exagerado, estendeu-me as duas mãos.

– Ah, era o senhor! Tenho vontade de ajoelhar-me a seus pés e pedir a Deus a salvação da minha vida. Ouviu como eu praguejava? – E começou a rir de uma maneira bonacheirona. Mas de repente o seu rosto tomou uma expressão séria e preocupada.

– E Alhocha pôde instalar Natália Nikoláievna em semelhante alojamento? – disse, movendo a cabeça. – Olhe, há pormenores insignificantes e que no entanto servem para caracterizar um homem. Eu receio por ele. É bom, tem um coração nobre, mas repare: ama loucamente e instala aquela a quem ama num tugúrio destes. Eu tenho ouvido dizer que às vezes até passa fome – acrescentou em voz baixa, procurando o botão da campainha. – Parece-me que endoideço quando penso no seu futuro, e sobretudo no de Anna Nikoláievna, quando for sua mulher.

Enganou-se no nome, mas não reparou nisso, muito aborrecido por não atinar com a campainha. Mas não havia campainha. Eu puxei pela tranqueta da fechadura; em seguida Mavra veio abrir e recebeu-nos com muita amabilidade. Na cozinha, separada do minúsculo

vestíbulo por um tabique de madeira, viam-se pela porta aberta alguns preparativos; tudo estava como sempre, limpo e arranjado; no fogão ardia o fogo; sobre a mesa via-se uma baixela, nova. Percebia-se que estavam à nossa espera. Mavra dispôs-se a tirar-nos os sobretudos.

– Alhocha está? – perguntei-lhe.

– Não tem vindo – respondeu-me como em segredo.

Fomos ter com Natacha. No seu quarto não se via espécie nenhuma de preparativos. Aliás ela conservava sempre tudo limpo e atraente, sem que fosse necessário arranjar nada à pressa. Natacha veio receber-nos, de pé, à porta. Eu fiquei impressionado perante o seu rosto, consumido e extremamente pálido, apesar de, por um momento, uma vermelhidão ter brilhado nas suas faces mortiças. Os seus olhos estavam febris. Em silêncio e perturbada, estendeu a mão ao príncipe, visivelmente alterada e atarantada. A mim, nem sequer me olhou. Eu continuava de pé e esperava em silêncio.

– Cá estou eu! – exclamou amistosa e jovialmente o príncipe. – Há apenas umas horas que voltei. Durante todo esse tempo não me esqueci em nenhum momento da senhora – e beijou com ternura a sua mão. – Tenho tanto que dizer-lhe, que contar-lhe! Bem. Já falamos de tudo. Em primeiro lugar, vejo que não se encontra aqui o meu ciclone…

– Com licença, príncipe – atalhou Natacha corando e sorrindo. – Preciso de dizer duas palavras a Ivan Pietróvitch; Vânia, chega aqui… Só duas palavras…

Pegou-me na mão e levou-me para trás do biombo.

– Vânia – disse-me em voz baixa, levando-me para o canto mais escuro – perdoas-me?

– Claro, Natacha! Por que não?

– Não, não, Vânia; tu acabas sempre por me perdoar mas toda paciência tem limites. Tu nunca deixarás de gostar de mim, bem sei; mas poderás chamar-me ingrata, e eu, ontem e anteontem, portei-me

contigo como uma ingrata, egoísta e cruel…

De repente rompeu em lágrimas e apoiou-se ao meu ombro.

– Basta, Natacha! – tentei convencê-la. – Olha, eu estive muito mal a noite passada, e hoje ainda só com muito esforço é que consigo ficar de pé, e foi por isso que não vim ver-te nem ontem à noite, nem hoje em todo o dia, donde tu concluíste que eu estava zangado. E, minha amiga, não saberei eu o que se passa na tua alma?

– Bem, isso quer dizer que, como sempre, me perdoas – disse ela sorrindo por entre lágrimas e apertando-me a mão até magoar-me. – O resto fica para logo. Tenho muitas coisas para te dizer, Vânia. Mas agora vamos ter com ele.

– Vamos já, Natacha. Não está certo deixá-lo só, assim tão de repente…

– Tu vais ver, vais ver o que vai acontecer – murmurou rapidamente. – Agora já sei tudo, já tinha adivinhado tudo. O culpado de tudo é *ele*. Esta noite é decisiva. Vamos então!

Eu não a compreendi bem mas não tive tempo de perguntar-lhe. Natacha aproximou-se do príncipe com um sorriso alegre. Ele continuava de pé, com o chapéu na mão. Ela lhe pediu desculpa, muito bem disposta, pegou-lhe o chapéu, ofereceu-lhe uma cadeira e sentamos os três à volta da mesa.

– Tinha começado a falar-lhe do meu ciclone – principiou o príncipe. – Eu o vi apenas um momento, quando se preparava para dirigir-se à casa da condessa Zinaida Fiódorovna. Estava cheio de pressa e, calculem, nem sequer se dignou demorar-se um pouco nos meus aposentos, depois de termos estado quatro dias sem nos ver. E, parece, eu é que tenho a culpa, Natália Nikoláievna, de que ele não esteja aqui e de que eu tenha chegado antes dele; eu aproveitei a oportunidade e, como não podia hoje ir ver a condessa, passei o encargo para ele. Mas não tarda que ele esteja aqui.

– Deu-lhe a certeza de que viria hoje? – perguntou-lhe Natacha dirigindo ao príncipe o olhar mais ingênuo.

– Ah, meu Deus, não faltava mais nada senão que não viesse! Por que me pergunta isso? – exclamou o príncipe olhando-a assombrado. – Embora, no fim de contas, eu compreenda; está zangada com ele. De fato não está certo que seja o último a chegar. Mas, repito-lhe, o culpado de tudo sou eu. Não se zangue com ele. É um estouvado, um furacão. Eu não estou a defendê-lo. Mas há certas circunstâncias especiais que exigem, não só que ele não abandone agora a casa da condessa e de outras pessoas nossas conhecidas, mas que, pelo contrário, as frequente o mais possível. Mas como ele, agora, tenho a certeza, não sai de sua casa e se esquece de tudo mais, não se aborreça se alguma vez eu o roubar por umas duas horas apenas, por causa das incumbências que lhe dou. Tenho certeza de que ele não esteve nem uma só vez em casa da princesa K***, desde aquela noite, e sinto muito não ter tido tempo, há pouco…

Olhei para Natacha. Ouvia o príncipe com um sorriso levemente irônico. Mas ele falava tão francamente, com tanta naturalidade… Parece que não havia o menor motivo para suspeitar das suas palavras.

– Mas o senhor não sabe, seriamente, que ele durante todos estes dias nem uma só vez apareceu por aqui? – perguntou-lhe Natacha numa voz mansa e tranquila, como se falasse de uma coisa muito natural.

– Quê? Nem uma só vez? Que me diz? – exclamou o príncipe extraordinariamente admirado, pelo menos na aparência.

– O senhor veio ver-me na terça-feira, ao começar a noite; na manhã seguinte ele veio ver-me e esteve comigo uma meia hora, e a partir daí nunca mais o vi.

– Mas isso é inverossímil! – estava cada vez mais assombrado. – E eu pensando que ele não saía daqui! Desculpe, mas isso é tão estranho… é simplesmente inverossímil.

– No entanto é verdade, uma triste verdade; eu estava precisamente à sua espera, para ver se sabia pelo senhor onde ele para.

– Ah, meu Deus! Mas não deve tardar que ele esteja aqui! O que acaba de me dizer choca-me a tal ponto que eu… confesso-lhe, eu não esperava dele… semelhante coisa.

– Mas por que se admira assim? Eu supunha que o senhor não só não devia ficar admirado, como estaria até informado do que se passava…

– Informado! Eu! Pois afirmo-lhe, Natália Nikoláievna, que apenas o vi hoje um momento e não perguntei a ninguém por ele; e acho muito estranho que a senhora não me acredite – continuou, olhando para nós dois.

– Deus me livre – respondeu Natacha. – Estou firmemente convencida de que o senhor diz a verdade.

E tornou a sorrir abertamente, na cara do príncipe, de uma maneira a que ele não pareceu achar muita graça.

– Explique-se – disse, inquieto.

– Mas eu não tenho nada a explicar! Eu falo com toda a simplicidade. O senhor bem sabe como ele é irrequieto e esquecido. Pois bem, como agora lhe deram liberdade plena, diverte-se.

– Mas divertir-se até esse ponto é impossível. Aqui há mais qualquer coisa, e assim que conseguir apanhá-lo, hei de obrigá-lo a explicar-me tudo. Mas o que mais me espanta é que a senhora parece culpar-me, a mim, de qualquer coisa, quando eu, afinal, nem sequer aqui estive. Vejo também que está muito zangada com ele, mas isso é compreensível. Tem todo o direito e, naturalmente, sou eu o primeiro culpado, embora somente por ter sido o primeiro a vir, não é verdade? – continuou, dirigindo-se a mim com uma zombaria irritada.

Natacha excitou-se.

– Com licença, Natália Nikoláievna – continuou o príncipe com dignidade. – Concordo que eu seja culpado, mas apenas de ter partido em viagem no dia seguinte àquele em que nos conhecemos, e por causa disso, em virtude de um certo receio que observei no seu

caráter, já se apressou a mudar de opinião a meu respeito, tanto mais que as circunstâncias favoreciam isso. Ao passo que, se eu não tivesse partido, a senhora poderia me conhecer mais a fundo e Alhocha não se teria transviado, debaixo da minha vigilância. Vai ouvir o que eu lhe vou dizer…

– Com isso, fará com que ele me tome aversão. É impossível que o senhor, com a sua inteligência, pense realmente que pode ser-me útil desse modo.

– Suponho que não quer dar a entender que eu procuro intencionalmente conseguir que ele lhe tome aversão. A senhora ofende-me, Natália Nikoláievna.

– Eu procuro sempre evitar alusões indiretas quando falo com alguém, seja com quem for – respondeu Natacha. – E, pelo contrário, esforço-me sempre por expressar-me com a maior clareza possível e pode ser que ainda hoje mesmo me seja fácil demonstrar isso. Não tenho a menor intenção de ofendê-lo, nem sequer que o senhor levasse a mal palavras que eu não disse… Disto tenho a certeza absoluta, porque compreendo muito bem as nossas relações recíprocas. O senhor não disse isso a sério, não é verdade? Mas se de fato eu o ofendi, estou disposta a pedir-lhe perdão para cumprir em tudo, para com o senhor, os deveres da… hospitalidade.

Apesar do tom de despreocupação e de alegria com que Natacha pronunciou essas palavras, com um sorriso nos lábios, nunca eu a vira tão excitada. Até então não me apercebera até que extremo ela devia ter sofrido naqueles três dias. As suas enigmáticas palavras, das quais eu já sabia tudo e tudo adivinhara, deixaram-me numa inquietação; referiam-se diretamente ao príncipe. Mudara de opinião a respeito dele e considerava-o como seu inimigo; isso era evidente. Percebia-se que atribuía à sua influência o seu fiasco com Alhocha e talvez tivesse razão. Eu receava que se desse repentinamente uma cena entre eles. O seu tom de gracejo era demasiado transparente, quase diáfano. As últimas palavras dirigidas ao príncipe, dizendo-lhe que ele não podia tomar as suas relações a sério e pedindo-lhe perdão em nome dos deveres da hospitalidade, assim como a sua promessa, em tom de ameaça, de demonstrar-lhe nessa mesma noite que sabia falar com

franqueza… Tudo isso era a tal ponto sincero e explícito, que não era possível que o príncipe não compreendesse. Eu via que o seu rosto se transformara, embora ele se dominasse. Tomou imediatamente o ar de não ter reparado naquelas palavras, de não ter compreendido a sua verdadeira intenção e, naturalmente, tomou-as por gracejo.

– Deus me livre de pedir explicações! – encareceu, sorrindo. – Eu não pretendia isso, de maneira nenhuma, e além disso não faz parte das minhas regras de conduta pedir explicações a uma mulher. No nosso primeiro encontro tive o cuidado de preveni-la sobre o meu caráter e, portanto, com certeza que a senhora não se zangará comigo por causa de uma simples observação, tanto mais que, de uma maneira geral, se refere a todas as mulheres. Com certeza que o senhor também deve estar de acordo com essa observação – continuou, dirigindo-se a mim com muita amabilidade. – Dizia eu, concretamente, que o caráter feminino apresenta certos aspectos que fazem com que, se por exemplo, uma mulher é culpada de qualquer coisa, procure de preferência compensar a sua falta com mil lisonjas, a reconhecer a sua culpa no próprio instante em que a comete, ou a confessar-se culpada e pedir perdão. De fato, se a senhora supusesse que me ofendera, eu, nesse mesmo instante e intencionalmente, não quereria explicações; estas poderiam ser mais úteis para mim depois, quando reconhecesse o seu erro e quisesse indenizar-me por ele… com mil lisonjas. E a senhora é tão boa, tão honesta, tão sincera, que eu calculo como devia estar encantadora no momento do arrependimento. Mas em vez de apresentar-me desculpas, o melhor será dizer-me se eu próprio não poderia demonstrar-lhe que procedo consigo com mais sinceridade e franqueza do que a senhora imagina.

Natacha corou. Parecia-me que na resposta do príncipe havia demasiada leviandade, até excessivo à vontade, qualquer coisa como uma graciosidade intempestiva.

– Queria demonstrar-me que procede comigo de um modo sincero e franco? – perguntou Natacha olhando-o com um olhar de desafio.

– Sim.

– Sendo assim, quero fazer-lhe um pedido.

– Desde já prometo atendê-la.

– É este: não incomode Alhocha com uma palavra nem com uma alusão a meu respeito, nem hoje nem amanhã. Nem uma só censura por se ter esquecido de mim, nem uma só repreensão… Eu própria quero recebê-lo como se entre nós nada se tivesse passado, para que ele não possa notar nada. Dá-me a sua palavra de que fará isto?

– Com muito gosto – respondeu o príncipe. – E permita-me acrescentar, de todo o coração, que raramente tenho encontrado quem saiba ver uma questão deste gênero com tão sensato e claro critério… Mas parece-me que Alhocha já chegou.

Efetivamente ouviu-se um ruído na sala de entrada. Natacha estremeceu e pareceu aperceber-se de qualquer coisa. O príncipe continuou sentado, com uma expressão séria e na expectativa; seguia Natacha atentamente, com os olhos. A porta abriu e Alhocha entrou rapidamente.

## Capítulo II

Entrou com um rosto radiante, alegre, jovial. Era evidente que vivera muito contente e feliz durante esses quatro dias. Via-se no seu rosto que queria comunicar-nos qualquer coisa.

– Ora aqui estou eu! – disse, espraiando o olhar por toda a sala. – Aqui está aquele que devia ter sido o primeiro de todos a chegar. Mas já vão saber tudo, tudo. Há pouco, *papacha*, foi-me impossível trocar sequer duas palavras contigo e tinha muitas coisas para te dizer. É só quando ele está bem disposto que eu me permito tratá-lo por tu – interrompeu-se, dirigindo-se a mim. – Valha-me Deus! Tirando esses casos não consente nunca! E é de ver a técnica que emprega: é ele próprio quem começa a tratar-me por “você”! Mas a partir de hoje quero que ele esteja sempre bem disposto e vou tratá-lo assim. Sofri uma grande mudança durante estes quatro dias, uma mudança radical, radical, eu já vos conto tudo. Mas fica para logo. Agora vamos ao principal: eu estou outra vez com ela! Outra vez! Ela! Natacha, minha querida, boa noite, meu anjo! – disse, sentando a seu lado e beijando-

lhe a mão com avidez. – Como eu devo ter-te feito sofrer durante estes dias! Mas que queres! Não posso, não posso corrigir-me! Minha querida! Parece que emagreceste um pouco… e como estás pálida!

Cobria-lhe as mãos de beijos, com entusiasmo, olhando-a avidamente nos seus lindos olhos, como se não pudesse afastar deles os seus. Eu olhava para Natacha e adivinhava no seu semblante que pensávamos os dois o mesmo, isto é, que ele era inocente. Mas, sendo assim, como é que aquele inocente podia tornar-se culpado? De repente um vivo rubor se espalhou pelas faces de Natacha, como se o sangue concentrado no coração lhe tivesse subido à cabeça. Os seus olhos chispavam fogo e olhava ufana para o príncipe.

– Mas por onde… andaste… tantos dias? – exclamou numa voz débil e entrecortada.

Estava com uma respiração difícil e irregular. Meu Deus, como o amava!

– De fato, de certo modo parece que sou culpado para contigo, *parece*. Que sou culpado, eu já sei, e porque sei é que vim, Kátia disse-me ontem e hoje que não há mulher alguma que perdoe semelhante abandono (ela está a par de tudo o que se passou aqui na terça-feira; contei-lhe no dia seguinte). Pus-me a discutir com ela; demonstrei-lhe, disse-lhe que essa mulher se chama Natacha e que talvez não haja outra parecida com ela, a não ser Kátia; e vim aqui sabendo, naturalmente, que ganharia a discussão. Então um anjo como tu não poderia perdoar? “Quando não vem, é porque tem que fazer, ou então deixou de me querer…”, foi qualquer coisa deste gênero que deve ter pensado a minha Natacha. Mas poderia eu deixar de amar-te? Seria possível? Sofria por tua causa. Mas não há dúvida de que sou culpado. Simplesmente, quando souberes tudo serás tu a primeira a desculpar-me. Vou já contar-te tudo; preciso desabafar minha alma convosco, foi para isso que vim. Se tivesse tido um segundo livre, já hoje teria vindo ver-te num instante para dar-te um abraço; mas não pôde ser, Kátia mandou-me chamar com urgência para um assunto importantíssimo. Foi quando eu já estava na carruagem, *papacha*, tu bem viste; já era a segunda vez que, acedendo a um pedido de Kátia, me dirigia para sua casa. Pois deves saber que nós, agora, passamos o dia inteiro

mandando cartinhas de uma casa para a outra. Ivan Pietróvitch, não pude ler a sua carta senão hoje, e tem toda a razão naquilo que me diz. Mas que se há de fazer? Impossibilidade física! De maneira que eu pensava: “Amanhã à tarde apresentarei as minhas desculpas a todos”. Pois esta noite para mim seria impossível não te vir ver, Natacha.

– A que carta te referes? – perguntou Natacha.

– É que ele esteve em minha casa, não me encontrou, naturalmente, e deixou-me uma carta recriminando-me por não te vir ver, na qual tinha razão de sobra. Isso foi ontem.

Natacha olhou para mim.

– Mas tinhas tempo para estares em casa de Ekatierina Fiódorovna, desde manhã até à noite – insinuou o príncipe.

– Já sei, já sei o que vais dizer – atalhou Alhocha. – “Se tinhas tempo para estares com Kátia, então tinhas o dobro da razão para vires aqui.” Perfeitamente de acordo e acrescentarei até por minha conta: não tinha o dobro da razão mas um milhão de razões. Mas, em primeiro lugar acontecem coisas estranhas, inesperadas, na vida, que alteram e perturbam tudo. Ora aconteceu-me uma dessas coisas, a mim. Já lhes disse que nestes dias sofrera uma mudança radical, dos pés à cabeça, pois surgiram-me circunstâncias gravíssimas!

– Ai, meu Deus! Mas que te aconteceu? Continua, por favor! – exclamou Natacha sorrindo perante a veemência de Alhocha.

De fato, tornava-se um pouco ridículo. Atrapalhava-se, engasgava-se com as palavras que lhe vinham à boca, atropelando-as, às vezes sem ilação, falando, enfim, numa grande algaraviada. O seu desejo era falar, falar, contar. Mas, enquanto falava não largava a mão de Natacha e levava-a constantemente aos lábios, Como se não se fartasse de beijá-la.

– Enfim, aconteceram-me muitas coisas! – continuou Alhocha. – Ai, meus amigos, o que eu fiz, o que conheci! Em primeiro lugar, Kátia. Que bonita! Eu não a conhecia, não a conhecia, a bem dizer, até agora! E na terça-feira passada, quando te falei dela, Natacha…

lembras-te com que entusiasmo? Bem, pois nessa altura ainda mal a conhecia. Ela se escondeu de mim até esse momento. Mas agora conhecemo-nos os dois a fundo. Já nos tratamos por tu. Mas começarei pelo princípio. Em primeiro lugar, Natacha, se tivesses ouvido o que ela me disse sobre ti, quando no dia seguinte, na quarta-feira, eu lhe contei o que houvera entre nós… E de fato lembro como me portei estupidamente contigo, quando vim ver-te na manhã dessa quarta-feira. Tu me recebeste comovida, ainda perturbada pela nossa nova situação; querias falar comigo de tudo isso, estavas triste, e ao mesmo tempo coqueteavas e brincavas comigo, enquanto eu aí fiquei, armado em senhor grave! Oh, que idiota, que idiota! Mas juro que o que eu queria dar a entender era que em breve serei um homem, um homem sério! E com quem fui eu tomar esses ares… Contigo! Ai como devias ter dado risada de mim e como foram merecidos esses risos!

O príncipe permanecia silencioso e contemplava Alhocha com um certo sorriso irônico e triunfante. Parecia que se alegrava por seu filho se mostrar tão estouvado e até ridículo. Observei-o constantemente nessa noite e percebi que não gostava do filho, apesar de falar a toda hora no grande amor de pai que lhe tinha.

– Daqui fui ter com Kátia – disse Alhocha continuando a sua narrativa. – Já disse que foi só a partir desta manhã que nós começamos a conhecer bem um ao outro e foi bem estranha a maneira como isso aconteceu. Nem sequer me lembro… Algumas palavras entusiásticas, algumas comoções e pensamentos francamente declarados e… eis-nos aproximados para sempre. É preciso, é preciso que a conheças, Natacha. A maneira como ela me falava de ti, como te compreende, como ela me explicava o tesouro que tu és para mim! Pouco a pouco ia-me expondo todas as suas ideias e todo o seu modo de pensar acerca da vida! Que moça séria e exaltada! Falava-me do dever, do nosso destino, da obrigação que todos temos de servir à Humanidade, e assim ficamos juntos umas cinco… ou seis horas, a falar, até que acabamos por jurar uma amizade eterna e procedermos sempre em conjunto na vida.

– Proceder em quê? – perguntou o príncipe assombrado.

– Eu sofri uma tal transformação, *papacha*, que tudo isto, sem

dúvida, tem de causar-lhe estranheza; até já calculo de antemão quais serão as tuas objeções – respondeu Alhocha com solenidade. – Todos vós sois gente prática, que atende apenas a regras velhas, sérias, rigorosas, mas que olha com receio, com hostilidade e com sarcasmo tudo quanto é novo, juvenil e fresco. Mas eu já não sou aquele que era ainda há poucos dias. Já sou outro! E tenho a coragem de encarar a todos! Como sei que a minha convicção é justa, sigo-a até às suas últimas consequências e na medida em que não me afasto do caminho, sou um homem honesto. Para mim é bastante. Portanto podem dizer o que quiserem, que eu não me importo.

– Bravo! – exclamou o príncipe sorrindo.

Natacha olhou para nós desassossegada. Receava por Alhocha. Quando falava, costumava entregar-se a divagações, que lhe eram pouco lisonjeiras, e ela sabia-o. Não queria que Alhocha se tornasse ridículo diante dos outros e, sobretudo, diante de seu pai.

– Mas que dizes tu, Alhocha? Isso, é pura filosofia – disse ela. – Não há dúvida nenhuma de que ela te iniciou… Mas o melhor era contares…

– Mas se já estou contando! – exclamou Alhocha. – Pois bem. Kátia tem dois primos afastados, dois primos, creio; Lióvonhka e Bórienhka, um é estudante e outro é ainda um garoto. Dá-se com eles e eles são simplesmente… uns tipos invulgares! À condessa, apenas a visitam por uma questão de princípios. Quando eu estava falando com Kátia a respeito do destino do homem, da vocação e de outras coisas do gênero, ela mencionou-os e depois entregou-me uma carta de apresentação para eles. E eu tratei imediatamente de conhecê-los. Ainda nessa mesma noite tivemos oportunidade de falar. Havia lá doze pessoas de várias condições: estudantes, oficiais, artistas, um escritor… Todos o conhecem, Ivan Pietróvitch, isto é, todos leram as suas obras e esperam muito de si para o futuro. Foi assim que eles mesmos me disseram. Eu lhes disse que era seu amigo e que havia de apresentá-lo. Todos eles me receberam como a um irmão, de braços abertos. Eu, desde o primeiro, momento, lhes anunciei que não tardaria a casar-me, de maneira que me trataram como a um homem casado. Vivem no quinto andar e aí se reúnem frequentemente, em

casa de Lióvonhka e de Bórienhka. São todos rapazes muito espertos, todos animados de um ardente amor pela Humanidade; falaram todos do nosso presente e do nosso futuro, de ciências, de literatura, e se vissem como falavam bem, com que franqueza e simplicidade! Também lá vai um do liceu. A maneira como se tratam entre si, como são todos bondosos! Até agora ainda não tinha visto pessoas semelhantes! Onde vivera eu até agora? Que tinha visto? Em que me ocupava? Só tu, Natacha, é que foste a única pessoa que me falou desse modo. Ah, Natacha, tu tens de conhecê-los! Kátia já os conhece. Falam dela quase com reverência e Kátia já disse a Lióvonhka e a Bórienhka que quando entrar na posse dos seus bens sacrificará um milhão a favor da utilidade geral.

– E os administradores desse milhão com certeza que serão Lióvonhka e Bórienhká e demais companhia, não? – perguntou o príncipe.

– Não senhor, não senhor; que vergonha dizer uma coisa dessas, pai! – exclamou Alhocha com veemência. – Já me queria parecer que havias de sair com uma dessas! A respeito desse milhão falamos nós durante muito tempo e exaustivamente. Em que empregá-lo? Finalmente chegamos à conclusão de que devíamos empregá-lo na civilização geral…

– Sim, eu, de fato, até agora não conhecia Ekatierina Fiódorovna – observou o príncipe, como se falasse consigo mesmo, sem deixar o sorriso zombeteiro. – Embora esperasse muitas coisas dela, isso francamente…

– Mas que tens a dizer a isto? – interrompeu-o Alhocha. – Por que te espanta tanto? Por que sai um pouco das tuas normas? Por que ninguém até agora sacrificou um milhão e ela sacrifica-o? Que tem. isso de particular? Alguém tem alguma coisa com o fato, de ela não querer viver à custa dos outros? Porque viver desses milhões significa viver à custa dos outros (só agora é que eu o compreendi). Ela quer ser útil à pátria e a todos e contribui com o seu óbolo para a utilidade geral. O óbolo, já se fala nas escrituras, esse óbolo, afinal, pode transformar-se num milhão. Em que se fundamenta toda essa encarecida sensatez na qual eu tive tanta fé até aqui? Por que me

olhas dessa maneira, *otiets*?[30] Parece que tens na tua frente um palhaço ou um imbecil. Bem, mas que importa ser imbecil? Natacha, não ouviste o que Kátia disse acerca disto? “O principal não é a inteligência mas sim aquilo que a rege… A natureza, o coração, as nobres qualidades, a cultura…” Mas neste campo é muito importante a genial expressão de Biezmíguin. Este Biezmíguin é um amigo de Lióvonhka e de Bórienhka e, aqui para nós, é uma cabeça; uma cabeça verdadeiramente genial! Ainda ontem o demonstrou durante a discussão! “O idiota que se reconhece idiota já não é idiota!” Isto é que é ver bem! E, frases como esta, ele as tem a cada passo. Diz cada verdade…

– Genial, efetivamente! – observou o príncipe.

– Tu troças de tudo. Mas o certo é que, a ti, nunca eu ouvi nada de semelhante, nem tampouco a ninguém da vossa sociedade. Entre vós, pelo contrário, tudo se achata e se pega ao chão, para que todas as estaturas e todos os narizes se ajustem sem escapatória a determinadas medidas, a determinadas regras… Como se isso fosse possível! Como se isso não fosse mil vezes mais impossível do que aquilo que nós dizemos e pensamos! E ainda nos chamam utópicos! Se tivesses ouvido as coisas que eles me disseram ontem!

– Mas que vem a ser isso que vocês dizem e pensam? Conta, Alhocha, que até agora ainda não compreendi – disse Natacha.

– De uma maneira geral trata-se de tudo quanto se refere ao progresso, ao humanismo, ao amor; tudo o que constitui os problemas do nosso tempo. Falamos da vida pública, das reformas que começam a realizar-se, do amor pela Humanidade, dos fatores contemporâneos; reunimo-nos e lemos. Mas o mais importante é que damos mutuamente a nossa palavra de que falaremos com absoluta sinceridade e franqueza, sem estarmos com dissimulações. Só a sinceridade, só a franqueza podem conseguir os seus fins.

Eu falei disto a Kátia e ela está de acordo em tudo com Biezmíguin. Por isso todos nós, debaixo da direção de Biezmíguin, nos comprometemos a proceder com honradez e franqueza durante toda a vida, digam os outros o que disserem e julguem-nos como nos

julgarem, a não nos envergonharmos dos nossos entusiasmos, das nossas convicções nem dos nossos erros, e a caminhar sempre reto. Se queres que te respeitem, deves começar por respeitar-te a ti próprio. Só assim, só com este respeito por ti mesmo obrigarás os outros a respeitarem-te. Era assim que dizia Biezmíguin e Kátia estava totalmente de acordo com ele. De uma maneira geral, agora, discutimos acerca das nossas convicções e cada um por seu lado reflete sobre elas, para trocarmos impressões depois, todos juntos…

– Mas que aranzel! – exclamou o príncipe inquieto. – E quem é esse Biezmíguin? Não, isso não pode ficar assim…

– O que é que não pode ficar assim? – perguntou Alhocha. – Ouve, *otiets*: sabes por que disse eu agora tudo isto diante de ti? Porque quero e espero atrair-te para o nosso círculo. Já lhes dei a minha palavra. Tu, sorris. Bom, eu já sabia que havias de levar o caso para brincadeira. Mas escuta, tu és bom, nobre, hás de compreender! Não vês que não conheces esses indivíduos, nem ouviste falar deles? Suponhamos no entanto que estás a par de tudo isso, que estás informado de tudo, que és imensamente culto; pois ainda assim seria preciso conhecê-los, conviver com eles; de maneira que não podes apreciá-los devidamente. Tu imaginas apenas que sabes. Mas não. Tu deves ir vê-los, ouvi-los, e depois… dou-te a minha palavra de que serás um dos nossos! E o principal é que eu quero empregar todo gênero de meios para salvar-te de te perderes na tua sociedade, à qual tanto te agarras, e das tuas convicções.

O príncipe escutou toda essa arenga em silêncio e com um sorriso sarcástico; o seu rosto refletia maldade. Natacha olhava-o com uma aversão evidente. E ele bem o notava; mas fazia que não dava por isso. Quando Alhocha acabou, soltou uma gargalhada. Até se repoltreou na cadeira, como se não tivesse forças para se suster. Mas aquela gargalhada, não havia dúvida, era postiça, Via-se perfeitamente que ele ria apenas com o fim de ridiculizar e humilhar o filho. De fato Alhocha sentiu muito; todo o seu semblante refletia um desgosto imenso. Mas esperou pacientemente que acabasse o ataque de hilaridade de seu pai.

– *Otiets* – começou com tristeza – por que ris assim de mim? Eu

me dirijo a ti franca e abertamente; se, em tua opinião, eu digo tolices, faz-me ver onde está a razão, mas não troces de mim. E de que terias tu rido? Daquilo que eu tenho por santo e sublime? Ora vejamos. Suponhamos que eu esteja enganado, que tudo isso seja falso, errôneo; suponhamos que eu seja um imbecil, como tu algumas vezes me chamas; mas, se eu me engano, faço-o honrada, sinceramente; nem por isso perco a minha nobreza de alma. Eu me entusiasmo por ideias elevadas. Suponhamos que sejam falsas; mas o seu fundamento é sagrado. Eu comecei por dizer-te que nem tu nem os teus nunca me disseram nada que me guiasse, que me levasse para vós. Ao repudiar essas coisas, diz-me algo de melhor, que eu te seguirei; mas não rias de mim, pois isso me fere profundamente.

Alhocha pronunciou essas palavras com extraordinária nobreza e com severa dignidade. Natacha olhava-o com agrado. O príncipe ouvia o filho, espantado, e a seguir mudou de tom.

– Não, não tive a menor intenção de ofender-te, meu amigo – respondeu. – Pelo contrário, tenho até pena de ti. Tu te dispões a dar na vida um passo de tal transcendência, que, perante isso, devias deixar de ser um rapaz estouvado. É este o meu pensamento. Dei risada sem querer e de maneira nenhuma tive a intenção de ofender-te.

– Mas então por que me teria parecido isso? – continuou Alhocha com amargura. – E por que será que há muito me olhas com olhos hostis, com um sorriso frio e não como um pai ao seu filho? Por que será que, se eu estivesse no teu lugar, não riria tão ofensivamente de um filho meu como tu ris de mim? Olha, expliquemo-nos francamente, agora mesmo, de uma vez para sempre, para que não nos fique dúvida alguma. E… quero dizer toda a verdade. Quando entrei aqui, pareceu-me que se produzia alguma celeuma; não esperava encontrar-vos todos reunidos. Tenho razão ou não? Ora, se é assim, não seria melhor que cada qual manifestasse seus sentimentos? Quantos males se podem evitar com a franqueza!

– Fala, fala, Alhocha! – disse o príncipe. – Acho muito bem a tua proposta. Talvez fosse por aí que se devesse ter começado – acrescentou, olhando para Natacha.

– Não te aborreças comigo por causa da minha franqueza – começou Alhocha. – És tu mesmo quem a desejas, tu mesmo quem a reclamas. Escuta. Tu consentiste no meu casamento com Natacha; proporcionaste-me essa felicidade e, para isso, venceste a ti mesmo. És generoso e todos nós apreciamos a tua nobre conduta. Mas por que é que tu, agora, estás continuamente, e com uma certa alegria, a dar-me a entender que eu ainda sou uma criança, não estou de maneira alguma apto para ser um marido e, como se isto ainda fosse pouco, parece que queres ridiculizar-me, humilhar-me e até desprestigiar-me aos olhos de Natacha? Ficas muito contente sempre que podes ridicularizar-me; não foi só agora que eu notei isto, mas já há muito tempo. É para dizer que tens um interesse especial em nos convenceres de que nosso casamento seria ridículo, estúpido, e que não fazemos um par conveniente. Verdadeiramente, parece que não acreditas naquilo que dispuseste, como se considerasses tudo isto como uma troça, como uma divertida situação de *vaudeville*… Previno-te de que não concluí isto apenas das tuas palavras de hoje… Também naquela outra noite, na de terça-feira passada, quando regressei na tua companhia, depois de termos saído daqui, te ouvi certas expressões estranhas que me assombraram e até me irritaram. E na quarta-feira, à partida, fizeste também algumas alusões à nossa situação atual e disseste a respeito dela… Não, não foi nada de ofensivo; pelo contrário, mas qualquer coisa que eu desejaria não ter ouvido de. ti, qualquer coisa de demasiado leviano, desamorável e menos respeitoso para com ela… Seria difícil defini-lo; mas o tom não deixava dúvidas, o coração também ouve. Diz que estou enganado. Dissuade-me; encoraja-me e… e a ela também; porque também a ela fizeste sofrer. Adivinhei-o ao primeiro olhar assim que entrei…

Alhocha disse tudo isto com ardor e dignidade. Natacha ouvia-o com uma certa solenidade e muito comovida, de rosto afogueado e murmurou por duas vezes enquanto ele falava: “Sim, é assim mesmo, assim mesmo!”. O príncipe ficou mal-humorado.

– Meu amigo – respondeu-lhe – eu, é claro, não posso lembrar-me de tudo quanto te tenho dito; mas é muito estranho que interpretes as minhas palavras dessa maneira. Estou disposto a convencer-te do teu erro por todos os meios ao meu alcance. Que eu, agora, tenha rido, é

muito compreensível. Só te digo que, com o meu riso, procurava dissimular a minha amargura. Quando penso, agora, que não tardarás a casar, isso me parece perfeitamente impossível, insensato e, perdoa-me, ridículo até. Censuras-me por rir; mas afirmo-te que a culpa é toda tua. Também me acuso a mim mesmo; pode ser que eu próprio me tenha preocupado pouco contigo nestes últimos tempos e por isso, até esta noite, não esteja ainda a par daquilo para que poderás ter utilidade. Mas agora começo a tremer quando penso no teu futuro com Natacha Nikoláievna; procedi levianamente; vejo agora que são muito diferentes um do outro. O amor acabará, mas a desigualdade fica. Não quero já falar do teu destino; mas se tens ao menos boas intenções, pensa em que te perdes a ti e perdes ao mesmo tempo Natacha Nikoláievna, com toda certeza. Estiveste aqui a falar do amor pela Humanidade e da nobreza das convicções desses excelentes indivíduos que acabas de conhecer, durante uma hora; mas pergunta a Ivan Pietróvitch o que lhe dizia eu há pouco, quando subíamos até este quarto andar, por esta repugnante escada, e paramos depois à porta agradecendo a Deus por termos chegado sãos e salvos. Sabes de que foi que, involuntariamente, eu me lembrei? De que, apesar do amor que tens a Natália Nikoláievna, possas suportar que ela viva em semelhante tugúrio. Como é que não percebes que, se não tens meios, se não estás em condições de cumprir os teus deveres também não tens o direito de casar nem de arcar com nenhuma responsabilidade? O amor, sozinho, de nada vale; o amor demonstra-se por atos, mas tu pensas deste modo: “Ainda que tenhas de sofrer a meu lado, hás de viver comigo”. Mas repara que isso não é humano, não é digno. Falar do amor em geral, interessar-se pelas questões que respeitam a toda a Humanidade, e ao mesmo tempo cometer uma má ação contra o amor, sem dar sequer por tal… Isso é inconcebível! Não me interrompa, Natália Nikoláievna; deixe-me terminar; eu não posso suportar isso e é necessário que desabafe. Dizias tu, Alhocha, que nos dias antecedentes andaste cheio de entusiasmo por tudo quanto é digno, belo e honesto, e censuraste-me porque na nossa sociedade não existem tais sentimentos e apenas existe o árido bom senso. Mas vê: entusiasmares-te tanto com o que é nobre e sublime e, depois do que aconteceu na terça-feira passada, abandonares durante quatro dias aquela que, segundo todas as aparências, devias apreciar mais do que tudo no mundo… Falaste também da tua discussão com Ekatierina Fiódorovna

a respeito de que Natália Nikoláievna gosta de ti a tal ponto que te perdoa todos os teus desvarios. Mas que direito tinhas tu de contar com esse perdão e de jurar sobre ele? Mas nem uma vez ao menos te detiveste a pensar quantas dores, quantas ideias amargas, quantas dúvidas e suspeitas causaste nestes dias a Natália Nikoláievna? Então, pelo fato de teres andado assim entusiasmado com essas ideias novas, tinhas o direito de desprezar o mais importante dos teus deveres? Desculpe-me, por faltar à minha palavra, Natália Nikoláievna. Mas o assunto que agora nos preocupa é mais importante que essa palavra; a senhora mesma há de compreender… Sabes, Alhocha, que eu vim encontrar Natália Nikoláievna tão magoada que se compreende todo o sofrimento que lhe causaste nestes quatro dias, que deviam ter sido afinal os melhores dias da sua vida? Tal conduta, de uma parte, e… palavras, palavras e palavras da outra… Não tenho razão? E podes tu, depois disso, vires acusar-me a mim, sendo tu tão culpado?

O príncipe acabou de falar. Tinha-se deixado arrastar pela sua eloquência e não podia ocultar-nos a sua vitória. Quando Alhocha ouviu falar do sofrimento de Natacha olhou para ela com um olhar desgostoso; mas Natacha já tomara uma resolução:

– Basta, Alhocha, não te preocupes – disse – pelo fato de que outros te joguem culpas. Fica quieto e ouve o que eu vou dizer ao teu pai. Chegou o momento!

– Desculpe, Natália Nikoláievna – insistiu o príncipe. – Peço-lhe respeitosamente. Já há duas horas que ouço falar deste enigma. Isso torna-se insuportável e confesso-lhe que não esperava tal coisa desta entrevista.

– Pode ser que seja assim, porque o senhor pensava deslumbrar-nos com palavras, para que não pudéssemos penetrar as suas intenções secretas. Mas para que explicar-lhe alguma coisa? O senhor sabe tudo e compreende tudo. Alhocha tem razão. O principal desejo do senhor… consiste em separar-nos. O senhor sabia tudo de antemão, quase de cor, tudo quanto ia acontecer aqui depois de terça-feira e contava até com isso. Eu já lhe disse que o senhor não nos tomava a sério, nem a mim nem a esse casamento que planejara. O senhor estava brincando comigo, fazia jogo e perseguia os seus fins. O seu

jogo saiu certo. Alhocha tinha razão quando lhe censurou o fato de o senhor considerar tudo isto como um *vaudeville*. O senhor, pelo contrário, devia até estar contente e não censurar Alhocha porque ele, que não sabe nada, fizesse tudo quanto dele esperava, tudo e talvez mais ainda.

Eu estava atônito. Esperava que, nessa noite, acabasse por dar-se ali alguma catástrofe. Mas a franqueza decisiva de Natacha e o tom claramente depreciativo das suas palavras surpreenderam-me extraordinariamente. "Não há dúvida, ela sabe de fato qualquer coisa", pensava eu e, sem rodeios, decidiu declará-lo. É possível até que tenha esperado o príncipe com impaciência para dizer-lhe tudo na cara. O príncipe empalideceu levemente. O rosto de Alhocha exprimia um medo ingênuo e uma expectativa ansiosa.

– Lembre-se daquilo de que me culpava há um momento – exclamou o príncipe – e medite um pouco nas suas palavras. Eu não as compreendo.

– Ah! De maneira que não quer compreender, nem em duas palavras – disse Natacha – que também ele; também Alhocha o compreendia, como eu, apesar de não nos termos falado nem visto um ao outro? A ele também lhe parecia que o senhor fazia comigo um jogo indigno, ofensivo; mas ele gosta do senhor e tem fé no senhor como num deus. O senhor não achou necessário usar com ele de mais cautela, de mais astúcia; contava que ele não o percebesse. Mas ele tem um coração sensível, terno, impressionável, e as suas palavras, o seu tom, como ele disse, chegaram-lhe ao coração…

– Nada, não compreendo nada! – repetiu o príncipe dirigindo-se a mim com uma expressão do maior assombro, como se me tomasse por testemunha. Estava irritado e excitava-se. – A senhora é desconfiada e está alarmada – continuou, dirigindo-se a Natacha. – Numa palavra, tem ciúmes de Ekatierina Fiódorovna e por isso não se importa de acusar a todos e a mim em primeiro lugar, e… e deixe-me que lhe diga tudo para não se formar uma opinião estranha acerca do seu caráter… Eu não estou acostumado a estas cenas; eu não ficaria aqui nem mais um instante se não fosse por causa do meu filho… Mas não perdi ainda a esperança de ouvir as suas explicações.

– De maneira que o senhor teima em não querer compreender as coisas em duas palavras, quando afinal sabe já tudo de cor e salteado? Quer, a todo custo, que lhe diga tudo por claro?

– É isso mesmo o que eu desejo.

– Bem, então, ouça – exclamou Natacha de olhos chamejantes de ira. – Vou dizer-lhe tudo, tudo…

## Capítulo III

Levantou e começou a falar, de pé, sem reparar nisso. O príncipe escutava-a, escutava-a e levantou também do seu lugar. Essa cena teve um aspecto muito solene.

– Lembre-se das suas próprias palavras de terça-feira passada – começou Natacha. – O senhor disse: "Eu preciso de dinheiro, de caminhos desimpedidos, de uma posição elevada na sociedade…". Lembra-se?

– Lembro.

– Bem; pois, para isso, para conseguir todos esses triunfos, que via escapar-lhe das mãos, é que o senhor veio aqui na terça-feira e planejou este casamento, pensando que esta farsa o ajudaria a recuperar aquilo que lhe fugia.

– Natacha – exclamei eu – vê aquilo que dizes!

– Farsa! Cálculo! – repetia o príncipe com expressão de dignidade ultrajada.

Alhocha estava acabrunhado de desgosto e olhava sem entender quase nada.

– Sim, sim, não me interrompa; eu jurei dizer-lhe tudo – continuou Natacha excitada. – Senão, julgue o senhor mesmo. Alhocha não tinha feito caso do que o senhor lhe dizia. Havia ano e meio que o senhor se esforçava em vão por que ele me deixasse. Ele não se rendia. E de repente houve um momento em que isso se tornou para o senhor

urgente. Deixá-lo escapar a ele e à noiva, ao dinheiro, ao principal… o dinheiro, nada mais, nada menos do que três milhões de dote, que lhe fugiam das mãos. Restava apenas um recurso: que Alhocha criasse amizade por aquela que lhe destinava como noiva; o senhor disse para consigo: “Quando chegar a ganhar-lhe amizade, pode ser que deixe a outra…”.

– Natacha, Natacha! – exclamou Alhocha com tristeza. – Que dizes tu?

– Foi isso o que o senhor fez – continuou ela sem se deter perante o grito de Alhocha – mas… e lá temos outra vez a mesma história. Tudo podia arranjar-se, desde que ele lhe fizesse uma visita. Havia só um coisa em que tinha esperança; o senhor, como homem experiente e esperto, talvez tivesse já observado que Alhocha costumava cansar-se dos seus anteriores afetos. Também não podia ter deixado de reparar que ele começava a prestar-me menos atenção, a aborrecer-se a meu lado, que deixava passar cinco dias sem me ver. “Talvez acabe por cansar-se de todo e por abandoná-la”, quando, de repente, a decisão de Alhocha, na terça-feira passada, o surpreendeu profundamente. Que fazer?

– Com licença – exclamou o príncipe. – Nada disso; esse fato…

– Agora falo eu – atalhou Natacha com altivez – o senhor perguntava a si próprio nessa noite: “Que hei de fazer, agora?”, e decidiu: “Dar-lhe o meu consentimento para que se case com ela, não a sério, mas assim, por boca, só para o calar. A data do casamento pode ser adiada até onde for necessário – pensou o senhor – e entretanto terá já surgido um novo amor”. O senhor já o conhecia. Era precisamente nesse novo amor nascente que o senhor se fundava.

– Romances, romances – exclamou o príncipe em voz baixa, como para si. – Solidão, desvario e leitura, de romances!

– Sim, nesse novo amor fundava o senhor tudo – repetiu Natacha, sem lhe dar ouvidos e sem prestar atenção às suas palavras, cheia de ardor febril e cada vez mais exaltada. – E quantas probabilidades para esse novo amor! Como que começara quando ele nem sequer conhecia todas as perfeições dessa jovem! No mesmo instante em que naquela

noite lhe declarou que a não podia amar, porque há muito amava outra… essa jovem logo lhe mostrou tanta nobreza, tanta simpatia, a ele e à sua rival; logo o desculpou tão amigavelmente que ele, apesar de reconhecer a sua beleza, viu que nunca pensara, até àquele instante, em como ela era formosa. Dali veio ver-me só para me falar dela. Que impressão lhe causara! Sim, no dia seguinte teve de reconhecer a necessidade imprescindível de ver de novo essa criatura tão formosa, ainda que fosse apenas por gratidão. E por que não ir vê-la? A outra, a antiga, essa já não sofre. O seu casamento é coisa decidida: irá pertencer-lhe toda a vida; ao passo que a esta apenas poderá dedicar uns breves momentos. Que ingrata seria Natacha se sentisse ciúmes por esses momentos. Veja como, insensivelmente, foi tirando a essa Natacha, em vez de um minuto, um, dois, três! E durante esse tempo a jovem vai se revelando para ele sob um aspecto novo, totalmente inesperado… é de condição tão nobre… é uma criança tão entusiasta e ingênua… e liga tão bem com o seu feitio… Juram-se amizade, fraternidade. E não querem separar-se toda a vida. "Em cinco ou seis horas de conversa", toda a alma dele se abre a novas emoções e entrega-lhe o seu coração. Já chegou o momento, pensa o senhor. Está fazendo comparações entre o antigo amor e as novas, recentes, sensações: ali tudo é conhecido, constante; ali todos são sérios, exigentes; ali têm ciúmes, mostram-se enfadados, choram e procuram agradar, brincam com ele. Fazem-no, não como a um igual, mas como a uma criança… mas… sobretudo, tudo está como era dantes, tudo é conhecido…

Afogavam-na as lágrimas e soluços ardentes, mas Natacha fez-se forte por um momento.

– Que mais? O tempo! O casamento com Natacha já se não celebrará imediatamente; há muito tempo e pode mudar tudo. E aqui intervêm também as suas palavras, as suas explicações, os seus raciocínios. Pode também caluniar-se essa antipática Natacha, pode-se apresentá-la sob um aspecto pouco favorável, e… em que irá parar tudo isto… não se sabe! Mas a vitória será sua! Alhocha, não me culpes, meu amigo. Não digas que não compreendo o teu amor e que tenho pouco apreço por ele. Olha, sei que ainda me amas e que, neste momento, é muito possível que não percebas as minhas queixas. Sei

que fiz mal e que tudo isto agora o demonstra. Mas que hei de fazer se, apesar de ver tudo isto, te amo cada vez mais!… Completamente… sem pensar!…

Cobriu o rosto com as mãos, caiu na cadeira e rompeu em soluços como uma criança. Alhocha deu um grito e lançou-se para ela. Nunca podia ver sem lágrimas as suas lágrimas.

Os seus soluços prestaram um grande serviço ao príncipe. Todo o arrebatamento de Natacha no decorrer daquela larga explicação, toda a dureza dos seus. ataques (ante os quais, ainda que fosse apenas por decoro, não tinha outro remédio senão mostrar-se ofendido), tudo isso podia agora atribuir-se a um absurdo ataque de ciúmes, a amor ressentido, a doença… Até poderia mostrar-lhe simpatia…

– Tranquilize-se, acalme-se, Natacha Nikoláievna – consolou-a o príncipe. – Tudo isso é efeito da fantasia, de desvario, da solidão… a que ponto a senhora se deixou levar pela sua desvairada conduta… Veja que se trata apenas de perturbação da sua parte. O principal fato que recorda, a cena de terça-feira, deveria mostrar-lhe o infinito afeto dele pela senhora e a senhora vai imaginar…

– Oh! Não me fale, não continue a atormentar-me – cortou Natacha chorando amargamente. – Há muito que o coração me adivinhava tudo isto! Pensa, por acaso, que não noto que já se desvaneceu o antigo amor dele? Aqui neste quarto, sozinha… Quando ele me deixava, esquecia-me. Eu já vivia antecipadamente tudo isto… pressentia tudo. Mas que havia de fazer? Não culpo a ti, Alhocha. Por que é que o senhor me enganava? Pensava acaso que eu não havia de fazer tudo para me enganar a mim mesma?… Oh! Quantas vezes, quantas vezes! Não ouvia eu a voz dele em cada ruído? Não tinha eu aprendido a ler no seu rosto, no seu olhar? Tudo, tudo acabou. Tudo está enterrado… Ai! Que desgraçada sou!

Alhocha chorava diante dela, de joelhos.

– Sim, sim, tenho a culpa de tudo. Tudo aconteceu por minha causa – repetia entre soluços:

– Não, não te culpes, Alhocha… São coisas dos outros, dos nossos

inimigos… São eles… eles!

– Mas permita-me finalmente – começou o príncipe, com certa impaciência – com que fundamento me atribui a senhora todos esses… crimes? Pense que tudo isso são suposições suas, sem a mínima prova…

– Provas! – exclamou Natacha levantando-se rapidamente. – Provas para o senhor, grande traidor! O senhor não podia proceder de outro modo ao vir aqui! O senhor precisava tranquilizar seu filho e adormecer os remorsos, para ele poder entregar-se por completo a Kátia, com maior liberdade e mais tranquilamente! De outro modo, ele havia de se lembrar de mim, não lhe obedeceria, e o senhor estava farto de esperar. Ou não será assim?

– Confesso – respondeu o príncipe com um sorriso sarcástico – que, se quisesse enganá-la, decerto havia de calcular as coisas desse modo. A senhora é muito inteligente, mas veja, é preciso demonstrar tudo isso e só então poderá ofender as pessoas com semelhantes recriminações…

– Demonstrar! Mas… e toda a sua conduta anterior, quando o afastou de mim? Quem ensina seu filho a desprezar deveres como estes e o leva a rir, por vantagens materiais… O que faz é pervertê-lo! Que dizia o senhor, há pouco, desta escada e deste novo quarto? Não lhe retirou a pensão que antes lhe dava, com o fim de o obrigar a deixar-me, assim, pela miséria e pela fome? O senhor tem a culpa deste quarto e desta escada, e vem agora com censuras, grande pérfido! E de onde tirou, naquela noite, tanto ardor, convicção tão nova, tão pouco naturais no senhor? E para que lhe fazia eu tanta falta? Eu andava de um lado para outro no meu quarto, durante esses quatro dias; pensava em tudo, ponderava tudo, cada palavra sua, cada expressão do seu rosto, e convencia-me de que tudo havia sido algo fictício, uma farsa, uma comédia ofensiva, ruim e indigna. Já vê o senhor que o conheço, que o conheço há muito. Cada vez que Alhocha aqui vinha, tendo ido à sua casa, eu adivinhava no seu semblante tudo o que o senhor lhe dissera e sugerira. Compreendia toda a sua influência sobre ele. Não, o senhor não chegou a enganar-me. Talvez pensasse outra coisa… Talvez eu não tenha dito o mais importante;

mas é o mesmo. O senhor queria enganar-me e isso é o principal… e isso eu precisava dizer-lhe cara a cara!

– Mas como! São essas as suas provas? Compreenda, minha senhora: com esse passo (como chama à minha proposta de terça-feira), eu comprometia-me bastante. Teria sido muita leviandade da minha parte.

– Em que se comprometia o senhor? Que significava a seus olhos o fato de me enganar? Que representa semelhante ofensa para uma moça, para uma criança que, além do mais, é uma pobre desgraçada, desprezada pelo pai, indefesa, "Manchada por si mesma, imoral"? Valerá a pena mostrar consideração por ela, se essa farsa trouxer algum proveito, por pequeno que seja?

– Mas em que situação se coloca a si própria, Natacha Nikoláievna. Pense! A senhora insiste em que houve da minha parte uma grave ofensa à senhora. Mas, se se trata de uma ofensa tão grande, tão humilhante, não percebo como é possível expô-la, e menos ainda como se pode insistir nela. É necessário estar acostumada a tudo para admitir essa ofensa tão à-vontade; desculpe-me que o diga. Eu a censuro, na verdade, mas porque vira o meu filho contra mim. Se ele ainda se não revoltou contra mim por sua culpa, o seu coração está contra…

– Não, pai, não! – exclamou Alhocha – ainda que me revolte contra ti, julgo que não podes ofender e não posso crer, também, que fosse possível ofenderes a tal ponto.

– Ouviu? – exclamou o príncipe.

– Natacha, tenho a culpa de tudo, não o culpes a ele. Isso é um grande pecado.

– Ouviste, Vânia? Ele já está contra mim! – exclamou Natacha.

– Basta! – disse o príncipe. – É necessário acabar com esta cena vergonhosa. Este absurdo e furioso ataque de ciúmes, fora de todos os limites, mostra-me o seu caráter sob um aspecto completamente novo para mim. Eu estava enganado. Precipitei-me; sim, precipitei-me. A

senhora nem sequer vê como me ofendeu; isso, a si, não lhe importa. Precipitei-me, procedi levianamente. Claro que a minha palavra deve ser sagrada, mas… sou pai e desejo a felicidade do meu filho…

– O senhor desobriga-se da sua palavra! – exclamou Natacha fora de si. – O senhor alegra-se com o que aconteceu. Pois saiba que eu própria, há uns dois dias, decidi desobrigá-lo a ele dessa palavra. Mas agora lhe declaro diante de todos: desobrigo-me da minha palavra!

– Quer dizer que a senhora procura talvez despertar nele todas as antigas inquietações, o sentimento do dever, "a noção das suas obrigações", como há pouco dizia, para assim se assegurar do seu apego como antes. Isso está mais de acordo com a sua teoria (e eu digo o mesmo), mas basta; o tempo decidirá. Aguardarei momentos de mais calma para ter uma explicação com a senhora. Espero que não vamos cortar definitivamente as nossas relações. Espero também que a senhora aprenda a conhecer-me melhor. Eu também queria comunicar-lhe hoje os meus projetos acerca de seus pais, projetos pelos quais poderia ver… Mas basta! Ivan Pietróvitch – acrescentou aproximando-se de mim – agora mais do que nunca ficarei agradecido por conhecermo-nos com mais familiaridade, não falando já do meu antigo desejo. Espero que me entenderá. Dentro de dias vou passar por sua casa, permite-me?

Eu lhe fiz um cumprimento. Parecia-me que já o não podia evitar. Ele me apertou a mão, fez, em silêncio, uma reverência a Natacha, e saiu com ar de dignidade ofendida.

## Capítulo IV

Durante alguns minutos nenhum de nós pronunciou uma palavra. Natacha permanecia triste, pensativa e deprimida. Toda a sua energia a abandonara. Olhava abstrata, sem nada ver, como que ausente, e segurava entre as suas as mãos de Alhocha. Este, imóvel, chorava a sua dor, olhando às vezes para ela com curiosidade discreta.

Finalmente, começou a consolá-la, com certa timidez. Pediu-lhe que se não aborrecesse e culpou-se de tudo. Era evidente que queria

desculpar o pai e estava nisto a sua maior preocupação. Por mais de uma vez começou a falar dele; mas não se atreveu a falar com clareza, temendo causar novo aborrecimento a Natacha. Jurou-lhe amor eterno; inalterável; e desculpou-se com veemência pelas suas relações com Kátia. Repetia constantemente que só queria a Kátia como a uma irmã, como a uma boa e terna irmã, a quem não é possível abandonar – o que seria uma grosseria e uma crueldade da sua parte. E continuava a assegurar que quando Natacha a conhecesse, imediatamente ambas se fariam amigas e já nunca se haviam de separar; e então acabariam todas as desavenças. Esse pensamento era-lhe especialmente grato. O pobrezinho não mentia. Não compreendia o alarme de Natacha e, de modo geral, o que ela há pouco dissera a seu pai. Compreendia apenas que ambos tinham discutido e isto pesava como uma pedra sobre o seu coração.

– Tu me culpas por causa de teu pai? – perguntou-lhe Natacha.

– Mas… posso eu acusar alguém – respondeu ele com amargura – quando sou eu quem tem a culpa de tudo? Fui eu quem te levou a esse extremo de cólera, e na tua cólera chegaste a culpá-lo, porque querias justificar-me. Tu procuras sempre desculpar-me e eu não mereço. Era preciso buscar um culpado, e tu pensaste que era ele. Mas ele, realmente, não tem culpa alguma – exclamou Alhocha anelante. – E foi para isto que ele veio! Por certo que não esperava!…

Mas, ao ver que Natacha o olhava com tristeza e inflexibilidade, perdeu as forças.

– Bem! Não voltarei a fazê-lo, não voltarei! Perdoa-me! – exclamou. – Sou eu o culpado de tudo.

– Sim, Alhocha – continuou ela com fadiga. – Agora ele interpôs-se entre nós e estragou a nossa paz para toda a vida. Tu sempre tiveste mais confiança em mim do que em ninguém, mas agora ele insinuou no teu coração uma suspeita contra mim: a incredulidade. Tu me acusas. Ele me tirou metade do teu coração. Há uma sombra entre nós.

– Não fales assim, Natacha! Por que dizes tu que “há uma sombra entre nós”? – aquela expressão caíra-lhe mal.

– Com falsa bondade, com generosidade fingida, conseguiu atrair-te – prosseguiu Natacha – e, de hoje em diante, mais te indisporá contra mim.

– Juro-te que não será assim! – exclamou Alhocha, embora sem grande ardor. – Ele estava irritado ao dizer que "procedera levianamente"… Verás, amanhã ou depois, como ele se justifica. E se estivesse tão aborrecido que se opusesse ao nosso casamento, então juro-te que lhe desobedeceria… Não me falta resolução para isso. E, olha, sabes quem nos vai ajudar? – exclamou, entusiasmado com a ideia. – Pois vai ser Kátia! Vais ver que boa ela é! Vais ver se ela pretende ser tua rival e separar-nos… Que injusta foste há pouco, ao dizer que eu sou dos que podem esquecer o seu amor no dia seguinte ao casamento! Quanto me custou ouvir-te! Não, eu não sou desses, e se vou com frequência ver Kátia…

– Basta, Alhocha, vai vê-la quando quiseres. Eu não me referira a isso: não posso exigir do teu coração mais do que ele pode dar-me…

Entrou Mavra.

– Então? Trago o chá ou não? Com todas estas zangas, o samovar já ferve há duas horas. São onze.

Falava aborrecida e com mau modo. Via-se claramente que estava fora de si e aborrecida com Natacha. A verdade é que, desde terça-feira, mostrara-se sempre tão entusiasmada com a ideia de que a sua menina (a quem tinha grande afeto) ia casar, que já se apressara a divulgar a notícia por toda a casa e pela vizinhança, na loja e na porteira. Estava muito presumida e contava com solenidade que o príncipe – uma pessoa de grande importância, extraordinariamente rico – fora em pessoa pedir a mão da sua menina, e que ela, Mavra, pudera ouvir tudo com os seus próprios ouvidos. E agora tudo estava perdido. O príncipe saíra dali como uma fúria e os outros já não queriam o chá. Claro que a culpada era apenas a sua menina: Mavra ouvia-a tratar o príncipe sem nenhum respeito.

– Bem… traz o chá – respondeu Natacha.

– E trago também os aperitivos?

– Pois sim, traga também. – E Natacha sorriu.

– Tinha preparado tudo – continuou Mavra. – Desde ontem que não descanso. Fui buscar vinho em Niévski, mas… – e saiu, batendo, aborrecida, com a porta.

Natacha corou e olhou-me de modo algo estranho. Depois serviu-me o chá e uma refeição ligeira: peixe, duas garrafinhas de um vinho excelente de Elissiéiev.[31] “Para quem teria preparado tudo isto?” – pensei eu.

– Olha, Vânia, vê como eu sou – disse Natacha, sentando-se à mesa e olhando-me algo confusa. – Meu coração adivinhava como tudo isto ia acabar e, não obstante, pensava que talvez não acabasse deste modo. Alhocha vinha, fazíamos as pazes, verificava-se que todas as minhas suspeitas eram injustas, eu convencia-me disso e… pronto, mandei preparar um lanche. “Que, importa? – pensava. – Conversaremos, ficaremos sentados…”

Pobre Natacha! Como corou ao dizer isto! Alhocha entusiasmou-se

– Pois já vês, Natacha! Tu própria não acreditavas no que pensavas; há tempo não acreditavas nas tuas suspeitas. Não, é preciso reparar tudo. Eu sou o culpado, sou o causador de tudo, e tenho de arranjar as coisas. Natacha, deixa-me ir falar com meu pai. Preciso vê-lo; está ofendido, pesaroso. É preciso consolá-lo. Vou lhe dizer tudo, tudo o que me respeita, apenas o que me respeita. Não te misturarei em nada. Hei de arranjar tudo… Não te aborreças comigo por ter tanta pressa de o ir ver, deixando-te. Não se trata disso; é que ele me faz pena. Depressa se há de justificar para contigo, verás… Amanhã, ao amanhecer, estarei aqui, passarei todo o dia contigo e não irei ver Kátia.

Natacha não o reteve, mas ela própria o aconselhou a ir. Receava horrivelmente que Alhocha viesse passar com ela um dia inteiro “à força”, e que se aborrecesse na sua companhia. Só lhe pediu que a não mencionasse e esforçou-se por sorrir, com a maior alegria possível, ao despedir-se dele. Ele, por sua vontade, teria ido imediatamente embora; mas aproximou-se dela, segurou-lhe as mãos e sentou a seu

lado. Contemplou-a com ternura inexprimível.

– Natacha, minha amiga, meu anjo, não te aborreças comigo, não briguemos. Dá-me a tua palavra de que sempre hás de crer no que te digo, como eu creio em ti. Ouve, meu anjo, o que vou contar. Brigamos uma vez, já não me lembro por quê. Tive eu a culpa. Estivemos algum tempo sem nos vermos. Eu não queria pedir perdão em primeiro lugar, mas isso causava-me uma tristeza horrível. Andava de um canto para outro pela cidade, espreitava por todos os lados, ia ver os meus amigos, e tinha o coração tão triste, tão triste… E então pensei: "E se ela, por acaso, adoecer e morrer?" E ao pensá-lo senti uma tristeza tão grande, como se na verdade te tivesse perdido para sempre. Os meus pensamentos eram cada vez mais tristes, mais estranhos. E foi então que, pouco a pouco, comecei a imaginar que ia à tua sepultura e caía sem sentidos sobre ela, a ela me abraçava e morria de dor. Pensei também que me punha a beijar a tua sepultura e que te pedia que saísses dela, ao menos por um momento… e pedia a Deus um milagre: que, mesmo por breves momentos, te ressuscitasse. Pensava como te iria abraçar, como te beijaria… E morreria ali mesmo, completamente feliz, por ter podido abraçar-te como dantes, embora apenas durante um breve instante. Imaginando tudo isto, disse para comigo, de repente: "Vou pedir a Deus que a devolva por um instante e vou dizer-lhe: Há seis meses vivemos juntos e, durante eles, quantos dias não estivemos sem nos falarmos. Estivemos zangados dias inteiros, desperdiçando a nossa felicidade. Mas agora, por, um minuto, vou levantar-te da sepultura e estou disposto a pagar este minuto com a minha vida…". Ao pensar tudo isto, não pude conter-me e corri para ti. Corri para aqui, e tu já estavas à minha espera. Quando nos abraçamos, depois daquela zanga, lembro-me de que te apertei muito contra o meu peito, como se te quisesse sufocar. Natacha, não voltemos a zangar-nos – nunca mais! Quanto me custa tudo isto! E é possível, Senhor, pensar que eu sou capaz de te abandonar?

Natacha chorava. Abraçaram-se com força um ao outro e Alhocha mais uma vez lhe jurou que nunca a abandonaria. Depois saiu a correr, à procura do pai. Estava plenamente convencido de que tudo se arranjaria, de que tudo havia de acabar bem.

– Acabou tudo! Tudo se desfez! – disse Natacha, apertando-me convulsivamente a mão. – Ainda me ama e nunca deixará de me querer; mas também ama Kátia e, dentro em pouco, há de amá-la mais do que a mim. Mas esse malvado do pai dele não se deixará dormir, e então…

– Natacha! Eu também penso que o príncipe não age honradamente, mas…

– Tu não acreditas em tudo o que disse. Vi na tua cara. Mas, por Deus, tu mesmo o estás vendo: tinha ou não razão? E todavia olha que eu falava em termos gerais. Deus sabe o que ele estará maquinando; é um homem terrível. Passei aqui estes quatro dias, aqui neste quarto, e adivinhei tudo. Ele precisava aliviar, distrair o coração de Alhocha da sua dor, que o impedia de viver, pela responsabilidade do amor que me tinha. E pensou nesse casamento, ao mesmo tempo com intenção de se interpor entre nós com a sua influência e de deslumbrar Alhocha com a sua nobreza e generosidade. É esta a verdade, a verdade, Vânia. Alhocha tem precisamente esse caráter. Inquietava-se pela minha sorte: o seu sobressalto era por mim. Ele havia de dizer: "Agora ela é minha mulher, *in aeternum*", e involuntariamente iria prestando mais atenção a Kátia. O príncipe, sem dúvida, estudaria essa Kátia e adivinharia que era quem convinha a Alhocha, que poderia distraí-lo mais do que eu. Oh! Vânia, cifram-se agora em ti todas as minhas esperanças. Ele, não sei por que, quer relacionar-se contigo, fazer amizade. Não o afastes: procura, *golubtchik*, por amor de Deus, ir quanto antes por casa da condessa. Trava relações com essa Kátia, olha-a bem e diz-me como é. Preciso que ponhas nela os olhos. Ninguém me entende como tu, e vês como isso me é necessário. Observa também até que ponto se fizeram amigos, o que há entre eles, de que falam. Kátia, Kátia sobretudo, olha-a bem. Demonstra-me também agora, querido, meu querido Vânia, demonstra-me também agora a tua amizade. Em ti, só em ti, tenho agora posta a minha esperança…

Quando voltei a casa era uma hora da noite. Nelly veio abrir-me a porta com uma carinha de sono. Sorria e olhava-me, carinhosa. A pobrezinha estava triste por se ter deixado adormecer. Empenhava-se sempre em esperar-me. Disse que fora procurar-me um indivíduo e

que, depois de esperar um pouco, acabara por me deixar um bilhete em cima da mesa. O bilhete era de Maslobóiev. Convidava-me a ir a sua casa, no dia seguinte, à uma hora. Eu quis interrogar Nelly, mas deixei isso para o outro dia, insistindo para que se fosse deitar; a pobrezinha já estava cansada de me esperar e só se deixara adormecer uma meia hora antes da minha chegada.

## Capítulo V

No outro dia, Nelly contou-me coisas muito estranhas acerca do visitante da véspera. Além do mais, já era estranho que tivesse ocorrido a Maslobóiev ir ver-me naquela noite. Ele, certamente, sabia que eu não estava em casa; eu mesmo o avisara na nossa última entrevista, lembrava-me muito bem. Nelly disse-me que, de início não quisera abrir-lhe a porta, por ter medo: eram oito da noite. Mas ele insistiu, através da porta fechada, afirmando-lhe que, se me não deixasse um aviso, poderia suceder-me algo desagradável no dia seguinte.

Assim que ela o mandou entrar, garatujou umas linhas, aproximou-se dela e sentou a seu lado no divã. "Eu me pus de pé e não quis dar-lhe conversa, contou-me Nelly – eu sentia muito medo; ele se pôs a falar-me da Bubnova, de como está aborrecida, de que já se não atreveria a vir-me buscar. E depois começou a falar-me do senhor, disse que era muito seu amigo e que o conhecia desde rapaz. Então comecei a falar-lhe. Ele pegou num embrulhinho com doces e pediu-me que os aceitasse. Eu não queria, mas ele procurou convencer-me de que era uma boa pessoa, que sabia cantar coplas e dançar, saltou do lugar e pôs-se a fazer piruetas. Estava cheia de vontade de rir… Então ele disse que esperaria mais um bocado: 'Esperarei por Vânia, pode ser que volte'. Insistiu muito para que eu não tivesse medo e sentasse a seu lado. Sentei, mas não queria falar com ele. Então disse-me que conhecera a minha mãezinha e o avozinho. Comecei logo a falar, e ele esteve sentado muito tempo."

– E de que falaste?

– Ora… Da minha mãezinha, da Bubnova, do avozinho. Demorou

aqui duas horas.

Parecia que Nelly não queria dizer-me de que tinham falado. Nada lhe perguntei, esperando saber tudo pelo próprio Maslobóiev. Só me parecia que Maslobóiev fora intencionalmente procurar-me durante a minha ausência, para encontrar Nelly sozinha. “Por que teria feito isso?”, perguntei a mim mesmo.

Ela me mostrou três doces que ele lhe dera. Eram de açúcar pilé, embrulhados em papeizinhos verdes e vermelhos. Não prestavam e deviam ter sido comprados numa mercearia. Nelly sorria ao mostrá-los.

– Mas… não os comeste? – perguntei-lhe.

– Não os quero – respondeu muito séria, franzindo o sobrolho. – Nem sequer os aceitei por minhas mãos; foi ele que os deixou no divã…

Naquele dia devia dar muitas voltas. Resolvi despedir-me de Nelly.

– Aborrece-te estar só? – perguntei-lhe ao sair.

– Sim e não. Só me aborrece por o senhor estar fora muito tempo.

E olhou-me com muita ternura ao dizer-me aquilo. Toda aquela manhã me olhou com uns olhos cheios de meiguice e parecia tão alegre, tão carinhosa e, ao mesmo tempo, tão envergonhadinha e até inquieta, como se receasse contrariar-me, perder a minha estima. E… parecia também como que sufocada.

– E por que é que te não aborreces? Disseste “que sim e que não”… – perguntei eu, sorrindo sem querer, tão grata e querida me era.

– Sei muito bem por que – respondeu sorrindo e voltando-se, corada de vergonha.

Falávamos junto da porta aberta. Nelly estava de pé, diante de mim, com os olhos baixos, uma das mãos apoiada no meu ombro e a

outra ocupada em beliscar-me na manga do sobretudo.

– Como? É segredo? – perguntei.

– Não, nada disso. É que eu comecei a ler o seu livrinho, sem o senhor aqui estar – murmurou em voz baixa e, levantando para mim um olhar terno e compreensivo, pôs-se muito vermelha.

– Ah! sim! E gostas?

Eu experimentava a confusão do autor a quem elogiam cara a cara. Deus sabe quanto daria para poder beijá-la naquele instante, mas não era possível fazê-lo. Nelly calou-se. Depois perguntou-me:

– Por que é, por que é que ele morre?

A sua expressão refletia uma pena profunda. Lançou-me um olhar rápido e depois baixou de novo os olhos.

– Ele quem?

– Ora… O rapazinho tísico… o do livro…

– Não podia fazer outra coisa, Nelly.

– Podia, sim! – respondeu ela quase em voz baixa, mas rapidamente, quase com mau humor. Franziu os lábios e pôs, ainda mais obstinadamente, os olhos no chão. Passou um minuto.

– Mas ela… bem, eles… a mocinha e o velho[32] – murmurou, enquanto continuava a puxar-me a manga ainda com mais força – chegam a viver juntos? E deixam de ser pobres?

– Não, Nelly. Ela vai para longe, casa com um proprietário; e ele fica só – respondi com pena, lamentando efetivamente não poder dizer nada mais consolador.

– Ah! Bem, bem! Então é assim? Oh! Então… já não quero lê-lo.

E, com pesar, soltou a minha mão, afastando-se rapidamente de mim; dirigiu-se para a mesa e voltou o rosto para a parede, os olhos postos no chão. Estava muito corada e respirava nervosamente como

que devido a algum grande desgosto.

– Basta, Nelly. Aborreceste-te? – disse, aproximando-me dela. – Olha que nada disso é verdade, é uma coisa escrita, uma ficção. Bem! Vais aborrecer-te por isso? Que criaturinha sensível tu és!

– Eu não estou aborrecida – respondeu timidamente, levantando para mim uns olhos cheios de luz e de carinho. E, de repente, apertou-me a mão, encostou o rosto ao meu peito e desatou a chorar.

Mas, no mesmo instante, pôs-se a rir… e ria e. chorava ao mesmo tempo. A mim também me apeteceu rir e senti como que… alegria. Mas ela nem por sombras queria olhar para mim; quando eu tentei afastar a sua carinha do meu ombro, segurou-se a ele ainda com mais força, rindo-se cada vez com mais gosto.

Finalmente, terminou aquela cena sentimental. Despedimo-nos; eu estava com pressa. Nelly, toda afogueada, como que cheia ainda de vergonha e com olhos muito brilhantes, veio correndo atrás de mim até à escada, pedindo-me que voltasse depressa. Prometi-lhe regressar, infalivelmente, à hora de jantar, sendo possível ainda antes.

A primeira coisa que fiz foi ir ver os velhos. Achavam-se ambos mal. Anna Andriéievna estava muito doente; Nikolai Sierguiéitch encontrava-se no seu gabinete. Sentiu-me chegar, mas eu sabia que, como de costume, só se apresentaria passado um quarto de hora, a fim de nos dar tempo de falar. Eu não queria incomodar Anna Andriéievna e, assim, adocei quanto pude o meu relato sobre a noite anterior, embora dizendo toda a verdade. Com grande espanto meu, a velhinha, embora ficasse triste, pareceu receber sem surpresa a notícia de uma possível ruptura.

– Bem, *bátiuchka*, bem me parecia – disse-me ela. – O senhor já vê… Há muito que eu penso e vejo que aquilo não podia ser. Não merecíamos, valha-nos Deus, um homem tão desavergonhado. Que coisas boas podiam esperar-se dele? Brincando, brincando, deve-nos dez mil rublos. Ele sabe que os deve, mas não os paga. Tira-nos o último pedaço de pão, põe à venda a lkhmiênievka. Natacha é justa e inteligente em não dar crédito à sua palavra. Mas o senhor não sabe – continuou em voz baixa – o que diz o meu…? Pois que é

absolutamente contrário a esse casamento. Pronunciou-se contra. “Não quero”, diz ele. Eu, primeiro, pensava que ele havia de transigir; mas não, é a sério. E que vai ser dela, da minha pombinha? Por que, nesse caso, ele vai amaldiçoá-la. Mas, bem; e Alhocha? E ele o que diz?

Fez-me muitas perguntas e, segundo o seu costume, suspirava e dava mostras de grande aflição a cada resposta minha. Eu já observara que ela, nos últimos tempos; estava completamente abatida. Qualquer notícia lhe fazia profunda impressão. A ofensa feita a Natacha feria de morte o seu coração e a sua saúde.

O velho entrou, de roupão e chinelos. Queixava-se de febre, mas olhou a esposa com ternura. Durante todo o tempo que lá estive, atendeu a mulher como uma enfermeira, olhando-a nos olhos e como que corando na sua presença. Quanta ternura havia no seu olhar! Estava alarmado pela doença dela. Pressentia que tudo lhe faltaria na vida quando ela lhe faltasse.

Estive com eles uma hora. Ao despedir-me, Nikolai Sierguiéitch veio comigo até ao vestíbulo e falou-me de Nelly. Tinha o firme propósito de a levar para sua casa, em lugar da filha. Queria resolver comigo a maneira de convencer Anna Andriéievna. Perguntou-me por Nelly com muita curiosidade… se eu não tinha nada de novo para lhe contar a seu respeito. Contei-lhe tudo rapidamente. As minhas palavras impressionaram-no.

– Voltaremos a falar disto! – disse com decisão. – Mas, entretanto… quanto ao mais, eu mesmo irei a tua casa, quando me sentir melhor. Resolveremos então.

Ao meio-dia em ponto já eu estava em casa de Maslobóiev. Com grande espanto meu, a primeira pessoa com quem encarei foi o príncipe. Estava no vestíbulo, vestindo o casaco, ajudado solicitamente por Maslobóiev, que lhe oferecia também a bengala. Já me falara da sua amizade com o príncipe, mas, apesar de tudo, aquele encontro deixou-me estupefato.

O príncipe pareceu contrariado ao ver-me.

– Ah! É o senhor! – exclamou com demasiada veemência. – Olhem

que encontro! O senhor Maslobóiev me estava precisamente dizendo que são amigos. Muito prazer, muito prazer, muitíssimo prazer em vê-lo. Estava justamente pensando em visitá-lo; espero fazê-lo quanto antes. Dá-me licença? Tenho de fazer-lhe um pedido: ajude-me, explique-nos a nossa atual situação. Decerto já percebeu que me refiro ao que se passou ontem à noite… O senhor é um amigo da casa, seguiu todo o desenrolar dos acontecimentos, tem influência… Sinto muito não poder falar-lhe agora… Mas, dentro de dias, o mais cedo possível, terei o prazer de o visitar. Agora…

Apertou-me fortemente a mão, trocou um olhar com Maslobóiev e foi-se embora.

– Diz-me, por Deus!… – comecei, ao entrar no quarto.

– Não posso dizer-te absolutamente nada – cortou Maslobóiev, apanhando à pressa a boina e dirigindo-se para o vestíbulo. – Coisas! Eu, meu caro, tenho que fazer, estou atrasado…

– Mas lembra-te de que me escreveste convocando-me para o meio-dia.

– Que importa que te escrevesse? Ontem escrevi-te, mas hoje escreveram-me a mim; estou com a cabeça rodando… Que coisa! Esperam por mim. Perdoa, Vânia! Tudo o que posso fazer é consentir que me batas por te ter incomodado inutilmente. Se queres, bate-me. Mas, por Cristo, vamos depressa. Não digas nada, que tenho muita pressa…

– Mas, por que havia eu de bater-te? Já que tens de fazer, apressa-te, porque há sempre que contar com o imprevisto. Apenas…

– Não sobre esse apenas já te direi – atalhou, saindo para o vestíbulo e pondo o sobretudo. Eu vesti também o sobretudo. – Também tenho de falar contigo, e por um motivo muito importante. Por isso te chamei. Diz-te respeito diretamente, a ti e aos teus interesses. Mas assim, em tão pouco tempo, é-me impossível contar-te tudo. Mas, pelo amor de Deus, dá-me a tua palavra de que voltas aqui ainda hoje, esta noite, às oito em ponto, nem antes nem depois. Estarei em casa.

– Hoje… – disse eu indeciso – esta noite, tenho de ir …

– Mas vai, meu caro, vai imediatamente onde querias ir e vem à noite ver-me. Porque, Vânia, nem sequer podes imaginar tudo quanto tenho para te dizer.

– Bem, bem. Mas de que se trata? Confesso que me enches de curiosidade.

Com tudo isto tínhamos saído de casa e estávamos já a meio do passeio.

– Então; virás? – perguntou-me receoso.

– Já te disse que sim.

– Não, dá-me a tua palavra de honra.

– Como tu estás! Bem! Palavra de honra.

– Ótimo. Muito obrigado. Por onde vais?

– Por ali – respondi, apontando para a direita.

– Eu vou por aqui – disse ele indicando a esquerda. – Adeus, Vânia! Lembra-te: às oito.

“É estranho”, pensei, seguindo-o com o olhar.

Naquela noite eu queria ir ver Natacha. Mas, como combinara com Maslobóiev, resolvi dirigir-me logo à sua casa. Estava convencido de que lá iria encontrar Alhocha e, na verdade, ele lá estava e ficou muito contente quando me viu entrar.

Estava muito carinhoso, extraordinariamente terno com Natacha, e até se alegrou muito com a minha visita. Natacha, embora se esforçasse por parecer alegre, via-se bem que a sua alegria era fictícia. Tinha cara de doente, estava pálida; dormira mal na noite anterior. Mostrava-se carinhosa para Alhocha, mas de maneira forçada.

Alhocha, apesar de falar muito e contar muitas coisas, desejoso, ao que parece; de alegrá-la e arrancar um sorriso dos seus lábios, que

ela involuntariamente mantinha apertados, notava-se que evitava falar de Kátia e do pai. Provavelmente não obtivera êxito a sua tentativa de reconciliação.

– Sabes uma coisa? Está cheio de pressa de me deixar – murmurou Natacha apressadamente, enquanto Alhocha saiu para dizer qualquer coisa a Mavra – e tem medo de o dizer. Eu também não me atrevo a dizer-lhe que se vá, porque então, com certeza, vai insistir em ficar e o que eu mais receio é que ele se aborreça e se afaste totalmente de mim. Que fazer?

– Meu Deus, em que situação se colocam ambos perante a senhora! Que desconfiados, e como se espiam! Que um se explique, e acabou-se. De contrário, pode ser que esta situação acabe efetivamente por aborrecê-lo.

– Mas, como fazer? – exclamou ela assustada.

– Deixa estar que eu arranjarei tudo…

E entrei na cozinha com o pretexto de pedir a Mavra que me limpasse uma das galochas que estavam sujas.

– Cuidado, Vânia! – gritou ela.

No momento de entrar na cozinha, Alhocha precipitou-se para mim como se já me esperasse.

– Ivan Pietróvitch, meu caro amigo, que hei de eu fazer? Aconselhe-me. Empenhei ontem a minha palavra em como estaria hoje, precisamente a esta hora, em casa de Kátia! Não posso faltar! Eu quero a Natacha como não sei a quem, por ela me lançaria no fogo; mas concorde que é impossível deixar a outra abandonada…

– Bem, então ande, vá-se embora.

– E como deixar Natacha? Vai ficar ofendida. Ivan Pietróvitch, veja se pensa em qualquer coisa…

– O que penso é que o melhor é ir-se embora. Sabe como ela lhe quer…vai julgar que se aborrece junto dela e que vem aqui à força. O

melhor é proceder com naturalidade. Além disso, eu vou ajudá-lo.

– Querido Ivan Pietróvitch! Que bom que é!

Entramos. Passado um minuto disse-lhe:

– Acabo de ver seu pai.

– Onde? – exclamou ele assustado.

– Na rua, por mero acaso. Esteve comigo um momento e mais uma vez manifestou o desejo de sermos amigos. Perguntou-me pelo senhor, se eu sabia onde estava, pois precisava muito vê-lo, para dizer-lhe não sei quê.

– Ai, Alhocha, anda, vai procurá-lo! – insistiu Natacha, compreendendo o meu intuito.

– Mas… onde vou eu encontrá-lo agora? Estará em casa?

– Não, lembro-me de ele ter dito que ia à casa da condessa…

– Bem, então… – exclamou ingenuamente Alhocha, olhando, triste, para Natacha.

– Ai, Alhocha, vamos ver! – disse. – Queres deixar essa amizade para me tranquilizar? Não compreendes que isso é infantil? Em primeiro lugar é impossível, e em segundo procederias como um ingrato para com Kátia. Vocês são amigos! Será possível, por acaso, romper tão bruscamente as vossas relações? Finalmente, confesso que me ofendes julgando-me tão ciumenta. Anda, vai imediatamente, peço-te. Assim também o teu pai ficará tranquilo.

– Natacha, meu anjo, não valho nem o teu. dedo mindinho! – exclamou Alhocha, entusiasmado e contrito. – És tão boa, ao passo que eu… eu… ! Bem, quero que saibas: há pouco pedi a Ivan Pietróvitch na cozinha, que me ajudasse a ir embora. E foi ele quem se lembrou disto. Mas não me julgues mal, meu anjo, Natacha. Não sou inteiramente culpado, porque te quero mil vezes mais que a toda a gente e porque me ocorrera uma ideia nova: abrir-me com Kátia e expor-lhe a minha situação atual e tudo o que ontem aqui se passou.

Ela há de pensar em alguma coisa para nos salvar; ela nos tem tanta afeição…

– Bem, vai! – respondeu Natacha sorrindo. – E quero que saibas, meu amigo, que eu também tenho muito gosto em conhecer Kátia. Como havemos de fazer para conseguir isto?

O entusiasmo de Alhocha não tinha limites. Depois começou a pensar no modo como haviam, de travar conhecimento. Segundo ele, era muito simples: Kátia já pensara nisso. Desenvolveu a sua ideia com ardor, com veemência. Prometeu que voltaria com a resposta no mesmo dia, daí a duas horas, e que passaria o serão com Natacha.

– De verdade que vens? – perguntou Natacha, empurrando-o.

– Duvidas por acaso? Adeus Natacha, adeus minha querida… minha sempre muito querida. Adeus, Vânia. Ai, meu Deus, chamei-o Vânia sem querer. Ouça, Ivan Pietróvitch: eu o estimo muito, por que não havemos de tratar-nos por "tu"?

– Bem, tratemo-nos por tu.

– Graças a Deus! Já pensei nisto cem vezes. Só não me atrevia a dizer. Mas veja como continuo a tratá-lo por "senhor". É muito difícil acostumarmo-nos ao tratamento por "tu". Tolstói nota-o muito bem, numa das suas obras. Dois amigos juram tratar-se por tu e nenhum deles consegue acostumar-se a isso, ambos evitam empregar frases em que entrem pronomes. Natacha, leste *Infância e adolescência*? Se visses como está bem escrito!

– Mas vai, vai – e Natacha empurrava-o, rindo. – Põe-se a falar, a falar, de alegre que está…

– Adeus. Até logo, dentro de duas horas.

Beijou-lhe a mão e saiu correndo.

– Viste, viste, Vânia? – exclamou ela, rompendo a chorar.

Fiz-lhe companhia durante duas horas, consolei-a e consegui convencê-la. Claro que tinha razões de sobra para o seu alarme. Meu

coração se enchia de pena ao pensar na sua situação. Receava por ela. Mas que fazer?

Alhocha também me causava estranheza; amava-a, não menos que antes, mais ainda talvez, com mais força e ânsia, por arrependimento e gratidão. Mas, ao mesmo tempo, apoderara-se fortemente do seu coração um novo amor. Em que daria tudo aquilo… era impossível prevê-lo. Eu experimentava uma grande curiosidade de conhecer Kátia; mais uma vez prometi a Natacha fazer com que me apresentassem a ela.

Por fim, pareceu alegrar-se. Entre outras coisas, falei-lhe de Nelly, de Maslobóiev e da Bubnova. Contei-lhe o meu encontro com o príncipe em casa de Maslobóiev e participei-lhe a minha combinação para as oito. Tudo a interessou muitíssimo. Falei pouco dos velhos e não quis falar-lhe de Ikhmiêniev antes da devida altura; o projetado duelo de Nikolai Sierguiéitch com o príncipe poderia alarmá-la. Também lhe referi as estranhas relações do príncipe com Maslobóiev e o seu vivo desejo de estabelecer relações comigo, o que se explicava bem pela atual situação…

Às três horas voltei para casa. Nelly veio receber-me, com o seu luminoso rostinho…

## Capítulo VI

Às sete em ponto da noite estava eu em casa de Maslobóiev. Veio receber-me efusivamente e de braços abertos. Não é preciso dizer que estava completamente embriagado. Mas o que mais me impressionou foram os extraordinários preparativos feitos para a minha visita. Saltava à vista o que me esperava. Um belo samovar de ouro e cobre fervia sobre mesa redonda, coberta com uma linda toalha, que devia ter sido muito cara. O serviço de chá era de cristal, prata e porcelana. Noutra mesa, coberta com uma toalha doutro gênero, mas não menos valiosa, havia em diversos pratos doces, frutas de Kiev maduras ou secas, marmeladas, pastilhas doces, geleias, pastéis franceses, laranjas, maçãs e três ou quatro variedades de nozes. Numa palavra, uma completa confeitaria. Numa terceira mesinha, coberta com uma toalha

branca como neve, havia grande variedade de aperitivos, caviar, queijo, empadinhas, presunto, peixes, e uma fieira de magníficas garrafas de cristal com licores de várias marcas e de cores muito atraentes: verdes, vermelhas, canela e ouro. Finalmente, numa mesinha posta de lado, mas ainda assim coberta com um pano branco, havia duas garrafas de champanhe. Na mesa defronte do divã erguiam-se três garrafas: Sauternes, Laffitte e conhaque – garrafas paradisíacas e caríssimas. Junto da mesinha de chá estava sentada Alieksandra Siemiônovna, em traje simples e modesto, embora visivelmente rebuscado, e que lhe ficava muito bem. Compreendia quem iria à sua casa e era evidente que fazia gala nisso. Ao receber-me, levantou com certa solenidade. A satisfação e o contentamento espalhavam-se no seu fresco semblante. Maslobóiev calçava umas lindíssimas babuchas chinesas, vestia um roupão de preço e deixava ver uma roupa interior elegante e aparatosa… Na sua camisa, onde quer que se pudessem prender, mostrava botões e broches à moda. Tinha o cabelo penteado, untado com cosmético, e com risco ao lado, segundo a moda.

Estava tão surpreendido que me detive no meio do quarto e pus-me a olhar de boca aberta, ora para Maslobóiev, ora para Alieksandra Siemiônovna, cuja satisfação raiava pela beatitude.

– Mas, que é isto, Maslobóiev? Tens festa esta noite? – exclamei, finalmente, inquieto.

– Não, só te esperava a ti – respondeu solenemente.

– Mas, e isso? – e apontei os aperitivos. – Há aí o suficiente para abastecer um exército completo!

– E para lhe dar de beber… esquecias o principal; para lhe dar de beber – acrescentou Maslobóiev.

– Tudo isso só por mim!

– E por Alieksandra Siemiônovna. Preparou tudo com tanto gosto…

– Bem, já me queria parecer! – exclamou, corando, Alieksandra

Siemiônovna, mas sem perder o seu ar de satisfação. – Não se pode receber dignamente um hóspede?… Sou sempre eu a culpada de tudo!

– Esta mesma manhã, já podes ver, desde esta mesma manhã, quando soube que virias à noite, não parou um momento. Esteve tão atarefada!

– Sim, sim! Mas não desde esta manhã; desde ontem à noite que o sabia. Quando vieste, disseste-me que íamos ter visitas.

– Ouviste mal.

– Não ouvi mal; foi o que tu disseste. Eu nunca minto. E por que não receber as visitas? Passam-se dias e dias sem que ninguém nos venha ver… Já que temos de tudo, que as pessoas vejam que nós também sabemos viver.

– E que vejam o principal: como é diligente e hábil a dona da casa – acrescentou Maslobóiev – já vês, amiguinho, porque é que eu terei caído aqui. Bordam-me camisas de Holanda, colocam-me os botões de punho, calçam-me as babuchas, vestem-me um roupão chinês; penteiam-me e põem-me cosmético e bergamota. Não sei que essências queria também que eu usasse… *crème brulée*; só sei que perdi a paciência, levantei e fiz valer a minha autoridade de marido…

– Não é bergamota, é o melhor cosmético francês, no seu frasco de porcelana – insistiu, toda aborrecida, Alieksandra Siemiônovna. – Veja o senhor mesmo, Ivan Pietróvitch: nunca me leva ao teatro nem ao baile; só sabe oferecer-me vestidos e vestidos. Que hei de fazer? Vestir-me e pôr-me a dar voltas por aqui sozinha… Há dias estava combinado que iríamos ao teatro; já me vestira e só me faltava pôr um broche. Fui buscá-lo e, ao voltar, já se metera com as garrafas. Em resumo: ficamos em casa. Ninguém, absolutamente ninguém, nos vem ver. Só de manhã, para negócios, vem alguém e, ainda assim, deixam-me a meio… E não nos falta o samovar, nem o serviço de chá com lindas chávenas… Temos tudo isso, e tudo ganhamos de presente. E nos dão também comestíveis; quase que só temos de comprar a aguardente e o cosmético. Aí tem: aperitivos, empadinhas, presunto e até doces compramos para o senhor, para que veja como vivemos. Há um ano ando a pensar: “Se vier algum convidado; poderíamos

mostrar-lhe tudo isto e obsequiá-lo; ele havia de nos elogiar, o que nos daria muito prazer". E pus o cosmético a este, embora o não mereça pois, por seu gosto, andaria sujo. Veja o roupão que traz. Foi presente. Por acaso merece ele um roupão como este? Do que ele gosta é de beber. Vai ver como, antes de lhe oferecer chá, lhe oferece vodca.

– E então? É assim, é, vamos beber um golinho, Vânia, da garrafa de licor de ouro e também licor de prata. Depois, com a alma iluminada, passaremos a outra bebida.

– Então, eu não dizia?

– Não te assustes, Sáchenhka; também tomaremos chá, com um trago de conhaque, à tua saúde.

– Bem, aí temos! – exclamou Alieksandra, levantando os braços. – Um chá de seis rublos que nos ofereceu o comerciante há três dias, e ele prefere beber conhaque. Não faça caso, Ivan Pietróvitch, eu vou servir-lhe o chá! Já vai ver, já vai ver que chá…

E pôs-se a andar de um lado para o outro, afanosamente, à volta do samovar.

Evidentemente haviam pensado entreter-me ali toda a noite. Alieksandra Siemiônovna passara um ano à espera de um hóspede e agora se dispunha a desafogar a sua alma comigo. Mas aquilo não estava nos meus cálculos.

– Desculpa, Maslobóiev – disse eu, sentando – eu não vim ver-te como convidado, tenho que fazer. Chamaste-me para me comunicares não sei quê…

– Bem, é verdade. Negócios são negócios, mas também há lugar para uma conversa de amigos…

– Não, meu caro, não tenhas ilusões. Às nove e meia vou-me embora. Tenho que fazer, comprometi a minha palavra…

– Não penses nisso. Faz favor de ver como vais proceder comigo. Que vais fazer a Alieksandra Siemiônovna? Olha para ela. Até faz pena! Para que me pôs o cosmético? Para que me pôs a bergamota?

Olha!

– Levas tudo na brincadeira, Maslobóiev. Juro a Alieksandra Semiônovna que para a semana que vem, sexta-feira, por exemplo, virei jantar com vocês. Mas hoje, caro irmão, dei a minha palavra, ou, melhor, preciso simplesmente ir a determinado lugar. É melhor que me expliques já o que querias dizer-me.

– Mas o senhor só vai estar conosco até às nove e meia? – exclamou Alieksandra Siemiônovna com voz tímida e lastimosa, a dois dedos do pranto, enquanto me servia uma chávena de excelente chá.

– Não te aflijas, Sáchenhka, é tudo vontade de falar – insistiu Maslobóiev. – Ficará conosco; outra coisa seria absurdo. Mas diz-me Vânia, que lugar é esse onde vais sempre? Que assunto te ocupa? Não se pode saber? Passas os dias de cá para lá, não trabalhas.

– E isso que te importa? Além do mais, pode ser que te diga… Mas diz-me tu antes: por que foste ontem à noite à minha casa, quando eu te disse – lembras-te – que não estaria lá?

– Lembrei-me depois, mas ontem me esqueci. Queria efetivamente falar contigo sobre um assunto, mas o que mais me interessava era distrair um pouco Alieksandra Siemiônovna. “Olha – disse-me ela – esse homem parece-me simpático. Por que não o convidas?” E por tua culpa não me deixou descansar durante quatro dias. Por causa da bergamota, meu irmão, terás de me perdoar, indubitavelmente, muitos pecados… Então pensei: “Por que não passar um serão agradável em companhia de um amigo?”. E pensei num estratagema: escrevi-te, falando desse assunto e dizendo que, se não viesses, tudo iria por água abaixo.

Eu lhe pedi que, numa outra vez, não fizesse isso de novo, mas que me falasse francamente. Apesar de tudo, aquela explicação não me satisfez totalmente.

– Bem! Mas em primeiro lugar, por que fugiste de mim? – perguntei.

– Ora, porque de fato tinha que fazer, não te mentia.

– Com o príncipe, por acaso?

– Gosta do nosso chá? – perguntou-me Alieksandra Siemiônovna com voz melíflua.

Esperava há cinco minutos que eu elogiasse o seu chá e eu não reparara.

– É excelente, Alieksandra Siemiônovna, magnífico! Nunca tomei outro igual.

Alieksandra Siemiônovna corou de satisfação e serviu-me outra chávena.

– O príncipe! – exclamou Maslobóiev. – Bom desavergonhado, meu irmão, é um bom desavergonhado, o tal príncipe. Irmãozinho, vou dizer-te uma coisa: não me tenho em grande conta, mas apenas por vergonha, não quereria encontrar-me na sua pele. Basta! É um tratante. Isso é tudo o que posso dizer dele.

– Pois vim ver-te com toda a intenção de te falar nele, entre outras coisas. Mas deixaremos isso para depois. Agora diz: por que é que ontem, na minha ausência, ofereceste doces à minha Eliena e até te puseste a dançar diante dela? E de que estiveste falando durante hora e meia?

– Eliena é uma criança de onze ou doze anos, que vive agora com Ivan Pietróvitch – explicou Maslobóiev à mulher, voltando-se para ela. – Olha Vânia, olha – prosseguiu, apontando-a com os dedos – toda ela estremeceu ao ouvir que levo doces a uma desconhecida. Pôs-se vermelha e estremeceu como se tivesse disparado contra mim uma pistola… Veja como os seus olhos brilham como brasas. Mas, Alieksandra Siemiônovna, não há nada, nada que ocultar! Anda, põe-te com ciúmes. Se não tivesse explicado que era uma garota de onze anos, estava bem servido… Nem a bergamota me salvaria!

– A partir de agora, com certeza não te salva.

Ao dizer aquelas palavras, Alieksandra Siemiônovna de um salto dirigiu-se para nós, abandonando a sua mesinha de chá, e, antes que

Maslobóiev tivesse tempo de esconder a cabeça, agarrou-o pelos cabelos e deu-lhe uns poucos de bofetões.

– Toma, toma! Para não te atreveres a dizer diante do nosso hóspede que sou ciumenta. Para não te atreveres, para não te-atreveres, para não te atreveres.

Corara e, embora sorrisse, nem por isso batia com menos força no marido.

– Diz coisas que envergonham! – acrescentou, a sério, dirigindo-se a mim.

– Já vês, Vânia, que vida é a minha! Não tenho remédio senão consolar-me com a aguardente – decidiu Maslobóiev alisando os cabelos e dirigindo-se, pouco menos que a correr, para a garrafa.

Mas Alieksandra Siemiônovna adiantou-se a ele, inclinou-se sobre a mesa, serviu-lhe o vinho ela própria, passou-lhe a taça e até lhe deu, com carinho, uma pancadinha na face. Maslobóiev, ufano, piscou-me o olho, estalou com a língua e bebeu solenemente.

– Quanto aos doces é difícil pensar – começou, sentando-se junto de mim no divã. – Comprei-os há três dias, embriagado, numa mercearia… Não sei com que fim. Talvez com o único fim de fomentar o comércio e a indústria nacionais… não sei bem. Só me lembro de que caí, embriagado, no meio da rua; que caí na lama, puxei os cabelos e me pus a chorar, vendo que inútil eu era. Naturalmente esqueci-me dos doces que ficaram no meu bolso até ontem à noite; sentei sobre eles quando descansei no teu divã. Quanto às danças, eu estava também embriagado; tinha uma bebedeira muito respeitável e, quando estou assim e me sinto feliz da vida, costumo dançar. E é tudo. Falta talvez apenas acrescentar que a orfãzinha me inspirou dó e também que ela não queria falar comigo, como se estivesse aborrecida. Dancei também para a alegrar e para o mesmo lhe ofereci os doces.

– Mas não os terias oferecido com o fim de a sondar? Confessa francamente: foste procurar-me intencionalmente, sabendo que eu não estava em casa, para falares a sós com a pequena, e para lhe

arrancares algum pormenor, não é? Lembra-te que sei que estiveste falando com ela durante hora e meia, que lhe disseste que tinhas conhecido a sua falecida mãe e que lhe perguntaste não sei que mais.

Maslobóiev piscou o olho e sorriu maliciosamente.

– Olha, não teria sido má ideia – disse. – Mas não, Vânia, não é assim. Claro que não fica mal perguntar, mas não se tratava disso. Escuta, velho amigo, embora esteja agora muito embriagado, como é costume, deves saber que nunca Filip Filípitch te enganou com "má intenção". Assim mesmo: com "má intenção".

– Bem. E sem má intenção?

– Ora… tampouco sem má intenção. Mas que é isto? Bebamos e vamos ao assunto! É muito simples – continuou sem deixar de beber: – Essa Bubnova não tinha nenhum direito de reter a criança. Estou a par de tudo. Nem a perfilhara sequer. A mãe devia-lhe dinheiro, e daí ela ter ficado com a pequena. A Bubnova, por muito esperta e desavergonhada que seja, é, como todas as mulheres, uma tola. A defunta possuía um passaporte em regra. Eliena pode viver contigo, embora fosse preferível que qualquer família generosa a adotasse. Mas, por agora, pode continuar contigo. Isso não importa; arranjarei tudo. A Bubnova não se atreve nem a mover um dedo. Da defunta não pude averiguar nada de concreto. Só sei que era viúva e tinha o sobrenome de Salzmann.

– É assim, é. Nelly já me disse.

– Bem, está o caso arrumado. Agora, Vânia – começou com certa solenidade – tenho de fazer-te um pedido insignificante. Vais conceder-me o que te peço. Vais contar-me, o mais pormenorizadamente possível, que assunto é esse que te preocupa, onde vais, onde passas os dias inteiros. Embora algo tenha ouvido e saiba sobre isso, preciso de mais dados.

Aquela solenidade surpreendeu-me e até me causou inquietação.

– Como? Para que precisas saber? Perguntas tão solenemente…

– Vou dizer-te, Vânia, sem palavras supérfluas: quero prestar-te um serviço. Olha, meu amigo, se eu usasse de astúcia, poderia, sem solenidade nenhuma, arrancar-te da língua o que desejo saber. Mas pensas que estou usando de astúcia; compreendi quando falaste dos doces. Mas, ao falar-te agora com esta solenidade, não o faço no meu interesse, mas no teu. Assim, não duvides e conta-me, com toda a franqueza, a verdade inteira… sinceramente…

– Mas que serviço é esse? Ouve, Maslobóiev. Por que não me contas alguma coisa sobre o príncipe? Se visses que falta me faz… Isso sim seria um favor.

– Do príncipe? Hum… Bem, seja. Vou te falar com franqueza. Ia precisamente perguntar-te agora qual a sua conduta.

– Sim?

– Olha, meu irmão, eu já notara que ele andava de permeio no teu assunto. Entre outras coisas, perguntou-me por ti. Como se inteirou de que tu e eu somos amigos… é coisa que te não diz respeito. O principal é isto: tem cuidado com esse príncipe. É um judas traidor e fico-me por aqui. Quando vi que estava metido nos teus assuntos, comecei a recear por ti. Quanto ao mais, não sei nada; por isso te pedia que me dissesses, para poder ajuizar… E por isso também te convidei para hoje. Olha que isto é um assunto importante. Não posso explicar-me com mais clareza.

– Mas, pelo menos, quererás dizer-me qualquer coisa, ainda que seja só a razão pela qual devo ter cuidado com o príncipe.

– Pois bem, seja. Eu, meu irmão, costumo, por vezes, meter-me em assuntos alheios. Mas julga por ti mesmo: há quem tenha confiança em mim, porque não sou linguarudo. Como hei de contar-te alguma coisa? Não te aborreças, pois, se te falar apenas de modo geral, só para te mostrar que tratante é esse homem. Mas começa primeiro com as tuas coisas.

Eu pensei que realmente não devia ocultar nada a Maslobóiev. O assunto de Natacha não era nenhum segredo e, além disso, podia esperar de Maslobóiev algo de útil para ela. Claro que, no meu relato,

procurei, dentro do possível, passar por alto alguns pontos. Maslobóiev escutou com particular atenção tudo o que dizia respeito ao príncipe. Muitas vezes obrigava-me a parar para perguntar várias coisas que tornassem o meu relato mais pormenorizado. Falei durante meia hora.

– Hum! Que inteligente é essa moça! – concluiu Maslobóiev. – Supondo ainda que não tivesse acertado em tudo o que respeita ao príncipe, pelo menos acertou numa coisa, desde o primeiro instante: foi em compreender com quem tinha de haver-se e cortar as relações com ele. Bravo, Natacha Nikoláievna! Bebo à tua saúde! – e bebeu… – Mas não basta a inteligência; também é preciso coração para uma pessoa se não deixar enganar. Coração foi o que lhe faltou. Naturalmente que o assunto já está arrumado; o príncipe realiza os seus desejos e Alhocha deixa-a abandonada. O único que me faz pena é Ikhmiêniev… Ter de pagar dez mil rublos a esse desavergonhado. Quem se encarregou do seu caso? Quem deu cabo dele? Talvez ele próprio. Ah! Cuidado com esses homens tão veementes, mas tão nobres! Não servem para nada! Com o príncipe era necessário proceder de outro modo. Eu teria arranjado a lkhmiêniev um advogado que… ah! – e deu com aborrecimento um soco na mesa.

– Bem, e agora, que me dizes do príncipe?

– Para ti não existe senão o príncipe. Que hei de dizer-te dele? Não me agrada, além disso, que me fizesses lembrá-lo. Eu, Vânia, só queria prevenir-te contra esse desavergonhado, a fim de te pôr a salvo da sua influência. Quem se relaciona com ele não se livra de inquietações. Por isso, toma cautela. Aqui tens tudo. Parece-me que já tinhas pensado que eu te ia contar sabe Deus que mistérios de Paris. Para alguma coisa hás de ser romancista… Bem! Que vou dizer desse tratante? Que é um desavergonhado?… Pois bem: vou contar, por exemplo, uma das suas façanhas; naturalmente sem especificar lugar, cidade ou personagens. Quer dizer, sem precisão. Deves saber que, na sua mocidade, quando se via obrigado a viver do seu ordenado de funcionário, teve de casar-se com a filha de um opulento negociante. Bem! Pois não se portou nada bem com a tal filha do comerciante, e, embora ela não seja agora nosso assunto, vou te fazer notar de passagem, Vânia, que toda a vida gostou de empregar estes recursos.

Mas continua ouvindo. Fez uma viagem ao estrangeiro. Ali…

– Para, Maslobóiev. A que viagem te referes? Em que ano foi?

– Faz agora precisamente noventa e nove anos e três meses… Bem; também lá raptou uma filha-família, filha única, e levou-a para Paris. E sabes o que fez? O pai da pequena era dono de uma fábrica ou sócio de uma empresa, não sei bem. Olha que o que te conto tive de reconstituí-lo com argumentos e suposições inferidos de outros dados. Pois o príncipe enganou-o e entrou de sociedade com ele. Enganou-o completamente e tirou-lhe uns dinheiros. Quanto ao dinheiro roubado, o velho possuía documentos. O príncipe, porém, queria levá-lo; mas não pensava devolvê-lo, e também não queria mostrar que praticara simplesmente um roubo. O velho tinha uma filha, uma filha encantadora, e desta formosura estava enamorado um homem ideal, um irmão de Schiller, poeta e ao mesmo tempo comerciante, um jovem sonhador, numa palavra, um perfeito alemão, chamado Pfefferkuchen,[33] ou qualquer coisa semelhante.

– Então chamava-se Pfefferkuchen?

– Pode ser que não, mas isto pouco importa. O certo é que o príncipe começou a fazer a corte à pequena, e de tal modo a fez que ela se enamorou dele como uma louca. O príncipe, com isto, pretendia duas coisas: primeiro, possuir a jovem, e depois, os documentos que o velho tinha e que comprovavam a quantia emprestada. As chaves de todas as gavetas do velho tinha-as a filha. O velho queria-lhe com loucura, a ponto de a não querer dar em casamento a ninguém. Tinha ciúmes de todos os noivos, não se convencia a separar-se dela e expulsou de sua casa esse tal Pfefferkuchen, que era um inglês…

– Inglês? Mas onde se passava toda esta história?

– Disse inglês por comparação, e tu agarras-te logo a isto… Esta história passou-se em Santa Fé de Bogotá, ou talvez em Cracóvia, numa cidade ou noutra, tanto faz. Olha, parece-me que, pelo mais certo, tudo aconteceu no principado de Nassau, quer dizer, escreveu-se na areia precisamente em Nassau. Estás satisfeito? Bem. O príncipe raptou a moça e, por indicação dele, esta levou consiga alguns documentos. Que paixão… Vânia! Ufa! Meu Deus, e diz que a pequena

era decente, boa, distinta. Para dizer a verdade, talvez não soubesse muito de livros. A ela só a preocupava uma coisa: que o pai a não amaldiçoasse. O príncipe conjurou os seus temores comprometendo-se com ela, legal e formalmente, a casar-se. Assegurou-lhe, além disso, que só estariam ausentes uma temporada, para dar tempo a que o velho deixasse de estar zangado. Voltariam então, já casados, e viveriam para sempre juntos, os três, em amor e concórdia, assim até à eternidade. A pobrezinha fugiu, o velho amaldiçoou-a e teve de declarar-se falido. Frauenmilch[34] correu a Paris atrás dela, deixando tudo e abandonando até o negócio, pois estava perdidamente enamorado.

– Mas que Frauenmilch era esse?

– Bem, como se chamava ele? Feuerbach…[35] quer dizer, Pfefferkuchen! Bem! Claro que ao príncipe era impossível casar-se, porque – que diabo! – que diria a condessa Khliestova? Que pensaria o barão Pomóikin? Por conseguinte, era necessário usar de artimanhas. E não esteve com meias medidas… Em primeiro lugar, pouco faltou para lhe bater e, além disso, convidou intencionalmente para sua casa o próprio Pfefferkuchen, o qual acudiu à chamada, fez-se amigo dela e derramaram juntos umas lágrimas, passaram juntos alguns serões, lamentando a sua desdita e consolando-se. Eram ambos uns ingênuos. O príncipe preparara tudo… Uma vez surpreendeu-os tarde e saiu dizendo que ambos se entendiam e começou a procurar questões. Dizia que vira com os seus próprios olhos. Expulsou-os imediatamente de casa e foi-se para Londres. Mas, pouco tempo depois de a deixar, ela deu à luz uma menina, quer dizer, um menino, é isso, um filhinho, ao qual pôs o nome de Volodka. O Pfefferkuchen foi o padrinho. Enfim, ela foi viver com Pfefferkuchen, que tinha um dinheirinho. Viajaram pela Suíça, pela Itália… por todas essas terras poéticas, ao acaso. Ela não fazia senão chorar e Pfefferkuchen choramingava também. Assim se passaram muitos anos e a menina cresceu. Ao príncipe tudo saíra bem, exceto uma coisa: não pôde arrancar-lhe o documento pelo qual se comprometia a casar-se.

“És um vilão – disse ela ao despedir-se. – Raptaste-me, desonraste-me e agora abandonas-me. Adeus! Mas não contes que te devolvo a certidão do casamento. Não é que pense fazer uso dela, mas

porque sei que receias este documento. Por isso o guardarei sempre em meu poder.” Numa palavra, exaltou-se; mas o príncipe permaneceu tranquilo. Em geral, esta classe de indivíduos sabe muito bem regular os seus assuntos com essas criaturas a que chamamos exaltadas. Estas são de condição tão nobre que se deixam enganar facilmente. Além disso, rematam sempre tudo com sublime desdém, em vez de tentar arrumar o assunto de maneira prática e justa, se for possível. Pois essa mãe procedeu assim: pôs fim ao episódio com altivo desprezo e, embora ficasse com os documentos, o príncipe bem sabia que antes se havia de enforcar do que fazer uso deles. Assim continuou tranquilo até agora. O certo é que, embora lhe tivesse chamado, cara a cara, desavergonhado, ela ficou com Volodka nos braços. Se ela morresse, que seria dele? Mas não ficou pensando nisso. Bruderschaft[36] também a animava, e não ficava a pensar… Ambos liam Schiller. Até que finalmente deu a Bruderschaft uma grande tristeza, não sei por que, e… foi-se…

– Referes-te a Pfefferkuchen?

– Claro que sim, diabos o levem. Mas ela…

– Para! Quantos anos andaram viajando no estrangeiro?

– Duzentos bem contados. Bem! Como ia dizendo, ela voltou para Cracóvia. O pai não quis recebê-la. Amaldiçoou-a e ela foi-se e acabou por morrer, enquanto o príncipe estourava de alegria. Eu também lá estava. Provei o mel: pelos bigodes passou, mas à boca não chegou. Deram-me um empurrão e sai pela porta afora… Bebamos, meu irmão!

– Bem me parecia que tu estavas dentro do assunto, Maslobóiev.

– Achas que sim?

– Só não compreendo o que terás feito.

– Pois olha: quando ela voltou a Madri, depois de dez anos de ausência, foi preciso averiguar o que acontecera a Bruderschaft e ao velho, se ela de fato voltara, que teria acontecido ao menino, de que teria ela morrido, que fora feito dos documentos, etc., para maior

tranquilidade. Mas basta. É um homem perigoso. Foge dele, Vânia, e lembra-te sempre disto: pelo que respeita a Maslobóiev, nunca, por nada no mundo, lhe chames vilão. Embora tenha algo de desavergonhado (a meu entender, não há ninguém que esteja livre disso), nunca o será contra ti. Eu estou muito embriagado, mas ouve: se alguma vez, cedo ou tarde, agora ou para o ano, te parecer que Maslobóiev te fez objeto de alguma maroteira (e peço-te que não esqueças esta palavra, maroteira), lembra-te que foi sem má intenção. Maslobóiev olha por ti. Além disso, não creias em suspeitas, mas vem cá e explica-te, com toda a franqueza e fraternalmente, com o próprio Maslobóiev. Bem. Queres agora outro trago?

– Não.

– Só um bocadinho?

– Não, meu irmão, desculpa…

– Bem, então vai-te. São nove menos um quarto e tu és orgulhoso. Já está na tua hora.

– Como? Que é isso? Bebes até te embriagares e depois despedes as visitas? És sempre o mesmo. Ah! Desavergonhado! – exclamou, quase chorando, Alieksandra Siemiônovna.

– Não misturemos alhos com bugalhos… Alieksandra Siemiônovna, nós ficamos juntos e podemos adorar-nos mutuamente. Mas esse é um general. Não, Vânia, minto, não és um general, mas eu… sou um desavergonhado. Olha-me. Que pareço agora? Que sou eu comparado contigo? Perdoa, Vânia, não leves a mal e deixa-me desabafar…

Abraçou-me e salpicou-me de lágrimas. Eu me dispus a retirar.

– Ah! meu Deus, e eu que preparara a ceia – exclamou Alieksandra Siemiônovna com grande pena. – Mas sexta-feira, sem falta, virá jantar conosco, não?

– Virei, Alieksandra Siemiônovna, palavra de honra que virei.

– Talvez o senhor se aborreça de vê-lo tão… embriagado. Mas não

faça caso, Ivan Pietróvitch. Ele é muito bom… e se visse quanto lhe quer! Dia e noite, não faz senão falar-me do senhor; não tem outro tema. Comprou-me os seus livros, mas não pude ainda lê-los – começarei amanhã. E se visse que prazer me dá se vier! Nunca vejo ninguém, ninguém vem nunca a esta casa. Não nos falta nada, mas estamos sós. Estava eu ali, sentada, a ouvir de que falavam… e se soubesse com que prazer! Bem, até sexta-feira.

## Capítulo VII

Apressei-me a voltar a casa. As palavras de Maslobóiev tinham-me causado funda impressão. Deus sabe as coisas de que me lembrei! Como que intencionalmente, aguardava-me em casa um episódio que me impressionou tão vivamente como uma descarga elétrica.

Em frente da porta de casa havia um lampião. Ainda não chegara à porta, quando de junto dele se dirigiu a mim um estranho vulto, que até me fez gritar: era uma pobre criatura assustada, tremendo, meio louca, e que, dando um grito, me agarrou num braço. O espanto apoderou-se de mim: era Nelly.

– Nelly! Que é isto? – exclamei. – És tu?

– Lá em cima… Está lá em cima… Em casa…

– Mas quem? Subamos, sobe comigo.

– Não quero, não quero. Esperarei que se vá embora… Não saio daqui… Não quero… Desci quando ele entrou.

Eu subi, com um pressentimento estranho. Abri a porta e… encontrei-me com o príncipe. Estava sentado à mesa e lia um romance. Pelo menos tinha o livro aberto.

– Ivan Pietróvitch! – exclamou alvoroçado. – Quanto me regozijo que tenha voltado! Estava quase a ir-me embora… Já o espero há uma hora, mais ou menos. Eu comprometi hoje a minha palavra, ante insistente e reiterado pedido da condessa, de vir hoje aqui à sua casa. Insistiu tanto comigo, tem tal desejo de o conhecer… Assim, como o

senhor já tinha prometido, julguei melhor vir eu mesmo buscá-lo, antes que o senhor tivesse tempo de ir a outro lugar, a fim de o convidar para casa da condessa. Agora calcule a minha arrelia: a sua criadinha explicou-me que o senhor não estava em casa. Que fazer? E eu que dera a minha palavra de honra de que só voltaria na sua companhia… Resolvi sentar, para o esperar apenas um quarto de hora. Sim, sim, apenas um quarto de hora. Peguei no seu romance e pus-me a ler. Que maravilha! E não o compreendem ainda depois disto!… Mas, se o senhor conseguiu fazer-me chorar! É que, quero que o saiba, eu chorei – e não costumo chorar com muita frequência…

– Então o senhor quer levar-me consigo? Pois devo dizer-lhe que agora… embora eu também desejasse ir…

– Pelo amor de Deus, venha. Se não vier, que vai ser de mim? Olhe que estou à sua espera há hora e meia… Além disso, preciso tanto, tanto, de falar com o senhor… Não se lembra de quê? O senhor está mais a par do assunto que eu… Talvez possamos resolver alguma coisa, optar por qualquer solução. Pense! Pelo amor de Deus, não deixe de me atender!

Eu pensei que, mais cedo ou mais tarde, não teria remédio senão ir. Supondo até que Natacha está só e que precisa de mim, não me encarregou ela de tentar, quanto antes, conhecer Kátia? Além disso pode ser que Alhocha lá esteja… Eu sabia que Natacha não ficaria tranquila enquanto eu lhe não levasse notícias de Kátia, e resolvi ir. Mas tinha pena de Nelly.

– Desculpe-me – disse ao príncipe.

E saí para a escada. Nelly estava escondida num canto escuro.

– Por que não queres entrar, Nelly? Que te fez ele? Que te disse?

– Nada… Mas não quero, não quero… – repetia. – Tenho medo…

Por mais que lhe pedisse, foi inútil. Combinei então que, assim que eu saísse com o príncipe, ela entraria no quarto e se fecharia.

– E não abres a ninguém, Nelly, por mais que insistam.

– Mas o senhor vai com ele?

– Vou, sim.

Estremeceu e agarrou-me a mão, como se quisesse pedir-me que não saísse, mas não disse nada. Eu decidi interrogá-la mais detidamente no outro dia.

Depois de apresentar as minhas desculpas ao príncipe, comecei a vestir-me. Ele me garantiu que não era necessário traje de cerimônia.

– Vista qualquer coisa leve – acrescentou, passando-me revista da cabeça aos pés. – Apesar de que, afinal, esses preconceitos mundanos… é impossível alguém desprender-se completamente deles. Tal perfeição não se encontra no nosso mundo – concluiu, ao verificar, com ar satisfeito, que eu usava fraque.

Saímos. Mas detive-o no patamar e entrei no quarto onde Nelly já se metera e, mais uma vez, despedi-me dela. Estava comovidíssima. Tinha o rosto azulado. Receei por ela; custava-me muito deixá-la.

– Que estranha é a sua criadinha! – disse-me o príncipe ao sair para a escada. – Suponho que essa mocinha é sua criada…

– Não… é… vive comigo provisoriamente.

– Que estranha criatura. Tenho a impressão de que está louca. Imagine que, a princípio, respondia muito bem às minhas perguntas; mas, assim que me olhou, atirou-se a mim. Pôs-se a dar gritos e a tremer. Agarrou-se a mim e parecia querer dizer algo e não poder. Confesso que tive medo e já me dispunha a fugir, quando ela, graças a Deus, se adiantou, fugindo de mim. Eu estava atônito. Como pode o senhor aguentá-la?

– Sofre de ataques – respondi.

– Ah! Sim? Então não há que estranhar… se sofre de ataques…

No mesmo instante ocorreu-me que a visita de Maslobóiev na véspera, sabendo que eu não estava em casa, o relato que o próprio Maslobóiev me fez, embriagado e de má vontade, o seu convite para as oito em sua casa, a advertência para que eu não supusesse haver, da sua parte, vilania para comigo, e, finalmente, o fato de o príncipe ter me esperado hora e meia, sabendo talvez que eu estava com Maslobóiev, quando Nelly fugiu para a rua… – ocorreu-me que tudo devia estar relacionado. Havia motivo para assim pensar.

À porta esperava-nos o coche do príncipe. Subimos e fomos embora.

## Capítulo VIII

Não tínhamos de ir longe: só até Torgovi Riad.[37] Durante os primeiros momentos, fomos em silêncio. Eu só pensava: “Que será que ele quer me dizer?”. Parecia querer pôr-me à prova, fazer-me frente, sondar-me. Mas ele começou a falar sem rodeios e foi logo direito ao assunto.

– Estou atualmente muito preocupado com uma ideia, Ivan Pietróvitch. Quero falar-lhe sobre ela, antes de falar com mais ninguém, para que me dê a sua opinião. Há tempo que decidi desistir

da demanda iniciada e perdoar a Ikhmiêniev os dez mil rublos do litígio. Como hei de fazer?

“Não me parece que não saibas o que hás de fazer – pensei. – Quererás troçar de mim?”

– Não sei príncipe – respondi com a maior ingenuidade possível. – Sobre outro assunto, o referente a Natália Nikoláievna, estou pronto a declarar-lhe que é absolutamente imprescindível que combinemos todos uma reunião; mas quanto à esse assunto de que me fala, o senhor sabe mais do que eu.

– Não, não, sei menos. O senhor conhece-os e talvez a própria Natacha Nikoláievna lhe tenha exposto o seu modo de pensar sobre o assunto. Isso para mim é o guia principal. O senhor pode ajudar-me; trata-se de um problema muito difícil. Estou disposto a renunciar e até já decidi fazê-lo, enquanto se resolvem as outras coisas. Compreende? Mas como? Que aspecto dar a essa desistência? Que pretexto lhe atribuir? O velho é orgulhoso, insolente. É possível que se ofenda com a minha generosidade e recuse esse dinheiro…

– Mas permita-me: como considera o senhor esse dinheiro? Seu ou dele?

– Eu ganhei a demanda, portanto é meu.

– E em consciência?

– Naturalmente que o considero meu – respondeu-me um pouco melindrado pela minha falta de urbanidade. – Além do mais, segundo me parece, o senhor não conhece o assunto a fundo. Eu não acuso o velho de me ter enganado com intenção e confesso-lhe que nunca o acusei. Foi ele mesmo quem, voluntariamente, se considerou ofendido. Eu só o acusei de descuido, de não olhar pelas coisas que lhe estavam entregues. Segundo tínhamos combinado, estava obrigado a responder sobre algumas dessas coisas. Mas saiba que também não se tratava disso: tratava-se da nossa questão, das nossas ofensas mútuas, numa palavra, do nosso amor próprio ofendido. É possível que eu nem sequer tivesse prestado atenção a esses miseráveis dez mil rublos… O senhor já sabe por ele como a coisa começou… Reconheço que

procedi com desconfiança e até com injustiça (quer dizer, fui injusto naquela altura), mas sem reparar, e, na minha arrelia, ao sentir-me ofendido pelas grosserias do velho, não quis perder a ocasião e iniciei a demanda. Talvez isto lhe pareça pouco nobre da minha parte. Não me vou justificar. Só quero fazer-lhe notar que a ira e, sobretudo, o amor próprio ferido não significam ausência de nobreza, porque são enfermidades naturais, humanas. Confesso e repito que quase não conhecia Ikhmiêniev quando dei crédito a todos aqueles rumores a respeito de Alhocha e da filha dele. Assim, pude também crer num desfalque premeditado… Mas deixemos isto. O principal é outra coisa: que hei de fazer? Renunciar ao dinheiro? Mas, se eu lhe digo que o considero meu, com confirmação do Direito, isso significa que o ofereço. E veja o que a situação tem de delicado, se se pensar em Natália Nikoláievna… Ele vai infalivelmente atirar-me com o dinheiro à cara…

– Veja como o senhor próprio diz que "vai atirá-lo". Isso demonstra que o considera um homem honrado e, sendo assim, é porque o senhor está absolutamente convencido de que ele não roubou o dinheiro. E então por que não vai o senhor vê-lo e não lhe explica, com toda a franqueza, que considera a demanda ilegal? Isso seria muito nobre. Talvez que então Ikhmiêniev não achasse inconveniente em receber o "seu dinheiro".

– Hum… o "seu dinheiro"… Bem, mas veja, que quer que eu faça? Que vá explicar-lhe que considero a minha demanda ilegal? Mas donde conclui o senhor, como sabe que a minha demanda é ilegal? Dizer-me assim, cara a cara! Eu não mereço isso, porque eu estava no meu direito… Nunca disse ou escrevi que ele me tinha roubado. Quanto ao seu descuido, à sua despreocupação, ao seu modo desacertado de tratar dos assuntos, de tudo isso estou convencido. Esse dinheiro é indiscutivelmente meu e, portanto, é-me doloroso renunciar a ele. Em último caso, repito-lhe que foi o velho quem me ofendeu. E o senhor quer obrigar-me a pedir-lhe desculpa… É forte!

– A mim parece que quando dois homens querem fazer as pazes…

– Crê que é assim tão simples?

– Sim.

– Não. Algumas vezes é muito difícil, tanto mais…

– Tanto mais que estas circunstâncias estão relacionadas com outras. Com isto deve o senhor concordar, príncipe. O caso de Natália Nikoláievna e do seu filho tem o senhor de o resolver em todas as partes que dependem de si, e tem de resolvê-lo de modo satisfatório para os Ikhmiênievi. Só então poderá ter uma explicação com Ikhmiêniev, acerca do litígio, com absoluta sinceridade. Mas agora, que nada está resolvido, só tem um caminho: reconhecer a injustiça da sua demanda, e reconhecê-la franca e… publicamente, se for preciso. É esta a minha opinião. Se lhe exponho com franqueza é porque o senhor próprio pediu; decerto não quereria que eu faltasse à sinceridade… Isto dá-me coragem para perguntar: por que se preocupa tanto com a devolução desse dinheiro a Ikhmiêniev? Se pensa que estava dentro da justiça nesse processo, por que restituí-lo? Perdoe a minha curiosidade, mas como está tudo tão relacionado com outras circunstâncias…

– Mas que pensa? – perguntou imediatamente, como se não tivesse ouvido a minha pergunta. – Está certo de que o velho Ikhmiêniev vai recusar o dinheiro se lhe entregarem os dez mil rublos sem nenhuma desculpa e… e… sem nenhuma dessas atenuantes?

– Claro que o recusará!

Eu estremeci e até fiz um impaciente movimento de aborrecimento; aquela pergunta cética fez-me a mesma impressão de que se o príncipe me tivesse cuspido nos olhos. À minha ofensa juntava-se outra: aquele grosseiro modo mundano com que, sem responder à minha pergunta e como que não reparando nela, me interrompeu com outra, dando-me claramente a entender que eu me distraía e me familiarizava demasiado ao fazer-lhe tais perguntas. A mim eram-me antipáticos até o ódio esses modos aristocráticos e, já antes, tinha posto todo o meu empenho em tirá-los a Alhocha.

– Hum… O senhor é muito fogoso, e no mundo há coisas que não podem fazer-se como pensa – fez-me notar o príncipe, tranquilamente, ante a minha exclamação. – Além do mais, penso que isto poderia ser

em parte resolvido por Natália Nikoláievna. Diga-lhe. Ela poderá talvez aconselhar-nos.

– Nem pense nisso – respondi secamente. – O senhor não se dignou escutar o que eu comecei há pouco a dizer-lhe, e cortou-me a palavra. Natália Nikoláievna pensará que, se o senhor devolve o dinheiro sinceramente e sem nenhuma dessas "atenuantes", como diz, isso quer dizer que paga ao pai pela filha, e à filha por Alhocha; numa palavra: que os indeniza com dinheiro…

– Hum… Como o senhor me trata, meu caro Ivan Pietróvitch! – e o príncipe sorriu. Por que se teria sorrido? – Mas, para já – continuou – temos ainda tanto, tanto de que falar! E agora não há tempo… Só lhe peço que tenha presente "uma coisa": o assunto afeta diretamente Natália Nikoláievna e todo o seu futuro… e tudo depende da maneira como o senhor e eu resolvermos isto e daquilo que estabelecermos. O senhor é imprescindível… Já o está percebendo. Por isso, se continua a ter afeto por Natália Nikoláievna, não pode negar-se a uma conferência comigo, por pouca que seja a simpatia que eu lhe inspire. Mas já chegamos… *à bientôt*.

## Capítulo IX

A condessa vivia muito bem. A casa apresentava-se com conforto e gosto, embora sem fausto. Tudo, no entanto, tinha o aspecto de uma instalação provisória; era apenas uma elegante vivenda para uma temporada e não a residência permanente de uma família rica, com todos os seus refinamentos aristocráticos e esses caprichos que se julgam indispensáveis. Corria o rumor de que a condessa, no verão, se mudaria para a sua propriedade (arruinada e hipotecada) da província de Simbirsk, e que o príncipe a acompanharia. Eu já o ouvira dizer e pensava com pena: "Que fará Alhocha, quando Kátia se for com a condessa?" A Natacha ainda eu não falara disto, por receio; mas, por alguns indícios, pude inferir que tal rumor também chegara aos seus ouvidos. Simplesmente calava e sofria em silêncio.

A condessa recebeu-me muito bem, estendeu-me afetuosamente a mão e disse-me que havia muito desejava ver-me em sua casa. Ela

própria me serviu o chá, de um magnífico samovar de prata, em volta do qual estávamos sentados, o príncipe, eu e outro cavalheiro da alta sociedade, já entrado em anos, com uma condecoração, afetado e com ares de diplomata. A esse senhor, segundo parecia, todos tinham muito respeito. A condessa, ao voltar do estrangeiro, ainda não tivera tempo de fazer muitas amizades em Petersburgo, nem de consolidar a sua situação, como queria e esperava. Além daquele senhor, ninguém mais apareceu durante toda a noite. Procurei com o olhar Ekatierina Fiódorovna. Estava noutra sala, com Alhocha; mas, ao ouvir a nossa chegada, acorreu imediatamente. O príncipe beijou-lhe a mão com carinho e a condessa chamou-lhe a atenção para mim. O príncipe, em seguida, fez as apresentações. Eu a observava com atenção impaciente. Era uma lourinha delicada, vestida de branco, estatura mediana, com uma expressão serena e plácida no semblante, olhos de pomba (como Alhocha dizia) – tinha a formosura da juventude e nada mais. Eu esperava encontrar-me com um modelo de beldade, mas não havia tal beleza. O oval do rosto, regular e finamente traçado, umas feições bastante regulares, cabelos abundantes e realmente bonitos, penteados muito simplesmente, olhos serenos e atentos… Se a tivesse encontrado nalgum lugar, teria passado junto dela sem lhe dedicar particular atenção. Mas foi só o primeiro olhar, porque, ao observá-la com mais vagar, me pareceu melhor. Quando me apertou a mão, olhou-me nos olhos com atenção ingênua e insistente, sem dizer palavra. Impressionou-me pela sua singularidade; não pude deixar de lhe sorrir. É evidente que experimentei a impressão de me encontrar perante um ser de coração puro. A condessa não tirava a vista de cima dela. Depois de me apertar a mão, Kátia, com certa pressa, afastou-se de mim e foi sentar no outro extremo da sala, junto de Alhocha. Este, depois de me saudar, sussurrou-me ao ouvido: “Só estou aqui um minuto, depois vou para lá”.

O “diplomata” – ignoro o seu sobrenome e chamo-lhe diplomata para lhe chamar alguma coisa – falava com calma e tranquilidade, desenvolvendo não sei que ideia. A condessa ouvia com atenção. O príncipe sorria de modo encorajador e lisonjeiro. O orador, que se dirigia a ele amiúde, apreciava-o, certamente, como a um ouvinte digno. Serviram-me o chá e deixaram-me em paz, com o que muito me alegrei. No meio de tudo isto, ia observando a condessa. À primeira

vista agradou-me muito, confesso que sem eu querer. Talvez já não fosse muito nova, mas parecia-me que não teria mais de vinte e oito anos. Tinha o rosto ainda fresco e, na juventude, devia ter sido interessantíssima. Os cabelos, de um louro escuro, eram ainda muito abundantes. Um olhar bondoso, embora um pouco frívolo, brincalhão e travesso. Mas, agora, por alguma razão, reprimia-se visivelmente. No modo de olhar refletia-se também muito espírito, mas mais do que tudo, bondade e alegria. Afigurava-se-me que o traço predominante do seu caráter era certa frivolidade, ânsia de prazeres e até muito certo egoísmo, talvez. Achava-se sob o domínio do príncipe, que exercia sobre ela extraordinária influência. Eu sabia que eles mantinham relações e também ouvira dizer que ele não fora um amante muito zeloso, durante a permanência no estrangeiro. Parecia-me, porém – e ainda agora me parece – que a ambos unia, além das suas antigas relações, alguma outra circunstância, em parte secreta, algo como um compromisso recíproco, baseado nalgum cálculo… numa palavra, qualquer coisa nesse gênero. Também sabia que o príncipe já estava cansado dela, apesar de não cortar aquelas relações. Talvez ainda os unissem os seus desígnios sobre Kátia, a iniciativa dos quais devia ter sido do príncipe. Por esta razão, aquele abstinha-se de casar com a condessa, que exigia isso, convencendo-a de que isso facilitaria o casamento de Alhocha com a sua enteada. Era o que eu deduzia do ingênuo relato que me fizera Alhocha, no qual tive forçosamente de ver alguma coisa, por pouco que fosse. Parecia-me também, a julgar por estas mesmas referências, que o príncipe, embora tivesse a condessa completamente à sua mercê, não deixava de ter alguma razão para a recear. Também Alhocha notara isto. Vi logo que o príncipe desejava casar a condessa com qualquer outro e que era talvez com essa intenção que a enviava para a província de Simbirsk, esperando encontrar-lhe um bom marido naquela região.

Eu estava sentado e escutava, sem achar o modo de conseguir, o mais depressa possível, conversar à parte com Ekatierina Fiódorovna. O diplomata respondia a não sei que pergunta da condessa referente ao estado dos assuntos contemporâneos, às reformas incipientes e se seria ou não razoável assustar-se com elas. Falava muito, com fleuma e como quem tem autoridade. Desenvolvia a sua tese com muito senso e espírito, apesar de repulsiva: sustentava que toda a reforma e

modificação espiritual não tardariam a produzir os resultados esperados; que esses seriam outras tantas provas da necessidade de se ser razoável; e que, não só na sociedade (naturalmente numa certa parte da sociedade…), mas fora dela, aquele novo espírito encontraria acolhimento – apesar de que logo, com a experiência, haviam de reconhecer o erro cometido e, então, com dobrada energia, voltariam a defender o antigo regime. Que a experiência, embora de lamentar, resultaria proveitosa, porque ensinaria a defender essa antiguidade salvadora e porque proporcionaria novos dados. Por conseguinte, seria de desejar que, quanto antes, se chegasse aos últimos extremos da imprudência. "Sem nós nada é possível – concluiu – sem nós nenhuma sociedade perdurou. Nós não sairemos perdendo, mas ganhando; vamo-nos mantendo por cima e o nosso lema, no momento presente, deve ser *Pire çá va, mieux ça est*!"[38] O príncipe sorriu-lhe com uma simpatia que me repugnou. O orador estava satisfeitíssimo consigo próprio. Eu estive prestes a cometer a tolice de lhe dar resposta: o coração parecia saltar-me. Mas conteve-me um olhar do príncipe que, imperceptivelmente, se voltou para mim. Pareceu-me que esperava alguma estranha e juvenil saída da minha parte: talvez que até o desejasse, para se divertir ao ver-me comprometido *ex abrupto*. Além disso eu já estava firmemente persuadido de que o diplomata não iria fazer caso da minha objeção, nem talvez, até, de mim próprio. Ia ficando insuportável permanecer a seu lado, mas Alhocha tirou-me de apuros.

Aproximou-se de mim devagar, deu-me uma pancadinha no ombro e pediu-me duas palavras. Adivinhei que vinha enviado por Kátia, e assim era. Ao fim de um minuto eu conversava com eles. A princípio Kátia olhou-me atentamente, como se pensasse: "Bem, já sei como és". No primeiro instante, nenhum dos dois atinava com uma palavra para iniciar o diálogo, apesar de estar convencido de que valeria a pena ficar palestrando com ela até de manhã. "As cinco… ou seis horas de conversa" de que nos falara Alhocha vieram-me à ideia. Alhocha estava perto de nós e também aguardava com impaciência que começássemos.

– Mas então não falam? – disse, olhando-nos sorridente. – Estão juntos e não falam?

– Ai, Alhocha, como tu és!… Vamos já falar – respondeu Kátia. – Eu precisava muito de falar com o senhor, Ivan Pietróvitch, e veja: agora não sei por onde começar. Conhecemo-nos demasiado tarde; devíamos ter-nos encontrado antes, embora eu já o conheça há muito tempo. E tinha tanto desejo de vê-lo! Até pensei escrever-lhe uma carta.

– Acerca de quê? – perguntei sorrindo involuntariamente.

– De qualquer coisa – respondeu-me a sério – ainda que fosse para lhe perguntar se é verdade o que este me disse de Natália Nikoláievna: que ela não se ofendeu por ficar só tanto tempo… Bem. É possível alguém proceder como ele procede? Mas… queres dizer-me por que estás aqui agora?

– Ai, meu Deus, já me vou! Eu tinha dito que só ficaria aqui um minuto, mas vejo que se dispõem a falar e gostava de poder estar cá e lá.

– Mas que tem de especial o fato de falarmos? Já viu? Há de sempre ser o mesmo – afirmou ela corando levemente e apontando Alhocha com o dedo. – Ele disse “Um instante, só um instante”, e veja o senhor, fica aqui até à meia-noite. “Natacha não se aborrece, é muito boa.” Veja como ele pensa! Quer fazer o favor de me dizer se isto assim está bem, se isto é correto?

– Bem, já me vou – respondeu Alhocha, lastimoso. – É que gostava de ficar com vocês…

– Mas que tens a fazer aqui? Nós é que temos muito de que falar a sós. Faze o favor de te não aborreceres: é indispensável… Pensa bem!

– Se é indispensável, vou-me agora mesmo… Mas… por que havia de me aborrecer? Estarei apenas um momento com Lióvonhka e imediatamente voltarei para casa dela. Veja, Ivan Pietróvitch – continuou, enquanto pegava o chapéu – não sabe que meu pai quer renunciar ao dinheiro que ganhou no pleito com lkhmiêniev?

– Sim, sei. Já me disse.

– Como procede nobremente ao renunciar! Mas veja o senhor: Kátia não crê que proceda com nobreza. Fale-lhe disto. Adeus, Kátia, e, por favor, não duvides de que eu amo Natacha. Mas por que me impõem essa condição, por que me recriminam e me seguem com os olhos… como se me tivessem sob tutela? Ela sabe quanto lhe quero e tem fé em mim, estou convencido de que tem. Eu a amo sem nada, sem nenhum compromisso, nem mesmo sei quanto lhe quero. Amo-a, simplesmente. Por isso não me interroguem como a um criminoso. Olha, pergunta a Ivan Pietróvitch, agora que o tens aqui, e ele te dirá que Natacha é ciumenta e que, apesar de me querer muito, há no seu amor um pouco de egoísmo, pois, por nada do mundo, renunciaria a mim.

– De verdade? – perguntei eu, assombrado, não querendo dar crédito aos meus ouvidos.

– Que estás dizendo, Alhocha? – quase gritou Kátia, sacudindo as mãos.

– Bem, que tem isso de particular? Ivan Pietróvitch sabe. Ela pretende que eu esteja a seu lado, quer dizer, ainda que não diga, vê-se que é isso que deseja.

– Mas… não te envergonhas, não te envergonhas de dizer isso? – exclamou Kátia cheia de cólera.

– Por que me havia de envergonhar? Que graça te acho, Kátia. Olha, eu amo-a mais do que parece, mas se ela me quisesse verdadeiramente, como eu lhe quero a ela, ia se sacrificar por mim. Claro que ela me diz que venha aqui, mas vê-se na cara dela quanto isso lhe custa, o que para mim vale o mesmo que nada me dizer.

– Não, isto não são ideias dele! – exclamou Kátia, dirigindo-se a mim com os olhos flamejantes de cólera. – Confessa, Alhocha, confessa agora que tudo isso foi influenciado pelo teu pai! Falou-te nisso hoje mesmo? E, por favor, não te faças de esperto comigo, que eu já te conheço! É assim ou não?

– Sim, foi ele quem disse – respondeu, mortificado, Alhocha. – Que tem de particular? Esteve hoje tão carinhoso para mim, tão meu

amigo, e fez-me tais elogios sobre ela, que eu estava assombrado. Natacha ofendeu-o tanto e meu pai a julgá-la deste modo!

– Mas pode estar certo – disse eu – de que agora mesmo, hoje mesmo, toda a inquietação dela era pelo senhor, por ti a quem ela deu quanto podia dar, para que não estivesse triste, para que se não privasse da possibilidade de estar com Ekatierina Fiódorovna! Foi o que ela própria me disse. E o senhor a dar logo crédito a semelhantes afirmações!… Não tem vergonha?

– Ingrato! Mas se nunca se envergonha de nada! – exclamou Kátia, apontando-o com a mão, como a um homem completamente perdido.

– Mas que é que me censuram agora? – continuou Alhocha com voz lastimosa. – Fazes sempre o mesmo, Kátia! Só vês em mim o lado mau… Não me refiro a Ivan Pietróvitch! O senhor pensa que não amo Natacha. Não foi isto que eu quis dizer ao achá-la egoísta. Só quis dizer que me quer em excesso, com um amor que passa todas as medidas e que é doloroso, tanto para ela como para mim. Mas o meu pai nunca seria capaz de me manobrar à sua vontade, ainda que o quisesse. Ele também não disse que ela era egoísta no mau sentido do termo: eu o compreendi bem. Apenas quis dizer aquilo que eu próprio acabo de exprimir: que ela me ama a tal ponto, com tal violência, que isso redunda em egoísmo, o que se torna aborrecido para os dois e, com o andar dos tempos, ainda se há de tornar mais aborrecido para mim. Reparem que ele tinha o direito de falar assim, pelo afeto que me tem. Isto não quer dizer, de maneira nenhuma, que ofendesse Natacha; antes significa que ele vê nela um amor muito forte, um amor sem medida, tocando quase o impossível…

Mas Kátia interrompeu-o e não o deixou concluir. Começou a censurá-lo com veemência, a mostrar-lhe que só intencionalmente seu pai se pusera a gabar Natacha, para o enganar com a sua aparente bondade, tudo com o intuito de afrouxar os laços e de acabar por virar contra ela, de modo quase insensível, o próprio Alhocha. Com ardor e discrição fez ressaltar quanto Natacha o amava, que nenhuma mulher lhe perdoaria o modo como estava procedendo para com ela, e que o único e verdadeiro egoísta era ele próprio, Alhocha. Pouco a pouco

Kátia foi-lhe fazendo sentir um terrível desgosto e um arrependimento completo; estava sentado junto de nós, com os olhos no chão, sem responder nada, completamente aniquilado e com uma expressão de sofrimento no rosto. Mas Kátia era inexorável. Eu a contemplava com extrema curiosidade. Queria conhecer a fundo, quanto antes, aquela estranha jovem. Era na verdade uma criança, mas uma criança especial, "com convicções", com normas firmes e com um amor apaixonado, agressivo, à bondade e à justiça. Embora se lhe pudesse chamar uma criança, pertencia a essa classe de crianças "que pensam", muito numerosas nas nossas famílias. Saltava à vista que já pensara muito. Era curioso olhar aquela cabecinha pensadora e observar como nela alternavam ideias e suposições pueris com impressões seriamente sentidas e observações da vida (porque Kátia já não era uma criança). Ao mesmo tempo havia ideias que (ela própria o ignorava) não eram vividas, que a tinham seduzido abstratamente nos livros – ideias que deviam ser muito numerosas e que por certo tomara como experiência própria.

Em toda aquela noite e depois aprendi a conhecê-la muito bem. Tinha um coração veemente e sensível. Em alguns momentos, parecia esquecer o dom de se dominar, pondo acima de tudo a sinceridade. Considerava a coação mundana como um preconceito e, ao que parecia, ufanava-se de tal convicção, o que costuma suceder a muitas pessoas fogosas, ainda que já não sejam muito novas. Mas tudo isto lhe conferia uma atração particular. Gostava muito de pensar e procurar as razões de tudo. Estava a tal ponto isenta de pedantismo, tinha tantas saídas infantis, dignas de uma criancinha, que desde o primeiro instante se tornava encantadora a sua originalidade e até nos acostumávamos a ela. Eu me recordava de Lióvonhka e Bórienhka e pensava que tudo isto estava perfeitamente de acordo. E, coisa estranha, o seu rosto, no qual não encontrara nenhuma beleza especial, ao primeiro olhar, tornou-se para mim, naquela mesma noite, muitíssimo belo e atraente. Aquela ingênua duplicidade da criança e da mulher que pensa, aquela ânsia infantil e absolutamente sincera, de verdade e justiça, a sua fé inquebrantável nas próprias aspirações, tudo isso parecia iluminar-lhe o semblante com um certo fulgor de sinceridade, muito belo, e comunicava-lhe uma espécie de suprema beleza espiritual. Começava-se a compreender que não era fácil atingir

o pleno significado daquela formosura, que esta não se patenteava toda a qualquer olhar vulgar e indiferente. Compreendi que Alhocha devia estar apaixonadamente ligado a ela. Como não era capaz de discorrer nem pensar, ele amava precisamente quem pensasse, e até quem desejasse por ele. Kátia tomara-o sob a sua tutela. Alhocha tinha um coração nobre e dócil; propendia sempre para o honesto e sublime, e Kátia fizera-lhe ver muitas coisas com toda a sua franqueza e simpatia infantis. Ele não possuía uma só ponta de vontade própria; ela, em troca, tinha uma grande firmeza, uma vontade ardente. Alhocha só poderia prender-se a quem o soubesse dominar e até impor-lhe a sua vontade. Foi por isso, em parte, que Natacha conseguiu atraí-lo no início das suas relações, mas Kátia tinha uma grande vantagem sobre Natacha: a de ser uma garota e de haver de continuar a sê-lo por muito tempo ainda. A sua infantilidade, a sua inteligência lúcida e, ao mesmo tempo, uma certa falta de senso, tudo estava mais de acordo com Alhocha. Este sentia-o e por isso Kátia cada vez o atraía mais. Estou convencido de que, quando falavam a sós, alternariam com as sérias expressões "de propaganda", de Kátia, algumas brincadeiras. E, embora Kátia, seguramente, ralhasse com Alhocha e até o tivesse nas suas mãos, era evidente que ele estava a seu lado com mais prazer do que junto de Natacha. Eram mais "iguais" entre si, e isso é o essencial.

– Basta, Kátia, basta. Tu tens sempre razão e eu nunca. Isso deve-se ao fato de teres uma alma mais pura que a minha – disse Alhocha levantando-se e estendendo-lhe a mão em sinal de despedida. – Vou agora mesmo ver Natacha e não subirei à casa de Lióvonhka.

– Não tinhas nada que fazer em casa de Lióvonhka. Acho muito bem que me obedeças e te vás embora.

– Está sempre bem o que fazes – respondeu, triste, Alhocha. – Ivan Pietróvitch, tenho de lhe dizer duas palavras.

Afastamo-nos um pouco.

– Conduzi-me hoje como um desavergonhado. Procedi muito mal e incorri em culpa com toda a gente e, sobretudo, com elas duas. Hoje, o meu pai, depois do jantar, apresentou-me Alexandrine (uma

francesa), uma mulher deslumbrante. Eu… me deixei levar e… bem! Sou indigno de estar com elas… Adeus, Ivan Pietróvitch!

– É bom, é nobre! – apressou-se a dizer Kátia, logo que voltei a sentar a seu lado. – Mas já falaremos dele, e não há de ser pouco. Agora, antes de mais, é necessário que me responda a uma pergunta: que lhe parece o príncipe?

– Um homem odioso.

– A mim também. Nisto, portanto, estamos completamente de acordo. Quanto ao resto, vai ser fácil ajuizar. Falemos agora de Natacha Nikoláievna… Sabe, Ivan Pietróvitch, que eu ando completamente às escuras e que o esperava como à luz?… O senhor vai-me aclarar tudo, porque, quanto ao essencial, eu não pude ajuizar senão por conjeturas tiradas do que me contava Alhocha. Não tinha mais ninguém por quem me informar. Diga-me, em primeiro lugar, qual é a sua opinião. Se Alhocha e Natacha se unirem serão felizes ou desventurados? Isto é o que preciso saber primeiramente, para adotar uma resolução definitiva, para saber como devo conduzir-me.

– Que lhe hei de dizer de seguro sobre este ponto?

– Evidentemente que não espero nenhuma informação segura – interrompeu – apenas aquilo que lhe parece… Porque o senhor é um homem muito inteligente…

– Ao que me parece, não poderão ser felizes.

– Por quê?

– Porque não são iguais.

– Era o que eu pensava – e deixou cair os braços, profundamente aflita. – Conte-me mais pormenores. Ouça, eu tenho uma enorme vontade de ver Natacha, porque preciso muito falar com ela. Parece-me que, entre ambas, resolveremos tudo. Já a imagino mentalmente: deve ser muito inteligente, muito séria, sincera e bonita. É assim?

– É assim.

– Tinha a certeza disso. Mas bem. Se é assim, como pode querer a Alhocha, que é tão infantil? Explique-me isto. É só o que me preocupa.

– Não é possível explicar, Ekatierina Fiódorovna. É difícil ver as razões por que cada um ama. Sim, ele é infantil; mas não sabe até que ponto se pode querer a uma criança?

O meu coração enternecia-se ao olhá-la, ao ver os seus olhos que me contemplavam atentos, com uma funda, séria e impaciente atenção.

– E precisamente porque Natacha não é uma menina – prossegui – precisamente porque é mais séria, mais facilmente se enamorou dele. Ele é sincero, franco, terrivelmente ingênuo e, por vezes, graciosamente simples. Talvez que ela o amasse (quem poderia dizer?), como que por dó… Um coração generoso pode amar por compaixão… Mas, depois de tudo, vejo que não posso explicar-lhe bem… Em troca, vou agora perguntar-lhe uma coisa: ama-o deveras?

Formulei ousadamente esta pergunta, mas senti que com ela não poderia perturbar a infinita, a juvenil pureza daquela alma.

– Por Deus, não sei ao certo! – respondeu, em voz baixa, olhando-me nos olhos. – Parece-me que o amo muito…

– Bem, já vê. E poderá explicar-me por que o ama?

– Nele não há mentira – respondeu, depois de pensar um momento – e quando me olha e me fala, isso me é muito agradável… Ouça, Ivan Pietróvitch, estou falando com o senhor sobre tudo isto, mas eu sou uma moça e o senhor um homem. Faço bem ou mal?

– Que mal pode haver?

– Efetivamente! Claro, que mal pode haver? Mas veja: eles – e assinalou com os olhos o grupo junto do samovar – por certo diriam que isto não estava bem. Têm razão ou não?

– Não. O seu coração não a avisaria de que andava mal, se assim fosse?

– Eu procedo sempre assim – apressou-se ela a interromper-me, com o visível desejo de falar comigo o mais possível – quando estou preocupada com alguma coisa; consulto o coração e, se este está tranquilo, eu também fico tranquila. É assim que se deve proceder sempre. Além disso, falo com o senhor tão francamente como comigo própria, em primeiro lugar porque o senhor é um homem bom e porque conheço a sua história com Natacha, antes de Alhocha. Chorei ao ouvir contá-la.

– Mas quem a contou?

– Alhocha, naturalmente; e também chorava ao contar. Portou-se muito bem neste caso, o que muito me agradou. Creio que ele gosta mais do senhor do que o senhor dele, Ivan Pietróvitch. Veja: por estas coisas é que ele me agrada. Bem… Em segundo lugar falo com o senhor com tanta franqueza como falaria a mim própria, porque o senhor é um homem muito inteligente e pode aconselhar-me e ensinar-me muitas coisas.

– Mas como sabe que eu tenho inteligência suficiente para a ensinar?

– Olhem que pergunta! – e ficou pensativa. – Ouça – prosseguiu – eu apenas queria dizer-lhe isto, que pode falar-me do principal. Ajude-me, Ivan Pietróvitch, eu sinto agora que sou rival de Natacha, sei disso; como hei de proceder? Por isso lhe perguntei há pouco se eles "poderiam ser felizes". Penso nisto noite e dia. A situação de Natacha é horrível, horrível… Porque, quero que saiba, ele já a não ama, ao passo que a mim me quer mais, dia a dia. Não é assim?

– Parece.

– E veja: ele não a engana. Ele próprio ignora que deixou de amá-la, ao passo que ela já por certo deu conta do que se passa. Quanto deve sofrer!

– E que pensa fazer, Ekatierina Fiódorovna?

– Projetos, tenho muitos – respondeu ela seriamente – mas, até agora, não fiz nada. Por isso o aguardava com tanta impaciência, para

que o senhor resolva tudo. Sabe muito mais do que eu sobre o assunto. O senhor é agora para mim pouco menos que um deus. Ouça, eu, a princípio, pensava assim: se eles se amam reciprocamente, têm por força de ser felizes e, nesse caso, estou obrigada a sacrificar-me e a ajudá-los no que puder. É o que lhe digo.

– Sei bem que se havia de sacrificar!

– Sim, me sacrificaria… Mas, quando ele começou a vir por aqui e a querer-me cada vez mais, comecei a pensar sobre isto: "Sacrifico-me ou não me sacrifico?". Foi muito mal, não acha?

– Isso é natural – respondi. – Tinha de ser assim… e a culpa não é sua.

– Eu não penso assim. O senhor diz-me isso porque é muito bondoso. Mas eu acho que não tenho um coração puro. Se o tivesse, saberia o que resolver. Mas deixemos isto. Vim a saber mais pormenores acerca das relações entre eles, pelo príncipe, pela mamãe e pelo próprio Alhocha, e deduzi que eles não estão bem um para o outro. O senhor mesmo acaba de o confirmar. Então insisti mais do que nunca nas minhas meditações: que fazer agora? Porque, se eles não vão ser felizes, é melhor que se separem. Resolvi, portanto, pedir-lhe mais pormenores e ir eu própria visitar Natacha e resolver tudo com ela.

– Mas… resolver como? A questão é esta…

– Bem, vou lá e digo-lhe: "A senhora ama-o mais do que a tudo e, portanto, deve desejar acima de tudo a felicidade dele. Assim, o seu dever é deixá-lo".

– Sim, mas que efeito produzirá nela ouvir isso? Mesmo supondo que concorda com a senhora, terá coragem suficiente para fazer o que lhe vai pedir?

– É nisso precisamente que penso, noite e dia, e… e…

E começou a chorar.

– Não calcula que pena tenho de Natacha – murmurou com os

lábios trêmulos de pranto.

Não havia mais que dizer. Eu estava calado e também tinha vontade de chorar, ao vê-la sofrer tanto. Que criança simpática! Nem sequer lhe perguntei por que se considerava capaz de fazer Alhocha feliz.

– Gosta de música? – perguntou-me, depois de serenar um pouco, embora ainda comovida.

– Gosto muito – respondi, um pouco assombrado.

– Se tivesse tempo, havia de lhe tocar o concerto número três de Beethoven. Ando agora a estudá-lo. Reflete os mesmos sentimentos… que eu experimento agora. Pelo menos, é o que me parece. Mas ficará para outra vez. Agora precisamos de falar.

E procuramos resolver como poderia ela ver Natacha e como se arranjariam as coisas. Ela me explicou que era vigiada; embora a madrasta fosse boa e lhe mostrasse afeto, por nada no mundo iria consentir que travasse amizade com Natacha Nikoláievna. Estava, pois, resolvida a empregar a astúcia. De manhã, costumava sair a passeio, mas quase sempre com a condessa. Quando esta, algumas vezes, não podia ir com ela, entregava-a à francesa, agora doente. Isso costumava acontecer quando a condessa ficava com enxaqueca e, portanto, era necessário esperar que assim sucedesse. Então ela combinaria tudo com a francesa (uma espécie de dama de companhia, uma velha), muito boa. Em resumo: era impossível indicar antecipadamente o dia da visita a Natacha.

– Há de conhecer Natacha e não o lamentará – disse eu. – Ela também deseja conhecê-la, e é necessário que falem, ainda que seja apenas para se saber quem há de renunciar a Alhocha. Não se preocupe muito com este assunto. O tempo, só por si e sem que nós nos inquietemos, resolverá tudo. Ouvi dizer que vai fazer uma viagem ao campo.

– Sim, dentro em pouco, talvez dentro de um mês – respondeu ela. – E sei que o príncipe insiste nessa viagem.

– E que pensa? Alhocha vai acompanhá-la?

– Sim, já pensei nisso – exclamou, olhando-me atentamente. – Virá!

– Irá.

– Meu Deus, não sei em que vai dar tudo isto! Ouça, Ivan Pietróvitch. Eu lhe escreverei, vou lhe escrever com frequência. Vou lhe contar tudo com pormenores. Já que comecei a aborrecê-lo… Virá ver-nos algumas vezes?

– Não sei, Ekatierina Fiódorovna. Depende das circunstâncias. Talvez não possa vir.

– Por quê?

– Depende de muitas coisas, mas principalmente das minhas relações com o príncipe.

– É um velhaco – declarou Kátia resolutamente. – Mas ouça, Ivan Pietróvitch, e se eu fosse à sua casa? Estaria bem ou não? Que lhe parece?

– A mim parece que estava bem.

– Assim, poderia lhe contar tudo… – acrescentou sorrindo. – Olhe: eu lhe falo deste modo, porque, além de o respeitar… também o estimo muito… Sim, estimo-o… Mas diga-me, não é uma vergonha eu dizer-lhe estas coisas?

– Vergonha por quê? Eu também já a estimo, como se fosse da minha família.

– Então, quer ser meu amigo?

– Oh! sim, sim! – respondi.

– Bem. Eles seguramente haviam de dizer que era uma vergonha e que uma menina não deve conduzir-se deste modo – observou, indicando-me de novo o grupo formado em volta da mesa de chá.

Devo notar que o príncipe parecia ter-nos deixado intencionalmente falar a sós.

– Eu sei muito bem – acrescentou ela – que o príncipe, o que quer é o meu dinheiro. Eles pensam que sou uma criança e até me dizem isso na cara. Mas eu não penso assim. Eu já não sou uma criança. Eles são muito estranhos; eles é que parecem crianças. Vejamos o que andam planejando.

– Ekatierina Fiódorovna, esqueci-me de lhe perguntar uma coisa: quem são esse Lióvonhka e esse Bórienhka que Alhocha visita tantas vezes?

– São parentes meus, afastados. Uns rapazes muito inteligentes e muito honrados, mas que falam pelos cotovelos… Já os conheço… – e sorriu.

– É verdade que pensa, na devida altura, oferecer-lhes um milhão?

– Vê? Ainda que isso seja verdade, falaram tanto do milhão que já se torna insuportável. Claro que eu estou disposta a sacrificar-me por tudo o que for útil. Para que quero eu tanto dinheiro? Mas olhe que daqui até eu dar o milhão… E, todavia, já estão a fazer e desfazer, a falar, a discutir, gritar e brigar sobre o modo como hão de empregar o dinheiro. Até por isto brigam… o que é realmente estranho. Estão muito apressados… Não obstante, são rapazes sinceros e… inteligentes. Estudam. É preferível isso à vida que outros levam, não é verdade?

Ainda estive bastante tempo falando com ela. Contou-me toda a sua vida e escutou as minhas palavras com avidez. Insistia para que lhe contasse tudo o que soubesse de Natacha e de Alhocha. Seria já meia-noite quando o príncipe se aproximou de mim, dando-me a entender que eram horas de nos retirarmos. Despedi-me. Kátia apertou-me a mão com força e olhou-me expressivamente. A condessa insistiu para que voltasse. Saí com o príncipe.

Não posso deixar de expor uma observação, ainda que resulte incongruente. Da minha conversa de três quartos de hora com Kátia

fiquei, entre outras coisas, com a convicção um pouco estranha, mas ao mesmo tempo profunda, de que ela era tão criança que ignorava em absoluto as relações entre homem e mulher. Isto imprimia uma graça desusada a algumas ideias suas e ao tom sério que tomava para abeirar-se de certos problemas importantes.

## Capítulo X

– Sabe uma coisa? – disse-me o príncipe, ao sentar a meu lado no coche. – Acho que não ficaria mal tomarmos qualquer coisa. Que lhe parece a minha proposta?

– Verdadeiramente não sei, príncipe – respondi, hesitante. – Eu nunca ceio…

– Bem, é que, naturalmente, "falaríamos", enquanto ceássemos – acrescentou ele olhando-me, atenta e ironicamente, nos olhos. Como não compreender! Ele quer explicar-se comigo e é isso o que eu preciso. Aceitei.

– Pois vamos. À Bolchaia Morskaia, à B***.

– Um restaurante? – perguntei com certa perplexidade.

– Sim, que tem? Eu, é raro cear em casa. Não me permite que o convide?

– Mas é que, já lhe disse, eu nunca ceio…

– Uma vez só, não tem importância. Além disso, sou eu quem convida…

Quer dizer: "Sou eu que vou pagar". Estou convencido de que acrescentou aquilo "intencionalmente". Eu acedi a acompanhá-lo, mas estava resolvido a pagar a minha conta no restaurante. Chegamos. O príncipe pediu um compartimento reservado e, com arte e conhecimento do assunto, escolheu dois, três pratos. Eram pratos caros, tal como as garrafas de excelente vinho de mesa, que encomendou. Aquilo não estava ao alcance da minha bolsa. Olhei a ementa e pedi para mim meio frango e um copo de Laffite. O príncipe protestou:

– Mas não quer cear comigo? Isso é absolutamente ridículo. *Pardon, mon ami.* Olhe que isso… é de uma mesquinhez ofensiva. É de

um amor-próprio tacanho. Parece que há aqui preconceitos de classe e apostaria que assim é. Asseguro-lhe que me ofende.

Persisti na minha ideia.

– Bem, como queira – acrescentou. – Eu não quero constrangê-lo… Diga-me, Ivan Pietróvitch, poderei falar-lhe como a um verdadeiro amigo?

– Peço-lhe que o faça!

– Bom, em meu entender essa mesquinhez prejudica-o. Prejudica-o a si e a todos da sua classe. Os senhores, os literatos, precisam conhecer o mundo e, no entanto, mantêm-se alheios a tudo. Não falo agora dos frangos. Veja: o senhor está disposto a recusar todas as relações com o nosso meio, e isto prejudica-o. Perde muito… – numa palavra: perde a sua carreira! O senhor tem necessidade de conhecer de fato o que se descreve, o que se encontra nos romances: condes, príncipes e *boudoirs*. Além de tudo, depois de tudo, como direi? O senhor agora só pinta miséria, inspetores, oficiais violentos, funcionários, tempos passados, conspiradores… Sei muito bem disso, muito bem.

– Engana-se em absoluto, príncipe. Se eu não penetro naquilo a que chama "alta esfera", é porque nela, em primeiro lugar, uma pessoa se aborrece, e depois, porque não tenho lá nada que fazer. Apesar de tudo, não deixo absolutamente de a frequentar…

– Já sei que vai à casa do príncipe R*** uma vez por ano. Já tive ocasião de o ver lá. Mas, no resto do ano, o senhor reveste-se de um orgulho democrático e some no seu casebre. Nem todos os do seu grêmio se conduzem assim: há uns que só procuram aventuras e que me causam náuseas…

– Agradecia-lhe muito, príncipe, que mudasse de assunto e me deixasse em paz com os casebres!

– Ai, meu Deus, já se ofendeu! Mas lembre-se de que foi o senhor mesmo quem me autorizou a falar-lhe como a um amigo íntimo. Mas é verdade, errei, porque ainda não mereci a sua amizade. Excelente

vinho. Prove-o.

Encheu-me meio copo da sua garrafa.

– Veja, meu caro Ivan Pietróvitch, eu compreendo muito bem que não é decoroso atirar com a amizade à cara de uma pessoa; veja que nem todos nós somos grosseiros e duros para o senhor, como o senhor pensa… Apesar de que também compreendo muito bem que o senhor está aqui, não por deferência para comigo, mas porque lhe prometi "falar". Não é verdade? – e sorriu. – Já que vela tanto pelos interesses de certas pessoas das suas relações, vai ter a bondade de ouvir o que vou dizer-lhe, não é assim? – acrescentou com sorriso maldoso.

– Não se engana – cortei impaciente; eu via que ele era um desses indivíduos que, ao ver que um homem está em seu poder, ainda que preso por um cabelo, imediatamente o faz saber disso. Eu estava em seu poder; não podia sair dali sem escutar tudo o que quisesse dizer-me, e ele sabia disso de sobra. Mudou subitamente de tom, procurando cada vez mais dar às suas palavras um ar de familiaridade e, até, de brincadeira. – Não se engana, príncipe. Foi por isso que vim, de outro modo, realmente, não estaria aqui… tão tarde.

O que eu queria dizer era: "De outro modo, por nada deste mundo estaria aqui com o senhor"; mas não o disse e empreguei outros termos, não por receio, mas pela minha fraqueza e delicadeza, condenáveis. Depois de tudo, como ofender uma pessoa na sua própria cara, ainda que seja digna disso e que eu quisesse realmente fazê-lo? Pareceu-me que o príncipe leu isto nos meus olhos. Olhou-me, sorrindo, enquanto eu proferia aquela frase, como que satisfeito com a minha pusilanimidade e como que procurando excitar-me com este olhar: "Anda, atreve-te, meu caro!". Foi assim, pois, quando terminei, desatou a rir e, com afetuosidade protetora, deu-me uma pancadinha nas costas.

"Fazes-me rir, meu caro!", li eu nos seus olhos. "Paciência!", pensei para mim.

– Hoje foi para mim um dia muito alegre – exclamou ele – e, na verdade, não sei por quê. Sim, sim, meu amigo. Era precisamente dessa pessoa que queria falar-lhe. É necessário resolver alguma coisa

em definitivo, “ficarmos” nalguma coisa. Espero que agora me compreenda perfeitamente. Falei-lhe, há pouco, daquela quantia e desse pai fanfarrão, desse garoto sexagenário… Bem! Não vale a pena falarmos agora disso… ah, ah, ah! O senhor, que é um literato, devia ter adivinhado…

Olhei-o atônito. Ao que parecia, ainda não estava embriagado.

– Bem! Quanto à tal menina, é verdade que eu a respeito e até me inspira afeto, creia-me. É um pouco voluntariosa, mas devemos pensar que “não há rosas sem espinhos”, como diziam, e muito bem, há cinquenta anos. Os espinhos picam, mas isso é muito atraente e, embora o meu Alieksiéi seja um tolo, tenho de lhe perdoar, porque revelou bom gosto. Numa palavra: a pequena agrada-me, e eu… – e apertou os lábios de modo significativo – até tenho quanto a ela intenções pessoais… Mas, bom, isso fica para depois…

– Príncipe, por favor! – exclamei. – Não compreendo essa mudança tão brusca; mas… mudemos de conversa, suplico-lhe.

– Lá se zanga outra vez! Está bem… mudarei, mudarei. Só queria perguntar-lhe uma coisa, meu bom amigo, tem-lhe muita estima?

– Naturalmente! – respondi com brusca impaciência.

– E ama-a? – insistiu, estalando repulsivamente com a língua e piscando os olhos.

– O senhor esquece-se! – exclamei.

– Bem, bem, tranquilize-se. É que me encontro hoje com uma excelente disposição. Estou contente como há muito não estava. Não quer champanhe? Que lhe parece, meu caro poeta?

– Não bebo, não quero!

– E também não fala. O senhor está indefectivelmente obrigado a fazer-me hoje companhia. Sinto-me muito bem disposto e com uma bondade que raia pelo sentimentalismo. Não posso ser feliz sozinho. Quem sabe se acabaremos a beber e a tratar-nos por “tu”!… Ah, ah, ah! Não, meu jovem amigo, ainda me não conhece! Estou certo que

acabará por me estimar. Quero que compartilhe hoje comigo a tristeza e a alegria, os risos e as lágrimas, apesar de que espero não chorar. Bom, vamos a ver: que diz o senhor, Ivan Pietróvitch? Imagine apenas que se as coisas não me correrem bem, toda a minha inspiração se desvanecerá, volatilizará, desaparecerá, e o senhor não chegará a ouvir nada. E veio aqui só para me ouvir, não é verdade? – acrescentou voltando a piscar-me maliciosamente o olho. – Agora escolha.

A ameaça era grave. Assenti. "Não quererá embriagar-me?", pensei. Efetivamente, é a altura de recordar certo rumor que corria acerca do príncipe, rumor que, há muito, chegara aos meus ouvidos. Diziam que ele, sempre tão elegante em sociedade, gostava de se embriagar às vezes, durante a noite, beber como uma esponja e entregar-se clandestinamente a uma libertinagem torpe e secreta. Ouvira sobre ele rumores terríveis… Diziam que Alhocha sabia que seu pai costumava embriagar-se e que se esforçava por ocultá-lo a toda a gente e, em especial, a Natacha. Certa vez começou a falar-me disso, mas imediatamente mudou de assunto e não respondeu às minhas perguntas. Além do mais, apesar de ter ouvido referir o fato, confesso que, a princípio, me recusava a acreditar. Agora estava à espera do que se iria passar.

Trouxeram-nos vinho. O príncipe encheu dois copos dos grandes, um para ele e outro para mim.

– É uma simpática e linda jovem, apesar de me ter tratado com aspereza – continuou a dizer, enquanto saboreava o vinho com deleite. – As pessoas assim simpáticas são especialmente atraentes em determinados momentos … Ela havia de estar pensando que tinha conseguido confundir-me, lembra-se, que me reduzira a pó, ah, ah, ah!… Que bem lhe ficam as cores!… O senhor percebe alguma coisa de mulheres? Às vezes um súbito rubor fica-lhes admiravelmente bem às faces pálidas, já reparou? Ai, meu Deus! Vejo que já se aborreceu outra vez.

– Sim, estou aborrecido! – exclamei, sem poder conter-me. – Não quero que fale agora de Natacha Nikoláievna, isto é, não admito que fale nesse tom. Não posso… não posso consentir!

– Bem, desculpe. Vou fazer-lhe a vontade: mudarei de assunto. Porque, veja, sou tão flexível e brando como a cera. Falemos do senhor. Tenho-lhe estima, Ivan Pietróvitch; se soubesse a simpatia que me inspira, tão amigável e sincera.

– Príncipe, não seria melhor falar sobre o assunto? – interrompi.

– Do "nosso assunto", quer o senhor dizer. Eu até o compreendo com meias palavras, *mon ami*. Mas o senhor nem calcula como vamos estar perto do assunto, se falarmos do senhor – se o senhor, naturalmente, me não interromper. Nesse caso, continuo. Queria dizer-lhe, meu inestimável Ivan Pietróvitch, que viver como vive equivale simplesmente a perder-se. Há de permitir que eu toque neste assunto delicado, porque sou seu amigo. O senhor é pobre, recebe dinheiro adiantado do editor e paga as dívidas; no semestre seguinte, porém, alimenta-se apenas de chá e treme de frio na sua trapeira, esperando que se publique o seu romance na revista do seu editor, não é assim?

– Embora seja assim, parece-me que tudo isso…

– É mais honrado que roubar, adular, pedir dinheiro emprestado, enredar, etc., etc. Sei, sei o que o senhor quer dizer. Tudo foi posto a claro, há tempo…

– Mas, na realidade, não me parece que o príncipe tenha de se intrometer nos meus assuntos… Vai dar lugar a que eu lhe dê uma lição de delicadeza…

– Não, não terá de a dar. Que fazer, todavia, quando estamos tocando numa corda tão sensível? Mas, enfim, deixemos em paz as trapeiras. Não gosto nada delas, salvo em determinadas ocasiões – e rompeu num riso repulsivo. – Mas é isto que me espanta: por que tem tanto interesse em fazer papéis de segunda ordem? É verdade que um dos seus camaradas escritores disse uma vez, se bem me lembro, que talvez o maior feito de um homem fosse contentar-se na vida com um papel secundário… Era qualquer coisa deste gênero… E, a propósito, ouvi também qualquer coisa semelhante, não sei onde. Mas, enfim, o caso é que Alhocha lhe tirou a noiva, sei bem, e o senhor, como qualquer Schiller, ainda se esforça por os servir, por lhes ser prestável.

Só lhe falta pôr-se a quatro patas por causa deles… Desculpe-me, meu caro, mas acho um pouco vil isso de brincar aos sentimentos generosos. Não sei como o senhor, no fundo, não se aborrece. É até vergonhoso. Eu, no seu lugar, morreria de desespero e, o que é mais importante, de vergonha, sim, de vergonha.

– Príncipe, parece-me que o senhor me trouxe aqui para me insultar! – exclamei, transtornado pela ira.

– Oh! Não, meu amigo! Neste momento sou apenas um homem prático e que deseja a sua felicidade. Numa palavra: desejo arrumar este assunto. Não percamos de vista que se trata de "todo o assunto". Escute-me até o fim, e procure não se irritar, ainda que seja apenas por um momento. Bem, que pensa? E se o senhor se casasse? Vê? Falo-lhe agora sobre "outra coisa". Mas… por que me olha tão espantado?

– Estou à espera de que acabe – respondi, olhando-o, efetivamente com assombro.

– Pois não me interrompa. Quero precisamente saber o que diria o senhor se algum amigo seu, que lhe desejasse uma felicidade sólida, efetiva, não efêmera, lhe propusesse uma jovem interessante mas… que já tivesse passado por certas coisas… Falo alegoricamente, mas deve estar entendendo, uma jovem como Natacha Nikoláievna, claro que com uma indenização decorosa… Olhe que estou a falar-lhe de "outra coisa" e não do "nosso assunto". Bem, então que diria?

– Direi ao senhor que… está louco!

– Ah, ah, ah! Bah! Pouco faltou para se atirar a mim.

Eu, efetivamente, senti tentações de me atirar a ele. Não podia conter-me mais. Dava-me a impressão de um réptil, de uma aranha enorme que eu a todo o custo desejava esmagar. Ele se divertia a troçar de mim. Brincava comigo como o gato com o rato, supondo que eu estava em seu poder. Parecia, lembro-me, que encontrava certa satisfação, certa voluptuosidade até, naquela tirania, naquele cinismo com que tirava diante de mim a sua máscara. Queria divertir-se com o meu espanto, com o meu assombro. Desprezava-me francamente e zombava de mim.

Eu pressentia, desde o início, que tudo aquilo era deliberado e tinha alguma finalidade. Mas estava em tal situação que, houvesse o que houvesse, não tinha remédio senão ouvir o príncipe até o fim. Assim convinha aos interesses de Natacha. Tive, pois, de resignar-me a tudo e tudo aguentar, porque talvez naquele instante se decidisse o seu destino. Mas como seria possível ouvir aquelas cínicas e maldosas apreciações a respeito dela, como seria possível sofrer tudo aquilo a sangue frio? Ele sabia muito bem que eu não tinha outro remédio senão ouvi-lo, e isto duplicava a sua ofensa. "Além do mais, ele também precisa de mim", pensei, e mostrei-me redondamente hostil. Ele o compreendeu.

– Bom! Veja, meu amigo – começou, olhando-me com seriedade – não é possível continuarmos assim. Será melhor ficarmos de acordo. Olhe que eu tinha a intenção de lhe dizer uma coisa; mas é preciso que o senhor seja tão amável que escute o que lhe quero dizer. Desejo falar à minha vontade, a meu gosto e como é necessário, na verdade. Vejamos, meu jovem amigo: está disposto a ter paciência?

Tive de fazer grande esforço, mas calei-me, apesar de que ele me olhava com tal sarcasmo que só parecia desafiar-me a formular o mais vivo protesto. Mas compreendia que eu acedera a não me retirar, e prosseguiu:

– Não se aborreça comigo, meu amigo. Afinal, por que é que se aborrece? Só pelo "parece bem", não é verdade? O senhor, no fundo, não esperava de mim outra coisa, qualquer que fosse a forma por que eu me exprimisse: com grande cortesia, ou como acabei de fazer – as ideias seriam as mesmas. O senhor sente desprezo por mim, não é verdade? Não vê quanta ingenuidade, franqueza e *bonhomie* há em mim! A si tudo confesso, inclusive os meus caprichos pueris. Sim, *mon cher*, sim. Ponha outra tanta *bonhomie* da sua parte e verá então como falamos, chegamos a acordo e nós compreendemos, finalmente, um ao outro. Mas não me olhe com esse espanto. Se soubesse como me aborrecem todas essas inocências, todas essas pastorais de Alhocha, todos esses dramas à Schiller, todas essas exaltações por causa da maldita ligação com a tal Natacha (que, aliás, é uma moça muito interessante)… Posso até dizer que involuntariamente me regozijo de ter uma ocasião para lhe exprimir todo o horror que me inspiram.

Bem, chegou a ocasião. Além disso, queria desafogar consigo a minha alma, ah, ah, ah!

– O senhor espanta-me, príncipe, não o reconheço. Está usando o estilo de um polichinelo: essa franqueza inesperada…

– Ah, ah, ah! Veja, isso é verdade, em parte. Que comparação tão acertada. Eu estou muito divertido, meu amigo, estou muito divertido, estou alegre e contente. Mas o senhor, meu caro poeta, tem de me mostrar toda a tolerância possível. Mas será melhor bebermos – decidiu, completamente satisfeito consigo, esvaziando um copo. – Veja, meu amigo. Aquela estúpida noite (lembra-se?), em casa de Natacha, acabou de me matar definitivamente. Ela, na verdade, estava muito interessante. Saí de lá com um desgosto horrível e não posso esquecê-lo. Nem esquecer nem ocultar. Por certo que também me há de chegar a vez, e não deve tardar… Mas deixemos isto, por agora. Queria, entretanto, explicar-lhe que há um traço no meu caráter que o senhor ainda ignora: é a aversão a todos esses imbecis que para nada servem, a todas essas ingenuidades vulgares e baratas. Um dos meus mais gratos prazeres foi sempre fingir concordância, exprimir-me no mesmo tom, acarinhar, encorajar qualquer desses eternamente jovens Schillers e logo, rapidamente, de um só golpe, desconcertá-lo, tirar a máscara na sua frente e, em vez da cara de entusiasmo, fazer-lhe caretas, deitar-lhe a língua de fora… precisamente no instante em que menos se esperasse tal surpresa. Que tal? O senhor não compreende isto, isto parece-lhe abominável, absurdo, talvez ignóbil, não?

– Pois claro!

– O senhor é franco. Bom. Mas que hei de eu fazer, se me aborrecem? Será uma estupidez – também sou sincero – mas é este o meu caráter. Além do mais, gostaria de lhe contar alguns episódios da minha vida. O senhor há de compreender-me melhor e vai achar curioso. Sim, efetivamente, talvez me pareça hoje com um polichinelo. Mas, já vê, o polichinelo é sincero, não é?

– Por favor, príncipe. Já é tarde e, na verdade…

– Como? Meu Deus, que impaciência! Vamos! Continuemos a falar como amigos, sinceramente, sabe? Sim, senhor, junto da garrafa

de vinho, como bons camaradas. O senhor pensa que estou bêbado. Que importa? Assim é melhor! Ah, ah, ah! Na verdade, estes momentos em companhia de um amigo ficam, para muito tempo, gravados na memória, e uma pessoa recorda-os com prazer. O senhor não é bom, Ivan Pietróvitch. Falta-lhe sentimentalismo, sensibilidade. Bem, que é para o senhor um bocadinho mais, tratando-se de um amigo como eu? No fundo, isto também tem relação com o "assunto". Como é que não o compreende? Sendo um literato… O senhor até devia celebrar esta ocasião: pode tirar de mim um tipo para os seus romances… Ah, ah!, meu Deus, como eu estou hoje simpático e franco!

Pelo visto, estava embriagado. Mudara de semblante e mostrava agora uma expressão maldosa. Indubitavelmente sentia vontade de morder, ferir, espicaçar, troçar. "Em parte, é melhor que esteja embriagado", pensei eu. Os bêbados dão sempre à língua. Mas ele não perdia a noção das coisas.

– Meu amigo – começou, visivelmente satisfeito consigo próprio – há pouco lhe dei uma indicação, talvez extemporânea, sobre a vontade invencível que às vezes me dá de deitar a língua de fora, em determinadas ocasiões. Devido a esta minha ingênua e simples franqueza, o senhor comparou-me com um polichinelo, ao que, sinceramente, achei muita graça. Mas se o senhor me recriminasse ou, se se espantasse comigo, porque me porto agora grosseiramente, e até (permita-me), de uma maneira indecente, como um mujique – numa palavra, por ter mudado de tom, o senhor seria então absolutamente injusto. Em primeiro lugar, isto agrada-me e, além disso, não estou em minha casa, mas "com o senhor"… Quero dizer que nós, agora, nos estamos divertindo, como bons amigos; finalmente, também confesso que me agradam os caprichos. Não sabe que eu, uma vez, por mero capricho, me fiz também metafísico e filantropo e acabei quase por cair nas mesmas ideias que o senhor tem? Claro que isto foi há muitíssimo tempo, nos dourados dias da minha mocidade. Lembro-me de que, nessa altura, fui às minhas terras, lá para a aldeia, animado de propósitos humanitários. Naturalmente aborreci-me imenso. Quer crer do que me lembrei então? Pois, de tão aborrecido que estava, comecei a cultivar as relações com as moças bonitas… Não franze a testa? Meu

jovem amigo! Olhe que nós estamos agora passando um pouco como bons camaradas. Quando se divertem, as pessoas desabafam. E olhe, o temperamento russo, o temperamento russo natural, patriótico, gosta de desabafar. Além disso, é necessário não desperdiçar o momento que passa e gozar a vida. Temos de morrer e então… o quê? Bom… pois também fiz das minhas. Lembro-me de que numa chácara havia uma jovem cujo marido era um mujique, um moço jovem e simpático. Castiguei-o duramente e quis fazê-lo soldado (diabruras passadas, meu amigo), mas não consegui. Morreu em minha casa, no hospital… Porque eu tinha na aldeia um hospital com doze camas (um edifício magnífico, muita limpeza, soalhos encerados), que há muito desmanchei. Naquela altura, porém, ele era todo o meu orgulho, eu era um filantropo… Bem. Pois quase matei o tal camponês, com o chicote, por causa da mulher… Que é isso? Já está outra vez franzindo a testa? Repugna-lhe ouvir estas coisas? Os seus nobres sentimentos sofrem com isto? Bem, bem, tranquilize-se. Tudo pertence ao passado. Fiz isto quando era romântico: queria tornar-me um benfeitor do homem, fundar uma sociedade filantrópica. Em que pedra fui tropeçar… Naquela altura ainda se chicoteavam as pessoas… Agora não, agora é necessário fazer caretas; agora todos fazemos caretas… A que tempos chegamos! Mas quem me dá mais vontade de rir é esse idiota do Ikhmiêniev. Estou certo de que sabia toda essa história com a camponesa… E que importa? Ele, pela bondade da sua alma, feita, ao que parece, de melaço, entusiasmou-se comigo e levou-me a sua casa… Resolveu não acreditar em nada, e assim fez, quer dizer, não deu crédito aos ditos. Andou atrás de mim doze anos até que chegou a vez dele… Ah, ah, ah! Bem, tudo isto é um absurdo! Bebamos, meu jovem amigo. Diga-me, gosta de mulheres?

Não respondi. Limitava-me a ouvi-lo. Já entrara na segunda garrafa.

– Pois eu gosto de falar delas, depois de cear. Quer que lhe apresente como sobremesa uma tal Mademoiselle Philiberte? Que lhe parece? Que pensa? Mas… nem sequer olha para mim! Hum!

Ficou pensativo, mas depois levantou a cabeça, olhando-me de modo significativo. E prosseguiu:

– Olhe, meu caro poeta: quero revelar-lhe um segredo da natureza, que, segundo parece, o senhor ignora por completo. Estou certo de que, neste momento, o senhor me classifica de pecador e, quem sabe, talvez de mau, extravagante, perverso e vicioso. Mas repare no que lhe digo: se fosse possível (o que, claro está, não será nunca, dada a natureza do homem), se fosse possível que cada um de nós escrevesse todos os seus pensamentos, mas sem recear desvendá-los – não só o que se receia dizer e por nada do mundo se diz aos outros, não só o que se não diz ao amigo mais íntimo, mas até aquilo que uma pessoa não se atreve a dizer a si própria – então, creia-me, ia se levantar no mundo tal peste que todos sairíamos a correr, fugindo. E é por isto, diga-se entre parênteses, que resultam tão bons a nossa conveniência e decoro mundanos. Encerra-se neles um sentido profundo… não direi moral, mas simplesmente conservador, confortável, o que, naturalmente, é melhor, porque a moral, no fundo, se reduz à comodidade, quer dizer, só se inventou por comodidade. Mas já iremos falar das conveniências. Agora estou desorientado. Lembre-me depois. Para terminar: o senhor toma-me por um libertino, por um homem perverso, imoral, quando eu talvez não seja agora culpado de outra coisa senão de ser "mais sincero" que os outros… e nada mais; de não ocultar o que os outros ocultam até a si próprios, como já disse… Nisso faço muito mal, mas agora quero que seja assim. Mas não se inquiete – acrescentou com um sorriso irônico – disse "culpado", o que não significa que vá pedir perdão. Lembre-se de uma coisa: eu não pretendo desconcertá-lo, não vou perguntar-lhe: "Não terá o senhor, também, alguns segredos semelhantes, com os quais eu possa justificar-me?". Eu me conduzo de outro modo, decoroso e nobre. Em geral, conduzo-me sempre com nobreza…

– O senhor está apenas divagando – disse-lhe, olhando-o com desprezo.

– Divagar… Ah, ah, ah! Mas diga-me: em que está agora pensando? O senhor há de estar perguntando a si próprio por que seria que eu o trouxe aqui, e por que, bruscamente, sem motivo, me estou abrindo com o senhor. Não será assim?

– É assim, é.

– Bem! Pois já vai saber.

– Pois parece-me bem que a chave de tudo é o fato de se terem já esgotado duas garrafas e… de o senhor estar embriagado…

– Quer dizer, simplesmente, bêbado. Talvez seja assim. “Embriagado”. Isso é mais suave que dizer bêbado. Oh! Que homem delicado! Mas… parece-me que estamos de novo discutindo e que nos desviamos de um tema muito interessante. Sim, querido poeta, sim, há neste mundo coisas boas e saborosas – as mulheres.

– Olhe, príncipe: não chego a compreender por que me terá o senhor escolhido, precisamente a mim, para confidente dos seus segredos e alardes amorosos.

– Hum! Já lhe disse que explicarei em breve. Não se inquiete que não há razão para isso. O senhor é poeta, o senhor compreende-me – já lhe falei disto. Existe uma voluptuosidade especial neste repentino tirar de máscara, neste cinismo com que um homem se mostra, de repente, aos demais, sob um aspecto em que já nem sequer se digna envergonhar-se deles. Vou contar-lhe uma história. Havia em Paris um funcionário louco, a quem enviaram para um manicômio, quando verificaram que estava doido. Bem; pois ao ficar louco, veja do que se lembrou para diversão própria: pôs-se nu como Adão, apenas com os sapatos, envolveu-se numa capa ampla e, rosto grave e solene, foi para a rua. Visto de costas, era um homem como os outros, passeando embrulhado numa ampla túnica, a seu bel-prazer. Mas quando se encontrava com algum semelhante nalgum lugar solitário onde não houvesse mais ninguém, aproximava-se em silêncio, com um aspecto grave e pensativo, punha-se, de repente, em frente dele, abria a túnica e mostrava-se com absoluta… sinceridade. A coisa durava um instante, passado o qual se tornava a embrulhar na capa e, em silêncio, sem contrair sequer um músculo da face, passava pelo espectador paralisado de espanto, grave e sutil como o espectro no *Hamlet*. Procedia assim com toda gente: homens, mulheres e crianças, e estava nisto todo o seu prazer. Pois até certo ponto, pode gozar-se esta mesma satisfação desconcertando algum Schiller e deitando-lhe a língua de fora, quando menos se espere. “Desconcertar”… Bem, que palavra é esta? Li-a nalgum trecho de literatura contemporânea.

– Bom, mas ele era louco, ao passo que o senhor…

– Estou no meu perfeito juízo?

– Sim!

O príncipe soltou uma gargalhada.

– O senhor está sendo injusto, meu amigo – acrescentou com a mais cômica expressão no semblante.

– Príncipe! – exclamei irritado com o seu impudor. – O senhor odeia-nos a todos, incluindo-me a mim, e é em mim que se vinga agora de tudo e de todos. Isto tudo revela o mais irritante amor-próprio. O senhor é perverso, demasiadamente perverso. Nós conseguimos confundi-lo, e é talvez por isso, por causa daquela noite, que o senhor está tão furioso. Naturalmente que não poderia vingar-se melhor do que com esse desprezo que mostra por mim. O senhor liberta-se, nem que seja apenas por uma meia hora, de todos os deveres da cortesia a que estamos reciprocamente obrigados. O senhor quer mostrar-me claramente que nem sequer se digna ter vergonha diante de mim, ao tirar na minha presença, de modo tão franco e inesperado, a sua repugnante máscara… e revelar-se em toda plenitude, com tão imoral cinismo…

– Mas por que me diz todas essas coisas? – perguntou bruscamente, olhando-me com ar agressivo. – Para me demonstrar a sua sagacidade?

– Para lhe demonstrar que o compreendo e para que saiba disso.

– *Quelle idée, mon cher!*[39] – prosseguiu, mudando repentinamente de tom, para voltar ao seu anterior aspecto de alegria e bondade ingênuas. – O senhor só está a desviar-me do assunto. *Buvons, mon ami!*[40] Permita-me que o sirva. Eu apenas queria contar-lhe uma aventura interessantíssima e muito curiosa. Vou contar em traços gerais. Uma vez conheci uma senhora, muito jovem, de uns vinte e sete a vinte e oito anos, uma beldade de primeira ordem. Que busto! Que palminho de cara! Que andar! Tinha um olhar penetrante como as águias, sempre muito sério. Mantinha-se sempre muito soberba e

altaneira. Era fria como o rigor do inverno e intimidava todos os homens com a sua inacessível, a sua imensa virtude. Isto mesmo: imensa. Não havia nas suas relações um juiz tão severo como ela. Condenava não só os vícios, mas até a mais leve fraqueza das outras mulheres, e condenava sem recurso, sem apelação. No seu meio, gozava de enorme influência. As velhas mais orgulhosas e mais ferozes, quanto ao capítulo virtude, tinham-lhe respeito e até procuravam a sua estima. Ela olhava a todos com uma crueldade inflexível, como a abadessa de um mosteiro medieval. As jovens tremiam ante o seu olhar e as suas censuras. Bastava uma observação sua, uma simples alusão, para deitar por terra uma reputação – tal era a aceitação de que gozava na sociedade. – Até os homens a temiam. Finalmente, veio a cair em certo misticismo contemplativo, aliás também calmo e soberbo… E, todavia, não havia mulher pervertida que fosse mais perversa que aquela mulher. Eu… tive a sorte de merecer a sua confiança absoluta. Mantivemos relações com tal habilidade, tão magistralmente, que ninguém pôde conceber a mais leve suspeita. Só a sua dama de companhia, uma francesa, estava dentro de todos os seus segredos, mas nessa francesa podia haver toda a confiança: também tomava parte… Como se passavam as coisas? Já vou explicar. A minha amiga era tão luxuriosa que poderia dar lições ao próprio Marquês de Sade. Mas o prazer mais forte, mais penetrante e violento, era o seu mistério, a sua habilidade para o engano. Aquele modo de pôr a ridículo tudo o que a condessa fingia em sociedade, dando-se ares de altiva, inacessível e inviolável, e, finalmente, aquele riso íntimo e diabólico e aquele modo consciente de espezinhar tudo quanto era intangível… tudo isso sem medida, levado até ao último extremo que a imaginação mais fogosa não poderia conceber… Sim, isso era o principal e constituía o traço mais vivo daqueles prazeres. Sim, ela era o diabo em pessoa, mas tinha uma sedução irresistível. Agora mesmo, não posso ainda recordá-la sem loucura. No momento culminante dos mais ardorosos deleites, soltava uma gargalhada, e eu compreendia, compreendia muito bem aquele riso e ria também. Ainda hoje estremeço só de a recordar, apesar de que já lá vão muitos anos. Ao fim de um ano, ela deixou-me. Mesmo que eu quisesse, não poderia prejudicá-la. Quem me acreditaria? Uma pessoa como ela? Mas, que diz o senhor, meu jovem amigo?

– Ufa! Que abominação! – respondi, após ter ouvido com repugnância aquela confissão.

– Já sabia, meu jovem amigo, que me não poderia responder de outro modo. Já sabia que iria dizer isso mesmo. Ah, ah, ah! Espere, acalme-se, *mon ami*. Viva e compreenderá. Mas agora… agora ainda precisa de comer muito sal. Não, afinal o senhor não é poeta, já se vê. Aquela mulher compreendia a vida e sabia aproveitá-la.

– Mas… para que descer a tamanha bestialidade?

– Que bestialidade?

– Essa a que chegaram essa mulher e o senhor com ela.

– Ah! Chama a isso bestialidade? Sinal de que ainda está muito ingênuo. Já vejo que a oposição pode ser indício de independência. Mas… continuemos a falar, *mon ami*. Há de concordar comigo em que tudo isso é absurdo.

– E que há que não seja absurdo?

– O que não é absurdo… é a personalidade, sou eu próprio. Tudo é meu, e o mundo foi feito para mim. Olhe, meu amigo, eu creio que neste mundo se pode viver bem. E este modo de pensar é excelente, porque sem ele seria impossível viver, mesmo mal. Uma pessoa acabaria por se envenenar. Dizem que foi o que fez certo imbecil: deu em filosofar até tal ponto que rompeu com tudo, inclusive com os deveres humanos, normais e naturais; chegou ao extremo de ficar sem nada, ficou reduzido a zero, pois dizia que nesta vida o melhor era o ácido prússico. O senhor dirá: “Esse é Hamlet, isso é o desespero absoluto, numa palavra, algo tão grande que nunca o compreenderemos”. Mas o senhor é um poeta, ao passo que eu sou simplesmente um homem; por isso digo que é mister considerar as coisas sob um aspecto prático, simplesmente. Eu, por exemplo, há tempo já que me libertei de todos os laços e até de todas as obrigações. Só me considero obrigado, quando isso me traz alguma vantagem. O senhor, naturalmente, não pode ver as coisas deste modo; o senhor tem os pés atados e o gosto estragado: fala de ideais, de virtudes. Mas, meu amigo, eu estou disposto a concordar com tudo

o que me diga – que hei de fazer, porém, se tenho a certeza de que na base de todas essas virtudes humanas há um egoísmo profundo? Que coisa há mais virtuosa do que o egoísmo? O amor por si próprio, eis a única norma que reconheço. A vida é uma transação comercial; o senhor não deve dar o seu dinheiro em vão; pague pelo prazer e terá cumprido todos os seus deveres para com o próximo… Aí tem toda a minha moral, se é que lhe faz muita falta. Confesso-lhe, porém, que, em meu entender, é melhor não pagar ao próximo, mas saber obrigá-lo a fazer as coisas de graça. Quanto a ideais, nem os tenho nem os quero ter; nunca senti desejos por eles. No mundo, pode viver-se muito bem e muito a nosso gosto sem ideais… *en somme*, aprecio imenso poder passar sem o ácido prússico. Concordo, de boa vontade, que sou pouco "virtuoso", mas, em troca, não farei o mesmo que o imbecil daquele filósofo (sem dúvida alemão). Não. Na vida há ainda tantas coisas boas! A mim atraem-me a distinção, a honra, as grandes jogadas de cartas (gosto imenso de cartas). Mas o principal, o principal, são as mulheres… as mulheres de todos os tipos. Aprecio também as perversas obscuras e tenebrosas, as mais estranhas e originais, com algo, até, de porcaria, para variar… Ah, ah, ah! Estou a ver com que desprezo me olha agora!

– Tem razão – respondi.

– Bem. Suponhamos que o senhor também tem razão. Mas veja: mais vale porcaria que ácido prússico, não acha?

– Não, o ácido prússico é muito melhor.

– Perguntei-lhe intencionalmente "Não acha?", para me divertir com a sua resposta. Já a conhecia, de antemão. Não, meu amigo, se é um verdadeiro filantropo deve desejar que todos os homens inteligentes tenham o mesmo gosto que eu, até pela porcaria, já que, de contrário, nada ficará para fazer neste mundo aos homens de talento; somente ficarão cá os imbecis. Eles é que serão felizes. Mas olhe; também temos um provérbio: "A felicidade é para os tolos". E diga-me: há alguma coisa mais agradável do que viver entre imbecis e fazer coro com eles? É muito proveitoso! Não me censure porque aprecio os preconceitos, respeito as conveniências e aspiro ao bom nome. Bem sei que é em vão que vivo em sociedade, mas, por

enquanto, há nela calor. Eu faço como os outros: finjo defendê-la, mas, se fosse necessário, seria talvez o primeiro a pôr-me a salvo. Veja: conheço todas as novas ideias, apesar de que nunca sofri por elas nem por nada. Remorsos, nunca os tive por coisa alguma. Concordo sempre com tudo, o que é muito proveitoso. Como eu, há muitos: nós arranjamo-nos sempre muito bem. Ainda que todo o mundo ruísse, nós havíamos de nos salvar. Existiremos enquanto o mundo existir. O mundo poderá naufragar, mas nós ficaremos à superfície, sobrenadaremos sempre, por cima de tudo. Se acha que não tenho razão, repare numa coisa: a vitalidade que têm as pessoas como eu. Olhe para mim, por exemplo: veja como sou forte. Nunca reparara? Nós vivemos até aos oitenta, até aos noventa anos, o que significa que a própria natureza nos confere privilégios, eh, eh, eh! Quero irrevogavelmente viver noventa anos. Não quero a morte, ela assusta-me. O diabo é que deve saber o que é morrer… Mas… para que falar disto? A culpa é da maldita filosofia. Para o diabo com a filosofia! *Buvons, mon cher.* Olhe, tínhamos começado a falar de moças bonitas… Mas… aonde vai?

– Vou-me embora! Também já são horas para o senhor…

– Ora, ora… Eu, por assim dizer, abri-lhe o meu coração, e o senhor não sabe apreciar esta evidente prova de afeto!… Eh, eh, eh! Tem pouca afetividade, meu poeta! Deixe-se estar, que vou mandar vir outra garrafa…

– A terceira?

– A terceira. Quanto à virtude, meu jovem discípulo (há de permitir que lhe chame este nome tão doce; talvez, até, que a minha lição lhe seja proveitosa)… Efetivamente, meu caro discípulo, quanto à virtude já lhe disse: “quanto mais virtuoso é o virtuoso, mais egoísta é”. Vou contar-lhe, a este respeito, uma história muito engraçada. Uma vez estive apaixonado por uma jovem: amava-a quase deveras. Note-se que ela sacrificou muito por mim…

– Foi aquela que o senhor roubou? – perguntei à queima-roupa, sem poder conter-me.

O príncipe deu um salto, mudou de semblante e ficou-se a olhar

para mim com uns olhos inflamados; no seu olhar via-se perplexidade e raiva.

– Alto! – murmurou, como falando consigo próprio. – Alto! Deixe-me pensar. Estou muito embriagado e custa-me muito reunir as ideias…

Ficou silencioso e olhou-me com curiosidade, com ar maldoso, apertando-me a mão na sua, como se receasse que eu fugisse. Estou certo de que, naquele instante, pensava, esforçando-se por adivinhar como poderia eu conhecer aquele assunto ignorado quase por toda a gente e tentando ver se não correria com isso algum perigo. Permaneceu assim por um minuto, mas logo mudou a expressão do rosto. Nos seus olhos apareceu uma expressão sarcástica, a alegria da embriaguez. Pôs-se a rir.

– Ah, ah, ah! Com que então nada menos que um Talleyrand! Bem, e quê? Eu, na verdade, fiquei diante dela como um estúpido quando me disse, cara a cara, que eu a roubara. Como gritava e como me insultava! Era uma mulher raivosa e… sem o menor auto domínio. Mas ajuíze por si próprio: em primeiro lugar, eu não lhe roubara absolutamente nada, como o senhor disse há um momento. Foi ela própria quem me ofereceu aquele dinheiro, de forma que ele era meu. Suponhamos que o senhor me oferece o seu melhor fraque – ao dizer isto olhava o meu fraque, o único que eu possuía, já bastante deformado, e que fizera, três anos antes, o alfaiate Ivan Skornáguin. – Eu lhe agradeço, visto-o e, por fim, passados dois anos, o senhor briga comigo e exige que lhe entregue o fraque, já estragado por mim. Isso não seria nobre. Para que então oferecer? Além disso, apesar de o dinheiro ser meu, o teria devolvido sem falta. Mas diga-me: onde iria eu buscar tal quantia, assim de repente, uma quantia como aquela? Mas, sobretudo, não tolero idílios e dramas à Schiller, já lhe disse… e foi essa a verdadeira razão. O senhor não imagina como se pôs comigo, gritando que me dera aquele dinheiro (que, portanto, era meu). A ira apoderou-se de mim, mas imediatamente resolvi o assunto segundo a lógica, porque a presença de espírito nunca me abandona. Pensei que se lhe devolvesse o dinheiro talvez ainda a tornasse mais infeliz. Ia privá-la do prazer de ser completamente desgraçada “por minha culpa” e de me amaldiçoar, por isso, durante toda a vida. Creia-

me, meu amigo, numa desgraça desta índole há também como que uma embriaguez suprema de nos considerarmos a nós próprios como totalmente inocentes e de termos o pleno direito de chamar vilão ao ofensor. Esta embriaguez do ódio encontra-se nos temperamentos schillerianos. Claro que… talvez ela tenha tido logo a falta de comer, mas estou certo de que era feliz. Eu não queria privá-la dessa felicidade e não lhe devolvi o dinheiro. Assim, fica plenamente justificada a minha regra de que quanto maior e mais forte for a generosidade humana, tanto maior dose de repugnante egoísmo há nela… Está bem claro? Mas… o senhor queria apanhar-me. Ah, ah, ah! Vamos, confesse que queria apanhar-me! Oh! Talleyrand!

– Adeus! – disse-lhe, levantando-me.

– Um minuto! Duas palavras para terminar – gritou, trocando o seu tom festivo pelo sério. – Ouça o que falta. De tudo o que disse, deduz-se claramente (suponho que já o notou) que eu nunca estou disposto a sacrificar as minhas conveniências, seja pelo que for. Amo o dinheiro e preciso dele. Ekatierina Fiódorovna tem-no em abundância: o pai dela teve, durante dez anos, um negócio de aguardente. A pequena possui três milhões e esses três milhões vêm-me mesmo a calhar. Alhocha e Kátia… são absolutamente semelhantes: dois idiotas a mais não poder, o que também me faz muito jeito. Assim, desejo em absoluto e quero que o seu casamento seja um fato, e o mais rapidamente possível. Dentro de duas ou três semanas, a condessa e Kátia vão para o campo. Alhocha tem de acompanhá-las. Previna Natália Nikoláievna para que não haja idílios nem dramas à Schiller, para que não pensem em contrariar-me. Eu sou mau e vingativo. Olho pelo que é meu. Dela não tenho medo. Tudo sairá à medida dos meus desejos e, se a aviso desde já, é para seu interesse. Procure que ela não faça disparates e que se conduza de modo discreto. De outro modo, tudo irá mal, mas muito mal. Já devia estar-me muito grata por não proceder contra ela como devia: judicialmente. O senhor deve saber, meu caro poeta, que as leis velam pela tranquilidade das famílias, que põem o pai a coberto das culpas do filho e que aquelas que apartam os jovens dos seus sagrados deveres para com os pais não contam com a proteção da lei. Faça reparo, finalmente, que eu possuo um certo número de conhecimentos, ao passo que ela não tem ninguém e… não

compreendeu ainda o que lhe posso fazer? Mas não faço nada, porque até agora se conduziu sempre discretamente. Não se inquiete: em cada momento, a cada movimento deles, havia uns olhos penetrantes que tudo vigiavam, durante este meio ano. Eu estava a par de tudo, até ao último pormenor. Além disso eu aguardava tranquilamente que Alhocha a abandonasse, como começa a fazer, embora ela tenha sido para ele uma distração agradável. Fiz-me passar perante eles por um pai humano: precisava que ele pensasse isso de mim. Ah, ah, ah! Como me lembro dos cumprimentos que lhe fiz naquela noite, dizendo-lhe que era muito generosa e desinteressada, para não exigir o casamento com ele! Gostaria de saber como o conseguiria. Ao que me parece, naquela ocasião tudo obedeceu apenas a que já era tempo de pôr termo àquelas relações. Mas eu necessitava de convencer-me de tudo, pelos meus próprios olhos, pela minha própria experiência. Então? E agora? Já lhe chega? Ou quer saber mais alguma coisa? Por que o trouxe aqui? Por que me desmascarei assim diante do senhor e por que me franqueei tão simplesmente? Pois… nada! Vou dizer-lhe com toda a sinceridade… sim?

Contive-me e escutei avidamente.

– Pois foi apenas, meu amigo, porque me pareceu ver no senhor um pouco mais de discrição, uma visão mais clara das coisas, do que nos nossos dois pombinhos. O senhor mais facilmente havia de ver quem eu sou, adivinhar, forjar suposições a meu respeito. Mas eu quis tirar-lhe todo este trabalho e decidi mostrar-lhe claramente "com quem" teria de haver-se. Efetivamente, a impressão é uma grande coisa. Compreenda-me, *mon ami*. O senhor já sabe com quem tem de haver-se. Estima Natacha e, portanto, espero que há de exercer sobre ela todo o seu ascendente (e tem tal ascendente sobre ela…), para "evitar" certos contratempos. De outro modo, eles acontecerão e asseguro-lhe, asseguro-lhe que não serão brincadeira. Aí tem as três razões da minha franqueza para com o senhor… Já deve ver, meu caro… Eu queria cuspir um pouco sobre todo este assunto, e cuspir precisamente diante do senhor…

– E conseguiu o seu propósito – disse eu trêmulo de emoção. – Estou de acordo sobre que não poderia exprimir diante de mim todo o ódio e desprezo que me tem, a mim e a todos nós, de modo mais

perfeito do que empregando essa franqueza. O senhor não só não receou que essa franqueza sua "para comigo" pudesse comprometê-lo, mas até nem sentiu vergonha de mim… O senhor, na verdade, pareceu-se muito com o louco da capa. Não me considerou como um homem.

– Adivinhou, meu jovem amigo – disse ele, levantando-se – acertou em tudo. Não é em vão que é escritor… Espero que nos separemos como bons amigos. Não quer que bebamos à *bruderschaft*?

– O senhor está bêbado, e só em atenção a isso lhe não respondo como deveria…

– Outra vez as reticências… Não acabou de dizer o modo como deveria responder! Ah, ah, ah! Permite-me que lhe pague a sua parte?

– Não se preocupe; eu próprio a pagarei.

– Claro, sem dúvida. Não vai para os mesmos lados que eu?

– Não, não vou com o senhor.

– Então, adeus, poeta. Espero que me tenha compreendido…

Saiu com passo incerto e sem se voltar para mim. O lacaio sentou-o no coche. Eu segui o meu caminho. Eram três da madrugada. Chovia. Estava uma noite lúgubre…

# Quarta parte

## Capítulo primeiro

Não quero demorar-me a descrever o meu despeito. Apesar de poder esperar tudo, estava transtornado; tal como se o príncipe se me tivesse apresentado em toda a sua fealdade, de um modo completamente imprevisto. Lembro-me também que os meus sentimentos eram de inquietação, como se estivesse oprimido, magoado, e uma negra dor me apertava cada vez mais o coração.

Receava por Natacha. Pressentia que a esperavam muitos sofrimentos e, cheio de sobressalto, refletia sobre a maneira de libertá-la deles, de dulcificar os últimos períodos antes da solução definitiva de todo o caso. Da referida solução não havia dúvida nenhuma. Aproximava-se. E como não adivinhar qual ia ser!

Não sei como cheguei em casa, embora a chuva me tivesse molhado durante todo o caminho. Eram já três horas da madrugada. Mal chegara à porta do meu quarto quando ouvi um gemido e a porta começou logo a abrir-se, como se Nelly não se tivesse deitado e tivesse ficado durante todo o tempo à minha espera, junto da ombreira. Havia uma luz acesa. Olhei para a cara de Nelly e fiquei assustado. Estava transtornada. Os olhos ardiam-lhe como se sentisse febre e olhava-me de um modo selvagem, como se não me reconhecesse. Estava muito afogueada.

– Nelly, que tens? Estás doente? – perguntei-lhe inclinando-me para ela e pegando-lhe numa mão.

Aproximou-se de mim tremendo, como se receasse não sei o quê; murmurou qualquer coisa numa voz entrecortada e apressadamente, como se tivesse estado à minha espera só para me dizer aquilo. Mas as suas palavras eram incoerentes e estranhas. Eu não a compreendia; delirava.

Levei-a para a cama. Ela se agarrava a mim como se procurasse proteção contra alguém e depois de eu a ter deitado na cama, ainda se segurava à minha mão com muita força, com receio de que eu tornasse a sair.

Achava-me tão cansado e enervado que, ao vê-la assim, até chorava. Também eu estava doente. Quando viu as minhas lágrimas, olhou-me durante muito tempo, com muita atenção, como se se esforçasse por pensar ou imaginar qualquer coisa. Era evidente que considerava isso digno dos maiores esforços. Finalmente, qualquer coisa semelhante a um pensamento aflorou ao seu rosto. Depois de uma forte recaída na sua doença, não podia geralmente concentrar os seus pensamentos durante um momento e articular as palavras de uma maneira clara. Era o que lhe acontecia agora: fazia um esforço enorme

para dizer não sei o quê, e, adivinhando que eu não a percebia, soltou a sua mãozinha e pôs-se a enxugar-me as lágrimas, depois do que me deitou os braços ao pescoço, me puxou e me beijou.

Era evidente que na minha ausência lhe havia dado um ataque e precisamente no instante em que estava junto da porta. Aturdida pelo ataque, provavelmente não pôde suster-se. Nesse intervalo a realidade tornou-se delírio e devia ter imaginado qualquer coisa de horroroso, de terrível. Nesse instante devia ter dito a si própria que eu havia de voltar e parar à porta, e assim, estendida à entrada, no chão, esteve esperando atentamente o meu regresso, levantando-se quando me sentiu.

“Mas por que viria para a porta?”, pensei eu.

E, de repente, observei com admiração que tinha a samarra vestida (eu acabara de comprá-la a um penhorista conhecido que costumava vir visitar-me ao meu quarto e me entregava os seus artigos a crédito); pelo visto tencionava ir a alguma parte e teria já aberto a porta quando de súbito lhe deu o ataque de epilepsia. Onde pensaria ela ir? Não estaria já transtornada nesse momento?

Entretanto a febre não baixava e não tardou que a pobrezinha perdesse os sentidos. Já sofrera dois ataques desde que vivia comigo; mas passavam sempre sem nada de mais, ao passo que, agora, tinha febre. Depois de estar sentado meia hora junto dela, puxei uma cadeira para junto do divã e deitei-me ao seu lado, vestido como estava, com a intenção de acudir em seu auxílio assim que me chamasse. Não apaguei a luz. E ainda olhei para ela muitas vezes antes de me estender. Estava pálida; tinha os lábios pegajosos da febre e sanguinolentos, provavelmente por causa do ataque. No seu rosto não se apagara ainda uma expressão de espanto e tristeza dolorosa que, segundo parecia, nem em sonhos a deixava. Tomei a decisão de ir procurar um médico no dia seguinte, se ela estivesse pior. Receava que aquilo degenerasse numa febre verdadeira.

“O príncipe deve ter-lhe metido medo”, pensei, estremecendo e lembrando-me do que ele me contara daquela moça que lhe atirara com o seu dinheiro à cara.

## Capítulo II

Passaram-se duas semanas. Nelly restabeleceu-se. Não chegou a ter febre, mas sentiu-se muito mal. Levantou da cama já em fins de abril, num dia luminoso, radiante. Era na Semana Santa.

Pobre criatura! Não posso continuar a minha narrativa seguindo a mesma ordem que até aqui. Muito tempo passou até ao momento atual, em que descrevo estes acontecimentos; mas ainda agora sinto uma funda, angustiante tristeza, ao recordar aquele rostinho pálido, vincado; aquele longo e triste olhar dos seus olhos pretos, quando ficávamos sozinhos e ela se punha a olhar-me, na sua caminha, a olhar-me longamente, de uma maneira que parecia convidar-me a adivinhar o que se passava na sua alma. Mas ao ver que eu não o adivinhava e persistia na minha ignorância anterior, sorria para si mesma em silêncio e, de repente, estendia-me a sua mãozinha escaldante, de dedinhos fracos, descarnados. Agora tudo passou; tudo se sabe; mas ainda hoje ignoro todos os segredos desse coraçãozinho doente, torturado e ofendido.

Sinto que me estou afastando da narrativa; é que, neste momento, não queria pensar em mais ninguém senão em Nelly. Coisa estranha: agora que estou só no meu leito de doente, abandonado de todos aqueles a quem tanto amei… agora me vem de repente à memória um pequeno pormenor daquele tempo, em que então quase nunca reparava e depois logo esquecia, e, sem eu querer, assume a meus olhos um significado totalmente diferente, que aclara e ilumina aquilo que até aqui não consegui compreender.

Nos primeiros quatro dias da sua doença, nós, eu e o médico, receávamos terrivelmente por ela; mas ao quarto dia o médico chamou-me à parte e disse-me que não receasse nada pois ela na certa ia se restabelecer. Era aquele mesmo médico que eu conhecia havia já algum tempo, um velhinho solteirão, bondoso e extravagante, que eu chamei quando da primeira doença de Nelly, e que tanta impressão lhe causou com o seu Estanislau,[41] de dimensões invulgares, ao pescoço.

– Então não há motivo para receio! – exclamei num alvoroço.

– Não, desta ainda escapa, mas está condenada a não viver muito.

– Como? Por quê? – exclamei acabrunhado perante tal prevenção.

– Sim, não há dúvida de que há de morrer nova. A doentinha tem um defeito constitucional no coração e ao menor contratempo tornará a cair doente. Poderá acontecer que torne a restabelecer-se, mas tornará a recair de novo, e finalmente morrerá.

– E não há maneira nenhuma de salvá-la? Não, isso não pode ser!

– É um caso irremediável. Embora, é claro, se lhe evitarem todos os contratempos desagradáveis, se lhe assegurarem uma vida tranquila e aprazível, se lhe proporcionarem mais satisfações, talvez possa afastar-se a morte, e até se dão casos… inesperados, anormais e raros… Numa palavra: poderia salvar-se a doentinha se se desse uma série de circunstâncias favoráveis, embora, salvá-la radicalmente… isso, nunca.

– Mas, meu Deus, que fazer, agora?

– Seguir as minhas indicações: que leve uma vida tranquila e tome os remédios às horas marcadas. Já reparei que esta menina é voluntariosa, de um temperamento irregular e é até um pouco trocista; não gosta de tomar os remédios indicados e até chega mesmo a negar-se a tomá-los.

– É verdade, doutor. De fato é uma criatura estranha, mas eu atribuo isso à sua excitação doentia. Ontem esteve muito obediente; mas hoje, quando eu lhe levei o remédio, deu um empurrãozinho à colher, como se o tivesse feito sem querer, e entornou tudo. Quando eu lhe quis dar pela segunda vez, tirou-me o frasco das mãos, atirou-o ao chão e depois pôs-se a chorar… Mas não acredito que fizesse isso por a obrigarem a tomar remédios – acrescentei, pensativo.

– Hum! Irritação. Essa grande infelicidade que sofreu – eu contara ao médico pormenorizadamente e com toda a sinceridade, a história de Nelly, e a minha narrativa impressionara-o profundamente. – Tem ainda os seus efeitos naquilo que se passa agora e é daí que deriva a sua doença. Por agora o único meio… consiste em tomar os

medicamentos e ela tem obrigação de tomá-los. Hei de voltar e vou insistir na obrigação que ela tem de seguir as prescrições do médico e… falando de uma maneira geral, de tomar os remédios.

Saímos da cozinha onde mantivéramos a nossa conversa e o médico voltou a aproximar-se da cama da doentinha. Mas, parece, Nelly conservara-se à escuta; pelo menos erguera a cabeça do travesseiro e parecia estar atenta; escutara tudo. Observei isto pela frincha da porta entreaberta. Quando nos aproximamos, a espertalhona tornou a embrulhar-se na dobra da coberta e olhou-nos com um sorriso trocista. A pobrezinha enfraquecera muito naqueles dias de doença; tinha os olhos encovados e a febre ainda não a deixara. Aquele ar trocista do rosto e o brilho vivo dos olhos admiraram muito o médico, o mais bondoso de todos os alemães de Petersburgo.

Esforçando-se o mais possível para suavizar o tom da voz, pôs-se, com toda a seriedade, com afetuosidade e com ternura, a demonstrar-lhe a necessidade de tomar os remédios, que eram bons, a obrigação que todos os doentes tinham de tomá-los. Nelly ergueu a cabeça, mas, de repente, com o gesto na aparência perfeitamente involuntário, deu um empurrão numa colherzinha e outra vez o remédio se entornou todo no chão. Tenho a certeza de que o fez propositadamente.

– Foi uma imprudência aborrecida – disse o velhinho tranquilamente – e tenho a impressão de que a menina fez isto de propósito, o que é uma má ação. Mas… tudo se pode remediar. É trazer outra vez o remédio.

Nelly riu-se francamente na cara do médico, o qual abanava a cabeça, devagar.

– Isso é uma maldade – disse, trazendo-lhe uma nova porção de remédio – uma grande maldade.

– Não se zangue comigo – respondeu Nelly esforçando-se por não rir outra vez – que eu vou tomá-lo… O senhor gostará de mim?

– Se se portar como deve ser, gostarei muito.

– Muito?

– Muito.

– E agora não gosta de mim?

– Gosto.

– E dá-me um beijinho se eu lhe der outro?

– Sim, se o merecer.

Nelly não pôde conter-se e tornou a rir.

– A doentinha tem um temperamento alegre; mas agora… esses nervos e esses caprichos… – disse-me o médico em voz baixa, com uma expressão muito séria.

– Bem, vou tomar o remédio – exclamou Nelly de repente com a sua vozinha fraca – mas quando eu crescer casa comigo?

Provavelmente a ideia desta nova brincadeira divertia-a muito. Os seus olhos chispavam fogo; mas os lábios reprimiam o riso, à espera da resposta do médico, já desorientado.

– Claro que sim! – respondeu aquele sorrindo involuntariamente perante esse novo gracejo. – Sim, se for uma boa moça, educada, obediente e…

– E tome os remédios, não é verdade? – concluiu Nelly.

– Oh! Isso mesmo, sim, senhora, se tomar os remédios. É uma boa menina – murmurou-me ao ouvido. – É muito, muito… bondosa e inteligente; no entanto… isso de casar-me com ela! Que lembrança estranha!

E tornou a insistir com o medicamento. Mas dessa vez já nem sequer se serviu de artimanhas, deu-lhe simplesmente um empurrão à colher, às claras, e todo o remédio se entornou sobre a camisa e o rosto do pobre velho. Nelly soltou uma gargalhada; mas já não do mesmo modo simples e jovial de antes. No seu rosto refletia-se algo de cruel, de mau. Durante todo esse tempo parecia fugir do meu olhar,

olhando unicamente para o médico, e com um sorrisinho, através do qual transparecia no entanto qualquer coisa de inquietação, esperava para ver o que iria fazer agora o ridículo velhote.

– Oh! Outra vez… Que pena! Mas… vamos dar-lhe outra colher – continuou o velho limpando o rosto e a camisa com o lenço.

Isso impressionou terrivelmente Nelly. Esperava que ficássemos zangados, que iríamos começar a zangarmo-nos com ela, a fazer-lhe censuras, e talvez desejasse inconscientemente que assim fosse nesse instante, para ter um pretexto e começar em seguida a chorar, a gritar como uma histérica, a atirar como antes, com os travesseiros para o chão, ou até quebrar qualquer coisa na sua cólera, e satisfazer assim o seu caprichoso e doentio ressentimento. Caprichos desses costumam existir não só nos doentes, não só em Nelly. Quantas vezes me tenho posto a passear pelo meu quarto de um lado para o outro, com o desejo inconsciente de que alguém viesse ofender-me o mais brevemente possível ou me dissesse uma palavra que eu pudesse tomar como ofensa, para desoprimir assim o coração! As mulheres também desabafam desta maneira e começam por derramar as lágrimas mais sinceras; mas as mais sensíveis acabam numa crise de histerismo. O que é muito simples e importante e que costuma acontecer sobretudo quando se tem um desgosto que os outros ignoram e se desejaria escondê-lo o mais possível de todos. Mas de repente Nelly apaziguou-se, desconcertada perante a angélica bondade do velho por ela ofendido e pela paciência com que de novo lhe levou uma terceira colher de remédio, sem dirigir-lhe uma única censura. O tal sorriso desapareceu-lhe dos lábios, corou e seu olhar suavizou-se; olhou rapidamente para mim mas virou logo o rosto. O médico apresentou-lhe o remédio. Aceitou-o, tranquila e mansamente, pegou na mão do velho, vermelha e cabeluda e depois fitou-o nos olhos.

– O senhor… está zangado porque eu sou má – ia dizer; mas não acabou.

Escondeu-se na roupa, cobriu a cabeça e desatou a soluçar ruidosamente, histericamente.

– Oh, minha filha… não chore! Isso não é nada… São os nervos.

Beba um pouco de água.

Mas Nelly não o escutava.

– Não se preocupe… não se aflija – continuou ele, também quase a chorar, pois era muito sensível. – Prometo-lhe casar com você, desde que continue a portar-se bem …

– E tome os remédios – ouviu-se debaixo da roupa, ao mesmo tempo que um risinho nervoso, fino como um tilintar de campainha, entrecortado por soluços; um risinho que eu já conhecia.

– Boa e grata mocinha! – disse o médico com solenidade e quase com lágrimas nos olhos. – Pobre moça!

E a partir daí estabeleceu-se uma simpatia estranha entre ele e Nelly. Em compensação Nelly mostrava-se cada vez mais arisca, nervosa e irritável. Eu não sabia a que atribuí-lo e admirava-me sobretudo porque aquela mudança se operara nela repentinamente. Nos primeiros dias da sua doença mostrava-se muito terna e carinhosa; parecia que não podia desviar os olhos de mim; não se afastava do meu lado, costumava pegar na minha mão e uni-la à sua, febril, e obrigava-me a sentar junto dela; e se me via triste e pensativo, esforçava-se por alegrar-me, dizia-me gracejos, brincava comigo e sorria-me, esquecendo-se das suas inquietações pessoais. Não queria que trabalhasse de noite nem que ficasse a velá-la e afligia-se quando via que eu não lhe dava atenção. Às vezes, notava-lhe uma atitude preocupada; punha-se a perguntar e a querer saber por que eu estava triste, em que pensava; mas, coisa estranha, quando eu chegava da casa de Natacha, calava-se e punha-se a falar de outra coisa. Parecia fugir a falar de Natacha e isso admirava-me. Quando eu entrava em casa, ficava muito contente. Quando eu pegava o chapéu para sair, olhava-me com tristeza e de um modo estranho, como se me dirigisse uma censura, e seguia-me com a vista.

No quarto dia da doença passei toda a tarde e até uma parte da noite em casa de Natacha. Tínhamos muitas coisas para dizer. Quando saí de casa disse à minha doente que não me demorava, pois era realmente esse o meu pensamento. Quando me deixei ficar em casa de Natacha, quase involuntariamente, estava tranquilo a respeito de

Nelly; não a deixara sozinha. Alieksandra Siemiônovna, informada por Maslobóiev, que me visitara um momento, de que Nelly adoecera, e que eu tinha muito que fazer e estava só, muito só, apressara-se a substituir-me ali. Meu Deus, como tagarelava aquela bondosíssima Alieksandra Siemiônovna!

– Então ele quer vir agora jantar conosco! Ah, meu Deus! E vive tão só, o pobrezinho, tão só! Pois bem, mostramos-lhe agora toda a nossa franqueza. Temos agora uma boa oportunidade.

Veio imediatamente para nossa casa, trazendo consigo no carro uma grande bagagem. Explicou-me imediatamente que agora já não me deixaria, que viera para ajudar-me, depois do que desatou o embrulho. Trazia nele xaropes, doce para doentes, um frango e uma galinha, para quando a doentinha entrasse em convalescença; maçãs para cozer, laranjas, frutas secas de Kiev (supondo que o médico consentisse) e, finalmente, roupa branca: lençóis, toalhas, combinações, ligaduras, compressas… Uma farmácia completa.

– Nós temos isto tudo – disse muito rapidamente e acentuando bem cada palavra, como se estivesse com pressa. – O senhor vive como um celibatário. Não tem quase nada destas coisas. Por isso permita que… além disso foi o que Filip Filípitch me mandou. Ora bem, vamos lá… Quanto mais depressa melhor! Que é preciso fazer? Como está a doente? Conhece as pessoas? Ai, como está mal deitada! É preciso colocar o travesseiro bem para que fique com a cabeça mais baixa. Mas ouça, não seria melhor um travesseiro de couro? Que tola eu sou! Não me lembrei de o trazer… Hei de ir buscá-lo. Não será preciso acender o fogo? Vou trazer-lhe a minha velha. Eu tenho uma velhinha conhecida, e aqui, em sua casa, o senhor não tem quem possa servi-lo. Bem. Que é preciso fazer? Diga-me! Remédios… Que receitou o médico? Naturalmente algum remédio para o peito. Vou já acender o fogo.

Mas eu tranquilizei-a e ela ficou muito admirada e até se afligiu quando me ouviu dizer que o caso não parecia de cuidado. O que no entanto não lhe tirou a coragem. Tornou-se imediatamente amiga de Nelly e ajudou-me muito durante todo o tempo da sua doença; visitava-nos quase diariamente e fazia uma cara como se alguma coisa

se tivesse extraviado e fosse preciso encontrá-la imediatamente. Dizia sempre que vinha por ordem de Filip Filípitch. Nelly simpatizava muito com ela. Travaram amizade uma com a outra, como duas irmãs, e eu penso que Alieksandra Siemiônovna era, em muitas coisas, tão criança como Nelly. Contava-lhe histórias, fazia-a rir, e Nelly ficava muitas vezes triste quando Alieksandra Siemiônovna se ia embora. A sua primeira vinda para nossa casa causou grande admiração à minha doente; adivinhou imediatamente por que viera aquela hóspeda espontânea e, segundo o seu costume, ficou amuada, triste e taciturna.

– Por que veio ela para nossa casa? – perguntou-me Nelly, como se estivesse descontente, assim que Alieksandra Siemiônovna saiu.

– Para te fazer companhia e tratar de ti, Nelly.

– Mas por quê? Por quê? Eu não fiz nada por ela.

– As pessoas boas não estão à espera que nós façamos nada por elas, Nelly. Gostam de dar o seu auxílio a quem precise dele, sem necessitarem disso. É assim, Nelly. Neste mundo há muitas pessoas boas. Simplesmente tu não tiveste a felicidade de encontrá-las no teu caminho quando era preciso.

Nelly ficou calada. Eu me afastei. Mas passado um quarto de hora já me chamava com a sua vozinha fraca; pediu-me chá e, de repente, cingiu-se com força contra mim, apoiou a cabeça no meu peito e ficou assim durante muito tempo sem me largar. No dia seguinte, quando Alieksandra Siemiônovna chegou, recebeu-a com um sorriso alegre mas um pouco envergonhado.

## Capítulo III

Nesse dia eu passara todo o serão em casa de Natacha. Regressei já tarde. Nelly dormia. Alieksandra Siemiônova dormitava também, mas continuava sentada à cabeceira da doente e à minha espera. Começou a contar-me imediatamente, falando baixo, que Nelly, a princípio, estivera muito contente e se rira muito; mas que depois entristecera e, ao ver que eu não vinha, ficara silenciosa e pensativa.

Depois começara a queixar-se de dores de cabeça, pusera-se a chorar e soluçava tanto “que eu já não sabia o que fazer”, acrescentou Alieksandra Siemiônovna.

– Falou-me de Natália Nikoláievna; mas nada sabia dizer-lhe sobre ela e então deixou de interrogar-me, as suas lágrimas abrandaram, e acabou por adormecer. Bem, adeus, Ivan Pietróvitch. No entanto parece-me que ela está melhor. Tenho de voltar para casa, conforme Filip Filípitch me mandou. Confesso-lhe que, desta vez, apenas me enviou por duas horas e me demorei. Mas isso não tem importância, não se preocupe por minha causa; ele não ficará zangado… Simplesmente, se por acaso… Ai, meu Deus, meu caro Ivan Pietróvitch, que se há de fazer! Agora, acaba sempre por voltar bêbado para casa. Anda muito preocupado não sei com quê; mal me fala, está muito murcho, deve ter qualquer coisa de importante que o preocupa; mas todas as noites bêbado… A única coisa que eu penso é: “Se ele volta neste momento para casa, quem o ajudará a deitar-se?”. Mas bem, deixa-me ir, deixa-me ir. Adeus, adeus, Ivan Pietróvitch! Já vi que tem muitos livros! E devem ser todos bons! Eu sou uma burra, nunca li nada… Bem, até amanhã…

No dia seguinte Nelly acordou amuada e arredia e não queria falar comigo. Não me dirigiu nem uma palavra, como se estivesse zangada comigo. Reparei que me examinava com alguns olhares, às escondidas, olhares em que havia certo mau humor disfarçado, embora deixasse transparecer ternura, apesar de tudo, quando pousavam em mim. Nesse dia deu-se outra cena com o médico, quando este lhe deu o remédio. Eu não sabia o que havia de pensar.

Mas Nelly mudara completamente para comigo. A sua estranheza, os seus caprichos e até, às vezes, o seu quase ódio, tudo isso se prolongou até o último dia em que deixou de viver comigo, até o surgir da catástrofe que veio pôr fim ao nosso romance. Falarei disto mais adiante.

Mas às vezes acontecia que ela durante uma hora se tornasse de repente tão carinhosa comigo como antes. A sua ternura parecia redobrar nesses momentos; o mais frequente era que, nesses momentos, irrompesse num choro amargo. Mas essas horas voavam

rapidamente e ela voltava a afundar-se na antiga tristeza e a olhar-me com hostilidade, quando não se tornava também hostil para com o médico, ou, de repente, ao notar que eu não achava graça a uma nova travessura sua, punha-se a rir, para acabar depois quase sempre chorando.

Também brigava com Alieksandra Siemiônovna e dizia-lhe que não precisava dela. Quando eu me punha a ralhar com ela diante de Alieksandra Siemiônovna, enfurecia-se, respondia-me com certa má vontade acumulada; mas de súbito calava-se, e depois, tímida, ficava dois dias sem trocar uma palavra comigo, sem querer comer nem beber, e só o velho médico conseguia convencê-la e dominá-la.

Já disse que se estabelecera uma simpatia estranha entre ela e o médico, desde o primeiro dia em que tomara o remédio. Nelly gostava muito dele e recebia-o sempre com um sorriso alegre, como se todas as tristezas desaparecessem com a sua chegada. Por seu lado, o velho começou a visitar-nos diariamente e até duas vezes por dia, até mesmo quando Nelly se levantou e se restabeleceu completamente, e parecia que ela o fascinara de tal maneira que não podia passar um dia sem ouvir os seus risos e as suas brincadeiras, às vezes muito fortes. Começou a trazer-lhe livros com estampas, todos de índole instrutiva. Um deles comprou-o até de propósito para ela. Depois começou a trazer-lhe guloseimas em caixinhas muito graciosas. Nessas ocasiões costumava entrar com um ar solene, como se fosse o dia do aniversário de alguém, e Nelly adivinhava imediatamente que ele lhe trazia um presente. Mas ele não o mostrava e, limitando-se a sorrir maliciosamente, sentava-se junto de Nelly e dizia-lhe que, se certa menina se tivesse portado bem na sua ausência e fosse merecedora de respeito, então com certeza seria digna de um prêmio. Depois olhava para ela tão candidamente e tão bondosamente, que Nelly se ria com o riso mais franco; mas ao mesmo tempo uma gratidão sincera, afetuosa, se refletia naquele instante nos seus olhinhos radiosos. Por fim, o velho levantava-se solenemente da cadeira, puxava da caixinha com os doces e, quando a entregava, dizia sempre:

– Para a minha futura e amada esposa.

Nesse instante, provavelmente, era mais feliz do que Nelly. Depois

disto iniciava-se uma conversa, e ele, com seriedade e persuasão, exortava-a a olhar pela sua saúde e dava-lhe sugestivos conselhos médicos.

– Antes de mais, cuidar da saúde – dizia em tom dogmático – que é a primeira e principal coisa para uma pessoa se manter entre os vivos, e em segundo lugar, para ser sempre sadio, e assim alcançar a felicidade na vida. Minha filha, se tem algum desgosto, esqueça-o, ou para melhor dizer, faça por não se lembrar dele. Mas se não tem desgosto algum, então… também não pense neles e esforce-se, em compensação, por pensar em coisas agradáveis… em qualquer coisa de alegre e gracioso.

– E em que coisa alegre e engraçada devo eu pensar? perguntava Nelly.

Imediatamente o médico desanimava.

– Ora… ora… em qualquer brincadeira própria da sua idade; sobretudo nos seus estudos, ou também… bom, em qualquer coisa do gênero.

– Eu não quero brincar, não gosto de brincar – dizia Nelly. – Preferia um vestido novo.

– Um vestido novo! Hum! Isso é que já não está muito bem. Cada um deve contentar-se modestamente com a sua sorte na vida. Embora afinal… sim… também possa gostar de vestidos novos.

– E o senhor dá-me muitos vestidos quando nos casarmos?

– Que ideia! – exclamou o médico e, sem querer, ficava amuado. Nelly ria-se com malícia, e uma vez, sem dar por isso, lançou-me um olhar no momento em que sorria. – Mas se se portar bem, eu compro-lhe os vestidos – prosseguiu o médico.

– E também terei de tomar todos os dias o remédio quando for sua mulher?

– Pode ser que então já não tenha de o tomar todos os dias – e o médico começou a sorrir.

Nelly interrompeu o diálogo com uma gargalhada. O velhinho riu também, acompanhando a sua alegria com prazer.

– Que marota! – murmurou, dirigindo-se a mim. – Mas em tudo isto há qualquer coisa de voluntarioso e de exaltação.

Tinha razão. Eu não sabia decididamente como havia de proceder com ela. Parecia que não queria de maneira nenhuma falar comigo, tal como se eu fosse culpado perante ela. O que me deixava numa grande amargura. Acabava também por ficar amuado e uma vez passei um dia inteiro sem dirigir-lhe palavra, simplesmente, no outro dia senti-me envergonhado. Às vezes punha-se a chorar e eu não sabia como consolá-la. No entanto, uma vez, quebrou o seu mutismo para comigo.

Dessa vez voltava eu para casa, ao cair da tarde, e reparei que Nelly escondia um livro debaixo da almofada. Era o meu romance, que fora buscar em cima da mesa e que estivera lendo na minha ausência. “Por que escondia isso de mim, como se a envergonhasse?”, pensei eu. Mas fingi que não percebera. Passado um quarto de hora fui por um instante até à cozinha, e ela aproveitou a ocasião para saltar da cama e ir colocar outra vez o livro no seu lugar. Quando voltei, encontrei-o em cima da mesa. Passado um minuto ela chamou-me para o seu lado; na sua voz havia uma certa comoção. Havia quatro dias não me falava.

– Hoje… foi ver Natacha? – perguntou-me numa voz entrecortada.

– Sim, Nelly, tinha muita necessidade de vê-la.

Nelly ficou calada.

– Gosta muito dela? – perguntou-me outra vez com uma voz fraca.

– Sim, Nelly, gosto muito dela.

– Eu também gosto dela – acrescentou baixinho, depois do que tornou a ficar calada.

– Queria ir para junto dela e ficar vivendo com ela – começou de

novo Nelly, olhando-me timidamente nos olhos.

– Isso não pode ser, Nelly – respondi-lhe um pouco surpreendido. – Não te sentes bem aqui?

– Mas por que não pode ser? – exclamou, exaltando-se. – O senhor dissera-me que eu podia ir viver com o pai dela, mas eu não quero. Ela tem criada?

– Tem.

– Pois bem, ela que despeça a criada que eu ficarei a seu serviço. Vou lhe fazer tudo sem receber nada em troca; gostarei muito dela e vou preparar bons cozinhados. Diga-lhe isto ainda hoje.

– Mas que capricho é esse, Nelly? Que pensas dela? Julgas que ela seria capaz de ficar contigo por criada? Se ficasse contigo seria como tua igual, como a sua irmãzinha mais nova.

– Eu não quero que seja como sua igual. Assim não quero.

– Mas por quê?

Nelly calava-se. Cerrava os dentes. Estava quase chorando.

– Esse, de quem ela gostava, deixou-a sozinha? – perguntou-me por fim.

Fiquei estupefacto.

– Mas como sabes disso, Nelly?

– Foi o senhor mesmo que me disse tudo; e antes de ontem, quando o marido de Alieksandra Siemiônovna veio, de manhã, eu perguntei-lhe e ele contou-me tudo.

– Mas Maslobóiev veio uma manhã?

– Veio – respondeu ela baixando os olhos.

– E por que não me disseste que ele tinha vindo?

– Porque…

Eu refleti um momento. Sabe Deus o motivo por que aquele Maslobóiev andara com aquele segredo. Por que teria vindo? Era preciso saber.

– Bem, que te importa, Nelly, que ele a tenha deixado?

– É que, como o senhor também gosta muito dela… – respondeu Nelly sem levantar os olhos para mim. – E como gosta dela, há de casar com ela, já que o outro a deixou.

– Não, Nelly, ela não gosta de mim como eu gosto dela, e eu… Não, isso não pode ser, Nelly.

– Eu serviria os dois como criada, e viveriam os dois juntos e seriam felizes – propôs ela quase num murmúrio, sem me olhar. “Que lhe teria acontecido, que lhe teria acontecido!”, pensava eu, muito agitado.

Nelly ficou calada e durante toda a noite não voltou a dizer mais nada. Quando me retirei, pôs-se a chorar e assim ficou toda a tarde seguinte, conforme me disse Alieksandra Siemiônovna, e adormeceu chorando. Também nessa noite chorou em sonhos e disse palavras delirantes.

Mas a partir de então tornou-se ainda mais arredia e tristonha e deixou completamente de falar-me. É verdade que notei dois ou três olhares seus, dirigidos para mim às furtadelas, e que nesses olhares transparecia tanta ternura… Mas isso desapareceu juntamente com o momento que provocara aquela súbita ternura. E como se resistisse àquele impulso, Nelly, quase de hora em hora, tornou-se mais carrancuda, inclusive com o médico, admirado daquela mutação do seu caráter.

Entretanto estava já quase completamente restabelecida, e o médico permitiu-lhe finalmente passear ao ar livre, mas apenas por um momento. Fazia um tempo claro, temperado. Era na Semana Santa, que dessa vez caíra para muito tarde; eu saí de manhã cedo; tinha necessidade absoluta de falar com Natacha; mas pensava voltar

cedo para casa, para ir buscar Nelly e dar um passeio com ela. Entretanto ela ficara sozinha.

Mas não posso descrever o que me esperava em casa. Vinha com pressa. Entro e vejo que a chave está do lado de fora da porta. Olho; em cima da mesa, um papelinho, e nele, garatujado a lápis, numa letra grande e desigual:

Saio de sua casa e nunca mais voltarei. Mas gosto muito do senhor. Sua Nelly.

Dei um grito de espanto e corri para a rua.

## Capítulo IV

Não tivera tempo sequer de chegar à rua, nem para pensar o que havia de fazer, quando uma carruagem parou à nossa porta e dela apeou Alieksandra Siemiônovna, conduzindo Nelly pela mão. Trazia-a muito bem segura, como se receasse que ela fugisse pela segunda vez. Corri imediatamente para ela.

– Nelly, que fizeste? – exclamei. – Para onde fugiste? E por quê?

– Acalme-se, não se desoriente; vamos lá para cima o mais depressa possível e saberá tudo – murmurou Alieksandra Siemiônovna. – Que coisas tenho para contar-lhe, Ivan Pietróvitch! – acrescentou à pressa pelo caminho. – É espantoso… Mas vamos lá que já vai ficar sabendo de tudo.

Era possível ver em seu rosto que trazia notícias de extrema gravidade. – Retira-te, Nelly, retira-te, deita-te um pouco – disse assim que chegamos a casa. – Estás esgotada, essa corrida não foi brincadeira. E sobretudo por cima de uma doença dessas. Deita-te um pouco, querida, deita-te. E o senhor venha comigo para dentro, senão não a deixamos dormir – e fez-me sinal para passar com ela para a cozinha.

Mas Nelly não se deitou. Sentou no divã e cobriu o rosto com as mãos.

Alieksandra Siemiônovna e eu tomamos chá e ela contou-me rapidamente o acontecido. Depois vim ainda a saber mais pormenores sobre o mesmo. Eis o que aconteceu.

Quando saiu de casa, duas horas antes do meu regresso, depois de me ter deixado o jantar preparado, Nelly correu em primeiro lugar à casa do velho médico. Tivera o cuidado de conseguir antes o seu endereço. O médico contou-me que ficara gelado de susto quando viu Nelly em sua casa, e que todo o tempo que ela ali esteve, nem queria acreditar naquilo que os seus olhos viam.

– Ainda agora me parece mentira – acrescentou, como remate da sua história. – E nunca acreditarei.

E no entanto Nelly estivera de fato em sua casa. Achava-se o médico tranquilamente sentado na sua poltrona, no seu escritório, de bata e saboreando o café, quando ela entrou e lhe deitou os braços ao pescoço, antes que pudesse aperceber-se. Chorava, abraçava-o e enchia-o de beijos; beijava-o nas mãos e, com palavras persuasivas, embora incoerentes, pedia-lhe que a deixasse viver a seu lado, que não queria nem podia continuar vivendo comigo e por isso me deixara; que isso lhe custava muito; que daí por diante não tornaria a rir dele nem a falar dos seus vestidos novos, e se portaria bem e estudaria, aprenderia a coser e a passar-lhe as camisas (provavelmente preparara todo este pequeno discurso durante o caminho e talvez ainda com mais antecipação), e que, finalmente, lhe obedeceria em tudo, e tomaria os remédios que mandasse, ainda que tivesse de fazê-lo todos os dias. E que se dissera que queria ser sua esposa, fora por graça e nunca pensara nisso. O velho alemão ficou tão desconcertado que esteve todo aquele tempo de boca aberta, com a mão que segurava o cigarro suspensa no ar e esquecido deste a tal ponto que se gastou sem dar por isso.

– *Mademoiselle* – exclamou por fim, recuperando um pouco o uso da palavra. – *Mademoiselle*, se bem percebi, pede-me que a receba em minha casa. Mas isso é… impossível. Pode ver pelos seus próprios olhos que eu vivo com muita modéstia e não possuo nenhum rendimento certo… Em resumo: assim, de repente, sem ser pensado antes… É horrível! E além disso, você, segundo vejo, fugiu de casa.

Isso não está certo, e é impossível… E, finalmente, eu só lhe dei autorização para passear um bocadinho, nos dias em que houver bom tempo, à vista do seu protetor, e você deixa-o e vem para minha casa, quando devia cuidar-se e … e … tomar os remédios. E, finalmente… finalmente, eu não compreendo absolutamente nada…

Nelly não o deixou continuar a falar. Pôs-se outra vez a chorar e de novo tornou a suplicar-lhe a mesma coisa; mas nada conseguiu. O velhinho cada vez mostrava-se mais estonteado e cada vez compreendia menos. Por fim, Nelly deixou-o e gritou: “Ai, meu Deus” e saiu do quarto correndo.

– Eu fiquei doente todo esse dia – acrescentou o médico ao terminar a sua narrativa – e à noite tive de tomar um chá… Nelly dirigiu-se então a casa de Maslobóiev. Conhecia também a sua direção mas ainda teve alguma dificuldade em dar com ela. Maslobóiev estava em casa. Alieksandra Siemiônovna bateu palmas quando ouviu o pedido de Nelly, de que a deixasse ficar com ela. Mas às suas perguntas: “Por que queria isso? Se não estava contente junto de mim?”, Nelly não respondera e deixara-se cair, soluçando, numa cadeira.

– Soluçava de tal maneira, soluçava tanto – contava-me Alieksandra Siemiônovna – que eu pensei que ia morrer ali.

Nelly pedia-lhe que a aceitasse, ainda que fosse, como criada ou cozinheira; que varreria o chão e aprenderia a lavar roupa. (Nisso de lavar roupa branca depositava ela as maiores esperanças, pensando que era a melhor recomendação para que a aceitassem.) A intenção de Alieksandra Siemiônovna era ficar com ela até que o caso se aclarasse, quando me daria aviso. Mas Filip Filípitch opôs-se decididamente a tal e mandou imediatamente que me fosse entregue a fugitiva. Durante o caminho Alieksandra Siemiônovna abraçou-a e beijou-a e Nelly voltou outra vez a chorar. E Alieksandra Siemiônovna, ao vê-la assim, chorava também. E vieram as duas chorando durante todo o caminho.

– Mas por que não queres, Nelly, viver com ele? Ofendeu-te em qualquer coisa, por acaso? – perguntava-lhe Alieksandra Siemiônovna enxugando as lágrimas.

– Não, ofender-me não me ofendeu.

– Bem. Então por que é?

– Por nada, mas não quero viver com ele… Não posso… Eu sou muito má para ele… e ele é muito bom. Mas em sua casa não me hei de portar mal; trabalharei – dizia, soluçando, como num ataque de histerismo.

– Mas por que és tão má para ele, Nelly?

– Porque sou.

– E não consegui mais do que arrancar-lhe esse “porque sou” – concluiu Alieksandra Siemiônovna, enxugando as lágrimas. – Por que tanto sofrimento? Que pensa o senhor, Ivan Pietróvitch?

Fomos ver Nelly. Estava deitada, com a cabeça escondida debaixo dos travesseiros e chorava. Eu me pus diante dela, de joelhos; peguei-lhe nas mãos e comecei a beijar-lhas. Ela retirou as mãozinhas e aumentou ainda mais os soluços. Não sabia o que havia de dizer-lhe. Nesse momento entrou o velho Ikhmiêniev.

– Venho falar do caso contigo, Ivan. Como estás? – disse, olhando-nos a todos muito admirado, quando me viu de joelhos.

O velho passara doente todo aquele tempo. Estava pálido e fraco; mas, como se quisesse mostrar-se fanfarrão com alguém, desprezou a sua doença, não escutou os conselhos de Anna Andriéievna, não ficou na cama e continuou a sair para tratar dos seus assuntos.

– Dê-me licença, por um momento – disse Alieksandra Siemiônovna, depois de olhar o velho. – Filip Filípitch disse-me que não me demorasse. Temos que fazer. Mas esta tarde hei de ir umas horas à sua casa.

– Quem é? – perguntou o velho em voz baixa, como se estivesse pensando noutra coisa.

Expliquei-lhe.

– Hum! Mas vamos ao assunto, Ivan.

Eu sabia de que assunto se tratava e aguardava a sua visita. Vinha falar comigo e com Nelly, pedir-me que lhe consentisse levá-la para a sua companhia. Anna Andriéievna finalmente consentira em levar uma órfã para sua casa. E isso foi devido às nossas entrevistas secretas. Eu visitara Anna Andriéievna e lhe dissera que a vista de uma órfã cuja mãe concitara também a maldição paterna, talvez fizesse que o sentir do nosso velho enveredasse por outro caminho. Expliquei-lhe tão claramente o meu plano que foi ela própria quem instou depois com o marido para que perfilhasse uma órfã. O velho tomou o assunto a peito; em primeiro lugar queria agradar à esposa e, além disso, tinha também as suas ideias particulares… Mas disto falarei depois mais pormenorizadamente.

Já disse que Nelly não simpatizara com o velho, desde a primeira visita. Depois reparei que nos seus olhos se refletia também certa aversão quando eu pronunciava perante ela o nome de Ikhmiêniev. O velho entrou imediatamente no assunto, sem preâmbulos. Dirigiuse à Nelly que continuava ainda na cama; descobriu-lhe o rosto e, pegando-lhe a mão, perguntou-lhe se queria ir viver com ele, no lugar da sua filha.

– Eu tinha uma filha à qual queria mais do que a mim mesmo – concluiu o velho – mas agora já não está comigo. Morreu. Queres ocupar o seu lugar na minha casa… e no meu coração?

– Não, não quero – respondeu Nelly sem levantar a cabeça.

– Mas por que, minha filha? Tu não tens ninguém. Ivan não pode ter-te decentemente em sua casa; em compensação, na nossa estarás como na de teus pais.

– Não quero, porque o senhor é mau. Sim, mau – acrescentou levantando a cabeça e endireitando-se na cama, diante do velho. – Eu sou má, muito má; mas o senhor ainda é pior do que eu…

Quando disse isto, Nelly empalideceu; os seus olhos chispavam fogo; também os seus lábios, trementes, empalideceram e se crisparam devido à comoção. O velho olhava-a, atônito.

– Sim, é mais mau do que eu porque não quer perdoar à sua filha; quer esquecê-la completamente e pôr outra no seu lugar. Mas será possível esquecer uma filha? Poderá o senhor gostar de mim? Todas as vezes que me olhar há de recordar que sou uma estranha na sua casa, que tinha uma filha que votou ao esquecimento, porque é um homem cruel. E eu não quero viver com gente má. Não quero, não quero!

Nelly soluçou e olhou-me timidamente.

– Amanhã é o dia da Aleluia; todos se beijam e abraçam, todos se reconciliam, todos perdoam mutuamente as suas culpas… É para que veja que o sei… Só o senhor… Desalmado!

E pôs-se a chorar. Parecia ter essas palavras preparadas de antemão, para o caso de o velho vir convidá-la a ir para sua casa. O velho ficou perturbado e mudou de cor. Um grande sofrimento se refletiu no seu rosto.

– Mas por que, por que se preocupam todos comigo? Não quero, não quero! – exclamou Nelly, de repente, com certa exaltação. – Irei pedir esmola!

– Nelly, que tens? Nelly, minha amiga! – exclamei eu involuntariamente; mas a minha exclamação não fez mais do que deitar lenha ao fogo.

– Sim, prefiro lançar-me à rua a pedir esmola a continuar aqui – exclamou soluçando. – Minha mãe pedia esmola e, quando morreu, disse-me: “És pobre e mais vale que peças esmola que não… Pedir esmola não é vergonha”. Não a pedirei a uma só pessoa, vou pedir a toda a gente e toda a gente não é uma só pessoa; a uma, faz vergonha pedi-la; mas a todos não é vergonhoso; foi o que me disse uma mendiga. Repare: eu sou pequena, ninguém me quer. Por isso pedirei esmola a todos. Não quero, não quero, eu sou má, pior do que ninguém. Oh, como eu sou má!

E de súbito, Nelly, de um modo completamente inesperado, pegou numa chávena que estava em cima da mesa e, olhando para mim com uma solenidade provocante, atirou-a ao chão.

– Tínhamos duas chávenas – disse ela. – A outra, também já a parti. Agora, onde é que toma o chá?

Estava furiosa e parecia sentir prazer naquela fúria, como se ela própria reconhecesse que aquilo era vergonhoso e mau e, ao mesmo tempo, inflamava-se para novos arrebatamentos.

– Está doente, Vânia; deve ter isso! – disse o velho. – A não ser que… a não ser que eu já não compreenda as pessoas. Adeus!

Pegou no agasalho e apertou-me a mão. Parecia esgotado. Nelly ofendera-o de maneira terrível. Eu sentia intimamente uma revolta enorme.

– Não tiveste piedade dele, Nelly – exclamei quando ficamos sozinhos. – Não tens vergonha, não tens vergonha! Não, tu não és boa, és verdadeiramente má!

E tal como estava, sem chapéu, saí atrás do velho. Desejava alcançá-lo antes que chegasse à porta e dizer-lhe duas palavras só de consolação. Quando descia a escada correndo, parecia-me ver ainda à minha frente o rosto de Nelly, que empalidecera espantosamente perante as minhas censuras.

Depressa alcancei o velho.

– Ofenderam essa pobre moça e está magoada, acredita, Ivan. E eu comecei a falar-lhe das minhas coisas – disse, sorrindo amargamente – e toquei nas suas feridas. Dizem que o saciado não compreende o esfomeado; mas eu, Vânia, acrescentaria que até o esfomeado nem sempre entende o esfomeado.

Tentei falar-lhe de outras coisas, mas o velho moveu a mão.

– Nada de consolações. Faz antes o possível para que ela não fuja; olha de tal maneira… – acrescentou, com certa malícia.

E afastou-se de mim a grandes passadas, agitando a bengala e batendo com ela no passeio.

Mal podia imaginar que fazia um prognóstico certo.

Que não senti eu, quando, ao regressar a casa, cheio de espanto, aí não encontrei Nelly! Vim até ao patamar, procurei-a na escada, chamei-a no quarto vizinho e perguntei por ela; não queria nem podia acreditar tivesse voltado a fugir. E como podia ter fugido? – A casa tinha apenas uma porta. Quando saiu, precisava ter passado diante de nós, enquanto eu falava com o velho. Mas logo pensei com grande tristeza que podia ter-se escondido em algum lugar na escada, à espera que eu voltasse para casa, para fugir, de maneira que eu não pudesse encontrá-la. Fosse como fosse, não podia estar muito longe.

Voltei a procurá-la, com grande inquietação, deixando a porta aberta, como por acaso.

Antes de mais, dirigi-me a casa de Maslobóiev. Ele não estava em casa, nem tampouco Alieksandra Siemiônovna. Depois de lhes deixar um bilhete comunicando-lhes a nova infelicidade e pedindo-lhes que, se Nelly aparecesse por ali, me comunicassem imediatamente, fui à casa do médico. Também não se achava em casa e a criada disse-me que, depois da sua última visita, não voltara a fazer outra. Que fazer? Dirigi-me à da Bubnova e soube por um empregado amigo que ela fora detida no dia anterior, não sei porque motivo, e que até então não vira Nelly. Esgotado, desanimado, voltei de novo à casa de Maslobóiev. A mesma resposta. Ninguém lá fora e os donos da casa nem sequer tinham regressado. O meu bilhete continuava em cima da mesa. Que me restava fazer?

Voltei para casa com um tédio mortal, já noite avançada. Precisava de ir ver Natacha nessa noite; ela própria me mandara chamar de manhã. Mas eu nada comera durante todo o dia. A lembrança de Nelly torturava-me.

– “Que será? – pensava eu. – Será isto uma estranha consequência da doença? Não estaria louca ou terá voltado? Mas, meu Deus! Onde estará ela agora, onde poderei encontrá-la?”

Mal proferira esta exclamação, de súbito vi Nelly a alguns passos de mim, na ponte de V***, de pé, junto do lampião, e não me viu. Quis correr para ela mas detive-me.

“Que fará ela ali?”, pensei, perplexo.

E com a certeza de que, dessa vez, não a perderia de vista, decidi esperar e observá-la. Passaram dez minutos e ela continuava ali, olhando para os transeuntes. Finalmente passou um velhinho bem vestido e Nelly aproximou-se. Ele, sem parar, tirou qualquer coisa do bolso e lhe deu. Ela fez uma reverência. Não posso exprimir o que senti naquele momento. O coração estremeceu-me dolorosamente, como se qualquer coisa estimada, que eu amava, acariciava e amimava, se envilecesse e consumisse à minha vista naquele momento; e ao mesmo tempo brotaram lágrimas nos meus olhos.

Sim, lágrimas pela pobre Nelly, embora ao mesmo tempo sentisse enorme aborrecimento; ela não pedia por necessidade; não vivia abandonada nem se encontrava exposta por ninguém à mercê da sorte; não fugira ao poder de opressores cruéis, mas da casa de amigos que a amavam e estimavam. Parecia antes que se propusera assombrar ou assustar alguém com as suas proezas, como se quisesse dar-se ares de pessoa valente. Perante quem? Mas algo de misterioso se agitava na sua alma… Sim, o velho tinha razão; ela estava ofendida, a sua ferida não podia sarar e parecia comprazer-se em irritá-la com aquele receio, com aquela desconfiança por todos. Era de dizer que gozava com o seu mal, com aquela dor egoísta, se me permitem a expressão. Este irritar da ferida e ter prazer nela era compreensível para mim; é o prazer de muitos ofendidos e agravados, maltratados pela sorte e convencidos da sua injustiça. Mas de que injustiça podia Nelly queixar-se? Parece que queria assombrar-nos e assustar-nos com as suas façanhas, com os seus caprichos, com as suas lembranças selvagens; como se quisesse mostrar-se fanfarrona perante nós… Mas não. Agora estava só, nenhum de nós a via pedir esmola. Será que sozinha acha prazer nisto? Para que precisa de esmolas? Para que quer o dinheiro?

Depois de receber uma esmola, retirou-se da ponte e aproximou-se da vitrina iluminada de uma loja. Aí, pôs-se a contar o que recebera; eu estava a dez passos dela. Tinha bastante dinheiro na mão; era evidente que pedira desde manhã. Apertando-o na mão, atravessou a rua e dirigiu-se para uma loja. Eu me encaminhei imediatamente para a porta da loja, aberta de par em par e olhei. Que estaria fazendo ali?

Vi que colocava dinheiro sobre o balcão e lhe entregavam uma chávena, uma simples chávena para chá, semelhante àquela que pouco antes quebrara para nos dar a entender, a mim e a Ikhmiêniev, como era má. Aquela chávena poderia valer cinco copeques e até talvez menos. O comerciante embrulhou-a, atou-a e entregou-a a Nelly, a qual se apressou a sair da loja com uma expressão de satisfação.

– Nelly! – gritei-lhe, quando passava junto de mim. – Nelly!

Ela estremeceu, olhou para mim, deixou cair da mão a chávena, que se partiu no chão. Estava pálida; mas, quando me olhou e se convenceu de que eu a vira e sabia tudo, de repente, corou, e esse rubor revelava uma vergonha intolerável, dolorosa. Peguei-lhe na mão e levei-a a casa, que ainda estava longe. Nem uma palavra trocamos durante o caminho. Em casa, sentei; Nelly estava de pé, na minha frente, apreensiva e comovida, pálida como antes, de olhos fixos no chão. Não podia olhar-me.

– Nelly, tu pediste esmola?

– Sim! – murmurou e ficou ainda mais meditativa.

– Querias juntar dinheiro para comprar outra chávena como a que partiste?

– Sim…

– Mas eu censurei-te ou ralhei-te por causa disso? Não vês, Nelly, quanta maldade, quanta maldade deliciada consigo própria há na tua conduta? Achas isso direito? Não tens vergonha? Não…

– Vergonha? – murmurou ela com uma voz quase imperceptível e uma lagrimazinha rolou pela sua face.

– Vergonha – repeti eu por minha vez. – Nelly, minha filha, se te ofendi em qualquer coisa, perdoa-me e façamos as pazes.

Ela olhou para mim, as lágrimas brotaram dos seus olhos e lançou-se contra o meu peito.

Nesse instante Alieksandra Siemiônovna apareceu correndo.

– Quê? Já está em casa? Outra vez? Ai! Nelly, Nelly, que te aconteceu? Bem. Ao menos ainda teve o bom senso de voltar a casa… Onde a encontrou, Ivan Pietróvitch?

Fiz sinal a Alieksandra Siemiônovna para que não continuasse a perguntar e ela compreendeu-me. Perdoei a Nelly, com ternura, mas continuava chorando amargamente; pedi à bondosa Alieksandra Siemiônovna que continuasse a fazer-lhe companhia até que eu voltasse e dirigi-me a toda pressa à casa de Natacha. Estava atrasado e agora devia correr.

Nessa noite, o nosso destino decidiu-se; eu tinha muitas coisas de que falar com Natacha; no entanto fiz recair a conversa sobre Nelly e contei-lhe tudo quanto se passara, com todos os pormenores.

O meu relato interessou muito a Natacha e até lhe causou impressão.

– Sabes uma coisa, Vânia? – disse pensativa. – Tenho a impressão de que ela está apaixonada por ti.

– Quê? Que dizes? – exclamei surpreendido.

– Nada! Que isso é um começo de amor, de paixão de mulher…

– Não continues, Natacha! Não vês que é uma criança?

– Que em breve vai fazer catorze anos. Tudo isso é puro desespero por ver que não compreendes o seu amor, sim, que talvez nem ela mesma o compreenda; desespero em que há muito de pueril, mas também de seriedade, que é sério, doloroso. Gostas tanto de mim que, verdadeiramente, só pensas em mim, e só te preocupas comigo e falas de mim, sem lhe dedicar a menor atenção. Ela repara e isso exaspera-a. É possível que quisesse falar contigo, que sinta a necessidade de abrir-te o coração; mas não sabe, tem vergonha; não se compreende a si própria; espera uma oportunidade, e tu, em vez de provocares essa oportunidade, te afastas dela, a deixas sozinha para vires me ver, e até quando esteve doente a deixaste dias inteiros sozinha. Por isso ela chora; sente a tua falta e o que mais lhe custa é ver que tu não o notas. Bem vês, agora mesmo, neste momento, acabas de deixá-la

sozinha para vires ver-me. E por isso é capaz de ficar doente amanhã; e tu, também, como podes tu deixá-la? Volta para o seu lado quanto antes…

– Eu não a deixaria sozinha, mas…

– Bem, vai. Fui eu própria que te pedi que viesses. Mas agora vai.

– Sim, mas fica sabendo que não acredito nada disso.

– Porque isto não se parece com o resto. Lembra-te da sua história; medita sobre tudo e depois te convencerás. Ela não foi criada contigo, como eu…

Apesar disto, regressei tarde. Alieksandra Siemiônovna contou-me que Nelly, tal como na noite anterior, também chorara muito, e também adormecera a chorar… mas que "agora vou-me embora, Ivan Pietróvitch, conforme me mandou Filip Filípitch, que já deve estar farto de esperar por mim".

Agradeci-lhe e sentei-me à cabeceira da cama de Nelly. Custava-me tê-la deixado naquelas circunstâncias. Fiquei sentado durante muito tempo, junto dela, pensando… Horas fatais foram essas… Mas é preciso contar o que se passou nessas semanas.

## Capítulo V

Depois daquela noite que nunca mais poderei esquecer, que me levou ao restaurante de B*** em companhia do príncipe, durante alguns dias consecutivos senti um verdadeiro receio por Natacha. "Que ameaças lhe fará este maldito príncipe e, sobretudo, qual a vingança que trama contra ela?", a mim próprio perguntava eu a todos os momentos e perdia-me em diversas conjeturas. Cheguei finalmente à conclusão de que as suas ameaças não eram nenhum absurdo nem tinham nada de fantásticas, e que enquanto ela vivesse com Alhocha, o príncipe, efetivamente, podia proporcionar-lhe muitos dissabores. "É exigente, vingativo e interesseiro", dizia para mim próprio. Dificilmente poderá esquecer uma ofensa e não aproveitar a primeira ocasião que se lhe apresente para vingar-se. Seja como for,

ele indicou-me um ponto concreto em todo este assunto e exprimiu-se com toda a clareza: tinha absoluta necessidade da ruptura de Alhocha com Natacha, e contava comigo para ir preparando-a para uma separação iminente, para que não viesse a dar-se nenhuma cena de pastoral à Schiller. Evidentemente que se esforçava por todos os meios para que Alhocha ficasse satisfeito com ele e continuasse a tê-lo por um pai amante, o que lhe era muito necessário para poder depois manejar o dinheiro de Kátia. Por isso eu me via na necessidade de preparar Natacha para uma ruptura iminente. Mas eu observara uma notável mudança em Natacha: da sua antiga franqueza comigo não havia agora nem uma amostra; e mais, parecia desconfiar de mim. As minhas consolações só serviam para mortificá-la; as minhas perguntas contrariavam-na cada vez mais e chegavam até a aborrecê-la. Sentava diante dela e observava-a. Ela andava no quarto de um lado para o outro, de braços cruzados, severa, pálida, distraída, esquecida de tudo, inclusive de que eu estava ali junto dela. Quando pousava em mim a vista, por acaso (e evitava também o meu olhar), ao seu rosto assomava uma contrariedade impaciente e apressava-se a voltar os olhos para outro lado. Eu compreendia que ela também elaborava algum plano respeitante à ruptura iminente, e que podia pensar nisso sem sentir dor e amargura. Eu tinha a certeza de que ela já estava decidida à ruptura. Mas apesar disso afligia-me e assustava-me o seu desespero sombrio. Muitas vezes nem sequer me atrevia a falar-lhe e a consolá-la, e assim aguardava com espanto em que acabaria tudo aquilo.

Quanto à sua desconfiada e evasiva atitude para comigo, embora me inquietasse e custasse, sentia-me no entanto certo do coração da minha Natacha; via que ela sofria muito e que estava extremamente agitada. Toda a interferência alheia a aborrecia e irritava. Em casos destes, a interferência, sobretudo de amigos íntimos, que sabem dos nossos segredos, é a que se torna mais aborrecida. Mas eu sabia também que no último momento Natacha havia de voltar para mim a procurar refúgio no meu coração.

É claro que não lhe disse uma palavra da minha aventura com o príncipe; tudo quanto eu dissesse apenas serviria para aumentar a sua agitação e desassossego. Disse-lhe unicamente, como se fosse por

acaso, que estivera com o príncipe em casa da condessa e que tivera oportunidade de verificar que era muito mau. Ela não me perguntou por que, o que muito me alegrou; em compensação estava ansiosa por ouvir tudo quanto lhe contei da minha entrevista com Kátia. Depois de me ter ouvido também não disse nada mas corou e durante quase todo esse dia se mostrou muito agitada. Eu nada escondi a Natacha e disse-lhe francamente que Kátia me deixara uma excelente impressão. Para que estar com fingimentos? De qualquer maneira, Natacha adivinhara o que eu lhe ocultara e ainda por cima ficara aborrecida comigo por causa dessa reserva. E foi por isso que eu, propositadamente, lhe contei tudo o mais pormenorizadamente possível, antecipando-me às suas perguntas, tanto mais que, na sua irritação, a ela mesma lhe teria sido difícil interrogar-me. Na verdade, será coisa fácil inquirir com um ar indiferente, das perfeições duma rival?

Pensava que ela ignorasse ainda que Alhocha, por ordem irrevogável do príncipe, tinha de ir fazer companhia à condessa e a Kátia, no campo, a fim de suavizar-lhe o golpe, na medida do possível. Mas qual não foi o meu assombro quando Natacha me deteve logo às primeiras palavras, dizendo-me que não a consolasse, pois havia cinco dias estava a par de tudo!

– Meu Deus! – exclamei eu. – Mas quem é que te disse?

– Alhocha.

– Quê? Foi ele que te disse?

– Sim, e eu estou decidida, Vânia – acrescentou com um gesto que me dava a entender com toda a clareza e quase com impaciência que não devia continuar o diálogo.

Alhocha visitava Natacha com muita frequência, mas apenas por um minuto; houve apenas uma ocasião em que ficou várias horas com ela. Mas isso foi de uma vez em que eu não estava presente. Costumava aparecer muito triste; olhava-a tímida e ternamente, mas Natacha recebia-o com tanta ternura e carinho que ele esquecia imediatamente tudo e punha-se muito contente. Também a mim me visitava com muita frequência, quase todos os dias. Para dizer a verdade, ele também sofria bastante, mas não podia ficar sozinho nem

um momento com a sua tristeza e vinha ter comigo em busca de consolo.

Que poderia eu dizer-lhe? Ele reprovava a minha frieza, a minha indiferença e até se aborrecia comigo; lamentava-se, chorava, ia visitar Kátia e ali se distraía.

No mesmo dia em que Natacha me confessou estar já informada acerca da viagem (foi na semana seguinte à minha conversa com o príncipe), veio ele procurar-me, desesperado, abraçou-me, lançou-se nos meus braços e rompeu a chorar como uma criança. Eu me calava, na expectativa do que ele iria dizer.

– Sou vil e velhaco, Vânia – começou. – Salva-me de mim próprio. Eu não choro por ser vil e velhaco, mas porque Natacha vai ser infeliz por minha causa… Porque eu a abandono na desgraça… Vânia, meu amigo, diz-me, resolve por mim, qual das duas é que eu amo mais: Kátia ou Natacha?

– Isso, eu não posso dizer, Alhocha – respondi-lhe. – Tu deves saber melhor do que eu…

– Não, Vânia, não é isso; ainda não sou assim tão tolo que te fizesse uma pergunta dessas; mas é que, no fundo, eu próprio não sei. Interrogo-me e não acho resposta. Ao passo que tu olhas o caso como espectador e pode ser que saibas mais do que eu… Bem; e ainda que não saibas, diz-me: que te parece?

– Parece-me que gostas mais de Kátia.

– Achas? Não, não, de maneira nenhuma. Estás completamente enganado. Eu amo infinitamente Natacha. Nunca, por nada deste mundo, a poderei deixar; foi o que eu disse a Kátia e Kátia está completamente de acordo comigo. Por que estás tão calado? Mas sorris… Ah, Vânia, tu nunca me soubeste consolar nas ocasiões em que estou tão triste, como agora! Adeus!

Saiu do quarto correndo, deixando uma extraordinária impressão em Nelly, que estava assombrada e assistira ao diálogo, em silêncio. Estava ainda de cama e a tomar remédios. Alhocha nunca falou com

ela e durante as suas visitas mal reparava nela.

Passadas duas horas voltou a aparecer e eu fiquei admirado do seu rosto tão prazenteiro. Outra vez se atirou para os meus braços.

– É assunto arrumado! – exclamou. – Desvaneceram-se todas as dúvidas. Vou já daqui diretamente para casa de Natacha; eu estava excitado e não podia passar sem ela. Quando entrei lancei-me a seus pés, de joelhos, e beijei-os; devia fazer isso, era um desejo que eu sentia; se não o fizesse morreria de tristeza. Ela me abraçou em silêncio e chorou. E eu então disse-lhe logo que gosto mais de Kátia do que dela.

– E ela, que disse?

– Não me respondeu, limitou-se a acariciar-me e a consolar-me… A mim, que acabava de dizer-lhe aquilo! Como ela sabe consolar uma pessoa, Ivan Pietróvitch! Oh, eu desafoguei com ela toda a minha amargura, contei-lhe tudo! Comecei por dizer-lhe que amo muito Kátia, mas que por muito que a ame, a ela ou a outra, sem Natacha não posso viver e morrerei. Sim, Vânia, compreendo que nem um só dia poderei viver sem ela! Por isso decidimos casarmo-nos imediatamente e, como antes da viagem não é possível, porque agora, na Quaresma, estão encerradas as preces públicas, vamos deixar para o meu regresso, que será nos princípios de junho. O meu pai dará o seu consentimento, disso não duvido. Pelo que respeita a Kátia, pode dizer-se o mesmo. Eu não posso viver sem Natacha! Vamos casar e depois iremos para junto de Kátia!

Pobre Natacha! Como a consolava escutar aquele rapaz, sentado junto dela, ouvir as suas confidências e inventar, para tranquilidade daquele egoísta, a história do seu próximo casamento! De fato, Alhocha ficou assim tranquilo por uns dias. Ia ver Natacha precisamente porque o seu fraco coração não tinha coragem para suportar sozinho a tristeza. No entanto, quando começou a aproximar-se a época da separação, voltou a cair no desassossego, a chorar, e de novo veio ter comigo para desabafar a sua amargura. Nos últimos tempos estava tão ligado a Natacha que não podia separar-se dela nem um dia, quanto mais um mês e meio. Mas não há dúvida de que até o

último momento esteve perfeitamente convencido de que apenas a deixava por mês e meio e que no seu regresso se casariam. Quanto a Natacha compreendia muito bem que o seu destino ia transformar-se radicalmente, que Alhocha não voltaria para ela e que assim tinha de ser.

Chegou finalmente o dia da separação. Natacha estava doente, pálida, com os olhos inflamados e os lábios febris; falava sozinha, de vez em quando, e olhava para mim de um modo fixo, penetrante; não chorava, não respondia às minhas perguntas e tremia como uma folha, quando se ouviu a voz sonora de Alhocha, que entrava. Ela ruborizou-se intensamente e apressou-se a ir ao seu encontro; abraçou-se convulsivamente a ele: beijava-o, ria… Alhocha olhava-a, às vezes com inquietação; perguntava-lhe se se sentia bem, consolava-a dizendo-lhe que ia por pouco tempo e que depois se casariam; Natacha fazia esforços visíveis para dominar-se e conter as lágrimas. Não chegou a chorar na sua presença.

Uma vez chegou a dizer que era preciso deixar-lhe dinheiro para todo tempo da sua ausência, para que não passasse necessidades, pois o pai devia dar-lhe muito para a viagem. Natacha ficou amuada. Quando ficamos sós, expliquei-lhe que tinha à disposição dela cento e cinquenta rublos. Não me perguntou pela origem dessa quantia. Isto se passou dois dias antes da partida de Alhocha e na véspera do primeiro e último encontro de Natacha com Kátia. Esta enviara um bilhete a Natacha; no qual lhe pedia que a deixasse visitá-la no dia seguinte; escrevia também umas linhas para mim; pedia-me que assistisse também ao seu encontro.

Eu resolvi estar ao meio-dia (hora marcada por Kátia), sem falta, em casa de Natacha, pondo de parte o que tinha para fazer; mas surgiram muitos obstáculos e daí resultou um atraso. Sem falar de Nelly, nos últimos tempos, os Ikhmiênievki davam-me muitas preocupações.

Estas preocupações começaram uma semana antes. Anna Andriéievna mandara-me chamar uma manhã, pedindo que deixasse tudo e fosse imediatamente a sua casa para tratar de um assunto importantíssimo que não consentia o menor adiamento. Quando lá

cheguei, encontrei-a sozinha; andava de um lado para o outro, assustada, num estado de comoção febril, aguardando a tremer o regresso de Nikolai Sierguiéitch. Como de costume, durante bastante tempo não consegui saber de que assunto se tratava e que receava ela, apesar de cada minuto ser precioso. Finalmente, depois de amargas censuras, supérfluas em relação ao assunto: "Por que não gostava deles e os abandonava sozinhos na sua dor?" enquanto "Só Deus sabia o que teriam sofrido sem mim" e explicou-me que Nikolai Sierguiéitch se mostrava indescritìvelmente agitado nos últimos três dias.

– Parecia outro, simplesmente – dizia ela – à noite, cheio de febre, rezava em voz baixa, para que eu o não ouvisse, de joelhos diante da imagem, delirava em sonhos e de dia parecia meio louco; ontem, quando lhe trouxe a sopa, nem conseguia segurar a colher; perguntava-lhe uma coisa e respondia-me outra. Saía de casa a todos os momentos: "Tenho de ir tratar de um assunto – dizia – tenho de ir procurar o advogado". Até que esta manhã se fechou no escritório. "Tenho – disse-me – de escrever uma coisa para o assunto do processo." "Bem – pensei eu para comigo – que documento irás escrever se não consegues segurar na colher?" Mas pus-me a espreitar pelo buraco da fechadura: está sentado, escreve e, de vez em quando, parece que chora. Que documento vai sair das suas mãos – dizia para comigo – se se encontra nesse estado? A não ser que, agora, o seu desgosto seja por causa da nossa Ikhmiênievka! Pensava nisto quando, de repente, ele levanta da cadeira, atira a pena sobre a mesa, faz-se vermelho, os seus olhos começam a chispar fogo, pega o gorro e diz-me: "Anna Andriéievna, eu já volto". Assim que ele saiu, aproximei-me da mesa para ver o que escrevera; há aí muitos papeluchos relacionados com o processo e ele não me deixa arrumá-los. Quantas vezes lhe pedi: "Ao menos deixa-me tirar esses papéis uma vez, para limpar o pó da secretária". "De maneira nenhuma – grita – proíbo-te que toques aí"; aqui em Petersburgo tem-se tornado mais impertinente e grita mais do que nunca. Bem; pois eu aproximei-me da mesa e procuro: "Qual será o papel que ele estava escrevendo agora mesmo? Pois sei que não o levou consigo e, quando levantou da mesa, meteu-o debaixo dos outros papéis". Pois bem, amigo Ivan Pietróvitch, aqui tens o que eu encontrei, olha.

E estendeu-me uma folha de papel de carta, escrita até metade, mas com tantos borrões que era impossível decifrá-la.

Pobre velho! Podia adivinhar-se, desde as primeiras linhas, o que e a quem escrevia. Era uma carta para Natacha, para a sua idolatrada Natacha. Começava ardente e terno; dirigia-se a ela oferecendo o seu perdão e chamando-a para o seu lado. Era difícil compreender essa carta toda, garatujada nuns termos arrevesados e incoerentes e cheia de borrões. Era evidente que o sentimento ardente que o levara a pegar na pena e a escrever as primeiras e inspiradas linhas, imediatamente depois de escritas, tinha degenerado noutro; o velho passara a dirigir censuras à filha, pintava-lhe o seu crime com cores negras e recordava-lhe com dureza a sua teimosia, jogava-lhe na cara a sua falta de sentimentos por não ter pensado nem um momento no que fizera a seus pais. Ameaçava-a com um castigo e com a maldição, por causa do seu orgulho, e terminava com a exigência de que voltasse imediatamente para casa, depois do que, e só quando tivesse cumprido uma nova vida exemplar, "no seio da família, me resolverei a perdoar-te", escrevia. Era claro que o seu generoso sentimento inicial lhe devia ter parecido fraqueza, assim que escreveu as primeiras linhas, e que se sentiu envergonhado e, finalmente, sofrendo as torturas do orgulho ofendido, acabou a carta encolerizado e com ameaças. A velhinha, postada na minha frente, juntava as mãos e aguardava, temerosa, o que eu iria dizer depois de lida a carta.

Eu lhe disse, sem rodeios, o que pensava. Isto é, que o velho já não podia viver sem Natacha e que portanto se podia falar já da sua imprescindível e próxima reconciliação; mas que entretanto tudo dependia das circunstâncias. Disse-lhe também, em apoio desta minha suposição, que, em primeiro lugar, o desenlace desfavorável do processo o devia ter alterado e comovido muito, para não falar naquilo que a vitória obtida pelo príncipe devia ter ofendido o seu amor-próprio, nem do desgosto que lhe devia ter trazido essa solução do caso. Perante essas dores espirituais não tinha outro remédio senão procurar quem o ajudasse a suportá-las, e mais do que nunca se lembrou daquela a quem continuava amando mais do que ninguém neste mundo. Por fim, podia ser que lhe tivesse acontecido isto também: que tivesse ouvido dizer (já que estava informado de tudo

quanto dizia respeito a Natacha) que Alhocha estava prestes a deixá-la, e pensasse no que iria ser dela, agora, e como iria ficar necessitada de amparo. Mas que, apesar de tudo, não podia dominar-se e considerava-se humilhado e ofendido pela filha. Ao que parece ocorrera-lhe a ideia de que, de qualquer modo, não devia ser ela a primeira a vir ao seu encontro, que talvez não se lembrasse deles nem sentisse necessidade de uma reconciliação. Disse-lhe que, em minha opinião, devia ser este o seu pensar, e por isso não acabara a carta e que talvez de tudo isso resultassem ainda novos agravos que talvez tornassem mais sensíveis os primeiros, e que a reconciliação ficasse assim adiada sabia-se lá até quando.

A velhinha pôs-se a chorar. Por fim, quando lhe disse que me era forçoso ir a seguir à casa de Natacha, e que já estava atrasado, estremeceu e disse-me que se esquecera do principal. Quando tirara a carta debaixo de outros papéis, sem querer virara um tinteiro. De fato, havia um canto todo salpicado de borrões e a velha tinha um medo terrível de que o marido deduzisse, ao ver essas manchas, que lhe tinham remexido os papéis na sua ausência e que ela encontrara a sua carta para Natacha. O seu receio era fundado; só o fato de que nós conhecêssemos o seu segredo poderia ser o bastante para que ele, por pudor e aborrecimento, prolongasse a sua hostilidade e, por orgulho, insistisse na sua exigência.

Mas depois de ter considerado o caso, aconselhei a velha a não se preocupar. Ele levantara depois de ter arrumado a carta, no meio de uma tal comoção, que não poderia recordar-se bem de todos os pormenores, e agora, provavelmente, pensaria que devia ter sido ele quem sujara a carta, se é que o não esquecera. Depois de tranquilizar assim Anna Andriéievna, voltamos a colocar cuidadosamente a carta no seu lugar e preparei-me para, antes de me retirar, falar-lhe seriamente de Nelly. Parecia-me que a pobre órfã abandonada, sobre cuja mãe pesara também a maldição paterna, podia, com a triste e trágica história da sua vida passada e da morte de sua mãe, comover o velho e predispô-lo para sentimentos generosos. Tudo estava disposto, tudo amadurecia no seu coração; a nostalgia da filha começava já a vencer o seu orgulho e o seu amor-próprio ofendido. Só precisava de um impulso, de uma última ocasião apropriada, e essa oportunidade

favorável podia Nelly oferecê-la. A velhinha escutava-me com uma atenção extraordinária; o seu rosto iluminava-se de esperança e entusiasmo. Pôs-se imediatamente a fazer-me censuras: “Por que não lhe dissera eu isso antes?”. Impaciente, começou a perguntar-me por Nelly e terminou com a solene promessa de que ela mesma iria agora suplicar ao velho que perfilhasse uma órfã. Começava a ganhar amizade sincera por Nelly; custava-lhe que estivesse doente, fazia-me perguntas a seu respeito; empenhou-se em que eu levasse para Nelly um boião de doces, que ela mesma foi buscar à despensa; deu-me cinco rublos de prata, alegando que eu não tinha dinheiro para pagar o médico, e quando viu que eu não os aceitava, apenas se tranquilizou e contentou quando soube que Nelly precisava de roupa para sair e também de roupa interior, e que, portanto, ainda podia ser-lhe útil. Imediatamente abriu a arca, na qual revolveu toda a roupa, apartando as peças que podia oferecer à orfãzinha.

Encaminhei-me para casa de Natacha. Quando subia pela última escada que, como já disse, era de caracol, vi diante da sua porta um homem que se preparava para chamar, mas que se deteve quando sentiu os meus passos. Por fim desistiu subitamente do seu intento e resolveu descer a escada. Encontrei-o no último e escorregadio patamar e qual não seria o meu assombro ao reconhecer Ikhmiêniev! Aquela escada, até de dia era muito escura. Ele se arrimou à parede para me deixar passar e lembro-me ainda do estranho brilho dos seus olhos que me olhavam atentamente. Pareceu-me que corara extraordinariamente; pelo menos ficou visivelmente desorientado e desconcertado.

– Ah, Vânia, eras tu! – proferiu numa voz insegura. – Vim aqui ver um indivíduo… um escrivão… Por causa do meu assunto… Mudou-se há pouco… para estes lados… mas parece que não mora aqui. Adeus.

E, rapidamente, começou a correr escada abaixo.

Resolvi, então, nada dizer acerca deste encontro a Natacha, pensando dar-lhe parte dele somente quando ficasse só, depois da partida de Alhocha. Agora estava tão agitada que, embora compreendesse e apreciasse plenamente todo o poder daquele fato,

não teria podido entendê-lo e senti-lo como depois, no instante em que sobre ela caíram o desgosto e o desespero finais. Não era agora o momento.

Durante esse dia podia ter ido ver os Ikhmiênievi, e de fato lembrei-me disso, mas não fui. Parecia-me que o velho estranharia isso e poderia até pensar que eu ia vê-lo intencionalmente, depois do nosso encontro. Só fui visitá-lo passados três dias; o velhinho estava triste mas acolheu-me com bastante desenvoltura e falou-me dos seus assuntos.

– E então, à casa de quem ias tu, quando nos encontramos? Quando foi? Há três dias, parece-me – perguntou-me de repente, com bastante despreocupação, evitando no entanto o meu olhar.

– É que tenho ali um amigo – respondi-lhe, desviando também a vista.

– Ah! Eu ia à procura do meu escrivão, Astáfiev; indicaram-me essa casa… Mas deviam estar enganados. Bem, já te falei no meu caso; no Senado resolveram… etc., etc.

Corou também quando começou a falar no assunto.

Eu contei tudo, nesse mesmo dia, a Anna Andriéievna, para ver se dava uma grande alegria à velhota, pedindo-lhe, entre outras coisas, que não o olhasse agora no rosto de um modo especial, nem suspirasse, nem fizesse alusões, nem lhe desse a entender de maneira nenhuma que estava informado dessa nova saída sua.

A velhinha ficou admirada e alvoroçada a tal ponto que, a princípio, nem queria acreditar. E disse-me, por seu lado, que já falara a Nikolai Sierguiéitch acerca da órfã, mas que ele ficara calado, apesar de ter sido ele quem anteriormente lhe pedira que adotasse uma menina. Decidimos que no dia seguinte eu o interrogaria sobre o assunto, diretamente e sem reservas. Mas no dia seguinte estávamos os dois com um medo e uma inquietação espantosos.

De fato, Ikhmiêniev encontrara-se nessa manhã com um escrivão que dirigia o seu processo. O escrivão explicou-lhe que vira o príncipe,

e que este, embora considerasse já como sua a Ikhmiênievka, entretanto, em vista de certas consequências de família, decidira indenizar o velho e abonar-lhe dez mil rublos. E daí correra logo o velho a procurar-me, extraordinariamente agitado; os olhos chispavam-lhe de fúria. Obrigou-me a sair de casa para a escada, sob um pretexto qualquer, e exigiu-me terminantemente que fosse logo procurar o príncipe e o desafiasse em seu nome. Eu estava tão desorientado que demorei muito até compreender. A primeira coisa que eu tinha a fazer era procurar dissuadi-lo. Mas o velho estava tão furioso que o caso era difícil. Entrei em casa, com o pretexto de ir buscar um copinho de vodca, mas quando voltei já não encontrei Ikhmiêniev na escada.

No dia seguinte fui à sua casa, mas já não estava; e passou três dias sem aparecer.

Ao terceiro dia soubemos tudo. Da minha casa fora diretamente à do príncipe e, como não o encontrara, deixou-lhe uma carta; dizia-lhe que fora informado das palavras que lhe dirigia o escrivão e que as considerava como uma ofensa mortal, e a ele um homem vil, e que por isso o provocava para um duelo, esperando que o príncipe não se atreveria a repelir o desafio, pois nesse caso pretendia desonrá-lo publicamente.

Anna Andriéievna contou-me que ele regressara a casa num estado de agitação e estonteamento tais que tivera de se deitar. Que se mostrara muito carinhoso para com ela mas que mal respondera às suas perguntas e parecia esperar qualquer coisa com uma impaciência febril. No dia seguinte recebeu uma carta da província; quando a leu, deu um grito e levou as mãos à cabeça. Anna Andriéievna estava morta de susto. Mas ele pegara imediatamente o chapéu e a bengala e saíra.

A carta era do príncipe. Seca, breve e cortesmente, dizia a Ikhmiêniev que, das palavras que o escrivão dissera, não tinha que dar satisfações absolutamente a ninguém. Que embora sentisse muito que lkhmiêniev tivesse perdido o processo, apesar de todo o seu sentimento nunca poderia achar justo que aquele que perdia um processo se sentisse no direito de desafiar a parte contrária para um

duelo, só por vingança. Quanto à desonra pública com que o ameaçava. o príncipe pedia a lkhmiêniev que não se preocupasse com isso, já que não havia nem poderia haver semelhante desonra pública; que enviara a sua carta para onde devia, e que a Polícia, prevenida, havia com certeza de adotar medidas oportunas, velando pela ordem e pela tranquilidade.

Ikhmiêniev, com a carta na mão, foi imediatamente ver o príncipe. Ainda dessa vez também não o encontrou em casa; mas o velho ficou sabendo pelo criado que ele se encontrava nesse momento em casa do velho conde N***. Sem se deter a pensar, correu a casa deste. O guarda suíço do conde deteve-o quando subia a escada. Furioso até ao paroxismo, deu-lhe uma bengalada. Seguraram-no imediatamente, trouxeram-no para o patamar e entregaram-no aos guardas, os quais o levaram preso. Participaram ao conde o que acontecera. Quando o príncipe, que se encontrava de fato ali, explicou ao vicioso velhote que aquele Ikhmiêniev era o pai de Natália Nikoláievna (e o príncipe por mais de uma vez, servira o velho nestes assuntos) o magnate limitou-se a sorrir e mudou o seu aborrecimento em brandura. Os dois, de acordo, fizeram todos os esforços para conseguirem a liberdade de Ikhmiêniev, ao qual a Polícia só pôs em liberdade passados três dias, prevenindo-o (com certeza por ordem deles) que o próprio príncipe e o conde tinham intercedido por ele.

O velho regressou à casa como louco, meteu-se na cama e permaneceu um dia inteiro sem se mexer, até que por fim levantou e, com grande pavor da parte de Anna Andriéievna, declarou-lhe solenemente que amaldiçoava para sempre a filha e a privava da bênção paterna.

Anna Andriéievna estava aterrorizada; mas era preciso ajudá-la, porque parecia agora meio tonta, e ajudar o velho. Durante todo esse dia e toda essa noite estive tratando dele, pondo-lhe na cabeça parches de vinagre e envolvendo-a em gelo. Sentia febre e delirava. Separei-me deles às três da madrugada. Na manhã seguinte Ikhmiêniev levantou e nesse mesmo dia veio ver-me com o fim de levar Nelly definitivamente. Já contei a sua cena com Nelly; essa cena acabou por abatê-lo. Quando voltou para casa, deitou-se. Tudo isso se passou na Quarta-Feira Santa – dia marcado para a entrevista de Kátia com

Natacha – a véspera da partida de Alhocha e de Kátia, de Petersburgo. A essa entrevista assisti eu; realizou-se de manhã cedo, antes que o velho tivesse vindo ver-me e antes também da primeira fuga de Nelly.

## Capítulo VI

Alhocha apresentou-se antes da hora marcada para a entrevista, com o fim de prevenir Natacha. Cheguei também no momento em que a carruagem de Kátia parava à nossa porta. Kátia vinha acompanhada da velha dama de companhia que, depois de muitos melindres e hesitações, consentira por fim em acompanhá-la e até a deixá-la subir ao andar de Natacha, mas com Alhocha, enquanto ela ficava esperando em baixo, na carruagem. Kátia chamou-me e, sem apear-se, pediu-me que chamasse Alhocha, da sua parte. Fui encontrar Natacha chorando e Alhocha chorava também. Quando soube que Kátia estava ali, levantou da cadeira, enxugou as lágrimas e foi colocar-se em frente da porta, muito comovida. O seu vestido, nessa manhã, era todo branco, os cabelos, de um louro escuro, repuxados para trás, lisos e seguros num grosso topete. Eu gostava muito desse penteado. Quando me viu junto dela, Natacha pediu-me que fosse também receber os seus hóspedes.

– Só agora pude vir ver Natacha – disse-me Kátia enquanto subia a escada. – Espiam-me de maneira horrível. Tive que insistir com *Madame* Albert durante duas semanas inteiras, até ela finalmente consentir. Mas o senhor, o senhor, Ivan Pietróvitch, nem uma vez sequer esteve em minha casa! Escrever-lhe, também eu não podia, nem queria, porque com uma carta não se esclarece nada. E tinha tanta necessidade de vê-lo! Meu Deus, como tenho o coração!

– A escada é muito íngreme – disse.

– Sim, sim, a escada… Mas acha que Natacha não ficará zangada comigo?

– Não. Por quê?

– Por nada… evidentemente… por quê? Já vamos ver isso, não vale a pena estar a perguntar-lhe…

Levava-a pelo braço. Ela também estava pálida e, segundo

parecia, muito assustada. Parou no último patamar para respirar, depois olhou para mim e continuou subindo mais decidida.

Tornou a parar à porta do andar de Natacha e murmurou-me ao ouvido: “Entrarei e vou lhe dizer simplesmente que é tal a confiança que tenho nela que vim sem receio… E, aliás, por que estou dizendo isto? Estou convencida de que Natacha é uma criatura nobilíssima. Não é verdade?”.

Entrou timidamente, como se se sentisse culpada, e olhou atentamente para Natacha que depois lhe sorriu. Então, Kátia correu rapidamente para ela, pegou-lhe nas mãos e roçou os lábios pelos dela, sombreados por um buço. Depois do que se dirigiu a Alhocha e pediu-lhe, com uma expressão séria e até severa, que nos deixasse sós.

– Não fiques zangado, Alhocha – acrescentou – porque tenho muitas coisas para dizer a Natacha, coisas muito importantes e muito sérias, que tu não deves saber. Por isso sê compreensivo e sai. Mas o senhor fique, Ivan Pietróvitch. Tem de ouvir tudo quanto dissermos.

– Sentemo-nos – disse para Natacha assim que Alhocha saiu. – Eu me sento aqui, na sua frente. Primeiro que tudo, quero vê-la. Sentou quase em frente de Natacha e, durante alguns minutos, ficou a contemplá-la de alto a baixo. Natacha correspondia-lhe com um sorriso involuntário.

– Eu já tinha visto um retrato seu. – disse Kátia – foi Alhocha que me mostrou.

– E então? Acha-me parecida com esse retrato?

– É muito melhor – respondeu-lhe Kátia com seriedade e decisão. – Sim, eu pensava que havia de ser muito melhor.

– Deveras? E eu também a acho tão bonita!

– Que diz? Eu, bonita? Oh, minha querida! – acrescentou, apertando com a sua mão trêmula a de Natacha e outra vez ficaram silenciosas, contemplando-se uma à outra. – Olhe, meu anjo – exclamou Kátia, quebrando o silêncio – temos meia hora para estar

juntas; *Madame* Albert só com muito custo consentiu em vir e temos muitas coisas de que falar… Eu quero… eu tenho a obrigação… Bom, vou perguntar-lhe, simplesmente: gosta muito de Alhocha?

– Sim, muito.

– Sendo assim, gostando assim tanto de Alhocha, também deve desejar a sua felicidade – acrescentou timidamente e em voz baixa.

– Sim, quero que ele seja feliz.

– Muito bem. Mas repare naquilo que eu vou perguntar: será verdade que eu represento a felicidade para ele? Tenho eu o direito de falar assim, uma vez que vou roubá-lo? Se assim o entender e nós resolvermos agora, que ele será mais feliz, nesse caso… nesse caso…

– Isso já está decidido, querida Kátia; por si própria pode ver que já está decidido – respondeu Natacha com uma voz branda e baixou a cabeça. Era evidente que lhe era doloroso prolongar aquela conversa.

Kátia dispunha-se a uma demorada elucidação do tema: qual das duas representava melhor a felicidade para Alhocha e a que deveria ceder? Depois da resposta de Natacha compreendeu imediatamente que havia já algum tempo tudo estava decidido e não restava mais nada a dizer. Mordendo os seus lindos lábios, contemplou Natacha com perplexidade e tristeza e, ao mesmo tempo, sem lhe largar a mão.

– Mas gosta muito dele? – perguntou-lhe Natacha de repente.

– Sim. E olhe, eu também queria perguntar-lhe uma coisa e vim com essa ideia: qual o motivo por que gosta dele?

– Não sei – respondeu Natacha, e uma leve impaciência transpareceu na sua resposta.

– É inteligente, não acha?

– Não; gosto dele simplesmente, tal como é…

– Também eu. No entanto, a mim, inspira-me qualquer coisa de semelhante à piedade.

– Também a mim – consentiu Natacha.

– Que havemos de fazer-lhe, agora? Não consigo compreender como pode deixá-la por mim – exclamou Kátia. – Como eu a admiro e não a compreendo!

Natacha não respondeu e fixou os olhos no chão. Kátia ficou calada por um momento e, de repente, levantou do seu lugar e abraçou-a, sem dizer palavra. Choravam as duas abraçadas uma à outra. Kátia sentou no braço da poltrona de Natacha, sem largar-lhe o braço e pôs-se a beijar-lhe as mãos.

– Se soubesse como gosto de você! – exclamou, chorando. – Seremos irmãs, não deixaremos nunca de nos escrevermos e hei de gostar de você eternamente… Hei de gostar muito de você, muito…

– Ele lhe falou do nosso casamento, em junho? – perguntou Natacha.

– Falou. Disse-me que a senhora estava de acordo. Disse tudo isso, assim, só para consolá-lo, não é verdade?

– Claro.

– Foi isso que calculei. Hei de gostar muito dele, Natacha, e vou informá-la de tudo. Segundo parece, não tarda que seja meu marido. Foi por isso que vim. Querida Natacha, a senhora agora volta para sua casa…

Natacha não lhe respondeu; mas beijou-a em silêncio.

– Que seja feliz – disse.

– E… e a senhora… e a senhora também! – exclamou Kátia. Neste momento a porta abriu-se e Alhocha entrou. Não pudera, não tivera coragem para esperar meia hora e, quando viu que as duas se abraçavam chorando, muito comovido, deitou-se aos pés de Natacha e de Kátia.

– Mas por que choras? – disse-lhe Natacha. – Por que te vais separar de mim? Mas se vai ser por pouco tempo! Em junho estarás de

volta…

– E então se casam – apressou-se Kátia a dizer, através das suas lágrimas, também para consolar Alhocha.

– Mas não posso, não posso estar separado de ti nem um só dia. Sem ti, morro. Não sabes como te quero, agora. Precisamente, agora!

– Bem. Então vê o que vais fazer – disse Natacha de repente, com animação. – Olha que a condessa ainda fica algum tempo em Moscou!

– Sim, quase uma semana – corroborou Kátia.

– Uma semana! Excelente. Amanhã, tu, vais com elas até Moscou, para o que só precisas de um dia, e depois voltas logo. Quando elas tenham de partir de Moscou, despedimo-nos por um mês e tu voltas para acompanhá-las.

– Isso, isso… E assim passarão os dois quatro longos dias, juntos – exclamou Kátia, encantada, trocando um olhar significativo com Natacha.

Não posso descrever o entusiasmo de Alhocha perante esse novo projeto. Num instante se consolou do seu desgosto, o seu rosto respirava alegria; abraçou Natacha; beijou as mãos de Kátia, deu-me um abraço a mim… Natacha olhava-o com um sorriso triste; mas Kátia não podia mais. Trocou comigo um olhar ardente e cintilante; abraçou Natacha e levantou para retirar-se. Como de propósito, nesse instante a dama de companhia enviou um recado com o pedido a Kátia de que desse a entrevista por terminada o mais depressa possível, pois já passara o tempo marcado.

Natacha levantou. Ficaram de pé as duas, uma em frente, da outra, de mãos entrelaçadas e esforçando-se por não dar a entender com os olhos, uma à outra, tudo quanto se agitava na sua alma.

– Já não nos veremos mais – disse Kátia.

– Nunca mais, Kátia – respondeu Natacha.

E abraçaram-se.

– Não me amaldiçoe – murmurou Kátia rapidamente – que eu sempre… pode ter a certeza de que ele será feliz… Vamos, Alhocha, leva-me! – disse apressadamente, pegando-lhe no braço.

– Vânia! – disse-me Natacha comovida e dolorida, assim que eles saíram. – Vai tu também com eles e… não voltes; Alhocha ficará comigo até à tarde, até às oito. Eu ficarei sozinha… Vem às dez… Adeus!

Quando, depois de ter deixado Nelly com Alieksandra Siemiônovna (na ocasião em que ela quebrara a tal chávena), fui ver Natacha, às dez horas, esta já estava sozinha e esperava-me com impaciência. Mavra trouxe-nos o samovar; Natacha serviu-me o chá, sentou no divã e convidou-me a aproximar-me dela.

– Pronto, já se acabou tudo! – disse olhando-me fixamente (nunca esquecerei esse olhar). – Acabou-se o nosso amor. Meio ano de vida! E para sempre – acrescentou, pegando-me na mão. A sua escaldava. Procurei convencê-la a agasalhar-se e a deitar.

– Agora, Vânia, agora; meu bom amigo, deixa-me falar e recordar um pouco. Estou como morta. Amanhã às dez, é a última vez que o vejo… a última!

– Natacha, tens febre, vais começar com arrepios; tem pena de ti própria…

– Que importa? Há meia hora estava à tua espera, Vânia, e que pergunta fiz eu a mim própria, depois que ele partiu? Esta: “Eu amava-o ou não o amava, e que espécie de amor era o nosso?”. Quê? Achas ridículo, Vânia, que só quisesse saber isso agora?

– Não te inquietes, Natacha.

– Já vês, Vânia. Olha, eu concluí que não o amara como a um igual, como geralmente as mulheres casadas gostam dos maridos. Eu gostava dele como… quase como uma mãe. Parece-me até que não existe no mundo absolutamente nenhum amor em que os dois se amem de igual para igual. Que pensas?

Olhei-a com inquietação e receei que começasse já a delirar. Parecia que qualquer coisa a atraía; que sentia uma necessidade especial de falar; algumas das suas palavras eram um tanto incoerentes e às vezes até as pronunciava mal. Eu estava inquieto.

– Ele era meu – continuou. – Quase desde a primeira vez que me viu, despertou em mim uma ânsia infinita de que fosse meu, meu, o mais depressa possível, e que não olhasse para ninguém nem conhecesse mais ninguém senão a mim, a mim unicamente… Kátia, esta manhã disse bem: eu o amava de uma maneira, como se constantemente, sem eu saber por que, me inspirasse dó… Quando ficava sozinha, sentia sempre uma ânsia infinita, até ao suplício, de que ele fosse imensa e eternamente feliz. Não podia olhá-lo no rosto, tranquilamente (já conheces a expressão do seu rosto, Vânia); é uma expressão que ninguém tem e, quando sorria, eu sentia frio e tremores. É verdade!

– Natacha, por favor.

– Repara: dizem – interrompeu-me – e és tu quem o dizes, que ele não tem caráter e… e quanto à inteligência, não está longe de uma criança. Bem. Pois era isso o que eu mais amava nele… acreditas? No fim de contas não sei se era isto precisamente a única coisa que eu amava nele; eu o amava simplesmente a ele todo, e se ele fosse diferente, com caráter ou inteligente, pode ser que não o tivesse amado dessa maneira. Olha, Vânia, confesso-te uma coisa: lembro-me de que tivemos uma zanga, há uns três meses, quando ele andou com essa tal Mina… Eu me informei, segui-o, e, quererás acreditar? Isso custou-me muito, terrivelmente, e ao mesmo tempo foi-me quase agradável… não sei por que… só o pensamento de que ele se distraía… ou não, não é isso, era antes o pensamento de que também ele, como qualquer outro homem adulto, juntamente com outros adultos, andava com mulheres, que também andava com Mina. Eu… Que prazer me proporcionou então essa zanga! Depois perdoei-lhe, ao meu querido!

Olhou-me no rosto e sorriu de maneira estranha. Depois ficou um pouco pensativa, como se recordasse ainda tudo aquilo. E durante muito tempo ficou sentada assim, de sorriso nos lábios, absorta no

passado.

– Eu tinha uma vontade atroz de perdoar-lhe, Vânia – continuou. – Sabes uma coisa? Quando ele me deixava só, eu costumava passear pelo quarto afligindo-me, chorando, e às vezes eu própria pensava: “Quanto mais culpável for para comigo, tanto melhor…”. Sim. E olha, eu imaginava sempre que ele era uma criança; sentava-me e ele punha a cabeça nos meus joelhos, eu, devagarinho, olhava-lhe a cabeça, acariciava-o… Era sempre assim que o imaginava, quando não estava comigo… Ouve, Vânia – acrescentou de repente – como Kátia é atraente!

Parecia-me que se comprazia em irritar as suas feridas, que sentia certa necessidade de fazê-lo, uma necessidade de desespero, de sofrimento. E quantas vezes não sucede isso aos corações que perderam muito!

– Penso que Kátia poderá fazê-lo feliz – continuou a dizer. – Tem caráter e fala com tal convicção e trata-o com tanta seriedade, tão gravemente… não fala senão de coisas importantes, tal como uma pessoa adulta. E apesar de que ela também é… uma verdadeira criança. Simpática, simpática! Oh! Que sejam muito felizes! Deus queira, Deus queira, Deus queira!

E, de repente, brotaram lágrimas e soluços do seu coração. Durante meia hora não conseguiu dominar-se nem tranquilizar-se, por pouco que fosse.

Natacha, meu anjo! Nessa mesma noite, apesar do seu sofrimento, também tomou parte nas minhas preocupações, quando, ao ver que tinha acalmado um pouco, ou melhor, que o cansaço a esgotara, eu, para a distrair, me pus a falar-lhe de Nelly… Separamo-nos tarde, nessa noite. Esperei que ela adormecesse e, quando saí, pedi a Mavra que durante a noite não se afastasse da sua senhora doente.

– Oh, já, já! – exclamei quando voltei a casa. – Acabem já com este suplício. Seja como for, seja como for, contanto que seja agora!

De manhã, aí pelas nove, já eu estava em sua casa. Ao mesmo tempo que eu chegou Alhocha, que ia despedir-se. Não vou descrever,

não quero recordar essa cena. Natacha parecia ter prometido a si própria dominar-se, mostrar-se mais alegre, mais serena; mas não pôde. Abraçou-se a Alhocha, convulsiva, fortemente. Pouco falou com ele, mas olhou-o longamente, com uns olhos dolorosos, de louca. Escutava avidamente todas as suas palavras mas, ao que parece, não compreendia nada do que ele falava. Lembro-me de que lhe pediu perdoasse a ele e àquele amor e tudo o que durante aquele tempo a ofendera, a sua leviandade, a sua ausência… Falava com incoerência, as lágrimas sufocavam-no. Às vezes, de repente, punha-se a consolá-la. Dizia-lhe que se ausentava apenas por um mês, ou no máximo, por cinco semanas, e que quando viesse a primavera se casariam e seu pai daria o consentimento, e por fim, o principal: que daí a dois dias voltaria de Moscou e então teriam quatro dias completos para passarem juntos, e que agora, em suma, se separavam unicamente por um dia…

Coisa estranha: estava perfeitamente convencido de que dizia a verdade e que, infalivelmente, daí a dois dias estaria de regresso de Moscou… E se era assim, para que chorar e atormentarem-se?

Finalmente soaram onze. A muito custo pude conseguir que saísse. O trem para Moscou partia às doze em ponto. Restava apenas uma hora. A própria Natacha me disse depois que não se lembrava de como o olhara pela última vez. Lembro-me de que ela o benzeu, o beijou e, cobrindo o rosto com as mãos, reentrou apressadamente em casa. Eu tive de levar Alhocha até à carruagem, senão teria voltado atrás e nunca mais acabaria de descer a escada.

– Toda a minha esperança está em você – disse-me, ao descer. – Meu amigo, Vânia. Eu sou culpado para contigo e nunca serei merecedor do teu afeto; mas sê um irmão, para mim, até o fim; ama-a, não a abandones. Escreve-me tudo, o mais pormenorizadamente possível, e muito, escreve-me o mais que possas, para que me expliques tudo muito bem. Depois de amanhã estarei aqui outra vez sem falta, sem falta. E depois, quando eu tornar a partir, escreve-me.

Levei-o até à carruagem.

– Até depois de amanhã! – gritou-me, já a caminho. – Sem falta!

De coração angustiado, voltei para cima, para o andar de Natacha. Fui encontrá-la de pé, no centro do quarto, de braços cruzados, e olhou-me perplexa, como se não me reconhecesse. Tinha os cabelos penteados para um lado, os olhos vagos e como que toldados por uma nuvem. Mavra, sentada junto da porta, parecia alheada e contemplava-a, espantada.

De súbito, os olhos de Natacha cintilaram.

– Ah! És tu! Tu! – exclamou dirigindo-se a mim. – Só me restas tu, agora! Tu o odiavas! Tu nunca pudeste perdoar-lhe que eu o amasse. Agora estás outra vez ao meu lado. Então? Vens outra vez consolar-me, ver se me convences a ir para o meu pai, que me expulsou de sua casa e me amaldiçoou? Eu já lhe disse ontem e há dois meses: não quero, não quero! Sou eu quem os amaldiçoa a eles! Vai-te, adeus; não posso ver-te! Adeus, adeus!

Compreendi que estava transtornada e que a minha presença lhe provocava uma cólera que raiava pela loucura; compreendi também que assim tinha de ser e achei mais prudente retirar-me. Sentei-me na escada, no primeiro degrau e… esperei. De quando em quando levantava-me, entreabria a porta, chamava Mavra e interrogava-a; Mavra chorava.

Assim se passou hora e meia. Não posso exprimir o que sofri durante todo esse tempo. O meu coração estremecia e sentia um enorme mal-estar. De repente a porta abriu-se e Natacha saiu correndo para a escada, de chapéu e casaco. Parecia fora de si e ela mesma me confessou depois que mal se lembrava disso e que não sabia com que intenção saíra assim de casa.

Ainda eu não tivera tempo de mover-me e esconder-me em qualquer lugar, quando de repente ela me viu e, sobressaltada, parou diante de mim, imóvel. “Lembrei-me de súbito – disse-me ela depois – como é que eu, louca, cruel, podia expulsar-te a ti, meu amigo, meu irmão, meu salvador… E quando vi que tu, infeliz, ofendido por mim, estavas aí sentado perto do meu quarto, na escada, não te foras embora e esperavas que eu voltasse a chamar-te, meu Deus, se tu soubesses, Vânia, o que eu pensei nesse momento! Que sobressalto eu

senti!”

– Vânia, Vânia! – exclamou estendendo-me os braços. – Tu, aqui! – e caiu nos meus.

Segurei-a e levei-a para dentro. Desmaiara.

“Que fazer? – disse para comigo. – Vai ficar com febre, com certeza!”

Decidi correr em busca do médico; urgia deter o mal e era uma diligência fácil, essa: o meu velho alemão costumava ficar em casa até às duas. Corri à sua casa, suplicando a Mavra que nem por um minuto nem por um segundo se separasse de Natacha, nem deixasse entrar ninguém. Deus veio em meu auxílio, pois se me tivesse demorado um pouco mais não teria encontrado o meu velho em sua casa. Encontrei-me com ele na rua, quando já saíra. Fi-lo subir para a minha carruagem num instante, de maneira que nem sequer teve tempo de admirar-se e dirigimo-nos para casa de Natacha.

Foi Deus que veio em meu auxílio! Durante a meia hora que durou a minha ausência deu-se em casa de Natacha um acontecimento que poderia tê-la morto, se eu não tivesse chegado a tempo com o médico. Ainda não passara um quarto de hora de minha saída, quando o príncipe chegou. Assim que deixou os seus, veio diretamente da estação. Devia há muito ter planeado essa visita. Foi a própria Natacha quem me contou depois que, no primeiro instante, não se admirou, quando viu o príncipe. “Estava transtornada”, disse-me.

– Minha filha – disse o príncipe quando entrou – compreendo a sua dor; já sabia como este instante havia de ser-lhe doloroso e por isso achei que devia visitá-la. Console-se, se for possível, pensando que, ao separar-se de Alhocha, o fez feliz. Mas a senhora deve compreender isto ainda melhor do que eu, quando se decidiu a essa ação generosa…

– Eu estava sentada e escutava – contou-me Natacha – mas a princípio não o compreendia verdadeiramente. Só me lembro de que olhava fixamente para ele, fixamente. Ele me pegou na mão e começou a acariciá-la com a sua. Isso lhe parecia muito agradável. Eu

estava tão fora de mim que nem sequer pensei em retirar a minha mão.

– Deve compreender – continuou a dizer – que se se tivesse empenhado em ser esposa de Alhocha, isso teria acarretado consequências aborrecidas, e teve o nobre orgulho de assim o reconhecer e decidir… Mas bem, eu não vim para dizer-lhe galanteios. Queria apenas comunicar-lhe que nunca, em parte alguma, a senhora encontrará melhor amigo que eu. Identifico-me com a sua dor e tenho pena de você. Desempenhei um papel involuntário em todo este assunto, mas… cumpria o meu dever. O seu bom coração há de compreender isto e assim se reconciliará comigo… Eu sofri mais do que a senhora, acredite-me.

– Basta, príncipe – disse Natacha. – Deixe-me em paz.

– Eu já vou – respondeu ele – mas gosto de você como de uma filha e vai com certeza permitir que a visite. Considere-me como seu pai, a partir deste momento, e permita-me que lhe seja útil.

– Eu não preciso de nada! Deixe-me! – tornou Natacha a dizer-lhe.

– Já sei que é orgulhosa… Mas eu falo-lhe sinceramente, com o coração nas mãos. Que pensa fazer agora? Reconciliar-se com os seus pais? Isso seria o melhor, mas seu pai é orgulhoso, injusto e despótico; desculpe-me, mas é assim. Em sua casa, agora, só iria encontrar censuras e novos sofrimentos… É preciso que a senhora seja independente, e o meu dever, o meu sagrado dever… é velar agora pela senhora e ajudá-la. Alhocha pediu-me que não a abandonasse e fosse seu amigo. Aliás, há outras pessoas que também lhe são muito dedicadas. Há de dar-me licença, com certeza, que lhe apresente o conde N***. Tem um excelente coração, é nosso parente, e posso até dizer que protetor de toda a nossa família; fez muito por Alhocha. Alhocha respeita-o e gosta muito dele. É um homem poderoso, com muita influência, e já quase velho, e por isso pode muito bem recebê-lo em sua casa, menina. Já lhe falei de você. Pode dar-lhe uma situação e, se o desejar, dar-lhe uma elevada posição… em casa dum dos seus parentes. Há muito eu lhe expliquei, franca e abertamente, o nosso caso, e a tal ponto os seus bondosos e nobres sentimentos o

encantaram, que ele próprio se apressou a pedir-me que a apresentasse a ele em breve… É um homem que simpatiza com tudo quanto é belo, acredite; é um ancião generoso, honrado, capaz de apreciar os sentimentos dignos e ainda não há muito intercedeu por seu pai, em certo episódio.

Natacha levantou como se a tivessem picado. Agora o compreendia.

– Deixe-me, deixe-me imediatamente! – exclamou.

– Mas a minha amiga se esquece de que o conde pode também fazer muito por seu pai…

– Meu pai não aceita nada de você. Deixe-me! – tornou a gritar Natacha.

– Oh, meu Deus, que impaciente e desconfiada! Que fiz eu para merecer isto? – exclamou o príncipe olhando com certa inquietação à sua volta. – Mas, seja como for, a senhora há de permitir-me que lhe deixe aqui esta prova da simpatia que me inspira e, em particular, da que inspira ao conde de N***, que me incitou com os seus conselhos. Aqui, neste maço, estão dez mil rublos. Espere, minha amiga – insistiu quando viu que Natacha se erguia do seu lugar, com um gesto de aborrecimento – escute-me com paciência até ao fim; fique sabendo que o seu pai perdeu o processo que trazia comigo e que estes dez mil rublos representam a indenização que…

– Fora! – exclamou Natacha – fora daqui com esse dinheiro! Já o conheço… homem vil, vil, vil!

O príncipe levantou da cadeira, pálido de cólera.

Certamente ali fora com a intenção de examinar o lugar e informar-se da situação e, provavelmente, confiava no efeito daqueles dez mil rublos sobre Natacha, reduzida à miséria e abandonada por todos… Mau e velhaco, não era essa a primeira vez que servia de intermediário ao conde N***, velho libertino, em tais enredos. Mas odiava Natacha, e ao ver que a coisa não correra bem, mudou de tom e, com uma alegria maldosa, para ao menos não ir assim sem mais

nem menos, disse:

– Olhe, minha filha, não está certo inflamar-se dessa maneira – disse com uma voz um pouco trêmula por causa do impaciente desejo de ver quanto antes o efeito da sua ofensa. – Olhe que não está bem. Oferecem-lhe proteção e a senhora dá-lhe um pontapé… Mas a senhora não sabe que tem a obrigação de ser boa para comigo? Há muito eu poderia tê-la feito encerrar numa casa de correção, como pai de um rapaz seduzido e espoliado por você, e vê que, afinal, não o fiz… Ah… ah… ah… ah!

Mas nós vínhamos chegando. Quando, na cozinha, ouvi aquela voz, obriguei o médico a parar por um momento e escutei até ao fim a frase do príncipe. Depois ouviu-se aquele seu riso repugnante e a desesperada exclamação de Natacha: "Oh, meu Deus!" Naquele momento abri a porta e dirigi-me para o príncipe.

Cuspi-lhe na cara e, com todas as minhas forças, dei-lhe uma bofetada. Certamente se teria lançado sobre mim; mas quando viu que éramos dois, correu, mas não sem que tivesse agarrado primeiramente no maço de notas. Sim, fez isso, vi-o com os meus próprios olhos. Lancei-me em sua perseguição, com um rolo de amassar que apanhei em cima da mesa da cozinha… Quando voltei outra vez para o quarto fui encontrar Natacha debatendo-se entre os braços do médico, acometida, segundo parecia, de um ataque. Demoramos muito tempo a dominá-la, até que por fim conseguimos deitá-la na cama; estava com febre e delirante.

– Que tem ela, doutor? – perguntei, morto de medo.

– Aguarde – respondeu-me. – É preciso observar a doença primeiro e depois veremos… Mas desde já lhe digo que o caso não está bem encarado… A febre poderia acabar por se declarar… Mas vamos tentar evitar isso…

Eu tivera outra ideia. Pedi ao médico que permanecesse ao lado de Natacha mais duas ou três horas e arranquei a sua promessa formal de que não se separaria dela nem um instante. Assim me prometeu e eu corri a casa.

Nelly estava sentada num canto, severa e alarmada, e olhou-me de um modo estranho. Mas é claro que o meu aspecto também não devia ser menos raro.

Peguei-lhe a mão, obriguei-a a sentar num divã, deitei-me a seus pés de joelhos e pus-me a beijá-la com paixão. Ela se exaltou.

– Nelly, meu anjo! – exclamei – queres ser a nossa salvadora? Queres salvar-nos a todos?

Ela olhou para mim, atônita.

– Nelly, em ti se resume agora toda a nossa esperança! Há um pai que amaldiçoou a sua filha e que ontem esteve aqui pedindo-te que fosses com ele para o lugar dela. Agora, a filha dele, Natacha (e tu disseste que gostavas dela), abandonou aquele a quem amava e pelo qual fugiu de casa. É o filho desse príncipe que esteve aqui ontem, lembras-te? e que veio encontrar-te sozinha e tu fugiste dele e depois ficaste doente… Tu o conheces, não é verdade? É um homem mau!

– Eu sei – respondeu Nelly estremecendo e empalidecendo.

– Sim, é um homem mau. Odeia Natacha porque Alhocha, o seu filho, queria casar com ela. Alhocha foi-se hoje embora e uma hora depois ele apareceu em casa dela e ofendeu-a, e ameaçou-a de enviá-la para uma casa de correção e escarneceu dela. Compreendes-me, Nelly?

Os seus olhos negros cintilaram, mas baixou-os imediatamente.

– Compreendo – murmurou numa voz quase imperceptível.

– Natacha, agora, está só e doente; eu a deixei com o nosso médico e corri a ver-te. Escuta, Nelly: vamos ver o pai de Natacha; tu não gostas dele, negaste-te a ir com ele para sua casa; mas agora vamos lá os dois juntos. Assim que entrarmos digo-lhe logo que tu, agora, já queres ir viver com eles, no lugar da sua filha, no lugar de Natacha. O velho, agora, está doente por ter amaldiçoado Natacha e porque há alguns dias o pai de Alhocha lhe fez uma ofensa mortal. Não quer ouvir falar da filha; mas gosta dela, gosta dela, Nelly, e está

ansioso por se reconciliar com ela. Eu sei, sei isso tudo. É assim! Estás a ouvir-me, Nelly?

– Estou – disse num murmúrio.

Eu lhe falava afogado em lágrimas. Ela olhava para mim timidamente.

– Acreditas em mim?

– Acredito.

– Bem. Então eu entrarei contigo, tu sentas-te e eles vão te receber, começarão a acariciar-te e a fazer-te perguntas. A seguir eu dirigirei a conversa de maneira que comecem a fazer-te perguntas pela tua vida anterior, pela tua mãe e pelo teu avô. Tu lhes contas tudo, Nelly, como me contaste a mim, tudo; conta-lhes tudo simplesmente e não lhes escondas nada. Conta-lhes como a tua mãe foi abandonada por um mau homem; como veio a morrer no porão da Bubnova; como tu vinhas pedir esmola na rua, com a tua mãe; aquilo que ela te dizia e o que te pediu quando morreu… Fala-lhes também do teu avô. Conta-lhes como ele não queria perdoar à tua mãe e como esta te mandou ter com ele à hora da sua morte, para dar-lhe o seu perdão, e como ele se negou… e como ele morreu. Tudo, conta-lhes tudo! E pode ser que, quando tiveres acabado de contar tudo isto, o velho tenha um rebate de consciência. Olha, ele sabe que Alhocha a deixou hoje e que foi humilhada e insultada, que está sozinha, sem auxílio nem defesa de ninguém, por ter ofendido o seu inimigo. Ele sabe tudo isto… Nelly, salva Natacha! Queres ir?

– Sim – respondeu ela respirando ofegantemente e olhando-me com uns olhos estranhos, fixa e longamente; havia qualquer coisa semelhante a uma censura naquele olhar, pelo menos foi o que me pareceu.

Mas eu não podia abandonar a minha ideia. Tinha muita fé nela. Peguei na mão de Nelly e saímos. Eram três horas da tarde. Havia nuvens. Durante os últimos dias fizera sempre calor e um ar abafado; mas agora anunciava-se ao longe a primeira e precoce tempestade outonal. O vento açoitava as ruas poeirentas.

Tomamos uma carruagem. Durante o trajeto Nelly seguiu calada e apenas de quando em quando me lançava um daqueles olhares seus, estranhos, enigmáticos. Respirava precipitadamente e, ao segurá-la, na carruagem, eu senti como o seu coraçãozinho palpitava sobre a palma da minha mão, como se quisesse saltar-lhe do peito.

## Capítulo VII

O caminho pareceu-me interminável. Finalmente chegamos e eu entrei em casa dos meus velhos, meio morto de angústia. Não sabia como sairia dali; mas, de qualquer modo, tinha que conseguir deles o seu perdão e a sua paz.

Eram quatro horas. Os velhos achavam-se sós, como de costume. Nikolai Sierguiéitch estava muito enfraquecido e doente, meio deitado, enterrado na sua cômoda poltrona, pálido e abatido, com um lenço atado à cabeça. Anna Andriéievna estava junto dele; de quando em quando molhava-lhe as fontes com vinagre e espiava-lhe o rosto, o que parecia até inquietar e aborrecer o velho. Este guardava um silêncio obstinado e ela não ousava dirigir-lhe a palavra. O nosso aparecimento inesperado impressionou a ambos. Anna Andriéievna assustou-se de repente, quando nos viu, como se de súbito se sentisse culpada de qualquer coisa.

– Aqui lhes trago a minha Nelly – disse eu assim que entrei. – Pensou melhor e agora quis vir. Aí a têm. Gostem muito dela…

O velho olhava-me, receoso, e só por esse olhar se poderia adivinhar que estava a par de tudo, isto é, que Natacha se achava agora sozinha, abandonada, desprotegida e talvez ofendida. Ansiava penetrar no segredo da nossa vinda e olhava interrogativamente para mim e para Nelly. Esta tremia, segurando com força a minha mão, de olhos fixos no chão, e de vez em quando lançava um olhar medroso, como uma ferazinha apanhada numa armadilha. Mas não tardou que Anna Andriéievna se recordasse e adivinhasse tudo; aproximou-se então de Nelly, beijou-a, acariciou-a, chorou até, e a fez sentar a seu lado com uma terna violência, com a sua mãozinha entrelaçada na sua. Nelly, curiosa e um pouco admirada, olhava-a de soslaio.

Mas, depois de acariciar Nelly e de obrigá-la a sentar a seu lado, a velhinha não sabia o que havia de fazer mais e pôs-se a olhar para mim numa ingênua expectativa. O velho franziu o sobrolho, como se começasse a perceber qual o objetivo com que eu trouxera Nelly. Quando viu que eu reparava na sua expressão de contrariedade e de enfado, levou a mão à cabeça e disse-me secamente:

– Dói-me a cabeça, Vânia.

Nós continuávamos calados e em silêncio; eu pensava por onde devia começar. O quarto estava na penumbra; passava nesse momento uma escuridão e tornou a ouvir-se o ribombar longínquo da trovoada.

– Os temporais começam muito cedo este ano – disse o velho. – Mas há trinta e sete anos, na nossa terra, ainda começavam antes.

Anna Andriéievna suspirou.

– Não trago o samovar? – perguntou timidamente; mas ninguém lhe respondeu e de novo encarou Nelly.

– E tu, minha linda, como te chamas? – perguntou-lhe.

Nelly disse-lhe o seu nome com uma voz fraca e baixou outra vez os olhos. O velho mirava-a de alto a baixo.

– Então Eliena, hem? – continuou a velha, com animação.

– Sim – respondeu Nelly e novamente se fez um silêncio momentâneo.

– A irmã de Praskóvia Andriéievna tinha uma sobrinha chamada Eliena – disse Nikolai Sierguiéitch. – Também era Eliena, lembro-me bem.

– De maneira que tu, minha pequena, não tens parentes nem pais? – tornou a perguntar-lhe Anna Andriéievna.

– Não – murmurou Nelly lacônica e timidamente.

– Já o ouvira dizer, já ouvira dizer. E há muito que a tua mãe morreu?

– Não, há pouco.

– Minha pequena, minha orfãzinha – continuou a anciã, olhando-a compassivamente.

Nikolai Sierguiéitch tamborilava sobre a mesa com os dedos, impaciente.

– E a tua mãe, era estrangeira, por acaso? Creio que foi isso o que disse Ivan Pietróvitch, não foi? – continuou a velha, olhando-me timidamente.

Nelly fitou-me rapidamente com os seus olhos negros, como se pedisse o meu auxílio. Respirava irregular e precipitadamente.

– A mãe dela, Anna Andriéievna – comecei eu – era filha de um inglês, mas era russa. Nelly nasceu no estrangeiro.

– Então a mãe foi viver lá com o marido?

De repente, Nelly estremeceu toda. A velha compreendeu imediatamente que dissera qualquer coisa que não devia e assustou-se ao ver o olhar iracundo do marido. Este olhou-a severamente e voltou-se para a janela.

– A mãe dela foi vítima das falas enganosas dum homem mau e vil – disse encarando de repente Anna Andriéievna. – Fugiu com ele de sua casa e entregou o dinheiro do pai ao amante; isto é, ele o tirou dela com artimanhas, foi para o estrangeiro e deixou-a espoliada e burlada. Houve no entanto um homem bondoso que não a abandonou e a ajudou até à morte. E quando ele morreu, há dois anos, voltou para casa do pai. Não foi isso o que me contaste, Vânia? – perguntou-me à queima-roupa.

Nelly, tomada de uma grande comoção, levantou do seu lugar e fez menção de dirigir-se para a porta.

– Vem cá, Nelly! – exclamou o velho estendendo-lhe por fim a mão. – Senta-te aqui, senta-te ao pé de mim, aqui… senta-te.

Beijou-a na testa e ficou a olhá-la, compassivo. Nelly parecia

tremer toda, mas fazia o possível por dominar-se. Anna Andriéievna, assombrada, numa ansiedade alvoroçada, via finalmente Nikolai Sierguiéitch acariciar a órfã.

– Já sei, Nelly, que foi um homem mau e desalmado que perdeu a tua mãe; mas também sei que ela gostava do pai e respeitava-o – continuou o velho, comovido, sem deixar de olhar Nelly no rosto e sem poder dominar-se, para não nos lançar essa provocação naquele momento. Um leve rubor lhe cobriu as faces pálidas; mas esforçou-se por não olhar para nós.

– A minha mãe gostava mais do meu avô do que o meu avô dela – declarou Nelly com timidez, mas com firmeza, esforçando-se também por não olhar para ninguém.

– Como sabes tu isso? – atalhou o velho, cortante, sem se poder dominar, como uma criança e como se se envergonhasse da sua impaciência.

– Sei – respondeu Nelly com secura. – Não quis receber a minha mãe em sua casa e… expulsou-a.

Eu vi que Nikolai Sierguiéitch queria dizer, objetar qualquer coisa, por exemplo, que o velho fizera bem em não receber a filha, mas limitou-se a olhar-nos e ficou calado.

– Onde viviam vocês então, quando o teu avô não quis receber a tua mãe? – perguntou Anna Andriéievna que, de repente, sentiu um desejo teimoso de insistir nesse tema.

– Quando voltamos do estrangeiro, andamos muito tempo à procura do avô – respondeu Nelly – mas não conseguimos dar com ele. A mamãe me disse então que, em tempos, o avozinho fora muito rico e tivera uma fábrica, mas que agora estava na miséria, porque o homem com quem ela fugira levara o dinheiro do avô e não o devolvera. Foi o que ela mesma me disse.

– Hum! – resmungou o velho.

– E também me contou – continuou Nelly cada vez mais animada

e como se quisesse responder a Nikolai Sierguiéitch, mas dirigindo-se a Anna Andriéievna – que o avô estava muito zangado com ela e que ela é quem tinha a culpa de tudo e que no mundo apenas lhe restava o avô. E quando me contava isto, chorava… "Ele não me perdoará – dizia, quando andávamos a procurá-lo – mas pode ser que, quando te vir, goste de ti, te ganhe amizade e me perdoe por tua causa." A minha mãe gostava muito de mim e, quando me dizia isso, beijava-me sempre; mas tinha muito medo de ir com o avô. Ensinou-me a rezar por ele e ela também rezava por ele, e contava-me muitas vezes como vivera noutro tempo com o avô, e como ele gostava muito dela; mais do que ninguém. Tocava piano para ele e lia-lhe livros à noite, e o avô beijava-a e dava-lhe muitos presentes, dava-lhe tudo. Certa vez zangaram-se no dia do santo da mamãe, porque o avô pensava que ela não sabia que presente ele ia dar-lhe, ela porém já sabia há muito do que se tratava. A mamãe queria uns brincos; mas o avô, de propósito, disse que lhe ia oferecer, não uns brincos mas um broche, e quando chegou com os brincos e viu que a mamãe já sabia que se tratava de uns brincos e não de um broche, ficou zangado e esteve quase todo o dia sem lhe falar até que por fim se pôs a beijá-la e acabou por lhe pedir perdão…

Nelly contava tudo isto com entusiasmo e até a cor subia às suas faces pálidas e adoentadas.

Era evidente que a sua *mámienhka* falara por mais de uma vez com a sua Nelly acerca dos seus antigos dias felizes, sentadas a um canto do porão, abraçando e beijando a sua menina (toda a consolação que lhe restava na vida) e chorando por ela, sem suspeitar sequer então com que força se gravariam as suas histórias no coração, morbidamente sensível e precocemente desenvolvido, da sua filha.

Mas a entusiástica Nelly pareceu cair em si de repente: olhou à sua volta com desconfiança e calou-se. O velho franziu o sobrolho e pôs-se outra vez a tamborilar sobre a mesa; uma lagrimazinha apareceu nos olhos de Anna Andriéievna e, sem dizer nada, enxugou-a com o lenço.

– *Mámienhka* chegou aqui muito doente – acrescentou Nelly em voz baixa. – Estava muito doente do peito. Andamos muito tempo à

procura do avô sem conseguir encontrá-lo; por isso alugamos um cantinho num porão.

– Um canto num porão! – exclamou Anna Andriéievna.

– Sim, um cantinho – respondeu Nelly – *mámienhka* estava na miséria. *Mámienhka* dizia-me – acrescentou, reanimando-se – que não era pecado ser pobre, mas que o era ser rico e pecar… e que Deus estava castigando-a.

– Foi em Vassílievski Óstrov que alugaram o porão? Em casa da Bubnova, não foi? – perguntou o velho dirigindo-se a mim e esforçando-se por deixar, transparecer uma certa indiferença nas suas perguntas.

– Não, não foi… Primeiro moramos em Miechtchánskaia – respondeu Nelly. – Aquilo era muito escuro e úmido – continuou, depois de uma pausa – e *mámienhka* piorou; mas nessa altura ainda saía. Eu lhe lavava a roupa e ela chorava. Ali vivia também uma velhinha, viúva dum capitão, e vivia também um empregado reformado, que andava sempre bêbado; embebedavam-se todos e passavam as noites todas gritando e chorando. Eu tinha muito medo dele. Eu dormia com *mámienhka* e sentia-a tremer todas as vezes que o reformado guinchava e rosnava. Uma vez ele quis matar a viúva, já muito velhinha, coitada, e andava apoiada num pau. *Mámienhka* teve pena dela e levou-a consigo; o reformado então começou a bater na minha mãe e eu nele…

Nelly, parou por um momento. Essa recordação perturbara-a; os seus olhos brilhavam.

– Meu Deus! – exclamou Anna Andriéievna muito interessada na narrativa e sem tirar os olhos de Nelly, que se dirigia de preferência a ela.

– Quando *mámienhka* saía – continuou Nelly – levava-me também. Era de dia. Andávamos pelas ruas até anoitecer, e *mámienhka* não fazia outra coisa senão andar e chorar, levando-me pela mão. Eu estava muito cansada; não tínhamos comido nada todo o dia. E *mámienhka* falava sozinha e dizia-me: “És pobre, Nelly; mas quando eu

morrer, não faças caso de ninguém. Não vás com ninguém; deixa-te ficar sempre sozinha, sê pobre e trabalha e, se não encontrares trabalho, pede esmola; mas nunca recorras a ele". Um dia, ao escurecer, fomos dar numa rua muito grande e, de repente, *mámienhka* começou a gritar "Azorka, Azorka!", e então um cão muito grande, pelado, veio correndo para junto de *mámienhka*, ladrando e erguendo-se à altura do seu corpo; *mámienhka* assustou-se, empalideceu, deu um grito e ajoelhou-se aos pés dum velho muito alto, que se apoiava num bordão e olhava para o chão. E esse velho tão alto era o avô, e estava muito fraco e trazia um terno muito roto. Foi essa a primeira vez que eu vi o avô. Ele também se assustou muito e empalideceu quando viu que *mámienhka* estava a seus pés e abraçada a eles mas depois afastou-se dela com violência, deu-lhe uma pancada com a ponteira do bastão e fugiu de nós quase correndo. Azorka ficou ainda ali por um momento, a ladrar e a lamber a minha *mámienhka*; mas acabou por ir com o avô, agarrou-se às calças dele e puxou-o para trás; mas o avô bateu-lhe também com o bastão. Azorka correu outra vez para junto de nós; mas o avô chamou-o e ele então foi com ele, sem deixar de ladrar. *Mámienhka* estava caída no chão, como morta, e tinha-se juntado muita gente à sua volta. Apareceram guardas. Eu gritava e fazia todo o possível por levantá-la do chão. Até que por fim ela levantou, olhou à volta e veio comigo. Levei-a a casa. As pessoas ainda nos seguiram durante bastante tempo com a vista e todos abanavam a cabeça…

Nelly fez uma pausa para respirar e descansar. Estava muito pálida, mas nos seus olhos lia-se decisão. Percebia-se que estava disposta a contar tudo, até o fim. Parecia que estava inspirada, naquele momento.

– De maneira que – observou Nikolai Sierguiéitch com uma voz hesitante e com certa secura irritada – de maneira que a tua mãe ofendera o avô e ele tinha as suas razões para a repelir…

– A minha mãe, ela própria, me disse isso – insistiu Nelly.

– E quando chegamos em casa, contou-me tudo: "Era o teu avô, Nelly, e eu procedi mal para com ele e por isso ele me amaldiçoou e Deus me castiga agora". E durante toda essa noite e todos os dias

seguintes me falou do mesmo. Mas falava como se ela própria não soubesse…

O velho continuava calado.

– Mas depois mudaram-se para outro quarto? – perguntou Anna Andriéievna, que continuava chorando em silêncio.

– *Mámienhka* caiu doente nessa mesma noite; a viúva procurou um quarto em casa da Bubnova. Passados três dias mudamo-nos dali e a viúva veio conosco; assim que saímos dali *mâmienhka* caiu de cama e esteve três semanas doente e então era eu quem saia em vez dela. Já não tínhamos dinheiro nenhum e quem nos ajudava era a mulher do capitão e Ivan Alieksándrovitch.

– Um fabricante de caixões – disse eu, à maneira de explicação.

– E quando *mámienhka* levantou da cama e começou outra vez a sair, contou-me coisas sobre Azorka.

– Que te contava ela de Azorka? – perguntou, recostando-se melhor na poltrona, como se quisesse esconder melhor o rosto e olhar para baixo.

– Ela me falava sempre do avô – respondeu Nelly – e quando estava doente falava-me também sempre dele e delirava. Quando melhorava um pouco, começava logo a falar-me de como decorrera a sua vida… e contava-me coisas sobre Azorka, porque, uma vez, não sei onde, na margem do rio, do outro lado da cidade, uns rapazes levavam Azorka atado por uma corda para irem afogá-lo, e *mámienhka* então lhes deu dinheiro e comprou-o. Quando o avó viu Azorka fez muita troça dele. Mas um dia Azorka fugiu. A mamãe pôs-se a chorar; o avô assustou-se e disse que daria cem rublos a quem lhe trouxesse Azorka. Passados três dias trouxeram-no; o avô deu os cem rublos e a partir desse momento começou a gostar de Azorka. *Mámienhka* gostava tanto dele que até o deixava dormir na sua cama. Contou-me que, dantes, Azorka andava com uns saltimbancos pelas ruas e sabia servir à mesa e trazer um macaco às costas, e também segurar numa espingarda e muitas outras coisas… Mas quando *mámienhka* saiu de casa do avô, este ficou com Azorka e passou a andar sempre com ele;

por isso daquela vez, quando a *mámienhka* viu Azorka adivinhou imediatamente que o avô andava por ali…

O velho, ao que parece, não esperava aquilo de Azorka e por isso ficou ainda mais zangado. Não tornou a perguntar mais nada.

– E não tornaram a ver o avô? – perguntou Anna Andriéievna.

– Não. Quando *mámienhka* começou a melhorar eu tornei a encontrá-lo. Foi quando ia à loja comprar pão; de repente vi um homem com Azorka; olhei e reconheci o avô. Desviei-me para um lado e encostei-me à parede. O avô olhou para mim durante muito tempo, e com tal ferocidade que eu fiquei cheia de medo e fugi. Azorka também se lembrou de mim, veio correndo e lambeu-me as mãos. Eu corri para casa o mais depressa que pude, olhando para trás, e o avô entrou na loja. E pensei isto: "Com certeza perguntará e vai se assustar ainda mais, quando for para casa não dirá nada à mãe com medo que ela fique doente". No dia seguinte eu não fui à loja; disse que me doía a cabeça; quando fui, passados três dias, não encontrei ninguém, mas tinha um medo terrível, enquanto ia caminhando. No outro dia, mal voltara a esquina, quando dou de cara com o avô e com Azorka. Corri e meti-me por outra rua e vim ter à loja por outro lado; mas assim que entrei, estanquei e fiquei tão aterrorizada que nem podia dar um passo. O avô estava na minha frente, e outra vez me olhava longamente, e depois olhou-me ainda mais de perto, puxou-me pela mão, e Azorka vinha conosco mexendo a cauda. Foi então que vi que o avô não podia andar direito e tinha de apoiar-se no bastão, e que as mãos lhe tremiam. Levou-me a uma casa de frutas que havia ali perto, onde vendiam tortas e maçãs. O avô comprou-me um galo e um peixe de pão doce, um cartucho de balas e uma maçã, e quando tirava o dinheiro da bolsa de couro tremiam-lhe muito as mãos e deixou cair um *piatak*, que eu apanhei. Ele me deu a moeda, mais os doces; olhou-me de frente, mas não chegou a dizer nada, foi-se no rumo da sua casa.

Quando eu cheguei à minha, contei tudo à *mámienhka* e disse-lhe o medo que sentira do avô e como me escondera dele. *Mámienhka*, a princípio não queria acreditar; mas depois ficou tão contente que durante toda a noite não fez mais do que interrogar-me, beijar-me e

chorar. Quando eu acabei de lhe contar tudo, recomendou-me que daí por diante nunca mais tivesse medo do avô e disse-me que, naturalmente, o avô gostava de mim visto que se aproximara. Recomendou que fosse afetuosa para com o avô e falasse com ele. No dia seguinte, de manhã, mandou-me espiá-lo várias vezes, embora eu lhe tivesse dito que o avô aparecia sempre de tarde. Ela me seguia a uma certa distância e escondia-se numa esquina; e, no outro dia, tornamos a fazer o mesmo. Mas o avô não apareceu; nesse dia choveu e a mamãe apanhou um resfriado, porque vinha sempre acompanhar-me até à porta, e por isso teve de ir para a cama outra vez.

O avô tornou a passar ao fim de uma semana, comprou-me outra empadinha de peixe e outra maçã, mas não me disse nada. Quando nos separamos, segui-o às furtadelas, conforme meu projeto, para ficar sabendo onde vivia e dizer depois à mamãe. Segui-o à distância pelo outro passeio da rua, de maneira que não me visse. Morava bastante longe; não na casa onde veio a morar depois e a morrer, mas na Gorókhovaia, também num prédio grande, no quarto andar. Fiquei sabendo isto tudo e voltei tarde para casa. A mamãe estava muito assustada, porque não sabia por onde eu andava. Quando lhe contei tudo tornou a ficar muito contente e queria ir logo ver o avô, no dia seguinte; mas no dia seguinte pôs-se a refletir e ficou cheia de medo. Por isso não saiu. Depois chamou-me e disse-me: “Olha, Nelly, eu estou doente e não posso sair, mas escrevi uma carta ao avô; e vais levá-la. E tu, Nelly, vê a cara que ele faz ao lê-la, e o que diz, e o que faz; depois ajoelha-te e beija-o e suplica-lhe que perdoe à tua mãe…”. E *mámienhka* chorava muito e dava-me muitos beijos e benzia-me durante todo o caminho até à porta e implorava a Deus. Fizera-me ajoelhar a seu lado diante da imagem, e embora estivesse muito doente, veio acompanhar-me até à porta e, sempre que eu me voltava para trás, via-a ali, seguindo-me com os olhos. Eu fui procurar o avô e abri a porta, que não tinha o ferrolho corrido. O avô estava sentado à mesa e comia batatas com pão, e Azorka diante dele via-o comer e mexia a cauda. O quarto do avô tinha o teto baixo e era escuro e só havia nele uma mesa e uma cadeira. Vivia sozinho. Quando entrei, ele ficou tão assustado que empalideceu e tremeu. Eu também me assustei e não disse nada; aproximei-me simplesmente da mesa e entreguei-lhe a carta. Quando a viu, o avô ficou tão furioso… que levantou de um

pulo, pegou no bastão e ameaçou-me com ele; não chegou a bater-me, limitou-se a empurrar-me para o patamar. Mal pusera o pé no primeiro degrau quando tornou a abrir a porta e me atirou a carta, por abrir. Regressei a casa e contei tudo. *Mámienhka* teve de meter-se na cama outra vez…

## Capítulo VIII

Nesse momento ouviu-se um trovão bastante forte, e a chuva, num rijo aguaceiro, veio bater contra os vidros. A sala escureceu e todos nos quedamos de repente.

– Já está aqui – disse o velho olhando para a janela.

Depois do que levantou e pôs-se a dar voltas na sala, de um lado para o outro. Nelly seguia-o com os olhos, às furtadelas. Estava extraordinariamente agitada, quase doente. Eu o observava mas ela parecia evitar o meu olhar.

– Bem, e que mais? – perguntou o velho tornando a sentar na poltrona.

Nelly olhou, assustada, à sua volta.

– E depois não tornaste a ver o teu avô?

– Não, não o tornei a ver…

– Ah! Conta, minha querida! – insistiu Anna Andriéievna.

– Passaram três semanas sem que eu o visse – começou Nelly – até o inverno. Quando voltei a encontrar o avô, no mesmo lugar de antes, fiquei muito contente porque a mamãe estava muito triste por ver que ele não saía. Assim que o vi, corri para o outro passeio para que notasse que eu fugia dele. Olhei e vi que o avô, a princípio, começou a andar atrás de mim, estugando o passo para me alcançar e se punha a gritar: “Nelly, Nelly!”. E Azorka corria atrás dele. Tive pena e parei. O avô aproximou-se, pegou-me na mão; mas quando viu que eu chorava, deteve-se, olhou-me e, deu-me um beijo. Viu que eu

trazia uns sapatos muito velhos e perguntou-me: “Não tens outros?”. Apressei-me a contar-lhe que a minha mãe não tinha dinheiro e que a dona da casa nos dava de comer, apenas por dó. O avô não disse nada mas levou-me a uma sapataria, comprou-me uns sapatos e mandou-me calçá-los, e daí levou-me a sua casa, na Gorókhovaia; mas antes entrou ainda numa loja e comprou um pastel e dois pacotes de doces; disse-me que comesse o pastel e depois deu-me os doces. E Azorka pôs as patas sobre a mesa a pedir-me um bocadinho do pastel; e eu dava e o velho sorria. Depois pegou em mim, sentou-me ao seu lado, pôs-se a olhar-me de frente e a perguntar-me se eu já tinha alguns estudos e o que sabia. Eu disse e ele mandou-me ir todos os dias à sua casa, se eu pudesse, aí pelas três horas, porque ele próprio me ensinaria. Depois disse-me que me voltasse e olhasse para a janela até que me dissesse quando é que eu podia tornar a olhar. E assim fiz; mas ia voltando a cabeça às escondidas e vi então que descosia a almofada pelo lado de baixo e tirava dela quatro rublos de prata. Assim que os tirou, deu-os a mim e disse: “Toma, são só para ti”. Eu ia já a aceitá-los mas pensei melhor e disse: “Se são só para mim, então não os quero”. De repente, o avô enfureceu-se e disse-me: “Está bem, é como tu quiseres. Toma-os e vai-te embora!”. E saí e ele não me beijou.

Quando voltei a casa contei tudo à minha mãe. *Mâmienhka* estava cada vez pior. À casa do fabricante de caixões costumava ir um estudante. Ajudava a minha mãe e fazia-a tomar os remédios.

Eu ia ver o avô muitas vezes. Era a minha mãe que me mandava. O avô comprou o Novo Testamento e uma geografia e começou a dar-me lições, e às vezes dizia-me quantas terras há no mundo, e que pessoas vivem nelas, e como Cristo perdoou a todos nós. Quando eu lhe fazia alguma pergunta, ficava muito contente; por isso eu lhe fazia muitas e ele dizia-me tudo e falava-me muito de Deus. De outras vezes não havia lição e eu punha-me a brincar com Azorka. Azorka gostava muito de mim, e eu ensinava-lhe a saltar por cima dum pau, e o avô ria-se e olhava-me de frente, embora não fosse muito para risos. Às vezes punha-se a falar durante muito tempo mas de repente calava-se e ficava meio adormecido mas com os olhos abertos. E assim ficava até escurecer; e quando escurecia punha-se horrível, tão velho… Eu costumava aproximar-me dele; mas continuava sentado na sua

cadeira, meditando e sem ouvir nada, com Azorka estendido a seus pés. Eu esperava, esperava e tossia, mas o avô não se voltava para me olhar. E assim o deixava e ia embora. Em casa, havia muito que a… mamãe me esperava. Estava deitada e eu contava-lhe tudo, tudo, de maneira que a noite aproximava-se e eu continuava a falar, e ela a escutar o que eu dizia do avô, o que fizera nesse dia e as histórias que ele contara e também a lição daquele dia. E depois falava-lhe de Azorka, dizia-lhe que o fizera saltar um pau e que o avô rira e, de repente, também começava a rir e assim permanecia por muito tempo, e ria e ficava muito contente, e pedia-me que lhe contasse tudo outra vez e depois começava a rezar. E eu pensava: "Por que será que *mámienhka* gostará tanto do avô e ele não gostará dela?". E quando eu ia vê-lo punha-me a contar-lhe tudo de propósito, a dizer-lhe como a mamãe gostava dele. Escutava-me, muito mal-humorado e não dizia nada. Então eu lhe perguntava por que seria que a mamãe gostava tanto dele, por que não fazia outra coisa senão perguntar-me por ele e ele nunca me perguntava por ela. Até que um dia o avô se zangou e me pôs fora de casa. Fiquei algum tempo no patamar, atrás da porta; tornou a abri-la de repente e mandou-me entrar; estava muito zangado e silencioso. Mas depois, quando nós pusemos a ler a Lei de Deus tornei a perguntar-lhe: Não é verdade que Jesus Cristo disse: "Amai-vos uns aos outros e perdoai as ofensas" e ele não queria perdoar à mamãe? Então saltou da cadeira e pôs-se a gritar que tudo aquilo fora a minha mãe que me ensinara e mais uma vez me expulsou e me disse que nunca mais voltasse a aparecer ali. Disse-lhe que podia ficar descansado, não voltaria mais, e fui… E o avô no dia seguinte mudou de quarto…

– Eu bem dizia que a chuva passava depressa. Já para e aí vem o sol… Olha, Vânia – disse Nikolai Sierguiéitch, assomando à janela.

Anna Andriéievna lançou-lhe um olhar de grande perplexidade e, de repente, nos olhos até então plácidos e altivos da velha, relampejou uma enorme irritação. Em silêncio, pegou em Nelly e sentou-a nos joelhos.

– Conta-me, meu anjo – disse – que eu te escuto! Deus queira que aqueles que têm um coração duro…

Não acabou e desatou a chorar. Nelly dirigiu-me um olhar interrogativo, entre perplexo e assustado. O velho olhou-me e encolheu os ombros; mas em seguida voltou-se.

– Continua, Nelly – disse.

– Estive três dias sem aparecer em casa do avô – recomeçou Nelly – e durante esse tempo a mamãe piorou. O dinheiro acabara-se completamente; não tínhamos com que comprar os medicamentos, nem de comer, porque a dona da casa também o não possuía; e começaram a atirar-nos à cara que vivíamos à custa alheia. Mas passados três dias eu me levantei de manhã e comecei a vestir-me. A mamãe perguntou-me aonde é que eu ia e respondi-lhe: "A casa do avô, pedir-lhe dinheiro". Ela ficou muito contente, porque eu lhe contara como ele me expulsara de casa e lhe dissera que nunca mais voltaria a procurá-lo, por mais que ela chorasse e procurasse dissuadir-me. Fui até lá e disseram-me que o avô se mudara; fui então procurá-lo em sua nova casa. Assim que o vi, deu um pulo, se dirigiu para mim e bateu com o pé no chão; então disse-lhe que *mámienhka* estava muito doente; que precisávamos de dinheiro para remédios que custavam dez copeques e não tínhamos nem uma côdea de pão para levar à boca. O avô pôs-se a gritar, correu-me para a escada e depois fechou a porta à chave. Mas no momento em que me empurrava ainda lhe gritei que sentaria na escada e não sairia dali enquanto não me desse dinheiro. Passou bastante tempo, até que voltou a abrir a porta e, quando me viu ali, tornou a fechá-la. E depois tornou a abrir e a olhar para mim. Até que por fim saiu com Azorka, fechou a porta e passou junto de mim em direção à rua, e não me disse palavra. Também nada lhe disse e continuei sentada, e ali fiquei até que anoiteceu.

– Pobrezinha! – exclamou Anna Andriéievna – com o frio que devia fazer na escada!

– Eu tinha um casaco – respondeu Nelly.

– Ainda que estivesse de casaco… minha pobrezinha, como tens sofrido! E o teu avô, que fez ele?

Os lábios de Nelly começaram a tremer mas fez um esforço

enorme sobre si própria e dominou-se.

– Regressou à casa de noite e quando ia entrando tropeçou em mim e deu um grito: “Quem está aqui?”. Disse-lhe que era eu. Ele devia imaginar que com certeza eu já fora embora e, quando viu que continuava ali, ficou muito admirado e olhou para mim durante muito tempo. De súbito deu uma bengalada no degrau, passou de largo, abriu a porta e, passado um minuto, voltou e trouxe-me uns cobres, tudo moedas de cinco copeques, atirando-os para a escada. “Isso é para ti – gritou – toma; é tudo quanto tenho e diz à tua mãe que a amaldiçoo…” e fechou a porta. As moedas espalharam-se pela escada. Pus-me a apanhá-las, no escuro, e o avô, pelo visto, compreendeu que as moedas tinham rolado e que custaria procurá-las na escada. Então abriu a porta, trouxe uma vela e assim, com luz, não tardou que eu as encontrasse. O avô pôs-se também a apanhá-las comigo, disse-me que deviam estar ali oitenta copeques e parecia agora mais brando. Quando voltei a casa dei as moedas à minha mãe e contei-lhe tudo. A minha mãe continuava pior e eu também estive doente toda a noite e na manhã seguinte ainda sentia febre. Mas só pensava numa coisa: por que teria o avô ficado tão furioso. E quando *mamacha* adormeceu, fui e saí para a rua e dirigi-me a casa do avô e, sem chegar até lá, parei no passeio. E então passou *aquele*…

– Refere-se a Arkhípov – disse eu – o indivíduo de quem eu lhe falei, Nikolai Sierguiéitch… o que tinha combinação com a Bubnova e levou aquela sova. Era a primeira vez que Nelly o via… Continua, Nelly.

– Eu o fiz parar e pedi-lhe um rublo de prata. Olhou-me e perguntou: “Um rublo de prata?”. Disse-lhe: “Sim”. Então pôs-se a rir e disse-me: “Vem comigo”. Não sabia se havia de acompanhá-lo ou não. De repente passou junto de nós um velhinho com óculos de aros de ouro, que me ouviu pedir o rublo de prata; dirigiu-se a mim e perguntou-me para que queria eu tanto dinheiro. Respondi-lhe que a minha *mámienhka* estava doente e precisava desse dinheiro para os remédios. Perguntou-me onde vivíamos, tomou nota da morada e deu-me uma nota com o valor dum rublo de prata. Mas o outro, assim que viu o velho dos óculos, afastou-se e não tornou a chamar-me mais. Fui a uma loja e troquei a nota. Embrulhei trinta copeques num papelinho

e deixei de lado, para a minha *mamacha*, guardei oito *grívieni* na mão e dirigi-me a casa do avô. Quando cheguei abri a porta, assomei à entrada, juntei o dinheiro e atirei-lho, de maneira que se espalhou pelo chão. “Aí tem, guarde o seu dinheiro! – disse-lhe. – A minha mãe não o quer, por vir do senhor, que a amaldiçoou”, gritei à porta e saí logo correndo.

Os olhos de Nelly cintilavam e olhou para o velho com uma expressão de desafio amigável.

– Fizeste muito bem! – disse Anna Andriéievna, sem olhar para Nikolai Sierguiéitch e apertando com força a mão de Nelly. – Era assim mesmo que era preciso proceder com ele. O teu avô era mau e duro de coração…

– Hum! – resmungou Nikolai Sierguiéitch.

– Bom. E que mais, e que mais? – perguntou Anna Andriéievna impaciente.

– Deixei de ir ver o avô e ele não veio ver-me – respondeu Nelly.

– E então ficaste com a tua *mamacha*? Ah, pobrezinha, pobrezinha!

– A minha *mamacha* estava cada vez pior e raro era o dia em que se levantava da cama – continuou Nelly; e a voz tremia e soava estrangulada. – Dinheiro, já não tínhamos nenhum, e eu comecei a sair com a mulher do capitão. E ela andava pelas ruas e também pedia esmola às pessoas e vivia disso. Costumava dizer-me que não era nenhuma mendiga, que tinha documentos onde constava a sua identidade e também que era pobre. Mostrava esses documentos às pessoas e davam-lhe dinheiro. Também me dizia que não era nenhuma vergonha pedir a todos. Saía com ela e davam-nos esmola e disso vivíamos. *Mamacha* ficou sabendo isto porque os vizinhos deram em lançar-lhe em rosto que era uma mendiga e a própria Bubnova veio vê-la e disse-me que mais valia me deixasse ir com ela e não andasse pedindo esmola. Fora ver a mamãe e lhe levara dinheiro; e quando esta não o queria aceitar, a Bubnova dizia: “Por que é tão orgulhosa?” e mandava-lhe comida. Mas quando disse aquilo de mim, a minha

*mamacha* pôs-se a chorar e ficou assustada; mas a Bubnova começou a resmungar, porque estava bêbeda e dizia que eu andava fazendo de mendiga sem necessidade disso, e que saía com a mulher do capitão, e nessa mesma noite a expulsou de casa. Quando soube disso tudo *mámienhka* começou a chorar; depois, de repente, foi e levantou da cama, vestiu-se, pegou-me na mão e levou-me consigo. lvan Alieksándrovitch intentou detê-la mas não consentiu. *Mámienhka* mal podia andar, sentava-se constantemente no chão e eu a ia amparando. Só dizia que ia procurar o avô e pedia-me que a levasse lá; havia já algum tempo que anoitecera. De repente fomos desembocar numa grande rua. Aí, junto de uma casa havia carruagens paradas e saía muita gente, nas janelas brilhavam muitas luzes e ouvia-se música. *Mámienhka* parou, cingiu-se a mim e disse-me: "Nelly, és pobre e toda a vida serás pobre; não vás com ninguém, ainda que te chamem e seja quem for. E ainda que pudesses ficar, como aqueles que estão ali, rica e bem vestida, eu não o queria. Essa gente é má e cruel. Escuta o que eu te recomendo: conserva-te pobre, trabalha e pede esmola; e se alguém te chamar, responde: "Não quero nada com o senhor…". Foi isto o que a minha mãe me disse quando estava doente e hei de obedecer-lhe toda a vida – acrescentou Nelly, trêmula de comoção, com o rosto afogueado – e toda a vida servirei e trabalharei, vim para vossa casa para servir e trabalhar e não quero ficar aqui na qualidade de filha…

– Basta, minha querida, basta! – exclamou a velhota abraçando muito Nelly. – A tua *mamacha* estava doente quando te dizia isso…

– Estava doida – observou o velho, cortante.

– Pode ser que estivesse doida – concordou Nelly, voltando-se, mal-humorada, para o velho – pode ser que estivesse doida, mas foi isso o que ela me mandou e eu hei de obedecer-lhe toda a vida. E quando disse isso, também desfaleceu.

– Meu Deus! – exclamou Anna Andriéievna. – Doente, no meio da rua? E no inverno?

– Os policias queriam levar-nos, mas apareceu um senhor, perguntou o nosso endereço, deu-me dez rublos e mandou levar a

minha *mamacha* a casa, na sua carruagem. Depois disso a minha *mámienhka* não tornou mais a levantar… E passadas precisamente três semanas, morreu…

– E o pai, que fez, por fim? Perdoou-lhe? – exclamou Anna Andriéievna, anelante.

– Não lhe perdoou – acrescentou Nelly, dominando-se a custo. – Uma semana antes de morrer, *mámienhka* chamou-me e disse-me: "Nelly, vai outra vez ter com o avô, a última, e diz-lhe que venha ver-me e me perdoe. Diz-lhe que devo morrer num destes dias e te vou deixar sozinha no mundo. E diz-lhe também que me custa muito morrer…". Eu fui e chamei à porta do avô, abriu-a, mas quando me viu fez logo menção de fechá-la; mas eu me agarrei à porta com ambas as mãos e gritei-lhe: "*Mamacha* está morrendo e o chama. Venha vê-la…". Mas ele deu-me um empurrão e fechou a porta. Eu voltei para a minha *mamacha*, deitei-me a seu lado, abracei-me a ela e não lhe disse nada… *Mámienhka* abraçou-me também e também não me perguntou…

Quando Nelly chegou a este ponto, Nikolai Sierguiéitch apoiou a mão sobre a mesa e ficou em pé; mas depois de nos envolver a todos num olhar extremamente doloroso, deixou-se cair novamente na poltrona, como se lhe tivessem faltado as forças.

– Bem; antes de morrer, no último dia, quase ao escurecer, a minha mãe chamou-me e disse-me: "Eu morro hoje, Nelly". E quis continuar falando mas não pôde. Eu olhei para ela mas parecia não me ver; apenas segurava com força a minha mão entre as suas. Eu, devagarinho, retirei a minha mão e saí de casa correndo, e, sem parar de correr durante todo o caminho, dirigi-me à do avô. Quando me viu, saltou da cadeira e ficou tão assustado que se pôs lívido e começou a tremer. Peguei-lhe na mão e só lhe disse isto: "Está expirando". Então ele, de repente, pareceu voltar a si; pegou na bengala e correu atrás de mim. Até se esqueceu de pôr o chapéu e fazia frio. Peguei o chapéu e o pus na cabeça dele e saímos juntos correndo. Eu lhe dizia que era preciso andar depressa e tomar uma carruagem, porque a minha *mamacha* estava à morte; mas o avô só tinha oito copeques. Entretanto mandou parar vários cocheiros e pôs-se a regatear com eles; riam-se e

faziam troça de Azorka, porque Azorka vinha conosco e nós continuávamos correndo. O avô cansava-se e respirava com dificuldade, mas apressava-se o mais que podia. De repente caiu e o chapéu fugiu-lhe. Apanhei-o, coloquei-lho, segurei-o pela mão e quando chegamos a casa era quase noite… E a minha mãe já tinha morrido. Quando a viu, o avô juntou as mãos, estremeceu, aproximou-se dela, mas não disse nada. Eu, então, aproximei-me do cadáver da minha *mamacha*, peguei no avô por um braço e gritei-lhe: "Aí tens, homem mau e cruel, aí tens. Olha! Olha!". O avô lançou um grito e caiu no chão como morto…

Nelly estremeceu; soltou-se do braço de Anna Andriéievna e colocou-se no meio de todos nós, pálida, esgotada e espavorida. Mas Anna Andriéievna correu para ela e, abraçando-a outra vez, gritou-lhe, como inspirada:

– Eu, eu serei tua mãe a partir deste momento, Nelly, e tu serás minha filha! Sim, Nelly, vamo-nos, deixemos todos esses seres maus e duros! Que continuem a escarnecer do próximo e que Deus, que Deus os proteja! Vamo-nos, Nelly, vamo-nos daqui, vamo-nos!

Nunca, nem antes nem depois, a vi em tal estado, e nunca pensei que fosse capaz de comover-se a tal ponto. Nikolai Sierguiéitch, erguendo-se do seu lugar, perguntou numa voz sonora e entrecortada:

– Mas aonde vais, Anna Andriéievna!

– Buscá-la a ela, à minha filhinha, Natacha! – exclamou a velha.

E puxou por Nelly, em direção à porta.

– Para, para, espera!

– Qual espera, homem duro e mau! Já esperei muito, mas agora, adeus!

Depois de lhe ter respondido isto, a velha voltou-se, olhou para o marido e mudou de cor. Nikolai Sierguiéitch estava diante dela, pegou o chapéu e, tremendo, desajeitado, pôs à pressa, ele sozinho, o sobretudo.

– Tu também… tu também vens comigo! – exclamou ela estendendo as mãos, suplicante, e olhando incrédula para o marido, como se não se atrevesse a acreditar em semelhante felicidade.

– Natacha! Onde está a minha Natacha? Onde está? Onde está a minha filha? – foram os gritos que brotaram por fim do peito do velho. – Restituam-me a minha filha Natacha! Onde está ela, onde está?

E tirando das minhas mãos a bengala que eu já lhe estendia, dirigiu-se precipitadamente para a porta.

– Perdoou-lhe! Perdoou-lhe! – exclamou Anna Andriéievna. Mas o velho nem chegou a sair. A porta abriu-se de repente e Natacha, pálida, de olhos cintilantes, como se estivesse cheia de febre, entrou na sala. Trazia a roupa toda esgarçada e molhada da chuva. O lenço com que cobria a cabeça escorregara-lhe para a nuca e nas madeixas do seu cabelo, fartas e revoltas, brilhavam grossas gotas de chuva. Entrou, correndo, viu o pai e, dando um grito, deitou-se a seus pés de joelhos, estendendo as mãos para ele.

## Capítulo IX

Ele se apressou a levantá-la…

Segurou-a e erguendo-a no ar, como a uma menina, levou-a para

a poltrona, sentou-a nela e deixou-se cair a seus pés, de joelhos. Beijou-lhe as mãos, os pés; beijava-a apressadamente, olhava-a avidamente, como se não quisesse acreditar que a tinha novamente a seu lado, que outra vez a via e ouvia… a ela, à sua filha, a sua Natacha. Soluçando, Anna Andriéievna aproximou-se dela, apertou a sua cabeça contra o peito e ficou tão comovida com esse amplexo que nem teve forças para dizer uma palavra.

– Minha vida! Minha vida! Alegria do meu coração! – exclamou o velho com incoerência, segurando as mãos de Natacha, como um apaixonado, olhando o seu rosto abatido e pálido, mas tão bonito, e os seus olhos, nos quais havia lágrimas. – Minha alegria, filha da minha alma! – repetia e tornava a olhá-la em silêncio e como num alvoroço descomedido. – Quem, quem é que me disse que estavas mais magra! – dizia com precipitação, com um riso infantil, dirigindo-se a nós e sem levantar do chão, de joelhos, a seus pés. – Um bocadinho mais magra, é verdade, um pouco pálida, mas olhem, que bonita! Ainda mais do que antes, ainda mais! – acrescentou, acalmando-se involuntariamente sob o efeito da agradável dor que parecia querer partir-lhe a alma em duas.

– Levanta-te, *bátiuchka*, levanta-te! – disse Natacha. – Que eu também queria beijar-te…

– Oh, minha filha! Ouves, ouves, Ânuchka, como ela veio!

E abraçaram-se convulsivamente.

– Não, Natacha, não. Eu tenho de continuar a teus pés até que o meu coração sinta que tu lhe perdoas, porque agora, nunca, nunca poderei merecer o teu perdão! Eu te repeli, amaldiçoei-te, estás ouvindo, Natacha? Eu te amaldiçoei! Tive coragem para isso! Mas tu, tu, Natacha, acreditaste que eu te amaldiçoasse? Acreditaste, sim… acreditaste! Não devias ter acreditado! Não devias, não devias, de maneira nenhuma! Minha malvada! Por que não vieste para mim? Tu bem sabias que eu te receberia! Oh, Natacha, deves lembrar-te de como eu gostava de ti, dantes! Pois bem, agora e durante todo esse tempo gostei de ti o dobro, gostava de ti agora mil vezes mais do que dantes. Queria-te com loucura! Teria dado a minha alma por ti, o meu

sangue, teria arrancado o coração para depositá-lo a teus pés, ó alegria da minha vida!

– Então vá, beije-me, homem cruel, nos lábios, no rosto, como beija uma mãe! – exclamou Natacha numa voz dolente, débil, entrecortada por lágrimas de júbilo.

– E nos olhinhos também! Nos olhinhos também! Como dantes, lembras-te? – repetiu o velho depois de um meigo abraço à sua filhinha. – Oh, Natacha! Sonharias de noite comigo, tu? Eu sonhava contigo quase todas as noites, sonhava que voltavas para casa e eu chorava por ti, e uma vez tu vieste, eras pequenina, lembras-te? Como quando tinhas só dez anos e começavas a aprender piano… e trazias um vestidinho curto e uns sapatinhos muito bonitos e umas mãozinhas muito cor-de-rosa… Lembras-de como tinha as mãos rosadas, nesse tempo, Ânuchka? E vieste para mim e puseste-te de joelhos e abraçaste-me… Mas tu, tu, que menina má! Tu pudeste pensar que eu te amaldiçoara, que eu não te receberia se voltasses para casa? Pensaste uma coisa dessas? Pois já vês que eu… Ouve, Natacha, para que fiques sabendo: eu ia muitas vezes até tua casa, sem a tua mãe saber, sem ninguém saber; e parava debaixo das tuas janelas, à espreita; algumas vezes ficava lá metade do dia, às voltas para trás e para diante, no passeio em frente da tua casa. Podia ser que saísses para que eu pudesse ao menos ver os teus olhos! E na tua janela, ao escurecer, muitas vezes havia luz. Quantas vezes eu, Natacha, à noite, ia até tua casa, ainda que fosse só para ver brilhar essa luz e vislumbrar a tua sombra na janela e dar-te as boas noites! E tu também me davas as boas noites? Lembravas-te de mim? Pressentia o teu coração que eu estava ali, ao pé da tua janela? Quantas vezes, durante o inverno, já noite avançada, eu subia a tua escada, parava no patamar sombrio e me punha a escutar junto da tua porta! Podia ser que ouvisse a tua vozinha! Tu podias estar a rindo! E tinha-te eu amaldiçoado! Pois, ouve, para que saibas: uma noite fui até tua casa com a intenção de perdoar-te, cheguei junto da porta mas depois retrocedi… Oh, Natacha!

Ergueu-se, levantou-a da cadeira e estreitou-a fortemente contra o seu coração.

– Estás outra vez aqui, junto do meu coração! – exclamou – Oh, agradeço-te, meu Deus, por tudo, por tudo, tanto pela tua cólera como pela tua bondade! E pelo teu sol que brilha agora, depois da chuva, sobre nós! Dou-te graças por este momento! Oh! Podem ter-nos humilhado, podem ter-nos ofendido, mas estamos outra vez juntos e, agora, que cantem vitória esses orgulhosos e soberbos que nos humilharam e ofenderam! Que nos atirem pedras! Não receies, Natacha… Nós caminharemos de mãos dadas e eu vou lhes dizer: "Esta é a minha querida, a minha muito querida filha, a minha filha inocente, que vocês ofenderam e humilharam mas que eu amo e abençoo pelos séculos dos séculos!".

– Vânia! Vânia! – exclamou Natacha com voz fraca, estendendo-me a mão por entre o abraço do pai.

Oh, nunca mais esquecerei que se lembrou de mim nesse instante e me chamou!

– Onde está Nelly? – perguntou o velho olhando à sua volta.

– Ah, onde estará? – exclamou a velhinha. – Minha querida! Esquecemo-nos dela!

Ela não estava na sala. Sem que déssemos por isso, escapara-se para o quarto de dormir. Dirigimo-nos todos para lá. Nelly estava escondida num canto, atrás da porta e escondia-se de nós, medrosa.

– Nelly, que tens tu, minha filha? – exclamou o velho, fazendo menção de abraçá-la.

– E *mamacha*? Onde está *mamacha*? – exclamou, como se tivesse enlouquecido. – Onde está a minha *mamacha*? – tornou a exclamar estendendo-nos as mãos trementes.

E, de repente, um grito horrível, espantoso, se escapou do seu peito, espasmos contraíram o seu rosto e rolou por terra com um ataque violentíssimo.

## Epílogo

## Últimas recordações

Meados de junho. Dia quente e sufocante. É impossível permanecer na cidade. Pó, cal, casas em obras, pedras partidas, ar envenenado pelas emanações… Mas eis que, oh alegria! se anuncia uma tempestade. Pouco a pouco, o céu enevoa-se; o vento levanta-se, empurrando à sua frente nuvens de pó da cidade. Algumas grossas gotas caem pesadamente sobre a terra e depois parece que todo o céu desaba e verdadeiras torrentes de água se precipitam sobre a cidade. Quando, passada meia hora, o sol torna a brilhar, abro a janela do meu quarto e, avidamente, aspiro o ar fresco com o meu peito cansado. Extasiado, de boa vontade deixaria a pena e todos os meus trabalhos, e até o próprio editor, e iria com os meus para Vassílievski Óstrov. Mas por grande que seja este desejo, apresso-me no entanto a retomar a tarefa e, com novo ardor, lanço-me sobre os papéis. É preciso acabar, seja como for! O editor manda e, se não for assim, não dá dinheiro.

Lá, estão à minha espera; mas em compensação esta noite ficarei livre, completamente livre, como o vento; o serão me compensará destes últimos dias, nos quais escrevi três folhas.

E eis que o trabalho termina, finalmente, largo a pena e levanto-me, com dores nas costas e no peito, e enxaqueca. Sei que neste momento tenho os nervos abalados até mais não poder e julgo escutar as últimas palavras que me disse o meu velho médico, “Não, não há saúde nenhuma que resista a semelhante esforço porque isso é impossível”. No entanto, até agora tem sido possível. Sinto a cabeça rodando; mal posso suster-me de pé, mas uma alegria, uma alegria infinita enche o meu coração. O meu romance está concluído, e o editor, embora lhe deva já bastante, deve dar-me com certeza alguma coisa, quando vir o original nas suas mãos, ainda que sejam só cinquenta rublos, e eu, há já muito tempo que não vejo em meu poder tanto dinheiro junto. Liberdade e dinheiro! Cheio de entusiasmo, pego o chapéu, meto o manuscrito debaixo do braço e corro, para ver se vou encontrar ainda em casa o nosso caríssimo Alieksandr Pietróvitch.

Encontro-o mas disposto já a sair. Ele acaba também por sua vez de fazer um contrato, não literário, mas muito mais proveitoso, e

depois de despedir certo judeu melancólico, com o qual esteve em conferência duas horas seguidas no seu gabinete, estende-me afetuosamente a mão e, com a sua simpática, pastosa voz de baixo, pergunta-me pela minha saúde. É um bom homem e estou-lhe seriamente agradecido. Que culpa tem que lhe tenha cabido em sorte ser toda a sua vida, no campo literário, somente editor? Disse para ele que a literatura precisava de editores e disse-o muito oportunamente. Honra e glória lhe seja por isso… Glória editorial, naturalmente!

Com um sorriso amável fica sabendo que o romance está pronto e que o próximo número da revista contará assim com uma seção principal, admira-se que eu tenha podido terminar qualquer coisa, e diz isso com a intenção de ser sutil. Depois vai ao seu cofre de ferro para dar-me os prometidos cinquenta rublos e, entretanto, estende-me um volumoso jornal inimigo e indica-me algumas linhas na seção de crítica, onde dedicam duas palavras ao meu último romance.

Olho. É um artigo do *Copista*. Aí, não me insultam nem me elogiam, e fico muito satisfeito. Mas o *Copista* diz, entre outras coisas, que a leitura das minhas obras, de maneira geral, “cheira a suor”; isto é, que eu devo suar, fazer um grande esforço para as escrever; a tal ponto as enfeito e retoco, que as deixo sem graça nenhuma.

Rio, com o editor. Prometo-lhe escrever o meu próximo romance em duas noites; e agora, em dois dias e duas noites, escrevi duas folhas. Se esse *Copista*, que censura a excessiva dificuldade e a pesada lentidão dos meus trabalhos, soubesse disto!

– No entanto, o senhor é quem tem a culpa, Ivan Pietróvitch. Por que se descuida assim tanto, a ponto de ter necessidade de trabalhar à noite?

Não há dúvida de que Alieksandr Pietróvitch é uma boa criatura, embora tenha a sua opinião literária, sobretudo diante daqueles que, como ele mesmo suspeita, me percebem as intenções. Mas eu não quero discutir literatura com ele; guardo as folhas de papel e pego o chapéu. Alieksandr Pietróvitch dirige-se à ilha, à sua casa de campo, e quando me ouve dizer que eu vou a Vassílievski, oferece-se generosamente para me levar até lá na sua carruagem.

– Tenho uma carruagem nova. Já a viu? É esplêndida.

Subimos. A carruagem na verdade era magnífica e Alieksandr Pietróvitch, nestes primeiros dias, sente uma grande complacência e uma espécie de necessidade espiritual de conduzir nela os seus amigos.

Na carruagem, Alieksandr Pietróvitch torna a insistir nas suas opiniões acerca da literatura contemporânea. Não se sente inibido na minha presença e, com toda a tranquilidade, repete-me várias opiniões alheias, que deve ter ouvido nestes dias a algum literato cujo critério lhe merece respeito. Por sinal que, às vezes, lhe acontece apreciar coisas bem estranhas. Acontece-lhe também modificar as opiniões dos outros, ou interpô-las onde não ficam bem, de maneira que faz assim uma grande barafunda. Eu estou sentado, admiro a diversidade e a fantasia dos indivíduos apaixonados. “Bem, eis aqui um homem – penso comigo – que deve ganhar dinheiro, com certeza, mas que apesar disso ainda precisa da fama literária, da fama de bom editor e de crítico.”

Neste momento põe-se a expor-me pormenorizadamente um pensamento literário que há três dias ouviu de mim, e pelo qual há três dias tivemos uma discussão, o que não impede que, agora, o apresente como seu. Mas fraquezas destas costumam acontecer a Alieksandr Pietróvitch a todos os instantes, e esta sua fraqueza inocente é conhecida de todos os seus amigos. Como vai contente, discursando na sua carruagem! Como está contente com a sua sorte, e vaidoso! Mantém uma dissertação de literato oculto, e com a sua pastosa e pundonorosa voz de baixo, abarrota de erudição. Pouco a pouco assume um tom liberal e passa a uma convicção levemente céptica, de que a nossa literatura, e a literatura de uma maneira geral, seja qual for e em todos os tempos, não pode ser honrada nem modesta, e que não passa de uma troca de safanões, sobretudo nos começos literários.

Digo comigo que, para Alieksandr Pietróvitch, todo escritor modesto e sincero, se não é tolo é pelo menos um ingênuo, devido a essa mesma honestidade e sinceridade. É claro que semelhante opinião deriva da extraordinária ingenuidade de Alieksandr Pietróvitch.

Mas deixei de escutá-lo. Na ilha Vassílievski saio da carruagem e corro para os meus. Eis aqui a Linha Treze e aqui está a sua casinha. Quando me vê, Anna Andriéievna ameaça-me com o dedo, estende-me as mãos e faz-me um sinal para que não faça barulho.

– Nelly acaba de adormecer. Pobrezinha! – diz-me em voz baixa. – Pelo amor de Deus, não faça barulho! Ela está tão fraca, coitadinha! Andamos preocupados. O médico diz que, por agora, não é nada. Mas quem é que consegue arrancar-lhe a verdade, ao seu médico? E não será sua a culpa, Ivan Pietróvitch? Estávamos à sua espera, esperávamo-lo para o almoço… e há dois dias que não aparece…

– Mas se há três dias os avisei que durante dois não poderia vir! – disse eu em voz baixa a Anna Andriéievna. – Tinha de acabar um trabalho…

– Prometera-nos que viria hoje almoçar conosco. Por que não veio? Nelly levantou da cama de propósito, coitadinha, e foi acomodada muito sossegada na sua poltrona. Foi assim mesmo, levantou para vir assistir ao almoço. “Quero acompanhar-vos à mesa, a vós e a Vânia.” E o nosso Vânia sem aparecer. E já são quase sete horas! Por onde tem andado? Sempre me saiu um maroto! Pois fique sabendo que ela estava tão desassossegada que eu já não sabia o que havia de dizer-lhe… Felizmente que por fim acabou por adormecer. Pobre anjo! Nikolai Sierguiéitch saiu, morto de fome, só com o chá, e eu estou quase caindo de fraqueza… Saiu, ele, Ivan Pietróvitch; calculo que deve ter ido a Perm, é uma ideia que eu tenho…

– E Natacha?

– Está no jardim, meu amigo, no jardim! Vá vê-Ia… Ela também me parece… Não posso compreender… Ah, Ivan Pietróvitch, sempre tenho um desgosto! Quer convencer-me de que anda contente e alegre, mas a mim não me engana ela… Vá vê-la, Vânia, e diga-me depois, em segredo, o que acha… Está me ouvindo?

Mas eu já não ouço Anna Andriéievna e corro para o jardim. Esse jardinzinho pertence à casa; tem vinte passos de comprimento, e outro tanto de profundidade, e está todo verde.

Há nele três árvores fortes, velhas e frondosas, alguns tenros vidoeiros, algumas sebes de lilaseiros e madressilvas, um cantinho de framboesas, dois canteiros de morangueiros e dois estreitos e sinuosos carreirinhos, um à largura e outro transversal. O velho está entusiasmado com este jardinzinho e afirma que não tardará a dar míscaros. O importante é que Nelly gostava muito do jardinzinho e a trazem com frequência, numa cadeira, para o caminho traseiro, e que Nelly é agora o ídolo de toda a casa. Mas eis aqui Natacha; vem receber-me com alegria e estende-me a sua mão. Como está magra e pálida! Se ainda há tão pouco tempo esteve doente!

– Então, já o acabaste todo, Vânia? – pergunta-me ela.

– Todo, todo! Tenho a noite toda por minha conta.

– Ainda bem, graças a Deus! Trabalhaste muito depressa? Fizeste um grande esforço?

– Que havia eu de fazer? Mas isso não tem importância. Eu trabalho sempre debaixo de uma certa tensão nervosa, debaixo de uma certa excitação; vejo assim mais claramente as coisas, sinto com mais vivacidade e profundidade, e até o temperamento me obedece, de maneira que o trabalho forçado é o que me sai sempre melhor…

– Ah, Vânia, Vânia!

Reparo que Natacha, nos últimos tempos, se interessa estranhamente pelos meus êxitos literários, pela minha fama. Tem uma nota de tudo quanto publiquei o ano passado; pergunta-me minuciosamente pelos meus planos futuros; segue com atenção todas as críticas que me dedicam; aborrece-se com algumas e empenha-se decididamente em que eu sobressaia na literatura. Exprime o seu desejo com tal energia e altivez que fico admirado.

– Simplesmente tu te precipitas, Vânia – diz-me ela. – Fazes esforços demasiados e precipitas-te e, além disso, estragas a tua saúde. Repara em C***, que em dois anos só publicou dois romances e N*** que, em dez, apenas escreveu um, ao todo. Mas em compensação, como tudo isso está correto e primoroso! Não encontras aí nem um só descuido!

– Sim, mas esses têm a vida garantida e não têm de escrever a prazo fixo, ao passo que eu… sou um cavalo de posta. Bom, mas tudo isto é absurdo. Deixemos isso, minha amiga. Que há de novo?

– Muitas coisas. Em primeiro lugar, carta dele.

– Outra?

– Outra – e entregou-me uma carta de Alhocha.

Era a terceira depois da separação. A primeira escrevera-a quando ainda estava em Moscou e escreveu-a num arrebatamento. Apercebera-se de que as circunstâncias se tinham transformado de tal maneira que lhe era impossível regressar de Moscou a Petersburgo, conforme pensara antes da separação. Na segunda carta apressava-se a anunciar-lhe que dentro de dias estaria conosco, para casar-se o mais depressa possível com Natacha, coisa que estava resolvida e que não haveria força alguma no mundo capaz de impedir. E, no entanto, depreendia-se do tom geral da carta que estava desesperado, que uma influência estranha se apoderara por completo dele e nem mesmo acreditava no que dizia. Recordava, entre outras coisas, que Kátia era a sua providência e a única pessoa que o consolava e animava.

Foi com avidez que abri a terceira carta. Era uma carta de duas páginas, escrita de uma maneira incoerente, desalinhada, à pressa e com letra indecifrável, salpicada de borrões e de lágrimas. Começava Alhocha por dizer que renunciava a Natacha e pedia-lhe que o esquecesse. Esforçava-se por mostrar que o seu casamento era impossível, que certa influência estranha, hostil, era mais forte do que tudo, e que, finalmente, tinha de ser assim; que ele e Natacha, juntos, seriam infelizes, porque não eram iguais. Mas não podia conter-se e, de repente, pondo de parte os raciocínios e as demonstrações, começava a dizer, de repente e sem transição, sem largar a pena, que procedera mal para com Natacha; que era um homem perdido e não tinha forças para opor-se à vontade do pai, que aparecera na aldeia. Dizia também que não se sentia com energia suficiente para descrever a sua dor; confessava, entre outras coisas, que se sentia completamente capaz de fazer Natacha feliz; punha-se de repente a demonstrar que eram os dois muito parecidos; rebatia as afirmações

paternas com teimosia, com rancor; desesperado, dispunha-se à descrição do quadro da felicidade de toda a sua vida, da vida que se depararia aos dois, a ele e a Natacha, se chegassem a casar; amaldiçoava-se a si próprio pela sua falta de caráter e… terminava despedindo-se *in aeternum*. Essa carta estava escrita com pesar; era evidente que devia tê-la amarrotado, completamente fora de si; a mim vieram lágrimas aos olhos… Natacha deu-me outra carta, de Kátia. Esta carta chegara dentro do mesmo sobrescrito que a de Alhocha, mas fechada. Kátia, muito laconicamente, em poucas linhas, participava-lhe que Alhocha estava de fato muito triste, que chorava muito e mostrava indícios de desespero e parecia até adoentado; mas que ela estava a seu lado e ele seria feliz. Entre outras coisas esforçava-se Kátia por explicar a Natacha, para que esta não se afligisse muito, que Alhocha não tardaria a consolar-se e que a sua dor não devia ser muito profunda. "Nunca se esquecerá de você – acrescentava Kátia – e não poderá esquecê-la nunca, porque não tem temperamento para isso. Ama-a muito; continuará amando-a sempre e, se deixasse de amá-la algum dia, se alguma vez deixasse de sentir tristeza ao evocar a sua recordação, eu própria deixaria de amá-lo imediatamente por esse fato."

Restituí as duas cartas a Natacha. Troquei um olhar com ela e não dissemos nada. Assim fizéramos também quando das duas primeiras cartas e, de uma maneira geral, evitávamos falar do passado, como se tivéssemos feito essa combinação. Ela sofria muito, eu bem via; não queria que ninguém percebesse. Depois do regresso à casa de seus pais esteve de cama durante três semanas, com febre e agora se encontrava apenas em convalescença. Também falávamos da próxima mudança das circunstâncias, apesar de ela saber que iriam dar um destino ao velho e que em breve teríamos de nos separar. Mas apesar disso mostrava-se sempre carinhosa e atenciosa comigo, e preocupava-se também com tudo quanto me dizia respeito, nesse tempo; escutava com muita atenção e firmeza tudo quanto eu lhe dizia de mim, de tal maneira que isso chegava a custar-me, pois parecia que queria recompensar-me por causa do passado. Mas não tardou que este escrúpulo meu desaparecesse; compreendi que tinha outro desejo muito diferente; que me amava, simplesmente; que me amava muito, que não podia viver sem mim e não esquecia coisa alguma que a mim

se referisse, e de maneira tal que nunca uma irmã amou o seu irmão assim. Eu sabia muito bem que a nossa separação iminente lhe dilacerava o coração; que Natacha sofria, e ela sabia também que eu não podia viver sem ela; mas não falávamos disto, apesar de falarmos muito pormenorizadamente dos próximos acontecimentos.

Perguntei-lhe por Nikolai Sierguiéitch.

– Penso que não se demora – respondeu-me Natacha. – Prometeu estar aqui para o chá.

– Anda tratando do seu destino?

– Sim; aliás, hão de dar-lhe um destino, com certeza; mas parece-me que hoje, não foi por causa disso que saiu – acrescentou, pensativa. – Creio que, disso, tratará amanhã.

– Então por que saiu?

– Porque eu recebera carta… Está a tal ponto apaixonado por mim – acrescentou Natacha, depois de um silêncio – que até me custa, Vânia. Parece que até em sonhos não vê mais ninguém senão a mim. Tenho a certeza que, tirando a minha saúde, a minha disposição, aquilo em que eu poderei estar pensando, não pensa em mais nada. Todos os meus desgostos se refletem nele. Eu própria vejo os esforços que ele faz, às vezes desajeitadamente, para conter-se e não dar a entender o que sofre por minha causa; finge alegria e faz por rir e por nos fazer rir a nós. A mamãe também não acredita na sua alegria e suspira… É tão desajeitado! Uma alma ingênua! – acrescentou, sorrindo. – Hoje, por exemplo, quando eu recebi a carta, não teve outro remédio senão sair logo correndo, para não encontrar o meu olhar… Eu gosto mais dele do que de mim própria, mais do que de toda a gente, Vânia – acrescentou, baixando a cabeça e apertando-me a mão. – Até mais do que de ti…

Demos duas voltas ao jardinzinho antes que ela recomeçasse a falar.

– Esta noite, Maslobóiev virá também ver-nos – disse.

– Sabes por que vem ele? *Mamacha*, não sei por que, tem fé nele. Pensa que ele sabe tanto de tudo (de leis e de outras coisas), que poderá tratar de qualquer assunto. Sabes em que é que ela anda agora pensando? Pois custa-lhe muito que eu não tenha chegado a ser princesa. Este pensamento a deixa num desassossego e parece-me que acabou por desabafar com Maslobóiev. Com o meu pai não se atreve ela a falar destas coisas e pensa: "Não se poderia conseguir qualquer coisa por meio de Maslobóiev, ainda que tivesse de recorrer às leis?". Pelo visto Maslobóiev não a contradiz e ela vai-lhe oferecendo aguardente – acrescentou Natacha sorrindo.

– Não falemos mais desse velhaco. Mas como é que sabes isso? –

– Ora, porque foi a própria *mamacha* que me deu a entender, por alusões…

– E Nelly? Como está? – perguntei.

– Fazes-me admirar, Vânia. Só agora perguntas por ela – disse Natacha em tom de censura.

Nelly era o ídolo de todos naquela casa. Natacha gostava muito dela e Nelly correspondia-lhe finalmente com todo o seu coração. Pobre pequena! Não podia imaginar existissem no mundo seres assim, que pudessem gostar tanto dela, e eu via com prazer que o seu temperamento arredio se ia abrandando e a todos abria a sua alma. Apoderava-se de todo aquele carinho que a rodeava, com um ardor doentio, por aversão a todo o passado, que gerara nela a desconfiança, o aborrecimento e a inflexibilidade. Aliás, ainda agora, por muito tempo Nelly se mostrou obstinada; ocultou de nós, de propósito, as lágrimas de reconciliação que, afluíam aos seus olhos, até que finalmente se nos entregou por completo. Queria muito a Natacha e depois afeiçoou-se ao velho. Também eu me tornei tão indispensável para ela, que caía doente quando tardava um pouco mais a aparecer. Da última vez, quando me despedi por dois dias, para terminar definitivamente o meu trabalho, tive de convencê-la… evidentemente, que com muitos rodeios. No entanto Nelly tinha muito pudor de descobrir os seus sentimentos, com demasiada franqueza…

Dava muita preocupação a todos. Tacitamente, sem a menor

discussão, ficou resolvido que já não sairia mais de casa de Nikolai Sierguiéitch; entretanto a data da partida aproximava-se e ela estava cada vez pior. Adoecera no dia em que eu a levei à casa dos velhos, no dia em que estes se reconciliaram com Natacha. Mas que culpa tinha eu? Doente, sempre ela estivera. A doença já antes se fora desenvolvendo gradualmente, e agora começava a agravar-se com extraordinária rapidez. Não sei nem posso descrever exatamente o seu mal. Os ataques, é verdade, repetiam-se agora com mais frequência do que antes; mas o principal era certo esgotamento e enfraquecimento de todas as suas energias, febre e excitabilidade contínuas… o que, tudo junto, acabou por conduzi-la, nos últimos dias, ao extremo de não poder já levantar da cama. E, coisa estranha, quanto mais a doença se apoderava dela, mais comunicativa e carinhosa Nelly se punha para conosco. Três dias antes pegou-me na mão quando eu passei junto da sua caminha e puxou-me. No quarto não estava mais ninguém. O seu rosto queimava (estava espantosamente fraca) e os seus olhos pareciam deitar fogo. Apertou-se contra mim num arrebatamento convulsivo e, quando eu me inclinava para ela, cingiu-me com força o pescoço, com as suas mãozinhas morenas, magras, deu-me um beijo, e depois, logo a seguir, pediu-me que chamasse Natacha. Nelly queria a todo custo que Natacha sentasse na beira da cama e a contemplasse.

– Eu também tinha muita vontade de olhar para ela – dizia. – E ontem vi-a em sonhos e esta noite hei de vê-la também… Eu sonho muito com você… todas as noites…

Além de mim, gostava de Nikolai Sierguiéitch, mais do que ninguém. É preciso dizer que Nikolai Sierguiéitch gostava quase tanto dela como de Natacha. Tinha um jeito especial para fazer rir e distrair Nelly. Assim que ele assomava à porta do seu quarto, logo ela se punha a rir e até com meiguice. A doentinha alegrava-se como uma criança, gracejava com o velho, ria-se dele, contava-lhe os seus sonhos e o velho ficava tão contente, tão vaidoso, ao ver a sua filhinha Nelly, que cada dia saía dali mais entusiasmado com ela.

– Foi Deus que a mandou a nós como recompensa dos nossos sofrimentos – disse-me uma vez ao sair do quarto de Nelly, depois de lhe ter deitado a bênção, como costumava, todas as noites.

Todos os dias, ao fim da tarde, quando nos reuníamos todos (Maslobóiev, ia também por ali quase todas as tardes), também o velho médico costumava fazer-nos companhia, pois ganhara amizade aos Ikhmiênievi; e traziam-nos também Nelly na sua poltrona e colocavam-na junto da mesa redonda. Abriam a porta da varanda e víamos então todo o jardinzinho verde, iluminado pelo sol poente. Dele subia o perfume da erva fresca e dos lilases desabrochados. Nelly, sentada na sua poltrona, olhava para todos amigavelmente e escutava a nossa conversa. Às vezes reanimava-se e começava também a falar… Mas quase sempre, nesses momentos, todos nós a escutávamos com extraordinária inquietação, pois nas suas recordações havia casos sombrios em que não era possível tocar. Tanto eu como Natacha e os lkhmiênievi, sentíamos e compreendíamos toda a nossa culpa para com ela a partir do dia em que, tremente e esgotada, se vira obrigada a contar-nos a sua história. Sobretudo o médico era inimigo dessas evocações e esforçava-se geralmente por mudar de conversa. Nesses casos Nelly procurava não nos dar a entender que compreendia os nossos esforços e punha-se a rir do médico ou de Nikolai Sierguiéitch.

E, no entanto, estava cada vez pior. Tornara-se extremamente sensível. O seu coração pulsava com irregularidade. O médico dizia-me que podia morrer de um dia para o outro.

Eu não falei disto aos lkhmiênievi para os não alarmar. Nikolai Sierguiéitch estava firmemente convencido de que ela havia de ficar boa durante a viagem.

– Olha, o papá já voltou – disse Natacha, que ouvira, a sua voz. – Vamos encontrá-lo, Vânia!

*

Assim que entrou, Nikolai Sierguiéitch começou a falar em voz alta. Anna Andriéievna teve de fazer-lhe também sinal com as mãos. O velho conteve-se imediatamente e, quando nos viu, a mim e a Natacha, começou a contar-nos o resultado das suas diligências, com precipitação e em voz baixa. O terreno que pedira estava já à sua disposição e ele estava muito contente.

– Daqui a duas semanas teremos de pôr-nos a caminho – disse, esfregando as mãos e olhando, solícito, de soslaio, para Natacha. Esta respondeu-lhe com um sorriso e abraçou-o, e com isso imediatamente se desvaneceram as suas dúvidas.

– Vamos para lá, vamos para lá, meus amigos! – exclamou ele, alegre. – Só temos pena de nos separarmos de ti, Vânia…

(Devo fazer notar que nem uma só vez me tinha proposto viajar com eles, o que, a avaliar pelo seu caráter, infalivelmente teria feito… noutras circunstâncias, isto é, se não tivesse sabido do meu amor por Natacha.)

– Bem, que se há de fazer, meus amigos, que se há de fazer? Tenho muita pena, Vânia, mas a mudança de ares vai dar a todos nova vida… A mudança de lugar… quero dizer, a mudança de tudo! – acrescentou, olhando outra vez para a filha.

Tinha fé naquilo e estava contente com a sua fé.

– Mas… e Nelly? – disse Anna Andriéievna.

– Nelly? Ah, sim, é verdade… Coitadinha, está doentinha; mas com certeza que daqui até lá ficará boa. Agora já está melhor, não achas, Vânia? – disse, um pouco assustado, e olhou-me com inquietação, como se eu tivesse o dever de dissipar as suas dúvidas.

– Como está? Como dormiu? Não lhe aconteceu nada? Sabes uma coisa, Anna Andriéievna? Vamos pôr uma mesinha no terraço; levaremos para lá o samovar, vamos todos nos sentar, e Nelly juntamente conosco… Verás como vai ser bom. Ela ainda não teria acordado? Vou vê-la. Só olhar… Não te preocupes! – acrescentou, ao ver que Anna Andriéievna tornava a agitar as mãos.

Nelly já acordara. Passado um quarto de hora, todos nós nos encontrávamos sentados à volta da mesa, para o chá da tarde. Trouxeram Nelly na sua poltrona. O médico apareceu, bem como Maslobóiev, que trouxe um ramo de lilases para Nelly; mas parecia um pouco preocupado e triste.

De fato, Maslobóiev ia ali quase diariamente. Disse já que todos nós, e sobretudo Anna Andriéievna, gostávamos muito dele; mas nunca nos lembrávamos dos serviços de Alieksandra Siemiônovna; nem o próprio Maslobóiev se lembrava deles. Quando Anna Andriéievna soube por mim que Alieksandra Siemiônovna ainda não conseguira fazer dele seu marido segundo a lei, tomou a resolução de tratar desse assunto; mas falar dele, em casa, era impossível. A própria Anna Andriéievna respeitava este princípio, embora fosse fazendo muitos projetos. Pode ser que, se Natacha não estivesse ali e, sobretudo, se não tivesse acontecido o que aconteceu, pode ser que não estivesse com tantos cuidados.

Nessa tarde Nelly estava especialmente murcha e também preocupada com alguma coisa. Parecia ter tido um pesadelo e que pensava nele. Mas o presente de deixou-a bem disposta e contemplou com prazer as flores que tinham colocado diante dela num vaso.

– Já vejo que gostas muito de flores, Nelly – disse o velho. – Olha! – acrescentou, como se tivesse tido uma ideia. – Amanhã… Também… Bem, depois verás!

– Gosto – respondeu Nelly – e lembro-me de como uma vez demos um ramo de flores à minha mãezinha. A minha *mamacha*, quando nós ainda estávamos lá – "lá", significava no estrangeiro – esteve uma vez um mês inteiro muito doente. Eu e Heinrich combinamos que, quando ela levantasse da cama e saísse pela primeira vez do quarto, onde estivera um mês inteiro, havíamos de encher de flores a casa toda. E assim fizemos. Uma noite, *mamacha* disse que, no dia seguinte, de manhã, levantaria sem falta para ir almoçar conosco. Levantamos muito cedinho. Heinrich trouxe muitas flores e, os dois, enchemos a casa de folhas verdes e grinaldas. Havia hera e também umas flores muito largas… que já não sei como se chamam, e ainda outras que se colam a tudo, e também umas flores grandes, brancas, e narcisos, que são as flores de que eu gosto mais, e rosas, umas rosas lindíssimas, e muitas, muitas outras flores. Armamos grinaldas e ramos e, tantas flores havia ali, que pareciam plantas completas em grandes vasos; espalhamo-las por todos os cantos e, quando apareceu, *mamacha* ficou muito admirada e muito contente… Ainda me lembro.

Nessa noite Nelly estava especialmente fraca e nervosa. O médico olhava-a, inquieto. Tinha muita vontade de falar. E, durante muito tempo, até se fazer noite, contou-nos coisas da sua vida anterior, no estrangeiro; não a interrompemos.

"Lá", viajara muito com *mámienhka* e com Heinrich e as suas recordações desse tempo permaneciam na sua memória com toda a clareza. Comovida, falava-nos dos céus azuis, das altas montanhas de neve que vira e percorrera, das torrentes, das fontes; depois, dos lagos e dos vales da Itália, das flores e das árvores, dos habitantes das aldeias, dos seus trajes, dos seus rostos morenos e dos seus olhos negros; contava-nos vários encontros e episódios que aí se tinham passado. Depois falava-nos das grandes cidades e palácios, dos altos templos com cúpulas, todos iluminados à volta com luzes de várias cores; depois, da cidade quente, em junho, com o céu azul e o mar azul… Nunca Nelly nos contara tão pormenorizadamente as suas recordações. Escutávamo-la com a maior atenção. Até aí, só sabíamos dela, as suas próprias recordações: na cidade sombria, severa, de atmosfera sufocante, opressiva, de ambiente carregado, de suntuosos palácios, sempre manchados de sujidade; com um sol turvo, gente pobre e má, meio enlouquecida, que tanto a fizera sofrer, a ela e à sua mãe. E eu imaginava como as duas, no seu porão infecto, pelas tardes úmidas e sombrias, estendidas no seu mísero enxergão, haviam de ter recordado o passado, o falecido Heinrich e as maravilhas das terras exóticas… Imaginava também Nelly recordando tudo isso já sozinha, sem a sua *mámienhka* quando a Bubnova, com pancadas e selvagem crueldade, queria dominá-la e obrigá-la a coisas torpes.

Até que Nelly começou a sentir-se mal e a levaram para dentro. O velho médico ficou muito alarmado e lamentou que a deixassem falar tanto. Sofrera um ataque, uma espécie de síncope. Esse ataque já se repetira várias vezes. Assim que melhorava, Nelly dizia que me queria ver. Precisava de dizer-me qualquer coisa, unicamente a mim. Insistia tanto nisso que, dessa vez, o próprio médico quis que eu satisfizesse esse seu desejo, e todos saíram do quarto.

– Olha, Vânia – disse Nelly, assim que ficamos sós – eu sei que eles julgam que eu os acompanharei; mas eu não poderei ir com eles, porque não estou em condições; por isso ficarei contigo; era isto o que

eu te queria dizer.

Tentei convencê-la; disse-lhe que em casa dos Ikhmiênievi todos gostavam dela, que a consideravam como uma filha. Que todos haviam de sentir muito se ela não os acompanhasse. Que, pelo contrário, a vida comigo ia ser para ela muito mais difícil, e que, embora eu gostasse muito dela, isso não interessava, pois não tínhamos outro remédio senão separarmo-nos.

– Não, isso não pode ser! – respondeu Nelly com decisão. – Porque eu vejo muitas vezes a minha *mamacha* em sonhos e ela diz-me que não vá com eles e fique aqui; diz-me que eu cometi muitos pecados; que deixei o avô sozinho, e vejo-a sempre chorando quando me diz tudo isso. Eu quero ficar aqui e visitar o avô, Vânia.

– Mas se o teu avô morreu, Nelly – disse eu, depois de escutá-la com assombro.

Ela refletiu e olhou-me assombrada.

– Conta-me outra vez, Vânia – disse – como o avô morreu. Conta-me tudo, sem esqueceres nada.

Este pedido espantou-me; no entanto comecei a contar-lhe tudo circunstanciadamente. Parecia-me que ela delirava ou, pelo menos, que não estava ainda absolutamente lúcida depois do ataque. Escutou atentamente a minha narrativa e lembro-me de como os seus olhos escuros e de um brilho doentio e com cintilações febris continuavam fixos e atentos enquanto eu falava. No quarto já estava escuro.

– Não, Vânia, não morreu! – disse resolutamente e uma vez mais ficou meditando. – A minha mãe costuma falar-me do avô e quando eu ontem lhe disse: “Mas se o avô já morreu!”, ela ficou muito zangada, pôs-se a chorar e disse-me que não, que me tinham feito acreditar nisso com alguma intenção, mas que ele agora andava pedindo esmola, “tal como dantes a pedia contigo”, disse *mamacha*, e vai sempre àquele lugar onde nos encontramos naquele dia, quando eu me deitei a seus pés e Azorka me conheceu…

– Isso são sonhos, Nelly, sonhos doentios, porque agora estás

doentinha – disse-lhe.

– Eu também penso isso, que são sonhos – concordou Nelly – e não os contei a ninguém. Só queria contar a ti. Mas hoje quando adormeci, visto que não vinhas, vi o próprio avô em sonhos. Estava na sua casa, sentado à mesa, à minha espera, e estava estranho, muito apoquentado, e disse-me que havia dois dias não comia, e Azorka também não, estava muito zangado comigo e censurava-me. Também me disse que não tinha nem um pó de rapé, e que sem rapé, a vida é impossível. De fato, Vânia, em tempos ele disse-me a mesma coisa, já depois de a minha *mamacha* ter morrido, quando eu fui vê-lo. Estava então muito doente e quase já nem conhecia as pessoas. Pois hoje tornou a dizer isso e então eu pensei: "Então hei de ir para o passeio, pedirei esmola e, com o que me derem, compro-lhe pão, batatas fritas e tabaco." E pareceu-me que eu própria me levantava e vi que o avô andava por ali, fez uns rodeios e depois vai, aproxima-se e olha para ver quanto angariei e tira-me o dinheiro. "Isto – disse ele – é para pão; agora pede para tabaco." Eu peço, ele torna a aparecer e novamente tira-me o dinheiro. Eu lhe digo que não era preciso ele ter vindo, pois eu lhe daria tudo e não ficaria com nenhum. "Não – disse ele – tu roubas-me; a Bubnova disse-me que tu és uma ladra e por isso eu também nunca te admitirei em minha casa. Que fizeste do outro *piatak*?" Pus-me a chorar com pena de que ele não acreditasse em mim; mas ele não quis escutar-me e pôs-se a gritar: "Roubaste-me um *piatak*". E começou a bater-me ali mesmo, no passeio, e doía-me. E eu chorava muito… Aí tens, Vânia, a razão por que eu me lembrei de que ele ainda devia viver, e vai pôr-se à espreita, em qualquer lugar, à espera que eu passe…

Tornei a tentar convencê-la de que não era assim e, finalmente, pelo menos na aparência ficou convencida. Respondeu-me que, agora, tinha medo de adormecer porque via o avô. Por fim abraçou a mim num abraço muito apertado…

– Eu, apesar de tudo, não posso deixar-te, Vânia! – disse-me, roçando o seu rostinho pelo meu. – Ainda que isso do avô não seja verdade, eu não me separarei de ti.

Em casa estavam todos alarmados com o ataque de Nelly. Eu

comuniquei em voz baixa ao médico todos os seus desvarios e perguntei-lhe categoricamente o que pensava da sua doença.

– Ainda não há nada de certo – respondeu-me, pensativo. – Até agora me limito a fazer conjeturas, a refletir, a observar, mas… não há nada de positivo. Em princípio, é impossível que recupere a saúde. Morre. Não lhe digo por ter perguntado; mas eu andava muito inquieto e pensei reunir amanhã uma junta médica. Pode ser que a doença tome outro aspecto, depois da consulta. Mas eu tenho muita pena dessa criatura, como de uma filha minha… Pobre menina! E com um feitio tão brincalhão!

Nikolai Sierguiéitch estava particularmente comovido.

– Olha, Vânia, eu pensei – disse-me – que ela gosta muito de flores. Sabes uma coisa? Vamos arranjar para amanhã, para quando ela acordar, um ramo de flores como as que ela arranjou para a mãe, juntamente com o Heinrich da sua história, conforme nos contou hoje… Com que comoção ela nos contou tudo isso!

– Com demasiada comoção – respondi eu. – As comoções, agora, são perigosas para ela…

– Sim, mas as comoções agradáveis não. Acredita, *golubtchik*, acredita na minha experiência, as comoções agradáveis não fazem mal, podem até curar, restituir-nos a saúde.

Em resumo: esta ideia seduzia tanto o velho que já estava entusiasmado com ela. Teria sido impossível fazer-lhe qualquer objeção. Pedi conselho ao médico; mas antes que tivesse podido pensar, já Nikolai Sierguiéitch pegara num saco e corria a pôr em prática a sua iniciativa.

– Olha – disse quando saía – perto daqui há uma estufa de plantas, uma estufa magnífica. Os jardineiros vendem as flores. Há lá tantas e tão baratas! Dão-nas quase de graça! Se eu falasse disto a Anna Andriéievna começava imediatamente a rezingar contra os gastos. Bem, mas ouve uma coisa, meu amigo, onde vais tu agora? Já acabou o teu trabalho? Que pressa tens tu de voltar para casa? Fica para dormir conosco no quarto pequeno, lá em cima, lembras-te?

Ainda está como dantes. Ainda lá está o teu colchão e a tua cama; tudo no mesmo lugar de dantes e bem arrumado. Dormirás como um rei de França. Ficas? Amanhã levantamos cedinho, trazemos as flores, e às oito enchemos com elas a casa toda. Natacha também nos ajudará; ela tem mais gosto do que nós dois juntos… Então, estás de acordo? Ficas?

Decidiram que eu passaria ali a noite. O velho tratou de tudo. O médico e Maslobóiev despediram-se e retiraram-se. Os Ikhmiênievi costumavam deitar cedo, às onze. Quando saiu, Maslobóiev parecia preocupado e desejoso de me dizer qualquer coisa, mas que a deixava para outra ocasião. Quando eu, depois de despedir-me do velho, subia para o meu quartinho, fiquei admirado quando o vi ali de novo. Estava sentado junto de uma mesinha, à minha espera, folheando um livro.

– Voltei, Vânia, porque agora está melhor. Senta-te aqui. Repara que coisa tão estúpida, tão lamentável, até…

– De que se trata?

– É que o patife do príncipe tornou a cometer outra proeza, ainda não há duas semanas, e de tal gênero que ainda me sinto indignado.

– Mas que foi? Continuas em relações com o príncipe?

– Bem, aí vens tu com perguntas, quando mal sabe Deus o que se passou… Tu, meu amigo Vânia, és exatamente como a minha Alieksandra Siemiônovna e, de maneira geral, todo esse insuportável mulherio… Não posso tolerar as mulheres… Assim que um corvo grasna logo nos vêm com: “O que foi? De que se trata?”.

– Não te zangues.

– Eu não estou zangado, mas acho que é preciso, em todos os assuntos, ver as coisas calmamente, não exagerar… eis tudo.

Ficou calado por um momento, como se ainda estivesse zangado comigo. Eu não o interrompi.

– Olha, meu amigo – insistiu – eu estou metido num caso; ou

melhor, verdadeiramente não estou, nem isso teve também as consequências que eu imaginava; de certas razões deduzi eu que Nelly podia ser… Numa palavra, que podia ser filha legítima dum príncipe.

– Que dizes?!

– Lá vens tu com o teu “Que dizes?!”. Com indivíduos assim não é possível falar! – exclamou, gesticulando com violência. – Eu afirmei alguma coisa, cabeça de alho chocho? Eu te disse que ela é filha legítima dum príncipe? Foi isso o que eu te disse?

– Escuta, meu amigo – atalhei-lhe eu muito agitado – pelo amor de Deus, não grites, explica-te com clareza e precisão. Juro que te compreendo. Compreendo até que ponto o caso é importante e as consequências que…

– Consequências? Por quê? Onde estão as provas? As coisas não se fazem assim, e agora te falo em segredo. Eu vou explicar a razão por que estou falando assim contigo. Quer isso dizer que não havia outro remédio. Cala-te e escuta e fixa bem que se trata de um segredo… Vê em que consiste o caso. Este inverno, antes de Smith ter morrido, quando o príncipe acabara de regressar de Varsóvia, lançou-se nesta empresa. Embora verdadeiramente a tivesse começado já muito antes, no ano passado. Mas então procurava ele uma coisa e agora anda à procura de outra. O principal de tudo isto é que perdeu a pista. Há treze anos que se separou em Paris da filha de Smith e a abandonou; mas durante todos estes treze anos, ele seguiu-a firmemente, informou-se de que vivia com Heinrich, o mesmo de que nos falaram hoje. Sabia que tinha Nelly ao seu lado e que estava doente. Bem, numa palavra, estava a par de tudo, simplesmente, de repente perdeu-lhe o rasto. E isto aconteceu, segundo parece, na altura da morte de Heinrich, quando a filha de Smith voltou para Petersburgo. Em Petersburgo, naturalmente, não teria tardado em encontrá-la, qualquer que fosse o nome com que ela tivesse regressado à Rússia; mas o certo é que os seus espiões de além fronteira o enganaram com um falso testemunho: fizeram-no acreditar que ela vivia em qualquer aldeola perdida no Sul da Alemanha; é que eles próprios se tinham enganado, por descuido, confundindo as pessoas. Assim esteve a coisa um ano mais. Mas o ano passado o príncipe começou a duvidar; de certos fatos

chegara a inferir, já muito antes, que aquilo não podia ser verdade. Depois apareceu-lhe esta interrogação: “Que fora feito da verdadeira filha de Smith?”. E lembrou-se (assim, sem o menor indício) de que ela podia estar em Petersburgo. Até então só realizara pesquisas no estrangeiro; mas depois começou a praticá-las aqui; entretanto, pelo visto, não queria servir-se demasiado das vias oficiais, e pôs-se a falar comigo. Fomos apresentados: “Fulano de tal, que trata de investigações várias, como amador” etc., etc. Bem. Então ele foi e explicou-me o assunto, simplesmente de uma maneira obscura, o filho do diabo, escuro e ambíguo. “Cometeram-se muitos erros – repetia algumas vezes – transmitiram-nos os fatos sob várias versões ao mesmo tempo…” Bem como se sabe, por muito espertos que sejam, sempre lhes escapa algum pormenor. Eu, naturalmente, comecei a trabalhar para ele com diligência e honestidade. Numa palavra, com vontade de bem servir; mas, de acordo com a regra a que sempre me atenho, pensando na lei da paternidade (porque há uma lei da paternidade), comecei por dizer para comigo: “Que necessidade tinha ele de me chamar?”. E depois: “Atrás da necessidade que apontou, não haverá outra, escondida?”. Porque, neste último caso, como tu mesmo poderás compreender, meu caro, com a tua imaginação… ele defraudava-me, porque, admitamos que um dos assuntos valesse um rublo, e o outro, quatro. Pus-me a discorrer e a conjeturar e, pouco a pouco, acabei por formular as seguintes conclusões: um desses assuntos, foi ele próprio quem me declarou; o outro … tinha de tirá-lo de alguns dos seus servidores, por conta de terceiro, contando com a minha própria habilidade. Hás de perguntar talvez, por que me decidi eu a proceder deste modo. Eis a resposta: bastava a circunstância só de o príncipe se interessar tanto por uma coisa, para eu concluir que ele temia qualquer coisa. Mas, na realidade, que temia ele? Roubara uma filha ao pai, a moça ficara grávida e ele abandonara-a. Bem, que tem isso tudo de especial? Uma travessura simpática e nada mais. Um homem como o príncipe não se inquieta por causa de uma ninharia dessas. Mas o certo é que ele tinha medo… Era aqui que começavam as minhas dúvidas. Eu, meu irmão, acabei por tirar algumas conclusões curiosíssimas, entre outras coisas a propósito de Heinrich. Este, não há dúvida que morreu; mas, por uma das suas primas (agora casada com um padeiro aqui, em Petersburgo), que algum tempo se apaixonara por ele e que continuou a amá-lo durante quinze anos

seguidos, apesar da existência do gordo padeiro, com o qual a princípio conviveu oito anos; por esta prima sua, dizia eu, vim a saber, depois de várias diligências, uma coisa importante: Heinrich costumava enviar-lhe, em alemão, geralmente cartas e diários, e antes de ter morrido remeteu-lhe alguns documentos de sua propriedade. Ela, a grande tola, não compreendia a importância dessas cartas e só compreendia os passos em que ele lhe falava da lua, de *Mein lieber Augustin*[42] e também de Vieland, segundo parece. Mas eu arranjei os encontros necessários e, graças a essas cartas, cheguei a novas conclusões. Cheguei ao conhecimento, por, exemplo, da existência do Senhor Smith, do seu dinheiro, da filha que lhe tinham raptado, do príncipe que lhe roubara o seu capital; finalmente, após diversas exclamações, preâmbulos e alegorias, revelou-se-me nessas cartas a verdadeira essência do caso, isto é, Vânia, compreendes-me? Nada de definitivo … Heinrich escondia-o daquela tonta e só lhe falava por alusões. Pois bem: eu, de todas essas alusões, de todo aquele enredo junto, acabei por formar para mim uma interpretação perfeitamente harmônica, isto é: que o príncipe se casara com a filha de Smith. Onde, como e quando se teria casado com ela, se no estrangeiro, se aqui, e onde estavam os papéis? Disso não fazia a mínima ideia. Nada, meu caro Vânia; eu arrepelava os cabelos de furioso e não fazia senão investigar e investigar, de dia e de noite, sempre a investigar! Por fim, dei também com Smith, mas depois morreu de repente. Nem sequer tive tempo de encontrá-lo vivo. Eis senão quando fico sabendo por acaso que morrera uma mulher sobre quem eu tinha as minhas dúvidas, em Vassílievski Óstrov; informo-me e ponho-me na sua pista. Corro a Vassílievski, lembras-te?, foi dessa vez que nos encontramos. Trabalhei muito, então. E por sinal que nessa ocasião Nelly me ajudou muito também…

– Ouve – interrompi-o – achas que Nelly saberá?

– O quê?

– Que é filha do príncipe.

– Aí está, tu também sabes que ela é filha do príncipe – respondeu, olhando-me com uma censura maliciosa. – Mas então, para que me fazes essas perguntas ociosas, homem frívolo? O principal não

é isso, mas sim o fato de que não só ela é filha do príncipe como também filha legítima, compreendes?

– Isso não pode ser! – exclamei eu.

– Isso foi o que eu disse também, a princípio: “Não pode ser!”, e ainda hoje o digo, às vezes: “Não pode ser!”. Mas o que é certo é que pode ser e que há todas as probabilidades de que seja mesmo.

– Não, Maslobóiev, isso não é assim, tu estás devaneando – exclamei. – Não só ela não sabe nada disso como, no fim de contas, é filha natural. Se não fosse assim, como é que a mãe, se possuísse algum documento, qualquer que ele fosse, teria podido suportar tantos dissabores aqui, em Petersburgo e, além disso, deixar a sua filha, depois, em tamanha orfandade? Basta! Isso não pode ser.

– Era isso mesmo o que eu pensava, isto é, até agora, tive-o por indubitável. Mas, apesar de tudo no fundo, a filha de Smith era a mulher menos inteligente e mais tola deste mundo. Era uma mulher extraordinária; imagina unicamente todas as circunstâncias, todo o puro romantismo, toda a estupidez terrena, na dose mais violenta e desaforada. Repara só nisto: logo no princípio, ela não sonhava com outra coisa senão com coisas do Céu na Terra, com anjinhos, apaixonava-se sem saber por quem, era de uma credulidade sem limites e estou convencido de que se tornou louca depois, não porque ele se cansasse dela e a deixasse, mas por se ter enganado com ele, por ele ser capaz de enganá-la e de abandoná-la, pelo seu anjo se ter transformado em lama, cuspindo-lhe em cima e humilhando-a. O seu romântico e aturdido espírito não pôde suportar essa degradação. E para mais, a ofensa: compreendes que ofensa? Com espanto, e sobretudo com orgulho, afastou-se dele, animada de um infinito desprezo. Rompeu todos os laços, todos os documentos, cuspiu-lhe o dinheiro, esqueceu inclusive que não era seu, mas do pai, renunciou a ele como a lama, como a pó, para aniquilar o seu sedutor com a sua grandeza de alma, para poder apontar-lhe o seu roubo e ter direito a desprezá-lo enquanto vivesse; e talvez pensasse também que era uma desonra para ela usar o nome dele, ser sua esposa. Entre nós, o divórcio não existe; mas de fato eles divorciaram-se, e, portanto, como é que ela poderia implorar-lhe a sua ajuda?! Lembra-te que essa, a

pobre doida, disse a Nelly no seu leito de morte: “Não vás com ninguém, trabalha, mata-te a sofrer; mas não vás com ninguém que te chame, seja quem for”; isto é, ainda sonhava que a chamassem e, efetivamente, tinha ocasião de vingar-se outra vez, de aniquilar com o seu desprezo o chamador. Em resumo: em vez de pão era o seu sonho rancoroso que lhe servia de alimento.

Também averiguei muitas coisas a respeito de Nelly, meu amigo, e continuo ainda as minhas indagações. Não há dúvida de que a mãe estava doente, tuberculosa; esta doença dá lugar ao desenvolvimento da maldade e a todo o gênero de ressentimentos; no entanto eu sei de fonte segura, por um indivíduo de casa da Bubnova, que ela escreveu ao príncipe, sim senhor, ao próprio príncipe…

– Escreveu-lhe? E a carta chegou? – exclamei impaciente.

– Ora! Se chegou, ou não, não sei. Uma vez a filha de Smith chegou a acordo com essa tipa (lembras-te de uma moça muito empoada, que havia em casa da Bubnova? Agora está numa casa de correção); foi por intermédio dela que pensou enviar a carta, e chegou a escrevê-la, simplesmente arrependeu-se e não a enviou; isto aconteceu três semanas antes da sua morte… Pormenor significativo: se já uma vez se decidira a escrever-lhe, não tem importância de maior que depois recolhesse a carta: podia ter-lhe escrito outra vez. Na realidade não sei se teria chegado ou não a enviar-lhe outra carta; mas tenho razões para supor que não, pois o príncipe só veio a saber que ela vivia em Petersburgo depois da sua morte. Devia ter ficado bem contente!

– Sim, lembro-me de Alhocha ter falado de certa carta que o pôs de muito bom humor; mas isto foi– ainda há pouco tempo, quando muito há uns dois meses. Bem. E que mais, que mais? Como estavas tu com o príncipe?

– Como estava com o príncipe?! Ora vê: a convicção moral mais absoluta e nem uma prova terminante… Uma posição verdadeiramente crítica. Seria preciso fazer investigações no estrangeiro, mas em que ponto do estrangeiro? Não sabia. É claro que eu compreendi que tinha na minha frente a perspectiva de uma luta,

que só podia assustá-lo com alusões, dar-lhe a entender que sabia mais do que realmente sei…

– Bem, e então?

– Para falar verdade, digo-te que tinha muito medo, a tal ponto que ainda hoje continuo a tê-lo. Tivemos várias entrevistas. Como ele sabia fingir! Uma vez, ele próprio se pôs a contar-me tudo, espontaneamente. Pensava que eu sabia tudo. Contou bem, com sentimento, com sinceridade… Claro que, inconscientemente, mentia. E pude ver então até que ponto ele me temia. Durante algum tempo fingi perante ele que era um toleirão que queria dar-se ares de espertalhão. Ele se assustou estupidamente, isto é, com uma estupidez afetada; eu me comportava com ele de um modo propositadamente grosseiro; comecei a ameaçá-lo … Bom; tudo isso com o fim de que ele me tomasse por um simplório e começasse, a dar com a língua nos dentes. Mas o velhaco é finório… De outra vez fui procurá-lo bêbado e procurei enganá-lo assim; mas o malandro nem assim! Tu, meu amigo, deves compreender o caso, Vânia, é que eu precisava absolutamente de avaliar até que ponto ele tinha medo de mim e, em segundo lugar, fazer-lhe acreditar que sabia mais do que realmente sei.

– Bem, e em que ficou a coisa?

– Em nada. Eram necessárias provas, fatos, e eu não os tinha. Ele só compreendeu uma coisa: é que, fosse como fosse, eu podia fazer escândalo. É claro que receava o escândalo, tanto mais que começava a arranjar relações aqui. Sabes que vai casar?

– Não.

– Para o ano que vem. Até ao ano passado ainda não conhecia a noiva; contava ela então catorze anos; agora tem quinze, segundo parece e ainda usa saias curtas, a pobrezinha. Os pais estão contentíssimos. Compreendes como lhe convinha que a mulher tivesse morrido? A futura esposa é filha dum general, moça de dinheiro, de muito dinheiro[43]. Eu, meu amigo, nunca me casarei assim… Era a única coisa que nunca perdoaria a mim próprio nesta vida! – exclamou Maslobóiev, descarregando um soco forte sobre a mesa. – E… ainda há duas semanas me cuspiu… Malandro!

– Como foi isso?

– Como eu te vou dizer. Vi que ele compreendia que eu não tinha em meu poder nenhuma prova terminante, e, por fim, pensei que quanto mais se prolongasse o assunto, tanto mais cedo, naturalmente, havia de descobrir nele a minha impotência. Numa palavra: acabei por receber dele dois mil rublos.

– Apanhaste dois mil rublos!

– De prata, Vânia, e bem me custou recebê-los. Um assunto destes deveria render mais do que dois mil rublos! Aceitei-os com vergonha. Estavam diante dele como daquele a quem cospem. Dizia ele: "Eu ainda não lhe paguei as suas diligências anteriores, Maslobóiev (quando, por essas diligências anteriores, me pagara já, não havia muito, cento e cinquenta rublos, segundo o combinado), e tenho de partir em viagem; por isso aqui tem dois mil rublos e espero que, com isto, o nosso assunto possa dar-se por perfeitamente liquidado". Eu lhe respondi: "Perfeitamente liquidado, príncipe"; mas não me atrevia a olhá-lo na sua feia cara, e pensei: "Agora deve pensar também: aceitaste então esta grossa quantia? Parece-te suficiente, não? Pois, estou dando é por pura bondade para com um imbecil!". Nem me lembro como saí dali!

– Isso é uma baixeza, Maslobóiev! – exclamei. – E com Nelly, como procedeste?

– Uma baixeza é pouco, é qualquer coisa digna do presídio, é uma porcaria. É… é… Bem, não há palavras para qualificá-lo!

– Meu Deus! Ele, pelo menos, tem obrigação de assegurar a vida de Nelly.

– Qual obrigação?! Como pode ele ser obrigado? Assustando-o? Ele não se assusta. Não vês que eu já aceitei o dinheiro? Eu próprio reconheci perante ele que todo o medo que poderia infundir-lhe valia dois mil rublos de prata; fui eu próprio que me taxei por esse preço. Como assustá-lo, agora?

– De maneira que o caso de Nelly acabou aí? – exclamei quase

desesperado.

– Não se trata disso! – exclamou Maslobóiev com veemência e como se estremecesse todo. – Não, não será com isso que eu o assustarei. Vou acometê-lo agora com um caso novo, Vânia, é ponto já assente. Que importa que lhe tenha aceitado os dois mil rublos? Que me importa isso? Eu, no fim de contas, tomo como ofensa o fato de que ele, o grande gozador, me tenha enganado e ainda por cima tenha dado risada de mim. Enganou-me e ainda riu por cima. Não, eu não consinto que riam de mim… Agora vou pôr mãos à obra a respeito de Nelly. Depois de ter feito algumas observações, estou convencido de que nela está a chave deste assunto. Ela sabe tudo, tudo… Foi a mãe que lhe contou. Nas suas horas de febre, nos seus momentos de tristeza, pode muito bem ter-lhe contado tudo. Não tinha ninguém com quem desabafar – insinuou – portanto, desabafaria com ela. E é possível que arranjemos algum documento – acrescentou com grande entusiasmo. – Compreendes agora, Vânia, por que ando eu por aqui de nariz no ar? Em primeiro lugar, pela amizade que te tenho, disso nem é preciso falar; em segundo porque ando observando Nelly, e em último, amigo Vânia, quer queiras quer não, tens a obrigação de apoiar-me, visto que tens tanta influência sobre Nelly.

– Juro – exclamei – e espero, Maslobóiev, que tu, e isto é o principal, farás esse esforço por Nelly, por uma pobre órfã ofendida e não por puro interesse pessoal…

– Mas por que lucro havia eu de esforçar-me num caso destes, criatura! Trata-se apenas de agir… isso é o principal! Não só em relação a uma órfã como em relação ao amor à Humanidade. Mas tu, Vaniuchka, não me julgues mal, pelo fato de velar pelos meus interesses. Eu sou pobre e ele não se coíbe de ofender os pobres. Roubou-me o que me pertencia e, além disso, enganou-me de uma maneira vil. De maneira que eu, a teu ver, havia de estar com cerimônias com um patife destes? *Morgen früh!*[44]

*

Mas a nossa festa floral do dia seguinte não teve êxito. Nelly piorou e não pôde já sair do seu quarto.

Nunca mais tornou a sair daquele quarto.

Morreu duas semanas depois. Durante essas duas semanas da sua agonia, nem uma só vez tornou a recuperar por completo o conhecimento nem conseguiu libertar-se dos seus estranhos desvarios. Parecia ter as faculdades embotadas. Esteve firmemente convencida, até morrer, de que o avô a chamava e se zangava com ela porque não lhe ligava importância, que lhe batia com o bordão e a mandava sair para pedir esmola para pão e tabaco. Muitas vezes desatava a chorar em sonhos, e depois, quando acordava, dizia que tinha visto a mãe.

Às vezes parecia recuperar completamente o raciocínio. Em certa ocasião, estávamos os dois sós, chegou-se para mim e segurou as minhas mãos com as suas, descarnadas, ardentes do calor da febre.

– Vânia – disse-me – quando eu morrer, casa com Natacha.

Esta, pelo visto, era a sua constante e antiga obsessão. Sorri-lhe em silêncio. Quando viu o meu sorriso, sorriu também com uma expressão animada, ameaçando-me com os seus dedinhos descarnados e em seguida pôs-se a dar-me beijos.

Três dias antes da sua morte, numa esplêndida tarde de verão, pediu que erguêssemos as cortinas e abríssemos a janela do seu quarto. Essa janela dava sobre o jardim; contemplou durante muito tempo a verdura exuberante e o sol, que se punha e de repente pediu que nos deixassem sozinhos.

– Vânia – disse-me com uma voz quase imperceptível, pois estava já muito fraca – eu vou morrer em breve, muito em breve, e quero pedir que te lembres de mim. Quero deixar-te isto como recordação – e mostrava-me uma bolsinha que trazia ao peito, juntamente com uma pequena cruz. – Isto minha mãe me deixouquando morreu. Olha, quando eu morrer, pegas esta bolsinha, abres e lês o que nela está escrito. Hei de dizer hoje a todos que não a deem a mais ninguém senão a ti. E assim que tiveres lido o que lá está escrito, irás vê-lo a ele e dirás que eu morri sem perdoar-lhe. Diz-lhe também que ainda há pouco acabei de ler os Evangelhos. Aí diz: “Perdoai a todos os vossos inimigos”. Bem, pois eu, embora tivesse lido isso, não lhe perdoei a ele; porque a minha mãe, a morrer, quando ainda podia falar, a última

coisa que disse, foi: “Maldito seja!”. Por isso eu também o amaldiçoo, e amaldiçoo-o, não por mim mas pela minha *mamacha*. Vais lhe dizer também como morreu a minha mãe e me deixou sozinha com a Bubnova, conta-lhe como foste encontrar-me em casa dela; conta-lhe tudo, tudo, e diz-lhe ainda que, apesar de tudo, eu preferi ficar com a Bubnova a ir ter com ele…

Quando disse isto Nelly empalideceu, os seus olhos chisparam fogo e o coração começou a bater-lhe com tanta força que se deixou cair sobre a almofada e durante um momento não pôde dizer uma palavra.

– Chama-os, Vânia – disse, finalmente, com uma voz fraca. – Quero despedir-me de todos. Adeus, Vânia!

Abraçou-me com muita força pela última vez. Os outros entraram todos. O velho não queria acreditar que ela estivesse morrendo, não se conformava com essa ideia. Esteve até ao último momento discutindo conosco, afirmando que ela havia de recuperar a saúde, com certeza. Passava dias e noites à cabeceira de Nelly, muito preocupado… Na última noite nem dormiu. Esforçava-se por adivinhar o mais pequeno desejo, o mais leve capricho de Nelly; e quando vinha ter conosco, chorava amargamente, embora passado um momento já estivesse outra vez cheio de esperança e procurasse convencer-nos a todos de que ela estava a restabelecer-se. Encheu o seu quarto de flores. Uma vez comprou um ramo de magníficas rosas, brancas e vermelhas, teve de ir buscá-las longe, e trouxe-as à sua Nelly… Ela ficava muito comovida com tudo isto. Não podia corresponder com todo o seu coração a um carinho tão desvelado. Nessa noite, na noite em que se despediu de mim, o velho não queria convencer-se a despedir-se dela para sempre. Nelly sorria e toda a noite fez esforços para parecer contente, dirigiu-lhe gracejos e até se riu com ele… Todos nós nos separamos dela quase esperançados; mas no dia seguinte já não podia falar. Duas horas depois estava morta.

Lembro-me de como o velho encheu o seu féretro de flores e com que desespero contemplava a sua carinha definhada, com aquele seu sorriso e as mãozinhas cruzadas sobre o peito. Chorava por ela como por uma filha. Natacha, eu, todos nós fazíamos por consolá-lo; mas ele

não admitia consolações e adoeceu gravemente depois do enterro de Nelly.

Foi a própria Anna Andriéievna quem entregou a bolsinha que ela trazia ao pescoço. Nessa bolsinha estava a carta da mãe de Nelly para o príncipe. Li-a no dia da morte de Eliena. Dirigia-se ao príncipe para amaldiçoá-lo; dizia-lhe que não conseguia perdoar-lhe; descrevia-lhe toda a vida que ultimamente tinha levado, todos os horrores no meio dos quais deixava Nelly e terminava pedindo-lhe que fizesse alguma coisa pela pequena. "É sua filha – dizia – e o senhor mesmo sabe que é sua filha verdadeira. Ordeno-lhe que vá vê-lo quando eu morrer e entregue a ele, esta carta, nas suas próprias mãos. Se não repelir Nelly, pode ser que eu lhe perdoe de lá e que no dia do Juízo seja testemunha perante Deus e interceda perante o Juiz para que lhe perdoe os seus pecados. Nelly conhece o texto da minha carta: leu-o, eu contei-lhe tudo, ela sabe tudo, tudo…"

Mas Nelly não cumpriu a sua promessa; sabia tudo; mas não foi procurar o príncipe e morreu sem reconciliar-se com ele.

Quando voltávamos do funeral de Nelly, eu e Natacha fomos para o jardim. Estava um dia quente, de sol radioso. Daí a uma semana, eles partiriam. Natacha pousou sobre mim um olhar longo, estranho:

– Vânia! – disse ela. – Olha, Vânia, foi tudo um sonho!

– O que é que foi um sonho? – perguntei-lhe.

– Tudo, tudo – respondeu ela. – Tudo quanto se passou este ano, Vânia. Por que teria eu destruído a tua felicidade?

E eu li no seu olhar: "Podíamos ter vivido sempre felizes juntos!".

**1** Uma das principais avenidas de Petersburgo.↩

**2** Nome pelo qual era conhecido o célebre caricaturista francês Sulpice Guilherme Chevalier (1804-1866), pintor irônico e mordaz da sociedade do seu tempo.↩

**3** Mas o senhor!↩

**4** Que infelicidade! Mas que história!↩

**5** Os prédios eram designados pelo nome do proprietário.↩

**6** Inicial de Belínski, o famoso crítico.↩

**7** Aleksandr Sumarókov (1717-1777). Poeta e teatrólogo do reinado de Isabel, filha de Pedro, o Grande; as suas peças são baseadas em temas da história russa ou imitam o teatro francês.↩

**8** Na Rússia existia também a categoria de general no funcionalismo civil, e correspondia à de conselheiro privado.↩

**9** Gavrila Dierjávin (1743-1816). Foi, de certa maneira, o poeta oficial da corte de Catarina II. Foi também ministro da Justiça.↩

**10** Mikhail Lomonóssov (1711-1765). Uma das personagens mais notáveis da Rússia do séc. XVIII, depois do reinado de Pedro, o Grande. Filho dum pescador, foi ao mesmo tempo poeta, historiador, gramático e físico. É sobretudo conhecido pelas suas odes à imperatriz Catarina (ou Ekatierina).↩

**11** Heróis de dois grandes romances históricos de Zagóskin, escritor do começo do século XIX, que tiveram grande êxito.↩

**12** É a maior cidade da Ucrânia, hoje um país independente. Foi também uma capital da antiga Rússia.↩

**13** Eugène Scribe (1791-1861). Fecundo autor dramático francês, autor de *O copo d'água*, *Bertrand e Ratou*, etc.↩

**14** Um dos primeiros Românov, reinou de 1645 a 1676.↩

**15** Nikolai Karamzin (1766-1826). Escreveu uma *História do Império Russo* em onze volumes.↩

**16** Pombinho! Meu bem!↩

**17** Uma das principais avenidas de Petersburgo.↩

**18** Nomes de cortesãs alemãs.↩

**19** Versos de um poema de Polônski, poeta posterior a Púchkin.↩

**20** Terceiro estado, isto é, povo, plebe.↩

**21** … o soberbo, tinha de aguardar o momento de ser recebido.↩

**22** Uma das principais avenidas de Vassílievski Óstrov, bairro-ilha residencial de Petersburgo.↩

**23** Expressão picaresca para designar o chá (*tchai*).↩

**24** Fundado no tempo de Catarina II, esteve muito em moda no séc. XIX. Era o lugar de reunião da aristocracia e dos altos funcionários.↩

**25** Esta personagem imaginária corresponde a outra real que Dostoiévski conheceu no presídio (Volkovo) e que descreve nas *Memórias da casa dos mortos*, quase com as mesmas palavras.↩

**26** Governo-me como posso, deito a mão ao que aparece.↩

**27** Rua "das Seis Lojas".↩

**28** A feira-mercado de S. Petersburgo.↩

**29** Um dos mais bonitos bairros de Petersburgo.↩

**30** Pai, em língua russa. Expressão tópica.↩

**31** Famosa loja de Petersburgo; conhecida pelo nome do proprietário.↩

**32** Alusão às personagens de *Pobre gente*, Makar Alieksiéievitch e Várienhka.↩

**33** Torta de pimenta. Trocadilho em alemão.↩

**34** Leite de mulher.↩

**35** Rio de fogo. Trocadilhos em alemão.↩

**36** Fraternidade, em alemão. Outro nome humorístico para designar o romântico apaixonado pela moça.↩

**37** Fila (Rua) do Comércio, existente em muitas cidades. russas, inclusive Petersburgo, onde esta denominação persiste até hoje.↩

**38** Quanto pior, melhor.↩

**39** Que ideia, meu caro!↩

**40** Bebamos, meu amigo!↩

**41** Medalhão que os médicos usavam, com a efígie de São Nicolau.↩

**42** *Meu querido Agostinho*. Título duma alegre canção popular bávara.↩

**43** O tema do casamento por interêsse foi já tratado pelo autor em *Uma árvore de Natal e um casamento*.↩

**44** Amanhã cedinho! Nem o penses!↩

# Memórias da casa dos mortos

# Memórias da casa dos mortos
(1860)

## Introdução

Nas remotas regiões da Sibéria, no meio da estepe, de montanhas e de bosques impenetráveis, encontram-se às vezes povoações de mil e até de dois mil habitantes, com casas de madeira desmanteladas e com duas igrejas – uma na povoação e a outra no cemitério – povoações que se assemelham mais a fazendas dos arrabaldes de Moscou do que a aldeias; de maneira geral contam até com comissários de Polícia, conselheiros e outros funcionários subalternos. Na Sibéria, apesar do frio, o serviço é quase sempre moderado e as pessoas levam uma vida simples e com poucas liberdades; seguem regras antigas, sólidas, consagradas pelos séculos. Os funcionários, que na realidade desempenham o papel da nobreza siberiana, são moradores, siberianos de origem ou vindos da Rússia, na sua maior parte da capital, atraídos pelo ordenado certo, o pagamento dobrado e as sedutoras ilusões para o futuro. Entre eles, aqueles que conseguem decifrar o enigma da vida, quase sempre ficam na Sibéria e aí se fixam com prazer. Depois acumulam riquezas, recompensas saborosas. Mas os outros, gente desorientada e que não sabe penetrar o enigma da existência, depressa se cansam da Sibéria e a si próprios perguntam tristemente qual o motivo por que foram atraídos para aí. Aguardam com impaciência o fim estipulado do seu serviço, – três anos – pedem imediatamente a transferência e regressam a suas casas, falando mal da Sibéria e troçando dela. Não têm razão, pois não só do ponto de vista do serviço, como em muitos outros, se pode abençoar a Sibéria, que tem um clima excepcional, é notável pelos seus ricos e hospitaleiros mercadores e pelos seus dignos habitantes. As moças têm uma linda cor e são muito honestas. As aves de caça voam pelas ruas e vão cair nas mãos do caçador. O champanhe bebe-se mais do que se deve. O caviar é maravilhoso. Em algumas fazendas tiram-se cinco colheitas… De maneira geral, a terra é de uma fertilidade espantosa. O que é preciso é saber aproveitá-la. E na Sibéria sabem fazê-lo.

Foi numa dessas aldeiazinhas alegres, que se provêm a si próprias,

muito bem situadas, cuja recordação se conserva indelével no meu coração, que vim a conhecer Alieksandr Pietróvitch Goriântchikov, colono, pertencente à nobreza da Rússia e proprietário, que depois foi presidiário de segunda categoria[1] por ter assassinado a mulher, e até ao término dos dez anos de presídio impostos pela lei, levava uma existência plácida e ignorada, como colono, na cidade de K***. Verdadeiramente, estava registrado em uma comuna suburbana, mas vivia na aldeia, onde tinha oportunidade de ganhar alguma coisa, o que o ajudava a manter sua casa, dando aulas às crianças. É frequente encontrar na Sibéria professores que são colonos forçados, e que não são exigentes. Ensinam principalmente francês até onde é indispensável para a vida, e do qual não teriam, nestas remotas regiões da Sibéria, a menor notícia a não ser por meio deles. Conheci Alieksandr Pietróvitch em casa dum velho funcionário, prestável e hospitaleiro, Ivan Ivânovitch Gvósdikov, pai de cinco mocinhas de várias idades e que prometiam todas vir a ser belas. Alieksandr Pietróvitch ensinava-as três vezes por semana, a trinta copeques de prata por aula. O seu aspecto exterior interessou-me. Era um homem extremamente pálido e seco, novo ainda, de uns trinta e cinco anos, baixinho e adoentado. Andava sempre muito bem arumado, vestia à europeia. Quando alguém falava com ele ficava olhando a pessoa, fixa e atentamente; escutava com muita atenção todas as palavras que lhe dirigíamos, como se refletisse ao mesmo tempo, como se com a nossa conversa lhe apresentássemos algum problema ou quiséssemos arrancar-lhe um segredo e, finalmente, respondia com clareza e laconismo, pesando cada palavra da sua resposta, de maneira que se acabava por sentir um certo mal-estar e, por fim, todos se alegravam com o fim do diálogo. Dessa vez perguntei eu a Ivan Ivânitch pelo seu passado, e fiquei sabendo que Goriântchikov vivia de maneira irrepreensível e honesta; aliás, se assim não fosse, também Ivan Ivânitch não lhe teria confiado as filhas; apesar disso era um homem estranho. Escondia-se de toda a gente; era muitíssimo culto e lia muito, mas falava pouco e, de maneira geral, era difícil entabular conversa com ele. Alguns afirmavam que ele estava louco, embora reconhecessem ao mesmo tempo que isso não era nenhum defeito grave, e, por outro lado, a maior parte das pessoas importantes da cidade estavam dispostas a usarem de todas as atenções para com Alieksandr Pietróvitch, a fim de que ele lhes redigisse as petições, etc.

Calculavam que devia provir de uma boa família russa, talvez de elevada condição, mas sabiam que ele, desde que entrara para a colônia penal, cortara todo gênero de relações com ela. Numa palavra: que se tinha assim prejudicado. Entre nós, todos conheciam a sua história; sabiam que tinha morto a mulher, ainda no primeiro ano de casados; que a tinha morto por ciúmes, e depois, que ele próprio se tinha entregue à Justiça, o que suavizara muito a sua condenação. Crimes deste gênero são sempre considerados como desgraças e tem-se sempre pena dos seus autores. Mas, apesar de tudo isto, esse homem extravagante fugia teimosamente de toda a gente e só aparecia junto dos outros para dar as suas aulas.

A princípio não lhe liguei grande importância, mas não sei por que, pouco a pouco fui-me interessando. Tinha qualquer coisa de enigmático. De conversar com ele, não havia nem a mais leve possibilidade. É verdade que respondia sempre às minhas perguntas e até de uma maneira tal como se considerasse isso um dos seus primeiros deveres; mas depois das respostas ficava difícil continuar a interrogá-lo, pois refletia-se sempre no seu rosto, depois desses colóquios, um certo sofrimento e um certo cansaço. Lembro-me de uma vez em que eu saí, em sua companhia, por uma bela tarde de verão, da casa de Ivan Ivânitch. De repente lembrei-me de convidá-lo para entrar um momento em minha casa e fumar um cigarro. Não sou capaz de descrever o espanto que transpareceu no seu rosto; ficou completamente atrapalhado, começou a murmurar palavras incoerentes olhando-me com maus olhos, e saiu correndo para o passeio que ficava em frente. Eu me quedei, espantado. A partir daí, sempre que se encontrava comigo olhava-me com uma espécie de medo. Mas eu não me conformava com isto; havia qualquer coisa nele que me atraía e, passado um mês, fui eu mesmo procurar Goriântchikov. É verdade que me conduzi nessa ocasião de maneira rude e pouco delicada. Ele vivia precisamente no limite da povoação, em casa de uma velha que tinha uma filha tuberculosa, mãe por sua vez de uma filha natural, uma garotinha de dez anos, muito gentil e alegre. Nesse momento, quando eu entrei no seu quarto, Alieksandr estava sentado junto dela e ensinava-a a ler. Quando me viu ficou de tal maneira perturbado, como se eu tivesse vindo propor-lhe algum crime. Atrapalhou-se, saltou da cadeira e ficou a fitar-me com uns

olhos exorbitados. Finalmente sentamos; ele seguia atentamente cada um dos meus olhares como se receasse descobrir neles algum segredo especial. Percebi que era extraordinariamente desconfiado. Olhava-me com aborrecimento, como se me perguntasse: “Mas, quando te irás tu embora?”. Pus-me a falar-lhe sobre a povoação, das notícias que corriam; ele abanava a cabeça e sorria, malicioso; não só parecia que ignorava as notícias mais correntes e conhecidas de todos, na cidade, como também que não tinha nenhum interesse em conhecê-las. Falei-lhe depois do nosso país, das suas necessidades, ele me escutou em silêncio e olhava-me nos olhos de um modo tão estranho que cheguei a recear perder o fio à conversa. Além disso, pouco faltou para que o aborrecesse por causa de uns livros e jornais novos que eu trazia debaixo do braço, acabados de chegar pelo correio, quando os ofereci com uma certa hesitação. Fixou sobre eles um olhar ávido, mas mudou imediatamente de intenção e recusou a oferta, alegando que não tinha tempo para os ler. Finalmente, despedi-me dele e, quando saí de sua casa, parecia que trazia sobre o peito um peso insuportável. Sentia-me envergonhado e parecia-me uma vileza extraordinária desejar o convívio de um homem que procurava precisamente resolver o seu problema principal, isto é, a maneira de esconder-se de toda a gente. Mas o que está feito, feito está. Lembro-me de que não vi quase livros nenhuns em sua casa e, portanto, não era verdade aquilo que diziam, de que ele lia muito. Entretanto, quando por duas vezes passei, já noite avançada, em frente da sua janela, vi luz. Que faria ele acordado, assim, a altas horas? Não lia. Então que fazia?

Circunstâncias várias fizeram com que eu me afastasse da povoação por três meses. Quando regressei, soube que Alieksandr Pietróvitch tinha morrido nesse outono, na maior solidão, e que nem uma só vez tinha chamado o médico.

Na povoação, já quase todos o tinham esquecido. O seu alojamento estava vago. Pus-me imediatamente em comunicação com a dona da casa em que ele vivia, com o intento de conseguir alguns informes: a que se dedicava, concretamente, o seu hóspede? Talvez escrevesse… Por uma moeda de vinte copeques trouxe-me um cesto de madeira de tília cheio de papéis deixados pelo falecido. A velha confessou-me que já utilizara dois cadernos completos. Era uma

mulher desabrida e taciturna, de quem era difícil obter respostas claras. A respeito do hóspede não podia dizer-me nada de novo. A avaliar pelas suas palavras, raramente fazia qualquer coisa, e passava meses e meses sem abrir um livro ou pegar numa pena; além disso levava a noite toda passeando, ora para um lado ora para outro, no quarto e, às vezes, até falava sozinho; gostava muito e fazia muitas festas à sua netinha, Kátia, sobretudo desde que soube que lhe chamavam Kátia; e ia sempre ouvir uma missa de réquiem no dia de Santa Ekatierina. Visitas, não as suportava. Apenas saía de casa para dar aula às crianças; chegava a zangar-se com ela, com a velhota, quando ela ia uma vez por semana ao quarto para arrumá-lo e, durante três anos completos, quase nunca lhe dirigiu uma palavra. Perguntei a Kátia se se lembrava do seu professor. Ela me olhou em silêncio, encostou-se à parede e começou a chorar. Donde se via que até aquele homem encontrara alguém que gostasse dele.

A mulher trouxe os papéis e fiquei a lê-los todo o dia. Três quartas partes desses papéis estavam em branco, continham apontamentos insignificantes ou exercícios de caligrafia. Mas havia um caderno mais pequeno, bastante volumoso, escrito numa letra miúda e inacabado, talvez abandonado ou esquecido pelo próprio autor. Era uma descrição, embora incoerente, dos dez anos de vida de presídio que Alieksandr Pietróvitch sofrera. De vez em quando esta descrição era interrompida por outras narrativas, por estranhas e espantosas evocações, escritas com mão nervosa, convulsa, como debaixo de algum temor. Reli várias vezes esses passos e fiquei quase convencido de que tinham sido escritos por um louco. Mas os apontamentos do presidiário, *Cenas da casa dos mortos*, conforme ele os chamava em qualquer passagem do seu manuscrito, não me pareciam isentos de interesse. Todo esse mundo completamente novo, desconhecido até agora; algumas observações particulares a respeito desses homens perdidos, seduziram-me e inspiraram-me uma certa curiosidade. É claro que posso estar enganado. Para contraprova escolhi, no princípio, dois ou três capítulos. O público julgará…

## Capítulo primeiro / A casa dos mortos

O nosso presídio erguia-se no limite da fortaleza, mesmo dentro do bastião. Se alguém pensasse em olhar através dos intervalos do muro para a luz do sol, não veria nada… isto é, veria unicamente uma nesguinha de céu por cima do alto baluarte de terra, sacudido pelos furacões; e que à frente e atrás do baluarte, de dia e de noite, passeavam as sentinelas; e logo a seguir pensaria, esse alguém, que teriam já decorrido muitos anos, voltaria a olhar pelas fendas do muro e tornaria a ver apenas o baluarte, as mesmas sentinelas e essa mesma nesguinha de céu, não desse céu que fica sobre a prisão, mas de outro céu, longínquo e livre. Imaginem um grande casarão, de duzentos passos de comprimento por cento e cinquenta de largura, rodeado a toda a volta por um alto muro em forma de hexaedro irregular; isto é, por uma fiada de altos postes cravados profundamente na terra, fortemente ligados uns aos outros por meio de cordas reforçadas com triângulos transversais e virados para cima: eis a cerca exterior do presídio. Num dos lados deste recinto estava a porta do forte, sempre fechada, e sempre, de dia e de noite, guardada por sentinelas; somente se abria quando era preciso sair para o trabalho. Para além dessa porta ficava o mundo luminoso e livre, viviam as pessoas normais. Mas aquém do recinto, esse mundo parecia para nós como uma história inverossímil. Na parte de dentro ficava um mundo especial, que não se parecia já nada com o outro, que tinha as suas leis especiais, os seus trajes, as suas regras e costumes, uma casa de mortos de além-túmulo, e uma vida… como não existe em lugar algum, e pessoas singulares. Pois é esse recanto especial que me proponho descrever.

Quando se entra nesse recinto veem-se alguns edifícios. De ambos os lados do espaçoso pátio interior erguem-se dois compridos pavilhões de madeira, de um só andar. São os alojamentos. Aí ficam os presos, distribuídos por categorias. Depois, ao fundo do recinto, há outra jaula idêntica: é a cozinha, dividida em duas seções; mais além outra barraca, onde, debaixo do mesmo teto, se encontram a adega, os armazéns e a cavalariça. O centro do pátio, vazio, é um descampado plano e muito espaçoso. É nele que os presos formam para a revista, quando então são também contados, de manhã, ao meio-dia e à tarde, e às vezes também durante o resto do dia… conforme a desconfiança dos vigilantes e a sua aptidão para contar depressa. Em redor, entre os

barracões e a taipa, resta ainda um espaço bastante extenso. É aí, junto do barracão traseiro, que alguns dos presos, de caráter mais arredio e severo, gostam de refugiar-se, nos momentos de ócio, às escondidas de todos os olhares, para se porem a meditar, sozinhos. Quando me encontrava com eles, na hora desses passeios, gostava de contemplar os seus rostos desconfiados e sulcados de cicatrizes, procurando adivinhar o que pensavam. Havia um deportado cuja ocupação favorita nos momentos livres consistia em contar os postes da paliçada – que eram mil cento e cinquenta – e andava sempre a contá-los e a olhar para eles. Cada poste significava para ele um dia; cada dia punha um de lado, e assim, pelo número deles que ainda lhe restavam, podia saber com um simples olhar quantos lhe faltavam para passar na prisão até chegar o fim dos seus trabalhos forçados. Ficava muito satisfeito quando esgotava um dos lados do hexágono. Ainda lhe faltavam alguns anos; mas no presídio havia tempo de sobra para se aprender a ser paciente. Uma vez assisti à despedida de um preso que passara vinte anos no presídio e que alcançara finalmente a liberdade. Havia alguns dos seus companheiros que se recordavam de como ele entrara na prisão, da primeira vez, jovem, despreocupado, sem pensar no seu crime nem no castigo. Saiu depois, já velho, com uma cara azeda e severa. Atravessou em silêncio todos os nossos seis pavilhões. Quando entrava em cada um deles rezava umas orações, e depois, curvado, abraçava os camaradas pedindo-lhes que não guardassem dele uma má recordação… Também em certa ocasião, era já de noite, vieram chamar à porta um preso que anteriormente fora um abastado camponês siberiano. Meio ano atrás recebera a notícia de que a mulher voltara a casar, o que lhe causou uma grande impressão. Nessa ocasião era ela quem vinha pessoalmente ao presídio, quem o chamava e lhe entregava uma esmola. Falaram durante dois minutos, choraram os dois e despediram-se para sempre. Vi o seu rosto, quando voltou para o pavilhão… Sim, naquele lugar podia aprender-se a ser paciente.

Quando começava a escurecer, éramos trancados nos alojamentos, onde ficávamos recolhidos toda a noite. A mim custava-me sempre transpor os umbrais do nosso alojamento, que era uma sala comprida, de teto baixo e abafada, torvamente alumiada por velas de sebo que emanavam um vapor pesado e sufocante. Não compreendo agora

como é que pude viver aí dez anos. A esteira que forrava a enxerga em que eu dormia abrangia três tábuas, não mais. Sobre essas esteiras dormiam trinta homens em cada alojamento. No inverno recolhiam-nos cedo; demoravam quatro horas a encurralar-nos a todos. E, entretanto… vozes, ruídos, risos, disputas, barulho de cadeias, caras com cicatrizes, roupas em farrapos, insultos com palavras ofensivas… Sim, homens endurecidos. O homem é um ser que a tudo se habitua, e esta é, a meu ver, a melhor das suas qualidades.

Viviam ao todo no presídio duzentos e cinquenta homens, número que se mantinha quase constante. Uns entravam, outros acabavam de cumprir a sentença e saíam, e outros ainda morriam ali dentro. E que tipos tão variados! Julgo que todos os governos, todas as comarcas da Rússia tinham ali os seus representantes. Havia também estrangeiros; havia até alguns deportados das montanhas caucásicas. Toda essa gente estava dividida segundo os graus da sua delinquência e, por conseguinte, segundo o número de anos que lhe tinham imposto de pena. É legítimo supor que não devia haver delito algum que não estivesse ali representado. A categoria principal da população de presos era composta pelos deportados-presidiários, de classe civil (os forçados, como ingenuamente lhes chamavam os próprios presos). Eram delinquentes completamente privados de direitos civis, radicalmente separados da sociedade, de rostos marcados, como testemunho eterno do seu repúdio. Tinham sido enviados para trabalhos forçados pelo tempo de oito ou doze anos, cumpridos os quais os destinavam, como colonos, a qualquer lugar da região siberiana… Havia também delinquentes de direito de guerra, não privados dos direitos civis, como era norma geral nas companhias de presos militares russos. Eram deportados por pouco tempo, passado o qual tornavam a enviá-los para os pontos de procedência como soldados dos batalhões siberianos de linha. Muitos deles regressavam logo a seguir para o presídio como reincidentes graves; e então já não por um breve período de tempo, mas por vinte anos. A esta categoria de presos chamava-se perpétua. Mas estes perpétuos também não estavam privados de direitos civis. Finalmente, havia ainda outra categoria de delinquentes, muito estranhos, na sua maioria militares e bastante numerosa. Chamavam-lhe a seção especial. Vinham de toda a Rússia os delinquentes que a compunham. Consideravam-se a si

mesmos como perpétuos e não sabiam qual era o limite da sua pena. Do ponto de vista legal deviam duplicar e triplicar o termo dos seus trabalhos. Antes da descoberta da Sibéria, realizavam nos presídios os trabalhos forçados mais duros. “Vocês têm um limite, mas nós temos presídio para muito tempo”, diziam, quando falavam com os outros, à maneira de conclusão. Soube depois que tinham suprimido esta categoria. Além disso suprimiram também no nosso forte a categoria civil, mas estabeleceram uma companhia geral de presos militares. Escusado será dizer que também aqui se notava o dedo da administração. Mas eu estou aqui a descrever qualquer coisa já velha, que mudou já faz tempo e já vai longe…

É verdade que faz um certo tempo que tudo isso aconteceu; vejo eu agora tudo isso como num sonho. No entanto ainda me lembro da minha entrada no presídio. Foi numa tarde do mês de outubro. Começara já a escurecer; os presos voltavam do trabalho; preparavam-se para fazer a chamada. Um suboficial de grandes bigodes foi quem veio abrir-me as portas desta estranha casa, onde eu havia de passar tantos anos e de sofrer tantas comoções, que, se não as tivesse experimentado eu mesmo, não poderia agora fazer delas uma ideia nem sequer aproximada. Por exemplo, nunca pude compreender este fato estranho e misterioso de que, durante os dez anos precisos que durou a minha clausura, nem uma só vez, nem por um minuto sequer, me visse só. Para o trabalho ia sempre numa caravana, em casa estava sempre com os meus dois companheiros, um de cada lado, e nem uma vez sequer, nem uma só vez… sozinho. Pois também a isso tive de habituar-me.

Havia ali criminosos ocasionais e criminosos de profissão; bandidos e chefes de bandoleiros. Havia, simplesmente, batedores de carteira e vagabundos, cavalheiros de indústria de todo gênero, e havia também os que deixavam uma pessoa ficar perplexo. Por que estariam no presídio? Mas todos tinham a sua história, turva e densa como os vapores da bruma vespertina. De maneira geral, falavam pouco do seu passado, não gostavam de evocá-lo, e era evidente que se esforçavam por não pensar nele. Conhecia alguns destes delinquentes, de temperamento tão alegre, a tal ponto despreocupados, que seria possível apostar que nunca deixavam

escapar uma queixa, pelo menos conscientemente. Mas também se viam caras sombrias, quase sempre silenciosas. Raras vezes alguém contava a sua vida, e a curiosidade não era moda nem hábito ali. Se algum, vez por outra, se punha a falar da sua vida, por se sentir aborrecido, era escutado com frieza e com uma atitude áspera. Ninguém ali podia provocar a admiração de ninguém. “Nós sabemos ler e escrever”, diziam alguns com vaidade. Entretanto, lembro-me de como certo bandido, já bêbado (às vezes era possível beber no presídio), se pôs um dia a contar como estrangulara um rapaz de quinze anos, como começara por lhe apertar o pescoço; e que o conduzira para um lugar deserto, de brincadeira, e aí o matara. Todos os do alojamento, que até então o tinham por bobo, levantaram a voz em uníssono e o bandido viu-se obrigado a calar-se; não foi por horror que todos gritaram, mas sim porque não era preciso falar daquilo, porque não era costume falar daquilo. Devo informar que, de fato, aqueles homens sabiam ler e escrever, não em sentido figurado, mas real. Na verdade, mais de metade deles sabiam ler e escrever. Em que outro lugar, onde as pessoas russas se reúnam em grande número, se poderia arranjar um grupo de duzentos e cinquenta homens, metade dos quais soubesse ler e escrever? Ouvi dizer depois a não sei quem, fundamentando-se em dados semelhantes a estes, que a instrução perde os homens. Isso é um erro; existem outras causas muito diferentes, embora não se possa deixar de concordar que a instrução fomenta no povo o espírito de suficiência. Por isso abunda em todos os lados.

Todas as seções se distinguiam pela roupa; uns usavam umas pequenas capas, metade de cor escura e a outra metade amarela, e as calças, da mesma maneira, tinham uma perna amarela e outra escura. Uma vez, no lugar marcado para o trabalho, uma moça que vendia tortas aos presos olhou-me durante muito tempo e de repente desatou a rir:

– Mas que engraçado! – exclamou. – Não tinham bastante pano amarelo e o prêto também não lhes chegou!

Também havia presos que usavam a capa de uma só cor, amarelo; mas, em compensação, tinha as mangas pretas. E também traziam a cabeça rapada de uma maneira diferente: uns tinham a abóbada do

crânio rapada ao comprido, outros, de través.

À primeira vista era fácil notar certos traços comuns em toda essa estranha família. As personalidades mais originais, aquelas que dominavam involuntariamente, procuram apagar-se e adotar o tom geral da penitenciária. Direi que, de maneira geral, toda essa gente, salvo raras exceções, composta de indivíduos de uma jovialidade inesgotável, e que por isso sofriam o desprezo geral de toda a colônia penal… era uma gente desconfiada, invejosa, intrigante, vaidosa, irascível, e formalista no mais alto grau. A maior virtude, ali, era o dom de não sentir admiração fosse pelo que fosse. Viviam todos preocupados com a maneira de se conduzirem no exterior. Mas não eram poucas as vezes que um aspecto da maior arrogância se transformava no mais humilde, com a rapidez do relâmpago. Havia ali indivíduos de verdadeira firmeza: eram simples e não gritavam. Mas, coisa estranha, desses indivíduos fortes, perseverantes, alguns eram melindrosos no mais alto grau. Geralmente, a arrogância, o aspecto exterior ocupavam o primeiro plano. A maioria estava pervertida e rebaixava-se de um modo estranho. Bisbilhotices e juízos temerários eram contínuos. Enfim, aquilo era uma autêntica imagem do inferno. Mas ninguém ousava revoltar-se contra as leis interiores e os costumes intactos do presídio, todos os acatavam. Havia caracteres que faziam resistência, que só os acatavam com muito custo e muito esforço, mas que, finalmente, acabavam por acatá-los. Havia nessa colônia penal aqueles que tinham premeditado o seu delito, consumando-o voluntariamente; mas também havia os que o tinham cometido como se não estivessem em seu perfeito juízo, como se nem eles próprios soubessem por que, como num estado de delírio, como crianças. Outros por irritabilidade, delicada e sensível até ao inverossímil. Mas ali nos dominavam imediatamente, apesar de alguns terem sido até à sua entrada para o presídio, o terror dos campos e cidades. Olhando à sua volta, não tardava um novato a perceber que ali não podia impor-se, que ali não se admirava ninguém; por isso esses se moderavam imediatamente e se adaptavam às atitudes gerais, que consistiam numa certa aparência de dignidade especial e pessoal, comum a quase todos os habitantes da penitenciária. O próprio nome de presidiário acabava, no fim de tudo, por tornar-se qualquer coisa como um cargo, honroso até. De vergonha ou de arrependimento, nem sombra! Além

disso havia também uma certa serenidade exterior, oficial, por assim dizer, uma certa reflexão tranquila. “Somos gente perdida!”, diziam. “Quem não soube viver em liberdade que aguente isto, agora.” “Foi por não termos querido obedecer aos nossos pais que obedecemos agora ao batuque do tambor.” “Por não termos querido lavrar o ouro, partimos agora pedras com o maço.” Tudo isto diziam eles às vezes, à maneira de estribilhos e no tom de quem recita um provérbio ou uma frase feita, mas nunca o diziam a sério. Tudo isso eram simples palavras. Duvido que um só deles refletisse, no seu íntimo, sobre o seu delito. Se alguém se atrevesse a dirigir censuras a um preso por causa do seu crime (embora, afinal, não esteja no espírito dos russos o acusar os delinquentes… ) os insultos não teriam fim. Eles insultam de um modo perfeito, artístico. Elevaram o insulto à categoria de uma ciência; esforçam-se por ferir, não tanto com uma palavra ofensiva, como com um pensamento ofensivo, com uma ironia, uma ideia vexatória… e da maneira mais concludente e cáustica. Rixas contínuas acabaram por tornar entre eles essa ciência altamente requintada. Toda essa gente trabalhara anteriormente debaixo de pancadas; assim se tornou indolente e acabou por se perverter; e se já não o estava anteriormente, corrompeu-se quando entrou para o presídio. Ninguém estava ali por sua vontade; eram todos estranhos uns para os outros.

“Quatro pares de *lápti*, pelo menos, foi quanto o diabo gastou para nos trazer até aqui”, diziam. Mas depois, intrigas, enredos, histórias de mulheres, invejas, malquerenças ocupavam constantemente o primeiro plano dessa vida infernal. Mulher alguma conseguiria ser tão intrigante como alguns daqueles desalmados. Repito que havia entre eles caracteres enérgicos, acostumados na sua vida a aguentar e a suportar tudo, batidos, duros. A esses, respeitavam-nos, mesmo contra vontade; e eles, por seu lado, embora fossem às vezes muito zelosos da sua fama, empenhavam-se em não serem molestos para os outros, não se metiam em brigas inúteis, conduziam-se com uma dignidade invulgar, eram respeitadores e obedeciam quase sempre aos chefes, não por espírito de submissão, nem por considerá-lo seu dever, mas como por virtude de não sei que contrato mútuo que trouxesse vantagens para uns e outros. Aliás, tratavam-nos com circunspecção. Lembro-me de que uma vez aplicaram um castigo, não sei por que falta, a um desses reclusos, um homem forte e enérgico, conhecido dos

chefes pelas suas inclinações bestiais. Era num dia de verão, numa hora de descanso. O major, que era o chefe imediato da colônia penal, apareceu em pessoa no corpo da guarda, que ficava junto da porta de entrada, para presenciar a execução do castigo. Esse major era uma criatura fatal para os presos. Tratava-os de uma maneira que os fazia tremer. Era de uma severidade que raiava pela loucura; calcava as pessoas, como diziam os presos. O que mais intimidava os presos era o seu olhar penetrante e inquisitorial, ao qual ninguém podia escapar. Via tudo, como se não precisasse olhar. Quando entrava no presídio já sabia tudo o que se fazia no outro extremo do mesmo. Os condenados chamavam-lhe o Oito Olhos. Seguia um sistema errôneo. Apenas conseguia piorar os homens já corrompidos, com os seus processos vexatórios e malignos e, se não houvesse acima dele o comandante, homem bom e sensato, que suavizava às vezes as suas ordens selvagens, teria provocado com a sua conduta graves catástrofes. Não percebo como é que pôde acabar a sua carreira são e salvo. Entretanto, só se reformou, diga-se a verdade, depois de ter sido julgado.

O referido preso empalideceu quando o chamaram. De maneira geral, oferecia-se em silêncio e com decisão às vergastadas; suportava o castigo em silêncio e depois erguia-se, como se o sacudisse de si e encarando serena e filosoficamente o percalço sofrido. Diga-se de passagem que, com ele, usavam sempre de muita severidade. Mas, dessa vez, julgava-se no seu direito. Empalideceu e, afastando-se devagarinho da caravana, apanhou e guardou na manga uma afiada ferramenta de sapateiro. Facas e todos os instrumentos cortantes estavam severamente proibidos no presídio. As buscas eram frequentes, inesperadas e escrupulosas, e os castigos, terríveis; mas é tão difícil descobrir um ladrão quando se propõe esconder uma coisa que as facas e os instrumentos cortantes nunca faltavam no presídio, apesar das buscas, que não davam com eles. E se os tiravam aos presos, não tardava que estes aparecessem com outros.

Todos os presos saíram para o pátio e, com a maior tranquilidade, puseram-se a espreitar por entre as gelosias de madeira. Todos sabiam que, dessa vez, Pietrov não se prestava à sova de boa vontade, e que chegara o fim do major. Mas no último momento o major subiu para a

sua carruagem e partiu, delegando noutro oficial o cuidado de fazer executar o castigo.

– Foi Deus quem o salvou! – exclamaram depois os reclusos. Quanto a Pietrov suportou pacientemente o castigo. A raiva tinha-lhe fugido, com a ausência do major. O preso é dócil e paciente até certo limite, mas não é prudente passar desse limite. Efetivamente não pode haver nada mais curioso do que esses estranhos arrebatamentos de impaciência e hostilidade. É vulgar que um homem suporte alguns anos, se resigne, suporte os castigos mais duros, e de repente fique colérico só por alguma futilidade, por uma ninharia, quase sem motivo. Um estranho poderia tomá-los por loucos e, de fato, há quem pense assim.

Disse já que no decurso de alguns anos nunca tive ocasião de observar nestes homens o mais pequeno indício de arrependimento, nem a menor manifestação de peso na consciência, e que a maioria deles achavam que eram, no íntimo, absolutamente inocentes. Este é que é o fato. Não há dúvida de que a explicação de tal fato reside na vaidade, nos maus exemplos, na verdura dos anos e na falsa vergonha. Por outro lado, quem é que pode afirmar que penetrou nas profundidades desses corações degenerados e viu neles o que tão recatadamente escondem de toda a gente? Parece possível observar algum pormenor, no decurso desses anos, surpreender, penetrar nesses corações e achar um ou outro indício de uma angústia interior, de um sofrimento. Mas, comigo, isso não se deu, de certeza que não se deu. Sim, o crime, segundo parece, não pode definir-se em relação a pontos de vista predeterminados e estabelecidos, e a sua filosofia é mais difícil do que se pensa. É certo que os presídios e o sistema dos trabalhos forçados não melhoram os delinquentes, aos quais apenas castigam, mas põem a sociedade a salvo das suas ulteriores tentativas de praticarem danos e proveem à sua própria tranquilidade. O presídio e os trabalhos forçados não fazem mais do que fomentar o ódio, a sede de prazeres proibidos e uma terrível leviandade de espírito no presidiário. Estou convencido que, com o famoso sistema celular, apenas se obtêm fins falsos, enganosos, aparentes. Esse sistema rouba ao homem a sua energia física, excita-lhe a alma, a faz frágil, intimida-a, e depois apresenta-nos uma múmia moralmente

seca, um meio louco, como obra da correção e do arrependimento. Não há dúvida que o delinquente, ao rebelar-se contra a sociedade, a odeia e quase sempre se considera a si mesmo inocente e a ela culpada. Depois de ter sofrido o castigo que ela lhe impôs, considera-se já limpo, absolvido. Nesse ponto de vista pode pensar-se que seria quase melhor começar por absolver o delinquente. Mas, apesar de todos os pontos de vista possíveis, todos estão de acordo em que há crimes que sempre e em todas as partes, dentro de todas as leis possíveis, desde o princípio do mundo se consideram crimes indiscutíveis, e como tais serão tidos enquanto o homem não deixar de ser homem. Quantas histórias não ouvi eu no presídio, dos casos mais terríveis e antinaturais, dos crimes mais cruéis, contadas com o sorriso mais inocente e mais infantilmente jovial! Ficou-me especialmente gravada na memória a narrativa dum parricida. Era de família aristocrática; tinha feito o serviço militar, e depois, feito perante seu pai, já setuagenário, o papel de filho pródigo. Levava uma vida completamente licenciosa; estava endividado até à raiz dos cabelos. O pai refreava-o, repreendia-o; mas o pai tinha uma casa, uma granja agrícola, supunham-no endinheirado, e… o filho matou-o, ansioso pela herança. O crime demorou um mês a descobrir-se. Foi o próprio parricida quem foi dar parte do acontecido à Polícia, dizendo que o pai tinha desaparecido de casa, sem que ele soubesse do seu paradeiro. Durante todo esse mês levou a vida mais desregrada. Até que, finalmente, na sua ausência, a Polícia descobriu o cadáver. Ao longo do curral havia um canal, coberto com tábuas, para a condução do esterco. Pois era nesse canal que jazia o cadáver. Estava vestido e penteado; tinha a cabeça encanecida, quase decepada, junto do tronco e, debaixo da cabeça, colocara o parricida uma almofada. Não confessou o crime; era nobre, funcionário, e foi condenado a vinte anos de trabalhos forçados. Durante todo tempo que convivi com ele manteve-se numa excelente disposição de espírito, jovialíssimo. Era um indivíduo estouvado, desorientado, muito insensato, embora esperto. Nunca lhe notei o menor indício de crueldade pessoal. Os reclusos desprezavam-no não por causa do seu crime, do qual nunca falavam, mas sim devido à sua leviandade, por não saber conduzir-se. Nas suas conversas costumava às vezes recordar o pai. Uma vez, falando comigo a respeito da constituição sadia, hereditária na sua família, acrescentou:

– Olhe, o meu pai nunca se queixou de nenhum achaque, até o último dia da sua vida.

Uma tão brutal insensibilidade chega a parecer inverossímil. Trata-se de um fenômeno, de alguma deficiência ingênita, de uma monstruosidade moral e física, ainda ignorada da ciência, e não de um simples crime. Como era natural, eu não acreditava nesse crime. Mas os seus conterrâneos, é claro, deviam conhecer todos os pormenores da história e contaram-me integralmente. Os fatos eram tão evidentes que não havia outro remédio senão acreditar.

Os presos ouviram-no gritar uma noite, em sonhos:

– Segura-o, segura-o! A cabeça, corta-lhe a cabeça, a cabeça!

Quase todos os presos falam durante a noite e deliram. Insultos, palavras entrecortadas, facas, machados, é o que lhes vêm com mais frequência à boca, nos seus delírios.

“Somos uns homens perdidos – diziam. – Estamos mortos por dentro e é por isso que gritamos de noite.”

Os trabalhos forçados não eram uma ocupação mas um dever. Os presos davam conta da sua tarefa ou cumpriam as horas legais de trabalho, e voltavam para o presídio. Encaravam o trabalho com ódio. A não ser por causa da sua ocupação pessoal, particular, à qual se entregavam com toda a alma e com todo o seu empenho, não havia um homem que tivesse podido viver no presídio. E como é que toda aquela gente que vivera intensamente e ansiava viver, juntada ali à força para formar um bando, e à força separada da sociedade e da vida moral, teria podido viver normal e retamente, por sua própria vontade e impulso? Bastava a ociosidade para se desenvolverem ali, no homem, qualidades delituosas, de que até então nem sequer faziam ideia. O homem não pode viver sem trabalho e sem condições legais e normais: degenera e converte-se numa fera. Por isso todos no presídio, seguindo um impulso instintivo e obedecendo a um certo sentimento de conservação própria, tinham a sua ocupação e o seu ofício. Durante os grandes dias de verão, os trabalhos forçados ocupavam a maior parte do tempo; e, com a brevidade das noites, apenas lhes restava tempo para dormir. Mas no inverno, obedecendo às ordens, assim que

escurecia os presos deviam já estar recolhidos. Mas que fazer nas longas e tristes noites de inverno? Por isso todos os dormitórios, apesar dos ferrolhos, se convertiam em imensas oficinas. O trabalho particular não era proibido, mas era, entretanto, proibido ter ferramentas no presídio e, sem elas, não havia trabalho possível. Mas trabalhavam às escondidas, e os chefes, às vezes, faziam vista grossa. Havia presos que entravam para o presídio sem nenhuma profissão, mas que encontravam ali quem os ensinasse, e depois, recuperada a liberdade, saíam já mestres no seu ofício. Havia sapateiros e alfaiates, carpinteiros e serralheiros, ourives e prateiros. Havia um judeu, Issai Blumstein, que era joalheiro e também usurário. Todos trabalhavam e ganhavam uns cobres. As encomendas de trabalho vinham-lhes da cidade. O dinheiro é liberdade amealhada, e por isso, para o homem totalmente privado de liberdade, torna-se dez vezes mais valioso. Só de senti-lo no bolso já ficavam meio satisfeitos, ainda que o não pudessem gastar. Mas, seja onde for, é preciso gastar o dinheiro, tanto mais que o fruto proibido é o mais desejado. Havia meio de introduzir no presídio até aguardente. O tabaco era severamente proibido, mas todos fumavam. O dinheiro e o tabaco livravam-nos do escorbuto e de outras doenças. O trabalho, por seu lado, salvava-os do crime; a não ser pelo trabalho, os presos teriam comido uns aos outros, como feras. Mas apesar disso o dinheiro e o tabaco eram proibidos. De vez em quando passavam revistas inesperadas, à noite, apreendiam tudo quanto era proibido e… por muito bem escondido que os presos tivessem o dinheiro, o major costumava sempre dar com ele. E por isso os presos não o amealhavam e, pelo contrário, apressavam-se a gastá-lo; e por isso também se bebia aguardente na penitenciária. Depois de cada revista, o culpado, além de ser privado de tudo quanto possuía, recebia geralmente também um castigo severo. Mas, depois de cada revista, preenchiam imediatamente os vazios, davam entrada novos objetos e tudo tornava a ficar como antes. E os chefes sabiam e os presos não murmuravam contra os castigos, apesar de aquela vida se assemelhar à daqueles que habitam nas encostas do Vesúvio.

Aquele que não tinha nenhum ofício, arranjava-se de outra maneira. Havia presos bastante originais. Alguns imaginavam, por exemplo, uma engenhoca qualquer, e ofereciam às vezes tais objetos, que a ninguém, fora dos muros do presídio, poderia ocorrer, não só

comprá-los como vendê-los, como até considerá-los objetos. O recluso era pobre mas extraordinariamente engenhoso. O mais ínfimo farrapo tinha ali o seu valor e servia para alguma coisa. Devido à pobreza, também o dinheiro tinha no presídio um valor muito diferente do que possui na zona da liberdade. Com um grande e complicado esforço era possível a uma pessoa vestir-se por alguns grochi. Praticava-se ali com êxito a usura. O preso que se encontrava em penúria ou em completa miséria levava o último objeto que possuía ao usurário e recebia deste alguns cobres, mediante uma percentagem feroz. Se não desempenhava os objetos no prazo marcado, o usurário vendia-os, desapiedada e inexoravelmente; a usura ia até ao extremo de admitir que se empenhassem inclusive objetos que eram imprescindíveis para os presos, em todos os momentos. Mas nestes casos costumavam acontecer contratempos que, entretanto, não eram de todo inesperados. O indivíduo que tinha empenhado os objetos, depois de ter embolsado os cobres, ia contar o sucedido ao oficial, chefe imediato do presídio, e, este apressava-se a tirar ao prestamista os objetos empenhados, sem mais explicações e sem comunicar o sucedido ao chefe superior. É curioso que, em semelhantes casos, não surgiam discussões; o prestamista, muito sério e calado, apressava-se a devolver os objetos, como se tivesse contado de antemão com o percalço. É possível que pensasse para consigo que, se se encontrasse no lugar do cliente, teria feito o mesmo. E embora uma vez por outra protestasse, fazia-o sem ódio, apenas para salvar as aparências.

De maneira geral roubavam-se todos uns aos outros, de uma maneira terrível. Tinham quase todos o seu respectivo cofre com fechadura, para guardar nele os objetos regulamentares. Isso era permitido; simplesmente esses cofres não serviam para nada. Calculo que devem imaginar os espertos larápios que ali havia. A mim, um preso, que me dedicava uma sincera afeição, roubou-me uma vez uma Bíblia que era o único livro permitido no presídio; confessou-me o roubo no mesmo dia, não porque estivesse arrependido, mas porque teve pena de me ver procurar com tanto empenho. Havia taberneiros que faziam contrabando de aguardente e que enriqueciam assim depressa. Hei de falar com mais demora desta espécie de gente, pois era bastante curiosa. Também havia no presídio quem se dedicasse ao contrabando, e por isso não é de admirar que introduzissem

aguardente no presídio durante as revistas e nas caravanas. O contrabando é, por sua própria natureza, um delito muito especial.

É possível, por exemplo, imaginar que o dinheiro, o lucro representam para o contrabandista apenas qualquer coisa de secundário, qualquer coisa que não ocupa o primeiro plano? Pois na realidade, assim é. O contrabandista trabalha por prazer, por vocação. Até certo ponto é um poeta. Expõe-se a todos os perigos, coloca-se num transe de terrível inquietação, treme, dá voltas à cabeça e sai como pode do apuro; às vezes, tem até inspirações. Esta aflição é tão forte como o jogo de cartas. Conheci um preso na penitenciária, de uma aparência física gigantesca, mas tão ingênuo, amável e mansarrão, que ninguém podia supor qual o motivo que o teria levado a uma penitenciária. Era tão pacífico e tão comedido com todos, que, durante todo o tempo que esteve no presídio, nunca brigou com ninguém. Mas era da fronteira ocidental; tinha-se dedicado ao contrabando e, como é natural, não podia reprimir-se e começou a introduzir aguardente no presídio. Quantas vezes não foi castigado por causa disso e que medo ele não tinha das vergastadas! No entanto continuava, apesar dos lucros insignificantes, e de que quem enriquecia era o fornecedor. Mas aquele pobre homem amava a arte pela arte. Era tão tímido como uma mulher, e quantas vezes, depois de ter sofrido o castigo, jurava e trejurava que não voltaria mais a meter-se naquelas coisas! Fazendo um grande esforço, conseguia manter a sua palavra durante um mês, até que por fim a tentação era mais forte… Graças a esses indivíduos nunca a aguardente faltava no presídio.

E havia, finalmente, uma fonte de rendimentos, que não enriquecia os forçados, porque era de natureza real e benéfica. Refiro-me aos donativos. A classe elevada da nossa sociedade não faz uma ideia de como os comerciantes, os artífices e todo o nosso povo vela pelos desgraçados.[2] Os donativos eram permanentes e consistiam quase sempre em pão, chá e bolinhos, raras vezes em dinheiro. Se não fossem esses donativos, muitas vezes o preso, sobretudo se estivesse dependente de um julgamento, e, portanto, submetido a um regime muito severo, passaria muito mal. As esmolas eram distribuídas com igualdade religiosa entre todos os presos e cada um deles recebia

sempre a sua parte. Lembro-me que, da primeira vez, recebi uma esmola de dinheiro. Foi passado pouco tempo depois de haver entrado para o presídio. Voltava do trabalho matinal, sozinho, separado da caravana. Em direção contrária vinham uma senhora com uma filha, uma menina de dez anos, linda como um anjo. Já de outra vez eu as tinha visto. A mãe era viúva dum militar. Tinham movido um processo contra seu marido, jovem soldado, o qual veio a morrer no hospital da prisão, numa ocasião em que também eu aí estive doente. A mulher e a filha tinham ido despedir-se dele, ambas banhadas em lágrimas. Quando me viu, a menina corou muito e disse à mãe qualquer coisa em voz baixa. Logo depois esta parou, procurou na sua bolsa um quarto de copeque e deu-o à menina. Esta deitou a correr atrás de mim.

– Tome lá, desgraçado, aceite, pelo amor de Deus esta esmolinha – disse, parando diante de mim e metendo-me a moeda na mão.

Eu peguei na moeda e a menina voltou para o lado da mãe, muito contente. Trouxe essa moeda muito tempo comigo.

## Capítulo II / Primeiras impressões

O primeiro mês e, de maneira geral, os primeiros tempos da minha vida de presidiário, conservo-os muito vivos na minha imaginação, mas os anos seguintes já estão muito apagados na minha memória. Alguns até quase completamente e confundem-se entre si, deixando-me apenas uma impressão total, pesada, monótona, sufocante.

Mas tudo o que vivi durante os primeiros dias da minha vida de recluso perdura ainda na minha imaginação, como se tudo tivesse acontecido ontem. Assim devia ser e assim é, de fato.

Lembro-me com toda a clareza que, assim que entrei nessa vida, fiquei surpreendido por, afinal, nada daquilo me surpreender; que nessa vida não achava nada de particularmente notável, nada de extraordinário, ou, pelo menos, de inesperado. Parecia-me que já tinha visto tudo aquilo na minha imaginação, quando a caminho da Sibéria

me esforçava por admirar o meu futuro. Mas depressa uma quantidade de coisas extraordinariamente insólitas, de fatos espantosos, começaram a fazer-me parar a cada passo. E até muito mais tarde, só quando tinha já muito tempo de presídio, é que me apercebi de tudo quanto havia ali de exclusivo, de inesperado, naquela existência, e sentia então cada vez maior assombro. Confesso que este espanto não me deixou durante todo o longo tempo da minha pena, que nunca o pude afugentar de mim…

A minha primeira impressão, quando entrei no presídio, não podia ser mais repugnante; no entanto – coisa estranha! – achei que no presídio devia viver-se muito melhor do que imaginara durante o caminho. Os presos, embora com cadeias, caminhavam livremente por todo o presídio, provocavam uns aos outros, entoavam canções, trabalhavam por sua conta, fumavam cigarros, e outros até (embora em pequeno número) bebiam aguardente; e à noite alguns jogavam cartas. O próprio trabalho, por exemplo, não me pareceu custoso nem forçado, e só depois de muito tempo percebi que o aspecto pesado e forçado daquele trabalho não estava tanto na sua dificuldade e continuidade como em ser imposto, obrigado, a golpes de vergasta. O camponês em liberdade trabalha incomparavelmente mais, às vezes de dia e de noite, sobretudo no verão, mas trabalha para si, trabalha com uma finalidade racional, e assim o seu trabalho é muito mais leve, para ele, do que o do presidiário, forçado e perfeitamente inútil para si. Acontecia-me às vezes pensar que se me desse alguma vez para perder-me completamente, para abater um homem, para castigá-lo com o mais horrível castigo, um castigo que metesse medo e fizesse tremer antecipadamente o criminoso mais valente, não precisava senão de dar ao seu trabalho o caráter de uma inutilidade e total e absoluta carência de sentido. Embora o atual trabalho forçado não tenha interesse e atrativo para o preso, é, contudo, em si mesmo um trabalho razoável; o preso fabrica tijolos, amontoa terra, faz argamassa, constrói; em todo este trabalho há uma ideia e uma finalidade. E às vezes o trabalhador forçado dedica-se à sua tarefa, aspira a fazê-la com mais destreza, mais rapidez e perfeição. Mas se o obrigassem a transvasar água de uma cuba para outra, e desta para aquela, a calcar areia, a transportar montinhos de terra de um sítio para outro, e vice-versa, penso que o recluso suicidaria passados

alguns dias ou cometeria mil desacatos, para, ainda que fosse à custa da sua vida, se ver livre de humilhação, de vergonha e de escárnio semelhantes. É claro que tal castigo apenas podia imaginar-se com fins de tortura ou de vingança, e seria absurdo, porque ultrapassaria o seu próprio fim. Mas ainda que não exista o mínimo vestígio desse tormento, desse absurdo, desse vexame e dessa vergonha, no trabalho forçado, o trabalho do preso é incomparavelmente mais penoso que o do homem livre, precisamente por ser forçado.

Além do mais eu entrei para o presídio no inverno, no mês de dezembro, e por isso não podia ainda fazer ideia do trabalho estival, dez vezes mais pesado. No inverno costumava escassear, no nosso presídio, o trabalho obrigatório. Os presos iam para o Irtichs[3] calafetar velhos barcos do Estado; trabalhavam nas oficinas, varriam dos edifícios oficiais a neve que sobre eles o vento atirava, britavam alabastro, etc. De inverno os dias são curtos, o trabalho acabava depressa e toda a nossa gente regressava cedo ao presídio, onde não havia quase nada para fazer, a não ser para aqueles que se dedicavam a trabalhos particulares. Mas ao trabalho particular apenas se dedicavam três presos, os outros eram parasitas que se punham a deambular sem objetivo de um barracão para outro, discutiam e tramavam intrigas, contavam histórias e bebiam, desde que dispusessem de algum dinheiro; à noite jogavam baralho até empenharem a própria blusa que vestiam e tudo isso apenas por puro desassossego, por pura ociosidade, só para não fazerem nada. Com o tempo acabei por concluir que, além da privação da liberdade, existe na vida de prisão um paradoxo, talvez mais forte do que em todas as outras, e que vem a ser a forçada convivência geral. Essa convivência geral existe também, sem dúvida alguma, em outros lugares, mas no presídio encontram-se indivíduos de tal jaez que nem a todas as pessoas pode agradar conviver com eles, e estou convencido de que todo preso sente este vexame que se lhe faz, embora, naturalmente, a maior parte deles nada diga.

A alimentação também me parecia suficientemente abundante. Os presos pensavam que não havia outra igual nos presídios da Rússia europeia. Acerca destes não me atrevo a julgar, pois não os conheço. Além disso, alguns presos tinham meio de arranjar uma comida

especial. A carne de vaca vendia-se ali a *groch* a libra e, de verão, a três copeques. Mas somente os presos que contavam com dinheiro certo é que mandavam vir comida particular; os outros comiam no rancho. Além disso, os presos, quando se ufanavam da sua alimentação, falavam apenas do pão e apreciavam especialmente o fato de que nos dessem pães inteiros e não a peso, partidos em pedaços. Isto metia-lhes medo; se fosse dado a peso, havia sempre alguns que ficavam com fome, ao passo que, repartido pelos barracões, chegava para todos. O nosso pão era especialmente saboroso e por isso tinha fama em toda a cidade. Atribuíam isto à habilidade dos condenados padeiros. As sopas de couves também eram muito boas. Faziam-nas numa caldeira comum, temperavam levemente a massa e, sobretudo no dia seguinte, estava fluida, clara. A mim assustava-me a enorme quantidade de baratas que se encontravam nela. Mas os presos não davam a menor importância a esse pormenor.

Nos primeiros três dias não fui para o trabalho; é assim que procedem sempre para com os recém-chegados; deixam-nos descansar da viagem. Mas no dia seguinte tiraram-me do presídio para me porem os ferros. As minhas cadeias eram grandes e disformes, e tinham “voz de baixo”, segundo diziam os presos. Usavam-se fora do presídio. O modelo que se usava no presídio, disposto de maneira a não estorvar o trabalho, não se compunha de elos mas de quatro varetas de ferro, aproximadamente de um dedo de grossura, unidas entre si por três colchêtes. Era preciso trazê-las debaixo das calças. Por meio de um elo segurava-se uma correia que, por sua vez, se prendia à cintura por meio de outra, a qual se prendia diretamente à blusa.

Lembro-me da minha primeira manhã no presídio. No corpo da guarda, à porta do presídio, o tambor tocou a alvorada e dez minutos depois o oficial das sentinelas abriu os barracões. A luz baça de uma vela os presos se foram levantando das suas esteiras. Na sua maioria mostravam-se taciturnos e ainda com sono. Bocejavam, espreguiçavam-se e franziam as fontes estigmatizadas. Alguns persignavam-se, outros começavam a armar brigas com os outros. Lá dentro fazia um calor horrível. O ar fresco de inverno entrava pelas portas assim que as abriam e formavam-se nuvens de vapor no

dormitório. Os presos lavavam-se numa vasilha de madeira; enchiam a boca d'água e borrifavam depois as mãos e a cara com esse líquido. A água tinha sido ali colocada já na véspera, pelo *paráchnik*. Em cada dormitório havia, por ordem superior, um preso, escolhido entre todos, para os serviços desse mesmo dormitório. Era designado com o nome de *paráchnik* e não ia para o trabalho no exterior. O seu dever consistia em zelar pela limpeza do dormitório, lavar e limpar as esteiras e o chão, trazer e levar o urinol, e encher de água fresca duas vasilhas de madeira, de manhã para se lavarem e no resto do dia para beberem. Por causa da vasilha de lavar o rosto, que era única, surgiram imediatamente questões.

– Onde vais, cabeça de alho chocho? – resmungou um preso de má catadura, alto, seco, esverdeado, com uma estranha protuberância no crânio rapado, ao encarar outro, gordo e baixo, com uma cara que transbordava de jovialidade e franqueza. – Para aí!

– Que fazes tu aí rosnando? Para ficar, aqui, paga-se dinheiro; para tu, que és uma espécie de monumento. Tudo quanto tens é pontiagudo, meu caro.

Essa saída produziu um certo efeito; alguns riram-se. O que foi bastante para encher o gordo de satisfação que, pelo visto, desempenhava no dormitório uma espécie de papel de bobo voluntário. O preso alto olhou-o com o maior desprezo.

– Porco! – exclamou, como se falasse para si mesmo. – Como ele engordou com o pão do rancho! Dava uma boa dúzia de presuntos!

– E tu, meu passarão! – exclamou, de repente, o outro, corando. – Isso mesmo, passarão espertalhão.

– Mas que espécie de passarão? Vamos ver…

– Isso é comigo.

– Mas qual? Diz lá, anda…

Comiam-se, um ao outro, com os olhos. O gordo esperava pela resposta e apertava os punhos, como se fosse às vias de fato. Eu, para

dizer a verdade, pensei que iam acabar brigando; tudo aquilo era novo para mim e contemplava-o com curiosidade. Mas com o tempo acabei por perceber que essas cenas eram completamente inofensivas e se representavam, como no teatro, para assombrar o público; raramente havia rixas no presídio. Tudo isso era bastante característico e refletia a moral da prisão.

O preso alto permanecia muito tranquilo e orgulhoso. Sentia que o olhavam e esperavam para ver o que fazia, se atinava ou não com uma boa resposta; pois era preciso não afrouxar e demonstrar que ele era de fato um passarão espertalhão e que espécie de passarão. Deitou um olhar ao seu adversário com um indescritível desdém e, para que a ofensa se tornasse ainda mais grave, olhou-o por cima do ombro, de alto a baixo, como se olhasse para um inseto e por fim pronunciou lentamente e com clareza:

– Uma garça real!

Uma ruidosa gargalhada acolheu a saída do preso.

– O que tu és é um embusteiro, e não uma garça! – respondeu o gordo, sentindo-se vencido e louco de raiva.

Mas quando a coisa ia começar a ficar séria, os outros intervieram.

– Hem? Que é lá isso? – gritou a assistência.

– Deem-lhe com força! – atiçou um, de um canto.

– Segurem-nos, para que eles não se atraquem! – responderam os outros.

– Nós somos valentes, cada um de nós pode lutar contra sete de vocês…

– Sim, são sadios, os dois! Um veio para o presídio por causa de uma libra de pão e o outro… o grande fanfarrão, bebeu leite azedo duma mulher e por isso provou o *knut*.[4]

– Bem, bem, já chega! – gritou o inválido que estava encarregado

de velar pela ordem dentro do dormitório e que, por esse motivo, dormia num canto, numa esteira especial.

– Água, meus caros! *Neválid*[5] Pietróvitch já acordou! *Neválid* Pietróvitch, meu irmão!

– Irmão?! Mas por que sou eu teu irmão? Se nunca comemos no mesmo prato, como é que somos irmãos? – resmungou o inválido metendo com dificuldade o braço na manga do capote…

Ia proceder-se à contagem; começava já a clarear; na cozinha tinha-se apinhado um grupo compacto de indivíduos. Os presos atropelavam-se, meio vestidos e com os gorros bicolores, recebiam o pão que ia repartindo um dos cozinheiros. Estes cozinheiros eram escolhidos, cada um, pelos alojamentos, dois para cada cozinha. Eram eles também os encarregados de guardar as facas de cozinha para cortar o pão e a carne, uma para cada cozinha.

Os presos espalhavam-se por todos os cantos e à volta das mesas, com os seus gorros e as suas samarras apertada por cinturões, já preparados para partirem imediatamente para o trabalho. Alguns tinham na sua frente tigelas de madeira com *kvas*. Molhavam o pão no *kvas* e depois bebiam-no. A balbúrdia e o barulho eram insuportáveis, mas havia alguns que, discreta e tranquilamente, conversavam pelos cantos.

– Olá, velho Antônitch, bom apetite! – exclamou um preso novo, inclinando-se diante de um recluso tristonho e desdentado.

– Olá… se é que não estás para aí troçando – respondeu este sem baixar os olhos e esforçando-se por trincar o pão com os seus maxilares sem dentes.

– Olha, Antônitch, eu pensava que tinhas morrido!

– Pois não morri, porque primeiro do que eu ainda hás de ir tu…

Sentei-me junto deles. À minha direita conversavam dois presos muito circunspectos, que se esforçavam por conservar o seu ar grave.

– A mim nunca me roubaram nada – dizia um. – Eu é que tenho

de ter cuidado para não roubar o que é dos outros.

– Está bem, mas não tentes tocar nas minhas coisas, senão vais te queimar!

– Ah, é assim? Então não és como nós? Queres saber de uma coisa? Todos nós não passamos de presidiários… Deixa estar que ela se encarrega de te tirar tudo e nem sequer te agradece. Olha, meu amigo, os meus cobres também voaram. Ainda há pouco ela esteve… Que se há de fazer? A princípio pensei pedir o auxílio de Fiedka, o carrasco, que ainda tinha uma casa nos arredores, sabes, aquela que ele comprou a Solomonka, o judeu piolhento, aquele que se enforcou, depois.

– Já sei, aquele que nos arranjou aguardente, durante três anos. Chamavam-lhe Grichka, a taberna às escuras. Sei bem…

– Pois não sabes, taberna às escuras é outro…

– Qual outro! Tens sempre a mania de que só tu é que sabes tudo! Mas eu posso provar…

– Então prova lá! Quem achas tu que és? E saberás quem eu sou?

– Quem és tu? Olha, eu já te bati várias vezes, e tu ainda perguntas quem sou!

– Tu, bater-me? Ainda está para nascer aquele que me há de pôr a mão e aquele que alguma vez teve essa ideia, a esta hora, está debaixo do chão.

– Fora daqui! Que o diabo te carregue!

– E a ti, que te coma a lepra!

– Que morras às mãos dum turco!

E a confusão ia começar.

– Eh lá, eh lá! Fiquem quietos! – exclamaram à volta. – Não souberam viver em liberdade… felizmente que aqui vos dão o arroz. Quietinhos!

Serenaram imediatamente. Insultarem-se, desafiarem-se com a língua, era permitido. Em parte, isto constituía para todos uma diversão. Mas nunca acabavam brigando e só excepcionalmente talvez surgissem inimizades. As rixas eram comunicadas aos majores; faziam inquéritos e o major vinha pessoalmente… Em resumo: as rixas acarretavam incômodos a todos e por isso não consentiam que elas se dessem. Até quando os próprios inimigos se insultavam, era mais para se distrair, para desabafar. Muitas vezes eles próprios se enganavam, começando com um furor, uma raiva, que qualquer pessoa pensava… "Cuidado, vão comer-se um ao outro, são capazes de se matarem", mas assim que chegavam a certo ponto, separavam-se imediatamente. A princípio tudo isto me parecia muito estranho. Foi intencionalmente que transcrevi aqui esses exemplos dos diálogos mais correntes entre os presidiários. Eu não podia imaginar, a princípio, que fosse possível as pessoas insultarem-se só por prazer, encontrar nisso uma distração, um exercício agradável, um esporte. E também ali havia vaidade. A dialética do insulto era muito apreciada. Ao bom insultador não faltavam aplausos, como aos autores.

Já desde o dia anterior eu notara que me olhavam de soslaio.

Lembro-me também de alguns olhares sombrios. Mas outros presos, pelo contrário, começavam a rondar-me, supondo talvez que eu trouxesse dinheiro em meu poder. Apressavam-se a servir-me; ensinavam-me a transportar os ferros acabados de fazer; ofereciam-me, é claro, um cofrezinho com chave para que guardasse nele os objetos necessários, que já me tinham entregue, e alguma roupa interior que me pertencia e que levara para o presídio. Mas no dia seguinte roubaram-me e beberam com o dinheiro da venda. Um deles chegou depois a ser um dos que me era mais dedicado, embora não hesitasse em despojar-me na primeira oportunidade. Fazia-o resolutamente, quase inconscientemente, como por dever, e não era possível ficar a odiá-lo.

Entre outras coisas avisaram-me de que era necessário que cada qual tivesse o seu chá e que seria conveniente que eu arranjasse um bule só para mim; por enquanto iam me emprestar um e apresentaram-me também a um cozinheiro, dizendo-me que, por trinta copeques por mês, ele se encarregava de trazer-me tudo quanto eu

quisesse, se desejasse comer à parte e comprar as provisões por minha conta… Inútil será dizer que me ficaram com o dinheiro e que todos eles se aproximaram de mim naquele primeiro dia, pelo menos umas três vezes, em busca de um empréstimo.

Mas, de maneira geral, no presídio olhavam os aristocratas com maus olhos.

Apesar de estes estarem já privados de todos os seus direitos civis e a todos respeitos equiparados aos outros presos – estes não os reconheciam nunca como camaradas seus – não procediam assim com qualquer intenção deliberada de ofendê-los, mas de um modo totalmente ingênuo, inconsciente. Consideravam-nos sinceramente como aristocratas, apesar de eles próprios se comprazerem na nossa humilhação.

– Não, agora já chega, fica quietinho! Os tempos mudaram; ontem, ainda Piotr atravessava Moscou em triunfo; hoje, Piotr rói a corda, muito mansinho – e outras amabilidades do gênero.

Contemplavam, compadecidos, o nosso sofrimento, que procuravamos ocultar-lhes. Faziam-nos ver sobretudo a princípio, no trabalho, que não tínhamos tantas forças como eles e que de maneira nenhuma podíamos ajudá-los. Não há nada mais difícil do que adquirir prestígio sobre as pessoas (principalmente sobre pessoas como aquelas) e ganhar o seu afeto.

Havia no presídio alguns presos de origem aristocrática. Em primeiro lugar, cinco polacos. Hei de falar mais demoradamente deles noutra ocasião. Os condenados tinham um ódio muito maior pelos polacos do que pelos deportados russos de sangue azul. Os polacos (refiro-me unicamente aos delinquentes políticos) mantinham para com eles uma cortesia requintada, uma delicadeza ofensiva, cheia de desinteresse, e nunca conseguiam disfarçar bem perante os condenados a sua diferença de classe, o que estes compreendiam claramente, pagando-lhes na mesma moeda.

Eu precisei cerca de dois anos para vencer a indiferença de alguns presos. Mas na sua maioria acabaram todos por ganhar-me afeição e reconhecer que eu era uma boa pessoa.

Aristocratas russos, sem contar comigo, havia quatro. Um – uma criatura reles e má, extremamente depravada, espião e delator por ofício. Puseram-me imediatamente em guarda contra ele desde a minha entrada no presídio e passados poucos dias cortei logo com ele todo gênero de relações. Outro, era aquele parricida de que já falei. O terceiro era Akim Akímitch; creio que nunca conheci um indivíduo tão estranho como esse tal Akim Akímitch. A sua recordação ficou-me fortemente gravada na memória. Era um homem alto, seco, de pouca compreensão, analfabeto, e tão rabugento e rigorista como um alemão. Os condenados riam-se dele; mas alguns fugiam do seu convívio por causa do seu feitio melindroso, questionador e implicante. Andava constantemente provocando arruaças, dizendo insultos e brigando com eles. O seu sentimento de dignidade era fenomenal. Assim que observava alguma irregularidade, não descansava enquanto não a emendasse, fosse ela qual fosse. Era o cúmulo da ingenuidade. Por exemplo: ralhava com os presos e pregava-lhes sermões, fazendo-lhes ver como era feio serem ladrões e aconselhava-lhes, muito sério, a que não roubassem. Tinha servido no Cáucaso, no grau de alferes. Travamos amizade desde o primeiro dia e ele contou-me a sua história. Começara o serviço no Cáucaso com os *junkers*,[6] num regimento de Infantaria, até que por fim o fizeram oficial e o mandaram a não sei que forte na qualidade de chefe. Um certo principezinho, aliado da Rússia, lançou uma vez fogo à fortaleza, contra a qual tentou também um ataque noturno, que não teve êxito. Akim Akímitch fingiu que não sabia quem era o autor da façanha. Deitaram a culpa num dos inimigos e, passado um mês, Akim Akímitch convidou o principezinho para uma festa. Este compareceu imediatamente, sem qualquer receio. Akim Akímitch mandou formar o seu regimento e, diante das tropas, lançou em rosto do principezinho o seu procedimento, dizendo que era uma vergonha ter querido pegar fogo ao seu fortim. Depois começou a explicar-lhe, com todo gênero de pormenores, a maneira como devia conduzir-se um príncipe amigo da Rússia, e por fim mandou-o fuzilar, do que participou em seguida ao Comando, com toda a espécie de detalhes. Foi devido a isso que lhe formaram um Conselho de Guerra e o condenaram à morte, embora depois lhe tivessem suavizado a sentença e mandado à Sibéria, para trabalhos forçados de segundo grau, nas fortalezas, por doze anos. Ele próprio confessava que se conduzira arbitrariamente e disse-me mais

que, antes de mandar fuzilar o príncipe, já sabia que um chefe aliado tinha de ser julgado segundo as leis, mas que, apesar de saber, nunca seria capaz de chegar a compreender sua falta.

– Pois repare! que ele tentara incendiar-me o forte! E que havia eu de fazer? Agradecer-lhe, ainda por cima? – dizia-me, em resposta às minhas observações.

Mas os presos, entretanto, apesar de troçarem de Akim Akímitch, devido à sua pouca esperteza, respeitavam-no por causa da sua escrupulosidade e da sua habilidade.

Não havia ofício que Akim Akímitch ignorasse. Era carpinteiro, sapateiro, pintor de paredes, prateiro, serralheiro e aprendera tudo isso no presídio. Era autodidata; via alguém fazer uma coisa e em seguida fazia-a ele logo também. Confeccionava ainda caixinhas, cestinhos, lanternas e brinquedos infantis, que vendia na cidade. Assim, tinha sempre dinheiro que empregava depois em roupa interior fina; em cosméticos e em colchões dobráveis. Ficava no mesmo dormitório que eu e não foram poucos os serviços que me prestou nos primeiros dias da minha vida de forçado.

Quando saíam da penitenciária para irem para o trabalho, os presos formavam em duas filas diante do corpo da guarda; à frente e atrás dos presos alinhavam os soldados da escolta, de espingardas carregadas. Estavam presentes um oficial de engenharia, o condutor e alguns engenheiros subalternos que se destinavam a assistir aos trabalhos. O condutor distribuía os presos e enviava-os para os lugares onde eram necessários.

Destinaram-me, juntamente com outros, à oficina de engenharia. Consistia esta num edifício de pedra, baixinho, situado no pátio maior, cheio de materiais diversos. Havia aí ferragens, carpintaria, oficina de pintura etc., etc. Era aí que trabalhava Akim Akímitch: pintava, preparava os óleos, misturava as cores e construía mesas e outros móveis de nogueira.

Enquanto me punham as grilhetas entretive-me a conversar com Akim Akímitch acerca das minhas primeiras impressões do presídio.

– Sim, não gostam dos aristocratas – disse ele – especialmente dos presos políticos; de boa vontade os comeriam e não deixam de ter as suas razões. Em primeiro lugar os senhores são pessoas diferentes deles, ainda que eles tenham sido anteriormente modestos proprietários ou militares. Já vê que não é possível que os olhem com simpatia. Acredite que é difícil viver aqui. E entre os presos da Rússia europeia, ainda é mais difícil. Temos aqui muitos que apreciam o nosso presídio, como se tivessem passado do inferno para o paraíso. O trabalho não é nenhuma desgraça. Dizem que na Rússia europeia, o comando não se conduz de maneira estritamente militar; pelo menos procede de maneira diferente para com os presos; dizem que os deportados podem viver em suas casas. Eu nunca estive lá, falo pelo que tenho ouvido dizer. Não lhes rapam a cabeça, não usam uniforme, embora no fim de contas não deixe de estar certo que estes andem de uniforme e de cabeça rapada; assim, torna-se tudo mais ordenado e mais agradável à vista. Simplesmente, eles é que não acham graça. Mas repare, que confusão. Um, é dos cantões; outro, cherquês; o terceiro, *raskólhnik*;[7] o quarto, um camponês ortodoxo, que deixou na terrinha a família e os filhos queridos; o quinto, judeu; o sexto, cigano; o sétimo não se sabe o que é, e todos eles se veem obrigados a viver juntos, a marchar, seja como for, uns com os outros; a comer no mesmo prato, a dormir nas mesmas esteiras. E que liberdade! Os melhores bocados só se podem comer às escondidas; os cobres têm de ser guardados no fundo das botas e, no fim de contas, a penitenciária é sempre a penitenciária… Quer queiras ou não, a loucura sobe-te à cabeça.

Mas isso eu já sabia. Tinha um desejo enorme de interrogá-lo acerca do nosso major. Akim Akímitch não era homem para guardar segredos e lembro-me de que a impressão com que fiquei de tudo quanto me contou não foi muito boa.

Mas eu estava condenado a passar ainda dois anos sob seu domínio. Tudo quanto Akim Akímitch me contou acerca dele, verifiquei depois ser verdade, com a diferença de que a impressão direta é sempre mais forte do que a que se recebe através de uma simples narrativa. Era um homem estranho, embora mais estranho ainda fosse que semelhante homem tivesse um poder ilimitado sobre

duzentas almas. Era por natureza um homem severo e mau, e nada mais. Encarava os presos como seus inimigos naturais e nisto consistia o seu primeiro e principal defeito. Possuía sem dúvida alguma aptidões; mas tudo, inclusive o que era bom, apresentava nele um aspecto incompleto. Rancoroso, mau, costumava entrar no presídio durante a noite e, se por acaso via algum preso dormindo sobre o lado esquerdo ou de boca para baixo, no outro dia de manhã, chamava-o para dizer-lhe: "Vamos ver se consegues dormir sobre o lado direito, como te mandei". No presídio, todos lhe tinham antipatia e temiam-no como à peste. Tinha uma cara muito vermelha e encolerizada. Todos sabiam que era um autêntico brinquedo nas mãos do seu assistente, Siedka. De quem ele gostava mais era do seu cãozinho Tresorka e esteve quase morrendo uma vez que o seu Tresorka esteve doente. Diziam que nessa ocasião chorava como se tivesse perdido um filho; chamou um veterinário, com o qual esteve quase a trocar pancada; e quando soube por Fiedka que havia na penitenciária um preso autodidata que fazia curas extraordinárias, mandou imediatamente chamá-lo.

– Salva-me! Vou te cobrir de ouro, se salvares o meu Tresorka! – gritou-lhe.

O homem era um siberiano, esperto, hábil, de fato, ótimo veterinário, mas muito rude.

– Olhei para Tresorka – disse depois aos outros presos, embora já passado bastante tempo da sua visita ao major, quando já tudo aquilo estava esquecido. – Olho-o; o cão está estendido sobre o divã, em cima dum almofadão branco, e concluo que tem uma inflamação, que é preciso fazer-lhe uma sangria para salvá-lo. Mas penso para comigo: "gostava de saber o que é que acontecia se eu não o curasse, se o deixasse estourar para aqui!". Nada; vou e digo-lhe: "Vossa Excelência mandou-me chamar já muito tarde; ontem, ou anteontem, talvez ainda pudesse fazer alguma coisa, mas hoje já não é possível…".

E foi assim que Tresorka morreu.

Contaram-me com todos os pormenores como uma vez quiseram matar o nosso major. Havia na penitenciária um certo preso. Estava

conosco havia já alguns anos e distinguia-se de todos nós pelo seu ingênuo modo de conduzir-se. Também reparavam que nunca falasse com ninguém. Achavam que era um pouco amalucado. Sabia ler e escrever e tinha passado todo o ano anterior lendo constantemente a Bíblia, lendo-a de dia e de noite. Quando todos dormiam, à meia-noite, ele se levantava, acendia uma vela de igreja, trepava no fogão, tirava o livro que lá estava escondido e punha-se a ler até que amanhecia. Um dia chegou junto do oficial e disse-lhe que não queria ir para o trabalho. Avisaram o major, o qual ficou furioso e veio imediatamente numa correria. O preso atirou-lhe um tijolo que já levava, às escondidas; mas errou o golpe. Agarraram-no, levantaram-lhe um processo e castigaram-no. Fizeram tudo isso rapidamente. Passados três dias o infeliz falecia na enfermaria. Quando morreu disse que não tinha feito aquilo por ódio a ninguém, mas apenas porque queria sofrer. E isto sem que pertencesse a alguma seita. No presídio lembravam-se dele com respeito.

Finalmente puseram-me as grilhetas. Entretanto, já tinham aparecido na oficina várias vendedoras de bolinhos. Algumas eram ainda umas mocinhas. Enquanto eram jovens, andavam na venda dos bolos; as mães faziam-nos e elas vendiam-nos. Quando já mulheres continuavam entrando ali, mas sem bolinhos; era esse o costume. Entre as vendedoras havia também algumas que eram casadas. Os bolinhos custavam um *groch* cada um e quase todos os presos os compravam.

Reparei num preso carpinteiro, já de cabelo branco mas muito mulherengo, que, sorrindo, não tirava os olhos de cima das vendedoras. Pouco antes de elas terem chegado pôs um lenço vermelho no pescoço. Uma mulher gorducha e toda cheia de marcas de varíola sentou no banco junto dele e entre ambos entabulou-se o diálogo seguinte:

– Por que não foste lá ontem? – perguntou o preso com um sorriso fátuo.

– Eu fui, mas Mitka chamou-os! – respondeu a mulher com desenvoltura.

– É verdade, chamaram-nos; senão, teríamos ido lá, sem falta… Mas antes de ontem foram lá todas…

– Quem é que foi?

– A Mariachka, Khavrochka, Tchekunda, Dvugrochévaia…[8]

– Que quer dizer isso? – perguntei eu a Akim Akímitch. – Será possível?

– É – respondeu-me baixando os olhos, pois era um homem muito austero.

Não havia dúvida de que aquilo era possível, mas apenas uma vez por outra e com grandes dificuldades. De maneira geral entregavam-se mais à bebida do que a isso, apesar da dureza da vida de forçado. Até à mulher era muito difícil chegar. Era preciso arranjar uma hora, um lugar, pôr-se de acordo com elas, marcar um encontro, procurar a solidão, o que era particularmente difícil; escapar da caravana, o que era ainda mais difícil, e depois gastar uma boa soma, relativamente falando. Mas, apesar de tudo isso vim ainda a ter oportunidade, algumas vezes, de testemunhar cenas de amor. Lembro-me de que uma vez, no verão, tínhamos ido para um certo alpendre, nas margens do Irtich, onde nos ocupávamos a acender um forno; as sentinelas eram bons rapazes. Apareceram então ali duas *souffleuses*, como os presos lhes chamam.

– Olá? Então por onde tem andado? Talvez com os Zvierkóvi? – perguntou-lhes um dos presos, do qual se tinham aproximado, e que havia muito tempo as esperava.

– Quem? Eu? Mais tempo demora a pega na árvore do que eu com eles – respondeu com desenvoltura uma das mulheres.

Era uma criatura horrorosa. Vinha acompanhada pelo Dvugrochévaia, a qual era também de uma fealdade superior a toda hipérbole.

– Já há tempo que não vos via – continuou o galã dirigindo-se a Dvugrochévaia. – Que fizeste, para estares assim tão magra?

– Eu já lhe digo. Eu, dantes, era muito gorda, e agora, em compensação… pareço um palito.

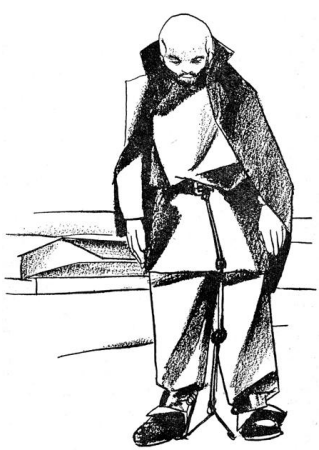
– Não andaram com os soldados?

– Qual! Isso são as más línguas que dizem! Embora, no fim de contas… Embora nos deixem sem um cobre, os soldados atraem-nos!

– Então larguem deles e venham conosco; nós temos dinheiro…

Para completar o quadro imaginemos esse galanteador de cabeça rapada, de grilhetas e de terno listado, e vigiado por sentinelas.

Perguntei a Akim Akímitch e ele me disse que eu podia voltar com a escolta para o presídio, e foi o que fiz. Os outros regressavam já. Os primeiros a regressarem eram os que trabalhavam por empreitada. O único processo de obrigar os presos a trabalhar com persistência era dar-lhes uma tarefa. Às vezes davam-lhes umas tarefas enormes; mas, apesar disso, acabavam-nas muito mais depressa do que quando os faziam trabalhar durante todo o dia, até o toque do tambor, que anunciava a hora do rancho. Assim que acabavam o seu trabalho, os condenados voltavam logo para o presídio e já ninguém os incomodava.



Não comiam todos juntos mas ao acaso, à medida que iam chegando; aliás, também não havia lugar suficiente para todos, ao mesmo tempo, na cozinha. Provei a sopa de couves, mas, por não estar

habituado, não fui capaz de ingeri-la e fiz um pouco de chá. Sentei-me na ponta da mesa. A meu lado tinha um companheiro que, tal como eu, era de família nobre.

Os presos entravam e saíam. Havia ainda lugar de sobra, pois ainda não tinham chegado todos. Um grupo de cinco homens formava um pequeno círculo à parte, na mesa ampla. O cozinheiro deu a cada um deles um prato fundo de sopa de couves e deixou em cima da mesa uma travessa com peixe frito. Deviam festejar qualquer coisa e comiam por dois. Olhavam para os outros de soslaio. Entrou um polaco e sentou junto de mim.

– Não estava em casa, mas sei tudo! – exclamou com voz forte um preso alto, entrando na cozinha e passando revista com os olhos a todos os presentes.

Devia ter cinquenta anos e era musculoso e magro. Tinha, ao mesmo tempo, qualquer coisa de sinistro e de cômico no rosto. O que mais chamava nele a atenção era o seu lábio inferior, grosso e proeminente, o que dava ao seu rosto uma expressão muitíssimo engraçada.

– Saúde! E que vos faça muito bom proveito! Mas por que é que nem sequer cumprimentam? – acrescentou, sentando-se junto dos que comiam. – Bom apetite! Recebam bem o convidado!

– Nós, meu caro, não somos de Kursk!

– Ah! Talvez sejam de Tambov!

– Nem de Tambov. De nós não levas nada, meu caro. Dirige-te a algum ricaço e estende-lhe a mão.

– Na minha barriga, meus caros, hoje estão Ivan Taskun e Maria lkhótchina;[9] mas onde está, onde vive esse ricaço?

– Tens aí Gázin, que é um homem endinheirado; podes dirigir-te a ele.

– Mas Gázin, meus caros, ficou sem dinheiro, embebedou-se, gastou tudo na pinga.

– Tem vinte rublos – disse outro. – Pelo visto, o negócio de taberneiro não é nada mau.

– Mas quê, não admitem convidados? Bem, se é assim, comeremos por conta da casa.

– Vamos lá, pede chá. Olha os senhores, tomam-no.

– Aqui não há senhores, agora; aqui todos são o mesmo que eu – exclamou com mau modo um preso que estava sentado num canto. Até esse momento não tinha dito uma palavra.

– De boa vontade tomaria chá; mas custa-me pedi-lo, também temos a nossa dignidade! – observou o preso do lábio gordo, olhando-nos com uma expressão bonachona.

– Se deseja, eu lhe ofereço – disse, convidando-o – com muito gosto…

– Com muito gosto? Aí é que não havia de aceitar! – e aproximou-se da mesa.

– Em casa só comia sopa de couves; e agora, aqui, apetece-lhe a bebida dos senhores! – exclamou o preso de mau gênio.

– Então, não há aqui quem beba chá? – perguntei-lhe eu; mas ele não se dignou responder-me.

– Olhem, aí estão com os bolos. Ande, dê-me um também!

Entraram com os bolos. Um preso novo trazia um monte de bolinhos e procurava vendê-los aos outros presos. As vendedoras entregavam-lhe dez bolos e, a partir destes, começaram a contar.

– *Kalátchi, kalátchi!* – gritava ao entrar na cozinha. – Chegados de Moscou, quentinhos! Se não me tivessem custado dinheiro, quem os comia era eu. Vamos, rapazes, que só tenho um! Quem é que teve mãezinha?!

Esta invocação do amor maternal comoveu-os a todos e alguns compraram-lhe bolinhos.

– Mas… vocês não sabem? – acrescentou. – Gázin não cometeu nenhum pecado! Meu Deus! Então não se lembrou de sair! Contanto que o Oito Olhos não o descubra!

– Escondem-no. Mas como, embebedou-se?

– Está mas é furioso.

– Então vamos ter pancadaria…

– De quem falam? – perguntei ao polaco que estava sentado junto de mim.

– De Gázin, o preso. É doido por vinho. Assim que apanha algum dinheirinho põe-se logo a beber; se não fosse isto era o homem mais pacato do mundo, mas quando bebe perde a cabeça e atira-se às pessoas de faca em punho. O que vale é que aqui sabem amansá-lo.

– Como é que o amansam?

– Dez presos atiram-se sobre ele e dão-lhe uma sova, com todas as suas forças, até que fique sem sentidos, isto é, até o deixarem meio morto. Então levam-no para a esteira e deitam-lhe uma samarra por cima.

– Um dia podem matá-lo!

– Se fosse outro, matavam, a ele, não. É o mais forte de todos que estão no presídio, e de uma constituição robustíssima. Na manhã seguinte levanta-se como se nada tivesse acontecido.

– Ora diga-me, por favor – continuei eu a perguntar ao polaco – agora, eles estão comendo, enquanto eu bebo chá. E todos olham para mim, como se invejassem o meu chá. Diga-me: que significa isso?

– Não é por causa do chá – respondeu-me o polaco – mas por o senhor ser nobre, como eu, e não sermos parecidos com eles. Sabe Deus quantos gostariam de brigar conosco. Têm sempre uma vontade enorme de nos ofenderem, de nos vexarem. O senhor admira-se muito desta hostilidade. Aqui, têm-nos um ódio feroz a todos, é uma coisa horrível. A mais horrível, em todos os sentidos. É preciso muita

paciência para uma pessoa se acostumar a isto. Há de encontrar muitas vezes essa hostilidade e aversão por causa do chá e da comida especial, apesar de haver aqui muitos que frequentemente comem à parte e alguns que bebem chá constantemente. Eles podem fazer isso, mas o senhor não pode.

Quando disse isto levantou e saiu da mesa.

Passados poucos minutos tive a confirmação das suas palavras.

## Capítulo III / Primeiras impressões (continuação)

Assim que Mátski (o polaco com o qual eu tinha acabado de falar) saiu, Gázin, completamente bêbado, apareceu na cozinha. Um preso bêbado, à luz do dia, quando todos eram obrigados a estar no trabalho, tão próximo do lugar onde estavam os chefes do presídio, que podiam aparecer ali de um momento para o outro, a dois passos do suboficial encarregado da guarda dos presos, e que não se afastava do edifício; tão à vista das sentinelas e dos inválidos, numa palavra, de todos os guardiões do presídio, vinha arruinar por completo a ideia que eu fizera da vida dos presos. Foi preciso ainda muito tempo para que a mim mesmo pudesse explicar todos esses fatos, que eram para mim autênticos enigmas, durante os primeiros dias do meu cativeiro.

Já disse que os presos tinham sempre o seu trabalho particular, e que esse trabalho era uma exigência natural da vida presidiária; que à parte essa necessidade, o preso ama extraordinariamente o dinheiro e valoriza-o acima de tudo, quase tanto como a liberdade, sentindo-se satisfeito quando o ouve tilintar no bolso, e que, pelo contrário, se mostra diminuído, tristonho e inquieto, e perde a coragem quando ele acaba, e se torna então capaz de roubar seja o que for, contanto que o arranje. Mas apesar de ser tão precioso na penitenciária, o dinheiro nem sempre contribuía para a felicidade daqueles que o possuíam. Em primeiro lugar, era-lhes muito difícil guardá-lo, de maneira que não o roubassem nem o apreendessem. Se o major conseguisse dar com ele, em qualquer das suas inesperadas revistas, apreendia-o imediatamente. Pode ser que o empregasse em melhorar o rancho dos

presos; fosse lá para o que fosse, o certo era que o levava. Mas o mais frequente era roubarem-no; não havia processo de o porem bem seguro. Mais tarde os presos vieram a descobrir um meio de guardar o dinheiro com toda a confiança. Depositavam-no nas mãos dum velho, um antigo crente, que chegara ali como adepto da seita de cismáticos que formavam os camponeses de Staradúbovo… E não posso deixar de dizer algumas palavras acerca deste, embora me afaste do meu assunto.

Era um velho de sessenta anos, baixinho e de cabelos brancos. Causou-me uma profunda impressão da primeira vez que o vi. Era completamente diferente dos outros presos. Qualquer coisa de plácido e de sereno transparecia no seu olhar, a tal ponto que me lembro de como me agradava olhá-lo nos seus olhos claros e luminosos, rodeados de rugas finas e pequenas. Conversávamos muitas vezes e talvez nunca tenha encontrado na minha vida uma criatura tão boa e tão simpática. Tinha sido deportado por um crime muito grave. Entre os aldeões de Staradúbovo, adeptos da antiga fé,[10] começaram a dar-se conversões. O governo protegia os conversos e começou a pôr em jogo todos os seus recursos para que se convertessem também os outros dissidentes. Mas o nosso velho decidiu, juntamente com outros fanáticos, dar público testemunho da sua fé, como ele dizia. Os outros começaram a levantar uma igreja nova e eles incendiaram-na. O nosso velho foi enviado para os trabalhos forçados como um dos instigadores. Era um comerciante rico e tinha mulher e filhos; mas aceitou a sua sorte, sem fraquejar, por considerar, na sua cegueira, que aquilo era um martírio pela sua fé. Quem convivesse durante algum tempo com ele havia de fazer involuntariamente esta pergunta: “Como é possível que este homem, tão amável, ingênuo como uma criança, tenha sido um revolucionário?”. Algumas vezes eu lhe falava da fé… Não havia quem o demovesse das suas convicções; mas nunca deixava transparecer maldade nenhuma nem ódio nas suas palavras. E no entanto tinha incendiado igrejas e não o negava. Calculo que, segundo a sua maneira de pensar, devia considerar a sua conduta e o martírio como uma felicidade. Mas nunca lhe notei nem lhe ouvi nada que pudesse ser indício de vanglória ou de jactância.

Havia ali outros adeptos da antiga fé, na maior parte siberianos.

Eram pessoas melindrosas, homens brigões, muito irritáveis e pedantes, e grandes dialéticos na sua doutrina; indivíduos altivos, desordeiros, presunçosos e incrivelmente impacientes. O nosso velho era completamente diferente. Talvez mais lido do que todos eles, evitava as discussões. Era muito sociável. Estava sempre contente, e costumava rir, não com esse risinho sombrio, cínico; com que riam os presidiários, mas com um riso claro, plácido, com um riso que transbordava de candura infantil e que combinava muito bem com os seus cabelos brancos. Pode ser que eu esteja enganado, mas parece-me que se pode conhecer os homens pela maneira de rir e que, quando surpreendemos um riso afetuoso na boca de alguém que não conhecemos, podemos afirmar que se trata de uma boa pessoa. O velho era muito considerado em todo o presídio, mas não se envaidecia por isso. Os presos chamavam-no avô e nunca se metiam com ele. Mas apesar da visível dignidade com que suportava os seus trabalhos forçados, escondia na alma um pesar profundo, inconsolável; que se esforçava por dissimular. Eu ficava no mesmo alojamento que ele. Uma vez, aí pelas três da madrugada, acordei e ouvi um chorar manso e reprimido. O velho estava sentado sobre o fogão (aquele mesmo fogão sobre o qual, já antes dele, à noite, se punha a rezar aquele outro preso que lia a Bíblia e queria matar o major), e rezava no seu livro manuscrito. Chorava e eu ouvi como dizia de quando em quando: “Senhor; não me abandones! Senhor, dá-me forças! Os meus filhinhos, tão pequeninos, nunca mais me verão!”. Não poderia exprimir a pena que aquilo me fez. Bem. Pois foi a esse velhinho que, pouco a pouco, todos os presos foram confiando o seu dinheiro para que ele o guardasse. No presídio eram quase todos gatunos; mas, de repente, não sei por que, todos adquiriram a convicção de que aquele velho não poderia roubá-los. Sabiam que ele também escondia em qualquer lugar as quantias que lhe enviavam de casa; mas num lugar tão seguro que não era possível descobri-las. Mais tarde veio a revelar-nos o seu esconderijo, a mim e a alguns dos polacos. Numa das estacas da nossa cerca havia nascido um galho que, segundo parecia, estava bem agarrada ao tronco. Mas ele levantou o galho e ficou a descoberto um grande buraco. Era ali que o velhote escondia o seu dinheiro, voltando depois a colocar o galho no seu lugar, de maneira que nunca ninguém pudesse suspeitar de nada.

Mas afastei-me da minha narrativa. Tínhamos ficado nisto: no motivo pelo qual o dinheiro não durasse muito no bolso dos presos. Mas além da dificuldade de guardá-lo havia no presídio outras causas de sobressalto; o preso é, por natureza, um ser a tal ponto ansioso de liberdade, e também, devido à sua posição social, a tal ponto desorientado e desordenado que, naturalmente, o seduz a ideia de fartar-se de tudo, de gastar de uma só vez todos os seus bens, com balbúrdia e com música, a fim de esquecer, ainda que só por um minuto, a sua sorte. Era estranho ver alguns deles trabalharem sem levantar a cabeça, às vezes durante meses inteiros, apenas com o fim de poderem um dia largar completamente o trabalho, para depois, outra vez, até nova pândega, voltarem a trabalhar outros tantos meses a fio. Muitos gostavam de vestir uma roupa nova e, é claro, qualquer coisa fora do comum: umas calças pretas de feitio especial, ou um cinturão, ou uma samarra siberiana. Também se usavam muito as camisas de cor, de algodão, e o cinturão com fivelas de metal. Quando estavam alegres e foliões por causa de alguma festa, era certo que se punham a percorrer todos os alojamentos, chamando por toda a gente. A satisfação de se sentirem bem frajolas raiava pela infantilidade; e, de fato, muitos desses presos eram umas autênticas crianças. Para dizer a verdade, todos esses objetos vistosos deixavam, como por encanto, de ser propriedade sua, pois às vezes, já nessa mesma noite, os empenhavam ou vendiam por um preço irrisório. Aliás, andavam sempre na farra, para a qual havia oportunidade, geralmente, ou nos dias de festa ou nos dias em que o anfitrião celebrava o seu santo. O preso que celebrava o seu santo onomástico levantava-se nesse dia muito cedo, acendia uma vela e rezava; depois vestia-se, alindava-se e encomendava o jantar. Mandava comprar carne de vaca e peixe e fazer empadas siberianas; a seguir comia como um abade, geralmente sozinho, pois raramente convidava os companheiros para partilharem do festim. Depois aparecia a aguardente; o tipo bebia, percorrendo todos os dormitórios, fazendo barulho, provocando os outros e esforçando-se por demonstrar a todos que estava bêbado, que se excedera, conquistando assim o respeito geral. Entre os russos, em todas as partes se acolhe o bêbado com uma certa simpatia; no presídio quase lhe prestavam homenagem. Havia qualquer coisa de aristocrático na bebedeira dos presidiários. Assim que se embebedava, o preso começava logo a exigir música. Havia no presídio um polaco

desertor, muito repugnante, mas que tocava violino, possuindo um que era mesmo seu e representava toda a sua fortuna. Não tinha ofício nem benefício; por isso pensou em dedicar-se a tocar danças alegres para os companheiros que se embriagavam. O seu trabalho consistia em seguir constantemente, de alojamento em alojamento, o bêbado do patrão, tocando o violino com todas as forças. Às vezes o seu rosto refletia desgosto, angústia. Mas aquelas palavras de "Toca, que eu te pago" eram o suficiente para que ele se pusesse a tocar com nova energia. Quando começava a embebedar-se, o preso tinha a certeza absoluta de que, assim que estivesse completamente atascado, os companheiros haviam de dar por isso e então o levariam para deitar e procurariam algum meio de os chefes não chegarem a saber do ocorrido; e, tudo isso, o fariam com o maior desinteresse. Por outro lado, o suboficial e os inválidos, encarregados de velar pela ordem dentro do presídio, estavam completamente seguros de que o bêbado não chegaria a cometer nenhum desacato. Todos os presos, de todas os alojamentos, tomavam conta nisto, e quando o bêbado se excedia e começava a ficar pesado, deitavam-lhe imediatamente água na fervura e, se fosse necessário, manietavam-no, muito simplesmente. Mas a chefia secundária do presídio também fazia vista grossa sobre os bêbados e fingia não saber de nada. Sabiam muito bem que, se não permitissem a aguardente, ainda seria pior… Mas donde vinha essa aguardente?

Vendiam-na no presídio os próprios taberneiros de ofício. Eram vários e praticavam um tráfico contínuo e lucrativo, apesar de os bêbados e desregrados serem normalmente poucos, pois, para beber, era preciso contar com dinheiro e os presos tinham grandes dificuldades para o conseguir. Esse negócio começara, prosperara, e desenvolvera de maneira bastante original. Suponhamos um preso sem ofício e sem vontade de trabalhar (que não faltavam ali), mas com vontade de possuir dinheiro e, além disso, homem impaciente, que deseja ver depressa o resultado das suas diligências. Conta com algum dinheirinho para começar e decide-se a fazer contrabando de aguardente: empresa atrevida e que acarreta riscos graves. Podia acontecer que o tivesse de pagar com o corpo e se visse ao mesmo tempo privado do seu comércio e do seu pecúlio. Mas o taberneiro arrostava com tudo. Dinheiro, a princípio tem algum, e além disso; da

primeira vez é ele mesmo quem introduz a aguardente no presídio, tirando, é claro, um bom lucro. Repete a operação pela segunda e pela terceira vez e, desde que os chefes não se intrometam, o seu negócio prospera rapidamente, e é então que assenta sobre uma base mais ampla: arvora-se em negociante, em capitalista, mantém agentes e ajudantes, corre menos perigo e cada vez ganha mais. Quem se arrisca são os ajudantes.

Havia sempre no presídio indivíduos perdulários, jogadores, que se embebedavam até gastar o último copeque; indivíduos sem ofício, desprezíveis e miseráveis, mas dotados de ousadia e iniciativa no mais alto grau. Esses indivíduos, a respeito de capital só possuem um: as costas, que podem servir-lhes para qualquer coisa, e portanto utilizam-no e dispõem-se a tirar dele o rendimento que pode dar. O indivíduo avista-se imediatamente com o comerciante e se oferece para introduzir a aguardente no presídio; o rico taberneiro tem sempre alguns desses auxiliares, em qualquer parte, fora do presídio – um soldado, um camponês, às vezes uma mocinha – que compra a aguardente nas tabernas, em grande quantidade, relativamente, por conta do negociante e pelo preço conveniente, e vai depois ocultá-la em qualquer esconderijo dos lugares por onde os presos devem passar quando se dirigirem para o trabalho. O fornecedor começa sempre por dar a provar a excelência da aguardente; mais isto e mais aquilo, o preso não pode resistir muito e pode dar-se por muito feliz se não deixar ali todo o seu dinheiro em troca de uma aguardente que, por muito boa que seja, no fim das contas é aguardente. Ao referido fornecedor apresentam-se de antemão, designados pelo taberneiro do presídio, os transportadores que hão de trazer os odres. Estes odres, primeiro são lavados, depois enchem-nos de água, para que conservem assim a umidade e elasticidade primitivas e fiquem capazes de receberem a aguardente. Assim que os têm cheios de água, o preso liga os odres à cintura e, se isso for possível, às partes mais escondidas do corpo. É claro que para isto é necessária toda a destreza, toda a manha de larápio do contrabandista. De certa maneira é a sua honra que está em causa. Tem de passar diante dos soldados da caravana e das sentinelas. Mas engana-os; o ladrão eficiente sabe sempre enganar os soldados da caravana, que às vezes se reduzem a algum recruta. É claro que primeiro se informam acerca da natureza da caravana,

considerando também o momento e o lugar onde vão trabalhar. O preso é, por exemplo, consertador de fogões, e encarrapita-se em cima de um. Como se há de ver o que ele faz aí? O soldado não há de ir encarrapitar-se também atrás dele. Quando regressa ao presídio traz na mão uma moedinha de quinze ou vinte copeques, como por acaso, e espera o cabo à porta. Quando voltam do trabalho todos os presos são revistados pelo cabo das sentinelas, o qual os olha e apalpa por todas as partes, antes que se abram as portas da penitenciária. O introdutor da aguardente espera, de maneira geral, que durante a revista não cheguem a inspecionar-lhe determinadas partes do corpo. Mas às vezes acontece que o cabo o revista também aí e encontra a aguardente. Então o preso apela para o seu último recurso. Em silêncio e às furtadelas, mete na mão do cabo a moeda que traz na sua. Costuma suceder que, devido a essa manobra, consegue entrar no presídio, sem qualquer contratempo, transportando a sua aguardente. Mas de outras essa manha falha e então não tem outro remédio senão lançar mão do seu último capital: as costas. Dão parte ao major, paga bem com o referido capital, confiscam-lhe a mercadoria e o contrabandista aguenta tudo sem tugir nem mugir e sem denunciar o fornecedor; mas, entenda-se, não porque o papel de delator lhe repugne, mas apenas porque a denúncia não lhe traria proveito algum; ele, de todas as maneiras, havia sempre de apanhar, e a sua única consolação talvez fosse a de que ambos apanhassem. Mas precisa do fornecedor, embora, segundo o costume e em relação à combinação feita, este não dá ao contrabandista nem um só copeque de indenização pelas vergastadas que podem cair-lhe sobre as costas. Quanto às denúncias, costumam ser frequentes. O delator não fica exposto a qualquer contratempo no presídio; nem sequer teme que lhe mostrem desdém. Não o desprezam, tratam-no tão amigavelmente que se no presídio alguém se pusesse a querer demonstrar-lhe a vileza da delação, ninguém o compreenderia. Havia um preso de condição nobre, depravado e mau, com quem rompi todo gênero de relações, o qual era um grande amigo de Fiedka, o delator do major, o que lhe servia de espião e lhe contava tudo o que ouvia aos presos. Pois todos sabiam disso e nunca ninguém pensou em castigá-lo, nem sequer censurar a sua conduta.

Mas já me desviei do assunto. Tínhamos ficado em que a

aguardente entrava no presídio sem dificuldade alguma. Bem; uma vez aqui, o taberneiro toma conta dos odres que lhe levam, paga o custo e começa a fazer contas. Verifica então que a mercadoria lhe fica muito cara e, portanto, para obter maior lucro, batiza-a de novo, deitando-lhe outra porção de água, quase metade por metade; e assim aguarda a chegada do cliente, que aparece no primeiro dia de festa, e às vezes no meio da semana: algum preso que trabalhou durante meses como um burro, amealhando alguns copeques para poder depois gastá-los todos num só dia, previamente escolhido. Durante muito tempo o pobre trabalhador sonhou com esse dia, durante a noite, nos seus felizes desvarios, depois do trabalho, e essa ideia ajudou-o a suportar os mil dissabores da vida do presídio. Até que por fim amanheceu o dia abençoado; o dinheiro continua em seu poder; não foi apreendido nem roubado e vai passar agora mesmo para a bolsa do taberneiro que, a princípio, lhe dá aguardente pura, se puder, isto é, batizada apenas duas vezes; mas à medida que o recipiente vai minguando, tudo quanto falta supre-o com água. Paga-se ali por um copo de aguardente cinco ou seis vezes mais do que em qualquer outra taberna. Imaginem, portanto, quantos copos de aguardente terá de embutir o preso e quanto dinheiro terá de gastar para chegar a embebedar-se. Mas, por não estar habituado à bebida e também devido à anterior abstinência, não tarda o preso a embriagar-se e, geralmente, continua bebendo até gastar os últimos cobres. É então que aparece toda a espécie de objetos: o taberneiro, ao mesmo tempo é usurário. Começam por levar-lhe os objetos de uso particular, de aquisição recente; depois os já usados, e por fim os objetos que no presídio lhe destinaram para uso próprio. Depois de ter gasto tudo na bebida, tudo, até ao último farrapo, o preso vai deitar-se; no dia seguinte acorda com um peso insuportável na cabeça e é em vão que corre para junto do taberneiro a pedir-lhe um trago de aguardente, que lhe alivie a enxaqueca. Suporta a sua desdita, amarfanhado, e nesse mesmo dia recomeça de novo o seu trabalho, para novamente, durante meses, trabalhar sem levantar a cabeça, sonhando com o dia feliz da última pândega, que não lhe sairá da memória, até que, pouco a pouco, comece a excitar-se e a pensar noutro dia parecido, que ainda vem longe, mas que há de chegar alguma vez.

Quanto ao taberneiro, quando consegue finalmente reunir uma

quantia importante com o seu negócio, algumas dezenas de rublos, prepara pela última vez a aguardente, mas não lhe deita água, pois, dessa vez, destina-a para si mesmo. É que chegou também o seu dia de boêmia! E a festança começa com bebida, comida e música. E tem uma grande ideia: convida também para a orgia as autoridades subalternas e que estão mais próximas do presídio. A festança prolonga-se às vezes durante vários dias. Escusado será dizer que a aguardente não tarda a acabar e então o bêbado anfitrião acode a outros taberneiros, que já estão à sua espera e bebe da aguardente destes até gastar os últimos cobres. Por muito que os presos velem pelo bêbado, às vezes é apanhado pelos chefes superiores, o major ou o oficial de guarda. Então, levam-no ao comando, tiram-lhe o dinheiro, se o encontram, e para conclusão, mandam-no açoitar. Esfalfado, volta para a penitenciária e, passados alguns dias, já está de novo no seu ofício de taberneiro. Alguns desses bêbados, ainda com dinheiro, sonham com o belo sexo. À custa de muito dinheiro, deixam às vezes o trabalho, em segredo, e vão até certos arredores, acompanhados pela escolta subornada. Aí, numa casinha sossegada, precisamente no limite da cidade, oferece um banquete a todos e gasta o dinheiro. Com dinheiro, os presos podem fazer tudo e o próprio soldado da escolta participa de todas essas coisas. Em geral, esses soldados da escolta são futuros candidatos ao presídio. Aliás, sempre que haja dinheiro podem fazer tudo, e essas excursões costumam ficar em segredo. É preciso acrescentar que só muito de longe em longe as realizam. Requerem dinheiro grosso, e os amantes do belo sexo preferem valer-se de outros recursos mais fáceis.

Logo, durante os primeiros dias da minha vida de presidiário, um jovem preso, um rapaz muito bonito, me inspirou uma curiosidade especial. Chamava-se Sirótkin.[11] Era, sob vários aspectos, uma criatura muito enigmática. Em primeiro lugar foi o seu belo rosto que me chamou a atenção; não devia ter mais de vinte e três anos. Pertencia à seção especial, isto é, à perpétua, e justamente por isso era considerado um dos delinquentes militares mais graves. Calmo e simples, falava pouco e raramente sorria. Tinha os olhos azuis, as feições regulares, a cara sem um fio de barba, suave, os cabelos castanhos claros. A cabeça rapada, quase nem chegava a desfeá-lo, tão bonito era o rapaz. Não tinha ofício mas recebia dinheiro com

frequência, embora não muito. Era muito preguiçoso e andava mal vestido. Havia alguém que de vez em quando lhe mandava roupa, uma bonita camisa, por exemplo, e Sirótkin demonstrava então grande alegria por causa do presente e ia exibir-se pelos dormitórios. Não bebia nem jogava baralho e nunca tinha rixas com os outros. Costumava andar pelos alojamentos, de mãos nos bolsos, muito tranquilo e meditabundo. É difícil supor em que poderia pensar. Se alguma vez uma pessoa o olhava, por curiosidade, se lhe perguntava qualquer coisa, respondia imediatamente e com delicadeza, não como um presidiário, mas sempre de maneira lacônica, seca, e olhando para as pessoas como uma criança de dez anos. Quando tinha dinheiro nunca comprava nada que fosse necessário, não dava a roupa para consertar, nem comprava sapatos novos, mas comprava um bolinho, um pão doce e saboreava-o… como se tivesse apenas sete anos! "Olha lá, Sirótkin – costumavam dizer-lhe os presos – tu és a órfã do presídio." Nos dias de folga costumava vaguear pelos outros alojamentos; os outros traziam quase todos algum trabalho entre mãos; ele era o único que nada fazia. Se lhe diziam qualquer coisa, quase sempre uma piada (até os seus próprios companheiros costumavam zombar dele), saía dali sem sequer dizer uma palavra e ia para outro alojamento; às vezes, quando as piadas eram muitas, chegava até a corar. Eu pensava muitas vezes: "Por que teria vindo dar ao presídio está criatura tão agradável e pacata?" Certa vez, estava eu doente no hospital do presídio, Sirótkin também, e a sua cama estava junto da minha; à tardinha pus-me a falar com ele; logo no princípio da conversa se mostrou muito animado e acabou por me contar como é que tinha sido feito soldado, quanto a mãe chorou e a tristeza que sentiu por se ver entre os recrutas. Acrescentou que nunca pôde suportar a vida do quartel, que aí todos eram duros, antipáticos, e que os oficiais estavam quase sempre descontentes com ele.

– E como é que acabou tudo isso? – perguntei-lhe eu. – Porque te mandaram para aqui? E como se isso ainda fosse pouco, ainda por cima te mandaram para a seção especial! Ah, Sirótkin, Sirótkin!

– Pois tive de passar um ano inteiro no batalhão, Alieksandr Pietróvitch, e mandaram-me para aqui porque matei Grigóri Pietróvitch, que era o comandante da minha companhia.

– É quase inacreditável, Sirótkin, pois será possível que tu fosses capaz de matar alguém?

– Foi como lhe disse, Alieksandr Pietróvitch. Agora já estou arrependido.

– E os outros recrutas não se acostumavam a essa vida? Com certeza a princípio também lhes custa, mas depois acostumam-se e, olha, acabam por ser bons soldados. A tua mãe devia ter-te mimado muito; devia ter-te regalado com tortas de anis. e leite, até aos dezoito anos.

– É verdade que a minha *mamacha* gostava muito de mim. Quando eu fui para o quartel, dizem que se meteu na cama e não voltou a levantar… A caserna acabou por se me tornar odiosa. Os oficiais não gostavam de mim, castigavam-me a toda hora… E por quê? Eu sou muito poupado em tudo, minha vida é muito ordenada, não bebo aguardente, não me aproprio do alheio, porque isso não está certo, Alieksandr Pietróvitch, uma pessoa apropriar-se daquilo que não lhe pertence… Todos os que me rodeiam têm o coração de pedra… ninguém a quem confiar os meus desgostos… Às vezes ia para um canto e punha-me a chorar. Pois bem. Uma vez, eu estava de sentinela. Era já noite e tinham-me mandado para junto do estaleiro. Ventava muito, era outono e estava tão escuro que até doíam os olhos. E como eu estava desgostoso, ai, tão desgostoso! Vou e pego na espingarda pela culatra, tiro-lhe a baioneta e ponho-a ao meu lado; descalço o pé direito, apoio o cano da espingarda contra o peito, deito-me sobre ele e puxo o gatilho com o dedo grande do pé… Olho… nada! Verifico a espingarda, limpo-a, ponho-lhe outro cartucho e encosto outra vez o cano contra o peito. Mas… que se passa? O cartucho encrava-se e o tiro falha de novo… “Mas que será isto?”, digo para comigo. Calço outra vez a bota, calo de novo a baioneta, resigno-me e ponho-me a passear de um lado para o outro. E de repente tomei uma resolução: ir para qualquer lugar, para longe da tropa. Passada meia hora surge o comandante com um piquete. Caminha direito para mim e diz: “Então isto é que é ficar de sentinela?” Levantei a espingarda e enterrei-lhe a baioneta até o cano. Quatro mil varadas e depois para aqui, para a seção especial…

Não mentia. Fora na verdade por isso que o mandaram para a seção especial. Aos delinquentes vulgares davam-lhes castigo mais leves. Além disso Sirótkin era o único de todos os seus companheiros que tinha tão boa aparência física. Quanto aos outros da sua categoria, dos quais se encontravam entre nós uns cinquenta, fazia dó olhar para eles; havia apenas duas ou três caras apresentáveis; os outros tinham as orelhas caídas, eram feios e sujos; alguns já tinham cabelos brancos. Se as circunstâncias o permitirem hei de falar mais minuciosamente de toda essa corja. Sirótkin costumava manter relações amigáveis, até com Gázin, aquele a respeito do qual comecei a falar no princípio deste capítulo, recordando a maneira como entrou bêbado na cozinha e acabou assim por desmentir as ideias que eu construíra acerca da vida no presídio.

Esse Gázin era um indivíduo terrível. Provocava em todos uma estranha impressão de horror. A mim parecia que não podia existir criatura mais feroz e abominável. Eu vira em Tobolsk[12] o bandido Kâmieniev, famoso pelas suas façanhas, e depois também Sókolov, um preso que aguardava a decisão do processo, um desertor e feroz assassino. Mas nenhum deles me impressionou tão desagradavelmente como Gázin. Parecia-me às vezes que tinha diante de mim uma aranha enorme, gigantesca, de forma humana. Era tártaro e possuía uma força terrível, o mais forte de todos os do presídio; de estatura mediana, de constituição hercúlea, tinha uma cabeçorra disforme, desproporcionadamente grande, andava corcovado e olhava de baixo para cima. Acerca dele corriam no presídio boatos estranhos; sabia-se que pertencia à classe militar, mas os presos diziam entre si, não sei se com verdade, que ele desertara de Niertchinsk;[13] já por mais de uma vez tinha estado na Sibéria, por mais de uma vez também tinha fugido e mudado de nome, até que por fim veio parar ali, à seção especial. Diziam também que gostava de matar mocinhas só por puro prazer; que as levava para lugar solitário e começava a meter-lhes medo, a assustá-las, e quando a pobre vítima tinha já caído no cúmulo do espanto e tremia de pavor, ele, então, cortava-lhes o pescoço, mas pouco a pouco, devagar, com deleite. Eu pensava que tudo isto deviam ser suposições sugeridas pela terrível impressão que em todos provocava Gázin; essas suposições condiziam perfeitamente com ele, era o seu próprio rosto que as sugeria. Mas, apesar de tudo, quando

não estava bêbado, o homem conduzia-se discretamente no presídio. Mostrava-se sempre tranquilo, não ralhava com ninguém, fugia até das discussões, mas como se desprezasse os outros, como se se considerasse superior a todos eles; falava muito pouco e parecia deliberadamente retraído. Todos os seus movimentos eram lentos, tranquilos, firmes. Lia-se em seus olhos que não tinha nada de bronco, e que, pelo contrário, era muito esperto e havia até sempre na sua cara e no seu sorriso qualquer coisa de extraordinariamente trocista e cruel. Fazia contrabando de aguardente e era um dos mais ricos taberneiros do presídio. Mas embebedava-se duas vezes por ano e era então que aparecia à superfície a todos a bestialidade da sua natureza. Embebedava-se pouco a pouco e começava por atingir os outros com os seus sarcasmos maldosos, calculados e como que preparados de antemão, até que por fim, já completamente bêbado, se apoderava dele um furor tremendo, empunhava uma faca e arremetia contra as pessoas. Os presos, que conheciam a sua enorme força, fugiam dele e escondiam-se, e ele arremetia contra o primeiro que encontrasse no seu caminho. Mas em breve encontraram o processo de o meterem na ordem. Dez homens de seu alojamento atiravam-se contra ele imediatamente e a luta começava. Não é possível imaginar nada de mais horrível do que essa luta: batiam-lhe sobre o peito, debaixo do coração, sobre a boca do estômago, no ventre; eram muitos e espancavam-no durante muito tempo, e só o largavam quando ele perdia os sentidos e ficava como morto. A outro não se atreveriam eles a surrarem-no assim, pois bater dessa maneira a uma pessoa equivaleria a matá-la; mas a Gázin, não. Depois da sova, quando ele estava completamente desmaiado, tapavam-no com uma samarra curta e levavam-no para a sua esteira. “Curte aí a bebedeira, porco!” E de fato, na manhã seguinte, levantava-se como se nada tivesse acontecido e, taciturno e severo, encaminhava-se para o trabalho. E todas as vezes que Gázin bebia até ficar embriagado, já toda gente sabia, no presídio, que esse dia havia, inevitavelmente, de acabar para ele com uma sova. Também ele sabia e, no entanto, embebedava-se. Assim aconteceu durante vários anos, até que por fim repararam que Gázin começava a decair. Queixava-se de vários males e tornara-se muito fraco; ia cada vez com mais frequência à enfermaria. “Rendeu-se!”, diziam os presos entre si.

*

Irrompeu na cozinha, seguido daquele reles polaco do violino, que os bêbados contratavam para complemento da sua farra, e ficou ali estacado, em silêncio, olhando insidiosamente para todos os presentes. Todos se calaram. Por fim, reparando em mim e no meu companheiro, lançou-nos um olhar hostil e de chacota, sorriu com muita fatuidade, como se estivesse satisfeito consigo mesmo e bamboleando ostensivamente; dirigiu-se para a nossa mesa.

– Dê licença que lhe pergunte – começou (falava russo) – com que meios é que conta para permitir-se o luxo de tomar chá aqui.

Não respondi e troquei um olhar com o meu companheiro, supondo que seria preferível calar-me a responder. À primeira resposta ele teria rebentado de cólera.

– Terá dinheiro, por acaso? – continuou ele. – Com que então temos dinheiro, hem? Veio para o presídio para tomar chá, não? Como é que se arranja para tomar chá? Vamos, diga lá…

Mas quando viu que nós estávamos decididos a não responder e a não reparar nele, ficou tão furioso que tremia de cólera. Junto dele estava uma grande bandeja, a um canto, na qual punham todo o pão, já cortado e pronto para o jantar dos presos. Era tão grande que nela cabia todo o pão para meio presídio; mas agora estava vazia. Ele foi, agarrou-a com ambas as mãos e lançou-a por cima de nós. Um pouco mais e teria quebrado nossas cabeças. Se bem que o assassinato ou a intenção de matar inspirasse extraordinária aversão em todo o presídio – começariam as indagações, as rusgas, as medidas de rigor obrigatórias; e por isso os presos procuravam cuidadosamente não se lançarem em tais extremos – apesar disso estavam todos, agora, numa atitude expectante. Nem uma só palavra em nossa defesa. Nem uma palavra para Gázin. A tal ponto era poderosa a inveja que tinham de nós! Era evidente que lhes agradava ver-nos naquele momento difícil… Mas para que o episódio tivesse acabado bem bastou que um, quando ele ia atirar a bandeja sobre nós, lhe gritasse:

– Gázin, estão te roubando a aguardente!

Atirou com a bandeja ao chão e, como louco, saiu da cozinha. “Foi Deus quem os salvou!”, disseram os presos entre si. E passado muito tempo ainda o diziam.

Não pude verificar imediatamente se essa notícia do roubo da aguardente era verdadeira ou inventada de propósito exclusivamente para nos salvar.

À tarde, já tinha escurecido, antes de fecharem os alojamentos, saí, comecei a passear à volta da cerca e uma lúgubre tristeza caiu sobre a minha alma, uma tristeza tão grande que nunca depois tornei a sentir outra igual durante toda a minha vida de presidiário. O primeiro dia de desterro é sempre duro de suportar, onde quer que seja, no presídio, na caserna ou nas galeras… Mas lembro-me, com toda a nitidez, de que o pensamento que mais me preocupava depois, e que me acompanhou durante toda a minha vida no presídio – e que, em parte, era um problema insolúvel – e insolúvel continua ainda agora para mim: o da desproporção das penas em relação a crimes idênticos. De fato, nem aproximadamente podem comparar-se uns crimes com outros. Suponhamos que dois homens cometeram um homicídio, que se examinaram as circunstâncias dos dois crimes e que se aplicou aos dois quase a mesma pena. E, entretanto, vejam que diferença entre os dois crimes. Um, por exemplo, matou um homem por uma ninharia, por causa de uma cebola! Saiu para a rua, encontrou o homem no caminho e matou-o. E tudo por causa de uma cebola! “Aí tens, meu caro! Mandaste-me chamar; matei um homem, e tudo isso por causa de uma cebola. Palerma! Uma cebola, que vale um copeque! Cem almas… cem cebolas! Olha, toma um rublo!” (Lenda presidiária.) Outro, em compensação, matou para defender de um tirano inexorável a honra da noiva, da irmã ou da filha. Um outro, servo fugitivo, talvez meio morto de fome, matou um dos que foram enviados em sua perseguição, para defender a liberdade e a vida, ao passo que outro matou umas pobres mocinhas, só pelo prazer de degolá-las, de sentir nas mãos o seu sangue morno, gozando com a sua dor, com os seus derradeiros gemidos de pomba debaixo do gume da faca. E então? Pois tanto um como outro os mandam para o presídio. É certo que há diferenças no valor dessas penas, mas essas diferenças não são relativamente grandes, enquanto a diferença entre um e outro

crime… é infinita. São tantas as diferenças, quantos os gêneros de crimes. Suponhamos que é impossível medir, pormenorizar essa diferença; que se trata de um problema insolúvel por sua própria natureza; qualquer coisa como a quadratura do círculo, por exemplo. Mas quem não se aperceba dessa diferença, que atente nesta: a diferença entre as consequências do castigo… Aí tendes um homem que se consome no presídio, se apaga como uma luzinha; e aí tendes um outro que, só depois de ter entrado para o presídio soube o que era uma vida alegre, um agrupamento tão simpático de bravos camaradas. Sim, há alguns deste gênero, no presídio. Eis aí, por exemplo, um homem culto sofrendo os remorsos de uma consciência requintada, torturado por um sofrimento moral, perante o qual todo outro sofrimento nada significa, e que se julga a si mesmo, pelo seu crime, mais implacável, mais severamente que a lei mais cruel. E eis aí, em comparação com ele, um outro que nem sequer, um só momento em toda a sua vida de presidiário, se detém a pensar no crime que cometeu. E mais, que se considera até inocente. E há, assim, os que praticam um crime apenas com o fim de irem dar à prisão e livrarem-se, deste modo, da vida, incomparavelmente mais forçada em liberdade do que no presídio. Na vida livre vive no último grau da humilhação, nunca come o suficiente e trabalha para o senhor desde manhã até à -noite; ao passo que no presídio o trabalho é mais leve do que em casa; o pão também é dobrado e tão bom como nunca até então provou, e nos dias de festas tem carne de vaca; além disso há possibilidade de ganhar um copeque trabalhando. E os companheiros? Gente esperta, habilidosa, que sabe tudo. De maneira que o nosso homem olha para os companheiros com admiração: nunca, até então, vira outros como eles; considera-os como a mais elevada sociedade que é possível encontrar no mundo. Será o caso de que o castigo possa inspirar os mesmos sentimentos a estes dois homens? Mas, afinal, para que matar a cabeça, com problemas insolúveis? Ouviu-se o tambor: estava na hora de voltar ao alojamento.

## Capítulo IV / Primeiras impressões (continuação)

Começou a última chamada. Depois disto fechavam logo os alojamentos, cada um com as suas chaves especiais, e os presos ficavam hermeticamente trancados até de madrugada.

Era um suboficial que fazia a chamada. Para isto, os presos formavam às vezes no pátio e vinha também o oficial das sentinelas. Mas o mais frequente era que essa cerimônia se realizasse nos próprios alojamentos. Foi o que se deu nessa altura. Os encarregados da contagem costumavam errar e voltavam ao princípio para contar de novo. Até que, por último, as pobres sentinelas contavam até ao número desejado e fechavam então os alojamentos. Em cada um destes alojavam-se uns trinta homens, que se acomodavam com bastante dificuldade nas esteiras. Mas era ainda muito cedo para dormir e portanto cada um procurava ocupar-se com qualquer coisa.

Das autoridades do presídio apenas ficava em cada dormitório um inválido, do qual já falei, e um decano dos presos, naturalmente designado pelo major, em atenção à sua boa conduta. Sucedia com muita frequência que os decanos incorriam, por sua vez, em alguma falta grave; então eram açoitados, destituídos, imediatamente, e nomeavam outros. No meu alojamento o decano era Akim Akímitch, que, com grande espanto meu, censurava muitas vezes os presos, que costumavam responder-lhe com zombarias. O inválido era mais esperto que ele, não se metia em coisa alguma, e se por acaso lhe acontecia censurar algum, fazia-o apenas por causa das aparências, para tranquilizar a sua consciência. Sentava muito caladinho na sua cama de rede e punha-se a costurar as botas. Os presos não lhe davam a menor importância.

Nesse meu primeiro dia de vida presidiária não fazia outra coisa senão observar, e depois tive oportunidade de comprovar que as minhas observações eram acertadas. Sobretudo a de que vigiavam exageradamente os presos todos aqueles que não eram presos, fossem

eles quem fossem, começando pelos que não estavam em contacto estreito com os reclusos, como eram os soldados que vigiavam as caravanas, as sentinelas e, de maneira geral, todos aqueles que tinham qualquer relação com a vida penitenciária. Parecia que esperavam que de um momento para o outro um preso investisse com uma faca. E o que é ainda mais curioso: os próprios presos reconheciam que tinham medo deles, o que lhes infundia uma certa coragem. E, no entanto, o melhor chefe para os presos é precisamente aquele que não os teme, e os forçados só se sentem à vontade quando têm confiança neles. Neste caso chega até a ser possível atraí-los. Sucedeu que durante o meu período penitenciário, embora de longe em longe, um ou outro indivíduo do comando entrasse no presídio sem escolta. Era digno de ver como isto impressionava favoravelmente os reclusos. Esses intrépidos visitantes obtinham o seu respeito e se alguma coisa de desagradável tinha de se dar, nunca acontecia na sua presença. O medo que os presos inspiram é geral em todos os lugares onde há presos e, de fato, não sei ao certo a que seja devido isso. Não há dúvida de que deve ter algum fundamento, a começar pelo próprio aspecto do preso, malfeitor reconhecido; além de que, todo aquele que passa pelo presídio deve sentir que toda essa chusma de indivíduos não está ali por sua vontade, e que, apesar de todas as medidas que se tomem, não é possível fazer do homem vivo um cadáver, pois conserva os seus sentimentos, a sua sede de vingança e de vida, as suas paixões e a necessidade de satisfazê-las. Mas apesar de tudo isso, estou firmemente convencido de que não há razão nenhuma para temer os presos. Não é assim tão levianamente nem tão instantaneamente que um homem se lança, de faca em punho, sobre o seu semelhante. Em resumo: supondo que exista algum perigo, e que efetivamente ele exista, só poderá encontrar-se onde, precisamente onde, pela raridade de semelhantes acontecimentos, pode concluir-se que é insignificante. É claro que me refiro apenas aos presos que cumprem a sua pena, muitos dos quais se alegram de se verem finalmente no presídio (a tal ponto às vezes uma vida nova parece boa!), e estão portanto decididos a viver aí em paz e tranquilidade. Mas, ainda sem falar nisto, até os que são por sua natureza turbulentos, não encontram ali muitos motivos para se tornarem arrogantes. Todos os condenados, por muito temerários e duros que sejam, têm medo de tudo, no presídio. Quanto ao preso que está para

sofrer um castigo… isso é outro caso. Este, na verdade, pode acometer um desconhecido por qualquer futilidade: pela simples razão, por exemplo, de que no dia seguinte tem de partir para cumprir a pena e, se cometer outro crime, afasta assim o castigo. É esta a causa, a finalidade da agressão: adiar a sua sorte, seja como for, e o mais depressa possível. Conheço também um estranho caso psíquico desta natureza.

Entre nós, havia no presídio, na seção militar, um preso, um soldado, que não estava privado dos seus direitos civis, que fora condenado a dois anos de prisão, e que era um grande fanfarrão e covarde de primeira ordem. De maneira geral só muito raramente a fanfarronice e a covardia existem no soldado russo. O nosso soldado parece estar sempre tão atarefado que, ainda que quisesse fanfarronar, não poderia. Mas se por acaso é fanfarrão, é quase sempre também extremamente covarde. Dútov (era este o nome do preso) acabara, finalmente, a sua breve pena, e voltara de novo para o batalhão. Mas como todos os da sua classe, que são enviados para o presídio para se corrigir, acabam por se corromper em definitivo, acontece geralmente que, ao se verem em liberdade, ao fim de duas ou três semanas, se encontram já envolvidos em novo processo e aparecem outra vez no presídio, com a diferença de que então não vêm já apenas por dois ou três anos, mas sim formando parte da categoria perpétua, por quinze ou vinte anos. Foi o que se deu neste caso. Passadas três semanas da sua saída da penitenciária, Dútov cometeu um roubo por arrombamento e, além disso, armou um escândalo e desatou em impropérios. Instauraram-lhe o processo e condenaram-no à penitenciária. Receoso até ao último extremo do castigo que se aproximava, como o mais vergonhoso covarde, aguardou o próprio dia em que deviam levá-lo para o presídio e atirou-se, de faca na mão, contra o oficial de reserva, que entrara no seu alojamento. É claro que devia saber perfeitamente que, com esse ato, agravava muito a sua pena e aumentava os seus anos de trabalhos forçados. Mas calculava que, assim, adiava, ainda que fosse apenas por uns dias, por umas horas, o terrível instante do castigo. Era a tal ponto covarde que quando arremeteu, de faca na mão, contra o oficial, nem sequer chegou a feri-lo, e fez tudo isso apenas para cometer um novo crime pelo qual tivesse de voltar a ser julgado.

Não há dúvida nenhuma de que o momento que antecede o castigo é terrível para o condenado, e eu, durante alguns anos, tive oportunidade de ver mais de um na véspera do dia fatal. Costumava encontrar-me com presos que estavam pendentes de castigo no hospital do presídio, durante as ocasiões em que aí entrava como doente, o que acontecia com muita frequência. Todos os presos russos sabem que as pessoas que mais compassivas se mostram para com eles são os médicos, que nunca estabelecem distinções entre os presos, como de maneira geral, toda a gente faz, exceto talvez a gente simples do povo. Esta nunca incrimina o preso pelo seu crime, por muito grave que ele seja, e perdoa-lhe tudo em atenção ao castigo que lhe acarreta e à sua desdita. Não é em vão que, em toda a Rússia, o povo chama desgraça ao crime e desgraçado ao criminoso. Definição cheia de um profundo significado. E é sobretudo interessante o fato de ser inconsciente e instintiva. O médico é também… um verdadeiro refúgio para o preso em muitas ocasiões, mas sobretudo para os presos pendentes de castigo, que suportam duros sofrimentos. Por isso costuma o preso que se encontra nestas condições, quando calcula a data provável em que chegará o dia tão temido, recolher-se à enfermaria na ânsia de afastar, ainda que por pouco tempo, esse doloroso momento. Quando sai daí, sabendo quase com exatidão que no outro dia chegará o momento fatal, adoece quase sempre gravemente. Alguns se esforçam por ocultar os seus sentimentos, apenas por vanglória; mas a sua coragem fingida, forçada, não engana os seus companheiros. Todos passaram pelo mesmo e calam-se por humanidade. Conheci um preso, um rapaz novo, um homicida, soldado, condenado ao número máximo de varadas. Tinha um medo tão grande que, na véspera do castigo, resolveu tomar um copo de aguardente no qual deitara pó de tabaco. De fato, antes do castigo, nunca a aguardente falta aos presos. Muito tempo antes da data temida já a têm em seu poder; compram-na muito cara, mas preferem privar-se do indispensável do que se arriscarem a não ter o dinheiro necessário para arranjar um quartilho de aguardente e bebê-lo um quarto de hora antes da execução da pena. Existe entre os presos a crença geral de que o bêbado não sente tanto os açoites ou as pauladas. Mas estou a afastar-me do meu tema. O pobre rapaz, assim que bebeu a aguardente, pôs-se de fato doente: começou a deitar sangue pela boca e levaram-no para a enfermaria quase desmaiado. A

tal ponto essa hemoptise lhe despedaçou os pulmões que, passados poucos dias, descobriram-lhe os sintomas de verdadeira tuberculose, da qual veio a morrer passado meio ano. Os médicos que o tratavam não sabiam a que se devia a doença.

Mas, falando dos delinquentes que costumam fraquejar perante o castigo, devo acrescentar que alguns, pelo contrário, desconcertam um observador pela sua extraordinária impassibilidade. Lembro-me de alguns exemplos de intrepidez que roçava pela insensibilidade, exemplos que não eram nada raros. Recordo-me especialmente do conhecimento que travei com um estranho criminoso. Num dia de verão espalhou-se pela enfermaria do presídio o boato de que nessa tarde ia aplicar-se o castigo ao célebre bandido Orlov, desertor do Exército, que tinha sido trazido para ali. Os presos doentes afirmavam que ele seria cruelmente castigado. Aparentavam todos uma certa comoção e, confesso, eu também esperava o aparecimento do famoso bandido com grande curiosidade. Já tinha ouvido contar muitas coisas acerca dele. Era perverso como poucos, degolava sem a menor compaixão velhos e crianças, era um homem de força hercúlea e francamente vaidoso das suas façanhas. Respondia por vários crimes e foi condenado a sofrer uma fila inteira de vergastadas[14]. Já tinha caído a tarde, quando o trouxeram. A enfermaria já está na obscuridade e acenderam as luzes. Orlov vinha quase desmaiado, extremamente pálido, com os cabelos empastados, tesos, pretos como o breu. Tinha as costas inflamadas, de uma cor sanguinolenta, arroxeada. Os presos velaram-no toda a noite, levavam-lhe água, mudavam-no de posição, davam-lhe remédios, cuidavam dele como de uma criança, como de um santo homem. No dia seguinte já levantou e deu dois passeios pela enfermaria. Aquilo me deixou atônito; ele chegara à enfermaria prostrado, num estado de extrema debilidade. Recebera de uma vez metade das pancadas a que o condenaram. O médico só mandou suspender a execução quando viu que, se a prolongassem, o sentenciado correria risco de morte. Além disso Orlov era baixo, de corpo fraco, e ficara sem forças devido ao longo sofrimento durante o castigo. Quando por acaso uma pessoa encontrava presos sentenciados, ficava depois a lembrar-se por muito tempo dos seus rostos espantados, consumidos e pálidos, e dos seus olhares de delírio. Apesar de tudo isso, não tardou que Orlov se

restabelecesse. Não há dúvida de que a sua energia interior, anímica, ajudou fortemente a sua natureza. Na verdade, era um homem extraordinário. Por curiosidade convivi de perto com ele e estudei-o durante uma semana. Posso afirmar que nunca na minha vida encontrei um caráter humano mais forte, mais férreo do que o seu. Eu tinha já conhecido em Tobolsk uma celebridade do mesmo gênero, um ex-capitão de bandidos. Esse era uma autêntica fera, e quem quer que se visse diante dele, embora ignorasse o seu nome, havia de pressentir, por instinto, que se encontrava na presença de um ser terrível, bestial. A sensualidade predominava a tal ponto nele, sobre todas as potências espirituais, que só de olhar-lhe o rosto era possível compreender imediatamente que ali havia apenas uma ânsia selvagem de prazeres, satisfações e deleite carnais. Estou convencido de que Koriêniev – era esse o nome do bandido – devia também perder a coragem e tremeria de horror perante o castigo, apesar de ser capaz de degolar o próximo sem pestanejar. Com Orlov passava-se o contrário. Este era um verdadeiro dominador da sensualidade. Saltava à vista que este homem tinha um ilimitado poder sobre si mesmo, que desprezava todos os sofrimentos e castigos e nada temia neste mundo.

Percebia-se nele uma energia imensa, uma ânsia de vingança, ânsia de alcançar o fim que se propunha. Entre outras coisas espantava-me a sua extraordinária altivez. Olhava para todos como de uma altura inverossímil, mas sem para isso fazer qualquer esforço, de uma maneira natural. Penso que não deve ter existido neste mundo uma criatura capaz de se impor a ele. Olhava para tudo com uma estranha fleuma, como se não houvesse nada neste mundo que pudesse assombrá-lo. Mas embora soubesse que os outros presos lhe tinham respeito, nunca se tornou soberbo perante eles. Dizem que a vaidade e a soberbia são características de quase todos os presos, sem exceção. Era muito franco e extraordinariamente sincero, embora pouco falador. Às minhas perguntas respondeu imediatamente que esperava restabelecer-se para acabar de cumprir o castigo o mais depressa possível, e que, antes, receara não poder suportá-lo.

– E pronto – acrescentou, piscando-me um olho – é assunto arrumado. Aguentarei o número de vergastas que me restam, e em seguida toca a marchar para Niertchinsk, simplesmente, hei de fugir

durante o caminho, ora se fujo! É só ficar bom das costas…

E durante esses cinco dias aguardou com impaciência o momento em que pudesse pedir alta. Nessa expectativa, mostrava-se às vezes muito animado e alegre. Procurei fazer com que ele me falasse das suas aventuras. Ele franzia o sobrolho perante tais perguntas, mas respondia-me sempre com franqueza. Quando percebeu que fazia investigações sobre a sua consciência, procurando algum indício de arrependimento, olhou-me de uma maneira tão nitidamente depreciativa e arrogante como se eu de repente me tivesse convertido, a seus olhos, num rapazinho estúpido, com o qual não se podia conversar do mesmo modo que com um homem feito. Também no seu rosto se refletiu um pouco de piedade por mim. Passado um momento desatou a rir, com o riso mais franco, sem ponta de ironia, e tenho a certeza de que, quando depois ficou só e se lembrou das minhas palavras, é muito possível que voltasse a rir.

Finalmente deram-lhe alta, embora não tivesse ainda as costas completamente saradas; também a mim me deram alta na mesma ocasião, de maneira que saímos juntos da enfermaria: eu, para voltar ao presídio, ele para entregar-se ao corpo da guarda, onde estava alojado. Quando nos despedimos apertou-me a mão, o que nele era sinal de grande confiança. Penso que deve ter feito isso por estar muito satisfeito consigo mesmo nesse momento. Mas de fato, não tinha outro remédio senão desprezar-me e evidentemente que devia olhar-me como um ser humilde, débil, digno de dó e inferior a ele, em todos os sentidos. No dia seguinte aplicaram-lhe a outra metade do castigo…

Quando fechavam o nosso alojamento, este tomava imediatamente um aspecto especial, o aspecto de uma autêntica moradia, de um verdadeiro lar. Era o momento em que eu podia olhar para os meus companheiros, os presos, como pessoas de família. Durante o dia, os suboficiais, as sentinelas e, de maneira geral, os superiores, podem aparecer no presídio a todo momento; e por isso todos os seus habitantes se conduzem de outro modo, como se sentissem uma certa inquietação, como se esperassem ouvir um grito de alarme de um instante para o outro. Mas assim que fecham o alojamento, vão todos tranquilamente para o seu lugar, e a maioria se

entrega a algum trabalho manual. O alojamento aparece todo iluminado, de repente. Todos têm a sua vela e o seu candeeiro, geralmente de madeira. Um, põe-se a consertar os sapatos, outro, a coser alguma peça de roupa. O ambiente mefítico do alojamento vai-se agravando de momento para momento. Um grupo de malandrins senta-se à turca sobre um tapete em farrapos, num canto, e põe-se a jogar baralho. Há em quase todos os alojamentos um preso destes, que possui um tapete velhíssimo, de aproximadamente um metro de comprimento, uma vela e um ensebado baralho de cartas, incrivelmente gastas. A este conjunto chamam *maidan*[15]. O dono destes objetos cobra uma certa quantia aos jogadores: quinze copeques por noite, o que é o seu ganho. Os jogadores costumam jogar a três parceiros, a monte, etc. Jogam sempre a dinheiro. Cada jogador coloca na sua frente um monte de cobres, tudo o que traz na bolsa, e não se levanta da sua posição de cócoras senão quando perdeu tudo ou deixou os seus companheiros sem uma só moeda. O jogo acaba a uma hora da noite bastante avançada, e às vezes prolonga-se até de madrugada, até mesmo no momento em que se abrem as portas do presídio. No nosso alojamento, e nos outros também, havia sempre mendigos, pedintes que, ou tinham perdido tudo no jogo e na bebida, ou, simplesmente, eram pedintes por natureza. Digo "por natureza" e insisto particularmente nesta expressão. Na verdade, em todas as partes onde nos encontremos, qualquer que seja o ambiente, quaisquer que sejam as circunstâncias, há e sempre há de haver alguns homens estranhos, agradáveis, e que muitas vezes não são nada tolos, mas que o destino determinou fossem eternamente uns mendigos. São sempre uns pobres-diabos, uns mendicantes, parecem sempre intimidados e de ar abatido, não se sabe por que, e que são sempre os alcoviteiros de alguém, o seu correio particular, geralmente daqueles que andam na boêmia e dos que enriquecem de um dia para o outro e se vão elevando acima dos demais. Todos os começos, todas as iniciativas… para eles, são dolorosos e difíceis. É para dizer que nasceram condenados a não ser nunca os primeiros a começar qualquer coisa, limitando-se a secundar os outros, a viver dependentes da sua vontade, a bailar conforme os outros tocam; o seu destino… é cumprir o dos outros. Ainda que tudo em que tomam parte se conclua favoravelmente, nenhuma circunstância, nem mudança alguma podem enriquecê-los. Hão de ser sempre mendigos. Tive ocasião de observar

que esses indivíduos não formam uma casta única, e que se encontram em todas as sociedades, classes, partidos, nas redações dos jornais e nos grupos de acionistas. Pois sucedia o mesmo em cada alojamento, em todo presídio, e bastava que se falasse de *maidan* para que logo se apresentasse algum desses tipos oficiosos. De maneira geral, até, não podia haver *maidan* sem um desses. Contratavam-no para quase todos os jogos, oferecendo-lhe cinco copeques por noite, e a sua missão principal era estar toda a noite de sentinela. Geralmente tinha de passar sete ou oito horas na escuridão, colado à parede, com trinta graus abaixo de zero, de ouvido atento a qualquer rumor, ao menor sussurro, a cada passo que se ouvisse no pátio. O major da praça, ou as sentinelas, apareciam às vezes no presídio a uma hora bastante avançada da noite, entravam muito de mansinho e vinham surpreender velas acesas, que até já do pátio se viam. Pelo menos, quando de repente começavam a ranger as fechaduras das portas dos muros dos pátios, era já tarde para se esconderem, para apagar as luzes e se estenderem nas esteiras. Mas como o *maidan* fazia pagar caro a sua negligência à sentinela contratada, essas surpresas eram muito raras. Não há dúvida de que cinco copeques é uma recompensa ridícula, insignificante, mesmo no presídio; e sempre ali me chocou a desumanidade e falta de compaixão dos que encarregavam outro de alguma incumbência. “Aceitaste o dinheiro, portanto faz o teu serviço!”

Era este um argumento que não admitia réplica. Pelo dinheiro entregue, o contratador exigia tudo o que podia exigir, e até mais, e ainda pensava que ficava prejudicado. Esse boêmio, esse bêbado que esbanjava o dinheiro a torto e a direito, explorava implacavelmente o servidor. Isto tenho eu observado em mais de uma prisão e em mais de um *maidan*.

Já disse que, no alojamento, quase todos se ocupavam de algum trabalho particular; à parte os jogadores, não passariam de cinco os indivíduos completamente desocupados, os quais se estendiam logo para dormir. O meu lugar nas esteiras ficava mesmo junto da porta. No outro lado da minha esteira, com a cabeça ao nível da minha, estava Akim Akímitch. Ficava até às dez ou onze horas trabalhando numa lanterna chinesa de muitas cores, que lhe tinham encomendado

na cidade, mediante uma boa retribuição. Fabricava essas lanternas de maneira admirável; trabalhava metodicamente, sem interrupção, e quando acabava a sua tarefa, recolhia os seus utensílios, estendia a sua cama, fazia a sua oração e deitava-se muito dignamente a dormir. Levava o decoro e a ordem até ao extremo, até a uma minúcia quase pedante; era evidente que devia considerar-se um homem muito esperto, o que sucede a todos os indivíduos de vistas curtas. Achei-o antipático logo no primeiro dia, embora me lembre que já nesse primeiro dia me deu muito que pensar, admirando-me, sobretudo, que um indivíduo como ele, em vez de triunfar na vida, tivesse ido parar num presídio. Mais adiante hei de ter ocasião de falar de Akim Akímitch por mais de uma vez.

Mas quero descrever rapidamente o resto do nosso alojamento. Tive de viver nele muitos anos e todos esses indivíduos haviam de ser os meus futuros vizinhos e camaradas. Por isso é compreensível que eu os olhasse com a mais viva curiosidade. À minha esquerda, nas esteiras, havia um grupo de montanheses do Cáucaso, condenados, na sua maior parte a penas várias, por roubo. Entre eles havia dois lésguios, um tchetcheno e três tártaros do Duguestão. O tchetcheno era um homem severo e sombrio; quase nunca falava com ninguém e estava sempre olhando à sua volta com receio e de revés, e com um sorrisozinho transbordante de maldade e zombaria. Um dos lésguios era já velho, tinha um nariz comprido, aguçado, encavalado, uma autêntica cara de bandido. O outro, Nurra, pelo contrário, desde o primeiro dia deixou-me uma impressão muito agradável, muito simpática. Ainda não era velho, de estatura mediana, de natureza hercúlea, louro, de olhos azuis, narizinho curto numa cara de finlandês, e as pernas arqueadas pelo costume de andar sempre a cavalo. Tinha o corpo todo marcado, advindas essas cicatrizes de golpes de baioneta e ferimentos de balas. Pertencia aos montanheses aliados, do Cáucaso, mas, às escondidas, costumava juntar-se aos montanheses inimigos, lutando a seu lado contra os russos. No presídio todos gostavam dele. Estava sempre contente, era sempre amável para todos; trabalhava devagar, com boa vontade e calmamente, embora muitas vezes olhasse com aborrecimento a vergonha e a sujidade da vida do presidiário e se pusesse a resmungar perante qualquer excesso, perante a gatunagem, a bebedeira e, duma

maneira geral, por tudo quanto não estivesse bem, mas sem brigar com ninguém e afastando-se até de todos por causa do seu aborrecimento. Nunca, enquanto durou a sua vida de preso, roubou nada a ninguém nem praticou nenhuma má ação. Era extraordinariamente devoto. Rezava as suas orações obedecendo estritamente às regras; nos dias de jejum que precediam as festas maometanas jejuava como um fanático e passava as noites inteiras rezando. Todos gostavam dele no presídio e acreditavam na sua honestidade. "Nurra… tu és um leão", diziam os presos; de maneira que ficara com a alcunha de leão. Estava firmemente convencido de que, depois de cumprida a sua pena, o mandariam outra vez para a sua casa, no Cáucaso, e vivia desta esperança. Creio que teria morrido se lhe tivessem roubado essa ilusão. Desde o meu primeiro dia no presídio reparei logo nele. Não era possível deixar de atentar no seu rosto bonachão e simpático, entre as caras franzidas, ariscas e trocistas dos outros presos. Passada meia hora de eu ter entrado no presídio, passou junto de mim e deu-me uma pancadinha no ombro, sorrindo-me afetuosamente com os olhos. A princípio, não pude compreender o que aquilo significava. Falava muito mal o russo. Passado pouco tempo tornou a passar junto de mim e deu-me outra pancadinha no peito. Depois, isto se repetiu ainda mais vezes. Soube depois que, conforme eu supunha, eu lhe inspirava dó, que compreendia como o presídio me devia ser doloroso, e que queria oferecer-me a sua amizade, dar-me coragem e assegurar-me a sua proteção. Bom e ingênuo Nurra!

Os tártaros do Daguestão eram três e todos irmãos. Dois eram já homens maduros, mas o terceiro, Ali, tinha apenas vinte e dois anos e parecia ainda mais novo. O seu lugar nas esteiras ficava junto do meu. O seu rosto lindíssimo, inteligente, e ao mesmo tempo doce e cândido, desde o primeiro instante cativou o meu coração e senti-me feliz por ter-me o destino reservado aquele vizinho e não outro. Toda a sua alma se refletia no seu belo, direi até… belíssimo rosto. O seu sorriso era tão ingênuo como o de uma criança inocente; os seus negros e grandes olhos, tão suaves, tão acariciadores que eu sentia sempre uma satisfação especial e até uma espécie de alívio dos meus sofrimentos e inquietações quando o olhava. Falo sem exagero. O irmão mais velho (tinha cinco irmãos mais velhos; os outros tinham sido enviados para

as minas), quando ainda estavam na aldeia, ordenou-lhe uma vez que pusesse o gorro e montasse a cavalo para acompanhá-lo num assalto à mão armada. Tão grande é o respeito pelo irmão mais velho entre os montanheses do Cáucaso, que o rapaz não se deteve a fazer perguntas, nem sequer se lembrou de indagar onde iam. E os outros não achavam necessário dizer. Lançaram-se todos na aventura criminosa quando encontraram no caminho um rico mercador armênio, e despojaram-no. Eis aqui como isso aconteceu: destroçaram a escolta, mataram o armênio e o séquito, e levaram as suas mercadorias. Mas o caso foi descoberto; prenderam os seis, processaram-nos, julgaram-nos e condenaram-nos a trabalhos forçados na Sibéria. A clemência dos juízes para com Ali reduziu-se a imporem-lhe uma pena mais curta: quatro anos. Os irmãos gostavam muito dele, com um amor mais paternal do que fraterno. Era a sua consolação no presídio e, apesar de serem carrancudos e de natureza arredia, sorriam sempre quando o viam e quando falavam com ele (na verdade falavam muito pouco com ele, como se o considerassem ainda novo demais para falar sobre assuntos sérios) os seus rostos iluminavam-se e eu percebia que lhe diziam qualquer coisa divertida, quase infantil, pelo menos olhavam uns para os outros e sorriam afetuosamente ao escutarem as suas respostas. Ele, por si, não ousava tomar a iniciativa de falar com eles, tal era o respeito que lhes tinha. Custa a saber como é que esse rapaz pôde conservar durante todo tempo do seu cativeiro aquela ternura de coração, aquela docilidade e simpatia, sem se zangar nunca nem perder a calma. Era no entanto de um caráter forte e firme, apesar de toda a sua evidente candura. Com o tempo, acabei por chegar a conhecê-lo a fundo. Era tímido como uma moça solteira e honesta, e qualquer coisa desagradável, cínica, feia ou imprópria, forçada, que sucedesse no presídio, acendia o fogo da indignação nos seus lindos olhos, que, nesses casos, se tornavam ainda mais belos. Mas fugia de todas as brigas e discussões, embora de maneira geral não fosse desses que se deixam ofender impunemente, e sabia velar pela sua dignidade. Simplesmente, nunca altercava com ninguém e todos gostavam dele e o mimavam. A princípio, limitava-se a ser delicado para comigo. Mas, pouco a pouco, comecei a conviver mais com ele; passadas poucas semanas, já sabia muito bem o russo, coisa que os seus irmãos não conseguiram durante toda a sua estada no presídio. Revelou-se um rapaz muito esperto, muito modesto e delicado, e até muito sensato.

Apresso-me a dizer que, de maneira geral, considero Ali como uma criatura invulgar, e recordo o meu conhecimento com ele como um dos melhores encontros que tive na minha vida. Há naturezas tão naturalmente belas, a tal ponto favorecidas por Deus, que o pensamento só de que alguma vez possam corromper-se nos parece impossível. Estamos sempre tranquilos a seu respeito. Também eu estou agora, a respeito de Ali. Onde estará ele neste momento?

Uma vez, quando havia já bastante tempo que eu estava no presídio, estava estendido na minha esteira e pensava em qualquer coisa muito triste. Ali, sempre trabalhador e ocupado, dessa vez não trabalhava, apesar de ainda ser muito cedo para dormir. Atente-se em que nessa ocasião celebravam eles uma festa muçulmana e estavam de folga. Estava deitado, com a cabeça apoiada numa mão e pensando também só Deus saberia em quê. De repente perguntou-me:

– Então, estás assim tão triste?

Eu o olhei com curiosidade e achei estranha aquela inesperada e direta pergunta de Ali, sempre tão delicado, tão discreto, tão perspicaz; mas quando o olhei atentamente vi-lhe um rosto tão triste, tão torturado pelas recordações, que compreendi imediatamente que também ele sofria, sobretudo naquele momento. Dei-lhe a entender a minha suposição. Ele suspirou e sorriu tristemente. Eu amava o seu sorriso, sempre terno e cordial. Além disso, quando sorria mostrava duas fiadas de dentes como pérolas, de cuja beleza poderia ufanar-se a maior beldade do mundo.

– Então, Ali, não será verdade que, agora, estás pensando nas festas que neste tempo se fazem no Daguestão? É bom estar lá, não é verdade?

– Oh, sim! – respondeu ele com entusiasmo, e as suas pupilas refulgiam. – Mas como é que sabes que eu pensava nisso?

– Então não havia de saber! Não se está lá muito melhor do que aqui?

– Oh! Por que me dizes isso?

– Na vossa terra deve haver agora flores e luzes…

– Oh! Não continues… – e mostrava um grande desgosto.

– Ouve, Ali, tu tens alguma irmã?

– Tenho… Por que perguntas isso?

– Porque, se é parecida contigo, deve ser muito bonita.

– Comigo! É tão bonita que não há outra como ela em todo o Daguestão! Oh, como é linda a minha irmã! Nunca deves ter visto outra igual em toda a tua vida! E a minha mãe também é muito bonita.

– E gostava muito de ti, a tua mãe?

– Oh! Que dizes? Naturalmente morreu de desgosto por minha causa. Eu era o seu filho preferido. Gostava mais de mim do que da minha irmã, mais que de todos… Sonho sempre com ela e ponho-me a chorar.

Calou-se e durante toda essa noite não tornou a dizer uma palavra. Por esse tempo procurava sempre ocasião para falar comigo, embora, devido ao respeito que eu, sem saber por que, lhe inspirava… nunca se atrevesse a ser o primeiro a interpelar-me. Mas ficava muito contente quando era eu quem lhe dirigia a palavra. Eu lhe fazia perguntas acerca do Cáucaso e da sua vida anterior. Os irmãos não o proibiam de falar comigo, até gostavam. E ao verem a amizade crescente que eu sentia por Ali, começaram a mostrar-se mais atenciosos para comigo.

Ali ajudava-me no trabalho, prestava-me todos os serviços que podia nos alojamentos, e via-se, claramente, que sentiria grande satisfação se pudesse suavizar a minha sorte e agradar-me em tudo, e nesta ânsia de agradar-me não havia a mínima baixeza nem o menor desejo de lucro, e sim um vivo sentimento de amizade, que já não escondia. Entre outras coisas, tinha muito jeito para os trabalhos manuais; sabia muito bem coser a roupa branca, remendar o calçado; aprendeu depois também, até onde era possível, carpintaria. Os irmãos

sentiam-se muito orgulhosos por ele.

– Olha, Ali – disse-lhe eu uma vez – por que não aprendes a ler e a escrever russo? Não vês como isso te pode ser útil aqui, na Sibéria, e depois?

– Eu bem queria aprender, mas quem é que me há de ensinar?

– Sim, aqui há poucos que saibam ler e escrever! Mas, se quiseres, eu mesmo te ensinarei!

– Ah, então, ensina-me! – e levantou da esteira e estendeu-me os braços num gesto de súplica.

Começamos no serão seguinte. Eu tinha uma versão russa do Novo Testamento – livro que não era proibido no presídio. – Ali aprendeu o alfabeto muito bem só neste livro, em poucas semanas. Passados três meses já entendia a linguagem do livro… Aprendia com entusiasmo, com prazer.

Uma vez lemos todo o "Sermão da Montanha". Eu reparei que ele lia alguns passos, acentuando-os de uma maneira especial. Perguntei-lhe se gostava do que tínhamos lido. Ele me olhou de frente e ruborizou-se.

– Ah, sim! – respondeu. – Sim! Issa[16] era um santo profeta, Issa falava pela boca de Deus! Que bonito!

– Mas de tudo, o de que gostaste mais?

– Daquele passo que diz: "Perdoa, ama, não faças mal a ninguém, ama os teus próprios inimigos." Ah, como são belas as suas palavras!

Voltou-se para os irmãos, que assistiam ao nosso diálogo, e começou a falar-lhes com entusiasmo. Ficaram durante muito tempo conversando entre si, num tom sério e movendo afirmativamente a cabeça. Depois, com um sorriso grave e afetuoso, isto é, muçulmano (que é muito do meu agrado, pois a gravidade é precisamente o que mais me agrada nesse sorriso), encararam-me e afirmaram que Issa era um profeta de Deus e que operara grandes milagres; que uma vez fez um pássaro de barro e o pássaro deitou a voar… que isso estava

escrito nos seus livros. Ao dizerem isto estavam muito convencidos de que me proporcionavam uma grande alegria louvando Issa e Ali sentia-se muito feliz por ver que os irmãos estavam resolvidos e desejosos de me darem a mim essa satisfação.

Obtivemos também um grande êxito quanto à escrita. Ali arranjou papel (e deixou que eu o pagasse), pena e tinteiro, e passado dois meses já tinha aprendido a escrever muito bem. O que encantou também os irmãos. O seu orgulho e satisfação não tinham limites. Não sabiam como exprimir-me o seu agradecimento. Quando acontecia trabalharmos na mesma seção, ajudavam-me continuamente e consideravam-se felizes por poderem fazê-lo. De Ali, nem quero falar. Queria-me como a um irmão. Nunca mais esquecerei a sua saída do presídio. Levou-me para trás do alojamento, deitou-me os braços ao pescoço e rompeu a chorar. Nunca até então me tinha dado um beijo nem chorado diante de mim. “Fizeste mais por mim – dizia – do que o meu pai e a minha mãe juntos; fizeste de mim um homem. Deus há de pagar-te e eu nunca te esquecerei!”

Onde estás, onde estás a esta hora, meu bom, meu meigo, meigo Ali?

Além dos circassianos, havia nos nossos alojamentos um grupo de polacos que formavam uma espécie de família e que quase não se comunicavam com os outros presos. Já disse que, pelo seu exclusivismo, pela sua má vontade para com os presos russos, se tornavam antipáticos a todos. Eram caracteres atormentados, doentios; eram apenas seis. Alguns deles eram indivíduos instruídos, dos quais falarei em particular e pormenorizadamente mais adiante. Alguns me emprestaram livros durante a minha vida na prisão. O primeiro desses livros provocou-me uma forte, estranha, especial impressão. Falarei dela em outra ocasião, mais particularmente. Considero essa impressão muito curiosa e tenho a certeza de que muita gente havia de encontrar neles muitas coisas completamente incompreensíveis. Quando não se tem experiência, não se pode julgar sobre coisa alguma. Apenas digo isto: que as privações morais são mais difíceis de sobrelevar do que todos os tormentos físicos. A pessoa do povo que vem parar ao presídio, encontra-se aí no seu mundo, e talvez num ambiente mais avançado. Não há dúvida de que perde muitas coisas: a

terra, a família, tudo, mas o seu meio continua a ser o mesmo. O homem culto, condenado pela lei a sofrer o mesmo castigo que a gente ignara, perde incomparavelmente mais do que esta. Vê-se obrigado a renunciar a todas as suas exigências, a todos os seus costumes; a mover-se num meio, para ele insuficiente, a aprender a respirar outros ares… É como um peixe que tiram da água e põem sobre a areia… E o castigo imposto pela lei, igual para todos, torna-se frequentemente dez vezes mais duro para ele. Isto é verdade… ainda que se fale apenas dos costumes materiais que é preciso sacrificar.

Mas os polacos formavam um grupo especial. Eram seis e viviam todos juntos. De todos os presos do nosso alojamento apenas gostavam de um judeu e talvez apenas pela única razão de que os divertia. A nosso ver, os outros presos gostavam também dele por outros motivos, embora todos, sem exceção, fizessem troça dele. Era o único judeu que ali havia e ainda hoje não posso lembrar-me dele sem rir. Cada vez que o olhava vinha-me à memória aquele judeuzinho, Ânkel, do *Taras Bulba*, de Gógol, que, ao despir-se para se meter de noite na cama com a sua judia, ficava terrivelmente parecido com um frango depenado. Issai Fomitch, o nosso judeu, era também tão parecido com um frango sem penas como uma gota de água é parecida com outra. Já não era novo, devia ter uns cinquenta anos, baixinho e enfermiço, esperto e, ao mesmo tempo, evidentemente estúpido. Era audaz e fanfarrão e, ao mesmo tempo, terrivelmente covarde. Todo ele era rugas e tinha na testa e nas faces os sinais com que o tinham marcado no pelourinho. Nunca pude compreender como é que ele pôde resistir a sessenta açoites. Mandaram-no para o presídio como culpado de homicídio. Guardava cuidadosamente a receita que lhe deu o médico da sua judiaria, logo após o castigo. Atribuía tanto poder a essa receita, que, em duas semanas, graças a ela, se lhe haviam de tirar os sinais da cara. Não se atrevia a explorar esse poder no presídio e esperava cumprir os seus doze anos de pena para, assim que se visse entre a colônia judaica, se pôr a explorar infalivelmente a receita. “Se não for assim não conseguirei casar – dizia-me uma vez – e eu não tenho outro remédio senão casar.” (Dizia “casar”, ceceando). Eu era muito seu amigo. Estava sempre de excelente disposição de espírito. A vida era-lhe fácil, no presídio; era joalheiro de ofício e tinha muitas encomendas da cidade, na qual não havia nenhum ourives, e por isso

livrava-se dos trabalhos pesados. Escusado será dizer que, ao mesmo tempo, era usurário. E emprestava dinheiro a todo o presídio, com os respectivos juros e garantias. Entrara no presídio primeiro do que eu e um dos polacos descreveu-me com todos os pormenores a sua chegada. Tratava-se de uma história muito interessante, que mais adiante contarei, pois ainda hei de tornar a falar de Issai Fomitch.

O restante dos vizinhos do nosso dormitório compunha-se de quatro velhos crentes, anciãos e muito lidos, entre os quais se achava também o velho de Staradúbovo; de dois ou três pequenos russos,[17] sujeitos de má catadura; de um presidiário novo, com o nariz em bico, dos seus vinte e três anos; que matara oito pessoas; de uma súcia de falsificadores de moeda, um dos quais era o bobo do nosso alojamento e, finalmente, de alguns tipos sombrios e sinistros, rapados e desfigurados, taciturnos e invejosos, que olhavam receosamente por baixo, à sua volta, e predestinados a olhar, entristecer, calar e invejar ainda durante muitos anos… todo o tempo da sua condenação. Tudo isto surgiu diante de mim como através de uma névoa naquela primeira, triste noite da minha nova vida; surgiu assim, por entre o fumo e o barulho, por entre insultos e palavras de um cinismo indescritível, num ambiente pestilencial, por entre ruídos de cadeias, juramentos e risos desvergonhados. Estendi-me nas esteiras descobertas, pus a minha roupa debaixo da cabeça (ainda não tinha almofada) e cobri-me com o meu sobretudo de peles; mas durante muito tempo não fui capaz de adormecer, apesar de estar muito cansado e esgotado por causa de todas as estranhas e inesperadas impressões daquele primeiro dia. A minha nova vida tinha começado. Esperavam-me ainda muitas coisas que nunca imaginara e que nem sequer pressentia…

## Capítulo V / O primeiro mês

Passados três dias da minha estada no presídio, ordenaram-me que fosse para o trabalho. Tenho ainda gravado na memória esse primeiro dia de trabalho, se bem que não me sucedera nada de extraordinário, não falando, é claro, de tudo quanto, mesmo sem isso, tinha de extraordinária a minha situação. Mas essa era também uma

das primeiras impressões, e eu continuava ainda olhando tudo com assombro. Durante todos esses três primeiros dias experimentei as mais penosas sensações. Eis aqui em que consistia o meu assombro: “Estou no presídio – repetia-me a cada momento. – Esta vai ser a minha vida durante muitos anos; o lugar em que hei de sentir tão inverossímeis, tão mórbidas impressões! E quem sabe? Talvez… quando, passados uns anos, possa finalmente deixá-lo… chegue a sentir saudades disto!”, acrescentava, não sem uma mescla dessa maliciosa impressão que às vezes degenera na necessidade de remexermos propositadamente na ferida, pelo desejo de nos distrairmos com o nosso próprio sofrimento, reconhecendo precisamente que no exagero de toda a infelicidade há também um prazer. A ideia de, com o tempo, vir a ter saudades daquele lugar… a mim mesmo me enchia de espanto; já então pressentia até que grau o homem tem o poder de habituar-se. Mas tudo isto era por pressentimento, pois, então, tudo à minha volta era ainda hostil e… horrível… conforme me parecia, embora nem tudo o fosse. Aquela selvagem curiosidade com que me olhavam os meus novos companheiros de presídio, que reforçavam a sua rudeza para com um novato da classe aristocrática, que de repente se introduzia na sua corporação, rudeza que, às vezes, roçava pela maldade… Tudo aquilo me mortificava a tal ponto que era eu mesmo quem desejava ir o mais depressa possível para o trabalho, para saber quanto antes avaliar toda a grandeza da minha miséria e começar como os demais e a colocar-me imediatamente ao seu nível. É claro que eu ainda não tinha reparado nem suspeitado daquilo que tinha diante dos meus olhos, não adivinhava ainda a possibilidade de consolação no meio da hostilidade. Além disso, alguns rostos amáveis, afetuosos, que já encontrara nesses três dias, infundiam-me muita coragem. De todos, o mais carinhoso e amável para comigo era Akim Akímitch. Entre os rostos severos e maldosos dos outros reclusos, não podia no entanto deixar de notar alguns, bondosos e joviais. “Em todos os lugares há gente má e boa também – costumava dizer a mim mesmo, à guisa de consolação. – Quem sabe? Pode ser que estas criaturas, no fim de contas, não sejam piores do que as outras, do que as que ficaram por lá, fora do presídio.” Pensava isto e movia a cabeça perante tal pensamento; mas, entretanto… meu Deus! Se eu, ao menos, tivesse sabido logo até que ponto esse raciocínio era exato!

Havia, por exemplo, entre nós, um homem ao qual somente ao fim de muitos, muitos anos, cheguei a conhecer bem a fundo, e que andou constantemente à minha volta, quase todo o tempo da minha condenação. Era um preso chamado Suchílov. Quando falei há pouco de outros condenados, os quais não eram piores que outras pessoas, lembrei-me imediata e involuntariamente dele. Prestava-me serviços, apesar de eu ter ainda outro servidor. Akim Akímitch, logo desde o começo, no primeiro dia, me apresentara a um preso… Óssip, dizendo-me que, por trinta copeques por mês, ele se encarregaria de preparar-me todos os dias uma comida à parte, se a do presídio me repugnasse e eu contasse com meios para comer por minha conta. Óssip era um dos quatro cozinheiros designados por eleição, entre os presos, para cuidar das nossas cozinhas, embora, no entanto, pudesse livremente aceitar ou recusar o cargo e até renunciar a ele no dia seguinte. Os cozinheiros não saíam para o trabalho e a sua obrigação reduzia-se a cozer o pão para nós e preparar a sopa de couves. Não os chamavam cozinheiros e sim cozinheiras, mas não por desprezo, tanto mais que para a cozinha se escolhiam indivíduos habilidosos e, se fosse possível, sérios, mas por leve troça, com o que os nossos cozinheiros nunca se zangavam. Óssip era quase sempre escolhido, e desempenhou a função de cozinheira uns poucos de anos quase seguidos, e só renunciava ao cargo quando se sentia triste ou, ao mesmo tempo, lhe chegava a ânsia de negociar aguardente. Era de uma honestidade e franqueza raras, apesar de se dedicar ao contrabando. Era aquele mesmo matreiro alto, enfermiço, do qual já fiz menção; tinha medo de tudo, principalmente das varadas; agradável, transigente, afetuoso com todos, jamais armava confusão com alguém, mas não podia abster-se de introduzir aguardente clandestinamente, apesar de todo o seu medo dos perigos inerentes ao contrabando. Negociava aguardente, juntamente com outros cozinheiros, embora, no fim de contas, em menor escala do que Gázin, por exemplo, por não ter coragem para se arriscar mais. Não me engano dizendo que, num mês, se foi todo o meu dinheiro na minha alimentação, sem incluir o pão, que era do rancho, naturalmente, e às vezes a sopa de couves, quando tinha muita fome, apesar da repugnância que me inspirava, e que, diga-se de passagem, desapareceu completamente com o tempo. Costumava comprar um pedaço de carne de vaca, o que me custava uma libra por dia. No inverno, custava um *groch*. Quem ia buscar a vaca era um dos

inválidos, dos quais havia um em cada alojamento com a missão de velar pela ordem e que de bom grado se encarregava de ir todos os dias às compras para os presos, sem lhes cobrar por isso absolutamente nada, a não ser uma pequena gorjeta de vez em quando. Faziam isso por interesse próprio, por causa da sua tranquilidade, senão seria impossível para eles conviver com os presos na penitenciária. Assim, introduziam chá em tabletes,[18] carne de vaca, tortas, etc., etc., excetuando quase exclusivamente a aguardente. A eles não lhes pediam aguardente, embora às vezes a oferecessem. Óssip preparou para mim, durante vários anos seguidos, única e exclusivamente um pedaço de carne assada. Como é que ela era assada… isso é outra questão; mas não se trata agora disso. É curioso que, durante esse tempo todo, nunca troquei com ele duas palavras. Muitas vezes punha-me a falar com ele, mas era incapaz de manter uma conversa; respondia sim ou não com um sorriso, e pronto. Também nos provocava uma estranha impressão olhar para aquele Hércules com o raciocínio duma criança de sete anos.

À parte Óssip, entre o número dos indivíduos que me serviam encontrava-se também Suchílov. Não fui eu quem o chamou nem quem o procurou. Foi ele próprio quem se apresentou e se recomendou; nem sequer me lembro de quando foi. Lavava a roupa. Para este fim tinham construído uma grande poça d'água. Era nessa poça, numas selhas que a Administração fornecia, que se lavava a roupa dos presos. À parte isto, o próprio Suchílov inventou mil coisas para me ser agradável; preparava o chá, levava vários recados, arrumava aquilo que eu precisava, levava o meu capote para coser, engraxava minhas botas quatro vezes por mês. Fazia tudo isto com a melhor boa vontade, conscientemente, com o maior esmero. Em suma: unia o meu destino ao seu e considerava as minhas coisas como suas. Por exemplo, nunca dizia: "O senhor tem um rasgão no capote", e outras coisas do gênero, mas sim: "Temos tantas camisas"; "Temos um rasgão no capote". Olhava-me nos olhos e parecia encarar isso como a principal finalidade da sua existência. Ofício, ou, como diziam os presos, ofício manual, não tinha nenhum, e segundo parecia, de mim recebia apenas um copeque. Eu lhe pagava o melhor que podia, isto é, alguns *grochi* e ele se dava sempre por satisfeito, sem nada objetar. Não podia deixar de estar ao serviço de alguém e para isso escolheu-

me, por eu ser mais afável do que os outros e mais exato nos pagamentos. Era um desses indivíduos que nunca poderão enriquecer nem prosperar, que se ofereciam para servir de sentinela aos *maidani*, levando horas inteiras à espreita, colados às paredes, aguentando a geada, de ouvido atento ao menor ruído que se ouvisse no pátio, não fosse por acaso o major da praça, prestando-se a tudo isso por cinco copeques mal contados, por quase toda a noite, expondo-se à contingência de serem descobertos e perder tudo, e de ter de pagar ainda com o corpo. Já me referi a estes indivíduos. A sua característica consistia em… anular a sua personalidade, sempre e em todos os lados, e quase à frente dos outros, e representar nos assuntos comuns um papel não de segunda mas de terceira ordem. Tudo isto era inato neles. Suchílov era um pobre rapaz pacato e humilde, parecia quase um cão que apanhou pancada, não porque alguma vez alguém lhe batesse, o que jamais acontecia, mas era assim, de seu natural. A mim inspirava-me sempre dó. E mais: nem sequer podia vê-lo sem experimentar esse sentimento, se bem que eu não fosse capaz… de explicar a causa da minha compaixão. Falar com ele, não podia; ele também não se atrevia a falar comigo e era evidente que isso lhe era difícil, e só se animava quando, no fim do diálogo, o mandava fazer alguma coisa, o mandava sair, dar algum recado. Até que, finalmente, me cheguei a convencer de que, com isso, lhe proporcionava um prazer. Não era estúpido nem esperto, nem novo nem velho, nem alto nem baixo, nem bom nem mau, levemente picado da varíola e um pouco ruivo. Não se podia dizer nada de definido a seu respeito. Apenas uma coisa: segundo penso, e conforme pude adivinhar, pertencia à mesma confraria que Sirótkin, e pertencia a ela unicamente pelo seu aspecto de cão batido e pela sua irresponsabilidade. Os presos, algumas vezes dirigiam-lhe piadas, principalmente por se ter trocado no caminho, ao ir para a Sibéria, e o ter feito por causa de uma camisa vermelha e por um rublo de prata. Segundo as zombarias dos presos, tinha-se vendido por esse preço tão vil. Trocado… significa trocar o seu nome pelo de outro e também a condenação. Por estranho que isto pareça, é exato, e no meu tempo este costume estava ainda em vigor entre os presos enviados para a Sibéria, impondo obrigações aos contratantes e revestindo-se de certas formalidades. A princípio também eu não acreditava nisso, embora, finalmente, não tivesse outro remédio senão acreditar, por ter visto.

Eis de que maneira as coisas se passavam: enviavam, por exemplo, para a Sibéria um grupo de presos. Uns… vão para o presídio, outros para as oficinas, outros para a colônia, mas vão todos juntos. Em determinado lugar do trajeto, suponhamos no governo de Perm, algum dos deportados sente o desejo de trocar com outro. Um certo Mikháilov, assassino ou réu de outro crime grave, pensa que não lhe convém ir passar uns anos no presídio. Suponhamos que é um indivíduo esperto, habilidoso, que conhece o assunto; então procura algum da caravana, que seja mais ingênuo, mais manejável, e ao qual impuseram uma pena relativamente leve: ir para as fábricas por uns poucos anos, ou, inclusive, ir para o presídio, mas por menos tempo. Até que encontra um Suchílov. Suchílov é serviçal, por temperamento, e vai simplesmente para a colônia. Venceu já um percurso de quinhentas verstas, naturalmente sem um copeque no bolso, porque Suchílov nunca pode ter dinheiro… e vai cansado, moído, comendo só do rancho, sem provar qualquer coisinha de melhor, vestido com a farda do presidiário, servindo-os a todos por um miserável *groch*. Mikháilov puxa conversa com Suchílov, torna-se seu amigo íntimo e, por fim, presenteia-o com aguardente. Até que lhe propõe a troca. “Ó homem, eu, Mikháilovitch, vou para o presídio, mas não verdadeiramente para o presídio, e sim para a seção especial…” É claro que aí também é presídio, mas um presídio à parte, onde se está muito melhor… Da seção especial, no tempo em que existia, até os próprios funcionários, os de Petersburgo, por exemplo, não sabiam nada. Era um lugarzinho tão especial e à parte, num dos cantos da Sibéria, e tão pouco povoado (no meu tempo não tinha mais de sessenta homens), que se tornava difícil dar com ele. Conheci depois indivíduos que tinham servido na Sibéria e não o conheciam, e que tiveram notícia da existência dessa seção especial pela primeira vez, através de mim. No Código dedicavam-lhe ao todo apenas seis linhas: “Estabelece-se no próprio presídio uma seção especial para os criminosos mais graves, até que se inaugurem na Sibéria os trabalhos forçados mais duros.” Até os próprios presos desta seção ignoravam se era… perpétua ou por tempo determinado. Este não estava marcado, apontado: “Até que se inaugurem os trabalhos forçados mais duros”, e portanto… isso equivalia a ficar para sempre no presídio. Não é de admirar que nem Suchílov ou algum da sua caravana o soubessem, incluindo o próprio deportado Mikháilov, o qual pode ser que tivesse

alguma ideia acerca de uma seção especial, a avaliar pelo seu crime, bastante grave, pelo qual recebera três ou quatro mil vergastadas. Por isso não devia considerá-lo nenhum bom lugar. Suchílov ia com destino à colônia. Que podia desejar-se de melhor, nestes casos? "Não quererias trocar comigo?". Suchílov, debaixo do efeito da aguardente, alma simples, cheio de gratidão por Mikháilov, que o convidou para a bebida, não tem coragem de negar-se. Além disso já ouviu dizer aos da caravana que uma pessoa se pode trocar, que há alguns que se trocam, e que não se trata portanto de nada de extraordinário nem de inaudito. Chegam a acordo. O desavergonhado Mikháilov, aproveitando-se da singular ingenuidade de Suchílov, compra-lhe o nome por uma camisa de cor e por um rublo de prata, coisa que lhe entrega diante de testemunhas. No dia seguinte, Suchílov ainda está bêbado; mas convidam-no de novo e agora já não lhe fica bem negar-se; o rublo que lhe deram já o gastou na bebida; a camisa vermelha, passado algum tempo, também. "Não queres? Então devolve-me o dinheiro." Mas onde é que Suchílov há de ir buscar um rublo de prata? Mas se ele não o devolve, serão os companheiros que o obrigam a devolver; por isso ele é severamente vigiado. Acrescente-se ainda que, se deu a sua palavra, tem de cumpri-la, e de fazer com que assim seja também se encarrega a companhia. Senão, será condenado à morte. Vão lhe dar uma boa sova ou matam-no, simplesmente; vão pelo menos assustá-lo, ameaçando-o de morte.

No fundo, se os da súcia tivessem uma só vez sido negligentes neste gênero de assuntos, teriam acabado estas frequentes trocas de nomes. Como é possível desdizer a sua palavra e desfazer um contrato depois de receber o dinheiro? Quem é que, então, não cumpriria a sua palavra? Em resumo: isso é um assunto que diz respeito a todos os da caravana, e portanto eram todos muito severos neste ponto. Finalmente Suchílov vê que já não há maneira de escapar e acaba cedendo. Avisa toda a súcia e, além disso, compete-lhe também dar alguns presentes ou convidar uns tantos para uma rodada de copos, se for preciso. Para os outros, é natural, tudo lhes é indiferente; que Mikháilov ou Suchílov vão para o diabo, o caso é que se bebe aguardente; por isso, por seu lado, ficam muito caladinhos. Na primeira etapa fazem, por exemplo, a troca das chamadas; gritam para Mikháilov: "Mikháilov!" e Suchílov responde: "Presente!" e continuam

para a frente. E ninguém fala mais no caso. Em Tobolsk os presos são distribuídos. Mikháilov vai para a aldeia a colonizar e Suchílov é enviado para a seção especial, debaixo duma escolta reforçada. Agora já ninguém pode protestar. E como provar a coisa, no fim de contas? Por quantos anos não se arrastaria depois o caso? E qual seria o resultado? E, finalmente, onde arranjar testemunhas? De maneira que o resultado foi Suchílov ter ido dar à seção especial por um rublo de prata e mais uma camisa vermelha.

Os presos troçam de Suchílov – não porque se tivesse trocado (embora desprezassem, como imbecis caídos numa armadilha, aqueles que voluntariamente trocavam trabalhos leves por trabalhos pesados) – mas por se ter contentado simplesmente com uma camisa encarnada e um rublo de prata, isto é, uma paga insignificante. De maneira geral os que se trocam fazem-no por quantias de certa importância, relativamente. Em todo caso, por algumas dezenas de rublos. Mas Suchílov era tão manso, tão dócil e tão humilde com todos, que nem dava vontade rir dele.

Convivi com Suchílov durante alguns anos. Pouco a pouco, foi-me tomando uma dedicação extraordinária; eu não podia deixar de reparar nisso, pois também já me acostumara a ele. Mas uma vez – nunca o perdoarei a mim próprio – não desempenhou satisfatoriamente qualquer incumbência que lhe fiz, embora mesmo assim tivesse recebido o dinheiro, e eu tive a crueldade de dizer-lhe: “Repare, Suchílov, você aceita o dinheiro mas não faz as coisas”. Suchílov não disse nada e foi fazer o que eu lhe mandara; mas, de repente, tomou uma expressão muito séria. Passaram dois dias. Eu pensava: “Não é possível que tenha ficado assim por causa das minhas palavras”. Eu sabia que um preso, Anton Vassíliev, andava constantemente a reclamar-lhe o pagamento de um *groch* que ele lhe devia. Pensei que, provavelmente, não teria dinheiro e não se atrevia a me pedir. No terceiro dia disse-lhe: “Suchílov, penso que você queria pedir-me dinheiro para pagar a Anton Vassíliev! Então tome lá!”. Eu estava sentado na esteira e Suchílov de pé, na minha frente. Parecia lisonjeá-lo muito o fato de eu lhe oferecer dinheiro e preocupar-me com a sua situação, tanto mais que, nos últimos tempos, me pedia demasiados adiantamentos, segundo ele próprio pensava, e por isso

não se atrevia a pensar que eu lhe fizesse ainda outro. Olhou para o dinheiro, depois para mim, e de repente deu meia volta e afastou-se. Tudo isto me chocou imenso. Saí atrás dele e fui alcançá-lo atrás dos alojamentos. Estava junto das paliçadas do presídio, de cara voltada para a cerca e com a cabeça apoiada sobre ela e reclinada na mão. “Que tens, Suchílov?”, perguntei-lhe. Não olhou para mim e observei com o maior assombro que estava prestes a chorar. “O senhor pensa, Alieksandr Pietróvitch… pensa – exclamou numa voz entrecortada e esforçando-se por olhar para outro lado – que eu… a si… pelo dinheiro… e eu… eu… ah!” E de repente voltou-se de novo para a paliçada de tal maneira que quase machucou a testa… e rompeu a soluçar!

Era a primeira vez que eu via um homem chorar no presídio. Consolei-o e, embora a partir daí começasse a servir-me ainda com mais boa vontade do que dantes, se isso era possível, e a cuidar de mim, apesar de tudo, por alguns indícios quase imperceptíveis, pude reconhecer que, no seu coração, não me perdoava a minha censura. E, no entanto, os outros troçavam todos dele, feriam-no, em circunstâncias semelhantes, insultavam-no, às vezes gravemente, e ele estava sempre bem com eles e nunca se zangava. Sim, é muito difícil compreender os homens, mesmo em longos anos de convívio!

Eis aqui a razão por que, ao primeiro olhar, não podia o presídio surgir para mim sob o aspecto real com que se revelou depois. Eis aí o motivo por que eu dizia que, ainda que o olhasse como olhava, com aquela viva e forçada atenção, não podia ver muitas coisas que se passavam mesmo diante dos meus olhos. É claro que, a princípio, impressionavam-me as coisas mais destacadas, que ressaltavam com maior nitidez; mas até mesmo essas, pode ser que não as interpretasse bem e deixavam somente na minha alma uma impressão ingrata, desesperadamente triste. Contribuiu muito para isso o meu encontro com A…v, outro preso que se dedicou a mim, passado pouco tempo de eu estar no presídio, e que provocou uma impressão especialmente dolorosa nos primeiros dias da minha estada aqui. Aliás, eu já sabia, antes da minha entrada para o presídio, que devia vir encontrar-me aqui com A…v. Amargurou-me esses penosos tempos iniciais e agravou os meus sofrimentos espirituais. Não posso deixar de falar

deles.

Era o exemplo mais repulsivo do ponto até que pode perverter-se e degradar-se um homem, e até que extremo pode matar em si todo sentimento de moralidade, sem o menor remorso da consciência. A…v era um jovem aristocrata ao qual me referi já de passagem, dizendo que delatava perante o major da praça tudo o que se passava no presídio e que era amigo do seu espião Fiedka. Eis aqui, em poucas palavras, a sua história. Como não foi capaz de concluir em lado nenhum um curso de estudos, e como, em Moscou, se tivesse zangado com os pais, assustados com a sua conduta licenciosa, mudou-se para Petersburgo e, para arranjar dinheiro, decidiu levar a termo uma reles delação, isto é, resolveu vender a vida de dez homens a fim de poder satisfazer imediatamente a sua implacável sede dos mais grosseiros e repugnantes deleites, nos quais, seduzido por Petersburgo, pelos seus restaurantes e lugares de luxo, se afundou de tal maneira que, apesar de não ser tolo, chegou a ver-se implicado num assunto estúpido e absurdo. Não tardou que se comprovasse a falsidade da sua delação; na sua denúncia acusava seres inocentes, enganou os seus amigos e foi por tudo isso que o enviaram para a Sibéria, por dez anos, para o nosso presídio. Era ainda muito novo, a vida mal tinha começado para ele. Parecia natural que semelhante mudança na sua sorte o tivesse impressionado, provocando uma reação, alguma mudança na sua natureza. Mas aceitou o seu novo destino sem a menor comoção, nem aversão, sem por isso perder a calma nem intimidar-se por nada, como por exemplo com a necessidade iniludível de trabalhar e de ter de renunciar aos restaurantes da moda e aos prazeres. Parecia até que o nome de presidiário lhe caía mesmo a propósito para cometer más ações e vilezas cada vez maiores. O presidiário, de presidiário não passa; uma vez que se encontra nessa situação, já uma pessoa pode descer a tudo sem se envergonhar. Era esta a sua opinião exata. Lembro-me dessa criatura repugnante, como de um fenômeno. Vivi alguns anos com assassinos, com malfeitores repelentes; mas digo convictamente que nunca, até hoje, encontrei na vida uma degradação moral tão completa, uma depravação tão consumada e com tão insolentes baixezas como as que reunia A…v.

Havia até entre nós os da classe aristocrática, um parricida, ao

qual já me referi. Pois bem: pude comprovar, por muitos indícios e fatos, que até esse indivíduo era incomparavelmente mais nobre de espírito e mais humano do que A…v. A meus olhos, durante todo o tempo da minha vida presidiária, A… v não era mais do que um pedaço de carne com dentes e estômago e com uma sede insaciável dos mais grosseiros, dos mais bestiais prazeres carnais, e considero que era capaz de matar, de assassinar com o maior sangue frio, contanto que isso lhe proporcionasse a satisfação do mais repelente e caprichoso desses prazeres. Em resumo: de tudo, desde que não corresse nenhum risco. Não exagero, pois cheguei a conhecer bem A… v. Era um exemplo daquilo até onde pode chegar a parte carnal do homem, quando não é interiormente obstada por nenhuma norma, por nenhuma lei. Como me repugnava aquele seu eterno sorriso trocista! Era um monstro, um Quasímodo moral. Acrescente-se a isto que era esperto e inteligente, bonito, e também com alguma instrução e aptidões. Não; melhor seria o fogo, a peste e a fome do que viver com tal homem. Já disse que no presídio todos se envileciam tanto que a espionagem e a delação floresciam e os presos nunca se zangavam por causa disso. Pelo contrário, todos se mostravam muito amigos de A…v e se portavam incomparavelmente melhor para com ele do que para comigo. A brandura que para com ele mantinha o nosso major conferia-lhe a seus olhos distinção e prestígio. Entre outras coisas, convencera o major de que sabia fazer retratos (aos presos, tinha-lhes feito acreditar que era tenente da guarda) e assim conseguiu que o mandassem trabalhar em casa, com o fim de fazer um retrato do major. Como se isso fosse pouco, fez amizade com o delator Fiedka, que tinha uma influência extraordinária sobre o seu amo e, por conseguinte, sobre tudo e todos no presídio. A… v espiava-nos, por ordem do major que, no entanto, quando estava bêbado, batia-lhe na cara, e até o insultava, chamando-o delator e mexeriqueiro. Acontecia com muita frequência: depois de lhe ter dado uma sova, o major se sentava na sua cadeira e ordenava a A…v que continuasse a fazer-lhe o retrato. O nosso major, segundo parece, tinha engolido a patranha de que A…v era um artista notável, quase um Briúlov[19], de quem tinha ouvido falar; mas, apesar disso, julgava-se com o direito de esbofetear-lhe a cara, porque – que diabo! – ali, ele não era o artista mas o preso, e ainda que fosse o próprio Briúlov, ele, major, era seu superior e podia fazer dele o que quisesse. Entre outras coisas

obrigava A…v a limpar-lhe as botas e a despejar os bacios de alguns quartos, apesar de que, durante muito tempo, não quis duvidar de que A…v fosse um artista. O retrato foi-se protelando infinitamente, quase durante um ano. Até que por fim o major suspeitou que andavam a enganá-lo e, muito admirado por ver que o retrato nunca mais se acabava e que, pelo contrário, cada dia se parecia menos com ele, encolerizou-se, deu uma boa sova no artista e mandou-o trabalhar como um negro… A…v lamentava o percalço e custava-lhe muito renunciar aos bons dias passados, às sobras da mesa do major, ao grande amigo Fiedka e a todas os prazeres que os dois sabiam arranjar na cozinha.

Depois do ostracismo de A…v, deixou o major de perseguir a M***, outro preso com o qual A…v andava continuamente em briga. O motivo fora este: M***, na época em que A…v entrara para o presídio, estava só. Aborrecia-se muito; não tinha nada de comum com os outros presos, olhava-os com horror e desprezo, não reparava nem via neles nada daquilo que podia torná-los simpáticos e não convivia com eles. Os condenados pagavam-lhe na mesma moeda. De maneira geral, a situação dos indivíduos semelhantes a M***, no presídio, é terrível. M*** não conhecia o motivo por que A…v fora parar ao presídio. Em compensação, A…v, adivinhando com quem tinha de haver-se, afirmou-lhe imediatamente que o tinham deportado em virtude de uma denúncia absolutamente falsa, quase pelo mesmo motivo por que tinham deportado também M***.

M*** ficou muito contente com aquele companheiro e amigo. Seguia-lhe os passos, consolava-o nos primeiros dias de cativeiro, supondo que, com certeza, devia sofrer muito; dava-lhe o que lhe restava de dinheiro, presenteava-o e partilhava com ele as coisas indispensáveis. Mas não tardou que A…v lhe ganhasse ódio, precisamente por ser ele nobre, por olhar com tanta repugnância os atos vis, mas sobretudo por ser tão diferente dele; e tudo quanto M*** lhe dissera, nas suas conversas anteriores, a respeito do presídio e do major, foi contar a este. O major ficou muito zangado, vingou-se de M*** tornando-o objeto dos maiores vexames e, se não fosse a intervenção do comandante, teria feito alguma atrocidade… A … v não só não sentiu a menor comoção quando M*** veio a saber depois

a sua baixeza, como até se comprazia em encontrar-se com ele e ficar a olhá-lo com um sorriso trocista. Pelo visto, isso lhe dava prazer. Era o próprio M*** quem me fazia reparar nisso, algumas vezes. Esse reles companheiro fugiu mais tarde, juntamente com outro preso e com o soldado da escolta; mas disso falarei mais adiante. A princípio também quis enganar-me a mim, pensando que eu não conhecia a sua história. Repito que ele me amargurou os primeiros dias de cativeiro, já de si tão tristes. Eu sentia horror perante aquela maldade e vilania cruéis, entre as quais me movia, entre as quais tinha caído. Pensava que todos ali deviam ser maus e vilões. Mas enganava-me, julgando-os a todos conforme A…v.

Durante esses três dias estive de folga, triste folga, no presídio; estendi-me na esteira, dei pano a certo preso que Akim Akímitch me indicara, o qual a Administração me fornecera, para que me fizesse umas camisas, pagando-lhe, é claro (a tantos *grochi* por camisa); arranjei, seguindo os reiterados conselhos de Akim Akímitch, um colchão dobrável (de feltro forrado de linho), tão fino como um biscoito, e também uma almofada cheia de lã, terrivelmente dura para quem não estava acostumado. Akim Akímitch trabalhou com persistência preparando-me todas essas coisas e, além disso, fez por sua própria mão um cobertor das tiras de um velho uniforme que se compunha de umas calças já gastas e de uma samarra, que para esse fim comprara a outro preso. Os objetos da Administração, com os quais se acabava de cumprir a pena, tornavam-se propriedade do preso, que os vendia imediatamente ali mesmo, no presídio, e, apesar de se tratar de peças usadas, tinha sempre a esperança de poder vendê-las por qualquer preço. Tudo isso, a princípio, me admirava muito. Era o meu primeiro e verdadeiro contacto com o povo. Eu próprio me tinha convertido de repente num homem simples, num presidiário como eles. Os seus hábitos, as suas ideias e costumes… eram os meus, pelo menos formalmente, segundo a lei, embora, na realidade, eu não os partilhasse. Estava admirado e comovido, como se nunca tivesse suspeitado a existência de tudo aquilo e nem o tivesse ouvido dizer, apesar de o conhecer e ter ouvido dizer. O fato é que a realidade produz sempre em nós uma impressão muito diferente daquilo que se ouviu dizer. Como podia eu, por exemplo, imaginar anteriormente, mesmo de longe, que uns simples trapos pudessem ser

considerados como peças de vestuário? Pois desses trapos fiz eu um cobertor! Também era difícil imaginar de que gênero era o pano destinado à roupa dos presos. Parecia, de fato, uma espécie de pano grosseiro, próprio para soldados; mas assim que uma pessoa o vestia transformava-se num crivo e rompia-se com uma facilidade exasperante. Além do mais, entregavam esses fatos aos presos para um ano; mas antes de expirar o prazo já estavam imprestáveis. O preso trabalha, carrega pesos; o uniforme estraga e rasga depressa. Em compensação as peles que nos davam eram para três anos e, de maneira geral, serviam-nos, durante todo esse tempo, de sobretudo, de manta e de colchão. Mas as peles eram fortes, embora muitas vezes se vissem, no fim do terceiro ano, isto é, ao expirar o seu prazo, peles remendadas com simples pano de linho. Mas apesar disso, ainda que estivessem muito gastas, quando terminava o prazo marcado os donos vendiam-nas por quarenta copeques de prata. E algumas, mais bem conservadas, vendiam-se a sessenta e até setenta copeques de prata… o que, no presídio, era muito dinheiro.

O dinheiro – e já falei disto – representava verdadeiramente um raro prestígio e um grande poder. Posso afirmar resolutamente que o preso que possui algum dinheiro, por pouco que seja, padece dez vezes menos no presídio do que aquele que não tem nenhum, se bem que a administração do presídio lhe forneça tudo e ainda que alguém possa perguntar-lhe para que quererá ele o dinheiro, como diziam os nossos superiores. Repito novamente que se os presos fossem privados da possibilidade de arranjar dinheiro, ficariam loucos, rebentariam como moscas (se bem que lhes fornecessem tudo) ou iam se entregar, finalmente, à prática de crimes inauditos: uns, por tristeza, outros, para que deixassem o mais depressa possível de torturá-los e acabassem com eles de uma vez, ou também, para, de certa maneira, mudarem de sorte (explicação técnica). Se o preso, que conseguiu dinheiro quase à custa de um suor e sangue, ou resolveu imaginar uma manha extraordinária para o arranjar, incorrendo às vezes em vilezas e patifarias, gasta-o depois de um modo tão absurdo, num aturdimento infantil, isso não quer dizer que não o aprecie, embora à primeira vista assim pareça. O preso está ansioso por dinheiro, até à vertigem, até à loucura, e se de fato o atira pela janela afora, quando o possui, faz isso por qualquer coisa que no entanto aprecia ainda mais.

Mas que pode valer mais que o dinheiro, para o preso? A liberdade ou, então, uma pequena ilusão de liberdade. Os presos são grandes sonhadores. Hei de dizer depois qualquer coisa acerca disto; mas já que toquei no assunto, direi que vi presos condenados a vinte anos de prisão, que me diziam com a maior tranquilidade frases como esta: "Tenha paciência, homem, Deus há de fazer com que chegue o dia, e então…" O sentido da palavra preso era este: um homem privado de liberdade; mas, se tem dinheiro, dispõe também da sua liberdade. Apesar de todos os estigmas, das cadeias e das odiosas paliçadas do presídio, que lhe limitam o mundo e o encurralam como uma fera enjaulada, pode ter aguardente, isto é, o prazer mais severamente proibido, encontrar-se com mulheres e, às vezes (embora nem sempre), subornar os superiores imediatos, os inválidos ou algum suboficial, os quais farão vista grossa quando ele infringir a lei e a disciplina; e além disso pode até encher-se de empáfia diante dos camaradas. E o preso gosta loucamente de fanfarronar, isto é, fazer acreditar aos companheiros e acreditar ele mesmo, ainda que seja só por um momento, que possui uma liberdade e um poder maior do que parece. Numa palavra: pode armar tumulto e ruído, olhar alguém por cima do ombro e demonstrar que ele pode fazer tudo isso, que tudo isso está nas suas mãos, isto é, acreditar em tudo aquilo que o pobre nem sequer pode imaginar. Eis efetivamente aqui talvez a razão por que logo ao primeiro olhar se veja no presídio uma tendência especial para a gabolice, para a presunção, para o exagero cômico e extremamente ingênuo das boas qualidades de cada um, ainda que se trate apenas de uma exaltação imaginária. Finalmente, toda esta pândega tem os seus perigos; significa ter apenas um vislumbre de liberdade. Mas que não daria uma pessoa pela liberdade? Um milionário, se lhe pusessem a corda no pescoço, não daria os seus milhões por um hausto de ar?

Os superiores costumavam admirar-se de que um preso que tinha levado ali uma vida pacata durante vários anos, modelar, a tal ponto que chegavam a nomeá-lo vigilante, devido à sua boa conduta, se tornasse de repente, sem uns minutos sequer de reflexão – como se o demônio se tivesse apoderado dele – alvoroçado, questionador, provocador e incorresse às vezes até num ato criminoso, ou se tornasse insolente para com os superiores, ou matasse, ou vexasse

continuamente alguém, etc. Viam-no e ficavam espantados. E no entanto talvez a causa dessa mudança súbita naquele homem, do qual podia esperar-se tudo menos isso, não fosse outra senão a brusca, repentina manifestação da personalidade, a instintiva nostalgia do seu próprio eu, o desejo de elevar a sua personalidade humilhada, revoltando-se subitamente e chegando até à cólera, até ao furor, até à perda da razão, até ao espasmo, até à vertigem. Talvez assim o morto-vivo enterrado no sepulcro lance um grito e se esforce por sair dele, embora, naturalmente, a razão possa demonstrar-lhe que todos os seus esforços hão de ser inúteis. Mas tudo assenta precisamente nisso, em que a razão é que já não existe; trata-se de uma loucura. Atentemos, além disso, em que quase todas as manifestações espontâneas da personalidade no preso são consideradas como um crime, e que, nesse caso, para ele indiferente que tal manifestação seja grande ou pequena. Fanfarronar, comprometer-se – comprometer-se por nada, se necessário for, até ao assassinato. Dizem que tudo está no começar; e uma vez metido nesse caminho, não há quem se lhe oponha. Eis a razão por que mais valeria não chegar a tal. Teriam todos mais tranquilidade, sim; mas como conseguir isso?

## Capítulo VI / O primeiro mês (continuação)

Quando eu entrei para o presídio, tinha algum dinheiro, do qual algum trazia comigo, com receio de que me roubassem e além disso tinha também escondido alguns rublos entre as folhas do Evangelho, que se podia ler no presídio. Esse livro, com o dinheiro escondido nele, tinham-me dado ainda em Tobolsk umas pessoas também deportadas por dez anos, e que há muito tempo estavam acostumadas a ver um irmão em cada infeliz. Há na Sibéria, e quase nunca faltam, umas pessoas que se impõem a missão de prestar um auxílio fraternal aos desgraçados e partilhar dos seus sofrimentos, como se fossem todos seus filhos, com absoluto desinteresse e sagrada piedade. Não posso deixar de expor aqui com brevidade um desses encontros. Na cidade em que ficava o nosso presídio[20], vivia uma senhora, Nastássia Ivânovna, que era viúva. É claro que nenhum de nós, estando no presídio, podia conhecê-la pessoalmente. Parecia que tomara como missão da sua vida auxiliar os presos; mas de quem mais ela cuidava

era de nós. Teria havido na sua família alguma infelicidade semelhante? Teria alguém particularmente querido e chegado ao seu coração, padecido por algum crime, ou seria o caso de que resumisse a sua felicidade em fazer por nós tudo quanto lhe fosse possível? Muito, não havia dúvida de que não podia: era muito pobre. Mas nós, os do presídio, sentíamos que tínhamos fora dele uma amiga leal. Entre outras coisas, comunicava-nos frequentemente novidades, do que tínhamos grande falta. Quando saí do presídio e fui para outra cidade, aproveitei a ocasião para fazer-lhe uma visita e conhecê-la pessoalmente. Vivia nos arredores, em casa de um dos seus parentes próximos. Não era nem velha nem nova, nem bonita nem feia; também não era possível saber se era inteligente, se tinha instrução… Notava-se apenas, a todos os momentos, que era de uma bondade infinita, com um enorme desejo de servir, de animar, de fazer por todos qualquer coisa que lhe pedissem, com o maior agrado. Tudo isto se mostrava nos seus olhos plácidos e bondosos. Juntamente com alguns outros dos meus camaradas, passei quase toda a tarde em sua casa. Olhava-nos nos olhos, sorria quando nós sorríamos, apressava-se a mostrar a sua concordância a tudo quanto dizíamos, esforçava-se por nos oferecer tudo quanto tinha à mão. Deu-nos chá, uma merenda, um pouco de doce de fruta e, se fosse rica, teria ficado satisfeita apenas por poder obsequiar e presentear-nos ainda mais, a mim e aos meus companheiros, que deviam continuar no presídio. À despedida, deu-nos uma cigarreira a cada um, como recordação. Era ela própria quem fazia estas cigarreiras de cartão (sabe Deus como!), forradas com papéis de várias cores, desses mesmos papéis que servem para encadernar os livros de aritmética das crianças (e é possível, afinal, que a sua origem fosse essa). Os bordos e as duas metades da cigarreira eram revestidos de papel dourado, que provavelmente compraria de propósito na loja. “Como os senhores fumam, pode ser que lhes dê jeito”, disse, como se pedisse timidamente desculpa pelo seu presente… Dizem alguns (já o tenho ouvido e sei) que o maior amor pelo próximo é, ao mesmo tempo, o maior egoísmo. Mas que egoísmo poderia haver nisto… nunca o cheguei a compreender.

Apesar de não possuir muito dinheiro quando entrei no presídio, não podia aborrecer-me seriamente com aqueles presos, que, quase logo na primeira hora da minha vida de cativeiro, depois de me terem

enganado uma vez, vinham com muita ingenuidade pedir-me dinheiro por três e até por cinco vezes. Mas confesso uma coisa, com franqueza: custava-me muito que todos aqueles indivíduos, com os seus ardis inocentes, me tivessem, como não podia deixar de ser, segundo me parecia, por um tolo e por um idiota, e acabassem por rir de mim precisamente por eu lhes dar dinheiro cinco vezes, até. Não havia dúvida de que eles deviam pensar que eu caía nos seus logros e nas suas manhas, ao passo que se o negasse e os afugentasse do meu lado, tinha a certeza de que haviam de respeitar-me mais. Mas, por muito que isso me custasse, não podia contudo repeli-los. Custava-me também porque pensava, seriamente e com inquietação, naqueles primeiros dias, em que posição devia colocar-me em relação a eles. Sentia e compreendia que todo aquele ambiente era totalmente novo; que estava mergulhado numa treva completa e que não podia viver na treva tantos anos. Era pois necessário preparar-me. É claro que decidi que, em primeiro lugar, deveria guiar-me conforme os meus sentimentos e a consciência me ordenassem. Mas também sabia que isto era apenas um preceito moral e que a realidade me era completamente desconhecida.

E por isso, apesar de todos os pormenores da minha instalação no presídio, dos quais já falei, e nos quais fui tão eficientemente ajudado por Akim Akímitch, e de eles me distraírem também um pouco, uma estranha, aguda tristeza me afligia cada vez mais. “É uma casa de mortos!” disse eu a mim próprio, ao olhar uma vez, ao crepúsculo da tarde, à entrada do nosso alojamento, os presos que regressavam do trabalho e se iam espalhando preguiçosamente pelo pátio, pelos alojamentos e pelas cozinhas e vice-versa. Observava-os e procurava adivinhar, pelas suas caras e pelos seus modos, de que gênero de pessoas se trataria e qual seria o seu caráter. Passavam diante de mim de rosto carrancudo ou demasiado alegre (estes dois aspectos são os mais frequentes e, por assim dizer, são característicos do condenado); insultavam-se ou conversavam simplesmente; ou então passavam solitários, meditabundos, devagar, com um ar indiferente; uns com um ar cansado e apático, outros com um olhar sombrio, lúgubre; e estes (até ali!) com um aspecto de superioridade consciente, o gorro à banda, o sobretudo de peles ao ombro, o olhar insolente, sinistro, e um sorriso trocista. “Será tudo isto que vai constituir o meu ambiente,

o meu mundo atual – pensava eu – no qual, quisesse ou não, tinha de viver…” Por várias vezes tentei interrogar e fazer falar Akim Akímitch, com o qual gostava muito de tomar o chá para não estar sozinho. É necessário dizer que o chá era quase o meu único alimento nos primeiros tempos. Akim Akímitch nunca recusava o convite para o chá e era ele mesmo quem preparava o nosso gracioso samovar, pequeno e automático, de folha, que M*** me emprestara. Akim Akímitch costumava beber quase sempre um copo (possuía copo); bebia em silêncio e com dignidade, depois passava-o para mim, agradecia e continuava em seguida a fazer o cobertor. Mas aquilo que eu queria saber… não me podia dizer e, além disso, não compreendia por que eu me interessava tanto pelos caracteres dos condenados que nos rodeavam e que estavam tão próximos de nós, e escutava-me com um certo sorrisinho forçado, que conservo bem gravado na memória. “Não, era preciso que eu descobrisse por mim próprio, sem perguntar a ninguém”, pensava.

Mas, no quarto dia, precisamente como na manhã em que me puseram os ferros, estavam os presos já formados, logo de manhã cedo, em duas filas, na esplanada em frente do corpo da guarda, à porta do presídio. À frente e à retaguarda deles alinhavam os soldados, de espingardas carregadas e baionetas caladas. O soldado tem ordem de fazer fogo sobre o preso que faça menção de querer deitar a correr; mas ao mesmo tempo torna-se responsável se disparar sem ser num caso de absoluta necessidade. O mesmo sucede nas revoltas declaradas dos presos. Mas quem é que pensaria em fugir assim, às claras?

Apareceram depois o oficial de engenharia, o dirigente dos trabalhos e também os suboficiais de engenharia, e os soldados encarregados de inspecionarem os trabalhos.

Fizeram a chamada; os primeiros a desfilar foram os presos que trabalhavam na alfaiataria; os engenheiros nada tinham a ver com estes que trabalhavam especialmente para o presídio, confeccionando o vestuário. Depois desfilaram os outros, por oficinas, e os destinados aos trabalhos pesados. Com outros presos, em número de vinte, desfilei eu também. Para além da fortaleza, nas margens do rio gelado, havia duas barcaças que pertenciam ao presídio e estavam já

impróprias para navegar, mas que era necessário desmontar para que a madeira velha não apodrecesse inultilmente. Aliás, todo esse material velho, segundo parecia, não valia nada. A lenha vendia-se na cidade por um preço insignificante e por aqueles arredores havia madeira de sobra. Enviavam-nos para ali para que não se juntassem demasiados num mesmo lugar e ficassem portanto sem fazer nada, era o que os presos pensavam. A esses trabalhos entregavam-se eles quase sempre com indolência e apatia; tudo se tornava bem diferente quando se tratava de um trabalho que tinha um fim prático, útil, e, sobretudo, quando podiam fazê-lo de empreitada. Então ficavam verdadeiramente entusiasmados e embora esse trabalho não lhes trouxesse proveito algum, tive oportunidade de verificar como eles davam o melhor dos seus esforços para terminar a tarefa o mais depressa e o melhor possível; o amor-próprio contribuía também de certo modo para interessá-los. Mas nesse trabalho, que se realizava mais por formalidade do que por necessidade, era difícil marcar uma tarefa, impondo-se portanto o trabalho continuado até ao toque do tambor, que chamava ao regresso, às onze da manhã. O dia estava morno e nublado, a neve quase se derretia…

O nosso grupo dirigiu-se para além do forte, para a margem do rio, fazendo um leve ruído com as cadeias, as quais, apesar de irem escondidas debaixo da roupa, emitiam apesar disso um fino e tênue tilintar metálico, a cada um dos nossos passos. Dois ou três homens afastaram-se em direção ao depósito, onde foram buscar a ferramenta necessária. Eu continuei com os outros e, de fato, estava um pouco entusiasmado: queria ver e ficar sabendo imediatamente de que gênero de trabalhos se tratava. Que seria isso de trabalhos forçados? E como é que eu ia trabalhar pela primeira vez na minha vida?

Lembro-me de tudo até ao mais ínfimo pormenor. No caminho encontramos um homem de barba, que parou e levou a mão à bolsa. Logo a seguir um preso saiu do grupo, tirou o gorro, aceitou a esmola – cinco copeques – e depois voltou para o seu lugar. O homem da barba benzeu-se e continuou o seu caminho. Esses cinco copeques gastaram-nos nessa mesma manhã em bolos, que distribuíram em partes iguais entre todos os do nosso grupo.

Desse grupo de presos, conforme era costume, uns eram retraídos

e taciturnos, outros indiferentes e indolentes, outros ainda conversavam entre si, em voz baixa. Havia um que se mostrava extraordinariamente alegre e jovial, cantava e pouco faltava para que se pusesse a dançar no meio do caminho, fazendo tilintar as cadeias a cada cabriola. Era o mesmo preso baixinho e manhoso que, na minha primeira manhã no presídio, brigou com outro por causa da água à hora das abluções e porque esse tinha ousado afirmar de si próprio que era uma garça. Chamava-se Skurátov, esse divertido camarada. Até que por fim cantou uma cançoneta, cujo estribilho era este:

> Casaram-me, sem eu dar por isso,
> Quando estava no moinho.

Só lhe faltava a balalaica.

A sua boa e alegre disposição de espírito suscitou logo a seguir, é claro, o aborrecimento de outros do grupo, que consideravam aquilo quase como um insulto.

– Isso é ladrar! – resmungou um dos presos, de mau humor, que, afinal, não tinha nada a ver com o caso.

– Isso era a canção do lobo e tu trocaste tudo, cabeça de alho chocho! – observou outro, dos carrancudos, com a pronúncia da Ucrânia.

– Serei cabeça de alho chocho – respondeu imediatamente Skurátov – mas você, na sua Poltava, se enchia de almôndegas!

– Mente! Ele é que as comia! Comia couves e chupava a sola das alpargatas!

– Mas agora o diabo engorda-o com amêndoas de canhão – disse um terceiro.

– Eu, meus amigos, não há dúvida de que sou um menino mimado – respondeu Skurátov com um leve suspiro, para mostrar que a sua educação delicada o fazia sofrer, e dirigindo-se a todos em geral e a nenhum em particular. – Desde pequeno que me criaram com ameixas secas e guloseimas; mas os meus irmãos têm loja aberta em Moscou,

negociam com o que aparece e estão podres de ricos.

– E tu, em que negociavas?

– Em várias coisas, e lá íamos indo menos mal. Mas olhem, rapazes, foi então que me deram os primeiros duzentos…

– Rublos? – observou um dos curiosos e até deu um pulo ao ouvir falar em tanto dinheiro.

– Não, homem, qual rublos! Vergastadas! Ah Luká, Luká!

– Que Luká vem a ser esse? É Luká Kuzmitch, não? – exclamou involuntariamente um preso baixinho e magro, de nariz muito afilado.

– Deixa-te lá de Luká Kuzmitch. O diabo te carregue, que eu, cá por mim…

– Sou Luká Kuzmitch,[21] mas não é para ti; tu deves mas é chamar-me tio Kuzmitch.

– Vai para o diabo que te carregue, tu mais o teu tio! Não vale a pena contar-te nada. Mas eu queria dizer-vos uma coisa engraçada. Ora ouçam, meus amigos: depois daquilo ter acontecido, já não fiquei muito tempo em Moscou; deram-me mais cinquenta açoites e mandaram-me para aqui. Eu, então…

– Que terias tu feito para te mandarem para aqui? – interrompeu um que seguia atentamente a história.

– Era proibido ter patente, beber pelo gargalo e fazer de bobo; por isso, meus amigos, eu não podia ficar em Moscou. E eu, que tinha tanta vontade, tanta, de enriquecer! Uma vontade tão grande que nem sei como hei de dizer!

Alguns riram. Pelo visto Skurátov era um desses homens de bom humor ou, para melhor dizer, apalhaçados, que parecem sentir a obrigação de alegrar os seus companheiros tristes e, é claro, sem receber outra recompensa senão insultos. Pertencia a uma especial e interessante categoria de indivíduos, sobre a qual talvez ainda torne a falar.

– Pode ser que, de repente, te acossem como a uma zibelina! – observou Luká Kuzmitch. – Olhem, o traje dele já valia uns cem rublos.

Skurátov trazia uma pele de carneiro extremamente velha e remendada, na qual se viam buracos por todos os lados. Olhou-a de alto a baixo, com indiferença mas fixamente.

– É verdade – respondeu ele. – Mas em compensação a minha cabeça vale quanto pesa em ouro! Quando me despedi de Moscou, a minha única consolação era que trazia a cabeça no seu lugar. Adeus, Moscou, fica-te com os teus belos banhos e os teus bons ares; bem me tocaram lá a pavana… Quanto à pele, não te importes, meu amigo. Se não olhares para ela, já não te incomoda!

– Talvez queiras que olhe para a tua cabeça?

– A cabeça que ele traz nem sequer é a dele, foi um presente! – disse Luká. – Deram-lha por esmola, quando a caravana passou por Tiumien.

– Bem, mas continua lá com a tua história, Skurátov. Tinhas algum ofício, não?

– Um ofício, ele? Era carregador; acarretava cascalho, empurrava pedras – observou um dos mal-humorados. – Era esse o ofício dele.

– Sim, de fato, experimentei coser sapatos – respondeu Skurátov, sem compreender a maliciosa observação – mas não cheguei a coser senão um par.

– O quê? E compraram-nos?

– Sim, apareceu-me um tipo que não temia a Deus nem tinha respeito aos pais… e Deus castigou-o: ele me comprou os sapatos.

Todos os que estavam à volta de Skurátov se torceram de riso.

– Sim, mas depois voltei a trabalhar outra vez, mas aqui – continuou Skurátov imperturbável – fiz, para Stiepan Fiódorovitch Pomórtsev, outro par.

– E então, agradou-lhe?

– Não, meu amigo, não lhe agradou. Atirou-me insultos que chegavam para a vida toda e até me deu um pontapé no traseiro. Ficou tão furioso! Ah, triste vida é a dum presidiário!

> Passado um momento voltou
> O marido de Akulina.

Pôs-se a cantar isto inesperadamente e a dar saltinhos no chão.

– Que tipo tão inútil! – exclamou um que estava próximo de mim, num tom que não admitia réplica.

– Que tipo tão maluco! – resmungou o da Ucrânia quando passou a meu lado, com uma expressão maldosa nos olhos.

– É um ordinário! – observou outro num tom de voz seguro e sério.

Eu não conseguia perceber por que é que queriam tão mal a Skurátov e, de maneira geral, a todos os indivíduos de bom humor, conforme pude observar naqueles primeiros dias e pareciam até desprezá-los. O aborrecimento do ucraniano e dos outros parecia provir de qualquer ressentimento. Mas não se tratava disso; simplesmente, esse aborrecimento era devido ao fato de Skurátov não ser um homem metido consigo próprio e não afetar essa seriedade, esse aspecto de especial dignidade que impunha a todos os do presídio um cunho de pedanteria; enfim, por ser, segundo diziam, um homem inútil. No entanto não viam com maus olhos a todos os bem-humorados, nem tratavam todos como a Skurátov e seus congêneres. Tudo dependia da maneira como o homem se portasse. A um indivíduo simplório, ainda que não fizesse palhaçadas, condenavam-no ao desprezo. O que também me admirou. Mas havia alguns desses tipos alegres que sabiam responder e gozavam com isso, e os outros viam-se assim obrigados a respeitá-los. Nesse mesmo grupo de presos que ia para o rio, havia um desses descarados, um tipo na verdade muito divertido e simpático, o qual cheguei a conhecer a fundo, mais tarde, sob este aspecto; um rapagão forte e jeitoso, com um grande sinal numa face e uma cara com expressão muito cômica, embora

fosse realmente bonito e muito alegre. Chamavam-lhe o Explorador, porque servira antes como tal; mas agora pertencia à seção especial. Hei de falar dele mais adiante.

Mas nem todos os sérios eram tão expansivos como aquele da Ucrânia, inimigo da alegria. Havia alguns homens no presídio que aspiravam à preeminência, que queriam tornar-se notados em tudo: em saber, em caráter, em inteligência Alguns eram, efetivamente, homens inteligentes e de caráter e, com efeito, alcançavam o que pretendiam, isto é, a superioridade, e uma notável força moral sobre os companheiros. Estes espertalhões costumavam ter grandes inimigos e cada um deles tinha bastante que o invejavam. Mas olhavam os outros presos com dignidade e até com benevolência, não armavam confusões inúteis, mostravam-se ativos no trabalho e nenhum deles se teria aborrecido, por exemplo, por causa de umas simples canções; não se rebaixavam por causa de tais insignificâncias. Comigo eram todos muito afáveis; durante todo o tempo que estive no presídio nunca me dirigiram a palavra, mas apenas por dignidade. Hei de ter ocasião de voltar a falar deles mais pormenorizadamente.

Chegamos à margem. Aí, no rio, havia na água gelada uma barca velha que era preciso desmontar. Para além do rio via-se a estepe azulada; a paisagem era severa e desértica. Eu esperava que os outros começassem a trabalhar; mas eles nem de longe pensavam em tal coisa. Alguns sentaram numas tábuas que estavam por ali espalhadas; quase todos tiraram das botas umas bolsinhas com tabaco da Sibéria, comprado no bazar, em folhas, a três copeques a libra, uns cachimbos de madeira de salgueiro feitos à mão. Acenderam os cachimbos; os soldados da escolta formaram círculo à nossa volta e puseram-se a olhar para nós com a cara mais aborrecida deste mundo.

– A quem é que incumbe desmontar a barca? – murmurou um, como se falasse consigo mesmo e sem dirigir-se a ninguém. – É cão, aquele que o fizer.

– Aquele que o fizer é porque não tem medo de nós – observou outro.

– Onde, diabo, irão todos esses gajos? – perguntou o primeiro a

meia voz, fingindo não ter ouvido a resposta à sua anterior pergunta e apontando um grupo de camponeses, ao longe, que se dirigia, em fila, sobre a neve maciça, não sabíamos para onde. Um dos camponeses, o último, era um pouco ridículo: abria muito os braços e levava na cabeça um gorro alto em forma de cone truncado. Toda a sua figura se destacava inteira e nítida sobre a neve branca.

– Ó compadre, olha como anda o amigo Pietróvitch – observou um, chamando assim o camponês, por troça.

É de notar que os presos olhavam sempre os camponeses com um certo desprezo, de maneira geral, apesar de metade serem camponeses.

– O de trás caminha como se estivesse a plantar nabos.

– Pesa-lhe a cabeça; com certeza tem muito dinheiro! – observou outro.

Todos se puseram a rir, mas com certa indolência, como de má vontade. Nisto apareceu por ali uma vendedora de bolos, uma mulherzinha alegre e viva.

Compraram-lhe bolos com os cinco copeques de há pouco e repartiram-nos entre si.

Um rapaz novo, que negociava com bolos no presídio, comprou-lhe vinte; mas pôs-se a discutir com ela para que lhe desse na venda três e não dois bolos, de comissão, como era costume, com o que a mulher não concordava.

– Bem, e isso, também vendes?

– Isso, quê?

– Isso que os ratos não querem!

Até que finalmente apareceu o suboficial, encarregado de inspecionar os trabalhos, com uma vara.

– Então, de que estão à espera? Vamos começar!

– Bem, Ivan Matviéievitch, dê-nos a tarefa – exclamou um dos chefes de grupo, levantando-se imediatamente.

– Por que não pediram antes de sair? Desmontem a barca, é essa a tarefa.

Finalmente alguns levantaram e encaminharam-se para o rio, quase sem mexerem os pés. Surgiram então imediatamente, no grupo, os ativos, pelo menos de garganta. Parecia que a barca não devia ser destruída às cegas, mas sim poupando o mais possível as tábuas e, sobretudo, as de refôrço. Estas estavam seguras com grandes cunhas ao fundo da barca, e por isso tratava-se de uma tarefa demorada e delicada.

– Olha, a primeira coisa a fazer é tirar as tábuas, vamos, rapazes – observou um que não se tinha na conta nem de ativo nem de entendido, mas que era simplesmente um mocinho dos trabalhos forçados, calado e sossegado, que não tinha dito nada até então; e, metendo mãos à obra, puxou por uma grossa tábua, pedindo auxílio. Mas ninguém o ajudou.

– Não és capaz de arrancá-la! Mesmo que o teu avô, que devia ser um urso, te viesse ajudar, não serias capaz de a arrancar! – resmungou um deles por entre os dentes.

– Mas como é que se há de começar? Eu não sei – exclamou o outro, um tanto perplexo, largando a tábua e levantando-se.

– Não vais fazer o trabalho todo sozinho… Por que tens tanta pressa?

– Não és capaz de atirar milho às galinhas e agora queres ser o primeiro…

– Eu, meu amigo, eu só… – repetiu o moço indeciso.

– Ó rapazes, vocês querem que eu os guarde num estojo? Ou que vos mande pôr de salmoura para o inverno? – gritou de novo o inspetor, olhando com aborrecimento aquele bando de doze homens que não sabiam como começar o trabalho. – Vamos começar! E

depressa!

– Mais depressa do que depressa não pode ser, Ivan Matviéievitch.

– Mas tu não fazes nada, diacho! Vamos, Saviéliev… digo, Pietróvitch, é contigo que estou falando: que fazes aí parado, com esse olhar de pateta? Vamos, despacha-te!

– Sim, mas que posso eu fazer sozinho?

– Marque-nos o trabalho, Ivan Matviéievitch.

– Já lhes disse. Não posso marcar o trabalho. Desmanchem a barca e, em seguida, vamos para casa. Vamos, mãos à obra!

Dispuseram-se finalmente a fazer qualquer coisa, mas sem vontade, desajeitados. Na verdade era revoltante olhar aquele grupo de trabalhadores sãos e rijos que, segundo parecia, não sabiam decididamente por onde começar o trabalho. Assim que tentaram arrancar a primeira cunha, pequeníssima, partiu-se, "partia-se sozinha", como eles explicaram ao inspetor, à guisa de desculpa; por isso, assim não se podia trabalhar, e era preciso experimentar de outra maneira. Seguiu-se uma longa discussão acerca da nova maneira como poderia realizar-se aquele trabalho. Escusado será dizer que, pouco a pouco, acabaram por se insultarem, por dizerem bravatas e qualquer coisa mais… O inspetor tornou a aguilhoá-los e brandiu a chibata no ar; mas a cunha tornou a partir-se. Concluiu-se por fim que não havia ali machados suficientes e que era preciso ir buscar algumas ferramentas. Partiram imediatamente em direção ao forte dois indivíduos com escolta, em busca das ferramentas, e, entretanto, os outros sentaram tranquilamente na barcaça, puxaram dos cachimbos e puseram-se a fumar.

O inspetor, finalmente, cuspiu:

– Bem. É escusado contar convosco para o trabalho! Que gente, que gente! – resmungou, colérico, deixando cair os braços e encaminhando-se para o forte, zurzindo a vara no ar.

Passada uma hora apareceu outro capataz. Depois de escutar os

presos com muita calma, declarou-lhes que lhes dava como tarefa tirarem quatro cunhas, de maneira que não se partissem e saíssem inteiras, e que, além disso, tinham de desmontar uma parte considerável da barcaça, após o que já podiam voltar para o presídio. A tarefa era grande; mas como eles a despacharam! Para onde foi a preguiça? Para onde foi a indecisão? Os machados batiam, as cunhas de madeira começaram a girar. Os outros meteram uns paus grossos por debaixo daquelas e, aplicando-lhes doze mãos, simples e magistralmente, extraíram as cunhas que, com grande assombro meu, saíram completamente intactas, sem se partirem. O trabalho avançava rapidamente. Parecia que todos, como por encanto, se tinham tornado habilidosos. Nem palavras supérfluas, nem insultos; cada um sabia o que havia de dizer e de fazer, onde ir e o que aconselhar. Precisamente meia hora antes de soar o tambor a tarefa estava concluída, e os presos voltaram para o presídio cansados mas muito satisfeitos, apesar de não terem conseguido ganhar senão uma meia hora de tempo livre. Quanto a mim mesmo, reparei numa coisa: onde quer que eu me dirigisse, durante o trabalho, para ajudá-los, estava sempre fora do meu lugar, estorvava sempre, e pouco faltava para que me injuriassem.

Até o último de todos, que era um péssimo trabalhador e não se atrevia a levantar a voz diante dos outros presos, que era o mais desajeitado e desocupado, até esse se sentia com direito a descompor-me quando eu me punha junto dele, alegando que o estorvava. Até que por fim um dos ativos me disse com mau modo:

– Vá para outro lugar! Para que se mete onde não é chamado?

– Já viveste bem – lançou imediatamente outro.

– Mais vale pegares num cofre – disse-me um terceiro – e te pores a pedir esmola, para que levantem igrejas e deitem abaixo as tabernas, porque, aqui, não tens nada que fazer.

Por isso via-me obrigado a ir para um canto e a ficar observando, no ócio, como os outros trabalhavam, o que me punha um peso na consciência. Mas quando o fiz e me afastei, e fui para a outra ponta da barcaça, começaram então a gritar-me:

– Sempre nos deram uns ajudantes… Que havemos de fazer deles? Não sabes fazer nada?

É claro que diziam tudo isto intencionalmente e para se divertirem. Era preciso aproveitar a ocasião para se porem a rir de um ex-nobre e não havia dúvida nenhuma de que a agarravam pelos cabelos.

Isso era muito compreensível, agora, porque, como já antes disse, a minha primeira pergunta quando entrei no presídio foi esta: “Como conduzir-me; que atitude devo adotar perante estes homens?”. Calculava que devia ter frequentemente choques com eles, como este, de agora, no trabalho. Mas apesar de tais choques resolvi não alterar o meu plano, de conduta, nesse tempo, já meio amadurecido no meu espírito; sabia que estava certo. E assim era; decidi que era preciso conduzir-me com toda a naturalidade e sem mostrar aborrecimento, não deixar transparecer o menor indício de aproximar-me deles, mas sem desprezar a aproximação que eles próprios me oferecessem. Não intimidar-me de maneira nenhuma perante as suas ameaças e sinais de hostilidade e, se fosse possível, fazer-me desentendido. Não concordar com eles, de maneira alguma em certos pontos já conhecidos, e não contrariar nenhum dos seus hábitos e costumes; em suma: não me entregar por completo à sua camaradagem. Adivinhei, ao primeiro olhar, que eles, a princípio, me desprezariam por causa disso. Mas em seu entender, (tive depois ocasião de aprofundar isso) eu estava de certa maneira obrigado a fazer acreditar e respeitar, na sua presença, a minha nobre linhagem, isto é, assumir ares de pessoa fina, fazer espavento, aparentar importância, resmungar a cada passo e fazer trejeitos. Era assim que eles pensavam que os nobres se conduziam. É claro que teriam me insultado por isso… mas, ao mesmo tempo, teriam me respeitado. Mas isso não era para mim; eu nunca seria um nobre como eles imaginavam; mas em compensação prometi a mim próprio não rebaixar, com nenhuma concessão perante eles, nem a minha cultura nem a minha ideologia. Se eu, para os lisonjear, me tivesse rebaixado a seus olhos, concordando com as suas ideias, dando-lhes confiança e adquirindo as suas qualidades com o fim de ganhar a sua simpatia… teriam imediatamente suposto que fazia tudo isso pelo medo que lhes tinha e me virariam as costas com desprezo…

A…v não era um exemplo a seguir: denunciava-os ao major e todos o temiam. Por outro lado também não queria proceder para com eles com a frieza e a evasiva cortesia com que os polacos os tratavam. Eu bem via agora que eles me desprezavam, porque desejava trabalhar como eles e não andava com espaventos nem melindres; e embora soubesse muito bem que, com o tempo, haviam de mudar de opinião a meu respeito, apesar da ideia de que entretanto se julgassem com direito a desprezar-me pensando que eu, com o trabalho, procurava as suas simpatias… só essa ideia me pesava de um modo terrível.

Quando, à tarde, ao terminarmos o trabalho do meio-dia, regressei ao presídio, cansado e esgotado, uma tristeza espantosa tornou a invadir-me "Quantos milhares de dias como este me esperavam ainda – pensava eu – todos como este, todos iguais, parecidos!" Em silêncio, já à tarde, pus-me a andar sozinho, para além dos alojamentos; ao longo do pátio, e de repente vi o nosso Chárik, que corria para mim como uma flecha. Chárik era o nosso cão do presídio, da mesma maneira que há cães de companhias militares, de batalhão e de esquadrão. Vivia no presídio desde tempos imemoriais, não tinha dono certo, considerava todos como tais e alimentava-se com as sobras da cozinha. Era um canzarrão prêto com malhas brancas, um mastim ainda não muito velho, com uns olhos muitos vivos e uma cauda, muito espessa. Ninguém o acariciava, ninguém lhe ligava importância. Eu o afaguei no primeiro dia e dei-lhe pão à mão. Quando eu o olhava punha-se muito quieto, contemplando-me com amizade e, em sinal de alegria, agitava brandamente a cauda. Agora, que havia já algum tempo não me via… a mim, o primeiro que no decurso de alguns anos se dignara fazer-lhe uma carícia, corria e procurava-me por todas os lados, e quando eu saía do alojamento ladrava e corria logo ao meu encontro. Não sei o que me aconteceu, mas pus-me a beijá-lo e abracei-lhe cabeça; ele se endireitou, pôs-me as patas dianteiras sobre os ombros e começou a lamber-me a cara. "Eis aqui um amigo que o destino me envia!", pensei eu, e sempre que, naqueles primeiros tempos lúgubres e duros, voltava do trabalho, a primeira coisa que fazia, antes de entrar em algum lugar, era correr para trás dos alojamentos com Chárik, que saltava na minha frente e ladrava alvoroçado, pegar-lhe na cabeça e pôr-me a dar-lhe beijos e mais beijos, e alguma guloseima, e, entretanto, um sentimento

torturante amargo, me trespassava a alma. E como me era agradável pensar, valorizando perante mim próprio o meu martírio, que no mundo apenas me restava então um único ser que me, amasse e me fosse dedicado: o meu amigo, o meu único amigo… o meu fiel Chárik.

## Capítulo VII / Novos conhecimentos. Pietrov

Mas o tempo corria e eu, pouco a pouco, ia-me acostumando. Cada dia me afligiam menos as cotidianas manifestações da minha nova vida. Os acontecimentos, o ambiente os homens… tudo se ia tornando indiferente a meus olhos. Reconciliar-me com aquela vida era impossível, mas já era tempo de aceitá-la como um fato perfeitamente consumado. Todas as incompreensões que ainda conservava, guardava-as para comigo. Não vagueava pelo presídio como um desgraçado, nem deixava transparecer o meu desgosto. Já não se fixavam em mim olhares de curiosidade selvagem com a mesma frequência, nem me seguiam com um descaramento tão intencional. Eu também me ia tornando indiferente para eles, o que me agradava bastante. Sentia-me já no presídio como em casa, sabia o meu lugar nas esteiras e, pelo visto, tinha-me acostumado já a coisas às quais nunca pensei poder acostumar-me na vida. Apresentava-me todas as semanas para que me rapassem metade da cabeça. Faziam-nos sair do presídio, por turnos, todos os sábados e nas vésperas dos dias festivos, e levavam-nos ao corpo da guarda (aquele que não estivesse rapado devia declará-lo) e aí, os barbeiros do Exército ensaboavam-nos a cabeça e rapavam-nos sem dó nem piedade com as navalhas rombudas de tal maneira que ainda hoje me corre um calafrio pelo corpo quando me recordo dessa operação. Aliás, tínhamos o remédio à mão: Akim Akímitch indicou-me um preso da tropa, o qual rapava com uma navalha sua, por um copeque todos aqueles que o desejassem. Muitos presos, apesar de serem gente rude, se valiam dele para escapar aos barbeiros do presídio. Chamavam “major” ao nosso barbeiro-recluso… por motivos que ignoro, assim como também não poderia dizer em que se parecia ele com o major da praça. Agora, ao escrever isto, lembro-me da figura do tal major, um rapagão seco, alto, e taciturno, pouco esperto, eternamente entregue às suas ocupações e sempre com o afiador na mão, afiando dia e noite

a navalha, já muito gasta, e segundo parecia, completamente absorvido nessa tarefa, que constituía para ele, segundo parecia, a missão de toda a sua vida. De fato, mostrava-se extremamente satisfeito quando a navalha estava boa e quando alguém ia barbear-se; ensaboava o freguês, tinha a mão leve e a navalha parecia de veludo. Era evidente que sentia prazer e se envaidecia do seu ofício, e recebia desdenhosamente o copeque ganho, como se trabalhasse por amor à arte e não por casa do dinheiro. Em maus lençóis se viu uma vez A…v com o major da praça, quando foi para ele com ditas e contos e, ao referir-se uma vez ao nome do nosso barbeiro-recluso imprudentemente lhe chamou "major". O major do presídio ficou furioso e altamente ressentido: "Saberás tu, velhaco, o que é um major – exclamou lançando espuma pela boca e tratando A…v à sua maneira. – Como te atreves a chamar major a qualquer palhaço e prisioneiro, e mesmo nas minhas barbas, na minha presença?". Só A…v era capaz de entender-se com aquele homem.

Logo no meu primeiro dia de vida no presídio comecei a sonhar com a liberdade. Calcular quando terminariam os meus anos de prisão, pensar em mil coisas diversas, constituía a minha ocupação predileta. Por mais que desejasse não podia pensar noutra coisa e tenho a certeza de que outro tanto há de acontecer a todo aquele que se veja por uns tempos privado da sua liberdade. "Não sei – pensava eu – se acontecerá o mesmo com todos os presos"; mas a assombrosa leviandade das suas ilusões chocou-me desde o primeiro momento. A esperança do preso privado de liberdade é de outro gênero, completamente diferente da do homem que vive no mundo comum. Não há dúvida de que o homem livre espera qualquer coisa (por exemplo, uma mudança de sorte, a realização de algum empreendimento); mas vive e movimenta-se; a vida real arrebata-o totalmente no seu torvelinho. Não se passa o mesmo com o preso. Concordemos que esta também é vida… presidiária; mas seja qual for o preso e qualquer também a duração da sua pena, ele não pode decidida, instintivamente, considerar a sua sorte como algo de definitivo, de resolvido, como fazendo parte da vida ativa. Todo preso sente que não está em sua casa, mas assim como se estivesse de visita. Vinte anos parecem-lhe dois, e está perfeitamente convencido de que, aos cinquenta, quando sair do presídio, será ainda o mesmo homem

novo que é agora, aos trinta. “Enquanto há vida, há esperança!”, cogita, e afugenta resolutamente da sua mente todo pensamento aborrecido. Até os condenados à perpétua, os da seção especial, até esses pensavam às vezes que aquilo não podia ser e que de repente havia de chegar uma ordem de Píter[22] transferindo-os para Niertchinsk, nas minas de metais, e marcando-lhes um fim à condenação. E então, que mais poderiam desejar? Em primeiro lugar, para chegar a Niertchinsk demora-se quase meio ano, e depois é preferível qualquer outra coisa a estar no presídio. Depois de cumprida a pena em Niertchinsk, então… E dizer que esses cálculos eram feitos por um homem já de cabelos brancos!

Vi em Tobolsk os presos que estão acorrentados às paredes. Mantêm-nos com cadeias de dois metros de comprimento ao lado da sua esteira. Mandaram acorrentá-los por causa de algum crime totalmente inaudito que cometeram já na Sibéria. Têm-nos assim por cinco anos e até por dez. São, na sua maioria, salteadores de estradas. Somente um que tinha tido um emprego não sei onde, é que tinha melhor aparência. Falava com muita fleuma, quase a meia voz, e com um leve sorriso. Mostrou-nos a grilheta e demonstrou-nos como lhe era possível estender-se comodamente com ela na esteira. Devia ser um bom patife! De maneira geral todos eles se portam com muita mansidão e parecem contentes, mas todos anseiam cumprir quanto antes a sua pena. “Para quê?” dirão. Pois vão já saber para quê: para, deixarem aquele cubículo, abafado, sombrio, de teto baixo e abobadado, sair para o pátio do presídio e… nada mais. Para além do presídio nunca poderá sair. Sabe perfeitamente que os que se libertam finalmente daquelas cadeias hão de permanecer forçosamente até à morte no presídio e com grilhetas. Sabe-o perfeitamente e, no entanto, sente uma ânsia enorme de cumprir o prazo da pena de estar acorrentado às paredes. Mas, se não fosse esta ilusão, poderia suportar as cadeias por cinco ou seis anos, sem morrer ou enlouquecer? A quem é que não sucederia o mesmo?

Eu sentia que o trabalho podia salvar-me, fortalecer a minha saúde, o meu corpo. Uma verdadeira inquietação, um desassossego nervoso, o ar nocivo dos alojamentos podiam arrasar-me completamente. “Sair com frequência para o ar livre, cansar-me todos

os dias, aprender a suportar pesos… e, pelo menos vou me salvar – pensava eu – e vou me robustecer e sairei daqui um dia são, forte e com um ar juvenil.” Não me enganava: o trabalho e o movimento foram-me muito proveitosos. Eu olhava com horror para um dos meus companheiros (de família nobre), que se foi apagando no presídio, como uma luz. Entrou ao mesmo tempo que eu, novo ainda, bonito, forte, e saiu dali acabado e asmático. “Não, – pensava eu quando olhava para ele – eu quero viver e viverei.” E por isso, os presos, a princípio censuravam-me pelo meu amor ao trabalho e durante muito tempo olharam-me com desprezo e troça. Mas eu me fazia desentendido e aplicava-me com firmeza a todas as coisas, ainda que fosse, por exemplo, queimar e britar calcário – um dos primeiros trabalhos que me tinham ensinado. – Era um trabalho fácil. Os nossos chefes, os engenheiros, estavam dispostos a adoçarem o trabalho dos presos nobres, o que, aliás, não era nenhum privilégio, mas simplesmente uma justiça. Estranho seria exigir de um homem com metade das forças, e que nunca trabalhou, o mesmo rendimento que de um verdadeiro trabalhador de profissão. Mas essa graça nem sempre se torna um fato, e concedia-se até um pouco às escondidas, pois os outros presos levariam aquilo a mal. Era necessário, com muita frequência, realizar trabalhos duros, e para os nobres tornavam-se duplamente pesados, muito mais que para os outros trabalhadores. Para o mármore costumavam designar geralmente três ou quatro homens, velhos ou fracos, de poucas forças, no número dos quais, naturalmente, nos contavam a nós; e além disso tínhamos como chefe um verdadeiro operário, que sabia do ofício. Designavam quase sempre para isso o mesmo indivíduo, durante alguns anos consecutivos, um tal Almázov, homem grave, moreno e pequeno, já entrado em anos, pouco sociável e muito obstinado. Desprezava-nos profundamente. Além disso era tão pouco falador que chegava até ao extremo de sentir preguiça para nos censurar. O alpendre, no qual se queimava e britava o calcário, ficava num lugar despovoado e não longe das margens do rio. No inverno, sobretudo nos dias nublados, olhar para o rio e para a outra margem, afastada, causava tristeza. Havia qualquer coisa de árido e de nostálgico, naquela paisagem desértica, que partia o coração. Mas a tristeza tornava-se ainda maior quando sobre o branco e interminável sudário da neve, brilhava o sol; oh quem tivesse podido voar por sobre aquela estepe que começava na

outra margem e se estendia para o sul, num grande espaço ininterrupto, num espaço de mil e quinhentas verstas! Almázov entregava-se ao trabalho, geralmente em silêncio e com um ar severo; nós sentíamos uma vergonha enorme por não podermos ajudá-lo de maneira positiva, mas ele, intencionalmente, governava-se sozinho; não pedia o nosso auxílio, propositadamente, para que nos sentíssemos culpados perante ele e sofrêssemos com a nossa própria inutilidade. Mas o trabalho reduzia-se a acender o forno onde devia ser queimado o calcário que nós íamos metendo nele. No dia seguinte, quando o calcário já estava completamente queimado, o tirávamos do forno. Cada um de nós pegava num pesado martelo, colocava-se diante da respectiva caixa de calcário e começava a quebrá-lo. Era um trabalho muito agradável. Não tardava que o duro calcário se desfizesse num pó branco e brilhante. Brandíamos alegremente os nossos pesados martelos e batíamos com tal algazarra, que era um gosto. Embora acabássemos por ter de suspender a faina, as nossas faces ficavam afogueadas e o sangue corria-nos mais rápido. Almázov punha-se então a olhar-nos com benevolência, como olharia para umas criancinhas; acendia o cachimbo com um ar condescendente e, no entanto, havia sempre de resmungar quando lhe dirigíamos a palavra. Aliás, é assim que se porta para com todos; mas, na realidade, era, segundo parecia, uma boa pessoa.

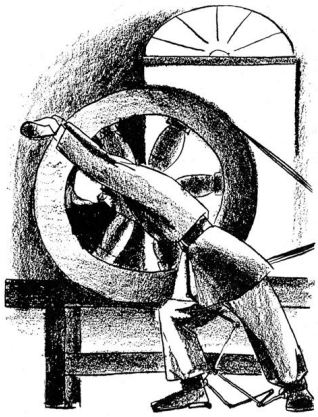
O outro trabalho que me destinaram… realizava-se na oficina e consistia em fazer girar a roda de um torno. Era preciso muita força para a fazer andar, sobretudo quando o torneiro (um sapador de engenharia) torneava qualquer coisa, por exemplo, uma balaustrada para uma escada ou uns pés para uma mesa grande, destinadas à casa de algum funcionário; para os tais pés de mesa era preciso até uma viga inteira. Um homem só não tinha força para fazer girar a roda em tais ocasiões; por isso designavam geralmente dois: a mim e a outro preso nobre, B***. E foi esse o nosso trabalho durante alguns anos, sempre que era preciso tornear qualquer coisa. B*** era aquele homem débil, a que já me referi, ainda novo, e que sofria do peito. Tinha entrado para o presídio um ano antes de mim, juntamente com dois companheiros: um, um velho, que passou todo o tempo da sua vida de presidiário rezando, de dia e de noite (pelo que os presos o respeitavam muito) e que morreu um pouco antes da minha entrada

no presídio; o outro era um rapazinho loução, saudável, forte, jovial, que a meia jornada de caminho trouxe B*** às costas, pois estava esgotado, e assim o levou durante um trajeto de setenta verstas seguidas. Era digna de ver-se a amizade que existia entre os dois. B*** era um homem muito bem educado, de nobre condição, de um caráter generoso, mas azedo e irritado pela doença. Trabalhávamos os dois juntos na roda e nisso consistia a nossa ocupação. Para mim, esse trabalho constituía um ótimo exercício.

Também me agradava especialmente apanhar neve com a pá. Fazia-se isso, geralmente, depois das tempestades, e com muita frequência no inverno. Depois de uma tempestade de vinte e quatro horas, várias casas ficavam com neve até quase metade da altura das janelas e outras ficavam mesmo completamente cobertas. Então, logo que o temporal amainava e o sol saía, mandavam-nos em grandes grupos, e às vezes a todos do presídio… tirar os montões de neve dos edifícios públicos. Marcavam o trabalho de cada um, às vezes de natureza tal, que era para admirar como podíamos realizá-lo, embora nos deitássemos todos à obra com a maior atividade. Leve, pouco compacta e gelada só por cima, a neve escorregava facilmente para as pás em grandes montes, espalhava-se a toda a volta e voava pelos ares, transformada em pó brilhante. A pá enterrava-se naquela massa branca, que brilhava ao sol. Os presos entregavam-se a este trabalho quase sempre com gosto. O fresco ar de inverno, o exercício, fortaleciam-nos. Todos ficavam contentes; ouviam-se risos, vozes, gracejos. Punham-se a brincar com a neve, apesar de que, passado um minuto, já os pacatos e insensíveis aos risos e ao bom humor se punham a protestar, terminando o divertimento geral quase sempre em insultos.

Pouca a pouco fui alargando o círculo das minhas, amizades. Aliás, eu nem sequer pensava em amizades; sentia-me ainda inquieto, pesaroso e receoso. Os meus conhecimentos começaram por si. O recluso Pietrov foi dos primeiros a visitar-me. Digo “visitar” e insisto especialmente na palavra. Pietrov vivia na seção especial e na caserna mais afastada da minha. É claro que, entre nós, não podiam existir relações; não existia absolutamente nada de comum entre nós. E, no entanto, nos primeiros tempos, Pietrov vinha me ver quase todos os

dias ao alojamento ou fazia-me parar nas tardes de folga; como se sentisse essa obrigação, quando eu ia passear longe dos alojamentos e o mais longe possível de todos os olhares. A princípio isso não me agradava. Mas ele percebeu pouco a pouco que as suas visitas não tardaram a servir-me de distração, apesar de ele não ser tagarela nem pessoa comunicativa. Quanto ao seu aspecto exterior era baixo, de compleição robusta, ágil, nervoso, com uma cara muito simpática, pálida, largo de ombros, e com uma expressão risonha nos dentes brancos, pequenos e bem juntos, e com uma eterna dose de rapé, no lábio inferior. Era costume de muitos presos trazerem o tabaco aí. Parecia mais novo do que era. Tinha quarenta anos e aparentava apenas trinta. Falava sempre comigo com muita desenvoltura, mantinha-se perfeitamente ao mesmo nível, isto é, com muitíssimo tato e delicadeza. Se notava, por exemplo, que eu estava ansioso por solidão, deixava-me, depois de me ter entretido uns dois minutos, agradecia-me sempre a atenção que eu lhe dispensara, o que não fazia com mais ninguém do presídio. Curioso é que essa nossa amizade não só se tivesse prolongado durante os primeiros dias como no decurso de vários anos seguidos, sem que nunca se tornasse mais íntima, embora ele me fosse efetivamente muito dedicado. Ainda hoje não percebo por que me teria ele tomado aquele afeto e por que viria ver-me todos os dias. No entanto, um dia roubou-me. É que ele roubava inconscientemente; mas era raro que me pedisse dinheiro. Por isso, não era pelo dinheiro nem por nenhum grande interesse que se aproximava de mim.



Também não sei a razão, mas parecia-me sempre que ele não vivia juntamente comigo no presídio, mas sim longe, noutra casa, na cidade, e que apenas visitava o presídio de passagem, para recolher notícias, visitar-me e ver a vida que levávamos. Estava sempre com pressa de ir para qualquer parte, tal como se tivesse deixado alguém à espera ou tivesse um trabalho para acabar em qualquer lugar. E, entretanto, nunca parecia apressar-se muito. O seu olhar era também um pouco estranho: atento, fixo, com assomos de velhacaria e de zombaria, mas projetado sempre na distância, para além daquilo que tinha na sua frente. Isto lhe dava um aspecto de pessoa distraída. Algumas vezes ficava a pensar para onde iria Pietrov quando se despedia de mim. Onde estarão à sua espera? Mas ele desaparecia rapidamente da minha vista em qualquer lugar, nos alojamentos ou na cozinha; sentava junto dos que falavam, punha-se a escutar atentamente, às vezes metia-se na conversa com certo entusiasmo, e depois, de repente, interrompia-se e ficava calado. Mas, quer falasse quer permanecesse em silêncio, era evidente que estava ali de passagem, que tinha algo que fazer em qualquer parte e que o esperavam. O mais curioso é que ele nunca tinha nada para fazer, absolutamente nada; vivia numa preguiça total (não contando com os trabalhos forçados, é claro). Ofício, não tinha nenhum, e por isso quase nunca tinha dinheiro. Mas não se preocupava com o dinheiro. E de que falava ele comigo? As suas conversas eram tão estranhas como ele próprio. Via, por exemplo, que eu andava sozinho por detrás dos alojamentos e aparecia de repente ao meu lado. Andava sempre muito ligeiro e dava umas voltas bruscas; mesmo que viesse a passo lento parecia sempre que corria.

– Boa tarde.

– Boa tarde.

– Não o incomodo?

– Não.

– Queria fazer-lhe uma pergunta sobre Napoleão Terceiro. Ainda é parente daquele que esteve na Rússia em 1812?

(Pietrov era filho de soldado e sabia ler e escrever.)

– Sim, era sobrinho dele.

– Por que lhe chamavam presidente?

Perguntava sempre apressadamente, por hábito, como se tivesse grande urgência em informar-se. Tal como se necessitasse de aclarar algum assunto importantíssimo que não admitisse a menor dilação.

Expliquei-lhe que, de fato, era presidente, acrescentando que talvez não tardasse que fosse imperador.

– Como?

Expliquei como pude. Pietrov escutava atentamente inclinando um pouco o ouvido para mim, e compreendia as coisas rapidamente.

– Hum! Ora bem, agora, Alieksandr Pietróvitch, eu queria perguntar-lhe uma coisa. É verdade isso que dizem de haver uns macacos com uns braços tão compridos que lhes chegam aos tornozelos e que são tão altos como os homens mais altos?

– É verdade, sim.

– E que macacos são esses?

Expliquei-lhe, conforme pude.

– E onde vivem?

– Nos países quentes. Na ilha de Sumatra, por exemplo, existem.

– Isso fica na América, não? Também dizem que as pessoas, aí, andam de cabeça para baixo; isso é verdade?

– De cabeça para baixo, não. O senhor está a falar dos antípodas.

Expliquei-lhe o que era a América e, conforme pude, o que eram os antípodas. Ele me escutava com tanta atenção que parecia exatamente que tinha vindo ter comigo só por causa dos antípodas.

– Ah! Quer saber? O ano passado li a história da duquesa de Lavallière, num livro que o ajudante Ariéfiev me emprestou. Será

verdade tudo aquilo, ou apenas ficção? Era uma obra de Dumas.

– É claro que é ficção.

– Bem. Adeus, passe muito bem!

Pietrov desaparecia e, na verdade, era sempre desta maneira que nos falávamos.

Comecei a procurar pormenores acerca da sua pessoa. M***, que sabia das nossas relações, deu-me algumas informações. Disse-me que, no princípio, nos primeiros dias da sua estada no presídio, muitos dos reclusos lhe tinham inspirado horror, mas nenhum deles, nem o próprio Gázin, lhe causara uma impressão tão horrorosa como esse tal Pietrov.

– É o mais refinado, o mais desalmado de todos os presos – dizia M***. – É capaz de tudo; não recua perante nada, contanto que faça a sua vontade. Se isso se lhe meter na cabeça, corta-lhe o pescoço, mata-o, muito simplesmente, sem dó nem piedade. Eu até penso que ele não deve ter o juízo perfeito.

Esta opinião interessou-me muitíssimo. Mas M*** não foi capaz de explicar-me a razão dessa opinião sua. E, coisa estranha, durante alguns anos convivi com Pietrov, falava quase todos os dias com ele, e durante todo esse tempo foi-me sinceramente dedicado (embora não perceba por quê) e, durante todos esses anos, embora vivesse discretamente no presídio e nada fizesse de horrível, todos os dias, quando lhe olhava para a cara e falava com ele pressentia que M*** tinha razão, que Pietrov devia ser talvez o mais intrépido, terrível e o mais difícil de dominar de todos os presos, e não reconhecia qualquer autoridade sobre a sua pessoa. E eu também não era capaz de explicar por que é que… pensava também a mesma coisa.

Reparei, além disso, que esse tal Pietrov era o mesmo que quisera matar o major do presídio quando o chamaram para lhe aplicarem um castigo. Já disse que o major “se salvou por milagre”, como diziam os outros presos, retirando-se um minuto antes da execução da pena. Uma vez, antes de ter vindo para o presídio, sucedeu que o coronel lhe bateu durante a instrução. Provavelmente já não devia ser a primeira

vez que lhe batia; mas dessa vez não quis dominar-se e deu, com a baioneta, uma pancada ao coronel, às claras, diante de toda a tropa. Aliás, não conheço a história em seus pormenores e ele nunca falou nisso. Não há dúvida de que se tratava de arrebatamentos nos quais a sua natureza se mostrava toda. No entanto eram muito raros nele. Vulgarmente era sensato e até pacífico. Palpitavam no seu peito forte paixões ardentes; mas as brasas candentes estavam continuamente cobertas de cinza e ardiam devagar. Nunca pude observar nele uma ponta de fanfarronice nem de jactância, como, por exemplo, noutros. Raramente se zangava com alguém embora não mantivesse amizade particular com ninguém, a não ser talvez com Sirótkin, e ainda somente quando lhe era necessária. Uma vez, no entanto, tive ocasião de vê-lo seriamente enfurecido. Havia qualquer coisa que não lhe queriam dar, qualquer coisa que lhe tinham tirado. Quem questionava com ele era um preso muito forte; corpulento, mau, brigão, chocarreiro e destemido, Vassíli Antônov, da classe dos presos civis. Havia já muito tempo que vociferavam e eu pensava que a coisa havia de terminar pelo menos em pancadaria, como era costume; mas Pietrov, embora raramente, às vezes também se encolerizava e desfazia em impropérios como o último dos condenados. Mas dessa vez não foi assim; de repente Pietrov empalideceu e os lábios roxos empalideceram-lhe; respirava afanosamente. Levantou do seu lugar e, devagarinho, muito devagarinho, com os seus passos silenciosos, descalço (gostava muito de andar descalço no verão), dirigiu-se para Antônov. De súbito e de chofre, todos emudeceram, naquele alojamento ruidoso e vociferante; era possível ouvir uma mosca. Estavam todos atentos ao que ia passar-se. Antônov caminhou ao encontro de Pietrov, que parecia ter perdido a aparência humana… Eu não pude mais e saí do alojamento. Esperava que antes de eu ter tido tempo de transpor a porta, se teria já ouvido o grito dum homem assassinado. Mas dessa vez também o caso acabou em paz; Antônov não deu oportunidade a que Pietrov se lhe aproximasse e entregou-lhe o objeto disputado, em silêncio e apressadamente (tudo isso por qualquer insignificância desprezível, por um farrapo qualquer). É claro que depois Antônov ficou ainda a insultá-lo em voz mais baixa, para tranquilizar a sua consciência e por decoro, para mostrar que não era assim com tanta facilidade que lhe metiam medo. Mas Pietrov nem sequer reparou já nesses insultos, nem lhes respondeu; a coisa não

estava no insultar mas apenas nas conveniências; estava muito satisfeito, já tinha o que era seu. Passado um quarto de hora, já andava como antes, vagabundeando pelo presídio, com o aspecto dum homem muito tranquilo que apenas andava a farejar onde é que se falaria de qualquer coisa interessante para meter também a sua colher e saber de novas. Era de dizer que tudo o interessava; no entanto acontecia-lhe às vezes permanecer indiferente a tudo e ficar às voltas pelo presídio sem objetivo algum, pavoneando-se para um lado e para outro. Podia-se compará-lo a um operário, a um bom operário ao qual não dão trabalho e que, enquanto permanece ocioso, se senta e se põe a brincar com as crianças. Eu também não compreendia por que se mantinha ele no presídio, por que não fugia. Com certeza que ele não teria medo de fugir, contanto que o tivesse verdadeiramente desejado Nos indivíduos como Pietrov a razão só impera até ao momento em que o desejo não os tenta. Não há freio possível que possa detê-los neste mundo. E eu estou convencido de que ele seria facilmente capaz de fugir, e que a ele não teria importância alguma estar uma semana inteira sem pão na floresta ou na margem do rio, numa cabana. Mas era evidente que essa ideia não lhe tinha ocorrido e que de maneira nenhuma sentia esse desejo. Uma razão sã, um juízo especialmente são, nunca descobri nele. Parece que estas criaturas nasceram já com uma só ideia que, sem que eles próprios reparem nisso, enquanto vivem, os vai impelindo de um lado a outro, e assim desperdiçam toda a sua vida até que não apareça qualquer coisa com força que os faça então perder completamente a cabeça. Às vezes admirava-me de que aquele homem, que tinha morto o chefe para se vingar de uma correção, se prestasse tão docilmente a ser açoitado no presídio. E sofria esse castigo todas as vezes que era apanhado fazendo contrabando de aguardente. Como todos os presos sem ofício, costumava dedicar-se a esse negócio. Mas quando lhe aplicavam o castigo, prestava-se a isso como em virtude de uma concordância especial, isto é, como se reconhecesse que havia motivo para isso; caso contrário, se não houvesse, ainda que o matassem não se prestaria a tal; era o que parecia. Também me espantava que, apesar da notória dedicação que tinha por mim, não reparasse que me roubava. Foi ele quem me roubou a Bíblia que um dia lhe entreguei unicamente para que a levasse de um lugar a outro. O trajeto era apenas de alguns passos; mas arranjou no caminho um comprador, ao qual a vendeu,

gastando depois o dinheiro na bebida. Na verdade a bebida agradava-lhe muito e, quando desejava muito uma coisa, não tinha outro remédio senão consegui-la. Há homens capazes de matarem uma pessoa por vinte e cinco copeques, para beberem um copo desse vinho, enquanto cem mil o deixariam indiferente noutra ocasião. Nessa mesma noite confessou-me ele o roubo, mas sem a menor comoção nem, arrependimento, com a maior indiferença, como se se tratasse da coisa mais vulgar. Tentei dar-lhe uma boa repreensão, porque me custava muito ter perdido a Bíblia. Ele me escutou sem se perturbar muito tranquilo; concordou comigo em que a Bíblia era um livro muito útil; lamentou sinceramente que eu a tivesse perdido mas não se mostrou absolutamente nada pesaroso por tê-la roubado; mostrava uma tal serenidade que suspendi imediatamente a repreensão. Provavelmente devia suportar as minhas recriminações, pensando que era uma coisa inevitável censurarem sua conduta; que as injúrias aliviam a alma mas que, no fundo, tudo aquilo era uma bagatela, tão insignificante que nem valia a pena falar no caso. Tenho a impressão de que ele me tomava por uma criança grande, um rapazinho que não compreendia as coisas mais simples deste mundo. Se, por exemplo, eu lhe falava de qualquer coisa que não fosse ciência e livros, é verdade que ele me respondia, mas como se fosse apenas por respeito, limitando-se a respostas muito lacônicas. Costumava perguntar a mim próprio com frequência: “Que interesse terão para ele essas coisas de livros acerca das quais me interroga tantas vezes?”. Acontecia que, durante esses diálogos, eu, olhando-o de soslaio, dizia para comigo: “Não estará ele troçando de mim?”. De maneira geral escutava-me com seriedade, embora com uma atenção pouco concentrada e isto me contrariava. Fazia as perguntas de maneira precisa, concreta: mas não parecia ficar muito admirado com as informações que eu lhe dava, escutando-as distraidamente… Parecia-me também que chegara à conclusão, sem quebrar muito a cabeça, de que era impossível falar comigo da mesma maneira que com as outras pessoas; que, à parte as questões literárias, eu não sabia nada de nada, nem era capaz de compreender nada, e que por isso não valia a pena incomodar-me.

Estou convencido de que, apesar de tudo, me tinha afeição; e isto desconcertava-me muitíssimo. Devia me considerar um homem

atrasado no seu desenvolvimento, incompleto; sentiria por mim essa espécie de piedade especial que instintivamente sente todo ser vigoroso em presença de outro mais fraco, considerando-me também assim? Não sei. E embora tudo isto não o tivesse impedido de roubar-me; estou certo de que, ao mesmo tempo que me roubava, devia ter pena de mim. "Que diabo! pode ser que aprenda a defender o que é seu! – diria para consigo. – Que homem será este que nem sequer sabe defender o que lhe pertence?" E talvez me tivesse afeição precisamente por causa disso. Ele próprio me disse uma vez, como se o fizesse contra vontade, que eu era "uma alma boa demais" e que "eu era tão ingênuo tão ingênuo, que até causava piedade. Mas não se ofenda com isto, Alieksandr Pietróvitch, não tome isto como ofensa – acrescentou um momento depois. – Eu estou a falar-lhe com o coração".

Sucede às vezes que estes indivíduos se revelam de repente e fazem notar de um modo enérgico no momento de alguma ação ou revolução gerais. Como não tem o dom da palavra não podem ser os principais inspiradores e promotores dos acontecimentos; mas são os principais executores e os que primeiro os põem em prática. Começam simplesmente, sem despertar uma expectativa especial; mas são geralmente os primeiros a arremeter contra o principal obstáculo, sem reflexão, sem medo, a se lançar diretamente contra as baionetas, e todas os seguem, e caminham com persistência, vão até à última barreira contra a qual acabam geralmente por perder a vida. Penso que Piétrov não deve ter acabado bem; bastaria um minuto para ele acabar consigo e se ainda não sucumbiu, deve ser porque ainda não lhe chegou a vez. Embora, no fim de contas, quem sabe? Pode, ser que viva até à idade dos cabelos brancos e que morra de velhice, tranquilamente, e continue andando sem finalidade alguma, de um lado a outro. Mas parece-me que M*** tinha razão quando dizia que este homem era o mais temível de todo o presídio.

## Capítulo VIII / Homens temíveis. Luchka

É difícil falar dos homens temíveis; eram raros no presídio, como em toda parte. Uma pessoa vê um homem de aspecto feroz

lembrando-se dos horrores que se dizem dele, afasta-se. A princípio havia um sentimento indefinível que me impelia, na medida do possível, a afastar-me destes homens. Depois, havia de vir a mudar muito a minha opinião a respeito até dos mais ferozes assassinos; verifiquei que havia quem nunca tivesse morto ninguém e fosse mais feroz do que outros que tinham sete mortes sobre as costas. Era difícil formar uma ideia, por mais simples, acerca de alguns crimes, a tal ponto algo de estranho devia ter intervindo na sua realização. Falo assim precisamente, porque entre nós, entre as pessoas do povo, se cometem alguns homicídios pelas mais espantosas razões. Existe, por exemplo, um certo tipo de homicida que leva uma vida tranquila e plácida. Sofre um revés da sorte. Suponhamos que é um camponês, um servo, um burguês ou um soldado. De repente, surge qualquer coisa que o contraria; não se contém e arremessa-se de faca em punho contra o seu inimigo e opressor. É neste momento que se torna um ser invulgar, a partir do momento em que o homem sacode o jugo. Começou por matar o seu inimigo, o seus opressor; trata-se de um crime compreensível; havia uma causa; mas depois continua a matar e não já os inimigos; mata o primeiro que encontra, mata por prazer, por uma palavra forte, por um olhar, para fazer um certo número, ou diz simplesmente: “Não te atravesses no meu caminho, senão…”, tal como se estivesse bêbado ou delirante de febre. Exatamente como se, ao ter infringido uma vez o mandamento da lei de Deus, começasse depois a gabar-se de que para ele já nada existe de sagrado; como se tivesse enfiado na cabeça saltar de uma vez por cima de todo direito e poder e se refestelasse na mais desenfreada e licenciosa liberdade; de uma liberdade tão desenfreada que a si mesmo espanta. Sabe, além disso, que o espera um castigo severo. Tudo isto se podia comparar com a dor de um homem que se lança duma alta torre para uma cova a seus pés, e se sente feliz por ir assim de cabeça para baixo e acabar o mais depressa possível! E tudo isto pode acontecer aos homens que até então foram pacíficos e mansos. Alguns dos que se lançarem nesta via, ainda por cima se vangloriam. Quanto mais mansos foram antes mais fortemente desejam meter medo nos outros. Sentem prazer com este medo e gozam com a repugnância que inspiram. Fingem um certo desespero e esses desesperados anseiam às vezes que o castigo venha o mais depressa possível, desejam que o despachem logo a seguir, porque no fim acaba ficando difícil parar naquele desespero aparente.

É curioso que, em parte, toda esta audácia, toda essa aparência só dura até o patíbulo, mas depois sucumbem; tal como se isto fosse um prazo formal, determinado de antemão, em relação às suas próprias leis. Aí, de repente, esses homens sucumbem e tornam-se uns farrapos. No cadafalso, choramingam… pedem perdão ao público. Entrai no presídio e olhai: aí está esse homem tão manso, tão submisso, tão medroso até, que chama a vossa atenção: será possível que seja o mesmo que praticou cinco ou seis mortes?

Não há dúvida de que há alguns que não amansam assim tão depressa no presídio. Conservam certas fanfarronices, certas audácias; "Eu não sou aquilo que vocês pensam; fui condenado, por seis!". Mas, apesar de tudo, acaba por amansar. Às vezes só se desforra recordando as suas antigas proezas, as brigas que teve na sua vida, quando estava desesperado, e compraz-se grandemente, quando se encontra com um novato, em gabar-se, dizer fanfarronadas e pavonear-se na sua frente, dando-se ares e contando as suas façanhas, sem no entanto dar a entender, pelo seu aspecto, que, tenha vontade de contar essas coisas. "Vejam o homem que eu fui!"

E com que refinamento observam esta vã precaução, que indiferença e negligência se percebem às vezes na sua história! Que estudada leviandade se revela no tom, em cada palavra do narrador! Mas onde aprendeu esta gente tudo isso?

Uma vez, nesses primeiras dias, numa longa tarde, estava eu estendido sobre a esteira, ocioso e triste, e escutava um desses diálogos. Devido à minha inexperiência tomei aquele que falava por um criminoso extraordinário, ferocíssimo, por um caráter de descomunal dureza; de tal maneira que nesse momento estive a ponto de referir-me a Pietrov. O argumento da narrativa era a descrição da maneira como ele, Luká Kuzmitch, tinha derrubado um major, apenas por prazer, por mais nada. O tal Luká Kuzmitch era aquele mesmo condenado, pequenino, magricela, de nariz bicudo, que pertencia ao nosso alojamento, que era da Ucrânia, e do qual falei já noutra ocasião. De fato, era russo, mas nascera no Sul, na condição de servo. Tinha efetivamente qualquer coisa de contundente, de altivo: pequeno é o pássaro mas tem garras. Mas os presos, instintivamente compreendiam-no. Não tinham grande estima por ele, como dizem no

presídio; apreciavam-no muito pouco. Era muito presumido. Nessa tarde estava sentado na esteira, cosendo uma camisa O seu ofício era costurar roupa branca. Junto dele estava um rapazote estúpido e pateta, mas bom e afetuoso, forte e alto, seu vizinho de esteira, o preso Kobílin Luchka. Por causa dessa vizinhança brigava muitas vezes com ele e tratava-o geralmente com soberbia, trocista e despótico, o que Kobílin nem sequer notava às vezes por causa da sua ingenuidade. Nesse momento tricotava e escutava Luchka com indiferença. Este falava em voz alta e clara. Queria que todos os ouvissem, embora fizesse o possível por dar a entender que só contava aquelas coisas a Kobílin.

– Pois eu fui despachado da minha terra – começou, limpando a agulha – para, K…v, por causa de umas rixas entre camponeses.

– Há muito tempo? – perguntou Kobílin.

– Quando as ervilhas amadurecerem… já fez mais um ano. Bem; quando cheguei a K…v, tiveram-me algum tempo no presídio. Olho para aquilo: vejo a meu lado um grupo de vinte homens. Circassianos, altos, sãos, fortes como touros. E além disso tão mansinhos… A comida era má e o major manejava-os como queria – Luchka atropelava as palavras de propósito. – Fico ali um dia, outro; vejo… Que gente tão covarde! “Por que – disse-lhes eu – aguentam vocês esse burro?” “Anda, vai tu falar com ele!” e riam-se de mim. Eu me calo. E havia lá um circassiano muito trocista, rapazes – acrescentou de repente encarando Kobílin e dirigindo-se a todos em geral. – Contava como o tinham condenado e como tinha falado no Tribunal e chorado; dizia que tinha filhos e mulher na terra. Era um homenzarrão grisalho e gordo. “Eu – disse ele – falei-lhe: ‘Não! Estou inocente!’ Mas ele, o filho do diabo, sempre escrevendo. Fui e gritei-lhe: ‘Assim tu te arrebentes, se eu não estou inocente!’ E ele sempre, escrevendo… Então perdi a cabeça.”

– Vássia, dá-me linha, a do presídio está podre.

– Esta é da loja – respondeu Vássia dando-lhe a linha.

– O nosso novelo, o que temos na oficina, é melhor. Os daqui é o inválido que os compra e sabe-se lá a que comadre é que ele os

compra! – continuou Luchka, enfiando a agulha, virado para a luz.

– A dele com certeza.

– Sim, é claro.

– Bem. E que foi feito do major? – perguntou, muito solícito, Kobílin.

Foi o que Luchka quis ouvir. No entanto não retomou imediatamente a sua narrativa e fingiu até não reparar em Kobílin. Enfiou a agulha com muita fleuma; mudou a posição das pernas, com calma e indolência, e por fim continuou:

– Até que por fim sublevei os meus ucranianos e tive de ocupar-me do major. Mas já de manhã eu pedira uma faca ao meu companheiro; fiquei com ela e guardei-a, muita naturalmente, como se fosse por acaso. O major apareceu correndo furioso. Então eu lhes disse: "Não se assustem, russinhos!". Mas parecia que lhes tinha caído a alma aos pés. Chega o major, furioso, bêbado. "Que se passa aqui? Que aconteceu? Eu sou o czar e também sou Deus!" Quando ele disse isso de "Eu sou o czar e também sou Deus!" – continuou Luchka – puxei um pouco a faca para fora da manga. "Não, – disse eu e, pouco a pouco, ia-me aproximando dele – não. Como pode Vossa Senhoria dizer que é ao mesmo tempo o nosso czar e o nosso Deus?" "Ali! Mas quem és tu? Quem és tu? – exclamou o major. – És o causador do motim?" "Não, – disse eu, e cada vez me ia aproximando mais – não; como Vossa Senhoria sabe perfeitamente, o nosso Deus onipotente, e que está em toda parte, é um só – disse eu. – E o nosso czar também é um só, que Deus colocou acima de todos nós. É ele, saiba Vossa Senhoria, o monarca. Mas o senhor – disse eu – é apenas Vossa Senhoria, ou simplesmente, o major… o nosso chefe, por graça do czar e pelos seus serviços." "O quê? O quê? O quê?" E já não sabia o que havia de dizer, e atrapalhava-se todo. Ficou estupefato. "Pois é assim mesmo", disse eu e, arremetendo contra ele, fui e, de repente, enterrei-lhe a faca nas tripas, até ao cabo. Entrou com muita suavidade. Ele caiu, pesado, e apenas mexeu um pouco os pés. Depois guardei a faca. "Olhem, russinhos – disse eu – agora levantem-no."

Neste ponto, vou fazer uma digressão. Infelizmente; expressões

como essa de “Eu sou o czar e também sou Deus”, e muitas outras do gênero empregavam-se, dantes, frequentemente, entre muitos dos nossos superiores. É necessário reconhecer que restam já poucos desses superiores, se é que todos já não morreram. Reparei também que aqueles que mais gostavam de se gabar e de empregar essas expressões, eram os chefes que provinham das camadas inferiores. Parece que o grau de oficial lhes transtorna a cabeça. Depois de terem estado muito tempo sob as ordens de outros e percorrido todos os graus subalternos, veem-se de repente feitos oficiais, chefes, enobrecidos e, como não estão acostumados, fazem, dentro dessa embriaguez, uma ideia exagerada do seu poder e significado; claro que apenas em relação aos seus subordinados, aos funcionários de categoria inferior. Perante os superiores continuam observando a antiga submissão, já completamente desnecessária e até aborrecida para muitos desses. Alguns bajuladores procuram até, com uma solicitude especial, fazer notar aos superiores hierárquicos que procedem das categorias inferiores, embora agora sejam oficiais, e sabem ocupar sempre o seu ponto. Mas empregam um despotismo ilimitado para com os funcionários inferiores. É claro que agora já não é provável que haja, nem é fácil que se encontre quem diga: “Eu sou o czar e também sou Deus !”. Apesar disso, direi entretanto que nada revolta tanto os presos, e em geral também todos os funcionários das categorias inferiores, como essas expressões na boca dos chefes. Felizmente que quase tudo isto pertence ao passado, mas até nesses velhos tempos isso tinha consequências graves para esses chefes. Conheço alguns exemplos.

De maneira geral, também é revoltante para o funcionário inferior toda negligência altiva, todo desdém nas relações com eles. Alguns pensam, por exemplo, que os alimentando bem e cuidando bem do preso, já cumpriram as leis, e o caso está encerrado. Mas isto é um erro. Todos os homens, sejam quem forem, ainda mesmo inferiores, precisam, ainda que seja uma necessidade só instintiva, inconsciente, de que respeitem a sua dignidade de homem. O próprio preso sabe que é um preso, um réprobo, e conhece a sua condição perante o superior; mas nenhum estigma, nenhuma cadeia consegue fazê-lo esquecer que é um homem. E como é de fato um homem, necessário se torna, e por isso, tratá-lo humanamente. Meu Deus! Se um

tratamento humano pode humanizar até aquele no qual a imagem de Deus parece já se ter apagado! A estes desgraçados é preciso tratá-los ainda mais humanamente. É nisto que está para eles a salvação e a alegria. Tive oportunidade de conhecer alguns chefes bons e generosos. Vi bem o efeito que produziam nesses degradados algumas palavras afetuosas e os presos quase ressuscitavam moralmente. Alvoroçavam-se como crianças e, como crianças, começavam a amar. No entanto observei uma coisa estranha: esses mesmos presos não gostam do trato demasiado familiar e demasiado benévolo dos superiores. Querem respeitar o chefe e assim perdem-lhe o respeito. O preso deseja que o seu superior possua condecorações, que tenha boa apresentação e goze também das boas graças de algum chefe mais elevado; que seja severo e grave, e reto; e vele pela sua dignidade. São estes os superiores que mais agradam os presos, aqueles que velam pela sua dignidade e não o vexam, e assim tudo correrá bem, às mil maravilhas.

– Bom. Por causa disso deviam ter te assado a pele, não é verdade? – observou Kobílin tranquilamente.

– Hum! Assaram, lá isso é verdade, meu amigo, assaram. Ali, me pega a tesoura. Então, meus amigos; temos hoje *maidan* ou não?

– Já gastaste tudo na bebida – observou Vássia. – Se não o tivesses gasto, terias tido *maidan*.

– Sim, sim, pelo sim dão em Moscou cem rublos – respondeu Luchka.

– E a ti, Luchka, quanto te deram por aquilo? – tornou a perguntar Kobílin.

– Deram-me cento e cinco, meu caro. Sabem que mais? Por um pouco que não me matavam – encareceu Luchka, dirigindo-se de novo a Kobílin. – Depois de me terem condenado a esses cento e cinco, exibiram-me em público. Até essa data eu nunca soubera o que era o chicote. Tinha-se juntado uma multidão enorme, lá estava a cidade toda: vai ser punido um bandido, um assassino. E que gente tão estúpida, aquela! Tanto, que nem se pode, dizer! Tínotchka[23] despiu-me, estendeu-me e gritou: “Coragem, que queima!”. Fico à espera.

Como será? Quando me deu a primeira chicotada estive quase a ponto de gritar e cheguei até a abrir a boca; mas não gritei. Faltava-me a voz. Quando me bateu pela segunda vez, queres crer que já não o ouvi dizer dois? Quando volto a mim, ouça-o contar: "Sessenta!" Por quatro vezes me tiraram depois do estrado e deixaram-me respirar por uma meia hora. Borrifavam-me com água. Eu olhava para todos com uns olhos exorbitados e pensava: "Vou morrer aqui…".

– E não morreste? – perguntou Kobílin ingenuamente.

Luchka lançou-lhe um olhar cheio de desprezo; ouviram-se risos.

– Que anjinho tu és!

– Há uma aranha no teto – observou Luchka, como se estivesse arrependido de se ter posto a falar com aquele indivíduo.

– És um homem terrível – exclamou Vássia.

Embora Luchka tivesse morto sete homens, nunca meteu medo a ninguém, no presídio, apesar de querer talvez passar diante de todos por um homem terrível…

## Capítulo IX / Issai Fomitch. Vânia. A história de Baklúkhin

Chegou o Natal. Os presos esperavam-no com certa solenidade e, quando eu olhava para eles também esperava qualquer coisa de insólito. Quatro dias antes da data festiva, levaram-nos ao banho. No meu tempo, sobretudo nos meus primeiros anos, raras vezes levavam os presos para tomar banho. Todos ficaram alvoroçados e começaram a reunir-se. A saída estava marcada para depois do rancho e nessa tarde não se trabalharia. De todos os de nosso alojamento, o que ficou mais contente foi Issai Fomitch Blumstein, um preso judeu, do qual falei já no quarto capítulo desta minha narrativa. Gostava loucamente dos banhos de vapor; e cada vez que me acodem antigas recordações me vem à ideia a do banho dos presidiários (o que era digno de ser lembrado), imediatamente aparece no primeiro plano da minha memória a figura de Issai Fomitch, inesquecível companheiro de

presídio e meu vizinho de alojamento. Meu Deus, que ridículo e excêntrico era aquele homem! Já disse algo acerca da sua figura: cinquentão, enfermiço, engelhadinho, com uns sinais enormes nas faces e na testa, magro, débil e com o corpo branco como o de uma galinha. A expressão do seu rosto deixava transparecer uma firme e refratária suficiência e até felicidade. Parecia que não lhe custava absolutamente nada ver-se num presídio. Fosse como fosse, era joalheiro e, como não havia joalheiro na cidade, trabalhava constantemente para os senhores e para as autoridades da cidade, visto que era o único joalheiro. Embora não fosse muito, sempre lhe pagavam qualquer coisa. Não tinha necessidades, vivia até com riqueza; mas amealhava dinheiro e emprestava-o a juros a toda presídio. Tinha o seu samovar, o seu bom colchão, chávenas e uma baixela completa. Os judeus da cidade não lhe negavam a sua amizade e confiança. Ia todos os sábados, debaixo de escolta, à sinagoga da cidade (o que era permitido por lei); e vivia muito feliz, embora sempre à espera do fim dos doze anos da sua pena, para casar. Tinha um cômico sorriso, de ingenuidade, estupidez, velhacaria, astúcia, candidez, timidez, arrogância e franca grosseria. A mim parecia-me estranho que os presos não se rissem todos dele, sem ser apenas nas ocasiões em que lhe diziam alguns gracejos para se divertirem. Pelo visto, Issai Fomitch servia-lhes de entretimento e constante divertir-se. Não tínhamos outro como ele; “Deixem Issai Fomitch em paz”, diziam os presos, e percebia-se perfeitamente que Issai Fomitch, embora percebesse por que diziam eles aquilo, se sentia muito ufano da sua notoriedade, o que muito divertia os presos. Entrara no presídio da maneira mais ridícula (entrou antes de mim, mas contaram-me). Um dia, no fim duma tarde de sábado, espalhou-se de repente pelo presídio o boato de que chegara um judeu, que já tinha passado pelo corpo da guarda e que não tardaria a aparecer. Ainda não havia hebreus no presídio, nessa altura. Os presos esperavam-no com impaciência e assim que ele surgiu à porta, juntaram-se numa roda. O suboficial do presídio levou-o à guarda civil e apontou-lhe o seu lugar nas esteiras. Issai Fomitch trazia a roupa nas mãos, os objeto do regulamento que lhe tinham entregue e os seus, pessoais. Deixou a roupa no chão, trepou de gatinhas para as esteiras e sentou, encolhendo as pernas, sem se atrever a levantar os olhos. Ouviram-se risos e motejos, à volta, provocados pela observação acerca das

excelências hebraicas. De súbito saiu do cubículo dos presos um rapaz que trazia nas mãos umas calças muito velhas e sujíssimas, um autêntico farrapo, e um par de sapatos daqueles que eram fornecidos pela administração. Sentou junto de Issai Fomitch e deu-lhe uma palmadinha no ombro:

– Olá, meu caro amigo! Já há sete anos que estava à tua espera. Vamos lá a ver quanto é que me dás por isto.

Issai Fomitch, que, no momento da sua entrada no presídio, estava tão perturbado que nem sequer se atrevia a levantar os olhos para aquela roda de trocistas, marcados e ferozes, que o rodeavam, e nem sequer por delicadeza ousava abrir a boca, quando viu aqueles farrapos ergueu-se de repente e começou a revolvê-los com as mãos.

Todos aguardavam o que ele iria dizer.

– O quê? Não dás nem sequer um rublo de prata por isto tudo? Mas vê bem o que valem! – continuou o preso piscando o olho a Issai Fomitch.

– Um rublo de prata não posso dar. Sete copeques é o máximo.

E foram essas as primeiras palavras que Issai Fomitch pronunciou no presídio. Todos se riram.

– Sete… Bem, dá aqui. Sempre tens uma sorte! Olha, vê se tratas bem dessas coisas, és responsável por elas.

– Ao juro de três copeques são dez copeques – continuou o judeu com uma voz entrecortada e chorona, levando a mão ao bolso em busca de dinheiro e olhando timidamente, para os presos. Tinha um medo espantoso e queria resolver o assunto o mais depressa possível.

– Três copeques por ano, hem?

– Não, por ano, não, por mês.

– Sempre me saíste um espertalhão, judeu! Como te chamas?

– Issai Fomitch.

– Muito bem, Issai Fomitch; hás de prosperar aqui. Adeus!

Issai Fomitch tornou a olhar para os trapos e depois guardou-os cuidadosamente no saco, por entre as prolongadas risadas dos presos.

De fato, todos pareciam gostar dele e ninguém o ofendia, embora lhe devessem dinheiro. Era inofensivo como uma galinha e, ao ver qual era a disposição de espírito em que os outros se encontravam para com ele, chegava até a pavonear-se com ares de importância, simplesmente, fazia-o de uma maneira tão ingenuamente ridícula que todos lhe perdoavam. Luchka, que conhecera muitos judeus, costumava meter-se com ele, não com má intenção, mas apenas para passar o tempo, do mesmo modo que se atiça um cãozinho mimado, um papagaio ou uma ferazinha amestrada. Issai Fomitch percebia isso muito bem, mas nunca se aborrecia e às vezes até lhe respondia à letra.

– Ah, judeu, olha que eu te mato!

– Se me deres uma levas dez – respondia-lhe Issai Fomitch, destemido.

– Maldito piolhento!

– E que tem que eu seja piolhento?

– Piolhento e judeu!

– Porque não havia de sê-lo? Sou piolhento mas sou rico. Desde que não me faltem os cobres!

– Vendeste Cristo!

– Essa também não me impressiona!

– Bem, Issai Fomitch! Não lhe façam mal que não temos outro! – gritavam os presos a rir.

– Ah, judeu, mereces o chicote! Vieste para a Sibéria.

– Já estou aqui, isso é verdade.

– Mas ainda hás de ir para mais longe.

– E então? Deus não está em toda parte?

– Lá isso está…

– Então, pronto. Em tendo Deus e dinheiro, em toda parte se está bem.

– Bravo, Issai Fomitch, bem se vê que és um valente! – gritavam à volta.

Mas embora Issai Fomitch visse muito bem que estavam zombando dele, não deixava de se pavonear; os elogios gerais davam-lhe um prazer evidente e punha-se a cantar por todo o alojamento com uma vozinha de falsete:

Lia… lia… lia… lia… lia!

Um motivo absurdo e ridículo, sempre na mesma toada, sem letra, que ia cantarolando por todo o presídio. Quando ganhou mais confiança comigo, afirmou-me, sob juramento, que essa toada e esse motivo eram os que cantavam os setecentos mil hebreus, desde o primeiro ao último, ao atravessarem o Mar Vermelho, e todos os judeus tinham o dever de cantar esse motivo nos instantes solenes e de triunfo sobre os seus inimigos.

Nas vésperas dos sábados, às cinco da tarde, vinham presos de outros alojamentos para o nosso, para verem como Issai Fomitch celebrava o seu sábado. Fomitch era presunçoso e vaidoso a tal ponto, que também essa curiosidade geral lhe dava grande satisfação. Arrumava num canto a sua mesinha insignificante, com pedantaria e com uma gravidade postiça, abria o livro de orações, acendia, duas velas e, murmurando não sei que misteriosas palavras, envolvia-se na sua estola ritual (“essola”, dizia ele). Era uma espécie de mantelete de lã colorida, que guardava com muito cuidado na sua mala. Punha um bracelete em cada pulso, e fixava a meio da testa, por meio de uma fita, uma caixinha de madeira, o que fazia parecer que saía um ridículo cornicho[24] da testa de Issai Fomitch. Depois disto começava a oração. Punha-se a ler muito depressa, a gritar, a cuspir, a dar voltas

sobre si mesmo e a fazer uma quantidade de gestos violentos e extremamente cômicos. Não havia dúvida alguma de que tudo aquilo era prescrito pelo ritual das preces e que não tinha em si nada de ridículo; o ridículo estava em ele pavonear-se na nossa frente e em tomar uns ares importantes ao fazer esses gestos. De súbito, eis que ele cobre a cabeça com as duas mãos e começa a ler com uma voz entrecortada pelos soluços. Estes vão aumentando de intensidade, até que, como num arrebatamento e fora de si, deixa cair sobre o livro, uivando, a cabeça adornada com aquele corno; mas de súbito, no meio daqueles soluços, desata a rir e continua a ler muito depressa, com voz solene e como que alterada pelo excesso de felicidade. “É capaz de se desmanchar!”, diziam os presos.

Eu perguntei uma vez a Issai Fomitch o que significavam aqueles soluços e, depois, aqueles risos repentinos e triunfantes de felicidade e de glória. Issai Fomitch gostava imenso destas minhas perguntas. Explicou-me imediatamente que o pranto e os uivos simbolizavam a ideia da perda de Jerusalém, e que a Lei mandava que, perante esse pensamento, se irrompesse no maior alarido e as pessoas se sentissem compungidas. Mas que, no meio de tal alarido, ele, Issai Fomitch, devia lembrar-se de repente, como se fosse de um momento para o outro (esse de repente era também prescrito pela Lei) de que há uma profecia acerca do regresso dos hebreus a Jerusalém. De maneira que tinha a obrigação de pôr-se imediatamente muito alegre, de cantar e de rir às gargalhadas e de continuar recitando a sua oração de tal forma que exprimisse o melhor possível, no tom da voz e na expressão do rosto, a felicidade, a solenidade e o triunfo. Essa repentina transição e a obrigação de fazê-la eram muito do agrado de Issai Fomitch, que via em tudo isso algo de especial, uma obra de arte engenhosa, e era com uma cara muito vaidosa que ele me comunicava essa sutil prescrição da Lei. Uma vez, o major, com a sua escolta de soldados, entrou no alojamento, no ponto culminante da oração. Todos os presos formaram imediatamente junto das suas esteiras e somente Issai Fomitch continuou gritando e gesticulando como um possesso. Sabia que as orações eram permitidas, que não era possível interrompê-las e que não corria risco algum por gritar diante do major. E agradava-lhe muito bambolear-se perante o major e tornar-se importante a nossos olhos. O major avançou e ficou apenas a um

passo dele. Issai Fomitch recuou para junto da sua mesinha e pôs-se a ler rapidamente a sua triunfante profecia, mesmo na cara do major, agitando os braços. Era isso o que lhe era ordenado e, nesse momento, o seu rosto exprimia uma felicidade e um orgulho extraordinários, e cumpria escrupulosamente o mandamento, piscando os olhos de maneira especial, rindo e olhando para o major com desdém. O major estava atônito mas, por fim, desatou a rir, fez também uma expressão desdenhosa e afastou-se, redobrando então Issai Fomitch a sua gritaria. Uma hora depois, quando ele estava jantando, perguntei-lhe:

– E se o major, bruto como é, tivesse levado aquilo a mal?

– Que disse o senhor do major?

– Que disse eu do major? Mas então não o viu?

– Não.

– Pois esteve a dois passos da sua pessoa, quase em cima do seu nariz.

E Issai Fomitch pôs-se a afirmar-me, com toda a seriedade, que não tinha visto nem a sombra do major, e que, nas ocasiões em que recitava aquelas preces, costumava mergulhar numa espécie de êxtase, de tal maneira que nada via nem ouvia de tudo o que à sua volta se passasse.

Parece-me que o estou ainda a ver passeando aos sábados por todo o presídio, sem fazer nada, esforçando-se o mais que lhe era possível por não fazer nada, conforme a Lei lhe ordenava. Que anedotas tão inverossímeis ele me contava sempre, quando voltava da sinagoga, que notícias e boatos tão disparatados, acerca de Petersburgo, ele me trazia, afirmando-me que os ouvira aos judeus, mas que estes os tinham ouvido diretamente!

Mas já falei demasiado de Issai Fomitch.

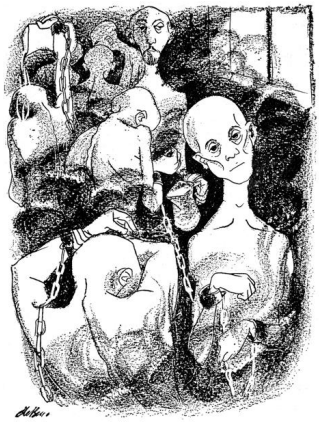
Em toda a cidade havia apenas dois balneários públicos. O primeiro, que era mantido por um hebreu, estava dividido em compartimentos, por cada um dos quais se pagava cinquenta copeques

e destinava-se a pessoas de elevada categoria. O outro era para as pessoas inferiores, e era velho, sujo, escuro; neste iam os do presídio. Fazia frio e havia sol; os presos alegravam-se, mais não fosse senão por saírem do forte e poderem deitar uma vista d'olhos à cidade. Íamos escoltados por um piquete completo de soldados, de espingardas carregadas, e as pessoas da povoação ficavam admiradas quando nos viam passar. No balneário distribuíam-nos por dois turnos; o segundo esperava no frígido vestíbulo que o primeiro se lavasse, o que era necessário devido às dimensões exíguas do balneário. E ainda assim chegava a ser difícil compreender como é que essa mesma metade conseguia lá ficar. Pietrov não se afastou do meu lado; sem que eu lhe pedisse, ajudou-me a despir e ofereceu-se para me lavar. Ao mesmo tempo que Pietrov, também Baklúkhin se ofereceu para me ajudar; era um preso da seção especial, que os outros chamavam o Sapador e do qual já falei como do mais jovial e simpático de todos os presos, que na verdade era. Eu tinha tido já algum convívio com ele. Pietrov ajudou-me a despir, pois eu demorava muito a fazer isso por não estar acostumado, e no vestíbulo do balneário fazia quase tanto frio como na rua. De fato, enquanto não aprende, é muito difícil a um preso despir-se. Em primeiro lugar é preciso saber tirar depressa as palmilhas, que são de couro, de quatro *viérchki* de comprimento e se colocam sobre a roupa interior, imediatamente abaixo do largo anel de ferro que apanha o pé. Um par destas palmilhas custa nada mais nada menos do que sessenta copeques de prata e dizem que os presos têm de arranjá-las, à sua custa, é claro, pois sem elas não lhe será possível caminhar. O anel da cadeia não abrange perfeitamente o pé, e entre o anel e o pé pode passar um dedo; de maneira que o ferro bate no pé, magoa-o e, basta um só dia para que o preso que não usa palmilhas fique com os pés feridos. Mas não é difícil tirar estas palmilhas. Mais difícil é aprender a tirar as ceroulas por debaixo das cadeias. Isso é uma verdadeira obra de arte. Depois de se tirarem as ceroulas, suponhamos, do pé esquerdo, é preciso, puxá-las por entre o pé e o anel da cadeia; depois, uma vez posto o pé em liberdade, vão-se puxando as ceroulas para cima, até ao anel; depois, já descalço o pé esquerdo, passa-se o pé direito através do anel, por debaixo; e depois puxa-se tudo para cima, através do mesmo anel. Para vestir roupa lavada, repete-se a mesma cerimônia. Para um novato é difícil adivinhar como é que se faz isto; o primeiro que me ensinou tudo isto

foi um preso, um tal Koriêniev, em Tobolsk, que fora chefe de bandoleiros e havia já cinco anos que estava acorrentado à parede. Mas os presidiários estão acostumados e se despem com a maior facilidade. Dei alguns copeques a Pietrov para sabão e para tília; é verdade que no presídio forneciam sabão aos presos, mas davam somente a cada um um pedacinho do tamanho de dois copeques, da grossura dessa fatia de queijo que costumam saborear à tarde as pessoas da classe média. Também vendiam sabão no vestíbulo do balneário, juntamente com hidromel, tortas e água quente. Davam apenas a cada preso, em virtude de contrato com o dono do balneário, a água quente necessária para um jarro; o que desejasse lavar-se melhor podia conseguir por um *groch* outro jarro, o qual introduziam no balneário por uma janelinha aberta, na parede do próprio vestíbulo, para tal. Depois de me despir, Pietrov segurou-me pelos sovacos, pois viu como me era difícil caminhar com as cadeias. "Puxe por elas para cima, puxe-as para as ancas – disse-me, segurando-me como se eu fosse uma criança – mas cuidado; agora, que é o princípio!" Eu sentia um certo remorso, queria convencer Pietrov de que podia andar muito bem sozinho; mas ele não fazia caso do que eu dizia. Tratava-me, convictamente, como uma criancinha inválida, à qual toda a gente tem obrigação de ajudar. Pietrov não era, de maneira nenhuma, um criado; se eu o tivesse ofendido, ele bem sabia como havia de proceder. Não lhe ofereci dinheiro pelos seus serviços, nem ele pediu. Por que seria então que tinha tantos cuidados comigo?

Quando se abriram as portas do balneário pensei que tínhamos entrado no inferno. Imaginem uma sala de vinte passos de comprimento, e de outros tantos de largura, na qual estariam reunidos talvez uns cem homens ao mesmo tempo, ou pelo menos uns oitenta; visto que tinham distribuído os presos todos em dois turnos e ao todo teriam ido ao banho uns duzentos. Havia ali uma tal quantidade de vapor que nos invadia os olhos, tanto suor e sujidade, um aperto tão grande, que uma pessoa nem sequer sabia onde havia de pôr os pés. Fiquei atemorizado e quis recuar, mas Pietrov deteve-me imediatamente. Com muito custo, com enorme trabalho, abrimos passagem até um banco, por entre cabeças de indivíduos sentados no chão, pedindo-lhes que abrissem um intervalo para podermos passar. Mas os bancos estavam todos ocupados. Pietrov explicou-me que era

preciso comprar o lugar e entrou imeditamente em contacto com um preso que estava sentado junto de uma janela. Cedeu o seu posto por um copeque; em seguida Pietrov entregou-lhe o dinheiro que tivera até aí apertado na mão; ele o aceitou e meteu-se imediatamente debaixo do banco, precisamente debaixo do meu lugar, onde tudo estava escuro, sujo, e havia por todos os lados uma umidade escorregadia que atingia quase meio dedo de altura. Mas até os lugares debaixo dos bancos estavam tomados; também aí havia homens apinhados. Não havia em todo o chão um palmo onde não se tivessem acomodado presos às escondidas, curvados e vertendo sobre si a água dos jarros. Outros estavam de pé, no meio deles, segurando o jarro na mão, e assim se lavavam; a água suja corria dos seus corpos diretamente sobre as cabeças meio rapadas[25] dos que estavam sentados no chão. Havia homens sentados, encolhidos e comprimidos no banco de suar e em todos os degraus que a ele conduziam. As pessoas do povo lavam-se pouco com sabão e água quente; o que fazem é suar muito e depois borrifarem-se com água fria… é escusado dizer mais. O banco de suar devia ter umas cinquenta filas; todos se fustigavam até ao paroxismo. Forneciam-lhes vapor a todos os momentos. Aquilo já não era calor, era fogo. Tudo vibrava e retumbava com a vozearia e o barulho de cem cadeias que se arrastavam pelo chão. Alguns, ansiosos por se despacharem, enredavam-se nas cadeias dos outros, seguravam-se às cabeças dos que estavam sentados mais abaixo, caíam, insultavam-se e, puxavam pelos outros. A água suja esguichava por todos os lados. Estavam todos embriagados a tal ponto, em tal estado de embevecimento, que irrompiam em gemidos e em gritos. Junto da janelinha do vestíbulo por onde passavam a água, havia insultos, apertões, uma verdadeira batalha. A água quente acabava por se entornar sobre as cabeças dos que estavam sentados no chão, ainda antes de chegar ao seu destino. De vez em quando, a cara dum soldado, de grandes bigodes, surgia na janela ou na porta aberta, de espingarda no braço, velando pela ordem. As cabeças rapadas e os corpos dos presos, avermelhados pelas vaporizações, pareciam ainda mais espantosos. Nas suas costas, banhadas pelo vapor, ressaltavam, de maneira geral, as cicatrizes das chicotadas e das vergastadas anteriormente recebidas, de maneira que pareciam ter acabado naquele momento de ser flagelados. Terríveis cicatrizes! Corria-me um calafrio pela pele, quando olhava para elas.



Tornam a deitar água sobre a pedra quente do forno e o vapor enche tudo de uma nuvem densa, ardente; todos guincham e gritam. Por entre as nuvens de vapor sobressaem as costas magoadas, as cabeças rapadas, as mãos e os pés torcidos; e, para completar, o quadro, Issai Fomitch, gritando a plenos pulmões, no alto do banco. Transpirava até ficar quase desmaiado; mas, por fim, podia-se dizer que já não há calor que lhe pareça suficientemente quente; contratou entre os presos um banhista por um copeque, mas, por fim, este já não pode suportar mais, larga a vassoura e corre a borrifar-se com água fria. Issai Fomitch não desiste e contrata um segundo, um terceiro; está resolvido a não ligar a gastos, nestas circunstâncias, e chega a contratar até cinco banhistas. "É bem bom o banho de vapor! Bravo, Issai Fomitch!", gritam-lhe os presos, em baixo. Issai Fomitch sente-se nesse momento superior a todos; toma um ar triunfal e, com uma voz estranha, como de louco, entoa a sua canção: "Lia… lia… lia… lia… lia!", agitando a cabeça. Cheguei a pensar que se todos nós juntos estivéssemos num inferno, havia de parecer-se muito com aquele lugar. Não pude deixar de comunicar este pensamento a Pietrov, mas ele se limitou a olhar à volta e não disse nada.

Era meu desejo comprar-lhe também um lugar junto do meu; mas ele me disse que se sentia muito bem. Entretanto Baklúkhin comprou-nos água e trouxe-a em quantidade suficiente. Pietrov disse-me que me ia lavar dos pés à cabeça, para que eu ficasse todo limpo e obrigou-me a tomar o banho de vapor. Eu não me atrevia a vaporizar-me. Pietrov ensaboou-me todo o corpo cuidadosamente. "E agora vou

lavar-lhe os pezinhos”, acrescentou como conclusão. Ia para responder-lhe que podia perfeitamente lavar-me sozinho, mas não quis contradizê-lo e entreguei-me à sua vontade. Não havia o menor acento de servilismo nesse diminutivo; tratava-se simplesmente de que Pietrov não podia chamar pés aos meus pés, provavelmente porque os outros, a gente verdadeiramente adulta, tinha… pés e não apenas pezinhos.

Depois de me ter lavado com essas cerimônias, isto é, com solicitude, cuidado e advertências contínuas, tal como se eu fosse de louça e pudesse quebrar-me, levou-me ao vestíbulo e ajudou-me a vestir a roupa interior, e só quando já me não era necessário para mais nada é que voltou para o balneário, para tomar o seu banho de vapor.

De regresso a casa ofereci-lhe uma chávena de chá. O chá não lhe desagradava, bebia-o e agradecia-me. Lembrei-me de abrir a minha bolsa e de dar-lhe meio litro de aguardente. Havia sempre aguardente no alojamento. Pietrov ficou muito contente: bebeu, resfolegou, e depois de dizer-me que eu lhe dera vida nova, dirigiu-se para a cozinha, pressuroso, como se se tratasse ali de um assunto que não pudesse ser resolvido sem ele. Em sua substituição aproximou-se outro, Baklúkhin, o Sapador, que eu convidara também no banho para uma chávena de chá.

Não conheço caráter mais doce do que o de Baklúkhin. Não tinha, verdadeiramente, medo dos outros, e até provocava desordens com frequência; não gostava que ninguém se metesse nas suas coisas; em suma: sabia velar pelos seus interesses. Mas as suas zangas duravam pouco e, pelo menos na aparência, todos gostavam dele. Quando entrava, todos o acolhiam com benevolência. Até na cidade o conheciam como o homem mais divertido do mundo e que nunca perdia a boa disposição. Era um homenzarrão de uns trinta anos, de rosto ameninado e brincalhão, bastante engraçado e com um sinal. Sabia fazer caretas tão cômicas, imitando os outros, que os que o rodeavam não podiam conter o riso. Era também um dos apalhaçados, mas nunca transigia com os nossos tristonhos inimigos do riso, de maneira que nenhum se atrevia a chamar-lhe fútil e inútil. Transbordava de energia e vitalidade. Estabeleceu amizade comigo desde os primeiros dias, confessou-me que era filho dum soldado que

tinha servido nos sapadores, e que havia altas personalidades que o distinguiam e estimavam e sentia-se muito ufano por isso, quando o recordava. Pôs-se logo a fazer-me perguntas acerca de Petersburgo. Também lia uns livrinhos. Quando veio tomar chá comigo, começou por fazer rir todo o alojamento, contando como o tenente Sch*** maltratara nosso major nessa manhã e depois de se ter sentado a meu lado, anunciou-me, com uma cara muito alegre, que se ia armar o teatro. No presídio havia representações teatrais nos dias festivos. Planejavam-se as decorações, que se iam fazendo pouco a pouco. Algumas pessoas da cidade tinham-se oferecido para nos emprestar os trajes para os vários papéis, inclusive para os papéis femininos; e também contavam poder conseguir um uniforme de oficial, com dragonas e tudo, por meio de um impedido. A única coisa que poderia impedir era se o major inventasse de proibi-lo, como fizera no ano anterior. Mas no ano anterior, pelo Natal, o major não estava em seu juízo perfeito; tinha perdido no jogo e além disso não se portaram muito bem no presídio e por isso o proibira. Mas, agora, esperavam que ele não iria estragar a festa. Em suma, Baklúkhin estava num estado de grande excitação. Via-se claramente que era um dos principais colaboradores do teatro, e eu, então, lhe prometi assistir sem falta à representação. Comoveu-me profundamente o ingênuo entusiasmo de Baklúkhin por causa da festa. Palavra puxa palavra, entabulamos uma longa conversa. Contou-me, entre outras coisas; que não tinha feito o serviço militar todo, em Petersburgo; que tinha cometido aí uma certa falta e por isso o tinham mandado a R***, embora como suboficial, para um batalhão de guarnição.

– E foi daí que me deportaram para aqui – observou Baklúkhin.

– E por quê? – perguntei-lhe eu.

– Por quê? Quer saber por que foi, Alieksandr Pietróvitch? Pois foi por me ter apaixonado.

– O quê? Foi por isso que te mandaram para aqui? – exclamei eu a rir.

– É verdade – acrescentou Baklúkhin – é verdade que por causa disso acabei por dar um tiro de pistola num alemão que havia lá; já

pode ver!

– Mas como foi isso? Conta-me, que deve ser curioso.

– É uma história ridícula, Alieksandr Pietróvitch.

– Tanto melhor. Conta-me.

– Quer que a conte? Então ouça.

Eu escutei a história de um homicídio, que não era ridícula e até, pelo contrário, bem invulgar.

– A coisa passou-se assim – começou Baklúkhin. – Quando me transferiram para R***, vi que a povoação era boa, grande, simplesmente, estava cheia de alemães. Bom; eu, é claro, ainda era novo e tinha boa reputação entre o comando. Ia de vez em quando até à cidade de gorro caído para o lado, para matar o tempo, como se costuma dizer, e piscava o olho às alemãs. Ora aconteceu que me apaixonei por uma alemãzinha que se chamava Luísa. Ela e a tia eram as duas costureiras, de roupa branca. A tia era velha, parecia um papagaio; mas vivia honestamente. Eu, a princípio, rondava por debaixo da sua janela, de um lado para o outro; mas depois cheguei à fala com ela. Luísa falava bem o russo, embora gaguejasse um bocadinho… e era tão bonita como nunca vi outra igual. Primeiro, comecei por ver se podia levar alguma coisa… mas ela me respondeu: "Não, isso não pode ser, Sacha; porque eu quero conservar toda a minha inocência para poder um dia ser tua esposa", e fazia-me rapapés e sorria com tal graça… Era tão pura como nunca vi outra. Incitava-me a casar. Bem. E por que não havia de casar? Já estava decidido a ir; procurar o tenente-coronel e expor-lhe o meu desejo de casar… Mas, depois, que seria? Uma vez, Luísa falta à entrevista combinada; à segunda não aparece, à terceira não acode… Escrevo-lhe uma carta e não tenho resposta. "Que é isto? – digo para comigo. – Se me enganasse, seria mais esperta, responderia à carta e viria às entrevistas marcadas. Mas ela não se atrevia a mentir; simplesmente se desligaria de mim. Deve ser a tia", pensei. À tia não me atrevi eu a procurá-la; embora ela estivesse a par de tudo, costumávamos ter os nossos encontros às escondidas. Fiquei num alvoroço; escrevo-lhe uma última carta e digo-lhe: "Se vieres, irei falar com a tua tia". Pois sim,

vai falando. Um certo Schulz, alemão, seu parente afastado, relojoeiro, rico e já velho, declarou a sua intenção de casar com ela. “Para tornar-me feliz – dizia – e não se ver sozinho na velhice; diz também que gosta de mim e que havia já algum tempo que tinha esta intenção, simplesmente estava calado e preparava-se. E olha, Sacha, dizem que é muito rico e que fará a minha felicidade. Será possível que tu queiras, privar-me da minha felicidade?” Eu a olho: ela está chorando e abraça-me… Ah! Os outros é que dizem a verdade – penso eu. – Para que casar com um soldado, ainda que seja suboficial? “Bem, – digo – adeus, Luísa. Por nada deste mundo te privaria da felicidade. Mas diz-me: ele é jeitoso?” “Não, – disse ela – já é quase velho e tem um nariz muito comprido…” Ela própria dava risada. Deixei-a. “Tenho a impressão – disse para comigo – de que não vai haver casamento.” No dia seguinte de manhã, encaminho-me para a loja dele, na rua que ela me tinha dito. Olho através da vitrina: lá estava o alemão trabalhando nos seus relógios; aparentava uns quarenta e cinco anos; tinha o nariz comprido, uns olhos vivos; estava de fraque e colarinho alto. Escarrei e senti ganas de partir o vidro da vitrina. “Para quê? – pensei. – O melhor é ficar quieto. Caiu, caiu numa armadilha!” Ao entardecer fui ao quartel, estendi-me na tarimba e, acredite, Alieksandr Pietróvitch, pus-me a chorar…

Bem. Esse dia passou, e outro, e o terceiro. A Luísa, não a tinha visto. Entretanto, uma alcoviteira (uma velha, também costureira, que às vezes visitava Luísa) veio contar-me que o alemão estava a par dos nossos amores e por isso decidira apressar as coisas. Se não fosse isso ainda teria esperado dois anos. E que tinha feito jurar a Luísa que não voltaria a ver-me; e que tinha as duas na mão, Luísa e a tia; e que ele ainda não pensara tudo bem, que ainda não estava completamente decidido. Disse-me também que convidara as duas para tomar café em sua casa, daí a dois dias, no domingo, reunião a que devia assistir também certo parente velho que fora comerciante, e que agora se encontrava na maior miséria, ganhando a vida servindo de guarda a umas tabernas. Quando ouvi dizer que podia ser que tudo ficasse decidido no domingo, senti uma tal ira que só com muito custo consegui dominar-me. E nesse dia e no seguinte não fiz outra coisa senão pensar no mesmo. “De boa vontade comeria esse alemão”, pensava eu.

No domingo de manhã ainda estava numa indecisão; mas quando saí da missa… tomei uma resolução, embrulhei-me no capote e dirigi-me à loja do alemão. Pensava que ia ali encontrá-los todos. Mas nem eu próprio sabia qual o motivo por que me encaminhava para a loja do alemão nem o que tencionava dizer. Entretanto meti uma pistola no bolso, uma pistola velha, de gatilho antiquado, com a qual brincava em pequeno e que agora já não servia para nada. Mesmo assim meti-lhe uma bala. Pensei: "Hão de tentar correr comigo, vai haver barulho e então eu puxo da pistola e meto um susto a todos". Cheguei. Na loja, ninguém; mas estavam todos reunidos atrás da loja. Em redor, nem vivalma, nem um criado. Ele tinha uma alemã que lhe fazia todo o serviço e lhe preparava também a comida. Entro na loja, olho; a porta estava fechada mas era uma porta velha, com uma aldraba. Sinto que o meu coração tem um sobressalto; paro, escuto: falavam em alemão. Dou um pontapé na porta com todas as minhas forças e ela se abre imediatamente. Olho: a mesa está posta, com uma grande cafeteira e o café fervendo na lamparina de álcool; biscoitos; noutra bandeja uma garrafa de aguardente, arenques e salsichas e também uma garrafa de vinho. Luísa e a tia, muito janotas, sentadas no divã. Em frente delas, sentado à mesa, o alemão, o noivo; de traje domingueiro; de fraque e colarinho engomado, de bicos muito tesos. Na ponta da mesa o outro alemão, homem já velho, gordo, de cabelos brancos, muito calado. Quando eu entrei, Luísa, pôs-se muito pálida. A tia deu um pulo do seu lugar. Mas o alemão franziu o sobrolho, ficou sério, levantou e saiu ao meu encontro.

– Que deseja? – disse-me.

Fiquei um pouco desconcertado, mas de novo a cólera se apoderou de mim.

– Que desejo? – digo – Que recebas o teu hóspede como deve ser e lhe ofereças vodca. Vim de propósito para que me convides.

O alemão refletiu um momento e depois disse:

– Queira sentar.

Sentei.

– Dá-me – disse-lhe eu – um pouco de aguardente

– Aqui está – disse ele – a aguardente. Se gosta, beba.

– Boa aguardente me deste tu! – disse eu, já completamente enfurecido.

– É verdade, é bem boa.

Sentia-me ofendido porque ele fizesse tão pouco caso de mim.

E o pior de tudo era Luísa estar presente. Bebi e disse-lhe:

– Por que me tratas tão mal, alemão? Tu devias ser meu amigo. Eu vim para que ficássemos amigos.

– Eu não posso ser seu amigo – disse ele. – O senhor é um simples soldado…

Quando ouvi aquilo perdi a cabeça.

– E tu és um espantalho – disse-lhe eu – um salsicheiro! Não sabes que eu posso fazer de ti o que quiser? Queres que te meta uma bala?

Puxo da pistola, levanto o gatilho e encosto-lhe o cano na cabeça, numa fronte. Os outros estavam mais mortos do que vivos, não se atreviam a abrir a boca; mas o velho tremia como a folha duma árvore, calava-se e estava lívido.

A princípio o alemão assustou-se; mas depois reanimou-se.

– Eu não tenho medo do senhor – disse – e peço-lhe, como homem educado que é, que acabe com esta brincadeira, embora não me meta medo…

– Oh! Estás mentindo – disse eu. – Tu tens medo! Senão, olhem: com a pistola na fronte, não se atreve sequer a mover-se e deixa-se estar muito quietinho.

– Não. O senhor não se atreve a fazer uma coisa dessas.

– Por que não havia de atrever-me? – disse eu.

– Porque isso não é permitido e, se o fizesse, teria um castigo severo.

Parecia que o diabo queria fazer pouco daquele imbecil alemão. Se ele não me tivesse irritado daquela maneira, a estas horas ainda estaria vivo, porque tudo se teria limitado a uma contenda.

– Com que então não me atrevo, dizes tu?

– Não!

– Não me atrevo?

– De maneira nenhuma se atreverá a fazer uma coisa dessas comigo…

– Ah, não? Então toma lá, salsicheiro!

Mal apertei o gatilho tombou logo na cadeira. Os outros deram um grito. Eu, com a pistola no bolso, escapei-me e, quando cheguei ao forte, atirei a pistola para entre as urtigas, à beira do fosso.

Voltei para, casa, estendi-me na cama e disse, para comigo: “Hão de vir buscar-me de um momento para o outro”. Passam uma hora e outra hora… e não vêm. Mas ao escurecer senti uma tal tristeza que saí; tinha absoluta necessidade de ver Luísa. Passei em frente da relojoaria, Olho: gente e polícias. Então disse à velha: “Vá chamar a Luísa”. Espero um momento, olho: Luísa aparece correndo, se atira ao meu pescoço e desata a chorar: “A culpada de tudo – diz ela – sou eu, por ter obedecido à tia”. Informou-me também que a tia voltara para casa, depois do sucedido, e que ficara tão assustada que até adoecera… mas que não diria uma palavra. “Não disse nada a ninguém e me proibiu de falar; tem medo.” Façam o que quiserem! Ninguém nos viu lá, a nós duas. Ele tinha mandado sair a criada porque tinha medo dela. Ela até lhe furaria os olhos se viesse a saber da sua intenção de casar! Também não estava lá nenhum dos empregados da loja, mandara sair toda a gente. Foi ele próprio quem fez o café e preparou a primeira refeição. Quanto ao parente toda a vida se conserva calado e nunca disse nada, e por isso, agora também não falará; a primeira coisa que fez quando aquilo se passou foi pegar

o chapéu e desaparecer. Naturalmente também calará o bico…” disse Luísa.

Assim foi. Durante duas semanas ninguém me veio prender nem ninguém suspeitou de mim. E nessas duas semanas, talvez não acredite, Alieksandr Pietróvitch, fui absolutamente feliz. Todos os dias via Luísa. E ela, agora, tomara uma afeição tão grande por mim! Chorava. “Irei atrás de ti para onde quer que vás. Deixarei tudo por ti!” – dizia ela. Eu pensava que já tinha a vida resolvida, ao vê-la assim tão louca por mim. Bem. Mas passadas duas semanas fui preso. O velho e a tia tinham-se posto de acordo e denunciaram-me…

– Com licença – disse eu interrompendo Baklúkhin. – Por tudo isso, só devia ter sido condenado a uns doze anos no máximo, com direito a passar, depois desse tempo, para a categoria civil; mas o senhor está na seção especial. Como foi isso arranjado?

– Isso é outro assunto – disse Baklúkhin. – Quando eu compareci diante do Tribunal, o capitão se pôs a insultar-me com as palavras mais feias, diante dos juízes. Eu não pude conter-me e disse-lhe: “Por que me insultas dessa maneira? Então não vês, velhaco, que estás defronte do espelho da justiça?”. A partir desse momento a coisa tomou outro aspecto. Fui julgado de novo e ao todo condenaram-me a quatro mil açoites e depois à seção especial. Mas quando me enviaram para aqui para cumprir a pena, enviaram também o capitão; a mim, pela rua verde[26], e a ele, rebaixado na sua hierarquia, para o Cáucaso, como soldado raso. Até à vista, Alieksandr Pietróvitch. Não deixe de assistir à nossa representação.

## Capítulo X / A festa do Natal

Finalmente chegaram as festas. Na véspera de Natal já os presos quase não foram ao trabalho. Entraram os da alfaiataria e das oficinas; os outros, se apareceram foi apenas em pequeno número, e embora houvesse aquém e além alguns isolados, quase todos, sós ou em grupos, voltaram ao presídio, de onde já não saiu nenhum depois do jantar. E de manhã, a maioria só saiu para tratar dos seus assuntos particulares e não do presídio, para tratar da entrada de aguardente e encomendá-la de novo; outros, com o fim de verem os outros também contentes e satisfeitos e, embora alguns deviam por trabalhos já feitos; Baklúkhin e os que deviam tornar parte na representação teatral… para visitar alguns conhecidos, principalmente impedidos, e receber deles os trajes imprescindíveis. Alguns iam com um aspecto muito alegre e vaidoso, só por verem os outros também contentes e satisfeitos e, embora alguns não tivessem a receber dinheiro em parte nenhuma, parecia que iam também recebê-lo. Em suma: parecia que todos esperavam para o dia seguinte alguma transformação, alguma coisa extraordinária. À tarde, os inválidos que iam ao mercado buscar as encomendas dos presos, voltavam carregados com uma quantidade de víveres de todas as espécies: carne de vaca, leitãozinhos, e até gansos. Muitos dos presos, até os mais reservados e econômicos, que amealhavam durante todo o ano os seus copeques, consideravam um dever fazer gastos nesse dia, de maneira a celebrarem condignamente a festa. No dia seguinte havia festa verdadeira, rigorosa, formalmente prescrita pela lei. Nesse dia os presos não podiam ser enviados para o trabalho e, dias iguais a esses, só havia três por ano.

E, em última análise, quem sabe quantas recordações não se agitariam na alma daqueles réprobos, naquele dia! Os dias das grandes festas gravam-se profundamente na memória das pessoas simples e logo a partir da infância. São os dias em que se suspendem os trabalhos rudes e em que se reúnem as famílias. Deviam ser recordados com dor e com desgosto, no presídio. O respeito pelo dia solene manifesta-se também entre os presos por certos pormenores; poucos se embebedavam, todos andavam sérios e como que

preocupados, embora muitos não tivessem motivo algum para estar assim. Mas até os bêbados se esforçavam por conservar, apesar de tudo, uma certa gravidade… Parecia que o riso estava proibido. A atitude geral era a de uma certa meticulosidade e irritante impaciência e aquele que destoasse do tom geral, embora sem intenção, era imediatamente advertido com gritos e descomposturas, e ficavam aborrecidos com ele como se fosse culpado de irreverência perante a festa. Essa disposição de espírito dos presos era interessante e até comovedora. Além da inata veneração pelo grande dia, os presos pressentiam inconscientemente que, com este respeito às festas, se uniam assim a todo mundo, que não eram completamente uns réprobos, uns perdidos, uns farrapos abandonados, e que, embora estivessem no presídio, também eram homens. Era evidente e compreensível que era isso o que eles sentiam.

Akim Akímitch fazia também grandes preparativos para a festa. Não tinha relações familiares porque fora criado como órfão numa casa alheia, e entrara para o serviço militar assim que fizera os quinze anos, e não tinha havido na sua existência alegrias extraordinárias, pois sempre vivera de modo regular, monótono, sem se desviar nunca dos deveres que lhe tinham prescrito. Também não era muito religioso, porque a moral, segundo parecia, absorvia nele todas as outras qualidades e particularidades humanas, toda paixão e todo desejo, tanto os maus como os bons. E por isso preparava-se para acolher o dia solene não com frivolidade, sem comoção, sem afligir-se com recordações tristes e perfeitamente inúteis, mas antes com essa moral tranquila, metódica, que era afinal apenas a estritamente necessária para o cumprimento do dever e da norma adotados de uma vez para sempre. De maneira geral não gostava de perder muito tempo pensando. Parecia que o significado dos fatos não era para ele o importante mas cumpria com um escrúpulo sagrado a regra que uma vez lhe ordenavam. Se no dia seguinte o mandassem fazer o contrário, fazia-o com o mesmo esmero e meticulosidade com que realizara o oposto no dia anterior. Uma vez, apenas uma vez na vida, ousara atuar por conta própria… e tinha ido parar ao presídio. A lição não lhe foi inútil. E embora o destino não o tivesse feito capaz de compreender, pouco que fosse, aquilo em que podia ser culpado, deduziu da sua aventura a regra salvadora de… não raciocinar nunca,

e em caso algum, já que raciocinar não era da sua incumbência, como diziam para si os presos. Cegamente submisso à regra, inclusive ao seu leitãozinho natalício que recheava de *kacha* e depois assava (por suas próprias mãos, pois sabia assar), olhava-o com o devido respeito, como se não fosse um leitãozinho como os outros, que também se podem comprar e assar, mas sim outro especial, festivo. É possível que estivesse desde pequeno acostumado a ver na mesa, nesse dia, um leitãozinho e pensasse que ele era indispensável em tal dia, e estou convencido de que, se alguma vez não tivesse comido leitão nesse dia, havia de conservar durante toda a vida remorsos de consciência por não ter cumprido o seu dever.

Ia à festa metido no seu velho capote e nas suas velhas calças, ainda decentemente remendados mas já completamente puídos. Podia-se dizer que guardava cuidadosamente na sua arca o novo uniforme que lhe tinham entregue quatro meses antes, e que ainda nem sequer lhe tocara, com a risonha ideia de estreá-lo solenemente na festa. E assim foi, de fato. Foi buscá-lo na véspera, desdobrou-o, mirou-o e remirou-o, limpou-o, alisou-o com a mão e depois experimentou-o. Na verdade o sobretudo ficava-lhe muito bem, estava muito bem feito e podia-se abotoar todo até acima; a gola, como se fosse de cartão, mantinha a barba elevada; o corte tinha qualquer coisa de militar e Akim Akímitch até ria de gosto e pavoneava-se, todo vaidoso, em frente do seu espelhinho, ao qual ele mesmo tinha já posto uma moldura de papel dourado, havia já muito tempo. Apenas uma rugazinha junto da gola da jaqueta parecia extemporânea. Assim que a viu, Akim Akímitch decidiu corrigi-la; a desfez, tornou a provar o sobretudo e finalmente achou-o bem. Tornou então a dobrar tudo, como dantes estava e, com o espírito tranquilo, guardou-o na pequena arca para o outro dia. A cabeça, estava satisfatoriamente semirrapada; mas quando se olhou com atenção ao espelho, reparou que não estava toda por igual: havia alguns cabelos espetados e foi imediatamnete ter com o major para que o rapasse bem, como devia ser. E ainda que ninguém chegasse a vê-lo no dia seguinte, fez-se rapar só para tranquilizar a sua consciência, para cumprir assim, nesse dia, todos os seus deveres. Veneração perante um pequeno botão, uma botoeira, um nó, tudo isso se lhe gravara no espírito de um modo indelével, sob a forma de um dever indiscutível, e no coração… como a imagem do

mais alto grau de beleza a que pode chegar um homem ordenado. Depois de completos todos os seus preparativos, como decano do alojamento, mandou que todos trouxessem feno e esteve observando cuidadosamente como é que o espalhavam pelo chão. O mesmo fazia também nos outros alojamentos. Não sei por que, mas pelo Natal espalhavam sempre feno pelo chão dos alojamentos.[27] Depois, acabadas todas as suas tarefas, Akim Akímitch pôs-se a rezar a Deus; estendeu-se na sua esteira e afundou imediatamente no sonho duma criança inocente, para levantar no dia seguinte o mais cedo possível. Aconteceu depois o mesmo a todos os outros presos. Em todos os alojamentos se deitaram muito mais cedo do que de costume. Suspenderam-se os habituais trabalhos noturnos; de *maidan*, nem falar. Todos esperavam pela manhã seguinte.

Até que ela chegou. Muito cedo, ainda antes de ter nascido o sol, assim que clareou um pouco, abriram os alojamentos e o suboficial de serviço, que entrava para contar os presos, felicitou-os a todos pela festa. Eles lhe responderam com toda a cortesia e amabilidade. Depois de despachar à pressa as suas orações, Akim Akímitch e muitos outros que tinham os seus gansos e leitões na cozinha correram até lá para verem o que faziam deles, como os assavam e como ia isto, aquilo e mais aquilo. Através da obscuridade, pelos estreitos janelos salpicados de neve e de gelo, podia-se ver do nosso alojamento que em ambas as cozinhas ardia um fogo claro, que tinha sido aceso ainda antes do amanhecer, em todos os seis fornos. Pelo pátio, na obscuridade, andavam já os presos com os seus pelicos curtos, que alguns traziam no braço; dirigiam-se todos para a cozinha. Mas alguns, poucos, por sinal, se apressavam já a visitar os taberneiros. Eram os mais impacientes. De maneira geral portavam-se todos com muita dignidade, com muita calma e com um decoro desusado. Não se ouviam, nem os insultos habituais nem as costumadas disputas. Todos compreendiam que era aquele um dia grande e uma grande festa. Havia alguns que entravam nos outros alojamentos para felicitarem os das suas relações. Revelava-se qualquer coisa parecida com amizade. Tive ocasião de reparar que, entre os presos, não havia amizades; não falo da amizade geral; esta existia, e forte; falo da amizade particular, que podia unir dois presos. Esta, quase não existia entre nós e isto é digno de nota, pois não acontece o mesmo em liberdade. Ali, de

maneira geral eram todos duros uns para com os outros, secos, a não ser com raras exceções, e isto era uma espécie de tom formal, adotado e convencionado de uma vez para sempre. Eu também saí do alojamento, assim que começou a alvorecer; as estrelas empalideciam; uma bruma tênue se elevava nos ares. Das chaminés dos fornos da cozinha subiam densas espirais. Alguns dos presos, com os quais me encontrava no caminho, me felicitavam pela festa, muito afetuosos e amáveis. Eu lhes agradecia e correspondia. Havia alguns deles que, durante todo aquele mês, nem sequer me tinham ainda dirigido uma palavra. Foi já quase na cozinha que me alcançou um preso do alojamento militar, com o pelico ao ombro. Antes de chegar à porta, assim que me viu gritou: "Alieksandr Pietróvitch! Alieksandr Pietróvitch!". Corria para a cozinha apressadamente. Eu parei e esperei-o. Era um rapaz de cara redonda e com uma expressão agradável nos olhos, muito falador com os outros, mas que, a mim, nem uma só vez sequer dirigira a palavra, nem ligado a menor importância, desde a data da minha entrada no presídio; eu também não o conhecia nem sabia como se chamava. Aproximou-se de mim, ofegante, e sem mais nem menos colocou-se na minha frente, olhando-me com um sorriso estúpido e, ao mesmo tempo, beatífico.

– Então que há? – perguntei-lhe eu, espantado, ao ver que ele se postava diante de mim, sorria e me olhava com uns olhos muito abertos, mas sem se decidir a falar.

– É que há festa… – murmurou e, adivinhando ao mesmo tempo que não tínhamos mais nada a dizer, afastou-se e dirigiu-se ansioso para a cozinha.

É de notar que, depois disto, quase nunca mais voltei a encontrá-lo e mal trocamos uma palavra até à minha saída do presídio.

Na cozinha, em volta dos fornos que ardiam com uma chama viva, agitava-se um bando, empurrando-se uns aos outros. Cada qual cuidava daquilo que lhe pertencia: os cozinheiros ocupavam-se do rancho, pois nesse dia o almoço começava mais cedo. No entanto, ninguém começara a comer, embora alguns de boa vontade o tivessem feito, mas guardavam as conveniências perante os outros. Esperavam o padre e só depois começariam a quebrar o jejum. Mal acabara de

amanhecer quando começaram a ouvir-se, às portas do presídio, os gritos estentórios do cabo da guarda: “Cozinheiros!”. Esses gritos soavam a cada momento e prolongaram-se quase por duas horas. Chamavam os cozinheiros para que fossem aceitar os donativos chegados de todas as partes da cidade para o presídio. Afluíam em enorme quantidade, e eram tortas, pão, queijinhos, bolos, massas e outras iguarias de forno. Penso que não devia ter havido nenhuma dona de casa, mulher de comerciante ou burguesa, que não tivesse enviado do seu pão para felicitar pela festa os desgraçados presos. Havia presentes ricos: massas da melhor farinha, enviadas em grande quantidade. E havia também presentes muito pobres, como por exemplo um bolinho de um *groch* e duas tortinhas ordinárias, mal salpicadas de creme; era o presente dum pobre para outro pobre. Eram todos recebidos com a mesma gratidão, sem se fazer distinção entre os presentes e os seus doadores. Quando os recebiam, os presos tiravam os gorros, saudavam, felicitavam pela data festiva e levavam os donativos para a cozinha. Quando se tinham já reunido montões do pão oferecido, chamavam os decanos respectivos e estes distribuíam-no todo em partes iguais, pelos alojamentos. Não havia disputas nem brigas. A divisão fazia-se por igual e honestamente, no que toca ao nosso alojamento, a distribuição foi feita por Akim Akímitch e por outro preso; fizeram-no por sua própria mão, deram a cada um a sua parte. Não houve a mais pequena discussão nem a menor inveja da parte de ninguém; todos ficaram contentes; não podia existir nenhuma suspeita de que tivessem ocultado parte dos donativos ou não repartilos equitativamente. Depois de ter resolvido os seus problemas na cozinha, Akim Akímitch foi buscar o seu sobretudo, vestiu-o com toda a dignidade e solenidade, alisando a mais pequena ruga e, uma vez vestido, começou a fazer as suas orações. Esteve rezando bastante tempo. Havia já muitos outros que rezavam também, sobretudo velhos. Os novos, de maneira geral, não rezavam; quando muito persignavam-se quando se levantavam e isso só em dias festivos. Depois de ter feito as suas orações, Akim Akímitch me procurou com certa solenidade e felicitou-me pela festa. Convidei-o para o chá e ele a mim, para o leitão. Passado um momento, Pietrov aproximou-se também de mim para felicitar-me. Parecia que já tinha bebido e, embora viesse ofegante, quase não disse nada e ficou diante de mim um momento, numa certa expectativa, e depois encaminhou-se para a

cozinha. Entretanto, no presídio militar preparavam-se para receber o padre. Esse presídio tinha uma planta diferente das outras; aí, nos alojamentos, as esteiras estavam alinhadas ao longo das paredes e não no meio do aposento, como em todas as outras, e era o único compartimento do presídio que não tinha coisas a estorvar no centro. Provavelmente deviam tê-lo construído dessa maneira para concentrarem nele os presos, em caso de necessidade. No meio da sala puseram uma mesinha, cobriram-na com um pano branco, colocaram nela uma imagem e acenderam uma lamparina. Por fim chegou o padre com a cruz e a água benta. Depois de rezar e cantar diante da imagem, pôs-se diante dos presos e todos se foram aproximando e beijando a cruz com devoção sincera. Depois disto, o padre foi percorrendo todos os alojamentos e espargiu-os com água benta. Na cozinha gabou o nosso pão de rancho, célebre na cidade pelo seu ótimo sabor, e imediatamente os presos lhe prometeram enviar dois pães acabados de sair do forno; ficou encarregado de os levar um dos inválidos. Despediram-se da cruz com a mesma veneração com que a acolheram e logo depois chegaram o major do presídio e o comandante. Os presos gostavam e apreciavam o comandante. Percorreu todos os alojamentos escoltado pelo major, felicitou-os a todos pela festa, entrou na cozinha e provou a sopa de couves do rancho. Essa sopa era célebre, pois nesse dia destinavam quase uma libra de carne de vitela para cada preso. Além disso havia *kacha* e manteiga à discrição. Depois de o comandante ter provado o rancho, o major deu a ordem para comer. Os presos esforçavam-se por não chamarem a sua atenção. Não lhes agradava aquele seu olhar maldoso por debaixo dos óculos, à direita e à esquerda, como se encontrasse qualquer coisa em desordem, como se descobrisse algo que não estivesse em regra.

Começaram a comer. O leitão de Akim Akímitch estava esplêndido. O que não consigo explicar foi isto: assim que o major se retirou, uns cinco minutos depois, apareceu um extraordinário número de bêbados, embora cinco minutos antes todos estivessem completamente serenos. Apareceram muitos rostos corados e reluzentes e surgiram algumas balalaicas. O polaco do violino entrou imediatamente atrás de um bêbado, completamente ébrio, tocando-lhe músicas alegres. A conversa tornou-se mais jocosa e espirituosa. Mas

levantamos da mesa sem grande alvoroço. Estavam todos saciados. Muitos dos velhos e dos sérios iam dormir, em seguida, o que Akim Akímitch fez também, supondo, segundo parecia, que nas festas principais não há outro remédio senão fazer uma sestazinha depois do almoço. O velhinho dos "antigos crentes" de Staradúvobo, depois de dormitar também um pouco, encarrapitou-se em cima do fogão, pegou no seu livro e ficou rezando até alta noite, numa oração quase ininterrupta. Custava-lhe ver aquela vergonha, como dizia referindo-se à bebedeira geral dos presos. Todos os cherqueses se tinham sentado no degrau da porta e contemplavam os bêbados com curiosidade mas também com certa repugnância. Aconteceu-me encontrar-me com Nurra: "*Iaman*, *iaman*![28] – disse-me, meneando a cabeça com um desgosto sincero – Ah, *iaman*! Alá vai ficar zangado". Issai Fomitch, indiferente e altivo, acendeu uma vela no seu cantinho e pôs-se a trabalhar, dando a entender de maneira evidente que, para ele, aquilo não era uma festa. Em várias partes, pelos cantos, começaram os *maidani*. Não tinham medo dos inválidos, mas puseram sentinelas por causa do suboficial que, apesar disso, procurava fazer vista grossa. O suboficial de guarda revistou três vezes o presídio neste dia. Mas os bêbados escondiam-se, os *maidani* desapareciam antes de ele surgir e ele parecia também ter a intenção de não reparar nas infrações leves. A embriaguez, nesse dia, era considerada como uma falta leve. Pouco a pouco foram-se embebedando todos. E começaram também as disputas. Entretanto, na maioria mantinham-se lúcidos. De maneira que havia sempre quem reparasse nos bêbados. Em compensação, os que já estavam bêbados continuavam bebendo sem parar. Gázin estava triunfante. Passeava com um ar fanfarrão à volta do seu lugar nas esteiras, debaixo das quais tinha posto a aguardente, escondida até então, Deus sabe onde, entre a neve, para lá dos alojamentos, e sorria ladinamente, olhando os fregueses costumados. Estava sereno e não bebia nem uma gota. Pelo menos não se embebedaria senão no fim da festa, depois de ter esvaziado os bolsos dos presos. Ouviam-se canções pelos alojamentos. Mas a embriaguez degenerava já em bebedeira sufocante e pouco faltava para passarem das canções às lágrimas. Muitos tocavam nas suas próprias balalaicas, de pelicos ao ombro, e tangiam as cordas dos instrumentos numa atitude fanfarrona. Na seção especial tinha-se formado também um coro, composto de oito homens. Cantavam baixo, com acompanhamento de guitarras e balalaicas.

Canções honestamente populares, poucas. Lembro-me apenas de uma modinha alegre.

Eu, quando era novo,
Fui a muitas festas…

E aqui escutei também novas variantes dessa canção, que dantes não conhecia. No fim, acrescentavam alguns versos:

Se eu fosse novo,
Iam me levar em casa;
Limpavam-me a colher,
Regalavam-me com sopa de couves,
Livravam-me da bebedeira
E ofereciam-me bolachas.

Na sua maior parte cantavam cantigas a que nós chamávamos "de presos", e que todos conhecíamos. Uma delas, *Era*…, tinha caráter humorístico e descrevia como um homem dantes se divertia e vivia senhor de si próprio, em liberdade, ao passo que agora se encontrava no presídio. Referia como dantes bebia champanhe, e em compensação, agora…

Dão-me couves com água
E as orelhas gelam-me…

Também era muito conhecida a xácara:

Quando era pequeno, divertia-me,
E tinha o meu capital
Mas ai, o capital voou,
E agora estou no presídio…

etc. Simplesmente, não diziam capital, mas "copital", derivando-o da palavra kopit (reunir); também cantavam canções sérias. Uma era própria dos presos e, segundo parecia, também era conhecida:

A luz do céu refulge,
O tambor toca a alvorada,
A velha porta abre-se,
O escriba já nos chama.
Por detrás dos muros ninguém vê
Como vivemos aqui;
Mas Deus está conosco,
Ainda que nos mantenha assim, etc.

Cantava-se também outra canção mais melancólica, aliás lindíssima, escrita provavelmente por algum preso de jeito manso e inculto. Agora só me lembro de alguns versos:

> Os meus olhos não veem a terra
> Em que vim ao mundo;
> É horrível ser inocente,
> E estar condenado ao martírio.
> Sobre o telhado a coruja pia
> E esvoaça pelos bosques;
> Também o meu coração sofre e chora
> Por não estar aí.

Esta canção cantavam-na com muita frequência, não em coro mas a uma só voz. Acontecia às vezes que um preso, em dia de festa, subia para o degrau do alojamento, sentava-se, punha-se a meditar, acariciava a face com a mão e entoava essa canção num falsete agudo. Quando o ouvíamos parecia que o nosso coração se dilacerava. Havia boas vozes entre os presos.

Entretanto começara já a escurecer. Através da tristeza, da melancolia e de um vago pesar infantil, aparecia a embriaguez e o aturdimento. Aqueles que davam risada havia ainda uma hora, choravam agora em qualquer canto, completamente bêbados. Outros tinham tido já oportunidade para brigar. Outros ainda, pálidos, mal se sustendo nas pernas, vagueavam pelos alojamentos e armavam confusão. Até aqueles nos quais a aguardente produzia um efeito pacífico, procuravam em vão amigos a quem abrir a sua alma e chorar com eles a sua amarga embriaguez. Toda essa pobre gente desejava animar-se, celebrar alegremente a grande festa… mas, santo Deus, que duro e triste era aquele dia para quase todos! Cada um passava-o o melhor que podia, aferrando-se a alguma ilusão. Pietrov aproximou-se de mim ainda por mais duas vezes. Tinha bebido pouco durante o dia e estava quase completamente lúcido. Mas até à última hora daquele dia esteve sempre à espera de que havia de acontecer infalivelmente qualquer coisa, qualquer coisa extraordinária, festiva e alegre. Embora não tivesse falado acerca disso, era possível ler isso em seus olhos. Andava sem descanso de alojamento para alojamento. Mas não chegou a acontecer nada de extraordinário nem houve mais nada senão bebedeiras, tagarelice incoerente de bêbados e cabeças esquentadas pela aguardente. Sirótkin passeou também com uma blusa vermelha

nova por todos os alojamentos, bonito, lavado, e também calmo e simples, como se esperasse alguma coisa. Pouco a pouco tornou-se intolerável e repugnante permanecer nos alojamentos. Não há dúvida de que havia ali muitas coisas ridículas, mas eu tinha uma certa pena e dó de todos eles, e então me invadiam a dor e a tristeza. Eis que, de súbito, dois presos começam a discutir sobre qual deles há de convidar o outro. Vê-se que discutem já há muito tempo e que antes disto já deviam ter brigado por mais de uma vez. Um deles, sobretudo, parece ter uma velha embirração contra o outro. Este se queixa e procura demonstrar por palavras que foi injustamente tratado; houve não sei quem que comprou um pelico, não se sabe quando, alguém guardou uns dinheiros, mas tudo isso foi no ano anterior, na semana da manteiga. No entanto havia qualquer coisa, além disso… O queixoso… um mocetão alto e forte, nada tolo, amável mas bêbado, tem agora o desejo de travar amizades e desabafar a sua amargura. Insulta também e depois mostra o intento de reconciliar-se sinceramente com o seu adversário. O outro é forte, de estatura mediana, cara redonda, astuto. Talvez tivesse bebido mais que o seu companheiro, mas só se embriagou levemente. Tem personalidade e fama de endinheirado; mas agora não lhe convém irritar o seu expansivo amigo por alguma razão e leva-o para a taberna; o amigo afirma que tem a obrigação e se comprometeu a levá-lo a ela, se é que é um homem honrado.

O taberneiro, com algum respeito pelo freguês e com as suas mostras de desdém para com o amigo expansivo, por não beber do seu, mas sim à custa alheia, puxa da garrafa e serve-lhe um copo de aguardente.

– Não, Stiopka, tu tens a obrigação – disse o amigo expansivo ao ver que não faz caso dele – porque é a tua obrigação.

– Não vale a pena estar gastando saliva por tua causa! – responde Stiopka.

– Não, Stiopka, tu mentes – afirma o primeiro, tirando o copo das mãos do taberneiro – porque tu me deves dinheiro ou então não tens consciência e falta-te um olho, porque também o emprestaste! És um velhaco, Stiopka, um velhaco é o que tu és, sem tirar nem pôr!

– Bem, deixa-te de insultos, senão entornas a aguardente! Já que fazem a honra de convidar-te, bebe! – grita o taberneiro para o amigo expansivo. – Ou tenho de estar à espera que bebas, até amanhã?

– Já bebo. Mas por que gritas? Hoje é dia de festa, Stiepan Drofiéietch – e com uma reverência, voltou-se para o outro, para Stiopka, ao qual havia pouco chamara velhaco. – Que vivas com saúde por cem anos, sem contar os que já viveste! – bebeu, pigarreou e limpou a boca com as costas da mão. – Dantes, meus amigos, eu aguentava muita aguardente – observou com seriedade, como se se dirigisse a todos e não a algum em particular – mas agora começo já a sentir o peso dos anos. Muito obrigado, Stiepan Dorofiéietch.

– Não tem de quê.

– Mas sempre te vou dizendo, Stiopka, que, à parte isto, tu és um grande velhaco para mim, como sempre digo…

– E eu, a ti, digo-te que és um bêbado indecente – interrompeu-o Stiopka, perdendo já a paciência. – Escuta bem cada uma das minhas palavras; este é o mundo: metade é para ti, metade para mim. Vai-te e não tornes a aparecer-me. Estou farto!

– De maneira que não dás o dinheiro?

– Que dinheiro te hei de dar eu, cachaceiro?

– Ah, sim! Pois hás de ir ter ao outro mundo para me devolveres… Mas então eu não o aceito. O nosso dinheiro foi bem ganho, custou suor e calos. Hás de ir para o outro mundo por causa dos meus cinco copeques.

– Vai para o diabo que te carregue!

– Para que me acossas? Não sou nenhum cavalo.

– Puxa, puxa!

– Velhaco!

– Forçado!

E os insultos tornaram-se agora ainda mais fortes do que antes do copo de aguardente.

Nas esteiras estão sentados dois amigos perto um do outro; um é alto, forte, vigoroso, um verdadeiro magarefe, de rosto corado. Pouco lhe falta para chorar porque está muito comovido. O outro é muito fraco, magro, de nariz comprido, que parece pingar-lhe, e uns olhinhos de suíno fixos no chão. É um homem delicado e educado; noutro tempo foi escriturário e trata o amigo com um pouco de altivez, pois no íntimo não vai com ele. Passaram o dia todo bebendo juntos.

– Excedeu-se! – grita o gordo, virando com força a cabeça do escriturário, com a mão esquerda, e segurando-a. O amigo gordo, que veio da classe dos suboficiais, inveja em segredo o seu amigo magro, e por isso falam um ao outro num estilo muito rebuscado.

– Pois eu te afirmo que não tens razão – começa o escriturário, dogmático, sem levantar os olhos para ele e fitando o chão com teimosa gravidade.

– Excedeu-se, não o ouves? – vocifera o outro, sacudindo ainda mais o seu querido amigo. – Tu és a única pessoa que me resta no mundo, compreendes? Por isso é só contigo que me abro; faltou à promessa que me fez!

– Torno a dizer-te, querido amigo, que essa azeda justificação só representa uma vergonha para o teu cérebro – responde o escriturário numa voz fraca e leve – e farias melhor em reconhecer, querido amigo, que toda essa bebedeira é efeito da tua inconstância pessoal…

O amigo gordo deita-se um pouco para trás, fica olhando estupidamente com os seus olhinhos de bêbado para o vaidoso escriturário e, de repente, de maneira completamente inesperada, descarrega com toda a força o seu enorme punho sobre a cara daquele. Assim termina a sua amizade nesse dia. O caro amigo jaz de sentidos perdidos sobre a esteira…

Mas eis que entra no nosso alojamento um amigo meu, da seção especial, um rapaz muitíssimo jovial, bonacheirão, esperto, gracejador

inocente e muito ingênuo. É o mesmo que no primeiro dia da minha estada no presídio, na cozinha, depois do rancho, perguntava onde é que vivia algum ricaço, afirmando que era ambicioso, e ao qual convidei para o meu chá. Devia ter quarenta anos, lábio inferior muitíssimo grosso, e nariz grande e gordo, marcado de pústulas, Tinha uma balalaica nas mãos, na qual tocava com indolência. Atrás dele vinha, como que a reboque, um condenado muito pequenino, com cabeça enorme, que eu só conhecia de vista. Aliás, ninguém reparava nunca nele. Era um indivíduo um pouco estranho, desconfiado, sempre calado e sério; trabalhava na alfaiataria e se esforçava visivelmente por viver retraído e não se relacionar com ninguém. Agora; bêbado também, pegava-se a Varlámov como a sua sombra. Seguia-o com uma terrível comoção, magoava os próprios braços, dava punhadas na parede, nas esteiras e quase choramingava. Segundo parecia, Varlámov não reparava nele nem por um momento, como se não o tivesse ao seu lado. É de notar que, até então, nunca esses dois homens tinham andado juntos; nem pela sua profissão nem pelo seu caráter havia nada de comum entre eles. Além disso pertenciam a seções diferentes e viviam também em alojamentos diferentes. O preso pequenino chamava-se… Búlkin.

Quando me viu, Varlámov riu-se francamente. Eu estava sentado na minha esteira, perto do fogão. Ele se plantou na minha frente; pareceu refletir um momento, depois voltou-se e, aproximando-se com passos hesitantes e arranhando levemente as cordas da sua balalaica, começou a recitar, batendo o compasso com os pés:

Rosto redondo, rosto branco,
Canta como o rouxinol.
Minha querida,
Com o seu vestidinho de cetim,
Com o seu lindo folho
Tão bonita…

Parecia que Búlkin tirara essa canção da sua cabeça; e movimentava os braços e, encarando todos, gritou:

– É tudo mentira, meu amigos, tudo mentira! Não diz nem uma palavra verdadeira; tudo mentira!

– Velhinho Alieksandr Pietróvitch! – exclamou Varlámov com um

sorriso ambíguo, olhando-me na cara e como se estivesse disposto a dar-me um beijo. Estava bêbado. A expressão Velhinho Fulano equivalia a Fulano, os meus respeitos e empregava-se em toda a Sibéria, até em referência a um jovem de vinte anos. A palavra velhinho significava qualquer coisa de respeitável, digno de referência e lisonjeiro.

– Então, Varlámov, então que tal?

– Vai-se andando. Mas quem celebra a festa começa por embebedar-se. Queira desculpar-me! – Varlámov falava com uma certa ênfase.

– É tudo mentira, tudo mentira! – gritou Búlkin desancando as esteiras com desespero. Mas, por mais que gritasse não conseguia que lhe dessem um mínimo de atenção, o que era muito cômico, pois Búlkin atrelara-se a Varlámov desde a manhã, não por isto ou por aquilo, mas sim precisamente porque Varlámov não fazia outra coisa senão mentir, como, não sei por que razão, lhe parecia. Seguia-o como uma sombra; investia com ele a cada palavra, gesticulava; esmurrava as esteiras e as paredes com os punhos, até se ferir; parecia sofrer, no seu íntimo, por Varlámov mentir sempre. É muito provável que, se tivesse cabelos na cara, os tivesse arrancado de tão furioso que estava. Parecia que a si próprio se tinha imposto a obrigação de responder por todas as mentiras de Varlámov, nem mais nem menos como se pesassem sobre a sua consciência todos os defeitos de Varlámov. Mas o mais engraçado é que este nem sequer olhava para ele.

– Tudo mentira, tudo mentira, tudo mentira! Nem uma só sequer das suas palavras é verdade! – gritava Búlkin.

– E isso que te importa? – respondiam-lhe os presos rindo.

– Participo-lhe, Alieksandr Pietróvitch, que fui um rapaz muito jeitoso e que as moças eram doidas por mim… – começou Varlámov de repente, sem mais nem menos.

– Mentira! Outra mentira! – atalhou Búlkin num gemido. Os presos desataram a rir.

– E eu, fazia-me todo presumido diante delas: camisa encarnada, calças largas e pregueadas, num esmero, como o conde Butílkin[29], isto é, bêbado como um sueco; numa palavra… Que mais podia eu desejar?

– Mentira! – afirmou Búlkin energicamente.

– Mas nesse tempo tinha eu, pelo lado do meu pai, uma casa de pedra de dois andares. Pois em dois anos dei cabo de tudo, ficaram-me só as portas, sem falar nos gonzos. É que o dinheiro… é como as pombas, vem e vai-se!

– Mente! – afirmou Búlkin ainda mais energicamente.

– Por isso agora me lembrei e escrevi daqui a meus pais uma carta de partir o coração; talvez me mandem dinheiro. Andavam sempre dizendo que eu me portava mal com os meus pais, que não lhes tinha respeito! Já decorreram sete anos que lhes mandei essa cartinha.

– E não tiveste resposta? – perguntei-lhe eu sorrindo.

– Não – respondeu ele, sorrindo também de repente e aproximando ainda mais o seu nariz do meu rosto. – Mas eu, Alieksandr Pietróvitch, tenho uma noiva aqui…

– Você? Uma noiva?

– Ainda há pouco tempo Anúfriev dizia: “Pode ser que a minha garota seja picada das bexigas, feia; mas em compensação tem muitos vestidos, ao passo que a tua é pobre como uma mendiga e veste roupa grosseira”.

– E isso é verdade?

– Certo, que é uma mendiga! – respondeu ele e esboçou um leve sorriso; ouviram-se também gargalhadas no alojamento. De fato, todos sabiam que estava em relações com uma mendiga e que em meio ano lhe dera dez copeques.

– Bem, e que mais? – perguntei, desejando ver-me finalmente livre dele.

Calou-se, olhou-me, comovido, e disse com ternura:

– Por causa disso, o senhor podia convidar-me para um trago de aguardente? Olhe, Alieksandr Pietróvitch, eu, durante todo o dia, só bebi chá – acrescentou, melancólico, pegando no dinheiro – e tomei tanto chá que me sinto sufocado e o chá me chocalha no estômago como numa garrafa…

Quando ele aceitou o dinheiro, a moral intempestiva de Búlkin pareceu ter atingido o paroxismo. Pôs-se a gesticular desoladamente e pouco lhe faltou para se pôr a chorar.

– Gente de Deus! – exclamou, dirigindo-se a todo o alojamento com estupefação. – Olhem para ele! Tudo quanto diz é mentira! Diga o que disser, tudo, tudo, tudo é mentira!

– Mas a ti que te importa? – gritavam-lhe os presos, admirados da sua veemência. – És um malcriado!

– Não consinto que minta! – exclamou Búlkin deitando chispas pelos olhos e descarregando punhadas com todas as suas forças nas esteiras. – Não quero que minta!

Deram todos uma gargalhada. Varlámov guarda o dinheiro, faz-me um gesto de agradecimento e, fazendo trejeitos, sai do alojamento em direção ao taberneiro, provavelmente. E parece então reparar nesse instante, pela primeira vez, em Búlkin.

– Vamos lá! – diz-lhe, parando à porta, como se realmente precisasse dele para alguma coisa. – Grande trambolho! – acrescenta com desdém, empurrando a sua frente o acalorado Búlkin e pondo-se outra vez a arranhar a balalaica. Mas como descrever aquele barulho! Até que por fim aquele dia opressivo acabou. Os presos deixam-se cair pesadamente nas esteiras. Durante o sono todos falam e deliram ainda mais do que nas outras noites. Jogam as cartas em qualquer canto. Há já algum tempo que o dia tão desejado passou. Amanhã recomeçará a rotina, o trabalho outra vez.

## Capítulo XI / O espetáculo

Três dias depois do Natal, certa noite realizou-se a primeira representação no nosso teatro. Os preparativos para a sua organização deviam ter sido muitos; mas os atores arranjaram-se de tal maneira que nós não percebíamos o caminho que as coisas iam levando nem do que faziam, ao certo. Também não sabíamos bem o que iam representar. Todos os atores, durante aqueles três dias, ao se dirigirem para o trabalho, esforçavam-se o mais que podiam por arranjar os trajes necessários. Baklúkhin, quando se encontrava comigo, limitava-se a fazer castanholar os dedos, de tão contente que andava. Parecia que o major do presídio também estava de bom humor. Aliás, nós ignorávamos completamente se ele sabia qualquer coisa do teatro. Se sabia, daria autorização formal ou decidiria simplesmente guardar silêncio, encolhendo os ombros perante aquela travessura dos presos e exigindo, naturalmente, que tudo se fizesse o mais ordenadamente possível. Penso que ele estava a par do teatro, que fatalmente havia de saber, mas que não queria imiscuir-se no assunto, compreendendo que talvez fosse pior proibi-lo; os presos costumavam fazer disparates, embebedarem-se, por isso era preferível que se ocupassem com qualquer coisa. Atribuo este pensamento ao major do presídio, unicamente por ser o mais natural, provável e santo. Também poderia acontecer que dissesse para consigo: “Se os presos não arranjassem teatro nos dias festivos ou alguma distração do gênero, seriam os próprios superiores que deviam encarregar-se de imaginá-lo”. Mas como o nosso major se distinguia precisamente pela sua maneira de pensar diferente de todos os outros mortais, incorro em imprudência ao atribuir-lhe tamanha responsabilidade, supondo que estava informado da representação e que tinha dado o seu consentimento para ela. A um homem como o major era absolutamente necessário oprimir sempre alguém, tirar algo a qualquer outro, despojar um terceiro dos seus direitos; em suma, alterar a ordem de qualquer maneira. A este respeito era célebre em toda a cidade. Que lhe importava a ele que, precisamente por causa da sua opressão, se produzissem atrevimentos no presídio? O castigo fez-se para a insolência (assim pensam os indivíduos da têmpera do nosso major); com esses patifes dos presos é preciso uma severidade rigorosa, aplicação estrita da lei… Isso é que é preciso e nada mais! Estes inflexíveis cumpridores da lei não compreendem que a sua aplicação estrita, sem discernimento, sem compreensão da sua alma, conduz

diretamente à desordem e nada mais pode gerar senão desordem. “A lei é que o diz, portanto, que mais?”, dizem eles e espantam-se sinceramente de que se lhes exija como complemento, ao aplicar a lei, um juízo são e uma mente lúcida. Sobretudo isto parece a muitos deles um luxo supérfluo e irritante, uma opressão feita sobre a sua personalidade, uma intolerância.

Mas, fosse como fosse, o suboficial decano não foi desfavorável à pretensão dos presos e disto é que eles precisavam. Posso afirmar que o teatro e a gratidão por o terem consentido eram a causa de que, nos dias festivos, não se produzissem em todo o presídio uma desordem séria, nem um roubo. Fui testemunha de que os forçados faziam calar alguns bêbados e brigões, somente com o receio de que proibissem o teatro. O suboficial obteve a palavra dos presos de que tudo se faria com ordem e de que eles se portariam bem. Concordaram e cumpriram religiosamente a sua promessa; ficaram muito lisonjeados por terem confiado na sua palavra. É preciso dizer também que dar consentimento para a realização do teatro não implicava o menor sacrifício para os superiores. Não era necessário marcar previamente os lugares; o teatro armava-se e desarmava-se num quarto de hora. A representação devia durar uma hora e meia e, se se recebesse de repente indicação superior para suspender a representação… tudo seria recolhido num instante. Os trajes tinham-nos os presos escondidos nos seus baús. Mas, antes de mais, quero dizer como arranjaram o teatro e quais eram concretamente esses trajes, e falarei do programa do teatro; isto é, do espetáculo que se propunham representar.

Não havia um programa especial manuscrito. Para a segunda ou terceira representação apareceu um, redigido por Baklúkhin, destinado aos senhores oficiais e aos importantes visitantes que tinham honrado o teatro com a sua presença, na primeira representação, e que eram: dos senhores, assistiam geralmente o oficial de reserva, e uma vez assistiu também o próprio oficial encarregado do comando dos oficiais da guarda. Assistiu também uma vez o oficial engenheiro; nesses casos forneciam programas a esses espectadores. Os presos supunham que a fama do nosso teatro presidial se estendia até bem longe, pelo forte e até pela cidade, tanto

mais que nela não havia teatro. Quando muito haveria algum espetáculo de amadores. Os presos ficavam contentes como crianças por menor que fosse o êxito e punham-se todos ufanos. “Quem sabe – pensavam e diziam no seu íntimo, para consigo – se os chefes superiores virão a saber e virão assistir; então é que eles veriam o que são os presos!” Não se tratava de nenhum espetáculo de soldados, com espantalhos, barcos flutuantes e ursos e cabras que se põem de pé. Aqui são atores, verdadeiros atores, que representam uma comédia de “senhores”; um teatro assim não existe na cidade. Dizem que o general Abróssimov deu uma vez um espetáculo e que ainda há de dar mais; pois bem, pode ser que em matéria de guarda-roupa nos levem a palma, mas, quanto ao diálogo, devia ficar muito abaixo do nosso. A sua fama chegou até ao governador e “Quem sabe – o diabo tece-as – é possível que sinta vontade de vir ver. Na cidade não há teatro…”. Enfim, a fantasia dos presos, sobretudo quando do primeiro êxito, tocou o extremo nos dias festivos, chegaram até a imaginar recompensas ou abreviação do prazo dos trabalhos, embora ao mesmo tempo se pusessem logo depois a rir como crianças dos seus próprios sonhos. Eram umas crianças, completamente umas crianças, apesar de alguns dos que representavam terem já os seus quarenta anos.

Mas, apesar de não haver programas, eu conhecia já a grandes traços o programa do projetado espetáculo. A primeira peça era *Filatka e Mirochka, rivais*. Baklúkhin, uma semana antes do espetáculo, afirmou diante de mim que o papel de Filatka, que estava a seu cargo, havia de ser desempenhado de uma maneira como não o faziam no teatro em Petersburgo. E repetia isso pelos alojamentos, gabava-se de um modo descarado e sem ponta de vergonha, mas, ao mesmo tempo, com a mais completa bonacheirice; às vezes, de repente, dizia qualquer coisa de teatral, isto é, que pertencia ao seu papel, e todos desatavam a rir, tivesse ou não graça aquilo que ele dizia. Quanto ao mais, devo reconhecer que os presos souberam dominar-se e manter a sua dignidade; para admirar as tiradas de Baklúkhin e falar dos preparativos do teatro, era preciso ser, ou novato sem autodomínio, ou então um forçado cuja autoridade estivesse solidamente estabelecida e que pudesse exprimir os seus sentimentos sem rodeios, ainda os mais ingênuos (o que no presídio é o pior dos defeitos). Os outros escutavam os boatos e calavam-se; verdadeiramente não

censuravam nem contradiziam; mas punham o maior empenho em receber os rumores acerca do teatro com indiferença e, em parte, também com desdém. Somente no fim, já quase no próprio dia do espetáculo, é que começaram todos a interessar-se. “Que será? Que farão eles? E o major? Sairá tudo tão bem como há dois anos?” etc. Baklúkhin afirmava-me que os atores tinham sido muito bem escolhidos, que cada um deles estava onde devia estar. E que já tinham o pano. Que o papel da noiva de Filatka seria feito por Sirótkin. “Há de ver como ele fica, vestido de mulher!”, dizia, piscando o olho e dando estalos com a língua. A “Caseira benfeitora” teria um vestido com folhos pregueados, uma capa e uma sombrinha na mão; e o “Caseiro benfeitor” usaria um sobretudo de oficial com dragonas e uma bengala de punho. Depois vinha a segunda peça dramática: *Kledril*, o *glutão*. O título interessou-me bastante; mas, por mais que perguntasse pormenores da obra, nada pude saber antecipadamente. Sabia unicamente que não tinha sido tirada de nenhum livro, mas de uma cópia manuscrita; que a tinham obtido de certo oficial reformado que vivia nos arrabaldes e que provavelmente a teria visto representar alguma vez em algum teatro de quartel. Entre nós, em cidades e capitais remotas, há peças teatrais deste gênero que, segundo parece, não têm autor conhecido, que toda a gente conhece, que talvez nunca tivessem sido impressas e constituem e representam, só por si, o patrimônio indispensável de todo teatro popular na zona conhecida da Rússia. Disse teatro popular intencionalmente. Seria muito acertado que algum dos nossos eruditos se ocupasse nessas investigações, mais escrupulosos do que até aqui, acerca do nosso teatro popular, o qual existe e pode ser até que tenha algum valor. Não quero acreditar que tudo quanto vi depois entre nós, no nosso teatro presidial, fosse invenção dos nossos presos. Trata-se, sem dúvida, de uma herança da tradição, de ideias e conceitos estabelecidos de uma vez para sempre e que se vão transmitindo de geração em geração e desde tempos imemoriais. É preciso ir procurá-las entre os soldados e os operários das fábricas, nas cidades fabris e também em alguns ignorados e pobres vilórios, e entre a gente rica. Conservam-se também nas aldeolas e nas capitais dos distritos, entre os servos das grandes casas de proprietários. Penso também que muitas peças antigas se espalharam em cópias pela Rússia, por intermédio dos servos da classe senhorial. Os senhores e os nobres

moscovitas de outrora tinham os seus teatros particulares a cargo de artistas servos. E foi nesses teatros que nasceu a nossa arte dramática popular, cujas características são inconfundíveis. Pelo que respeita a *Kiedril, o glutão*, por muito grande que fosse a minha vontade, nada pude saber com antecedência, a não ser que entravam em cena os espíritos do mal e levavam Kiedril para o inferno. Mas que significava isso de Kiedril e, finalmente, por que havia de ser Kiedril e não Kidril? Tratava-se de uma peça de origem nacional ou estrangeira? Nada disso consegui averiguar. Por último tornou-se público que iam representar uma pantomina com música. Não há dúvida de que tudo isso era muito curioso. Eram quinze os atores, todos gente esperta e hábil. Rebuliam, ensaiavam, às vezes por detrás dos alojamentos; ocultavam-se, escondiam-se. Em suma: queriam assombrar os outros com qualquer coisa de extraordinário e inesperado.

Nos dias de trabalho o presídio fechava cedo, assim que anoitecia. Mas durante a quadra do Natal faziam uma exceção; só fechava à hora de recolher. Esta exceção era especialmente favorável para o teatro. Durante a época festiva, todos os dias, antes de anoitecer, enviavam alguém do presídio a pedir humildemente ao oficial da guarda "que desse autorização para o teatro e não fechasse logo o presídio", acrescentando que à noite havia teatro e era preciso ele estar aberto; e que não se produziria nenhuma desordem. O oficial de guarda fazia este raciocínio: "De fato, ontem, não houve desordem e agora, me dão eles a sua palavra que esta noite também não haverá; isto é, eles se encarregam de vigiar e isto é o melhor de tudo. Se não dou autorização para o espetáculo, não seria improvável (sabe-se lá, sempre são presidiários!) que provocassem intencionalmente alguma desordem e fizessem sair a guarda." E por fim este outro: "Isto aqui, no corpo da guarda, é um aborrecimento, ao passo que aí há um teatro, não um simples teatro de soldados, mas de presos, e os presos são gente curiosa; será uma distração ir vê-los". O oficial da guarda tinha sempre o direito de assistir.

Aparece o chefe de serviço e diz: "Onde está o oficial?". "Foi no presídio contar os presos e fechar os alojamentos." Primeira resposta e primeira desculpa. E assim, os oficiais da guarda, todas as noites, enquanto duraram as festas deram a sua permissão para o teatro e só

fecharam os alojamentos à hora de recolher. Os presos sabiam de antemão que da parte do guarda não haveria obstáculo e estavam tranquilos.

As sete horas Pietrov veio ter comigo e saímos juntos para assistir ao espetáculo. Do nosso alojamento vieram quase todos, exceto o velho crente e os polacos. Os polacos só na última representação, a quatro de janeiro, é que se decidiram a assistir ao teatro e isso apenas depois de se lhes ter afirmado muitas vezes que estava tudo muito bem, divertido e tranquilo. A altivez dos polacos fazia sofrer os presos; mas no dia quatro de janeiro tiveram um acolhimento muito amável. Até lhes guardaram os melhores lugares. Quanto aos circassianos, e sobretudo para Issai Fomitch, o nosso teatro foi um verdadeiro prazer. Issai Fomitch dava cada noite uns três copeques, e na última pôs dez na bandeja, e no seu rosto se refletia a felicidade. Os atores iam recolhendo da mão dos espectadores o que estes entendessem por bem dar, e os donativos se destinavam ao teatro e ao próprio conforto. Pietrov garantia que haviam de dar-me um dos primeiros lugares, por muito cheio que o teatro estivesse, fundamentando-se em que eu, por ser mais rico do que os outros, provavelmente daria mais, para não falar naquilo que eu sabia mais do que eles, daquelas coisas. Assim aconteceu. Mas descreverei em primeiro lugar a sala e a aparência do teatro.

O nosso alojamento militar, no qual armaram o teatro, tinha quinze passos de largura. Do pátio subia-se por uma escadinha; da escadinha passava-se para o andar e do andar para o alojamento. Este alojamento comprido, como já disse, tinha uma construção especial: as esteiras eram encostadas à parede, de maneira que o centro do compartimento ficava livre. A metade da sala mais próxima da entrada, com o degrau, foi deixada para os espetadores; a outra metade, que se comunicava com outro alojamento, foi destinada para cenário. Antes de mais, o que sobretudo me chocou foi o pano de fundo. Apanhava uns dez passos de todo o alojamento, à largura. Era um pano de tal luxo que, na verdade, causava admiração. Além disso era pintado a óleo; representava um campo com caramanchões, lagos e estrelas. Era de pano, novo e velho, conforme aquilo que cada um tinha dado e sacrificado; de batas e camisas velhas dos presos, cosidas

umas às outras, para formar uma peça grande e, finalmente, parte dela, para a qual o pano não chegara, era simplesmente de papel, formado também da mesma maneira, às folhas, angariadas em várias oficinas e escritórios. Os nossos pintores, entre os quais se distinguia também "Briúlov" isto é, A…v, encarregaram-se de pintá-lo e decorá-lo. De fato, era surpreendente. Um tal luxo alegrava até aos presos mais severos e impassíveis, os quais, ao presenciarem o espetáculo, pareciam todos tão criançolas como os mais vivos e ruidosos. Estavam todos muito contentes, até exageradamente contentes. A iluminação consistia em algumas velas de sebo partidas em pedaços. Em frente do pano havia dois bancos da cozinha e, diante dos bancos, três ou quatro cadeiras que tinham vindo do quarto do suboficial. Essas cadeiras destinavam-se aos oficiais, mas pareciam ter sido colocadas ali por acaso. Os bancos eram para os suboficiais e para os escriturários dos serviços de Engenharia, para os vigilantes e mais pessoal subalterno, assim como para os superiores que não tinham grau de oficial. E foi o que aconteceu: não faltaram visitantes de todas as categorias durante a festa; numas tardes foram mais, noutras menos; mas no último espetáculo não ficou desocupado nem um só dos bancos. E, por fim, os presos se colocaram atrás dos bancos, de pé, por respeito para com os visitantes, sem gorro, com as jaquetas e meios pelicos, apesar do ambiente sufocante, denso, da sala. Não há dúvida de que o lugar destinado aos presos era muito exíguo. Além de estarem literalmente sentados uns em cima dos outros, sobretudo nas últimas filas, também as esteiras e os entrebastidores estavam ocupados e, finalmente, havia entusiastas que afluíam sem cessar ao teatro, vindos do outro alojamento e, havia ainda, por detrás dos entrebastidores traseiros, quem assistisse ao espetáculo. A exiguidade da primeira metade do alojamento era extraordinária, comparável à exiguidade e aperto que havia pouco eu tinha visto no banho. A porta do vestíbulo estava aberta: nele, onde a temperatura era de vinte graus, havia também gente apinhada. Empurravam-nos para a frente, a mim e a Pietrov, quase para os bancos, onde se via muito melhor do que nos lugares de trás. Não há dúvida de que a mim tinham por um crítico, que já tinha visto outros espetáculos; sabiam que Baklúkhin durante todo aquele tempo se aconselhara comigo e me tratava com respeito; para mim tinham honras e um lugar. Não façamos reparo em que os presos eram gente vaidosa e aturdida; mas tudo isto era só na

aparência. Os presos podiam rir de mim, ao ver que eu era o pior de todos os que os ajudavam no trabalho. Almázov podia olhar-nos, a nós, os nobres, com desdém, gabando-se diante de todos da sua habilidade para triturar o calcário. Para os seus vexames e troças contribuía também outra coisa: nós tínhamos sido nobres noutro tempo, pertencíamos à mesma classe que os seus antigos senhores, dos quais não podiam guardar boas recordações. Mas agora, no teatro, afastavam-se diante de mim. Reconheciam que, em assuntos teatrais, eu podia julgar melhor do que eles, que via e sabia mais. Até aqueles que não me encaravam com simpatia (eu sabia que assim era) desejavam agora os meus elogios para o seu teatro e, sem a menor humilhação, procuravam-me o melhor lugar. É o que penso agora, ao evocar as minhas impressões de então. Parecia-me que na sua justa opinião acerca de si mesmos não havia nada de baixeza e apenas o sentimento da dignidade pessoal. O traço característico mais elevado e enérgico do nosso povo é o sentimento da justiça e uma ânsia dela. O vaidoso costume de se pôr diante de toda a gente, nas primeiras filas, seja como for, mereça-se ou não se mereça, não existe no nosso povo. Basta somente levantarmos a casca exterior, artificial, e olhar para o miolo atentamente, mais de perto, sem preconceitos, para descobrirmos no povo propriedades que não suspeitávamos. Os nossos sábios não podem ensinar grande coisa ao povo. E mais, afirmo decididamente que teriam até muito a aprender com ele.

Assim que entramos no teatro, Pietrov disse-me ingenuamente que me colocariam à frente pelo motivo de eu dar mais dinheiro. Não havia preço fixo: cada um dava o que podia e queria. Quase todos davam qualquer coisa, ainda que fosse só um *groch*, quando lhe apresentavam a bandeja. Mas, se me colocaram à frente, foi em parte pelo dinheiro, pensando que eu daria mais que os outros, mas também um pouco por causa desse sentimento de dignidade pessoal: “Tu és mais rico do que eu, por isso vai para a frente, e embora aqui sejamos todos iguais, tu darás mais e, por isso, um espectador como tu é mais agradável para os atores; é para ti o primeiro lugar, porque todos nós não estamos aqui pelo dinheiro, mas sim por respeito; devemos classificar-nos a nós próprios”. Quanto verdadeiro e nobre orgulho havia nisto! Não era respeito pelo dinheiro, mas respeito por si próprio. De maneira geral não se conseguia respeito pela pessoa, com

o dinheiro, com a riqueza, sobretudo se considerarmos os presos em conjunto, sem fazer distinção, em massa, em grupo. Também não me lembro que algum deles se rebaixasse seriamente pelo dinheiro, ainda que os considerássemos um a um. Comigo eram pedintes, exploradores. Mas nisso havia mais fanfarroneria e velhacaria do que outra coisa, mais humor e ingenuidade. Não sei se consigo fazer-me entender… Mas já me esquecia do teatro. Vamos ao assunto.

Enquanto o pano não se erguia, toda a sala apresentava um estranho e animado quadro. Em primeiro lugar tínhamos um grupo de espectadores apertados, comprimidos, sacudidos por todos os lados, cheios de impaciência e com uma expressão de beatitude no rosto, à espera do começo do espetáculo. Nas últimas filas, indivíduos que se apinhavam uns sobre os outros. Muitos tinham trazido madeiros da cozinha; colocando um tronco grosso junto da cozinha, o sujeito empinava-se sobre ele com os pés, apoiava-se com as duas mãos sobre os ombros daquele que tinha na sua frente e, sem mudar de posição, ficava assim duas horas muito satisfeito consigo mesmo e com o seu lugar. Outros encarrapitavam-se sobre o fogão, nos rebordos salientes, e assim ficavam todo tempo, apoiando-se no da frente. Ao lado desta, junto das esteiras, havia também um grosso grupo em cima dos músicos. Aí havia bons lugares. Cinco homens estavam empoleirados em cima do fogão, e aí, de bruços, olhavam para baixo. Que felizardos! Nos parapeitos das janelas, na outra parede, apinhavam-se também grupos de retardatários ou de indivíduos que não tinham conseguido um bom lugar. Todos se mantinham sossegados e com compostura. Todos queriam mostrar perante os senhores e os visitantes a sua melhor parte. Em todos os rosto se refletia a mesma expectativa ingênua. Todos os rostos estavam corados e banhados de suor, devido ao calor e à falta de ar. Que estranho reflexo de alegria pueril, de boa e honesta satisfação refulgia naquelas frontes e faces desfiguradas e marcadas, nos olhares daqueles homens, até ali retraídos e duros, naqueles olhares em que às vezes chispava um fogo estranho! Estavam todos de cabeça descoberta e na primeira fila, todas as cabeças se mostravam rapadas. Mas ouvem-se passos, ruídos, no palco. O pano sobe logo a seguir. A orquestra começa a tocar… É digna de recordar-se, esta orquestra. A um lado, junto das esteiras, estão reunidos oito músicos; dois violinos: um existia no presídio,

outro foram buscá-lo não sei onde, ao forte, mas aquele que o tocava era dos nossos; três balalaicas – todas obra dos presos – duas guitarras e um tamborim, em vez de contrabaixo. Os violinos não faziam mais do que ranger e estalar; as guitarras eram péssimas; mas em compensação, as balalaicas eram maravilhosas. A destreza no pulsar das cordas igualava decididamente a do mais hábil executante. Tocavam apenas motivos de dança. Nos passos mais próprios para serem dançados os tocadores batiam com as cabeças dos dedos na tampa das balalaicas; o tom, o gosto, a execução, a maneira de tratar o instrumento, o caráter da reprodução do motivo, tudo aquilo era seu, original, próprio do presídio. Um dos guitarristas sabia também tocar magistralmente o seu instrumento. Era aquele aristocrata que tinha morto o pai. Quanto ao tamborim, havia simplesmente milagres: tão depressa repicava com um só dedo, como passava o polegar pela pele; ora se ouviam pancadas seguidas, retumbantes e monótonas, ora, de repente, aquele dobre forte, cheio, parecia decompor-se numa saraivada, em um número incontável de pequenos, cantantes e claros sons. Finalmente ouviram-se também dois acordeãos. Palavra de honra… Eu, até então, não fazia ideia do que podia conseguir-se com esses instrumentos simples e populares; a harmonia entre os sons, a execução, mas, sobretudo, a alma, o caráter da ideia e a reprodução do motivo eram simplesmente admiráveis. Pela primeira vez compreendi então perfeitamente tudo quanto há de infinitamente indômito nas indômitas toadas do bailado russo. Até que o pano subiu. Todos se agitaram, todos mudaram o pé em que se apoiavam, os últimos puseram-se em pontas, outros subiram para o seu madeiro; todos, desde o primeiro ao último, abriram a boca e aguçaram o olhar, e reinou então o silêncio mais completo… O espetáculo ia começar…

Junto de mim estava Ali, de pé, no grupo dos irmãos, e os outros circassianos. Eram todos apaixonados pelo teatro e não faltavam nenhuma noite. Todos os muçulmanos e os tártaros são sempre muito apaixonados por todo gênero de espetáculo, segundo pude observar, não uma só vez, mas várias. Perto deles via-se também Issai Fomitch, o qual, desde que se levantou o pano, era todo olhos e ouvidos e estava possuído da mais ingênua e ávida expectativa de espanto e de gozo. Teria sido doloroso se viesse a ter uma decepção nas suas expectativas. O simpático rosto de Ali brilhava num júbilo tão infantil

e belo, que, confesso, sentia uma alegria atroz em olhá-lo, e lembro-me de que, involuntariamente, a cada gesto cômico e acertado dos atores, quando se produzia uma gargalhada geral, eu me voltava imediatamente para olhar para Ali e divertir-me com a sua cara. Ele não me via, não me dava atenção. Muito próximo de mim, do lado esquerdo, encontrava-se de pé um preso já entrado em anos, sempre triste, sempre descontente e resmungando. Pois também ele reparou em Ali e tive oportunidade de observar como se voltava várias vezes para o olhar, com um meio sorriso, tão simpático era ele! Chamava-lhe Ali Siemiônitch, não sei por quê.

Principiou a peça *Filatka e Mirochka*; Filatka (Baklúkhin) tinha, de fato, muita habilidade. Representou o seu papel com admirável fidelidade. Era evidente que meditara cada palavra, cada gesto. Sabia dar intenção e significado a cada palavra e a cada gesto, perfeitamente de acordo com o caráter do seu papel. Acrescentai a esse esforço, a esse estudo admirável, uma alegria espontânea, uma simplicidade e uma naturalidade tais, que se tivésseis visto Baklúkhin, teríeis sem falta de reconhecer que era um verdadeiro ator, um ator nato e com muito talento. Tinha visto já *Filatka*, por mais de uma vez, nos teatros moscovitas e petersburgueses, e declaro terminantemente que os atores dessas capitais, que tinham desempenhado o papel de Filatka, o fizeram pior do que Baklúkhin. Comparados com ele eram artificiais e não uns autênticos camponeses. Punham demasiado empenho em imitá-los. Além disso Baklúkhin era espicaçado pela emulação: todos sabiam que na segunda peça o papel de Kiedril havia de ser desempenhado pelo preso Podsílkin, que todos os outros, não sei por que, consideravam com mais dotes, superior a Baklúkhin, o que muito fazia sofrer este. Quantas vezes se aproximara de mim naqueles últimos dias, comunicando-me os seus sentimentos! Duas horas antes do começo do espetáculo começara a sentir febre. Quando se punham a rir e o público lhe gritava: “Muito bem, Baklúkhin! Bravo!”, todo o seu rosto resplandecia de felicidade e nos seus olhos chispava o fogo duma autêntica inspiração. A cena do beijo a Mirochka, quando Filatka grita previamente: “Limpa-te!”, e ele se limpa, foi de grande comicidade. Houve uma gargalhada geral. Mas o mais interessante para mim eram os espectadores, que, descontraídos, se entregavam sem peias e sem reservas à sua alegria, à sua satisfação. As ovações

repetiam-se cada vez com mais frequência. Aí têm um que dá uma cotovelada ao companheiro e lhe comunica apressadamente as suas impressões, sem saber nem ver quem tem a seu lado; outro, a cada cena cômica, volta-se de repente, entusiasmado, para o público, olha fixamente para todos, como incitando-os a dar risada; agita a mão e logo a seguir volta-se avidamente para o palco. Um terceiro dá estalos com a língua e com os dedos e não pode ficar quieto no seu lugar e, como não pode sair dali, limita-se a mudar de posição. No final da peça a alegria atingiu o cúmulo. Não exagero absolutamente nada. Imaginem um presídio, cadeias, cativeiro, a perspectiva de longos anos tristes à frente, uma vida monótona, num sombrio dia outonal, e que de repente permitem a tudo quanto tem reprimido, soterrado, desentorpecer, alegrar-se, esquecer o pesadelo, fazer um teatro. E de que maneira! Para se pavonearem diante de toda a cidade e deslumbrá-la… para que se saiba, que diabo! quem são os nossos presos. Não há dúvida que, para eles, tudo foi motivo de preocupações: os trajes, por exemplo. Para eles era extraordinariamente curioso verem, por exemplo, Vanhka Otpiéti,[30] ou Nietsvietáiev, ou Baklúkhin, noutro traje completamente diferente daquele com que durante tantos anos diariamente os viam: "Aí o tens: é um presidiário, nada mais que um presidiário; rangem-lhe as cadeias e, no entanto, agora aparece de sobretudo, chapéu redondo, capa… exatamente como um conselheiro de Estado. Pôs uns bigodes e meia peruca postiços. Olha como tira um lencinho vermelho do bolso, como se abana e se dá ares de senhor; tal qual um senhor…". Todos se entusiasmam. O "Caseiro benfeitor" apareceu em cena vestindo uniforme de ajudante, já muito velho, com dragonas, um gorrozinho com borla, e fez um efeito extraordinário. Para esse papel havia dois amadores e – querem acreditar? – os dois, como autênticas crianças, brigaram um com o outro para verem qual dos dois havia de o fazer: queriam os dois ostentar aquele uniforme de oficial com dragonas. Tiveram os outros atores de separá-los e decidiram, por maioria de votos, confiar o papel a Nietsvietáiev, não porque tivesse melhor apresentação que o outro e portanto se parecesse mais com um senhor, mas porque Nietsvietáiev assegurou a todos que apareceria em cena com bastãozinho e havia de atirá-lo ao chão e bater com ele, como um verdadeiro senhor, como o mais refinado frajola, coisa que Vanhka Otpiéti não podia oferecer, pois jamais na sua vida tinha visto

um senhor de verdade. E de fato, Nietsvieláiev, ao apresentar-se perante o público no seu papel de senhor, não fez outra coisa senão bater rápida e levemente no chão com o seu fino bastãozinho de cana, que, sabe-se lá onde o teria ido arranjar, provavelmente por considerar isso como o sinal da soberania suprema, da elegância e distinção soberanas. Provavelmente, alguma vez, criança ainda, quando andaria descalço, tivera ocasião de admirar a elegância do vestuário do senhor, com o seu bastãozinho, e se vira talvez seduzido pela sua habilidade para brincar com ele, ficando-lhe essa impressão para sempre bem gravada na alma, de maneira que agora, passados trinta anos, recordava tudo como vira, para completa admiração e gáudio de todo o presídio. Nietsvietáiev estava a tal ponto preocupado com o seu papel que não olhava para nenhum lado nem para ninguém, e até falava sem levantar a vista, e não fazia outra coisa senão seguir com o olhar a ponta da sua bengala. A "Caseira benfeitora" desempenhou também o seu papel de maneira notável; apareceu em cena com um vestido velho, usado, de musselina, que tinha o aspecto de um autêntico farrapo, sem mangas e de decote, com uma cara exageradamente empoada e pintada, uma touca branca de dormir, que se atava debaixo do queixo, uma sombrinha numa mão e na outra um leque de papel pintado, que abanava constantemente. Uma salva de risos acolheu a dama; e nem ela própria conseguia conter-se e por mais de uma vez desatou também a rir. Quem fazia o papel de senhora era o preso Ivanov Sirótkin; ficava muito engraçado, disfarçado de mulher. As cançonetas saíram-lhe muito bem. Em suma: a peça acabou com a mais completa e geral satisfação. Críticos não havia, pois não podia havê-los.

Tornaram depois a tocar a abertura – *Sombras, sombras minhas* – e outra vez o pano se ergueu. Era *Kiedril*. *Kiedril* era qualquer coisa parecida com *Don Juan*; pelo menos, tanto o amo como o criado, no fim da peça, são conduzidos ao inferno. Representaram um ato inteiro, mas, pelo visto, cortado: faltavam o princípio e o fim. Quanto a sentido e intenção, não tinha nenhuns. A ação se passava na Rússia, em alguma estação de postas. O estalajadeiro introduzia o amo no quarto, o qual ia metido numa capa e com chapéu redondo e revirado. Seguia-o seu criado Kiedril, com um baú e um frango assado embrulhado em papel azul. Kiedril trazia pelico curto e gorro de

lacaio. Era o glutão. Quem representava esse papel era o preso Podsílkin, o rival de Baklúkhin; quem fazia de senhor era também o mesmo Ivanov, que tinha desempenhado o papel de “Caseira benfeitora” na primeira peça. A estalajadeira, Nietsvietáiev, anuncia ao hóspede que há demônios no quarto e retira-se. O hóspede, grave e preocupado, resmunga para consigo, dizendo que já sabe disso há muito tempo, e ordena a Kiedril que arrume as coisas e prepare a ceia. Kiedril é covarde e comilão. Ao ouvir falar de demônios, empalidece e treme como uma vara verde. Gostaria de sair correndo, mas tem medo do patrão. Além disso tem apetite. É guloso, néscio e esperto à sua maneira; covarde, a cada passo engana o seu senhor e, ao mesmo tempo, teme-o. É um tipo curioso de criado, que apresenta uns traços vagos e longínquos de Leporello[31] e, de fato, representaram-no de uma maneira notável. Podsílkin tinha inegável talento e, a meu ver, era ainda melhor do que Baklúkhin. Eu, naturalmente, quando no dia seguinte me encontrei com Baklúkhin, não lhe exprimi completamente a minha opinião, pois teria sido para ele um grande desgosto. O preso que fazia o papel de senhor também não o fez mal: disse terríveis absurdos mas a sua pronúncia era correta e insinuante; e o gesto, ponderado. Enquanto Kiedril deixa o baú no chão, o amo caminha no palco, preocupado, de um lado para o outro, e murmura, de maneira que todos possam ouvi-lo, que nessa noite hão de acabar todos os seus desregramentos. Kiedril, curioso, espevita o ouvido, faz caretas e diz apartes e dá assim ocasião a que os espectadores riam à gargalhada, a cada palavra sua. Não tem pena do patrão, mas como ouviu falar de demônios e queria saber que gênero de criaturas serão, começa a fazer observações e perguntas. O patrão explica-lhe por fim como, certa vez, que se encontrou em apuros, implorou a ajuda do inferno, e como os demônios o livraram de dificuldades; mas que termina naquele dia o prazo e que é muito possível que, obedecendo à combinação, venham buscar-lhe a alma. Kiedril começa a sentir medo. Mas o patrão não perde a cabeça e manda-o preparar a ceia. Assim que ouve falar de ceia, Kiedril reanima-se, puxa do frango, de vinho e, ainda antes de ter dado por isso, já ele meteu na boca e engoliu um pedaço de frango. O público ri. De repente a porta range e o vento bate nas janelas; Kiedril estremece, e depressa, quase inconscientemente, mete na boca um pedaço enorme de frango que não pode engolir. Novos risos. “Está pronto?”, pergunta-lhe o senhor dando voltas pelo aposento. “Vai já,

senhor… estou a prepará-lo”, diz Kiedril, que está muito bem sentado à mesa e com a maior tranquilidade se dispõe a comer a ceia do amo. O público estava visivelmente encantado com a insolência e a astúcia do criado e com o fato de o senhor ser um palerma. É preciso reconhecer que, efetivamente, Podsílkin era digno de elogio. A frase “Vou já, senhor… estou a prepará-lo”, disse-a de uma maneira admirável. Sentado à mesa, põe-se a comer com sofreguidão, dá um pulo a cada passo do amo, não vá ele reparar no seu atrevimento; assim que ele dá meia volta, esconde-se debaixo da mesa e esconde também o frango. Até que saciou já um pouco o seu apetite; chegou o momento de atender o senhor. “Kiedril, isso está pronto?”, grita o amo. “Já está!”, responde descaradamente Kiedril, reparando que já pouco resta para o senhor. De fato, há apenas no prato um lombo de frango. O senhor, carrancudo e preocupado, senta-se à mesa sem reparar em nada e Kiedril coloca-se atrás da cadeira com a toalha. Cada palavra, cada gesto, cada careta de Kiedril, quando, voltado para o público, aponta o tolo do patrão, provoca nos espectadores gargalhadas irreprimíveis. Mas eis que, ainda mal o senhor provou o primeiro pedaço, se apresentam os demônios. Agora já não é possível compreender nada e nem os próprios diabos se apresentam na maneira como as pessoas imaginam: por uma abertura lateral abre-se uma porta e aparece nela um vulto branco, mas, em vez de cabeça, tem uma lanterna com velas; outro fantasma, também com uma lanterna na cabeça, segura nas mãos um gadanho. Por que as lanternas, por que o gadanho, por que os diabos de branco? Ninguém pode explicar. Embora, afinal, ninguém pense nisso. Assim é e assim deve ser. O senhor vira-se para os diabinhos, com bastante coragem, e comunica-lhes que está disposto a ir com eles. Mas Kiedril tem medo; como uma lebre, esconde-se debaixo da mesa; mas, apesar do seu medo, não se esquece de pegar na garrafa que está em cima da mesa. Os diabos, passado um momento, desaparecem. Kiedril sai de debaixo da mesa; mas ainda mal o senhor começa a atirar-se de novo ao frango, logo três diabos penetram outra vez no quarto, o agarram por trás e carregam com ele. “Kiedril, salva-me!”, grita o patrão. Mas Kiedril não pensa em tal coisa. Desta vez levou consigo para debaixo da mesa a garrafa, o prato e até o pão. Mas ei-lo agora sozinho, pois não estão nem os diabinhos nem o patrão. Kiedril sai do seu esconderijo, relanceia a vista à sua volta e um sorriso ilumina o seu

rosto. Pisca o olho com malícia, senta-se no lugar do senhor e, fazendo um sinal para o público, murmura em voz baixa: – Eia! Agora já estou sozinho… sem patrão!

Todos acolhem este dito com uma gargalhada. No entanto ele acrescenta a meia voz, dirigindo-se confidencialmente ao público e piscando o olho cada vez com uma malícia mais divertida:

– O patrão foi para os diabos!

O entusiasmo dos espectadores não tem limites. Além daquilo de os diabos terem levado o patrão, a frase foi dita com tal intenção, com uma careta tão cômica e ao mesmo tempo tão solene que, de fato, era impossível não aplaudir. Mas a felicidade de Kiedril não durou muito. Mal acabara de segurar a garrafa, despejar vinho num copo e dispor-se a bebê-lo, quando, de repente, eis outra vez os demônios que se aproximam por trás, nas pontas dos pés, e começam a desancar-lhe as costas. Kiedril grita a plenos pulmões; o seu medo é tanto que não se atreve a olhar para trás. Também mal pode defender-se: tem nas mãos a garrafa e o copo, dos quais não tem coragem de separar-se. Abrindo a boca de espanto, permanece sentado meio minuto, com os olhos fixos no público, com uma expressão tão cômica de medo e covardia, que decerto poderia servir de modelo para um quadro. Agarram-no por fim, levam-no com a garrafa e tudo, enquanto pateia no chão e grita. Os seus gritos são ouvidos para lá dos bastidores. Mas o pano cai e todos riem, todos estão entusiasmados. Então a orquestra começa a tocar a *kamárinskaia*.

Começa baixinho, de um modo quase inaudível, mas o motivo vai-se avolumando cada vez mais, o compasso acelera-se, e ouve-se o ritmo das pancadas nas tampas das balalaicas… A pantomina começa durante a *kamárinskaia*, no seu auge, e teria sido ótimo que Glinka pudesse tê-la ouvido no presídio.

O cenário representa o interior duma cabana, onde se veem o moleiro e a mulher. O moleiro, sentado num canto, prepara os arreios do cavalo; a mulher, noutro canto, fia linho. Quem faz o papel da mulher é Sirótkin; o do moleiro é Nietsvietáiev.

Devo dizer que as nossas decorações eram pobríssimas. Tanto

nesta como na peça anterior e nas outras, chegávamos a compreender mais pela imaginação do que por aquilo que víamos com os olhos. O lugar da parede traseira estava coberto com uma espécie de tapete ou gualdrapa de cavalo; a frontaria da direita, por uma colcha velha. O lado esquerdo, descoberto, de maneira que víamos as esteiras. Mas os espectadores não eram exigentes e conseguiam compensar a realidade com a imaginação, coisa de que os presos são bem capazes. "Dizem-lhe que é um jardim, e ele toma-o por tal; que é uma casa, será uma casa; que é uma cabana, será… Tanto faz e não é preciso estar com mais cerimônias." Sirótkin estava muito gracioso no seu disfarce de mulher. Entre os presos ouviram-se alguns galanteios em voz baixa. O moleiro termina o seu trabalho, pega o gorro e o chicote, aproxima-se da mulher e dá-lhe a entender por sinais que tem de sair, mas que, se na sua ausência acontece qualquer coisa… bom, para isso tem ali o chicote. A mulher ouve-o e concorda com um gesto afirmativo da cabeça. Provavelmente já conhece bem aquele chicote: a mulher costuma extraviar-se.

O marido sai. Ainda mal chegou à porta, já a mulher o ameaça com o punho. Decorrem alguns momentos; a porta abre-se e aparece um vizinho, moleiro também, um camponês que veste caftã e usa barba. Traz um presente, um lenço vermelho. A mulher põe-se a rir; mas, assim que o camponês tenta abraçá-la, logo a porta se abre. Onde meter-se? A mulher esconde-o imediatamente debaixo da mesa e ela volta para a roca. Aparece outro adorador: é um escriturário, em uniforme militar. Até aqui a pantomina segue de maneira irrepreensível: cada gesto é exato, até no mínimo pormenor. Havia razão para uma pessoa se admirar ao ver aqueles atores improvisados e, sem querer, chegaríamos a pensar: "Quantas energias e quanto talento se perdem às vezes, aqui, na Rússia, inutilmente, no cativeiro e nos trabalhos forçados!". Mas o preso que fazia o papel de escriturário devia ter já trabalhado em teatros da província ou caseiros, e pensava que os nossos atores, do primeiro ao último, não percebiam nada do assunto e não se portavam como convinha no palco. E ei-lo que se conduz como se conduziam e falavam antigamente nos teatros dos heróis clássicos: caminha a largos passos e ainda não avançou o outro pé, quando para de repente, deita para trás todo o corpo e a cabeça, olha arrogantemente à sua volta e… dá outra passada. Mas se tal

maneira de caminhar era já ridícula nos heróis clássicos, mais grotesca se tornava ainda num escriturário militar e numa cena cômica. Entretanto o nosso público pensava que, provavelmente, era assim que era preciso fazer e aceitava as grandes passadas do esgalgado escriturário como um fato consumado, sem crítica especial. Mal o escriturário avançara até ao centro do palco, logo se ouviu outra voz que chamava; a dona da casa fica outra vez atarantada. Onde esconder o escriturário? Num baú que, felizmente, está aberto. O escriturário acocora-se no baú e a mulher fecha-o à chave. Então aparece um visitante especial, também seu pretendente, mas de uma categoria particular. É um brâmane e vem com o traje próprio. Soa uma risada geral entre os presos. Quem faz de brâmane é o preso Kóchkin e desempenha esse papel lindamente. Tem um tipo bramânico. Por meio de gestos, exprime toda a grandeza do seu amor. Ergue as mãos para o céu e depois leva-as ao peito, ao coração; de repente mal acabou com essas ternuras, ouve-se na porta uma pancada forte. Pela maneira de bater conhece-se que é o dono da casa. A mulher fica assustada; fora de si, o brâmane torce as mãos, como se estivesse asfixiado e suplica-lhe que o esconda. Empurra-o rapidamente para trás do armário; mas, esquecendo-se de abrir a porta, volta para a roca e põe-se a fiar, sem ouvir as pancadas que o marido bate na porta; e com o medo pôs-se a fiar um fio imaginário e dá voltas a um fuso que se esqueceu de apoiar no chão. Sirótkin representa admiravelmente essa expressão de susto. Mas o dono da casa abre a porta com um pontapé e aproxima-se da mulher com o chicote. Viu tudo, pois ficara à espreita e dá-lhe a entender, espetando três dedos no ar, que ela tem escondidos três homens. Depois começa a procurar os homens. Primeiro, encontra o vizinho e expulsa-o da cabana aos empurrões. O escriturário, acobardado, quis escapar-se; levanta a tampa do baú com a cabeça e dá assim ocasião a que o vejam. O dono da casa deita-lhe uma chicotada e, desta vez, o escriturário apaixonado não se porta rigorosamente à maneira clássica. Resta o brâmane; o moleiro procura-o durante muito tempo, até que por fim o encontra num canto, atrás do armário; faz-lhe primeiro uma leve reverência e, puxando-o pelas barbas, leva-o para o centro do palco. O brâmane tenta defender-se, grita: “Maldito, maldito!” (a única palavra que se pronunciava na pantomina); mas o campônio não está com meias medidas e trata-o à sua maneira. A mulher, ao ver que se aproxima a

sua vez, larga o fuso e sai da cabana correndo. O banquinho rola pelo chão e os presos soltam uma gargalhada. Ali, sem olhar para mim, aperta-me a mão e diz: “Olha! O brâmane, o brâmane!”. Mas este também não consegue conter o riso. O pano cai. Principia nova cena.

Mas não vou descrevê-las todas. Havia ainda mais umas duas ou três. Todas elas cômicas e de uma alegria natural. Se não tinham sido escritas pelos próprios presos, tinham pelo menos posto em cada uma delas algo da sua lavra. Quase todos os atores improvisavam da sua cabeça, de maneira que, na noite seguinte, costumava o mesmo ator representá-lo de maneira um pouco diferente. A última pantomina, de caráter fantástico, acabava com um bailado. Enterravam um morto. O brâmane, com os seus numerosos servidores, faz sobre o féretro vários gestos; mas de nada lhe valem. Finalmente ouve-se uma voz: “O sol já se põe!”. O morto ressuscita, e todos, muito contentes, põem-se a dançar. O brâmane dança com o morto, e dança de uma maneira especial, à brâmane. E com isto dá-se por terminado o espetáculo, até à noite seguinte. Os nossos saem todos alegres e satisfeitos; elogiam os atores, agradecem ao suboficial. Não se ouviu nenhuma disputa. Todos se mostram invulgarmente contentes, até felizes, e deitam-se, não como das outras vezes, mas com a alma em paz. “Mas por quê?”, pode-se perguntar. Não será isto um sonho da minha fantasia? É verdadeiro, real. Só em raras ocasiões se permite a esta pobre gente viver à sua maneira, divertir-se como pessoas, viver, ainda que só por uma hora, de uma maneira que não seja a do presídio; e o homem muda logo moralmente, ainda que seja só por uns minutos… Mas eis que já é noite profunda. Estremeço e acordo bruscamente; o velho continua rezando junto do fogão e ali ficará até amanhecer. Ali dorme tranquilo junto de mim. Lembro-me de que ao deitar-se ainda sorria, falando com os irmãos acerca do teatro e, sem querer, fixo o olhar no seu rosto plácido, infantil. Pouco a pouco, começo a recordar tudo: os últimos dias, a festa, todo aquele mês… Ergo a cabeça com receio e contemplo os meus companheiros adormecidos à luz trêmula das velas de sebo do presídio. Contemplo os seus pobres rostos, os seus pobres catres, toda a sua miséria e nudez irremediáveis; contemplo e parece-me que me convenço de que tudo isto é o prolongamento dum vago sonho e não realidade concreta. Mas não, é realidade. Eis que se ouve não sei que gemido: alguém mexe uma mão, pesadamente, e as

cadeias rangem. Outro estremece durante o sono e começa a falar… e o velho do fogão reza por todos os cristãos ortodoxos, e ouve-se a sua voz plácida, branda, tranquila: “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de nós!”.

“Não é para sempre que estou aqui, mas apenas por alguns anos”, penso, e deixo cair outra vez a cabeça sobre a almofada.

## Capítulo XII / O hospital

Passado pouco tempo das festas caí doente e levaram-me ao nosso hospital militar. Era um edifício particular, que ficava a meia versta do forte. Um amplo local de um só andar, pintado de amarelo. No verão, quando começaram os trabalhos de reboco, empregaram nele uma enorme quantidade de ocre. No vasto pátio do hospital ficavam a moradia dos médicos e outros edifícios. No corpo principal havia apenas as salas para os doentes. Eram muitas; mas destinavam-nas aos presos, somente dois, e estavam sempre cheias, sobretudo no verão, de maneira que, com muita frequência, era preciso juntar as camas. Estas salas regurgitavam de todo gênero de gente infeliz. Para aqui vinham também os acusados militares de todas as classes, os condenados a castigos corporais, os que já tinham sofrido os castigos, os que tinham adoecido durante a viagem e precisavam de ir ainda para mais longe e, finalmente, os da companhia de castigo: essa instituição especial, de correção, para a qual eram enviados os soldados prevaricantes e dos quais pouco havia a esperar, quanto a emenda na sua conduta, e da qual saíam, geralmente ao fim de dois ou mais anos, transformados nuns parasitas, como seria difícil encontrar outros iguais. Os presos que adoeciam davam parte da sua doença ao suboficial, geralmente da parte da manhã. Apontavam imediatamente o seu nome num livro, e enviavam o doente, juntamente com esse livro e uma sentinela, para o lazareto do batalhão.

Aí eram examinados pelo médico a maioria dos doentes de todos os comandos militares distribuídos pelo forte e aqueles que fossem considerados verdadeiramente doentes eram enviados para o hospital. Tomaram também nota do meu nome no livro, e às duas horas, quando todos os nossos saíam já do presídio para o trabalho da tarde,

fui eu conduzido ao hospital. O preso doente costumava levar consigo o dinheiro que podia, pão (pois durante todo aquele dia não podia contar com a comida do hospital), o seu cachimbo, a bolsa do tabaco, fuzil de pederneira e isca. Estes últimos objetos eram cuidadosamente escondidos nas botas. Entrei no vestíbulo do hospital, não sem uma certa curiosidade por aquela nova e para mim desconhecida variação na nossa vida presidial.

Estava um dia morno, triste e nublado: um desses dias em que certos edifícios como um hospital tomam um aspecto especialmente sombrio e lúgubre. Entramos com a escolta no vestíbulo, onde havia dois biombos de cobre e onde aguardavam já outros dois doentes, dos sentenciados a suplício, também com a respectiva escolta. O *feldscher* apareceu, olhou-nos com insolência e autoridade e, ainda com mais insolência, foi avisar o médico de serviço. Este veio logo: examinou-nos, tratou-nos com muita amabilidade e deu-nos papeletas de doentes, nas quais estavam escritos os nossos nomes. As outras indicações referentes à doença, os medicamentos receitados, etc. já tinham sido comunicados ao enfermeiro encarregado das salas dos presos. Eu já ouvira dizer que os presos não se cansavam de gabar os seus médicos. “Os pais não podiam ser melhores”, respondiam às minhas perguntas, quando entrei na enfermaria. Entretanto, despimo-nos. Tiraram-nos o sobretudo e a roupa branca com que entramos e vestiram-nos roupa branca do hospital; deram-nos também meias compridas, pantufas, toucas de dormir e umas batas espessas, de cor preta, feitas de pano e de feltro. Essas batas estavam sujíssimas; mas só reparei nisso quando pus a minha. Pouco depois conduziram-nos às enfermarias dos presos, que ficavam situadas ao fundo dum corredor muito comprido, de teto alto e limpo. O asseio exterior em todas as coisas era surpreendente: tudo quanto via pela primeira vez me parecia brilhante. Aliás, podia ser que me parecesse assim depois de ter estado no presídio. Os dois sentenciados foram para a enfermaria da esquerda; eu, para a direita. Junto da porta, segura por uma cavilha de ferro, estava uma sentinela, de espingarda no braço e, a seu lado, uma subsentinela. O jovem suboficial (da reserva do hospital) mandou que me introduzissem e veio ter comigo a uma sala comprida e estreita, ao longo de cujas duas paredes mais compridas se alinhavam cerca de vinte e duas camas, entre as quais havia duas ou

três desocupadas. As camas eram de madeira, pintadas de verde, que todos nós conhecemos tão bem na Rússia: essas mesmas camas que, em virtude de não sei que fatalidade especial, não conseguem nunca ver-se livres de percevejos. Fiquei num canto, na parede onde havia janelas.

Conforme já disse, estavam ali presos dos nossos, dos do presídio. Alguns já me conheciam ou, pelo menos, já me tinham visto antes. Os mais numerosos eram os que estavam pendentes de castigo e os das companhias correcionais. Os gravemente doentes, isto é, aqueles que não se levantavam da cama, eram poucos. Outros, levemente doentes ou convalescentes, estavam sentados em cima das suas camas ou passeavam de um lado para o outro na sala, pois havia um espaço livre entre as camas, suficiente para passear. Na sala havia um ambiente sufocante, doentio. O ar estava carregado de diversas emanações desagradáveis e do cheiro dos remédios, sem contar que todo o dia o fogão estava aceso num canto. Sobre a minha cama estava um roupão caído. Vesti-o. Debaixo do roupão apareceram um vestuário de pano, forrado de algodão, uma roupa interior grosseira e de asseio duvidoso. Junto da cama havia uma mesinha e, sobre ela, um jarrinho e um copinho de estanho. Tudo isto se cobria com um paninho que me tinham entregue. Debaixo da mesinha havia também uma prateleira onde se guardava uma chaleira para os bebedores de chá, outros copinhos de madeira com *kvas*, etc.; mas os bebedores de chá também eram poucos, entre os doentes. O cachimbo e a bolsa do tabaco, que tinham quase todos, sem excluir os tuberculosos, eram escondidos debaixo das camas. O médico e os que estavam às suas ordens quase nunca reparavam nisso e, quando surpreendiam algum com o cachimbo na boca, faziam-se desentendidos. Aliás, os presos eram sempre prudentes e iam fumar para junto do fogão. Talvez, alta noite, se atrevessem a fumar na cama; mas de noite ninguém entrava na enfermaria, a não ser o oficial de guarda ao hospital, quando muito.

Até então eu nunca tinha estado em nenhum hospital; por isso tudo quanto me rodeava era para mim extraordinariamente novo. Observei que despertava uma certa curiosidade. Já tinham ouvido falar de mim e olhavam-me muito descaradamente, até com uma certa

presunção de superioridade, como nos colégios olham o novato ou o solicitante, nos lugares oficiais. À minha direita estava deitado um escriturário pendente de castigo, filho natural dum capitão reformado. Tinham-lhe movido um processo por falsificação de moeda e estava ali havia já um ano, segundo parecia, sem estar absolutamente nada doente, mas por ter conseguido convencer os médicos de que tinha um aneurisma. Conseguiu o seu objetivo; perdoaram-lhe o presídio e o castigo corporal e, passado outro ano, enviaram-no para T…k, para tratar-se num hospital. Era um rapaz robusto, forte, de vinte e oito anos, um grande patife, um criminoso, muito esperto, muito orgulhoso e soberbo da sua pessoa, vaidoso, de uma maneira quase mórbida, plenamente convencido de que era o homem mais honesto e justo do mundo, sem culpa absolutamente nenhuma, e viveu sempre nesta convicção. Foi o primeiro a dirigir-me a palavra e começou a interrogar-me com curiosidade, e pôs-me ao corrente das regras exteriores do hospital, com todos os pormenores. Antes de mais informou-me imediatamente que era filho dum capitão. Morria por dar a entender que era de origem nobre, ou, pelo menos, bem nascido. A seguir foi um doente da companhia correcional, o qual começou a afirmar-me que conhecia muitos dos aristocratas antes deportados, designando-os a todos pelos seus nomes e sobrenomes.

Era um soldado já de cabelos brancos; via-se, no seu rosto, que tudo aquilo era mentira. Chamavam-lhe Tchekunov. Era evidente que se tinha aproximado para me falar, suspeitando, provavelmente, que eu tinha dinheiro. Como reparasse no meu embrulhinho de chá e de açúcar, ofereceu-me imediatamente os seus serviços: arranjar-me uma chaleira e fazer-me nela o chá.

A chaleira, tinha-me prometido M… tski que a enviaria no dia seguinte, do presídio, por algum preso dos que iam trabalhar ao hospital. Mas Tchekunov arranjou-me tudo. Trouxe um recipiente de ferro fundido; mais um copo; ferveu a água, fez o chá; em suma: serviu-me com extraordinária diligência, o que lhe valeu imediatamente as observações trocistas dum dos presos. Esse doente era um tuberculoso, que tinha a sua cama em frente da minha, de nome Ustiântsev, soldado pendente de julgamento, aquele mesmo que bebeu um copo de aguardente com uma forte dose de tabaco picado,

por medo do castigo, e do qual já falei. Até então tinha permanecido silencioso e respirando ofegantemente, olhando-me fixa e seriamente e seguindo com aborrecimento os movimentos de Tchekunov. Aquela estranha e azeda seriedade transmitia características particularmente cômicas ao seu descontentamento. Por fim, não pode conter-se:

– Olhem que borra-botas! Já arranjou patrão! – exclamou numa voz entrecortada e arquejante, de tão débil que estava. Tinha chegado já aos últimos dias da sua existência.

Tchekunov, muito aborrecido, encarou-o:

– Quem é que é o borra-botas? – exclamou, olhando com desprezo para Ustiântsev:

– O borra-botas és tu! – respondeu imediatamente o outro, num tom de tanta segurança como se se sentisse no pleno direito de insultar Tchekunov e tivesse o dever de o fazer.

– Borra-botas, eu?

– Tu, claro. Escutem, minha gente, parece que não acredita! Fingindo-se admirado!

– A ti que te importa? Não vês que ele está só, indefeso? Vê-se bem que está acostumado a ter quem o sirva. Por que não hei de eu servi-lo, focinho de porco?

– Quem é que é focinho de porco?

– Tu mesmo.

– Eu, focinho de porco?

– Tu, sim!

– Ah! És assim tão jeitoso? Tens uma cara que parece um ovo de grou… Se eu tenho focinho de porco…

– Ora, se tens! Olhem, ele já está quase a esticar o pernil! Mas até assim tem de papaguear. Por que estás aí a palrar?

– Por quê? Mais depressa me inclino diante de um sapato do que de uma alpargata. O meu pai não se inclinava e mandou-me que também não o fizesse. Eu… eu…

Queria continuar mas teve um tremendo ataque de tosse que durou uns minutos e a seguir cuspiu sangue. Depois, um suor frio, torturante, lhe escorreu pela testa estreita. A tosse não o deixou continuar falando; via-se perfeitamente nos seus olhos a vontade que tinha de continuar insultando o outro; mas, devido à falta de força, limitava-se a agitar o braço … De maneira que Tchekunov acabou se esquecendo dele.

Eu senti que a malevolência do tuberculoso se dirigia mais contra mim do que contra Tchekunov. Pelo fato de Tchekunov querer servir alguém e ganhar assim alguns copeques, não tinha nada que ralhar com ele nem que olhá-lo com desdém. Neste ponto, a gente do povo não é tão exigente e sabe muito bem fazer distinções. Eu não fui particularmente simpático para Ustiântsev, não lhe agradava o meu chá, nem que eu, até de cadeias, fosse como um senhor, que não pode passar sem servidores, embora eu não tivesse pedido nada a ninguém nem quisesse nenhum gênero de serviços. De fato, eu desejava sempre fazer tudo, eu próprio, e desejava até bastante não deixar perceber que era um homem de mãos brancas, delicado, senhoril. Nisto, sobretudo, punha o meu amor-próprio, já que tive de falar no caso. Mas aconteceu que – e não me lembro como é que isso acontecia – nunca pude repelir os vários servidores e cortejadores, que se agarravam e acabavam por apoderar-se completamente de mim, de maneira que, na realidade, eram eles os meus verdadeiros senhores e eu o seu criado; mas na aparência era notório que eu era de fato um senhor que não pode prescindir de serviços e de criados. O que sem dúvida me custava muito. Mas Ustiântsev era um tuberculoso, um homem azedado. Os outros doentes tinham ares de indiferença, até com sua presunção de altivez. Lembro-me que estavam todos preocupados com uma circunstância particular: pelas conversas dos presos sabia eu que nessa mesma noite haviam de levar ali um condenado, ao qual castigavam naquele mesmo instante com as vergastadas. Os presos aguardavam o novato com certa curiosidade. Diziam: “No entanto o castigo é leve… Só quinhentas vergastadas”.

Relanceei a vista à minha volta, por um momento. Tanto quanto pude observar, os doentes que ali existiam eram na sua maior parte doentes de escorbuto e dos olhos… Doenças predominantes naquela região. Havia na sala alguns desses doentes. Dos outros, verdadeiramente doentes, havia-os com febres, com úlceras várias e doentes do peito. Ali não era como nas outras salas; ali estava reunida toda a espécie de doenças, até venéreas. Disse verdadeiramente doentes porque havia alguns que não estavam, que iam para ali simplesmente para descansar. O médico recebia-os amavelmente, por compaixão, sobretudo quando havia algumas camas disponíveis. A assistência na companhia correcional e no presídio, comparada com a do hospital, parecia tão má que muitos presos optavam gostosamente por se meter na cama, apesar do ar viciado e da sala fechada. Havia até amadores da cama, da vida de hospital; e sobretudo, mais do que ninguém, os da companhia de castigo. Eu passava revista aos meus companheiros, com curiosidade; mas lembro-me do que me despertou então em mim um, que estava já na última, do presídio, também tuberculoso, que ocupava urna cama perto da de Ustiântsev, e ficava portanto quase na minha frente. Chamavam-lhe Mikháilov; duas semanas antes ainda eu o vira no presídio. Havia muito tempo que estava doente e teria sido muito útil para ele ter-se hospitalizado já há mais tempo; mas tinha-se aguentado a pé firme, com uma paciência obstinada, aliás inutilmente, e só depois das festas entrou no hospital, para morrer ali, passadas três semanas, de uma tuberculose horrível: estava completamente gasto, o homem. A mim, agora, impressionava-me a sua cara extraordinariamente transfigurada, a sua cara, que também já tinha sido uma das que mais me impressionaram quando eu entrei no presídio; lembro-me de que já então reparei muito nele. Junto dele havia uma cama ocupada por um soldado da companhia de castigo, um homem já velho, de má catadura e repelente… Bom, mas não vou enumerar todos os doentes. Recordo agora esse velho unicamente porque me provocou também então uma certa impressão, e num minuto consegui obter uma ideia bastante clara de algumas particularidades da sala dos presos. Lembro-me de que o tal velho tinha nessa altura um catarro fortíssimo. Não fazia outra coisa senão espirrar e passou uma semana espirrando, mesmo quando estava dormindo, sob a forma de salvas de cinco e até de seis espirros consecutivos, e de cada vez exclamava conscienciosamente: “Senhor,

mas que castigo!”. Sentava-se em cima da cama e enchia avidamente o nariz de tabaco, que tirava de um pacotinho de papel, para espirrar com mais força e maior gosto. Espirrava sobre um lenço de algodão aos quadrados, seu, cem vezes lavado e muito desbotado, com o qual esfregava o nariz de uma maneira especial, vincando uma infinidade de rugazinhas pequenas, e pondo à mostra as raízes dos seus velhos e denegridos dentes e também as suas gengivas vermelhas e apodrecidas. Depois de espirrar, abria imediatamente o lenço, olhava com muita atenção os moncos ali acumulados abundantemente e depois limpava-o ao seu encardido roupão de hospital, de maneira que todo aquele monco ficava ali aderente, enquanto o lenço ficava apenas úmido. Assim fez toda a semana. Aquela mesquinha, tacanha maneira de poupar o lenço à custa do roupão do hospital, não provocava protesto algum da parte dos doentes, embora alguém depois tivesse de pôr aquele mesmo roupão. Mas eu até fiquei assustado naquele momento e pus-me imediatamente a passar revista com repugnância e curiosidade ao meu roupão. E então reparei que havia já bastante tempo que o seu cheiro forte me chamara a atenção; tinha aquecido no meu corpo e cheirava cada vez mais a xarope, a emplastros e, pelo menos era o que me parecia, não sei a que podridão, o que era explicável, pois não saíra dos ombros dos doentes havia já tempos imemoráveis. Talvez o seu forro de algodão tivesse sido cavado alguma vez, mas não sei ao certo. Mas esse forro estava agora impregnado de toda espécie de líquidos repugnantes, de compressas, da água que escorrem as cantáridas, etc. Nessa sala de presos entravam com bastante frequência os supliciados com as vergastadas, de costas chagadas; aplicavam-lhes compressas; mas depois, o roupão, que punham diretamente em cima da camisa úmida, não podia de maneira nenhuma secar, pois absorvia tudo. E durante esses vários anos, durante todo o meu tempo de presídio, sempre que tinha de hospitalizar-me (o que me acontecia com frequência), punha sempre esse roupão com uma enorme desconfiança. Desagradavam-me especialmente os piolhos que costumam encontrar-se nesses roupões e que eram colossais, extraordinariamente gordos. Os presos esmagavam-nos com prazer e quando algum morria, com um estalido debaixo da unha grossa e dura de um deles, podia avaliar-se pela cara do caçador o grau de prazer que sentia com isso. Os percevejos também me repugnavam muito e às vezes acontecia que por um longo

e tedioso serão de inverno toda a sala se levantava para exterminá-los. E embora aparentemente tudo estivesse muito limpo na enfermaria (não falando, é claro, no ar pesado); não tinham cuidado com o asseio dos interiores. Os doentes já estavam acostumados a isso e pensavam até que tinha de ser assim, e eles próprios também não observavam regras especiais quanto a asseio. Mas falarei mais adiante das regras…

Assim que Tchekunov me serviu o chá (é preciso dizer que foi feito na água da sala, que traziam uma vez em cada vinte e quatro horas, para todos, e se infectava rapidamente naquele ambiente viciado), a porta abriu-se com um certo barulho e, acompanhado por uma forte escolta, entrou um soldado que acabara de sofrer o castigo das vergastadas. Era aquela a primeira vez que eu via um supliciado. Depois entraram ali com frequência, até alguns dos que sofriam castigos graves, e de todas as vezes aquilo constituía uma grande distração para os doentes. No entanto acolhiam-nos geralmente com uma expressão de severidade forçada, e até também com certa gravidade fingida. Se bem que a recepção dependesse, em parte, do grau de importância do crime e, por conseguinte, da grandeza do castigo. Um indivíduo gravemente supliciado e, portanto, com fama de criminoso, gozava de maior respeito e atenção do que um simples desertor, como esse que agora nos traziam. Mas nem num nem noutro caso havia condolências especiais nem se faziam observações particularmente azedas. Ajudavam o infeliz em silêncio e amparavam-no, sobretudo se não podia passar sem ajuda. Até os *feldscher* sabiam que entregavam o paciente em mãos hábeis. O auxílio prestado consistia, de maneira geral, na frequente e indispensável mudança de um lençol ou da própria camisa empapada em água, que aplicavam sobre as costas doloridas, sobretudo quando a vítima não estava em condições de socorrer-se a si próprio e, além disso, na habilidosa extração das farpas que lhes ficavam muitas vezes enterradas nas costas, farpas essas saídas dos varapaus com os quais tinha sido executado o castigo. Essa última operação em geral era muito dolorosa para o enfermo. Mas eu ficava sempre admirado do extraordinário estoicismo com que eles suportavam a dor física. Muitos supliciados vinham muitíssimo feridos e no entanto raramente algum deles se queixava. Somente o seu rosto parecia transfigurar-se, empalidecer; os seus olhos brilhavam: tinham o olhar fixo, inquieto; os lábios tremiam-

lhes, os dentes batiam-lhes como se quisessem morder e não era raro que se mordessem até fazer sangue. O soldado que acabava de chegar era um rapaz de, uns vinte e três anos, forte, musculoso, de belo rosto, alto, moreno e bem proporcionado. Tinha as costas completamente laceradas. O corpo, completamente nu da cintura para cima; trazia no ombro um pedaço de lençol molhado, debaixo do qual lhe tremiam os membros todos, como se tivesse febre, e andou meia hora a passear para cima e para baixo, na enfermaria. Eu contemplava o seu rosto; parecia que não pensava em nada naquele instante; olhava de maneira estranha e arredia, os olhos sobressaltados, e percebia-se perfeitamente que lhe era difícil fixar a atenção em qualquer coisa. Pareceu-me que olhava fixamente para o meu chá. O chá estava quente; o vapor saía da chávena e o pobrezinho tiritava de frio, batendo os dentes. Convidei-o a beber. Aproximou-se de mim bruscamente e, em silêncio, pegou na chávena e bebeu de pé e sem açúcar, fazendo-o muito depressa e como se tivesse um empenho especial em não olhar para mim. Depois de o beber todo, devolveu-me a chávena em silêncio e, sem fazer sequer um movimento de cabeça, pôs-se outra vez a andar para cima é para baixo na sala. Ele estava lá para palavras e cumprimentos! Quanto aos presos, todos eles evitavam, por qualquer motivo, entabular conversa com o recruta castigado; mas começaram a ajudá-lo desde o primeiro momento; e depois pareciam pôr um empenho especial em não lhe prestar mais atenção, talvez com o fim de deixá-lo tranquilo e não importuná-lo com mais perguntas e compaixão, o que, segundo parecia, era tudo quanto ele desejava.

Entretanto, escureceu e acenderam a lamparina. Alguns presos pareciam ter também as suas velas privativas, embora não fossem muitas. Finalmente, depois da visita médica da noite, o suboficial tornou a contar todos os doentes e fechou a sala, deixando nela um balde de madeira para de noite… Fiquei admirado ao saber que esse balde ficava ali toda a noite, quando o lugar que verdadeiramente lhe competia era o corredor, que estava a dois passos da porta. Mas era esse o hábito estabelecido. De dia tiravam os presos da sala; mas não por muito mais de um minuto; de noite nunca o faziam. As salas de presos não se pareciam com as vulgares, e o preso doente, até mesmo assim, levava o seu castigo. Quem fosse o primeiro que impôs essa

ordem… não sei; sei apenas que em tudo isto não havia nem uma ponta de ordem e que nunca toda a inutilidade desses formalismos se pôs tanto às claras como naquele caso. Essa disposição, é claro, não emanava dos médicos. Repito-o: os presos nunca se cansavam de gabar os seus médicos, consideravam-nos como pais e respeitavam-nos. Todos recebiam deles alguma demonstração de afeto, ouviam alguma palavra amiga, e o preso desprezado por todos apreciava aquilo, porque via a sinceridade e verdade daquela boa palavra e daquela carícia. Podia ter sucedido o contrário; ninguém teria pedido contas, ainda que se tivesse portado de outro modo; isto é duro e desumano; eram bons, por verdadeiro amor à Humanidade. E além disso eles compreendiam que ao doente, fosse quem fosse, preso ou não, era-lhe necessário o ar fresco como a qualquer outro doente de mais alta categoria. Os das outras salas, os convalescentes, por exemplo, podiam sair livremente para o corredor, fazer exercício, respirar um ar menos abafado que o das enfermarias, pesado e inevitavelmente sempre carregado de diversas emanações insalubres. É horrível e cruel imaginar agora até que ponto devia viciar-se aquele ar já viciado à noite, quando introduziam aquele balde, com a temperatura morna da sala e com enfermidades conhecidas, nas quais é impossível passar sem sair. Se há um momento disse que para o preso até a doença é castigo, isso não quer dizer, nem quero dizer agora, que o tivessem estabelecido para esse fim. Isso, naturalmente, teria sido uma absurda calúnia da minha parte. Os doentes não se castigam. Ora, se é assim, conclui-se que alguma coisa grave, severa, imprescindível, obrigou os superiores a ditar essa medida, nociva nas suas consequências. Qual a causa? Mas o pior está em ninguém saber explicar de maneira nenhuma a necessidade dessa e de outras muitas medidas, a tal ponto também incompreensíveis, que não só se torna impossível explicá-las como até vislumbrar a sua explicação. Como explicar semelhante crueldade inútil? Dizendo talvez que o preso pode ir para a enfermaria fingindo-se propositadamente doente, enganar os médicos, ir de noite à sala a determinado lugar e fugir, aproveitando-se da obscuridade? Tomar a sério a incongruência de tal suposição parece-me quase impossível. Fugir para onde? Fugir como? Fugir por onde? De dia tiram-nos um a um; pois podiam fazer o mesmo de noite. À porta há uma sentinela com a arma carregada. A retrete fica apenas a dois passos da sentinela; aliás, até aí vai o doente escoltado por uma

sentinela que nunca o perde de vista. Aí há apenas uma janelinha de inverno – com vidro duplo e com uma grade de ferro. Debaixo da janela, no pátio, e também debaixo das janelas das salas dos presos, há também uma sentinela toda a noite. Para sair pela janela seria preciso partir o vidro e a grade. Quem o consentiria? Mas suponhamos que primeiramente o fugitivo tivesse morto a sentinela, de maneira que não gritasse e ninguém desse por isso. Concedamos também esse absurdo: da mesma maneira teria de quebrar a janela e a grade. Não se esqueçam que aí, junto da sentinela, dormiam os doentes, e que a dez passos, na outra sala de presos havia outra sentinela e outros doentes. E para onde fugir no inverno, com meias, sapatilhas, o roupão de doente e o gorro de dormir? Ora, sendo o perigo assim tão pequeno (na realidade ele não existia de maneira alguma), para que essa inútil tortura imposta a doentes que talvez se encontrem já nas derradeiras horas da sua vida, a doentes para os quais talvez o ar fresco seja ainda mais preciso do que para os sãos? Para quê? Nunca o pude compreender.

Visto que disse já uma vez: “Para quê?” e a palavra me escapou, não posso deixar de referir-me a outra questão que também durante uns anos pus, mentalmente, perante o fato mais enigmático; e para a qual também de maneira nenhuma consegui arranjar resposta. Não posso deixar de falar. nisso, ainda que sejam apenas duas palavras, antes de entrar na minha narrativa. Refiro-me às cadeias, das quais nem na doença o preso consegue livrar-se. Até os tuberculosos morriam à minha vista com as cadeias postas. E, no entanto, todos estavam acostumados a isso e todos as consideravam como algo de perfeitamente indiscutível. Nem há sequer motivo para pensar que alguém se preocupasse com isso, tanto mais que nem os médicos se lembraram, durante todos esses anos, nem uma só vez, de pedir às autoridades que tirassem os ferros de alguns dos presos ou de doentes graves, especialmente aos tuberculosos. Pensemos que as cadeias, só por si, eram muito incomodativas, só Deus sabe quanto. Pesam umas oito a doze libras. Carregar com dez libras não era muito angustioso para um homem são. Além disso disseram-me que, por causa das cadeias, passado alguns anos, os pés começam a adelgaçar. Não sei se isso será verdade, embora realmente tenha certos visos de verossimilhança. Um peso, embora reduzido, pesando apenas dez

libras, constantemente ligado ao pé, desfigura um pouco anormalmente todo o membro e, passado algum tempo, pode resultar em consequências prejudiciais… Mas suponhamos que para um homem são isso não representa nada. O mesmo podemos supor para o doente? Admitamos também que não representa nada para um doente vulgar. Mas, repito, e para os doentes graves, e para os tuberculosos, para os que até sem isso ficam de mãos e pés vincados, a um ponto tal que até uma palhinha lhes parece pesada? E se de fato os médicos se preocupassem com aliviar, ainda que fosse só os tuberculosos, isso constituiria só por si um verdadeiro e. grande benefício. Suponhamos que surge alguém dizendo que, o preso é um malvado indigno de comiseração; mas, até assim, por que agravar o castigo a quem já está assinalado pelo dedo de Deus? É impossível acreditar que isso se faça só por castigo. Ao tuberculoso até a lei o exime aos castigos corporais. De maneira que temos de ver alguma medida misteriosa e importantíssima inspirada na prudência salvadora. Mas quê? É impossível compreendê-lo. Porque, no fundo, é muito difícil, quase impossível mesmo, que um tuberculoso possa fugir. Qual deles pensaria em tal coisa, sobretudo conhecendo os graus de progresso da doença? Fingir-se tuberculoso para enganar os médicos e fugir… é impossível. Com essa doença não pode ser; conhece-se à primeira vista. E, há ainda outra coisa: põem grilhetas nos pés duma pessoa somente para que não fuja ou para dificultar-lhe a fuga? Nada disso… As cadeias… são apenas uma desonra, uma vergonha e uma tortura, tanto física como moral. Pelo menos é o que se pensa. Nunca as cadeias impediram alguém de fugir. O preso mais estúpido e bruto sabe limá-las, sem grande dificuldade e muito rapidamente, ou quebrar os rebites com uma pedra. As grilhetas dos pés não constituem de maneira alguma um obstáculo para fugir; e uma vez que é assim que põem cadeias aos presos apenas para castigá-lo, torno a perguntar: para que castigar um moribundo?

Neste momento em que escrevo isto, lembro-me perfeitamente de um que morreu tuberculoso, daquele mesmo Mikháilov que ocupava uma cama quase em frente da minha, perto de Ustiântsev, e que morreu, lembro-me, no quarto dia da minha entrada no hospital. Talvez eu tenha agora falado dos tuberculosos, repetindo involuntariamente as impressões e ideias que me comoveram por

ocasião dessa morte. Aliás, eu mal conhecia Mikháilov. Era ainda um homem muito novo; de uns vinte e cinco anos; alto, seco, com uma figura bem proporcionada. Pertencia à seção especial, e estava sempre estranhamente taciturno, sempre tranquilo, como que animado de uma tristeza plácida. Parecia que estava a asfixiar-se. Adoeceu do peito precisamente no presídio. Pelo menos era o que os presos diziam quando falavam dele, entre os quais deixou uma boa recordação. Lembro-me ainda de que tinha uns olhos muito bonitos e, de fato, não sei por que me recordo tanto dele. Morreu às três da tarde, de um dia frio e claro. Lembro-me de que o sol, atravessando os grossos vidros esverdeados das janelas, levemente cobertos de geada, o iluminava suavemente. Um grosso feixe dos seus raios batia sobre o infeliz. Morreu sem conhecimento e esteve respirando pesada e longamente durante duas horas. Desde a manhã que os seus olhos tinham começado a não reconhecer os que o cercavam. Queria afastar de si tudo o que o oprimia; respirava com dificuldade, profundamente, como se roncasse; o seu peito estava levantado, como se lhe faltasse o ar. Ele próprio afastou a roupa do leito, o vestuário e, por fim, começou a rasgar a camisa. Era horrível olhar para aquele corpo longo, de mãos e pés descarnados, só ossos, consumido, o peito levantado, com as costelas nitidamente marcadas, como as dum esqueleto. Não tinha mais nada sobre o corpo senão uma cruzinha de madeira numa bolsinha, e a cadeia, pela qual parecia poder tirar agora o pé doente. Meia hora antes da sua morte já todos nós estávamos em silêncio e só falávamos casualmente e em voz baixa. Os que caminhavam… faziam-no nas pontas dos pés. Falavam pouco uns com os outros, de coisas secundárias e, de quando em quando, olhavam para o moribundo, que cada vez arquejava com mais força. Finalmente, tateando e com uma mão insegura, procurou sobre o peito a bolsinha com a pequena cruz e começou a querer afastá-la, como se o incomodasse e oprimisse. Tiraram-lhe a bolsa. Dez minutos depois morria. Deram uma pancadinha na porta para chamarem a sentinela e o informaram. O enfermeiro entrou, olhou estupidamente para o morto e foi chamar o *feldscher*, um rapazinho muito bondoso, um pouco demasiado preocupado consigo próprio, que não tardou a aparecer; aproximou-se do morto com passos rápidos, pisando com força a sala silenciosa, e com cara de uma certa satisfação especial, especialmente estudada para aquele transe, como se já esperasse o

acontecido, tomou-lhe o pulso, fez um movimento com a mão e foi-se. Participaram imediatamente à guarda o acontecimento; um dos presos exprimiu, numa voz discreta, o pensamento de que deviam fechar os olhos do morto. Houve outro que o escutou atentamente; aproximou-se do cadáver, em silêncio, e fechou-lhe os olhos. Quando reparou na cruzinha que jazia sobre a almofada, apanhou-a, pôs-se a olhá-la e, em silêncio, tornou a pô-la ao pescoço de Mikháilov; depois benzeu-se. Entretanto, a cara do morto tornou-se rígida; os raios do sol brincavam sobre ela; tinha a boca entreaberta; duas fiadas de dentes brancos e juvenis brilhavam por entre os lábios finos e pegados às gengivas. Até que a sentinela chegou finalmente, e o suboficial de guarda, de capacete e espingarda no braço, acompanhado por dois vigilantes. Aproximou-se com passos cada vez mais lentos, olhando assombrado para os presos silenciosos que o olhavam tristemente, de todos os lados. Quando chegou quase junto do morto, parou, rígido, como se tivesse medo. Impressionou-o o cadáver, completamente nu, esquelético, só com as cadeias e, de repente, desligou a corrente do seu capacete, tirou-o, sem que ninguém lho pedisse e persignou-se longamente. Era uma cara severa, envelhecida, de homem experimentado. Lembro-me de que, nesse instante, estava junto dele Tchekunov, também já velho e encanecido. Durante esses momentos esteve sempre olhando para o suboficial, em silêncio e com muita atenção, diretamente e com insistência; e seguia com uma estranha atenção cada um dos seus gestos. Quando os seus olhos se encontraram com os dele, não sei por que, o lábio inferior tremeu-lhe. Devia ter sentido qualquer coisa de estranho; abriu a boca e, rapidamente, apontando desoladamente o morto ao suboficial, disse:

– Ele também tinha mãe! – e retirou-se.

Lembro-me de que essas palavras me trespassaram literalmente… Por que as teria ele dito e por que se teria lembrado delas? Mas eis que começavam a levantar o cadáver; levantavam-no juntamente com o colchão; a palha rangia; as cadeias, no meio do silêncio geral, rolaram ruidosamente pelo chão… Apanharam-nas. Levaram o cadáver. De repente, todos começaram a falar alto. Ouviu-se o suboficial, no corredor, ordenar a alguém que fosse chamar o serralheiro. Era preciso tirar as algemas; ao morto…

Mas já me afastei do assunto.

## Capítulo XIII / O hospital (continuação)

Os médicos visitavam a enfermaria de manhã; apareciam todos às onze horas, atrás do médico-chefe, e, uma hora antes deles, aparecia na sala a nossa ordenança. Nesse tempo tínhamos como médico de sala um homem novo mas que sabia do seu oficio; era amável, simpático, os presos gostavam muito dele e achavam-lhe só um defeito: ser demasiado modesto. Efetivamente, era inimigo de discussões; parecia que nós o intimidávamos; pouco faltava para que corasse; mudava a dieta ao primeiro pedido do doente e parecia disposto a receitar os medicamentos à medida da sua preferência. Aliás, era um homem fraco. É preciso reconhecer que, na Rússia, muitos médicos gozam do amor e do respeito do povo, o que é justamente merecido. Sei que as minhas palavras hão de parecer paradoxais, sobretudo se tivermos em conta a incredulidade geral do povo russo a respeito da medicina e dos medicamentos exóticos. De fato, as pessoas do povo, até há pouco tempo, ainda que sofressem das piores doenças, preferiam socorrer-se dos curandeiros ou dos remédios caseiros (que de maneira nenhuma são para desprezar), do que ir procurar o médico ou ir para o hospital. Mas, sem falar nisso, há uma circunstância muito importante, que não tem relação com a Medicina, ou seja, a geral incredulidade de todo o povo a respeito de tudo quanto está ligado à burocracia, às formalidades; além disso a gente

do povo tem medo e desconfiança dos hospitais, devido a certas histórias horríveis, frequentemente inventadas, mas que às vezes têm um certo fundamento. Mas temem principalmente a disciplina germânica dos hospitais, o terem gente estranha à sua volta durante todo tempo da doença, a severidade a respeito da alimentação, as histórias acerca do implacável rigor dos *feldscher* e dos médicos, a dissecação e a extração das entranhas dos cadáveres, etc. Além disso o povo pensa também: "Como pretender que um senhor nos cure, se os médicos, seja como for, são senhores também?". Mas, com um conhecimento mais profundo dos médicos (embora não sem exceções mas sim na sua maior parte), todos estes medos desaparecem rapidamente; o que, a meu ver, está relacionado com a honestidade dos nossos médicos, sobretudo dos jovens. Muitos deles sabem granjear o respeito e também o amor do povo. Aliás, eu escrevo daquilo que vi e ouvi muitas vezes e em muitos lugares; e não tenho motivos para pensar que, noutros lugares, as coisas se passassem com demasiada frequência de outra maneira. Não há dúvida que, algumas vezes, o médico deita contas aos seus ganhos, aproveita-se demasiadamente do seu hospital e quase se desinteressa dos doentes e até se esquece da Medicina. Isso acontece, mas eu falo da maioria; ou, para melhor dizer, do espírito, da orientação que existe hoje nos nossos dias, na Medicina. Esses outros, traidores da causa, lobos no redil das ovelhas, digam o que disserem para justificar-se, como por exemplo, que o meio os corrompe; jamais terão justificação, sobretudo se chegaram até o ponto de perderem o amor pela Humanidade. Porque o amor da Humanidade, os bons modos, a fraterna compaixão pelo doente são às vezes mais necessários do que todos os medicamentos. Estamos num tempo em que é sinal de indiferença queixarmo-nos de que o meio nos devora. Suponhamos que isto seja verdade, que corrompe a nossa personalidade; mas nunca completamente e, frequentemente, um velhaco astuto que percebe o caso, encobre e justifica com a influência do meio não só a sua fraqueza mas também muito simplesmente a sua vileza, sobretudo quando sabe falar ou escrever bem. Bem, mas. já estou outra vez a desviar-me do meu tema; queria apenas dizer que a gente de inferior condição é verdadeiramente mais incrédula a respeito da administração sanitária do que dos médicos. Assim que chega a perceber como estes são, na realidade, não tarda a perder muitos dos

seus antigos preconceitos. A instalação dos nossos sanatórios, até no presente, não corresponde muito ao espírito do povo; é-lhe hostil, com os seus costumes regulamentados, e não estão em condições de granjear decididamente a sua fé e o seu respeito. Pelo menos é o que me parece, a avaliar por algumas das minhas impressões pessoais.

O nosso médico de sala costumava parar junto de cada doente: examinava-o e interrogava-o com a máxima atenção e seriedade, receitava o remédio e a dieta. Às vezes via que o doente não estava realmente doente; mas como o preso ia ali para descansar do trabalho ou para meter-se algum tempo numa cama verdadeira e não nas tábuas nuas das tarimbas e, finalmente, numa sala de temperatura moderada e não no úmido corpo da guarda, onde exiguamente se amontoavam grandes grupos de pálidos e míseros sentenciados (os sentenciados estavam quase sempre pálidos e míseros), sinal de que a sua assistência material e o seu estado de espírito são quase sempre piores que os dos já castigados, o nosso médico assistente diagnosticava, com toda a tranquilidade, uma *febris catarhalis* e permitia-lhe estar ali às vezes uma semana inteira. Todos, entre nós, se riam desta *febris catarhalis*. Sabiam muito bem que se tratava de um acordo tácito entre o médico e o doente, da fórmula para designar uma doença imaginária: "febre de sustento"; conforme traduziam os próprios presos aquela *febris catarhalis*. Às vezes o doente aproveitava-se da brandura do coração do médico e continuava metido na cama até que o expulsavam dali à força. Era então de ver o nosso médico assistente; parecia que não se atrevia, que se envergonhava de dizer na cara do doente que ele já estava bom e tinha de dar-lhe alta, embora estivesse no seu direito de, sem mais rodeios, sem lhe dar satisfações, escrever na papeleta de doente: *sanat est*.[32] Começava por dar-lhe algumas indicações; depois perguntava-lhe: "Então, não é tempo, já? Tu estás quase bom e na sala há poucos lugares", etc., etc., até que o próprio doente acabava por concordar e pedia alta espontaneamente. O médico-chefe, se bem que fosse um homem honesto e amante da Humanidade (os doentes também gostavam muito dele), era, apesar de tudo, incomparavelmente mais rígido e decidido do que o médico da sala, e às vezes mostrava até um severo rigor, e por isso os presos tinham por ele um respeito especial. Aparecia sempre seguido por todos os médicos do hospital, depois do

médico da enfermaria; examinava-os também a todos, demorando-se especialmente junto dos doentes graves, aos quais sabia dizer sempre uma palavra bondosa, animadora, até, em algumas ocasiões, reconfortante e geralmente deixava boa impressão. Nunca repelia nem expulsava os atacados de febre de sustento; mas se o doente teimava, então, muito simplesmente, dava-lhe alta: "Vamos, meu amigo, já estiveste bastante tempo de cama descansando; vamos, levanta; é preciso ser honesto". Os que teimavam eram quase sempre os preguiçosos para o trabalho, sobretudo no verão, ou os sentenciados que aguardavam o castigo. Lembro-me que, com um deles, empregaram um rigor especial, ou melhor até, crueldade, para lhe darem alta. Entrara para a enfermaria com uma doença de olhos; olhos inflamados; queixava-se de picadas fortes. Tinha sido tratado com cantáridas, sanguessugas, injeções de um líquido especial, etc.; mas a doença, apesar de tudo, persistia; os olhos não se aclaravam. Pouco a pouco, o médico compreendeu a manha; a inflamação, sempre pequena, nem se agravava nem desaparecia, estava sempre no mesmo grau. O caso tornou-se suspeito. Havia já muito tempo que os presos sabiam que era um falso doente, que andava a enganar os outros, embora ele não quisesse reconhecê-lo. Era um rapaz novo, bonito, até; mas dava-nos a todos uma impressão um pouco desagradável; era reservado, receoso, arredio; não falava com ninguém; olhava de soslaio, escondia-se de todos; parecia desconfiar de todos. Lembro-me de que alguns chegaram até a pensar que ele havia de fazer alguma malandragem. Era soldado, tinha roubado muito, foi apanhado e condenado a mil vergastadas e à companhia de castigo. Com o fim de adiar o instante do castigo, conforme disse já, os condenados decidiam-se às vezes a expedientes terríveis: atirarem-se, de faca na mão, na véspera do suplício, sobre algum chefe ou algum preso seu companheiro de trabalho, para terem de ser julgados outra vez, adiando assim por um mês ou dois o castigo e desse modo conseguindo o seu objetivo. Não se detinham a pensar em que deviam ser castigados ao fim de dois meses, com duplo, com triplo rigor; o que procuravam era afastar o momento terrível, ainda que fosse só por uns dias, e depois que fosse o que Deus quisesse. Tal era o extremo a que chegava às vezes a falta de coragem destes infelizes. Entre nós, os presos, costumavam dizer que era preciso ter cuidado com ele, não fosse matar alguém, de noite. Aliás, limitaram-se a falar mas não

tomaram qualquer espécie de precauções especiais, nem sequer aqueles que tinham a cama junto da dele. No entanto viam que ele, durante a noite, besuntava os olhos com a cal do estuque da parede e com mais qualquer coisa, a fim de tê-los outra vez inflamados, de manhã. Até que o médico chefe o ameaçou com a mecha de algodão, para manter a supuração, como se fosse um cavalo. Nas doenças crônicas dos olhos, que se prolongam por muito tempo, e quando se experimentaram já todos os recursos da Medicina para salvar a vista, os médicos apelam para um meio forte e doloroso: põem ao doente uma mecha, como se fosse um cavalo. Mas o desgraçado nem assim se restabelecia. Nem sei o que seria aquilo, se coragem ou covardia excessiva, pois a mecha, embora não fosse como as vergastadas, era também muito dolorosa. Seguram o doente por detrás, no pescoço, com a mão, o mais que possam abranger, cortam toda a carne assim apanhada, com uma faca, e fica então aberta uma ferida profunda e extensa em toda a parte ínfero-posterior da cabeça, introduzem nessa ferida uma grande mecha de algodão, quase da grossura dum dedo; depois, todos os dias, à hora marcada, extraem essa mecha da ferida, de maneira que esta se abre de novo para ficar supurando e não se fecha mais. O infeliz sofreu essa tortura teimosamente durante alguns dias, com dores atrozes, até que por fim consentiu em pedir alta. Os olhos ficaram-lhe completamente bons num só dia e quando a ferida do pescoço se fechou, foi levado ao corpo da guarda para receber no dia seguinte outros mil açoites.

Não há dúvida de que o instante que precede o castigo é muito penoso, tão penoso que pode ser que eu incorra em pecado ao chamar a esse medo pequenez de ânimo e covardia. Devia ser terrível quando se sofria um castigo duplo ou triplo e não era administrado de uma só vez. Já falei de alguns condenados que se apressavam a pedir alta, espontaneamente, quando ainda não tinham sequer as costas cicatrizadas das últimas pancadas, a fim de receberem as restantes e de ficarem definitivamente com as suas culpas saldadas, pois o estar pendente de castigo no corpo da guarda era indubitavelmente pior do que o presídio. Mas, além da diferença de temperamentos, desempenhava também um grande papel na decisão e intrepidez de alguns o costume inveterado das pancadas e dos castigos. Parecia até que os que estão muito acostumados ao azorrague têm também a alma

e as costas já endurecidas e que acabam por olhar o castigo com cepticismo, quase como uma doença leve, e não têm medo dele. Um dos nossos presos, da seção especial, um calmuco batizado de Alieksandr ou Alieksandra, como o chamavam entre nós, um rapaz invulgar, velhaco, valente e ao mesmo tempo bondoso, contava-me, rindo e gracejando, mas no entanto com muita seriedade, que, se desde a infância, desde a sua primeira e mais tenra infância, não tivesse sofrido o chicote com tanta frequência, de tal maneira que em toda a sua vida, lá longe, na sua tribo, nunca as costas lhe tinham chegado a cicatrizar, de maneira nenhuma poderia ter resistido àqueles quatro mil. Quando me contava isto, quase que dava graças por essa sua educação, debaixo do chicote. "Alieksandr Pietróvitch, a mim, todos, – disse-me uma vez, sentado na minha esteira, antes de se acenderem as luzes – todos, por isto ou por aquilo, todos me batiam; durante quinze anos seguidos, desde o primeiro dia em que comecei a ter uso da razão, e várias vezes durante o dia; só não me batia aquele que não queria, de tal maneira que acabei acostumando." Não sei como veio parar junto dos soldados; não me recordo, embora possa ser que ele me tivesse contado; era um eterno vagabundo e aventureiro. Só me lembro de que me contou o medo enorme que se apoderou dele quando o condenaram a quatro mil por ter assassinado o seu chefe. "Eu sabia que haviam de dar-me um castigo severo e que talvez não saísse com vida dos açoites, pois, apesar de estar acostumado ao chicote, quatro mil… não é caso para brincadeira! e, além disso, os chefes estavam todos furiosos contra mim. Eu sabia, sabia de fonte certa, que haviam de bater-me com severidade, que não me levantaria debaixo das vergastas. A princípio pensei fazer-me cristão e disse para comigo: 'Talvez me perdoem'; e embora os meus me dissessem que com isso não conseguiria nada; que não me perdoariam, eu pensava: 'No entanto, vou tentar seja como for, sempre terão mais piedade de um cristão'. E de fato tornei-me cristão e puseram-me o nome de Alieksandr no sagrado batismo; agora, quanto às vergastadas, fiquei na mesma; nem sequer me perdoaram uma; eu tomei isso como um insulto. Disse para comigo: 'Esperem, que eu hei de enganar-vos a todos'. Sabe o que aconteceu, Alieksandr Pietróvitch? Enganei-os! Eu sabia lindamente fingir-me morto; isto é, não completamente morto, mas como se a minha alma estivesse para abandonar o corpo de um momento para o outro. Fui levado para o castigo, deram-me mil

pauladas; ‘Queima como fogo!’ gritava eu; dão-me outras mil. ‘Chegou a minha última hora’ – pensei; perdi os sentidos, por completo; minhas pernas se dobraram, rolo por terra; tinha os olhos mortiços, a cara arroxeada, mal respirava e a boca cheia de espuma: O médico chegou e declarou: ‘Está quase morto’. Levaram-me para a enfermaria, mas eu me reanimei imediatamente. Depois levaram-me outras duas vezes, e já estavam furiosos, muito furiosos comigo; mas eu os enganei por mais duas vezes; ao terceiro milhar, assim que me deram a primeira da série, pus-me logo a morrer; e quando chegou a vez do quarto, parecia que, a cada pancada, era um punhal que me trespassava o coração; cada pancada valia por três, tão fortes eram elas! Enraiveciam-se contra mim. Aquele maldito último milhar (assim lhe…) equivalia a tanto como os três primeiros juntos, e se não entrego a alma ao Criador antes do final (ainda me faltavam duzentas vergastadas) acabaria morto a sério; mas eu não me prestei a isso, outra vez os enganei, morri outra vez; e tornaram a acreditar; como é que não haviam de acreditar; se o próprio médico acreditou? Por isso, os últimos duzentos, apesar de ser como foram, que em outra ocasião, dois mil teriam sido mais leves do que eles, podiam achatar o beque, pois não me mataram; e por que não me mataram? Muito simplesmente porque fui criado debaixo do chicote; desde criança. É por isso que ainda estou neste mundo. Abençoadas pancadas essas! – acrescentou ao terminar a sua narrativa, como que afundado numa triste reflexão, como se se esforçasse por recordar e contar as vezes que lhe tinham batido – mas não – acrescentou passado um minuto de silêncio – não posso calcular quantas foram, já lhes perdi a conta!”

Olhou para mim e sorriu, mas de uma maneira tão bonacheirona que eu também não pude deixar de corresponder-lhe com outro sorriso.

– Sabe, Alieksandr Pietróvitch? Eu, agora, sonho todas as noites que me vão açoitar infalivelmente. É só isso que sonho!

De fato, costumava gritar frequentemente durante a noite, até enrouquecer, de maneira que os presos tinham de acordá-lo à pancada.

– Ó diabo, por que gritas tu?

Era um homem sadio, de estatura mediana, nervoso e jovial, de uns quarenta e cinco anos; dava-se bem com todos, embora gostasse muito de roubar, e por causa disso batiam-lhe muitas vezes. Mas quem é que não roubava e quem é que não apanhava pancada, ali?

Acrescentarei a isto uma só coisa: admirava-me sempre aquela extraordinária bonacheirice com que os chicoteados me falavam de todas as surras ou da maneira como lhes tinham batido e quem tinha sido. Raramente percebia o mais pequeno indício de rancor ou de ódio em tais histórias; depois, às vezes, eram os causadores de que o coração me parasse primeiro e começasse depois a pulsar com violência. Mas eles contavam e riam-se como crianças. Eis M…tski, por exemplo, que me contou o seu castigo; não era nobre e deram-lhe quinhentos. Eu sabia coisas dele por outros e perguntei-lhe:

– Isso é verdade? Como foi?

Ele me respondeu brevemente, como se sentisse uma certa repugnância íntima, como se se esforçasse por não me olhar no rosto, ao mesmo tempo que o seu se ruborizava; passado meio minuto olhou para mim e nos seus olhos brilhava a chama do rancor e os lábios tremiam-lhe de cólera. Eu compreendi que ele nunca poderia esquecer aquela página do seu passado. Mas os outros (não afirmo que não houvesse exceções) quase todos viam isso de outra maneira completamente diferente: “Não é possível – pensava eu às vezes, – que se considerem, a si próprios como absolutamente culpados e dignos do suplício, sobretudo quando pecaram, não contra os seus, mas contra os chefes. A maioria deles não se queixava. Disse já que nunca observei remorsos de consciência, nem naqueles casos em que o crime praticado tinha sido contra a sua própria classe. Dos crimes contra os superiores nem é preciso falar. Parecia-me às vezes que, neste último caso, procediam segundo um ponto de vista pessoal, prático, ou, para melhor dizer, fictício. Tomavam em linha de conta o destino, a irrefutabilidade do fato, e não por reflexão mas sim inconscientemente, como uma crença qualquer. O presidiário, por exemplo, apesar de ter sempre a tendência para considerar-se inocente dos crimes contra os superiores, até ao ponto de parecer-lhe absurda toda pergunta acerca disso, no entanto, aceitava praticamente que os chefes considerassem o seu crime sob outro ponto de vista totalmente

diferente, não tendo outro remédio senão castigá-lo. Era uma autêntica luta. O criminoso sabe isso e não duvida de que está justificado perante o juízo do seu meio natural, da sua gente, a qual nunca, e ele sabe isso também, o condenará de um modo definitivo, mas em grande parte, ou até na totalidade, lhe perdoará o seu crime, contanto que este não seja contra os seus, os seus irmãos, da mesma classe do povo a que pertence. A sua consciência está tranquila e essa consciência dá-lhe coragem e não sofre moralmente, e isto é o principal. De certa maneira sente que conta com alguma coisa em que se apoiar, e por isso não experimenta ódio, e encara antes o que aconteceu como um fato inevitável, que não foi começado nem acabado por ele, e se prolongará devido a uma luta que se trava já há muito tempo, passiva mas teimosamente. Qual é o soldado que odeia verdadeiramente o turco, quando guerreia contra ele? E, no entanto, o turco acomete-o e ele aponta e dispara. Aliás, nem todas as histórias eram tão perfeitamente equânimes e benévolas. Do Tenente Tcheriebiátnikov, por exemplo, falavam, embora nem todos, com certas mostras de ódio. Eu conhecia este Tenente Tcheriebiátnikov de ouvir falar acerca dele, desde os primeiros tempos da minha estada no hospital, claro que por referências dos presos. Até que um dia cheguei a conhecê-lo pessoalmente, quando ficou ali, uma vez, de guarda. Era um homem de uns trinta anos, de estatura mediana, gordo, com umas bochechas coradas, regurgitando de gordura, uma dentadura enorme e um riso ameaçador, inquietante. Podia ver-se pela sua cara que era o homem mais atoleimado deste mundo. Gostava muito de castigos, de dar pauladas, quando era designado como executor. Apresso-me a participar que eu já considerava o Tenente Tcheriebiátnikov, por essa altura, como um monstro entre os seus, e os presos consideravam-no da mesma maneira. Além dele havia também carrascos à antiga, é claro, dessa antiguidade recente, cuja tradição está ainda fresca, mas na qual custa a acreditar, os quais gostavam de desempenhar a sua função escrupulosamente. Mas na sua maior parte a coisa se realizava ingenuamente e sem treino especial. O tenente era comparável a um gastrônomo refinado, na sua maneira de ser carrasco. Gostava apaixonadamente da arte de ser verdugo, e amava-a apenas como arte. Isso o deleitava, e, como um patrício do império romano, enfastiado, estragado pelos prazeres, inventara vários requintes, várias modalidades antinaturais, artísticas, com o fim de excitar um pouco e

de fazer umas agradáveis cocegazinhas na sua alma, atafulhada de gordura. Eis o momento em que conduzem o preso ao castigo e em que Tcheriebiátnikov faz de carrasco: deita um olhar ao longe e a fileira alinhada de indivíduos, armados de grossos varapaus, começa já a animá-lo. Muito contente, passa revista a essas fileiras e exorta energicamente todos a cumprir a sua missão escrupulosamente, conscienciosamente, senão… Os soldados já sabem o que significa esse "senão". Eis que trazem o próprio réu; se até esse momento ainda não tinha tido notícias acerca de Tcheriebiátnikov, se não ouviu falar pormenorizadamente acerca dele, verá então os gracejos que o tenente vai dizer-lhe. (E é claro que isso seria apenas uma amostra, pois o tenente, em matéria de invenções, era inesgotável.) Todos os presos (no momento em que o despem da cintura para cima e lhe atam as mãos à culatra da espingarda e puxando pela qual o leva depois o suboficial ao longo de toda a rua verde) todos os presos, dizia, em tal momento começam sempre, seguindo o costume geral, a suplicar ao executor, com voz chorosa, lamurienta, que o castigue com brandura e não ponha rigor excessivo no suplício.

– Vossa Senhoria! – grita o infeliz réu – tenha compaixão, seja meu pai; prometo que rezarei sempre a Deus por Vossa Senhoria; não me mate, tenha piedade!

Tcheriebiátnikov costumava aguardar este momento para suspender imediatamente a coisa e interpelar o réu com uma cara compungida

– Meu amigo – dizia – eu não posso fazer nada por ti, não sou eu quem castiga, mas sim a Lei.

– Está tudo nas mãos de Vossa Senhoria. Tenha piedade!

– Mas tu julgas que eu não tenho pena de ti? Julgas que a mim me agrada ver a maneira como vão surrar-te? Qual! Eu também sou homem! Eu sou um homem ou não sou? Ora diz tu…

– Isso já se sabe, senhor, isso é coisa já sabida; os senhores são os nossos pais e nós somos os seus filhos. Seja Vossa Senhoria o meu pai! – grita o réu começando a alimentar esperanças.

– Mas, meu amigo, já que tens cabeça para pensar, vê bem: eu sei que, humanamente, tenho obrigação de olhar-te a ti, pecador, com benevolência e com doçura.

– Vossa Senhoria acaba de dizer a pura verdade!

– Sim, a olhar-te com doçura, como se não fosses pecador. Mas aqui, repara bem, não se trata de mim, mas da Lei. Lembra-te que eu sirvo a Deus e à Pátria e carregaria a minha consciência de um grande pecado se adulterasse a Lei. Reflete.

– Senhor!

– Bom, no fim de contas, farei isso por ti! Sei que ao fazê-lo cometo um pecado, mas seja… Terei compaixão de ti por esta vez, vou te castigar com brandura. Quem sabe, se, com isto, afinal não te prejudicarei? Desta vez terei piedade de ti; vou te castigar com brandura; mas fixa bem que, se a coisa tornas a repetir-se e tomas a praticar algum delito, então… Juro-te que…

– Senhor! Hei de contar isso a toda a gente, como se estivesse perante. o trono do Criador do Céu…

– Bem, bem, está bem, está bem! Mas promete-me que daqui em diante vais ser bom.

– Deus me castigue se… Que no outro mundo…

– Não jures, que é pecado. Eu acredito na tua palavra. Dás a tua palavra?

– Senhor!

– Bem. Escuta: terei compaixão de ti só por essas tuas lágrimas de órfão. Tu és órfão?

– Sou, sim, senhor. De pai e mãe…

– Bem, então, em atenção às tuas lágrimas de órfão… Mas olha que é a última vez… Vamos, levem-no! – ordenava com uma voz tão suave que o réu já não sabia que orações havia de rezar a Deus por um homem tão clemente.

Eis que a terrível procissão se põe em movimento, que o levam: o tambor repica, erguem-se as primeiras vergastadas…

– Com força! – grita fortemente Tcheriebiátnikov. – Batam-lhe, batam-lhe! Sovem-no bem! Mais força, ainda mais! Com mais força, para o órfão, com mais força, para o velhaco! Surrem-no bem, surrem-no bem!

E os soldados batiam com toda a sua força; saltavam chispas dos olhos do infeliz, que começa a gritar; mas Tcheriébiátnikov corre atrás dele ao longo da fileira e ri, ri às gargalhadas, derrete-se a rir, segura as costas com as mãos para aguentar o riso, não pode conter-se; de tal maneira que, por fim, já não pode mais. Mas continua a rir e somente interrompe o seu riso sonoro, são, alegre, de quando em quando, e então ouve-se de novo:

– Batam-lhe! Batam-lhe! Batam com força ao órfão, batam com força ao velhaco!

Mas vejam esta outra variante, também invenção sua. Conduzem o réu ao castigo e ele começa com as súplicas. Desta vez Tcheriebiátnikov não finge, não faz caretas, manifesta-se com franqueza.

– Olha, meu caro amigo – diz – vou castigar-te como é devido; visto que o mereces. Mas ouve o que vou fazer a teu favor: não te

atarei à culatra da espingarda. Vais caminhar sozinho, mas de uma maneira diferente. Correrás com todas as tuas forças ao longo da fileira. E ainda que te deem todas as vergastadas, a coisa se torna mais rápida. Que te parece? Queres experimentar?

O réu, duvidoso, escuta incrédulo e reflete: “Tanto faz – diz para consigo. – Pode ser que, efetivamente, assim tudo se abrevie. Correrei o mais depressa que puder e assim o suplício será cinco vezes mais breve e pode ser até que nem todas as vergastas me alcancem.”

– Está bem, senhor.

– Bem, então, levem-no. Mas não o atem – grita para os soldados, sabendo no entanto que nem um só pau há de deixar de cair sobre as costas do culpado, pois o soldado que falha o golpe sabe muito bem aquilo a que se expõe. O preso se envaidece, por ir correr com todas as suas forças ao longo da rua verde, mas, naturalmente, não chega na sua carreira nem ao décimo quinto soldado; os paus caem sobre as suas costas como o repicar do tambor e o pobre cai com um grito, desfalecido, como se tivesse sido atingido por um tiro.

– Não, senhor; é melhor fazer conforme manda o regulamento – diz, levantando-se imediatamente do chão, pálido e medroso.

Tcheriebiátnikov, que já de antemão sabia em que ia acabar toda esta brincadeira, desmanchava-se de rir, como um bruto. Mas não vou descrever todas as suas invenções e tudo quanto entre nós se contava acerca dele.

Era de uma maneira um pouco diferente, noutro tom e com outra intenção, que entre nós falavam também de um certo Tenente Smiekálov, que desempenhava o cargo de comandante do nosso presídio antes que viesse para aqui o nosso major da caserna. De Tcheriebiátnikov, embora falassem com bastante imparcialidade, sem ódio especial, não aplaudiam as suas façanhas nem o gabavam, e era evidente que lhe tinham horror. Alguns até o desprezavam. Mas do Tenente Smiekálov recordavam-se entre nós com alegria e prazer. O motivo disso estava em que ele não era apreciador dos castigos: não havia nele nem uma ponta de elemento tcheriebiatnikóvico. No entanto, não era absolutamente oposto ao castigo; mas o certo é que

até as suas vergastadas eram recordadas entre os presos com certo prazer, tal era o ponto a que esse homem sabia agradar aos presos! Como é que ele conseguia isso? Como alcançara tanta popularidade? De fato, a população dos presos, e pode dizer-se que todo o povo russo, está sempre disposto a esquecer os suplícios por uma só palavra afetuosa. Falo disto como de um fato, sem relacioná-lo com isto nem com aquilo. É fácil agradar a esta gente a granjear essa popularidade. Mas o Tenente Smiekálov conquistou uma popularidade especial, de tal maneira que chegavam quase a recordar-se com deleite da maneira como ele castigava.

– Nem nos fazia falta o padre – costumavam dizer os presos, e até suspiravam, comparando-o, na sua recordação, o chefe de outros tempos, Smiekálov, com o atual major da caserna. – Era um homem de coração!

Era um homem simples e bom, de seu natural. Mas às vezes acontecia que os cargos de comando eram ocupados por homens não só bons, mas até generosos, e que nem todos gostassem deles e alguns até se rissem deles. O certo é que Smiekálov sabia fazer com que todos o reconhecessem pelo homem que ele era; mas isto é uma espécie de habilidade, ou, para melhor dizer, uma aptidão inata, da qual nem sequer se apercebem aqueles que a possuem. Coisa estranha: costumava haver tipos nitidamente maus e que, apesar disso, conquistavam grande popularidade. Não gritavam nem eram despóticos com as pessoas que dependiam deles e, segundo me parece, devia ser este o motivo disso. Não lhes viam mãos brancas de fidalgo, não tinham cheiro a senhores mas sim um certo cheiro especial da gente de baixa condição, que lhes era inato. E, meu Deus, como o povo fareja esse cheiro! Quem não daria por ele! Está disposto a trocar o homem mais brando pelo mais severo, contanto que exale este cheiro! Que sucederá no caso de o homem que exala este cheiro plebeu, que lhes é próprio, ser ao mesmo tempo bom de seu natural? Nesse caso é para eles um tesouro sem preço!

Conforme disse já, o Tenente Smiekálov, às vezes castigava e bem; mas, fosse como fosse, sabia proceder de maneira que não só não lhe guardavam rancor, mas ainda por cima, no meu tempo, em que tudo isso ia já longe, recordavam as suas coisas a respeito das

execuções com riso e até com gosto. Mas, aliás, tinha poucas dessas coisas, não podia vangloriar-se de fantasia artística. Para dizer a verdade, tinha um truque, um só, acerca do qual os presos falaram durante um ano inteiro; mas é possível que fosse tão bom por ser o único. Tinha muito de ingênuo. Levavam-lhe, por exemplo, o preso culpado. O próprio Smiekálov assiste ao castigo. Assiste sorrindo, gracejando, começa a interrogar o réu acerca de algo secundário, dos seus assuntos pessoais, domésticos e prisionais, como se fosse sem qualquer objetivo, nem sequer por chalaça, apenas simplesmente… porque, de fato, gostava de informar-se de todas essas coisas. Trazem as vergastas e a cadeira para Smiekálov: este se senta e acende o cachimbo. Usava um cachimbo muito comprido. O réu começa a suplicar…

– Não, meu amigo, tem paciência, não me venhas agora com… – diz Smiekálov. O réu suspira e conforma-se.

– Um momento, meu amigo, sabes alguns versos de cor?

– Então não havia de saber, senhor? Somos batizados, aprendi-os em criança.

– Bem, então, quero ouvi-los.

E o preso já sabe o que há de recitar e qual é o resultado dessa recitação; que já trinta vezes teve o mesmo gracejo para outros. Sim, também o próprio Smiekálov sabe que o réu não o ignora; sabe que até os soldados que estão ali postados com as vergastas erguidas ao alto sobre a vítima, estendida, já há muito tempo que ouviram falar deste gracejo; e, no entanto, repete-o de novo… pois uma vez lhe agradou e ficou para sempre, talvez precisamente por que o tivesse inventado, por presunções literárias. O preso começa a recitar; os tipos das vergastas esperam; mas Smiekálov até muda de lugar, levanta as mãos e deixa de fumar o seu cachimbo; espera a frase de sempre. Depois dos primeiros versos conhecidos, o preso chega por fim à frase: “Nos Céus”. Era isso o que ele esperava.

– Alto! – grita o tenente, excitado e, de repente, voltando-se com um gesto inspirado para o homem que levanta a vergasta, grita:

– Levem-no!

E começa a rir. Os soldados que o circundam também riem; o executor sorri e pouco falta para que o preso ria também, se não fosse o fato de, à voz de comando: “Levem-no para lá”, já a vergasta se ergue no ar, para um minuto depois cortar como uma navalha de barbear o seu corpo culpado. E Smiekálov fica contente, porque lhe correu tão bem a coisa… inventada por ele próprio: “nos Céus e levem-no para lá”, que de fato rimam.[33] E Smiekálov sai dali perfeitamente satisfeito consigo próprio, o supliciado fica também satisfeito consigo próprio e com Smiekálov, e… passada meia hora anda já contando por todo o presídio como pela trigésima primeira vez se repetiu o já trinta vezes repetido gracejo. Realmente era um homem de coração!

Meia hora depois, a recordação do bondosíssimo tenente tinha qualquer coisa de sedutor.

– Uma vez passava eu diante da casa dele – conta algum dos condenados e todo o seu rosto se ilumina num sorriso, com a recordação – e ele estava lá, sentado junto da janela, de roupão, tomando o chá e fumando o seu cachimbo. Tirei o gorro…

– Onde vais Aksiénov?

– Para o trabalho, Mikhail Vassílievitch, direitinho para a oficina, onde estamos fazendo falta.

Ele sorriu… Era um homem de bom coração, de muito bom coração!

– Nunca mais voltaremos a ter outro igual! – acrescenta algum dos ouvintes.

## Capítulo XIV / O hospital (conclusão)

Falei dos castigos, assim como dos vários executores destes interessantes encargos, sobretudo porque foi só quando entrei para o hospital, que pude fazer, uma ideia visual de todas essas coisas.[34] Até

então apenas as conhecia de ouvido. Para as nossas salas vinham todos os supliciados com as vergastas, dos vários batalhões, das companhias disciplinares e das outras seções militares estabelecidas na nossa cidade e em todos os seus arredores. Nos primeiras tempos, em que eu contemplava com enorme avidez tudo quanto se passava à minha volta, todas essas coisas, para mim tão estranhas, todos esses castigos e os que tinham sido condenados a sofrê-los provocavam em mim uma fortíssima impressão. Ficava comovido, dorido e assustado. Lembro-me de que então comecei imediatamente a fazer perguntas acerca desses novos fenômenos, a escutar as narrativas e conversas de outros presos, sobre este tema, e até lhes fazia perguntas, ansioso por saber tudo. Entre outras coisas ansiava conhecer a todo custo todos os trâmites da condenação e da execução, todos os pormenores desta última, e a opinião dos próprios presos acerca de tudo isso; esforçava-me por imaginar o estado psíquico daqueles que se encaminhavam para o suplício. Disse já que, perante o castigo, raro era aquele que conservava o sangue frio, até mesmo aqueles que já anteriormente tinham sofrido mais de uma sova brutal. Quase sempre o condenado sentia um medo terrível, puramente físico, involuntário e inevitável, que afetava todo o ser moral da criatura.

Além do mais, em todos estes anos da minha vida presidiária, observava involuntariamente no hospital como os abandonavam, depois da primeira metade do castigo, e, tratadas as suas costas, para no outro dia irem cumprir a outra metade do castigo a que os tinham condenado. Essa divisão do castigo em duas metades efetuava-se sempre por indicação do médico que assistia ao suplício. Se o número de açoites marcado para o crime era grande, de tal maneira, que o preso não poderia aguentá-los todos de uma vez, dividiam esse número em duas ou em três partes, guiando-se pelo que o médico dizia no próprio momento do castigo, se o réu podia ir avançando ao longo da carreira de vergastas ou se isso acarretaria perigo para a sua vida. De maneira geral, quinhentos, mil, e até mil e quinhentos açoites aguentavam-se de uma vez; mas se o castigo consistia em dois ou três mil, a sua execução fazia-se em duas ou ainda em três vezes. Aqueles cujas costas já estavam cicatrizadas, após terem recebido a primeira metade, saíam do hospital para receber a segunda e, no dia em que lhes era dada alta e na véspera, mostravam-se desusadamente tristes,

arredios e irritáveis. Notava-se neles um certo embotamento mental, um estranho ensimesmamento. Não entabulavam conversas e ficavam muito cismativos; o mais curioso de tudo era que os próprios presos nunca lhes dirigiam a palavra e evitavam toda alusão ao que os esperava. Nem palavras de mais nem consolações; procuravam até não fixar a atenção sobre eles. O que sem dúvida era o melhor para o sentenciado. Havia exceções, como, por exemplo, a de Orlov, do qual já falei. Depois da primeira metade do castigo só lhe custava que as suas costas demorassem tanto tempo a cicatrizar, impedindo-o do pedir alta o mais depressa possível, para receber em seguida as outras pancadas, encaminhar-se depois, em caravana, para o lugar de deportação que lhe tinha sido designado e poder assim fugir durante o trajeto. Mas este indivíduo tinha um objetivo e só Deus sabe o que em mente. Era um temperamento estranho e vigoroso. Estava muito satisfeito consigo próprio e num estado de grande exaltação, embora reprimisse os seus sentimentos. O certo era que, antes da primeira metade do castigo, pensava que não escaparia vivo do suplício, que certamente morreria. Até ele tinham chegado já diversos boatos relativos a certas medidas dos chefes, quando ele estava ainda pendente de castigo; já então se preparava para morrer. Mas depois de ter sofrido a primeira metade, ganhou coragem. Entrou no hospital esfrangalhado, meio morto; nunca até então eu vira tais feridas; mas entrou com a alegria no coração, com a esperança de sair com vida, de saber que os boatos eram falsos, de que, de uma vez, já estava livre; depois que, agora, depois do longo processo, começou a sonhar com o caminho, a fuga, a liberdade, os campos e os bosques… Dois dias depois da sua saída do hospital morria ali mesmo, na mesma cama de antes, por não ter suportado a segunda volta de açoites. Mas já falei dele.

E, no entanto, esses mesmos presos que tinham passado dias e noites tão horríveis perante o castigo, sofriam depois o suplício virilmente, até mesmo os fracos. Raras vezes eu os ouvia se queixar, nem sequer os que eram castigados com extrema crueldade; o povo sabe, de maneira geral, suportar a dor. Eu fazia muitas perguntas a respeito da dor. Desejava conhecer concretamente como eram essas dores, com que, no fim de contas, se podiam comparar. Não sei, verdadeiramente, para que desejaria sabê-lo. Lembro-me apenas de

uma coisa, mas não por curiosidade vã. Repito, eu estava muito comovido. Mas fosse quem fosse aquele que eu interrogasse, nunca conseguia obter uma resposta que me satisfizesse. “Queima como fogo”, era esta a única resposta que me davam e tudo que pude apurar. Nestes primeiros tempos, como eu convivesse mais intimamente com M…m, interroguei-o.

– Dói muito – respondeu-me – mas a impressão é de que queima como fogo, como se uma chama viva queimasse as costas.

Em resumo: coincidiam todos na mesma palavra. Além disso lembro-me de que, então, fiz eu também uma estranha observação, por cuja exatidão não respondo, embora a generalidade das observações dos próprios presos a corrobore firmemente, isto é, que as vergastadas, quando administradas em grande número, representam o castigo mais duro de todos quantos entre nós se empregam. Poderia dizer-se à primeira vista que isto é absurdo e impossível. No entanto, com quinhentas, até com quatrocentas vergastadas, um homem pode ficar à morte e, passadas quinhentas, é certo que morre. Mil vergastadas de uma vez não as aguenta nem o homem de constituição mais robusta. Em compensação, quinhentas pauladas podem aguentar-se sem nenhum risco de morte. A mil, pode resistir sem perigo de vida até um homem de natureza pouco vigorosa. Mais ainda: é impossível matar um homem de forças medianas e de constituição sã. Todos os presos diziam que as vergastadas eram piores que as pauladas.

– As vergastadas dilaceram – diziam – a dor é mais intensa. Não há dúvida de que as vergastas são mais dolorosas que os paus. Excitam mais, atuam mais energicamente sobre os nervos, alteram-nos mais profundamente, quebram-nos extraordinariamente. Não sei como será agora, mas nos tempos de uma antiguidade que não vai longe ainda, havia cavalheiros para os quais a possibilidade de castigar a sua vítima constituía uma sensação que fazia recordar o marquês de Sade e a Brinvilliers. Penso que havia qualquer coisa nessa comoção que aplacava o coração desses cavalheiros: qualquer coisa gostosa e dolorosa, ao mesmo tempo. Há pessoas que parecem tigres ávidos de beber sangue humano. Quem exerceu uma vez esse poder, esse ilimitado domínio sobre o corpo, o sangue e a alma de um semelhante seu, de uma criatura, de um irmão em Cristo; quem conheceu o poder

e a plena faculdade de infligir a suprema humilhação a outro ser, que traz em si a imagem de Deus – converte-se sem querer em escravo das suas sensações. A tirania é um costume; possui a faculdade de desenvolver-se e degenera, finalmente, numa doença. Eu afirmo que o melhor dos homens pode embrutecer-se e embotar-se por efeito do hábito, até descer ao nível duma fera. O sangue e o poder embriagam, engendram o embrutecimento, a insensibilidade; tanto a inteligência como o sentimento acabam por achar isso natural e, por fim, aprazíveis as manifestações mais anormais. O homem e o cidadão morrem para sempre no tirano; é-lhe quase impossível regressar à dignidade humana, ao arrependimento, a uma nova vida. Além disso, o exemplo, a possibilidade de tal egoísmo faz aparecer também na sociedade um efeito nocivo: semelhante poder é sedutor. A sociedade que contempla com indiferença esse espetáculo está já minada pela base. Em resumo: o direito de impor castigos corporais, outorgado a um sobre o outro, é uma das pragas da sociedade, é um dos meios mais poderosos para aniquilar nela todo germe de civismo e a base completa para a sua dissolução inevitável e infalível.

A sociedade tem horror ao verdugo; mas o verdugo-cavalheiro também não anda longe. Só há pouco tempo foi exposta a opinião contrária, mas só nos livros, abstratamente. Até aqueles que assim se manifestam, nem todos poderão ainda despojar-se dessa necessidade de domínio. E mais: todo industrial, todo empreiteiro deve infalivelmente experimentar uma certa satisfação comovida pelo fato de um operário e toda a sua família estar inteiramente à sua mercê. Esta é a pura verdade; não é assim tão depressa que o homem se desprende daquilo que herdou; não é assim tão depressa que se alija aquilo que está na massa do sangue, que lhe foi transmitido, como costuma dizer-se, com o leite materno. Não se produzem transformações tão rápidas. Reconhecer a culpa e o pecado original é ainda pouco, pouquíssimo: é preciso desprender-se totalmente deles. Mas isto não é coisa que se faça assim, tão depressa.

Falei do verdugo. A natureza de verdugo encontra-se em germe em quase todo homem contemporâneo. Mas as qualidades brutais do homem não se desenvolvem por igual. Quando, com o desenvolvimento, se abafam num homem todas as outras qualidades,

esse homem torna-se, sem dúvida alguma, terrível e selvagem. Há duas espécie de verdugos: voluntários e involuntários, obrigados. O verdugo voluntário é, sob todos os aspectos, pior do que o forçado, o qual, no entanto, provoca no povo tanto espanto e aversão, e até um pavor louco, quase mítico. A que é devido esse terror quase supersticioso do verdugo e essa indiferença, essa quase aprovação em relação ao outro? Há exemplos muito estranhos: conheci pessoas boas e até honestas, até respeitadas na sociedade e, no entanto, não podiam, por exemplo, suportar serenamente que o réu não gritasse debaixo das vergastas nem pedisse clemência. Os réus, quando eram castigados, deviam infalivelmente gritar e pedir compaixão. Era esta a sua mentalidade, tinham isto por decente e imprescindível; e quando acontecia a vítima não gritar, o executor, que eu conhecia, e que a outros respeitos podia passar por um homem, e até por um homem bom, chegava a sentir-se ofendido. Desejaria ter começado a castigar com brandura; mas, como não ouvia as costumadas súplicas "Senhor, pai, tenha piedade, que eu pedirei eternamente a Deus por Vossa Senhoria!", etc… enfurecia-se e mandava dar ao réu mais quinze pancadas, para ver se conseguia arrancar-lhe esses gritos e súplicas… e conseguia. "Não pode tolerar-se uma coisa dessas, é um descaramento", respondia-me muito a sério. Quanto ao verdugo de profissão, forçado, involuntário, já se sabe qual a sua origem: é um preso já julgado e condenado à, deportação, que obteve comutação da pena e por isso foi destinado a verdugo; faz a sua aprendizagem com outro verdugo e, uma vez instruído, fica para sempre no presídio com esse encargo, passa a viver aí por sua conta, ocupa moradia à parte e até possui a sua fazendinha, mas sempre sob a guarda de uma sentinela. Não há dúvida de que um homem não é nenhuma máquina; o verdugo bate por obrigação, sim, mas às vezes chega a entusiasmar-se; no entanto, embora o bater lhe produza algum prazer, não sente entretanto nenhum ódio supérfluo contra a sua vítima. A destreza do golpe, o conhecimento do ofício, o desejo de destacar-se entre os camaradas e perante o público esporeiam o seu amor-próprio. Esforça-se pelo seu ofício. Fora disso sabe muito bem que é um réprobo para a sociedade; que em todos os lados encontra um terror supersticioso que o segue por toda parte, e que isto tem sobre ele a influência de fomentar o seu ardor, as suas bestiais inclinações. Até as crianças sabem que os pais o amaldiçoam. Coisa estranha: tive muitas vezes a

oportunidade de ver carrascos de perto e de verificar que eram todos homens que sabiam raciocinar, mentalmente desenvolvidos, inteligentes, com uma vaidade extraordinária e até orgulhosos. Seria o caso de se ter desenvolvido neles este orgulho por reação natural contra o desprezo geral que inspiram? Seria provocado pelo reconhecimento do terror que infundem às suas vítimas, e pelo seu sentimento de domínio sobre elas? Não sei. Pode ser que o próprio aparato; a própria teatralidade dessa decoração com que se apresentam em público, sobre o cadafalso, contribua para desenvolver neles um pouco de soberbia. Lembro-me de que uma vez me sucedeu encontrar-me frequentemente durante algum tempo com um verdugo e observá-lo de perto. Era um homem de estatura mediana, musculoso, seco, de uns quarenta anos, de cara bastante simpática e inteligente, e com o cabelo ondulado. Estava sempre com um ar muito grave e tranquilo; tinha o aspecto completo dum cavalheiro; respondia sempre com brevidade, sensatamente, e até com certa amabilidade altiva, como se tivesse razão para mostrar-se orgulhoso perante mim. Os oficiais da guarda costumavam falar com ele diante de mim e, para dizer a verdade, tratavam-no com certo respeito. Ele sabia-o perfeitamente e com os seus superiores dobrava de reserva, de secura e de gravidade. Quanto mais afetuoso se mostrava o superior, mais reservado ele; e embora nunca ultrapassasse os termos duma amabilidade afetada, estou convencido de que, naquele instante, se tinha por infinitamente superior ao chefe que falava com ele. Isso podia ser lido na sua na cara. Acontecia que às vezes, durante as horas ardentes dos dias estivais, o mandavam, com escolta, armado de uma comprida e fina vara, matar os cães vadios da cidade. Naquela cidade abundavam extraordinariamente esses cães, que não tinham dono, e se multiplicavam com extraordinária rapidez. Na época da canícula tornavam-se perigosos, e mandavam o verdugo, por ordem das autoridades, para exterminá-los. Mas até este humilhante encargo não constituía para ele vexame algum. Era curioso ver a dignidade com que atravessava as ruas da cidade, escoltado pela sentinela esgotada, assustando, só com a sua presença, as mulheres e as crianças que encontrava, e a tranquilidade e até altivez com que olhava todos os transeuntes. Aliás, a vida do verdugo é cômoda. Tem dinheiro, come bem, bebe vinho. O dinheiro, recebe-o das gorjetas. O condenado civil, que foi sentenciado a castigo, a primeira coisa que faz, ainda que

pertença à classe mais baixa, é gratificar o verdugo. Mas quando se trata dos outros; dos condenados ricos, são eles próprios que lhe apresentam a conta, marcando uma quantia em relação com os recursos prováveis do réu, cobrando-lhes trinta rublos e às vezes mais. Também fazem negócio em grande escala, com os muito ricos. O verdugo não pode castigar com muita brandura: por isso respondem as suas próprias costas. Mas em compensação, pelo preço ajustado promete à vítima não lhe bater com muita força. Cedem quase sempre à sua proposta; senão ele os castiga de maneira bárbara, o que está absolutamente nas suas mãos. Acontece que ele exige uma quantia elevada, até mesmo a um réu pobríssimo; os parentes regateiam e fazem-lhe muitas cortesias; mas ai deles se não chegam a satisfazê-lo! É nestas ocasiões que eles se aproveitam do terror supersticioso que inspiram. Quantas selvajarias não se contam do verdugo! Além disso os próprios presos me afirmaram que o verdugo pode matar com uma só pancada. Mas, em primeiro lugar, quando é que tal se comprovou? Embora, no fim de contas, pudesse ser. Afirmam-no redondamente: Um verdugo afirmou-me ele próprio também que, de fato, assim podia ser. Diziam também que, pode bater com todas as forças sobre as costas do réu, mas de maneira que não sofra nem a mais leve arranhadura devido à pancada nem sinta a mínima dor. Correm já por aí demasiadas histórias acerca de todos estes truques e requintes. Mas se o verdugo recebe gratificações para castigar brandamente, apesar de tudo, a primeira pancada pertence-lhe e descarrega-a com todas as suas forças e energias. Isto já se transformou num costume, entre eles. As últimas pancadas dão-se frouxas, sobretudo quando lhes pagaram adiantadamente. Mas a primeira pancada, quer lhes tenham pago ou não; é sua. Não sei, verdadeiramente, por que fazem isso. Talvez para mostrar à sua vítima, nas pancadas seguintes à sua custa, que, depois de uma pancada violenta, as mais fracas já não são tão dolorosas, ou simplesmente pela ânsia de impor-se ao réu, de infundir-lhe medo, mortificá-lo, para que saiba nas mãos de quem está. Em suma: para mostrar o seu poder. Seja como for, o verdugo, antes do início do castigo, encontra-se numa excitação, sente a sua força, reconhece-se poderoso; nesse minuto é um ator: o público admira-o e teme-o, e não há dúvida de que é com certo prazer que grita para a sua vítima, antes da primeira pancada: “aguenta, que queima!”, frase habitual e assustadora em tais ocasiões. Custa a imaginar até que ponto pode

corromper-se a natureza humana.

Nos meus primeiros tempos de hospital, escutei todas essas histórias da boca dos presidiários. Para todos era horrivelmente aborrecido. Os dias eram tão iguais uns aos outros! De manhã, ainda nos servia de distração a visita dos médicos, e depois, o desjejum. Não há dúvida de que a comida, numa monotonia daquelas, representava uma distração notável. As dietas eram diferentes, distribuídas em relação às doenças dos enfermos. Alguns recebiam apenas uma sopa com um pouco de cevada; outros, massas, apenas; um terceiro, sêmola, que tinha muitos apreciadores. Os presos, de estarem tanto tempo metidos na cama, acabavam por tornar-se esquisitos e queriam regalar-se. Aos convalescentes e aos que estavam quase bons davam um pedaço de vaca assada, "uma tora", como eles diziam. A melhor de todas as rações era a dos escorbúticos: carne com cebola, rábanos, etc., e também às vezes um copo de aguardente. O pão era, conforme o gênero da doença, negro ou escuro, muito bem cozido. Essa formalidade e prescrição das dietas só inspiravam vontade de rir aos presos. Não há dúvida de que, em certas doenças, o homem chega a não comer. Mas, em compensação, os doentes que tinham apetite comiam o que queriam. Alguns trocavam as suas dietas, de maneira que dietas indicadas para uns doentes eram comidas por outros que sofriam de doenças completamente diferentes. Outros, que deviam observar dieta, comiam carne de vaca e a ração dum escorbútico, e bebiam *kvas*, a bebida do hospital, comprando-o àqueles a quem estava destinado. Alguns ingeriam duas rações. As rações vendiam-se e revendiam-se a dinheiro. A de vaca era muito cara: cinco copeques. Se faltava qualquer coisa na nossa sala, enviavam o enfermeiro à outra enfermaria de presos, e se aí também não havia, mandavam-no às salas dos soldados, dos "livres", como nós lhes chamávamos. Encontrava-se sempre quem quisesse vender a sua ração. Ficavam só com o pão, mas, em compensação, arranjavam dinheiro. Não há dúvida de que a pobreza era geral; mas aqueles que tinham um dinheirinho chegavam até a mandar comprar no mercado tortas, guloseimas, etc. Os nossos enfermeiros cumpriam todos estes recados sem o menor risco. Depois do almoço, começavam as horas mais aborrecidas: um, por não fazer nada, adormecia; outro, tagarelava, este resmungava e aquele punha-se a contar patranhas. Quando não

entravam novos doentes, o aborrecimento era ainda maior. A entrada de um novato fazia sempre alguma impressão, sobretudo quando ninguém o conhecia. Olhavam-no, esforçando-se por adivinhar quem seria e como, de onde e por que tinha ido parar ali. Nesses casos interessavam particularmente os que vinham das caravanas de condenados; estes começavam logo a falar, não dos seus assuntos íntimos, é claro; desde que não fosse ele próprio quem falasse acerca disto, os outros também nunca lhe perguntavam mais do que: "De onde vieste? Com quem? Que caminho fizeste? Aonde vais?", etc. Alguns, assim que ouviam a nova história, achavam indispensável contar também alguma coisa a seu respeito; das suas diferentes jornadas, dos castigos e dos chefes de caravanas. Os supliciados com as vergastas chegavam também a essa hora, à tarde. Provocavam sempre uma forte impressão, conforme já disse; mas não apareciam todos os dias e, no dia em que não vinham, sentíamos um tédio tal, que todas aquelas caras se tornavam mutuamente importunas e chegavam até a surgir brigas. Eram para nós um motivo de alegria os loucos que eram trazidos para ficarem em observação. Os réus costumavam entregar-se ao trabalho de se fingirem loucos para escaparem ao castigo. Alguns eram logo forçados a desistir; ou, para melhor dizer, eles próprios decidiam mudar de tática e depois de se terem fingido loucos durante dois ou três dias, tornavam-se sensatos de repente, sem mais nem menos, apaziguavam-se e, tristemente, começavam a pedir alta. Nem os presos nem os médicos os censuravam nem envergonhavam, recordando-lhes a sua recente impostura; davam-lhe alta em silêncio, acompanhavam-nos em silêncio e, daí a dois ou três dias voltavam a aparecer entre nós, já castigados. Mas esses casos eram, de maneira geral, muito raros. Os loucos verdadeiros, colocados em observação, representavam um verdadeiro castigo de Deus para toda a sala. Alguns loucos de bom humor, desinquietos, que gritavam, dançavam e cantavam, a princípio eram acolhidos quase com entusiasmo: "Que engraçado!", diziam, ao verem alguns deles, que entravam fazendo caretas. Mas a mim causavam-me muita compaixão e custava-me muito ver esses desgraçados. Nunca pude olhar a sangue frio para um louco.

Aliás, as caretas ininterruptas e os gestos inquietos do louco que tínhamos acolhido com risos, bem depressa chegavam a aborrecer-nos

a todos e, passados dois dias, já tínhamos perdido por completo a paciência. Um desses esteve entre nós três semanas e quase que nos fez fugir dali. Por esse tempo, como se fosse de propósito, levaram para ali um louco que me causou uma impressão muito especial. Aconteceu isso no terceiro ano da minha estada no presídio. No primeiro ano, ou, para melhor dizer, nos primeiros meses da minha vida no presídio, eu costumava sair, na primavera, com um turno para o trabalho, a duas verstas dali, para uma olaria onde havia também oleiros, para ir trabalhar como ajudante de pedreiro. Era preciso reparar os fornos para os próximos trabalhos de olaria, no verão. Nessa manhã, na olaria, M…tski e B*** apresentaram-me ao suboficial Ostrójski, que vivia ali como inspetor. Era um polaco de uns sessenta anos, alto, débil, muito educado e com uma aparência imponente. Havia pouco tempo que fazia serviço na Sibéria, e embora fosse de origem plebeia e tivesse sido soldado, M…tski e B*** gostavam dele e respeitavam-no. Andava sempre lendo uma Bíblia católica. Eu falei com ele e ele me tratou muito afetuosamente, com muito tato; contou-me coisas muito interessantes e olhou-me com muita bondade e nobreza. A partir dessa data, não tornei a vê-lo durante dois anos; tinha apenas ouvido dizer que não sei por que motivo, se encontrava sujeito a uma sindicância, quando, de repente, o introduziram na nossa sala, como louco. Entrou a guinchar, a rir às gargalhadas e, com os gestos mais vulgares e próprios do mujique de Kamarinsk,[35] pôs-se a dançar na sala. Os presos estavam entusiasmados, mas eu tinha uma pena… Passados três dias já não sabíamos o que havíamos de fazer à vida. Brigava, punha tudo num alvoroço, guinchava, cantava até durante a noite, fazia a cada momento coisas tão repugnantes que todos nós ficávamos simplesmente agoniados. Não tinha medo de ninguém. Puseram-lhe uma camisa-de-força, mas, com isso, ainda foi pior para nós, embora sem a camisa pusesse tudo em desordem e ralhasse quase com todos. Durante essas três semanas, às vezes era toda a sala, a uma só voz, pediu-se ao médico-chefe que levassem aquele desordeiro dali para outra sala. E aí, passados dois dias, pediram também a sua transferência para outra. E quando uma vez nos levaram dois loucos, desassossegados e rixentos, colocavam-nos alternadamente numa e noutra sala, trocando os dementes. Mas isso ainda era pior. Só descansamos quando os levaram dali não sei para onde…

Lembro-me também de um louco extraordinário. Trouxeram-nos um dia, no verão, um condenado, sadio mas de figura muito desajeitada, de uns quarenta e cinco anos, com uma cara desfigurada pela varíola, de olhinhos vivos e inflamados e com um aspecto muito severo e sombrio. Colocaram-no junto de mim. Parecia um homem muito pacífico, não falava com ninguém e parecia estar sempre meditando. Já começara a escurecer; de repente, ele me encarou. Sem mais que nem porque, sem quaisquer preâmbulos, mas com o ar de quem deseja comunicar-me um grande segredo, começou a contar-me que, dali a uns dias, iam aplicar-lhe dois mil açoites, mas que por agora não podiam fazê-lo, pois a filha do Coronel G*** estava loucamente apaixonada por ele. Eu olhei para ele, duvidoso, e respondi-lhe que, nesse caso, me parecia que a filha do coronel não poderia fazer nada. Mas eu não sabia nada; é que o tinham levado ali, não como louco, mas como doente comum. Perguntei-lhe que doença era a sua. Respondeu-me que não sabia e que o tinham levado ali por qualquer coisa, mas que ele estava perfeitamente bem de saúde e que a filha do coronel o amava com paixão; que ela o tinha visto uma vez, havia duas semanas, quando passara pelo corpo da guarda, e ele também a vira nessa ocasião por um postigo gradeado. Assim que ela o viu apaixonou-se imediatamente. E, desde então, já por três vezes tinha ido ao corpo da guarda, sempre com vários pretextos: da primeira fora com o pai visitar o irmão, que nesse dia estava como oficial de serviço; na seguinte, em companhia de sua mãe, entregar uma esmola e quando passava em frente dele disse-lhe em voz baixa que o amava e que havia de fazer com que o pusessem em liberdade. Era estranha a, minúcia de pormenores com que me contou todo esse absurdo que, naturalmente, nascera todo completo no seu cérebro doente e alterado. Tinha uma fé cega em que escaparia ao castigo. Falava muito tranquila e convictamente do apaixonado amor que por ele tinha essa menina e, apesar do absurdo de toda essa história, tornava-se estranho ouvir uma narrativa tão fabulosa acerca de uma moça apaixonada por um homem que andava já perto dos cinquenta anos, e com uma cara tão inexpressiva; tétrica e desfigurada. Era surpreendente o que o terror do castigo pudera provocar naquele espírito apoucado. De fato, talvez tivesse visto alguém pelo postigo e a loucura, que se apoderava já dele por causa do terror, agravando-se de hora para hora, encontrou depressa a sua liberdade, a sua forma. Esse

pobre soldado, no qual talvez as mulheres não tivessem reparado nem uma só vez, em toda a sua vida, forjou de repente todo esse romance, agarrando-se instintivamente àquilo que podia, nem que fosse uma palhinha. Escutei-o em silêncio e falei depois acerca dele com os outros presos. Mas quando os outros começaram a interrogá-lo curiosos, guardou um silêncio prudente. No dia seguinte o médico fez-lhe muitas perguntas e disse-lhe depois que ele não estava doente, conforme se deduzia do exame, e deu-lhe alta. Só soubemos que o médico tinha escrito *sanat* na sua papeleta quando já tinha saído, e por isso não pudemos falar-lhe do caso. Mas nenhum de nós, então, suspeitava do mais importante. No entanto tudo se reduzia a um erro dos superiores, que o tinham enviado para a nossa sala sem reparar no motivo. Assim se produziu esse descuido. Mas é possível que os que o enviaram suspeitassem de alguma coisa mas não estivessem completamente convencidos da sua loucura e, influenciados por vagos rumores, o tivessem mandado para ali para observação. Fosse como fosse, o desgraçado, passado dias, foi levado ao suplício. Segundo parece o inesperado acontecimento causou-lhe uma impressão profunda; não acreditava que pudessem castigá-lo, e quando o levaram perante as filas, começou a gritar: "Sentinela!". Dessa vez puseram-no no hospital, não na nossa sala, onde havia cama livre, mas noutra. Mas eu perguntei por ele e pude averiguar que, durante os oito dias que ali esteve, não disse sequer uma palavra a ninguém e mostrou-se desassossegado e muito triste… Depois, quando as costas lhe cicatrizaram, levaram-no não sei para onde. Eu, pelo menos, nunca mais voltei a ter notícias dele.

No que se refere a tratamentos e remédios, tanto quanto pude observar, os doentes sem gravidade quase não cumpriam as prescrições do médico e não tomavam os remédios; mas os doentes graves e, de maneira geral, os verdadeiros doentes, gostavam muito de tratar-se, tomavam conscienciosamente as poções e os papelinhos, embora os que mais lhe agradassem fossem os remédios externos. Sanguessugas, cataplasmas e sangrias, tão do agrado também e tão merecedoras de crédito por parte do nosso povo, aceitavam-nas os presos doentes de muito boa vontade e até com prazer.

Havia uma circunstância estranha que muito me chocava. Aqueles

mesmos homens que eram tão corajosos quando tinham de suportar as dores torturantes dos paus e das vergastas, costumavam queixar-se por causa de uma simples ventosa. Seria por acaso que se tivessem já tornado muito melindrosos ou que fingiam aqueles melindres? Não tenho explicação para isto. De fato, as nossas ventosas eram de um gênero especial. O pequeno aparelho de picar a pele tinha-o perdido o *feldscher*, ou tinha-o estragado, se é que não se estragara por si, de maneira que agora era preciso abrir na pele os pontos indispensáveis com a lanceta. Para cada ventosa faziam perto de umas doze incisões… O aparelho não provocava dor. Os vinte estiletes atuam de uma só vez ao mesmo tempo e a dor é quase imperceptível. Mas as punções com a lanceta são outra coisa. A lanceta pica, relativamente, com muita lentidão; sente-se a dor; e como, por exemplo, para duas ventosas é preciso fazer umas vinte punções, não há outro remédio senão suportá-las. Eu experimentei isto, mas, embora se sentisse dor e mal-estar, não eram de tal natureza que não se pudesse resistir-lhes sem queixumes. Chegava a ser ridículo, às vezes, olhar para um homenzarrão forte e saudável e vê-lo fazer trejeitos e queixar-se. Geralmente isso fazia o mesmo efeito de quando um homem forte e calmo, pronto para qualquer outra coisa séria, acaba por ser atacado por neurastenia e se torna voluntarioso para com os seus, por permanecer muito tempo sem fazer nada; não come o que lhe apresentam, reclama, insulta; acha tudo mau, tudo o enjoa, todos o tratam mal, todos vivem para atormentá-lo; em suma: vira mau, de gordo, como diz o povo desses senhorinhos que, aliás, abundam também entre o povo; e até não eram raros no nosso presídio, devido à convivência geral. Costumava acontecer na minha sala que começassem a ridicularizar alguns desses melindrosos ou simplesmente a injuriá-los; e esse, então, calava-se, como se não esperasse senão isso para se calar. Ustiântsev gostava muito disso e não perdia nunca ocasião de insultar os piegas. Embora, de maneira geral, não perdesse nunca ocasião de insultar fosse quem fosse. Era este o seu prazer, motivado, naturalmente, pela sua doença, e em parte também pela sua estupidez. Costumava começar por se pôr a olhar muito séria e atentamente, e depois, com voz tranquila, cheia de convicção, punha-se a repreender o interessado. Havia sempre de intrometer-se em tudo; parecia que tinha sido incumbido de velar pela ordem entre nós ou pela moral em geral.

– Mete-se em tudo – costumavam dizer os presos, sorrindo. Mas tratavam-no com delicadeza, evitavam rixar com ele, e só de vez em quando se excediam.

– És um caluniador! Nem em três carradas cabem as tuas mentiras.

– A quem é que eu calunio? Diante de um burro, ninguém tira o chapéu, isso já se sabe. Por que grita ele dessa maneira, por causa da lanceta? Aguenta!

– Mas, a ti, que te interessa?

– Nada, meus amigos – interrompia um dos nossos presos – as ventosas não valem nada, eu já as experimentei, mas não há dor pior do que quando lhe puxam muito a orelha.

Todos se puseram a rir.

– Mas, a tua, puxaram?

– Julgas que não? Claro que sim, que puxaram.

– Por isso tu tens as orelhas tão grandes e tão espetadas.

Esse presidiário, Chápkin, tinha de fato umas orelhas muito compridas, espetadas de ambos os lados. Era um vagabundo, ainda novo, manhoso e pacífico, que se exprimia sempre com um certo humorismo fingido e grave, o que comunicava certa comicidade a algumas das suas histórias.

– Como havia eu de pensar que te puxaram as orelhas? Como podia eu pensar isso de ti, que és tão esperto? – insistia de novo Ustiântsev, encarando Chápkin, embora, aliás, isso não se dirigisse a ele sozinho mas sim a todos em geral; mas Chápkin nem sequer olhava para ele.

– E as tuas, quem puxou? – perguntou-lhe outro.

– Quem? Já toda a gente sabe muito bem que foi o carrasco. Isso, meus amigos, foi por causa da vagabundagem. Chegamos uma vez a

K***, éramos dois e mais outro, todos vagabundos. Durante o caminho tínhamos enchido um pouco a bolsa em Tolminó, uma aldeia que se chama assim. Bem. Entramos e olhamos; as coisas não estavam mal. No campo há quatro liberdades, na cidade, nenhuma, isso já se sabe. Pois bem: a primeira coisa que fizemos foi ir para a pousada. Olhamos. Aproxima-se um, pelo visto enegrecido pelo sol, com os cotovelos rotos, vestido à alemã. Começamos a falar…

– Os senhores – diz-nos ele – deem-me licença que lhes pergunte: trazem documentação?

– Não – respondo-lhe eu.

– Nós também não. E comigo vêm dois amigos – disse – também da casa do general Kukúchkin,[36] somos servos. Por isso tomo a liberdade de perguntar-lhe se não poderia convidar-nos. Se poderia oferecer-nos alguma bebida…

– Com muito gosto – respondemos-lhe. – Pois bem, bebemos. E entretanto começamos a tratar de um assunto da nossa "competência". A casa ficava no extremo do caminho e nela vivia um burguês opulento, e decidimos visitá-la de noite. E nessa mesma noite todos caímos ali na armadilha. Apanharam-nos e fomos levados à presença do juiz. "Eu próprio – disse – os interrogo." Apareceu com o seu cachimbo, seguido de um criado com uma chávena de chá; era um tipo gordo, de suíças. Sentou. Entretanto tinham trazido para ali outros três indivíduos, também vagabundos. O vagabundo é um homem com graça, meus amigos; não se lembra de nada, absolutamente; ainda que lhes deem uma bordoada na cabeça, esquecem-se de tudo, não sabe nada. O juiz me encarou:

– Quem és tu? – e parecia estar gritando dentro de um túnel. Bem; eu, como é sabido, disse o costume:

– Não me lembro de nada, Vossa Senhoria; esqueci-me de tudo.

– Espera, espera, que eu já te digo, a tua cara não me é desconhecida – e olhava para mim com uns olhos enormes, Mas eu nunca o vira até então. Voltou-se para o outro:

– Quem és tu?

– “Fisga-te”, senhor.

– Teu nome é Fisga-te?

– Sim, senhor.

– Bem, está bem. És Fisga-te; e tu? – perguntou ao terceiro, já se sabe.

– Chamo-me “Eu vou atrás dele”.

– Chamas-te assim, vadio?

– É assim que me chamam as pessoas boas. Há muita gente boa no mundo, senhor, isso já se sabe.

– E quem são essas pessoas boas?

– Estou um pouco esquecido, senhor; queira perdoar-me, por caridade.

– Esqueces-te completamente?

– Completamente, senhor.

– Mas, tu, com certeza que também deves ter tido pai e mãe… não te lembras deles?

– Com certeza que tive, senhor; mas o certo é que também não me lembro deles; pode ser que os tenha tido, senhor.

– Mas onde tens vivido até agora?

– No bosque, senhor.

– Sempre no bosque?

– Sempre no bosque, senhor.

– E no inverno?

– Ao inverno não cheguei a vê-lo, senhor.

– Bem; e tu, como te chamas?

– “Machado”, senhor.

– E tu?

– “Come e não bocejes”, senhor.

– E tu?

– “Anda com tento”, senhor.

– E não se lembram de nada?

– De nada, senhor.

Levanta, sorri e eles olham para ele, rindo. Bem; mas, às vezes dão-te um soco nos dentes quando acham o riso descabido. Mas todos estes tipos são gordos e bem nutridos…

– Levem-nos para a prisão – disse. – Eu vou com eles; mas, eh! tu, espera aí… quero dizer-te uma coisa… Vem cá, senta!

Olho: uma mesa, papel e pena. Penso: “Que andará ele maquinando?”.

– Senta aí – diz – à mesa, pega na pena e escreve – e agarrou-me pela orelha e começou a puxar. Eu olho para ele como o diabo olha para o pope.

– Não sei escrever, senhor – digo eu.

– Escreve!

– Tenha piedade, senhoria.

– Escreve como souberes, mas escreve! – e continua puxando a minha orelha e a torcê-la! Bem, meus amigos, só lhes digo que preferia ter levado trezentas pauladas do que ouvir aqueles gritos de “Escreve e nem mais um pio!”.

– Mas ele estava bêbado ou que tinha ele?

– Não, não estava bêbado. E que em T***, um escriturário roubara a caixa e fugira com ela, e o homem também tinha as orelhas como abanos. Bem, e tinham-no anunciado por todos os lados. Eu, pelos sinais, me parecia com ele, e foi por isso que, assim que me viu, começou a embirrar comigo; queria ver se eu sabia escrever e como era a minha letra!

– Mas que tipo! E doía?

– Ai não, que não doía!

Houve uma gargalhada geral.

– Bem, e escreveste?

– Que havia eu de escrever? Mas ele me pegou na mão e tirou-me a pena; escreveu num papel e depois parou. Deu-me dez bofetões e depois, é claro, largou-me, isto é, mandou-me para o presídio.

– Mas tu sabias escrever?

– Dantes, sabia; mas agora, desde que se escreve com estas penas, já me esqueci…

Eis aqui com que histórias, ou melhor, com que tagarelices nós passávamos às vezes o nosso aborrecido tempo. Senhor, que aborrecimento esse! Dias longos, opressivos, todos iguais, sem a mais leve mudança. Ainda se ao menos tivéssemos um livro! E dizer que eu, sobretudo a princípio, amiudava as minhas visitas ao hospital, umas vezes como doente e outras para descansar; o que interessava era sair do presídio. Porque este era horrível, muito mais horrível do que o hospital, incomparavelmente pior. Maldade, hostilidade, inveja, ataques contínuos contra nós, os aristocratas; caras sombrias, mal-humoradas. Aqui, no hospital, vivíamos todos num plano de maior igualdade, mais amigavelmente. O momento mais triste do dia era à tarde, quando acendiam as luzes e se fazia noite. Deitávamo-nos cedo. Uma lamparina fosca brilhava ao longe, junto da porta, como um pontinho luminoso; mas o fundo da sala ficava na escuridão. O

ambiente era pesado e fedorento. Há algum que não pode dormir, endireita-se e fica sentado hora e meia na cama, inclinando a cabeça com o gorro de dormir, como se meditasse. Uma pessoa fica olhando para ele uma hora, esforçando-se por adivinhar em que estará ele pensando, com o fim de matar também o tempo de qualquer maneira. E então põe-se a sonhar, a recordar o passado, e surgem quadros amplos e brilhantes, evocados pela fantasia; e recordam-se pormenores que, noutro tempo, não teríamos recordado nem nos teriam causado tanta impressão como agora. E depois começa-se a pensar no futuro: "Como se sairá do presídio? Para onde ir, depois? Quando será isso? Ao sair, vai se encontrar alguém de família?". Uma pessoa pensa e repensa e a esperança nasce na sua alma. Mas outras vezes põe-se simplesmente a contar: "Um, dois, três", etc., com a única intenção de ver se assim adormece. Eu, às vezes, contava até três mil e não adormecia. Mas eis que alguém se volta para o outro lado e a cama range. Ustiântsev tosse, com a sua tosse cheia de expectoração, de tísico; depois solta um débil gemido e diz sempre: "Senhor, pequei!". E é terrível ouvir essa voz doente, enfraquecida e surda, no meio do silêncio absoluto. Mas eis que em qualquer parte, num canto, há dois que não dormem e falam de cama para cama. Um fala da sua vida, de algo longínquo, esquecido, vago, de filhos, de uma mulher, da antiga ordem das coisas. E sente-se que tudo isso de que fala jamais voltará para ele; mas ele, o narrador… é como um membro decepado; o outro escuta. Ouve-se apenas um fraco e significativo barulhinho, como de água que corresse ao longe… Lembro-me que, uma vez, numa longa noite de inverno me aconteceu ouvir uma certa história. Pareceu-me então como um sonho febril, como se eu tivesse estado com febre e delirante, e tivesse sonhado tudo isso no ardor da febre, ensandecido…

## Capítulo XV / O marido da akulhka (conto)

Uma noite, era já tarde, meia-noite. Eu já adormecera, mas de repente, despertei. A turva, sumida luzinha da longínqua lamparina, mal alumiava a sala… Quase todos dormiam. Até Ustiântsev dormia também e podia ouvir-se no meio do silêncio a dificuldade com que ele respirava e como a garganta lhe estertorava de mucos a cada

aspiração. De repente ouviram-se ao longe, nos corredores, os passos pesados da sentinela que se aproximava para a rendição. Ouviu-se o bater duro duma culatra sobre o chão. A enfermaria abriu-se; o cabo entrou com cautela e contou os doentes. Passado um minuto tornaram a fechar a sala, uma nova sentinela ficou ali postada, a outra afastou-se e de novo voltou o silêncio de antes. Foi então que reparei que, perto de mim, à esquerda, havia dois que não dormiam e pareciam cochichar entre si. Isso costumava acontecer nas enfermarias; estavam às vezes dias e meses inteiros deitados um junto do outro, sem dizerem uma palavra, e de repente, numa hora avançada da noite, começava um a falar e a contar todo o seu passado ao vizinho.

Aqueles, pelo visto, havia já algum tempo que falavam. A princípio não reparei nisso e também não podia ouvir bem o que diziam; mas pouco a pouco fui-me acostumando e comecei a compreender tudo. Não tinha sono. Que fazer senão escutar? Um deles falava com entusiasmo, meio erguido na cama, baixando a voz e estendendo o pescoço na direção do camarada. Estava visivelmente exaltado, excitado; percebia-se que tinha uma grande vontade de contar. O seu ouvinte estava sentado na cama, sério e com uma indiferença absoluta, esticando os pés, e de vez em quando murmurava qualquer coisa à guisa de resposta ou em sinal de atenção para com o amigo, mas como se o fizesse apenas por dever e não por amizade, e enchia a cada momento o nariz de tabaco, que tirava de uma tabaqueira de osso. Era um soldado da companhia disciplinar, Tchevierin, um homem de uns cinquenta anos, terrível pedante, calculista frio, um imbecil muito soberbo de si próprio. O narrador, Chichkov, era um homem ainda novo, de menos de trinta anos; era um preso civil, que trabalhava na alfaiataria. Até então eu mal tinha reparado nele; e depois também pouco me preocupei com ele, durante todo o tempo da minha vida de presidiário. Era um homem vazio e de poucas luzes. Às vezes ficava calado, punha-se tristonho, arredio, e durante um mês não falava. Mas outras vezes, de repente, metia-se naquilo que não lhe dizia respeito, começava a contar mexericos, exaltava-se por qualquer insignificância, andava de alojamento em alojamento, levava notícias, propalava calúnias, perdia a cabeça. Quando lhe batiam, tornava a calar-se. Era um indivíduo covarde e digno de dó. Todos o tratavam com certo desprezo. Era baixo, fracote,

tinha uns olhos inquietos e que pareciam às vezes meditar profundamente. Quando lhe acontecia contar qualquer coisa, começava com muito entusiasmo, até gesticulava, e de repente interrompia-se ou mudava para outra coisa, distraindo-se com novos pormenores, até se esquecer por onde começara. Brigava com frequência e quando se desentendia com alguém punha-se sem falta a dirigir-lhe censuras, a jogar-lhe na cara qualquer falta que tivesse cometido, falava com muita veemência e a dois dedos do pranto… Mas não tocava mal balalaica e gostava de tocá-la, e nos dias de festa também dançava, e dançava bem, quando lhe pediam… Era fácil conseguir que fizesse uma coisa… Não que fosse complacente de seu natural, mas gostava de cultivar a amizade e de agradar aos companheiros.

Durante muito tempo não consegui perceber de que falava. Pareceu-me também, a princípio, que se afastava a todos os momentos do tema e se demorava com coisas secundárias. Pode ser também que reparasse em Tchevierin, que não seguia com interesse o seu relato; parecia querer convencer-se a si próprio de que o seu ouvinte era… todo ouvidos, e talvez lhe tivesse custado muito ter de convencer-se do contrário.

–… E quando ia ao mercado – continuou – todos lhe faziam reverências e prestavam homenagem; em suma… riquíssimo.

– Tinha então um negócio?

– Sim, era comerciante. Havia muita pobreza entre a gente humilde. Uma autêntica miséria. As mulheres no rio, lá em cima, tiravam a água para regar as suas terras semeadas e, no outono, nem sequer tinham couves para a sopa, nada. Bom. Pois ele tinha um bom pedaço de terreno, mandava lavrar a terra por camponeses de aluguel, mantinha três, e tinha, além disso, uma grande colmeia; negociava mel e também gado e é escusado dizer que gozava de grande consideração no nosso meio. Era já bastante velho, com uns setenta anos; tinha já os ossos duros, os cabelos brancos e era gordo. Quando entrava com a sua pele de raposa numa loja, todos lhe faziam muitas honras: “Saúde, *papacha* Ankúdi Trofímitch!”. “Saúde a ti também – dizia ele!” Como vais ver não desprezava ninguém. “Longa vida tenha

Ankúdi Trofímitch!” “Como vão as tuas coisas?”, perguntava ele. “As nossas coisas vão como nozes brancas.[37] E as suas *papacha*?”

“Vamos andando – dizia – por nossos pecados, comendo o pão que o diabo amassou.” “Que viva muitos anos, Ankúdi Trofímitch!” Não desprezava ninguém, e falava de tal maneira que … cada palavra sua valia materialmente um rublo. Era muito lido, sabia ler e escrever; mas só lia as Escrituras. Sentava a velha na sua frente. “Bem, escuta-me mulher, vê se me compreendes!” E começava a explicar-lhe. Mas a velha não era nada velha; casara-se com ela em segundas núpcias, por causa dos filhos, já se vê, pois da primeira não teve nenhum. Bom; pois da segunda, Maria Stiepânova, tinha dois filhinhos ainda pequenos; o mais novo, Vássia, nascera quando ele já tinha setenta anos e quando Akulhka, a filha mais velha, teria já dezoito.

– E essa é que era a tua mulher?

– Espera, que em primeiro lugar tenho de falar de Filhka Morózov. “Paga-me – disse Filhka a Ankúdi – dá-me os quatrocentos, senão não trabalho para ti. Não quero mais contratos contigo, e à tua Akulhka – disse – meu amigo, não a quero. Eu agora – disse – vou começar a viver. Os meus pais – disse – morreram, por isso eu gasto o dinheiro e depois assento praça e, passados dez anos, volto feito marechal.” Ankúdi então pagou-lhe, para saldar as contas… Porque o seu pai e o velho tinham negociado com o mesmo capital. “És um perdido”, disse. E o outro respondeu-lhe: “Bem, perdido ou não, isso é comigo. Tu – disse – queres fazer economias com dois *grochi*, guardas todo o lixo porque pode servir para as papas.” Eu, que diabo! sentia ganas de cuspir-lhe, com isto tudo. “Eu – disse ele – tenho caráter. Mas não carrego com a tua Akulhka; eu – disse ele – mesmo sem isso já dormi com ela…” “O quê?! – disse Ankúdi. – Atreves-te a ofender um pai honrado e uma filha honesta? Quando é que tu dormiste com ela, tu, aborto duma serpente, tu imprestável!” e todo ele tremia. Foi o próprio Filhka que me contou. “Isso não é comigo – disse – mas hei de fazer com que a sua Akulhka não vá agora atrás de nenhum, nem nenhum a queira para mulher, e Mikita Grigóritch já não a leva porque está desonrada. Eu já durmo com ela desde o outono. Mas agora não o faria nem por cem caranguejos. Experimente dar-me cem caranguejos… vai ver como não cedo.” O rapaz começou a falar dela!

De tal maneira que os boatos chegavam até à cidade. Reuniu os companheiros e uma boa maquia; andou três meses na pândega e gastou tudo. Ele costumava dizer: “Quando o dinheiro me tiver acabado todo, venderei a casa, venderei tudo e depois, ou assento praça ou me transformo em vagabundo.” Andava bêbado desde a manhã até à noite, e com mulheres aos pares. E as moças gostavam tanto dele que era um horror. Tocava muito bem cítara.

– Quer dizer que, antes disso, já andava metido com Akulhka?

– Espera. Nessa altura também morrera o meu pai, e a minha mãe fazia pães de especiaria, trabalhava para Ankúdi e era disso que vivíamos. Vivíamos mal. Bem; também tínhamos um pedacinho de terra atrás do bosque e semeávamos o nosso trigo; mas depois de o pai ter morrido tudo era pouco, porque eu também não ia lá muito bem, meu amigo. Tirava o dinheiro à mãe, à custa de pancada…

– Lá isso é que não estava certo. É um grande pecado.

– É que estava sempre bêbado, desde a manhã até à noite. A nossa casinha continuava ainda de pé; embora pobre, era nossa; mas não havia nela nada que roer. Vivíamos em jejum semanas inteiras, roíamos trapos. A mãe estava sempre ralhando comigo, ralhando comigo; e eu… eu, meu amigo, por esse tempo, não me separava um momento de Filhka Morózov. Desde que amanhecia até que anoitecia, sempre com ele. “Toca guitarra e dança – dizia ele – que eu ficarei dormindo e vou te dar dinheiro, porque sou rico.” As coisas que ele fazia! Só não roubava: “Eu – dizia – não sou ladrão, sou um homem honrado. Vai – dizia – e besunta de pez[38] a porta de Akulhka, pois não quero que ela se case com Mikita Grigóritch. Para mim, isto é o principal”, disse ele. O velho, já antes, queria dar a moça a Mikita Grigóritch. Mikita também era velho e viúvo, usava óculos, era negociante. Quando soube que corriam boatos acerca de Akulhka, voltou com a palavra atrás: “Para mim, – disse ele – Ankúdi Trofímitch, seria uma grande desonra, e também já sou velho para me casar.” Bem; então nós fomos e untamos de pez a porta de Akulhka. E lá em casa bateram-lhe a valer… Maria Stiepânova gritava: “Não sobreviverei a isto!”. E o velho: “Noutros tempos, no tempo dos veneráveis patriarcas – dizia ele – haviam de atirá-la à fogueira; mas

agora reinam no mundo a obscuridade e a corrupção". Em toda a rua se ouviam os choros de Akulhka; não paravam de bater-lhe desde manhã. E Filhka gritava em pleno mercado: "É a famosa Akulhka – dizia – a moça, meus amigos. Que *toilettes*, para receber os amantes, ai não! Eu – dizia – já lhes escarrei isto na cara, para que se lembrem". Por essa altura encontrei-me uma vez com Akulhka, que ia buscar água e gritei-lhe: "Bom dia, Akulina Kundímovna! Como estás? Podes dizer-nos como te governas?". Foi só isto o que eu lhe disse; ela se voltou para olhar-me com uns olhos enormes; mas estava muito fraquinha. Quando ela se voltou para olhar para mim, a mãe, pensando que ela me sorria, gritou da porta: "Por que mostras os dentes, desavergonhada?". E nesse dia tornaram a castigá-la. Bateram-lhe durante uma hora. "Mato-a – dizia – porque já não é minha filha."

– Quer dizer que era uma rameira?

– Escuta, *diáduchka*. Andava eu assim constantemente bêbado, na companhia de Filhka, quando um dia, em que eu estava na cama, a mãe se aproxima de mim. "Com que então estás deitado, velhaco, crápulha, canalha!" E pôs-se a gritar comigo. "Casa-te, – disse ela – casa-te com Akulhka. Agora eles consentirão com gosto, com trezentos rublos de dote." E eu lhe disse: "É uma pena – disse – agora já está desonrada para todos". "Mas tu, imbecil, – disse ela – não vês que, com a coroa,[39] tudo se arranja? Para ti é melhor casares com uma que possa sentir-se culpada toda a sua vida. Mas nós ficaremos donos do dinheiro; eu já falei com Maria Stiepânova – disse ela; vinte rublos de prata na mão e caso." E olha, quer acredites quer não, até o dia do casamento andei sempre bêbado. Mas eis que Filhka Morózov vem e me ameaça. "Hei de quebrar-te as costelas, a ti, marido de Akulina – disse ele – e hei de ir dormir com a tua mulher todas as noites." E eu lhe disse: "Mentes, focinho de cão!". Bem; e ele pôs-se a insultar-me pela rua. Eu corri para minha casa: "Não me casarei – disse eu – se não me entregarem agora mesmo cinquenta rublos de prata".

– E entregaram?

– A mim? E por que não? Nós não estávamos desonrados. O meu pai só no fim perdera tudo num fogo; mas antes tínhamos sido mais ricos do que eles. Ankúdi vai e diz: "Vocês estão na miséria". E eu

respondo-lhe: “Ainda não chegou o pez com que me untaram a porta”. E ele tornou-me: “Vamos ver: estás pensando em ficar importante à nossa custa? Demonstra que ela está desonrada; nem todas as bocas se tapam com um lenço. Tão verdade como Deus existir – disse – é estar aqui esta porta; não te cases com ela. Agora, quanto ao dinheiro que te dei, hás de devolver”. Então, eu rompi completamente as relações com Filhka; mandei-lhe dizer por Mítri Bíkov que eu agora havia de difamá-lo por toda parte, e, meu amigo, andei bêbado até ao dia do casamento. Só acordei para o casamento. Quando voltei para casa, depois da boda, sentamos e Mitrofan Stiepânitch foi e disse: “Embora não seja honroso, é negócio firmado e acabado”. O velho, Ankúdi, também estava bêbado e choramingava, sentado… e as lágrimas corriam-lhe pela barba. Bem, eu, meu amigo, então fui e vê o que eu fiz: tirei do bolso um chicote que tinha feito antes do casamento e que pensara experimentar no corpo de Akulhka para que ficasse sabendo, que diabo! do que é apanhar um marido com um engano desonroso e para que as pessoas ficassem sabendo que eu não era nenhum palerma ao casar-me…

– Muito bem! Era para que ela lhe fosse tomando o gosto…

– Não, homem, espera e escuta. Na nossa terra, depois do casamento, os noivos vão imediatamente para o quarto, enquanto os outros bebem. Por isso nos deixaram sós, a mim e a Akulhka. Ela estava branca, parecia que não tinha nem uma gota de sangue. Tinha medo, é claro. Também tinha os cabelos brancos como o linho. Os olhos, dilatados. E estava muito calada, sem dizer uma palavra, perfeitamente muda, naquela casa. Mas que pensas tu, meu amigo? Eu vou e pego no chicote e ponho-o em cima da cama; mas ela, meu amigo, estava inocente.

– Que dizes?

– Absolutamente, como uma moça honesta, de boa família. Por que tinha ela sofrido todos aqueles suplícios? Por que a tinha Filhka Morózov difamado perante toda a gente?

– Realmente…

– Então eu me pus de joelhos a seus pés, em frente da cama, de

mãos juntas: “*Mátuchka* – disse – Akulina Kundímovna, perdoa-me; que imbecil eu fui em ter acreditado. Perdoa-me, – disse – que sou um canalha!”. Ela sentou diante de mim, na cama; olhou-me, atirou-me os braços ao pescoço, sorriu, chorando ao mesmo tempo; chorava e ria… Eu então fui ter com os outros e disse: “Bem – disse – vou ter agora mesmo com Filhka Morózov e ele não viverá nem mais uma hora!”. Os velhos não sabiam como haviam de falar-lhe; a mãe atirou-se aos pés dela, soluçando. E quando, no primeiro domingo, entrei na igreja, levava um gorro de pele de cordeiro, muito bonito; um caftã de pano fino, calções largos e pregueados, e ela ostentava uma pele de lebre, nova, e uma touca de seda… Fazíamos um lindo par! As pessoas olhavam para nós com gosto; eu não fazia má figura; de Akulínuchka apenas se podia dizer que valia por dez…

– Bem, está bem.

– Escuta. Depois do casamento, logo no outro dia, embora bêbado, eu deixei os convidados; livrei-me de todos e escapei-me. “Tragam-me aqui – disse eu – esse molenga de Filhka Morózov… Que apareça, esse velhaco! Hei de dizê-lo bem alto no mercado!” Bem; eu estava bêbado; por isso, foi já junto de Vlássov que três homens me agarraram, à força, e me obrigaram a voltar para casa. Mas na cidade fizeram-se comentários. As mulheres falavam no mercado umas com as outras e diziam: “Queres saber? Akulhka estava honrada”. Mas passado pouco tempo depois disso, Filhka disse-me em público: “Vende-me a tua mulher… para teres de beber. Faz como Sachka, o militar – disse ele – que se casou por isso; não dormiu com a mulher e andou três anos bêbado”. Então eu lhe disse: “És um canalha!”. “E tu – disse ele – um burro. Casaram-te quando estavas bêbado. Como podes tu saber alguma coisa?” Eu vou para casa e digo: “Vocês – disse eu – casaram-me quando eu estava bêbado”. A mãe, então, veio ter comigo: “A ti – disse eu – *mátuchka*, taparam-te as orelhas com ouro. Traz cá Akulhka!”. Bem; e comecei a bater-lhe. Bati e tornei a bater, durante duas horas, até que já não podia ficar de pé; esteve três semanas sem poder levantar da cama.

– Não há dúvida – observou fleumaticamente Tchevierin – se não lhe bates, então… Se calhar, apanhaste-a com algum amante?

– Não, apanhar, não apanhei – disse Chichkov depois de um silêncio e como se fizesse um esforço. – Mas é que eu estava ressentido; toda a gente me ofendia e a alma de tudo isso era Filhka. “Tu – dizia – tens uma mulher só para vista, para que a gente olhe para ela.” Uma vez em que dava uma grande festa, convidou-me. “A tua mulher – disse ele – tem uma alma doce, boa, é linda e amável, é boa para todos e agora todos a invejam. Mas já te esqueceste, rapaz, de que tu próprio untaste com pez a sua porta?” Eu estava ali, sentado, bêbado; mas ele foi, agarrou-me logo pelos cabelos e sacudiu-me. “Dança – disse – marido de Akulhka, enquanto eu te seguro pelos cabelos. Dança e diverte-me!” “És um canalha!”, gritei. E ele me disse: “Vou atrás de ti e hei de matar Akulhka, a tua mulher, diante de ti, hei de matá-la à paulada, quando me apetecer.” Quer acredites, quer não, depois disto, eu, durante um mês, não me atrevi a pôr os pés fora de casa. “Há de chegar – pensava eu – e há de desonrar-me.” Olha: também por causa disto lhe batia a ela.

– Para que bater-lhe? As mãos podem atar-se, a língua não. Bater muito não dá resultado. Castiga, ensina, e depois afaga-a. Com as mulheres, deve ser assim.

Chichkov permaneceu silencioso um momento.

– Vergonha – recomeçou – foi ter entrado em casa esse costume; havia muitos dias que eu não parava de bater-lhe, desde manhã até à noite; ela não podia levantar, andava doente. Mas se não lhe batia não ficava satisfeito. Ela costumava ficar sentada: caladinha, olhava pela janela, chorava… Estava sempre chorando. Fazia pena vê-la; mas eu continuava sempre a bater-lhe. A minha mãe, às vezes, ralhava-me: “Malandro, raça de presidiário, é que tu és!”. “Hei de matá-la – gritava eu – e ninguém poderá dizer-me nada, porque me ludibriaram quando me casaram!” A princípio, o velho Ankúdi entrava, aproximava-se de mim. “Tu – dizia ele – julgas-te uma pessoa importante, mas eu hei de fazer-te entrar na linha.” Mas depois não nos ligou mais importância. Quanto a Maria Stiepânova, estava muito tranquila. Uma vez apareceu e implorou-me com lágrimas: “Venho pedir-te um favor, Ivan Siemiônitch; e não é grande. A ansiedade com que o peço é que é grande. Deixa-nos tranquilos, *bátiuchka* – e fez-me uma reverência. – Abranda, perdoa-lhe! A nossa filha foi vítima de uma calúnia, tu bem

sabes que ela estava honrada…”. Fez-me uma reverência até aos pés, chorando. Mas eu me encolerizei: “A ela, agora, nem ouvi-la quero! Hei de proceder como me apetecer, pois não posso dominar-me. E Filhka Morózov – disse – é meu camarada e o meu melhor amigo…”.

– Queres dizer com isso que tornaram a difamá-la, juntos?

– Qual! Ninguém lhe pôde pôr a vista em cima. Tinha desaparecido. Gastara tudo quanto possuía e vendeu-se como substituto a um burguês para servir na milícia em vez do filho do velho. Entre nós, quando alguém se vende como substituto, até o próprio dia em que o levam, todos os da casa têm de prostrar-se diante dele, e ele manda em todos como um verdadeiro senhor. Recebe uma quantia antecipada do dinheiro da venda; e além disso vive em casa do recruta durante meio ano, e, a maneira como se porta, aí, para com todos! Só respeita os ícones! “Eu, caramba, vou ser soldado por causa do teu filho; quer dizer que sou o vosso benfeitor, que vocês ficam todos obrigados a me tratarem com respeito, senão dou o dito por não dito.” Deste modo, Filhka vivia à grande em casa do burguês; dormia com a filha dele; depois do almoço, diariamente, puxava-lhe as barbas – enfim fazia tudo que lhe apetecia. Exigia todos os dias um banho e que os vapores do mesmo fossem aumentados com os do vinho; que fosse carregado para lá nos braços das mulheres. Ao voltar dos passeios, para casa, postava-se no meio da rua, gritando: “Não quero entrar pela porta, deitem abaixo a paliçada”. De maneira que, ao lado da porta, tinham de abrir uma passagem na cerca para ele passar. Até que finalmente tudo isso acabou quando o levaram para o serviço. Muita gente o acompanhou pela rua: levavam Filhka Morózov para o serviço militar! Ele fazia cumprimentos para a direita e para a esquerda. Mas Akulhka voltava da horta nessa ocasião. “Para – gritou-lhe ele, saltando da *tieliega* e dirigindo-se a ela; fez-lhe uma reverência até ao chão: – Minha vida, – disse – luz da minha vida! Há dois anos que te amo, mas agora me levam com música para a vida militar. Perdoa-me, – disse ele – filha honrada de pai honrado, porque eu fui um canalha para ti e procedi mal contigo em tudo.” E fez-lhe outra vez uma reverência até o chão. Akulhka, a princípio, parou, morta de medo; mas depois fez-lhe um cumprimento e disse-lhe: “Perdoa-me tu também a mim, rapaz, que eu não tenho nenhuma razão de queixa

contra ti”. Eu fui atrás dela para a isbá. “Que disseste tu, cadela?” Mas ela, quer acredites, quer não naquilo que te digo, ficou-se a olhar para mim. “Agora – disse ela – amo-o mais do que a ninguém neste mundo.”

– É para que vejas!

– Eu, em todo aquele santo dia não lhe dirigi uma palavra… Só ao anoitecer é que lhe disse: “Akulhka, agora vou-te matar”. Nessa noite não dormi; saí e bebi um pouco de *kvas* e depois começava já a amanhecer. Regressei a casa. “Akulhka – disse eu – levanta-te para irmos para o campo.” Eu, já antes lhe falara disso, e a minha madrasta sabia que havíamos de ir até lá. “Temos de trabalhar, – disse eu – há já três dias, segundo ouvi dizer, que o empregado não faz nada.” Atrelo a *tieliega* em silêncio. A saída da nossa aldeia há um faial que tem umas quinze verstas de comprido, e depois desse faial é que ficava o nosso campo. Tínhamos nós andado umas três verstas pelo faial, quando eu parei o cavalo. “Desce, Akulina – disse eu – chegou a tua última hora.” Ela olha para mim, assustada. Fica diante de mim, calada. “Fizeste-me perder a paciência – disse eu. – Encomenda a tua alma a Deus!” Depois fui e agarrei-a pelos cabelos. Tinha umas tranças muito grossas e compridas. Atei-as ao meu braço; atirei-a ao chão, por detrás, segurando-a entre os joelhos; peguei na navalha, abri-a por detrás da cabeça dela e cortei-lhe a garganta… Ela começou a gritar e a jorrar sangue; retirei a navalha, cinjo-a com os dois braços pela frente, deito-a no chão, abraço-me a ela e ponho-me a gritar em cima, a gritar, a gritar… ela tremia toda, escorregava-me das mãos e o sangue salpicava-me … sangue na cara e nas mãos, em borbotões, em borbotões. Larguei-a; senti medo, deixei o cavalo ali quieto e deitei a correr, a correr, e entrei em casa pela porta dos fundos, onde ficava a casa de banho. A nossa banheira era muito velha é estava quase inutilizável; acocorei-me debaixo dela e ali estive. Fiquei ali até à noite.

– Akulhka?

– Queres saber? Levantou também, depois de mim, e saiu correndo para casa. Encontraram-na depois a cem passos daquele lugar.

– Não a degolaste, naturalmente.

– Sim… – Chichkov fez uma pausa.

– Há uma veia – observou Tchevierin – que se não se apanha da primeira vez, as pessoas podem continuar vivendo e, por muito sangue que vertam, não morrem.

– Mas ela morreu. Encontraram-na morta ao anoitecer. A notícia espalhou-se, começaram a procurar-me e encontraram-me na banheira. E há já quatro anos que vivo aqui, sabes? – acrescentou ele depois de um silêncio.

– Hum! Essa é que é a verdade: se não bates, não consegues nada – observou Tchevierin, fria e calmamente e, tornando a puxar da tabaqueira, pôs-se a sorver tabaco devagarinho e com deleite. – E por outro lado, rapaz – continuou – também te portaste como um tolo. Eu, uma vez, também fui encontrar a minha mulher com um amante. Levei-a para a cavalariça, dei duas voltas à rédea do cavalo. “A quem – disse eu – a quem é que juraste fidelidade?” “A quem juraste?” E comecei a dar-lhe com as rédeas. Bati-lhe durante meia hora, até que ela me gritou: “Os pés te lavarei e a água beberei!”. Chamava-se Avdótia.

## Capítulo XVI / Tempo de verão

Tínhamos chegado aos princípios de abril e aproximava-se a Semana Santa. Os trabalhos de verão começavam, pouco a pouco. O sol cada dia se ia tornando mais quente e mais brilhante; o ar cheirava à primavera e provocava um efeito perturbador no organismo. Os dias bonitos perturbam até os homens que arrastam cadeias e infundem-lhes desejos, anelos, nostalgias. Parece que anseia pela liberdade com mais força sob os feixes ardentes da luz solar do que nos infelizes dias de inverno ou de outono, e isto observa-se em todos os presos. Parecia que ficavam alegres nos dias luminosos, mas, ao mesmo tempo, manifestavam uma certa impaciência e irritabilidade. Eu reparava que, na primavera, as desavenças se tornavam mais frequentes entre nós. Ouviam-se ruídos mais a miúdo, gritos, vozes, e surgiam complicações; mas, ao mesmo tempo, sucedia que, de súbito, se notava em qualquer parte, no trabalho, algum olhar teimoso e meditabundo, dirigido para a distância azulínea, para algum lugar do outro lado do Irtich, onde se estendia, como um pano, a livre estepe quirguiz, por um espaço de mil e quinhentas verstas; ouvia-se um ou outro suspiro fundo, a plenos pulmões, como se criassem assim a ilusão de aspirarem todo aquele ar longínquo e livre, aliviando dessa maneira a sua alma oprimida e encadeada: “Ah!”, exclama por fim um preso, como se sacudisse os sonhos e as reflexões e, de repente, com um gesto impaciente e azedo, pega na enxada ou nas telhas que é preciso mudar de- um lugar para outro. Um momento depois esqueceu já a sua inesperada comoção e começa a rir ou a altercar, segundo o seu temperamento; mas, de súbito, com uma veemência desacostumada, que não corresponde à necessidade, aplica-se ao trabalho, se é que lhe deram algum, e começa a trabalhar, a trabalhar, com todas as energias, como se quisesse afugentar de si, com o trabalho intenso, algo que o oprime e angustia interiormente. É tudo gente forte, na sua maioria na flor da idade e do vigor… Como as cadeias se tornam pesadas, neste tempo! Não estou poetizando, ao escrever isto, e estou certo da verdade da minha observação. Além de que, no ar morno, debaixo do sol radioso, quando se sente e se treme

de comoção, com toda a alma, com todo o ser, perante a Natureza que ressuscita à nossa volta com uma força irreprimível, é que se torna mais duro permanecer fechado no alojamento, sob vigilância e sujeito à vontade alheia; além de que neste tempo primaveril, com a primeira calhandra, começa na Sibéria e em toda a Rússia a vagabundagem; os homens fogem dos presídios e vão refugiar-se nos bosques. Depois do ambiente sufocante, dos castigos, das cadeias e dos açoites, vagabundeiam em plena liberdade por onde lhes apetece, por onde melhor lhes parece; bebem e comem o que lhes vem à mão, o que Deus lhes dá e, quando chega a noite, descansam placidamente em qualquer lugar, no bosque ou até sobre a terra, sem grandes preocupações, sem as nostalgias do preso, como os pássaros da selva, depois de darem boa noite às estrelas do céu, debaixo do olhar de Deus. As vezes torna-se também custoso "estar ao serviço do general Kukúchkin". Às vezes não conseguem um pouco de pão durante vinte e quatro horas; é preciso esconder-se de toda a gente; acontece verem-se na contingência de assaltar ou saquear, e às vezes até de matar. "O colono é como uma criança, tudo quanto vê, apanha", dizem na Sibéria a respeito dos colonos. Mas este provérbio pode aplicar-se integralmente, e até com algum acrescentamento, ao vagabundo. É raro que o vagabundo não seja bandido, e quase sempre é ladrão, é claro, mais por necessidade do que por vocação. Há vagabundos empedernidos. Alguns fogem, depois de cumprida a pena, quando estão já na colônia. Pode-se dizer que se encontram enraizados com gosto na colônia. Mas não: há qualquer coisa ao longe, que os atrai e os seduz. A vida nos bosques, vida pobre e horrível, mas livre e aventurosa, tem algo de fascinante, não sei que estranho prestígio para quem uma vez a experimentou. E vejam quem são os que fogem: um homem bastante discreto e sensato, que prometia lá se tornar um bom vizinho sedentário e um ativo colono; outro, que se casou, teve filhos, viveu cinco anos seguidos num mesmo lugar e, de repente, numa linda manhã, foi-se, não se sabe para onde, deixando atônitos toda a família, os filhos, e toda a comuna a que estava adstrito. Uma vez, no presídio, apontaram-me um desses fugitivos. Não cometera nenhum crime especial; pelo menos não se contava dele nada do gênero; diziam apenas que fugia, que toda a sua vida fora um vagabundo. Vivera no sul da Rússia, na fronteira do Danúbio e na estepe quirguiz, na Sibéria oriental, no Cáucaso… percorrera tudo.

Quem sabe se, noutras circunstâncias, não teria sido um Robinson Crusoé, com a sua paixão ambulatória! Aliás, tudo isto me foi contado por outros; ele, no presídio, quase não falava, dizia apenas as palavras indispensáveis. Era um homem pequenino, de uns cinquenta anos, muito pacato, com uma cara absolutamente plácida e até estúpida, plácida até à idiotia. No verão gostava de sentar ao sol e era então infalível que se punha a trautear alguma canção, mas tão baixinho que, a cinco passos de distância, não se a ouvia. O seu rosto parecia de pau; comia pouco, no máximo um naco de pão duro; nunca comprava uma torta nem um gole de aguardente. Duvido que tivesse dinheiro e até que soubesse contar. Conduzia-se muito calmamente com toda a gente. Dava de comer, à mão, aos cães do presídio e, no entanto, entre os presos mais ninguém dava de comer aos cães do presídio. Os russos não gostam de dar de comer aos cães. Diziam que era casado, e até por duas vezes; e acrescentavam que também tinha filhos, em qualquer lado… Ignoro completamente o motivo por que veio parar ao presídio. Os presos estavam sempre à espera que ele fugisse dali, mas, ou não lhe chegara ainda a ocasião, ou já passaram muitos anos sobre ele; o certo é que continuou ali, numa atitude contemplativa, diante daquele estranho ambiente que o rodeava. Aliás, era impossível supor qualquer coisa; embora pudéssemos perguntar, aparentemente, por qual vantagem havia ele de fugir? Apesar de tudo, no fundo, a vida selvática, vagabunda, era um paraíso comparada com a do presídio. Isto compreende-se e não é possível estabelecer comparação. Embora sofra muito, ao fim de tudo é uma vida de liberdade.

É este o motivo por que todos os presos na Rússia, estejam onde estiverem, ficam alvoroçados na primavera com os primeiros raios refulgentes do sol primaveril, embora nem de longe tenham a intenção de fugir. Pode afirmar-se categoricamente que, de entre cem, só um se decide a isso, por causa das dificuldades e da responsabilidade; mas em compensação, os noventa e nove restantes sonham com a maneira como poderiam fugir e onde poderiam acolher-se, e alivia-lhes a alma, só o desejo, só a ideia de tal possibilidade. Há alguns que ao menos recordam a vez em que fugiram… Por agora, falo apenas dos condenados. Mas, naturalmente, os que mais frequentemente e em maior proporção se decidem à fuga são os que estão pendentes de castigo. Os condenados já a um determinado número de anos só fogem

por acaso, no princípio da sua clausura. Quando têm já dois ou três anos de presídio, o preso começa a avaliar esses anos e, pouco a pouco, vai-se conformando e prefere cumprir o prazo legal dos seus trabalhos e instalar-se depois na colônia, a afrontar os perigos e a perdição no caso de fiasco. E o fiasco é possível. Talvez apenas um entre dez consiga "mudar de sorte". De entre os condenados, os que se decidem também à fuga com mais frequência são os condenados a um número de anos muito grande. Quinze ou doze anos parecem intermináveis, e os condenados a essa pena propendem sempre a sonhar com uma mudança de sorte, embora tenham cumprido já dez anos de presídio. E, por último, também os marcados costumam decidir-se a correr o risco da fuga. "Mudar de sorte" é uma expressão técnica. É assim que responde às perguntas o preso que falha na sua fuga, que ele não tinha outro remédio senão tentar mudar de sorte. Esta expressão, um pouco literária, é com efeito a que empregam nesse ato. Nenhum fugitivo aspira a libertar-se por completo – sabe bem que isso é quase impossível – mas sim que o enviem para outra prisão, ou o destinem às colônias, ou o tornem a julgar outra vez por outro crime – pelo de vagabundagem – em resumo, que o mandem para onde quiserem, contanto que não seja para o velho lugar de que já está farto, o antigo presídio. Todos estes fugitivos, se não acham no decurso do ano nenhum lugar onde passar o inverno, se, por exemplo, não encontram nenhum protetor de fugitivos, que faça negócio com eles; se, finalmente, não podem às vezes conseguir um passaporte, mediante um homicídio, com que obter livre trânsito por todos os lados, todos eles, no outono, se é que não foram já antes apanhados, vêm apresentar-se eles próprios, em grupos compactos, na cidade e no presídio, na qualidade de vagabundos, e resignam-se a passar o inverno nos presídios, claro que não sem esperança de tornarem a fugir, assim que de novo chegar o bom tempo.

A primavera exercia também em mim a sua influência. Lembro-me da ansiedade com que às vezes me punha a olhar por cima da paliçada e ali ficava muito tempo, com a testa apoiada a um poste e, teimosa e insaciavelmente, contemplava a erva verdejante no bastião do forte, e como cada vez azulejava mais intensamente o céu remoto. A minha inquietação e a minha tristeza cresciam de dia para dia e o presídio ia ficando para mim cada vez mais insuportável. A

hostilidade que eu tinha constantemente de suportar, por ser nobre, nos primeiros anos da minha vida presidiária, ficava também insuportável, envenenava a minha existência. Nesses primeiros anos, embora não estivesse doente, metia-me numa cama do hospital só para não estar no presídio, para me ver livre daquela hostilidade geral, que não se aplacava com coisa nenhuma. “Foram vocês, seus narizes de ferro,[40] que nos atiraram para a morte!”, diziam-nos os presos. E como eu invejava às vezes a gente de baixa condição que entrava para o presídio! Esses encontravam imediatamente companheiros. E a primavera, sinal de libertação, a alegria geral da Natureza, produzia também em mim um efeito um pouco triste e excitante. No fim da Quaresma, se não incorro em erro, na sexta semana, levaram-me a comungar. Já desde a primeira semana que no presídio todos tinham repartido o velho suboficial por sete turnos, relativamente ao número das semanas da Quaresma, para a comunhão. Em cada turno entraram assim treze homens. A comunhão foi para mim um encantamento. Os comungantes eram dispensados do trabalho. Íamos à igreja, a qual ficava a pouca distância do presídio, duas ou três vezes por dia. Havia já muito tempo que eu não visitava uma igreja. A missa, que me era tão familiar, desde a minha já recuada infância, na casa paterna; as preces solenes, as reverências até ao chão, tudo isso fazia despertar na minha alma o longínquo, remotíssimo passado; invocava impressões desses anos infantis e lembro-me de que me era muito agradável quando, pela manhã, as sentinelas, de arma carregada no braço, nos conduziam, por sobre a terra coberta de geada, à casa de Deus. Aliás a sentinela não entrava no templo. Na igreja ficávamos em grupo cerrado, no último lugar, junto da porta, de maneira que, quando muito, apenas ouvíamos a voz de baixo do diácono e, de quando em quando, conseguíamos vislumbrar, por entre as fileiras de gente, a sotaina negra e a cabeleira branca do sacerdote. Lembrava-me de como, quando era ainda criança, costumava contemplar na igreja as pessoas do povo, que se apinhava densa e reverentemente à entrada, se afastava ao ver umas grossas dragonas, ou um senhor gordo, ou uma ataviada embora devotíssima dama, que com certeza iam colocar-se nos primeiros lugares, prontos a ralharem com quem os disputasse. Ali, junto da porta, parecia-me então que não rezavam como nós, mas que oravam plácida, devota e humildemente, e com uma espécie de

reconhecimento perfeito da sua humildade.

Agora, cabia também a mim ficar nesse lugar, e nem sequer nele, verdadeiramente: estávamos com ferros e estigmatizados; todos se afastavam de nós e parecia até que lhes metíamos medo; davam-nos sempre esmola. E lembro-me de que para mim isso era agradável, que trazia um certo sentimento requintado, especial, aquela estranha complacência. “Assim seja!”, pensava eu. Os presos rezavam com muito fervor e todos eles iam sempre à igreja munidos do seu humilde copeque para uma vela ou para o deitarem na caixa das esmolas. “Eu também sou uma pessoa – deviam pensar, talvez, quando a davam. – Perante Deus todos somos iguais…” Tomávamos a comunhão depois do serviço religioso da manhã. Quando o sacerdote, com o cálix nas mãos, recitava a fórmula costumada: “Tomai-me, a mim, pelo mau ladrão”, quase todos se prosternavam até ao chão, fazendo retinir as cadeias, concentrando toda a sua atenção nessas palavras.

Mas eis que chegou também a Semana Santa da Páscoa. Os superiores enviaram a cada um de nós um ovo e um pedaço de pão candial. Da cidade chegavam também donativos para o presídio. De outra vez era a visita do cura, com a cruz; de outra a dos superiores; de outra as bebedeiras e as rixas. Tudo precisamente igual, ponto por ponto, ao que se passava pelo Natal, apenas com esta diferença: que agora já nos podíamos divertir no pátio do presídio e aquecermo-nos ao solzinho. Tudo estava mais alegre, mais livre do que no inverno, mas, ao mesmo tempo, também mais triste. O longo, interminável dia de verão, tornava-se sobretudo insuportável nos dias festivos. Nos dias úteis, ao menos, parecia mais curto, devido ao trabalho.

Efetivamente, os trabalhos de verão pareciam muito mais difíceis do que os de inverno. Geralmente ocupavam-nos nas construções militares. Os presos construíam, cavavam a terra, colocavam tijolos; outros eram encarregados da parte de serralharia, de carpintaria ou de pintura, nas obras de reparação dos edifícios oficiais. Outros iam para a oficina a fabricar tijolos. Era este último trabalho aquele que, entre nós, se considerava mais pesado. A olaria ficava a três ou quatro verstas de distância do forte. Todos os dias do ano, às seis da manhã, saía um grupo de homens que ia fabricar tijolos. Para este trabalho eram destinados os trabalhadores negros, isto é, os que não tinham

ofício e não pertenciam a nenhuma oficina. Levavam consigo o pão, pois, devido à lonjura da oficina, tornava-se fatigante voltar a casa para comer, o que pressupunha andar oito verstas mais; por isso jantavam já à noite, de regresso ao presídio. Marcavam-lhes a tarefa todos os dias e de tal maneira que os presos mal poderiam ter tempo de realizá-la durante todo o dia. Em primeiro lugar era preciso cavar a terra e extrair barro para formar uma massa e, finalmente, fazer com essa massa um considerável número de tijolos: duzentos, se não eram duzentos e cinquenta. Eu fui apenas por duas vezes à olaria. Os oleiros regressavam já de noite, esgotados, extenuados, e passavam todo o verão atirando à cara dos demais que eram eles que faziam o trabalho mais difícil. Segundo parece, era esta a sua consolação. Apesar de tudo, alguns iam para lá com certo prazer; em primeiro lugar, o trabalho era feito para além da cidade, num espaço aberto, livre, nas margens do Irtich. Fosse como fosse, viam à sua volta qualquer coisa de mais agradável, isto é, não viam o forte nem a terra desnuda. Podiam também fumar livremente e até se deitarem uma meia horinha com a maior à-vontade. Eu, já antes, tinha ido à oficina, ou para o calcário, e, finalmente, empregaram-me nas obras como transportador de telhas. Neste último caso sucedeu-me uma vez acarretar tijolos da margem do Irtich para um quartel em construção, a umas setenta *sajénhi* de distância, passando pelo bastião do forte e, nessa ocasião, esse trabalho prolongou-se durante dois meses consecutivos. Esse trabalho também me agradava, embora a corda com que se carregavam os tijolos, de um dedo de grossura, me ferisse constantemente os ombros. Mas a mim agradava-me ver que, devido a esse trabalho, ia conseguindo maior vigor. A princípio só podia carregar oito tijolos, no máximo, e cada um deles pesava doze libras. Mas depois cheguei até aos doze e aos quinze tijolos, o que me deu uma grande alegria. No presídio, a força física é tão necessária como a moral, para suportar todos os males materiais dessa malfadada vida.

E eu queria viver ainda, depois de sair do presídio…

E, além disso, gostava de acarretar tijolos, não só porque com esse trabalho se robustecia o corpo, como também por ele se realizar nas margens do Irtich. Falo com tanta frequência dessa margem porque era somente nela que se podia ver a terra, os horizontes límpidos e

claros, a estepe livre e despovoada, que me provocava uma estranha impressão de solidão. Só nessas margens o forte desaparecia dos nossos olhos, deixávamos de vê-lo. Todos os outros locais do nosso trabalho ficavam junto do forte ou nas imediações. Desde os primeiros dias que eu criei aversão por esse forte e especialmente por outro edifício. A residência do nosso major de presídio parecia-me um lugar maldito, repugnante, e era sempre com ódio que eu olhava, quando passava em frente dela. Na margem do rio uma pessoa podia esquecer-se, olhar para o imenso deserto, para a liberdade. Ali tudo me era agradável, o sol radioso, ardente, no céu azul e límpido, a longínqua canção dos quirguizos, trazida até ali, da outra margem, pelo vento. Quando se olhava muito tempo acabava-se por se distinguir uma mísera e enegrecida tenda de nômades; descobre-se uma pequena lareira, junto da tenda: é uma quirguiz que por ali trabalha com as suas duas ovelhas. Tudo isso é pobre e selvagem, mas é livre. Descobre-se algum pássaro no ar azul, transparente, e durante muito tempo segue-se firmemente o seu voo: adeja sobre a água, mas desaparece já num golpe forte das asas e, finalmente, se reduz a um ponto que mal se distingue… Até a pobre, humilde florinha do campo que eu encontrava na primavera, precoce, nas fendas das pedras da margem ribeirinha, atraía doentiamente a minha atenção. A tristeza de todo aquele primeiro ano de presídio era insuportável e produzia em mim um efeito enervante, amargo. Nesse primeiro ano, devido a esse sofrimento, não reparava muito no que se passava à minha volta. Fechava os olhos e não queria ver. Não distinguia, de entre os maldosos e invejosos companheiros do presídio, os que eram bons, os que eram capazes de pensar e de sentir, apesar da repugnante carapaça que lhes ocultava o interior. Entre as palavras agressivas, não reparava às vezes na palavra amiga e afetuosa, que se tornava tanto mais apreciada quanto era proferida sem interesse algum e muitas vezes do fundo da alma daqueles que talvez tivessem sofrido e padecido mais do que eu. Mas para que demorar-me mais sobre isto? Eu me sentia muito contente quando vinha muito cansado, ao regressar a casa. “Talvez assim consiga dormir!” Porque isso de dormir era para nós, no verão, um tormento talvez ainda pior do que no inverno. As noites eram às vezes verdadeiramente boas. O sol, que durante todo o dia não se afastava do pátio do presídio, acabava finalmente por desaparecer. Caía o relento e depois vinha a noite

quase fria (falando relativamente) da estepe. Entretanto vinham fechar os presos que saíam em magotes para o pátio. A maior parte, para dizer a verdade, dirigia-se para a cozinha. Aí sempre se levanta alguma questão palpitante para o presídio, fala-se disto e daquilo, propalam-se boatos, muitas vezes absurdos, mas que conseguem uma extraordinária atenção da parte daqueles desterrados do mundo dos vivos. Por exemplo, espalhou-se uma vez a notícia de que o nosso major de presídio ia ser reformado. Os presos são crédulos como crianças; eles próprios sabem que a notícia é um boato, que foi espalhada por um indivíduo muito manhoso e estúpido – o preso Kvássov, no qual já há muito tempo decidiram não acreditar e que não diz nada mais senão mentiras – mas no entanto afazem-se à notícia, opinam, alegram-se, consolam-se e acabam por ficar zangados consigo próprios por terem acreditado nas palavras de Kvássov.

– Quem é que lhe vai dar a reforma? – pergunta um. – Quem está bem, deixa-se estar!

– Acima dele também há chefes! – exclama outro, um rapaz enérgico e esperto, que tinha visto mundo, mas amigo de discutir como não havia outro.

– Os corvos não tiram os olhos uns aos outros! – observou um terceiro, como mal-humorado consigo próprio, um homem já de cabelos brancos, que sorvia à parte, num canto, a sua sopa de couves.

– E esses chefes vêm perguntar-me se o destituem ou não? – perguntou placidamente um quarto, tangendo levemente a sua balalaica.

– E por que não? – respondeu o segundo com veemência. – Isto é, se todos lhe pedíssemos e depois abríssemos a boca quando começassem a perguntar… Mas aqui, o que todos fazem é gritar e, quando chega o momento de entrar em ação ninguém se mexe!

– Mas que julgas tu? – interveio o da balalaica. – Nós estamos num presídio.

– Mas há pouco – continuou o questionador, sem escutar os outros e arrebatadamente – ficou um bocado de farinha. Recolheram o

que restava e foram vendê-lo. Não; ele não soube; o alcoviteiro foi-lhe com o conto e retiraram a farinha: é a isso que chamam economia. Isto é justo?

– Mas a quem é que tu te queres queixar?

– A quem? Ao inspetor, que está para chegar.

– Qual inspetor?

– É verdade, *brat*, que vai chegar um inspetor? – disse um rapaz novo, espevitadinho, que sabia ler e escrever, fora amanuense e lera *A duquesa de Lavallière*.

Estava sempre jovial e tinha atitudes de bobo; mas respeitavam-no pela sua instrução e pelo seu verniz de cultura. Sem dar atenção à curiosidade geral, excitado com a notícia da vinda próxima dum inspetor, dirigiu-se diretamente à cozinheira, isto é, ao cozinheiro, e perguntou-lhe se tinha fígado. Os nossos cozinheiros começavam a negociar coisas deste gênero. Compravam, por exemplo, à sua custa, um grande pedaço de fígado, assavam-no e vendiam-no em pedaços aos presos.

– Um *groch* ou dois? – perguntou o cozinheiro.

– Dois, do assado. Mas do bom! – respondeu o preso. – Meus amigos, vai chegar um general[41] de Petersburgo para inspecionar toda a Sibéria. É a pura verdade. Disseram-no em casa do comandante.

A notícia produziu uma comoção desusada. As perguntas duraram um quarto de hora: quem era, concretamente, que general, de que categoria e se era mais antigo que os generais da região. Os presos gostam terrivelmente de falar dos graus, dos chefes, de quem é mais antigo, de quem é que manda mais, e ralham e insultam-se por causa dos generais e pouco falta para se baterem. Pensam que isso lhes traz alguma utilidade? De fato assim é: do conhecimento minucioso dos generais, dos chefes, deduzem outros o seu grau de cultura e de inteligência, assim como a posição anterior à sua entrada no presídio que o homem ocupa na sociedade. Em geral, a conversa acerca do alto comando considera-se a mais distinta e principal do presídio.

– Quer dizer, meus amigos, que depois de amanhã o temos aqui e destituirá o major – observou Kvássov, um homenzinho baixinho, coradinho, fogoso, muitissimamente estúpido. Foi o primeiro que levou a notícia do major.

– Agora é que ele vai apanhar como nunca apanhou! – exclamou o preso severo e de cabelos brancos, que já sorvera a sua sopa de couves.

– Ai, não! Pode muito bem ser! – disse outro. – Não roubou pouco dinheiro aqui! Antes de ter sido nomeado para o presídio, comandava um batalhão. Não há muito que queria casar com a filha do protopope.

– Sim, mas não chegou a casar; apontaram-lhe o caminho da porta por ser pobre, já se vê. E que noivo! Quando se levantava da mesa levava tudo nos bolsos. Antes da Páscoa perdera tudo jogando baralho. Foi Fiedka quem o disse.

– Sim, não é dissipador, mas o dinheiro não lhe fica muito tempo nas mãos.

– Ah, meus amigos, eu também estive para casar! Casar, para um pobre, é uma coisa má; quando uma pessoa casa as noites tornam-se curtas – observou Skurátov, intrometendo-se na conversa.

– O quê?! Estávamos precisamente falando de ti – observou o rapaz espirituoso, da classe dos escriturários. – Mas a ti, Kvássov, sempre te direi que és um grande burro. Achas, porventura, que o major poderá molhar as mãos a um general da sua categoria, que se dará ao trabalho de vir de Petersburgo para inspecionar os atos do major? Que idiota és tu, rapaz!

– E então? Lá porque é general não é capaz de aceitar dinheiro? – observou com cepticismo alguém do grupo.

– É claro que não aceita, mas, se o aceitar, também há de ser, dinheiro grosso…

– Ah, isso, já se vê, de acordo com a sua categoria.

– Os generais costumam aceitar sempre dinheiro – observou Kvássov resolutamente.

– Sim? E foste tu que lhes deste? – exclamou Baklúkhin com desprezo, de repente, ao entrar. – Parece que nunca viste um general na tua vida!

– Ai, não, nunca vi.

– Mentes.

– Quem mente és tu.

– Meus caros, se ele já tivesse visto algum, ia logo participar a todos que conhecia um general. Vamos, fala, que eu conheço os generais todos.

– Eu vi o general Siebert – respondeu um pouco categoricamente Kvássov.

– Siebert? Esse general não existe. Pode ser que quem te marcou as costas fosse algum Siebert que não passasse de coronel, e a ti, com o medo que tinhas, até te pareceu que era general.

– Nada disso, escutem – gritou Skurátov. – Eu sou um homem casado. De fato, havia um general desse nome em Moscou, o general Siebert, alemão, mas nascido na Rússia. Confessava-se todos os anos em casa do pope russo, acerca dos seus amores e meus amigos, bebia sempre água como um pato. Sorvia todos os dias quarenta copos d'água do rio moscovita. Diziam que isso curava não sei que doença. Foi o próprio ajudante dele que me disse.

– Talvez tivesse vermes nas tripas… – observou o preso da balalaica.

– Bem, já chega! Isso não é caso para brincadeiras e eles… Quem é esse inspetor, meus amigos? – inquiriu um preso, preocupado, que estava sempre desassossegado, Martínov, um velho da seção militar, que fora hussardo.

– As pessoas sempre mentem muito – observou um dos cépticos. –

Onde iriam buscar essa notícia e para que dizem tanta trapalhada? Tudo isso são boatos.

– Qual boato! – observou dogmaticamente Kulíkov, que permanecera até então altivamente silencioso. Era um indivíduo sisudo, já na casa dos cinquenta, com uma cara muitíssimo bem feita e com modos de uma sobranceria depreciativa. E ele sabia isto e disto se ufanava. Tinha sangue cigano, era veterinário, ganhava dinheiro na cidade, tratando cavalos; mas entre nós, no presídio, negociava aguardente. Era um homem esperto, com muita experiência da vida. Poupava as palavras como se poupasse os rublos.

– Depois de amanhã, meus caros! – continuou tranquilamente. – Ouvi dizer a semana passada; vem um general, da alta categora, para inspecionar toda a Sibéria. Já se sabe o que vai acontecer: molham-lhe as mãos; mas o nosso Oito Olhos, não. Este não se atreverá a olhá-lo de frente. Há generais e generais, meus amigos. Existem de todas as espécies. Mas sempre vos digo que ao nosso major, em todo caso, hão de deixá-lo no seu posto atual. Isso é que é certo. Nós não temos voto na matéria e os chefes não vão denunciar-se uns aos outros. O inspetor dá uma olhadela a todo o presídio; depois vai embora e diz que está tudo muito bem…

– Bem, bem, meus amigos, mas o major tem medo; desde manhã que ele está bêbado. E à noite chega o outro furgão. Foi Fiedka quem o disse.

– Ao cão prêto ninguém o torna branco. Seria esta a primeira vez que ele se embebeda?!

– Não, por que havia eu de dizer isso se o general não viesse para fazer nada? Não, já lhe suportaram bastantes imbecilidades! – começaram a dizer os presos, excitados.

A notícia referente ao inspetor espalhou-se num momento por todo o presídio. Os presos encontravam-se no pátio e comunicavam uns aos outros a notícia. Alguns ficavam intencionalmente calados conservando o sangue-frio, e assim era evidente que desejavam se fazer de pessoas importantes. Outros, pelo contrário, permaneciam indiferentes.

Nos degrauzinhos que levavam aos alojamentos, havia também presos com as suas balalaicas. Uns continuavam falando. Outros entoavam canções; mas, em geral, todos nessa noite se mostravam muito excitados.

Às dez vieram contar-nos a todos, fecharam-nos nos alojamentos e fecharam-nos para toda a noite. As noites eram breves; faziam-nos levantar às cinco da manhã, mas nunca nos deitávamos antes das onze. Até então havia sempre movimento, conversas e, às vezes, como no inverno, havia também *maidani*. À noite fazia um calor horrível e o ar tornava-se horrivelmente sufocante. Embora o frio entrasse de noite pela janela aberta, os presos toda a noite se reviravam nas suas esteiras, cheios de febre. As pulgas eram aos milhares. Também as tínhamos no inverno; mas assim que a primavera começava, multiplicavam-se em tal quantidade que eu, quando ouvia falar disso, e ainda não tinha tido experiência de tal, nem queria acreditar. E quanto mais avançava o verão mais malignas se tornavam. Para dizer a verdade, é possível nos acostumarmos às pulgas; eu próprio pude comprová-lo; mas no entanto é custoso. São a tal ponto nocivas que uma pessoa acaba por deitar-se quase com febre e delirar. Quando por fim, chegada já a manhã, nos vamos quedar amodorrados, também as pulgas se aquietam sob a ação da frescura matinal e parece que vamos de fato adormecer… eis que ressoa de repente o implacável repicar do tambor às portas do presídio e começa a alvorada. Embrulhamo-nos na samarra e escutamos com uma maldição as pancadas fortes e precisas, contamo-las e, entretanto, por entre os sonhos vem-nos à ideia de que amanhã será também assim, e depois de amanhã e ainda durante uns poucos de anos, até que chegue a liberdade. “Mas isso virá a suceder algum dia? – pensamos. – Onde está essa liberdade?” Até lá será preciso levantarmos; começam os apertões do costume, as lavadelas… Os presos se vestem e se encaminham para o trabalho. Em última análise, poderão dormir meia horinha ao meio-dia.

Era com razão que falavam do inspetor. Os boatos cada vez se confirmavam mais e, por fim, todos ficaram sabendo de fonte limpa que ia sair de Petersburgo um general muito importante para inspecionar toda a Sibéria, que vinha já a caminho, que já estava em Tobolsk. Todos os dias chegavam novos boatos ao presídio. Até da

cidade chegavam notícias; ouvia-se dizer que todos o temiam, e afadigavam-se para pôr tudo em ordem. Acrescentavam que os altos comandos preparavam já recepções, bailes, festas.

Os presos foram mandados em grupos compactos para nivelar as ruas até o forte; tirar montões de terra do meio delas, em suma, queriam arrumar tudo aquilo que era preciso mostrar à personagem. Os nossos compreendiam perfeitamente de que se tratava e cada vez discutiam entre si com mais calor e animação. A sua fantasia alcançava proporções colossais. Chegaram até a planear um motim para quando o general viesse perguntar-lhes se estavam contentes. Mas, entretanto, discutiam e ralhavam uns com os outros. O major do presídio estava comovido. Aparecia com mais frequência pelo presídio, gritava mais do que nunca e mais do que nunca acometia os presos e os mandava ao corpo da guarda e velava com energia pelo asseio e pelas boas maneiras. Por esse tempo, como se fosse de propósito, sucedeu no presídio um importante desacato que, aliás, não provocou nele impressão alguma, contra tudo quanto era de esperar e, pelo contrário, lhe causou satisfação: um preso, numa briga, feriu outro com uma sovela, quase debaixo do coração.

O preso que praticou o crime chamava-se Lômov; o que recebeu a ferida era conhecido entre nós por Gavrilka; era um dos inveterados vagabundos. Não me lembro se teria outro nome; entre nós chamavam-lhe sempre Gavrilka.

Os Lômovi tinham sido camponeses abastados em T***, no distrito de K***. Todos os Lômovi viviam em família: o velho pai, três filhos e um tio. Eram lavradores ricaços. Diziam por todo esse distrito que tinham uns trezentos mil rublos de papel, como capital. Eram lavradores, curtiam peles e negociavam; mas a sua maior ocupação era a agiotagem, a proteção de vagabundos e a ocultação de objetos roubados e outras atividades do gênero. Metade dos camponeses do distrito estavam endividados com eles e eram seus servidores. Tinham fama de camponeses habilidosos e astutos; e acabaram por ficar ufanos, sobretudo quando uma personagem importante que viajava por aquela região parou na cidade, travou conhecimento com o velho e ficou seduzida com a sua perspicácia e com o seu tato. De repente imaginaram que, para eles, não havia leis, e começaram a aventurar-se

cada vez mais em negócios ilegais. Todos estavam contra eles e desejavam vê-los por terra; mas eles cada vez se tornavam mais atrevidos. Não ligavam a mínima importância ao juiz do distrito, aos funcionários. Até que acabaram por cair e perderem-se, mas não por nada mau, nem pelos seus crimes ocultos, apenas por qualquer coisa de que estavam inocentes. Possuíam uma grande propriedade a dez verstas da cidade, na parte siberiana. Aí viviam seis criados de lavoura, quirguizos, havia muito tempo, uma vez em cada outono. Um dia de manhã todos esses ganhões quirguizos apareceram degolados. Instauraram-se diligências que se prolongaram por muito tempo. Devido a esse acontecimento vieram a descobrir-se muitas outras coisas feias. Os Lômovi foram acusados do assassinato dos criados. Eles próprios diziam isso e todos no presídio o sabiam; suspeitaram deles porque estavam devendo muito para os seus trabalhadores e, apesar da sua elevada posição, eram avaros e mesquinhos, de maneira que teriam assassinado os quirguizos para não lhes pagar o que deviam. Todo o dinheiro se lhes foi nas diligências e no julgamento. O velho morreu. Os filhos foram deportados. Um dos filhos e o tio foram parar no nosso presídio, condenados a doze anos. Mas, por quê? Estavam totalmente inocentes da morte dos quirguizos. E eis senão quando no mesmo presídio apareceu depois Gavrilka, conhecido patife e vagabundo; um tipo alegre e muito vivo, o qual se declarou autor daquela proeza. Aliás, não sei se seria ele próprio quem o teria confessado assim; mas todo o presídio estava convencido de que os quirguizos tinham perecido às suas mãos. Gavrilka tinha tido negócios de vagabundagem com os Lômovi. Deu entrada no presídio para cumprir uma breve pena como desertor do Exército e vagabundo.

Degolara os quirguizos juntamente com outros três vagabundos; pensavam levar boa vida na propriedade e roubar muito naquelas terras.

Os Lômovi não tinham simpatias entre nós, não sei por que. Um deles, o sobrinho, era um rapaz novo, esperto e de bom caráter; mas o tio, o que feriu Gavrilka com a sovela, era um rústico grosseiro e estúpido. Antes disso já brigara com muitos outros, que já lhe tinham batido. De Gavrilka todos gostavam, pelo seu temperamento jovial e despreocupado. Embora os Lômovi soubessem que ele era culpado e o

olhassem como tal, não chegaram a brigar com ele; aliás nunca procuravam conviver com ele; quanto a ele, não lhes ligava a menor importância. Mas, de repente, surgiu a briga entre ele e o Lômov tio, por causa da fêmea mais repugnante que possa imaginar-se. Gavrilka começou a gabar-se de ter conseguido os seus favores; o camponês sentiu-se ciumento e num belo dia feriu-o com a sovela.

Os Lômovi, apesar de terem perdido o seu capital quando do processo, viviam no presídio como ricaços. Era visível que tinham dinheiro. Tinham um samovar, tomavam chá. O nosso major sabia isto e tinha um ódio enorme aos Lômovi. Todos percebiam que era duro para com eles e, de maneira geral, trazia-os sempre debaixo dos olhos. Os Lômovi explicavam isto dizendo que o major queria que lhe molhassem as mãos, mas que deles não levaria nada.

Não há dúvida de que se Lômov tivesse enterrado um pouco mais a sovela, teria morto Gavrilka. Mas o golpe não passou de um simples arranhão. Deram parte ao major. Lembro-me da pressa com que ele chegou, deitando os bofes pela boca, e como era visível o seu ar complacente. Dirigiu-se com uma amabilidade espantosa a Gravilka.

– Vamos, meu amigo, podes ir andando ao hospital ou não? Não, o melhor é selarem um cavalo para ele. Vamos, preparem imediatamente um cavalo! – gritou para o suboficial, com empenho.

– Mas, excelência, se eu não sinto nada! Foi só um arranhãozinho muito leve, excelência!

– Tu não sabes, tu não sabes, meu filho; porque já vês… o lugar é delicado; tudo depende do lugar; o bandido feriu-te debaixo do coração. Quanto a ti, a ti… – resmungou, encarando Lômov. – Bem, agora estás nas minhas mãos! Para o corpo da guarda!

E, de fato, vingou-se. Lômov foi julgado e, embora a ferida parecesse um leve arranhão, era evidente que fora feita intencionalmente. O réu viu a duração da pena aumentada e aplicaram-lhe mil açoites. O major estava contentíssimo…

Finalmente chegou o inspetor.

Veio visitar-nos ao presídio no segundo dia da sua estada na cidade. Era dia de festa. Alguns dias antes já tudo ali estava limpo e em ordem. Os presos, todos barbeados; os seus trajes, brancos, limpos. No verão, conforme o regulamento, todos usavam pelicos e calças brancas. E traziam nas costas um círculo negro de duas *viérchki* de diâmetro. Ensinaram durante uma hora inteira aos presos a maneira como deviam responder se aquela elevada personalidade lhes dirigisse a palavra. Fez-se até um ensaio. O major andava para um lado e para o outro, como se lhe faltasse o ar. Uma hora antes da chegada do general, já todos estavam nos seus lugares, como estátuas, com as mãos rígidas nas costuras das calças. Finalmente, à uma da tarde chegou o general. Era um general muito importante, tão importante que, segundo parece, todos os corações burocráticos da Sibéria ocidental deviam ter sentido um sobressalto com a sua chegada. Entrou severo e altivo; vinha acompanhado por um grande séquito das autoridades locais, que lhe faziam escolta; vários generais e coronéis; entre eles um cavaleiro vestido à paisana, alto e garboso, de fraque e sapatos, que também tinha vindo de Petersburgo e que conduzia com extraordinária desenvoltura e à vontade. O general voltava-se para ele a todos os momentos, com muita deferência. Isto interessou extraordinariamente os presos. Um paisano recebendo tantas honras, e da parte dum general como aquele! Depois souberam o seu nome e quem era; mas fizeram-se muitos comentários. O nosso major, que ostentava as suas condecorações no seu uniforme cor de laranja, com os olhos injetados de sangue e a sua cara cor de framboesa, borbulhenta, parecia não ter provocado no general uma impressão particularmente agradável. Como sinal de respeito especial pelo alto visitante, não pusera os óculos. Mantinha-se de pé, à distância, como suspenso por um fio, e aguardava febrilmente o instante em que precisassem dele para alguma coisa, com o fim de, voando, satisfazer os desejos de sua excelência. Mas não precisavam dele para nada. O general percorreu os alojamentos em silêncio, inspecionou também as cozinhas e, segundo parece, provou a sopa de couves. Fui-lhe apresentado: “Fulano de tal e tal… vamos… da classe nobre”.

– Ah! – respondeu o general. – E como se porta ele agora?

– Até aqui, satisfatoriamente, excelência – responderam-lhe. O

general meneou a cabeça e dois minutos depois saía do presídio. Não há dúvida de que os presos estavam completamente desconcertados e deslumbrados, mas, entretanto, com uma certa desilusão. É claro que nem valia a pena pensar que o major lhe tivesse feito reclamações. E o major estava já previamente convencido disto.

## Capítulo XVII / Os animais do presídio

A compra de Gniedkó[42], realizada rapidamente no presídio, preocupou e distraiu de modo muito mais agradável os presos do que o elevado visitante. No presídio empregavam um cavalo para o transporte de água, a extração do lixo e outras coisas. Designavam um preso para conduzi-lo, o qual saía com ele, escoltado por uma sentinela, está claro. Havia muito trabalho para o nosso cavalo, tanto de manhã como à tarde. Havia já muito tempo que Gniedkó trabalhava no presídio. Era um bom cavalo, mas já estava cansado. Numa linda tarde, pouco depois do São Pedro, Gniedkó, depois de ter trazido a provisão de água para a tarde, deu uma queda e morreu dentro de poucos minutos. Todos tiveram pena dele; fizeram um círculo à sua volta; falaram, discutiram. Os nossos ex-tratadores de cavalos, os ciganos, os veterinários, etc. demonstraram nesta ocasião uma grande competência em assuntos de cavalos e até se insultaram uns aos outros; mas ninguém conseguiu ressuscitar Gniedkó. Jazia morto, de ventre inchado, no qual todos se sentiam na obrigação de porem o dedo; deram do acontecido parte ao major, e este decidiu que comprassem imediatamente outro cavalo. No próprio dia de São Pedro, de manhã, depois da missa, quando estávamos todos reunidos, começaram a entrar os negociantes de cavalos. Inútil será dizer que quem ficou encarregado de negociar a compra foram os próprios presos. Entre nós havia verdadeiros conhecedores e seria difícil enganar duzentos e cinco homens, cuja ocupação anterior tinha sido essa. Apresentaram-se quirguizos, marchantes, ciganos, camponeses. Os presos, impacientes, aguardavam o aparecimento de cada novo cavalo. Estavam alegres como crianças. O que mais os lisonjeava era o fato de se comprar um cavalo, tal como se fossem homens livres e houvessem de tirar o dinheiro do seu bolso, como se tivessem pleno direito de efetuar uma compra. Já tinham sido apresentados três

cavalos e tinham-nos rejeitado; o negócio só ficou concluído com o quarto. Quando entravam, os negociantes olhavam à sua volta com certo receio e temor, e um tanto assombrados e, de quando em quando, fixavam-na nas sentinelas que os tinham introduzido. Infundia-lhes um certo respeito aquele grupo de duzentos homens daquela espécie, de cabeças rapadas, rostos marcados, com cadeias, em sua casa, num esconderijo como o presídio, cujos umbrais ninguém atravessava. Os nossos punham em ação todos os seus conhecimentos, ao observarem cada novo cavalo que lhes apresentavam. Olhavam-no por todos os lados, sem deixarem um só pormenor por observar, com tal diligência, com uns ares tão sérios e entusiásticos que até parecia que se tratava de algum benefício para o presídio. Os circassianos montavam nas cavalgaduras durante algum tempo; os seus olhos chispavam fogo e falavam com veemência na sua linguagem incompreensível, mostrando os dentes brancos e as caras amareladas e de grande nariz. Alguns dos russos seguiam as suas palavras com tanta atenção que parecia que os olhos lhes queriam saltar das órbitas. Não compreendiam nem uma palavra; mas queriam adivinhar-lhes, pela expressão da cara, o que eles resolveriam, se lhes agradava ou não o cavalo. Ao observador imparcial teria parecido estranha uma atenção tão absorvente. Por que havia um preso de interessar-se, e sobretudo um preso como aquele, amável, apático, que mal ousava levantar a voz diante dos outros presos? Parecia prestes a comprar um cavalo para si, e que de fato não lhe podia ser indiferente qual deles se comprasse. Além do quirguizos distinguiam-se também os ciganos e os antigos negociantes de cavalgaduras; a esses pertenciam o primeiro lugar e a primeira palavra. E eis senão quando se deu uma espécie de torneio nobre entre dois… presos. Kulikov, o cigano, antigo ladrão de cavalos e negociante deles, e um veterinário autodidata, um astuto camponês siberiano, recém-entrado no presídio, que já conseguira tirar a Kulikov toda a sua clientela da cidade. Acontecia que os nossos veterinários do presídio eram muito estimados na cidade, e não só os camponeses ou comerciantes, mas até os mais altos funcionários, se dirigiam ao presídio quando os animais lhes adoeciam, apesar de haver na cidade alguns veterinários de verdade. Até à chegada de Iólkin, o rústico siberiano, Kulikov não tivera rival, possuía uma grande clientela e, naturalmente, recebia dinheiro como recompensa. Era bajulador e palrador, sabia muito menos do que aparentava.

Graças aos seus ganhos era um verdadeiro aristocrata no presídio. Pelas suas manhas, pela sua inteligência, sagacidade e decisão, havia já muito tempo que conseguira o respeito involuntário de todos os presos. Entre nós, escutavam-no e obedeciam-lhe. Falava pouco, regateava as palavras e só nas ocasiões mais importantes. Era um grande velhaco, mas possuía autêntica energia, que não era fingida. Era já entrado em anos mas muito garboso, muito esperto. Com os nobres portava-se com uma cortesia refinada, mas ao mesmo tempo com extraordinária dignidade. Penso que se o tivessem vestido bem e o tivessem apresentado como um conde qualquer em algum círculo da capital, seria capaz de comportar-se como num meio seu, teria desempenhado perfeitamente o seu papel, exprimindo-se de maneira distinta, falando com ponderação e talvez que durante toda a noite ninguém suspeitasse que ele não era um conde mas um vagabundo. Falo seriamente, pois tal era o seu desembaraço e a sua habilidade na maneira de conduzir-se. Tinha, além disso, uns modos distintos e elegantes. Devia ter visto muita coisa em toda a vida. Mas o seu passado estava envolto em mistério. Vivia entre nós, na seção especial. Mas quando chegou Iólkin, camponês, e dos mais astutos, cinquentão, velho crente, a fama de Kulikov diminuiu. Em dois meses roubou-lhe quase toda a clientela da cidade. Curava com toda a facilidade cavalos que Kulikov perdera a esperança de curar havia muito tempo. E curava também aqueles de que os médicos veterinários tinham desistido. Esse camponês dera entrada no presídio juntamente com outros, envolvido num crime de falsificação de moeda. Ter-se metido, na sua idade, num assunto de tal natureza! Foi ele próprio quem nos contou que por cada três moedas de ouro verdadeiras davam eles só uma falsa. Kulikov sofreu um pouco porque os seus êxitos veterinários tivessem decaído e a sua fama entre os presos também descido. Tinha uma amante nos arredores, usava blusa pregueada, ostentava anel de prata e um brinco também de prata, e sapatos próprios, com enfeites coloridos, mas, de repente, devido à diminuição dos rendimentos, viu-se na necessidade de se meter a taberneiro. Por isso esperavam que, na compra do novo Gniedkó, os dois inimigos haviam de armar grossa briga. Esperavam isso com curiosidade. Cada um deles tinha o seu partido. Os partidários de cada grupo começavam já a se acalorar e, pouco a pouco, iam-se começando a cobrir de insultos. O próprio Iólkin tinha contraído já a sua cara astuta num sorriso extremamente

sarcástico. Mas tal não se deu; Kulikov nem sequer tentou insultar; mas, sem se valer de insultos, portou-se de maneira magistral. Pôs-se a escutar tranquilamente e até com certo respeito as opiniões críticas do rival; mas, assim que o apanhou em erro, imediatamente, num tom de voz resoluto, mas delicado, fez-lhe notar que estava enganado e, antes que Iólkin tivesse tido tempo de refletir e desdizer-se, demonstrou-lhe que estava enganado nisto e naquilo. Em resumo: Iólkin ficou derrotado, de maneira inesperada e hábil, e embora, em última análise, tivesse tido a última palavra, o partido de Kulikov deu-se por satisfeito.

– Não, meus caros, não é assim tão fácil como isso derrotá-lo; ele sabe defender-se; não há quem o embrulhe – diziam uns.

– Iólkin sabe mais! – observavam outros; mas observavam com uma certa transigência. Ambos os partidos adotaram imediatamente um tom conciliador.

– Não sabe nada, o que sucede é que tem a mão leve. Mas não vale a pena estarmos discutindo por causa de uns cavalos e de Kulikov!

– Não discutam, rapazes!

– Não briguem…

Até que finalmente escolheram e compraram o novo Gniedkó. Era um ótimo cavalinho; bonito, forte e com uma estampa muitíssimo agradável. E, sob outros aspectos, parecia também impecável. Começaram a discutir o preço: pediam por ele trinta rublos; os nossos ofereciam vinte e cinco. Regateavam com ardor e demoradamente; cediam e transigiam. Até que finalmente isso acabou por parecer-lhes ridículo a eles próprios.

– Mas és tu que tens de pagar de teu bolso, meu amigo? – diziam uns. – Para que regatear?

– Tens pena da caixa? – exclamavam outros.

– Meus caros, é que todo este dinheiro é da comunidade!

– Da comunidade! Não, meus amigos; os malandros não precisam de ser semeados, nascem por si…

O contrato acabou finalmente fechado por vinte e cinco rublos. Participaram ao major e a compra deu-se por concluída. Escusado será dizer que, a seguir, trouxeram pão e sal, e Gniedkó foi introduzido com todas as honras no presídio. E não houve preso que não lhe desse nessa ocasião uma palmadinha no pescoço ou não lhe acariciasse o focinho. Gniedkó foi ajaezado nesse mesmo dia para transportar água e todos olhavam com curiosidade para verem como Gniedkó transportaria o seu barril. O nosso aguadeiro, Roman, olhava para o nosso cavalinho com uma extraordinária satisfação. Era um camponês cinquentão, taciturno e de compleição fortíssima. De maneira geral todos os cocheiros russos são de compleição forte e também tristonhos, como se de fato fosse verdade que o trato constante com cavalos imprimisse ao homem uma robustez e gravidade especiais. Roman era amável, afetuoso para com todos, inimigo do palavreado; tirava o seu tabaco de um cornicho e desde tempos imemoriais que sempre estivera encarregado dos cavalos do presídio. O que acabara de adquirir-se era o terceiro. Entre nós todos estavam convencidos de que a cor baia dizia bem com o presídio, que assim ficava sendo da casa. Roman afirmava o mesmo. Um cavalo branco, por exemplo, por nada deste mundo o teriam comprado. As funções de aguadeiro correspondiam desde sempre a Roman, como em virtude de algum direito, e entre nós nunca ninguém pensou em disputar-lhe o cargo. Quando o anterior Gniedkó morreu, ninguém se lembrou, nem sequer o major, de atribuir-lhe a menor culpa; isso fora simplesmente a vontade de Deus e Roman era um bom cocheiro. Gniedkó tornou-se bem depressa o favorito do presídio. Os presos, embora fossem gente rude, costumavam acariciá-lo com frequência. Quando voltava do rio, Roman costumava fechar as portas que lhe abria o suboficial; mas Gniedkó, quando entrava no presídio, parava com o seu barril e ficava à espera dele, olhando-o de soslaio.

– Entra tu sozinho! – gritava-lhe Roman, e Gniedkó dirigia-se imediatamente à cozinha, parava à porta, esperava os cozinheiros e os presos com baldes para recolherem a água.

– Sempre és muito esperto, Gniedkó! – gritavam-lhe. – Vem

sozinho! Obedece!

– Lá isso é verdade, é um animal e compreende.

– Bravo, Gniedkó!

Gniedkó mexia a cabeça e resfolegava, como se de fato compreendesse e ficava ufano com aqueles elogios. E era infalível haver sempre quem lhe levasse pão e sal. Gniedkó comia e tornava a mexer a cabeça, como se dissesse: “Eu te conheço! Eu te conheço! Eu sou um bom cavalinho e tu és um homem bondoso!”.

Eu também gostava de levar pão a Gniedkó. Era um prazer olhar o seu focinho, tão bonito, e sentir nas palmas das nossas mãos os seus beiços suaves e tépidos, quando recolhia com cuidado aquilo que lhe oferecíamos.

De maneira geral os nossos presos teriam podido afeiçoar-se pelos animais e, se lhes fosse permitido, teriam introduzido com gosto no presídio uma multidão de animais e de pássaros domésticos. E que coisa melhor para abrandar, enobrecer o severo e fero caráter dos presos do que essa ocupação, por exemplo? Mas tal não lhes era permitido. Nem o nosso regulamento nem o lugar o consentiam.

No entanto, durante o tempo em que aí estive, sempre houve no presídio alguns animais. Além de Gniedkó, tínhamos conosco cães, gansos, um cabrito, Vasska, e também uma águia viveu ali durante uma temporada.

Como disse já, vivia entre nós, na qualidade de cão privativo do presídio, Chárik, cão inteligente e meigo, com o qual mantive uma constante amizade. Mas como o nosso povo, de maneira geral, considera o cão um animal imundo, no qual nem sequer se deve fixar a atenção, quase ninguém entre nós reparava em Chárik. Ninguém tratava dele, dormia no pátio, comia das sobras da cozinha, e não mostrava um especial interesse por ninguém, embora conhecesse todos os do presídio e os considerasse seus donos. Quando os presos voltavam do trabalho, logo ele, assim que se ouvia o grito, diante do corpo da guarda: “Cabo da guarda!”, corria para a porta e, saltando com ternura ao encontro de cada grupo, mexia a cauda e olhava

amigavelmente nos olhos cada um dos que iam entrando, esperando deles alguma carícia. Mas durante muitos anos não pegou a conseguir carícia alguma de alguém, a não ser de mim. E por isso gostava mais de mim do que de ninguém. Não me lembro como é que apareceu depois no presídio outro cão, Bielka. O terceiro, Kulhtiapka, fui eu próprio quem o trouxe, quando ele ainda era um cachorrinho, uma vez, quando voltava do trabalho. Bielka era um animalzinho estranho, um ser estranho. Alguém devia ter-lhe passado por cima com uma *taieliega*, porque tinha a espinha partida ao meio, de maneira que, quando corria, visto de longe, parecia que eram dois animais brancos que corriam, que teriam nascido pegados um ao outro. Além disso era sarnoso; os olhos supuravam-lhe; tinha a cauda completamente pelada e continuamente encolhida. Maltratado pela sorte, pelo visto decidira resignar-se. Nunca ladrava a ninguém, nem rosnava, como se não se atrevesse. Vivia quase só de pão, atrás dos alojamentos; quando via algum dos nossos, punha-se imediatamente, a alguns passos de distância, de barriga para cima, em sinal de submissão: "Vamos, faz de mim o que quiseres, que eu, como vês, não te oporei resistência alguma". E todos os presos, perante os quais se estendia desse modo, lhe davam com a ponta do pé, como se considerassem esse procedimento um dever obrigatório: "Desaparece, estupor!", costumavam dizer os presos. Mas Bielka nem sequer se atrevia a queixar-se e, quando a dor era forte demais, então gemia com a boca fechada e como para dentro. Também se punha da mesma maneira diante de Chárik e de todos os outros cães, quando corria pelo presídio. Costumava estender-se de barriga para cima e ficar assim, muito sossegado, quando algum canzarrão se dirigia para ele, de orelhas caídas, rosnando e ladrando. Mas os cães gostam da submissão e do respeito dos seus semelhantes. O cão furioso amansava-se imediatamente; quedava-se, parado, como refletindo, diante do outro cão, estendido diante dele com as patas para cima, dócil, e depois punha-se, com grande curiosidade, a farejar-lhe todas as partes do corpo. Que pensaria Bielka durante todo este tempo, todo trêmulo? "E se este bandido me morde agora!", era provável que lhe ocorresse. Mas depois de farejá-lo atentamente, o canzarrão acabava por deixá-lo em paz, por não lhe encontrar nada de particularmente curioso. A seguir, Bielka levantava-se e punha-se a correr, coxeando, atrás de uma longa fila de cães que seguiam algum cãozinho metido. E embora

ele soubesse que, provavelmente, nunca poderia manter amizade com um cãozinho assim, apesar de tudo, acompanhá-lo, de longe, ao menos… sempre era uma consolação para ele, no meio da sua desdita. Pelo visto, já deixara de pensar na felicidade. Perdido o futuro, vivia apenas de pão e reconhecia plenamente a sua situação. Uma vez experimentei acariciá-lo; isso foi para ele qualquer coisa de tão novo e inesperado que, de repente, foi e estendeu-se a todo o comprimento no chão, sobre as quatro patas, todo a tremer, e começou a gemer com força, de tão comovido. Eu o acariciava muitas vezes, por dó. Em compensação, ele não podia conter um gemido cada vez que me via. Assim que me via ao longe começava a uivar de maneira doentia e lamentosa. O caso acabou desta maneira: fora do presídio, no bastião, os outros cães acabaram por dar cabo dele.

Kulhtiapka era completamente diferente. Não sei por que o teria levado eu, ainda em pequenino, para o presídio. Agradava-me dar-lhe de comer e vê-lo crescer. Chárik tomou imediatamente Kulhtiapka sob sua proteção e dormia com ele. Quando Kulhtiapka era já mais crescidinho, consentia que lhe mordesse as orelhas, lhe puxasse o pelo e brincasse com ele, como costumam brincar os cães já grandes com os cachorrinhos. Era estranho que Kulhtiapka se desenvolvesse pouco em altura e somente crescesse em comprimento e profundidade. Tinha um pelo lanudo, cor de rato claro; uma das orelhas crescera-lhe para baixo e a outra para cima. De gênio era vivo e fogoso, como todos os cachorrinhos, os quais costumam, com a alegria de ver o dono, arquejar, chiar, subir-lhe pelo corpo, lambiscar-lhe a cara, sem se preocupar em reprimir perante ele todos os outros sentimentos. “Contanto que vejam o meu entusiasmo, pouco importa a compostura!” Onde quer que eu estivesse, assim que gritava: “Kulhtiapka!” logo ele surgia de algum canto, correndo, como se saisse de debaixo da terra, e voava para mim com um entusiasmo ansioso, como uma bala, caindo muitas vezes no caminho. Eu tinha uma enorme amizade por esse aborto. Parecia que o destino só havia de proporcionar-lhe satisfações e alegrias na vida. Mas um belo dia o preso Nieustroiev, que se ocupava em coser sapatos de senhora e em curtir peles, fixou nele uma atenção especial. Houve qualquer coisa que, de súbito, o impressionou. Chamou Kulhtiapka para o seu lado, acariciou-lhe ó lombo e, carinhosamente, estendeu-o no chão, de

barriga para cima. Kulhtiapka, sem receio nenhum, gemia de gozo. Mas na manhã seguinte desaparecera. Procurei-o durante muito tempo, levara sumiço e só passadas duas semanas tudo se esclarecereu. A pele de Kulhtiapka agradara muito a Nieustroiev, que lha arrancou, a curtiu e a pôs nuns sapatos de veludo, de abafo, que lhe encomendara a mulher do auditor. Ele próprio me mostrou os sapatos quando já estavam prontos. A pele ficava neles admiravelmente. Pobre Kulhtiapka!

No presídio, muitos se dedicavam ao curtimento de peles, e quando apareciam cães de pele bonita, o que acontecia bastante, desapareciam num abrir e fechar de olhos. Alguns roubavam-nos, mas outros compravam-nos. Lembro-me de que uma vez encontrei dois presos atrás dos alojamentos. Tomavam resoluções e conferenciavam. Um deles segurava, por uma corda, um grande e esplêndido cão, o qual parecia de raça. Algum criado despedido o teria roubado à sua senhora e o teria vendido aos nossos sapateiros por trinta copeques de prata. Os presos pensavam afogá-lo. O que podiam fazer com a maior facilidade; depois arrancavam-lhe a pele e, quanto ao cadáver, arrojavam-no a um grande e fundo fosso de esgoto que havia no canto mais recuado do presídio e que, no verão, com o calor, fedia horrorosamente. Só de longe em longe o limpavam. O pobre cão parecia compreender a sorte que o esperava. Interrogativo e inquieto, olhava alternadamente para nós três e, de quando em quando, ousava mexer um pouco a cauda basta, como se estivesse desejoso de abrandar-nos com esse sinal da sua confiança em nós. Eu me apressei a retirar-me, e eles, naturalmente, despacharam o caso com toda a tranquilidade.

Também aos gansos sucedera virem a encontrar-se entre nós, por casualidade. Ignoro quem os teria levado para ali ou a quem pertencessem, mas durante algum tempo divertiram grandemente os condenados e até chegaram a ser conhecidos na cidade. Haviam-se criado no presídio e mantinham-se na cozinha. Quando cresceram, acostumaram-se a sair todos em grupo, juntamente com os presos, para o trabalho. Assim que se ouvia o tambor e o presídio se punha em movimento para sair, logo os nossos gansos começavam a lançar grasnidos e a correr para nós, agitando as asas e, um atrás do outro,

atravessavam a porta altíssima e dirigiam-se invariavelmente para o lado direito, onde se alinhavam, aguardando o fim da divisão dos grupos. Costumavam incorporar-se ao turno mais numeroso e, durante o trabalho, ficavam em qualquer lugar próximo. Quando o grupo se punha de novo em movimento para regressar ao presídio, também eles se levantavam. No forte correu o boato de que os gansos iam com os presos para o trabalho. “Olha, lá vão os presos com os seus gansos!”, costumavam dizer os que os encontravam no caminho. “Olhem para os gansos! Como é que vocês os ensinaram assim?”, acrescentavam outros, dando-lhes uma esmola. Mas a despeito de toda essa simpatia, mataram-nos para fazerem um festim depois da Quaresma.

Em compensação, por nada deste mundo teriam matado o nosso cabrito Vasska, se não se tivesse dado uma circunstância especial. Também não sei como é que o arranjaram nem quem o levou ali, mas o certo é que um dia apareceu no presídio um cabritinho branco, muito bonito. Passados poucos dias já todos nós lhe tínhamos tomado amizade e proporcionava-nos distração geral e até alegria. Encontraram também uma razão para mantê-lo: a de que era preciso manter no presídio, além do cavalo, um cabrito também. No entanto não vivia junto do cavalo, mas sim na cozinha, a princípio, e depois andava por todo o presídio. Era um animalzinho extremamente gracioso e muito simpático. Aproximava-se quando o chamavam, saltava para cima dos bancos, das mesas, arremetia contra os presos, estava sempre contente e brincalhão. Uma vez, quando já lhe tinham nascido os cornichos, uma noite, o legiano Babai, que estava sentado na escadinha do alojamento, juntamente com outros presos, lembrou-se de pôr-se a brincar com Vasska. Havia já muito tempo que davam marradinhas com a testa – o que constituía o divertimento favorito dos presos com o cabritinho – quando de repente Vasska se encarrapitou no degrau mais alto da escadinha e, mal Babai se pusera de lado, quando o animal se levantou num ápice, sobre as patas traseiras, encolheu as outras e deu ao legiano, com todas as suas forças, uma marrada pelas costas que o fez rolar de cabeça para baixo pela escada, entre o entusiasmo de todos os presentes e do seu em primeiro lugar. Enfim, todos tinham uma grande amizade por Vasska. Depois começou a tornar-se maior e após uma prolixa e séria discussão, concordaram em fazer-lhe, e fizeram-lhe, uma certa

operação, na qual os nossos veterinários eram mestres consumados: “Assim já não cheirará a macho”, diziam os presos. Depois disso, Vasska começou a engordar terrivelmente. Alimentavam-no como se quisessem cevá-lo. Finalmente tornou-se um bode esplêndido com uns cornos muito compridos e de extraordinária grossura. Também se acostumou a sair conosco para o trabalho, para distração dos presos e das pessoas que se encontravam pelos campos. Todos conheciam Vasska, o cabrito do presídio. As vezes, quando trabalhavam na ribeira, por exemplo, os presos costumavam cortar os ramos flexíveis dos juncos, procuravam algumas folhas, arrancavam flores junto do muro e coroavam Vasska com tudo isso; atavam-lhe juncos e flores nos cornos e envolviam-lhe todo o corpo em grinaldas. Vasska regressava ao presídio enfeitado e ataviado, e os presos iam atrás dele, e pareciam sentir-se muito importantes perante os transeuntes. A tal ponto chegou essa afeição pelo cabrito que ocorreu a alguns uma ideia absolutamente pueril: “Por que não se hão de dourar os cornos de Vasska?” Simplesmente não chegaram a fazê-lo, tudo ficou em palavras. Aliás, lembro-me de que perguntei a Akim Akímitch, o melhor dourador do nosso presídio, depois de Issai Fomitch, se de fato seria possível dourar os cornos do cabrito. Ele começou por olhá-lo com muita atenção, depois refletiu com muita seriedade e acabou por dizer que era possível, “mas que isso seria de pouca duração e, além disso, perfeitamente inútil”.

E com isto se acabou a história. Vasska teria vivido longo tempo no presídio e teria talvez morrido de asma, mas uma vez ao voltar do trabalho à frente dos presos, enfeitado e embonecado, encontrou o major que ia no seu *drójki*: “Alto! – gritou – que cabrito é esse?”. E explicaram-lhe. “O que, um cabrito no presídio, e sem minha autorização? Suboficial!” O suboficial apresentou-se e recebeu imediatamente ordem de abater o animalzinho. Que lhe arrancassem o velo, que o vendessem à loja, e que o dinheiro da venda fosse acrescido à quantia que a administração destinava aos presos, e que a carne fosse dada a estes, com a sopa de couves. Fizeram-se comentários no presídio; tiveram muita pena, mas não se atreveram a desobedecer. Mataram Vasska junto do fosso dos esgotos. A carne foi toda comprada por um dos presos, que abonou um rublo e meio de prata ao presídio. Com esse dinheiro compraram tortas, mas o que

comprara Vasska tornou a vendê-lo para ser assado. E, de fato, a carne era extraordinariamente saborosa.

Também viveu algum tempo conosco no presídio uma águia da espécie das estepes, que não são muito grandes. Houve alguém que a levou para o presídio, ferida e maltratada. Todos acudiram a vê-la; não podia voar; a asa direita derrubada e uma pata deslocada. Lembro-me da ansiedade com que olhava à sua volta, contemplando o grupo curioso, e de como abria o bico curvo, pronta a vender cara a vida. Assim que acabaram de olhá-la à sua vontade e começaram a dispersar, a águia, coxeando, sustendo-se em uma só pata e agitanto a asa sã, foi esconder-se no extremo mais afastado do presídio, onde se encolheu num canto, contra a paliçada. Ali viveu três meses e durante todo aquele tempo nem uma vez sequer se moveu no seu canto. A princípio iam ali muitas vezes para a verem, atiçando o cão contra ela. Chárik lançava-se sobre ela com muito ímpeto, mas era evidente que não se atrevia a aproximar-se muito, o que divertia grandemente os presos. “Isto é que é uma fera! – diziam. – Não se rende!” Depois Chárik começou a magoá-la seriamente; perdeu-lhe o medo e quando o açulavam apressava-se a agarrá-la pela asa doente. A águia defendia-se com todas as suas forças, com as garras e com o bico, orgulhosa e arrogante como um monarca ferido e, agachando-se no seu canto, contemplava os curiosos que vinham para vê-la. Finalmente, todos se fartaram dela, todos a deixaram em paz e a esqueceram e, no entanto, todos os dias podia ver-se junto dela um pedaço de carne fresca e uma caçarola quebrada com água. Alguém devia cuidar dela. A princípio ela se negava a comer e assim esteve vários dias; até que por fim começou a comer, mas não à mão nem diante das pessoas. Eu pude vê-la uma vez, de longe. Não vendo ninguém e pensando que estava só, resolvia-se às vezes a afastar-se um bocadinho do seu canto e coxeava ao longo da paliçada, uns doze passos além do seu lugar; depois recuava e tornava a sair, como se estivesse fazendo exercício. Quando me via, voltava a correr imediatamente para o seu canto, com todas as forças, dando saltos e deitando a cabeça para trás, abrindo o bico, as penas eriçadas, pronta para o combate. Não conseguia amansá-la com carícias nenhumas; arranhava e bicava; não aceitava a carne da minha mão, e durante todo o tempo que me via não fazia senão olhar para mim de alto a baixo, nos olhos, com os seus,

penetrantes e hostis. Aguardava a morte sozinha, não tinha confiança em ninguém nem se amansava com coisa alguma. Até que finalmente os presos se lembraram dela e, embora nenhum a tivesse procurado nem recordado nesses dois meses, de repente todos se encheram de piedade por ela. Discutiram sobre a necessidade de expulsarem a águia.

– Que rebente, mas não no presídio – diziam uns.

– É um pássaro livre; arisco; não se acostumará no presídio – disseram outros.

– Sinal de que não é como nós – acrescentou um outro.

– Olha que coisa! É uma ave e nós somos homens.

– A águia meus amigos, é o czar das selvas… – começou a dizer Skurátov; mas desta vez não lhe deram ouvidos.

Certo dia, depois do rancho, quando soou o tambor chamando para o trabalho, pegaram na águia, fechando-lhe o bico com a mão, porque se tinha posto a debater-se, furiosa, e levaram-na do presídio. Foram até ao bastião. Doze homens, que pertenciam àquele turno, queriam ver até onde subia a águia. Coisa curiosa: todos estavam tão contentes como se também eles, em parte, fossem recuperar a liberdade.

– Anda, palerma, faz-lhe bem, que ela não sabe senão arranhar! – dizia aquele que segurava, olhando a ave quase com amor.

– Larga-a, Mikita!

– A ela, quer dizer, ao diabo, não o guardes em nenhum cofre. Dá-lhe a liberdade, a liberdade toda, verdadeira.

Largaram a águia do muro, sobre a estepe. O outono ia já avançado e estava um dia frio e nublado. O vento zumbia sobre a estepe desnuda e sibilava na erva seca, amarela e densa. A águia atirou-se a direito, agitando a asa sã e como se tivesse pressa de pôr-se longe do alcance dos nossos olhos. Os presos seguiam-na, curiosos, enquanto a sua cabeça brilhava acima da erva.

– Olhem para ela! – exclamou um pensativo.

– Nem sequer se volta para olhar para nós! – acrescentou outro. – Nem uma só vez sequer se voltou para olhar-nos; meus amigos, voa que voa!

– Ai, tu pensavas que ela viria agradecer-nos? – observou um terceiro.

– Cheirou-lhe a liberdade…

– Sim; a liberdade…

– Já não se vê, meus amigos…

– Por que estão assim parados? Marche! – gritaram as sentinelas, e todos; em silêncio, correram para o trabalho.

## Capítulo XVIII / A reclamação

Ao começar este capítulo, o editor das *Memórias* do falecido Alieksandr Pietróvitch Goriântchikov considera-se obrigado, a fazer aos leitores a seguinte advertência:

No primeiro capítulo de *Memórias da casa dos mortos*, disseram-se algumas palavras a respeito de um parricida de família nobre. Citou-se, entre outros, como exemplo da insensibilidade com que às vezes os presos falam dos crimes por eles cometidos. Disse-se também que o parricida não confessou o crime, no julgamento, mas atendendo a certos relatos de pessoas que conheciam o caso em todos os seus pormenores, os fatos tornavam-se claros a tal ponto que era impossível não acreditar na sua culpabilidade. Essas pessoas contaram ao autor das *Memórias* que o criminoso tinha uma conduta absolutamente licenciosa, que estava cheio de dívidas e que assassinara o pai com ânsia de herdar. Aliás, toda a cidade em que antes vivera o parricida contava esta história nos mesmos termos. O editor das *Memórias* possui referências bastante fidedignas deste último fato. Finalmente, diz-se nas *Memórias* que o parricida mostrava no presídio a melhor e mais alegre disposição de espírito; que era um tipo desnorteado, sem

ponderação alguma, embora não completamente estúpido, e que o autor das *Memórias* nunca lhe notou nenhuma crueldade especial. Ao que se acrescentavam ainda estas palavras: “É claro que eu não acreditava nesse crime.”

Há pouco, o editor de *Memórias da casa dos mortos* recebeu da Sibéria a notícia de que o suposto criminoso estava de fato inocente e sofrera injustamente dez anos de trabalhos forçados; e que a sua inocência fora proclamada pelos juízes de modo oficial. Que os verdadeiros culpados tinham sido encontrados, os quais estavam já convictos e confessos, e que o infeliz já tinha sido posto em liberdade.

O editor não pode de maneira nenhuma duvidar da veracidade desta notícia.

Não é preciso acrescentar mais nada. Não é preciso falar mais nem demorarmo-nos acerca da profundidade trágica deste fato; do malogro duma vida ainda jovem, sob o peso de tão terrível acusação. O fato é demasiado compreensível, impressionante de per si.

Nós pensamos também que se tal fato era passível, esta mesma possibilidade acrescenta ainda uma característica nova e luminosa às características de perfeição do quadro da Casa dos Mortos.

E agora continuemos.

*

Já havia eu dito que enfim acabei por me conformar com a minha situação no presídio. Mas este enfim operou-se de modo muito lento e doloroso, aos poucos. Na realidade foi-me necessário um ano para isso, e esse ano foi o mais difícil da minha vida. E por isso tudo me ficou gravado profundamente na memória. Parece-me que recordo cada hora desse ano até nos seus mínimos pormenores. Disse ainda que os outros presos também não podiam acostumar-se a essa vida. Lembro-me de que, nesse primeiro ano, costumava perguntar: “Que se passará com eles? Poderão estar tranquilos?” E estas perguntas preocupavam-me muito. Já antes recordei que todos os presos viviam ali, não como em sua casa, mas como numa estalagem de mudas, um

bivaque, numa etapa. Até os indivíduos deportados para toda a vida andavam inquietos e nostálgicos, e sem exceção, todos eles sonhavam com algo impossível. Essa perene inquietude, que transparecia, mesmo através do silêncio, essa estranha amargura ou excitação, que às vezes costumava involuntariamente acusar-se em esperanças tão mal fundadas, que pareciam estar delirando e que impressionavam sobretudo por se manifestar muitas vezes em indivíduos de aparência muito realista, tudo isso imprimia um aspecto e caráter singulares àquele lugar, a um ponto tal que talvez esses aspectos constituíssem o mais característico da sua peculiaridade. Parecia sentir-se, quase ao primeiro olhar, que aquilo não existia fora do presídio. Ali todos eram uns sonhadores. E isto era evidente. Sentia-se isto de forma doentia, sobretudo porque o sonho comunicava à maioria dos do presídio um aspecto áspero e severo, um certo aspecto doentio. A imensa maioria era taciturna e má até ao rancor, e não gostava de mostrar as suas esperanças. A simplicidade, a sinceridade, eram objeto de desprezo. Quanto mais arrojadas eram as esperanças e mais o próprio sonhador se dava conta do seu atrevimento, tanto mais teimosa e pudicamente se escondia dentro de si, mas afugentá-las, isso é que não podia. Quem sabe quantos não se envergonhariam delas perante si próprios. Há no caráter russo tanto sentido da realidade e tal curteza de vistas, tanta zombaria interior, a começar pela própria pessoa. Talvez essa grande irritabilidade nesses indivíduos, nas suas mútuas relações cotidianas, tantas discussões e troças entre eles, fossem devidas a esse constante, dissimulado descontentamento de si próprio. E se, por exemplo, surgia de repente algum mais ingênuo ou sensível, que deixasse transparecer por acaso o que todos escondiam nas suas almas, que se abandonasse aos sonhos e ilusões, imediatamente o corrigiam e troçavam dele; mas eu tenho a impressão de que os admoestadores mais exaltados eram precisamente os mesmos que, provavelmente, iam mais longe nos seus sonhos e ilusões. E a esses ingênuos simplórios, como já disse, olhavam-nos, de uma maneira geral como imbecis, e tratavam-nos com desprezo. Eram todos a tal ponto tão arredios e fátuos, que desprezavam as pessoas simples e despidas de amor-próprio. Além desses faladores, crédulos e ingênuos, todos os outros, isto é, os taciturnos, se dividiam categoricamente em bons e maus, severos e amáveis. Os severos e os maus eram sem possível dúvida mais numerosos; embora entre eles houvesse também faladores que o eram

por natureza, eram todos, sem exceção, hipocondríacos, inquietos e rancorosos. Intrometiam-se em todos os assuntos alheios, embora não mostrassem o seu próprio íntimo a ninguém, os seus problemas particulares. Era essa a regra, coisa que não se admitia. Os bons – um número muito reduzido – eram pacíficos, ocultavam em silêncio as suas esperanças, e desnecessário será dizer que, mais do que os ásperos, eram propensos a alimentar ilusões e a acreditar nelas. Aliás parecia-me também que existiam igualmente no presídio um grupo de indivíduos completamente desesperados. A estes pertencia, por exemplo, aquele ancião, velho crente de Staradúvobo; mas, em todo caso, eram em pequeno número. Esse tal velho mostrava-se tranquilo na aparência (já falei dele) mas, por certos indícios, penso que o seu estado dalma era espantoso. Aliás, tinha a sua salvação, o seu refúgio: a oração e a ideia de sofrimento. Aquele louco, leitor da Bíblia, a que já me referi, e que atirou aquele tijolo ao major, seria provavelmente do número dos desesperados, daqueles que já tinham perdido até a última esperança. E como viver sem ilusões é impossível, procurou um refúgio no sofrimento voluntário, quase artificial. Declarou que agredira o major sem má intenção, mas simplesmente para atrair o suplício. E quem sabe que processo psicológico se operaria então na sua alma! Sem um objetivo pelo qual tenha de esforçar-se nenhum homem pode viver. Quando perdeu a sua finalidade e a sua ilusão, o homem transformou-se muitas vezes, com o aborrecimento, num monstro. O fim para todos nós era a liberdade e a saída do presídio.

Estou a esforçar-me por classificar em categorias todos os do nosso presídio; mas isso será possível? A realidade é infinitamente diferente, comparada com todos, inclusive com os mais refinados produtos do pensamento abstrato, e não suporta distinções vívidas e acusadas. A realidade tende para os casos particulares. Existia vida individual entre nós, embora de uma maneira especial, e não uma vida pública, mas uma vida interior, própria de cada um.

Mas, como disse já noutro lado, eu não podia saber nem compreender a profundidade interior dessa vida, nos meus primeiros tempos de presídio, e por isso todas as manifestações exteriores dessa vida me mortificavam então com uma constante tristeza. Às vezes, invejava simplesmente aqueles que sofriam o mesmo que eu. Até os

invejava e deitava as culpas sobre a sorte. Invejava-os porque eles, apesar de tudo, compreendiam-se mutuamente entre si, com os companheiros, embora, na realidade, tanto a eles como a mim nos repugnasse aquela camaradagem debaixo do chicote e dos açoites, aquela comunidade forçada, e procurassem evitar os demais, retirar-se para um lado, para qualquer parte. Torno a repetir que essa inveja, que se apoderava de mim em momentos de mau humor, tinha os seus fundamentos lícitos. No fundo, não têm absoluta razão aqueles que dizem que, para o nobre, para o culto, o presídio e os trabalhos forçados são tão duros como para qualquer labrego. Conheço essa tese, ouvi-a defender nos últimos tempos, tenho lido algo acerca dela. A base dessa ideia é verdadeira, humana. Todos são pessoas, todos homens. Mas é uma ideia demasiado abstrata. Não leva em conta muitas condições práticas, que não podem compreender-se de outro modo senão na própria realidade. Falo assim, não porque o nobre e o ilustrado sintam de um modo mais requintado e doloroso, porque estejam mais desenvolvidos. É difícil avaliar numa escala a alma e o seu desenvolvimento. Nem a própria cultura pode servir de medida neste caso. Eu sou o primeiro a afirmar que no homem mais inculto, no meio mais baixo, entre estes homens que sofrem, se encontram aspectos da mais refinada evolução espiritual. Acontecia às vezes no presídio que uma pessoa conhecesse um homem durante alguns anos e pensasse que ele era uma fera, e não um homem, e que o desprezasse. E, de repente, chegava casualmente um instante em que a sua alma descobria num ímpeto involuntário o seu interior, e se via nele tal riqueza, tal sentimento e coração, tão clara compreensão da dor própria e alheia, que era como se vos abrissem os olhos, e no primeiro instante nem se queria acreditar naquilo que se via e ouvia. Sucedia também o contrário; a cultura estava às vezes unida a tal barbárie, a tal cinismo, que nos chegávamos a sentir magoados, e, por melhores e prudentes que fôssemos, não encontrávamos no nosso coração desculpa nem justificação alguma.

Não digo tão pouco nada da mudança de costumes, da maneira de viver, de comer, etc., que para o homem da camada elevada da sociedade é, sem dúvida, mais duro do que para o labrego, o qual de quando em quando sofre fome em liberdade e, no presídio, pelo menos pode comer até fartar-se. Não discutirei acerca disto.

Concedamos que, para um homem, até para um homem de pouca vontade, tudo isto é uma ninharia comparado com as demais incomodidades, embora, na realidade, a mudança de costumes não seja coisa de pouca monta, tal como a última. Mas há um incômodo perante o qual tudo mais empalidece, a tal ponto que não se repara, nem na falta de asseio que nos rodeia, nem na escassa e suja comida. O sibarita mais requintado, o mais metido pedante, desde que tenha trabalhado durante o dia com o suor do seu rosto, como nunca trabalhou quando era livre, comerá nem que seja pão negro e sopa de couves com baratas. A isso tem de acostumar-se, como diz uma canção humorística do presídio, falando de um antigo metido que foi parar àquele presídio:

> Deem-me couves com água
> Que me empanturro com elas

Não; mais importante do que tudo isso é que, qualquer dos que hão de começar a acostumar-se ao presídio, passadas duas horas de aí estar, considera-se já como todos os outros, considera-se em sua casa, como proletário, com os mesmos direitos que todos à comunidade presidial. Todos o compreendem e ele compreende a todos, conhece todos, todos o consideram como seu. Mas tal não sucede com os bem nascidos, com os nobres. Por mais digno, bom e inteligente que seja, durante anos inteiros hão de olhá-lo com maus olhos e vão desprezá-lo com todo o seu ser; não o compreenderão e, o que é mais importante, não terão confiança nele. Não é amigo nem companheiro, e ainda que consiga, finalmente, ao fim de alguns anos, que não o ofendam, apesar de tudo nunca será dos seus e terá eternamente, dolorosamente, de reconhecer o seu afastamento, a sua solidão. Este ostracismo opera-se às vezes sem má intenção da parte dos presos e como de maneira inconsciente. Não é dos seus e basta. Nada tão espantoso como viver fora do seu meio. O camponês que foi trazido de Taganrog para o posto de Pietropávlosk encontra imediatamente ali algum camponês russo; imediatamente fala e desabafa com ele e, passadas duas horas, já convivem amistosamente os dois, na mesma choça ou na cabana. Não se dá o mesmo com os bem nascidos. Estão separados do povo baixo por um abismo profundíssimo e só se repara nisto plenamente, quando o bem nascido, de repente, por forças das circunstâncias

exteriores, se vê efetivamente despojado dos seus anteriores direitos e fica também convertido em povo. Nem que durante toda a vida se contacte com o povo, nem que durante uns quarenta anos seguidos esteja ao seu lado, no serviço, por exemplo, em termos burocráticos ou, simplesmente, afetuosos, com ares de protetor e um certo pensamento paternal, nunca conhecereis a realidade. Tudo será unicamente uma ilusão de ótica e nada mais. Eu sei que todos, absolutamente todos, quando lerem esta minha observação hão de dizer que eu exagero. Mas estou convencido de que esta é a verdade. E cheguei a esta convicção, não livrescamente ou especulativamente, mas pela realidade; tive tempo de sobra de comprovar as minhas convicções. Talvez um dia todos reconheçam até que ponto isto é verdade…

Os acontecimentos, como de propósito, desde o primeiro momento vieram confirmar as minhas observações e que atuaram sobre mim nervosa e morbidamente. Nesse primeiro ano andava para trás e para diante no presídio quase só, sozinho. Já disse que me encontrava numa disposição de espírito tal que nem sequer podia apreciar e distinguir aqueles presos que poderiam ser capazes de tomar depois amizade por mim, embora nunca chegassem a tratar-me de igual para igual. Eram companheiros meus, nobres, mas nunca durante esse tempo tal camaradagem me serviu de alívio. De boa vontade não teria olhado para ninguém e, no entanto, não podia fugir. Eis aqui, por exemplo, uma daquelas ocasiões que pela primeira vez me fizeram compreender o meu isolamento e a minha situação especial no presídio. Uma vez, durante esse mesmo ano, já no mês de agosto, num dia de trabalho, claro e quente, à uma da tarde, quando, como de costume, todos descansavam um pouco depois de comer, todo o presídio se pôs de repente em movimento como um só homem, e começou a dirigir-se para a porta. Eu não sabia de nada até àquele momento. Nesse tempo costumava às vezes absorver-me numa meditação tão profunda que mal dava conta do que acontecia à minha volta. E, no entanto, havia já três dias que lavrava uma surda efervescência no presídio. Pode ser que aquela efervescência tivesse começado muito antes do que pensei depois, recordando involuntariamente algumas conversas de presos e, ao mesmo tempo, o seu mau humor exacerbado, a insociabilidade e a disposição de

espírito particularmente agressiva que se notava entre eles nos últimos tempos. Eu atribuía isso ao trabalho pesado, aos aborrecidos longos dias estivais, aos involuntários sonhos de liberdade nos bosques e à brevidade das noites em que era difícil conciliar o sono. Podia ter acontecido que tudo isso, junto, produzisse agora o seu efeito, numa explosão mas o pretexto desse arrebatamento era… a comida. Já durante alguns dias se tinham queixado ostensivamente e mostrado a sua indignação nos alojamentos, especialmente quando se reuniam na cozinha, às horas do almoço e do jantar; deram a entender a sua insatisfação aos cozinheiros e procuraram até substituir um deles, embora em seguida tivessem expulsado o novo é reintegrado provisoriamente o antigo. Em resumo; todos se achavam numa grande inquietação.

– O trabalho é duro e a comida, uma porcaria – resmungou um na cozinha.

– Pois senão te agrada pede *blanc manger* para ti – observou outro.

– Eu gosto imenso de couves com sebo, meus amigos – encareceu um terceiro. – Estão bem saborosas.

– E mesmo que te deem sempre couves com sebo, sabem-te bem?

– Não há dúvida de que agora é tempo de carne – disse um quarto. – Nós na olaria, trabuca, que trabuca, e depois da comida temos um apetite devorador. Mas pode-se chamar comida a este sebo?

– E quando não há sebo há fressura. Sebo e fressura é tudo o mesmo. Que comida! Tenho razão ou não tenho?

– Sim, a comida não presta.

– Pode ser que esteja enchendo os bolsos.

– Isso não é da tua conta.

– Então é da conta de quem? As minhas tripas são minhas. Mas se nos juntássemos todos para fazermos uma reclamação haviam de atender-nos.

– Uma reclamação?

– Sim.

– Parece que ainda não te surraram bastante por causa das reclamações! Cala-te!

– Tens razão – acrescenta, resmungando, outro que até então estivera calado. – Depressa e bem, há pouco quem. Que irás tu dizer, tu, cabeça de alho chocho? Diz lá, então…

– Pois bem, hei de dizê-lo. Se formos todos juntos, falarei com todos. Quero dizer: a miséria. Entre nós há quem coma do que é seu e quem não tenha mais do que o rancho.

– Olha que invejoso! Parece que lhe faz mal aos olhos o bem alheio.

– Não abras a boca para a talhada alheia, mas mexe as mandíbulas e procura a tua.

– Procurá-la! Bem poderíamos ficar aqui discutindo até as galinhas terem dentes. Isso quer dizer que tu és rico e podes ficar de braços cruzados…

– Rico como Ierochka, que tinha um cão e um gato.

– Mas, vamos lá ver, meus amigos por que não havíamos nós de reclamar? Esfolam-nos vivos. Por que não reclamar?

– Por quê? Parece que, para ti, é preciso mastigar a comida, antes de a levares à boca; estás acostumado a comer coisas já mastigadas. Pois porque estamos num presídio, aí tens o porquê.

– O resultado de tudo isto é a gente viver em rixas, meu Deus, enquanto o *voievoda* vai engordando.

– Lá isso é. Quem engorda é Oito Olhos. Acaba de comprar uma parelha de cavalinhos.

– Bom. E ele também, diga-se a verdade, não gosta nada de beber…

– Há pouco estava jogando baralho com o veterinário.

– Passaram toda a noite jogando. O nosso, às duas horas, já tinha perdido tudo. Foi Fiedka quem me disse.

– E por isso nos põem a couves.

– Ah, os imbecis! Se vocês não estivessem aí quietinhos, o caso mudava de figura.

– Lá isso é, devíamos ir todos juntos e ver que desculpa é que ele nos dava. Era isso o que devíamos fazer.

– Desculpa? Ele te dava a desculpa…

– E, além disso, instauravam-te um processo…

Em resumo: andavam todos revoltados. De fato, por esse tempo, a comida do presídio era péssima. E a isto juntava-se tudo mais. Mas o mais importante era a disposição geral de espírito, melancólica, o eterno suplício recalcado. O presidiário é rebelde e turbulento por natureza, mas raramente se sublevam todos ou uma grande parte. E o motivo não é outro senão a eterna discordância. Cada um deles sentia isto e era essa a razão de que houvesse entre nós mais palavras do que obras. No entanto, dessa vez a agitação não foi em vão. Começaram a reunir-se em grupos, discutiam nos alojamentos, insultavam, recordavam com rancor todas as proezas do nosso major, não perdoavam o mais pequeno pormenor. Alguns pareciam particularmente furiosos. Em todos estes casos surgem sempre agitadores, açuladores Os instigadores, nestes casos, quer dizer, em casos de levante, costumam ser indivíduos notáveis, não só no presídio como em todas as sociedades. Este tipo especial é semelhante em todas as partes. É uma gente fogosa, sedenta de justiça, da maneira mais ingênua e honesta, convencida da sua possibilidade infalível, absoluta, e mais, imediata. Estes indivíduos não são mais tolos do que os outros, muitos até são inteligentes, mas o que sucede simplesmente é que são demasiado impetuosos para serem cautos e calculistas. Em todos estes lances, quando há indivíduos que sabem conduzir habilmente as massas e levar uma empresa por diante, representam um uma espécie de chefes e autênticos guias, tipo extremamente raro

entre nós. Mas esses de que falo agora, agitadores e instigadores do motim, pagam quase sempre pelo seu atrevimento e vão depois encher as prisões. Desempenham um papel, com essa sua impetuosidade, e nisso está a razão da sua influência sobre as massas. Acabam por caminhar todos atrás deles, muito contentes. O seu ardor e a sua honesta indignação atuam sobre a massa, e por fim, até os mais indecisos juntam-se a eles. A sua fé ingênua no êxito contagia inclusive os cépticos mais empedernidos, se bem que essa fé tenha às vezes uma base tão frágil, tão pueril, que nos admiramos de que haja quem os siga. Mas o importante é que eles vão à testa do caso e vão sem medo de nada. À semelhança dos touros investem de frente com os cornos, às vezes sem estarem informados do caso, sem cautela, sem esse jesuitismo prático com que frequentemente os homens mais vis levam por diante as suas empresas, alcançando os seus objetivos e saindo livres de culpas e de penas. Mas os outros acabam infalívelmente por quebrar a cabeça. Na vida corrente são gente biliosa, mal-humorada, irritada e intolerante. O mais frequente é serem de vistas curtas, o que, por outro lado, constitui a sua força. O mais triste de tudo é que, em vez de irem diretos ao fim, desviam-se com frequência; em vez de atacarem o principal, detêm-se com ninharias… É isto o que os perde. Mas as massas compreendem-nos: nisto radica a sua força… Aliás, é preciso dizer ainda duas palavras acerca disto: que significa um levante?

No nosso presídio havia alguns homens que tinham ido lá parar por causa de um levante. Eram os mais revoltados. Principalmente um, Martínov, que servira nos hussardos, homem fogoso, inquieto e desconfiado, embora reto e honesto. O outro era Vassíli Antônov, homem que se irritava, por assim dizer, a sangue-frio; tinha um olhar receoso, um sorriso altivo e sarcástico, e era muito inteligente e também honesto e reto. Mas é impossível enumerá-los a todos; havia muitos. Entre outros, Pietrov, andava sempre de um lado para o outro, escutava o que diziam em todos os grupos, falava pouco; mas era visível que estava agitado, e foi o primeiro a sair dos alojamentos quando começaram formar.

O suboficial do presídio, o qual fazia perante nós as vezes de primeiro sargento, saiu imediatamente, assustado. Depois de terem

formado, os presos pediram-lhe com toda a delicadeza que informasse o major de que os presos do presídio desejavam falar com ele e pedir-lhe concretamente contas acerca de alguns pontos. Depois do suboficial, chegaram todos os inválidos e formaram-se noutro lado, em frente dos presos. A incumbência dada ao suboficial era extraordinária e este ficou, verdadeiramente espantado. Nem sequer se atreveu a dar imediatamente parte ao major. Em primeiro lugar, se o presídio estava já sublevado, podia ainda acontecer algo de pior. Todos os nossos chefes eram extremamente tímidos em tudo quanto respeitava ao presídio. E, além disso, embora nada acontecesse, embora imediatamente todos caíssem em si e se dispersassem; ainda assim o suboficial teria de ir dar parte do acontecimento ao superior. Pálido e trêmulo de medo, dirigiu-se para o major a toda a pressa, sem pretender sequer interrogar ou admoestar os presos. Via que não era agora oportunidade de falar-lhes.

Completamente ignorante de tudo, também eu saí e meti-me na forma. Os pormenores do caso só os conheci depois. Por então supunha que iam fazer alguma contagem; mas como não vi as sentinelas que assistiam às contagens, fiquei admirado e comecei a olhar à minha volta. Os rostos denotavam agitação e irascibilidade. Alguns estavam pálidos. De maneira geral, todos se mostravam preocupados e taciturnos, na expectativa do que teriam dito ao major. Vi que muitos me olhavam e mostravam um grande espanto, embora voltassem a cara, depois, em silêncio, para o outro lado. Era evidente que lhes parecia estranho que eu tivesse formado juntamente com eles. Pelo visto não queriam acreditar que eu me associasse também ao levante. Mas depois, quase todos os que se achavam à minha volta começaram outra vez a olhar para mim. Todos me olhavam interrogativamente.

– Por que estás tu aqui? – perguntou-me com voz rude e forte Vassíli Antônov, que estava um pouco mais afastado de mim que os outros e que até então sempre me tratara por senhor, com delicadeza.

Olhei-o, perplexo, fazendo no entanto o possível por compreender o que significava tudo aquilo e adivinhando que se tratava de qualquer coisa de extraordinário.

– Por que estás tu aqui? Vai para o alojamento – disse um rapaz novo, da seção militar, bondoso e amável, com o qual, até então, quase não tinha convivido. – Não tens nada a fazer aqui.

– Como vi a forma – respondi-lhe – pensei que nos iam passar revista.

– E então apresentou-se! – exclamou um.

– Nariz de ferro! – largou outro.

– Papa-moscas! – exclamou um terceiro com um enorme desprezo.

Este novo remoque suscitou uma gargalhada geral.

– Por favor, vá para a cozinha – acrescentou outro.

– Esses, em todos os lugares estão como no paraíso. Aqui é o presídio, mas eles comem tortas e até compram ganso. Tu comes por tua conta. Por que vieste meter-te aqui?

– O teu lugar não é aqui – disse Kulikov, aproximando-se amigavelmente; pegou-me depois pela mão e tirou-me da forma.

Estava também pálido, os olhos escuros cintilavam-lhe e mordia o lábio inferior. Não esperava pelo major com sangue frio. Verdadeiramente, a mim agradava-me muito olhar para Kulikov em todas essas ocasiões, isto é, em todos os transes em que tinha de manifestar-se.

Era terrivelmente ator mas sabia fazer isso. Tenho a impressão de que teria ido para o suplício com certo *chic*, com elegância. Agora, quando todos me tratavam por “tu” e me insultavam, extremava-se ele, visivelmente, na sua cortesia para comigo e, ao mesmo tempo, as suas palavras eram um pouco especiais, com seus laivos até de altivez, e não suportavam réplicas.

– Nós estamos aqui por causa de um assunto nosso, Alieksandr Pietróvitch, mas você, aqui, nada tem a fazer. Vá para onde quiser. Espere… Olhe, todos os seus estão na cozinha. Vá para lá.

Pela janela aberta da cozinha vi efetivamente os nossos polacos. Aliás, parecia-me que aí havia ainda muita gente além deles. Desconcertado, encaminhei-me para a cozinha. Risadas, insultos e estalos de língua (era isto que, no presídio, substituía o assobio) perseguiram-me.

– Não lhe agrada! Tiu-tiu-tiu! Apanhem-no!

Nunca até então sofrera tais ofensas no presídio e dessa vez custou-me muito. Mas compreendia o instante em que nos encontrávamos. No vestíbulo da cozinha veio ao meu encontro T… ski dos nobres, um rapaz firme e generoso, sem grande cultura, e que tinha uma grande amizade por B***. Todos os outros presidiários o distinguiam, e também, em parte, lhe dedicavam amizade. Era valente, viril e forte, e tudo isso se via em cada um dos seus gestos.

– Que faz o senhor, Goriântchikov? – gritou-me. – Venha cá!

– Mas que se passa?

– Forjaram um motim, sabe? Com certeza que não conseguirão nada; quem é que faz caso de uns presidiários? Hão de procurar os instigadores e, se nós nos metemos nisso, seremos os primeiros a ser culpados de rebeldia. Não se esqueça do motivo por que estamos aqui. Eles serão açoitados, mas depois os deixam em paz; mas contra nós abrirão um processo. O major odeia-nos mais do que a todos e ficaria contente se pudesse tramar a nossa perdição. Iríamos levar a culpa de tudo.

– E os presidiários iam nos deixar numa linda encrenca… – acrescentou M… tski entrando na cozinha:

– É escusado, não teriam dó de nós – encareceu T… tski.

Na cozinha estava muita gente, além dos nobres; trinta homens ao todo. Todos eles se tinham retirado para ali por não quererem associar-se ao motim: uns, por medo, outros pela convicção firme da absoluta inutilidade de todo protesto. Também se encontrava aí Akim Akímitch, inimigo inato e verdadeiro de todos os alvoroços, que alteravam o curso regular do serviço e da moral. Aguardava em

silêncio e muito tranquilo o fim do episódio, sem excitar-se absolutamente nada, e, pelo contrário, estava completamente convencido do triunfo infalível da ordem e da vontade dos superiores. Também aí estava Issai Fomitch, tomado de extraordinária aflição, de nariz caído, escutando ávida e angustiosamente tudo quanto se dizia. Estava extraordinariamente desassossegado. Estavam também todos os polacos presidiários da classe baixa, que faziam causa comum com os nobres. Havia alguns indivíduos tímidos, russos, gente sempre tímida e apreensiva. Não se tinham atrevido a juntar-se aos demais e esperavam com tristeza em que acabaria a coisa. Finalmente, havia também alguns presos sempre severos e graves, gente corajosa. Estavam firme e profundamente convencidos de que tudo aquilo era um absurdo e que dali só sairia algo de mau. Mas, no entanto, parecia-me que eles se sentiam um pouco inseguros e que não tinham o aspecto de possuírem uma convicção absoluta. Embora compreendessem que tinham toda a razão pelo que respeitava à reclamação e que esperariam as consequências, não se consideravam como dissidentes, desertores da comunidade, que entregavam os seus companheiros à mercê do major do presídio. Andava por ali também Iólkin, aquele esperto camponês siberiano, condenado ao presídio por falsificação de moeda, e que tinha roubado a clientela de veterinário a Kulikov. O ancião dos velhos crentes de Staradúbovo também estava ali. Todos os cozinheiros, desde o primeiro até ao último, permaneciam na cozinha, provavelmente convencidos de que faziam parte da administração e, por conseguinte, não estava certo que se pusessem contra ela.

– No entanto – comecei eu, dirigindo-me resolutamente a M*** – tirando estes, quase todos os outros foram para a forma.

– Bom. E nós, quê? – resmungou B***.

– Nós, se nos agregássemos, ficaríamos comprometidos cem vezes mais do que eles e, para quê? *Je hais ces brigands*.[43] Mas passa-lhes pela cabeça que eles se vão sair bem da reclamação? Que gosto, meter-se numa empresa tão estúpida!

– Isto não dá nada. – encareceu outro dos presos, um velho teimoso e azedo.

Almázov, que também estava ali, apressou-se a responder-lhe:

– A não ser que lhes deem umas quinhentas vergastadas, nada de bom sairá daqui.

– Aí está o major! – gritou não sei quem, e todos, avidamente, espreitaram pela janela.

O major chegava correndo, furioso, alterado, purpúreo, de dentes cerrados. Em silêncio, mas com decisão, aproximou-se da parte dianteira da forma. Nesses lances era verdadeiramente ousado e não perdia a presença de espírito. Aliás, estava quase sempre embriagado. Até o seu gorro gorduroso, com a banda cor-de-laranja, e as suas sujas jarreteiras de prata tinham naquele momento algo de terrível. Atrás dele vinha o escriturário Diátlov, personagem de grande importância no nosso presídio, e que tinha até influência sobre o major: um homenzinho, pequeno, esperto, muito contente de si próprio e que não era mau. Os presos estavam contentes com ele. Atrás dele vinha o nosso suboficial, que pelo visto já devia ter ouvido a mais feroz reprimenda e ainda se esperava outra dez vezes pior. Os presos que, segundo parece, estavam de cabeça descoberta já desde o momento em que tinham mandado chamar o major, endireitaram-se e perfilaram-se; deram um passo em frente e depois ficaram firmes no seu lugar, esperando a primeira palavra, o primeiro grito do alto chefe.

Não se fez esperar: à segunda palavra o major rugiu a plenos pulmões, até com uma espécie de gemido, desta vez: estava furioso. Da nossa janela nós pudemos ver como corria pela dianteira da forma, como arremetia contra um ou outro e o interrogava. Mas não podíamos ouvir as suas perguntas, nem as respostas dos presos. Apenas o ouvíamos gritar, guinchando:

– Rebeldes! Vergastas! Instigadores! Tu, instigador! Tu, instigador – dizia para algum.

A resposta não se ouviu. Mas, passado um minuto, vimos como se destacava um preso e se dirigia para o corpo da guarda. Um minuto depois seguia-se um segundo, e depois um terceiro.

– Todos castigados! Eu vos direi! Quem é que está aí, na cozinha? – guinchou, quando nos viu pela janela aberta. – Aqui, todos! Enxotem-nos imediatamente para aqui!

O escriturário Diátlov dirigiu-se a nós, para a cozinha. Na cozinha disseram-lhe que estes não tinham aderido ao motim. Retirou-se imediatamente e foi comunicá-lo ao major.

– Ah, não aderiram! – exclamou ele, dois tons mais abaixo, visivelmente satisfeito. – Tanto faz. Todos para aqui!

Saímos. Eu senti que tínhamos vergonha de sair daquela maneira. E saímos todos de cabeça baixa.

– Ah, Prokófievitch! Iólkin também! E, tu, Almázov… Ponham-se aqui, à parte, ponham-se aqui, façam um grupo – disse-nos o major um tanto precipitadamente, mas com voz mais suave, olhando-nos afetuosamente. – M… ki, tu também aqui… Bem, toma nota, Diátlov. Toma nota já de todos: os contentes para um lado, os descontentes para outro. De todos, desde o primeiro até o último. E depois leva-me a relação. Hei de instaurar um processo a todos! Eu vos direi, tratantes!

Aquilo da relação produziu o seu efeito.

– Nós, contentes! – exclamou de repente uma voz rouca no grupo dos sublevados, mas não com muita decisão.

– Ah, contentes! Quem é que está contente? Quem é que está contente? Que se mostre!

– Contentes, contentes! – acrescentaram várias vozes.

– Contentes! Isso quer dizer que foram instigados. Isso quer dizer que há instigadores, rebeldes. Pois pior para eles!

– Senhor, que é isto? – gritou uma voz de entre o grupo.

– Quem, quem é que deu esse grito? – enfureceu-se o major dirigindo-se para o lado onde tinha soado a voz. – Foste tu que gritaste, Rastorguéiev? Para o corpo da guarda!

Rastorguéiev, um rapaz gordo e alto, destacou-se do grupo e encaminhou-se imediatamente para o corpo da guarda. Não fora ele quem gritara; mas, como o tinham nomeado, absteve-se de protestar.

– Revoltaste-te por causa do rancho! – gritou-lhe o major. – Pois deixa estar, meu gordo, que durante três dias não… Eu vos direi! Vamos lá ver, os que estão contentes que avancem!

– Contentes, excelência! – clamaram sombriamente umas dez vozes. Os outros, teimosos, calavam-se. Mas isso era o suficiente para o major. Pelo visto era-lhe urgente terminar satisfatoriamente o assunto, quanto antes, e fosse como fosse, chegar a um acordo.

Assistiu ao desfile. Os presos, silenciosos e tristes, encaminharam-se para o trabalho, pelo menos satisfeitos por saírem de debaixo das suas vistas. Mas assim que acabou o desfile o major dirigiu-se imediatamente para o corpo da guarda e despachou os instigadores, afinal, sem muita severidade. Também tinha pressa. Um deles, segundo contaram depois, pediu-lhe perdão e ele perdoou-lhe imediatamente. Era evidente que o major não se sentia muito seguro e até talvez tivesse medo. Um motim, apesar de tudo, é uma coisa séria; e embora a queixa dos presos, na realidade, não pudesse chamar-se motim, porque não a apresentaram ao chefe mais elevado, mas sim ao próprio major, no entanto não era nada de bom e era desagradável. O mais aborrecido era que se tivessem sublevado todos ao mesmo tempo. Era preciso abafar o caso fosse como fosse. Não tardaram a soltar os instigadores. No dia seguinte a comida melhorou, embora não por muito tempo. Nos primeiros dias o major visitou o presídio com mais frequência e achou que se praticavam irregularidades. O nosso suboficial andava preocupado e perplexo, como se não pudesse voltar a si do seu assombro. Quanto aos presos, durante muito tempo não puderam libertar-se completamente da sua inquietação, simplesmente, agora, não andavam agitados, como antes, mas sim silenciosos, um tanto perturbados e meditabundos. Alguns até baixavam a cabeça. Outros resmungavam, embora mal tocassem no assunto. Muitos troçavam em voz alta e raivosa, de si próprios, como se quisessem assim impor-se um castigo por causa do motim.

– Aí o tens, meu caro! Apanha-o, morde-o! – dizia um.

– Por causa disso de que estás dando risada é que tens de trabalhar! – acrescentou outro.

– Sim; mas quem é que vai meter-se na boca do lobo? – observava um terceiro.

– Sem o garrote não eras capaz de fazer falar o nosso amigo, isso já se sabe. Ainda bem que nos açoitou a todos!

– Olha, pensa mais e fala menos, que tudo correrá melhor! – observou, alguém com raiva.

– Ai, tu queres ensinar-nos? Então és o nosso mestre-escola…

– Ensino o que ensino.

– Mas quem és tu?

– Por agora, até esta data, tenho sido um homem, e tu, quem és?

– Um bandalho, é o que tu és!

– Bem, bem, já chega! Para que havemos de brigar? – gritaram aos contendentes, de todos os lados.

Nessa noite, isto é, no próprio dia do motim, quando voltei do trabalho encontrei-me com Pietrov atrás dos alojamentos. Andava à minha procura. Aproximando-se de mim, murmurou ao meu ouvido qualquer coisa no gênero de duas, três exclamações vagas; mas em seguida calou-se, ficou abstrato e pôs-se a caminhar maquinalmente ao meu lado. Tudo isso me impressionou bastante e pareceu-me que Pietrov podia dar-me algumas explicações.

– Diga-me, Pietrov – perguntei-lhe – os seus não estão aborrecidos conosco?

– Quem é, que havia de estar aborrecido? – perguntou ele, como se despertasse.

– Os presos, conosco… com os nobres.

– E por que haviam de estar aborrecidos?

– Ó homem, por não termos aderido ao motim.

– Mas por que haviam os senhores de aderir ao motim? – interrogou-me, como se se esforçasse por compreender-me. – Os senhores comem por sua conta.

– Ah, meu Deus! Mas, dentre vocês, também alguns comem por sua conta e no entanto aderiram ao motim. E nós devíamos tê-lo feito também por … camaradagem.

– Mas… mas em que somos camaradas, nós e os outros? – inquiriu, atônito.

Eu me apressei a olhar para ele; era evidente que não me compreendia, que não compreendia o que eu pensava. Eu, em compensação; compreendia-o perfeitamente naquele momento. Pela primeira vez um pensamento que até então vagamente penetrara na minha imaginação, e não me deixava em paz, ficou definitivamente claro e, de repente, compreendi aquilo que até então só mal adivinhara. Compreendi que eu nunca seria ali considerado como um companheiro, que seria um preso à parte, embora estivesse ali pelos séculos dos séculos e ainda que pertencesse à seção especial. Mas ficou-me particularmente gravado na memória o gesto de Pietrov naquele instante. Na sua pergunta "Em que somos camaradas, nós e os senhores?" vibrava tão sincera ingenuidade, tão cândido assombro… Pensei… "Não haverá nestas palavras algo de ironia, de má intenção, de troça?" Mas não havia nada disso: havia simplesmente que não éramos companheiros e nada mais. Tu, vais pelo teu caminho e nós pelo nosso; tu tens as tuas coisas e nós as nossas.

E, de fato, eu costumava pensar que, depois do levante, eles acabariam simplesmente por dar cabo de nós e não nos deixariam com vida. Pois não se deu nada disso; nem a mais leve censura nem o mais simples tom de queixa chegamos a ouvir, tampouco juntaram nenhuma malignidade especial à do costume. Simplesmente riram de nós, na ocasião, e nada mais. No fim de tudo também não se aborreceram de maneira nenhuma com aqueles que não quiseram aderir ao levante e ficaram na cozinha, nem tampouco com os que se apresentaram a dizer que estavam contentes. Também não

compreendia nada disto. Sobretudo este último fato, não podia compreender.

## Capítulo XIX / Companheiros

A mim, sem dúvida que me atraíam mais os meus; isto é, os nobres sobretudo nos primeiros tempos. Mas dos três ex-nobres russos que havia no presídio (Akim Akímitch, o alcoviteiro A…v e aquele que era tido por parricida), eu só convivia e falava com Akim Akímitch. Confesso que me aproximava de Akim Akímitch com desespero, em instantes do maior acabrunhamento, e quando já não tinha ninguém a quem dirigir-me senão a ele. No capítulo anterior tentei classificar todos esses indivíduos em categorias; mas, agora que acabo de recordar Akim Akímitch, penso que se pode acrescentar ainda outra categoria. E era ele só que cabia nessa categoria de presos. Refiro-me à… categoria de presos perfeitamente indiferentes. Perfeitamente indiferentes, isto é, daqueles para os quais tanto lhes faria viver em liberdade como no presídio, não os havia entre nós, é claro, nem poderia haver; mas Akim Akímitch parecia constituir uma exceção.

Adaptara-se ao presídio como se tivesse de passar toda a vida nele; mantinha tudo ordenado à sua volta, a começar pelo colchão, pela almofada, pelos seus utensílios de cozinha, como para muito tempo. Mal se notavam nele sinais de bivaque, de provisoriedade. Ainda lhe restavam muitos anos para viver no presídio; e quase nunca pensava na sua saída dali. Mas se estava resignado com a realidade, é claro que não o estava de coração, mas talvez só por disciplina, o que, afinal, vinha a ser a mesmo para ele. Era um homem bom e ajudou-me muito no princípio, com os seus conselhos e com alguns pequenos serviços; mas às vezes, sem querer o confesso, inspirava-me, particularmente nos primeiros tempos, uma vaga, desmedida tristeza, que vinha agravar bastante a minha melancólica disposição de espírito. Mas era esta tristeza que me impelia a falar dele. Uma pessoa, às vezes, sente-se ávida de uma palavra viva, seja qual for, afetuosa, impaciente, maldosa; ao menos poderíamos nos queixar juntos da sorte; mas ele se calava, pegava nas suas lanternas e punha-se a falar de que ano tantos tiveram uma revista, e de quem era o chefe da

divisão, qual era o seu nome e sobrenome e de se ficara satisfeito ou não com a tal revista, e de como tinham sido bem dados os tiros em sinal de encontro, etc. E tudo isso com uma vozinha tão uniforme, tão monótona que parecia de gotejar da água. Poderia dizer-se que ele não se entusiasmava, absolutamente nada, quando me contava que, por felicidade sua, não sei em que assunto, no Cáucaso, o julgaram digno de receber a condecoração da Ordem de Santa Anna. A sua voz revestia-se nesse momento apenas de uma gravidade e solidez extraordinárias; descia de um tom até chegar ao do mistério, quando pronunciava as palavras Santa Anna e permanecia depois particularmente silencioso e sério durante três minutos. Nesse primeiro ano eu tinha tido já instantes absurdos nos quais, sem saber por que (e sempre de repente), começava a sentir ódio contra Akim Akímitch, e, em silêncio, amaldiçoava a minha sorte por me ter cabido um lugar ao seu lado, nas esteiras, cabeça com cabeça. Quase sempre, passada uma hora sobre esse sentimento, já eu me recriminava por causa daquilo. Mas isso foi somente no primeiro ano; depois reconciliei-me mentalmente, de uma forma completa, com Akim Akímitch, e fiquei aborrecido das minhas tolices anteriores. Lembro-me de que, exteriormente, nunca rimos juntos.

Além desses três russos, no meu tempo havia também entre nós outros oito. Convivia com alguns deles e até com prazer; mas não da mesma maneira com todos. Os melhores deles eram doentios, exclusivos e rabugentos no mais alto grau. Com dois deles vim depois a cortar relações muito simplesmente. Cultos, só eram três: B…ski e o velho Ch…ski, o qual tinha sido antes, não sei onde, professor de matemática… um bom velhote, muito extravagante e apesar da sua cultura, de vistas curtas. M… ski e B…ski eram completamente diferentes. Com M…ski entendi-me sempre muito bem, desde o primeiro momento; nunca me zanguei com ele respeitava-o; mas, tomar-lhe amizade, tomar intimidade com ele, nunca me foi possível. Era profundamente desconfiado e maldoso, embora soubesse admiravelmente dominar-se. Mas embora isto seja um grande dom eu não simpatizava com ele; pressentia que jamais ele abriria o seu coração a alguém. Aliás, pode ser que eu estivesse enganado. Era um temperamento enérgico e de uma natureza nobilíssima. A sua habilidade e cautela extraordinárias, e até jesuíticas, no trato com as

pessoas, revelava o seu recôndito, profundo cepticismo. E, no entanto, era uma alma que sofria precisamente por causa dessa duplicidade: cepticismo e fé profunda, inquebrantável, em algumas das suas convicções e esperanças particulares. Mas, apesar de toda a sua habilidade mundana, era inimigo irreconciliável de B*** e do amigo deste, T***. B…ski era um ser doentio, um tanto propenso à tuberculose, excitável e nervoso, mas no fundo extremamente bondoso e até de alma generosa. A sua irritabilidade raiava às vezes por uma impaciência e volubilidade estranhas. Eu não pude suportar esse caráter e depois rompi todo o convívio com B***; mas, apesar disso, nunca deixei de estimá-lo; ao passo que com M***, não cheguei a discutir e, no entanto, nunca pude ganhar-lhe amizade. Passado pouco tempo de rompimento com B*** sucedeu que tive também de romper com T***, aquele mesmo rapaz do qual falei no capítulo anterior, ao descrever o nosso motim. Isso custou-me muito. Apesar de não ser um homem culto, T…ski era bom, enérgico, honesto, enfim. O caso resume-se a que ele gostava e respeitava tanto B…ski, e estava a tal ponto dominado por ele, que todos aqueles que disputavam com B…ski, considerava-os logo também seus inimigos. Segundo parece, mais tarde veio a zangar-se, igualmente com M*** por causa de B…ski, embora se tivesse mantido firme por muito tempo. Aliás, todos eles estavam moralmente doentes, eram irritáveis e receosos. O que é compreensível; aquilo para eles era duro, muitíssimo mais duro do que para os outros. Estavam longe da sua pátria. Alguns tinham sido deportados por muito tempo, por dez, por doze anos; mas o mais importante era que olhavam com profundo desprezo todos os que os rodeavam; viam somente nos presos a parte bestial e não podiam nem queriam ver neles nem um só traço bom, nada de humano, o que é também muito compreensível. Foi o destino, a força das circunstâncias que os levaram a essa infeliz opinião. Era evidente que a tristeza os oprimia no presídio. Mostravam-se afetuosos para com os quirguizos, para com os tártaros, para com Issai Fomitch; mas, em compensação, evitavam o convívio com os outros presos. Só o velho crente de Staradúbovo lhes merecia pleno respeito. Por outro lado é interessante que nenhum dos presos, durante todo o tempo que eu permaneci no presídio, os increpasse pela sua origem, ou pela sua religião, ou pela sua maneira de pensar, como costuma fazer a gente de baixa condição no convívio com os estrangeiros, sobretudo com os alemães, embora

raramente. No fim de contas, o que fazem com os alemães é rir deles; o alemão constitui qualquer coisa de profundamente cômico para a gente do povo. Com os nossos, os presidiários conduziam-se até respeitosamente, muito mais do que conosco, os russos, e nunca se metiam com eles. Mas eles, pelo visto; não queriam reparar nisso e tomá-lo em consideração. Falei de T…ski. Era aquele que, quando os mudaram do seu primeiro lugar de deportação para o nosso forte, levou B…ski às costas durante todo o caminho, quando este, de saúde delicada e constituição fraca, se rendeu à fadiga, quase a meio da jornada. Antes, tinham sido deportados para I…gorsk. Diziam eles que aí tudo lhes tinha corrido muito bem; isto é, muito melhor do que no nosso forte. Mas aconteceu que lhes encontraram certa correspondência, no fundo completamente inocente, para outros deportados de outra povoação, e por isso foram os dois transferidos para o nosso forte; mais ao alcance das vistas do nosso comando superior. O seu terceiro camarada era Tch…ki. Até à sua chegada, M…ki era o único no presídio. Como ele se aborrecia no primeiro ano da sua deportação!

Tch…ski era o tal velho que estava sempre rezando a Deus, e do qual já falei. Todos os nossos presos políticos eram gente nova, alguns até muito novos; Tch…ski era o único que passava dos cinquenta. Não há dúvida de que era um homem honesto, mas um tanto extravagante. Os seus companheiros B…ski e T…ski não gostavam muito dele, e nem sequer lhe falavam, do que se justificavam dizendo que ele era teimoso e disparatado. Não sei até que ponto teriam razão. No presídio, como em todos os lugares semelhantes onde os indivíduos se unem em grupos, não por gosto, mas à força, parece-me que se pode brigar e ganhar-lhes ódio mais depressa do que na vida livre. Muitas circunstâncias contribuem para isso. Aliás, Tch…ski era de fato um homem muito tolo, e talvez até antipático. Todos os seus outros companheiros andavam também um pouco afastados dele. Eu, embora nunca tivéssemos chegado a brigar, também não convivia muito com ele. Parece que conhecia aquilo que estudava, a matemática. Lembro-me de que se esforçou por explicar-me, no seu meio russo, não sei que sistema astronômico especial, da sua invenção. Disseram-me que publicara isso, não sei quando, mas que fizera sorrir o mundo científico. Tenho a impressão de que ele não estava completamente

bom do juízo. Passava todo o dia rezando, de joelhos, e com isso conseguia o respeito de todo o presídio, que lhe foi muito útil até ao último dia da sua vida. Morreu no hospital, à minha vista, em consequência de uma doença dolorosa. Aliás, o respeito dos presidiários já o tinha ganho desde a sua primeira entrada no presídio, depois do episódio com o nosso major. Durante o trajeto de I…gorsk para o nosso forte, não os tinham rapado e a barba tinha-lhes crescido, de maneira que, quando se apresentaram pela primeira vez ao nosso major, este ficou furioso perante tal infração da disciplina, da qual, afinal, não tinham culpa.

– Mas que cara que trazem! – resmungou. – Parecem uns vagabundos, uns bandidos!

Tch…ski, que nessa altura não compreendia bem o russo e julgou que lhes perguntavam se eram vagabundos ou bandidos, respondera:

– Nós não somos vagabundos mas sim presos políticos.

– O quê? Estás a fazer-te insolente? A fazer-te insolente? – vociferou o major. – Pois, então, para o corpo da guarda! Cem açoites, agora mesmo, neste mesmo momento!

O velho foi castigado. Estendeu-se, sem protestar, debaixo dos arrochos; mordeu as mãos e suportou o castigo sem um grito ou um queixume. Por essa altura, B…ski e T…ski já estavam no presídio, onde M…ski os esperava à porta, e correu a lançar-se nos seus braços, apesar de nunca os ter visto até então. Impressionados pela chegada do major, contaram-lhe o episódio de Tch…ski. Lembro-me de que M…ski me falou disso: “Eu estava fora de mim – dizia. – Não sabia o que fazia e tremia como se estivesse com febre. Esperei Tch…ski junto da porta. Devia vir diretamente do corpo da guarda, onde fora castigado. De repente, a porta, abriu-se: Tch…ski, sem olhar para ninguém, de rosto pálido e lábios lívidos e trementes, passou por entre os presos que se tinham apinhado no pátio e já estavam a par de que tinham castigado um nobre;[44] entrou no alojamento, dirigiu-se para o seu lugar e, sem dizer, uma palavra, começou a rezar a Deus”. Os presos estavam espantados e até comovidos. “Quando eu vi aquele velho – dizia M…ski, de cabelos brancos, que deixara a mulher e o

filho na terra, quando eu o vi de joelhos, suplicando e rezando agora, ignominiosamente… fui para trás dos alojamentos e durante duas horas fiquei como que alheado, não podia sair do meu espanto…” A partir daí os presos passaram a respeitar muito Tch…ski e eram muito atenciosos para com ele. Tinha-lhes agradado sobretudo o fato de ele não ter dado um só grito debaixo dos açoites.

No entanto é preciso dizer toda a verdade; não se pode julgar com justeza acerca da conduta seguida pelo comando na Sibéria, para com os deportados da nobreza, fossem eles o que fossem, russos ou polacos. Esse exemplo demonstra unicamente que é possível encontrar-se um homem infame e, não há dúvida de que esse homem infame poderá ser qualquer autoridade, e então, a sorte do deportado, se por acaso esse homem infame não sente por ele uma estima particular, por força que há de ser horrível. Mas é impossível não reconhecer que os chefes supremos da Sibéria, dos quais depende o tipo de conduta de todos os outros chefes para com os deportados nobres, são muito diferentes, e aproveitam até em alguns casos a oportunidade para tratá-los com mais brandura do que às pessoas do povo. As causas disto são claras; em primeiro lugar, esses altos chefes são também nobres, eles próprios e, além disso, já tem acontecido que alguns nobres não se conformaram a estender-se debaixo das vergastas e se atiraram ao executor, e que daí resultaram horrores; e, finalmente, há trinta e cinco anos apareceu de repente na Sibéria um grande grupo de deportados nobres,[45] e estes deportados, no decurso de trinta anos, souberam instalar-se e radicar-se em toda a Sibéria, e por isso o comando, devido a um velho hábito já inveterado, involuntariamente, olhava no meu tempo os delinquentes nobres dessa categoria com olhos muito diferentes daqueles com que olhava para os outros deportados. Depois do alto comando, também os chefes inferiores se habituaram da mesma maneira, aceitando-a e acatando-a. Aliás, alguns desses chefes subalternos tinham umas ideias estúpidas, criticavam as disposições dos superiores e, com muita, com muitíssima frequência se teriam sentido bem satisfeitos se os deixassem proceder à sua vontade. Simplesmente não lhes permitiam. Tenho motivos fortes para pensar assim e eis aqui a razão: a segunda categoria de presidiários, à qual eu pertencia, e que se compunha de presos do forte, sob comando militar, era incomparavelmente mais dura que as

outras duas, isto é, do que a terceira (fabril) e do que a primeira (mineira). Era mais dura, não só, para os nobres, mas também para todos os outros presos, precisamente porque o chefe e a estrutura dessa categoria eram inteiramente militares; completamente militar, muito semelhante às companhias correcionais da Rússia. Comando militar severo, regime mais apertado, sempre com as cadeias, sempre com sentinelas à vista, sempre debaixo de ferrolho; não havia tanto rigor nas duas primeiras categorias. Pelo menos era isso o que diziam todos os nossos presos, e havia entre eles alguns que conheciam bem o caso. Todos passariam com alegria para a primeira categoria, que a lei considerava a mais dura, e até muitas vezes sonhavam com isso. Das companhias correcionais da Rússia, todos os nossos que lá estiveram falavam delas com horror e afirmavam que não havia em toda a Rússia lugar mais duro do que as companhias correcionais dos fortes, e que a Sibéria era um paraíso comparada com a vida que nelas se levava. Por conseguinte, se com um regime tão severo como o do nosso presídio, com um comando militar sob as vistas do próprio general governador, e, finalmente, perante tais casos (que às vezes se davam), de haver alguns indivíduos subalternos, mas serviçais, que por ódio ou pelo desejo de igualdade no serviço, estavam prontos a denunciar quem tivesse qualquer benevolência com algum preso dessa categoria… se, em tal lugar, dizia eu, os presos nobres eram olhados com uns olhos um pouco diferentes daqueles com que eram vistos os outros presos, tanto mais benevolamente haviam de olhá-los na primeira e terceira categorias. Assim; pois, parece-me que no lugar em que eu estava podia, a este respeito, avaliar de toda a Sibéria. Todos os rumores e boatos que chegaram até mim, a respeito do caso, de deportados das primeira e terceira categorias, confirmavam a minha dedução. No fundo, os chefes do presídio olhavam-nos a todos nós, os nobres, com muito mais atenção e cuidado. Tolerância conosco, a respeito do trabalho e da maneira de viver, não havia nenhuma; os mesmos trabalhos, as mesmas cadeias, os mesmos ferrolhos, enfim, tudo igual ao tratamento que tinham os outros presos. Era mesmo impossível aliviarem-nos. Sei que nessa cidade, num passado ainda próximo, tinha havido tantos delatores, tantas intrigas, tantos que se atiravam mutuamente veneno, que o comando, naturalmente, temia as denúncias. E que denúncia poderia ter existido mais terrível, nesse tempo, que a de que se tinham condescendências com os presos da

referida categoria! De fato, todos tinham medo, e nós vivíamos nas mesmas condições que os outros presos, embora os castigos corporais constituíssem, relativamente, uma exceção. Para dizer a verdade, seria com muito gosto que nos teriam açoitado se tivéssemos incorrido em qualquer falta. Assim o exigiam o dever do serviço e a igualdade… perante os castigos corporais. Mas, açoitarem-nos, à toa, levianamente, não nos açoitavam; em compensação, os presos do povo eram objeto de um tratamento precipitado, nesse sentido, especialmente da parte de alguns chefes subalternos, habituados a porem e disporem de tudo à sua vontade. Fomos informados de que o comandante, ao saber do episódio do velho Tch…ski, mostrou claramente o seu desgosto perante o major e admoestou-o para que, daí por diante, procurasse refrear a mão. Foi o que todos me contaram. Também sabiam entre nós que o próprio governador-geral, que tinha confiança no nosso major e em parte lhe tinha também amizade, por ser homem de algumas aptidões, quando soube dessa história também o admoestou. E o nosso major não se esqueceu dessas admoestações. Assim, por exemplo, de boa vontade teria procedido contra M***, ao qual não podia ver por causa das calúnias de A…v; mas nunca pôde mandar açoitá-lo, por mais pretextos que inventasse, por mais que o perseguisse e espionasse. A história de Tch…ski espalhou-se rapidamente por toda a cidade e a opinião geral era hostil ao major; muitos o censuravam e alguns até tinham manifestações hostis. Lembro-me agora também do meu primeiro encontro com o major. A nós, isto é, a mim e a outro deportados nobres, em cuja companhia entrei no presídio, já em Tobolsk nos tinham inspirado medo as histórias referentes ao caráter azedo daquele homem. Uns deportados nobres que ali residiam, depois de terem cumprido já os seus vinte e cinco anos de deportação, acolheram-nos com profunda simpatia e conviveram conosco todo tempo que permanecemos na estação de transportes; puseram-nos de sobreaviso contra o nosso futuro chefe e prometeram-nos fazer todo o possível, por meio dos seus conhecimentos, para nos defender da sua perseguição. De fato, três filhas do general-governador, que acabavam de chegar da Rússia e se hospedaram em casa de seu pai, receberam uma carta deles, e pelo sim pelo não foram falar com ele, a nosso favor. Mas que podia ele fazer? Limitou-se a dizer ao major que fosse um pouco mais comedido. Às três da tarde, nós, isto é, eu e o meu companheiro, chegamos

àquela cidade e as sentinelas levaram-nos diretamente à presença do nosso senhor. Ficamos à espera dele no vestíbulo. Entretanto mandaram também chamar o suboficial. Mal este apareceu, surgiu também o major. A sua cara corada, borbulhenta e maldosa provocou-nos uma impressão extremamente desagradável; era como se uma aranha furiosa se lançasse, rápida, sobre uma pobre mosca que tivesse caído na sua teia:

– Como te chamas? – perguntou ao meu companheiro. Falava depressa, de maneira cortante, entrecortada e, pelo visto, queria se impor.

– Fulano de tal.

– E tu? – prosseguiu, encarando-me e fixando-me com os óculos. – Suboficial! Levem-nos imediatamente para o alojamento, que lhes rapem meia cabeça no corpo da guarda e ponham-lhes as cadeias, já amanhã. Que capotes são esses? – perguntou, de repente; reparando nos capotes pardos com rodelas amarelas nas costas, que nos tinham entregue em Tobolsk, e com os quais nos tínhamos apresentado perante os seus olhos perspicazes. – É uma nova moda! Com certeza que é uma nova moda… mas só em projeto… de Petersburgo… – disse, sacudindo-nos, alternadamente. – Não trazem nada consigo? – inquiriu de repente, dirigindo-se ao guarda que nos tinha conduzido.

– Um traje privativo, excelência – respondeu o guarda, que se perfilou imediatamente, com um pequeno tremor. Todos o conheciam; todos tinham ouvido falar dele; a todos inspirava receio.

– Tirem-lhes tudo. Deixem-lhes só uma muda de roupa branca, mas branca; se trouxerem de cor, recolham-na. Tudo o mais será vendido em hasta pública. O dinheiro, para a caixa. Os presos não possuem nada próprio – continuou, olhando-nos com severidade. – Vamos a ver se se portam bem! Que eu não chegue a saber! Senão… cas-ti-go cor-po-ral! Pela falta mais insignificante… chi…ba…tas…!

Toda essa noite estive quase doente; por causa desse acolhimento, devido à falta de hábito Além disso essa impressão agravava-se com tudo quanto via no presídio; mas já falei da minha entrada no presídio.

Dizia eu há pouco que não se atreviam a ter condescendência alguma nem tolerância para conosco no trabalho, perante os outros presos. No entanto, uma vez experimentaram tê-la; durante três meses completos, eu e B…ski íamos para a secretaria dos Engenheiros, na qualidade de escriturários. Mas isto fazia-se às escondidas e foi coisa do chefe de Engenheiros. Isto é, todos aqueles que deviam saber, sabiam, simplesmente, fingiam ignorar. Isso aconteceu durante o tempo do comandante G…kov. O tenente-coronel G…kov parecia um anjo descido dos céus; mas esteve por pouco tempo se bem me lembro, não esteve entre nós mais de meio ano, pode até ser que menos – e voltou para a Rússia deixando uma extraordinária impressão em todos os presos. Idolatravam-no, se se pode empregar aqui essa expressão. Não sei o que ele fazia, mas os conquistava logo à primeira vez. "Um pai, um verdadeiro pai!", diziam constantemente os presos durante o tempo que ele dirigiu a seção de Engenharia. Segundo parece, era grande boêmio. De mediana estatura, com um olhar penetrante, cheio de firmeza. Mas ao mesmo tempo era carinhoso com os presos, quase brando e, de fato, gostava literalmente deles como um pai. Por que amaria ele tanto os presos? Não sei dizer; mas o certo é que não havia um preso a que ele não dissesse uma palavra afetuosa, jovial, e com o qual não se risse e gracejasse, e sobretudo, não havia nisto uma ponta de superioridade, nada que revelasse desigualdade ou pura condescendência de superior. Era o nosso companheiro, o nosso homem; e no mais alto grau. Mas apesar de toda essa sua instintiva democracia, nem uma só vez os presos tiveram a menor falta de respeito ou a menor familiaridade, para com ele. Pelo contrário. Simplesmente, a cara dos presos iluminava-se cada vez que o encontravam e, tirando o gorro, quedavam-se a olhá-lo, sorrindo, quando o viam chegar. E se parava a falar com eles, era como se ele lhes oferecesse um presente. Há indivíduos assim, populares. Olhava como uma criança, andava direito, à vontade: "Uma águia!", costumavam dizer os presos falando dele. Não há dúvida de que não podia aliviar a sua sorte, não há dúvida que não podia; regia apenas os trabalhos de engenharia, os quais, até noutros comandos, se ajustavam a um regime legal perpétuo, estabelecido de uma vez para sempre. Talvez que só ao encontrar por casualidade um grupo trabalhando e ao ver que a tarefa já estava feita, costumasse perdoar o resto do tempo e mandasse os homens para casa antes do toque do

tambor. Mas gostava da confiança dos presos, da ausência de exigências mesquinhas e de minudências incomodativas, da ausência absoluta de algumas formas ofensivas no trato com os superiores. Se ele tivesse perdido mil rublos… penso que o maior ladrão de entre os nossos, se os tivesse encontrado, os teria restituído. Sim, estou convencido de que faria isso. Com que profunda comoção souberam os presos que o seu comandante-águia estava mortalmente zangado com o nosso major! Isso deu-se no primeiro mês em que ele esteve ali. O nosso major tinha sido seu companheiro de armas, não sei quando. Depois encontraram-se como amigos, após uma longa separação, e andaram os dois na boêmia. Mas, de repente, cortaram relações. Brigaram e G…kov tornou-se o seu mortal inimigo. Soube-se também que se tinham batido, nessa ocasião, o que podia acontecer com o nosso major, que se azedava com muita frequência. Quando os presos souberam isso, a sua alegria não teve limites: "Como é que o Oito Olhos podia viver em paz, com ele! É uma águia, ao passo que o nosso…" e, de maneira geral, acrescentavam expressões impróprias para serem escritas. Demonstravam o maior interesse em saber qual dos dois é que sovara o outro. Se os boatos acerca da sua briga tivessem saído falsos (o que poderia muito bem ter acontecido), os nossos presos teriam sentido um grande desgosto. "Não, é verdade que o comandante é que levou a melhor – diziam – é pequeno, mas esperto e olha: obrigou-o a meter-se debaixo da cama." Mas passado pouco tempo G…kov partiu, e os presos ficaram consternados. Os nossos comandantes de Engenharia eram muito bons, mas, enquanto eu estive no presídio, mudaram-nos por três ou quatro vezes. "Mas, todos juntos, não valiam o outro! – diziam os presos. – É uma águia, uma águia e um protetor!" O tal G…kov gostava de todos os nobres e por fim mandou-nos algumas vezes, a mim e a B***, para as secretarias. Mas quando ele partiu, isso ficou mais bem regularizado. Havia um dos engenheiros que mostrava muita simpatia por nós. Íamos para lá, copiávamos documentos e começávamos a melhorar a letra, quando, inesperadamente, se recebeu ordem do alto-comando para sermos imediatamente reintegrados nos nossos trabalhos anteriores: alguém lhes levara a notícia. Aliás, não ficamos muito desgostosos com isso: a secretaria começava já a fartar-nos. Depois, durante dois anos quase seguidos, fui sempre com B…ski para os mesmos trabalhos, geralmente para a oficina. Conversava com ele; falava-lhe das minhas

esperanças e convicções. Era um bom homem; mas as suas ideias eram às vezes muito estranhas e pessoais. Observam-se frequentemente, em certo gênero de indivíduos, ideias completamente paradoxais. Mas sofreram tanto por causa delas, pagaram-nas tão caro, que se lhes torna doloroso desprenderem-se delas e quase impossível. B…ski ficava sentido com qualquer objeção e refutava-a com violência. Aliás, pode ser que, em muitas coisas, tivesse mais razão do que eu, não sei; mas finalmente deixamos de nos dar, o que muito me custou: tínhamos convivido muito um com o outro.

Entretanto, com o tempo, M…ski foi-se tornando cada vez mais triste e sombrio. Apoderou-se dele um grande pesar. Dantes, nos meus primeiros tempos de presídio, era mais expansivo, desabafava a sua alma mais a miúdo e mais completamente. Havia já três anos que ele estava no presídio quando eu para lá entrei. A princípio interessava-se muito pelo que tinha acontecido no mundo, e do que não fazia a menor ideia, visto estar assim, no presídio; interrogava-me, escutava-me e comovia-se. Mas, com os anos, começou a fechar-se consigo, a esconder tudo no fundo do seu coração. As brasas cobriam-se de cinza. O seu mau humor aumentava de dia para dia. *Je hais ces brigands*, repetia-me com frequência, olhando os presos com cara de poucos amigos, os quais eu tinha tido oportunidade de conhecer mais de perto, mas sem que as minhas observações a favor deles o impressionassem. Não compreendia o que eu lhe dizia; aliás, às vezes concordava, distraidamente; mas no dia seguinte punha-se outra vez a repetir: *Je hais ces brigands*. De fato, costumávamos falar francês, e por causa disso, um capataz, um soldado de Engenharia, Dranítchnikov, não sei por que, deu em chamar-nos “enfermeiros”. M…ski só se animava quando se recordava da mãe. “É velha, – dizia-me – gosta mais de mim do que de tudo no mundo; mas eu, aqui, não sei se ela ainda está viva ou se já morreu; já tinha sido bastante para a fazer sofrer saber que eu tinha sido condenado às chibatadas… M…ski não era nobre e, antes da deportação, sofrera um castigo corporal. Quando se lembrava disso, cerrava os dentes e fazia por olhar de revés. Nos últimos tempos deu em andar cada vez mais sozinho. Uma vez, de manhã, ao meio-dia, foi chamado ao escritório do comandante. Este o recebeu com um sorriso alegre:

– Muito bem, M…ski, vamos lá ver: com que sonhou esta noite?

– Eu dei um pulo – contava M…ski, quando voltou para, junto de nós. – Foi como se o coração me quisesse saltar do peito.

– Sonhei que tinha recebido carta da minha mãe – respondeu.

– Trata-se de qualquer coisa de melhor, de melhor – exclamou o comandante. – Estás livre! A tua mãe pediu… e a sua súplica foi atendida. Aqui tens a sua carta e a ordem que te diz respeito. Agora mesmo sairás do presídio.

Voltou para junto de nós, pálido, ainda mal refeito da comoção. Nós felicitamo-lo. Fazia-nos dó, com as suas mãos trementes, frias. Muitos presos o felicitaram também e congratularam-se pela sua boa sorte.

Foi para a colônia e ficou na nossa cidade, onde lhe deram bem depressa um lugar. A princípio visitava-nos frequentemente, no presídio, e quando podia comunicava-nos várias novidades. Interessavam-no sobretudo as de natureza política.

Dos outros quatro, isto é, sem contar com M…ski; B…ski e Tch…ski, dois eram ainda muito novos, condenados a penas breves; eram pouco instruídos, mas honestos, simples, francos. O terceiro, A…tchukóvski, era demasiado insignificante, a sua pessoa não oferecia nada de particular; mas o quarto, B…m, homem já avançado na idade, fazia-nos a todos uma péssima impressão Não sei como veio parar a essa categoria de presos e ele mesmo o negava. Tinha uma alma grosseira, ruim, com costumes e regras de merceeiro enriquecido à força de poupança. Não tinha a mínima instrução e não se interessava por coisa alguma, a não ser pelo seu ofício. Era pintor de paredes, mas pintor de grande talento. Não tardou que os chefes soubessem da sua habilidade e toda a cidade começou também a chamá-lo para pintar paredes e tetos. Em dois anos pintou quase todos os lugares oficiais. Os donos de prédios pagavam-lhe o seu trabalho e por isso vivia sem dificuldades. Mas o melhor de tudo era que mandavam outros presos para trabalhar com ele. Daqueles que o acompanhavam constantemente, dois aprenderam o seu ofício, e um deles, T…tchévski, acabou por pintar quase tão bem como ele. O nosso major da

praça, que vivia também numa residência oficial, por sua vez requisitou B…m e mandou-lhe pintar todos os tetos e paredes. E dizem que, dessa vez, B…m se esmerou muito, que nem em casa do general-governador pintara assim. A casa era de madeira, de um só andar, bastante estragada e suja por fora; mas, por dentro, ficou pintada como um palácio, e o major estava entusiasmado. Esfregava as mãos e dizia que, agora, não tinha outro remédio senão casar: "Com uma casa destas, uma pessoa não tem outro remédio senão casar", exclamava, muito sério. Cada vez estava mais satisfeito com B…m e com os que o tinham ajudado no seu trabalho. Esse trabalho durou um mês, ao todo. Durante esse mês o major mudou completamente de opinião a respeito de todos nós e começou a abrir-se com eles. Chegou ao extremo de, uma vez, chamar Tch…ski a sua casa…

– Tch…ski – disse – eu te ofendi. Mandei-te açoitar sem razão, bem sei. Estou arrependido. Compreendes? Eu, eu estou arrependido!

Tch…ski respondeu-lhe que não compreendia.

– Não compreendes que eu, eu, o teu superior, te mandei chamar para pedir-te perdão? Não compreendes isto? Quem és tu, comparado comigo? Um verme! Menos do que um verme: um preso. Ao passo que eu sou major pela graça de Deus.[46] Major! Não compreendes isto?

Tch…ski respondeu que compreendia.

– Bem, pois agora me reconcilio contigo. Mas compreendes isto, compreendes bem, em todo o seu alcance? Serás capaz de compreender e de o sentir? Pensa somente que eu, eu, sou major; e tu… etc.

Foi o próprio Tch…ski quem me contou esta cena. Havia pois, também, naquele homem bêbado, absurdo e anormal, um sentimento humano. Levando em conta suas ideias e a sua educação semelhante conduta podia quase considerar-se generosa. Aliás, pode ser que o fato de estar bêbado contribuísse muito para isso.

Os seus sonhos não chegaram a realizar-se: não casou, apesar de estar absolutamente decidido a fazê-lo, quando acabassem de aformosear-lhe a propriedade. Em vez disso teve de comparecer

perante os juízes, os quais o intimaram a pedir a reforma. Todos os seus pecados antigos vieram à luz nessa ocasião. Parece que, antes, tinha sido chefe da Polícia naquela cidade… Esse golpe caiu sobre ele inesperadamente. Essa notícia causou uma alegria imensa no presídio. Foi um dia de festa, uma vitória. Diziam que o major resmungava como uma velha e que chorava. Mas isso de nada serviu. Passou à categoria de aposentado, vendeu a sua parelha de cavalos cinzentos, depois todos os seus bens e ficou na miséria. Nós o encontramos depois à paisana, com um sobretudo rasgado e um gorro com uma borla. Olhou os presos com ódio. Mas todo seu poder desaparecera, agora que já não tinha farda. Com o uniforme era um flagelo, um deus. Com aquele sobretudo, ficava reduzido, de repente, a um zero absoluto, e parecia um criado. É extraordinário o que o uniforme representa para esses tipos.

## Capítulo XX / A evasão

Pouco tempo depois da destituição do nosso major, deu-se uma mudança radical no nosso presídio. Suprimiram os trabalhos forçados e, em vez disso, criaram uma companhia disciplinar sujeita a direito de guerra, segundo o modelo das companhias disciplinares russas. O que significava que deixaria de haver no nosso presídio deportados e condenados às galeras, de segunda categoria. Por esse tempo começou a ter unicamente presos sujeitos a foro de guerra, isto é, indivíduos que não perdiam os seus direitos civis; soldados como todos os outros, simplesmente, castigados, condenados a penas leves (até seis anos, no máximo), e que à sua saída voltavam outra vez para o seu batalhão, como antes. Aliás, os que voltavam para o presídio, por um segundo delito, eram castigados, como antes, a doze anos. Mas já antes desta inovação havia seções de presos de direito de guerra, mas que viviam juntamente conosco só por não haver outro lugar onde colocá-los. Agora todo o presídio se transformou numa seção dependente do direito de guerra. Será inútil dizer que os anteriores forçados, verdadeiros forçados civis, privados de todos os seus direitos, marcados e com meia cabeça rapada, continuaram no presídio até cumprirem completamente a sua pena; novos, não entraram, e aqueles aos quais faltava já pouco acabaram de cumprir e saíram, de maneira

que, passados dez anos, não podia restar já no nosso presídio nem um só forçado. A seção especial continuou também no presídio, para ela ainda mandavam de quando em quando réus graves do direito de guerra, até que se inauguraram na Sibéria os trabalhos forçados mais duros. De maneira que, para nós, na realidade a vida continuou como antes: a mesma comida, os mesmos trabalhos e quase o mesmo regime, a não ser terem mudado os chefes. Nomearam um *stabsoffizer*, um chefe de companhia, e além destes, quatro tenentes encarregados, por turno, do serviço de guarda no presídio. Suprimiram também os inválidos, em cujo lugar puseram doze suboficiais e um vigilante. Dividiram-nos em seções de dez homens cada uma, para as quais nomearam outros tantos cabos, de entre os presos, claro que só nominalmente e escusado será dizer que Akim Akímitch foi imediatamente nomeado cabo. Toda esta nova organização e todo o presídio, com todos os seus funcionários e presos, ficaram sujeitos como dantes, à jurisdição do comandante, como chefe superior. Foi isto o que aconteceu. É claro que os presos, a princípio, ficaram bastante revoltados: comentavam, faziam prognósticos e perguntavam pormenores acerca dos novos chefes, mas quando viram que, na realidade, tudo continuava na mesma, acalmaram-se imediatamente, e a nossa vida foi decorrendo como antes. O principal era que todos se viam livres do antigo major; parecia que todos respiravam e erguiam a cabeça. Desaparecido esse espantalho, todos sabiam agora que, em caso de necessidade, podiam dirigir-se ao chefe que, quando muito por engano, poderia castigar um justo por um pecador. Também continuava a vender-se aguardente, tal como antes e nas mesmas condições, apesar de os antigos inválidos terem sido substituídos por suboficiais, os quais eram, na sua maioria, homens morigerados e inteligentes, que compreendiam a sua situação. Aliás, alguns deles mostraram a princípio tendência para se fazerem fanfarrões e, sem dúvida por inexperiência, acharam que podiam tratar os presos da mesma maneira que os soldados.

Mas até estes não tardaram a compreender a sua missão. Outros, que tardaram mais a compreendê-la, foram na verdade os presos que os ensinaram. Houve lições bastante duras. Por exemplo, agarravam um suboficial, embebedavam-no, e depois demonstravam-lhe, de uma maneira especial, naturalmente, que tinha bebido juntamente com

eles, e que, portanto… Tudo isso acabou em os suboficiais verem, impávidos, ou melhor, esforçarem-se para não verem como eram introduzidas as vasilhas e vendida a aguardente. E mais: passaram a ir ao mercado, como os antigos inválidos e traziam tortas, carne de vaca e outras coisas mais, para os presos; isto é, tudo aquilo que podiam, sem responsabilidade maior. Por que introduziram essas inovações, por que estabeleceram a companhia correcional, isso é coisa que ainda hoje ignoro. Isto se deu já nos meus últimos anos de presídio. Mas ainda tive de viver durante dois anos sujeito ao novo regime.

Descrever toda essa vida, todos os meus anos de presídio? Isso não. Se fosse escrever, pela sua ordem, consecutivamente, tudo o que aí aconteceu e tudo o que vi e experimentei nesses anos, naturalmente necessitaria escrever ainda um triplo ou um quádruplo número dos capítulos que já tenho escritos. Mas tal descrição acabaria finalmente por se tornar monótona, mesmo sem eu o querer. Esses capítulos seriam todos do mesmo gênero e, sobretudo, o leitor já pode, pela leitura dos capítulos antecedentes, fazer uma ideia um tanto aproximada da vida presidiária na segunda categoria. O que eu queria era mostrar-vos o nosso presídio e tudo quanto aí passei durante esses anos, por meio de um quadro compreensível e claro. Não sei se consegui esse objetivo. Em parte, não compete a mim apreciá-lo. Mas estou convencido de que posso acabar aqui. Além do que, às vezes, com estas recordações, me sinto triste. E, aliás, poderia eu também recordar-me de tudo pela sua ordem? Os últimos tempos parecem ter-se apagado da minha memória. Estou convencido de que esqueci completamente muitas circunstâncias. Lembro, por exemplo, de que todos esses anos, no fundo tão semelhantes, desfilaram uns atrás dos outros, tediosos, longos, tão monótonos como a água que, depois de uma chuvarada, continua a escorrer gota a gota sobre um teto. Lembro que só uma apaixonada ânsia de ressurreição, de renovação, de uma nova vida, me fortaleceu na esperança e na ilusão. E, finalmente, fiz-me forte; esperava e contava os dias; e, apesar de ainda me faltarem mil, contava-os com prazer um a um; via chegar o fim de um dia e, quando chegava o seguinte, ficava contente por já não me faltarem mil dias, mas apenas novecentos e noventa e nove. Lembro que, apesar das centenas de companheiros, me encontrava numa horrível solidão, e acabei, finalmente, por adaptar-me a essa solidão.

Moralmente solitário, passava revista a toda a minha vida passada; apercebia-me dos mais insignificantes pormenores de tudo; apreciava o meu passado, julgava-me a mim mesmo de maneira implacável e severa e havia até instantes em que dava graças ao destino por me ter deparado aquela solidão sem a qual não me teria sido possível julgar-me a mim próprio, nem sequer chegar àquele severo exame da minha vida pretérita. E que esperanças não enchiam então o meu coração! Eu pensava, decidia, jurava a mim próprio que daí por diante não se repetiriam na minha vida futura aqueles erros nem aquelas faltas em que dantes incorrera. Traçava um programa para todo o futuro e propunha-me firmemente cumpri-lo. Aguardava, chamava, impaciente, pela liberdade; sentia a ansiedade de pôr-me outra vez à prova, numa nova luta. Às vezes assaltava-me uma impaciência convulsiva… Mas custa-me agora evocar a recordação do meu estado de alma de então. Mas não há dúvida… tudo isto, só a mim interessa… Mas se escrevi tudo isto, que a mim se refere, é porque creio que todos me hão de compreender, que cada um o há de experimentar, se vier um dia dar a um presídio, na flor da idade e das suas energias.

Mas para que falar mais disso? O melhor é contar ainda mais qualquer coisa, para não terminar estes apontamentos de maneira demasiado repentina.

Lembro-me de que talvez haja quem pergunte se não seria possível fugir do presídio e se não fugiu algum preso durante todos esses anos. Disse que o preso que tinha já dois ou três anos de presídio, começava a deitar contas àqueles anos e, involuntariamente, concluía que era preferível cumprir os que faltavam, sem preocupações nem inquietações e, finalmente, estabelecer-se como colono. Mas essa ideia só nascia na cabeça dos presos condenados a penas leves. Mas os condenados a muitos anos estavam dispostos ao risco. No entanto, isso não se dava todos os dias. Não sei se teriam medo, se contariam especialmente com o caráter rígido, marcial, da vigilância, a posição da nossa cidade, que sob muitos aspectos o dificultava (estépico, aberta). Seria difícil dizê-lo. Penso que todas estas causas tinham sua influência De fato, fugir dali era difícil. E, no entanto, enquanto estive ali, deu-se um caso desses; houve dois que

tomaram essa decisão, e dois dos mais graves criminosos…

Na altura da destituição do nosso major… A…v (aquele que fazia de espião do presídio) viu-se completamente só, sem proteção. Era um indivíduo ainda novo, mas o seu caráter tinha-se fortalecido e tornou-se mais resoluto com os anos. Era, de maneira geral, um rapaz esperto, decidido e também muito inteligente. Embora continuasse espiando e imaginando vários ardis para ver se o punham em liberdade, para ver se não se deixava apanhar tão tola e impensadamente como antes, de tal maneira que teve de pagar a sua inépcia com a deportação. Também se dedicara um pouco, ali, à falsificação de passaportes, embora não possa afirmar isto com certeza absoluta. Isso foi o que me disseram os outros presos. Diziam que já trabalhava nisso quando entrava na cozinha do major da praça e, naturalmente, arranjava assim bons rendimentos. Em resumo: segundo parece, era capaz de decidir-se a tudo; contanto que mudasse de sorte. Eu tive oportunidade, casualmente, de conhecer até certo ponto a sua alma; o seu cinismo atingia uma insolência que revoltava e provocava uma repugnância invencível. Creio que, se a aguardente fosse coisa do seu agrado e não tivesse outro meio de obtê-la senão matando alguém, com certeza o teria feito, desde que pudesse manter-se secreto, sem que ninguém soubesse. Tinha aprendido a fazer os seus cálculos no presídio. Foi assim que esse homem veio a fixar a sua atenção no preso da seção especial, Kulikov.

Já falei de Kulikov. Já não era novo, mas era apaixonado, inquieto, forte, com muitas e diversas aptidões. Era enérgico e tinha gosto em viver; indivíduos destes, até na extrema velhice, desejam viver. E se eu me admirava por que entre nós não se registavam evasões, a pessoa em quem viria a pensar em primeiro lugar seria Kulikov. Mas Kulikov acabou por decidir-se. Quem, entre os dois, teria mais influência sobre o outro: A…v sobre Kulikov ou Kulikov sobre A…v? Não sei, mas ambos eram dignos um do outro, e muito indicados para uma empresa dessa natureza. Tinham-se feito amigos. Tenho a impressão de que Kulikov contava com o fato de A…v ser nobre e pertencer à boa sociedade, o que prometia uma certa mudança nas futuras peripécias quando chegassem à Rússia. Sabe-se lá o que eles falariam e as ilusões que tinham; mas as suas ilusões

deviam sair da rotina costumada da vagabundagem siberiana. Kulikov era histrião por natureza: podia desempenhar muitos e vários papéis da vida; podia prometer-se muito, sobretudo quanto a variedade. Tais indivíduos não podiam viver no presídio. E combinaram fugir.

Mas evadir-se sem sentinela de escolta era impossível. Portanto, era preciso convencer uma sentinela. Num dos batalhões que guarneciam o forte, fazia serviço um polaco, homem enérgico e talvez digno de melhor sorte, já entrado em anos, valente, sério. Ainda novo, fugiu assim que entrou para o serviço, na Sibéria, levado por uma funda nostalgia da pátria. Foi apanhado, castigado e mantiveram-no dois anos nas companhias disciplinares. Quando foi reintegrado nas fileiras, reconsiderou e começou a servir conscienciosamente com todas as suas forças. Fizeram-no cabo para distingui-lo. Era homem amigo de honrarias, que se conhecia a si mesmo e sabia o que valia; olhava e falava como quem sabe o que vale. Via-o a miúdo, e falei muitas vezes com ele. Encontrei-o algumas vezes nesses anos, entre as nossas sentinelas. Os polacos também me falaram dele algumas vezes. Disseram-me que a sua antiga nostalgia se transformara em ódio encoberto, surdo, contínuo. Que esse homem era capaz de tudo e Kulikov não se enganava quando o escolheu por companheiro. Chamava-se Koller. Chegaram a acordo e marcaram um dia. Era no mês de junho, nos dias de calor. O clima, nessa cidade, é bastante igual; no verão faz um tempo sempre quente, e isto favorecia a vagabundagem. É claro que nunca podiam ir a nenhum lado fora do forte: a cidade era aberta por todos os lados e, à sua volta, não havia bosques, numa grande extensão. Era preciso vestir-se com o traje regional, e depois, desaparecer no subúrbio, sem ser visto, onde, havia já algum tempo, Kulikov tinha um refúgio. Não sei se se trataria daquela amante dos presos que vivia nos arrabaldes e que guardaria absoluto segredo. É lógico pensar que o tinham, embora, no fundo, nunca se tivesse chegado a descobrir. Nesse ano, num canto dos arrabaldes, tinha começado as suas atividades havia pouco uma bonita moça, chamada Vanhkg, que fazia nascer grandes ilusões e, em parte, as converteu logo em realidade. Também lhe chamavam A Chama. Segundo parece; teve sua parte na empresa: Kulikov gastou o seu dinheiro com ela durante um ano inteiro. Os nossos rapazes, saíram de manhã para a contagem, e arranjaram-se de maneira que os enviaram,

juntamente com o preso Chílkin, forneiro e gesseiro, para trabalhar num quartel vazio, cujos soldados estavam num acampamento, havia já algum tempo… A…v, em companhia de Kulikov, foram até lá com ele, na qualidade de trabalhadores. Koller encarregou-se de escoltá-los; mas, como eram necessárias duas sentinelas para os três, Koller, como mais antigo no serviço, e como cabo, escolheu de boa vontade um soldadinho novo, com o pretexto de ensiná-lo e de treiná-lo no trabalho de sentinela. Pelo visto, os nossos fugitivos deviam ter já uma grande influência sobre Koller, visto terem conseguido convencê-lo depois de tantos anos de serviço e de tão boa conduta nos últimos desses anos, e além disso sendo como era um homem inteligente, enérgico e calculista, a decidir-se a segui-los.

Entraram no quartel. Eram seis da manhã. Não havia mais ninguém ali senão eles. Depois de terem trabalhado durante uma hora Kulikov e A…v disseram a Chílkin que iam à oficina; primeiro para falar não sei com quem e depois para trazer umas ferramentas de que precisavam. Era preciso ter cuidado com Chílkin, isto é, proceder com a maior naturalidade possível. Era moscovita, forneiro de profissão, da classe média de Moscou, esperto, astuto, inteligente, pouco falador. Aparentemente era um rapaz fraco, débil. Tinha nascido para usar toda a sua vida colete e americana, à moda moscovita; mas o destino dispôs as coisas de outra maneira e, depois de muitas andanças, acabou por vir parar para sempre ao presídio, à seção especial, isto é, à categoria dos mais ferozes criminosos militares. Até que ponto teria merecido este fim, não sei; mas nunca se lhe notava nenhum desgosto especial; portava-se pacificamente e de maneira regular, embora às vezes se embebedasse terrivelmente; mas até nessas circunstâncias se portava bem. É natural que não estivesse metido na combinação; mas tinha bons olhos. Concluiu-se que Kulikov devia ter-lhe dado a entender com um piscar de olhos que iam em busca de aguardente, que tinham escondido na oficina na tarde anterior. Isso comoveu Chílkin; deixou-os sair sem a menor suspeita e ficou só com o recruta, enquanto Kulikov, A…v e Koller se dirigiam aos arrabaldes.

Passou-se meia hora; os ausentes não voltavam e, de repente, Chílkin ficou perplexo, pôs-se a pensar. Começou a recordar: Kulikov tinha, naquele dia, qualquer coisa de estranho; A…v por duas vezes se

pôs a cochichar com ele; pelo menos por duas vezes Kulikov fez-lhe sinais que não lhe escaparam. Lembrava-se de tudo, agora.

Também notara qualquer coisa em Koller, pelo menos, quando foi com eles, começou a dar instruções ao recruta sobre a maneira como devia se conduzir na sua ausência, o que lhe pareceu um pouco estranho, pelo menos da parte de Koller. Em resumo: quanto mais aprofundava as suas recordações, tanto mais cresciam as suspeitas de Chílkin. Entretanto o tempo ia passando, eles não voltavam e a sua inquietação aumentava até limites extremos. Compreendia muito bem quanto se arriscava naquele assunto; podia atrair as suspeitas dos superiores. Podiam pensar que deixara sair os seus companheiros, por estar a par de tudo, em virtude de combinação recíproca; e se tardasse a dar parte do desaparecimento de Kulikóv e de A…v, essas suspeitas adquiriam maior probabilidade de verossimilhança. Não havia tempo a perder. De repente, lembrou-se que, durante os últimos tempos, Kulikov e A…v tinham convivido muito; falavam frequentemente entre si, iam muitas vezes para trás dos alojamentos, longe de todos os olhares. Lembrou-se também do que já algumas vezes pensara acerca deles… Olhou com curiosidade para a sentinela, que bocejava, apoiada à espingarda e esgaravatava inocentemente o nariz com o dedo; de maneira que Chílkin não se dignou comunicar-lhe o seu pensamento e limitou-se a dizer-lhe que o seguiria até à oficina de engenharia. Era preciso perguntar na oficina se porventura não teriam estado ali. Mas ninguém os vira ali. Todas as dúvidas de Chílkin desapareceram. “Se tivessem ido beber para os arrabaldes, o que Kulikov fazia várias vezes – pensou Chílkin – não teriam saído daquela maneira. Teriam avisado, pois, para isso, não valia a pena estar com segredos.” Chílkin deixou o trabalho e, sem voltar ao quartel, dirigiu-se para o presídio.

Era já perto das nove horas quando se apresentou ao *feldwebel* e lhe explicou o que se passava. O *feldwebel* ficou de sobrolho carregado e, a princípio, não queria acreditar. É claro que Chílkin falou naquilo apenas como um receio, uma suspeita. O *feldwebel* chamou imediatamente o major. Este chamou imediatamente o comandante. Passado um quarto de hora já tinham sido tomadas todas as medidas necessárias para essa circunstância. Deram parte ao general-

governador. Os presos eram delinquentes graves e, por causa deles, podia haver séria admoestação de Petersburgo. Devidamente ou não, A…v fora incluído entre os presos políticos; Kulikov pertencia à seção especial: isto é, ao número dos mais graves criminosos e, além disso, de direito de guerra. Até então ainda não havia exemplo de se ter evadido alguém da seção especial. Recordavam-se, efetivamente, que, por determinação do regulamento, cada preso da seção especial era enviado para o trabalho com duas sentinelas, ou pelo menos, com uma. Não se tinha observado essa regra. De maneira que o caso estava feio. Enviaram-se cavaleiros em direção a todas as aldeias, a todas as localidades circunvizinhas, para participar a evasão e deixar aí os sinais dos fugitivos. Enviaram-se cossacos em sua perseguição; escreveram-se ofícios para os distritos e governos vizinhos. Em suma: ficaram muito sobressaltados.

Entretanto, começava entre nós, no presídio, uma agitação de outra natureza. À medida que regressavam do trabalho, os presos iam-se pondo a par do sucedido. A notícia já se tinha espalhado entre todos, e todos a recebiam com uma alegria incomum, secreta. A todos parecia palpitar-lhes o coração… Além de que esse incidente vinha alterar a monotonia da vida no presídio, uma evasão do formigueiro e uma evasão como aquela revolvia as almas de todos e agitava nelas desejos não completamente esquecidos; a possibilidade de mudar de sorte tornava a fazer palpitar todos os corações… “Vejam como eles fugiram! E por que não?” E, perante esse pensamento todos se animavam e olhavam com olhos interrogativos para os outros. Pelo menos, todos repentinamente se puseram orgulhosos e começaram a olhar com altivez para o suboficial. As autoridades compareceram imediatamente ao presídio. O comandante veio também. Os presos sentiam-se corajosos e olhavam ousadamente, até com certo desprezo e com certa rígida, tácita solidariedade: “Nós cá, caramba, sabemos fazer as coisas.” Escusado será dizer que já tinham contado com a visita geral das autoridades do presídio. Contavam também que infalivelmente haveria investigações e já tinham escondido tudo. Sabiam que as autoridades, nestes casos, eram muitíssimo expeditas. Foi o que aconteceu então: houve um rebuliço enorme; revolveram tudo, revistaram tudo… e, é claro, não encontraram nada. Os presos foram para o trabalho da tarde com uma forte escolta. À noite, as

sentinelas inspecionaram demoradamente o presídio, contaram os presos uma vez mais do que o costume, e enganaram-se duas vezes mais que do costume. Depois fizeram uma terceira contagem, de alojamento em alojamento… Em suma: houve uma grande comoção.

Mas os presos não perguntavam a razão daquilo. Mostravam-se todos muito altivos e, como costumava acontecer sempre em tais ocasiões, durante toda essa noite conduziram-se com extraordinário aprumo: “Não, é escusado brincarem conosco”. Por seu lado, o chefe pensava: “Não haverá cúmplices dos fugitivos no presídio?”. E mandava investigar, escutar o que os presos diziam. Mas estes se limitavam a sorrir: “Não é assunto para participar aos outros. Isso se faz com muita reserva e muita cautela, e só assim. Então Kulikov e A…v não são homens capazes de fazerem as coisas sem deixarem rastro? Fizeram magistralmente, de bico calado. São tipos capazes de passarem por uma chaminé de bronze, de se esgueirarem por uma porta fechada”. Em resumo: a fama de Kulikov e de A…v crescia a olhos vistos; todos se sentiam ufanos por eles. Sentiam que a sua façanha alcançaria a mais remota posteridade dos presidiários, que havia de sobreviver ao próprio presídio.

– São mestres! – diziam uns.

– Se calhar pensavam que não havia aqui quem fosse capaz de fugir! Ai, não, que não havia! – acrescentavam outros.

– Fugiram! – exclamava um terceiro olhando com uns ares de domínio à sua volta. – Houve quem fugisse! Que dizes a isto, *bratiets*?

Noutra ocasião, o preso ao qual fossem dirigidas essas palavras, teria infalivelmente respondido com altivez e sairia em defesa da sua honra. Mas agora contentou-se em resmungar: “Eu bem dizia que, de fato, nem todos são como Kulikov e A…v”.

– E afinal, meus amigos, verdadeiramente, por que estamos nós aqui? – atalhava um quarto que até aí tinha estado calado, sentado modestamente ao pé da janela da cozinha, falando como se cantasse, impulsionado por um sentimento deprimente e ao mesmo tempo com um prazer secreto e segurando a face com a mão. – Por que estamos nós aqui? Não vivemos… como pessoas, morremos… e não somos

cadáveres. Ah!

– Vê se descalças esse par de botas… Para que é esse ah?

– Aí está Kulikov… – gritou um dos entusiastas, um criançola, de boca rubicunda.

– Kulikov! – acrescentou imediatamente outro, voltando-se para olhar com desprezo para o criançola – Kulikov!

O que queria dizer: “Mas por acaso abundam aqui os Kulikov?”

– Bom; e A…v, meus amigos, é esperto, caramba, é esperto! Toma! Esse é um finório! É capaz de engrolar Kulikov e de lhe fazer ver estrelas ao meio-dia!

– Vai saber onde eles já vão, meus amigos!

E surgiram imediatamente discussões sobre a distância a que eles já iriam. E por que lado teriam saído? Por onde lhes seria mais fácil terem saído? E qual seria a aldeia mais próxima? Intervieram na discussão indivíduos que conheciam aqueles arredores. Escutaram-nos com curiosidade. Falavam dos habitantes das aldeias próximas e diziam que não eram gente de confiança. Nas imediações da cidade, a pessoa era interesseira; não davam auxílio aos presos, apanhavam-nos e entregavam-nos.

– O camponês destas terras não se presta a nada. É camponês e basta!

– É um camponês que não sabe o que quer!

– O siberiano é matreiro. Quem lhe cair nas mãos é degolado.

– Então os nossos…

– Tudo se reduz a saber quem pode mais. E os nossos não são qualquer coisa.

– Pois se não morrermos, havemos de chegar a saber. E tu, que dizes? Achas que os apanham?

– Eu penso que, vivos, não os apanham! – juntou um dos entusiasmados, dando uma punhada na cabeça.

– Hum! Bem. Tudo depende da casualidade.

– Pois eu lhes vou dizer o que penso, meus amigos – exclamou Skurátov. – Se eu tornasse a ser vagabundo, não me apanhavam!

– A ti!

Começaram a rir, enquanto alguns fingiam que nem sequer queriam ouvir aquilo. Mas Skurátov estava impetuoso.

– Não me apanhavam vivo! – acrescentou com energia. – Eu, meus amigos, já o tenho pensado muitas vezes e fico admirado comigo mesmo; asseguro-vos que me meteria em qualquer canto e que não me apanhavam.

– Acabavas por ficar cheio de fome e tinhas de ir pedir um pedaço de pão a um camponês.

Gargalhada geral.

– Qual pedaço de pão!

– Para que estás dando tanto à língua? És tão esperto que até vingaste a morte da vaca matando o teu tio Vássia, e por isso é que estás aqui.[47]

As gargalhadas arrefeceram. Os sérios olhavam com grande aborrecimento.

– Mentes! – gritava Skurátov. – Mikita mente nisso que diz de mim, e não só de mim, mas também do meu tio; mas é verdade que me complicaram a vida. Eu sou moscovita e desde pequeno que estou acostumado à vagabundagem. Quando eu andava aprendendo a ler e a escrever com o nosso subdiácono, em pequeno, costumavam puxar-me as orelhas: “Diz lá: ‘Senhor, tem piedade de nós, pela grandeza da tua misericórdia’ etc. Mas eu ia e— dizia: ‘Leva-me à Polícia, Senhor, pela grandeza da tua misericórdia’ etc.”. Aí têm como eu era em pequeno!

Tornaram a ouvir-se risos. Mas que mais queria Skurátov? Não tardaram em deixá-lo, para voltarem às suas conversas sérias. Os velhos entendidos em evasões deram a sua opinião. Os mais novos e modestos contentavam-se com olhá-los e estender os pescoços para escutar. Tinha-se reunido uma grande multidão na cozinha, embora, é claro, não estivessem ali os suboficiais. Na sua presença, não se teriam posto a falar. Entre os que davam mostras de maior complacência, chamou-me a atenção um tártaro, Mámetka, de alta estatura, de rosto cheio, com uma figura muito cômica. Falava muito mal o russo e não percebia quase nada do que os outros diziam; mas estava ali, e escutava, escutava com prazer.

– Então, Mámetka, *yákchi*?[48] – perguntou-lhe Skurátov, para dizer alguma coisa, já que todos o repeliam.

– *Yákchi!* Oh, *yákchi*! – exclamou Mámetka, todo animado, fazendo uma careta a Skurátov com a sua cara grotesca – *Yákchi*!

– Não os apanharam, *yok*?[49]

– *Yok! Yok!* – e Mámetka tornou a menear a cabeça e, desta vez, até mexeu as mãos.

– Quer dizer que um mente e o outro não desmente, não é verdade?

– Isso, isso, *yákchi*! – acrescentou Mámetka movendo a cabeça.

– Bem, então, *yákchi*.

E Skurátov, depois de ter dado um piparote no gorro de Mámetka e o puxar para cima dos olhos, saiu da cozinha na melhor das disposições, deixando o tártaro um pouco perplexo.

O regime de severidade no presídio e as enérgicas patrulhas e pesquisas prolongaram-se por uma semana inteira, no presídio e nos arredores. Não sei como seria; mas os presos recebiam todas as notícias referentes às atividades das autoridades fora do presídio, imediatamente e com exatidão. Nos primeiros dias, todas as notícias referentes aos fugitivos eram favoráveis: nem boatos, nem sinais;

tinham simplesmente desaparecido. Os presos limitavam-se a sorrir. Cessou toda a inquietação a respeito da sorte dos fugitivos.

– Não encontram nada, não apanham nenhum – diziam com satisfação.

– Levaram sumiço!

– Adeus, espera lá que eu vou ali e já venho!

Os presos sabiam que os camponeses de todos aqueles arredores se tinham posto em movimento e inspecionavam todos os lugares suspeitos, todos os bosques, todos os barrancos.

– É extraordinário – diziam os presos, troçando. – Com certeza que têm alguém que os esconde em sua casa.

– Deve ser isso – diziam outros. – São espertos, prepararam tudo com antecedência.

Iam ainda mais longe nas suas suposições; começaram a dizer que os fugitivos ainda deviam estar nos arredores, escondidos em alguma gruta e aí continuariam até que passasse a agitação e o cabelo lhes crescesse. Estariam aí meio ano, um ano, e depois partiriam…

Resumindo: estavam todos numa disposição de espírito um pouco romântica. Mas, de repente, passados oito dias sobre a evasão, correu o boato de que tinham encontrado uma pista. Escusado será dizer que o absurdo boato foi imediatamente repudiado com desprezo. Mas ainda nessa noite o boato foi confirmado. Os presos, a princípio, não queriam acreditar. Mas no outro dia de manhã começaram a dizer na cidade que os tinham apanhado, que iam trazê-los. Depois do rancho, souberam também outros pormenores: tinham sido detidos a setenta verstas dali, não sei em que aldeola. Até que, finalmente, se receberam notícias mais concretas. O *feldwebel*, depois de se ter avistado com o major, anunciou definitivamente que nessa mesma noite os trariam diretamente para o corpo da guarda, à entrada do presídio. Não era possível duvidar. É difícil descrever a impressão que a notícia causou nos presos. A princípio pareceu que todos ficavam aborrecidos; depois ficaram consternados. Depois deram mostras de levarem o caso à

conta de brincadeira. A princípio alguns, quase todos, exceto uns tantos indivíduos sérios e moderados, que pensavam por sua própria cabeça e que não era possível demover com brincadeiras, puseram-se a sorrir, mas então já não à custa dos perseguidores mas sim dos detidos. Olhavam com desprezo para os aturdidos e ficavam calados.

Em resumo: na mesma medida em que antes enalteceram Kulikov e A…v, agora os rebaixavam e até com prazer. Parecia que eles os tinham ofendido a todos em qualquer coisa. Diziam, com um ar depreciativo, que eram muito comilões, que não eram capazes de suportar a fome e que tinham ido à aldeia pedir pão aos camponeses. O que, para um vagabundo, representava o extremo da vileza. Mas esses ditos e contos não eram verdadeiros. Tinham ido seguindo o rasto dos fugitivos; internaram-se no bosque e rodearam este por todos os lados com gente. E quando viram que não lhes restava lá possibilidade de salvação, entregaram-se. Não tinham mais nada a fazer.

Mas quando de fato os trouxeram à noite, atados de pés e mãos, com guardas, todo o presídio se empilhou de encontro à paliçada para ver o que fariam com eles. É claro que não viram nada, a não ser as carruagens do major e do comandante, junto ao corpo da guarda. Os fugitivos foram encerrados num calabouço, postos com ferros, e no dia seguinte compareceram perante os juízes.

As troças e desprezos dos presos cessaram então. Abandonaram a sua atitude anterior. Tomaram conhecimento do lance com mais pormenores, souberam que os fugitivos não puderam fazer outra coisa senão renderem-se, e puseram-se todos a seguir com paixão o desenlace do julgamento.

– Vão dar-lhes mil – diziam uns.

– Qual mil? – diziam outros. – Matam-nos com os paus! A A…v, pode ser que ainda lhe deem mil, mas ao outro matam-no, meu amigo, porque é da seção especial.

No entanto não acertaram. A A…v deram-lhe ao todo quinhentos: levaram em conta a sua anterior conduta satisfatória e ser essa a sua primeira falta. A Kulikov deram-lhe, segundo parece, mil e

quinhentos. Castigaram-no com bastante brandura. Eles, como pessoas experimentadas, não se contradisseram nem num único ponto, perante os juízes; declararam claramente terem fugido diretamente do forte, sem saberem para onde. De todos, o que mais compaixão me inspirava era Koller; este perdia tudo, as suas últimas esperanças; recebeu mais do que os outros, dois mil, e encarceraram-no, mas não no nosso presídio. A…v foi castigado com brandura, com delicadeza, para o que contribuíram os médicos. Mas ele mostrou coragem e disse em voz alta, no hospital, que agora que já tinha recebido o batismo, estava disposto a tudo e não havia de demorar-se ali. Kulikov portou-se como sempre; de uma maneira séria, digna, e quando voltou do castigo para o presídio, parecia que nunca saíra dele. Mas os presos não o viam com os mesmos olhos; apesar de Kulikov saber dominar-se sempre e em todos os lugares, os presos, no fundo da sua alma, pareciam ter-lhe perdido o respeito, pois começaram a tratá-lo com mais familiaridade. Numa palavra: com a evasão, a fama de Kulikov declinou muito. Eis o que vale o êxito entre os mortais…

## Capítulo XXI / Saída do presídio

Tudo isso aconteceu já no último ano da minha condenação. Esse último ano tenho-o quase tão bem gravado na memória como o primeiro e, sobretudo, os meus últimos tempos no presídio. Mas para que demorar-me com pormenores? Recordarei unicamente que, nesse ano, apesar de toda a minha impaciência para acabar a minha pena o

mais depressa possível minha vida se tornou muito mais leve do que em todos os anteriores anos de deportação. Em primeiro lugar tinha eu já muitos amigos entre os presos e conhecidos firmemente convictos de que eu era uma boa pessoa. Muitos deles me eram dedicados e me queriam sinceramente. A ordenança Baklúskin quase chorou quando teve de escoltar-me, a mim e a um companheiro meu fora do presídio e, durante o mês que depois vivi já livre, na cidade, num edifício da administração, quase todos os dias me vinha visitar, só pelo gosto de me ver. Havia no entanto indivíduos arredios e hostis até o fim, aos quais parecia que lhes custava falar comigo. Sabe-se lá por que. Podia-se dizer que, entre nós, havia um muro de permeio.

Nos últimos tempos eu tinha mais oportunidades do que durante toda a época da minha condenação. Encontrei nessa cidade, entre os militares da guarnição, conhecidos e até antigos companheiros de estudos. Reatei o convívio com eles. Por seu intermédio consegui arranjar mais dinheiro, escrever à minha família e obter também livros. Havia já alguns anos que eu não lia um livro e me parece difícil descrever a estranha e ao mesmo tempo profunda impressão que me produziu o primeiro que li no presídio. Lembro-me de que me pus a lê-lo à tarde, quando fecharam o alojamento, e que fiquei a lê-lo toda a noite até ao amanhecer. Era um número de uma revista. Era como se até mim chegassem notícias de outro mundo; a minha vida anterior surgiu perante mim clara e luminosa, e esforçava-me por adivinhar à medida que ia lendo. Estaria eu muito afastado dessa vida? Tinham-se passado muitas coisas na minha ausência? Que seria que agora os agitava, que questões os preocupavam? Meditava sobre cada palavra, lia nas entrelinhas, esforçava-me por encontrar-lhes um pensamento secreto, alusões ao passado; esquadrinhava os vestígios daquilo que dantes, no meu tempo, comovia as pessoas. E que pena sentia eu então ao reconhecer que era como uma peça desirmanada! Era preciso acostumar-me às coisas novas, travar conhecimento com a nova geração. Li particularmente um artigo em cujo pé vinha o nome dum escritor conhecido, que dantes me fora muito dedicado. Mas surgiam já também nomes novos, manifestavam-se novas personalidades; e eu me apressava a conhecê-los ansiosamente, e lamentava ter tão poucos livros e que fosse tão difícil arranjá-los. Dantes, quando estava ainda no presídio o anterior major da caserna, teria sido muito perigoso

introduzir livros no presídio. Em caso de investigação haviam infalivelmente de perguntar: “Donde vieram esses livros? Quem os arranjou? Então tens relações!”. E que poderia eu responder a tais perguntas? E por isso, vivendo sem livros, eu, sem querer, afundava-me em mim próprio, fazia perguntas a mim mesmo, esforçava-me por responder-lhes, torturava a imaginação. Mas, como explicar tudo isso! Entrei no presídio no inverno e sucedeu-me também ser liberto no inverno, no mesmo dia do mês em que entrara. Com que impaciência eu aguardava o inverno, com que prazer via o fim do ano, quando na aldeia começam a amarelar as folhas das árvores e a erva se esgota na estepe! E o verão já se foi embora e uiva o vento do outono; caiu o primeiro nevão. Chegou, enfim, esse inverno tão desejado! O meu coração começa muitas vezes a palpitar surda e fortemente, com o grande pressentimento da liberdade. Mas, coisa estranha: quanto mais o tempo ia passando e mais se aproximava o fim da minha condenação, maior era a paciência que se apoderava de mim. Já quase nos últimos dias, até me admirava e dirigia censuras a mim mesmo; tinha-me tornado perfeitamente frio e indiferente. Quando se encontravam no pátio, nas horas de recreio, muitos presos me felicitavam:

– Viva! Com que então vai sair, vai ser posto em liberdade, em breve, em breve, *bátiuchka* Alieksandr Pietróvitch! Vai deixar sozinhos estes pobres diabos!

– E você, Martínov, não acaba também em breve? – respondia-lhe.

– Eu? Sim, sim! Ainda me faltam sete anos!

E suspirava, ficava ali especado, olhando abstratamente, como se escutasse o futuro… Sim; muitos felicitavam-me sincera e alegremente. Parecia-me que todos começavam a tornar-se mais afetuosos. Era evidente que se tinham reconciliado comigo. K… tchinski, um polaco nobre, um jovem amável, gostava muito, tal como eu, de vir para o pátio nas horas livres. Pensava que o ar livre e o exercício lhe convinham para conservar a saúde e resistir ao mal causado pelas abafadiças noites do alojamento. “Eu aguardo a sua saída com impaciência – dizia-me, sorrindo, quando se encontrou uma

vez comigo, durante os seus passeios. – O senhor sairá, e então eu ficarei sabendo que me falta um ano para cumprir.”

Farei notar aqui, de passagem, que, devido ao muito sonhar e à longa privação da liberdade, esta nos parecia no presídio algo de mais livre que a verdadeira liberdade; isto é, que aquela que verdadeiramente existe na realidade. Os presos encareciam o conceito da liberdade positiva, e isto é muito natural, muito próprio do preso. Qualquer desastrado impedido dum oficial nos parecia quase um rei, em comparação com os presos, simplesmente por andar com a cabeça rapada, sem ferros e sem sentinela.

Na véspera do último dia, ao escurecer, dei a volta, pela última vez a toda a paliçada do presídio. Quantos milhares de vezes teria eu dado volta a essa paliçada em todos aqueles anos! Como eu me aborreci, atrás dos alojamentos, no primeiro ano da minha prisão, só, triste, aniquilado. Lembro-me de que, então, contava os milhares de dias que me restavam. Senhor, há quanto tempo isso foi já! Aqui, neste canto, viveu cativa a nossa águia e era aqui também que eu costumava encontrar-me com Pietrov, que, agora, também não se afasta de mim. Aproxima-se e, como se adivinhasse o meu pensamento, põe-se a caminhar em silêncio ao meu lado e parece admirar-se de algo no seu íntimo. Despeço-me em pensamento destas tábuas denegridas dos nossos alojamentos. Que impressão tão hostil me faziam elas então, nos primeiros tempos! Não há dúvida de que devem estar agora mais velhas do que antes, mas eu não o noto. Quanta juventude não se sepultou inutilmente atrás destas paredes, quantas grandes energias não se perderam aqui sem proveito! E, para dizer tudo: essa gente era uma gente extraordinária. Pode ser que fosse a mais dotada, a mais forte de todo o nosso povo. Mas foi debalde que sucumbiram energias poderosas, sucumbiram de uma maneira anormal, ilegal, irreparável. E quem tem a culpa disso?

– Sim, é esse o ponto, de quem é a culpa?

No dia seguinte, de manhã, antes da saída para o trabalho, quando mal começara a clarear, fui percorrendo todos os alojamentos para despedir-me de todos os presos. Alguns estenderam-me afetuosamente as suas mãos calejadas e fortes. Alguns as davam como a um companheiro, mas eram poucos. Outros compreendiam muito bem que daí a um momento eu iria transformar-me num homem diferente deles. Sabiam que eu tinha amizades na cidade, que me dirigiria imediatamente ali, aos senhores, e que trataria com eles de igual para igual. Compreendiam-no e despediam-se afetuosamente, mas não como de um companheiro e antes como de um senhor. Outros voltavam-me as costas e respondiam por entre dentes à minha despedida. Alguns até me olhavam com certo ódio.

Ouviu-se o tambor e todos se dirigiram para o trabalho; só eu fiquei ali. Nessa manhã Suchílov levantou mais cedo do que todos e pôs-se a movimentar com todas as suas energias para preparar-me o chá. Pobre Suchílov! Chorou quando eu lhe ofereci os meus objetos do presídio, algumas camisas, as palmilhas para usar debaixo das cadeias: e algum dinheiro! “Eu não preciso nada disto, eu não quero nada!”, dizia, esforçando-se por dominar os lábios trêmulos… “Como hei de eu suportar a sua ausência, Alieksandr Pietróvitch? Sem você, quem me resta agora aqui?” Despedi-me também pela última vez de Akim Akímitch.

– Em breve chegará a tua vez! – disse-lhe eu.

– Ainda me falta muito tempo – resmungou, apertando a minha

mão.

Lancei-me contra o seu peito e abraçamo-nos.

Dez minutos depois da saída dos presos saímos também para nunca mais voltar, eu e o meu companheiro, aquele com quem entrara. Era necessário irmos imediatamente ao ferreiro para que nos tirasse os ferros. E a sentinela, de arma no braço, já não nos escoltava; era um suboficial que nos acompanhava. Foram os nossos próprios presos que nos tiraram os ferros na oficina de engenharia. Esperei que desferrassem o meu companheiro e depois aproximei-me da bigorna. Os ferreiros puseram-me de costas, levantaram-me o pé por detrás, apoiaram-no na bigorna… absorviam-se no trabalho, desejavam fazê-lo com a maior perícia, o melhor possível.

– Os rebites, os rebites para cima, pouco a pouco! – mandou o mestre. – Segurem-no bem… Agora deem com o martelo…

As cadeias caíram. Eu as apanhei… Queria tê-las nas minhas mãos, olhá-las pela última vez. Admirava-me agora que ainda há um instante as trouxesse nos pés.

– Bom, vão com Deus! Com Deus! – diziam-me os presos com vozes roucas, entrecortadas, mas nas quais me parecia vibrar agora um pouco de alegria.

Sim, com Deus! Liberdade, vida nova; ressurreição de entre os mortos! Que momento glorioso!

**1** Presos do forte, sob comando militar. Prisão mais dura, não só para os nobres, mas também para os outros presos, precisamente porque o chefe e a estrutura dessa categoria eram inteiramente militares. Comando militar severo, regime mais apertado, sempre com cadeias e sentinelas à vista.↩

**2** Expressão usada pelo povo para designar os condenados a trabalhos forçados ou exilados.↩

**3** Rio da Sibéria.↩

**4** Azorrague composto de várias tiras de couro, terminadas por arames torcidos.↩

**5** Deformação de *invalid* (inválido), termo francês, do qual se utilizaram para apelidar, em tom de troça, o velho soldado condenado. Era desses inválidos que o Comando das prisões russas se valia para vigiar os outros condenados, seus companheiros.↩

**6** Suboficiais nobres.↩

**7** Adepto da seita religiosa dos “Velhos Crentes”, que se formou na Rússia, no séc. XVII.↩

**8** Literalmente, no valor de dois grochi. Ordinária, rameira.↩

**9** Expressão alegórica entre os presos para designar a fome.↩

**10** Seita religiosa dos Velhos Crentes, que não adotou as reformas religiosas preconizadas no séc. XVII.↩

**11** Nome derivado de *sirotá*, órfão.↩

**12** Antiga e importante cidade da Sibéria Ocidental, na Rússia Asiática.↩

**13** Cidade da Transbaical, centro duma região mineira, para onde destinavam os forçados da primeira categoria.↩

**14** Os condenados às vergastadas deviam passar entre duas filas de soldados, armados de vergastas verdes.↩

**15** Na sua expressão usual, no Sul da Rússia, mercado, feira.↩

**16** Deformação do russo Iésus (Jesus).↩

**17** Um dos grupos étnicos da Rússia. Morenos, de cabelos e olhos escuros, eram célebres pelo seu apego feroz à língua, às tradições, à história da sua província, Ucrânia, cujo folclore era magnífico.↩

**18** Consome-se na Sibéria muito chá, o qual é vendido sob a forma de pesados tabletes, fortemente comprimidos.↩

**19** Karl Briúlov (1799-1852). Pintor russo, chefe da escola romântica. Descendente de uma família francesa.↩

**20** Omsk, na Sibéria Ocidental.↩

**21** Chamar alguém apenas pelo seu nome de batismo constitui uma grave indelicadeza na Rússia, sobretudo entre o povo. Deve sempre acrescentar-se o nome do pai.↩

**22** Abreviatura popular de Petersburgo.↩

**23** Diminutivo de Tina, neste local utilizado para aludir ao carrasco assim apelidado numa canção de presos.↩

**24** Os filactérios, que os observadores rigorosos da Lei Judaica prendem na testa e no braço esquerdo durante as suas preces, seguindo as prescrições do *Êxodo* e do *Deuteronômio*. Representam o Templo de Salomão, onde estão insertos os Dez Mandamentos da Lei de Moisés.↩

**25** Na Rússia do séc. XVII os pequenos russos eram distinguidos por um topete, que ao mesmo tempo lhes era alcunha, dada pelos grandes russos, de cabelos sobre o occipúcio e o resto da cabeça rapada.↩

**26** Metáfora presidiária para designar a fila das vergastas verdes, por entre a qual deviam passar os que tinham que ser supliciados.↩

**27** Provavelmente para recordar aos fiéis que Jesus Cristo nasceu num estábulo.↩

**28** Mal! Mal! Exclamação tártara.↩

**29** Nome simbólico para designar a garrafa.↩

**30** Morto, no sentido de fracassado, liquidado. Como tantos outros nomes de personagens inventados por Dostoiévski, aproveitando substantivos e adjetivos, e até mesmo verbos, este vem do substantivo *otipietvánie*, que significa o canto funerário, o responso religioso cantado diante do defunto antes de ver enterrado ou conduzido ao cemitério.↩

**31** Personagem de *Don Juan* de Wolfgang A. Mozart (1756-1794), e uma das diversas encarnações do astuto criado de Don Juan.↩

**32** Abreviatura de *sanatus est*: está curado.↩

**33** Rimam em russo.↩

**34** Tudo quanto escrevo aqui acerca dos castigos e suplícios refere-se ao meu tempo. Agora tenho ouvido dizer que tudo isso já mudou… ou está para mudar. F. M. Dostoiévski.↩

**35** Dostoiévski já se referiu à dança popular *kamárinskaia* em *A granja de Stiepântchikovo*.↩

**36** Ou seja, do bosque, onde canta o cuco. Quer dizer que eles também são vagabundos. F. M. Dostoiévski.↩

**37** Provérbio que denota a impossibilidade.↩

**38** Besuntar de pez a porta da casa onde vive uma moça indica que ela perdeu a virgindade.↩

**39** A coroa nupcial que era costume pôr nas noivas, no ato do casamento.↩

**40** Expressão, cujo verdadeiro sentido é intraduzível.↩

**41** Na Rússia do séc. XIX existia também a categoria de general no funcionalismo civil e correspondia à de conselheiro privado.↩

**42** Diminutivo de *gniedói*, baio.↩

**43** Odeio estes brigões.↩

**44** Os nobres, condenados a trabalhos forçados, perdiam os seus privilégios e somente por uma graça do imperador podiam ser reintegrados nos seus direitos.↩

**45** Os dezembristas, revoltosos de dezembro de 1825, contra a autocracia russa.↩

**46** Expressão usada no meu tempo, não só pelo major, mas também por muitos maus chefes, sobretudo originários das categorias inferiores. F. M. Dostoiévski.↩

**47** Tinham morto um homem ou uma mulher, na crença de que êstes tinham infectado o ar, provocando a morte do gado. No presídio havia mais de um condenado deste gênero. F. M. Dostoiévski.↩

**48** Está bem, em tártaro.↩

**49** Não, em tártaro.↩

# Uma história aborrecida

# Uma história aborrecida
# (1862)

Esta aborrecida história remonta àqueles tempos em que a nossa amada pátria acabava de renascer para uma nova vida e em que todos os seus bons filhos se esforçavam por alcançar novas finalidades, com um poder irresistível e uma comovedora ingenuidade. Numa clara e fria noite de inverno – devia ser meia-noite – numa sala ricamente mobiliada, cômoda, com chaminé, sala que pertencia a uma casa de dois andares do Lado Petersburguês, estavam sentados três respeitáveis senhores discutindo com muita gravidade e reflexão sobre um tema de extraordinária importância. Os três tinham já alcançado o título de Excelência. Estavam sentados à volta de uma mesinha redonda, em grandes e fofas poltronas, e enquanto conversavam, tomavam um golinho das taças de champanhe. A garrafa achava-se em frente deles, em cima da mesa, sobre uma bacia de prata. O dono da casa, Stiepan Nikifórovitch Nikíforov, de setenta e cinco anos, convidara os amigos para festejar a recente aquisição da sua casa e, ao mesmo tempo, o seu aniversário. De maneira geral, não costumava celebrar outras festas. Em última análise, a festa que dava hoje, não era pomposa; como dissemos, os convidados eram ambos antigos companheiros do anfitrião: o conselheiro efetivo de Estado, Siemion Ivânovitch Chipulenko e Ivan Ilhitch Pralínski, também conselheiro efetivo de Estado. Tinham chegado os dois às nove, para tomar chá; agora bebiam champanhe e sabiam muito bem que, ao bater meia-noite e meia, deviam despedir-se. O dono da casa apreciava a ordem. Digamos de passagem duas palavras a seu respeito: iniciara a sua carreira como empregado modesto e despreocupado, desempenhara-a tranquilamente durante quarenta e cinco anos, compreendia com perfeição aquilo a que devia aspirar, não podia convencer-se a apanhar as estrelas do céu com as mãos, embora ostentasse já duas no peito, e não lhe agradava de maneira nenhuma, em nenhuma ocasião, por importante que fosse, manifestar a sua opinião pessoal. Era um homem honesto, isto é, não tivera nenhuma oportunidade na vida de fazer nada particularmente desonroso; permanecia solteiro, pois era egoísta; não tinha nada de tolo, mas, como dissemos, não podia

suportar lhe iluminassem a inteligência; desagradavam-lhe sobretudo a desordem e o entusiasmo, que no seu conceito representavam a desordem moral, e sumia-se, no ocaso da vida, numa certa comodidade regalada e numa solidão sistemática. Ainda que de vez em quando visitasse pessoas de elevada posição social, desde a juventude não gostava receber visitas, e contentava-se nos últimos tempos, quando não tinha de fazer para isso grandes esforços da paciência, com a companhia do seu relógio sobre a chaminé, cujo tique-taque teimoso se ouvia ininterruptamente durante toda a santa noite, debaixo da redoma de cristal. Tinha boa apresentação; sempre barbeado, parecia um pouco mais novo do que era, estava bem conservado, desde os pés até a cabeça, um verdadeiro *gentleman*. Já não precisava trabalhar; ainda conservava um cargo, mas as suas obrigações limitavam-se a presidir a reuniões e a fazer assinaturas. Enfim, todos o consideravam uma excelente pessoa. Uma só paixão tivera este homem, ou, para melhor dizer, um só desejo veemente: possuir casa própria e, é claro, uma casa senhorial, e não uma casa num andar de aluguel. Conseguiu satisfazer esse seu único capricho: encontrou uma casa no Lado Petersburguês que, embora um pouco afastada do centro, possuía em compensação um aspecto distinto e tinha também um jardim… e o nosso homem decidiu-se e comprou-a. Sim, o novo proprietário da chácara considerava até uma vantagem o fato de a casa estar um pouco afastada; não gostava de receber visitas e para ir visitar os outros e assistir a recepções contava com uma bela carruagem cor de chocolate escuro, com o seu cocheiro Mikhail e com cavalinhos fortes e bonitos. Adquirira tudo isto com o fruto de quarenta e quatro anos de severas economias. Sentia-se assim contente com o que possuía. Era este também o motivo por que, ao instalar-se na sua nova casa, Stiepan Nikifórovitch chegava ao extremo de convidar amigos e de querer celebrar o seu aniversário, este dia que, noutros tempos, até dos seus amigos mais íntimos se esforçava por esconder. Havia além disso outra razão particular para este convite. É que ele ocupava na casa apenas o segundo andar, e resolvera alugar o outro, construído segundo o mesmo plano que o primeiro. Ora bem: Stiepan Nikifórovitch Nikíforov esperava conquistar as boas graças de Siemion Ivânovitch Chipulenko para que lhe alugasse o referido andar inferior, e com esse fim fez recair nessa noite a conversa, por duas vezes, sobre esse tema, mas sem conseguir o objetivo desejado, pois

Siemion Ivânovitch Chipulenko reservou tenazmente os seus planos em relação a uma possível mudança de domicílio. O tal Chipulenko, que havia muito tempo vinha abrindo penosamente o seu caminho, era casado e muito agarrado ao lar, um déspota em casa e um funcionário escrupuloso na repartição. Também sabia até onde podia chegar, e muito melhor até onde não podia. Entretanto ocupava um bom cargo e ocupava-o com grande convicção. É claro que não via com bons olhos as novas reformas, mas também não se irritava demasiado por causa disso: era, como dissemos, um homem muito consciente, e não escutava sem um risinho trocista os arrazoados de Ivan Pralínski, que nunca se cansava de dissertar sobre os novos temas. Os três amigos tinham bebido mais do que o costume, de tal maneira que o dono da casa se deixou arrastar até uma pequena discussão com o Senhor Pralínski acerca das novas reformas. Mas já é tempo que eu diga alguma coisa sobre Sua Excelência, o Senhor Pralínski, tanto mais que é ele o protagonista desta história.

Havia apenas quatro meses o conselheiro de Estado efetivo, Ivan Ilhitch Pralínski, ostentava o seu belo título de Excelência, ou, por outras palavras, era uma Excelência muito nova. Em idade também muito novo, pois teria quarenta e três anos no máximo, embora pelo seu aspecto – e bem o desejava – parecesse muito mais novo. Era um homem interessante, alto, elegante, mas sem dar nas vistas, sempre vestido com distinção, e sabia admiravelmente usar as suas condecorações; desde pequeno aprendera a adotar costumes distintos, e sonhava, se bem que ainda fosse solteiro, em casar com uma noiva rica e, por que não dizê-lo, aristocrática. É certo que sonhava também com muitas outras coisas, embora não fosse tolo nenhum. Às vezes tornava-se muito falador e então tinha tendência a adotar atitudes parlamentárias. Era de boas famílias; o pai fora general do Exército e habituara-se desde pequeno a andar vestido de veludo e de batista; além disso, educara-se num colégio aristocrático e, embora não tivesse saído dele com grandes conhecimentos, parecia ter conseguido um grande êxito no seu emprego, pois não demorara a conseguir esse título de Excelência. Os chefes consideravam-no de muita capacidade e depositavam-lhe grandes esperanças. Mas o Senhor Nikíforov, sob cujas ordens trabalhara até obter o referido título, não o considerava de maneira nenhuma extraordinário, nem tinha sobre ele nenhuma

esperança especial. Ao Senhor Nikíforov agradava que o Senhor Pralínski fosse de boa família e possuísse rendimentos seguros, isto é, uma grande casa com o seu administrador e tudo mais, não tivesse parentesco com gente baixa e, por fim, que tivesse boa apresentação. Mas isto não o impedia de o censurar pelas costas, atribuindo-lhe falta de penetração e grande leviandade. Ao próprio Pralínski parecia algumas vezes possuir demasiado amor-próprio e, neste ponto, era muito exigente. Havia ocasiões em que sentia verdadeiros ataques de consciência e até arrependimento de muitas coisas. Então confessava a si próprio, com uma secreta amargura, que não era de maneira nenhuma a importante personagem que julgava ser. Nesses momentos chegava a ficar melancólico; no entanto, é verdade que isso só lhe acontecia quando sofria as dores provocadas pelas hemorroidas, ocasiões em que dizia que a sua vida era *une existence manquée*,[1] e punha até em dúvida as suas aptidões parlamentárias chamava-se a si próprio um charlatão, um *phraseur* e, embora tudo isto fosse certamente uma atitude sua muito honesta, não o impedia de, passada meia hora, levantar a cabeça e afirmar a si próprio com a maior insistência e aprumo que daí por diante havia de arranjar as coisas para se elevar e não ser apenas um alto dignitário, ser também um estadista de primeira grandeza, ao qual a Rússia nunca mais pudesse esquecer. Sim, o nosso homem ia tão longe que se via já fundido em bronze ou esculpido em mármore, no centro duma Praça Pralínski. Donde se conclui que se esforçava por algo de grande, embora ocultasse profunda e esforçadamente no mais íntimo do seu coração esses sonhos e ilusões. Enfim, era uma boa criatura, e até um poeta, no fundo da sua alma. Nos últimos anos, esses momentos de mórbido desespero apossavam-se cada vez mais dele. Tornou-se particularmente irritável e receoso, e acabou finalmente por se sentir sempre inclinado a tomar qualquer contradição por uma ofensa pessoal. Mas eis que, de repente, começou a dar sinais de vida a Rússia liberal, o que tornou a infundir grandes esperanças no nosso homem. E o título de Excelência veio também contribuir para isso; respirou fundo. Começou, de repente, a falar muito e bem, constantemente, é claro, acerca dos novíssimos temas que assimilara com extraordinária rapidez e entusiasmo. Procurava ocasiões para falar, visitava pessoas famosas, e não tardou a arranjar reputação de liberal fanático, o que o lisonjeava extraordinariamente. Nessa noite

sentiu-se com uma veia especial, depois de ter esgotado a quarta taça. Esforçou-se, de chôfre, por converter o dono da casa às suas ideias. Havia muito não o via, sempre alimentara grande estima por ele e noutros tempos seguira sempre os seus conselhos. Mas agora, de repente, reparava que era um conservador convicto, e começou a atacá-lo com um afinco desacostumado. Nikíforov quase não se dignava responder-lhe, limitando-se a ouvi-lo com um sorriso trocista, apesar de o tema o interessar. Pralínski, pelo contrário, entusiasmava-se cada vez mais, e no ardor da discussão levava a taça aos lábios com maior frequência do que convinha. O anfitrião apressava-se constantemente em pegar-lhe na taça para enchê-la, o que, uma vez, o Senhor Pralínski, não sabemos por que motivo, chegou a achar descortesia, tanto mais que Siemion Ivânovitch Chipulenko, pelo qual sentia um desprezo especial, e ao qual temia, além disso, pelo seu cinismo e o seu mau gênio, guardava junto dele um silêncio muito suspeito e ao mesmo tempo sorria com mais frequência do que seria preciso. "Creio que me considera um garoto estouvado", pensou durante um segundo.

– Não – continuou depois ainda com mais aprumo – não, já é tempo! Deixamo-nos atrasar muito e, a meu ver, a humanidade é a primeira condição; humanidade na maneira de tratar os subordinados, pois é preciso não esquecer que também são homens! A salvação universal está na humanidade, assim tudo caminhará para a justiça…

– Hi, hi, hi! – soou na direção do Senhor Chipulenko.

– Bem; mas, meu amigo, por que esta estopada? – perguntou finalmente o dono da casa com um sorriso. – Devo confessar-lhe, Ivan Ilhitch, que até agora ainda não consegui compreender bem o que o senhor queria dizer. O senhor não fala senão na humanidade. Quer referir-se ao conjunto dos homens, não é verdade?

– Sim, pelo meu lado, pode o senhor chamar-lhe hombridade… Eu…

– Dê-me licença! É que, a meu ver, humanidade e hombridade são coisas diferentes. Quanto à hombridade, não há dúvidas. Mas as reformas não se limitam só à moral. Temos agora o problema do

campesinato, o da servidão, as novas leis, os impostos, as questões morais, e… e… a história da boa semente e, estes problemas, cada um de per si e todos juntos, podem provocar de repente graves comoções, digamos assim. Estes são os nossos problemas, mas, quanto à humanidade, não temos nada a dizer…

– É que o caso é um pouco mais complicado – opinou secamente o Senhor Chipulenko.

– Compreendo muito bem, e dê-me licença, Senhor Siemion Ivânovitch, que lhe faça notar que não o julgo de maneira nenhuma dentro da profundidade de concepção deste assunto – observou, excitado e com demasiada secura, o Senhor Pralínski – mas, por agora, permita-me o senhor também, Stiepan Nikifórovitch, que lhe diga que nem de longe me compreendeu…

– É verdade.

– Por agora, sou a favor da ideia de que eu também verifico que em todos os lados a humanidade, e sobretudo a humanidade com os subordinados, desde o empregado ao escritor, desde o escritor ao porteiro, e desde o porteiro ao camponês… que a humanidade, repito, pode servir, por assim dizer, de pedra de toque das reformas que se aproximam e, sobretudo, da renovação das coisas. Por quê? Pois lhe digo já. Formulemos um silogismo; eu sou humano, portanto sou amado. Se me amam, é porque têm confiança em mim. Se têm confiança em mim, acreditam em mim; se creem em mim, também me amam; isto é, não direi unicamente que, se acreditam em mim, também acreditarão na reforma, e é aqui que reside o âmago da questão: hão de todos abraçar-se moralmente e a coisa vai se realizar de um modo amigável e a fundo. De que ri, Senhor Chipulenko? Não será capaz de compreender isto?

O dono da casa arqueou as sobrancelhas; parecia surpreendido.

– Tenho a impressão de que bebi demais – declarou o Senhor Chipulenko, com uma ironia mordaz – e tenho o juízo um pouco emperrado. Receio que se tenha relaxado um pouco a tensão do meu cérebro.

Pralínski sentiu uma punhalada no coração.

– Não o suportaremos – disse o dono da casa, de repente, depois de uns momentos de reflexão.

– Como?! Que quer dizer com isso de… não o suportaremos? – perguntou o Senhor Pralínski, admirado perante a súbita e lacônica observação do dono da casa.

– Isso mesmo. Que não poderemos suportá-lo, muito simplesmente – ao que parece não queria demorar-se com mais explicações.

– Não compreende, por acaso, o que digo quando me refiro ao vinho novo e às pipas novas? – perguntou ironicamente Pralínski. – Pois eu lhe afianço.

Nesse instante o relógio deu meia-noite e meia.

– O que é certo é que sentamos aqui e daqui não nos mexemos nem saímos – disse, levantando-se lentamente, o Senhor Chipulenko. O Senhor Pralínski, no entanto, adiantou-se, levantando-se elasticamente da sua cadeira baixa e tirando de cima da chaminé o seu gorro de zibelina. Parecia ressentido.

– E como se dá com o seu quarto, Siemion Ivânovitch? – perguntou uma vez mais o dono da casa, enquanto acompanhava os visitantes até à porta.

– Com a casa? Hei de ver isso, hei de ver isso.

– Em todo caso não demore a avisar-me…

– Sempre falando de negócios, não? – perguntou amavelmente o Senhor Pralínski. A sua voz tornou a ser muito conciliadora. Esperava por uma resposta enquanto brincava com o gorro. Parecia-lhe que não tinham para com ele as devidas atenções.

O dono da casa tornou a arquear as sobrancelhas e calou-se, dando assim a entender que não queria reter os convidados. A seguir o Senhor Chipulenko despediu-se dele.

“Ah… bem… como quiserem… se é que não sabem o que é a delicadeza”, pensou para si o Senhor Pralínski e estendeu a mão, com a maior desenvoltura, ao dono da casa.

No vestíbulo, o Senhor Pralínski embrulhou-se na sua pele leve e cara, esforçando-se, por qualquer motivo, para não reparar na do Senhor Chipulenko, que estava já muito gasta.

– O nosso velhote parece ter ficado aborrecido por alguma coisa – disse o Senhor Pralínski ao Senhor Chipulenko, enquanto desciam a escada.

– Quê? Não me parece! – opinou o outro, tranquila e friamente.

“É de vistas curtas!”, pensou o Senhor Pralínski a respeito do seu companheiro.

Saíram para-a rua. O trenó do Senhor Chipulenko aproximou-se. O seu rosto não estava precisamente prazenteiro.

– Ó diabo! Onde se teria metido Trifon com o meu trenó? – exclamou o senhor Pralínski com impaciência, sem conseguir distinguir o seu carro.

Nem aquém, nem além… se via o trenó. O porteiro do prédio também não soube dar-lhe qualquer informação. Então perguntou a Varlam, o cocheiro de Chipulenko, o qual lhe participou que o seu colega esperara também todo o tempo, mas agora ali não estava, como ele próprio podia ver.

– Que aborrecimento! – opinou o Senhor Chipulenko. O senhor quer… que eu o leve a casa?

– Que gentalha! – exclamou furioso o Senhor Pralínski. – O malandro pedira-me licença para ir ao Lado Petersburguês assistir a um casamento, pois, segundo parece, tem uma parenta que se casava agora… O diabo a leve! E eu proibi-lhe severamente que se afastasse daqui. Aposto como foi para o casamento!

– Sim – observou Varlam – deve ter ido ao casório, mas tinha a intenção de voltar logo depois e de estar aqui à hora devida.

– Claro! Bem me queria parecer! Mas há de pagar por isso.

– Dê-lhe o senhor um par de bofetadas, como merece, e vai ver como ele se emenda e se torna mais obediente – disse Chipulenko, que fechava a capota do trenó.

– Fique descansado, Siemion Ivânovitch!

– Mas então não quer? Levava-o a casa com muito gosto.

– Não, obrigado! Boa viagem!

Chipulenko afastou-se do seu trenó, mas Pralinski foi a pé, excitado, dirigindo-se desde aquele arrabalde deserto para o centro da povoação, passando pelas pontes e tábuas.

“Deixa estar que me hás de pagar! Pois agora vou a pé para ele ficar assustado! Quando voltar há de ficar logo sabendo que o seu senhor veio a pé. Já se viu maior malandro!”

Nunca o Senhor Pralínski lançara tais maldições, no seu íntimo. Estava muito excitado e além disso tinha a cabeça um pouco estonteada. Não era bebedor, e os cinco ou seis copos de champanhe exerceram rapidamente o seu efeito sobre ele. Fazia uma noite maravilhosa, fria, clara, e de uma incomum serenidade no ar. O céu estava limpo e cravejado de estrelas. A lua cheia derramava sobre a terra torrentes de luz suave, prateada. Estava tão bonita a noite que Pralínski, passado pouco tempo, esquecera todo o aborrecimento. De repente sentiu-se admiravelmente bem disposto. É coisa sabida que os homens que beberam um pouco a mais, mudam de impressões e sentimentos com grande facilidade. Subitamente o nosso homem até as insignificantes casinhas de madeira da rua deserta achou muito agradáveis.

“Ainda bem que vim a pé – pensou consigo – será uma lição para Trifon e, para mim, um prazer. Na verdade devíamos andar mais a pé… Já encontrarei um trenó no Bolchói Próspekt. Que noite esplêndida! Que casinhas! Naturalmente quem mora nelas é gente da classe média, empregados… comerciantes, talvez… Esse Stiepan Nikifórovitch! Como são reacionários, com esses gorros de dormir!

*Oui*, gorros de dormir, *c'est le mot*[2]. Aliás é um tipo esperto; tem aquilo que se chama *bon sens*, essa excessiva e prática compreensão das coisas. E, além disso, já são velhos, velhos! Esse… ah, como se chama esse tipo… Bem, apesar de tudo não… Não o suportarão! Que quereria ele dizer com isso? Quando dizia isto parecia afundar-se em pensamentos. E, aliás, não percebeu patavina do que eu queria dizer. Não compreender uma coisa dessas! Não compreender isso é mais fácil do que compreender! O que importa é eu estar convencido, mas convencido a fundo! Humanidade… dignidade… Reintegrar os homens em si próprios… Despertar-lhes o sentimento da dignidade própria, e depois… meter mãos à obra com o material novo. Nada mais claro! Sim, sim! Com sua licença, Excelência; formulemos um silogismo: suponhamos um empregado, um pobre empregado, um homem de baixa condição, tímido. Bem, vamos ver. Quem és tu? Responde: empregado. Continuemos: empregado de que classe? Resposta: desta e daquela. És servidor do Estado? Sim, senhor. Queres ser feliz? Com certeza. Que precisas para isso? Disto e mais daquilo. Por quê? Por isto. E pronto; o indivíduo compreendeu-me logo, temos o homem na mão, isto é, lisonjeamo-lo, o indivíduo pertence-me e eu faço dele o que quiser, isto é, tendo sempre em vista o melhor para ele. Que tipo vulgar é esse Chipulenko! E que maneira de falar grosseira ele tem! "Dá lhe duas bofetadas!", foi assim mesmo que ele disse. Não, meu caro, isso fica para ti, se te agrada, mas eu não o farei; eu saberei educar o meu Trifon só com uma palavra; uma breve censura… será suficiente para ele compreender. Quanto ao que diz respeito aos castigos corporais, hum! é uma questão a resolver… Não seria melhor eu fazer agora, de passagem, uma visita a Iemieriénti! Caramba! Malditos pontões! – exclamou de repente, furioso, pois não reparara no lugar onde punha os pés e deu um tropeção. – E quer isto ser uma grande capital! Oh! Que civilização! Até uma pessoa pode quebrar a cabeça! Hum! Não posso suportar esse Chipulenko! É um tipo antipático. Riu de mim por eu ter dito que nos devíamos abraçar moralmente. Bem, e ainda que fosse assim, a ti que te importa? Não te assustes, que não vou abraçar-te a ti; preferia abraçar um camponês … Se neste momento encontrasse aqui um camponês, dirigia-lhe a palavra. Se bem que estou um pouco "tocado" e talvez não me exprimisse bem. Hum! Não tornarei a beber. Uma pessoa arrepende-se sempre no dia seguinte daquilo que disse à noite. Mas qual! Se eu

caminho tão direitinho… Mas esses tipos, só Deus sabe, são todos uns velhacos!”

Tais eram os incoerentes pensamentos que atravessavam a mente do Senhor Pralínski, enquanto se dirigia pelos pontões para casa. O arzinho fresco da noite fez-lhe bem, despertou-o, como costuma dizer-se. Mas passados cinco minutos, num momento de descuido, ia outra vez caindo. De súbito ouviu música a poucos metros do Bolchói Próspekt. Olhou à volta. Numa velha casa de madeira, de um só andar, mas ampla, que se erguia, solitária, no outro passeio, parecia celebrar-se uma festa; um violino, um rabecão e uma flauta esforçavam-se o mais possível por oferecer uma *quadrille* a pessoas que se entregavam à dança. Junto das janelas tinham-se reunido alguns espectadores, mulheres, na maioria, com capas e grandes mantilhas, que se esforçavam por ver qualquer coisa da festa por entre as frinchas das tábuas. Do outro passeio podiam ouvir-se os passos dos que dançavam. Pralínski viu ali perto um guarda noturno e dirigiu-se a ele.

– De quem é aquela casa, meu amigo? – perguntou-lhe rapidamente, baixando um pouco a gola da pele cara, o suficiente apenas para que o guarda noturno pudesse ver-lhe as condecorações.

– Do funcionário Pseldónimov, o registrador – respondeu o guarda, que reparara logo nas condecorações e adotara uma atitude rígida.

– Pseldónimov! Hum! Pseldónimov! E por que dão aquela festa? Casou, não?

– Sim, Excelência, casou hoje com a filha dum conselheiro titular. Mlekopitáiev, conselheiro titular… que foi funcionário do Estado. Esta casa agora é do genro.

– De maneira que agora é propriedade de Pseldónimov e não de Mlekopitáiev?

– Assim é, Excelência. Dantes era de Mlekopitáiev, mas agora é de Pseldónimov.

– Hum! Gostei de saber, porque eu sou o chefe dele.

– Às suas ordens, Excelência.

O guarda noturno tomou uma atitude ainda mais rígida; mas o Senhor Pralínski pareceu refletir. Parado, reconsiderava…

Sim, de fato, o tal Pseldónimov prestava serviço na sua repartição; disso não tinha dúvida. Era um modesto empregado, que recebia os seus dez rublos por mês. Como havia pouco tempo que o Senhor Pralínski estava à frente da repartição, não se lembrava bem de todos os seus subordinados; de Pseldónimov lembrava-se bem, mais não fosse por causa do nome. Desde o primeiro dia impressionara-o e por esse motivo reparara atentamente no seu dono. Evocava a imagem dum homem muito novo, com um nariz comprido e curvo, de cabelo louro, em madeixas, de uma magreza doentia, e que usava uma casaca incrível e umas calças ainda mais incríveis. Lembrava-se também de que, ao contemplar pela primeira vez a sua figura, lhe viera à ideia dar dez rublos a esse indivíduo, como gratificação da Páscoa, para que tratasse um pouco da sua indumentária. Mas como a cara do pobre homem era extremamente insignificante e tinha um olhar muito antipático, pouco a pouco esse bom pensamento foi-se extinguindo por si próprio e acabou por não dar gratificação alguma a Pseldónimov. Todas estas circunstâncias vieram aumentar o espanto de Pralínski, quando o tal Pseldónimov, uma semana antes, lhe fora pedir licença para casar. Pralínski lembrava-se que, então, não tivera tempo de informar-se mais pormenorizadamente, e que não tardara a esquecer a história do casório. Mas, apesar disso, não ignorava que Pseldónimov recebia, juntamente com a noiva, uma casa de madeira de um só andar e quatrocentos rublos. Este pormenor impressionara-o um pouco. Lembrou-se também de que fizera um trocadilho com Pseldonimov e com Mlekopitáiev. Lembrava-se muito bem de tudo isto.

O Senhor Pralínski refletia, afundava-se cada vez mais nos pensamentos. Já se sabe que, às vezes, pode atravessar-nos a mente toda uma série de considerações e de juízos, no intervalo de um segundo, por exemplo, sob a forma de sentimentos, que não são muito fáceis de explicar por palavras. Por isso não tentarei reproduzir todos esses sentimentos do nosso herói, e darei apenas a parte mais importante dos mesmos, o melhor que possa; isto é, só o mais

necessário e o mais provável, pois muitas das nossas sensações, traduzidas em linguagem humana, seriam absolutamente inverossímeis. É este também o motivo por que ninguém as percebe, embora todos as sintam. É claro que as sensações e sentimentos de Pralínski eram um pouco incoerentes, mas nós já sabemos a causa disso.

"Estou aqui tagarelando – pensou – mas quanto a ações, nada. Aqui temos o exemplo de Pseldónimov; hoje devia ter voltado da igreja animado, cheio de ilusões, contente… E o dia de hoje é um dos mais felizes da sua existência… Agora deve estar atendendo os seus convidados, em honra dos quais dá a festa… É modesto e pobre, no entanto é franco, alegre, sincero… Se ele soubesse que eu, neste momento, o seu chefe supremo, Sua Excelência, Pralínski, está aqui, ao pé da sua casa e ouve a música que tocam na sua boda … Sim, efetivamente, que aconteceria? Que faria ele se eu agora me decidisse simplesmente a entrar em sua casa? Hum! Naturalmente, a princípio havia de ficar mudo de espanto; eu ia estragar-lhe a festa, deitaria tudo a perder… Sim, seria esse o efeito que produziria a presença de qualquer outro chefe, mas não a minha… Qualquer outro seria importuno, menos eu… Sim, sim, meu querido Nikíforov. Dantes, o senhor não podia compreender-me, mas agora aqui tem um exemplo, que parece arranjado de propósito.

"Hum! Sim! Todos falamos muito de humanidade, mas de heroísmo, de ações heroicas, disso somos totalmente incapazes.

"Que vem a ser heroísmo? Bem, julguem os senhores por si próprios; no atual regime social está certo que eu, à meia-noite, me apresente em casa do meu registrador, que recebe apenas dez rublos por mês? Isso é uma loucura, representa a subversão de todas as ideias, isso é o último dia de Pompeia, um disparate. Ninguém compreenderia uma coisa dessas. Ele bem dizia: não poderemos suportar. Bem, mas esse plural refere-se aos senhores, não a mim; os senhores são seres paralisados, estagnados, mas eu posso suportar! Eu transformarei o último dia de Pompeia no dia mais feliz do meu subordinado, e este passo inaudito vai se converter num ato normal, patriarcal, elevado e moral. Como? Já vão ver. Atenção… bem, suponhamos que… eu apareço ali. A princípio ficam admirados,

assustados, suspendem o baile, põem-se a olhar para todos os lados, sobressaltados, e recuam diante de mim. Ótimo; mas eu adianto-me, dirijo-me ao assustado Pseldónimov e digo-lhe, com o mais amável dos sorrisos: 'Pois estive esta noite em casa de Sua Excelência, o Senhor Nikíforov, aqui perto…'. E depois conto-lhe, em tom de zombaria, a história do episódio que me aconteceu com Trifon, e em seguida explico-lhe como resolvi fazer o trajeto a pé… Quando de repente ouvi música, perguntei ao guarda noturno e soube por ele que o senhor, meu amigo, casara hoje. E que, então, dissera para comigo: 'Ó homem, deves ir até lá, deves ver por ti mesmo como os teus subordinados se divertem e… se casam. Espero que o senhor não me expulsará!'. Ah, ah! Expulsar-me, um subordinado! Calculo que deve perder a cabeça, começará a revolver todas as cadeiras para oferecer-me um lugar, tremerá de gozo e continuará sempre no maior assombro… Bem, pode haver qualquer coisa mais simples e mais distinta do que realizar um ato desses? Se me perguntas por que é que eu entrei… Ah! Isso é outra questão! Isso é o aspecto moral do caso… Hum! Em que estava eu pensando? Ah, sim!

"Hão de, com certeza, apressar-se a mostrar-me ao hóspede mais distinto, algum conselheiro titular ou algum parente, algum capitão reformado com o nariz vermelho como um pimentão… Gógol descreveu admiravelmente esses tipos. Bem, naturalmente hão de apresentar-me também a noiva e eu serei pródigo nos meus elogios, e distrairei os convidados, peço-lhes que não se incomodem por minha causa e que recomecem o baile; vou me permitir algumas graças, enfim, serei encantadoramente amável para com todos. Sou sempre encantadoramente amável quando estou satisfeito comigo próprio. Hum! Sim, é isso, estou um pouco 'tocado' mas… Será desnecessário dizer que, como *gentleman* que sou, vou tratá-los a todos de igual para igual e não lhes exigirei absolutamente nada… Mas, moralmente, moralmente… isso é outra coisa; eles hão de compreender e saberão avaliar… A minha ação há de despertar nele sentimentos nobres… Estarei lá uma meia hora… Por mim, estaria até uma hora. Até uns momentos antes da ceia; é claro que hão de fazer todo o possível por me reter, vão me pedir muitas vezes que fique a fazer-lhes companhia; mas eu apenas levantarei a minha taça, a fazer um brinde e agradecer-lhes a ceia, que não posso aceitar. Vou dizer, muito simplesmente, que

tenho um trabalho urgente. Estas palavras serão suficientes; depressa todos ficarão muito sérios e respeitosos. E ao mesmo tempo darei a entender assim, da maneira mais delicada, que eu e eles… somos duas coisas totalmente diferentes, como o dia da noite. Isto é o que eu penso, mas não direi, por… embora, apesar de tudo se deva… em sentido moral é até imprescindivelmente necessário, por mais objeções que possam formular-se. Aliás, posso começar logo a rir, posso até rir às gargalhadas, com o que todos recuperarão o à vontade… Direi também umas gracinhas à gente nova. Hum! Poderia até insinuar que dentro de um determinado número de meses voltaria ali como padrinho, ah! ah! O casal, então, havia de fazer resolutamente todo o possível para trazer ao mundo um Pseldónimuchka dentro do prazo marcado. Essa gente multiplica-se como os cogumelos. Bom, naturalmente, todos rirão; a noiva há de ficar corada como uma romã, e, eu, então, dou-lhe um terno beijo na fronte e a minha bênção… e amanhã, na repartição saberão todos do meu heroísmo. No dia seguinte voltarei a recuperar a minha severidade, o meu espírito exigente, o meu autoritarismo implacável; no entanto saberão quem eu sou. Conhecerão o meu fundo, a minha verdadeira natureza íntima. Dirão… 'Como chefe, é severo, mas como homem é… um anjo!' E, nesse caso terei vencido; com uma simples ação que nada tem de especial, terei ganho o coração de todos; ficarão dedicados; eu serei o seu pai e eles os meus filhinhos… Bem, Excelência Stiepan Nikifórovitch, experimente o senhor fazer uma coisa parecida, pelo menos uma vez…

"E já se sabe que Pseldónimov não deixará de contar aos filhos e aos netos como Sua Excelência assistiu em pessoa ao seu casamento. E os netos vão contar também aos bisnetos, à maneira de uma sacrossanta tradição familiar, como o dignitário, o grande estadista que eu devo vir a ser, se dignou, noutro tempo, honrar com a sua presença, etc., etc. Isto equivaleria verdadeiramente a levantar um decaído moral, reintegrá-lo, por assim dizer, em si próprio… Razão para eu repetir o mesmo umas cinco vezes, ficaria popular sem… Teria um lugarzinho em todos os corações e vai saber o que para mim pode resultar de tudo isso, para o futuro, o que pode vir dessa popularidade…"

Era isto, pouco mais ou menos, que o Senhor Pralínski pensava. (Que não pensa um homem, às vezes, sobretudo quando se encontra num estado de espírito um pouco estranho!) Todos esses pensamentos atravessaram a sua mente, talvez no espaço de um escasso meio minuto, e naturalmente teria ficado satisfeito com aquelas fantasias e a imaginada confusão de Nikíforov, e teria ido deitar tranquilamente em casa… se estivesse no seu estado normal. Mas quis a sua desventura que nesse momento se encontrasse num estado de espírito um tanto estranho.

Como de propósito, viu de repente na sua frente, naquele momento decisivo, os rostos satisfeitos de Nikíforov e de Chipulenko.

– Isso não suportaremos! – repetia Stiepan Nikifórovitch com um sorriso altivo.

– Ah, ah, ah! – apoiava-o Siemion Ivânitch, com o seu risinho horrível.

– Ah, sim? Pois vão ver. Vou demonstrar-vos imediatamente como eu suporto – disse resolutamente o Senhor Pralínski, e até confundiu um pouco os seus raciocínios.

Deixou os pontões e, com um passo firme, atravessou a rua em direção à casa do seu subordinado, o registrador Pseldónimov.

A sua estrela guiava-o. Atravessou alegremente o portal e deu um pontapé, com desprezo, num cãozinho lanudo que se atirou às suas pernas, mais por cumprir o seu dever do que por outra coisa. Continuou caminhando, muito contente, pelas tábuas que conduziam à porta do andar, avançou, sempre de bom humor, subiu os três degraus de madeira que formavam uma espécie de guarita por debaixo de um pórtico e entrou depois num aposento lamentavelmente pequeno. É verdade que, aí, num canto, ardia uma espécie de luz ou lanterna colorida, mas isso não impediu que o Senhor Pralínski, que estava de galochas, tropeçasse com o pé esquerdo numa bacia de geleia que tinham posto ali para esfriar. Preocupado, o Senhor Pralínski agachou-se para olhar o soalho branco e reparou com espanto no que acontecera. Ao mesmo tempo observou

também que ali ao lado havia dois cestos com coisas de comer e duas formas de bolos, provavelmente de *blanc manger*. O fato de ter pisado a geleia desconcertou-o um pouco e durante um segundo deteve-se a reconsiderar se não faria melhor em retirar-se de mansinho e sair daquela casa. Mas repudiou essa ideia como uma covardia. Disse para si próprio que ninguém ainda o vira e que, portanto, ninguém iria atribuir-lhe o percalço. Limpou rapidamente as galochas a fim de esconder todas as provas; tateou a porta forrada de felpa, procurando a tranqueta. Abriu-a e entrou num pequeno vestíbulo. Uma metade deste estava ocupada por capas, peliças, sobretudos, mantéus, regalos de peles e galochas, tudo numa desordem; na outra estavam instalados os músicos; dois violinos, uma flauta e um rabecão, ao todo quatro indivíduos. Estavam sentados à volta de uma pequena mesa de madeira sem polimento, sobre a qual ardia uma vela de sebo, e tocavam aquilo que pareceu ao recém-chegado a última da *quadrille*. Pela porta aberta podiam ver-se os dançarinos na sala, revoluteando por entre nuvens de pó, fumo e emanações. Reinava ali um alegre à-vontade. Ouviam-se risos, gritos e guinchos femininos. Os homens batiam com os pés no chão como um esquadrão de cavalaria, e acima daquela barafunda sobressaía-se a voz do mestre-sala, que, segundo parecia, era um indivíduo simples, com a casaca abotoada: *avancez, messieurs, chaîne de dames, balancez*![3], etc., etc. O Senhor Pralínski, um pouco animado, tirou a pele dos ombros, descalçou apressadamente as galochas e, de gorro na mão, entrou na sala. Diga-se de passagem que já perdera a capacidade de reflexão.

No primeiro momento não reparou em ninguém; todos dançavam a *quadrille* que estava por terminar, no estilo de valsa ou num violento *galop*. Pralínski estava de pé, aturdido, e não podia distinguir nada no meio daquela confusão. Vestidos claros de mulheres, fraques e casacas, homens de cigarro entre os dentes, volteavam diante dos seus olhos e, de entre eles, esgueirou-se apressadamente uma senhora, batendo-lhe no nariz com a ponta da sua comprida faixa esvoaçante, de um azul claro. Ficou entusiasmado quando um estudante lhe deu um forte encontrão. Depois começou a andar à volta dele um oficial que era mais comprido do que uma versta. Alguém gritou com uma voz estentória, no meio da algazarra geral:

– E… e eh, Pseldónimuchka!

Pareceu ao Senhor Pralínski que as solas das suas botas se lhe pegavam ao chão, que estava encerado ou parafinado. Nessa sala que, aliás, nada tinha de pequena, dançavam umas trinta pessoas.

Passado um minuto, a *quadrille* terminou, e quase no mesmo instante aconteceu precisamente aquilo que o Senhor Pralínski imaginara, quando caminhava sobre as pontes. Entre os convidados, que não tinham tomado fôlego nem enxugado o suor do rosto, produziu-se de súbito um rebuliço inesperado. Todos os olhos, todos os rostos se voltavam para olhar o novo hóspede, com mostras de sobressalto. E ao mesmo tempo iniciou-se uma retirada geral, todos se puseram a andar para trás, como caranguejos. Aqueles que ainda o não tinham visto, os outros puxavam-lhes pela roupa, para prevenilos. O Senhor Pralínski continuava de pé, diante da porta, e não se atrevia a adiantar um passo. Entre ele e os convidados ia ficando um espaço cada vez maior, até que, por fim, metade da sala acabou por ficar vazia, apenas com os montes de cigarros e os cartuchos de doces que enfeitavam o chão, pacificamente. Nesse instante, de entre a massa compacta das pessoas adiantou-se timidamente um jovem que trazia um casaco de passeio e que avançou pelo espaço vazio; tinha o cabelo louro, em madeixas, e o nariz curvo. Aproximou-se com hesitação; fez duas reverências seguidas e depois ficou olhando para o intruso, tal como um cachorrinho se aproxima do dono, arrastando-se, de cauda entre as pernas, para receber o castigo merecido.

– Boa tarde, Pseldónimov, não me conhece? – disse o Senhor Pralínski.

E, no mesmo momento percebeu que dissera aquilo desajeitadamente e que talvez estivesse fazendo uma tolice.

– Sua… Ex…celência – murmurou Pseldónimov.

– Sim; eu, Sua Excelência… sou o próprio, meu amigo, que vim à sua casa por casualidade, como devem calcular…

Pseldónimov não podia imaginar nada. Estava estupefato, com os olhos desmesuradamente abertos, diante do seu chefe, e no seu pálido

rosto apenas se refletia o desgosto da incompreensão total.

– Suponho que não vai expulsar-me… Quer agrade quer não, é sempre preciso receber um hóspede – continuou Pralínski, enquanto voltava a ter a impressão de que estava comovido até uma fraqueza indecorosa, de que queria rir e não podia, e cada vez se tornava mais impossível a sua intenção de contar em tom humorístico o que lhe acontecera com o cocheiro.

Pseldónimov continuava rígido de assombro, sem se mexer, devorando-o com os olhos estupidificados. Pralínski estremeceu e disse: “Daqui a pouco acontece qualquer coisa extraordinária”.

Pseldónimov tornou a si.

– Excelência, por favor, tenha a bondade! – balbuciou, por entre novas reverências.

– Contanto que não venha incomodá-los… pois, nesse caso, posso me retirar imediatamente, é claro – disse quase mecanicamente e na comissura direita da boca tremeu-lhe um nervinho.

Pseldónimov recuperara já o juízo.

– Excelência, conceda-me a… honra – balbuciou por entre novas reverências – de tomar assento.

E, mais recomposto da sua primeira comoção, apontou de repente com as duas mãos o sofá que, sem ter nenhuma mesa próximo, estava encostado à parede, para que não estorvasse os pares de bailarinos.

O Senhor Pralínski respirou fundo e deixou-se cair no sofá, esgotado. Imediatamente um dos presentes se apressou a pôr de novo no lugar a mesa encostada à parede. Pralínski lançou uma breve vista de olhos à sua volta e observou que, exceto ele, ninguém estava sentado na sala; até as senhoras se achavam de pé. Isso era um mau sinal. Não era ocasião para animar a assistência. Os convidados continuavam de pé, tímidos, apertados uns contra os outros, e à frente deles continuava Pseldónimov, curvado como um gancho, sem conseguir compreender o que sucedia e sem vontade de sorrir. Era

simplesmente vergonhoso, ou, por outras palavras: nesse momento o nosso herói sofria tanto, que aquele seu gesto digno de Harum Al-Raxid[4] podia considerar-se verdadeiramente como uma ação heroica. De repente apareceu ao lado de Pseldónimov uma figura que fez também a Pralínski duas reverências, uma a seguir à outra. Pralínski reconheceu naquele homem, com uma alegria indescritível e até para sua felicidade, o jovem secretário da sua repartição, Akim Pietróvitch Zúbikov, ao qual não conhecia nesse aspecto das relações sociais, mas apenas como empregado discreto e laborioso. Ficou imediatamente contentíssimo e estendeu a mão bem aberta a Zúbikov. Zúbikov apertou-a discretamente, com o maior respeito. Sua Excelência triunfava; estava tudo salvo.

De fato, agora, Pseldónimov já não era a segunda mas a terceira pessoa. Pralínski podia entabular conversa discretamente com Zúbikov, tratá-lo, em caso de necessidade, como a um amigo, inclusive como a um amigo íntimo, enquanto Pseldónimov podia calar-se ou tremer conforme lhe apetecesse. A honra estava salva. Mas Pralínski sentia absolutamente necessário relatar o caso do cocheiro; via que todos esperavam alguma coisa, que todos os criados da casa assomavam às portas e que já se apinhavam quase uns sobre os outros para o verem e ouvirem melhor. A única coisa desagradável era que o estúpido do secretário não se resolvesse a sentar.

– Mas sente – disse o Senhor Pralínski, e apontou-lhe um pouco desajeitadamente um lugar junto de si, no sofá.

– Eu… eu… eu… eu… não me demoro muito aqui – balbuciou Akim Pietróvitch Zúbikov, confuso.

E sentou resolutamente numa cadeira que Pseldónimov lhe pôs ao alcance, o qual, por seu lado, não se atrevia a sentar.

– Imaginem os senhores o que acaba de acontecer-me – começou o Senhor Pralínski, a voz ainda pouco firme, mas sempre amável, dirigindo-se exclusivamente a Akim Pietróvitch.

Espaçava o mais possível as palavras, acentuava lentamente as sílabas e transformava os “ais” em “eis”, enfim, sentia e compreendia que não se exprimia com naturalidade; mas não podia conter-se. E

reconhecia e compreendia, sobretudo naquele instante, muitas coisas que o faziam sofrer duplamente.

– Ora imagine: venho de casa de Stiepan Nikifórovitch, o conselheiro secreto, do qual, naturalmente, já tem ouvido falar…

Zúbikov inclinou respeitosamente todo o busto, como se quisesse dizer: “Com certeza, Excelência!”.

– É agora seu vizinho – continuou Pralínski.

E voltou-se para Pseldónimov, mas desviando em seguida o olhar, pois apenas conseguira ver nos olhos de Pseldónimov como tudo aquilo lhe era indiferente.

– A aspiração de toda a sua vida era comprar casa… Pois bem, agora, felizmente, já a comprou. Uma casinha muito bonita… sim… e lembre-se também que é o seu aniversário, o que desta vez não nos ocultou, como costuma fazer, tal a sua alegria pela aquisição da chácara. Bem; pois como ia dizendo, foi por causa disso que nos convidou, a Siemion Ivânovitch, e a mim. A Siemion Ivânovitch já o senhor conhece: é Chipulenko.

Zúbikov tornou a fazer outra reverência respeitosa com todo o busto e, para dizer a verdade, a fez com muito exagero. O Senhor Pralínski ficou um pouco mais tranquilo, pois já receava que o seu subordinado, o secretário, pudesse adivinhar que era ele o único ponto de salvação de Sua Excelência. Isso seria lamentável.

– Bem; pois estávamos nós ali sentados, bebendo champanhe e falando de assuntos governamentais… disto e daquilo… de diversos problemas… até que acabamos por entrar numa discussão. Ah, ah!

Zúbikov fez uma expressão do maior respeito.

– Mas não é disso que se trata agora. Despedi-me dele, finalmente, pois os senhores sabem que Stiepan Nikifórovitch é um homem muito morigerado e à meia-noite e meia em ponto mete-se logo na cama… Bem, é preciso ver que o homem já é velhote. Saio de casa… e do meu cocheiro, Trifon, nem a sombra. Ando daqui para ali,

faço perguntas e vim a saber que ele, pensando que eu podia demorar-me mais em casa do conselheiro, resolve ir até ao copo-d'água de casamento de uma parenta, ou duma irmã… que mora não sei onde, no Lado Petersburguês; claro, escusado será dizer que levou também o trenó.

Sua Excelência tornou a olhar cautelosamente para Pseldónimov, o que deu ocasião a que este fizesse outra reverência; mas não de maneira como sua Excelência a desejava, porque pensou para consigo:

"Este tipo não tem coração!"

– Oh, será possível? – exclamou Akim Pietróvitch Zúbikov, profundamente comovido.

Um estremecimento de assombro se produziu na massa compacta dos outros convidados.

– Não é verdade? Pois ponha-se no meu lugar…

O Senhor Pralínski passeou o seu olhar interrogativo por todos os presentes.

– É claro, como não me restava outro recurso, optei por vir a pé. Quando chegasse ao Bolchói Próspekt, encontraria ali, certamente, um trenó… He, he!

– Hi, hi, hi! – repetiu Zúbikov, como num eco, consciente do seu dever.

E outra vez correu um murmúrio por entre a assistência apinhada. Nesse instante saltou, com um estalido agudo, o vidro do candeeiro. Imediatamente alguém se aproximou para ver o que sucedera e se havia maneira de remediar o percalço. Pseldónimov estremeceu e lançou um olhar severo para a chaminé do candeeiro; mas Sua Excelência não reparou no incidente e assim todos ficaram logo tranquilos.

– De maneira que vim a pé… Está uma noite admirável, sem vento. Mas, eis que de repente ouço música de dança. Informo-me pelo guarda noturno e este comunica-me que Pseldónimov celebra o

seu casamento. Meu amigo, a sua festa ouve-se em todo Petersburgo! Ah, ah, ah!

– Hi, hi, hi! Lá isso é verdade – opinou também Zúbikov.

Os convidados cochichavam e começavam também a agitar-se: a única coisa aborrecida era aquele estúpido de Pseldónimov não sorrir sequer perante aquela graça e, em vez disso, voltava às já sabidas reverências… que faziam com que parecesse um boneco de pau. “Este indivíduo parece autênticamente parvo – pensou, com admiração, Sua Excelência. – Se este idiota risse um pouco, estava o caso resolvido.” O coração palpitava-lhe de impaciência.

– Alto! – disse para comigo. – Por que não fazes uma visita ao teu subordinado? Quer lhe agrade, quer não, com certeza não vai pôr-me na rua… Por isso, desculpe-me, meu amigo. É claro que se os vim aborrecer, vou-me embora o mais cedo possível e em boa paz… Verdadeiramente, eu vim só…

Mas, pouco a pouco, começara a notar-se um certo movimento entre os indivíduos. Zúbikov sorria como se quisesse dizer: “Por amor de Deus, como é que Vossa Excelência podia incomodar!”. E os outros convidados davam também já indícios de maior confiança. As senhoras haviam-se sentado quase todas, o que era na verdade, um bom sinal. As mais ousadas até se abanavam com os lenços. Uma delas, que trazia um vestido de veludo já gasto, pronunciou deliberadamente algumas palavras em voz alta. O oficial a quem eram dirigidas ia também para responder-lhe em voz alta, mas como eram eles dois os únicos corajosos, não chegaram a realizar o seu propósito. Os cavalheiros, na maioria funcionários do Estado, mais dois ou três estudantes, trocavam olhares entre si, como se pretendessem animar-se mutuamente para fazer qualquer coisa, embora limitando-se, por então, a desentorpecer ou mudar o pé em que se apoiavam, como se quisessem movimentar-se um pouco. No fundo, ninguém estava intimidado; havia apenas um pouco de desconfiança e, falando com propriedade, todos lançavam olhares hostis àquele infeliz que viera estragar-lhes a festa. O oficial, que acabou por se envergonhar da sua pusilanimidade, fez das tripas coração e aproximou-se um pouco da mesa.

– Ah, meu amigo! Dê-me licença, era capaz de ter a bondade de dizer-me o seu nome e patronímico? – perguntou Pralínski, dirigindo-se a Pseldónimov.

– Porfíri Pietrov, Excelência – respondeu imediatamente, como se se tratasse de uma questão de serviço.

– Pois bem, Porfíri Pietrov, por que não me apresenta sua esposa? Leve-me até junto dela… mas eu…

E mostrou a intenção de levantar logo do sofá. Assim que reparou nisso, Pseldónimov lançou-se como uma bomba para o quarto contíguo. A noiva estava junto da porta; e quando percebeu que falavam dela, escondeu-se. Mas isso de nada lhe valeu e, um minuto depois, Pseldónimov aparecia na sala trazendo-a pela mão. Imediatamente todos se afastaram para lhes dar passagem. Sua Excelência ficou em pé solenemente e, dirigindo-se com um amável sorriso à recém-casada, disse:

– Tenho um prazer especial em conhecê-la – fez uma reverência elegantíssima e acrescentou – sobretudo tratando-se de um dia como o de hoje, etc., etc.

Sorriu, zombeteiro. As senhoras mostravam uma agradável animação.

– *Charmant* – disse quase em voz alta a dama de vestido de veludo, que parecia ter sido comprado em quarta mão.

A recém-casada era digna do marido. Era uma jovem pequenina e débil, de uns dezesseis anos, rostinho pálido, no qual se destacava um narizinho pontiagudo. Os seus olhinhos fitavam, sem indícios de perturbação e, pelo contrário, com grande fixidez e até com certa hostilidade, o superior amável. Ostentava um vestido de noiva, de musselina branca, sobre um fundo cor-de-rosa. Tinha um pescoço extremamente fino e o corpo parecia o de um frango. Não conseguiu encontrar nada para responder às amabilidades de Sua Excelência.

– Não posso deixar de felicitá-lo pelo seu bom gosto – disse Pralínski a meia-voz, ao seu subordinado, mas bastante alto para que a

moça pudesse ouvi-lo.

Pseldónimov respondeu àqueles cumprimentos apenas com o silêncio, de tal maneira que, dessa vez, se esqueceu de fazer a reverência, nem sequer se mexeu. Pareceu de repente ao Senhor Pralínski que dos seus olhos saía algo frio, para não dizer hostil. E, no entanto, empenhou-se em provocar o desejado estado de espírito. Para isso entrara.

"Um lindo par! – pensou consigo. – Embora, no fim de contas…"

E voltando-se outra vez para a recém-casada, sentada junto dele no sofá, pôs-se a falar-lhe, sem conseguir tirar dela outra coisa senão "sim" ou "não" e às vezes nem isso.

"Se ao menos se perturbasse – pensou, furioso. – Nesse caso poderia gracejar com ela. Mas, assim, isto é um beco sem saída."

Zúbikov também estava calado e, embora o fizesse por necessidade, de toda a maneira era imperdoável.

– Mas, minhas senhoras e meus senhores! Teria eu vindo estragar-lhes a festa? – disse, dirigindo-se a todos os convidados. Sentia agora que até as mãos lhe secavam.

– Oh, não, Excelência! Vamos recomeçar imediatamente o baile, por agora estamos descansando um pouco – respondeu-lhe o tal oficial esgalgado, no qual a recém-casada pousava os olhos com agrado; ainda não era velho e trazia uma farda de qualquer regimento. Pseldónimov continuava impassível e parecia que o nariz recurvo se lhe tornava cada vez mais comprido. Estava ali de pé, escutando tudo, como um criado, com peles e capas no braço, escuta o que lhe dizem os senhores quando vão sair. Foi esta a imagem que veio à ideia do Senhor Pralínski ao contemplar insistentemente o seu subordinado. Sim, o nosso herói sentia-se muito à vontade, sentia que perdia terreno, sentia que se metera numa meada de que já não conseguia desvencilhar-se.

Entretanto os convidados apinhavam-se na rua, junto da porta,

com o fim, segundo parecia, de dar passagem a alguém; e, de fato, apareceu depois uma senhora de idade, de mediana estatura, bastante forte, vestida com simplicidade, com um lenço atado debaixo do queixo, e com o qual cobria também os ombros, mas que não parecia estar acostumada a usar a coifa com que adornava a cabeça. Segurava nas mãos uma bandeja redonda, na qual se viam uma garrafa de champanhe cheia, mas já desarrolhada, e duas taças, duas apenas. Parece que haviam comprado a garrafa apenas para duas pessoas.

A velha aproximou-se do conselheiro.

– Tenha a bondade, Excelência – disse, depois de uma saudação e de uma reverência. – Já que teve a amabilidade de assistir pessoalmente à boda de meu filho, também lhe agradeceríamos se tivesse a gentileza de brindar pelos noivos, aceitando uma taça de champanhe. Não nos negue isso, dê-nos essa honra.

Esta velha pareceu ao Senhor Pralínski um anjo salvador.

Não era ainda verdadeiramente uma velha, pois não teria mais de uns quarenta e cinco a quarenta e seis anos, mas mostrava um rosto tão bonacheirão, tão fresco, tão redondo e franco, tão russo, enfim; sorria com tanto gosto e cumprimentara-o com tanta simplicidade que o Senhor Pralínski tornou a sentir coragem.

– De maneira que a senhora… é a mãe? – perguntou, levantando.

– Sim, Excelência, é a minha mãe – confirmou Pseldónimov, esticando ainda mais o pescoço comprido e alongando também ainda mais o nariz recurvo.

– Ah, felicito-o muito, muito!

– Pois dê-nos essa honra, Excelência.

– Com o maior prazer, minha senhora.

A mulher colocou a bandeja sobre a mesa e Pseldónimov apressou-se a deitar o vinho. O Senhor Pralínski pegou na taça.

– Regozijo-me muito, regozijo-me de maneira especial pela

oportunidade – começou – que tenho, nesta ocasião… Enfim, de poder, como chefe, demonstrar a minha benevolência… Que seja muito feliz, minha senhora – disse, dirigindo-se à noiva – e o senhor também, meu caro Porfíri. Desejo a ambos uma longa e completa felicidade.

Levantou a taça e esvaziou-a de um trago, com um profundo sentimento. Era a sétima que bebia naquela noite. Pseldónimov olhava para ele, sério e aborrecido, e Sua Excelência sentiu que ele começava a não gostar da sua presença.

– E o senhor também, Akim Pietróvitch, faça o favor de beber também à saúde dos noivos – disse a velha encarando o secretário. – O senhor é o seu chefe, proteja o meu filho, é uma mãe que pede. E também não se esqueça de nós, meu amigo; já sabemos como é bondoso, Akim Pietróvitch.

"Como são encantadoras estas velhotas russas! – pensou consigo o Senhor Pralínski. – Deu uma grande alegria a todos… Hum! Eu sempre disse que tudo quanto é popular me encanta…"

Naquele instante pousaram outra bandeja em cima da mesa; foi colocada por uma criada que trazia um vestido de indiana, ainda cheio de goma, com um folho de crinolina, mas que mal podia segurá-la… pois sobre ela via-se um sem-número de bandejas, pratos e cestinhos com maçãs, doces, marmelada, tortas, nozes, etc. Essa bandeja estivera até essa altura num quarto contíguo, à disposição dos convidados, sobretudo das senhoras. Mas agora vinham apresentá-la ao convidado de honra.

– Não nos envergonhe, Excelência, é tudo o que podemos oferecer-lhe! Contentamo-nos com o que temos – tornou a velha a dizer-lhe.

– Mas, pelo amor de Deus! – exclamou o Senhor Pralínski.

E tirou uma noz da bandeja, com evidente prazer, a qual partiu entre os dedos. Estava decidido a ser popular até ao fim.

De repente, a noiva soltou uma gargalhada, ao seu lado.

– Que aconteceu? – interrogou o Senhor Pralínski, sorrindo, muito contente, devido àquele insuspeitado sinal de vida.

– Hi, hi! Foi Ivan Kasténkinitch, que tornou a dizer-me gracinhas – respondeu-lhe a moça, de olhos baixos.

O Senhor Pralínski reparou, de fato, num rapaz bem apessoado, louro, sentado numa cadeira, junto do sofá, meio escondido por detrás do espaldar e da jovem esposa de Pseldónimov, à qual dizia qualquer coisa em voz baixa. Depois, o rapazote levantou. Parecia muito tímido e mal saído da adolescência.

– Só lhe disse uma coisa do livro dos sonhos, Excelência – declarou, como a desculpar-se.

– Que livro de sonhos é esse? – perguntou o Senhor Pralínski, inclinando-se.

– Um novo que saiu agora, muito bem escrito. Eu estava dizendo-lhe que, se uma pessoa vê em sonhos o Senhor Panáiev, é sinal de que o café se lhe vai entornar sobre a camisa.

“Que bela ingenuidade!”, pensou consigo o Senhor Pralínski, furioso.

De fato, o rapazinho ficara muito corado ao dar aquela explicação; mas, ao mesmo tempo, mostrava-se inacreditavelmente vaidoso da sua inteligência.

– Sim, é verdade, já ouvi falar desse livrinho – declarou Sua Excelência.

– E o mais engraçado é que – disse de repente uma voz diferente, mesmo por cima do Senhor Pralínski – vão publicar um novo dicionário, e dizem que o Senhor Kroievski se encarregará de escrever nele artigos polêmicos.

Quem dizia isso era outro jovem, que não mostrava a menor perturbação, pelo contrário, exibia certo aprumo e desenvoltura. Trazia luvas e colete brancos e não largava o chapéu das mãos. Não dançava mas marcava o compasso, e olhava os outros convidados por

cima do ombro, pois era já colaborador de um jornal satírico – *O Cogumelo* – e assistia à festa como convidado de honra. Ingerira bastante vodca e, por causa disso, fazia frequentes visitas a uma sala de arrumações, cujo caminho nenhum dos demais convidados ignorava. Sua Excelência não lhe achou muita graça.

– E isso é tão cômico – interrompeu-o de repente, muito alegre, o jovenzinho louro que exibia a camisa, e que olhava com olhos de raiva para o colaborador – tão terrivelmente cômico, porque o editor procede como se o Senhor Kroievski não estivesse muito a par da ortografia e acreditasse de fato que, em vez de polêmico, se deve escrever "palérmico"…

O pobre rapaz quase nem pôde acabar de comunicar todo o seu pensamento. Verificou, pelos olhares dos seus ouvintes, que contava uma história sovada, pois Sua Excelência parecia também confuso, e isso, naturalmente, só podia derivar do fato de ele conhecer também já há muito tempo a historieta. O moço sofreu uma vergonha terrível; desapareceu, como pôde, na primeira oportunidade, e ficou toda a noite muito melancólico. Então o colaborador de *O Cogumelo* aproximou-se mais de Sua Excelência e parecia disposto a sentar junto dele. Mas uma aproximação tão amável afigurou-se um pouco incomodativa ao Senhor Pralínski.

– Ah! Queria dizer-lhe uma coisa, Porfíri Pietrov – começou, dirigindo-se de repente àquele só para dizer qualquer coisa. – Há algum tempo queria lhe perguntar… por que se chama Pseldónimov e não Pseudónimov? Pois o que é certo e que o seu nome soa como Pseudónimov.

– Sinto muito não poder explicá-lo, Excelência – respondeu o aludido.

– Pode ser que tenham trocado o nome noutro tempo, talvez quando o seu pai entrou para o serviço, ao escrevê-lo nos papéis – observou Akim Pietróvitch Zúbikov. – Às vezes, isso acontece.

– Com cer… te… za – disse Sua Excelência apanhando aquela ideia no ar. – Com certeza. E se não, veja: Pseudónimov poderia derivar-se do termo literário "pseudônimo". Mas Pseldónimov, que

significa? Absolutamente nada.

– É um disparate – acrescentou inesperadamente Zúbikov. – Que quer dizer com isso de disparate?

– O povo, aqui, na Rússia, costuma trocar as letras por pura estupidez, e, sobretudo, pronuncia as palavras estrangeiras à sua maneira. Assim, por exemplo, diz “neválido”, quando deveria dizer inválido.

– Ah, sim, “neválido”! He, he, he!

– Também costuma ouvir-se muitas vezes “múmero”, Excelência – acrescentou o oficial esgalgado, que havia já algum tempo estava ansioso por meter-se também na conversa e evidenciar-se.

– “Múmero”?

– Sim, em vez de número, Excelência.

– Ah, sim, “múmero”, em vez de número… é verdade… He, he, he! – Sua Excelência viu-se obrigado a aplaudir o oficial, que ficou muito ufano.

– E o povo também diz “dispois” – disse, imiscuindo-se na conversa o colaborador de *O Cogumelo*.

Mas Sua Excelência fez que não ouviu a observação. Não podia rir-se de todas as graças.

– “Dispois”, em vez de depois – repetiu o colaborador, visivelmente magoado.

Sua Excelência lançou-lhe um olhar severo.

– Por que te metes na conversa? – disse-lhe Pseldónimov em voz baixa.

– Então eu não posso falar? – respondeu-lhe o outro também em voz baixa.

Mas não insistiu e saiu da sala com um íntimo mau humor.

Dirigiu-se outra vez para o quarto das arrumações no qual tinham posto para que os cavalheiros se refrescassem, uma mesinha coberta com um pano feito em Iaroslav, e sobre a qual se viam duas qualidades de aguardente[5], arenques, pãezinhos com caviar e, além disso, uma garrafa de Xerez muito forte, procedente de uma taberna russa. Encolerizado, encheu um pequeno copo, e, de repente, como um pé-de-vento, entrou nesse quarto o estudante de medicina, que se apoderou da garrafa e encheu outro copo.

– O baile vai recomeçar – disse o tal estudante, que era o melhor dançarino do copo-d'água de Pseldónimov. – Vem ver: vou dançar uma sozinho, sobre as mãos, de pernas para o ar, e depois de comer atiro-me a um peixão. Isto fica muito bem num copo-d'água; uma brincadeira amável para o nosso bom amigo Pseldónimov… Famosa mulher, essa Kleópatra Siemiônovna. Com ela, uma pessoa pode atrever-se a tudo.

– É um reacionário – disse em tom lúgubre o colaborador.

– A quem te referes?

– Ora, a esse figurão, ao qual fazem tantos salamaleques. Um reacionário da gema, acredita naquilo que eu te digo.

– Ah, sim! – exclamou o estudante com indiferença.

E saiu do quarto como um pé-de-vento, pois começavam já a ouvir-se os primeiros compassos da quadrilha.

O colaborador, assim que ficou só encheu outro copo ainda maior, para ver se se animava um pouco. Pegou depois num *sandwich* de caviar… e nunca o conselheiro secreto Pralínski teve inimigo mais terrível e implacável do que o colaborador de *O Cogumelo*, que ele desprezara, sobretudo depois que este acabou de embutir o segundo copo de aguardente. Simplesmente, oh, que dor! o Senhor Pralínski nem sequer suspeitava disso. Como ignorava também outra circunstância importante, mas que havia de exercer um influxo pernicioso nas relações ulteriores dos convidados com Sua Excelência. A coisa resumia-se a que a explicação que este dera, da razão por que fizera aquela visita ao seu subordinado, não satisfizera ninguém, e os

convidados continuavam receosos ou, pelo menos, sentiam certa inquietação. Mas, de repente, como por artes mágicas, todos mudaram de disposição. Recuperaram a tranquilidade e puseram-se outra vez a dançar, e a rir, e a falar em voz alta, tal como se o inesperado visitante não tivesse estado ali. A causa dessa mudança era o boato que se espalhara de que o tal hóspede não tinha nada de pacato. E embora este boato parecesse a mais espantosa calúnia, foi pouco a pouco achando crédito entre os convidados, e todos acabaram por aceitá-lo como uma verdade incontestável. E daí todos prescindiam já de cortesias. Nesse momento principiou a última *quadrille*, anterior à ceia.

Precisamente quando o Senhor Pralínski se dispunha a dirigir a palavra à noiva, surgiu de imprevisto o oficial esgalgado e, sem mais aquelas, sentou a moça em cima dum joelho. Ela levantou logo e afastou-se com ele, muito contente, para ir colocar-se na fila. O oficial não fizera esforços para levá-la, nem ela tampouco dirigiu um olhar a Sua Excelência, como se se sentisse satisfeita por deixar aquele lugar.

"No fim de contas, está no seu direito – pensou o Senhor Pralínski. – Mas, que maneira de conduzir-se! Hum!"

– Meu caro Porfíri Pietrov – disse, encarando Pseldónimov – pode ser que tenha alguma coisa a tratar… isto é… quero dizer que… não faça cerimônia por minha causa.

"De fato, parece que o pobre rapaz se impôs a si próprio a obrigação de me atender", pensou consigo.

O tal Pseldónimov, que, com o pescoço comprido e o nariz recurvo, estava ali parado junto dele e não o perdia de vista um momento, já se lhe tornara insuportável. Enfim, nada daquilo era, nem de longe, como o Senhor Pralínski imaginara, embora se esforçasse ainda por não reconhecer esta verdade.

A *quadrille* principiou.

– Vossa Excelência me dá licença? – perguntou respeitosamente Akim Pietróvitch, que, cambaleando, segurava na mão a garrafa do

champanhe e se dispunha desajeitadamente a encher uma taça para Sua Excelência.

– Eu… verdadeiramente, não sei se…

Mas Zúbikov enchia-lhe já a taça com semblante de alegria duvidosa. Depois de lhe ter enchido a taça até aos bordos, decidiu-se a encher-lhe outra; mas fez isso como se tivesse remorsos, perturbado e sem habilidade, só com a diferença de que deixou na sua uns centímetros por encher, pensando ser uma delicadeza. Junto do seu chefe sentia-se como uma parturiente à qual tivesse chegado a hora. Sobre que havia de falar? Não havia outro remédio senão falar de qualquer coisa, já que tinha a honra de estar sentado junto de Sua Excelência; era absolutamente necessário entretê-lo. Para isso, a salvação estava no champanhe. Com certeza devia agradar a Sua Excelência que ele lhe enchesse as taças, não precisamente pelo champanhe, pois estava morno e era, além disso, de péssima qualidade; mas, de certa maneira, ia ser moralmente agradável para ele.

“Naturalmente, o pobre rapaz de boa vontade beberia – pensou o Senhor Pralínski – e não se atreve. Mas eu não vou privá-lo desse gosto. Até seria ridículo que tivéssemos a garrafa intacta, aí, na nossa frente.”

Bebeu um gole, pois achou preferível isso a estar ali sentado.

– Eu vim unicamente – insistiu, na sua maneira distinta – vim unicamente, como já disse, por casualidade, mas pode ser que alguém pense… que eu… que não está certo… como costuma dizer-se que eu… tenha aparecido numa reunião como esta.

Zúbikov estava calado e com tímida curiosidade.

– Mas espero que pelo menos o senhor há de compreender o motivo por que vim… He, he!

Zúbikov quis sorrir também respeitosamente; mas depois, de repente, conteve-se, e o Senhor Pralínski também dessa vez não chegou a ouvir nenhuma palavra animadora.

– Vim para dar animação, como diz aquele, a esta reunião… e ao mesmo tempo para mostrar que existe uma finalidade moral – prosseguiu Pralínski.

Mas a impassibilidade do seu ouvinte irritou-o, de repente, e então também ele se calou.

O pobre Zúbikov não se atrevia sequer a olhá-lo, como se a sua consciência o censurasse, sabe Deus por que culpas. Sua Excelência, um tanto confuso, pegou na taça e esgotou-a de um sorvo; Zúbikov, como se se agarrasse ao seu último recurso, tornou a pegar na garrafa, enchendo-lhe outra taça.

"De fato, não és muito falador"; pensou Pralínski consigo. E olhou brandamente para o pobre Zúbikov, que, quando sentiu fixo sobre ele o olhar do seu chefe superior, decidiu-se definitivamente a não erguer mais o seu. E assim ficaram sentados, em silêncio, um em frente do outro… um momento, que foi terrível para Zúbikov.

Esse Zúbikov pertencia a uma classe de empregados que vai rareando. Educado no respeito e na obediência, era, por um lado, pacífico como uma galinha, e por outro, bondoso e até de nobres sentimentos. Era russo, petersburguês, isto é, de pais e avós petersburgueses, que se tinham criado, vivido e morrido na capital, sem dela terem saído nem uma só vez na vida. É um tipo especial de russo. Não faz a mínima ideia do que é a Rússia, coisa que, por outro lado, não o preocupa absolutamente. Concentra todo o seu interesse em Petersburgo e principalmente nos assuntos das suas repartições burocráticas. Todas as suas preocupações se reduzem à quotização do copeque, à loja de víveres da esquina e ao seu ordenado mensal. Não conhece nenhum costume russo, nenhuma canção russa, a não ser a da "braseira", e isso apenas porque os realejos a popularizaram. Aliás, há dois gêneros de indícios que permitem distinguir; sem risco de equívoco, o russo petersburguês, do verdadeiro russo. Em primeiro lugar, todos os russos petersburgueses, sem exceção, dizem *Notícias Acadêmicas* em vez de *Notícias Petersburguesas*, que é como na realidade se chama o jornal. E em segundo lugar, o russo petersburguês, para dizer desjejum, nunca emprega a palavra russa *závtrak*, mas diz sempre *frühstück*, reforçando a primeira sílaba de

maneira especial. Por estes dois costumes tão arraigados podem distinguir-se infalivelmente estas duas categorias de russos.

Akim Pietróvitch Zúbikov pertencia pois a essa aprazível raça de burocratas que nos últimos trinta e cinco anos chegaram a constituir um tipo.

Aliás, não tinha nada de tolo. Se Sua Excelência lhe tivesse perguntado por outras coisas, por coisas relacionadas com a sua profissão, teria respondido, imediatamente, e então, com certeza, que a sua conversa não seria destituída de interesse. Mas que havia ele de responder, como seu subordinado, às perguntas que lhe fazia agora Sua Excelência? Isso seria simplesmente uma incorreção. E no entanto era capaz de dar qualquer coisa por conhecer mais a fundo as verdadeiras intenções do chefe…

Entretanto, o Senhor Pralínski afundava-se cada vez mais numa meditação muda. Ia cada vez tornando mais frequentes os sorvos do champanhe. E o seu vizinho aproveitava sempre a ocasião para encher-lhe a taça até à borda. Nenhum dos dois falava. De súbito Sua Excelência reparou que falavam ali, diante dele, e não tardou em interessar-se pelo espetáculo. Mas houve qualquer coisa que despertou especialmente a sua atenção e o deixou bastante perplexo.

Os convidados estavam um bocadinho… estavam demasiado alegres. Dançavam para se divertirem e também para se desentorpecerem. Os bons dançarinos, eram poucos, mas os maus davam tais voltas e pateavam no chão de tal maneira que também se podiam tomar por dançarinos consumados. Mas entre todos sobressaía o oficialeco de há pouco, ao qual agradavam especialmente os passos em que ficava isolado, como se não tivesse par, e podia até certo ponto dançar sozinho. Então, isto é, quando ficava sozinho, curvava-se e retorcia-se de modo realmente extraordinário, do seguinte modo: gordo e altíssimo como era, curvava-se de repente para um lado, de maneira que parecia que se partia em dois e estava para tombar imediatamente; mas, no segundo passo, torna a endireitar-se em toda a sua altura, e ao terceiro tornava a recurvar-se da mesma forma que a primeira vez, mas do outro lado. Enquanto fazia tudo isto mantinha uma expressão imperturbável e dançava, visivelmente convencido de

que todos o admiravam. Outro cavalheirote, que também fazia visitas frequentes ao quarto das arrumações, ficou adormecido à segundo volta, junto do seu par; de maneira que esta se viu obrigada a continuar dançando sozinha. Um jovem encarregado de registros, que durante toda a noite dançara com um só par, aquela mesma senhora que batera com a ponta da sua faixa no nariz de Sua Excelência, descobrira qualquer coisa de original; ficava sempre um pouco atrasado em relação ao seu par, e podia assim, a cada volta, segurar-lhe a ponta da referida faixa e depor nela, precipitadamente, uma dezena de beijos.

Mas a senhora continuava a bambolear-se diante dele na sua dança, como se fosse um cisne e não se apercebesse dos tais beijos. O estudante de medicina dançou sozinho sobre as palmas das mãos, e teve um êxito inacreditável; o entusiasmo que punha nisso era na verdade comovedor. Em resumo: todos se conduziam ali conforme muito bem lhes aprazia. O Senhor Pralínski, no qual a bebida começava a provocar os efeitos, foi condescendente até ao ponto de sorrir; mas, pouco a pouco, na sua alma foi entrando uma profunda decepção. Oh, sim! Ele era partidário de que as pessoas se conduzissem de maneira natural e sem afetação. Como desejara isso quando, ao entrar naquela casa, os convidados recuaram com timidez! Mas, em compensação, agora, passavam das marcas! Por exemplo: aquela senhora de vestido de veludo coçado prendera de tal maneira com alfinetes a aba da saia, que até parecia que trazia calças de homem. Essa senhora era a tal Kleópatra Siemiônovna, com a qual, segundo dissera o estudante de medicina, podia uma pessoa atrever-se a tudo. Do tal estudante podia dizer-se simplesmente que era um segundo Fokim[6]. Mas como se operara aquela brusca mudança? Havia pouco mais de um segundo, todos pareciam encolhidos diante do novo convidado, e eis que, de repente, se mostravam tão ousados. A coisa, no fundo, podia não ter nada de especial; mas o certo é que, apesar de tudo, parecia indicar qualquer coisa. Parecia, de fato, que todos se tinham esquecido de que Sua Excelência estava ali. É claro que Sua Excelência era o primeiro a regozijar-se com isso e até levou a sua condescendência ao ponto de bater palmas. Zúbikov sorriu também com grande solicitude; não o fez por obrigação, mas sim com visível prazer… sem pensar que Sua Excelência tinha já outro vermezinho a

roer-lhe o coração.

– Dança… admiravelmente! – disse Sua Excelência quando o estudante, na última volta, passou no seu lado.

O estudante voltou-se pressurosamente para ele, fez uma careta inverossímil, aproximou o rosto do dele a uma distância grosseiramente próxima, e… de repente, pôs-se a imitar o cantar do galo, a plenos pulmões. Aquilo era demais! Sua Excelência ficou em pé. Uma verdadeira salva de gargalhadas atroou a sala, pois a careta do estudante fora tão inesperada e o velhaco imitara o galo com tanta perfeição, que as risadas eram perfeitamente justificadas. Sua Excelência continuava de pé, meio aturdido, quando de repente apareceu Pseldónimov e, com muitas reverências, o convidou a passar à sala de jantar para a ceia. A mãe do rapaz chegou também em seguida.

– *Bátiuchka*[7], Excelência – disse. – Dê-nos a honra… Não desdenhe da nossa modesta casa!

– Eu… eu não sei, verdadeiramente – balbuciou Sua Excelência. – Eu não tinha a intenção… Verdadeiramente, há já um momento… que pensava…

Para dizer a verdade tinha ainda o gorro de zibelina na mão. Sim, precisamente naquele momento, dava a si próprio a palavra de honra de despedir-se imediatamente, de não ficar para cear, e… naturalmente, acabou por ficar. Passado um minuto dirigia-se já para a sala de jantar, à frente do grupo. Atrás dele seguiam Pseldónimov e sua mãe, para mostrar-lhe o caminho. Deram-lhe o lugar de honra e tornaram a pôr-lhe uma garrafa de champanhe junto do prato. Primeiro vieram os aperitivos, arenque e aguardente. O Senhor Pralínski, sem se aperceber bem do que fazia, estendeu a mão para o frasco da aguardente e encheu um copo até aos bordos. Parecia-lhe resvalar pela encosta duma montanha, julgava rebolar e sentia a necessidade de agarrar-se a qualquer coisa, simplesmente não atinava com essa coisa.

A sua situação tornou-se verdadeiramente estranha. Sentia a ironia do destino. Só Deus sabia o que lhe acontecera no breve espaço

duma hora. Quando entrara naquela casa levava os braços abertos para abraçar contra o seu coração toda a humanidade e todos os seus subordinados; e, passada uma escassa hora, não tinha outro remédio senão reconhecer com pesar que odiava aquele antipático Pseldónimov e a consorte, e de boa vontade mandaria essa festa para o diabo. E, para cúmulo da infelicidade, ninguém lhe ocultava, pois o diziam claramente as caras e os olhos, que também ali todos o odiavam, coisa que lhe dava sobretudo a entender o olhar hostil do seu subordinado.

É claro que, quando se sentou à mesa, o Senhor Pralínski antes seria capaz de deixar cortar a mão direita do que confessar a si próprio toda a verdade. O momento em que tal coisa teria sido possível, ainda não chegara e, por agora, havia uma certa hesitação. Mas o coração, oh, esse, sim, doía-lhe, de verdade! O coração ansiava pela liberdade, por ar, por descanso! Como era bondoso, afinal, esse Ivan Ilhitch Pralínski!

No entanto sabia que devia retirar-se (havia já bastante tempo sabia), e não só retirar-se simplesmente, mas escapar-se; que todos os seus planos tinham falhado completamente; que aquilo nem de longe se parecia com o que ele sonhara quando vinha ainda nas pontes.

“Mas por que teria eu vindo? É claro que não fora para comer e beber!”, disse, enquanto engolia o seu arenque. Chegou a ficar cheio de pessimismo profundo e a reconhecer que até ele próprio se tornava ridículo, de vez em quando, no seu papel de herói. Sim, chegou ao extremo de compreender a razão por que estava ali.

“Mas como havia eu de sair antes?” Sair daquela maneira, sem ter dado qualquer remate à coisa, era impossível. Que teriam dito? Que ia cozê-la nalgum lugar. E seria o mesmo que diriam se eu saísse agora, sem mais nem menos. Que diriam amanhã, pois é certo que ficariam sabendo, Stiepan Nikifórovitch e Siemion Ivânovitch? E que diriam também na repartição? E em casa de Schembel? E na de Chúbin? Não, eu tenho de retirar-me de maneira que todos compreendam bem o motivo por que vim, é preciso que eu lhes explique o fim moral da minha visita – e, no entanto, aguardava em vão esse momento patético – nem sequer repararam na minha pessoa – continuou

pensando. – De que estarão rindo? Estão tão alegres como se tivessem perdido todo o sentimento de… Sim, é isso, há tempos o disse: a nova geração não vale um pataco, é insensível. Devo ficar, custe o que custar. É absolutamente necessário! Até agora andaram embebidos na dança, mas agora estão todos reunidos à mesa… Pois bem, vou lhes falar do problema da atualidade… Isso mesmo, das reformas, da grandeza da Rússia… Oh, sim, vou arrebatá-los de entusiasmo! Isso mesmo… e talvez assim não tenha perdido o meu tempo… Pode ser que aconteça sempre isto na realidade… Mas por onde hei de eu começar para cativar a sua atenção logo de início? Ah, é preciso imaginar algum truque… Verdadeiramente, não sei… Além disso, que será que eles desejam, que lhes interessa? Lá estão outra vez na risota. Estarão zombando de mim? Meu Deus! Mas que vou eu… Por que teria eu vindo? Por que não me vou embora? Afinal, de que ando eu à procura?" E, de repente, enquanto pensava estas coisas, uma grande vergonha o assaltou, uma vergonha insuportável que parecia destruir-lhe o coração.

Não havia nada a fazer contra aquilo: era, simplesmente, a fatalidade.

Passados exatamente dois minutos, sentado à mesa, ocorreu-lhe uma ideia terrível que fez com que lhe corresse um suor frio pela testa. Reparou, de repente, que estava terrivelmente embriagado, isto é, não como antes, mas real e absolutamente embriagado, devido à aguardente que ingerira, depois de tanto champanhe, a qual produzira imediatamente os seus efeitos. Sentia perfeitamente que as suas forças o abandonavam. Mas nem por isso perdeu a coragem e, pelo contrário, pareceu-lhe que ainda ganhara mais; mas a sua consciência não descansava um momento e gritava-lhe incessantemente ao ouvido esquerdo: "Isto não está certo, isto não está certo, é até absolutamente indecoroso". É claro que os seus pensamentos de bêbado não paravam num só ponto; de repente deu-se nele, e ele apercebeu-se disso, um desdobramento do seu eu. O seu primeiro eu tinha coragem, estava ansioso por dar batalha ao inimigo e vencer, e possuía a convicção desesperada de que ainda conseguiria o seu objetivo. Mas o seu segundo eu sentia uma dorzinha surda e dilacerante na cabeça: "Que dirão? Como acabará isto? E amanhã, amanhã, amanhã?".

A princípio sentia apenas de maneira vaga que tinha inimigos entre os presentes. “Mas isso deve ser por estar bêbado”, pensou assaltado por dúvidas dolorosas. Mas a sua dor foi enorme quando se apercebeu, por certos indícios infalíveis, que verdadeiramente tinha inimigos naquela mesa.

“Mas por que, por que será?” – perguntou a si próprio.

Estavam ali sentados todos os convidados, uns trinta, ao todo; mas alguns deles estavam já completamente embriagados. E os outros conduziam-se de maneira tão estranha, com um à-vontade tão malicioso, que gritavam, falando em voz alta todos ao mesmo tempo, faziam brindes prematuros e atiravam migalhinhas de pão às senhoras que tinham em frente. Um cavalheiro, de traje sebento, quando ia sentar à mesa rolou para debaixo dela e ali ficou tranquilamente, talvez até o outro dia. Outro indivíduo empenhou-se em subir para cima da mesa para fazer um brinde, e foi o oficial quem, puxando-o pelas abas da casaca, conseguiu dissuadi-lo do seu prematuro e entusiástico propósito. A ceia, no que se refere à qualidade, foi bastante desigual, apesar de a família ter solicitado os conselhos e a ajuda de certo cozinheiro, impedido dum general. O cardápio compunha-se de língua de forno com batatas, carne com ervilhas verdes e, para remate, um ganso, e no fim, *blanc manger*. De bebidas, cerveja, aguardente e xerez. As garrafas de champanhe tinham sido postas ao alcance de Sua Excelência, o que o obrigava a servir-se e a servir também Zúbikov, já que este não se atrevia a tomar iniciativa alguma, à mesa. Para o momento de brindar pela felicidade dos noivos tinham reservado um vinho tinto. A mesa compunha-se de várias mesas encostadas umas às outras, entre as quais se contava uma de jogo, todas cobertas com várias toalhas, entre as quais se distinguia uma muito florida, de Iaroslav. Os convidados estavam distribuídos ao acaso. A mãe de Pseldónimov não quisera sentar à mesa, a pretexto de que tinha que fazer na cozinha. No seu lugar sentou outra mulher, que até então não aparecera, uma criatura feia, com um vestido de seda vermelha, de faces rechonchudas e um penteado descomunal. Era a mãe da noiva. Tinha-se finalmente dignado aparecer à mesa; até então não houvera quem conseguisse fazê-la sair do quarto das arrumações e tudo isso apenas por causa do ódio imenso que nutria à mãe do noivo;

ainda tornarei a insistir sobre este ponto. Esta senhora tratou Sua Excelência desdenhosamente, até trocistamente, e, parece, não desejava que ele lhe fosse apresentado, coisa que soou bastante suspeita ao Senhor Pralínski. Aliás havia ali outras coisas que também lhe pareciam, e que lhe inspiravam certo receio. Parecia-lhe até que todos se tinham unido contra ele e teve oportunidade de convencer-se disso melhor durante a ceia. Mas o que se lhe tornou mais antipático foi certo indivíduo que usava uma barbicha curta – talvez algum artista boêmio – que olhou descaradamente muitas vezes para Sua Excelência, voltando-se depois para o seu vizinho para dizer-lhe qualquer coisa engraçada ao ouvido. Havia também um jovenzinho, demasiadamente bêbado, mas que, a avaliar por certos indícios, parecia sentir por ele a menor simpatia. O mesmo poderia dizer-se do estudante de Medicina. E também era preciso não esquecer o oficial, se bem que aquele que mais franca antipatia lhe mostrava era o colaborador de *O Cogumelo*. Estava muito refestelado na sua cadeira, lançava um olhar cheio de desdém e ria-se sem cerimônia e descaradamente. E como, de repente, veio cair certeiramente junto do seu prato uma bolinha de pão, Sua Excelência ficou plenamente convencido e até era capaz de apostar em como o atirador daquele projétil não fora outro senão o malvado colaborador.

É claro que tudo isto teve má influência sobre ele.

Houve também outra observação que veio a fazer e que lhe foi particularmente aborrecida. Porque o Senhor Pralínski estava convencido de que iria lutar com algumas dificuldades para dirigir a palavra à assistência, pois, embora tivesse muitas coisas para dizer, não tinha a língua muito expedita, ia perdendo pouco a pouco o poder dialético do seu pensamento e, de súbito, punha-se a rir sem motivo. Mas esta preocupação não tardou a desaparecer com outra taça de champanhe, que enchera antes e não quisera tomar, e que agora, de repente, bebera por distração. Sentia vontade de chorar. Apercebia-se que se ia apoderando dele uma sentimentalidade estranha, que se enchia outra vez de ternura para com todos, pelo próprio Pseldónimov e até pelo próprio colaborador de *O Cogumelo*. Sentia vontade de atirar-se-lhes ao pescoço, de fazer as pazes com eles, de esquecer tudo. Sim, queria até contar-lhes tudo, tudo, isto é: como ele era bondoso, as

belas qualidades que possuía, como havia de tornar-se útil à pátria, como sabia entreter as senhoras e, sobretudo, como era progressista, humano, e como estava sempre disposto a humilhar-se perante todos, até perante os mais humildes; até se sentia pronto a contar-lhes com toda a franqueza todas as razões que o levaram a aparecer ali, sem que ninguém o convidasse, no casamento de Pseldónimov, a beber duas garrafinhas de champanhe e a felicitá-lo pessoalmente.

"A verdade, a verdade sagrada e a sinceridade acima de tudo! É isto mesmo: conquistarei todas as simpatias com a sinceridade. Acreditarão imediatamente no que eu lhes disser, bem sei. Agora ainda não me veem com bons olhos, mas, quando eu lhes falar com toda a franqueza, serão todos a meu favor. Hão de encher as suas taças e brindar em minha honra. O oficial há de quebrar a taça contra a sua espora. Até pode ser que gritem: "Hurra!" Por mim; podem fazê-lo. Não me oporei a que me ergam aos ombros: acharei até isso muito bem. Beijarei a noiva na fronte: é uma coisa muito apropriada. Este Zúbikov também é um bom rapaz. E, com o tempo, Zúbikov vai se emendar também. Afinal, o que lhe falta é apenas isso que chamam verniz social… E embora todos os rapazes hoje em dia careçam de uma certa distinção de maneiras, bem… não tardarei a falar do significado atual da Rússia entre as outras nações. Também tocarei no problema dos camponeses, sim, e… hão de ficar todos malucos comigo e me carregar daqui em triunfo…"

É claro que essas ideias eram muito agradáveis; o pior foi que, no meio delas, o nosso homem descobriu de repente, em si próprio, outra qualidade nova: a de que cuspia, sem dar por isso. Pelo menos reparou que, quando falava, a saliva lhe saía da boca contra sua vontade. Notou-o pela primeira vez quando falava com Zúbikov, ao qual salpicara de súbito toda a face com saliva, a qual, o pobre rapaz, por respeito, não se atrevera a limpar, mas, assim que viu isso, ele, Sua Excelência, pegou num guardanapo e ele mesmo limpou. Mas naquele momento isso pareceu-lhe tão impróprio, tão oposto à sã razão, que ficou calado e completamente espantado. Zúbikov parecia pregado à cadeira. De súbito, o Senhor Pralínski deu conta de que já há mais de um quarto de hora que falava de um tema interessantíssimo e que, se bem que o escutasse atentamente, o tal – Zúbikov – parecia um pouco

inquieto, como se receasse qualquer coisa dele. Pseldónimov, que estava sentado numa cadeira logo atrás, estendia também para ele o seu comprido pescoço e ouvia-o com uma desagradável expressão. É que parecia mesmo que o seu encarregado de registros se julgava obrigado a preocupar-se com ele. Com os olhos, passou revista a todos os comensais, e notou que alguns o olhavam e se riam. E o mais estranho era que, a ele, isso não lhe importava, de maneira nenhuma; bebeu outro gole da taça e levantou, muito decidido, para falar:

– Já disse – começou com a voz mais forte que podia – minhas senhoras e meus senhores, já disse antes e agora mesmo também estava dizendo a Akim Pietróvitch, que a Rússia… isso mesmo, a Rússia enfim, irão já compreender o que eu quero dizer… que a Rússia atravessa agora… eu, pelo menos, estou firmemente convencido disso… pela época da hu… hu… manidade…

– Hu… hu… manidade! – gritaram do outro lado da mesa. – Huhuhuhun!

– Tututun!

Sua Excelência calou-se. Pseldónimov levantou e lançou um olhar severo por cima dos comensais, tentando adivinhar quem é que gritara. Zúbikov, inquieto, moveu também um pouco a cabeça como se admoestasse os convivas. Sua Excelência reparou no fato, porém, manteve a serenidade.

– Humanidade! – continuou, firme. – E não há muito tempo, não há muito, precisamente, dizia eu a Stiepan Nikifórovitch… sim, senhor… que a renovação, como costuma dizer-se, da…

– Excelência! – ouviu-se, com toda a clareza, na outra ponta da mesa.

– Que deseja? – perguntou o orador interrompido, esforçando-se por descobrir o engraçado.

– Nada, Excelência, pensava simplesmente que devia retirar-se – tornou a dizer a mesma voz.

O Senhor Pralínski ficou levemente zangado, não muito.

– A renovação, como costuma dizer-se, dessa mesma…

– Excelência! – tornou a gritar a voz de há pouco.

– Que deseja?

– Que se vá embora!

Neste momento o Senhor Pralínski não pôde conter-se. Ficou calado e voltou-se para olhar com uma cara severa o seu perturbador e ofensor. Era um rapaz, estudante do liceu, que bebera demasiado e cujo estado de embriaguez suscitava sérios receios. Já partira uma chávena e dois pratos, alegando que isso era infalível num casamento. Quando Sua Excelência o encarou, o oficial estava a ralhar com ele.

– Mas que tens tu, rapaz? Previno-te de que, se não te calas, te ponho no olho da rua!

– Eu não quero saber do senhor para nada, Excelência! Saia daqui! – gritou o alegre estudante, apoiando-se na cadeira com a maior tranquilidade. – Deixe-nos! Eu ouvi o que disse e achei muito bem. Colossal, colossal!

– Coitado do pobre rapaz, está embriagado! – murmurou Pseldónimov ao ouvido do seu chefe.

– Bem se vê, mas…

– Acabo de contar-lhe uma história, Excelência – começou o oficial – a propósito de um tenente do nosso regimento que dizia as mesmas coisas ao seu capitão, e o rapaz quis imitar o tenente da minha história, o qual comentava sempre tudo quanto o capitão dizia, da mesma maneira: “Colossal, colossal!”. Por isso há dez anos foi expulso do Exército.

– Que tenente era esse?

– Um tenente do nosso regimento, Excelência. Estava simplesmente embriagado com o co…lossal. A princípio impuseram-

lhe uma detenção na sua própria casa; a seguir veio a repreensão, e depois o calabouço… O coronel falou-lhe como um pai, mas ele retrucou-lhe com o seu eterno bordão: “Co…lossal, co…lossal!”. E, coisa estranha: era na verdade um bom oficial. Ultimamente obrigaram-no a comparecer perante um conselho de guerra; mas aí veio a averiguar-se que não estava em seu verdadeiro juízo…

– Isto é, que era como uma criança da escola. Com estes não é preciso empregar tanta severidade… e eu, por meu lado, estou disposto a perdoar… o que os médicos confirmaram depois.

– Mas… estava vivo? Então como é que o puderam dissecar?

Ouviram-se muitas gargalhadas. Até então os convidados não se tinham permitido nada de semelhante. Sua Excelência ficou furioso.

– Meus senhores! Minhas senhoras e meus senhores! – exclamou. – Eu sei muito bem que não se pode praticar a dissecação numa pessoa viva. Suponhamos, por exemplo, que, no seu delírio, já não estava vivo… isto é, que já tinha morrido… bem, eu quero dizer unicamente… que os senhores não simpatizam comigo, ao passo que eu gosto de todos… isto é… até de ti… Por… Porfíri… Eu me rebaixo a falar assim…

Mas nesse momento a saliva tornou a saltar-lhe dos lábios e foi cair sobre a toalha, precisamente no lugar mais visível. Pseldónimov apressou-se a limpá-la. Este último contratempo acabou por aniquilar Sua Excelência.

– Não, isto é demais! – exclamou, desesperado.

– É um garoto que bebeu demasiado, Excelência – tornou Pseldónimov a murmurar-lhe ao ouvido.

– Porfíri! Vejo que todos os senhores… todos… todos, isto é, digo que espero, isto é, conjuro-lhes a todos para que digam por que me rebaixei eu.

Sua Excelência estava quase chorando.

– Porfíri, estou falando contigo; diz-me, meu filho: por que vim eu

ao teu casamento? Pois se vim, foi para alguma coisa. Eu queria levantar moralmente… queria que todos vissem… É a todos os senhores que me dirijo, honrados convivas. Desci muito a seus olhos ou não desci?

Silêncio sepulcral. Era uma desgraça que, à sua pergunta categórica, apenas respondesse aquele silêncio unânime. “Por que havia de custar-lhes gritar hurra?”, pensou Sua Excelência. Mas os convidados limitavam-se a trocar olhares significativos em silêncio. Zúbikov estava mais morto que vivo e agarrava-se convulsivamente à sua cadeira; Pseldónimov, mudo de espanto, a si próprio fazia esta pergunta: “Que irá ser de mim amanhã?”.

De repente, o colaborador de *O Cogumelo*, algum tempo embriagado, mas que conservara até aí um silêncio sombrio, encarou diretamente Sua Excelência e, em nome de todos os presentes, disse:

– Sim! – exclamou com voz forte e de olhos brilhantes. – Sim! O senhor rebaixou-se. É um reacionário!

– Rapaz, veja bem o que está dizendo. Veja com quem é que está falando – replicou com veemência o Senhor Pralínski e deu outra vez um pulo.

– Estou falando com o senhor e, além disso, não sou nenhum rapaz. O senhor veio aqui por vaidade, para se tornar popular.

– Pseldónimov, que significa isto? – gritou Sua Excelência fora de si.

Pseldónimov levantou de um salto, com um tal susto que, a princípio, ficou parado e hirto, sem saber o que fazer. Os convidados ficaram como que pregados de espanto nos seus lugares. O artista boêmio e o rapaz da escola bateram palmas e gritaram: “Bravo, rapaz!”.

Mas o colaborador continuava vociferando com um ímpeto irreprimível:

– Sim, o senhor veio para dar uma prova da sua humanidade. O

senhor estragou-nos a festa toda. O senhor encharcou-se de champanhe, sem levar em conta que o champanhe é demasiado caro para um modesto empregado, que apenas ganha dez rublos por mês, e calculo que o senhor deve ser desses chefes que se atiram às mulheres dos seus subordinados, quando são novas. Sim, e até estou convencido de que o senhor é uma pessoa que gosta que lhe molhem as mãos… Ah, ah, ah!

– Pseldónimov, Pseldónimov! – exclamou Sua Excelência e, no seu desespero, estendeu os braços para ele. Era como se cada palavra do colaborador se lhe espetasse no coração como um punhal.

– Não se preocupe, Excelência, que é já – disse Pseldónimov energicamente e, refeito do seu espanto, dirigiu-se ao colaborador e agarrando-o pelo pescoço, tratou de expulsá-lo.

Ninguém seria capaz de pensar que aquele enfermiço do Pseldónimov fosse capaz de despender tamanha força física. É que o colaborador estava caindo de bêbado e Pseldónimov não provara uma gota. Por isso deu-lhe alguns socos nas costas e depois expulsou-o, fechando a porta em seguida.

– Vocês são todos da mesma panelinha! – gritou o colaborador à porta. – Vão ver como amanhã os ponho n'*O Cogumelo*!

Todos deram um pulo nos seus lugares, sobressaltados pela ameaça.

– Excelência, Excelência! – exclamou Pseldónimov, sua mãe, e alguns convidados que se apinharam à volta do convidado de honra. – Excelência! Tranquilize-se!

– Não, não! – exclamou Sua Excelência. – Estou aniquilado! Eu queria dar-lhes a minha bênção! Era isso! E é esta a paga que me dão!

Deixou-se cair meio desfalecido, pôs os braços sobre a mesa e afundou a cabeça entre eles… isto é, pousou-a precisamente sobre o prato de *blanc manger* que lhe tinham servido. Creio desnecessário descrever a agitação geral que se produziu. Passado um minuto, tornou a levantar, com a intenção de ir embora; mas cambaleou,

tropeçou num pé da cadeira e rolou pelo chão a todo o comprimento.

Isto costuma acontecer aos indivíduos não habituados a beber, quando por acaso se embriagam. Conservam a lucidez até ao último momento, sem que lhes escape seja o que for; mas depois caem de repente como feridos por um raio. Sua Excelência jazia no chão, de sentidos completamente perdidos. Pseldónimov levou as mãos à cabeça e ficou rígido, nessa atitude. Os convidados apressaram-se a partir para casa, comentando o acontecimento. Eram cerca de três horas da manhã.

O pior de tudo era a situação ser mais comprometedora do que Pseldónimov poderia ter pensado, e isto para não falar de quanto era aborrecido um incidente como este numa noite de núpcias.

Até há um mês vivera na mais desolada miséria. Era originário da província, onde seu pai fora empregado. Cinco meses antes do casamento, depois de passar um ano sem fazer outra coisa senão passear a sua fome por Petersburgo, encontrara finalmente aquele emprego de dez rublos mensais. Isso teria sido a sua ressurreição física e espiritual, se, passado pouco tempo, não tivesse voltado a agravar a sua situação. Em todo o mundo havia apenas dois Pseldónimov, ele e sua mãe, que, por ocasião da morte do marido, deixara a província. Mãe e filho não tinham o mínimo amparo nem abrigo, chegaram quase a morrer de frio, e raramente se alimentavam. Havia dias em que Pseldónimov ia pessoalmente ao Fontanka com o cântaro para acalmar a sede na água turva do rio. Quando se empregou, o rapaz alugou um quartinho para ele e para a mãe. Ela trabalhava como lavadeira e tinha de economizar três ou quatro meses para comprar um par de botas ou um casaco. E quantos vexames não teve de suportar na repartição! Os chefes perguntavam-lhe se nunca tomara banho na sua vida. E puseram-se a dizer que a gola do seu uniforme era um ninho de percevejos. Mas Pseldónimov era de caráter íntegro, pacífico e tranquilo; não tinha imaginação e falava pouquíssimo. Daí ser impossível penetrarem-lhe os pensamentos e saber se elaborava planos e sistemas ou andava preocupado com outras coisas. Mas, em compensação, estabelecera instintivamente o firme propósito de fazer o possível por sair daquela má situação. Possuía uma autêntica

teimosia de formiga; é sabido que, se se destrói o formigueiro destes insetos, constroem logo outro e assim sucessivamente, sem nunca se cansarem; Pseldónimov tinha um caráter construtivo e doméstico. Era possível ler no rosto dele que havia de construir o seu ninho e até de armazenar as suas provisões. A mãe era a única criatura que amava neste mundo, e amava-a com uma ternura infinita. Ela era também uma mulher de caráter, trabalhadora infatigável e de grande bondade. E assim continuaria a lutar pela vida no seu abrigo, durante cinco ou seis anos mais, se o jovem Pseldónimov não tivesse vindo a conhecer o conselheiro titular jubilado, Mlekopitáiev, que também vivera algum tempo na província e havia pouco viera para Petersburgo com a família. O velho conhecia Pseldónimov e até tivera outrora motivos de gratidão para com seu pai. Desfrutava agora duma posição desafogada, embora na realidade ninguém soubesse a quanto se elevavam seus cabedais, nem a mulher, nem a filha, nem os parentes mais chegados. O homem tinha duas filhas, e como era um beberrão, um déspota em casa, e além disso estava doente, veio-lhe de repente a ideia de casar Pseldónimov com uma das filhas. "Eu sei quem ele é; o pai era um bom homem e ele deve sair ao pai." E quando se metia uma coisa na cabeça de Mlekopitáiev tinha de ser: dito e feito. Era uma criatura estranha, esse tal Mlekopitáiev. Passava a maior parte do tempo na poltrona, pois, por causa de uma doença, não podia servir-se de uma das pernas, o que entretanto não o impedia de apanhar umas boas bebedeiras de aguardente. Passava o dia todo bebendo… e insultando os outros. Como era de mau gênio, precisava de ter sempre alguém a quem atormentar. Para esse fim recolhera em sua casa algumas parentas afastadas, mais a irmã, também achacada e de mau caráter, duas irmãs da mulher, que não ficavam atrás da sua, e uma velha tia que, não se sabe devido a que acidente, sofrera a desgraça de partir uma costela. Tinha também em sua casa uma alemã russificada, à qual dava abrigo gratuito, porque a alemã tinha muito jeito para lhe contar umas histórias muito bonitas das *Mil e uma noites*. Resumia todo o seu poder em insultar a todo o instante, e por qualquer coisa, as suas desgraçadas pupilas, que não pagavam, e também a mulher – uma pobre criatura que já tinha vindo a este mundo cheia de dor de dentes – sem que nenhuma delas se atrevesse a replicar. Incitava-as também umas contra as outras, dizia-lhes mexericos, e refocilava de prazer quando as pobres mulheres puxavam o cabelo umas às outras.

Também ficou contentíssimo quando a irmã mais velha, que tinha sido casada durante dez anos com um pobre oficial do Exército, e agora, viúva, se encontrava na miséria com os três filhos, fora viver com ele. Não podia suportar os garotos; mas como essa invasão aumentava o material para as suas experiências diárias, apesar de tudo o velho sentia-se satisfeitíssimo. Aquela coleção de mulheres e de crianças enfermiças, instaladas com o seu verdugo numa acanhada casa do Lado Peterburguês, não podia comer até saciar a fome, pois o velho era um avarento e gastava o dinheiro aos pouquinhos, embora nunca faltasse com ele para a sua aguardente, nem também para dormir à vontade, pois padecia de insônias e queria que o entretivessem e distraíssem. Enfim, ali, todos amaldiçoavam a sua sorte. E, de repente, o velhote lembrara-se de Pseldónimov. Chamaram-lhe a atenção o seu comprido nariz e a expressão submissa do rosto. A filha mais nova, enfermiça e insignificante, acabara precisamente de completar dezesseis anos.

Embora noutro tempo tivesse frequentado uma espécie de colégio alemão, não passara da cartilha e dos risquinhos que as crianças fazem para aprender a escrever. Crescera sempre fraca e escrofulosa, sob a autoridade dum pai beberrão, numa Babel de comadrios caseiros, espionagens e calúnias. Amigas, nunca as tivera. Era de uma estupidez absoluta. Mas havia bastante tempo desejava casar. Nunca dizia uma palavra na presença de homens estranhos; mas em casa era má e linguaruda como uma viborazinha. Gostava sobretudo de bater e maltratar os primos, de denunciá-los quando roubavam pão ou açúcar, e por isso andavam sempre brigando, ela e a irmã. Foi o próprio velho quem ofereceu a Pseldónimov a mão da filha, Apesar de sentir muito a falta duma mulher, no entanto o rapaz pediu tempo para pensar. Mãe e filho deliberaram entre si durante muito tempo sobre o que haviam de fazer. Mas a casa do velho estava registrada em nome da noiva e, embora não passasse de uma humilde vivenda de um só andar, não deixava, entretanto, de ter o seu valor. Além disso o velho dotava-a com quatrocentos rublos, mas com a condição de não os gastarem. “Meto esse homem em casa – gritava o velho na bebedeira – em primeiro lugar porque vocês são todas mulheres, e tanto mulherio incomoda-me. E, além disso quero que Pseldónimov obedeça também às minhas ordens, pois sou o seu benfeitor. E, em segundo lugar,

trago-o para casa porque nenhuma de vocês o suporta e quero que se vejam obrigadas a tolerá-lo. Por isso meto-o em casa para que o tenham mesmo diante do nariz. Eu faço sempre o que digo. E tu, Pseldónimov, não sejas tolo e faz o que te digo; quando fores marido dela, vê se te fazes teso, pois ela já nasceu com o diabo metido no corpo. Põe-as todas daqui para fora!”

Pseldónimov calava-se; tomara a sua resolução. Desde o próprio dia do casamento, tanto ele como a mãe foram viver em casa do sogro, o qual lhes ofereceu casa de banho, roupa e, ainda por cima, algum dinheiro.

Talvez os animasse desta maneira para contrariar toda a família, que não os podia ver. A mãe de Pseldónimov chegou até a agradar-lhe bastante e absteve-se de grosserias para com ela. Aliás, não tardou a ordenar ao genro que lhe dançasse o *kasatchok*. “Bem, só queria ver se sabias conduzir-te para comigo como deve ser”, disse-lhe, quando estava farto de vê-lo dançar. Para o casamento deu todo o dinheiro necessário e convidou até os parentes e amigos. Pseldónimov, por seu lado, convidou o colaborador de *O Cogumelo* e Akim Pietróvitch Zúbikov, como convidado de honra. Pseldónimov sabia perfeitamente que a mulher lhe tinha aversão e que, por seu gosto, não teria casado com ele, mas com o oficial esgalgado. Mas fingia não. perceber, conforme combinara com a mãe. O velho, durante todo o dia do casamento, e até à noite, insultara a todos e bebera. Em atenção para com a festa, toda a família se retirara para as dependências internas, quentes e apertadas, onde se asfixiava. As dependências externas, pelo contrário, tinham-nas destinado para o baile e para a ceia. Finalmente, depois de o velho ter adormecido, completamente embriagado, perto das onze da noite, a mãe da noiva começou a trocar o seu ódio em bondade e a tomar parte na festa. O que deitou tudo a perder foi o aparecimento de Sua Excelência.

A senhora de Mlekopitáiev ficou transtornada, sentiu-se ofendida e achou muito mal que a não tivessem avisado da presença de Sua Excelência. Afirmaram-lhe que este aparecera ali por acaso, sem que ninguém o convidasse; mas a pobre criatura era tão estúpida que não queria acreditar.

Foi preciso arranjar champanhe. A mãe de Pseldónimov ainda tinha um rublo de prata, mas a este não restava nem um copeque. Por isso foi preciso pedir dinheiro ao velho Mlekopitáiev, a fim de comprarem primeiro uma garrafa e depois a outra. Fizeram-lhe ver o futuro, a carreira que o genro podia fazer com tais relações; por fim abrandou e deu o dinheiro, mas Pseldónimov teve de esgotar um cálice bem amargo, a tal ponto que foi para o quarto, onde o esperava o leito nupcial, pôs-se a puxar os cabelos com ambas as mãos, enterrou a cara nos lindos almofadões, destinados apenas a deleites paradisíacos; e todo o corpo lhe tremia de cólera impotente. Sim, Sua Excelência não podia supor o que tinham custado aquelas duas garrafas de champanhe que bebeu naquela noite, e como foi grande o desgosto de Pseldónimov, o seu pesar, o seu desespero perante aquele fim das suas relações com Sua Excelência! Tornou a apoderar-se dele a maior inquietação e toda a noite teve de sofrer os choros da sua caprichosa consorte e as censuras das suas estúpidas parentes. Tinha uma terrível dor de cabeça e via tudo negro. Mas ao mesmo tempo era preciso acudir a Sua Excelência, chamar um médico às três da madrugada e buscar uma carruagem fechada, pois não estava certo conduzir uma personagem daquela categoria, e em semelhante estado, num trenó descoberto e humilde. E onde arranjar o dinheiro para a carruagem? A senhora Mlekopitáiev, que estava furiosa porque o general não lhe dirigira a palavra nem reparara nela à mesa, declarou simplesmente que não possuía um copeque. Talvez dissesse a verdade. Mas onde encontrar o dinheiro necessário? Que fazer num aperto daqueles? Sim, havia razão de sobra para puxar os cabelos.

Em primeiro lugar levantaram Sua Excelência do chão e acomodaram-no num pequeno sofá que havia na sala de jantar, e enquanto arrumavam o quarto e o desempediam, Pseldónimov ia e vinha por toda a casa, em busca de dinheiro. Foi pedi-lo primeiro à criada, mas ninguém tinha um copeque. Atreveu-se até a pedir dinheiro emprestado a Akim Pietróvitch, que ainda não se retirara, mas este, apesar de ser um bom rapaz, ficava tão alterado e assustado quando se encontrava sem dinheiro, que teve esta saída inverossímil:

– Para a outra vez terei muito gosto – murmurou – em servi-lo, mas agora… verdadeiramente, desculpe-me… não me é possível…

Pegou o gorro e saiu dali correndo. Finalmente ficou só na casa aquele rapaz que falara no *Livro dos sonhos*, o qual tomava cordialmente parte na desventura de Pseldónimov. Concordaram os três ir procurar, não um médico, mas uma carruagem, para levar o doente a casa, e aplicarem-lhe antes remédios caseiros, como esfregar-lhe as fontes e a cabeça com água fria, pôr-lhe compressas de gelo e outras coisas assim. De tudo isso encarregou-se a mãe de Pseldónimov enquanto este corria em busca duma carruagem. Mas como nessa época não era possível encontrar nem mesmo um mau trenó, no Lado Petersburguês, o rapaz teve de deslocar-se até um ponto distante, de *drójki* e, aí, acordar um cocheiro. Meteram-se logo numa prolixa discussão sobre se estava certo ou não pagar a essa hora uma carruagem coberta por cinco rublos, mas, finalmente, combinaram por três rublos.

Quando o rapazinho apareceu às quatro da manhã com a carruagem, em casa de Pseldónimov, haviam mudado de pensar. É que o Senhor Pralínski, que continuava sem voltar a si, estava tão gravemente doente, lançava tais gemidos e suspiros, e revolvia-se tanto para um lado e para outro, que parecia simplesmente impossível e demasiado arriscado conduzi-lo nesse estado a casa.

– Que fazer? – exclamou Pseldónimov, que continuava meio tonto.

Que fazer? Punha-se agora um novo problema: se o deixavam ficar lá em casa, onde, em que cama deitá-lo? Havia apenas duas: uma grande, de casal, na qual dormiam o velho Mlekopitáiev e a mulher, e a outra, também de casal, recém-comprada, para os noivos. Todos os demais moradores, ou para melhor dizer, moradoras da casa, dormiam no chão em colchões estragados e mal-cheirosos, impróprios para o caso, e, além disso, ocupados. Onde colocar o doente? Um colchão de penas talvez se lhe pudesse arranjar, se o tirassem a alguma das que dormiam, mas onde e em cima de que haviam de colocá-lo? Naturalmente na sala, por ser o compartimento mais isolado da casa, mais afastado do centro da família e com uma saída própria. Mas onde colocar o colchão? Em cima de algumas cadeiras? Um rapaz da escola sabia, quando voltava a casa aos domingos à tarde, armar uma cama em cima de cadeiras… mas empregar esse recurso com uma pessoa tão

importante, seria simplesmente uma falta de respeito inaudita. Que diria na manhã seguinte, quando viesse a saber que passara a noite em cima dumas cadeiras? Pseldónimov nem queria ouvir falar nisso. Havia só um recurso: deitá-lo na cama dos noivos.

Essa cama, conforme dissemos, fora instalada num espaço reduzido, perto da sala de jantar. Tinha um colchão novinho, lençóis limpos, quatro travesseiros de pano fino de algodão cor-de-rosa, com fronhas brancas de musselina guarnecidas de renda. A manta de cetim rosa tinha um bordado. De uma argola dourada pendiam, de cima até abaixo, uns adornos de musselina. Enfim, não lhe faltava nenhum requisito, e os convidados, que tinham quase todos passado revista à alcova dos noivos, ficaram encantados com a cama. E, durante a noite, a noiva, apesar da antipatia que Pseldónimov lhe inspirava, aí entrara várias vezes para recrear a vista. Já podem imaginar o seu aborrecimento, a sua raiva, ao saber que queriam deitar na sua cama de noiva aquele tipo que parecia atacado de colerina. A mãe desta entrou também ali e fartou-se de dirigir-lhe insultos, ameaçando contar tudo ao marido no dia seguinte; mas Pseldónimov manteve-se firme perante as duas mulheres e levou a melhor; deitaram Sua Excelência na cama e para a mulher arranjaram uma, cama sobre umas cadeiras, na sala de jantar. A mulher chorava como uma Madalena; de boa vontade teria começado a bater em todos, mas não se atreveu a opor-se, pois sabia que o seu *bátiuchka* possuía umas muletas que ela conhecia bem, e sabia igualmente que no dia seguinte lhe iriam contar a história. Para a contentarem deixaram-lhe a manta cor-de-rosa e os travesseiros com fronhas de musselina. Naquele mesmo instante chegou o rapaz com a. carruagem, e quando soube que esta já não era precisa, sentiu um susto terrível. Devia pagá-la e o infeliz nunca vira dez copeques juntos na mão. Pseldónimov declarou-se francamente em falência. Procuraram convencer o cocheiro, mas este não queria deixar-se convencer e pôs-se a vociferar e a dizer impropérios. Não sei como a coisa acabou. Calculo que o rapaz teria ficado como prisioneiro do cocheiro e se faria conduzir ao bairro de Piéski, onde tinha um amigo estudante que dormia em casa duns companheiros, ao qual despertara para o assediar. Eram cinco da manhã quando a noiva ficou sozinha e pôde fechar-se no quarto. A mãe de Pseldónimov ficou vigiando o doente. Embrulhou-se numa

pele e estendeu-se no tapete, aos pés da cama, mas não conseguiu adormecer, pois devia constantemente levantar. Sua Excelência sofria de uma cólica atroz. Foi a pobre mulher, de coração generoso, quem o despiu e atendeu, como se fosse seu filho, e passou o resto da noite a entrar e a sair com a bacia. Mas ainda faltava muito para que acabassem as dolorosas surpresas daquela noite.

Ainda não haviam passado cinco minutos, depois que os noivos estavam sozinhos, quando se ouviu de repente um alvoroço tremendo, que não eram gritos de alegria mas o fragor de uma inflamada discussão. Atrás dos gritos vieram outros barulhos, como de cadeiras que rolassem pelo chão, e no mesmo instante irrompeu pelo quarto às escuras um regimento completo de assustadas e chorosas mulheres, todas em camisola e com o ar mais pitoresco. Eram as tais mulheres, a mãe da noiva, a irmã mais velha desta, que acabava de deixar naquele momento os três filhos doentes; as três velhotas, entre elas a da costela partida, e a criada também, mais a alemã que sabia contar lindas histórias e que trouxera consigo a única coisa de bom que possuía neste mundo, ou seja, o seu colchão – o melhor de todos que havia na casa – para oferecê-lo aos recém-casados. Havia mais de um quarto de hora todas aquelas respeitáveis senhoras se achavam ali, para onde se esgueiraram na ponta dos pés, farejando junto da porta, acicatadas por uma curiosidade inexplicável. Depois trouxeram luz e apresentou-se aos olhos de todos um espetáculo completamente inesperado. As cadeiras sobre as quais descansava o largo colchão, unicamente nos bordos, não puderam suportar o peso daqueles dois corpos, vieram abaixo, e o colchão caíra também no chão.

A noiva chorava de indignação e, dessa vez, tinha motivos de sobejo para isso. O pobre Pseldónimov moralmente abatido e com todo o aspecto dum malfeitor… estava ali exposto à curiosidade pública. Nem podia defender-se. Por todos os lados se ouviam guinchos e gritos. Perante esta confusão, a mãe de Pseldónimov levantou e acudiu também, mas foi a mãe da noiva quem deu ordens. Fez acabrunhar Pseldónimov com estranhas e injustas recriminações, dizendo-lhe: “És um palhaço! Para que provocaste este escândalo?”, e outras coisas assim, depois do que pegou na filha por um braço e levou-a dali, após ter justificado perante o aterrorizado marido a sua

conduta. As outras mulheres seguiram-na, movendo a cabeça e gemendo. A mãe de Pseldónimov foi a única que não desamparou o filho e fez o possível por consolá-lo. Mas ele expulsou-a.

Não tinha vontade de ser consolado. Sentou no sofá, tal como estava, em camisa e descalço, e afundou-se em meditações. Os pensamentos chocavam-se e confundiam-se na sua cabeça. Contemplava de uma maneira completamente maquinal o quarto em que duas horas antes andavam às voltas os bailarinos e onde se aspirava no ar o fumo dos cigarros. No chão se viam pontas de cigarros e pedaços de papéis de doces. O leito nupcial desmanchado e aquelas cadeiras derrubadas eram testemunhos de como fora efêmera a sua melhor e mais sincera ilusão. O rapaz permaneceu assim exatamente uma hora. Estranhas perguntas cruzavam-lhe o cérebro: "Que o esperava, agora, no emprego?". Ia ficando doloroso pensar que deixaria o seu destino, porque, depois de tudo o que acontecera naquela noite, não podia continuar no emprego. Pensava também em Mlekopitáiev, que talvez o fizesse dançar o *kasatchok* no dia seguinte, para pôr à prova a sua docilidade. Dera-lhe cinquenta rublos para os gastos da boda, que já se haviam acabado até ao último copeque; mas o velho nem de longe pensava em entregar-lhe os quatrocentos rublos do dote. E também não tinha nas suas mãos a escritura de doação da casa. O rapaz pensava também na mulher, que o abandonara no momento mais crítico da sua existência, no militar esgalgado que se atirara aos pés dela, e no diabo que a sua consorte possuía no corpo, conforme o avisara o pai dela… É certo que ele se sentia com coragem para suportar tudo, mas a sorte fazia-lhe tais surpresas que não é de admirar duvidasse o infeliz das suas forças. Assim se passou essa infausta noite para Pseldónimov, num autêntico sobressalto. Entretanto a lamparina de azeite projetava a sua luz tremente sobre o perfil do rapaz, reproduzindo na parede a sua silhueta em gigantescas dimensões, o pescoço comprido, o nariz curvo e as madeixas do cabelo, uma no alto da cabeça e outra à frente. Por fim começou a sentir frio aos primeiros alvores do novo dia e estendeu-se no colchão sem apagar a luz, sem arranjar as roupas e sem pôr um travesseiro debaixo da cabeça. Caiu num sono de chumbo, como só costumam ter os condenados à morte na véspera da execução.

E, por outro lado… com que poderia comparar-se aquela tempestuosa noite que o Senhor Pralínski passava no leito nupcial do desventurado Pseldónimov? As dores de cabeça, o mal-estar com todas as suas consequências não o deixavam repousar nem um momento. Era uma tortura infernal! Quando, por um instante, a sua consciência emergia, iluminava tais abismos de desgostos, visões tão turvas e repulsivas, que mais valia não estar no seu juízo. E via tudo às voltas. Reconhecia, por exemplo, a mãe de Pseldónimov, ouvia as suas exortações consoladoras, todas neste tom: "Tenha paciência, meu pombinho, não desespere, *bátiuchka*, que uma pessoa se acostuma a tudo", a reconhecia e a ouvia, mas não podia dar a si mesmo uma explicação lógica da sua presença. Assaltavam-no visões aborrecidas; aparecia-lhe a todos os momentos o fantasma de Siemion Ivânovitch Chipulenko; mas quando procurava fixá-lo bem, via que não se tratava de Siemion Ivânovitch Chipulenko, mas sim do nariz de Pseldónimov. Também lhe apareciam as figuras do artista boêmio, do militar e da velha das bochechas rechonchudas. Mas o que mais o aborrecia era o aro dourado que pendia sobre a sua cabeça, ao qual estava preso o cortinado. Via com toda a clareza o famoso aro à luz turva da lamparina, que só fracamente iluminava o aposento, e torturava o juízo pensando: "Para que diabo servirá esse arozinho; por que o teriam posto ali e para que fim?". Até chegou a perguntar isto à velha que o velava, simplesmente não conseguia exprimir-se bem, pois, por mais que fizesse por explicar-se, ela não o compreendia. Quando começou a amanhecer, a sua indisposição passou e afundou-se num sono pesado e letárgico. Ficou assim dormindo uma hora e, quando tornou a acordar, sentiu-se completamente desanuviado, mas com uma dor de cabeça insuportável e com a língua transformada num pedaço de trapo, e com um gosto absolutamente repulsivo. Endireitou-se um pouco, olhou à sua volta e pôs-se a refletir. A luz pálida da manhã filtrava-se como um raiozinho claro pelas frinchas das tabuinhas das janelas e ia projetar-se, tremendo, sobre a parede. Deviam ser aproximadamente sete horas da manhã. Quando de repente se recordou de todos os acontecimentos da noite anterior, ao precisar todos os pormenores da ceia, o seu malogrado intento de sedução dos espíritos, o seu discurso à mesa, e compreender com a mais espantosa clareza todas as consequências que dali poderiam derivar para ele, e conjeturar o que pensariam, ao olhar à sua volta e

perceber o triste e repugnante estado em que pusera o leito nupcial, tão aprazível, do seu subordinado… oh! então acometeu-o uma vergonha, um tal aborrecimento, que cobriu o rosto com as duas mãos e, desesperado, enterrou-o nas almofadas. Mas tornou logo a endireitar se, levantou de um salto; pegou nas roupas ali, junto da cama, escovadas e limpas, postas sobre o espaldar duma cadeira, e vestiu-as rapidamente, como se quisesse fugir de alguém. Ali mesmo, noutra cadeira, tinha o casaco de peles, o gorro, e sobre este as luvas amarelas. Dispunha-se a esgueirar-se sem dar nas vistas, quando de súbito a porta se abriu e apareceu a mãe de Pseldónimov com uma bacia e uma toalha limpa ao ombro. Pôs ali a bacia e, com a maior tranquilidade e absoluta ausência de afetação, disse-lhe que ele precisava lavar-se.

– Mas que é isso, *bátiuchka*? Lave-se, assim não está certo; o que deve fazer em primeiro lugar é lavar-se…

E naquele momento sentiu que, se havia no mundo uma criatura perante a qual não devia envergonhar-se nem temer, era aquela mulher. E o nosso homem lavou-se. Muito tempo depois, nos momentos graves da vida, Sua Excelência havia de recordar aquele episódio da bacia de barro com água fria, na qual flutuavam ainda algumas películas de gelo, e o pedaço de sabão embrulhado em papel cor-de-rosa, com letras em relevo, que custava quinze copeques, se destinava à noiva e servira para ele, assim como recordaria também a velha com a toalha sobre o ombro esquerdo. A água fria acabou de despertá-lo; enxugou-se logo e, sem dizer palavra, sem agradecer sequer à sua irmã de caridade, pegou o gorro, colocou sobre os ombros o sobretudo de peles que ela lhe estendeu, atravessou o corredor, depois a cozinha, onde o gato se espreguiçava, miando, e a criada seguiu-o com olhos curiosos, saiu para a rua, onde tomou o primeiro trenó que encontrou. Fazia uma manhã fria e enevoada, uma névoa amarela envolvia tudo. O Senhor Pralínski levantou a gola do sobretudo. Parecia-lhe que todos o olhavam, que todos o conheciam e sabiam da linda noite que passara.

Durante oito dias deixou-se ficar em casa, sem sair à rua, nem para ir ao escritório. Estava doente… porém mais moral do que fisicamente. Esses oito dias passou-os como num inferno, e é de

calcular que lhe deverão ser levados em conta, quando for para o outro mundo. Havia momentos em que sentia vontade de fazer-se frade. A sua imaginação trabalhava de maneira extraordinária dentro dessa ideia. Via-se na cela solitária, ouvia cânticos subterrâneos, via sepulcros abertos, prados, campinas verdes. Quando tornava a si, dava logo conta de que isso de fazer-se frade seria o disparate mais tremendo que poderia cometer, e então sentia vergonha desses devaneios. Acometiam-no também ataques, provindos da sua presumível *existence manquée*. Depois tornava a sentir a alma abrasada de vergonha, devorando e consumindo tudo consigo próprio. Tremia só de imaginar certas coisas: que diriam dele, que pensariam dele, como iria atrever-se a aparecer na repartição, que boatos não o seguiriam por onde passasse, durante um ano, dez, toda a vida. Aquela história havia até de passar à posteridade! Caía às vezes em tal estado depressivo que sentia o impulso de ir ver Siemion Ivânovitch Chipulenko e pedir o seu perdão e a sua amizade. Não procurava defender-se, rendia-se à evidência.

Pensava também em pedir a reforma e consagrar-se na solidão à felicidade dos mortais. Fosse como fosse, era absolutamente necessário romper com todas as amizades e fazer esquecer toda a recordação da sua pessoa. Tudo isto lhe pareceu depois um disparate, e tudo poderia arranjar-se, se empregasse daí em diante maior severidade de trato com os subordinados. Este pensamento deu-lhe coragem e tornou a criar esperança. Finalmente, decorridos dez dias de inquietação e de angústias, tornou-se para ele insuportável permanecer naquela incerteza, e *une beau matin*[8] resolveu apresentar-se na repartição.

Durante aquela crise de desespero imaginara, pelo menos mil vezes, como seria a sua entrada na repartição. Pensava com espanto que havia de chegar aos seus ouvidos algum boato equívoco, que havia de ver caras enigmáticas e sorrisos ambíguos. Grande foi o seu assombro quando verificou que a realidade não correspondia de maneira nenhuma à sua expectativa. Receberam-no com todo o respeito; saudaram-no como deviam e mostravam-se todos sérios e atarefados. Levava o coração num alvoroço quando entrou no gabinete.

Pôs-se imediatamente a trabalhar, escutou atentamente todas as

referências e informações e ditou as suas ordens. Parecia-lhe que nunca trabalhara tão bem nem tão rapidamente como nessa manhã. Observava a alegria geral e o modo respeitoso como todos o tratavam. Nem o mais desconfiado teria motivo para receio. Portanto, as coisas iam às mil maravilhas.

Por último, apareceu Akim Pietróvitch Zúbikov, trazendo expediente. Quando o viu, o Senhor Pralínski sentiu uma punhalada no coração; mas foi coisa de momento. Pôs-se logo a atender Akim Pietróvitch, dizendo-lhe e explicando-lhe ter muito que fazer. Só notava que evitava olhá-lo de frente, se não era antes Akim Pietróvitch quem evitava olhar para ele. E assim que deu o despacho, Akim Pietróvitch deteve-se um momento para recolher os seus papéis e disse-lhe:

– Há aqui também uma petição – começou, com toda a secura possível – do empregado Pseldónimov, que pede para ser transferido para outra repartição… Sua Excelência Siemion lvânovitch Chipulenko prometeu colocá-lo na sua. E o solicitante pede a Vossa Excelência tenha a bondade de recomendá-lo.

– Bem, será transferido – disse Sua Excelência, e sentiu que lhe saía um peso de cima.

Levantou os olhos e, naquele momento, seus olhos encontraram-se com os de Akim Pietróvitch.

– Pois, por meu lado … não há inconveniente – respondeu. Akim Pietróvitch parecia ter pressa de desaparecer dali. Mas, de repente, Sua Excelência, num ímpeto de nobreza… resolveu ser franco para com ele. Um certo entusiasmo voltou a apoderar-se dele.

– O senhor vá ter com ele – começou, fixando em Akim Pietróvitch um olhar claro e significativo – e diga-lhe que eu não tenho nada contra ele, absolutamente nada! E que, pelo contrário, estou disposto a esquecer todo o passado, todo, todo!

Mas, de repente, Sua Excelência ficou cheio de assombro ao reparar na estranha maneira de conduzir-se de Akim Pietróvitch, que, de homem discreto, se transformara num imbecil. Em vez de escutar

atentamente o que Sua Excelência lhe dizia, pôs-se muito encarnado, inclinou-se rapidamente, numa breve reverência, e encaminhou-se angustiosamente para a porta. Todo o seu aspecto mostrava que teria dado qualquer coisa para que a terra o engolisse naquele momento ou, para melhor dizer, se ver depressa sentado outra vez à secretária. O Senhor Pralínski, que ficara sozinho, levantou da cadeira, perplexo. Olhou-se ao espelho, mas fez isso maquinalmente.

"Qual! Severidade, severidade, severidade!", murmurou inconscientemente para si próprio e, de repente, seu rosto afogueou-se. Sentiu uma vergonha tal, como nunca chegara a sentir, nem nos momentos mais horríveis da sua doença de oito dias.

"Não suportaríamos!", disse consigo, e tornou a cair sobre uma poltrona.

**1** Uma existência falhada.↩

**2** Sim… é isso, é o termo justo.↩

**3** Avançai, meus senhores, corrente de damas, balançai!↩

**4** Califa abássida. Cruel para com os seus inimigos, mas generoso, instruído e eloquente. Velou sempre pelo bem de seu povo (765-809). Em *As mil e uma noites* é o protótipo do príncipe justo e sábio. Traduz-se por Aarão, o Justo.↩

**5** Havia diversas variedades de vodca ou aguardente: desde a vodca branca corrente até a vodca com pimenta, e outras, perfumadas com várias ervas.↩

**6** Célebre palhaço e acrobata russo.↩

**7** Sinônimo arcaico de pope. Utilizado também, na linguagem do povo, como sinônimo de papai, aplicado ao próprio pai ou a pessoas de respeito, às quais quer se tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo. Pope é pejorativo e ninguém se dirigia diretamente ao padre chamando-o de pope. Também exclamação: *Bátiuchka!* Meu pai! Meu Deus!↩

**8** Uma bela manhã.↩

# Notas de inverno sobre impressões de verão

# Notas de inverno sobre impressões de verão (1862-1863)

## Capítulo primeiro / À maneira de prólogo

Há já alguns meses que os senhores, meus amigos, me pediram que lhes descrevesse o mais depressa possível as minhas impressões sobre o estrangeiro, sem suspeitarem que, com tal pedido, me punham simplesmente em apuros. Que irei eu dizer-lhes? Que vou contar-lhes de novo, que não seja conhecido e não tenha ainda sido contado? Quem é que, aqui na Rússia (mais não seja pela leitura dos periódicos), não conhece a Europa duas vezes melhor que o seu país? "Duas vezes" disse eu apenas por respeito, pois, de contrário, diria dez vezes mais. Depois, à parte essas reflexões gerais, os senhores sabem também que eu não tenho nada de especial para contar e muito menos ainda que descrever ordenadamente, já que vi tudo sem ordem nenhuma e, se alguma coisa vi, não consegui obter dela informação suficiente. Estive em Berlim, em Dresden, em Wiesbaden, em Baden-Baden, em Colônia, em Paris, em Londres, em Lucerna, em Genebra, em Gênova, em Florença, em Milão, em Veneza; e em alguns destes lugares estive por duas vezes e percorri-os todos apenas em dois meses e meio! Será possível ficar conhecendo bem qualquer coisa, quando se percorre semelhante itinerário em dois meses e meio? Os senhores devem calcular evidentemente que antes de sair de Petersburgo traçara o meu plano de viagem. Nunca estivera no estrangeiro; sentia o desejo de ir até lá desde a minha mais tenra infância, desde aqueles tempos em que, boquiaberto e trêmulo de entusiasmo e de horror durante as longas noites de inverno, por ainda não saber ler, ouvia os meus pais, que caíam de sono, lerem em voz alta romances de *Monsieur* Racliffe, que eram depois os causadores dos meus pesadelos febris. Até que pude finalmente partir para o estrangeiro, já quarentão e, é claro, não só queria ver o melhor possível e em pouco tempo, como queria também ver tudo, tudo sem falta, apesar da brevidade do prazo. Além disso, não estava em condições de escolher serenamente os lugares. Senhores, o que eu esperava dessa viagem! "Não hei de

reparar nos pormenores mas, em compensação – dizia comigo – hei de ver tudo, irei a todas as partes; e, de tudo quanto vir, há de ficar-me uma impressão de conjunto, um panorama geral. Toda essa estrada de monstros sagrados se me representava de um golpe de vista, como num volteio de pássaro, como a terra olhada de uma montanha, em perspectiva. Numa palavra: receberei uma nova, extraordinária, vigorosa impressão." Pois vamos ver: que é que, agora, ao evocar as minhas peregrinações estivais, me custa mais? Pois não é o fato de não ter olhado minuciosamente para nada, mas o ter estado em tantos lugares e não ter estado em Roma. E em Roma poderia ter visto o Papa… Em resumo: acabou por assaltar-me uma sede insaciável de algo novo, de mudar de lugares, de impressões gerais, sintéticas, panorâmicas. Querem acreditar que isto é afinal o que, depois de tais confissões, podem esperar de mim? Que hei de eu contar-lhes? Panoramas, perspectivas? Qualquer coisa *à vol d'oiseau*[1]. Mas pode acontecer que sejam os senhores os primeiros a dizer-me que voo demasiado alto. Aliás, tenho-me por homem de consciência e não queria mentir, nem mesmo na qualidade de viajante. Porque se me ponho a imaginar e a descrever, ainda que seja um panorama, não terei outro remédio senão mentir, e isto não pela psicologia própria do viajante, mas porque em tais circunstâncias é indispensável. Avaliem por si mesmos: Berlim, por exemplo, provocou-me a mais desagradável das impressões, de maneira que não fiquei nessa cidade senão um dia. E agora vejo que sou culpado para com Berlim, que não me atrevo a afirmar rotundamente que me produzisse uma impressão desagradável. Sim, pelo menos foi uma impressão agridoce, e não simplesmente azeda. E a que se deveria esse erro pernicioso de minha parte? Com certeza ao fato de eu, homem doente, que padece do fígado, ter de passar dois dias no trem, com chuva e névoa, até chegar a Berlim e, uma vez aí, sem ter dormido, pálido, esgotado, desfeito, ao primeiro olhar reparei que Berlim tinha umas semelhanças inverossímeis com Petersburgo. As mesmas ruas traçadas à régua, os mesmos cheiros, os mesmos… (mas não vou enumerar tudo). "Meu Deus! – pensava eu comigo – valia a pena ter passado dois dias no trem para ver o mesmo que deixei?" Nem achei graça às tílias, apesar de os berlinenses serem capazes, por elas, de sacrificarem o que mais estimam, até a sua Constituição; e que há de mais apreciado para um berlinense do que a sua Constituição? Além de que, todos os

berlinenses, desde o primeiro ao último, têm uma tal cara de alemães, que eu, sem olhar sequer para os frescos de Kaulbach[2] (oh, horror!), parti logo para Dresden, levando no meu espírito a convicção profunda de que precisamos nos acostumar aos alemães e que todo aquele que não está habituado a vê-los só muito dificilmente pode suportá-los em grandes multidões. Mas, em Dresden, também caí em culpa para com os alemães; pareceu-me de repente, quando me vi na rua, que não havia tipos mais antipáticos que os das mulheres de Dresden, e que o próprio cantor do amor, Vsiévolod Kriestóvski, o mais convicto e jovial dos poetas russos, teria perdido aí o tino e duvidado da sua vocação.

Passadas duas horas, a mim próprio explicava tudo: de regresso ao meu quarto de hotel, quando observei a língua ao espelho, fiquei convencido de que o meu juízo acerca das senhoras de Dresden se assemelhava muito a uma negra calúnia. Tinha a língua amarelada, com mau aspecto… "Será que o homem, esse rei da Natureza, esteja absolutamente dependente do seu fígado – pensei – que crueldade!" Com esses pensamentos consoladores dirigi-me a Colônia. Confesso que tinha uma grande esperança na catedral! Imaginara-a com verdadeira unção na minha juventude, quando estudava arquitetura. Na minha volta a Colônia, um mês depois, quando de regresso de Paris, contemplei pela segunda vez a catedral e senti impulsos de lançar-me de joelhos no chão e de pedir-lhe perdão, por não ter percebido, da primeira vez, a sua beleza, tal como Karamzin[3], quando se ajoelhou com a mesma intenção perante as cataratas do Reno. Mas, seja como for, da primeira vez a catedral não me agradou absolutamente, pareceu-me uma renda, uma renda e nada mais, um objeto elegante no estilo de um peso de papéis em cima de uma mesa, de setenta *sajénhi* de altura. "Pouca grandeza", resumi, tal como outrora os nossos antepassados disseram a respeito de Púchkin.

Penso que influíram nesse meu primeiro juízo duas circunstâncias, e, entre elas, a primeira é a água-de-Colônia. Jean Maria Farina está ali mesmo, ao pé da catedral e, seja qual for o hotel em que os senhores se alojem, seja qual for o seu estado de espírito e por mais que o ocultem dos seus inimigos, e em especial de Jean Maria Farina, os seus agentes hão de dar infalivelmente com os

senhores, e então: *Eau de Cologne ou la vie!*[4]; uma das duas coisas, não há mais por onde escolher. Não posso dizer com toda a certeza se é esse precisamente o grito que lançam: *Eau de Cologne ou la vie!*; mas olhem que pode ser. Lembro-me de que, então, me pareceu ouvi-lo. O segundo pormenor que me pôs de mau humor, fazendo-me incorrer em injustiça, foi a nova ponte de Colônia. Não há dúvida de que a ponte é magnífica e de que a cidade está justamente orgulhosa dela, mas parecia-me demasiado orgulhosa. E, é claro, fiquei logo indignado. Quando me cobrou os *grochi* do costume para poder passar aquela maravilhosa ponte, o cobrador desse razoável imposto não devia ter feito aquela cara de quem cobrava uma multa por alguma falta que eu, inocentemente, tivesse cometido. Não sei, mas me pareceu que esse alemão foi insolente. "Com certeza adivinhou que eu sou estrangeiro, e russo, ainda por cima", pensei. Pelo menos parecia dizer-me com os olhos: "Vai vendo como é a nossa ponte, miserável russo… Não tens outro remédio senão reconhecer que és um verme, comparado com a nossa ponte e com qualquer alemão, pois na tua terra não há uma ponte como esta." Hão de concordar que isso era vexatório. Claro que esse tal alemão não me disse nada disso, e é até possível que nem sequer o tivesse pensado, mas é a mesma coisa: eu tinha a tal ponto certeza de que ele desejava dizer-me isso, que fiquei furioso cá por dentro. "Vai para o diabo! – pensei. – Também nós inventamos o samovar… Temos jornais… Fazemos coisas oficiais… Temos…" até que me aborreci e, comprando um frasco de Colônia (que já não podia evitar), tomei imediatamente o trem para Paris, esperando que os franceses fossem muito mais simpáticos e finos. Agora já podem ver: se me tivesse dominado e ficado em Berlim, não um dia, mas uma semana; outro tanto em Dresden, e em Colônia pelo menos uns dois ou três dias, à segunda ou à terceira vez teria olhado para essas coisas com outros olhos e teria feito delas uma ideia melhor.

Até a luz do sol, a simples luz do sol, teve aí a sua influência: se tivesse brilhado sobre a catedral, como brilhava da segunda vez que estive em Colônia, certamente o edifício apareceria debaixo da sua luz verdadeira e não como naquela sombria e até chuvosa manhã, capaz de despertar em mim um arrebatamento de dolorido patriotismo. Entretanto, não deve deduzir-se disto que o patriotismo é fruto do

mau tempo.

A propósito, escutem uma coisa, meus amigos: é impossível ver-se tudo em dois meses e meio e não posso oferecer-lhes testemunhos muito exatos, hei de mentir algumas vezes sem querer, por isso…

Mas neste ponto já sei que me interrompem e que dizem que, por esta vez, não precisam de referências exatas, que, se necessitarem delas, vão encontrá-las no *Guia de Richard* e que, pelo contrário, seria bom que os viajantes não tivessem tanto respeito pela verdade absoluta (para chegar à qual não costumam ter forças), pela sinceridade, não temessem esconder algumas das suas impressões ou aventurazinhas pessoais, por pouco gloriosas que fossem, e não se justificassem com autoridades célebres para provar as suas partes vantajosas.

Numa palavra: o que os senhores querem são as minhas observações pessoais, mas sinceras.

"Ah! – exclamo eu. – Então o que desejam é uma simples conversa, esboços breves, impressões pessoais colhidas rapidamente!" Pois bem, estou de acordo, e vou já fazer-lhes a vontade com os meus apontamentos. Vou me esforçar tanto quanto possível por ser ingênuo. Só lhes peço tenham presente que muitas das coisas que lhes vou contar podem estar sujeitas a erros. Embora, naturalmente, nem todas sejam incorreções. Pois é impossível quanto a fatos tais como o de *Notre Dame* estar em Paris, bem como o *Bal Maville*. Sobretudo o último fato está tão averiguado por quantos russos escrevem em Paris, que não há maneira de pôr isso em dúvida. E é possível que eu também não erre nisso; embora, quanto ao mais, não responda, falando verdadeiramente, por que assim seja. Porque dizem que estar em Roma e não ver a Catedral de São Pedro é impossível. Pois bem: eu estive em Londres e não vi a Catedral de São Paulo. Sério que não vi. É certo que entre São Pedro e São Paulo há certa diferença, mas, apesar de tudo, isso não fica bem numa pessoa que viaja. Aí têm a minha primeira aventura, que não redunda certamente a favor da minha glória (quero dizer, vi a catedral de longe, a umas duzentas *sajénhi* de distância, e, além disso, dirigia-me apressadamente para Ponteville, pelo que fiz um gesto com a mão e passei de largo). Mas,

vamos ao caso, ao caso! E querem saber uma coisa? É que não estive em todos os lados, e também não vi tudo só com olhos de pássaro (ver com olhos de pássaro, não quer dizer ver de cima; conforme sabem trata-se de um termo arquitetônico). Passei em Paris um mês inteiro, menos oito dias, em que estive em Londres. Pois bem, vou descrever-lhes qualquer coisa acerca de Paris, porque vale mais a pena ver esta cidade do que a Catedral de São Paulo ou os senhores de Dresden. E já comecei de novo!

## Capítulo II / No trem

"O francês não tem Juízo e, se o tivesse, consideraria isso a sua maior desgraça." Esta frase foi escrita no século passado por Fonvízin[5], e, meu Deus, com que alegria não devia ele tê-la escrito! Era capaz de apostar em como o coração lhe estremeceu de alegria quando o fez. E quem sabe: pode ser que todos nós, três ou quatro gerações depois de Fonvízin, a leiamos com certo deleite. Todas as frases deste gênero, formuladas por estrangeiros, ainda que as encontremos agora, encerram para nós algo de indiscutivelmente grato. Claro que só no mais profundo segredo, às vezes até escondido de nós mesmos. Transparece nisto uma espécie de vingança por algo já pretérito e que não estava certo. Não será decente este pensamento mas tenho a certeza de que existe em quase todos nós. Naturalmente sentimo-nos magoados quando suspeitam isso de nós, no que não fingimos; no entanto eu creio que o próprio Bielínski era um eslavófilo às escondidas, neste sentido. Lembro-me da unção, quase estranha, quando o conheci, há cinquenta anos, com que todo aquele círculo se inclinava perante o Ocidente, isto é, sobretudo perante a França. A França estava então na moda, por volta do ano quarenta e seis. E não era o caso, por exemplo, que inspirassem adoração esses nomes de George Sand, Prudhomme, etc.; ou que inspirassem respeito esses outros de Louis Blanc, Ledru-Rollin, etc. Não, simplesmente, um nomezinho qualquer, insignificante, que não valia nada quando meditávamos um pouco sobre ele, era tido em alto apreço. E de todos eles se esperava qualquer coisa de grande no que respeita a serviços positivos prestados à Humanidade. Alguns desses nomes eram pronunciados num murmúrio de especial devoção. E então? Nunca na

minha vida encontrei um homem tão estranhamente russo, que esse tal Bielínski[6] pode ser comparado com ele quanto a criticar com ousadia, e às vezes, cegamente, muitas das nossas coisas, e desprezar na aparência tudo quanto é russo.

Mas não é sem motivo que me lembro agora disto. Quem sabe se a frase de Fonvízin não pareceria às vezes, em segredo, muito escandalosa a Bielínski. Há momentos em que até a tutela mais discreta e mesmo legal nos repugna. Oh, pelo amor de Deus não acreditem que amar a pátria signifique insultar o estrangeiro, nem que eu pense tal coisa. De maneira nenhuma penso assim, até pelo contrário… A única coisa que me custa é não dispor de tempo para explicar-me agora com mais clareza.

E, a propósito, não pensem que em vez de falar de Paris vá eu pôr-me a dissertar sobre a literatura russa! Ou que vou alinhavar um artigo de crítica! De maneira nenhuma; disse isso por dizer.

Verifico, pelo meu livrinho de apontamentos, que vou agora no trem e que estou amanhã em Eydtkuhnen, quero dizer, na minha primeira impressão do estrangeiro, e então o meu coração sobressalta-se. O caso não é para menos! Vou ver a Europa pela primeira vez, eu que, durante quarenta anos, sonhei com ela em vão, eu que desde os dezesseis, e com toda a seriedade, como o Bielopiátkin de Niekrássov, “ansiava correr até à Suíça!” mas não corria, e eis que finalmente vou a caminho dessa região das maravilhas sagradas, ao lugar de tantos e de tantos expectativas para mim, de fé tão convicta. “Senhor, mas que somos nós, os russos?”, pensava comigo, às vezes, naqueles momentos, no trem. De fato: “Seremos nós verdadeiramente russos? Por que será que a Europa faz de todos nós, sem exceção, essa ideia fabulosa, fantástica?” Quero dizer, não me refiro agora a esses russos que ficam por lá, a esses russos simples, que perfazem um total de cinquenta milhões, e aos quais nós, uns cem mil homens, consideramos até ao presente como um zero, e dos quais zombam os nossos profundos jornais satíricos, só porque não fazem a barba. Não; agora falo do nosso grupo de privilegiados e diplomados. Porque tudo, pelo menos quase tudo quanto possuímos, no que respeita a desenvolvimento espiritual, a ciências, artes, cidadania, humanismo, tudo vem daí, dessa região de monstros sagrados. Porque toda a nossa vida, desde a

nossa própria tenra infância, se ajustou ao padrão europeu. Por acaso algum de nós pode resistir a esse influxo, a essa pressão? Como é que não nos tornamos ainda definitivamente europeus? Como é que não nos tornamos… Nisto creio eu que todos hão de concordar comigo; uns com alegria, outros, provavelmente, com indignação, por não nos termos desenvolvido até ao ponto de nos termos tornado europeus. Mas isso já é outra coisa. Eu me refiro apenas ao fato de não nos termos convertido em europeus, apesar de influências tão irresistíveis, e digo que a mim próprio não consigo explicá-lo, porque não foram as nossas mães nem as nossas amas quem disso nos impediu. Mas é triste e cômico ao mesmo tempo pensar que, se Arina Rodiónova não tivesse sido a ama de leite de Púchkin, nós não teríamos um Púchkin. Que tolice! Não veem que isto é um disparate? Mas se de fato ela não o tivesse sido? Porque agora mandam muitas crianças russas a educar na França; e que aconteceria se mandassem para lá outro Púchkin e lá não existisse nenhuma Arina Rodiónova, nem quem lhe falasse russo desde o berço? E se Púchkin não fosse russo? Ele, que era um fidalgo, adivinhou Pugatchov, e penetrou na alma pugatchovesca numa época em que ainda ninguém nela penetrara. Apesar de ser um aristocrata, trazia Biélkin no fundo do seu coração. Com uma energia admirável afastou-se do seu meio e caracterizou-se definitivamente com os traços da alma nativa no seu Oniéguin. Pois foi um profeta e um precursor. Existe porventura alguma combinação química da alma humana com a terra nativa, que não seja possível dissolver e, depois de dissolvida, que não possa tornar a reconstruir-se? Porque a eslavofilia não nos caiu do céu, e embora se tenha formulado depois uma fantasia moscovita, a base dessa fantasia é mais ampla que a fórmula moscovita; e é provável que tenha raízes mais profundas em muitos corações, do que à primeira vista parece. E até é possível que os moscovitas conservem algo de mais profundo do que a sua fórmula. É difícil observá-lo à primeira vista. Há ideias vivas, fortes, que nem em três gerações chegam a dilucidar-se completamente, de tal maneira que, no fim, aparecem como qualquer coisa de completamente diferente daquilo que eram no princípio… Pois bem: todos estes pensamentos ociosos me assaltavam involuntariamente nas vésperas de ver a Europa, no vagão do trem, em parte por ir aborrecido e não ter nada que fazer. Porque é preciso sermos sinceros! Até agora, entre nós, apenas se ocuparam dessas coisas os que não têm nada que fazer.

Ai como é aborrecido ir sentado no trem, de mãos cruzadas! É tão aborrecido como estar na Rússia sem fazer nada. Embora uma pessoa esteja a ser comodamente conduzida e os outros se preocupem com ela, e às vezes até a embalem de tal maneira que não se pode exigir mais, apesar de tudo uma pessoa sente-se triste, tristeza precisamente por não se fazer nada, por nos mimarem demasiado e ficarmos ali sentadinhos, vendo até onde é que nos levam. É verdade que, às vezes, uma pessoa sente vontade de se atirar do trem e pôr-se a correr ao lado da máquina, a seus pés. Seria muito mais desagradável, ficaria cansada por falta de hábito e, além disso, não seria preciso! Tudo isso está muito bem, mas em compensação haveria a caminhada a pé, seria pelo menos uma ocupação, e se sucedesse que os vagões virassem de rodas para o ar, também já não ficaria assim, sentadinha, de mãos desocupadas, pois pagaria com o próprio corpo a culpa alheia…

Sabe Deus os pensamentos que a ociosidade traz!

Mas eis que já anoiteceu. Começam a acender as luzes nos vagões. À minha frente vai um casal de proprietários de certa idade, boa gente, ao que parece. Vão à exposição de Londres, onde pensam demorar-se apenas uns dias; a família ficou em casa. À minha direita vai um russo que viveu dez anos consecutivos em Londres, empregado num Banco; vem agora de tratar de uns assuntos em Petersburgo, onde se demorou apenas duas semanas, e, segundo parece, perdeu toda a noção de nostalgia da terra natal. À minha esquerda senta-se um inglês, limpo, sanguíneo, ruivo, penteado à inglesa e afetando seriedade. Durante todo o trajeto não trocou conosco a menor palavra, em nenhuma língua; passou todo o dia lendo não sei que livrinho, com essa letra tão miúda que só os ingleses conseguem ler, e até elogiar, pela sua comodidade, e que, quando bateram dez da noite, tirou as botas e calçou as pantufas. É provável que tivesse feito assim toda a sua vida e não quisesse alterar os seus hábitos, mesmo no trem. Não tardou que todos adormecessem; os apitos e a zoada de vaivém das rodas da máquina provocavam um sono invencível. Eu ia sentado e não sei como é que me veio à ideia essa frase de “não tem mentalidade francesa”, e como principiei este capítulo. Já conhecem que eu não sei qual o impulso que me leva a contar-lhes, enquanto não chegamos a Paris, os meus pensamentos do trem, acerca do

humanismo pois já que eu tanto me aborreci, não vão também os senhores aborrecer-se. Além disso é preciso avisar os outros leitores, e por isso reúno todos estes pensamentos num capítulo especial, que intitulo de supérfluo. Por isso, os senhores se aborrecerão ao lê-lo, ao passo que os outros podem passar-lhe à frente, já que é supérfluo. É preciso tratar o leitor com atenção e consciência, ao passo que, com os amigos, se pode usar de maior franqueza. Por isso…

## Capítulo III / E perfeitamente supérfluo

Aliás não foram pensamentos, mas sim qualquer coisa como visões, imagens arbitrárias e sonhos acerca disto e daquilo. Em primeiro lugar empreendi uma excursão aos tempos antigos e pensei, antes de mais, sobre o homem que descobriu o mencionado aforismo referente à mentalidade francesa, ruminando isto e aquilo a respeito do já citado aforismo. Esse homem, no seu tempo, foi um grande liberal. Mas embora tivesse andado toda a vida metido numa casaca francesa, empoasse o cabelo e trouxesse um espadim pendente da cinta, como sinal da sua cavalheiresca ascendência (como não havia igual entre nós) e para defender a sua honra pessoal nos corredores da casa de Potémkin, assim que meteu o nariz na fronteira pôs-se a lançar sobre Paris todos os textos bíblicos e decidiu que não tinha mentalidade francesa e que, se a tivesse, consideraria isso como a sua maior desgraça. A propósito: não vão os senhores pensar que eu digo isso do espadim e da casaca de veludo em tom de censura para Fonvízin. Não se trata disso! O homem não havia de vestir gabões rústicos, sobretudo numa época como a de hoje, em que ainda há senhores que para serem russos e se igualarem ao povo, embora não ponham os tais gabões, inventaram para seu uso particular um traje de baile quase igual àquele com que costuma aparecer em cena, nas óperas populares russas, o Usládi, apaixonado pela sua Liudmila, que ostenta no cabelo um diadema. Não, pelo menos a casaca francesa estava mais próxima da compreensão do povo: “É um senhor, que diabo!, e não está certo que um senhor use capote”. Contaram-me há pouco que não sei qual proprietário contemporâneo vestiu também um traje russo e começou a andar com ele, para se tornar igual ao povo; e que os camponeses, quando o viam, diziam uns para os outros:

“Para que andará ele entre nós vestido desse modo?”. De maneira que o tal proprietário não conseguiu igualar-se ao povo.

– Não, já eu – dizia-me outro cavalheiro – já eu não cedo absolutamente em nada. É de propósito que eu faço a barba e, se preciso for, sairei para a rua de fraque. Procedo assim como digo, mas hei de fazer cara de poucos amigos. Serei avarento, tacanho e cominheiro; serei até avarento e mesquinho, se for necessário. Assim, vão me respeitar muito mais. Porque, a princípio, o mais importante para se conseguir um verdadeiro respeito é isso.

“Ó diabo! – pensei eu. – Qualquer pessoa podia pensar que vai arremeter contra estranhos. Trata-se de um conselho de guerra e nada mais.”

– Ora veja – diz-me um terceiro, por sinal um senhor muito simpático. – Suponhamos que eu escrevo um artiguelho em qualquer jornal e que os tribunais me condenam a ser açoitado. Que aconteceria?

“Oxalá isso acontecesse! – foi o que tive vontade de dizer-lhe, embora, por medo, não tivesse dito. – Por que será que eu tive sempre medo, e hoje ainda tenho, de exprimir alguns dos meus pensamentos? Oxalá fosse assim… – pensei comigo. – E então, se o açoitassem? Os professores de Estética chamam a esse gênero de incidentes o trágico da vida, e nada mais. Será que, só por isso, teríamos de levar uma vida retraída, longe de todos? Não, se conviver com os outros, serei como eles, e se tiver de ser um misantropo, serei de verdade. Noutros lugares também não suportaria isso, sobretudo tendo mulher e filhos ainda indefesos.”

– Mas, por favor, por que vamos envolver a mulher e os filhos? – exclamou o meu contendor. – Se o juiz de paz o condena despropositadamente por causa de uma vaquinha qualquer que se meteu pelo campo alheio, o senhor dá logo a isso as proporções de um assunto público.

– Sim, não há dúvida de que o juiz é cômodo e o assunto ridículo, e tão sujo que até repugna tocarmos nele. Nem sequer é decente falar acerca disso. Vão pentear macacos, que todos sejam açoitados,

contanto que não me chateiem, a mim. No entanto veja o que eu responderia à sentença do juiz: “Nem um só açoite cairia sobre as minhas costas, se fosse possível eu me entenderia com ele no que toca à referida sentença. Aplique-se-lhe uma multa, visto que fez uma coisa que não está certa, mas não o açoitemos. Para o próximo é melhor não ser açoitado”, decidiria o juiz falando à maneira dum *stáriets* de um dos cantões rurais de Chtchedrin.

– Que obscurantismo! – exclamará alguém ao ler isto. – Defender os açoites! (Por certo alguém concluirá daqui que eu sou partidário dos açoites.)

– Mas, por favor, que diz o senhor? – atalhará outro. – Ia começar a falar-nos de Paris e vem-nos com os açoites. Onde é que ia?

– E, além do mais – acrescentará um terceiro – o senhor disse que lhe contaram tudo isso há pouco tempo, e o senhor já fez essa viagem de verão. Como é que podia pensar tudo isso no trem?

– Pois é precisamente aí que está o mistério – respondo eu. – Mas, peço licença, isto são notas de inverno sobre impressões de verão, e por isso ao estival juntou-se o invernal. Além do que, enquanto me dirigia para Eydtkuhnen, lembro-me de que ia pensando em muitas coisas que deixava na pátria para ir ver a Europa, e tenho bem presente na memória que alguns desses desvarios eram por causa disso. Meditava precisamente sobre este tema: de que maneira é que a Europa influíra sobre nós nas várias épocas e nos tinha constantemente visitado com a sua civilização, até que ponto nós nos tínhamos civilizado, e até que ponto também, até agora, nos tínhamos tornado incivis. Vejo agora que tudo isso era supérfluo. Já os avisei de que todo este capítulo era supérfluo. Mas, afinal, onde é que tínhamos ficado? Ah, sim, na casaca francesa! Foi por aí que comecei!

Pois bem: uma dessas casacas francesas[7] escreveu então *Le brigadier*. *Le brigadier* era nesse tempo uma coisa admirável e provocou um efeito extraordinário. “Morre, Dienis, pois já não escreves nada melhor”, dizia o próprio Potémkin. Ficavam todos alvoroçados. “Será que, então, as pessoas também já se aborrecem e apelam para o socorro do próximo?” – dizia eu prosseguindo nas minhas arbitrárias

meditações. – Não me refiro somente aos auxílios franceses de outrora, mas quero acrescentar, além disso, que somos um povo muitíssimo ingênuo e que isso se deve à nossa bonacheirice. Assim, por exemplo, estamos muito quietinhos sem fazer nada e, de repente, parece-nos que alguém disse ou fez qualquer coisa, que exalamos um cheiro especial, que encontramos uma ocupação, e em seguida ficamos todos alvoroçados e com a convicção de que vamos imediatamente meter mãos à obra. Voa uma mosca e pensamos que foi um elefante que passou. Inexperiência juvenil e, além disso, fome de qualquer coisa. Foi o que começou aqui antes já de *Le brigadier*, embora em proporções ainda microscópicas… e assim continua hoje, sem de maneira nenhuma ter mudado; encontramos uma ocupação e ficamos radiantes. Ficar alvoroçado e louco de entusiasmo… aqui, é a primeira coisa; e cada um segue o seu caminho, de nariz arrebitado. Não perdemos tempo olhando para trás. No que respeita ao socorro alheio, na época fonvizinesca quase ninguém tinha dúvidas, entre a massa, de que fosse a ajuda mais santa, mais europeia, a tutela mais simpática. Aliás, agora também são bem poucos os que põem isso em dúvida. Toda a nossa pandilha progressista acredita no auxílio alheio com furor. Mas então, oh! então… foi esse um tempo de crença tão firme em todo gênero de auxílio, que nós ficamos espantados só de pensar como é que chegamos a fazer mover montanhas e como é que todas as nossas vulgares colinas, as lombas de Pargalovo[8] ou os cocurutos das montanhas baldaicas ainda estão onde estavam. É verdade que um dos poetas daquele tempo, falando de um herói, disse que

> só com um pontapé fazia tremer os cerros

e que

> com um soco apenas atirava as torres pelos ares

Mas, segundo parece, isso não passava de metáforas. A propósito, senhores, porque eu, agora, falo somente de literatura e precisamente de literatura refinada.

Quero seguir através dela a gradual e benéfica influência da Europa na nossa pátria. Quer dizer: é impossível imaginar que livros se editavam e liam então (isto é, até *Le brigadier* e no seu tempo) sem

sentir certa altivez e alvoroço. Temos agora um escritor notabilíssimo, ornamento do nosso século, um tal Kuzmá Prutkov. O seu único defeito é a sua inconcebível modéstia; basta dizer que ainda não publicou as suas *Obras completas*! Pois bem, uma vez publicou por graça, no *Contemporâneo*, há muito tempo, *Memórias do meu avô*. Imaginem o que poderia escrever esse corpulento avô, septuagenário, farto de correr mundo, que estivera na corte e na batalha de Ochakov, e voltou daí para a sua terrinha, carregado de recordações. Com certeza devia ser interessante escrever tudo isto. Quantas coisas não devia ter visto esse homem! Pois bem: o livro resume integralmente anedotas deste gênero:

> Réplica aguda do Senhor de Montbazon: Uma vez, uma moça nova e graciosa disparou ao Senhor de Montbazon esta pergunta à queima-roupa e diante do rei: "Cavalheiro, qual dos dois é que está ligado ao outro, é o cão à cauda, ou a cauda ao cão?". Ao que o cavalheiro, que era muito pronto nas respostas, lhe respondeu com voz firme, sem ter ficado absolutamente desconcertado: "Minha menina, tanto faz segurar o cão pela cauda como pela cabeça". Esta resposta agradou muito ao monarca, que recompensou o dito senhor.

Hão de pensar que tudo isto é história, que nunca se passou nada de semelhante. Mas afianço-lhes que eu próprio, na minha infância, quando tinha dez anos, li um livrinho dos tempos de Ekatierina, no qual encontrei a seguinte anedota:

> Resposta aguda do Senhor de Rohan: Já se sabe que o Senhor de Rohan tinha muito mau hálito. De uma vez em que fazia parte do séquito de Condé, este disse-lhe: "Afaste-se um pouco, Senhor de Rohan, que cheira muito mal". Ao que o cavalheiro respondeu imediatamente: "Não sou eu, Sereníssimo Príncipe, mas vós, que acabais de levantar da cama".

Quer dizer, imaginai somente esse proprietário, ex-militar, provavelmente coxo, dono de cem servos, com filhos, que ia todos os sábados aos banhos de vapor, que bebia até desmaiar; e eis que, de óculos encavalitados com muita gravidade, lê semelhantes anedotas e crê que tudo é substancial, isto é, pura obrigação do serviço. Que fé ingênua havia então na veracidade e indispensabilidade de semelhantes notícias europeias. É do conhecimento geral que o Senhor de Rohan tinha muito mau hálito…

Já que isso é do conhecimento geral, que tipos do distrito de Tambóvskaia é que o saberão? E, além disso, quem é que se preocupa

com isso? Mas estas perguntas de livre-pensador não invalidam as coisas. Imagina ele, muito ingenuamente, que aquela seleção de *Respostas agudas* é conhecida na corte e isso lhe é suficiente. Sim, não há dúvida de que então a Europa nos perturbava com facilidade, fisicamente, é claro. Pois, moralmente, não se saía tão bem. As pessoas calçavam meias de seda, usavam peruca, cingiam o espadim… Pronto, eram europeus.

E nada disto incomodava, até agradava. Mas no fundo, uma pessoa continuava a mesma; é por isso que, não falando agora em Rohan (do qual, aliás, apenas sabia que cheirava mal da boca), tirando os óculos, ia visitar os parentes e tratava patriarcalmente a família; patriarcalmente fustigava o pangaré do modesto vizinho, se ele dava um tropeção, e rojava-se não menos patriarcalmente perante os poderosos. Mas esse tipo era ainda mais compreensível para os camponeses; não os desprezava tanto, não os açoitava tanto, porém, informado das suas necessidades, era mais familiar para com eles, menos rigoroso. E se é certo que se faziam importantes perante ele, como não havia de ser assim, se era um senhor? Noutra circunstância não o seria. Embora o açoitassem até matá-lo, o povo, apesar de tudo, queria mais a esses senhores que aos do presente, porque eram mais seus. Em resumo: todos esses senhores eram gente simples, não iam até ao extremo; ralhavam, batiam, roubavam, dobravam o espinhaço com unção e viviam plácida e refesteladamente até ao fim dos seus dias numa depravação, de consciência tranquila, infantil. Mas tenho a impressão de que todos esses nossos avoengos não eram assim tão cândidos, como não o eram De Rohan e Montbazon.

É até possível que fossem uns espertalhões e estivessem muito acima de todas as influências europeias da época. Toda essa fantochada, toda essa mascarada, todas essas casacas francesas, esses regalos, essas gordas e desajeitadas barrigas da perna calçadas com meias de seda; esses soldadinhos de então, com perucas e calças à alemã, todos esses tipos se me afiguravam terrivelmente espertos, um arremedo servil e próprio de lacaios, a tal ponto que por mais de uma vez o povo reparou nisso e assim o considerou. É certo que se podia ser burlão, matreiro e brigadeiro, e ao mesmo tempo ultraingênuo e estar pateticamente convencido de que o Senhor de Rohan é o mais

sutil gracioso. Mas isso não era impedimento para nada; os nossos Potémkini e seus congêneres, quase fustigavam o pangaré dos nossos Rohanes: os Montbazones metiam-se com todos; aos que traziam as mãos encafuadas em regalos e as barrigas das pernas calçadas com meias de seda, faziam-lhes salamaleques e reverências, e os marqueses, na corte, faziam reverências dobrando graciosamente o espinhaço.

Em resumo: toda essa desgraçada Europa era então respeitada entre nós, ao desafio, a começar por Petersburgo, a cidade mais fantástica, a de mais extraordinária história, de quantas existem no mapa.

Ora muito bem; agora já não é assim e Petersburgo conquistou o seu lugar. Tornamo-nos completamente europeus. Agora até o próprio Gvósdikov[9], quando vai cravar o próximo, procura guardar certo decoro como um burguês francês, e vai até um pouco mais longe: como um cidadão dos jovens Estados Unidos da América do Norte, começa a defender com textos a indispensabilidade do tráfico de negros. Aliás, essa defesa por meio de textos, que se faz nos Estados Unidos, começa a introduzir-se com grande intensidade na Europa. "Pois hei de ir até lá para ver tudo com os meus próprios olhos! – pensei. – Nunca os livros te ensinarão tanto como aquilo que vires com os teus próprios olhos." E, a propósito, a respeito de Gvósdikov: por que será que Fonvízin não põe na boca de Sófia, que representa o nobre e humano progresso europeu na sua comédia *O brigadeiro*, uma das frases mais notáveis da mesma, mas sim na da estúpida mulher daquele, que nos pinta tão estúpida, que não só não é uma simples estúpida, mas uma estúpida reacionária, que procura fazer-se valer por todos os modos e que, quando fala, nem parece que é ela quem fala, mas alguém que está por detrás dela? E quando chega o momento de dizer a verdade, também não é Sófia quem a diz, mas a brigadeira. E o que é estranho é que não só a pinta como uma rematada estúpida, mas também como péssima e, no entanto, como se receasse e até artisticamente considerasse impossível que semelhante frase saísse dos lábios da educadíssima Sófia, e supusesse mais natural que a dissesse uma simples mulher estúpida. Eis aqui um passo que convém recordar. É muito curioso, precisamente por ter sido descrito

sem nenhuma intenção nem malícia, ingenuamente, e até como por casualidade. Diz a brigadeira para Sófia:

> BRIGADEIRA: Havia no nosso regimento um capitão, na primeira companhia, que se chamava Gvósdikov; era casado com uma mulher muito teimosa… teimosa e jovem. De maneira que, quando ele se aborrecia por qualquer coisa, geralmente embebedava-se e, meu Deus, batia-lhe a valer! De tal maneira que fazia pena e até dava vontade de chorar olhar para ela.
>
> SÓFIA: Senhora, peço-lhe que não continue falando de coisas que ofendem à Humanidade.
>
> BRIGADEIRA: Mas, *Mátuchka*,[10] se tu nem ouvir queres, como poderia suportá-lo a mulher do capitão?!

É assim que a educadíssima Sófia, com todo o seu sentimentalismo, fica reduzida ao silêncio por uma simples mulher. É uma resposta assombrosa em Fonvízin, e não tem nada de oportuno, humano e… imprevisto. E quantos progressistas não há assim entre os nossos mais avançados apóstolos, que ficam contentes com o seu sentimentalismo e acham tudo bem? E o mais interessante é que Gvósdikov continua batendo na sua *kapitanchka*, e pode ser até que com mais comodidade do que outrora. De fato assim é. Dizem que, dantes, isto se levava mais a peito. “Quem te bate, é porque te ama.” Segundo dizem, eram as próprias mulheres que levavam a mal que os maridos não lhes batessem: não bate, portanto não ama. Era qualquer coisa de primitivo, elementar, inato. Mas agora, com a cultura, isso desapareceu. Agora, Gvósdikov continuará batendo apenas por princípio e além disso porque é também um imbecil; isto é, um ultrapassado, que não conhece os novos costumes. Segundo os novos usos, é preferível arranjar as coisas sem fazer justiça por suas mãos. Se me demoro tanto sobre o caso de Gvósdikov, é porque a seu respeito se escreveram entre nós palavras sumamente estúpidas e desumanas. E continuam a escrever-se, de tal maneira que o público já está enjoado. Gvósdikov tem tal vida, apesar de todos esses artigos, que é quase imortal. Tal qual: está vivo e goza de perfeita saúde, e está bêbado e empanturrado. Agora está impossibilitado, como o Capitão Kopiéikin, em certo sentido, perdeu sangue. A mulher, há muito tempo não é nenhuma beldade, como dantes. Envelheceu, e o rosto, vincado pelas rugas e pelos sofrimentos, ficou macilento e amarelado. Mas quando o marido e capitão jazia no leito, doente, tolhido, não se afastava da sua cabeceira, passava as noites em claro junto dele, consolava-o, vertia lágrimas ardentes pelo seu querido e bom maridinho, chamava-lhe seu

rico falcãozinho, enaltecia as suas proezas marciais. Deve ser verdade que isto, por um lado, faz pena. Mas, por outro, viva a mulher russa!, pois não há nada melhor no nosso mundo russo do que esse seu amor, dotado de infinita capacidade de perdão. Porque é assim, não é verdade? Tanto mais que Gvósdikov, agora, que já não bebe, não bate na mulher; isto é, só de longe em longe, guarda as conveniências e às vezes até lhe diz ternuras. Pois, ao envelhecer, compreendeu que não pode passar sem ela; é calculista, é um burguês, e se apesar de tudo continua ainda batendo-lhe, deve ser só quando se embebeda, por força do antigo hábito, quando está aborrecido. Pois bem: digam o que quiserem, mas isto é um progresso, isto consola. E é tão agradável sermos consolados…

Assim é, de fato; agora nós temo-nos consolado muito bem, consolamo-nos sozinhos. É verdade que nem tudo à nossa volta são rosas; mas, em compensação, somos tão belos, tão civilizados, tão europeus, que chamamos a atenção de quem nos vê. Agora, já o povo nos toma por estrangeiros, não compreende as nossas palavras, nenhum livro, nenhuma ideia nossa… e isso, digam o que disserem, representa um progresso. Agora desprezamos profundamente o povo e os princípios populares, até ao ponto de tratá-lo com certa nova severidade que não existia nem nos tempos dos nossos Montbazones e Rohanes; e isto, digam o que disserem, é um progresso. Mas, em compensação, como estamos já convencidos da nossa missão civilizadora, com que arrogância resolvemos as questões! E que questões: não há terra-mãe, não há povo; a nacionalidade… é o costumado sistema de contribuições – tábua rasa – o invólucro do qual pode extrair-se depois o verdadeiro homem, o homem universal, o homúnculo; basta assimilar os frutos da civilização europeia e ler dois ou três livrinhos. Mas, em troca, como estamos tranquilos, esplendidamente tranquilos, agora que não duvidamos de nada, que tudo resolvemos e aceitamos! Com que tranquila satisfação fustigamos, por exemplo, a Turguéniev, por ter o descaramento de não se tranquilizar, juntamente conosco e não se dar por satisfeito com as nossas grandes personalidades, negar-se a reconhecê-las como o seu ideal, e a procurar algo de melhor do que nós. Melhor do que nós, santo Deus! Mas há alguma coisa debaixo do céu que nos seja superior em beleza e inocência? E ele, que se contentou com Bassárov, com o

inquieto e melancólico Bassárov (indício de grande coração), apesar de todo o seu niilismo. Censuravam-no também por causa de Kukúchkin, por causa desse insignificante progressista que avaliou Turguéniev na nossa realidade russa, como mostra, acrescentando além disso que era oposto à emancipação da mulher. E isto é um progresso, digam o que disserem. Agora, nós temos tanta estúpida soberba, tanta civilização neste nosso povo, que até dá gosto: as mãos na cintura, o olhar fero, olhamos… olhamos e cuspimos: "Que podes tu ensinar-nos, mujique, quando toda a nacionalidade, todo o povo é, no fundo, apenas reacionarismo, cobrança de impostos e nada mais?". Não se agarrem aos preconceitos, por favor! Ah, meu Deus! Agora, a propósito… Senhores, suponhamos por um momento que a minha viagem acabou e que me encontro de regresso, na Rússia. Peço licença para lhes contar uma anedota. Uma vez, este outono, comprei um jornal progressista. Leio: notícias de Moscou: título: "Mais vestígios de barbárie" (ou qualquer coisa parecida, qualquer coisa de muito forte. Tenho pena de não ter neste momento o jornal debaixo dos meus olhos). Começava logo a seguir a contar uma anedota, de como uma vez, este outono, em Moscou, passava uma manhã pelas ruas num *drójki*, dentro do qual ia uma *svakha*[11] embriagada, muito ataviada e cantarolando. O cocheiro levava também muitos adornos e também cantarolava. O cavalo ia igualmente muito enfeitado. O que não sei é se iria também embriagado. Provavelmente ia. A mulher trazia um embrulho nas mãos, o qual devia ter trazido de casa de uns recém-casados, que pareciam ter passado uma bela noite. Esse tal embrulho continha, naturalmente, certa peça de vestuário muito leve, que segundo o costume do povo, deve ser mostrada no dia seguinte ao do casamento, aos pais da noiva. As pessoas, quando viam a *svakha* punham-se a rir: era uma coisa engraçada. O jornal contava com indignação, com fúria, com desprezo, aquela inaudita demonstração de barbárie "que perdurava ainda nos nossos dias, apesar de todos os triunfos da civilização". Senhores, confesso-lhes que soltei uma horrível gargalhada. Oh! não vão pensar que eu defendo canibalismos primitivos como esse da camisa, dos véus, etc. Isso é repugnante, é vergonhoso, é selvagem, coisa própria de eslavófilos, bem sei, de acordo, apesar de que tudo isso se faz sem má intenção, apenas com o fim de festejar a boda, ingenuamente, por desconhecimento de algo melhor, mais elevado, europeu. Não, estava rindo de outra coisa. É

que me lembrei de repente das nossas damas e das nossas lojas de modas. É verdade que as senhoras civilizadas já não enviam a camisa a seus pais; mas quando se apresenta, por exemplo, a ocasião de encomendarem um vestido em casa da modista, com que tato, com que cuidado e conhecimento de causa sabem colocar almofadinhas em determinados lugares do seu sedutor traje europeu! Para que são as almofadinhas? Por causa da elegância, da estética, *pour paraître*…[12] E isso ainda não é tudo, pois as suas filhas, as suas inocentes filhas de dezessete anos, mal saem dos internatos já conhecem as almofadinhas, já estão informadas de tudo; para que servem, como e onde se devem colocar e por que, isto é, qual o fim com que se empregam… "Mas então vamos ver – disse eu comigo, rindo – todas essas preocupações e cuidados, todos esses desvelos conscientes a propósito do emprego das almofadinhas… serão mais honrosos, morais, pudicos, do que esse outro da infeliz camisa, oferecida com cândida inocência aos pais da noiva, com essa confiança que dá o acreditar que é preciso proceder assim, que isso é moral?"

Pelo amor de Deus, não vão pensar agora, meus amigos, que eu acabo por dizer que a civilização… não é o progresso, mas que, pelo contrário, na Europa, nos últimos tempos, sempre prevaleceram sobre todo o progresso o chicote e a prisão! Não pensem que vou pôr-me a demonstrar que aqui os bárbaros confundem a civilização com as leis da evolução verdadeira e normal, e a provar que a civilização há já muito tempo que está condenada no próprio Ocidente, e não tem mais defensores que os proprietários (embora aí todos sejam proprietários e queiram sê-lo), interessados em salvar o seu dinheiro. Não pensem que vou pôr-me a demonstrar que a alma do homem não é uma tábua rasa, nem uma insignificância, da qual pode extrair-se o homem universal; que antes de mais nada é necessária a Natureza, depois a Ciência, depois a vida independente, popular, ampla, e a confiança nas próprias forças nacionais. Não pensem que eu vá dizer-lhes que os nossos progressistas (embora nem todos) não são de maneira alguma partidários das almofadinhas, que condenam com menos energia do que as tais camisas. Não; eu quero apenas dizer uma coisa: no referido artigo não só condenavam e anatematizavam o costume das tais camisas, como chegavam a dizer que esse costume era um resto de barbárie, e não só diziam isso, como pareciam denunciar uma barbárie

popular, nacional, primitiva, em contraste com a civilização europeia da nossa sociedade distinta, elevada. O articulista fanfarronava, parecia não querer dar mostras de saber que é possível que os mesmos denunciadores sofressem de algo pior e mais condenável, de que não fazemos outra coisa senão substituir uns preconceitos e ruindades por outros ainda maiores. Parecia prescindir dos nossos preconceitos e ruindades particulares. Mas para que isso de colocar-se acima do povo com tamanha altivez, pôr as mãos na cintura e cuspir para o lado? É ridícula, ridícula até ao riso, essa crença na impecabilidade e no direito de tal denúncia. Essa crença representa simplesmente o desejo de elevar-se acima do povo, se é que não representa um premeditado, servil acatamento das formas europeias de civilização, o que é ainda mais ridículo. Pois que fatos semelhantes encontram-se aos milhares todos os dias. Desculpem a anedota.

E, aliás, caí em pecado. Sim, pequei! Sim, porque passei demasiado rapidamente dos avós para os netos. Era necessário ter aberto um parêntese. Lembrem-se de Tchátski. Esse não é um avô ingenuamente matreiro, nem um neto satisfeito de si próprio, que põe os pés à parede e resolve tudo de uma assentada. Tchátski é um tipo perfeitamente pessoal da nossa Europa russa, um tipo simpático, exaltado, paciente, provocante para com a Rússia e para com a gleba, e que, no entanto, volta para a Europa quando é preciso procurar "um refúgio para o sentimento ofendido".

Em resumo: um tipo completamente inútil, agora, mas que outrora foi utilíssimo. É um recitador de frases, um falador, um charlatão amigável que sofre conscientemente da sua inutilidade. Agora transformou-se na nova geração, e nós acreditamos nas energias infantis, acreditamos que há de voltar a manifestar-se bem depressa, mas já sem esse histerismo do baile de Famússov, e antes de maneira triunfante, orgulhoso, poderoso, modesto e amorável. Além disso reconhece que o refúgio para o sentimento ofendido não se encontra na Europa, mas que talvez o tenha ao alcance das mãos, e sabe o que há de fazer e põe-se a trabalhar. E querem saber uma coisa? É que eu estou convencido de que nem tudo aqui se reduz à civilização grosseira e à extravagância europeia; tenho a convicção de que foi já criado o novo homem. Mas isto ficará para depois.

Queria dizer ainda duas palavras sobre Tchátski. Há só uma coisa que não compreendo, porque Tchátski era um homem muito inteligente. Como é que esse homem inteligente não encontrou com que ocupar-se? Porque nenhum deles encontrou ocupação, não a encontraram durante três gerações seguidas. Isto é opor fatos a fatos, e que, aparentemente, poderiam não significar nada; mas é preciso fazer a pergunta, pelo menos por curiosidade. Pois eu não consigo explicar a mim próprio como é que um homem inteligente, seja como for e em que circunstâncias, não consiga encontrar ocupação. Isso – diz-se – é um assunto discutível; mas, no fundo do meu coração, não acredito nisso de maneira nenhuma. Porque a inteligência deve servir para se alcançar o que se deseja. Se não se pode andar uma versta, andam-se só cem passos, sempre para a frente, cada vez mais próximo da meta, se ela existe. E se alguém quiser a todo custo chegar de uma só arrancada até o fim, isso, a meu ver, não demonstra inteligência. Isso chama-se também efeminação. Não gostamos de esforços, não estamos acostumados a dar um só passo, e é preciso chegar de uma só vez ao fim ou então parar a meio caminho. Pois bem: isso é efeminação. Mas Tchátski fez muito bem em escapulir-se então para além da fronteira; se se tivesse enganado um pouco no rumo, teria se encaminhado para o Oriente e não para o Ocidente. Aqui, morrem pelo Ocidente, esfalfam-se por causa dele, e em caso extremo, todos vão para lá. Pois bem, para lá também eu vou. *Mais moi c'est autre chose.*[13] Eu os vi lá a todos, isto é, a muitíssimos, tantos que não os poderia contar, e todos andavam em busca de um refúgio para o seu ulcerado coração. Pelo menos andavam à procura de qualquer coisa. A geração dos Tchátski de um e outro sexo, depois do baile de Famússov, e, em geral, exatamente após ter terminado o baile, multiplicavam-se lá como as areias do mar, e não somente os dessa geração, porque todos iam até lá. Quantos Repetílovi, quantos Skalossúbovi, aos quais tinham mandado para as águas pela sua inutilidade, não pululavam por ali! Natália Dimítrievna e consorte não faltavam. Também a Condessa Khliestova vai até lá tomar as suas águas todos os anos. Todos esses senhores estavam fartos de Moscou. Só Moltchálin é que não estava: pensou melhor e ficou em casa. Por assim dizer, consagrou-se à pátria, ao torrão natal… Agora ninguém poderá pôr-lhe a vista em cima; não recebe Famússov em sua casa, nem sequer no vestíbulo: são vizinhos no campo; na cidade não se cumprimentam. Têm negócios, arranjaram

que fazer. Mora em Petersburgo, e… e tem tido sorte. Conhece a Rússia e a Rússia conhece a ele. Sim, conhece-o muito bem, e durante muito tempo não há de esquecê-lo. Nem sequer é taciturno, mas antes, fala pelos cotovelos. E até se vê com livros nas mãos… Mas para que falar tanto dele! Eu me estava referindo a todos eles e dizia que procuram um refúgio acolhedor em toda a Europa, e pensava que, verdadeiramente, ali estão melhor. E, no entanto, que pena eu tenho deles! Pobrezinhos! Que inquietação constante a sua, que doentia, melancólica mobilidade! Todos eles andam armados dos seus guias e percorrem as cidades, ansiosos por contemplarem coisas raras, mas na verdade parece que o fizeram por obrigação, como se continuassem a servir a sua pátria: não passam por alto nem um palácio com três varandas, como indica o guia, nem uma Câmara Municipal, ainda que seja idêntica ao mais vulgar edifício moscovita ou petersburguês; contemplam a vaca de Rubens e julgam que são *As três graças*, porque assim manda o guia que se creia; vão ver a *Madonna* da Sixtina e ficam parados diante dela numa expectação estúpida: ali sucede qualquer coisa que brota do solo e os submerge numa tristeza e num cansaço sem objetivo. E saem dali assombrados porque não tenha acontecido nada. A sua curiosidade não é como a curiosidade presumida e maquinal dos turistas ingleses de um e outro sexo, que olham mais para o guia do que para a coisa admirável: não esperam nada de novo nem de assombroso e limitam-se a verificar se está ou não indicado no guia e quantas onças ou libras pesa o objeto. Não, a nossa curiosidade é algo de selvagem, de nervoso, de ansioso, e convencida de antemão de que nunca acontece nada, naturalmente, até à primeira mosca; porque se voa uma mosca… isso significa que temos de voltar para trás… Falo aqui apenas das pessoas inteligentes. Com as outras não é preciso preocuparmo-nos: Deus olha sempre por elas. Nem também daqueles indivíduos que se enraizaram lá definitivamente, no estrangeiro, esqueceram a sua língua e começam a escutar os padres católicos. Embora, no fim de contas, de toda essa gente somente se possa dizer uma coisa: assim que um de nós aparece em Eydtkuhnen, encontra imediatamente algum parecido com esses pobres cães que andam à procura do seu perdido dono. Mas, imaginam talvez os senhores que eu escrevo por troça, que deito as culpas a alguém, “porque nestes tempos”, etc., etc., e “eles, no estrangeiro”, etc., etc.! Aqui põe-se a questão agrária, e ela, no

estrangeiro, etc., etc. Oh, nada disso, nada disso! Além do mais, quem sou eu para poder culpar alguém? E por que haviam eles de estar aqui, se não há nada que fazer e, se há, se faz sem eles? “Estão ocupados todos os lugares”; “não há vagas em perspectiva”. “Que vontade de meter o nariz onde ninguém o chama!” Aqui têm a desculpa, breve, por certo. A tal desculpa, não a sabemos de memória. Mas que é isto? Onde é que eu vou parar? Como é que consegui ver os russos no estrangeiro? Porque eu não ia senão a Eydtkuhnen… Mas é que passaram. É verdade que Berlim, Dresden, Colônia, todas passaram. Eu ia no trem, de verdade; mas já não tinha à minha frente Eydtkuhnen, mas sim Arkelin, e entrava na França, Paris, Paris! Era de Paris que eu queria falar, porém me esquecera. Já falei bastante acerca da nossa Europa russa, coisa desculpável quando nos encontramos como hóspedes na Europa europeia. E, além disso, que importa? Já pedi perdão. Porque este era um capítulo supérfluo.

## Capítulo IV / E não supérfluo para os cavalheiros

### Solução definitiva do problema de se “o francês tem ou não juízo”

Mas não; apesar de tudo, eu perguntava a mim próprio por que será que o francês não tem juízo, quando me pus a olhar para quatro novos passageiros que acabavam de entrar no trem. Eram os primeiros franceses que apareciam na minha frente, na sua terra natal, sem contar com os empregados da Alfândega de onde vínhamos. Esses tais empregados de Arkelin eram muito delicados, resolviam rapidamente todos os casos, e eu subi para o trem; muito satisfeito com os meus primeiros passos na França. Até Arkelin, de quatro lugares que havia no nosso compartimento, só dois é que iam ocupados: o meu e o de um suíço, homem simples e modesto, de meia idade: um vizinho de viagem muitíssimo simpático, com o qual conversei ininterruptamente durante duas horas. Agora éramos seis e eu vi com espanto que o meu suíço se tornou extraordinariamente taciturno diante dos nossos quatro companheiros de viagem. Tentei restabelecer com ele o

interrompido colóquio; mas ele procurou cortá-lo, respondendo-me com evasivas, secamente, quase de má vontade; aproximou-se da janela e pôs-se a olhar para a paisagem, e um minuto depois puxou do seu guia alemão e afundou-se por completo na sua leitura. Deixei-o imediatamente em paz e pus-me a contemplar os nossos companheiros de viagem. Eram umas pessoas estranhas. Iam à vontade e não tinham aspecto de viajantes. Nem a roupa era de viagem.

Traziam sobretudos leves, terrivelmente rotos e gastos, apenas um pouco melhores do que aqueles que usam na Rússia os impedidos ou os criados da classe média camponesa. A roupa interior também era suja; dava para ver as gravatas de cores gritantes, também muito sujas. Um deles levava sobre o colo os restos de um cesto, desses que ficam sempre com uma camada de sebo ao fim de quinze anos de contacto com o colo do seu dono. Este mesmo dono ostentava também nas mangas da camisa uns botões de brilhantes falsos, do tamanho de nozes. Aliás, ostentava-os com um certo *chic*, até com altivez. Pareciam todos os quatro da mesma idade, à volta dos trinta e cinco e, embora não tivessem a mesma cara, eram muito parecidos. Tinham os rostos murchos, com umas barbichas à francesa, todas também muito parecidas. Era evidente que se tratava de indivíduos que deviam ter passado por muitas peripécias e adotado para sempre uma expressão de rosto senão azeda pelo menos de grande preocupação. Parecia também que eram todos amigos, embora não me lembre de que tivessem trocado qualquer palavra. Não queriam olhar para nós, isto é, para o suíço e para um empregado, e, assobiando sem cerimônia, mudando de posição igualmente sem cerimônia, mantinham a vista fixa, com indiferença, mas com teimosia, num ângulo da carruagem. Acendi um cigarro e, muito aborrecido, pus-me a observá-los. De fato, pela minha ideia passou esta pergunta: “Que espécie de gente será esta? Trabalhadores não são; burgueses não são. Serão talvez militares reformados, algo *à la demisolde*[14] ou qualquer coisa parecida? Passados dez minutos, assim que chegamos à próxima estação, os quatro, um atrás do outro, saltaram imediatamente da composição, fecharam a porta com estrondo e nós respiramos. Nessa linha não demoram quase nada nas estações: dois minutos, três no máximo, e logo o trem se põe de novo em marcha. Andam otimamente, isto é, muito depressa.

Assim que ficamos sós, o suíço fechou o seu guia, colocou-o de lado e olhou para mim com um ar satisfeito, visivelmente desejoso de reatar o diálogo.

– Esses senhores estiveram aqui pouco tempo – comecei eu olhando-o com curiosidade.

– Foi só de uma estação até à outra.

– Conhece-os, o senhor?

– Se os conheço? Mas são polícias!

– O quê? Polícias? – interroguei, estupefato.

– Pois claro! Eu já tinha percebido que o senhor não tinha adivinhado.

– E também são… espiões? – e não queria acreditar.

– Claro que são! Vieram para aqui por nossa causa.

– Tem a certeza?

– Sem dúvida! Já fiz várias vezes este mesmo trajeto. Os da Alfândega, que tinham lido os nossos passaportes, falaram-lhes de nós e deram-lhes os nossos nomes e outros sinais. E eles subiram para o trem para nos acompanhar.

– Mas para que acompanharem-nos, se já nos tinham visto? Por que não disse o senhor que já lhes tinham falado de nós nessa estação?

– Sim, e deram-lhes os nossos nomes. Mas isso ainda não é tudo. Agora já nos conhecem como às suas mãos: cara, roupa, mala de viagem; numa palavra: sabem tudo. Repararam nos seus botões de punho. O senhor puxou de um cigarro; pois tomaram nota do cigarro. Agora estão informados de todos os pormenores; de todas as minúcias: isto é, de todas as particularidades. Pode o senhor perder se em Paris, mudar de nome (isto, se o senhor é pessoa suspeita). Pois bem: esses pequenos pormenores podem servir para encontrá-lo. Acabam de telegrafar tudo isso, desta mesma estação, para Paris. Aqui hão de

estar alguns à sua espera, como por acaso. Sem falar em que também os donos dos hotéis têm a obrigação de dar parte de todos os pormenores dos estrangeiros, mesmo dos mais insignificantes.

– Mas para que se juntaram tantos, isto é, quatro? – continuei a perguntar-lhe, um pouco preocupado.

– Oh! Há muitos aqui. Desta vez passam por aqui poucos estrangeiros, porque, senão, não caberiam nos vagões.

– Mas ouça uma coisa: esses tipos nem sequer repararam em nós, olhavam para as janelas.

– Oh! Esteja descansado que repararam em tudo… Foi por nossa causa que subiram.

"Ora, ora! – pensei eu – este também não tem mentalidade francesa! – e (com vergonha o confesso) olhei de soslaio para o suíço, com uma certa desconfiança. – E tu, meu amigo, não serás desses também, e finges que não? – foi a ideia que me atravessou a mente, ainda que apenas por um instante, garanto-lhes. – Estúpido, mas que queres tu saber? Se te lembravas involuntariamente…"

O suíço não me enganou. No hotel onde me alojei tomaram imediatamente nota dos meus sinais pessoais e os comunicaram para onde deviam. Pode concluir-se, da atenção e seriedade com que olham para nós, enquanto anotam os nossos sinais, que também observam escrupulosamente o hotel e estão a par de tudo quanto fazem, de todos os seus passos. Embora, no fim de contas, não me tivessem incomodado muito no hotel e tomaram nota do meu endereço em silêncio, exceto quanto às perguntas taxativas e a que é preciso responder: quem, como, donde, com que fim etc. Mas no segundo hotel em que estive, por não haver quarto disponível no anterior, Hotel Coquillière, depois de uma ausência de oito dias que passei em Londres, já me trataram com mais franqueza. Esse segundo, o Hotel dos Imperadores, parecia um tanto patriarcal em todos os sentidos. Os donos, um casal já de idade, eram muito bons e de uma delicadeza pouco frequente e muito amáveis com os seus fregueses. No próprio dia da minha instalação, a dona apanhou-me no vestíbulo, convidou-me a passar a uma sala onde estava o *comptoir*. Também estava aí o

marido; mas, segundo as aparências, quem mandava em tudo, ali, era a dona.

– Queira desculpar. Precisamos do seu endereço.

– Mas já o dei! Não lhes deixei o meu passaporte?

– Sim, mas… *votre état*?[15]

Isso de *votre état* é uma coisa muito desconcertante, que nunca me agradou.

– Mas… que hei de responder? Viajante… é demasiado abstracto. *Homme de lettres* não inspirará nenhum respeito.

– É melhor pôr proprietário, não lhe parece? – perguntou-me a dona do hotel. – É melhor.

– Oh, com certeza, é o melhor! – concordou o marido. E foi isso o que escreveram.

– Muito bem, e agora, o motivo da sua viagem a Paris?

– Sou um viajante, de passagem.

– Hum! Isso mesmo: *pour voir Paris*. Dê-me licença, *msié*, que idade tem?

– A minha idade?

– A sua idade exata.

– Pois bem: meia idade.

– Está bem, *msié*… Mas é preciso indicá-la com mais precisão, isto é – continuou dizendo com certa perplexidade e consultando o marido com o olhar.

– Quero dizer, quantos anos tem – disse o marido calculando a minha idade à simples vista.

– Mas para que é preciso saber isso? – perguntei.

– Oh, é in…dis…pen…sá…vel! – respondeu a dona da casa, repisando amavelmente a palavra indispensável e anotando ao mesmo tempo a minha idade no livro. – Agora, *msié*, o seu cabelo? Louro, hum… De cor muito clara… crespo…

Tomou nota do cabelo.

– Dê-me licença, *msié* – continuou, e, deixando a pena, levantou e aproximou-se de mim com uma cara amabilíssima. – Olhe, é já ali, junto da janela, aí é que eu tenho de ver a cor dos seus olhos. Hum!… Claros.

E consultou outra vez o marido com os olhos. Era evidente que se amavam muito.

– Verdadeiramente, são verdes – observou o marido com um ar especialmente sério, preocupado, até. – *Voilá* – piscou um olho à mulher, apontando qualquer coisa por cima das suas sobrancelhas.

Compreendi imediatamente aquilo a que ele queria referir-se. É que eu tenho uma pequena cicatriz na testa, e o homem não queria que esse pequeno sinal particular passasse despercebido à mulher.

– Agora dê-me licença que lhe pergunte – disse eu à dona do hotel, logo que terminou aquele exame – mas exigem-lhe assim tanta exatidão?

– Oh, *msié*, é in … dis … pen … sá … vel!

– *Msié!* – confirmou o marido com uma cara especialmente grave.

– Pois no Hotel Coquillière não me fizeram essas perguntas.

– Não é possível – encareceu a mulher com vivacidade. – Podia ter-lhes custado caro. Naturalmente observaram-no sem lhe dizer nada; mas não têm outro remédio senão fazer isto. Nós somos mais francos e simples com os nossos hóspedes: tratamo-los como pessoas de família. Há de ficar contente conosco, vai ver.

– Oh, *msié*! – concordou o marido solenemente, e no seu rosto apareceu até uma expressão de ternura.

Era um casal honestíssimo, amabilíssimo, pelo menos foi o que pude comprovar depois. No entanto, a palavra in… dis… pen… sá… vel não a pronunciava a mulher em tom de desculpa ou atenuante, mas no sentido de ser absolutamente imprescindível e coincidir, ou pouco menos, com as suas convicções pessoais.

– Eia, já estou em Paris!

## Capítulo V / Baal

Eia, já estou em Paris! Mas não vão pensar que vou contar-lhes muitas particularidades de Paris. Penso que devem já ter lido tanto a respeito dela, em russo, que já hão de estar fartos. Além de que os senhores também a devem ter visitado e com certeza a observaram melhor do que eu. E, em último lugar, custa-me ter de olhar as coisas, no estrangeiro, seguindo o guia, a regra, por obrigação de viajante, e ver em alguns lugares tais coisas que até dá vergonha dizê-las. Em Paris também passei muitas coisas por alto. Ou, melhor, não quero dizer que as tivesse passado precisamente por alto, mas direi que fiz para mim uma definição de Paris, que lhe apliquei um epíteto, e que é segundo esse epíteto que a considero. Paris é… a cidade mais moral e virtuosa do mundo. Que ordem! Que discrição, que relações sociais bem definidas e exatamente determinadas; como tudo está previsto, que contente e feliz é aí toda a gente, e como todos, finalmente, se esforçam por acreditar, e acreditam de fato, que são felizes, e… com isso se contentam! Tal qual. Será difícil acreditar que se aferram a essa ideia; os senhores gritam que eu exagero, que tudo isso é uma atrabiliária calúnia patriótica, que não é possível que tudo isso seja assim. Mas, meus amigos, eu preveni-os logo, desde o primeiro capítulo destes apontamentos, que seria possível dizer muitas mentiras. Por isso não me incomodem. Os senhores também já sabem que, se eu minto, o faço convencido de não mentir. Mas, em meu entender, isto já é bastante. Por isso deixem-me em paz.

Sim, Paris é uma cidade assombrosa, E que *confort*, quantas comodidades para aqueles que têm direito a elas, e também que ordem, que ordem tranquila! Eu resumo, tudo na ordem. Um pouco mais ainda, e Paris ia se tornar, com o seu milhão e meio de

habitantes, uma povoaçãozinha professoral, alemã, petrificada na tranquilidade e na ordem, numa Heidelberg qualquer. É para isso que tende. E por que não poderia ser uma Heidelberg de proporções colossais? E que regulamentação! Compreendam o que eu quero dizer: não é tanto uma regulamentação exterior, que é insignificante (claro que, em comparação), mas uma colossal regulamentação interior, espiritual, saída da alma. Paris encolhe-se com gosto, comprime-se com prazer, apequena-se com unção. Neste sentido, onde fica Londres, por exemplo! Estive em Londres oito dias ao todo e, pelo menos no exterior, que quadros amplos e que planos claros, especiais, sobressaem nas minhas recordações! Tudo ali é enorme e se impõe pela sua originalidade. Cada coisa rude, cada contraste, está lado a lado com a sua antítese e anda de braço dado com ela, contradizendo-se mutuamente e sem poderem excluir-se. Aparentemente tudo isso se aferra teimosamente a si próprio e vive a sua vida, e é evidente que não fazem estorvo umas às outras. E, no entanto, nota-se aí a mesma tenaz, surda e velha pugna, uma guerra de morte de todo o princípio pessoal no Ocidente, com a necessidade indispensável de conviver, de compor um todo, seja como for, e de juntar-se num formigueiro, organizar-se um pouco, sem se comerem uns aos outros… senão, de contrário, voltariam à antropofagia. Neste sentido, por outro lado observa-se ali o mesmo que em Paris, um esforço tão desesperado por aferrar-se ao seu *status quo*, esse desprender-se de todos os desejos e esperanças e amaldiçoar o futuro, no qual nem sequer os líderes do progresso têm fé, e prostrar-se diante de Baal. Mas, por favor, não se deixem seduzir por frases retumbantes; tudo isso só se vê conscientemente no espírito dos progressistas conscientes; mas nota-se de um modo inconsciente, instintivo, na atuação vital de toda a massa. Mas o burguês, por exemplo, em Paris, mostra-se conscientemente muito contente e convencido de que assim deve ser, e até é capaz de açoitá-los se o negarem, e vai açoitá-los, porque até agora tem um certo medo, apesar de todo o seu aprumo. Em Londres, embora se observe o mesmo, no entanto que perspectivas amplas, opressivas! Até exteriormente, que diferença de Paris! Essa cidade, sempre alterada, de dia e de noite, como o mar: os rugidos e os assobios das máquinas, esses trens que correm por cima das casas (e que não tardarão também a correr por debaixo delas); essa ousadia empreendedora; essa aparente desordem, que na realidade é ordem burguesa, no mais alto

grau; esse envenenado Tâmisa; esse ambiente saturado de carvão de pedra; esses *squares* e parques magníficos; esses antros terríveis, como o de Whitechapel, com os seus habitantes meio nus, selvagens e famélicos; a City, com os seus milhões e o seu comércio mundial; o Palácio de Cristal; a Exposição Universal… Sim, a Exposição impressiona. Sente-se uma energia terrível, que juntou aí todas essas pessoas inumeráveis, chegadas de todo o mundo, formando um só rebanho; reconhece-se uma ideia gigantesca; sente-se que aí se conseguiu uma vitória, um triunfo. Como que começamos a temer qualquer coisa. Por muito independentes que sejamos, há qualquer coisa que nos parece terrível. "Não será já este o ideal conseguido? – pensamos. – Não será este o *terminus*? Não será este o rebanho único? Não será de fato chegada a hora de aceitar isto como a verdade plena e de nos ajustarmos definitivamente a ela?" Tudo isto é tão solene, triunfal e orgulhoso, que o nosso espírito começa a retrair-se. Olhamos para essas centenas, para esses milhares, para esses milhões de indivíduos que se juntaram aqui, submissos, vindos de todas as partes do mundo… pessoas que chegaram com um único pensamento, que se amontoam, tranquila, teimosa e silenciosamente neste palácio colossal, e sentimos que ali se consumou e definiu algo de definitivo. É um quadro bíblico, qualquer coisa no gênero de Babilônia ou de uma profecia do Apocalipse que se cumprisse à nossa vista. Sentimos que é precisa uma grande dose de negação secular e de isenção para não nos prostrarmos, para não nos rendermos à impressão, adorar o fato e erigir em deus a Baal, isto é, para não tomar pelo próprio ideal aquilo que existe…

"Vamos… isto é um desatino – dirão – um absurdo doentio, nervos, exagero. Ninguém se importará com isso nem o considerará como seu ideal. Além de que a fome e a escravidão são seus irmãos e contribuirão, mais do que nada, para fomentar o espírito de negação e engendrarão o cepticismo. Mas os *dilettante*, enfastiados que passeiam por gosto, podem sem dúvida imaginar visões de Apocalipse e consolar os seus nervos, exagerando e tirando de tudo para se excitarem, fortes sensações…"

"Bem – respondo eu – suponhamos que a decoração me tenha seduzido. Mas se vissem como esse espírito poderoso é orgulhoso da

sua vitória e do seu triunfo, iam começar a tremer à vista do seu orgulho, teimosia e cegueira, e tremeriam também por aqueles de quem esse orgulhoso espírito se apodera." Perante coisas tão grandiosas; perante um tão gigantesco orgulho do espírito dominante, à vista da perfeição triunfal da obra desse espírito, também a alma estremece muitas vezes, transida, e curva-se, rende-se, procura a salvação no desenfreamento e na licença e começa a acreditar que isso é que é eficiente. O fato oprime, a massa fatiga e oprime os chineses, e se geral o cepticismo, procura a sua salvação, triste e renegando, em algo de semelhante ao mormonismo. Mas, em Londres, pode convencer-se a massa em tal proporção e com um cenário como nunca verão ao natural, neste mundo. Disseram-me, por exemplo, que nas noites de sábado, meio milhão de trabalhadores, de um e outro sexo: invadem com os seus filhos, como uma grande inundação, toda a cidade, concentrando-se de preferência em alguns bairros, e até às cinco da manhã, passam a noite inteira na paródia, isto é, comendo e bebendo como animais, para toda a semana. Tudo isso é produto das suas economias cotidianas, dinheiro ganho com um rude trabalho e entre maldições. Nos açougues e nas lojas de comestíveis arde o gás com chamas que iluminam a rua. É como se fosse organizado um batuque para esses negros-brancos. As pessoas apinham-se nas tabernas abertas e nas ruas. Aí comem e bebem. As tabernas estão enfeitadas como palácios. Toda a gente se embriaga, mas não tem alegria, está lúgubre, sentem-se pesados, e todos, terrivelmente silenciosos. Esse silêncio suspeito e entristecedor é interrompido somente de quando em quando por insultos e murros sangrentos. Todos se apressam a embebedar-se até perderem os sentidos… As mulheres não largam os maridos e bebem na sua companhia; as crianças correm e traquinam por ali. Uma vez, eram duas horas da noite, sucedeu-me extraviar-me e andei vagando durante muito tempo pelas ruas, no meio de grupos e grupos dessa gente lúgubre, perguntando pelo caminho quase só por sinais, pois não sei uma palavra de inglês. Até que por fim o encontrei; mas a impressão de tudo quanto vi nessa noite ficou a incomodar-me durante três dias.

O povo é, em toda a parte, povo; mas ali era tudo tão colossal, tão claro, que me parecia sentir aquilo que até então não pudera senão imaginar. Além de que, o que se via ali não era o povo, mas a perda

da consciência, sistemática, submissa, provocada. E era de notar, ao ver todos aqueles párias da sociedade, que, por muito tempo ainda, não se cumpririam para ele as profecias, que ainda tardariam muito em dar-lhes palmas e vestes brancas e a chamá-los todos juntos perante o trono do Altíssimo. Até quando, Senhor? E eles sabem isso e, por agora, vingam-se da sociedade com certas seitas de mórmons predicadores errantes. Assombra-nos a estupidez de professar essas seitas, e não adivinhamos que há nisso um desvio das nossas fórmulas sociais, um desvio teimoso, inconsciente; um afastamento instintivo de tudo, na busca da salvação, afastamento de nós com repugnância e com horror. Esses milhões de seres, abandonados e colocados à margem no festim da vida, comprimindo-se e esmagando-se mutuamente na sombra subterrânea em que os deixaram os seus irmãos mais velhos, batem à toa a uma porta qualquer e procuram uma saída para não morrerem asfixiados naquelas trevas. É esse o supremo intento desesperado ao afastarem-se do seu grupo, do seu rebanho, e afastar-se de tudo, até da imagem do homem, e viver à sua maneira e não permanecer conosco…

Vi em Londres outra multidão parecida com essa, que também não vereis jamais em outro lugar, como ali. Havia também uma decoração à sua maneira. Quem tenha estado em Londres, com certeza que deve ter ido, ainda que apenas por uma noite, ao Hay-Market. É um bairro onde, à noite, em certas ruas se apinham milhares de mulheres públicas. As ruas estão iluminadas por focos de gás, dos quais não fazemos aqui uma ideia. Encontram-se a cada passo magníficos cafés, decorados com espelhos dourados. Há salas de festas, quartos de pouca permanência. É difícil romper aquela multidão. E que multidão tão heterogênea! Veem-se ali velhas e também beldades perante as quais nos quedamos estupefatos. Não há em todo mundo outro tipo de mulher comparável à inglesa. Toda essa gente, densa e compacta, se apinha com dificuldade pelas ruas. Não ocupam os passeios, mas a parte central das ruas. Andam todas à caça de freguês e atiram-se com descarado cinismo à cara do transeunte. Veem-se brilhantes, vestidos suntuosos, e também autênticos farrapos, e criaturas das mais variadas idades, todas misturadas. Por entre essa terrível multidão vagueia também o ébrio vagabundo, acotovelando-se com o nobre opulento. Ouvem-se insultos, barulho de altercações,

apelos, e o discreto, sedutor murmúrio de alguma beleza fatal. E que beleza, às vezes! Caras próprias de um *keepsake*[16]. Lembro-me de que uma vez entrei num cassino. Ouvia-se a música, havia baile, e uma multidão. A decoração era magnífica. Mas o temperamento sombrio não abandona os ingleses, nem sequer no meio da alegria: dançam muito sérios, até severos, marcando apenas o compasso e como por obrigação. Lá em cima, na galeria, descobri uma jovem, e fiquei simplesmente estupefato: nunca na vida vira coisa semelhante, uma beleza tão extraordinária. Estava sentada junto de uma pequena mesa, com um rapaz, um *gentleman* rico mas pouco habituado a frequentar esses cassinos. É possível que a tivesse encontrado, ou, finalmente, que tivessem combinado encontrar-se aqui. Quase não falava com ela, fazia muitas interrupções naquilo que dizia, como se não falasse do que desejava falar. O colóquio interrompia-se a cada passo por um longo silêncio. Ela estava também muito triste. Tinha umas feições delicadas, finas: qualquer coisa de secreto e triste transparecia nos seus belíssimos olhos, um tanto altivos, algo de reflexivo e de triste. Tinha a impressão de que ela devia estar tísica. Devia com certeza estar muito acima de toda aquela caterva de infelizes mulheres, pela sua educação; pois que queria dizer aquele rosto cheio de humanidade? E no entanto bebia *gin*, que lhe pagava o rapaz. Até que por fim este levantou, lhe deu a mão, e despediram-se. Ele saiu do cassino, e ela, com as faces pálidas cobertas de grandes rosetas vermelhas, do álcool, foi misturar-se ao tropel das mulheres ansiosas. Tive ocasião de ver em Hay-Market mulheres que levavam ali as suas filhas jovens.

As garotas de doze anos pegam-nos no braço e pedem-nos que as sigamos. Lembro-me de que, uma vez, vi entre a multidão uma jovem que não devia ter mais de dezesseis anos, toda esfarrapada, suja, descalça, extenuada e ferida; era possível ver-lhe o corpo, que lhe assomava por entre os farrapos, cheio de vergões. Andava como que alheada, sem rumo fixo, aos tombos por entre as pessoas, sabe Deus por que, talvez tivesse fome. E ninguém reparava nela. O que mais me chocou foi a expressão de amargura que mostrava, de desespero sem consolo, de tal maneira que só a visão dessa criatura, transida de desolação e dor tamanhas, era monstruosa e provocava uma dor terrível. Movia para um lado e para outro a cabeça desgrenhada, como

se meditasse em qualquer coisa; esfregava as sobrancelhas com as mãozinhas, gesticulava, e depois, de repente, unia-as e apertava-as contra o peito desnudo. Voltei-me e dei-lhe meio xelim. Ela pegou na moeda de prata, ficou a olhar-me no rosto fixamente, timidamente assombrada, e de repente correu com toda a ligeireza das suas pernas, como se tivesse medo que eu fosse tirar-lhe o dinheiro… Em geral, coisas de graça…

E também, uma vez, de noite, no meio dessa multidão de mulheres perdidas e de viciosas, surgiu-me pela frente uma mulher que vinha correndo por entre os grupos. Vestia toda de prêto e trazia um chapéu que lhe ocultava o rosto; mal tive tempo de olhar para ela; lembro-me unicamente dos seus olhos fixos. Disse-me qualquer coisa que não consegui compreender, num péssimo francês; meteu-me um papel na mão e afastou-se rapidamente. Li esse papel junto da janela de um café; era um papel quadrado; num dos lados tinha impresso: *Crois-tu cela?*[17] No outro, também em francês: "Ressuscitarás e viverás", etc., algumas frases conhecidas. Hão de concordar que a coisa era bastante original. Contaram-me depois que se tratava de propaganda católica, que se introduzia por todos os lados, teimosa, incansável. Uma vezes distribuíam esses papelinhos pelas ruas; outras eram livrinhos cujo texto é formado por fragmentos do Evangelho e da Bíblia. Davam-nos de graça, metiam-nos na mão das pessoas. Havia muitos missionários dos dois sexos. Era uma propaganda sutil e premeditada. Havia até um padre católico que visitava os operários pobres. Se ia encontrar aí, por exemplo, um doente estendido sobre o chão, rodeado de criaturas transidas de fome e de frio, e uma mulher famélica, e às vezes embriagada, dava alimentos a todos, roupas, aquecimento, encarregava-se de assistir ao doente, comprava-lhe remédios, transformava a casa por completo e acabava por convertê-los a todos ao catolicismo. Embora às vezes, depois de o doente se ter curado, o expulsassem com brutalidade, por entre insultos e pancada. Mas ele não desanimava e ia com a mesma cantiga para outro lado. De toda a parte o expulsavam, mas às vezes conseguia fazer uma presa. O padre inglês não vai visitar os pobres. Aos pobres nem sequer os deixam entrar nas igrejas, porque não têm para pagar os bancos. As uniões entre a classe operária e, de maneira geral, entre os pobres, costumam ser livres, porque a cerimônia do casamento é uma coisa

que sai muito cara. A propósito, muitos desses maridos costumam bater terrivelmente nas mulheres, maltratá-las até deixá-las meio mortas, e quase sempre com as tenazes com que atiçam o fogo da lareira. Essas tenazes parecem já um instrumento consagrado para bater às mulheres. Pelo menos os jornais, sempre que relatam brigas graves entre os cônjuges, surras e crimes, falam sempre nas tenazes. É costume as crianças ainda pequenas irem frequentemente para a rua, perderem-se no meio da multidão e não regressarem mais à casa dos pais.

Os padres e bispos ingleses, soberbos e ricos, vivem de rendas avultadas e engordam com a consciência perfeitamente tranquila. São muito vaidosos, muito cultos, e acreditam com toda a seriedade e importância na sua dignidade estupidamente moral, no seu direito de pregarem tranquilamente ao próximo, engordar e viver para os ricos. A sua religião é declaradamente uma religião para ricos. Pelo menos… racionalmente e sem enganar ninguém. Para esses professores, convencidos até à soberbia, a religião é uma diversão, à sua maneira: o missionarismo. Revolvem toda a terra, vão ao coração da África para converter um selvagem e deixam no maior esquecimento milhões de selvagens em Londres, porque não têm para lhes pagar. Mas os ingleses ricos e, de maneira geral, todos os bezerros de ouro do país, são extraordinariamente religiosos, sombria, severamente religiosos e à sua maneira. Desde tempo imemorial que os poetas ingleses gostam de celebrar a beleza das residências dos pastores na província, sombreadas por azinheiros e olmos seculares, as suas virtuosas consortes e as suas filhas, de beleza ideal, louras, de olhos azuis.

Mas quando a noite foge e o dia surge, esse mesmo espírito orgulhoso, insociável, torna a apoderar-se da gigantesca cidade. Não se preocupa com o que possa ter acontecido durante a noite, não se inquieta com o que se desenrola agora à luz do sol. Baal domina e nem sequer reclama respeito, porque sabe que conta com ele. A sua fé em si próprio é infinita; dá as esmolas de praxe, com ar depreciativo e tranquilo, apenas para se libertar disso, e depois já não é possível perturbar mais o seu aprumo. Baal não fecha os olhos, como fazem, em Paris, perante alguns violentos, suspeitosos e alarmantes fenômenos da vida. A pobreza, a dor, os murmúrios e as queixas da

massa de maneira nenhuma o intimidam. Permite com desprezo a todos esses suspeitos e malignos fenômenos da vida que convivam com ele, ao seu lado, à luz do dia. Não se esforça covardemente, como o parisiense, para convencer-se, cobrar ânimo e acreditar que tudo está caminhando bem. Não se dá ao trabalho de esconder os pobres em qualquer lugar, como fazem em Paris, para que não perturbem nem inquietem inutilmente os seus sonhos. O parisiense, à semelhança do avestruz, gosta de esconder a cabeça na areia para não ver os caçadores que correm sobre ele. Em Paris… Mas que digo eu! Se eu não estou em Paris! Meu Deus, quando será que eu me torno uma pessoa ordenada!

## Capítulo VI / Ensaio sobre o burguês

Há um motivo para que tudo aqui se encolha, se aperte e comprima: "Eu não existo, não existo, não existo no mundo… Eu me escondo; passem ao largo, por favor, e não reparem em mim; façam como se não me vissem; passem, passem ao largo!".

– Mas quem é que se encolhe? Quem é que se retrai?

– Ora, o burguês.

– Mas se ele é o rei, se é tudo: o *tiers état, c'est tout*[18] e o senhor diz… que se encolhe!

– Sim, senhor; e por que se esconderá dessa maneira, debaixo do imperador Napoleão? Por que esquecerá o estilo altissonante das câmaras dos deputados, que dantes era tão do seu gosto? Por que não quer recordar-se de nada e faz espaventos quando alguém lhe recorda o passado? Por que deixa transluzir nas suas palavras e nos seus olhos esse medo, quando alguém se atreve a exprimir algum desejo na sua presença? Por que será que, quando ele próprio, imprudentemente, toma coragem e formula algum desejo, imediatamente se assusta e começa a desdizer-se? "Senhor! Mas será possível que eu tenha dito isso?" e ainda muito tempo depois se esforça por compensar esse arrebatamento com a sua submissão e docilidade. Porque olha como se dissesse: "Hoje vendi um bocado na loja e, se Deus quiser, também

venderei amanhã e depois de amanhã, e se a misericórdia de Deus permitir… E assim, vamos ver se consigo juntar umas migalhinhas e… *après moi, le déluge?*”.[19] Por que recolherá todos os pobres num lugar especial e afirma depois que eles não existem? Por que se contentará com a literatura administrativa? Por que terá empenho em convencer-se de que os seus jornais não se vendem? Por que concordará em gastar tanto dinheiro para manter espias? Por que não se atreverá a abrir a boca a respeito da expedição ao México? Por que será que as mulheres casadas se apresentam com um aspecto tão nobre e endinheirado e as amantes tão decaídas, sem posição nem amparo, empregadas ou artistas, numa autêntica lástima? Por que terá o burguês essa ideia de que as esposas são todas forçosamente fiéis, que o *foyer* é uma bênção, que o *pot-au-feu* arde num fogo virtuoso e que o seu penteado é o melhor que pode imaginar-se? Isso do penteado está decididamente resolvido, é coisa assente e, ainda que a todo momento passem pelas avenidas fiacres com as cortinas corridas, ainda que haja refúgios para todo o gênero de necessidades, e ainda que os toucados das esposas costumem ser com muita frequência mais caros do que possa pensar-se, a avaliar pelos rendimentos do marido, é coisa decidida, escrita e selada, da qual nem é preciso mais falar. Mas por que será coisa decidida e bem assente? Pois é por isto: porque se não fizessem assim pensariam que não tinham encontrado o ideal; que Paris ainda não era o paraíso na terra; que ainda podia desejar-se outra coisa e por conseguinte o burguês não estaria satisfeito com essa ordem que defende e quer impor a todo o mundo; que na sociedade há defeitos que convém remediar. Eis aqui o motivo por que o burguês põe tinta nos sapatos rotos, para que isso não se note, enquanto as esposas saboreiam bombons, vestem de uma maneira que as damas russas de Petersburgo as invejam até ao histerismo, mostram as pernas e arregaçam graciosamente as saias nas avenidas. Que mais é preciso para se ser feliz? E é esta a razão por que títulos de romance como, por exemplo, *A mulher, o marido e o amante* não são possíveis nas atuais circunstâncias, porque não há nem pode haver amantes. E embora os haja em Paris em tanta abundância como as areias do mar (e pode ser que ainda haja mais), não os há nem pode haver, porque assim está decidido e convencionado e por todos os lados a virtude resplandece. E assim tem de ser para que a virtude resplandeça por todo o lado. Se observarem o grande edifício do Palais Royal à noite,

até às onze, com certeza sentirão desejos de chorar ternamente. Inumeráveis maridos passeiam de braço dado com as suas inumeráveis esposas, enquanto à volta deles correm as filhas, lindíssimas, impecáveis; a fonte murmura e o sussurro monótono do repuxo recorda-nos qualquer coisa de tranquilo, plácido, constante, sempiterno, heidelberguiano. E diz que não é essa a única fonte que em Paris murmura dessa maneira: há muitas fontes, sempre as mesmas, de maneira que o coração alegra-se.

Paris sente uma ânsia insaciável de virtude. Mas o francês, sério, formalista, costuma ser muito terno de coração, de maneira que não consigo explicar a mim próprio por que tem esse medo, apesar de toda a *gloire militaire* que iluminou a França e que Jacques Bonhomme pagou tão cara. O parisiense sente paixão pelo comércio, mas embora comercie e esfole uma pessoa como a um cabrito, na sua loja, não o esfola, como dantes, para seu próprio lucro, mas por virtude, por alguma necessidade sacratíssima. Acumular um capital e possuir o mais possível constitui o principal código de moral, o catecismo do parisiense. Isso já era assim dantes; mas agora adquiriu, por assim dizer, um aspecto sacratíssimo. Dantes, por pouco que fosse, dava-se algum apreço a outras coisas sem ser o dinheiro, de maneira que um homem pobre, mas dotado de boas qualidades, podia contar com certo respeito; ao passo que agora não. Agora precisa de juntar algum dinheiro e possuir muitas coisas para que o tenham em algum apreço. O parisiense acha que não vale nada quando se sente com os bolsos vazios, e isso de maneira consciente, com toda a convicção. Consentem-se coisas espantosas a uma pessoa, contanto que tenha dinheiro. O pobre Sócrates é apenas um tolo e pernicioso feitor de frases, e apenas é respeitado no teatro, porque o burguês morre por prestar tributo à virtude no teatro. Homem estranho, o tal burguês; proclama em alta voz que o dinheiro é a virtude suprema e um dever do homem, e no entanto desvela-se por afetar o maior decoro. Todos os franceses têm uma aparência assombrosamente nobre. O francês pior, aquele que fosse capaz de vender o pai por uns cobres, dando-lhe ainda alguma sova no próprio momento de vendê-lo, afetaria um aspecto tão imponente, que até ficaríamos na dúvida. Entrem nas lojas para comprar qualquer coisa, e o mais ínfimo dos caixeiros vai aborrecê-los com a sua inexplicável gravidade. São os mesmos

caixeiros que servem de modelos para o nosso teatro Mikháilovski. Fica-se esmagado, sentimo-nos simplesmente em culpa para com eles. Entramos ali para gastar dez francos, por exemplo, e no entanto recebem-nos como a Lord Devonshire. Depois sentimos remorsos; desejaríamos apressar-nos a desenganá-los, dizendo-lhes que não se trata de Lord Devonshire, mas de um simples viajante, e que entramos ali com a intenção de gastar apenas dez francos. Mas o tal rapaz, com o ar mais feliz do mundo e a mais inexplicável nobreza, perante a qual sentimos a tentação de reconhecer que somos uns velhacos (tal é a nobreza do seu aspecto!), começa a mostrar-nos artigos no valor de dez mil francos. Num abrir e fechar de olhos revolve toda a loja para nos servir e, o que, pensam que se dá a esse trabalho todo para agradar-lhes; ele, Grandison, Alcibíades, Montmorency, e além disso, para agradar a quem? Aos senhores, que tiveram a audácia, com o seu aspecto medíocre, com todos os seus vícios e defeitos, e com os seus repugnantes dez francos, de ir incomodar esse marquês… e, enquanto pensam isto, involuntariamente, num instante, ali mesmo, junto do balcão, começam os senhores a desprezar-se a si mesmos. Arrependam-se e amaldiçoem o destino por não terem na carteira senão cem francos; e acabem por passá-los à mão dele, pedindo-lhe perdão com o olhar. Mas ele entrega generosamente o artigo no valor de cem francos, perdoa-lhes o transtorno que lhe causaram e apressa-se a deixá-los. Quando chegam a casa, ficam terrivelmente assombrados ao ver que, querendo gastar só dez francos, gastaram cem. Quantas vezes, ao passar pelas avenidas e pela Rua Viviene, onde há tantas lojas de artigos de fantasia, disse para comigo: “Meta aí umas senhoras russas e…”; mas a respeito disso sabem muitas coisas os caixeiros e *stárosti* dos distritos de Orlóvskaia, Tambóvskaia e outros. Os russos gostam muito de dar a entender nas lojas que têm grande abundância de dinheiro. Em compensação, há no mundo gente tão descarada, como, por exemplo, as inglesas, que não só não se preocupam com o fato de fazerem com que algum Adônis ou Guilherme Tell encha para elas o balcão e revolva toda a loja, como até se põem, oh, espanto!, a regatear de maneira horrível para conseguirem dez francos de abatimento. Mas Guilherme Tell, de tolo não tem nada, sabe vingar-se e, por um xale que valha mil e quinhentos, arrancará com manha vinte mil ou mais a *Milady*, de maneira que fique absolutamente satisfeita. Mas, apesar de tudo isso,

o burguês é ávido de dignidade. No teatro, é apresentar-lhe sempre personagens desinteressadas. Gustave deve brilhar só pela dignidade, e então o burguês o chorará de enternecimento. E isso de ter cobrado dois mil francos por uma coisa que vale mil e quinhentos é até uma obrigação; fez isso por virtude. Roubar é coisa feia, baixa… leva à prisão; o burguês está disposto a perdoar muitas coisas, mas não perdoa o roubo, ainda que um homem ou os seus filhos estejam morrendo de fome. Mas se esse homem roubar por virtude, então tudo se lhe perdoa; naturalmente quer *faire fortune* e acumular; pois muito bem, cumpre um dever da Natureza e da sociedade. E é por isto que, no Código, estão muito bem especificadas as diferenças entre o roubo com mau fim, isto é, por um pedaço de pão, e o roubo por uma virtude elevada. Este último está garantido em alto grau, estimulado e organizado com desusada precisão.

E finalmente – insisto – por que será que o burguês parece ter medo e não se sente à-vontade? Quem o examina? Os feitores de frases? Mas se pode mandá-los para o diabo com um simples pontapé? Os argumentos da pura razão? Mas se a razão é inconsistente perante a realidade e, além disso, os próprios intelectuais, os próprios cultos deram agora em demonstrar que não existe esse argumento da razão pura, nem sequer essa tal razão pura, neste mundo; que a lógica abstração não é adequada para a humanidade; que existe a razão de Ivanov, a de Pietrov e a de Gustavov mas não a razão pura; que tudo isso são patranhas do século XVIII, sem fundamento. Quem teme ele? Os operários? Mas se, no fundo, os operários também são proprietários; se todo o seu ideal se resume em acumular o mais possível; se são assim por natureza. A natureza não atua debalde. Tudo isso se vem elaborando ao longo dos séculos. As nacionalidades não mudam facilmente, não se desprendem facilmente dos hábitos seculares, que se tornaram sangue do seu sangue e carne da sua carne. Os camponeses? Mas se o camponês francês é arquiproprietário, um dos proprietários mais estúpidos, isto é, o melhor e mais refinado ideal de proprietário que pode imaginar-se. Os comunistas? Os socialistas, enfim? Mas se o burguês os despreza profundamente! Ainda que, embora os despreze, parece também que os teme! Sim, a esses, teme-os. Mas por que os teme? Não disse o abade Sieyès no seu famoso panfleto que o burguês… é tudo? Que é o *tiers état*? Nada. Que deve

ser? Tudo. Pois bem: tudo sucedeu conforme ele disse. De todas as palavras que por esse tempo se disseram, são apenas essas que permanecem válidas; são só elas que sobrevivem.

Mas o burguês, parece que não chega a acreditar nisso, apesar de que tudo quanto se disse depois dessas palavras de Sieyès, se desvaneceu como espuma. De fato, proclamaram a uma só voz: *liberté, égalité, fraternité.* Muito bem. Mas que é a *liberté*? A liberdade. Mas que liberdade? A liberdade única de fazer tudo quanto nos apraz dentro dos limites da lei. Quando é que se pode fazer o que nos apetece? Quando se tem milhões. A liberdade dá-nos um milhão a cada um? Não. E que é um homem que não tem um milhão? O homem que não tem um milhão não é aquele que faz tudo o que lhe agrada, mas sim aquele com o qual se faz tudo o que se quiser. E que mais? Que, além da liberdade, há também a igualdade, e precisamente a igualdade perante a lei. Mas desta igualdade perante a lei só pode dizer-se que, na forma em que hoje se pratica, todo francês pode e tem a obrigação de considerá-la como uma ofensa pessoal que lhe fazem. Que resta, pois, da fórmula famosa? A fraternidade. É este o ponto mais importante e é forçoso reconhecer que constitui, até agora, no Ocidente, o maior obstáculo. O homem do Ocidente fala da fraternidade como o grande móbil que impele a humanidade, e não compreende que não há lugar onde se vá buscar a fraternidade quando ela não existe, na realidade. Que fazer? É preciso forjar a fraternidade, seja como for. Mas verifica-se que é impossível fabricar a fraternidade, pois esta faz-se por si, sozinha, dá-se, encontra-se na Natureza. Mas não se encontra na natureza do francês e, de maneira geral, do homem do Ocidente, e apenas vemos aí o princípio pessoal, privativo, da própria conservação, do próprio conceito e da própria definição do pronome “eu”, opondo-se este “eu” a toda a natureza e a todos os outros seres, como um princípio perfeitamente uniforme perante tudo quanto não é ele. Ora muito bem: de semelhante comparação não pode derivar-se a fraternidade. Por quê? Porque dentro da fraternidade, da verdadeira fraternidade, não é a personalidade isolada, não é o “eu” que é chamado a falar do seu direito em relação a todos os demais, mas sim que todos os demais deveriam corresponder voluntariamente a essa exigência do direito pessoal; deveriam reconhecer espontaneamente e sem que ele o

pedisse, a esse “eu” isolado, deveriam reconhecê-lo como seu igual, isto é, igual a todos os outros que existem no mundo. Além disso, essa mesma personalidade rebelde e exigente deveria começar por sacrificar todo o seu “eu” à sociedade, e não só não reclamar o seu direito, como, pelo contrário, cedê-lo à sociedade sem condições. Mas a personalidade ocidental não está acostumada a estas coisas; exige em uníssono, reclama o seu direito, quer participar… e a fraternidade não aparece. É claro que pode transformar-se. Mas essa transformação requer milênios para consumar-se, porque essas ideias devem começar por meter-se na massa do sangue, para se converterem finalmente numa realidade. “De maneira que – vão me dizer – é preciso ser impessoal para ser feliz! Mas será por acaso na despersonalização que está a salvação?” Pelo contrário, pelo contrário – respondo – e não só não é preciso deixar de ter personalidade, como é preciso tê-la, e em muito mais alto grau do que hoje pode imaginar o Ocidente. Vejam se me compreendem: a espontânea, consciente e não imposta negação de toda a personalidade em proveito de todos é, a meu ver, o sinal do mais alto desenvolvimento da personalidade, do seu supremo poder, do seu mais perfeito domínio de si próprio, da mais completa liberdade, do seu livre arbítrio. Arriscar voluntariamente a vida pelos outros, crucificar-se, beber a cicuta por todos, só pode fazê-lo quem tem a personalidade bem desenvolvida. Uma personalidade muito desenvolvida, plenamente convencida do seu direito a ser tal personalidade, que não teme já por si própria, não pode fazer outra coisa, isto é, não pode dedicar-se a outra coisa senão a sacrificar-se integralmente pelos outros, para que os outros sejam também personalidades autônomas e felizes. É esta a lei da natureza; é para isso que tende o homem normal. E aqui tropeçamos com um insignificante pauzinho, mas que, como se se atrevessasse nos trilhos, acabará por fazer descarrilar a máquina. E não fica bem, nestes casos, ter a intenção de lucro particular. Por exemplo: suponhamos que me sacrifico plenamente por todos; ora bem: é preciso que me sacrifique plena, definitivamente, sem intenção de lucro, e sem pensar que vou sacrificar tudo pela sociedade, que, por sua vez, me dará tudo a mim. É necessário sacrificarmo-nos por completo e até com o desejo de que não nos deem nada em troca, ou nos recompensem de forma alguma. Como fazer isso? Porque isso é o mesmo que não recordar o urso branco. Experimentai impor-vos a vós próprios esta tarefa, não vos

lembrardes do urso branco, e vereis depois como o malvado vos acode ao pensamento, a cada instante. Que fazer? Fazer nunca é impossível; mas é preciso procurar que a coisa se faça ela própria, que esteja na natureza, que inconscientemente se infunda na natureza de toda a raça, numa palavra, que seja um princípio fraternal, amoroso, e de… é preciso amar. É preciso caminharmos espontânea, instintivamente para a fraternidade, para a comunidade, para o acordo, ir para ela apesar de todas as dores seculares da nação, apesar de toda a rudeza e ignorância arraigadas na nação, a despeito da servidão secular e das invasões de outros povos; enfim, que a necessidade de uma comunidade fraterna nasça da natureza do homem, que este venha ao mundo já com ela, ou assimile esse hábito no decurso dos séculos. Em que consistiria essa fraternidade se a exprimíssemos numa linguagem racional, consciente? Em que cada personalidade, de per si, sem a menor coação, sem o menor proveito para si própria, dissesse à sociedade:

> Só seremos fortes todos unidos; tomai-me a mim todo, se precisardes de mim; não vos preocupeis comigo, não penseis em mim ao promulgar as vossas leis, que eu vos cedo com todos os meus direitos, e podeis dispor de mim à vossa vontade. Esta é a minha suprema felicidade… sacrificar tudo por vós, para que não padeçais nada de mau. Anulo-me, afundo-me sem a menor discordância, só com o fim de que brilhe a vossa fraternidade…

Mas a fraternidade deveria responder-lhe em troca:

> Tu dás-nos demasiado. Não temos direito a recusá-lo, já que tu mesmo dizes que nisso resumes toda a tua felicidade. Mas que havemos de fazer, se estamos sempre pendentes da tua felicidade? Toma tu também tudo o que nos pertence. Procuraremos constantemente, com todas as nossas forças, que tenhas toda a liberdade pessoal possível, a maior autonomia. De agora em diante não temas nenhum inimigo, nem os homens, nem a natureza. Todos nós olhamos por ti, já que és nosso irmão, e nós somos teus, e nós somos fortes; por isso fica tranquilo e tem coragem, não tenhas medo de nada e confia em nós.

Depois disso, naturalmente, já não haverá nada de repartir, pois tudo se reparte por si. Amai-vos uns aos outros e tudo isso virá por si.

Mas de fato, que desgraça, senhores, que isto seja uma utopia! Tudo assenta no sentimento, na natureza, e não na razão. E isto equivale a anular o intelecto. Que lhes parece? É ou não é uma utopia?

Mas, voltando àquilo em que falava atrás: que vai fazer o socialista se o homem do Ocidente não professa o princípio da fraternidade, e, pelo contrário, o princípio individual, pessoal, incessantemente se especializa e reclama os seus direitos de punhal na mão? O socialista, quando vê que não há fraternidade, põe-se a pregá-la. Quer extrair, fazer a fraternidade da falta de fraternidade. Para fazer um guisado de lebre. Mas aqui falta a lebre, isto é, falta a natureza, a aptidão para a fraternidade, a natureza crente na fraternidade, que espontaneamente tende para ela. O socialista, desesperado, põe-se a definir a fraternidade futura, pesa e mede tudo, seduz com as vantagens, fala, doutrina, deita a conta aos proveitos que a fraternidade traria a cada um, quanto viria cada um a ganhar naquilo que ambiciona, e determina de antemão a quantia dos bens terrenos; quanto merece cada qual e em que medida deve cada um sacrificar a sua personalidade pelo bem comum. Mas que fraternidade é essa em que se especifica por adiantado quanto merece cada qual e quanto é preciso dar-lhe? Além disso, proclamou-se esta fórmula: "Todos por um e um por todos". É claro que, coisa melhor do que esta não se pode imaginar, tanto mais que foi tirada de um livro que todos conhecem. Mas aconteceu que se meteram a pôr a fórmula em prática e, passados seis meses, os irmãos levavam aos tribunais Gabet, o fundador da irmandade. Os fourieristas, segundo dizem, receberam os últimos novecentos mil francos do seu capital e no entanto andavam à procura da maneira de constituir a sua fraternidade. Mas não tiveram êxito. Não há dúvida de que é um grande sonho esse de viver, já não fraternalmente, mas simplesmente sobre uma base razoável, isto é, bem, num regime em que todos velam por cada um e só se lhe exija trabalho e conformidade. Mas aqui surge outra vez o enigma; segundo parece, garantem tudo ao homem, prometem dar-lhe de comer e de beber, e proporcionar-lhe trabalho, e em troca de tudo isso exigem-lhe apenas que ceda um pouquinho da sua liberdade pessoal a favor do bem comum, nada mais que um pouquinho. Pois bem; o homem não quer viver nessas condições, custa-lhe ceder essa partícula da sua liberdade. Afigura-se-lhe que isso é um presídio e que está melhor só porque… desfruta de liberdade plena. E como o ferem na sua liberdade, não lhe dão trabalho, deixam-no morrer de fome e não tem liberdade alguma, parece estranho, apesar de tudo, que prefira a sua liberdade. Naturalmente o socialista cospe para o lado e diz-lhe que é

um imbecil, um atrasado, que não adivinha nem compreende o que lhe convém, que uma inútil formiga, uma insignificante formiga é mais inteligente, pois que no formigueiro se está bem, tudo se acha organizado, todos comem até se fartar, todos são felizes, cada qual cumpre a sua missão, enfim, que o homem ainda está muito longe do formigueiro.

Por outras palavras: supondo ainda que o socialismo seja possível, vai ser em algum outro país, não na França.

Mais eis que, no cúmulo do desespero, o socialista grita finalmente: "liberdade, igualdade, fraternidade, ou a morte". Bem; agora, a isso, não há nada que dizer e o burguês canta definitivamente vitória.

Mas se o burguês canta vitória, também, provavelmente, não fica em muito boa situação a fórmula de Sieyès, literalmente e com toda a exatidão. Pois a que propósito vem esse desconcerto, retraimento e receio do burguês? Todos se lhe rendem, perante ele todos parecem sem valor. Dantes, no tempo de Luís Filipe, por exemplo, o burguês não andava tão perplexo e tão temeroso, e também, imperava, então. Mas é que então ainda lutava, pressentia que tinha inimigos, e da última vez lutou com eles nas barricadas de junho. Mas o combate terminou e o burguês viu de repente que era único na terra, que não havia ninguém melhor do que ele, que era o ideal, e que o que agora lhe competia era não se pôr, como antes, a afirmar a todos que era o ideal, e desprezar, simplesmente, a todos com toda a fleuma e altivez, em nome da beleza suprema e de todas as possíveis perfeições humanas. A situação, na verdade, era confusa. Ergueu Napoleão III. Este chegara-lhe como um presente do céu, como a única saída para o aperto em que se encontrava; como a única possibilidade do momento. Desde então o burguês triunfa, paga horrívelmente o seu triunfo e anda sempre temeroso, precisamente porque já alcançou tudo. Quando uma pessoa conseguiu tudo, será muito duro ter de perdê-lo. Donde se conclui, meus amigos, que quem mais teme são os que gozam mais. Não se riam, por favor. Pois que é agora o burguês?

## Capítulo VII / Continuação do anterior

E por que há tantos lacaios entre os burgueses, e ainda por cima, de aspecto decente? Peço-lhes que não me deitem culpas, que não se ponham a dizer que eu exagero, que calunio, que é a inveja que fala por minha boca. A quem? Por quê? Disse simplesmente que há muitos lacaios, e assim é. A subserviência cada dia se enraíza mais na natureza do burguês e cada dia vai sendo mais considerada como uma virtude. Assim é e deve ser, se atendermos ao presente estado de coisas. É uma consequência natural. E, sobretudo, sobretudo, a natureza ajuda. Não digo, por exemplo, que o burguês sofra muito de hábitos inatos de delator. A minha opinião sobre este assunto é que o extraordinário desenvolvimento da espionagem na França, e não da simples espionagem, mas de uma espionagem magistral, de uma espionagem de vocação que é quase uma arte e tem os seus processos definidos, deriva aí da subserviência inata. Como não seria Gustave idealmente nobre, se ao menos não tivesse outras coisas, se não oferecesse por dez mil francos a carta da sua amada e não entregasse esta aos marido? Pode ser que eu exagere; mas pode ser também que fale baseando-me em alguns fatos. O francês desvela-se por fazer a corte a toda personagem importante e servir-lhe de lacaio, até sem ganhar nada, sem esperar a menor recompensa, por dever. Lembrai-vos de todos esses caçadores de cargos, nos diferentes governos que nestes últimos tempos se sucederam na França. Lembrai-vos das referências e genuflexões que fingiam e das coisas que declaravam. Lembrai-vos de um dos versos de Barbier a este respeito. Uma vez, num café, peguei num diário de 3 de julho. Olhei-o: carta de Vichy. Em Vichy passava então uma temporada o imperador, com a corte, é claro, e havia cavalgadas, passeios. O correspondente descrevia tudo. Começava assim: “Temos excelentes cavaleiros. Naturalmente já adivinharam qual é o melhor de todos. Sua Majestade passeia a cavalo todos os dias, escoltado pelo seu séquito”, etc.

Compreende-se que se entusiasmassem com as brilhantes qualidades do seu imperador. Pode admirar-se a sua inteligência, a sua ponderação, as suas perfeições, etc.: a um homem que se entusiasma dessa maneira não se lhe pode dizer na cara que finge. “Esta é a minha convicção, pronto”, vai lhes responder tal qual como lhes respondem alguns dos nossos jornalistas contemporâneos. Vejam se compreendem: está garantido, sabe o que há de responder-lhes para

fechar-lhes a boca. A liberdade de consciência e de pensamento é a primeira e principal liberdade do mundo. Mas aqui, neste caso, que posso responder-lhes? Por que motivo nele já não têm em conta as leis da realidade e prescinde de toda a verossimilhança e o faz deliberadamente? Porque ninguém acredita. Com certeza que nem o próprio cavaleiro lê isso e, se o lê, é que esse francês que escreve a *Correspondance*, o tal jornal os seus redatores, são tão estúpidos que não compreendem que o soberano não precisa para nada da fama de primeiro cavaleiro da França, pois já é velho e não aspira a essa glória, e com certeza que não há de acreditar, por muito que lhe jurem, que é o primeiro cavaleiro da França, pois dizem que é um homem muito inteligente. Não; trata-se de outra coisa; seria inverossímil, ridículo; pode ser que o mesmo soberano lesse isso enfastiado e com um riso depreciativo; mas, em troca, verá a submissão cega, verá a genuflexão rendida, servil, estúpida, insincera, mas em suma, genuflexão; e isso é o principal. Agora avaliem: se isto não estivesse no espírito da nação, se uma lisonja tão vil não se considerasse perfeitamente lícita, corrente, perfeitamente dentro da ordem das coisas e até decente… seria possível publicar num jornal parisiense semelhante correspondência? Onde poderei encontrar essas lisonjas impressas senão na França? Falo precisamente da alma da nação; digo que não é apenas só o jornal, mas todos nessa nação são talhados pelo mesmo padrão, tirando dois ou três, não completamente independentes.

Estava eu uma vez sentado a uma *table d'hôte*…[20] Não na França, mas na Itália, e havia aí muitos franceses. Falavam de Garibaldi. Nessa altura todos falavam de Garibaldi. Era umas duas semanas antes de Aspromonte. Como é natural, exprimiam-se em termos ambíguos; alguns permaneciam calados e não queriam exprimir a sua opinião; outros moviam a cabeça. A ideia geral da conversa era a de que Garibaldi se metera numa empresa arriscada, até insensata, embora, naturalmente, formulassem essa opinião com reservas, porque Garibaldi… era um homem tão superior a todos os outros que podia tornar razoável aquilo que para uma mente vulgar era ousado. Pouco a pouco a conversa recaiu sobre a pura personalidade de Garibaldi. Puseram-se a enumerar as suas boas qualidades; os comentários eram muito benévolos para o herói italiano.

– Não, eu, a única coisa que admiro nele – disse de repente um francês de aspecto simpático e sério, de uns trinta anos e ostentando no rosto essa marca de extraordinária gravidade, peculiar a todos os franceses e que toca quase as raias da impertinência – há uma coisa que eu mais admiro nele!

Como era natural, todos se voltaram para ele, por curiosidade. A nova condição descoberta em Garibaldi tinha de ser interessante para todos.

– No ano sessenta, durante algum tempo exerceu em Nápoles um poder ilimitado e sem oposição. Tinha nas suas mãos a soma de vinte milhões, de dinheiro do Estado. Não tinha de dar contas dessa quantia a ninguém. Podia tê-la guardado em parte ou toda, e ninguém lhe diria nada! Pois não fez isso e entregou-a ao Governo, prestando contas até à última moeda. É quase inacreditável.

Até os olhos lhe deitavam fogo quando falou nos vinte milhões de francos.

Sem dúvida que de Garibaldi se pode contar tudo o que se quiser. Mas pôr o nome de Garibaldi em comparação com o dos depredadores da caixa oficial, é coisa que só pode ocorrer a um francês.

E com que ingenuidade, com que boa intenção contou a anedota. É claro que às boas intenções tudo se perdoa, até a perda da faculdade de compreender e a noção da verdadeira honra; mas ao olhar a cara que o francês fazia, sorrindo, ao falar nos vinte milhões, não pude deixar de pensar inopinadamente:

“Vamos lá, meu amigo, que se tu te tivesses visto no lugar de Garibaldi…”

Tornarão a dizer-me que isso não é verdade, que tudo isso são casos particulares, que também se dão entre nós, e que não devo por isso condenar todos os franceses. De fato assim é e não me refiro a todos. Em toda parte há uma nobreza inexplicável e pode ser que entre nós ainda mais do que em parte alguma. Mas, à virtude, à virtude, como é que se chega? Sabem uma coisa? Pode-se inclusive ser um velhaco e não perder a noção da honra; enquanto são muitas as

pessoas honradas que perderam o conceito da honra e por isso se arrastam, julgando praticar uma virtude. O primeiro é, naturalmente, mais depravado; o segundo, mais desprezível. Semelhante catequese de virtudes constitui um sintoma espiritual na vida duma nação. Mas enfim, pelo que respeita aos casos particulares, não quero zangar-me com os senhores. Porque uma nação se compõe também de casos particulares, não é verdade?

Vejam o que eu penso: pode ser que eu me engane também disso de que o burguês está apequenado e continua a ter medo de não sei quê. De fato está apequenado; está e teme; mas, no fim de contas, é feliz. Embora se engane a si próprio, embora assegure a si próprio, a cada momento, que tudo caminha às mil maravilhas, nada disso é obstáculo para que afete uma expressão de confiada presunção. Mais ainda: até por dentro está, às vezes, enfatuado. Como é que tudo isto pode passar-se nele ao mesmo tempo… é, de fato, um enigma; mas é assim. De maneira geral o burguês não é nada tolo, mas é de vistas curtas, e a sua inteligência parece discorrer por saltos. Tem um fornecimento enorme de ideias feitas, como de lenha para o inverno, para, com toda a seriedade, poder jogar com elas durante uns mil anos. Embora, por outro lado, que estou eu aqui falando de mil anos: raras vezes o burguês fala de mil anos, a não ser quando se torna eloquente: *Après moi, le déluge*, é uma expressão muito mais usada e oportuna. E que indiferença por tudo, que leviandade, que interesses tão insignificantes! Assisti em Paris a uma reunião da boa sociedade, numa casa onde, nesses tempos; ia muita gente. Todos pareciam temer qualquer coisa e falavam de algo importante num tom frívolo de interesses gerais. A meu ver não podia haver nisso medo da espionagem, mas, simplesmente, todos se puseram a falar a sério. Além disso havia aí pessoas a quem interessava muito a opinião que eu formasse de Paris e o verificarem até que ponto eu estava assombrado, perturbado, esmagado. O francês pensa que pode perturbar e esmagar moralmente. O que é também um indício engraçado. Lembro-me especialmente de um velhinho muito simpático, muito amável, muito bondoso, que perguntou a minha opinião sobre Paris e que ficou muito aborrecido ao ver que eu não dava mostras de um entusiasmo especial. Até dor se refletiu no seu rosto bondoso: dor, precisamente dor. Oh! Simpático *Monsieur* Le M…

re! Ao francês, isto é, ao parisiense (porque na realidade todo francês é parisiense), não há quem o convença de que não é o primeiro homem do globo. Aliás, de todo o globo, tirando Paris, pouco sabe. E também não lhe interessa muito. Isso é uma qualidade nacional e característica. Mas a qualidade mais característica do francês… é a eloquência. A sua paixão pela oratória é insaciável e aumenta com os anos. Gostaria de saber quando é que começou a manifestar-se na França essa paixão pela oratória. É claro que começou principalmente desde Luís XIV. É interessante que na França tudo data realmente de Luís XIV. Mas mais interessante ainda é que também na Europa tudo data de Luís XIV. E donde é que o tirou esse rei… não compreendo! Porque não era especialmente superior a todos os monarcas que o precederam. Talvez fosse por ter sido o primeiro que disse: *L'État… c'est moi.*[21] Esta frase agradou muito, encantou toda a Europa. Penso que só se tornou notável por essa frase. Também aqui se deu rapidamente a conhecer. O soberano mais nacional, no seu tempo, era Luís XIV, plenamente impregnado do espírito francês, de maneira que não consigo explicar como aconteceram na França aquelas coisinhas, refiro-me ao fim do século. Fizeram maroteiras e voltaram ao espírito antigo; mas a eloquência, a eloquência… oh! essa é que é o empecilho do parisiense. Está pronto a esquecer tudo o que lá vai, tudo, tudo; pronto a entabular os mais discretos diálogos e a ser um rapaz dócil e correto; mas a oratória… Isso foi a única coisa que até agora não pôde esquecer. Anseia e suspira pela eloquência; recorda Thiers, Grizot e Odilon Barrot. "Como florescia então a eloquência!", diz, evocando, e fica pensativo. Napoleão III assim o entendeu e decidiu imediatamente que Jacques Bonhomme não devia tornar-se meditabundo e, pouco a pouco, foi introduzindo a eloquência. Para esse fim há, no Corpo Legislativo, seis deputados liberais inamovíveis, sempre os mesmos, verdadeiros deputados, isto é, desses que ninguém poderia subornar, ainda que o tentasse, é que não passam de seis; seis havia, seis, e seis permanecerão. Não haverá mais, estejam sossegados, nem menos também. E, à primeira vista, é uma medida habilidosa. Mas a coisa é muito mais simples, na realidade, e opera-se com a ajuda do *suffrage universel*. É claro que se tomaram todas as medidas necessárias para que não se excedam muito no uso da palavra. Mas é permitido divagar. Todos os dias, no seu devido tempo, se levantam questões políticas importantíssimas e o parisiense sente uma agradável

perturbação. Sabe que vai haver eloquência e fica alvoroçado. É claro que sabe muito bem que não haverá mais do que eloquência, palavras, palavras e palavras, das quais nada sairá, no fim de contas. Mas isso alegra-o muito; muitíssimo. E é o primeiro a achar tudo isso muito bem. Os discursos de alguns desses seis deputados gozam de grande popularidade. E o presidente está sempre disposto a pronunciar um discurso sozinho para advertir o público. Coisa estranha: também ele está convencido de que os seus discursos não darão o menor resultado, de que tudo aquilo é um puro gracejo e nada mais, um jogo inocente, uma mascarada e apesar de tudo isso, fala; há já vários anos seguidos que fala, e fala muito bem, até com grande satisfação. E cai a baba de gozo a todos os deputados que o escutam: "Que bem que fala esse tipo!", e o presidente, a França inteira, todos se babam. Mas eis que o presidente acabou de falar, e logo depois se levanta o preceptor desses rapazes tão bons, tão simpáticos. Declara somente que a obra sobre o tema proposto, "Nascimento do Sol", foi escrita pelo próprio presidente. "Admirávamos o talento do respeitável orador – disse – as suas ideias e a sua irrepreensível conduta, expressa nessas ideias; ficávamos todos deleitados, todos… Mas embora o respeitável membro da Câmara mereça em recompensa um álbum com esta dedicatória: 'Pelos seus bons costumes e os seus êxitos nas ciências', apesar disso meus senhores, o discurso do respeitável presidente, apesar das elevadas expressões que o valorizam, não levará a nada. Espero, meus senhores, que estejam completamente de acordo comigo." Ao chegar aqui volta-se para todos os representantes e o seu olhar severo começa a lançar chispas. Os deputados, os tais que se babavam, batem imediatamente palmas entusiásticas ao preceptor e, no entanto, logo a seguir, dão graças e, comovidos, apertam também as mãos do deputado liberal, pela satisfação que lhes proporcionou, e pedem-lhe que lhes não negue essa satisfação para a próxima vez, com a vênia do presidente. Este acede benevolamente; o autor do "Nascimento do Sol" sai dali muito ufano pelo seu êxito; os deputados dispersam-se, encaminhando-se para suas casas, e à noite, muito contentes, passeiam de braço dado com as respectivas esposas pelo Palais Royal, escutando o murmúrio do repuxo das fontes benéficas, enquanto o presidente, ao participar o ocorrido, a quem de direito, comunica a toda a França que tudo caminha às mil maravilhas.

Aliás, às vezes, quando se iniciam assuntos de grande importância, lançam mão de outro jogo. Convidam para uma das sessões o próprio príncipe Napoleão. Este começa a fazer oposição, com o espanto subsequente de toda aquela rapaziada. Silêncio solene, na sala. O príncipe Napoleão faz alardes de liberalismo, não está de acordo com o Governo; em seu entender é preciso fazer isto e mais aquilo. O príncipe condena o Governo; em resumo: diz o mesmo que poderiam dizer aqueles bons rapazes, se o seu preceptor se ausentasse por um momento da classe. É claro que o símil é pouco apropriado, porque todos esses rapazes são tão bem educados que não se mexeriam ainda que o professor os deixasse sós uma semana inteira. Pois quando o príncipe Napoleão acaba de falar, o preceptor levanta-se e, solenemente, declara que a obra "Nascimento do Sol" foi composta pelo orador, pelo seu próprio punho e com a sua letra. E nós admiramos o talento, as ideias eloquentes e a moral do queridíssimo príncipe. Nós estamos dispostos a dar-lhe um diploma de boa aplicação e adiantamento no estudo, mas… etc… isto é, exatamente o que disse antes: escusado será dizer que toda a classe aplaude com um entusiasmo quase indigno, levam o príncipe a sua casa, os dignos alunos abandonam a aula como uns bons rapazinhos e, à noite, vão passear com as respectivas esposas no Palais Royal, escutando o murmúrio dos repuxos das fontes plácidas, etc., etc., enfim, observa-se uma ordem admirável.

Uma vez extraviamo-nos na *salle des pas perdus*,[22] e em vez de entrarmos na seção onde se julgam as causas criminais; fomos ter à dos assuntos civis. Um advogado de cabelo crespo, de toga e bigode, pronunciava o seu discurso, prodigalizando pérolas de eloquência. Presidente, juízes, advogados e público estavam possuídos do maior entusiasmo. Reinava no lugar um silêncio religioso; entramos na ponta dos pés. Tratava-se de uma herança; havia uns frades metidos na questão. Estes andavam agora sempre metidos em processos, sobretudo em processos de heranças. Apareciam à luz do dia os pormenores mais escandalosos e feios; mas o público calava-se e não provocava rebuliço, porque os frades gozam atualmente de um poder considerável e o burguês é muito moral. Os padres cada vez se aferram mais à opinião de que ser capitalista é melhor do que todos esses sonhos, etc., e que, açambarcando o dinheiro, se tem poder e já

uma pessoa pode rir da eloquência. Só com a eloquência ninguém faz nada. Mas, a meu ver, enganam-se, em última análise. Não há dúvida que está muito certo isso de ser capitalista; mas com a eloquência pode conseguir-se muito de um francês. Os casais, sobretudo, estão hoje mais submetidos aos padres do que outrora. Há a esperança de que o burguês caia também nisto. Neste processo punha-se em evidência que os padres, com um cerco de muitos anos, um cerco astuto, sábio (pois fazem disso uma ciência), se foram apoderando do espírito duma senhora lindíssima e riquíssima, convenceram-na a que fosse viver com eles no convento, e aí assustaram-na até a porem doente de histerismo, devido ao efeito de diversos terrores que lhe incutiram, e tudo isto de maneira calculada, sabiamente graduada. Quando finalmente a reduziram ao estado de enferma, de idiota, comunicaram-lhe que conviver com as pessoas de família era um pecado aos olhos de Deus e, pouco a pouco, foram-na afastando delas por completo. "Nem sequer a sobrinha, essa alminha infantil, esse anjo de quinze anos, se atrevia a entrar na cela da sua tia idolatrada, que por sua vez a amava mais do que tudo no mundo, e que não podia, em virtude dessas aleivosas artimanhas, abraçá-la e beijar a sua fronte virginal, onde reside o anjo branco da inocência…" Enfim: dentro deste gênero tudo lhe corria muitíssimo bem. O próprio advogado que falava estava radiante com a satisfação de falar tão bem e o mesmo sucedia ao presidente e ao público. Os padres perderam o processo unicamente por causa dessa eloquência. Não há dúvida que não deviam ter ficado desanimados. Perdem um e ganham quinze.

– Como se chama esse advogado? – perguntei a um estudante que se contava no número dos embevecidos ouvintes. Havia ali muitos estudantes, todos embevecidos. Olhou-me com assombro.

– Jules Favre! – respondeu-me por fim, com uma piedade tão cheia de desprezo, que acabei por ficar envergonhado. Foi assim que, casualmente, acabei por conhecer as flores da eloquência francesa e, por assim dizer, na sua mais pura fonte.

Mas, fontes dessas, existem em toda parte. O burguês está corrompido até à raiz dos cabelos pela eloquência. Uma vez fomos ao *Panthéon* ver os homens ilustres. Não era a hora marcada e cobraram-nos dois francos. Depois, o decrépito e respeitável funcionário inválido

pegou nas chaves e levou-nos à cripta. Todavia, durante o caminho falou-nos como um homem, revelando apenas uma certa insegurança na dicção, devida à falta de dentes. Mas ao entrar na cripta, exaltou-se imediatamente, assim que nos mostrou o primeiro sepulcro.

– *Ci-git Voltaire… Voltaire*[23], esse grande gênio da formosa França. Extirpou preconceitos, acabou com a ignorância, lutou com o anjo das trevas e ergueu bem alto o facho da ilustração. Nas suas tragédias chegou ao sublime, apesar de existir já na França um Corneille.

Era evidente que recitava uma coisa decorada. Alguém lhe teria escrito um dia a lição num papelinho e agora repetia-a toda a vida; o seu semblante de velho bondoso brilhava de satisfação ao declamar as suas frases retumbantes…

– *Ci-git Jean Jacques Rousseau…* – prosseguiu, aproximando-se de outro sepulcro – *Jean Jacques, l'homme de la nature et de la vérité!*[24]

De repente senti vontade de rir. O estilo ribombante pode ridiculizar tudo. Era evidente que o pobre velho, ao falar de *nature* e de *vérité*, não compreendia de maneira nenhuma o que dizia.

– Coisa estranha! – disse-lhe. – Destes dois homens, um passou toda a vida a chamar embusteiro e mau ao outro, que, por sua vez, o qualificava de imbecil. E agora repousam juntos.

– *Msié, Msié!* – observou o inválido, desejando fazer alguma objeção; mas não disse nada e levou-me ao outro sepulcro.

– *Ci-git Lannes*, o marechal Lannes – e tornou a exaltar-se – um dos maiores heróis que a França teve, a França, tão rica em heróis. Não só foi um grande marechal, o mais hábil guerreiro, excetuando o imperador, como foi ainda homem de grande cultura. Era amigo…

– Sim, amigo de Napoleão – disse eu desejando cortar o discurso.

– *Msié!* Deixe-me falar – atalhou-me o inválido no tom dum homem ofendido.

– Fale, fale, que eu o escuto!

– E, além disso, homem de grande cultura. Era amigo do grande imperador. Nenhum dos seus marechais, exceto este, teve a sorte de gozar da amizade do grande homem. Ao morrer no campo de batalha, pela sua pátria…

– Sim, uma granada arrancou-lhe as duas pernas.

– *Msié, Msié!* Deixe que eu lhe diga – exclamou o inválido com uma voz quase aborrecida. – Pode ser que o senhor também o saiba… Mas deixe-me ser eu a dizê-lo!

O bom homem empenhava-se em contá-lo ele próprio, apesar de eu o saber de antemão.

– Ao morrer – insistiu – no campo de batalha, pela sua pátria, o imperador, dorido no mais profundo da sua alma e choroso por tamanha perda…

– Foi despedir-se dele – tornei a interrompê-lo e senti logo que procedia mal, até me envergonhei.

– *Msié, Msié!* – disse o velho olhando-me numa censura dolorida e abanando a cabeça branca – *Msié!* Já sei, estou convencido de que o senhor sabe tudo e talvez melhor do que eu. Mas foi o senhor quem me pediu que lhe mostrasse a cripta; por isso me deixe falar. Agora já falta pouco. Então, o imperador, dorido no mais profundo da sua alma e choroso (ai, em vão!) por aquela perda tamanha que sofriam, ele, o Exército e a França inteira, aproximou-se do seu leito de morte e, com o seu derradeiro adeus, suavizou as dores cruéis do que morria à vista do seu chefe. …*C'est fini, monsieur*, – acrescentou, olhando-me com olhos de censura e seguindo para diante. – Aqui também há outros sepulcros; bem, não tem importância… *quelques sénateurs* – acrescentou com indiferença e negligência, apontando com a cabeça algumas tumbas que havia perto. Gastara toda a sua eloquência com Voltaire, Jean Jacques e o Marechal Lannes. Era, por assim dizer, um exemplo imediato, popular, de amor à oratória. Seria o caso de que todos esses discursos dos oradores da Assembleia Nacional, da Convenção e dos clubes, em que o povo tomava parte quase imediata, e nos quais se criou, apenas tenham deixado no seu espírito uma marca… o amor da eloquência pela eloquência?

## Capítulo VIII / *Ma biche* e *bibi*

E as esposas? As esposas pavoneiam-se, já disse. E a propósito, por que digo eu as esposas e não as mulheres casadas? Para empregar um estilo elevado, meus senhores. O burguês, quando fala em estilo elevado, diz sempre: *Mon épouse*. E embora noutras classes sociais digam simplesmente, como em todo lado, *ma femme* (a minha mulher), é melhor atentar no espírito nacional da maioria e no estilo elevado. É mais característico. Aliás, há também outra designação. Quando o burguês faz caretas e trata de enganar a mulher, chama-lhe sempre *ma biche*. E inversamente, a mulher apaixonada, num ímpeto de gracioso humor chama ao seu simpático burguês *bibi*, com o que ele, por seu lado, se torna muito mansinho. *Bibi* e *ma biche* florescem constantemente e agora mais do que nunca. Além de ser uma coisa convencionada (e quase sem discussão) que *bibi* e *ma biche* devem servir nos nossos tempos tão alterados, de modelo de virtudes, boa harmonia e paradisíaco estado social, como censura para os perversos, estúpidos e vagabundos comunistas; à medida que o tempo vai passando, também *bibi* se torna mais agradável nas relações conjugais. Compreende que fale como falar e faça o que fizer, *ma biche* não pode conter-se, que a parisiense nasceu para ter um amante, que é coisa impossível um marido livrar-se dos cornichos, e se cala, naturalmente, enquanto não acumulou ainda bastante capital. Quando ambas as coisas acontecem, *bibi*, de maneira geral, torna-se mais exigente, porque começa a ter maior consideração por si próprio. Bem; começa então também a olhar com outros olhos para Gustave, sobretudo se ele é viúvo e andrajoso. De modo geral, o parisiense com algum dinheiro, quando se casa escolhe uma noiva que tenha bens. Mais ainda: primeiro faz suas contas, e se conclui que se equivalem em dinheiro e prendas, é negócio arrumado. Assim sucede por todos os lados; mas aí, nos assuntos pessoais, impera a lei da igualdade das bolsas. Se, por exemplo, a noiva possui nem que seja um copeque a mais, já não a dão ao pretendente que tem um a menos e procuram um *bibi* mais vantajoso. Aliás, os casamentos por amor vão sendo cada vez mais difíceis e até se consideram indecentes. Esse sensato costume da indispensável igualdade das bolsas e essa união nupcial dos bens de raiz, raras vezes se infringe, e penso que muito menos vezes aí do que em qualquer outro lado. O burguês sabe muito bem aproveitar a posse

do dinheiro da mulher a seu favor. E daí resulta que em várias ocasiões não tenha escrúpulos em fazer vista grossa a respeito da conduta da sua *ma biche* e de outras coisas aborrecidas, porque, de contrário, em caso de desavença, pode aparecer a questão do dote. Além de que, se *ma biche* se permite às vezes certas liberdades, o marido diz para consigo: "Assim pede-me menos dinheiro para berloques e berloques". *Ma biche*, então, torna-se muito mais aduladora. E por último, sendo o casamento em grande parte uma união de capitais, não se ligando grande importância à inclinação mútua, o *bibi* não está longe de não ver a sua mulher com bons olhos. Por isso mais vale não se meter na vida da consorte; assim aumenta a concórdia em casa e a simpática música de doces nomes: *bibi* e *ma biche* soam ao desafio. E, por último, para dizer tudo, *bibi* sabe também que, neste caso, conta com garantias. O comissário da Polícia está sempre a seu serviço. E está devido a leis que ele próprio fez. Em caso extremo, se encontra os amantes em *flagrant délit*, pode matar os dois sem ter que dar contas a ninguém. *Ma biche* sabe isso e acha muito bem. A longa tutela fez com que *ma biche* não pense nem sonhe, como acontece em alguns países bárbaros e ridículos, em ir estudar nas universidades nem em fazer parte de clubes ou ser deputada. Prefere ficar no seu atual estado aéreo, canariesco, por assim dizer. Vestem-na, calçam-lhe as luvas, levam-na a passear, dança, come bombons, tratam-na em sociedade como uma rainha, e o marido, aparentemente, ajoelha-se perante ela. Essa forma de relações é de uma elaboração espantosamente eficaz e distinta; em resumo: observam-se as regras cavalheirescas. E que mais se pode desejar? Em hipótese nenhuma lhe tiram Gustave. Também ela não tem necessidade de algum fim virtuoso, elevado, na vida, etc., etc.; na realidade é tão amiga do dinheiro, tão manhosa como o marido. Quando lhe passam os anos canariescos, isto é, quando chega o momento em que já não há maneira de ser tomada por um canário, quando a possibilidade de um novo Gustave se torna um absurdo até para a mais fogosa e ensoberbecida fantasia, então *ma biche* sofre uma transformação rápida e aborrecida. Acabam-se as galas, a coqueteria, o bom humor. Em geral torna-se má, mesquinha. Frequenta a igreja, junta dinheiro em desafio com o marido, e passa a olhar de repente a todos com uma espécie de cinismo; aparecem inesperadamente o cansaço, o aborrecimento, os instintos grosseiros, a falta de finalidade

na existência, a linguagem cínica. Algumas tornam-se até desmazeladas. Claro que nem sempre assim é, que também se observam outros fenômenos mais agradáveis e que em todos os lados se passam os mesmos fenômenos sociais, mas… ali tudo isto encontra o seu terreno próprio, torna-se mais original, mais curioso, mais completo; tudo isto é mais nacional. É ali que tem a sua origem o manancial, a fonte dessas fórmulas sociais burguesas que imperam agora em todo o mundo a título de eterna imitação dessa grande nação. Sim, no exterior, *ma biche* é uma rainha. É difícil fazer uma ideia da refinada cortesia, da deferência requintada com que a rodeiam em todos os lados, tanto nos salões como na rua. Essa vassalagem admirável chega às vezes a extremos que uma pessoa honesta não suportaria. O fingimento velhaco ia ofendê-la profundamente. Mas *ma biche* também é uma grande velhaca… e não exige mais do que isso… Aceita essas homenagens e prefere borboletear do que tocar honrada e diretamente no assunto, e, a seu ver, o jogo torna-se melhor e mais importante. Porque o jogo, o enredo… isso é tudo para *ma biche*; nisso é que está o principal. E, em compensação, como se veste, como sai para a rua! *Ma biche* é falsa, afetada, toda artificial; mas tudo isto cativa, sobretudo a esses indivíduos gastos, e em parte corrompidos, que perderam já o gosto da beleza louçã, natural. *Ma biche* está muito mal-educada; tem uma alminha e um coraçãozinho de pássaro; mas, em compensação, é graciosa; em compensação possui instintos secretos, com tais meandros que uma pessoa fica rendida e vai atrás dela como de uma excitante noviça. É até raro que seja interessante. Há qualquer coisa de mau no seu rosto. Mas isso não importa; tem uma cara expressiva, graciosa, e possui em alto grau o segredo de fingir sentimento, naturalidade. Pode ser que o que as seduz não seja o que sabe simular naturalidade, mas o processo por que chegou a isso. Para o parisiense, em geral, tanto lhe faz amor verdadeiro como amor bem fingido. Pode ser até que lhe agrade mais o fingimento. Cada vez se radica mais em Paris a maneira de olhar à mulher oriental. As camélias estão cada vez mais na moda. “Explora-me, tira-me o dinheiro todo, mas engana-me bem, isto é… finge amor por mim”: eis aí o que se pede às camélias. Não muito mais do que se pede às esposas; com isso dão-se por satisfeitos os maridos, e por isso consentem a existência de Gustave, em silêncio, condescendentes. Além disso o burguês sabe que, quando

ficar velha, *ma biche* abraçará a causa dos seus interesses e vai ajudá-lo de todo o coração a reunir um capital. Já na sua juventude o ajuda eficazmente a isso. Às vezes é ela quem conduz os negócios e engana os clientes; enfim, é a mão direita, a gerente. Como não perdoar-lhe que tenha o seu Gustave? Na rua é uma mulher inviolável. Ninguém a ofende, todos se afastam do seu caminho, como aqui, na Rússia, onde-uma mulher nova não pode dar dois passos pela rua sem que os homens a olhem por debaixo do chapéu e a assediem com a pretensão de conquistá-la.

Além disso, apesar da possibilidade de Gustave, a conhecida fórmula habitual de tratamento entre *bibi* e *ma biche* é bastante simpática, e às vezes até ingênua. Em geral os estrangeiros – é evidente – são quase todos incomparavelmente mais ingênuos do que os russos. Seria difícil explicá-lo em pormenor; é preciso que uma pessoa o observe por si própria. O russo é céptico e trocista, dizem de nós os franceses, e assim é. Somos mais cínicos, estimamos menos o que é nosso, chegamos até a não amá-lo; pelo menos não o estimamos muito, sem saber por que, agarramo-nos ao que é europeu, aos interesses universais, não privativos de nação alguma, e assim tratamos a todos com mais frieza, como por obrigação, e, em todo caso, com mais indiferença. Mas estou-me afastando do assunto. *Bibi* às vezes é muito ingênuo. Se passeia, por exemplo, em volta dos pequenos lagos, esforça-se por explicar à sua *ma biche* por que é que os repuxos lançam a água para cima; explica-lhe as leis da Natureza, ufana-se nacionalmente, com ela, da beleza do bosque de Bolonha, das iluminações, do jogo de *les grands eaux*[25] de Versalhes, dos triunfos do imperador Napoleão e da *gloire militaire*; goza com a sua curiosidade e satisfação e considera-se feliz. A *ma biche* mais velhaca serve-se também de análogas ternuras com o marido, isto é, sem fingimento, e trata-o com muito miminho, apesar das suas infidelidades. É claro que não pretendo, como o diabo Asmodeu, levantar os telhados das casas. Limito-me a expor o que foi para mim evidente, o que se me afigurou: *mon mari n'a pas encore vu la mer*,[26] diz-lhes uma *ma biche*, e a sua voz sincera denota um ingênuo pesar. Quer dizer que o marido não foi ainda a Brest ou a Bolonha ver o mar. Convém que se saiba que o burguês tem algumas exigências muito ingênuas e muito sérias, que se converteram noutros tantos costumes gerais da burguesia. O burguês,

por exemplo, além da necessidade de acumular e da necessidade da sua eloquência, sente com toda a força outras duas necessidades lícitas, consagradas pelo costume geral e a respeito das quais se conduz muito séria e até pateticamente. A primeira dessas necessidades é… *voir la mer*, ver o mar. O parisiense costuma passar toda a sua vida em Paris, atrás dum balcão, sem ver o mar. Para que precisa ele de ver o mar? Nem ele mesmo sabe; mas deseja-o, anseia por isso; vai adiando todos os anos a viagem para o ano seguinte, porque os negócios o prendem; sofre, e a mulher partilha sinceramente da sua dor. Em geral há nisto muito sentimentalismo, e eu respeito-o. Até que finalmente consegue arranjar tempo e dinheiro: prepara a viagem e dias depois vai ver o mar. Quando volta comunica minuciosamente e com todo o entusiasmo as suas impressões à mulher, aos parentes e amigos, e toda a sua vida há de recordar com prazer que já viu o mar. Outra necessidade lícita e não menos viva do burguês, e especialmente do burguês parisiense, é… *se rouler dans l'herpe*.[27] Para cumprir esse dever manda infalivelmente fazer um gramado diante de casa. Não sei quem é que me contou que em casa dum burguês a grama nunca crescia no lugar destinado para ela. Semeava, regava, arranjava grama trazida de outro lugar: nada se dava nem crescia na areia. Esse lugar ficava diante da casa. Então o homem comprou grama artificial, que foi buscar em Paris; marcou no jardim um círculo para a grama, de uma *sajenh* de diâmetro, e todos os dias, depois do almoço, se punha em cima daquele pedaço de grama para enganar a si próprio, satisfazer o seu legítimo desejo e rolar na grama. Ninguém põe dúvidas sobre a faculdade que o burguês tem de entusiasmar-se nos primeiros momentos da sua condição de proprietário; de maneira que a anedota não tem, moralmente, nada de inverossímil.

Mas digamos duas palavras de Gustave. Gustave é, sem dúvida, o mesmo que o burguês, isto é, lojista, comerciante, empregado, *homme de lettres*, oficial. Gustave não é casado, mas é o mesmo *bibi*. Mas não se trata disso, e sim da maneira como se veste e se atavia agora Gustave, qual é o seu aspecto, qual a sua aparência exterior. O ideal de Gustave muda conforme os tempos e aparece sempre nos teatros com o mesmo aspecto com que se apresenta nos salões. O burguês gosta do *vaudeville*, mas aprecia sobretudo o melodrama. O modesto e

jovial *vaudeville* – a única obra de arte que não consegue aclimatar-se em nenhuma outra parte, nem pode viver senão no seu lugar de nascimento, em Paris – o *vaudeville* apesar de agradar ao burguês, não o satisfaz plenamente. O burguês considera-o uma frivolidade. Precisa de algo elevado; algo de inexplicável nobreza; faz-lhe falta o sentimentalismo; e o melodrama tem tudo isso. O caixeiro não pode viver sem melodrama. O melodrama não morrerá enquanto existir o burguês. É interessante notar como agora até o melodrama muda. Embora continue a ser alegre e atrevidamente gracioso, como outrora, começam a lhe acrescentar outro elemento: a moral da fábula. O burguês aprecia hoje e considera extraordinariamente sagrado e inexplicável extrair de tudo, para ele e para a sua *ma biche*, algum ensinamento. Além de que o burguês, agora, goza de um poder omnímodo; constitui uma força e os autores de *vaudeville* e melodramas são sempre lacaios e adulam sempre a força. Eis aqui por que, presentemente, o burguês triunfa, até quando o representam com traços caricaturais; e no fim acabam sempre por demonstrar-lhe que tudo caminha pelo melhor. Forçoso é pensar que semelhantes demonstrações tranquilizam seriamente o burguês. Todo homem limitado, que não acredita completamente no êxito da sua empresa, sente a dolorosa necessidade de persuadir-se a si próprio, de dar coragem a si próprio, de tranquilizar-se. Começa até a dar crédito às observações benévolas. Pois é o que acontece neste caso. No melodrama apresentam-se lições e gestos elevados. Ali não há nada de humor a não ser o patético triunfo de tudo quanto ama o *bibi*, de tudo quanto ele gosta. Mais do que tudo agrada-lhe a tranquilidade política e o direito de acumular dinheiro com o fim de construir um ninho tranquilo. É com este espírito que se escrevem hoje os melodramas. Dentro deste mesmo espírito se manifesta também agora Gustave. Por meio deste pode comprovar-se sempre, num momento determinado, o que *bibi* considera o ideal do insuperável decoro. Dantes, há já, muito tempo, Gustave afetava ares de poeta, de artista, de gênio desconhecido, acabrunhado por perseguições é injustiças. Lutava com denodo e a coisa acabava sempre em que a viscondessa, que sofria em segredo por ele, mas à qual ele, indiferente, desprezava; o casava com a sua afilhada Cécile, que não tinha absolutamente nada, mas que, de repente, se tornava imensamente rica. Gustave, de maneira geral, resistia e repudiava o dinheiro. Mas eis que o seu quadro obtém um

triunfo na exposição. Imediatamente se apresentavam na sua água-furtada três ridículos magnatas e ofereciam-lhe cem mil francos pelo futuro painel. Gustave acolhia-os com um sorriso desdenhoso e, com um amargo desespero, dizia-lhes que os mortais são todos uns infames, indignos dos seus pincéis; que não estava disposto a expor a sua arte, a sua arte sagrada, à profanação dos pigmeus que até então não souberam apreciar a sua grandeza. Mas surge na água-furtada a viscondessa e anuncia-lhe que Cécile está morta de amores por ele e que deve aceder a pintar esse quadro. Então Gustave adivinha que a viscondessa, sua antiga inimiga, se atravessou sempre no seu caminho, impedindo que as suas obras fossem admitidas nas exposições, está apaixonada por ele, em segredo; que, se anteriormente o perseguiu, foi por ciúme puro. Como é natural, Gustave repele imediatamente o dinheiro dos três magnatas, insultando-os pela segunda vez, coisa que parece deixá-los muito satisfeitos, e depois corre a ver Cécile, concorda em aceitar o seu milhão, perdoa a viscondessa, que se retira para as suas propriedades e, unido já por legítimo matrimônio, começa a multiplicar-se, usa gorro de algodão (*bonnet de coton*) e passeia à tarde, com a sua *ma biche*, junto das fontes murmurantes, que com o suave murmúrio do seu repuxo lhe recordam, naturalmente, a solidez, a consistência e a tranquilidade da sua felicidade terrestre.

Pode acontecer que Gustave não seja um caixeiro, mas sim um pobre órfão, abandonado pelos pais, mas com uma alma transbordante de nobreza. De repente vê-se que não é nenhum exposto mas o filho legítimo de Rothschild. Entregam-lhe milhões. Mas ele, orgulhoso e com desprezo, rejeita-os. Por quê? Porque assim deve ser, para bem da eloquência. Mas eis que nesse momento crítico aparece *Madame* Beaupré, a esposa do banqueiro, que está apaixonada por ele e cujo marido se encontra ocupado em negócios. Vem dizer-lhe que Cécile morre de amor por ele e que corra a salvá-la. Gustave adivinha que *Madame* Beaupré está apaixonada por ele; despreza os milhões e, cobrindo a todos de horríveis insultos, por não haver em todo o gênero humano ninguém tão nobre como ele, corre em busca de Cécile e casa com ela. A mulher do banqueiro retira-se para as suas propriedades; Beaupré fica muito presumido porque a sua mulher, que estava à beira do abismo, soube conservar-se pura e imaculada, e

Gustave torna-se pai de família e, à tardinha, vai passear à volta das fontes benéficas, que, com o murmúrio do repuxo, lhe recordam, etc., etc.

Atualmente é mais frequente que a inexplicável nobreza de alma encarne na figura do oficial, do engenheiro militar, ou algo parecido, embora de preferência na figura do oficial, que deve irremediavelmente ser condecorado com a fitinha da Legião de Honra, ganha com o seu sangue. A propósito, essa fitinha é feroz. O dono está tão orgulhoso dela que é quase impossível falar-lhe, ir com ele de trem, estar ao seu lado no teatro ou encontrá-lo no restaurante. Pouco lhe falta para que cuspa nos outros, trata a todos com maneiras de valentão descarado, resfolga, arqueja, por pura ostentação, e tanto que acabamos por sentir náuseas, revolve-se-nos a bílis e vemo-nos na necessidade de chamar o médico. Mas os franceses são loucos por tudo isso. É de notar igualmente que, agora, no teatro, se dedica também uma atenção especial a *Madame* Beaupré, pelo menos muito mais que antes. Beaupré, é claro, tem um grande pecúlio de dinheiro e possui muitas coisas. É reto, simples, um pouco grotesco por causa dos seus hábitos burgueses e, além disso, por ser casado; mas é bom, honrado, generoso, e mostra uma extraordinária nobreza de alma nesse ato em que padece por causa da suspeita de que a sua *ma biche* lhe é infiel. Embora, no fim de contas, se decida a perdoar-lhe. Mas depois, é claro, descobre-se que ela é pura como uma pomba, que apenas coqueteou com Gustave e lisonjeou, e que ama mais do que nunca a *bibi*, que a deixou abatida com a sua generosidade. É claro que Cécile também não tem nada, agora, mas só no primeiro ato, porque depois torna-se milionária. Gustave é orgulhoso e nobre, como sempre, ainda que um pouco mais fanfarrão, por causa do uniforme militar. O que ele mais ama neste mundo é a sua cruz, ganha com o seu sangue, e *l'épée de mon père*.[28] Fala a todo momento dessa espada de seu pai, venha ou não venha a propósito; uma pessoa nem sequer percebe do que se trata; ele insulta, cospe de esguicho, mas todos se inclinam perante ele e o público chora e aplaude (chora, é assim mesmo). Escusado será dizer que não possui nada de seu; isso é condição *sine qua non*. *Madame* Beaupré, é claro, está apaixonada por ele, e Cécile também; mas ele não adivinha o amor. desta última. Cécile geme de amor no decurso dos cinco atos. Finalmente cai neve, ou qualquer

coisa. Cécile quer atirar-se pela janela. Mas ouvem-se dois tiros junto desta; todos correm: pálido, com o braço ao pescoço, Gustave irrompe em cena. No seu sobretudo brilha a fitinha ganha com o seu sangue. O caluniador e sedutor de Cécile já teve o seu castigo. Finalmente Gustave apercebe-se de que Cécile o ama e que todas essas intrigas foram urdidas por *Madame* Beaupré. Mas *Madame* Beaupré aparece, pálida, assustada, e Gustave adivinha que ela o ama. E ouve-se outro tiro. É Beaupré- que pôs fim à sua vida, num ato de desespero. *Madame* Beaupré lança um grito, corre para a porta; mas nesse momento aparece o próprio Beaupré, trazendo uma raposa morta, ou qualquer coisa assim. A lição está dada; *ma biche* nunca mais a esquecerá. Abraça-se ao seu *bibi*, que lhe perdoa tudo. E, de repente, Cécile torna-se milionária e Gustave torna a rebelar-se. Nega-se a ser seu marido. Torce as mãos, profere horríveis insultos. Não há outro remédio senão Gustave lançar esses insultos horríveis e cuspir sobre os milhões, senão o burguês não lhe perdoaria: nesse caso já não seria de tão inexplicável nobreza e ninguém pense sequer que o burguês se contradiz. Não se preocupem: o feliz par não fica sem o milhão, que é inevitável e aparece no fim como prêmio da virtude. O burguês não muda. Gustave acaba por aceitar o milhão e a Cécile, e depois vem a tal coisa das infalíveis fontezinhas, o gorro de algodão, o repuxo murmurante, etc., etc. E assim temos também muito sentimentalismo e muita nobreza, e Beaupré, triunfante e esmagando todos com as suas virtudes familiares, e, sobretudo, sobretudo o milhão, sob a forma de sorte, de lei da natureza, para o qual tudo são honra, o louvor e reverências, etc., etc.; *bibi* e *ma biche* saem do teatro absolutamente satisfeitos, contentes, tranquilos. Gustave acompanha-os e, ao acomodar a mulher alheia no fiacre, beija-lhe a mãozinha às escondidas. Tudo caminha como deve ser.

**1** A voo de pássaro, rapidamente, por alto.↩

**2** Wilhelm von Kaulbach (1805-1874). Pintor alemão que se notabilizou por grandes pinturas murais usando a técnica do afresco ou fresco.↩

**3** Refere-se às *Cartas de um viajante russo*, de Nikolai Karamzin (1766-1826), o historiador, em que descreve as suas impressões da Europa. Foram publicadas em 1791.↩

**4** Água-de-Colônia ou a vida!↩

**5** Dienis Ivânovitch Fonvízin (1744-1792), escritor e dramaturgo contemporâneo de Catarina II, autor, entre outras obras, de *Cartas de França*.↩

**6** Vissarion Bielínski (1811-1848). Dândi e filósofo da História, contrário aos eslavófilos, que nas suas *Lettres sur la philosophie de l'Histoire*, dirigidas a uma dama (1836), negava aos russos o dom criador.↩

**7** Fonvízin.↩

**8** Lugar de veraneio, sobre uns pequenos montes, nos arredores de Petersburgo.↩

**9** *Gvosd* significa cravo, prego.↩

**10** A mulher do pope: termo arcaico, utilizado tembém pelo povo ao se dirigir à mãe, ou a pessoas respeitosas às quais quer se tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo.↩

**11** Casamenteira.↩

**12** Para aparentar.↩

**13** Mas, comigo, o caso é diferente.↩

**14** A meia-paga.↩

**15** O seu estado civil, a sua profissão?↩

**16** Peça que se oferece em amizade, para recordação.↩

**17** Acreditas nisto?↩

**18** O terceiro estado é tudo.↩

**19** Depois de mim, o dilúvio.↩

**20** Mesa redonda, num hotel, numa casa onde se foi convidado.↩

**21** O Estado… sou eu. Famosa frase atribuída a Luís XIV.↩

**22** Sala dos passos perdidos.↩

**23** Aqui jaz Voltaire…↩

**24** Jean Jacques Rousseau (1712-1778), o homem da natureza e da verdade.↩

**25** Espécie de festa em alguns lugares vizinhos da capital, como em Versalhes e em Saint-Cloud, que consiste em pôr em ação um grande número de jogos de água.↩

**26** O meu marido ainda não viu o mar.↩

**27** Rolar na grama.↩

**28** A espada do meu pai.↩

# Memórias do subterrâneo

# Memórias do subterrâneo
(1864)

## O subterrâneo[1]

### Capítulo primeiro

Sou um homem doente… Sou mau. Nada tenho de simpático. Penso estar doente do fígado, embora não o perceba nem saiba ao certo onde reside meu mal. Não me trato, nunca me tratei, por muito que considere a medicina e os médicos, pois sou altamente supersticioso, pelo menos o bastante para ter fé na medicina. (Possuo instrução suficiente para não ser supersticioso e, no entanto, sou…) Não, se não me trato é por pura maldade; é assim mesmo. O senhor não compreenderá isto, por acaso? Pois compreendo-o e basta. Não há dúvida de que eu não conseguiria explicar a quem prejudico neste caso, com a minha maldade. Compreendo perfeitamente que, não me tratando, não prejudico a ninguém, nem sequer os médicos; sei melhor do que ninguém que só a mim próprio prejudico. Não importa; se não me trato é por maldade. Tenho o fígado doente? Pois que rebente!

Há muito, uns vinte anos, vou-me arrastando assim, e já tenho quarenta. Noutro tempo pertenci à burocracia, mas já a deixei. Era um empregado muito resmungão e grosseiro, e comprazia-me em ser assim, pois já que não aceitava garrafas de vinho, precisava de outra recompensa. (Esta piada não tem nada de extraordinário, mas não a retiro. Quando a escrevia julgava que havia de parecer muito interessante, mas agora reparo que é apenas uma fanfarronice tola, e por isso não a retiro.) Alguém se aproximava da minha secretária à procura de informes? Mostrava-lhe imediatamente os dentes e experimentava um prazer inefável quando conseguia cansar o visitante, o que era frequente, De maneira geral eram pessoas tímidas; é escusado dizer mais: precisavam de mim. Mas entre esses janotas havia um oficialeco que eu não podia aguentar. Teimava em arrastar a espada com um ruído insuportável. Combati-o durante dezoito meses seguidos, ao fim dos quais acabei por vencê-lo: desistiu de fazer

barulho. Mas tudo isso são recordações da minha juventude. Entretanto, quer o senhor saber em que consistia principalmente a minha maldade? Consistia na circunstância especialmente abominável de que, a todos os momentos e especialmente depois de cada ocasião de falta de domínio, eu tinha de confessar a mim próprio, envergonhado, que não só não era tão mau como me achava, como nem sequer sentia cólera, que a mim mesmo chamava espantalho, apenas como meio de distração. Quando parecia mais furioso, a mínima atenção, uma chávena de chá, bastaria para apaziguar-me. Este pensamento entristecia-me, embora depois durante alguns meses os dentes me rangessem por causa disso e acabasse por não dormir, de tão aborrecido comigo próprio. Eu era assim.

Mas quando há um momento disse que era um mau empregado, estava-me acusando falsamente. Mentia por maldade. Não; distraía-me aborrecendo aquela gente, tanto o oficial como os outros. Na realidade, nunca teria podido ser mau. Descobria constantemente em mim um sem-número de sentimentos contraditórios. Sentia-os ferver em mim, consciente de que sempre tinham bulido no meu íntimo e podiam exteriorizar-se. Mas não o consentia; não os deixava atuar, não queria que saíssem cá para fora. Torturavam-me até à vergonha; se me tivessem feito sofrer de epilepsia, chegava! Sim, tenho a certeza de que chegava! Imaginam talvez que sinto algum arrependimento, que pretendo desculpar-me de alguma coisa? Tenho a certeza de que assim pensam; pois dou-lhes a minha palavra de que rio de tudo isso.

Não só me enganei em tornar-me mau, como também não cheguei a ser nada; nem mau, nem bom, nem infame nem honesto, nem herói nem pigmeu. Agora termino os meus dias no meu canto, com esse maligno e vão consolo de que um homem inteligente não pode conseguir abrir caminho e que só os néscios o conseguem. Sim, meus senhores; o homem do século XIX tem a obrigação moral de ser uma nulidade; pois o homem de têmpera, o homem de ação, de maneira geral é de vistas curtas. Tal é o resultado de uma experiência de quarenta anos. Completei quarenta anos e quarenta anos são uma vida inteira; são a idade em que quase toda a gente se confessa. Viver mais seria indecoroso, desprezível, imoral! Quem é que pode viver mais do que quarenta anos? Responda sincera, honestamente. Eu lhes digo: só

os néscios ou os malvados! Vou falar isso na cara de todos os velhos, de todos esses anciãos veneráveis, de todos esses velhotes fragantes, de cabeça de prata. Direi a todos e tenho o direito de dizer, porque hei de viver até os sessenta. Até os setenta! Até os oitenta anos! Esperem! Deixem-me tomar fôlego…

Com certeza julgaram que eu os queria fazer rir mas também nisto se enganaram. Estou longe de ter tão bom humor como pensam, e talvez como achem. A parte tudo mais, se tanto palavreado os aborrece (e calculo que assim é) e me perguntarem o que sou eu, afinal, vou lhes responder que sou empregado de oitava categoria.[2] Se entrei para o funcionalismo foi apenas para ganhar o pão de cada dia e só por causa disso. Por isso, quando o ano passado um parente afastado me deixou seis mil rublos em testamento, apressei-me a pedir aposentadoria e a instalar-me no meu canto. Já antes disso vivia no meu canto; mas agora estou mesmo instalado nele. O meu quarto é feio, desagradável, e no extremo da povoação. A minha criada é daqui, desta terra, idosa, de uma idiotice que toca a perversidade, e exala um odor pouco agradável. Dizem-me que o clima de Petersburgo não me faz bem e que a vida aqui é muito cara para a exiguidade dos meus rendimentos. Sei disso, melhor do que todos esses prudentes conselheiros tão cheios de experiência, melhor do que todos esses sabichões que abanam a cabeça com ares de importância; mas continuo vivendo em Petersburgo e nunca a abandonarei. Não a deixarei porque… oh! é completamente indiferente que a deixe ou não.

E, afinal, para um homem que se preza, qual é o tema de conversa mais agradável?

Resposta: ele próprio.

Bem; pois é de mim mesmo que vou falar.

## Capítulo II

Agora, meus senhores, era minha vontade dizer-lhes – quer lhes agrade ou não escutar – gostaria de dizer-lhes por que é que não me

converti num pigmeu. Declaro apenas que muitas vezes tive essa vontade. Mas nem sequer mereci isso. Juro-lhes, senhores, que uma consciência demasiado lúcida é uma doença, uma verdadeira doença. Em todo o tempo, para cada indivíduo, bastaria a simples consciência humana, isto é, metade, senão a quarta parte daquela que costuma possuir o homem inteligente do nosso infeliz século e, sobretudo, aquele que tem o grande infortúnio de viver em Petersburgo, a cidade mais absorta, mais meditativa do mundo inteiro. Há cidades meditativas e cidades levianas. Bastaria, por exemplo, possuir exatamente a soma de consciência que têm os homens fora do vulgar e os homens de ação. Apostava alguma coisa em como estão convencidos de que escrevo tudo isto por pura fatuidade, para troçar dos homens de ação, e que estou arrastando também o meu sabre como o tal oficialeco. Mas haverá alguém, meus senhores, que deseje fazer dos seus defeitos um motivo de orgulho e presunção?

Mas que digo eu? Sim, pelo contrário, é esse o caso geral! Aquilo de que mais nos ufanamos é dos nossos defeitos, e talvez mais do que ninguém. Bem! Não discutamos; a minha argumentação é absurda. No entanto conservo a firme convicção de que não só a consciência demasiada constitui uma doença, como de que a consciência, só por si; por pouca que seja, também é uma doença. E afirmo-o! Mas deixemos isto por um momento e digam-me por que é que, quando me sentia mais capaz de compreender as delicadezas de tudo quanto é belo e sublime, como dizia dantes, me sucedia perder toda a consciência e cometer atos reprováveis… Atos que… Atos que todos cometem, não há dúvida… mas que eu cometi precisamente no instante em que mais claramente compreendia que não se devem cometer. Quanto mais eu admirava o belo e o sublime, mais profundamente me enterrava no lamaçal e mais se desenvolvia em mim essa capacidade de me atolar. O pior era que isto não me acontecia por casualidade, mas como se eu tivesse pensado que assim devia ser, absolutamente. Na realidade, isso não era uma falta, nem tampouco uma doença; era o meu estado normal. De maneira que nem sequer sentia o menor desejo de combater esse defeito. Acabei por persuadir-me de que esse era o meu estado normal (e pode ser que assim o acreditasse realmente). Mas antes de chegar a esse ponto, a princípio, quantos sofrimentos não tive de suportar nessa briga! Não acreditava que acontecesse o mesmo aos

outros homens, e durante toda a minha vida guardei isto no meu íntimo, como um segredo. Envergonhava-me disso (e, talvez continue ainda a envergonhar-me). Chegava a sentir uma espécie de secreto prazer, monstruoso e vil, quando, de regresso ao meu refúgio, em alguma dessas terríveis noites de Petersburgo, confessava a mim próprio brutalmente que também nesse dia cometera uma baixeza e que o que estava feito, feito estava. Interiormente, em segredo, mordia-me a mim próprio, espancava-me, devorava-me, até que aquela amargura acabava por transformar-se numa doçura maldita, sem nobreza e, finalmente, num verdadeiro gozo! Mantenho o que disse, sim, num prazer, num prazer! Se falei de tal coisa é porque tenho interesse absoluto em saber se todos os homens saboreiam voluptuosidades semelhantes. Explico-me: a minha delícia provinha de que conservava uma consciência demasiado lúcida da minha degradação; de que compreendia ter atingido o fundo da infâmia; que aquilo não era nobre, mas não podia ser de outra maneira; que nenhuma porta me restava para sair desse estado e tornar-me outro homem; que, embora tivesse ainda fé e tempo para regenerar-me, com certeza não o teria querido, e, admitindo que o tivesse querido, de nada teria servido; porque, na realidade, não saberia em que sentido operar a minha transformação. O mais importante era que aquilo devia produzir-se segundo as leis normais e fundamentais da consciência hipertrofiada e da inércia, como consequência fatal dessas leis, de onde se vê que uma pessoa não pode transformar-se e nada há a fazer. Assim, pois, segundo essa consciência hipertrofiada, uma pessoa tem razões de sobra para ser um canalha, como se isto pudesse consolar o. canalha de sentir-se canalha. Mas façamos uma pausa! Depois de tanto falatório, expliquei eu alguma coisa? Como explicar esse gozo? Mas hei de fazê-lo; hei de conseguir.

Foi com esse fim que peguei na pena!

E, antes de mais, tenho um amor-próprio enorme. Sou impertinente e ressinto-me tão facilmente como um corcunda ou um anão e, no entanto, algumas vezes talvez me tivesse lisonjeado receber uma bofetada. Falo sério. Não há dúvida que devia ter encontrado nisso uma espécie de prazer, a voluptuosidade do desespero. Não há dúvida de que os mais intensos prazeres devemo-los ao desespero,

sobretudo se temos a nítida consciência de nos encontrarmos num beco sem saída. É o caso do indivíduo a quem deram uma bofetada: encontra-se abatido perante a ideia daquela humilhação absoluta. O importante é que, por mais que raciocine, é sempre o primeiro culpado; e o que ainda me desespera mais é saber o que sou, não de propósito, mas por lei da natureza. Em primeiro lugar sou culpado porque sou mais inteligente do que todos os que me rodeiam, e às vezes, querem acreditar? tenho-me sentido cheio de, acanhamento. Tenho passado a vida a olhar para os homens de soslaio; nunca os pude olhar de frente. Também sou culpado pelo fato de que, se realmente possuísse alguma generosidade, a ideia de que era inútil me faria ainda. sofrer mais. Certamente não saberia o que havia de fazer dela, nem perdoar, visto que, provavelmente, o ofensor me teria batido, obedecendo às leis naturais, para as quais não existe perdão; nem esquecer, porque, embora vítima das leis da Natureza, nem por isso havia de considerar-me menos ofendido. Por fim, se tivesse. querido proceder contrariamente à generosidade e vingar-me do meu agressor, para mim isso teria sido completamente impossível, pois é indubitável que, embora o tivesse desejado, não saberia que resolução tomar. E por que não poderia decidir-me? Vou dizê-lo em duas palavras. Mas isto precisa de um capítulo à parte.

## Capítulo III

Como se arranjam aqueles que sabem vingar-se, os que sabem defender-se? Quando o desejo de vingança se apodera do seu ser, os demais sentimentos ficam anulados, enquanto esse o absorve por completo. Um tal indivíduo arremete para a frente, em linha reta, contra o seu objetivo, como um touro furioso; só uma parede poderia deter o seu ímpeto. (A propósito disto, reparemos que os homens que saem do vulgar e os homens de ação se detêm sempre, com toda a sinceridade diante de uma parede. Para eles, a parede não é uma desculpa, como é para nós, os que raciocinamos e, por conseguinte, nada fazemos; não lhes serve de pretexto para desfazer o que está feito: pretexto com o qual nos damos por satisfeitos. Não, eles param com toda a sinceridade. A parede tem para eles qualquer coisa de calmante, de decisivo, de derradeiro, talvez algo de místico…

Falaremos disso mais diante.) Pois bem, meus senhores: é a esse homem que sai do vulgar que eu considero como autêntico, normal, segundo a nossa terna mãe Natureza indica, ao trazê-lo com agrado a este mundo. Invejo-o a tal ponto que, por esse motivo, chego a segregar vagas de bílis. É estúpido, concordo; mas talvez seja preciso que o homem normal seja estúpido – que sabem os senhores disso? – e que tudo seja assim pelo melhor. Esta hipótese fica ainda mais bem confirmada se em frente do homem normal colocarmos a sua antítese, o homem de consciência hipertrofiada, e que, de certeza, não se originou no seio da Natureza, mas sim em alguma retorta. (Isto é quase misticismo, senhores, mas creio que é a verdade. Muito bem: este homem de retorta esgueira-se suavemente perante a sua antítese, porque na sua consciência hipertrofiada considera-se um rato e não um homem. Um rato de consciência hipertrofiada não deixa de ser um rato, ao passo que o outro é um homem; por conseguinte… etc… O mais grave é que é ele próprio, ele próprio, quem o pergunta; isto é um fato importantíssimo. Deitemos pois um olhar sobre a maneira de conduzir-se o rato. Suponhamos, por exemplo, que está ofendido (está quase sempre) e desejoso de vingar-se. Provavelmente será capaz de acumular mais ódio que o homem da Natureza e da verdade. O anseio torpe e desprezível, de pagar com o mal, vai se agitar nele de maneira mais indigna do que no homem da Natureza e da verdade, porque este, dada a sua estupidez inata, considera a sua vingança simplesmente como uma manifestação da justiça, ao passo que o rato repele semelhante ideia por causa da hipertrofia da sua consciência.

Mas passemos à ação propriamente dita, ao ato de vingança. Além da sua primeira baixeza, o desgraçado do rato teve tempo de sobejo para rodear-se de uma acumulação de outras baixezas sob a forma de interrogações e de dúvidas. Qualquer pergunta traz consigo tantas outras, insolúveis! Por isso se forma à sua volta um infecto lodaçal, um charco funesto, composto pelas suas dúvidas e sobressaltos, e também das cuspiduras atiradas para cima dele pelos homens de ação e que saem fora do vulgar, os quais o rodeiam à maneira de tribunal solene e sarcástico, que às vezes desata a rir às gargalhadas. Não há dúvida de que só lhe resta o recurso de fazer com as patinhas um gesto de desespero e, afetando um sorriso desdenhoso e pouco sincero, meter-se de novo no seu buraco. Aí, debaixo da terra, na sua cova

asquerosa e mal-cheirosa, o nosso rato, ultrajado, corrido, ferido, entrega-se então a uma raiva fria, venenosa e, sobretudo, eterna. Durante quarenta anos ficará ruminando a sua afronta nos seus mais ínfimos e vergonhosos pormenores, acrescentando-lhes no entanto circunstâncias particularmente infamantes, da sua colheita, inflamando-se e excitando-se à sua vontade. Vai se envergonhar dos seus desvarios, mas continuará ruminando, apesar disso; uma ou outra vez principiará mentalmente a luta; inventará coisas que não aconteceram, sob o pretexto de que podiam ter acontecido, e não perdoará nada. Pode ser que queira também vingar-se, por pouco que seja, à socapa, ao abrigo da sua toca, incognitamente, sem fé na legitimidade da sua vingança nem no seu triunfo, e convencido de que há de sofrer mil vezes mais com todas as suas hesitações do que aquele de quem se vingue, que talvez nem repare nele. Até ao seu leito de morte o rato há de pensar naquilo com todos os lucros da vingança… Mas é precisamente nesse estado miserável, frio, mesclado de desespero e incredulidade, nesse enterro de si próprio na tristeza, nesse retraimento de quarenta anos debaixo da terra, nesse *in pace* inevitável e equívoco, nessa pútrida fermentação de desejos reprimidos, nessa febre de vacilação, resoluções irrevogáveis e súbitos escrúpulos, é em tudo isso que reside a origem dessa estranha voluptuosidade de que lhes falava. É tão sutil e difícil de compreender esse deleite, que os homens de vistas curtas, ou, simplesmente, de nervos sólidos, não podem entendê-lo. Estou a ouvir-lhes dizer em tom de mofa: “Talvez também não o compreendam aqueles que nunca receberam um bofetão”. Maneira delicada de me recordarem que me deram um, e que falo por experiência. Aposto como pensam isso! Mas sosseguem, meus senhores; nunca me deram um sopapo, e digo-lhes por que, embora a sua opinião não me preocupe absolutamente. Só me custa não os ter dado eu em maior quantidade. Mas, por mais interessante que o tema lhes pareça, não direi sobre ele nem mais uma palavra!

Continuo o meu discurso sobre os indivíduos que têm nervos sólidos e não podem compreender certos refinamentos da voluptuosidade. Esses senhores, que em certos casos mugem como touros, com toda a força das suas goelas, apesar da honra que tal conduta possa trazer-lhes, resignam-se, não obstante, perante o

impossível, conforme acabei de dizer. O impossível é como uma muralha de pedras. Que pedras são essas? As leis da Natureza, as induções das ciências naturais, as matemáticas, sem dúvida. Uma vez que, por exemplo, te demonstraram que descendes do macaco, é inútil fazer trejeitos; é preciso aceitar as coisas como são. Uma vez que te demonstraram que, na realidade, um só átomo do teu próprio corpo deve ser para ti mais apreciado do que cem mil semelhantes teus, demonstração que acaba de vez com todas as virtudes e deveres e demais ninharias e superstições, não tens outro remédio senão concordar que dois e dois são quatro, que isto é matemática. Será que terão alguma coisa a objetar contra isto!

– Dê-nos licença – dirão. – Não há motivo para insurgir-se por dois e dois serem quatro! A Natureza não lhe pede licença, não lhe interessam os seus desejos, nem se detém a averiguar se lhe agradam ou não as suas leis. Deve aceitá-la como é, com todas as suas consequências. É uma parede; portanto… é uma parede… e assim sucessivamente.

– Mas, meu Deus, que me importam as leis da Natureza, ou as da Aritmética, se essas leis e os seus dois e dois quatro me desagradam por qualquer coisa? É certo que não vou derrubar essa muralha, porque as minhas forças não chegam; mas não hei de resignar-me só porque diante de mim, se levante uma muralha de pedra que as minhas forças não possam derrubar.

Poderia essa muralha ser um calmante? Seria capaz, por pouco que fosse, de sossegar a minha alma, pelo motivo de que dois e dois sejam quatro? Oh, absurdo dos absurdos! Que diferença não vai disso a compreender tudo, a ter consciência de tudo, de todas as muralhas de impossíveis e de pedras, a não resignar-se perante nenhum desses impossíveis, diante de nenhuma dessas muralhas de pedra (se não achais conveniente resignar-vos), e chegar, por meio de raciocínios lógicos e incoercíveis, a conclusões desanimadoras, a esse axioma eterno de que até a propósito da muralha de pedra nos julgamos culpados, por mais que seja evidente que não temos a mínima culpa de nada? Portanto é preciso encolher-se voluptuosamente na inércia, embora rangendo os dentes em silêncio, ao pensarmos que não temos para quem voltar o nosso furor, cujo objeto talvez nunca tenha

existido; que em tudo isto é preciso meter de permeio jogos de mão e cartadas ardilosas; que é tudo um autêntico lodaçal, sem que saibamos o que nem quem. Mas que, apesar de todas essas incógnitas e embustes, continuam a sofrer, e quanto mais ignoram, tanto mais sofrem.

## Capítulo IV

– Ah, ah, ah! Este há de acabar por encontrar prazer numa dor de dentes.

– E por que não? – responderei – também há prazer numa dor de dentes. Sei por experiência: sofri dores de dentes durante um mês inteiro. Em casos desses, uma pessoa não sofre em silêncio, grita. Mas esses gritos não são sinceros; são queixumes hipócritas e, aqui, tudo se baseia na hipocrisia. É nesses queixumes que reside a voluptuosidade do paciente, e, se não sentisse prazer, não se queixaria. Este exemplo calhou às mil maravilhas, meus senhores, e hei de desenvolvê-lo. Em primeiro lugar, esses queixumes exprimem toda a inutilidade de sua dor, tão humilhante para a sua consciência; toda a força legal da Natureza, da qual podem troçar, mas pela qual sofrem, ao passo que ela não sofre. Começam a adquirir a consciência de que sofrem sem ter um inimigo; que, apesar de todos os Wagenheim possíveis, são escravos dos seus dentes; que, se alguém quisesse, eles deixariam de doer-lhes, mas que se esse alguém não quer, hão de doer-lhes ainda mais três meses, e que se não se resignam e continuam a protestar, não lhes restará outra consolação senão bater em si próprios ou esmurrar a parede com todas as suas forças; e não é preciso dizer mais nada. Pois bem, meu senhor: é nessas ofensas sangrentas; nessas zombarias de não sei quem, que tem a sua origem um prazer que pode atingir o mais alto grau de sensualidade. Peço-lhes, senhores, que prestem atenção aos queixumes dum homem ilustrado da nossa época, aflito com uma dor de dentes. No segundo ou terceiro dia os seus queixumes mudam de natureza, já não se queixa apenas porque lhe doem os dentes – como se queixaria qualquer ignorante mujique – mas como homem que se aproveitou do desenvolvimento intelectual e da civilização da Europa, como homem que já não tem apego ao torrão

natal nem às tradições populares, conforme agora se diz. Os seus queixumes tornam-se agressivos, maldosos, e duram dias e noites consecutivos. Ele bem sabe que, com todos esses queixumes, não conseguirá alívio. Sabe melhor que ninguém que em vão se atormenta e atormenta os outros; que o público para o qual representa a sua comédia, e toda a sua família, o escutam com aborrecimento; não acreditam na sinceridade dos seus lamentos e dizem para os seus botões que ele podia fazer menos alarido, sem trinados nem gorjeios, e que se não faz isso é por pura maldade e pelo gosto das palhaçadas. Pois bem: é precisamente nessas confissões que o paciente faz a si próprio e em todas essas indecências que reside a voluptuosidade. "Estou a atormentá-los, a dilacerar-lhes o coração, não deixo ninguém dormir em casa. Não, não hão de dormir; hão de sentir a todos os momentos os efeitos da minha dor de dentes. Perante vocês, eu já não sou o herói que até aqui parecia ser, mas um tipo reles, um palerma. Muito bem! Tenho o maior prazer em me conhecerem. Aborrece-lhes ouvir queixar-me tanto? Pois tanto pior para os senhores, porque vou elevar o diapasão…" Os senhores ainda não compreendem? Não; pois, pelo visto, é preciso ser muito evoluído e muito consciente para surpreender todas as sutilezas desta voluptuosidade. Dão risada? Ainda bem, meus senhores. É verdade que as minhas graças são de bastante mau gosto, traiçoeiras, enredadas, sem vivacidade. Isto se deve à falta de respeito que eu tenho por mim próprio. Mas digam-me: que homem, na posse plena da sua consciência, poderia respeitar-se?

## Capítulo V

Respeitar-se! Mas poderá respeitar-se a si mesmo aquele que está decidido a encontrar prazer no sentimento da sua própria abjeção? Não digo isto cedendo à influência de um covarde arrependimento. De maneira geral jamais gostei de balbuciar: "Perdoa-me, *bátiuchka*, que eu não repito!". E não que fosse incapaz de pronunciar essas palavras; pelo contrário, talvez fosse muito capaz de dizê-las. Noutro tempo comprazia-me em pedir perdão, precisamente quando nada praticara que o justificasse, e era essa a minha maior vileza. Enternecia-me, arrependia-me, vertia lágrimas, e com certeza me enganava a mim mesmo, por muito que não me entregasse a simulação; não seria capaz

de dizer até que ponto o meu sentir me obrigava a isso. Não poderia deitar a culpa disso às leis da Natureza, apesar de tais leis me terem feito mais mal do que tudo mais. Custa-me agora pensar nisso e dantes não me custava menos. Mas, passado um minuto, pouco mais ou menos, eu mesmo reparava, com a consequente raiva, que todos esses arrependimentos e ternuras e juramentos de emenda não passavam de embustes, patranhas tão habilidosas como vis. Mas hão de perguntar-me por que me torturava eu até esse ponto, por que me dava a tantos requintes. Meu Deus, é que me aborrecia por não ter nada que fazer e entregava-me a essas tretas para distrair o meu tédio! Exatamente. Observem-se, meus senhores, o melhor que puderem: verão que é assim. Eu imaginava aventuras, uma vida para viver de qualquer maneira… Quantas vezes não me teria lembrado mostrar-me ressentido sem razão, só por gosto? Eu bem sabia que não tinha motivo para aborrecer-me; mas conduzia-me como se o tivesse e acabava por considerar-me ofendido a sério. Toda a minha vida tive inclinação para estas baralhadas, até que, por fim, já não me dominava. Outras ocasiões sentia desejo de apaixonar-me; aconteceu-me isto por duas vezes. E não sofri pouco, acreditem. No fundo do meu coração, não acreditava em tais sofrimentos, ria deles; no entanto sofria de verdade, sentia-me ciumento, perdia a cabeça… E tudo isso por aborrecimento, senhores, por puro aborrecimento. A inação custava-me tanto! Porque o fruto imediato e lógico da consciência é a inação, a inércia consciente. Já disse e repito que as pessoas que saem do vulgar e todos os homens de ação são precisamente assim porque são estúpidos e de vistas curtas. Como explicar isso? Da seguinte maneira: por causa de sua mediania, tomam as causas segundas, as mais imediatas, por causas primeiras, e sem demora e sem dificuldade alguma convencem-se de que encontraram um fundamento imutável para a sua atividade, tranquilizam-se, e isso é o mais importante. Porque para poder atuar é preciso, antes de mais, estar completamente tranquilo, não ter a menor dúvida. Mas como podia eu chegar a tranquilizar-me? Onde encontraria princípios fundamentais, bases em que fixar-me? Onde iria buscá-las? Detenho-me a refletir: tal causa, que me parece primeira, conduz-me a outra, também anterior, e assim sucessivamente, até o infinito. Nisto consiste a consciência e a reflexão. Portanto, são assim mesmo, leis da Natureza. Qual é o resultado? Idêntico. Lembrem-se do que lhes disse a propósito da

vingança e sobre o que, certamente, não meditaram. Disse-lhes que o homem se vinga porque acredita que a sua vingança é justiça; encontrou, pois, a razão fundamental, que é a justiça, e assim fica em paz; de maneira que se vinga com toda a calma e satisfação, persuadido de realizar um ato honesto e justo. Mas eu não vejo nisso justiça nem virtude e, por conseguinte, se me vingo, deve ser por maldade pura. É certo que a maldade pode dominar todos os meus demais sentimentos e fazer calar todos os meus escrúpulos, erigindo-se, assim, em razão fundamental, precisamente por não ser apenas uma razão. Mas que fazer, se nem sequer possuo essa maldade? (Lembrem-se que foi por aí que comecei). Sob a influência dessas malvadas leis da consciência, a minha maldade vai se decompor quimicamente. À parte isto, com a reflexão desaparece o motivo, confundem-se as razões, não há processo de atinar com o culpado, a ofensa deixa de ser para converter-se em fatalidade, em qualquer coisa como uma dor de dentes, da qual ninguém tem culpa e, por conseguinte, só nos fica este último recurso: arremeter contra a parede. Por isso pomos de lado a vingança por não termos podido inventar para ela uma razão de peso. Mas suponhamos que, sob o império da paixão, sem nos determos a refletir, sem nos munirmos previamente de uma causa, nos atiramos à vingança, dizendo a nós próprios que pouco importa sintamos ódio ou amor, contanto que não permaneçamos inativos; passados dois dias, quando muito, teríamos desprezado a nós próprios por nos termos enganado com conhecimento de causa. E, quanto a resultados, obterão sempre os mesmos: bolas de sabão e a inércia. Oh, meus senhores, talvez eu me julgue inteligente por isso, porque em toda a minha vida nunca pude começar nem levar nada a cabo! Admitamos que sou apenas um charlatão inofensivo, mas fastidioso, como todos o somos. Mas que fazer, se o único e exato destino do homem inteligente é o de dar à língua, *id est*, perder propositadamente o tempo com ninharias?

## Capítulo VI

Oh, se ao menos tivesse permanecido ocioso por vadiagem! Meu Deus! Como não me teria respeitado, então, a mim próprio? Teria me respeitado em virtude de ser possuidor da faculdade da preguiça; ao

menos teria possuído uma faculdade discutível. A quem perguntasse por mim: “Quem é esse?”, poderiam responder-lhe: “Um vadio”. Ah, como seria lisonjeador ouvir dizer que diziam uma coisa dessas de uma pessoa! Pensar que é um ser absolutamente definido, do qual pode dizer-se alguma coisa! Vadio é uma profissão e um destino: é uma carreira, meu senhor. Não leve isto para a brincadeira: é assim, como lhe digo. Eu teria sido sócio fundador da mais importante das nossas sociedades de recreio, e todos os meus trabalhos se reduziriam a respeitar-me a mim mesmo continuamente. Conheci um senhor que passou a vida a ufanar-se de conhecer muito bem os quadros de Laffite; considerava isso como uma condição apreciável e nunca duvidou de si próprio. Morreu com uma consciência triunfante, mais do que tranquila, e tinha razões de sobra… Então eu teria tido urna carreira; teria sido um vadio e um preguiçoso, não como outro qualquer, mas ligado por relações de simpatia com tudo quanto há de belo e sublime. Isso não seria do agrado dos senhores? Pensei-o muitas vezes. Que diferentes não me pareceriam esses termos belo e sublime, que tanto me pesam sobre a carcaça aos quarenta anos! Teria imediatamente encontrado um campo de ação: beber à saúde de tudo quanto é belo e sublime. Nunca teria faltado na minha taça um sorvo para esgotar em honra de algo de belo e sublime. De todos os objetos do Universo teria eu feito algo belo e sublime; teria encontrado esses atributos nas coisas mais rasteiras, vis e infames. A todos os momentos teria soltado lágrimas tão grossas como uma esponja ensopada. Por exemplo: suponhamos que o artista Gay pintasse um quadro; me verias beber imediatamente à saúde do pintor Gay, porque eu aprecio tudo o que é belo e sublime, e logo eu beberia à saúde do autor de *Ao gosto de cada um*, porque eu gosto de tudo quanto é belo e sublime… Exigiria que me respeitassem por isso e perseguiria encarniçadamente a quem quer que me tivesse regateado o respeito. Envelheceria sossegadamente e chegaria triunfantemente ao termo dos meus dias. O que seria encantador, absolutamente lisonjeiro! E criaria barriga e papada de três dobras, e um nariz tão batatudo, que todos, ao me verem, diriam: “Eis uma criatura real”. Qualquer coisa de absolutamente positivo. Como quiserem, mas é bem agradável ouvir dizer coisas destas a seu respeito, no nosso século tão profundamente negativo.

## Capítulo VII

Mas tudo isso são ilusões douradas. Oh, digam-me quem foi o primeiro que anunciou, o primeiro a proclamar que o homem só comete baixezas porque não compreende os seus verdadeiros interesses, e que se o instruíssem sobre este ponto, se lhe abrissem os olhos sobre o seu verdadeiro interesse, sobre o seu interesse normal, logo se tornaria bom e generoso! E isto pela simples razão de que, sendo inteligente, se conseguisse conhecer o que é vantajoso, só encontraria o bem; e como o homem não pode atuar contra o seu interesse, com conhecimento de causa, havia portanto de conduzir-se necessariamente bem. Oh! Criança inocente e pura! Mas quando se deu através dos séculos, pela primeira vez, o caso de que o homem atuasse somente consultando o seu interesse? Não tem valor nenhum os milhões de fatos que testemunham que os homens informados, isto é, conhecedores dos verdadeiros interesses, os desdenham e se atiram à aventura por outros caminhos onde, sem que ninguém os obrigue, se expõem a riscos e a perigos, como se quisessem deliberadamente desviar-se do bom caminho para abraçar de propósito outro mais difícil e absurdo, que hão de procurar às cegas? É assim evidente que essa teimosia e independência de ação lhes são mais agradáveis do que todas as vantagens. Mas que querem dizer essas vantagens? São capazes de definir exatamente a que se resume a vantagem para o homem? E se, no entanto, pudesse acontecer alguma vez que a vantagem para o homem consistisse, e não só consistisse como tivesse que consistir na circunstância de ter de desejar-se o que é prejudicial e não o que é vantajoso? Se assim fosse, se pudesse dar-se um caso semelhante, a regra dos senhores ficaria anulada. Admitem os senhores a possibilidade de casos semelhantes? Estão a rir? Riam como quiserem, meus senhores, mas respondam: os interesses do homem estão perfeitamente definidos? Não há, entre esses interesses, alguns que não foram incluídos nem nunca poderão ser em nenhuma classificação? Pelo que sei, os senhores traçaram a sua lista dos interesses humanos relativamente a uma média tirada das estatísticas, das fórmulas científicas e econômicas. São eles o bem-estar, a riqueza, a liberdade, o descanso, etc., etc. De maneira que o homem que voluntária e abertamente se levantasse contra esse balanço seria, segundo o parecer dos senhores, e até segundo o meu, um

obscurantista e um tolo, não é verdade? Mas vejam esta coisa importante: a que se deve o fato de que todos esses estadistas, sábios e filantropos, ao enumerarem os interesses do homem se tenham esquecido sistematicamente de mencionar um deles? A este não ligaram importância nenhuma, no ponto de vista da necessidade, e dizem que dele depende todo o cálculo. Não terá importância nenhuma incluírem na lista esta vantagem. Mas o mau é este famigerado interesse não poder ser incluído em nenhuma classificação nem inventário. Por exemplo: tenho um amigo… (eh, cavalheiros, mas se ele também é vosso amigo! E, no fim de contas, de quem é que ele não é?). Quando se dispõe a realizar um ato qualquer, o meu amigo vai lhes explicar claramente, sem esquecer uma palavra, que se propõe atuar segundo as leis da razão e da verdade. Depois lhes falará, com ardente comoção, dos interesses verdadeiros, normais, do homem; dirá obscenidades contra esses idiotas, curtos de vistas, que não compreendem o seu proveito nem o verdadeiro sentido da virtude… Um quarto de hora depois, nem mais nem menos, sem que se interponha qualquer motivo novo, sem algum móvel interior mais poderoso que os seus interesses, imaginará algo diferente, isto é, procederá abertamente contra tudo quanto dissera, contra as leis da razão, contra o seu próprio proveito; enfim, contra todo o senso comum… Previno-lhes que o meu amigo é uma personagem coletiva e, portanto, muito difícil é jogar todas as culpas para cima dele… Eis aí, meus senhores: será verdade que não há nada mais parecido, aos olhos do homem, que os seus interesses mais imediatos? Ou, então, para falar com lógica: não existirá certo interesse, mais importante que os outros, um desses interesses a que ninguém liga importância, conforme disse, e pelos quais, no entanto, o homem é capaz de arremeter, se preciso for, contra a razão, a honra, o sossego, o bem-estar; numa palavra, contra tudo quanto de mais belo e útil existe, contanto que alcance essa vantagem primordial, a mais importante e apreciada de todas, a seus olhos?

– Seja como for, sempre é uma vantagem – hão de dizer-me.

Permitam que me explique, meus senhores, pois não se trata aqui de fazer jogo de palavras. Fiquem sabendo que essa vantagem apresenta precisamente a particularidade de pôr de lado todas as

classificações e desarticular todos os sistemas imaginados pelos amigos do gênero humano para lhe conseguir a felicidade. Em suma, é muito incômoda. Mas antes de dizer-lhes o seu nome, faço empenho em comprometer-me, declarando com todo o descaramento que todos esses admiráveis sistemas e teorias que pretendem explicar à Humanidade quais são os seus interesses normais, para que, invencivelmente, impelida a continuar na sua ilusão, se torne imediatamente generosa e boa, não passam para mim, até agora, de meros sofismas. Porque sustentar a teoria da renovação do gênero humano pela contemplação dos seus verdadeiros interesses é para mim quase o mesmo que afirmar, por exemplo, com Buckle,[3] que a civilização suaviza o caráter do homem, fazendo-o, portanto, menos sanguinário e dado à guerra. É isto, a meu ver, o que se depreende dos seus raciocínios. Mas de tal maneira o homem se apega aos seus sistemas e à sua dedução abstrata, que seria capaz de alterar a verdade com conhecimento de causa, de fingir-se surdo e cego só com o fim de não invalidar a sua teoria. É isto que me leva a pôr em relevo este exemplo tão importante. Basta dar uma olhadela à sua volta; o sangue corre a jorros; tão alegremente como se fosse champanhe. Aí têm Napoleão, o Grande, e o dos nossos dias.[4] Aí temos a América do Norte… uma eterna aliança. E têm, finalmente, essa farsa[5] de Schleswig-Holstein… São capazes de dizer-me o que é que a civilização tornou mais brando entre nós? A civilização limita-se a desenvolver no homem a variedade das sensações… e nada mais. Quem sabe se esse gosto pelas sensações variadas não fará com que o homem encontre prazer na efusão de sangue? Aliás, isso já lhe aconteceu. Já repararam que a maior parte dos seres sanguinários, verdadeiramente refinados, foram quase sempre personagens ultracivilizadas, aos calcanhares dos quais não chegariam os Átilas e os Stienhka Razini juntos? Se não parecem tão notáveis é precisamente porque o seu tipo é mais comum; são tão vulgares que já não chamam a atenção. Se a civilização não tornou o homem mais sanguinário, este, debaixo da sua influência, tornou-se mais ignominiosamente cruel do que antes. Antigamente julgava justo derramar o sangue, e exterminava com a consciência tranquila todos quanto julgava necessário suprimir. Hoje consideramos o fato de derramar o sangue como uma infâmia; mas cometemo-lo de bom grado e até com mais frequência do que noutro tempo. Digam-me o

que é preferível! Falei pelos senhores mesmos. Conta-se que Cleópatra – desculpem-me este exemplo tirado da história romana – costumava cravar os seus alfinetes de ouro no peito das escravas que a serviam, e que os seus gritos e contorções lhe provocavam um vivo prazer. Vão me dizer que isso se passava num tempo relativamente bárbaro, que os nossos ainda o são (relativamente também), e que ainda há quem proceda como Cleópatra; que, se é certo que o homem tem hoje mais discernimento do que nos tempos de barbárie, ainda está muito longe de ter aprendido a proceder como mandam a razão e a ciência. Quando tiver alcançado esse grau de desenvolvimento, deixará de incorrer em erros voluntários, e por muito que lhe custe, por assim dizer, não poderá separar a sua vontade dos seus interesses normais. Acrescentam os senhores que a própria ciência instruirá o homem (embora isto se me afigure uma redundância); que ele, na realidade, não tem vontade nem caprichos, nem nunca os teve, pois não é mais do que uma espécie de teclado de piano, e que, antes de mais, o mundo se rege pelas leis da Natureza, de maneira que, faça o que fizer, não é um produto da sua vontade, mas das leis naturais. Donde se conclui que o homem não tem outra coisa a fazer senão descobrir as leis da Natureza, e que, quando for responsável dos seus atos, a vida há de tornar-se para ele muito fácil. Todos os atos humanos hão de deduzir-se então matematicamente dessas leis por meio de uma espécie de tábua de logaritmos até cem mil, catalogada num almanaque, ou, melhor ainda, vão se publicar obras bem planejadas, no estilo das enciclopédias atuais, e nas quais tudo estará previsto, calculado e determinado, e já não haverá no mundo mais acasos e aventuras.

– Então – continuarão a dizer – as condições econômicas tomarão um novo aspecto. Como tudo será calculado com exatidão matemática, bastará um momento para resolver todas as questões, pois já terão recebido todas as soluções de que sejam susceptíveis. Então construiremos um palácio de cristal. Então… veremos finalmente o pássaro de fogo[6] então…

É certo – e agora sou eu quem fala – que é impossível responder de maneira categórica, que, então, não irá matar-nos o tédio, pois em que ocupar-se, se tudo está previsto na lista? Mas em compensação

reinará o senso comum. É certo que o tédio excita a imaginação, pois era por aborrecimento que Cleópatra espetava os seus alfinetes no peito das suas escravas; mas isso não teria importância. O mal está em que talvez os homens considerassem como uma felicidade voltar à época desses passatempos. Porque o homem é estúpido, espantosamente estúpido, ou, para melhor dizer, não é completamente estúpido; mas é tão ingrato que não tem comparação em toda a criação. Por isso, de maneira nenhuma estranharia se visse surgir de repente no seio dessa nacionalidade futura algum tipo de aspecto vulgar, ou até espirituoso, que, no alto das suas tamancas, nos dissesse: "Bem, meus senhores: não acham que devemos dar um bom pontapé na razão, só com o fim de mandar os logaritmos para o diabo e poder viver à nossa estúpida vontade?". Mas isso ainda seria pouco; o mal é que encontraria logo partidários, tal é a natureza humana. E tudo isso por uma causa tão insignificante, que nem sequer se deveria mencionar, e é que em todos os tempos e lugares nunca houve em todo o mundo um homem que não quisesse conduzir-se segundo a sua vontade e não em obediência aos ditames da razão e do seu interesse. Na verdade, pode uma pessoa querer conduzir-se contra o seu proveito, e acontece até que tal coisa seja absolutamente necessária (essa é a minha opinião). O nosso próprio desejo, voluntário e livre; o nosso próprio capricho, ainda mais irrefletido; a fantasia desenfreada até raiar na extravagância: eis em que consiste a vantagem, grosso modo, o interesse mais importante, que não se inclui em nenhuma classificação e que manda passear todos os sistemas e teorias. Como puderam imaginar todos esses sábios que o homem precisa de uma vontade normal virtuosa? Onde foram buscar essa ideia de que o homem precisa de desejar de maneira sensata e proveitosa? O homem só precisa de uma coisa: querer com independência, custe o que custar essa independência e quaisquer que sejam as consequências que dela derivem. Mas, no final de contas, só o diabo deve saber o que o, homem deseja…

## Capítulo VIII

– Ah, ah, ah! – interrompem-me os senhores, rindo às gargalhadas. – Mas se na realidade o desejo não existe. A ciência

conseguiu estudar o homem tanto a fundo que agora sabemos que a vontade e aquilo que convencionamos chamar livre arbítrio não são senão…

– Perdão, meus senhores, é precisamente por aí que eu queria começar. E confesso-lhes que tive um pouquinho de medo. Ia dizer que a vontade só Deus sabe de que depende, e que talvez seja melhor assim; mas lembrei-me a tempo da ciência e contive-me. Foi nesse momento que os senhores me interromperam. Porque, de fato, se verdadeiramente se chegasse a descobrir a fórmula de todos os nossos desejos e caprichos, explicando, além disso, as suas causas, as leis que as regem, a forma em que se desenvolvem, fins para que propendem, em tal ou tal caso, e assim sucessivamente, até achar uma verdadeira fórmula matemática, então, sim, podia acontecer que o homem deixasse de ter vontade, e é até certo que isso acontecesse. Que prazer haveria em querer por ordem alheia? E, além disso, por que haveria o homem de transformar-se em trombeta de órgão ou alguma coisa do gênero? Pois que seria senão isso, o homem sem desejos, sem vontade nem aspirações? Que pensam os senhores? Calculemos as probabilidades: é ou não possível semelhante coisa?

– Hum! – hão de murmurar. – Os nossos desejos, geralmente, costumam ser errôneos, em consequência da ideia errônea que formamos dos nossos interesses. Por isto nos lembramos de desejar coisas absurdas, porque, levando em conta a nossa necessidade, vemos nesse absurdo o caminho mais fácil para alcançar uma dessas vantagens que nos propusemos como fim. Pois bem: quando tudo estiver explicado e calculado no papel (o que é muito possível, pois é abominável e insensato acreditar previamente que o homem não conhecerá nunca certas leis da Natureza), então, certamente, não se produziria o que chamamos vontade. Se alguma vez, porventura, a vontade se pusesse em contacto com a razão, nesse caso raciocinaríamos, mas não quereríamos, porque, conservando a razão, é impossível desejar coisas absurdas, atropelar os direitos da razão com conhecimento de causa, desejar o mal para si próprio. Mas, apesar de que todos os desejos e raciocínios podem realmente calcular-se, porque um dia hão de descobrir-se as leis daquilo que chamamos o nosso livre arbítrio, podemos, sem querer fazer graça,

imaginar qualquer coisa parecida com uma lista na qual nos será dado escolher. Assim, por exemplo, se se pudesse calcular e provar que, se eu prego uma peça em alguém é porque devia pregá-la, e pregá-la irrevogavelmente de certa maneira, que soma de liberdade me restaria, sobretudo supondo que se trata de um homem culto e que tivesse seguido qualquer curso de estudos. Mas então estaria habilitado a trazer-me uma norma de vida com trinta anos de antecipação. Numa palavra: supondo que todas as coisas se arranjam dessa maneira, não teremos nada a fazer; será forçoso compreendermos, quer queiramos quer não. De maneira geral devemos repetir, sem nos cansarmos, que em certos momentos e em certas circunstâncias a Natureza não nos pede licença; que é preciso aceitá-la tal como é e não como a nossa fantasia a imagina; e se realmente queremos acostumar-nos à lista e ao almanaque… e ao alambique, não temos outro remédio senão aceitar também o alambique. Do contrário, prescindirá também de nós…

– Sim, senhor, é aqui, que, conforme penso, se encontra a dificuldade. Desculpem-me, meus senhores; divaguei de tal maneira que me pus a filosofar; mas pensem no que representam quarenta anos de subterrâneo. Deixem-me ter um pouco de fantasia. Vejam: a razão, meus senhores, é uma excelente coisa, é verdade; mas a razão não é mais do que a razão, e só satisfaz a capacidade humana de raciocinar, ao passo que a vontade é a manifestação da vida total; isto é, de toda a vida humana, inclusive da razão e de todos os escrúpulos possíveis. E se a nossa vida não se revela às vezes muito nesta manifestação, apesar de tudo é a vida, e não unicamente a extração da raiz quadrada. Porque eu, por exemplo, quero viver de uma maneira completamente natural para satisfazer a minha capacidade de viver e não a minha faculdade de raciocínio, que representa aproximadamente a vigésima parte da minha capacidade de viver. Que sabe a razão a respeito disso? A razão só sabe aquilo que teve tempo de saber (pode ser que haja algumas coisas que ela nunca venha a saber; não é muito consolador dizer isto, mas por que não reconhecê-lo?), ao passo que a natureza humana atua em massa com tudo quanto nela se contém, e quer se engane ou acerte, vive. Desconfio, meus senhores, que me estão ouvindo com piedade. Que me repetem que um homem instruído e inteligente, um homem, numa

palavra, como deverá ser o do futuro, não poderá conscientemente desejar nada que seja contrário aos seus interesses e que isto é assim, de maneira matemática. Partilho absolutamente da opinião dos senhores, aceito que é matemático. Mas repito-lhes pela centésima vez que há um caso, um só, em que o homem pode desejar algo de nocivo, insensato e louco. E isso acontece quando ele quer ter o direito de desejar tudo quanto há de mais absurdo e emancipar-se do dever de desejar apenas o que é digno. Porque essa inépcia, essa coisa absurda é sem dúvida o meu capricho. E no entanto, que poderia haver de mais proveitoso para nós do que ele, sobretudo em certos casos? Num ponto de vista particular, essa coisa absurda pode ser mais interessante que todas as conveniências, até no caso em que realmente nos prejudicasse e estivesse em conflito com as sãs conclusões da nossa razão, porque, em última análise, contém para nós aquilo que mais apreciamos e valorizamos: a nossa personalidade e a nossa individualidade. Alguns afirmam que, de fato, é isto o que o homem mais aprecia; a vontade, se quisermos, pode conciliar-se com a razão. E desde que não se abuse dela, que se use com medida, a vontade é útil e às vezes louvável. Mas o mais frequente costuma ser que a vontade se encontre em completo e teimoso desacordo com a razão e … e … e sabem que isto é útil e até muito digno de louvor? Suponhamos, meus senhores, que o homem não é um tolo. (De fato, não estaria bem que o tachássemos de estupidez, ainda que fosse só pela simples razão de que, se ele é tolo, a quem havemos de chamar inteligente?) Mas se não é imbecil, é monstruosamente ingrato! É um fenômeno de ingratidão. E penso até que a melhor definição que poderia dar-se do homem seria esta: bípede e ingrato. Mas isto ainda não é tudo. Este ainda não é o seu maior defeito. O seu defeito maior é a sua constante imoralidade repetida desde os tempos do dilúvio até o período do Schleswig-Holstein da nossa história. A imoralidade e, por conseguinte, a impudência, pois desde o princípio do mundo se sabe que a impudência é filha da imoralidade. E senão, não têm mais a fazer do que deitar uma olhadela para a história do gênero humano; muito bem: que lhes parece? É majestosa? Suponhamos que o seja; que o Colosso de Rodes, por si só valha qualquer coisa. O Senhor Annaiévski afirma com boas razões que alguns dizem ser obra do homem, outros afirmam que é da Natureza. É obscuro? Suponhamos que seja. Deve ser muito difícil distinguir em todos os séculos e povos

os uniformes de gala militares e os trajes dos paisanos! Isto é, na verdade, muito complexo, mas o mesmo aconteceria com os trajes vulgares: nem um só historiador seria capaz. É monótono? Pois bem, é monótono; os homens não têm feito outra coisa durante toda a vida, senão guerrearem-se uns aos outros, guerrear e tornar a guerrear, tanto outrora como agora; temos de concordar que isto se torna demasiado monótono. Em suma: que sobre a história universal pode dizer-se tudo quanto se quiser, tudo quanto uma imaginação desenfreada possa inventar. Há só uma coisa que não se pode dizer dela: que é prudente. À primeira palavra a voz logo vos fugirá. Vemos constantemente na vida criaturas cheias de moralidade e de discrição, sábios e filantropos que têm como finalidade da sua vida serem mais morais e prudentes ainda. Poderíamos dizer que aspiram a servir de exemplos para o próximo, para demonstrar-lhe que, efetivamente, é possível viver em obediência à moral e aos ditames da prudência. Que dizer a isto? Mas é fato comprovado que muitos dos tais filantropos, tarde ou cedo, acabam por trair as suas ideias e ensejam anedotas que são muitas vezes o cúmulo da indecência. E agora pergunto-lhes: que pode esperar-se do homem, de um ser dotado de tão estranhas qualidades? Cumulem-no de benesses, abarrotem-no de aventuras, proporcionem-lhe uma satisfação econômica tal que não tenha mais nada a fazer senão dormir, comer melaço e procurar que a história universal não se interrompa; pois até assim, por ingratidão, por maldade, o homem há de cometer infâmias. Atirará fora o seu melaço e desejará propositadamente absurdos capazes de levá-lo à perdição, coisas insensatas e inúteis, só para acrescentar a essa prudência positiva um elemento destruidor fantástico. O homem deseja a todo custo conservar os seus quiméricos sonhos, a sua rasteira sandice, só com o fim de afirmar a si próprio (como se fosse muito necessário) que os homens são homens e não pianos, que obedecem às leis da Natureza. Mais: ainda no caso de que efetivamente fosse apenas um piano, se lhe demonstrassem isso por meio das ciências naturais e matemáticas, nem assim voltaria a si, e, pelo contrário, faria qualquer coisa propositadamente, apenas por ingratidão; para falar com propriedade, pode sair-se com uma das suas. No caso de não poder proceder assim, imaginaria a destruição e o caos e toda a casta de pragas. Encheria o mundo de maldições! e como só o homem tem a faculdade de amaldiçoar (é privilégio seu, que o distingue

principalmente dos outros animais), conseguiria tudo com essas maldições; quer dizer, ficaria convencido de que é homem e não piano. Se dizem que tudo isso pode prever-se por meio da lista: o caos, o transtorno e a maldição, que a mera possibilidade de um cálculo prévio pode abranger tudo isso, e que a razão acabará por prevalecer, então o homem ficará louco de propósito para não ter razão e atuar em obediência ao seu capricho. Assim o creio e o afirmo, porque toda a ocupação humana consiste precisamente em o homem provar a cada instante a si próprio que é homem e não piano! Depois disto, será possível não pecar, não se gabar de que não existe nada e de que a vontade depende, até agora, não se sabe de quê?

Hão de gritar-me (se ainda se dignam responder-me) que ninguém fala em privar-me da minha liberdade, que se aspira somente a organizar a vida do homem, de maneira que a própria vontade, a minha vontade própria, esteja de acordo com os meus interesses normais, com as leis da Natureza e com a aritmética. Mas não quererão dizer-me, meus senhores, que vontade será a minha quando o mundo for regido pela tal lista e pela aritmética, quando todos pensem unicamente que dois e dois são quatro?

Dois e dois são quatro, até contra a minha vontade. E isso há de ser a minha vontade.

## Capítulo IX

Já sei que gracejo, meus senhores, e até compreendo que não o faço nada bem; aliás, não se trata unicamente de simples brincadeiras. Pode ser que, sem perder o bom humor, esteja a ranger os dentes. Senhores, estes problemas afligem-me: resolvam-nos. Os senhores, por exemplo, querem tirar a um homem os seus antigos costumes e corrigir a sua vontade, conforme o que manda a ciência e o senso comum. Mas como sabem que não só é possível, mas necessário, transformar esse homem? Donde concluem que os desejos humanos devem ser corrigidos? Enfim, como sabem se semelhante correção virá a ser proveitosa ao homem? E, para dizer tudo, por que estão convencidos de que há de ser sempre proveitoso para o homem não ir contra o interesse normal, positivo, garantido pelos argumentos da

razão e da aritmética, e que isto há de ser uma lei para a humanidade? Mas isso não é mais do que uma suposição dos senhores. Admitamos que seja uma lei da lógica: também o há de ser para a humanidade. Julgam, porventura, meus senhores, que estou dizendo desatinos? Peço licença para me justificar. Concordo que o homem é um animal, geralmente criador, que tem a obrigação de perseguir um objetivo com plena consciência e fazer trabalho de engenheiro; quer dizer, a abrir caminho eternamente e sem cessar, seja em que direção for. Mas pode suceder que às vezes sinta o capricho de desviar-se, precisamente por ter a obrigação de abrir um caminho; e também porque, por muito tolo que de maneira geral seja o homem de ação que sai do vulgar, acontece-lhe às vezes pensar que todo o caminho leva sempre a alguma parte; que o principal não é saber o seu paradeiro, mas apenas deixá-lo seguir para diante; e não poderá dar-se o caso de que o rapazinho digno abandone a profissão de engenheiro e se entregue à preguiça perniciosa, que é, conforme todos sabemos, a mãe de todos os vícios? Que o homem tem tendência para construir e traçar caminhos, é indiscutível. Mas por que se fina também até à loucura pela destruição e pelo caos?

Respondam-me… A propósito disto, sinto a tentação de dizer duas palavras! Se o homem se fina pela destruição e pelo caos (e é indiscutível que em muitos casos assim é), não será talvez porque sinta um terror instintivo ao chegar ao fim da obra sem acabar o edifício? Não poderá suceder que goste só de ver o edifício de longe e não de perto; que apenas lhe agrade construí-lo, mas não habitá-lo, preferindo cedê-lo aos animais domésticos, como as formigas, os carneiros, etc.? As formigas têm um gosto completamente diferente. Têm um edifício do mesmo gênero, que é indestrutível: o formigueiro.

As respeitáveis formigas começaram pelo formigueiro e hão de acabar por ele, o que é prova da sua constância e respeitabilidade. Mas o homem é um ser volúvel, inconsequente, e talvez, como o jogador de xadrez, apenas tenha prazer nos meios e não nos fins em si mesmos: quem sabe (ninguém poderia demonstrar o contrário) se o fim para que a humanidade propende consistirá apenas nesse incessante esforço para chegar; por outras palavras, na vida em si própria e não no fim, que certamente não é mais do que dois e dois

são quatro, quer dizer, uma fórmula? Mas dois e dois são quatro não é a vida, meus senhores, mas o começo da morte. Pelo menos sempre inspirou horror ao homem, a começar por mim, a tese de que dois e dois são quatro. Admitamos que o homem não faça outra coisa senão procurar esses dois e dois, quatro; que atravesse os mares e arrisque a sua vida nessa pesquisa; quanto ao que se refere a encontrar, encontrar deveras, isso inspira-lhe horror, verdadeiro horror. Compreende que, assim que o tenha encontrado, já não terá mais nada a procurar. Os operários, quando terminam o seu trabalho, recebem pelo menos a sua paga e vão gastá-la para a taberna. Pois bem: desta maneira tereis ocupação para oito dias. Mas para onde há de ir o homem? Pelo menos se nota nele sempre qualquer coisa de estranho no momento de conseguir o seu propósito. Agrada-lhe o medo de alcançá-lo; mas não se convence a alcançá-lo completamente. É certo que isto é ridículo. O homem é um ser muito estranho. É evidente que em tudo isto há algum trocadilho. Mas dois e dois, quatro, é uma coisa muito desagradável. Dois e dois, quatro! Para mim, meu caro senhor, isso é uma impertinência. O dois e dois, quatro, faz-me lembrar um fanfarrão que se atravessasse no nosso caminho e, cheio de arrogância, nos cuspisse em cima. Reconheço que dois e dois são quatro é uma coisa excelente, mas daí a pô-lo nos cornos da lua… não será muito melhor dois e dois serem cinco?

Portanto, por que estão convencidos, com tanta dignidade e solenidade, de que o homem só precisa do que é normal e positivo, de que somente a prosperidade é proveitosa para o homem? Não poderia dar-se o caso de que a razão induzisse em erro ao fazermos a valorização dos proveitos? Não poderia suceder que a prosperidade se tornasse antipática para o homem? Não poderia acontecer que preferisse o sofrimento e também que este resultasse tão proveitoso como a prosperidade? Que o homem ama com paixão o sofrimento é um fato comprovado. Aqui é inútil recorrer à história universal. Interroguem-se a si mesmos para saber se são homens e têm vivido, por pouco que seja. Quanto a mim, penso que é até vergonhoso amar unicamente o bem-estar. Quer seja bem feito ou mal feito, o certo é que às vezes é muito agradável quebrar qualquer coisa. Não pretendo erigir-me em campeão absoluto do sofrimento, mas também não quero ser o do bem-estar. É o meu capricho e esforço-me para que ele me

seja assegurado, se for preciso. Já sei que, certamente, o sofrimento não é admitido no *vaudeville*. Num palácio de cristal é inadmissível: o sofrimento é uma dúvida, uma negação, e quem poderia alimentar dúvidas num palácio de cristal? No entanto tenho a certeza de que o homem não deixaria nunca de amar o verdadeiro sofrimento, a destruição e o caos. O sofrimento é a causa única da consciência. Embora a princípio lhes tenha dito que, para mim, a consciência constitui a maior desventura do homem, sei, no entanto, que o homem lhe tem apego e que não a trocaria por nenhuma satisfação. A consciência, com certeza, é infinitamente superior ao fato de dois e dois serem quatro. Depois de dois e dois quatro, não há mais nada, não só para fazer, mas para aprender. Resta-nos apenas aprisionar os nossos cinco sentidos e abismarmo-nos na contemplação. Pois bem: obtém-se o mesmo resultado com a consciência; isto é, também não há nada para fazer, a não ser o podermos flagelar-nos às vezes a nós mesmos, e isto sempre reanima. Por muito retrógrado que isto seja, sempre é melhor do que nada.

## Capítulo X

Acreditam no palácio de cristal eterno, indestrutível, isto é, nesse lugar no qual não se pode pôr a língua de fora nem fazer a mínima careta às escondidas?

Pelo que me diz respeito, esse edifício inspira-me um certo pânico, precisamente por ser de cristal e indestrutível, e por não se poder pôr a língua de fora nem sequer às escondidas.

Ora vejam: suponhamos, em vez do palácio, um galinheiro, e suponhamos também que chove; seria muito provável que me refugiasse nesse galinheiro para não me molhar, mas nunca o tomaria por um palácio, para mostrar-me agradecido por ter me resguardado da chuva. Dão risada. Respondem-me até que, num caso destes, tanto faz um galinheiro como um palácio. "Sim – respondo eu – se vivessemos somente para não nos molharmos."

Mas que fazer se se me enfiou na cabeça que vivemos só para isso, e que, se temos de viver, devemos viver num palácio? É esse o meu desejo; a minha vontade. Só me hão de tirá-lo quando mudarem a minha vontade. Pois bem: façam isso, seduzam-me com outra coisa, deem-me outro ideal. Mas, entretanto, não achem que vou confundir um galinheiro com um palácio. Admitamos que o palácio de cristal seja apenas uma graçola, que não deve existir, segundo as leis da Natureza, que eu o tenha inventado unicamente pela minha própria estupidez, por causa de algum arcaico costume irracional da nossa espécie. Mas que me importa que não deva existir? Não é o mesmo que existir, desde o momento que exista no meu desejo, ou melhor, que exista enquanto existirem os meus desejos? Continuam a rir? Pois riam à vontade. Suportarei todas as troças, e nem por isso direi que estou farto, quando ainda sentir fome. Eu sei que nenhum meio termo poderia satisfazer-me, nenhum zero constante, periódico até ao infinito, unicamente pelo fato de existir, segundo as leis da Natureza, e existir realmente. Considerarei como o máximo dos meus desejos uma casa magnífica, com quartos para inquilinos pobres e contrato

por mil anos e, para melhor identificação, com a placa do dentista Wagenheim na porta. Aniquilem os meus desejos, suprimam a minha ideia, mostrem-me algo de melhor, que os seguirei. Talvez me respondam que não querem meter-se nisso; mas, neste caso, poderei responder-lhes da mesma forma. Estamos discutindo com toda a seriedade; se não querem honrar-me com a sua atenção, também não a mendigarei. Tenho o meu subterrâneo.

Mas enquanto eu viver e tiver vontade, cego seja eu se carregar uma só pedra para uma casa dessas! Não liguem importância ao fato de há um momento eu ter repudiado o edifício de cristal unicamente porque não se podia ali pôr a língua de fora. Talvez a única coisa que me incomode seja o fato de entre todos os seus edifícios não haver um só no qual se possa pôr a língua de fora. Pelo contrário, eu consentiria sem inconveniente, por gratidão, que me cortassem a língua, contanto que as coisas se arranjassem de maneira que eu nunca sentisse tentação de deitá-la de fora. Que pode importar-me que as coisas não possam arranjar-se assim e tenhamos de contentar-nos com as moradias atuais? Por que tenho eu estes desejos? Será unicamente para chegar à conclusão de que todo o meu ser é uma ilusão? Será essa a finalidade? Não creio.

E, no entanto, fiquem sabendo: tenho a certeza de que é preciso segurar pela trela o nosso irmão do subterrâneo. Pois ainda que seja capaz de passar quarenta anos no seu esconderijo, assim que finalmente sai, logo se escapa e se põe a falar, a falar, e não consegue fazer parar a língua.

## Capítulo XI

Enfim, meus senhores: mais valia não fazer nada. Uma inércia razoável é preferível! Pois bem, se é assim, viva o subterrâneo! Já disse que invejo o homem normal até à última gota da minha bílis; mas, nas condições em que o vejo, não quero ser como ele, por muito que não possa deixar de continuar a invejá-lo. Não, não; o subterrâneo é preferível, apesar de tudo. Aí, ao menos seria possível… Mas também nisto minto! Minto porque sei muito bem, como sei que dois e dois são quatro, que o subterrâneo não é melhor, mas sim qualquer

coisa de diferente, completamente diferente, que desejo ansiosamente e não encontro. O subterrâneo que vá para o diabo!

Eis aqui o que ainda seria melhor; que eu acreditasse qualquer coisa de tudo quanto acabo de escrever. Juro-lhes, meus senhores, que não acredito nem uma só palavra, nem uma só, de tudo quanto tenho escrito. Ou então, pode ser que acredite nisso, mas, ao mesmo tempo, não sei por que, presumo e suponho que estou mentindo como um embusteiro!

– Então, para que escrever tudo isto? – vão me dizer. – Mas, e se eu os tivesse fechados quarenta anos sem fazer nada e, ao fim desse tempo, fosse buscá-los ao subterrâneo para saber o que fora feito dos senhores? Pode deixar-se um homem sozinho, durante quarenta anos, sem nenhuma ocupação? "Isso não é vergonhoso nem humilhante! – dirão, talvez, abanando a cabeça depreciativamente. – Este tem fome de viver e resolve as questões vitais com um palavreado lógico. Que aborrecidas e impertinentes são as suas palavras e, ao mesmo tempo, que medo tem! Diz tolices e fica tão à-vontade! Diz impertinências e logo a seguir assusta-se e pretende desculpar-se. Afirma não temer nada e ao mesmo tempo procura o nosso aplauso. Diz que range os dentes e entretanto vai dizendo gracinhas para nos fazer rir. Os seus jogos de palavras não são nada habilidosos; e, no entanto, está sem dúvida muito satisfeito do seu mérito literário. Talvez seja verdade que tenha sofrido deveras; mas não respeita de maneira nenhuma os seus sofrimentos. Talvez seja verídico, mas não tem vergonha. Tira à vergonha pública as suas verdades, por mesquinhez, põe-nas no pelourinho, exibe-as no mercado… Quer verdadeiramente dizer qualquer coisa, mas oculta a sua última palavra por medo, porque não tem coragem para pronunciá-la: mostra apenas um descaramento covarde. Gaba-se de ser consciente e não faz outra coisa senão titubear, porque, ainda que a sua inteligência lute, a maldade já lhe empanou o coração: e sem coração puro não pode haver consciência regular e completa. E o espavento que faz! A importância que toma! Mentira, mentira e mentira!

É claro que sou eu quem inventa agora as palavras dos senhores. Isto deriva também do meu esconderijo. Estive ouvindo as suas palavras durante quarenta anos através da frincha do sobrado. Tenho-

as ruminado muito: não fiz outra coisa. Não tem nada de estranho que me tenham ficado gravadas na memória e tomado forma literária.

Mas serão verdadeiramente tão crédulos, que imaginem que vou imprimir tudo isto e que os deixarei ler? E, além disso, eis aqui um problema para mim: por que, de fato, os chamei senhores, por que os encarei como se fossem leitores de verdade? Não se devem imprimir nem publicar confissões como as que comecei a fazer. Pelo menos a mim falta coragem para isso, e não julgo necessário tê-la. Eis aqui do que se trata:

Nas recordações de cada homem há coisas que este não descobre a ninguém, a não ser aos seus amigos. Há outras também que nem aos seus amigos descobre, e apenas a si próprio as confessa, e isto ainda em segredo. Mas há finalmente outras que o homem receia confessar a si próprio, e todo homem guarda na sua alma uma pilha destas coisas, sempre que seja como deve ser. E quanto mais é, mais coisas dessas guarda. Pelo que me diz respeito, há pouquíssimo tempo me decidi a recordar algumas das minhas aventuras antigas e sempre o evitei até com certa inquietação. Mas, agora, que não somente as recordo, como me resolvo a escrevê-las, agora, precisamente, quero provar se não será possível sermos sinceros conosco mesmos e não recear a verdade. Uma observação, a propósito: Heine pretende que as autobiografias exatas são quase impossíveis e que o homem mente sempre quando se trata dele mesmo. Segundo Heine, Rousseau, por exemplo, mentiu nas suas *Confissões*, e até fez isso de propósito, por vaidade. Tenho certeza de que Heine acertou; compreendo que só por vaidade uma pessoa pode acusar-se de pecador, assim como imagino qual é a natureza de tal vaidade. Mas Heine pensava isso de um homem que se confessava perante o público. Eu escrevo só para mim e declaro de uma vez para sempre que, se escrevo como se tivesse leitores na minha frente, o faço apenas porque assim escrevo com mais à-vontade. Tudo isso é apenas uma maneira de me exprimir e nada mais. Quanto aos leitores, nunca os terei, já o disse.

Não quero que nada possa coibir-me na redação das minhas memórias. Não quero adaptar-me a nenhum plano nem sistema. Escreverei à medida que me for lembrando…

Mas isto que acabo de dizer podia dar ocasião a esta pergunta: “Se não conta verdadeiramente com leitores, por que combina consigo próprio, e até por escrito, condições como essas de que não seguirá um plano nem um sistema, que escreverá à medida que for recordando, etc., etc.? Por que dá explicações, por que se desculpa?”.

Ah! Vou responder-lhes.

Nisso resume-se toda uma psicologia. É possível que eu seja muito simplesmente um covarde. Também podia acontecer que eu criasse a ideia de me ver perante um público, com o objetivo de conduzir-me mais decentemente enquanto escrevo. Poderia aduzir mil razões para explicar a minha conduta.

Mas há ainda outro ponto: por que e a propósito de que resolvi escrever? Se não fosse por contar com o público, não poderia recordar tudo mentalmente, sem passá-lo para o papel?

Sim, mas no papel torna-se mais solene. Há nisto qualquer coisa que intimida; somos mais severos conosco próprios, polimos as frases. Além disso, talvez, escrevendo, consiga algum alívio. Hoje, por exemplo, pesa-me especialmente uma antiga recordação. Veio-me à memória nestes dias anteriores, e desde então perdura em mim como um motivo musical que não quer largar-me. E, no entanto, preciso afugentá-lo. Recordações como esta tenho-as às centenas. Mas às vezes, destas centenas há alguma que se impõe e, não sei por que, tenho a impressão que, escrevendo, me verei livre dela. Por que não tentar a prova?

Enfim, aborreço-me, nunca faço nada. E escrever é afinal um trabalho como outro qualquer. Dizem que o trabalho torna o homem honesto e bom. Pois bem: corramos o risco!

Hoje cai neve, uma neve derretida, amarelada e suja. Ontem também nevou, e foi o mesmo nestes dias passados. Parece-me que foi a neve derretida que me trouxe à memória essa anedota que não posso afastar da minha imaginação. Bem, pois façamos um conto.

## A propósito da neve derretida

Quando o ardor das minhas palavras persuasivas
Retirou das trevas do erro
A tua alma degradada,
E que, cheia de uma dor atroz
Tu, retorcendo as mãos,
Amaldiçoaste o vício que te arrastou;
Quando, castigando a consciência,
Atormentada pela recordação,
Me contaste a história toda
Daquilo que houve antes de mim,
E, de repente, ocultando o rosto entre as mãos,
Cheia de vergonha e de horror,
Te desfizeste em lágrimas, Desolada, convulsa…
(De uma poesia de Niekrássov)

## Capítulo primeiro

Por esse tempo eu devia ter no máximo vinte e quatro anos. Levava uma vida sombria, desordenada até à misantropia. Não me dava com ninguém, evitava as conversas, e cada vez me refugiava mais e mais na minha toca. Na repartição do Ministério procurava não ver ninguém, e percebia claramente que os meus companheiros, não somente me olhavam como um bicho raro, como até com aversão. Eu dizia para comigo: "Por que me olharão apenas a mim com maus olhos?" Um dos meus companheiros da repartição tinha uma cara repugnante, picada de bexigas, e, ainda por cima, com ares de fanfarrão. Penso que não seria capaz de olhar para ninguém se o céu me tivesse dado semelhante cara. Outro trazia um uniforme tão usado que cheirava mal. No entanto, nenhum dos dois se sentia diminuído por isso: nem pela roupa, nem pela cara, nem moralmente nem de qualquer outra maneira. Nem um nem outro imaginava que pudessem olhá-los com asco. E, supondo que o imaginassem, isso pouco lhes teria importado, contanto que não se tratasse de alguém da Administração. Agora compreendo perfeitamente que, por causa da minha vaidade sem limites, me tornava muito exigente para comigo próprio, me olhava frequentemente com um descontentamento raivoso, até com repugnância, e, em pensamento, atribuía aos outros esta maneira de me encarar. Eu, por exemplo, não podia suportar a minha cara; achava-a abominável e notava até nela certa expressão de covardia; e, por causa disso, cada vez que me dirigia à repartição aguçava todas as faculdades para adotar as maneiras mais independentes, a fim de que não suspeitassem em mim nenhuma

baixeza e para que o meu rosto exprimisse a maior nobreza possível. “Não importa que seja feio – pensava eu – contanto que, em compensação, o meu rosto respire generosidade, seja expressivo e pareça muitíssimo inteligente.” Mas eu estava absoluta e dolorosamente convencido de que o meu rosto não podia exprimir tanta perfeição. E o mais terrível é que o achava positivamente estúpido. No entanto, bastava que parecesse inteligente para eu me ter dado por muito satisfeito. Contanto que parecesse inteligente estava até resignado com a ideia de que o meu rosto demonstrasse vileza.

Desnecessário será dizer que aborrecia todos os meus companheiros da repartição, desde o primeiro até o último, e que os desprezava a todos, embora ao mesmo tempo me parecesse que lhes tinha medo. Às vezes achava-os superiores a mim. Ocorria-me isso de repente. Ora os desprezava, ora os julgava superiores a mim. Um homem honrado e inteligente não poderia ser vaidoso sem ser muito exigente para consigo próprio e sem se desprezar em certos momentos, até ao rancor. Mas, quer o achasse inferior aos demais, ou que o desprezasse, quase sempre baixava os olhos perante algum que acabasse de chegar. E até fazia experiências com ele: seria capaz de suportar o olhar de tal indivíduo? E era sempre eu quem baixava primeiro os olhos. Isto excitava-me até a loucura. Sentia um medo doentio de parecer ridículo e adorava servilmente a rotina naquilo que se referia às aparências. Seguia zelosamente os caminhos já trilhados e assustava-me com todo o meu coração de todas as excentricidades que pudesse ter. Mas teria podido livrar-me delas? Eu me desenvolvera de maneira doentia, como cumpre a um homem do nosso tempo. Os outros eram todos uns tolos e assemelhavam-se entre si como os carneiros dum rebanho. É muito possível que eu fosse o único da repartição que me considerasse pusilânime e servil, precisamente porque era instruído. Mas não se tratava só de uma ilusão da minha parte, porque, de fato, eu era covarde e subserviente. Declaro-o sem falsa vergonha. Todo homem do nosso tempo, que é como deve ser, é e tem de ser covarde e subserviente. É esse o seu estado normal. Estou profundamente convencido disso. Nasceu e está preparado para isso. E não só na nossa época, devido às circunstâncias acidentais, como, em geral, em todos os tempos, o homem como deve ser tem de ser covarde e subserviente. Se porventura algum deles pode alguma vez

jactar-se de valentão, que não vá por causa disso consolar-se nem dançar de alvoroço, pois em breve lhe sucederá ceder noutra ocasião. E eis aí a única e eterna saída. Só os burros e os seus semelhantes podem jactar-se de valentia; e, ainda assim, só até certo ponto. E não vale a pena reparar nisso, pois não significa absolutamente nada.

Além disso havia outra circunstância que me afligia: nenhum deles era parecido comigo e eu não me parecia com nenhum: "Eu sou um só e eles são todos", reconsiderava, e ficava pensativo.

Tudo isto demonstra que, nesse tempo, eu era ainda um rapaz. Aconteciam coisas contraditórias. Como a repartição acabava por repugnar-me, não eram poucas as vezes que voltava doente do trabalho. Mas, de repente, sem qualquer motivo, começava em mim uma fase de cepticismo e de indiferença (tudo o que me dizia respeito era assim, por fases) e depois punha-me a troçar da minha intolerância e repulsão e a recriminar-me pelo meu romantismo. Tão depressa me dava para não falar com ninguém, como me punha não só a falar como até a gracejar amistosamente com todos. O meu aborrecimento desaparecia de repente e sem motivo. Quem sabe se nunca o cheguei a sentir, mas o aparentava, sob a influência das minhas leituras? Até agora não consegui resolver este ponto. Uma vez cheguei a travar amizade com eles, a visitá-los, a fazer partidas, a beber aguardente e a falar de promoções. Mas consintam que faça aqui uma digressão.

Entre nós, russos, de maneira geral nunca houve romantismos idiotas, no gênero dos alemães, e, sobretudo, desses franceses que sonham com as estrelas e nos quais só isso causa impressão. Ainda que a terra se abra debaixo dos seus pés, ou a França inteira sucumba nas barricadas, eles não saem da sua posição, não mudam por pudor e continuam a cantar às estrelas, por assim dizer, até ao fim da sua vida, porque são uns tolos. Mas entre nós, na terra russa, não há tantos. Isto é um fato visível. É até o que nos diferencia dos povos estrangeiros. Por conseguinte, entre nós não existem, no estado de pureza, homens desses que sonham com os astros. Foram os nossos espíritos positivos, os publicistas e críticos de outrora, que descobriram os Kostanjógli e os tios Piótri Ivânovitchi,[7] e os tomaram tolamente pelo nosso ideal, os que inventaram a lenda dos nossos românticos, equiparando-os aos que na Alemanha e na França sonham com as estrelas. Pelo contrário,

as qualidades dos nossos românticos são completamente diferentes das que são apreciadas nos europeus que sonham com as estrelas, e não poderiam adaptar-se a nenhum padrão europeu. (Peço-lhes licença para me servir desta palavra “romântico”; é velha, respeitável, tem direito a toda a nossa consideração e todos a conhecem). As qualidades dos nossos românticos são compreender tudo, ver tudo, e, às vezes, com muito maior clareza que os nossos espíritos positivos; não se adaptarem a nada nem tampouco desprezarem nada; ordenar tudo, procedendo em tudo com muito tino; nunca perder de vista o fim prático e útil, obter uma pensão ou alguma condecoração oficial e conseguir que a Academia lhes pague a casa); perseguir esse objetivo por entre todos os entusiasmos e todos os tomos de poesias líricas, e ao mesmo tempo conservar intacto no seu íntimo, até o túmulo, o seu ideal do belo e do sublime, e embrulhar-se ao mesmo tempo entre algodões, como uma preciosidade qualquer, embora não seja senão por atenção para com o belo e o sublime. Os nossos românticos gabam-se de terem as vistas largas, mas são uns trampolineiros completos. Afirmo… sei disso por experiência. Mas, contanto que o romântico seja inteligente. Que digo eu! O romântico é sempre inteligente; quis apenas fazer notar que se às vezes nos aconteceu ter românticos tolos; não devemos fazer caso disso, pois foi unicamente porque, no apogeu da sua força, se transformaram em alemães. Para conservar melhor o seu valor foram estabelecer-se longe, em qualquer lugar, sobretudo em Weimar ou na Floresta Negra. Eu, por exemplo, desprezava sinceramente a Administração e só não cuspia sobre ela por pura necessidade, porque lhe pertencia e recebia dela um ordenado. O nosso romântico preferia perder o juízo (o que, no entanto, raras vezes acontece), a não ser que não tivesse em vista outra carreira ou que não o corressem daí a pontapés. Pode acontecer que o encerrem num manicômio, como rei de Espanha, mas apenas se fica furioso. Entre nós só os de pouco entendimento e os efeminados perdem o juízo. Mas um bando de românticos consegue logo a promoção. Que diversidade admirável! E que faculdade de impressões variadas! Isto, por essa época, consolava-me e continua ainda a consolar-me. Por isso temos tantos espíritos profundos, que nunca perdem o seu ideal, por muito baixo que caiam. É certo que não fazem nada por ele, que são uns vilões e malandros declarados; mas adoram o seu ideal até às lágrimas e, no fundo do seu coração, continuam a

ser extraordinariamente honestos. Sim, senhor; o velhaco mais consumado pode ser completa e até superiormente boa pessoa no fundo da sua alma, sem que por isso deixe de ser um velhaco. Repito que é coisa muito vulgar que os nossos românticos se tornem uns vadios em matéria de negócios (emprego a palavra vadios por amizade), que, de repente, deem mostras de tais conhecimentos e de tal olfato, que o público e a Administração não tenham outro remédio senão dar estalos com a língua, de assombrados.

Apresentam tal variedade, que fazem pasmar, e só Deus sabe até que ponto podem expandir-se em circunstâncias ulteriores, do que são capazes e do que prometem para o porvir. Mas no fundo, meus senhores, não são de boa raça. Não lhes digo isto por patriotismo ridículo ou trivial! No entanto, tenho a certeza de que ainda julgam que eu gracejo. Mas não poderia acontecer o contrário, isto é, que julgassem que eu falo a sério? Em todo caso, meus senhores, considero as duas opiniões com uma honra e uma mercê particulares. Perdoem-me esta digressão.

Os meus períodos de amizade para com os meus companheiros não eram duradouros, pois, por causa de minha juventude e falta de experiência, deixava de cumprimentá-los, e tudo se acabava. Aliás, isso só me aconteceu uma vez. Geralmente estava quase sempre só.

Quando me recolhia no meu cubículo, o que mais fazia era ler. Desejava que as impressões exteriores sufocassem tudo quanto se agitava em mim, e das impressões exteriores só podia permitir-me a leitura. Escusado será dizer que a leitura me era muito proveitosa, me comovia, me deliciava e atormentava. Mas em certos momentos produzia-me um tédio horrível. Às vezes sentia desejos de movimentar-me, apesar de tudo, e afundava-me verdadeiramente mais numa libertinagem vil e subterrânea do que no vício. As paixões, em mim, eram vivas e ardentes, devido à minha excitação doentia e constante. Tinha crises nervosas, com choros e convulsões. A não ser a leitura, não tinha outra fuga. Quero dizer, de tudo quanto me rodeava, não havia nada que merecesse a minha estima nem me atraísse. Além disso, o tédio apoderara-se de mim; sentia uma necessidade nervosa de contradições e contrastes, e atirava-me de cabeça na má vida. Não julguem que digo tudo isto para justificar-me… Não, não é assim…

Mas eu estou mentindo! Queria precisamente justificar-me. Faço esta observação, meus senhores, só para mim. Não quero mentir, prometi-o.

Entregava-me à libertinagem, sozinho, de noite, às escondidas, vilmente, com um temor e uma vergonha que nem nos instantes de maior degradação me abandonavam e que me envenenavam esses momentos. Trazia na minha alma o pesadelo do meu esconderijo. Tinha um medo espantoso de que me vissem, de que me encontrassem por acaso e me conhecessem. E, no entanto, frequentava paragens bem sombrias.

Uma vez, ao passar de noite junto de uma pequena taberna, pude ver, através dos vidros, uns jogadores de bilhar que sacudiam o pó da roupa com os tacos e acabaram por atirar uma pessoa pela janela. Noutra ocasião, aquilo teria me impressionado, mas acabei por sentir inveja do homem que fora atirado pela janela, e a tal ponto que puxei a porta da taberna e entrei na sala de bilhar: "Pode ser – disse para comigo – que também me atirem pela janela".

Não estava embriagado; mas quem é que pode dizer em que crise nervosa o aborrecimento não será capaz de lançar-nos? No entanto, não me aconteceu nada! Na realidade eu não tinha coragem para saltar pela janela e saí dali sem me ter encontrado com ninguém.

Assim que dei os primeiros passos dentro da taberna, um oficial chamou-me logo à razão.

Eu estava de pé, junto da mesa de bilhar e, involuntariamente, estorvava-lhe o andar. O oficial agarrou-me pelos ombros e, sem dizer uma palavra, sem dar-me o menor aviso nem explicação nenhuma, empurrou-me e caminhou para a frente, como se não me tivesse visto. Eu poderia ter perdoado até que ele me tivesse batido; mas não que me tivesse empurrado do lugar em que estava, sem ter sequer reparado em mim.

Ah, meu Deus, quanto eu teria dado por uma autêntica rixa, mais normal e decorosa, mais literária, por assim dizer! Tinha-se portado para comigo como uma mosca. O oficial era muito forte; eu, baixinho e fraco. Além disso era eu o ofendido; não devia ter feito outra coisa

senão protestar e, não há dúvida de que ele me atiraria pela janela. Mas meditei bem e preferi retirar-me, muito enfurecido.

Sai da taberna muito comovido e revoltado, voltei para casa e no dia seguinte afundei-me outra vez na minha mesquinha libertinagem, mais tímida, triste e humildemente do que antes. No entanto não vão pensar que eu senti medo do oficial por covardia. Nunca, apesar do meu medo constante, nunca fui covarde, no fundo da minha alma. Mas não riam; isto precisa de uma explicação. Eu tenho explicação para tudo, fiquem sabendo.

Oh, se aquele oficial fosse um desses que estão dispostos a aceitar um desafio! Mas não! Mas não! Era precisamente um desses cavalheirotes (ai! há muito desapareceram), que preferem lançar mão dos tacos do bilhar, ou, como o tenente Pirogov, de Gógol, proceder administrativamente. Mas não aceitavam desafios e consideravam vergonhoso baterem-se conosco, os civis. De maneira geral consideravam o duelo uma coisa insensata, libertina, francesa, o que não era impedimento para que lhes agradasse insultar as pessoas, sobretudo quando tinham uma boa estatura.

Tive medo, não por covardia, mas por excesso de amor-próprio. Tive medo, não da sua corpulência, nem de que me batesse e me fizesse saltar pela janela: tinha coragem física de sobra; mas faltava-me a coragem moral. Tinha medo de que nenhum dos presentes, a começar pelo militar e a acabar pelo último empregadeco corrompido e sardento, me compreendesse, e todos fizessem troça de mim quando eu me pusesse a protestar, empregando uma linguagem literária. Porque entre nós não é possível falar de pontos de honra (isto é, não de honra, mas de pontos de honra), senão com uma linguagem literária. A linguagem vulgar não serve para se falar nos pontos de honra. Estou firmemente convencido (tenho o fartum da atualidade, apesar de todos os romantismos) de que todos se teriam posto a rir. Quanto ao oficial, teria muito simplesmente posto as mãos em cima de mim, sem fazer grande estrago. Empurrando-me às joelhadas, teria me obrigado a dar uma volta completa à mesa de bilhar, depois teria me perdoado e, finalmente, atirado pela janela afora. Claro que, com um homem da minha têmpera, esta lamentável história não poderia ter acabado assim. Depois desse episódio, tornei a encontrar-me muitas

vezes na rua com o tal oficialeco. Não me esquecera da sua cara. Não sei se ele se lembraria de mim. Creio que não. Tenho certos indícios que me autorizam a pensar assim. Quanto a mim, olhava-o sempre com raiva e ódio, e isto durante muitos anos. A minha cólera fortalecia-se e aumentava de ano para ano. A princípio, muito discretamente, fiz o possível por informar-me da vida e atos portentosos do referido oficial. Isso não era nada simples, pois eu não me dava com ninguém. Mas um dia em que eu o seguia a certa distância, como se ele me puxasse por uma coleira, sucedeu que alguém o chamou pelo seu nome e fiquei assim sabendo como se chamava. De outra vez segui-o até casa e gratifiquei com dez copeques o porteiro para que me dissesse em que andar ele vivia e se era só ou tinha família, etc., enfim, tudo o que podia saber pelo porteiro. Uma manhã, embora eu nunca tivesse escrito, aconteceu-me redigir um conto no qual caricaturava o aborrecido oficial. E escrevi a historiazinha com grande prazer. Servia-me da sátira e até da calúnia. Mudei o nome ao meu protagonista, de maneira que todos pudessem reconhecê-lo imediatamente; em seguida, depois de ter pensado muito, corrigi aquilo e enviei a minha narrativa para os *Anais da Pátria*. Mas, nesse tempo, as sátiras não estavam na moda e o meu conto não chegou a aparecer à luz do dia. Isso produziu-me uma viva contrariedade. Havia momentos em que a cólera me asfixiava. Até que por fim me resolvi a provocar o meu adversário. Escrevi-lhe uma carta amena, afetuosa, pedindo-lhe me apresentasse as suas desculpas e, para o caso de uma negativa, dirigia-lhe alusões muito concretas acerca de um duelo. Essa carta ia redigida em tais termos que, se o oficial tivesse compreendido alguma coisa do belo, e do sublime, certamente se teria apressado a vir a minha casa para atirar-me os braços ao pescoço e oferecer-me a sua amizade. Que belo teria sido esse gesto! Como nos teríamos compreendido bem! Ele teria me amparado com a sua corpulência, e eu, por minha vez, o teria dignificado também com a minha inteligência e também… com as minhas ideias. E quem sabe o que poderia ter saído daí! Imaginem que o tal insulto acontecera havia dez anos. E que o meu desafio constituía um anacronismo monstruoso, apesar da habilidade da minha carta, que explicava e apagava esse anacronismo. Mas, graças a Deus (apesar de tudo agradeço a Deus com lágrimas de gratidão) não cheguei a enviar-lhe a carta. Até sinto a pele arrepiada quando penso no que

poderia ter acontecido, se chegasse a enviar-lhe. E, de repente… de repente vinguei-me da maneira mais simples e genial. Uma ideia luminosa atravessou subitamente o meu cérebro. De vez em quando eu costumava ir até à Niévski, nos dias de festa, aí pelas quatro horas, e dava umas voltas pelo passeio do lado sul. Quer dizer, eu não pensava em passear e sentia inumeráveis torturas e humilhações e aumentava a minha bílis. Mas é provável que eu precisasse disso. Deslizava como uma enguia, com a maior deselegância, por entre os transeuntes, cedendo-lhes o passeio, quer aos generais, oficiais, guardas-montados ou hussardos, quer às senhoras. Nesses momentos sentia dores convulsivas no coração e um ardor insuportável nas costas, ao imaginar o deplorável estado do meu vestuário, o deplorável estado e insignificância da minha pessoa, que deslizava. Isso era um verdadeiro suplício, uma insuportável e constante humilhação mental, que logo se transformava na sensação aguda e direta de não ser mais do que um moscardo entre toda aquela gente, um desprezível moscardo inútil – mais inteligente, progressivo e generoso, nem será preciso dizê-lo – mas um moscardo que cedia a passagem a todos e ao qual todos ofendiam e humilhavam. Por que me submetia a essa tortura, por que ia à Niévski? Não sei. Mas, assim que tinha uma oportunidade, ia logo para lá.

Começava já a sentir os acessos de voluptuosidade de que falei no primeiro capítulo. Mas depois do episódio com o oficial, a Niévski ainda mais me atraía. Costumava encontrá-lo ali, e observava-o de soslaio. Nos dias festivos aparecia quase sempre. Também ele cedia o passeio aos generais e personagens de importância e deslizava por entre eles como uma enguia; mas, quando se tratava de pessoas da minha laia e até um pouco mais elevadas, pisava-nos sem cerimônia; passava por cima de nós, sem se incomodar, como se à sua frente houvesse apenas o vazio, e não havia nada que o fizesse andar. Eu ficava louco de cólera quando o via e… sempre furioso por dentro, acabava por ceder-lhe o passo. Sofria atrozmente por não poder ser seu igual, nem sequer na rua. “Por que hás de ser sempre tu o primeiro a afastares-te? – perguntava eu a mim mesmo, tomado de um ataque de cólera que, na melhor das hipóteses, me fazia ficar acordado até às duas da manhã. – Por que hás de ser tu a afastares-te e não ele? Não há lei nenhuma que te obrigue a isso. Onde é que isso está

escrito? O que está bem é ser cada um, pelo seu lado, dando um jeito, como fazem as pessoas finas quando se encontram; que ele ceda metade e tu faças outro tanto, e ambos passem adiante, mostrando uma deferência recíproca.” Mas isso não sucedia e havia de ser sempre eu quem lhe cedesse o passeio; e ele nem sequer reparava. E eis que, de repente, uma ideia assombrosa me veio ao pensamento: “E se eu desse de cara com ele, e não me afastasse? E se o fizesse propositadamente, ainda que, para isso, tivesse de sacudi-lo? Que aconteceria?”. Essa ideia temerária foi-se apoderando de mim pouco a pouco, até ao ponto de não me deixar nem um momento de descanso. Meditava continuamente nela com angústia, e ia propositadamente mais a miúdo à Niévski para imaginar mais perfeitamente como é que havia de proceder no momento oportuno. E não cabia em mim de contente. Esse projeto me parecia cada vez mais possível e provável. “Empurrá-lo – dizia para comigo mesmo – isso não; trata-se antes, muito simplesmente, de não me desviar para dar-lhe passagem, esbarrar com ele, não muito violentamente, mas de maneira que nos toquemos ombro com ombro, sem ultrapassar as conveniências, de maneira que não o empurre mais do que ele me empurre a mim.” Só pensar isso me enternecia de prazer. Até que por fim a minha resolução se tornou definitiva. Mas os preparativos levaram-me muito tempo. Antes de mais, precisava de ir o mais bem vestido possível para realizar o meu intento, tinha de embelezar-me. Seja como for, quando se tem de fazer qualquer coisa em público (e tem de ser um público escolhido, pode acontecer que se encontrem presentes a condessa e o príncipe D*** e toda a alta roda da literatura) é de rigor ir bem vestido. Isto intimida e coloca-nos num pé de igualdade com as altas esferas. Para este fim pedi um adiantamento sobre o ordenado e comprei um par de luvas pretas e um chapéu decentezinho. As luvas pretas pareceram-me mais sérias e de melhor gosto do que umas luvas amarelo-limão que a princípio tinham atraído a minha atenção. “Essa cor é muito gritante; parece que aquele que a usa tem vontade de exibir-se.” Por isso renunciei às luvas amarelas. Havia muito tempo que eu arranjara uma camisa branca, com botões brancos, de osso. Mas o que me amedrontou foi a capa. Não que fosse má, pois agasalhava bastante, mas tinha o forro acolchoado e a gola de gato bravo, o que era o cúmulo da ordinarice. Era absolutamente necessário pôr-lhe outra gola, e que esta fosse de castor, como a que

usam os militares. Percorri todas as lojas do Gostíni Dvor e, depois de muito procurar, encontrei enfim um castor alemão muito baratinho. O castor alemão estraga-se num instante e fica com um aspecto miserável; mas, a princípio, quando está novinho, é muito elegante. E era apenas para usar uma vez. Perguntei o preço. Pareceu-me muito caro. Depois de muito pensar, decidi-me a vender a minha gola de gato. A quantia que me faltava, e que ainda era apreciável, resolvi pedi-la emprestada a Anton Antônitch Siétotchkin, o chefe da minha seção, pessoa amável, embora séria e positiva, que não costumava emprestar a ninguém, mas que foi um pouco mais compassivo para comigo, em virtude da alta personalidade que me recomendara para aquele emprego. Eu sofria terrivelmente. Parecia-me vergonhoso pedir dinheiro a Anton Antônitch. Durante duas ou três noites não consegui conciliar o sono; de maneira geral, dormia então muito pouco; tinha febre; o meu coração se apertava inquieto, quando não se punha a dar saltos e mais saltos… Anton Antônitch, primeiro pareceu ficar assombrado, depois franziu o sobrolho, a seguir meditou um instante e, por fim, deu-me o dinheiro, em troca do qual assinei um recibo pelo qual ele ficava autorizado a receber a quantia emprestada, descontando-a no meu ordenado, ao fim de quinze dias. E foi assim que consegui arranjar tudo como devia ser… substituí a mísera pele de gato pelo flamante castor e, pouco a pouco, meti mãos à obra. Teria sido impossível para mim decidir-me da primeira vez, levianamente; era preciso tratar aquele assunto com ponderação e, sobretudo, sem precipitações. Mas, confesso-o, depois de múltiplos ensaios, comecei a desesperar: era impossível esbarrarmos um com o outro! Em vão eu me preparava, fazia projetos; parecia-me que nós iríamos em breve encontrar e, de repente, afastava-me mais uma vez e ele seguia para diante, sem reparar em mim. Eu chegava até ao ponto de rezar, à medida que me ia aproximando dele, para que Deus me desse coragem. Um dia, eu estava quase completamente decidido mas sucedeu que mais uma vez me atrapalhei, porque no último momento, quando me encontrava a apenas dois passos, me faltou a coragem. Ele me deu um encontrão com a maior tranquilidade, e eu me afastei para o lado, de um salto, como uma bala. Nessa noite fiquei doente, tive febre e delirei. Mas, inesperadamente, tudo terminou da melhor maneira possível. Na véspera, à noite, eu resolvera definitivamente não levar a cabo o meu funesto projeto e abandoná-lo completamente

e, nessa intenção, fui pela última vez à Niévski, só para ver de que maneira ia renunciar ao meu projeto. De repente, quando me encontrava mesmo a três passos do meu inimigo, decidi-me, de modo absolutamente inesperado: fechei os olhos e… chocamos com força, ombro contra ombro; eu não cedi nem uma polegada, e caminhei para a frente, como se fosse seu igual. Ele nem sequer se voltou; fingiu que não reparou; mas eu tenho a certeza de que reparou. Ainda hoje tenho a certeza! É claro que fui eu quem recebeu o empurrão mais forte; ele era mais possante do que eu. Mas não se trata disso. O importante é ter realizado o meu intento. Ter mantido a minha dignidade. Não cedi nem um passo e fiz publicamente alarde de igualdade social perante ele. Voltei para casa completamente vingado. Não cabia em mim de contente. Ufanava-me do meu triunfo e trauteava pedaços de ópera italiana. Não vou descrever-vos o que se passou comigo durante três dias. Se leram o meu primeiro capítulo, poderão adivinhar facilmente. O famoso militar devia ter sido transferido, pois não tornei a vê-lo, já lá vão catorze anos sobre esse episódio. Que terá sido feito desse grande amigo? A quem dará ele encontrões agora?

## Capítulo II

Quando me passavam aquelas crises de libertinagem, acometia-me uma náusea horrível. Arrependia-me e, embora procurasse afugentá-la, sentia uma indizível repugnância. Mas, pouco a pouco, acostumei-me àquilo. Acabava por acostumar-me a tudo, ou melhor, consentia voluntariamente em suportar tudo. Mas ficava-me sempre um recurso, que resolvia tudo às mil maravilhas, e que era o de refugiar-me em tudo quanto há de belo e de sublime; é claro que só na imaginação. Sonhava coisas admiráveis; passava três meses seguidos sonhando, metido no meu tugúrio, e acreditem-me, nesses momentos não me parecia absolutamente nada com o fidalgote que, arrepiado, aconchegava a gola da sua capa de castor alemão. De repente transformava-me num herói. Mas não pensem que me teria agradado receber a visita do meu corpulento militar. Nem sequer podia recordar-me dele naqueles momentos. Seria muito difícil dizer agora em que consistiam os meus devaneios e como podia eu satisfazer-me com eles; mas o certo é que me satisfaziam. Depois das crises de

libertinagem vinham afagar-me os mais doces e entusiásticos sonhos. Eram acompanhados de choros e desgostos, de maldições e de arrebatamentos. As vezes gozava de momentos de tal ventura que nem sequer, juro-lhes, me ocorria o menor sarcasmo. Tinha fé, esperança e amor. De fato, acreditava então de olhos fechados que, em virtude de algum milagre, de alguma circunstância exterior, tudo se prolongaria como por encanto; que, de repente, se abriria a meus olhos um horizonte, de atividade digna, soberba e benéfica e, sobretudo, completamente acessível (não seria capaz de dizer qual, mas sabia que havia de ser completamente acessível) e que tornaria a apresentar-me aos olhos do mundo, coroado de louros, por assim dizer, e montado num cavalo branco. Não podia imaginar a mim próprio desempenhando um papel secundário, e era precisamente por isso que, na realidade, ocupava tranquilamente o último lugar. Ou herói, ou enterrado em lama até ao pescoço; para mim não existiam os meios-termos. E foi essa a causa da minha perdição. Quando me afundava no atoleiro consolava-me pensando que noutros instantes era um herói; e o herói escondia o atoleiro. Um homem vulgar deve sentir vergonha de manchar-se; mas um herói está demasiado alto para que o lodo o salpique e, por isso, pode sujar-se quanto quiser. Devo fazer notar que essas veleidades do bom e do elevado me assaltavam no decurso das minhas pandegazinhas, e precisamente quando eu me encontrava encharcado de pés e mãos no atoleiro. Assaltavam-me por períodos breves, como se quisessem impor-se à minha memória. Mas o seu aparecimento não detinha a minha libertinagem, antes pelo contrário, reanimava-a, por efeito do contraste, apimentando-a, para a tornar mais agradável. O molho do delicioso manjar compunha-se de contradições e sofrimentos, misturados com uma dolorosa análise interior; e todas essas sensaborias, grandes e pequenas, acrescentavam um condimento e dotavam de certo sentido a minha licenciosidade. No fundo, tudo isto tinha uma certa profundidade. Teria eu podido, ao menos, condescender com uma libertinagem insípida e vil e cobrir-me com toda essa lama? Teria tudo isso para mim uma tal sedução capaz de me fazer sair de casa à noite? Não; eu justificava tudo isso com nobilíssimas desculpas.

Mas quanto amor, meu Deus, quanto amor não senti eu assim nos meus sonhos, naqueles mergulhos em tudo quanto é belo e sublime! É

certo que era um amor fantástico, inaplicável a qualquer ato humano; mas a minha alma transbordava dele de tal maneira que, verdadeiramente, eu não sentia a necessidade de dar-lhe aplicação alguma; isso teria sido um luxo inútil. Aliás, tudo acabava às mil maravilhas por causa de um retorno indolente e embriagador à arte, isto é, às formas belas da criação, tomadas dos poetas e romancistas, e acomodadas a todos os serviços e exigências. Eu, por convenção, triunfo sobre todos: todo o gênero humano se afunda no pó e há de reconhecer de boa vontade as minhas perfeições, e eu, em troca, perdoo a todos. Sou um poeta distinto, tenho lugar na Câmara, torno-me afável; consigo juntar muitos milhões e entrego-os imediatamente à humanidade, e confesso publicamente as minhas culpas que, é claro, não são culpas vulgares, e contêm muito de belo e sublime, no estilo de Manfredo. Todos desatam a chorar e me abraçam (se não o fizessem seriam uns imbecis), e atiro-me descalço e morto de fome à prédica de novas ideias e derroto os retrógrados em Austerlitz. Em seguida, as bandas de música tocam uma marcha, proclama-se a anistia e o Papa dá mostras de querer deixar Roma e estabelecer-se no Brasil. Depois organiza-se um baile, para que a ele assista toda a Itália, na Vila Borghese, que fica nas margens do lago de Como, porque o lago de Como vai até Roma nessa ocasião, por causa dessa festividade; depois vem a ceia no campo etc., etc… Não sabem? Dirão que é tão vulgar como covarde trazer tudo isto à luz, depois de todos os desmaios e choros que lhes tenho confessado. Mas por que não há de isso estar certo? Acham por acaso que tenho vergonha e que tudo isso seja mais estúpido do que qualquer outro episódio da vossa vida, meus senhores? Além de que, podem ter a certeza, havia certas coisas muito bem imaginadas… Nem tudo se passava nas margens do lago de Como. No entanto têm razão: era verdadeiramente vulgar e covarde. E ainda denota maior covardia o ter eu começado a desculpar-me com os senhores. E maior covardia ainda o parar a fazer esta reflexão. Mas chega, senão nunca mais acabava: iríamos de covardia em covardia e a última havia de parecer sempre a mais importante. Eu não era capaz de passar mais de três meses seguidos dando voltas à imaginação e começava depois a sentir o prurido irresistível de lançar-me outra vez no mundo. Lançar-me no mundo significa para mim ir ver o o chefe da minha seção, Anton Antônitch Siétotchkins[8]. Era esse o único e constante conhecimento de toda a minha vida, e agora admiro-me

com essa circunstância. Mas só ia visitá-lo quando me apetecia e quando os meus sonhos me exaltavam a um tal grau de felicidade, que se me tornava absolutamente necessário lançar-me sem demora nos braços dos homens e de toda a Humanidade. E para isso é preciso contar pelo menos com uma pessoa certa, com um homem de carne e osso. Aliás, era necessário aparecer em casa de Anton Antônitch numa terça-feira (era o seu dia de recepção, e era preciso, portanto, arranjar as coisas de maneira que o desejo de abraçar a humanidade calhasse numa terça-feira). O tal Anton Antônitch vivia em Piat Uglov[9], num quarto andar de quatro compartimentos, de teto baixo e muito pequenos, que pareciam escurecidos pela fumaça e paupérrimos. Tinha duas filhas, além da irmã, que servia o chá. Uma das moças contava treze anos; a. outra, catorze. Tinham ambas o nariz arrebitado, e infundiam-me um acanhamento enorme, porque cochichavam e riam entre si. O dono da casa encontrava-se geralmente no seu gabinete, sentado num canapé, em frente de uma mesa; tinha sempre algum visitante de cabelos brancos, empregado nas nossas ou em outras repartições. Nunca me encontrei ali com mais de duas ou três visitas, sempre as mesmas. Falavam de assuntos públicos, do Senado, dos ordenados e das promoções, de Sua Excelência, da maneira de lhe agradar, etc., etc. Eu tinha a paciência de ficar para ali pasmado, entre aquelas personagens, e de escutá-las, sem conseguir nem me atrever a conversar com eles. Tornava-me estúpido; corriam-me suores pelo corpo, sentia uma espécie de paralisia; mas aquilo era bom e proveitoso. De regresso a casa, adiava sempre para mais tarde a minha ânsia de abraçar a humanidade inteira.

No entanto, eu tinha outro conhecimento, o de Siemiônov, meu antigo condiscípulo. Também contava muitos outros companheiros de colégio em Petersburgo; mas não me dava com eles e deixara de cumprimentá-los quando os encontrava na rua. Seria capaz de pedir a minha transferência para não me encontrar com eles e romper definitivamente com a minha aborrecida infância. Maldita seja a escola e malditos aqueles dias horríveis, próprios de um presídio! Enfim: assim que me vi livre, apressei-me a afastar-me dos meus condiscípulos. Havia apenas dois ou três aos quais ainda falava quando nos encontrávamos. Um deles era o tal Siemiônov, que não

sobressaíra no colégio: possuía um caráter agradável e firme, e a isto acrescentava ainda certo espírito de independência e até de honestidade. Passara com ele bons momentos, embora breves. Certamente essas recordações o aborreciam, como se temesse que eu tornasse a adotar com ele os modos de outro tempo. Suspeitava que ele sentia por mim certa repugnância; entretanto, como não tinha a certeza, ia visitá-lo. Mas, uma quinta-feira, sem poder suportar mais o meu isolamento, e sabendo que às quintas-feiras Antônitch não abria a porta a ninguém, lembrei-me de Siemiônov. Enquanto subia as escadas até ao quarto andar, ia pensando comigo que o tal Siemiônov estava farto de mim e ia correr comigo. Mas sucedia sempre que semelhantes considerações me impeliam geralmente a comprometer-me ainda mais numa situação equívoca. Entrei. Havia um ano que eu quase não via Siemiônov.

## Capítulo III

Encontrei-me em casa de Siemiônov com mais dois antigos condiscípulos meus. Segundo parece, discutiam um assunto importante. Nenhum deles reparou na minha chegada, o que era muito estranho, pois havia anos não me tinham visto. Era evidente que me consideravam como um tipo vulgar. Nem na escola chegaram a tratar-me com esse desdém, apesar de todos antipatizarem comigo. Pensava que agora deviam desprezar-me por causa do fiasco da minha carreira administrativa, e também porque andava mal vestido e pouco limpo, etc., etc., o que, aos seus olhos, era indício da minha incapacidade e insignificância. Mas, no entanto, não me esperava semelhante desaire. O próprio Siemiônov pareceu muito admirado com a minha visita. Mas sempre fizera assim. Tudo isso me encheu de timidez; sentei-me, um tanto coibido, e pus-me a escutar o que diziam.

O tema da sua animada e grave conversa era o banquete de despedida que aqueles rapazes queriam organizar para o dia seguinte, em honra do seu companheiro Zvierkov[10], que era oficial e fora enviado para uma província afastada. Esse tal Zvierkov fora meu condiscípulo. Comecei a sentir por ele um aborrecimento especial, quando passamos para a classe dos mais adiantados. Até então foi um rapazinho travesso e simpático. Estudava muito pouco, e cada vez menos, à medida que se ia tornando mais velho; mas, apesar disso, saiu da escola com muito boa nota, devido aos padrinhos. No último ano que ali passou, recebeu uma herança de duzentas almas, e como todos, ou quase todos, éramos pobres, começou a tomar ares de importância em relação a nós. E apesar das frases retumbantes sobre a honra e o mérito, todos adulavam Zvierkov, salvo raras exceções, e tanto mais quanto mais importante se tornava. E Zvierkov tomava esses ares, não com fins interesseiros, mas por considerar-se um menino mimado pela sorte. Além disso, entre nós era regra considerar Zvierkov como um modelo de elegância e de boas maneiras. Era isto, sobretudo, o que me fazia mais raivoso. Aborrecia o timbre duro da sua voz, que revelava confiança absoluta em si mesmo; a admiração com que recebiam os seus próprios gracejos, que me pareciam terrivelmente estúpidos, apesar da desenvoltura com que os dizia; aborrecia o seu rosto bonito, é verdade, mas pouco inteligente (embora eu a tivesse trocado pela minha, apesar da expressão de inteligência que lhe atribuía) e as suas maneiras desembaraçadas, próprias de um militar de 1840. Ficava fora de mim quando o ouvia falar dos seus futuros triunfos com as mulheres (não se atrevia a

meter-se com elas, enquanto não tivesse as dragonas de oficial, que esperava com impaciência) e os seus futuros duelos, que seriam inumeráveis. Lembro-me de que, sempre silencioso, ganhei de repente aversão por Zvierkov num certo dia em que, falando com os seus companheiros, durante as horas de recreio, dos seus futuros prazeres e desabafando com o maior à-vontade, como um cãozinho que se espreguiça ao sol, declarou que não havia de deixar de caçar nenhuma moça da sua aldeia, que exerceria assim o direito de senhor e que, se os aldeões se atrevessem a protestar, mandaria chicoteá-los e ia lhes impor tributos dobrados. Os outros aplaudiram as suas palavras; mas eu censurei-as, não por piedade pelas jovens e por seus pais, mas simplesmente por aplaudirem semelhante alimária. Nessa ocasião pude mais que ele; mas Zvierkov, por muito tolo que fosse, era alegre e atrevido, de maneira que não ganhei completamente a partida, pois os brincalhões puseram-se do seu lado. Depois disso, em outras ocasiões, ele se meteu comigo, mas sem maldade, apenas por desejo de gracejar, só para se divertir. Não lhe respondia, para dar-lhe a entender o meu desprezo. Quando terminaram os nossos estudos, fiz uma tentativa de reconciliação comigo mesmo; não resisti muito, porque isso me lisonjeava; mas daí a pouco separamo-nos com a maior naturalidade. Ouvi depois falar dos seus êxitos de militar, da boa vida que levava, da sua soberba. Não me cumprimentava na rua e eu suspeitava que receava comprometer-se ao cumprimentar um ser tão insignificante como eu. Só o vi uma vez no teatro, num camarote, ostentando os seus galões. Fazia a corte às filhas dum velho general e esforçava-se por ser atencioso para com elas. Decaíra muito, em três anos, embora estivesse ainda bastante flexível e guapo, como dantes. Começava a engordar; poderia predizer que, quando tivesse trinta anos, havia de parecer com um boi. Pois era desse Zvierkov que os condiscípulos se queriam despedir com um banquete. Durante esses três anos a que me refiro, nunca se afastaram da sua companhia, apesar de no íntimo se julgarem seus iguais.

Dos convidados de Siemiônov, um era Fierfítchkin, um russo-alemão, baixinho, com cara de macaco; um palerma que metia tudo a ridículo e fora o meu pior inimigo no colégio, covarde, insolente e fanfarrão, briguento, embora no fundo fosse o maior covarde deste mundo. Era um dos admiradores de Zvierkov, a quem adulava por

interesse e pedia frequentemente dinheiro. O outro, Trudoliúbov, era um tipo insignificante, militar, grandalhão, de rosto frio; mas era honrado, curvava-se perante o êxito e só sabia falar de promoções e de subidas de posto. Ainda era parente de Zvierkov e, vejam que estupidez, sentia-se importante por causa disso. Não tinha a menor consideração por mim; mas apesar disso ainda era tolerável.

– Bem, se tocam sete rublos a cada um – disse Trudoliúbov – como somos três, juntaremos vinte e um rublos; por esse preço nos poderão dar boa comida. É claro que Zvierkov não pagará.

– Claro, homem, para isso é que ele foi convidado – resolveu Siemiônov.

– Mas querem acreditar – interrompeu Fiefítchkin, com o fervor e o zelo dum lacaio insolente que viesse defender as condecorações do seu amo, o general – querem acreditar que Zvierkov consentirá que lhe paguem a sua parte? Aceitará por delicadeza, mas com certeza há de pagar uma meia dúzia de garrafas de champanhe.

– Ora! Que é para nós meia dúzia de garrafas? – disse Trudoliúbov[11], que só atentara na palavra meia dúzia.

– Bem; portanto, três, quatro, contando com Zvierkov, fazemos um total de vinte e um rublos; no Hotel de Paris, amanhã, às cinco – concluiu definitivamente Siemiônov, que fora encarregado de organizar o banquete.

– Como vinte e um rublos? disse eu com certa veemência, deixando transparecer que estava ressentido. – Se contam comigo, não serão vinte e um rublos, mas vinte e oito.

Parecia-me uma coisa muito bonita ser convidado de maneira tão inesperada. Pensava que iria reduzi-los a todos ao silêncio, obrigando-os a olharem-me com respeito.

– Também queres entrar na combinação? – perguntou-me Siemiônov, contrariado, evitando olhar-me no rosto. Conhecia-me a fundo.

E fiquei indignado ao ver que ele me conhecia tão bem.

– Por que não? Parece-me que também sou camarada de vocês e confesso que me ofende um pouco não terem contado comigo.

– Mas onde havíamos de te procurar? – exclamou Fierfítchkin, sem mais cerimônias.

– Tu nunca te deste bem com Zvierkov – acrescentou Trudoliúbov, resmungando.

Mas eu não desistia do meu empenho.

– Parece que ninguém tem o direito de falar disso – respondi com uma voz tremente, como se tivesse acontecido qualquer coisa de extraordinário. – Talvez por isso mesmo, porque dantes não me dava muito bem com ele, quisesse festejá-lo agora.

– Ora, ora! Quem percebe o que queres dizer… com todas essas ideias elevadas! – disse Trudoliúbov, sarcástico.

– Contaremos contigo – falou Siemiônov, dirigindo-se a mim. – Amanhã, às cinco, no Hotel de Paris; vê lá se te enganas.

– E o dinheiro? – insinuou Fierfítchkin a meia voz apontando-me com um gesto de cabeça. Mas não continuou porque o próprio Siemiônov deu mostras de perturbação.

– Não falemos mais nisso – disse Trudoliúbov, levantando-se. – Se tem tanta vontade de assistir, que venha.

– Mas nós temos o nosso grupo de amigos – resmungou Fierfítchkin, aborrecido; pegando o chapéu. – Não se trata de uma reunião oficial.

E saíram. Fierfítchkin nem me cumprimentou quando se retirou, e Trudoliúbov fez-me uma ligeira inclinação, sem olhar para mim. Siemiônov, que ficara só comigo, dava mostras de aborrecimento e perplexidade, e dirigia-me olhares estranhos. Não sentou, nem me convidou a sentar.

– Pois… sim… amanhã. Pagas agora? Digo isto para ter a certeza – murmurou muito envergonhado.

Eu corei; mas, ao mesmo tempo, lembrei-me que havia muito devia quinze rublos a Siemiônov, o que, verdade seja dita, se nunca me saía da memória, o certo é que também não os devolvia.

– Deves compreender, Siemiônov, que, quando vim ver-te, eu não podia saber previamente… e estou muito contrariado por ter deixado ficar em casa…

– Está bem, está bem; isso não tem, importância. Amanhã pagarás, à hora do almoço. Perguntava-te isto só para saber… Peço-te que…

Não disse mais nada e pôs-se a passear pelo quarto com uma cara de palmo e meio. Começou a bater com força com os calcanhares no chão, nas suas idas e vindas.

– Talvez esteja a tomar-te o tempo – disse eu, depois de um silêncio de dois minutos…

– Oh, de maneira nenhuma! – respondeu ele, animando-se de repente. – Isto é, para te dizer a verdade… Olha, tenho de sair por um momento… Vou aqui ao lado – acrescentou no tom de quem quer desculpar-se.

– Ah, meu Deus! Mas por que não me disseste isso logo? – exclamei eu pegando o gorro com grande desembaraço, que só Deus sabe como arranjei.

– Não é longe… fica a dois passos daqui… – repetia Siemiônov, acompanhando-me até à porta com um aspecto de pessoa atarefada, que lhe ficava bem. – Então até amanhã, às cinco em ponto! – gritou-me, já na escada.

Respirou, aliviado, quando se viu livre de mim. Eu, pelo contrário, estava furioso.

“Foi o diabo quem me induziu a dar este passo! – e rangia os dentes, já na rua. – E tudo isto por causa de um animal como

Zvierkov! É claro que não irei, nem é preciso dizer, e que não me interessa o que possam falar de mim. Tenho eu, por acaso, alguma obrigação de assistir a esse banquete? Amanhã mesmo escreverei uma carta a Siemiônov dizendo-lhe…”

Mas o que aumentava a minha indignação era a certeza de que assistiria ao banquete, de que iria propositadamente e sem falta, precisamente porque não era delicado nem decente que eu fosse.

Havia até um obstáculo poderoso à minha ida: não tinha dinheiro. Todo o meu capital consistia em nove rublos. Devia dar sete a Apolon, meu criado; era esse o seu ordenado, pois a alimentação corria por sua conta.

Conhecendo o caráter de Apolon, era impossível não lhe dar os sete rublos. Ainda um dia falarei, como deve ser, a respeito desse canalha.

Mas, apesar de tudo, eu sabia muito bem que não chegaria a pagar-lhe e que assistiria ao banquete.

Nessa noite sofri horríveis pesadelos. Não é para estranhar: assaltavam-me as recordações da vida de prisão que levávamos no colégio e não podia afastá-las da minha imaginação. Foram uns parentes afastados, dos quais então estava separado, e dos quais, depois, não tornei a saber, que me meteram naquele colégio, órfão, atordoado pelas suas repreensões, meditabundo, taciturno e arredio. Os condiscípulos acolheram-me com zombarias maldosas e implacáveis, porque não me parecia com eles. Não podia suportar as suas troças; não podia adaptar-me a elas tão facilmente como eles convencionavam-se entre si. Tomei-lhes imediatamente aversão e voltei-lhes as costas, fechando-me num orgulho desmedido, doloroso e tímido. Repugnava-me a sua má educação. Troçavam cinicamente do meu aspecto, da minha falta de graça, apesar de terem todos cara de estúpidos! Naquele colégio, a expressão dos rostos embrutecia-se e transformava-se. Os rapazinhos mais bonitos, passados alguns anos de permanência no colégio, tornavam-se de uma fealdade repulsiva. Aos dezesseis olhava-os com um apreensivo espanto. Já então me admirava da mesquinhez das suas ideias, do vazio das suas ocupações,

dos seus jogos e diálogos. Havia tantas coisas indispensáveis que não conseguiam compreender! Por muito elevados e interessantes que fossem certos temas, não lhes interessavam; de maneira que, com grande pesar meu, os considerava inferiores a mim. E não era devido à minha vaidade ressentida, peço-lhes que não me venham com frases feitas e vulgares. Prendia-se ao fato de que só me entretinha a devanear, ao passo que eles compreendiam a realidade da vida. Não compreendiam nada de nada, nenhuma realidade de nenhuma vida, e juro-lhes que era isso o que mais me indignava. E, pelo contrário, aceitavam com uma estupidez fantástica a realidade mais evidente, a que salta aos olhos, e tinham adquirido o costume de não se inclinarem senão perante o êxito. Riam-se de maneira vergonhosa e cruel de qualquer coisa justa que sofresse humilhação e sujeição. Consideravam a posição social como um indício de inteligência e, aos dezesseis anos, discutiam sobre quais eram os maiores postos. Claro que muito disso se devia à estupidez do ambiente geral, aos maus exemplos vistos na infância e na juventude. Eram viciosos até à monstruosidade. É certo que em tudo isso havia muito de ostentação, de cinismo adquirido. Através do vício vislumbrava-se certa juventude e galhardia. Mas nem essa inocência era simpática e manifestava-se através de um grande descaramento. Eu os aborrecia a todos profundamente, embora talvez fosse pior do que eles. Meus condiscípulos pagavam-me na mesma moeda e não me escondiam a sua aversão. Não cobiçava a sua amizade e, pelo contrário, ambicionava que me desprezassem.

Para livrar-me das suas brincadeiras apliquei-me com firmeza ao estudo e cheguei em breve a ser um dos primeiros. Isto os intimidou. Além disso começavam a compreender que eu lia livros que não podiam ler, e compreendia bem certas coisas (alheias ao programa do nosso curso especial) das quais nem sequer faziam uma vaga ideia. Não abdicavam completamente da sua hostilidade nem renunciavam de todo às suas zombarias; mas submetiam-se moralmente, tanto mais quanto a minha aplicação e a minha inteligência assombravam os professores.

No fim, todas as piadas chulas acabaram, mas ficou uma má vontade, e as nossas relações foram sempre frias e tensas. Por último,

já não podia suportar aquele estado de coisas. Com o tempo desenvolvera-se em mim uma necessidade de amigos, contacto com as criaturas humanas. Experimentei reatar o meu antigo convívio com alguns, mas essas aproximações forçadas acabavam por si mesmas. Uma vez lembrei-me de arranjar um amigo. Mas eu era já um tirano até às maiores profundidades da minha alma; queria exercer um poder ilimitado sobre o seu espírito, inspirar-lhe desprezo pelo ambiente que o rodeava. Exigi-lhe que rompesse altiva e definitivamente com o seu meio social. A minha amizade apaixonada encheu-o de espanto: por minha causa teve crises de choro e convulsões. Era uma alma simples e franca, entregue completamente às suas afeições. Mas quando ele se me entregou completamente, ganhei-lhe imediatamente aversão e afastei-o de mim, como se me fora necessário apenas para me proporcionar essa vitória, para submetê-lo à minha vontade. Não pude vencer todos da mesma maneira; o meu amigo também não se parecia com mais ninguém, era uma exceção invulgar. A primeira coisa que fiz, assim que saí da escola, foi renunciar à carreira para que me preparava, romper todos os laços, amaldiçoar o passado e lançá-lo no olvido… E, depois disto tudo, como pude eu tomar a resolução de aparecer em casa de Siemiônov?!

No dia seguinte saltei de casa muito cedo, muito comovido, como se tudo tivesse de realizar-se num momento. Tinha a certeza de que nesse dia havia de operar-se, com certeza, uma transformação radical na minha vida. Talvez se devesse à falta de hábito, mas ia imediatamente operar-se uma mudança radical na minha existência. Apesar disto fui à repartição, como de costume, mas saí duas horas mais cedo do que nos outros dias, para preparar-me para o grande acontecimento. “O mais importante – pensava eu – é proceder de maneira que não seja eu o primeiro a chegar, para que não pensem que estou muito satisfeito.” Mas coisas importantes como essa existiam aos milhares e eu desmaiava de tanta comoção. Engraxei eu mesmo as botas, pela segunda vez, pois por nada deste mundo Apolon as teria limpo duas vezes no mesmo dia, alegando que isso não estava no nosso contrato. Engraxei-as eu próprio, pegando com muito cuidado nas escovas que estavam no vestíbulo, para que Apolon não desse por isso e não me olhasse depois com desprezo. Passei depois uma atenta revista ao meu vestuário, e achei-o velho, gasto, puído.

Tinha-me descuidado muito. O uniforme não estava mau de todo; mas não é decente uma pessoa apresentar-se num jantar de uniforme![12] E, para cúmulo de infelicidade, as calças apresentavam uma enorme mancha amarelada, acima do joelho. Adivinhava que bastava essa mancha para fazer descer de noventa e nove por cento o valor da minha dignidade. Eu percebia que semelhantes pensamentos eram muito maus. “Agora não é ocasião de refletir; o que é preciso é agir”, pensei, com desalento. Também percebia que exagerava tudo monstruosamente; mas que fazer? Não tinha domínio sobre mim mesmo e sentia arrepios de febre. No meu desespero, imaginava a frieza e soberba com que iria receber-me aquele tolo do Zvierkov; o desdém idiota com que me olharia o imbecil do Trudoliúbov; como, com que insolência e velhacaria zombaria de mim aquele insignificante Fierfítchkin, para lisonjear Zvierkov; como Siemiônov compreenderia tudo isto perfeitamente e me desprezaria pela baixeza da. minha vaidade e covardia; e compreendia sobretudo, com uma angústia natural, que nada disso seria literário; mas sim mesquinho e vulgar. Sem dúvida, o melhor era não ir. Mas, isso, para mim, era o mais difícil; quando uma coisa me atraía, não tinha outro remédio senão atirar-me a ela, de cabeça. Toda a vida repetiria esta lengalenga: “Tiveste medo da realidade! Tiveste medo dela, tiveste medo”. Pelo contrário, desejava ansiosamente provar àquela gentalha que não era tão covarde como pensavam. Mais ainda: no acesso mais forte da covardia, eu sonhava com o alcance da vitória, sonhava vencer, despertar-lhes interesse e fazer com que ficassem gostando de mim, ao menos em atenção pelas vistas mais largas e talento inegável. Hão de deixar Zvierkov abandonado num canto e formarem círculo para me ouvirem, a mim. Zvierkov ficará triste e amuado, por causa da sua derrota. Mas depois eu o convidarei para fazermos as pazes e, daí para diante, passaremos a tratar-nos por tu. Mas o que mais me magoava e me parecia mais doloroso era que eu sabia de antemão, com uma certeza absoluta, que não necessitava disso para nada, que não desejava de maneira nenhuma humilhá-los, nem impor-me perante eles, nem causar-lhes boa impressão, e que, por tudo isso, supondo que poderia alcançá-lo, não daria um *groch*. E a vontade que eu tinha que chegasse o dia seguinte! Tomado de um aborrecimento invencível, aproximei-me da janela, abri as reixas e esforcei-me por ver qualquer coisa na meia obscuridade da rua, sobre a qual caía uma neve densa e

liquefeita.

Até que finalmente bateram cinco horas no meu desengonçado relógio de parede. Peguei o chapéu e, evitando olhar para Apolon, que desde a manhã estava à espera do seu ordenado – mas por espírito de tola teimosia, não queria ser o primeiro a falar-me no caso – esgueirei-me para a porta aberta, e, alugando uma carruagem de cinquenta copeques, encaminhei-me como um grande senhor para o Hotel de Paris.

## Capítulo IV

Desde a véspera eu sabia que chegaria antes de todos. Mas isso era o menos.

Não só ainda ali não estava qualquer dos comensais, como me deu bastante trabalho encontrar o nosso gabinete. Ainda não tinham posto a mesa. Qual o fim de tudo aquilo? Depois de formular várias perguntas, consegui saber pelos criados que o banquete fora marcado para as seis e não para as cinco. No balcão confirmaram-me esta indicação. Sentia-me envergonhado destas perguntas. Eram apenas cinco e vinte e cinco. Se haviam mudado a hora, deviam ter-me avisado; para isso existia o correio, sem me exporem àquele vexame diante deles e… dos criados. Sentei-me; o criado começou a estender as toalhas; a sua presença aumentava a minha inquietação. Aí pelas seis, além das lâmpadas acesas, trouxeram velas. Mas o criado não se lembrara de as trazer quando cheguei. No gabinete do lado, em duas mesas à parte ceavam dois clientes taciturnos e tristonhos, de aspecto pouco amável. Num dos gabinetes reservados, afastados, fazia muito barulho; até se distinguiam as vozes. Ouvia-se a risota duma caterva de gente; de vez em quando chegavam até aos meus ouvidos interjeições acanalhadas, em francês; havia senhoras. Enfim, aquilo era revoltante. Poucas vezes passara por um momento tão doloroso como aquele; por isso, quando às seis em ponto apareceram os comensais, todos ao mesmo tempo, no primeiro momento, a sua chegada deu-me alegria e olhei-os como os meus libertadores. Até me esqueci de que devia mostrar-me ressentido.

O primeiro a entrar foi Zvierkov, como se fosse o presidente. Tanto ele como os demais mostravam-se risonhos; mas, assim que me viu, Zvierkov recompôs-se, aproximou-se de mim sem pressa, inclinando-se um pouco, como se agradecesse, e estendeu-me a mão amistosamente, embora não muito, com uma amabilidade prudente, de general. Imaginara completamente o contrário, isto é, que se apresentaria com a risota de outrora, as gargalhadas aflautadas e guinchonas, e logo às primeiras palavras começaria a largar ditos e chalaças. Desde o dia anterior estava preparado para esse momento, mas não esperava um acolhimento tão soberbo e altivo. Será que ele se achava infinitamente superior a mim em todos os sentidos? "Se tivesse querido apenas incomodar-me, tomando uns ares importantes, ainda seria tolerável – dizia para comigo – ainda o desculparia." Não se lhe teria realmente metido na cabeça, pelo desejo de vexar-me, a ideia de que era infinitamente superior a mim, e de olhar-me, portanto, com um ar protetor? Fiquei sem respiração, só de pensar nisso.

– Estranhei o seu desejo de tomar parte na nossa reunião – disse-me ele, com a sua fala ciciante e arrastando as palavras, coisa que não fazia dantes. – Poucas vezes nos temos encontrado, afastou-se de nós. E faz mal. Não somos tão maus como imagina. Enfim, seja como for, considero-me muito feliz por poder reatar…

E afastou-se indolentemente, para ir pôr o chapéu no parapeito da janela.

– Teve de esperar muito? – perguntou Trudoliúbov.

– Cheguei às cinco em ponto, como me disseram ontem – respondi, erguendo a voz num tom de aborrecimento que fazia pressentir uma explosão iminente.

– Mas não o avisaram de que tínhamos mudado a hora? – disse Trudoliúbov, encarando Siemiônov.

– Não. Esqueci-me – respondeu este, mas sem dar mostras de pesar ou desculpar-se perante mim, e indo encomendar os aperitivos.

– De maneira que há já uma hora que está aqui! Meu pobre

amigo! – exclamou Zvierkov, trocista, pois, sabendo como era o seu caráter, isto devia ser muito engraçado para ele.

Seguindo o seu exemplo, Fierfítchkin mostrou também uma admiração compassiva e vexatória. A minha situação me parecia, sem dúvida, muito ridícula e vergonhosa.

– Mas que graça tem isto? – exclamei, cada vez mais excitado, encarando Fierfítchkin. – A culpa não foi minha, mas dos outros. Não se preocuparam com avisar-me. O que é simplesmente… absurdo.

– E não só é absurdo, como é ainda outra coisa pior – disse Trudoliúbov, resmungando, com a intenção de defender-me. – Está sendo demasiado benevolente. Cometeram uma incorreção com o senhor. É claro que deve ter sido involuntária; pois como pensar que Siemiônov seria capaz de…

– Se tivessem feito isto a mim – observou Fierfítchkin – garanto-lhes que…

– Mas podia muito bem ter pedido alguma coisa para tomar – interrompeu Zvierkov – ter-se posto a cear sem esperar por nós.

– Hão de concordar que eu não precisava de pedir licença a ninguém para fazer isso – respondi com aspereza – se o esperei foi porque…

– Para a mesa! – gritou Siemiônov, que regressava. – Está tudo pronto e responsabilizo-me pelo champanhe: deve estar completamente gelado… Como havia eu de avisar-te, se não sabia a tua morada? – disse, encarando de repente comigo, mas evitando olhar-me nos olhos.

Sem dúvida, qualquer coisa o contrariava. Provavelmente mudara de opinião, desde o dia anterior.

Todos se acomodaram à volta da mesa, que era redonda, e eu fiz o mesmo. À minha esquerda ficou Trudoliúbov, Siemiônov à direita e, à minha frente, Zvierkov, tendo a seu lado Fierfítchkin, que o separava de Trudoliúbov.

– E diga-me: como se sente lá no Ministério? – perguntou-me Zvierkov, com ar benévolo.

Quando viu a minha timidez, chegou a supor que eu precisava que me mostrassem afeto e me animassem. “Quererá ele que eu lhe atire com uma garrafa à cabeça?”, pensava eu, furioso. Como não estava habituado, encolerizava-me muito rapidamente.

– Sim, na seção de… – respondi secamente, de olhos fixos sobre o prato.

– E diga-nos: isso dá-lhe muito? Que foi que o obrigou a deixar o seu antigo emprego?

– O que me… obrigou… é que quis deixar o meu antigo emprego – respondi-lhe arrastando as palavras ainda mais do que ele e quase fora de mim, de tão indignado.

Fierfítchkin quase rebentava de riso. Siemiônov dirigia-me olhadelazinhas trocistas. Trudoliúbov esquecia-se de comer e olhava-me com curiosidade.

Zvierkov estremeceu, com um tremorzinho imperceptível. – Bem… E como é que o tratam?

– Como é que me tratam?

– Não… refiro-me ao ordenado.

– Mas está-me fazendo algum exame?

E, no entanto, corando muito, disse-lhe imediatamente o ordenado que recebia. E corei muito.

– É muito pouco – disse Zvierkov com gravidade.

– Lá isso é verdade; assim nem uma pessoa pode dar-se ao luxo de cear num café-restaurante! – acrescentou Trudoliúbov, muito sério.

– Como está mais magro, como tem mudado… desde que… – acrescentou Zvierkov com os seus ares de malícia, com uma piedade insolente, olhando-me de alto a baixo.

– Mas não o assustem tanto! – exclamou Fierfítchkin, rebentando de tanto rir.

– Fique sabendo, cavalheiro, que eu não me assusto assim à toa – disse, finalmente, dando largas à minha cólera. – Está ouvindo? Se ceio aqui, no café-restaurante, é porque tenho dinheiro para pagar e não porque esteja contando com o dos outros, fique sabendo isto, senhor Fierfítchkin.

– Mas haverá aqui alguém que não esteja decidido a pagar a sua ceia? Qualquer pessoa diria que… – exclamou Fierfítchkin fazendo-se vermelho como um tomate e olhando-me com raiva.

– Bem – respondi, compreendendo que fora longe demais. – Acho que devíamos falar de coisas mais inteligentes.

– Parece que quer mostrar-nos a sua inteligência.

– Não se preocupe: aqui seria completamente inútil.

– Mas então, meu caro, por que está aí cacarejando? Teria perdido o juízo lá no Ministério?

– Chega, rapazes, chega! – gritou Zvierkov com voz autoritária

– Tudo isto é estúpido! – resmungou Siemiônov.

– É verdade; reunimo-nos aqui para nos despedirmos de um bom companheiro, que vai partir em viagem, e você quer ajustar contas conosco! – exclamou Trudoliúbov, encarando-me, furioso. – Já que foi o senhor quem se deu a si próprio por convidado, ao menos não quebre a harmonia geral…

– Basta, basta! – tornou a gritar Zvierkov. – Isto não está certo. O melhor é ouvirem a história de como eu ia casando anteontem…

E começou a expor a história do seu falhado casamento. Mas, na realidade, esse casamento, mesmo falhado, nem sequer existia e não era mais do que um pretexto para mencionar nomes de generais, coronéis e membros da Câmara, entre os quais Zvierkov ficava ainda por cima. Soou uma gargalhada, à maneira de aplauso, Fierfítchkin

retorcia-se todo com a graça da narrativa.

Todos se esqueceram de mim e me deixaram abandonado e magoado.

“Meu Deus! Será digna de mim, esta gente? – pensava eu. – Como fui desajeitado com eles! Consenti que Fierfítchkin tomasse demasiadas liberdades. Esses imbecis acham que me deram uma grande honra, concedendo-me lugar à sua mesa e não compreendem que sou eu quem o faz…” “Como está magro! Mas que roupa ele traz!” “Oh, malditas calças! Zvierkov reparou logo na mancha do joelho… Mas, no fim de contas, para que suportar tantos vexames? Se me tivesse levantado da mesa, pegado o chapéu e saído sem me despedir… Fazer-lhes notar assim o meu desprezo! Se quiserem, amanhã bato-me com todos eles. Grandes covardes! Mas por que hei de desprezar os meus sete rublos? Pode ser que julgassem que… O diabo que os carregue! O que interessa menos ainda são os sete rublos. Vou-me embora já…”

Nem preciso dizer que me deixei ficar.

Para amenizar o meu desgosto, entornei grandes copos de xerez e de Chateau-Lafitte. Como não estava acostumado a beber, fiquei logo tonto e, à medida que me ia embriagando, mais furioso. De repente senti o impulso de lançar-lhes os mais tremendos insultos e sair em seguida; aproveitar um momento oportuno e mostrar-me tal qual era, para que pudessem dizer depois: “É ridículo mas é inteligente… e… e…”, enfim, que o diabo me leve!

Fulminava-os com os meus olhinhos de bêbado. Eles pareciam ter-se esquecido por completo de mim. Falavam entre si com vivacidade e alegria, isto é, quem falava era Zvierkov. Prestei atenção. Contava como quase conseguira que se lhe declarasse uma altiva dama – não há dúvida que mentia – e que, nesse episódio, fora muito ajudado por um seu amigo íntimo, certo príncipe, o hussardo Nikola, que possuía três mil almas.

– E, no entanto, esse Nikola que possui três mil almas não veio despedir-se dele – disse eu, intrometendo-me na conversa.

Todos se calaram imediatamente.

– O senhor já está bêbado – disse Trudoliúbov, dignando-se finalmente fixar os olhos em mim, que afastou logo depois, com desprezo.

Zvierkov olhava-me com curiosidade, como se eu fosse um inseto. Baixei os olhos; Siemiônov apressou-se a servir o champanhe.

Trudoliúbov levantou a sua taça e todos o imitaram, menos eu.

– À tua saúde e boa viagem! – disse Trudoliúbov, dirigindo-se a Zvierkov. – Pelo passado, meus amigos, e pelo futuro, hurra!

Todos beberam e foram abraçar Zviérkov. Eu não me mexi do meu lugar; tinha a taça cheia até aos bordos.

– Então não quer brindar? – rugiu Trudoliúbov, que perdera a paciência, encarando-me com ar de ameaça.

– Quero brindar eu sozinho; agora é que vou beber, senhor Trudoliúbov!

– Mas que mau gênio! – resmungou Siemiônov.

Endireitei-me no meu lugar e peguei na taça com a mão febril, preparando-me para algo de extraordinário e sem saber o que ia dizer.

– Silêncio! – exclamou Fierfítchkin. – Vai ser um gozo!

Zvierkov esperava, muito gravemente, compreendendo que eu ia atacá-lo.

– Senhor Tenente Zvierkov – comecei eu – fique sabendo que me aborrecem as grandes frases, aqueles que as dizem, e as cinturas muito justas… Este é o primeiro ponto, ao qual vai seguir-se o segundo.

Todos fizeram um gesto.

– Segundo ponto: odeio a libertinagem e os libertinos. Sobretudo estes! Terceiro ponto: gosto da verdade, da sinceridade, da honestidade – continuei dizendo, quase maquinalmente, transido de

espanto, sem compreender como podia falar assim. – Sou entusiasta pelas ideias, Senhor Zvierkov; gosto da verdadeira camaradagem, da igualdade completa, não… hum… agrada-me… e, afinal de contas, por que não? E vou beber à sua saúde, Senhor Zvierkov. Seduza as circassianas, dispare com força sobre os inimigos da pátria e… À sua saúde, Zvierkov!

Zvierkov ficou em pé, cumprimentou-me e disse:

– Muito obrigado.

Parecia muito ofendido e até empalidecera.

– Ó diabo! – rugiu Trudoliúbov, descarregando um soco na mesa.

– Não, isso não é nada. Uma bofetada é que ele merece – guinchou Fierfítchkin.

– É preciso pô-lo na rua! – resmungou Siemiônov.

– Nem uma palavra, meus caros, nem um gesto! – disse gravemente Zvierkov, apaziguando a indignação geral. – Agradeço a atitude de todos; mas eu saberei mostrar-lhe o valor que dou às suas palavras.

– Senhor Fierfítchkin, amanhã há de responder-me pelas palavras que acaba de dizer-me – disse eu em voz alta, encarando gravemente Fierfítchkin.

– É um desafio, cavalheiro? Estou às suas ordens – respondeu ele logo.

Sem dúvida parecia ridículo ao lançar aquele repto, e semelhante atitude devia dizer tão mal com a minha figura, que todos, até o próprio Fierfítchkin, rebentavam de riso.

– Eia! Deixemo-lo – disse Trudoliúbov com dignidade. – Está perdido de bêbado!

– Nunca perdoarei a mim próprio tê-lo admitido à nossa mesa – resmungou Siemiônov mais uma vez.

“Chegou o momento de atirar-lhe uma garrafa à cabeça!”, pensei eu e, pegando numa garrafa… enchi outra vez o copo.

“Não, prefiro ficar aqui até ao fim – continuei dizendo para os meus botões. – Era o que eles queriam, que eu fosse embora. Pois não hei de ir, absolutamente. Hei de ficar, de propósito, e beberei até não poder mais, para demonstrar-lhes que não lhes dou importância nenhuma. Ficarei aqui e beberei até fartar-me, uma vez que isto é um restaurante e paguei a entrada. Ficarei aqui e beberei o que me apetecer, porque os tenho na conta de imbecis, que nem sequer existem para mim. Ficarei e beberei… e cantarei, se assim entender; sim, cantarei, sim, meus senhores, porque tenho o direito de cantar… É isto mesmo!”

Não cantei. Fazia todo o possível para não olhar ninguém; tomava atitudes independentes – esperava com impaciência que fossem eles os primeiros a interrogarem-me. Mas ai! não me diziam nada. Oh! O que não teria eu dado para que falassem comigo! Como me reconciliaria depressa com eles! Bateram oito e depois nove. Abandonaram a mesa e sentaram junto do canapé, onde Zvierkov se deixara cair, pondo um dos pés sobre a mesinha redonda do candeeiro. Trouxeram vinho. Zvierkov encomendara três garrafas. Talvez não me hajam convidado. Formaram todos um círculo à sua volta e ouviam-no com veneração. Era evidente que o estimavam. “Por que, por quê?”, perguntava eu a mim próprio. Às vezes ficavam extasiados na sua embriaguez e trocavam pancadinhas nas costas. Falavam do Cáucaso, do que vem a ser uma verdadeira paixão, dos bons empregos, dos rendimentos do hussardo Potchargóvski, ao qual nenhum conhecia, e regozijavam-se com os seus gordos ordenados, com a beleza e graça extraordinárias da princesa D***, a qual também nunca tinham visto na sua vida, e acabavam dizendo que Shakespeare é imortal.

Eu sorria com desprezo e passeava na outra extremidade da sala, embatendo contra a mesa e a parede, precisamente em frente do divã. Queria demonstrar-lhes de maneira evidente que não precisava deles para nada; e, no entanto, nas minhas idas e vindas procurava fazer barulho, para chamar-lhes a atenção. Mas era tudo inútil; não reparavam em mim nem por um instante. Tive a paciência de ficar assim passeando na frente deles, das oito às onze, sem sair daquele

lugar. “Ora esta, ninguém pode proibir-me de passear.” O criado, que entrava, olhou-me várias vezes; tantas voltas chegavam a entontecer-me; às vezes parecia-me que delirava. Três vezes me encharquei de suor e outras tantas ele secou no meu corpo, durante essas horas. Às vezes sentia fincar, como uma dor aguda e profunda no coração, a ideia de que, ainda que passassem dez, vinte, quarenta anos, sempre haveria de recordar-me daqueles sujos momentos da minha vida, os mais espantosos e ridículos. Era impossível uma pessoa humilhar-se mais voluntariamente e com menos vergonha; compreendia isso muito bem e, no entanto, continuava passeando da mesa para o fogão.

“Oh, se ao menos fossem capazes de compreender as ideias e sentimentos de que sou capaz! Se soubessem como sou inteligente!”, pensava às vezes, olhando mentalmente para o canapé em que estavam sentados os meus inimigos.

Mas aqueles inimigos conduziam-se como se eu não estivesse ali. Uma vez, apenas uma vez se voltaram para mim, e foi quando Zvierkov mencionou Shakespeare e soltei uma gargalhada depreciativa. Ria-me com um riso tão incomodativo e artificial, que se interromperam de comum acordo e se puseram a olhar para mim silenciosa e gravemente, durante dois minutos, a verem-me dar encontrões desde a mesa até ao fogão, fingindo não reparar neles. Mas a coisa não passou daí. Não chegaram a falar-me e, passados dois minutos, tornaram a esquecer-se completamente de que estava ali. Bateu meia-noite.

– Meus caros – disse Zvierkov levantando-se do canapé – vamos até lá.

– Sim, sim! – disseram todos.

Voltei-me subitamente para Zvierkov. Sofrera tanto, sentia-me tão cansado, que estava resolvido até a matar-me, para acabar de vez. Sentia febre; os cabelos, encharcados de suor, tinham se colado à minha testa e às minhas fontes.

– Desculpe, Zvierkov! – disse-lhe eu sem rodeios e em tom resoluto. – E você também, Fierfítchkin, e todos, todos aqueles a quem ofendi.

– Ah, ah! Isso é para evitar o duelo – insinuou venenosamente Fierfítchkin.

Ouvindo estas palavras, sobressaltei-me.

– Não, pode crer que não tenho medo de bater-me, Fierfítchkin. Estou pronto a bater-me com o senhor amanhã mesmo, apesar da nossa reconciliação. E exijo até que seja. agora, o que não pode negar-me. Quero demonstrar-lhe que não receio o duelo. Será você o primeiro a disparar e eu atiro para o ar.

– Está de bom humor! – observou Siemiônov.

– Perdeu a cabeça! – respondeu Trudoliúbov.

– Deixe-me passar. Por que me estorva o caminho? Vamos, que deseja? – respondeu Zvierkov com desprezo.

Estavam todos muito corados; os olhos brilhavam-lhes; tinham bebido muito.

– Só quero ser seu amigo, Zvierkov; sei que o ofendi, mas…

– Ofender-me? Você?! A mim?! Fique sabendo, cavalheiro, que nunca nem em ocasião alguma pode ofender-me.

– Bem, chega; vamo-nos! – disse Trudoliúbov. – Vamo-nos!

– A Olímpia é para mim, meus amigos! Combinado? – exclamou Zvierkov.

– Sim, homem, claro, homem! – responderam-lhe todos, rindo.

Eu me sentia vexado. Saíram ruidosamente daquele lugar. Trudoliúbov cantarolava uma estúpida cançoneta. Siemiônov deteve-se um momento para dar gorjeta aos criados. Corri para ele.

– Siemiônov! Dá-me seis rublos! – disse-lhe numa voz resoluta e desesperada.

Olhou-me com um assombro enorme e de olhos exorbitados. Estava também perdido de bêbado.

– Vens atrás de nós, até ao lugar para onde vamos?

– Sim!

– Não tenho dinheiro! – disse ele bruscamente.

E depois saiu, sorrindo com desdém. Peguei na minha capa. Aquilo era um pesadelo.

– Siemiônov! Se sabes que eu sei que tens dinheiro, por que negas? Por acaso sou algum parasita? Vê bem o que fazes. Se soubesses, se soubesses para que te peço! Disso depende tudo: o meu futuro, os meus planos…

Siemiônov puxou do dinheiro e quase o atirou.

– Toma, já que tens tão pouca vergonha! – disse num tom implacável, e correu ao encontro dos outros.

Fiquei só, por um momento. Aquela desordem, os restos dos pratos, um copo caído no chão, manchas de vinho, pontas de cigarro, a embriaguez e o delírio que me oprimiam a cabeça, o coração despedaçado e, por fim, o criado, que vira e ouvira tudo e me olhava com curiosidade…

"Então vão até lá! – exclamei. – Pois ou me pedirão de joelhos que seja amigo deles, e beijar-me os pés, ou… hei de fartar-me de dar bofetadas a Zvierkov…"

## Capítulo V

"Até que enfim me vou defrontar com a realidade – murmurei, enquanto descia rapidamente a escada. – Isto não é partida de Papa, que deixa Roma pelo Brasil, nem também o baile nas margens do lago de Como."

"Não passas de um covarde – disse vagamente comigo – se tens a coragem de levar o caso em brincadeira!"

"Que me importa! – respondi a mim próprio. – Agora está tudo

perdido!”

Já não conseguia vê-los; mas não fazia mal, sabia aonde iam.

Junto da escada da entrada havia um trenó de aluguel; o cocheiro vestia um sobretudo de fazenda salpicado pela neve derretida, que continuava caindo e parecia tépida. Fazia calor e um ar abafado. O pangaré, pardo e peludo, estava também salpicado de branco, e tossia, lembro-me muito bem. Saltei para o trenó. Mal levantara a perna para subir, assaltou-me a recordação de como Siemiônov me atirara os seis rublos, e caí desamparado no trenó; como um peso morto.

“Não! Seria preciso muito para pagar uma coisa destas! – exclamei. – Há de pagar, ainda que isso me custe a vida! Vamos!”

O trenó arrancou. Na minha cabeça zumbia um torvelinho.

“Com certeza não irão rebaixar-se a pedir-me que lhes conceda a minha amizade. Isso é uma ilusão; uma vil e repugnante ilusão, romântica e fantástica, qualquer coisa no gênero do baile no lago de Como. E, além disso, é necessário que eu aplique umas bofetadas em Zvierkov. Tenho de fazer isso! Está resolvido, hei de deixar-lhe a cara marcada.”

– Depressa, cocheiro!

O cocheiro brandiu o chicote.

“Assim que chegar, aplico-lhe uma bofetada. Não seria melhor dizer antes algumas palavras à guisa de preâmbulo? Não. Aproximo-me dele e prego-lhe dois estalos, sem palavreado. Devem estar todos reunidos na saleta, e ele ao lado de Olímpia, no canapé – malvada Olímpia! Um dia fez troça da minha cara e não me deu importância. Hei de puxar-lhe os cabelos, e a Zvierkov, as orelhas! Não; o melhor é pegar-lhe numa orelha e puxá-lo assim por toda a sala. Talvez brigue comigo e me expulse. É quase certo. Tanto pior para ele! Sempre fui eu quem deu bofetada, quem teve a iniciativa e, segundo as leis da honra, isso é o principal; ficará para toda a vida com o estigma da infâmia, e não será com pancada que ele há de conseguir lavar-se da afronta da bofetada; será obrigado à bater-se. Terá que se bater em

duelo. Que me batam, agora. Que o façam, esses ingratos! O primeiro a chegar-me há de ser Tradoliúbov, porque é uma besta! Fierfítchkin há de acometer-me pelas costas e com certeza vai me puxar o cabelo, não tenho dúvidas. Mas tanto pior para eles; tanto pior! Seja como for, irei até lá! Aqueles cabeças de pirolito acabarão por compreender o alcance de toda esta tragédia! E quando me arrastarem até à porta, hei de dizer-lhes, é claro, que, na realidade, valem menos do que o meu dedo mínimo."

– Depressa, cocheiro, depressa! – gritei para o homem, que deu um pulo e sacudiu o chicote.

Gritara-lhe com o vozeirão dum selvagem.

"Vamos duelar ao amanhecer, está resolvido. Acabou-se a repartição. Mas onde arranjarei as pistolas? Aí é que está. Peço um empréstimo sobre o ordenado e compro-as. E compro também pólvora e balas. Depois é preciso arranjar padrinhos. Como tratar disso tudo antes que amanheça? Onde encontrar os padrinhos? Não conheço ninguém… Que absurdo! – exclamei. E o torvelinho ia aumentando. – Que absurdo! Mas não importa. Se eu pedir, a primeira pessoa que encontrar na rua tem obrigação de servir-me de padrinho, do mesmo modo que todos temos a obrigação de nos atirar à água para salvar o próximo. Neste caso são lícitas as circunstâncias mais extravagantes. Se eu amanhã pedisse ao chefe da seção que me servisse de padrinho, ele não teria outro remédio senão aceder, por sentimentos cavalheirescos, guardando segredo, Anton Antônitch!"

Mas nesse momento comecei a ver claramente a inanidade das minhas suposições e todo o reverso da medalha; e, no entanto…

– Depressa, cocheiro, depressa!

– Ah, senhor! – respondeu ele.

O frio trespassou-me os ossos.

"Não seria melhor… não seria preferível ir já para a cama? Oh, meu Deus! Para que teria eu pedido ontem para assistir a esse malvado banquete? Mas não, não é possível. E aqueles passeiozinhos

que dei durante três horas, da mesa para o fogão e do fogão para a mesa? Não, têm de pagar-me esses passeiozinhos. Lavarão com sangue tamanha desonra!”

– Depressa, cocheiro!

“E se me mandam prender? Não, não se atreveriam. Teriam medo do escândalo. Mas se Zvierkov se nega a bater-se, por desprezo? Tenho quase certeza que será assim; mas, neste caso, havia de mostrar-lhe quem sou… Amanhã apareço no pátio da estação de mudas, quando ele estiver para partir; agarro-o pela barriga duma perna e, quando for subir para a carruagem, puxo-o pela capa. Enterro-lhe os dentes na mão e mordo-o. Vejam até onde pode chegar um homem desesperado! E se me bater na cabeça, enquanto os outros acodem por detrás, então, tanto pior para eles! Anunciarei em altos gritos, a todos os que se encontrem no lugar: “Vejam como eu cuspo na cara desse cão que vai seduzir as circassianas!”

Claro que isso seria estragar tudo! A repartição desaparecia da superfície terrestre. Apanhavam-me, julgavam-me, tiravam-me o emprego, metiam-me no calabouço ou mandavam-me desterrado para a Sibéria, onde não teria outro remédio senão ser colono. Mas que importa? Dentro de quinze anos, transformado num mendigo andrajoso, assim que me vir em liberdade, atrás dele. Vou encontrá-lo em qualquer parte, em alguma capital da província. Estará casado e será feliz. Terá uma filha mais velhinha… E vou lhe dizer: “Olha, monstro, olha como tenho as faces chupadas, como estou gasto! Perdi tudo: a carreira, a felicidade, a arte, a ciência e até a mulher que amava; e tudo isso por tua causa. Aqui tens estas pistolas. Vim para te matar com um tiro, e… no entanto, perdoo-te. Vou disparar para o alto e nunca mais ouvirás falar de mim…”

E pus-me a chorar, embora soubesse muito bem que tudo aquilo era tirado do *Sílvio* ou da *Mascarada*, de Liérmontov. E de repente senti uma vergonha enorme, tanta que mandei parar o cocheiro, saí do carro e afundei-me na neve que cobria as ruas. O cocheiro olhava-me, admirado, e suspirava.

Que fazer? Se não fosse lá, tudo ficaria reduzido a uma

fanfarronada e eu não podia desprezar aquele assunto, devido às consequências que dele podiam resultar… Meu Deus! Como deixar passar aquilo? Depois de tamanhos insultos!

– Não – exclamei, tornando a subir para o trenó. – Estava escrito, era a fatalidade. Mais depressa, cocheiro, eia!

Era tal a minha impaciência que, para animar o cocheiro, dei-lhe um soco no cachaço.

– Mas que te aconteceu? Por que me bates? – murmurou o cocheiro fustigando o pangaré com tal fúria que o infeliz se pôs a dar coices.

A neve, quase coalhada, caía em flocos; eu nem sequer me abrigava. Não fazia caso de nada, porque estava definitivamente resolvido a dar uma bofetada e pressentia com horror que tinha de ser assim absoluta e imediatamente, e que nenhuma força humana podia impedi-lo.

Os faróis afastados reluziam, tristonhos, na noite nevada, como archotes num enterro. A neve escorria-me por debaixo da capa, salpicava-me a roupa e derretia-se sobre mim: e eu indiferente! Para que, se estava tudo perdido? Até que finalmente chegamos. Desci apressadamente do trenó, subi de um salto as escadas da entrada e bati na porta com mãos e pés. As pernas fraquejavam-me terrivelmente, sobretudo nos joelhos. Abriram imediatamente, como se estivessem à espera da minha chegada.

Siemiônov avisara que talvez ainda aparecesse mais algum. Ali, de fato, era necessário avisar de antemão, tomar precauções, pois se tratava de um desses armazéns de modas, que havia já muito tempo fora mandado fechar pela Polícia. Durante o dia era na, verdade um *atelier*; mas, à noite, indo recomendado por um conhecido da casa, podia-se entrar.

Atravessei rapidamente o *atelier*, que estava às escuras, e encaminhei-me para a saleta, que já conhecia, onde ardia apenas uma vela, e parei, estupefato. Não estava ali ninguém!

– Mas onde estarão eles? – perguntei.

É claro que já tinham tido tempo de sobejo para se separarem…

Na minha frente alguém sorria com expressão idiota: era a dona da casa, que me conhecia um pouco. Passado um momento, a porta abriu-se e entrou outra pessoa.

Eu ia e vinha pela sala, falando só e sem reparar em ninguém. Parecia-me ter escapado de uma morte certa e todo o meu ser estremecia de alvoroço. Porque eu, não tenho a mínima dúvida, teria dado a bofetada… Mas agora não estavam ali e… tudo mudara! Voltei-me. Não podia refletir. Olhei maquinalmente para a moça que entrara. Tinha diante de mim um rosto jovem, fresco, um pouco pálido, de sobrancelhas nítidas e direitas, o olhar suave e como que alheado. Agradou-me imediatamente; ficaria horrorizado se tivesse sorrido. Olhei-a com mais atenção e com certo esforço; ainda não podia concentrar as minhas ideias. Aquele rosto juvenil respirava simplicidade e bondade; mas era tão sério que se tornava estranho. Estou convencido de que ali ninguém a estimava e que nenhum daqueles imbecis teria reparado nela. Não que fosse alguma beleza; mas era alta, forte, bem constituída. Vestia com grande simplicidade. Assaltou-me um mau impulso e dirigi-me para ela.

Por acaso, vi-me ao espelho. Meu rosto, contraído, pareceu-me extremamente repulsivo: pálido, sombrio, mal-encarado, de cabelo revolto.

“Tanto melhor – pensei – fico satisfeitíssimo por parecer-lhe repelente; isso agrada-me…”

## Capítulo VI

Não sei onde, atrás de um tabique, um relógio rangeu como se lhe tivessem apertado o pescoço. Depois desse rangido especialmente comprido, ouviu-se de repente um repique claro, sonoro e muito leve… Depois soaram duas badaladas. Tornei a mim, embora não estivesse dormindo, pois achava-me apenas amodorrado.

No quarto pequenino, estreito e de teto baixo, obstruído por um armário enorme e cheio de chapeleiras, trapos e roupas, quase não havia luz. O coto da vela, que se sumia sobre a mesinha, no outro extremo do quarto, lançava de quando em quando um reflexo fugaz. Pouco faltava para que a obscuridade fosse completa.

Tornei depressa a mim e a seguir lembrei-me de tudo sem custo nenhum, como se aquelas recordações estivessem à espreita do meu despertar para me assaltarem.

E até durante o meu estado de sonolência não chegou a desvanecer-se na minha memória uma espécie de pequeno ponto, em redor do qual gravitavam meus sonhos. Mas, coisa estranha! Tudo o que me aconteceu nesse dia me pareceu, quando acordei, algo de muito longínquo, passado há muito tempo.

Sentia a cabeça muito pesada. Qualquer coisa revoluteava à minha volta, indispondo-me e inquietando-me. O tédio e a bílis fervilhavam dentro de mim, procurando uma saída. De repente, reparei que tinha ao meu lado dois olhos muito abertos, que me examinavam com curiosidade. O olhar desses olhos era frio, melancólico, completamente estranho; fazia pena.

Uma ideia triste nasceu no meu cérebro e infundiu em todo o meu ser uma sensação desagradável, semelhante à que sentimos quando entramos num saguão úmido e sombrio. Era quase extraordinário o fato de que aqueles olhos não me tivessem fitado com curiosidade até então. Lembrei-me também de que durante duas horas não trocara palavra com aquela criatura, por não achar necessário e, no entanto, não sei por que me agradara duas horas antes. Via agora claramente como é absurda e repugnante a libertinagem, que começa brutalmente, sem amor nem pudor, por aquilo que deve ser o remate do verdadeiro amor, Olhamo-nos assim durante muito tempo; ela não baixava a vista diante dos meus olhos nem mudava de expressão; de maneira que, por fim, acabei por sentir certo mal-estar.

– Como te chamas? – perguntei-lhe laconicamente para acabar mais depressa.

– Lisa – respondeu ela muito baixinho, mas com pouca

amabilidade, e desviando os olhos.

Fiquei calado.

– Faz um tempo tão mau, hoje… a neve… é horrível! – disse, falando quase só para mim, colocando uma mão debaixo da cabeça e olhando para o teto.

Ela não respondeu. Aquilo era para tirar a coragem.

– És daqui? – perguntei-lhe, passado um momento, quase aborrecido, voltando levemente o rosto para ela.

– Não.

– De onde vieste?

– De Riga – respondeu-me de má vontade.

– Alemã?

– Russa.

– Estás aqui há muito tempo?

– Onde?

– Nesta casa.

– Quinze dias.

Falava cada vez com maior laconismo. A vela gastara-se: não lhe podia ver o rosto.

– Tens pais?

– Tenho… não… tenho.

– Onde estão?

– Lá, em Riga.

– Que fazem eles?

– Nada.

– Nada? A que classe social pertencem?

– Burgueses.

– Vivias com eles?

– Sim.

– Que idade tens?

– Vinte.

– Por que os deixaste?

– Porque…

Estas palavras pareciam querer dizer: “Deixe-me em paz, não me importune”. Ficamos outra vez calados.

Não sei por que, não conseguia arrancar-me dali. Também já estava aborrecido. Contra minha vontade, as recordações do dia anterior desfilavam perante mim, em desordem. De súbito lembrei-me de uma cena que presenciara de manhã, na rua, quando ia para a repartição.

– Hoje por pouco não deixavam cair um caixão que levavam aos ombros, com o morto dentro… – disse, quase em voz alta, sem nenhuma vontade de conversar.

– Um caixão com um morto?

– Sim, na Sienaia; tiravam-no de um porão. Sim, de um porão… sabes? De uma casa suspeita… Havia tanta sujeira ali à volta… Cascas, imundícies… Cheirava tão mal!

Silêncio.

– Enterram tão mal, agora! – disse eu só para quebrar o silêncio.

– Mas por quê?

– Porque há neve, lama, sujeira…

E bocejei.

– Mas a que propósito vem isso? – disse ela de repente, depois de uma pausa.

– Não, é bem triste… – e tornei a bocejar. – Com certeza os coveiros haviam de praguejar, porque a neve os encharcava. Certamente a cova devia estar cheia de água.

– Mas por que havia de estar cheia de água? – perguntou ela com certa curiosidade, mas ainda mais seca e bruscamente do que antes.

Aquilo começava a excitar-me.

– É assim mesmo; devia haver pelo menos umas seis polegadas de água na cova. No cemitério de Volkovo não se poderia abrir uma só sepultura que não estivesse encharcada.

– Mas por quê?

– Por quê? Porque aquele lugar é pantanoso. O mesmo acontece aqui em toda parte. Deitam-nos mesmo na água. Vi com os meus próprios olhos muitas vezes…

Nunca vira semelhante coisa, e nunca estivera no cemitério de Volkovo; mas ouvira dizer.

– Não te importavas de morrer?

– Mas por que havia de morrer? – respondeu ela, como se se defendesse.

– Alguma vez terás de morrer e morrerás exatamente como essa. Também era da vida… Morreu tísica.

– Se era da vida, devia ter morrido no hospital.

– Devia dinheiro à dona da casa – respondi, entusiasmando-me cada vez mais com a conversa – e, apesar da sua tísica, esteve sempre de serviço até ao fim. À volta, os cocheiros contavam tudo aos

soldados, a todos. Havia ali pessoas que a tinham conhecido. Todos se riam. E queriam ir à taberna beber em sua memória.

Também nisto eu mentia. Silêncio, silêncio profundo. A moça não pestanejava.

– Mas será melhor morrer no hospital? Não é a mesma coisa? Por que hei de morrer? – acrescentou ela, enfastiada.

– Agora, ainda não; mas depois?

– Bem, e depois?

– Não? Agora és nova, bonita e tens pretendentes. Mas quando tiveres um ano desta vida, parecerás outra, tão avelhentada ficarás…

– Passado um ano?

– Mesmo que não seja assim, valerás menos do que agora – continuei com maldosa alegria. – Daqui, cairás mais baixo, irás para outra casa. Dentro de um ano cairás noutra, e entretanto terão passado três anos, e ao fim de sete estarás em algum porão da Sienaia. Mas isso ainda não é tudo. O pior é se apanhas alguma doença, a tuberculose, por exemplo… ou outra coisa qualquer. E, nesta vida que levas é muito difícil curar-se de uma doença. E muito fácil apanhá-la. Por isso hás de morrer.

– Pois bem, morrerei – respondeu a infeliz, molestada e resignada.

– É uma pena.

– Por quê?

– Sempre se tem amor à vida.

Outro silêncio.

– Tens algum noivo, não é verdade?

– Que te interessa isso?

– Não é uma pergunta. Isso não me interessa. Mas porque te

aborreceste? Com certeza deves ter teus pequenos desgostos. Para mim tanto faz. Mas tenho pena.

– De quem?

– De quem há de ser? De ti.

– Pois não vale a pena… – murmurou muito baixinho, e fez um gesto de indiferença.

Aquilo me aborreceu. E eu a tratá-la com tanto mimo…

– Mas tu, que pensas? Achas que vais por bom caminho?

– Eu não penso nada.

– É precisamente aí que está o mal, em não pensar em nada. Volta a ti, enquanto é tempo. Ainda estás a tempo. És nova e bonita; podia ser que algum homem gostasse de ti, te casasses e fosses feliz…

– Nem todas as que se casam o são – disse com secura, como antes.

– Nem todas, claro que não; mas sempre estão melhor do que tu. Muito melhor. E onde há amizade não é preciso felicidade. A vida é bela até na desgraça; é sempre bom viver, seja como for. Mas aqui não há mais nada senão porcaria. Puf!

E voltei-me para o outro lado, com repugnância; já não raciocinava friamente. Começava a sentir o que dizia e a dar ênfase às minhas palavras. Sentia a ansiedade de expor as minhas ideias secretas, elaboradas no meu esconderijo. Qualquer coisa se fixara no meu íntimo, lembrara-me de uma coisa.

– Não ligues importância ao fato da minha presença aqui; não me tomes para exemplo. Pode ser que eu seja pior do que tu. Além disso vim dar aqui em estado de embriaguez – apressei-me a acrescentar, à guisa de desculpa – e, além disso, homem nunca pode servir de exemplo para a mulher, são coisas diferentes. Posso vir aqui e enlamear-me e degradar-me; mas não sou escravo de ninguém; posso sair como entrei. Sacudo a roupa e sou outro. Mas tu começas por ser

uma escrava. Sim, uma escrava! Tu desististe da tua vontade. E se quisesses agora romper as tuas correntes, isso seria impossível; iam apertá-las ainda com mais força. Trazes em cima de ti uma cadeia de maldição. Conheço-a bem. Não te falarei de outra coisa, pois não compreenderias. Dize-me: estás endividada com a patroa? Já estás, não é verdade? – acrescentei, vendo que, apesar do seu mutismo, me dava atenção. – Pois aí tens; é essa a cadeia! Nunca poderás livrar-te dela. É como se tivesses vendido a alma ao diabo… Ao fim de contas, pode ser que seja tão infeliz como tu, vá-se lá saber! e que me rebole na lama só para esquecer. Há quem beba para afastar os seus desgostos; e eu também vim aqui por causa disso. Mas, dize-me: achas isto direito? Há um momento juntamo-nos… sem dizermos uma palavra, e foi depois que te puseste a olhar para mim, e eu para ti, com os olhos muito abertos. É assim que se deve praticar o amor? Isso é uma monstruosidade e nada mais!

– Pois é – aprovou ela repentinamente.

A vivacidade com que pronunciou aquele “pois é”, deixou-me assombrado. Será que o mesmo pensamento se agitara na sua cabeça um momento antes, quando me olhava com curiosidade? Era ela então capaz de pensar em qualquer coisa? Que o diabo me leve, não deixa de ter graça, somos do mesmo gênero – pensei, esfregando as mãos. – Como não triunfar de uma alma tão terna!

Aquele jogo excitava-me.

Ela voltou a cabeça para mim e pareceu-me ver na obscuridade que a segurava com a mão. Talvez continuasse a olhar para mim. Como sentia não lhe ver os olhos! Ouvia-lhe a respiração funda.

– E como vieste parar aqui? – perguntei-lhe com certa autoridade.

– Já te digo…

– Naturalmente não estavas mal em casa dos teus pais. Não sentias frio, gozavas de liberdade, era como um ninho!

– Nem sempre.

“É preciso tocar na corda sensível – pensei. Mas logo a seguir disse comigo: – Ora, com o sentimento não conseguirei tirar nada a limpo!”

Mas aquilo não se deu de um momento para o outro. A moça interessava-me deveras, juro-o. Além disso sentia-me abatido, indisposto de espírito. E, no fim de contas, fazem um lindo par, a velhacaria e o sentimento!

– Claro – respondi-lhe – há de tudo. Certamente alguém te ofendeu, e talvez os outros se tenham portado pior para contigo do que tu para com eles. Não sei nada da tua vida; mas uma jovem como tu não vem para lugares deste gênero só por gosto…

– Mas que moça sou eu? – disse ela em voz baixa, mas não tanto que eu não pudesse ouvi-la.

Ó diabo, estou a lisonjeá-la e isso não está certo! Embora, afinal, sabe-se lá se não estaria!

Ela se calara…

– Vamos ver, Lisa: vou-te falar de mim. Se eu me tivesse criado com a família, não seria o que sou. Penso muitas vezes nisso. Por muito mal que uma pessoa passe em sua casa, os pais sempre são melhores do que os estranhos. Ah, embora só nos mostrem a sua afeição uma vez por ano, sabemos que estamos em casa! Mas eu fui criado fora da família e, provavelmente, foi por isso que me tornei tão… insensível.

Fiquei à espera da sua resposta.

“Talvez não me compreenda – pensei – e, além disso, é engraçado, não estou eu a pregar-lhe moral!?”

– Se eu me tivesse casado e tivesse uma filha, julgo que havia de gostar mais dela do que dos rapazes.

Tornei a começar de um modo indireto, como se não tivesse a intenção de distraí-la. Devo confessar que eu corara.

– Quer saber por quê? – perguntou ela.

Ah, continuava a escutar-me!

– Não sei, Lisa. Mas olha, eu conheci um homem que tinha uma filha; era um homem austero, sério; mas diante da filha punha-se de joelhos, beijava-lhe os pés e as mãos e não se cansava de admirá-la. À noite a filha dançava, e ele ficava cinco horas de pé, no mesmo lugar, sem desviar os olhos dela. Perdeu o juízo. Compreendo-o. A moça, cansada, dormia de um sono só a noite toda. Ele se levantava e beijava-a e abençoava-a, enquanto ela dormia. O velho usava um sobretudo cheio de manchas; era avarento com todos, mas gastava com ela os últimos cobres; andava sempre a dar-lhe presentes magníficos, e a sua satisfação não tinha limites quando os presentes agradavam à filha. Os pais gostam mais das filhas que as mães. Como são felizes em sua casa, algumas moças! Tenho a impressão de que nem consentiria que uma filha minha se casasse.

– Por quê? – perguntou Lisa, sorrindo a custo.

– Porque havia de ter ciúmes, juro. Como consentir que ela beijasse outro homem? Que gostasse mais de um estranho do que de seu pai? Custa-me pensar uma coisa dessas. É claro que tudo isto são tolices; no fim de contas, uma pessoa tem de conformar-se com a realidade. Mas parece-me que até o momento do casamento havia de sofrer terrivelmente; teria afugentado todos os seus pretendentes. No entanto, acabaria consentindo que casasse com quem mais lhe agradasse. Embora aquele de quem uma filha gosta mais, seja sempre o que é menos simpático para o pai. Esta é a verdade. E é daí que se originam muitos desgostos na família.

– Pois há pais que se consideram muito felizes em não casarem as suas filhas como Deus quer, mas em vendê-las – disse ela de repente.

“Ah! Acertei no alvo!”

– Lisa, isso acontece nas famílias onde não há Deus nem amor – respondi com veemência. – Onde não há amor, também não há razão. É verdade que existem famílias destas: mas não quero falar delas. Pelo que me parece, não te deste muito bem com a tua, uma vez que falas

assim. Com certeza deves ser muito infeliz… Oh! Tudo isso acontece nas casas pobres…

– E nas ricas também não acontece? As pessoas finas não desprezam a riqueza.

– Hum… De fato! Talvez assim seja. Mas ouve-me, Lisa: o homem gosta de contar seus desgostos e não suas alegrias. Se contasse estas, deixaria de ver que todos têm também seus momentos felizes. Mas se existe abastança na família, Deus ajuda e nunca deixa de aparecer um bom marido que te ame, te dê carinho e não se despegue das tuas saias. Deve ser bom viver numa família assim! Às vezes há desgostos; mas não impedem que uma pessoa seja feliz: onde é que não há desgostos? Pode ser que chegues a casar: vais saber então por ti própria. Imaginemos, por exemplo, os primeiros tempos, depois de uma mulher ter casado com o homem escolhido. Quanta ventura, quanta felicidade se goza de uma só vez! É o que acontece a maior parte das vezes. A princípio acabam sempre bem todos os aborrecimentozinhos com o marido; mas depois surgem motivos de discórdia. Conheci muitas assim, asseguro-te: "Gosto muito de ti, e é por isso mesmo que te aflijo, para que o percebas". Sabias que se pode fazer sofrer alguém precisamente por causa do muito amor que lhe temos? Pois é o que costumam fazer as mulheres. E, no seu íntimo, dizem consigo: "Hei de dar-lhe depois tantas provas de amor, de acarinhá-lo tanto, que não faz mal que agora o faça sofrer". E todos são felizes à sua volta; a vida torna-se tão boa, tão alegre, aprazível e honesta… Também há mulheres muito ciumentas. Conheci uma que não tolerava que o marido saísse. Até de noite lhe seguia os passos para ver se ele não iria meter-se ali, em certa casa, onde tal mulher… Isso não está certo. E ela bem sabe, o coração dá pulos e sofre; mas está apaixonada e faz isso por amor. Oh, e como é bom fazer as pazes depois de uma briga, pedir perdão ou perdoar! Sentem-se ambos tão bem, tão bem, como se acabassem de conhecer-se, como se fossem recém-casados e começassem de novo a gostar um do outro. Ninguém, ninguém deve saber o que se passa entre marido e mulher, quando gostam um do outro. Se entre eles surge alguma zanga, não devem comunicá-la às suas mães para que lhes sirvam de árbitro. São eles os seus próprios juízes. O amor é um mistério divino, e deve esconder-se

de todos os olhos, aconteça o que acontecer. Assim, se tornará mais santo e melhor. Marido e mulher vão ter reciprocamente mais respeito, e é no respeito que se fundam muitas coisas. E se já se amavam antes de casar-se, se casaram por amor, por que haveria o amor de acabar? Não haverá maneira de fazê-lo crescer? Pelo contrário, é raro que não se possa aumentá-lo. E, além do mais, se o marido for honesto e bom, por que havia de acabar-se o amor? O amor dos primeiros tempos de casados poderá passar; mas será substituído por outro, que ainda vale mais. Os seus corações estarão unidos, todos os seus interesses serão comuns, não terão reservas um para o outro. Se tiverem filhos, cada instante da sua vida, mesmo o mais aborrecido, hão de achá-lo feliz. Suportarão com alegria todos os trabalhos, e seriam capazes de tirar o pão da boca para o dar aos filhos, sem que por isso diminua o seu entusiasmo. É que, por esse sacrifício, os filhos os hão de amar: porque trabalhas para eles; os meninos vão crescendo, e eles compreendem que lhes servem de exemplo, de sustentáculo; que, ainda que morram, toda a vida hão de ter a marca dos teus sentimentos e maneira de pensar, tal como os transmitiste, e que estão feitos à tua imagem e semelhança. Aí tens um grande dever. Como é que o marido e a mulher não hão de unir-se ainda mais? Dizem que custa criar os filhos. Sim, dizem. Pelo contrário, é uma felicidade! Gostas de crianças, Lisa? Eu as adoro. Qual será o marido cujo coração não se torne favorável à mulher, ao vê-la com um filho nos braços? O menino, roliço e corado, que se espreguiça e gesticula; com as perninhas, os bracinhos cheios de roscas; as unhas dos dedos tão limpas e tão pequeninas, tão pequeninas, que é uma maravilha vê-las, e os seus olhinhos, que parecem compreender tudo. “Mamãe!” E aperta o peito da mãe com a mãozinha, como se brincasse. O pai aproxima-se e, a seguir, largando a mama, vira-se para trás e começa a rir, como se lhe achasse muita graça, e depois torna a mamar. E às vezes mordisca o peito da mãe, quando os dentinhos começam a romper, e olha-a de soslaio com os olhinhos maliciosos: “Olha, que te mordi!”. Não é tão bonito ver os três reunidos: o marido, a mulher e o filho? Muitas coisas se podem dar por bem empregadas, em troca desses momentos. Não, Lisa; primeiro é preciso aprender a viver por si, antes de acusar os outros!

“O que é preciso é apresentar-lhe quadros como estes – pensava

eu, ainda que falasse o que dizia e, de súbito, corei. – E se ela se põe a rir, que farei eu?" Só de pensar, fiquei furioso. No final do meu discurso entusiasmara-me e esta circunstância aumentava a susceptibilidade do meu amor-próprio. O silêncio prolongou-se. De boa vontade a teria sacudido.

– Como é que o senhor consegue… – começou ela, e de repente interrompeu a frase.

Eu a compreendera; qualquer coisa de novo tremia na sua voz, qualquer coisa que não era brusquidão nem grosseria, mas qualquer coisa de doce e de tímido, de tal maneira que, perante ela, eu próprio me intimidava, como se me julgasse culpado.

– Consegue o quê? – perguntei com terna curiosidade.

– Consegue…

– O quê?

– Consegue … dizer essas coisas tão bem… Parece que está lendo um livro – disse ela, e pareceu-me notar na sua voz certo tom de zombaria. Essa observação não me soou bem. Esperava outra coisa.

Percebi que ela se defendia com esse tom como com uma máscara; é esse o recurso habitual dos que são tímidos e castos de coração, quando alguém tenta brutalmente, e contra sua vontade, penetrar no fundo das suas almas, o recurso daqueles que não se rendem até ao último momento, por altivez, com receio de exprimir o que sentem. A própria timidez, com que ela própria ensaiara várias vezes a zombaria, devia bastar para que eu adivinhasse. Mas não adivinhei nada e um mau sentimento se apoderou de mim. "Vais ver!", disse comigo.

## Capítulo VII

– Olha, Lisa, eu só recorro aos livros quando estou aborrecido, entre estranhos. E até noutras ocasiões. Agora tudo desperta no meu coração… É possível, sim, é possível que estejas aqui por gosto? Sim, o

costume pode muito. É o diabo, o que o costume pode fazer de uma criatura! Pensas a sério que nunca hás de envelhecer, que ficarás sempre bonita e poderás continuar aqui? Além de que estar aqui é qualquer coisa de vil… Mas escuta o que vou dizer sobre a tua vida atual: agora és nova, bonita, boa, cheia de alma e sentimento; mas, olha, quero que saibas, há um momento, quando acordei, pareceu-me tão ignominioso estar aqui contigo… Só se pode vir a estes lugares, quando se está embriagado! Se vivesses noutro lugar, como vivem as pessoas decentes, talvez te fizesse a corte, talvez me tivesse apaixonado por ti e ia me considerar feliz se chegasse a conseguir, não uma palavra, mas um só olhar dos teus; teria rondado a tua porta, me ajoelharia a teus pés;serias como minha noiva, e isso seria para mim uma grande honra. Não teria pensamentos impuros a teu respeito. Mas, aqui; sei que não preciso de mais nada senão fazer sinal e, quer queiras ou não, terás de seguir-me. Não sou eu que devo ter em conta a tua vontade, mas tu a minha. O último dos criados, que se aluga como jornaleiro, não se aluga por inteiro, e sabe que a sua submissão há de ter fim. Mas tu, quando serás livre? Reconsidera: sabes o que dás aqui? O que submeteste à servidão? É a tua alma, a tua alma, que já não é tua e partilha a escravidão do corpo. Qualquer bêbado faz troça do teu amor! O amor! Mas o amor ainda não é tudo, é um diamante; o amor é o tesouro das moças solteiras. Para merecer esse amor, qualquer homem daria a sua vida e se atiraria contra a morte! E por que preço vendes tu o teu amor? Tu vendes-te toda inteira, e por isso não preciso procurar o teu amor, visto que, sem isso, tudo pode conseguir-se. Não há maior afronta para uma jovem. Compreendes? Olha, tenho ouvido dizer que, para que vocês se distraiam, grandes tolas, lhes consentem ter amantes. Mas fazem isso para enganá-las, para fazerem troça de vocês e para que caiam na rede. Gostará de ti, na realidade, esse apaixonado? Não acredito. Como pode gostar de ti, sabendo que serás chamada de um momento para o outro? E se se conforma com isso, é porque deve ser um grande covarde! E terá respeito por ti? Que tens tu de comum com ele? Faz troça de ti e explora-te: a isso se resume o seu amor. E ainda vai tudo muito bem, se não te bater! Pode ser que também te bata. Mas pergunta ao teu apaixonado, se é que o tens, se casaria contigo. Verás como desata a rir, se não te cuspir na cara e te encher de pancada, apesar de não valer um caracol. E pensar que estragaste a tua vida… por quê?

Porque aqui te dão café e comes até te fartares? Mas com que fim te alimentam? Uma jovem que não seja uma alma perdida, não seria capaz de engolir um pedaço de pão, pois compreenderia com que fim lhe dão de comer. Estás endividada aqui, e assim vais continuar, até que os fregueses acabem por se fartar de ti. E não julgues que há de faltar muito tempo; não contes com a tua mocidade. O tempo, aqui, passa muito depressa. Acabarão por te pôr no olho da rua. Não julgues que farão assim, tão simplesmente; primeiro hão de brigar contigo, de recriminar-te, de ralhar, como se não tivesses feito à patroa o dom da tua juventude e da tua saúde, como se não tivesses sacrificado a tua alma por ela, mas como se a tivesses arruinado, roubado. Não esperes ajuda de ninguém; as tuas companheiras vão te cobrir de insultos para adular a patroa, porque, aqui, todos são escravos, perderam a consciência e a piedade. Tornaste-te covarde, e isso é o insulto mais vil, ignominioso e ofensivo que pode dizer-se a uma pessoa. Aqui deixarás, para nunca mais as recuperares, a saúde, a mocidade, a beleza e a esperança e, quando tiveres vinte e dois anos, há de parecer que tens trinta e cinco, e poderás dar-te por muito feliz se não tiveres apanhado alguma doença. Pede a Deus que assim seja. Imaginas talvez que há de ser tudo para ti uma pândega continuada?! Mas se este é o trabalho mais pesado e repugnante que existe! Mais valia uma pessoa morrer afogada em lágrimas. E não te atreverás a dizer uma palavra quando te expulsarem daqui, sairás como um réu. Procurarás abrigo noutro lugar, e depois noutro, até que vais parar à Sienaia. E quando aí chegares, começas a apanhar, é esse o galanteio que usam lá; nenhum freguês te acariciaria sem começar por aplicar-te um sopapo. Não queres acreditar que isto seja tão negro como eu te descrevo? Pois vai lá, e verás com os teus olhos; talvez um dia o saibas por experiência própria. Uma vi eu, certa vez, à porta, no dia de Ano-Novo. Colocaram-na de sentinela, para que passasse frio, porque levantara um pouco a voz, e depois fecharam a porta. Às nove da manhã estava completamente embriagada, desgrenhada, meio nua, moída de pancada. Estava toda empoada e tinha os olhos arroxeados; deitava sangue pelo nariz e pela boca; fora um cocheiro que a pusera assim. Estava sentada no poial de pedra, com um arenque nas mãos; gemia, falava da sua negra sorte e batia com o arenque contra o chão. A sua volta reunira-se um círculo de cocheiros e de soldados bêbados, que zombavam dela. Achas que chegarás ao estado dela? Oxalá assim

não fosse. E quem sabe? Talvez há oito ou dez anos, aquela que segurava um arenque, tivesse vindo sabe-se lá de onde, fresca como uma rosa, pura e inocente, ignorante de todo o mal e corando de pudor. Talvez então não fosse menos altiva e delicada do que tu, diferente de todas as outras, com um porte de rainha e sabendo a felicidade que podia oferecer a quem a quisesse e ela também amasse. E, entretanto, vimos como acabou. E se no momento em que batia com o arenque nas pedras sujas, se nesse instante se tivesse recordado dos anos da sua infância, da sua pureza, de quando vivia com os seus pais e ia à escola e o filho do vizinho ia esperá-la no caminho, jurando amá-la toda a vida e dedicar-se a ela, prometendo-lhe fazê-la sua esposa, quando fossem mais velhos. Não, Lisa! O melhor para ti é morreres tísica, num cubículo, num porão como aquele de que te falei. No hospital, dizem? Muito bem… desde que consintam em levar-te até lá; mas se a patroa precisar de ti? A tísica não é uma doença como a peste. O doente conserva a esperança até ao último momento e afirma que se sente bem. Tem ilusões sobre o seu verdadeiro estado.

"Quem lucra com isso é a patroa. Não te aflijas; é a pura verdade; vendeste a tua alma e, além disso, deves dinheiro; por isso não te atreverás a levantar a voz. E quando estiveres na última, vão te abandonar, vão te pôr de lado, porque já não prestas para nada. Vão te censurar até por continuares a ocupar espaço e por não te decidires de vez a morrer. Em vão pedirás de beber; vão te cobrir de insultos; "Mas quando é que tu morres, mula! Não nos deixas com os teus gemidos, até afugentas os fregueses." Não julgues que exagero; já ouvi dizer essas palavras. Hão de deitar-te meio morta, num canto mal-cheiroso do porão úmido e negro. E estendida aí, sozinha, que ideias serão as tuas? Depois de morta, mãos estranhas hão de amortalhar-te às pressas, resmungando, com impaciência. Ninguém te deitará uma bênção, nem terá para ti um suspiro de piedade, e hão de querer ver-se livres de ti o mais depressa possível. Compram um caixão e carregam contigo como carregaram hoje aquela desgraçada, e vão chorar por ti na taberna. Na cova haverá lama, sujeira, neve. É claro que não terão cerimônias para contigo. "Atira-a para o fundo, Ivan; este era o seu destino." E despejam-te. Ora ouve: "Puxa a corda; malandro. Está bem". "Está bem? Mas se está de lado… Afinal é uma criatura humana!" "Pronto, agora está bem; atira-lhe terra por cima."

Nem sequer hão de querer questionar muito tempo por tua causa. Cobrem-te às pressas com um barro pegajoso e vão para a taberna… e a tua recordação desaparecerá da face do mundo. As outras têm filhos, pais ou maridos que visitam a sua tumba; mas, para ti, não haverá lágrimas nem suspiros. Ninguém conservará uma recordação de ti, nem ninguém, ninguém, neste mundo te irá ver. O teu nome desaparecerá da face da terra como se nunca tivesse existido nem vindo a este mundo. Lodo e lama! À noite, quando os mortos se levantam das suas sepulturas, poderias com toda a razão bater na tampa do teu caixão e dizer: "ó criaturas, deixem-me viver um pouco no mundo. Vivi sem conhecer a vida, a minha vida não serviu de nada: beberam-na na taberna da Sienaia; deixem-me viver outra vez, ó criaturas!".

Eu estava tão dramático que sentia espasmos na garganta, e… de repente, detive-me, levantei-me assustado e, baixando timidamente a cabeça, pus-me à escuta, enquanto o coração me pulava. Havia motivo para estar comovido.

Havia algum tempo perturbara a sua alma e ferira o seu coração, e quanto mais convencido estava disso, com tanta maior energia procurava alcançar o meu fim. Aquele jogo apaixonava-me; mas não era um simples jogo…

E sabia que falava com dureza e afetação uma linguagem demasiado elevada; enfim, eu não sabia falar de outra maneira senão como nos livros. Isso não me preocupava, sabia, pressentia que, assim, havia de conseguir o efeito desejado. Agora, conseguido o meu objetivo, de repente senti-me assustado. Não; nunca assistira a semelhante desespero. Caíra de bruços e enterrara o rosto na almofada, que tapava com ambas as mãos; o peito arfava-lhe violentamente. Todo o seu corpo tremia, como sacudido por convulsões. Os soluços sufocavam-na, esfacelando-lhe o peito e a seguir transformavam-se em gritos e bramidos. E então apertava-se ainda mais contra a almofada. Não queria que ninguém neste mundo surpreendesse as suas inquietações e as suas lágrimas. Mordia a almofada, mordia o braço até fazer sangue (conforme vi depois), ou então, enterrando os dedos nas tranças desmanchadas, desfalecida, esgotada de cansaço, reprimindo a respiração e cerrando os dentes.

Tentei tranquilizá-la; pedi-lhe que se acalmasse, mas faltou-me coragem para insistir e, de repente, gelado e tremendo, meio morto de espanto, esgueirei-me, tateando, à procura da porta, para afastar-me dali o mais depressa possível. O quarto estava às escuras e, por mais que fizesse, não conseguia dar com a porta. Por fim encontrei uma caixa de fósforos, às apalpadelas, e um candeeiro com uma vela intacta. Assim que o quarto ficou iluminado, Lisa endireitou-se e olhou-me com uns olhos alheados, de rosto contraído e sorrindo com uma expressão de demência. Sentei-me junto dela e peguei-lhe na mão; a moça voltou a si e fez menção de lançar-se nos meus braços; mas não se atreveu e baixou docemente a cabeça.

– Lisa, eu fiz mal… Perdoa-me.

Ia continuar falando; ela me apertou as mãos com tanta força que compreendi não ter dito o que era conveniente, e contive-me.

– Aqui tens o meu endereço, Lisa. Vem visitar-me.

– Irei – murmurou ela, com decisão.

– E agora vou-me embora; adeus… até à vista.

Levantei-me; ela fez o mesmo e, de repente, corou muito e estremeceu, apanhou um lenço de sobre uma cadeira e lançou-o pelos ombros, cobrindo-se com ele até ao pescoço. Tornou a sorrir tristemente e a ruborizar-se, e olhou-me de maneira singular. Aquele olhar fez-me mal, e apressei-me a sair dali.

– Espere – disse-me Lisa no vestíbulo, próximo da porta, e fez-me parar puxando-me pela capa.

Pousou o castiçal e saiu correndo, como se se tivesse lembrado de repente e quisesse mostrar-me qualquer coisa. Quando ia se afastando, ruborizou-se outra vez, os seus olhos brilharam, e um sorriso assomou aos seus lábios. Que seria aquilo? Esperei; um momento depois estava de volta e olhava para mim como se me pedisse perdão. Além disso, já não tinha o mesmo rosto nem os mesmos olhos de há pouco: tristes, receosos e duros. Agora o seu olhar era doce, suplicante e, ao mesmo tempo, confiante, terno e tímido. É assim que olham as crianças que

gostam muito de alguém e querem pedir-lhe alguma coisa. Os seus olhos esverdeados, admiráveis, cheios de vida, sabiam exprimir o amor, a tristeza e o tédio.

Sem dar-me qualquer explicação, como se eu fosse um ser superior que não precisasse de explicações para saber tudo, estendeu-me um papel. Seu rosto iluminou-se naquele momento com os fulgores de um triunfo ingênuo, quase pueril. Desdobrei o papel. Era uma carta que lhe dirigia algum estudante de medicina ou de qualquer outra coisa; uma declaração pomposa, em estilo elevado e também muito respeitoso. Não me lembro bem das palavras; mas recordo-me muito bem de que através das frases daquele estilo altissonante transparecia um sentimento verdadeiro que não podia ser fingido.

Quando acabei de ler a carta, vi o seu olhar ardente fixo em mim e repleto de uma curiosidade e impaciência infantil. Não desviava os olhos de mim e esperava ansiosa o que eu dissesse. Em resumo, explicou-me em poucas palavras, alegremente e com certo orgulho, que assistira a um serão "em casa de umas pessoas muito decentes, dum casal com filhos, que não sabiam de nada, absolutamente de nada", porque ela era muito pouco conhecida ali e estava apenas de passagem, por uma temporada… pois ainda não se resolvera a ficar e com certeza se despediria assim que pagasse a sua dívida…

Foi nesse serão que encontrou o estudante da cartinha, que passou a noite falando e dançando com ela, e, como veio a saber depois, já era seu conhecido de Riga, de quando eram pequenos, e brincaram juntos há muito tempo. Também conhecia os pais dele, e ele não sabia nada, absolutamente nada disto, nem sequer o suspeitava. E no dia seguinte, depois do serão – havia três dias – enviou-lhe a carta por meio da amiga que a acompanhara à festa e… assim se acabara a história.

Com certo pudor, baixou os olhos rebrilhantes quando terminou a sua narrativa.

A pobrezinha guardava como um tesouro a carta do estudante, e fora buscar a sua única riqueza para que eu não me fosse embora sem saber que havia no mundo quem a amasse sincera e honestamente e a

tratasse com respeito. É claro que aquela carta estava condenada a ficar para sempre sepultada no seu cofre, sem ter consequências. Mas isso ainda é o menos; tenho certeza de que a deve ter conservado como um tesouro, como o seu orgulho e justificação, e de que naquele momento se lembrou da carta e foi buscá-la para ufanar-se ingenuamente perante mim, para elevar-se a meus olhos, para que eu visse e aprovasse. Nada lhe disse, apertei-lhe a mão e sai. Tinha muita vontade de sair dali… Fiz todo o trajeto a pé, apesar de a neve derretida continuar caindo em grandes flocos. Sentia-me abatido, esgotado, estupefato. Mas, apesar da minha estupefação, a verdade brilhava já. Uma verdade odiosa!

## Capítulo VIII

No entanto, não consenti assim tão depressa em reconhecer essa verdade. Quando acordei, no outro dia, depois de algumas horas de um sono profundo e pesado, ao recordar os acontecimentos da véspera, fiquei espantado com a minha sentimentalidade para com Lisa e de todos aqueles horrores e compaixões do dia anterior. “Tudo isto acusa uma debilidade nervosa e feminina!” – disse-me. – Mas por que havia eu de lhe ter dado o meu endereço? E se ela viesse? Bem, que venha; não me importo…” Evidentemente, aquilo não era o mais importante: o mais urgente era apressar-me e salvar quanto antes o meu bom nome no conceito de Zvierkov e de Siemiônov. Isso era o principal. Quanto a Lisa, por estar tão preocupado com isto, acabei por esquecê-la.

Era preciso pagar sem demora a Siemiônov a minha dívida da véspera. Apelei para um meio desesperado: pedir emprestados a Anton Antônitch pelo menos uns quinze rublos. Precisamente nessa manhã ele estava de esplêndido humor e me deu assim que pedi. Fiquei tão contente que, ao assinar o recibo, com grande à vontade, participei-lhe, sem dar pelo que dizia, “que no dia anterior fora para a pândega com uns amigos no Hotel de Paris; demos um banquete de despedida a um companheiro, amigo da infância, que é um boêmio, um menino mimado; é claro que é de muito boa família, tem muito dinheiro e uma carreira brilhantíssima; um rapaz de inteligência brilhante, que

tem muita sorte com as mulheres; e sabe uma coisa? Bebemos meia dúzia, classe extra" etc., etc. e disse tudo isto com um ar despreocupado e satisfeito.

Assim que voltei para casa, apressei-me a escrever a Siemiônov.

Ainda sinto admiração profunda por mim mesmo ao lembrar do tom franco, jovial e correto com que redigi aquela carta. Confessava os meus erros com toda a simplicidade e nobreza e, sobretudo, sem palavras inúteis, invocando apenas como desculpa, se alguma me era lícito invocar, a minha falta de hábito de beber, e por isso me embriagara ao primeiro trago, que bebi antes que eles tivessem chegado, das cinco para as seis, enquanto os esperava. Apresentava especialmente as minhas desculpas a Siemiônov. Suplicava-lhe que transmitisse as minhas explicações aos outros, sobre tudo a Zvierkov, ao qual julgava ter ofendido, embora não me lembrasse muito bem, e visse tudo como através de um sonho. Acrescentava que o meu desejo teria sido ir visitá-los, pois me doía muito a cabeça e, acima de tudo, sentia-me envergonhado. Fiquei especialmente encantado com a despreocupação; que tocava a leviandade, mas sem afastar-se do decoro, com que a minha pena corria sobre o papel e que, melhor do que toda explicação, havia de dar-lhes a entender que considerava de maneira bastante cavalheiresca todas as tolices do dia anterior; não julguem, meus senhores, que morri por causa disso, como imaginam, naturalmente, e, pelo contrário, encaro-o tranquilamente, como compete a um cavalheiro que se preza. Não devemos recriminar um bom rapaz pelo seu passado.

"Que à vontade de grande senhor! – dizia eu para mim próprio, admirado, relendo a carta. – Tudo isto devo ao fato de ser indulgente e instruído! Outros, no meu lugar, não conseguiriam livrar-se do apuro, e eu consegui imediatamente, e continuarei ainda a fazer das minhas, tudo isto porque sou um homem inteligente e lido. Sim, mas pode ser que tudo o que aconteceu ontem fosse por causa da bebida. He, he! Não, a culpa não é do álcool. Não bebi uma só gota de aguardente enquanto os esperava, das cinco para as seis. O que disse a Siemiônov é mentira; minto indecorosamente e, no entanto, não me sinto envergonhado… E, afinal, vão para o diabo. O principal é sair do aperto!"

Meti a carta no envelope, com seis rublos, selei-a e mandei a Apolon que a levasse ao destino. Quando percebeu que o envelope continha dinheiro, Apolon mostrou-se mais respeitoso e consentiu em levá-la. A tarde, saí para dar uma volta. Tinha a cabeça pesada e sentia-me mais enjoado do que na véspera. Mas, à medida que o sol se ia pondo e o crepúsculo se adensava, as minhas impressões e depois as minhas ideias confundiam-se e embrulhavam-se. Qualquer coisa morria no meu íntimo, no fundo do meu coração e da minha consciência, mas que sem se resignar a morrer, mergulhava numa prostração febril. Caminhava por entre a multidão das ruas mais populosas, cambaleando: a Miechtchánskaia e a Sadóvaia, e o Jardim de Iusúpov. Agradava-me passear por essas ruas ao cair da tarde, quando engrossava a multidão dos transeuntes, comerciantes ou operários que, terminado o trabalho, voltam para casa mostrando um rosto tão preocupado que quase respirava maldade. Agradava-me aquele formigueiro, aquela agitação vulgar da vida cotidiana. Mas, nessa tarde, os encontrões irritavam-me. Não podia dominar-me nem coordenar as ideias. Qualquer coisa se erguia e se agitava continuamente no meu coração, qualquer coisa que me magoava e não queria aquietar-se. Voltei para casa, tomado de um grande mal-estar. Parecia-me que um crime pesava sobre a minha consciência. A ideia de que Lisa pudesse vir atormentava-me sem descanso. O mais estranho era que, de todas as recordações do dia anterior, a sua era a que mais me fazia sofrer. Durante o dia consegui esquecer-me de tudo mais e até excitar-me pela feliz redação da carta a Siemiônov. Mas, assim que pensava em Lisa, acabava-se a minha boa disposição. Talvez sofresse unicamente por causa dela. E se ela chegasse a vir? pensava em cada momento. Muito bem, que venha. Seja! Não será muito bonito que veja como eu vivo! Ontem, com certeza lhe pareci um… herói… e agora… A verdade é que não está certo que me tenha abandonado até esse ponto. Aqui mastiga-se simplesmente a miséria. E pensar que ontem tive coragem de ir jantar fora de casa com esta roupa! E o meu divã, com toda a crina de fora… e o meu roupão, que já não serve! Que farrapos! E ela vai ver tudo isto! E Apolon também! Com certeza esse animal há de aborrecê-la só para mostrar-se insolente comigo. E eu, escusado será dizer, vou me portar tão covardemente como de costume, estarei muito amável com ela, me embrulharei como puder nas abas do meu roupão e me desfarei em

sorrisos e mentiras. Oh, que vergonha! E esta não é a maior! Há qualquer coisa mais importante, mais vil e mais covarde! Sim, mais covarde! É o afivelar de novo essa máscara mentirosa e astuta! E, perante essa ideia, corei de vergonha.

– Por que astuta? Por que astuta? Ontem, eu falava com sinceridade. Lembro-me muito bem de que estava possuído de um sentimento verdadeiro. Queria despertar nela sentimentos generosos… Se a fiz chorar foi para seu bem, porque as lágrimas produzem um efeito benéfico…

Mas, apesar de tudo, não consegui tranquilizar-me. Durante toda a noite, depois de soarem as nove, quando, segundo os meus cálculos, Lisa já não podia vir, pareceu-me vê-la entrar, e não consegui afastar a sua recordação de certo momento da noite anterior, que acudia claramente à minha memória. Foi o instante em que acendi um fósforo para iluminar o quarto e vi então o seu rosto pálido, contraído, com olhos de mártir. Que sorriso desolado, triste e forçado assomava nesse instante aos seus lábios! Mal eu sabia então que quinze anos depois ainda a imagem de Lisa havia de surgir na minha memória com o mesmo sorriso desolado, triste e inútil, que apresentava nesse momento.

No dia seguinte tornei a considerar tudo aquilo como um absurdo, como o efeito duma crise nervosa e, sobretudo, como um exagero. A mim próprio confessava aquela corda sensível e, às vezes, ficava admirado. “Exagero sempre – dizia para comigo – e é esse o meu principal defeito.” E, no entanto, todas as minhas reflexões terminavam com este estribilho: “Pode ser que Lisa venha”, e que eu me sinta tão embaraçado que fique furioso.

– Há de vir. Com certeza virá! – exclamava eu dando grandes passadas pelo quarto. – Se não for hoje, será amanhã; mas virá. Tal é o maldito romantismo dos homens de coração puro. Oh, a mediania espiritual dessas rasteiras almas sentimentais! Enfim: como podia alguém deixar de compreendê-lo? Mas, quando chegava a este ponto, detinha-me, tomado de profunda perturbação.

“E como foram suficientes tão poucas palavras – pensava eu,

entretanto – e apenas um idílio (e até um idílio inventado, tirado dos livros, falso) basta para mudar o destino duma vida humana! Eis a virgindade! A novidade do terreno!" Ocorria-me às vezes a ideia de ir a sua casa, de dizer-lhe tudo, e de suplicar-lhe que não viesse ver-me. Só de pensá-lo eu ficava tão indignado, que julgo que teria sido capaz de acabar com aquela malvada Lisa, se a tivesse perto. Ia cobri-la de de insultos, teria cuspido nela, expulsado da minha casa e e podia até ter lhe batido!

No entanto passou um dia e outro, e outro… e ela sem vir; começava a tranquilizar-me, a ganhar coragem e, sobretudo, metia-me na cama depois das nove e punha-me a pensar, às vezes até com certa ternura: "Salvarei Lisa, consentindo-lhe que venha; hei de falar-lhe… de desenvolver a sua inteligência, dar-lhe instrução. E percebo que me ama apaixonadamente. Mas finjo que não reparo nela (embora, não sei por que, talvez o faça unicamente por puro requinte). Finalmente, depois, muito bela e comovida, tremendo e soluçando, lança-se aos meus pés e diz-me que eu sou o seu salvador e a pessoa a quem ela mais ama neste mundo. Finjo que fico muito admirado. "Mas… Lisa – digo-lhe – achas que não reparei no teu amor? Vi tudo, adivinhei tudo, mas não me atrevia a declarar as minhas pretensões ao teu coração, porque tinha ascendente sobre ti e receava que, por gratidão, exercesses violência sobre ti própria para corresponderes ao meu amor, despertando em ti esse sentimento, contra a tua vontade. Não, não queria que assim fosse porque isso é… despotismo. Isso é pouco delicado (em resumo, neste ponto metia-me em sutilezas europeias, à George Sand, extremamente nobres)… Mas, enfim, és minha, és a minha obra; és pura e bonita e torno-te minha mulher. Entra na minha casa, ousada e livremente, como dona e senhora, entra!"

A seguir começávamos uma vida feliz, fazíamos uma viagem ao estrangeiro, etc. Até que acabava por achar-me tolo a mim próprio, e ria de mim mesmo.

"Com certeza não deixam sair a pobrezinha – pensava. – Não a deixam sair muito, sobretudo de noite (não sei por que, parecia-me que havia de vir quando já tivesse anoitecido e, mais, às sete horas). Ela dizia que não era completamente escrava, que tinha certos direitos; ora, se é assim, por que não vem? Enfim, vá para o diabo; há

de vir, certamente virá.”

Queria ver se Apolon viria importunar-me naquele momento com alguma grosseria. Aquele Apolon fazia-me perder a paciência. Era a minha perdição, um castigo que a Providência me enviava. Havia muitos anos que andávamos sempre brigando e eu embirrava com ele. Ele me aborrecia! Acho que nunca odiei tanto ninguém como a ele, sobretudo em certos momentos. Era um homem de idade, severo, e que trabalhava no ofício de alfaiate. Não sei por que, desprezava-me completamente e olhava-me por cima do ombro. Aliás, era assim que olhava para todos. Bastava ver aquela cabeça branca, com o cabelo muito assentado, e aquele caracol formado sobre a testa e besuntado de brilhantina; aquela boca chupada, para se perceber que tínhamos na frente um ser que nunca duvidava de si próprio. Era pedante no mais alto grau, até o mais pedante que tenho visto em toda a minha vida, e tinha mais amor-próprio do que o próprio Alexandre Magno.[13] Estava enamorado dos botões da sua indumentária e até das suas unhas – absolutamente enamorado – isso era evidente. Tratava-me com um despotismo absoluto, raramente me dirigia a palavra e se por acaso fixava os olhos em mim, fazia-o com um ar de superioridade e de ironia constante, que me punha fora de mim. Desempenhava as suas funções como se me fizesse um grande favor, embora na realidade me fizesse pouquíssimos serviços, e nem se julgasse obrigado a fazê-los. Não havia dúvidas possíveis: considerava-me o maior imbecil à superfície da terra e, se estava comigo, era apenas para receber todos os meses o ordenado que eu lhe dava. Muitos pecados me serão perdoados por causa dele! Às vezes tinha por ele uma tal aversão, que só de ouvir os seus passos sentia convulsões. O que mais me custava era o seu ceceio.[14] Devia ter com certeza a língua mais comprida do que o normal, a não ser que fosse outra a causa; mas o certo é que ceceava e soprava o ar quando falava; e, segundo me parece, estava muito ufano com o seu defeito, imaginando que, com isso, a sua dignidade aumentava muito. Falava devagarinho, medindo as palavras, pondo as mãos atrás das costas e baixando os olhos. Irritava-me sobretudo quando se punha a ler salmos no seu quartinho, do outro lado do tabique. Sustentei muitas lutas com ele por causa desses salmos. Mas agradava-lhe muito lê-los à noite, com voz doce e monótona, como se cantasse nalgum velório. E o mais curioso é que

acabou assim, pois ganha agora a vida recitando responsos pelos defuntos, matando ratazanas e fabricando pomada para calçado.

Mas, por esse tempo não conseguia ver-me livre dele, como se quimicamente unido ao meu ser. Além do mais, por nada deste mundo consentiria em ir-se embora. Eu não podia alugar um quarto a meias; meu caráter precisava de solidão e naquele andarzinho podia afastar-me do mundo, como encaramujado na minha concha; e Apolon, sabe Deus por que, parecia-me parte do quarto, e durante sete anos não pude ver-me livre dele.

Demais era impossível deixar de pagar-lhe o ordenado por mais de dois ou três dias. Armaria tal confusão, que não saberia onde meter-me. Mas eu, nessa altura, estava tão aborrecido com todos que tomei a deliberação de castigar Apolon por qualquer coisa, ao mínimo pretexto, não lhe pagando o ordenado durante quinze dias. Havia muito, aproximadamente uns dois anos, eu pensava agir assim, unicamente para demonstrar-lhe que não devia tomar aqueles ares importantes para comigo, e que, se me apetecesse, podia deixar de pagar-lhe. Resolvi não lhe dizer palavra sobre o assunto e calar intencionalmente, para abater o seu orgulho e obrigá-lo a começar a conversa. Então tirarei da gaveta os sete rublos, ele verá que os tenho de lado, mas não quero, não quero, simplesmente, não me apetece pagar-lhe. Não quero, porque desejo outra coisa, porque a minha vontade de senhor é esta, porque ele não é respeitador e se dá ares de importância; se o pedisse com o devido respeito, talvez eu ficasse mais mole e lhe pagasse. Como não era assim, teria de esperar duas ou três semanas, ou até um mês inteiro. Em vão formava aqueles planos; quem acabou por vencer foi ele. Não fui capaz de resistir quatro dias. O grande matreiro começou a fazer o que costumava em ocasiões semelhantes, pois essa não era a minha primeira tentativa (e, diga-se de passagem, eu conhecia de antemão a sua vil tática). Começava por dirigir-me olhares excessivamente severos, sem tirar de mim os olhos durante uns minutos, sobretudo quando me abria a porta ou ficava a ver-me sair. Se eu me mantinha firme e fingia não reparar naqueles olhares, ele, sem dizer palavra, recorria a novas torturas. Entrava de repente no meu quarto e sem necessidade, muito devagarinho e com toda a fleuma, numa ocasião em que eu estivesse lendo ou passeando;

punha a mão atrás das costas, avançava uma perna e dirigia-me um olhar, se não severo, pelo menos de desprezo. Se lhe perguntava o que queria, não respondia e continuava a olhar-me durante alguns segundos e, depois franzindo os lábios de maneira especial e com ar muito significativo, girava sobre os calcanhares e voltava devagarinho para o quarto. Passadas duas horas, tornava a deixar o cubículo e aparecia na minha frente. Completamente furioso, perguntava-lhe o que queria. Com um gesto brusco e altivo, erguia a cabeça e ficava a olhá-lo. Olhávamo-nos assim os dois, às vezes durante dois minutos, até que, por fim, ele saía devagarinho e desaparecia por outras duas horas.

Se aquela artimanha não me afetava, se eu me conservava na minha, ele punha-se de repente a suspirar, sem deixar de me olhar; uns suspiros longos e profundos, como se sondasse com eles a profundidade da minha degradação, e acabava infalivelmente por vencer.

Ficava furioso, gemia de cólera, e não tinha outro remédio senão pagar-lhe.

Dessa vez, assim que começou o manejo dos olhares severos, perdi a paciência e comecei a ralhar com ele, colérico. De fato, estava muito aborrecido.

“Alto!”, gritei-lhe, fora de mim, quando, devagarinho e em silêncio, com a mão atrás das costas, deu meia volta para se retirar do quarto.

“Alto aí! Vem cá; vem cá, já te disse!” Devo ter corado de maneira tão invulgar que se voltou e ficou a olhar-me com uns olhos espantados. Apesar de tudo não dizia palavra e a sua fleuma esgotava a minha paciência.

– Como te atreves a entrar no meu quarto sem minha licença e a olhar-me dessa maneira? Responde.

E continuou a olhar-me tranquilamente durante meio minuto, e depois fez menção de retirar-se.

– Alto aí! – gritei, correndo atrás dele. – Não dês mais um passo! Fica aí quieto! E responde-me: que vinhas fazer?

– Vinha ver se o senhor precisava qualquer coisa de mim. É essa a minha obrigação – respondeu, arqueando as sobrancelhas e abanando tranquilamente a cabeça, tudo isso com uma fleuma terrível.

– Não foi isso o que eu te perguntei, algoz da minha tranquilidade! – gritei, tremendo de cólera. – Hei de dizer-te o que vieste fazer aqui, assassino! Vês que não te pago o ordenado e, por orgulho, não queres rebaixar-te a cobrar, e por isso vens castigar-me com as tuas estúpidas olhadelas, torturar-me, e não compreendes, bandido, como tudo isso é uma imbecilidade, uma imbecilidade, uma imbecilidade!

E fez menção de se voltar em silêncio, mas segurei-o pela roupa.

– Espera! – gritei-lhe. – Olha, queres ver onde tenho o dinheiro, queres? – e tirei-o da gaveta. – Aqui estão os sete rublos; mas não vou dar, não darei enquanto não vieres pedir-me perdão com todo respeito e humildade. Ouviste?

– Não pode ser! – respondeu com extraordinário aprumo.

– Mas há de ser! – gritei-lhe. – Palavra de honra que há de ser.

– E também não lhe peço perdão— acrescentou sem ligar importância aos meus gritos – porque foi o senhor quem me chamou assassino, do que eu poderia ir dar parte ao Comissariado.

– Pois vai! Vai dar parte! – rugi. – Anda, vai, vai já! Mas, apesar de tudo, repito-te que és um algoz! Um algoz! Um algoz!

Ele se limitou a olhar para mim, voltou as costas e, sem atender ao que eu dizia, retirou-se com toda a calma para o quarto.

“Por causa de Lisa é que isto aconteceu!”, disse para comigo. A seguir, passado um momento, dirigi-me para o quarto de Apolon com um ar grave e majestoso, de coração aos pulos.

– Apolon! – disse-lhe em voz baixa e refreada, mas arquejante. –

Vai imediatamente chamar o comissário!

Ele estava sentado à sua mesa, colocara os óculos e remendava uns trapos. Mas, ouvindo a minha ordem, de repente, pôs-se a rir.

– Anda, vai imediatamente! Vai, pois não podes imaginar o que vai acontecer!

– Com certeza não está o senhor em seu perfeito juízo – disse, sem levantar a cabeça, ceceando e continuando a enfiar a agulha. – Onde é que se viu uma pessoa chamar as autoridades contra si própria? Quanto ao medo, esteja descansado, nada acontecerá.

– Vai! – gritei, pegando-lhe por um ombro. Pressentia que seria capaz de lhe bater.

Nem dei por que, naquele momento, a porta do andar se abriu sem ruído. Entrou um vulto humano que parou e ficou olhando para nós, perplexo. Reparei na aparição e, morto de vergonha, corri a esconder-me no quarto. Aí, agarrando o cabelo com as mãos, apoiei a cabeça contra a parede e assim fiquei, sentindo-me desfalecer. Passados dois minutos, senti os passos vagarosos de Apolon.

– Está ali uma pessoa que pergunta pelo senhor – disse, olhando-me de maneira especialmente severa. Depois afastou-se para um lado e deixou entrar Lisa. Não se dispunha a retirar-se e olhava para nós com uma expressão trocista.

– Vai-te! Sai daqui! – ordenei-lhe, fora de mim. Nesse momento meu relógio de parede fez um esforço, ronronou e deu as sete.

## Capítulo IX

> Como dona e senhora
> Em minha casa entra, ousada e livremente?
> (Da mesma poesia)[15]

Estava acabrunhado em frente dela, vexado, morto de vergonha, e parece-me que sorria, esforçando-me por agarrar as pontas do meu roupão esfarrapado… Enfim, tal como eu imaginara havia pouco, num

momento de desânimo. Apolon ficou ainda ali um instante e depois foi-se embora. Mas isso não me aliviou grande coisa. O pior é que ela, de repente sentiu-se também intimidada, até um ponto que eu não esperava. Provavelmente seria para me ver.

– Senta – disse-lhe maquinalmente, puxando uma cadeira para junto da mesa; eu sentei no sofá.

Ela me obedeceu docilmente, sem desviar os olhos dos meus, como se esperasse qualquer coisa de mim. Aquela expressão de esperança ingênua atacou-me os nervos, mas contive-me.

O mais conveniente naquele transe teria sido não reparar em nada, como se fosse tudo muito natural; ela… e eu pressenti vagamente que havia de pagar caro aquele "tudo isso".

– Vens encontrar-me numa situação estranha, Lisa – comecei eu, gaguejando e pensando claramente que assim devia começar. – Não, não, não faças suposições! – exclamei, ao notar que, de repente, ela se ruborizava. – Não me envergonho da minha pobreza. Pelo contrário, até me envaideço. Sou pobre, mas generoso… Pode ser-se pobre e generoso – murmurei. – Não queres um pouco de chá?

– Não – insinuou debilmente. – Espera um momento!

Saí para o corredor e dirigi-me ao quarto de Apolon. Não tinha outro remédio senão dirigir-me a qualquer lado.

– Apolon – disse-lhe ao ouvido, falando-lhe com impaciência febril e metendo-lhe na mão os sete rublos. – Aqui tens o teu ordenado; estás vendo? Pago-te; mas, em troca disto, tens de me salvar: vai imediatamente buscar chá e biscoitos. Se não vais, fazes de mim um desgraçado! Tu não sabes quem é esta mulher! É… Talvez suponhas alguma coisa! Mas não sabes quem ela é!

Apolon, que já se pusera de novo a trabalhar, voltou-se para tomar os óculos, olhou primeiro para os sete rublos, de soslaio, em silêncio e sem largar a agulha. Depois, sem se dignar olhar para mim nem responder-me, tornou a aplicar-se à tarefa de enfiar a agulha. Esperei uns três minutos diante dele de braços cruzados à Napoleão. O

suor corria-me pelas fontes. Sentia-o empalidecer. Mas, graças a Deus, teve piedade de mim. Depois de enfiar a agulha, levantou pouco a pouco, afastou a cadeira lentamente, tirou os óculos com toda a fleuma, contou as moedas uma a uma, e por fim perguntou-me, olhando-me por cima do ombro: “É preciso trazer uma medida inteira?”. E afastou-se, de mansinho. Quando voltei para junto de Lisa, ocorreu-me este pensamento: “Não seria melhor que eu fugisse agora mesmo, assim como estou, em roupão, desaparecendo daqui?”.

Tornei a sentar. Ela olhou para mim com inquietação. Ficamos calados durante alguns minutos.

– Mato-o! – exclamei de repente, descarregando um soco tão forte sobre a mesa, que a tinta saltou do tinteiro.

– Ah! Que lhe aconteceu? – exclamou a moça, tremendo.

– Mato-o! Sim, mato-o! – exclamei outra vez, esmurrando a mesa, fora de mim, e compreendendo perfeitamente, ao mesmo tempo, o ridículo de semelhante cólera. – Não sabes, Lisa, o verdugo que é para mim. É o meu verdugo… Lembrou-se agora de ir buscar os biscoitos.

E, de repente, pus-me a chorar. Era uma crise. E como me envergonhavam aquelas lágrimas! Não podia dominar-me.

Ela se assustou.

– Que tem? Que aconteceu? – exclamou, correndo para junto de mim, solícita.

– Água, dá-me um pouco d’água. Está ali! – murmurei com voz fraca, embora compreendesse perfeitamente que não precisava de água para nada, nem havia motivo para falar com aquela voz apagada, e que representava o que se chama uma comédia, para salvar as aparências, embora a crise fosse verdadeira.

Ela me deu de beber, olhando-me com olhos condoídos. Naquele momento entrou Apolon com o chá. Pareceu-me em seguida que aquele chá vulgar e prosaico se tornava horrivelmente indecoroso e miserável, depois do que acontecera, e o rubor subiu-me ao rosto. Lisa

olhava quase espantada para Apolon. O velho saiu sem dignar-se olhar-nos.

– Lisa, tu desprezas-me? – disse-lhe, olhando-a fixamente, tremendo de impaciência por saber o que ela pensava de mim.

Ela se assustou e não conseguiu responder-me.

– Toma o chá! – disse-lhe, colérico.

Sentia raiva contra mim mesmo; sem dúvida, a minha cólera a atingia também. Um ódio terrível ferveu de repente no meu coração; creio que seria capaz de matá-la. Para vingar-me dela fiz mentalmente a jura de não dirigir-lhe a palavra. “Ela é que tem a culpa de tudo”, pensei.

Havia cinco minutos não dizíamos palavra um ao outro. O chá estava ali, na mesa; nenhum de nós estendia a mão para o tomar. Eu estava resolvido a não fazê-lo, para que ela se afligisse ainda mais, todas as vezes que o decoro a impedisse de ser a primeira a falar. Olhou para mim várias vezes, titubeando tristemente. Eu conservava um silêncio obstinado. Sem dúvida alguma era a vítima principal, embora reconhecesse a baixeza indigna da minha maldosa estupidez, e ao mesmo tempo não podia emendar-me.

– Quero sair… dali – começou ela, para quebrar o silêncio, de qualquer maneira.

Infeliz! Não era conveniente falar num momento tão estúpido e a um homem tão estúpido como eu. Senti meu coração se apertar de piedade por aquela franqueza tão inútil e extemporânea. Ao mesmo tempo, algo de monstruoso abafou em mim toda a piedade, acirrando-me ainda mais contra ela. O mundo podia acabar-se, tanto me fazia, tanto me fazia! E se passaram assim cinco minutos.

– Vim incomodá-lo? – insinuou ela timidamente, com voz quase imperceptível, e fez menção de levantar.

Assim que observei aquele primeiro indício de dignidade ofendida, pus-me a tremer de cólera e explodi.

– Podes dizer-me; se não te importas, por que vieste? – interroguei-a, arquejando, e sem preocupar-me com a ordem lógica das minhas palavras.

Queria dizer-lhe tudo de uma só vez, e era-me indiferente por onde havia de começar.

– Para que vieste? Responde! Responde! – gritava eu, fora de mim. – Pois vou te dizer, minha amiga, vou dizer por que vieste. Vieste porque eu te disse palavras enternecedoras. Deixaste-te enternecer e agora queres mais frasezinhas dessas. Pois fica sabendo, de uma vez para sempre, que não fiz outra coisa senão troçar de ti. E é o que faço também neste momento! Por que estás tremendo? Sim, trocei de ti! Fora insultado a uma mesa por aqueles que lá estiveram antes de mim. Fui a essa casa, para ver se punha as mãos sobre o militar; não consegui fazer a minha vontade, porque ele saíra. Tinha de vingar-me à custa de alguém, tomar uma desforra fosse com quem fosse. Encontrei-te e descarreguei a minha cólera sobre ti e trocei de ti à grande. Humilharam-me e quis também humilhar alguém; trataram-me como a um farrapo e quis demonstrar o meu valor… Aí tens o que sucedeu! E imaginaste que eu fora lá de propósito para te salvar! Julgaste isso, não é verdade? Julgaste?

Eu sabia que a moça ficaria desorientada e não compreenderia os pormenores. Sabia também que entendia perfeitamente o fundo da questão. E assim aconteceu. Pôs-se extremamente pálida, gaguejou algumas palavras, os seus lábios franziram-se numa careta dolorosa e, como aturdida por uma pancada na cabeça, desfaleceu sobre uma cadeira. E foi nessa atitude que continuou a escutar-me, a boca aberta, os olhos exorbitados e tremendo toda num terror atroz. O cinismo, o cinismo das minhas palavras assustava-a.

– Salvar-te! – continuei, levantando-me do meu lugar e dando grandes passadas pelo quarto. – De quê? Talvez eu seja pior do que tu! Por que não me jogaste isso na cara quando me pus a pregar-te? Para que vieste aqui, afinal? O que eu precisava naquele momento era de demonstrar o meu poder. Uma comédia! Precisava de arrancar-te lágrimas, de humilhar-te, de conseguir que tivesses uma crise de nervos: era disso que eu precisava. Não tive forças para resistir,

porque nada valho. Fiquei assustado e, sabe-se lá por que, insensatamente, dei-te o meu endereço. De maneira que, apenas me vi outra vez em casa, mandei-te para o diabo, tão furioso estava por ter-te dado o meu endereço. Odiava-te por te haver mentido. Porque eu preciso de representar comédias, de sonhar acordado; mas, na realidade, sabes tu do que é que eu preciso? Que vás para o diabo; apenas isso. Tenho necessidade de repouso. Daria tudo para não me incomodarem. Que o mundo se acabe e eu fique sem tomar chá? Pois que se acabe o mundo e que o chá não me falte! Sabias isto ou não? Bem; sei que sou vil, covarde, egoísta, um tratante. Há três dias tremia com medo de ver-te entrar por essa porta. E sabes o que mais me preocupava? Era o ter-me apresentado diante de ti como um herói e pensar que havias de ver-me depois com este roupão esfarrapado, pobre e miserável. Acabei de dizer-te que não me envergonhava de ser pobre. Pois bem, é bom que saibas: é a coisa de que mais me envergonho neste mundo; preferia ser ladrão a ser pobre. Porque sou tão vaidoso, que até me parece que estou em carne viva e basta o contacto do ar para me magoar. Ainda não compreendeste que eu nunca poderei perdoar-te o teres-me apanhado com este roupão no momento em que, como um cão, me atirava em perseguição de Apolon? O teu salvador, o teu herói, lançando-se sobre o seu criado, como um cão lazarento, tinhoso, e, para maior irrisão, sem conseguir assustá-lo! Também nunca te perdoarei as minhas lágrimas de há pouco, que não pude esconder na tua presença, como se fosse uma mulherzinha envergonhada! E também não te perdoarei tudo isto que agora te confesso! Sim, tu e só tu, hás de responder por tudo isto: por te ter encontrado ali, por eu ser covarde, por eu ser o mais vil, ridículo, impertinente, néscio e invejoso de todos os vermes deste mundo, que, se não valem mais do que eu, que vão para o diabo que os carregue. Ao menos nunca se inquietam, ao passo que em toda a minha vida tive de suportar bofetadas e piparotes de todos porque é esse o meu destino! Que me importa que me compreendes ou não? E, sobretudo, que tenho eu a ver com que te percas ou não naquela casa? Compreendes como hei de odiar-te daqui por diante, por estares aqui e ouvires o que eu dizia? Pois deves compreender que um homem só desabafa assim uma vez na vida e, para isso, é preciso que esteja doente dos nervos… Que mais queres? Por que, depois de tudo, continuas aí, pasmada? Por que me atormentas? Por que não te vais

embora?

Quando cheguei a este ponto deu-se um acontecimento estranho. Estava tão acostumado a raciocinar e a dar asas à minha fantasia, segundo o estilo dos livros, e a imaginar tudo de acordo com meus desvarios, que não compreendi logo o que aconteceu. Foi o seguinte: Lisa, ressentida e acabrunhada por minha causa, entendeu, melhor do que eu supunha, o sentido das minhas palavras. De toda essa algaraviada compreendeu o que uma mulher compreende, antes de mais, quando ama sinceramente: que eu era infeliz.

A expressão de medo e de desgosto de sua face foi substituída por um espanto cheio de doçura. Pois quando me chamava a mim próprio vil e covarde e as minhas lágrimas começaram a correr – eu dissera tudo aquilo, chorando – o rosto da moça contraiu-se. Fez menção de levantar, de mandar-me calar. Quando acabei, não foram os meus gritos de “Por que continuas aí, por que não te vais embora?”, os que chamaram a sua atenção, mas a dificuldade que tive em pronunciar essas palavras. E, além disso, a pobrezinha sentia-se tão humilhada, considerava-se tão abaixo de mim que não podia aborrecer-se nem dar-se por ofendida! Saltou da sua cadeira impetuosamente e, aproximando-se de mim, embora sempre tímida e inquieta, estendeu-me as mãos. Meu coração enterneceu-se perante aquele gesto. Então ela se encostou ao meu peito, cingiu-me o pescoço com os braços e começou a chorar. Também não pude conter-me e chorei igualmente, como nunca chorara…

– Não me deixam… não posso ser… bom! – disse com dificuldade.

Em seguida estendi-me no sofá, escondendo o rosto, e, durante um quarto de hora não fiz outra coisa senão chorar, tomado de verdadeiro ataque de nervos. Ela se cingiu contra mim, enlaçou-me melhor com os seus braços e parecia desfalecer.

Era necessário pôr fim à minha crise nervosa. E eis que – isto é a pura verdade, por muito ignóbil que pareça – com o rosto colado ao sofá, enterrado no almofadão de couro, comecei a pressentir pouco a pouco, de maneira vaga e involuntária, mas irresistível, que não me atreveria mais a levantar a cabeça e a enfrentar o olhar de Lisa. De que me envergonhava? Não sei; tinha vergonha, e muita. Teria sido porque na minha mente confusa perpassou a ideia de que os papéis foram trocados, de que era ela a heroína, ao passo que eu me transformara numa criatura tão humilhada e ofendida como ela o fora antes daquela noite odiosa? Tudo isto passou pela minha imaginação enquanto estava estendido de bruços sobre o sofá.

Meu Deus? Teria eu inveja?

Não sei. Não consegui elucidá-lo, até hoje. E nessa altura, certamente ainda o compreendia muito menos. Pois a vida não é possível para mim, desde que não possa tiranizar alguém… Mas… com razões nada pode explicar-se e, por isso, é inútil raciocinar.

No entanto consegui dominar-me e levantei a cabeça; era preciso acabar com aquilo… E, fiquem sabendo, até agora estou certo de que, precisamente porque sentia vergonha de olhá-la, outro sentimento se ergueu, de repente, no meu coração: o de dominar e avassalar. Os meus olhos brilharam de paixão e apertei-lhe as mãos com força. Como a odiava e amava, naquele momento! Um sentimento reforçava o outro. Era uma espécie de vergonha… O seu rosto exprimiu primeiramente perplexidade e depois receio. Isso durou apenas um momento, passado o qual se atirou nos meus braços com um amor ardente.

*

Um quarto de hora depois, percorria eu o meu quarto a grandes passadas, com uma impaciência febril, aproximando-me a todos os instantes do biombo para olhar para Lisa, pelas frinchas. Estava sentada no chão, a cabeça reclinada contra a cama, e, provavelmente, chorava. Não dizia palavra e o seu silêncio aborreceu-me. Sabia tudo. Ofendera-a definitivamente, mas… Não vale a pena contá-lo. Adivinhou que o meu apaixonado arrebatamento fora pura vingança, uma humilhação mais para ela, e que à minha indignação de antes, sem motivo, se juntava agora uma birra especial, invejosa… Não me atrevia a afirmar que compreendesse tudo isso claramente; em compensação compreendeu muito bem que eu era um homem vil e incapaz de amá-la. Sei que hão de dizer-me que é impossível existir alguém tão mau e tão tolo como eu; talvez acrescentem ainda ser incrível que eu não a tivesse amado, ou, pelo menos, apreciado o seu amor.

Mas por que inverossímil? Em primeiro lugar, eu já não podia amar, porque, repito-o, amar, para mim, é sinônimo de tiranizar e de dominar moralmente. Nunca, durante toda a minha vida, pude mirar o amor de outra maneira e até cheguei a pensar algumas vezes que o amor consiste no direito livremente reconhecido pela pessoa amada de que a tiranizem. Nos meus delírios de homem subterrâneo imaginava sempre o amor como uma luta; conforme pensava, começava pelo ódio e terminava pela servidão moral e, depois, não conseguia imaginar o que faria da pessoa submetida. Que há de inverossímil em tudo isto, se eu estava moralmente corrompido? A tal ponto perdera o hábito duma vida convivente, que cheguei a recriminar aquela jovem e a ofendê-la por ter vindo escutar palavras enternecedoras, sem perceber que nunca lhe passara pela ideia ir ali para escutar palavras patéticas, mas apenas para amar-me, porque o amor é a ressurreição da mulher, a salvação de todas as suas culpas e a redenção, que não pode encontrar de outra maneira. Por fim acabei por aborrecê-la um pouco menos, enquanto percorria o quarto e espreitava pela frincha do biombo. Era-me insuportável saber que estava ali. Desejava que desaparecesse. Ansiava por repouso, queria a todo custo ficar só no meu cubículo. A vida autêntica acabaria comigo por falta de hábito, e ia ficando difícil respirar.

Decorreram alguns segundos e ela continuava sem levantar, como se afundada no esquecimento. Cometi a indiscrição de bater umas pancadinhas no biombo, a chamá-la… Ela estremeceu, levantou e pôs-se a procurar o chapéu e a peliça… Passados dois minutos, saiu detrás do biombo, devagar, e olhou-me com uns olhos melancólicos. Pus-me a rir, trocista; mas fazia-o forçadamente, por decoro, e evitava o seu olhar.

– Adeus – disse ela encaminhando-se para a porta.

De repente corri atrás dela, peguei-lhe na mão, abri-lha, meti-lhe uma coisa, e tornei a fechar-lha. Depois afastei-me bruscamente e vim refugiar-me no outro extremo do quarto, para não ver, ao menos… Tinha a intenção de mentir, de dizer que fizera aquilo por casualidade, por distração, por estar transtornado, por imbecilidade. Mas não quero mentir e declaro francamente: abri-lhe a mão e pus nela… aquilo, por espírito de maldade. Essa ideia ocorreu-me enquanto eu andava pelo quarto de um lado para o outro, enquanto ela estava atrás do biombo. Eis o que posso dizer com toda a segurança: que cometi aquela crueldade por meu próprio impulso, não há dúvida, não por má índole; unicamente pela minha má cabeça. Era uma crueldade fingida, intelectual, forjada de propósito, à maneira dos livros, de tal maneira que não pude persistir nela um só minuto. Meti-me primeiro num canto, para não ver, e depois, cheio de vergonha e desespero, corri atrás de Lisa. Abri a porta da escada e chamei-a, mas timidamente, a meia voz… Não me respondeu; mas pareceu-me ouvir os seus passos nos últimos degraus.

– Lisa! – gritei com mais força.

O mesmo silêncio de antes. Mas, exatamente nesse momento, tornei a ouvir lá embaixo a porta da rua a abrir-se, com um ranger pesado, e depois a fechar-se com força. O barulho ecoou pela escada.

Partira. Meditabundo, voltei para o meu quarto. Aquilo custou-me muito.

Parei junto da mesa e da cadeira em que estivera sentada, e pus-me a contemplar estupidamente aquele vazio. Passado um minuto senti um sobressalto. Enfim, vi um bilhete azul, muito machucado; era

a nota de cinco rublos que, havia um momento, metera na sua mão. Era a mesma nota; não podia ser outra, pois não havia outra na casa. Lisa teve tempo, portanto, de atirá-la sobre a mesa no momento em que eu corria a esconder-me num recanto.

Ora, podia acontecer-me tamanha coisa? Não. Sou tão egoísta, tenho em tão pouco caso os meus semelhantes, que não conseguia imaginar que ela fizera isso. Nem o sofri tampouco. Instantes depois, como um louco, vestia, às pressas, uma roupa qualquer e lançava-me em sua perseguição. Não tivera tempo para se afastar duzentos passos da casa, quando eu desci à rua.

O tempo era bom; a neve caía densa, compacta, quase verticalmente, e cobria a calçada e a rua, deserta, com espesso manto. Não se viam transeuntes, nem se escutava rumor algum. Os revérberos oscilavam tristes e inúteis. Caminhei uns duzentos passos, correndo, até chegar à encruzilhada, e lá parei. Para onde teria ido? Por que corria eu atrás dela? Por quê? Para cair de joelhos ante ela, chorar contrito, beijar seus pés e implorar-lhe o perdão? Isso teria desejado; o peito se me saltava e nunca, nunca poderei recordar com indiferença aquele momento. “Mas, por quê? – pensava eu. – Será que amanhã não a odiaria precisamente por ter-lhe beijado hoje os pés? Poderei eu oferecer-lhe a felicidade? Acaso não tive hoje oportunidade, pela centésima vez, de ver, comprovar o que sou? Será que daqui por diante não a faria de novo sofrer?”

Caminhava sobre a neve, procurando ver através da escura névoa, e refletia:

“Não é melhor, não vale mais – disse a mim mesmo depois, em casa, dando rédea solta a minha fantasia, procurando acalmar as vivas dores do meu coração por meio dos meus desvarios, – não é melhor que carregue para sempre com essa afronta? Porque a afronta é uma purificação: é a consciência mais dolorosa e ardente. Amanhã, teria manchado a sua alma e cansado o seu coração. Mas a afronta nunca mais se apagará da sua memória e, por muito que se envileça e venha a cair, a afronta vai elevá-la e purificá-la… graças ao ódio… Hum! Hum! E talvez também, graças ao perdão… Entretanto, será que isso lhe trará algum alívio?”

Na verdade, neste momento faço uma pergunta ociosa: “Que vale mais: uma felicidade mediana ou dores sublimes? Vejamos: qual é preferível?”.

Assim delirava eu nessa noite, no meu quarto, meio morto de sofrimento moral. Nunca sofrera tamanha amargura e desgosto; quando saí para a rua, não sabia perfeitamente que havia de voltar, a meio do caminho?

Nunca mais tornei a ver Lisa nem ouvi falar dela. Acrescentarei no entanto que, durante muito tempo, vivi encantado com a minha frase sobre a utilidade da injúria e do ódio, apesar de me sentir quase doente de tristeza.

E ainda agora, passados tantos anos, tudo isso me parece muito mal, quando o recordo. Conservei uma recordação má de muitas coisas; mas… não faria bem terminando aqui as minhas memórias? Parece-me que fiz mal em pôr-me a escrevê-las. Pelo menos senti muita vergonha ao escrever esta narrativa (não se trata de literatura, é um castigo, uma pena correcional). Porque é pouco interessante, suponho, contar numa comprida história a maneira como falhei na vida, apodrecendo moralmente num subterrâneo, sem ninguém à minha volta, perdendo nele o hábito de tudo quanto é vivo e, ainda por cima, carregado de uma requintada maldade.

É preciso, em todos os romances, apresentar um herói, e aqui se encontram, expressamente reunidos, todos os caracteres dum anti-herói; e, sobretudo, a minha narrativa deve produzir uma impressão desagradável, porque todos, mais ou menos, perdemos o hábito da vida; todos, uns mais, outros menos, coxeamos. Perdemos o hábito da vida a tal ponto que, às vezes, sentimos uma espécie de repugnância pela vida verdadeira, e por isso não nos agrada que nos lembrem dela. Chegamos a considerar a vida viva como uma tarefa, quase como um emprego, e, no nosso íntimo, somos todos de opinião que é melhor viver pela imaginação.

E por que nos afadigamos, por que fazemos loucuras, o que pedimos? Nem nós próprios sabemos. Ainda seria pior se as nossas loucas súplicas fossem atendidas. Ora vejamos: experimentem dar-nos

mais independência, por exemplo; deem a alguém liberdade de movimentos, ampliem o círculo da sua atividade; afrouxem a sua tutela e… Mas garanto-lhes: tornaríamos logo a pedir essa tutela.

Sei muito bem que pode acontecer que se encolerizem, que bradem aos Céus e zombem de indignação. “Fala – vão dizer – só em teu nome e por causa dessas misérias do teu subterrâneo; mas não te atrevas a dizer ‘todos nós’.” Peço desculpa por ter empregado essa frase: “todos nós”. Pelo que me respeita, não fiz outra coisa, na minha vida, senão levar até ao último limite aquilo que os senhores, por covardia, não ousariam levar sequer ao meio; e no entanto consideram a sua covardia como prudência e querem consolar-se enganando a si mesmos. Por isso pode ser que eu esteja mais perto da vida do que os senhores. Mas vejam a coisa mais de perto! Não sabemos perfeitamente o que está vivo, em que consiste e como se chama?

Deixem-nos sós, sem livros, e logo nos perderemos e confundiremos, sem saber o que fazer nem que pensar, sem saber o que se deve amar nem o que se deve aborrecer; ignorando igualmente o que merece estima e o que apenas deve inspirar desprezo. Até os próprios semelhantes ficariam insuportáveis para nós; iríamos nos envergonhar do homem autêntico, daquele que tem carne e sangue; consideraríamos esse semelhante como uma desonra. Empenhamo-nos em ser um gênero de homem vulgar que nunca existiu. Nascemos mortos, há muito tempo que nascemos de pais que já não vivem, e isso nos agrada cada vez mais. Tomamos-lhe o gosto. Dentro em pouco desejaremos nascer de uma ideia. Mas chega.

No entanto, as *Memórias* deste ser paradoxal não terminam aqui. Não pôde conter-se e continuou a garatujar. Mas parece-me que podemos pôr-lhe ponto final nesta página.

**1** O autor destas *Memórias* é, naturalmente, imaginário, como são imaginárias elas próprias. No entanto, indivíduos assim como o autor destas *Memórias*, não só podem existir, como hão de fatalmente existir na nossa sociedade, se levarmos em conta as circunstâncias em que geralmente elas se desenvolvem. Eu quis pôr em relevo, perante o público mais nitidamente do que de costume, um desses caracteres duma época passada, mas recente. Neste fragmento intitulado *O subterrâneo*, a personagem apresenta-se a si mesma, expõe os seus pontos de vista e explica, como pode, as razões pelas quais surge, e não tinha outro remédio senão surgir, no nosso ambiente. No fragmento que se segue aparecem as verdadeiras *Memórias* dêste indivíduo, e nelas

conta alguns episódios da sua vida. Fiódor Dostoiévski.↩

**2** No quadro da hierarquia burocrática oficial, estabelecido por Pedro I no séc. XVII, isto é, o *tchin*, que contava catorze graus, o oitavo correspondia a assessor de colégio.↩

**3** Henry Thomas Buckle (1826-1863), historiador inglês, autor da *História da civilização na Inglaterra*.↩

**4** Napoleão III, apodado *O Pequeno* por Vítor Hugo.↩

**5** Alusão à partilha que a Rússia e a Áustria, em conjunto, fizeram sobre a Dinamarca, arrebatando-lhe, em 1864, o Schleswig, que depois, incorporado ao Holstein, integrou (1866) o Império Germânico.↩

**6** Literalmente, "até nos virá, voando, o pássaro Kagan". Citação tirada do romance *O que fazer*, de Tchiernichiévski, no qual se alude às palavras de Santo Hilarião, que assim denomina – de Príncipe, Senhor, Imperador – o pássaro utópico, termo mais tarde adotado pela língua turca: *kahan*, *kan*, *cã*.↩

**7** Personagem das obras de Gógol.↩

**8** Este nome denota uma reminiscência de *O duplo*. O chefe de seção do Senhor Goliádkin chamava-se também Anton Antônovitch Siétotchkin.↩

**9** As Cinco Esquinas. Pronuncia-se *piátuglov*.↩

**10** É evidente a intenção satírica deste nome, derivado de *zvier* (bicho, fera), e que dá ao patronímico a significação de *filho de animal*.↩

**11** O que aprecia o trabalho, isto é, como se disséssemos, o pé-de-boi. Onomástica satírica.↩

**12** Os empregados civis da Rússia czarista usavam uniforme.↩

**13** Literalmente: o *Macedônio*.↩

**14** Perante esta descrição de Apolon, é impossível não nos recordarmos de Vidonliássov, de *A granja de Stiepântchikovo*. Dostoiévski repetia os seus modelos.↩

**15** Isto é, da autoria do poeta Niekrássov.↩

# ROMANCES DA MATURIDADE

Prólogo aos Romances da maturidade

Crime e castigo

# Prólogo aos Romances da maturidade

## A definição progressiva das personagens

Se bem que a experiência do período siberiano tenha sido capital na vida de Dostoiévski, não podemos pensar, entretanto, que tivesse trazido alguma mudança fundamental ao espírito do homem que ele era, ou à temática do escritor que também era. Houve, é certo, um alargamento do campo de observação, uma oportunidade de aprofundamento da reflexão, mas todo esse enriquecimento espiritual veio inserir-se sobre a totalidade da sua experiência anterior e sobre a problemática que já desde a juventude o preocupava. O Dostoiévski posterior ao presídio não é essencialmente diferente do Dostoiévski anterior ao presídio.

E a maturidade, o que lhe trouxe foi uma maior capacidade de expressão, um maior poder de revelação dos seus extraordinários dotes de inteligência e de sensibilidade estética. Não há nenhum problema fundamental da sua obra da maturidade que não tenha já sido tocado, ou, pelo menos, apontado na obra da juventude, nenhuma personagem que, por assim dizer, não tenha na sua obra da mocidade um antepassado.

Dissemos em outra parte[1] que uma das características principais da obra da mocidade de Dostoiévski é exatamente o ser pré-figuradora da obra da maturidade. A maior parte das obras desta época da sua vida não se diferencia das da juventude por apresentar, neste ou naquele livro, um tema essencialmente diferente, mas porque um mesmo tema, o mesmo problema, é tratado neste ou naquele livro, sob um ou outro ângulo, analisado em função desta ou daquela provável solução. Assim, cada personagem corresponde a um certo tipo e vai surgindo, de livro para livro, numa definição progressiva, até a sua expansão completa. Aparecem, entretanto, tanto na obra da mocidade do escritor como na da maturidade, certas personagens que, relativamente às grandes personagens definidas, podem considerar-se embrionários ou larvares, ou representantes do seu “duplo”.

Em certo sentido, a obra de Dostoiévski é, toda ela, uma obra de transição contínua, de convergência para uma obra cupular perfeita. Desejava o escritor que essa obra fosse um novo grande romance, *A vida de um grande pecador*, de que chegou a deixar-nos o esboço. Mas, afinal, são todos os seus romances, os maiores e os menores, os seus contos e as suas novelas, que em conjunto vêm a formar esse *A Vida de um grande pecador*.

O que distingue a sua obra da maturidade da obra da juventude é, pois, a expressão dos problemas e o desenho das personagens sob uma forma mais opulenta, uma explicitação mais ampla e demorada das suas complexidades e da sua profundidade, uma análise mais exaustiva da sua problemática de sempre. Esta análise é apresentada através da utilização intensiva de uma expressão de forma dialética e argumentadora, revelada sobretudo por meio de diálogo, uma espécie de maiêutica socrática transposta para a criação romanesca. Esta técnica inicia-a Dostoiévski com as *Memórias do subterrâneo*, e nunca mais a deixará; atinge as suas culminâncias nos grandes romances, como *Crime e castigo*, *Os demônios*, *Os irmãos Karamázovi*.

Outra característica fundamental que apontamos na obra da juventude de Dostoiévski é a de ser uma transposição autobiográfica.

É já vulgar dizer-se que todas as obras de ficção, em última análise, são autobiográficas, mas é preciso estabelecer uma distinção. Uma obra só deverá verdadeiramente considerar-se autobiográfica se incluir as circunstâncias ou conjuntos factológicos significativos, em que a vida, o destino mesmo do escritor foram postos em jogo. Se um escritor utilizar um fato, uma circunstância, uma personagem qualquer, de que tenha apenas um conhecimento casual, de puro encontro acidental, tal utilização não poderá considerar-se autobiográfica. A obra de Dostoiévski é essencialmente autobiográfica porque nela o escritor incluiu e inseriu como temas, problemas, conflitos, circunstâncias e personagens as suas pessoais circunstâncias de vida e os seus principais problemas e conflitos de toda natureza: psicológicos, éticos, políticos, sociais, religiosos e metafísicos. A sua obra é, no conjunto, uma grande autobiografia, e muitas das personagens são ele mesmo, Dostoiévski.

Claro que se desconhecêssemos a vida do próprio Dostoiévski e tivéssemos de contentar-nos com a análise da obra do escritor, da mesma maneira seríamos levados ao estabelecimento da temática e da genealogia das personagens. Mas a consideração da sua biografia real fornece-nos de per si, imediatamente, a chave da sua mais completa interpretação, e uma avaliação da sua extraordinária técnica de transposição.

## A PROBLEMÁTICA

Todos os problemas ético-religiosos e sócio-políticos, exibidos nos seus romances, derivam, como dissemos, da sua psicologia mesma. Os seus complexos e características pessoais, autênticas fontes de inspiração artística, terão sido provavelmente estes:

*O complexo de Édipo*, que surge sempre unido ao desgosto da sua deficiente *situação pecuniária*: o pai do escritor, como médico de um hospital de pobres, não auferia grandes proventos; entretanto, são sobretudo a sua avareza e o seu temperamento violento e severo que provocam no seu lar um ambiente tétrico, onde os filhos temem os arrebatamentos paternos e a esposa chora, às escondidas, a vida de privações, talvez desnecessárias, e acaba por morrer tuberculosa, com trinta e sete anos. Mais tarde, durante a sua vida de estudante, o jovem Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski há de sofrer também privações, vivendo por miseráveis quartos alugados, tentando a fortuna no jogo e sentindo-se, por vezes, inferior perante aqueles que possuem uma posição social mais elevada e dispõem de vastos recursos econômicos.

*O pressentimento da vocação*. O jovem Dostoiévski sente em si extraordinárias potencialidades criadoras, e antevê, em sonhos divinatórios exaltados, a sua realização futura como “grande escritor”. A certeza adivinhada das suas capacidades faz com que ele se sinta no mesmo nível dos maiores entre os maiores escritores seus contemporâneos – uma vez que atinja a plenitude da sua realização; porque, afinal, tudo isso pertence ainda ao futuro, é obra a executar e, daí, a sua ansiedade, as suas dúvidas angustiosas, os seus delírios de visionário (veja-se, por exemplo, a novela *A dona da casa*), a sua

aflição por que os outros não o reconheçam imediatamente e lhe neguem o tributo de admiração a que virá a ter direito; e, ao mesmo tempo, manifestações alternadas de orgulho e humildade, de ousadia intempestiva e retraimento, de desejo de convívio ou de isolamento, de desfalecimento no trabalho ou de coragem.

*A sensualidade*. Dostoiévski possuía um temperamento de sensual, mas, como veremos mais adiante, tratava-se sobretudo de uma sensualidade potencial e imaginativa, uma sensualidade de sonhador; e, como a autêntica sensualidade acaba sempre por tender à perversão, em Dostoiévski essa sensualidade tende a revelar-se pelo masoquismo e pelo sadismo. É dentro deste aspecto do seu caráter que devemos estudar aquele seu famoso "complexo de culpa" pelo pecado real ou imaginado de ter violado, um dia, uma mocinha.

*A religiosidade*. Em toda a sua obra é visível a luta que se travou no seu espírito entre a crença e a desgraça. "Deus torturou-me toda a vida", disse o escritor num dos seus romances.

## O complexo de Édipo

Foi esse talvez o elemento psíquico que forneceu ao escritor a maior e a mais criadora fonte de inspiração. Dele deriva toda uma constelação, não só de livros como de personagens e de problemas básicos. Há, por assim dizer, ao longo da sua obra, um caminho de progressiva autoconscientização deste complexo. Embora ele esteja patente em quase todos os livros que escreveu, essa linha de autoconscientização é, porém, mais nítida a partir do romance inacabado *Niétotchka Niezvânova*, obra ainda da juventude.[2]

Mas é na sua obra da maturidade que tal complexo atinge também o mais alto grau de acuidade, correspondendo a um mais alto grau de dissecção analítica e de transposição artística, principalmente nos romances *Crime e castigo*, *O adolescente* e *Os irmãos Karamázovi*.

O tema de *Crime e castigo* é este: um estudante pobre estabelece o plano de assassinar uma velha usurária, à qual roubará também; depois, com o produto do roubo, não só preparará o seu futuro como

auxiliará a mãe e a irmã, que vivem na miséria, e poderá ainda, ao porvir, ser útil à sociedade, a toda a humanidade. Para poder, em seu íntimo, consumar esse crime, forja uma teoria filosófica que lhe dá precisamente "o direito ao crime". Nessa teoria, tem direito ao crime todo aquele que se sente para além das convenções tradicionalmente estabelecidas acerca das ideias do bem e do mal, todo aquele que é mais forte do que o homem comum e sabe que a prática de mil ações boas pode justificar o cometimento de um crime, que, enfim, o "super-homem" não pode atender aos meios por que se alcançam os fins. E Raskólhnikov assassinou, a golpes de machado, a velha usurária.

Não é difícil de encontrar o fio da transposição. Raskólhnikov, o estudante pobre, "filósofo" e assassino, é o mesmo Dostoiévski, jovem também e em constantes apuros de dinheiro, que trocou uma ocupação certa, na carreira da engenharia militar, pela vida literária; ansioso por poder elevar-se na sociedade, desejoso de poder editar os seus livros à própria custa, sentindo, enfim, quanto o dinheiro é, na sociedade constituída, um elemento de preponderância e valimento; pois se ele dispusesse de dinheiro poderia então entregar-se livre e unicamente à sua vocação, e o seu talento, que ele pressentia poderoso, havia de expandir-se em toda a sua pujança.

A velha e inútil usurária é a transposição literária do avaro pai do romancista. Pelo espírito de Dostoiévski teria passado, algum dia, a sombra negra do desejo de que o pai morresse. E como o homem não peca somente por palavras e obras, mas também por pensamentos, teria sido isto o bastante para que a vastíssima e profundíssima consciência de Dostoiévski se sentisse abalada a partir do momento em que em si mesma descobriu esse pecado.

É, porém, em *Os irmãos Karamázovi* que o tema do parricídio edípico se apresenta sob o aspecto de uma dramatização que poderemos considerar perfeita, genial. Em *Crime e castigo* há um jovem imbuído de uma filosofia, portanto um intelectual que resolve pôr em prática, ou melhor, pôr à prova, uma ideia, uma teoria. E Raskólhnikov chega realmente a pôr em ato o seu projeto: matando a velha usurária, o crime é consumado. Entretanto, na vida real, Dostoiévski não assassinou seu pai; mas talvez o detestasse ou tivesse visto com alívio o seu desaparecimento. Foram circunstâncias

exteriores que deram realização àquilo que estaria apenas nos seus desejos íntimos. Haveria assim, neste complexo: o "impulso sensual" da sua personalidade, abrangendo nele todos os apetites de fruição da vida; a "tendência reflexiva, mental", que analisava o problema e o justificava teoricamente, chegando à conclusão de que alguns têm o "direito a tudo", inclusive à eliminação dos inúteis e prejudiciais, dos obstáculos que se lhe atravessam no caminho.

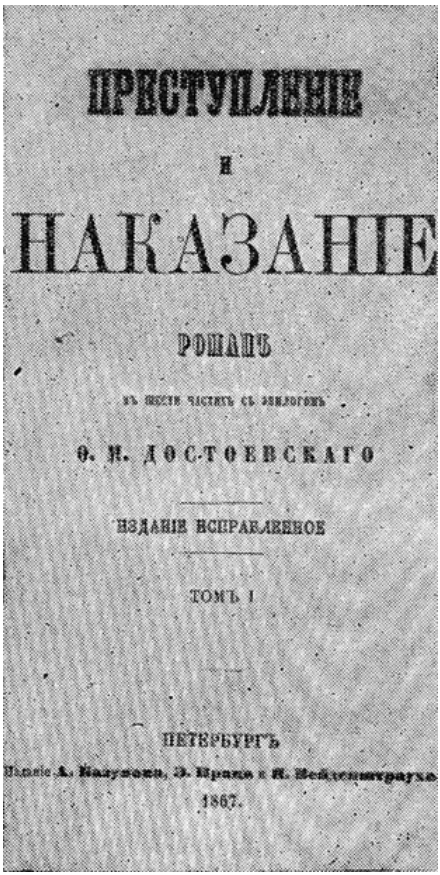
Em *Crime e castigo* a culpa é atribuída e personificada exclusivamente nesta parte raciocinante, ao orgulhoso intelecto do homem. Mas em *Os irmãos Karamázovi* a culpa cabe não só à parte mental, representada por Ivan Karamázov, como à parte dos impulsos sentimentais e sensuais, representada por Dmítri Karamázov e, dentro desta, Dostoiévski distinguiu ainda uma parte de instintos bestiais, representada pelo filho bastardo do velho pai Karamázov, o lacaio Smierdiákov, criatura grosseira, brutal e semi-imbecil.

Todos os irmãos (exceto Aliócha, o mais novo, que está como que acima de todos os Karamázovi, pai e filhos, e representa a parte angélica que existe também na humanidade) desejavam a morte do velho pai. Ivan, o frio pensador, é aquele que a justifica teoricamente, filosoficamente; Mítia, o impulsivo, o sensual e sentimental, é quem a deseja de "alma e coração", com todos os impulsos da sua sensibilidade e da sua sensualidade. Não serão eles quem mancharão de sangue as mãos na morte física do pai, mas são eles os instigadores do bruto, ou melhor, os insinuadores, os provocadores das forças ocultas do destino que impelem estes à consumação real do crime. Não praticaram o ato, mas esse destino, carregado de desígnios escondidos, ao qual Dostoiévski tantas vezes aludia – adivinhando os seus mais íntimos desejos – pôs-lhes ao lado Smierdiákov, o instrumento que deu realidade às suas intenções.

## A técnica da transposição

E, por aqui, podemos já apreciar essa extraordinária técnica dostoievskiana de transposição, que talvez não corresponda tanto à adoção de um método consciente de técnica literária, como ao próprio caminho seguido pelo espírito do homem e do escritor no

aprofundamento dos problemas: a repartição dos vários aspectos que os mesmos assumem, conforme os ângulos por que podem ser encarados, por vários destinos destas, isto é, por diretrizes prováveis do devir existencial do homem.


ПРЕСТУПЛЕНІЕ
И
НАКАЗАНІЕ
РОМАНЪ
Ф. М. ДОСТОЕВСКАГО
ИЗДАНІЕ ИСПРАВЛЕННОЕ
ТОМЪ I
ПЕТЕРБУРГЪ
1867.

*Frontispício da edição de 1867 de* Crime e castigo.

No início da sua carreira tentou Dostoiévski esta repartição, construindo um romance em que uma mesma e só personagem sofria o fenômeno do desdobramento de personalidade: em *O duplo*, que resultou uma obra artificial. Na obra da maturidade, na plena posse das suas faculdades, tal fenômeno não será mais apresentado "como fenômeno", como técnica explicitamente utilizada, mas sim como fundamentação metafísica da constituição da própria natureza humana. Em *Os irmãos Karamázovi*, Ivan, num momento delirante, próximo da loucura, sofre também como que um desdobramento de

personalidade, no qual vê o demônio como seu duplo, mas isso aí é já uma liberdade poética, um artifício de estética literária. Os duplos ou triplos, toda a estratificação (como é o caso de *Os irmãos Karamázovi*) da personalidade humana, na obra da maturidade de Dostoiévski, são geralmente figurados em outra personagem, que atua independentemente do seu tipo original, embora dela seja, ou um embrião ou uma larva (o narrador de *Memórias do subterrâneo* pode considerar-se uma larva de Raskólhnikov), uma caricatura ou um aborto, ou ainda, um estágio degradado (Smierdiákov é a caricatura, a encarnação da parte mais baixa que coexiste em seus irmãos), um espelho refletor (Svidrigáilov é um espelho onde se reflete qualquer coisa de Raskólhnikov), ou um prisma refrator (o velho Karamázov, o pai, o genitor, é um prisma através do qual se refrange a luz essencial da natureza humana, nos raios coloridos com diversas tonalidades que são os seus quatro filhos), ou uma idealização simbólica, uma síntese viva, como "O Grande Inquisidor", cúpula de toda a linhagem infernal que, na obra da maturidade, deriva de Raskólhnikov.

Em outra obra da maturidade de Dostoiévski nos surge ainda o seu inspirador complexo de Édipo em *O adolescente*, que foi publicado em 1875, isto é, já depois de *Crime e castigo* e antes de *Os irmãos Karamázovi*, sua última criação.

O tema do adolescente, desenvolvido através de uma análise da psicologia desta idade crítica do homem (como a psicologia da idade madura deu-a o escritor em *O eterno marido*, na personagem de Vielhtcháninov), é o de um jovem que, ao sentir que se vai tornando homem, deseja vir a ser um novo Rostchild. O seu plano é enriquecer para poder prescindir e afastar-se dos outros homens. O que ele desejava, ao querer tornar-se milionário, não era uma vida de gozos físicos e materiais, mas, precisamente, o poder de não ter de se precisar dos outros homens e libertar-se de todas as humilhações e servidões. A sua fortuna havia de vir a ser adquirida pela poupança e amealhamento, isto é, por via ascética, pelo esforço da própria vontade.

Ora, Arkádi Makárovitch, o adolescente, era filho bastardo de um aristocrata, Viersílov, pessoa egoísta, fria e sensual também, com uma vida familiar irregular. Entre este pai e o filho as relações são de

amor-ódio. O rapaz sente, simultaneamente atração e repulsa pela personalidade interessante de seu pai, e, para além do seu desejo de enriquecimento, em breve o grande objetivo do adolescente será o de descobrir o enigma do pai, penetrar o segredo da sua natureza e, finalmente, conclui-se que o motor profundo desse desejo de enriquecimento era não só essa ânsia de poder, para libertar-se dos outros homens, como uma espécie de desejo de vingança contra um pai que o desamparara na infância.

Neste ponto do nosso estudo sobre a obra da maturidade de Dostoiévski, podemos também desde já verificar que além daquela aludida técnica de transposição, fazendo encarnar as várias facetas de uma mesma personalidade em outras personagens, criando as suas larvas, os seus duplos ou as suas sínteses, Dostoiévski, como apontamos também anteriormente, não constrói cada um dos seus tipos de uma só vez, numa definição completa e acabada. Há, por assim dizer, em cada tipo modular uma desinvolução, uma expansão que se processa de obra para obra, de tal maneira que poderão traçar-se árvores genealógicas para essas personagens, ou a série das suas homologias.

Nos três romances da maturidade a que já nos referimos, ou seja, *Crime e castigo*, *O adolescente* e *Os irmãos Karamázovi*, Raskólhnikov, o protagonista da primeira destas três obras, tem um homólogo, um parente próximo em Arkádi Makárovitch, o adolescente: o objetivo de ambos é tornar-se um super-homem, vencer pela vontade, dominando a sua sentimentalidade. Com a diferença de que o adolescente, antes de pôr a sua teoria em prática resolve entregar-se à tarefa de descobrir o enigma da personalidade de seu pai; há neste romance a transposição de um certo momento na evolução do complexo de Édipo de Dostoiévski: se em *Crime e castigo* transparece o conflito pessoal do autor à volta do seu parricídio intencional, e o que Dostoiévski nele transpôs foi a sua realidade anímica, em *O adolescente* o que ele transpôs foi, de certa maneira, a sua realidade factual: o adolescente, em vez de vir a realizar o seu plano de tornar-se um milionário, à custa da poupança e da especulação no negócio, vem antes a dedicar-se ao estudo da psicologia paterna, o que traduz uma situação concreta da vida real de Dostoiévski: no jovem escritor, o que

prevalecerá para além de tudo é a sua vocação, a sua realização como artista, perante a qual cedem todos os seus planos de domínio na sociedade, e um dos temas sobre os quais irá exercitar-se essa vocação artística será, precisamente, a da análise do seu próprio complexo edipiano, e aqui temos o jovem Arkádi, ou seja, o jovem Dostoiévski, entregue à descoberta do enigma paterno.

O outro homólogo de Raskólhnikov, num plano talvez mais impressionante, é Dmítri Karamázov.

Um romance escreveu também Dostoiévski, já na maturidade, que não tem, entretanto, a categoria de grande obra, onde poderemos encontrar correspondência nos motivos e até nas personagens de *O adolescente*: vem a ser *O jogador*. O protagonista lança-se também sobre a roleta, na ânsia de dominar o destino por um golpe de audácia, da mesma maneira que Raskólhnikov se lançou, de machado em punho, sobre a velha usurária. Mas este jogador é apenas uma redução de Raskólhnikov a uma escala picaresca.

A expansão máxima do tipo raskolhnikoviano realiza-se na pessoa de Piotr Vierkoiénski, personagem de primeiro plano desse outro grande romance da maturidade que é *Os demônios*. Aqui o crime individual de *Crime e castigo* vai tornar-se um caso coletivo, o crime de Raskólhnikov converte-se na revolução social de Vierkoviénski, isto é, no crime multiplicado. Vierkoviénski já não pensa em assassinar uma velha e resolver o caso da sua miséria pessoal, mas aspira a derrotar todo um regime, a roubar a totalidade do poder, atuando por meio de acólitos.

Todas estas personagens convergem finalmente em *Os irmãos Karamázovi*, numa personagem que é a cristalização suprema de todas elas; num plano já da mais alta simbólica artística e filosófica, síntese de tudo quanto estava implícito na complexidade raskolhnikoviana.

Vemos assim que o complexo de Édipo, num espírito genial como o de Dostoiévski, foi um filão de uma riqueza imensa, de onde, pode se dizer, ele extraiu as maiores preciosidades da sua criação artística e da meditação metafísica nela contida.

## O PROBLEMA DA CULPA

Analisar esse problema, quer a culpa tenha realidade apenas por ser intencional – *Os irmãos Karamázovi*, – quer porque se tenha tornado ato – *Crime e castigo* –, é levantar imediatamente muitos outros problemas humanos.

Toda esta linhagem raskolhnikoviana representa na metafísica do romancista o elemento infernal ou demoníaco, que no campo individual conduz ao pecado, à sensualidade, ao orgulho, à crueldade e ao crime, ao ateísmo, à degradação da pessoa humana, e, na sociedade, às revoluções catastróficas, à aspiração a uma felicidade utópica, afastada do cristianismo e das tradições pátrias.

É no seu romance *Os demônios*, que constitui a sua obra mais diretamente política, que Dostoiévski ensaia mais nitidamente muitas das prováveis soluções ou destinos para os seus problemas, ou saídas para os seus dilemas, nas suas personagens: Stiepan Trofímovitch, Kirílov, Chigáliev, Chátov, Stavróguin e Vierkoviénski. É claro que este romance traduz também a grande agitação pré-revolucionária que se apoderara da Rússia nos últimos tempos do período czarista, com a ação da "Intieligéntsia", isto é, do grupo de intelectuais russos, dos revolucionários de ação e das revoltas de camponeses e proletários. Sobre este fundo real inseriu Dostoiévski, sob o disfarce da ficção, mais uma vez, o discurso dos seus dois grandes problemas: o homem e Deus. Vierkoiénski é o grande chefe revolucionário, o dirigente do grupo de conspiradores, um caráter frio e cínico que, tal como Raskólhnikov, não olha os meios para conseguir os fins; aceita o assassinato de alguns indivíduos, contanto que possa dar realidade à sua obra revolucionária; ele é o executor das teorias de Chigáliev, o intelectual, o teórico, o novo Fourier da revolução que o grupo demoníaco prepara.

Vierkoviénski apoia-se sobre Stavróguin, outro homem-forte, que esvaziara o coração de todo sentimento humano, que abolira no seu pensamento a distinção entre o bem e o mal, o niilista, o cético absoluto.

Chátov, o estudante, revolucionário arrependido, alma bondosa,

repleta de sinceridade e generosidade, é um representante do lídimo povo russo, que conserva o mais puro amor do Evangelho; há quem pense ter Dostoiévski desejado encarnar numa figura a idealização para que tendiam muitas das suas concepções a respeito da missão messiânica da Rússia, isto é, figurá-lo como um autêntico Cristo russo.

É nas figuras de Stavróguin, o cético absoluto, o frio sensual, que acaba por se aniquilar a si mesmo, suicidando-se, e na de Chátov, o socialista arrependido, que não crê em Deus, mas crê na Rússia, que Dostoiévski mais transpõe de si próprio.

## O elemento angélico

Todas estas figuras demoníacas convergiam, na sua obra, para essa criação suprema que o escritor projetava e à qual aludíamos já, *A vida de um grande pecador*, que não chegou a escrever. Porém, ao lado destes representantes do elemento infernal quis o escritor, dentro do seu dualismo filosófico, criar uma figura que encarnasse o elemento angélico, ou seja, o homem perfeitamente bom. Toda uma plêiade de figuras bondosas pode ver-se em muitos dos seus romances, inclusive nos da mocidade. Entretanto não podemos considerá-las como progenitoras da figura do homem perfeitamente bom; serão seus parentes, mas pertencem antes àquela outra categoria de personagens dostoievskianas a que podemos aplicar a designação, que constitui também o título de uma das suas obras da mocidade, humilhados e ofendidos. Porque o homem perfeitamente bom tem uma dignidade, uma seriedade, uma placidez quase divina, não pode comparar-se às naturezas dramáticas, torturadas, amesquinhadas, de todos esses humilhados e ofendidos. Estas personagens procuram representar figuras existentes no mundo real, integradas na luta pela vida cotidiana, na sociedade tal qual ela é, e são todos esses pobres funcionários, todos os ébrios, tuberculosos, prostitutas, proxenetas, pobres mães sem pão para os filhos, crianças indefesas e maltratadas, inocentes inculpados, mulheres perseguidas pela luxúria dos libidinosos, enfim, toda a escória da sociedade, explorada ou exploradora da miséria e da desgraça. Esses são os humilhados e ofendidos, que não se encontram apenas no romance desse nome, mas

em toda a obra de Dostoiévski.

E, dentre estas figuras, a mais interessante não será, talvez, a do velho Ikhmiêniev, do romance com o mesmo nome. A mais impressionante é o anônimo narrador das *Memórias do subterrâneo*, esse homem azedo, amargurado, sarcástico, inteligente mas oprimido por um complexo de inferioridade, masoquista por vingança contra a sociedade absurda e vil que o humilhou e riu dele. E Raskólhnikov, o vultuoso protagonista de *Crime e castigo*, não será, afinal, também um grande humilhado e ofendido? Não nos esqueçamos de que Dostoiévski insiste muitas vezes na perniciosa influência da miséria sobre o caráter neurótico do rapaz, e as suas conversas com Porfíri, o juiz de instrução, demonstram bem todo o ressentimento de que está possuído contra a falsidade da sociedade.

Outra interessante figura de humilhado e ofendido, na obra da maturidade, é Páviel Pávlovitch, o eterno marido, esse ser degradado, esse bêbado envilecido pela descoberta da sua vergonha e que, entretanto, é um homem capaz de sentimentos, que deseja reabilitar-se, um pecador cuja culpa, em última análise, não é sua, mas dos outros. O Marmieládov e a Ekatierina Ivânovna, de *Crime e castigo*, são também humilhados e ofendidos.

O mais longínquo antepassado da figura do homem perfeitamente bom encontra-se imediatamente em *Pobre gente*, e vem a ser Makar Alieksiéievitch, um insignificante escriba da burocracia do Estado, um coração transbordante de pureza e de bondade. Mas é precisamente aquilo que nele há de humilhado e ofendido, de mesquinhez real, que faz com que apenas se possa considerar um esboço dessa figura.

Mais próxima está já a figura do coronel Iegor Ilitch de *A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores*, obra também da mocidade do escritor. Era dotado de uma autêntica paciência de santo, de uma pureza de intenções que lhe conferia uma ingenuidade que se torna, por vezes, não só ridícula mas digna de piedade, e que os medíocres e os maldosos podiam tomar por idiotice.

O Razumikhin de *Crime e castigo* é também tão confiado, tão incapaz de suspeitar o mal nos outros que, até o fim, não acredita nem

quer acreditar que o seu amigo seja um assassino. Sônia, a moça que se prostituiu para aliviar a fome dos irmãozinhos, é também um ser dotado de uma candura angelical e, para Raskólhnikov, é verdadeiramente um anjo de guarda, que procura comunicar-lhe o sentido do evangelho, guiá-lo no caminho da redenção. Até que, a certa altura, todas estas figuras se condensam numa só, na qual o escritor pretende representar a síntese de todas elas, ou melhor, atingir a realização perfeita desse outro tipo, que é a réplica ao elemento infernal e agente do mal, ou seja, o aludido homem perfeitamente bom, dotado de uma bondade inata, de ingenuidade comovedora, o homem natural, adâmico, não corrompido pela civilização, o homem em puro estado edênico. E é então que nos surge a figura do Príncipe Míchkin, o protagonista do romance a que o seu autor deu precisamente o título de *O idiota*.

O Príncipe Míchkin é puro, procura tornar-se um medianeiro conciliador entre os seus comparsas deste mundo, que, agitados por todas as paixões boas e ruins, se agitam e estorcem freneticamente à sua volta; ele é o homem que não finge, que não disfarça, que não sofisma nem mente, que não tem vaidade, nem orgulho, nem sensualidade, nem inveja, que não cobiça nem se vinga: é inteligente e sereno, mas, por vezes, a sua bondade e a sua pureza são tais que ele se encontra à primeira vista, desarmada contra as más intenções alheias, a hipocrisia, a mediocridade moral e mental, as artimanhas reles dos outros, contra o convencionalismo, a fraude, a intriga e a zombaria.

Mas, no meio de uma sociedade hipócrita e corrompida, como é tomada uma criatura destas? Por um “idiota”. Aos humilhados e ofendidos, vulgares, ninguém os toma por idiotas, mas apenas por vítimas, desgraçados, enfim, por uma “pobre gente”. Mas a um Coronel Iegor Ilitch ou a um Príncipe Míchkin, que não são propriamente vítimas, mas inocentes, todos os tomam por idiotas. Tal é o Príncipe Míchkin, figura já quase desumana, pura criação ou visionação do espírito de Dostoiévski, símbolo encarnado de uma concepção já de fundo religioso e não social. De tal maneira que, mais tarde, em outra das suas obras da maturidade, essa figura se transforma precisamente em outras, efetivamente já integradas na

vida religiosa, como o Bispo Tíkhon de *Os demônios*, aquele que devia aparecer no célebre capítulo suprimido, conhecido pela designação de "A confissão de Stavróguin", ou o *stáriets* Zossim de *Os irmãos Karamázovi*.

Entretanto podemos dizer que Dostoiévski não chegou jamais a criar esta figura de homem perfeitamente bom, em toda a sua plenitude. Para isso precisava ter podido realizar seu projeto *A vida de um grande pecador*. Porque o Príncipe Míchkin, ao lado das suas virtudes, apresenta uma grande deficiência, no ponto de vista estritamente humano: não é uma criatura sã, sofre de epilepsia e, além disso, pressupõe-se que seja também um impotente sexual. Assim, a ausência de sensualidade, nessa criatura, poderá sempre atribuir-se a essa deficiência fisiológica, e a sua castidade pode considerar-se uma virtude gratuita. A figura do idiota, tal como a traçou Dostoiévski no romance do mesmo nome, corresponde a uma fase do seu pensamento em que ele admitiu como característica da bondade perfeita a ausência de sensualidade. Mais tarde, o tema da perfeição da alma, da bondade e da pureza completas, será encarado sob outros aspectos, representado em homens que pecaram mas que souberam dominar e vencer em si a sensualidade e as tentações mundanas, que ascenderam à perfeição, tendo conhecido previamente a luta contra o mal, a progressiva libertação do pecado, a *ascese*, numa palavra. Essas são as figuras evangélicas de Aliócha e do *stáriets* Zossim, de *Os irmãos Karamázovi*, do Bispo Tíkhon, de *Os demônios* e também do vagabundo de *O adolescente* – santos que conquistaram a sua própria santidade pela purificação e pela sabedoria.

*Dostoiévski em 1870.*

## A transposição autobiográfica

Em todas estas obras, porém, o leitor "sabe" que esses santos tiveram primeiramente de subir degrau a degrau o caminho da sua perfeição, que conheceram o mal e o mundo e dele se libertaram, mas, quando eles lhe surgem, estão já no cimo da escadaria, à entrada do Paraíso; o leitor não assistiu à subida penosa, aos desfalecimentos, às caídas e recaídas, aos momentos de desespero ou à tomada de novos haustos de alento… Porque havia de ser em *A vida de um grande pecador* que o romancista nos descreveria toda essa longa e dolorosa jornada. Aí nos seria apresentado, não a santidade inata ou já conquistada, mas o próprio processo da sua conquista, todos os passos do pecador pelas vias sinuosas deste mundo até o momento final em que surgirá já curado de todos os seus vícios, entrando numa aceitação humilde e feliz da vida e reconciliando-se com toda a humanidade.

Apesar de termos concluído já que nas personagens simbolizantes de elemento demoníaco, Dostoiévski representou, em grande parte, a si mesmo – sobretudo nessa sinistra figura de Stavróguin – com todos

os seus complexos de culpa e todas as suas tendências, ocultas ou declaradas, reprimidas ou expandidas, para o vício e para o pecado, não podemos também deixar de concluir que o romancista algo de si transpõe igualmente na representação deste outro elemento evangélico. Porque ele, com a sua extraordinária inteligência, que atingia clarividências divinatórias e culminâncias divinas, conhecia-se a si mesmo até as maiores profundidades da sua alma. Ele sabia que, para além da sua sensualidade e da sua vaidade – que era sobretudo consciência do próprio valor, ânsia de encontrar imediata e integral compreensão nos seus contemporâneos, desespero por não poder ser aceito por todos, raiva perante a agressividade dos invejosos e dos medíocres – era um ser transbordante de amor universal, não só pela humanidade, como pelo próximo – ou melhor, que lutava virtuosamente até o sacrifício pelo amor do próximo, de todos o mais difícil, aquele para o qual é verdadeiramente necessário ser herói – um homem que estava, afinal, para além de todas as vaidades, das intrigas, da hipocrisia, que vivia unicamente para a sua vocação artística, para as suas verdades, e era, portanto, um ser bom e puro.

Até esse referido aspecto de indiferença ou de importância sexual do idiota, e depois, a castidade absoluta, nas figuras de Aliócha e dos outros religiosos, corresponde a algo de autêntico na pessoa de Dostoiévski. Porque ele era um sensual em potência, mas não, verdadeiramente, em ato; não só porque deve ter lutado contra as suas tendências para o desregramento, como, em última análise, pertenceria ao tipo de sensual de intelecto; pois, no fundo, ele era um sonhador, e um sonhador, como ele próprio declarou um dia, ainda na mocidade, na sua novela *A dona da casa*, não é um homem, mas uma criatura de sexo neutro, e, por isso, consideramos deturpadoras e falhas de profundidade todas as interpretações da personalidade dostoievskiana que queiram apresentá-lo como impotente, perverso sexual ou misógino. O segredo da sua personalidade, sob esse aspecto, está resumido nessa afirmação sua de que “um sonhador é uma criatura do sexo neutro” – isto é, um homem que permanece um espírito pensante e uma alma sensível, acima de tudo, que, por assim dizer, sofre na realidade um desdobramento: aquele que vive mas que, ao mesmo tempo, se observa a si mesmo como vivente e tem a faculdade de abstrair-se das situações para analisá-las, para integrá-las

no seu mais profundo significado existencial e metafísico e, até, para utilizá-las como material artístico ou científico. Pois, arrebatado pela intensidade desse poder de desdobramento sobre a realidade própria e alheia, um homem desses transfigura a todo momento a realidade comesinha, intui a simbólica da existência, penetra-se dela, sobrepõe a todos os momentos de atualidade da vida a embriaguez da sua apreensão do sentido essencial de todos esses momentos e do proceder humano – o seu entusiasmo por registrá-los e explicá-los nos domínios da arte. É isto que faz o sonhador, aquele que parece esquecer-se e abstrair-se da vida concreta para poder atingi-la na sua máxima realidade.

Evidentemente que um homem destes não se deixa afundar inconscientemente na fascinação feminina, em nenhuma fascinação, permanece, para além dos fascínios, um objetivo psicólogo e filósofo.

*Bosquejo em borrão duma página de* Os Irmãos Karamázovi.

## A FEMININILIDADE TRANSCENDENTE

Um elemento que não podemos deixar de tomar em consideração, nesta obra da maturidade de Dostoiévski, é, precisamente, o seu elenco de personagens femininas. Quer-nos parecer que este aspecto será talvez, nessa obra, o mais difícil de estudar. Porque as suas heroínas principais não podem considerar-se autênticas mulheres, mas criaturas de feminilidade transcendente. É verdade que muitas das suas personagens masculinas não são mais do que a figuração de uma

ideia, quase sempre obsessiva, e que, em última análise, é no domínio da mais íntima realidade psicológica e metafísica que elas são verdadeiras. E o mesmo se dirá, portanto, para o elemento feminino. Dostoiévski foi talvez o único escritor no mundo que, ao ocupar-se da mulher, o fez focando-a desse ângulo, isto é, da sua feminilidade essencial e transcendente. Por isso as mulheres das suas obras se nos apresentam, à primeira vista, como criaturas de pouca realidade.

É pelo paradoxo que teremos de tentar definir as personagens femininas dostoievskianas; as mulheres mais verdadeiras, na sua obra, são precisamente as mais fantásticas e, tipos desses, só conseguiu Dostoiévski criá-los, definitivamente, na maturidade. A Várienhka de *Pobre gente* ou a Natacha de *A granja de Stiepântchikovo* são apenas sombras que não chegam a tomar vulto. As figuras femininas da sua obra juvenil, que estão na linha das suas futuras criações são a Natacha da novela *Noites brancas* e a Ekatierina de outra novela, *A dona da casa*, ambas moças românticas, exaltadas, que possuem no mais alto grau aquela fundamental avidez e insaciabilidade de sonho, comoção e aventura, aquela irredutível insaciabilidade de amor, de um autêntico espírito feminino, o que lhes faz não possuir, aparentemente, a mesma relativa segurança e estabilidade do espírito masculino.

Uma outra figura nos surge, ainda na obra da mocidade, prefiguradora de outra grande criação conseguida em *Os demônios*: é aquela Tatiana Ivânovna de *A granja*..., a tresloucada, que tinha "a mania dos namoricos", e que num gesto histérico, atira um dia uma rosa aos pés de um janota... Esta figura é a antepassada de todos os tipos de mulheres histéricas e aloucadas, como a Ekatierina Ivânovna de *Crime e castigo* e a coxa de *Os demônios*.

Quer-nos parecer que este tipo de histérica e de aloucada corresponde a uma apresentação hipostasiada do tipo anterior, a uma sua disjunção visionada no aspecto trágico-ridículo que existe em todos os humanos, processo representativo que, como vimos, constitui o mais alto requinte a que ascendeu a técnica da transposição em Dostoiévski.

O tipo de Natacha de *Noites brancas* e da Ekatierina de *A dona da*

*casa* evolui, dando na maturidade as figuras da Aglaia Ivânovna, de *O idiota*, moça sensível e sincera, que se revolta contra as formas da moral convencional e aspira a viver em verdade os seus impulsos românticos, generosa e absurda, ou da Lisavieta Nikoláievna de *Os demônios*, ou da Kátia de *Os irmãos Karamázovi*.

Criou também Dostoiévski o tipo da cortesã, representado pela Sônia Marmieládov, de *Crime e castigo*, por Nastássia Filípovna, de *O idiota* e pela Grúchenhka, de *Os irmãos Karamázovi*. A primeira, no entanto, é a menos interessante, é talvez uma pura criação literária, ali colocada para o momento exato em que há de ler o evangelho a Raskólhnikov – é o tipo da prostituta-santa, toda pureza, no seu fundo anímico preservado, simplicidade, bondade e humanidade. Nastássia Filípovna e Grúchenhka são figuras mais autênticas, com todo o seu desequilíbrio, as suas contradições, a sua oscilação contínua entre o amor espiritual e o amor sensual, a sua perversidade feminina de seres que apreciam sadicamente o prazer de seduzir e masoquisticamente o gozo de serem seduzidas.

Embora outros nomes sejam apontados como de inspiradoras das figuras femininas de Dostoiévski, tais como os de Anna Korbin-Krukóvskaia, uma das jovens por quem Dostoiévski se "apaixonou" e com quem desejou ter casado, já depois de viúvo da primeira mulher, ou o da atriz Marta Brown, com quem parece ter vivido algum tempo, as grandes inspiradoras das suas figuras femininas são estas: no ciclo da juventude, foi aquela senhora Panáieva, também ex-atriz, casada com o escritor Panáiev, mulher bela, inteligente e brilhante, que recebia intelectuais, políticos e artistas no seu salão petersburguês, e no qual o jovem Dostoiévski fora introduzido depois do seu êxito com a estreia de *Pobre gente*. É conhecida a paixão que o escritor sentiu por essa mulher, paixão que permaneceu forçadamente platônica, pois ela não lhe correspondeu. Essa paixão foi a inspiradora da maior parte, senão da própria psicologia de muitas heroínas da obra da juventude, pelo menos das circunstâncias episódicas amorosas do enredo fictício.

Mais tarde, as grandes inspiradoras foram a sua primeira esposa, Maria Dmítrievna, e Polina Súslova, aquela moça de dezesseis anos, "livre-pensadora", com pretensões a escritora, de espírito aventureiro, dominador e caprichoso, com quem ele virá a ter uma aventura

amorosa, viajando com ela pela Europa. Esta foi a grande aventura romântica de Dostoiévski, que lhe proporcionou o conhecimento de um espírito autenticamente feminino, na sua instabilidade de sentimentos, na sua ansiedade jamais satisfeita. Essa moça é apontada como a inspiradora das figuras de Polina, de *O jogador*, de Nastássia Filípovna, de *O idiota*, de Grúchenhka, de *Os irmãos Karamázovi*, e ainda de Aglaia, também de *O idiota*, de Lisavieta, de *Os demônios*, e da Kátia, também de *Os irmãos Karamázovi*, nas quais o autor representa, ora o lado angélico, ora o lado demoníaco dessa mulher.

Não tem talvez sido apontada com o devido relevo a influência de Maria Dmítrievna, primeira esposa de Dostoiévski, na sua obra. Que ela, com esse seu caráter fantástico, com a sua mania das grandezas, a sua tuberculose, está representada na Ekatierina Ivânovna de *Crime e castigo*, todos são unânimes em afirmá-lo. E também não deve oferecer dúvida que, até já em *A granja de Stiepântchikovo*, a Tatiana fantasista, ingênua, arrebatada, histérica, com a mania das *toilettes* espalhafatosas e apaixonada por um imbeciloide, e a quem querem casar, à força, com o Coronel Iegor Ilitch, é a sua transposição. Na admirável novela *Uma doce criatura*, inserta no seu *Diário de um escritor*, a jovem esposa do usurário suicida-se, e todo esse drama de incompreensão e orgulho, entre os dois esposos, é o drama real do escritor com a primeira mulher.

Parece-nos, entretanto, que é na figura de Maria Timofiéievna, a coxa de *Os demônios*, que Maria Dmítrievna foi visionada já numa atitude metafísica, transformada num autêntico símbolo vivente. Rafael Cansinos Assens, no admirável prólogo que escreveu para o romance *Os demônios*[3], diz-nos que tanto essa figura da coxa, como a de seu irmão, “são idealizações, seres criados com a fantasia e cuja concepção foi auspiciada por um desses grandes criadores de espírito: Shakespeare. Estão envoltos numa atmosfera shakespeariana: Stavróguin é comparado, no romance, com o príncipe Harry; Lieviádkin, com Falstaff; quanto à coxa sonhadora, toda idealidade, toda espírito, foi criada com a bruma de Ofélia”.

Pierre Pascal, autor de uma outra introdução ao mesmo romance[4], considera essa personagem de outro ponto de vista: “Há uma personagem mais enigmática [nesse romance, *Os demônios*] que

Stavróguin. É a coxa. É um ser bem concreto: irmã do Capitão Liebiádkin, doente, amalucada, e que, no entanto, parece pertencer a um outro mundo. Fala e age como as 'noivas prometidas' dos contos, deita cartas, tem o dom da clarividência, contempla a natureza durante muitas horas. E que significa esta recordação da monja, ao dizer que a mãe de Deus é a Grande Mãe, a terra úmida? E as lágrimas derramadas sobre a terra numa espécie de êxtase? É que a coxa figura a religião popular, segundo a qual existem íntimas analogias entre a fraqueza de espírito e a sabedoria divina, a pureza do coração e a Terra (daí as confissões à Terra), a Terra, mãe dos homens e a mãe de Deus.

"Admitido isto, os comentadores puseram-se a interpretar: a coxa é a Sófia dos teósofos; é 'o eterno feminino'; sob este aspecto é a maternidade ideal a quem não importa que haja ou não tido um filho; é também a Noiva que esperou cinco anos pelo Esposo, mas que vem, finalmente, a compreender que Stavróguin é 'outra pessoa', um impostor; e que morre tragicamente porque é a alma russa vítima dos demônios…"

Vemos assim como esta figura tem dado origem às mais variadas interpretações. Para nós é admissível que nela se veja toda essa simbólica, sabendo que as peronagens dostoievskianas, na sua mais alta expressão, assumem sempre, na verdade, um significado metafísico e uma idealização estética que são um produto da convergência de todos os elementos do pensamento de Dostoiévski: formação literária, com toda a influência, consciente ou inconsciente, dos símbolos estéticos e filosóficos encontrados em outros autores (Shakespeare, neste caso), consideração das concepções pré-cristãs do povo russo (a coxa, como encarnação de figuras de religião popular) etc.

Nada disto, porém, é suficiente para a total compreensão dessa figura, que é realmente enigmática; mas quer-nos parecer que o seu enigma deverá ser atacado pelo lado psicológico, que o mesmo é dizer autobiográfico, antes de o ser pelo lado metafísico.

Atentemos em que Maria Timofiéievna é coxa, sonhadora, que é uma inadaptada, e, em suma, que faz um casamento absurdo – ela que

é toda espiritualidade, intuição e espontaneidade – com Stravóguin, o devasso, o cético, o ateu, cínico e pervertido, e que ela morre, finalmente vítima do complô infernal formado pelos “demônios”, a qual pertence Stavróguin.

Quanto a nós, Maria Timofiéievna é a cristalização suprema do caráter e do destino humano que na vida teve a primeira esposa do escritor. A sua natureza de mulher morbidamente fantasista, com os devaneios delirantes, a sua inadaptação à realidade, o seu temperamento arrebatado, tudo isso era de Maria Dmítrievna, e também o foi a sua decepção em casar com Dostoiévski, que não foi para ela, certamente, o noivo sonhado; e ela é coxa, porque o seu caráter, toda a sua personalidade delicada e amiga de altos voos, está em contradição com a mesquinha vida cotidiana, vivida ao lado de um primeiro marido ébrio (o irmão, no romance), que ia decaindo cada vez mais na escala social e a maltratava, forçando-a, a ela, ser nascido para viver em meio de requinte e de elegância, a grosseiros trabalhos domésticos e a privações.

Nós sabemos, pelas cartas do escritor, que esse casamento de Dostoiévski com Maria Dmítrievna foi infeliz. Se a Maria Timofiéievna, de *Os demônios*, morre assassinada, se a jovem esposa do usurário de *Uma doce criatura* se suicida, vítima da incompreensão suprema do marido, tudo isso deve representar o complexo de culpa que Dostoiévski criou no seu espírito, relativamente a esse acontecimento da sua vida. Maria Dmítrievna morreu tuberculosa, mas, para ele, que era um visionário, um captador de verdades últimas, a tuberculose foi o motivo aparente da morte de Maria Dmítrievna; ela se teria antes suicidado por decepção da vida, deixando-se morrer ou finando-se de desgosto por uma vida que sempre lhe negara aquilo com que ela sonhara e que, nem sabia bem o que fosse… ou, mais precisamente, ainda, ela teria sido assassinada por ele, que não a amava o suficiente para a por acima da sua própria inteligência e da sua paixão artística, considerando talvez com um olhar frio os seus transportes patológicos e olhando com ceticismo a pureza da sua instintividade e dos seus femininos dons intuicionistas.

Já que falamos neste complexo de culpa de Dostoiévski – o outro, como vimos, gira à volta do seu sentimento de responsabilidade pelo

pecado do desejo, em pensamento, da morte do pai – é agora o momento de tratar de uma outra personagem feminina da obra deste escritor, que muito tem dado que falar aos críticos e aos biógrafos. Queremos nos referir àquela ou àquelas adolescentes, que nos são citadas, uma, em *Crime e castigo*, na descrição dos sonhos delirantes de Svidrigáilov, e a outra na "Confissão de Stavróguin". Ambas foram vítimas de uma afronta, por parte de um homem corrupto, e ambas se suicidaram por vergonha e desespero.

Os comentadores de Dostoiévski, baseados em certas calúnias de Strákhov, o primeiro biógrafo russo do escritor, que espalhou nos meios literários russos, já depois da morte do romancista, o boato de que ele teria um dia violado uma adolescente, nos banhos turcos, de cumplicidade com uma preceptora venal, interpretam esses dois episódios como a transposição literária desse pecado de Dostoiévski.

Nós pensamos que esses episódios, em que entram as adolescentes, são realmente autobiográficos, mas não acreditamos que representem a transposição pura e simples de acontecimentos concretos da vida do escritor. Da mesma maneira que ele não matou realmente seu pai, também não teria violado, na realidade, nenhuma adolescente. Pode ser que a sua sensualidade, juntamente com a sua timidez perante as mulheres adultas, lhe tenham alguma vez dirigido o desejo para um provável ato desses. Mas é preciso não nos deixarmos arrastar pela interpretação fácil das aparências, não nos esquecendo de que a transposição, em Dostoiévski, é sempre extremamente complexa. Quer-nos antes parecer que o tema da violação de uma adolescente por um homem vicioso corresponde, na sua obra, ao seu próprio complexo de culpa relativamente ao destino da primeira esposa e, simultaneamente, ao de Polina Súslova, aquela mocinha de dezesseis anos que se tornou sua amante.

A análise minuciosa de certos pormenores desses dois episódios, comparada com fatos averiguados da sua biografia, bem como a comparação com outros escritos seus, como por exemplo, essa aludida novela, *Uma doce criatura*, poderia levar-nos a uma aceitável fundamentação da nossa hipótese. Há, por exemplo, umas notas que ele escreveu por ocasião da morte da primeira mulher, que começam:[5] "Machka jaz no seu féretro…"; na novela *Uma doce criatura*, há logo

no início: “Imaginem um homem cuja mulher, uma suicida que há algumas horas se atirou de uma janela, jaz amortalhada em cima da mesa… Ela está agora na sala de jantar, em cima da mesa… só amanhã é que hão de trazer o caixão, um caixão branco forrado de cinzento-branco de Nápoles…”; a jovem que Svidrigáilov – *Crime e castigo* – visiona nos seus pesadelos, também jazia num caixão forrado de cinzento-branco de Nápoles, em cima de uma mesa. Isto, para dar apenas um exemplo.

Não, Dostoiévski não teria jamais cometido semelhante pecado. Essa adolescente, que um homem perverso manchou na pureza dos seus sonhos, e à qual coibiu (ou supunha ter coibido) na possibilidade de uma realização de vida futura, foi Maria Dmítrievna e também Polina Súslova, a jovem que se lhe entregou.

No sonho de Svidrigáilov, a representação dessa jovem ultrajada sofre também o mesmo processo técnico de desdobramento: é a moça que jaz no seu caixão branco, em trajes da noite que não chegou a ser, e é também aquela garotinha que ele, ainda nesse sonho-pesadelo, encontra escondida num canto do corredor, leva para a sua cama, e a qual lhe sorri com uma estranha expressão de lubricidade provocante, apesar de ter apenas cinco anos de idade. A Matríocha, a adolescente violada, que figura em “A confissão de Stavróguin”, apesar da sua pureza e do seu pudor, também chegou, espontaneamente, a ter um gesto amoroso, já de mulher, para com o seu violentador… tal como essa jovem e real Polina, essa moça pujante e ardente, que não se contentou com ser a admiradora literária do escritor, e o seduziu, tornando-se também a amante sensual do homem que ele era. E ele, que, para além da sua realidade humana, permanece essencialmente uma criatura de sexo neutro, isto é, um sonhador, que passou pela vida e ao lado da vida, abaixo e acima da vida, depois via tudo em profundidade e em extensão… e era na arte e pela arte que dizia a verdade que tinha visto ou adivinhado.

**1** “Prólogo geral às novelas da juventude”, no volume I desta edição.↩

**2** Veja-se o nosso “Prólogo geral às novelas da juventude”, no volume I.↩

**3** *Obras completas*, de Dostoiévski, volume III, Aguilar, Madrid.↩

**4** Bibliothèque de La Pléiade, NRF, Paris.↩

**5** *Meditação sobre Cristo*, 16 de abril de 1864.↩

# Crime e castigo

# Crime e castigo
(1866)

## Primeira parte

### Capítulo primeiro

Nos começos de julho, por um tempo extremamente quente, saía um rapaz de um cubículo alugado, na travessa de S*** e, caminhando devagar, dirigiu-se à ponte de K***.

E isto, não porque fosse covarde ou tímido, pelo contrário; simplesmente, havia algum tempo já que se encontrava num estado de excitação e enervamento parecido com o da hipocondria. Estava a tal ponto apegado ao seu quarto e afastado de todos, que receava encontrar-se com quem quer que fosse e não somente com a dona da casa.

A pobreza deprimia-o; mas havia também já algum tempo que até isso deixara de incomodá-lo. Abandonara por completo os seus trabalhos cotidianos e não queria preocupar-se com eles. Na realidade, não temia a dona da casa, por muito que pudesse tramar contra ele. Agora ter de parar na escada, escutar todas as tolices daquela mulher, estúpida até ao absurdo, e que não lhe interessavam absolutamente nada; todos aqueles disparates a respeito do pagamento, aquelas ameaças e lamentações, e demais, ter de falar, desculpar-se, mentir, não, preferia atirar-se como um gato pelas escadas abaixo e deixar-se cair ao abandono, contanto que não visse ninguém. Além disso, dessa vez, o seu receio de encontrar-se com a sua credora acabou por chocá-lo a ele próprio, assim que se viu na rua:

“Por que, diabo, me preocupo eu desta maneira e sofro todas estas inquietações por causa de uma bagatela? – pensou, sorrindo estranhamente – Hum! Sim, é isso, está tudo ao alcance do homem e tudo lhe vem parar às mãos, simplesmente, o medo… Isto é um axioma… É curioso: de que será que as pessoas têm mais medo? O que

mais temem é o primeiro caso, a primeira palavra… Mas parece-me que já estou falando demais. Afinal, não faço mais nada senão falar. Embora também se pudesse dizer que, se falo, é porque não faço nada. A verdade é que durante este último mês deu-me a mania de falar, enquanto me deixo ficar estendido ruminando no meu canto… sobre ninharias. Bem, e afinal, aonde vou eu? Serei capaz disso? Será isso uma coisa séria? Não, de maneira nenhuma. Divirto-me mas é à custa da minha imaginação, é uma brincadeira! É isso mesmo, uma brincadeira!”

Na rua fazia um calor sufocante, ao qual se juntava a aridez, os empurrões, a cal por todos os lados, os andaimes, os tijolos, o pó e esse mau cheiro peculiar do verão, conhecido de todos os petersburgueses que não possuem uma casa de campo. Tudo isso junto provocava uma impressão desagradável nos nervos do rapaz, já bastante excitados. Completavam o tom repugnante e triste colorido do quadro, o cheiro insuportável das tabernas, particularmente numerosas naquele setor da cidade, e os bêbados que se encontravam a cada passo,[1] apesar de ser dia de trabalho. Um sentimento de profundo desgosto se refletiu por um momento nas feições finas do rapaz. Para dizer a verdade, era um bonito rapaz, com uns magníficos olhos escuros, o cabelo castanho, de estatura acima da mediana, magro, de muito boa figura. Mas não tardou que voltasse a mergulhar numa espécie de profundo indiferentismo e, para sermos mais precisos, num completo alheamento de tudo, de tal maneira que caminhava sem fixar a atenção à sua volta e também sem querer fixá-la. Somente uma ou outra vez murmurava qualquer coisa por entre os dentes, obedecendo ao costume de monologar, que há pouco a si próprio confessara. Agora mesmo teve de reconhecer que, às vezes, os seus pensamentos se confundiam e se sentia fraco; e esse era o segundo dia em que não se alimentava.

Ia tão mal vestido, que outra pessoa, ainda que acostumada a essa aparência, não se atreveria a sair à rua, em pleno dia, com aqueles andrajos. Aliás, aquele bairro era de tal natureza que ninguém aí reparava no vestuário. A proximidade do Mercado do Feno, a abundância de estabelecimentos conhecidos, e sobretudo a população, composta de comerciantes que se aglomeram nessas ruas e ruelas

centrais de Petersburgo, punham às vezes notas tão desconcertantes no panorama geral que seria estranho admirar-se de um encontro fosse ele qual fosse. Mas era tal o maldoso desprezo que se tinha já acumulado no espírito do rapaz que, apesar de toda a sua delicadeza, às vezes muito juvenil, aquilo que menos o preocupava era o pobre vestuário com que ia pelas ruas. Já o mesmo não sucedia quanto à probabilidade de encontrar-se com algum conhecido ou algum antigo camarada, com os quais, geralmente, não gostava de encontrar-se. Eis que, de repente, um bêbado, que vá lá saber-se por que razão ou motivo ia naquele momento pela rua com uma enorme *tieliega* vazia, puxada por um pangaré, lhe gritou quando passou: "Ó tu, chapelão alemão!", e gritou-lhe isto a plenos pulmões, ao mesmo tempo que apontava para ele com a mão… O rapaz parou e segurou o chapéu, enervado. Era o chapéu alto, redondo, à Zimmermann, mas já usado e surrado, cheio de buracos e amassados, sem abas e descaído para o lado mais deformado. Mas não foi a vergonha, e sim outro sentimento, completamente diferente, parecido com o medo, que se apoderou dele.

"Eu bem sabia! – murmurou desgostoso. – Já tinha pensado nisto! Isto é mesmo desagradável! É para que veja como uma tolice, o mais vulgar pormenor, pode estragar a melhor das intenções! Sim, o chapeuzinho dá na vista… Ridículo, e é por isso que todo o mundo o vê. Com estes farrapos, a única coisa que diz bem é o gorro, mesmo velho, e não este espantalho. Ninguém traz outro semelhante, vê-se à distância de uma versta, fica gravado na memória… Sobretudo o fato de não se esquecer é um argumento comprovativo. E o que é necessário, precisamente, é passar despercebido… Pormenores, insignificâncias, é isso o principal… Uma ninharia destas pode deitar tudo a perder de uma vez para sempre…

Tinha andado pouco; sabia até a que distância se encontrava de sua casa: oitocentos e trinta passos, precisamente. Quantas vezes os contou, no tempo em que fazia projetos! Nesse tempo não dava grande importância aos seus desvarios, apenas se excitava com eles por causa da sua ousadia quimérica mas sedutora. Mas agora, passado um mês, começava já a olhá-los de outra maneira, e, apesar de tudo, dos seus desanimadores monólogos a respeito da sua inércia e indecisão, ia-se acostumando, quase sem querer, a considerar aquele sonho

escandaloso como um empreendimento, embora ele próprio não acreditasse nele. Agora ia ali ensaiando aquele empreendimento e a sua comoção aumentava à medida que ia caminhando.

De coração palpitante e tomado de um tremor nervoso, aproximou-se do imenso edifício que se erguia de um lado sobre o canal, e do outro dava para a rua de… Essa casa compunha-se de pequenos andares, e todos os seus inquilinos pertenciam às classes trabalhadoras: alfaiates, serralheiros, cozinheiros, alguns alemães, mulheres de vida irregular, modestos empregados, etc. Os que entravam e os que saíam encontravam-se nas duas portas e nos dois pátios da casa. Havia três ou quatro porteiros. O rapaz estava muito satisfeito por não se ter encontrado com ninguém, e, logo a seguir, deslizou da porta da direita para a escada, que era escura e estreita, negra, mas ele já conhecia muito bem tudo aquilo e lhe agradava aquela disposição; nessa obscuridade não eram de recear os olhares trocistas. “Se agora tenho tanto medo, como seria, de fato, se eu chegasse a levar a coisa a cabo?” Foi o que pensou involuntariamente quando se viu no quarto andar. Aí encontrou alguns carregadores e soldados que estavam tirando móveis de uma casa. Sabia já que naquele andar vivia uma família alemã, cujo chefe era funcionário. “Pode ser que esse alemão saia agora, e pode ser também que no quarto andar, nesta escada e neste patamar, só fique por algum tempo um andar ocupado, o da velha. Isso é que seria bom… em todo caso…” pensou, e bateu à porta do quarto da velha. A campainha deu um som fraco, como se fosse de lata e não de cobre. Nos modestos quartos de semelhantes casas, quase todas soam assim. Já tinha esquecido o som daquela campainha e, de súbito, aquele som pareceu recordar-lhe qualquer coisa e trazê-la claramente à imaginação… Por isso estremeceu e, dessa vez, sentiu os nervos frouxos. Passado um momento a porta entreabriu-se numa fenda estreita, pela qual a inquilina espreitou o visitante, com modos receosos e deixando ver unicamente os olhos que brilhavam na obscuridade. Mas quando viu tanta gente no patamar, ganhou coragem e acabou de abrir a porta. O rapaz entrou para uma sala escura, dividida em duas por um tabique, do outro lado da qual ficava a cozinha exígua. A velhinha estava na sua frente, olhando-o em silêncio e interrogativamente. Era pequenina e seca, de uns sessenta anos, olhos vivos e maliciosos, com um

narizinho afilado e de cabeça descoberta. Os cabelos embranquecidos brilhavam, de besuntados com azeite. Trazia um lenço de flanela no pescoço delgado e comprido, parecido com a pata de uma galinha, e nos ombros, apesar do calor, uma pequena estola de pele, gasta e amarelada. A velhota não fazia mais do que tossir e gemer. Talvez o rapaz tivesse fixado nela um olhar especial, porque nos seus olhos tornou a aparecer a antiga expressão de desconfiança.

– Raskólhnikov[2], estudante; já estive aqui o ano passado – apressou-se a murmurar o rapaz, fazendo uma meia reverência, pois lembrou-se de que era preciso ser mais delicado.

– Já me lembro, *bátiuchka*; lembro-me muito bem de quem se trata – disse a velhota respeitosamente, sem afastar o olhar inquisitorial da cara do rapaz, tal como antes.

– Pois bem; eu vim de novo aqui para tratar de um assunto, coisa de pouca importância – continuou Raskólhnikov um pouco contrariado e admirado da desconfiança da velha.

“Aliás, pode ser que ela seja sempre assim, e que da outra vez eu não tivesse reparado”, pensou com uma sensação aborrecida.

A velha permanecia calada, como se reconsiderasse; depois afastou-se para um lado e, apontando a porta do quarto, disse, empurrando o visitante para a frente:

– Entre, *bátiuchka*.

O quarto em que o rapaz entrou, forrado de um papel amarelo, com gerânios e pequenas cortinas de musselina na janela, estava nesse instante iluminado pelo sol poente. “Talvez, depois, também faça sol…”, foi a ideia que perpassou rapidamente pela mente de Raskólhnikov, e correu rapidamente os olhos sobre todo o quarto para ficar conhecendo melhor e gravar na memória a sua disposição. Mas nele não havia nada de especial. O mobiliário, muito velho e de madeira amarela, compunha-se tão-só de um divã com grande recosto saliente, de madeira, uma mesa ovalada, colocada em frente do divã, um toucador com o seu espelhinho encostado ao tabique, algumas cadeiras também encostadas às paredes, mais uns tantos quadrinhos

sem valor, em molduras amarelas, representando senhoras alemãs com passarinhos nas mãos… e pronto. Num canto, diante de uma pequena imagem, ardia uma candeia. Estava tudo muito limpo; tanto os móveis como o soalho estavam encerados e reluzentes. “À custa do trabalho de Lisavieta”, pensou o rapaz. Nem um só grão de pó se encontraria em todo o quarto. “É sempre assim, em casa das viúvas velhas e más”, continuou dizendo para si próprio Raskólhnikov, e lançou um olhar de revés à cortina de indiana que escondia a porta dum segundo compartimento, onde ficavam a cama e a cômoda da velha, e para onde não tinha ainda conseguido deitar nem um só olhar. A casa reduzia-se a esses dois quartos.

– Então o que deseja? – disse a velha secamente, entrando no quarto e pespegando-se diante dele, como antes, para olhá-lo diretamente no rosto.

– Trago uma coisa para empenhar! – e puxou de um velho relógio de prata, de algibeira.

Tinha gravada uma esfera na tampa e a corrente era de aço.

– Está bem, mas não se esqueça de que o prazo do outro empréstimo já acabou há três dias.

– Eu lhe pagarei em breve os juros do mês, tenha paciência.

– Ainda que não queira, meu caro senhor, não tenho outro remédio senão ter paciência ou vender aquilo que me entregou.

– Quanto me dá por isto, Alíona Ivânovna?

– Só me traz ninharias, *bátiuchka*; isso, fique sabendo, não vale nada. Da outra vez dei-lhe dois rublos pelo anel, mas na joalharia há-os novos por rublo e meio.

– Dê-me quatro rublos; hei de resgatá-lo depois, porque era do meu pai. Por estes dias terei dinheiro.

– Rublo e meio, pagando os juros adiantados, e é se quiser!

– Rublo e meio! – exclamou o rapaz.

– Como quiser – e a velhota tornou a entregar-lhe o relógio. O rapaz guardou-o e sentiu tal coragem, que se dispunha já a ir-se embora; simplesmente, em seguida mudou de opinião, lembrando-se de que já não tinha tempo para ir a outro lugar e de que já anteriormente tinha estado noutra parte.

– Dê-mos! – disse com maus modos.

A velhota procurou umas chaves no bolso e depois dirigiu-se para o outro quarto, por detrás da cortina. O rapaz, que ficara só no meio da sala, pôs-se de ouvido à escuta, refletindo. Ouviu a velha abrir a cômoda. “Deve ser no gavetão de cima – pensou. – Costuma trazer as chaves no bolso da direita… todas no mesmo molho, numa argola de aço… E entre elas há uma maior que as outras, com o palhetão denteado, que não é a da cômoda… Isso quer dizer que também deve haver alguma arca ou cofre forte… É curioso. Os cofres fortes têm todos chaves dessas… Mas, enfim, tudo isto… é de somenos importância…

A velhota voltou.

– Aqui tem, *bátiuchka*; como a um rublo correspondem dez copeques por mês, a rublo e meio cabem quinze copeques por mês, que eu recebo adiantados. Aos outros dois rublos, que lhe dei da outra vez, correspondem, em relação a esta conta, vinte copeques, que também recebo já. Ao todo são trinta e cinco. De maneira que o seu relógio fica por um rublo e quinze copeques. Aqui tem.

– O quê? Então agora é só um rublo e quinze copeques?

– É assim mesmo.

O rapaz não estava para questões e aceitou o dinheiro. Olhou para a velha, sem pressa de sair dali, como se quisesse dizer ou fazer alguma coisa e nem ele próprio soubesse o quê…

– Pode ser que eu, Alíona Ivânovna, dentro de uns dias lhe traga outra coisa para empenhar… de prata… boa… uma cigarreira, assim que um meu amigo a devolva – e, como se atrapalhasse, calou-se.

– Está bem, depois falaremos, *bátiuchka*.

– Adeus… Mas a senhora vive sozinha? Não tem uma irmã? – perguntou aparentando despreocupação e dirigindo-se para o vestíbulo.

– Mas que lhe interessa ela, *bátiuchka*?

– Nada de especial. Perguntei por perguntar. A senhora, depois… Adeus, Alíona Ivânovna!

Raskólhnikov afastou-se dali muito perturbado. E a sua perturbação ia aumentando cada vez mais. Quando saiu da escada parou várias vezes, como se estivesse subitamente preocupado por alguma coisa. E, por fim, já na rua, murmurou:

– Oh, meu Deus! Como tudo isto é repugnante! Ah, sim, sim, eu… não; isto é um absurdo, uma estupidez! – acrescentou resolutamente. – E se me acontecesse esse horror? De que porcaria é capaz a minha alma! Isto é que é importante: é sujo, brutal, mau! E eu, durante um mês inteiro…

Mas nem com palavras, nem com exclamações, podia exprimir a sua comoção. Um sentimento de imensa repugnância, que começara a oprimir e a mortificar o seu espírito, desde o momento em que fora ver a velha, tomava agora tais proporções e revelava-se tão claramente que não sabia onde refugiar-se para fugir à sua tristeza. Caminhava pelo passeio como um ébrio, sem reparar nos transeuntes, dando-lhes encontrões e sem saber para onde ia. Quando olhou à sua volta verificou que se encontrava junto de uma casa de bebidas, na qual se entrava descendo uma escadinha que cooduzia a uma adega. Os bebedores assomavam à porta, naquele momento, e saíam para a rua empurrando-se mutuamente e barafustando. Sem se deter a pensar, Raskólhnikov desceu pelas escadas. Até então nunca entrara numa taberna; mas agora tinha a cabeça fora do lugar e, além disso, afligia-o uma sede que o fazia tossir. Tinha vontade de beber aguardente fresca, tanto mais que se sentia esgotado pela sua fraqueza súbita e, enfim, faminto. Sentou num canto escuro e sujo, junto duma mesinha de madeira de tília; pediu aguardente e bebeu com avidez o primeiro copo. Sentiu-se imediatamente aliviado e os pensamentos

ficaram mais claros: “Tudo isto é um absurdo – disse, devaneando – e não devo preocupar-me. É uma simples indisposição física! Um golinho de aguardente, um torrãozinho de açúcar… e o ânimo outra vez volta, as ideias se aclaram e as intenções se afirmam. Oh, como tudo isto é opressivo!”.

Apesar desta conclusão desesperante sentiu-se alegre como se de repente se tivesse liberto de um peso terrível e, afetuosamente, passou os olhos em redor. Mas até mesmo nesse momento previa já remotamente que toda essa impressionabilidade otimista era também doentia.

Àquela hora havia pouca gente na taberna. Detrás daqueles dois bêbados, com que tropeçara na escada, saiu um grupo completo: cinco homens, com uma mulher e um acordeão.

Assim que eles saíram ficou tudo em silêncio e em sossego. Restou só um bebedor, que não estava ainda completamente bêbado, de aspecto burguês, sentado diante dum copo de cerveja; ficou também o seu gordo companheiro, enorme, de jaqueta comprida e barba grisalha, muito embriagado, meio adormecido, num banco, e que de vez em quando, de repente, como se despertasse, se punha a bater castanholas com os dedos, esticando os braços e erguendo o peito, sem levantar do banco, depois do que cantarolava uma copla, esforçando-se por recordar versinhos como estes:

> Acariciando-a durante todo o ano,
> acarici…ando-a durante todo o ano…

Ou, então, quando tinha um pouco mais de lucidez:

> Quando atravessei a Podiatchiéskaia,
> encontrei a minha amada…

Mas ninguém o acompanhava; o companheiro, silencioso, cada vez que ele parecia despertar mirava-o com olhos hostis e desconfiados. Havia ainda outro tipo, com o aspecto de funcionário aposentado. Estava sentado sozinho, com um copo na frente, e de vez em quando bebia e olhava à volta. Parecia também muito excitado.

## Capítulo II

Raskólhnikov não estava acostumado às pessoas e, como dissemos já, evitava todo convívio, sobretudo nos últimos tempos. Mas, agora, qualquer coisa o impelia para as pessoas. Algo de novo se passava nele e, ao mesmo tempo, despertava nele também uma sede de convívio. Estava cansado de todo aquele mês de tristeza solitária e de sombria expectativa, e por isso ansiava por respirar outro ambiente, ainda que só por um momento, fosse qual fosse, e, apesar de toda a sujidade daquele lugar, continuava muito satisfeito na taberna.

O dono do estabelecimento estava noutra dependência, mas aparecia a todo instante na sala principal; para alcançá-la descia uns degraus, o que lhe dava ensejo de mostrar as botas elegantes, muito bem escovadas, debruadas a vermelho. Trazia uma jaqueta, com um colete terrivelmente ensebado, de pano preto, sem gravata, e toda a sua cara parecia besuntada de azeite, tal como um ferrolho. Atrás do balcão encontrava-se um rapaz, de uns catorze anos, e outro rapazinho que servia o que pediam os fregueses. Havia pepinos, biscoitos já enegrecidos e filetes de peixe; tudo isso cheirava muito mal. A atmosfera era tão sufocante que não se podia estar ali, e o ar estava a tal ponto impregnado do cheiro de aguardente que poderia quase dizer-se que, só de respirar aquele ambiente, uma pessoa era capaz de ficar embriagada.

Às vezes dão-se encontros, até com pessoas totalmente desconhecidas, que despertam o nosso interesse logo ao primeiro olhar, assim, de repente, de improviso, antes de se ter trocado uma só palavra. Foi essa a impressão que provocou em Raskólhnikov aquele cliente que estava sentado à parte e que tinha o aspecto dum funcionário aposentado. O rapaz havia de recordar isto depois, algumas vezes, e atribuir-lhe até um pressentimento. Observava de alto abaixo o presumível funcionário, que, por seu lado, também não tirava os olhos dele, e percebia-se claramente que desejava entabular conversa. O funcionário olhava para os outros indivíduos que havia na taberna, sem excluir o dono, com o ar de estar já habituado a eles e cheio de tédio, e ao mesmo tempo, com sua ponta de indolência, como a pessoas de posição e cultura inferiores, com as quais não tinha nada

que falar. Era um homem dos seus cinquenta anos, troncudo e de meia estatura, com alguns cabelos no crânio liso, uma cara com pintas amarelas e até esverdeadas, devido à bebida, as maçãs do rosto salientes, acima das quais brilhavam uns olhinhos estreitos como frestas, avermelhados, e que lançavam olhares cheios de vivacidade. Mas havia nele qualquer coisa de estranho: no seu olhar brilhava também uma espécie de solenidade – de fato, não lhe faltavam ideias nem espírito – e, no entanto, ao mesmo tempo deixavam adivinhar algo de loucura. Trazia um velho fraque preto, completamente esfarrapado, apenas com um só botão, que ele metia na casa com o desejo visível de conservar o decoro. Por debaixo do colete de nanquim avultava um peitilho cheio de salpicos e de manchas. Trazia a cara rapada, como os funcionários, mas havia muito que não se barbeava, de maneira que começavam a nascer-lhe nas faces tufos de pelos rebeldes. Os seus gestos demonstravam também, de fato, uma certa gravidade democrática. Mas nesse momento o nosso homem mostrava-se desassossegado, arrepelava os cabelos, e segurava às vezes com tristeza a cabeça entre as mãos, fincando os cotovelos esfarrapados sobre a mesa manchada e gordurenta. Finalmente olhou para a cara de Raskólhnikov e disse com voz firme e rouca:

– Poderia me dar licença, cavalheiro, de me dirigir ao senhor, fazendo-lhe uma pergunta correta? Porque embora o seu aspecto não seja fino, a minha experiência me diz que o senhor é um homem de boa educação e não está habituado a beber. Eu sempre respeitei a educação, quando se reúne a sentimentos generosos, e, além disso, sou conselheiro titular.[3] O meu apelido é Marmieládov[4]… conselheiro titular. Dá licença que lhe pergunte se também é funcionário?

– Não, sou estudante – respondeu o rapaz, um pouco admirado, tanto por aquele tom oratório como pelo fato de se ver interpelado assim, tão abruptamente. No entanto, a ânsia que, havia pouco, sentira de falar com alguém, fosse com quem fosse, assim que lhe dirigiram a primeira palavra tornou a experimentar de súbito o seu habitual sentimento hostil e irritado, perante toda a comunicação com gente estranha que tocasse ou mostrasse o desejo de tocar-lhe na personalidade.

– Estudante ou ex-estudante! – exclamou o funcionário. – Era isso

mesmo o que eu pensava! Tenho muita experiência, meu senhor, muita experiência! – e, com um gesto amplo e grave, levou um dedo à testa. – Com certeza havia de ser estudante ou pertencer à classe culta. Mas dê-me licença – levantou do seu lugar, cambaleou, pegou no prato e no copo e foi sentar diante do rapaz, embora um pouco de esguelha. Estava embriagado; mas falava com eloquência e desembaraço, somente de raro se atrapalhava um pouco e fazia uma grande embrulhada. Dirigia-se a Raskólhnikov com ânsia de quem já não fala com ninguém há um mês.

– Meu senhor – começou quase com solenidade – a pobreza não é um pecado, é a verdade. Sei também que a embriaguez não é nenhuma virtude. Mas a miséria, meu senhor, a miséria… essa sim, essa é pecado. Na pobreza ainda se conserva a nobreza dos sentimentos inatos; na miséria não há nem nunca houve nada que os conserve. À um homem na miséria quase que o correm à paulada; afugentam-no à vassourada da companhia dos seus semelhantes, para que a ofensa seja ainda maior, e é justo, porque na miséria sou eu o primeiro que estou disposto a ofender-me a mim próprio. Acabou-se a bebida! Sim, senhor, há já um mês que o senhor Liebiesiátnikov[5] bateu na minha mulher; mas eu não sou a minha mulher! Está percebendo? Dê licença que lhe pergunte, ainda que seja só a título de curiosidade: já lhe aconteceu passar a noite no Nieva, nas barcas do feno?

– Não, ainda não me aconteceu – respondeu Raskólhnikov – Que se passa por aí?

– Não, mas eu, há já cinco noites…

Encheu o copo, bebeu e ficou pensativo. De fato, tanto na roupa como no cabelo, viam-se nele algumas palhinhas de feno. Era muito provável que nem sequer tivesse tirado a roupa do corpo, e que não se tivesse lavado havia já cinco dias. Sobretudo as mãos estavam sujas, gordurentas, avermelhadas, com pintas negras.

Segundo parecia, as suas palavras despertaram a atenção geral, embora não muito viva. Os rapazes, atrás do balcão, puseram-se a rir. Parecia também que o dono descera do quarto de cima só com a ideia

de escutar o engraçado, e, sentado a alguma distância, escutava com indolência, mas gravemente. Marmieládov era conhecido ali havia já muito tempo. E a sua inclinação para os discursos oratórios devia ter surgido em consequência daquele hábito de entabular conversas frequentes, na taberna, com os desconhecidos. Para alguns bebedores, esse hábito chega a tornar-se uma necessidade, principalmente para aqueles que são maltratados e corridos da própria casa. Por isso, quando estão em companhia de outros bebedores, esforçam-se por justificar-se e, se for possível, por alcançar também alguma consideração.

– Que espirituoso! – exclamou em voz alta o taberneiro – Mas por que não vais trabalhar, uma vez que és empregado?

– Por que não trabalho? – repetiu Marmieládov, dirigindo-se exclusivamente a Raskólhnikov, como se fosse ele quem o tivesse interpelado. – Por que não trabalho? Mas não me dói a alma ao ver a abjeção em que me arrasto? Quando, há um mês, o senhor Liebiesiátnikov bateu na minha mulher com as suas próprias mãos, e eu estava deitado por causa da bebedeira, não sofri talvez? Dê licença, rapaz: já lhe aconteceu alguma vez… hum! vamos, pedir dinheiro sem esperança?

– Já me aconteceu, sim; mas como é isso de pedir sem esperança?

– Ora, é pedir sabendo antes que nada lhe darão. Vejamos: o senhor, por exemplo, sabe de antemão e com toda a segurança que um certo homem, um cidadão bondosíssimo e prestável, por nada deste mundo lhe dará dinheiro, pois, por que motivo, pergunto eu, havia de dar? Suponhamos também que ele sabe que eu não o devolvo. Por compaixão? Mas o Senhor Liebiesiátnikov, que está a par das novas ideias, explicou-me, não há muito tempo, que a compaixão, nos nossos tempos, é proibida pela ciência, e que é assim que se procede na Inglaterra, onde existe a Economia Política. Por que, pergunto eu, havia de dar dinheiro? Mas acontece que, sabendo previamente que não o dá, apesar disso se põe a caminho e…

– Mas por que vai lá? – acrescentou Raskólhnikov.

– Se uma pessoa não o vai procurar, a quem é que há de acudir? É

forçoso que todos os homens vão aonde podem ir. Porque estamos numa época em que é preciso ir a alguma parte. Quando a minha única filha foi matricular-se na Polícia pela primeira vez, fui eu que a acompanhei – acrescentou, entre parênteses, olhando com certa inquietação para o rapaz. – Não, senhor, não! – apressou-se a acrescentar tranquilamente, sem reparar que os rapazes do balcão mal podiam conter o riso, e que o próprio taberneiro sorria também. – Não! Podem balançar a cabeça que fico na mesma, porque já toda a gente o sabe, e tudo quanto é mistério fica às claras, e é com serenidade e não com desprezo que o confesso. Seja! *Ecce homo!* Dê-me, licença, o senhor poderia…? Mas não; devo exprimir-me de maneira mais categórica e terminante: o senhor não poderia, sim, o senhor não seria capaz, olhando-me bem de frente, de dizer-me que eu não sou um porcalhão?

O rapaz não respondeu nada.

– Bem – prosseguiu o orador com aprumo e até com grande dignidade, esperando outra vez que se extinguissem as risadas – bem, admitamos que eu seja um porco e ela uma senhora. Eu tenho figura de animal, ao passo que Ekatierina Ivânovna, a minha mulher… é uma pessoa bem educada, filha dum oficial superior. Admitamos que eu sou um velhaco e ela uma mulher de grande coração e cheia de sentimentos generosos. Mas, no entanto… oh, se ao menos tivesse pena de mim! Meu senhor, meu senhor, todas as pessoas precisam de ter ao menos um lugar onde sintam pena dela! Mas Ekatierina Ivânovna, apesar de ser uma senhora generosa, não é justa… E, embora eu compreenda que, quando ela se excede comigo, o faz por compaixão (porque, repito-o, e não me envergonho, ela se excede comigo), rapaz – reafirmou, com dignidade dobrada, quando acabaram as risadas – mas, por amor de Deus! Se ela ao menos uma vez… Mas não! Não! Tudo isto são pormenores de que não é preciso falar! Pois já, e não somente uma vez, se cumpriu esse meu desejo, não foi uma vez apenas que tiveram pena de mim; mas… esse é um aspecto do meu caráter. Eu, por mim, sou uma besta!

– O quê?! – observou o taberneiro bocejando.

Marmieládov descarregou um soco pesado sobre a mesa.

– É o que eu sou! O senhor sabe que até as meias dela eu bebi? Não foi os sapatos, o que sempre seria mais lógico, mas as meias. Bebi as suas meias! Também bebi a sua gola de pelo de cabra, apesar de ser propriedade dela, pois já a tinha antes de casada; e moramos num buraco gelado, e ela, este inverno, apanhou uma bronquite e começou a tossir e a cuspir sangue. Temos três filhos pequenos, e Ekatierina Ivânovna trabalha desde manhã até à noite, lava, esfrega e trata das crianças, pois foi costumada à limpeza desde pequena, simplesmente está doente do peito e tem propensão para a tísica, sei muito bem. Mas então eu não tenho sentimentos? E quanto mais bebo, mais sinto as coisas. É por isso que bebo, porque na bebida encontro o sofrimento… Bebo porque quero sofrer em dobro! – e inclinou a cabeça para a mesa, num desespero. – Rapaz – continuou, tornando a erguer-se – leio uma certa tristeza na sua cara. Reparei nisso assim que entrou e foi por isso que lhe dirigi a palavra. Pois ao contar-lhe a história da minha vida, eu não pretendia apresentar-me com um aspecto denegrido perante esses tratantes, que, por outro lado, já a conhecem; o que eu queria era encontrar um homem sensível e culto. Fique o senhor sabendo que a minha mulher foi educada num instituto de nobres de um distrito importante, e quando saiu do pensionato, dançou envolta num xale, na presença do governador e das outras personalidades da localidade, e por isso concederam-lhe uma medalha de ouro e um diploma de louvor. A medalha… bom, a medalha já a vendemos há tempos… Hum! O diploma laudatório ela ainda o guarda na arca e não há muito tempo que o mostrou à dona da casa. E embora ande sempre às turras com a tal dona da casa, agrada-lhe no entanto pavonear-se perante os outros, falando dos dias felizes do passado. Coisa que eu não lhe censuro, não, senhor, não lhe censuro, porque esses últimos dias felizes ficaram-lhe gravados na memória e tudo o mais se evaporou. Sim, sim, é uma mulher voluntariosa, orgulhosa e destemida. É ela mesma quem esfrega os soalhos e come pão negro; mas não consente que lhe faltem ao respeito. Por isso não quis suportar as grosserias do Senhor Liebiesiátnikov, e quando ele lhe bateu, por causa disso, teve de meter-se na cama, não tanto pelas pancadas, como pela ofensa. Já era viúva quando me casei com ela, e tinha três filhos pequeninos. Casou-se com o primeiro marido, um oficial de infantaria, por amor, e fugiu de casa dos pais. O marido gostava muito dela; mas acabou por endoidecer por causa do jogo das

cartas, teve de comparecer perante um conselho de guerra, e morreu por causa disso. Por último também tinha dado em bater-lhe; ela não o tolerava, conforme pude comprovar depois por referências e por documentos; mas ainda hoje o recorda com lágrimas nos olhos, e me recrimina, comparando-me com ele, e eu fico satisfeito, alegre, porque com essas censuras, de certo modo ela considera-se feliz… Bem; pois quando ele morreu, a pobrezinha ficou com três criancinhas num distrito afastado e selvagem, onde eu também morava, por esse tempo, e estava numa miséria tão desesperada, que eu, que tenho visto tanta coisa, nem me sinto com forças para descrevê-la. Todos os parentes a tinham desprezado. E no entanto era orgulhosa… E eu, então, meu senhor, eu, então, que também estava viúvo e tinha uma filhinha de catorze anos, da minha primeira mulher, propus-lhe casamento por não poder contemplar semelhante dor. Já pode ver até que ponto chegaria a sua miséria, quando ela, uma mulher culta e educada, e de família distinta, assentiu em casar-se comigo. Mas assentiu! Chorando e gemendo, e torcendo as mãos… mas o certo é que assentiu! Porque não tinha para onde ir. O senhor pode compreender o que significa isso de não ter para onde ir? Não, o senhor não pode compreender… Durante um ano inteiro eu cumpri as minhas obrigações, nobre e honradamente, e não toquei nisto – e bateu com o dedo na garrafa – porque sou um homem de sentimentos. Mas nem assim pude satisfazê-la; fui demitido, não por causa da aguardente, mas por mudança de pessoal, e foi então que me entreguei à bebida… Há já um ano que viemos parar, finalmente, depois de muitos cansaços e de muitas aflições, a esta magnífica capital, ornamentada com tantos monumentos. E aqui encontrei um emprego… Encontrei para tornar a perder. Compreende? Desta vez perdi-o por minha culpa, porque o demônio me tentou… Vivemos agora num canto, em companhia da dona da nossa casa, Amália Fiódorovna Lippewechsel, e como é que nós vivemos e pagamos, não o sei ao certo. Além de nós moram ali também muitas outras pessoas… Aquilo é uma Sodoma caótica… Hum! Sim… E entretanto a minha filha foi crescendo, aquela que tive do primeiro casamento, e tudo o que a minha filhinha teve de suportar da madrasta, durante todo esse tempo, é coisa em que não quero tocar. Pois ainda que Ekatierina Ivânovna seja uma mulher de sentimentos generosos, é pessoa orgulhosa e irritável, e que perde a paciência com facilidade… Lá isso, é! Bem, mas não falemos nisso!

Educação, já o senhor pode imaginar que não recebeu nenhuma. Há quatro anos experimentei ensinar-lhe Geografia e História Universal; mas como eu próprio não estava muito forte nisso e não tinha tido bons professores, e, além disso, com aqueles livros… Hum! Bem, agora já não há desses livros; e a educação dela ficou por aí. Ficamos em Ciro, rei dos Persas. Depois, quando era já uma mulherzinha, leu alguns livros de índole romanesca, e há pouco, por intermédio do Senhor Liebiesiátnikov, leu com muito interesse um livro de Fisiologia, de Lewis… conhece? E até nos leu passos dele em voz alta; foi esta toda a sua instrução. Agora, meu senhor, vou fazer-lhe uma pergunta de caráter particular. Acha que uma moça pobre, mas honesta, pode ganhar a vida trabalhando? Se for honesta e não possuir aptidões especiais, nem quinze copeques por dia chegará a ganhar, e isto trabalhando sem parar. Mas o conselheiro de Estado Klopstock – Ivan Ivânovitch, o senhor está ouvindo? – até hoje ainda não lhe pagou pela confecção de meia dúzia de camisas de holanda, e ainda por cima a expulsou de sua casa a pontapés, insultando-a de uma maneira vergonhosa, com o pretexto de que o colarinho duma das camisas não estava na medida e de que a tinha talhado a viés. E, entretanto, as crianças passando fome… E Ekatierina Ivânovna torcia as mãos e dava voltas pela casa, e trazia já umas rosetas encarnadas nas faces: isso é próprio da doença e acontece-lhe constantemente. “Estás lendo? Apre, que comes e bebes conosco, parasita, e não fazes nada!” Mas que podia ela comer e beber, quando havia já três dias que as crianças não viam uma côdea de pão? Eu, nessa ocasião, estava deitado; bem, queria lá saber! Estava curtindo a bebedeira, e então ouvi falar a minha Sônia (ela não é respondona, e tem uma vozinha tão fraca… é bonita, com uma carinha sempre pálida, fraquinha), e diz: “Mas, o que, Ekatierina Ivânovna, é possível que me mande fazer isso?” E, entretanto, Daria Frántsovna, mulher maldosa e bem conhecida da polícia, já por três vezes lhe tinha pregado, por recomendação da dona da casa. “Que tem isso de especial? – responde Ekatierina Ivânovna com uma risadinha. – Para que te reservas? Olhem a prenda!” Mas não lhe deite culpas, não a culpo, meu caro senhor; não a culpo. Se estivesse em seu perfeito juízo não teria dito aquilo, foi levada por sentimentos exaltados, por causa da doença e pelos choros dos filhos esfomeados; lá isso, foi; disse mais para ofender do que por pensar verdadeiramente… Porque Ekatierina

Ivânovna tem um tal gênio que, assim que os filhos começam a chorar, ainda que seja de fome, bate-lhes logo. E eu bem vi como Sônietchka levantou, deviam ser sete horas, pôs uma touquinha, o casaco, saiu do quarto e só voltou às nove. Voltou a essa hora, foi ter com Ekatierina Ivânovna e deitou sobre a mesa, na frente dela, trinta rublos de prata. Não disse sequer uma palavra, pegou no nosso grande xale verde, que tem um desenho do jogo das damas (porque temos um xale com esses desenhos, que serve para todos), tapou completamente a cabeça e a cara com ele, estendeu-se na cama de cara voltada para a parede e só os seus ombros estremeciam com arrepios que lhe sacudiam todo o corpo… E eu continuava deitado, tal como antes, muito sossegado… Foi então, rapaz, que vi como Ekatierina Ivânovna, sem dizer uma palavra, se aproximou da caminha de Sonha e passou a noite toda de joelhos a seus pés, e beijava-lhe os pezinhos e não queria levantar, e depois dormiram as duas juntas, abraçadas, as duas… as duas… assim mesmo; e eu… continuava curtindo a bebedeira.

Marmieládov calou-se, como se lhe tivesse faltado a voz. Depois encheu o copo com rapidez, bebeu e limpou a boca.

– Então, meu senhor – continuou, depois de uma pausa – então, devido à delação de pessoas mal intencionadas (e para isso contribuiu principalmente Daria Frántsovna, com o pretexto de que lhe tínhamos faltado ao respeito), então é que a minha filha Sonha Siemiônovna se viu obrigada a matricular-se e, por essa razão, já não pode continuar vivendo conosco. Porque a senhoria, Amália Fiódorovna, não quis tolerar isto (apesar de, antes, se ter servido de Daria Frántsovna), e o Senhor Liebiesiátnikov também. Hum! Repare: foi por causa de Sonha, aquela história que ele teve com Ekatierina Ivânovna. A princípio era ele quem assediava Sônietchka e, então, de repente, encheu-se de melindres. “Como, eu, um homem tão distinto, viver na companhia desta gente?” Mas Ekatierina Ivânovna não soube proceder: quis manter-se na sua… bom… e atazanou-se… Agora Sônietchka só vem ver-nos quando é já escuro, distrai Ekatierina Ivânovna e traz-lhe bastante dinheiro… Mora em casa do alfaiate Kapernaúmov, ao qual alugou um quarto. Kapernaúmov é coxo e gago, e toda a sua numerosa família é também gaga. E a mulher é também gaga… Vivem todos juntos no mesmo quarto; mas Sônia tem um só para ela,

separado por um tabique… Hum! Lá isso é verdade… São pessoas muito pobres e todas gagas… sim… Pois bem, na manhã seguinte, assim que me levantei, vesti os meus farrapos, ergui os braços ao Céu e dirigi-me para casa de Sua Excelência, Ivan Afanássievitch. Conhece Sua Excelência, Ivan Afanássievitch? Não? Pois não conhece uma pessoa de bem! É como cera virgem, cera virgem, perante Deus; e essa cera funde-se… Até se desfaz em lágrimas, depois de se ter dignado ouvir tudo. "Bem – disse ele – Marmieládov, já uma vez me causaste uma decepção… Mas tornarei a admitir-te sob minha responsabilidade pessoal – foi assim mesmo que ele disse. – Lembra-te disto, por amor de Deus, e vai-te embora!" Beijei os seus pés, em pensamento, pois na realidade não teria consentido, porque é funcionário de categoria elevada e homem de ideias novas no que respeita a coisas oficiais e a educação: voltei para casa e, quando anunciei que ia ser reintegrado no serviço e receber outra vez ordenado, que rebuliço!

Marmieládov tornou a ficar muito comovido. Nesse momento entrou um bando de homens, embriagados, e à porta ouviu-se o som dum realejo ambulante, de aluguel, e a vozinha infantil, guinchona, dum rapazinho de sete anos, que cantava *A granja*. Estabeleceu-se um rebuliço. O taberneiro e os rapazes receberam os recém-chegados. Sem lhes dar atenção, Marmieládov continuou a sua narrativa. Parecia já completamente embriagado; mas quanto mais bêbado estava, mais tagarela se tornava. As recordações de seu recente triunfo no serviço pareciam reanimá-lo e fizeram até afluir-lhe um certo brilho ao rosto. Raskólhnikov escutava-o com atenção.

– Isto aconteceu haverá umas cinco semanas. Sim… Quando as duas o souberam, Ekatierina Ivânovna e Sônietchka, parecia que lhes tinham aberto o reino de Deus. Dantes era só aquilo de "Está ali caído, como uma besta!". Só insultos. Agora andavam nas pontas dos pés e ralhavam com os petizes: "Siemion Zakháritch chega cansado do trabalho, está descansando. Chiu!". Davam-me café antes de ir para a repartição e aqueciam-me a nata para o pão. Arranjavam nata verdadeira, está ouvindo? E onde teriam elas ido descobrir aquele uniforme decente, que valia onze rublos e cinquenta copeques? Não consigo compreendê-lo! Até botas, gravatas de plastão, de algodão fino, esplêndidas, uniforme: tudo por onze rublos e cinquenta

copeques e em ótimo estado! Levanto e no primeiro dia de manhã, para ir para a repartição, e que vejo? Ekatierina Ivânovna tinha-me preparado dois pratos para o desjejum – sopa e carne com rábanos – coisas que, até hoje, ainda não consegui explicar. Vestidos, não tinha nenhum, nenhum mesmo, e, no entanto, parecia que estava para receber visitas: estava muito bem posta, e como se sempre tivesse vestido do bom e do melhor; bem penteada, com uma gola primorosa, mangas compridas, parecia absolutamente outra, e estava rejuvenescida e mais bonita. Foi Sônietchka, a minha querida, quem arranjou o dinheiro. E ela própria me disse: "É melhor eu não vir vê-lo de dia, é preferível vir logo, quando já for escuro, para que ninguém me veja". Está ouvindo, está ouvindo? Eu, depois do almoço, fui dormir, coisa que, noutras circunstâncias, Ekatierina Ivânovna não consentiria, como deve calcular. Havia apenas uma semana que tivera uma zanga terrível com a senhoria, Amália Fiódorovna, mas depois convidou-a para tomar uma xícara de café. Estiveram duas horas juntas conversando em voz baixa: "Sabe? Agora, Siemion Zakháritch está outra vez empregado, ganha um ordenado, e fala com Sua Excelência em pessoa, e Sua Excelência recebe-o e manda os outros esperarem, e vai de braço dado com Siemion Zakháritch à frente de toda a gente, até ao seu gabinete!". Está ouvindo, está ouvindo? "Eu, não há dúvida – disse – Siemion Zakháritch, que me lembro dos seus serviços, e embora sofra dessa triste fraqueza, como o senhor agora me promete emendar-se, e, além disso, como aqui, sem o senhor, as coisas não andam bem (ouça, ouça!), agora – disse – confio na sua palavra de honra." Mas eu digo-lhe a verdade: isso tudo foi ela quem inventou, mas não o fez por falta de juízo, nem somente por gabolice. Não, ela própria acredita nisso tudo e consola-se com a sua imaginação… Meu Deus! E eu não a censuro; não, não a critico! Quando, há seis dias, recebi o meu primeiro ordenado – vinte e três rublos e quarenta copeques – e lho entreguei todo, chamou-me pequenino, "Meu pequenino!". Estávamos os dois sozinhos, compreende? Pois foi assim, como se eu fosse um rapaz jeitoso e um bom maridinho. Bem, depois, ela me deu uma palmadinha na bochecha, dizendo-me "Meu pequenino!".

Marmieládov parou, por momentos, e parecia que ia sorrir; mas, de repente, o queixo começou a tremer-lhe. No entanto dominou-se.

Aquele ambiente de taberna, aquele quadro repugnante, cinco noites passadas nas barcas do feno e a garrafa de permeio em tudo isto, aquele amor doentio pela mulher e pela família deixavam admirado o seu ouvinte. Raskólhnikov escutava, era todo ouvidos, mas com uma sensação de mal estar. Estava arrependido de ter-se ido meter ali.

– Meu senhor, meu senhor! – exclamou Marmieládov endireitando-se. – Oh, meu senhor! A si, talvez tudo isto o faça rir, como aos outros, e eu não faço outra coisa senão importuná-lo com a estupidez de todos estes miseráveis pormenores da minha vida doméstica; mas, a mim, não me dão vontade de rir. Porque eu sou capaz de sentir tudo isto… E, durante todo aquele dia paradisíaco da minha existência, e durante toda aquela noite, eu mesmo me entreguei a grandes devaneios; quero dizer que tudo aquilo se ia arranjar, que as crianças teriam roupa, e eu ia proporcionar tranquilidade a ela, e tiraria a minha única filha da desonra e ela retornaria ao seio da família… E muitas outras coisas, muitas outras coisas! Dê licença, senhor… Pois bem, meu senhor… – de súbito, Marmieládov estremeceu, ergueu a cabeça e ficou olhando fixamente para o seu interlocutor. – Pois no dia seguinte, depois de todas essas ilusões (ou seja, precisamente há cinco dias), à noite, eu, com uma artimanha, como um salteador noturno, tirei a chave da cômoda a Ekatierina Ivânovna, apoderei-me do que restava ainda do meu ordenado… não me lembro bem quanto; mas veja isto, veja bem: levei tudo! Cinco dias fora de casa, eles à minha procura, a carreira perdida, e o uniforme em poder dum taberneiro da ponte do Egito, que, em vez dele, me deixou estes farrapos… e acabou-se!

Marmieládov deu a si mesmo um soco na testa, rangeu os dentes, fechou os olhos e fincou com força o cotovelo sobre a mesa. Mas, passado um minuto, transfigurou-se e com certa malícia forçada e um autodomínio fingido, olhou para Raskólhnikov, sorriu e continuou falando:

– E hoje estive em casa de Sônia e fui pedir-lhe dinheiro para beber. Ah, ah, ah!

– E ela deu? – perguntou alguém dos que entravam, e depois desatou a rir às gargalhadas.

– Olhe, esta meia garrafa foi paga com o dinheiro dela – disse Marmieládov encarando Raskólhnikov. – Deu-me trinta copeques, os últimos, tudo quanto tinha, que eu bem vi… Não me disse nada; limitou-se a olhar-me em silêncio… De uma maneira como não se olha na Terra, mas além, no lugar onde têm piedade das pessoas, choram e não insultam. Apesar de que ainda custa mais quando não nos insultam! Trinta copeques, isto mesmo; e a ela, decerto, devem fazer-lhe falta. Não acha, meu caro senhor? Porque veja que ela, agora, tem de andar muito bem arranjada. E essa apresentação custa dinheiro, está percebendo? Compreende? É que ela tem de usar brilhantina; e saias engomadas, botinas elegantes, justinhas, para fazer sobressair o pezinho quando é preciso atravessar uma poça no meio da rua. Compreende o senhor, compreende o que significa esse esmero? Pois bem, eu, como vê, gastei esses trinta copeques na bebida. E continuo bebendo! E já estou bêbado! Mas bem, quem é que se preocupa com um tipo como eu? Diga! O senhor tem pena de mim ou não? Diga lá, senhor, tem pena ou não? Ah, ah, ah!

Quis encher de novo o copo; mas já não havia nem uma gota; a meia garrafa estava vazia.

Ouviram-se risadas e também insultos. Riam e injuriavam, os que tinham ouvido e os que não ouviram, só de olhar a cara do funcionário demitido.

– Ter pena! Por que haviam de ter pena? – exclamou, de repente, Marmieládov, levantando-se de mão estendida, tomado de uma enérgica exaltação, como se estivesse apenas à espera daquelas palavras. – Mas por que hão de ter pena de mim? Digam! É assim mesmo. Não há motivo. O que me devem fazer é cravarem-me numa cruz e não terem pena de mim! Mas crucifiquem-me depois de me julgar, e quando me tiverem crucificado, tenham pena de mim. E então eu próprio irei ter convosco para sofrer o suplício, pois não é de alegria que eu tenho sede, mas de tristeza e de lágrimas! Imaginas tu, taberneiro, que esta meia garrafa me trouxe a felicidade? Sofrimento, o sofrimento é que eu procurava no seu fundo; tristeza e lágrimas, e encontrei-as, realmente; quanto à piedade, há de ter piedade de nós Aquele que de todos se apiedou e tudo compreendeu; Ele, que é o amigo e também é o juiz. Nesse dia Ele há de aparecer e perguntará:

“Onde está essa pobre moça que se vendeu por uma madrasta má e tísica e por umas crianças, que lhe não são nada? Onde está essa pobre moça que teve compaixão do pai, bêbado inveterado, sem se assustar com o seu embrutecimento?”. E depois dirá: “Anda, vem cá! Eu já te perdoei uma vez. Já te perdoei uma vez. Perdoados te sejam também agora os teus muitos pecados, porque amaste muito”. E perdoará à minha Sonha; há de perdoar-lhe, eu sei que há de perdoar-lhe… Foi isto o que senti há pouco no meu coração, quando fui vê-la… E há de julgar a todos e a todos perdoará, tanto aos bons como aos maus, aos prudentes e aos pacíficos… E depois de julgar todos, vai se inclinar também para nós: “Vinde cá – dirá – vós outros, também, vós os bêbados, vinde cá, impudicos; vinde cá, porcalhões!”. E nós vamos nos aproximar, sem ter vergonha e vamos parar. E Ele dirá: “Meus filhos! Imagem bestial é a vossa e tendes a sua marca; mas aproximem-se também”. E intervêm os castos, e intervêm os prudentes: “Senhor! Mas vais admitir estes também?”. E Ele dirá: “Pois eu os admito, ó castos! Aqui os acolho, ó prudentes! Porque nem um só deles se julgou nunca digno de tal mercê…”. E vai estender as suas mãos, e nós vamos nos entregar a elas e romperemos em pranto e compreenderemos tudo… Então, havemos de compreender tudo! E todos hão de compreender… E Ekatierina Ivânovna também compreenderá… Senhor, venha a nós o vosso reino…

E deixou-se cair sobre um banco, esgotado e sem forças, sem olhar para ninguém, como que alheado de tudo o que o rodeava e caído num êxtase profundo. As suas palavras causaram uma certa impressão. Houve silêncio durante um minuto; mas não tardou que se ouvissem os mesmos risos e impropérios de há pouco.

– Já disse a sua sentença!

– Mas que série de disparates!

– Funcionariozinho!

E etc, etc.

– Vamo-nos embora daqui – disse Marmieládov de repente, levantando a cabeça e encarando Raskólhnikov – leve-me… a casa de Kossel ao fundo do pátio. É já ali… vamos ter com Ekatierina

Ivânovna…

Havia muito que Raskólhnikov ansiava por ir embora; e também já pensara em ajudá-lo. Marmieládov parecia ter mais dificuldade em mexer os pés do que a língua, e apoiava-se com força ao rapaz. Era preciso percorrer um trajeto de duzentos a trezentos passos. O ébrio sentia cada vez mais medo e mal-estar, à medida que se ia aproximando de casa.

– Eu, agora, já não tenho medo de Ekatierina Ivânovna – murmurava, agitado – nem tenho medo que ela me venha puxar os cabelos. Que são os cabelos? É um absurdo, isto dos cabelos! Isto mesmo! Até é melhor que nos puxe, pois, a mim, isso não me assusta… Eu… do que tenho medo, é do seu olhar. Sim, do seu olhar… e também das rosetas que lhe aparecem sobre as faces… E, além disso, tenho medo da sua respiração… Já viste como respiram esses doentes quando estão agitados? Também tenho medo do choro das crianças. Porque se Sônia não se lembrou de alimentá-los, não sei o que terá sido deles. Não sei! Mas, das pancadas, não tenho medo. Fique o senhor sabendo que, a mim, essas pancadas não só não me martirizam, como até costumam dar-me prazer. Não poderia passar sem elas. É o melhor. Que me dê uma boa sova, que descarregue os nervos, é o melhor… Mas já chegamos. É esta a casa de Kossel, um serralheiro, um alemão que enriqueceu… Leva-me.

Entraram no pátio e subiram ao quarto andar. À medida que se subia a escada tornava-se mais escura. Era já perto das onze, e, embora nessa época do ano não haja em Petersburgo noite verdadeira, ali, no alto da escada, estava muito escuro…

A pequena porta, denegrida pelo fumo, que havia ao fim da escada estava aberta. Uma lamparina iluminava um quarto pobríssimo, dos seus dez passos de largura, tão pequeno que se via todo do patamar. Ali tudo era desordem e confusão; viam-se principalmente várias peças de roupa de criança. No canto do fundo, uma cortina cheia de buracos. Atrás dela, estaria oculta a cama, provavelmente. Em todo o quarto havia apenas duas cadeiras e um divã derreado e coberto com um oleado em muito mau estado e, à frente dele, uma mesa de cozinha, de pinho, velha, sem pintura e

qualquer cobertura. Na ponta da mesa ardia uma vela de sebo, quase gasta, num castiçal de ferro. Marmieládov tinha um quarto só para si, e que não era um simples canto; mas esse quarto era um corredor. Á porta de acesso aos outros quartos ou cubículos em que se dividia o andar de Amália Lippewechsel estava aberta. Ouvia-se barulho, sentia-se ali um grande rebuliço. Riam às gargalhadas. Segundo parecia jogavam baralho e tomavam chá. De quando em quando ouvia-se uma ou outra obscenidade.

Raskólhnikov reconheceu imediatamente Ekatierina Ivânovna. Era uma mulher de aspecto extremamente fraco, fina, bastante alta e bem feita, com um cabelo castanho ainda muito bonito e, de fato, com umas faces muito coradas, como se tivessem duas rosetas vermelhas. Andava de um lado para outro, no quarto, de mãos cruzadas sobre o peito, de lábios franzidos e respirando de uma maneira especial, entrecortada. Os olhos brilhavam-lhe como se tivesse febre; mas o seu olhar era duro e impassível, e os últimos reflexos daquela luz moribunda, que neles se refletiam, davam uma impressão de doença àquele rosto febril de tuberculosa. A Raskólhnikov pareceu-lhe uma mulher de trinta anos e, de fato, não faziam um par harmonioso, ela e Marmieládov. Não os sentiu entrar, nem reparou neles; parecia absorta, parecia que não via nem ouvia. No quarto havia uma atmosfera sufocante; mas ela não tinha aberto a janela; da escada vinha um odor pestilencial; mas também não fechara a porta que dava para ela. Dos quartos interiores, através das portas abertas, chegava também o fumo dos cigarros, e ela tossia, mas não fechava a porta.

A menina mais pequena, de seis anos, dormia sentada no chão, encolhida e de cabecinha apoiada no divã. Um rapazinho, um pouco mais velho, tremia num canto e chorava. Acabara, por certo, de apanhar uma surra. A menina mais crescida, de uns nove anos, esgalgada e de aspecto débil, com uma camisinha em farrapos e uma capa de tecido aos quadrados sobre os ombros nus, que provavelmente lhe arranjaram quando tinha menos dois anos, pois já nem sequer lhe chegava aos joelhos, estava num canto, junto do irmãozinho, a cujo pescoço se abraçava com a sua mão esguia e fina. Parecia consolá-lo; dizia-lhe qualquer coisa ao ouvido, procurava acalmá-lo por todos os meios para que não tornasse a chorar e, ao mesmo tempo, não

desviava da mãe os seus grandes olhos escuros, que pareciam ainda maiores naquela carinha afilada e amedrontada. Sem entrar no quarto, Marmieládov pôs-se de joelhos à porta e empurrou Raskólhnikov para dentro. Quando viu o desconhecido, a mulher ficou especada na sua frente, distraída, mas desperta por um momento da sua meditação e como se perguntasse a si própria: "Que virá ele fazer aqui?". Mas, naturalmente, acabou por dizer consigo própria que iria para qualquer dos outros quartos, visto que ali era um corredor. Depois de ter imaginado isso, e sem dar-lhe atenção, dirigiu-se à porta do patamar sem intenção de abri-la e, de repente, deu um grito ao ver o marido à entrada, de joelhos.

– Ah! – exclamou com espanto. – Já voltaste! Criminoso! Monstro! Onde está o dinheiro? Que tens aí nos bolsos? Mostra! E o teu ordenado? Que fizeste do ordenado? Onde estão as moedas? Fala!

E atirou-se a ele a fim de revistá-lo. Marmieládov ergueu imediatamente os braços com docilidade e humildade, para facilitar a busca, mas, de dinheiro, nem um copeque.

– Onde está o dinheiro? – gritava – ó, meu Deus, gastou tudo na bebida! Doze rublos de prata que eu tinha no baú!

E, de repente, furiosa, agarrou-o pelos cabelos e arrastou-o para dentro. O próprio Marmieládov facilitava o seu esforço, deixando-se levar mansamente, de joelhos.

– Mas, se isto, para mim, é um prazer! Não me magoa, mas sim pra…zer, meu senhor! – exclamava, enquanto o arrastavam pelos cabelos e até o faziam dar uma cabeçada contra o chão.

A garota que dormia acordou e começou a chorar. O rapazinho que estava no canto não pode conter-se e começou a tremer e a gritar, e cingiu-se contra a irmã, apavorado, como se estivesse quase para sofrer um ataque. A irmãzinha mais velha tremia, colada à parede, como a folha duma árvore.

– Foi na bebida! Tudo gasto na bebida! – gritava a pobre mulher, desolada. – E essa roupa também não é a dele! Vão morrer de fome, de fome! – e, torcendo as mãos, apontava para as crianças. – Oh, vida

malvada. E o senhor, o senhor não tem vergonha? – disse, de repente, encarando Raskólhnikov. – Na taberna! Ajudava-o a gastar o dinheiro na taberna! Bebia também! Fora daqui!

O rapaz apressou-se a desaparecer, sem dizer uma palavra. Entretanto a porta do fundo tinha-se aberto de par em par e por ela espreitavam alguns curiosos. Assomavam caras cínicas e trocistas, de cigarro ou de cachimbo na boca. Entreviam-se mulheres com roupões desabotoados, com vestidos de verão indecentes, de tão leves, e algumas com cartas na mão. Riram-se com grandes gritos, no momento em que Marmieládov, arrastado pelos cabelos, gritou que, aquilo, para ele, era um prazer. Começaram a meter-se no quarto, até ao instante em que se ouviu finalmente um grito de indignação, lançado pela própria Amália Lippewechsel, que queria restabelecer a ordem em sua casa e, pela centésima vez, meter medo à pobre mulher com a ameaça terrível de que teria de abandonar o quarto no dia seguinte. Quando ia saindo, Raskólhnikov apressou-se a rebuscar nos bolsos e encontrou qualquer coisa: umas moedinhas de cobre que lhe restavam do troco dum rublo que dera para pagar na taberna; e deixou-os na janela, sem que dessem por isso. Depois, já na escada, pensou melhor e sentiu desejo de voltar atrás.

"Mas que tolice eu fiz! – pensou. – Eles tem Sônia e, a mim, esse dinheiro faz-me falta." Mas, depois de considerar que não era possível recuar, além de que, em última análise, não ia retomar aquele dinheiro, deu um soco no vácuo e dirigiu-se para casa. "A Sônia também lhe faz falta para as suas pinturas – continuou, atravessando a rua e sorrindo sarcasticamente. – A apresentação custa dinheiro. Hum! E Sônietchka, coitada, poderia muito bem apanhar hoje uma decepção, porque não deixa de ter também os seus riscos, e a conquista do velo de ouro… não é nada fácil… Pode ser que todos eles se encontrassem amanhã em dificuldades, a não ser que, devido a esse dinheirinho meu… Ah, Sônia! Em que ofício te meteram! Eles se aproveitam. E acabam por habituar-se. Choraram, mas acabarão por acostumar-se. Um patife acostuma-se a tudo." Ficou pensativo.

"Bem; e se eu tivesse dito uma tolice? – exclamou de repente, involuntariamente. – Sim, de fato, se o homem não fosse um velhaco, todos em geral, isto é, toda a gente, isto é, tudo o mais… eram apenas

preconceitos, apenas espantalhos para meter medo, não havia limite nenhum e assim é que devia ser…”

## Capítulo III

No dia seguinte, já tarde, despertou depois de um sonho agitado, e esse sono não fora suficiente para reparar as suas forças. Acordou mal-humorado, azedo, irritável, mau, e passeou com aversão o olhar pela sua pocilga. Era uma espécie de gaiola de uns seis passos de largura, que apresentava um aspecto repugnante com o seu papel amarelo, cheio de pó, a desprender-se da parede por todos os lados, e com um teto tão baixo que um homem alto mal poderia empertigar-se, pois dava a ideia de que iria bater com a cabeça no teto. O mobiliário harmonizava com o ambiente; compunha-se de três cadeiras velhas, desconjuntadas; num canto, uma mesa pintalgada, sobre a qual se viam alguns cadernos e livros, que só da circunstância de se encontrarem cheios de pó poderia deduzir-se o tempo que havia, ninguém os folheara, e, finalmente, o grande sofá, também desconjuntado, que ocupava uma parede inteira e quase todo o quarto, o qual anteriormente estivera forrado de indiana, mas que agora era um farrapo e servia de cama a Raskólhnikov. Deitava-se muitas vezes em cima dele, tal como estava, sem se despir, cobrindo-se apenas com o seu velho casaco esfiapado, de estudante, e colocando debaixo da cabeça, uma almofada, sob a qual amontoava toda a roupa branca que possuía, limpa ou suja, com o fim de a ter mais alta. À frente do sofá havia uma mesinha.

Teria sido difícil chegar a maior abandono e cair em maior miséria; mas, para Raskólhnikov, na disposição de espírito em que se encontrava, aquilo até lhe era difícil.

Tinha-se retirado resolutamente de todo o convívio, vivia como uma tartaruga na sua concha, e até a cara da criada, que tinha obrigação de servi-lo e de deitar de quando em quando uma vista de olhos pelo seu quarto, lhe provocava mal-estar e convulsões. Ê o que acontece a alguns maníacos que concentram a sua atenção numa coisa. Havia já duas semanas que a senhoria deixara de fornecer-lhe a comida, e ele não pensara, até então, em ter uma explicação com ela,

apesar de se encontrar em jejum. Em parte, Nastássia, cozinheira e criada única da senhoria, sentia-se contente porque aquele hóspede fosse daquela qualidade; tinha também deixado completamente de arranjar-lhe o quarto, e apenas o varria uma vez por semana, quando lhe apetecia. Era ela quem vinha agora despertá-lo.

– Levanta-te! Por que estás dormindo? – gritou-lhe, inclinando-se sobre ele. – Já são dez. Trouxe-te o chá. Queres um pouco de chá? Ou resolveste acabar por aí?

O hóspede abriu os olhos, teve um sobressalto e, por fim, reconheceu Nastássia.

– Esse chá é da senhoria ou não? – perguntou, endireitando-se no divã, devagar, e com cara de doente.

– Claro que é da senhoria!

Colocou na sua frente a chaleira, já bastante usada, com as folhas do chá antigo, e ao seu lado pôs dois torrões de açúcar amarelo.

– Olha, Nastássia, pega nisto, por favor – disse, metendo a mão no bolso (deitava-se assim, vestido) e tirando dela uma mão cheia de cobres – vai comprar-me um pãozinho. Vai também à salsicharia e traz-me um pouco de salsichão do mais barato.

– O pãozinho, trago já. Mas, em vez de salsichão, não queres sopa de couves? Está muito boa, é de ontem à noite. Deixamos para ti, simplesmente chegaste muito tarde. Estava tão boa a sopa!

Quando trouxe a sopa e o rapaz começou a tomá-la, Nastássia sentou a seu lado no divã e pôs-se a falar pelos cotovelos. Era camponesa e muito tagarela…

– Praskóvia Pávlovna diz que vai queixar-se de ti à Polícia – disse.

O rapaz franziu o sobrolho.

– À polícia? Por quê?

– Porque nem lhe pagas, nem te vais embora. Creio que é motivo

suficiente.

– Ah, a malvada não está satisfeita! – resmungou o rapaz rangendo os dentes. – Não, isso, a mim, agora, não me calha nada bem… É uma idiota! – acrescentou em voz alta. – Irei hoje procurá-la e falar com ela.

– Ela é uma idiota, isso é, como eu também sou; mas tu, que és tão esperto, por que estás aí deitado e nunca ninguém te põe a vista em cima? Dantes dizias que ias dar aulas a uns rapazinhos; mas, agora, não fazes nada?

– Faço qualquer coisa… – acrescentou Raskólhnikov, secamente e de má vontade.

– Mas que fazes tu?

– Trabalho…

– Em que é que trabalhas?

– Penso em coisas sérias – respondeu o rapaz, depois de uma pausa.

Nastássia, quando o ouviu, torceu-se de riso. Era dessas que ria à toa, e quando achava graça a qualquer coisa desatava num riso surdo, que lhe sacudia e fazia estremecer todo o corpo, até que sentia náuseas e se dominava.

– E isso dá muito dinheiro, não? – conseguiu dizer finalmente.

– Sem sapatos não se pode ir dar aulas aos rapazes. Embora eu cuspa em cima disso…

– Não cuspas em cima dos sapatos.

– Não dão nada por essas aulas. Que se pode fazer com meia dúzia de copeques? – continuou ele de má vontade e como se respondesse aos seus próprios sentimentos.

– Então querias receber um grande pagamento de uma só vez?

Ele olhou para ela de uma maneira estranha.

– Sim, um grande pagamento, de uma só vez – respondeu-lhe com firmeza, depois de uma pausa.

– Mais devagar; até me fazes medo; e já tens um olhar feroz! Bem, vou buscar o pão ou não?

– Como quiseres.

– Ah, já me esquecia… Ontem, depois de teres saído, veio uma carta para ti.

– Uma carta? Para mim? De quem?

– De quem, não sei. Tive de dar três copeques ao carteiro. Vais me devolver?

– Vai buscá-la… por amor de Deus, vai buscá-la! – exclamou Raskólhnikov, muito comovido. – Meu Deus!

Passado um minuto, a carta apareceu. Não se enganara: era da mãe, vinha do distrito de R***. Até empalideceu, quando pegou nela. Havia já muito tempo que não recebia carta; mas agora também lhe doía o coração.

– Nastássia, vai-te embora, pelo amor de Deus! Aqui tens os três copeques; mas, por amor de Deus, vai-te já embora!

A carta tremia nas suas mãos; não queria abri-la; desejava ficar a sós com aquela carta. Assim que Nastássia saiu, levou-a aos lábios e beijou-a; depois ficou ainda durante muito tempo contemplando o endereço no sobrescrito, com aquela letra miúda e um pouco oblíqua que lhe era tão familiar e conhecida: a letra de sua mãe, que dantes, em outros tempos, o ensinara a ler e a escrever. Fazia-se preguiçoso; parecia até que receava qualquer coisa. Até que finalmente abriu o envelope; era uma longa carta, prolixa, abrangia duas folhas de papel, escritas nas duas páginas: duas grandes folhas de papel de carta, garatujadas numa letra compacta.

Meu querido Rodka,

escrevia a mãe

há já dois meses que não te escrevo uma carta, e por isso tenho sofrido muito e até tenho passado algumas noites em claro, pensando. Mas com certeza que tu não vais culpar-me por esse meu involuntário silêncio. Tu bem sabes como eu te quero; tu és o nosso filho único, para mim, e para Dúnia; tu és tudo para nós, toda a nossa ilusão, toda a nossa esperança. Quanto me custou, quando soube que havia já uns meses que tinhas deixado a Universidade, que não contavas com coisa nenhuma certa para te sustentares e que as aulas e todos os outros recursos tinham acabado! Que auxílio posso eu prestar-te com a minha pensão de cento e vinte rublos por ano? Os quinze rublos que te enviei há quatro meses, como sabes, pedi-os emprestado ao nosso merceeiro Vassíli Ivânovitch Vakhrúchin, sobre essa pensão. É um bom homem e era amigo do teu pai. Mas, ao reconhecer-lhe o direito de receber a pensão em meu lugar, tive de esperar até pagar a dívida, o que ainda não consegui, de maneira que durante todo este tempo não pude enviar-te nada. Mas agora, louvado seja Deus, parece que já poderei continuar a enviar-te certas quantias, podemos até gabar-nos da sorte, e vou falar-te a propósito disso. Em primeiro lugar, poderás adivinhar, querido Rodka, que a tua irmã, há mês e meio vive comigo e não nos tornaremos mais a separar?

Graças a Deus, que se acaba com este tormento! Mas vou contar tudo por ordem, para que fiques sabendo o que se passou, e que até agora te tínhamos escondido. Quando me escreveste, haverá dois meses, contavas que tinhas ouvido dizer, a não sei quem, que Dúnia devia sofrer muito com os maus tratos que lhe davam em casa do senhor Svidrigáilov e perguntavas-me pormenores acerca disso. Que poderia eu ter-te respondido? Se te dissesse a verdade toda, tu, então, com certeza que deixarias tudo e, ainda que tivesses de vir a pé, aparecerias aqui em casa, porque eu conheço muito bem o teu caráter e os teus sentimentos, pois tu não consentirias que ofendessem uma irmã tua. Eu também estava desesperada, mas que havia de fazer? E, apesar de tudo, nessa altura eu ainda não sabia toda a verdade. O pior era que Dúnietchka, que tinha entrado um ano antes nessa casa como governanta, recebera, adiantadamente, nada mais nada menos do que cem rublos, com a condição de serem descontados depois, todos os meses, no ordenado, de maneira que não podia deixar o lugar sem ter pago primeiro a dívida. Essa quantia (agora já posso explicar-te tudo, querido Rodka) recebeu-a ela sobretudo para enviar-te sessenta rublos de que necessitavas nessa ocasião e que te mandamos o ano passado. Enganamos-te as duas e escrevemos-te dizendo que essa quantia era o dinheiro que Dúnia tinha juntado; mas ela não tinha nada guardado e, agora, digo-te a verdade toda, visto que tudo, inesperadamente, mudou para melhor por vontade de Deus, e para que saibas como Dúnia gosta de ti e como é bondosa. De fato, o senhor Svidrigráilov a princípio tratava-a com muita grosseria e teve para com ela várias desatenções e graças de mau gosto, à mesa… mas não quero entrar em todos esses desagradáveis pormenores, para poupar-te comoções inúteis; pois tudo isso já acabou. Em resumo: que, apesar da nobre e bondosa conduta de Marfa Pietrovna, a esposa do Senhor Svidrigáilov, e de todas as outras pessoas da casa, Dúnietchka teve muito que sofrer, sobretudo quando o Senhor Svidrigáilov se encontrava, conforme os seus velhos hábitos de militar, sob a influência do deus Baco. Mas que se passou, afinal? Imagina que esse maluco, havia algum tempo que já sentia uma paixão por Dúnia, mas escondia-a sob o disfarce da grosseria e do desdém. Pode ser que ele próprio se envergonhasse e horrorizasse ao ver-se tão cheio de ilusões, na sua idade e condição de pai de família, e por isso se vingasse de Dúnia. E também pode ser que, com essa conduta, grosseira e trocista, quisesse apenas disfarçar a verdade perante os outros. Até que finalmente não pode mais dominar-se e passou a fazer propostas claras e diretas a Dúnia. prometendo-lhe várias compensações e, ainda mais, deixar tudo e ir viver com ela noutra terra, ou, em último caso, no estrangeiro. Podes imaginar o que ela teria sofrido! Abandonar imediatamente a colocação

não era possível, não só por causa da dívida que ali tinha, como também por consideração para com Marfa Pietrovna, que podia depois criar suspeitas, o que daria origem a desgostos na família. Sim, e para Dúnietchka isso teria sido também uma grande vergonha e as coisas não seriam fáceis de compor. Por tudo isso e ainda por outras razões, não podia Dúnia pensar em abandonar essa casa horrível, senão daí a umas seis semanas. Sabes muito bem como Dúnia é, sabes muito bem como é inteligente e a firmeza de caráter que possui. Dúnietchka é capaz de suportar muitas coisas e de mostrar, até nos piores casos, toda a grandeza de alma necessária para não perder a sua integridade. Apesar de nos correspondermos com muita frequência, nunca me disse uma palavra acerca disso tudo, para não me assustar. A ruptura deu-se inesperadamente. Marfa Pietrovna veio a surpreender o marido no momento em que este assediava Dúnia no jardim e, interpretando tudo ao contrário, deitou-lhe a ela todas as culpas, pensando que fora ela quem dera ocasião àquilo. Deu-se então entre eles uma cena terrível no jardim: Marfa Pietrovna chegou até a bater em Dúnia; não queria ouvir razões, ficou uma hora inteira a barafustar e, finalmente, mandou logo Dúnia ter comigo à cidade, numa simples *tieliega* rústica, na qual meteram as suas coisas: a roupa branca, os vestidos, tudo tal como estava, revolvido e misturado. Mas nesse momento começou a cair uma chuva torrencial e Dúnia teve de percorrer dezessete verstas de uma só vez, numa *tieliega* descoberta, em companhia dum camponês. Diz-me agora o que poderia eu escrever-te na minha carta, em resposta à tua, recebida dois meses antes, de que havia de falar-te. Eu própria estava desesperada; não me atrevia a comunicar-te a verdade, porque te tornaria muito infeliz e ia te deixar num estado de grande excitação e desgosto. E que poderias fazer? Correr para a tua perdição, tanto mais que a própria Dúnietchka se oporia a isso; e encher uma carta com insignificâncias e vulgaridades, quando tinha a alma transbordante de amargura, era-me impossível. Durante um mês inteiro correram ditos e contos pela cidade, a propósito deste incidente; e a coisa chegou a tal ponto que eu nem sequer podia ir à igreja com Dúnia, por causa dos olhares de desprezo e dos murmúrios, pois chegaram até ao atrevimento de fazerem comentários diante de nós, de maneira que pudéssemos ouvi-los. Todas as nossas amizades nos abandonaram. Todas deixaram de nos cumprimentar e vim a saber, de fonte limpa, que os caixeiros e alguns empregados da administração tinham combinado infligir-nos uma terrível afronta, untando de pez a porta da nossa casa,[6] até que a senhoria começou a insistir conosco para que nos mudássemos. A causadora de tudo isto fora Marfa Pietrovna, que conseguira acusar e difamar Dúnia em todas as casas. Conhece toda a gente aqui, na cidade, e, como é muito mexeriqueira e gosta mesmo de ir com ditos e contos de assuntos da família e, sobretudo, de queixar-se do marido, o que não está nada certo, a história espalhou-se em pouco tempo, não só na cidade como em todo o distrito. Eu fiquei doente; mas Dúnietchka é mais forte do que eu, e se visses como suportava tudo e como me consolava e me infundia coragem! É um anjo! Mas, graças a Deus misericordioso, os nossos tormentos não duraram muito; o Senhor Svidrigáilov reconsiderou e arrependeu-se, e, certamente por piedade por Dúnietchka, apresentou a Marfa Pietrovna provas absolutas e concretas, de toda a inocência de Dúnietchka: uma carta que Dúnia se vira obrigada a escrever-lhe e entregar-lhe, antes de Marfa Pietrovna surpreendê-la no jardim, com o fim de repudiar explicações supérfluas e as entrevistas secretas que ele lhe pedia, e que, quando Dúnietchka saíra dali, ficara em poder do Senhor Svidrigáilov. Nessa carta, ela recriminava-o da maneira mais veemente e com a maior indignação, pela vilania da sua conduta para com Marfa Pietrovna, e lembrava-lhe que era casado e pai de família, e, finalmente, como procedia mal em mortificar e tornar infeliz uma moça, já de si tão infeliz e desprotegida. Enfim, querido Rodka, a carta estava escrita em termos tão dignos e dramáticos, que eu chorava ao lê-la, e ainda hoje não consigo lê-la ainda sem chorar. Além disto os criados puseram-se igualmente em defesa de Dúnia, que observaram, e sabiam muito mais do que aquilo que o Senhor Svidrigáilov supunha, como acontece sempre. Isto deixou Marfa Pietrovna muito impressionada, de tal maneira que ficou “outra vez para

morrer", como ela própria nos confessou, mas que, em compensação, pudera ver claramente a inocência de Dúnietchka, e no dia seguinte foi direita à igreja pedir de joelhos à Soberana[7] que lhe desse forças para resistir a esta nova prova e cumprir o seu dever. Depois veio diretamente da igreja a nossa casa, sem deter-se em parte alguma, contar-nos tudo, chorou muito e, arrependidíssima, abraçou Dúnia e pediu-lhe que lhe perdoasse. Ainda nessa mesma manhã, sem que ninguém pudesse impedi-la, foi, diretamente da nossa casa, percorreu todas as outras da cidade, e em todos os lugares, com as expressões mais lisonjeiras para Dúnietchka, e desfeita em lágrimas, tornou pública a sua inocência e a nobreza dos seus sentimentos e da sua conduta. E, como se isto ainda fosse pouco, mostrou e leu a todos a carta de Dúnietchka para o Senhor Svidrigáilov, e até deixou tirar uma cópia (o que a meu ver era já demasiado). E assim, durante alguns dias consecutivos andou visitando todas as pessoas da cidade e, como alguns se considerassem arrependidos pela preferência dada a outros, estabeleceu-se um turno, e toda a gente sabia de antemão que tal dia Marfa Pietrovna estaria em tal lugar para ler a carta, e em cada sessão reuniam-se até os que já a tinham ouvido ler por várias vezes, tanto em sua própria casa como na dos amigos, alternadamente. A meu ver havia nisso muito, muito exagero, mas Marfa Pietrovna é assim. Pelo menos deixou plenamente reabilitado o nome de Dúnietchka, e toda a vergonha do caso veio a recair, como uma mancha inapagável, sobre o marido, visto ser o principal culpado, e por isso eu até sinto pena dele; já se têm portado com demasiada severidade para com esse velho chocho. Começaram imediatamente a convidar Dúnia para dar aulas em algumas casas, mas ela se negou. De maneira geral, todos começaram de repente a tratá-la com muito respeito. Tudo isto contribuiu também, de maneira efetiva, para determinar a inesperada circunstância, devido à qual todo o nosso destino, pode dizer-se, mudou agora.

Fica sabendo, querido Rodka, que Dúnia arranjou um noivo, e que lhe deu já o sim, o que me apresso a comunicar-te. E, embora o caso se tenha tratado sem te termos consultado, espero que não nos censures, nem a mim nem a tua irmã, pois tu próprio podes ver que não podíamos aguardar nem adiar tudo até receber a tua resposta. E tu, de longe, também não podias apreciar as coisas com exatidão. Aqui tens como as coisas se passaram. Ele é o conselheiro da corte, Piotr Pietróvitch Lújin, que deve ser ainda parente afastado de Marfa Pietrovna, a qual teve um grande papel em tudo isto. Começou por fazer-nos saber, por seu intermédio, que tinha muita vontade de conhecer-nos; recebemo-lo conforme mandam as regras da educação; convidamo-lo a tomar café, e no dia seguinte escreveu-nos uma carta na qual nos expunha a sua intenção em termos muito delicados, pedindo-nos uma resposta rápida e decisiva. É um homem prático e cheio de ocupações, que está às vésperas de partir para Petersburgo, e por isso cada minuto lhe é precioso. É claro que nós, a princípio, ficamos muito desorientadas, pois tudo isso fora rápido e inesperado. Ficamos as duas refletindo durante todo esse dia. Trata-se de um homem respeitável – que ocupa uma boa posição, desempenha duas funções ao mesmo tempo e que possui bens. É verdade que tem já quarenta e cinco anos, mas tem boa apresentação e ainda podia agradar às mulheres, e é, além disso, um homem muito sério e distinto; é apenas um pouco carrancudo e orgulhoso. Mas pode ser que tudo isto seja uma primeira impressão. E peço-te, querido Rodka, que, quando te encontrares com ele, em Petersburgo, o que se dará muito em breve, não o julgues levianamente nem apaixonadamente, como costumas fazer com tudo, se à primeira vista houver nele qualquer coisa que não te agrade. Digo isto apenas por cautela, pois estou convencida de que ele há de causar-te boa impressão. Além de que, para conhecer uma pessoa, seja ela quem for, é preciso proceder de maneira prudente e discreta, a fim de não incorrermos, em erros nem em juízos precipitados, que depois custam muito a desfazer e a retificar. Mas Piotr Pietróvitch, pelo menos a avaliar por muitos indícios, é uma pessoa muito digna. Na sua primeira visita mostrou-nos logo que é um homem sensato, apesar de que em muitos pontos partilha, segundo ele próprio disse, "das ideias das nossas novíssimas gerações", e é inimigo de todos os preconceitos. Disse ainda mais coisas, porque parece um

pouquinho vaidoso e gosta muito que lhe deem atenção, o que, no fim de contas, não é um defeito. Eu, é claro, não entendi muita coisa, mas Dúnia explicou-me que ele é um homem, embora não muito culto, bastante inteligente, e segundo parece, bondoso. Já conheces o caráter da tua irmã, Rodka. É uma moça firme, discreta, resignada e generosa, embora de coração ardente, conforme já observei várias vezes. Não há dúvida de que, nem pelo lado dela, nem pelo dele, existe amor; mas Dúnia, além de ser uma moça inteligente, é ao mesmo tempo uma criatura digna e há de considerar como seu dever fazer feliz o marido, que, por sua vez, procurará fazer a felicidade da esposa e, em última análise, até agora não temos grandes motivos para duvidar disso, apesar da precipitação, reconheço-o, com que se resolveu este assunto. Além disso é um homem sensato e prudente, e, com certeza, há de compreender que a sua felicidade conjugal será tanto mais segura quanto mais feliz ele tornar Dúnietchka. E, supondo que existisse alguma desigualdade de caracteres, alguns velhos costumes e até algum desacordo nos pensamentos (o que é impossível evitar, até nos casamentos mais felizes), Dúnietchka já me disse, a propósito disso, que confia em si própria; que não me preocupe com isso, e que é capaz de suportar muito, com a condição de que as relações exteriores sejam honestas e justas. O aspecto exterior da criatura engana muito, ao princípio, a mim parecia-me um bocadinho seco; mas isso pode ser devido a ele ser de natureza franca, e com certeza que é. Por exemplo: na sua segunda visita, depois de ter obtido a anuição, disse, em conversa, que antes de conhecer Dúnia já tivera a intenção de casar-se com uma moça honesta, mas sem dote, e que tivesse já também conhecido a pobreza, porque, conforme nos explicou, o marido não deve sentir-se obrigado perante a mulher, e que é muito preferível que a mulher considere o marido como um protetor. Acrescento que ele se exprimiu em termos mais delicados e afetuosos do que estes que emprego aqui, porque me esqueceram as suas próprias palavras e apenas retive a ideia, e, além do mais, isso foi dito por ele sem premeditação, no entusiasmo da conversa, e a prova é que, depois, se esforçou por desculpar-se e suavizar as suas palavras, embora, apesar de tudo, a mim me tenha parecido um pouco brusco, o que comuniquei logo a Dúnia. Mas Dúnia respondeu-me, até com uma ponta de aborrecimento, que “do dizer ao fazer vai uma grande distância”, e com certeza que ela deve ter razão. Dúnietchka, antes de decidir passou uma noite inteira em claro e, julgando que eu já estava dormindo, levantou da cama e pôs-se a dar voltas no quarto; e, por fim, ajoelhou-se e pôs-se a rezar com muito fervor diante da imagem, e na manhã seguinte disse-me que estava decidida. Disse-te há pouco que Piotr Pietróvitch está para ir a Petersburgo, de um momento para o outro. Tem aí muitos negócios e pensa abrir um escritório de advogado. Há algum tempo que se ocupa com a direção de diversas demandas e processos, e ainda há alguns dias ganhou uma causa importante. Entre outras coisas, tem de ir agora a Petersburgo, porque tem aí um assunto importante no Senado. Por isso, querido Rodka, também poderá ser-te muito útil em qualquer coisa, e eu, de acordo com Dúnia, resolvi que a partir de hoje mesmo comeces sem falta a tua carreira e consideres a tua felicidade como assegurada com certeza. Oh, se isto se realizasse! Seria de uma conveniência tão grande que não teríamos outro remédio senão considerá-lo como uma mercê que nos faz o Todo-Poderoso. Dúnia não pensa senão nisso. Já nos atrevemos a dizer qualquer coisa sobre isto a Piotr Pietróvitch. Ele se exprimiu com muito tato e disse que sem dúvida, atendendo a que ele não pode passar sem secretário, sempre seria melhor, naturalmente, pagar um ordenado a um parente do que a um estranho, desde que se mostrasse apto para desempenhar o emprego (pois não, que não seria apto!); mas ao mesmo tempo, exprimiu também as suas dúvidas sobre se os teus estudos universitários te deixariam tempo para trabalhar no seu escritório. Dessa vez deixamos a coisa por aí; mas, agora, Dúnia não pensa senão nisso; há alguns dias que ela anda entusiasmada com o projeto de que tu hás de ser depois o camarada e companheiro de Piotr Pietróvitch, nos seus trabalhos de advocacia, tanto mais que tu estudas precisamente na Faculdade de Direito. Eu, Rodka, dou-lhe toda a razão e partilho de todas as suas ilusões e projetos, pois acho-os muito verossímeis; e, apesar da reserva, muito compreensível, que até agora tem

guardado Piotr Pietróvitch (pois ainda não te conhece), Dúnia está firmemente convencida de que há de conseguir tudo com a sua boa influência sobre o futuro marido. É claro que evitamos falar a Piotr Pietróvitch nesses novos sonhos para o futuro, e o principal é que venhas a ser seu companheiro. Ele é homem ajuizado, e com certeza que não havia de achar graça a estas coisas, podiam parecer-lhe simples devaneios. Seja como for, nem eu nem Dúnia lhe dissemos ainda uma palavra a respeito da nossa firme esperança de que ele há de ajudar-nos a arranjar-te o dinheiro necessário enquanto estiveres na Universidade; e não lhe dissemos nada, em primeiro lugar porque isso, por si só, seria coisa para conseguir com o tempo, e ele, com certeza que nos vai isso oferecer sem palavras supérfluas (era o que faltava, que ele recusasse isso à Dúnia), tanto mais que tu poderás ser o seu braço direito no escritório e receber esse auxílio, não como uma dádiva, mas como um ordenado ganho por ti. É assim que Dúnia quer preparar as coisas, e eu estou completamente de acordo com ela. Em segundo lugar, também não lhe falamos, porque eu quero que, quando se virem pela primeira vez, se possam tratar de igual para igual. Quando Dúnia lhe falou de ti com entusiasmo, ele respondeu-lhe que a princípio uma pessoa tem de ver a outra de perto para poder apreciá-la, e que, até que te conhecesse, não podia partilhar da opinião de Dúnia a teu respeito. Ouve uma coisa, meu querido Rodka: parece-me, a julgar por certas coisas que imagino (que, aliás, não dizem respeito a Piotr Pietróvitch e são antes umas veleidades pessoais e até talvez próprias da velhice), parece-me, dizia, que talvez eu fizesse melhor em continuar vivendo sozinha, como agora vivo, do que ir viver com eles quando se casarem. Estou absolutamente convencida de que ele será tão grato e delicado que me há de convidar e propor que não me separe da minha filha, e que, se até agora ainda não tocou neste ponto, é porque, como pensa fazê-lo, nem vê necessidade de falar nisso. Já por mais de uma vez tenho observado que os genros não sentem grande simpatia pelas sogras, e eu não quero, de maneira nenhuma, ser pesada para ninguém, como também quero viver à minha vontade enquanto contar com um pedaço de pão e com filhos como tu e Dúnietchka. Se for possível, irei viver próximo dos dois, porque, Rodka, deixei o melhor de tudo para o fim da carta: fica sabendo, meu querido, que talvez muito em breve tornemos a reunirmo-nos todos outra vez e a abraçar-nos, depois de uma separação de quase três anos. Já está firmemente resolvido que eu e Dúnia iremos a Petersburgo, embora não saiba ainda ao certo a data certa, mas, seja como for, muito em breve, muito em breve, talvez daqui a uma semana. Tudo depende do que Piotr Pietróvitch resolva; assim que tenha os seus assuntos arrumados em Petersburgo, nos mandará decidir. Por certos motivos ele deseja acelerar o mais possível a cerimônia do casamento e quer que este se realize ainda este mês, se for possível, e se não puder ser assim tão rapidamente, que seja logo a seguir à Assunção. Oh, como serei feliz quando puder apertar-te contra o meu peito! Dúnia está comovida de alegria com a ideia de te ver, e uma vez disse por graça que, só por isso, valia a pena casar-se com Piotr Pietróvitch. Meu anjo! Agora, ela não te escreve, mas encarrega-me de te dizer que tem muita necessidade de falar contigo, mesmo muita; tanta que, agora, nem consegue pegar na pena, porque em poucas linhas não se consegue dizer nada e só conseguimos ficar excitados; encarrega-me também de enviar-te da sua parte um abraço muito apertado e muitos beijos. Mas, apesar de que é possível que nos vejamos daqui a uns dias, vou te mandar dinheiro, o mais que puder. Agora que todos estão já informados de que Dúnia vai casar com Piotr Pietróvitch, o meu crédito aumentou de repente, e eu sei com certeza que Afanássi Ivânovitch me vai dar certas quantias por conta da pensão, até setenta e cinco rublos, de maneira que poderei enviar-te uns vinte e cinco, ou até trinta. Mandaria mais, mas tenho medo das despesas da viagem, e, embora Piotr Pietróvitch seja tão bom que se tenha oferecido para custear todas essas despesas, encarregando-se de enviar as nossas coisas por sua conta, mais a arca grande (pois tem ali alguns amigos), de toda a maneira é preciso contar com a chegada a Petersburgo, onde só é possível conseguir alguma coisa a poder de dinheiro. Eu, além disso, tratei de tudo pormenorizadamente com Dúnietchka, e vemos que a viagem nos vai

sair cara. Daqui até à estação da estrada de ferro, são apenas noventa verstas, mas nós, como se fosse por acaso, já nos pusemos em comunicação com um camponês nosso conhecido, que é cocheiro; uma vez aí, eu e Dúnietchka, vamos nos acomodar muito bem numa carruagem de terceira. Por isso é provável que, em vez de vinte e cinco, possa enviar-te trinta rublos. Mas já chega; escrevi duas folhas e já não tenho mais espaço: toda a nossa história, e quantos acontecimentos não pus eu aqui! Mas agora, meu muito querido Rodka, abraço-te até ao nosso próximo encontro e envio-te a minha bênção de mãe. Ama Dúnia, a tua irmã, Rodka; gosta dela, tanto como ela gosta de ti, e fica sabendo que ela gosta muitíssimo mais de ti do que de si mesma. Ela é um anjo; e tu, Rodka, tu, para nós, és tudo… Toda a nossa ilusão, toda a nossa esperança. Contanto que sejas feliz também nós o seremos. Ainda continuas a pedir a Deus, Rodka, como dantes, e tens fé na bondade do Criador e nosso Protetor? No íntimo tenho medo de que te tenhas contagiado dessa incredulidade que está agora na moda. Se assim fosse, eu pediria por ti. Lembro-me, meu filho, como desde criança, ainda em vida de teu pai, balbuciavas as tuas orações sentado nos seus joelhos, e como todos ríamos felizes, então! Adeus, ou melhor… até à vista! Um abraço apertado, muito apertado, e muitos beijos; tua até à morte,

Pulkhiéria Raskólhnikova.

Durante quase todo o tempo que Raskólhnikov demorou a ler a carta, logo desde o princípio teve o rosto arrasado de lágrimas; mas quando acabou estava pálido, agitado por um tremor nervoso, e um sorriso pesado, irônico, mau, lhe assomava aos lábios. Reclinou a cabeça sobre a leve e suja almofada, e ficou pensativo, meditando durante muito tempo. O coração batia-lhe com força e tinha os pensamentos muito agitados. Finalmente sentiu que sufocava naquele quarto amarelo, que parecia um armário ou um baú. A sua vista e o seu pensamento ansiavam por espaço. Pegou o chapéu e saiu, mas desta vez sem o receio de encontrar-se com ninguém na escada; esquecera-se disso. Caminhou em direção a Vassílievski Óstrov, pelo *próspekt*, como se o levasse aí algum assunto urgente; mas, conforme era seu hábito, caminhava sem reparar no caminho, falando umas vezes em voz baixa outras em voz alta, o que causava grande admiração nos transeuntes. Alguns pensavam que ia embriagado.

## Capítulo IV

A carta da mãe tinha-o mortificado. Mas pelo que respeita ao principal, ao ponto mais importante, nem por um minuto teve dúvida alguma, nem sequer enquanto lia a carta. O assunto capital já ele o tinha resolvido na sua mente, e resolvido de um modo definitivo. “Enquanto eu for vivo, esse casamento não se há de realizar, e esse tal

Senhor Lújin[8] que vá para o diabo! Porque o caso não oferece dúvidas – murmurava para consigo, sorrindo e festejando de antemão, com altivez, o êxito da sua resolução. – Não, *mamacha*, não, Dúnia, a mim, não me enganam as duas! E, além disso, são culpadas por não pedirem o meu conselho e decidirem o caso sem mim! Não faltava mais nada! Elas imaginam que já não é possível desmanchar o arranjinho; mas vão ver se é possível ou não! O argumento é forte: é um homem ativo, apre!, esse Piotr Pietróvitch, tão ativo que não pode casar-se senão pelo trem, para não dizer a vapor. Não, Dúnietchka, eu vejo isso tudo e bem percebo por que é que tens de falar 'muito' comigo; também sei aquilo em que estiveste meditando toda essa noite, passeando pelo quarto, e o que pediste à Nossa Senhora de Kazan, que a mamãe tem no quarto. Mas a subida do Calvário custa. Hum! Definitivamente decidida… estás muito satisfeita porque vais casar, Avdótia Românovna, com um homem ativo e prudente, que possui bens (que já possui bens, o que é mais sério e importante), que desempenha duas funções e partilha as convicções das nossas novíssimas gerações (conforme a mamãe escreve) e, segundo parece, é boa pessoa, como a mesma Dúnia pensa. Este 'segundo parece' é o melhor de tudo! E essa Dúnietchka vai casar por esse 'segundo parece'! Magnífico! Magnífico!

"Mas, no entanto, é curioso, por que me escreverá *mamacha* falando-me das 'nossas novíssimas gerações'? Será simplesmente para indicar-me uma característica desse homem ou com alguma outra intenção, a de tornar-me simpático esse Senhor Lújin? Oh, que espertalhonas! Também seria curioso explicar outro pormenor: até que ponto terão as duas sido sinceras entre si, nesse dia e nessa noite a que alude, e ainda depois. Teriam verdadeiramente chegado a dizer palavras ou teriam se compreendido as duas nesse dia e nessa noite, unicamente pelo coração e pelo pensamento, de maneira que não chegaram a dizer nada por considerar desnecessário? Provavelmente terá sido assim, em parte; da carta deduz-se que ele parece à *mamacha*, um pouco brusco e a ingênua da *mamacha* deve ter insinuado a Dúnia as suas observações. A outra, naturalmente, não gostaria de ouvir isso, e respondeu com aborrecimento. Não faltava mais nada! Quem não ficaria aborrecido quando o assunto se compreende sem precisar de perguntas ingênuas e quando já está resolvido, de maneira que já não há nada a acrescentar! E ela a dizer-

me: ‘Ama Dúnia, Rodka, porque ela te quer mais do que a si própria’. Não se dará o caso de que sinta secretos remorsos de consciência por ter obrigado a filha a sacrificar-se? ‘Tu és a nossa esperança, tu és tudo para nós!’ Oh, *mamacha*!”

A cólera apoderava-se dele cada vez com mais intensidade e, se tivesse encontrado o Senhor Lújin naquele momento, poderia tê-lo assassinado.

“Hum! Lá isso é verdade – continuou, seguindo o turbilhão das ideias que se agitavam no seu pensamento – lá isso é verdade, que é preciso ‘proceder gradualmente e com tato, para se conhecer uma pessoa’; mas o Senhor Lújin não pode ser mais claro! O mais importante é que é um ‘homem prático’ e, ‘segundo parece’, boa pessoa; não dá vontade de rir isso dele se ter comprometido a encarregar-se das despesas da bagagem e da arca grande? Um homem assim, não é bondoso? E as duas, a noiva e a mãe, contrataram um camponês e farão um trajeto numa *tieliega* coberta com um toldo (eu já viajei assim). Não! São apenas noventa verstas, e depois ‘vamos nos acomodar ali as duas muito bem, numa carruagem de terceira’; mil verstas. Está muito bem; talha-se a capa conforme o pano; que diz a isto, Senhor Lújin? Olhe que se trata da sua noiva… E o Senhor não sabia que a mãe teve de pedir um adiantamento sobre a sua pensão, para essa viagem? Não há dúvida de que o senhor tem uma maneira de pensar de comerciante; o senhor considera isto como uma empresa em que há duas partes que devem participar nos lucros nas mesmas proporções, e portanto, também nos gastos; o pão e o sal juntos, mas o tabaco à parte, conforme diz o provérbio. Simplesmente, o homem prático, enganou-nos um pouquinho. O envio da bagagem custará menos e até é possível que o consiga grátis. Será o caso de que nenhuma das duas veja isto, ou não quererão ver? O certo é que estão contentes! E pensam que o melhor ainda está para vir! Aqui é que está o essencial, que não é a avareza, nem a tacanhez, o caráter de tudo isto! Será esse o tom que ele há de empregar depois do casamento, é de prever desde já… E, afinal, por que se propõe *mamacha* fazer essas loucuras? Com que então vai apresentar-se em Petersburgo? Com três rublos de prata ou duas ‘notinhas’, como diz essa velhinha? Hum! E com que pensará então viver em Petersburgo? Porque ela, por certos

motivos, já deve ter compreendido que não lhe será possível viver com Dúnia, depois do casamento, nem sequer no princípio. Esse tipo tão simpático, com certeza que se deixou descair com alguma, que deve ter dado a entender quem é, embora *mamacha* tape os olhos com as duas mãos quando diz: 'Nem também consentiria eu!'. Que pensará ela fazer depois, em que confia contando unicamente com cento e vinte rublos de pensão e endividada para com Afanássi Ivânovitch? Passará os invernos fazendo toucas e mitenes, fatigando os seus velhos olhos. Mas penso que, fazendo tricô, apenas acrescentará vinte rublos por ano aos outros cento e vinte. Isso quer dizer que confia nos sentimentos de gratidão do Senhor Lújin. 'Ele próprio há de propor-me, teimará comigo.' Pois sim, pois sim! É o que acontece sempre a essas boas almas românticas. Vestem as pessoas com penas de pavão real, até ao último instante contam com o bem e não com o mal, ainda que imaginem o reverso da medalha, por nada deste mundo dizem de antemão a palavra justa; só o terem de pensar nisso lhes custa; diante da verdade tapam os olhos com as mãos, até que o homem que imaginaram aparece e é ele próprio quem lhes abre os olhos. Mas seria curioso saber se esse Senhor Lújin tem alguma condecoração; apostava qualquer coisa em como usa a Santa Anna na lapela e a usa para ir jantar com personagens oficiais ou com comerciantes. Com certeza que a vai usar também no dia do seu casamento. Mas enfim, que vá para o diabo que o carregue! Quanto a *mamacha*, Deus tenha dó dela; no fim de contas ela é assim; mas Dúnia? Dúnietchka, minha cara, eu bem te entendo! Eu já tinha vinte anos da última vez que nos vimos, já compreendia o teu caráter. *Mamacha* diz-me na carta que 'Dúnietchka é capaz de suportar muito'. Isso já eu sabia. Isso já eu sabia há meio ano apenas, pensara nisso, precisamente nisso, em que Dúnietchka tem muita resignação. Uma vez que pode suportar o Senhor Svidrigáilov com todas as suas consequências, é porque, de fato, tem muita resignação. Mas agora ela e *mamacha* imaginam que vai poder suportar também o Senhor Lújin, que disserta teoricamente acerca das excelências das mulheres apanhadas nas malhas da pobreza e que ficam sujeitas aos seus beneméritos maridos, e perora assim, logo no primeiro encontro. Bem, suponhamos que ele se descuidara e declarou qualquer coisa, apesar de ser um homem prudente (tanto, que até pode suceder que não tenha dito nada; embora tivesse o propósito de explicar-se depois); mas, e Dúnia, e Dúnia? Ela bem vê

como ele é, e vai viver com um homem assim! Não tem mais para comer do que pão negro amolecido em água, mas não é capaz de vender a sua alma[9] nem de trocar a sua liberdade moral pela comodidade; nem por todo o Schleswig-Holstein a trocaria; mas, para o Senhor Lújin, já não é a mesma coisa. Não, Dúnia não é dessa categoria, eu bem sei, e… não há dúvida que não deve ter mudado durante este tempo! Que digo eu? Bem custosos de suportar seriam os Svidrigáilovi! Duro seria ter de passar a vida inteira, por duzentos rublos, como preceptora, pelas províncias; no entanto eu sei que mais depressa a minha irmã se sujeitaria à vida escrava numa plantação, ou como uma pobre leitora em casa dum alemão do Báltico, do que envilecer a sua alma e o seu sentido moral numa união com um homem ao qual não respeitasse e com o qual nada tivesse de comum… para sempre e só por interesse pessoal! E ainda que o Senhor Lújin fosse feito de ouro puro ou talhado em diamante, também ela nunca consentiria em ser a concubina legal do Senhor Lújin! Então por que consente agora? Onde está o enigma? A coisa é clara: pela sua pessoa, para sua comodidade, nem sequer para salvar-se da morte, não se venderia ela; mas, em compensação, por outrem, sim, vende-se! Vende-se por um ser ao qual ama e respeita! Aí está a explicação de tudo: vende-se pelo irmão e pela mãe! Venderá tudo por ela! Oh, sim, quando é preciso, afogamos até o nosso senso moral, a liberdade, a tranquilidade, a consciência até, tudo, tudo, vendemos tudo por qualquer preço! Adeus vida! Contanto que os nossos entes queridos sejam felizes! Mais ainda: pensamos com a nossa casuística particular, fazemos como os jesuítas, e, de momento, tranquilizamo-nos… convencemos a nós mesmos de que tem de ser assim, irrevogavelmente, pois é para um fim nobre. Somos assim e a coisa é clara como o dia. Evidentemente que se trata de Rodion Românovitch, dele e só dele.

“’Bem, assim, dessa maneira, poderei traçar a sua felicidade, pagar-lhe a Universidade, torná-lo depois ajudante de notário, resolver todo o seu futuro; e até é muito possível que, com o tempo, venha a tornar-se rico, honrado e respeitado, e que venha até a tornar-se um homem célebre!’ E a mãe? Para ela tudo se reduz ao seu Rodka, ao seu admirável Rodka, ao primogênito! Por um tal primogênito, como não sacrificar até uma filha sua? Oh, doces e injustos corações! Mas quê?

Chegaríamos, inclusive, a resignarmo-nos com o destino de Sônietchka! Sônietchka! Sônietchka! Eterna Sônietchka Marmieládova, enquanto o mundo existir! Já mediram ambas, bem, a extensão do sacrifício? E Dúnia terá forças? Será útil? Razoável? Sabes tu, Dúnietchka, que a sorte de Sônietchka com o Senhor Lújin não é muito pior do que a tua? 'Amor, ali, não pode haver', escreve *mamacha*. E se não fosse só amor e respeito que não pudesse haver mas, em compensação, houvesse aversão, desprezo, repugnância… E então? Mas o casar-se assim, vem a ser o mesmo que manter a apresentação. É assim ou não é? Compreendem, compreendem o que quer dizer essa apresentação? Compreendem que a apresentação *lújinesca* é absolutamente equivalente à apresentação de Sônietchka, e pode até ser que pior e mais vil, porque vós outras, as Dúnietchkas, pensam, no fim de contas, numa comodidade supérflua, ao passo que no caso dessa outra tratava-se pura e simplesmente de um momento em que se podia morrer de fome? É caro, sai cara essa apresentação, Dúnietchka! E se depois te faltam as forças e te arrependes? Quantas afrontas, desgostos, maldições e lágrimas às escondidas de todos, porque, enfim, tu não és uma Marfa Pietrovna! E o que será da mãe, depois? Nesta altura já ela está inquieta e sofre. Que será então, quando vir as coisas como elas são? E eu? Sim, o que pensam de mim as duas? Não quero o vosso sacrifício, Dúnietchka; não quero, *mamacha*… E isso não há de realizar-se enquanto eu viver, não e não! Não o consentirei!"

De repente caiu em si e deteve-se.

"Mas como evitar? Que farás tu para que não se realize? Proibi-lo? Com que direito? Que podes tu prometer-lhes, por tua vez, para teres algum direito? Consagrar-lhes todo o teu destino, todo o teu futuro, quando tiveres terminado os teus estudos e conseguido um emprego? Nós bem sabemos o que isso é: castelos em Espanha. Mas agora? Agora é que era preciso fazer qualquer coisa, compreendes? Mas que fazes tu agora? Explorá-las também. Esse dinheiro tem de consegui-lo elas por conta da pensão de cem rublos e do crédito que representa a amizade dos Svidrigáilovi e dos Vakráchini. Como as defenderás tu, futuro milionário, Zeus,[10] que dispões da sua sorte? Daqui a dez anos? Mas, dentro de dez anos, a tua mãe poderia estar

cega de fazer tanto tricô, e de tanto chorar, e de passar tanta fome. E a tua irmã? Vamos, é preciso pensar o que poderá ser da tua irmã daqui a dez anos ou durante estes dez anos! Não és capaz de adivinhar?”

Afligia-se e irritava-se assim com estas perguntas, experimentando também um certo prazer. Aliás, essas perguntas não eram de maneira nenhuma novas, nem repentinas, eram já velhas, dolorosas, antigas. Havia já algum tempo que lhe vinham ferindo e corroendo o coração. Muito; havia já muito tempo que se enraizara e crescera nele toda essa tristeza atual; nos últimos tempos se acumularam e reconcentraram, assumindo a forma de uma horrível, bárbara e fantástica interrogação que lhe torturava o coração e a alma, reclamando uma resposta urgente. Agora, aquela carta da mãe viera também feri-lo como um raio. Era evidente que, agora, não se tratava de ficar triste, de sofrer passivamente, fazendo apenas apreciações acerca da insolubilidade daqueles problemas, mas de fazer impreterivelmente qualquer coisa, imediatamente, o mais depressa possível. Fosse o que fosse, era preciso tomar uma decisão, ou…

“Ou renunciar completamente à vida! – exclamou de repente com raiva. – Aceitar o destino docilmente tal como é de uma vez para sempre, e abafar tudo no seu íntimo, renunciando a todo o direito à ação, a viver e a amar!

“Compreende, meu senhor, o senhor compreende o que quer dizer isso de não ter para onde ir? – de repente veio-lhe à memória a pergunta que Marmieládov lhe dirigira na noite anterior. – Porque todo homem precisa de ter algum lugar aonde ir!”

De repente, estremeceu; um pensamento, o mesmo da noite anterior, tornou a atravessar a sua imaginação. Mas não estremecera pelo fato de lhe ter ocorrido aquela ideia. Porque sabia, pressentia que ela havia de lhe ocorrer sem falta, e estava à espera dela; demais essa ideia não datava da noite anterior. Mas havia esta diferença: é que um mês atrás, e até essa noite, era apenas um desvario, ao passo que agora… agora surgia, não como um desvario, mas com uma aparência nova, de certo modo ameaçador e absolutamente desconhecido, e ele próprio o reconhecia… O sangue subiu-lhe à cabeça e seus olhos ficaram nublados.

Apressou-se a olhar à sua volta, nem sabia bem à procura de que. Queria sentar e procurava um banco; por isso encaminhou-se para a avenida de K***. Via-se um banco ao longe, a uns cem passos. Dirigiu-se para ele com a máxima rapidez; mas, no caminho, sucedeu-lhe uma pequena aventura, que durante uns momentos atraiu toda a sua atenção.

Depois que dera pelo banco, observou à frente dele, a uns vinte passos, uma mulher que passava, à qual, a princípio, não deu a mínima atenção, como não dava a nenhuma das coisas que lhe passavam pela frente. Quantas vezes não lhe acontecera ir, por exemplo, para casa, e não se lembrar de maneira nenhuma do caminho que seguira para chegar até lá e pelo qual estava já acostumado a passar! Mas aquela mulher que passava tinha qualquer coisa de estranho, saltava logo à vista, que, pouco a pouco, lhe foi prendendo a atenção… A princípio, contra sua vontade e quase com aborrecimento, e depois, cada vez com mais força. De súbito, sentiu o desejo de averiguar concretamente o que teria aquela mulher de estranho. Em primeiro lugar devia ser muito nova; ia sem chapéu, com aquele calor, sem sombrinha e sem luvas, e movia os braços de maneira um pouco grotesca. Trazia um vestidinho de seda, leve; mas era um pouco estranho, o seu vestido, com os botões mal fechados, e atrás, na cintura, no lugar onde começa a saia, via-se um rasgão; uma tira arrancada pendia, oscilando. À volta do pescoço nu levava um pequeno lenço que lhe saía de um lado. A mulher não caminhava com firmeza, curvada e cambaleando para um e outro lado. Até que por fim aquela visão acabou por atrair completamente toda a atenção de Raskólhnikov. Cruzara com a moça junto do banco; mas, quando chegou junto deste, ela se deixou cair numa extremidade, apoiou a cabeça no espaldar e fechou os olhos, dominada por um cansaço visível. Percebeu, logo depois de olhá-la, que estava completamente embriagada. Era estranho e monstruoso contemplar aquele espetáculo. Pensou até se aquilo não seria uma ilusão. Tinha na sua frente uma pequena pessoa, extraordinariamente jovem, de uns dezessete anos, até talvez de quinze… pequenina, de cabelo louro, mas toda afogueada e como que inchada. Segundo parecia, a moça não devia ter a cabeça muito firme; cruzara as pernas, mostrando-as mais do que convinha, e, avaliando por todos os indícios, nem devia perceber que

se encontrava em plena rua.

Raskhólhnikov não sentou, mas também não decidiu retirar-se; ficou de pé, na frente dela, atônito. Aquela avenida estava sempre deserta, e às duas da tarde e com aquele calor, também não passava por ali quase ninguém. E, no entanto, a um lado, a uns quinze passos, no extremo da avenida, tinha parado um homem, o qual, via-se bem, mostrava a intenção de aproximar-se da moça, sabe-se lá com que fins. Provavelmente também ele a teria visto, de longe, e a seguira, simplesmente Raskólhnikov atravessou-se no caminho. Lançava-lhe olhares de raiva, esforçando-se no entanto por não chamar-lhe a atenção, e aguardava impacientemente a sua vez, quando aquele incômodo intruso se retirasse. A coisa era compreensível. Aquele cavalheiro devia ter uns trinta anos, era forte, gordo, com uma cara saudável, os lábios rosados, de bigode, e vestia com elegância. Raskólhnikov sentia uma indignação enorme; de repente veio-lhe um ímpeto tremendo de ofender de qualquer maneira aquele tipo gordo. Afastou-se da moça num abrir e fechar de olhos e dirigiu-se para ele.

– Mas… o senhor é Svidrigáilov? Que procura neste lugar? – exclamou, fechando as mãos e rindo-se com os lábios franzidos pela cólera.

– Que quer dizer isso? – perguntou-lhe seriamente o interpelado, arqueando as sobrancelhas e olhando-o com altivez.

– Que saia daqui já, é o que quer dizer.

– Como te atreves, canalha?

E brandiu a bengala. Raskólhnikov atirou-se contra ele com os punhos erguidos, sem dar-se tempo para pensar que aquele homem forte podia muito bem fazer-lhe frente, a ele, ou a outro qualquer. Mas nesse momento sentiu que o seguravam por detrás com força; um guarda tinha-se interposto.

– Basta, *súdar*,[11] não se atreva a lutar num lugar público. Que lhe aconteceu? Como se chama? – perguntou, dirigindo-se com ar severo a Raskólhnikov e reparando no seu traje em farrapos.

Raskólhnikov olhou para ele com atenção. Tinha uma honesta cara de soldado, com bigodes e costeletas grisalhas, e um olhar inteligente.

– Preciso do senhor – disse, pegando-lhe por uma mão. – Eu sou o estudante Raskólhnikov… o que o senhor pode ficar também sabendo – mas venha comigo que eu lhe mostrarei uma coisa…

E, puxando o guarda pela mão, levou-o até ao banco.

– Aqui a tem, completamente embriagada; apareceu há pouco nesta avenida. Quem sabe de onde ela vem ou quem será? Mas não parece uma profissional. O mais provável é que a obrigaram a beber, em qualquer parte, e abusaram dela… pela primeira vez… compreende? E que depois a tivessem posto na rua. Repare como tem o vestido rasgado, repare como está vestida; deve ter sido vestida à força, não foi ela quem se vestiu, mas sim mãos de homem, inábeis. É evidente. E agora repare para aquele, para esse janota, com quem eu me preparava para brigar há pouco; não o conheço, vi-o agora pela primeira vez; mas ele, durante a caminhada, reparou na ébria, desorientada, e agora estava com grande vontade de aproximar-se dela e de – no estado em que está – levá-la sabe-se lá para onde… Deve ser isto, acredite que não estou a enganá-lo. Eu bem vi como ele a observou e vinha atrás dela, simplesmente, eu me atravessei no seu caminho, mas ele estava à espera que eu me fosse embora. Tinha-se afastado um pouco e fingia que enrolava um cigarro… Como livrar esta infeliz das mãos dele? Como poderemos levá-la a casa? Que lhe parece?

O guarda compreendeu tudo num instante e reconsiderou. Quanto ao caso do senhor gordo, não havia dúvida de que era aceitável; restava a mulher. O polícia inclinou-se para ela, a examiná-la mais de perto, e no seu rosto refletiu-se uma sincera piedade.

– Ah, que pena! – exclamou, abanando a cabeça. – Ainda é uma criança. Enganaram-na com certeza. Ouça, menina… – começou, sacudindo-a – pode fazer o favor de dizer-nos onde mora? – A moça abriu os olhos cansados e enevoados e ficou olhando estupidamente para os que a interrogavam, enquanto agitava as mãos.

– Ouça – exclamou Raskólhnikov – aqui tem – meteu a mão no bolso e tirou vinte copeques, o que achou. – Tome, chame uma carruagem e leve-a a casa. Mas precisamos de saber onde ela mora!

– *Báritchnia, báritchnia!*[12] – insistiu novamente o guarda, pegando no dinheiro. – Vou buscar uma carruagem e eu próprio a levarei a sua casa. Onde mora? Ah! Pode fazer o favor de dizer-nos onde mora?

– Deixem-me em paz… Que importunos! – resmungou a moça, tornando a agitar as mãos.

– Ah! Ah! Isso não está certo! Isso é uma vergonha, *báritchnia*, uma vergonha! – e tornou a abanar a cabeça, envergonhado, condoído e apiedado. – Vê? Isto é que é o mais difícil! – acrescentou, dirigindo-se a Raskólhnikov, e tornou a olhar para ele dos pés à cabeça. Era evidente que lhe parecia um pouco estranho: ter dinheiro e estar tão esfarrapado.

– E encontrou-a longe daqui? – perguntou-lhe.

– Já lhe disse: à minha frente, na avenida, cambaleando. Quando chegou ao banco, deixou-se cair.

– Ah, que vergonha se vê hoje no mundo! Senhor! Que desavergonhada, e mais, que bêbada! E com a roupa feita em farrapos… Ah, e que processo há hoje na libertinagem! E até pode ser que pertença a uma boa família decaída… Agora há moças assim… Mas é que parece uma menina fina – e tornou a inclinar-se para ela.

Talvez ele tivesse alguma filha da mesma idade – literalmente, uma menina, e delicada – com modos de pessoa bem educada e atenta a todos os caprichos da moda…

– O principal – apressou-se a dizer Raskólhnikov – é que esse tratante não a leve! Também poderia abusar dela! Bem sabemos o que ele queria; olhe que não sai dali, o patife!

Raskólhnikov falava alto e apontava-o diretamente com a mão. Ele o ouviu e deu mostras de ficar outra vez encolerizado; mas ponderou o caso e limitou-se a lançar-lhe um olhar de desprezo.

Depois do que se afastou outros dez passos e tornou a parar.

– Impedir que a leve é possível – respondeu o guarda, depois de ter pensado. – Se ao menos dissesse onde mora… Menina, menina! – e tornou a inclinar-se.

Então, ela abriu os olhos de repente, olhou-o atentamente, como se começasse a compreender alguma coisa; levantou do banco e dirigiu-se outra vez para o mesmo lado donde tinha vindo.

– Oh, que desavergonhados! – exclamou, agitando ainda os braços. Caminhava com ligeireza, mas, como antes, cambaleando um pouco. O *dandy* começou a andar atrás dela, mas pelo outro passeio, sem perdê-la de vista.

– Não se incomode, que não a abandonaremos – disse resolutamente o guarda dos bigodes, e saiu caminhando atrás dela. – Ah, até onde chega hoje a libertinagem! – repetiu suspirando.

Naquele mesmo momento Raskólhnikov sentiu qualquer coisa, como se alguém o tivesse picado; num abrir e fechar de olhos deu-se nele uma transformação completa.

– Ouça, eh! – gritou atrás do polícia dos bigodes. Este estacou, virando-se.

– Pare! Mas que tem? Deixe-a! Que se divirta com ela! – e apontava para o janota. – Que lhe importa isso?

O guarda não o compreendia e olhou-o com uns olhos espantados. Raskólhnikov sorriu.

– Ah! – exclamou o guarda agitando as mãos, e continuou no rastro do janota e da moça, tomando provavelmente Raskólhnikov por louco ou por algo pior.

“Os meus vinte copeques voaram – resmungou Raskólhnikov, que ficara sozinho. – Bem, agora vai também extorquir dinheiro ao outro, ele deixa a mulher e acabou-se… Mas para que me meto eu a ajudar os outros? A mim, quem é que me ajuda? Tenho eu o direito de ajudar alguém? Que se comam vivos uns aos outros… Quero lá saber! Como

me atrevi eu a dar-lhe esses vinte copeques? Porventura eram meus?”

Apesar dessas palavras estranhas, o certo é que sentia pena. Tornou a sentar no banco abandonado. Os seus pensamentos divagavam… E nesse momento era-lhe também muito doloroso pensar fosse no que fosse. Gostaria de esquecer tudo, adormecer e tornar depois a começar outra vez…

“Pobre moça! – disse, pousando o olhar na extremidade livre do banco. – Há de voltar a si e chorar, e depois a mãe ficará sabendo de tudo… A princípio há de bater-lhe com a mão; depois vai açoitá-la com o chicote, de maneira cruel e humilhante e acabará por expulsá-la… E se não a expulsa de casa, de qualquer maneira uma Daria Frántsovna qualquer não deixará de farejar a presa, e a pobre moça começará a andar aos tombos. Depois segue-se o hospital (é o que acontece sempre àquelas que viveram honestamente em casa de suas mães, até ao dia em que se escaparam pela calada), e depois irão outra vez para lá… e outra vez para o hospital… a aguardente… a taberna… e outra vez o hospital; passados dois ou três anos estará doente, e com dezoito ou dezenove de idade, será tudo o mais… Não as conheci eu assim, por acaso? Mas que me importavam elas? Apesar de que sempre me importavam… Ufa! Dizem que tem de ser assim. Segundo dizem, tem de haver todos os anos uma certa porcentagem delas… Diabo! Tem de haver para que as outras possam ostentar louçania e não as incomodem. Porcentagem! Realmente são famosas as palavras que essa gente emprega: são tranquilizadoras, científicas. Está dito: tem de haver essa porcentagem e é inútil falar mais nisso. Se em vez dessas, empregassem outras palavras… pode ser que fossem inquietantes… E se Dúnietchka vem a cair também dentro dessa porcentagem… Se não dentro desta, na outra… Mas onde ia eu? Coisa estranha. Se saí foi para alguma coisa. Assim que li a carta saí… Era a Vassílievski Ôstrov, a casa de Razumíkhin, que eu ia agora… já me lembro. Mas, afinal, que ia eu lá fazer? E por que me ocorreria precisamente agora a ideia de ir ver Razumíkhin?[13] É curioso.”

Ficou admirado consigo próprio. Razumíkhin era um dos seus antigos camaradas da Universidade. Era curioso que Raskólhnikov, quando andava na Universidade, quase não tinha aí nenhum amigo; afastava-se de todos, não se dava com ninguém e não lhe agradava

que eles o visitassem. Aliás, não tardou também que eles lhe voltassem as costas. Não tomava parte em coisa nenhuma, nem nas reuniões gerais, nem nas discussões, nem nos recreios. Estudava com afinco, sem ter pena de si mesmo, e por isto o respeitavam, mas não lhe tinham amizade. Era muito pobre, extremamente orgulhoso e nada comunicativo; parecia que escondia qualquer mistério. Na verdade, parecia que encarava alguns dos seus condiscípulos como se fossem crianças, por sobre o ombro, como se estivesse muito acima de todos eles, tanto pela inteligência como pelo saber e pelas ideias, e considerasse as suas convicções e interesses como algo de inferior.

Mas dava-se com Razumíkhin, fosse lá pelo que fosse; isto é, não lhe tinha amizade, mas, ao menos, sentia-se mais franco e comunicativo para com ele. Aliás, com Razumíkhin teria sido também difícil conduzir-se de outra maneira. Era extraordinariamente jovial e expansivo, bom e ingênuo. Embora escondesse profundidade e dignidade, por debaixo dessa simplicidade. Era assim que o julgavam os melhores dos seus companheiros e todos gostavam dele. Era muito esperto, embora às vezes o tomassem por ingênuo. O seu aspecto exterior era impressionante: alto, seco, sempre mal barbeado, de cabelo preto. Às vezes mostrava-se um pouco irrequieto e fazia alarde da sua força. Uma noite, em que saíra com os seus camaradas, deitou por terra um guarda de seis pés de estatura. Era capaz de beber sem conta nem medida; mas também era capaz de deixar absolutamente de beber; às vezes permitia-se também graças pesadas; mas era igualmente capaz de abster-se de dizê-las. Razumíkhin era também notável pela circunstância de não desanimar por nenhum fiasco, nem preocupar-se em nenhum transe difícil. Era capaz de viver num patamar de escada, aguentar todas as angústias da fome e o frio mais excessivo. Extremamente pobre, mantinha-se sozinho, fazendo alguns trabalhos que lhe davam dinheiro. Conhecia uma infinidade de expedientes aos quais se pode recorrer sempre, claro que pelo trabalho. Mas houve um inverno inteiro, durante o qual nem uma só vez acendeu o fogo, e afirmava que o tinha passado muito bem, porque com o frio se dorme melhor. Na presente época vira-se obrigado também a deixar a Universidade, mas não por muito tempo; e esforçava-se o mais possível por melhorar a sua situação, a fim de poder recomeçar os seus estudos. Havia já quatro meses que

Raskólhnikov não o visitava, e Razumíkhin, por seu lado, ignorava onde ele morava. Uma vez, havia dois meses, encontraram-se na rua, mas Raskólhnikov voltara-lhe as costas e passou para o outro passeio para que não o visse. E Razumíkhin, embora o tivesse visto muito bem, passou de largo, para não incomodar o amigo.

## Capítulo V

"De fato, eu, ainda não há muito tempo, pensava pedir trabalho a Razumíkhin; que me arranjasse aulas ou qualquer outra coisa – dizia Raskólhnikov para si próprio – mas agora, em que pode ele ajudar-me? Suponhamos que me arranja aulas, suponhamos até que me dá o seu último copeque, se é que tem algum, para que eu possa comprar umas botas e procurar trabalho, a fim de apresentar-me decentemente nas aulas. Hum! Bem… e então? Mas que vou eu fazer com umas *piatáki*? Será isso, por acaso, o que eu preciso agora? Verdadeiramente é ridículo isso de ir visitar Razumíkhin."

Aquela pergunta, acerca do motivo por que iria agora ver Razumíkhin, irritou-o muito mais do que ele próprio pensava; farejava com inquietação algum pensamento mau, naquilo que, no fundo, era uma coisa vulgaríssima.

"Tinha de concordar que eu quisera remediar tudo apelando unicamente para Razumíkhin, e encontrar em Razumíkhin toda a solução", disse para si mesmo, admirado.

Pensava e esfregava a testa e, coisa estranha, inesperadamente, de repente e quase como se fosse espontaneamente, depois de longa deliberação, uma ideia estranhíssima lhe atravessou a mente.

"Hum! Irei visitar Razumíkhin – murmurou de repente, perfeitamente tranquilo, como se tivesse adotado uma resolução definitiva. – Irei encontrar Razumíkhin; irei, está decidido… mas hoje, não; irei vê-lo noutro dia, depois *disso*, quando tudo for já um fato consumado e tudo tiver tomado um novo rumo…"

E, de repente, voltou a si.

"Depois disso! – exclamou, levantando-se do banco, sobressaltado. Mas *isso* chegará a dar-se, por acaso? Chegará realmente a acontecer?"

Deixou o banco e pôs-se a caminhar, quase correndo; teria

querido voltar atrás, para sua casa; mas isso de voltar a sua casa pareceu-lhe de súbito terrivelmente aborrecido; ali, no seu canto, naquele horrível buraco, é que ele meditara durante mais de um mês; por isso pôs-se a andar ao Deus dará.

Um calafrio nervoso lhe percorreu o corpo, que parecia febril; sentia também frio; com o calor que fazia, tiritava. Como se fosse forçadamente, quase sem se aperceber disso, como se cedesse a alguma urgente necessidade íntima, começou a olhar para todos os objetos que encontrava no caminho, como se procurasse à força uma distração; mas não conseguia completamente e afundava-se em meditações. Quando, estremecendo, tornava a levantar a cabeça e a correr os olhos à sua volta, esquecia imediatamente o que pensara, havia um momento, e até por onde caminhava. Atravessou assim todo o Vassílievski Óstrov, foi ter ao Pequeno Nieva, atravessou a ponte e voltou a Óstrov. A princípio, aquela verdura e aquela frescura deleitaram os seus olhos cansados, acostumados ao pó da cidade, com o seu gesso e as suas casas enormes, tenebrosas e opressivas. Ali não havia nem angústia, nem mau cheiro, nem tabernas. Mas não tardou que também aquelas novas e agradáveis sensações se tornassem doentias e irritantes. Às vezes parava perto de alguma casa de campo afundada entre a verdura; olhava para o jardim, contemplava os donos nos terraços e varandas, as mulheres ataviadas e as crianças que brincavam no jardinzinho. Fixava sobretudo a sua atenção nas flores: era sempre para elas que mais olhava. Encontrava também pequenas carruagens elegantes, cavaleiros e amazonas; seguia-os curiosamente com o olhar e esquecia-se deles antes que tivessem desaparecido da sua vista. Uma vez parou e contou o dinheiro que levava consigo: cerca de trinta copeques. “Vinte que dei ao guarda, três a Nastássia, pela carta… Além disso, ontem, dei quarenta e sete ou cinquenta a Marmieládov”, pensou, enquanto, sem saber por que, tornava a contar o seu dinheiro; mas não tardou a esquecer-se do motivo por que o tinha tirado do bolso. Só tornou a aperceber-se quando passou em frente duma casa de pasto, uma espécie de taberna, e sentiu apetite. Quando entrou na casa bebeu um copo de aguardente e meteu na boca um pastel recheado com qualquer coisa. Acabou de comê-lo adiante. Havia muito tempo que não provava aguardente, e por isso fez-lhe imediatamente efeito, apesar de ter bebido apenas um copo. De

repente sentiu o peso nos pés e também uma grande vontade de dormir. Pôs-se a andar em direção a casa. Mas quando ia já em Pietróvski Óstrov deteve-se, tomado de uma inércia imensa; afastou-se do caminho, meteu-se por entre os maciços de verdura, deixou-se cair sobre a erva e logo adormeceu profundamente.

Num estado doentio os sonhos costumam distinguir-se pelo seu extraordinário colorido e clareza, e pela estranha semelhança com a realidade. Apresentam-nos às vezes um quadro maravilhoso; e o cenário e todo o processo de representação são ao mesmo tempo tão verossímeis e com uns pormenores tão exatos e inesperados, mas em tão artística harmonia com a totalidade do quadro, que seria em vão que o próprio sonhador tentaria evocá-los, depois de desperto, ainda que fosse um artista como Púchkin ou Turguéniev. Esses sonhos, sonhos doentios, ficam sempre gravados na memória por muito tempo e produzem uma forte impressão no organismo alterado e enfraquecido do homem.

Foi um sonho estranho o que teve Raskólhnikov. Sonhou com a sua passada infância, na aldeia. Tinha sete anos e passeava, num dia festivo, ao cair da tarde, com seu pai, para além da aldeia. O céu estava cinzento, o dia sufocante, e o lugar era exatamente o mesmo cuja visão guardava na sua memória; ainda mais: na sua memória via-o ainda mais apagado do que agora, no sonho. A cidade mostra-se aberta como a palma duma mão; em toda aquela periferia, um salgueiro branco; além, muito longe, quase no extremo do horizonte, negreja o bosque. A alguns passos de distância da última horta da aldeia, há uma taberna, uma grande taberna, pela qual sempre sentira antipatia, e até medo, quando passava em frente dela com seu pai. Havia sempre ali muita gente; vociferavam, riam, diziam impropérios com grande alvoroço, bebiam tão excessiva e imoderadamente e havia nela rixas com tanta frequência! À volta da taberna viam-se sempre uns tipos completamente embriagados e ferozes, que andavam aos tropeções… Quando se encontrava com eles apertava-se com força contra o pai e todo ele tremia. Próximo da taberna passava a estrada, que verdadeiramente não era mais do que um atalho, sempre empoeirada, com um pó muito negro. A estrada faz uma curva ao longe, e a trezentos passos rodeia o cemitério da aldeia pela direita. A

meio do campo-santo ergue-se uma igreja com a cúpula verde, na qual entrava duas vezes por ano com seu pai e sua mãe, para ouvir missa, quando faziam o ofício de réquiem pela avó, que falecera havia pouco tempo, e a qual não chegara a conhecer. Nesses casos levavam sempre consigo um pastel sobre um prato branco, em cima dum guardanapo, e o pastel era de açúcar, arroz e passas, colocadas em forma de cruz. Gostava daquela igreja e das suas velhas imagens, quase todas sem moldura, e do velho sacerdote de cabeça sempre a tremer. Junto do túmulo da avó, sobre a qual se estendia uma lousa, estava a pequena sepultura do irmão mais novo, que morrera com seis meses, e o qual também não chegara a conhecer, e de quem não podia recordar-se; mas disseram-lhe que tinha um irmãozinho, e ele, sempre que visitava o cemitério, persignava-se religiosa e respeitosamente diante da sepultura, fazia uma reverência e depunha sobre ele um beijo. Agora sonhava que ia com seu pai pela aldeia, pelo caminho do cemitério, e passava diante da taberna; ia pela mão do pai, e, cheio de medo, olhava para a taberna. Uma circunstância especial distraiu a sua atenção: parecia que dessa vez se celebrava ali alguma paródia: havia ali uma multidão de burgueses endomingados, de mulheres com os seus maridos e um grupo de pessoas. Estão todos embriagados, entoam canções, e junto da porta da taberna há uma *tieliega*, mas uma *tieliega* estranha. É uma dessas grandes às quais costumam jungir-se grandes cavalos de carga, e que se empregam para o transporte de mercadorias e tonéis de vinho. Agradava-lhe sempre contemplar aqueles grandes cavalos de carga, de longas crinas e grossas patas, que caminham tranquilamente, com um passo manso, e que conduzem uma autêntica montanha sem mostrar o menor cansaço, como se a carga, em vez de esgotá-los, os aliviasse. Mas agora, coisa estranha, àquela *tieliega* enorme estava atrelado um mísero sendeiro, esquálido, pequeno, desses que os camponeses empregam; um desses pangarés aos quais – ele tinha visto com frequência – carregam às vezes com grandes fardos de lenha ou feno, e quando o carro se atola, na lama ou nos sulcos, os camponeses batem-lhes com muita força, muita força, com os chicotes, às vezes até no próprio focinho ou nos olhos, isso fazia-lhe uma pena imensa, tão grande que quase vinham-lhe lágrimas aos olhos, e a mãe vinha então arrancá-lo da janela. Mas eis que, de repente, se travou uma grande escaramuça: da taberna saiu, gritando, cantando e com balalaicas, um bando de camponeses embriagados, embriagadíssimos,

com blusas vermelhas e azuis, e a jaqueta sobre o ombro.

– Subam, subam! – grita um deles, ainda novo, com um grosso capote e uma caraça gorda, vermelha como um tomate. – Levo-os a todos! Subam!

Mas a seguir ouvem-se vozes e exclamações:

– Com esse sendeiro é que ele nos vai levar!

– Mas tu, Mikolka, estarás em teu perfeito juízo? Atrelar uma égua tão ordinária a uma *tieliega* destas!

– E esse espantalho já deve ter os seus vinte anos bem puxados, meus amigos!

– Subam, que os levo a todos! – tornou Mikolka gritando, e o cocheiro, que foi o primeiro a subir, tomou as rédeas na mão e ergueu-se em toda a sua estatura. – O nosso cavalo baio levou-o Matviéi – gritou, já na *tieliega*, – e esta eguazinha, meus amigos, só serve para me fazer sofrer; mais valia matá-la, pois nem vale aquilo que come. Mas já disse: subam, que eu já a faço andar! E há de ir depressa! – E, brandindo o chicote, dispôs-se a açoitar o pobre animal com prazer.

– Subamos então, vamos! – riam os do grupo. – Já sabem que há de correr a galope!

– Sim, deve haver pelo menos dez anos que não dá uma corridinha.

– Vai dá-la agora.

– Não tenham pena dela, meus amigos; cada um pegue no seu chicote: preparem-se!

– Bom, então arreiem-lhe!

Todos sobem para a *tieliega* de Mikolka com risos e gracejos. Subiram seis homens e ainda havia lugar para mais. Levavam com eles uma mulher gorda e pintada. Vestia uma camisola de indiana vermelha, com um toucado de contas de vidro, botas pesadas nos pés,

e descascava nozes e ria. À sua volta todos riam também, e, de fato, o caso não era para menos. Pensar que aquele pobre animal ia puxar a galope um carro tão pesado! Depois, dois dos moços que iam na *tieliega* brandiram os chicotes para ajudarem Mikolka. Ouve-se um eia!, a eguazinha puxa com todas as suas forças, mas não vai a galope; mal consegue mover-se a passo, limitando-se a agitar as patas, arranhar o solo e dobrar-se sob os golpes dos três chicotes, que caem sobre ela como uma saraivada. Os risos redobram na *tieliega* e fora dela; mas Mikolka enfurece-se e com violência descarrega golpes terríveis sobre a pobre égua, como se acreditasse verdadeiramente que poderá ir a galope.

– Deixem-me subir a mim também, meus amigos! – grita entre a multidão um rapaz ao qual o espetáculo fez inveja.

– Sobe! Que subam todos! – grita Mikolka. – Levo-os a todos! Vou arrear-lhe!

Bate e torna a bater, e já não sabe com que há de fustigar o animal.

– *Bátiuchka, bátiuchka!* – grita ele para o pai. – *Bátiuchka*, que está ele fazendo? Matam a pobre égua, *bátiuchka*!

– Vamos, vamos! – diz o pai. – Estão bêbados, não sabem o que fazem. Imbecis! Vamo-nos embora, não fiques aí olhando! – E procura afastá-lo dali; mas ele solta-se da sua mão e, sem perceber o que faz, encaminha-se para o animal. Este já não pode mais; arqueja, para, torna a puxar e está prestes a cair.

– Arreiem-lhe até que rebente! – grita Mikolka – Já lhe falta pouco. Espera!

– Mas tu és cristão ou não és, meu bruto? – grita um velho, dentre o grupo.

– Onde é que se viu isso, um animalejo como esse puxar um carro desse tamanho? – acrescenta outro.

– Estás matando-a! – grita um terceiro.

– Não te incomodes. É minha! Posso fazer dela o que quiser. Subam! Subam todos! Hei de fazer com que parta a galope!

De repente ouve-se uma gargalhada geral que abafa a voz de Mikolka: a pobre égua, sem suportar mais as brutais chicotadas, e embora sem forças, pôs-se a dar coices para o ar. Até os mais velhos não se puderam conter e começaram a rir. De fato, aquela égua, imprestável para qualquer serviço, ainda por cima se punha a dar coices!

Outros rapazes do grupo brandiram também os chicotes e dirigiram-se para o animal para lhe fustigarem as ilhargas. Correu cada um de seu lado.

– No focinho, nos olhos, deem-lhe nos olhos! – grita Mikolka.

– Uma canção, meus amigos! – gritou um dos da *tieliega*, e imediatamente todos lhe fizeram coro. Ouviu-se uma canção indecente, repicou um tambor e todos acompanharam o estribilho com assobios. A mulher descascava nozes e ria.

Ele se dirigiu, correndo, para o animal, avançou e pode ver como batiam nos olhos do cavalo, nos próprios olhos! Pôs-se a chorar. Sentiu o coração oprimido e as lágrimas saltaram-lhe. Uma das chicotadas roçou-lhe pela cara, mas ele nem a sentiu; erguia as mãos, gritava, voltava-se para o velho de cabelo e barba brancos, que abanava a cabeça, condenando tudo aquilo. Uma mulher pegou-lhe por uma mão e quis levá-lo; mas ele escapou-se e correu de novo para junto do animalzinho, que estava já nas últimas, mas recomeçara mais uma vez a escoicear para o ar.

– Ah, diabo! – gritava Mikolka furioso. Larga o chicote, torna a agachar-se e tira do fundo da *tieliega* um pau grosso e comprido, segura-o pela ponta com as duas mãos e, com todas as suas forças, descarrega-o sobre a égua.

– Vai matá-la! – gritam à sua volta.

– Assim, acaba matando-a!

– É minha! – gritou Mikolka e, erguendo todo o braço, descarregou uma paulada sobre a égua.

– Dá-lhe, dá-lhe! Por que te deténs? – grita uma voz no meio daquela gente.

Mas Mikolka arvorou outra vez o cajado e, com todas as suas forças, deu outro golpe no costado do infeliz animal, que se inclina todo para os quartos traseiros; mas dá um safanão e puxa, puxa, com as suas últimas forças, por todos os lados, para arrastar o carro; mas por todos os lados o atacam seis chicotes, e novamente o pau se ergue e cai pela terceira vez, e depois pela quarta, calculadamente, com toda a força do braço que o brande. Mikolka está furioso por não vê-la sucumbir de um só golpe.

– É dura! – gritam à sua volta.

– Vai cair já, sem falta, meus amigos; chegou a sua hora! – exclamou um entusiasta no meio do grupo.

– Com o machado, diabo! Acabemos com ela de uma vez! – gritou um terceiro.

– Vai… para o diabo que te carregue! Afastem-se! – gritava Mikolka, furioso; larga o pau, torna a agachar-se na *tieliega*, e tira uma alavanca de ferro. – Cuidado! – grita, e, com todas as suas forças, deita outra pancada na sua pobre égua.

O golpe foi certeiro; o animalzinho cambaleia, recua, esforça-se ainda por puxar, mas a alavanca torna a cair sobre o seu dorso, e tomba então finalmente por terra, como se lhe tivessem desconjuntado as quatro extremidades de uma só vez.

– Até que enfim! – exclamou Mikolka, e, fora de si, salta da *tieliega*.

Alguns rapazes, vermelhuscos e também embriagados, pegam no que encontram à mão: chicotes, paus, na tranca, e lançam-se sobre o animal moribundo. Mikolka está de pé ao seu lado e é já em vão que lhe bate com a alavanca no costado.

O pobre animal estende o focinho, respira com dificuldade, e morre.

– Rebentou! – gritam no grupo.

– Por que ela não saiu correndo a galope?

– Era minha! – grita Mikolka com o pau na mão e os olhos injetados de sangue. Parece pesaroso por não poder continuar batendo em alguém.

– Sim, mas tu não és cristão – gritam já, no meio do grupo, muitas vozes.

Mas o rapazinho, lívido, parece tresloucado. Lançando um grito, abre caminho por entre a gente, até à égua, pega-lhe no focinho morto, ensanguentado, e beija-o nos olhos e nos lábios… Depois, de repente, dá um salto e, arrebatado de furor, lança-se com os pequenos punhos cerrados contra Mikolka. Nesse momento, o pai, que havia já algum tempo o procurava, encontra-o finalmente, e tira-o do grupo.

– Vamos, vamos! – diz-lhe – Vamos para casa!

– *Bátiuchka*, por que é que eles mataram o cavalinho? – soluça, e as palavras saem do seu peito opresso, transformadas em gritos.

– Estão embriagados, não sabem o que fazem; isso não nos interessa. Vamo-nos! – diz-lhe o pai; mas sente o peito oprimido. Esforça-se por ganhar coragem, dá um grito e desperta.

Acordou banhado em suor, com os cabelos encharcados, arquejando, e endireitou-se na grama, horrorizado.

– Louvado seja Deus, foi apenas um sonho! – exclamou, sentando-se ao pé duma árvore e lançando um profundo suspiro. – Mas que é isto? Estarei com febre? Que sonho tão terrível!

Parecia-lhe que tinha o corpo todo moído, a alma cheia de dor e negrura. Apoiou os cotovelos sobre os joelhos e segurou a cabeça com ambas as mãos.

– Meu Deus! – exclamou – E se… e se eu pego de fato no machado, abro-lhe a cabeça e faço saltar os miolos… escorregarei no sangue quente e viscoso; quebrarei a fechadura, roubarei e começo a tremer, escondo-me, todo manchado de sangue… com o machado… Meu Deus, será possível…?

Tremia como a folha duma árvore, quando dizia isto.

"Mas que me aconteceu? – continuou a dizer, deixando-se cair outra vez e como se estivesse possuído de um assombro profundo. – Eu bem sabia que não seria capaz de… Portanto, por que me tenho eu atormentado até agora? Ontem, ontem, quando fui fazer aquela… *experiência*… compreendi perfeitamente que não seria capaz… Mas por que é isto agora? Por que estivera na dúvida até aqui? Ontem, quando descia a escada, eu próprio dizia que isto era vil, bárbaro, reles, reles… Porque, quando penso nisto, em pleno dia, fico revoltado e *assombrado*… Não, não sou capaz, não sou capaz! Suponhamos, suponhamos mesmo que não haja dúvida alguma em todos estes cálculos, que tudo isto se resolva este mês e se torne claro como o dia, preciso como a aritmética. Meu Deus, pois nem ainda assim me decidiria! Não sirvo para isto, não sirvo! Mas por que é que então, até agora?…"

Levantou, olhou com espanto à sua volta, como se se admirasse de estar ali, e encaminhou-se para a ponte de T***. Estava pálido, ardiam-lhe os olhos, o cansaço tomara-lhe todos os membros. Mas, de repente, começou a respirar mais facilmente: sentia que já tinha afugentado de si todo aquele tempo horrível, que havia tanto o acabrunhava, e que a sua alma se sentiu leve e satisfeita. "Senhor – implorava – mostra-me o meu caminho e eu me libertarei desses malditos… desvarios."

Quando atravessou a ponte, contemplou o Nieva com um olhar suave, e o radioso poente do sol belo e brilhante. Apesar da sua fraqueza, nem sequer sentia cansaço. Parecia-lhe que o tumor que trazia no coração, que andara a amadurecer durante um mês, lhe rebentara de repente. Liberdade, liberdade! Agora estava livre daquele feitiço, daquele sortilégio, daquela sugestão!

Mais tarde, ao recordar aquele tempo e tudo o que lhe aconteceu durante esses dias, detalhe por detalhe, ponto por ponto, traço por traço, havia sempre uma circunstância que o comovia supersticiosamente, embora, na realidade, não tivesse nada de extraordinário, mas que lhe surgia sempre como uma prefiguração do seu destino.

Era esta: nunca pôde compreender nem explicar a si próprio por que é que, esgotado, magoado, quando lhe teria convindo mais voltar a sua casa pelo caminho mais breve e direto, o fez pelo Mercado do Feno, pelo qual tinha de andar mais. A volta não era grande, mas completamente desnecessária. Não havia dúvida de que isso de regressar a casa, sem se aperceber das ruas que percorria, lhe acontecera já muitas vezes. Mas por que – perguntava ele sempre – por que é que aquele encontro tão importante e decisivo para ele, e, ao mesmo tempo, altamente fortuito, no Feno (onde não tinha motivo nenhum para ir), se deu então e àquela hora, precisamente nesse momento da sua vida, exatamente naquela disposição de espírito e naquelas circunstâncias, nas quais somente o referido fato podia produzir o efeito mais decisivo e definitivo sobre o seu destino? Parecia mesmo que estivera à sua espera!

Seriam quase dez horas quando se dirigiu para o Feno. Todos os comerciantes de barracas, os vendedores ambulantes, armazéns e lojas, ou encerraram os seus estabelecimentos, ou recolhiam e juntavam as suas mercadorias e regressavam às suas casas, bem como os seus fregueses. Em volta das tabernas subterrâneas, nos pátios sujos e hediondos das casas de Mercado do Feno, e sobretudo nas tabernas, apinhava-se grande número de mendigos esfarrapados, de todo o gênero. A Raskólhnikov agradavam-lhe, sobremodo, aqueles lugares, assim como as ruelas adjacentes, quando vagueava sem rumo pela cidade. Aí, os seus farrapos não atraíam sobre si a altiva atenção de ninguém, e era possível deambular com a cara que quisesse, sem provocar escândalo. Na própria travessa de K***, num canto, um comerciante e a mulher vendiam vários artigos em duas mesas: pano, galões, lencinhos de algodão, etc. Também eles voltavam já para casa; mas tinham parado para falar com uma amiga que passava. A tal amiga era Lisavieta Ivânovna, ou simplesmente Lisavieta, como toda a

gente a chamava, a irmã mais nova da própria velha, Alíona Ivânovna, a usurária em cuja casa Raskólhnikov estivera na noite anterior, com o fim de deixar-lhe empenhado um relógio e fazer a sua "experiência"… Havia já algum tempo que ele sabia tudo quanto dizia respeito à tal Lisavieta, e ela também o conhecia um pouco. Era uma solteirona alta, desgraciosa, tímida e bonacheirona, quase idiota, de uns trinta e cinco anos, que vivia numa autêntica escravidão em casa da irmã, trabalhando ali dia e noite, tremendo na sua presença e até apanhando dela. Naquele momento estava com um pacote na mão, pensativa, em frente do mercador e da mulher, escutando-os atentamente. Aqueles contavam-lhe qualquer coisa com entusiasmo. Quando Raskólhnikov a viu, de repente, uma sensação estranha, parecida com o mais profundo assombro, se apoderou dele, apesar de aquele encontro não ter nada de espantoso.

– A senhora, a senhora, Lisavieta Ivânovna, tem de decidir pessoalmente – disse o comerciante em voz alta. – Venha amanhã às sete. Eles também estarão.

– Amanhã? – exclamou Lisavieta perplexa e repisando as palavras, como se não quisesse decidir.

– Mas que medo a senhora tem de Alíona Ivânovna! – guinchou a mulher do comerciante. – Parece uma menina. Porque, afinal, ela não é sua irmã, parece uma madrasta, tal é a maneira como a trata. Mas, desta vez, não precisa de dizer nada a Alíona Ivânovna… – acrescentou o marido. – É o conselho que lhe dou: venha ver-nos sem lhe pedir licença. É assunto de interesse. Depois, até a sua irmã há de compreender.

– Então venho…

– Às oito da tarde, amanhã. Eles também estarão aqui. Poderá decidir pessoalmente.

– E teremos o samovar preparado – acrescentou a mulher.

– Bem, virei – disse Lisavieta, ainda pensativa e, lentamente, começou a afastar-se dali.

Raskólhnikov já se tinha retirado e não escutou mais. Caminhava devagar, sem chamar a atenção, esforçando-se por não perder uma palavra. O seu primeiro assombro, pouco a pouco foi-se transformando em espanto, e um calafrio lhe percorreu a espinha. De repente, adquirira uma informação certa; de um modo súbito e totalmente inesperado, soubera que no dia seguinte, às oito em ponto da tarde, a irmã da velha, e única pessoa que vivia com ela, não devia estar em casa e, portanto, às oito em ponto da noite a velha ficaria em casa sozinha.

Dali a sua casa havia alguns passos de distância. Entrou nela tal como um condenado à pena de morte. Não pensava em nada e tinha perdido completamente toda a faculdade de raciocínio; mas, repentinamente, com todo o seu ser, sentiu que não tinha já liberdade de reflexão, nem vontade, e que, de súbito, tudo se resolvera definitivamente.

Não havia dúvida de que, se durante anos inteiros estivera à espera dum encontro parecido, ainda que em tudo tivesse pensado, seria impossível contar confiadamente com um passo tão importante para o êxito da ideia como aquele que acabava agora mesmo de acontecer. Em todo o caso, teria sido difícil para ele conhecer de véspera, e com tanta segurança, com absoluta exatidão e sem o menor risco, sem necessidade de perguntas e investigações perigosas de gênero algum, que no dia seguinte a tal hora a velha que se dispunha a assassinar devia encontrar-se em sua casa completamente sozinha.

## Capítulo VI

Pouco depois, Raskólhnikov pôde saber, pouco mais ou menos, o motivo que o comerciante e a mulher tinham para convidar Lisavieta a ir a sua casa. Tratava-se de uma coisa vulgar e que, em si, não tinha nada de particular. Uma família de fora da cidade e que empobrecera, vendia várias coisas, vestidos, etc., etc.; tudo de mulher. Como não era vantajoso vendê-las no brechó, procuravam um freguês, e Lisavieta dedicava-se a isto; era alcoviteira, ocupava-se de informações particulares, e tinha uma grande clientela, pois era muito honesta e dizia sempre o último preço: “É tanto”, e assim era. Costumava falar

pouco, e, como dissemos, era, além disso, tão tímida e pacífica…

Mas, nos últimos tempos, Raskólhnikov tornara-se supersticioso. Muito tempo depois disto ainda lhe ficaram marcas desta superstição, marcas quase indeléveis. E em todo este caso propendeu sempre depois a ver algo de estranho, de misterioso, algo de semelhante à presença de certas influências e coincidências particulares. Nesse mesmo inverno aconteceu que um estudante seu amigo, Pokóriev, que partia para Khárkov, lhe deu durante uma conversa o endereço da velha Alíona Ivânovna, para o caso de ele alguma vez necessitar de empenhar alguma coisa. Durante muito tempo nunca a procurou, porque tinha alunos e, fosse como fosse, sempre ia arranjando algum dinheiro. Mas, havia mês e meio, lembrou-se do endereço que lhe tinham indicado; tinha dois objetos bons para empenhar: o velho relógio de prata, de seu pai, e um anelzinho de ouro com três pedras vermelhas, que a irmã lhe oferecera como recordação na ocasião em que se despedira dela. Resolveu levar o anel; quando se viu diante da velha, à primeira vista, ainda sem saber nada de particular acerca dela, sentiu uma invencível antipatia; aceitou-lhe as duas cautelas e, já de volta, entrou numa taberna ordinária. Pediu chá, sentou e ficou muito pensativo. Um estranho pensamento acabava de nascer na sua cabeça, como um pinto que sai do ovo, e que muito, muito o preocupava…

Quase ao seu lado, noutra mesinha, estava sentado um estudante que lhe era completamente desconhecido, do qual não tinha a mais vaga reminiscência, e um oficial novo. Estiveram jogando bilhar e agora tomavam chá. De repente ouviu que o estudante falava com o oficial a respeito da usurária Alíona Ivânovna, viúva dum assessor de colégio, e lhe dava o seu endereço. Aquilo, só por si, pareceu já bastante estranho a Raskólhnikov; viera de lá, e eis que, aqui, ouvia também falar dela. Não havia dúvida de que era uma casualidade; ainda não se libertara de uma impressão muito extraordinária, e eis que acabavam ainda de vir fortalecê-la: o estudante, de repente, pôs-se a contar ao companheiro vários pormenores a respeito da tal Alíona Ivânovna.

– É formidável! – dizia. – Tem sempre dinheiro pronto. É rica como um judeu; pode emprestar de uma só vez cinco mil rublos e não

perdoa um de juros. Há muitos dos nossos que vão ter com ela. Simplesmente, é uma tipa horrorosa…

E começou a contar-lhe como ela era má e teimosa: que bastava uma pessoa atrasar-se um dia em resgatar o penhor para que a considerasse perdida. Dava a quarta parte do que valia um objeto, mas cobrava cinco e até seis por cento de juro mensal, etc. O estudante falava pelos cotovelos e contou também ao amigo que a velha tinha uma irmã, Lisavieta, a qual, apesar de ser pequenina com, pelo menos, oito pés de altura, e franzina, apanhava continuamente e vivia numa autêntica servidão, como se fosse uma criança.

– É outro fenômeno! – exclamou o estudante, e pôs-se a rir.

Começaram a falar de Lisavieta. O estudante falava dela com certa satisfação pessoal, por entre risos, e o oficial pediu-lhe que lhe mandasse a tal Lisavieta para que lhe tratasse da roupa branca. Raskólhnikov não perdia uma só palavra e ficou assim a par de tudo. Lisavieta era a irmã mais nova, irmã (uterina) da usurária, e já tinha trinta e cinco anos. Trabalhava em casa da irmã dia e noite; fazia as vezes de cozinheira e de lavadeira, ao mesmo tempo, e, além disso, costurava para fora e ia esfregar casas, entregando tudo quanto ganhava à irmã. Não se atrevia a aceitar qualquer encargo ou trabalho sem pedir previamente autorização à velha. Esta fizera testamento, que a própria Lisavieta conhecia, e no qual não lhe deixava nem um *groch*, apenas uns móveis, umas tantas cadeiras, etc.; os cabedais legava-os a certo mosteiro, no governo de H***, para eterno descanso da sua alma. Lisavieta pertencia à classe média, e não à burocracia, era solteira e terrivelmente desgraciosa de figura, muito alta, com pés enormes, um pouco metidos para dentro, sempre calçados com uns sapatos cambados, mas de boa qualidade. O que mais fazia rir o estudante era que Lisavieta andava quase sempre grávida…

– Mas não disseste que ela é um mostrengo? – observou o oficial.

– Sim, tem uma cor terrosa e parece um soldado disfarçado; mas olha, não é completamente um monstro. Tem uma cara e uns olhos aproveitáveis. Até bem bonitos. A prova é que… há muito quem goste. É tão caladinha, tão mansa, tão dócil e acomodatícia, que a tudo se

presta. E também tem uma maneira de sorrir muito simpática.

– A propósito, a ti também te agrada… – sorriu o oficial.

– Pela sua invulgaridade. Mas não; ouve onde eu queria chegar. Eu, a essa maldita velha, era capaz de a matar e de roubá-la, e juro-te que não teria nem ponta de remorsos – acrescentou o estudante, exaltado.

O oficial tornou a rir-se; Raskólhnikov teve um sobressalto. Que estranho era tudo aquilo!

– Dá-me licença que te faça uma pergunta a sério? – disse o estudante, ainda um pouco exaltado. – É claro que eu, há pouco, falava de brincadeira, mas olha: de um lado uma velha estúpida, imbecil, inútil, má, doente, que não dá proveito a ninguém, e que até, pelo contrário, a todos prejudica; que nem ela própria sabe para que vive e que amanhã acabará por morrer fatalmente… Compreendes? Compreendes?

– Sim, compreendo – respondeu o oficial olhando atentamente para o seu acalorado companheiro.

– Pois então continua a escutar-me. Do outro lado energias jovens, frescas, que se gastam em vão, sem apoio, e isto aos milhares e em toda a parte. Mil obras e boas iniciativas se poderiam fazer com o dinheiro que esta velha deixa ao mosteiro. Centenas, talvez milhares de existências conduzidas ao bom caminho; dezenas de famílias salvas da miséria, da dissolução, da ruína, da corrupção, dos hospitais venéreos… E tudo isso com o seu dinheiro. Matá-la, tirar-lhe esse dinheiro, para com ele se consagrar depois ao serviço de toda a humanidade e ao bem geral. Que te parece? Não ficaria apagada a mancha dum só crime, insignificante, com milhares de boas ações? Por uma vida… mil vidas salvas da miséria e da ruína! Uma morte, mas, em troca, mil vidas… É uma questão de aritmética. E que pesa nas balanças vulgares da vida essa velhota tísica, estúpida e má? Não mais que a vida dum piolho, duma barata, e pode ser que ainda menos, visto que se trata de uma velha malfazeja. Ela se alimenta da vida alheia, é má; ainda não há muito tempo que mordeu de raiva um dedo a Lisavieta; por um pouco quase lhe o arrancava rente.

– Com certeza que não merece viver – observou o oficial – mas a natureza é assim.

– Ah, meu amigo, sim; mas a natureza melhora-se e dirige-se, e sem isso nos afundaríamos em preconceitos! Sem isso não teria nascido nem um só grande homem… Dizem: “O dever, a consciência!”. Eu não quero dizer nada contra o dever e a consciência… mas vamos a ver se nos entendemos! Espera, que vou fazer-te outra pergunta. Ouve.

– Não, espera tu, que sou eu quem vai perguntar. Escuta.

– Está bem.

– Tu, até agora, tens falado e discursado; mas diz-me: matarias tu próprio a velha ou não?

– Claro que não! Eu, segundo a justiça… Mas isso não me diz respeito…

– Pois, em meu entender, se tu próprio não te decides, é escusado falar em justiça. Anda, vamos jogar outra partidinha!

Raskólhnikov sentia uma comoção extraordinária. Não havia dúvida que tudo aquilo era do mais vulgar e frequente, e que já por mais de uma vez o ouvira, simplesmente, sob outras formas e a propósito de outros temas, em diálogos e raciocínios juvenis. Mas por que havia precisamente de acontecer-lhe agora ouvir aquele diálogo e aquelas ideias, agora que na sua cabeça começavam a germinar exatamente as mesmas ideias? E sobretudo, por que é que, agora que acabava de afugentar da sua mente o pensamento da velha, havia de ouvir um diálogo referente a ela? Pareceu-lhe singular essa coincidência. Aquele insignificante diálogo de taberna exerceu uma extraordinária influência sobre ele, no desenvolvimento ulterior do acontecimento; parecia que, efetivamente, havia em tudo aquilo um sinal, uma intimação…

*

De volta do Feno, deitou-se no divã e ficou aí uma hora inteira

sentado imóvel. Entretanto escureceu; não tinha velas; aliás, nem sequer lhe passou pela cabeça acender uma. Mais tarde nunca pode lembrar-se se estivera ou não pensando qualquer coisa durante esse tempo. Finalmente tornou a sentir a febre noturna, calafrios, e concluiu com prazer que o divã também lhe podia servir de leito. Em breve um sono pesado, de chumbo, se abateu sobre ele. Dormiu durante um tempo anormalmente longo e sem sonhos. Nastássia, que entrou no quarto no dia seguinte, às oito, teve de despertá-lo à força. Trouxe-lhe chá e pão. O chá já fervera uma vez, e também o trazia na sua chaleira particular.

– Isso é que se chama dormir! – exclamou com desgosto. – Para ele acaba sempre tudo em dormir!

Ergueu-se, a custo. Doía-lhe a cabeça; levantou, deu uma volta pelo seu cubículo e tornou a cair sobre o divã.

– Dormindo outra vez! – exclamou Nastássia. – Mas estás doente ou que tens?

Ele não respondeu.

– Não queres chá?

– Logo – respondeu ele com esforço; tornou a fechar os olhos e virou-se de cara para a parede. Nastássia inclinou-se sobre ele.

– Pode muito bem ser que esteja doente – disse; deu meia volta e saiu.

Voltou de novo às duas, com a sopa. Ele continuava deitado como antes. O chá permanecia intacto. Nastássia zangou-se e pôs-se a increpá-lo, indignada:

– Por que estás tão amodorrado? – exclamou, olhando-o com antipatia.

Ele se ergueu e sentou, mas sem lhe dizer nada e com os olhos fixos no chão.

– Mas estás doente ou não? – perguntou-lhe Nastássia, que

também desta vez não obteve resposta.

– Devias sair – disse, depois de um silêncio. – O ar vai te fazer bem. Vais almoçar ou não?

– Logo… – respondeu ele debilmente. – Vai-te embora! – e agitou a mão.

Ela tornou a inclinar-se um pouco, olhando-o compassiva, e depois retirou-se. Passados uns minutos ele ergueu a vista e ficou durante muito tempo olhando para o chá e para a sopa. Depois pegou no pão, segurou a colher e começou a comer.

Comeu pouco, sem apetite: três ou quatro colheradas, como maquinalmente. A cabeça doía-lhe menos. Depois de comer tornou a estender-se no divã, mas já não pode adormecer outra vez, e deixou-se ficar estendido, imóvel, de bruços, com a cabeça enterrada na almofada. Tudo se transformava em devaneios, e esses devaneios não podiam ser mais estranhos; o mais frequente era sonhar que estava em qualquer lugar na África, no Egito, em algum oásis. A caravana descansa à sombra, os camelos deitaram-se; em redor erguem-se palmeiras, formando um círculo; todos se preparam para a refeição. Ele não faz outra coisa senão beber água diretamente da fonte que nasce e borbulha ali mesmo, ao lado. E como o refrescava aquela água maravilhosa, maravilhosamente azul, fria, que manava por entre pedras multicores e de um fundo de areia tão clara, com reflexos dourados! De súbito, ouviu soar distintamente um relógio. Estremeceu, tornou a si, ergueu a cabeça, olhou para a janela, calculou a hora e levantou de um salto, como se alguém o tivesse empurrado do divã. Encaminhou-se nas pontas dos pés para a porta, abriu-a devagar e pôs-se a escutar da parte da escada. O coração batia-lhe com força. Na escada tudo estava silencioso, como se toda a gente dormisse… E pareceu-lhe muito estranho e importante o fato de ter podido estar amodorrado em tal inconsciência desde o dia anterior, sem ter feito nada, de maneira que, agora, encontrava-se desorientado… Podia ser que fossem já seis horas… E uma pressa enorme, febril e louca, o assaltou então: depois do sono, era o entorpecimento. No fim de contas, não precisava de grandes preparativos. Concentrou todas as suas forças no objetivo de pensar

tudo bem e de não se esquecer de nada; o coração batia-lhe cada vez com mais violência, e com tanta força que lhe dificultava a respiração. Devia começar por fazer um nó corredio e cosê-lo ao casaco, o que era coisa de minutos. Tateou com a mão por debaixo da almofada e encontrou, entre a roupa branca que ali havia, uma camisa velha, suja, que era um autêntico andrajo. Arrancou-lhe uma tira de uns cinco centímetros de largura por trinta e seis de comprimento. Dobrou essa tira, foi buscar um amplo e forte casaco de verão, de um pano de lã grossa – o seu único sobretudo – e pôs-se a coser as duas pontas da tira por dentro e por debaixo do sovaco esquerdo. As mãos tremiam-lhe enquanto segurava a agulha; mas dominou-se e coseu de tal maneira as pontas da tira que, de fora, ninguém poderia notar nada quando ele vestisse o casaco. Arranjara com muita antecedência a agulha e linha que guardava embrulhadas num papel, dentro da mesinha. O nó era invenção sua, bem engenhosa, e destinava-se ao machado. Não se podia ir pela rua com o machado na mão. E se a levasse por debaixo do casaco, teria de segurá-la com a mão, o que também podia dar nas vistas. Mas, assim, não era preciso mais nada senão meter o machado naquele nó e levá-la pendurada debaixo do sovaco durante todo o caminho. E metendo a mão no bolso lateral do casaco, podia segurar também a extremidade do cabo do machado para que não balançasse, e como aquele casaco era muito folgado, um verdadeiro saco, ninguém poderia imaginar que estivesse segurando qualquer coisa com a mão metida no bolso. Imaginara aquele nó havia já duas semanas.

Assim que resolveu o caso do nó, meteu os dedos numa pequena fenda que havia entre o divã e o chão, rebuscou no canto da esquerda e tirou o penhor, preparado e metido ali havia muito tempo. De fato, esse penhor não era mais do que um pedaço de madeira, liso, com as dimensões e a espessura duma cigarreira. Encontrara essa tabuinha, casualmente, num dos seus passeios pelo pátio, onde havia uma oficina num lugar anexo. Depois colocou sobre a tabuinha uma fina e lisa lâmina de ferro, provavelmente restos de alguma coisa partida, e que também encontrara na rua. Ambas as coisas – a lâmina de ferro era a mais pequena – tinha-as unido e ligado fortemente com um cordel cruzado; depois embrulhou tudo, com muito cuidado e esmero, num simples papel branco, e apertou tanto que era impossível abri-lo

à primeira vez. Fez isso assim para entreter por um momento a atenção da velha quando se pusesse a desfazer o embrulho, e aproveitar assim a ocasião. Tinha posto ali a lâmina de ferro, para fazer peso, a fim de que a velha não adivinhasse de imediato que o objeto era de madeira. Guardava tudo isso, havia muito tempo, debaixo do divã. Mal acabara de tirar o objeto, quando, de repente, se ouviu no pátio este grito:

– Já deram sete há muito tempo!

"Há muito tempo, meu Deus!"

Correu para a porta, pôs-se à escuta, pegou o chapéu e começou a descer os seus treze degraus devagarinho, suavemente, como um gato. Restava-lhe fazer o mais o importante: roubar o machado na cozinha. Que a coisa devia ser feita com um machado, havia já algum tempo que o decidira. Tinha também uma faca de jardineiro, de mola; mas, na faca, e sobretudo nas suas próprias forças, não tinha ele confiança; por isso optara definitivamente pelo machado. Observemos, de passagem, uma particularidade a propósito de todas estas resoluções definitivas, já adotadas por ele sobre este assunto. Possuíam uma propriedade estranha: quanto mais definitivas, tanto mais monstruosas e absurdas pareciam depois a seus olhos. Apesar de toda a dolorosa luta interior, nunca, nem por um instante, chegou a acreditar na realização dos seus projetos em todo esse tempo.

E se tivesse sucedido de maneira que tudo estivesse já previsto e definitivamente resolvido, até nos seus mais ínfimos pormenores, e não houvesse já lugar para dúvida nenhuma… ainda então teria desistido de tudo definitivamente, como de uma estupidez, um absurdo e uma coisa impossível. Mas, no que respeita aos pontos não resolvidos, restava-lhe ainda uma quantidade imensa de dúvidas. No que se refere ao lugar onde devia arranjar o machado, esse pormenor não o preocupava absolutamente nada, pois não havia coisa mais fácil. De fato, Nastássia, sobretudo à noite, mal parava em casa: ou ia para junto das vizinhas, ou ia à loja, e a porta ficava sempre aberta de par em par. A dona da casa andava sempre ralhando com ela, precisamente por causa disso. Portanto, não havia mais nada a fazer, em chegando o momento, do que entrar devagarinho e pegar no

machado; e depois, passada uma hora (depois de tudo consumado), tornar a colocá-la outra vez no seu lugar. Mas também aqui surgiam algumas dúvidas: suponhamos que ele voltava passada uma hora para colocá-la outra vez no seu lugar, e que Nastássia voltara durante esse tempo. Não havia dúvida de que teria de passar de largo e esperar que tornasse a sair outra vez. Mas se durante todo esse tempo ela precisasse do machado e se punha a procurá-la e a gritar… ficaria imediatamente com suspeitas, ou, pelo menos, haveria lugar para suspeitas.

Mas isso eram pormenores, nos quais nem sequer queria pensar, além de que também não tinha tempo para isso. Pensava no principal e os pormenores adiava-os para quando estivesse completamente decidido. Mas isto parecia-lhe definitivamente irrealizável. Pelo menos era o que lhe parecia. Nunca pode imaginar que alguma vez chegasse a deixar de pensar, levantasse e… simplesmente, fosse até lá… Até aquela sua experiência recente (ou seja aquela sua visita com a intenção de inspecionar definitivamente o local), tinha-a feito apenas para experimentar; mas a sério, nunca apenas como quem diz: “Vamos até lá, caramba; irei e experimentarei, visto que se trata apenas de uma fantasia!”, e não pôde aceitar a ideia; cuspiu e deitou a correr indignado consigo mesmo. No entanto parecia-lhe que, no ponto de vista moral, a questão podia considerar-se como resolvida. A sua casuística era aguçada como uma navalha de afiar, e não encontrava nenhuma objeção na sua consciência. Apesar do que não queria acreditar em si próprio e procurava com uma teimosia asinina objeções exteriores, por tentativas, como se alguém o obrigasse a fazê-lo e o puxasse para esse lado. O dia anterior, tão rico em elementos inesperados como decisivos, atuara sobre ele de uma maneira mecânica; era como se alguém lhe tivesse pegado pela mão e o tivesse obrigado a segui-lo irrevogavelmente, cegamente, com uma força sobrenatural, e sem que pudesse opor a menor objeção. Poderia dizer-se que deixara apanhar a ponta da roupa numa roda de engrenagem que começava a puxar por ele.

Em primeiro lugar – já pensara nisso – preocupava-o sobretudo uma questão: por que é que quase todos os crimes se descobrem tão facilmente e por que se encontram tão facilmente as provas de quase

todos os assassinatos? Pouco a pouco chegou a conclusões tão variadas como curiosas. A seu ver, o motivo principal residia, não tanto na impossibilidade natural de ocultar o crime, como no próprio criminoso; todos os criminosos, sejam eles quais forem, experimentam no momento de cometer o seu crime uma espécie de enfraquecimento da vontade e do raciocínio, estado esse que vem depois a ser substituído por um atordoamento extraordinário e pueril, precisamente no momento em que mais necessárias lhe seriam a razão e a prudência. Esse eclipse do raciocínio, esse desfalecimento da vontade, segundo Raskólhnikov, apoderava-se do homem à maneira duma doença, desenvolvendo-se progressivamente e alcançando o seu máximo de intensidade momentos antes do cometimento do crime: persistia durante a execução deste último e algum tempo depois, conforme os indivíduos, acabando depois por desaparecer como qualquer outra doença. O problema estava em saber se é a doença que engendra o crime, ou se o próprio crime, por sua natureza, é que é sempre acompanhado de um certo gênero de doença; mas isto era uma questão que ele não se sentia capaz de resolver.

Quando chegou a estas deduções, decidiu que, pelo que lhe dizia respeito, pessoalmente e ao seu projeto, não era possível que se produzissem semelhantes colapsos morais, pois nem a sua razão nem a sua vontade haviam de abandoná-lo durante toda a execução da sua empresa, unicamente pela razão de que aquilo que se propunha levar a cabo não era um crime… Prescindimos do processo mediante o qual chegara a essa resolução suprema, pois já nos adiantamos sobre os acontecimentos… Acrescentamos apenas que as dificuldades práticas, de ordem puramente material, do assunto, não assumiam no seu espírito senão uma importância completamente secundária. – “Basta que conserve o domínio da minha vontade e da minha razão para que, chegando o momento, fiquem vencidas todas essas dificuldades quando se trata de tocar nos pormenores mais insignificantes do meu plano…” Mas a execução do seu desígnio ia-se adiando. Cada vez tinha menos fé na possibilidade de que as suas resoluções assumissem um caráter definitivo e, chegada a hora, os acontecimentos tomarem um rumo completamente diferente, imprevisto, para não dizer inesperado.

Uma circunstância das mais vulgares colocou-o num beco sem saída, ainda antes de ter chegado ao fundo da escada. Quando chegou ao patamar da cozinha, cuja porta estava, como sempre, aberta de par em par, deitou um olhar pelo cantinho do olho, para certificar-se previamente de uma coisa: da ausência de Nastássia. “E a senhoria também não estaria ali, teria a porta de seu quarto bem fechada, não poderia vê-lo quando entrasse para pegar no machado?” Mas qual não foi o seu espanto ao reparar, de repente, que Nastássia estava na cozinha e, além disso, trabalhava, ocupada em tirar roupa branca de uma cesta e a estendê-la sobre umas cordas! Quando o viu, ela suspendeu a sua tarefa, voltou-se para olhá-lo, e assim ficou até ele se afastar. Ele desviara os olhos, como se não tivesse reparado em nada. Mas era assunto arrumado: não havia machado! Ficou desolado. “Por que é que eu concluí – disse para consigo, ao atravessar a porta de serviço – por que teria eu concluído que, precisamente neste momento, ela devia estar ausente? Por quê? Por que decidi eu isto com tanta certeza?” Sentiu o desejo de rir de si próprio, tal era a sua indignação… Sentia no seu íntimo uma raiva estúpida e bestial. Parou à porta de serviço, indeciso. Sair para que, só por sair, para dissimular, repugnava-lhe; mas voltar para o quarto ainda lhe repugnava mais. “Perdi para sempre uma bela oportunidade!”, resmungou, de pé e voltado, sem a menor intenção, para o escuro cubículo do porteiro, que também está aberto. De súbito, todo o corpo lhe estremeceu. Na portaria, a dois passos dali, sobre o banco da direita, acabava de ver brilhar alguma coisa… Olhou à volta… Ninguém. Aproximou-se do cubículo nas pontas dos pés, desceu os degraus e chamou o porteiro em voz baixa: “Pronto, não está em casa! Se bem que, no entanto, não deve andar muito longe, visto que deixou a porta escancarada.” De um salto, lançou-se sobre o machado (era realmente um machado) e tirou-o de debaixo do banco, onde descansava entre dois pedaços de lenha; em seguida, e sem ter ainda saído da portaria, meteu-o no nó corredio, pôs as mãos no bolso e afastou-se. Ninguém o tinha visto! “Quando a inteligência fala, o diabo ajuda-a!” pensou, com um estranho sorriso. O acaso que acabava de lhe acontecer, até lhe fez sentir dores no ventre.

Saiu para a rua devagar e com um ar indiferente, sem se apressar, com o receio de levantar suspeitas. Nem sequer olhava para os

transeuntes, e até se esforçava por não fixar a vista em ninguém, a fim de passar o mais possível despercebido. Nesse momento tornou a recordar-se do chapéu: “Meu Deus, pensar que anteontem tinha dinheiro e, em vez dele, não comprei antes um gorro!”. Praguejou intimamente. Deitou uma olhadela para o interior duma loja e viu que eram já sete e dez. Tinha que andar depressa e, ao mesmo tempo, que fazer uma volta; o melhor era entrar pelo outro lado, pela porta traseira. Dantes, quando imaginava tudo isso, pensava que deveria estar muito excitado. Mas agora não estava absolutamente nada. O que o ocupava, de momento, eram pensamentos estranhos, e não por muito tempo. Enquanto rodeava o parque Iusúpovski, interessou-lhe muito a ideia de que deviam construir umas fontes que refrescassem deliciosamente o ar em volta às praças públicas. Depois, pouco a pouco, chegou à convicção de que a ampliação do Jardim de Verão até o Campo de Marte e a sua reunião com o Jardim do Palácio Mikhailóvski constituiriam uma inovação tão agradável como útil para Petersburgo. E, a propósito disso, a si próprio perguntou por que é que em todas as grandes cidades as pessoas hão de preferir, menos por necessidade do que por gosto, viver naqueles bairros onde não há jardins nem fontes, mas apenas lixo e mau cheiro, e a sujidade reina como dona e senhora. Lembrou-se então do passeio pelo Mercado do Feno e por um instante apercebeu-se da sua situação atual: “Que estupidez – disse – não, vale mais não pensar nisso!”. Deve ser assim, com certeza, que os indivíduos que são levados ao patíbulo se agarram com o pensamento a todos os objetos que encontram pelo caminho. Esta ideia atravessou a sua mente como um relâmpago; mas apressou-se a afugentá-la… E, entretanto, ei-lo já muito próximo, eis aí a casa e ali a porta. E não se sabe onde, ouviu-se um relógio: “O que, já serão sete e meia? É impossível, com certeza que deve andar adiantado!”.

Mas a sorte foi-lhe favorável quando ia entrando. Como de propósito, uma enorme carroça de feno entrava precisamente diante dele, pela porta cocheira, ocultando-a completamente no momento em que ele a atravessava, de maneira que, ainda mal a carroça entrara no pátio, já ele se escapulia para a direita. Uma vez aí, ouviu do outro lado da carroça várias vozes que gritavam e altercavam. Mas ninguém o vira, com ninguém se encontrara. Algumas das janelas que davam para aquele imenso pátio quadrado estavam abertas àquela hora; mas

ele não levantou a cabeça, pois não tinha coragem para isso. A escada que conduzia ao andar da velha corria mesmo ao lado da porta da direita. Na escada já ele se encontrava…

Contendo a respiração e comprimindo com a mão as pulsações do coração, ao mesmo tempo que apalpava o machado e o endireitava uma vez mais, começou a subir os degraus suavemente, com muito cuidado e apurando o ouvido a todos os instantes. Mas a escada estava completamente deserta naquele momento; todas as portas estavam fechadas; não encontrou ninguém. É certo que no segundo andar havia um quarto para alugar, onde trabalhavam alguns pintores; mas não repararam nele. Parou um momento, reconsiderou e continuou a subir. "Lá isso é verdade, seria melhor que não estivessem aí; mas acima deles há mais andares…"

Agora vai já no quarto andar; ali está a porta, em frente, o andar está deserto. No terceiro andar, por debaixo do da velha, o mais provável é que também não haja ninguém; taparam o cartão de visita que estava fixado à porta, e isso é sinal de que os inquilinos se mudaram… Sufocava. Por um momento uma ideia atravessou o seu pensamento: "Não seria melhor ir-me embora?". Mas, sem dar resposta a essa pergunta, pôs-se a escutar junto do quarto da velha; reinava aí um silêncio de morte. Apurou ainda o ouvido no alto da escada e escutou atentamente durante muito tempo… Depois deitou uma última olhadela à sua volta e endireitou novamente o cabo do machado: "Não estarei demasiado pálido? – pensou, excessivamente, comovido. – Não seria melhor esperar que o meu coração se acalmasse?"

Mas o coração não lhe serenava. Pelo contrário, como se fosse de propósito, cada vez palpitava com mais força… Não pôde conter-se mais; lentamente, estendeu a mão até o cordão da campainha e puxou. Deixou passar meio minuto e tornou a chamar com um pouco mais de força. Nenhuma resposta… Para que tornar a chamar? Tal insistência não seria oportuna. Com certeza a velha estava em casa, e, se estivesse só naquela ocasião, sentiria certamente mais receio. Conhecia, em parte, os costumes de Alíona Ivânovna… e tornou a encostar o ouvido à porta. Seria que os sentidos se lhe aguçaram extraordinariamente (coisa difícil de admitir), ou aquele rumor era na verdade tão bem

perceptível? Fosse como fosse, percebeu de repente o roçar duma mão sobre o ferrolho da fechadura, ao mesmo tempo que o roçagar dum vestido contra uma almofada da porta. Alguém invisível estava ali por detrás, escutando como ele, esforçando-se por dissimular a sua presença lá dentro e, segundo parecia, também com a orelha pegada à porta.

Movimentou-se de propósito e resmungou em voz alta, para que não parecesse que se estava escondendo, e depois tornou a chamar pela terceira vez, mas devagarinho, suavemente e sem a menor mostra de impaciência. Mais tarde recordaria aquele momento com toda a exatidão, tal foi a maneira como lhe ficou fielmente gravada na memória. Nunca chegou a compreender como é que foi capaz de empregar tanta astúcia naquela ocasião, pois houve momentos em que se lhe nublou o raciocínio e em que mal sentia o corpo… Passado pequeno momento percebeu que puxavam o ferrolho.

## Capítulo VII

Como das outras vezes, a porta abriu-se devagarinho e de novo dois olhos penetrantes e receosos pousaram sobre ele, olhando do fundo da escuridão. Nesse momento Raskólhnikov perdeu o sangue frio e esteve quase a deitar tudo a perder por sua culpa. Receando que a velha se assustasse por se encontrar sozinha com ele, e não acreditando que a sua cara e o seu aspecto fossem próprios para tranquilizá-la, segurou a porta e puxou-a atrás de si, para que a velha não caísse na tentação de tornar a fechá-la. Por seu lado, ela não puxou a porta; mas também não a largou; de maneira que por um pouco não a arrasta, juntamente com a porta, até ao patamar. Quando viu que a velha continuava no umbral, estorvando-lhe a entrada, caminhou direito a ela. Muito admirada, deu um pulo para trás, quis dizer qualquer coisa mas não conseguiu, e ficou olhando com os olhos muito abertos. – Boa noite, Alíona Ivânovna – começou com o ar mais indiferente, mas com uma voz que já não lhe obedecia, entrecortada e tremente – trago-lhe um penhor… Mas entremos… vamos para a luz.

E, empurrando-a com um gesto brusco, entrou no quarto sem que ela o tivesse convidado. A velha correu atrás dele e começou a dar à

língua:

– Meu Deus! Mas que deseja o senhor? Quem é o senhor? O que quer?

– Repare, Alíona Ivânovna, sou seu amigo… Raskólhnikov… Ouça: trago-lhe o penhor de que lhe falara ultimamente…

E estendeu-lhe o penhor. A velha ia para examiná-lo; mas tornou a fixar mais uma vez os seus olhos nos do intruso. Contemplava-o atentamente, com uma expressão maliciosa e receosa. Passou um minuto e ele julgou até perceber no olhar da velha qualquer coisa de irônico, como se ela tivesse já adivinhado tudo. Sentiu que perdia a cabeça, que tinha quase medo, e que, se o mutismo da velha se prolongasse meio minuto mais, acabaria por fugir.

– Mas por que me olha tanto, como se não me conhecesse? – disse ele também de repente, com malícia – aceite-o, se quiser… senão vou a outro lugar! Não posso perder tempo!

Disse essas palavras sem as ter pensado, como se lhe tivessem escapado de repente.

A velha reconsiderou; era evidente que o tom resoluto do visitante a animava.

– Mas, meu amigo, por que há de isto ser assim, tão de repente? Que é isso? – perguntou olhando para o objeto.

– Uma cigarreira de prata… Vamos… Já lhe falei dela da última vez que cá estive…

A velha estendeu a mão.

– O senhor está tão pálido! E tem as mãos trêmulas! Estará doente, não?

– Tenho febre – respondeu com uma voz convulsionada. – Como é que não se há de estar pálido, quando não se come! – acrescentou com muito custo. As forças tornavam a faltar-lhe. Mas a resposta parecia verossímil; a velha pegou no objeto.

– Que é isto? – perguntou, olhando outra vez de alto a baixo para Raskólhnikov e sopesando o objeto na mão.

– Pois esse objeto… A cigarreira… de prata… Mas veja-a!

– Hum! Nem parece prata! Vem muito bem embrulhada.

Enquanto se esforçava por desfazer o embrulhinho, aproximou-se da janela para ver melhor (tinha as janelas todas fechadas, apesar do calor sufocante), e por um momento afastou-se de Raskólhnikov, ficando de costas voltadas. Ele desabotoou o paletó e tirou o machado do nó corredio; mas, sem a tirar completamente, limitou-se a segurá-la com a mão direita por debaixo da roupa. Sentiu uma grande fraqueza nos braços, que lhe intumesciam de minuto a minuto, e que se tornavam pesados como chumbo. Tinha medo de deixar cair o machado. De repente pareceu-lhe que a cabeça lhe voava.

– Mas que ideia fazer um embrulho desta maneira! – exclamou a velha esboçando um movimento para Raskólhnikov.

Não havia um momento a perder. Tirou completamente o machado debaixo do casaco, brandiu-a com as duas mãos, sem se aperceber do que fazia, e, quase sem esforço, com um gesto maquinal, deixou-a cair sobre a cabeça da velha. Estava esgotado. Mas ainda mal acabara de dar o golpe, quando lhe voltaram as forças.

Como sempre, a velha estava de cabeça nua. Os seus escassos cabelos brancos, disseminados e distantes, gordurosos e oleosos, também estavam, como sempre, entrançados em forma de rabo de rato e presos por um dente de pente, formando carrapito sobre a nuca.

Deu-lhe o golpe precisamente na saliência do crânio, para o que contribuiu a baixa estatura da vítima. Continuava ainda segurando o objeto de penhor numa das mãos. A seguir feriu-a pela segunda e pela terceira vez, sempre na saliência do crânio. O sangue brotou como de um copo entornado, e o corpo tombou para a frente, sobre o chão. Ele se deitou para trás para facilitar a queda e inclinou-se sobre o rosto da velha: estava morta. As pupilas dos olhos dilatadas pareciam querer saltar-lhe das órbitas; a fronte e o rosto contorciam-se nas convulsões da agonia.

Deixou o machado no chão, ao lado da morta, e começou imediatamente a revistar-lhe os bolsos, procurando não manchar as mãos no sangue que jorrava. Começou pelo bolso da direita, aquele de onde ela tirara as chaves da última vez. Conservava toda a sua lucidez de espírito e já não sentia náuseas nem vertigens; apenas as mãos lhe tremiam ainda. Mais tarde havia de recordar a maneira sensata e prudente como se conduzira, como tivera o cuidado de não se manchar… Tirou as chaves; tal como antes, estavam todas juntas, num molho, por meio de um só aro de aço. Assim que as teve em seu poder, dirigiu-se correndo para o quarto. Era um cubículo pequenino, no qual havia uma redoma grande cheia de imagens e de santos. Em frente, encostada à parede, via-se uma grande cama, muito boa, com uma manta de seda acolchoada, de algodão, feita de retalhos. A cômoda estava no terceiro lado do quarto. Coisa estranha: ainda mal metera as chaves na fechadura desse móvel, apenas sentira o rangido do ferro, quando uma espécie de calafrio o percorreu todo. Sentiu novamente vontade de deixar tudo aquilo e de escapulir-se. Mas isso durou apenas um momento, pois era já demasiado tarde para sair. Já estava a rir de si próprio quando, de repente, outra ideia inquietante o assaltou. Lembrou-se que podia suceder perfeitamente que a velha estivesse ainda viva e voltasse a si. Deixando as chaves e a cômoda, correu para lá, para junto do cadáver, e levantou outra vez o machado sobre a velha; mas não a golpeou. Não havia dúvida de que estava morta. Agachando-se e contemplando-a outra vez de perto, ficou convencido de que tinha o crânio partido e até um pouco torcido. Sentiu vontade de apalpá-lo com o dedo; mas retirou a mão; era evidente que não tinha necessidade nenhuma disso. Entretanto, o sangue formara já um charco sobre o chão. De repente, reparou que ela trazia um cordãozinho ao pescoço, e puxou por ele; mas o cordão era forte e não se partiu; além disso estava empapado em sangue. Experimentou então tirá-lo por debaixo do peito; mas havia qualquer coisa que o estorvava. Cheio de impaciência, ia já a atirar outra vez o machado com o fim de cortar o cordão sobre o corpo; mas não se atreveu e, com grande trabalho, manchando as mãos e o machado de sangue, depois de dois minutos de esforço partiu o cordão sem tocar com o machado no cadáver e tirou-o; não se enganara… Uma bolsinha! Do cordão pendiam duas cruzes, uma de madeira de cipreste e a outra de cobre, e, além disto, uma pequena imagem de esmalte; e

juntamente com elas havia um porta-moedas gorduroso, besuntado, de pele de gamo e com fecho de aço. O porta-moedas estava cheio; Raskólhnikov guardou-o no bolso sem o examinar. Pôs as cruzes ao peito da velha e, pegando outra vez no machado, voltou de novo para o quarto. Apressou-se terrivelmente, pegou nas chaves e de novo voltou a servir-se delas. Mas tudo parecia inútil; não acertavam bem na fechadura. Não que as mãos lhe tremessem, mas porque se enganasse sempre; e, embora visse que não era aquela a chave, que não entrava bem, persistia. De repente recordou-se e compreendeu que aquela chave grande, com o palhetão denteado, que estava ali entre outras chaves menores, não devia ser a da cômoda, sem dúvida alguma (conforme pensara anteriormente), mas a de algum cofre, e que talvez fosse nesse cofre que tudo estivesse escondido. Abandonou a cômoda e meteu-se imediatamente debaixo da cama, por saber que, geralmente, as velhas guardam os cofres debaixo da cama. De fato assim era; encontrou aí uma grande arca, de um *archin* de comprimento, de tampa abaulada, forrada de couro vermelho e pregueada com pregos de aço. A chave denteada entrou a primeira vez e abriu-a logo. Na parte de cima, por debaixo dum pano branco, havia uma peliça curta, de lebre, com guarnições vermelhas, e, debaixo dela, um vestido de seda, debaixo dum xale, e depois, no fundo, segundo parecia, só havia trapos. Começou por limpar as mãos manchadas de sangue sobre a guarnição vermelha: “Como é vermelha, o sangue não se notará sobre ela”; mas, de repente, caiu em si: “Meu Deus! Teria eu perdido o juízo?”, pensou, assustado.

Mas, mal acabara de remexer aqueles trapos, quando, debaixo do casaco escorregou um relógio de ouro. Apressou-se a esvaziar o conteúdo do cofre. De fato, entre aqueles trapos havia objetos de ouro escondidos – provavelmente todos eles empenhados, resgatados e por resgatar – pulseiras, brincos, alfinetes de gravata, etc. Alguns guardados nos seus estojos; outros, simplesmente embrulhados em papel de jornal, com muito cuidado e perfeição, em duas folhas de papel, e atados por fora com cordéis. Sem se demorar absolutamente nada, pôs-se a guardá-los nos bolsos das calças, do casaco, sem abrir os estojos nem desfazer os invólucros; mas não teve tempo para apanhar muitos…

De súbito, pareceu-lhe ouvir passos no quarto onde jazia a velha. Ficou quieto e rígido como um cadáver. Mas estava tudo tranquilo; devia ter sido vítima de uma alucinação. Nesse momento ouviu-se distintamente um leve grito, ou melhor, como se alguém tivesse lançado um gemido surdo e depois tivesse voltado a calar-se. A seguir outro silêncio mortal, de um ou dois minutos. Sentou de cócoras junto da arca e aguardou, de alma suspensa, até que por fim levantou de um pulo, pegou no machado e saiu do quarto correndo!

No meio do quarto estava Lisavieta, com um grosso embrulho nos braços, e olhava estupefata para a irmã morta, completamente lívida, e como se não tivesse coragem para gritar. Quando o viu chegar correndo, pôs-se a tremer como a folha duma árvore, com um tremorzinho leve, e por todo o rosto lhe correram espasmos. Tinha erguido as mãos e aberto a boca; mas no entanto não chegou a gritar e, lentamente, foi recuando à sua frente, para um canto, olhando-o fixamente, com teimosia, mas sem lançar um grito, como se não lhe restasse coragem para gritar. Ele se lançou sobre ela com o machado; os seus lábios contraíam-se tão dolorosamente como os das criancinhas quando se assustam com qualquer coisa, e ficou olhando fixamente o objeto causador do seu espanto, e prontos a gritar. E a tal ponto era simplória aquela desditosa Lisavieta, tão pacífica e tímida, que nem sequer se lembrava de levantar as mãos para resguardar o rosto com elas, apesar de ser esse o gesto mais natural e instintivo nesse momento, visto que o machado se levantava já por cima do próprio rosto. A única coisa que fez foi levantar um pouco o braço direito, que tinha livre, estendê-lo pouco a pouco para ele, como se quisesse afastá-lo, A pancada acertou-lhe em cheio sobre o crânio, e fendeu-lhe de uma vez toda a parte superior até ao occipúcio. Tombou também sobre o chão. Raskólhnikov estava completamente fora de si, tirou-lhe o embrulho, para largá-lo logo em seguida, e deitou a correr para o vestíbulo.

O medo apoderava-se dele cada vez com mais força, sobretudo depois deste segundo homicídio, completamente inesperado.

Estava ansioso por ver-se longe dali o mais depressa possível. E, se nesse momento tivesse estado em condições de poder ver e considerar; se tivesse pelo menos podido imaginar todas as

dificuldades da sua situação, toda a sua desolação, toda a sua vileza e toda a sua estupidez; pensar nisto, e também nos obstáculos que teria de vencer para sair dali e voltar para sua casa, poderia muito bem ter-se dado o caso de que abandonasse tudo e fosse, ele sozinho, correr a denunciar-se, não por medo, mas unicamente por horror e aversão ao que fizera. A repugnância, sobretudo, surgia e crescia nele a cada momento. Por nada deste mundo se teria agora aproximado da arca, nem sequer da sala. Mas começou logo a apoderar-se dele uma certa abstração, uma espécie de ensimesmamento; de vez em quando parecia esquecer-se de tudo, ou, para melhor dizer, esquecia-se do principal para atentar só a insignificâncias. Aliás, ao ver na cozinha um balde meio cheio de água em cima dum banco, pensou lavar aí as mãos e o machado. Tinha as mãos ensanguentadas e viscosas. Primeiro deixou cair o machado a prumo dentro da água; pegou num pedaço de sabão que estava na janela, num prato esbeiçado, e pôs-se a lavar as mãos no mesmo balde. Depois de as ter lavado, tirou o machado, limpou o aço, e ficou lavando o cabo durante muito tempo, por dois ou três minutos, nas partes em que estava ensanguentado, servindo-se também do sabão. Depois limpou tudo muito bem num pano branco que estava pendurado numa corda, estendia através da cozinha, e em seguida pôs-se a observar o machado, vagarosa e atentamente, junto da janela. Já não tinha vestígios, mas o cabo ainda estava úmido. Com muito cuidado, pendurou o machado no nó, por debaixo do sobretudo. Uma vez feita essa operação, e até onde lhe consentia a luz da cozinha escura, remirou o sobretudo, a calça e as botas. Por fora, à simples vista, não se notava nada; só nas botas é que havia manchas. Pegou num trapo e limpou as botas. Mas apesar disso pensava ainda que podia não ter reparado bem, que podia haver qualquer coisa que saltasse aos olhos, e que ele, no entanto, não notasse. Estava parado e meditando, no meio do quarto. Dolorosos, tenebrosos pensamentos lhe atravessavam a mente… A ideia de que estava louco e de que naquele instante não tinha forças para discernir nem defender-se, que talvez não fosse preciso fazer o que fazia… “Meu Deus! Preciso mas é fugir…”, murmurou, e correu para o corredor. Mas aí aguardava-o uma das maiores surpresas da sua vida.

Parou, olhou e não queria acreditar naquilo que os seus olhos viam: a porta, a porta exterior, e que dava para a escada, a mesma em que batera e pela qual entrara, estava entreaberta; nem sequer fechada à chave, nem sequer corrido o fecho, durante todo aquele tempo. A velha não a fechara atrás de si, talvez por precaução. Mas, santo Deus! Não tinha Lisavieta entrado por ela?! E como foi possível ter ele adivinhado que ela por alguma parte devia ter entrado! Mas, evidentemente, com certeza que não entrara pelas paredes!

Dirigiu-se para a porta e correu o trinco dela.

“Mas não, isto também não! O que eu tenho a fazer é ir-me embora, ir-me embora…”

Correu o fecho, entreabriu a porta e pôs-se a escutar do lado da escada.

Ficou escutando por muito tempo. Algures, certamente, lá embaixo, gritaram com força por duas vezes; deviam estar brigando e ralhando. “Quem seria?” Esperou com paciência. Por fim, repentinamente, tudo ficou em silêncio: já se tinham retirado. Ele se dispôs também a sair; mas de repente, no andar de baixo, abriu-se com estrépito uma porta que dava para a escada, e alguém começou a descer os degraus entoando uma cançoneta. “O barulho que fazem!”, pensou. Tornou a fechar atrás de si e esperou. Finalmente, tudo ficou silencioso: nem vivalma. Já tinha dado um passo na escada, quando, de repente, se sentiram novas passadas. Soavam muito longe, essas passadas, mesmo no princípio da escada; mas ele compreendeu logo,

desde o princípio do ruído, quando começou a suspeitar de alguma coisa, que se dirigiam infalivelmente para ali, para o quarto andar, para a casa da velha. Por quê? Seriam assim tão especiais e significativas aquelas passadas? Eram pesadas, certas, calmas. E ele vinha já no primeiro andar e continuava subindo, cada vez se ouvia melhor, cada vez se ouvia melhor! Sentia-se a respiração pesada do visitante. Começava já a subir o lance do terceiro andar… Ah! E, de súbito, pareceu-lhe que ficava petrificado como se aquilo fosse um sonho daqueles em que nos atacam de perto e nos querem matar e parece que estamos pregados ao chão e que nem um braço podemos mexer…

Até que, finalmente, quando o visitante estava já prestes a chegar ao quarto andar, ele estremeceu todo, de repente, e então recuou rápida e destramente do patamar e fechou a porta atrás de si. Depois pegou no trinco e correu-o devagarinho, sem fazer barulho. Valeu-lhe o instinto. Depois de ter feito isto, escondeu-se, sem respirar, acocorando-se junto da porta! O visitante desconhecido já ali estava. Encontravam-se agora os dois, um perto do outro, como ele estivera antes em relação à velha, quando a porta os separava e escutava de ouvido alerta.

O visitante respirou várias vezes afanosamente.

“Deve ser gordo e alto.” De fato, tudo aquilo parecia um pesadelo. O visitante puxou pela campainha e chamou com força.

Ainda mal o som fraco da campainha soara, quando lhe pareceu, de súbito, que alguém se movia na sala. Ficou escutando, atento, durante uns segundos. O desconhecido tornou a chamar, esperou um momentinho e, de repente, impaciente, pôs-se a sacudir o puxador da porta com todas as suas forças. Raskólhnikov via com espanto o trinco saltar na corrediça e esperava com um medo estúpido que ele corresse, sozinho, de um momento para o outro. De fato isso parecia possível, tal era a maneira como balançavam a porta. Lembrou-se de segurar o fecho com a mão; mas o outro podia adivinhar. Sentia que perdia a cabeça, que ela lhe andava às voltas, como antes. “Estou encurralado!” pensou; mas o desconhecido começou a falar e ele reanimou-se imediatamente.

– Mas estarão elas dormindo ou teriam sido mortas? Malditas! – exclamou, como no fundo dum poço. – Eh, Alíona Ivânovna, velha bruxa! Lisavieta Ivânovna, beldade sem par! Abram! Mas vocês estão dormindo, malditas?

E, furioso, pôs-se outra vez a puxar pela campainha, dez vezes seguidas. Não havia dúvida de que era algum homem com autoridade e familiar naquela casa.

Nesse mesmo momento ouviram-se uns passos miúdos, leves, perto dali, na escada. Alguém se aproximava. A princípio, Raskólhnikov nem sequer os ouviu.

– Não estará ninguém? – exclamou ruidosa e alegremente o recém-chegado, dirigindo-se ao primeiro visitante, que continuava ainda puxando pela campainha. – Boa noite, Kotch!

“A julgar pela voz, deve ser muito novo”, pensou Raskólhnikov, de repente.

– Não sei que, diabo, vem a ser isto; por um pouco que não dava cabo da fechadura – respondeu Kotch. –. Mas como é que sabes o meu nome?

– Essa é boa! Pois se há três dias jogamos juntos três partidas seguidas de bilhar, em casa de Gambrinus![14]

– Ah … a … a … h!

– Com que então não estão?! É estranho. Além disso é uma estupidez horrível. Onde hei de eu encontrar a velha? Precisava de tratar um assunto com ela.

– E eu também!

– Bem. Que se há de fazer? Temos de bater em retirada! Ah … ah! E eu que contava já com o dinheiro! – exclamou o rapaz.

– É claro que temos de nos ir embora, mas então, para que marcou ela uma hora? Foi ela mesma, a velha bruxa, que me marcou esta hora. E da minha casa até aqui ainda é uma estirada. Também

não percebo aonde teria ela ido! Todo o ano metida em casa, o diabo da velha, a resmungar e a dizer que lhe doem os pés, e de repente some e vai para a paródia!

– E se perguntássemos, ao porteiro?

– O quê?

– Aonde é que ela foi e quando volta.

– Hum! Ó diabo… Perguntar… Mas se ela nunca sai! – e tornou outra vez a sacudir a fechadura. – Que diabo, não temos outro remédio senão ir embora!

– Espere! – exclamou o rapaz de repente. – Olhe, não vê como a porta cede quando é sacudida?

– E então?

– Isto quer dizer que não tem a chave posta e apenas o fecho corrido! Não sente ranger o fecho? E para ter o fecho corrido é preciso estar em casa, compreende? Donde se conclui que estão em casa, mas que não querem abrir!

– O quê? Isso é possível! – objetou Kotch, admirado. – Com que então estão lá dentro? – e tornou a balançar a porta.

– Espere! – tornou a exclamar o rapaz. – Não puxe dessa maneira! Repare, aqui há qualquer coisa de estranho… O senhor chamou, abanou a porta… e não lhe abrem, o que quer dizer: ou que elas desmaiaram, ou que…

– Que, o quê?

– Olhe, vamos ter com o porteiro; pode ser que ele as faça despertar.

– É verdade! – e deslizaram ambos pelas escadas abaixo.

– Espere! Fique aí enquanto eu vou lá embaixo na portaria.

– Mas por que hei de eu ficar?

– Pelo sim, pelo não!

– Bem, então…

– Olhe, eu ando me preparando para juiz de instrução! É evidente, e…vi…den…te… que aqui há qualquer coisa de estranho! – gritou-lhe o rapaz com veemência e se pôs a correr desabaladamente pelas escadas abaixo.

Kotch ficou em cima, tornou a puxar a campainha mais uma vez, suavemente, e esta deu um toque; depois, devagarinho, como se refletisse e usasse de prudência, pôs-se a sacudir o puxador da porta, sacudindo-a de um lado para o outro, como se quisesse certificar-se bem de que só tinha o fecho corrido. Depois, resfolgando, agachou-se e começou a olhar pelo buraco da fechadura; mas a chave estava posta por dentro, de maneira que não podia ver nada.

Raskólhnikov estava de pé e de machado em riste, quase delirando. Via-se já a atacá-los também quando entrassem. Enquanto eles chamavam à porta e conversavam, por mais de uma vez lhe ocorreu a ideia de sair, de repente, e de acabar com todos de uma vez ou interpelá-los da parte de dentro. De vez em quando sentia impulsos de pôr-se a insultá-los e a discutir com eles assim que abrissem. “Era como isto acabava mais depressa!”, foi o pensamento que lhe atravessou a mente.

O tempo passava; um minuto, outro… Ninguém aparecia. Kotch começava a remexer-se.

– No fim de contas… – exclamou de repente, com impaciência, deixando o seu serviço de sentinela.

Correu pelas escadas abaixo, de roldão, e fazendo um grande barulho com as botas. Depois as passadas cessaram.

“Meu Deus, que hei de fazer?”

Raskólhnikov correu o fecho, entreabriu a porta, verificou que não se ouvia nada, e, de repente, sem se demorar a pensar, saiu, fechou outra vez a porta atrás de si o melhor que pôde e correu pelas

escadas abaixo. Já tinha descido três lanços, quando, de repente, percebeu um grande alvoroço lá mais embaixo… onde esconder-se? Era impossível esconder-se em qualquer parte. Apressou-se a retroceder para o andar.

– Eh, esse sátiro, esse demônio! Apanhem-no! – Dando um grito, alguém saiu de qualquer andar, e não corria, mas parecia precipitar-se pela escada, gritando a plenos pulmões:

– Mitka! Mitka! Mitka! Mitka! Vai para o diabo… que te carregue!

O grito acabou em alarido; os últimos ruídos ouviram-se já no pátio; depois tudo ficou em silêncio. Mas nesse momento, alguns homens, falando em voz forte e alta, começaram a subir a escada no meio de grande alvoroço. Distinguiu a voz vibrante do rapaz: eram eles!

Completamente desesperado, foi e saiu-lhes diretamente ao encontro. “Seja! Se me apanham, está tudo perdido; se me deixam passar tudo está perdido também; hão de lembrar-se de mim.” Estavam prestes a chegar; entre eles e ele havia apenas um lanço de escada… E, de repente, a salvação! Alguns degraus mais abaixo, à direita, havia um andar por alugar e com a porta aberta de par em par, aquele mesmo quarto no qual os pintores tinham estado trabalhando, os quais, como de propósito, já se tinham ido embora. Deviam ter sido eles que acabavam de sair naquela gritaria. O chão parecia recém-pintado, no meio do quarto via-se um pequeno balde, ao lado uma vasilha com tinta e uma brocha grossa. Esgueirou-se num ápice pela porta aberta e acocorou-se contra a parede: já era tempo; os outros chegavam já ao patamar; depois contornaram e passaram de largo para o quarto andar, falando alto. Ele esperou, saiu nas pontas dos pés e deitou a correr pelas escadas abaixo.

Ninguém na escada! Na porta cocheira, também não. Atravessou-a rapidamente e voltou à esquerda, para a rua.

Sabia muito bem, sabia perfeitamente que, naquele instante, teriam já chegado ao andar, que haviam de ficar muito admirados ao ver que a porta estava aberta, quando um momento antes ainda estava fechada, que já deviam ter visto os cadáveres e que não tardariam a

adivinhar e a supor claramente que o assassino estivera ali um momento antes e não devia ter feito mais do que esconder-se em qualquer lugar, deslizar próximo deles e escapar-se, haviam de compreender também que devia ter-se escondido no quarto vazio, a ficar aí até que eles tivessem chegado lá acima. Mas, entretanto, não se atrevia de maneira nenhuma a acelerar o passo, embora lhe faltassem ainda cem desde ali até à primeira embocadura: "Não faria bem em esconder-se debaixo de alguma porta cocheira e esperar na escada de alguma casa desconhecida? Bolas, não! E largar o machado em qualquer parte? E tomar uma carruagem? Pior, pior!". Os seus pensamentos confundiam-se. Até que finalmente encontrou uma travessa; meteu-se por ela, meio morto; compreendia agora que já estava quase salvo, aí se tornava menos suspeito e, além disso, havia muita gente e ele perdia-se no meio daquele rebuliço como uma agulha em palheiro. Mas todas essas comoções esgotaram a tal ponto as suas forças, que mal podia dar um passo. O suor caía-lhe em bica; tinha o pescoço empapado. "Meteste-te em boa!", gritou alguém junto dele quando ia saindo ao canal. Naquele momento não tinha a cabeça muito firme; quanto mais avançava, tanto pior. Voltou completamente a si, quando, de repente, chegando junto do canal, se assustou ao ver que havia ali pouca gente, de maneira que quase retrocedera, para a ruela. Agora pouco lhe faltava para cair redondo, deu uma volta e foi ter a sua casa por um caminho completamente diferente.

Chegou a casa sem estar ainda em seu juízo perfeito; pelo menos ia já pelas escadas acima quando se lembrou do machado. E, no entanto, restava-lhe ainda por resolver uma questão gravíssima: a de tornar a devolvê-lo e a colocá-lo no seu lugar, sem que dessem por isso. Não havia dúvida de que já não tinha forças para pensar que o melhor teria sido não colocar o machado no seu lugar anterior, mas ir deixá-lo, ainda que fosse depois, no pátio de qualquer outra casa.

Mas correu-lhe tudo às mil maravilhas. A entrada da portaria estava fechada, mas não à chave, e o mais provável era que o porteiro estivesse em casa. Mas perdera a tal ponto a capacidade de raciocinar, que foi direto à porta e abriu-a. Se o porteiro lhe tivesse perguntado naquele momento: "Que deseja?", pode ser que tivesse pegado no machado e passado para as mãos dele. Mas o porteiro não estava e ele

pôde colocar o machado no seu lugar anterior, debaixo do banco; até o cobriu com lenha, como estava antes. Depois não encontrou vivalma até chegar ao seu quarto; a porta da senhoria estava fechada. Quando entrou no quarto atirou-se para cima do divã, tal como estava. Não dormia, mas afundou-se num torpor. Se alguém tivesse entrado então no seu quarto, teria imediatamente dado um pulo e começado a gritar. Sombras e fragmentos de algo semelhante a ideias lhe atravessavam a mente; mas não pode apreender nem uma única, nem numa só pode deter-se, por mais esforços que fizesse…

# Segunda parte

## Capítulo primeiro

Ficou assim estendido durante muito tempo. Sucedia que, às vezes, despertava um pouco e nesses momentos reparava que era já noite cerrada; mas não se lembrava de levantar. Até que, por fim, notou que clareava já o novo dia. Estava deitado no divã, de rosto para cima, e ainda não se libertara da espécie de letargia que se apossara dele. Vindo da rua, chegava com força até ele um alarido enorme e tristonho, que, aliás, ouvia todas as noites junto da sua janela, às três horas. Também agora o despertavam: "Ah, são os bêbados que saem das tabernas – pensou. – Já são três horas – e, de súbito deu um pulo, como se alguém o tivesse feito saltar do divã. – O quê?! Já três horas?!". Sentou no divã… e então se lembrou de tudo! De repente, num momento, lembrou-se de tudo!

No primeiro momento pensou que estava louco. Um frio tremendo se apoderou dele, um frio precursor da febre, que havia já alguns instantes sentira durante o sono. Agora, acometia-o também um tremor, os dentes parecia que iam saltar, e todo o seu corpo se agitava. Abriu a porta e apurou o ouvido; em casa estava tudo num sono profundo. Atônito, mirou-se a si próprio e passou o olhar por todo o quarto, sem compreender nada; como pudera ele entrar na noite anterior, sem ter fechado a porta no trinco e deitar-se no divã, não só vestido, como até de chapéu, o qual resvalara para o chão e ali

estava caído, perto da almofada? “Se alguém tivesse entrado, que havia de pensar? Que eu estava embriagado, mas…” Assomou à janela, havia já bastante luz. A seguir pôs-se a examinar-se todo, dos pés à cabeça, todo o vestuário; não teria vestígios? Mas, assim, era impossível; tremia com os calafrios da febre, mas despiu-se e tornou a revistá-lo todo. Observou-o todo muito bem, fio por fio, dobra por dobra e, desconfiando de si próprio, repetiu a operação por três vezes. Segundo parecia, não havia nada: somente naquele lugar em que as calças, embaixo, formavam um rebordo, já a desfiar-se, só nesse rebordo é que havia umas espessas manchas de sangue. Pegou numa grande faca dobrável e cortou aquela franja. Pelo menos aparentemente não havia mais manchas. De repente lembrou-se de que o porta-moedas e os objetos que tirara da arca da velha, tudo isso estava guardado no seu bolso. E ainda não se lembrara de tirá-los e de escondê-los! Não se lembrara deles, nem sequer quando, um momento antes, estivera revistando o traje. Como pudera esquecer-se assim! Tirou-os do bolso num instante e lançou-os para cima da mesa. Depois de ter despejado tudo ali e esvaziado os bolsos, para ficar seguro de que já não tinham mais nada, levou tudo para um canto do quarto. Nesse canto, embaixo, havia um lugar donde pendiam tiras de papel da parede do quarto. Escondeu imediatamente tudo nesse buraco, por debaixo do papel: “Já está! Tudo para lá e o porta-moedas também!”, pensou com alegria, endireitando-se e olhando rapidamente para o cantinho, onde se notava um volume. De repente murmurou, desolado. – Mas que fiz eu? Estará aquilo escondido, porventura? É assim que se escondem as coisas?

Verdadeiramente, não contara com esses objetos; pensava que tudo se reduzia a dinheiro, e por isso não tinha previamente preparado nenhum lugar. “Mas, agora, agora, por que hei de estar contente? – pensou. – Pode chamar-se a isto esconder? Não há dúvida de que perdi o juízo!” Extenuado, estendeu-se no divã e imediatamente um insuportável tremor o acometeu de novo. Maquinalmente, puxou pelo seu sobretudo de inverno, de estudante, que estava dobrado em cima duma cadeira, embora já todo feito em tiras; cobriu-se com ele e o sono e a febre voltaram a apoderar-se dele. Adormeceu.

Passados cinco minutos tornou a levantar de um salto e, atônito, pôs-se a examinar outra vez o traje. “Como é que eu pude tornar a adormecer sem ter feito nada? Mas adormeci, adormeci e ainda nem desmanchei o nó corredio, por debaixo da cava! Esqueci-me, esqueci-me disso! Seria um indício!” Tirou o nó e apressou-se a rasgá-lo em pedaços, que escondeu debaixo da almofada, juntando-os à roupa branca. “Tiras de roupa branca não devem levantar suspeitas; pelo menos é o que parece, o que parece!”, repetiu, de pé, no meio do quarto, e, com uma atenção intensa, quase dolorosa, tornou a passar os olhos à sua volta, sobre o chão e por todos os lados, com medo de que lhe tivesse esquecido qualquer coisa. A convicção de que tudo, até a memória, até o simples discernimento, o tinham abandonado… Começou a atormentá-lo de uma maneira insuportável. “Será o caso de que comece, de que tenha começado já a expiação? Parece que sim, parece que sim, de fato!” Na verdade, os pedaços que arrancara das calças estavam ali caídos no chão, no meio do quarto, de maneira que qualquer pessoa que entrasse podia vê-los logo. “Mas que me aconteceu?”, tornou a exclamar, alheado.

Então, uma ideia estranha lhe atravessou o pensamento: é que podia suceder que toda a peça estivesse manchada de sangue, que talvez tivesse até muitas manchas, mas que ele não as via nem as notava, porque o seu discernimento estava enfraquecido, nublado… o raciocínio obnubilado… De súbito lembrou-se também de que havia ainda sangue no porta-moedas. “É claro! Tinha de ser, e no bolso também deve haver, pois meti nela o porta-moedas ainda úmido!” Revirou o forro do bolso num instante, e assim era: no forro havia vestígios, manchas. “Parece que ainda não perdi o juízo completamente; parece que ainda conservo o raciocínio e a memória, visto que pensei nisto e acertei – pensou triunfante, respirando profundamente e com gosto, a plenos pulmões – trata-se simplesmente da fraqueza da febre, de um delírio momentâneo.” E arrancou todo o forro do bolso esquerdo das calças. – Nesse momento um raiozinho de sol iluminou-lhe a bota esquerda; na ponta que assomava, notavam-se vestígios. Tirou a bota. “De fato, há vestígios. A ponta da bota está toda manchada de sangue.” Provavelmente pisara descuidadamente o charco… “Mas que hei de fazer agora de tudo isto? Para onde atirar esta biqueira, esta franja e o pano do bolso?”

Amarrotou tudo isso na mão e ficou de pé, a meio do quarto. “Para o fogão? Mas o fogão será a primeira coisa que hão de ir ver. Queimá-los? Sim, mas com quê? Nem sequer tenho fósforos! Não, o melhor é sair e atirar tudo para qualquer lugar. Sim, é o melhor! – repetiu, tornando a sentar no divã. – E imediatamente, agora mesmo, sem perder um minuto…” Mas, em vez disto, a sua cabeça voltou a reclinar-se na almofada; outra vez o acometeu um tremor insuportável; tornou a embrulhar-se no sobretudo. E, essa ideia de ir “agora mesmo, sem perder tempo, por aí, a algum lugar, para desvencilhar-se de tudo aquilo, a fim de fazê-lo desaparecer da vista de toda a gente o mais depressa possível, o mais depressa possível”, tornou a acometê-lo de instante a instante, ainda durante muito tempo, durante algumas horas. Saltou várias vezes do divã, tentou levantar, mas já não podia. Até que finalmente veio despertá-lo um forte soco dado na porta.

– Vamos, abre! Estás vivo ou morto? Não fazes mais nada senão dormir! – gritava Nastássia, batendo com os punhos na porta. – Todo o santo dia dormindo como um cão! És um cão! Abres ou não abres? Já são onze!

– Pode ser que não esteja em casa – disse uma voz de homem.

“Ora! É a voz do porteiro… Que virá ele fazer aqui?”

Ergueu-se bruscamente e sentou no divã. O coração palpitava-lhe com tal violência que até o incomodava.

– Deve ter o trinco corrido – insinuou Nastássia. – Agora dá-lhe para se fechar! Terá medo que o raptem? Abre, homem, acorda!

“Que querem eles de mim? Por que virá o porteiro? Já se vai ver! Abro ou recuso-me? Caí no laço…”

Endireitou-se, inclinou-se para a frente e abriu o ferrolho.

Todo o seu quarto era tão pequeno que podia abrir o ferrolho sem levantar completamente do divã.

Tinha adivinhado: eram o porteiro e Nastássia.

Nastássia olhou-o de uma maneira estranha. Olhou para o porteiro com uma expressão de desafio desesperado. Este lhe estendeu em silêncio um papelinho cinzento, dobrado e selado com cera de garrafa.

– É uma citação do Comissariado – disse ao entregar-lhe o papel.

– De que Comissariado?

– Comissariado da Polícia, está visto. Já se sabe de que Comissariado é que se trata.

– Da Polícia? Mas por quê?

– Disso, não sei nada. Chamam-no e portanto tem de ir.

Examinava o rapaz com atenção; olhou depois à sua volta e deu um passo para se retirar.

– Mas não estarás doente, a sério? – observou Nastássia sem tirar os olhos de cima dele. O porteiro voltou também a cabeça nesse momento. – Ontem teve febre – acrescentou ela.

Ele não respondeu e continuava com o papel nas mãos, sem o abrir.

– Se estás, não te levantes – continuou Nastássia condoída, quando o viu tirar os pés do divã. – Se estás doente, não saias; não há de ser assim tanta pressa… Que tens aí nas mãos?

Ele olhou: tinha ainda na mão direita os pedaços do rebordo das calças, que cortara, e o forro do bolso, que arrancara também. Tinha adormecido com eles na mão. Depois, quando pensou nisso, lembrou-se de que, quando se amodorrou, por causa da febre, tivera isso fortemente apertado na mão, e voltara a adormecer assim.

– Olhe os farrapos que arrancou e como ficou dormindo com eles.

E Nastássia riu-se com o seu risinho nervoso, doentio. Ele meteu tudo aquilo, num instante, debaixo do sobretudo, e fixou nela um olhar penetrante. Embora naquele momento não pudesse aperceber-se

bem das coisas, sentia, no entanto, que não tratam assim uma pessoa quando vêm prendê-la. “Mas… a Polícia!”

– Tomaste chá? vais querer ou não? Vou buscar, espera…

– Não, eu vou; vou agora mesmo – murmurou ele, levantando.

– Mas se nem sequer podes descer a escada!

– Vou.

– Como quiseres.

Saiu atrás do porteiro. Observou imediatamente à luz a ponta da bota e a franja das calças. “Há uma pequena mancha, que mal se vê; está tudo sujo, esfiapado e desbotado. Quem não souber de nada… nada notará. Com certeza que Nastássia, de longe, não podia ter reparado em nada. Louvado seja Deus!” Depois, tremendo, rasgou o selo da citação e começou a lê-la; ficou a lê-la durante muito, muito tempo, até que finalmente compreendeu. Era a costumada citação do Comissariado da Polícia distrital para que comparecesse nesse mesmo dia, às dez e meia, nas suas repartições.

“Para que será? Eu não tenho nenhum assunto pendente na Polícia. E, além disso, por que há de ser hoje? – pensou com uma incerteza dolorosa. – Senhor, que seja quanto antes!”

Sentiu o impulso de prostrar-se de joelhos e de rezar; mas depois pôs-se a rir, não da reza, mas de si próprio. Começou a vestir-se à pressa. “Se me apanharem, apanharam, tanto me faz. Tenho de pôr esta bota – pensou de repente. – Sujo-a ainda mais com o pó e todos os vestígios desaparecerão.” Mas assim que a pôs, tornou a tirá-la, tomado de medo e de repugnância. Tirou-a; mas, lembrando que não tinha outra, calçou-a outra vez… E começou outra vez a rir. “Tudo isto é convencional, relativo; fórmulas apenas – pensou por um momento, foi apenas uma ideia rapidíssima, e todo o corpo lhe tremia. – Tenho de calçá-la. E há de ficar tudo por aqui!” Mas esse seu riso transformou-se depois em desolação. “Não; não tenho coragem”, disse para consigo. Os pés tremelicavam-lhe. “De medo”, murmurou para si. A cabeça rodava e doía por causa da febre. “Isso é uma treta. Querem

apanhar-me numa armadilha e depois demonstrarem-me tudo por surpresa – continuou dizendo para si, enquanto se dirigia para a escada. – É pena eu estar com febre… posso fazer qualquer disparate.”

Mas na escada lembrou-se que deixara todos aqueles objetos assim, daquela maneira, no buraco debaixo do papel, e podia suceder que na sua ausência dessem ali uma busca. Parou um momento a refletir. Mas tal era o seu desespero e, por assim dizer, tal cinismo veio apoderar-se dele de repente, perante a ideia da sua perdição, que fez um gesto de indiferença com a mão e continuou o seu caminho.

“Contanto que seja já!”

Mas na rua havia outra vez um calor insuportável; nem uma gota de chuva durante todos aqueles dias. Outra vez o pó, os tijolos e a argamassa; outra vez o mau cheiro das lojas e tabernas; outra vez os ébrios a cada passo, os moços de esquina finlandeses e as carruagens meio desconjuntadas. O sol feria-lhe os olhos, de maneira que lhe era doloroso olhar, e tinha a cabeça completamente tonta: sensação costumada na pessoa febril, que sai de repente para a rua num dia de sol esplêndido.

Quando chegou à esquina da rua “da noite anterior”, numa excitação dolorosa, lançou um olhar para “aquela” casa… mas desviou imediatamente a vista.

“Se me perguntarem, pode ser que diga”, pensou, quando chegou ao Comissariado.

Este ficava a quarenta verstas de sua casa. Acabava de se mudar para um novo local, para uma nova casa, num quarto andar. Já estivera uma vez no local anterior; mas isso fora já há muito tempo. Quando atravessou a porta, viu uma escada à direita, pela qual descia um camponês com um livrinho na mão. “Deve ser o porteiro, com certeza; deve estar no Comissariado.” E subiu as escadas. Não queria perguntar absolutamente nada a ninguém.

“Entro, ponho-me de joelhos e contarei tudo…”, pensou, quando chegou ao quarto andar.

A escada era estreita, empinada e toda cheia de imundícies. As cozinhas de todas as casas dos quatro andares davam para a escada, e permaneciam com as portas escancaradas o dia inteiro. Por isso havia ali uma atmosfera horrível. Para cima e para baixo iam e vinham meirinhos com livros debaixo do braço, agentes da Polícia e pessoas de um e outro sexo, visitantes. A porta do Comissariado estava também aberta de par em par. Entrou e parou no corredor. Aí aguardavam, também de pé, alguns camponeses. Havia aí, igualmente, uma atmosfera pesadíssima, e, além disso, o cheiro da pintura ainda fresca, do andar pintado recentemente, entrava-lhe pelo nariz e dava-lhe náuseas. Depois de ter esperado um bocadinho, julgou conveniente avançar um pouco mais, até à sala seguinte, todas as dependências eram pequenas e de teto baixo. Uma impaciência feroz atormentava-o cada vez mais. Mas ninguém reparava nele. Na segunda sala havia alguns empregados, que escreviam, sentados, e que estavam um pouco mais bem vestidos do que ele, mas com uma cara bastante estranha. Dirigiu-se a um deles.

– Que deseja?

Mostrou o boletim do Comissariado.

– O senhor é estudante? – perguntou aquele depois de ter lido a citação.

– Sim, ex-estudante.

O empregado olhou para ele, mas sem a mínima curiosidade. Era um indivíduo completamente desgrenhado e com um olhar fixo.

“Não deve saber nada disto, porque, para ele, tudo lhe é indiferente”, pensou Raskólhnikov.

– Dirija-se ali, ao secretário – disse o empregado e estendeu um dedo indicando-lhe a sala seguinte.

Penetrou nessa sala (que era já a quarta), onde se viam umas pessoas mais bem vestidas do que as das outras saletas. Entre os visitantes havia duas senhoras. Uma, de luto, pobremente vestida, estava sentada junto duma mesa, em frente do secretário, e escrevia

qualquer coisa que lhe ditavam. A outra, muito gorda e de cara corada e sardenta, mulher vistosa e um tanto ou quanto espalhafatosamente vestida, com um broche do tamanho dum pires de chávena de chá, no peito, estava de pé, a um lado, e parecia esperar. Raskólhnikov apresentou a sua papeleta ao secretário, que lhe lançou uma olhadela e disse: "Queira esperar". E continuou a atender a senhora de luto.

Ele respirou mais livremente. "Com certeza que não é por causa daquilo." Pouco a pouco começou a cobrar ânimo; esforçou-se o mais possível por não se desencorajar e manter serenidade. "Alguma tolice, a mais leve imprudência, e posso deitar tudo a perder. Hum! É pena que aqui falte o ar – acrescentou – o ar… A cabeça continua rodando… e o juízo também."

Sentia que todo o seu ser estava horrivelmente transtornado. Tinha medo de não poder dominar-se. Esforçava-se por se agarrar a qualquer coisa e pensar em algo completamente secundário, mas estava muito longe de conseguir. Aliás, o secretário interessava-o muito; esforçava-se por adivinhar qualquer coisa acerca dele, deduzindo-o da sua cara, como se quisesse tomar-lhe o gosto de antemão. Era um homem ainda muito novo, de uns vinte e dois anos, embora a sua cara morena e animada o fizesse parecer de mais idade, vestido à moda com certa elegância, com o risco do cabelo até à nuca, muito frisado e untado, com uma enorme quantidade de anéis nos dedos brancos e delicadíssimos, e correntinha de ouro no colete. Trocara também duas ou três palavras num francês muito aceitável, com um estrangeiro que ali estava.

– Sente, Luísa Ivânovna, sente – disse para a senhora do vestido espalhafatoso e de cara corada e sardenta, a qual continuava de pé, como se não se atrevesse a sentar, apesar da fila de cadeiras que ali havia.

– *Ich danke*[15] – respondeu ela, e, devagarinho, sem fazer barulho, deixou-se cair sobre uma cadeira. O seu vestido, azul-celeste, com uma sobre-saia de renda branca, que parecia um balão cheio de ar, afofou-se em volta da cadeira, enchendo quase meia sala. Espalhou-se pelo ar uma lufada de perfume. Mas era evidente que a dama lamentava apanhar metade da sala e exalar uma tal baforada, embora sorrisse

tímida e descaradamente ao mesmo tempo, mas com visível inquietação.

A senhora de luto acabou, finalmente, preparou-se para levantar. De repente entrou um oficial, com um certo barulho, muito fanfarrão e movendo os ombros a cada passo; deixou o gorro de roseta em cima da mesa e sentou num cadeirão. A dama vistosa levantou de um salto assim que o viu e fez-lhe uma reverência com uma certa solenidade especial; mas o oficial não lhe deu a mínima atenção, e ela já não se atreveu a sentar na sua presença. Era o ajudante do comissário do distrito, e tinha uns compridos bigodes ruivos, que se esticavam horizontalmente dos dois lados, e umas feições muito finas, mas afinal sem nada de particular, se não falarmos num certo ar de superioridade indescritível. Olhou de soslaio e mal-humorado para Raskólhnikov; o seu traje, só por si, era já bastante repugnante, mas, apesar da sua humildade, não parecia de acordo com a sua indumentária; por inadvertência, Raskólhnikov pôs-se a olhá-lo de frente e durante muito tempo, o que acabou por ofendê-lo.

– Que desejas? – gritou-lhe, com certeza admirado de que semelhante maltrapilho não pensasse sequer em desviar os olhos dele, perante o seu olhar fulminante.

– Fui chamado… com uma papeleta – respondeu Raskólhnikov conforme pôde.

– É o caso do “estudante”, por causa de uma reclamação de dinheiro – apressou-se a dizer o secretário, deixando por um momento a sua papelada. – Olhe – e mostrou uma pequena caderneta a Raskólhnikov, apontando-lhe um ponto determinado. – Leia!

“Dinheiro? Que dinheiro? – pensou Raskólhnikov. – Mas… certamente não devia tratar-se daquilo…” Estremeceu de alegria. De repente sentiu um alívio, um peso saía de cima do seu peito.

– Mas a que hora foi o senhor citado? – gritou o tenente, cada vez mais ofendido e sem saber por quê. – Disseram-lhe às dez e já são onze.

– Há um quarto de hora que me entregaram a citação – respondeu

Raskólhnikov em voz alta e forte, também de repente e inesperadamente, acalorando-se e sentindo até uma certa satisfação. – Muito fiz eu em vir, doente como estou, cheio de febre.

– Faça favor de não gritar!

– Eu não grito; eu estou falando com uma voz tranquila; o senhor é quem está gritando; e eu sou estudante e não consinto que me gritem.

O ajudante ficou tão furioso com aquilo que, no primeiro momento, não pode dizer nada, e apenas alguns perdigotos lhe saíram dos lábios. De um pulo, levantou do seu lugar.

– Faça favor de se ca…lar! Está no Comissariado! Não seja mal…criado!

– Também o senhor está – gritou Raskólhnikov – e, além de gritar, fuma; isto é, falta ao respeito a toda a gente – e, depois de tudo isto, Raskólhnikov sentiu um prazer enorme.

O secretário olhava para ele e sorria. O fogoso oficial estava visivelmente desconcertado.

– Isso não é da sua conta! – gritou, finalmente, com uma voz exageradamente forte. – Faça mas é o favor de prestar a declaração que lhe pedem. Faça favor, Alieksandr Grigórievitch. Peço-lhe desculpa. O devedor não paga e ainda por cima se põe com basófias!

Mas Raskólhnikov já não o escutava e pôs-se avidamente a ler o documento, procurando o mais depressa possível a solução do enigma. Leu-o uma vez e outra; mas não o compreendia.

– Que quer dizer isto? – perguntou ao secretário.

– Quer dizer que lhe reclamam o dinheiro que deve; é uma reclamação. O senhor fica obrigado a pagar essa quantia, com todas as custas e demais despesas, ou a declarar por escrito quando poderá pagar, e comprometendo-se ao mesmo tempo a não se ausentar da cidade enquanto não tiver satisfeito a dívida e a não vender nem ocultar os seus bens. Quanto ao credor, tem o direito de vender os

referidos bens e de conduzir-se para consigo segundo as normas da lei.

– Mas se eu… se eu não devo nada a ninguém!

– Isso já não é conosco. A nós entregaram-nos uma letra de câmbio, cuja data já expirou, protestada, no valor de cento e quinze rublos, entregue pelo senhor à viúva do assessor do colégio, Zarnítsin, há nove meses, e apresentada a pagamento ao Conselheiro da Corte, Krebárov, pela referida viúva; foi chamado para obtermos a sua declaração.

– Mas trata-se da minha senhoria!

– E que tem que seja a sua senhoria?

O secretário olhou-o com um sorriso de desprezo e de dó e, ao mesmo tempo, com certo orgulho, como um novato que começara a aprender à sua custa o que é ser caloteiro. Parecia querer dizer: "Hum?! Que te parece?". Mas que lhe importava a ele, agora, a letra de câmbio e a reclamação? Nada disso tinha agora interesse para ele, e nem sequer lhe merecia a mínima atenção. Estava de pé, lia, escutava, respondia, fazia até perguntas, mas tudo maquinalmente. O orgulho de ter escapado, de ver-se livre dos perigos recentes, eis o que absorvia nesse instante o seu ser, sem previsão, sem análise, sem futuros enigmas nem adivinhações, sem dúvidas nem interrogações. Era um momento de plena independência, de uma alegria puramente animal. Mas nesse momento sucedeu no Comissariado qualquer coisa tão fulminante como a queda dum raio ou o estampido dum trovão. O tenente, ainda enfurecido por aquela falta de respeito, encolerizado e desejando, pelo visto, recuperar os esforços da sua periclitante altivez, lançou-se com toda a sua ira sobre a infeliz senhora espaventosa, que estivera a contemplá-lo desde que entrou, sem tirar os olhos de cima dele, com um sorriso muitíssimo estúpido.

– És tu, tu – gritou, de repente, com toda a força dos seus pulmões (a senhora de luto já tinha saído). – Podes dizer-me o que se passou ontem em tua casa? Ah! Outra vez dando escândalo e a ser a vergonha de toda a rua? Outra vez brigas e bebedeiras? Estás interessada em que te mande para uma casa de correção? Pois eu já te disse, já avisei anteriormente por dez vezes, que na próxima te poria as mãos em

cima! E tu voltas outra vez à mesma!

Raskólhnikov até deixou cair o documento das mãos e ficou olhando para a vistosa senhora, a quem ralhavam com tanta sem-cerimônia; mas não tardou a perceber do que se tratava, e depois toda essa história acabou por diverti-lo. Escutava com satisfação e até sentia vontade de rir, de rir… Tinha os nervos numa grande tensão…

– Iliá Pietróvitch – começou o secretário, solícito; mas deteve-se, para dar tempo, pois não era possível conter o enfurecido tenente senão pegando-lhe pela mão, conforme sabia por experiência própria.

Pelo que respeita à senhora vistosa, a princípio pôs-se a tremer perante aquela tempestade; mas, coisa estranha, quanto mais numerosos e violentos se iam tornando os insultos, tanto mais amável e sedutor se tornava o seu sorriso, voltada, como estava, para o iracundo tenente. Requebrava-se, sem no entanto sair do seu lugar, e desfazia-se em reverências, aguardando impaciente que, finalmente, acabassem por deixá-la falar em sua defesa.

– Não houve nenhum rebuliço nem nenhuma briga em minha casa, senhor capitão – exclamou, de súbito, atabalhoadamente e com um forte sotaque alemão, embora falasse o russo correntemente – e nenhum, absolutamente nenhum escândalo. Simplesmente, esse indivíduo apareceu embriagado, eu já lhe conto tudo, senhor capitão; mas eu não tenho a mínima culpa… A minha casa é uma casa decente, senhor capitão, onde toda a gente se porta como deve ser, senhor capitão; eu nunca gostei de escândalos. O que sucedeu foi que ele apareceu ali bêbado, e depois ainda pediu mais três “carrafas”, e a seguir levantou um pé e pôs-se a tocar piano com ele; ora, isso não está certo numa casa decente, deixou-me o piano todo maltratado, isso não são maneiras, e então eu lhe chamei a atenção. Ele então pegou numa “carrafa” e pôs-se a bater em toda a gente, com ela, por detrás. E chamei o porteiro e Karl apareceu; ele agarrou Karl e pôs-lhe um olho roxo, e a Henriette também lhe deixou um olho maltratado, e a mim deu-me cinco sopapos na cara. O que não é nada delicado, tratando-se de uma casa decente, senhor capitão, e foi isso o que eu lhe fiz ver. Ele, então, abriu os fechos da janela e pôs-se aí a grunhir como um porquinho, de tal maneira que até era uma vergonha ouvi-

lo. Então está certo, isso de pôr-se a grunhir como um porco, à janela que dá para a rua? Quim! Quim! Quim! Karl agarrou-o pelas abas do fraque e tirou-o da janela, e bem, lá isso é verdade, rasgou-lhe uma das abas. Depois ele se pôs a dizer em altos gritos que *man muss straff*,[16] que tinha que o seu fraque tinha de ser pago. É um indivíduo pouco correto, senhor capitão, que só sabe armar escândalos. "Eu – disse-me ele – posso dar-lhe uma surra publicamente, ao senhor, porque escrevo em todos os jornais."

– Isso quer dizer que é literato…

– Sim, senhor capitão, mas é um indivíduo muito pouco correto, senhor capitão, e não sabe respeitar uma casa decente…

– Bom, bom. Já chega! Eu já te disse, eu já te disse, eu já te disse…

– Iliá Pietróvitch! – tornou a dizer o secretário com uma expressão significativa. O tenente lançou-lhe um olhar rápido; o secretário fez-lhe um leve sinal com a cabeça.

– Bem, pois, minha respeitável Lavisa Ivânovna, pela última vez te aviso, pela última – continuou a dizer o tenente – que se na tua decente casa tornar a acontecer outro escândalo, serei eu próprio que te farei entrar na linha, como se costuma dizer em linguagem poética. Ouviste? Mas um literato, um escritor ser capaz de aceitar, numa casa decente, cinco rublos de prata pelas abas dum fraque… Esses tipos sempre são duma força! – e deitou um olhar de desprezo a Raskólhnikov. – Há três dias, numa tasca, foi a mesma história: um desses literatos comeu e depois se negou a pagar: "Olhe que posso dar-lhe uma sova nos jornais". Outro também, a semana passada, num barco, ofendeu a respeitável família dum conselheiro de Estado com as piores palavras. Ainda não há muito tempo que tiveram de expulsar vergonhosamente outro desses literatos de uma pastelaria. Por aqui já se vê de que classe são esses escritores, literatos, estudantes, esses insolentes. Ufa! Bem, podes sair! Ficas sob os meus olhos. Por isso tem cuidado. Ouviste?

Luísa Ivânovna pôs-se a fazer reverências para a direita e para a esquerda, com uma amabilidade solícita, e dirigiu-se para a porta sem

deixar de fazê-las; aí deu de cara com um altivo oficial de cara franca e fresca, com umas suíças louras, magníficas, fartas. Era Nikodim Fomitch, o comissário da polícia do distrito. Luísa Ivânovna apressou-se a fazer-lhe uma reverência quase até ao chão e saiu com uns passinhos miúdos e saltitantes.

– Outra vez rebuliço, outra vez raios e coriscos, ciclones e furacões – disse Nikodim Fomitch, dirigindo-se, amável e amistosamente, a Iliá Pietróvitch – outra vez retraído, outra vez encolerizado. Já te ouvia na escada.

– O quê? – exclamou Iliá Pietróvitch com indolência bonachona (e nem sequer disse "o quê" mas "o… que!" mudando-se com alguns papéis para outra mesa e agitando os ombros, enquanto andava, de uma maneira pitoresca, movendo unicamente os pés e os ombros. – Faça favor de ver isto, quero dizer, o senhor literato, isto é, estudante, isto é, ex-estudante, não quer pagar o dinheiro que deve; assinou uma letra, nunca mais paga o quarto, recebemos constantemente queixas contra ele e até se permitiu chamar-me a atenção por eu estar fumando na sua presença. Mas olhe para ele: aí o tem, em toda a sua apresentação deslumbrante.

– A pobreza não é nenhuma vergonha, meu caro; mas, enfim, já sabemos que tu és como a pólvora, não podes suportar uma ofensa. Naturalmente, naturalmente o senhor ofendeu-o em qualquer coisa e ele não pode conter-se – continuou Nikodim Fomitch. – Mas o senhor não teve razão: é o me… lhor dos homens deste mundo, simplesmente, é como a pólvora, como a pólvora. Inflama-se, ferve, crepita e… nada! Já passou tudo! Em resumo, é um coração de ouro. No regimento lhe chamavam o Tenente Pórokhov[17]…

– Esse também era um regimento… – exclamou Iliá Pietróvitch, muito contente porque o tratassem com tanto carinho, mas ainda não completamente apaziguado.

Raskólhnikov sentiu, de repente, o impulso de dizer-lhe qualquer coisa de extraordinariamente lisonjeador.

– Dê-me licença, capitão, – começou num tom de à-vontade, encarando Nikodim Fomitch – ponha-se no meu caso… Eu estou

disposto a apresentar-lhe as minhas desculpas se o ofendi em alguma coisa. Eu sou um estudante pobre e doente, decaído – disse assim mesmo, decaído – por causa da miséria. Interrompi os estudos porque, agora, não tenho com que sustentar-me; mas em breve receberei dinheiro… Tenho mãe e uma irmã em… No governo de… Hão de mandar-me dinheiro e eu então pagarei. A minha senhoria é uma boa mulher; mas ficou tão aborrecida quando viu que eu perdera os meus alunos e havia já quatro meses que não lhe pagava, que até deixou de me dar de comer… Mas, quanto a essa letra, não compreendo absolutamente nada. Agora ela me exige que lhe pague por meio dessa promissória. Os senhores avaliem…

– Mas isso não é da nossa competência – tornou a observar o secretário.

– Com licença, com licença, eu estou absolutamente de acordo com o senhor, a esse respeito; mas, no entanto, permita que me explique – insistiu Raskólhnikov dirigindo-se não ao secretário mas a Nikodim Fomitch, embora esforçando-se também por dirigir-se ao mesmo tempo a Iliá Pietróvitch, ainda que este aparentasse estar apenas atendendo a sua papelada e se esforçasse depreciativamente por não olhar para ele. – Permita também que eu, pelo meu lado, lhe explique que o vi nessa casa já quase há três anos, desde que vim da província, e que antes disto, antes disto… aliás, não sei por que não hei de dizer também, tinha prometido casar com uma filha dela, promessa verbal, sem qualquer compromisso… tratava-se de uma moça… bem, não me desagradava, embora eu não estivesse apaixonado por ela; enfim, coisas da mocidade; quero dizer, a senhoria tinha-me concedido muito crédito, e eu, em parte, levava uma vida… Eu fui muito estouvado…

– Ninguém lhe pediu que entrasse em tais intimidades, e, além disso, não temos tempo para escutá-lo – interrompeu-o Iliá Pietróvitch, grosseiramente e com ar altivo; mas Raskólhnikov interrompeu-o impetuosamente, apesar de lhe custar muito falar.

– Mas permita, permita ao menos, que lhe conte tudo… Como é que isso sucedeu e… por minha vez… embora, no fim de contas, concorde consigo em que é inútil contar seja o que for; mas, há um

ano, essa moça morreu de tifo, e eu continuei ali como hóspede, tal como antes, e a senhoria, quando eu me mudei para o quarto que agora ocupo, disse… disse-me amigavelmente… que tinha toda a confiança em mim e que tudo… mas que devia dar-lhe uma letra de cento e quinze rublos, que era, segundo ela dizia, a importância da minha dívida. Permita: ela me disse concretamente que, desde que eu lhe desse esse documento, continuaria a fiar-me tudo o que eu quisesse e que "nunca", "nunca", foram estas as suas próprias palavras, faria uso da referida letra, até que eu lhe pagasse… E veja: agora que eu já não tenho alunos nem de comer, é que ela vai e apresenta essa demanda contra mim… Que hei de eu dizer-lhe?

– Todos esses pormenores são lamentáveis, senhor; mas não são da nossa conta – disse Iliá Pietróvitch secamente. – O senhor é obrigado a assinar a sua declaração, comprometendo-se a pagar; mas tudo isso que se dignou contar-nos, a respeito do seu namoro e todas essas coisas trágicas, nos é completamente indiferente.

– Estás sendo… cruel – resmungou Nikodim Fomitch, sentando à sua mesa e pondo-se também a garatujar. Parecia envergonhado.

– Escreva – disse o secretário para Raskólhnikov.

– Mas o quê? – perguntou ele com mau modo.

– O que eu ditar.

Parecia a Raskólhnikov que o secretário o tratava agora com menos delicadeza e desdém do que antes de ter dado aquela explicação; mas, coisa estranha, de repente sentiu que lhe era indiferente a opinião que pudessem formar dele, e essa mudança operou-se num instante, num minuto. Se tivesse reconsiderado um pouco, ficaria admirado, sem dúvida, de um momento antes ter podido falar daquela maneira e de tê-los posto até a par dos seus sentimentos. Mas onde teria ele ido buscar esses sentimentos? Agora, pelo contrário, se aquela sala estivesse cheia, não de comissários, mas dos seus mais íntimos amigos, não teria tido para eles nem uma só palavra humana, tal era o vazio que, de súbito, se apoderara do seu coração. Uma impressão mortal de torturante, infinita solidão e alheamento se revelava subitamente à sua consciência. Não era o

pudor das suas efusões cordiais com Iliá Pietróvitch, nem a soberba com que o tenente o tratara, que perturbavam assim tão inesperadamente o seu espírito. Oh, que lhe importavam a ele, agora, as baixezas pessoais, todas essas soberbas, todos os tenentes, os alemães, as reclamações, o Comissariado etc, etc.! Se o tivessem condenado a ser queimado vivo naquele momento, não se teria perturbado e, quando muito, teria escutado a sentença com atenção. Não que compreendesse, mas é que sentia claramente, com toda a sua sensibilidade, que não só não devia ter demonstrações sentimentais como a de há pouco, nem de gênero algum, com aquela gente do Comissariado, e que, mesmo que se tratasse de irmãos seus e não de tenentes da Polícia, até nesse caso não devia empregá-las, em nenhuma circunstância da sua vida as devia ter; até então nunca experimentara uma sensação tão estranha e incompreensível. E o mais doloroso de tudo… era mais precisamente a sensação que o seu reconhecimento, que a sua compreensão: sensação singular, a mais dolorosa de todas as que experimentara até ali na sua vida.

O secretário começou a ditar-lhe a sua declaração, nos termos do costume, isto é, que não podia pagar; mas que se comprometia a fazê-lo em tal data (uma qualquer), dava a sua palavra de que não se ausentaria da capital, até então, e comprometia-se também a não vender as suas coisas nem a oferecê-las a ninguém, etc., etc.

– O senhor não pode escrever, a pena escorrega-lhe das mãos – observou o secretário, olhando para Raskólhnikov com curiosidade. – Está doente?

– Sim… Tenho a cabeça tonta… Continue ditando.

– Já está tudo; assine.

O secretário pegou no documento e foi atender outras pessoas. Raskólhnikov largou a pena; mas, em vez de levantar, de se retirar, apoiou os cotovelos sobre a mesa e segurou a testa com as mãos. Parecia exatamente que lhe tinham dado uma martelada na cabeça.

Um estranho pensamento lhe ocorreu de repente: levantar imediatamente, aproximar-se de Nikodim Fomitch e contar-lhe tudo o que se passara na noite anterior, tudo, até o mais ínfimo pormenor, e

depois levá-lo consigo ao seu quarto e mostrar-lhe todos os objetos que tinha escondidos num canto, naquele buraco. Essa ideia era tão poderosa que chegou até a levantar do seu lugar para ir pô-la em prática. “Não estará certo pensá-lo, ainda que seja só por um minuto? – proferiu mentalmente. – Não; o melhor é não pensar nisso e deitar este fardo para trás dos ombros.” Mas, de repente, parou como se tivesse ficado pregado no seu lugar; Nikodim Fomitch falava acaloradamente com Iliá Pietróvitch, e até lhe chegaram ainda estas palavras:

– Não é possível; serão os dois postos em liberdade. Em primeiro lugar, há muitas contradições; ora veja: para que haviam de ir chamar o porteiro, se fossem eles os autores da façanha? Para se denunciarem a si próprios? Que fizeram isso por manha? Não, seria astúcia demasiada. E, finalmente, o estudante, o estudante Pie-triakov foi visto à porta por dois porteiros e por uma mulher, no momento em que entrava; ia em companhia de três amigos e separou-se deles nessa porta, perguntou pela inquilina na portaria, também em presença dos amigos. Teria perguntado pela inquilina se tivesse essa intenção? Quanto a Kotch, antes de subir para encontrar a velha, esteve lá embaixo meia hora em casa do ourives e deixou-o às oito menos um quarto em ponto, para subir até lá. Já pode fazer uma ideia…

– Mas, com licença: como é que caíram em tantas contradições? Eles próprios afirmam que chamaram à porta e que ela estava fechada, e que três minutos depois, quando tornaram a subir com o porteiro, encontraram já a porta aberta.

– Aí, precisamente, é que está a comédia; o assassino, fatalmente, que estava lá dentro, com a porta fechada no trinco; e seria apanhado aí, sem falta, se Kotch não tivesse feito o disparate de ir ele também à procura do porteiro. Entretanto, o outro teve tempo de deslizar pelas escadas e de escapulir-se lindamente nas barbas deles. Kotch benze-se com as duas mãos: “Se eu tivesse ficado lá, de sentinela, teria saído de repente e ia me liquidar com o machado”. Até quer mandar celebrar um ofício religioso, à russa! Ah… Ah!

– E o assassino, ninguém o viu?

– Como é que haviam de vê-lo? Aquela casa é a Arca de Noé – observou o secretário, que ouvira tudo do seu lugar.

– A coisa está clara, a coisa está clara! – repetiu acaloradamente Nikodim Fomitch.

– Não, a coisa está muito escura – encareceu Iliá Pietróvitch. Raskólhnikov pegou o chapéu e dirigiu-se para a porta; mas não chegou até lá…

Quando recuperou os sentidos estava sentado numa cadeira; um indivíduo segurava-o pela direita, e outro pela esquerda, o qual segurava um copo amarelo meio cheio de um líquido amarelado: Nikodim Fomitch estava diante dele e olhava-o atentamente; ele levantou da cadeira.

– Que tem? Está doente? – perguntou-lhe Nikodim Fomitch num tom bastante rude.

– Quando escrevia a sua declaração, mal podia segurar a pena – observou o secretário, sentando no seu lugar e tornando a entregar-se à papelada.

– E já há muito tempo que está doente? – gritou-lhe Iliá Pietróvitch do seu lugar, remexendo também nos seus papéis. Com certeza que também ele levantara para olhar para o doente enquanto durara o desmaio, voltando em seguida para o seu lugar, assim que ele recuperou os sentidos.

– Desde ontem – foi a resposta única de Raskólhnikov.

– Saiu ontem?

– Saí.

– Doente?

– Doente.

– A que horas?

– Às oito da noite.

– Posso perguntar-lhe onde é que foi?

– À rua.

– Breve e claro.

Raskólhnikov respondia de uma maneira brusca e cortante, extremamente pálido e sem baixar os seus olhos negros e inflamados diante de Iliá Pietróvitch.

– Mal se tem de pé, e eu… – quis observar Nikodim Fomitch.

– Isso não interessa! – exclamou Iliá Pietróvitch num tom um pouco grosseiro.

Nikodim ainda tentou dizer mais qualquer coisa; mas, depois de olhar para o secretário, que também o olhou de alto abaixo, ficou calado. De súbito, todos se calaram. Aquilo era curioso.

– Bem, está bem – concluiu Iliá Pietróvitch. – Não o demoramos mais.

Raskólhnikov saiu. No entanto pode ainda perceber que, assim que ele saiu, se travou lá dentro, de repente, uma viva discussão, na qual se notava, acima de todas, a voz de Nikodim Fomitch… Na rua recuperou os sentidos por completo.

"Uma busca, uma busca; agora mesmo, uma busca! – repetia para consigo, apressando-se a chegar a casa. – Bandidos! Vão vasculhar tudo!"

O medo do dia anterior tornou a apoderar-se dele por completo; desde os pés até à cabeça.

## Capítulo II

"E se já tivessem feito a busca? E se eu os encontrava agora em casa?" Mas já está no seu quarto. Nada, ninguém; ninguém tinha feito ali busca nenhuma. Nem sequer Nastássia tinha mexido em qualquer coisa. Mas, Senhor… Como é que pudera deixar aqueles objetos, no

dia anterior, naquele buraco? Correu direito ao canto, meteu a mão por debaixo do papel e começou a tirá-los, enfiando-os nos bolsos. Eram ao todo oito peças: duas caixinhas que continham brincos de ouro ou qualquer coisa do gênero… não tinha visto bem; mais quatro pequenos estojos de marroquim. Havia também uma corrente simplesmente embrulhada em papel de jornal. E, além disso, ainda outra coisa embrulhada também em papel de jornal, e que parecia uma condecoração…

Guardou tudo isso em bolsos diferentes, no casaco e no bolso direito, único que lhe restava na peça, procurando que não se notassem. Guardou também a bolsinha, com os outros objetos. Depois saiu do quarto; mas dessa vez até deixou a porta aberta de par em par…

Caminhava depressa e com passo firme e, embora se sentisse extenuado, tinha plena consciência de tudo. Temia que o perseguissem, temia que dentro de meia hora, de um quarto de hora talvez, começassem a fazer sindicâncias sobre ele; em todo o caso era preciso aproveitar o tempo para fazer desaparecer todas as provas. Era preciso andar depressa, enquanto tinha ainda algumas forças e alguma lucidez… Para onde ir? Havia algum tempo que tinha já resolvido: “Lançaria tudo ao canal e assim se afundariam na água as provas e o próprio caso”. Já tinha decidido isto na noite anterior, no meio do seu delírio, nos momentos em que – lembrou-se – se levantava e dispunha a sair. “Quanto antes, desfazer-se de tudo, quanto antes.” Mas isso, agora, era muito difícil.

Havia já meia hora que vagueava pelo canal de Ekatierínienski, ou até talvez mais, e várias vezes olhara para as escadinhas do canal sempre que passava por ali. Mas era escusado pensar nisso, porque, ou haveria barcos ao fundo dessas escadinhas, e neles lavadeiras que lavavam roupa, ou botes amarrados à margem, e as pessoas formigavam por todos os lados e podiam vê-lo e observá-lo de todas as partes e até das margens; seria de levantar suspeitas que um homem fosse até ali só com o fim de parar e lançar uns embrulhos à água. E se os estojos, em vez de se afundarem, ficassem flutuando? Era o mais certo. Toda a gente o veria. Mesmo sem isso, já toda a gente ficava olhando para ele quando o via passar; ficavam olhando, como se não

tivessem mais nada que fazer. “Por que me olham eles assim, ou serei eu, por acaso, que imagino isto?”

Até que finalmente se lembrou de que talvez fosse melhor dirigir-se a outro canal, para os lados do Nieva. Aí havia menos gente, chamaria menos a atenção e, em qualquer dos casos, seria mais fácil e, sobretudo: “Estava mais longe daquele lugar.” E, de repente, ficou admirado: “Como é que pudera passar meia hora de inquietação e de susto, em paragens perigosas, e não se lembrara disso há mais tempo?” Mas passara toda essa meia hora numa perplexidade, apenas porque se tratava de uma coisa decidida em sonhos, durante o delírio. Estava ficando muito distraído e esquecido, e percebia isso. Não havia dúvida, tinha de apressar-se.

Dirigiu-se ao Nieva pelo Próspekt V***; mas, durante o trajeto, ocorreu-lhe outra ideia: “Por que ao Nieva? Por que à água? Não seria preferível ir para qualquer outra parte, muito longe, ainda que fosse para as ilhas,[18] para um lugar ermo, para um bosque, e esconder o embrulho ao pé duma árvore… Marcando bem o lugar escolhido?” “E, se bem que sentisse que nesse momento não estava em condições de pensar com toda a lucidez, esse pensamento parecia-lhe infalível. Mas estava escrito que não havia de chegar às ilhas, pois as coisas correram-lhe de outra maneira: quando saiu do Próspekt V*** para a praça, reparou, de repente, numa entrada de pátio, à esquerda, rodeada por todos os lados de muros sem janelas. À direita, passada a porta cocheira, lá adiante, no pátio, erguia-se um paredão por caiar, pertencente a um prédio vizinho, de quatro andares. À esquerda, paralelamente a esse paredão e imediatamente ao lado da porta, havia uma cerca de madeira, a uns vinte passos de profundidade, no pátio, e depois fazia um cotovelo para a esquerda. Era um beco sem saída, onde havia alguns materiais armazenados. Mais além, ao fundo do pátio, via-se, do outro lado da cerca, o ângulo de um alpendre de pedra, de teto baixo e escurecido que, provavelmente, faria parte de alguma oficina. Devia tratar-se de alguma loja de carros, serralharia, ou algo do gênero; viam-se por todos os lados regos negros de pó de carvão. “Atirar tudo para aí e escapulir!”, pensou de repente. Como não viu ninguém na porta, entrou e distinguiu então, junto da própria porta, um telhadinho (como costuma haver em todos os edifícios em

que há fábricas, oficinas e cocheiras), e sobre ele, escrito com gesso, o costumado aviso, próprio desses lugares: “É proibido estacionar aqui!” De maneira que, tanto melhor: não havia receio de que alguém fosse até ali e se demorasse. “Lançar tudo ali, de uma vez, e fugir!”

Depois de ter olhado bem outra vez, levou a mão ao bolso, mas, de repente, junto do muro exterior, entre a porta e o canal, onde a maior distância era ao máximo de um *archin*, chamou-lhe a atenção uma grande pedra lisa, talvez de *pud* e meio de peso, que estava encostada à parede da rua. Do outro lado do muro ficava a rua, o passeio, sentiam-se passar as pessoas, que eram sempre muitas, aí; mas, para além da porta, ninguém podia olhar, a não ser que entrasse alguém da rua, o que, afinal, podia muito bem acontecer, e portanto era preciso atuar depressa.

Agachou-se junto da pedra, pegou nela com toda a força, pela parte de cima, com as duas mãos, fez um esforço e deu-lhe meia volta. Debaixo da pedra ficou a descoberto uma cavidade, não muito grande; lançou imediatamente aí tudo o que levava no bolso. O porta-moedas ficou por cima; mas ainda havia lugar para o resto. Depois tornou a pegar na pedra, deu-lhe outra meia volta, até colocá-la no lugar de antes, de maneira que ficava apenas um pouco mais alta. Mas raspou terra e pisou-a com o pé contra os bordos. Não podia notar-se nada.

Depois dirigiu-se para a praça. Outra vez uma alegria violenta, quase intolerável, como a de há pouco, no Comissariado, tornou a apoderar-se dele por um instante. “Já estão enterradas as provas. E quem, quem é que se lembraria de vir ver debaixo desta pedra? Talvez esteja aí desde que foi construído o prédio, e quem sabe quanto tempo estará ainda. Mas… mesmo que encontrem tudo, quem havia de pensar em mim? Está tudo acabado! Não há provas!” E pôs-se a rir. Sim, depois lembrou-se que rira com um riso nervoso, leve, longo, imperceptível, e que ficou a rir durante todo o tempo que demorou a atravessar a praça. Mas quando ia entrando na alameda de K***, onde se encontrara com aquela mulher três dias antes, seu riso extinguiu-se de repente. Outro pensamento lhe passou pela mente. Pareceu-lhe também, de repente, que havia de achar muito pouca graça em passar em frente do banco onde, depois que a moça se afastou, ele sentara e estivera pensando, e que também não acharia graça nenhuma se

tornasse a encontrar o guarda a quem dera dois *grívieni*. “Para o diabo, que o carregue!” Caminhava, olhando à sua volta com um olhar distraído e maldoso. Todos os seus pensamentos giravam, nesse momento, em torno dum ponto capital; e ele próprio sentia, com efeito, que era esse o ponto capital, e que, agora, precisamente agora, ficava sozinho em frente desse único ponto capital… e que era a primeira vez que isso lhe ocorria desde há dois meses.

“Tudo para o diabo! – pensou, de repente, num ímpeto de cólera irreprimível. – Bem; já começou; pois que comece, e vida nova, que vá para o diabo! Que estupidez!, Senhor, é tudo isto! E como menti e me rebaixei, hoje! Como me arrastei e humilhei perante esse repugnante Iliá Pietróvitch! Mas, no fim de contas, tudo isso são disparates! Cuspo em todos eles, cuspo também nisso do meu rebaixamento e da minha comédia! Não é nada disso que está em causa! Nada disso!”

De súbito, parou; uma interrogação completamente inesperada e extraordinariamente simples lhe tocou o pensamento, deixando-o estupefato.

“Se, na realidade, tivesses feito tudo isto de um modo consciente e não de uma maneira estúpida; se tu, efetivamente, tivesses tido uma finalidade concreta e firme, como seria possível que, até agora, nem sequer tivesses reparado no que estava dentro do porta-moedas e não saibas sequer quanto apuraste ao todo, nem por que te meteste em tantos trabalhos e cometeste deliberadamente um ato tão vil, bárbaro e selvagem? Até querias atirar o porta-moedas e os outros objetos à água, sem os teres visto sequer… Que significa isto? Sim, de fato, de fato.” Aliás, ele já de antemão o sabia, e essa interrogação não o apanhava desprevenido; e quando na véspera tinha resolvido atirar tudo à água, resolveu-o sem hesitação nem dúvida alguma, mas como se fosse a única coisa que convinha fazer, visto que seria impossível fazer outra coisa… Sim, sabia tudo isto e bem o compreendia; talvez a sua resolução datasse da noite anterior, daquele próprio instante em que sentara em cima da arca e tirara os estojos dela… Por isso…

“A causa de tudo isto é estar eu doente – decidiu, finalmente, mal-humorado. – Eu próprio me atormento e martirizo, e não sei ao certo o que faço… E ontem, e anteontem, e todo este tempo tenho estado a

atormentar-me… Quando ficar bom… deixarei de sofrer… Mas se eu não fico bom? Senhor! Como eu já estou farto de tudo isto!” Caminhava sem parar. Sentia uma ânsia feroz de distrair-se, fosse como fosse; mas não sabia que fazer nem que empreender. Uma sensação nova, invencível, se ia arraigando nele cada vez mais: era uma aversão infinita, quase física, por tudo quanto encontrava e via, uma sensação obstinada, maldosa, inflamada. Todas as pessoas pareciam odiosas, eram também odiosas as suas caras, a sua maneira de andar, todos os seus movimentos. Cuspiria nelas simplesmente, morderia quem quer que tivesse a intenção de lhe falar…

Parou de repente, depois de ter saído da margem do Pequeno Nieva, na ilha Vassílievski, junto da ponte. “É ali que ele vive, naquela casa – pensou. – E eu, que nunca tomei a iniciativa de ir visitar Razumíkhin! Outra vez a mesma história de antes… E, no entanto, é muito curioso; teria eu vindo já com essa intenção, ou, simplesmente, pus-me a andar e cheguei aqui? Tanto faz; já disse… anteontem… que iria vê-lo no dia seguinte àquilo, por isso, está bem, irei! Como se eu já não pudesse fazer visitas!

Subiu ao quinto andar para ir ver Razumíkhin.

Ele estava em casa, no seu cubículo, e nesse instante, escrevia, mas veio ele mesmo abrir a porta. Havia já quatro meses que não se viam. Razumíkhin vestia um roupão esfarrapado, tinha os pés sem meias, metidos numas chinelas, e estava por pentear, barbear e lavar. O seu rosto exprimia assombro.

– Que tens? – exclamou, olhando de alto a baixo o amigo que acabava de chegar; depois calou-se e começou a assobiar. – Será possível que estejas assim tanto decaído? Tu, meu caro, ganhas de mim – acrescentou, reparando nos farrapos de Raskólhnikov – mas senta, porque deves estar cansado! – e quando ele se deixou cair no derreado divã, que estava ainda em pior estado do que o seu dono, Razumíkhin reparou de repente que o seu visitante estava doente.

– Mas tu estás doente de verdade, sabes? – e fez menção de lhe tomar o pulso. Raskólhnikov desviou-lhe a mão.

– Não é preciso – murmurou. – Eu vim… bom, é que não tenho

alunos… Eu queria… aliás, não preciso de alunos para nada…

– Sabes uma coisa? Estás delirando! – declarou Razumíkhin, observando-o atentamente.

– Não, não estou delirando…

Raskólhnikov levantou do divã. Quando subiu até a casa de Razumíkhin não pensava que teria de encontrar-se frente a frente com ele. Agora adivinhava num instante, devido à experiência, que não havia coisa que mais o irritasse do que encontrar-se frente a frente com quem quer que fosse neste mundo. Toda a sua bílis se revolvia. Esteve quase para desabafar a cólera consigo mesmo, quando entrou no quarto de Razumíkhin.

– Adeus! – disse de repente e dirigiu-se para a porta.

– Mas espera aí, espera aí, criatura estranha!

– Não é preciso! – repetiu ele, tornando a afastar-lhe a mão.

– Então para que vieste? Enlouqueceste? Olha que isso… é quase uma ofensa. Não te deixo ir assim.

– Bem, escuta: vim procurar-te porque, a não seres tu, não conheço mais ninguém que pudesse ajudar-me… a abrir caminho… e, além disso, porque tu és o melhor de todos, isto é, o mais inteligente e o mais capacitado para julgar… Mas agora vejo que não preciso de nada, sabes?, absolutamente de nada… no que respeita a favores e simpatias alheias… Eu… sozinho… Bem, já chega! Deixa-me em paz!

– Mas espera um minuto, pareces um limpa-chaminés! Estás completamente amalucado! Por mim, procede como quiseres! Olha, eu não tenho alunos, mas também não quero saber de alunos para nada, porque há em Tolkutchka um livreiro antiquário, Khieruvímov, que vale todas essas aulas. E agora não o trocaria por cinco alunos em casa de comerciantes. Faz algumas edições e publica folhetos sobre ciências naturais… Precisa ver como saem! Só os títulos já valem qualquer coisa! Olha, tu sempre disseste que eu era um estúpido; mas, pelo amor de Deus, meu amigo, ainda os há mais tolos do que eu! Agora

até se mete em literatura; não entende patavina disso, mas eu, é claro, incito-o. Aqui tens umas folhas de texto em alemão… A meu ver isto é uma charlatanice das mais estúpidas; bastará dizer que nelas se examina a questão de saber se a mulher pertence ou não à espécie humana. Claro que se demonstra vitoriosamente que pertence à espécie humana. Khieruvímov prepara isto por causa do problema feminino; eu estou a traduzi-lo; ele esticará estas duas folhas e meia de maneira que deem seis, põe-lhe um título atrativo na capa, que abranja meia página, e será vendido a cinquenta copeques cada exemplar. Vai ser um êxito! Pela tradução paga-me seis rublos de prata por página, o que faz ao todo quinze rublos; mas já lhe extorqui seis rublos adiantados. Quando tivermos traduzido isto, meteremos mão a um livro sobre as baleias, e depois investiremos contra a segunda parte das *Confissões*, traduzindo alguns passos curiosíssimos que nelas assinalamos. Disseram a Khieruvímov que Rousseau é uma espécie de Radíchtchev. Eu, é claro, não o contradigo, vá lá para o diabo! Bem, vamos ver: queres traduzir a segunda página do *Pertence a mulher à espécie humana*? Se quiseres, aqui tens o texto, pega na pena e no papel, tudo isto é por conta da Administração, e toma três rublos, pois visto que recebi o meu adiantamento por conta de toda a tradução, da primeira e da segunda páginas, três rublos é o que te cabe pela tua. E quando acabares a página receberás mais três rublos de prata. E não vás julgar que estou a fazer-te algum favor, hem? Pelo contrário, eu estava precisamente pensando que tu podias ser-me útil, quando tu entraste. Em primeiro lugar, a minha ortografia não está nada boa, e, além disso, em alemão sinto-me às vezes bastante fraco, de maneira que acabo por escrever coisas da minha lavra e consolo-me pensando que assim sairá melhor. Mas quem sabe se em vez de melhor não sairá pior… Bem, aceitas ou não?

Em silêncio, Raskólhnikov pegou nas folhas de texto alemão e nos três rublos, e saiu sem dizer uma palavra.

– Mas tu estás delirando! – exclamou finalmente Razumíkhin, alterado. – Por que representas essa comédia? Até me fazes perder a cabeça. Mas para que vieste, afinal?

– Não preciso… de traduzir – resmungou Raskólhnikov, que já ia na escada.

– Então de que, diabo, precisas tu? – gritou-lhe Razumíkhin lá em cima. O outro continuava descendo as escadas em silêncio.

– Olha, onde moras?

Não obteve resposta.

– Bem, para o diabo que te carregue!

Mas Raskólhnikov ia já na rua. Na ponte Nikoláievski tornou, mais uma vez, a recuperar a lucidez completa, em consequência de um acontecimento muito aborrecido. O cocheiro dum carro particular deu-lhe com o chicote fortemente nas costas, pela simples razão de ter estado quase a ser atropelado pelos cavalos, apesar do cocheiro lhe ter chamado a atenção duas ou três vezes, com os seus gritos. O chicote irritou-o a tal ponto que saltou de um pulo para o parapeito da ponte (sem saber por que ia pelo meio da ponte, por onde passam os carros e não costumam caminhar as pessoas), apertando e rangendo os dentes de raiva. À sua volta, como era natural, ouviram-se depois várias risadas.

– Foi bem feito!

– Deve ser algum vadio!

– Por certo que se fingiu bêbado e se atirou de propósito para debaixo das rodas para pedir depois uma indenização…

– Há quem viva disso, há quem viva disso…

Mas exatamente no momento em que ele, de pé contra o parapeito, ainda aturdido e furioso, seguia com a vista a carruagem que se afastava, e esfregava as costas ao mesmo tempo, sentiu que alguém lhe punha dinheiro nas mãos. Voltou-se para olhar; era uma mulher de certa idade, da classe dos mercadores, sem chapéu e com sapatos de pele de cabra, que ia acompanhada duma moça de chapéu e sombrinha verde, e que devia ser sua filha: “Tome, *bátiuchka*, pelo amor de Cristo.” Ele o aceitou e elas continuaram o seu caminho. Deram-lhe dois *grívieni*. Pela roupa e pelo seu aspecto, podiam muito bem tomá-lo por um mendigo, por um verdadeiro colecionador de

*grochi* na via pública, e não havia dúvida de que era à chicotada do cocheiro, que as fizera apiedar, que devia aquele donativo de dois *grívieni*.

Guardou a moeda na mão, caminhou para a frente uns dez passos, e voltou o rosto para o Nieva, na direção do Palácio. No céu não se via a mais pequena nuvem e a água estava quase azul, o que raramente sucede ao Nieva. A cúpula da Catedral, que se contempla melhor daí, da ponte, que fica a menos de vinte passos da capela, do que de qualquer outro ponto, refulgia tão clara que através do ar límpido podiam distinguir-se nitidamente cada uma das suas tonalidades. A dor da chicotada foi-lhe passando e Raskólhnikov chegou a esquecer-se dela; uma ideia inquietante e não completamente clara o absorvia agora exclusivamente. Estava parado e olhava longa e atentamente para o longe; conhecia aquele lugar muito bem. Geralmente, sempre que saía da Universidade – sobretudo quando voltava para casa – costumava acontecer-lhe, devia até ter-lhe acontecido muitíssimas vezes, ficar parado precisamente naquele mesmo lugar, contemplando com toda a atenção aquele panorama, verdadeiramente esplêndido, e quase sempre lhe acontecia ficar admirado com uma impressão sua, vaga e persistente. Aquele panorama infundia-lhe sempre uma frialdade inexplicável; uma alma muda e surda animava para ele aquele vistoso quadro… Admirava-se sempre da sua antipática e enigmática impressão e, por não ter confiança em si mesmo, adiava sempre para um futuro remoto a sua explicação. Agora, de repente, recordava-se com toda a clareza dessas suas dúvidas e interrogações de outro tempo, e parecia-lhe que não era por acaso que as recordava naquele momento. Só o fato de ter vindo até aquele mesmo lugar, como outrora, lhe parecia estranho e singular, como se efetivamente imaginasse que ia ter agora o mesmo pensamento de então e interessar-se pelos mesmos temas e quadros que tinham excitado o seu interesse… havia ainda tão pouco tempo. Esteve quase a ponto de começar a rir, apesar de, ao mesmo tempo, sentir uma dor no peito! Parecia-lhe que todo o seu passado e todas aquelas ideias pretéritas, e aqueles enigmas pretéritos, e aqueles temas antigos, e aquelas antigas impressões, e todo aquele panorama, e ele mesmo, e tudo, tudo, estava agora lá embaixo, a seus pés, não sabia a que profundidade… Parecia-lhe que tinha levantado voo, não sabia para onde, muito alto,

e que tudo desaparecera diante dos seus olhos… Depois de ter feito um gesto involuntário com a mão, sentia de repente que segurava ainda a moeda de dois *grívieni*. Abriu a mão, contemplou a pequena moeda com toda a atenção, balançou-a no ar e atirou-a à água; depois deu meia volta e regressou a casa. Parecia-lhe que a sua pessoa tinha sido cortada de todos e de tudo, com uma faca.

Chegou a casa já de noite; estivera fora seis horas, ao todo. Por onde e como é que regressou não seria capaz de dizer. Depois de se despir, todo tremente, como um cavalo esfalfado, deitou-se no divã, puxou o sobretudo e ficou imediatamente amodorrado…

Despertou em plena escuridão, por causa de um grito espantoso. Santo Deus, mas que grito aquele! Um alvoroço tão grande como aquele, gritos, soluços, ranger de dentes, choros, pancadas e insultos como aqueles jamais até então ouvira nem presenciara.

Nem sequer poderia imaginar-se semelhante brutalidade, semelhante barbaridade. Transido de espanto levantou e sentou no leito, num grande sofrimento e sufocando a cada momento. Mas a bulha, os choros e os insultos redobraram cada vez com mais força. E, de súbito, reconheceu a voz da sua senhoria. Era ela, e guinchava, gritava precipitadamente, comendo as palavras a tal ponto que não era possível perceber o que ela pedia. Não havia dúvida que, agora, tinham parado de lhe bater, mas havia ainda pouco que a surravam na escada sem dó nem piedade. A voz da castigada era tão espantosa, devido ao furor e à raiva, que até já estertorava, mas o seu carrasco dizia também qualquer coisa, e também muito depressa, de uma maneira ininteligível, atropelando-se e arquejando. De repente, Raskólhnikov pôs-se todo a tremer: conhecia aquela voz; era a voz de lliá Pietróvitch. Iliá Pietróvitch, ali, batendo na senhoria! Dava-lhe pontapés e fazia-a dar com a cabeça contra os degraus! Era o que se deduzia de todos aqueles choros e pancadas. Mas que seria aquilo? Parecia que vinha a casa abaixo! Percebia-se que em todo aquele andar, em toda a escada se vinha reunindo uma multidão, e ouviam-se vozes, exclamações, subidas e descidas, chamamentos, sacudidelas de portas e correrias.

“Mas por que será tudo isso, como e por que é possível uma coisa

dessas?”, repetia ele pensando a sério que tinha enlouquecido por completo. Mas não, ouvia tudo distintamente! Com certeza, depois, viriam prendê-lo também. Sim, devia ser assim. “Porque… com certeza que tudo isto deve ser por causa daquilo, por causa daquela noite… Senhor!” Sentiu o ímpeto de se fechar, correndo o ferrolho, mas não levantou sequer uma mão… Já não era preciso. O terror envolveu-lhe a alma, como uma camada de gelo, torturou-o, aniquilou-o… Mas, de repente, todo esse burburinho, que durara bem uns dez minutos, foi abrandando pouco a pouco. A senhoria gemia e suspirava, lliá Pietróvitch continuava ainda a ameaçá-la e a insultá-la… Até que, finalmente, também ele pareceu aplacar-se; já ninguém o ouvia: “Deve ter-se ido embora! Meu Deus!”. Sim, fora embora, e a senhoria também, ainda gemendo e chorando… E, de súbito, a sua porta fechou-se bruscamente… E as pessoas que se tinham reunido dispersam-se pela escada e pelos andares… Lançam ais, discutem, chamam-se uns aos outros; estes erguem a voz até ao diapasão do grito, aqueles baixam-na até ao murmúrio. Devia haver ali muita gente; todas as pessoas do prédio deviam ter acudido ali. Mas, Deus do Céu! Isso seria possível? E por que, por que tinha vindo ele?

Extenuado, Raskólhnikov deixou-se cair no divã, mas já não pode pregar olho; ficou assim estendido uma meia hora, num tal sofrimento, numa tal sensação de espanto infinito, como até então nunca sentira. De repente uma luz clara iluminou o seu quarto; Nastássia entrou com uma vela e um prato de sopa. Depois de contemplá-lo atentamente e de certificar-se de que dormia, pousou a vela em cima da mesa e começou a tirar o que trazia: pão, sal, um prato, uma colher.

– Talvez não tenha comido nada ontem. Andou girando todo o dia e tem uma febre de cavalo.

– Nastássia… por que é que bateram na senhoria?

Ela o olhou de alto a baixo.

– Quem é que bateu na senhoria?

– Ainda há um momento… há uma meia hora, lliá Pietróvitch, o ajudante do comissário, na escada… Por que lhe bateu ele dessa

maneira? E… por que veio?

Silenciosamente e franzindo o sobrolho, Nastássia pôs-se a mirá-lo de alto a baixo e assim ficou durante muito tempo. Para ele era muito desagradável esse exame quase feroz.

– Nastássia, por que está assim, calada? – perguntou-lhe ele, por fim, timidamente, com uma voz fraca.

– Isso é o sangue! – respondeu ela, finalmente, em voz baixa e como se falasse consigo própria.

– O sangue! Qual sangue? – murmurou ele empalidecendo e voltando a cara para a parede. Nastássia continuava olhando para ele em silêncio.

– Ninguém bateu na senhoria – disse outra vez com uma voz cortante e enérgica. Ele olhou para ela, respirando com dificuldade.

– Mas eu ouvi… Não estava dormindo… Estava fora da cama – disse ele com uma voz ainda mais sumida. – Ouvi durante muito tempo… Veio o ajudante do comissário… Acudiram todos à escada, de todos os quartos…

– Não veio ninguém. Isso é o sangue que grita em ti. Quando não encontra saída e começa a acumular-se no fígado, uma pessoa começa também a ter visões… Mas não comes?

Ele não respondeu. Nastássia inclinou-se sobre ele, olhou-o atentamente e não se decidia a ir embora.

– Dá-me de beber… Nástiuchka.

Ela saiu e, passados uns minutos, voltava com água num jarrinho de barro branco; mas ele já não se lembrava de mais nada. Recordava-se apenas de como tomou um gole de água fria e de como entornou o jarrinho sobre o peito. Depois perdeu os sentidos.

## Capítulo III

Mas não ficou assim durante todo o tempo da sua doença; era um estado febril, com delírio e uma semiconsciência. De muitas coisas veio a recordar-se depois. Parecia-lhe que se tinha reunido muita gente à sua volta e que queriam levá-lo não sabia para onde, e que discutiam muito a seu respeito. De repente ficou sozinho no quarto, pois todos se foram embora, cheios de temor, e somente a porta se entreabria de quando em quando e era daí que o olhavam, o ameaçavam, cochichavam entre si, riam e censuravam. Lembrava-se de ter visto muitas vezes Nastássia a seu lado; e também tinha visto ali, à sua cabeceira, um indivíduo que lhe parecia bem seu conhecido, mas ao qual não podia identificar… com precisão, o que muito o exasperava e até o fazia chorar. Às vezes parecia-lhe que havia já um mês que estava de cama… Mas outras parecia-lhe que ainda não passara nem um dia. Daquilo… "daquilo" esquecera-se completamente; mas lembrava-se a todo o momento que se esquecera de qualquer coisa de que não era possível esquecer… e angustiava-se e afligia-se perante essa recordação; gemia, enfurecia-se ou espantava-se, ficava tomado de um medo indomável. Então erguia-se na cama, queria disparar; mas havia sempre alguém que o dominava à força e caía de novo na inércia e no torpor. Até que finalmente acabou por recuperar toda a lucidez.

Sucedeu isso uma manhã, aí pelas dez horas. A essa hora da manhã, nos dias bons, o sol projetava sempre um comprido raio de luz ao longo da parede da direita e iluminava um canto junto da porta. À sua cabeceira estava Nastássia e também um homem novo que o olhava com grande curiosidade e que lhe era completamente desconhecido. Era um rapaz de caftã, barbicha, e todo o aspecto de um caixeiro. A senhoria espreitava pela porta aberta. Raskólhnikov ergueu-se.

– Quem é, Nastássia? – perguntou, indicando-lhe o rapaz.

– Olhem, já voltou a si! – disse ela.

– Já! – repetiu o caixeiro.

Assim que viu que ele voltara a si, a senhoria, que espreitava à porta, apressou-se a fechá-la e desapareceu. Era muito tímida e não podia suportar discussões nem explicações; devia ter uns quarenta anos e era gorda, de sobrancelhas negras e olhos negros, e também bonacheirona por ser tão gorda e indolente, e também muito acomodatícia de seu normal. E exageradamente envergonhada.

– Quem é… o senhor? – insistiu ele, dirigindo-se ao próprio caixeiro.

Mas, nesse mesmo instante a porta tornou a abrir-se de par em par, e curvando-se um pouco por causa da sua elevada estatura, Razumíkhin entrou.

– Parece um beliche de barco! – exclamou quando entrou. – Hei de bater sempre com a testa na porta; e é a isto que chamam um quarto! Com que então já voltaste a ti? Foi o que me disse Páchenhka.

– Acabou agora mesmo de recuperar os sentidos – disse Nastássia.

– Sim, acabou agora mesmo de avivar – concordou também o caixeiro.

– Mas quem é o senhor? – perguntou Razumíkhin de repente, encarando-o. – Dê-me licença que me apresente: eu sou Vrazumíkhin[19], e não Razumíkhin, como costumam chamar-me, estudante, nobre de nascimento, e ele é meu amigo. Agora faça o senhor o favor de nos dizer quem é.

– Eu sou empregado da loja do comerciante Chelopáiev, e vim aqui tratar de um assunto.

– Pois faça o favor de sentar nesta cadeira – Razumíkhin sentou noutra, ao lado da mesa. – Muito bem, meu amigo, fizeste muito bem em te pores lúcido – continuou, dirigindo-se a Raskólhnikov. – Com hoje, já são quatro dias que levas sem comer quase absolutamente nada e sem beberes sequer uma gota. O que valeu foi te terem dado chá às colherzinhas. E Zósimov veio ver-te por duas vezes comigo.

Lembras-te de Zósimov? Observou-te com muita atenção e disse redondamente que isso não era nada… mas que era assim como se tivesses recebido uma pancada na cabeça. “Qualquer desarranjo de nervos ou má alimentação, – dizia – falta de cerveja e de rábanos, mas isto não tem importância e em breve estará bom.” Viva o Zósimov! Já começa a tornar-se célebre com as suas curas. Bem, mas eu não quero entretê-lo – e tornou a dirigir-se ao caixeiro. – Faça o favor de me dizer o que deseja. Rodka, participo-te que já é a segunda vez que vêm, da parte dessa loja; simplesmente, da outra vez não foi este quem veio, mas outro, e foi com ele que nos entendemos. Quem foi que veio da outra vez?

– Suponho que isso devia ter sido anteontem, foi isso, exatamente. Então devia ter sido Alieksiéi Siemiônovitch; também é empregado da nossa loja.

– É um pouco mais tagarela do que o senhor, segundo me parece.

– Sim, é um homem mais sensato.

– Dou-lhe os meus parabéns; bom, mas continue.

– Pois então ouça: por intermédio de Afanássi Ivânovitch Vakhrúchin, do qual suponho que já deve ter ouvido falar por mais de uma vez, e a pedido de sua mãe, recebeu-se na nossa loja uma encomenda para si – começou o caixeiro, dirigindo-se a Raskólhnikov. – Quando o senhor tivesse já recuperado o conhecimento… íamos entregar-lhe trinta e cinco rublos, que Afanássi Ivânovitch entregou a Siemion Siemiônovitch, da parte de sua mãe, como da outra vez, do que julgo que já deve estar prevenido, não é verdade?

– Sim… já me lembro… Vakhrúchin… – exclamou Raskólhnikov, pensativo.

– Estão ouvindo? Conhece o comerciante Vakhrúchin – exclamou Razumíkhin. – Portanto já está em seu perfeito juízo! Além disso, vejo agora que o senhor também é um homem eloquente. Sempre é agradável ouvir um bom discurso!

– É desse mesmo que se trata, de Vakhrúchin, Afanássi

Ivânovitch, e da parte de sua mamãe, a qual se serviu do mesmo intermediário da outra vez, e agora, contando com a aquiescência de Siemion Siemiônovitch, encarregou-o de lhe entregar trinta e cinco rublos, enquanto não puder mandar mais.

– Olhe, esse “enquanto não puder mandar mais” foi o que me agradou mais; embora também essa “de sua mamãe” não esteja mal de todo. Bem, vamos ver: que lhe parece? Está ou não está em seu perfeito juízo?

– A mim tanto me faz… Contanto que ele assine o respectivo recibo…

– Há de assinar. Tem aí o recibo?

– Ei-lo.

– Muito bem. Vamos, Rodka, levanta-te, que eu te amparo. Faz a tua assinatura; Raskólhnikov, pega na pena, porque, meu amigo, o dinheiro, agora, é-nos indispensável.

– Não é preciso! – disse Raskólhnikov afastando a pena.

– Não é preciso?!

– Não assino.

– Ó diabo, é o recibo?

– Eu não preciso de… dinheiro…

– Não precisas de dinheiro? Vamos, meu caro, tu estás mentindo e eu sou testemunha! O senhor, não se preocupe, ele diz isso apenas por… está outra vez delirando. Apesar de que, às vezes, quando está lúcido, também tem destas saídas… Mas o senhor é uma pessoa sensata e nós dois damos-lhe a mão[20], e ele assina. Vamos, ajude-me…

– O melhor será voltar noutro dia.

– Não, não. Para que há de incomodar-se? O senhor é um homem sensato… Vamos, Rodka, despacha o visitante… Olha que ele está à espera – e estava seriamente disposto a pegar na mão de Rodka.

– Deixa-me, eu, sozinho… – exclamou aquele e, pegando na caneta, assinou o recibo.

O caixeiro entregou o dinheiro e saiu.

– Bravo! E agora, diz-me cá, queres comer?

– Quero – respondeu Raskólhnikov.

– Há sopa?

– A de ontem – respondeu Nastássia, que durante todo este tempo não arredara dali.

– De batatas e arroz?

– De batatas e arroz.

– Já sei de cor. Traz-me a sopa e dá-me chá.

– Já trago tudo.

Raskólhnikov olhava para tudo profundamente assombrado e com um medo estúpido e absurdo. Decidiu calar-se e esperar. Que mais estaria para suceder? “Parece-me que, agora, não estou delirando – pensava – parece que é verdade…”

Dois minutos depois Nastássia voltava com a sopa e prevenia que daí a pouco traria o chá. Juntamente com a sopa trazia duas colheres, dois pratos e um serviço completo de mesa: saleiro, pimenteiro, mostarda para a carne e outras coisas que, antes, havia já muito tempo, não costumavam aparecer; até a toalha estava limpa.

– Nástiuchka, seria bem bom se Praskóvia Pávlovna mandasse vir duas garrafas de cerveja.

– Essa não está má… – resmungou Nastássia, e saiu para cumprir a ordem.

Raskólhnikov continuava olhando para tudo, ávida e desconfiadamente. Entretanto, Razumíkhin já sentara a seu lado, sobre o divã e, desajeitado como um urso, segurou-lhe a cabeça com a mão

esquerda, apesar de ele poder muito bem erguer-se sozinho, e com a direita levava-lhe à boca colheradas de sopa, que às vezes soprava previamente, para que ele não se queimasse. Mas a sopa estava morna, quando muito; Raskólhnikov engoliu sofregamente uma colherada, e a seguir outra e outra. Mas depois de lhe ter dado assim algumas colheradas, Razumíkhin, de repente parou e declarou que, para continuar, seria preciso consultar Zósimov.

Nastássia entrou trazendo as duas garrafas.

– E chá, queres?

– Quero.

– Vai buscar o chá depressa, Nastássia, porque quanto ao chá podemos tomá-lo sem consultar a Faculdade. Ora aqui está a cerveja!

Foi para a sua cadeira, serviu-se de sopa e de carne, e começou a comer com tal apetite que parecia ter uma fome de três dias.

– Eu, meu caro Rodka, passarei agora a almoçar todos os dias contigo – disse, com a boca cheia de carne – e tudo isto se deve a Páchenkha, a tua boa senhoria, que é quem manda tudo isto; está cheia de atenções para contigo. Eu não acho isso nada mal e, é claro, não me oponho. Ora aqui temos a Nastássia com o chá. És uma espertalhona! Queres cerveja, Nástienhka?

– Deixa-te de graças!

– E um bocadinho de chá?

– Chá, aceito.

– Então sirva. Mas espera, que eu mesmo te sirvo; senta-te à mesa.

E começou logo a servir-lhe o chá; a seguir encheu-lhe outra chávena, e depois deu o almoço por terminado e voltou para o divã. Tal como havia pouco, pegou na cabeça do doente com a mão esquerda, endireitou-a e começou a dar-lhe colheradas de chá, soprando também continuamente com todo o cuidado, como se isso de soprar fosse muito importante para o seu restabelecimento, para a sua

salvação. Raskólhnikov estava calado e não opunha resistência, apesar de se sentir com forças suficientes para levantar e sentar no divã sem auxílio alheio, para segurar a colher ou a chávena do chá com a mão, como até para andar. Mas, por uma certa astúcia estranha, parecida com a dum animal, lembrara-se de repente de dissimular a sua força, de fingir, de fazer que não percebia nada, se preciso fosse, e entretanto ia escutando e vendo o que se passava. Aliás, não conseguia vencer completamente a sua repugnância; depois de ter engolido dez colheradas de chá, afastou repentinamente a cabeça, repudiou a colher, caprichoso, e tornou a recostar-se na almofada. Debaixo da sua cabeça havia agora, de fato, uma almofada de verdade, de penas, e com a fronha limpa, no que reparou, muito admirado.

– É preciso que Páchenhka nos envie ainda hoje doce de framboesa para lhe fazer um xarope – disse Razumíkhin, que voltara para o seu lugar e se atirara outra vez à sopa e à cerveja.

– Mas onde é que ela há de ir buscar framboesa para ti? – perguntou Nastássia, segurando o pires na palma da mão e sorvendo o chá através do açúcar[21].

– A framboesa, minha amiga, vai buscá-la à loja. Olha, Rodka: aqui sucedeu uma coisa de que tu não estás ainda a par. Quando tu saiste de minha casa, daquela maneira traiçoeira, sem me dares o teu endereço, fiquei tão indignado que jurei procurar-te até te encontrar e castigar-te. Nesse mesmo dia pus-me no teu rastro. Andei para cá e para lá, perguntei e tornei a perguntar. Bom, tinha-me esquecido da tua residência atual, embora, aliás, nunca pudesse lembrar-me dela porque não a sabia. Da tua antiga moradia só me lembro que vivias nas Cinco Esquinas, em casa de Kharlámov, mas afinal verificou-se que não era em casa de Kharlámov, mas sim na de Buck. É para que se veja como as palavras podem levar-nos a obras! Bem, eu estava furioso e no outro dia fui, à sorte, ao Registro de Endereços[22] e imagina: em dois minutos deram-me a tua direção. Tu próprio tinhas lá a tua assinatura.

– A minha assinatura?

– É assim mesmo; e, para que vejas: em compensação, pelo menos

enquanto eu lá estive, não foram capazes de encontrar o endereço do General Kóbieliev. Mas, sobre isso, haveria muita coisa a dizer. Mal me apresentei, puseram-me imediatamente a par de tudo, sobre a tua pessoa, de tudo; sei tudo, e essa é testemunha. Fiquei conhecendo Nikodim Fomitch, Iliá Pietróvitch, o porteiro, o Senhor Zamiótov Alieksandr Grigórievitch, o secretário do Comissariado do distrito e, finalmente, fiquei conhecendo Páchenka… Mas isso foi no fim de tudo; essa bem o sabe…

– Deixaste-a doce como o mel – murmurou Nastássia com malícia.

– Devias era pôr o açúcar no chá, em vez de o beberes assim, Nastássia Nikíforovna.

– Cala-te, malcriado! – gritou Nastássia de repente, e pôs-se a rir. – Eu sou Pietrovna e não Nikíforovna – acrescentou de súbito assim que acabou de rir.

– Tomemos nota. Ora muito bem, meu caro, para não falar de coisas inúteis, eu gostaria de usar de grandes meios para extirpar de uma vez todos os preconceitos locais; mas Páchenka foi mais forte. Eu, meu caro, nunca poderia esperar que ela fosse tão… acomodatícia… hem? Que dizes a isto?

Raskólhnikov continuava calado, embora nem por um instante desviasse dele o seu olhar perscrutador, e ainda agora continuava a olhá-lo tenazmente.

– É até muito… – continuou Razumíkhin, sem se incomodar absolutamente nada com aquele silêncio e como se respondesse a uma resposta que tivesse recebido – é até muito como deve ser, sob todos os aspectos.

– Eh! Compadre! – tornou a exclamar Nastássia, à qual tudo aquilo dava evidentemente um prazer inexplicável.

– É pena, meu amigo, que não tenhas sabido compreendê-la desde o primeiro momento. Devias tê-la tratado de outra maneira. É, por assim dizer, o caráter mais inesperado. A respeito disso do caráter, falaremos depois… Mas… como chegaram até ao ponto de ela não te

mandar comida? E, por exemplo, esse caso da letra? Mas tu estavas doido quando assinaste essa letra? E isto para não falar sobre essa proposta de casamento, quando ainda era viva Natália Iegórovna… Eu sei tudo! Embora, no fim de contas, perceba que isto é um assunto muito delicado e que eu sou um burro; desculpa. Mas já que falamos de disparates, que te parece?… Olha, meu amigo: Praskóvia Pávlovna não é tão tola como pode parecer à primeira vista, não achas?

– Sim… – balbuciou Raskólhnikov, olhando para o outro lado, mas compreendendo que era conveniente suportar aquela tagarelice.

– Então não é? – exclamou Razumíkhin, evidentemente satisfeito por lhe terem respondido. – Mas também é tola, não é verdade? Absolutamente, absolutamente, e o caráter mais desconcertante! Eu, meu caro, até certo ponto, todo eu me derreto, garanto-te… Deve ter quarenta, provavelmente. Ela diz trinta e seis e está no seu pleno direito. Além disso, juro-te que a opinião que formo acerca dela é puramente intelectual, metafísica; neste ponto, meu amigo, começo a fazer uns cálculos mais arrevesados do que os da álgebra. Não entendo patavina! Bom, mas tudo isto é absurdo; e ela, quando viu que tu já não eras estudante, que não tinhas alunos nem roupa, e que, falecida a moça, não podia considerar-te da família, ficou assustada, coitada; e como tu, pelo teu lado, ficavas amodornado no teu canto e não te davas já com ela, como antes, então resolveu pôr-te fora do teu quarto. E havia já muito tempo que ela tinha esta intenção; e isso da letra não lhe agradou nada. Além de que tu próprio lhe garantiste que a tua mãe lhe pagaria…

– Isso eu dizia por pura maldade. À minha mãe pouco lhe falta para pedir esmola… E eu mentia para que não me expulsassem do quarto e… continuassem a dar-me de comer – declarou Raskólhnikov em voz alta e clara. – Sim, e fazia bem. O pior foi que recorreram ao Senhor Tchebárov, conselheiro da Corte e homem de negócios. Sem ele, Páchenka não teria pensado nisso, porque é muito tímida; mas um homem de negócios não se sente coibido perante nada e, naturalmente, a primeira coisa que fez foi fazer-lhe esta pergunta: se havia esperança de receber a letra. Resposta: “Sim, visto ter uma mãe que, ainda que fique sem comer, não deixará de mandar qualquer coisa ao seu Rodka, dos cento e vinte e cinco rublos da sua pensão, e

que a irmã, por ele, será capaz de vender-se como escrava". Era nisto que ele se fundamentava… Por que estás te remexendo dessa maneira? Eu, meu amigo, agora já conheço toda a história e não foi debalde que tu fizeste confidências a Páchenka quando ela ainda te tratava como seu parente; falo-te assim pela amizade que te tenho… Bom, o caso é este, um homem honrado e sensível fala com franqueza; mas um homem de negócios escuta e come, e depois continua também a comer. Eis aqui a razão por que ela endossou a letra como paga a esse tal Tchebárov, o qual exigiu, sem contemplação de espécie nenhuma, aquilo que era seu. Eu, quando soube disso tudo, também quis ajudar no que fosse possível, para tranquilidade da minha consciência, e como por esse tempo já estávamos em boas relações com Páchenka, mandei-a suspender a coisa, garantindo-lhe que tu pagarias. Eu respondi por ti, meu amigo, percebes? Mandamos chamar Tchebárov, calamos-lhe a boca com dez rublos de prata, e ele nos entregou a letra, a qual tenho a honra de te apresentar aqui – agora acreditam na tua palavra. – Aqui a tens, rasgada e tudo, por mim, como deve ser.

Razumíkhin pôs a promissória sobre a mesa; Raskólhnikov firmou os olhos sobre ela e, sem dizer nada, voltou-se de cara para a parede. Razumíkhin pareceu ficar ressentido.

– Já vejo, meu amigo – disse, passado um instante – que acabo de fazer um novo disparate. Pensava distrair-te e consolar-te com a minha conversa, mas, segundo parece, não fiz outra coisa senão azedar-te a bílis.

– Eras tu que eu via no meu delírio? – perguntou Raskólhnikov, também depois de um silêncio e sem voltar a cabeça.

– Era eu, sim, e a minha presença provocava-te crises, sobretudo de uma vez que eu trouxe Zamiótov comigo.

– Zamiótov? O secretário? Mas por quê? – Raskólhnikov voltou-se rapidamente e fixou o olhar em Razumíkhin.

– Mas que tens tu? Por que ficaste assim nervoso? Ele queria conhecer-te; foi ele quem se empenhou, visto termos falado tanto em ti. Senão, como podia eu estar tanto a par dos teus assuntos? É um

bom rapaz, meu caro; pequenino, extravagante… no seu gênero, naturalmente. Agora nos tornamos amigos, vemo-nos quase todos os dias. Fica desde já sabendo que me mudei para este bairro. Ainda não sabias? Pois mudei; há pouco tempo. Já fomos juntos duas vezes a casa de Lavisa. Lembras-te de Lavisa? Lavisa Ivânovna.

– E eu estava delirando?

– Ai, não! Não sabias o que dizias!

– E que dizia eu?

– Essa é boa! Que dizias tu? Ora, as coisas que se costumam dizer quando se delira… Bem, meu amigo, deixemos isto, vamos ao assunto.

Levantou e pegou o gorro.

– Que dizia eu?

– E insiste! Tens medo de ter deixado transparecer algum segredo? Pois está descansado que não disseste nada a respeito da condessa, mas falavas não sei de que *bull-dog*, de uns brincos, sim, e também de umas correntes de relógio, e da ilha de Kriestóvski, e não sei de que porteiro, e de Nikodim Fomitch, e de Iliá Pietróvitch, o ajudante do comissário; falaste de tudo isso pelos cotovelos. E, além disso, também mostravas muito interesse pela ponta da tua bota, muito. Gemias: "Deem-me a ponta da minha bota, só quero isso". Até o próprio Zamiótov se pôs à procura, por todos os cantos, da ponta da tua bota, e entregou-te essa miséria com as suas próprias mãos ungidas de perfumes e enfeitadas de anéis. Então tu ficaste tranquilo e tiveste nas mãos essa porcaria, durante vinte e quatro horas, tão bem segura que ninguém te a podia arrancar. Ainda a deves ter contigo em qualquer lugar, debaixo da roupa da cama. E também perguntavas pela bainha das tuas calças, e se visses, por entre que lágrimas… Nós até já perguntávamos um ao outro: "Que bainha será essa?". E não havia meio de te percebermos… Mas vamos ao assunto. Aqui tens trinta e cinco rublos; eu levo dez e, dentro de umas duas horas, já os devolvo. Entretanto vou me informar sobre Zósimov, que já devia estar aqui há algum tempo, pois já deu meio dia. E Nástienhka venha vê-lo com frequência, enquanto eu estiver ausente, e traga-lhe de

beber ou qualquer outra coisa de que ele possa precisar… E agora vou despedir-me também de Páchenka. Até à vista!

– Chama-lhe Páchenka, o velhaco! – exclamou Nastássia logo que ele saiu. Depois abriu a porta e pôs-se a escutar; mas não pode conter-se e desceu. Interessava-lhe muito saber o que ele falaria com a patroa, pois era evidente que ele lhe dera volta ao miolo.

Mal ela saiu o doente desvencilhou-se repentinamente do cobertor e saltou da cama como se estivesse meio doido. Esperara com uma impaciência febril que eles saíssem o mais depressa possível, para pôr imediatamente mãos à obra, na sua ausência. Mas que obra? Como se fosse de propósito, agora parecia-lhe que se esquecera. "Senhor, diz-me só uma coisa: eles estarão a par de tudo ou ainda não sabem? Ou já sabem mas fingem não saber, para não me afligirem enquanto eu estou de cama, e depois entrarem de repente e dizerem que já o sabiam há muito tempo? Que fazer agora? Nada, porque, nem de propósito, parece-me que me esqueceu; esqueceu-me de repente, porque ainda há um instante me lembrava."

Estava especado no meio do quarto e, com dolorosa perplexidade, olhou à sua volta; aproximou-se da porta, entreabriu-a e pôs-se a escutar; mas não era disso que se tratava. De repente, como se tivesse lembrado, foi até o canto, onde havia um buraco debaixo do papel que forrava a parede, e esquadrinhou-o atentamente; mas também não era isso. Dirigiu-se para o fogão, abriu-o e começou a olhar para as cinzas; o pedaço da bainha das calças e as tiras dos bolsos arrancados continuavam ali, tal como ele os deixara, sem que ninguém os tivesse visto. Então lembrou-se também da biqueira da bota, da qual Razumíkhin acabava de falar-lhe. De fato, ali estava, no divã, debaixo do cobertor; mas estava já tão suja e gasta pelas esfregadelas que ele lhe dera que, certamente, Zamiótov não podia ter notado nada nela.

"Oh! Zamiótov! O Comissariado! Mas por que me chamaram ali? Onde está a citação? Ora, eu estou fazendo confusão; já foi há tempos que me chamaram. Também já foi há algum tempo que eu limpei a ponta da bota, e agora… agora estou doente. Mas por que teria vindo Zamiótov? Por que o teria trazido Razumíkhin? – murmurava, extenuado, sentando-se outra vez no divã. – Mas que terei eu? Estarei

ainda delirando ou tudo isto é realidade? De fato, parece ser realidade… Ah! Já me lembro! Fugir! Sim, mas para onde? Onde está a minha roupa? Sapatos, não tenho. Tiraram-nos! Esconderam-nos! Já percebo. Mas aqui está o meu casaco… Não repararam nele. E em cima da mesa há dinheiro, louvado seja Deus! Aqui está também a promissória… Pego no dinheiro, vou-me embora, mudo-me para outro quarto; não hão de dar comigo… Sim, e a repartição de endereços? Vão me encontrar! Razumíkhin encontrou-me. O melhor de tudo é fugir para longe… para a América, e cuspir na cara de todos eles. E levar também a promissória… aí poderia ser-me útil. Que hei de levar mais? Eles julgam que eu estou doente. Não sabem que posso sair à rua. Ah, ah, ah! Percebi nos olhos deles que estão a par de tudo. Não preciso de mais nada senão de descer a escada. E se puseram sentinelas, policiais, na escada? Que é isto? Chá? Ah, sim, e também ainda há cerveja, meia garrafa, viva!”

Pegou na garrafa, na qual ainda havia cerveja que chegava para encher um copo e, com prazer, bebeu-a de um trago, como se quisesse apagar um fogo na sua garganta. Mas ainda não passara um minuto já a cerveja lhe subia à cabeça e pelas costas lhe corria um leve e até agradável calafrio. Deitou-se e cobriu-se com a dobra do cobertor. As suas ideias, já de si doentias e incoerentes, começaram a embrulhar-se cada vez mais e não tardou que um sono leve e agradável se apoderasse dele. Afundou com prazer a cabeça na almofada, embrulhou-se bem no seu macio cobertor de papa, que substituía agora, na sua cama, o velho sobretudo esfarrapado, de outrora; suspirou suavemente e afundou-se num sono profundo, forte, benéfico.

Despertou ao sentir que alguém entrava no seu quarto, abriu os olhos e viu que era Razumíkhin, que escancarara a porta e estava parado à entrada, perplexo: devia entrar ou não? Raskólhnikov ergueu-se apressadamente no divã e ficou olhando para ele, como se se esforçasse por lembrar-se de qualquer coisa.

– Ah, não está dormindo! Bem, então entro, Nastássia, traz cá o embrulhinho – gritou Razumíkhin inclinando-se. – Agora vou dar-te conta de tudo…

– Que horas são? – perguntou Raskólhnikov, olhando à sua volta,

constrangido.

– Dormiste bem, meu amigo; lá fora já é escuro; devem ser seis horas. Deves ter dormido umas boas seis horas…

– Meu Deus! Mas que tenho eu?

– Ora, que há de ser! É que vais já melhorar. Estás com pressa? Tens alguma entrevista? Agora temos o tempo por nossa conta. Há já três horas que eu estava à tua espera; entrei duas vezes e tu sempre dormindo. Fui a casa de Zósimov por duas vezes, mas não estava! Não faz mal, ele há de vir… Também tratei das minhas coisas. Porque eu me mudei, mudei-me definitivamente, em companhia de meu tio… Fica sabendo que, agora, tenho um tio… Bom, mas para o diabo tudo isso! Dá-me mas é cá o embrulhinho, Nástienhka! Olha, nós… Mas, meu amigo, diz-me primeiro como te sentes.

– Pois bem, já não estou doente… Razumíkhin, estavas aqui há muito tempo?

– Já te disse: há três horas que estou à tua espera.

– E antes?

– Antes o quê?

– Há quanto tempo chegaste?

– Mas se eu já te contei tudo em detalhes, ainda há pouco… Não te lembras?

Raskólhnikov ficou pensativo. Como num sonho, lembrou-se de tudo quanto acabava de se passar. Simplesmente não podia lembrar-se de tudo sozinho e olhava interrogativamente para Razumíkhin.

– Hum! – disse este. – Esqueceu-te! Há pouco parecia-me que tu não estavas ainda bem em teu perfeito juízo… Agora, com o dormir, ficaste mais recomposto… De fato, tens melhor aparência. Bravo! Bom, mas vamos ao assunto! Agora hás de lembrar-te. Olha para aqui, meu caro.

Começou a desembrulhar o volume, o qual, segundo lhe parecia, lhe merecia grande apreço.

– Nisto, acredita, meu amigo, tinha eu especial empenho. Porque é preciso fazer de ti um homem. Vamos lá, comecemos pela parte de cima. Vês um gorro? – Começou, tirando do embrulho um gorro muito bom, mas, ao mesmo tempo, do mais vulgar e barato. – Queres experimentá-lo?

– Logo, logo – disse Raskólhnikov, repelindo-o com brusquidão.

– Não faças oposição, meu caro Rodka, porque logo será tarde e eu não poderei pregar olho toda a noite ao pensar que me aventurei a comprá-lo sem saber a medida.

– Está otimamente! – exclamou triunfante, depois de tê-lo experimentado. – Otimamente! No vestir, meu amigo, o mais importante é o adorno da cabeça, é o que nos classifica. O meu amigo Tolstiakov tira sempre a sua carapuça quando entra em qualquer lugar público, onde toda a gente está de chapéu ou gorro. Todos pensam que ele faz isso por um sentimento servil, quando afinal o faz simplesmente porque tem vergonha do seu ninho de cegonhas. É tão pateta! Bom, Nástienhka, aqui tem duas coisas para a cabeça: este Palmerston – e tirava dum canto o amassado chapelão de Raskólhnikov, ao qual, sem saber por que, chamava um Palmerston – a este mimo. Vamos ver, Rodka, faz lá um cálculo: quanto pensas que dei por ele? E tu também, Nástiuchka – acrescentou, dirigindo-se a ela ao ver que o outro ficava calado.

– Dois *grívieni*, pode muito bem ser que tenha dado – respondeu Nastássia.

– Dois *grívieni*, idiota – exclamou ele dando-se por ofendido. – Isso nem tu vales! Oito *grívieni* foi quanto me custou! E isto porque é em segunda mão. Se bem que o venderam com uma condição: desde que tu o uses, ano que vem te dão outro de graça. Deus é testemunha! Bem, passemos agora aos Países Baixos, como dizíamos no colégio. Previno-te de que… me sinto orgulhoso destas calças – e desdobrou à frente de Raskólhnikov umas calças cinzentas, de um tecido leve, de verão – nem um buraco, nem uma nódoa, ainda em ótimo estado,

embora já muito usadas, assim como o colete duma só cor, como é moda. E o fato de já estar usado ainda é melhor: assim fica mais macio, mais suave… Olha, Rodka: para vencer na vida, em meu entender basta obedecer sempre à mudança das estações; se não pedires aspargos em janeiro, terás sempre dinheiro; pois o mesmo te digo a respeito desta compra. Agora é a temporada de verão, e eu fiz uma compra estival, porque no outono é preciso um tecido mais forte; por isso poderás desfazer-te deste, tanto mais que daqui até lá haverá tempo para ele se desfazer por si, se não por uma forçosa necessidade de luxo, pelo menos por efeito de decomposição interna. Bem, vamos ver, faz as contas. Quanto achas que custou? Pois custou dois rublos e vinte e cinco copeques. E repara, também com a mesma condição de há pouco: uma vez que o uses, ano que vem te dão outro de graça. Na loja de Fiediáiev é assim: assim que lhe pagas uma coisa, fica para toda a vida, porque não tornarás lá outra vez. Bem, agora vamos ao calçado. Que calçado! Repara, vê-se muito bem que estas botas já estão usadas; mas ainda poderás fazer muito bem uns dois meses com elas, porque é trabalho estrangeiro e artigo estrangeiro. O secretário da embaixada inglesa foi vendê-las, a semana passada, a Tolkutchka; só as tinha trazido uns seis dias; mas andava muito necessitado de dinheiro. Custaram um rublo e quinze copeques. É uma pechincha não é?

– Mas talvez não lhe estejam à medida – observou Nastássia.

– Não estão à medida? Qual! – e tirou do bolso a bota velha de Raskólhnikov, encarquilhada, toda salpicada de lama seca – Eu sabia o que fazia e tomaram as medidas exatas por este mostrengo. Correu tudo muito bem. Para a roupa branca também me entendi com a senhoria. Aqui tem, em primeiro lugar, três camisas de linho com o colarinho à moda. Bem, vamos fazer as contas. O chapéu, oito *grívieni*; dois rublos e vinte e cinco copeques as outras peças do vestuário, isto é, três rublos e cinco copeques; um rublo e cinquenta as botas – porque são esplêndidas – total: quatro rublos e cinquenta e cinco copeques, mais cinco rublos pela roupa interior – porque regateamos bem – fazem ao todo nove rublos e cinquenta e cinco copeques. Sobraram quarenta e cinco copeques em miúdos, que aqui tens, faz o favor de aceitá-los… E, assim, Rodka, contas agora com um traje

completo, porque, a meu ver, o teu casaco não só ainda pode servir como tem até um aspecto muito decente. Eis o que significa vestir-se em casa de Scharmer! Quanto às meias e outras coisas, deixo isso a teu cargo; restam-nos vinte e cinco rublozinhos e, quanto a Páchenka e ao pagamento do quarto, não tens que preocupar-te; já lhe falei: crédito ilimitado. Mas agora, meu amigo, faz o favor de mudares de roupa interior, porque pode ser que toda a tua doença esteja agora na camisa…

– Deixa-me! Não quero! – repudiou-o Raskólhnikov, que escutara de má vontade o relatório que Razumíkhin lhe apresentara da compra daquelas coisas.

– Isso não pode ser, meu amigo. Não havia de ter gasto as minhas solas debalde – insistiu Razumíkhin. – Nástiuchka, não tenhas vergonha e ajuda-me… Isso – e, apesar da resistência de Raskólhnikov, mudou-lhe a roupa interior. Este deixou cair a cabeça na almofada e não disse uma palavra.

“Quando é que eles se irão embora?”, pensou.

– Com que dinheiro compraste isto tudo? – perguntou finalmente, voltando a cara para a parede.

– Com que dinheiro? Essa é boa! Pois com o teu! Há pouco esteve aqui um caixeiro da loja de Vakrúchin, por incumbência da tua mãe. Já te esqueceste?

– Agora já me lembro – disse Raskólhnikov depois dum longo e severo mutismo.

Razumíkhin franziu o sobrolho e ficou olhando para ele, inquieto.

A porta abriu-se e entrou um indivíduo alto e forte, que não pareceu completamente desconhecido a Raskólhnikov.

Era Zósimov: um homem alto e gordo, com uma cara cheia e pálida, esmeradamente barbeado; de cabelo louro, muito claro e cortado rente, com óculos e um grande anel de ouro num dos seus dedos moles, de gordos. Tinha vinte e sete anos. Vestia um casaco

folgado e elegante, de meia-estação, e umas calças claras, de verão e, de maneira geral, tudo nele era amplo, elegante e cuidado; a roupa branca, irrepreensivelmente limpa; trazia uma grossa corrente de relógio. Os seus modos eram lentos, quase fleumáticos e, ao mesmo tempo, de uma desenvoltura afetada; por muito que escondesse, o seu preciosismo notava-se sempre. Toda a gente o achava antipático; mas diziam que era bom entendido na sua profissão.

– Fui duas vezes a tua casa, meu caro… Olha, já despertou – exclamou Razumíkhin.

– Bem vejo, bem vejo. Então que tal vai isso? – disse Zósimov dirigindo-se a Raskólhnikov, olhando-o atentamente e sentando-se no divã, a seus pés, onde, em seguida, tomou um ar despreocupado.

– Está muito suscetível – continuou Razumíkhin. – Há pouco mudamos-lhe a roupa e quase ia chorando.

– É compreensível; teria sido melhor deixar isso para depois, para quando já levantasse… O pulso está bem. A cabeça ainda lhe dói um pouco, não é verdade?

– Eu já estou bom, completamente bom! – declarou Raskólhnikov com brusquidão e irritação, erguendo-se repentinamente no divã e com os olhos chispantes; mas logo a seguir tornou a recostar-se na almofada e voltou-se contra a parede.

Zósimov não despregava os olhos de cima dele.

– Muito bem… Está tudo como deve ser – disse num tom indolente. – Comeu alguma coisa?

Disseram-lhe o que comera e perguntaram-lhe o que lhe podiam dar de comer.

– Podem dar-lhe tudo… Sopa, chá… Cogumelos e pepinos, é claro que não, nem carne de vaca, nem… Bom, mas temos tanto em que falar! – Trocou um olhar com Razumíkhin. – Nada de xaropes nem de maus remédios! Eu tornarei a passar por aqui amanhã… Talvez hoje já tivesse podido… enfim…

– Amanhã à tarde levo-o a dar um passeio, – decidiu Razumíkhin – ao jardim de Iusupóvski, e depois ao Palácio de Cristal…

– Eu, amanhã, deixava-o tranquilo, embora, no fim de contas… um passeiozinho… Bom, depois veremos.

– Ah, que pena! É hoje precisamente que eu inauguro a minha nova instalação, a dois passos daqui. Se ele pudesse vir também… Ainda que fosse só para nos acompanhar, estendido no divã… Mas tu não faltas, hem? – disse Razumíkhin, encarando de repente Zósimov. – Não te esqueças do que me prometeste.

– Sim, talvez possa passar por lá logo. Que arranjaste para nós?

– Pouca coisa: chá, aguardente, arenques. Também haverá um empadão; é uma coisa entre amigos.

– Quem mais é que vai… concretamente?

– Vão todos, os do bairro, e quase todos os meus novos conhecimentos, para dizer a verdade… sem falar no meu velho tio, se bem que também seja um novo conhecimento, pois está em Petersburgo apenas desde ontem, veio tratar de uns assuntos. Só nos vemos de cinco em cinco anos.

– Quem é?

– Passou toda a sua vida como chefe de postas num distrito… Recebe uma pensãozinha; sessenta e cinco anos; não vale a pena falar dele… Mas eu lhe tenho amizade. Porfíri Siemiônovitch também virá: é o juiz de instrução do bairro, um jurisconsulto. Mas tu já o conheces…

– Também é teu parente?

– É; mas muito afastado. Mas por que torces o nariz? Só porque discutiram os dois, daquela vez, já não virás?

– Quero lá saber dele para alguma coisa…

– Ora ainda bem. Bom, e além destes virão também estudantes,

professores, um funcionário, um médico, um oficial, Zamiótov…

– Faz o favor de me dizeres que pode haver de comum entre ti e ele – Zósimov apontou com a cabeça para Raskólhnikov – e um Zamiótov qualquer.

– Oh, que desmancha-prazeres! Os princípios! Tu te moves por princípios, como por molas; não te atreves a atuar livremente; mas, para mim, o fundamental é que o homem seja bom. E, francamente, reparando bem, em todas as classes não há muitas pessoas boas. E mais, estou convencido de que não haveria quem desse nem um alho chocho por toda a minha pessoa e a tua juntas.

– Isso é muito pouco; eu, por ti, daria dois…

– Pois, eu, por ti só dava um, ora toma! Zamiótov ainda é uma criança; eu ainda lhe puxo as orelhas, e por isso é preciso atraí-lo e não espantá-lo. Não é repelindo o homem que ele se corrige; e muito menos um rapaz. Com o rapaz novo é preciso o dobro da prudência. É isto o que vocês, os tolos progressistas, não compreendem. Não respeitam o homem; ofendem-se a si mesmos… E se queres saber o que há de comum entre nós, digo-te que trazemos os dois um assunto entre mãos…

– Gostaria de saber…

– É um assunto relativo ao pintor, quero dizer ao pintor de paredes… Havemos de acabar por tirá-lo de lá! Embora, por agora, não corra perigo algum. A coisa já está clara, completamente clara. Matamos dois coelhos de uma cajadada!

– Mas que pintor de paredes é esse?

– O quê? Ainda não te contei? Não? É verdade que só comecei a contar-te o princípio… Bom, então ouve: no assassinato da velha usurária, da viúva do funcionário, encontra-se também implicado um pintor…

– Ah, sim! Já te ouvira falar desse crime outro dia e o assunto interessa-me… até certo ponto… por uma casualidade… Li os jornais.

Continua.

– Também mataram Lisavieta! – exclamou Nastássia de repente, dirigindo-se a Raskólhnikov.

Permanecera durante todo este tempo no quarto, junto da porta, de ouvido apurado.

– Lisavieta? – murmurou Raskólhnikov, numa voz quase imperceptível.

– Lisavieta, sim, a revendedora. Não a conhecias? Pois vinha por aqui. Até te passou uma camisa a ferro.

Raskólhnikov voltou-se de cara para a parede, onde, no sujo papel amarelo com florinhas brancas, escolheu uma destas últimas, muito mal desenhada, toda crivadinha de pequeninas nervuras escuras, e pôs-se a contemplá-la. Quantas folhinhas teria, quantos bicos nas folhas e quantas nervuras? Sentia que as mãos e os pés lhe inchavam como se estivessem a paralisar-se; mas não se esforçava por mudar de posição e continuava com a vista teimosamente fixa na florzinha.

– Bom, e então o que se passa com o tal pintor? – perguntou Zósimov, interrompendo a loquaz Nastássia com certa má-vontade especial. Esta deu um suspiro e ficou calada.

– É que também lhe atribuíram o crime – prosseguiu Razumíkhin com veemência.

– Havia provas contra ele? Quais?

– Com mil diabos, que provas havia de haver? E, no fim de contas, quanto a provas há só uma, simplesmente não é uma prova, pois é preciso começar por prová-la. Passa-se o mesmo, com isto, que se passou quando prenderam e deram por implicados no caso esses… Kotch e Piestriakov. Ufa! Como isto está sendo mal conduzido! Sinto vergonha pelos outros! É possível que Piestriakov passe hoje também lá por casa… Olha, Rodka, tu já conheces essa história; deu-se antes da tua doença, precisamente na véspera do dia em que tiveste aquele desmaio no Comissariado, quando estavam comentando o

acontecimento…

Zósimov olhou com curiosidade para Raskólhnikov; este não fez movimento nenhum.

– Sabes uma coisa, Razumíkhin? Estou admirado com o entusiasmo que tomas por este caso! – observou Zósimov.

– Está bem, mas havemos de tirá-lo a limpo – gritou Razumíkhin descarregando uma punhada sobre a mesa. – Sabes o que mais me irrita em tudo isto? Não é que eles sejam uns imbecis; os enganos podem sempre perdoar-se; o erro é uma boa coisa, porque conduz à verdade. Não. O que é para lamentar é que, além de se enganarem, ainda admirem os próprios erros. Eu, a Porfíri, respeito-o, mas… Olha, por exemplo: o que foi que os desorientou logo desde o princípio? A porta estava fechada e, quando voltaram com o porteiro… encontraram-na aberta. Bem, pois isso quer dizer que Kotch e Piestriakov foram os assassinos. Já vês qual é a lógica deles!

– Não te irrites; a única coisa que fizeram foi prendê-los; não podiam fazer outra coisa… Olha, eu conheço esse Kotch, parece que comprava à velha os objetos que não chegavam a ser resgatados, não era?

– Sim, é um velhaco. Também compra promissórias. É um boa-vida. O diabo que o carregue! Mas não é isso o que me preocupa, compreendes? O que me custa é a rotina dessa gente, essa rotina antiquada, estúpida, é isso o que me revolta… Porque, repara: pode descobrir-se uma pista nova em todo este assunto. Fundando-nos só no dado psicológico, pode demonstrar-se como é preciso conduzirmo-nos na perseguição da verdade. “Nós atendemos aos fatos, que diabo!” Sim, mas os fatos não são tudo; pelo menos metade do caso assenta na maneira como se interpretam esses fatos.

– E tu sabes interpretar os fatos?

– Sim, não é possível uma pessoa calar-se quando sente, quando sente de um modo palpável que pode ajudar à solução do caso, quando… Ah! Tu conheces todos pormenores da coisa?

– Estou à espera do que ias dizer-me acerca do caiador!

– Ah, bem! Então ouve a história. Justamente anteontem, passados três dias sobre o crime, de manhã, quando eles ainda estavam às voltas com Kotch e Piestriakov – apesar de estes terem explicado todos os seus passos, que eram evidentes! – aconteceu de repente um fato absolutamente inesperado. Um certo camponês, chamado Dúchkin, dono duma taberna que fica em frente da casa onde se deu o crime, compareceu ao Comissariado, depositou ali um estojo de joias com uns brincos de ouro e contou esta história: "Anteontem à noite, aí pelas nove (estás reparando no dia e na hora?), veio procurar-me um operário, um caiador, o qual já anteriormente frequentava o meu estabelecimento, e que se chama Nikolai, e trouxe-me este estojozinho, que continha uns brincos de ouro, pedindo que os aceitasse como penhor, em troca de dois rublos; e quando eu lhe perguntei qual a origem dos brincos, explicou-me que os apanhara na rua. Não lhe perguntei mais nada sobre isto – assim disse Dúchkin – e dei-lhe uma notinha, ou seja, um rublo – porque calculei que se eu não desse, outro daria e, ademais, vinha tudo a dar no mesmo… Era para a bebida, e mais valia que eu tivesse o objeto em meu poder; assim está mais seguro, tenho-o à mão, e se depois se descobre ou se espalha algum boato, então o apresento". Bem, não há dúvida que isto é uma história da carochinha e que ele mente com quantos dentes tem na boca, porque eu conheço de sobra o tal Dúchkin, que é prestamista e receptador de furtos, e ele não ia ficar com um objeto que vale trinta rublos a Nikolai, para apresentá-lo depois. O caso é que teve medo. Bom, mas tem paciência, continua a ouvir-me – é Dúchkin quem continua falando. – "Eu conheço esse camponês, Nikolai Diemiéntiev, desde pequeno, pois é do nosso mesmo governo e distrito, de Zaráisk, e eu também sou de Riazan. Nikolai, sem ser o que se chama um bêbado, gosta da pinga, e todos nós sabíamos que ele trabalhava nessa casa, pintando paredes, juntamente com Mitriéi, que é também seu conterrâneo. Depois de receber a cautela, trocou-a, bebeu dois copinhos, aceitou o troco e foi-se embora; mas nessa altura Mitriéi não estava com ele. No outro dia chegou-nos a notícia de que Alíona Ivânovna e a irmã, Lisavieta Ivânovna, tinham sido assassinadas à machadada, e nós conhecíamos as duas, e logo ficamos com a suspeita, por causa dos brincos… porque nos constava que a falecida

emprestava dinheiro sobre penhores. Fui procurá-los nessa casa e pus-me a jogar verde, com muito cuidado; comecei por perguntar: 'Nikolai encontra-se aqui?'. Mitriéi respondeu-me que Nikolai andara na farra na noite anterior e que voltara para casa já de dia, bêbado, e depois de ter estado em casa uns dez minutos voltara a sair; e que ele, Mitriéi, não tornara a vê-lo, e que estava acabando o trabalho sozinho. O trabalho deles era feito um lance de escada abaixo da casa das vítimas, no segundo andar. Depois de ter ouvido aquilo não disse nada a ninguém – continuou dizendo Dúchkin – mas procurei informar-me de todos os pormenores que pude a respeito do duplo crime e voltei para casa com as suspeitas que já disse. Mas hoje de manhã, às oito, isto é, passados três dias, compreendem? vejo entrar Nikolai pela minha porta adentro, já um pouco embriagado, mas de maneira que ainda podia seguir uma conversa: senta num banco e fica calado. Além dele, nessa manhã estava ainda na taberna um homem desconhecido, e outro, um freguês, que dormia noutro banco, e os meus dois caixeiros: 'Viste Mitriéi?' – perguntei-lhe eu. 'Não – respondeu-me ele – não o vi.' 'E tu não estiveste ali?' 'Não – respondeu-me – desde anteontem?' 'E onde passaste esta noite?' 'Em Piéski – respondeu-me – com os de Kolomna.' 'E onde é que arranjaste esses brincos?' 'Encontrei-os na rua', e disse-o de uma maneira estranha, sem olhar para mim. 'Mas não ouviste dizer – disse-lhe eu – isto e aquilo, que tal noite, a tal hora, na escada tal, aconteceu…?' 'Não – disse ele – não ouvi dizer nada', e escutava-me com uns olhos muito abertos e, de repente, fez-se branco como a cal. Então lhe contei tudo, olhei para ele, ele pega o chapéu e se dispõe a levantar. Senti vontade de segurá-lo: 'Espera, Nikolai – digo-lhe eu – não queres beber qualquer coisa?'. E, entretanto, faço um sinal ao caixeiro para que segure na porta, saio de trás do balcão; eis senão que ele foge, mesmo nas minhas barbas, sai para a rua, escapole e enfia pela primeira ruela… Mal tive tempo de o ver". Então pus todas as minhas dúvidas de lado, porque o autor do crime é ele…

– Não há dúvida… – declarou Zósimov.

– Espera! Ouve o fim! É claro que se lançaram em perseguição de Nikolai com toda a força das suas pernas; prenderam Dúchkin, revistaram-lhe a casa, e a Mitriéi também; também fizeram

investigações entre os de Kolomna, e passados três dias encontraram de repente o próprio Nikolai e prenderam-no nas imediações da barreira[23] de***, numa estalagem. Tinha ido para aí, depois de se ter desfeito duma cruz de prata, e pediu em troca um frasco de aguardente, que lhe deram. Passados uns minutos, uma mulher dirige-se ao estábulo e vê por uma fresta que ele atara o seu cinturão a uma viga dum alpendre contíguo e feito um nó corredio, e, encavalitado em cima dum cepo, se dispunha a meter a cabeça por esse nó: a mulher teve a feliz ideia de gritar e acorreu gente. "Que vais fazer?" "Levem-me – disse ele – a qualquer Comissariado, que eu confessarei tudo!" Bem, então levaram-no, com as honras devidas, a um Comissariado, o deste distrito. Bom, aí começaram com as perguntas de costume: quem era, como foi, que idade tinha – vinte e dois – etc., etc. Perguntaram-lhe: "Quando estavas trabalhando com Mitriéi não viste ninguém na escada a tais e tais horas?". Resposta: "Como toda a gente sabe, entra ali muita gente; mas nós não reparamos em ninguém". "Mas não ouviste nada, nenhum barulho, ou qualquer coisa?" "Não ouvimos nada de especial." "Mas tu não soubeste, Nikolai, que nesse mesmo dia e a tal hora, tinham assassinado e roubado uma certa viúva e a irmã?" "Saber, não sabia, e também não o imaginava. A primeira notícia que tive disso foi por Afanássi Pávlitch, quando, passados três dias, lhe ouvi dizer na taberna 'E onde arranjaste os brincos?' 'Encontrei-os na rua.' 'E por que não foste trabalhar com Mitriéi no dia seguinte?' 'Porque apanhei uma bebedeira.' 'E onde apanhaste essa bebedeira?' 'Por aí.' 'E por que fugiste de Dúchkin?' 'Porque fiquei cheio de medo.' 'Mas de que é que tinhas medo?' 'De que me prendessem.' 'Como podias ter medo disso, se te sentias completamente inocente?'" Bem, quer acredites ou não, Zósimov, mas fizeram-lhe essa perguntazinha, nos mesmos termos em que eu a formulei, e sei de boa fonte, a transmitiram a mim textualmente. Que tal? Que tal?

– Não; mas se há provas?

– Eu não estou agora falando-te das provas, mas das perguntas, e de como eles compreendem a sua missão! Que vão para o diabo! Bem, tanto o atenazaram e apertaram, que ele acabou por declarar-se culpado: "Não foi na rua, diacho, que encontrei os brincos, mas no

andar onde estávamos trabalhando eu e Mitriéi.” “Mas como?” “Depois de ter estado ali pintando com Mitriéi durante todo o dia, até às oito e nos preparávamos para ir embora, Mitriéi vai e pega numa brocha e enlambuza-me a cara toda de tinta, deita a correr, e eu atrás dele. Eu o sigo, gritando-lhe coisas, e, ao sair da escada para o pátio, dou de cara com o porteiro e uns senhores, não sei quantos eram; o porteiro vai e insulta-me, e o outro porteiro também, a mulher do primeiro aparece e põe-se também a insultar-me, e um cavalheiro que estava nesse momento com uma senhora pôs-se também a ofender-me, porque eu e Mitka tínhamos rebolado pelo chão e lhe estorvávamos o caminho; eu tinha agarrado Mitka pelos cabelos e dava-lhe uma sova; e Mitka, apesar de estar debaixo de mim, também me agarrava pelos cabelos e me batia; mas não o fazíamos por mal, era por pura amizade, de brincadeira. Mas depois Mitka safou-se e correu para a rua, e eu saí também correndo atrás dele; mas como não consegui apanhá-lo, fui e voltei para o andar sozinho… porque precisava de arranjar aí as minhas coisas. Pus-me a fazê-lo, esperando que Mitka talvez voltasse. E então, no vestíbulo, ao canto da parede, vou e encontro um pequeno estojo. Olho, vejo-o ali no chão, embrulhado num papel. Tiro o papel, vejo uns parafusos muito pequeninos, puxo por eles e vejo uns brincos…”

– Atrás da porta? Estavam atrás da porta? Atrás da porta? – exclamou Raskólhnikov, de repente, lançando um olhar vago e assustado a Razumíkhin, e ergueu-se lentamente, apoiando-se sobre a mão, no divã.

– Sim… Por quê? Que tens tu? Que te interessa isso? – e Razumíkhin levantou também do seu lugar.

– Nada! – respondeu Raskólhnikov com uma voz quase imperceptível, tornando a recostar-se na almofada e a voltar-se de cara para a parede. Todos ficaram calados durante um momento.

– Devia estar meio adormecido, sonhando – disse finalmente Razumíkhin, olhando inquisidoramente para Zósimov, que lhe fez um sinal negativo com a cabeça.

– Bem… continua – disse Zósimov. – Que mais?

– Que mais? Pois o nosso homem, assim que viu os brincos esqueceu-se imediatamente do andar e de Mitka, pegou o gorro e deitou a correr para a taberna de Dúchkin, o qual, como já se sabe, lhe deu um rublo por eles; ele lhe pregou uma mentira dizendo-lhe que os encontrara na rua, e, ato contínuo, foi embebedar-se. Quanto ao duplo crime, mantém o que dissera: "Saber não sabia; estar a par, não estava, só três dias depois ouvi falar disso." "Mas por que não apareceste durante todo esse tempo?" "Porque tinha medo." "Mas por que querias enforcar-te?" "Por causa duma coisa". "Que coisa?" "Porque me iam processar." E aqui está a história toda resumida. E agora, sabes o que é que eles concluíram disto tudo?

– Nem sei o que hei de pensar. Seja como for, há provas, fatos. Mas puseram em liberdade o teu pintor?

– Sim, e o que fazem, agora, é imputar-lhe o duplo crime! Sobre este pormenor, já não têm a menor dúvida…

– Tu mentes, estás delirando. Pois vamos ver: e os brincos? Tu próprio hás de reconhecer que, quando nesse mesmo dia e a essa mesma hora, os brincos do estojo da velha vão parar às mãos de Nikolai… tu próprio hás de concordar que de alguma maneira foi. Não será nada despropositada uma investigação sobre esse ponto.

– Como é que aí foram parar? Como é que foram parar? – exclamou Razumíkhin. – Por casualidade, meu caro doutor; tu, que antes de mais nada, o que tens é obrigação de conhecer o homem e tens mais oportunidades do que os outros de estudar a natureza humana… não vês, por todos estes dados, que tipo de indivíduo é esse tal Nikolai? Não vês que tudo quanto ele declarou, desde o primeiro instante, em resposta a esse interrogatório, é uma verdade sacrossanta? Foi isso, vieram parar-lhe às mãos, conforme ele disse. Encontrou-os no estojo e apanhou-os rapidamente!

– Uma verdade sacrossanta! No entanto! No entanto, ele próprio confessou que, a princípio, mentira.

– Escuta-me, escuta-me atentamente: tanto o porteiro como Kotch e Piestriakov, e o outro porteiro, e a mulher do primeiro porteiro, e a vendedora que naquele momento se encontrava na portaria, e o

conselheiro da Corte, Kriúkov[24], que precisamente nesse momento se apeava de um coche e entrava no pátio pelo braço duma senhora… Todos, isto é, oito ou dez testemunhas, afirmam unanimemente que Nikolai atirara Dmítri ao chão, que estava por cima dele e lhe batia, enquanto ele, por seu lado, segurava-o pelos cabelos e também lhe batia. Estavam os dois caídos transversalmente e estorvavam o caminho; todos os insultavam, como a uns rapazinhos (expressão literal das testemunhas), estavam um em cima do outro, guinchavam, batiam-se e riam, riam a bandeiras despregadas, com as chalaças mais pesadas, e depois perseguiam-se mutuamente, tal como as crianças que correm pela rua. Ouviste? Agora repara: os cadáveres, lá em cima, ainda estavam quentes, estás ouvindo, quentes, como também os encontraram assim! Se tivessem sido eles os criminosos, ou apenas Nikolai, se ele tivesse roubado a arca por arrombamento, ou tivesse simplesmente tomado parte no furto, peço-te o favor de fazeres somente esta pergunta: serão compatíveis, por acaso, tal disposição de espírito, isto é, esses gritos, essas risotas, essa rixa infantil mesmo à porta… Com o machado, o sangue, e a criminosa astúcia, os cuidados e o roubo? Imediatamente depois de terem cometido o duplo assassinato, uns cinco ou dez minutos depois… assim o confirmam os cadáveres, ainda quentes… deixam os cadáveres e o andar aberto, sabendo que de um momento para o outro entraria ali gente, e, abandonando o seu saque, eles, como umas criancinhas, atravessam-se no caminho, põem-se a rolar pelo chão e a rir, chamando assim a atenção de toda a gente, e ainda por cima há dez testemunhas unânimes que dão fé de tudo isto!

– Não há dúvida que é estranho! É mesmo impossível; mas, no entanto…

– Não, meu amigo, não há mas, nem meio mas. Se os brincos, que nesse dia e àquela hora se encontravam em poder de Nikolai, constituem uma acusação importante contra ele, o que, aliás, as suas declarações explicam muito bem, sendo por conseguinte uma acusação discutível, neste caso é preciso tomar também em consideração os outros indícios favoráveis, tanto mais que são incontrovertíveis. E julgas tu que, pelo que respeita ao caráter da nossa jurisprudência, eles tomam ou são capazes de tomar esse fato, que se baseia só e

exclusivamente na impossibilidade psicológica, na disposição de espírito, por um fato indiscutível, que deite por terra todos os fatos acusadores e materiais, sejam eles quais forem? Não, não o consideram assim, e não o consideram assim porque o indivíduo encontrou o estojo e depois quis suicidar-se, coisa que não teria sido possível se ele não se sentisse culpado! Aqui é que está o ponto mais importante, é isto o que me exaspera. Compreendes?

– Bem vejo que te exaspera! Mas espera, esqueci-me de perguntar: como é que puderam provar que o estojo e os brincos procediam do cofre da velha?

– Isso está demonstrado – respondeu Razumíkhin franzindo o sobrolho e como de má vontade – Kotch reconheceu o objeto e indicou o seu dono, e este declarou redondamente que era aquela.

– Mau. Agora outra coisa: ninguém viu Nikolai enquanto Kotch e Piestriakov subiram, e não seria possível provar tudo isto?

– Aí é que está o *quid*: é que ninguém o viu, – acrescentou Razumíkhin, contrariado. – Isso é que irrita; nem sequer Kotch e Piestriakov os viram subir ao andar, embora o seu testemunho não signifique grande coisa. “Viram – dizem eles – que o andar estava aberto, que devia lá haver gente trabalhando; mas, quando passaram, não repararam nisso, nem puderam ver se, exatamente nesse momento, havia ali operários trabalhando ou não.”

– Hum! Em resumo: não há outra justificação para eles senão a de estarem a bater-se mutuamente e a rir. Admitamos que seja uma prova poderosa; mas… Deixa-me fazer outra pergunta: como explicas tu todo esse fato? O achado dos brincos, como o explicas tu, se, de fato, foram eles que os encontraram, como dizem?

– Como é que eu o explico? Mas há necessidade de explicá-lo? Se a coisa está claríssima! Pelo menos o caminho que o juiz de instrução, que superintende no assunto, é claro e terminante, e, sobretudo, é o estojo que o indica. O verdadeiro criminoso deixou cair esses brincos. O assassino estava lá em cima quando Kotch e Piestriekov chamaram à porta, e tinha-a fechada por dentro. Kotch fez uma tolice em descer também; então o assassino saiu e esgueirou-se pelas escadas abaixo,

visto que não havia outra saída. Na escada escondeu-se de Kotch, de Piestriakov e do porteiro, no andar desalugado, precisamente no momento em que Dmítri e Nikolai acabavam de sair dali correndo; ficou à espreita atrás da porta, enquanto o porteiro e aqueles subiam; esperou que desaparecesse o ruído dos seus passos e então deslizou pelas escadas abaixo, com a maior tranquilidade, exatamente no momento em que Dmítri e Nikolai saíam correndo para a rua, e todos se dispersavam e já não havia ninguém na porta. Pode até ter sucedido que o tivessem visto, mas não repararam nele. Entra e sai ali tanta gente! Mas o estojo caiu-lhe do bolso enquanto estava escondido atrás da porta e ele não deu por isso, ele podia lá ter reparado então numa coisa dessas! O estojo demonstra claramente que ele esteve ali escondido. Aí tens como as coisas se passaram

– Bem imaginado! Não, meu amigo, não se pode negar que não esteja bem imaginado! Admiravelmente inventado!

– Mas por que, por que, por quê?

– Porque tudo isto está demasiadamente bem urdido… e combinado… Tal como no teatro.

“Ah!”, esteve quase a gritar Razumíkhin; mas nesse momento a porta abriu-se e entrou uma nova personagem, que nenhum dos presentes conhecia.

## Capítulo IV

Era um cavalheiro, já não muito jovem, muito empertigado e solene, o rosto reservado e sereno, o qual começou por ficar parado à porta, olhando à sua volta com um espanto que ostensivamente não procurava dissimular, e como se perguntasse com o olhar: “Onde é que eu me vim meter?”. Contemplou com receio e fingindo até um certo susto e quase despeito, o estreito e baixo “camarote de barco” de Raskólhnikov. Com a mesma estupefação mudou logo a direção do olhar e fixou-o em Raskólhnikov, que, também imóvel, em trajes menores, despenteado, sem se ter ainda lavado, prostrado no seu divã misérrimo e ensebado, olhava para ele. Depois pôs-se a contemplar

com a mesma meticulosidade a descuidada figura de Razumíkhin, por barbear e pentear, e que por sua vez o fixava diretamente nos olhos, de uma maneira impertinente e interrogativa, sem sequer se mover do seu lugar. O aborrecido silêncio prolongou-se por um momento, até que, finalmente, e como era de esperar, se produziu uma leve mudança no cenário. Tendo compreendido certamente, por alguns indícios, aliás bastante claros, que aquela solenidade altiva e severa não se impunha a ninguém naquele camarote de barco, o visitante dulcificou-se um pouco, e com um tom de voz cortês, ainda que um pouco arrastada, dirigiu-se a Zósimov, e, destacando as sílabas da sua pergunta, interrogou-o:

– Rodion Românovitch Raskólhnikov? Um senhor estudante ou ex-estudante?

Zósimov endireitou-se lentamente, e pode ser que lhe tivesse respondido se Razumíkhin, ao qual não se tinham dirigido, não se tivesse apressado a responder:

– Ei-lo ali, estendido naquele divã! Mas que deseja?

A familiaridade daquele “Mas que deseja?” ofendeu o presumido senhor; esteve quase a encarar Razumíkhin; mas conseguiu dominar-se e voltou-se em seguida outra vez para Zósimov.

– Aí tem Raskólhnikov – disse Zósimov com indolência, apontando com a cabeça para o doente, depois do que bocejou, abrindo desmedidamente a boca e mantendo-a durante um tempo excessivo nessa posição. Depois, lentamente, tirou do bolso do colete um relógio de ouro, enorme, maciço, levantou a tampa, viu as horas e, com a mesma lentidão e indolência, tornou a guardá-lo no bolso.

Por seu lado Raskólhnikov permaneceu durante todo esse tempo estendido, silencioso, virado para cima e olhando o visitante obstinada mas distraidamente. O seu rosto, que acaba de desviar da curiosa florzinha do papel da parede, estava extremamente pálido e exprimia um sofrimento extraordinário, como se tivesse acabado de sofrer uma operação dolorosa e padecer uma tortura. Mas, pouco a pouco, o visitante começou a despertar nele uma atenção cada vez maior; depois uma suspeita, e, finalmente, desconfiança e até medo. Quando

Zósimov o apontou dizendo: “Aí tem Raskólhnikov”, ergueu-se de repente, quase de um salto; sentou no divã e, com uma voz quase arrastada, embora sincopada e fraca, proferiu:

– Sim! Eu sou Raskólhnikov! Que deseja?

O visitante olhou para ele atentamente, e, em tom digno, declarou:

– Piotr Pietróvitch Lújin. Estou absolutamente convencido de que o meu nome não lhe deve ser completamente desconhecido.

Mas Raskólhnikov, que esperava algo completamente diferente, continuou a olhá-lo de uma maneira estúpida e cavilosa, e nada respondeu, como se fosse essa a primeira vez que escutava o nome de Piotr Pietróvitch.

– O quê? É possível que não tenha sabido de nada até agora? – perguntou Piotr Pietróvitch um pouco enfadado.

A resposta de Raskólhnikov foi deixar cair lentamente a cabeça sobre a almofada, passar a mão debaixo da cabeça e pôr-se a olhar para o teto. A cara de Piotr Pietróvitch denotava aborrecimento. Zósimov e Razumíkhin observavam-no com grande curiosidade, até que ele, por fim, perdeu visivelmente a calma:

– Eu supunha, contava que… – balbuciou – a carta posta no correio já há mais de dez dias, talvez há duas semanas…

– Mas, escute, por que continua aí, à porta, de pé? – interrompeu-o Razumíkhin de repente. – Se tem alguma coisa a explicar, entre e sente; agora os dois, o senhor e Nastássia, não cabem os dois aí juntos! Nástiuchka, afasta-te para o lado, deixa passar! Entre de uma vez; olhe, tem aí uma cadeira, aí! Entre sem cerimônia!

Afastou a cadeira da mesa, deixou um espaço entre esta e os seus joelhos, e esperou, numa posição um pouco forçada, que o visitante atravessasse por esse intervalo. O momento era tão crítico que não era possível recusar, e o visitante passou por essa estreiteza, atropelando e tropeçando. Assim que chegou à cadeira sentou e ficou a olhar com

indignação para Razumíkhin.

– Não se preocupe – disse-lhe ele – Rodka esteve cinco dias doente e três delirando; mas agora já não tem febre e até já comeu com apetite. Este, que aqui vê, é o médico dele, que acabou precisamente agora de observá-lo, e eu sou um companheiro de Rodka, também ex-estudante, e agora, como pode ver, estou a prestar-lhe assistência; por isso não se preocupe conosco, nem esteja com rodeios, e explique o que deseja.

– Muito obrigado. Mas não prejudicarei o doente com a minha presença e a minha conversa? – perguntou Piotr Pietróvitch dirigindo-se a Zósimov…

– Não… não! – balbuciou Zósimov. – Até pode ser que o distraia – e tornou a bocejar.

– Oh, há já algum tempo que recuperou a lucidez, desde esta manhã! – continuou Razumíkhin, cuja familiaridade tinha um tal cunho de ingenuidade que Piotr Pietróvitch reconsiderou e começou a ganhar coragem, talvez também, em parte, devido àquele charlatão insolente se ter apresentado como estudante.

– A sua mamãe… – começou Lújin.

– Hum! – pigarreou Razumíkhin com força. Lújin olhou-o interrogativamente.

– Não é nada, tenho este costume; continue…

Lújin encolheu os ombros.

– A sua mamãe, quando eu ainda estava lá, começou a escrever uma carta para o senhor. Quando eu cheguei aqui, deixei passar uns dias, de propósito, antes de vir vê-lo, para ter assim a certeza de que o senhor já estava a par de tudo; mas agora vejo com assombro…

– Já sei, já sei! – exclamou Raskólhnikov, de repente, com uma expressão do maior desgosto. – É o senhor! O noivo! Bem, pois já sei! E basta!

Piotr Pietróvitch sentiu-se vivamente ofendido, mas ficou calado. Esforçando-se por se dominar, procurava compreender que significava tudo aquilo. Houve um minuto de silêncio.

Entretanto, Raskólhnikov, que se voltara levemente para ele, para lhe responder, pôs-se de súbito a examiná-lo outra vez, de alto a baixo, com uma curiosidade especial, como se alguma coisa de novo nele lhe tivesse chamado a atenção, e para isso até se ergueu da almofada. De fato, em todo o aspecto de Piotr Pietróvitch havia qualquer coisa de especial que chocava e, sobretudo, algo que parecia justificar aquela denominação de "noivo" que acabavam de aplicar-lhe, assim de chofre. Em primeiro lugar era evidente, e era até sobretudo notável, que Piotr Pietróvitch se tivesse aproveitado dos poucos dias em que estava na capital para brunir-se e alindar-se, enquanto esperava a sua prometida, o que, afinal, era uma coisa natural e inocente. Até a sua impressão pessoal, demasiado satisfatória talvez, de que nele se operara uma transformação favorável, se podia perdoar naquela ocasião, visto que Piotr Pietróvitch pertencia à categoria dos noivos. O seu traje era acabadinho de sair do alfaiate, e era impecável, a não ser talvez por ser demasiado vistoso e deixar transparecer com demasiada evidência aquilo a que se destinava. Até o chapéu coco, elegante, novinho, mostrava a que se destinava: Piotr Pietróvitch parecia tratá-lo com excessivo respeito e segurava-o na mão com o maior cuidado. Também o magnífico par de luvas lilás, marca Jouvin, autêntica, mostrava o mesmo, embora fosse somente pelo fato de não as ter calçado, e apenas seguras na mão, para vista. No traje de Piotr Pietróvitch predominavam as cores claras e juvenis. Trazia uma bonita jaqueta cor de canela clara, umas calças de verão também claras, com colete igual, uma camisa fina, acabada de estrear, uma gravata de batista finíssima, com listras cor-de-rosa, e o melhor era que tudo isto se harmonizava perfeitamente com a figura de Piotr Pietróvitch. O seu rosto, muito fresco e até bonito, não precisava de nada disso para não parecer os seus quarenta e cinco anos. Umas suíças escuras, em forma de costeleta, punham uma nota agradável na sua cara e alargavam-se graciosamente de ambos os lados da barba, cuidadosamente rapada. Até o cabelo, aliás já um pouco grisalho, penteado e ondulado pelo cabeleireiro, não apresentava por isso nada de ridículo nem de estúpido, como costuma acontecer sempre com os

cabelos frisados artificialmente, pois dá a um indivíduo uma semelhança fatal com um alemão quando vai casar-se. Se havia qualquer coisa de antipático e desagradável naquela fisionomia era devido a outras razões. Depois de ter olhado com o maior descaramento para o Senhor Lújin, Raskólhnikov sorriu amargamente, tornou a recostar-se na almofada e pôs-se, como anteriormente, a olhar para o teto.

Mas o Senhor Lújin ganhou coragem e, pelo visto, resolveu não reparar por enquanto nessas extravagâncias.

– Sinto muito, muitíssimo, vir encontrá-lo em semelhante estado – começou novamente, interrompendo o silêncio com um esforço. – Se soubesse que estava doente, já teria vindo. Mas, os negócios, como sabe… Além disso tenho agora um assunto importantíssimo da minha profissão forense, no Senado. É escusado falar-lhe desses assuntos, já deve calcular como são. Estou à espera da sua mãe e da sua irmãzinha, de um momento para o outro…

Raskólhnikov movimentou-se e parecia que ia dizer qualquer coisa: no seu rosto refletiu-se uma leve animação. Piotr Pietróvitch fez uma pausa, esperou, mas, como ele não dizia nada, continuou:

– De um momento para o outro. Por agora, já lhes arranjei quarto…

– Onde? – perguntou debilmente Raskólhnikov.

– Muito perto daqui, no edifício Bakaliéiev[25]…

– Fica no Próspekt Vosniessiénski – interrompeu-o Razumíkhin. – Aí há dois andares para hóspedes, cujo dono é o comerciante Iúchin; eu estive lá…

– Sim, tem quartos mobiliados…

– Tudo quanto há de mais repugnante: sujidade, mau cheiro e, além disso, é uma casa suspeita; passaram-se lá coisas muito feias, e sabe Deus a gente que lá mora… Eu próprio fui lá por causa de uma aventurazinha… escandalosa. No entanto é baratinho, lá isso é…

– É claro que eu não podia saber tão bem dessas coisas, sou um estranho aqui – respondeu Piotr Pietróvitch um tanto azedo. – Mas, seja como for, ofereceram-me aí dois quartos esplêndidos e com tanta rapidez… Já escolhi um outro, que há de ser o nosso verdadeiro quarto – e dirigiu-se a Raskólhnikov – mas, agora, ainda o estão arrumando e, entretanto, eu também estou hospedado, a dois passos daqui, em casa da Senhora Lippewechsel, no andar dum jovem amigo meu, Andriéi Siemiônovitch Liebiesiátnikov; foi ele quem me indicou a casa Bakálieiev.

– Liebiesiátnikov? – interveio, imediatamente, Raskólhnikov, como se se tivesse lembrado de qualquer coisa.

– Sim, Andriéi Siemiônitch Liebiesiátnikov, que trabalha no Ministério. Conhece-o?

– Sim… Não… – respondeu Raskólhnikov.

– Desculpe, mas pareceu-me que o conhecia, a julgar pela sua pergunta. Em tempos, eu fui tutor dele… É um rapaz muito novo… e de ideias avançadas… Eu gosto muito de conviver com gente nova; deles, aprendem-se sempre coisas novas – e Piotr Pietróvitch olhou com esperança para todos os presentes.

– Em que sentido diz o senhor isso? – perguntou-lhe Razumíkhin.

– No sentido mais sério, por assim dizer, no sentido essencial – encareceu Piotr Pietróvitch, como se tivesse ficado satisfeito com a pergunta. – Havia já dez anos que eu não vinha a Petersburgo. Todas estas nossas novidades, reformas, ideias, tudo isto chega também até nós, os das províncias; mas para ver as coisas claramente – para ver tudo, é necessário estar em Petersburgo. Bem, e o meu pensamento era que a melhor maneira de observar e aprender era estudar as nossas novas gerações. Eu confesso, fiquei entusiasmado.

– Com que, concretamente?

– A sua pergunta é muito vasta. Posso estar enganado, mas parece-me que aqui há vistas mais largas, por assim dizer; mais crítica, mais sentido prático…

– Lá isso é verdade – disse Zósimov com indiferença.

– Isso é mentira, esse sentido prático não existe – interveio Razumíkhin. – O sentido prático é difícil de criar, e não cai do céu aos trambolhões. E nós quase há duzentos anos que temos as costas voltadas a tudo quanto é prático… Ideias, sim, pululam – e encarou Piotr Pietróvitch – o desejo do bem existe, embora sob uma forma pueril, e honestidade também se encontra, apesar de que, visíveis ou encobertos, abundam os velhacos; mas pelo que respeita a sentido prático, não existe de maneira nenhuma. Quanto a senso prático, nada!

– Não estou de acordo com o senhor – objetou com visível prazer Piotr Pietróvitch – não há dúvida de que existem exageros, irregularidades; mas é preciso ser indulgente. Os exageros são o testemunho do entusiasmo pelos empreendimentos e do ambiente exterior anormal em que se realizam. Se o que está feito ainda é pouco, não se esqueça de que também ainda tivemos pouco tempo. Nos meios, nem falo. A minha opinião pessoal, se isso não lhe pesa, é que alguma coisa se tem feito; espalharam-se pensamentos novos, úteis; publicaram-se obras novas, úteis, em vez dessas antigas, sonhadoras e fantasistas; a literatura apresenta um caráter mais amadurecido; arrancaram-se e ridiculizaram-se muitos preconceitos… Enfim, afastamo-nos para sempre do passado, e parece-me que isto já é alguma coisa.

– Já trazia isso tudo engatilhado! Para fazer vista! – exclamou de repente Raskólhnikov.

– O quê? – perguntou Piotr Pietróvitch, que não ouvira bem, mas sem obter resposta.

– Tudo isso é verdade – apressou-se Zósimov a observar.

– Então não é? – prosseguiu Piotr Pietróvitch, dirigindo um olhar amigável a Zósimov. – O senhor mesmo há de reconhecer – continuou, dirigindo-se a Razumíkhin, mas já com indícios de uma certa arrogância e superioridade; e quase acrescentava: “rapaz” – que há um avanço, ou, como se diz agora, um progresso, ainda que seja apenas no terreno da ciência e do direito econômico…

– Isso é um lugar comum!

– Não, não é um lugar comum! Se a mim, por exemplo, em outro tempo, me tivessem dito: “Ama o teu próximo”, e eu o tivesse amado, que teria resultado disso? – continuou a dizer Piotr Pietróvitch, talvez com demasiada pressa. – O resultado seria eu ter rasgado o meu caftã em dois, tê-lo repartido pelo próximo, e ficaríamos os dois desremediados, como diz o ditado russo: “Persegue várias lebres ao mesmo tempo que ficarás sem nenhuma”. Mas a ciência diz: “Antes de mais ama-te a ti próprio, porque tudo no mundo está baseado no interesse pessoal. Se te amares a ti próprio farás os teus negócios como deve ser, e o teu caftã permanecerá inteiro”. O direito econômico diz-nos que quanto mais negócios particulares existem na sociedade e, por assim dizer, mais caftãs inteiros, tanto melhor para a firmeza dos seus fundamentos e tanto melhor para a gestão do negócio coletivo. Por isso, cuidando única e exclusivamente de mim, é precisamente a maneira de também cuidar dos outros e fazer com que o meu próximo receba mais qualquer coisa do que um caftã partido em dois, e isto sem ser devido a mercês particulares e únicas, mas como consequência do progresso geral. Ideia simplicíssima, mas que, por infelicidade, só demasiado tarde se concebeu e acabou por ser suplantada pelos entusiasmos e pelos sonhos; apesar de que, segundo parece, não é preciso muita esperteza para compreender…

– Desculpe, mas eu também não sou nada esperto – atalhou bruscamente Razumíkhin. – Por isso não continue. Repare que eu comecei falando com uma finalidade concreta; mas, a mim, toda essa facúndia narcisista, todas essas vacuidades, todos esses intermináveis lugares comuns, e todo esse falar por falar me fartaram de tal maneira, durante três anos, que eu juro que me envergonho quando os outros, não eu, se põem a discutir assim na minha presença. O senhor, naturalmente, está ansioso por estender os seus conhecimentos, o que é muito digno, e eu não o censuro. Mas eu, agora, só queria saber quem é o senhor, porque, repare: ultimamente têm-se metido nos assuntos públicos tantos “cavalheiros de indústria”, e a tal ponto se entregam à busca de tudo quanto se lhes afigura ser o seu próprio interesse, que, decididamente, deitaram tudo a perder. Bem, mas já chega!

– Com certeza – começou por dizer Lújin com um ar de dignidade ofendida – que o senhor não quer dar a entender, assim, sem mais nem menos, que eu também…

– Por favor, por favor… Eu não seria capaz disso! – respondeu Razumíkhin, e, bruscamente, pôs-se a reatar o seu anterior diálogo com Zósimov.

Piotr Pietróvitch. parecia ter suficiente inteligência para aceitar como boa essa explicação. Demais, havia já dois minutos que tomara a resolução de retirar-se.

– Espero que esta nossa nascente amizade – disse encarando Raskólhnikov – se fortalecerá ainda mais assim que esteja completamente restabelecido e em virtude das circunstâncias que já sabe… Desejo-lhe sobretudo saúde…

Raskólhnikov nem sequer moveu a cabeça; Piotr Pietróvitch começou a levantar da cadeira.

– Não há dúvida, quem a matou foi um dos seus clientes – afirmou Zósimov com energia.

– É mais que certo, foi um dos clientes! – concordou Razumíkhin. – A Porfíri, não há ninguém que lhe tire isto da cabeça, mas, no entanto, interrogou os clientes da velha…

– Interrogou os clientes? – perguntou Raskólhnikov em voz alta.

– Sim; por que perguntas isso?

– Por nada.

– Mas como é que ele dá com eles? – perguntou Zósimov.

– Uns, foi Kotch que indicou; outros tinham os nomes escritos nos invólucros dos objetos empenhados, e outros também se apresentaram espontaneamente, assim que souberam…

– Bem, mas devia ser um canalha astuto e habituado! Mas que resolução!

– Nada disso! – interrompeu Razumíkhin. – Isso é o que vos desorienta a todos. Mas, para mim… trata-se de um indivíduo inábil, sem prática e, com certeza, este deve ter sido o seu primeiro passo. Se supuserem que é um canalha astuto, tudo se torna inverossímil. Mas suponham, pelo contrário, que se trata de um indivíduo sem prática, verão logo claramente que foi apenas a casualidade que o livrou de apuros; o acaso pode muito. Até pode ser que ele não previsse o que ia fazer. Rouba objetos que podem valer dez, vinte rublos; guarda-os nos bolsos e põe-se a rebuscar no baú da velha, por entre os trapos… e, entretanto, na cômoda, na gaveta, numa caixinha, havia mil e quinhentos rublos em metal sonante, sem contar com as cautelas! E nem sequer soube roubar, só soube matar! Era o seu primeiro passo, repito-te, o seu primeiro passo; atrapalhou-se! E não foi o cálculo, mas apenas a casualidade, que o livrou de dificuldades!

– Pelo visto estão falando do recente assassinato da velha usurária – interveio, dirigindo-se a Zósimov, Piotr Pietróvitch, que já estava de pé com o chapéu e com as luvas na mão, mas que queria dizer algumas frases inteligentes antes de ir embora. Parecia que se esforçava por impressionar e a vaidade transtornava-lhe o raciocínio.

– Sim; ouviu falar disso?

– Claro que ouvi! Entre os vizinhos…

– E está a par de todos os pormenores?

– Não posso precisar; mas, a mim, em tudo isto há outra circunstância que me interessa e que é já, por assim dizer, um problema. Já não quero falar de que a delinquência, entre as classes baixas, nos últimos cinco anos sofreu um grande incremento; também não falo dos contínuos roubos e incêndios; o mais estranho de tudo, para mim, é que também nas classes elevadas da sociedade aumentou igualmente a criminalidade e, por assim dizer, paralelamente. Aqui é um antigo estudante que assalta uma carruagem de correio em plena estrada; ali, indivíduos de ideias avançadas e que ocupam uma boa posição social… põem-se a fabricar moeda falsa; além, em Moscou, prendem um bando inteiro de falsários que operavam na loteria do último sorteio… e vê-se que um dos principais comprometidos é um

catedrático de História Universal; noutro lado assassinam um dos nossos secretários no estrangeiro para o roubarem e também por alguma outra obscura razão… E se agora se chega à conclusão de que essa velha prestamista foi assassinada por algum indivíduo das classes elevadas, uma vez que os camponeses não tem objetos de ouro para empenhar, como explicar este desenfreamento duma boa parte da nossa sociedade civilizada?

– A mudança das condições econômicas contribui grandemente para isso – disse Zósimov.

– Mas como explicá-lo? – interveio Razumíkhin. – Pode explicar-se pela nossa excessiva falta de sentido prático.

– Que quer dizer com isso?

– Sabe o que respondeu em Moscou esse catedrático a que se referiu, à pergunta sobre o motivo por que falsificara notas: “Toda a gente enriquece de várias maneiras e, por isso, eu também quis enriquecer”. Não me recordo das palavras exatas, mas a ideia era essa: enriquecer fácil e rapidamente, e com pouco custo! Estão acostumados a viver com toda a moderação, apelam para os auxílios alheios, comem coisas já mastigadas. Bem, depois, quando lhes chega a hora, cada qual mostra aquilo que é…

– Não há dúvida, mas a moral? E, por assim dizer, as leis…

– Mas por que se preocupa? – interveio Raskólhnikov inesperadamente. – Tudo isso deriva das suas próprias teorias!

– Como das minhas teorias?

– Desenvolva o senhor até às suas consequências aquilo sobre que acaba de dissertar e verá como se pode matar toda a gente…

– Por favor! – exclamou Lújin.

– Não, não é isso! – observou Zósimov.

Raskólhnikov estava estendido, pálido, com o lábio superior tremente, e a respiração ofegante.

– Mas há um meio termo em tudo – continuou Lújin altivamente – a ideia econômica não é, no entanto, um convite ao assassinato, e supondo somente…

– Mas é verdade ou não? – tornou a atalhar Raskólhnikov, com uma voz trêmula de cólera e que deixava transparecer uma alegria ofensiva. – É verdade que o senhor disse à sua noiva… no próprio instante em que obteve o seu consentimento, que aquilo que lhe agradava acima de tudo era… o fato de ela ser pobre… porque é preferível casar com uma mulher pobre para ter domínio sobre ela… e poder lançar-lhe em rosto que é nossa protegida?

– Senhor! – exclamou Lújin colérico e irritado, muito vermelho e desconcertado. – Senhor! Desvirtuar assim o meu pensamento! Desculpe, mas eu tenho obrigação de demonstrar-lhe que os boatos que chegaram até aos seus ouvidos não têm o menor fundamento, e eu… eu já imagino quem… Numa palavra… Essa alusão… Em resumo: a sua mãe… Mesmo sem falar nisso, ela já tem demonstrado, juntamente com outras indubitáveis boas qualidades, uns certos entusiasmos fantasiosos na sua maneira de pensar… Mas eu, no entanto, estava muito longe de supor que pudesse vir a imaginar as coisas com esse aspecto deformado pela fantasia… E, finalmente…

– Sabe uma coisa? – exclamou Raskólhnikov endireitando-se na almofada e lançando-lhe um olhar fixo, penetrante e cintilante. – Sabe uma coisa?

– O quê? – Lújin deteve-se e aguardou com uma expressão ofendida e de desafio. Houve um silêncio durante uns segundos.

– Que, se alguma outra vez o senhor torna a ter a ousadia de dizer uma só palavra… a respeito da minha mãe… irá de roldão por essa escada abaixo!

– Mas que tens tu? – exclamou Razumíkhin.

– Ah, então é assim?! – Lújin empalideceu e mordeu o lábio. – Escute, senhor – começou depois de uma pausa e reunindo todas as suas energias para se conter, e respirando ofegantemente – eu, há um momento, desde que aqui entrei, adivinhei a sua antipatia, mas fiquei

aqui para o conhecer melhor. Posso perdoar muita coisa a um doente e a um parente, mas agora já… ao senhor… nunca!

– Eu não sou um doente? – exclamou Raskólhnikov…

– É pior do que isso…

– Vá para o diabo!

E Lújin saiu sozinho, sem acabar a frase, tornando a abrir caminho dificilmente por entre a mesa e a cadeira; dessa vez Razumíkhin levantou para dar-lhe passagem. Sem olhar para ninguém e sem fazer sequer uma inclinação de cabeça a Zósimov, o qual lhe fazia sinais para que deixasse o doente em paz, Lújin retirou-se, levantando por precaução o chapéu à altura do ombro, e teve de agachar-se para atravessar a porta. Até a maneira de dobrar as costas revelava o terrível ressentimento que levava.

– Mas é possível, é possível que tu sejas assim? – disse Razumíkhin, perplexo, movendo a cabeça.

– Deixa-me, deixem-me todos! – gritou Raskólhnikov com fúria. – Deixem-me de uma vez, verdugos! Eu não tenho medo de vocês! E agora já não tenho medo de ninguém, de ninguém! Fora daqui! Quero estar só, só, só!

– Vamo-nos! – disse Zósimov fazendo um sinal a Razumíkhin.

– Mas nós podemos deixá-lo assim?

– Vamos! – insistiu Zósimov e saiu. Razumíkhin refletiu e foi atrás dele.

– Seria pior se não lhe tivéssemos ligado importância – disse Zósimov, já na escada. – Não convém irritá-lo…

– Mas que tem ele?

– Se ao menos lhe acontecesse qualquer coisa de agradável! Há pouco estava bem… Não há dúvida que imagina qualquer coisa! Qualquer ideia fixa, dolorosa… Tenho muito medo que seja isso,

porque, então, já não teria remédio!

– Este senhor Piotr Pietróvitch está metido no caso! Das suas palavras conclui-se que vai casar com a irmã, e que Rodka, antes de cair doente, recebeu uma carta sobre o caso…

– Sim, foi o diabo ele ter aparecido agora; pode ser que tenha posto tudo a perder. Mas já reparaste que ele se mostra indiferente a tudo e está sempre calado, a não ser quando se toca num ponto, que o põe fora de si: esse tal crime?

– Sim, sim! – concordou Razumíkhin. – Eu também já reparei nisso! Fica interessado e assustado. Já no primeiro dia da sua doença ficou assustado; quando estava no Comissariado, onde desmaiou.

– Esta noite hás de contar-me isso mais pormenorizadamente, e eu depois também te contarei uma coisa. O caso interessa-me muito! Dentro de meia hora voltarei a vê-lo… Aliás, uma congestão não é de recear…

– Graças a ti! Entretanto eu esperarei por ti com Páchenka, e estarei a par de tudo por Nastássia!

Quando ficou sozinho, Raskólhnikov olhou com impaciência e aborrecimento para Nastássia; mas esta não se dispunha a sair.

– Queres chá? – pergunta-lhe.

– Logo! Agora, o que quero, é dormir. Deixa-me…

Voltou-se convulsivamente de cara para a parede; Nastássia saiu.

## Capítulo V

Mal ela saiu, ele levantou, fechou a porta, desfez o embrulho que Razumíkhin trouxera e que atara de novo, e começou a vestir-se. Coisa estranha: parecia que, de repente, se apoderara dele uma tranquilidade absoluta; não se encontrava no estado de semi-delírio, como antes, nem de temor pânico, como nos últimos tempos. Era esse o seu primeiro momento de certa, rara e repentina serenidade. Os seus

movimentos eram precisos e claros, e neles transparecia uma intenção firme: “Hoje mesmo, hoje mesmo!” murmurava para consigo. Compreendia, no entanto, que ainda estava fraco, mas uma excitação espiritual violentíssima, que raiava pela apatia, pela ideia fixa, infundia-lhe forças e serenidade; quanto ao mais, esperava não cair na rua. Depois de se ter vestido completamente de novo, olhou para o dinheiro que estava em cima da mesa, refletiu um momento e guardou-o no bolso. Eram vinte e cinco rublos. Pegou também em todas as moedas de cobre, que constituíam a demasia dos dez rublos trocados por Razumíkhin na compra do vestuário. Depois, devagarinho, correu o fecho da porta, saiu do quarto, começou a descer as escadas e deitou um olhar para a porta da cozinha, aberta de par em par. Nastássia estava de costas e soprava sobre o samovar da dona da casa. Não deu por ele. E quem é que podia imaginar que ele fosse sair? Um minuto depois já estava na rua. Eram oito horas. O sol declinava já. O calor abafado era o mesmo de antes, mas aspirou com avidez aquela atmosfera mal-cheirosa, pulverulenta, que emanava da cidade. A princípio, a cabeça começou a dar-lhe algumas voltas, mas uma certa energia selvagem brilhou de repente nos seus olhos congestionados e no seu rosto macerado, de uma lividez amarelenta. Não sabia, nem sequer se preocupava com saber onde é que iria; só sabia uma coisa: que era preciso acabar com tudo aquilo hoje, de uma vez, naquele mesmo instante; que à sua casa não voltaria, pois não queria viver ali. Como acabar? Por que meio acabar? Disto não fazia a menor ideia e, pensar nisso, de maneira nenhuma. Afugentava essa ideia, essa ideia afligia-o. Só sentia e sabia que era preciso que tudo mudasse de uma maneira ou de outra, fosse como fosse, repetia com desolada, imperturbável segurança.

Seguindo um antigo costume, encaminhou-se diretamente para o Mercado do Feno, pelo caminho habitual dos seus antigos passeios. Antes de chegar aí, no passeio, diante duma mercearia estava parado um jovem, tocador de realejo, que tocava uma canção muito sentimental. Acompanhava-o uma mocinha, que estava também parada, devia ter os seus quinze anos, vestida como uma senhora, de crinolina, mantilha, luvas e um chapeuzinho de palha com uma pluma cor de fogo, tudo já velho e usado. Com uma voz de cana rachada e tremente, embora bastante agradável e forte, a mocinha entoava a sua

canção, esperando que, na loja, lhe dessem alguns copeques. Raskólhnikov, que parara, juntando-se ao círculo de dois ou três ouvintes, puxou de uma *piatak* e a pôs na mão da mocinha. Esta, de repente, interrompeu o seu canto na nota mais impressionante e aguda, como se alguém a tivesse degolado; num tom seco gritou para o do realejo: "Basta!" e ambos seguiram para diante, até à loja próxima.

– Gosta das cantigas de rua? – perguntou Raskólhnikov, de súbito, dirigindo-se a um transeunte que parara junto dele a escutar o realejo e que tinha aspecto de ser um eterno passeante. Olhou para ele assustado e admirado. – Gosto – continuou Raskólhnikov, mas de uma maneira que não parecia referir-se às canções de rua – gosto quando são cantadas ao som do realejo, numa fria, escura e úmida tarde de outono; tem de ser uma tarde úmida, quando todos os transeuntes trazem umas caras de um verde pálido e doentio, ou, para melhor dizer, quando cai a neve derretida, completamente a direito, sem vento, está compreendendo, e através dela brilham as lâmpadas de gás…

– Não compreendo… Desculpe – murmurou o interpelado, assustado tanto pela pergunta como pelo aspecto estranho de Raskólhnikov, e passou para o outro passeio da rua.

Raskólhnikov seguiu para diante, a direito, e foi ter àquele canto do Feno onde tinha a sua pequena loja aquele casal que, da outra vez, estava falando em Lisavieta; mas agora não estava lá. Reconhecendo o lugar, Raskólhnikov parou, deitou uma olhadela para ali e reparou num rapaz de camisa vermelha que bocejava à entrada dum armazém de cereais.

– Ouça, que é feito desse comerciante que tem aí o seu lugar, juntamente com a mulher?

– Aqui todos são comerciantes – respondeu o rapaz olhando para Raskólhnikov por cima do ombro.

– Como se chama?

– Com o nome que lhe deram na pia do batismo.

– Tu não és de Zaráisk? De que Governo?

O rapaz tornou a medir Raskólhnikov com os olhos.

– O nome, meu senhor, não é Governo, mas distrito; era o meu irmão que ia e vinha, enquanto eu não saía de casa; por isso não sei nada. Mil desculpas, senhor.

– Aquilo lá em cima é uma taberna?

– É uma casa de pasto e tem sala de bilhar, até lá vão príncipes… Excelente!

Raskólhnikov atravessou a praça. Ali, num canto, via-se uma grande multidão, tudo homens. Abriu caminho por entre aquele aperto, examinando as caras. Sem saber por que, sentia vontade de falar com toda a gente. Mas os camponeses nem sequer reparavam nele e falavam uns com os outros, dispersos em grupos. Ele parou, reconsiderou e voltou à direita, no passeio, em direção à Avenida V***. Abandonando a praça, meteu-se por uma ruela.

Já antigamente era frequentador assíduo daquela curta ruela, que fazia um cotovelo e levava da praça à rua Sadóvaia. Nos últimos tempos, até lhe agradava vaguear por todos aqueles lugares, quando o tédio se apoderava dele, para se entediar ainda mais. Agora passava por ali sem pensar em nada. Há aí um grande prédio todo ocupado por tabernas e outros estabelecimentos de comidas e bebidas, de onde saíam continuamente mulheres vestidas como se andassem por casa, descobertas e em saia de baixo. Reuniam-se no passeio em dois ou três sítios, em grupos, sobretudo à porta do andar inferior, onde, subindo dois pequenos degraus de pedra, se podia passar para vários estabelecimentos muito divertidos. Num deles ouvia-se nesse instante uma algazarra e um rebuliço que ecoava por toda a rua; tocavam guitarras, vibravam canções e estavam todos muito alegres. Um grande grupo de mulheres se amalgamava à porta: umas estavam sentadas nos degraus; outras no passeio; outras ainda estavam de pé e conversavam. Ali perto, no passeio, um soldado embriagado, de cigarro na boca, cambaleava e lançava insultos em voz alta, e parecia que queria entrar em qualquer lugar, simplesmente tinha-se esquecido onde. Um andrajoso trocava injúrias com outro andrajoso, e um ébrio

que não podia equilibrar-se dava tropeções no meio da rua. Raskólhnikov parou diante duma grande roda de mulheres. Falavam em voz alta; traziam todas saias de baixo de indiana, sapatos de pele de cabra e não tinham nada a cobrir-lhes a cabeça. Algumas passavam já dos quarenta, mas também as havia de dezessete, quase todas com olheiras.

Sem saber por que, atraíram-no as cantigas e todo aquele alvoroço e algazarra que vinha lá de baixo… Percebia-se que, aí, por entre ditos e gritos, acompanhado por uma voz fina de cana rachada e ao som da guitarra, alguém dançava desesperadamente, marcando o compasso com os tacões. Ele, atento, triste e pensativo, ficou escutando junto da porta e espreitando, curioso, do passeio para o interior.

> Ó meu lindo soldadinho
> Não me batas sem motivo,

dizia a voz fina do cantador. Raskólhnikov sentia uma terrível vontade de escutar os que cantavam, como se tudo se resumisse a isso.

"Por que não entrar? – pensou – Riem de bêbados. Por que não hei de eu beber também até embriagar-me?"

– Não entra, meu caro senhor? – perguntou-lhe uma das mulheres com uma voz bastante clara e ainda fresca. Era uma moça e não tinha nada de repulsivo… A única de todo o grupo.

– És muito bonita! – respondeu ele endireitando-se e contemplando-a.

Ela sorriu; aquele galanteio tinha-a lisonjeado muito.

– O senhor também é! – disse ela.

– Mas está tão fraquinho! – observou outra com voz de baixo. – Saiu agora do hospital, não?

– Parecem filhas de generais, mas nem por isso deixam de ter o nariz esborrachado – disse de repente um camponês que se aproximara do grupo, já um pouco "alegre", com o colete desabotoado

e uma careta de esperteza trocista. – Estão muito bem dispostas!

– Entra, já que estás aqui.

– Pois então, com mil diabos, entro!

E entrou.

Raskólhnikov dispôs-se a continuar o seu caminho.

– Escute, meu senhor! – gritou a mulher atrás dele.

– O que é?

Ela ficou perturbada.

– Eu teria muito gosto em passar uns momentos com o senhor. Mas, agora, sinto-me envergonhada na sua presença. Vamos simpático, seis copeques para um copinho.

Raskólhnikov tirou tudo o que achou no bolso: três *piatáki*.

– Ah, que senhor tão bondoso!

– Como te chamas?

– Aqui sou Duklida.

– Ora vejam só! – observou de repente outra do grupo, movendo a cabeça. – Não sei como há quem possa pedir assim, dessa maneira! Eu, francamente, morreria de vergonha!

Raskólhnikov olhou com curiosidade para a que falara. Era uma mulher picada das bexigas, de uns trinta anos, toda coberta de vergões, com o lábio superior inchado. Falara e censurara a outra com muita calma e seriedade.

“Onde – pensou Raskólhnikov, continuando o seu caminho – onde é que eu li aquilo de um condenado à morte que no momento de morrer dizia ou pensava que se o deixassem viver num alto, numa rocha e num espaço tão reduzido que mal tivesse onde pousar os pés – e se à volta não houvesse mais que o abismo, o mar, trevas eternas,

eterna solidão e tempestade perene – e tivesse de ficar assim, em todo esse espaço de um *archin*, a sua vida toda, mil anos, a eternidade… preferiria viver assim do que morrer imediatamente? O que interessa é viver, viver, viver! Viver, seja como for, mas viver! O homem é covarde!”, acrescentou passado um minuto.

Foi ter a outra rua… “Ora! O Palácio de Cristal!” Não havia muito ainda que Razumíkhin falara do Palácio de Cristal. “Mas para que queria eu… ? Ah, sim, para ler! Zósimov disse que lera nos jornais.”

– Há jornais? – perguntou ao entrar numa taberna muito grande e até de agradável aparência, composta de alguns gabinetes, por certo vazios.

Dois ou três clientes tomavam chá, e numa saleta mais ao fundo havia um grupo de quatro indivíduos que bebiam champanhe. Pareceu a Raskólhnikov que Zamiótov se encontrava entre eles. Embora de longe não se pudesse ver muito bem.

“Que me importa?”, pensou.

– Quer vodca? – perguntou-lhe o rapaz.

– Traz-me chá. E traz-me também jornais atrasados, de há cinco dias, que eu te dou uma gorjeta.

– Muito bem. Aqui tem os de hoje. E aguardente, também quer?

Trouxeram-lhe os jornais atrasados e chá. Raskólhnikov sentou à vontade, à procura. “Isler… Isler… Os astecas!… Isler Bártola… Máximo… Os astecas!… Isler… Bártola… Máximo… Os astecas… Isler… Que diabo! Mas aqui estão já os acontecimentos: caída pela escada… Um comerciante carbonizado pelo abuso do álcool… Um incêndio em Piéski… Um incêndio em Petersburgo. Outro incêndio em Petersburgo… Outro incêndio em Petersburgo Isler… Isler… Isler… Máximo… Ora cá está!

Encontrou finalmente aquilo que procurava e pôs-se a ler; as linhas dançavam diante dos seus olhos e, no entanto, leu todas as notícias e pôs-se a procurar nos últimos números as informações mais

recentes. As mãos tremiam-lhe ao voltar as folhas, com uma impaciência convulsiva. De repente alguém veio sentar junto dele, no outro lado da mesa. Ergueu os olhos… e viu Zamiótov, o mesmo Zamiótov e com o seu mesmo aspecto de sempre; com os seus anéis e as suas correntes, o seu risco nos cabelos negros e alisados à custa de cosmético, o seu elegante colete, o seu sobretudo um tanto coçado e a sua camisa um tanto suja. Estava de bom humor, ou pelo menos sorriu com muita jovialidade e com um ar bonachão. A sua cara morena estava um pouco afogueada devido às libações de champanhe.

– O quê? O senhor aqui? – começou, admirado e num tom que faria crer que eram amigos antigos. – Mas Razumíkhin disse-me ontem que o senhor ainda não recuperara a lucidez! É estranho! Mas olhe, eu estive em sua casa…

Raskólhnikov sabia muito bem que ele havia de aproximar-se. Pôs os jornais de lado e voltou-se para Zamiótov. Nos seus lábios havia um sorrisinho, no qual transparecia uma certa nova e irritante impaciência.

– Já sei que esteve lá – respondeu. – Disseram-me. Foi à procura da biqueira da bota… Mas quer saber uma coisa? É que Razumíkhin disse, levianamente, que o senhor esteve com ele em casa de Lavisa Ivânovna, aquela que o senhor queria defender fazendo sinais ao Tenente Pórokhov, que não os percebia, lembra-se? E, no entanto, como é que ele não compreendia? O assunto estava claro, não acha?

– Oh, que furacão!

– Quem? Pórokhov?

– Não, esse seu amigo, Razumíkhin…

– O senhor Zamiótov leva uma boa vida! Tem entrada livre nos lugares mais agradáveis! Quem é que o convidou para o champanhe?

– É que… bebemos um pouquinho… Mas por que pensa que me convidaram?

– Isso são os emolumentos. Tudo quanto vem é ganho! – riu-se

Raskólhnikov. – E isso ainda não é nada, meu rapaz, nada – acrescentou, dando uma palmadinha no ombro de Zamiótov. – Olhe, não pense que eu o censure, e digo-o até por afeto, em tom de brincadeira, como dizia o seu operário quando batia em Mitka, esse tal do caso da velha.

– Ah! Mas está a par?

– Pode ser que saiba muito mais do que o senhor.

– O senhor é uma pessoa estranha! Com certeza que ainda está doente. Fez mal em ter saído.

– Com que então pareço-lhe estranho?

– Sim. Estava lendo jornais.

– Sim, eram jornais.

– Muita coisa dizem a respeito de incêndios…

– Não, eu não leio isso dos incêndios… – e olhou ambiguamente para Zamiótov; um sorrisinho sarcástico voltou a assomar aos seus lábios. – Não, eu não leio isso dos incêndios – continuou, fazendo uma piscadela de olhos para Zamiótov. – Mas confesse, meu caro amigo, que tem uma vontade enorme de saber o que eu leio.

– De maneira nenhuma; perguntei isso por perguntar. – Não se pode fazer uma pergunta? Por que é tão… ?

– Ouça uma coisa. O senhor é um homem culto, letrado, não é?

– E da sexta classe do Ginásio – respondeu Zamiótov com certa dignidade.

– Da sexta classe! Olhem que melro! Penteadinho, com risca e de anéis… Oh! que rico homem! Que lindo menino!

Quando chegou a este ponto, Raskólhnikov foi acometido de um riso nervoso, a que deu largas nas próprias barbas de Zamiótov. Este inclinou-se um pouco para trás e não se deu por ofendido, mas mostrou ficar muito admirado.

– Oh, que estranho! – repetiu Zamiótov muito sério. – Era capaz de apostar em como está com febre.

– Com febre? Mentes, melro branco! Com que então te pareço estranho? Muito bem; excito a curiosidade, não? Curioso?

– Curioso.

– Bom. Por que quer que eu lhe diga o que estava lendo? Olhe quantos números mandei, trazer. É suspeito, não é?

– Diga.

– Tem as orelhas bem atentas?

– Mas por quê?

– Bem, depois explicarei isso das orelhas; por agora, meu caro, direi… ou melhor: confesso… Não, não é isso; declaro formalmente e o senhor tomará nota… É esta a fórmula! Bem, pois declaro-lhe formalmente que estava lendo, que me interessava e que procurava… procurava, – Raskólhnikov piscou um olho e esperou – procurava e para isso vim aqui, notícias do assassinato da velha viúva do funcionário – disse, finalmente, quase a meia voz, aproximando extraordinariamente o seu rosto do de Zamiótov.

Este ficou olhando para ele fixamente, sem se mover e sem desviar a cara da dele. O que pareceu depois mais estranho a Zamiótov foi que durante um minuto inteiro reinasse entre eles o silêncio e que durante esse minuto estivessem olhando um para o outro cara a cara.

– Bem; e que tem que estivesse lendo isso? – exclamou, de repente, perplexo e impaciente. – Que me importa isso a mim? Que tem de especial?

– É que se trata dessa mesma velha – continuou Raskólhnikov na mesma voz baixa e sem se afastar, diante da exclamação de Zamiótov – essa mesma da qual, veja se se lembra, estavam falando quando eu desmaiei no Comissariado. Compreende agora?

– Bom, e então? Que quer dizer isso de “compreende agora”? – exclamou Zamiótov, quase alarmado.

O rosto imperturbável e sério de Raskólhnikov mudou de expressão num momento, e, de súbito, começou outra vez naquele riso nervoso de há pouco, como se lhe faltassem forças para dominar-se. E, nesse momento, relembrou também, com extraordinária nitidez, aquela sensação recente que quando estava atrás da porta, de machado em riste, e o fecho oscilava, e os outros, ao lado dele, proferiam insultos e socavam a porta, e sentira de repente vontade de se pôr a gritar e a insultar ao mesmo tempo que eles, e puxar-lhes pela língua, a ralhar, e troçar, e rir, rir, rir, rir às gargalhadas.

– Mas o senhor está lou…co? – disse Zamiótov e deteve-se, como se uma ideia súbita tivesse cruzado o seu cérebro.

– O… quê? Vamos, diga o que tem a dizer!

– Nada! – respondeu Zamiótov furioso. – Isso é um disparate!

Ficaram ambos calados. Depois desse repentino e espasmódico ataque de riso, de súbito, Raskólhnikov ficou pensativo e triste. Assentou os cotovelos sobre a mesa e apoiou as mãos na testa. Parecia ter-se esquecido por completo da presença de Zamiótov. O silêncio prolongou-se durante bastante tempo.

– Não bebe o chá? Olhe que arrefece! – disse Zamiótov.

– Ah! O quê? O chá? Está bem.

Raskólhnikov bebeu um gole do copo, levou um bocadinho de pão à boca e olhou para Zamiótov como se se compenetrasse e procurasse sacudir o seu abatimento; o seu rosto tornou a adotar, naquele momento, a mesma expressão sarcástica do princípio. Continuou bebendo o chá.

– Agora se dão muitas façanhas dessas – disse Zamiótov. – Ainda não há muito, tempo eu li nas Noticias de Moscou que, nessa cidade, tinham detido um bando de moedeiros falsos. Formavam uma verdadeira sociedade. Falsificavam notas.

– Oh! Isso é uma velha história. Já deve haver um mês que li essa notícia – respondeu placidamente Raskólhnikov. – De maneira que, para o senhor, trata-se de bandidos? – acrescentou sorrindo.

– Então que haviam de ser?

– Por quê? Trata-se de fedelhos inexperientes não de bandidos. Terem-se reunido para isso, nada mais nada menos do que cinquenta indivíduos! É possível uma coisa dessas? Para uma empresa dessas, três já são demais, e para isso é preciso que cada um esteja mais seguro do outro que de si próprio. Bastaria que um deles, numa ocasião em que tivesse bebido, começasse a abrir o bico, para pôr tudo a perder. Tolos! Encomendam a missão de trocar as notas nos bancos a gente indigna de confiança; é possível, para uma coisa dessas, confiar em qualquer? Mas suponhamos que a coisa corre bem, inclusive se se tratar de uns incautos; suponhamos que cada um deles consegue passar um milhão. Bem, e depois? Para toda a vida! Cada um deles ficará a depender do outro para toda a vida. Mais vale entregar-se! Mas esses a que me referi, nem sequer souberam passar as notas. Um deles foi trocá-las ao banco; deram-lhe cinco mil rublos e as mãos até lhe tremiam. Contou até quatro mil, mas ao quinto milhar recebeu sem contar, à sorte, parecendo-lhe mentira o ir metê-los no bolso e deitar a correr. Por isso despertou suspeitas. De maneira que um só imbecil pôs tudo a perder. Mas acha que isso é possível?

– O quê? Que as mãos lhe tremessem? – respondeu Zamiótov. – Se é possível! Sim, estou absolutamente convencido de que é possível. Às vezes, uma pessoa não pode dominar-se.

– Qual!

– No caso dele, o senhor poderia dominar-se? Pois olhe, eu, não. Por cem rublos de ganho, expor-se a semelhante horror! Apresentar-se com notas falsas… e onde? No guichê dum banco, onde conseguem perceber todos os truques… Não, eu ficava desconcertado. E o senhor desconcertava-se?

A Raskólhnikov tornara a entrar de repente uma vontade terrível de “deitar-lhe a língua de fora”. Por momentos um calafrio lhe correu pela espinha.

– Eu teria procedido de outra maneira – começou com um ar longínquo. – Veja como eu teria passado as notas: teria contado o primeiro milhar quatro vezes, uma a seguir à outra, olhando muito bem cada nota, e depois teria começado a contar o segundo; teria começado a contá-lo, e depois, ao chegar à metade, teria escolhido uma nota de cinquenta rublos, ao acaso, e começaria a olhá-la contra-luz, viraria a nota do outro lado e observaria outra vez à contra-luz… "Não será falsa? Eu, que diabo, estou muito escaldado; ainda não há muito tempo que uma parenta minha, por causa disso, perdeu vinte e cinco rublos." E continuaria a contar esta história. E, assim, até chegar ao terceiro milhar; mas não, desculpe; parece-me que, no segundo milhar, contei mal a sexta centena e tenho as minhas dúvidas. E, assim, deixaria o terceiro milhar e voltaria outra vez ao segundo; e teria feito o mesmo com toda a quantia, até ao quinto milhar. E depois de ter acabado, do quinto e do segundo milhar teria tirado ao acaso uma nota do maço, começaria a examiná-la à contra-luz, e outra vez me poria com dúvidas: "Pode fazer o favor de trocar-me esta por outra?". E, contudo, teria feito suar tanto o do guichê, que o homem já não saberia o que havia de fazer para se livrar de mim. Depois de ter, enfim, acabado, sairia, abriria a porta… Não, desculpe, tornaria lá outra vez, perguntaria qualquer coisa, ia ouvir qualquer explicação… Aí tem como eu procederia!

– O senhor disse coisas tremendas! – exclamou Zamiótov sorrindo. – Tudo isso é garganta, porque, em chegando a ocasião, já seria outra coisa. Garanto-lhe que, nesse momento, não só eu e o senhor, como até o homem mais emperdenido e desesperado, é incapaz de dominar-se. Para que ir mais longe? Aí tem, por exemplo, o assassinato da velha, que se deu no nosso distrito. Segundo parece, trata-se de um rapaz ousado que, em pleno dia, se expôs a todos os perigos, e só se salvou por um milagre, e ao qual, no entanto, as mãos se lhe puseram a tremer, pois não conseguiu roubar, não pode dominar-se; são os próprios fatos que o demonstram…

Raskólhnikov pareceu dar-se por ofendido. – Veja o que está dizendo! Pois então veja se é capaz de lhe deitar a mão agora! – exclamou Raskólhnikov olhando Zamiótov por cima do ombro.

– Qual! Já o apanharam.

– Quem? Os senhores? Os senhores apanharam-no? Sim, sim! Para os senhores, o principal é isso, verem se um homem gasta ou não gasta dinheiro. Dantes não tinha dinheiro e, de repente, começa a aparecer com ele: pronto, fatalmente que foi esse. Por isso, sempre que os outros querem, os senhores são ludibriados como moços pequenos.

– Mas é que isso acontece sempre – respondeu Zamiótov. – Assassinam com astúcia e conseguem escapar; mas, depois, vão logo para a taberna e aí caem na armadilha. Prendem-nos por causa do que gastam. Nem todos são tão espertos como o senhor. O senhor, naturalmente, não iria à taberna, não é verdade?

Raskólhnikov franziu o sobrolho e olhou fixamente para Zamiótov.

– O senhor, naturalmente, tem inveja, e gostaria de saber como me conduziria em caso semelhante – perguntou com aborrecimento.

– Lá isso gostaria – respondeu aquele em voz firme e séria.

Começava a notar-se uma grande seriedade nas suas palavras e nos seus olhares.

– Muito?

– Muito.

– Bem, então veja o que eu faria – respondeu Raskólhnikov, tornando a aproximar o seu rosto do de Zamiótov, a olhá-lo fixamente e a falar outra vez em voz baixa, de maneira que ele, desta vez, chegou a estremecer – veja o que eu faria: pegava no dinheiro e nos objetos, e saía dali imediatamente e, sem entrar em parte alguma, correria direito a um lugar deserto, onde não houvesse senão terrenos e onde não passasse ninguém… a algum jardim ou coisa do gênero. Previamente teria tido o cuidado de escolher uma certa pedra em certo pátio, de *pud ou pud* e meio de peso, em algum canto, junto dum muro, e que talvez tivesse sido posta aí desde que fizeram a casa; levantaria essa pedra – debaixo da qual devia existir uma cova e jogaria todo o dinheiro e os objetos nessa cova. Ia jogá-los aí e tornaria a colocar a pedra no seu lugar, tal como estava antes; depois pisaria a terra com o pé e fugiria daí imediatamente. Durante um ano, durante dois, não a levantaria; passariam três anos e também não… Bem, que procurassem. Que é dele, o ladrão?

– O senhor está doido – declarou Zamiótov num fio de voz, sem saber por que e, também sem saber por que, afastou-se subitamente de Raskólhnikov.

De repente os olhos deste começaram a chispar, empalideceu terrivelmente, e o lábio superior tremia-lhe sem proferir o menor som. Aproximou-se o mais que pôde de Zamiótov e começou a mover os lábios sem articular uma palavra; permaneceu assim meio minuto. Sabia o que fazia, mas não podia dominar-se. Uma palavra feroz aflorava aos seus lábios, como quando estivera atrás da tal porta, quase lhe escapava, estava quase a largá-la, a dizê-la.

– E se fosse eu quem tivesse assassinado a velha e Lisavieta? – exclamou de repente e… recuperou a sua lucidez.

Zamiótov olhou para ele assustado e ficou lívido. O seu rosto simulou um sorriso.

– Mas, será possível? – exclamou com uma voz quase imperceptível.

Raskólhnikov lançou-lhe um olhar de ódio.

– Confesse que acreditava – disse por fim, fria e ironicamente. – Claro que acreditava!

– De maneira nenhuma! Agora menos do que nunca! – declarou Zamiótov precipitadamente.

– Acabou por cair na armadilha! O melro branco foi apanhado! Donde se conclui que, se agora o não crê menos do que nunca, é porque, dantes, acreditava nisso.

– Nada disso, nada disso! – exclamou Zamiótov, visivelmente sobressaltado. – Foi o senhor quem me assustou e me levou para esse campo.

– Então não acredita? Mas de que se puseram os senhores a falar na minha ausência, quando eu saí do Comissariado? E por que é que o Tenente Pórokhov me fez aquelas perguntas, depois que voltei a mim, do meu desmaio? Psiu! – chamou o criado, levantou e pegou o gorro. – A conta.

– Trinta copeques ao todo – respondeu aquele, que veio logo.

– Então toma mais vinte copeques para vodca. – Oh, tanto dinheiro! – e estendeu a Zamiótov a sua mão que tremia, cheia de notas vermelhas e azuis, vinte cinco rublos. – De onde vem tudo isso? Donde terá saído também a roupa nova? Porque o senhor sabe muito bem que eu não tinha nem um copeque! Pode ser que já o tenha perguntado à dona da casa… Bom, já chega! *Assez cause*[26]! Até à vista, terei muito gosto em tornar a vê-lo! – Saiu todo trêmulo, devido a uma violenta comoção histérica, à qual se misturava no entanto um certo prazer, e por outro lado sentia-se triste, esgotado de terrível cansaço. Fazia caretas como se tivesse acabado de ter um ataque. O seu abatimento agravou-se rapidamente. As suas energias despertavam e surgiam de repente, agora, ao primeiro choque, à primeira sensação irritante, mas com a mesma rapidez fraquejava, à medida que a comoção enfraquecia.

Quanto a Zamiótov, depois de ter ficado sozinho continuou por muito tempo sentado no seu lugar, dando voltas à imaginação. Desde o princípio que Raskólhnikov modificara todas as suas ideias a

respeito do ponto já sabido e definitivamente assente na sua opinião.

– Iliá Pietróvitch… é um palerma! – decidiu definitivamente.

Ainda mal abrira a porta da rua, logo Raskólhnikov deu de cara, mesmo à entrada, com Razumíkhin, que vinha chegando. Ficaram ambos um momento a se medirem com o olhar. Razumíkhin estava no maior espanto. Mas, de repente, cólera, uma cólera verdadeira, assomou aos seus olhos, que cintilaram: – Tu aqui! – exclamou em alta voz. – Com que então fugiste da cama! E eu que andei à tua procura até debaixo do divã! E vens para a taberna! E pensar que estive quase a bater em Nastássia por tua causa! E ele, entretanto, por onde andava! Rodks, que significa isto? Diz-me francamente! Fala! Não ouves?

– Isto quer dizer que vocês todos me importunaram terrivelmente e que quero estar sozinho – respondeu Raskólhnikov muito tranquilo.

– Sozinho, quando ainda mal podes ficar de pé, quando estás pálido como um morto e respiras tão precipitadamente? Idiota! Que tinhas tu que ir ao Palácio de Cristal? Diz-me imediatamente!

– Deixa-me sair! – disse Raskólhnikov, dispondo-se a continuar o seu caminho. Mas isto acabou de exasperar Razumíkhin, que o segurou com força por um ombro.

– Deixar-te sair? Tu te atreves a dizer-me “Deixa-me sair!”, depois do que fizeste? Tu não sabes o que é que eu te vou fazer imediatamente? Pois vou dobrar-te ao meio, fazer de ti um embrulho, levar-te às costas para casa e deixar-te lá trancado!

– Ouve, Razumíkhin – exclamou Raskólhnikov muito baixinho e, segundo parecia, com a maior serenidade – não compreendes que eu não quero que tu me faças qualquer benefício? Que gosto o teu de fazeres favores a quem… não quer saber disso para nada, a quem, no fim de contas, os acha muitíssimo aborrecidos! Ora vamos ver: por que foste buscar-me logo que adoeci? Não se podia dar o caso de que me apetecesse morrer? E não te dei eu hoje a entender claramente que estás a atormentar-me, que já estou farto de ti? Mas que gosto esse de torturar as pessoas! Juro-te que tudo isto é um obstáculo sério para a

minha cura, por causa das irritações contínuas que me provoca. Não viste como Zóssimov saiu para não me irritar? Pois deixa-me tu também em paz, pelo amor de Deus! E, afinal, que direito tens tu de me reteres? Não vês que, agora, estou falando-te com toda a lucidez? Como, como é que hei de pedir-te que me deixes em paz e não me faças mais nenhum bem? Assim faço figura de ingrato e de mau; mas deixem-me todos, pelo amor de Deus, deixem-me em paz! Deixem-me, deixem-me!

Começara falando tranquilamente, gozando de antemão todo o desgosto que ia causar, mas acabou agitado e respirando afanosamente, como antes com Lújin.

Razumíkhin ficou um instante imóvel, pensativo, e largou a sua mão.

– Vai para o diabo que te carregue! – disse tranquilamente e até preocupado. – Mas… espera aí! – exclamou de repente, quando Raskólhnikov já se tinha posto a caminhar. – Ouve! Digo-te que vocês são todos, desde o primeiro até ao último, uns charlatães e uns fanfarrões. Quando têm uma dorzinha, pronto… é logo às voltinhas para cá e para lá, como uma galinha que vai pôr um ovo. Até nisto plagiam os autores estrangeiros. Não mostram nem um só indício de vida independente. Sois uns molengões e, em vez de sangue, o que vos corre nas veias é água chilra. Não tenho fé em nenhum de vocês! A primeira coisa, para vocês, quaisquer que sejam as circunstâncias, é não parecerem homens… Pa… ra! – gritou com raiva redobrada, ao ver que Raskólhnikov recomeçava a caminhar. – Ouve-me até ao fim. Já sabes que hoje há reunião na minha nova casa, e até pode ser que já lá estejam alguns amigos; deixei lá o meu tio para os receber e vim aqui correndo. Bem, pois se tu não fosses um imbecil, um perfeito idiota, um tolo da pior espécie, uma cópia de estrangeiro… Olha, Rodka, eu reconheço que tu és inteligente; mas és tolo… Bem, como ia dizendo, se tu não fosses idiota, virias passar o serão comigo, em vez de andares gastando as solas por aí. Agora já saíste, o mal já está feito! Eu te arranjava uma cadeira macia, o senhorio tem uma… Uma chavenazinha de chá, companhia, e, se não te sentisses bem assim, estendias-te no sofá… e, fosse como fosse, estarias junto de nós… Zósimov também vem. Então, vens ou não?

– Não.

– Men…tes! – gritou Razumíkhin impaciente. – Queres saber uma coisa? Tu não estás em estado de responder por ti mesmo. E, além disso, não compreendo nada disso… Tem-me acontecido muitas vezes desistir das pessoas e depois correr atrás delas. Uma pessoa envergonha-se… e torna a aproximar-se dos homens. Por isso não te esqueças: casa de Potchinkov, no terceiro andar.

– Segundo me parece, o senhor Razumíkhin seria capaz de consentir que lhe pagassem só para poder ser útil a alguém.

– A quem? A mim? Só de pensar nisso sou capaz de arrancar o nariz a quem quer que seja. Bem, já sabes, casa de Potchinkov número quarenta e sete, no andar do funcionário Bábuchkin…

– Não vou, Razumíkhin! – e Raskólhnikov afastou-se dando meia volta.

– Aposto em como vais! – gritou-lhe Razumíkhin, de longe. – Se não fores, se não fores, não faço mais caso de ti. Para, espera! Zamiótov está lá dentro?

– Está.

– Viu-te?

– Viu.

– Falou-te?

– Falou.

– De quê? Bem, vai para o diabo, não me digas nada! Potchinkov, quarenta e sete, Bábuchkin, não te esqueças.

Raskólhnikov continuou a caminhar até ao Sadóvaia e virou à esquina. Razumíkhin, pensativo, ficou a vê-lo desaparecer. Finalmente fez um gesto com a mão, entrou no estabelecimento, mas parou a meio da escada.

“Raios me partam! – continuou a dizer quase em voz alta. – Fala

com lucidez e no entanto parece… Serei eu também um idiota? Por acaso os loucos não falam com lucidez? E, segundo me parece, Zósimov tinha-lhe um bocadinho de medo – bateu com um dedo na testa. – Bem, e se é assim, como deixá-lo agora sozinho? Podia dar-lhe para se atirar ao rio… Ah! Fiz uma tolice! Não é possível!” E deitou a correr em perseguição de Raskólhnikov; mas já não havia rastro dele. Cuspiu e, em passos rápidos, voltou ao Palácio de Cristal com o fim de interrogar Zamiótov o mais depressa possível.

Raskólhnikov continuou andando diretamente até à ponte de P***. Parou no meio, junto da amurada; apoiou nela os cotovelos e ficou olhando à distância. Quando se separou de Razumíkhin assaltou-o uma tal debilidade que só com muito custo chegou ali. Sentia vontade de sentar ou de estender-se no meio da rua. Inclinado sobre a água, contemplava os últimos reflexos rosados do sol poente; a fiada de casas, escurecidas pela obscuridade progressiva; uma janelinha afastada, ao longe, em qualquer trapeira, na margem esquerda, que brilhava precisamente na flama do último raio que nela batia por um instante; a água do canal, que ia escurecendo e, aparentemente, olhava para essa água com a maior atenção. Finalmente, alguns circulozinhos vermelhos dançaram diante dos seus olhos; as casas foram-se, à deriva; os transeuntes, as margens, as carruagens… tudo aquilo se pôs a dar voltas e a bailar na sua frente. De repente estremeceu, liberto talvez da vertigem por um espetáculo selvagem e horrível. Parecia-lhe que alguém estava a seu lado, à sua direita, ombro com ombro; voltou o rosto e viu uma mulher alta, de chapéu na cabeça, o rosto amarelo, afilado, vincado, e os olhos inflamados, encovados. Olhava-o nos olhos; mas era evidente que não via nada nem ninguém. De repente, apoiou a mão direita no peitoril, levantou o pé direito e subiu para o gradeamento de ferro, depois do que fez o mesmo com o esquerdo, e atirou-se ao canal. A água suja chapinhou e engoliu a vítima num instante; mas, passado um minuto, a afogada tornou à superfície, a corrente foi-a levando suavemente para baixo, com a cabeça e os pés mergulhados e o tronco para cima com as saias sopradas e flutuantes, fazendo balão.

– Afogou-se! Afogou-se! – gritaram dezenas de vozes; acudiu gente, as duas margens encheram-se de espectadores; na ponte, à volta

de Raskólhnikov, apinhou-se um grande grupo de pessoas que o bloqueava e empurrava por detrás.

– *Bátiuchki*, é a nossa Afrossíniuchka! – ouviu-se, perto, um lamentoso grito de mulher. – Salvai-a, *bátiuchki*! *Bátiuchki* meus, salvai-a!

– Um barco! Um barco! – gritaram na multidão.

Mas já não eram precisos barcos; um guarda descia rapidamente a escada do canal e, tirando o capote e as botas, lançou-se à água. Não teve grande trabalho: a água trouxera a afogada a dois passos das escadinhas e ele agarrou-a pela roupa com a mão direita, e, com a esquerda, conseguiu atar-lhe uma corda que lhe atirara um companheiro, e assim tiraram-na imediatamente da água. Estenderam-na nas pedras de granito da muralha. Não tardou que ela recuperasse os sentidos, endireitou-se, sentou e começou a espirrar e a resfolegar, esfregando inconscientemente as suas roupas encharcadas. Não dizia uma palavra.

– Estava perdida de bêbada, *bátiuchki*, perdida de bêbada! – aquela voz de mulher soava já junto de Afrossíniuchka. – Já tinha querido enforcar-se e tiraram-na da corda. Eu, agora, tinha ido à loja e recomendei à moça que não a perdesse de vista… e vejam como esta desgraça aconteceu… É nossa vizinha, *bátiuchki*; vive perto de nós, no segundo prédio, lá ao fundo, ali…

As pessoas dispersaram-se; os dois guardas ficaram cuidando da suicida; alguém falou no Comissariado… Raskólhnikov assistia a tudo aquilo com uma estranha impressão de indiferença e desprendimento. Era-lhe desagradável. “Não, é bárbaro… a água… não vale a pena – resmungou para consigo. – Não há de haver nada – acrescentou. – Para que esperar? Pelo que se refere ao Comissariado… Mas por que não estaria lá Zamiótov? O Comissariado abre às dez.”

Voltou-se de costas para a amurada e olhou à sua volta.

“Bem… então? Vamos!” – exclamou resoluto, afastando-se da ponte e encaminhando-se para o outro lado, onde ficava o Comissariado.

Tinha a alma vazia e insensível. Não queria pensar. Até lhe passara o aborrecimento; nem sequer tinha agora restos da magia de há um momento, quando saíra de casa, decidido a acabar de uma vez com tudo. Uma apatia total se apoderara agora dele.

"Isto também pode ser uma saída – pensou, enquanto caminhava devagar e cambaleando pela margem do canal. – Seja como for, acabarei com isto porque quero… Mas isso será uma saída? Demais, vem tudo a dar no mesmo. À distância de um *archin* há… Eh! Mas que final! Mas será esse o final? Digo-lhes isso ou não digo? Ah… diabo! Mas como estou cansado! Preciso estender-me já ou sentar em qualquer parte! O mais aborrecido de tudo é que isto é muito estúpido. Mas também já não me interessa. Oh, que tolice se meteu na minha cabeça!

Para ir ao Comissariado era preciso seguir em frente o caminho e virar à esquerda no segundo cruzamento de ruas; daí eram só dois passos. Mas, ao chegar à primeira embocadura, reconsiderou, meteu-se por aquela ruela e deu uma volta por duas ruas, provavelmente sem nenhum objetivo, e pode ser também que para dar larga a qualquer coisa, ainda que fosse só por um minuto, e ganhar tempo. Caminhava com os olhos fixos no chão. De súbito, pareceu-lhe que alguém murmurava qualquer coisa ao ouvido. Ergueu a cabeça e viu que se encontrava junto "daquela" casa, precisamente junto da porta cocheira. Desde "aquela" noite que não estivera nem passara por ali.

Um invencível e inexplicável capricho se apoderou dele. Entrou no prédio, atravessou o portal e depois a primeira entrada à direita, e pôs-se a subir a conhecida escada que levava ao quarto andar. Essa escada, estreita e empinada, estava muito escura. Parava em cada patamar e examinava tudo com curiosidade. No patamar do primeiro andar faltavam os caixilhos numa janela. "Isso, da outra vez, não estava assim – pensou. – Este é o quarto do segundo andar, onde Nikolachka e Mitka estavam trabalhando. Estava fechado e a porta estava pintada de fresco; por conseguinte estava para alugar. Já vou no terceiro andar… e no quarto… Aqui!" Uma hesitação tomou conta dele; a porta desse andar encontrava-se aberta de par em par; lá dentro havia gente, ouviam-se vozes; nunca teria esperado isto. Depois de vacilar um pouco, subiu os últimos degraus da escada e entrou no

andar.

Também este estava sendo reparado: havia operários, o que igualmente o chocou muito. Imaginara, sem saber por que, que ia encontrar tudo aquilo exatamente igual à maneira como estava dantes, talvez até com os cadáveres no mesmo lugar, no chão. Ao passo que, agora, as paredes estavam nuas e não havia um único móvel. Que estranho! Caminhou para a janela e sentou no parapeito.

Eram ao todo dois operários, dois mocetões; um, já mais velho, e o outro ainda muito novo. Ocupavam-se em forrar as paredes com papel novo, branco com flores-de-lis, em substituição do antigo, que estava amarelo, desbotado e rasgado. Sem que soubesse por que, aquilo impressionou Raskólhnikov desagradavelmente; olhava para o papel novo com olhos hostis, doía-lhe – esta é a palavra – que tivessem mudado tudo aquilo.

Pelo visto, os trabalhadores estavam já para se retirar, e começavam a enrolar à pressa as tiras de papel para irem para suas casas. O aparecimento de Raskólhnikov mal lhes chamou a atenção. Falavam de qualquer coisa. Raskólhnikov cruzou as mãos e pôs-se a escutar.

– Ela veio ver-me de manhã, logo de manhãzinha, toda embonecada. “Por que é que – disse eu – apareces diante de mim tão enfeitada? Por que é que te pões tão garrida para me vires ver?” “De hoje em diante, Tit Vassílitch – eu quero fazer-te a vontade em tudo.” Foi assim mesmo. A maneira como ela vinha vestida! Parecia um figurino, tal qual um figurino!

– Ó velhote, mas que vem a ser um figurino? – perguntou o rapaz. Pelo visto era o velhote que o instruía.

– Um figurino, meu rapaz, é uma estampa, uma figura que os alfaiates daqui recebem todos os sábados, pelo correio, da estranja, e no qual se representa como as pessoas devem vestir-se, tanto as do sexo masculino como as do sexo feminino. São estampas. Os homens pintam-nos sempre de jaqueta comprida, e às senhoras põem-nas sempre tão bonitas que eu era capaz de dar por elas tudo e mais alguma coisa.

– E o que é que não há neste Píter[27] – exclamava o rapaz com admiração – a não ser companhia de pai e de mãe, tudo se pode ter aqui.

– Sim, tirando isso, meu amigo encontra-se de tudo aqui – concluiu o mais velho em tom decisivo.

Raskólhnikov levantou e passou para o outro quarto, onde dantes estavam a arca, a cama e a cômoda; o quarto pareceu-lhe terrivelmente pequeno sem os móveis. O papel das paredes era o mesmo de então; num canto, sobre o papel, ficara bem marcado o sinal do lugar que dantes ocupava o oratoriozinho com as imagens. Passou revista a tudo e depois voltou para a janela. O operário mais velho olhou-o de soslaio.

– Que procura o senhor aqui? – perguntou de repente, encarando-o.

Em vez de lhe responder, Raskólhnikov levantou, saiu do vestíbulo, pegou no cordão da campainha e puxou. A mesma campainha, o mesmo som de cana rachada! Puxou pela segunda e pela terceira vez: ouvia e recordava-se. A sensação anterior, dilacerante e monstruosa, começou a acudir à sua memória, cada vez mais clara e nítida; estremecia a cada campainhada e cada vez sentia maior prazer.

– Mas que deseja o senhor? Quem é? – gritou o operário saindo à sua procura.

Raskólhnikov entrou outra vez no quarto.

– Quero alugar um quarto – disse – estava vendo este.

– De noite não se alugam quartos, e quem trata disso é o porteiro.

– Limparam o chão? Também vão pintá-lo[28]? – continuou Raskólhnikov. – Não havia sangue?

– Sangue? Por quê?

– Porque foi aqui que mataram a velha e a irmã. Havia um grande charco de sangue.

– Mas quem é o senhor? – exclamou o operário, inquieto.

– Eu?

– Sim.

– Queres saber? Então vamos ao Comissariado que aí o direi.

O operário olhou para ele, estupefato.

– Bem, nós temos de nos ir embora, já estamos atrasados. Vamos, Aliochka. Temos de fechar – disse o operário mais velho.

– Pois vamos até lá – respondeu Raskólhnikov, e dirigiu-se ao porteiro, cambaleando pela escada. – Eh, porteiro! – gritou quando chegou à entrada.

Havia algumas pessoas junto da porta do prédio, na rua, que viam passar os outros: os dois porteiros, uma mulher, um operário de bata e mais algumas pessoas. Raskólhnikov dirigiu-se a eles.

– Que deseja? – perguntou-lhe um dos porteiros.

– Estiveste no Comissariado?

– Estive há um momento. Que deseja?

– Ainda estão lá?

– Ainda.

– E o tenente, está lá?

– Há pouco ainda lá estava. Mas que deseja o senhor?

Raskólhnikov não respondeu e ficou ali, pensativo.

– Veio ver o quarto – disse o operário mais velho, aproximando-se.

– Qual quarto?

– Aquele onde estávamos trabalhando. “Mas por que, diabo,

limparam o sangue? Aqui – disse ele – cometeu-se um assassinato, e eu vim para alugar o andar.” E pôs-se a puxar pela campainha de tal maneira que quase a arrancava. “Vamos ao Comissariado – disse ele depois – que, lá, direi tudo”, insistia.

O porteiro olhava estupefato e de sobrancelhas erguidas para Raskólhnikov.

– Mas quem é o senhor? – exclamou mal-humorado.

– Eu sou Rodion Românitch Raskólhnikov, antigo estudante, e moro na rua Chilia, aqui, nesta travessa, perto, no quarto número catorze. Perguntem ao porteiro, ele me conhece.

Raskólhnikov disse isto tudo como se estivesse absorto, sem se voltar, de olhos fixos na rua, que se ia já tornando escura.

– Mas para que subiu o senhor até lá acima?

– Para ver.

– Mas que tinha que ver ali?

– Vamos agarrá-lo e levá-lo ao Comissariado? – intrometeu-se o operário, de súbito, mas depois calou-se.

Raskólhnikov lançou-lhe um olhar por cima do ombro, contemplou-o atentamente e disse depois devagar e com indolência:

– Vamos até lá!

– Isso, levem-no! – reforçou o operário entusiasmando-se. – Por que veio ele até aqui? O que é que ele queria?

– Bêbado ou não, sabe-se lá! – resmungou o operário.

– Bem, mas que deseja o senhor? – tornou a gritar o porteiro, que começava já a enfadar-se. – Que procuras aqui?

– Tens medo do Comissariado? – perguntou Raskólhnikov sarcasticamente.

– Por que havia de ter medo? Mas que queres daqui?

– És um malandro! – gritou a mulher.

– Mas para que havemos de lhe dar conversa? – exclamou o outro porteiro, um camponês enorme, com o capote desabotoado e um molho de chaves à cintura. – Fora daqui! Não há dúvida que é um malandro! Fora!

E, pegando em Raskólhnikov por um ombro, levou-o para o meio da rua. Ele deu um tropeção, mas não chegou a cair; endireitou-se, olhou em silêncio para todos os espectadores e continuou o seu caminho.

– Que tipo tão estranho! – disse o operário.

– Hoje toda a gente se tornou estranha! – disse a mulher.

– Por que é que não o levamos ao Comissariado? – acrescentou o operário.

– Não vale a pena preocuparmo-nos com um tipo destes – decidiu o porteiro grandalhão. – Se for um malandro, ele mesmo, por si próprio, irá lá ter; isso já é velho; se te apanha, já não te larga! Isso já se sabe!

"Vou ou não vou?" pensou Raskólhnikov parando no meio da rua, numa encruzilhada, e olhando à sua volta, como se esperasse de alguém uma palavra decisiva. Mas ninguém lhe respondeu: tudo estava surdo e mudo como as pedras que pisava, morto para ele, só para ele… De repente, ao longe, a uns duzentos passos de distância, ao fim da rua, na obscuridade cada vez mais densa, descobriu um grupo de pessoas, vozes, gritos… Entre as pessoas estava parada uma carruagem… No meio da rua brilhava uma luzinha.

"Que será aquilo?" Raskólhnikov deu meia volta à direita e dirigiu-se para o círculo das pessoas. Parecia, na verdade, que queria agarrar-se a tudo; e ria friamente ao pensar nisso, porque o caso de Comissariado era já uma coisa bem assente, e sabia que daí a um momento tudo acabaria.

## Capítulo VI

A meio da rua estava parada uma carruagem, nobre e elegante, puxada por uma parelha de fogosos cavalos cinzentos; não levava ninguém dentro, e o cocheiro, que descera da boleia, estava ali, junto do carro; segurava os cavalos pelo freio, junto da boca. À volta juntara-se um círculo cerrado, de pessoas, com dois policiais na primeira fila, um dos quais tinha uma lanterna na mão, e com ela, agachado, iluminava qualquer coisa na rua, mesmo junto da carruagem. Todos falavam, gritavam e lançavam ais; o cocheiro parecia perplexo e, de quando em quando, repetia:

– Que pena, senhor, que pena!

Como pôde, Raskólhnikov abriu caminho por entre aquele aperto de gente e conseguiu finalmente ver qual era a causa de todo aquele rebuliço e curiosidade. No chão jazia, desmaiado, um homem que acabara de ser atropelado pelos cavalos, muito mal vestido, mas de uma maneira decente, todo ensopado em sangue, que lhe escorria da cara e dos cabelos; tinha a cara toda machucada, desfigurado, informe. Era evidente que o atropelamento fora grave.

– *Bátiuchki* – gritava o cocheiro – como é que eu podia imaginar uma coisa destas! Se eu trouxesse os cavalos a galope, está bem; mas se eu ia a passo, por assim dizer, sem pressa! Todos veem que eu não estou mentindo. Um bêbado não vê a luz, isso já se sabe… Eu o vi atravessar a rua tropeçando, quase caindo, e então gritei-lhe por uma, duas e até três vezes, e puxei as rédeas aos cavalos; mas ele veio mesmo direitinho meter-se debaixo das patas dos cavalos e caiu no chão. Parece mesmo que o fez de propósito, ou então estava completamente bêbado… Os cavalos são novos, espantadiços… Puxaram pelo freio. Ele deu um grito, os animais espantaram-se ainda mais e assim se deu a desgraça.

– Isso é verdade, foi assim mesmo! – exclamou entre a multidão alguma testemunha do sucedido.

– Ele gritou por três vezes, avisando, isso é verdade! – exclamou uma segunda voz.

– Por três vezes, de certeza, todos nós ouvimos – gritou uma terceira.

Aliás, o cocheiro não estava muito aflito nem assustado. Era evidente que a carruagem pertencia a algum potentado ricaço e conhecido, que devia estar à espera dele em alguma casa conhecida; os guardas, não havia dúvida que se preocupavam com a maneira de remediar esta última circunstância. A única coisa que faltava era transportar a vítima ao hospital. Ninguém sabia o seu nome.

Entretanto Raskólhnikov abriu caminho e agachou-se para olhar mais de perto. De repente, a lanterna iluminou em cheio o rosto do infeliz e então ele o reconheceu.

– Eu o conheço, conheço-o! – exclamou, aproximando-se da primeira fila. – É um funcionário aposentado: o conselheiro titular Marmieládov. Vive aqui perto, no edifício Kosel… Um médico, já! Eu pago! Aqui tem!

Tirou dinheiro do bolso e mostrou-o ao policial. Estava comovido de espanto.

Os policiais ficaram muito satisfeitos quando souberam o nome do atropelado. Raskólhnikov disse-lhes também o seu, deu-lhes o endereço e tratou com o maior interesse da imediata remoção de Marmieládov para o seu domicílio.

– É ali, três prédios mais adiante – dizia – a casa de Kosel, um alemão riquíssimo… De fato, devia estar embriagado, devia ir para casa. Eu o conheço… era um beberrão… Tem família, filha, uma filha. Daqui até que o levem para o hospital… ao passo que ali, em sua casa, por certo que deve haver um médico. Eu pago, eu pago! Seja como for, aquela é a sua casa, terá logo quem trate dele, ao passo que daqui até chegar ao hospital pode, entretanto, morrer…

Até se apressou a meter uma moeda na mão dum dos policiais, embora o caso fosse claro e lícito e, em último caso, ali perto poderiam prestar-lhe auxílio. Ergueram o ferido e transportaram-no. Houve quem se prestasse a isso. A casa de Kosel ficava apenas a trinta passos dali. Raskólhnikov ia atrás, amparando-lhe a cabeça com muito

cuidado e indicando o caminho.

– Por aqui, por aqui! Quando subirem a escada é preciso porem-lhe a cabeça para a frente. Voltem-no… Assim! Eu pagarei tudo e ainda ficarei agradecido – murmurava.

Como de costume, assim que teve um momento livre Ekatierina Ivânovna pôs-se a dar voltas para um lado e para o outro no quarto exíguo, da janela até ao fogão e vice-versa, os braços cruzados e muito apertados contra o peito, falando sozinha e tossindo. Nos últimos tempos acostumara-se a falar mais frequentemente com a filhinha mais velha, Pólienhka, que tinha dez anos e que, embora ainda não compreendesse muitas coisas, entendia no entanto que era necessária à mãe, e por isso a seguia sempre para todos os lados com os seus olhos inteligentes e esforçava-se por imaginar tudo quanto poderia fazer para ajudá-la. Dessa vez, Pólienhka despira o irmãozinho, que estivera adoentado durante todo o dia, para o deitar. Enquanto lhe tirava a camisa, que queria deixar lavada nessa noite, o petiz permanecia sentado na cadeira, em silêncio, com uma expressão séria, direito e imóvel, com os pezinhos estendidos para a frente, os calcanhares juntos e os dedos para cima. Escutava o que diziam a mãe e a irmã, com os lábios abertos, uns olhos dilatados e sem se mexer, como de maneira geral costumam fazer todas as crianças sossegadas quando os despem para deitá-los. A outra irmãzinha, ainda mais pequena, toda esfarrapada, estava de pé, junto do biombo, esperando a sua vez. Tinham aberto a porta que dava para o patamar, para se libertarem, ainda que fosse por pouco tempo, daquela atmosfera de tabaco ordinário que vinha dos outros quartos e que a todos os momentos fazia tossir longa e dolorosamente a pobre tísica. Ekatierina Ivânovna parecia ter emagrecido ainda mais nessa semana e as rosetas vermelhas das suas faces brilhavam agora ainda mais do que antes.

– Tu não podes acreditar, não podes imaginar, Pólienhka – dizia, caminhando no quarto para um lado e para outro – como era feliz e brilhante a vida em casa do papai, como esse bêbado foi a minha ruína e há de ser a vossa. O papai era funcionário civil, era quase governador, pouco lhe faltava para isso. De maneira que todos iam visitá-lo e lhe diziam: “Nós já o consideramos como nosso governador, Ivan Mikháilovitch”. Quando eu… ham! Quando eu… ham, ham,

ham! Oh, maldita vida! – exclamou, expectorando e levando as mãos. ao peito. – Quando eu… ah! quando no último baile… em casa do marechal da nobreza… a princesa Biesimiélnaia[29] me viu… aquela que depois foi minha madrinha, quando me casei com o teu pai, Pólia… perguntou depois: “Essa linda moça não é a que dançou com o xale, quando saiu do colégio?”. (É preciso coser esse buraco; podias pegar já na agulha e arranjares isso como te ensinei… ou então amanhã… ham! amanhã… ham! ham! ham! Já estará maior) – exclamou, sufocada. – Nesse tempo chegara de Petersburgo o príncipe Chtchególski, que era um pajem e que dançou comigo uma mazurca, e no dia seguinte quis ir ver-me com qualquer pretexto; mas eu agradeci-lhe as suas frases amáveis e disse-lhe que o meu coração pertencia já a outro homem há muito tempo. Esse outro homem era o teu pai, Pólia: o meu pai ficou muito zangado… A água está pronta? Bem, dá-me cá a camisinha e as meias… Lida – e dirigia-se à filha mais nova – tu, esta noite, dormes sem camisa e põe as meias de lado… Lavamos tudo junto… Mas quando é que chegará esse desastrado? Bêbado! Traz aquela camisa, sabe-se lá há quanto tempo, e toda feita em farrapos… Queria lavar tudo junto para não passar duas más noites seguidas. Senhor… ha, ha, ha! Outra vez! Que será isto? – exclamou, ao ver um círculo de gente no patamar e uns indivíduos que se adiantavam transportando um vulto em direção ao seu quarto. – Que é isto? Que me trazem aqui? Meu Deus!

– Onde é que o pomos? – perguntou o guarda olhando à sua volta, assim que introduziram Marmieládov no quarto, ensanguentado e desmaiado.

– No divã! Ponham-no no divã, com a cabeça para este lado! – indicou Raskólhnikov.

– Atropelaram-no na rua, bêbado! – gritou alguém no patamar.

Ekatierina Ivânovna estava extremamente pálida e respirava dificilmente. Os petizes estavam assustados. A pequena Lídotchka gritava, apertava-se contra Pólienhka e abraçava-se a ela estreitamente, tremendo toda.

Depois de acomodar Marmieládov, Raskólhnikov olhou para

Ekatierina Ivânovna.

– Pelo amor de Deus, acalme-se, não se assuste! – apressou-se a dizer-lhe. – Ia atravessando a rua e um coche atropelou-o; mas não se aflija: verá como há de recuperar os sentidos. Eu mandei que o trouxessem para aqui; eu, aqui há tempos, já estive em sua casa, não se lembra? Vai ver como recupera os sentidos! Eu pagarei tudo!

– Já conseguiu! – gritou Ekatierina Ivânovna, desolada, e atirou-se sobre o corpo do marido.

Raskólhnikov reparou então que aquela mulher não era das que desmaiam logo. Colocou imediatamente uma almofada debaixo da cabeça do atropelado, coisa de que ninguém se lembrara; Ekatierina Ivânovna começou a despi-lo e pôs-se a examiná-lo bem, com muito cuidado e sem perder a serenidade, esquecida de si própria, mordendo os lábios trêmulos e contendo os gritos que queriam sair-lhe do peito.

Entretanto Raskólhnikov encarregou alguém dos presentes que fosse em busca do médico. Segundo parecia, este morava numa rua um pouco mais adiante.

– Mandei chamar um médico – disse a Ekatierina Ivânovna. – Não se aflija que eu pago. Não tem água? Dê-me também uma toalha, um pano qualquer, já; ainda não sabem onde está a ferida. Porque ele está só ferido, não está morto, pode ter a certeza… Vamos a ver o que o médico diz.

Ekatierina Ivânovna correu à janela com ligeireza; aí, numa cadeira derreada, num canto, havia um grande alguidar de barro cheio de água, que estava preparado para a lavagem noturna da roupa das crianças e do marido. Esta lavagem noturna era a própria Ekatierina Ivânovna quem a fazia, por suas próprias mãos, pelo menos duas vezes por semana, e às vezes até mais frequentemente, pois encontravam-se em circunstâncias tais que quase não tinham roupa branca para mudar e cada membro da família tinha apenas uma peça.

Ekatierina Ivânovna não podia suportar a sujidade, e preferia passar uns maus momentos, à noite, quando todos dormiam, para poder tirá-la depois, de manhã, do estendedouro, e entregá-la limpa,

do que ver sujidade na casa. Atendendo às indicações de Raskólhnikov, pegou no alguidar, mas quase que o deixava cair, de tão pesado. Ele, entretanto, descobrira uma toalha, e ensopando-a em água pôs-se a lavar o rosto de Marmieládov, manchado de sangue.

Ekatierina Ivânovna permanecia de pé, respirando afanosamente e sustendo o peito com as mãos. Também ela precisava de assistência. Raskólhnikov começou a compreender que talvez tivesse feito mal em mandar levar para ali o ferido. Também o guarda se mostrava perplexo.

– Pólia – exclamou Ekatierina Ivânovna – vai já chamar Sonha! Se não a encontrares em casa, não faz mal; deixa recado de que o pai foi atropelado por um coche e que venha imediatamente assim que chegar. Corre, Pólia! Toma, cobre-te com este lenço!

– Corre ligeira! – gritou-lhe de repente o rapazinho, da sua cadeira, e depois de dizer isto tornou a afundar-se no seu mutismo anterior; continuou muito direito, sentado na cadeira, com os olhos muito abertos, os calcanhares juntos e as pontas dos pés para fora.

Entretanto o quarto enchera-se completamente. Um dos guardas saiu, deixando o outro, o qual se esforçava por dispersar o público que se apinhara no patamar e fazê-lo retroceder para a escada. Depois, dos quartos interiores começaram a sair quase todos os hóspedes da senhora Lippewechsel, os quais se comprimiam à entrada da porta, acabando por entrar no quarto de tropel. Ekatierina Ivânovna ficou estupefata.

– Ao menos deixem as pessoas morrer em paz! – exclamou, encarando aquela multidão. – Querem é espetáculo! E com os cigarros! He, he, he, he! Só lhes falta trazerem o chapéu na cabeça! Olhem, ali está um com a cabeça coberta! Fora daqui! Um cadáver merece respeito!

Deu-lhe um ataque de tosse; mas a admoestação produziu efeito. Era evidente que os outros inquilinos tinham medo de Ekatierina Ivânovna; uns atrás dos outros, retrocederam para a porta, empurrando-se, com essa comoção íntima de satisfação que se observa sempre, até nas pessoas mais chegadas, à vista da inesperada desgraça

do próximo, e à qual nenhum homem sem exceção escapa, apesar do mais sincero sentimento de piedade e simpatia.

Aliás, do outro lado da porta ouvia-se falar de hospital e de que não estava certo que se perturbasse assim, escusadamente, a tranquilidade duma casa.

– O quê? Não está certo que se morra? – gritou Ekatierina Ivânovna, e ia já correndo para abrir a porta e lançar sobre toda aquela gente uma torrente de ralhos, quando esbarrou com a senhora Lippewechsel, que acabava de ser informada daquela infelicidade e acorria a restabelecer a ordem. Era uma alma enredadeira e indiscreta.

– Ah, meu Deus! – exclamou, erguendo os braços. – Os cavalos atropelaram-lhe o marido, que ia embriagado! Pois então para o hospital! Eu sou a senhoria!

– Amália Liúdvigovna! Peço-lhe que repare no que está dizendo – admoestou-a Ekatierina Ivânovna com altivez (falava sempre com altivez à senhoria, para que ela soubesse o lugar que ocupava), e nem naquele momento conseguiu privar-se dessa satisfação. – Amália Liúdvigovna!

– Já lhe disse por mais de uma vez que não me chame Amália Liúdvigovna, mas sim Amalivan!

– A senhora não é Amalivan, mas sim Amália Liúdvigovna e, como eu não pertenço a esse grupo de vis aduladores que a senhora tem, como o senhor Liebiesiátnikov, que tem o descaramento de estar aí atrás da porta neste momento. – De fato, atrás da porta ouviram-se risos e uma voz que dizia: “Vão-se engalfinhar as duas” – eu sempre lhe chamarei Amália Liúdvigovna, embora nunca consiga explicar a mim própria por que é que não gosta que a chamem assim. A senhora bem vê o que aconteceu a Siemion Zakhárovitch, que está morrendo. Peço-lhe que feche imediatamente essa porta e não deixe entrar aqui ninguém. Deixem-no, ao menos, morrer tranquilo! Senão, previno-a de que amanhã mesmo levarei ao conhecimento do próprio general-governador a sua atitude. O príncipe conhece-me desde pequena e recorda-se muito bem de Siemion Zakhárovitch, ao qual algumas vezes concedeu alguns favores. Todos sabem que Siemion

Zakhárovitch tinha muitos amigos e protetores, dos quais ele próprio se afastou por um sentimento de nobre orgulho, porque compreendia o infeliz vício que tinha; mas, agora – e apontou para Raskólhnikov, – há um senhor, jovem e generoso, que nos ajuda, que tem meios e relações, e que Siemion Zakhárovitch conheceu desde pequenino; e pode ter a certeza, Amália Liúdvigovna…

Disse tudo isso com extrema rapidez, que ia aumentando à medida que falava, até que um novo ataque de tosse veio interromper a eloquência de Ekatierina Ivânovna. Nesse momento o moribundo voltou a si, lançou um gemido e ela correu para o seu lado. O ferido abriu os olhos e, embora ainda sem compreender nem reconhecer ninguém, ficou olhando para Raskólhnikov, que estava de pé à sua cabeceira. Respirava com dificuldade, num ritmo profundo e espasmódico; tinha um pouco de sangue nas comissuras dos lábios; o suor corria-lhe pela testa. Ainda sem ter reconhecido Raskólhnikov, começou a fixar sobre ele olhares inquietos. Ekatierina Ivânovna olhou-o com uns olhos tristes mas severos, dos quais corriam lágrimas.

– Meu Deus! Tem o peito todo esfacelado! Tanto sangue, tanto sangue! – exclamou, desolada. – É preciso tirar-lhe a roupa toda que tem em cima! Levanta-te um pouco Siemion Zakhárovitch, se podes – gritou-lhe.

Marmieládov reconheceu-a.

– Um padre! – exclamou com voz rouca.

Ekatierina Ivânovna dirigiu-se para a janela, encostou a testa ao vidro e exclamou:

– Ó vida três vezes maldita!

– Um padre! – tornou a pedir o moribundo, depois de um minuto de silêncio.

– Chega! – gritou-lhe Ekatierina Ivânovna.

Ele obedeceu à reprimenda e calou-se. Com uma expressão tímida e triste pôs-se a procurá-la com os olhos; ela voltou para o seu lado e

colocou-se à sua cabeceira, de pé. Ele serenou um pouco, mas não por muito tempo. Não tardou que os seus olhos pousassem sobre a pequena Lídotchka (a sua preferida), que tremia num canto como se tivesse um ataque, e que o contemplava com os seus olhos atônitos, infantilmente fixos.

– A… a… – e apontou a menina com inquietação. Queria dizer qualquer coisa.

– Que é? – gritou Ekatierina Ivânovna.

– Descalça! Descalça! – murmurou, apontando com um olhar quase desmaiado os pés descalços da pequena.

– Ca…la-te! – gritou-lhe com repugnância Ekatierina Ivânovna. – Tu bem sabes por que é que ela está descalça!

– Louvado seja Deus! O médico! – exclamou Raskólhnikcv com alvoroço.

O médico entrou; era já velhinho, um alemão, que olhava com olhos receosos; aproximou-se do ferido, tomou-lhe o pulso, examinou-lhe a cabeça com muita atenção e com o auxílio de Ekatierina Ivânovna desabotoou-lhe a camisa, toda empapada em sangue, deixando-lhe o peito a descoberto. Estava todo machucado, ferido, dilacerado; viam-se algumas costelas quebradas no lado direito. No lado esquerdo, mesmo junto do coração, via-se uma grande mancha, amarelada e negra: o terrível-sinal da patada do cavalo. O médico franziu o sobrolho. O policial contou-lhe que o ferido fora apanhado por uma roda e arrastado uns trinta passos pela rua.

– É espantoso que tenha podido recuperar os sentidos – murmurou o médico em voz baixa, dirigindo-se a Raskólhnikov.

– Que lhe parece? – perguntou-lhe ele.

– Que está para soltar o último suspiro de um momento para o outro.

– E não há nenhuma esperança?

– A mínima esperança. Está expirando. Demais, tem a cabeça gravemente ferida… Hum! Talvez se lhe pudesse fazer uma sangria… mas seria inútil. Não tem mais do que cinco ou dez minutos de vida.

– Sangre-o, senhor doutor.

– Está bem, mas previno-o de que será completamente inútil.

Nesse momento ouviram-se passos, o círculo dos curiosos abriu-se, no patamar, e à porta apareceu um sacerdote, um velhinho de cabelos brancos, que vinha trazer a extrema-unção. Atrás dele vinha um policial, que o escoltara já na rua. O médico cedeu-lhe logo o seu lugar e trocou com ele um olhar significativo. Raskólhnikov pediu ao médico que esperasse um pouco. Aquele encolheu os ombros e esperou.

Todos se afastaram. A confissão foi muito rápida. O moribundo não dava coisa por coisa nenhuma; apenas podia proferir sons entrecortados, indistintos. Ekatierina Ivânovna pegou em Lídotchka, levantou o pequenino da cadeira e, retirando-se com eles para um canto, junto do fogão, pôs-se de joelhos e obrigou também as crianças a ajoelharem à sua frente. Lídotchka tremia toda; e o menino, que estava sobre o chão com os seus joelhos nus, levantou maquinalmente a mãozinha, benzeu-se e dobrou-se até tocar no chão com a testa, o que parecia dar-lhe uma grande satisfação. Ekatierina Ivânovna mordia os lábios e reprimia as lágrimas; também ela rezava, arranjando de vez em quando a camisinha do petiz e indo buscar um xale que havia em cima da cômoda e deitando-o por sobre os ombros da menina, demasiado nus, sem levantar nem deixar de rezar. Entretanto, forçada pelos curiosos, a porta que dava para os quartos interiores tornou a abrir-se.

No patamar amontoavam-se grupos cada vez mais densos de curiosos: inquilinos de todos os andares que, entretanto, não ultrapassavam os umbrais. Só uma lamparina iluminava a cena.

Nesse momento, Pólienhka, que chegava correndo, depois de ter ido avisar a irmã, abriu rapidamente caminho por entre as pessoas.

Entrou, quase sem fôlego, da corrida veloz, tirou o lenço,

procurou a mãe com os olhos, aproximou-se dela e disse-lhe: ‘Ela vem! Encontrei-a na rua!”.

A mãe obrigou-a a ajoelhar-se e reteve-a a seu lado. Uma mocinha deslizou por entre as pessoas, discreta e timidamente; e era estranha a sua presença inopinada naquele quarto, no meio daquela miséria e de todos aqueles farrapos, morte e desolação. Também ela estava modestamente vestida; o seu traje era barato, mas arranjadinho no estilo da rua, ao gosto e segundo as regras que regiam o seu pequeno mundo especial, consagrado a um fim declarado e vergonhoso. Sonha parou no patamar, mesmo junto da porta, mas não entrou e ficou olhando daí, como uma louca, aparentemente sem se aperceber de nada, esquecida até do seu vestido berrante, comprado em quarta mão, de seda, indecoroso em tal lugar, e com uma gola ridícula, e da enorme crinolina que abrangia todo o vão da porta as suas botinas de cor, da sua pequena sombrinha, desnecessária de noite, mas que trazia consigo, e do seu grotesco chapelinho de palha, com uma brilhante pena cor de fogo. Por debaixo desse chapelinho, inclinado a um lado, como usam as crianças, assomava uma carinha fria, pálida e assustada, com a boquinha aberta e uns olhos imóveis de espanto. Sonha era de pequena estatura, de uns dezoito anos, delgadinha; mas, no conjunto era uma loura bastante graciosa, com uns olhos azuis que chamavam a atenção. Olhava o divã, o sacerdote, de alto a baixo; respirava também apressadamente, devido à corrida que dera. Até que finalmente deviam ter chegado até junto dela um cochichar, algumas palavras saídas de entre a multidão. Baixou a cabeça, avançou um passo transpondo a entrada e encontrou-se no quarto, mas ainda próximo da porta.

A confissão e a comunhão tinham acabado. Ekatierina Ivânovna tornou a aproximar-se do leito do marido. O sacerdote afastou-se e, ao retirar-se, voltou para dizer duas palavras de auxílio e consolo a Ekatierina Ivânovna.

– E para onde vou eu, agora, com estas crianças? – disse-lhe ela numa voz cortante e irritada, mostrando-lhe os pequenos.

– Deus é misericordioso; confie no auxílio do Altíssimo! – começou o sacerdote.

– Ah! Misericordioso, sim, mas não para nós!

– Isso é pecado, isso é um pecado, senhora! – observou o sacerdote, movendo a cabeça.

– E isto não é pecado? – exclamou Ekatierina Ivânovna apontando para o moribundo.

– Pode ser que aqueles que involuntariamente lhe causaram a morte cheguem a indenizá-la, ainda que seja apenas pela perda dos seus ganhos…

– O senhor não me compreende! – exclamou Ekatierina Ivânovna irritada, agitando as mãos. – Por que haviam de indenizar-me, se foi ele mesmo que, embriagado, se foi meter debaixo das patas dos cavalos? Quais ganhos? Não recebia nada dele, só me dava tormentos. O bêbado gastava tudo na bebida! Roubava-nos para ir gastar tudo na taberna. Gastava a vida dele e a minha pelas tabernas. Graças a Deus que morreu, finalmente! É uma despesa a menos!

– Deve perdoar-lhe na hora da morte; e isso é pecado, senhora, esses sentimentos são um grande pecado!

Ekatierina Ivânovna era incansável junto do doente: dava-lhe de beber, enxugava-lhe o suor e o sangue da cabeça, endireitava-lhe a almofada e discutia com o sacerdote, voltando-se de vez em quando para olhar para ele, sem abandonar a sua tarefa. Agora, de repente, dirigiu-se a ele quase com repugnância:

– Ah, *bátiuchka*! Uma palavra, só uma palavra! Perdoar! Andava sempre bêbado como é que não haviam de atropelá-lo? Não tinha senão uma camisa, toda rota, ou, para melhor dizer, um farrapo, com a qual havia de dormir esta noite, enquanto eu ficaria até de madrugada com as mãos metidas na água, lavando a sua roupa e a das crianças, e depois havia de ir estendê-la na varanda, e de manhã havia de me pôr a passá-la… aí tem o senhor o que teria sido a minha noite! E ainda me vem falar de perdão! Se bem que, afinal, eu já lhe perdoei…

Uma tosse profunda, terrível, cortou as suas palavras. Tossiu

sobre o lenço e mostrou-o depois ao sacerdote, apertando dolorosamente o peito com a outra mão. O lenço estava manchado de sangue…

O padre baixou a cabeça em silêncio e não disse nada.

Marmieládov estava na agonia; não tirava os olhos do rosto de Ekatierina Ivânovna, que tornara a inclinar-se sobre ele. Queria dizer qualquer coisa e ainda começou fazendo um esforço para mover a língua; mas Ekatierina Ivânovna compreendendo que o que ele queria era pedir-lhe perdão, gritou-lhe imediatamente com uma voz imperiosa:

– Ca…la-te! Não é preciso! Eu sei o que tu queres dizer!

E o doente calou-se; mas, nesse mesmo momento, o seu olhar errante foi pousar-se na porta e viu Sonha.

Até então não reparara nela; estava num canto, encostada à parede.

– Quem é aquela? Quem é aquela? – exclamou, de repente, com uma voz estentórea, sobressaltado, apontando espantado para a porta onde estava a filha e esforçando-se por se erguer.

– Deita-te! Deita-te… e… e! – gritou-lhe Ekatierina Ivânovna.

Mas ele, com forças sobre-humanas, conseguiu apoiar-se sobre uma mão. Contemplou durante algum tempo a filha, ansiosa e fixamente, como se não a reconhecesse. Até então, nunca a vira vestida daquela maneira. De repente reconheceu-a, humilhada, abatida e envergonhada dentro dos seus atavios, esperando placidamente que chegasse a sua vez de despedir-se do pai moribundo. Uma dor imensa se refletia no seu rosto.

– Sonha… Filha… Perdoa-me! – exclamou ele e estendeu-lhe a mão; mas, como perdeu o apoio, resvalou, caiu do divã e rolou de cabeça para o chão; acorreram a levantá-lo, deitaram-no outra vez, mas estava já expirando.

Sonha lançou um pequeno grito, correu para abraçá-lo e nesse

abraço ele soltou o último suspiro.

– Acabou! – exclamou Ekatierina Ivânovna ao ver o cadáver do marido. – Bem, agora que se há de fazer? Com que hei de eu amortalhá-lo? E a estes, que lhes hei de dar de comer amanhã?

Raskólhnikov aproximou-se de Ekatierina Ivânovna.

– Ekatierina Ivânovna – começou a dizer-lhe – a semana passada, o seu falecido marido contou-me toda a sua vida e todas as suas circunstâncias… Pode ter a certeza de que falou da senhora com um orgulho respeitoso. Desde essa noite em que eu pude ver até que ponto ele gostava de todos vós, e especialmente da senhora, Ekatierina Ivânovna, a respeitava e amava, apesar da sua lamentável fraqueza, desde essa noite ficamos amigos… Dê-me licença agora… que eu contribua… cumprindo o dever que tenho para com o meu defunto amigo. Aqui tem… vinte rublos, julgo que… e se pudesse ser-lhe útil em qualquer coisa… Enfim, tornarei a passar por aqui… Sim, sim, hei de passar, com certeza. Talvez passe já amanhã… Adeus!

E saiu rapidamente do quarto, abrindo como pôde caminho por entre as pessoas, até à escada; mas no patamar encontrou de repente Nikodim Fomitch, que já tomara conhecimento do desastre e desejava ser ele a adotar pessoalmente as disposições necessárias. Desde aquela cena no Comissariado que não tornara a vê-lo; mas Nikodim Fomitch reconheceu-o imediatamente.

– O quê? É o senhor? – perguntou-lhe.

– Morreu – respondeu-lhe Raskólhnikov. – Veio o médico, veio o padre; correu tudo como devia ser. Não aflija muito a pobre viúva, pois já lhe chega estar tísica. Procure animá-la com qualquer coisa, se puder… Segundo me consta, o senhor é boa pessoa… – acrescentou com um sorriso, olhando-o nos olhos.

– Mas o senhor está todo manchado de sangue! – observou Nikodim Fomitch, reparando, à luz do lampião, numas manchas frescas recentes, que havia no colete de Raskólhnikov.

– Sim, manchei-me… Estou todo salpicado de sangue! –

confirmou Raskólhnikov com um gesto especial, depois do que sorriu, fez uma inclinação de cabeça e continuou a descer as escadas.

Descia devagar, imperturbável, mas febril e sem se aperceber disso, tomado de uma comoção nova, transbordante, que, como uma onda de vida plena e poderosa, o invadia de repente. Essa comoção podia comparar-se com a que experimenta o condenado à morte, ao qual, de súbito e do modo mais inesperado, participam o indulto. Quando ia a meio da escada foi alcançado pelo sacerdote, que voltava para casa; em silêncio, Raskólhnikov deixou-o passar adiante, trocando com ele uma saudação silenciosa. Mas ia já pondo os pés nos últimos degraus, quando sentiu de repente uns passos apressados atrás de si. Alguém se esforçava por alcançá-lo. Era Pólienhka que corria atrás dele e o chamava:

– Escute! Escute!

Voltou-se. A pequenina desceu correndo os últimos degraus, e ficou parada na frente dele, um degrau mais acima. Do pátio vinha uma luz fraca. Raskólhnikov contemplou a carinha da menina, vincada mas bonita, que lhe sorria alegre, infantilmente, e o olhava. Tinham-na mandado com alguma incumbência que, entretanto, não devia agradar-lhe muito.

– Escute, como se chama? E onde é que mora? – perguntou com uma voz ofegante.

Ele lhe pôs as mãos sobre os ombros e olhou-a com uma certa beatitude: era-lhe tão agradável olhar para ela, sem que, no entanto, soubesse por quê!

– Quem é que te mandou vir ter comigo?

– Foi a minha irmã Sonha – respondeu a menina, sorrindo-lhe ainda com mais agrado.

– Já sabia que foi a tua irmã Sonha que te mandou.

– A minha *mámienhka* também me mandou. Quando a minha irmã Sonha estava a dar-me o recado, a mãezinha chegou também e disse-

me: “Corre depressa, Pólienhka!”.

– Gostas muito da tua irmã Sonha?

– É a pessoa de quem gosto mais no mundo! – afirmou Pólienhka com uma convicção especial e, de repente, o seu sorriso tornou-se mais sério.

– E de mim, também és capaz de gostar?

Como resposta ela aproximou a sua carinha, com os lábios grossos ingenuamente estendidos para beijá-lo. De repente as suas mãozinhas, extremamente finas, puxaram por ele com força, com muita força, a sua cabeça pendeu sobre o ombro dele e a pequenina começou a chorar mansamente, apertando cada vez mais contra ele a sua carinha.

– Meu pobre paizinho! – exclamou, passado um minuto, erguendo a carinha chorosa e enxugando as lágrimas com as mãos. – Aconteceram-nos hoje tantas desgraças! – acrescentou de repente, com esse gesto especialmente sério que as crianças tomam forçadamente quando querem falar com gente grande.

– O vosso pai gostava de vocês?

– De quem ele gostava mais era de Lídotchka – continuou ela muito séria, sem um sorriso, tal como se exprimem as pessoas adultas – porque é a mais pequena e também porque está doentinha; trazia-lhe sempre uma prenda; a nós ensinava-nos a ler e a mim ensinava-me gramática e a Lei de Deus – acrescentou com dignidade. – A mãe não dizia nada; mas nós sabíamos que isso lhe agradava e o pai também sabia; a mãe, agora, quer que eu aprenda francês, porque já é tempo de instruir-me.

– E rezar, sabes?

– Com certeza que sabemos! Há muito tempo; eu, como sou mais velha, rezo sozinha; mas Pólia e Lídotchka rezam com a mãezinha; primeiro a Salve-Rainha, e depois uma oração que diz: “Senhor, perdoa e abençoa a nossa irmã Sonha”, e depois também: “Senhor, perdoa e abençoa o nosso paizinho” porque o nosso outro pai já

morreu, e este de agora é outro, e nós também rezamos por ele.

– Pólietchka, eu me chamo Rodion. Pede também algumas vezes a Deus por mim, pelo seu servo Rodion… só isto.

– Daqui em diante rezarei sempre pelo senhor – disse a pequenina com veemência, e de repente tornou a rir, atirando-se contra ele e voltando a abraçá-lo fortemente.

Raskólhnikov disse-lhe o seu nome, deu-lhe o endereço e prometeu-lhe que passaria por ali, sem falta, no dia seguinte. A pequenina separou-se dele cheia de entusiasmo. Eram onze horas quando ele chegou à rua. Passados cinco minutos estava já na ponte, precisamente no mesmo lugar em que a tal mulher se atirara à água.

– Basta! – exclamou com energia e entusiasmo. – Fora com ilusões, com medos absurdos, com visões! Ah, a vida! Não vivi eu, por acaso, há um momento? A minha vida não morreu ao mesmo tempo que a da velha viúva! Ela está no Céu e… Já chega, velhota; agora já é tempo de deixar os outros em paz! Que agora comece o reino da razão e da luz, da liberdade e da força, e depois veremos! Vamos ver qual de nós é quem ganha! – acrescentou com altivez, como se se dirigisse a alguma força oculta, em atitude de desafio. – Eu já me resignei a viver num *archin* de terreno! Neste momento estou muito fraco; mas parece que a doença me passou completamente. Eu já sabia que isto havia de ser assim, quando saí. E a propósito: a casa de Potchínkova fica a dois passos daqui. É infalível que hei de ir ver Razumíkhin e, ainda que não estivesse a dois passos, iria da mesma maneira… Que ganhe a aposta! Que se divirta à minha custa… não há outro remédio! O que é preciso é energia, energia; sem energia não se consegue nada; e a energia obtém-se com a própria energia, eis o que muitos não sabem – acrescentou, ufano e convencido, e, mal podendo mexer os pés, afastou-se da ponte.

A ufania e uma altiva dignidade apoderavam-se dele a cada instante, de tal maneira que, de um momento para o outro, não era já a mesma pessoa que no minuto anterior. Mas que lhe acontecia de especial para ter mudado assim? Nem ele mesmo sabia. Como um náufrago que se agarra a uma tábua, parecia-lhe de repente que

também ele poderia viver, que ainda lhe restava vida, que a sua vida não morrera juntamente com a da velha viúva. Pode ser que se tivesse apressado muito a tirar essa conclusão, mas não se detinha a pensar nisso.

“Pelo servo Rodion já eu pedi, apesar de não ter rezado – foi o pensamento que lhe passou pela cabeça. – Bem… quanto a isso… foi por acaso” – acrescentou e sorriu da sua infantil lembrança. Estava numa excelente disposição de espírito.

Foi-lhe fácil encontrar Razumíkhin: na casa Potchínkova conheciam já o novo vizinho, e o porteiro ensinou-lhe imediatamente o caminho do quarto. A meio da escada ouviu logo o burburinho e a animada conversa de uma reunião numerosa. A porta do andar estava completamente aberta: ouviam-se vozes e barulho de discussões. O quarto de Razúmikhin era bastante espaçoso e estavam nele reunidas quinze pessoas. Raskólhnikov parou no vestíbulo. Do outro lado do tabique, dois criados do dono da casa andavam atarefados em volta de dois grandes samovares, com garrafas, bandejas e pratos carregados de massas alimentícias e aperitivos, trazidos da cozinha do dono da casa. Raskólhnikov mandou chamar Razumíkhin. Este acorreu logo, pressuroso. Percebia-se à primeira vista que tinha bebido um pouco a mais e, embora Razumíkhin nunca bebesse até ficar embriagado, dessa vez notava-se um pouco.

– Ouve, – apressou-se a dizer-lhe Raskólhnikov – vim apenas para dizer-te que ganhaste a aposta e que, de fato, ninguém é capaz de saber o que pode acontecer-lhe. Mas entrar, não entro; estou tão fraco que me sinto quase desfalecer. Por isso, saúde e adeus! Mas, amanhã, não deixes de me ir ver.

– Olha, vou acompanhar-te a casa. Se tu próprio dizes que estás tão fraco…

– E os convidados? Quem é esse indivíduo de cabelos louros que ainda agora estava olhando para aqui?

– Esse? Sei lá! Deve ser um amigo do meu tio, mas também pode ser que tenha vindo sozinho… O meu tio, que é um homem admirável, ficará com eles; é pena que eu não possa te apresentar a ele agora.

Mas, no fim de contas, que vão todos para o diabo! Neste momento não me preocupo com eles e, além disso, preciso de tomar um pouco de ar; chegaste mesmo a propósito: mais dois minutos e ficaria zangado com todos… juro-te! Sempre dizem tais mentiras… Não podes imaginar até que ponto o homem é capaz de mentir. Embora, no fim de contas, nos apercebamos muito bem! Por acaso não mentimos nós também? Bem, pois que mintam; em compensação, depois já não hão de mentir… espera um minuto que vou buscar Zósimov.

Zósimov veio afanosamente ao encontro de Raskólhnikov; notava-se nele uma curiosidade especial e não tardou que o rosto se lhe iluminasse.

– Já para a cama – decidiu, depois de examinar o melhor possível o doente. – Seria conveniente que tomasse qualquer coisa durante a noite, não acha? Eu arranjei… um papelinho…

– Ainda que fossem muitos – respondeu Raskólhnikov.

Tomou ali mesmo o conteúdo do papelinho.

– Fazes muito bem em acompanhá-lo – observou Zósimov, dirigindo-se a Razumíkhin. – Veremos como é que ele está amanhã, mas, por hoje, a coisa não vai mal, há um progresso notável de ontem para hoje. Um século de vida, um século de aprendizagem…

– Sabes o que me dizia há pouco Zósimov, em voz baixa, quando nós saíamos? – disse-lhe Razumíkhin assim que se viram na rua – Eu, meu caro, vou dizer-te tudo francamente, visto que eles são todos uns tolos. Zósimov mandou-me que fosse falando contigo pelo caminho e te fosse puxando pela língua, e depois lhe contasse tudo, pois diz que tem uma ideia: que tu estás doido ou pouco menos. Imagina! Em primeiro lugar, tu és três vezes mais inteligente do que ele; e, além disso, uma vez que não estás louco, devias não te importar com essa ideia dele; e, em último lugar, ele é um bruto e cirurgião de ofício, e deu-lhe agora para se intrometer nas doenças mentais e, pelo que te diz respeito, a tua conversa de hoje com Zamiótov desorientou-o completamente.

– Zamiótov contou-te tudo?

– Tudo, e fez muito bem. Agora já compreendo todos os pormenores do assunto, e o mesmo acontece a Zamiótov… Sim, de fato. Em resumo, Rodka, no fundo… Eu, agora, estou um pouco tocado… Mas não importa… No fundo, essa ideia… compreendes?… de fato, tinha-se arraigado neles, compreendes? É claro que eles nunca se atreveram a exprimi-la em voz alta, porque se trata de uma estúpida tolice, e sobretudo, quando prenderam esse pintor de paredes, tudo isso se desfez no ar e acabou para sempre. Mas por que serão eles tão idiotas? Eu, nessa altura – meu amigo, isto fica entre nós – o fiz dar à língua, não digas isto a ninguém e não te dês por achado perante ele; já reparei que és um bocadinho vaidoso; reparei nisso em casa de Lavisa… Mas hoje, hoje, ficou tudo claro. A principal culpa foi desse Iliá Pietróvitch. A princípio aproveitou-se do teu desmaio no Comissariado, mas depois, ele próprio se sentiu envergonhado: parece-me que…

Raskólhnikov escutava-o com ansiedade. Razumíkhin, na sua bebedeira, falava pelos cotovelos.

– Eu desmaiei por causa da atmosfera pesada e do cheiro a pintura fresca que havia lá – disse Raskólhnikov.

– E ainda estás com explicações! Mas é que não há só a questão da pintura: havia já um mês que a congestão estava incubando; Zósimov pode afiançá-lo! Mas não podes imaginar como ele está abatido, coitado! “Nem sequer chego aos calcanhares dele!” Este “ele” eras tu! Às vezes, meu amigo, aparenta bons sentimentos. Mas a lição de hoje, a lição de hoje no Palácio de Cristal foi o cúmulo da perfeição. Começaste por meter-lhe medo, por fazer com que ele sentisse calafrios. Chegaste quase a obrigá-lo a obstinar-se de novo em todo esse monstruoso disparate e, depois, de repente, escapaste-te e puxaste-lhe pela língua. Vamos, vamos, ó diabo, já o apanhei! Ótimo! Agora está contrafeito, acabrunhado! És um mestre; e é assim que é preciso proceder com essa gente! Oh, por que não estaria eu presente? Esperava-te com uma impaciência horrível. Porfíri também queria conhecer-te…

– Ah! Esse também! Mas… por que se lhes teria metido na cabeça que eu estou louco?

– Mas eles, verdadeiramente, não dizem que tu estás louco. Parece-me que eu, meu amigo, já dei demais à língua contigo… O que o impressionou, fica sabendo, é que, há pouco, tivesses mostrado tanto interesse, unicamente por esse assunto… Agora já se percebe por que é que te interessavas, uma vez que conhecias todos os pormenores… e como isto te trouxe enervado e estava relacionado com a doença… Eu, meu caro, estou um bocadinho embriagado, mas só Deus sabe qual é a ideia deles… Repito-te: a esse, deu-lhe para as doenças mentais. Mas tu não lhe ligues e manda-o passear!

Ficaram ambos em silêncio por meio minuto.

– Ouve, Razumíkhin – exclamou Raskólhnikov – eu quero falar-te com a máxima franqueza: há pouco estive numa casa onde falecera certo funcionário… também lhes dei dinheiro… e, além disso, também aí acabou de beijar-me uma pessoa que, ainda que não tivesse morto ninguém, ainda que, bem, numa palavra, tive oportunidade de ver também aí uma criatura… com uma pluma cor de fogo… mas, além disso, eu dou o braço a torcer; estou muito fraco, segura-me… Já vamos na escada?

– Mas que tens tu? Que tens? – perguntou-lhe Razumíkhin, alarmado.

– Sinto a cabeça um pouco tonta; mas não se trata disso, é que tenho uma tristeza tão grande, tão grande! Pareço uma mulher… não achas? Olha, que é aquilo? Repara, repara!

– Que dizes?

– Mas não estás vendo? A luz do meu quarto… Não vês? Pela fresta…

Estavam já em frente do último patamar, para o qual dava a porta do andar da dona da casa e, de fato, ali debaixo notava-se que a luz estava acesa no cubículo de Raskólhnikov.

– É estranho! Talvez seja Nastássia – observou Razumíkhin.

– Não, ela nunca entra no meu quarto a esta hora e já há muito que deve dormir a sono solto; mas… tanto faz! Adeus!

– Que tens? Eu te acompanho, entramos juntos!

– Já sei que entramos juntos; mas eu quero apertar-te aqui a mão e despedir-me de ti. Bem, dá-me a mão! Adeus, até à vista!

– Mas que te aconteceu, Rodka?

– Nada. Entremos; tu serás testemunha…

Tornaram a subir as escadas e Razumíkhin pensou, por momentos, se Zósimov não teria razão: "Ah! Dei-lhe volta ao juízo com a minha conversa!", resmungou para consigo. De repente, quando iam já entrando, ouviram uma voz dentro do quarto.

– Quem será? – exclamou Razumíkhin.

Raskólhnikov foi o primeiro que puxou pela porta e a abriu de par em par; abriu-a e ficou parado à entrada, como se tivesse ficado pregado ao chão.

A mãe e a irmã estavam sentadas no divã e havia já hora e meia que esperavam por ele. Por que será que elas eram quem menos esperava e nelas que menos pensava, apesar da notícia confirmativa que tivera nesse dia, de que chegariam em breve, de que não tardariam a chegar, de que estariam ali de um momento para o outro? Tinham gasto aquela hora e meia interrogando Nastássia, que ainda ali estava junto delas e se tinha apressado a contar-lhes tudo com todos os pormenores. E não conseguiram compreender, de tão assustadas que estavam, quando ela lhes disse que ele se tinha escapulido doente, segundo se deduzia da narrativa, em autêntico estado de delírio… "Santo Deus, que lhe teria acontecido?" Começaram as duas a chorar, as duas sofreram um suplício cruciante naquela hora e meia de espera.

Jubiloso, triunfal clamor acolheu a presença de Raskólhnikov. Atiraram-se ambas contra ele. Mas ele ficou parado como um morto:

um insuportável, súbito pensamento o feriu como um raio. Nem sequer ergueu as mãos para abraçá-las. Não podia! Mãe e filha apertaram-no fortemente nos braços, beijavam-no, riam e choravam… Ele deu um passo, cambaleou e caiu no chão desmaiado.

Alarme, gritos de horror, lamentos… Razumíkhin, que ficara de pé junto da porta do quarto, entrou como um relâmpago, pegou no doente com os seus braços vigorosos e colocou-o rapidamente sobre o divã.

– Não é nada, não é nada! – exclamou, dirigindo-se à mãe e à irmã. – Foi uma vertigem, uma coisa sem importância! Ainda há pouco o médico acabou de dizer que ele já está muito melhor, que já está completamente bom! Água! Eia! Ora vejam como está já tornando a si, como recupera os sentidos!

E, pegando na mão de Dunietchka, de uma maneira que quase lhe a desarticulava, fê-la agachar-se para que visse como ele já estava voltando a si. Tanto a mãe como a filha olharam para Razumíkhin como para um fantasma, com espanto e gratidão; elas já tinham ouvido Nastássia contar o que, durante todo aquele tempo da doença, fora para o seu Rodka aquele "rapaz expedito", como lhe chamou nessa mesma noite, em conversa íntima com Dúnia, a própria Pulkhiéria Alieksándrovna Raskólhnikova.

# Terceira parte

## Capítulo primeiro

Raskólhnikov ergueu-se e sentou no divã.

Com gesto débil fez sinal a Razumíkhin para que pusesse fim a toda aquela torrente de incoerentes e fogosos consolos que prodigalizava a sua mãe e a sua irmã, pegou nas mãos de ambas e ficou dois minutos em silêncio, contemplando, ora uma, ora outra. A mãe assustou-se com o seu olhar. Notava-se nele um sentimento enérgico, quase doloroso; mas ao mesmo tempo deixava transparecer

qualquer coisa de fixo e até de insensato. Pulkhiéria Alieksandrovna começou a chorar.

Avdótia Românovna estava pálida; a sua mão tremia na mão do irmão.

– Voltem para casa… com ele – exclamou com voz entrecortada, indicando-as a Razumíkhin – até amanhã; amanhã tudo… Já chegaram há muito tempo?

– Esta noite, Rodka – respondeu-lhe Pulkhiéria Alieksándrovna. – O trem trazia um atraso enorme. Mas, Rodka, agora não me separarei de ti, por nada deste mundo! Fico dormindo aqui, junto de…

– Não me atormentem! – exclamou ele movendo a mão com excitação.

– Eu fico com ele! – disse Razumíkhin. – Não o deixarei só nem um momento, e os outros, os que estão em minha casa, que vão todos para o diabo! O meu tio que presida à festa.

– Como é que eu lhe poderei agradecer?! – começou Pulkhiéria Alieksándrovna tornando a estreitar a mão de Razumíkhin; mas Raskólhnikov voltou a intrometer-se.

– Não posso, não posso! – repetiu excitado. – Não me atormentem! Já chega, vão-se embora… Não posso!

– Vamos, *mámienhka*, saiamos do quarto, ainda que seja só por um minuto… – murmurou Dúnia, assustada. – Estamos matando-o, bem se vê.

– Mas então eu não posso olhar para ele um pouco, depois de ter estado três anos sem o ver? – gemeu Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Esperem aí! – gritou ele outra vez. – Não fazem outra coisa senão interromper e embrulhar-me as ideias… Viram Lújin?

– Não, Rodka, mas ele já sabe da nossa chegada. Ouvimos dizer, Rodka, que Piotr Pietróvitch teve a amabilidade de fazer-te hoje uma visita – acrescentou Pulkhiéria Alieksándrovna com certa timidez.

– Sim… Teve a amabilidade… Dúnia, há pouco eu disse a Lújin que ia atirá-lo pelas escadas abaixo e mandei-o para o diabo…

– Rodka, tu fizeste isso?… A sério que tu… Não queres dizer que… – começou, assustada, Pulkhiéria Alieksándrovna, mas parou quando olhou para Dúnia.

Avdótia Românovna olhava o irmão de alto a baixo e esperava que ele continuasse. As duas estavam já a par da disputa, por intermédio de Nastássia, na medida em que esta pudera compreender o que se passara, e sentiam-se perplexas e ansiosas.

– Dúnia – continuou Raskólhnikov com esforço – eu não quero esse casamento; por isso, amanhã mesmo, assim que começares a falar com ele terás logo de desdizer-te perante Lújin, para que não se torne a ver-lhe nem a sombra.

– Meu Deus! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Irmão, por favor! Vê o que estás dizendo! – interveio Avdótia Românovna em tom vivo, mas conteve-se imediatamente. – Talvez tu, agora, não estejas em condições… estás cansado… – acrescentou suavemente.

– Estou delirando, não é? Não… Tu vais casar com Lújin por minha causa. E eu não quero vítimas. Por isso amanhã vais escrever-lhe uma cartinha… mandando-o passear… De manhã a trazes para que eu leia e acabou-se!

– Mas eu não posso fazer isso! – exclamou a moça, ofendida. – Com que direito…

– Dúnietchka, tu também estás nervosa; vai-te, por agora… amanhã… talvez tu não vejas… – disse a mãe inquieta, dirigindo-se a Dúnietchka. – Ah, o melhor que podemos fazer é irmo-nos embora!

– Está delirando! – exclamou Razumíkhin, embriagado. – Senão, como é que ele se atreveria… Mas, amanhã, todos esses disparates hão de acabar… Hoje, de fato, expulsou-o daqui. Assim mesmo. O outro, é claro, ficou aborrecido… Pôs-se a fazer um discurso para pôr em

relevo a sua distinção e acabou por sair de orelha murcha…

– Mas isso será verdade? – gritou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Até amanhã… – disse-lhe Dúnia, compassiva. – Vamos embora, mamãe! Adeus, Rodka!

– Já ficaste sabendo – repetiu ele, juntando todas as suas últimas energias. – Eu não estou delirando; esse casamento… é uma vileza. Admitamos que eu seja um malandro; mas tu não tens obrigação… Um só já chega… e, ainda que eu seja um malandro, não quero considerar como tal também uma irmã minha. Ou eu ou Lújin! Vão-se embora!

– Tu perdeste o juízo! És um déspota! – encolerizou-se Razumíkhin, mas Raskólhnikov já não lhe respondeu, pode ser que lhe tivessem faltado forças para isso. Estendeu-se no divã e voltou-se de cara para a parede, completamente extenuado. Avdótia Românova olhou com curiosidade para Razumíkhin; os seus olhos negros brilhavam; Razumíkhin estremeceu perante aquele olhar. Pulkhiéria Alieksándrovna estava fora de si.

– Não sairei daqui por nada deste mundo! – murmurou em voz baixa a Razumíkhin, quase desesperada. – Eu fico aqui, em qualquer lugar… Acompanhe Dúnia.

– Olhe que vai deitar tudo a perder! – disse-lhe também Razumíkhin em voz baixa e excitado. – Saiamos daqui, ainda que seja só para o patamar. Nastássia, uma luz! Juro-lhes – continuou em voz baixa, já na escada – que há pouco quase nos batia, ao médico e a mim! Ora imagine! Ao próprio médico! Este resolveu não irritá-lo e foi-se embora. E, entretanto, eu fiquei lá embaixo, de olho atento, ele apressou-se a vestir-se e a sair para a rua… Agora, se fizer com que ele fique fora de si, também sairá para a rua e talvez até atente contra si próprio…

– Mas que diz o senhor!

– E veja ainda que também não está nada bem que Avdótia Românova vá sozinha para a pensão, sem a senhora! Lembre-se do

lugar onde estão hospedadas! Esse velhaco de Piotr Pietróvitch podia ter arranjado um alojamento melhor para as senhoras… Se bem que, no fim de contas, eu estou um tanto ou quanto embriagado, e por isso… é que há pouco o insultei; as senhoras não façam caso…

– Bem, então falarei com a dona da casa daqui – insistiu Pulkhiéria Alieksándrovna. – Vou lhe pedir que nos arranje um cantinho por esta noite, para mim e para Dúnia. Eu não posso deixá-lo assim, não posso!

Com esta conversa ficaram parados na escada, num patamar, precisamente em frente da porta da dona da casa. Nastássia estava com uma luz no patamar abaixo. Razumíkhin estava numa agitação extraordinária. Meia hora antes, quando acompanhou Raskólhnikov a casa, estava um pouco demasiado eloquente, o que ele próprio reconhecia, mas muito animado e quase desanuviado, apesar da tremenda quantidade de aguardente que ingerira naquela tarde. Agora o seu estado de espírito era também semelhante ao do entusiasmo; mas, ao mesmo tempo, parecia que o álcool que bebera lhe subia de repente à cabeça com dupla energia. Estava parado, junto das duas mulheres; segurava as mãos de ambas e expunha-lhes as suas razões, com uma franqueza espantosa e como se quisesse convencê-las absolutamente de todas as suas palavras; apertava-lhes as mãos com muita força, como num torno, até magoá-las, e parecia devorar Avdótia Românovna com os olhos, sem o menor constrangimento. Por causa da dor, elas retiravam de vez em quando as mãos da mão enorme e ossuda do rapaz; mas este, não só não se apercebia disso, como puxava por elas outra vez ainda com mais força. Se elas, nesse momento, lhe tivessem ordenado que, para as servir, ele se atirasse de cabeça para baixo, teria cumprido imediatamente, sem se deter a pensar nem a hesitar. Pulkhiéria Alieksándrovna, aflita com o pensamento no seu Rodka, apesar de notar claramente que aquele rapaz era muito excêntrico e lhe apertava a mão com demasiada liberdade, e que a sua intervenção era também um pouco abusiva, esforçava-se por não reparar em todos esses extravagantes pormenores. E, apesar da sua própria aflição, Avdótia Românovna, se bem que não fosse de caráter medroso, via com assombro e até com certo temor o fogo brilhante e selvático dos olhares do amigo de seu

irmão, e só a ilimitada confiança que lhe tinham inspirado as referências de Nastássia acerca daquele homem impetuoso é que a livravam da tentação de deitar a correr e de esconder-se atrás da mãe. Mas compreendia também que talvez já não pudesse fugir dele. Passados dez minutos acabou finalmente por ficar completamente tranquila. Razumíkhin era de tal natureza que podia revelar-se completamente num momento, qualquer que fosse o estado de espírito em que se encontrasse; por isso todos compreendiam rapidamente com quem estavam lidando.

– Com a dona da casa é impossível, e além disso é uma tolice espantosa! – exclamava, procurando convencer Pulkhiéria Alieksándrovna. – Embora a senhora seja a mãe, ele ficará furioso, e sabe Deus o que pode acontecer! Ora ouça o que eu vou fazer: agora vou dizer a Nastássia que vá até lá em cima ver como é que ele está, e levarei as duas a casa, porque as senhoras não podem andar sozinhas pelas ruas; quanto a isso… aqui, em Petersburgo… Bem, não falemos nisso!… Depois de deixá-las em casa, voltarei aqui, e dou-lhes a minha palavra de honra de que lhes venho trazer notícias acerca dele, se dorme ou não, etc., etc. Depois, escutem, minhas senhoras: depois, da casa das senhoras à minha é um pulo; tenho lá convidados, todos já embriagados; pegarei em Zósimov… o médico que o tem tratado, que neste momento está em minha casa e não está embriagado. Esse não está bêbado, nunca está bêbado! Hei de trazê-lo aqui para ver Rodka, e depois irei com ele ver as senhoras, isto é, dentro de uma hora terão notícias dele… da própria boca do médico, compreendem? Do próprio médico, o que não é o mesmo que da minha! Se ele estiver pior juro-lhes que eu próprio as trarei aqui, e se estiver melhor, as senhoras deitam-se e vão dormir. Eu ficarei de vigia aqui, toda a noite, na escada, de maneira que ele não saberá de nada, e mandarei a Zósimov que passe a noite em casa da senhoria, para estar a postos para o que for preciso. Agora digam-me o que é preferível para ele: o médico ou as senhoras. O médico é mais útil, muitíssimo útil. E pronto, agora vão para a vossa casinha. Ficar com a senhoria é impossível; impossível para mim, impossível para as senhoras; não insistam, porque ela… é uma imbecil. Terá ciúmes de Avdótia Românovna, fiquem sabendo, e da senhora também… De Avdótia Românovna, isso nem tem dúvida. Tem um feitio muito estranho! Embora, no fim de contas, eu também

seja um idiota… Não falemos mais nisso! Vamos, então! Já estão convencidas? Estão ou não?

– Vamos, *mámienhka* – disse Avdótia Românovna – com certeza que cumprirá a sua promessa. Já lhe devemos a ressurreição de meu irmão, e, se é verdade que o médico vai passar aqui a noite, que mais podemos desejar?

– Veja como a senhora… a senhora… a senhora me compreende, porque a senhora… é um anjo! – exclamou Razumíkhin entusiasmado. – Vamos! Nastássia! Vai já lá acima e fica aqui a vigiá-lo, sem luz; eu estarei de volta dentro de um quarto de hora.

Embora não estivesse completamente convencida, Pulkhiéria Alieksándrovna deixou de fazer oposição. Razumíkhin pegou nas mãos de ambas e conduziu-as pelas escadas. No entanto ele ainda lhes inspirava desconfiança. “Embora seja tão expedito e bondoso, estará em condições de cumprir o que promete? Porque ele está de uma maneira!…”

– Eu compreendo que as senhoras hão de pensar que, no estado em que me encontro – disse Razumíkhin, adivinhando-lhes o fio dos pensamentos e pisando o passeio com as suas enormes passadas, de gigante, sem perceber que as duas mulheres mal podiam segui-lo. – Tolice! Isto é… eu estou demasiadamente bêbado, é verdade; mas não é de álcool. É que, quando eu vi as senhoras, o sangue subiu-me à cabeça e fiquei transtornado… Mas não façam caso de mim, minhas senhoras! Não reparem nisso; eu sou um trapalhão; não sou digno das senhoras… Nem de longe! Assim que as deixar vou direitinho ao canal, dou dois mergulhos na água e pronto… Se soubessem como eu já gosto das duas! Não se riam nem se aborreçam, minhas senhoras! Aborreçam-se com toda a gente, menos comigo! Eu sou amigo dele e das senhoras também. Aquele desejo… Meu coração já o adivinhava… O ano passado houve um momento… Aliás não é uma certeza absoluta que o meu coração me o tivesse adivinhado, porque as senhoras apareceram aqui como se tivessem caído do céu. Vou passar toda esta noite em claro… Há pouco, Zósimov estava com medo de que ele perdesse o juízo… Por isso é preciso não o irritar…

– Que disse o senhor? – exclamou a mãe.

– Mas foi o próprio médico quem disse isso? – perguntou Avdótia Românovna, assustada.

– Não, ele não disse isso, o que disse foi o contrário. E também lhe deu um remédio, uns papelinhos que eu vi, e foi então que as senhoras chegaram… Ah! Teria sido bem melhor que tivessem deixado isso para amanhã! Fizemos muito bem em nos virmos embora. Mas dentro de uma hora o próprio Zósimov as porá a par de tudo. Esse não está embriagado! E eu, então, já estarei desanuviado… Mas por que me teria eu embriagado desta maneira? E por que me teria eu metido em discussões com esses malvados? Jurara não tornar a discutir com eles! Mas dizem uns tais disparates! É impossível não discutir com eles! Deixei lá o meu tio, como presidente… Bem, talvez as senhoras não acreditem, mas eles exigem que o indivíduo não possua personalidade e acham que nisso é que está o mais importante da vida! Uma pessoa não ser ela própria, parecer-se o menos possível consigo mesmo! É isto que eles consideram o cúmulo do progresso. E nem sequer procuram mentir com graça; mas…

– Ouça – interrompeu-o timidamente Pulkhiéria Alieksándrovna, sem conseguir outra coisa senão entusiasmá-lo ainda mais.

– Que pensam as senhoras? – exclamou Razumíkhin elevando a voz ainda mais. – Julgam que eu me ponho assim porque eles mentem? Tolice! Eu gosto que eles mintam! A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais. Vai mentindo… que depois hás de atingir a verdade! É precisamente por ser homem que eu minto. Nem uma só verdade poderias alcançar se antes não mentisses quatorze vezes, e até cento e quatorze vezes, o que representa uma honra *sui-generis*; simplesmente, nós nem sequer sabemos mentir com inteligência! Tu me mentes, mas mentes-me de uma maneira especial, e eu ainda por cima te dou um abraço. Mentir com graça, de uma maneira pessoal, é quase melhor que dizer a verdade à maneira de toda a gente; no primeiro caso é-se um homem e, no segundo, não se é mais do que um papagaio! A verdade não anda depressa, mas, à vida, podemos fazê-la correr; há exemplos disso. Ora vejamos: que somos nós presentemente? Todos, todos sem exceção, no

campo das ciências, da cultura, do engenho, da invenção, da experiência, em todos os campos, em todos, em todos, não passamos das primeiras letras. Gostamos de nos regalar com a inteligência alheia! Da papinha já feita! Não é verdade? Não tenho razão? – exclamou Razumíkhin, exaltando-se e apertando as mãos das duas mulheres. – Não será verdade isto tudo?

– Oh, meu Deus, eu não sei! – declarou a pobre Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Sim, é verdade… se bem que eu não esteja completamente de acordo com o senhor – acrescentou seriamente Avdótia Românovna, e esteve quase para gritar, tal era a força com que Razumíkhin lhe apertava a mão.

– Acha que sim? Disse que também acha que sim? Bem, então, uma vez que pensa assim… a senhora… – exclamou entusiasmado – a senhora é um poço de bondade, de pureza, de inteligência, e… uma perfeição! Dê-me a sua mão, dê! Dê-me a senhora também a sua, que quero beijar-lhas aqui mesmo, agora mesmo, de joelhos!

E pôs-se de joelhos, a meio passeio, que por acaso estava deserto.

– Mas o senhor sabe o que está fazendo? – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna no auge do espanto.

– Levante, levante! – disse Dúnia, sorridente e assustada.

– Não o farei por nada deste mundo se, primeiro, não me derem as vossas mãos! Bem, agora está bem; agora já me levanto e vamos andando! Eu sou uma pessoa muito infeliz, eu não sou digno das senhoras e, além disso, estou embriagado, do que me sinto muito envergonhado… Eu não sou digno de amá-las, mas inclino-me perante as senhoras… que é o que todos deveriam fazer, se não fossem uns idiotas completos! Foi por isso que eu me ajoelhei! Bem, aqui está a vossa casa e, de fato, Rodka teve muita razão para, esta tarde, expulsar o seu Piotr Pietróvitch! Como é que ele teve o atrevimento de hospedá-las nesta casa? É escandaloso! Sabem que gente é que vive aqui? E isto sendo a senhora sua noiva! É de fato noiva dele? Pois, ainda que o seja, eu não tenho nenhum pejo de lhe dizer, depois de

ver isto, que o seu futuro marido é um velhaco!

– Ouça, senhor Razumíkhin, o senhor esquece-se… – começou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Sim, sim, a senhora tem razão; eu me esquecia e sinto-me envergonhado! – disse Razumíkhin, refreando-se. – Mas… mas… as senhoras não devem ficar zangadas comigo por eu me exprimir assim! Porque eu, ao falar assim, falo com toda a sinceridade, e não porque… hum! isso seria uma vileza; em resumo: não porque eu, à senhora… hum!… Bem, o fato é que, embora eu não diga a razão, não me atrevo… Mas todos nós compreendemos esta tarde, assim que ele entrou, que esse homem não é dos nossos. Não é pelo fato de ter chegado acabadinho de sair do cabeleireiro, com o cabelo frisado, nem porque se tivesse apressado tanto em mostrar a sua inteligência, mas sim porque é um espião e um especulador, porque é um judeu e um charlatão, e tudo isso salta logo aos olhos. As senhoras pensam que ele é inteligente? Pois olhem que não, é um burro, um asno! Oram vejam francamente: fará realmente um par condizente com a senhora? Oh, meu Deus! Reparem, minhas senhoras – e parou de repente, quando iam já subindo a escada da pensão – embora todos os que neste momento se encontram em minha casa estejam embriagados, isso não significa que não sejam todos umas pessoas decentes e, ainda que mintamos – porque eu também minto – mentindo acabaremos por alcançar a verdade, porque vamos por bom caminho, ao passo que Piotr Pietróvitch… não vai por caminho direito. E, embora há um momento eu estivesse a disparatar acerca deles, fiquem as senhoras sabendo que eu os respeito a todos; e até ao próprio Zamiótov, se bem que não o respeite, tenho-lhe amizade, apesar de tudo, porque… é um garoto. Até mesmo a esse idiota do Zósimov, porque… é honesto e sabe do seu ofício… Mas, basta, já está tudo dito e perdoado. Está perdoado, não é verdade? Ora cá estamos! Entremos. Este corredor não me é desconhecido; eu já estive aqui; aqui, no número três, houve uma vez um escândalo… Mas qual é o seu quarto? Que número é? É o oito? Bem, fechem-se à chave por dentro, de noite, e não abram a ninguém. Dentro de um quarto de hora estarei outra vez aqui com notícias e, passada outra meia hora, com Zósimov, vão ver! Então adeus, que vou já num pulo!

– Meu Deus, Dúnietchka! Que irá acontecer? – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna dirigindo-se à filha, cheia de medo e de inquietação.

– Acalme-se… *mámienhka* – respondeu Dúnia, tirando o chapéu e a mantilha. – Foi Deus quem nos enviou este rapaz, se bem que tenha bebido um pouco a mais. Podemos ter confiança nele, garanto-lhe. Sem falar em tudo o que ele já fez pelo meu irmão…

– Ah! Dúnietchka! Sabe Deus se ele voltará! Mas como é que eu fui capaz de me decidir a abandonar Rodka! Nem de longe imaginava vir encontrá-lo assim! Ficou tão sério… até parecia que a nossa presença o contrariava!

Assomaram lágrimas aos seus olhos.

– Não, isso não é bem assim, mãezinha. A mãe não reparou bem, porque não fazia mais nada senão chorar. É que ele está muito transtornado devido à doença tão grave… É por isso!

– Ah, essa doença! Que irá acontecer, que irá acontecer? E a maneira como ele te falou, a ti, Dúnia! – disse a mãe, olhando timidamente para os olhos da filha, a fim de neles ler todo o seu pensamento e já meio contente por ver que Dúnia até se punha na defesa de Rodka, e com certeza que lhe perdoava. – Estou convencida de que amanhã já deve ter reconsiderado – acrescentou, esforçando-se por chegar até ao fim.

– Também estou convencida de que amanhã até nos falará… daquilo – interrompeu Avdótia Românovna, e sem dúvida isso foi um remate à conversa, pois tinham tocado num ponto do qual Pulkhiéria Alieksándrovna não se atrevia a falar naquele momento. Dúnia aproximou-se da mãe e abraçou-a. Ela a abraçou também com força e em silêncio. Depois sentou e ficou à espera, num desassossego, do regresso de Razumíkhin e com os seus olhos tímidos seguia os movimentos da filha que, de braços cruzados e também ansiosa, se tinha posto a dar voltas para trás e para diante pelo quarto, pensativa. Esse andar, de uma ponta a outra, meditando, era um costume vulgar de Avdótia Românovna, e a mãe tinha sempre medo de interromper as sua meditações nesses momentos.

É claro que Razumíkhin era ridículo com aquela paixão súbita que, no meio da bebedeira, lhe nascera por Avdótia Românovna; mas muitas pessoas o teriam desculpado se tivessem visto Avdótia Românovna, sobretudo neste momento em que dava voltas pela sala, de braços cruzados, triste e pensativa, sem se deterem a considerar a extravagância da situação.

Avdótia Românovna era muito bonita, alta, maravilhosamente bem feita, forte, aprumada, o que se via em todos os seus gestos, e o que, aliás, não era de maneira nenhuma um obstáculo a que tivesse também movimentos ágeis e graciosos. No rosto parecia-se com o irmão, mas podia até dizer-se que era uma autêntica beleza. Tinha os cabelos castanhos, um pouco mais claros que os do irmão; os olhos quase negros, cintilantes, altivos e, ao mesmo tempo, às vezes, de uma doçura invulgar. Era pálida, mas não de palidez doentia; o seu rosto resplandecia fresco e são. Tinha a boca um tanto pequena; o lábio inferior, fresco e vermelho, era levemente saliente, bem como o queixo… o que era a única irregularidade naquele belíssimo rosto, mas que entretanto lhe infundia uma nota especial, e, entre outras coisas, uma certa altivez. A expressão do seu rosto era sempre verdadeiramente mais séria do que alegre, preocupada; mas o sorriso ficava bem a esse rosto; como lhe assentava bem o riso jovial, juvenil, despreocupado! Por isso era compreensível que o impetuoso Razumíkhin, franco, simples, honesto e forte como um homem antigo, que nunca na sua vida vira nada semelhante, perdesse o juízo assim que a viu. Além disso, o acaso, como de propósito, mostrou-lhe Dúnia nesse belíssimo instante de amor e alegria perante a presença de seu irmão. Teve assim ocasião de ver como ela estremecia, amuada, o lábio inferior projetado para a frente, em resposta às indicações bruscas, de uma ingratidão feroz, daquele… e, a partir desse momento, já não se dominou.

Além disso teve razão ao dizer, quando fizera aquela pausa, embriagado, na escada, que a extravagante senhoria de Raskólhnikov, Praskóvia Pávlovna, era capaz de sentir ciúmes, não só de Avdótia Românovna, mas até da própria Pulkhiéria Alieksándrovna. Apesar de ter já os seus quarenta anos, Pulkhiéria Alieksándrovna conservava ainda vestígios da sua passada formosura, isto sem falar em que

parecia ter muito menos idade do que aquela que realmente tinha, como costuma acontecer às mulheres que conservaram a limpidez da alma, a frescura de impressões e o honesto e puro fervor do coração, até às proximidades da velhice. Digamos de passagem que conservar tudo isto é o único meio de não perder a beleza, até na velhice! Os seus cabelos começavam já a tornar-se brancos e a escassear, havia já algum tempo que pequenos pés-de-galinha se lhe desenhavam em volta dos olhos, tinha as faces murchas e vincadas devido às preocupações e aos desgostos e, apesar de tudo isso, o seu rosto era muito belo. Era o vivo retrato de Dúnietchka, simplesmente com vinte anos a mais, e a não ser também quanto ao lábio inferior, que não era proeminente, como o da filha. Pulkhiéria Alieksándrovna era muito sensível, embora não o fosse até à afetação; tímida e condescendente, mas só até certo limite; era capaz de fazer muitas concessões, podia conformar-se com muitas coisas, até com aquelas que eram contrárias às suas convicções, mas havia sempre um limite de honorabilidade, moralidade e convicções íntimas que nenhuma circunstância era bastante forte para obrigá-la a transpor.

Passados precisamente vinte minutos de Razumíkhin ter saído, ouviram-se duas pancadas na porta, não muito fortes, mas apressadas; era ele que voltava.

– Não posso entrar, não tenho tempo! – disse atabalhoadamente quando lhe abriram a porta. – Dorme como um anjo, com um sono plácido, tranquilo, e Deus queira que fique dormindo assim umas dez horas. Nastássia vela por ele; ordenei-lhe que não se afastasse de lá até que eu volte. Agora vou buscar Zósimov, ele as porá a par de tudo, e depois vão as senhoras dormir; estão cansadas, eu bem vejo…

E, retirando-se, afastou-se pelo corredor.

– Que expedito e que… leal! – exclamou muito contente Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Parece ser uma excelente pessoa! – respondeu Avdótia Românovna com certo entusiasmo, e voltou novamente aos seus passeios pelo quarto, de um lado para o outro.

Passado pouco tempo ouviram-se passos no corredor e outras

pancadinhas na porta. Desta vez, as duas mulheres tinham esperado, completamente tranquilas, o regresso de Razumíkhin e, de fato, ele conseguira trazer-lhes Zósimov. Este consentira, imediatamente, em deixar o festim e em vir ver como estava Raskólhnikov, mas visitar as senhoras foi de má vontade e com grande receio, desconfiado do bêbado Razumíkhin. Mas ficou imediatamente tranquilo e até lisonjeado no seu amor-próprio; percebeu que esperavam por ele como por um oráculo. Permaneceu ali dez minutos precisos e conseguiu convencer e tranquilizar completamente Pulkhiéria Alieksándrovna. Falou-lhes com a maior simpatia, mas energicamente e até com certa seriedade afetada, como um médico de vinte e sete anos chamado para um caso grave, e sem se afastar nem um momento do assunto, nem mostrar o menor desejo de entrar em relações mais pessoais e frequentes com as duas senhoras. Como, assim que entrou, reparou imediatamente como Avdótia Românovna era extraordinariamente graciosa, esforçou-se logo, desde o primeiro momento, por não reparar nela durante todo o tempo que durou a visita, dirigindo-se exclusivamente a Pulkhiéria Alieksándrovna, o que acabou por lhe proporcionar um extraordinária satisfação interior. Referindo-se especialmente ao doente, disse que acabava de encontrá-lo num estado muito satisfatório. A julgar pelas suas observações, aquela doença, além das péssimas condições em que ele vivera durante os últimos meses, obedecia também a certas causas morais, e, por por assim dizer, era produto de muitas e complexas influências morais e materiais, desassossego, inquietações, preocupações, certas ideias, etc., etc. Como observasse de soslaio que Avdótia Românovna o escutava com especial atenção, alargou-se um pouco mais sobre esse tema. Perante a inquieta e tímida pergunta de Pulkhiéria Alieksándrovna sobre se “tinha algumas suspeitas de alienação mental”, respondeu com um sorriso plácido e sincero que haviam exagerado muito as suas palavras; que era verdade que, no doente, se notava uma espécie de ideia fixa, qualquer coisa que parecia denotar uma monomania – tanto mais que ele seguia agora com extraordinário interesse esse setor da medicina – mas que era preciso ter presente que até quase àquele dia o doente estivera delirando; e… e não havia dúvida de que a chegada das pessoas de família havia de fortalecê-lo, animá-lo e produzir nele um efeito de completo restabelecimento, “desde que lhe sejam evitadas novas comoções”, acrescentou de maneira significativa.

Depois levantou, fez uma reverência, ao mesmo tempo séria e jovial, acompanhado pelas bênçãos, pela veemente gratidão, pelas súplicas e até pela mãozinha de Avdótia Românovna, que a estendia espontaneamente, e retirou-se muitíssimo satisfeito com a sua visita e, sobretudo, consigo próprio.

– Amanhã falaremos; agora vão já deitar-se! – insistiu Razumíkhin, quando saía em companhia de Zósimov. – Amanhã voltarei por aqui, com notícias, o mais cedo que puder.

– É encantadora, essa Avdótia Românovna! – observou Zósimov, quase zangado, quando iam já na rua.

– Encantadora? Disseste que é encantadora? – exclamou Razumíkhin raivoso, e, de repente, atirando-se a Zósimov, agarrou-o pelo pescoço. – Como te atreves… Compreendes? Compreendes? – exclamou, sacudindo-o pelo colarinho e encostando-o à parede – Ouviste?

– Larga-me, bêbado dos diabos! – gritou Zósimov, esforçando-se por se libertar, e depois, já o outro o tinha largado, ficou a olhá-lo fixamente, e de repente desatou a rir. Razumíkhin, de pé, diante dele, deixou cair as mãos e quedou-se sombrio e pensativo.

– É claro que eu sou um burro – disse, sombrio como uma nuvem – mas olha… Tu também o és.

– Nada disso, meu amigo, nada disso. Eu não penso em disparates.

Continuaram caminhando em silêncio, e foi já próximo da casa de Raskólhnikov que Razumíkhin, muito preocupado, cortou aquele silêncio.

– Ouve – disse para Zósimov – tu és um bom rapaz, mas entre outros defeitos tens o de ser um libertino, sim, e dos porcos. És um autêntico crápula, nervoso, um fraco de caráter, um efeminado, um mimadão, que não podes privar-te de nada; é a isto que eu chamo porcaria, porque pode conduzir diretamente a ela. És um tal molengão que, confesso, não chego a compreender como é que, com tudo isso,

ainda consegues ser um bom médico e até dedicado. Dormes em cama de penas (tu, um médico!) e levantas da cama de noite para ir ver um doente… Dentro de três anos já não levantarás… Mas, enfim, que diabo! Não se trata agora disso, mas disto; tu, esta noite, vais ficar dormindo no quarto da senhoria (lá a convenci, com muito custo) e eu fico na cozinha; estabelecerão assim intimidade rapidamente. Não é o que tu pensas! Olha, meu amigo, nem por sombras…

– Mas eu não imagino nada!

– Olha, meu amigo, fingimento, silêncio, timidez, uma castidade feroz, e contudo… suspira e derrete-se como cera, completamente babadinha! Livra-me dela, peço por todos os santos do Céu! Sê complacente, o mais que pode ser! Serei sempre muito agradecido!

Zósimov pôs-se a rir com mais vontade do que antes.

– Estás completamente fora dos eixos! Mas que vou eu fazer com ela?

– Garanto-te que não vais ter muito trabalho; bastará que lhe pespegues todas as ingenuidades que te venham à cabeça; basta que te sentes ao lado dela e lhe dês conversa. Além disso tu és médico, por isso podes dedicar-te a curá-la de qualquer coisa. Ela tem piano e eu, já sabes que canto um bocadinho; cantei-lhe uma cançãozinha russa autêntica: Vertendo estou ardentes lágrimas… Ela é doida por essas canções… Foi por aí que eu comecei; mas tu, para o piano, és um virtuose, um mestre, um Rubinstein[30]… Juro que não te vai custar…

– Mas tu prometeste-lhe qualquer coisa? Algum compromisso por escrito? Pode ser que lhe tenhas prometido casamento…

– Nada disso, nada disso; absolutamente nada! Ela também não é dessas; quem anda atrás dela é Tchebárov…

– Então, deixa-a!

– Mas como é que eu posso deixá-la assim, sem mais nem menos?

– Mas por que é que é impossível?

– Porque é, e pronto! Olha, meu amigo, há qualquer coisa que me prende.

– Seduziste-a talvez, não?

– Qual o quê! Pode até muito bem acontecer que o seduzido fosse eu, devido à minha inépcia; mas, para ela, tanto lhe faz que sejas tu como eu; pois o que ela quer, com certeza, é ter alguém ao lado por quem possa suspirar. Olha; meu amigo… não posso explicar bem. Olha… bem; tu sabes muito de matemática e ainda continuas a interessar-te por ela, bem sei; pois dedica-te a ensinar-lhe cálculo integral. Juro por Deus que não digo isto por brincadeira, que falo sério. Para ela tanto faz; vai se por a olhar para ti e a suspirar, e assim durante um ano. Eu, entre outras coisas, falei com ela durante muito tempo e, durante dois dias consecutivos, do parlamento prussiano, pois, de que havia eu de lhe falar? E ela, durante todo esse tempo, não fazia outra coisa senão suspirar e derreter-se. Ah! Mas não lhe fales de amor; a hipocrisia dela leva-a até fingir de arisca; o que deves é dar-lhe a entender que não podes sair de perto dela, é o suficiente. É terrivelmente comodista e, em casa dela, uma pessoa está como na sua própria: lê, senta-se, deita-se, escreve… Até podes beijá-la com cuidado…

– Mas que tenho eu a ver com ela?

– Ah, nunca poderei te explicar! Olha, é que tu e ela são muito parecidos. Eu já me lembrara de ti… É que é preciso acabar com isto! E tanto faz que seja mais tarde ou mais cedo. Aqui, meu amigo, terás uma espécie de colchão de penas… sim, e não só de penas, ah! Aqui, uma pessoa é amimada, aqui é o fim do mundo, a âncora de salvação, o porto de abrigo, o umbigo da terra, a base do mundo formada por três peixes[31]. São tortas de creme e empadas de peixe, é o samovar da tarde, os suspirozinhos plácidos e os cobertores quentes, as botijas para a cama; enfim, é como se tivesses morrido, mas, ao mesmo tempo, continuasses vivo e gozasses das vantagens de ambos os estados, ao mesmo tempo. Mas, está bem, meu amigo; eu pareço um mentiroso de feira e, com os diabos! já são horas de dormir. Ouve, eu costumo acordar de noite, por isso irei ver como é que ele está. Não há nada, é um disparate, vai tudo bem. Sobretudo tu, não fiques inquieto;

mas se quiseres sobe também e vai até lá para dares uma olhada. Se notares a mais ínfima coisa, que delira, por exemplo, ou que tem febre, ou outra coisa, seja o que for, vens logo e me acordas. Embora, no fim de contas, não seja possível…

## Capítulo II

No dia seguinte às oito, Razumíkhin acordou preocupado e sério. Muitas e imprevisíveis dúvidas e hesitações o assaltaram de repente nessa manhã. Nem sequer pudera ter imaginado na véspera que havia de acordar assim. Recordava tudo quanto se passara na noite anterior, até os mínimos pormenores, e compreendia que lhe acontecera algo de estranho, que recebera uma impressão completamente nova e que não podia comparar-se a nenhuma das anteriores. Ao mesmo tempo reconhecia com toda a clareza que aquilo era um sonho que germinara na sua cabeça, sem a mínima realidade, a tal extremo irreal, que até se envergonhava dele, e apressou-se a substituí-lo por outras preocupações e cuidados mais positivos, que lhe deixara em herança aquele "três vezes amaldiçoado dia anterior".

A reminiscência mais terrível de todas era a de que se postara no dia anterior como um velhaco e um selvagem, não só pelo fato de estar embriagado, como por se ter posto a troçar diante daquela moça, do seu próprio noivo, por uns ciúmes estúpidos, aproveitando-se da situação, sem saber sequer das relações e compromissos que entre eles pudessem existir e sem sequer conhecer também o homem a fundo. Isto é: que direito tinha ele de se pôr a julgar tão leviana e temerariamente? E quem é que o obrigava a formular um juízo? Por acaso, uma criatura como Avdótia Românovna poderia ser capaz de entregar-se a um homem indigno por dinheiro? Se era assim, é porque, com certeza, ele não era indigno. E o caso da pensão? Mas por que é que o homem havia de estar previamente informado da natureza da tal casa de hóspedes? Já lhes arranjará outro alojamento. Livra, e que reles era tudo aquilo! E que desculpa era essa de estar embriagado? Uma desculpa estúpida, que o humilhava ainda mais! No vinho está a verdade e, de fato, a verdade completa saíra à luz, isto é "aflorara à superfície toda a maldade do seu coração, grosseiramente invejoso". E, por acaso, seria lícito, tão pouco, de qualquer modo, que um homem como ele, Razumíkhin, acariciasse tais sonhos? Quem era ele, comparado com aquela moça… ele, o bêbado atrevido e fanfarrão do dia anterior? "Mas será possível estabelecer uma comparação tão

cínica e grotesca?” Razumíkhin ruborizou-se perante tal pensamento e, de repente, como de propósito, naquele mesmo momento lembrou-se com toda a clareza de como lhes falara na noite anterior, de pé, na escada, dizendo-lhes que a senhoria ia sentir ciúmes de Avdótia Românovna. Só isso era insuportável! Descarregou uma pancada, com toda a força, sobre o fogão da cozinha, magoando a mão e partindo um dos tijolos.

“Não há dúvida – resmungou para consigo próprio, passado um minuto, com um certo sentimento de auto-humilhação – não há dúvida de que já não há maneira de emendar nem de desfazer todos esses disparates… e, portanto, é preciso não pensar mais nisso. O que eu farei é apresentar-me ali sem dizer nada e… cumprir a minha obrigação… também sem murmurar, e… e não apresentar desculpas nem dizer uma palavra do assunto; e… e também não há dúvida de que já está tudo perdido.”

E, no entanto, quando foi vestir-se preocupou-se com o seu traje mais minuciosamente que de costume. Não tinha outra roupa; mas, ainda que a tivesse, é possível que também não a tivesse posto – e seria intencionalmente que não a teria posto. Mas, seja como for, não podia ficar, como um cínico e um grosseirão: não tinha o direito de ferir os sentimentos do próximo, tanto mais que esses próximos necessitavam dele e chamavam-no. Limpou cuidadosamente o traje com a escova. Quanto à roupa interior, tinha-a sempre apresentável: sobre este ponto era muito brioso.

Lavou-se nessa manhã com todo o esmero – encontrara sabão no quarto de Nastássia – lavou a cabeça, o pescoço e, sobretudo, as mãos. Quando a si próprio fez a pergunta, se havia ou não de barbear-se (Praskóvia Pávlovna possuía umas navalhas magníficas, que conservava ainda de seu falecido marido, Zarnítsin), resolveu-a com certa crueldade, em sentido negativo: ficaria como estava. “Não vá acontecer pensarem que eu me barbeei para… que, com certeza, o imaginariam. Pois, por nada deste mundo!”

E… o mais importante: era tão grosseiro, tão grosseiro; tinha uma maneira de conduzir-se tão ordinária… e suponhamos que ele sabe que também, embora em ponto pequeno, é um homem decente…

“Bom: haverá motivo para uma pessoa se orgulhar de ser um homem decente? Toda a gente tem obrigação de o ser, e até mais qualquer coisa; mas, apesar de tudo (lembra-se), pesam-lhe sobre a consciência alguns pecadilhos… não que sejam desonrosos, mas, no entanto… E que intenções não tivera, às vezes! Hum! E pôr tudo isso em comparação com Avdótia Românovna! Mas bom, que diabo! Seja! Continuarei a ser de propósito grosseiro, sujo e ordinário e a cuspir! Ainda hei de fazer pior…”

Foi no meio desses monólogos que Zósimov o foi encontrar, o qual passara a noite na sala de Praskóvia Pávlovna.

Regressava a casa e, ao sair, de passagem, vinha dar uma olhada no doente, Razumíkhin informou-o de que ele passara a noite dormindo como um anjo. Zósimov deu indicações para que não o incomodassem até que ele acordasse por si. Prometeu tornar a passar por ali às onze.

– Supondo que o encontre em casa – acrescentou. – Ufa, que diabo! Se não se tem domínio sobre um doente, como é que se há de curá-lo? Não sabes se ele irá visitá-las, ou se serão elas que virão vê-lo?

– Elas – respondeu Razumíkhin, compreendendo a intenção da pergunta – creio que virão, sem dúvida, para tratar de assuntos de família. Eu me retirarei. Tu, como médico, naturalmente, tens mais direito do que eu.

– Eu também não sou nenhum diretor espiritual; irei e sairei logo a seguir: já tenho bastante que fazer, sem contar com isso…

– Só há uma coisa que me inquieta – acrescentou Razumíkhin, franzindo o sobrolho – ontem, eu, bêbado como estava, pus-me a falar-lhes pelos cotovelos, durante o caminho, e disse uma porção de asneiras… uma chusma delas… Entre outras coisas, disse-lhes que tu receavas que ele estivesse… com propensão a enlouquecer…

– Também falaste disso ontem, às senhoras?

– Foi uma estupidez, reconheço-o. Se quiseres, bate-me! Mas diz-

me: tu tinhas pensado verdadeiramente nessa possibilidade com alguma insistência?

– Isso é um absurdo, afirmo-te. Uma ideia fixa! Foste tu que o descreveste como um monomaníaco, quando me trouxeste para o ver… Mas nós, ontem, quer dizer, tu, com essas suposições… a respeito do pintor, deste-lhe volta ao juízo: lindo assunto para conversa… até é possível que fosse isso que o tivesse transtornado! Se eu tivesse sabido ao certo o que aconteceu no Comissariado, e que aí, algum malandro, com essas suspeitas… o ofendera… hum! não teria consentido que lhe falassem disso ontem. Pois deves saber que esses monomaníacos tomam um mosquito por um elefante e veem em devaneios as coisas mais fantásticas… Se bem me lembro, ontem concluí claramente metade desse assunto, do relato de Zamiótov. Não tenho dúvidas! Conheço o caso dum neurótico, quarentão, que não era capaz de aguentar diariamente a troça que um rapazinho de oito anos fazia dele, à mesa, e que, por isso, o assassinou. E repara: tão mal vestido, obrigado a suportar as insolências dum polícia, uma doença em princípio, e uma suspeita dessas! Avalia, portanto: um hipocondríaco em último grau e com essa vaidade furiosa, esse amor-próprio! É aqui que pode estar a explicação da doença! Sim, que diabo! No fundo, esse Zamiótov é um bom rapaz, simplesmente… hum!… simplesmente fez mal, ontem, em falar disso. É um terrível tagarela!

– Mas a quem é que ele falou? A mim e a ti!

– E a Porfíri também.

– E que importância tem que o tenha contado também a Porfíri?

– Diz-me sinceramente: tens alguma influência sobre essas mulheres, a mãe e a irmã? É que é preciso que sejam muito discretas, hoje, com ele…

– Vão ser – respondeu Razumíkhin involuntariamente.

– E por que é que ele tratou esse tal Lújin daquela maneira? Um homem com dinheiro e que, segundo parece, não lhe desagrada, a ela, e ademais não tendo nada, não é verdade?

– Eu sei lá disso! – exclamou Razumíkhin, irritado. – Eu sei lá se elas têm muito ou pouco! Pergunta a quem quiseres, pode ser que te informem…

– Livra, que sempre te tornas às vezes muito estúpido! Ainda não te passou a bebedeira de ontem… Adeus. Agradece a Praskóvia Pávlovna, da minha parte, pela sua hospitalidade. Tinha a porta do quarto fechada, e quando eu lhe disse *bon jour*, do lado de fora, não me respondeu; mas às sete levantou e levaram-me o samovar da cozinha, passando pelo corredor. Não tive a honra de vê-la…

Às nove em ponto, Razumíkhin apresentou-se na pensão Bakaliéiev. Havia já muito tempo que as duas mulheres o aguardavam com impaciência histérica. Estavam fora da cama desde as sete, se é que não desde mais cedo ainda. Ele entrou sombrio como a noite e fez-lhes um cumprimento sem graça, e depois ficou aborrecido consigo mesmo, por causa disso. Mas não contara com a hóspeda: Pulkhiéria Alieksándrovna dirigiu-se para ele, pegou-lhe em ambas as mãos e quase as beijou. Ele lançou um olhar tímido para Avdótia Românovna; mas até naquele rosto altivo havia naquele momento tal expressão de reconhecimento e amizade, um tão delicado e exato respeito pela sua pessoa, em vez de olharzinhos trocistas e desprezo mal-disfarçado que, na verdade, se teria sentido mais à vontade se as tivesse vindo encontrar aborrecidas, de tal maneira que, agora, se sentia muito desconcertado. Felizmente trazia um assunto de conversa já preparado e agarrou-se imediatamente a esse pretexto.

Quando ouviu dizer que o seu filho “ainda não acordara”, mas que “ia tudo bem”, Pulkhiéria Alieksándrovna deu mostras de grande alegria, “e que tinha muita, mas muita, muitíssima necessidade de falar o mais depressa possível com Razumíkhin”. Vieram logo a seguir a pergunta relativa ao chá e o convite para o tomarem juntos: elas ainda não o tinham tomado por estarem à espera dele. Avdótia Românovna chamou; acudiu um rapaz sujo e esfarrapado, e foi a ele que pediram o chá, que acabaram por lhes trazer, mas com um aspecto tão pouco limpo e desarranjado, que as senhoras ficaram muito aborrecidas. De boa vontade Razumíkhin se teria posto a censurar aquela pensão, mas, recordando-se de Lújin, calou-se, atrapalhou-se, e ficou muito contente quando as perguntas de

Pulkhiéria Alieksándrovna começaram finalmente a chover sobre ele, umas atrás das outras, sem interrupção.

Enquanto lhes respondia esteve três quartos de hora falando, mas constantemente interrompido e novamente interrogado, e apressou-se a participar-lhes os fatos mais importantes e indispensáveis, os que conhecia do ano anterior, da vida de Rodion Românovitch, incluindo uma minuciosa exposição da sua doença. É claro que passou muitas coisas por alto: entre outras a cena do Comissariado, com todas as suas consequências. Elas escutavam o seu relato com avidez; mas quando ele pensava que já terminara e satisfeito as suas ouvintes, para elas parecia que ainda não começara.

– Diga-me, diga-me o que pensa… Ah, desculpe-me, mas ainda não sei o seu nome! – disse-lhe precipitadamente Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Dmítri Prokófitch.

– Bem, pois veja, Dmítri Prokófitch, eu tenho muito, mas muito desejo de saber… assim, de maneira geral… Como é que ele, agora, encara as coisas; quero dizer, não sei se me faço entender, não sei como hei de exprimir-me… ou, para melhor dizer: o que é que, agora, lhe agrada, e que é que, agora, o aborrece? Está sempre tão excitado! Quais são os seus desejos e, por assim dizer, que ilusões alimenta? Quem é que exerce influência pessoal sobre ele? Numa palavra, eu queria…

– Ah, *mámienhka*! Mas como é possível responder assim, de repente, a tudo isso? – observou Dúnia.

– Ah, meu Deus, é que eu nem de longe esperava encontrá-lo assim, Dmítri Prokófitch!

– Tudo isso é muito natural – respondeu Dmítri Prokófitch. – Eu sou órfão de mãe; mas o meu tio vem ver-me todos os anos e nunca consegue compreender-me, nem sequer superficialmente, apesar de ser um homem esperto; além disso, durante os três anos que estiveram separados, passou-se muita coisa. Que hei de eu de dizer-lhes? Já há meio ano que convivo com Rodka: áspero, severo, altivo e orgulhoso;

nos últimos tempos (e pode ser que até já muito antes) tornou-se rabugento e nevrótico. Lá generoso e bom é ele. Não gosta de exteriorizar os seus sentimentos e prefere proceder com dureza a revelar por meio de palavras aquilo que guarda no seu coração. Além disso, às vezes, não é nada nevrótico, mas apenas frio e de uma insensibilidade que toca a desumanidade; é assim mesmo, como se nele altercassem dois caracteres desencontrados, que se manifestassem alternadamente. Às vezes é terrivelmente taciturno. Não tem tempo para nada, toda a gente o incomoda, e fica deitado sem fazer nada. Não ouve o que as pessoas dizem. Nunca se interessa por uma coisa que noutro tempo o interessou. É terrivelmente orgulhoso, admira-se a si próprio e, segundo parece, tem algumas razões para isso. Bem, que mais? Eu creio que a vinda das senhoras há de exercer sobre ele uma influência salvadora…

– Ah, Deus queira! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna, mortificada pelas referências de Razumíkhin acerca do seu Rodka.

Quanto a Razumíkhin, já acabara por olhar com mais atrevimento para Avdótia Românovna. Olhou-a com bastante frequência enquanto falava, embora de modo fugaz, só por um momento e afastando os olhos em seguida. Avdótia Românovna estava sentada à mesa e escutava atentamente; depois levantou e pôs-se outra vez a passear, como era seu costume, pelo quarto, de um lado a outro, de braços cruzados, lábios franzidos, formulando de quando em quando uma ou outra pergunta, sem interromper os seus passeios, pensativa. Também tinha o hábito de não escutar o que os outros diziam. Trazia um vestido escuro, de tecido leve, e, atado ao pescoço, um lenço branco com fios dourados. Por vários indícios, Razumíkhin observou imediatamente que a situação das duas mulheres não podia ser mais miserável. Se Avdótia Românovna estivesse ataviada como uma rainha, pensava ele que não lhe teria inspirado nenhum temor, ao passo que assim, talvez precisamente por ter vindo encontrá-la pobremente vestida e reparado em toda aquela desamparada miséria, mais aumentava o espanto no seu coração e temia qualquer das suas palavras ou gestos, o que, não havia dúvida, era inibidor para um homem que não precisava disso para duvidar de si próprio.

– Contou-nos muitas coisas curiosas acerca do caráter do meu

irmão e… exprimiu-se imparcialmente, o que está muito bem; eu pensava que o senhor sentia admiração por ele – observou Avdótia Românovna sorrindo. – Eu pensei, e com certeza que deve ser isso, que, de permeio, haverá uma mulher… – acrescentou, pensativa.

– Eu não disse isso, embora, afinal, pode ser que a senhora tenha razão, simplesmente…

– O quê?

– É que ele não ama ninguém e é possível que nunca chegue a amar – disse Razumíkhin.

– Isso quer dizer que ele é incapaz de amar?

– Quer saber uma coisa, Avdótia Românovna? É que a senhora é muito parecida com o seu irmão, quase em tudo – disse-lhe ele, de repente, de uma maneira que para si próprio foi inesperada; mas recordando-se imediatamente do que acabava de dizer do irmão daquela moça, corou violentamente e ficou completamente atrapalhado. Avdótia Românovna não pode deixar de sorrir ao contemplá-lo.

– Pode ser que estejam os dois um pouco enganados a respeito de Rodka – interveio Pulkhiéria Alieksándrovna, um tanto melindrada. – Eu não falo do presente, Dúnietchka. O que Piotr Pietróvitch escreve nessa carta… e o que eu e tu supúnhamos… pode ser falso; mas não pode imaginar, Dmítri Prokófitch, como ele é fantasista, por assim dizer, voluntarioso. Nunca confiou no seu caráter, nem sequer quando tinha quinze anos. Estou convencida de que agora seria capaz de fazer qualquer coisa que nenhum homem pensaria algum dia fazer… E, sem ir mais longe, não sabe que, haverá ano e meio, ele me surpreendeu, desgostou e deixou quase às portas da morte, quando se lembrou de se casar com essa… sim, com a filha dessa Zarnítsina, a senhoria?

– Mas a mãe conhece a fundo essa história? – perguntou Avdótia Românovna.

– O senhor é capaz de imaginar – continuou Pulkhiéria Alieksándrovna com veemência – que nessa altura o teriam detido as

minhas lágrimas, as minhas súplicas, a minha doença e até talvez a minha morte, devido à nossa angústia, à nossa miséria? Teria passado por cima de todos os obstáculos com a maior tranquilidade. Será o caso, será o caso de que não goste de nós?

– Ele nunca me disse uma palavra acerca dessa história – respondeu Razumíkhin, circunspecto – mas soube qualquer coisa a respeito disso da boca da própria senhora Zarnítsina, a qual, na sua classe, não é das mais mexeriqueiras, e aquilo que lhe ouvi era um tanto estranho…

– E que foi que lhe ouviu? – perguntaram ao mesmo tempo as duas mulheres.

– Não; no fundo não é nada de especial. Só me disse que esse casamento, que já estava combinado e que se não se realizou foi por causa do falecimento da noiva, não era muito do agrado da própria Senhora Zarnítsina. Além disso dizem que a tal noiva não tinha nada de graciosa, e afirmam até que era feia e muito fraquinha, e… e estranha… ainda que, segundo parece, tinha algumas boas qualidades. Não há dúvida de que, algumas devia ter, pois, de outra maneira, é impossível explicar… Dote também não tinha, de maneira que ele não podia ter criado ilusões sobre esse ponto… Em geral é difícil formar uma opinião sobre estes assuntos.

– Tenho a certeza de que devia ser uma moça digna – observou laconicamente Avdótia Românovna.

– Deus me perdoe, mas nessa ocasião fiquei tão satisfeita com a sua morte, embora não saiba ao certo qual dos dois teria ficado a perder com esse casamento: se ele ou ela! – concluiu Pulkhiéria Alieksándrovna, depois do que, com discrição e contínuos olhares para Dúnia, coisa que, evidentemente, era aborrecida para esta, tornou a perguntar pormenores da cena do dia anterior entre Rodion e Lújin. Aquele incidente, pelo visto, inquietava-a mais do que tudo, infundindo-lhe até medo e colocando-a em sobressalto. Razumíkhin tornou a contar-lhe tudo outra vez, com toda a espécie de pormenores; mas dessa vez acrescentou também a sua própria conclusão: culpou francamente Raskólhnikov pelo seu insulto propositado a Piotr

Pietróvitch, sem insistir tanto na desculpa da doença.

– Já o tinha premeditado antes de ter adoecido – acrescentou.

– Também acho que é assim – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna com uma expressão cansada. Mas ficou muito chocada porque Razumíkhin se exprimisse com aquela discrição e até com certo respeito, a propósito de Piotr Pietróvitch. Também Avdótia Românovna ficou impressionada.

– Qual é a opinião que o senhor tem sobre Piotr Pietróvitch? – perguntou Pulkhiéria Alieksándrovna, sem se poder conter.

– Não posso ter senão uma boa opinião acerca do futuro de sua filha – respondeu Razumíkhin com firmeza e ardor – e não o digo apenas por motivos de falsa cortesia, mas sim porque… porque… ainda que fosse só porque foi a própria Avdótia Românovna que, por sua livre vontade, se dignou escolhê-lo. Se eu, ontem, me exprimi acerca dele dessa maneira, foi simplesmente porque eu estava vergonhosamente embriagado e até… até tinha perdido o juízo: sim, estava meio tonto, mareado, completamente louco… e hoje me sinto envergonhado.

Corou e ficou calado. Avdótia Românovna ruborizou-se também, mas não interrompeu o silêncio. Não dissera uma palavra enquanto se falou de Lújin.

Entretanto, Pulkhiéria Alieksándrovna, sem se poder reprimir, dava visíveis mostras de impaciência. Até que finalmente declarou, titubeando e sem desviar os olhos da filha, declarou que atualmente a preocupava muito uma circunstância.

– Ora veja, Dmítri Prokófitch – começou – e vou ser completamente franca com Dmítri Prokófitch, não é verdade, Dúnietchka?

– Claro que sim, *mámienhka*! – observou Avdótia Românovna sugestivamente.

– Aqui tem do que se trata – disse precipitadamente Pulkhiéria

Alieksándrovna, como se lhe tivessem tirado um peso de cima ao autorizarem-na a contar os seus desgostos. – Hoje, muito cedo, recebemos uma carta de Piotr Pietróvitch, em resposta àquela que nós lhe escrevemos ontem, anunciando-lhe a nossa chegada. Ora repare: ontem devia ele ter vindo esperar-nos à estação, como tinha prometido. Em vez disso mandou lá um criado para nos receber, com o endereço da pensão e a incumbência de nos indicar o caminho e participar-nos que ele, Piotr Pietróvitch, viria aqui visitar-nos hoje de manhã. Mas, em vez disso, recebemos hoje, pela manhã, esta carta sua… O melhor é o senhor mesmo lê-la: há nela um ponto, e já vai ver qual é, que me deixa completamente desorientada… Já vai ver qual é e vai me dar a sua opinião sincera, Dmítri Prokófitch. O senhor conhece melhor do que nós o caráter de Rodka e é o mais indicado para aconselhar-nos. Previno-o de que Dúnietchka já tomou a sua decisão desde o primeiro momento, mas eu é que não sei o que hei de fazer, e… pus no senhor todas as minhas esperanças.

Razumíkhin desdobrou a carta, que tinha data do dia anterior, e leu o seguinte:

> Excelentíssima Senhora Pulkhiéria Alieksándrovna: Tenho a honra de comunicar-lhe que, devido a obstáculos imprevistos que surgiram, não pude ir esperá-las à estação, mas enviei para esse fim uma pessoa conveniente. Da mesma maneira me verei amanhã privado da honra de vê-la, devido a um assunto inadiável no Senado, e a fim de não me tornar um obstáculo para o seu encontro com seu filho e de Avdótia Românovna com seu irmão. Não poderei ter a honra de visitá-las e apresentar-lhes os meus respeitos no seu domicílio senão às oito da noite em ponto, a propósito do que me permito dirigir-lhe um pedido encarecido, e acrescentarei, terminante, o de que na nossa entrevista não se encontre presente Rodion Românovitch, pois ontem me insultou de uma maneira insolente e sem exemplo, na ocasião em que fui visitá-lo por estar doente e, além disso, porque temos de ter pessoalmente uma explicação indispensável e pormenorizada a respeito desse caso, acerca do qual desejo conhecer a sua opinião pessoal. Ao mesmo tempo tenho a honra de participar-lhe que, se apesar do meu pedido, me encontrasse aí com Rodion Românovitch, me veria precisamente obrigado a retirar-me imediatamente e então seriam as senhoras as culpadas. Escrevo isto supondo que Rodion Românovitch, que quando eu o visitei parecia tão doente, poderia curar-se no intervalo de duas horas, sair à rua e ir encontrar-se com as senhoras. Convenci-me disso pelos meus próprios olhos, em casa de certo ébrio atropelado por uma carruagem e que morreu em consequência do acidente, e a cuja filha, uma moça de má fama, entregou ontem nada menos do que vinte rublos, com o pretexto de ajudar as despesas do enterro, coisa que muito me surpreendeu, sabendo quanto lhe teria custado juntar essa quantia. Sem mais, com o testemunho da minha particular estima pela respeitável Avdótia Românovna, peço-lhe que se digne aceitar a expressão dos sentimentos de respeitoso afeto do seu humilde servidor.
>
> P. Lújin.

– Que devo eu fazer agora, Dmítri Prokófitch? – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna quase com as lágrimas nos olhos. – Como hei de eu avisar Rodka de que não venha? Ele, que ontem exigiu tão altivamente a ruptura com Piotr Pietróvitch, e vir agora este dizer-lhe que não venha! Pois se ele chegar a saber, há de vir intencionalmente. E que irá acontecer depois?

– Faça aquilo que decidiu, Avdótia Românovna – disse Razumíkhin tranquila e imediatamente.

– Ai, meu Deus! Ela disse… Sabe Deus o que ela disse, sem explicar-me o que se propõe! Ela disse que o melhor é dizer, o melhor, não, mas que terá de ser, fatalmente, é que Rodka esteja de propósito aqui às oito e que não tenham ambos outro remédio senão encontrarem-se… Eu, em compensação, estava disposta a não lhe mostrar esta carta e a pôr em prática, contando com o seu auxílio, qualquer estratagema para que ele não viesse, porque é tão irritável! E também não entendo nada a respeito desse caso do tal ébrio que morreu e dessa tal filha, e como é que ele pode entregar à tal filha o seu último dinheiro, que…

– Que tão caro lhe custou, *mámienhka* – acrescentou Avdótia Românovna.

– Ele, ontem, não estava no seu perfeito juízo – declarou Razumíkhin, pensativo – se soubessem o que ele fez ontem em certa taberna, se bem que com inteligência, isso sim, hum! Não há dúvida de que ontem ele me falou de certo morto e de uma moça, sim, de fato, quando vínhamos para casa, simplesmente eu não percebi nada… Se bem que, por outro lado, também eu ontem…

– O melhor é ir a própria *mámienhka* vê-lo; e asseguro-lhe que, assim, poderemos decidir sem rodeios o que se deve fazer. Sim, e devia ser já agora… Meu Deus, onze horas! – exclamou, consultando o seu magnífico relógio de ouro e esmalte, que trazia ao pescoço suspenso de um delicado fio veneziano, e que destoava terrivelmente do resto da sua apresentação. “Presente de casamento”, pensou Razumíkhin.

– Ah, sim; já são horas! Anda, Dúnietchka, anda! – disse

Pulkhiéria Alieksándrovna, alarmada. – É capaz de pensar que ainda estamos zangadas por causa do que se passou ontem, se demorarmos a ir vê-lo. Ai, meu Deus!

Enquanto dizia isto deitava o xale apressadamente por cima dos ombros e punha o chapéu. Dúnietchka acabou também de se arrumar. As suas luvas eram não só velhas, mas até rasgadas, no que Razumíkhin reparou e, no entanto, aquela evidente pobreza no vestir conferia às duas mulheres um aspecto de especial dignidade que se encontra sempre nas pessoas que sabem usar um traje pobre. Razumíkhin olhou com admiração para Dúnietchka e sentiu-se orgulhoso por acompanhá-la. "Parece aquela rainha – pensou para consigo – que lavava as suas meias na prisão, não há dúvida nenhuma, uma verdadeira rainha, parece-o neste momento ainda mais do que no dos seus brilhantes triunfos e na sua coroação."

– Meu Deus! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna. – Como poderia eu imaginar que havia de vir a ter medo de me encontrar com o meu filho, com o meu tão querido Rodka? Pois tenho medo dele, Dmítri Prokófitch!

– Não tenha medo, *mámienhka* – disse Dúnia, beijando-a. – O melhor é ter confiança nele. Eu tenho.

– Ai, meu Deus! Eu também tenho e não pude dormir durante toda a noite! – exclamou a pobre mulher.

Saíram.

– Olhe, Dúnietchka, sabes uma coisa? Esta manhã, quando estava meio adormecida, apareceu-me em sonhos a falecida Marfa Pietrovna… toda de branco… aproximou-se de mim, pegou-me numa mão, inclinou a cabeça para mim, e estava com uma cara tão séria, tão séria, como se me censurasse… Será um bom agouro? Ai, meu Deus! Dmítri Prokófitch, o senhor ainda não sabe: Marfa Pietrovna morreu.

– Não, não sabia; quem era Marfa Pietrovna?

– Morreu de repente! E imagine…

– Depois, *mámienhka* – interveio Dúnia. – Lembra-te de que ele ainda não sabe de que Marfa se trata.

– Ah! Não sabe? E eu pensando que o senhor já estava a par de tudo… Desculpe-me Dmítri Prokófitch… Desculpe-me, desde há uns dias que não ando bem da cabeça. Eu o considero verdadeiramente como a nossa providência; por isso estou convencida de que estará a par de tudo. Considero-o como da família… Não leve a mal que eu fale assim. Ai, meu Deus, que é isso que tem na mão direita? Machucou-se?

– Sim… – resmungou Razumíkhin, muito satisfeito.

– Eu, às vezes, me deixo levar demasiado pelos meus impulsos, tanto, que Dúnia me corrige… Mas, meu Deus! Em que buraco ele vive! Já estará acordado? Essa mulher, a senhoria, considera isto como um quarto? Escute: o senhor disse que ele não gosta de mostrar os seus sentimentos, por isso talvez eu vá aborrecê-lo com os meus… fraquezas… Não quererá ensinar-me, Dmítri Prokófitch? Como devo conduzir-me com ele? Eu, o senhor sabe, estou desorientada.

– Não lhe faça muitas perguntas se vir que ele franze o sobrolho; sobretudo não lhe fale muito acerca da saúde, isso contraria-o.

– Ah, Dmítri Prokófitch, quanto custa ser mãe! Mas aqui está a escada… Que escada tão horrorosa!

– A mãe até está pálida; acalme-se, minha querida mãe – disse Dúnia, acariciando-a. – Ele deve considerar uma felicidade vê-la e a mãe a martirizar-se dessa maneira! – acrescentou, de olhos faiscantes.

– Esperem, que eu, primeiro, vou ver se ele já acordou ou não.

As duas mulheres começaram a andar devagar atrás de Razumíkhin, que subia já as escadas, e quando chegaram ao quarto andar e passaram diante da porta da senhoria, observaram que ela estava aberta de maneira que deixava uma fresta pela qual espreitavam dois olhos negros e penetrantes, na escuridão. Quando os olhos se encontraram, a porta tornou-se a fechar, de repente, com tal estrépito que Pulkhiéria Alieksándrovna esteve quase a lançar um

grito de medo.

## Capítulo III

– Curado! Curado! – exclamou Zósimov alegremente, saindo a receber os que chegavam.

Havia dez minutos que tinha chegado e sentara no mesmo canto da véspera, no divã. Raskólhnikov estava sentado no extremo oposto, completamente vestido e até cuidadosamente lavado e penteado, coisa que, havia tempo, não lhe acontecia. O quarto ficou cheio; mas, fosse lá como fosse, Nastássia ainda lá coube, atrás dos visitantes, para ficar escutando.

De fato, Raskólhnikov estava quase completamente restabelecido, principalmente comparando o seu estado com o da noite anterior, a não ser que estava muito pálido, meditabundo e severo. Pelo seu aspecto exterior parecia um homem ferido ou que sofresse de alguma forte dor física: tinha o sobrolho franzido, os lábios apertados e os olhos alucinados; falava pouco e de má vontade, como se o fizesse à força ou para cumprir uma obrigação, e de quando em quando manifestava uma certa inquietação nos gestos.

Só lhe faltava um lenço do braço ao pescoço ou um curativo num dedo para que fosse completa a sua semelhança com um indivíduo que, por exemplo, tivesse um panarício ou se tivesse ferido na mão, ou qualquer outra coisa do gênero.

Aliás, aquele rosto pálido e sombrio iluminou-se num instante, como por efeito de uma luz, quando a mãe e a irmã entraram; mas isso não serviu senão para acrescentar à sua expressão, em vez da sua antiga severidade ensimesmada, algo de dor concentrada. Esse vislumbre não tardou a desaparecer; mas a dor persistiu, e Zósimov, que observava e atendia ao seu doente com todo o ardor juvenil dum médico que está no princípio da carreira, verificou nele, com o espanto consequente, à vista da família, em vez de alegria, qualquer coisa como a resolução dolorosa e secreta de suportar um mau bocado… qualquer contrariedade que não podia disfarçar. Mas pode

notar depois como quase cada palavra do diálogo seguinte parecia irritar e acirrar alguma ferida do doente, embora, ao mesmo tempo, se admirasse de vê-lo naquele dia animado do poder de dominar-se a si próprio e ocultar os seus sentimentos de monomaníaco, prontos a estalar, à menor palavra, num acesso de fúria.

– Sim, eu próprio vejo agora que já estou quase completamente bem – disse Raskólhnikov beijando afetuosamente a mãe e a irmã, o que pôs logo radiante de alvoroço Pulkhiéria Alieksándrovna – e não digo como ontem – acrescentou, dirigindo-se a Razumíkhin e estendendo-lhe amistosamente a mão.

– Hoje até fiquei admirado por vir encontrá-lo assim – começou Zósimov, muito contente por ver chegar os que entravam, porque em dez minutos já tivera tempo de perder o fio da conversa com o seu doente. – Daqui a três… ou quatro dias, se isto continuar assim, estará outra vez como antes, isto é, como há um mês ou dois, ou até como há três. Porque ele andava incubando isto já há muito tempo… Confesso agora que até é possível que fosse o senhor mesmo quem teve a culpa – acrescentou com um sorriso discreto, como se ainda temesse irritá-lo.

– Pode muito bem ser assim – acrescentou friamente Raskólhnikov.

– Digo isso – continuou Zósimov em tom confidencial – porque o seu completo restabelecimento depende agora unicamente de si próprio. Agora que já se pode falar com o senhor, desejava dizer-lhe que é preciso investigar as causas primordiais, radicais, por assim dizer, que influíram na efetivação do seu estado mórbido, e será então que se há de curar completamente, pois, de contrário, talvez ainda seja pior. Essas causas primordiais, ignoro-as; mas não tem outro remédio senão conhecê-las. O senhor é um homem inteligente e que sem dúvida alguma se observa a si próprio. Parece-me que o começo da sua doença coincidiu, em parte, com a sua saída da Universidade. Para o senhor é impossível estar sem fazer nada e, além disso, tenho a convicção de que o trabalho e a perseguição de um fim concreto haviam de ser-lhe muito benéficos.

– Sim, sim, o senhor tem toda a razão… Vou ver se entro o mais cedo possível na Universidade, e então tudo caminhará sozinho… como sobre rodas.

Zósimov, que precipitara os seus sensatos conselhos, em parte para impressionar as senhoras, ficou um tanto desconcertado quando, ao terminar a sua arenga e passear o olhar sobre o seu interlocutor, lhe notou no rosto um acentuado sarcasmo. Aliás, isso durou apenas um momento. Pulkhiéria Alieksándrovna pôs-se imediatamente a exprimir a Zósimov a sua especial gratidão pela sua visita da noite anterior à hospedaria.

– Mas, como é que o senhor foi visitá-las de noite? – perguntou Raskólhnikov um tanto inquieto. – Então não descansaram da viagem?

– Ah, Rodka, isso foi às duas! Nós, em casa, tanto eu como Dúnietchka, nunca nos deitamos antes das duas.

– Eu também não sei como agradecer-lhe – continuou dizendo Raskólhnikov, que franziu de repente as sobrancelhas e baixou a cabeça. – Tirando a questão de dinheiro – desculpe que eu me refira a isto (dirigindo-se a Zósimov) – ignoro o que terei feito para merecer da sua parte uma atenção destas. Não compreendo… simplesmente… e isso… até fico chateado por não o compreender, digo com toda a franqueza.

– Não se excite – sorriu Zósimov forçadamente. – Lembre-se de que é o meu primeiro cliente, e quando um de nós começa a praticar a sua profissão, cria amizade ao seu primeiro doente, como se fosse seu filho, e alguns ficam quase apaixonados. E eu, já sabe, não tenho grande clientela.

– E nem quero falar desse – acrescentou Raskólhnikov, apontando Razumíkhin – que só tem recebido de mim insultos e aborrecimentos.

– Não mintas! Estarás hoje sentimental? – gritou Razumíkhin.

Se fosse mais perspicaz, poderia ter visto que tal sentimento estava muito longe de Raskólhnikov, e o que existia era completamente diferente. Avdótia Românova é que o percebeu. Atenta

e alarmada, não perdia o irmão de vista.

– Da senhora também não me atrevo a falar, *mámienhka* – continuou, como se tivesse aprendido nessa manhã uma lição. – Só hoje pude imaginar pouco mais ou menos o que deve ter sofrido aqui ontem, esperando o meu regresso.

Depois de ter proferido estas palavras, de repente, em silêncio e sorrindo, estendeu a mão à irmã. Mas dessa vez deixou transparecer nesse sorriso um sentimento real, autêntico. Dúnia pegou na mão que se lhe estendia e estreitou-a com entusiasmo, alvoroçada e reconhecida. Era a primeira vez que ele se dirigia a ela depois do desgosto do dia anterior. O rosto da mãe iluminou-se de entusiasmo e de felicidade à vista definitiva da tácita reconciliação dos dois irmãos.

– Eia! É por isto que eu gosto dele – murmurou Razumíkhin, que apreciava a cena, recostando-se energicamente na sua cadeira. – Tem uns tais ímpetos!

"Como as coisas correm todas bem com ele! – pensou a mãe para si mesma. – Tem uns impulsos tão nobres, e com que delicadeza simples pôs ponto final a todo aquele mal-entendido de ontem com a irmã: bastou estender-lhe a mão num momento e olhá-la com ternura! E que olhos tão lindos ele tem, e que cara bonita! É mais bonito ainda do que Dúnietchka… Mas, meu Deus, a roupa que ele traz, que mal vestido está! Vássia, o caixeiro da mercearia de Afanássi Ivânovitch, anda mais bem vestido! Oh, que vontade eu tenho de abraçá-lo e… depois punha-me a chorar! Mas não me atrevo, não me atrevo! Como pode isto ser, meu Deus! Embora fale com ternura, tenho medo dele! Mas por que é que eu tenho medo dele?

– Ah, Rodka, talvez não acredites – disse ela de repente, apressando-se a responder à sua observação – que mau bocado passamos ontem, eu e Dúnietchka! Agora que já tudo passou e se acabou, e todos voltamos a ser felizes… pode-se dizer. Calcula que viemos correndo até aqui para te abraçarmos, viemos correndo quase desde o vagão do trem, e essa mulher… sim, essa…! Bom dia, Nastássia! Vai e diz-nos que tu estavas de cama com uma febre fortíssima e que tinhas acabado de levantar sem autorização do

médico, que tinhas saído para a rua, delirante, e que tinham ido à tua procura. Não podes imaginar o que isso foi para nós! A mim, veio logo à ideia o trágico fim do Tenente Potántchikov, nosso conhecido, que era amigo do teu pai… não te lembras dele, Rodka?… que se escapou também de casa com febre e de uma maneira parecida, e foi cair no pátio, num poço, de onde só o puderam tirar no dia seguinte. Mas nós, não há dúvida de que ainda exagerávamos mais as coisas. Queríamos sair em busca de Piotr Pietróvitch para conseguir a sua ajuda… porque o certo é que nós estávamos sós – acrescentou com voz lastimosa e, de repente, parou, apercebendo-se de que mencionara Piotr Pietróvitch, e que isso era ainda muito perigoso, apesar de "serem já, agora, de novo, todos muito felizes".

– Sim, sim, tudo isso se vê, não há dúvida – resmungou Raskólhnikov como única resposta, mas com uma cara tão distraída e pouco atenta, que Dúnia até o olhou atônita.

– Não sei o que é que queria… – continuou ele fazendo esforços por recordar. – Sim, olha: *mámienhka* e tu, Dúnietchka, não vão pensar que eu não tinha intenção de ser o primeiro a ir hoje ver-vos e que estivesse à espera que vocês viessem.

– Por que dizes isso, Rodka? – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna, também estupefata.

"Será o caso de que esteja a responder-nos por obrigação – pensou Dúnietchka – e faça as pazes e peça perdão como quem cumpre uma tarefa ou recita uma lição?"

– Eu, assim que acordei, pensei ir ver as duas, mas não pude por causa da roupa; esqueci-me de o dizer ontem… Nastássia… lava este sangue… Acabei agora mesmo de me vestir.

– Sangue? Que sangue? – exclamou, assustada, Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Este… Não se assuste, *mámienhka*. É sangue de ontem, de quando saí daqui com febre e encontrei um homem atropelado por um coche… Um funcionário…

– Com febre? Mas se tu te lembras de tudo! – interrompeu-o Razumíkhin.

– É verdade – concordou Raskólhnikov com certa preocupação – lembro-me de tudo, até o último pormenor; mas espera: por que fiz eu aquilo, onde ia, que dizia? Isso é que não consigo explicar.

– É um fenômeno muito conhecido – interveio Zósimov. – A execução do ato costuma ser magistral, esplêndida; mas a reconstituição dos trâmites é alterada e depende de várias impressões mórbidas. Qualquer coisa de semelhante ao que acontece no sonho.

"No fim de contas, não deixa de estar certo que me tomem pouco mais ou menos por um louco", pensou Raskólhnikov.

– Mas isso também acontece às pessoas sãs – observou Dúnietchka, olhando com inquietação para Zósimov.

– É uma observação absolutamente exata – respondeu aquele. – Neste sentido, efetivamente, todos nós, e com muita frequência, somos quase dementes, apenas com a diferença de que os doentes estão um pouco mais loucos do que nós, porque, repare, é preciso distinguir. Mas é uma verdade que não existe o homem normal, de maneira nenhuma; talvez entre dezenas, e pode até ser que entre centenas de milhares, apenas se encontre um, e, ainda assim, em exemplares bastante fracos…

Quando ouviu a palavra "loucos", que Zósimov, preocupado com o seu tema favorito, pronunciara indiscretamente, todos franziram o sobrolho. Raskólhnikov continuou pensativo, como se não tivesse dado atenção, e com um sorriso estranho nos lábios. Continuava pensando em qualquer coisa.

– Bem, e que foi feito desse homem atropelado? Interrompi-te! – exclamou Razumíkhin.

– O quê? – respondeu aquele, como se despertasse. – Ah, sim; bom!… É que estava escorrendo sangue quando eu ajudei a conduzi-lo a casa… Para dizer a verdade, *mámienhka*, eu, ontem, fiz uma coisa imperdoável; de fato, ontem, estava meio tolo. Então não fui e dei

todo o dinheiro que me mandara… à viúva… para o enterro! É claro que se trata de uma pobre mulher tísica; três orfãozinhos, mortos de fome… e a casa vazia… e, além do mais, uma filha… Talvez a mãe também os tivesse dado, se os tivesse… aquela gente… Eu, reconheço que não tinha o mínimo direito, sabendo sobretudo quanto lhe custara juntar esse dinheiro. Para socorrer o próximo é preciso começar por ter direito a fazê-lo; se, não, *crevez, chiens, si vous n'êtes pas contents*[32]! – e pôs-se a rir. – Não é verdade, Dúnia?

– Não, isso não é assim – respondeu Dúnia com firmeza.

– Ora! Também tu… com opiniões! – resmungou ele, olhando-a quase com ódio e sorrindo sarcasticamente. – Eu devia ter contado com isso… Bem, seja como for, é louvável; para ti será melhor… e, se chegas a um limite do qual não podes passar… serás infeliz; mas, se o transpões… talvez ainda sejas mais infeliz… Embora, no fim de contas, tudo isso seja absurdo! – acrescentou irritado, de mau humor pela sua involuntária franqueza. – Eu só queria dizer que lhe peço perdão, *mámienhka* – terminou de modo cortante e brusco.

– Basta, Rodka; eu tenho a certeza de que tudo o que tu fazes é bem feito – exclamou a mãe, alvoroçada.

– Pois não deve ter essa certeza – respondeu ele, e franziu os lábios num sorriso. Continuou em silêncio. Havia qualquer coisa de incomodativo para todos, naquele diálogo, naquele silêncio, naquela reconciliação e naquele pedido de perdão, e todos o sentiam.

"Parece que têm medo de mim", pensou Raskólhnikov para consigo, olhando de soslaio a mãe e a irmã. De fato, quanto mais durava o silêncio, mais se inquietava Pulkhiéria Alieksándrovna.

"Na sua ausência, parecia-me que as amava!", passou pela mente dele.

– Ouve, Rodka: sabes que Marfa Pietrovna morreu? – exclamou, de repente, Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Qual Marfa Pietrovna?

– Oh, meu Deus! Marfa Pietrovna, a Svidrigáilova! Escrevi-te tantas cartas a respeito dela…

– A… a… ah! Já me lembro… E de que morreu ela? Ah! A sério? – e de repente estremeceu, como se acabasse de perder o equilíbrio. – Com que morreu? De quê?

– Imagina, de repente! – disse primeiro Pulkhiéria Alieksándrovna, encorajada pela curiosidade. – Morreu quando eu estava escrevendo-te aquela carta… morreu nesse mesmo dia! Dizem que foi aquele homem terrível a causa da sua morte! Dizem que lhe dera uma surra enorme!

– Mas eles se davam assim tão mal? – perguntou ele, dirigindo-se à irmã.

– Não, pelo contrário; ele era sempre muito paciente com ela, até carinhoso. Em muitas ocasiões, era até demasiado condescendente com o seu gênio, e assim durante sete anos… Simplesmente, agora, a paciência dele acabou de repente.

– Sendo assim, não seria tão terrível, visto que suportou sete anos! Mas tu, Dúnietchka, pareces defendê-lo.

– Não, não, era um homem terrível! Eu não posso imaginar nada mais terrível! – respondeu Dúnia quase num tremor, franzindo as sobrancelhas e ficando pensativa.

– Isso aconteceu em casa dele, de manhã – continuou dizendo precipitadamente Pulkhiéria Alieksándrovna. – Depois ela mandou logo atrelar os cavalos para dirigir-se à cidade, assim que tivessem almoçado, porque nesses casos ela ia sempre à cidade; sentou à mesa e almoçou, segundo dizem, com muito apetite…

– Depois da sova?

– … Aliás, tinha ela sempre esse costume; e logo a seguir, para não atrasar a partida, foi tomar banho… Ela fazia tratamento de banhos, tinha em casa uma fonte fria, e todos os dias, regularmente, lá dava um mergulho; e foi assim que ela entrou na água que lhe deu o

ataque!

– Com certeza! – disse Zósimov.

– E ele batia-lhe até machucá-la?

– Isso tanto faz – respondeu Dúnia.

– Hum! A mãe tem uma predileção especial por certos assuntos! – declarou Raskólhnikov de repente, mal-humorado e quase aflito.

– Ai, meu querido, é que eu já não sabia de que havia de falar! – interrompeu-o Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Mas a mãe tem medo de mim, todos têm medo de mim? – exclamou ele com um sorriso forçado.

– E nisso tem razão – disse Dúnia, olhando franca e severamente para o irmão. – A *mámienhka*, quando subia as escadas, vinha já a benzer-se de medo…

O rosto dele transtornou-se como se tivesse tido uma convulsão.

– Ah! Mas que disseste tu, Dúnia! Não fiques zangado, Rodka, por favor… Porque disseste isso, Dúnia? – gritou, fora de si, Pulkhiéria Alieksándrovna. – Eu, na verdade, quando vinha para aqui, no vagão do trem, não fazia outra coisa senão pensar no momento em que nos veríamos e poderíamos falar das nossas coisas… Sentia-me tão feliz que nem via o caminho! Era assim que eu vinha! E agora também me sinto feliz… Tu não, Dúnia? Eu sou feliz só por te ver, Rodka…

– Pronto, mãe – murmurou ele perturbado e, sem olhar para ela, apertou-lhe a mão. – Depois teremos tempo de falar disso!

Após ter pronunciado estas palavras tornou a ficar perplexo e empalideceu; outra vez uma como que nova e terrível sensação de frio mortal lhe correu pela alma; de repente compreendeu claramente que acabava de pronunciar uma horrível mentira, que não só não mais teria oportunidade de falar com ninguém, como jamais teria de que nem com quem falar. A impressão dessa dolorosa ideia foi tão violenta que, num momento, se esqueceu quase por completo de tudo,

levantou do seu lugar e sem olhar para ninguém, quase que saiu do quarto.

– Que tens? – gritou Razumíkhin, pegando-lhe pelo braço.

Tornou a sentar e pôs-se a passear silenciosamente a vista à sua volta: todos olhavam para ele atônitos.

– Mas por que é que estão todos tão murchos? – exclamou de repente, de uma maneira completamente inesperada. – Digam qualquer coisa! Afinal, por que é que estão aqui? Vamos, falem! Vamos conversar… Reunimo-nos aqui e não dizemos nada… Vamos, digam qualquer coisa!

– Louvado seja Deus! E eu que pensava que ia dar-lhe a mesma coisa que lhe deu ontem… – disse Pulkhiéria Alieksándrovna persignando-se.

– Que tens tu, Rodka? – perguntou Avdótia Românova com desconfiança.

– Nada, é que estava lembrando-me de uma coisa – respondeu ele e, de repente, pôs-se a rir.

– Bom, se é assim, não está mal! Eu também estava pensando… – resmungou Zósimov, levantando-se do divã. – Eu, no entanto, tenho de retirar-me; talvez passe por aqui logo… se puder…

Cumprimentou e saiu.

– Que boa criatura! – observou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Sim, é muito bondoso, uma ótima pessoa, culta, inteligente… – disse de repente Raskólhnikov com certa ligeireza inesperada e uma animação que, até então, não manifestara. – Eu não me lembro de onde é que o conheço, ainda antes de adoecer… Creio que o conheci em qualquer parte… Mas este também é uma excelente pessoa! – disse, apontando Razumíkhin. – Simpatizas com ele, Dúnia? – perguntou e, de súbito, sem saber por que pôs-se a rir.

– Muito – respondeu Dúnia.

– Tu sempre tens coisas! Ordinário! – exclamou Razumíkhin, terrivelmente perturbado e corado, e levantou da cadeira. Pulkhiéria Alieksándrovna sorriu discreta e Raskólhnikov desatou numa gargalhada ruidosa.

– Mas onde é que vais?

– É que eu também… tenho que fazer.

– Tu não tens absolutamente nada que fazer! Fica! Zósimov foi-se embora e tu também queres ir. Não vás… Mas que horas são? Doze? Mas que relógio tão bonito que tu tens, Dúnia! Mas por que é que ficaram outra vez tão calados? Sou só eu que faço a despesa da conversa!

– É um presente de Marfa Pietrovna – respondeu Dúnia.

– E de muito valor – acrescentou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Ah… ah… ah! Mas que grande, quase não parece de senhora!

– Gosto dele assim – declarou Dúnia.

"Pelo visto não é o presente de casamento", pensou para si Razumíkhin e, sem saber por que, ficou alvoroçado.

– E eu pensando que era presente de Lújin… – observou Raskólhnikov.

– Não, ele ainda não ofereceu nada a Dúnietchka.

– Ah… ah… ah! *Mámienhka*, lembra-se de que eu estive apaixonado e com a intenção de casar? – disse ele de repente, olhando para a mãe, que estava impressionada pelo aspecto que tão inesperadamente a conversa estava tomando e pelo tom em que ele proferira aquelas palavras.

– Ah, sim, é verdade, meu querido! – Pulkhiéria Alieksándrovna olhou alternadamente para Dúnietchka e para Razumíkhin.

– Hum! Sim! Mas que é que eu ia contar-lhes? Já quase não me lembro. Era uma moça doente – continuou, como se tornasse a

mergulhar nos seus pensamentos íntimos e de olhos baixos, perdidos no vago – gostava de socorrer os pobres e sonhava entrar para um convento, e uma vez pôs-se a chorar quando me falava disso; sim… sim… lembro-me, lembro-me muito bem. Feiazinha… de cara. Nem eu sei, verdadeiramente, por que é que me comprometi com ela; talvez por ela estar sempre doente… Se tivesse sido entrevada ou corcunda ainda gostaria mais dela… – sorriu pensativo. – Isso foi… uma febre de primavera.

– Não, não foi uma febre de primavera – disse Dúnia comovida.

Ele olhou para a irmã, atento e perturbado; mas, ou não ouviu ou não compreendeu as suas palavras. Depois, com um ar meditabundo, levantou, aproximou-se da mãe, abraçou-a, voltou para o seu lugar e tornou a sentar.

– Ainda gostas dela! – exclamou, comovida, Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Dela? Agora? Ah, sim… está a referir-se a ela! Pois não. Tudo isso, agora, é como se fosse uma coisa de outro mundo… muito afastado. E tudo quanto me rodeia parece que não acontece aqui!

Contemplou todos atentamente.

– A você, por exemplo, é como se a visse a milhares de verstas de distância… Mas, sabe Deus por que digo eu estas coisas! Quem é que o há de saber? – acrescentou, desgostoso, e ficou calado, pondo-se a morder as unhas e afundado na sua meditação anterior.

– Este quarto é tão feio, Rodka; parece um sepulcro! – exclamou de repente Pulkhiéria Alieksándrovna, interrompendo o doloroso silêncio. – Tenho a certeza de que metade da tua melancolia se deve a este quarto.

– Quarto? – respondeu ele, ensimesmado. – Sim, o quarto contribui muito… Eu também pensava nisso… Mas se soubesse o estranho pensamento que acaba de exprimir, *mámienhka*? – acrescentou de repente, sorrindo de um modo enigmático.

Um pouco mais, e aquela reunião, aqueles parentes, que tornava a ver passados três anos de separação; aquele tom familiar do diálogo, uma vez que não podia fazer nada… iam se tornar para ele, é quase certo, completamente insuportáveis. Mas havia um assunto inadiável, que tinha de ficar sem falta resolvido naquele dia; era essa a decisão que tomara, havia pouco, quando acordara. Agora, esse assunto era uma saída, e isso alegrava-o.

– Sabes uma coisa, Dúnia? – começou, séria e secamente. – Eu, desde já te peço perdão por aquilo que aconteceu ontem; mas acho que é um dever prevenir-te de que, pelo que diz respeito ao principal, não cedo nem um milímetro. Ou eu ou Lújin. Suponhamos que eu seja uma má pessoa; mas, tu, não o deves ser. Chega um. Se te casares com Lújin deixarei imediatamente de considerar-te como minha irmã.

– Rodka, Rodka! Mas, então, insistes no mesmo de ontem? – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna com amargura. – Para que hás de tu tomar essa atitude? Não posso suportar isso! Ontem dizias o mesmo…

– Meu irmão – respondeu Dúnia com dignidade e também com secura – em tudo isso há um erro da tua parte. Passei a noite meditando, à procura desse erro. Consiste tudo em que tu, pelo visto, supões que me entregam a alguém, e com algum fim, na qualidade de vítima. Mas não é assim, de maneira nenhuma. Eu caso, simplesmente, seguindo a minha inclinação, porque acho desagradável continuar

solteira; além do mais, não há dúvida nenhuma de que me considerarei feliz se puder depois ser útil aos meus, simplesmente, isto não é o principal motivo da minha resolução…

“Mente! – pensou ele para consigo, mordendo as unhas quase com raiva. – Orgulhosa! Não quer confessar que está ansiosa por poder dizer que é uma benfeitora! Oh, que péssimos caracteres! Amam como se odiassem! Oh, e como eu… os odeio a todos!”

– Em resumo: vou me casar com Piotr Pietróvitch – continuou Dúnietchka – porque, de dois males, escolho o menor. Tenho a honesta intenção de fazer tudo o que ele espera de mim e, por isso não o engano. Por que sorris dessa maneira?

Também ela corara e pelos seus olhos passou um relâmpago de cólera.

– De fazer tudo? – perguntou ele sorrindo com rancor.

– Até certo ponto. Tanto a maneira como a forma com que Piotr Pietróvitch se comprometeu para comigo, me demonstraram logo aquilo de que ele precisa. Não há dúvida de que ele tem talvez demasiado amor-próprio; mas eu espero que também há de apreciar-me, a mim… Por que tornas a sorrir?

– E tu, por que tornas a corar? Tu mentes, Dúnia; mentes descaradamente, por simples teimosia feminina, para pores as coisas a teu gosto perante mim… Tu não podes sentir respeito por Lújin; eu o vi e falei com ele. Vendes-te com certeza por dinheiro, e não há dúvida que, seja como for, te conduzes com baixeza; mas estou muito satisfeito porque, ao menos, ainda sejas capaz de corar!

– Não é verdade, eu não estou mentindo! – exclamou Dúnietchka, perdendo toda a sua serenidade. – Não casaria com ele se não estivesse convencida de que ele sabia apreciar-me e estimar-me. Felizmente, posso certificar-me disto, sem ficar com dúvidas, hoje mesmo. E este casamento não é nenhuma coisa reles, como tu dizes. Mas, ainda admitindo que tu tenhas razão e que eu, de fato, estava decidida a cometer uma baixeza… de toda a maneira, não seria uma crueldade que tu me falasses como me falas? Por que me exiges assim

esse heroísmo, que tu talvez não tenhas? Isso chama-se despotismo, coação. Se eu causo a ruína de alguém, é unicamente a minha! Mas eu não matei ninguém! Por que me olhas dessa maneira, Rodka? Que tens? Por que te puseste tão pálido? Rodka, que sentiste? Rodka, meu filho…

– Meu Deus! Quase que desmaia! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Não, não! Foi uma tontura! Não é nada! Uma breve vertigem! Não chegou a ser um desmaio… Vocês têm a mania dos desmaios! Hum! Sim… Que é que eu ia dizendo? Ah, já sei! De que maneira pensas certificar-te hoje de que podes ter respeito por ele e de que ele… te aprecia ou não, conforme disseste? Creio que disseste que seria ainda hoje, se é que eu ouvi bem!

– *Mámienhka*, mostre a carta de Piotr Pietróvitch ao meu irmão – disse Dúnietchka.

Pulkhiéria Alieksándrovna entregou-lhe a carta com mãos trêmulas. Ele a recebeu com grande curiosidade. Mas, antes de abri-la, olhou de súbito para Dúnietchka com certa admiração.

– É estranho – exclamou, ato contínuo, como se de repente uma ideia nova tivesse acabado de assaltá-lo. – Por que me acaloro eu assim tanto? Para que toda esta gritaria? Vai e casa com quem quiseres!

Disse isso como que apenas para si, mas em voz alta e, durante um momento, ficou olhando para a irmã com um ar preocupado.

Finalmente abriu a carta, conservando ainda a expressão de um certo espanto estranho; depois procedeu à leitura, devagar e atentamente, e repetiu-a duas vezes. Pulkhiéria Alieksándrovna estava numa grande inquietação, embora todos os outros esperassem também alguma coisa de especial.

– O que para mim é assombroso – começou ele, depois de uns momentos de reflexão e devolvendo a carta à mãe, mas sem olhar para ninguém em especial – é que ele seja advogado, homem de

negócios, e se exprima na conversação de uma maneira que é até… amaneirada… e, apesar disso, escreva tão mal.

Houve um movimento geral; não esperavam de maneira nenhuma aquela saída.

– Toda essa gente escreve assim – observou bruscamente Razumíkhin.

– Mas tu leste a carta?

– Li.

– Nós o deixamos ler, Rodka… Pedimos-lhe conselho… – começou Pulkhiéria Alieksándrovna, muito confusa.

– É um estilo processual – atalhou Razumíkhin. – É assim que redigem todos as folhas processuais.

– Processuais? Sim, é isso: processual, de advogado… Nem demasiado vulgar, nem demasiado literato, advocatício!

– Piotr Pietróvitch não esconde que recebeu uma educação de meia tigela, e até se gaba de se ter feito por si próprio – observou Avdótia Românova um pouco ressentida pelo novo tom do irmão.

– Pois se se gaba, lá deve ter as suas razões para isso; não digo o contrário. Tu, Dúnia, pelo visto ficaste ofendida por eu ter tomado esta carta como pretexto para uma observação sem importância, e pensas que me pus a falar intencionalmente desses pormenores para te aborrecer. Mas não é nada disso. É que me aconteceu, a propósito de estilo, uma observação que não é supérflua no caso presente. Há aí uma frase: “não culpem mais ninguém, senão a si próprias”, que não pode ser mais taxativa e clara, sem contar com a ameaça de se ir imediatamente se eu me intrometer. Essa ameaça de retirar-se… equivale à ameaça de vos abandonar se não fordes obedientes, e de abandonar-vos, agora, que vos fez vir a Petersburgo. Bem, vamos a ver o que tu dizes: pode uma pessoa dar-se por ofendida perante essa frase de Lújin, como se fosse aquele que a tivesse escrito – e apontou Razumíkhin – ou Zósimov, ou qualquer outro de nós?

– Não… não! – respondeu Dúnietchka exaltando-se. – Eu compreendo muito bem que se trata de uma expressão perfeitamente ingênua e pode ser que tudo se reduza a que ele não sabe escrever… Nisso pensaste tu bem, irmão. Eu nem sequer esperava…

– Isso está escrito em estilo advocatício, e em estilo advocatício não era possível escrevê-lo de outra maneira, embora talvez lhe tenha saído mais tosco do que ele desejava. Além disso, eu tenho a obrigação de abrir-te um pouco os olhos; nesta carta há também uma calúnia contra mim e bastante reles. Eu dei ontem aquele dinheiro a uma viúva, tuberculosa e esgotada de trabalhar, e não com o pretexto de ajudar ao enterro, mas muito claramente, para o enterro e não por causa da filha… uma moça, como ele escreve, de má fama (e à qual eu nunca na minha vida vira até ontem); dei-o sobretudo a uma viúva. Vejo perfeitamente em tudo isto o confuso desejo de ofender-me e de provocar a discórdia entre nós. Expressão essa também processual; quer dizer, dirigida para um fim evidente e com um cuidado dos mais ingênuos. É um homem com alguma inteligência, mas para proceder com inteligência… é preciso mais qualquer coisa. Tudo isso nos diz quem é esse homem… e parece-me que não deve gostar muito de ti. Falo-te assim, irmã, unicamente para tua orientação, pois desejo sinceramente o teu bem…

Dúnietchka não respondeu; já tomara anteriormente a sua resolução e estava só à espera da noite.

– Bem, e que é que tu resolveste, Rodka? – perguntou Pulkhiéria Alieksándrovna, ainda mais alarmada do que na véspera, pelo súbito e novo tom prático da sua conversa.

– Que é isso de “resolver”?

– É que, repara: Piotr Pietróvitch diz-nos que tu não deverás estar conosco esta noite, e que, em caso contrário, ele se retirará. Por isso… tu pensas vir?

– Quanto a isso, não há dúvida alguma de que não me compete resolver, mas, em primeiro lugar, a você, se é que essa exigência de Piotr Pietróvitch não a ofende, e depois a Dúnia, se também não a ofende a ela. Quanto a mim, farei o que lhe parecer melhor –

acrescentou secamente.

– Dúnietchka já tomou a sua resolução e eu estou completamente de acordo com ela – apressou-se a afirmar Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Eu resolvera pedir-te, Rodka, tal qual, pedir-te que estivesses presente a essa entrevista, sem falta – disse Dúnia. – Vens?

– Vou.

– E peço-lhe também ao senhor que venha ver-nos às oito – acrescentou, dirigindo-se a Razumíkhin. – *Mámienhka*, eu também quero convidá-lo a ele.

– Fazes muito bem, Dúnietchka. Se é isso o que decidiram – acrescentou Pulkhiéria Alieksándrovna – é isso que há de ser! Isso, para mim, também é um alívio; não gosto de fingimentos nem de mentiras; o melhor de tudo é falar com absoluta franqueza… E agora é lá contigo, Piotr Pietróvitch!

## Capítulo IV

Nesse momento a porta abriu-se devagarinho e, olhando timidamente à sua volta, uma mocinha entrou no quarto. Todos se voltaram para olhá-la com espanto e curiosidade. A princípio, Raskólhnikov não a reconheceu. Era Sônia Siemiônovna Marmieládova. Tinha-a visto pela primeira vez na noite anterior, mas apenas por um instante, num ambiente e com um traje tal, que na sua memória ficara a imagem de uma criatura totalmente diferente. Esta de agora era uma mocinha modesta, e até pobremente vestida, muito nova ainda, quase uma menina, modesta e decentezinha, com uma carinha ingênua, mas um pouco sobressaltada. Vestia uma roupinha simples, caseira; na cabeça um chapelinho velho, fora de moda; mas trazia na mão, como na noite anterior, a sua sombrinha. Ao ver o quarto cheio de gente, contra o que esperava, não só ficou embaraçada como completamente desorientada, corou como uma criança e até fez menção de retirar-se.

– Ah… é a menina? – disse Raskólhnikov profundamente

admirado e, de súbito, também ele ficou perturbado.

Lembrou-se imediatamente de que a mãe e a irmã estavam já a par, graças à carta de Lújin, da existência de certa moça de má fama. Havia apenas um momento que protestara contra a calúnia de Lújin, declarando que nunca antes vira a referida moça, e eis que ela, de repente, vinha ter com ele. Tudo isto passou vagamente e durante um segundo pela sua imaginação. Mas, reparando mais atentamente, pode ver que ela era uma criatura humilde, a tal ponto humilde que, de repente, lhe inspirou piedade. Quando a moça fez aquele movimento para se retirar, assustada… qualquer coisa se revelou a ele.

– Não a esperava – disse atropeladamente, detendo-a com o olhar. – Faça favor de sentar! Deve vir, com certeza, da parte de Ekatierina Ivânovna. Dê-me licença, aí não, aqui; sentem-se todos!

À chegada de Sonha, Razumíkhin, que estava sentado em uma das três cadeiras de Raskólhnikov, mesmo junto da porta, levantou para que ela pudesse entrar. A princípio, Raskólhnikov indicou-lhe uma ponta do divã onde estivera sentado Zósimov, mas reconsiderando depois que o divã era um lugar demasiadamente “familiar”, apressou-se a apontar-lhe a cadeira de Razumíkhin.

– Senta tu aqui – disse a Razumíkhin, acomodando-o na mesma ponta do divã que tinha ocupado Zósimov.

Sonha sentou quase tremendo de medo e olhou timidamente para as senhoras. Era evidente que nem ela própria compreendia como é que podia estar sentada ali, juntamente com elas. Quando pensou nisso sentiu-se tão atemorizada, que de repente tornou a levantar, e completamente desorientada, exclamou, dirigindo-se a Raskólhnikov:

– Eu… eu… vim só por um momento, desculpe ter vindo incomodá-lo – balbuciou. – Foi Ekatierina Ivânovna quem me mandou, porque não tinha outra pessoa de quem se valer… Ekatierina Ivânovna encarregou-me de lhe pedir que não faltasse amanhã ao funeral, de manhã… depois da missa… em São Mitrofan, e depois a casa… a sua casa… comer qualquer coisa… Seria para ela uma grande honra… Mandou-me que lhe pedisse isto muito encarecidamente.

Sonha acabou por ficar completamente confundida e não continuou.

– Farei todo o possível, sem dúvida alguma – respondeu Raskólhnikov levantando-se também, e, muito perturbado, não continuou. – Mas faça o favor de sentar, peço licença por dois minutos.

E ofereceu-lhe uma cadeira. Sonha tornou a sentar e a olhar timidamente, de soslaio e muito envergonhada, para aquelas duas senhoras, acabando por baixar os olhos…

O lívido semblante de Raskólhnikov ruborizou-se; o rapaz parecia completamente transtornado; os olhos brilhavam-lhe.

– *Mámienhka* – disse em tom firme e resoluto – é Sônia Siemiônovna Marmieládova, a filha desse mesmo infeliz Senhor Marmieládov, que ontem, na minha presença, foi atropelado por um carro e do qual já lhe falei…

Pulkhiéria Alieksándrovna lançou um olhar a Sonha e piscou levemente os olhos. Apesar de toda a sua perturbação, perante o firme e reprovador olhar de Rodka, não pode privar-se desse gosto. Dúnietchka olhou séria e atentamente para o rosto da pobre moça e ficou a contemplá-la com perplexidade. Sonha, quando ouviu pronunciar o seu nome, tornou a erguer os olhos, mas ficou ainda mais embaraçada do que antes.

– Eu queria perguntar-lhe – disse Raskólhnikov dirigindo-se a ela rapidamente – como é que passaram hoje. Não as incomodaram? Refiro-me à Polícia.

– Não, tudo tem corrido bem… Não vê que se percebia claramente de que é que ele morrera? Não nos incomodaram; os que se queixaram foram os vizinhos.

– Por quê?

– Porque o cadáver esteve ali muito tempo… Porque, o senhor bem vê, como agora faz este calor e está um ar tão abafado… Por isso

ainda esta tarde o levam para o cemitério, onde ficará até amanhã, na capela. A princípio, Ekatierina Ivânovna não queria, mas acabou por compreender que não era possível outra coisa…

– De maneira que hoje…

– Por isso pede-lhe que lhe dê a honra de assistir amanhã ao funeral, na igreja, e de passar depois por sua casa para tomar parte no jantar de enterro.

– Mas ela preparou um jantar?

– Sim, qualquer coisa; encarregou-me com muita insistência de exprimir-lhe o seu agradecimento pelo donativo de ontem… Se não fosse o senhor, agora, não teria com que fazer o enterro – e de súbito tremeram-lhe os lábios e o queixo, mas dominou-se, fez-se forte e apressou-se outra vez a fixar a vista no chão.

Durante o diálogo, Raskólhnikov observava-a, atento. Era uma criaturinha magra e pálida, de feições bastante irregulares, com qualquer coisa de agudo em todo o rosto, com um narizinho e um queixo bicudos. Rigorosamente, não se podia dizer que fosse bonita; mas, em compensação, tinha uns olhos azuis tão claros, e, quando se animavam, a expressão do seu rosto assumia uma tal bondade e candura que cativavam involuntariamente. Havia no seu rosto e em toda a sua figura um traço predominante, característico; apesar dos seus dezoito anos parecia ainda mais nova, quase uma menina, o que transparecia, de uma maneira até cômica, em alguns dos seus gestos.

– Mas, como é que contando com tão poucos recursos, Ekatierina Ivânovna pode pensar em jantares? – perguntou Raskólhnikov, prolongando o diálogo com insistência.

– É que, repare, a sepultura será muito simples… e tudo será simples, de maneira que não sairá caro… Eu e Ekatierina Ivânovna já fizemos a conta e vimos que ainda nos fica qualquer coisa para essa refeição… e Ekatierina Ivânovna tinha o maior empenho em que fosse assim. Ela está… desolada… Ela assim… O senhor já a conhece…

– É compreensível, é compreensível… Claro… Mas por que está

olhando tanto para o quarto? Ouça: *mámienhka* acaba de dizer que ele parece um sepulcro.

– O senhor deu-nos tudo quanto tinha, ontem! – exclamou Sonha, de repente, à maneira de resposta, com um murmúrio forçado e rápido, tornando a cravar os olhos no chão. Tremiam-lhe de novo os lábios e o queixo. Havia um momento que estava confusamente admirada perante o pobre quarto de Raskólhnikov, e agora aquelas palavras escaparam-lhe espontaneamente. Seguiu-se um silêncio. Os olhos de Dúnietchka iluminaram-se um pouco e Pulkhiéria Alieksándrovna olhou para Sonha até com afetuosidade.

– Rodka – disse, levantando-se – escusado será dizer que almoçamos juntos. Dúnietchka, vamos… Tu, Rodka, podias sair, passear um pouco, depois deitavas-te, descansavas e ias buscar-nos o mais depressa possível… Tenho medo de te termos cansado…

– Está bem, está bem, irei – disse, levantando-se com certa pressa.

– Mas suponho que não vão almoçar cada um por seu lado! – exclamou Razumíkhin olhando com assombro para Raskólhnikov. – Que dizes?

– Que sim, que irei, claro, claro… Mas fica aqui ainda um momento. Não precisa dele agora, não é verdade, *mámienhka*? Ou estarei eu a açambarcá-lo?

– Oh, não, não! Mas o senhor, Dmítri Prokófitch, podia ter a bondade de vir almoçar conosco!

– Sim, faça-nos o favor de aceitar – pediu Dúnietchka.

Razumíkhin fez-lhes um cumprimento e todo ele irradiou uma certa perturbação. Por um momento todos deram mostras de uma confusão estranha.

– Bem, então, adeus, Rodka, isto é, até logo! Não gosto de dizer adeus. Adeus, Nastássia! Ah, lá disse eu outra vez adeus!

Pulkhiéria Alieksándrovna fez também menção de cumprimentar Sonha, mas o seu gesto não chegou a definir-se bem, e saiu do quarto

precipitadamente.

Mas Avdótia Românovna, como se esperasse a sua vez, ao passar atrás da mãe por diante de Sonha, fez a esta um cumprimento atento, cortês e completo. Sônietchka ficou envergonhada, correspondeu ao cumprimento com outro, rápido e alvoroçado, e uma espécie de comoção doentia se refletiu no seu rosto, como se a deferência e a cortesia de Avdótia Românovna lhe tivessem sido penosas e mortificantes.

– Dúnia, adeus a ti também! – exclamou Raskólhnikov já no patamar. – Dá-me a tua mão, ao menos!

– Mas se eu já dei, não te lembras? – respondeu Dúnia, dirigindo-se a ele com um modo afetuoso e coibido.

– Mas que importa isso! Quero apertá-la outra vez!

E apertou com força os seus dedinhos. Dúnietchka sorriu, corou, apressou-se a retirar a mão e correu atrás da mãe, toda alvoroçada, sem saber por quê.

– Ora, assim é que está bem! – disse ele a Sonha quando voltou para o seu lado, e olhou francamente para ela. – Deus tenha os mortos na sua paz, mas que deixe viver os vivos! Não é assim? Não é assim? Não é verdade?

Sonha contemplava quase com espanto o seu rosto subitamente iluminado; ele permaneceu um instante mirando-a de alto a baixo, em silêncio; de repente, toda a história do pai dela lhe acudiu à memória…

– Meu Deus, Dúnietchka! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna assim que chegaram à rua. – Olha, sinto-me bem contente por ter saído dali, mais à minha vontade. Como é que eu podia imaginar ontem, no trem, que até isto havia de alegrar-me!

– Torno a repetir-lhe, *mámienhka*, que ele ainda está doente. Não reparou? Pode muito bem ser que tenha sofrido por causa de nós e se afligisse. Temos de ser compreensivas, e muito, muita coisa se pode

perdoar.

– Pois tu não deste mostras de ser compreensiva! – interrompeu-a Pulkhiéria Alieksándrovna com veemência e aborrecimento. – Sabes uma coisa, Dúnia? É que eu estive olhando para vocês dois e tu és o seu vivo retrato, não tanto na cara como na alma; são os dois melancólicos, os dois arredios e arrebatados, os dois altivos e generosos… Porque não é possível que ele seja um egoísta, não é verdade, Dúnia? E quando penso que há de ir ter conosco esta noite, tenho um pressentimento!

– Não se preocupe, *mámienhka*, será o que tem de ser.

– Dúnietchka! Mas vê um momento só qual é a nossa situação! E se Piotr Pietróvitch se arrependesse? – exclamou, de repente, indiscreta, a pobre de Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Mas como é que ele vai arrepender-se depois de tudo o que há pelo meio! – respondeu Dúnia em tom cortante e depreciativo.

– Fizemos muito bem em sairmos agora – interrompeu-a atabalhoadamente Pulkhiéria Alieksándrovna – ele tem de sair para tratar de qualquer coisa, mais não seja para tomar ar… Porque ali, naquele buraco, uma pessoa sufoca… Se bem que, onde é que se pode tomar ar aqui? Aqui, nas ruas, está-se como em quartos sem janelas. Meu Deus, que cidade esta… Espera, afasta-te para um lado! Senão esmagam-te… Trazem para aqui não sei o quê! É um piano, afinal… Como empurram essa… Olha, também me inquieta um pouco essa moça…

– Qual moça, *mámienhka*?

– Essa Sônia Siemiônovna, a que acabou de entrar ali…

– E por que?

– Porque meu coração adivinha, Dúnia. Bem, quer tu acredites ou não, assim que ela entrou pensei logo que ela é que é a chave de tudo…

– Nada disso! – exclamou Dúnia com ar desgostoso. – Lá está a

*mámienhka* com os seus pressentimentos! Ele só a conhece desde ontem, e tanto que, quando ela entrou, nem a reconheceu.

– Pois então deixa ver! Tive um mau pressentimento, vais ver, vais ver! Pareceu-me que fiquei cheia de medo; mirava-me e remirava-me com tais olhos que eu não podia estar quieta na cadeira quando ele a apresentou, lembras-te? E o mais estranho para mim é ter Piotr Pietróvitch dito o que ela é, e ele, então, apresenta-a a mim e a ti também! Pelo visto gosta muito dela!

– Se fôssemos fazer caso de tudo o que nos dizem! De mim também falaram e escreveram. Já se esqueceu? Mas eu tenho a certeza de que ela… é muito boa e de que tudo isso são… mentiras!

– Deus queira!

– Piotr Pietróvitch é um vil caluniador – disse Dúnietchka inesperadamente.

Pulkhiéria Alieksándrovna baixou a cabeça. O diálogo foi interrompido.

– …

– Olha, vou expor-te o assunto de que queria falar-te – disse Raskólhnikov, conduzindo Razumíkhin até ao janelo.

– Então digo a Ekatierina Ivânovna que o senhor irá… – balbuciou Sonha, fazendo um cumprimento de despedida.

– Agora estou consigo, Sônia Siemiônovna; nós não temos segredos, não nos incomoda… Ainda tenho que dizer-lhe umas coisas… Olha – disse, encarando de repente Razumíkhin, sem acabar a frase, e como se a tivesse interrompido. – Tu conheces esse… bem, já sabes a quem me refiro, não é verdade? Como se chama ele, Porfíri Pietrovitch?

– Sim. É meu parente. Mas de que se trata? – acrescentou aquele com uma certa expressão de curiosidade.

– É desse assunto… Bem, daquele crime… de que falamos

ontem… e cujo processo ele está organizando, não é?

– Sim … mas… – e Razumíkhin abriu de repente uns olhos enormes.

– É que ele anda investigando os nomes dos clientes da usurária e eu também tinha lá objetos, pouca coisa, é claro: um anel que a minha irmã me ofereceu como recordação quando eu vim para aqui, e um relógio de prata, que era do meu pai. Tudo isso valerá ao todo uns cinco ou seis rublos; mas eu tenho essas coisas em grande estima por serem recordações. Que hei de fazer agora? Não queria que esses objetos fossem vendidos, sobretudo o relógio. Há pouco até tremi com medo de que a minha mãe mostrasse desejo de vê-lo, quando a conversa caiu sobre o relógio de Dúnietchka. É a única coisa que nos resta de meu pai. Ela até ficaria doente se o vendessem! Coisas de mulheres! Por isso, diz-me o que hei de fazer! Já sei que há de ser preciso fazer alguma declaração. Mas não seria melhor dizer ao próprio Porfíri? Que te parece? O caso é urgente. É que tu bem vês: é muito provável que *mámienhka* me faça alguma pergunta à mesa!

– Não é preciso declaração nenhuma, o que é preciso é ir ter com Porfíri! – exclamou Razumíkhin com uma comoção invulgar. – Ah, como eu fico contente! Anda, vamos já lá, é daqui a dois passos; vamos encontrá-lo, com certeza!

– Bem, então, vamos!

– Ele vai ficar muito, muitíssimo, mil vezes contentíssimo por te conhecer. Eu lhe tenho falado muito de ti, em várias ocasiões… Ainda ontem estivemos falando de ti. Vamos então… Com que então conhecias a velha! Esta agora! Olha como as coisas se encadeiam… tão bem! Ah, sim… Sônia Ivânovna…

– Sônia Siemiônovna – retificou Raskólhnikov. – Sônia Siemiônovna, este é o meu amigo Razumíkhin, uma excelente pessoa…

– Se precisa sair… – começou Sonha, sem olhar para Razumíkhin, e ainda mais envergonhadinha por isso mesmo.

– Anda, vamos! – resolveu Raskólhnikov. – Eu passarei por sua casa ainda hoje, Sônia Siemiônovna; mas diga-me onde mora.

Não parecia perturbado; mas disse isso depressa e evasivamente e evitando os olhares da moça. Sonha deu-lhe o endereço e, quando o fez, corou. Saíram todos juntos.

– Mas não fechas o quarto à chave? – perguntou Razumíkhin quando saía para o patamar atrás dele.

– Nunca fecho! Além disso, há já dois anos que ando pensando em comprar uma fechadura – acrescentou despreocupadamente. – Felizes aqueles que não têm nada que guardar! – acrescentou, dirigindo-se a Sonha.

E na rua pararam à porta.

– Vai para a direita, não é verdade, Sônia Siemiônovna? E a propósito, como é que deu comigo? – perguntou, como se quisesse dizer-lhe qualquer coisa completamente diferente. Sentia vontade de olhar os seus olhos plácidos, transparentes, e não o conseguia completamente…

– Porque o senhor deu ontem o seu endereço a Pólietchka!

– A Pólia? Ah. sim… Pólietchka! É a sua irmãzinha… mais nova? De maneira que lhe deu a minha direção …

– Parece que já se esqueceu…

– Não… estou a lembrar-me…

– Eu já ouvira falar no senhor ao meu falecido… Simplesmente não sabia o seu nome… e hoje veio… e como já sabia o seu nome desde ontem, perguntei: “Onde mora o senhor Raskólhnikov?”. Eu não sabia que o senhor também vivia num quarto sub-alugado… Mas adeus! Depois direi a Ekatierina Ivânovna…

Estava contentíssima por poder finalmente retirar-se; foi andando para trás, correndo, para que eles a perdessem o mais depressa possível de vista e poder percorrer rapidamente os vinte passos de

distância que havia dali até à primeira embocadura, à direita, ver-se finalmente sozinha, e então, andando ligeira, sem olhar para ninguém nem reparar em nada, pôs-se a pensar, a recordar, a evocar na imaginação todas as palavras ditas, todas as circunstâncias. Nunca, nunca ela sentira nada parecido. Todo um mundo novo, desconhecido e insuspeitado surgira na sua alma. Lembrou-se de repente que Raskólhnikov tencionava ir vê-la naquele mesmo dia, talvez naquela mesma manhã, quem sabe se naquele mesmo momento.

"Oxalá não seja hoje, não seja hoje! – murmurava, de coração confrangido, como se implorasse a alguém, à maneira duma criança assustada. – Senhor! A minha casa… àquele quarto… E verá… Oh, meu Deus!"

E, não há dúvida de que por causa disso não pode reparar num cavalheiro, que ela não conhecia, que a seguia de perto e se lhe atravessou no caminho. Vinha-a seguindo desde a própria porta da casa. Precisamente no momento em que os três, Razumíkhin, Raskólhnikov e ela, pararam para trocar ainda as últimas palavras, já no passeio, esse transeunte, ao passar no lugar em que eles estavam, teve um estremecimento quando ouviu no ar as palavras de Sonha: "E perguntei: onde mora o Senhor Raskólhnikov?" Rápida, mas atentamente, o homem olhou para os três, sobretudo para Raskólhnikov, ao qual Sonha se dirigia; depois olhou para a casa e reparou bem nela. Tudo isto durou apenas um segundo, e o transeunte não deixou de andar e procurou não chamar a atenção, passou de largo, amortecendo os passos, como se esperasse alguém. Esperava por Sonha; viu que estavam já a despedir-se e que Sonha ia seguir outra direção, que ia para sua casa.

"Mas onde viverá ela? Parece-me que esta cara não me é desconhecida – pensava, recordando o rosto de Sonha. – Preciso conhecê-la."

Assim que chegou à embocadura da rua, mudou de passeio, tornou a olhar e viu que Sonha vinha já atrás dele, seguindo o mesmo caminho e sem reparar em nada. Quando chegou à esquina, ela meteu-se também pela embocadura. Ele caminhou atrás sem perdê-la de vista, desde o outro passeio; assim que andou cinquenta passos,

atravessou o passeio onde Sonha ia, alcançou-a e pôs-se a escoltá-la a uma distância de cinco passos.

Era um homem de uns cinquenta anos, de estatura acima da média, de ombros largos e altos, que o faziam parecer encorcovado. Vestido com elegância e seriedade, parecia um importante cavalheiro. Levava na mão uma bonita bengala, com a qual batia no chão a cada passo, e calçava as mãos numas luvas flamantes. O seu rosto, largo, bochechudo, era bastante simpático, e a cor da pele, fresca, nada petersburguesa. Os cabelos, ainda fartos, eram completamente louros, e mal começavam a embranquecer, a barba ampla, farta, que lhe pendia como uma pá, era ainda mais clara de cor do que o cabelo da cabeça. Tinha os olhos azuis e o olhar frio, insistente e perscrutador, os lábios muito vermelhos. Era, de uma maneira geral, um homem muito bem conservado e parecia muito mais novo do que era.

Quando Sonha chegou junto do canal encontraram-se os dois no mesmo ponto do passeio.

No momento em que olhou para ela, ele viu o seu ensimesmamento e a sua distração. Assim que chegou a casa, Sonha entrou e ele fez outro tanto atrás dela e como se sentisse certa estranheza. Já no pátio, ela torceu para a direita, para um canto, de onde a escada partia até ao seu andar. “Espere!” – murmurou o incógnito cavalheiro e começou a subir os degraus atrás dela. Foi só então que Sonha reparou nele. A moça subiu ao terceiro andar, entrou logo por um corredor e chamou no número nove, em cuja porta estava escrito a giz: “Kapernaúmov, alfaiate”. “Espere!”, tornou a repetir o desconhecido, espantado com a estranha coincidência, e chamou também no número oito. As duas portas ficavam a uns seis passos uma da outra.

– Mora em casa de Kapernaúmov! – disse ele olhando Sonha e sorrindo. – Ontem, costurou-me um colete. Eu venho a esta outra porta, a casa de *Madame* Reslich, a Senhora Kárlovna. O que são as coisas!

Sonha olhou-o atentamente.

– Vizinhos – continuou ele dizendo com um especial bom humor.

– Olhe, eu venho à cidade de três em três dias. Bem, até à vista!

Sonha não lhe respondeu; abriu a porta e meteu-se em casa. Sentia vergonha, não sabia de que, e uma espécie de receio.

A caminho da casa de Porfíri, Razumíkhin ia numa disposição de espírito particularmente alegre.

– Isto, meu caro, é formidável! – repetiu várias vezes. – Estou tão contente! Tão contente!

“Por que estará ele tão contente?”, pensava Raskólhnikov em silêncio.

– Olha, é que eu não sabia que tu também figuravas entre os clientes da velha… E… e… há muito tempo que estiveste pela última vez em casa dela?

“Mas que tolo tão ingênuo!”

– Há muito tempo? – e Raskólhnikov parou a refletir. – Há uns três dias antes da sua morte, creio que foi. Aliás, não vou levantar os objetos neste momento – fez notar com certa pressa e como se eles o preocupassem muito – porque estou outra vez apenas com um rublo de prata… por causa desse três vezes maldito delírio de ontem…

Referiu-se ao delírio de uma maneira especialmente sugestiva.

– Bem, sim, sim, sim – concordou Razumíkhin apressadamente e sem saber por que. – Foi por isso que, daquela vez… a mim, em parte, chocou-me… Sabes uma coisa? No meio do delírio tu também falavas de umas correntes e de uns anéis! Era isso, era isso! Agora está tudo claro, claríssimo!

“Olá! Com que então já lhe tinha vindo isso à ideia! É um homem capaz de se sacrificar por mim e, no entanto, é ver como ele está tão contente por já poder explicar, agora, que eu, no meu desvario, falasse de correntes! Essa ideia devia ter-se arraigado em todos eles!”

– Mas vamos encontrá-lo? – perguntou em voz alta.

– Encontramos, encontramos – respondeu Razumíkhin, pressuroso. – É um homem formidável, meu caro, vais ver. Um pouco tolo; quero dizer, é um homem mundano, lá isso é; mas eu chamo-o tolo noutro sentido. – Um rapaz inteligente, mesmo muito inteligente, simplesmente, tem uma maneira de pensar um pouco extravagante… Desconfiado, cético, cínico… Gosta de enganar, isto é, de enganar, não, mas de atrapalhar as pessoas… E materialmente agarrado aos velhos métodos… Embora conheça o seu ofício, isso conhece… Foi ele quem descobriu o ano passado o autor daquele crime cuja pista se perdera completamente. Tinha muito, muito desejo de conhecer-te.

– Mas por que tem ele esse desejo assim tão grande?

– Não é porque… Olha, nos últimos tempos, quando tu caíste doente, eu falava de ti a cada momento… Pois bem; ele me ouvia… e como sabia que não tinhas podido terminar o teu curso de Direito, em virtude de determinadas circunstâncias, disse: “Que pena!” Donde eu concluí… bem… é tudo isso junto e mais alguma coisa. Ontem, Zamiótov… Olha, Rodka, eu, ontem, quando estava bêbado, pus-me a contar-te uma história qualquer, quando íamos para tua casa, e tenho medo, meu amigo, que tu exageres as coisas, estás ouvindo?

– Mas a que propósito vem isso? Talvez me tomem por louco… Sim, e é possível que tenham razão.

E soltou um riso forçado.

– Sim, sim… isto é, ufa! Não… Bem, tudo isso que acabo de dizer… (e o resto também) era tolice e efeito da bebida.

– Mas por que te desculpas? Já estou tão farto disto tudo! – exclamou Raskólhnikov com um aborrecimento exagerado. – Se bem que, além de tudo mais, estivesse, em parte, fingindo.

– Bem sei, bem sei, compreendo. Podes ter a certeza de que compreendo. Até tenho vergonha de falar nisso…

– Então, se tens vergonha, não fales!

Ficaram ambos calados. Razumíkhin estava mais que

entusiasmado e Raskólhnikov reparava nisso com repugnância. O que o outro lhe disse acerca de Porfíri acabou por desassossegá-lo.

“A este também é preciso inspirar dó – pensou, empalidecendo e confrangido – e inspirar com toda a naturalidade. O mais natural de tudo seria não lhe inspirar, dominar-me para nada lhe inspirar. Não; isso de dominar-me já não seria natural… Bem; já se vai ver o aspecto que as coisas têm ali… Farei bem ou mal em ir até lá? A borboleta, é ela própria que voa para a chama. Sinto o pulsar do coração; sinal de que não faço bem.”

– É nesse prédio cinzento – indicou Razumíkhin.

“O mais importante de tudo é o fato de Porfíri saber que eu estive ontem no andar daquela bruxa e perguntei pelo sangue. É preciso adivinhá-lo num momento, desde o primeiro olhar; ler na cara dele, assim que entrar, de contrário… sou um homem perdido, bem sei…”

– Sabes uma coisa? – disse, encarando de repente Razumíkhin e sorrindo maliciosamente. – Eu, meu amigo, já notei, desde esta manhã, que te encontras num estado de comoção invulgar. É verdade ou não?

– Que comoção? Estás absolutamente enganado – rebateu Razumíkhin.

– Não, meu amigo, vê-se. Estavas sentado na cadeira de uma maneira como nunca te sentas, quase mesmo à beira, e parecia que tinhas convulsões. Remexias-te para um lado e para outro. Tão depressa te aborrecias, como, sem se saber por que, ficavas com uma cara muito derretida. Até coravas; sobretudo quando te convidaram para almoçar, ficaste terrivelmente corado.

– Nada disso. Tudo isso é mentira! Por que me dizes isso?

– És tímido como um colegial! E lá tornaste tu a corar!

– És um porcalhão!

– Mas por que ficas assim, tão atrapalhado! Romeu! Deixa estar que ainda hoje o hei de dizer num certo lugar. Ah, ah, ah! Vou fazer

com que *mámienhka* dê risada, e outra pessoa também…

– Ouve, ouve, ouve, olha que isso não é para brincadeiras, olha que…

– Que irá ele fazer, ó diabo?! – gritou finalmente Razumíkhin, transido de espanto. – Mas que vais tu contar-lhes? Eu, meu amigo… Sempre és um porcalhão!

– És simplesmente um botão de rosa primaveril. Se tu soubesses como isso te fica bem! Um Romeu com dez verstas de altura! E como te arranjaste hoje, está um primor. Mas quando é que se viu uma coisa destas?! Se até pôs brilhantina! Ora deixa lá ver, baixa a cabeça!

– Porcalhão!

Raskólhnikov riu com tal vontade, que parecia não se poder conter e, rindo assim, entraram ambos no quarto de Porfíri Pietróvich. Era isso que Raskólhnikov desejava: que, no quarto, pudessem ouvi-los entrar a rir, com um riso que se prolongava até à entrada.

– Nem uma palavra, ali, senão… acabo contigo! – disse Razumíkhin em voz baixa e furioso, a Raskólhnikov, puxando-lhe pelo ombro.

## Capítulo V

Entraram no quarto. E ele fez isso com o aspecto de quem se esforça ao máximo por reprimir o riso. Atrás dele, com a cara completamente crispada pelo furor, vermelho como um tomate, desajeitado, ia Razumíkhin. Tanto o seu rosto como toda a sua pessoa eram naquele momento verdadeiramente grotescos e justificavam os risos de Raskólhnikov. Este, antes que tivessem dado por ele, fez uma reverência, parando a meio da sala, e ficou olhando interrogativamente para o seu dono enquanto lhe estendia a mão, esforçando-se no entanto, aparentemente, por conter a sua hilaridade. Mas, mal tivera tempo de pôr uma cara séria e murmurar alguns sons, quando, de repente, como se fosse involuntariamente, tornou a fixar os olhos sobre Razumíkhin e não pode reprimir-se: o riso contido

brotou tanto mais irreprimível quanto mais esforço fizera até então para dominar-se. A extraordinária indignação que aquele riso "cordial" infundia em Razumíkhin comunicava à cena um caráter de franca alegria e, sobretudo, de naturalidade. Razumíkhin secundava-a intencionalmente.

– Ufa, que diabo! – exclamou iracundo, gesticulando e dando uma pancada num pequeno candeeiro sobre o qual havia um copinho de chá. Caiu tudo ao chão ruidosamente.

– Mas para que é tanta algazarra, meus senhores? Isso significa uma perda para o Estado – exclamou Porfíri Pietróvitch jovialmente.

A cena corria desta maneira: Raskólhnikov, com as suas risadas, esquecera a sua mão na do dono da casa; mas, consciente da sua ação, aguardava o momento de acabar o cumprimento da maneira mais rápida e natural; Razumíkhin, que acabara por ficar completamente atrapalhado com a queda do candeeiro e com a quebra do copo, contemplou os cacos com uma expressão sombria, cuspiu e afastou-se logo em direção à janela, onde ficou de costas para os amigos e de sobrolho ferozmente carregado, olhando para fora mas sem ver nada. Porfíri Pietróvitch pôs-se a rir, e ria com vontade, embora fosse evidente que lhe era indiferente ouvir uma explicação. Num canto, sentado na sua mesa, estava Zamiótov, que levantara um pouco quando viu entrar os visitantes e esperava, de boca aberta num sorriso, mas contemplando a cena com perplexidade e até receoso, e a Raskólhnikov, com uma evidente curiosidade. A inesperada presença de Zamiótov causou-lhe uma desagradável impressão.

"Eis aqui uma coisa que deve ser tomada em conta", pensou.

– Queira desculpar – começou Raskólhnikov, fingindo-se embaraçado.

– Ora essa! Tenho muito prazer, os senhores entraram de uma maneira muito engraçada. Mas, quê? nem ao menos nos quer das os bons-dias? – e Porfíri Pietróvitch apontou Razumíkhin com um gesto.

– Por amor de Deus, não sei por que te puseste assim comigo! A única coisa que eu lhe fiz, foi dizer-lhe durante o caminho que ele

parecia um Romeu e… demonstrar-lhe isso, e, que eu saiba, não se passou mais nada.

– Porco! – respondeu Razumíkhin sem se voltar.

– Isso quer dizer que ele tem sérias razões, quando se aborrece, assim, só por uma palavrinha – observou Porfíri rindo.

– Bem, tu, juiz de instrução… Vão todos para o diabo que os carregue! – exclamou Razumíkhin e, de repente, pondo-se também a rir, com a cara mais alegre deste mundo, como se nada se tivesse passado, aproximou-se de Porfíri Pietróvitch.

– Trocista! Vocês são todos uns imbecis. Vamos ao que interessa: aqui tens o meu amigo Rodion Românitch Raskólhnikov, o qual, antes de mais, me ouviu falar de ti e tinha muita vontade de conhecer-te, e, além disso, precisa de falar-te num assunto. Olá, Zamiótov! Então estás aqui? Mas, então, conhecem-se? Desde quando?

"Mais esta!", pensou Raskólhnikov.

Zamiótov pareceu ficar um tanto perturbado, mas não muito.

– Conhecemo-nos ontem em tua casa – disse com despreocupação.

– Então isso me poupou um trabalho; desde a semana passada que não fazia outra coisa senão insistir comigo para que o apresentasse a ti, Porfíri, e afinal não precisaram de mim para se conhecerem… Onde tens o tabaco?

Porfíri Pietróvitch estava em traje caseiro: de roupão, roupa interior muito limpa, e chinelos. Era um homem de uns trinta e cinco anos, de estatura um pouco abaixo da média, um tanto cheio e até com o ventre proeminente, de cara completamente rapada, sem bigode nem suíças, com o cabelo cortado rente na sua cabeça grande e redonda, que formava uma protuberância muito arredondada, sobretudo no cachaço. A cara, cheia, redonda e um pouco achatada, era de uma cor doentia, amarela escura, mas muito viva e até risonha. Se não fosse a expressão dos olhos de um certo brilho aquoso, cobertos por umas pestanas quase brancas, sempre em movimento, como se

estivesse piscando os olhos a alguém, poderia ser qualificada de bonachona. O olhar desses olhos formava um contraste estranho com toda a sua figura, em que havia algo de feminino, e comunicava-lhe uma seriedade maior do que, à primeira vista, se podia esperar.

Assim que ouviu dizer que o visitante tinha um assunto a tratar consigo, Porfíri Pietróvitch pediu-lhe imediatamente que se sentasse no divã, sentando-se ele na outra ponta, e ficou olhando para ele, na expectativa imediata da exposição do assunto, com essa atenção forçada e demasiado séria que é até aborrecida e perturba pela primeira vez, sobretudo a um desconhecido, e, principalmente, se aquilo que se tem a dizer não tem importância proporcional, em vosso entender, a essa atenção desusadamente grave que vos mostram. Mas Raskólhnikov expôs-lhe o assunto em frases breves e despreocupadas, com toda a clareza e precisão, e ficou tão satisfeito consigo próprio que até teve tempo para reparar muito bem em Porfíri. Porfíri Pietróvitch também não afastou dele a vista nem uma só vez, durante todo esse tempo. Razumíkhin, que se colocara em frente deles na mesma mesa, seguia com ardor e impaciência a exposição do assunto, passeando alternadamente o olhar de um para o outro, o que, de certa maneira, era inconveniente.

“Imbecil”, murmurou Raskólhnikov para consigo.

– Deve participar à Polícia – respondeu Porfíri com o ar mais objetivo deste mundo – comunicando-lhe que, estando a par desse acontecimento, ou seja, desse crime… pede, por sua vez, que seja comunicado ao juiz de instrução, encarregado do processo, que tais e tais objetos lhe pertencem e que os deseja reaver… ou então… mas depois lhe escreverão.

– O pior é que, agora, neste momento – objetou Raskólhnikov, fazendo o possível por parecer inquieto – ando muito mal de dinheiro… e nem sequer essa insignificância poderia… Eu, repare, só queria, por agora, apenas fazer constar que esses objetos são meus, e quando tiver dinheiro…

– Isso é indiferente – respondeu Porfíri Pietróvitch, acolhendo com toda a frieza aquela declaração financeira – além disso, se assim o

desejar, o senhor pode me escrever, diretamente, nesse sentido, dizendo que, estando a par do caso, e como esses objetos lhe pertencem, pede…

– Em papel comum? – apressou-se a interrompê-lo Raskólhnikov, tornando a mostrar interesse pelo aspecto financeiro do assunto.

– Oh, em qualquer! – e, de repente, Porfíri Pietróvitch ficou olhando-o com certo sarcasmo, pestanejou e pareceu piscar-lhe os olhos. Se bem que isso pudesse ter sido uma ilusão de Raskólhnikov, porque foi apenas coisa de um segundo. Mas, pelo menos, houve qualquer coisa. Raskólhnikov era capaz de jurar que ele lhe piscara os olhos, sabia-se lá por que.

"Sabe tudo!", passou-lhe pela mente, num relâmpago.

– Desculpe ter vindo incomodá-lo por esta ninharia – continuou, um tanto apressado. – Os referidos objetos valerão, no máximo, cinco rublos; mas eu tenho uma estima especial por eles, porque são recordações daqueles que me presentearam e, francamente, quando soube daquilo, tive muito receio…

– Ah! Por isso ficaste tão impressionado quando eu disse ontem a Zósimov que Porfíri andava investigando quais eram os clientes da velha! – disse Razumíkhin intencionalmente.

Aquilo já era insuportável. Raskólhnikov não pode conter-se e assestou sobre ele os olhos, fulgurantes de cólera. Mas em seguida dominou-se.

– Meu caro, pelo visto, tu queres troçar de mim – disse, encarando-o numa excitação habilmente fingida. – Concordo que talvez eu tenha demonstrado excessiva inquietação por causa dessas velharias; mas, por causa disso, ninguém me pode acusar, nem de egoísta nem de cobiçoso, pois essas insignificâncias podem muito bem não ser assim consideradas a meus olhos. Disse-te há pouco que esse relógio de prata, que não vale mais do que um *groch*, é a única coisa que me resta de meu pai. Podes dar risada de mim; mas veio da minha mãe – e encarou, de repente, Porfíri – e se ela soubesse – apressou-se a dirigir-se a Razumíkhin, esforçando-se sobretudo por fazer com que

lhe tremesse a voz – que eu me tinha desfeito desse relógio, garanto-te que teria um desgosto enorme. Mulheres!

– Mas não é nada disso, não foi essa a minha intenção, muito pelo contrário! – gritou com amargura Razumíkhin.

“Teria eu dito isto com naturalidade? Não terei exagerado? – disse Raskólhnikov para si mesmo. – Por que disse eu isso de ‘mulheres’?”

– De maneira que, a sua mãe, veio visitá-lo? – perguntou Porfíri Pietróvitch, por qualquer motivo.

– Veio.

– E desde quando aqui se encontra?

– Desde ontem.

Porfíri ficou calado, como se refletisse.

– Os seus objetos não se encontram nesse caso e não podem ser vendidos – continuou a dizer, tranquila e friamente. – Havia já muito tempo que eu esperava vê-lo aqui.

E, como se não tivesse dito nada, aproximou com cuidado o cinzeiro de Razumíkhin, que deixava cair sem cuidado algum a cinza do cigarro sobre o tapete. Raskólhnikov estremeceu; mas Porfíri parecia nem sequer olhar para ele, de tão preocupado com o cigarro de Razumíkhin.

– O quê? Já o esperavas? Mas, por acaso, sabias tu que ele tinha ali objetos empenhados? – exclamou Razumíkhin.

Porfíri Pietróvitch encarou diretamente Raskólhnikov.

– Os dois objetos que lhe pertencem, o anel e o relógio, tinha-os ela embrulhados num papelinho, e neste papelinho estava escrito o seu nome, muito claro, a lápis, bem como o dia do mês em que os empenhara…

– É curioso como o senhor repara em tudo! – disse Raskólhnikov,

sorrindo sem jeito e lutando, sobretudo, por olhá-lo diretamente nos olhos; mas não pôde conter-se e em seguida acrescentou: – Há um momento eu imaginava que os clientes deviam ser muitos, com certeza… e que lhe devia ser muito difícil recordar-se de todos… O senhor, em compensação, tinha-os a todos afetuosamente no pensamento e… e – interrompeu-se. “Estúpido! Fraco! Por que terei eu acrescentado isto?”, pensou.

– Conhecemos já quase todos os clientes, de maneira que o senhor é o único que ainda não apresentou a sua reclamação – respondeu Porfíri com uns assomos, quase imperceptíveis, de zombaria.

– Eu não estava bem de saúde.

– Sim, ouvi falar nisso. Disseram-me também que o senhor estava muito excitado não sei por que motivo. Neste momento parece-me que também está um pouco pálido.

– Nada disso, pelo contrário, estou completamente restabelecido – disse Raskólhnikov grosseira e hostilmente, mudando subitamente de tom. Fervia em cólera e não podia conter-se. “Vou denunciar-me com esta cólera! – tornou a pensar. – Mas por que me martirizam?”

– Completamente bom, não está – contradisse Razumíkhin. – Ainda ontem estava quase sem conhecimento, delirando… Mas, queres acreditar, Porfíri… assim que pode ter-se de pé, e assim que nós saímos dali, eu e Zósimov, ontem, vestiu-se, escapou-se e foi não sei onde, e por lá andou quase até de madrugada, e isso no mais completo estado de delírio, garanto-te. Portanto já podes imaginar. É um caso interessante!

– Disseste no “mais completo estado de delírio?” Faz o favor de falar – e Porfíri moveu a cabeça num gesto um pouco feminino.

– Oh, é um disparate! Não acredite nele! Se bem que não é preciso ser eu a dizer-lhe que não acredite – e Raskólhnikov deixou transparecer já uma ira excessiva. Mas Porfíri procedeu como se não tivesse ouvido essas estranhas palavras.

– Mas como é que tu podias sair de casa se não estivesses

delirando? – insistiu Razumíkhin. – Por que saíste? Para quê? E, sobretudo, por que saíste às escondidas? Ora vejamos: estarias tu em teu perfeito juízo? Agora que o perigo já passou, posso falar-te francamente.

– É que ontem todos me aborreceram – disse Raskólhnikov dirigindo-se a Porfíri com um sorrisinho indolente de censura – e eu saí de casa com a intenção de procurar outro quarto onde não pudessem dar comigo e levei a mão cheia de dinheiro. Ali está o senhor Zamiótov, que viu o dinheiro. Ora vamos ver, senhor Zamiótov: eu, ontem, estava em meu perfeito juízo ou estava delirando? Vamos, decida o senhor sobre esta questão!

Parecia que, nesse momento, de boa vontade teria estrangulado Zamiótov. O seu olhar e o seu silêncio desagradaram-lhe completamente.

– Em meu entender, o senhor falava muito sensatamente e até com malícia, simplesmente estava muito excitado – opinou secamente Zamiótov.

– Mas hoje, Nikodim Fomitch informou-me – interveio Porfíri Pietróvitch – que, ontem, já bastante tarde, o encontrou em casa de certo funcionário, atropelado por um carro.

– Isso mesmo, a propósito desse funcionário – interpôs Razumíkhin. – Só isso bastaria! Não te portaste aí como um tolo? Deste à viúva tudo quanto tinhas contigo, para o enterro. Porque, está bem, se querias socorrê-la… podias ter-lhe dado quinze rublos, vinte rublos, mas ficando ao menos com três para ti; mas tu, zás, entregaste-lhe nada mais nada menos do que vinte e cinco rublos.

– Mas tu não sabes que é possível que eu tenha encontrado um tesouro? Foi por isso que, ontem, me mostrei tão liberal… Olha, o Senhor Zamiótov sabe que eu encontrei um tesouro… Mas desculpe – disse, encarando Porfíri de lábios trêmulos – há já meia hora que estamos entretidos com tolices. Estamos a aborrecê-lo, não é verdade?

– Nada disso, pelo contrário. Se soubesse como me interessa! É curioso vê-lo e ouvi-lo… e, confesso-lhe, congratulo-me muito porque

se tenha resolvido, finalmente, a reclamar…

– Mas dá-nos ao menos um pouco de chá! Já temos a garganta seca! – exclamou Razumíkhin.

– Ótima ideia! Fazemos-te todos companhia. Mas não quererás também qualquer coisa de mais substancial antes do chá?

– Claro que sim.

Porfíri Pietróvitch afastou-se para pedir o chá.

As ideias entrechocavam-se num redemoinho, no cérebro de Raskólhnikov. Estava terrivelmente excitado.

“O mais importante é que não procurem esconder-se e não andem por portas travessas. E a propósito de que, se não me conhecias, falaste de mim com Nikodim Fomitch? Pelo visto nem sequer pretendem ocultar que me seguiam a pista, como sabujos. Com que franqueza me cospem na cara! – e tremia de raiva. – Pois bem: batam de uma vez e não andem a brincar como o gato com o rato. Isso não é delicado. Porfíri Pietróvitch, olha que pode acontecer que eu não consinta! Vou levantar e direi toda a verdade, na sua cara, a verdade toda, e verão como os desprezo a todos! – respirava precipitadamente. – Mas se isto tudo fosse uma ilusão minha, se tudo isto fosse uma simples miragem, e eu estivesse enganado, e me enfurecesse pela minha inexperiência, e não soubesse sequer desempenhar o meu ignóbil papel? Pode ser que tudo isto não seja intencional! Todas as suas palavras são vulgares, mas encerram qualquer coisa… Tudo isso pode dizer-se sempre; mas, no entanto, há qualquer coisa. Por que disse diretamente ‘ela’? Por que é que Zamiótov acrescentou que eu falara ‘com malícia’? Por que falam nesse tom? Aí é que está, no tom… Ora vejamos Razumíkhin: por que não acha ele chocante nada disto? A esse simplório não há nada que o choque! Outra vez a febre! Foi realidade ou não o piscar de olhos que há pouco me fez Porfíri? Mas seria verdadeiramente absurdo que ele me piscasse os olhos. Serão os nervos ou querem eles irritar-me, exasperar-me? Será tudo isto uma miragem ou realmente sabem? Até Zamiótov se mostra insolente… Mostra-se insolente, Zamiótov? Zamiótov passou a noite numa apreensão. Eu nem calculava que havia de ser assim! Ele está

aqui como em sua casa, e eu é a primeira vez que venho. Porfíri não o considera como uma visita: senta-se voltando-lhe as costas. Entendem-se os dois! É infalível que se entendem a meu respeito! Deviam estar falando de mim quando nós chegamos. Devem saber do caso do andar. Ah, quanto eu daria por saber agora mesmo! Quando eu disse que saíra de casa com a intenção de procurar quarto, eles não disseram nada… Foi uma bela ideia eu ter falado no quarto, pode vir a ser-me útil. A delirar, com mil diabos! Ah, ah, ah! Esse tipo está informado de tudo quanto se passou ontem à noite. Da chegada da minha mãe não sabia… Com que então aquela bruxa tinha apontado a data a lápis! Mentira… essa não engulo eu! Nada disso também é realidade, uma pura ilusão. Não, vocês tomam tudo isso como fatos. Mas isso do quarto não é um fato: é delírio. Eu sei o que hei de dizer-lhes. Saberão alguma coisa a respeito do quarto? Não sairei daqui sem averiguar. Mas, por que vim eu? Vejamos: o eu estar agora, aborrecido, será um fato também? Oh, e como estou excitado! Embora possa suceder que não me fique mal: faço o papel de doente… Vai espicaçar-me. Vai fazer com que eu perca a cabeça. Por que viria eu?”

Tudo isto passou num relâmpago pela sua mente.

Porfíri Pietróvitch voltou passado um segundo. De repente pareceu ficar alvoroçado.

– Olha, meu amigo, desde a tua festa de ontem que tenho a cabeça… Ainda me sinto tonto – começou num tom completamente diferente, dirigindo-se a Razumíkhin.

– O quê? A reunião esteve boa? Por acaso tive que deixar-vos no ponto mais interessante… Quem é que levou a melhor?

– Ninguém, naturalmente. Agitavam as eternas questões, exaltavam-se.

– Imagina, Rodka, o que chegaram a discutir: se o crime existe ou não. Fartaram-se de disparatar.

– Que tem isso de extraordinário? É uma questão social vulgar – respondeu Raskólhnikov com ar distraído.

– Não foi assim que eles puseram a questão – observou Porfíri.

– É verdade – concordou logo Razumíkhin, atrapalhando-se e exaltando-se, conforme o seu costume. – Olha, Rodka, primeiro escuta, e depois dá a tua opinião. Gostaria que o fizesses. Eu, ontem, estava numa ansiedade, à tua espera, tinha-lhes prometido que tu irias… A coisa começou pelo ponto de vista dos socialistas. Já se sabe qual é: o crime é um protesto contra a anormalidade do regime social… isso e só isso, e é escusado procurar-lhe outras causas… Acabou-se!

– Mentira! – exclamou Porfíri Pietróvitch. Era notório que se entusiasmava, e sorria a cada instante, olhando para Razumíkhin.

– Qual mentira! Hei de mostrar-te livros; segundo eles, todos os crimes se devem ao ambiente deletério, e nada mais. Magnífica frase! De onde se deduz, diretamente, que, se a sociedade estivesse normalmente constituída, então acabariam imediatamente todos os crimes, visto que já não haveria contra que protestar e todos passariam de pronto a ser inocentes. Quanto à natureza, não a tomam em consideração, puseram-na no olho da rua, não toleram a natureza. Para eles não é a natureza que, desenvolvendo-se de um modo histórico, vivo, até ao fim, acabará por transformar-se ela própria numa sociedade normal, mas, pelo contrário, será o sistema social que, brotando de alguma cabeça matemática, procederá em seguida a estruturar toda a humanidade e, num abrir e fechar de olhos, a tornará justa e inocente, mais depressa do que qualquer processo vivo, sem seguir nenhum caminho histórico e natural. Por isso eles sentem instintivamente aversão pela história: nela só se encontra monstruosidade e estupidez; deitam todas as culpas para cima da estupidez. E por isso também não amam o processo “vital” da vida; não querem nada com a “alma viva”. A alma viva da vida tem exigências; a alma viva não obedece mecanicamente; a alma viva é suspicaz; a alma viva é retrógrada. E, embora cheire a mortos, eles podem construir com a alma de borracha… que não será viva, nem terá vontade, será uma escrava e não se revoltará… E chegam ao resultado de idealizar um simples amontoado de tijolos, sim, a distribuição de corredores e quartos do falanstério. O falanstério está pronto; mas a vossa natureza ainda não está pronta para o falanstério; anseia pela vida, o processo vital ainda não terminou, ainda é cedo

para a cova. É impossível saltar com a lógica apenas por cima da natureza. A lógica pressupõe três casos, ao passo que há milhões deles. Pois façam tábua rasa desses milhões e reduzam tudo ao simples problema do conforto! Essa é a solução mais fácil do enigma. Duma clareza sedutora e evita o incômodo de pensar. Porque o essencial é isso: não ter que pensar. Todos os mistérios da vida podem compendiar-se em duas folhas de papel impresso.

– Agora ele está como gosta! É preciso segurar o freio! – gracejou Porfíri. – Imagine seis pessoas metidas num quarto e, além disso, previamente encharcadas em álcool… Já pode fazer uma ideia! Não, meu amigo, tu mentes: o meio significa muito na criminalidade, isso afirmo eu.

– Eu também sei que influi muito; mas diz-me: um quarentão desonra uma menina de dez anos; foi o meio que o induziu a isso?

– Pois sim; no estrito sentido da palavra, pode dizer-se que foi o meio – observou Porfíri com uma grave firmeza – pode explicar-se o crime, em grande parte, pela menina, e, em grande parte também, pelo meio.

Razumíkhin ficou furioso.

– Bem, pois se quiseres, eu vou te demonstrar – disse, entusiasmando-se – que, se tu tens as pestanas brancas, é simplesmente porque Ivan, o Grande, tinha trinta e cinco *sajénhi* de estatura, e vou te demonstrar de um modo claro, exato, progressivo, e até com os seus laivos de liberalismo. Vamos? Queres apostar?

– Aposto! Venha daí essa demonstração!

– Irra, não faz outra coisa senão jogar com as palavras, que diabo! – exclamou Razumíkhin fora de si, e saltou da cadeira gesticulando. – Vale a pena falar contigo? Faz isto tudo intencionalmente, tu ainda não conheces, Rodka. Ontem pôs-se ao lado deles, só para gozá-los. E as coisas que ele disse ontem, meu Deus! E todos tão satisfeitos a ouvi-lo! E é capaz de continuar com a gracinha durante duas semanas. O ano passado quis convencer-nos a todos de que, por certos motivos, ia fazer-se frade; trouxe-nos dois meses nessa convicção! Há pouco

tempo lembrou-se de vir com a patranha de que ia casar e que já estava tudo pronto para o casamento. Até mandou fazer um terno novo. Nós já tínhamos começado a dar-lhe os parabéns. Pois bem: era tudo mentira, nem sequer a noiva existia, era tudo chalaça.

– Mentes! O terno, mandei-o fazer antes. Foi precisamente o terno novo que me sugeriu a ideia dessa brincadeira.

– E, afinal de contas, por que é o senhor tão brincalhão? – perguntou Raskólhnikov naturalmente.

– Mas, pensava que eu não era? Deixe estar que também há de cair na minha rede… Ah, ah, ah! Não; olhe, vou dizer-lhe toda a verdade. A propósito de todas essas questões de crime, o meio, a pequena, veio-me agora à memória – aliás, sempre me interessou – um artigo seu: "Acerca do crime…", ou qualquer coisa do gênero, não me lembro bem do título. Tive a satisfação de lê-lo há dois meses na *Palavra Periódica*.

– Um artigo meu na *Palavra Periódica*? – perguntou Raskólhnikov assombrado. – De fato, há coisa de um ano, ao deixar a Universidade, escrevi um artigo a propósito de um livro; mas levei-o à *Palavra Semanal* e não à *Periódica*.

– Pois foi parar à *Periódica*.

– Mas se a *Palavra Semanal* deixara de publicar-se e o meu artigo ficou inédito!

– É verdade: mas quando deixou de publicar-se, a *Palavra Semanal* fundiu-se com a *Palavra Periódica*; foi por isso que o seu artigo se publicou, haverá coisa de dois meses, na *Palavra Periódica*. Mas não estava a par?

Efetivamente, Raskólhnikov não sabia de nada.

– É que podia reclamar-lhes a importância do artigo! Curioso, o seu caráter! Faz uma vida tão solitária que nem sequer vê as coisas que mais diretamente lhe dizem respeito. É um fato positivo.

– Bravo, Rodka! Eu também não sabia! – exclamou Razumíkhin. –

Ainda hoje mesmo hei de passar por um gabinete de leitura para pedir um número. De há dois meses? Mas que número? Não faz mal, procurarei. Bela partida! E não dizia uma palavra!

– Mas como é que soube que o artigo era meu? Eu só assinava com as iniciais.

– Ah! Por casualidade e há apenas uns dias somente. Foi pelo diretor, é meu amigo. Interessou-me muito…

– Eu analisava, lembro-me, o estado psicológico dum criminoso no momento de cometer um crime.

– Isso mesmo; e afirmava que o ato de cometer o crime ia sempre acompanhado de um estado mórbido. Muito… muito original, mas… se bem que não foi esta a parte do seu artigo que mais me interessou, mas sim algumas ideias que expunha, no final, mas que o senhor expunha, e é pena, de uma maneira pouco clara, sob a forma de alusões… Em resumo: se se recorda, havia lá uma certa alusão ao fato de existirem no mundo alguns indivíduos que poderiam… isto é, não se trata de poderem, mas antes que teriam completo direito de cometerem toda a espécie de atos desonestos e de crimes, e para os quais a lei não existisse.

Raskólhnikov sorriu perante aquela forçada e laboriosa explicação da sua ideia.

– Como? Que vem a ser isso? O direito ao crime?! Mas não será por culpa do ambiente deletério! – perguntou Razumíkhim um pouco assustado.

– Não, não; não é nada disso – respondeu-lhe Porfíri. – O *quid* está em que no seu artigo o senhor divide os homens em ordinários e extraordinários. Os homens vulgares deviam viver na obediência e não têm direito a infringir as leis, pelo próprio fato de serem vulgares. Mas os extraordinários têm direito a cometer toda a espécie de crimes e a infringir as leis de todas as maneiras, pelo próprio fato de serem extraordinários. Se não estou enganado, parece-me que era isto o que o senhor dizia.

– Mas que é isso? Isso não pode ser! – resmungou Razumíkhin, perplexo.

Raskólhnikov tornou a sorrir. Compreendia finalmente do que se tratava e por que queriam fazê-lo falar; lembrava-se do seu artigo. Decidiu aceitar o desafio.

– Não era precisamente isso o que eu dizia – declarou com simplicidade e em voz alta. – Se bem que, reconheço-o, o senhor expôs a minha ideia quase fielmente e, se quiser, até com absoluta fidelidade… (Parecia que lhe agradava reconhecer essa fidelidade absoluta.) A diferença está só em que eu nem de longe afirmava que os homens extraordinários estejam obrigados ou tenham infalivelmente de cometer sempre todo gênero de atos desonestos, segundo o senhor diz. Parece-me até que a censura não o teria deixado passar. Eu me limitava simplesmente a insinuar que os indivíduos extraordinários tinham direito – claro que não um direito oficial – a autorizar a sua consciência a saltar por cima de certos obstáculos, e unicamente nos casos em que a execução do seu desígnio (às vezes salvador, talvez, para a humanidade) assim o exigisse. O senhor entendeu por bem dizer-me que o meu artigo não estava claro; eu estou disposto a explicá-lo até onde puder.

“É provável que eu não me engane supondo que é esse o seu desejo. A meu ver, se as descobertas de Kepler e de Newton, em consequência de certas circunstâncias, não tivessem chegado ao conhecimento dos homens de outra maneira senão mediante o sacrifício da vida de um, dez, cem ou mais homens, que se opusessem a essa descoberta ou se atravessassem no seu caminho como obstáculos, Newton, então, teria tido o direito e até o dever… de eliminar esses dez ou esses cem homens, a fim de que as suas descobertas chegassem ao conhecimento de toda a humanidade. Disto não se conclui, no entanto, de maneira alguma, que Newton tivesse qualquer direito de assassinar quem muito bem lhe parecesse, à toa, nem a ir todos os dias roubar para a praça pública. Lembro-me também de que eu, no meu artigo, desenvolvia a ideia de que todos… digamos, por exemplo, os legisladores e os fundadores da humanidade, começando pelos mais antigos e continuando por Licurgo, Sólon, Maomé, Napoleão, etc., etc., todos, desde o primeiro

até o último, tinham sido criminosos, mais não fosse senão porque, ao promulgarem leis novas, aboliam as antigas, tidas por sagradas pela sociedade e pelos antepassados, e certamente que não se teriam detido perante o sangue, sempre que isto (derramado às vezes com toda a inocência e virtude, em defesa das velhas leis) pudesse ser-lhes útil. Também é significativo que a maior parte desses benfeitores e fundadores da humanidade fossem uns sanguinários, especialmente ferozes. Em resumo: eu concluía daqui que todos os indivíduos, não só os grandes, como também aqueles que se afastassem um pouco da vulgaridade, isto é, também aqueles que são capazes de dizer qualquer coisa de novo, teriam a obrigação, pela sua própria natureza, de serem infalivelmente criminosos… em maior ou menor grau, naturalmente. De outro modo, ia ser difícil para eles saírem da vulgaridade, e eles não podem conformar-se a ficar nela, até pela mesma razão da sua natureza e, a meu ver, têm até a obrigação de não se conformar. Em resumo: como o senhor vê, até aqui, isto não tem nada de particularmente novo. Isto já se imprimiu e foi lido milhares de vezes. Pelo que diz respeito à minha distinção entre homens vulgares e extraordinários, concordo em que é um tanto arbitrária; mas eu não citava números exatos. Eu só tenho fé na minha ideia essencial, que é aquela que consiste em dizer concretamente que os indivíduos se dividem, segundo a lei da natureza, em duas categorias: a inferior (a dos vulgares), isto é, se me permite a expressão, a material, que unicamente é proveitosa para a procriação da espécie, e a dos indivíduos que possuem o dom ou a inteligência para dizerem no seu meio uma palavra nova. É claro que as subdivisões são infinitas, mas os traços diferenciais de ambas as categorias são bem nítidos: a primeira categoria, ou seja, a matéria, falando em termos gerais, é formada por indivíduos conservadores por natureza, disciplinados, que vivem na obediência e gostam de viver nela. A meu ver têm a obrigação de ser obedientes, por ser esse o seu destino e não ter, de maneira nenhuma, para eles, nada de humilhante. A segunda categoria é composta por aqueles que infringem as leis, os destruidores e os propensos a isso, a julgar pelas suas faculdades. Os crimes destes são, naturalmente, relativos e muito diferentes; na sua maior parte exigem, segundo os mais diversos métodos, a destruição do presente em nome de qualquer coisa de melhor. Mas se necessitarem, para bem da sua ideia, de saltar ainda que seja por cima

de um cadáver, por cima do sangue, então eles, no seu íntimo, na sua consciência, podem, em minha opinião, conceder a si próprios a autorização para saltarem por cima do sangue, atendendo unicamente à ideia e ao seu conteúdo, repare bem. E só neste sentido que eu falo no meu artigo do seu direito ao crime. (Lembre-se, o senhor, que partimos de uma questão jurídica.) Embora, no fim de contas, não haja razão nenhuma para se ficar demasiado assustado; quase nunca a massa lhes reconhece esse direito e até os castiga e os manda enforcar (mais ou menos); e assim, com absoluta justiça, cumpre o seu destino conservador, o que não é obstáculo para que, nas gerações seguintes, essa mesma massa erga os castigados sobre pedestais e se incline diante deles (mais ou menos). A primeira categoria é sempre a verdadeira dominadora: a segunda é… a futura dominadora. Os primeiros conservam o mundo e multiplicam-no matematicamente; os segundos movem-no e conduzem-no para a sua finalidade. Tanto uns como outros têm perfeito direito de existir. Em resumo: para mim, todos têm o mesmo direito, e… *vive la guerre éternelle*!… até à nova Jerusalém, naturalmente…

– Mas, o senhor, apesar de tudo, crê na nova Jerusalém?

– Creio – acrescentou firmemente Raskólhnikov; quando disse isto, e durante toda a sua parlenda, teve os olhos fixos no chão, depois de ter escolhido um ponto do tapete.

– E… e… e… acredita em Deus? Desculpe a curiosidade.

– Acredito – respondeu Raskólhnikov, erguendo os olhos para Porfíri.

– E… e na ressurreição de Lázaro, acredita?

– Creio. Mas a que propósito vem tudo isso?

– Literalmente: acredita?

– Literalmente.

– Então… era só por curiosidade. Desculpe. Peço licença, e, voltando ao assunto: nem sempre esses homens extraordinários são

castigados; alguns, pelo contrário…

– São festejados em vida? Sim, é verdade: alguns chegam a triunfar na vida, e então…

– Começam eles também a atormentar os outros?

– Se lhes for necessário, sim; e repare: é isso o que acontece na maior parte das vezes. A sua observação foi muito aguda.

– Muito obrigado. Mas diga-me uma coisa: em que se diferenciam esses homens extraordinários dos vulgares? Pelo nascimento ou por qualquer sinal especial? Parece-me que seria necessário mais exatidão, por assim dizer, mais distinção no exterior: desculpe em mim a natural inquietação dum homem prático e bem intencionado, mas não seria possível, por exemplo, que usassem um traje especial, algum distintivo, alguma insígnia, qualquer coisa, enfim, que os desse a conhecer? Porque há de concordar, no caso de se dar um engano e algum indivíduo julgar-se pertencente a qualquer dessas categorias, pertencendo afinal à outra, e de se pôr a eliminar toda a espécie de obstáculos, como o senhor disse, numa expressão muito feliz, que sucederia então?

– Oh, isso acontece com muita frequência! A observação que acaba de formular ainda é mais aguda do que a anterior…

– Obrigado…

– Não tem de quê; mas não se esqueça de que esse engano só é possível em indivíduos da primeira categoria, isto é, nos indivíduos vulgares (segundo, talvez muito impropriamente, eu os designo). Apesar da sua propensão inata para a obediência, por alguma travessura da natureza, do que nem uma vaca está livre, muitos deles imaginam-se seres avançados, destruidores, e correm atrás da palavra nova, e isto com absoluta sinceridade. Na realidade, e com muita frequência, não sabem distinguir os novos e até os olham com desdém, como a pessoas atrasadas e que pensam baixamente. Mas, a meu ver, isso não é motivo sério para inquietação, e o senhor, verdadeiramente, não deve sentir o menor desassossego, pois esses indivíduos nunca vão longe. Sem dúvida que poderiam ser castigados uma vez, pela sua

presunção, a fim de recordar-lhes qual é o seu lugar; mas, para isso, nem sequer é preciso incomodar o verdugo: são eles mesmos que se flagelam, porque possuem uma elevada moralidade; alguns prestam-se mutuamente esse serviço e outros açoitam-se por suas próprias mãos… além disso, impõem-se diversas penitências públicas… o que é belo e edificante, e em suma, o senhor não deve sentir a menor inquietação… É essa a regra.

– Muito bem; pelo menos, a este respeito, tranquiliza-me um pouco; mas veja outra coisa: pode dizer-me se são muitas essas pessoas que têm direito a assassinar os seus semelhantes, se são muitos esses homens "extraordinários"? Eu estou, desde já, disposto a inclinar-me perante eles; mas há de concordar comigo em que causa um certo arrepio pensar que podem ser muito numerosos!

– Oh, não se assuste também por causa disso! – continuou Raskólhnikov no mesmo tom. – De maneira geral, indivíduos com ideias novas, inclusive de algum modo capazes de dizer algo novo, nascem pouquíssimos, são de uma escassez verdadeiramente estranha. A única coisa certa é que a ordem de geração dos indivíduos de todas essas categorias e divisões deve estar fixamente marcada e definida por qualquer lei natural. Esta lei, claro, até agora nos é desconhecida; mas eu creio que existe e que, portanto, poderemos chegar a conhecê-la. A enorme massa de indivíduos, a material, vem ao mundo apenas para, finalmente, por meio de algum esforço, em virtude de algum processo até agora ignorado e mercê de algum cruzamento de raças e de espécies, engendrar e trazer ao mundo, ainda que seja só na proporção de um por mil, um homem verdadeiramente independente. E, com uma independência superior, talvez só nasça neste mundo um indivíduo por cada dez mil (isto, por alto, naturalmente). E com uma independência ainda maior, só um por cada cem mil. Homens geniais surgem um entre milhões, e os grandes gênios, os fundadores da humanidade, talvez ao longo de muitos milhões de milhões de seres sobre a Terra. Em resumo: eu não pude ver a retorta em que tudo isto se prepara. Mas não há dúvida de que deve haver uma determinada lei; isso não pode ser obra do acaso.

– Mas estão os dois de brincadeira, ou quê? – exclamou, finalmente, Razumíkhin. – Estão os dois troçando mutuamente,

fingindo elogiarem-se? Sentaram aí para troçar um do outro? Falas a sério, Rodka?

Em silêncio, Raskólhnikov ergueu para ele o seu pálido rosto, quase medonho, e não respondeu nada. E pareceu estranho a Razumíkhín aquela cara tranquila e triste e, ao mesmo tempo, a cara franca, provocante, irritada e severa de Porfíri.

– Bem, meu amigo; se isso é a sério, então… Não há dúvida nenhuma que tu tens razão quando dizes que nada disso é novo e que é parecido com aquilo que temos já mil vezes lido e escutado; mas o que, de fato, é original em tudo isso… e, positivamente, te pertence a ti, com horror da minha parte o vejo, é tu chegares a dizer que se pode "em consciência" derramar sangue, "conscientemente", e desculpa-me, mas até com certo fanatismo… É possível que a ideia principal do teu artigo se resuma a isto. Mas essa autorização para derramar sangue conscientemente, isso… isso, a meu ver, é mais feroz do que a decisão oficial e legal de verter sangue…

– Perfeitamente… é mais feroz… – concordou Porfíri.

– Não, tu, nisto, vais demasiado longe! Isso é um erro. Hei de ler-te… tu exageras! Não é possível que tu penses assim… Hei de ler…

– No artigo não há nada disso, apenas há insinuações – declarou Raskólhnikov.

– De fato, assim é, assim é – concordou Porfíri – agora já percebo como é que o senhor deve considerar o crime, mas… desculpe a minha insistência… (estou a incomodá-lo muito e já tenho remorsos!); mas veja uma coisa: há pouco tranquilizou-me a respeito dos casos errôneos de confusão entre as duas categorias, mas agora tornam a inquietar-me alguns casos concretos. E se um dia, a um homem já feito e refeito, ou a um rapaz, lhes desse para se julgar um Licurgo ou um Maomé… futuro, naturalmente, e começassem a eliminar todos os obstáculos que se lhe atravessassem? "Que diabo, tenho de fazer uma grande viagem e, para uma viagem destas, é preciso dinheiro…" Bom, e começasse a fornecer-se para a viagem… Compreende?

De súbito, Zamiótov espirrou, no seu canto. Raskólhnikov nem

sequer ergueu os olhos para ele.

– Não tenho outro remédio senão concordar que, de fato – respondeu muito tranquilo – se hão de dar casos desses. Especialmente os imbecis e os vaidosos costumam incorrer nesses erros, sobretudo os jovens…

– Ora, já vê! E então?

– Mas, ainda que seja assim – disse Raskólhnikov sorrindo – a culpa não é minha. É assim e sempre há de ser assim. Aí está aquele – e apontou Razumíkhin – que acaba de dizer que eu autorizo a efusão de sangue. E então? Para isso está a sociedade bem defendida mediante as deportações, as prisões, os juízes, os presídios… Para que hão de afligir-se? É correrem atrás do ladrão!

– Bem; e se o apanhamos?

– É porque o merece!

– Ao menos, o senhor é lógico. Mas, e quanto à sua consciência?

– Que lhe interessa isso?

– Sim, interessa-me por humanidade.

– Quem a tem, sofre ao reconhecer o seu erro. É essa a sua expiação… sem contar com o presídio.

– Seja, quanto aos verdadeiramente geniais – exclamou Razumíkhin franzindo o sobrolho. – Mas aqueles aos quais se concede o direito de assassinar não deverão sofrer, de maneira nenhuma, inclusive por causa do sangue derramado?

– A que propósito vem isso de “deverão”? Neste campo não há permissão nem proibição. Sofrerão, se sentirem piedade pela vítima… o sofrimento e a dor são inerentes a uma ampla consciência e a um coração profundo. Em minha opinião, os homens verdadeiramente grandes devem padecer neste mundo uma grande dor – acrescentou, de repente, pensativo, quase num tom diferente do do diálogo.

Ergueu os olhos, olhou para todos com ar meditabundo, sorriu e pegou no seu gorro. Sentia-se muito tranquilo, em comparação com o que estava há pouco, quando entrou, e não o escondia. Todos levantaram.

– Bem, quer me censure ou não, se aborreça ou não comigo, o certo é que eu não posso conter-me – declarou novamente Porfíri Pietróvitch. – Dê-me licença que lhe faça ainda uma pergunta (já o incomodei tanto!), uma única pequena pergunta, só para não esquecer…

– Bom, diga-me do que se trata – e Raskólhnikov, sério e pálido, parou diante dele, na expectativa.

– Pois fique sabendo… na verdade não sei como hei de exprimir-me menos desajeitadamente… Trata-se de uma ideia demasiado chistosa…psicológica… Pronto, vou dizer-lhe: quando o senhor escreveu esse artigo… com certeza que… he… he… he… se considerava a si mesmo… ainda que fosse só um pouquinho… um desses seres extraordinários e que dizem uma palavra nova… Quero dizer, no sentido que o senhor dá a esta frase… Não é verdade?

– É muito provável que assim fosse – respondeu depreciativamente Raskólhnikov.

Razumíkhin fez um gesto.

– Sendo assim, então, é porque o senhor também se julga com direito… no caso de contratempo e dificuldades na vida ou para acelerar o progresso da humanidade… a saltar por cima de todos os obstáculos… como, por exemplo, a matar e a roubar?

E, de repente, tornou a piscar-lhe o olho esquerdo e a rir-se de uma maneira imperceptível, exatamente como há um momento.

– Se eu saltasse por cima dos obstáculos, com certeza que não lhe diria – respondeu Raskólhnikov com desdém, provocante e altivo.

– É claro que não… Eu apenas lhe perguntei com o objetivo de compreender melhor o seu artigo, num sentido pura e exclusivamente

literário…

“Oh, que palpável e claro é tudo isto!”, pensou Raskólhnikov com repugnância.

– Dê-me licença de esclarecer – replicou secamente – que eu não me tenho por nenhum Maomé nem Napoleão… nem por nenhuma dessas personagens, e por isso não podia, não sendo nenhuma delas, dar-lhe uma explicação satisfatória da maneira como me conduziria…

– Ora! Quem é que agora, entre nós, aqui, na Rússia, não se tem por um Napoleão? – disse Porfíri com uma terrível familiaridade, até na entonação da sua voz havia, dessa vez, qualquer coisa de especialmente claro.

– Não terá sido algum futuro Napoleão que, na semana passada, matou a nossa Alíona Ivânovna à machadada? – lançou, inesperadamente, Zamiótov, do seu canto.

Raskólhnikov ficou calado e fixou um olhar atento, firme, em Porfíri.

Razumíkhin franziu sinistramente as sobrancelhas. Havia já um momento que começava a suspeitar de qualquer coisa. Olhou, amuado, à sua volta. Decorreu um minuto de desconfiado silêncio. Raskólhnikov deu meia volta para retirar-se.

– Já se vai embora? – perguntou afetuosamente Porfíri, estendendo-lhe a mão com extraordinária amabilidade. – Estou muito contente, muito contente, por tê-lo conhecido. E, quanto ao seu pedido, não se preocupe. Mas escreva da maneira que lhe indiquei. E o melhor será vir pessoalmente entregar-me a petição… um dia destes… pode ser amanhã mesmo. Eu estarei aqui, sem falta, aí pelas onze. E trataremos de tudo… O senhor, como um dos que ultimamente estiveram lá, talvez pudesse dizer-nos qualquer coisa… – acrescentou com um ar muito bonacheirão.

– Deseja interrogar-me oficialmente, com todas as formalidades de praxe? – perguntou-lhe Raskólhnikov com rudeza.

– Para quê? Até agora não tem sido preciso. O senhor não compreendeu bem. Eu, olhe, não quero perder a ocasião e… e já falei com todos os clientes… de alguns dos quais obtive indicações… e o senhor, como é o último… Olhe, a propósito! – exclamou, subitamente alvoroçado por qualquer coisa. – A propósito: agora me lembro de, uma coisa; veja como eu sou! – disse, voltando-se para Razumíkhin. – Tu, ontem, atroaste-me os ouvidos por causa desse Nikolachka… Bem, pois eu também sei, estou informado – disse, encarando Raskólhnikov – que o pobre rapaz está inocente, mas que se há de fazer? Também foi preciso meter um susto a Mitka… tudo se reduz a isto: quando subia a escada naquele momento… deixe-me fazer-lhe uma pergunta: esteve ali às oito?

– Às oito – respondeu Raskólhnikov sentindo com desagrado nesse mesmo instante que podia não ter dito isso.

– E, quando subiu a escada, às oito, não viu no segundo andar, naquele que está aberto, lembra-se? uns operários ou, ao menos, um deles? Estavam pintando, não reparou? Isto é muito importante para eles, importantíssimo!

– Pintores de parede? Não, não vi nenhum… – respondeu Raskólhnikov lentamente e como se fizesse esforço para se lembrar, enquanto todo o seu ser ficava numa tensão e palpitava na ânsia de descobrir o mais depressa possível a que é que se resumia a armadilha e não cair nela. – Não, não os vi, nem também reparei que houvesse algum andar aberto…; mas olhe, no quarto andar – já tinha percebido qual era a armadilha e rejubilava com o seu triunfo – lembro-me bem de que um funcionário saiu do quarto… fronteiro ao de Alíona Ivânovna… estou a lembrar-me… estou a lembrar-me muito bem: uns soldados transportavam um divã e obrigaram-me a encostar-me à parede; mas, pintores, não me lembro de ter visto nenhuns… não; nem também havia aí qualquer andar aberto, que eu me lembre. Não; não havia…

– Mas que dizes tu? – exclamou de repente Razumíkhin, como se puxasse pela memória e reconsiderasse. – Se os pintores estiveram trabalhando lá no dia do crime e ele estivera três dias antes! Por que lhe perguntas isso?

– Ah! Fiz confusão! – disse Porfíri dando uma palmada na testa. – Raios me partam, ainda hei de acabar louco por causa deste processo! – exclamou, dirigindo-se a Raskólhnikov com ar de desculpa. – É que, repare, seria tão importante para mim comprovar se alguém os viu às oito no andar, que me lembrei de pensar se o senhor não poderia dizer-me qualquer coisa a esse respeito… mas que grande confusão!

– É preciso ter mais atenção! – observou Razumíkhin, mal-humorado.

As últimas palavras foram já ditas no vestíbulo. Porfíri Pietróvitch acompanhou-os a ambos mesmo até à porta, com muita amabilidade. Saíram os dois, amuados e desgostosos, e durante algum tempo não disseram uma palavra. Raskólhnikov lançou um profundo suspiro…

## Capítulo VI

– Não acredito! Não posso acreditar! – repetia Razumíkhin, preocupado, esforçando-se com toda a energia por refutar os argumentos de Raskólhnikov. Iam chegando à pensão de Bakaliéiev, onde estavam instaladas Pulkhiéria Alieksándrovna e Dúnia; havia já bastante tempo que os esperavam. Razumíkhin parava a cada momento durante o caminho, no calor da discussão, perturbado e comovido pelo fato de ser aquela a primeira vez que ambos falavam "daquilo" com toda a clareza.

– Pois não acreditas! – acrescentou Raskólhnikov com um sorrizinho frio e indiferente. – Tu, segundo o teu costume, não reparaste em nada, mas eu ia pesando cada uma das suas palavras.

– Tu és melindroso e, por isso, é que as pesavas… Hum! De fato, concordo que o tom de Porfíri era bastante estranho e, sobretudo, esse pulha de Zamiótov. Tens razão, parecia que havia um subentendido… Mas por quê? Por quê?

– Devia ter passado a noite pensando nisso.

– Pelo contrário, pelo contrário! Se eles tivessem essa estúpida ideia, então procurariam dissimulá-la com todas as suas forças e

esconder o seu jogo para te apanharem depois… Mas isso agora… é absurdo e imprudente!

– Se eles dispusessem de fatos, isto é, de fatos positivos, ou as suas suspeitas tivessem o menor fundamento, nesse caso iam se esforçar, efetivamente, por esconder o seu jogo, na esperança de tirar depois maiores proveitos (embora, no fim de contas, já tenha havido tempo para fazerem uma busca). Mas, como eles não contam com um fato, nem com um só, e tem apenas miragens, tudo resulta ambíguo e só tem uma ideia vaga, por isso procuram apanhar-me descaradamente numa contradição. Pode ser que ele mesmo esteja furioso ao ver que não há provas e se deixe levar pelo despeito. Pode ser também que abrigue alguma intenção… Pelo visto é um homem esperto… Talvez queira meter-me medo, deixar-me suspeitar que sabe… Aí tens a sua psicologia, meu amigo! Mas, no fim de contas, é uma banalidade explicar isto! Não importa!

– E, além disso, é ofensivo, ofensivo! Compreendo-te! Mas… já que estamos falando com toda a franqueza, o que mais me agrada é que, enfim, falemos disto com clareza; e digo-te, sendo franco, que há já algum tempo que eu lhes venho notando isto, essa ideia, durante todo este tempo, naturalmente, somente de maneira quase imperceptível, como uma insinuação; mas por que, como insinuação sequer? Como é que tem esse atrevimento? Onde, onde é que eles a fundamentam? Se tu soubesses como me fazem enfurecer! Qual! Lá porque um pobre estudante, angustiado pela miséria e pela hipocondria, em vésperas de uma cruel enfermidade, talvez já com os começos da febre (repara bem!), irritável, com o seu amor-próprio, imbuído da apreciação de si próprio, e depois de levar sete meses num buraco sem ver ninguém, com um traje esfarrapado e umas botas sem solas… comparece perante uns policiais e suporta os seus vexames, e de repente lhe metem pelos olhos uma suspeita inesperada, uma promissória protestada, do conselheiro da Corte, Tchebárov, e tudo isso junto ao cheiro da pintura fresca, a uma temperatura de trinta graus, numa atmosfera viciada, com muita gente, e à história dum crime ocorrido no dia anterior, e tudo isso… com a barriga vazia! Como é que uma pessoa não havia de desmaiar! E é só nisso que eles se fundam? Vão para o diabo que os carregue! Eu compreendo que

isto seja desagradável, mas, no teu lugar, Rodka, eu ia ficar rindo diante deles, na sua cara, ou, ainda melhor, ia cuspir na cara de todos eles e, não contente com isso, ia lhes escarrar em plena cara uns escarros bem grossos, pois assim é que era preciso tratá-los, e pronto, tudo se acabava. Cospe-lhes! Tem coragem! É vergonhoso!

"Nisto tem ele razão", pensou Raskólhnikov.

– Cuspir, é fácil de dizer! E amanhã outra vez interrogatório! – exclamou com veemência. – Será preciso que eu tenha uma explicação com eles? Já me custa ter-me rebaixado perante Zamiótov na outra noite, na taberna!

– O diabo que os carregue! Irei eu mesmo procurar Porfíri! Vou lhe falar como a um parente, não te preocupes; ficarei sabendo tudo, tudo! Quanto a Zamiótov…

"Até que enfim adivinhou!", pensou Raskólhnikov.

– Espera! – exclamou Razumíkhin segurando-o de repente por um ombro. – Para! Tu estás delirando! Já reconsiderarei; tu deliras! Ora vejamos: onde é que está essa armadilha? Tu dizes que a pergunta a respeito dos trabalhadores era uma armadilha! Pensa; se tu tivesses feito "aquilo", irias dizer que tinhas visto que estavam pintando o andar… e os pintores? Pelo contrário, não terias visto nada, ainda que os tivesses visto! Quem é que faz declarações contra si mesmo?

– Se fosse eu que tivesse feito a coisa, teria infalivelmente dito que sim, que tinha visto pintar o quarto e os trabalhadores – respondeu Raskólhnikov de má vontade e com visível repugnância.

– Mas por que havias de fazer declarações contra ti próprio?

– Porque somente os camponeses e os mais inexperientes novatos mentem descarada e teimosamente nos interrogatórios. Em compensação, qualquer homem que tenha um pouco de inteligência e de prática, vai sem dúvida se esforçar o mais possível para reconhecer todos os fatos exteriores que é impossível deixar de lado; simplesmente vai atribuí-los a outras causas, indicará alguma nota especial e inesperada, que lhes empreste outro significado e os mostre

a outra luz. Porfíri podia estar contando que eu havia de responder-lhe assim e de dizer-lhe, sem dúvida alguma, o que tivesse visto, por causa da verossimilhança, ainda que introduzisse também algum pormenor à guisa de explicação…

– Mas ele ia te dizer depois que dois dias antes não podiam os pintores estar ali e, portanto, não tinhas outro remédio senão teres estado ali no dia do crime, às oito. Ia te pegar com uma ninharia!

– Mas contaria também que eu não tinha tempo de me demorar a refletir e que me apressaria a responder da maneira mais verossímil e esqueceria o pormenor de que os operários não podiam ter estado ali dois dias antes…

– Mas como esquecer isso?

– É facílimo! É com essas coisas insignificantes que se apanham mais facilmente os indivíduos mais espertos! Quanto mais astuto é o indivíduo, menos receia que o vão apanhar com essas bagatelas. É precisamente ao homem mais esperto que é preciso apanhá-lo com a coisa mais simples. Porfíri nem de longe é tão tolo como tu imaginas!

– Nesse caso é um velhaco!

Raskólhnikov não pode deixar de rir. Nesse momento pareceram-lhe estranhos o deleite e o gosto com que expusera a explicação anterior, tanto mais que tinha vindo a conduzir o diálogo até ali com notória aversão, somente em atenção ao fim proposto, por ser indispensável.

“Irei eu tomar gosto por estas questões?”, disse para consigo.

Mas quase nesse mesmo momento sentiu-se assaltado por súbita inquietação, pois lhe ocorrera uma ideia inesperada e assustadora. E a sua inquietação crescia cada vez mais. Estavam quase à entrada da pensão Bakaliéiev.

– Entra tu sozinho – disse-lhe, de repente, Raskólhnikov – eu já venho.

– Mas, onde vais? Se cá estamos já!

– Não tenho outro remédio, não tenho outro remédio; é um assunto… Dentro de meia hora estarei de volta… Diz-lhe isto a elas.

– Faz como quiseres, mas eu vou atrás de ti!

– Mas por que te empenhas em me mortificar? – exclamou ele com amarga irritação, com uma tal desolação no olhar que Razumíkhin deixou cair os braços.

Permaneceu ainda uns momentos à entrada e viu tristemente como o outro se dirigia rapidamente para a sua ruela. Por fim, rangendo os dentes e cerrando os punhos, jurando a si próprio que nesse mesmo dia havia de espremer Porfíri como a um limão, subiu até o quarto para tranquilizar Pulkhiéria Alieksándrovna, que já estava assustada com a sua longa ausência…

Quando chegou a casa… Raskólhnikov levava as fontes banhadas em suor e respirava com dificuldade. Subiu as escadas a toda a pressa, entrou no quarto, que estava aberto, e correu imediatamente o fecho. Depois, assustado e como louco, foi direito a um canto, àquele buraco por baixo do papel da parede, onde guardara os objetos, meteu nele a mão e ficou um momento explorando minuciosamente, sondando todas as fendas e todos os refegos do papel. Como não encontrou nada, levantou e lançou um fundo suspiro. Quando, havia um momento, chegara ao pátio de Bakaliéiev, ocorreu-lhe de repente que algum objeto, alguma pequena corrente, algum botão ou até o papel em que tinham estado embrulhados com a correspondente nota, do punho e letra da velha, podia ter resvalado e ficado no fundo de alguma greta, e depois surgir diante dele como prova inesperada e irrefutável.

Estava como que afundado numa meditação, e um sorriso estranho, humilde e quase inconsciente vagueava sobre os seus lábios. Suas ideias estavam confusas. Meditabundo, atravessou a porta da rua.

– Olhem, aqui está! – gritou uma voz forte; ele ergueu a cabeça.

O porteiro estava parado diante do seu cubículo e apontava francamente para um indivíduo, que lhe era desconhecido, baixinho, com uma cara de operário, que vestia uma espécie de bata, com

colete, e que, de longe, se parecia muito com uma mulher. A cabeça, coberta por um gorro sebento, pendia-lhe para baixo e todo ele parecia corcovado. A sua cara decrépita, enrugada, indicava mais de cinquenta anos; os olhos pequeninos, encovados, tinham um vislumbre agastado, severo e descontente.

– Que há? – perguntou Raskólhnikov aproximando-se do porteiro.

O operário olhou-o de soslaio e ficou a mirá-lo de alto a baixo, sem pressa, depois do que deu meia volta devagarinho e, sem proferir uma palavra, saiu do pátio da casa para a rua.

– Mas de que se tratava? – perguntou Raskólhnikov.

– É que esse indivíduo veio perguntar se morava aqui um estudante com o seu nome e apelido, e com quem vivia. Foi nesse momento que o senhor apareceu, eu lhe disse que era o senhor, e ele se foi. Mais nada!

O porteiro estava também um pouco hesitante, embora a sua perplexidade tenha durado pouco, porque, depois de ter pensado no que aconteceu mais uns momentos, deu meia volta e entrou outra vez no seu abrigo.

Raskólhnikov pôs-se a andar atrás do operário e viu imediatamente que ele atravessava para o outro passeio, com o mesmo andar compassado e lento de antes, os olhos fixos no chão e como se pensasse em qualquer coisa. Não tardou a alcançá-lo; mas foi atrás durante algum tempo, até que, finalmente, emparelhou com ele e olhou-o de soslaio no rosto. O outro deu imediatamente por ele, lançou-lhe um olhar rápido mas tornou imediatamente a fixar os olhos no chão, e assim andaram durante um minuto um ao lado do outro e sem dizerem uma palavra.

– O senhor perguntou por mim… ao porteiro? – disse, finalmente, Raskólhnikov, mas em voz não muito alta.

O homem não respondeu e nem sequer olhou para ele. Continuaram outra vez em silêncio.

– Com que então o senhor… vai perguntar por mim… e agora cala-se… que significa isto? – e a voz de Raskólhnikov era entrecortada, poderia dizer-se que as palavras não queriam sair-lhe da boca.

Dessa vez o homem ergueu os olhos e fixou em Raskólhnikov o olhar mais sombrio e colérico.

– Assassino! – exclamou de repente, numa voz calma, mas clara e distinta.

Raskólhnikov ia andando ao seu lado. As pernas fraquejaram-lhe de repente, terrivelmente, um arrepio lhe correu pelas costas e pareceu-lhe que o coração lhe ia parar num instante, como se o tivessem arrancado do seu lugar. Caminharam assim uns cem passos, um junto do outro, e outra vez em silêncio.

O homem não olhava para ele.

– Mas por que diz o senhor… que… ? Quem é o assassino? – murmurou Raskólhnikov numa voz quase imperceptível.

– O assassino és tu! – disse o outro numa voz ainda mais clara e enérgica, e, com um certo sorrizinho de ódio triunfante, tornou a olhar para o pálido rosto de Raskólhnikov e para os seus olhos agonizantes.

Chegaram ambos ao mesmo tempo a uma encruzilhada. O homem entrou pela rua da esquerda e não voltou os olhos. Raskólhnikov ficou parado no seu lugar e seguiu-o durante muito tempo com a vista. E viu como o outro, depois de ter andado uns cinquenta passos, dava meia volta e ficava a olhar para ele, que continuava ainda imóvel no mesmo lugar. Teria sido impossível distingui-lo bem, mas a Raskólhnikov pareceu que o outro sorria também dessa vez com o seu sorriso de ódio frio e de triunfo.

Com passos lentos, inseguros, de joelhos trêmulos e tremendo todo de espanto, Raskólhnikov fez meia volta e dirigiu-se para o seu buraco. Tirou o gorro, colocou-o sobre a mesa e durante dez minutos permaneceu de pé, imóvel. Depois, sem forças, deitou sobre o divã e,

como um doente, estendeu-se sobre ele com um fraco gemido; seus olhos fecharam. Devia ter ficado assim deitado uma meia hora.

Não pensava em nada. Vinham-lhe apenas fragmentos de ideias, visões sem ordem nem coerência… Caras de pessoas que tinha visto em criança ou encontrara em qualquer parte apenas uma vez e que nunca recordara; o campanário da igreja de V***; o bilhar de certa taberna e certo oficial junto do bilhar, cheiro a tabaco de alguma loja de venda a varejo, num saguão, a escada negra de algum estabelecimento de bebidas, completamente às escuras, toda manchada de águas sujas e semeada de cascas de ovos, enquanto ao longe se ouvia o badalar dos sinos dominicais… os objetos mudavam e sucediam-se num torvelinho. Alguns lhe eram agradáveis e tentou agarrar-se a eles, mas eles extinguiam-se e, de maneira geral, qualquer coisa o oprimia por dentro, embora não muito. Às vezes até se sentia bem… Uma ligeira tremura não o deixava e até essa sensação se tornava agradável.

Ouviu os passos apressados de Razumíkhin e a sua voz; fechou os olhos e fingiu que dormia. Razumíkhin entreabriu a porta e permaneceu uns momentos à entrada, indeciso. Depois, entrou devagarinho no quarto e aproximou-se do divã com muito cuidado. Ouviu-se um murmúrio de Nastássia:

– Não o acordes; deixa-o dormir; comerá depois…

– Tens razão – respondeu Razumíkhin.

Saíram ambos com muito cuidado e fecharam a porta. Decorreu outra meia hora. Raskólhnikov abriu os olhos e deixou-se cair outra vez sobre o divã, segurando a cabeça por detrás, com as duas mãos.

“Quem seria? Quem seria esse homem saído do chão? Onde estava e que viu? Viu tudo, disso não há dúvida. Mas onde é que estava e de onde é que olhava? E por que só agora é que surgiu de debaixo da terra? E que podia ele ter visto… por acaso era possível ver alguma coisa?… Hum! – continuou Raskólhnikov tiritando e estremecendo – e o estojo que Nikolai encontrou atrás da porta, seria isso possível? E as provas? Basta esquecermo-nos de uma insignificância… e a prova transforma-se numa pirâmide egípcia! Nem

uma mosca voando podia ter visto! Deve ser isto!”

E sentiu de repente, com aborrecimento, que desfalecia, mas com um desfalecimento físico.

“Eu devia saber”, pensou com um amargo sorriso, “e como me atrevi, sabendo como sou, pressentindo-me, a brandir o machado e a derramar o sangue? Eu tinha a obrigação de saber antecipadamente… Ah! Mas eu já sabia de antemão!”, balbuciou, desolado.

Por um momento, ficou imóvel perante certa ideia.

“Não, esses indivíduos não são feitos desta massa; o verdadeiro dominador, ao qual tudo é permitido, bombardeia Toulon, assola Paris, esquece o seu exército no Egito, aniquila meio milhão de soldados na retirada de Moscou e livra-se de dificuldades com um trocadilho em Vilna; e, no entanto, depois de morto levantam-lhe estátuas… Segundo parece, tudo lhe era permitido. Não, esses seres, pelo visto não são feitos de carne e osso, mas de bronze!”

De súbito, uma ideia secundária quase o fez sorrir.

“Napoleão, as pirâmides, Waterloo… e uma imunda e estúpida viúva de assessor, uma velhinha, uma usurária, com um cofre vermelho debaixo da cama… Como fazer engolir isto, mesmo a um Porfíri Pietróvitch? Como podiam engolir? Até a estética o impedia. Um autêntico Napoleão iria se meter debaixo da cama duma velhota? Ora, fora daqui, porcalhão!”

Havia momentos em que lhe parecia delirar: caía numa disposição de espírito febrilmente triunfal.

“Isso da velha é um absurdo! – pensava com veemência, de vez em quando. – Isso da velha é um erro, não pode tratar-se dela. A velha estava simplesmente doente… Eu não queria mais nada senão passar o mais depressa possível por cima do obstáculo… Eu não matei nenhuma pessoa humana; apenas matei um princípio. Um princípio, foi o que eu matei; mas saltar o obstáculo, não saltei; fiquei do lado de cá… Não soube fazer mais nada senão matar. E nem sequer isso soube fazer, segundo parece. Um princípio? Por que é que, há pouco, esse

imbecil do Razumíkhin recriminava os socialistas? São pessoas que gostam do trabalho e são comerciantes… “ocupam-se da felicidade universal”… Não; a mim dão-me uma só vida e não terei outra; eu não quero esperar pela felicidade universal. Eu quero viver, eu, senão, mais vale não viver. Qual! Eu não queria passar em frente de uma mãe famélica, apertando na mão o meu único rublo, à espera da felicidade universal. Vou juntar, que diabo! uma pedra para a felicidade universal, e assim gozarei a paz do coração. Ah, ah! Por que se esqueceram de mim? Reparem que só tenho uma vida e que quero vivê-la… Ah, eu sou um piolho estético, e nada mais – acrescentou, começando de repente a rir como um demente. – Sim, eu sou, de fato, um piolho – continuou, apoderando-se com uma alegria maliciosa dessa ideia, esquadrinhando-a, jogando e divertindo-se com ela – em primeiro lugar, só pelo fato de estar discorrendo, agora, a propósito disso – de que era um piolho – e em segundo, porque durante um mês inteiro andei incomodando a Providência, que é infinitamente boa, tomando-a por testemunho de que eu não urdia tramas nem planos para meu proveito, que diabo! mas apenas com os olhos postos num fim magnífico e simpático… Ah, ah! Além disso, em terceiro lugar, porque, com a maior justiça possível, me propus guardar uns certos limites: de todos os piolhos escolhi o menos útil, e quando o matei apenas lhe tomei exatamente aquilo de que eu precisava para dar o primeiro passo, nem mais nem menos (o resto iria parar ao mosteiro, conforme o seu testemunho)… Ah, ah, ah! Depois, porque sou realmente um piolho – acrescentou, rangendo os dentes – porque talvez eu mesmo seja um piolho ainda mais repugnante e indigno do que o piolho assassinado, e já de antemão tinha o pressentimento de que havia de dizer a mim próprio tudo isto depois de ter assassinado. Mas há alguma coisa que possa comparar-se com este horror? Oh, vulgaridade! Oh, baixeza! Oh, e como eu compreendo o profeta, com a sua espada, a cavalo: é Alá que o manda, e inclina-se a trêmula criatura e… livra-te de desejar… porque isso não é da tua conta! Oh, por nada deste mundo, por nada deste mundo perdoarei à velhota!”

Tinha os cabelos encharcados em suor, os lábios trêmulos e secos, o olhar fixo apontando para o teto.

“Minha mãe, minha irmã, como vos amei! Por que lhes tenho

ódio, agora? Sim, odeio-as, de um ódio físico; não posso suportá-las ao meu lado… Há pouco me aproximei e beijei a minha mãe, recordo-me… Abraçá-la e pensar que se ela soubesse… e se eu lhe tivesse dito tudo, nessa altura? Seria muito próprio de mim… Hum! Ela deve ser como eu – acrescentou, pensando com esforço, como se lutasse contra o delírio que se ia apoderando dele. – Oh, e que ódio eu tenho agora àquela velha! Creio que se ressuscitasse tornaria outra vez a matá-la! Pobre Lisavieta! Por que teria ela aparecido ali? Mas é estranho que eu me lembre tão pouco dela, como se não a tivesse assassinado… Lisavieta! Sônia! Pobres, ingênuas, com uns olhinhos tão doces! Simpáticas! Por que não choram? Por que não se queixam? Dão tudo… olham mansa e docemente… Sônia, Sônia! Doce Sônia!”

Perdeu os sentidos; pareceu-lhe estranho não compreender como é que conseguira chegar à rua. A tarde ia já avançada. As sombras adensavam-se, a lua cheia resplandecia cada vez mais radiante; mas no ambiente havia uma espécie de incandescência sufocante; as pessoas iam em grupos pelas ruas; operários e homens atarefados voltavam para as suas casas, outros passeavam, cheirava a cal, a pó, a água estagnada. Raskólhnikov ia triste pensativo; lembrava-se muito bem que saíra de casa com qualquer intenção, que tinha de fazer qualquer coisa e apressar-se, simplesmente… que se tinha esquecido. De repente parou e viu que do outro lado da rua, no passeio, estava parado um homem que fazia sinais com a mão. Dirigiu-se para ele atravessando a rua; mas, de repente, o indivíduo deu meia volta e afastou-se, como se não tivesse dado por nada, de cabeça baixa, sem voltar os olhos e sem dar o menor sinal de o ter chamado.

“Mas, vamos ver, o senhor não me chamou?”, pensou Raskólhnikov, e, no entanto, lançou-se no seu encalço. Ainda não tinha dado dez passos quando, de repente, o reconheceu e ficou assustado: era o mesmo operário de antes, com a mesma bata e a mesma corcunda. Raskólhnikov seguia-o à distância, o coração pulsava-lhe: chegaram a uma ruela… O homem não se voltou.

“Pode ser que não se tenha apercebido que eu vou atrás dele”, pensava Raskólhnikov. O homem atravessou o portão de uma grande casa. Raskólhnikov apressou-se a alcançar a porta e ficou olhando; não voltaria para olhá-lo e não o chamaria? De fato, depois de ter

atravessado o portão e entrado no pátio, o homem voltou-se e pareceu outra vez chamá-lo com a mão. Raskólhnikov atravessou imediatamente o portão; mas o homem já não estava no pátio. Com certeza devia ter entrado imediatamente e começado a subir o primeiro lanço da escada. Raskólhnikov lançou-se atrás dele. De fato, dois lances mais acima ainda se ouviam os passos lentos, cadenciados, de alguém. Coisa estranha: parecia-lhe que conhecia aquela escada. Aquela é a janela do primeiro andar: triste e misteriosa, filtra-se pelos vidros a luz da lua: já estão no segundo andar. Ah! Este é o mesmo andar em que trabalhavam os pintores… Como é que não o reconheceu imediatamente? Os passos de homem que iam à frente sumiram-se. "Naturalmente parou ou escondeu-se em qualquer lugar. Este é o terceiro andar; continuemos. Que silêncio… É até espantoso… Mas ele continuou andando. O ruído dos seus passos assustava-o e sobressaltava-o. Santo Deus, que escuridão! O homem escondeu-se, com certeza, por aí, em qualquer canto. Ah! a porta do quarto está escancarada." Refletiu um pouco e entrou. O vestíbulo estava muito escuro e deserto; nem vivalma, como se tivessem levado tudo; devagarinho, nas pontas dos pés, entrou na sala; todo o quarto estava iluminado pelo brilho da lua; estava tudo como antes; as cadeiras, o espelho, o divã amarelo e os quadros nas suas molduras. Uma lua enorme, redonda, de um vermelho acobreado, espreitava diretamente pela janela. "Todo este silêncio é por causa da lua – pensou Raskólhnikov – com certeza que ela deve estar decifrando algum enigma." Parou e esperou, esperou durante muito tempo; e quanto mais silenciosa estava a lua, com mais força lhe palpitava o coração, até o ponto de incomodá-lo. E tudo em silêncio. De repente ouviu-se um pequeno ruído seco, instantâneo, como se tivesse saltado uma lasca de lenha, e outra vez tudo voltou a ficar mergulhado em silêncio. Uma mosca desequilibrada chocou, de súbito, no seu voo, com o espelho, e cambaleou, magoada. Nesse momento, num canto, entre o armário e a janela, distinguiu uma espécie de capa de mulher, pendurada na parede. "Que fará aqui esta capa? – pensou – Dantes não estava aqui." Aproximou-se devagarinho e adivinhou que atrás daquela capa se escondia alguém. Cautelosamente, afastou a capa com a mão e viu que havia ali uma cadeira, e na cadeira, num cantinho, estava sentada uma velhinha, toda feita num novelo e com a cabeça baixa, de maneira que ele não podia ver-lhe a cara; mas era a mesma.

Ficou parado diante dela. “Tem medo”, pensou. Tirou devagarinho o machado do nó corredio e descarregou-a sobre a velha, na sombra, uma e outra vez. Mas, coisa estranha: ela nem sequer estremecia debaixo dos golpes, tal como se fosse feita de pau. Ele se assustou, agachou-se mais e pôs-se a olhar para ela; mas ela, por sua vez, agachou também a cabeça. Então ele se pôs completamente de cócoras no chão e, de baixo, olhou-a no rosto; olhou-a e ficou hirto de espanto: a velha continuava sentada, e ria… retorcia-se num riso abafado, inaudível, esforçando-se por todos os modos para que não a ouvissem. De repente, pareceu-lhe que a porta do quarto se abria suavemente e que também ali dentro soavam risos e murmúrios. A raiva apoderou-se dele: pôs-se a bater na cabeça da velha com todas as forças; mas, a cada machadada, mais e mais fortes soavam os risos e os murmúrios no quarto, e a velha continuava a retorcer-se toda de riso. Deitou a correr mas o vestíbulo já estava cheio de gente; a porta do andar, aberta de par em par, e, no patamar, na escada e lá embaixo, tudo cheio de gente, cabeça contra cabeça, todos a olharem, mas todos escondidos e esperando em silêncio… Sentiu o coração oprimido, os pés ficaram paralisados, deitaram raízes na terra… Quis gritar… e acordou…

Respirou ruidosamente; mas, coisa estranha, parecia-lhe que continuava sonhando: a porta do quarto estava aberta de par em par e junto dos gonzos estava parado um homem que lhe era completamente desconhecido e que o mirava de alto a baixo. Raskólhnikov mal tivera tempo para abrir completamente os olhos; mas voltou a fechá-los. Estava estendido de barriga para cima e não se mexeu.

“Continuará o sonho?”, disse, e, pouco a pouco, com muito cuidado, foi erguendo outra vez as pestanas para olhar: o desconhecido permanecia no mesmo lugar e continuava olhando-o. De repente, transpôs diretamente o limiar da entrada, fechou a porta atrás de si, com muito cuidado, aproximou-se da mesa, esperou um minuto sem deixar de olhá-lo durante todo esse tempo, e, devagarinho, sem ruído, sentou numa cadeira, junto do divã; pôs o chapéu de lado, no chão, e colocou as duas mãos no punho da bengala, apoiando depois o queixo sobre as mãos. Era evidente que se

propunha esperar muito tempo. Tanto quanto era possível ver através das pálpebras descidas, verifica-se que aquele homem já não era jovem, mas era forte e tinha uma barba espessa, loura, quase branca…

Decorreram dez minutos. Ainda havia luz mas a noite estava já próxima. Reinava um silêncio absoluto no quarto. Na escada também não se sentia o menor ruído. Apenas voltejava e zumbia por ali um moscardo, que chocava com o espelho nos seus volteios. Até que isso acabou por se tornar insuportável. De súbito, Raskólhnikov ergueu-se e sentou no divã.

– Bem, diga, o que deseja?

– Eu já sabia que o senhor não dormia, mas que fingia estar dormindo – respondeu o desconhecido de maneira estranha, sorrindo com placidez. – Dê-me licença que me apresente – Arkádi Ivânovitch Svidrigáilov…

## Quarta parte

## Capítulo primeiro

“Continuará o sonho?”, tornou a pensar Raskólhnikov. Cauto e receoso, olhava para o visitante inesperado.

– Svidrigáilov? Que absurdo! Não pode ser! – exclamou finalmente em voz alta, perplexo.

Segundo parece, aquela exclamação não surpreendeu o visitante.

– Vim vê-lo por dois motivos: primeiro, porque desejava conhecê-lo pessoalmente, pois há algum tempo que ouvi contar coisas muito curiosas e interessantes a seu respeito, e segundo, porque tenho a convicção de que não se negará a prestar-me o seu auxílio num caso que afeta diretamente a sua irmã Avdótia Românovna. Sozinho e sem qualquer recomendação, eu teria probabilidades de ser posto por ela na rua, ao passo que, em consequência de certos preconceitos, graças ao seu auxílio, eu conto, pelo contrário, que…

– Não conte com isso – atalhou Raskólhnikov.

– Elas chegaram ontem mesmo, desculpe-me a pergunta… não é verdade?

Raskólhnikov não respondeu.

– Foi ontem, eu sei. Olhe, eu também só estou aqui há dois dias. Bem, repare no que eu tenho de dizer-lhe a esse respeito, Rodion Românovitch; mas me dê licença que lhe pergunte: que há de especialmente criminoso, do meu lado, em tudo isto, quero dizer, apreciando sem preconceitos, atendendo só à razão?

Raskólhnikov continuou a contemplá-lo em silêncio.

– Eu sou aquele que perseguiu, na sua própria casa, uma moça indefesa, e que a ofendeu com as suas feias propostas… Não é assim? (Eu mesmo me antecipo.) Mas bastará que o senhor leve em conta que eu sou homem *et nihil humanum*… enfim, eu também sou capaz de

apaixonar-me e de amar (o que, não há dúvida, não acontece por nossa vontade), de maneira que tudo se explica assim muito naturalmente. Aqui tem o senhor o problema: sou eu o verdugo ou sou a vítima? Mas que vítima? Repare que eu, ao propor à minha adorada que fugisse comigo para a América ou para a Suíça, é possível que o tivesse feito animado dos sentimentos mais respeitosos e pensasse até que, assim, fazia a felicidade dos dois. A razão, já vê, está a serviço da paixão; faça-me a justiça de pensar que era possível que fosse eu aquele que ficasse a perder mais…

– Não era disso que se tratava, de maneira nenhuma – atalhou Raskólhnikov com repugnância – mas, simplesmente, de que, tenha ou não razão, o senhor é antipático, e que eu não quero conviver com o senhor, e que vou expulsá-lo neste momento; por isso vá-se…

De repente, Svidrigáilov desatou numa gargalhada.

– Não há quem faça nada com o senhor! – exclamou, pondo-se a rir francamente. – Eu pensava valer-me da astúcia das meias palavras; mas o senhor acertou em cheio de uma só vez.

– Mas até neste mesmo instante o senhor continua a empregar a astúcia.

– O quê? Que diz o senhor? – respondeu Svidrigáilov, rindo às escâncaras. – Olhe, isto é *bonne guerre*[33], o que se chama uma astúcia legítima… Mas o que é certo é que o senhor me interrompeu. E insistirei de novo em que nada de aborrecido se teria passado se no jardim não se encontrasse, por acaso, Marfa Pietrovna…

– Segundo dizem foi o senhor também quem matou Marfa Pietrovna – atalhou Raskólhnikov, mal-humorado.

– Mas, ouviu dizer isso? Embora, afinal, como não ouvir? Bem, a essa sua primeira pergunta, francamente, não sei como responder, ainda que tenha a consciência muito tranquila sobre o caso. Isto é, não vá o senhor pensar que eu corro qualquer perigo por causa disso; tudo se fez na maior ordem e com absoluta exatidão: a investigação médico-legal declarou uma apoplexia em consequência dum banho frio, tomado depois duma refeição abundante, durante a qual sorveu

uma garrafa quase inteira de aguardente; não foi possível demonstrar mais nada, mais nada… Não; repare no que eu dizia a mim mesmo, durante o caminho, sentado na carruagem do trem: “Não teria eu contribuído para toda essa… desgraça, moralmente, com algum desgosto ou com qualquer outra coisa do gênero?”. Mas acabei por chegar à conclusão de que também não podia tratar-se disso, de maneira nenhuma.

Raskólhnikov pôs-se a rir.

– Vontade de emendar-se?

– Por que ri o senhor dessa maneira? E imagine que eu só lhe bati duas vezes com um chicote, de maneira que não lhe ficaram sinais… Faça o favor de não me tomar por um cínico; eu sei muito bem que isso foi mal feito, ou pior ainda; mas também sei de certeza que Marfa Pietrovna estava muito contente com esse meu divertimento, chamemos-lhe assim. Ela espalhou essa história a respeito de sua irmã por toda a cidade. No terceiro dia Marfa Pietrovna teve de ficar em casa: não tinha com que apresentar-se na cidade e, além disso, tinha-os aborrecido a todos com aquela sua cartinha. (Não ouviu falar da leitura dessa carta?) E, de repente, essas duas chicotadas caíram como chovidas do céu. A primeira coisa que fez foi mandar atrelar a carruagem… E isto para não dizer que há certas ocasiões em que à mulher agrada muito, mas muito, que a ofendam, apesar de todo o seu aparente aborrecimento. Todas elas passam por transes semelhantes; ao homem, de maneira geral, também lhe agrada muito, muito, que o ofendam: não tem reparado? Bem, mas isso agrada sobretudo às mulheres. Até se pode dizer que é só assim que conseguem matar o tempo.

Houve um momento em que Raskólhnikov pensou em levantar, sair correndo e dar assim por terminada a entrevista. Mas retiveram-no a curiosidade e até uma certa intenção.

– Gosta de manejar o chicote? – perguntou com ar distraído.

– Não, nem por isso – respondeu Svidrigáilov tranquilamente. – Mal me servi dele, com Marfa Pietrovna. Nós nos dávamos muito bem e ela estava sempre satisfeita comigo. Em sete anos de casados só devo

ter-lhe aplicado o chicote umas duas vezes (para não falar de um terceiro caso, aliás, bastante ambíguo): a primeira vez, foi depois de dois meses de casados, assim que chegamos à aldeia, e a outra, esta última, a de agora… Mas o senhor imagina que eu era um monstro, um retrógrado, um partidário da servidão? Ah, ah! E a propósito, não se lembra, Rodion Românovitch, que há uns anos, ainda nos tempos da bendita liberdade de Imprensa, difamaram pública e literariamente a um nobre – cujo nome esqueci – por ter batido numa alemã, num vagão de trem? Não se lembra? Nessa altura, no mesmo ano, deu-se esse "horrível incidente do século" (bem, as *Noites Egípcias*, leitura pública, lembra-se?). Olhos negros! Oh! Onde estás, tempo áureo da nossa mocidade? Bem; pois ouça a minha opinião: por esse cavalheiro que surrou uma alemã, não tenho eu a menor simpatia, porque, realmente, no fundo, por que a teria? No entanto, ainda assim não posso deixar de reconhecer que às vezes se veem umas alemãs tão provocantes, que afirmo não existir um só progressista que pudesse considerar-se seguro. Não era deste ponto de vista que as pessoas olhavam então as coisas; mas, no entanto, é o verdadeiro ponto de vista humano, não é verdade?

Depois de ter falado assim, de repente, Svidrigáilov irrompeu numa gargalhada. Raskólhnikov compreendeu claramente que aquele homem estava firmemente decidido a qualquer coisa e que saberia consegui-la.

– Com certeza deve já haver alguns dias seguidos que o senhor não fala com ninguém, não é verdade? – perguntou-lhe.

– Quase. Mas está, de fato, admirado com a minha complacência?

– Não, não me admira que a tenha em demasia.

– Isso é porque eu me dei por ofendido perante a grosseria das suas perguntas? É por isso que o diz? Sim, mas por que há de ofender-se? Eu lhe respondi de acordo com as suas perguntas – acrescentou, com uma surpreendente expressão de bonacheirice. – Ora veja: a mim, pessoalmente, nada me interessa, juro por Deus – continuou, como se meditasse. – Particularmente, agora, quase que não me ocupo de nada… Aliás, o senhor está no seu direito de pensar que eu procuro

lisonjeá-lo, tanto mais que comecei por dizer-lhe que tenho um assunto para tratar, a respeito da sua irmã… Mas confesso-lhe, francamente, sinto-me muito aborrecido. Sobretudo nestes três dias, e fiquei muito contente por tê-lo encontrado… Não se aborreça, Rodion Raskólhnikov, mas o senhor, não sei por que, parece-me terrivelmente estranho. Diga o que quiser, mas sucedeu-lhe qualquer coisa e, concretamente, agora, quer dizer, não propriamente neste momento, mas de maneira geral, agora… Bem, bem; não continuarei, não continuarei, não franza o sobrolho. Olhe que eu não sou nenhum urso, como posso parecer.

Raskólhnikov olhou para ele sombriamente.

– Pode ser que, realmente, o senhor não seja um urso – disse. – A mim até me parece que o senhor é uma pessoa de boa sociedade, ou que pelo menos saberia, em certas circunstâncias, portar-se como uma pessoa distinta.

– Não se esqueça de que a opinião dos outros não me interessa – respondeu Svidrigáilov secamente e até com um acento de altivez. – E por que não há de uma pessoa ser vulgar, quando estas maneiras são tão convenientes para o nosso país e… sobretudo, quando, por inclinação natural, uma pessoa tem já propensão para mostrá-las? – acrescentou, pondo-se outra vez a rir.

– Mas eu ouvira dizer que o senhor tinha aqui muitas amizades. O senhor não é o que se diz um homem sem relações. Porque é que, sendo assim, o senhor veio procurar-me, e não é com um objetivo.

– Nisso tem o senhor razão: eu tenho os meus amigos – concordou Svridigáilov, deixando sem resposta o ponto mais importante. – Já os encontrei; ando há três dias passeando pelas ruas; reconheço os outros, e eles, pelo visto, também me reconhecem. Não há dúvida de que ando bem vestido e passo por pessoa endinheirada; repare: a reforma agrária respeitou-me, ainda me restam bosques e prados, que ainda me dão um certo rendimento, mas… não reatarei antigas relações; já dantes estava farto delas; já vou no terceiro dia e não me dei a conhecer a ninguém… Para isso é esta cidade boa! É capaz de dizer-me como é que ela se formou? Cidade de empregados e de

seminaristas de todo o gênero? Para dizer a verdade, eu não reparei muito bem quando estive aqui, haverá uns oito anos… Mas agora todas as minhas esperanças se resumem na anatomia, felizmente.

– Em qual anatomia?

– Refiro-me a esses clubes, a esses restaurantes e, além disso, ao progresso… Bem; isso será quando já tivermos morrido – continuou, outra vez sem dar importância à pergunta. – Mas, no fim de tudo, é um gosto fazer trapaça no jogo!

– Mas o senhor também é trapaceiro?

– Ai, não! Formávamos todos um grupo notável, haverá uns oito anos; passávamos o tempo, e repare, éramos todos pessoas finas: poetas, capitalistas. De maneira geral, entre nós, os russos, os modos mais finos tem-nos aqueles que levaram pancada… Já reparou nisso? Olhe, eu me aproximei agora um pouco do povo. Mas, nesse tempo, um certo grego de Nietchin quis meter-me na prisão por caloteiro; foi então que Marfa Pietrovna apareceu, a qual teve de entrar em contato com o meu credor e me resgatou da minha dívida por trinta mil rublos de prata (eu devia sessenta mil ao todo). Uni-me a ela por legítimo matrimônio e ela levou-me imediatamente consigo para a aldeia, como se eu fosse algum tesouro. Era mais velha do que eu cinco anos. Gostava muito de mim. Durante sete anos não saí da aldeia. E repare que ela toda a vida guardou o documento contra mim, noutro nome, no valor de trinta mil rublos, para o caso de que eu me lembrasse alguma vez de sacudir o jugo e poder logo me segurar outra vez. E teria feito! Nas mulheres estas coisas dão-se todas ao mesmo tempo.

– Mas se não fosse esse documento, o senhor teria escapado?

– Não sei como lhe responder. Aquele documento não me preocupava grande coisa. Eu não tinha vontade de ir para nenhum lugar, e isso apesar de Marfa Pietrovna, vendo que eu me aborrecia, ter me oferecido por duas vezes uma viagem ao estrangeiro. Mas quê! Eu já estivera no estrangeiro e sempre me aborreci lá muito belamente. Não que me aborrecesse de fato, mas depois de uma pessoa já ter visto o nascer do sol, o golfo napolitano, o mar, apodera-se de nós uma certa tristeza. E o mais desagradável é que, de fato, por

que há de uma pessoa entristecer? Não, na nossa terra está-se melhor; aqui, ao menos, deita-se aos outros a culpa de tudo e uma pessoa sente-se justificada. Eu, agora, de boa vontade iria ao Polo Norte, porque *j'ai le vin mauvais*[34], a aguardente não me agrada e, excluída a bebida, já nada mais me resta. E a propósito: dizem que Bug subirá no domingo num globo enorme, no jardim de Iusúpovski, e que admitirá passageiros por uma determinada quantia. Será verdade?

– O quê? O senhor estaria disposto a subir?

– Eu? Não… sim… – murmurou Svidrigáilov, como se de fato estivesse afundado em meditações.

"Mas qual será, no fundo, a sua ideia?", pensou Raskólhnikov.

– Não, esse documento, a mim, não me preocupava – continuou Svidrigáilov, pensativo. – É que eu não queria deixar a aldeia. Além disso, haverá coisa de um ano, Marfa Pietrovna, por ocasião do meu aniversário, entregou-me o documento com o dobro da quantia nele declarada. Porque fique sabendo o senhor que ela possuía cabedais. "É para que vejas a confiança que tenho em ti, Arkádi Ivânovitch", disse-me ela tal qual. Não acredita que ela tivesse dito isto? Pois olhe que eu era um honrado proprietário na aldeia; conheciam-me nos arredores. Também encomendava alguns livros. A princípio, Marfa Pietrovna não se importava; mas depois chegou a ter medo que eu me enfronhasse demasiado no estudo.

– Mas, segundo parece, a perda de Marfa Pietrovna deixou-o muito aborrecido.

– A mim? Talvez. Pode ser que, de fato, assim fosse. E a propósito: o senhor acredita em aparições?

– Em que aparições?

– Nas aparições! Em quais havia de ser?

– E o senhor, acredita nelas?

– Talvez não acredite, *pour vous plaire*…[35] Isto é, não digo que não…

– Já teve alguma?

Svidrigáilov ficou olhando-o de uma maneira estranha.

– Marfa Pietrovna digna-se visitar-me – declarou, franzindo a boca num sorriso estranho.

– Digna-se visitá-lo?

– Sim; já me apareceu três vezes. A primeira foi no próprio dia do seu enterro, uma hora depois de eu ter voltado do cemitério. Foi na véspera da minha vinda para aqui. A segunda vez foi há três dias, no caminho, ao amanhecer, na pousada da Málaia Víchiera, e a terceira foi há coisa de duas horas, no quarto onde tenho ficado; estava sozinho.

– Acordado?

– Completamente. Estava acordado, dessas três vezes. Chega, fala-me um momento e sai pela porta, sempre pela porta. Até parece que a sinto.

– Parece que eu tinha razão em supor que deviam acontecer-lhe coisas desse gênero! – exclamou Raskólhnikov de repente e no mesmo momento ficou espantado por ter dito aquilo. Estava muito comovido.

– O que, o senhor supunha isso? – perguntou Svidrigáilov espantado. – Deveras? Eu não lhe disse já que nós tínhamos qualquer coisa de comum?

– O senhor não disse nada disso! – respondeu Raskólhnikov com brusquidão e veemência.

– Não disse?

– Não.

– Pois, a mim, parecia ter dito. Há pouco, quando entrei e o vi estendido, com os olhos fechados e fingindo que dormia… disse logo para comigo: “É ele mesmo!”.

– Que é isso de é “ele mesmo”? A que se referia o senhor? –

exclamou Raskólhnikov.

– A quê? De fato, não sei… – respondeu Svidrigáilov com franqueza e como se tivesse ficado confuso.

Ficaram em silêncio durante um minuto. Olhavam um para o outro com os olhos muito abertos.

– Tudo isso é um absurdo! – exclamou Raskólhnikov mal-humorado. – E que lhe diz ela quando aparece?

– Ela? Pois imagine: diz as coisas mais vulgares, e veja como as coisas são: isso me deixa de mau humor. Da primeira vez (quer saber? eu estava cansado: as cerimônias religiosas, a missa de réquiem, o enterro, o almoço fúnebre… até que, finalmente, me deixaram só no meu gabinete, acendi um cigarro e pus-me a pensar) entrou pela porta: "Olhe – disse ela – Arkádi Ivânovitch, hoje, com tanto que fazer, esqueceu-se de dar corda ao relógio da casa de jantar". De fato, durante sete anos fui eu quem teve o encargo de dar corda a esse relógio, e quando me esquecia ela lembrava-me sempre. No dia seguinte ponho-me a caminho para aqui. Ao clarear da alba, entro na pousada (eu estava cansado da noite, moído; meus olhos iam fechando), tomo um pouco de café, olho… e vejo Marfa Pietrovna sentada junto de mim, com um baralho de cartas na mão. "Não queres que deite as cartas por causa da viagem, Arkádi Ivânovitch?" Ela era mestra nisso de deitar as cartas. Bom, nunca perdoarei a mim próprio não lhe ter dito que sim. Pus-me a correr, assustado, e, além disso, era verdade que a campainha já se ouvia, a dar o sinal da partida. Hoje, estava eu sentado, descansando, depois dum péssimo almoço numa casa de pasto, com o estômago pesado… estou sentado, fumando… e, de repente, outra vez me aparece Marfa Pietrovna, toda arrebicada, com um vestido novo de seda verde e uma cauda compridíssima: "Bom dia, Arkádi Ivânovitch. Que tal achas, para teu gosto, o meu vestido? Aniska não sabia fazê-lo assim". (Aniska era a sua modista lá na aldeia; vinha dos antigos servos e aprendera o ofício em Moscou; era uma moça bastante jeitosa.) Para, dá uma volta diante de mim. Eu examino o vestido, depois olho-a atentamente, na cara. "Mas que vontade a tua – disse eu – Marfa Pietrovna, de me vires incomodar com essas ninharias!" "Ah, meu Deus, *bátiuchka*, nem sequer se pode

fazer uma pergunta!” Então eu lhe disse para arreliá-la: “Marfa Pietrovna, eu quero casar”. “Fique sabendo, Arkádi Ivânovitch, que não lhe fica muito bem que, com a mulher enterrada ainda há tão pouco tempo, torne já a casar. E ainda que escolhesse acertadamente, nem a ela nem ao senhor isso ficaria bem: o senhor havia de ser sempre o bobo de toda a gente.” Disse isto e desapareceu, e a mim pareceu-me sentir o rumor da sua saia. Que absurdo, não é verdade?

– Mas não podia dar-se o caso de que tudo isso fosse mentira? – insinuou Raskólhnikov.

– Raramente minto… – respondeu Svidrigáilov, pensativo, e como se não tivesse, de maneira nenhuma, reparado na grosseria da pergunta.

– E, antes de agora, nunca teve aparições?

– Também… Não, só uma vez na minha vida, haverá uns seis anos. Foi com Filhka, um servo nosso; mal ele acabara de ser enterrado, gritei, num momento de distração: “Filhka, o cachimbo!”; ele entrou e foi direito ao armário onde eu guardava os cachimbos. Eu continuei sentado e disse para comigo: “Isto é uma vingança”, porque um pouco antes da sua morte tivéramos uma briga séria. “Como é que te atreves – disse-lhe eu – a apresentar-te diante de mim com os cotovelos rotos? Fora daqui!” Deu meia volta, saiu e não voltou mais. Eu não disse nada a Marfa Pietrovna. Ainda tive a intenção de mandar dizer uma missa por alma dele, mas mudei de ideia.

– Devia consultar um médico.

– Ainda que o senhor não me dissesse, eu compreendo muito bem que isto é doentio, embora, para dizer a verdade, não sei por que, em minha opinião eu tenha mais saúde do que muita gente. Como o senhor. Eu não lhe perguntei se acreditava ou não que os espíritos apareçam, mas sim se acredita ou não nos espíritos.

– Não, nem por sombras! – exclamou Raskólhnikov, até com certa cólera.

– Que costumam dizer, de maneira geral? – murmurou

Svidrigáilov, como para si mesmo, olhando de soslaio e baixando um pouco a cabeça. – As pessoas dizem: “Não há dúvida que tu estás doente; isso que tu imaginas ver é um desvario fantástico”. Mas, reparando bem, isso não é rigorosamente lógico. Concordo que os fantasmas só apareçam aos doentes; mas isso só demonstra que os fantasmas não podem aparecer senão aos doentes, mas não que não existam.

– Com certeza que não existem! – insistiu Raskólhnikov excitado.

– Não? Acha que não? – continuou Svidrigáilov, examinando-o lentamente. – Bem, e se raciocinássemos dessa maneira? (Vamos, ajude-me o senhor!): “As aparições são, por assim dizer, pedaços ou fragmentos de outros mundos, o seu princípio. É claro que o homem são não tem motivo para vê-las, porque o homem são é o homem mais terreno, e deve viver uma vida terrestre, atendendo à harmonia e à ordem. Mas quando adoece, ou quando a ordem terrena se altera no organismo, começa imediatamente a mostrar-se a possibilidade de outro mundo, e, quanto mais doente, tanto mais em contacto se encontra com esse outro mundo, de maneira que, quando morre completamente, o homem vai direto para esse mundo”. Já há muito tempo que medito nisso. Se o senhor acredita na outra vida, pode acreditar também nesse raciocínio.

– Eu não creio na outra vida – disse Raskólhnikov.

Svidrigáilov parecia pensativo.

– E se nela não existissem senão aranhas ou outra coisa do gênero, nada mais? – disse de repente.

“Está doido!”, pensou Raskólhnikov.

– Para mim a eternidade é uma ideia impossível de compreender, algo de enorme, imenso. Mas por que há de ser precisamente enorme? E, de repente, em vez disso, imagine o senhor que existe aí um quarto, no gênero duma sala de banho em pleno campo, negra de fumo e com aranhas por todos os lados, e que a isso se resumisse a eternidade. Olhe, eu, imagino-a muitas vezes assim.

– Mas diga-me, diga-me: não pode imaginar nada de mais consolador e justo? – exclamou Raskólhnikov com um sentimento doentio.

– Mais justo? Quem sabe, talvez, se não será isto o justo? Olhe, eu o teria, sem dúvida, feito assim, com toda a intenção – respondeu Svidrigáilov com um vago sorriso.

Um certo frio se apoderou de repente de Raskólhnikov, perante aquela resposta monstruosa. Svidrigáilov ergueu a cabeça, ficou olhando para ele de alto a baixo e, de repente, soltou uma gargalhada.

– Não, o que o senhor pensa é isto, – exclamou – ainda há meia hora não nos tínhamos visto um ao outro, tínhamo-nos por inimigos, entre nós estava pendente um assunto por resolver, e pusemo-lo de lado e metemo-nos a falar de literatura… Bem, não tinha eu razão quando lhe disse que éramos frutos da mesma terra?

– Faça-me o favor – continuou Raskólhnikov irritado. – Permita-me que lhe peça que me explique o mais depressa possível e comunique a que devo a honra da sua visita… e… suponha que estou com pressa, que não disponho de tempo, que tenho de sair…

– Muito bem, muito bem. Sua irmã, Avdótia Românovna, vai-se casar com o senhor Lújin, com Piotr Pietróvitch?

– Não poderia evitar perguntas a respeito da minha irmã e não pronunciar o seu nome? Eu próprio não compreendo como é que se atreve a mencioná-lo diante de mim, se é, na verdade, o Senhor Svidrigáilov!

– Mas se eu vim precisamente para lhe falar dela, como é que não hei de pronunciar o seu nome?

– Bem, fale, mas seja breve.

– Tenho a certeza de que já formou a sua opinião acerca desse Senhor Lújin, meu parente por parte de minha mulher, contanto que o tenha visto pelo menos meia hora ou tenha referências seguras e exatas acerca da sua pessoa. Avdótia Românovna não faz um par

conveniente com ele. A meu ver, Avdótia Românovna, neste assunto, sacrifica-se muito generosa e desinteressadamente por… pela família. A mim pareceu, depois de tudo o que me disseram a seu respeito, que o senhor, por seu lado, se consideraria muito feliz se de fato fosse possível desmanchar esse casamento sem prejuízo das conveniências. Agora que já o conheço pessoalmente, estou certo disso.

– Tudo isso é muito ingênuo da sua parte; desculpe: quero dizer insolente – disse Raskólhnikov.

– Isso significa que eu tenho cuidado com a minha bolsa. Não se preocupe, Rodion Românovitch: embora eu zelasse os meus interesses, não ia deixá-lo transparecer assim, do pé para a mão, pois de tolo não tenho nada. Quero expor-lhe uma singularidade psicológica, a este respeito. Há pouco, justificando o meu amor por Avdótia Românovna, disse que eu próprio era uma vítima. Bem; pois fique sabendo que agora não sinto nada de amor, a tal ponto que até a mim mesmo me parece estranho, visto que, de fato, chegara a sentir algum…

– Isso é devido à libertinagem e à corrupção – atalhou Raskólhnikov.

– De fato, sou um pervertido e um libertino. Mas, no fim de contas, a sua irmã reúne tantas boas qualidades, que não pode deixar de impressionar-me. Mas tudo isto é um disparate, como eu próprio vejo agora.

– Já há muito tempo que verificou isso?

– Já o notara antes, mas fiquei definitivamente convencido antes de ontem, quase no próprio momento da minha chegada a Petersburgo… Aliás, ainda em Moscou, imaginava que iria alcançar a mão de Avdótia Românovna e rivalizar com o Senhor Lújin.

– Desculpe interrompê-lo, mas faça-me o favor: não poderia abreviar e ir direito ao fim da sua visita? Estou com pressa, tenho de sair.

– Com o maior prazer. Uma vez aqui, e como resolvi empreender uma certa… viagem, quis tomar as disposições prévias indispensáveis.

Deixei os meus filhos com a tia: são ricos e não precisam de mim. Além disso, eu sou um bom pai! Para mim fiquei apenas com o que me deixou há um ano Marfa Pietrovna. É o suficiente para mim. Desculpe, que eu vou já entrar no assunto. Antes da viagem, que é possível que não se realize, quero eu resolver o caso do Senhor Lújin. Não é que eu não tenha muita coragem para suportá-lo, mas é que foi por culpa dele que eu tive aquele desgosto com Marfa Pietrovna, quando soube que fora ela quem urdira esse casamento. O que eu queria, agora, era obter um encontro com Avdótia Românovna, por seu intermédio, e se assim o entendesse, na sua presença, para explicar-lhe que, do Senhor Lújin, não só não pode esperar nem a mais pequena utilidade, e que, pelo contrário, com certeza que lhe hão de vir amargos dissabores. Isso, em primeiro lugar; depois queria pedir-lhe perdão de todas essas recentes contrariedades, e, finalmente, pedir-lhe o seu consentimento para oferecer-lhe dez mil rublos e suavizar desta maneira a ruptura com o Senhor Lújin, ruptura que ela própria, tenho a certeza, provocaria com gosto, se fosse possível.

– Mas o senhor não estará verdadeiramente, verdadeiramente louco? – exclamou Raskólhnikov, mais indignado do que surpreendido. – Como é que o senhor tem o descaramento de falar dessa maneira?

– Eu já sabia que o senhor havia de ficar espantado com isto; mas, em primeiro lugar, embora eu não seja rico, disponho com toda a liberdade desses dez mil rublos, isto é, não me fazem falta absolutamente nenhuma. Se Avdótia Românovna não os aceitar, talvez eu os gaste mais tolamente. Isto em primeiro lugar. Em segundo, tenho a minha consciência completamente tranquila; ofereço-lhos sem nenhum interesse particular, quer acredite ou não; mas depois hão de saber que de fato assim era, tanto o senhor como Avdótia Românovna. Tudo se resume a que me sucedeu provocar-lhe um certo desgosto, algum dissabor à sua respeitabilíssima irmã; talvez movido de sincero arrependimento, desejo cordialmente… não compensar, não pagar-lhe esses dissabores, mas simplesmente fazer algo de proveitoso a seu favor, fundamentando-me em que, no fundo, não tenho o privilégio de praticar somente o mal. Ainda que no meu oferecimento houvesse um milionésimo de interesse, não iria agora oferecer-lhe dez mil, quando

haverá ainda apenas umas cinco semanas lhe ofereci mais. Além de que é muito possível que, em breve, muito em breve, eu me case com uma moça, e assim toda a suspeita de que eu tento seduzir Avdótia Românovna fica destruída. Para acabar, ainda lhe digo que, quando se casar com o Senhor Lújin, Avdótia Românovna receberá essa mesma quantia, simplesmente por outra via… Mas não se aborreça, Rodion Românovitch; pense com serenidade e sangue frio.

Quando disse isto, o Senhor Svidrigáilov estava muitíssimo tranquilo e indiferente.

– Peço-lhe que acabe – disse Raskólhnikov. – Em todo caso, isto é de uma insolência imperdoável.

– Nada disso. Será o caso de que o homem só poderá fazer mal ao próximo, neste mundo, e nem uma amostra de bem, por causa de umas tantas inúteis formalidades convencionais? Isso é absurdo. Repare bem: se eu, por exemplo, morresse deixando à sua irmã essa quantia no meu testamento, ela se negaria, então, a aceitá-la?

– Podia muito bem ser que isso acontecesse.

– Não acredito. Mas, ainda que assim fosse! Simplesmente… dez mil rublos… não são para desprezar. Em todo caso, peço-lhe que transmita o que acabo de dizer-lhe a Avdótia Românovna.

– Não faço tenção disso.

– Então, Rodion Românovitch, sinto-me obrigado a ter uma entrevista pessoal com ela, e provavelmente a incomodá-la.

– E se eu me prestasse a comunicar-lhe as suas palavras, o senhor desistiria dessa entrevista pessoal?

– Verdadeiramente, não sei o que dizer-lhe. Desejava muito vê-la, ao menos uma vez.

– Não conte com isso.

– Isso custa-me. Além do mais, o senhor não me conhece. Olhe, olhe: talvez possamos conhecer-nos mais a fundo.

– O senhor pensa que havemos de chegar a conhecer-nos mais a fundo?

– E por que não? – e o senhor Svidrigáilov sorriu, levantando-se e pegando o chapéu. – Repare: eu não quis incomodá-lo e, quando vim aqui, não tinha muitas ilusões, embora, no fim de contas, a sua cara me tenha impressionado, esta manhã…

– Onde é que o senhor me viu esta manhã? – perguntou Raskólhnikov inquieto.

– Por acaso… Tenho a impressão de que o senhor tem qualquer coisa de parecido comigo… Além disso, não se preocupe, eu não sou nada incomodativo: tenho convivido com patifes, e para o príncipe Svirbiéi, meu parente afastado, um grande senhor, eu não era aborrecido, e escrevi uns versinhos dedicados à madona de Rafael no álbum da Senhora Prilúkova, e vivi sete anos com Marfa Pietrovna sem tentar escapar-me, e dormi em tempos na casa Viásiemski junto do Mercado do Feno, e é possível que suba no balão de Bug.

– Bem, dê-me licença que lhe faça uma pergunta: pensa pôr-se já a caminho?

– A caminho de quê?

– Referia-me a essa viagem… Foi o senhor quem falou nisso.

– Viagem? Ah, sim… De fato falei-lhe numa viagem… Mas isso é uma questão muito importante… Se o senhor soubesse a pergunta que me fez! – acrescentou, e, de repente, desatou num riso ruidoso e breve. – Podia ser que, em vez de viajar, eu casasse; apareceu-me uma noiva.

– Aqui?

– Sim

– Mas já teve tempo para isso?

– No entanto desejo ardentemente ver Avdótia Românovna. Suplico-lhe com toda a seriedade. Bem, até à vista! Ah, sim! Já me

esquecia! Rodion Românovitch, diga a sua irmã que Marfa Pietrovna lhe deixou no seu testamento um legado de três mil rublos. Isto é absolutamente exato. Marfa Pietrovna fez testamento uma semana antes da sua morte e na minha presença. Daqui a duas ou três semanas, Avdótia Românovna pode receber essa quantia.

– O senhor está falando a sério?

– A sério. Diga-lhe. Pronto, às suas ordens. Olhe, eu não estou longe daqui.

Quando saiu, Svidrigáilov encontrou Razumíkhin à porta.

## Capítulo II

São já cerca de oito horas; encaminham-se os dois depressa para a pensão Bakaliéiev, com o fim de chegarem lá antes de Lújin.

– Bem, mas quem era esse tipo? – perguntou Razumíkhin, assim que se viu na rua.

– Era Svidrigáilov, esse tal burguês, em cuja casa ofenderam daquela maneira que te disse a minha irmã, quando ela fazia lá serviço como preceptora. Por causa dos assédios amorosos dele é que ela teve de sair da casa, expulsa pela mulher, Marfa Pietrovna. A tal Marfa Pietrovna pediu depois perdão a Dúnia, e agora sucedeu que ela morreu de repente. Já tinham dito isso quando se referiram a ela. Não sei por que, mas inspira-me muito receio esse homem. Veio cá, imediatamente depois do enterro da mulher. É um homem muito estranho e com certeza que traz qualquer intento… Parece que sabe qualquer coisa… É preciso defender Dúnia dele. Olha, queria dizer-te isto a ti, ouves?

– Defender! Mas que pode ele fazer contra Avdótia Românovna? Bem, Rodka, agradeço-te que me fales dessa maneira… Vamos defendê-la, é certo que vamos! Onde mora ele?

– Não sei.

– Por que não lhe perguntaste? Oh, que pena! Bom, não faz mal, vou me informar!

– Tu o viste? – perguntou Raskólhnikov depois de um breve silêncio.

– Claro que sim; reparei nele; reparei bem.

– Viste-o bem? Viste-o perfeitamente? – insistiu Raskólhnikov.

– Claro que sim, lembro-me muito bem dele; podia reconhecê-lo entre mil, eu sou bom fisionomista.

Ficaram outra vez calados.

– Hum! É que… – balbuciou Raskólhnikov. – Sabes uma coisa? É que me lembrei… parece-me… que tudo isto podia ser apenas uma fantasia.

– Que dizes? Não te compreendo bem.

– Olha, vocês todos – continuou Raskólhnikov franzindo os lábios num sorriso – andam dizendo que eu estou louco; pois a mim também me parece agora que pode ser que eu estivesse louco e só tivesse visto um fantasma.

– Mas que estás tu dizendo?

– Sim, quem sabe! Podia ser que eu estivesse declaradamente louco e que tudo quanto aconteceu nestes dias fosse unicamente obra da imaginação…

– Ah, Rodka! Já te transtornaram outra vez! Que te disse ele e que queria?

Raskólhnikov não respondeu; Razumíkhin ficou um momento pensativo.

– Bem, ouve o que te vou contar – começou. – Estive em tua casa: dormias. Depois almoçamos e a seguir fui ver Porfíri. Zamiótov está sempre em casa dele. Eu queria começar, mas não me ocorria nada. Nunca posso falar de uma maneira positiva. Eles, é como se não me

compreendessem, e não podem compreender, mas não se atrapalham de maneira nenhuma. Levei Porfíri até junto da janela e comecei a falar-lhe, mas não atinava com as palavras apropriadas; ele olhava para um lado e eu para outro. Até que finalmente lhe assentei um punho no queixo e disse-lhe que havia de acertá-lo, como parente. Ele ficou olhando para mim e nada. Eu dei uma cuspidela e me vim embora, e não se passou mais nada. Uma estupidez completa. E não dei uma palavra a Zamiótov. Mas olha, pensava eu que deitara tudo a perder, quando, já na escada, me ocorreu uma ideia, que foi um autêntico bálsamo: por que é que tu e eu havemos de andar metidos nestes trabalhos? Se tu corresses algum perigo ou se intrometesse qualquer coisa do gênero, então sim, com certeza. Mas a ti, que te importa tudo isto? O que tu tens a fazer neste assunto é dar a todos o desprezo; e depois divertirmo-nos ambos à sua custa; eu, no teu lugar, gozaria troçando deles. Havia de envergonhá-los! Ao desprezo, que depois já podemos bater-lhes com força, e, por agora, o melhor é rirmos.

– Pois claro! – respondeu Raskólhnikov. “Que dirás tu quando souberes? – disse para consigo. Coisa estranha: até ali, nem uma só vez sequer esta ideia lhe passou pela cabeça. – Que dirá Razumíkhin quando souber?” Depois de ter pensado isto ficou olhando para ele de alto a baixo. A descrição que Razumíkhin acabava de fazer da sua visita a Porfíri, interessava-o muito pouco; tinham-se passado tantas coisas e continuavam a passar ainda agora!

No corredor encontrou-se cara a cara com Lújin; este apareceu às oito em ponto e pôs-se à procura do número, de maneira que entraram os três ao mesmo tempo, mas sem olharem uns para os outros e sem se cumprimentarem. Os rapazes passaram à frente, e Piotr Pietróvitch, para se distinguir deles, entreteve-se um pouco no vestíbulo, tirando o paletó. Pulkhiéria Alieksándrovna veio imediatamente ao seu encontro. Dúnia trocava saudações com o irmão.

Piotr Pietróvitch entrou e inclinou-se perante as senhoras com muita amabilidade, se bem que ainda com maior gravidade. Aliás parecia um tanto confuso e como se não tivesse ainda serenado completamente. Pulkhiéria Alieksándrovna, um pouco aturdida também, apressou-se a fazê-los sentar a todos em volta do velador em

que fervia o samovar. Dúnia e Lújin acomodaram-se um em frente do outro, nas extremidades da mesa. Razumíkhin e Raskólhnikov ficaram em frente de Pulkhiéria Alieksándrovna. Razumíkhin junto de Lújin, e Raskólhnikov junto da irmã.

Houve um silêncio momentâneo. Sem se apressar, Piotr Pietróvitch puxou do seu lencinho de batista, que exalou uma onda de perfume, e assoou-se com o ar dum homem bonachão, se bem que ofendido na sua dignidade e que está firmemente resolvido a pedir explicações. Tinha-lhe ocorrido uma ideia no vestíbulo: não tirar o paletó e ir-se embora, castigando assim severamente as duas mulheres e dar-lhes tudo a entender de uma vez. Mas não foi capaz de se decidir. Além disso era homem que não gostava de mistérios e precisava de uma explicação: se não atendiam as suas ordens, de uma maneira tão ostensiva, era porque havia qualquer coisa de permeio; por isso era preferível tirar as dúvidas o mais depressa possível; havia muito tempo para dar-lhes o castigo e tinha-o na sua mão.

– Espero que tenham feito uma boa viagem – disse, dirigindo-se oficialmente a Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Graças a Deus, Piotr Pietróvitch.

– Ainda bem. E Avdótia Românovna, não estará cansada?

– Sou nova e forte, não me canso. A mamãe é que se ressentiu com a viagem – respondeu Dúnietchka.

– Que havemos de fazer! As nossas ferrovias nacionais são tão longas… É grande a nossa “mãezinha Rússia”… como diz o povo. Eu, apesar de todo o meu desejo, não tive tempo para vir visitá-las ontem. Espero, entretanto, que não tenham tido qualquer dificuldade maior!

– Ai, não, Piotr Pietróvitch! Vimo-nos muito aflitas, muito aflitas – apressou-se a confessar Pulkhiéria Alieksándrovna com uma entonação especial – e se não fosse Deus ter-nos enviado ontem Dmítri Prokófitch, não teríamos sequer sabido como resolver o caso. Aqui tem o senhor Dmítri Prokófitch Razumíkhin – acrescentou, apresentando-o a Lújin.

– Já tive o prazer… ontem – murmurou Lújin olhando de revés para Razumíkhin; depois do que franziu o sobrolho e calou-se. De maneira geral, Piotr Pietróvitch pertencia a essa classe de indivíduos que se mostram extraordinariamente amáveis em sociedade e tem grandes pretensões, mas que, quando uma coisa não lhes interessa, perdem imediatamente todos os seus recursos e ficam mais parecidos com sacos de farinha do que com cavalheiros desenvoltos que amenizam uma reunião. Tornaram todos a ficar calados: Raskólhnikov conservava um silêncio obstinado; Avdótia Românovna não se decidia a rompê-lo extemporaneamente; Razumíkhin não tinha nada para dizer e tudo isto voltou a inquietar Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Marfa Pietrovna morreu, já sabia? – começou, acudindo ao seu recurso principal.

– Sim, já sabia. Soube-o pelos primeiros boatos, e, além disso, queria agora informá-los a todos de que Arkádi Ivânovitch Svidrigáilov se pôs a toda a pressa a caminho de Petersburgo, imediatamente depois do enterro da mulher. Pelo menos é o que se conclui de notícias exatíssimas que recebi.

– De Petersburgo? Vem para cá? – perguntou Dúnietchka, inquieta, e trocou um olhar com a mãe.

– Parece que sim e, naturalmente, escusado será dizer que, cheio de razões, dadas a precipitação da viagem e, de maneira geral, as circunstâncias precedentes.

– Meu Deus! É capaz de não deixar Dúnietchka em paz! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

– Parece-me que nem a senhora nem Avdótia Românovna tem motivo para ficar muito assustadas, uma vez que não tencionem travar com ele qualquer espécie de relações. Pelo que me respeita, ando-lhe na pista e estou vendo se consigo indagar onde é que ele está hospedado…

– Ah, Piotr Pietróvitch, não é capaz de calcular até que ponto me deixou assustada! – continuou Pulkhiéria Alieksándrovna. – Eu, a esse homem, só o vi umas duas vezes, e pareceu-me horrível, horrível!

Estou convencida de que é ele o culpado da morte de Marfa Pietrovna.

– A respeito desse assunto, não se pode chegar a nenhuma conclusão. Tenho informações exatas. Não discuto se ele não teria podido contribuir para acelerar o curso dos acontecimentos, por assim dizer, com a influência moral da ofensa; mas, pelo que respeita à sua conduta, e, de maneira geral, às características morais da criatura, sou, em tudo, da sua opinião… Não sei se, atualmente, ele será rico, nem sei ao certo o que lhe teria deixado Marfa Pietrovna; disto informaram-me muito à pressa; mas uma vez aqui, em Petersburgo, não há dúvida de que, se dispuser de dinheiro, tornará imediatamente a fazer das suas. É o homem mais pervertido e vicioso de todos os indivíduos dessa laia. Tenho grandes fundamentos para supor que Marfa Pietrovna, que teve a infelicidade de apaixonar-se por ele e de pagar-lhe as suas dívidas, há sete anos, lhe prestou ainda outro grande serviço noutro ponto: graças unicamente aos seus esforços e sacrifícios ficou interrompido logo no início um processo criminal de caráter bestial e, por assim dizer, de uma crueldade fantástica, que poderia muito bem, mesmo muito bem, levá-lo direitinho à Sibéria. Se queriam conhecê-lo, aí tem quem é esse homem.

– Ah, meu Deus! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

Raskólhnikov escutava atento.

– É verdade que tem informações exatas acerca disso? – perguntou Dúnia, séria e com ênfase.

– Eu só digo aquilo que me contou em segredo a falecida Marfa Pietrovna. É preciso reparar que, no ponto de vista jurídico, esse assunto é muito obscuro. Vivia aqui e continua ainda vivendo, segundo parece, uma tal Resslitch, estrangeira e, além disso, usurária em pequena escala, que também tratava de outros assuntos. O Senhor Svidrigáilov andava há algum tempo metido em relações muito íntimas e secretas com essa tal Resslitch. Morava com ela uma parenta afastada, uma sobrinha, segundo parece, surda-muda; uma mocinha dos seus quinze anos, e talvez não tivesse mais de catorze, à qual a tal Resslitch tinha um ódio infinito, jogando-lhe na cara até a mais pequena côdea de pão que ela comia; era desumana. Um dia

encontraram-na enforcada na água-furtada. Acharam que se tratava de um suicídio. Depois das diligências próprias do caso, deu-se o assunto por terminado; mas no entanto, depois, recebeu-se uma denúncia, segundo a qual a mocinha fora objeto de… de um insulto cruel por parte de Svidrigáilov. De fato, tudo isto era um tanto turvo; a denúncia vinha de outra alemã, uma mulher de má fama, que não merecia a mínima consideração; finalmente, na realidade, também não houve denúncia; graças aos cuidados e ao dinheiro de Marfa Pietrovna, ficou tudo reduzido a um boato. Mas, no entanto, o tal boato era bastante significativo. A senhora, Avdótia Românovna, com certeza que ouviu falar em casa deles dessa história a respeito do tio Filip, que morreu em consequência de maus tratos haverá seis anos, ainda no tempo da servidão.

– Pelo contrário, ouvi dizer que o tal Filip se enforcou.

– De fato, assim foi, simplesmente foi obrigado ou, para melhor dizer, foi compelido a matar-se por causa do constante sistema de perseguição e vexames, posto em prática pelo Senhor Svidrigáilov.

– Não sabia disso – respondeu Dúnia secamente. – Só tinha ouvido contar uma estranha história a respeito do tal Filip, que ele era um hipocondríaco, uma espécie de filosofastro, do qual as pessoas diziam que tinha lido demasiado e que se enforcara mais por causa das troças do que das pancadas do Senhor Svidrigáilov. Mas este, durante todo o tempo em que eu estive em casa dele, tratava toda a gente muito bem, e todos lhe tinham até amizade, embora, de fato, o culpassem da morte de Filip.

– Vejo que a senhora, Avdótia Românovna, se sente desde já inclinada a justificá-lo – observou Lújin franzindo a boca num sorriso ambíguo. – De fato, para as senhoras ele é um homem esperto e sedutor, e disso poderia dar um lamentável testemunho Marfa Pietrovna, que acaba de morrer de uma maneira tão estranha. Eu só queria fazer-lhes um favor, à senhora e a sua mãe, com o meu conselho, por causa das suas novas e sem dúvida eminentes proezas. Pelo que me respeita, estou absolutamente convencido de que esse homem há de vir parar outra vez inevitavelmente à prisão, devido às suas tramoias. Marfa Pietrovna nunca teve a menor intenção de

deixar-lhe qualquer coisa dos seus rendimentos, por causa dos filhos; e, supondo que lhe tenha deixado qualquer coisa, devia ter sido o mais dispensável, pouca coisa, algo de efêmero, que apenas chegará para um ano a um homem dos hábitos dele.

– Piotr Pietróvitch, peço-lhe – disse Dúnia – que deixe o tema do Senhor Svidrigáilov. Faz-me pena.

– Há pouco, ele veio visitar-me – disse Raskólhnikov de repente, interrompendo o silêncio pela primeira vez.

Ouviram-se exclamações em todos os lados; todos se voltaram para ele. Até Piotr Pietróvitch deu sinais de comoção.

– Haverá hora e meia, quando eu estava dormindo, entrou no meu quarto, acordou-me e apresentou-se – prosseguiu Raskólhnikov. – Mostrava-se bastante despreocupado e alegre e está muito certo de que havemos de ser amigos íntimos. Entre outras coisas, pede e procura ter um encontro contigo, Dúnia, e pediu-me que eu servisse de contato para essa entrevista. Deseja fazer-te uma proposta, que já me expôs a mim. Além disso comunicou-me terminantemente que Marfa Pietrovna, uma semana antes da sua morte, teve tempo de deixar-te a ti, Dúnia, no seu testamento, três mil rublos, quantia esta que poderás receber dentro de pouquíssimo tempo.

– Louvado seja Deus! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna e persignou-se. – Reza por ela, Dúnia, reza!

– De fato, isso é verdade – deixou escapar Lújin.

– Bem, bem. E que mais? – disse Dúnietchka apressadamente.

– Depois disse-me que não é rico e que deixa todos os seus bens aos filhos, os quais se encontram atualmente com a tia. Depois disse que está instalado perto de mim, simplesmente, onde… não sei, não me perguntem…

– Mas que é isso, que é isso que ele quer propor a Dúnietchka? – perguntou Pulkhiéria Alieksándrovna, assustada. – Ele te disse?

– Sim, disse-me.

– Então que é?

– Depois te direi. – Raskólhnikov calou-se e aplicou-se a beber o seu chá.

Piotr Pietróvitch puxou do relógio e consultou-o.

– Não tenho outro remédio senão ir tratar de um assunto; por isso não me demoro – disse com certo ar ofendido e levantou do seu lugar.

– Deixe-se ficar, Piotr Pietróvitch – disse Dúnia. – Olhe, nós tencionávamos passar a tarde em sua companhia. Além disso, foi o senhor mesmo quem nos disse que desejava ter uma explicação com *mámienhka* acerca não sei de quê.

– De fato assim é, Avdótia Românovna – declarou Piotr Pietróvitch com ênfase, tornando a sentar, mas sem largar o chapéu da mão. – Efetivamente, eu queria ter uma explicação, tanto com a senhora como com a sua respeitabilíssima mãe, e acerca de pontos importantíssimos. Mas, visto que o seu irmão não pode ser mais explícito na minha presença a respeito das propostas do Senhor Svidrigáilov, também eu não quero nem posso ser mais explícito… diante de outras pessoas, a respeito de certos assuntos importantíssimos. Além do que ninguém teve em conta esse meu pedido, tão importante e categórico…

Lújin fez um gesto de desconsolo e ficou num silêncio solene.

– O seu pedido, acerca de que o meu irmão não estivesse presente à nossa entrevista, não foi atendido unicamente devido à minha insistência – disse Dúnia. – O senhor, quando me escreveu, dizia-me que o meu irmão o ofendera; eu penso que é preciso aclarar imediatamente esse ponto e que os dois devem fazer as pazes. E se de fato Rodka o ofendeu, então “tem a obrigação de pedir-lhe e vai lhe pedir perdão”.

Piotr Pietróvitch recuperou logo o seu ar digno.

– Avdótia Românovna, há ofensas que, por maior que seja a nossa boa vontade, não é possível esquecer. Há em tudo um limite que é

perigoso transpor, porque, uma vez transposto, já não há processo de voltar-se atrás.

– Eu não estava falando-lhe precisamente disso, Piotr Pietróvitch – interrompeu-o Dúnia com certa impaciência. – O senhor há de compreender perfeitamente que todo o nosso futuro depende agora de se aclarar e de se arranjar tudo o mais depressa possível ou não. Eu, desde já lhe digo francamente: não posso ver as coisas de outra maneira e se o senhor me estima por pouco que seja, ainda que lhe custe, toda essa história deve ter seu fim hoje. Repito-lhe que, se o meu irmão é culpado, lhe pedirá perdão.

– Admira-me que ponha a questão nesses termos, Avdótia Românovna – Lújin estava cada vez mais excitado. – Estimando-a e, por assim dizer, adorando-a, eu posso muito bem, ao mesmo tempo, não sentir o menor apreço por qualquer dos seus parentes. Aspirando à felicidade da sua mão, eu posso, ao mesmo tempo, não suportar obrigações incompatíveis…

– Ah, deixe-se de todos esses melindres, Piotr Pietróvitch! – disse-lhe Dúnia sinceramente – e seja o homem inteligente e digno por quem sempre o tive e quero continuar a ter. Eu lhe fiz uma grande promessa: sou sua noiva; tenha confiança em mim neste assunto e creia que hei de esforçar-me por julgar imparcialmente. Que eu tivesse de assumir o papel de árbitro, foi uma surpresa, tanto para o meu irmão como para o senhor. Quando eu hoje o convidei, depois da sua carta, para que assistisse sem falta ao nosso encontro, não lhe disse nada das minhas intenções. Veja se compreende que, se não se reconciliarem, então vou me ver obrigada a escolher entre os dois: ou o senhor ou ele. Foi assim que foi posta a questão pela sua parte e pela dele. Eu não quero nem devo enganar-me na escolha. Por sua causa tenho de cortar relações com o meu irmão; por causa do meu irmão tenho de romper com o senhor. Eu quero e posso saber agora a que ater-me: ele é ou não meu irmão? Quanto ao senhor, gosta de mim, aprecia-me, é meu marido?

– Avdótia Românovna, – proferiu Lújin em tom de ressentimento – as suas palavras são para mim muito dignas de meditação; e digo mais: são até ofensivas, dada a posição que tenho a honra de ocupar

nas minhas relações com a senhora. E isto para não dizer nada sobre essa insultante ideia de colocar-me num mesmo plano com… com um rapaz despreocupado, pois as suas palavras deixam transparecer a possibilidade de uma ruptura da promessa que me fez. A senhora disse: “Ou o senhor ou ele”, com o que está demonstrando já o pouco que eu significo para si… Eu não posso tolerar isso, dadas as relações… e os compromissos que existem entre nós.

– O quê? – e Dúnia corou. – Com que então eu ponho o seu interesse no mesmo plano que tudo quanto até agora tem sido para mim de mais valor nesta vida, que até agora tem constituído a minha vida inteira, e o senhor ofende-me assim, de um momento para o outro, dizendo que lhe tenho pouca amizade!

Raskólhnikov sorria sarcasticamente, em silêncio; Razumíkhin encolhia-se no seu lugar; mas Piotr Pietróvitch não admitia réplicas; pelo contrário, tornava-se mais arrogante e irritado a cada palavra, como se se sentisse muito à vontade.

– O amor ao futuro companheiro de toda a vida deve antepor-se ao amor fraterno – disse sentenciosamente – e, seja como fôr, eu não posso colocar-me no mesmo plano… Embora eu tivesse declarado anteriormente que, na presença de seu irmão, não podia explicar tudo quanto é preciso e para o que vim, no entanto tenho a intenção, agora, de dirigir-me a sua respeitabilíssima mãe, em busca de explicação para um ponto muitíssimo importante e que, para mim, considero ofensivo. Sua filha – disse, encarando Pulkhiéria Alieksándrovna – ontem, na presença do senhor Rassúdkin…[36] (é assim? desculpe, esqueci-me do seu nome) – e fez uma amável referência a Razumíkhin – ofendeu-me ao censurar uma ideia minha, que eu lhe comunicara à senhora, havia tempos, numa conversa particular, depois de termos tomado café, ou seja, disse que contrair matrimônio com uma menina pobre que já tivesse conhecido as amarguras da vida, era, a meu ver, mais conveniente para as relações conjugais do que não se casar com uma menina que as não tivesse conhecido, por ser mais útil no que respeita à moral. O seu filho exagerou intencionalmente o sentido das minhas palavras até ao absurdo, ofendendo-me ao atribuir-me desígnios maldosos, e, em minha opinião, apoiando-se na sua aprovação pessoal. Ficaria feliz, Pulkhiéria Alieksándrovna, se pudesse convencer-me do

contrário, ficaria muitíssimo tranquilo com isso. Diga-me a senhora os termos exatos em que reproduzia as minhas palavras na sua carta a Rodion Românovitch!

– Não me lembro – respondeu, aturdida, Pulkhiéria Alieksándrovna. – Eu dizia isso à minha maneira. Não sei como é que Rodka o repetiu… Talvez tenha exagerado qualquer coisa.

– A não ser por sugestão sua, não podia ter exagerado nada.

– Piotr Pietróvitch – protestou com dignidade Pulkhiéria Alieksándrovna – a prova de que nem eu nem Dúnia supusemos mal nas suas palavras é nós estarmos aqui.

– Muito bem, *mámienhka*! – disse Dúnia, encorajando-a.

– De maneira que, assim, sou eu o culpado! – disse Lújin ressentido.

– Escute, Piotr Pietróvitch: o senhor joga todas as culpas sobre Rodka, e o senhor mesmo ainda não há muito nos dizia coisas injustas acerca dele na sua carta – acrescentou Pulkhiéria Alieksándrovna, ganhando coragem.

– Não me recordo do que diria nela de injusto para ele.

– Pois dizia – declarou bruscamente Raskólhnikov, sem se dirigir a Lújin – que eu, ontem, dera uma quantia, não à viúva dum funcionário atropelado, como de fato aconteceu, mas à filha dela (à qual até ontem nunca vira na minha vida). E o senhor dizia isso com o objetivo de indispor-me com a minha família, e ainda com o mesmo fim, acrescentava algumas declarações grosseiras acerca da reputação dessa moça, à qual não conhece. Tudo isto é calúnia e maldade.

– Desculpe-me, senhor – respondeu Lújin tremendo de cólera – eu, na minha carta, demorava-me acerca das suas qualidades e defeitos unicamente para responder às perguntas que as suas próprias mãe e irmã me fizeram na sua; falava da maneira como o encontrara e da impressão que me fizera. Pelo que respeita ao que exprimia na minha carta, demonstre-me o senhor que há nela uma só linha injusta,

ou seja, não ser verdade que o senhor deu ali dinheiro, e que nessa família, por muito desgraçada que seja, não há uma pessoa de conduta indigna.

– Em minha opinião, o senhor, com toda a sua dignidade, não vale o dedo mínimo dessa infeliz moça à qual atira pedras.

– Ora vejamos: será o caso de que tenha resolvido introduzi-la no convívio de sua mãe e da sua irmã?

– Se lhe interessa saber, digo-lhe que já fiz isso. Já a fiz sentar hoje junto de *mámienhka* e de Dúnia.

– Rodka! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

Dúnietchka corou; Razumíkhin franziu o sobrolho. Lújin sorriu, sarcástico e altivo.

– Faça o favor de me dizer, Avdótia Românovna – disse – se é possível algum acordo! Espero que, agora, este assunto ficará esclarecido e concluído de uma vez para sempre. Vou retirar-me para não estorvar o andamento ulterior de uma reunião e comunicação de segredos familiares – levantou e pegou o chapéu. – Mas antes, permito-me fazer notar que, daqui por diante, espero poder considerar-me a salvo de semelhantes encontros e, por assim dizer, compromissos. É especialmente à senhora, respeitabilíssima Pulkhiéria Alieksándrovna, que dirijo este pedido, tanto mais que era à senhora e a mais ninguém que era dirigida a minha carta.

Pulkhiéria Alieksándrovna mostrou-se um pouco ressentida.

– Mas o senhor quer ter-nos agora nas suas mãos completamente, Piotr Pietróvitch? Dúnia expôs-lhe o motivo por que não atendeu o seu desejo: procedeu nisso com boa intenção. Mas o senhor escrevia-me como se me desse ordens. Considerará o senhor como ordens cada um dos seus desejos? Pois então digo-lhe que, pelo contrário, o senhor devia mostrar-se agora para conosco especialmente delicado e benévolo, uma vez que nós deixamos tudo e por sua causa viemos para aqui, e assim estamos quase à sua mercê.

– Isso não é completamente exato, Pulkhiéria Alieksándrovna, e, sobretudo neste momento em que acabam de anunciar-lhe que Marfa Pietrovna lhes deixa três mil rublos no seu testamento, os quais, segundo parece, não podiam ter vindo mais a propósito, a avaliar pelo novo tom que empregam para me falar – acrescentou Lújin sarcástico.

– A julgar por essa observação, não temos outro remédio senão supor, de fato, que o senhor contava com o nosso desamparo – observou Dúnia irritada.

– Mas pelo menos, agora, não posso contar com isso e, sobretudo, não desejo ser um estorvo para a comunicação das propostas secretas de Arkádi Ivânovitch Svidrigáilov, a respeito das quais deu plenos poderes a seu irmão, e que, segundo vejo, têm para a senhora uma importância capital e talvez muito agradável.

– Ah, meu Deus! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

Razumíkhin não podia estar quieto na sua cadeira.

– Não te sentes agora envergonhada, irmã? – perguntou Raskólhnikov.

– Sinto sim, Rodka – disse Dúnia. – Piotr Pietróvitch, saia daqui! – intimou, pálida de cólera.

Pelo visto, Piotr Pietróvitch não esperava semelhante desenlace. Confiava demasiado em si próprio, no seu poder e no desamparo das suas vítimas. E ainda não queria acreditar. Pôs-se lívido e contraiu os lábios.

– Avdótia Românovna, desde o momento em que eu transponha esta porta com uma despedida destas… fique sabendo… que será para nunca mais voltar! Pense bem! A minha palavra é firme.

– Que descaramento! – exclamou Dúnia levantando rapidamente do seu lugar. – Se sou eu que desejo que nunca mais volte na sua vida!

– O quê? O quê? – exclamou Lújin, fazendo resistência até o último momento, em acreditar neste desfecho e, além disso, completamente fora de si. – Mas como é possível? Fique sabendo,

Avdótia Românovna, que eu poderia protestar!

– Que direito tem o senhor para falar-lhe dessa maneira? – exclamou com veemência Pulkhiéria Aleksándrovna. – Contra que é que o senhor vai protestar? Qual é o seu direito? Aquele de termos dado a um homem, como o senhor, a minha Dúnia? Vamos, saia e deixe-nos em paz! Nós é que somos as culpadas por nos termos metido numa história como esta, e eu sou a principal culpada!

– No entanto, Pulkhiéria Alieksándrovna – disse Lújin furioso – a senhora me dera a sua palavra e agora retrata-se… e, finalmente… finalmente, eu me metera, por assim dizer, em despesas…

Esta última alegação ajustava-se tão bem ao caráter de Lújin, que Raskólhnikov, pálido de cólera e incapaz de conter-se, não pôde mais e de repente… largou uma gargalhada. Mas Pulkhiéria Alieksándrovna parecia desvairada.

– Em despesas? Mas que despesas foram essas? Refere-se talvez ao nosso baú? Mas se o condutor o trouxe gratuitamente… Meu Deus, ele ficou comprometido! Reconsidere, Piotr Pietróvitch, e verá que não fomos nós, mas o senhor, quem nos amarrou de pés e mãos!

– Basta, *mámienhka*… por favor, basta! – pediu Avdótia Românovna. – Piotr Pietróvitch, faça favor, vá-se embora!

– Irei, sim: mas, uma última palavra! – disse, perdera já quase completamente o domínio de si próprio. – A sua mãe, pelo visto esquece-se completamente de que eu decidira tomá-la por esposa depois do boato que se espalhara por toda a comarca, acerca da sua reputação. Ao desafiar a opinião pública por sua causa, e ao reabilitar a sua boa fama, eu podia, sem dúvida alguma, contar com uma indenização e até exigir a sua gratidão… Eu tinha os olhos fechados! Mas agora vejo bem que talvez tivesse cometido um erro enorme ao desafiar a voz do povo…

– Mas o senhor está interessado em que lhe rachem a cabeça ao meio? – exclamou Razumíkhin, saltando do seu lugar e dispondo-se já a ir para cima dele.

– O senhor é um homem vil e cruel! – disse Dúnia.

– Nem uma palavra, nem um gesto! – gritou Raskólhnikov, contendo Razumíkhin; depois, aproximando-se de Lújin, que ia já quase à porta. – Faça o favor de sair de uma vez! – intimou-o com uma voz surda, mas audível – e nem uma palavra mais; senão…

Piotr Pietróvitch ficou olhando-o durante uns segundos com a cara lívida e contraída de cólera: depois, deu meia volta e saiu, e não há dúvida de que seria difícil encontrar quem levasse no seu coração tanto ódio como o daquele homem contra Raskólhnikov. Era a ele e só a ele que lançava a culpa de tudo. E atentemos em que, quando descia a escada, continuava imaginando que as coisas talvez se pudessem ainda arranjar, no que respeitava às duas mulheres, que tudo era ainda muito reparável.

## Capítulo III

O mais importante era que até o último momento não foi capaz de suspeitar de tal desenlace. Fez-se forte até o último extremo, sem supor sequer a possibilidade que duas pobres e desamparadas mulheres pudessem sacudir o seu domínio. Para essa convicção contribuíram muito a sua vaidade e essa confiança em si próprio que devia antes chamar-se amor-próprio. Piotr Pietróvitch, saído do nada, tinha um amor doentio por si mesmo, tinha em grande estima a sua inteligência e as suas aptidões, e até às vezes as solas dos seus sapatos, apaixonava-se pela sua cara ao espelho. Mas acima de tudo neste mundo amava e estimava o seu dinheiro, acumulado à custa de trabalho e de todos os meios: punha esse dinheiro ao nível de tudo quanto considerava superior.

Ao recordar-se agora de Dúnia, com amargura, e que decidira casar-se com ela apesar dos boatos prejudiciais para a sua reputação, Piotr Pietróvitch falava com absoluta sinceridade e sentia até uma profunda indignação perante tão negra ingratidão. E, no entanto, quando se tinha posto em relações com Dúnia, estava absolutamente convencido da estupidez daquelas calúnias, publicamente desmentidas pela própria Marfa Pietrovna, e que havia muito tempo já não se

ouviam na povoação, onde todos estimavam muito Dúnia. Mas, por nada deste mundo teria reconhecido agora que tudo isso já ele o sabia então. Pelo contrário: punha muito alto a sua resolução de levantar Dúnia à sua altura e considerava isso uma façanha. Havia um instante, ao falar disso a Dúnia, punha a claro um pensamento secreto que já há mais tempo o assediava, no qual já por mais de uma vez se tinha comprazido e não podia compreender como é que as outras pessoas não podiam divertir-se com essa sua proeza. Quando, dessa vez, visitou Raskólhnikov, entrara em casa dele com o sentimento do protetor que se dispõe a colher os frutos do seu bom procedimento e a escutar os mais lisonjeiros cumprimentos. E agora também, sem dúvida, ao descer a escada, considerava-se altamente ofendido e incompreendido.

Dúnia era-lhe imprescindível; renunciar a ela, não podia, nem sequer podia pensar nisso. Havia já algum tempo, alguns anos, que vinha pensando com delícia em casar, enquanto ia acumulando dinheiro e esperava. Sonhava com embriaguez, no mais profundo do seu íntimo, com uma mocinha decente e pobre (tinha fatalmente de ser pobre), muito nova, muito graciosa, boa e instruída, muito pacata, que tivesse passado grandes dificuldades na vida e se encontrasse completamente desamparada perante ele, de maneira que toda a sua vida houvesse de considerá-lo… como o seu salvador e se mostrasse submissa, dócil e cheia de admiração para com ele e só para com ele. Quantas cenas, quantos doces episódios representava na sua imaginação acerca deste tema sedutor e gracioso, quando descansava das suas ocupações! E eis que o sonho de tantos anos se tinha já quase realizado; a beleza e a educação de Avdótia Românovna impressionaram-no; a sua situação de desamparo ainda mais o interessou. Era-lhe oferecido até mais do que aquilo que sonhara: aparecia-lhe uma moça digna, enérgica, virtuosa, com mais experiência e cultura do que ele próprio (assim o pensava ele), e era uma criatura assim que haveria de ficar-lhe agradecida durante toda a sua vida em atenção ao seu gesto heroico, e de humilhar-se docilmente perante ele, podendo ele dominá-la ilimitada e plenamente… Como se fosse de propósito, algum tempo antes disso, depois de longos sonhos e muitas expectativas, decidira, por fim, mudar definitivamente de rumo e entrar num círculo de atividades

mais amplo e, ao mesmo tempo, pouco a pouco, ir abrindo caminho numa sociedade mais elevada, com a qual havia já algum tempo sonhava com prazer…

Enfim, decidiu tentar fortuna em Petersburgo. Sabia que por meio das mulheres pode conseguir-se muito. O prestígio que irradiava uma mulher honrada e culta podia aplanar-lhe prodigiosamente o caminho, granjear-lhe simpatia, criar-lhe uma auréola… e eis que, agora, tudo desabava! Aquela ruptura imprevista, brutal, produzia-lhe o mesmo efeito que um raio. Aquilo era uma farsa absurda, uma estupidez! Ele não tinha feito mais nada senão mostrar um pouquinho de impertinência, mal tivera tempo de exprimir-se. Não fizera mais do que gracejar; distraiu-se um momento, e como acabara tudo tão seriamente! E, além disso, ele amava Dúnia à sua maneira, via-a já dominada nos seus sonhos… e, de repente… Não! Amanhã mesmo, amanhã mesmo é preciso pôr outra vez o problema, procurar um remédio, emendar e, o mais importante… aniquilar esse rapaz insolente que era o culpado de tudo.

Lembrava-se também involuntariamente de Razumíkhin, com uma sensação dolorosa… se bem que, no entanto, não tardasse em tranquilizar-se a este respeito: “Era o que faltava, pô-lo em pé de comparação consigo!”. Mas quem no seu íntimo temia seriamente era Svidrigáilov. Em resumo, esperavam-no muitas dificuldades…

……

– Não! Eu sou a mais culpada! – dizia Dúnietchka abraçando-se à mãe e beijando-a. – Deixei-me seduzir pelo seu dinheiro; mas juro-te, meu irmão… Não podia imaginar que fosse um homem tão indigno! Se tivesse compreendido isso antes, por nada deste mundo lhe teria dado atenção… Não me culpes, irmão!

– Deus me livre disso! Deus me livre! – murmurou Pulkhiéria Alieksándrovna, um pouco inconscientemente, como se ainda não tivesse compreendido bem o que acontecera.

Todos ficaram mais alegres e, passados cinco minutos, até já riam. Somente Dúnietchka empalidecia de quando em quando e franzia o

sobrolho, lembrando-se do que acontecera. E mal podia supor Pulkhiéria Alieksándrovna que ela própria havia de alegrar-se também; ainda nessa manhã a ruptura com Lújin se lhe afigurava como uma terrível desgraça. Mas Razumíkhin estava contentíssimo. Não se atrevia a manifestar o seu alvoroço; mas todo ele tremia como se estivesse com febre, como se lhe tivessem tirado uma tonelada de cima do coração. Agora já tinha direito a consagrar-lhes toda a vida, a servi-las… tudo o mais já não lhe importava! Mas, no fundo, repelia ainda com mais temor pensamentos ulteriores e receava que eles se impusessem. Raskólhnikov era o único que continuava no mesmo lugar, quase mal-humorado e até ensimesmado. Ele, que era quem mais insistira para que Lújin fosse afastado, parecia, de todos, o que menos se interessava pelo sucedido. Sem querer, Dúnia pensava que ele continuava zangado com ela e Pulkhiéria Alieksándrovna olhava-o timidamente, de soslaio.

– Que te disse Svidrigáilov? – perguntou-lhe Dúnia aproximando-se.

– Ah, sim, sim! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

Raskólhnikov levantou a cabeça.

– Que tem o maior interesse em te oferecer dez mil rublos e exprime ao mesmo tempo o seu desejo de ter uma entrevista contigo na minha presença.

– Uma entrevista! Mas para quê? – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna. – E como se atreve ele a oferecer-nos dinheiro?

Depois, Raskólhnikov contou-lhes (muito secamente) a sua conversa com Svidrigáilov, passando por alto no caso das aparições de Marfa Pietrovna, para não se demorar muito, e sentindo repugnância em repetir no seu diálogo o que não fosse absolutamente indispensável.

– E tu, que lhe respondeste? – perguntou Dúnia.

– Primeiro disse-lhe que não te diria nada, a ti. Ao que ele me respondeu que, nesse caso, procuraria por todos os meios ter um

encontro contigo. Que está convencido de que a paixão que tu lhe inspiraste, noutros tempos, foi uma tolice, e que, presentemente, não sente nada por ti. Não quer que te cases com Lújin… De maneira geral, exprimia-se em termos vagos…

– Que ideia tens tu acerca desse homem, Rodka? Como o achas tu?

– Confesso que não o compreendo bem. Oferece dez mil rublos e diz que não é rico. Diz que tem a intenção de ir não sei para onde e, passados dez minutos, já se esquecia do que dissera. De repente, começa também a dizer que se quer casar e que já tem noiva… Não há dúvida que tem qualquer objetivo e, com certeza… mau. Mas, nesse caso, também é estranho que se conduza tão estupidamente, se abriga contra ti más intenções. Eu recusei decididamente esse dinheiro em teu nome. De maneira geral, pareceu-me estranho e… até com certos indícios de alienação mental. Mas pode ser que eu esteja enganado: talvez se trate apenas de uma artimanha sua. Parece que a morte de Marfa Pietrovna o tocou…

– Que o Senhor tenha a sua alma em descanso! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna. – Enquanto eu for viva, hei de pedir a Deus por ela! Que seria agora de nós sem esses três mil rublos? Meu Deus, vêm mesmo caídos do Céu! Ah, Rodka! Esta manhã tínhamos ao todo apenas três rublos de prata e eu e Dúnia já tínhamos pensado empenhar o relógio para não termos de pedir nada a Lújin, já que ele, por si, não compreendia a nossa situação!

Dúnia parecia ter ficado muito impressionada com o oferecimento de Svidrigáilov. Estava pensativa.

– Anda tramando alguma coisa terrível! – declarou, quase num fio de voz, para si mesma, quase tremendo.

Raskólhnikov reparou naquele medo exagerado.

– Naturalmente terei ainda oportunidade de vê-lo – disse-lhe Dúnia.

– Temos de nos por no seu encalço! Vou fazer isso! – exclamou

Razumíkhin. – Não o perderei de vista! Rodka não se oporá a isso. Ainda há pouco me dizia: “Vela pela minha irmã!”. A senhora também consentirá, não é verdade, Avdótia Românovna?

Dúnia sorriu e estendeu-lhe a mão; mas a preocupação continuava visível no seu rosto. Pulkhiéria Alieksándrovna olhava para ela com timidez; aliás, aqueles três mil rublos pareciam tê-la tranquilizado.

Durante um quarto de hora mantiveram todos um diálogo animadíssimo. Até Raskólhnikov, se bem que não tomasse parte na conversa, seguiu-a com interesse durante algum tempo. Razumíkhin esbanjava eloquência.

– Mas por que hão de ir-se embora? – dizia com exaltação, na sua veemência oratória. – Que vão fazer nessa aldeola? O principal é estarmos todos aqui reunidos e precisarmos todos uns dos outros… e até que ponto precisamos uns dos outros… não sei se me faço entender. Bom, ainda que seja só por algum tempo… A mim podem considerar-me como vosso companheiro, como vosso amigo, e tenho a certeza de que vamos fazer uma boa sociedade. Escutem-me, vou explicar-vos tudo pormenorizadamente… todos os meus projetos. Esta manhã, quando ainda não se passara nada disso, ocorreu-me uma ideia… Aqui têm do que se trata: eu tenho um tio (já o apresentei a vós, é um velhinho muito bondoso e respeitável) e este meu tio tem um capital de mil rublos e, além disso, vive de uma pensão; de maneira que não precisa de dinheiro. Há dois anos que me vem incitando a aceitar esses mil rublos e que eu lhe os pague depois a seis por cento. Eu estou vendo o jogo: o que ele quer é, muito simplesmente, ajudar-me; o ano passado não precisei deles; mas este ano só estava à espera que ele viesse para pedi-los. De maneira que, se vós todos acrescentardes depois outros mil rublos dos vossos três mil, já teríamos o bastante para começar e poderíamos associar-nos. Que poderíamos nós fazer?

Nesta altura Razumíkhin começou a apresentar um projeto e falou durante muito tempo e desenvolvidamente dos nossos livreiros e editores, dos quais poucos ou nenhuns conhecem o seu ofício e, além disso, costumam ser maus editores, ao passo que o negócio editorial, bem conduzido, pode, às vezes, dar um lucro considerável. Era com o

comércio editorial que Razumíkhin sonhava, havia já dois anos que trabalhava para outros e conhecia muito bem três línguas europeias, apesar de seis dias antes ter dito a Raskólhnikov que estava fraco em alemão, com o fim de convencê-lo a aceitar metade do seu trabalho de tradução e para que ganhasse assim três rublos; nessa ocasião mentia e Raskólhnikov bem o sabia.

– Sim, por que, por que havíamos de perder a ocasião, se temos afinal um dos principais elementos: dinheiro próprio? – dizia Razumíkhin entusiasmado. – É certo que é preciso trabalhar duramente; mas trabalharemos, a senhora, Avdótia Românovna, eu, Rodka… Há edições que dão agora um lucro formidável. Mas a base principal da edição assenta em sabermos o que é preciso traduzir. Traduziremos e editaremos, e estudaremos ao mesmo tempo. Agora posso ser útil, porque já tenho experiência. Reparem que há já dois anos que convivo com editores e conheço bem o negócio; não é nada do outro mundo, acreditem. E por que, por que é que não havíamos de experimentar? Eu conheço e tenho em meu poder duas ou três obras, que, só pela ideia de traduzi-las e editá-las podia pedir cem rublos por exemplar, e uma delas nem por quinhentos a daria. E que pensam? Se eu o propusesse a algum deles, apesar disso diriam que não, tal é a maneira como são imbecis. E pelo que diz respeito ao trabalho de impressão, ao papel, à venda, isso fica a meu cargo. Conheço todos os meandros. Começaremos pouco a pouco, iremos alargando depois o negócio; pelo menos ganharemos a vida e, em qualquer dos casos, não perderemos.

Os olhos de Dúnia brilhavam.

– Tudo isso que diz me agrada muito, Dmítri Prokófitch – disse.

– Eu, repare, é claro que não percebo nada – concordou Pulkhiéria Alieksándrovna. – Mas acho isso tudo muito bem; no entanto, Deus é quem sabe. É uma coisa nova, desconhecida. Com certeza que temos de ficar aqui, ainda que seja só por algum tempo…

Lançou um olhar a Rodion.

– Que pensas tu, irmão? – disse Dúnia.

– Penso que ele teve uma excelente ideia – respondeu. – Com uma casa editorial em ponto grande, é claro que não pode sonhar; mas cinco ou seis livros, de fato, podem editar-se com indubitável êxito. Eu também conheço uma obra que havia de ter um êxito infalível. Pelo que respeita à sua capacidade para dirigir o negócio, não há a menor dúvida, conhece o assunto… Aliás, depois teremos oportunidade de continuar falando disto.

– Viva! – gritou Razumíkhin. – Agora esperem; há aqui uma parte de casa, neste mesmo prédio, dos mesmos senhorios. É independente, à parte, não comunica com estes e alugam-na mobilada, por um preço módico; tem três divisões. Podem instalar-se aí, logo. Eu vou amanhã empenhar-lhes o relógio, trago-lhes o dinheiro e tudo se há de arranjar. O principal é poderem viver os três juntos, contando com Rodka… Mas, Rodka, onde é que vais?

– Mas que é isso, Rodka? Já te vais embora? – perguntou também Pulkhiéria Alieksándrovna, inquieta.

– Logo nesta altura! – exclamou Razumíkhin.

Dúnia olhou para o irmão com um espanto receoso: estava com o gorro nas mãos, pronto a partir.

– Parece que estão para ir ao meu enterro ou que estão despedindo-se de mim para sempre – disse de uma maneira um pouco estranha.

Pareceu sorrir; mas aquilo não era um sorriso.

– E, afinal, quem sabe se não será a última vez que nos vemos! – acrescentou num tom desolado.

Pensara isto para consigo, mas escapara-lhe em voz alta.

– Mas que tens tu? – exclamou a mãe.

– Onde vais, Rodka? – perguntou Dúnia de um modo singular.

– É que não tenho outro remédio – respondeu ele com um ar vago, como se hesitasse a respeito daquilo que desejava dizer. Mas no

seu pálido rosto notava-se uma resolução decidida.

– Eu queria dizer, quando vim aqui… Eu queria dizer-lhe, *mámienhka*… e a ti também, Dúnia. que será melhor não nos vermos durante algum tempo. Não me sinto bem, não estou tranquilo… Eu próprio virei depois, eu próprio virei quando… for possível. Lembrarei sempre de vós e amo-vos… Mas deixem-me em paz! Deixem-me sozinho! Era isso que eu já resolvera… Seriamente que já o decidira… Aconteça-me o que acontecer, quer eu me perca ou não, quero estar só. Esqueçam-se de mim completamente. É o melhor… Não procurem saber de mim. Quando for preciso, eu próprio virei ou vos mandarei chamar. Pode ser que tudo ressuscite… mas, por agora, se me querem bem, deixem-me, deixem-me… Senão, vou criar ódio às duas, bem o sinto… Adeus!

– Meu Deus! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna.

Mãe e filha sentiam um medo horrível e Razumíkhin também.

– Rodka! Rodka! Reconcilia-te conosco, sejamos como éramos dantes… – exclamou a pobre mãe.

Ele se dirigiu lentamente para a porta e lentamente saiu do quarto. Dúnia correu atrás dele e alcançou-o.

– Irmão! Que estás tu fazendo à nossa mãe? – murmurou com um olhar esgaseado de indignação.

Ele a fitou longamente.

– Não é nada, eu já volto, eu já volto! – murmurou ele em voz baixa, como se não se apercebesse perfeitamente do que queria dizer, e saiu do quarto.

– Egoísta, insensível, mau! – exclamou Dúnia.

– Louco é que ele é, e não insensível! Louco! Mas não estão percebendo? A senhora é que é insensível – murmurou ardentemente Razumíkhin aos seus ouvidos, ao mesmo tempo que lhe apertava a mão com força.

– Eu já venho! – exclamou, dirigindo-se à pobre Pulkhiéria Alieksándrovna, e saiu do quarto correndo.

Raskólhnikov esperava-o no fim do corredor.

– Eu já sabia que tu havias de vir atrás de mim. Volta para lá e fica ao pé delas… Fica também com elas amanhã… e para sempre. Eu… talvez venha… se puder. Adeus!

E afastou-se dele sem estender-lhe a mão.

– Mas, para onde vais? Que te aconteceu? Será possível que procedas assim? – murmurou Razumíkhin completamente atônito.

Raskólhnikov tornou a parar.

– De uma vez para sempre, não me perguntes mais nada, porque nunca te daria resposta… Não vás visitar-me. Talvez eu passe por aqui… Deixa-me a mim e não as deixes a elas. Estás percebendo?

O corredor já estava escuro; eles tinham parado perto da luz. Por um momento, olharam-se os dois um ao outro, em silêncio, e Razumíkhin recordou depois toda a sua vida naquele momento. O ardente e fixo olhar de Raskólhnikov parecia tornar-se mais forte a cada momento, penetrar na sua alma, na sua consciência. De repente, Razumíkhin recuou. Parecia que qualquer coisa de estranho se passara entre eles… Uma ideia, como que uma insinuação, lhe passara pela cabeça, algo de horrível, de monstruoso e de subitamente compreensível para ambos… Razumíkhin ficou pálido como um morto.

– Compreendes agora? – disse de súbito Raskólhnikov, com o rosto dolorosamente crispado. – Volta, fica ao pé delas – acrescentou de repente e, girando com rapidez sobre os calcanhares, saiu do prédio…

Não me demorarei a descrever o que se passou nessa noite em casa de Pulkhiéria Alieksándrovna, quando Razumíkhin voltou para o lado das duas mulheres; tentou tranquilizá-las; garantiu-lhes que era preciso deixar Raskólhnikov ir apanhar um pouco de ar livre, visto

que estava doente, e que com certeza ele havia de vir vê-las todos os dias, todos os dias; que ele estava muito cansado, mesmo muito cansado, e que ninguém o irritasse; que ele, Razumíkhin, não havia de perder-lhe a pista, ia lhe procurar um bom médico, o melhor, que lhe faria um exame completo… Em resumo: desde essa noite, Razumíkhin passou a ser para elas filho e irmão.

## Capítulo IV

Quanto a Raskólhnikov, encaminhou-se diretamente para a casa, junto do canal, onde morava Sônia Siemiônovna. Era um prédio de três andares, velho, pintado de verde. Perguntou ao porteiro e este deu-lhe umas vagas indicações sobre a morada de Kapernaúmov, o alfaiate. Depois de procurar num canto do pátio a passagem para a escada escura e estreita, subiu finalmente até ao segundo andar e foi dar a uma galeria que a rodeava pelo lado do pátio. Enquanto procurava no escuro, cheio de hesitação, onde é que poderia ser a entrada do andar de Kapernaúmov, de súbito, a três passos de distância de si próprio, abriu-se uma porta onde ele assomou, maquinalmente.

– Quem é? – perguntou, inquieta, uma voz de mulher.

– Sou eu… que vinha visitá-la – respondeu Raskólhnikov, e entrou pelo estreito corredor. Aí, sobre uma mesa descambada e num candeeiro amassado, ardia uma vela.

– Mas é o senhor? – exclamou Sonha com voz fraca, e ficou petrificada.

– Por onde é que se entra? Por aqui?

E Raskólhnikov, esforçando-se por não olhar para ela, entrou para o quarto.

Um minuto depois Sonha entrava também com uma luz; pousou-a e ficou parada na frente dele, estupefata, tomada de uma indescritível comoção e visivelmente assustada com aquela inesperada visita. De súbito o sangue subiu-lhe ao rosto pálido e aos seus olhos chegaram

até lágrimas… Sentiu uma sufocação, uma vergonha e uma doçura… Raskólhnikov afastou-se bruscamente e sentou numa cadeira, junto da mesa. Num momento abrangera com um olhar todo o quarto.

Era um quarto espaçoso, mas com um teto baixíssimo, o único que os Kapernaúmovi tinham alugado, e cuja porta, fechada, ficava na parede do lado esquerdo. Ã frente, na parede da direita, havia outra porta, sempre hermeticamente fechada. Havia ali também outro quarto, contíguo, que tinha outro número. O quarto de Sonha parecia, de certa maneira, um alpendre; tinha a forma dum triângulo irregular, o que o tornava muito feio. A parede, com três janelas que davam para o canal, cortava o quarto a viés, e por isso um dos ângulos, terrivelmente agudo, sumia-se lá no fundo, de tal maneira que, quando havia pouca luz, não se lhe via bem o fim; o outro ângulo, em compensação, era excessivamente obtuso. Em todo esse quarto espaçoso, quase não havia móveis. Num canto, à direita, via-se uma cama; junto dela, próximo da porta, uma cadeira. Na mesma parede, junto da qual estava a cama, pegada à porta que dava para o outro quarto, havia uma simples mesa de pinho branca, coberta com um pano azul; junto da mesa, duas cadeiras de palha. Depois, na parede oposta, perto do ângulo agudo, havia uma simples cômoda de pinho, como se estivesse abandonada num deserto. Eis aqui tudo quanto havia no quarto. O papel que forrava as paredes, amarelecido, defumado e gasto, estava escuro em todos os cantos; com certeza que devia haver ali umidade e fuligem no inverno. A miséria era evidente; a cama nem sequer tinha cortinados.

Sonha contemplava em silêncio o visitante, o qual passava revista ao seu quarto, atenta e despreocupadamente, e, por último, até tinha começado a tremer de medo, como se se encontrasse diante de um juiz que fosse decidir a sua sorte.

– Cheguei tarde… Já são onze horas? – perguntou ele sem levantar os olhos para ela.

– Já – balbuciou Sonha. – Já são, já! – disse atabalhoadamente, de repente, como se aquilo lhe parecesse uma escapatória. – Acabaram de dar agora mesmo no relógio do senhorio… Eu ouvi… Já deram.

– Venho vê-la pela última vez – continuou Raskólhnikov, severo, apesar de ser aquela a primeira. – É possível que não torne mais a vê-la…

– Vai… embora?

– Não sei… amanhã…

– Então, amanhã, não vai visitar Ekatierina Ivânovna? – e a voz de Sonha tremia.

– Não sei. Tudo depende de amanhã… Mas não se trata disso; eu vim para dizer-lhe uma coisa…

Ergueu para ela o seu olhar pensativo, e de repente reparou que, enquanto ele estava sentado, ela continuava de pé, diante dele.

– Mas por que está de pé? Sente – disse ele com uma voz que, de repente, se tornara suave e afetuosa.

Ela sentou. Ele a contemplou por um momento com afabilidade e quase compassivamente.

– Está tão magra! Que mãozinhas tão transparentes! Estes dedinhos parecem os duma morta.

Pegara-lhe numa mão. Sonha sorriu debilmente.

– Fui sempre assim – disse.

– Quando vivia na sua casa também?

– Também.

– Está-se mesmo vendo! – disse ele com rudeza, e a expressão do seu rosto e o timbre da sua voz mudaram de repente. Tornou a passar novamente a vista à sua volta.

– São os Kapernaúmovi que lhe alugam isto?

– São.

– E eles vivem aí, atrás dessa porta?

– Sim… o quarto deles é como este.

– Vivem só num quarto?

– Só num.

– Eu teria medo num quarto destes, à noite – observou ele com ar sombrio.

– Os senhorios são muito bons, muito amáveis – respondeu Sonha como se reconsiderasse e não estivesse ainda refeita – e todos os móveis, e tudo… é tudo dos senhorios. São muito bons, e os meninos também vêm aqui muitas vezes.

– São gagos?

– São. Ele é gago e, além disso, também é estrábico. E a mulher também… Ela não é verdadeiramente gaga, mas custa-lhe muito pronunciar as palavras. Também é muito bondosa. Ele foi servo. E tem sete filhos, todos rapazes… só o mais velhinho é que é gago, os outros estão todos doentes, mas não têm esse defeito… Mas como é que os conhece? – acrescentou, um pouco admirada.

– Foi o seu pai que me contou tudo… também me falou de si… E contou-me que saíra uma tarde às seis e voltara a casa às nove, e que Ekatierina Ivânovna se lançou de joelhos aos pés da sua cama.

Ficou desorientada.

– Eu ainda hoje o vi – murmurou indecisa.

– A quem?

– A meu pai. Tinha ido à rua, aí ao lado, à esquina, às dez, e pareceu-me mesmo que ele passou diante de mim. Era tal qual ele. Eu até já queria ir a casa de Ekatierina Ivânovna…

– Fora dar um passeio?

– Sim – balbuciou Sonha rapidamente, tornando a ficar perturbada e baixando a cabeça.

– Ora diga-me: Ekatierina Ivânovna não lhe batia, em casa de seu pai?

– Ah, não! Que diz o senhor? Como é que pode pensar isso? Não! – e Sonha olhou para ele com uma certa inquietação.

– Gosta muito dela?

– Dela? Sim, muito! – exclamou Sonha condoída e, num impulso de piedade, juntou de repente as mãos. – Ah! Se o senhor, se o senhor a conhecesse… Olhe, é absolutamente como uma criança … Parece que não está completamente boa da cabeça… faz pena. E era tão inteligente! Tão generosa! Tão boa. O senhor não a conhece, o senhor não a conhece, não a conhece de maneira nenhuma… Ah!

Sonha disse isto em tom desesperado, comovido e apiedada, juntando as mãos. As suas faces pálidas coraram, os olhos exprimiram sofrimento. Era evidente que estava terrivelmente comovida, que sentia uma grande vontade de exprimir, de dizer qualquer coisa, de se pôr em defesa da madrasta. Uma compaixão insaciável, se é lícito exprimirmo-nos assim, transpareceu subitamente em todas as suas feições.

– Que me batia… Mas que disse o senhor? Que me batia! E então, se me batesse? O senhor não sabe nada, não sabe nada… É tão infeliz, ah, tão infeliz! E doente… Procura sempre em tudo a justiça. É pura. Pensa que a justiça deve reinar sempre em tudo e reclama-a… E ainda que alguém a fira, não comete uma injustiça. Não compreende que

não é possível que as pessoas sejam sempre justas, e irrita-se… É como uma criança, uma criancinha! Ela é justa, justa!

– Mas quem vai lhe valer?

Sonha interrogou-o com o olhar.

– A menina é a única coisa que lhes resta. É certo que já antes era o mesmo: estavam todos a seu cargo, e até o falecido, quando se embriagava, ia pedir-lhe dinheiro, a si. Mas agora, que vai ser de vós?

– Não sei – proferiu Sonha tristemente.

– Eles continuam ali?

– Não sei. Estavam endividados para com a senhoria; esta disse-lhe hoje mesmo que têm de abandonar o quarto e Ekatierina Ivânovna respondeu-lhe que também ela não queria ficar ali nem mais um minuto.

– Mas como é que ela consegue manter-se, assim, tão corajosa? Talvez esteja fiada na senhora…

– Ah, não, não fale assim! Nós vivemos as duas como se fôssemos uma só – e Sonha tornou outra vez a ficar agitada e até irritada, tal como um canário ou qualquer outro passarinho quando se irrita. – Mas como é que ela havia de ser? De que outra maneira havia ela de ser? – perguntou, exaltando-se e comovendo-se. – Como ela tem chorado hoje! Está transtornada do juízo, não reparou? Está transtornada: tão depressa se sobressalta como uma criança, para que amanhã não falte nada, até aperitivos, como torce as mãos, expectora sangue, põe-se a chorar e, de repente, começa a dar cabeçadas contra a parede e a chorar, desesperada. E depois consola-se, deposita todas as suas esperanças no senhor; diz que o senhor, agora, é o seu amparo, e que vai pedir a alguém uma quantia e voltará para a sua terra comigo, e abrirá aí uma pensão para meninas e, que me porá a mim como vigilante e começará para nós uma nova e linda vida, e beija-me e abraça-me e consola-me e, veja lá, acredita nisso tudo. Acredita nessas fantasias! Será possível contradizê-la? Passou hoje o dia inteiro esfregando o chão, lavando e passando a roupa a ferro; fraca como

está, mudou a banheira e teve uma sufocação, até que se deixou cair esgotada sobre a cama; e além disso, de manhã saímos as duas para comprar uns sapatinhos a Pólienhka e a Liena, porque os que tinham já estavam todos rotos, mas o dinheiro não chegava, ainda nos faltava muito, entretanto ela escolheu uns sapatinhos muito engraçados, porque é uma mulher de gosto, o senhor não sabe… Olhe, pôs-se a chorar ali mesmo, na loja, porque o dinheiro não chegava… Ah, como fazia pena vê-la!

– Sim, depois disso compreende-se que a menina… viva assim – disse Raskólhnikov com um sorriso amargo.

– Mas, ao senhor, não lhe faz pena? Não lhe inspira dó? – exclamou Sonha outra vez. – Mas se eu sei que o senhor lhe deu tudo quanto lhe restava, e isso antes de saber! Que faria se soubesse! Oh, quantas vezes a fiz eu chorar! Ainda a semana passada, para não ir mais longe. Na semana antes da morte do meu pai. Portei-me cruelmente. E quantas, quantas vezes procedi eu assim! Ah, como me custa agora recordar todo esse dia!

Sônia juntou as mãos perante essa evocação.

– Portou-se cruelmente?

– Sim, eu, eu! Um dia – continuou ela, chorando – o meu pai disse-me: “Lê-me um pouco, Sonha, porque me dói a cabeça… lê-me qualquer coisa… olha, aqui tens o livro.” Era um livrinho que, entre outros, lhe emprestara Andriéi Siemiônitch Liebiesiátnikov, que mora ali, e lhe emprestava esses livrinhos engraçados. E eu respondi-lhe: “Tenho de ir já embora”. Não queria ler para ele porque eu fora lá, principalmente para mostrar umas golas a Ekatierina Ivânovna; porque Lisavieta, a revendedora, trazia-me golas e punhos muito baratos, bonitos, novinhos e com bordados. Ekatierina Ivânovna gostou muito dessas golas, experimentou-as e foi ver-se ao espelho com elas: agradavam-lhe muitíssimo. “Por que não mas dás, Sonha? Faz-me esse favor, faz-me esse favor”, dizia, porque estava realmente interessada. Mas com que vestido havia ela de os usar? É assim: nunca se esquece dos bons tempos antigos. Olha-se ao espelho, admira-se, e não tem, mas é mesmo o que se diz não ter, roupa para vestir, nem

uma coisa bonita para pôr há já tantos anos… E por nada deste mundo pede qualquer coisa a alguém; como é orgulhosa, até era mais capaz de dar a última coisa que tivesse do que ter de pedir uma a alguém; mas, nesse momento, pedia, tal era a maneira como as golas lhe tinham agradado! Mas, a mim, custava-me dá-las. “Para que as quer – digo-lhe eu – Ekatierina Ivânovna?” Foi isso o que eu lhe disse e não o devia ter feito. Olhou-me de uma maneira e sentiu aquilo tanto, tanto, que fazia pena vê-la! E não era por causa das golas, mas porque eu as negara, via-se bem. Ah, se eu pudesse agora mudar tudo isso, voltar atrás, apagar essas palavras! Oh, eu… mas para quê, se tudo isto lhe é indiferente?

– Conhecia Lisavieta, a revendedora?

– Conhecia… E o senhor também a conhecia? – interrogou-o Sonha por sua vez, com um certo espanto.

– Ekatierina Ivânovna está tuberculosa em último grau, não tarda que morra – disse Raskólhnikov depois de uma pausa e sem responder à pergunta.

– Oh, não, não, não! – e Sônia, inconscientemente, pegou-lhe nas mãos, como se lhe implorasse que isso não acontecesse.

– Sim, no fim de contas, é preferível que ela morra!

– Não, não é melhor, não é melhor! – exclamou ela assustada e inconsciente.

– E os filhos? Que vai fazer deles, se não os pode ter consigo?

– Oh, não sei! – exclamou Sônia quase desesperada e levando as mãos ao rosto. Era evidente que aquela ideia lhe passara pela cabeça já muitas vezes e que ele não fizera mais do que acordá-la.

– Além disso, se a menina cair doente, ainda que Ekatierina Ivânovna continue viva, se a levarem para o hospital, por exemplo, que sucederá então? – insistiu ele, inexorável.

– Ah! Que diz o senhor, que diz o senhor? Isso não é possível! – e o rosto de Sônia contraiu-se numa careta de espanto horrível.

– Não é possível? – prosseguiu Raskólhnikov com um sorriso cruel. – Tem algum seguro contra a doença? Que será deles então? Irão parar todos de uma vez ao meio da rua, e ela há de por-se a tossir, e a suplicar, e a dar cabeçadas contra a parede, como fez hoje, e as crianças a chorar… E acabará rolando sobre o chão, e vão pegá-la e levá-la ao Comissariado, e para um hospital, onde morrerá, e os filhos…

– Oh, não! Deus não há de permitir que assim seja! – foi o grito que saiu finalmente do oprimido peito de Sônia.

Tinha-o escutado em silêncio, de olhos fixos nele e mãos juntas numa prece muda, como se tudo dependesse dele.

Raskólhnikov levantou e começou a passear pelo quarto. Decorreu um minuto. Sônia continuava de pé, de testa e mãos baixas, sofrendo angustiosamente.

– E não há maneira de poupar, de guardar para os dias negros? – perguntou ele parando, de repente, diante dela.

– Não – balbuciou Sônia.

– Claro que não! Mas já experimentou? – acrescentou ele quase com um sarcasmo.

– Já experimentei, sim.

– E não lhe deu resultado, naturalmente! Para que perguntar?

E pôs-se outra vez a passear pelo quarto. Passou outro minuto.

– Não ganha qualquer coisa todos os dias?

Sônia ficou ainda mais confusa do que antes e tornou outra vez a corar.

– Não – murmurou, fazendo um esforço doloroso.

– Com certeza que Pólietchka vai ter a mesma sorte – disse de repente.

– Não! Não! Não é possível, não! – exclamou Sônia em voz alta, num desespero, como se, de repente, a tivessem atravessado com um punhal. – Deus, Deus não há de permitir tamanho horror!

– Para outras permitiu.

– Não, não! A ela, Deus há de protegê-la, Deus! – repetiu Sônia fora de si…

– Sim, mas até é possível que Deus não exista – respondeu Raskólhnikov com uma espécie de alegria maldosa; pôs-se a rir e ficou olhando para ela.

O rosto de Sônia mudou de repente de uma maneira terrível; parecia ter convulsões. Fixou nele os olhos cheios de censura; quis dizer qualquer coisa, mas não conseguiu dizer nada, e a única coisa que fez foi romper em soluços, cobrindo a cara com as mãos.

– A menina diz que Ekatierina Ivânovna está quase doida; pois com você está quase a passar-se o mesmo – disse, depois de um certo silêncio.

Decorreram cinco minutos. Ele continuava dando grandes passadas de um lado para o outro, em silêncio e sem olhar para ela. Finalmente, aproximou-se dela: as suas pupilas brilhavam. Pôs-lhe as mãos sobre os ombros e olhou-a diretamente nos olhos assustados. O olhar dele era sanguinário, agudo, e os lábios tremiam-lhe com força… De súbito agachou-se rapidamente e, ajoelhando-se no chão, beijou-lhe os pés. Sônia, assustada, afastou-se dele como de um louco. E, de fato, ele tinha todo o aspecto dum demente.

– Que faz o senhor, que faz o senhor diante de mim? – balbuciou ela, depois de ter empalidecido, e de repente, sentiu que o coração se lhe apertava dolorosamente.

Ele se ergueu imediatamente.

– Eu não me ajoelhei diante de ti, mas diante de toda a dor humana – disse ele num tom estranho, e retirou-se para junto da janela. – Escuta – acrescentou, voltando para junto dela, passado um

minuto – eu, há pouco, disse a um desavergonhado que ele não valia nem o que vale o teu dedo mínimo… e que eu tinha dado uma honra à minha irmã ao sentá-la ao teu lado.

– Ah! Mas o senhor disse isso? Diante dela? – exclamou Sônia assustada. – Sentar ao meu lado? Uma honra! Mas se eu… olhe… eu estou desonrada… Ah, o que o senhor lhe disse!

– Não foi pela desonra nem pelo pecado que eu disse isso de ti, mas pelo teu grande sofrimento. Que tu és uma grande pecadora, é verdade – acrescentou quase com solenidade – mas o pior de tudo, aquilo em que mais pecaste foi por te teres entregue e sacrificado em vão. Não é um horror, não é um horror que tu vivas neste lodo que eu tanto odeio, e ao mesmo tempo tu própria saibas (não precisas de mais senão de abrir os olhos) que não és útil a ninguém, com isto, e que não salvas ninguém de nada? Mas diz-me finalmente – continuou, como num paroxismo – como é possível que coexistam em ti tanta baixeza e vileza e outros sentimentos opostos e sagrados? Teria sido muito melhor, mil vezes muito melhor, atirar-se à água e acabar de uma vez!

– E que seria deles? – perguntou Sônia com voz fraca, olhando-o dolorosamente mas, ao mesmo tempo, como se a proposta não lhe causasse grande admiração.

Raskólhnikov olhava-a de uma maneira estranha.

E compreendeu tudo nesse olhar. Com certeza que essa ideia já passara pela cabeça dela. Talvez até muitas vezes, e com toda a seriedade, tivesse pensado, no seu desespero, em acabar de uma vez, e por isso, agora, aquelas palavras dele já não a admiravam. Nem sequer reparava na crueldade da sua linguagem (não havia dúvida que não reparara no sentido das suas censuras e na sua maneira especial de considerar a sua desonra), foi o que ele notou. Mas Raskólhnikov compreendia perfeitamente até que ponto de monstruoso suplício a torturava, a ela, já há algum tempo, a ideia da desonra e da vergonha da sua situação. “Que será, que será – pensava ele – que tem podido conter até agora a sua resolução de acabar de uma vez?” E só então se apercebeu cabalmente do que significavam para ela aqueles pobres

orfãozinhos e aquela lamentável Ekatierina Ivânovna, meia ensandecida, com a sua tísica e as suas cabeçadas contra as paredes.

Mas, ao mesmo tempo, também compreendia claramente que Sônia, com o seu caráter e a educação que recebera, não podia, de maneira nenhuma, continuar assim. Fosse como fosse, o problema surgia diante dele: como pudera ela continuar tanto tempo naquela situação sem perder o juízo, visto que lhe faltara coragem para se atirar à água? Era certo que ele compreendia que a situação de Sônia representava um fenômeno acidental na sociedade, embora, infelizmente, estivesse longe de ser único e exclusivo. Mas essa mesma acidentalidade, essa sua vaga educação e toda a honestidade da sua vida teriam podido matá-la de um golpe ao primeiro passo daquele repugnante caminho. Que a sustinha, então? Não seria o gosto da libertinagem? Toda aquela vergonha, que era evidente, só a roçava a ela de um modo maquinal; da verdadeira corrupção ainda não chegara ao seu coração nem uma ponta, era bem evidente.

“Há três caminhos – pensava Rodion – atirar-se ao canal, ir parar a um manicômio ou… ou, por fim, atirar-se ao vício, embrutecendo a alma e petrificando o coração.”

Este último pensamento pareceu-lhe o mais repugnante de todos, mas ele já era cético, era novo, indiferente e talvez cruel, e não podia acreditar que esse último recurso, isto é, o vício, fosse o mais provável.

“Mas, e se fosse certo – murmurou para si – se inclusive esta criatura, que ainda conserva a sua pureza de alma, se lançasse conscientemente nessa terrível e hedionda cloaca? E se já tivesse começado essa queda, se ela só pudesse ter aguentado até agora aquela vida, porque o vício não lhe parecia tão repugnante? Não, não, isso não pode ser – exclamava ele, como Sônia, há pouco. – Não, do canal tem-na afastado até agora a ideia do pecado, e eles também… Se até agora não endoideceu… Mas quem é que disse que ela não perdeu já a razão? Estará, por acaso, em seu perfeito juízo? É possível, por acaso, falar como ela fala? É possível estar sentado assim, à beira dum abismo, precisamente em cima de um fétido cano de esgoto, no qual começou já a afundar-se, e a agitar as mãos, e a tapar os ouvidos,

quando se ouve falar de perigo? Que milagre espera ela? Naturalmente, algum. E não será tudo isto um indício de loucura?”

Aferrava-se a essa ideia, com teimosia. Agradava-lhe mais essa saída do que as outras. Pôs-se a considerá-la com mais atenção.

– Rezas muito a Deus, Sônia? – perguntou-lhe.

Sônia permanecia calada; ele estava de pé ao seu lado e esperava a resposta.

– Que seria de mim sem Deus? – balbuciou ela rápida, energicamente; fixou nele por momentos os seus olhos brilhantes e, pegando-lhe na mão, estreitou-a fortemente entre as suas.

“Lá isso é verdade!”, pensou ele.

– Mas que é que Deus faz por ti? – perguntou, levando mais longe a sua experiência.

Sônia ficou muito tempo calada, como se não pudesse responder. O seu peito fraco tremia de comoção.

– Cale-se! Não me pergunte! O senhor não é digno! – gritou, de repente, lançando-lhe um olhar severo e colérico.

“É verdade, é verdade!”, repetia ele, teimoso, para consigo.

– Faz muito! – murmurou ela rapidamente, tornando a baixar a cabeça.

“Aí está o recurso! Aí está a explicação do recurso!”, decidiu ele mentalmente, olhando-a com uma curiosidade ávida.

Contemplava com uma sensação quase doentia aquela carinha pálida, vincada e de feições irregulares e angulosas, com aqueles olhinhos pequeninos, azuis, capazes de lançar tais cintilações, de brilhar com uma expressão tão austera e enérgica; aquele corpinho frágil, que tremia ainda de indignação e de cólera, e tudo aquilo lhe parecia cada vez mais estranho, quase impossível. “Louca, louca!”, concluiu no seu íntimo.

Sobre a cômoda havia um livro. Cada vez que lhe passava em frente, nos passeios de um lado para o outro, fixava os olhos sobre ele; agora pegou-lhe e examinou-o. Era o Novo Testamento, na sua versão russa. Era um livro velho e engordurado, encadernado em couro.

– De onde vem isto? – gritou-lhe, através do quarto. Ela continuava de pé, imóvel no mesmo lugar, a três passos da mesa.

– Trouxeram-me – respondeu ela, como se o fizesse de má vontade e sem olhar para ele.

– Quem é que trouxe?

– Foi Lisavieta, a meu pedido.

"Lisavieta? É estranho!", pensou ele.

Tudo quanto dizia respeito a Sônia lhe parecia cada vez mais estranho e assombroso. Aproximou o livro da luz e pôs-se a folheá-lo.

– Onde é que está o passo sobre Lázaro? – perguntou de repente.

Sônia olhava obstinadamente para o chão e não respondeu. Estava um pouco afastada da mesa.

– O lugar em que fala da ressurreição de Lázaro? Procura para mim, Sônia.

Ela olhou para ele de soslaio.

– Não procure aí… no quarto Evangelho… – murmurou com dureza, sem dar um passo para ele.

– Procura e lê para mim – disse ele.

Raskólhnikov sentou, pôs os cotovelos em cima da mesa, segurou a cabeça com as mãos e inclinou-se um pouco de lado para escutar.

"Dentro de três semanas, para o manicômio! Também eu, provavelmente, irei para aí, senão para outro lugar pior!", murmurou para consigo.

Sônia aproximou-se, indecisa, da mesa, escutando com receio o desejo de Raskólhnikov. Mas pegou no livro.

– Nunca o leu? – perguntou, olhando para ele do outro lado da mesa. A sua voz era cada vez mais dura.

– Há muito tempo… Na escola… Lê!

– E na igreja, não leu?

– Eu… não vou à igreja. E tu, vais muitas vezes?

– Não! – balbuciou Sônia.

Raskólhnikov pôs-se a rir.

– Compreendo… E amanhã, não vais ao enterro do teu pai?

– Hei de ir. Já lá estive a semana passada. Mandei dizer um responso.

– Por quem?

– Por Lisavieta. Foi morta à machadada.

Ele sentia os nervos cada vez mais crispados. Começou a sentir a cabeça andando à roda.

– Eras amiga de Lisavieta?

– Sim… Ela era muito boa… Vinha visitar-me… de quando em quando… Não podia. Líamos as duas e… falávamos. Ela irá para o Céu.

Soavam de uma maneira estranha aos seus ouvidos aquelas palavras livrescas; e outra vez a novidade: aquelas entrevistas misteriosas com Lisavieta, e as duas… umas tresloucadas.

“Também eu hei de acabar assim. É contagioso!”, pensou.

– Lê! – exclamou, de repente, imperativo e excitado.

Sônia continuava indecisa. O seu coração batia com violência.

Não se atrevia a ler para ele, que contemplava quase com pena aquela pobre louca.

– Mas para que hei de eu ler seja o que for? Se o senhor não acredita! – balbuciou em voz baixa e anelante.

– Lê! Quero que leias! – insistiu ele. – Não lias a Lisavieta?

Sônia abriu o livro e procurou o passo. As mãos tremiam-lhe, a voz não lhe saía. Começou a leitura por duas vezes e não chegou a articular claramente nem a primeira palavra.

– "Estava então enfermo um certo Lázaro, de Betânia…" – proferiu finalmente, fazendo um esforço; mas, de súbito, à terceira palavra a sua voz vibrou aguda e quebrou-se, como uma corda demasiado tensa. Faltava-lhe a respiração e sentia o peito oprimido.

Raskólhnikov compreendia, em parte, por que é que Sônia não se decidia a ler para ele, e quanto melhor compreendia, tanto mais grosseiramente e com maior nervosismo insistia para que ela lesse. Compreendia perfeitamente que aqueles sentimentos constituíam, efetivamente, de certo modo, o seu segredo, talvez desde a sua adolescência, quando vivia ainda com a família, junto de seu desgraçado pai e da madrasta, enlouquecida de amargura, entre umas criaturinhas famélicas, gritos e imprecações monstruosas. Mas, ao mesmo tempo, reconhecia, e reconhecia decididamente, que, ainda que ela agora estivesse aflita e tivesse um medo horrível de começar a leitura, por qualquer motivo, sentia no entanto uma ansiedade dolorosa de o fazer, apesar de toda a sua tristeza e inquietação, e sobretudo para ele, para que escutasse agora, infalivelmente… acontecesse depois o que acontecesse… Era isto o que ele lia nos olhos dela e deduzia da sua comoção tão séria… Ela fez um esforço, dominou o aperto da garganta, que lhe cortara a voz, e continuou a ler o capítulo XI do Evangelho de S. João. Chegou assim ao versículo XIX:

– "E muitos dos judeus tinham vindo para junto de Marta e de Maria, para consolá-las por causa do irmão. Então Marta, como ouviu que Jesus vinha, saiu ao seu encontro; Maria ficou em casa. E Marta disse a Jesus: 'Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não estaria morto. Mas também sei agora que tudo o que pedires a Deus, Deus te

dará…’.”

Então tornou a parar, pressentindo, envergonhada, que a voz tornava a tremer-lhe e a ficar entrecortada…

– “… Disse-lhe Jesus: ‘O teu irmão ressuscitará’. Marta disse-lhe: ‘Eu sei que ressuscitará na ressurreição, ao último dia’. Disse-lhe Jesus: ‘Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que acreditar em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Acreditas nisso?’. Disse-lhe…”

E, como se dolorosamente lhe faltasse o alento, Sônia leu distintamente e com energia, como se estivesse fazendo a sua profissão de fé:

– “… Sim, Senhor, eu acreditei que Tu eras o Cristo, o Filho de Deus, que veio ao mundo…”

Fez uma pausa, lançou um olhar rápido aos olhos dele, mas em seguida dominou-se e continuou a leitura. Raskólhnikov escutava-a sem fazer um movimento, sem se voltar, de cotovelos sobre a mesa e olhando de soslaio. Ela chegou ao versículo XXXII:

– “… E como Maria tivesse vindo para o lugar onde estava Jesus, lançou-se a seus pés, dizendo-lhe: ‘Senhor, se tivesses estado aqui, o meu irmão não estaria morto’. Como Jesus a visse chorar, a ela e aos judeus que tinham vindo juntamente com ela, comoveu-se em espírito e perturbou-se. E disse: ‘Onde o pusesteis?’. Disseram-lhe: ‘Senhor, vem e vê’. E Jesus chorou. Disseram então os judeus: ‘Olhai como o amava’. E alguns deles disseram: ‘Não podia Este, que abriu os olhos do cego, fazer com que este homem não morresse?…’.”

Raskólhnikov voltou-se para ela e contemplou-a comovido. “É isso mesmo.” Toda ela tremia como se estivesse com febre. Era o que ele esperava. Ela se aproximava da narrativa do maior e mais inaudito milagre, e um sentimento de grande solenidade a possuía. A sua voz tornou-se vibrante, metálica; o entusiasmo e a alegria ressoavam na sua voz e apoiavam-na. As linhas confundiam-se diante dos seus olhos, porque estes se nublavam de lágrimas; mas ela sabia de cor o que ia lendo: Quando chegou ao último versículo: “Não podia Este, que abriu

os olhos do cego…?”, baixando a voz, ela exprimiu ardente e apaixonadamente a dúvida, a censura e a maldade dos incrédulos, dos torpes judeus, que logo a seguir, um minuto depois, apenas, como feridos por um raio, iam tombar por terra, romper em soluços e acreditar… “E ele, ele também, cego e incrédulo, também ele ouvirá imediatamente e também acreditará, sim, sim. Agora mesmo!”, sonhava ela, e tremia na sua jubilosa expectativa.

– “…Jesus disse-lhe: ‘Não te disse eu que se acreditasses verias a glória de Deus?’. E Jesus, comovendo-se outra vez no seu íntimo, veio até ao sepulcro. Era uma cova, que tinha uma pedra em cima. Jesus disse: ‘Tirem a pedra’. Marta, a irmã do morto, disse-lhe: ‘Senhor, vede que está já de quatro dias…’.”

E pronunciou intencionalmente a palavra “quatro”.

– “…Jesus disse-lhe: ‘Não te disse eu que, se acreditares verás a glória de Deus?’. Então tiraram a pedra da cova onde o morto tinha sido posto. E Jesus, erguendo os olhos ao alto, disse: ‘Pai, dou-Te graças por me teres ouvido. Eu sabia que Tu me ouves sempre, mas disse-lhe isto por causa do povo que está à minha volta, para que acreditem que foste Tu que me enviaste’. E, depois de ter dito isto, gritou em voz muito alta: ‘Lázaro, sai…’. E aquele que estava morto saiu…”

Ela lia com voz forte e solene, tremente e franzida de frio, como se tivesse visto tudo aquilo com os seus próprios olhos.

– “… tinha as mãos e os pés ligados com ataduras, e o rosto envolvido num sudário. Disse-lhe Jesus: ‘Desatem-no e deixem-no ir’. Então muitos dos judeus que tinham vindo ter com a casa de Maria e viram o que Jesus fizera, acreditaram nele.”

A leitura ficou por aqui, pois ela já não podia continuar, e, fechando o livro, levantou rapidamente da cadeira.

– Isto é tudo o que há a respeito da ressurreição de Lázaro – murmurou com voz cortante e dura, e ficou imóvel, meio voltada de costas, sem se atrever a erguer os olhos para ele, como se estivesse envergonhada. Continuava ainda a agitá-la um tremor febril. A

luzinha que, havia já algum tempo, começara a consumir-se no candeeiro, iluminava vagamente naquele mísero quarto um assassino e uma prostituta, estranhamente reunidos para ler o livro eterno. Decorreram cinco ou mais minutos.

– Vim para te dizer uma coisa – declarou Raskólhnikov de repente, com voz rouca e franzido o sobrolho; levantou e aproximou-se de Sônia. Esta ergueu os olhos para ele, em silêncio. Os dele estavam especialmente severos e denunciavam como que uma selvagem resolução.

– Abandonei hoje a minha família – disse – a minha mãe e a minha irmã. Não tornarei para junto delas.

– Por quê? – perguntou Sônia, assombrada. O seu encontro recente com a mãe e com a irmã dele lhe deixara uma impressão extraordinária, embora confusa para si própria. Escutou a notícia da ruptura quase com espanto.

– Eu, agora, não tenho mais ninguém senão tu – acrescentou ele. – Passemos a viver juntos. Venho buscar-te. Se somos os dois malditos, unamo-nos então!

Os olhos cintilavam-lhe: “Parece um louco!”, pensou Sônia por sua vez.

– Mas para onde vamos? – perguntou ela, assustada e, involuntariamente, retrocedeu.

– Sei lá! Só sei que havemos de seguir um mesmo caminho, isso é que eu sei… Apenas isso! Um mesmo fim!

Ela olhava para ele e não compreendia. Compreendia unicamente que ele era terrível, infinitamente desgraçado.

– Nenhum deles te compreenderá nunca se lhes falares – continuou – mas eu te compreendo. Tu me eras necessária, por isso vim buscar-te.

– Não compreendo… – balbuciou Sônia.

– Depois hás de compreender-me. Não fizeste tu, por acaso, o mesmo que eu? Tu também infringiste a norma… Foste capaz de infringi-la. Tu levantaste a mão contra ti própria, perdeste para sempre a tua vida… A tua (tanto faz!). Tu podias ter vivido pelo espírito e pela razão e vieste parar no Mercado do Feno… Mas tu não te podes manter e, se ficas sozinha, acabarás por perder o juízo, como eu. Já estás meio louca; nós dois devemos caminhar juntos pelo mesmo caminho. Vamos!

– Por quê? Por que diz isso? – exclamou Sônia, estranha e violentamente comovida por aquelas palavras.

– Por quê? Porque é impossível ficarmos assim… Por isso! Acaba por ser necessário julgar as coisas reta e seriamente e não chorar e gritar como crianças, porque Deus não o consentirá! Porque vamos ver, afinal: que será de ti se amanhã te levam para um hospital? A outra está transtornada e tísica, e não tardará a morrer. E os pequenos? Não irá Pólietchka cair na perdição? Não vês por aqui, pelas ruas, crianças que as mães mandam pedir esmola? Eu sei muito bem onde vivem essas mães e em que pardieiros. Aí não é possível que as crianças se conservem crianças. Aí há prostitutas e ladrões de sete anos. E, bem sabes, as crianças são a imagem de Cristo: delas é o reino de Deus. Mandou que as honrássemos e amássemos; eles são a futura humanidade…

– Mas que hei de eu fazer? – repetia Sônia com um choro histérico e torcendo as mãos.

– Que fazer? Romper de uma vez para sempre, só isso, e suportar a dor. O quê? Não me compreendes? Hás de compreender-me depois… Liberdade e poder, sobretudo poder! Sobre toda a criatura que treme e sobre todo o formigueiro! É esse o objetivo! Vê se compreendes! É esse o testamento que eu te deixo! Talvez eu esteja falando contigo pela última vez. Se não vier ver-te amanhã, hás de saber tudo por ti mesma, e então recorda-te das palavras que agora te digo. E talvez algum dia, passados anos, ao longo da vida, chegues a compreender o que elas significam. Se vier amanhã vou te dizer quem matou Lisavieta. Adeus!

Sônia tremia de medo.

– Mas sabe quem a matou? – perguntou, transida de espanto e olhando para ele assombrada.

– Sei e vou te dizer… A ti, só a ti! Escolhi a ti. Não virei pedir-te perdão, mas simplesmente te dizer. Já faz algum tempo que te escolhi para contar isso, desde que o teu pai me falou de ti, e quando Lisavieta ainda era viva já o pensara. Adeus! Não me dês a mão. Até amanhã!

Saiu. Sônia seguiu-o com a vista, como a um louco; e ela própria também se sentia como louca. Sentia a cabeça rodar.

"Senhor! Como pode ele saber quem é que matou Lisavieta? Que quererão dizer aquelas palavras? Que horrível é tudo isto!" Mas, no entanto, aquela ideia não lhe passava pelo pensamento. "Nunca! Nunca! Oh, deve ser espantosamente infeliz! Abandonou a mãe e a irmã. Por quê? Que se teria passado? Quais serão as suas intenções? Que lhe dissera ele? Beijou-lhe os pés e disse-lhe… disse-lhe (sim, isso disse-o com bastante clareza) que não podia viver sem ela… Oh, Senhor!"

Passou toda a noite com febre e delirando. Às vezes sobressaltava-se, chorava, torcia as mãos; depois voltava a amodorrar-se numa sonolência febril e sonhava com Pólietchka, com Ekatierina Ivânovna, com Lisavieta, com a leitura do Evangelho e com ele… Com ele, com o seu rosto pálido e os seus olhos de fogo… Beijava-lhe os pés, chorava… Oh, Senhor!

Do outro lado da porta da direita, daquela mesma porta que separava o quarto de Sônia do de *Madame* Kárlovna Resslich, havia um quarto contíguo que já há muito tempo estava vazio, pertencente ao andar da Senhora Resslich, que esta alugava, tendo posto um cartãozinho na porta da casa e escritos nas janelas que davam para o canal. Havia algum tempo que Sônia se acostumara a considerar esse quarto como desabitado. E, no entanto, durante todo esse tempo, por detrás da porta do aposento vazio, o Senhor Svidrigáilov estivera espreitando e escutando. Quando Raskólhnikov saiu ele continuou no seu posto, meditando, e depois voltou nas pontas dos pés para o seu

quarto, que ficava pegado a esse que estava desabitado, pegou numa cadeira e, sem fazer barulho, encostou-a à porta que dava para o quarto de Sônia. O diálogo tinha-lhe parecido interessante e significativo, e muito a seu gosto… tão de seu gosto que levou para ali a cadeira a fim de, para a outra vez, no dia seguinte, por exemplo, não ter de suportar novamente o incômodo de estar de pé uma hora inteira e instalar-se comodamente, para poder estar a seu gosto, em todos os sentidos.

## Capítulo V

Quando na manhã seguinte, às onze em ponto, Raskólhnikov entrou no Comissariado, na seção do juiz de instrução, e pediu que anunciassem a sua visita a Porfíri Pietróvitch, ele próprio se admirou que demorassem tanto a recebê-lo; decorreram pelo menos dez minutos até que o mandassem entrar. Segundo os seus cálculos, deviam tê-lo feito entrar imediatamente. E, no entanto, ali estava ele no vestíbulo e pela sua frente passavam indivíduos que, evidentemente, não reparavam na sua presença. Na sala contígua, que tinha aspecto de repartição, havia alguns escriturários de pena em punho, e era evidente que nenhum deles fazia a menor ideia de quem fosse um tal Raskólhnikov. Ele seguia com olhos inquietos e desconfiados tudo quanto se passava à sua volta, inspecionando: "Não haveria por ali perto algum guarda, algum olhar secreto encarregado de espiá-lo, para que não fugisse?". Mas não havia nada disso, havia apenas as caras dos empregados, muito atentos ao seu trabalho, e algum ou outro indivíduo, nenhum dos quais reparava nele, sequer, ainda que percorresse os quatro cantos da sala. Cada vez se firmava com mais força na ideia de que se, de fato, aquele homem enigmático do dia anterior, aquele fantasma saído debaixo do chão, soubesse tudo e tivesse visto tudo… havia de deixá-lo à solta, como o estava deixando? E além disso, não o teriam esperado ali tranquilamente até às onze, até que lhe tivesse apetecido apresentar a sua declaração… Concluía-se que, ou aquele homem não tinha vindo ainda acusá-lo, ou… ou, simplesmente, que também ele não sabia nada, nem vira nada pelos seus próprios olhos (e como podia tê-lo visto?), e que tudo o que lhe sucedera, a ele, Raskólhnikov, no dia anterior, não fora mais

que uma aparição, avultada pela sua imaginação excitada e doente. Esta explicação já no próprio dia anterior, no momento do seu maior medo e desolação, começara a criar raízes dentro de si. Depois de pensar em tudo isso, agora, e quando se preparava para uma nova luta, sentiu de repente que estava tremendo… e até ferveu de indignação só com a ideia de que podia tremer de medo perante aquele odioso Porfíri Pietróvitch. O mais terrível para ele era ter de ver-se outra vez em frente daquele homem; sentia por ele uma aversão sem limites, infinita, e até temia que esse ódio pudesse fazê-lo atraiçoar-se de qualquer maneira. E a sua indignação era tão veemente que o seu tremor cessou imediatamente; preparou-se para entrar com um aspecto sereno e altivo, e a si próprio jurou que havia de limitar-se, na medida do possível, a calar-se, a olhar, e que dessa vez pelo menos, acontecesse o que acontecesse, havia de dominar o seu temperamento, doentiamente irritável. Precisamente nesse instante chamaram-no da parte de Porfíri Pietróvitch.

Por acaso, nesse momento, Porfíri Pietróvitch encontrava-se só no seu gabinete. Este era uma sala de tamanho razoável, na qual havia uma grande mesa-escrivaninha diante dum divã forrado de oleado encerado, um bureau, um armário num canto e algumas cadeiras, tudo móveis do Estado, de madeira amarela, e que começava já a perder o verniz. Num canto, na parede do fundo, ou, para melhor dizer, no tabique, havia uma porta fechada; aí, do outro lado do tabique, devia haver, provavelmente, outras salas. Quando Raskólhnikov entrou, Porfíri Pietróvitch fechou imediatamente a porta por onde ele entrara e ficaram os dois absolutamente sozinhos. Aparentemente acolheu o seu visitante da maneira mais jovial e amável, e só passados alguns minutos Raskólhnikov, em virtude de certos indícios, lhe notou uma certa ansiedade… como se o tivessem vindo distrair de repente ou o tivessem apanhado em qualquer atitude muito íntima e secreta.

– Olá, meu caro! Já o temos aqui… nos nossos domínios… – começou Porfíri, estendendo-lhe as duas mãos. – Bem, sente-se, *bátiuchka*! Ou talvez não queira que lhe chame meu caro nem… *bátiuchka*… assim, *tout court*. Não leve isto à conta de familiaridade… Para aqui, venha para aqui, para o divãzinho.

Raskólhnikov sentou sem tirar os olhos de cima dele.

“Nos nossos domínios”; aquela desculpa por causa da familiaridade, aquela frasezinha francesa *tout court*, etc., etc., tudo aquilo eram sinais característicos. “Mas, no entanto, estendeu-me as duas mãos e não chegou a dar-me nenhuma, retirou-as a tempo”, pensou, desconfiado. Vigiavam-se mutuamente, mas, quando os seus olhares se cruzavam, ambos os desviavam com uma rapidez fulminante.

– Trago-lhe um documento referente ao relogiozinho… Aqui tem. Está bem redigido ou será preciso fazê-lo outra vez?

– O quê? O documento? Sim, sim, não se preocupe, assim está bem – disse Porfíri Pietróvitch, como se tivesse pressa de qualquer coisa e, dizendo isto, pegou no papel e deitou-lhe uma vista de olhos. – Sim, é isto, precisamente. Não é preciso mais nada – afirmou com a mesma precipitação nas palavras e deixou o papel em cima da mesa. Depois, passado um minuto, falando já de outra coisa, tornou a tirá-lo dali e colocou-o no seu bureau.

– O senhor, segundo me parece, disse-me ontem que desejava interrogar-me… oficialmente… acerca do meu conhecimento com essa… mulher que foi assassinada – disse Raskólhnikov retomando o diálogo. “Mas, vamos ver, a que propósito veio isto de, ‘segundo me parece?’”, foi a ideia que lhe passou pela cabeça, como um raio.

E de repente sentiu que a sua irritabilidade, só ao contato com Porfíri e apenas perante aquelas duas palavras e dois olhares, se tinham já expandido num instante em proporções assombrosas… e que isso era terrivelmente perigoso; os seus nervos crispavam-se e a sua agitação aumentava cada vez mais. “Mau! Mau, mau! Vou outra vez dar com a língua nos dentes!”

– Sim… sim… sim! Não se preocupe! Temos tempo, temos tempo – murmurou Porfíri Pietróvitch dando voltas em torno da mesa, mas sem objetivo algum, dirigindo-se ora para a janela, ora para o bureau, voltando outra vez para junto da mesa, evitando o olhar desconfiado de Raskólhnikov e ficando outras vezes parado e a olhá-lo fixamente no rosto. A sua figura pequenina, gordalhufa e redonda como uma bola que parecia rolar em várias direções, e embater de seguida contra

todas as paredes e todos os cantos, ficava assim muito estranha. – Temos tempo, temos tempo! Fuma? Tem cigarros? Então aqui tem um – continuou, oferecendo um cigarro ao seu visitante. – Olhe, recebo-o aqui, mas tenho a minha instalação particular ali, do outro lado do tabique… casa fornecida pelo Estado; mas, agora, de momento, tenho uma casa noutro lugar. Era preciso fazer umas obras, aqui. Agora já estão quase prontas… Moradia à custa do Estado, sabe? É uma grande coisa, não é verdade? Não lhe parece?

– Lá isso é, é uma grande coisa – respondeu Raskólhnikov olhando-o quase com sarcasmo.

– Uma grande coisa, uma grande coisa… – repetia Porfíri Pietróvitch como se, de repente, se tivesse posto a pensar em qualquer coisa completamente diferente. – Sim, uma grande coisa! – exclamou gritando quase, para terminar, fixando subitamente o olhar sobre Raskólhnikov e parando a dois passos dele. Essa monótona e estúpida reiteração, de que a moradia à custa do Estado era uma grande coisa, contrastava demasiado pela sua vulgaridade com o olhar sério, preocupado e enigmático com que fulminava agora o seu visitante.

E isso veio agravar ainda mais a cólera de Raskólhnikov, o qual não pôde dominar-se e proferiu um desafio sarcástico e bastante imprudente:

– Sabe uma coisa? – perguntou de repente, olhando-o quase com insolência e como se encontrasse prazer nessa insolência. – Segundo parece, há uma regra jurídica, um procedimento jurídico aplicável a todos os processos possíveis, que é o de começar de longe, por pormenores ou por qualquer coisa séria mas completamente secundária, com o fim de, por assim dizer, animar, ou, para melhor dizer, distrair o interrogado, adormecer a sua vigilância e, depois, de repente, da maneira mais inesperada, fazer-lhe de chofre uma pergunta fatal e perigosa. Não é assim? Parece que este processo continua a ser mencionado religiosamente em todos os manuais e textos, não é verdade?

– Assim é, de fato, assim é… Mas o senhor pensa que eu lhe falei da moradia do Estado para… hem? – e depois de dizer isto Porfíri

Pietróvitch fez uma careta e piscou os olhos; as rugas miúdas da sua testa tornaram-se mais visíveis, mas apagaram-se logo a seguir, os olhos tornaram-se ainda mais pequenos, as feições dilataram-se e, de repente, desatou num riso nervoso, longo, ao mesmo tempo que retorcia todo o corpo e olhava Raskólhnikov de frente, nos olhos. Este começou também a rir um pouco, fazendo para isso um esforço sobre si mesmo; mas quando Porfíri, ao ver que ele também ria, sofreu um tal acesso de riso que ficou quase completamente vermelho, então a repugnância de Raskólhnikov ultrapassou repentinamente toda a prudência; deixou de rir, franziu o sobrolho e ficou olhando longa e rancorosamente para Porfíri, sem tirar a vista de cima dele, enquanto durava aquele riso prolongado, que de propósito parecia não desejar dominar. Aliás, a imprudência era visível nos dois; era como se Porfíri risse na própria cara do visitante, ao qual aquele riso ficava tão mal, e não se perturbava de maneira alguma por semelhante circunstância. Este último fato era muito significativo para Raskólhnikov; este compreendia que Porfíri Pietróvitch também não se atrapalhara, e que, pelo contrário, era ele, Raskólhnikov, quem se deixara cair na armadilha; que com certeza havia até de permeio qualquer coisa que ele ignorava, qualquer intenção; que talvez estivesse tudo preparado, e que logo a seguir, naquele mesmo instante, acabasse por revelar-se e ficar à vista…

Foi imediatamente direto ao assunto, levantou do seu lugar e pegou o gorro:

– Porfíri Pietróvitch – disse resolutamente, mas bastante excitado. – O senhor, ontem, exprimiu o desejo de que eu viesse aqui para me fazer não sei que interrogatório – acentuou especialmente a palavra “interrogatório”. – Aqui estou, e se quiser interrogar-me, pode começar já; senão, permita que me retire. Não posso perder tempo, tenho de ir tratar de um assunto… Tenho de assistir ao enterro desse funcionário atropelado por uma carruagem, que o senhor… já sabe… – acrescentou, e imediatamente ficou aborrecido consigo próprio por causa daquela declaração, excitando-se depois ainda mais. – A mim, tudo isto já me aborrece, sabe o senhor? E já há muito tempo… e pode ser que, em parte, a minha doença seja por causa disto tudo; em resumo: queira interrogar-me ou deixe-me sair… agora mesmo; mas,

se me interrogar, faça-o de acordo com a lei. De outra maneira não me presto a isso e, entretanto, adeus, pois agora não temos nada que fazer os dois.

– Senhor! Mas que lhe aconteceu? Sobre que hei de eu interrogá-lo? – exclamou Porfíri mudando imediatamente de tom e de aspecto e acabando com o seu riso num abrir e fechar de olhos – Mas não se preocupe, por favor – encareceu, solícito, tornando a passear agitadamente de um lado para o outro e parando de repente para fazer sentar Raskólhnikov. – Há tempo de sobra, há tempo de sobra, e tudo isto são apenas pormenores! Eu, pelo contrário, estou muito contente porque tenha vindo visitar-me… Considero-o como um hóspede. E por causa desse maldito riso, o senhor, meu caro Rodion Românovitch, desculpe-me… É Rodion Românovitch? É este o seu nome? Sou muito nervoso e o senhor fez-me rir com a agudeza da sua observação; às vezes, é verdade, ponho-me a rebolar como uma bola de borracha e fico assim uma boa meia hora… Gosto de rir. Tenho medo de uma paralisia, dado o meu temperamento. Mas sente-se… que tem? Faça favor, meu caro, senão hei de pensar que está aborrecido…

Raskólhnikov conservava-se calado, escutava e observava, cada vez mais iracundo. Aliás, sentou sem largar o gorro das mãos.

– Vou dizer-lhe uma coisa a meu respeito, meu caro Rodion Românovitch, para explicar-lhe, por assim dizer, o meu caráter – continuou Porfíri Pietróvitch, dando voltas pela sala e parecendo, como há pouco, querer evitar que o seu olhar se cruzasse com o do visitante. – Eu, repare, sou solteiro, sou desconhecido e também não conheço ninguém e, além disso, sou um homem acabado, um homem endurecido, que se deixou ficar na sua concha e… e… e não sei se já reparou, Rodion Românovitch, que entre nós, aqui, na Rússia, e sobretudo no nosso ambiente petersburguês, que, quando se encontram dois homens inteligentes, que ainda não se conhecem bem, mas que, por assim dizer, se respeitam mutuamente, como sucede conosco neste caso, ficam uma meia hora sem acharem um tema para a conversa… e ficam muito hirtos um em frente do outro, atrapalhados. Toda a gente tem um assunto para conversar; as senhoras, por exemplo… e as pessoas da alta sociedade, nunca lhes

falta sobre que falar, *c'est de rigueur*; mas os indivíduos da classe média, como nós, ficam atrapalhados e não conseguem dizer nada… Quero eu dizer com isto que são tímidos. A que será devido isto, meu caro? Será que não possuem interesse pelos assuntos sociais ou que somos muito honestos e não nos queremos enganar uns aos outros? Eu não sei. Que lhe parece? Mas deixe o gorro, assim parece que está disposto a ir já embora; faz-me verdadeiramente pena vê-lo assim… Eu, pelo contrário, estou tão contente…

Raskólhnikov largou o gorro e continuou calado, sério e sombrio, escutando o vazio e incoerente palavreado de Porfíri. "Será o caso de que a sua verdadeira intenção seja a de distrair a minha atenção com a sua estúpida loquacidade?"

– Café, não lhe ofereço, não é lugar para isso; mas por que não há de passar cinco minutos com um amigo, para se distrair? – continuou Porfíri sem interrupção. – E já sabe, todos esses deveres de cortesia… Olhe, meu caro, não se ofenda por eu andar às voltas de um lado para o outro; desculpe-me, *bátiuchka*; tenho muito medo de ofendê-lo, mas este exercício é-me imprescindível. Estou sempre sentado e para mim é uma alegria poder estar cinco minutos em movimento… as hemorroidas… tenciono tratá-las por meio da ginástica; dizem que homens de Estado, e até conselheiros secretos pulam corda regularmente; repare, é o que a ciência quer, no nosso tempo… é assim mesmo… Mas quanto a esses deveres daqui, interrogatórios e outros requisitos… repare, meu caro, foi o senhor quem se referiu a isso há pouco; de fato, foi o senhor quem falou disso… e veja uma coisa: na realidade, esses interrogatórios, às vezes, desorientam mais o que interroga do que o interrogado… A este respeito já o senhor, meu caro, fez há um momento uma observação tão justa como aguda – Raskólhnikov não tinha feito tal observação. – É um engano! Um autêntico engano! Porque, afinal, continua tudo na mesma, tudo na mesma, como a lesma! Mas qualquer dia temos aí a reforma e, pelo menos, hão de tratar-nos de outra maneira, he… he… he! Mas pelo que respeita aos nossos costumes jurídicos – segundo a sua exata expressão – estou absolutamente de acordo com o senhor. Mas vamos ver, diga-me uma coisa: qual dos nossos acusados, inclusive o mais lorpa, não saberá que a princípio deverão interrogá-lo acerca de coisas

secundárias (conforme a sua feliz expressão), para depois, de repente, assestar-lhe uma machadada em cheio, na cabeça, he, he, he! Segundo o seu acertado símile? He… he! De tal maneira que, por causa disso, o senhor, no fundo chegou a pensar que eu lhe falava da moradia por conta do Estado… He, he! É um trocista. Bem, não faço nada consigo! Ah, sim, de fato, uma palavra chama outra, um pensamento sugere outro! Foi o que o senhor disse ontem também, referindo-se à forma dos interrogatórios, não sei se sabe, dos interrogatórios… Mas que importa a forma! A forma, em muitos casos, fique sabendo, representa um absurdo. Às vezes dá mais resultado conversar amigavelmente. A forma nunca desaparecerá; a respeito disto posso eu responder-lhe; mas que é a forma, na realidade? pergunto-lhe eu. Não é possível manietar a cada passo o juiz de instrução por causa da forma. A função do juiz de instrução é, por assim dizer, uma arte livre, no seu gênero, ou qualquer coisa do gênero… He… he… he!

Porfíri Pietróvitch parou um momento para tomar alento. Falava sem parar, atirando à toa frases ocas, e de repente soltava algumas palavras enigmáticas para, ato contínuo, continuar a despropositar desatinadamente. Agora eram já verdadeiras corridas que ele dava pelo gabinete, movimentando cada vez mais depressa as suas pernas gordalhufas, de olhos fixos no chão, com a mão direita encarrapitada nas costas e agitando sem cessar a esquerda em múltiplos gestos que, de maneira espantosa, nunca correspondiam às suas palavras. Raskólhnikov observou de repente que, enquanto corria assim pela sala, parou duas vezes junto da porta, mas apenas por um momento e com a intenção de escutar… “Estará à espera de alguém?”

– Olhe, o senhor, de fato, tem razão – encareceu de novo Porfíri, alegre, olhando para Raskólhnikov com um ar extraordinariamente bonachão, que o fez estremecer e ficar imediatamente desconfiado. – O senhor tem, de fato, razão em rir das fórmulas jurídicas com tanta graça… He, he! Porque não há dúvida de que algumas das nossas fórmulas, com as suas pretensões de profundidade psicológica, são sumamente risíveis, sim senhor, e além disso, inúteis no caso de nos coibirem demasiado. Lá isso é… Voltando novamente às fórmulas, vamos ver: suponhamos que eu reconheço ou, para melhor dizer, suspeito deste, daquele ou de outro indivíduo, como culpado de um

crime, cujo processo me foi confiado… O senhor estudava Direito, não é verdade, Rodion Românovitch?

– Sim, estudava…

– Bem; pois aqui tem um pequeno exemplo que poderá ser-lhe útil no futuro… Isto é, não vá supor que eu me proponho dar-lhe lições, ao senhor, que escreveu aquele artigo sobre os crimes! Não se trata disso, mas apenas de apresentar-lhe um fato, como um pequeno exemplo… Assentemos em que eu passei a ter suspeitas deste, daquele ou daqueloutro, por me parecer que é o autor dum crime; vejamos: por que hei de eu ir incomodá-lo antes de tempo, embora possua algumas provas contra ele? Umas vezes vejo-me obrigado, por exemplo, a mandar prender um indivíduo urgentemente; mas outras, a pessoa em questão é de outro caráter, e, de fato, por que não havia eu de dar-lhe tempo a que passeasse todavia um pouco pela cidade? He… he! Não, o senhor, eu bem vejo, não está compreendendo o que eu lhe digo, e por isso vou explicar com mais clareza: se eu o mando prender demasiado cedo, presto-lhe, por assim dizer, um auxílio moral. He… he! O senhor ri – Raskólhnikov nem de longe pensava em rir, pelo contrário, rangia os dentes, não afastando o seu olhar inflamado dos olhos de Porfíri Pietróvitch. – E, no entanto, é assim, sobretudo tratando-se de alguns indivíduos, porque são tipos muito diferentes e, com eles, só a prática é que vale. O senhor há de dizer-me: e as provas? Suponhamos que as provas existam; mas repare, bátiuchka, as provas são, na sua maior parte, armas de dois gumes, e eu sou juiz de instrução, um homem fraco, reconheço; o que uma pessoa desejaria era estabelecer os resultados do seu processo com uma exatidão, por assim dizer, matemática; desejaria encontrar uma prova de tal natureza, qualquer coisa de gênero dois e dois são quatro. O que uma pessoa almejaria encontrar seria uma prova clara e incontestável! E veja, se o prendo antes do tempo, embora eu esteja convencido de que é “ele”, sou eu próprio que acabo por privar-me do meio de desmascará-lo mais à vontade; e como? Porque dessa maneira lhe destino uma posição, por assim dizer, definida; defino-o psicologicamente e tranquilizo-o, e ele escapa e mete-se na sua concha; compreende, finalmente, que está preso. Dizem que em Sebastópol, quando do caso de Alma, algumas pessoas inteligentes temiam que o inimigo atacasse a povoação

declaradamente e a tomasse de um golpe; mas vendo que o inimigo iniciava um assédio segundo todas as regras e abria a sua primeira trincheira, as tais pessoas inteligentes alvoroçaram-se e tranquilizaram-se; pelo menos durante dois meses a coisa duraria, até que a tomassem por um assalto em regra! Ri outra vez, duvida outra vez? Sim, é claro; também tem razão nisto. Tem razão, tem razão! Tudo isto são casos particulares, concordo com o senhor; o caso que lhe apresentei é, de fato, um caso particular. Mas repare, meu muito excelente Rodion Românovitch, é preciso lembrar-se de uma coisa; o caso geral, esse que apresenta todas as fórmulas e regras jurídicas, o que os livros consideram e escrevem, não existe na realidade, pela simples razão de que cada assunto, cada crime, por exemplo, assim que se deu na realidade, passa imediatamente a converter-se num caso particular; e às vezes em circunstâncias tais que não se parece em nada com o anterior. Às vezes acontecem casos muito cômicos, nesse gênero. Bem; eu deixo o homem completamente só; não o prendo nem o incomodo, mas de maneira que fique sabendo, em todas as horas e em todos os minutos, ou pelo menos suspeite que eu sei tudo, que sei tudo ponto por ponto, que lhe sigo a pista dia e noite, inutilizo as suas cautelas, e viva numa eterna suspeita e medo de mim, e de tal maneira o envolvo, juro, que ele próprio me há de vir ter às mãos ou fará qualquer coisa que será já muito parecida com o dois e dois são quatro, isto é, que tenha uma aparência, por assim dizer, matemática… Isso é que é agradável. Isto pode dar-se com um pacóvio, mas também se dá com o nosso irmão, com um homem perfeitamente inteligente e até culto na sua especialidade, e ainda há pouco tempo se deu! Porque, caríssimo, é uma coisa muito importante saber sobre que é que uma pessoa é culta. E depois há os nervos, os nervos, de que o senhor se esquece! Porque todos eles andam hoje doentes, débeis, excitados! E a bílis, todos eles têm tanta bílis! Olhe, sou eu quem lhe diz: em chegando a ocasião, pode ser esse o filão! Que pode importar-me a mim que ele ande à solta pelas ruas? Que passeie tudo o que lhe apetecer; eu não preciso de mais para saber que ele é a minha pequena vítima e que não há de escapar-me! Pois, para onde poderia ele fugir? He, he! Para o estrangeiro? Para o estrangeiro poderá fugir um polaco, mas não “ele”, tanto mais que eu lhe sigo a pista e tomei as minhas medidas. Iria fugir para os confins do país? Mas aí vivem os camponeses verdadeiros, autênticos russos, e um

homem imbuído de cultura contemporânea há de preferir sempre ir para o presídio a suportar o convívio com uma gente que lhe é tão estranha, os nossos camponeses, he… he… he! Mas tudo isto são absurdos e superficialidades! Que vem a ser isso de fugir? Isso é uma pura fórmula; o essencial não é isso; não só ele não me escapa por não ter para onde fugir, como também não me escapa por razões psicológicas, he… he! Esta frasezinha, hem? Não me escapa pela lei da natureza, ainda que tivesse para onde fugir. Já reparou numa borboleta à volta da luz? Bem; pois da mesma maneira se porá ele a dar voltas e voltas em meu redor, como em torno de uma vela; a liberdade deixará de ser agradável para ele, começará a matutar, a viver numa inquietação, a ficar preso nas suas próprias redes e a sofrer angústias mortais… E isso ainda não é tudo: ele próprio, espontaneamente, me proporcionará alguma prova matemática, do gênero de dois e dois são quatro… assim que eu lhe consinta um intervalo mais longo… E não fará mais do que traçar círculos e mais círculos cada vez mais apertados à minha volta, até que… pumba! Num desses voos me virá cair na boca e eu vou engoli-lo com todo o gosto, he… he! Não lhe parece?

Raskólhnikov não respondeu: continuava sentado, pálido e imóvel, contemplando com a mesma atenção concentrada o rosto de Porfíri.

“Boa lição! – pensava, transido de frio. – Isto já não é sequer o jogo do gato com o rato como ontem; e não iria demonstrar-me inutilmente a sua força e… sugerir-me… é demasiado esperto para isso… Não há dúvida de que persegue outro objetivo, mas qual? Ah, é absurdo, meu caro, que tu queiras assustar-me e valer-te de estratagemas para comigo! Tu não tens provas e o homem de ontem não existe! O que tu queres é apenas me atrapalhar; o que queres é irritar-me adiantadamente e, uma vez que eu caia nessa disposição, deitar-me as garras; mas estás enganado, estás enganado, não hás de levar a melhor! Mas por que, por que me espremerá ele até este ponto? Contará com os meus nervos doentes? Não, meu caro, não, estás enganado, apanhas uma desilusão, embora andes tramando alguma. Bem, vamos ver o que é que andavas tramando.”

E fez um esforço, juntando todas as suas energias, preparando-se

para uma terrível e imprevista catástrofe. Às vezes sentia uma grande vontade de dar um salto e estrangular Porfíri ali mesmo. Já quando entrou sentira medo desses impulsos. Sentia que a boca lhe secava, que o coração lhe palpitava e que aos lábios lhe subia espuma. Mas, no entanto, decidiu calar-se e não falar senão quando chegasse a ocasião propícia. Compreendia que era essa a melhor tática, dada a sua situação, porque, assim, não só não se comprometia, como também, pelo contrário, incitava o adversário com o seu silêncio, e talvez ele soltasse alguma palavra imprudente. Pelo menos era o que ele esperava.

– Não; o senhor, eu bem vejo, não acredita, pensa que tudo o que eu lhe digo são graças inocentes – insistiu Porfíri tornando-se cada vez mais alegre e satisfeito e começando outra vez a dar voltas pelo seu gabinete. – O senhor, sem dúvida, tem razão, no seu ponto de vista; a mim, Deus deu até uma figura que só inspira aos outros ideias cômicas; sou um bobo; mas digo-lhe e repito-lhe que o senhor, Rodion Românovitch, deve perdoar-me, pois é um jovem na primeira juventude, por assim dizer, e eu sou um velho, e além disso deve perdoar-me também, visto que aprecia acima de tudo a inteligência humana, como todos os jovens. A sutileza da inteligência e as deduções abstratas da razão seduzem-no. E veja como é igual, sem tirar nem pôr, ao antigo Hofskriegsrat[37] austríaco, por exemplo, tanto quanto eu posso julgar das coisas da guerra; no papel eram eles que batiam Napoleão e o faziam prisioneiro, e ali, no seu gabinete, entregavam-se da maneira mais sutil aos seus cálculos, mas eis senão quando o General Mack se rende com todo o seu exército, he… he… he! Já vejo, já vejo, meu caro Rodion Românovitch, que ri de mim por ser um civil e ir procurar exemplos à crônica militar. Mas que se há de fazer? É o meu fraco: morro por assuntos marciais e perco a cabeça por ler descrições de guerras… Não há dúvida de que errei a minha carreira. Devia ter ido para o Exército, é verdade. Pode ser que não tivesse sido nenhum Napoleão; mas teria sido major, isso sim, he… he… he! Bem, pois agora, meu filho, vou dizer-lhe com todos os pormenores toda a verdade acerca do caso particular; a realidade, e a natureza também, meu caro senhor, são coisas importantes, e de vez em quando os cálculos mais sagazes falham por culpa dela. Ah! Escute um velho, que estou a falar sério, Rodion Românovitch, quando digo

isto. – Porfíri Pietróvitch, apenas com trinta e cinco anos, todo ele parecia envelhecer de repente; até a voz mudara e todo ele pareceu encurvar-se – além disso sou um homem franco… Sou franco ou não sou? Que lhe parece? Não tem outro remédio senão reconhecer; estou confiando-lhe tantas coisas desinteressadamente e sem pedir por isso recompensa alguma, he… he! Bem, continuemos; a inteligência, a meu ver, é uma coisa magnífica; é, por assim dizer, uma beleza da Natureza e uma consolação na vida; podem fazer-se com ela muitas travessuras e desorientar um pobre juiz de instrução, que, além disso, se deixou levar pela sua fantasia, como costuma acontecer sempre, pois, e aí é que está o mal, é homem! Mas o pior é que a Natureza vem em auxílio do pobre juiz! E é isso o que o jovem compreende, deslumbrado pela sua sagacidade, que salta por cima de todos os obstáculos (segundo o senhor disse ontem numa frase agudíssima e sutilíssima). Suponhamos que ele mente, refiro-me a esse indivíduo, a esse caso particular, ao desconhecido, e que mente da maneira mais astuta e sábia; qualquer pessoa poderá dizer que triunfou e se regozija com os frutos da sua esperteza, quando, de repente, catrapuz! no lugar mais interessante, mais escandaloso, vai e desmaia. Admitamos que está doente, que às vezes há uma atmosfera irrespirável nas salas… Mas, apesar de tudo, apesar de tudo, isso dá que pensar! Soube fingir de uma maneira sem precedentes, mas, no entanto, não contou com a natureza! Foi aí que veio ter toda a sua astúcia! De outra vez, seduzido pela sagacidade da sua inteligência, põe-se a troçar do homem que suspeita dele; empalidece como se fosse de propósito, ou de brincadeira; mas empalidece com demasiada naturalidade, demasiadamente a sério, e dá outra vez que pensar. Embora tenha enganado a primeira vez, durante a noite reconsidera e pergunta se não terá cometido alguma tolice! Isso acontece-lhe a cada passo! Que digo? Ele próprio toma a dianteira, começa a meter-se onde não foi chamado, põe-se a falar pelos cotovelos daquilo de que, pelo contrário, não deveria falar, atreve-se a formular hipóteses… he… he! Ele próprio se apresenta e começa a perguntar: “Por que demorarão tanto a prender-me?”. He… he… he! E isto, repare bem, pode acontecer ao homem mais esperto, com as suas pretensões de psicólogo e literato. A natureza é um espelho, um espelho, e o mais transparente! Olhe para ele e veja-se, é assim mesmo! Mas por que se pôs tão pálido, Rodion Românovitch? Falta-lhe o ar, quer que abra a

janela?

– Oh, não se preocupe, por favor! – exclamou Raskólhnikov e, de repente, começou a rir. – Não se incomode!

Porfíri parou diante dele, esperou um momento e, de repente, também ele, imitando-o, desatou numa gargalhada. Raskólhnikov levantou do divã e reprimiu de súbito aquele riso, absolutamente convulsivo.

– Porfíri Pietróvitch! – disse numa voz forte e sonora, embora mal se aguentasse sobre as pernas trêmulas. – Até que enfim vejo claramente que o senhor suspeita decididamente de mim como autor do duplo assassinato dessa velha e de Lisavieta. Aviso-o de que, por meu lado, há já muito tempo que estou farto de tudo isto. Se julga que tem o direito de perseguir-me legalmente, ou de prender-me, faça-o. Mas não lhe consentirei nem mais um momento que se ria na minha cara.

De repente, os lábios tremeram-lhe, os olhos cintilaram-lhe de raiva e sua voz, que até ali mantivera firme, quebrou-se.

– Não consinto! – exclamou, de repente, dando sobre a mesa um soco com toda a força. – Ouviu bem, Porfíri Pietróvitch? Não consinto!

– Ah, senhor! Mas que tem, outra vez? – exclamou Porfíri Pietróvitch, aparentemente assustado. – Caríssimo Rodion Românovitch! *Bátiuchka*! Pai! Que lhe aconteceu?

– Não consinto! – tornou a gritar Raskólhnikov.

– *Bátiuchka*, mais baixo, que podem ouvi-lo e aparecem por aí! E depois, que lhes vai dizer? – murmurou com espanto Porfíri Pietróvitch, aproximando a sua cara da de Raskólhnikov, até roçá-la.

– Não consinto, não consinto! – repetia Raskólhnikov maquinalmente, mas de repente também, em voz baixa.

Porfíri deu rapidamente uma meia volta e correu a abrir a janela.

– É preciso ar fresco! E também lhe convinha beber um

pouquinho de água, meu querido amigo; isso é um ataque! – e correu para a porta em busca de água, embora ali mesmo, num canto, houvesse uma garrafa com ela.

– *Bátiuchka*, beba um gole – murmurou, aproximando-se dele com a garrafa – talvez lhe faça bem… – o susto e a compaixão de Porfíri Pietróvitch eram tão naturais que Raskólhnikov ficou calado e a olhá-lo com uma curiosidade verdadeiramente ávida. Mas não provou a água.

– Rodion Românovitch! Meu amigo! Vamos ver! Parecia mesmo que perdera o juízo, afirmo-lhe! Ai, ai! Beba um golinho de água! Beba, nem que seja só um golinho!

Obrigou-o a segurar o copo de água na mão. Ele o levou aos lábios maquinalmente; mas, apercebendo-se a tempo, pousou-o com repugnância sobre a mesa.

– Foi isso mesmo, tornou a dar-lhe o ataque! O senhor, meu amigo, tornou a recair na sua doença – ponderou Porfíri com afetuosa simpatia, mas com um ar altivo. – Meu Deus! Mas é possível deixar-se arrebatar dessa maneira? Olhe, também Dmítri Prokófitch esteve a ver-me ontem… Concordo, concordo que tenho um caráter mau, antipático. Mas é preciso vermos o que ele concluiu daí! Meu Deus! Veio ver-me ontem, depois do senhor se ter ido embora; estávamos jantando, e pôs-se a falar, a falar, e eu não podia fazer mais nada senão abrir os braços, espantado; bem, mas eu penso… Ah, meu Deus! Não viria da sua parte? Mas sente-se, *bátiuchka*, sente-se por amor de Cristo!

– Não, da minha parte, não! Mas sabia que ele ia vê-lo, e também por que motivo – respondeu Raskólhnikov com brusquidão.

– Sabia?

– Sabia. Que tem isso de especial?

– Vamos, meu caro Rodion Românovitch, como se eu não conhecesse também todos os seus passos! Estou informado de tudo! É para que veja: sei que foi alugar um quarto, e quase de noite, ao

escurecer, e que se pôs a puxar pela campainha, e que perguntou pelo sangue, e que irritou os trabalhadores e o porteiro. Olhe, eu compreendo o seu estado de espírito naquele momento… Mas, apesar de tudo, o senhor expõe-se, simplesmente, a perder o juízo! Por amor de Deus! Olhe que pode endoidecer! A cólera arde dentro do senhor com demasiada violência, por causa das ofensas recebidas, primeiro, do destino e depois dos policiais, e o senhor sonhava obrigá-los todos a falar, e acabar assim de uma vez, porque já está farto de todas essas parvoíces e de todas essas suspeitas. Não é verdade? Adivinhei o seu estado de espírito? Simplesmente, com isso, não só se expõe à loucura, como nos expõe ao mesmo a nós, a Razumíkhin e a mim; muito bom já é ele para que isso não lhe suceda; o senhor bem o sabe. O senhor está doente; mas ele é bom, e podia pegar essa doença… Olhe, *bátiuchka*, quando estiver mais tranquilo, hei de contar-lhe… Mas sente, pelo amor de Cristo! Faça favor, descanse um pouco, está transtornado, sente.

Raskólhnikov sentou; um calafrio lhe percorreu todo o corpo. Escutava com a maior estupefação Porfíri Pietróvitch que, assustado e solícito, o obrigava a sentar. Mas não acreditava em nenhuma das suas palavras, embora sentisse uma estranha inclinação para acreditar nelas. Sobressaltou-se com a inesperada alusão de Porfíri ao aluguel do quarto: “Como é possível que ele saiba isso do quarto? – pensou de repente. – Foi ele próprio quem me falou isso!”.

– Sim, senhor, já uma vez encontrei um caso semelhante, psicológico, na minha vida judicial, um caso assim doentio – prosseguiu Porfíri, falando atabalhoadamente – também se tratava de um indivíduo que se acusara de um crime. E de que maneira se acusara! Era vítima de um autêntico estado alucinatório, apresentou fatos, referiu todos os pormenores, despistou-os e deixou toda a gente desorientada. E, afinal, ele apenas fora, em parte, só em parte, o causador absolutamente involuntário de um crime, e quando soube que dera azo ao assassino, ficou impressionado, começou a pensar, a pensar, desorientou-se e acabou por acreditar que tinha sido ele o verdadeiro criminoso. Até que o Tribunal de Cassação interveio no assunto e absolveu o infeliz, submetendo-o a uma observação. Graças ao Tribunal de Cassação! E então… então… e… e… que diz o senhor a

isto, meu caro? É que uma pessoa até pode apanhar uma febre quando tem os nervos fracos e começa a ir de noite puxar pelas campainhas e perguntar pelo sangue! Eu, repare, aprendi toda esta psicologia na prática. Às vezes acontece a um indivíduo sentir a tentação de se atirar de uma janela ou do alto duma torre, e essa sensação tem algo de sedutora… Pois pode dizer-se o mesmo disso de puxar pelas campainhas… É uma doença, Rodion Românovitch, uma doença! O senhor descuidou excessivamente a sua doença. Devia ter consultado um médico experimentado e não esse tipo gordo… O senhor está delirando! Tudo o que se passa é apenas o efeito do delírio!

Por um momento, tudo se pôs a dar voltas em torno de Raskólhnikov.

"E se, e se – foi o que passou pela sua cabeça – tudo isto fosse fingido? É impossível, é impossível!", e repudiava esse pensamento, sentindo antecipadamente até que extremos a raiva e o furor podiam conduzi-lo, sentindo que se pode até enlouquecer de puro ódio.

– Eu não estava delirando, eu estava em meu perfeito juízo! – exclamou, empregando toda a capacidade da sua inteligência para ver claro no jogo de Porfíri. – No meu juízo, no meu juízo! Está ouvindo?

– Sim, compreendo e ouço. Também o senhor dizia, ontem, que não estava delirando e insistiu especialmente nesse ponto, em que não delirava! Compreendo tudo quanto o senhor possa dizer. Ah! Mas escute também Rodion Românovitch, meu amigo, ainda que seja só um pormenor. Suponhamos que, no fundo, o senhor era de fato culpado, ou que tivesse intervindo de qualquer forma neste maldito assunto. Poderá o senhor, faça favor de me dizer, afirmar que não tinha feito tudo isso num estado de delírio, mas, pelo contrário, em seu perfeito juízo? Mais ainda: afirmar especialmente, afirmar com essa especial teimosia… seria isso possível, seria isso possível, compreende? Mas veja: eu afirmo redondamente o contrário. Se o senhor se sentisse culpado, de qualquer modo, então, o que lhe conviria afirmar seria precisamente que, sem dúvida alguma, que diabo! estava delirando. Não é assim? Não tenho razão?

Algo de insidioso transparecia na pergunta. Raskólhnikov atirou-

se para trás, para o recosto do divã, evitando Porfíri, que se inclinava para ele e o olhava perplexo, em silêncio e tenazmente.

– Agora, quanto ao Senhor Razumíkhin, isto é, quanto a pôr a claro se ele veio ver-me ontem espontaneamente, por sua livre vontade ou por mandado seu, o que o senhor devia dizer era que tinha vindo espontaneamente e não por recomendação sua. Mas repare que não o disse! O senhor afirma precisamente que veio por mandado seu.

Raskólhnikov não afirmara tal coisa. Um arrepio lhe percorreu as costas.

– Isso é tudo mentira – declarou lenta e debilmente, com um sorriso crispado e doloroso nos lábios. – O senhor está outra vez a querer-me demonstrar que percebe o meu jogo, que conhece de antemão todas as minhas contestações – sentindo ele próprio que as palavras já não lhe saíam como ele desejava. – O senhor quer meter-me medo… e está simplesmente troçando de mim…

Continuou olhando-o fixamente enquanto dizia isto e, de súbito, nos seus olhos tornou a brilhar uma cólera imensa.

– Tudo quanto disse é mentira! – exclamou. – O senhor sabe muito bem que, para um criminoso, o melhor recurso é dizer a verdade, na medida do possível. Não acredito no que disse.

– Mas que cara o senhor faz! – riu Porfíri. – Com o senhor, meu caro, não é possível uma pessoa entender-se, o senhor é um monomaníaco. Com que então não acredita em mim? Pois eu lhe digo que acredita, que já acredita em mim um quarto de *archin* e hei de fazer com que acredite um *archin* inteiro, porque lhe tenho sincera amizade e desejo verdadeiramente o seu bem.

Os lábios de Raskólhnikov tremiam.

– Sim, lá isso é, gosto do senhor, digo francamente – continuou, pegando leve, amistosamente, um braço de Raskólhnikov, um pouco acima do cotovelo – digo francamente: trate da sua doença. Além do mais, foi para isso que veio a sua família e lembre-se dela. Tranquilizar as pessoas da sua família e tratá-las com todo carinho é

que é preciso; mas o senhor não faz outra coisa senão assustá-las…

– E, ao senhor, que lhe importa isso? Como sabe? Segue-me a pista e quer que eu saiba disso?

– Meu caro! Mas se eu sei tudo, pelo senhor mesmo! Por acaso não se apercebe de que no meio da sua comoção começa a dizer tudo diante de mim e dos outros? Pelo senhor Razumíkhin, Dmítri Prokófitch soube também alguns pormenores interessantes. Não, o senhor nega, mas eu devo dizer-lhe que, devido à sua irritabilidade, apesar de toda a sua astúcia o senhor chega até a perder a noção das coisas. Porque, vamos ver, embora tenhamos de voltar outra vez ao tema das campainhas: uma preciosidade dessas, um fato dessa importância (porque isso é, afinal, um fato), sou eu, o juiz de instrução, que lhe revelo assim, com toda a franqueza! E o senhor não vê nada nisso? Se eu suspeitasse decididamente do senhor, ia me conduzir desta maneira? Pelo contrário, o que me competia era começar por adormecer as suas desconfianças e não dar a entender que tinha conhecimento desse fato; procurar distraí-lo pelo lado contrário, e, de repente, aniquilá-lo com uma machadada na cabeça (segundo a sua expressão): "Olá, cavalheiro! Então vamos ver: que era que o senhor tinha a fazer no quarto da assassinada às dez e tanto da noite, quase às onze? E a que propósito veio isso de tocar a campainha e de perguntar pelo sangue? E por que procurou depois desorientar os porteiros e disse que o levassem ao Comissariado, à presença do tenente?". Aí tem o senhor a maneira como eu devia ter procedido, se tivesse contra o senhor a mais leve suspeita. Devia tê-lo submetido a um interrogatório em forma, efetuar uma busca em sua casa e, além disso, mandá-lo prender… Uma vez que me conduzo de um modo tão diferente, é sinal de que não suspeito do senhor de maneira nenhuma. O senhor perdeu a noção das coisas e não vê nada de nada, repito-lhe.

Todo o corpo de Raskólhnikov estremeceu, de tal maneira que Porfíri o notou claramente.

– Tudo quanto diz é mentira! – exclamou. – Não sei qual o fim com que o faz; mas não faz mais nada senão mentir… Há pouco, não me falava dessa maneira, e eu não devo estar enganado… O senhor mente!

– Eu minto? – insistiu Porfíri, exaltando-se aparentemente, mas sem perder o seu aspecto jovial e brincalhão e sem se preocupar absolutamente nada da opinião que dele pudesse fazer o senhor Raskólhnikov. – Eu minto? Vamos ver como é que eu (eu, o juiz), há pouco, me conduzi para com o senhor, indicando-lhe e proporcionando-lhe todos os meios para a sua defesa e apontando-lhe todas essas demonstrações psicológicas – doenças… que diabo! o delírio, o amor-próprio ofendido, a melancolia, e, para cúmulo, todos esses policiais – e todo o resto. Não foi isto? He, he, he! Embora, no fim de conta – não vou esconder – todos esses meios psicológicos de defesa, pretextos e subterfúgios sejam muito inconsistentes e semelhantes a espadas de dois gumes. "Doença, ó diabo! delírio, sonhos, tive uma alucinação, não compreendo…", tudo isto está muito bem; mas vamos ver: por que é que, meu caro, admitindo embora a doença e o delírio, lhe sucedeu ter precisamente essas alucinações e não outras? Porque, afinal, podia ter tido outras. Não é assim? He, he, he!

Raskólhnikov lançou-lhe um olhar orgulhoso e de desprezo.

– Em resumo – disse com altivez e em voz forte, levantando e dando, ao fazer isso, um pequenino empurrão a Porfíri – em resumo, eu quero saber: reconhece-me definitivamente fora de toda a suspeita ou não? Fale, Porfíri Pietróvitch, fale redonda e categoricamente, e já, neste momento!

– Mas que trabalho! Mas que trabalho que o senhor me dá! – exclamou Porfíri com uma cara perfeitamente jovial, insidiosa e sem ponta de inquietação. – Mas que quer o senhor saber, que quer o senhor saber com tanto empenho, se ainda não começaram a incomodá-lo? Olhe, o senhor é como uma criança brincando com fogo. Mas por que se preocupa tanto? Por que me fez essa pergunta e com que razão? Hem? He, he, he!.

– Repito – exclamou Raskólhnikov com veemência – que não posso suportar mais…

– Mas o quê? A incerteza? – interrompeu-o Porfíri.

– Não me exaspere! Não quero! Digo que não quero! Não posso

nem quero! Ouça bem! Ouça-me bem! – gritou, tornando a descarregar um soco sobre a mesa.

– Mais baixo, mais baixo! Olhe que podem ouvi-lo! Previno-o seriamente. Domine-se. E não estou brincando! – declarou Porfíri em voz baixa; mas, dessa vez, o seu rosto não tinha aquela expressão efeminada, bonachona e precipitada de há pouco, e, pelo contrário, agora mandava severamente, franzindo o sobrolho e como se descobrisse de uma só vez todos os seus mistérios e todas as suas ambiguidades. Mas isso durou apenas um instante.

O encolerizado Raskólhnikov ia entregar-se a um verdadeiro acesso de furor; mas, coisa estranha, voltou outra vez a obedecer à intimação de falar baixo, apesar de se encontrar em pleno paroxismo.

– Eu não me deixo torturar! – murmurou de repente, como há pouco apercebendo-se imediatamente, com dor e cólera, de que não pudera deixar de se submeter àquela ordem, pensamento que aumentava a sua fúria. – Mande-me prender, efetuar uma busca em minha casa; mas faça tudo isso segundo as regras, em vez de brincar comigo! Não se atreve, vai…

– Não se preocupe com as formalidades – atalhou Porfíri com o mesmo sorriso insidioso de antes e como se derretesse em ternura para com Raskólhnikov. – Eu, meu caro, convidei-o agora de uma maneira absolutamente familiar, amistosa.

– Eu não quero a sua amizade, cuspo em cima dela. Está ouvindo? Olhe, pego o gorro e vou-me embora. Que diz o senhor a isto, se tem a intenção de me prender?

Pegou o gorro e dirigiu-se à porta.

– Mas, o senhor não quer, talvez, ter uma surpresa? – exclamou Porfíri rindo às gargalhadas e tornando a segurá-lo um pouco mais acima do cotovelo e parando mesmo junto da porta. Segundo parecia, conservava-se jovial e gracejador como antes, o que acabou de exasperar Raskólhnikov.

– Que surpresa? De que se trata? – perguntou, parando e olhando

para Porfíri com medo.

– Uma surpresa que tenho preparada aí, do outro lado da porta. He, he, he! – apontou com o dedo a porta fechada do tabique que conduzia à sua residência oficial. – Até a fechei à chave para que não fugisse.

– Mas quem? Onde está? De que se trata?

Raskólhnikov aproximou-se da porta e tentou abri-la; mas estava fechada.

– Está fechada; mas aqui tem a chave.

E, de fato, mostrou-lhe uma chave, que tirara do bolso.

– Tudo isso são patranhas! – gritou Raskólhnikov, já sem poder conter-se. – Estás mentindo, maldito polichinelo.

E atirou-se sobre Porfíri, que se retirava em direção à porta, mas sem dar o menor sinal de medo.

– Agora já compreendo tudo, tudo! – disse-lhe. – Tu mentes e irritas-me para que me entregue…

– Mas se já não é possível entregares-te mais, *bátiuchka* Rodion Românovitch! Olhe, o senhor está desesperado. Não grite, senão terei de chamar.

– Mentes, nada se passará! Pois chama e que venham! Tu sabias que eu estava doente e querias excitar-me até me ver colérico para que eu me entregasse, era este o teu objetivo. Mas não: arranja provas! Eu compreendi tudo! Tu não tens provas, tu só tens conjeturas porcas, miseráveis, as que Zamiótov te sugeriu… Tu conhecias o meu caráter, querias lançar-me no desespero e depois me pores em poder dos popes e dos delegados… Estás à espera deles? Eh! Por que esperas? Onde é que estão? Que venham!

– Mas de que delegados está falando, meu caro? Os homens sempre têm muita imaginação! Mas se não é possível proceder de acordo com as formalidades, como diz … Olhe, meu caro, o senhor

não sabe… Mas as formalidades não hão de faltar, como verá… – murmurou Porfíri, escutando à porta.

Efetivamente, naquele momento, junto da porta da outra sala ouviu-se um ruído.

– Já aí vêm! – exclamou Raskólhnikov. – Mandaste-os chamar por minha causa… Estavas à espera deles! Contavas com… Bem, pois que venham todos; delegados, testemunhas, tudo o que quiseres… Que venham. Estou pronto! Pronto!

Mas então sucedeu uma coisa estranha, algo tão inesperado no curso vulgar dos acontecimentos, que não há dúvida alguma de que nem Raskólhnikov nem Porfíri Pietróvitch podiam imaginar tal desenlace.

## Capítulo VI

Eis a recordação que esta cena deixou no espírito de Raskólhnikov.

Aquele ruído que ouvira na sala contígua cresceu rapidamente e a porta pouco a pouco entreabriu-se.

– Quem é? – perguntou Porfíri Pietróvitch contrariado. – Mas eu recomendara…

A resposta demorou; mas percebia-se perfeitamente que do outro lado da porta se encontravam vários homens que pareciam esforçar-se por afastar alguém.

– Mas que vem a ser isso? – repetiu Porfíri Pietróvitch, alarmado.

– Trazemos o preso, Nikolai – disse alguém.

– Não é preciso! Vão-se embora! Esperem! Mas para que o trouxeram para cá? Mas que desordem! – exclamou Porfíri, precipitando-se para a porta.

– É que ele… – tornou a dizer a voz de há pouco, e depois calou-

se.

Durante uns segundos travou-se uma pequena batalha; depois, de repente, pareceu que tinham conseguido afastar alguém por meio da violência, e depois, finalmente, no gabinete de Porfíri entrou um homem muito pálido.

O aspecto daquele indivíduo, à primeira vista, não podia ser mais estranho. Olhava para frente, mas sem ver ninguém. Uma decisão brilhava nos seus olhos, mas, ao mesmo tempo, uma palidez mortal cobria o seu rosto, como se o conduzissem ao suplício. Os lábios tremiam-lhe, completamente descoloridos.

Muito novo ainda, trajava como as pessoas do povo; era de estatura mediana, magro, com o cabelo cortado em redondo, de feições finas e um tanto secas. O homem ao qual ele escapara entrou na sala atrás dele e conseguiu segurá-lo por um ombro: era um guarda; mas Nikolai estendeu o braço e conseguiu escapar-se novamente.

Juntaram-se alguns curiosos à porta. Alguns esforçavam-se por entrar. Tudo o que acabamos dc contar sucedeu rapidamente.

– Saiam daqui! Ainda é cedo! Esperem que os chamem! Por que o trouxeram tão cedo? – murmurava Porfíri Pietróvitch, extremamente contrariado e como se estivesse fora de si. Mas, de repente, Nikolai ajoelhou-se no chão.

– Que é isso? – exclamou Porfíri estupefato.

– Eu sou culpado! A culpa é minha! Sou eu o assassino! – declarou inesperadamente Nikolai, como se lhe faltasse o fôlego, mas com uma voz bastante firme.

O silêncio prolongou-se durante dez segundos, como se todos tivessem caído em catalepsia; até o guarda deixou cair os braços e afastou-se para a porta, onde ficou imóvel.

– Mas que estás dizendo? – exclamou Porfíri Pietróvitch, saindo do seu espanto momentâneo.

– Que eu… que eu é que sou o assassino… – repetiu Nikolai, depois de um breve silêncio.

– O quê? Tu? Quem é que tu mataste?

Porfíri Pietróvitch estava visivelmente desconcertado.

Por um momento, Nikolai tornou outra vez a ficar calado.

– Alíona Ivânovna e a irmã, Lisavieta Ivânovna… eu… fui eu quem as matou… com o machado. Não estava em meu perfeito juízo… – acrescentou de repente, e novamente ficou calado. Continuava de joelhos.

Porfíri Pietróvitch permaneceu mudo uns segundos, como se refletisse; mas, de repente, estremeceu violentamente e gesticulou com a mão, afugentando os curiosos. Estes desapareceram logo e a porta voltou a fechar-se. Depois olhou para Raskólhnikov, que permanecia a um canto, de pé, olhando avidamente para Nikolai, e de repente fez o gesto de correr para ele, mas entretanto deteve-se, ficando a olhá-lo; pousou depois a vista sobre Nikolai e, de súbito, como se cedesse a um impulso, tornou a dirigir-se para Nikolai.

– Queres arranjar já de antemão uma desculpa com isso de que não estavas em teu juízo? – interpelou-o, quase colérico. – Eu não te fiz perguntas; estivesses ou não no teu juízo… fala. És tu o assassino?

– Sou eu o assassino… Posso prová-lo… – disse Nikolai.

– Ah! Com que é que cometeste o crime?

– Com o machado. Tinha-o levado.

– Ah, estás com muita pressa! Sozinho?

Nikolai não compreendeu a pergunta.

– Se foste tu sozinho quem cometeu o crime?

– Sozinho. Mitka está completamente inocente, não tomou parte em nada.

– Mas para que tens tanta pressa de falar em Mitka, hem? Mas, vamos ver, diz-me: como é que conseguiste fugir pela escada? O porteiro não os viu, aos dois?

– Fiz isso para despistar… Depois deitei a correr atrás de Mitka – disse Nikolai, como se estivesse a confundir-se e disposto de antemão a tudo.

– Pois sim! – exclamou Porfíri colérico. – Trazes a lição bem decorada! – murmurou Porfíri como se falasse consigo próprio, e de repente tornou a fixar os olhos em Raskólhnikov.

Aparentemente ficara tão entretido com Nikolai que até chegou, por um momento, a esquecer-se de Raskólhnikov. Agora, de repente, tornava a recordar-se dele e até parecia envergonhado.

– Rodion Românovitch, *bátiuchka*! Desculpe – disse-lhe. – Não é possível, na verdade… Faça favor… O senhor, aqui, não é preciso para nada… Eu mesmo… Veja que surpresa! Faça o favor…

E, pegando-lhe por um braço, indicou-lhe a porta.

– Pelo visto, o senhor não esperava isto? – disse Raskólhnikov, de fato sem compreender nada ainda, mas apressando-se a cobrar ânimo.

– Não, nem o senhor tampouco o esperava, meu caro. Olhe como o seu braço treme! He… he…

– Sim, e o senhor também está tremendo, Porfíri Pietróvitch.

– Sim, eu também estou tremendo. Não esperava isto!

Já tinham chegado à porta, Porfíri esperava impacientemente que Raskólhnikov passasse.

– E aquela surpresa de que falava, não quer mostrar-me? – perguntou Raskólhnikov, de repente.

– O senhor fala dos outros mas até os dentes lhe batem! He… he! É um trocista! Bem, até à vista!

– Pela minha parte, adeus!

“Será o que Deus quiser, o que Deus quiser!”, murmurou Porfíri com um sorriso contrafeito.

Quando passou pela sala da repartição, Raskólhnikov reparou que muitas pessoas o olhavam curiosamente. Por acaso viu, no vestíbulo, no meio das outras pessoas, os dois porteiros “daquela casa”, aqueles aos quais desafiara para que o levassem ao Comissariado na tal noite. Estavam de pé e pareciam esperar qualquer coisa. Mas, ainda mal chegara à escada, quando ouviu outra vez às costas a voz de Porfíri Pietróvitch. Voltou-se e verificou que ele corria afanosamente para alcançá-lo.

– Uma palavrinha, Rodion Românovitch: quanto ao passado, será o que Deus quiser; mas, no entanto, para cumprir as formalidades, terei de interrogá-lo… Por isso tornaremos a ver-nos em breve!

E Porfíri parou diante dele, sorrindo.

– Em breve – tornou a acrescentar.

Parecia que ainda tinha mais qualquer coisa para dizer, mas que não era capaz de fazê-lo.

– Porfíri Pietróvitch, desculpe-me aquilo que há pouco… Excitei-me – começou Raskólhnikov, já completamente reanimado, sentindo até vontade de gracejar.

– Não fale mais disso, não fale mais disso – insistiu Porfíri, quase alvoroçado. – Eu também… Maldito caráter o meu; confesso, reconheço! Bem, ficamos em que nos tornaremos a ver. Se Deus quiser, havemos de voltar a ver-nos muitas vezes!

– E acabaremos finalmente por nos conhecermos bem – acrescentou Raskólhnikov.

– E acabaremos finalmente por nos conhecermos bem – concordou Porfíri Pietróvitch e, piscando um olho, ficou depois olhando fixamente. – E agora, vai a um aniversário?

– A um enterro.

– Ah, é verdade, a um enterro! Acautele-se, acautele-se!

– Eu, pelo meu lado, não sei o que lhe hei de desejar – acrescentou Raskólhnikov, que começava já a descer a escada e, de repente, voltou-se para Porfíri. – Eu lhe desejo muitos êxitos, pois, de fato, a sua profissão é bem cômica!

– Cômica, por quê? – e imediatamente Porfíri, que já dera também meia volta para se retirar, aguçou o ouvido.

– Porque, bem vê: a esse pobre Mikolka[38] o senhor deve ter torturado e mortificado psicologicamente, à sua maneira, até que ele confessou; deve ter estado a dizer-lhe dia e noite: "És o assassino, és o assassino…". Bem, mas agora que ele já confessou, vai o senhor tornar a moer-lhe os miolos, dizendo-lhe: "Mentes, estupor; tu não és o assassino! Não é possível! Tu repetes uma lição decorada!". É capaz de me dizer, depois disto, que a sua profissão não é ridícula?

– He… he… he! Mas o senhor reparou nisso que eu disse a Nikolai, que ele repetia uma lição decorada?

– Como é que não havia de reparar?

– He… he! É engraçado, é engraçado. O senhor repara em tudo! É um grande pândego! E sabe escolher as notas mais cômicas… He… he! Ouça, dizem que Gógol, o escritor, possuía essa qualidade em alto grau.

– Sim, Gógol.

– É isso, Gógol… até ao nosso próximo agradabilíssimo encontro.

Raskólhnikov foi direto a sua casa. Estava a tal ponto cansado, esgotado, que logo lá chegou estendeu-se no divã e assim esteve um quarto de hora, descansando simplesmente e esforçando-se por coordenar de qualquer maneira as suas ideias. Acerca de Nikolai, nem sequer formava qualquer juízo; era simplesmente espantoso; na confissão de Nikolai havia qualquer coisa de obscuro, de assombroso, qualquer coisa que, nesse momento, não conseguia explicar. Mas a confissão de Nikolai era um fato positivo. As consequências de tal fato

apareceram-lhe imediatamente com clareza: a mentira não poderia manter-se e então se virariam outra vez contra ele. Mas pelo menos até então estava livre, e devia, sem dúvida alguma, fazer qualquer coisa que lhe fosse útil, visto que o perigo estava iminente.

Mas, no entanto, até que ponto? A situação começava a aclarar-se. Quando recordava, a posteriori, em grandes traços, a recente cena com Porfíri, não podia deixar de estremecer de espanto. É certo que ignorava ainda todas as intenções de Porfíri e não podia adivinhar todos os seus últimos planos. Mas o jogo estava descoberto, em parte, e podia já compreender, sem dúvida, melhor do que ninguém, como era terrível para si aquela vaza no jogo de Porfíri. Um pouco mais e estaria no terreno dos fatos. Conhecendo o aspecto mórbido do seu caráter, e tendo-o adivinhado desde o primeiro olhar, Porfíri procedia, se bem que com demasiada decisão, de um modo certeiro. É preciso andar depressa. Raskólhnikov também andava depressa, e agora acabava de comprometer-se demasiado, não no terreno dos fatos, mas pouco faltara, tudo é relativo. Mas, no entanto, como, como interpretaria ele tudo isso agora? Não estaria enganado? A que resultado teria chegado atualmente Porfíri? Teria, de fato, preparado qualquer coisa? O que, concretamente? Não estaria deveras à espera de qualquer coisa? Como se teriam separado hoje os dois se não tivesse sobrevindo aquela inesperada catástrofe provocada por Nikolai?

Porfíri descobrira quase todo o seu jogo; não há dúvida que se arriscava, mas tinha-o descoberto, e (tudo isto era o que se afigurava a Raskólhnikov) se efetivamente houvesse mais qualquer coisa, também a teria descoberto. Que surpresa seria aquela? Alguma brincadeira? Significaria qualquer coisa ou não? Poderia esconder-se debaixo dela qualquer coisa parecida com um fato, com uma acusação categórica? O homem da véspera? Onde estaria ele hoje? Porque se Porfíri contava com qualquer coisa de concreto, não havia dúvida de que isso devia estar relacionado com o homem da véspera…

Sentou no divã, deixando pender a cabeça, com os cotovelos sobre os joelhos e ocultando a cara com as mãos. Um tremor nervoso agitava ainda todo o seu corpo. Finalmente levantou, pegou o gorro, parou um momento a refletir, e depois encaminhou-se para a porta.

Tinha o pressentimento de que, pelo menos aquele dia, podia considerá-lo com toda a certeza isento de perigo. De súbito, sentiu uma espécie de alvoroço; desejava ver-se o mais depressa possível em casa de Ekatierina Ivânovna. Já era tarde para ir ao enterro, mas chegaria ainda a tempo para o banquete fúnebre, e aí, dentro dum momento, veria Sônia.

Parou, reconsiderou, e um sorriso doentio assomou aos seus lábios.

“Hoje! Hoje! – repetia para consigo. – Sim, hoje mesmo… Devo fazê-lo…”

Preparava-se para abrir a porta, quando, de repente, ela se abriu sozinha. Deu um pulo e retrocedeu. A porta abriu-se lenta e suavemente, e logo apareceu a figura… do homem da véspera, daquele que saíra “debaixo da terra”…

O homem parou à entrada, examinou Raskólhnikov em silêncio e adiantou uns passos dentro do quarto. Era precisamente o mesmo da véspera; a mesma figura, o mesmo traje; mas no seu rosto e no seu olhar notava-se uma grande mudança; agora parecia mortificado e, parando por um momento, lançou um fundo suspiro. Só faltou, nesse instante, levar a palma da mão à face e inclinar a cabeça para um lado, para que parecesse completamente uma mulher.

– Que tem? – perguntou Raskólhnikov meio morto.

O homem ficou calado e, de súbito, inclinou-se perante ele profundamente, quase até tocar o chão. Pelo menos roçou o chão com o anel da mão direita.

– Que faz o senhor? – exclamou Raskólhnikov.

– Sou culpado – diz o homem em voz baixa.

– De quê?

Olharam-se ambos um ao outro.

– Estava ressentido. Quando o senhor quis ir até lá, naquele dia,

talvez embriagado, e desafiou os porteiros a que o levassem ao Comissariado e perguntou pelo sangue, eu me senti ofendido quando vi que eles não faziam caso das suas palavras e que o tomavam por um bêbado. Fiquei tão incomodado que nem pude dormir nessa noite. Mas, como me lembrava da sua morada, viemos aqui ontem e perguntamos pelo senhor…

– Quem é que veio? – interrompeu-o Raskólhnikov, que começava a lembrar-se naquele momento.

– Eu queria dizer que o ofendi.

– Então o senhor é daquela casa?

– Estava lá também à porta, com os outros, não se lembra? Tenho ali a minha oficina há algum tempo. Sou peleiro estabelecido, trabalho em minha casa; mas, de tudo, o que mais me revoltou…

E então Raskólhnikov recordou toda a cena de há três dias, atrás da porta; calculava que, além dos porteiros, haveria ali também alguns homens e mulheres. Lembrava-se de uma voz que tinha proposto que o levassem diretamente ao Comissariado. Da cara daquele que dissera isso não se podia lembrar, nem seria capaz de reconhecê-la agora; mas lembrava-se de ter-lhe respondido qualquer coisa então, encarando-o…

Pode assim ver-se, por aqui, em que vinha dar todo aquele terror da véspera. O mais terrível de tudo era pensar que, de fato, estivera quase a perder-se por causa daquele insignificante incidente. Via-se agora que, tirando o caso do aluguel do quarto e a pergunta sobre o sangue, aquele homem nada mais poderia contar. Donde se inferia que Porfíri também nada mais tinha em seu poder senão aquele delírio, mas não tinha nenhum fato, a não ser esse, psicológico, que é uma arma de dois gumes, de maneira nenhuma categórica. E assim, desde que não viessem a revelar-se mais fatos (e já não deviam vir a revelar-se, não deviam, não deviam!) que podiam fazer-lhe? Como poderiam acusá-lo de culpado, ainda que o prendessem? E, além disso, havia apenas um momento que Porfíri acabava de saber aquilo do quarto, coisa que, até aí, ignorava.

– O senhor disse hoje a Porfíri… isso de eu ter estado ali? – exclamou, assaltado por uma ideia súbita.

– A qual Porfíri?

– Ao juiz de instrução.

– Disse. Os porteiros não foram, mas eu me apresentei.

– Hoje?

– Um minuto antes do senhor ter entrado. E ouvi tudo, a maneira como ele o torturou…

– Onde? Como? Quando?

– Ali mesmo, atrás do tabique, estive todo o tempo sentado.

– O quê? Era essa então a surpresa? Mas é possível que tenha sido assim? Por favor!

– Quando eu vi – começou dizendo o outro – que os porteiros não queriam atender a minha indicação de irem ao Comissariado, alegando que já era tarde e que, além disso, haviam de censurá-los por não terem ido antes, aborreci-me, deixei de dormir e pus-me a pensar. E, de acordo com o que pensei, fui lá hoje. A primeira vez… não estava lá. Voltei lá passada uma hora… Não me receberam; mas voltei terceira vez e… mandaram-me entrar. Pus-me a contar-lhe tudo o que acontecera, e ele começou a dar passos rápidos pela sala e a dar socos no peito: "Que pretendes tu fazer comigo, bandido? – dizia. – Se sei isso, mandava-o trazer com um guarda". Depois saiu correndo, chamou não sei quem e pôs-se a falar com ele a um canto, e depois veio outra vez ter comigo para me fazer perguntas e insultar-me. Fazia-me uma porção de censuras; eu lhe contei tudo, disse-lhe que o senhor não se atrevera a responder às minhas palavras do dia anterior e que não me reconhecera. E então ele começou outra vez com as suas correrias e os seus socos no peito, e vociferava e corria, e quando vieram anunciá-lo ao senhor… "Vamos – disse ele – mete-te atrás do tabique, senta-te ali e não te mexas, ouças o que ouvires"; e ele próprio me levou uma cadeira e deixou-me ali escondido. "Pode ser –

disse ele – que te interrogue.” E só me libertou quando trouxeram Nikolai, depois de o senhor ter ido embora; e ainda me disse: “Preciso de ti, hei de interrogar-te…”.

– E a Nikolai, interrogou-o na sua presença?

– Quando mandou o senhor sair, também me despediu e começou a interrogar Nikolai.

O homem parou, e de repente tornou a fazer outra reverência, roçando o chão com o anel.

– Desculpe-me a minha delação e o mal que lhe causei.

– Que Deus te perdoe – respondeu-lhe Raskólhnikov, e, mal acabara de o dizer, logo o homem fez outra reverência, não já até ao chão, mas de meio corpo para cima, deu lentamente meia volta e saiu do quarto. – Tudo tem, agora, dois aspectos, tudo tem, agora, dois aspectos – afirmou Raskólhnikov, e, mais animado do que nunca, saiu do quarto.

“Agora podemos continuar lutando”, disse com um sorriso malicioso, já na escada. Essa malícia era dirigida contra si próprio; recordava com desprezo e vergonha a sua pusilanimidade.

# Quinta parte

## Capítulo primeiro

A manhã seguinte à explicação, para ele fatal, de Piotr Pietróvitch com Dúnietchka e Pulkhiéria Alieksándrovna, provocou também em Piotr Pietróvitch uma ação libertadora. Com grande contrariedade viu-se obrigado pouco a pouco a reconhecer o fato como consumado e irrevogável, aquele mesmo fato que na noite anterior lhe parecera um acontecimento quase fantástico, e, embora desorientador, algo impossível. Toda a noite a negra serpente do amor-próprio ferido lhe mordeu o coração. Quando levantou da cama, Piotr Pietróvitch foi imediatamente olhar-se ao espelho. Receava ter tido durante a noite um derramamento de bílis. Mas, até agora, quanto a isso ia tudo bem, e quando olhou para o seu rosto digno, branco e um pouco tumefato nos últimos tempos, Piotr Pietróvitch consolou-se quase instantaneamente, com a plena convicção de que encontraria noiva em qualquer outro lugar, sim, e até talvez de melhor posição social. Mas em seguida caiu em si e cuspiu energicamente um esguicho de saliva, com o que provocou um silencioso, mas sarcástico sorriso no seu jovem amigo e vizinho de quarto, Andriéi Siemiônovitch Liebiesiátnikov. Piotr Pietróvitch notou esse sorriso e pôs na conta, havia já algum tempo, muito pesada, daquele rapaz. A sua cólera redobrou quando compreendeu de repente que não devia ter dito nada a Andriéi Siemiônovitch, no dia anterior, acerca dos resultados daquela noite. Era essa a segunda tolice que cometera naquela noite, no seu arrebatamento, por causa da sua excessiva expansividade, devido à sua excitação… Depois, durante toda essa manhã, como de propósito não fez outra coisa senão sofrer contratempo atrás de contratempo. Até no Senado o esperava um certo revés num assunto com o qual tivera muita preocupação. Irritou-o especialmente o dono da casa por ele alugada por causa do seu próximo casamento, e reparada à sua custa; o referido senhorio, um operário alemão que enriquecera, não queria de maneira nenhuma modificar o contrato que tinha sido assinado há tão pouco tempo, e exigia o cumprimento

de tudo quanto nele fora combinado, em todas as suas cláusulas, apesar de Piotr Pietróvitch desejar devolver-lhe o quarto quase todo renovado. Também o armazém de móveis não se prestava, de maneira nenhuma, a devolver-lhe nem um só rublo dos que abonara para pagamento dos móveis, que ainda não tinham sido mudados para o andar: "Não hei de ir agora casar à força por causa dos móveis!", vociferava Piotr Pietróvitch para consigo, e, ao mesmo tempo, uma esperança desesperada: "Mas é possível que tudo isto tenha ficado em nada, acabado irrevogavelmente? Não se poderia tentar ainda qualquer coisa?". A lembrança de Dúnietchka voltou a comovê-lo com um sedutor encanto, e não há dúvida de que se lhe tivesse sido possível, nesse momento, suprimir Raskólhnikov do mundo dos vivos só pela força da vontade, imediatamente Piotr Pietróvitch teria formulado esse voto.

"Cometi também outro erro em não lhe ter dado nenhum dinheiro – pensou, quando regressou tristemente ao abrigo de Liebiesiátnikov. – Mas por que, o diabo me carregue, fui eu tão avarento? Nem sequer se tratava de uma questão de interesse! Eu queria mantê-las na miséria negra, depois levá-las, para que me considerassem como a sua providência, e elas, em troca… Ufa! Não; se eu, durante todo este tempo, lhes tivesse dado, por exemplo, mil e quinhentos rublos para o enxoval de noiva, e algum pequeno presente, umas tantas caixinhas, estojos com objetos de toucador, joias de cornalina, bagatelas, tudo arranjado em casa de Knop ou no armazém inglês, a coisa teria ficado mais clara e… mais séria! Não me teriam repudiado, assim, tão facilmente! Essa gente é de tal natureza que se teriam julgado infalivelmente obrigadas a devolver, em caso de ruptura, os presentes e o dinheiro, e o devolver ambas as coisas seria para elas muito duro e doloroso! Além disso teriam ficado com remorsos de consciência. Que diabo, como haviam de mandar passear assim, sem mais nem menos, um homem que, até então, fora tão generoso e tão delicado! Hum! Fiz uma tolice!" E, rangendo outra vez os dentes, Piotr Pietróvitch a si mesmo se chamou imbecil… no seu íntimo, é claro.

Quando chegou a essa conclusão voltou para casa mais furioso e irritado do que quando saiu. Os preparativos para o repasto fúnebre em casa de Ekatierina Ivânovna despertaram um tanto a sua

curiosidade. Já no dia anterior ouvira dizer qualquer coisa a respeito de tal repasto fúnebre, parecia-lhe até lembrar-se de que também tinha sido convidado; simplesmente as suas ocupações particulares tinham absorvido toda a sua atenção. Apressando-se a informar-se pessoalmente junto da Senhora Lippewechsel, que, na ausência de Ekatierina Ivânovna (que nessa altura estava para o cemitério), se encarregara de pôr a mesa, ficou sabendo que o tal festim havia de ser solene, que quase todos os inquilinos tinham sido convidados, inclusive aqueles que não tinham convivido com o falecido, e que até o próprio Andriéi Siemiônovitch Liebiesiátnikov, apesar do grande aborrecimento que tivera com Ekatierina Ivânovna, e que, finalmente, ele mesmo, Piotr Pietróvitch, não só estava também convidado, como até o esperavam com grande impaciência, como ao hóspede de mais categoria. A própria Amália Ivânovna estava também convidada com muita honra, apesar dos aborrecimentos passados, e agora fazia as vezes de dona de casa e lidava, quase com prazer; além disso estava toda ataviada, embora de luto, com um vestido de seda novo, com grandes flores estampadas, de que se mostrava muito ufana. Todos esses pormenores e as informações que colheu sugeriram a Piotr Pietróvitch uma certa ideia, e dirigiu-se para o seu quarto, isto é, para o quarto de Andriéi Siemiônovitch Liebiesiátnikov, um tanto preocupado. Tudo isso porque acabava de ouvir dizer que Raskólhnikov pertencia também ao número dos convidados.

Fosse lá pelo que fosse, Andriéi Siemiônovitch não saíra de casa toda a manhã. Piotr Pietróvitch mantinha umas relações um tanto estranhas com este cavalheiro, embora naturais, de certo modo; Piotr Pietróvitch desprezava-o e incomodava-se com ele desmesuradamente, quase desde o próprio dia em que se instalara em sua casa; mas, ao mesmo tempo, ele lhe inspirava um certo receio. Veio hospedar-se em casa dele, quando chegou a Petersburgo, não por simples motivo de economia, embora esta fosse a razão principal, mas porque havia ainda outro motivo. Já na província ele ouvira falar de Andriéi Siemiônovitch, seu antigo pupilo, como um dos jovens progressistas mais avançados, e que desempenhava um papel importante em alguns círculos muito curiosos e já lendários. Isto impressionou Piotr Pietróvitch. Esses círculos desavergonhados, que sabiam tudo e desprezavam e denunciavam toda a gente, havia já algum tempo que

metiam um certo medo a Piotr Pietróvitch, aliás um medo vago. Porque, quando estava ainda na província, não pudera de maneira nenhuma formar uma ideia justa, ainda que apenas aproximada, de tudo quanto fosse daquela índole. Ouvira dizer, como toda a gente, que existiam, sobretudo em Petersburgo, progressistas, niilistas, planejadores de reformas, etc., etc.; mas, à semelhança de muitas outras pessoas, exagerava e deturpava até o absurdo a intenção e o significado de tais designações. O que maior terror lhe infundia, desde há alguns anos, era a denúncia pública, e era esse o fundamento do seu constante, exagerado desassossego, sobretudo pelo que dizia respeito aos seus sonhos de mudar as suas atividades para Petersburgo. A esse respeito estava, como costuma dizer-se, amedrontado, como costumam estar às vezes as crianças. Sucedeu-lhe ter conhecimento, alguns anos antes, na província, nos começos da sua carreira, de dois casos de pessoas importantes que sofreram cruelmente por causa dos denunciadores, e dos quais tomara a defesa e fora depois recompensado com a sua proteção. Um desses casos terminou de um modo bastante escandaloso e deu muito que fazer. Eis aqui o motivo por que Piotr Pietróvitch decidira, à sua chegada a Petersburgo, averiguar imediatamente ao certo de que se tratava e, caso fosse necessário, antecipar-se aos acontecimentos e apressar-se a ganhar as simpatias das nossas novas gerações. Para isto confiava em Andriéi Siemiônovitch, e, por exemplo, quando visitou Raskólhnikov, sabia já desembaraçar-se, melhor ou pior, com algumas frases aprendidas de cor…

É claro que não tardou a considerar Andriéi Siemiônovitch como um homem vulgar e ordinário. Mas isto de maneira nenhuma dissuadiu ou desencorajou Piotr Pietróvitch. Embora estivesse convencido de que os progressistas eram todos uns imbecis, nem por isso ficava mais sossegado. Pessoalmente não lhe interessavam absolutamente nada essas teorias, ideias e sistemas (com que Andriéi Siemiônovitch lhe atroava os ouvidos). A única coisa que lhe interessava esclarecer imediatamente era: “Que se passava ali? Tinham força esses indivíduos, ou não tinham? Havia sobretudo razão para receio ou não havia? Se se metesse em qualquer coisa, seria denunciado ou não? E, se denunciavam, por que, concretamente, e por que, em particular, costumavam denunciar agora?”. Mas isso era

pouco: “Não haveria maneira de fingir perante eles e de enganá-los, se tivessem realmente força? Era necessário fazê-lo ou não? Não poderia, por exemplo, valer-se deles para prosperar na sua carreira?”. Em resumo, tinha uma quantidade de problemas.

Aquele Andriéi Siemiônovitch era um homem achacado e escrofuloso, baixinho, e fora funcionário em qualquer lugar, era de um louro-claro, com suíças em forma de costeleta, de que se orgulhava muito. Além disso tinha quase sempre os olhos doentes. Tinha um caráter demasiado brando, mas, às vezes, falava com muita dignidade e até com grande altivez… o que, dado o contraste com a sua pequena figura, o tornava quase sempre ridículo. E em casa de Amália Ivânovna era considerado como um dos hóspedes mais distintos, visto que não se embebedava e pagava pontualmente. Apesar de todas estas boas qualidades, Andriéi Siemiônovitch era, de fato, um imbecil. Aderira ao progresso e à nossa nova geração… apaixonadamente. Pertencia a essa inúmera e variada legião de indivíduos medíocres, de fracassados vulgares que não aprenderam nada a fundo, que aderem de um momento para o outro às ideias que estão na moda, para logo em seguida a degradarem e desacreditarem e, num abrir e fechar de olhos, ridicularizarem tudo quanto anteriormente apoiaram, ainda que fosse da maneira mais sincera.

Aliás, Liebiesiátnikov, apesar de ser muito bonachão, começava já também a não poder suportar o seu companheiro de quarto e antigo tutor, Piotr Pietróvitch. Fora, dos dois lados, algo de inicial e recíproco. Por muito ingênuo que Andriéi Siemiônovitch fosse, começava, no entanto, a ver que Piotr Pietróvitch o estava enganando e que, no seu íntimo, o desprezava, e que não era de maneira nenhuma o homem que aparentava. Tentou expor-lhe o sistema de Fourier e a teoria de Darwin; mas Piotr Pietróvitch, sobretudo desde há algum tempo, costumava escutá-lo com uma expressão demasiado sarcástica, e, ultimamente… até começara a contradizê-lo. O caso era que ele, no fundo, começara a compreender instintivamente que Liebiesiátnikov não só era um tipo vulgar e grosseiro como era também um embusteirozinho que estava muito longe de possuir relações de importância, mesmo no seu próprio círculo, e que até apenas sabia as coisas por vias indiretas; e, como se isto ainda fosse

pouco, não compreendia, além disso, como devia ser a sua missão de "propagandista", porque às vezes descambava, e portanto… como poderia ser tomado por denunciador?

A propósito: note-se, de passagem, que Piotr Pietróvitch durante essa semana e meia aceitara com gosto, sobretudo no princípio, os mais estranhos elogios de Andriéi Siemiônovitch, isto é, não fazia objeções, por exemplo, e ficava calado quando Andriéi Siemiônovitch lhe atribuía a capacidade de contribuir para a futura e rápida organização da nova comuna em qualquer parte da Rua Miechtchánskaia, ou, por exemplo, a capacidade de não levantar dificuldades nenhumas a Dúnietchka, se esta tivesse o capricho de arranjar um amante logo no primeiro mês de casada, ou de não batizar os seus futuros rebentos, etc., etc., e outras coisas do gênero. Segundo o seu costume, Piotr Pietróvitch não punha objeção alguma a essas qualidades que lhe atribuíam, e deixava-se lisonjear, inclusive dessa maneira… A tal ponto todas as lisonjas lhe eram agradáveis.

Piotr Pietróvitch, que por qualquer razão trocara nessa manhã vários títulos de cinco por cento, estava sentado à mesa contando maços de notas e de papéis de crédito. Andriéi Siemiônovitch, que por essa altura não tinha quase dinheiro nenhum, passeava no quarto de um lado para o outro e parecia olhar todos esses maços com indiferença e até com desprezo. Por nada deste mundo Piotr Pietróvitch teria acreditado que Andriéi Siemiônovitch fosse capaz de olhar com indiferença todo aquele dinheiro; por seu lado, Andriéi Siemiônovitch, pensava com amargura que, no fundo, Piotr Pietróvitch era muito capaz de pensar isso dele e até talvez de alegrar-se por poder fazer-lhe inveja e humilhar o seu jovem amigo com aqueles maços de valores ali exibidos, recordando-lhe a sua insignificância e toda a distância que existia entre os dois.

Aconteceu, porém, encontrá-lo dessa vez nervoso e desatento mais do que nunca, apesar de ele, Andriéi Siemiônovitch, ter começado a desenvolver na sua presença o seu tema favorito, a organização da nova comuna especial. Objeções bruscas e certas observações lançadas por Piotr Pietróvitch, enquanto ia fazendo mover as bolinhas do seu ábaco, deixavam transparecer o mais aguerrido e intencionalmente grosseiro sarcasmo. Mas o

“humanitário” Andriéi Siemiônovitch atribuía essa disposição de espírito de Piotr Pietróvitch à impressão que, na noite anterior, lhe deixara a ruptura com Dúnietchka, e ardia no desejo de tocar o mais brevemente possível no assunto; tinha umas palavras a dizer a esse respeito, que servissem de consolo ao seu estimado amigo e redundassem sem falha em proveito da sua evolução ulterior.

– Que preparativos de festim fúnebre são esses que fazem aí… no quarto da viúva? – perguntou, de repente, Piotr Pietróvitch, interrompendo Andriéi Siemiônovitch no passo mais interessante.

– O quê?! Não sabe? Mas eu não lhe falei ontem desse tema e não lhe expus as minhas ideias acerca de todas essas cerimônias? Pois olhe que ela também o convidou, segundo ouvi dizer. Além disso, o senhor esteve ontem falando com ela…

– Nunca eu imaginaria que a imbecil dessa pobretona fosse capaz de gastar tanto dinheiro nessa comezaina, dinheiro que talvez lhe tenha dado esse outro palerma de Raskólhnikov. Há pouco, até fiquei admirado, quando passei; mas que preparativos… até vinhos caros! Convidaram algumas pessoas… Sabe-se lá quem! – continuou Piotr Pietróvitch, que fizera aquela pergunta e tinha entabulado este diálogo com alguma intenção. – O quê? Que me diz? Que eu também fui convidado? – acrescentou, de repente, erguendo a cabeça. – Quando é que foi isso? Não me lembro. Aliás, não irei. Que tenho eu a fazer ali? Ontem falei com ela, de passagem, da possibilidade de que lhe dessem, na sua qualidade de viúva pobre dum funcionário, um ano de ordenado a título de gratificação única e definitiva. Seria talvez por isto que ela me convidou… He… he!

– Eu também não tenciono ir – disse Liebiesiátnikov.

– Era o que faltava! Depois de lhe bater com as próprias mãos! Compreende-se que esteja ofendida, he… he… he!

– Quem é que lhe bateu? A quem? – interveio Liebiesiátnikov com vivacidade, e até se ruborizou.

– O senhor, a Ekatierina Ivânovna, haverá um mês. Soube disto ontem… Ora veja lá, com as suas ideias! É assim que os senhores

resolvem a questão feminina. He… he… he!

E Piotr Pietróvitch, como se tivesse ficado consolado com isto, embrenhou-se outra vez nas suas contas.

– Tudo isso é um disparate e uma calúnia! – replicou furioso Liebiesiátnikov, que tinha muito medo de que lhe trouxessem à luz esta história. – Não se passou nada disso! Foi uma coisa muito diferente… O senhor não compreendeu bem. Intrigas! A única coisa que eu fiz, simplesmente, foi defender-me. Foi ela a primeira a atirar-se sobre mim com unhas e dentes… Arrancou-me um cabelo inteiro. Parece-me que todas as pessoas têm o direito de defender o seu físico. Além disso eu não autorizo ninguém a empregar comigo a violência… É uma questão de princípio. Porque isso é um despotismo. Que havia eu de fazer, ficar quieto? O que eu fiz foi apenas repeli-la…

– He… he… he! – continuou Lújin com um risinho maldoso.

– O senhor está querendo pegar comigo, assim, porque está aborrecido e de mau humor… Mas isso é um absurdo e não tem absolutamente, absolutamente relação nenhuma com o problema da mulher. O senhor ouviu mal; eu até pensava que, se era uma coisa já admitida que a mulher é igual ao homem em tudo, até na força, segundo afirmam, então não há outro remédio senão aceitar também a igualdade nesse terreno. É claro que depois há de vir a compreender que, na realidade, esse problema não deve existir, pois não deve haver lutas, e não devemos pensar que venham a existir na sociedade futura… de onde se vê que é um pouco estranho procurar a igualdade numa peleja. Eu não sou tão tolo… embora, aliás, lutas, se as há… isto é, depois não hão de existir, mas, por agora, ainda as há… Ufa! Que diabo! Uma pessoa, com o senhor, fica estonteada! Não seria por ter havido entre nós esse pequeno aborrecimento que eu deixaria de ir ao banquete. Não vou simplesmente por uma questão de princípio, para não tomar parte nesse indigno preconceito dos banquetes fúnebres, e nada mais! Se bem que, no fim de contas, ainda pode ser que vá, ainda que seja só para rir um pouco. Mas é pena que não venham popes. Nesse caso é que eu iria infalivelmente.

– Isto é, ia comer o pão e o sal alheios e cuspir em cima deles, e

ao mesmo tempo naqueles que o convidaram, não é?

– Cuspir, não, nada disso, mas protestar. Eu persigo um fim útil. Eu posso, de uma maneira indireta, contribuir para a evolução e para a propaganda. Todos nós temos obrigação de fomentar a cultura e a propaganda, e talvez quanto mais rudemente, melhor. Eu posso semear a ideia, a semente… Desta semente brotará o fato. A quem ofendo eu com isso? A princípio ficarão ofendidos, mas depois eles mesmos hão de ver que eu lhes trago qualquer coisa de proveitoso. Bem vê, a Tieriébieieva foi acusada (aquela que pertence agora à comuna) de sair de casa e… de se entregar a um homem, de escrever aos pais dizendo que não queria viver no meio de preconceitos, de se casar só pelo civil, e de que isto era tratar com demasiada dureza os pais, e diziam que podia tê-los tratado com mais consideração e escrito em termos mais suaves. A meu ver, tudo isto são disparates, e não havia absolutamente nenhuma razão para ela lhes escrever com mais brandura, até pelo contrário, até pelo contrário, visto que se tratava de protestar. Repare: a Senhora Varents viveu sete anos com um homem, abandonou os dois filhos e terminou de uma vez com o marido escrevendo-lhe isto: ‘’Reconheço que não posso ser feliz com o senhor. Nunca lhe perdoarei o ter-me enganado, escondendo-me que existia outra organização social: a comuna. Soube disto há pouco tempo por um homem generoso, ao qual me entreguei, e, juntamente com ele, fundarei uma comuna. Falo-lhe francamente, porque considero pouco honesto enganá-lo. Arranje-se como puder. Não espere ver-me voltar para o seu lado, pois é demasiado reacionário. Desejo-lhe felicidades”. É assim que se escrevem esse gênero de cartas!

– Essa Tieriébieieva é a mesma de que o senhor me contou uma vez que contraíra três uniões livres?

– Não passou da segunda, se virmos as coisas como deve ser. Mas ainda que tivesse chegado à quarta, ainda que tivesse chegado à décima quinta, tudo isso são disparates! E, se alguma vez eu senti pena por os meus pais já não serem vivos, foi por certo agora. Algumas vezes imagino que se eles ainda fossem vivos havia de lhes apresentar um protesto. E havia de fazê-lo intencionalmente… Até haviam de ficar banzados! Eu lhes mostraria… É pena que já não estejam mais aqui!

– Para ficarem banzados? He… he! Bem, o senhor pode fazer o que lhe der vontade – acrescentou Piotr Pietróvitch – mas ouça, diga-me uma coisa: conhece essa moça, a filha do falecido, essa magricela? É verdade o que dizem dela?

– E então? Segundo a minha opinião pessoal, a sua situação é a situação mais normal que existe para a mulher. Porque não havia de ser? Isto é, *distinguons*[39]. Na sociedade atual, não há dúvida nenhuma que não é absolutamente normal, porque é uma situação forçada, mas na sociedade futura será completamente normal, porque será livre. Mas, mesmo agora, estava no seu direito; sofria, e isso constitui, por assim dizer, os seus fundos, o seu capital, do qual tinha o pleno direito de dispor. É claro que na sociedade futura não existirá o capital; mas a sua profissão poderá ser designada por outro nome e regulada de maneira racional e normal. Pelo que se refere pessoalmente a Sófia Siemiônovna, nos tempos atuais, eu considero o seu procedimento como um enérgico e concreto protesto contra a estrutura da sociedade, e respeito-a profundamente por isso; até sinto alegria em olhá-la!

– Pois a mim contaram que o senhor, quando ela *começou*[40], fez com que a expulsassem daqui!

Liebiesiátnikov fez-se vermelho de cólera.

– Isso é outro mexerico! – gritou. – Nada disso, de maneira nenhuma, de maneira nenhuma! Tudo isso foi obra de Ekatierina Ivânovna, porque não compreende nada! Se calhar fiz alguma vez a corte a Sófia Siemiônovna, não? Eu apenas procurei instruí-la, de uma maneira completamente desinteressada, esforçando-me por despertar nela a atitude de protesto… O meu único fim era o protesto, e a própria Sófia Siemiônovna compreendeu muito bem que não podia continuar aqui.

– Destinava-se à comuna, não é verdade?

– O senhor faz chacota de tudo e de maneira que não vem nada a propósito, deixe que lhe diga! O senhor não entende nada! Na comuna não existe essa profissão. A comuna funda-se para que não haja essa profissão. Na comuna essa profissão perde todo o seu significado, e o que aqui é uma coisa estúpida, ali é inteligente, e o que aqui, nas

circunstâncias atuais, é antinatural, ali é qualquer coisa de naturalíssimo. Tudo depende do ambiente, do meio em que o homem se encontra; tudo consiste no meio; o homem, em si mesmo, não é nada. Dou-me agora muito bem com Sófia Siemiônovna, o que deve servir para demonstrar-lhe que ela nunca me considerou nem seu inimigo nem seu ofensor. Aí é que está! Agora procuro atraí-la para a comuna, mas com outro objetivo, absolutamente, absolutamente. Por que se ri? Nós queremos estabelecer a nossa comuna especial, mas sobre bases mais amplas que as anteriores. Nós vamos mais longe! Se Dobrolíubov pudesse levantar do túmulo, teria muito que ver! E Bielínski também teria de nos ouvir! Mas, no momento, continuo a instruir Sófia Siemiônovna. Tem uma belíssima alma, belíssima!

– Claro; e o senhor aproveita-se dessa alma belíssima… não? He… he!

– Não, não! Oh, não! Pelo contrário!

– Bem; pelo contrário! He… he… he! É ele quem diz!

– E pode acreditar! Por que razão havia eu de andar com segredinhos para com o senhor, não quer fazer o favor de me dizer? Pelo contrário, eu próprio acho isto estranho: ela se conduz para comigo de maneira um pouco forçada, mostra-se tímida e envergonhadinha!

– E o senhor, naturalmente, vai instruindo-a… He… he! Trata de demonstrar-lhe que todos esses pudores são absurdos!

– Nada disso! De maneira nenhuma! Oh, desculpe, mas que grosseira, que estupidamente compreende o senhor a palavra instruir! O senhor não percebe nada! Oh, meu Deus, como o senhor está ainda mal preparado! Nós procuramos a liberdade da mulher, e o senhor só pensa numa coisa… Pondo de parte a questão da castidade e do pudor femininos, como coisas inúteis e até preconceituosas, eu compreendo plenamente, plenamente, a sua reserva para comigo, porque… essa é a sua vontade e está no seu direito. Claro que se ela própria me dissesse: “Quero que sejas meu!”, eu, então, consideraria isso como um grande triunfo, porque a moça agrada-me extraordinariamente; mas, até agora, até agora, pelo menos nunca ninguém a tratou com mais

deferência e respeito do que eu, com mais consideração pela sua dignidade… Eu aguardo e espero! Eis tudo!

– O senhor devia oferecer-lhe de vez em quando algum presentezinho. Ia jurar que o senhor nunca se lembrou disso…

– O senhor não percebe nada, repito-lhe! Claro que a sua situação é de tal índole, mas… isso é outra questão! Completamente diferente! E o senhor despreza-a, simplesmente! Referindo-se a um fato que erroneamente considera digno de desprezo, o senhor está a negar consideração humana a um ser humano. O senhor ainda não conhece a sua natureza! A única coisa que me custa é que nos últimos tempos ela tenha deixado de ler e já não me peça livros. Dantes eu lhe emprestava alguns. Também tenho pena que, apesar de toda a sua energia e resolução para protestar, que já uma vez revelou, sofra ainda de uma certa falta de firmeza, por assim dizer, de falta de independência, de pouca decisão para romper de uma vez com todo gênero de preconceitos… e de estupidez. Mas, apesar disso, ela compreende muito bem algumas questões. Compreende magnificamente, por exemplo, a questão do beija-mão, isto é, que um homem ofende moralmente uma mulher ao beijar-lhe a mão. Esta questão foi muito discutida entre nós e eu logo a expus a ela. Escutou também com muita atenção tudo quanto respeita às associações operárias da França. Agora ando a explicar-lhe a questão referente à entrada livre nos quartos da sociedade futura.

– Que questão é essa?

– Uma questão que tem sido ultimamente muito discutida: se um membro da comuna deve ter ou não o direito a entrar a qualquer hora no quarto de outro membro, homem ou mulher… Acabou por ficar decidido que sim, que tinha…

– Mesmo que nesse preciso instante se entregassem a alguma necessidade imprescindível? He… he!

Andriéi Siemiônovitch acabou por ficar aborrecido.

– O senhor vem sempre com essas malvadas “necessidades”! – exclamou, mal-humorado. – Apre! E que raiva me dá e como me

contraria que, ao expor-lhe o sistema, lhe mencionasse antecipadamente essas malditas necessidades! Raios me partam! Essa é a pedra de toque para todos os que se parecem com o senhor, e o pior de tudo… é que se põem a falar antes de conhecer o assunto a fundo! Quem o ouvisse havia de dizer que tem razão! E ficam todos ufanos, como se tivessem razão! Ufa! Eu já afirmei várias vezes que toda esta questão não se pode expor aos noviços, mas sim ao mais antigo de todos, quando se tenham transformado já em homens bem informados e convictos. Além disso, será capaz de me dizer o que encontra, assim, de tão vergonhoso e desprezível nas latrinas? Eu sou o primeiro que está disposto a limpar as latrinas todas que o senhor quiser. Nisso não há o menor sacrifício! Isso é, simplesmente, um trabalho, uma atividade honesta, útil à sociedade, tão digna como qualquer outra e até mais elevada do que a de um Rafael ou Púchkin, visto que é mais útil.

– E mais nobre, mais nobre… He… he!

– Que é isso de mais elevada? Eu não compreendo tais expressões aplicadas a um determinado trabalho do homem. "Mais nobre, mais generoso…" Tudo isso são absurdos, tolices, velhas palavras preconceituosas que eu abomino! Tudo o que é útil à humanidade é nobre. Eu só compreendo uma palavra: útil! Dê risada quanto quiser, mas é assim!

Piotr Pietróvitch ria-se a bandeiras despregadas. Já acabara de contar e guardar o dinheiro, embora houvesse ainda um resto sobre a mesa. Aquela questão das latrinas já por várias vezes fora motivo de ruptura e de desentendimento, apesar da sua vulgaridade, entre Piotr Pietróvitch e o seu jovem amigo. A estupidez do caso estava em que Andriéi Siemiônovitch chegava a ficar zangado de verdade. Lújin, pelo contrário, aliviava assim o espírito, e presentemente sentia uma vontade especial de irritar Liebiesiátnikov.

– O senhor está assim, tão mal-humorado, por causa do seu insucesso de ontem – exclamou finalmente Liebiesiátnikov, o qual, para falar em termos gerais, apesar de toda a sua "independência" e de toda a sua atitude de protesto, parecia não ousar fazer frente a Piotr Pietróvitch e ainda lhe guardava algum daquele respeito que

noutro tempo lhe tivera.

– Deixe lá essas coisas e diga-me – interrompeu-o Piotr Pietróvitch altivamente e com mau modo – se poderia… ou, para melhor dizer, se efetivamente tem tanta amizade com essa moça a que há pouco se referiu, pedir-lhe que venha aqui um momento… Segundo parece, já regressaram todos do cemitério… Ouvi barulho de passos… Convinha-me muito falar com essa criatura.

– O senhor, por quê? – perguntou Liebiesiátnikov assombrado.

– Sim, tenho necessidade. Tenho de me ir embora, ou hoje ou amanhã, e desejaria comunicar-lhe… Aliás, pode assistir ao nosso encontro. Até será melhor. Sabe Deus o que o senhor pode imaginar…

– Eu não imagino absolutamente nada… Só lhe pergunto se o deseja realmente, porque, nesse caso, nada mais fácil de que trazê-la aqui. Eu venho já. Pode ficar descansado de que não os incomodarei.

De fato, cinco minutos depois já Liebiesiátnikov ali estava outra vez com Sônietchka. Esta entrou, muito espantada, e segundo o seu costume, no maior sobressalto. Ficava sempre muito sobressaltada nestes casos e tinha sempre muito medo de encontrar caras novas e novos conhecimentos; desde a infância que os temia, e agora mais do que nunca… Piotr Pietróvitch dispensou-lhe um acolhimento afetuoso e cortês, embora com certos laivos de familiaridade alegre, que em sua própria opinião ficava muito bem a um homem tão respeitável e sério como ele, no trato com uma pessoa tão nova e, em certo sentido, tão interessante como aquela. Apressou-se a animá-la e a fez sentar junto da mesa, em frente dele. Sônia sentou e olhou em redor, fixando a vista… em Liebiesiátnikov, no dinheiro que ficara em cima da mesa, e depois tornou outra vez a pousá-la em Piotr Pietróvitch, e já não desviou os olhos dele, como se alguma coisa os fixasse sobre a sua figura. Liebiesiátnikov fez menção de se dirigir para a porta. Piotr Pietróvitch levantou, fez sinal a Sônia para que continuasse sentada e fez parar Liebiesiátnikov, que ia já saindo.

– Está aí um tal Raskólhnikov? Veio? – perguntou em voz baixa.

– Raskólhnikov? Sim, está aí. Por quê? Sim, ali o tem… Chegou

apenas há um momento; já o vi… Mas por que pergunta isso?

– Bem, peço-lhe que fique aqui conosco e não me deixe a sós com essa… moça. Trata-se de um assunto sem importância, mas sabe Deus o que seriam capazes de dizer. Não quero que Raskólhnikov vá para ali dar à língua… Está percebendo?

– Estou, estou! – de súbito, Liebiesiátnikov adivinhou. – Sim, tem razão… Em minha opinião o senhor leva as suas apreensões longe demais, mas… no entanto, tem razão. Fico, com sua licença. Fico aqui, junto da janela, e não os estorvo… A meu ver, o senhor tem razão…

Piotr Pietróvitch voltou para o divã, sentou em frente de Sônia, olhou-a atentamente e, de repente, tomou um ar seríssimo e até um tanto severo: "Ó diabo, que pensarás tu de tudo isto, moça?". Sônia acabou por ficar completamente alvoroçada.

– Em primeiro lugar, há de pedir desculpa por mim, Sônia Siemiônovna, perante a sua respeitabilíssima mamãe… É assim, não? Ekatierina Ivânovna faz as vezes de sua mãe, não é verdade? – começou Piotr Pietróvitch muito seriamente, mas, aliás, bastante afetuoso. Era evidente que estava animado das melhores intenções.

– Faz sim, senhor; faz, sim, senhor, é como se fosse minha mãe – respondeu Sônia à pressa e sobressaltada.

– Bem, pois há de pedir-lhe desculpa, por mim, perante ela, visto que, por circunstâncias que não dependem de mim, me vejo obrigado a não assistir à reunião que ela dá… isto é, ao repasto fúnebre, apesar do amável convite da sua mãe.

– Está muito bem, eu digo-lhe; vou já dizer – e Sônia levantou do seu lugar, pressurosa.

– Ainda não lhe disse tudo – continuou Piotr Pietróvitch fazendo-a parar e sorrindo da sua simplicidade e da sua ignorância das conveniências. – Bem se vê que ainda não me conhece, amabilíssima Sônia Siemiônovna, se julga que eu ia incomodar e fazer vir aqui uma pessoa como a senhora, apenas por um motivo insignificante, que só a mim diz respeito. As minhas intenções são outras.

Sônia sentou logo. As notas de banco de várias cores, que ainda continuavam sobre a mesa, tornaram a atrair o seu olhar, mas depois afastou imediatamente os olhos delas e ergueu-os para Piotr Pietróvitch; pareceu-lhe de repente terrivelmente indecoroso, sobretudo tratando-se dela, pousar os olhos sobre dinheiro alheio. Pousou, pois, o olhar sobre as lunetas de ouro de Piotr Pietróvitch, que este tinha na mão esquerda, e também num grande anel maciço, muito bonito, com uma pedra amarela, que ostentava no dedo anelar da mesma mão; mas também afastou daí a vista subitamente, e, sem saber já onde havia de pousá-la, acabou por fixar outra vez os olhos no rosto de Piotr Pietróvitch. Depois de uma pausa, agora ainda mais sério do que antes, aquele prosseguiu:

– Tive ontem oportunidade de trocar, de passagem, duas palavras com a infeliz Ekatierina Ivânovna. Duas palavras que foram suficientes para compreender que ela se encontra numa situação… antinatural… se é lícito exprimir-me assim…

– Sim, sim… – apressou-se Sônia concordando.

– Embora fosse mais breve e claro dizer… mórbida.

– Sim, sim… mais breve e cla… pois é… mórbida.

– Pois bem; levado por um sentimento de humanidade… e… e, por assim dizer, de compaixão, eu desejaria, pela minha parte, ser-lhe útil em alguma coisa, pois vejo a sorte inevitavelmente desgraçada que ela vai ter. Segundo parece, esta misérrima família, agora, só conta consigo.

– Dê-me licença que lhe faça uma pergunta – interpôs Sônia, de repente – foi o senhor quem ontem se dignou falar-lhe da possibilidade de uma pensão? Porque ontem mesmo me disse ela que o senhor se oferecera para procurar obter-lhe uma pensão. É verdade?

– Não é bem isso e, em certo sentido, isso é até uma tolice. Eu me limitei a falar-lhe da possibilidade de obter-lhe um socorro, por uma vez, para a viúva dum funcionário falecido no ativo, desde que ela pudesse contar com pessoas influentes; mas, segundo parece, o seu falecido pai não só não serviu o tempo necessário, como ultimamente

abandonara completamente o serviço. Em resumo: ainda que possa haver esperanças, são muito inseguras, porque, na realidade, não tem nenhum direito a socorro no caso presente, e até pelo contrário… E ela já contando com a pensão, he, he, he! A senhora é desembaraçada!

– Sim, com a pensão… Porque é muito crédula e muito boa, e por ser tão boa é que acredita em tudo e… e… e… tem esse jeito… É verdade… E o senhor desculpe – disse Sônia, e dispôs-se outra vez a retirar-se.

– Dê-me licença, ainda não acabei.

– É verdade, ainda não acabou – balbuciou Sônia.

– Por isso sente.

Sônia ficou terrivelmente sobressaltada e tornou a sentar pela terceira vez.

– Vendo a situação em que ela se encontra, com filhinhos pequenos, infelizes, eu desejaria… conforme disse já… ser-lhe útil em qualquer coisa, na medida das minhas forças; isto é, apenas na medida das minhas forças e nada mais. Poderia, por exemplo, organizar uma subscrição em seu benefício, ou, por assim dizer, uma loteria… ou alguma coisa do gênero… como nestes casos costumam fazer as pessoas chegadas e até as estranhas, que desejam ajudar o próximo. Era precisamente acerca disso que eu queria falar com a senhora. Isso podia fazer-se.

– Lá isso é; está muito bem… Deus o ajude por isso… – balbuciou Sônia, olhando fixamente Piotr Pietróvitch.

– A coisa é viável, mas… depois falaremos disso; isto é, seria possível começar hoje mesmo. Esta noite vamos nos encontrar, trocaremos impressões e lançaremos, por assim dizer, os fundamentos. Venha aqui esta noite às sete. Espero que Andriéi Siemiônovitch esteja também presente… Mas há uma circunstância de que é preciso tratar previamente com toda a atenção. Foi por isso que a incomodei precisamente, Sônia Siemiônovna, ao pedir-lhe que passasse por aqui. A minha opinião concreta… é que é impossível e também perigoso

entregá-lo nas mãos de Ekatierina Ivânovna; a prova disso… é esse mesmo ágape que hoje se realiza. Não conta, por assim dizer, com uma côdea de pão para o dia seguinte, e… nem sequer com um par de meias, mas hoje comprou rum da Jamaica e, segundo parece, até vinho da Madeira e café. Vi tudo isso quando passei. Amanhã todos voltarão a ficar a seu cargo e terá de prover a todas as suas necessidades, arranjar-lhes até o último pedaço de pão, o que é um absurdo. Por esse motivo, em minha opinião pessoal, a subscrição deverá fazer-se de maneira que a pobre viúva, por assim dizer, não tome conhecimento da sua existência, e seja, por exemplo, a menina a única pessoa a saber. Acha bem?

– Eu não sei. Ela só fez isso hoje… uma só vez na vida… Tinha muita vontade de honrar a memória do falecido… e é muito inteligente. Mas eu farei o que o senhor me disser e vou lhe ficar muito, muito, muito… e todos lhe ficarão muito… e Deus também… e os orfãozinhos…

Sônia não conseguiu acabar de falar e começou a chorar…

– Bem, não se esqueça do que acabamos de dizer; e agora queira aceitar esta quantia, pela primeira vez, para sua mãe, o que representa a minha contribuição pessoal para a subscrição. E desejaria muito que não se fizessem referências ao fato. Aqui tem… Como tenho também os meus encargos, não estou em condições…

E Piotr Pietróvitch estendeu a Sônia uma nota de dez rublos bem aberta. Sônia pegou nela, corou, balbuciou umas palavras e apressou-se a fazer-lhe uma reverência. Piotr Pietróvitch acompanhou-a até à porta com muita solenidade. Ela saiu finalmente daquele quarto, muito comovida e admirada, e voltou para junto de Ekatierina Ivânovna na maior perturbação.

Durante todo o tempo que esta cena durou, Andriéi Siemiônovitch, ou permanecia junto da janela ou dava voltas pelo quarto para não interromper o diálogo; assim que Sônia saiu, aproximou-se imediatamente de Piotr Pietróvitch e estendeu-lhe solenemente a mão.

– Ouvi tudo e vi tudo – disse, acentuando a última palavra de

maneira especial. – Isso é nobre, isto é, humano. O senhor queria evitar a gratidão, que eu bem vi. E, confesso-lhe, se bem que, por princípio, não admita a caridade privada, porque não só não extirpa radicalmente o mal como até o fomenta, não posso, no entanto, deixar de reconhecer que vi o seu procedimento com satisfação… Sim, senhor, foi uma coisa simpática.

– Tudo isso é absurdo! – murmurou Piotr Pietróvitch um tanto comovido e como se olhasse com certo receio para Liebiesiátnikov.

– Não, não é absurdo. Um homem que, ofendido e amargurado, como o senhor, por causa do que aconteceu ontem, ainda é capaz de pensar na desgraça alheia… um homem assim, ainda que com a sua conduta cometa um erro social… no entanto… é digno de respeito! Eu, de nenhuma maneira esperava isso do senhor, Piotr Pietróvitch, tendo em conta as suas ideias, oh! e quanto o prejudicam ao senhor essas suas ideias! Como o perturbou aquele insucesso de ontem! – exclamou o bonachão do Andriéi Siemiônovitch, sentindo outra vez renascer a sua amizade por Piotr Pietróvitch. – Mas por que, por que é que o senhor, meu bom Piotr Pietróvitch, tinha tanto interesse nesse casamento legal? Por que havia o senhor de exigir sem falta essa legalidade no casamento? Bem, se quiser, bata-me; mas estou tão contente, tão contente, por isso ter falhado, para que o senhor continue a ser livre e não seja um homem completamente perdido para a humanidade… Pronto, já desabafei!

– Pois fique sabendo que é por isto: não quero que me ponham os cornos com esse tal amor livre, nem quero manter filhos alheios; por isso é que eu exijo o casamento legal – disse Lújin, para responder qualquer coisa. Estava muito preocupado e pensativo.

– Filhos? O senhor falou em filhos? – exclamou Andriéi Siemiônovitch dando um pulo como um cavalo de guerra que ouve um clarim bélico. – Filhos! Eis aí um problema social e um problema de capital importância, concordo; mas esse problema dos filhos resolve-se de outra maneira. Alguns não só repudiam essa ideia de ter filhos, como toda e qualquer alusão à família. Mas deixemos os filhos para depois e vamos agora aos cornos. Confesso-lhe que esse é o meu ponto fraco. Essa repugnante expressão, própria de hussardos e tão

peculiar a Púchkin, também não terá sentido algum no dicionário do futuro. Que vêm a ser os tais cornos? Oh, que deturpação! Que é isso de cornos? E por que, precisamente, cornos? Que absurdo! Pelo contrário, no amor livre não os haverá. Os cornos são simplesmente a consequência natural de todo matrimônio legal, são o seu corretivo, por assim dizer, o protesto, de maneira que, neste sentido, não têm nada de humilhantes… E se eu alguma vez – suposição absurda – chegar a casar legalmente, até terei muita honra nesses malvados cornos; nesse caso, direi à minha mulher: "Minha amiga, até hoje, a única coisa que sentia por ti era amor; mas, agora, também te respeito, pois tiveste coragem para protestar". O senhor ri? Isso é porque não tem coragem para se desprender dos preconceitos. Raios me partam, mas eu vou explicar em que consiste precisamente o aspecto desagradável de se ser enganado no casamento legal; mas isso é simplesmente a vil consequência dum ato reles, no qual são ambos humilhados. Quando os cornos se trazem à luz do dia, como no amor livre, então não existem, são uma coisa sem sentido e até perdem o nome de cornos. Pelo contrário, a sua mulher vai lhe demonstrar lindamente quanto o respeita ao julgá-lo incapaz de se opor à sua infelicidade, e bastante culto para não se vingar dela lá porque tenha arranjado um novo esposo. Raios me partam, mas às vezes sonho que, se me dessem uma mulher, livra! se casasse (dentro do amor livre ou legalmente, tanto faz), eu próprio levaria um amante a minha mulher, se ela não se decidisse a procurá-lo. "Minha amiga – havia de dizer-lhe eu – eu te amo, mas, além disso, quero que tu me estimes… é assim mesmo." Está certo ou não está?

Piotr Pietróvitch pôs-se a rir, enquanto o escutava, mas sem nenhum prazer especial. Não lhe tinha dado até uma grande atenção. De fato, parecia pensar noutra coisa, e o próprio Liebiesiátnikov acabou por reparar nisso. Tudo isso veio Andriéi Siemiônovitch a recordar mais tarde.

## Capítulo II

Seria difícil apontar com precisão as razões pelas quais na alterada cabeça de Ekatierina Ivânovna se arraigou a ideia daquele

disparatado festim. De fato, nele se foram quase dez rublos dos vinte que Raskólhnikov lhe entregara precisamente para o enterro de Marmieládov. Talvez Ekatierina Ivânovna se sentisse na obrigação de honrar a memória do falecido como devia ser, para que todos os vizinhos, a começar por Amália Ivânovna, ficassem sabendo que o falecido não só não era de classe inferior à deles, mas até muito superior, e que ninguém ali tinha direito de se dar ares. Também pode ser que, em grande parte, tivesse obedecido a esse orgulho especial que faz com que em algumas cerimônias sociais, obrigatórias para todos, dentro dos nossos costumes de vida, muitos pobres esgotem as suas últimas forças e até o último copeque apenas com o fim de não fazerem pior do que os outros e de que os outros não façam má opinião acerca deles. É também muito provável que Ekatierina Ivânovna desejasse nessa ocasião, precisamente nessa ocasião em que, segundo parecia, ficara só no mundo, demonstrar a todos aqueles insignificantes e antipáticos vizinhos que ela não só sabia viver e receber as pessoas, como até fora educada para aquela vida, pois fora criada numa casa nobre, e podia até dizer-se aristocrática, em casa dum coronel, e, portanto, não nascera para esfregar chãos e lavar à noite os trapinhos dos seus filhos. Estes paroxismos de vaidade costumam acometer as pessoas mais pobres e desvalidas, e às vezes tornam-se uma necessidade irritante, irresistível. Mas Ekatierina Ivânovna não era pessoa que se deixasse abater: as circunstâncias podiam oprimi-la, mas abatê-la moralmente, isto é, amedrontá-la e subjugá-la à dor, nunca. Além disso, conforme Sônietchka dissera com muito acerto, ela estava meia transtornada. É certo que isso não era coisa que pudesse desde já afirmar-se de maneira categórica; mas era verdade que, desde há algum tempo àquela parte, a sua pobre cabeça sofrera tanto que não tivera outro remédio senão ressentir-se até certo ponto. A violenta evolução da tísica, como os médicos diziam, contribuíra também para a perturbação das suas faculdades mentais

Vinho em abundância e de marcas variadas, não havia; Madeira, também não; tinham exagerado; mas havia vinho, de fato. Também havia vodca, rum e Porto, tudo de classe inferior, mas em quantidade suficiente. E quanto a iguarias, além da torta de arroz, havia três ou quatro pratos (entre outros, um de filhós), tudo preparado na cozinha de Amália Ivânovna, e além disso viam-se também, dispostos em fila,

dois samovares para servir chá e ponche depois do repasto. Os aperitivos tinham sido preparados pela própria Ekatierina Ivânovna, ajudada por um dos hóspedes, um certo polaco famélico que só Deus sabe o motivo por que vivia em casa da senhora Lippewechsel, e que se ofereceu logo para tudo a Ekatierina Ivânovna, e que durante o dia anterior e toda aquela manhã andara numa correria, abanando a cabeça e de língua de fora, esforçando-se, especialmente, segundo parecia, para que esse último pormenor não passasse em claro. A propósito de qualquer minúcia ia logo consultar Ekatierina Ivânovna e corria até a buscá-la ao Gostíni Dvor, e chamava-a a todo instante *Pani joruntchina*[41], acabando finalmente por chegar a chateá-la terrivelmente, embora a princípio ela tivesse dito que, se não fosse aquele homem prestável e bondoso, não sabia como se teria arranjado. Era próprio de Ekatierina Ivânovna pôr-se imediatamente a pintar a primeira pessoa que lhe saía ao caminho com as cores mais belas e simpáticas, a elogiá-la com um exagero que às vezes desconcertava a pessoa em questão, a inventar para a louvar diversos pormenores que de fato não existiam, acreditando com a mais absoluta boa-fé na sua realidade, e depois, de repente, ficava desiludida, desdizia-se, condenava-a ao desprezo e expulsava do seu convívio essa pessoa que ainda umas horas antes lhe inspirara uma verdadeira adoração. Era por natureza uma criatura de gênio alegre, jovial e aprazível; mas, devido às suas contínuas infelicidades e decepções, a tal ponto se entregara à ideia de querer e exigir ardentemente que toda a gente vivesse em paz e alegria, que a mais leve desarmonia na vida, o mais insignificante contratempo, logo a afundavam no desespero, e logo a seguir, às mais brilhantes ilusões e fantasias, começava a acusar o destino, a quebrar e a estragar tudo quanto lhe caía nas mãos e a dar cabeçadas contra as paredes. Amália Ivânovna inspirara também repentinamente, a Ekatierina Ivânovna, uma certa ideia de invulgar prestígio e estima, talvez apenas por se ir realizar este festim e por Amália Ivânovna se ter oferecido com a maior boa vontade para tomar parte nos preparativos; ela se encarregara de pôr a mesa, de fornecer a toalha, a baixela e tudo mais, e de preparar as iguarias na sua cozinha. Ekatierina Ivânovna deu-lhe todos os poderes e deixou-a em casa enquanto foi ao cemitério. De fato, ficou tudo arranjado otimamente; a mesa foi até posta com muito esmero; a louça, os garfos, as facas, as taças, os copos, não há dúvida de que tudo isso era desirmanado, de

formas e tamanhos vários, emprestados pelos vizinhos, mas, à hora marcada, estava tudo no seu lugar; e Amália Ivânovna, sentindo que se desempenhara bem da sua função, veio receber, até com certo orgulho, toda ataviada, com uma touca de fitas pretas e com um vestido de luto, os que voltavam do cemitério. Esse orgulho, embora merecido, por qualquer razão desagradou a Ekatierina Ivânovna: "Afinal, havia de parecer que, se não fosse Amália Ivânovna, não havia ali quem pusesse aquela mesa". Também não lhe agradou a touca com as fitas novas. "Lá porque é a senhoria e porque, por caridade, se dignou prestar o seu auxílio a uns pobres inquilinos, é capaz de estar toda orgulhosa, esta estúpida alemãzeca, que não serve para nada! Por compaixão! Ora vejam! Quando em casa do pai de Ekatierina Ivânovna, que era coronel, e esteve quase para ser governador, se punha às vezes uma mesa para quarenta pessoas, de tal maneira que, a uma Amália Ivânovna qualquer, ou, melhor, Liúdvigovna, nem sequer a teriam admitido na cozinha…" Aliás, Ekatierina Ivânovna, por então resolveu não deixar transparecer o que sentia, se bem que decidira também intimamente que não havia outro remédio senão dar uma lição a Amália Ivânovna ainda naquele dia e recordar-lhe o seu verdadeiro lugar; senão, sabe Deus o que ela seria capaz de imaginar; mas, agora, apenas se conduziria friamente com ela. Outro contratempo contribuiu também, em parte, para irritar Ekatierina Ivânovna: que, no cemitério, dos vizinhos convidados para o funeral, além do polaco, que também se apressou a ir até lá, correndo, não estava quase ninguém; para o festim, isto é, para a comezaina, só apareceram os mais insignificantes e pobretões, alguns sem sequer se terem arrumado, todos esfarrapados. Os mais antigos e mais respeitáveis, todos eles, como se estivessem de acordo, tinham deixado de ir. Piotr Pietróvitch, por exemplo, que podia considerar-se o mais importante, não apareceu, e, no entanto, ainda no dia anterior, à noite, a própria Ekatierina Ivânovna se apressara a informar a toda a gente, isto é, Amália Ivânovna, a Pólietchka, a Sônia e ao polaco, que ele era um homem muito bondoso, muito generoso, com relações muito importantes, e pessoa de posição, que fora amigo de seu primeiro marido e frequentara a casa de seu pai, e que lhe prometera fazer tudo quanto estivesse ao seu alcance para arranjar-lhe uma boa pensão. Note-se que quando Ekatierina Ivânovna pensava nas relações e na posição social de alguém, o fazia sem interesse algum, sem

nenhum cálculo pessoal, de maneira completamente desinteressada, com o coração transbordante de satisfação, por assim dizer, por poder gabar as pessoas e encarecer ainda mais os méritos de elogio.

Além de Lújin, provavelmente, levado pelo seu exemplo, também não assistira ao repasto fúnebre aquele antipático libertino de Liebiesiátnikov. “Mas que teria imaginado esse indivíduo? Se o convidamos foi apenas por caridade e também por ser companheiro de quarto e amigo de Piotr Pietróvitch.” Também não apareceu certa dama importante, com uma filha solteirona que, apesar de haver apenas duas semanas que vivia em casa de Amália Ivânovna, já por várias vezes se queixara do burburinho e da gritaria que se ouvia no quarto dos Marmieladóvi, sobretudo quando o falecido voltava embriagado para casa, o que Ekatierina Ivânovna sabia, pela própria Amália Ivânovna, quando esta, ralhando com ela e ameaçando-a de expulsá-la de sua casa, dizia em altos gritos que eles estavam incomodando “uns hóspedes muito distintos, aos calcanhares dos quais estavam muito longe de poder chegar”.

Ekatierina Ivânovna resolvera agora intencionalmente convidar essa tal senhora e a filha, aquelas aos calcanhares das quais estava muito longe de poder chegar, tanto mais que, até então, todas as vezes que se encontravam casualmente, aquela lhe voltara as costas altivamente… para que ficassem também sabendo que ela pensava e sentia com mais dignidade e que a convidava sem se importar com o mal recebido, e para que vissem ainda que Ekatierina Ivânovna não estava habituada a viver em semelhantes pardieiros. Resolvera com toda a decisão ter uma explicação com ela à mesa e falar-lhe também de seu falecido pai, o governador e, ao mesmo tempo, dar-lhe a entender, de passagem, que isso de voltar-lhe as costas não servia para nada, e que ela o considerava até como uma ingenuidade. Também não apareceu aquele obeso tenente-coronel (de fato, capitão reformado), mas veio a saber-se que desde a manhã do dia anterior não podia levantar. Em resumo: compareceram apenas o polaquinho, um empregadeco achacado e sardento, que não falava, com um fraque ensebado, sujo e mal-cheiroso, e um velhote surdo e quase cego, que noutros tempos trabalhara nos Correios, e ao qual alguém, desde tempos imemoriais e sem que se soubesse por que, pagava a pensão

em casa de Amália Ivânovna. Veio também um tenente reformado, embriagado (na realidade era um simples empregado da Administração Militar), que não fazia outra coisa senão rir às gargalhadas de uma maneira indecente e estrepitosa e – calculem! – sem colete! Um desses convidados sentou diretamente à mesa, sem cumprimentar sequer Ekatierina Ivânovna. E, por fim, apareceu outro em roupão, pois não tinha um traje capaz de vestir; mas aquilo era já tão vergonhoso que Amália Ivânovna e o polaquinho juntaram os seus esforços para correrem com ele. O polaquinho, por sua vez, levou consigo outros dois polaquinhos, que nunca tinham vivido em casa de Amália Ivânovna nem ninguém vira nunca na pensão. Tudo isto irritou extraordinariamente Ekatierina Ivânovna: "Afinal, para quem é que eu estive fazendo todos estes preparativos?". Para arranjar mais espaço até deixara de sentar as crianças à mesa, que, mesmo sem elas, ocupava todo o quarto, e puseram a deles num canto, em cima duma arca, junto da qual sentaram os dois mais pequenos num banquinho, e ficando Pólietchka, por ser a mais velhinha, encarregada de atendê-los, de lhes dar de comer e de lhes assoar os narizinhos, como a meninos de boa família. Em suma, Ekatierina Ivânovna, quer quisesse, quer não, teve de recebê-los a todos com a maior gravidade e até com soberbia. Olhava alguns com especial severidade e foi com altivez que os convidou a sentarem à mesa. Como imaginasse que Amália Ivânovna era a culpada de os outros não terem vindo, começou de súbito a tratá-la com a maior indiferença, a tal ponto que ela o notou logo e ficou altamente ofendida. Semelhante começo não prometia um bom fim. Até que sentaram.

Raskólhnikov entrou quase no mesmo instante em que regressavam do cemitério. Ekatierina Ivânovna ficou contentíssima quando o viu, em primeiro lugar por ser o único conviva bem educado, e, além disso, porque, como já se sabia, daí a dois anos havia de ocupar uma cátedra na Universidade; e em segundo lugar, porque veio imediatamente pedir-lhe desculpa, com o maior respeito, por não ter podido, contra sua vontade, comparecer no funeral. Ela se ocupou logo dele, obrigou-o a sentar à mesa ao seu lado, à sua esquerda (à direita sentava-se Amália Ivânovna), e apesar da sua contínua vigilância e cuidado para que as iguarias fossem devidamente distribuídas e chegassem junto de todos, apesar da tosse que a afligia e

que a obrigava a cada momento a interromper-se, sufocada, e que, segundo parecia, se agravara nos dois últimos dias, dirigia-se constantemente a Raskólhnikov e apressava-se a desabafar com ele em voz baixa todos os sentimentos que naquele instante a possuíam, e toda a sua justa indignação pelo fracasso do repasto fúnebre, indignação que se transformava logo a seguir num riso alegre e irreprimível, à vista dos comensais ali reunidos, sobretudo à vista da senhoria.

– A culpada de tudo é aquela. Não sei se percebe a quem me refiro: é a ela, a ela! – e Ekatierina Ivânovna piscou um olho, assinalando a senhoria. – Olhe para ela: está arregalando os olhos, percebe que estamos falando dela; como não pode compreender, abre os olhos! Livra! É mesmo uma coruja! Ah… ah… ah! Hi… hi… hi! Não sei o que ela parece com aquela touca! Hi… hi… hi! Já reparou? O que ela quer é que todos fiquem pensando que ela me protege e me dá uma grande honra em sentar à minha mesa. Como é natural, eu pedi-lhe que convidasse umas certas pessoas, que tivessem sido amigas do falecido, e veja que espécie de gente ela me trouxe: camponeses e mendigos! Olhe para aquele, nem sequer lavou a cara; parece um animalzinho sobre duas patas! E aqueles polaquinhos? Ah… ah… ah…! Hi… hi… hi! Ninguém, nunca nunca ninguém os viu aqui, nunca os vi na minha vida! Ora vamos ver, por que teriam eles vindo, é capaz de me dizer? Estão sentados em fila, muito cerimoniosamente. – *Pan*[42] escute – exclamou de repente, dirigindo-se a um deles – já comeu filhós? Coma mais! Cerveja, beba cerveja! Não quer vodca? Ora repare: levantou e cumprimenta; pareciam mortos de fome, os pobrezinhos! Não fazem outra coisa senão mastigar. Mas, ao menos, não fazem barulho; simplesmente… simplesmente, para dizer a verdade, tenho medo, por causa das colheres de prata da senhoria… “Amália Ivânovna – disse, de repente, encarando-a e quase em voz alta – se por casualidade lhe roubarem as colheres, fique sabendo que eu não me responsabilizo por elas, já a previno.” Ha… ha… ha! – riu, dirigindo-se outra vez a Raskólhnikov, piscando outra vez o olho para indicar a senhoria e muito contente da sua esperteza. – Não deu por nada. Continua sentada, de boca aberta; olhe, parece um mocho, um autêntico mocho, com a sua touca de fitas novas… Ha… ha… ha!

Mas, de repente, aquele riso transformou-se numa tosse irreprimível que durou cinco minutos. Apareceu-lhe um pouco de sangue no lenço e corriam-lhe grossas gotas de suor pela testa. Em silêncio, mostrou o sangue a Raskólhnikov e, respirando com dificuldade, tornou a falar-lhe ao ouvido, extraordinariamente agitada e com rosetas vermelhas nas faces:

– Ora veja: eu lhe confiei a missão, bem delicada, de convidar essa senhora e a filha… percebe a quem me refiro? Para isso era preciso empregar maneiras muito corretas, proceder com a maior habilidade; mas ela se portou de tal maneira que a burra dessa forasteira, essa velha carga de ossos, essa insignificante provinciana, que não passa de viúva dum major e veio aqui tratar duma pensão e varrer as antecâmaras com a cauda do vestido, e que com cinquenta e cinco anos ainda pinta o cabelo, se empoa e põe carmim (toda gente sabe)… essa velha, como lhe disse, não só não se dignou vir, como nem sequer me mandou pedir desculpa, uma vez que não podia vir, como manda a mais elementar cortesia para estes casos. Também não consigo compreender como é que Piotr Pietróvitch não veio. Mas onde está Sonha? Ah, foi lá dentro. Olhe, aqui está, finalmente. Que foi isso, Sonha? Onde é que foste? É estranho que também tu tenhas sido tão pouco pontual ao enterro de teu pai. Rodion Românovitch, ela fica ao seu lado. Aqui tens o teu lugar, Sonha. Serve-te do que quiseres. Come peixe, é o melhor. As filhós já vêm… E aos meninos, deram filhós? Pólietchka, tens aí de tudo? Hi… hi… hi! Bem, bem. Vê se tens juizinho, Liena, e tu, Kólia, não mexas assim os pés; senta-te como um menino bem educado. Que dizes, Sônietchka?

Sonha apressou-se a transmitir-lhe as desculpas de Piotr Pietróvitch, esforçando-se por falar alto, para que todos pudessem ouvir, e, escolhendo as palavras, as mesmas que empregara Piotr Pietróvitch e que ela acentuava ainda mais. Acrescentou que Piotr Pietróvitch a encarregara especialmente de dizer que logo que lhe fosse possível viria ali para tratar de certos “assuntos” a sós e ver o que se poderia tentar fazer dali para diante, etc., etc…

Sonha sabia que aquilo aplacaria o mau humor e tranquilizaria Ekatierina Ivânovna, que a lisonjearia e, o que era mais importante, satisfaria o seu orgulho. Estava sentada junto de Raskólhnikov, ao

qual fizera um leve cumprimento e lançara um olhar breve e curioso. Mas, durante todo o resto do tempo evitou olhá-lo e falar-lhe. Estava também com um ar pensativo, embora olhasse de frente Ekatierina Ivânovna, para lhe agradar. Nem ela nem Ekatierina Ivânovna estavam de luto, por não terem a roupa necessária; mas Sonha trazia um vestido cinzento-escuro, e Ekatierina Ivânovna o único que tinha, de indiana, escuro e com rigor. A notícia de Piotr Pietróvitch correu célere. Depois de ter escutado gravemente Sonha, Ekatierina Ivânovna perguntou-lhe com a mesma gravidade: "Como está de saúde Piotr Pietróvitch?". Depois, devagar e quase em voz alta, "sussurrou" a Raskólhnikov que, de fato, teria parecido estranho num cavalheiro tão respeitável e digno, como Piotr Pietróvitch, pôr-se ao lado daquela gente tão estranha, apesar de todas as ligações com a sua família e da velha amizade com seu pai.

– Já pode ver como eu lhe agradeço, a você muito especialmente, Rodion Românovitch, por não ter recusado a minha hospitalidade[43], apesar do ambiente – acrescentou, quase em voz alta – embora, afinal, eu tenha a certeza de que foi apenas a sua especial amizade pelo meu falecido marido que o levou a cumprir a sua palavra.

Depois tornou outra vez a correr os olhos, com altivez e dignidade, pelos convivas e, de repente, perguntou num tom especialmente preocupado e em voz forte, ao velhote surdo: "Não quer mais carne assada? Deram-lhe vinho do Porto?". O velhote não respondeu e demorou muito a compreender aquilo que lhe perguntavam, até que os seus companheiros de mesa lhe explicaram, para se divertirem. Deixou-se ficar olhando, com a boca muito aberta, o que aumentou ainda a hilaridade geral.

– Mas que figura! Repare, repare! Mas por que o teriam trazido? Quanto a Piotr Pietróvitch, nunca duvidei – continuou a dizer-lhe Ekatierina Ivânovna – e é claro que, não se parece… – e falando assim, com uma voz rude e forte, e com uma cara muito severa, encarou Amália Ivânovna de tal maneira que esta ficou assustada – que não se parece com essas tipas emproadas, de rabona, que em casa de papai nem como cozinheiras seriam aceitas, e às quais o meu falecido marido fez uma honra em receber, e isso apenas devido à sua grande bondade.

– Sim, gostava de beber, era um apaixonado pela bebida – exclamou, de repente, o oficial reformado, esvaziando o seu duodécimo copo de vodca.

– O meu falecido marido, de fato, tinha esse fraco, toda gente sabe – respondeu, de repente, Ekatierina Ivânovna. – Mas era uma pessoa boa e séria, que gostava da família e a respeitava. O mal estava em que, na sua bondade, confiava demasiado em indivíduos reles e sabe Deus os companheiros que arranjava para a bebida, alguns dos quais não valiam nem a ponta do seu dedo mínimo. Calcule, Rodion Românovitch, que lhe encontramos no bolso um pequeno galo de pão de especiarias; andava meio morto, na sua bebedeira, mas lembrava-se dos filhos.

– Um galo? Disse um ga…lo? – exclamou o oficialzinho. Ekatierina Ivânovna não se dignou responder. Por qualquer motivo ficou pensativa e suspirou.

– O senhor há de pensar com certeza, como toda gente, que eu era demasiado severa com ele – continuou, dirigindo-se a Raskólhnikov. – Mas olhe que não era. Ele me estimava muito, estimava-me muito. Era uma boa alma! E que pena eu tinha algumas vezes! Sentava-me num canto e começava a olhar para mim, e eu tinha muita pena dele e vontade de acarinhá-lo, mas depois pensava para comigo: “Dá-lhe carinhos que ele torna logo a embebedar-se”. Só com a severidade se podia conseguir qualquer coisa dele.

– Sim, às vezes acontecia que eu o puxasse pelos cabelos, isso acontecia – tornou a dizer a mesma pessoa de há pouco, enchendo outro copo de vodca.

– Para alguns brutamontes não só seria conveniente puxar-lhes os cabelos como também sová-los com o pau de vassoura. Fique sabendo que não estou a referir-me ao falecido! – disse Ekatierina Ivânovna.

As rosetas vermelhas das suas faces tornavam-se cada vez mais vivas; o peito arquejava-lhe. Um minuto mais e estaria pronta a armar um escândalo. Muitos puseram-se a rir, outros deram mostras de se divertirem com aquilo. Começaram a atiçar o oficial reformado e a sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido. Parecia que queriam excitá-lo.

– Será que eu poderia perguntar a quem se refere… – começou o ex-oficial – isto é, a que propósito… não me diz? Embora, no fim de contas, não seja preciso. Isso é um absurdo! Como se trata de uma viúva, de uma pobre viúva! Desculpo-lhe… Vá lá! – e tornou a encher o copo de vodca.

Raskólhnikov continuava sentado e escutava em silêncio e com repugnância. Por delicadeza fingia comer as iguarias que a cada momento Ekatierina Ivânovna lhe punha no prato, e apenas para não a desgostar. Olhava para Sonha com muita atenção. Mas Sonha estava muito inquieta e preocupada: tinha o pressentimento de que o festim fúnebre não iria acabar bem e seguia com receio o crescente nervosismo de Ekatierina Ivânovna. Sabia que, entre outros motivos, o principal, que levara as tais duas senhoras de fora a recusarem tão depreciativamente o convite de Ekatierina Ivânovna, fora ela, Sonha. Ouvira dizer à própria Amália Ivânovna que a mãe até se ofendera com o convite e que fizera esta pergunta: "Como seria possível sentar ela a sua filha ao lado 'daquela moça'?". Sonha pressentia que Ekatierina Ivânovna devia estar mais ou menos a par daquilo, e a ofensa que lhe tinham feito a ela, Sonha, significava para Ekatierina Ivânovna mais do que se a tivessem ofendido a ela pessoalmente, aos seus filhos, ou ao marido; enfim, aquilo era uma ofensa terrível e Sonha sabia bem que Ekatierina Ivânovna já não ficaria sossegada enquanto não tivesse demonstrado àquelas duas fedúncias que elas eram… etc., etc. Houve alguém que, do outro extremo da mesa, enviou a Sonha um prato no qual pusera dois corações de pão negro atravessados por uma flecha. Ekatierina Ivânovna ficou vermelha e declarou imediatamente em voz forte que aquele que fizera aquilo era com certeza um bêbado estúpido. Amália Ivânovna, que também pressentia qualquer coisa de desagradável, e ao mesmo tempo estava ofendida até ao mais profundo da sua alma pela altivez de Ekatierina Ivânovna, pôs-se a contar, de repente, sem vir nada a propósito, com o pretexto de distrair a aborrecida disposição de espírito dos convivas e de fazer, também, vista perante eles, que um certo amigo seu, Karl, o moço da farmácia, tomara certa noite uma carruagem e que "o cocheiro quisera matá-lo, que Karl pedira muito, muito, que não o matasse, e que se pusera a chorar, e se assustara, e o coração lhe rebentara de medo". Ekatierina Ivânovna ainda riu; mas logo a seguir

fez notar a Amália Ivânovna que ela não tinha jeito para contar anedotas em russo. Ela ficou ainda mais ofendida e respondeu-lhe que o seu *Vater aus Berlin*[44] era uma personagem de muita, mesmo muita importância, e que andava sempre de mãos metidas nos bolsos… A trocista de Ekatierina Ivânovna não pode conter-se e desatou numa tremenda gargalhada, a tal ponto que Amália Ivânovna acabou por perder a paciência e só com muito custo conseguiu reprimir-se.

– Olhe para aquela coruja! – tornou a murmurar Ekatierina Ivânovna ao ouvido de Raskólhnikov, quase com alegria. – O que ela queria dizer era que o pai trazia as mãos metidas nos bolsos dos outros… Hi… hi… hi! Não sei se já reparou bem, Rodion Românovitch, que todos esses estrangeiros que há aqui, em Petersburgo, principalmente os alemães, que vieram sabe Deus de onde, são todos mais grosseiros do que nós? Por que há de concordar comigo que não é possível uma pessoa pôr-se a contar isso de que a "Karl, o moço da farmácia, lhe rebentou de susto o coração", e que ele (monstrengão!), em vez de bater no cocheiro, "juntou as mãos, pôs-se a chorar e pediu-lhe muito"… Ah, que besta! E ainda se julga muito engraçada, sem perceber que é uma tola! Acho que esse oficialzinho reformado é mais inteligente do que ela; pelo menos vê-se bem que é um vadio que afogou toda a inteligência no copo, ao passo que esses… Olhe para eles, como estão ali pespegados, tão sérios… Olhe para os olhos que ela abre! Está arreliada! Está arreliada! Ah… ha… ha! Hi… hi… hi!

Já de bom humor, Ekatierina Ivânovna pôs-se a enumerar um nunca acabar de pormenores e, de repente, começou a dizer que assim que recebesse aquela pensão que andavam a arranjar-lhe, fundaria, por certo, na cidade onde nascera, T***, um internato para meninas nobres. Disto ainda Ekatierina Ivânovna não falara a Raskólhnikov, e pôs-se a descrever-lhe imediatamente o seu plano, com os pormenores mais sedutores. O certo é que, sem se saber como, apareceu de súbito nas suas mãos aquele diploma, do qual o falecido Marmieládov já falara a Raskólhnikov, na taberna, ao explicar-lhe que Ekatierina Ivânovna, sua mulher, quando saíra do Instituto dançara com um xale "em presença do governador e de outras personalidades". Esse diploma devia agora, pelo visto, servir de justificação para o direito

que tinha Ekatierina Ivânovna de fundar o referido colégio; mas, no fundo, a sua finalidade era outra: a de reduzir definitivamente ao silêncio aquelas duas fedúncias, se, por acaso, tivessem vindo ao jantar, demonstrando-lhes com toda a clareza que Ekatierina Ivânovna era originária duma casa muito digna, podia mesmo dizer-se aristocrática; era filha dum coronel e, portanto, valia mais do que muitas aventureiras que abundavam tanto havia já algum tempo. O diploma andou em seguida pelas mãos dos convivas embriagados, ao que Ekatierina Ivânovna não se opôs, pois, de fato, nele estava escrito, com todas as letras, que ela era filha dum conselheiro da Corte, dum cavalheiro, o que equivalia quase a ser filha dum coronel. Entusiasmada, Ekatierina Ivânovna começou em seguida a expor todas as circunstâncias da sua futura e plácida existência em T***, dos professores do Liceu, que convidaria para dar lições no seu internato; de um respeitável ancião, o francês Mangot, que ensinara a sua língua à própria Ekatierina Ivânovna no Instituto, e que vivia ainda em T*** e, que, com certeza, ela poderia contratar por módica quantia. Chegou a vez de falar de Sonha, "que havia de mudar-se para T***, juntamente com Ekatierina Ivânovna, e que a ajudaria ali em tudo". Mas, neste momento houve alguém que deixou escapar um risinho contido, no outro extremo da mesa. Embora se esforçasse por fingir não ter notado aquele risinho sufocado na outra ponta da mesa, Ekatierina Ivânovna apressou-se a elevar a voz, pôs-se a falar comovidamente das indubitáveis aptidões de Sônia Siemiônovna para servir-lhe de auxiliar, "da sua suavidade, da sua paciência, abnegação, bondade e cultura", e, enquanto dizia isto deu umas palmadinhas nas faces de Sonha e, levantando-se, abraçou-a por duas vezes. Sonha corou e Ekatierina Ivânovna começou de repente a chorar, afirmando que era "uma tola fraca de nervos, que estava muito cansada e já era tempo de acabar com aquele jantar e, visto que a comida já se acabara, trariam a seguir o chá." Nesse mesmo instante, Amália Ivânovna, profundamente ressentida por não ter podido falar, e também por antes não a terem escutado, lançou-se de repente numa última tentativa e, com uma certa angústia interior, permitiu-se comunicar a Ekatierina Ivânovna uma observação muito prática e sensata: que no seu futuro pensionato deveria conceder uma atenção especial ao asseio da roupa branca das meninas, e que "haviam de precisar, infalivelmente, duma senhora séria para tratamento da roupa

branca”, e também “a fim de vigiar as moças, para que elas não lessem romances à noite”. Ekatierina Ivânovna, que, de fato estava cansada, nervosa, e farta do jantar de enterro, “fechou logo a boca” a Amália Ivânovna, dizendo-lhe que “só lhe ocorriam disparates” e que não entendia nada do que ela queria dizer; que isso da roupa branca era da competência da despenseira e não da diretora do internato e, quanto à leitura de romances, tratava-se simplesmente duma inconveniência e pedia-lhe que se calasse”. Amália Ivânovna corou de cólera e fez-lhe notar que ela “apenas velava pelo seu bem e que lhe desejava as maiores felicidades” e que “havia já algum tempo que ela não lhe dava o *Geld*[45] que lhe devia pelo quarto”. Ekatierina Ivânovna caiu-lhe imediatamente em cima, dizendo-lhe que ela mentia ao afirmar que “velava pelo seu bem”, visto que, para não ir mais longe, na noite anterior, quando o defunto estava ainda sobre a mesa, a tinha vindo afligir por causa do quarto. Amália Ivânovna respondeu muito oportunamente dizendo que ela “convidara aquelas senhoras, mas que elas não foram porque eram senhoras de boa família e não podiam conviver com quem não era”. Ekatierina Ivânovna sublinhou em seguida que ela era uma qualquer e não podia avaliar o que era a verdadeira distinção. Amália Ivânovna não pode suportar isso e declarou imediatamente que o seu *Vater aus Berlin* era uma pessoa muito importante e andava com as mãos nos bolsos, dizendo sempre puf! puf! e, para dar ainda uma ideia melhor do que era o seu pai, Amália Ivânovna saltou da cadeira, meteu as duas mãos nos bolsos, encheu as bochechas de ar e começou a fazer uns vagos ruídos com a boca, semelhantes a puf! puf!, por entre as gargalhadas gerais de todos os hóspedes, que excitavam intencionalmente Amália Ivânovna com o seu aplauso, calculando que daí a pouco estariam puxando pelos cabelos uma da outra. Mas Ekatierina Ivânovna não se pode conter e declarou imediatamente, de maneira que todos ouvissem, que Amália Ivânovna nunca tivera pai, e que era simplesmente Amália Ivânovna, uma finlandesa de Petersburgo, uma bêbada, que, antes, devia ter sido cozinheira em algum lugar, se é que não fora qualquer coisa de pior. Amália Ivânovna ficou vermelha como um tomate e levantou a voz dizendo que aquilo talvez se pudesse aplicar a ela, Ekatierina Ivânovna, porque “com certeza não tivera *Vater*, ao passo que ela tivera um *Vater aus Berlin*, que usava uns sobretudos muito compridos e que estava sempre fazendo puf! puf! puf!”. Ekatierina Ivânovna fez

notar, num ar de desprezo, que a sua origem era bem conhecida de todos, e que naquele diploma que acabavam de ver constava, em letra de forma, que o pai era coronel, ao passo que o pai de Amália Ivânovna (supondo que tivesse tido pai) devia ter sido com certeza algum finlandês de Petersburgo, algum leiteiro, embora o mais certo de tudo era que não o tivesse tido, pois ainda não se sabia como se chamava Amália Ivânovna por parte do pai, se era Ivânovna ou Liúdvigovna. Quando ouviu isto, Amália Ivânovna, já fora de si, deu um soco sobre a mesa e começou a gritar que o seu *Vater* "se chamava Ivan e que era burgomestre", ao passo que o *Vater* de Ekatierina Ivânovna "nunca fora burgomestre na sua vida". Ekatierina Ivânovna levantou do seu lugar e, com uma voz severa e aparentemente tranquila (embora estivesse pálida e lhe arfasse o peito), respondeu-lhe que se ela se atrevesse "a pôr outra vez no mesmo nível o porco do seu *Vater* e o seu pai, ela, Ekatierina Ivânovna, ia então tirar a touca da cabeça dela e pisava-a a seus pés". Quando ouviu aquilo, Amália Ivânovna começou a correr pelo quarto, gritando com todas as forças que ela era a senhoria e que Ekatierina Ivânovna "tinha que abandonar o quarto naquele mesmo instante"; depois pôs-se a tirar as colheres de prata da mesa. Armou-se um grande burburinho e uma grande algazarra: as crianças puseram-se a chorar; Sonha correu a amparar Ekatierina Ivânovna; mas quando Amália Ivânovna fez uma alusão a respeito do boletim amarelo[46], Ekatierina Ivânovna afastou Sonha bruscamente e atirou-se a Amália Ivânovna para cumprir imediatamente a sua ameaça de arrancar-lhe a touca. Nesse momento a porta abriu-se e à entrada apareceu inesperadamente Piotr Pietróvitch Lújin. Ficou ali parado e percorreu com um olhar severo e perscrutador toda a assistência. Ekatierina Ivânovna foi ao encontro dele.

## Capítulo III

– Piotr Pietróvitch! – gritou. – Defenda-me o senhor, ao menos! Faça ver a essa estúpida criatura que não tem o direito de tratar desta maneira uma senhora de boa família que se encontra na desgraça; lá estão os juízes… Eu, ao general governador… Há de prestar contas… Lembre-se da hospitalidade de meu pai, defenda uma órfã!

– Com licença, minha senhora! Com licença, minha senhora! – balbuciou Piotr Pietróvitch. – Como sabe, não tive o prazer de conhecer o seu pai… Com licença, minha senhora! – alguém se pôs a rir em voz alta. – E não faço tenção de tomar parte nas suas contínuas discussões com Amália Ivânovna… Eu vim para tratar de um assunto preciso… e quero ter imediatamente uma explicação com sua enteada, Sófia… Ivânovna… acho que é este o seu nome, não é? Faça o favor de me deixar passar…

E Piotr Pietróvitch, passando por detrás de Ekatierina Ivânovna, dirigiu-se para o canto oposto, onde estava Sonha.

Ekatierina Ivânovna ficou no mesmo lugar em que estava, como se tivesse sido atingida por um raio. Não podia compreender como é que Piotr Pietróvitch negava a hospitalidade do seu *papacha*. Depois de ter inventado isso da hospitalidade, ela própria acabara por acreditar. Ficou também impressionada com o tom decidido, seco e até com uma ponta de desdém e ameaça, de Piotr Pietróvitch. E, além do mais, quando ele apareceu, todos se tinham calado a pouco e pouco. Aliás, aquele homem decidido e sério estava em franca desarmonia com o resto dos presentes, além de que era evidente que ele fora ali por causa de alguma coisa importante, que algum motivo extraordinário o levara a misturar-se com semelhante gente, e que, de um momento para o outro, havia de suceder, de acontecer alguma coisa. Raskólhnikov, que estava de pé ao lado de Sonha, afastou-se para um lado para o deixar passar; aparentemente, Piotr Pietróvitch nem sequer reparou nele. Passado um minuto surgiu também à porta Liebiesiátnikov; não chegou a entrar; mas parou também ali com curiosidade especial, quase espantado e, segundo parece, ficou durante muito tempo sem perceber nada do que se passava.

– Desculpem, se venho talvez interrompê-los; mas é que se trata de um assunto bastante importante – observou Piotr Pietróvitch, sem se dirigir especialmente a qualquer pessoa – e fico até contente porque seja tratado em público. Amália Ivânovna, peço-lhe encarecidamente que, como senhoria do quarto, preste especial atenção à conversa que vou ter imediatamente com Sófia Ivânovna. Sófia Ivânovna – continuou, dirigindo-se a Sonha, que estava assombrada e assustadíssima – de cima da mesa do quarto do meu amigo, Andriéi

Siemiônovitch Liebiesiátnikov, imediatamente depois da sua visita desapareceu uma nota de cem rublos que me pertencia. Se for capaz de me dizer, seja lá como for, onde é que essa nota se encontra neste momento, dou-lhe a minha palavra de honra, e tomo todos por testemunhas, de que daremos o assunto por terminado. De outro modo vejo-me na contingência de tomar medidas muitíssimo sérias, e então… ponha a culpa sobre si própria!

Reinava o maior silêncio no quarto. Até as crianças, que estavam chorando, se acalmaram. Sonha empalideceu mortalmente, olhava para Lújin e não sabia que responder. Parecia que também não conseguia compreender. Decorreram alguns segundos.

– Bem, vamos ver, que me diz? – perguntou Lújin olhando-a de alto a baixo.

– Eu não sei… Eu não sei nada… – declarou Sonha, finalmente, com uma voz fraca…

– Não? Não sabe nada? – respondeu Lújin e ficou ainda calado por uns segundos. – Pense bem, *mademoiselle* – começou severamente, mas como se advertisse – veja se se lembra; é de boa vontade que lhe concedo ainda algum tempo para que reconsidere. Faça favor de reparar nisto; se eu não tivesse a certeza, então, é claro, dado a minha experiência, não me teria arriscado a acusá-la diretamente, pois que de uma acusação deste gênero, direta e terminante, mas que fosse falsa ou simplesmente errônea, eu teria, de certa maneira, que ficar responsável. Não ignoro. Esta manhã negociei, para atender às minhas necessidades, alguns títulos de cinco por cento, por um valor nominal de três mil rublos. Tenho a conta anotada num livrinho. Quando voltei a casa, e Andriéi Siemiônovitch é testemunha disso, tratei de contar o dinheiro e, pondo de parte dois mil e trezentos rublos, guardei-os numa carteira, que pus no bolso de lado do meu sobretudo. Em cima da mesa ficaram cerca de quinhentos rublos em notas, e, entre elas, três de cem rublos. Nesse momento chegou a menina (fui eu que a mandei chamar), e, durante todo o tempo que ali esteve, mostrou-se muito agitada; tanto que, durante metade da conversa, por três vezes levantou para ir embora, não sei por que, apesar da conversa ainda não ter acabado. Andriéi Siemiônovitch é testemunha de tudo quanto

eu digo. Com certeza que a *mademoiselle* também não se negará a confirmar e corroborar que eu a chamei por intermédio de Andriéi Siemiônovitch, única e exclusivamente para lhe falar da orfandade e da desamparada situação de sua madrasta, Ekatierina Ivânovna (a cujo jantar não pude assistir), e de como seria conveniente abrir uma subscrição a seu favor e organizar uma loteria ou qualquer coisa no gênero. A senhora agradeceu-me e até chorou (eu conto tudo, tal como se passou; em primeiro lugar, para ajudá-la a lembrar-se e, além disso, para demonstrar-lhe que, na minha memória, não se apagou nem o mais pequeno pormenor). Depois tirei da mesa uma nota de dez rublos e a entreguei para contribuir pessoalmente para a subscrição a favor da sua madrasta, e a título de primeiro socorro. Tudo isto foi presenciado por Andriéi Siemiônovitch. Depois acompanhei-a até à porta; a menina continuava muito agitada, como antes, e depois disso, quando fiquei só com Andriéi Siemiônovitch, conversando uns dez minutos… ele saiu e, então, dirigi-me outra vez para a mesa e para o dinheiro que lá ficara, com a intenção de contá-lo e de pôr depois uma quantia de parte, como já decidira. Com grande espanto verifiquei que, das notas de cem rublos, faltava uma. Faça favor de ver: suspeitar de Andriéi Siemiônovitch, seria impossível; só de pensá-lo me envergonho. Que me tenha enganado na conta também não é possível, porque um minuto antes de a menina ter entrado, já eu acabara a contagem e verificara que o total estava exato. Há de concordar que, ao recordar a sua perturbação, a sua pressa de ir embora, e que durante algum tempo teve as mãos em cima da mesa e, por último, levando em conta a sua situação, de modo geral, e os costumes a ela inerentes, eu me vi obrigado, por assim dizer, com horror e até contra minha vontade, a conceber uma suspeita… cruel, sem dúvida, mas… justa! Acrescento e repito que, apesar de toda a minha aparente segurança, compreendo que, no entanto, há nesta minha acusação um certo risco para mim. Mas, como vê, eu não hesitei um minuto: revoltei-me e vou dizer-lhe por que: unicamente, minha senhora, unicamente por causa da sua ingratidão! Como não? Então eu a chamo por causa da sua pobre madrasta, dou-lhe eu mesmo um auxílio de dez rublos, e a senhora, a senhora, imediatamente, vai e paga-me com semelhante procedimento! Não, isso não está certo! Repare bem: apesar de tudo, como um amigo sincero (porque melhor amigo do que eu não pode a senhora ter neste momento), peço-lhe

que reconsidere! Senão, serei inexorável! Portanto, vamos ver: que responde?

– Eu não tirei nada do seu quarto – balbuciou Sonha, horrorizada. – O senhor deu-me dez rublos, aqui os tem, fique com eles. – Sonha tirou um lenço do bolso, procurou o nó que lhe tinha dado, desatou-o, tirou a nota de dez rublos e estendeu a mão para Lújin.

– De maneira que não reconhece o caso dos outros cem rublos? – perguntou ele em tom recriminativo e insistente, sem aceitar a nota.

Sonha olhou à volta. Todos a fitavam com caras terríveis, severas, sarcásticas. Lançou um olhar a Raskólhnikov… que estava de pé, junto da parede, de braços cruzados e a contemplava com olhos de fogo.

– Oh, meu Deus! – deixou escapar Sonha.

– Amália Ivânovna, é preciso chamar a Polícia, e, entretanto, peço-lhe encarecidamente que vá chamar o porteiro – disse Lújin em voz baixa e até afetuosa.

– *Gott der barmherzige*[47]! Eu já sabia que ela era uma ladra! – exclamou Amália Ivânovna esfregando as mãos.

– Já sabia? – sublinhou Lújin. – Com certeza deve ter tido algum motivo para pensar assim, antes disto. Pois então lhe peço, respeitável Amália Ivânovna, que não se esqueça das palavras que acaba de pronunciar diante de testemunhas.

De todos os lados se ergueu uma forte vozeria. Todos se agitavam.

– O quê? – gritou Ekatierina Ivânovna, caindo em si, de repente, como se lhe tivessem carregado numa mola, e atirando-se a Lújin. – O quê? Com que então a acusa de roubo? A Sonha? Ah, malvados, malvados! – e, dirigindo-se a Sonha, apertou-a nos seus braços descarnados, como num torno.

– Sonha! Como te atreveste a aceitar-lhe esses dez rublos! Oh, minha tonta! Devolve-os já! Dá-lhe agora mesmo, esses dez rublos! Tome lá!

E, tirando a nota a Sonha, Ekatierina Ivânovna, depois de amarrotá-la entre as mãos, atirou-a à cara de Lújin. A bolinha acertou-lhe num olho e foi depois rebolando pelo chão. Amália Ivânovna agachou-se para recolher o dinheiro. Piotr Pietróvitch ficou furioso.

– Segurem essa doida! – gritou.

Nesse momento, ao lado de Liebiesiátnikov apareceram algumas pessoas, entre elas as duas senhoras de fora.

– O que, que vem a ser isso de doida? Com que então eu estou doida? Idiota! – gritou Ekatierina Ivânovna. – Tu é quem és um idiota, um advogado sem causas, um malvado! Sonha, Sonha seria incapaz de lhe tirar o dinheiro! Sonha, uma ladra! Se ela ainda tem que te dê a ti, imbecil! – e Ekatierina Ivânovna desatou num riso histérico. – Já se viu maior idiota do que isto? – disse, encarando todos e apontando Lújin. – O quê? Também tu? – disse, ao ver a senhoria, de repente – também tu, ignorante, afirmas que ela é uma ladra, reles prussiana, que pareces uma galinha choca com crinolina! Ai de ti! Ai de ti! Se ela não saiu do quarto e, assim que veio de lá de dentro, sentou logo ao lado de Rodion Românovitch! Reviste-a! Uma vez que ela não foi a parte nenhuma, ainda deve ter o dinheiro com ela! Procura, procura, procura! Se não encontrares nada, *golubtchik*, então, hás de pagá-las! Ao soberano, ao soberano, será ao próprio czar que eu recorrerei, porque é misericordioso, e vou me jogar a seus pés, agora mesmo, hoje mesmo! Eu… uma órfã! Hão de deixar-me entrar! Julgas que não me deixarão passar? Pois estás enganada, que hei de entrar! Hei de entrar! Contavas com a timidez dela? Era nisso que punhas as tuas ilusões? Pois, eu, em troca, meu caro, sou ousada! Tens que te haver comigo! Vamos, procura, procura, procura!

E Ekatierina Ivânovna, enfurecida, sacudia freneticamente a Lújin e arrastava-o para junto de Sonha.

– Eu estou disposto a isso, eu responderei… mas, veja se se acalma, veja se se acalma! Eu vejo muito bem que a senhora é ousada! É… é… isso – balbuciou Lújin – é com a Polícia… Embora, no fim de contas, haja bastantes testemunhas… E eu estou disposto a isso… Mas, em todo caso, para um homem é difícil… por uma questão de sexo…

Só com a ajuda de Amália Ivânovna … Embora, aliás, não é assim que se fazem as coisas… Que hei de eu fazer?

– Escolha quem quiser! Quem quiser que a reviste! – gritou Ekatierina Ivânovna. – Sonha, mostra-lhe o forro dos bolsos. Isso mesmo! Olha, monstrengo, está vazio, era aqui que estava o lenço, o bolso está vazio! Estás vendo? Agora o outro bolso: aqui está, aqui está! Vês, vês?

E Ekatierina Ivânovna não ficou satisfeita enquanto não virou do avesso os dois bolsos. Mas, do segundo, do da direita, voou de repente um papelzinho que, descrevendo no ar uma parábola, foi cair aos pés de Lújin. Todos o viram; muitos soltaram uma exclamação. Piotr Pietróvitch agachou-se, apanhou do chão o papelzinho, com os dedos, ergueu-o à vista de todos e desdobrou-o. Era a nota de cem rublos, dobrada em oito partes. Piotr Pietróvitch passeou a mão à volta, para que todos vissem a nota.

– Grande ladra! Fora desta casa! A Polícia, a Polícia! – gritou Amália Ivânovna. – Deviam ser mandadas para a Sibéria! Fora!

De todos os lados se ergueram exclamações. Raskólhnikov estava calado, sem tirar os olhos de Sonha e lançando de quando em quando rápidos olhares a Lújin. Sonha continuava no mesmo lugar, alheada. Quase nem dava mostras de espanto. De súbito, todo o seu rosto se ruborizou; deu um grito e cobriu a cara com as mãos.

– Não, eu não sou isso! Eu não roubei! Eu não sei nada! – exclamou com uma voz entrecortada pelos soluços e lançou-se nos braços de Ekatierina Ivânovna. Esta recebeu-a e estreitou-a com força, como se quisesse defendê-la de todos contra o seu peito.

– Sonha! Sonha! Eu não acredito! Olha, eu não acredito! – gritava ainda Ekatierina Ivânovna, embalando-a nos braços como se ela fosse uma criancinha, dando-lhe muitos beijos, acariciando-a e beijando-lhe também as mãos, como se as sorvesse. – Diz que tu o tiraste! Mas que gente tão estúpida! Oh, meu Deus! São todos uns imbecis, uns tolos! – gritava, encarando todos. – Não sabem que coração ela tem, que mulher ela é! Ela não tirava nada, ela… Pois se ela é capaz de se desfazer do seu último vestido, vendê-lo e andar descalça para dar

tudo a vocês, se precisarem! Ela é assim! E se tem o boletim amarelo foi porque os meus filhos morriam de fome! Foi por nós que ela se vendeu! Ah, homem que já estás morto, homem que já estás morto! Ah, homem que já estás morto, homem que já estás morto! Estás vendo? Estás vendo? Olha o jantar fúnebre que tiveste! *Góspod*[48]! Mas defendam-na! Que fazem aí todos parados? Rodion Românovitch! Por que não a defende? Também acredita nisto? Todos juntos, todos, todos, todos, não valem nem o seu dedo mínimo! *Góspod*! Mas defendam-na…

O choro da pobre Ekatierina Ivânovna, tísica, desprotegida, pareceu produzir finalmente uma grande impressão sobre os presentes. Havia tanto sofrimento, tanta dor naquela cara contraída pelo sofrimento, vincada pela tuberculose; naqueles lábios descorados, salpicados de sangue; naquela voz estertórica, naquele pranto entrecortado de soluços, parecido com o choro duma criança; naquela imploração ingênua, infantil, e, ao mesmo tempo, desolada, de defesa, que todos pareceram condoer-se da infeliz. Piotr Pietróvitch compadeceu-se também a seguir.

– Senhora! Senhora! – exclamou com ênfase. – Não é nada contra a senhora! Ninguém se atreveu a culpá-la, nem de má intenção nem sequer de conivência, tanto mais que foi a senhora mesma quem pôs a coisa a claro, ao esvaziar-lhe os bolsos; com certeza que a senhora não supunha nada! Eu estou disposto a ter piedade pela senhora, por assim dizer, pois foi a miséria o motivo que impulsionou Sófia Ivânovna. Mas por que não quis a menina confessar logo? Tinha medo da vergonha? Mas foi este o seu primeiro passo nesse caminho? Naturalmente não estava boa da cabeça! Compreende-se. Mas, no entanto, por que se deixou chegar a esta situação? Meu Deus! – encarou todos os presentes. – Meu Deus! Como tenho pena e estou, por assim dizer, condoído, sinto-me, no entanto, disposto a perdoar, apesar da ofensa que recebi. Mas olhe, menina, que esta vergonha lhe sirva de lição daqui para diante – disse, dirigindo-se a Sonha – e eu considero o assunto terminado e não o levarei para a frente. Já chega.

Piotr Pietróvitch lançou, de soslaio, um olhar a Raskólhnikov. Os seus olhares encontraram-se. O olhar esbraseado de Raskólhnikov parecia querer pulverizá-lo. Enquanto tudo isto se passava, Ekatierina

Ivânovna dava mostras de não conseguir entender nada; estava abraçada a Sonha e beijava-a loucamente. As crianças tinham-se também agarrado a Sonha por todo lado, com as suas mãozinhas, e Pólietchka – embora não compreendesse claramente o que se passava – tinha-se posto a chorar, com todo o corpo sacudido pelos soluços e escondendo a sua linda carinha, intumescida pelo choro, sobre um ombro de Sonha.

– Que maldade! – gritou, de repente, uma voz forte, à porta.

Piotr Pietróvitch voltou-se rapidamente para olhar.

– Que baixeza! – repetiu Liebiesiátnikov, olhando-o nos olhos.

Piotr Pietróvitch deu um pulo. O que não passou despercebido a nenhum dos presentes. Lembraram-se disso, depois. Liebiesiátnikov entrou no aposento.

– Como se atreve a tomar-me como testemunha – disse, aproximando-se de Piotr Pietróvitch.

– Que quer dizer isso, Andriéi Siemiônovitch? A quem se refere? – resmungou Lújin.

– Quer dizer que o senhor… é um caluniador, aí tem o que significam as minhas palavras! – declarou Liebiesiátnikov com veemência, olhando-o severamente com os olhinhos míopes. Estava terrivelmente zangado. Raskólhnikov parecia beber os seus olhares, como se estivesse ansioso por compreender e pesar cada palavra sua. Piotr Pietróvitch parecia também transtornado, principalmente no primeiro momento.

– Se o senhor, a mim… – começou, balbuciando. – Que lhe importa isso? O senhor perdeu o juízo?

– Não, ainda o tenho todo. O senhor é que é… um canalha. Ah, e que vil! Eu ouvi tudo e esperava de propósito para ver se conseguia compreender, porque, confesso-lhe, até mesmo agora, ainda não vejo a lógica do caso… O que não consigo explicar é… para que é que o senhor fez isso…

– Mas que é que eu fiz? Veja se deixa de falar por enigmas! Parece que bebeu…

– Você, seu velhaco, é que deve ter bebido, e não eu! Eu nunca provo vodca, porque me o proíbem as minhas convicções! Calculem os senhores que foi ele, ele mesmo, quem, por sua própria mão, deu essa nota de cem rublos a Sônia Siemiônovna… Vi-o muito bem, sou testemunha disso, e vou declará-lo diante de todos os juízes. Ele, ele – repetia Liebiesiátnikov, dirigindo-se a todos em geral e a cada um em particular.

– Mas você está maluco, seu pateta! – gritou Lújin. – Mas se ela, aqui mesmo, na sua frente, na sua cara… ela mesma aqui, há um momento, declarou… que, além desses dez rublos, eu não lhe dera nada! Como é que, então, eu os teria dado?

– Eu vi, eu vi! – gritou e afirmou Liebiesiátnikov. – E, ainda que tenha de ir contra as minhas convicções, estou disposto a declará-lo agora mesmo perante o juiz que escolher, porque vi muito bem como o senhor o entregava dissimuladamente! Simplesmente eu, grande tolo, julgava que o senhor procedia assim por bondade! À porta, ao despedir-se dela, quando ela se voltou, o senhor, enquanto lhe apertava uma mão, com a outra, com a esquerda, metia-lhe muito dissimuladamente a nota no bolso. Eu vi! Vi!

Lújin empalideceu.

– Isso é mentira! – exclamou em voz cortante. – Como é possível que você, que estava junto da janela, pudesse distinguir a nota? Você fez confusão… por causa dos seus olhos míopes. Você está delirando!

– Não, eu não fiz confusão! Embora estivesse um pouco afastado, vi tudo, tudo, tudo, e embora seja de fato difícil distinguir uma nota da janela, e nisso o senhor tem razão, eu, neste caso, pude saber muito bem que se tratava, sem dúvida nenhuma, de uma nota de cem rublos, porque quando o senhor deu a outra nota de dez, vi muito bem que tirava de cima da mesa uma nota de cem rublos (nessa ocasião eu estava perto da mesa e depois ocorreu-me uma ideia; de maneira que, por isso, não me esqueci que tinha essa nota na mão). O senhor pegou nela e teve-a apertada na mão durante todo o tempo. Depois esqueci

esse pormenor; mas quando levantou, passou-a da mão direita para a esquerda, quase feita numa bolinha; e então voltei a lembrar-me, porque me tornou a ocorrer a ideia anterior, ou seja, que o senhor queria dar-lhe essa quantia sem que eu soubesse. Já pode ver qual não seria a minha curiosidade… e realmente vi muito bem como a metia, à socapa, dentro do bolso. Eu vi, eu vi, e estou disposto a declará-lo.

Liebiesiátnikov estava quase arquejante. De todos os lados começaram a ouvir-se várias exclamações que, na sua maior parte, exprimiam assombro; mas também se ouviam algumas que exprimiam um tom de ameaça. Todos se aglomeraram em redor de Piotr Pietróvitch e Ekatierina Ivânovna correu para Liebiesiátnikov!

– Andriéi Siemiônovitch! Eu estava enganada a seu respeito! Defenda-a! O senhor é a única pessoa que a defende! Ela é uma orfã; foi Deus quem o enviou! Andriéi Siemiônovitch, bom amigo, *bátiuchka*!

E Ekatierina Ivânovna, como se estivesse transtornada, lançou-se de joelhos a seus pés.

– Tolices! – exclamou Lújin, furioso. – Você não diz senão disparates. “Esqueci-me, lembrei-me, tornei-me a esquecer!” Que quer dizer isso? Se calhar quer dizer que eu lhe meti o bilhete no bolso intencionalmente? Com que fim? Com que fim? Que há de comum entre mim e essa…?

– Para quê? É isso, precisamente, o que eu não consigo explicar; mas o que eu acabo de contar é um fato certo, irrefutável! E tenho a tal ponto a certeza de que não estou enganado, seu reles canalha, que me lembro muito bem de que, ao ver aquilo, a mim próprio fiz imediatamente esta pergunta, enquanto o felicitava e lhe apertava a mão: “Por que lhe teria ele metido à socapa no bolso? Isto é, por que havia de tê-lo feito escondido?” Pensei que o fazia por querer ocultar de mim esse gesto, visto saber que eu professo convicções opostas e sou inimigo da beneficência privada, que não resolve nada de uma maneira radical. Pois bem: eu pensei, eu concluí que, ao senhor, de fato, lhe custava oferecer essa quantia, e que também, supus igualmente, lhe quisesse fazer uma surpresa, a ela, deixá-la admirada

quando encontrasse no bolso nada mais nada menos do que cem rublos (porque eu sei que há muitas pessoas que gostam de praticar as suas obras caritativas dessa maneira). Depois também pensei que o senhor queria experimentá-la: isto é, ver se ela, quando tornasse a encontrá-lo, lhe agradecia! Pensei ainda que queria evitar os agradecimentos e, bom, para fazer como se costuma dizer: que a tua mão direita… não saiba… enfim, qualquer coisa dessas. Bem, pela minha cabeça passaram então muitos pensamentos, sobre os quais resolvi refletir depois com mais vagar; mas o certo é que me pareceu pouco delicado dar-lhe a entender que tinha surpreendido o seu segredo. Mas, no entanto, também fiz a mim próprio outra pergunta: "E se Sófia Siemiônovna acabasse por perder o dinheiro, antes de dar por ele?". Foi esse o motivo que me fez vir até cá, para chamá-la e avisá-la de que lhe tinham metido cem rublos no bolso. Mas antes passei pelo quarto da senhora Kobiliátnikova para lhe levar a *Apreciação Geral do Método Positivo* e recomendar-lhe especialmente um artigo de Piderit (e, é claro, o de Wagner também); e depois venho aqui e encontro toda esta história! Bem, vamos ver: poderia eu, de fato, ter tido todas essas ideias e perplexidades, se não tivesse visto que o senhor lhe metera os cem rublos no bolso?

Quando Andriéi Siemiônovitch acabou os seus loquazes raciocínios, conduzindo com tanta lógica a sua demonstração até ao final, ficou muito cansado e até lhe corria o suor pelo rosto. Mas, infelizmente, não sabia explicar-se corretamente em russo (e também não conhecia nenhuma outra língua); por isso disse aquilo tudo de uma assentada e até parecia ter enfraquecido quando acabou aquela proeza de advogado. Mas nem por isso a sua arenga deixou de causar uma extraordinária impressão. Exprimira-se com tanta propriedade, com tal convicção, que, via-se bem, todos o acreditavam; Piotr Pietróvitch percebia que o seu caso tomava mau aspecto.

– Que tenho eu a ver com que lhe passassem pela cabeça essas perguntas estúpidas? – exclamou. – Isso não prova nada, de maneira nenhuma! Tudo isso podia o senhor ter sonhado, e foi o que deve ter sido! Eu afirmo que mente, *Súdar*! Mente e calunia-me, levado por algum ressentimento contra mim; isto é, para falar claro, tem-me raiva por ver que eu não adiro às suas ideias socialistas, de livre-pensador e

ateu! Essa é que é a verdade!

Mas essa tergiversação não foi de nenhuma utilidade para Piotr Pietróvitch. Pelo contrário, por toda a parte se ouviram murmúrios.

– Olha o que foste buscar! – exclamou Liebiesiátnikov. – Mentes! Chama a Polícia que eu farei a declaração sob juramento! Só há uma coisa que não consigo explicar! Por que praticou ele uma ação tão reles? Oh, que miserável, que vil!

– Eu posso explicar-lhe por que é que ele se lançou em semelhante baixeza, e, se for preciso, farei também a declaração sob juramento! – disse Raskólhnikov com voz firme, dando um passo para a frente.

Aparentemente estava sereno e tranquilo. Todos compreenderam, ao olhá-lo, que, de fato, sabia do que se tratava e que o desenlace da história estava iminente.

– Agora já compreendo tudo – continuou Raskólhnikov encarando diretamente Liebiesiátnikov. – Logo, desde o princípio do incidente, eu suspeitei de que devia tratar-se de um enredo vil; essa suspeita nasceu devido a certos pormenores particulares, que só eu conhecia, e que vou agora mesmo explicar a todos. Foi o senhor, Andriéi Siemiônovitch, com a sua valiosa declaração, quem acabou por explicar-me tudo! Peço a todos, a todos, que me escutem. Este cavalheiro – e apontou Lújin – estabeleceu relações, há pouco tempo, com uma jovem, falando claramente, que é minha irmã, Avdótia Românovna Raskólhnikov. Mas quando há três dias chegou a Petersburgo, no nosso primeiro encontro entrou logo em disputa comigo e eu o expulsei de minha casa, do que posso apresentar duas testemunhas. Trata-se de um indivíduo mau… Ainda há três dias eu ignorava que ele estava aqui hospedado, nesta pensão, em sua companhia, Andriéi Siemiônovitch, e no mesmo dia em que nós tivemos aquela altercação, sucedeu que ele assistiu à entrega que eu fiz de dinheiro para o enterro, à viúva do falecido Senhor Marmieládov, Ekatierina Ivânovna. Ele escreveu imediatamente uma carta a minha mãe participando-lhe que eu dera dinheiro, não a Ekatierina Ivânovna, mas a Sófia Siemiônovna, e, nessa carta, falava

nos termos mais reles acerca do… caráter de Sófia Siemiônovna; isto é, aludia à índole das minhas relações com Sófia Siemiônovna. Tudo isto, como devem compreender, ele o fazia apenas com o fim de indispor-me com minha mãe e minha irmã, dando-lhes a entender que eu esbanjava, para fins censuráveis, os últimos cobres com que elas me ajudavam. Ontem, diante de minha mãe e de minha irmã, e na sua presença, empenhei-me em demonstrar a verdade, isto é, que dera aquele dinheiro a Ekatierina Ivânovna, para o enterro, e não a Sófia Siemiônovna, e que, três dias antes disso, ainda eu não conhecia Sófia Siemiônovna nem nunca a vira. E acrescentei que ele, Piotr Pietróvitch, com toda a sua soberbia, não valia sequer o dedo mínimo de Sófia Siemiônovna, da qual falava tão mal. E quando ele me perguntou se eu seria capaz de sentar Sófia Siemiônovna ao lado de minha irmã, respondi que já o fizera naquele mesmo dia. Furioso por ver que nem a minha mãe nem a minha irmã queriam indispor-se comigo, apesar das suas intrigas, pôs-se a dizer-lhes grosserias imperdoáveis. Deu-se a ruptura e expulsaram-no de casa. Tudo isto se passou ontem. Agora peço a vossa especial atenção: imaginem que ele conseguira provar agora que Sófia Siemiônovna… era uma ladra: em primeiro lugar teria demonstrado à minha mãe e à minha irmã que tivera razão nas suas suspeitas, que era com razão que se aborrecera por eu ter posto ao mesmo nível a minha irmã e Sófia Siemiônovna; e que ao pôr-se contra mim não fizera mais do que defender e velar pela honra de minha irmã, da sua noiva. Em resumo: com toda esta intriga podia indispor-me com a minha família e tinha assim a ilusão de que ganharia de novo as suas boas graças. Sem contar que também se vingava, assim, pessoalmente, de mim, já que tem motivos para supor que a honra e a felicidade de Sófia Siemiônovna me são muito caras. Aí tem o senhor os cálculos que ele fazia! É assim que eu explico toda esta história! É essa a razão e não pode haver outra.

Com estas ou semelhantes palavras pôs Raskólhnikov fim ao seu discurso, a cada passo interrompido pelas exclamações dos presentes, que o escutavam, atentos. Mas, apesar de todas essas interrupções, ele se tinha exprimido com dignidade e tranquilidade, com palavras exatas, claras e firmes. A sua voz vibrante, o seu tom de convicção e o seu rosto severo produziram em todos extraordinária impressão.

– É isso, é isso! – concordou Liebiesiátnikov, entusiasmado. – Há de ser isso, com certeza, porque assim que Sófia Siemiônovna entrou no nosso quarto, perguntou-me se o senhor estava aqui, se eu não o vira entre os convidados de Ekatierina Ivânovna. Levou-me à janela de propósito para isto e fez-me ali a pergunta em voz baixa. Pelo visto estava muito interessado em que o senhor estivesse aqui! É isso, assim fica tudo explicado!

Lújin sorria em silêncio, com uma expressão de desprezo. Mas estava muito pálido. Parecia meditar sobre a maneira de se livrar daquele aperto. É possível que de boa vontade tivesse deixado tudo e largado a correr; simplesmente, naquele instante, tal coisa teria sido impossível, pois equivaleria a reconhecer-se culpado da dupla acusação e a confessar que, de fato, caluniara Sófia Siemiônovna. Além disso, os que estavam presentes tinham já bebido à mesa e estavam muito excitados. O oficial reformado, embora, no fundo, não tivesse chegado a compreender tudo muito bem, era o que mais gritava e propunha a adoção de medidas muito desagradáveis para Lújin. Mas havia alguns que não estavam embriagados, e até tinham acudido, reunindo-se nos quartos. Os três polaquinhos estavam terrivelmente excitados e gritavam continuamente: *Pan laidak*[49], resmungando ao mesmo tempo algumas ameaças em polaco. Sonha escutara com custo e parecia também não ter compreendido tudo, e parecia ter acabado de sair de um desmaio. A única coisa que fazia era não afastar os olhos de Raskólhnikov, sentindo que nele se resumia todo o seu amparo. Ekatierina Ivânovna arquejava, num estertor, e dava mostras de estar completamente esgotada. A mais comprometida de todas era Amália Ivânovna, que estava ali, de boca aberta e sem compreender nada. Só via que Piotr Pietróvitch dera um mau passo. Raskólhnikov tornou a pedir que o deixassem falar, mas não lhe deram tempo de acabar; todos gritavam e se amontoavam à volta de Lújin, insultando-o e ameaçando-o. Mas Piotr Pietróvitch não se intimidava. Quando viu que o caso da acusação de Sonha estava definitivamente perdido, apelou para o recurso do espalhafato:

– Façam favor, *gospodá*[50]; façam favor; não empurrem dessa maneira e deixem-me passar! – disse abrindo caminho por entre a assistência. – E façam também o favor de não ameaçar; afianço-lhes

que não acontecerá nada, que vocês não hão de fazer nada, pois eu não sou nenhum menino tímido de dez anos e, pelo contrário, hão de responder por terem encoberto um crime pela violência. O roubo está mais que provado e não levarei o assunto por diante. Os juízes não são tão cegos… nem tão bêbados, e não hão de acreditar nesses dois ateus convictos, rebeldes e livres-pensadores que me acusam por motivos de vingança pessoal, o que eles mesmos, apesar de serem estúpidos como são, reconhecem… Bem, vamos, deem-me licença!

– Que o meu quarto fique imediatamente livre do seu hálito; faça o favor de sair e, desde este momento, tudo acabou entre nós! E pensar que eu cansei a voz a reclamar-lhe…

– Não se esqueça que eu mesmo lhe disse que havia de ir-me embora antes que a senhora me expulsasse; agora acrescento unicamente que você é uma besta. Desejo-lhe que cure a sua alma e os seus olhinhos míopes! Deem-me licença, *gospodá*!

Abriu caminho por entre aquele aperto; entretanto, o oficial não esteve pelos ajustes de deixá-lo passar, assim, sem mais nem menos, só com insultos e, pegando num copo que estava sobre a mesa, atirou-o contra Piotr Pietróvitch, mas o copo voou em direção a Amália Ivânovna. Esta guinchou, e o oficialzinho, que tinha perdido o equilíbrio naquele lance, rebolou e foi parar debaixo da mesa. Piotr Pietróvitch foi para o seu quarto e, meia hora depois, já tinha saído do prédio.

Sonha era tímida por natureza e sabia muito bem que, a ela, podiam perseguir mais facilmente do que a ninguém, e que, quem quer que fosse, podia ofendê-la sem se expor a ser castigado. Mas, no entanto, até aquele mesmo momento parecera-lhe que se podia afastar a desgraça com prudência, humildade e submissão para com todos. É certo que pudera suportar tudo com paciência e quase sem abrir boca… até aquilo. Mas, a princípio, custou-lhe muito. Apesar do seu triunfo e da sua reabilitação, quando lhe passou o primeiro susto e o primeiro espanto, quando pode compreender e ver tudo claramente, um sentimento de desamparo e de vergonha lhe oprimiu dolorosamente o coração. Teve um ataque de histerismo. Finalmente, não podia mais; saiu do quarto correndo e dirigiu-se para sua casa.

Isso sucedeu quase logo depois de Lújin se ter retirado. E Amália Ivânovna, quando, por entre as risadas sonoras dos presentes, se viu atingida pelo copo destinado a Lújin, também não pode conter-se e, dando um grito, lançou-se furiosamente contra Ekatierina Ivânovna, considerando-a culpada de tudo:

– Saia de minha casa! Agora mesmo! Marche! – e, enquanto dizia isto, começou a apanhar tudo quanto encontrava ao alcance da mão e pertencia a Ekatierina Ivânovna, e atirá-lo para o chão.

Ekatierina Ivânovna, que até sem isso já estava extenuada e arquejava penosamente, e tinha o rosto lívido, saltou da cama (na qual se deixara cair, esgotada) e lançou-se contra Amália Ivânovna. Mas a luta era muito desigual: aquela sacudiu-a como a uma pena.

– O quê? Como se ainda não chegasse essa impiedosa calúnia contra a outra… vem agora esta tipa meter-se comigo! O quê! Expulsar-me do quarto no próprio dia do enterro de meu marido, depois do meu jantar, pôr-me na rua com os meus órfãos? Mas para onde vou eu? – gritava, soluçava e arquejava a pobre mulher – Meu Deus! – gritou, de repente, de olhos chamejantes. – Não existirá a justiça? A quem defendes tu, se não defendes os órfãos? Mas já se vai ver! Há no mundo juízes e justiça, irei ter com eles! Agora mesmo, bruxa, ateia! Pólietchka, fica tomando conta dos meninos, por um momento, que eu já volto. Esperem por mim, ainda que seja na rua! Vamos a ver se há ou não justiça neste mundo!

E, lançando pela cabeça aquele mesmo lenço verde aos quadrados; ao qual o falecido Marmieládov se referira, Ekatierina Ivânovna abriu caminho por entre o desordenado e embriagado grupo dos vizinhos, que continuavam ainda apinhados no quarto, e por entre choros e soluços correu para a rua com a vaga intenção de ir a qualquer parte, imediatamente, fosse onde fosse, ao encontro da Justiça. Pólietchka, assustada, acocorou-se num canto com as crianças, em cima da arca, onde, abraçando-se aos dois irmãos, a tremer, ficou à espera do regresso da mãe. Amália Ivânovna andava no quarto de um lado para o outro; guinchava, esbravejava, atirava ao chão tudo quanto apanhava à mão e dizia insolências. Os vizinhos falavam aos gritos e desatinadamente. Alguns diziam o que tinham compreendido

do incidente, outros discutiam e insultavam-se; alguns cantavam…

"Agora é a minha vez – pensou Raskólhnikov. – Vamos ver, Sófia Siemiônovna, que me diz a isto tudo?"

E encaminhou-se para casa de Sonha.

## Capítulo IV

Raskólhnikov fizera de ativo e corajoso advogado de Sonha contra Lújin, apesar de ele próprio sentir um horror e uma dor especiais no seu íntimo. Mas, depois de ter sofrido tanto naquela manhã, era como se recebesse com alegria a oportunidade de mudar de impressões, que se tinham tornado insuportáveis, sem saber quanto havia de pessoal e cordial no seu impulso para defender Sonha. Além disso pensava no seu próximo encontro com Sonha, e isto afligia-o, às vezes, mais que tudo; tinha de explicar-lhe quem é que matara Lisavieta e pressentia que isso seria para si uma terrível tortura, quase se sentia já sem força nos braços. Por isso, quando, ao sair de casa de Ekatierina Ivânovna, lançou aquela exclamação: "Bem, vamos ver agora o que diz a isto tudo, Sófia Siemiônovna?", encontrava-se ainda debaixo da influência do estado de excitação interior da sua corajosa, justa e recente vitória sobre Lújin. Mas sucedeu-lhe uma coisa estranha. Quando chegou ao andar de Kapernaúmov sentiu-se de repente desanimado e assustado. Parou à porta, pensativo, formulando esta estranha pergunta: "Mas será realmente necessário revelar quem assassinou Lisavieta?". A pergunta era estranha, porque ele, de repente, ao mesmo tempo sentia que não só era impossível não lhe contar, mas que, além disso, era impossível também atrasar esse momento, por pouco que fosse. Não sabia ainda por que seria impossível; apenas o sentia, e essa dolorosa confissão da sua covardia perante o imprescindível, quase o sufocava. Para não se perder em meditações e para não se torturar, apressou-se a abrir a porta e logo à entrada procurou Sonha com os olhos. Ela estava sentada, de cotovelos sobre o velador, e ocultava o rosto nas mãos; mas quando viu Raskólhnikov, levantou logo e correu ao seu encontro, como se estivesse à espera dele.

– Que teria sido de mim sem o senhor? – exclamou, pressurosa,

regressando com ele para o centro do compartimento. Via-se bem que foi isto o que lhe ocorreu mais rapidamente dizer. Depois ficou à espera.

Raskólhnikov aproximou-se da mesa e sentou numa cadeira, na mesma que ela acabava de deixar. Ela estava de pé diante dele, a dois passos de distância, tal como no dia anterior.

– Então, Sonha? – disse ele, e, de repente, sentiu que a voz lhe tremia. – Veja bem: todo este enredo assentava na sua posição social e costumes a ela inerentes. Não lhe pareceu?

O sofrimento refletia-se no rosto da moça.

– Não venha falar-me como ontem! – interrompeu-o. – Por favor, não comece já com isso. Já sofri bastante…

E em seguida sorriu, como se tivesse receio de que aquela censura não fosse do agrado dele.

– Saí dali quase tonta. Como é que acabou aquilo? Há um momento estive tentada a voltar, mas pensei que… o senhor havia de vir.

Ele contou como Amália Ivânovna os expulsara do quarto e como Ekatierina Ivânovna desarvorara para a rua, em busca da justiça.

– Ai, meu Deus! – exclamou Sonha. – Vamos lá imediatamente.

E pegou no xale.

– É sempre a mesma coisa! – exclamou Raskólhnikov, mal-humorado. – Só os tem a eles, no seu pensamento! Fique aqui um pouco comigo!

– Mas… e Ekatierina Ivânovna?

– Ekatierina Ivânovna não pode passar com sua ausência: ela mesma virá buscá-la, visto que saiu de casa – acrescentou bruscamente. – Se vier e não a encontrar, a culpa é sua…

Sonha sentou na outra cadeira, numa indecisão dolorosa.

Raskólhnikov estava calado, de olhos fixos no chão, e parecia refletir.

– Admitamos que não era isso o que Lújin queria… – começou, sem olhar para Sonha. – Mas se o tivesse desejado e isso tivesse entrado nos seus cálculos… teria podido metê-la na prisão, se não fôssemos nós, eu e Liebiesiátnikov, não é verdade?

– É! – concordou ela com voz fraca. – É! – repetiu, pensativa e assustada.

– De fato, podia ter sucedido eu não estar lá! Quanto a Liebiesiátnikov, foi uma casualidade ter voltado.

Sonha estava calada.

– Bem; e vamos ver, se a tivessem metido na prisão, que teria sucedido então? Lembra-se do que lhe disse ontem?

Ela também não respondeu. Ele ficou à espera.

– Eu pensava que ia já pôr-se a gritar: "Ah, não fale assim, não continue!" – disse Raskólhnikov sarcasticamente, mas um pouco forçado. – O quê? O silêncio continua? – perguntou, passado um minuto. – Olhe que devemos falar de qualquer coisa. Eu tinha um interesse especial em saber como é que resolveria essa questão, como diz Liebiesiátnikov. (Começava já a ficar amuado.) Não, no fundo, eu falei-lhe seriamente. Imagine, Sonha, que conhecia todas as intenções de Lújin antecipadamente, que teria sabido (isto é, de certeza), que esse tipo ia causar a perdição de Ekatierina Ivânovna e dos seus filhos, e a sua também, indiretamente (já sei que nunca se lembra dela mesma; por isso digo indiretamente). E a de Pólietchka também… porque também ela há de seguir esse caminho. Ora bem, aí está: se, de repente, estivesse na sua dependência resolver tudo isto, se era ele ou os outros que deviam continuar neste mundo, isto é, se Lújin devia continuar vivendo e cometendo más ações, ou Ekatierina Ivânovna morrer, qual teria sido a sua decisão, qual deles condenaria à morte? É o que eu lhe pergunto.

Sonha fixou sobre ele um olhar inquieto; percebia qualquer coisa de especial naquelas palavras inseguras e que lhe lembravam

vagamente qualquer coisa.

– Eu já calculava que havia de perguntar-me qualquer coisa desse gênero – disse, olhando para ele com curiosidade.

– Está bem, seja; mas qual seria a sua resolução?

– Por que me pergunta aquilo que é impossível? – disse Sonha com uma expresão aborrecida.

– Naturalmente optava por consentir que Lújin vivesse e continuasse a fazer canalhices. Não tem coragem de o dizer?

– É que eu não posso conhecer os segredos da Providência Divina… Mas por que me faz perguntas sobre um caso impossível? Como poderia suceder que a existência dum homem dependesse da minha resolução, e quem é que me incumbiu de ser juiz para decidir quem deve viver ou não?

– Quando se trata da Divina Providência já não consigo nada – exclamou Raskólhnikov, mal-humorado.

– Diga com toda a franqueza o que deseja! – exclamou Sonha, magoada. – Com certeza que anda urdindo alguma… Veio aqui só para atormentar-me?

Não pode conter-se e, de repente, pôs-se a chorar. Olhou para ele sombriamente triste. Passaram cinco minutos.

– Olha, tens razão, Sonha – disse ele, finalmente, em voz baixa. E, de súbito, mudou de expressão: aquele seu tom de fingida insolência e provocação impotente desapareceu. Até a voz se lhe tornou mais fraca. – Já te disse, ontem, que não tinha vindo para te pedir perdão; mas, com isso, já começara quase a pedir… Isso de Lújin e da Providência dizia eu para mim… Por isso é que eu pedia perdão, Sonha!

Tentou sorrir; mas havia qualquer coisa de desalentado e de incompleto no seu pálido sorriso. Baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

E, de repente, um estranho e inesperado sentimento, uma espécie de ódio amargo a Sonha se ergueu no seu coração. Como se tivesse ficado admirado e assustado por esse sentimento, levantou de repente a cabeça e olhou-a de alto a baixo; mas encontrou o olhar da moça, que estava aflitivamente inquieta e preocupada: ali havia amor; o seu ódio desapareceu como um fantasma. Não era o que ele pensava; tomara um sentimento por outro. Isso só significava que o momento chegara.

Tornou a cobrir o rosto com as mãos e baixou a cabeça. De súbito empalideceu, levantou da cadeira, ficou olhando para Sonha e, sem dizer nada, sentou maquinalmente no seu leito.

Aquele minuto era terrivelmente parecido com aquele outro em que estava atrás da velha, quando já tirara o machado do nó corredio e sentia que já não havia um momento a perder.

– Que tem? – perguntou Sonha, terrivelmente assustada.

Ele não pode responder. A sua intenção não fora de maneira nenhuma, de maneira nenhuma, explicar aquilo, assim, e nem ele mesmo poderia dizer o que se passava. Ela, devagarinho, aproximou-se dele, sentou na cama, ao seu lado, e esperou, sem tirar os olhos dele. O seu coração batia fortemente. Aquilo era insuportável; ele voltou o rosto para ela, mortalmente pálido; os seus lábios crispavam-se, sem forças, esforçando-se por dizer alguma coisa. Sonha sentia um autêntico pavor.

– Que tem? – repetiu, afastando-se um pouco dele.

– Nada, Sonha. Não tenhas medo. Tolices. De fato, se pensarmos nisso… – balbuciou, com o aspecto dum homem que não percebe que está delirando. – Por que teria eu vindo afligir-te? – acrescentou, de repente, olhando para ela. – Sim, por quê? É a pergunta que a mim próprio faço constantemente, Sonha.

É possível que tivesse feito essa pergunta um quarto de hora antes; mas agora falava no maior abatimento, quase sem se dar conta do que dizia e sentindo um contínuo tremor em todo o corpo.

– Oh, como sofre! – disse ela, compassiva, olhando para ele.

– Tudo isso é absurdo! Ouve uma coisa, Sonha – sorriu de repente, por qualquer motivo, pálido e exangue, durante alguns segundos – lembras-te daquilo que eu queria dizer-te ontem?

Sonha aguardava, inquieta.

– Quando me despedi, disse-te que talvez me despedisse de ti para sempre; mas que, se hoje voltasse, te diria… quem matou Lisavieta.

Todo o corpo dela se pôs a tremer, de repente.

– Pois bem, vim para te dizer.

– De fato… o senhor, ontem… – balbuciou ela com dificuldade. – Mas como é que sabe isso? – perguntou rapidamente, como se se apercebesse de repente.

Sonha começava a respirar com dificuldade. Tinha o rosto cada vez mais pálido.

– Sei.

Ela ficou calada por um minuto.

– Encontraram-no? – perguntou timidamente.

– Não, não o encontraram.

– Então, como é que sabe? – tornou a perguntar com uma voz quase imperceptível e também passado um minuto de silêncio.

Ele se voltou para ela e ficou a olhá-la fixamente, fixamente.

– Vê se adivinhas – disse com o mesmo sorriso crispado e cada vez mais fraco.

Era como se uma convulsão lhe percorresse todo o corpo.

– Mas por que me assusta… a mim… por que me… assusta dessa maneira? – exclamou ela, sorrindo como uma criança.

– Pode ser que eu seja muito amigo dele… visto que sei – prosseguiu Raskólhnikov, e continuou a olhá-la no rosto, como se não tivesse coragem para afastar os olhos. – Ele… a Lisavieta… não queria matá-la… Matou-a só por desespero… Era a velha que ele queria matar… quando estava sozinha… e foi… Mas nesse instante chegou Lisavieta… Ele estava ali… e matou-a…

Decorreu um minuto espantoso. Olharam-se ambos um ao outro.

– Então não consegues adivinhar? – perguntou ele de repente, com a mesma sensação que experimentaria se se lançasse de uma torre, de cabeça para baixo.

– Não… não – balbuciou Sonha com uma voz quase imperceptível.

– Pensa bem.

E mal pronunciara estas palavras quando, outra vez, aquela sensação já conhecida lhe gelou a alma de repente; olhou para ela e, de súbito, pareceu-lhe ver o rosto de Lisavieta no rosto dela. Lembrava-se claramente da expressão da cara de Lisavieta quando ele se aproximou dela com o machado e ela se afastou recuando até à parede, estendendo a mão, com um medo completamente pueril, no rosto, tal como uma criancinha quando, de súbito, começam a assustá-la com qualquer coisa e quando, de uma maneira tenaz e inquieta, fixa os olhos no objeto do seu terror, recua e, estendendo a mãozinha para a frente, se põe a chorar. Pois, pouco mais ou menos era o que se passava agora com Sonha; esteve olhando para ele durante algum tempo, com o mesmo desamparo, com o mesmo pavor e, de repente, estendendo de leve a mão esquerda para diante, como se lhe apontasse com os dedos para o peito, pouco a pouco foi levantando da cama e afastando-se cada vez mais dele, com o olhar imóvel, fixo nos seus olhos. O pavor dela contagiou imediatamente Raskólhnikov, um espanto semelhante se refletiu no seu rosto; ficou também olhando para ela fixamente e quase também com aquele mesmo sorriso pueril.

– Adivinhaste? – balbuciou finalmente.

– Meu Deus!

E um terrível soluço escapou do peito dela. Desfalecida, tombou sobre a cama, de braços sobre a almofada. Mas, passado um momento, ergueu-se rapidamente, correu ligeira para ele, pegou nas duas mãos dele e, apertando-as com força, como numa tenaz, com os seus dedinhos finos, fitou-o novamente com um olhar fixo, insistente. Com esse derradeiro e desolado olhar esperava ela descobrir algum último motivo de esperança. Mas já não havia esperança: era impossível duvidar; tudo tinha sido assim. Inclusive depois, mais para diante, quando ela recordava aquele momento, parecia-lhe estranho e singular, precisamente porque ela vira assim, de um golpe, que já não havia nenhuma esperança. Poderia ela dizer também que pressentira algo de semelhante? E, no entanto, agora, ainda mal ele dissera aquilo, logo lhe pareceu, de repente, que já antes o pressentira.

– Basta, Sonha, basta! Não me aflijas! – implorou ele, dolorido.

Não pensara de maneira nenhuma, de maneira nenhuma, fazer-lhe assim a revelação; mas foi assim.

Ela saltou da cama com uma expressão de alheamento e, juntando as mãos, dirigiu-se para o meio do quarto, mas voltou-se logo rapidamente e tornou a sentar ao lado dele, quase ombro com ombro. De repente, estremeceu, deu um grito e, transfigurada, lançou-se a seus pés, de joelhos.

– Que fez, que fez contra sua pessoa? – clamou, desolada, e levantando da sua prostração, atirou-se ao pescoço dele, abraçou-o e

cingiu-o com muita força, com as suas mãos.

Raskólhnikov retrocedeu e olhou-a com um triste sorriso.

– Como és estranha, Sonha! Abraças-me e beijas-me, quando acabo de dizer-te isto. Tu não me compreendes.

– Não, não; é que tu, agora, és mais desgraçado do que ninguém neste mundo – exclamou ela, transtornada, sem atender às suas observações. E, de súbito, começou a chorar de um modo entrecortado, como se estivesse com um ataque de histerismo.

O sentimento da dor, que de há muito lhe era já desconhecido, penetrou na sua alma e abrandou-a imediatamente. Não lhe opôs resistência; duas lágrimas brotaram dos seus olhos e ficaram suspensas das suas pestanas.

– Então não me abandonarás, Sonha? – disse, olhando-a quase sem esperança.

– Não, não; nunca e em parte alguma! – exclamou Sonha. – Irei atrás de ti, vou te seguir para todos os lados! Oh, meu Deus! Oh, e como eu sou infeliz! Mas por que, por que não te conheci eu antes? Por que não terias vindo? Oh, meu Deus!

– Aqui estou.

– Agora! Oh, que fazer, agora! Juntos, juntos! – repetia ela, alheada, e tornando a abraçá-lo. – Irei contigo para a prisão.

De repente ele pareceu sentir uma dor aguda e o sorriso odioso e quase altivo, de antes, assomou aos seus lábios.

– Eu, Sonha, apesar de tudo, é possível que não queira ir para a prisão – disse ele.

Sonha lançou-lhe um olhar rápido.

Depois da primeira compaixão dolorosa e lacerante pelo infeliz, outra vez a horrível ideia do crime voltava a horrorizá-la. Na mudança de tom da voz dele reconhecera, de repente, o assassino. Olhou para

ele, espantada. Ela ainda ignorava por que, como e para que ele se tornara um criminoso. Agora todas essas perguntas se amontoavam de súbito na sua consciência. E outra vez lhe custou a acreditar: “Ele, ele, assassino? Mas isso é possível?”.

– Mas que é isto? Onde estou eu? – exclamou, na maior perplexidade, como se ainda não tivesse voltado a si. – Mas como é que o senhor, sendo como é, pode decidir-se a isso? Por que foi?

– Foi para roubar! Não continues, Sonha! – respondeu ele com um certo cansaço e um certo aborrecimento.

Sonha estava aterrada; mas, de repente, exclamou:

– Tinhas fome! Tu… para ajudar a tua mãe… Não foi?

– Não, Sonha, não – murmurou ele, voltando-se e deixando cair a cabeça. – Não tinha assim tanta fome… Eu, de fato, queria ajudar a minha mãe; mas… isso também não é completamente verdade… Não me atormentes, Sonha!

Sonha juntou as duas mãos.

– Mas, é possível que tudo isso seja verdade? Senhor, que verdade! Quem poderia acreditar? E como, como é que o senhor, que dá tudo quanto tem, matou para roubar? Ah! – tornou a exclamar de repente. – Esse dinheiro que deu a Ekatierina Ivânovna… esse dinheiro… Meu Deus, sim, esse dinheiro…

– Não, Sonha – apressou-se ele a interrompê-la. – Esse dinheiro não era… está descansada. Esse dinheiro foi a minha mãe quem o enviou, chegou-me às mãos quando eu estava doente, no mesmo dia em que os dei… Razumíkhin, viu; também lhe dei algum. Esse dinheiro era meu, apenas meu, verdadeiramente meu.

Sonha escutava-o perplexa e juntava as forças para concentrar os seus pensamentos.

– Quanto ao tal dinheiro… eu, no fim de contas, nem sequer sei se havia lá dinheiro – acrescentou ele em voz baixa e como se falasse para si. – O que eu levei foi um porta-moedas de camurça que estava

cheio… e não vi o que tinha dentro, não tive tempo, com certeza… Bem, e algumas joias, quase tudo botões de punho, correntes… Todos esses objetos deixei-os no pátio duma casa qualquer, juntamente com o porta-moedas, no Próspekt V***, enterrados debaixo duma pedra, na manhã seguinte… Ainda lá deve estar tudo…

Sonha escutava-o corajosamente.

– De maneira que foi para… o senhor mesmo disse que foi para roubar, e não levou nada? – perguntou ela rapidamente, amparando-se a uma ombreira.

– Não sei… Ainda não decidi se ficarei ou não com esse dinheiro…

Tornou-se a calar, pensativo e, de repente, caindo em si, sorriu ironicamente e rapidamente:

– Ah, mas que disparates acabo de dizer!

Pelo pensamento de Sonha, passou uma ideia: "Não estará ele louco?". Mas imediatamente afugentou essa ideia. Não; aquilo era outra coisa. Não, não conseguia compreender aquela intriga!

– Olha, Sonha – disse ele, de repente, com uma espécie de inspiração – repara no que eu vou te dizer: se eu tivesse matado apenas por ter fome – continuou, acentuando cada palavra e olhando-a de uma maneira enigmática, mas sincera – então, agora… seria feliz. Fixa bem isto… Mas a ti, que te interessa, que te interessa? – exclamou ele, passado um momento, olhando-a com uma espécie de desespero. – Que te interessa que eu acabe por concluir que procedi mal? A que propósito vem esse estúpido triunfo sobre mim? Ah, Sonha, por que teria eu vindo ver-te agora?

Sonha tentou outra vez dizer qualquer coisa, mas ficou calada.

– Eu, ontem, te convidei a vires comigo, porque és a única coisa que me resta.

– Para onde me querias levar? – perguntou Sonha timidamente.

– Nem para roubar, nem para matar, não te preocupes, não era para nada disso – sorriu amargamente. – Nós somos seres diferentes… E olha, Sonha, até este momento, até há um momento, eu ainda não consegui compreender para onde é que queria levar-te ontem. Ontem, quando te convidava para vires comigo, nem eu mesmo sabia para onde era. Chamava-te só para uma coisa, só tinha vindo para uma coisa: para que não me abandonasses. Não me abandonarás, Sonha?

Ele lhe apertou a mão.

– Mas por que, por que o terei eu dito a ela, por que o terei revelado? – exclamou ele, desesperado, passado um minuto, olhando-a com infinita ternura. – Tu esperas de mim uma explicação, Sonha; estás aí e esperas, eu bem vejo; mas que que vou eu te dizer? Porque, vê: tu não compreenderias nada e não farias mais do que sofrer profundamente por minha causa. Bem, já estás outra vez chorando e a abraçar-me… Ora, vamos ver, por que me abraças? Porque eu mesmo não pude aguentar mais e vim desabafar com outrem: "Sofre tu também, porque, assim, tudo se tornará mais leve para mim". E tu podes amar um homem tão reles?

– Mas tu também não sofres? – exclamou Sonha.

Outra vez o sentimento de dor atravessou a sua alma e imediatamente a abrandou.

– Sonha, eu sou mau, lembra-te, e isto pode explicar muitas coisas; foi por isso que vim, porque sou mau. Muitos outros não teriam vindo. Mas eu sou covarde e vil. Mas… bom! Não é disto tudo que se trata… Agora é preciso falar e não sei por onde começar…

Deteve-se e reconsiderou:

– Ah, nós somos seres diferentes! – exclamou outra vez. – Não fazemos um par igual. Mas por que, por que teria eu vindo? Nunca o perdoarei a mim próprio.

– Não, não; não há mal nenhum em teres vindo – exclamou Sonha. – Foi melhor que eu ficasse sabendo. Muito melhor!

Ele olhou para ela dolorosamente.

– De fato, assim é – disse ele, pensativo. – Assim tinha de ser. Ouve uma coisa: eu queria ser um Napoleão… Foi por isso que matei… Pronto, compreendes agora?

– Não… Não! – balbuciou Sonha, ingênua e timidamente – Mas fala, fala! Eu compreendo, cá para comigo compreendo tudo! – pediu-lhe.

– O que é que tu compreendes? Bem, está bem; já vamos ver.

Conservou-se em silêncio e ficou pensativo.

– O fato foi este: eu, uma vez, fiz a mim mesmo esta pergunta: "Se Napoleão, por exemplo, se encontrasse no meu lugar e não tivesse tido, para começar a sua carreira, nem Toulon, nem o Egito, nem a passagem de Mont-Blanc, e em vez de todas essas coisas belas e monumentais tivesse tido simplesmente uma ridícula velhota, viúva dum assessor, à qual fosse preciso matar para lhe tirar o dinheiro que tinha na arca (para fazer a sua carreira, compreendes?), vamos ver, que teria ele feito, então, se não tivesse outro recurso? Não teria tido vergonha de que aquilo não fosse demasiadamente pouco monumental e delituoso?". Pois bem, eu te confesso que essa questão me atormentou horrivelmente durante muito tempo, e que senti uma vergonha atroz quando por fim adivinhei (como se fosse de repente) que, ele, não só não teria tido vergonha, como nem sequer lhe teria passado pela cabeça que aquilo não era monumental… e até não teria de maneira alguma compreendido por que é que havia de ter vergonha. E visto que não tinha outro recurso, teria estrangulado sem a menor hesitação, sem se deter a refletir. Bem; pois eu… afugentei as minhas considerações… e matei, como teria feito a autoridade. E isto foi exatamente como eu te digo. Parece ridículo? Sim, Sonha; pode ser que o mais ridículo de tudo seja o fato de que tenha sido precisamente assim…

Sonha estava muito séria.

– Seria melhor que me falasse francamente, sem exemplos – pediu ela com mais timidez ainda e com uma voz quase imperceptível.

Ele se voltou, olhou-a tristemente e pegou-lhe numa mão.

– Também tens razão, agora, Sonha. Tudo isto é um absurdo, é quase falar por falar. Olha, tu sabes que a minha mãe quase não tem nada. A minha irmã recebeu alguma educação por casualidade, e vê-se condenada a trabalhar como preceptora. Todas as suas esperanças se resumem unicamente em mim. Eu andava estudando, mas não podia continuar pagando a Universidade e tive de abandoná-la por algum tempo. Supondo ainda que tivesse continuado lá, ao fim de dez anos, ao fim de doze (se, por acaso, as coisas me tivessem corrido bem), teria podido colocar-me como professor ou empregado com mil rublos de ordenado… – falava como quem recita um lição. – Mas, entretanto, a minha mãe teria ficado reduzida à pele e aos ossos, à força de preocupações e de desgostos, e eu não teria podido proporcionar-lhe o sossego; quanto à minha irmã… bem… à minha irmã poderia ter-lhe acontecido qualquer coisa ainda pior. Olhem que prazer passar a vida desejando as coisas e a privar-se de tudo, abandonar a mãe e suportar a desonra da irmã… Para quê? Para, depois de elas terem morrido, poder fundar outro lar… com mulher e filhos, e deixá-los depois também sem um *groch* e sem um pedaço de pão? Ora, ora! Por isso decidi apoderar-me do dinheiro da velha, servir-me dele nos primeiros anos da minha carreira, não fazer sofrer a minha mãe com a minha saída da Universidade… e fazer tudo dentro de uma certa amplitude, de maneira radical, de modo que pudesse arranjar uma nova carreira e caminhar por um caminho novo, independente… Bem, bem; e foi isto… É claro que matei a velha, naturalmente… Fiz mal; mas… já chega!

Chegou ao final da sua narrativa um pouco deprimido e baixou a cabeça.

– Oh, não é isso, não é isso! – exclamou Sonha desgostosa. – Talvez pudesse ser assim… Não, não é assim, não é!

– Tu mesma vês que não é assim… Mas olha: eu te disse a verdade, com toda a sinceridade.

– Mas que verdade é essa? Oh, meu Deus!

– Mas repara: eu só matei um piolho, Sonha, e um piolho inútil,

repugnante, prejudicial.

– Esse piolho era um ser humano!

– Eu bem sei que não era um piolho – respondeu ele, olhando-a de modo estranho. – Aliás, estou mentindo, Sonha – acrescentou – há muito tempo que minto… Não era isso, tu tinhas razão. Havia outras razões completamente, completamente diferentes… Já há muito tempo que eu não falava com ninguém, Sonha … Agora me dói muito a cabeça.

Os olhos brilhavam-lhe com um ardor de febre. Estava quase delirando; um sorriso inquieto errava sobre os seus lábios. Para além do seu estado de excitação psíquica transparecia um terrível esgotamento. A cabeça dela também começava a rodar. E ele falava de maneira tão estranha… Dava para entender alguma coisa mas… "Que seria? Que seria aquilo? Oh, Santo Deus!" E deixava cair os braços, desolada.

– Não, Sonha, não é isso! – começou ele outra vez, erguendo a cabeça, como se um novo surto do seu pensamento o surpreendesse e tornasse a reanimá-lo. Não era isso! Mais vale supor… (assim, de fato, mais vale!) supor que eu sou orgulhoso, invejoso, mau, reles, vingativo, sim, e, além disso, também um tanto propenso à loucura. (Admitamos tudo isso de uma vez. Foi devido à loucura que eu falei há pouco da maneira que falei. Eu sei.) Bem; eu te dissera que não podia continuar pagando os estudos na Universidade. Pois olha, talvez pudesse tê-lo feito… A minha mãe mandava-me o suficiente para continuar lá e, para o calçado, para a roupa e para a alimentação poderia eu ganhar, com certeza. Apareciam-me aulas: ofereciam-me um *poltínik*. Razumíkhin, também trabalhava. Mas eu ficava melindrado e não queria. "Melindrado" (é esta a palavra exata). E, como uma aranha, metia-me no meu canto. Tu já estiveste no meu cubículo, viste como é… E tu sabes, Sonha, que os quartinhos de teto baixo e estreitos oprimem a alma e o espírito? Oh, e que ódio eu tinha a esse buraco! E, no entanto, não queria largá-lo. Passava vinte e quatro horas consecutivas sem sair, e não queria trabalhar nem comer. Só queria ficar deitado. Se Nastássia me levava qualquer coisa, comia; se não me trazia nada, passava assim o dia inteiro; não lhe pedia nada,

por ódio. Durante as noites, não tinha luz: estava deitado na escuridão e nem para me alumiar eu me esforçava. Precisava estudar e vendera os livros, e, em cima da mesa, sobre apontamentos e sobre os cadernos havia pó de altura de um dedo. Preferia estar estendido, pensando. Não fazia outra coisa senão meditar… E os meus pensamentos eram como sonhos, sonhos estranhos e diferentes. Que sonhos! Mas foi então que comecei a pensar que… Não, não foi assim. Já estou outra vez desfigurando a verdade! Olha, eu, por essa altura, não fazia outra coisa senão perguntar a mim próprio: "Pois se eu vejo a estupidez dos outros, por que não procuro ser mais inteligente do que os outros?". Porque eu sabia, Sonha, que se estivesse à espera de que os outros todos se tornassem inteligentes, tinha muito que esperar… Além disso reconhecia que os homens não mudam e não há quem seja capaz de mudá-los, e que não vale a pena uma pessoa incomodar-se em vão. Sim, é assim mesmo! É essa a tua lei… é a lei, Sonha! É assim mesmo! E agora sei também, Sonha, que quem é forte de alma e inteligência domina sobre eles. Quem se arrisca a muito é que tem razão, para eles. Quem é capaz de desprezar muitas coisas é que é para eles o legislador, e o que for mais atrevido de todos, é esse o que tem mais razão. Tem sido assim até hoje e assim será para sempre! Só o cego é que não vê!

Enquanto dizia isto, embora continuasse olhando para Sonha, Raskólhnikov já não se preocupava com o fato de que ela pudesse ou não compreendê-lo. A febre apoderara-se completamente dele. Parecia tomado de um sombrio entusiasmo. (De fato, havia já muito tempo que não falava com ninguém.) Sonha compreendia que aquela lúgubre catequese era nele sincera, que era a sua verdade.

– Então adivinhei, Sonha – continuou com entusiasmo – que o poder apenas se entrega a quem se atreve a inclinar-se e a apanhá-lo. Só é preciso uma coisa, só uma coisa: atrevimento para o fazer. Então me ocorreu, pela primeira vez na minha vida, um pensamento que antes nunca me acontecera. Nunca! De repente ficou claro como a água, surgiu-me em toda a evidência que, até hoje, ninguém se atrevera, nem se atreveria, ao passar junto a toda essa estupidez, a pegar-lhe simplesmente pelo rabo e a atirar com ela para o diabo. Eu… eu queria atrever-me, e matei…; a única coisa que eu queria era

atrever-me, Sonha: aí tens a verdadeira razão.

– Oh, cale-se, cale-se! – exclamou Sonha, juntando as mãos. – O senhor tinha-se afastado de Deus, e Deus feriu-o, entregou-o ao poder do diabo!

– Mas diz-me, Sonha; quando eu estava ali, deitado na escuridão, e imaginava tudo isso, era o diabo que me tentava? Hem?

– Cale-se! Não ria, não blasfeme, que não percebe nada, nada! Oh, meu Deus! Nada, não compreende absolutamente nada!

– Está calada, Sonha, eu não estou a rir. Olha, eu mesmo sei que foi o diabo que me arrastou. Cala-te, Sonha, cala-te! – repetiu, sombria e teimosamente. – Eu sei tudo. Já pensei nisso tudo, e a mim próprio o disse quando estava estendido, ali, no escuro… Tudo isso discutia eu comigo mesmo, até aos seus mínimos pormenores, e sei tudo, tudo. E como me aborrecia, como me aborrecia a mim, então, todo esse palavreado! Eu queria esquecer tudo e começar de novo, Sonha, e deixar de pensar disparates. Achas que eu cheguei até onde cheguei, como um imbecil, como quem vai bater com a cabeça numa parede? Eu cheguei até lá pelo raciocínio e foi isso que me perdeu. Imaginas tu, por acaso, que eu não sabia que, por exemplo, se começasse a perguntar a mim próprio e a examinar: "Tenho ou não o direito de possuir o poder?", era porque então, provavelmente, não tinha esse direito? Ou que, se fizesse a pergunta: "É um piolho ou um ser humano?", então, com certeza que o ser humano já não seria para mim um piolho, mas só para aquele a quem isso não tivesse passado pela imaginação e que fosse direto até lá, sem fazer essas perguntas? Quando eu levei tantos dias neste tormento: "Napoleão faria isto ou não?", já eu compreendia claramente que não era um Napoleão… Todo, todo o suplício desse palavreado o sofri eu, Sonha, e foi tudo isso que eu quis sacudir de cima dos ombros; Sonha, eu queria matar sem casuística, matar para mim, para mim só. Não queria mentir nisto, nem a mim próprio! Não foi para ajudar a minha mãe que eu matei… Que absurdo! Também não foi para me tornar um benfeitor da humanidade, uma vez que dispusesse já de meios e poder, que eu matei. Que absurdo! Matei, simplesmente; matei só para mim, para mim apenas e, se em consequência disso eu me tivesse podido tornar

um benfeitor, ou tivesse passado toda a vida, como a aranha, apanhando presas na teia e alimentando-me dos seus sucos vitais, para mim tudo isso teria sido indiferente… E também não precisava de dinheiro, nem isso era o principal, Sonha; quando matei, precisava mais de outra coisa do que de dinheiro… Tudo isto o sei eu agora… Vê se me compreendes; pode ser que, se tivesse de percorrer as mesmas pegadas, já não tornasse a repetir o crime. Eu precisava conhecer outra coisa, outra coisa me puxava pelo braço: então, eu precisava saber, e saber o mais depressa possível, se eu também era um piolho, como todos, ou um homem. Estava capacitado para transgredir a lei ou não estava? Tinha ousadia para ultrapassar os limites, para tomar este poder, ou não? Era eu uma criatura que treme ou tinha o direito?

– De matar? Se tinha o direito de matar? – exclamou Sonha, juntando as mãos.

– Ah, Sonha! – exclamou ele irritado, e parecia ir-lhe objetar qualquer coisa, mas calou-se, despeitado. – Não me interrompas, Sonha. Eu queria mostrar-te uma coisa: é que foi o diabo que me impeliu; mas depois disso explicou-me que eu não tinha o direito de me lançar naquilo, porque eu era precisamente um piolho como os outros e nada mais. Riu-se de mim, e aqui me tens; vim ver-te agora. Recebe o hóspede! Se eu não fosse um piolho teria vindo procurar-te? Escuta: quando eu fui à casa da velha, fi-lo apenas para provar… Fica sabendo!

– E matou! E matou!

– Mas que é isso de matar? É, porventura, assim que se mata? É assim que as pessoas vão matar, como eu fui? Hei de contar-te um dia os pormenores… Matei eu a velha? Eu me matei a mim mesmo, eu não matei a velha! Matei-me ali, de uma vez para sempre! Quem matou a velha foi o diabo e não eu… Basta, basta, Sonha, basta, basta! Deixa-me! – exclamou, de repente, num desespero de aborrecimento. – Deixa-me!

Deixou cair a cabeça sobre os joelhos e pegou-lhe com as duas mãos, como com duas tenazes.

– Que sofrimento! – deixou Sonha escapar, por entre um doloroso soluço.

– Mas vamos, diz-me, que fazer agora? – perguntou ele erguendo de súbito a cabeça e olhando-a no rosto com uma monstruosa experiência de desolação.

– Que fazer? – exclamou ela levantando-se, de repente, do seu lugar, e os seus olhos, até ali afogados em lágrimas, brilharam. – Levanta-te! – pegou-lhe por um ombro; ele se endireitou, olhando-a, estupefato. – Agora mesmo, neste mesmo instante, irás ter a uma encruzilhada, vais ficar de joelhos, beijarás primeiro a terra que manchaste, e depois vais ficar de joelhos perante todo o mundo, perante os quatro pontos cardiais, e dirás para toda a gente, em voz alta: "Eu matei!". Então Deus tornará a dar-te a vida. Vais, vais? – perguntou ela, tremendo toda, como se estivesse com um ataque; puxou-o com as duas mãos, apertou-o com força entre as suas e ficou olhando para ele com olhos ardentes.

Ele ficou atônito, até irritado, por aquele ataque súbito.

– Estás te referindo ao presídio, Sonha? Queres que eu vá apresentar-me? – perguntou ele sombrio.

– Aceitar o sofrimento e redimir-se por meio dele: aí tens o que é preciso fazer.

– Não, não me apresentarei, Sonha!

– Mas então, como é que vais viver, como é que vais viver? De que viverás? – exclamou Sonha. – Por acaso isso é já possível? Como é que ousarás falar a tua mãe? (Oh! Que vai ser delas, delas, agora?) Mas que digo eu? Se tu já abandonaste a tua mãe e a tua irmã! Oh, meu Deus! – exclamou. – Se ele próprio já sabe tudo isto! Mas vamos ver: como é possível viver sem ninguém? Que vai ser de ti agora?

– Não sejas criança, Sonha – disse ele com voz mansa. – De que sou eu culpado perante eles? Para que hei de eu ir até lá? Que hei de dizer-lhes? Tudo isto é apenas uma alucinação… Eles mesmos degolam milhões de seres e consideram-se virtuosos. São uns reles

velhacos, Sonha! Não vou. E que iria eu dizer-lhes? Que matei, que não me atrevi a ficar com o dinheiro e que o escondi debaixo duma pedra? – acrescentou com um sorriso amargo. – Com certeza que eles próprios ririam de mim e me diriam: “Imbecil, por que não ficaste com ele? Covarde e idiota!”. Nada, não compreenderiam nada, Sonha; até são indignos de compreender. Por que iria então? Não vou. Não sejas criança, Sonha.

– Vais sofrer, vais sofrer! – repetia ela num desespero implorativo, estendendo-lhe as mãos.

– É possível que eu me tenha caluniado a mim próprio – observou ele sombriamente, como se reconsiderasse. – Talvez eu, apesar de tudo, seja um homem e não um piolho, e me tenha julgado com demasiada precipitação… Apesar de tudo hei de lutar…

Um sorriso escarninho assomou aos seus lábios.

– Que tormento tão grande vais tu sofrer! Toda a vida, toda a vida!

– Vou me acostumar! – declarou ele, severo e pensativo. – Escuta – começou, passado um minuto – já chega de lágrimas; é tempo de começar a atuar; eu vim para te dizer que andam à minha procura, agora, que me vão prender…

– Ah! – exclamou Sonha assustada.

– Bem, a que propósito vêm essas exclamações? Eras tu mesma quem querias que eu fosse entregar-me ao presídio e agora assusta-te? Ouve bem isto: eu vou me render. Ainda vou lutar com eles e não vão poder fazer nada. Não têm nenhuma prova terminante. Ontem corri um grande perigo e cheguei a considerar-me perdido; mas, hoje, as coisas já se arranjaram – todas as provas que eles têm são espadas de dois gumes, isto é, posso pegar nas suas acusações e virá-las a meu favor, compreendes? E vou virá-las, porque agora já estudei o caso… Mas vão acabar me mandando para a prisão. Se não fosse um acaso, é muito possível que já me tivessem enviado hoje, e pode ser que ainda me mandem hoje… Simplesmente, isso, não tem importância, Sonha; se lá entrar, vão ter que me soltar… porque eles não possuem nem

uma prova autêntica, nem conseguirão nenhuma, palavra! E, com aquilo que possuem, não é possível encarcerar um homem. Mas já chega! Isto era só para que ficasses sabendo… Com respeito à minha mãe e à minha irmã, hei de fazer qualquer coisa para convencê-las e para não as inquietar… A minha irmã, aliás, segundo parece, encontra-se agora a salvo da necessidade; a minha mãe, com certeza que… Bem, é tudo. Mas, sê prudente. Queres vir comigo para o presídio, se me mandarem para lá?

– Oh, sim, sim!

Estavam os dois sentados, um junto do outro, tristes e extenuados, como se tivessem sido lançados, depois de uma tempestade, para uma margem deserta. Ele olhava para Sonha e sentia quanto amor havia nela e, coisa estranha, de repente ficou-lhe que ela o amasse tanto. Sim, era um sentimento estranho e espantoso! Quando se encaminhava para casa de Sonha sentia que era nela que se cifrava toda a sua esperança e todo o seu amparo; pensava libertar-se, ainda que fosse apenas de parte dos seus tormentos, e agora que o coração dela se voltara completamente para ele, sentia e reconhecia de repente que era muito mais infeliz do que antes.

– Sonha – disse – é melhor que não me acompanhes quando eu for para o presídio!

Sonha não respondeu; chorava. Decorreram alguns minutos.

– Trazes alguma cruz contigo? – perguntou ela inesperadamente, como se se tivesse lembrado daquilo de repente.

Ele, a princípio não compreendeu a pergunta.

– Não trazes, pois não? Então toma esta, de madeira de cipreste. Ainda tenho outra, de cobre, que era de Lisavieta. Eu troquei uma cruz com Lisavieta, que me deu uma imagenzinha. A partir deste momento passarei a trazer a de Lisavieta, e esta é para ti. Toma… que é minha! Que é minha! – implorou ela. – Sofreremos os dois juntos, levaremos juntos a cruz!

– Então me dê! – disse Raskólhnikov. Não queria desgostá-la. Mas

depois retirou a mão, que já lhe estendia.

– Agora, não, Sonha. É melhor depois – acrescentou para tranquilizá-la.

– Sim, sim, é melhor, é melhor! – concordou ela, admirada. – Quando partirmos para o sofrimento, então, vou entregar-te a cruz. Virás ter comigo e eu a penduro em ti; rezaremos e partiremos.

Naquele momento alguém chamou por três vezes à porta.

– Sófia Siemiônovna, pode-se entrar? – disse uma voz conhecida e afetuosa.

Sonha dirigiu-se para a porta, assustada. A cabeça loura do senhor Liebiesiátnikov lançou um olhar ao aposento.

## Capítulo V

Liebiesiátnikov parecia assustado.

– Venho vê-la a você, Sófia Siemiônovna. Desculpe… Bem me queria parecer que havia de encontrá-lo aqui – disse, dirigindo-se de repente a Raskólhnikov. – Isto é, não pensava nada… – neste gênero… Mas pensava… Ekatierina Ivânovna está ali, como louca – disse logo depois para Sonha.

Sonha deu um grito.

– Pelo menos é o que parece. E… nós não sabemos o que havemos de fazer, esse é que é o caso! Voltou… Parece que a expulsaram não sei de onde, e até é possível que lhe tenham batido… Pelo menos é o que parece… Foi procurar o chefe de Siemion Zakháritch e não o encontrou em casa; fora convidado para comer em casa de não sei que general… Calcule que ela, então, dirigiu-se à tal casa para onde ele fora convidado… Foi a casa desse general, e imagine… Tanto teimou que queria ver o chefe de Siemion Zakháritch, que, segundo parece, o obrigou a levantar da mesa. Já pode calcular o rebuliço que teria havido. É claro que correram com ela; mas ela disse que o cobriu de

insultos e que até lhe atirou não sei com que à cabeça. É muito provável… O que eu não percebo… é como não a prenderam! Agora está ali contando tudo a toda a gente, até a Amália Ivânovna, mas é difícil entendê-la, e grita e estrebucha… Ah, sim! Diz e grita que, já que todos a abandonam, que pegará nas crianças e se lançará à rua, e que há de arranjar um realejo, e as crianças cantarão e dançarão, e ela também, e assim arranjará dinheiro, e que há de ir todos os dias cantar debaixo da janela do general… "Para que vejam – disse – como os honestos filhos dum falecido funcionário têm que andar pedindo esmola pelas ruas!" Bate nos filhos e eles choram. Ensina Liena a cantar a *Pequena herdade*; ao rapazinho, ensina a dançar, e a Polina Mikháilovna também, e rasgou-lhes os vestidinhos para lhes fazer uns gorros como os dos palhaços; e transportará uma frigideira para fazer com ela uma musicata… Não liga importância nenhuma ao que lhe dizem… Veja o que está acontecendo! Está, simplesmente, impossível de se aturar!

Liebiesiátnikov teria ainda continuado a falar; mas Sonha, que o escutara, de respiração suspensa, pegou de repente o xale e o chapéu e saiu do quarto correndo, vestindo-se enquanto corria. Raskólhnikov saiu atrás dela e Liebiesiátnikov atrás dele.

– Está completamente doida! – dizia para Raskólhnikov, quando iam os dois já na rua. – Simplesmente, eu não queria assustar Sófia Siemiônovna e foi por isso que disse "segundo parece", mas sobre isso não tenho dúvida; dizem que aos tísicos se lhe costumam formar tubérculos na cabeça; é pena eu não saber medicina. Além disso tentei dissuadi-la, mas ela não fez caso.

– Falou-lhe dos tubérculos?

– Não disse uma palavra a respeito disso. Não me teria compreendido. O que eu quero dizer é isto: se conseguirmos convencer uma pessoa por meio da lógica, de que, na realidade, não tem motivos para chorar, ela deixará de chorar. Isso está-se mesmo vendo. Que lhe parece?

– Nesse caso, a vida seria muito fácil – respondeu Raskólhnikov. – Com licença, com licença; não há dúvida de que Ekatierina Ivânovna

teria muita dificuldade em compreender, mas sabe o senhor que, em Paris, se têm realizado já sérias experiências a respeito da possibilidade de curar os loucos valendo-se unicamente da persuasão lógica? Um professor dessa cidade, recentemente falecido, pensava que eles se poderiam curar dessa maneira. A sua ideia fundamental era a de que no organismo do louco não existe nenhum transtorno especial, e que a loucura é, por assim dizer, um erro de lógica, um erro no raciocínio, uma visão falsa das coisas. Ia refutando as palavras do doente, paulatinamente e, imagine!, dizem que obtinha resultados. Mas como, para esse efeito, se servia de argumentos psicológicos, os resultados desse tratamento sugerem dúvidas, indubitavelmente… Pelo menos é o que parece…

Havia já algum tempo que Raskólhnikov não o escutava. Quando chegou junto da sua casa fez uma inclinação de cabeça a Liebiesiátnikov e entrou. Liebiesiátnikov caiu em si, deitou um olhar à sua volta e depois começou a correr.

Raskólhnikov subiu ao seu cubículo e parou no meio dele: "Para que teria eu voltado?". Passou os olhos por aquele papel das paredes, amarelado e rasgado, por todo aquele pó, pela sua tarimba… Do pátio subia um ruído seco, insistente; parecia que, em qualquer parte, alguém pregava pregos… Assomou à janela, ficou nas pontas dos pés e, durante muito tempo, contemplou o pátio com um ar muito atento. Este estava deserto e não se via quem é que dava aquelas marteladas. À esquerda, nos prédios desse lado, havia umas janelas abertas; no peitoril viam-se vasos com uns gerânios murchos. Das janelas pendia roupa estendida… Tinha tudo isso gravado na memória. Deu meia volta e foi sentar no divã.

Nunca, nunca, até então, se sentira tão espantosamente só…

Sim, sentia mais uma vez que podia acontecer, de fato, que viesse a sentir ódio por Sonha e, sobretudo agora, que a tornara mais infeliz. "Por que teria eu ido vê-la, implorar as suas lágrimas? Por que havia eu de ter envenenado a sua vida? Oh, que malvadez! Ficarei só! – disse, de súbito, resolutamente. – Ela não há de ir para o presídio!"

Cinco minutos depois ergueu a cabeça e sorriu de um modo

estranho. Tinha-lhe ocorrido um pensamento extraordinário: “Pode ser que, de fato, se esteja melhor no presídio”, foi o que pensou de repente.

Perdeu a noção do tempo que levava já no seu cubículo, com a cabeça alvoroçada de vagos pensamentos. De súbito, a porta abriu-se e entrou Avdótia Românovna. A princípio deteve-se e ficou olhando para ele, à entrada, como um pouco antes ele fizera com Sonha; depois avançou e sentou em frente dele, numa cadeira, no mesmo lugar do dia anterior. Ele estava calado e parecia olhá-la sem pensar em nada.

– Não fiques aborrecido, meu irmão; vim só por um momento – disse Dúnia.

A expressão do seu rosto era pensativa, mas não severa. O seu olhar, claro e tranquilo. Ele percebia que também ela se aproximava dele com amor.

– Irmão, eu, agora, já sei tudo. Dmítri Prokófitch explicou-me e contou-me tudo. Perseguem-te e atormentam-te por causa de uma estúpida e ignóbil suspeita… Dmítri Prokófitch disse-me que tu não corres perigo nenhum e que é desnecessário levares isto tão a sério. Eu não penso assim, e compreendo perfeitamente como tudo isto te deixou transtornado, e que essa tua indignação pode deixar-te uma marca para toda a vida. Disso é que eu tenho medo. Quanto ao motivo por que nos abandonaste, não te julgo nem me atrevo a julgar-te, e desculpa-me por te ter censurado. Eu sinto por mim mesma que, se me visse num transe tão amargo, também me afastaria de toda a gente. Não direi nada disto à mãe, mas hei de falar-lhe constantemente de ti e vou lhe dizer, da tua parte, que não tardarás a voltar. Não te preocupes por causa dela; eu vou tranquilizá-la, mas tu não a aflijas… vem ver-nos, nem que seja só uma vez, lembra-te de que é a tua mãe! Eu, agora, vim só para te dizer que (Dúnia começou a levantar), se por acaso precisares de mim para alguma coisa… toda a minha vida, seja o que for… não deixes de chamar-me que eu virei. Adeus!

Deu bruscamente meia volta e dirigiu-se para a porta.

– Dúnia! – chamou Raskólhnikov, levantando e indo ao seu

encontro. – Esse Razumíkhin, Dmítri Prokófitch, é um bom rapaz.

Dúnia pareceu ruborizar-se.

– E então? – perguntou, depois de ter esperado um momento.

– É um homem ativo, trabalhador, honesto e capaz de amar a valer… Adeus, Dúnia!

Dúnia corou fortemente, e depois, de repente, mostrou espanto:

– Mas que queres dizer com isso, irmão; parece que nos vamos separar em breve, para sempre, uma vez que… me fazes semelhante testamento…

– Vem a ser o mesmo… Adeus!

Deu meia volta e, afastando-se dela, aproximou-se da janela. Ela continuava de pé, olhando para ele, inquieta, e, finalmente, saiu alarmada.

Não, não se mostrara frio para com ela. Houve um momento (o último) em que sentiu um ímpeto terrível de abraçá-la e de despedir-se dela e de lhe dizer tudo; mas nem sequer se atreveu a dar-lhe a mão:

“Talvez depois estremecesse ao lembrar-se de que eu a abraçara agora e dissesse que eu lhe roubei esse abraço!”

“Mas resistirá a outra, ou não? – acrescentou para si, passados uns instantes. – Não, não resistirá; essas, assim, não resistem! Essas nunca o suportam!”

E pensou em Sonha.

Entrava uma brisa fresca pela janela. No pátio havia já menos luz. De repente pegou o gorro e saiu.

Não havia dúvida nenhuma que não queria nem podia preocupar-se com o seu estado doentio. Mas todo aquele incessante alarme e todo aquele terror espiritual não podiam deixar de ter consequências. E se não estava já deitado com autêntica febre, pode ser que fosse por

causa daquela inquietação interior, contínua, que o mantinha de pé e ainda lúcido, mas de uma maneira artificial, por algum tempo.

Perambulou sem rumo fixo. O sol já se punha. Uma tristeza especial se apoderara dele nos últimos tempos. Não tinha nada de especialmente agudo ou azedo; mas emanava dele algo de constante, de eterno; fazia pressentir anos sem refúgio, dessa dor fria, mortal; fazia pressentir toda uma eternidade num espaço de um *archin*. Essa sensação costumava afligi-lo com mais força ao cair da tarde.

"Como há de uma pessoa não fazer disparates, com estes estúpidos desfalecimentos, puramente físicos, dependentes do pôr do sol! Não só hás de ir ver a Sônia, como também a Dúnia", murmurou, mal-humorado.

Chamaram-no. Olhou à volta; Liebiesiátnikov corria para ele.

– Imagine, estive em sua casa, à sua procura! Veja que fez aquilo que dizia e saiu para a rua com as crianças! Encontramos todos com muito custo, eu e Sófia Siemiônovna. Ela se põe a bater uma frigideira e obriga os pequenos a dançar. Os petizes choram, faz com que parem nas encruzilhadas e à porta das lojas. Atrás deles corre uma multidão de papalvos. Vamos até lá.

– E Sonha? – perguntou Raskólhnikov, alarmado, estugando o passo atrás dele.

– Está doida, simplesmente. Quero dizer, quem está transtornada não é Sófia Siemiônovna, mas Ekatierina Ivânovna, embora, no fim de contas, Sófia Siemiônovna também o esteja. Asseguro-lhe que a outra perdeu completamente o juízo. Vão levá-la ao Comissariado. Pode calcular a impressão que isso lhe fará… Agora estão eles no canal, na ponte de***, muito perto da casa de Sófia Siemiônovna. É já ali.

No canal, perto da ponte, e apenas duas casas mais longe do lugar onde vivia Sonha, apinhara-se um círculo de pessoas.

Corriam para lá, sobretudo rapazes e moças. A voz rouca, entrecortada, de Ekatierina Ivânovna, ouvia-se já na ponte. E, de fato, era um espetáculo digno de interesse para a população do bairro.

Ekatierina Ivânovna, com o seu vestido esfiado, com aquele xale aos quadrados e com o seu amassado chapeuzinho de palha, todo de banda, parecia verdadeiramente alheada. Estava esgotada e arquejava com dificuldade. O seu vincado rosto de tísica parecia agora mais dolorido do que nunca (pois na rua, ao sol, os tuberculosos parecem sempre mais doentes e desfigurados do que em casa); mas o seu estado de excitação estava na mesma e mostrava-se cada vez mais nervosa, de momento para momento. Corria para os filhos, dava-lhes gritos, ralhava com eles, ensinava-lhes ali mesmo, diante das pessoas, a maneira como haviam de dançar e de cantar, e punha-se a explicar-lhes por que é que tinham de fazer isso, desesperava-se perante a incompreensão deles e batia-lhes… Depois, ainda antes de ter acabado, dirigia-se ao público; assim que via algum sujeito bem vestido, que tivesse parado para olhar, aproximava-se imediatamente dele e punha-se a explicar-lhe que podia ver ali, que diabo! o extremo a que tinham chegado os filhos "duma família distinta e até aristocrática". Ouvia-se no círculo algum risinho ou alguma palavra mal soante? Logo ela notava o engraçado e ralhava com ele. Alguns, de fato, riam; outros abanavam a cabeça; de maneira geral, para todos se tornava curioso ver aquela louca, com os filhinhos assustados. A frigideira, de que Liebiesiátnikov falara, não existia; pelo menos Raskólhnikov não chegou a vê-la, mas, à falta de frigideira, Ekatierina Ivânovna punha-se a bater palmas com as suas esquálidas mãos quando obrigava Pólietchka a cantar e Liena e Kólia a dançar, e, além disso, punha-se ela também a cantarolar em voz baixa, embora tivesse de interromper-se logo à segunda nota, por causa da maldita tosse, o que tornava a exasperá-la, fazendo-a amaldiçoar aquela sua tosse, até que se punha a chorar. O que mais a enfurecia era o choro e o medo de Kólia e de Liena. De fato, tentara vestir os pequenos com trajes semelhantes àqueles que usavam os cantores e cantoras da rua. O rapazinho trazia na cabeça uma espécie de turbante vermelho e branco, para que imitasse um turco. Para Liena o pano já não chegara, e apenas lhe pusera na cabeça um gorro encarnado, de pelo de camelo (ou, para melhor dizer, o gorro de dormir do falecido Siemion Zakháritch), e no referido gorro prendera um resto duma pluma branca de avestruz, que pertencera à avó de Ekatierina Ivânovna e que esta guardara até ali, numa arca, como relíquia de família. Pólietchka trazia o mesmo vestidinho de sempre. Olhava para a mãe com olhos

tímidos e alheados, sorvendo as suas lágrimas, adivinhando a sua loucura e olhando inquieta à sua volta. A rua e as pessoas infundiam-lhe um susto enorme. Sonha seguia de perto Ekatierina Ivânovna, chorando e suplicando-lhe insistentemente que voltasse para casa. Mas Ekatierina Ivânovna era inexorável.

– Deixa-me, Sonha, deixa-me! – gritava atabalhoadamente, à pressa, respirando com dificuldade e tossindo. – Tu não sabes o que estás pedindo, pareces uma criança! Já te disse que não voltarei para junto dessa bêbada alemã. E quero que toda a cidade de Petersburgo veja como andam pedindo esmola os filhos dum pai honesto, que toda a sua vida serviu lealmente e com fidelidade o Estado, e que, pode dizer-se, morreu ao serviço – Ekatierina Ivânovna apressara-se em forjar para ela mesma essa fantasia e a dar-lhe crédito. – Que o veja, que o veja esse antipático generalzinho. Mas tu estás tonta, Sonha? Que vamos nós comer agora, não me dizes? Já te exploramos bastante, a ti, não quero continuar assim! Ah, é o senhor, Rodion Românovitch – exclamou, ao ver Raskólhnikov, e dirigiu-se a ele. – Pois faça o favor de fazer ver a esta tolinha que isto é a coisa mais acertada que eu podia fazer! Até os tocadores de realejo tiram alguma coisa, e, a nós, vão distinguir imediatamente, pois hão de ver que eu sou uma pobre órfã, de boa família, que se vê reduzida à miséria, e até esse generalzinho há de ficar com a carreira arruinada! Vamos ficar todos os dias ao pé da janela dele, e quando o imperador passar, hei de prostrar-me a seus pés, de joelhos, empurrarei estes à minha frente e vou lhe dizer: “Protege-os, pai!”. Ele é o pai dos órfãos. Ele é misericordioso e há de protegê-los, vai ver; mas esse generalzinho… Liena! *Tenez vous droit*[51]! Tu, Kólia, vamos lá dançar outra vez. Por que choramingas? Outra vez chorando? Mas vamos ver: de que é que tens medo, meu tolo? Senhor! Que hei de eu fazer com eles, Rodion Românovitch? Se soubesse como são tontinhos! Que hei de eu fazer com eles?

E, ela própria, também quase chorando (o que não era um estorvo para a sua atrapalhada e incessante loquacidade), apontava-lhe os filhos, que lamuriavam. Raskólhnikov tentou convencê-la a que voltasse para casa, e até lhe disse, pensando assim feri-la no seu amor-próprio, que não era nada decente isso de andar pelas ruas como

tocadora de realejo, uma vez que tencionava ser diretora dum pensionato para meninas…

– O pensionato, ha, ha, ha! Castelos no ar – exclamou Ekatierina Ivânovna depois de umas risadas, interrompidas pela tosse. – Não, Rodion Românovitch; os sonhos desvaneceram-se! Todos nos abandonaram! E esse generalzinho… Olhe, Rodion Românovitch, eu cheguei a atirar-lhe com um tinteiro à cabeça… Havia lá um, no vestíbulo, estava em cima da mesa, junto duma folha de papel, no qual os visitantes escreviam o seu nome e onde eu também escrevera o meu; pois atirei-o e saí correndo. Oh, que canalhas, que canalhas! Dão nojo; pois, agora, quem dá de comer a estes sou eu e não terei de inclinar-me diante de ninguém! Já abusamos bastante dela! – e apontava para Sonha. – Pólietchka, quanto é que recolheste? Diz-me quanto! Dez copeques ao todo? Oh, que avarentos! Não nos dão nada, não fazem mais nada senão vir atrás de nós a mostrar a língua de fora! Olhe como esse estúpido dá risada! – e apontou para um do círculo. – Este tonto do Kólia é quem tem a culpa de que se riam de nós! Que te aconteceu, Pólietchka? Fala em francês: *parlez-moi français*. Olha que eu te ensinei e tu sabes algumas palavras! Se não for assim, como vão vocês dar a entender que são de boas famílias, crianças bem educadas, e não como esses tocadores de realejo? E também não viemos para a rua com "Pietruchka[52]", mas com canções nossas, de bom-tom. Ai, não! Que havemos de cantar? Vocês não fazem senão interromper-me, e eu… repare, Rodion Românovitch, nós paramos aqui para escolher o que havemos de cantar. Alguma coisa própria para Kólia cantar, porque, bem vê, fomos surpreendidos nesta situação; é preciso ficarmos todos de acordo para ensaiarmos tudo perfeitamente, depois iremos ao Próspekt Niévski, onde há muita gente importante, e hão de logo reparar em nós. Liena canta a Hospedaria… Simplesmente ela transforma tudo em Hospedaria e mais Hospedaria, e não sabe cantar mais nada. Nós temos de cantar qualquer coisa de mais distinto… Vamos ver: que pensas tu, Kólia? Se tu, ao menos, ajudasses um bocadinho a tua mãe… Memória, memória, é coisa que eu não tenho, porque, se a tivesse! Não poderíamos cantar o Hussardo apoiado à sua espada? Ah, vamos cantar em francês *Cinq sous*! Foi isso o que eu vos ensinei, o que vos ensinei, sim. E o mais importante é que, como está em francês, não têm outro remédio senão compreender imediatamente

que nós somos nobres, e assim hão de comover-se mais… Também poderíamos cantar aquilo de *Marlborough s'en va-t-en guerre*!, que é uma canção infantil e se canta em todas as casas aristocráticas para embalar as crianças:

*Malborough s'en va-t-en guerre,*
*ne sait quand reviendra…*

Começou ela a cantarolar.

– Não, é melhor os *Cinq sous*. Vamos ver, Kólia: mãos nas ancas, imediatamente, e tu, Liena, vira para o outro lado, que eu me ponho a cantarolar e a bater palmas com Pólietchka!

*Cinq sous, cinq sous,*
*pour monter notre ménage…*

– Hi… hi… hi! – e a tosse cortou-lhe a voz. – Arruma a roupa, Pólietchka, está caindo dos ombros – observou, no meio dos acessos de tosse, respirando dificilmente. – Agora devem, mais do que nunca, fazer por se portarem bem e com distinção, para que toda a gente veja que sois meninos nobres. Eu já disse que essa blusa devia ter sido cortada mais comprida e com o dobro da largura. Tu é que foste a culpada, Sonha, com os teus conselhos: "mais curta, mais curta", do mal que ela fica a esta pequena… Bem, vamos começar tudo outra vez! Mas que têm vocês, tolinhos? Vamos ver, Kólia, começa já, já… Oh, que criança insuportável!

*Cinq sous, cinq sous…*

– Outra vez o guarda! Mas tu achas que precisas vir aqui?

De fato, por entre as pessoas abrira caminho um guarda urbano. Mas, ao mesmo tempo, um senhor com uniforme e capote, um respeitável funcionário de uns cinquenta anos, com uma condecoração ao pescoço (este último pormenor agradou-lhe muito e influiu no guarda), aproximou-se, e, em silêncio, entregou a Ekatierina Ivânovna uma nota esverdeada de três rublos. O seu rosto exprimiu sincera compaixão. Ekatierina Ivânovna aceitou o donativo e fez-lhe uma vénia cortês e até cerimoniosa.

– Muito obrigado, senhor – começou com uma expressão de altivez – há motivos que nos obrigam… Toma o dinheiro, Pólietchka. Oh, ainda existem no mundo pessoas nobres e generosas, sempre dispostas a ajudar uma senhora nobre, caída na pobreza. Estes que aqui vê, cavalheiro, são orfãozinhos de uma família distinta e pode dizer-se até, ligada a linhagens muito aristocráticas… Mas aquele generalzinho estava ali sentado, comendo perdizes… e a bater com os pés no chão; dizia que eu tinha ido incomodá-lo… "Excelência – disse-lhe eu – proteja uma órfã, já que conheceu bem o falecido Siemion Zakháritch e a sua filha legítima; o mais vil entre os vis permitiu-se caluniá-la no próprio dia da morte dele…" Outra vez aquele guarda! Proteja-nos! – exclamou, dirigindo-se ao funcionário. – Por que tem tanto interesse em chegar até mim? Já tivemos de fugir de um, além, em Miechtchánskaia… Bem, vamos ver, perdeu aqui alguma coisa, seu besta?

– É proibido fazer isso na rua. Faça favor de não armar burburinho!

– Tu é que estás fazendo burburinho! É a mesma coisa que se eu trouxesse um realejo; a ti, que te importa?

– Quanto ao realejo, é preciso tirar licença; e só com essas coisas já estão atraindo pessoas. Diga-me o seu endereço…

– Com que então é preciso licença – trovejou Ekatierina Ivânovna. – O meu marido foi hoje sepultado; aí tem a licença!

– Senhora, senhora, senhora, acalme-se – começou o funcionário. – Vamos, eu levo-a… Aqui, no meio das pessoas, não está bem, não está bem… A senhora está doente…

– Senhor, senhor, o senhor não sabe nada! – exclamou Ekatierina Ivânovna. – Nós vamos à Niévski… Sonha, Sonha! Mas que é que vocês têm? Kólia, Liena, onde é que vocês estão? – gritou de repente, assustada. – Oh, que crianças tão tolas! Kólia, Liena, onde é que vocês se meteram?

Sucedeu que Kólia e Liena, assustados com a presença da multidão da rua e com os disparates da mãe enlouquecida, quando,

por fim, viram um guarda que queria apanhá-los e levá-los não sabiam para onde, de repente, como se tivessem combinado, deram as mãozinhas e saíram correndo. A pobre Ekatierina Ivânovna, com soluços e choros, lançou-se em sua perseguição. Era horrível e triste vê-la correr, chorando, sufocada. Sonha e Pólietchka foram também correndo atrás dela.

– Vai buscá-los, Sonha, vai buscá-los! Oh, que crianças tão tolas e tão más! Pólia! Apanha-os! Vão ver só…

Na sua correria tropeçou e caiu.

– Está toda ensanguentada! Oh, meu Deus! – exclamou Sonha inclinando-se sobre ela.

Todos correram e se apinharam à volta. Raskólhnikov e Liebiesiátnikov foram os primeiros a acudir; o funcionário apressou-se também e, atrás dele, o guarda, que resmungava "Ah!" e agitava os braços, pressentindo que o incidente ia lhe dar trabalho.

– Afastem-se! Afastem-se! – dizia dispersando as pessoas, que tinham formado círculo.

– Está morrendo! – gritou alguém.

– Enlouqueceu! – disse outro.

– Senhor, salva-a! – exclamou uma mulher, benzendo-se. – Não acharam as crianças? Sim, já vêm vindo, uma velhinha conseguiu apanhá-los… Seus malandrinhos!

Mas, assim que examinaram bem Ekatierina Ivânovna viram que não estava deitando sangue devido à pedra em que tropeçara, conforme Sonha pensara, mas que o sangue que encharcava o pavimento saía às golfadas dos seus pulmões.

– Eu já sabia, já via que isso havia de acontecer – murmurou o funcionário dirigindo-se a Raskólhnikov e a Liebiesiátnikov. – Está tísica: por isso o sangue corre assim e a sufoca. Ainda não há muito tempo que eu presenciei isto numa parenta minha, deitou copo e meio de sangue, e de repente… Mas que se há de fazer! É que não tardará a

expirar!

– Aqui, aqui, em minha casa! – gritou Sonha. – Eu moro ali! Olhem, nessa casa, é a segunda, ali… Já, já para minha casa! – dizia para todos. – Corram à procura dum médico… Oh, meu Deus!

Graças aos esforços do funcionário tudo se arranjou, e até o guarda ajudou a transportar Ekatierina Ivânovna. Levaram-na quase morta para casa de Sonha e estenderam-na na cama. A hemorragia continuava, mas parecia que ela ia recuperando já os sentidos. No quarto entraram logo, além de Sonha, Raskólhnikov e Liebiesiátnikov, o funcionário e o guarda, depois de ter dispersado previamente os curiosos, alguns dos quais foram a escoltá-los mesmo até à porta de casa. Pólietchka entrou, trazendo pela mão Kólia e Liena, que tremiam e choravam. De casa dos Kapernaúmovi acudiu também gente; ele, coxo e estrábico, homem de cara estranha, com os cabelos da cabeça e com as costeletas espetadas e duras como os pelos duma escova; a mulher, que parecia estar sempre assustada, e alguns filhos, com caras de pau e bocas escancaradas. Entre toda essa assistência apareceu também Svidrigáilov. Raskólhnikov olhou para ele espantado, sem perceber de onde é que ele teria saído, pois não se lembrava de tê-lo visto entre as pessoas.

Houve quem falasse de um médico e de um padre. O funcionário, apesar de ter dito ao ouvido de Raskólhnikov que o médico já não era preciso, mandou chamá-lo. Foi o próprio Kapernaúmov quem se encarregou disso.

Entretanto, Ekatierina Ivânovna tinha-se tranquilizado; a hemorragia parara. Pousou o seu olhar fixo e penetrante na trêmula e pálida Sonha, que, com um lenço, lhe secava gotas de suor sobre a testa; por fim pediu que a soerguessem. Levantaram-na sobre a cama, amparada de ambos os lados.

– E as crianças, onde estão? – perguntou com voz fraca. – Trouxeste-os, Pólia? Oh, que tolinhos… Então me digam: por que fugistes? Oh!

Tinha ainda os lábios ressequidos salpicados de sangue. Olhou à volta, com um olhar perscrutador.

– Então é aqui que tu moras, Sonha? Nem uma só vez tinha estado em tua casa… Agora é que…

Contemplou-a, apiedada.

– Exploramos-te, Sonha! Pólia, Liena, Kólia, venham cá… Bem, aqui os tens todos, Sonha; toma-os… Nas duas mãos… que para mim já chega…, Acabou-se a penitência! Ah! Vão embora todos, deixem-me ao menos morrer em paz…

Tornaram a recliná-la na almofada.

– Que é isto? Um padre? Não é preciso… Tem um rublo que não lhe faça falta? Eu não tenho nenhum pecado! Deus tem obrigação de perdoar sem necessidade disso… Ele bem sabe o que eu sofri! Mas se não perdoar, tanto pior!

Um delírio desassossegado se ia apoderando dela cada vez com mais força. Estremecia de vez em quando, olhava à volta, reconhecendo-os a todos por um minuto; mas voltava logo a perder a consciência, no seu delírio. Respirava difícil e dolorosamente; parecia que qualquer coisa lhe fervia na garganta.

– Eu lhe conto, Excelência! – exclamou ela, parando para respirar, a cada palavra. – Essa Amália Ivânovna! Ah! Liena, Kólia! Nas pontas dos pés, imediatamente, imediatamente, *glissez, glissez, pas de basque*! Batam com os pés… Isso com graça, filho!

*Du hast Diamanten und Perlen…*

Então, que tal? Vocês deviam cantar…

*Du hast die schonsten Augen,*
*Madchen, was willst du mehr?…*[53]

Mau, não é assim! *Was willst du mehr*… Isso é o que pensa o imbecil! Ah, sim, aqui está outro:

No ardor da sesta, no vale de Daguestão

Ah, como eu gostava disso! Gostava loucamente desta *romanza*,

Pólietchka… Olha, o teu pai, quando ainda era apenas meu noivo, cantava-a… Oh, que dias aqueles! Isso, isso é que nós devíamos cantar! Vamos ver como! Vamos ver… Como! Já me esqueci! Lembram-se como era?

Estava extraordinariamente agitada e esforçava-se por se erguer. Finalmente, com uma voz terrível, entrecortada pelo estertor, começou, gritando e sufocando a cada palavra, com uma expressão de espanto crescente:

> No ardor da sesta… No vale de Daguestão
> Com chumbo dentro do peito![54]

– Excelência! – exclamou de repente com um soluço dilacerante e chorando. – Proteja estes órfãos! Em memória do pão e do sal que provou em casa do falecido Siemion Zakháritch! Pode até dizer-se aristocrática! Ah! – estremeceu, recuperando de repente a memória, olhou para todos com certo terror, e, tendo reconhecido Sonha nesse momento – Sonha, Sonha! – exclamou tímida e carinhosamente, como se estivesse muito admirada de vê-la ali, na sua frente – Sonha, querida tu também estás aqui?

Tornaram a soerguê-la.

> Tens diamantes e pérolas,
> Tens os mais belos olhos.
> Mocinha, que mais queres?

– Chega! Já é tempo! Adeus, pobrezinha! Derrearam a montaria! Rebenta! – gritou desesperadamente, com raiva, e deixou cair a cabeça na almofada.

Tornou novamente a ficar amodorrada, mas esse último torpor não durou muito. O seu rosto, lívido e descarnado, caiu para trás, a boca abriu, as pernas se estiraram convulsivamente. Lançou um fundo, fundo suspiro, e expirou.

Sonha lançou-se sobre o cadáver, agarrou-se a ele com as duas mãos e ficou com a cabeça reclinada no peito encovado da morta. Pólietchka ajoelhou-se aos pés da mãe e pôs-se a beijá-los, sem deixar

de chorar. Kólia e Liena, que ainda não tinham chegado a compreender o que acabava de acontecer, mas pressentiam qualquer coisa de tremendo, colocaram as mãos nos ombros um do outro e ficaram a olhar-se mutuamente, até que, de repente, abriram os dois a boca ao mesmo tempo e começaram a gritar. Conservavam ainda os seus trajes cômicos: um, o turbante; a outra, o gorro com a pluma de avestruz.

E como é que aquele Diploma de Honra se veio a encontrar na cama, ao lado de Ekatierina Ivânovna? Estava ali, junto da almofada; Raskólhnikov viu-o.

Aproximou-se da janela. Não tardou que Liebiesiátnikov aparecesse.

– Expirou! – disse.

– Rodion Românovitch, preciso de lhe dizer duas palavras – anunciou-lhe Svidrigáilov, aproximando-se. Liebiesiátnikov cedeu-lhe imediatamente o lugar e retirou-se discretamente. Svidrigáilov levou Raskólhnikov, que estava muito admirado, para um canto da sala.

– Toda esta trapalhada, quero dizer, o funeral e tudo mais ficam por minha conta. O senhor sabe que tudo isto há de custar dinheiro e já lhe disse que tenho bastante. A esses dois franguinhos e a Pólietchka, havemos de metê-los em qualquer bom asilo de órfãos e depositarei por cada um, até à sua maioridade, mil e quinhentos rublos, para que Sófia Siemiônovna possa ficar tranquila. E, a ela, também a hei de tirar da lama, visto que é uma boa moça, não é verdade? Suponho que poderá dizer a Avdótia Românovna a maneira como eu empreguei os seus dez mil rublos.

– Com que fim se dedica o senhor a tais generosidades? – perguntou Raskólhnikov.

– Ah! Que homem desconfiado! – sorriu Svidrigáilov. – Já lhe disse que esse dinheiro não me faz falta. Bem; mas diga lá, o senhor não acha que eu procedo humanamente? Olhe, aquela não era um piolho – e apontou com o dedo para o canto onde jazia a morta – como qualquer velhota usurária. Bem, há de concordar comigo: o que

será melhor, que Lújin continue vivendo e cometendo canalhices, ou que ela morra? E, se eu não os ajudo, Pólietchka, então, há de ir pelo mesmo caminho…

Dizia tudo isto com o ar de um velhaco de bom humor, que piscava os olhos sem os afastar de Raskólhnikov. Este empalideceu e gelou ao escutar as suas expressões pessoais, aquelas que ele dissera a Sonha. Retrocedeu rapidamente e olhou avidamente para Svidrigáilov.

– Como é que sabe isso? – balbuciou, quase sem poder respirar.

– Olhe, porque eu estou instalado aqui, parede-meia, em casa de *Madame* Resslich. Aqui mora Kapernaúmov e ali *Madame* Resslich, uma minha antiga e leal amiga. Vizinhos.

– O senhor?

– Eu – continuou Svidrigáilov retorcendo-se a rir. – E posso afirmar-lhe, sob palavra de honra, querido Rodion Românovitch, que o senhor me inspira muito interesse. Olhe, eu disse-lhe que ainda havíamos de conviver, disse com antecedência… já vê como acertei. E vai ver como eu sou um homem maleável. Vai ver como se pode conviver comigo…

# Sexta parte

## Capítulo primeiro

Começou então para Raskólhnikov uma estranha época; era como se uma bruma se tivesse erguido de repente diante dele, envolvendo-o numa solidão irrespirável e densa. Ao evocar mais tarde este tempo, chegou a compreender como trouxera a consciência obnubilada, e que esse estado se prolongou, com leves intervalos, até que sobreveio a catástrofe definitiva. Estava firmemente convencido de se ter enganado em muitos pontos, por exemplo, na data e duração de certos acontecimentos. Pelo menos, depois, quando recordava e se esforçava por explicar o que evocava, não eram poucas as vezes que se reconhecia guiando-se por testemunhos alheios. Confundia, por exemplo, um acontecimento com outro; ou considerava-os como consequência de acontecimentos que só tinham acontecido na sua imaginação febril. De quando em quando apoderava-se dele uma grave e dolorosa inquietação, que chegava a degenerar em terror pânico. Mas lembrava-se também de que tinham existido minutos, horas e até dias, talvez, cheios de uma apatia que se apoderava dele como por reação contra o passado espanto; uma apatia semelhante a esse estado de alma de doentia indiferença de alguns moribundos. De maneira geral, naqueles últimos dias esforçara-se por se convencer de que compreendia clara e plenamente a sua situação; certos fatos vulgares que necessitavam de uma elucidação imediata causavam-lhe uma preocupação especial; mas, como teria ficado contente se pudesse libertar-se e evitar algumas precauções, cujo esquecimento, aliás, constituía na sua situação uma ameaça de realizada e irreparável rotina…

Era Svidrigáilov quem especialmente o assustava; poderia até dizer-se que, agora, a sua grande preocupação era Svidrigáilov. Desde que Svidrigáilov lhe dissera aquelas palavras tão ameaçadoras para ele e demasiadamente explícitas, no quarto de Sonha, por ocasião da morte de Ekatierina Ivânovna, parecia que o curso habitual das suas

ideias se interrompera. Mas, apesar de esse novo fato o inquietar sobremaneira, Raskólhnikov não tinha a mínima pressa de esclarecer o assunto. Às vezes, quando se via de súbito em qualquer bairro solitário e afastado da cidade, em qualquer tasca miserável, sozinho, sentado a uma mesa, ensimesmado e sem perceber quase como é que havia chegado ali, recordava-se de repente de Svidrigáilov; e logo reconhecia claramente, e com inquietação, que era preciso falar o mais depressa possível com aquele homem e, se fosse possível, pôr um remate no assunto. De uma vez, em que passeava pelos arredores, chegou até a imaginar que Svidrigáilov estava à espera dele ali e que tinham combinado um encontro naquele lugar. De outra vez acordou ao romper do dia, prostrado no chão, sobre a erva, e quase não conseguia explicar a si próprio como é que fora parar ali. Aliás, nos dois ou três dias que se seguiram à morte de Ekatierina Ivânovna, encontrou-se umas duas vezes com Svidrigáilov, quase sempre no quarto de Sonha, onde ia sem objetivo, mas constantemente. Trocavam umas breves palavras e nem uma só vez sequer tocaram no ponto capital, como se entre eles existisse uma combinação tácita para não falar daquilo por então. O cadáver de Ekatierina Ivânovna ainda não tinha sido retirado. Svidrigáilov encarregara-se do funeral e andava muito atarefado. Sonha também estava muito ocupada. No seu último encontro com Svidrigáilov, este comunicou a Raskólhnikov que tratara, e bem, do caso dos filhos de Ekatierina Ivânovna: que, graças a certas amizades, conseguira chegar até certas pessoas com a ajuda das quais se podiam internar imediatamente os três orfãozinhos numa instituição muito indicada para esse fim, para o que também contribuíra muito o dinheiro que lhes doara, pois, colocar órfãos que possuíam algum capital sempre era mais fácil do que colocar órfãos pobres. Também lhe falou de Sonha; prometeu que iria visitá-lo daí a dias, a sua casa, e avisou-o de que queria pedir-lhe uns conselhos; que era muito necessário conversarem, que se tratava de um certo assunto… Tiveram esse diálogo no patamar, já na escada. Svidrigáilov olhou para Raskólhnikov de alto a baixo e, de súbito, depois de uma pausa, perguntou-lhe em voz baixa:

– Mas que lhe aconteceu, Rodion Românovitch, não parece o mesmo? Ouve e olha, mas parece que não compreende nada do que ouve e vê. Ganhe coragem. Olhe, temos de falar; é pena eu ter tantos

assuntos alheios para tratar e não ter tempo para tratar dos meus… Ah, Rodion Românovitch – acrescentou de repente – toda a gente precisa de ar, de ar, de ar! Isso antes de mais!

De repente afastou-se para deixar passar o padre e o sacristão, que subiam a escada. Iam rezando um responso. Conforme as indicações de Svidrigáilov, diziam-lhe dois responsos por dia, escrupulosamente.

Svidrigáilov foi à sua vida. Raskólhnikov ficou pensativo e entrou atrás do padre no quarto de Sonha.

Parou junto da porta. O rito, tranquilo, solene e triste, começara. A ideia da morte e a comoção da presença dum morto sempre lhe tinham infundido uma espécie de sufocante e místico espanto, já desde a infância, e, além disso, havia já muito tempo que não ouvia um responso. Mas havia ainda outra coisa, de muito terrível e inquietante. Olhava para as crianças; estavam todas de joelhos, junto do caixão. Pólietchka chorava. Atrás deles Sonha rezava em voz baixa e timidamente chorosa. “Durante estes dias nem sequer olhou para mim uma só vez, e nem uma só palavra me disse”, pensou Raskólhnikov. O sol iluminava claramente o aposento; a fumaça do incensório erguia-se em redemoinhos; o sacerdote lia: “Dai-nos a paz, Senhor!”. Raskólhnikov assistiu a todo o responso. Quando deitou a bênção e se despediu, o sacerdote olhou à sua volta com um ar estranho. Terminada a cerimônia, Raskólhnikov aproximou-se de Sonha. Esta, de súbito, segurou-se a ele com as duas mãos e reclinou a cabeça sobre o seu ombro. Esse simples gesto afetuoso deixou Raskólhnikov perplexo; tinha também algo de estranho. O quê? Nem a menor repugnância, nem o menor espanto, nem o mais leve tremor na sua mão! Aquilo era já o cúmulo da abnegação pessoal. Pelo menos era o que lhe parecia. Sonha não disse nada. Raskólhnikov apertou-lhe a mão e saiu. Sentia um abatimento espantoso. Se lhe tivesse sido possível ir naquele momento a algum lugar e ficar aí completamente sozinho, ainda que fosse para toda a vida, teria se considerado feliz. Mas o certo era que, nos últimos tempos, embora estivesse quase sempre sozinho, não podia sentir-se só. Sucedia-lhe sair para os arredores, até à estrada e, de certa vez, até se meteu por entre um arvoredo; mas quanto mais deserto estava o lugar, mais vivamente ele

sentia a seu lado como que uma presença inquietante, não a de nenhum estranho, mas antes qualquer coisa já de muito esperada, de tal maneira que acabava por regressar logo à cidade, e misturar-se entre as pessoas, entrava em alguma casa de pasto ou numa taberna, ia até Tolkútchi, ao Mercado do Feno. Aí sentia-se mais à vontade e mais só. Numa pequena taberna, à tardinha, cantavam canções; deixou-se ficar aí sentado uma hora inteira, ouvindo, e recordava-se de que isso lhe agradara muito. Mas, por fim, acabara por se levantar repentinamente, num desassossego, fora como se tivesse começado a ser atormentado por remorsos de consciência.

"Esta agora! Estou sentado, ouvindo canções; mas é isto, porventura, o que eu devo fazer – aliás, adivinhava que não era só isso o que o inquietava, mas algo que reclamava uma resolução urgente e acerca do que não era possível pensar nem dizer uma palavra. Tudo girava num torvelinho. – Não, o melhor seria uma disputa franca. O melhor seria outra vez Porfíri… ou Svidrigáilov… Um novo desafio, um novo ataque, o mais depressa possível… Sim, sim!", pensava. Saiu quase correndo da pequena taberna. A recordação de Dúnia e da mãe tornou a infundir-lhe de repente, sem que soubesse por que, um terror pânico. Nessa mesma noite, antes de amanhecer, despertou também entre o arvoredo da ilha Kriestóvski, tremendo inteiro, ardendo em febre; regressou a casa já de manhã, muito cedo. Passadas algumas horas de sono, a febre cessou-lhe, mas acordou já tarde, às duas horas.

Lembrou-se que o enterro de Ekatierina Ivânovna estava marcado para aquele dia e ficou satisfeito por não ter assistido. Nastássia levou-lhe comida; comeu e bebeu com grande apetite, quase com sofreguidão. Tinha a cabeça mais aliviada e sentia-se mais tranquilo do que nos últimos três dias. Até se admirou, por um momento, do seu terror pânico anterior. A porta abriu-se e Razumíkhin entrou.

– Ah! Estás comendo, portanto não estás doente – disse Razumíkhin pegando numa cadeira e sentando à mesa, em frente de Raskólhnikov; vinha muito excitado e não fazia esforços para dissimular; falava com visível aborrecimento, mas sem se atrapalhar nem levantar a voz de maneira especial. Poderia pensar-se que trazia alguma intenção pessoal e quase exclusiva. "Ouve, – disse resolutamente – pessoalmente, desejo que vás para o diabo; pelo que

vejo agora, percebo perfeitamente de que não sou capaz de compreender nada; mas, por favor, não vás imaginar que te venho interrogar. Quero lá saber disso! Sou eu quem não quer! Agora já podes dizer-me tudo, todos os teus segredos, que eu talvez nem me demore a escutá-los, vire as costas e vá embora. Vim apenas com o objetivo de saber de uma maneira terminante e definitiva se é verdade, em primeiro lugar, se tu estás doido ou não. Tu bem sabes que existe quem esteja convencido (quem, não sei ao certo) de que tu estás completamente doido ou que pouco está faltando para isso. Confesso-te que eu também me sinto muito inclinado a aceitar essa opinião, em primeiro lugar, a avaliar pela tua estúpida e, até certo ponto, sórdida conduta (absolutamente inexplicável), e, além disso, levando também em conta teu recente comportamento para com a tua mãe e a tua irmã. Só um homem reles e indigno, não se tratando de um louco, poderia agir para com elas do modo como vens agindo; portanto, estás louco…

– Há quanto tempo estiveste com elas?

– Agora mesmo. Mas tu não tornaste a vê-las até agora? Por onde tens andado? Responde, por favor, pois já vim aqui três vezes, sem nunca te encontrar. A tua mãe, desde ontem que está muito doente. Queria vir ver-te; Avdótia Românovna não a deixa; mas ela não atende e insiste. “Se ele está doente – diz a tua mãe – se perdeu o juízo, quem poderá tratá-lo melhor do que eu?” Por isso viemos todos até aqui, para a não deixar sozinha. Estivemos a pedir-lhe que se tranquilizasse até o momento de chegarmos mesmo aqui, à porta. Entramos; tu não estavas. Olha, foi neste lugar que ela esteve sentada. Esteve dez minutos sentada; eu estava de pé, ao seu lado, sem falar. Até que ela levantou e disse: “Se saiu para a rua é sinal de que está bom e se esqueceu da sua mãe; por isso não é muito decente, é até um pouco vergonhoso que uma mãe esteja aqui, à sua porta, mendigando a sua amizade, como uma esmola”. Voltou para casa e deitou-se; agora está com febre. “Afinal, para ela, tem tempo.” Supõe que “ela” é Sófia Siemiônovna, tua noiva ou amante, ou lá o que seja. Eu fui imediatamente procurar Sófia Siemiônovna, porque queria tirar as coisas a limpo, meu amigo; mas assim que chego, deparo um caixão e duas criancinhas chorando. Sófia Siemiônovna estava provando-lhes

uns vestidinhos de luto. Tu não estavas lá. Deitei uma vista de olhos naquilo tudo, apresentei as minhas desculpas e fui contar tudo a Avdótia Românovna. Não havia dúvida de que tudo aquilo era mentira, tu não tinhas nenhuma “ela”, e, o mais provável, era que tu estivesses louco. Mas agora chego aqui e encontro-te muito bem sentado, a devorares o teu assado, como se não comesses há três dias. É claro que os loucos também comem; mas, neste mesmo instante, e sem precisar que tu me digas nada, declaro que… tu não estás louco. Juro! De maneira nenhuma, não estás louco. Por isso, vão todos para o diabo; aqui deve haver algum mistério, algum segredo; e eu não tenho a mínima vontade de quebrar a cabeça com os teus enigmas. Vim apenas para te censurar – concluiu, levantando – para aliviar a alma, e agora já sei o que tenho a fazer.

– Então que vais fazer agora?

– Que te interessa o que eu vá fazer agora?

– Olha, tu bebes demais.

– Quem te disse?

Razumíkhin ficou calado por um momento.

– Tu foste sempre um rapaz muito ajuizado e nunca estiveste louco – observou, de repente, com veemência. – Mas é verdade que bebo. Adeus! – e dispunha-se a partir.

– Há três dias, se não me engano, falei de ti à minha irmã, Razumíkhin.

– De mim? Como é que tu lhe falaste há três dias?

E Razumíkhin parou imediatamente, corando até um pouco. Era visível que, devido àquilo, tivera imediatamente um palpite.

– Foi ela quem veio aqui, sozinha; esteve aí sentada conversando comigo.

– Sozinha?

– Sozinha, sim.

– Mas que é que tu disseste… a meu respeito?

– Disse-lhe que tu eras um bom rapaz, honesto e capaz de amar a valer. Que tu gostas dela, isso não lhe disse, porque ela já sabe.

– Já sabe?

– Claro! Para onde quer que eu vá, aconteça-me o que acontecer… fica junto delas, serve-lhes de anjo da guarda. Eu as entrego a ti, por assim dizer, Razumíkhin. Falo assim porque sei perfeitamente que gostas muito dela e estou convencido da pureza do teu coração. Também sei que ela, pelo seu lado, pode gostar de ti e até é possível que já goste. Agora já podes decidir, visto que já estás melhor informado, se deves ou não deves beber.

– Rodka… Olha… Ora esta! Ah, malandro! Mas para onde é que tu tencionas ir? Olha, se isso é um segredo, está bem. Mas eu… eu conheço o segredo… E estou convencido de que se trata, com toda a certeza, de algum absurdo e de alguma insignificância, e que tu exageras tudo. Embora, no fundo, sejas um excelente rapaz… um excelente rapaz!

– Eu queria dizer-te também, quando tu me interrompeste, que pensavas muito bem, há pouco, ao dizeres que não querias conhecer estes mistérios e estes segredos. Deixa-me em paz por agora, não me perturbes. Hás de saber tudo a seu tempo, sobretudo quando for preciso. Ontem um indivíduo disse-me que o homem precisa de ar, ar, ar. E eu quero ir imediatamente à sua procura para que ele me explique o que é que queria dizer com isso.

Razumíkhin continuava de pé, pensativo e comovido, pensando em qualquer coisa.

“Deve ser um conspirador político! Com certeza! E no dia anterior deve ter dado qualquer passo decisivo, não há dúvida. Não pode ser outra coisa… e… e Dúnia sabe…”, pensou, de repente.

– De maneira que Avdótia Românovna veio aqui ver-te – disse,

acentuando as palavras – e tu queres avistar-te com um indivíduo que diz que o ar é necessário… O ar, e… provavelmente aquela carta… também deve ser do mesmo – concluiu intimamente.

– Qual carta?

– Uma que ela hoje recebeu e que a deixou muito perturbada. Muito. Talvez até demasiado, talvez. Eu me referi a ti… Ela me pediu que me calasse. Depois… depois disse-me que talvez nos tivéssemos de nos separar muito em breve. Depois pôs-se a agradecer-me encarecidamente, não sei o quê; finalmente foi para o quarto e fechou-se por dentro.

– Então recebeu uma carta? – perguntou Raskólhnikov pensativo.

– Sim, uma carta; mas não sabias? Hum!

Ficaram ambos calados.

– Adeus, Rodka! Eu, meu amigo… houve um tempo… mas nada, adeus! Eu também tenho de ir embora. Mas não vou beber. Agora já não é preciso… tu mentes…

Saiu rapidamente; mas, depois de ter saído e até quase fechado a porta, voltou outra vez e disse, olhando de soslaio:

– A propósito, lembras-te daquele crime, bem, daquele em que superintende Porfíri, o assassinato da tal velha? Pois bem, fica sabendo que já deram com o criminoso e este fez uma confissão completa e apresentou toda a espécie de provas. Calcula que é um daqueles operários pintores, lembras? E eu a defendê-los tão acaloradamente! Toda aquela cena de briga e das risadinhas pela escada, com os seus companheiros, quando chegaram os tais indivíduos, o porteiro e as duas testemunhas, foi medida para despistar! Que astúcia, que presença de espírito em semelhante complicação! Custa a acreditar, mas ele confessou, e com todos os pormenores! Que te parece? A meu ver trata-se simplesmente de um gênio da imaginação e da dissimulação, de um gênio do álibi jurídico… embora, no fundo, talvez não haja razão para nos admirarmos. Não poderá haver desses gênios, por acaso? E o fato de

não ter sido suficientemente firme para resistir e confessar, é mais uma razão para que eu o creia. Torna-se mais verossímil… Mas como, como é que eu me deixei enganar, naquela altura! Era capaz de ter posto as mãos no fogo por causa deles!

– Peço-te que me digas: quem te disse e por que estás tão interessado nisso? – perguntou Raskólhnikov, visivelmente comovido.

– Essa é boa! Por que é que me interesso? Que pergunta! Porfíri me disse, entre outros. Embora fosse ele quem me contasse quase tudo.

– Porfíri?

– Porfíri.

– E que… que é que ele disse? – perguntou Raskólhnikov com receio.

– Explicou-me tudo muito bem. Explicou psicologicamente, à sua maneira.

– Foi ele quem explicou? Ele próprio?

– Ele próprio! Ele próprio! Adeus! Depois te darei mais pormenores, porque agora tenho que fazer. Dantes… houve um tempo em que eu pensava… Mas não; depois… Para que hei de eu ir beber agora? Tu é que, sem vinho, me embriagaste. Estou tocadinho, Rodka. Até sem vinho, já estou embriagado; bem, vamos lá, adeus. Eu passarei por aqui em breve.

Saiu.

“É um conspirador político, com certeza, com certeza – decidiu definitivamente Razumíkhin para consigo, enquanto descia a escada devagar – também deve ter metido a irmã nisso, é muito provável, é muito provável, com o caráter de Avdótia Românovna. Tiveram um encontro… Ela já deu a entender algo assim. A avaliar por muitas das suas palavras… e palavrinhas… e alusões… não há dúvida, deve ser isso. Se não fosse isso, como é que se poderia explicar toda esta embrulhada? Hum! E eu que supunha… Oh, meu Deus, o que eu

cheguei a pensar! Sim, foi uma alucinação, e agora sou culpado para com ele. Foi ele, naquela noite, junto da lâmpada, no corredor, quem me provocou essa alucinação! Livra! Que repugnante, estúpido e reles pensamento o meu! Ainda bem que Mikolka confessou! E como se explicam agora todas as coisas anteriores! Aquela doença dele, de há tempos, aquelas suas estranhas maneiras de conduzir-se e até aquele seu estranho caráter sombrio, sempre severo, já de muito antes, de quando andava ainda na Universidade… Mas que quererá dizer agora aquela carta? Deve haver aí qualquer coisa escondida. De quem será? Faz-me suspeitar… Hum! Não, hei de pôr tudo isso a claro…”

Não fazia outra coisa senão lembrar de Dúnietchka e pensar nela, e o coração batia-lhe com força. Conseguiu finalmente sair dali e acelerou muito o passo.

Assim que Razumíkhin saiu, Raskólhnikov levantou, aproximou-se da janela, começou a passear de um lado para o outro, como se estivesse esquecido da estreiteza do seu cubículo… e depois tornou a sentar no divã. Parecia cheio de novas energias: ia outra vez começar a luta, isto é, encontrara uma saída. “Sim, isso quer dizer que encontrei uma saída!” Um meio de escapar à situação terrível que o asfixiava, o oprimia dolorosamente e começara a provocar-lhe vertigens. Desde aquela cena anterior entre Mikolka e Porfíri que se vinha sentindo asfixiado, com falta de ar, em lugares acanhados. Depois do caso de Mikolka, nesse mesmo dia tinha sido aquela cena em casa de Sonha, que ele não conduziu nem terminou tal como imaginara previamente; fraquejou; isto é, fraquejara até muito, radicalmente. Fora de uma vez! Porque tinha finalmente reconhecido então, de acordo com Sonha, ele próprio tinha reconhecido, e reconhecido com sinceridade, que não lhe era possível viver sozinho com aquele peso sobre a alma. E Svidrigáilov? Svidrigáilov adivinhara… Não havia dúvida de que Svidrigáilov o inquietava, mas não por esse lado. Era possível que tivesse ainda que manter uma luta com Svidrigáilov. Talvez que Svidrigáilov fosse também outra saída; mas, com Porfíri, o caso era diferente.

De fato, fora o próprio Porfíri quem explicara as coisas a Razumíkhin, explicara psicologicamente. Lá começava ele outra vez a persegui-lo com a sua maldita psicologia! E Porfíri podia lá acreditar,

por um instante que fosse, que era Mikolka o culpado, depois do que se passara entre os dois, depois daquela cena, dos dois, a sós, até à chegada de Mikolka, cena que apenas podia ter uma explicação racional, uma só! (Em todos esses dias, Raskólhnikov recordara por mais de uma vez, fragmentariamente, toda aquela cena com Porfíri, a cuja evocação completa não seria capaz de resistir). Então, tinham-se trocado tais palavras entre eles, realizados tais gestos e movimentos, trocados tais olhares, dito algumas coisas num tal tom de voz e chegado a tais extremos, que, depois daquilo, Mikolka (no íntimo do qual Porfíri penetrara desde a primeira palavra e do primeiro gesto), Mikolka não podia já abalar os fundamentos da sua convicção.

Mas como! Razumíkhin também já começara a suspeitar! A cena do corredor, junto da lâmpada, não se dera em vão. Porque ele se precipitara em ir ao encontro de Porfíri… Mas por que começaria ele a enganá-lo? Com que fim pretendia desviar para Mikolka o olhar de Razumíkhin? Não, andava tramando qualquer coisa, com certeza; havia ali alguma intenção; mas qual? Na verdade, já passara muito tempo desde aquela manhã… muito, muito, e de Porfíri não havia a menor notícia. O que, é claro, não era bom sinal…

Raskólhnikov pegou o gorro e, depois de reconsiderar um instante, saiu do quarto. Era o primeiro dia, durante todo aquele tempo, em que, pelo menos, se sentia num estado de perfeita lucidez. “É preciso arrumar as coisas com Svidrigáilov – pensou – seja como for e o mais depressa possível; ele, parece também estar à espera de que eu vá procurá-lo.” E nesse momento ergueu-se de repente tal ódio no seu cansado coração, que é possível que nesse instante tivesse morto algum dos dois, Svidrigáilov ou Porfíri. Pelo menos sentia que, se não fosse naquele momento, estaria depois em condições de fazê-lo. “Veremos, veremos”, repetia para consigo.

Mas, ainda mal abrira a porta, quando deu de cara com o próprio Porfíri. Este vinha precisamente procurá-lo. Raskólhnikov ficou estupefato por um momento, mas apenas por um momento. Coisa estranha: não se admirou muito de ver ali Porfíri e não sentiu quase medo algum. Teve apenas um leve sobressalto, do que se refez imediatamente. Talvez seja agora o tal desenlace! Mas como é que ele veio tão devagarinho, como um gato, de tal maneira que eu nem o

senti? Terá estado à escuta?

– Não esperava a minha visita, Rodion Românovitch – exclamou Porfíri Pietróvitch, sorrindo. – Há já algum tempo que tencionava vir vê-lo. “Irei até lá – pensava – por que não hei de estar com ele uns cinco minutos?” Mas onde é que ia? Não quero entretê-lo. É só o tempo de fumar um cigarrinho, se me dá licença.

– Mas sente-se, Porfíri Pietróvitch, sente-se – pediu Raskólhnikov ao visitante, com um ar aparentemente tão satisfeito e amistoso, que até ele próprio teria ficado admirado se pudesse ver-se.

As suas impressões anteriores se esfumaram. Acontece às vezes que um homem suporta meia hora de susto mortal com um bandido, e quando este lhe põe, finalmente, o punhal sobre a garganta, o medo suma de repente. Sentou em frente de Porfíri e, sem pestanejar, ficou olhando para ele.

Porfíri piscou um olho e começou a acender lentamente o cigarro.

“Vamos, fale, fale! – de boa vontade lhe teria gritado Raskólhnikov, do fundo do coração. – Vamos! Que é isso? Então por que não falas?”

## Capítulo II

– Estes cigarros! – disse finalmente Porfíri, que acabara de acender o seu e lançado uma fumaça. – Um veneno, um autêntico veneno e, no entanto, não posso deixá-los. Tusso, tenho pigarro na garganta e começo a sofrer de asma. Olhe, eu estou muito apreensivo e ainda não há muito tempo que fui consultar o doutor B***, que observa cada doente pelo menos durante meia hora… “O senhor – disse-me ele, entre outras coisas – deve abster-se do tabaco. Tem uma leve dilatação dos pulmões.” Mas vamos ver: como é que vou deixar o tabaco? Pelo que hei de substituí-lo? É pena eu não beber… he… he… he! Aí é que está o mal, é eu não beber… Olhe, tudo é relativo, Rodion Românovitch; tudo é relativo.

“Pensará ele voltar às suas trapaças”, pensou Raskólhnikov com

aversão. Toda a cena recente do seu último encontro lhe veio à memória, e o mesmo sentimento de ira tornou a agitar-lhe o coração.

– Não sabe que vim procurá-lo anteontem? – perguntou Porfíri, passando revista ao quarto. – Estive aqui, aqui mesmo. Tal como hoje, também passei por aqui… e disse para comigo: "Por que não hei de fazer-lhe uma visita?". Subi e encontrei o quarto aberto; olhei… esperei e saí sem dizer o meu nome à sua criadinha… Mas não costuma fechar a porta?

O rosto de Raskólhnikov tornava-se cada vez mais sombrio. Porfíri pareceu adivinhar o seu pensamento.

– Vim para lhe dar uma explicação, meu caro Rodion Românovitch, para lhe dar uma explicação. Tenho a obrigação, o dever de lhe dar uma explicação – continuou com um sorrisinho e até deu uma leve palmadinha nos joelhos de Raskólhnikov. Mas, no mesmo instante o seu rosto tomou uma expressão séria e preocupada e pareceu até condoído, com espanto de Raskólhnikov. Nunca lhe vira essa expressão, nem podia suspeitar que ele pudesse fazer semelhante cara. – Foi uma estranha cena aquela que se passou entre nós da última vez, Rodion Românovitch. Também da primeira vez em que nos vimos se passou entre nós uma cena estranha; mas então… Enfim, tanto faz. Olhe, eu vou dizer-lhe do que se trata. O fato é que eu me considero culpado para com o senhor; é o que eu sinto. Lembra-se da maneira como nos separamos? O senhor estava nervoso e as pernas tremiam-lhe; eu também tinha os nervos crispados e as pernas também me tremiam. E olhe: houve também qualquer coisa de irregular entre nós, algo de impróprio de um *gentleman*. E, no entanto, nós somos *gentlemen*, isto é, seja em que circunstâncias for e acima de tudo, *gentlemen*; não nos devemos esquecer. Bem, o senhor deve lembrar-se até onde é que as coisas chegaram… até à incorreção.

"Mas onde é que ele quererá chegar, por quem me toma ele?", perguntou a si próprio Raskólhnikov, estupefato, erguendo a cabeça e olhando Porfíri de alto a baixo.

– Reconsiderei que, agora, é melhor procedermos com franqueza – continuou Porfíri Pietróvitch, inclinando um pouco a cabeça e

desviando os olhos, como se não quisesse mais inibir a sua antiga vítima e como se desprezasse agora os seus antigos lemas e artimanhas. – Porque, de fato, essas suspeitas e cenas semelhantes não podem prolongar-se por muito tempo. Mikolka veio interromper-nos nessa ocasião; mas, senão fosse isso, não sei até onde teríamos chegado. Esse maldito operário tinha-se posto a escutar em minha casa, do outro lado do tabique… Já sabia, não é verdade? O senhor, com certeza que já sabe; e eu também não ignoro que, depois, veio vê-lo; mas, daquilo que o senhor, então, supunha, não havia nada; eu não mandara chamar ninguém, nem tomara ainda disposição nenhuma. Há de perguntar por que é que eu não tomara disposição nenhuma. Mas que vou lhe dizer? Tudo isso, então, me desorientara. E ainda bem que mandei chamar os porteiros (o senhor teria visto entrar os porteiros?). Então me ocorreu uma ideia, rápida como o relâmpago; repare: eu estava então convencido, Rodion Românovitch. "Ora… – pensava eu – ainda que o deixe à solta, por agora, a qualquer dos outros, em compensação, apanho-os pelos fundos das calças, e a este, quanto a este, pelo menos, não o largarei." O senhor é muito irritável por natureza, Rodion Românovitch, até em excesso, e isso a par de todas as outras propriedades fundamentais do seu caráter e do seu coração, que eu me gabo de conhecer um pouco. Bem; eu, não há dúvida de que, então, não podia ainda deixar de dizer a mim mesmo que nem todos os dias acontece isto de vir um indivíduo que se põe a contar a uma pessoa tudo o que tem na alma. Embora isto aconteça algumas vezes, sobretudo quando a paciência dele acabou, seja como for, não é frequente. Eu não podia deixar de compreender isto. "Não – penso eu – concedam-me nem que seja apenas um só pequeno ponto de apoio. Por muito pequenino que seja e ainda que seja um apenas, mas de tal gênero que o possa agarrar com as mãos, que seja uma coisa e não apenas psicologia. Porque – dizia eu para comigo – se o indivíduo é culpado, já se pode, sem dúvida alguma, esperar dele algo de real, e até é lícito contar com o resultado mais imprevisto." Eu contava com o seu caráter, Rodion Românovitch; apenas com o seu caráter. Nessa altura tinha muitas ilusões a seu respeito!

– Mas… a que propósito vem tudo isso? – resmungou, finalmente, Raskólhnikov, até sem pensar na pergunta. – "A que se referirá ele?" – dizia para consigo, embrenhando em suposições. – Será o caso de que

ele, no fundo, me considere culpado?

– A que propósito lhe digo eu tudo isto? É que vim dar-lhe uma explicação que, por assim dizer, considero um dever sagrado. Quero explicar-lhe tudo, com todas as letras; como se passou toda esta história dessa, por assim dizer, dessa miragem de então. Eu o fiz sofrer muito, Rodion Românovitch. Mas eu não sou nenhum monstro. Fique sabendo que compreendo até que ponto tudo isto pode afetar um homem, abatido pelo destino, mas altivo, dominante e impaciente; sobretudo, impaciente. Eu, no entanto, considero-o uma excelente pessoa, até com lampejos de grandeza de alma, embora não concorde consigo nas suas convicções, do que considero dever meu informá-lo, antes de mais nada, francamente e com a maior sinceridade, porque, acima de tudo, não quero enganá-lo. Quando o conheci, senti pelo senhor uma grande simpatia. Pode ser que dê risada ao ouvir as minhas palavras. Tem razão para isso. Sei que, para o senhor, desde o primeiro momento que lhe fui antipático, porque realmente não tenho nada de simpático. Mas, pense o que pensar, eu, agora, por meu lado, devo desfazer essa má impressão por todos os meios e demonstrar-lhe que eu também sou um homem de coração e de consciência. Estou falando com toda a sinceridade.

Porfíri Pietróvitch fez uma pausa e tomou um ar digno. Raskólhnikov sentia-se profundamente admirado. A ideia de que Porfíri o considerava culpado começou, de repente, a assustá-lo.

– Contar-lhe tudo pela ordem em que tudo aconteceu então, julgo que não é necessário – continuou Porfíri Pietróvitch – e até o considero supérfluo. E, além disso, não vejo como poderia fazê-lo. Porque, como havia eu de explicar-lhe circunstanciadamente? Em primeiro lugar, surgiram boatos. Onde tiveram origem estes boatos, quem, quando e a que propósito é que vieram a pensar em si especialmente… também é desnecessário referir. Pelo que me diz respeito, a coisa começou casualmente, por um acaso dos acasos, que tanto podia ser como não ser, absolutamente… Qual? Hum! Acho que também será inútil falar disto. Tudo isto, boatos e casualidades, se fundiu então, em mim, numa só ideia. Confesso-lhe francamente, já que estamos na hora das confissões, e é preciso haver uma confissão geral, que… o primeiro a reparar no senhor, então, fui eu. Aquelas

anotações da velha nos objetos, etc., etc., tudo isto é um absurdo. Pormenores como esses podem encontrar-se às centenas. Tive também então oportunidade de conhecer a cena do Comissariado, com todos os pormenores, por pura casualidade, e não levianamente, mas da boca de uma testemunha minuciosa que, sem o suspeitar, fixara maravilhosamente a cena. Olhe, meu caro Rodion Românovitch, todas essas coisas, todas essas coisas se foram ligando umas às outras, umas às outras. Bem; estando as coisas neste pé, como não havia eu de me inclinar para certo lado? "De cem coelhos, nunca se faz um cavalo; de cem suspeitas, nunca se faz uma prova", diz um provérbio inglês, e veja quanta cautela encerra; mas as paixões… experimente lutar contra as paixões, porque o juiz também é homem. Lembrei-me então igualmente do seu artigo naquele jornal, recorda-se? do qual já me falou pormenorizadamente, na sua primeira visita. Eu, então, dei risada, mas foi para o levar a falar. Repito-lhe que o senhor é muito impaciente e irritável, Rodion Românovitch. Tive também ocasião de verificar que era temerário, arrebatado, e que sentira, sentira já muito, e tudo isso eu já sabia muito antes. Eu já conhecia todas essas sensações e li o seu artigo como qualquer coisa que me era familiar. Fora concebido em noites de insônia e de desespero, com palpitação e baques de coração, com um entusiasmo reprimido. Como é perigoso esse entusiasmo reprimido, orgulhoso, na juventude! Eu, então, troçava; mas agora lhe digo que me agrada muitíssimo, de maneira geral – falo como apaixonado – esse primeiro ensaio juvenil, fogoso, da sua pena. Vapores, brumas, a corda vibra por entre as névoas… O seu artigo é absurdo e fantástico; mas palpita nele a sinceridade, há nele orgulho juvenil indomável, respira-se ali a ousadia do desespero; é sombrio, o seu artigo; mas está bem feito. Li, separei-o, e… quando assim procedi, pensei: "Um homem destes não se contenta com isto!". Por isso diga-me agora: como é que, após um tal começo, não podia eu, depois, augurar a continuação? Ah, meu Deus! Mas estou eu dizendo alguma coisa? Afirmo eu alguma coisa, porventura? Por então, limitava-me a observar. "Que haverá em tudo isto? – pensava – Pois, em tudo isto, não há nada, simplesmente nada, é provável que não haja absolutamente nada." E, atirar-me nessas deduções, eu, um juiz, era até altamente indecoroso. Então caiu nas minhas mãos Mikolka, e já contava com fatos… aí, diga-se o que se disser, havia fatos. E recorri também à psicologia, era preciso pensar, pois tratava-

se de um assunto de vida ou de morte. Mas, por que lhe explico eu agora tudo isto? Para que fique sabendo e, na sua inteligência e no seu coração, me considere culpado por aquela minha má conduta. Não procedia de má-fé, digo-lhe sinceramente, he… he! Que pensava o senhor? Que eu não iria fazer uma busca em sua casa? Pois sim; ela aconteceu, ela aconteceu… he, he!; aconteceu, quando o senhor estava doente, na cama. Não oficialmente, e na sua própria cara; mas foi feita. Examinamos até à última insignificância que havia no seu quarto, como primeira diligência; mas… mas… *umsonst*[55]. Então eu pensei: "Agora esse indivíduo há de aparecer, ele mesmo se apresentará, e muito em breve; desde que seja culpado, não deixará de aparecer. Outro, não viria, mas este, sim, há de vir". E lembra-se de como o senhor Razumíkhin se pôs a censurá-lo? Tínhamos imaginado isso para o incitar, a si, à revolta, porque eu fiz correr intencionalmente o boato para que ele ralhasse consigo, pois o senhor Razumíkhin é um homem incapaz de dominar a sua indignação. O que chocou o senhor Zamiótov, em primeiro lugar, foi a sua cólera e a sua evidente ousadia; sobretudo aquilo que o senhor lhe atirou à cara, de repente, na taberna: "Eu matei!". Demasiado audaz, demasiado brusco, e, se é culpado, acho que é um tremendo campeão! O que eu disse para mim mesmo, então, foi isto: "Esperarei!". E esperava-o com o maior ardor, ao passo que, a Zamiótov, o senhor tinha deixado simplesmente cheio de pavor… E olhe, o caso é este: a culpa, quem a tem é essa maldita psicologia de dois gumes. Bem; eu fico à sua espera; olhe, foi Deus quem o entregou a mim. Veio! Eu tive mesmo um pressentimento! Ah! Bem; por que veio o senhor, então? Aquelas suas risadas quando entrou, aquelas risadas, lembra-se? Adivinhei tudo através delas como de um cristal; mas se eu não estivesse à espera, como estava, não teria notado nada. Por aqui já pode ver o que significa estar de sobreaviso. Mas o Senhor Razumíkhin, nessa altura, lembra-se? Ah, Ah! E daquela pedra, daquela pedra… daquela pedra autêntica, debaixo da qual estão enterrados os objetos? Eu estou a vê-lo, ali, no pátio… porque o senhor falou primeiro de pátio a Zamiótov, e depois falou-me a mim pela segunda vez. Mas quando começamos a discutir o seu artigo, quando o senhor se pôs a explicar… cada uma das suas palavras continha um duplo sentido, como se debaixo delas houvesse outra coisa. Aqui está, senhor Rodion Românovitch, a maneira como a minha convicção se firmou pouco a

pouco, e depois, quando tinha já certeza, caí em mim: “Não – disse comigo – mas que faço eu? Para que hei de querer tudo isto, até ao último pormenor? – disse – tudo isto pode ser explicado de outra maneira e até será mais natural”. Que suplício! “Não – pensei – convinha-me muito mais uma provazinha.” E então, quando soube das tais tocadelas de campainhas, quase que fiquei cheio de tremores. “Vamos – disse para comigo – já tenho a prova! Já tenho uma…” Porque eu, então, nem me detinha a refletir, não queria. Nesse momento seria capaz de dar mil rublos do meu bolso particular somente para ter podido vê-lo com os meus próprios olhos, quando andou aqueles cem passos juntamente com o operário, depois de ele lhe chamar assassino na sua própria cara, sem se atrever, durante esses cem passos que andou com ele, a perguntar-lhe o motivo por que ele o apostrofava assim… E esse tremor na espinha? Aquelas tocadelas de campainha foram obra da doença, do estado de quase delírio em que se encontrava! Vamos ver, ora diga-me, Rodion Românovitch, por que é que havia de se espantar, depois disso, que eu lhe dissesse umas gracinhas? E por que se apresentou espontaneamente naquele instante? Poderia dizer-se que alguém o impelira, e juro que se não tivessem chegado a levar-me ali Mikolka… então, lembra-se de Mikolka, nesse dia? lembra-se bem? Aquilo foi um autêntico raio que tivesse caído das nuvens, uma faísca de tempestade. A maneira como eu o recebi! Não acreditei nem um pouco, nesse raio, e bem o viu. E, além disso, depois, quando o senhor se retirou e ele começou a contar mais e mais concretamente alguns pontos, eu próprio fiquei admirado e não acreditei patavina do que ele disse. É isso que significa tornar-se duro como uma pedra. “Não – disse para comigo – *morgen früh*[56]. Ora este Mikolka!

– Razumíkhin acabou de dizer-me que o senhor, agora, considerava Nikolai como culpado, e até convencera disso o próprio Razumíkhin…

Faltou-lhe a respiração e não acabou. Ouvira com inexprimível comoção desdizer-se o homem que lhe adivinhara as intenções. Através de palavras ainda ambíguas, procurava avidamente captar algo de mais preciso e importante.

– O Senhor Razumíkhin! – exclamou Porfíri, como se tivesse

ficado contente com aquela pergunta de Raskólhnikov, que estivera calado até então. – He, he, he! Era conveniente não metermos nisto o Senhor Razumíkhin; com dois, dá gosto; três, são demais. Com o Senhor Razumíkhin, o caso é outro; é um homem estranho; veio procurar-me, muito pálido… Bem; Deus o proteja. Para que havemos de metê-lo nisto? Quanto a Mikolka, quer saber que espécie de homem é, de que maneira é que eu o compreendo? Em primeiro lugar é um rapazinho, ainda menor, e não é nenhum covarde, é assim, uma espécie de artista. Digo isto a sério, não se ria por eu defini-lo desta maneira. É um inocente, que fica impressionado com qualquer coisa. Tem coração e imaginação. Canta e dança, e conta histórias de tal maneira que até vêm pessoas de outras partes para o ouvir. Quando andava na escola, perante a mais insignificante brincadeira, caía no chão, rebolando de riso, e bebe até perder os sentidos, não por vício, mas às vezes, quando o fazem beber, por criancice. Já houve tempo em que roubou; mas ele não se apercebe disso, porque apanhar uma coisa do chão não é roubar. E sabe que ele é *raskólhnik*? Não é bem *raskólhnik*, mas simplesmente dissidente: na família dele houve desses a quem chamam vagabundos, e ele próprio, ainda há pouco tempo viveu no campo durante dois anos inteiros, sob a direção espiritual de um *stáriets*. Sei tudo isto pelo próprio Mikolka e pelos seus conterrâneos de Zaraisk. Mas, há mais: queria ir viver no deserto. Estava num estado de ardente fervor: implorava Deus durante a noite, lia e relia velhos livros, verdadeiros. Petersburgo causou-lhe grande impressão, sobretudo o belo sexo… bom, e há o álcool também. Deixou-se influenciar e esqueceu-se do *stáriets* e de tudo. Consta-me que havia aqui um artista que lhe ganhara amizade e se interessava por ele, quando, de repente, eis que surge este incidente. Bom, ficou colérico, furioso! Fugir! Mas que fazer, dada a ideia que as pessoas têm da nossa justiça? Para alguns, isso da justiça parece-lhes uma palavra tremenda. Quem é que tem a culpa disso? Esperemos que a nova jurisprudência arranje tudo. Oh, Deus o queira! Ora bem, agora, na prisão, deve ter-se lembrado, provavelmente, do *stáriets*, e a Bíblia também deve ter influído. Sabe o senhor, Rodion Românovitch, o que significa sofrer para essa gente, e não sofrer por algo determinado, mas, simplesmente, que é preciso sofrer? Significa aceitar o sofrimento, e, se for da parte do poder, tanto melhor. Houve no meu tempo um preso muito pacífico, que passou um ano inteiro na prisão,

e à noite, encarrapitado no fogão, lia e relia a Bíblia, e não se cansava de lê-la, até que, quer saber, um dia, sem nenhum motivo foi e pegou um tijolo e o jogou no diretor, sem ter recebido deste a menor ofensa. E como é que ele o jogou? Intencionalmente, de um *archin* de distância, para não lhe fazer mal nenhum. Pois bem, o senhor deve saber qual é o fim que espera o preso que atenta com armas contra os seus superiores; mas aquele queria precisamente aceitar a dor[57]. Pois, agora, eu suspeito também de que Mikolka, o que quer é aceitar a dor, inclusive é uma convicção apoiada em fatos. Simplesmente, ele ignora que eu sei. O senhor acha que entre essa gente não há também indivíduos fantásticos? Pois é muito frequente. O *stáriets* deve ter começado agora a influir nele, sobretudo diante da lembrança de que se quis enforcar. Mas, além disso, ele próprio vai acabar por me contar tudo. Acredita que não o fará? Aguardemos, vamos ver quem está certo! Espero, momento a momento, que ele venha desmentir sua declaração. Eu tenho simpatia por esse Mikolka, e estudo-o a fundo. E que pensa? Em alguns pontos respondeu-me muito concretamente, deu-me os pormenores que me faziam falta; pelo visto estava preparado; mas, sobre as outras questões, deixou uma lacuna, simplesmente: não sabe absolutamente nada, não dá pormenor algum, e nem sequer suspeita que não os deu. Não, *bátiuchka* Rodion Românovitch, não pode ser Mikolka. Isto é antes um assunto fantástico, sinistro, um assunto contemporâneo, um episódio do nosso tempo, em que o coração do homem anda tão torturado, em que se cita essa frase de que o "sangue remoça"; em que toda a vida se consome numa luta pelo bem-estar. Aqui, trata-se de… sonhos livrescos, de algum coração desesperado; aqui é notória a resolução de dar o primeiro passo, mas uma resolução de índole especial… e decidiu-se, sim, mas como quem se despenca por uma montanha abaixo ou se atira de cabeça, de uma torre, e pode ser dito literalmente que não foi levado ao crime pelos seus próprios pés. Esqueceu-se de fechar a porta atrás de si, e matou, matou duas pessoas, mas para pôr a sua teoria em prática. Matou; mas não conseguiu apoderar-se de dinheiro, e aquilo que conseguiu apanhar foi esconder debaixo de uma pedra. O menor tormento, para ele, ainda devia ter sido quando estava atrás da porta e começaram a sacudi-la e a puxar pela campainha… Não, depois, já no quarto vazio, quase em delírio, ao recordar aquela campainha devia ter sentido outra vez

calafrios na espinha… Bem, suponhamos que isto fosse devido à doença; mas repare também nisto; matou; mas tem-se por um homem honesto, despreza as pessoas e quer fazer-se passar por santo… E esse não foi Mikolka, meu caro Rodion Românovitch, esse não é Mikolka!

Estas últimas palavras, depois de tudo quanto foi dito anteriormente, tão semelhantes a uma retratação, eram muito inesperadas. Raskólhnikov tremia dos pés à cabeça.

– Então… quem… é o assassino? – perguntou, sem poder conter-se, com uma voz ansiosa.

Porfíri Pietróvitch encostou-se para trás na sua cadeira, como se essa pergunta o apanhasse também de imprevisto e o deixasse estupefato.

– Quem é o assassino? – repetiu, como se não acreditasse no que acabava de ouvir. – Pois o assassino é o senhor, Rodion Românovitch! É o senhor o assassino! – acrescentou, quase em voz baixa, num tom de absoluta convicção.

Raskólhnikov saltou do divã, permaneceu de pé uns segundos e tornou a sentar sem dizer uma palavra. Uma leve convulsão lhe correu, de súbito, por todo o rosto.

– Aí está o seu lábio tremendo como da outra vez – murmurou Porfíri Pietróvitch, quase compassivo. – Parece-me que o senhor, Rodion Românovitch, não me compreendeu – acrescentou, depois de um silêncio – e foi essa a causa do meu espanto. Eu vim precisamente para lhe dizer tudo e ventilar o assunto claramente.

– Eu não sou o assassino – balbuciou Raskólhnikov, tal qual uma criança assustada, quando é apanhada em flagrante.

– Sim, é o senhor, Rodion Românovitch; é o senhor e só o senhor – exclamou Porfíri com voz severa e convicta.

Ficaram ambos em silêncio, e esse silêncio foi de uma duração extraordinariamente longa, pois prolongou-se durante dez minutos. Raskólhnikov apoiou os cotovelos sobre a mesa e pôs-se a revolver a

cabeleira com os dedos. Porfíri Pietróvitch estava sentado e aguardava. De repente, Raskólhnikov olhou com desprezo para Porfíri.

– Voltou outra vez com as mesmas cantigas, Porfíri Pietróvitch! Tudo isto está de acordo com as suas máximas. Como é que, no fundo, isso não acaba por aborrecê-lo?

– E, deixe-se disso! Que têm que ver, agora, as minhas máximas? Se houvesse testemunhas seria outra coisa; mas repare que estamos os dois falando sozinhos! O senhor bem vê que eu não vim a sua casa para tirá-lo da sua toca e caçá-lo como uma lebre. Quer o reconheça, quer não, a mim, neste momento, tanto faz. Eu, para mim, estou convencido, embora o senhor negue.

– Então, se é assim, para que veio? – perguntou Raskólhnikov, nervoso. – Torno a fazer-lhe a pergunta da outra vez: se me considera culpado, por que não me prende?

– Olhem que pergunta! Mas vou responder-lhe ponto por ponto; em primeiro lugar, porque não me convém mandá-lo prender, ao senhor, do pé para a mão.

– Não lhe convém! Se o senhor está convencido, é esse o seu dever!

– Ah, que importa que eu esteja convencido? Até agora, tudo isto são fantasias minhas. E por que havia eu de mandá-lo para lá, para

“descansar”? O senhor bem sabe, já que pergunta. Se eu trouxesse, por exemplo, o tal operário, para fazer declarações contra a sua pessoa, o senhor podia responder-lhe: “Mas tu não estarás bêbado? Quem é que nos viu juntos? Limito-me a tomar-te simplesmente por um bêbado e, de fato, estavas bêbado…”. Que poderia eu objetar a isto, tanto mais que a sua resposta resultaria mais verossímil que a dele, visto que as suas declarações não teriam outro fundamento senão a psicologia, ao passo que o senhor teria acertado no alvo por toda a gente saber que esse animal bebe como uma esponja! Não lhe confessei eu ao senhor, sinceramente, por mais de uma vez, que essa psicologia tem dois gumes e que o segundo oferece mais verossimilhança do que o primeiro, e que, além disso, eu não disponho, por agora, de nada de positivo para alegar contra o senhor? Vou mandar prendê-lo, sem dúvida, e embora eu tenha vindo (contra todas as regras) avisá-lo disso, declaro-lhe, no entanto (também contra as regras), que não me convém fazer isso. Em segundo lugar, vim para…

– Por que em segundo lugar? – Raskólhnikov continuava a ouvi-lo ainda arquejante.

– Já lhe disse: porque lhe devo explicações; não quero que o senhor me tome por um monstro, tanto mais que, quer acredite, quer não, tenho as melhores intenções a seu respeito. Por conseguinte, e esse é o terceiro ponto, vim fazer-lhe uma proposta franca e sem segunda intenção: exorto-o a que faça rebentar o tumor indo o senhor mesmo denunciar-se. Para o senhor, será infinitamente mais vantajoso, e também o será para mim, porque me verei livre deste peso. Então? Não sou bastante franco?

Raskólhnikov refletiu ainda um instante.

– Olhe, Porfíri Pietróvitch, foi o senhor mesmo quem disse: em tudo isto não há mais do que psicologia e, no entanto, o senhor invoca a matemática. E se estivesse enganado neste momento?

– Não, Rodion Românovitch. Seja como for, por outro lado, eu, a partir deste momento, já não tenho o direito de contemporizar; devo prendê-lo e vou fazer isso. Por isso, pense; agora já pouco me importa a sua atitude e só o faço atendendo ao seu interesse. Ponho Deus por

testemunha, Rodion Românovitch, o melhor é o senhor mesmo ir denunciar-se.

Raskólhnikov riu-se maquinalmente.

– De fato, isto já deixa de ser ridículo, para ser simplesmente insolente. Ainda que eu fosse culpado (declaração que eu não fiz, de modo nenhum), por que havia eu de ir entregar-me, uma vez que foi o senhor mesmo quem me disse que lá, na prisão, eu descansaria?

– Eh, Rodion Românovitch, não tome as minhas palavras à letra! Isso está muito longe de ser um descanso. Trata-se simplesmente de uma teoria pessoal, que eu sustento. Mas que autoridade sou eu para o senhor? Talvez eu, neste momento, lhe esconda qualquer coisa. O senhor não pode ter a pretensão de receber de uma vez todas as minhas confidências e utilizá-las a seu bel-prazer. Quanto ao segundo ponto: que vantagem trará isso para o senhor… faz uma ideia da comutação de pena que poderia alcançar assim? Pense nisso. Se for outro a tomar conta do assassinato e a dar um novo aspecto à causa… Pelo que me respeita, juro perante Deus que hei de tomar tais disposições e hei de mexer-me de tal maneira que o senhor há de sair o melhor possível deste passo, sem disso nem suspeitar. Poremos de lado todos estes suportes psicológicos. Reduzirei a nada as suspeitas que levantaram contra o senhor, de maneira que o seu crime pareça o resultado de uma obsessão, visto que, no fim de contas, foi isso, uma obsessão. Eu sou um homem honesto, Rodion Românovitch, e cumprirei a minha palavra.

Triste e silencioso, Raskólhnikov baixou a cabeça, refletiu longamente e, por fim, sorriu de novo, mas com um sorriso doce e melancólico.

– Não é preciso – disse, sem pensar sequer em fingir perante Porfíri. – Não vale a pena, não preciso da sua indulgência!

– Era isso, precisamente, o que eu receava! – exclamou Porfíri com impetuosidade involuntária. – Era isso o que eu temia: que não quisesse aceitar a minha indulgência.

Raskólhnikov lançou-lhe um olhar triste e penetrante.

– Não tenha esse desgosto de viver – continuou Porfíri – porque ainda tem um longo caminho à sua frente! Como é que não há de ter necessidade de indulgência, como é que não há de tê-la? O senhor é muito exigente!

– Que perspectiva me espera?

– A vida! O senhor é profeta para saber tantas coisas? Procure que encontrará. Pode ser que Deus esteja lá à sua espera. A prisão não será perpétua.

– Haverá diminuição de pena… – disse Raskólhnikov sorrindo.

– O quê? Seria possível que o coibisse uma falsa vergonha burguesa? Pode ser que assim seja, sem o senhor o compreender, porque é novo. Mas o senhor não devia ter medo nem sentir vergonha de confessar o mal que o corrói.

– Eu cuspo em tudo isso! – exclamou Raskólhnikov com nojo e desprezo, e sem parecer decidido a falar. Fez até menção de ficar em pé, como se pensasse em sair; mas tornou a sentar, visivelmente desesperado.

– Cuspa, se quiser! O senhor é desconfiado e pensa que eu estou tentando levá-lo de uma maneira grosseira. Mas, é possível que já tenha vivido tanto? Que sabe o senhor de todas essas coisas? Imaginou uma teoria e está muito envergonhado por ela ter falhado, e por verificar que o que dela resultou é muito pouco original! Bem pior é o que ela lhe fez; mas, o senhor, apesar de tudo, não é um velhaco sem remédio! O senhor não é nenhum patife, de maneira nenhuma. O senhor, pelo menos, não hesitou; pôs as cartas todas na mesa, desde o primeiro momento. Sabe o que é que eu penso do senhor? Considero-o como um desses homens que antes se deixariam cortar em pedaços do que serem abatidos, e olhariam sorrindo para os seus verdugos, contanto que possuíssem uma fé qualquer ou acreditassem em Deus. Pois bem: encontre estas coisas e viverá. Em primeiro lugar, há muito tempo já que o senhor precisa mudar de ares. O sofrimento também é uma boa coisa. Sofra. Talvez Mikolka tenha razão em querer sofrer. Eu sei que o senhor não acredita em nada. Mas não queira ser tão radical. Abandone-se francamente à corrente da vida, sem raciocinar; afugente

as inquietações, que ela mesma o conduzirá diretamente à margem e tornará a pôr-se de pé. Que margem será essa? Como vou saber? Eu acredito unicamente que ainda tem muito que viver. Já sei que tudo isto que neste momento lhe digo soa aos seus ouvidos como um sermão aprendido de memória; mas talvez mais tarde venha a repetir para si mesmo estas palavras, que então poderão ser-lhe proveitosas; é por isso que as digo. Ainda foi uma grande sorte não ter matado senão uma velha má. Se lhe tivesse ocorrido outra teoria, teria cometido uma ação mil vezes pior… Talvez ainda deva dar graças a Deus… Quem sabe? Pode ser que Deus o tenha reservado para qualquer coisa. Eleve o seu coração e não seja tão covarde. Sente medo da grande tarefa que tem a cumprir? Seria vergonhoso sentir esse medo! Já que passou a fronteira, não pense em retroceder. Há aqui uma questão de justiça… Realize aquilo que a justiça exige. Já sei que não me acredita; mas ponho Deus por testemunha de como a vida há de ser mais forte. Não tardará a tomar-lhe apego. Hoje, aquilo de que precisa é apenas de ar. Precisa de ar, ar!

– Mas quem é o senhor – exclamou – para adotar esse tom de profeta? Desde o alto de que Sinai está o senhor a proferir essas sentenças?

– Quem sou eu? Sou um homem acabado, nada mais. Um homem sensível, simplesmente, e que sente compaixão; não completamente despossuído de saber, mas completamente gasto. Quanto ao senhor, é outra coisa. Deus reserva-lhe a vida (e quem sabe se tudo isto não se desvanecerá da sua memória, como uma fumarada, sem deixar rastro?). Que importa que agora forme parte de outra categoria de pessoas? Com um caráter como o seu, irá o senhor sentir a falta das comodidades? Ou será o estar preso muito tempo, longe de todos os olhares? O tempo, em si mesmo, não é nada; quem importa é o senhor mesmo. Transforme-se num sol e todo o mundo o verá. O sol deve ser, antes de tudo, sol. Por que outra vez esse sorriso? Pensa que eu estou recitando Schiller? Era capaz de apostar qualquer coisa em como imagina que eu estou querendo passar-lhe a conversa com lisonjas! Juro que é muito possível, he, he, he! Pois bem, Rodion Românovitch, não creia em mim pelas minhas palavras, nem acredite absolutamente nada do que eu lhe digo; eu cumpro o meu dever, estou de acordo;

mas quero apenas acrescentar uma coisa, que é esta: compete-lhe ao senhor avaliar se eu sou um homem honesto ou um patife.

– Quando é que pensa prender-me?

– Ainda posso deixá-lo passear livremente durante um dia e meio ou dois dias. Reflita, meu amigo; vá pedindo a Deus, que com ele sairá ganhando, afirmo-lhe eu, sairá ganhando.

– E se eu fujo? – perguntou Raskólhnikov, sorrindo com um ar estranho.

– Não, o senhor não fugirá. Fugiria um camponês, um partidário das ideias em voga, lacaio do pensamento alheio, porque basta pôr-lhe a mão em cima uma vez para que acredite em tudo quanto uma pessoa quiser. Mas vamos ver: o senhor também acredita nas suas teorias? Portanto, como é que havia de fugir? E, como fugitivo, que existência levaria? A vida do fugitivo é indigna e penosa, e o senhor precisa, primeiro que tudo, de uma vida tranquila, ordenada, de uma atmosfera que seja sua, e, algures, no estrangeiro, não estaria no seu ambiente. Se partisse, voltaria. Não poderia passar sem nós. Quando eu o tiver metido na prisão, passado um, dois, ou, digamos, três meses, as minhas palavras vão voltar-lhe à memória, vai confessar a si mesmo e talvez no instante em que menos o espere. Uma hora antes ainda o senhor não saberá que está maduro para essa confissão. Estou até convencido de que acabará por aceitar o sofrimento. Neste momento não acredita no que eu lhe digo; mas há de chegar a sua hora. A dor, Rodion Românovitch, é, de fato, uma grande coisa. Não se admire de me ouvir falar assim, eu, um homem que conta com o bem-estar; sei muito bem que isto faz sorrir; mas há um sentido na dor e Nikolai tem razão. O senhor não fugirá, Rodion Românovitch.

Raskólhnikov levantou do seu lugar e pegou o gorro. Porfíri levantou também.

– Tenciona dar um passeio? Vai fazer uma tarde bonita, desde que não se levante uma tempestade. Embora, no fim de contas, talvez fosse melhor, pois refrescaria a atmosfera.

Pegou também o seu gorro.

– Porfíri Pietróvitch – insistiu Raskólhnikov em tom duro – seria bom que não enfiasse na cabeça que eu, hoje, lhe fiz confissões. O senhor é tão estranho, que eu estive a escutá-lo por pura curiosidade. E não lhe confessei absolutamente nada. Não se esqueça disso.

– Bem sei, bem sei, e não me esqueço. Mas veja como está tremendo. Não se preocupe, meu amigo, respeitaremos a sua vontade. Vá dar um passeiozinho; mas não vá muito longe. De toda a maneira, tenho de fazer-lhe um pequeno pedido – acrescentou, baixando a voz – é uma coisa delicada, mas tem a sua importância: no caso de ter a intenção, embora eu não creia, considero-o incapaz disso, mas é bom prever-se tudo; no caso de lhe ocorrer a ideia, durante estas quarenta e oito horas, de acabar com a existência e atentar contra a sua vida (desculpe-me esta suposição absurda), deixe então uma cartinha suficientemente explícita. Apenas duas linhas, duas simples linhazinhas, indicando onde se encontra aquela pedra; isso será mais cavalheiresco. Bem, vamos lá… até à vista… Queira Deus que lhe ocorram bons pensamentos e que os ponha em prática.

Porfíri saiu. Poderia dizer-se que o seu corpo se dobrava, que evitava olhar para Raskólhnikov. Este foi até à janela e esperou com impaciência febril o momento em que, segundo os seus cálculos, o juiz de instrução já teria saído e afastado suficientemente. Depois saiu também do quarto, a toda a pressa.

## Capítulo III

Era-lhe urgente ver Svidrigáilov. O que podia esperar desse homem, nem ele mesmo sabia. Mas esse homem exercia sobre ele um poder misterioso. A partir do momento em que compreendera isto, deixara de ter sossego e, além disso, já chegara o momento de deixar tudo claro.

Durante o caminho houve uma pergunta que, sobretudo, o torturava: teria Svidrigáilov falado com Porfíri? Tanto quanto ele podia perceber… não tinha. Raskólhnikov era capaz de jurar que não. No entanto, Raskólhnikov evocou ainda a visita de Porfíri, e ia sempre parar a esta conclusão: não, Svidrigáilov não se encontrara com o juiz

da instrução, não tinha, com certeza!

Mas, se Svidrigáilov ainda não tinha ido, iria ou não procurar Porfíri? Pelo menos, de momento, parecia-lhe que essa visita não se realizaria. Por quê? A razão disso, não sabia; mas se lhe fosse possível explicá-lo, também não cansaria a cabeça por causa disso. Tudo isso o torturava, mas, ao mesmo tempo, esse ainda era o mais pequeno dos seus cuidados. Coisa estranha e até difícil de acreditar: a sua sorte atual, imediata, o preocupava muito pouco e pensava nela distraidamente. O que o atormentava era outra coisa, algo muito mais grave e excepcional, que só a ele dizia respeito, mas que era diferente e de capital importância. Experimentava, além disso, uma enorme lassidão moral, apesar de nessa manhã se encontrar em melhores condições para raciocinar que nos dias anteriores.

E, além disso, depois de tudo quanto acabava de acontecer, que necessidade tinha ele agora de procurar vencer todas essas míseras dificuldades, que de novo surgiam no seu caminho? Valia a pena, por exemplo, procurar enredar com Svidrigáilov para que este não fosse procurar Porfíri, perder tempo a desmascarar e desarmar um Svidrigáilov qualquer? Já estava farto de tudo isso. E, no entanto, corria em busca de Svidrigáilov; não poderia dar-se o caso de haver qualquer coisa de novo a esperar dele, alguma indicação, algum meio de acabar com aquilo tudo? Às vezes sucede agarrarmo-nos a uma palha! Não se daria o caso de o destino ou o instinto os impelir um para o outro? Talvez no caso de Raskólhnikov se tratasse simplesmente de cansaço, de desespero; talvez tivesse necessidade, não de Svidrigáilov, mas de outra pessoa; se ia atrás deste era porque não tinha outro recurso. E Sonha? Mas por que havia de ir ver Sonha naquele momento? Para mendigar de novo as suas lágrimas? Além disso, Sonha inspirava-lhe espanto. Sonha representava a sentença irrevogável, sem apelação. Ir vê-la era abdicar. Naquele instante, sobretudo, não se sentia capaz de suportar a sua presença. Portanto, não valia mais tentar a sorte com Svidrigáilov? Por que não, afinal? Não podia deixar de reconhecer no fundo de si mesmo que, havia já muito tempo, aquele homem lhe era necessário. Mas, no entanto, que podia haver entre eles de comum? Aquele homem, inclusive, tinha algo de extraordinariamente antipático; era, evidentemente, um

libertino consumado, cauteloso e manhoso com toda a segurança; talvez até um refinado malandro. Corriam acerca dele muitas histórias desse gênero. É certo que tomara a seu cargo os filhos de Ekatierina Ivânovna; mas sabia-se lá com que intenção? Um homem da sua laia, com certeza que andava tramando qualquer coisa.

Havia já vários dias que um certo pensamento assaltava e obcecava Raskólhnikov, o qual tentava em vão afugentar, tão doloroso lhe era. Às vezes dizia para consigo: "Svidrigáilov anda sempre a dar voltas junto de mim e, neste momento, está a rondar-me; Svidrigáilov descobriu o meu segredo: Svidrigáilov teve intenções sobre Dúnia. E se agora ainda as tivesse? Pode-se quase afirmar que sim, sem receio de engano. Agora que conhece o meu segredo e estou na sua mão, de certa maneira, irá servir-se disso como de uma arma contra Dúnia?".

Essa ideia, às vezes até em sonhos o perturbava, mas a primeira vez que lhe surgiu à consciência, com toda a clareza, foi no momento em que se dirigia para casa de Svidrigáilov. Bastou esse pensamento para lhe provocar um surdo ataque de raiva. Em primeiro lugar, a situação mudava por completo, até mesmo naquilo que pessoalmente o afetava; não tinha outro remédio senão revelar o mais depressa possível o seu segredo a Dúnia. Não faria bem em ir ele próprio denunciar-se, com o fim de pôr Dúnia a salvo de algum passo imprudente? E aquela carta? Dúnia recebera nessa mesma manhã uma carta? Quem é que, em Petersburgo, poderia escrever-lhe? Seria de Lújin, essa carta? É certo que Razumíkhin era uma boa sentinela, mas Razumíkhin não sabia de nada. Não faria bem em ser franco com Razumíkhin? Mas, perante essa ideia, Raskólhnikov experimentou uma sensação de espanto.

"Seja como for, é preciso ir imediatamente procurar Svidrigáilov – decidiu finalmente. – Graças a Deus, os pormenores têm aqui menos importância que o fundo do assunto; mas se for capaz disso… desde que Svidrigáilov intente a menor coisa contra Dúnia, nesse caso…"

Raskólhnikov estava tão esgotado por aquele longo mês de lutas e comoções que não se sentia capaz de resolver questões semelhantes senão com estas palavras de frio desespero: "Nesse caso, terei de matá-lo". Um doloroso sentimento lhe oprimia o coração; parou no meio da

rua e girou os olhos à sua volta. Que caminho seguira? Onde é que se encontrava? Encontrava-se na avenida de X***, a trinta ou quarenta passos do Mercado do Feno, que atravessara. O primeiro andar do prédio da esquerda era completamente ocupado por uma taverna. Todas as janelas estavam abertas de par em par. A taberna, a avaliar pelas figuras que assomavam às janelas, estava apinhada. Da sala, onde tocavam clarinete e violino, ao compasso de um repique de tambor, chegava um rumor de canção. Ouviam-se gritos agudos de mulher. Estava Raskólhnikov quase decidido a voltar atrás, a si mesmo perguntando por que tomara o rumo da avenida X***, quando, de súbito, numa das últimas janelas do estabelecimento, descobriu Svidrigáilov, de cachimbo na boca, sentado a uma mesa de chá[58]. Sentiu um grande assombro, mesclado de terror. Svidrigáilov observava-o e contemplava-o em silêncio, e o que acabou de deixar Raskólhnikov estupefato foi que lhe pareceu ter notado que Svidrigáilov queria levantar e escapulir suavemente antes que ele o visse. Raskólhnikov fingiu não o ter visto e olhou para o outro lado com ar perplexo, embora sem o perder de vista pelo canto do olho. O coração pulsava-lhe de angústia. Era isso, sem dúvida, Svidrigáilov queria passar despercebido. Tirou o cachimbo da boca e procurou esconder-se, mas ao ficar em pé para afastar a cadeira reparou, provavelmente, que Raskólhnikov o tinha visto e o estava contemplando. Passou-se entre ambos qualquer coisa semelhante à cena do seu primeiro encontro em casa de Raskólhnikov, no momento em que este dormia. Um sorriso de velhacaria assomou ao rosto de Svidrigáilov que, aliás, se pavoneou. Um e outro se sabiam mutuamente espiados. Até que por fim Svidrigáilov rompeu numa estrepitosa gargalhada.

– Vamos, vamos! Entre, se quiser, eu aqui estou! – gritou da janela.

Raskólhnikov subiu à taberna.

Encontrou Svidrigáilov num pequeno gabinete traseiro, contíguo a um salão, onde, diante de umas vinte mesinhas, uma multidão de comerciantes, de funcionários e de pessoas de todos os gêneros tomava chá por entre a horrível algazarra dos cantadores, que berravam em coro. De qualquer lugar chegava um barulho de bolas de

bilhar entrechocando-se. Svidrigáilov tinha na sua frente, em cima da mesa, uma garrafa de champanhe e um copo meio esvaziado. Havia também nesse pequeno gabinete um rapazinho que tocava realejo, acompanhado de uma cantora, uma mocetona de uns dezoito anos, bochechuda e corada, embrulhada numa saia às listas, de mangas arregaçadas e com um chapéu tirolês de fitas. Cantava umas coplas vulgares, apesar do coro ruidoso que se elevava do salão vizinho, acompanhada pelo realejo, com uma voz de contralto, muito zombeteira.

– Vamos! Já chega! – interrompeu-a Svidrigáilov, quando Raskólhnikov entrou.

A moça suspendeu a cantoria e ficou aguardando numa atitude respeitosa. Até quando estava cantando aquelas brejeirices com acompanhamento de música, também conservava no rosto essa mesma expressão de respeito e gravidade.

– Eh, Filip, um copo! – gritou Svidrigáilov.

– Eu não bebo vinho – disse Raskólhnikov.

– Como quiser, mas não estava chamando por sua causa. Vamos Kátia, bebe e vai-te embora! Já não preciso de ti.

Ofereceu-lhe um copo de vinho e meteu-lhe na mão uma pequena nota. Kátia bebeu o vinho como as mulheres costumam fazê-lo, sem tirar os lábios do copo, em vinte golinhos; depois pegou na nota, beijou a mão de Svidrigáilov, que a deixou beijar com o ar mais sério deste mundo, e abandonou a sala, seguida do rapaz do realejo. Eram ambos filhos da rua. Svidrigáilov estava apenas há oito dias em Petersburgo, mas já se encontrava aí tão à-vontade como na aldeia. O moço da sala, Filip, era já seu conhecido, e arrastava-se de um modo servil. Uma volta de chave na porta e Svidrigáilov estava ali como em sua casa, seria até possível que passasse ali dois dias inteiros. Aquela taberna suja, reles, nem sequer como de segunda categoria podia classificar-se.

– Ia a sua casa e andava à sua procura! – começou Raskólhnikov. – Mas, não sei por que, de repente torci para a avenida X***, ao sair

do Mercado do Feno! Nunca passo nem venho por aqui. Volto sempre à direita do Mercado. Este também não é o caminho para ir a sua casa. E ainda mal dera a volta, eis senão quando o vejo; é estranho!

– Por que não diz o senhor, simplesmente, que é um milagre?

– Porque pode ser que não passe de casualidade.

– Que tipos tão engraçados! – disse Svidrigáilov pondo-se a rir. – Ainda que estejam intimamente convencidos do milagre, não querem reconhecê-lo! O senhor é o próprio a dizer que pode ser que não se trate senão de uma casualidade. E como são covardes a respeito das suas opiniões; o senhor não pode fazer uma ideia, Rodion Românovitch! O senhor possui uma opinião pessoal e não teve medo de tê-la. Foi precisamente por isso que despertou a minha curiosidade.

– Só por isso?

– E já é bastante!

Era visível que Svidrigáilov se encontrava num estado de excitação, mas não muito acentuado; não bebera mais do que meio copo de vinho.

– Tenho a impressão de que o senhor veio ao meu encontro ainda antes de saber se eu tinha ou não aquilo que chama uma opinião pessoal – insinuou Raskólhnikov.

– Nessa altura era diferente. Cada um procede à sua maneira. Pelo que respeita ao milagre, posso dizer que lhe noto uma cara como se tivesse estado a dormir durante estes dois ou três últimos dias. Eu próprio lhe indicara esta taberna, por isso não é nada estranho que tivesse vindo direto aqui. Eu lhe dissera o caminho que devia seguir, o lugar em que fica e as horas a que podia encontrar-me aqui. Não se lembra?

– Tinha esquecido – respondeu Raskólhnikov surpreendido.

– Acredito; mas eu disse duas vezes. O endereço deve ter se gravado maquinalmente na memória e maquinalmente o senhor se encaminhou para aqui, sem se lembrar já bem ao certo do endereço.

Aliás, eu não tinha a menor ilusão de que estivesse a escutar-me enquanto eu lhe falava. O senhor é demasiado distraído, Rodion Românovitch. E, além disso, estou convencido de que há muitas pessoas, em Petersburgo, que andam pelas ruas falando sozinhas, Isto é uma cidade de gente meio doida. Se nós tivéssemos um pouco de ciência, alguns médicos, juristas e filósofos, poderiam fazer as observações mais interessantes, nas suas respectivas especialidades, em Petersburgo. Será difícil encontrar outra terra onde atuem sobre a alma humana influxos tão tenebrosos, tão intensos e tão estranhos como em Petersburgo. Talvez seja a ação do clima! Mas, como é o centro administrativo do País, o seu caráter deve refletir-se na Rússia inteira. Mas não é disso que se trata agora: o que eu lhe queria dizer era que o tenho observado por mais de uma vez; quando sai de casa leva a cabeça erguida. Mas, apenas dá vinte passos, logo abaixa e cruza as mãos atrás das costas. Olha, e percebe-se muito bem que não vê nada, nem do que se passa à sua frente nem ao seu lado. Até que acaba por se pôr a mexer os lábios e a falar sozinho; além disso gesticula muito enquanto fala, e depois para de repente no meio da rua e aí fica parado durante muito tempo. Isso não está certo. Poderiam outras pessoas observá-lo e, francamente, isso não é conveniente. No fundo, para mim tanto faz, e não serei eu quem pretenda curá-lo desse mau costume, mas espero que me compreenda.

– O senhor sabe se estou sendo espiado? – perguntou Raskólhnikov, olhando-o com curiosidade.

– Não, não sei nada disso – respondeu Svidrigáilov espantado.

– Bem, bem, não falemos mais no caso – resmungou Raskólhnikov franzindo o sobrolho.

– Muito bem, não falemos mais.

– O melhor seria que me dissesse como é que, vindo eu aqui para beber e tendo-me indicado por duas vezes este lugar para que viesse procurá-lo, por que é que, agora, quando eu olhava da rua para a janela, o senhor se escondeu e quis escapulir-se… Reparei muito bem.

– He, he! E o senhor, outro dia, quando eu estava à entrada da sua porta, não se deixou ficar de olhos fechados, no seu divã, fingindo

dormir, embora estivesse perfeitamente acordado? Eu também percebi isso muito bem.

– Podia ter… as minhas razões… O senhor bem sabe.

– Pois também eu podia ter as minhas razões, que o senhor não sabe.

Raskólhnikov apoiou o cotovelo direito sobre a mesa, segurando o queixo com a mão, e olhou fixamente para Svidrigáilov. Havia um minuto que contemplava aquela cara, que sempre o chocara. Era uma cara singular, que parecia uma máscara: branca, vermelha, com uns lábios de vermelhão, uma barba de um louro avermelhado e o cabelo branco, ainda bastante espesso. Tinha os olhos demasiado azuis, de um olhar muito parado e fixo. Havia algo de terrivelmente antipático naquele belo rosto, que se conservara, apesar dos anos, incrivelmente jovem. Svidrigáilov trazia um traje de verão, de um tecido fino e leve, e distinguia-se sobretudo pela roupa interior. Um grande anel, com uma pedra preciosa, brilhava num dos seus dedos.

– O senhor ainda vai me dar preocupações? – perguntou Raskólhnikov de repente, indo direto ao assunto com febril impaciência. – Embora o senhor seja talvez o mais perigoso dos homens, se se decidir a fazer o mal, não procurarei dissimular por mais tempo e vou demonstrar-lhe agora mesmo que eu não ando querendo esconder-me. Fique sabendo, portanto, que eu vim para lhe dizer que, se persiste nos mesmos propósitos a respeito da minha irmã e pensa tirar partido do segredo que surpreendeu há pouco, vou matá-lo antes que tenha tido tempo de mandar-me para a prisão. Acredite no que eu lhe digo, já sabe que sou capaz de cumprir. Além disso, se tem alguma confidência a fazer-me, e já há muito tempo me parece que o senhor tem qualquer coisa para me dizer, apresse-se, porque o tempo é precioso e talvez muito em breve seja demasiado tarde…

– Mas para que tanta pressa? – perguntou Svidrigáilov olhando-o com curiosidade.

– Todos nós temos os nossos assuntos a tratar – respondeu Raskólhnikov impaciente e com um ar sombrio.

– O senhor acaba de convidar-me a ser franco e desde a primeira pergunta já evita responder – observou Svidrigáilov sorrindo. – O senhor sempre acha que eu trago entre mãos certos projetos e por isso me olha com olhos desconfiados. No fim de contas, quando uma pessoa se encontra nas suas circunstâncias, é perfeitamente compreensível. Mas, por mais que eu deseje viver em boas relações com o senhor, não me darei ao trabalho de tirá-lo desse erro. Meu Deus, isso não valeria a pena e, além do mais, eu não tinha a intenção de falar-lhe de maneira particular.

– Então por que é que eu lhe sou tão necessário? Por que é que o senhor não para de me rondar?

– Simplesmente por curiosidade, como objeto de observação. Interessa-me o lado fantástico do seu caso. Aí tem o porquê. Além disso o senhor é irmão de uma pessoa que me interessava muito e, finalmente, a essa pessoa ouvi eu, em tempos, falar muito a miúdo do senhor, de onde pude deduzir que exerce sobre ela uma grande influência; ainda lhe parece pouco tudo isto? He, he, he! Além disso confesso-lhe que a sua pergunta é demasiado complexa e muito difícil de responder. Ora vejamos, por exemplo: não teria o senhor vindo agora mais para comunicar-me algo novo do que para falar-me de qualquer assunto? Não será isto? Não será isto? – insistiu Svidrigáilov com um sorriso ladino. – Imagine, depois disto, que eu próprio, quando vinha ainda a caminho para aqui, no trem, tinha a ilusão de que o senhor havia de revelar-me qualquer coisa de novo e que eu havia de conseguir tirar de ti[59] algum proveito. Já vês como nós somos, nós, os ricos.

– Tirar algum proveito? De que maneira?

– Como explicar? Por acaso eu sei? Olha, eu passo a vida nas tabernas e encontro prazer nisto; quero dizer, não o faço tanto por gosto, como porque é preciso estar sentado em qualquer lugar. Ainda que apenas com essa pobre Kátia… Viu-a? Bem, se eu fosse, por exemplo, um glutão, um gastrônomo de Clube, mas olhe para o que eu posso comer! – estendeu o dedo para um canto onde, em cima de uma mesinha redonda, numa travessa de latão, se viam os restos de um horrível bife com batatas. – E, a propósito: já almoçou hoje? Eu já

comi um pouco e não quero mais. Vinho, por exemplo, também não bebo, a não ser champanhe, e deste apenas um copo numa tarde, e até isto me faz doer a cabeça. Se o pedi, hoje, foi para me animar, porque tenho de ir a um lugar e preciso de ter uma certa disposição de espírito. Há pouco escondi-me como um colegial, porque julguei que o senhor vinha roubar-me tempo; mas pelo visto – puxou do relógio – ainda posso dedicar-lhe uma hora; sabe que são já quatro e meia? Ainda se eu fosse alguma coisa! Bem, proprietário ou pai de família, fotógrafo, jornalista… Mas nada, não tenho nenhuma profissão determinada! Às vezes aborreço-me. Eu pensava, de fato, que o senhor me traria novidades.

– Mas quem é o senhor e por que veio até aqui?

– Quem sou eu? O senhor já sabe: um nobre que serviu dois anos na Cavalaria, e depois veio para aqui, para Petersburgo, dar voltas pelas ruas, e, finalmente, casou-se com Marfa Pietrovna e foi viver no campo. Aí tem o senhor a minha biografia resumida!

– Segundo dizem, o senhor é jogador.

– Jogador, não. Trapaceiro…

– Trapaceiro?

– Acho que sim.

– E então nunca lhe deram uma sova?

– Algumas vezes. E então?

– É que podiam provocá-lo para um duelo… e, em geral, isso põe uma certa animação na vida.

– Não lhe digo que não, e neste ponto não sou forte em filosofias. Confesso-lhe que, acima de tudo, vim aqui por causa das mulheres.

– Logo depois da morte de Marfa Pietrovna?

– Claro – respondeu Svidrigáilov com subjugadora franqueza – que tem isso de especial? Não acha bem que eu fale, assim, das

mulheres?

– Isso significa perguntar se eu condeno o vício?

– O vício! Deixe-se disso! Mas vou responder-lhe ordenadamente a respeito das mulheres, primeiro em termos gerais; repare, eu tenho inclinação para falar. Diga-me: por que havemos de virar as costas às mulheres, se elas nos agradam? Ao menos é uma ocupação.

– De maneira que, então, o que o trouxe aqui foi apenas o vício.

– Seja, visto que insiste, vamos chamar de vício. Admitamos. Ao menos, a sua pergunta, franca, agrada-me. É o principal. Neste vício, pelo menos, há qualquer coisa de positivo, baseada inclusive na natureza e não preparada pela fantasia, algo que persiste como uma brasa acesa no sangue e que nem debaixo do peso dos anos se extingue facilmente. Há de concordar comigo que esta é uma ocupação, à sua maneira!

– Não é caso para felicitá-lo. Isso é uma doença, e perigosa.

– Que diz? Eu estou convencido de que isso é uma doença, como tudo o que ultrapassa os limites, e aí ultrapassa-se com certeza. Mas repare: em primeiro lugar, cada qual tem os seus limites, este tem um, aquele outro, e além disso, em tudo é preciso ter comedimento, embora isto seja um cálculo medíocre; mas que se há de fazer? Se procedermos de outra maneira, não nos resta mais nada senão dar um tiro na cabeça. Concordo que o homem morigerado tem obrigação de aborrecer-se, mas, apesar de tudo…

– E o senhor seria capaz de dar um tiro na cabeça?

– Que é isso! – respondeu Svidrigáilov com repugnância. – Faça favor de não falar dessas coisas – apressou-se a acrescentar, agora sem ponta dessa fanfarronice que deixava transparecer nas palavras anteriores; até mudou a expressão do seu rosto. – Reconheço que se trata de uma fraqueza imperdoável, mas que se há de fazer? Tenho medo da morte e não me agrada que falem nela, sequer. O senhor não sabe que eu tenho um pouco de místico?

– Ah, sim! As aparições de Marfa Pietrovna! Ainda continua a aparecer-lhe?

– Ah, não me faça lembrar dela! Em Petersburgo, ainda as não tive; que vão para o diabo! – exclamou com uma certa irritação. – Não, não falemos disso… mas, aliás… Hum! Já tenho pouco tempo, tenho pena de não poder continuar com o senhor! Tinha uma coisa para lhe contar.

– Mas por que está com essa pressa? Por causa de alguma mulher?

– Sim, é uma mulher; um caso completamente inesperado… Não me refiro a isto.

– Mas a vileza de todo este ambiente não o impressiona? O senhor já não tem forças para se dominar?

– O senhor faz-se forte, não? He, he, he! O senhor deixa-me admirado, Rodion Românovitch, embora eu soubesse já de antemão que havia de ser assim. É o senhor que me vem falar, a mim, de vício e de estética? O senhor… um Schiller! O senhor… um idealista! Mas, de fato, tudo isto tem a sua razão de ser, e o que seria estranho era se não fosse assim, embora, apesar de tudo, continue um tanto estranho, na realidade… Ah, é pena eu não ter mais tempo, porque o senhor é um indivíduo muito curioso! E, a propósito, o senhor aprecia Schiller? Eu sou doido por ele.

– O senhor sempre é um grande fanfarrão! – disse Raskólhnikov com uma certa repugnância.

– Juro-lhe que não sou! – respondeu Svidrigáilov rindo. – Embora, no fim de contas, não o discuta, admitamos que seja um fanfarrão; mas por que não há de uma pessoa gabar-se quando não ofende ninguém? Eu vivi anos na aldeia com Marfa Pietrovna, e depois, quando me encontrei agora com um homem inteligente, como o senhor… inteligente e extremamente curioso, pus-me a falar, simplesmente por alegria, sem contar com o que bebi, aliás só este meio copo de vinho e já me subiu um pouquinho à cabeça. Mas o principal foi uma certa circunstância que me produziu um grande

alvoroço, mas da qual… não direi nada. Onde é que vai? – perguntou de repente Svidrigáilov com receio.

Raskólhnikov pôs-se de pé. Custava-lhe e parecia ter cometido uma vileza em ir ali. Estava convencido de que Svidrigáilov era o malandro mais vazio e insignificante do mundo.

– Ah! Sente-se, sente-se! – pediu-lhe Svidrigáilov. – Mas, ao menos, peça que lhe tragam chá. Vamos, sente-se, não pense que vou lhe contar disparates, isto é, continuar a falar-lhe de mim. Vou contar uma coisa. Vamos, fique, que eu vou contar como é que uma mulher, empregando a sua linguagem, me salvou. Com isso responderei também à sua primeira pergunta, visto que essa mulher é… a sua irmãzinha. O quê? Posso contar? Vamos e mataremos assim o tempo.

– Conte; mas espero que…

– Oh! Não se preocupe! Até ao homem mais abjeto e depravado como eu, Avdótia Românovna só pode inspirar o mais profundo respeito.

## Capítulo IV

– É possível que o senhor saiba (e, além disso, eu próprio lhe contei) – começou Svidrigáilov – que eu estive aqui preso por dívidas, dívidas enormes, e que não tinha meio nenhum de pagar. É desnecessário contar-lhe com todos os pormenores como é que Marfa Pietrovna veio resgatar-me. Sabe até que grau de loucura podem apaixonar-se, às vezes, as mulheres? Esta era uma mulher honesta, muito esperta, embora sem a mínima cultura. Pois imagine que essa ciumenta e honesta mulher decidiu-se a assinar, depois de muitas cenas e censuras, a assinar comigo um contrato que cumpriu escrupulosamente durante todo o tempo que estivemos casados. No fundo, ela era muito mais velha do que eu, e, além disso, mascava constantemente um cravinho da índia. Eu tinha uma alma bastante baixa e, ao mesmo tempo, era honesto à minha maneira e, para falar-lhe com toda a franqueza, não podia ser-lhe absolutamente fiel. Esta confissão deixou-a estupefata; mas, segundo parece, a minha rude

franqueza foi-lhe simpática, de certo modo – “Que diabo, isso é sinal de que ele não quer enganar-me, visto que começa por dizê-lo” – e, vamos lá, para uma mulher ciumenta, isso é o principal. Depois de muitos choros ficou combinado entre nós um contrato verbal deste teor: primeiro, que eu nunca abandonaria Marfa Pietrovna e seria sempre seu marido; segundo, que nunca me ausentaria sem a sua permissão; terceiro, que nunca teria a mesma amante; quarto, que, em troca disto, Marfa Pietrovna me autorizava a brincar uma vez por outra com as nossas criadas, mas informando-a sempre, em segredo; quinto, que Deus me livrasse de me apaixonar por uma mulher da nossa classe; sexto, que se por acaso (Deus me livrasse disso) eu chegasse a apaixonar-me a sério, ficava obrigado a comunicá-lo a Marfa Pietrovna. A respeito desta última cláusula, Marfa Pietrovna esteve sempre completamente tranquila; era uma mulher inteligente, por conseguinte, não podia considerar-me de outro modo senão como um ser corrompido, um libertino incapaz de amar seriamente. Mas uma mulher inteligente e uma mulher ciumenta… são duas coisas diferentes, e aí, precisamente, é que está o mal. Aliás, para julgar imparcialmente certas pessoas é preciso desprendermo-nos primeiro de certos hábitos cotidianos, abstermo-nos de julgar os indivíduos e os objetos que costumam rodear-nos. Eu tenho razão ao confiar mais no seu juízo do que no das outras pessoas. É possível que eu lhe tenha descrito Marfa Pietrovna como uma mulher ridícula e tola. De fato, tinha alguns costumes muito ridículos; mas digo-lhe francamente, que eu deploro com toda a sinceridade os inumeráveis desgostos que lhe dei. E, vamos lá, creio que isto já é bastante como decentíssima oração fúnebre do mais carinhoso marido para a sua amantíssima esposa. Na ocasião das nossas contendas, eu me calava, geralmente, e não me zangava, e esta conduta de *gentleman* produzia quase sempre efeito; influía nela e até lhe agradava; às vezes até se mostrava orgulhosa de mim. Mas, à sua irmã, apesar de tudo, não pôde suportá-la. Mas como foi possível que ela se tivesse atrevido a meter em casa uma beldade daquelas como preceptora! Eu explico isso calculando que Marfa Pietrovna era uma mulher inflamável e sensível, e que se apaixonou, simplesmente – essa é a palavra – pela sua irmã. Além disso foi Avdótia Românovna quem deu o primeiro passo. Não acredita? E não quero crer também que Marfa Pietrovna chegou até ao extremo de se zangar comigo, a princípio, por causa do meu eterno silêncio a

respeito da sua irmã e por eu me mostrar tão indiferente perante os seus contínuos e apaixonados elogios de Avdótia Românovna? Eu não sei o que ela pretendia! É claro que Marfa Pietrovna deve ter posto Avdótia Românovna a par da minha maneira de ser. Ela possuía um hábito infeliz: o de ir contar a toda a gente os nossos segredos conjugais e de queixar-se constantemente de mim a toda a gente. Como não havia ela de fazer isso também com uma nova e tão bonita amiga? Calculo que, as duas, não deviam ter outro tema de conversa que não fosse eu, e sem dúvida que todos esses sombrios e misteriosos boatos que corriam a meu respeito… deviam ter chegado ao conhecimento dela: aposto em como o senhor também deve ter ouvido qualquer coisa do gênero.

– Ouvi. Lújin acusava até o senhor de ter sido a causa da morte de uma pequenina. É verdade?

– Faça favor de deixar em paz todas essas vilanias – respondeu Svidrigáilov com repugnância e brusquidão – se o senhor tem de fato empenho em conhecer a fundo todo esse disparate, talvez alguma vez lhe conte, mas, agora…

– Também falou de certo criado seu da aldeia e de que o senhor também tivera a culpa não sei de quê.

– Por favor, já chega! – atalhou Svidrigáilov com impaciência colérica.

– Não será o tal criado que, depois de morto, lhe foi buscar o cachimbo, conforme o senhor mesmo me contou? – insistiu Raskólhnikov com irritação crescente.

Svidrigáilov olhou firme para Raskólhnikov, e a este pareceu que naquele olhar houve por um momento um brilho fulminante, mau; mas Svidrigáilov conteve-se e respondeu com muita delicadeza: – É esse mesmo. Vejo que isso também lhe causa muita impressão, e considero um dever satisfazer a sua curiosidade com toda a espécie de pormenores na próxima oportunidade. Que vão para o diabo! Vejo que, de fato, posso passar por uma personagem de novela romântica. Portanto, sendo assim, veja até que ponto eu tenho obrigação de agradecer à Marfa Pietrovna ter já contado a sua irmã tantas coisas

secretas e curiosas a meu respeito. Não me atrevo a avaliar a impressão; mas, em todo caso, isso, para mim, foi-me muito proveitoso. Apesar de toda a sua natural repugnância pela minha pessoa, e apesar do meu eterno aspecto sombrio e repelente, Avdótia Românovna acabou por chegar a sentir compaixão por mim, compaixão pelo homem vicioso. E quando o coração duma mulher começa a apiedar-se, isso, para ele, é, evidentemente, o mais perigoso. Então há de sentir infalivelmente anseios de salvar e de regenerar, de ressuscitar, de guiar para fins mais elevados, de chamar a uma nova vida e a uma nova atividade… bem, já sabe o que se pode imaginar dentro deste teor. Eu compreendi imediatamente que a borboleta andava rondando a chama e, por meu lado, pus-me de sobreaviso. Mas, parece que o senhor franze o sobrolho, Rodion Românovitch. Não é caso para isso, porque, como sabe, a coisa não foi além disso. (Raios partam o vinho que eu bebi!) Olhe, fique sabendo que, desde o primeiro momento, eu sempre lamentei que o destino não tivesse feito nascer a sua irmã no segundo ou terceiro século da nossa era, em qualquer parte, filha dum poderoso príncipe ou de algum governador ou procônsul da Ásia Menor. Não há dúvida nenhuma de que teria sido uma daquelas mulheres que sofriam o martírio, e certamente teria sorrido quando lhe dilacerassem o peito com tenazes em brasa. Teria se oferecido para isso espontaneamente, e nos séculos quarto ou quinto, teria se retirado para o deserto do Egito e aí teria vivido trinta anos alimentando-se de raízes, de fé e de visões. O que ela deseja e pede é unicamente sofrer o mais depressa possível um martírio por alguém e, desde que não lhe façam sofrer, é possível que se atire da ponte abaixo. Ouvi dizer qualquer coisa a respeito de um certo Senhor Razumíkhin. Segundo dizem, é rapaz sensato (o que o seu nome já indica; provavelmente é um seminarista). Pois bem, ele que vele pela sua irmã. Em resumo: eu julgo tê-la compreendido, com o que muito me honro. Mas, naquela altura, quero dizer, quando se conhece uma pessoa, a princípio, o senhor bem sabe que se fica sempre um pouco desorientado e incorremos sempre em incompreensão, não somos muito clarividentes, vemos aquilo que não existe; tentei tirar partido, além do mais ela era tão bonita! Eu não tinha culpa! Em resumo: desde o primeiro momento inspirou-me uma paixão irresistível. Avdótia Românovna é terrivelmente casta, de maneira inaudita e nunca vista. (Repare que eu digo isto da sua irmã como uma

realidade. Ela é casta, talvez até a um grau doentio, apesar de toda a sua largueza de espírito, e isso prejudica-a.) Lá em nossa casa havia uma moça, Paracha, a Paracha dos olhos negros, que tinham enviado da outra aldeia como aia, e a qual eu não vira até então; uma moça muito engraçada, mas extraordinariamente estúpida; era muito chorona, enchia a casa de gritos e até provocou um escândalo. Uma vez, depois do jantar, Avdótia Românovna foi intencionalmente procurar-me a sós numa alameda do jardim, e exigir-me, com olhos faiscantes, que deixasse Paracha em paz. Foi essa a nossa primeira conversa a sós. Eu, é claro, considerei uma honra aceder ao seu desejo e esforcei-me por fingir-me contrariado, mortificado; numa palavra: desempenhei muito bem o meu papel. Devido a isso estabeleceram-se entre nós certas relações, diálogos secretos, lições de moral, admoestações, pedidos e até lágrimas… pode acreditar, até lágrimas. Veja o senhor onde a paixão pela catequese conduz algumas moças. Eu, é claro, deitei a culpa de tudo ao meu destino; pintei-me como um homem ávido de luz, deitei mão do meio mais poderoso e infalível para apoderar-me do coração duma mulher, um meio que nunca falha e que produz efeito em todas elas, desde a primeira à última. Esse meio, como toda a gente sabe, é a lisonja. Não há no mundo coisa mais difícil do que a sinceridade e mais fácil que a lisonja. Se à sinceridade se mistura a mais pequena nota falsa, surge imediatamente a dissonância e, atrás dela… o escândalo. Ao passo que a adulação, ainda que seja falsa até à última nota, torna-se simpática e ouve-se com satisfação: com satisfação grosseira, sim, mas com satisfação. E, por muito tosca que seja a lisonja, metade dela, pelo menos, parece sempre verdadeira. E isto para todos os graus de cultura e hierarquia social. Até a uma vestal seria possível seduzir com a lisonja. E nem é preciso falar das pessoas vulgares. Não posso deixar de sorrir quando me lembro de como seduzi uma vez uma mulher casada, com filhos e virtuosa, e que além disso gostava muito do marido. Como aquilo foi divertido e me deu tão pouco trabalho! Mas, de fato, a senhora era extremamente virtuosa, à sua maneira. Toda a minha tática se reduziu unicamente a mostrar-me sempre como se me sentisse esmagado pela sua castidade e cheio de adoração perante ela. Eu a adulava de uma maneira descarada, e apenas conseguira segurar-lhe na mão ou deter um olhar, logo me punha a recriminar-me a mim próprio por ter conseguido aquilo à força, porque ela não o queria; e

não o queria a tal ponto que, eu, se não fosse tão vicioso, provavelmente nunca teria conseguido nada; ela, na sua inocência, não pressentia sequer o mal e entregou-se inconscientemente, sem saber… sem suspeitar, etc., etc. Enfim, consegui dela tudo, e a boa da senhora estava convencida de que era inocente e pudica, e que cumpria todos os seus deveres e obrigações e que caíra de um modo inesperado. E como ela ficou zangada comigo quando eu, no fim de tudo, acabei por explicar-lhe com toda a sinceridade que estava plenamente convencido de que ela, em tudo aquilo, procurara tanto o prazer como eu. A pobre Marfa Pietrovna também se rendia terrivelmente à lisonja, e se eu o tivesse desejado, não há dúvida de que, se ainda fosse viva, me teria cedido todos os seus bens. (Mas eu estou bebendo e falando à doida.) Espero que não irá ficar agora admirado por eu lhe dizer que esse mesmo efeito começou a manifestar-se em Avdótia Românovna. Simplesmente eu fui parvo e impaciente e pus tudo a perder. Antes disso já algumas vezes (e sobretudo uma certa vez) uma terrível expressão dos meus olhos a impressionara pessimamente, quer acreditar? É que neles fulgurava cada vez com mais violência e clareza um fogo que a assustava e que acabou por se lhe tornar odioso. Não quero contar-lhe pormenores; mas zangamo-nos. E então tornei a cometer outra estupidez. Pus-me a troçar, da maneira mais grosseira, de toda aquela catequese e conversão; Paracha tornou a entrar em cena e não ela apenas… Numa palavra, eu começava a levar uma vida infernal! Oh, se o senhor, Rodion Românovitch, tivesse visto, ao menos uma vez na vida, como os olhos da sua irmã brilhavam em certas ocasiões! Não é por eu estar agora embriagado e ter bebido um copo de vinho, que estou dizendo a verdade. Afirmo que esse olhar não me deixava dormir; por fim, já nem sequer podia suportar o rumor da sua saia. Era precisamente como se fossem dar-me ataques de epilepsia; nunca imaginara que pudesse chegar a me ver em tal estado de embevecimento. Em resumo: era absolutamente necessário obter uma reconciliação, simplesmente isso era já impossível. E imagine o que eu fiz então. Até que grau de estupidez a raiva pode levar um homem! Nunca faça nada quando estiver furioso, Rodion Românovitch. Pensando que Avdótia Românovna, no fundo, era uma pobre… (ah!, desculpe-me, eu não queria… mas que importa a expressão, sempre que designe a ideia?) enfim, que vivia do trabalho das suas mãos… que tinha de prover o

sustento da mãe e de si mesma (oh, diabo, lá vai ficar outra vez aborrecido!), resolvi oferecer-lhe todos os meus capitais (trinta mil rublos era quanto eu podia arranjar nessa altura) se ela quisesse fugir comigo e vir para aqui, para Petersburgo. É claro que eu lhe jurava amor eterno, felicidade, etc., etc. Será capaz de acreditar que eu, então, estava tão louco que, se ela me tivesse dito "Corta-lhe o pescoço ou envenena Marfa Pietrovna e casa comigo", imediatamente o teria feito? Mas tudo acabou numa catástrofe, como o senhor já sabe, e pode calcular também até que ponto eu teria ficado furioso quando soube que Marfa Pietrovna fora buscar esse velhaco de Lújin e andava preparando um casamento… que, no fundo, teria sido o mesmo que eu lhe propunha. Não é assim? Não é assim? Não será verdade? Reparo que me escuta com muita atenção… é um rapaz interessante!

Impaciente, Svidrigáilov descarregou um soco sobre a mesa. Estava vermelho. Raskólhnikov via claramente que aquele copo ou copo e meio de champanhe que ele bebera sem dar por isso, aos golinhos, lhe fazia mal… e decidiu aproveitar-se dessa circunstância. Svidrigáilov inspirava-lhe um grande receio.

– Muito bem… tudo isso me faz crer que o senhor veio a Petersburgo com intenções a respeito da minha irmã – disse a Svidrigáilov, francamente e sem a mínima dissimulação, para irritá-lo ainda mais.

– Ah, basta! – disse Svidrigáilov, como se se apercebesse de repente – já lhe disse… E, além disso, a sua irmã não me pode suportar.

– Disso estou eu certo; mas não é disso que se trata agora.

– Está certo de que ela não pode suportar-me? – Svidrigáilov piscou um olho e sorriu com sarcasmo. – Tem razão, ela não gosta de mim; mas nunca ponha as mãos no fogo quando se trata de coisas entre marido e mulher ou entre apaixonados. Há sempre aí um cantinho, que permanece ignorado para toda a gente, e que só eles, os dois, conhecem. É capaz de afirmar que Avdótia Românovna me olha com aversão?

– A avaliar por algumas frases e palavras que pronunciou durante a nossa conversa, pude concluir que o senhor mantém intenções, e das mais prementes, sobre Dúnia, intenções, naturalmente, vis.

– O quê? Eu pronunciei algumas frases e palavras? – e Svidrigáilov manifestou um terror muito ingênuo, mas sem dar a menor atenção ao epíteto atribuído às suas intenções.

– Acabou agora mesmo de pronunciá-las. Mas por que tem esse medo?

– Eu tenho medo? Eu estou com medo? Eu, ter medo do senhor? O senhor é que deve ter medo de mim, *mon cher*. Ora esta! Além do mais, estou bêbado, bem vejo! Por pouco que não dava outra vez com a língua nos dentes. Raios partam o vinho! Vou mas é beber água!

Pegou na garrafa e, sem mais cerimônias, atirou-a pela janela.

– Tudo isso são disparates – continuou Svidrigáilov, molhando um guardanapo que aplicou nas fontes. – Posso desenganá-lo com uma só palavra e reduzir a pó todas as suas suspeitas. O senhor, por exemplo, sabe que eu estou para casar?

– Já me dissera isso outro dia.

– Já lhe dissera? Pois já não me lembrava. Mas, nessa altura ainda não lhe devia ter dito de uma maneira definitiva, porque ainda não vira a minha futura noiva; a coisa não passava de uma intenção. Mas, agora, já tenho noiva e o assunto está decidido, e, embora não se trate de nenhum assunto urgente, vou já agarrá-lo e levá-lo a vê-la sem falta… porque quero pedir-lhe a sua opinião. Oh, diabo! Só temos dez minutos! Olhe para o relógio; aliás, já lhe vou contar, porque, no seu gênero, o meu casamento é uma coisa interessante… Mas que faz o senhor? Quer outra vez ir embora?

– Não, já não vou.

– Não vai? Sério? Vejamos. Quero levá-lo até lá, com certeza, para que conheça a minha futura esposa; mas agora não, porque agora o senhor está com pressa. O senhor vai para a direita; eu, para a

esquerda. Conhece essa tal Resslich? Essa mesma Resslich em cuja casa estou hospedado… hem? Já ouviu falar dela? Mas em que está o senhor pensando? É aquela que é acusada de ter provocado o suicídio de uma moça, neste inverno… Bom; já ouviu o seu nome? Já ouviu falar dela? Bem; bem, pois foi ela quem me sugeriu essa ideia: "Olha – disse-me ela – tu andas aborrecido; precisas de distração". Porque eu, não sei se sabe, sou um homem triste, cheio de tédio. Pensava que eu era alegre? Não, sou um homem sombrio; mas não faço mal a ninguém; fico sentadinho num canto e, às vezes, não digo uma palavra durante três dias. Mas essa cabra da Resslich, é claro, posso lhe dizer francamente, tem o seu fim em vista: eu hei de aborrecer-me, abandonarei a minha mulher, e então ela tomará conta dela e vai explorá-la no nosso meio ou noutro mais elevado. Dizem que tem um pai decrépito, funcionário aposentado, que passa a vida sentado numa poltrona e fica três dias sem daí arredar pé. Dizem que também tem mãe, uma senhora muito decente, a sua *mamacha*. Além disso o filho faz serviço não sei onde, em qualquer governo, simplesmente não os ajuda. Uma filha casou-se e não sabem dela; mas tomaram conta de dois sobrinhos pequenos (como se já não tivessem bastantes bocas a sustentar); a outra filha, a mais nova, ainda só daqui a um mês é que faz dezesseis anos, o que significa que daqui a um mês já a podem casar. É esta que me destinam. Fomos ver essa gente. Que ridículo aquilo tudo! Eu me apresento: proprietário, viúvo, um nome conhecido, com relações, com dinheiro… Ora! Que importa que eu tenha já cinquenta anos e ela ainda não tenha feito dezesseis? Quem é que repara nisso? Então eu não sou um bom partido? Hem? Eu não sou um bom partido, hem? Ha… ha! Tinha que ter me visto falando com os pais dela! Impagável! Ela aparece, senta-se – bom, já pode imaginar, com as saias ainda pelo joelho, uma flor ainda em botão – cora, ruboriza-se como a alvorada (deviam tê-la enchido de recomendações). Eu não sei o que o senhor pensa quanto a mulheres; mas parece-me que esses dezesseis anos, esses olhares ainda infantis, essa timidez e essa vergonha, que chega até às lágrimas… é para mim qualquer coisa de superior à beleza, isto para não dizer que, neste sentido, ela é também uma autêntica estampa. Cabelo louro claro, fino, ondulado, com caracoizinhos; lábios carnudos, vermelhos, e uns pézinhos… um encanto! Bem; pois ficamos amigos; eu informo que, por certas razões domésticas, tenho pressa, e no dia seguinte, isto é,

anteontem, já éramos oficialmente noivos. Desde então, sempre que vou até lá sento-a nos joelhos e não a largo… Ela, é claro, fica corada como uma romã; mas eu beijo-a a todos os momentos; a mãe, naturalmente, faz-lhe ver que, "para isso, que diabo! é que ele é teu marido; assim é que é"; enfim, uma pérola! E esta situação atual, de noivo, talvez seja verdadeiramente melhor que a de marido. Isto é o que se chama *la nature est la verité*. Ha… ha! Eu devo ter falado com ela umas duas vezes… e a pequena não é tola: às vezes olha-me de uma maneira, às furtadelas… e põe-se toda vermelha. Olhe, tem uma carinha que parece tal qual uma Madona de Rafael. Porque a Madona da Sixtina tem uma cara fantástica, uma cara de paixão louca, não o impressionou? Bem; pois ela é desse gênero. Assim que ficamos noivos, eu, no dia seguinte, fui até lá e levei-lhe presentes no valor de mil e quinhentos rublos: um adereço de brilhantes, outro de pérolas, uma caixinha de prata para o toucador… olhe… assim, grande, com tudo quanto é preciso para que também a ela, como à Madona, se lhe transfigure a carinha. Ontem à noite sentei-a nos joelhos e, como pode calcular, sem estar com cerimônias… e ela se pôs toda encarnada e derramou umas lagrimazinhas, não queria render-se, toda ela ardia. Todos se retiraram por um momento, de maneira que ficamos os dois a sós e, de repente, ela atira-se ao meu pescoço e abraça-me com as suas mãozinhas, e beija-me, e jura que me será obediente, fiel e boa esposa; que me fará feliz, que me consagrará toda a sua vida, cada minuto da sua vida; que se sacrificará completamente, e que, em troca disso, apenas deseja de mim unicamente estima e "nada mais – disse ela – nada, não preciso de nada, de presente nenhum". Há de concordar comigo que, escutar semelhante declaração, a sós, dos lábios de um anjo como este, de dezesseis anos incompletos, encendida em rubores virginais e com lagrimazinhas de entusiasmo nos olhos… há de concordar comigo que é bastante sedutor. Não é para arrebatar qualquer homem? Não vale qualquer coisa? Bem; ouça… há de vir ver a minha noiva… mas hoje.

– Em resumo: ao senhor, essa enorme diferença de idade e de experiência, produz-lhe volutuosidade. Mas pensa casar-se de fato?

– E que tem isso? Certamente… Toda a gente se arranja como pode e, de todos, aquele que melhor vive é o que melhor sabe iludir-se

a si próprio… Ah… ah! O senhor, afinal, é um homem sério! Tenha piedade de mim, *papacha*, que sou um pecador, He, he, he!

– No entanto, o senhor tomou a seu cargo os filhinhos de Ekatierina Ivânovna. Se bem que, no fim de contas… no fim de contas, também deve ter tido as suas razões para isso… e agora já compreendo tudo…

– As crianças, de maneira geral, agradam-me, agradam-me muito as crianças – disse Svidrigáilov rindo às gargalhadas. – A propósito disto posso até contar-lhe um episódio muito curioso, que se prolonga ainda até agora. No próprio dia em que cheguei pus-me a percorrer todos estes bordéis; havia sete anos que não os frequentava. O senhor, provavelmente, já notou que quando estou ao seu lado não tenho pressa de ir ver as minhas antigas amizades e conhecimentos. Não, e até faço o possível por evitar o seu encontro. Repare numa coisa: com Marfa Pietrovna, lá na aldeia, era para mim um suplício mortal lembrar-me de todos estes lugarzinhos secretos, nos quais sabe lá as coisas que se podem encontrar. Raios me partam! A gente de baixa condição embriaga-se; a juventude instruída, devido à ociosidade, consome-se em sonhos e desvarios imprecisos, excita-se com teorias; de todos os lados acorrem os judeus, escondem o dinheiro, e os restantes entregam-se ao vício. Por isso, desde o princípio que esta cidade me enjoou. Aconteceu ir parar a uma *soirée* dançante, como lhe chamam: um lupanar horrível (e a mim agradam-me precisamente os lupanares sujos); é claro que se dançava aí um cancã tão descarado como em nenhum outro lugar e como até no meu tempo não se dançava. Nisto, sim, houve progresso. De repente, olho e vejo uma mocinha dos seus treze anos, muito bem vestida, dançando com um virtuose e com outro à frente, como seu vis-à-vis. A mãe estava sentada numa cadeira, junto da parede. Já pode ver que espécie de cancã era esse. A moça sobressalta-se, cora, e por fim dá-se por ofendida e desata a chorar. O virtuose segura-a e começa a obrigá-la a dar voltas e a fazer piruetas diante dela, e toda a gente à volta se ri e… Nesses momentos agrada-me a sua sociedade, ainda que seja a do cancã: ri e grita: “Assim é que é, assim é que se faz! Ou, então, não tragam para aqui meninas”. A mim, é claro, tudo aquilo repugnava; mas, com lógica ou sem ela, a gente vai-se divertindo. Deixei

imediatamente o meu lugar, dirigi-me para junto da mãe e disse-lhe que eu também não era da cidade, que ali eram todos muito indelicados, que não sabiam contribuir para a educação da moça ensinando-lhe o francês e a informei-a de que era um homem de dinheiro; convidei-a a subir para a minha carruagem, levei-a a casa e tornamo-nos amigos (elas estavam instaladas numa casa de hóspedes, pois tinham acabado de chegar à cidade). Confessaram-me que tanto ela como a filha não podiam considerar a minha amizade senão como uma honra; puseram-me a par de que se encontravam sem eira nem beira e que tinham vindo a Petersburgo tratar não sei de que assunto numa repartição do Estado. Ofereço-lhes os meus serviços, o meu dinheiro; dizem-me que tinham ido cair naquela *soirée* por engano, pensando que, de fato, ensinavam a dançar; ofereço-me, por meu lado, para contribuir para a educação da rapariga ensinando-lhe o francês e a dança. Aceitam, entusiasmadas, consideram isso como uma honra e ficamos amigos até hoje. Se quiser, iremos até lá… mas, agora, não.

– Acabe, acabe com as suas mesquinhas e vis anedotas, homem corrompido, velhaco e sensual!

– Mas será o senhor Schiller, o nosso Schiller? Schiller! *Où la vertu vat-elle se nicher*[60]*!* Mas ouça uma coisa: eu lhe contei tudo isto intencionalmente, para ouvir as suas recriminações. Um prazer!

– Era o que faltava, que eu lhe servisse de motivo de riso, ao senhor, neste momento! – resmungou Raskólhnikov mal-humorado.

Svidrigáilov pôs-se a rir a plenos pulmões; finalmente chamou Filip, pagou e pôs-se de pé.

– Vamos, que eu já estou bêbado! *Assez causé*[61].

– Era o que faltava, que eu não reagisse! – exclamou Raskólhnikov levantando também. – Naturalmente não é um prazer para um libertino consumado falar de coisas semelhantes, tendo em perspectiva qualquer intenção monstruosa do gênero… sobretudo em tais circunstâncias e diante dum homem como eu? Isso excita-o!

– Pois bem, sendo assim – respondeu Svidrigáilov até com certo espanto examinando Raskólhnikov – sendo assim, o senhor saiu-me

um cínico de marca. Matéria para isso o senhor tem, e grande. O senhor é capaz de imaginar muitas coisas… vamos lá… e também de fazê-las. Mas já chega. Só lamento que a nossa conversa tenha sido tão breve. Mas não se vá já… Espere um momento…

Svidrigáilov saiu da taberna. Raskólhnikov correu atrás dele. Apesar de tudo, Svidrigáilov não estava muito embriagado; o vinho tinha-lhe subido à cabeça apenas por um momento e a embriaguez passava-lhe de minuto para minuto. Parecia preocupado com alguma coisa muito grave e franzira o sobrolho. Era evidente que se encontrava em qualquer expectativa que o agitava e inquietava. Pareceu mudar de repente de atitude para com Raskólhnikov, nos últimos momentos, e tornava-se cada vez mais grosseiro e trocista. Raskólhnikov observara tudo isto e estava também desassossegado. Svidrigáilov levantava-lhe muitas suspeitas; resolveu segui-lo. Saíram juntos para a rua.

– O senhor pela direita e eu pela esquerda, ou, se preferir, ao contrário… *Adieu, mon plaisir*[62]*!* Até ao próximo agradável encontro! – e dirigiu-se, pela direita, para o Mercado do Feno.

## Capítulo V

Raskólhnikov foi atrás dele.

– Que é isso! – exclamou Svidrigáilov, voltando-se. – Parece-me que já lhe disse…

– Isto quer dizer que, agora, não o largarei…

– O quê?

Pararam ambos e olharam-se mutuamente, como se se medissem.

– De todas as suas histórias de meio-bêbado – disse bruscamente Raskólhnikov – conclui categoricamente que o senhor não só não abandonou as suas baixíssimas intenções a respeito de minha irmã, como até são elas que mais o preocupam. Sei que a minha irmã recebeu esta manhã uma carta. O senhor, durante todo este tempo,

não fez outra coisa senão agitar-se, num desassossego. Pode ser que, entretanto, o senhor tenha descoberto qualquer mulher, mas isso não quer dizer nada. Eu quero convencer-me pessoalmente…

Teria sido difícil para Raskólhnikov precisar o que desejava naquele momento e de que é que desejava ao certo convencer-se pessoalmente.

– Não há dúvida! O senhor, pelo visto, quer que chame já um policial!

– Chame-o!

Pararam novamente por um momento um em frente do outro. Finalmente o rosto de Svidrigáilov mudou de expressão. Depois de se ter convencido de que as suas ameaças não assustavam Raskólhnikov, adotou, de súbito, um semblante muito jovial e amistoso.

– O senhor é de força! Eu não quis, intencionalmente, falar-lhe do seu caso, embora me torture a curiosidade. É um caso fantástico. Queria deixar isso para outra vez; mas o senhor, de fato, é capaz de irritar um morto… Seja, iremos! Simplesmente, antes, vou dizer-lhe uma coisa: tenho de ir a casa, ainda que apenas por um momento, buscar dinheiro; depois fecho o quarto, chamo uma carruagem e vou passar a tarde nas ilhas. Que empenho tem em seguir-me?

– Porque eu também tenho de ir, não ao seu quarto, mas ao de Sófia Siemiônovna, pedir desculpas por não ter assistido o enterro.

– Como quiser; mas Sófia Siemiônovna não está em casa. Foi levar os pequenos a uma senhora, a uma senhora de idade, minha conhecida, uma antiga amiga que dirige certas instituições para órfãos. Essa senhora ficou encantada comigo quando eu lhe levei o dinheiro correspondente aos três pequeninos de Ekatierina Ivânovna, e além disso dediquei também uma quantia à instituição e, por fim, contei-lhe a história de Sófia Siemiônovna em todos os seus pormenores e sem esconder-lhe nada. Produziu um efeito extraordinário. E foi assim que indicaram a Sófia Siemiônovna que se dirigisse hoje mesmo diretamente ao hotel de***, onde se encontra atualmente a referida senhora, de regresso do seu veraneio.

– Não faz mal; seja como for, irei.

– Como quiser, simplesmente eu não posso acompanhá-lo. Que tenho eu a fazer ali? Olhe, já chegamos a minha casa. Ora diga-me: eu tenho a certeza de que o senhor me olha com suspeita pela simples razão de eu ter sido tão delicado, que, até agora, não o importunei com perguntas… compreende? Ao senhor, isto parece-lhe um pouco extraordinário; era capaz de apostar qualquer coisa em como é assim. É a paga das delicadezas!

– E pôs-se a escutar atrás das portas!

– Ah, era por isso! – e Svidrigáilov desatou a rir. – Já estava admirado de que, no fim de tudo, se esquecesse dessa observação. Ah, ah! Eu já estava entendendo qualquer coisa daquilo que o senhor então… ali… dizia a Sófia Siemiônovna; mas, no entanto, não cheguei a compreender tudo. Talvez eu seja um indivíduo atrasado e incapaz de compreender o que quer que seja. Então me explique, pelo amor de Deus, meu amigo! Esclareça-me com as novíssimas ideias! Não é disso que eu estou falando, não é disso que eu estou falando (embora, aliás, tenha ouvido alguma coisa), não; o que quero dizer é que o senhor está sempre a queixar-se, sim, a queixar-se. O Schiller que há em si atormenta-o a todos os momentos. E vem o senhor dizer-me, agora, que não escute atrás das portas. Mas, nesse caso vá imediatamente ao Comissariado e explique, com mil demônios! que isto e mais aquilo, aconteceu-me uma coisa, a mim, um leve erro nas minhas teorias filosóficas. Se tem a certeza de que não se pode escutar atrás das portas, mas que se pode matar à mão armada uma velha que nos cai nas unhas, então fuja o mais depressa possível para qualquer parte da América. Corra, rapaz! Pode ser que ainda vá a tempo. Falo-lhe com toda a sinceridade. Tem dinheiro russo? Posso arrumar algum para a viagem.

– Nem de longe penso numa coisa dessas – respondeu Raskólhnikov enfadado.

– Compreendo (e aliás, não se preocupe; se não quiser, não fale); compreendo os problemas que deve ter; morais, não é verdade? Problemas respeitantes ao homem e ao cidadão, não é verdade? Mas o

senhor não os pôs já de lado? Por que se preocupa agora com eles? He, he! Além disso, que significa afinal isso de cidadão e de homem? Se assim fosse não devia ter-se metido nessa embrulhada; ninguém deve lançar-se em nenhuma empresa superior às suas forças. Olhe, meta uma bala na cabeça. O que, não quer?

– Pelo que vejo, o senhor deseja excitar-me, para que eu me vá embora e o deixe em paz…

– Que homem tão singular! Mas se cá já estamos! Venha e suba a escada. Olhe, aqui tem a entrada do quarto de Sófia Siemiônovna. Vê como não está ninguém? O que, não acredita? Então pergunte aos Kapernaúmovi: ela lhes deixa sempre a chave. Aqui está a senhora Kapernaúmova em pessoa. Quê? (É um pouquinho surda.) Saiu? Onde foi? Ai está! Ouviu? Saiu e só voltará para casa ao fim da tarde. Então não quer vir? Bem, já estamos em minha casa. A Senhora Resslich também não está. É uma mulher que anda sempre de cá para lá; mas é uma boa pessoa, garanto… talvez lhe fosse útil, se o senhor tivesse juízo… Vamos… me dê licença por um momento; entro, tiro um título de cinco por cento do *bureau* (olhe quanto me resta ainda!), e que ainda hoje mesmo há de ser trocado em dinheiro-moeda. Viu? Agora já tenho o tempo por minha conta. Fecho o *bureau*, fecho o quarto, e cá estamos outra vez na escada. Bem; quer que tomemos uma carruagem? Olhe, eu vou para as ilhas. Não lhe agradaria dar um passeio de carruagem? Olhe, vou tomar essa caleche, que me levará a Ieláguin, quer? Não quer? Está farto? Venha, que daremos um passeiozinho. Parece que vamos ter chuva; mas não tem importância, levantaremos a capota.

Svidrigáilov já subira para a caleche, Raskólhnikov pensou que as suas suspeitas, pelo menos naquele momento, não tinham fundamento. Sem responder uma palavra deu meia volta e retrocedeu em direção ao Mercado do Feno. Se ao menos tivesse voltado a cabeça no caminho teria podido ver como Svidrigáilov, depois de fazer um trajeto de cem passos apenas, pagou o cocheiro e desceu. Mas não viu nada e virou a esquina. Uma profunda repugnância o impelia a afastar-se de Svidrigáilov.

“Que podia eu esperar, nem que fosse por um momento, desse

tipo ordinário, desse vicioso, sensual e velhaco!”, exclamou involuntariamente. De fato, Raskólhnikov pronunciou esse seu juízo demasiado depressa e levianamente. Havia qualquer coisa na maneira de conduzir-se de Svidrigáilov que, pelo menos, lhe conferia certa originalidade, para não dizer mistério. Pelo que em tudo isto respeitava a sua irmã, Raskólhnikov ficou convencido, apesar de tudo, de que Svidrigáilov não a deixaria em paz. Mas como ficava cada vez mais aborrecido e insuportável pensar em tudo isso!

Conforme o seu costume, assim que se encontrou só e andou vinte passos, afundou-se em reflexões. Quando chegou à ponte, parou junto do peitoril e pôs-se a olhar para a água. E, entretanto, Avdótia Românovna chegara junto dele.

Esbarrou com ela à entrada da ponte; mas passou de largo, sem a ver. Dúnietchka nunca o encontrara assim, na rua, e ficou desorientada e até assustada. Parou, sem saber se havia de chamá-lo ou não. De súbito, descobriu Svidrigáilov, que vinha muito ligeiro do lado do Feno.

Mas ele, pelo visto, aproximava-se misteriosa e cautelosamente. Não entrou pela ponte e parou a um lado, no passeio, esforçando-se o mais possível para que Raskólhnikov não o visse. A Dúnia havia já algum tempo que a vira e fazia-lhe sinais. Parecia à moça que, com aqueles sinais, ele lhe pedia que não chamasse o irmão e o deixasse em paz, aproximando-se, por outro lado, do lugar onde ela estava.

Foi o que Dúnia fez. Devagarinho, passou por detrás do irmão e aproximou-se de Svidrigáilov.

– Saiamos daqui o mais depressa possível – disse-lhe Svidrigáilov em voz baixa. – Não quero que Rodion Românovitch saiba deste nosso encontro. Informo-a de que acabo de estar com ele, perto daqui, numa taberna, onde ele foi procurar-me, e que tive de desprender-me dele quase à força. Está a par da carta que eu lhe escrevi e suspeita de alguma coisa. A senhora, com certeza, não lhe disse nada. Mas, se não foi a senhora, quem poderia ter sido?

– Já voltamos a esquina – interrompeu-o Dúnia – agora, o meu irmão, já não nos pode ver. Aviso-o de que não irei até mais longe na

sua companhia. Diga-me tudo aqui; tudo isso pode dizer-se também em plena rua.

– Em primeiro lugar, é impossível falar disto na rua, e, além disso, temos de ouvir Sófia Siemiônovna; e, finalmente, tenho de mostrar-lhe alguns documentos… Bom, em resumo: se não consente em vir a minha casa, recuso dar a todas as explicações e vou embora agora mesmo. Peço-lhe, a propósito, que não se esqueça de que um segredo curiosíssimo do seu queridíssimo irmão se encontra em meu poder.

Dúnia parou indecisa e fixou em Svidrigáilov um olhar penetrante.

– Mas de que tem medo? – observou aquele tranquilamente. – Aqui não é a aldeia. E, na aldeia, faz-me a senhora mais mal a mim do que eu à senhora; por isso…

– Sófia Siemiônovna está prevenida?

– Não; eu não lhe disse nem uma palavra e, além disso, não tenho a certeza se ela estará em casa neste momento, embora esteja, provavelmente. Hoje teve que tratar do enterro da madrasta; não é um dia muito adequado para ir visitá-la. Por agora não quero falar disto a ninguém, e até já estou arrependido, de certa maneira, de ter sido franco. Neste campo, a mais leve imprudência equivale a uma delação. Olhe, eu, eu moro aqui, nesta casa em frente. Esse é o porteiro do prédio; o porteiro conhece-me muito bem; olhe como está já a cumprimentar-me. Vê que venho acompanhado duma senhora e com certeza que já deve ter fixado a sua cara, o que lhe é favorável, uma vez que tem tanto medo e suspeita de mim. Desculpe falar-lhe com tanta franqueza. Eu sou inquilino da casa. Sófia Siemiônovna e eu vivemos parede-meia; e também está subalugada. Em todos os andares há subaluguéis. Mas por que tem medo, como uma criança? Eu inspiro assim tanto medo?

A cara de Svidrigáilov contraiu-se num sorriso indulgente, mas que não chegou a definir-se completamente. O coração pulsava-lhe e faltava-lhe a respiração. Falava com voz forte de propósito para disfarçar a sua comoção crescente; mas Dúnia não pôde notar essa agitação especial: estava irritada por aquela observação sua de que ela

tinha medo como uma criança e de que ele lhe inspirava terror.

– Embora saiba muito bem que o senhor é um homem… desonesto, não tenho medo do senhor, de maneira nenhuma. Vá à frente – disse, aparentemente tranquila, embora o seu rosto estivesse muito pálido.

Svidrigáilov parou diante do quarto de Sonha.

– Deixe-me ver se ela está em casa. Não. Que fiasco! Mas eu sei que não tardará a regressar. Saiu unicamente para ir ver uma senhora, por causa dos orfãozinhos. Morreu-lhes a mãe. Eu entrei no assunto e tomei providências. Se Sófia Siemiônovna não tiver regressado dentro de dez minutos, vou mandá-la hoje mesmo a sua casa, se quiser. Bem; aqui está o meu número. Aqui estão os meus dois aposentos. Atrás dessa porta vive a minha senhoria, a Senhora Resslich. Agora olhe para aqui, porque vou mostrar-lhe os meus principais documentos; a porta do meu quarto de dormir conduz a dois quartos que estão completamente vazios, que estão para alugar. Estas são… mas é preciso que repare com mais atenção…

Svidrigáilov alugara dois quartos mobiliados, bastante espaçosos. Dúnietchka examinou-os, desconfiada, mas não observou nada de particular, nem no mobiliário nem na disposição dos quartos, embora tivesse podido muito bem reparar em qualquer coisa, por exemplo, que o quarto de Svidrigáilov ficava entre outros dois, quase completamente desabitados. A entrada não se fazia diretamente pelo corredor, mas por dois quartos pertencentes à senhoria e que estavam quase vazios. Do seu quarto de cama, Svidrigáilov, abrindo uma porta fechada com uma chave, mostrou a Dúnietchka aquele quarto desocupado, que estava para alugar. Dúnietchka ficou parada à entrada sem compreender por que a convidava ele a olhar; mas Svidrigáilov apressou-se a explicar.

– Venha, olhe para o lado de lá, para esse outro quarto grande. Repare nessa porta; está fechada à chave. Junto da porta está uma cadeira, que é o único móvel existente no quarto. Fui eu quem a levou para aí, do meu quarto, para escutar mais comodamente. Olhe, Sófia Siemiônovna tem a sua mesa logo atrás da porta e sentou-se aí e pôs-

se a falar com Rodion Românovitch. Eu, aqui, sentadinho na minha cadeira, estive a escutá-los durante duas noites seguidas, durante duas horas… e é claro que alguma coisa fiquei sabendo, não lhe parece?

– Esteve escutando?

– Sim, estive escutando; agora venha para os meus aposentos; aqui não há onde sentar.

Levou outra vez Avdótia Românovna para o seu primeiro quarto, que fazia as vezes de sala, e ofereceu-lhe uma cadeira. Ele sentou na outra extremidade da mesa, pelo menos a uma *sajenh* de distância; mas nos seus olhos brilhava aquele mesmo fogo que tanto assustara Dúnietchka noutro tempo. Esta estremeceu e tornou a olhá-lo cheia de medo. O seu gesto foi involuntário: era evidente que não queria deixar transparecer a sua desconfiança. Mas a solidão do quarto de Svidrigáilov acabou por impressioná-la. Quis perguntar se a senhoria estava em casa, mas não o fez… por orgulho. Além disto, outro sofrimento, incomparavelmente maior do que o medo por si mesma, dilacerava o seu coração. Sentia uma tortura insuportável.

– Aqui está a sua carta – disse, colocando-a em cima da mesa. – É porventura possível, aquilo que nela escreve? O senhor alude a um crime que o meu irmão teria cometido. Alude a isso com demasiada clareza; não vai ter o atrevimento de negá-lo. Sabe que antes disto chegara até mim essa estúpida história e que não acreditei nem uma palavra acerca dela? Essa suspeita é reles e ridícula. Eu conheço essa história, como e quem a inventou. Não é possível que o senhor tenha alguma prova da sua veracidade. Prometia demonstrá-lo, então fale! Mas fique sabendo desde já que não lhe darei crédito. Não lhe darei!

Dúnietchka disse tudo isto precipitadamente e de afogadilho e, por um instante, as cores afluíram ao seu rosto.

– Se não acreditasse, como seria possível que se tivesse atrevido a vir comigo até aqui? Por que veio? Por simples curiosidade?

– Não me torture! Fale, fale!

– Não será preciso dizer que é mulher corajosa. Garanto-lhe que

eu imaginava que a senhora havia de pedir ao senhor Razumíkhin que a acompanhasse até aqui. Mas não o vi nem ao seu lado nem perto da senhora, e olhei com atenção; está bem; isso significa que está empenhada em salvar Rodion Românovitch! Aliás, na senhora, tudo é divino… Que hei de eu dizer-lhe, a respeito de seu irmão? A senhora mesma acabou de o ver. Então, que tal?

– Mas é nisso, unicamente, que o senhor se funda?

– Não, não é nisso, mas nas suas próprias palavras. Olhe, veio ali duas noites seguidas visitar Sófia Siemiônovna. Já lhe mostrei o lugar onde eles conversam. Ele lhe fez uma confissão integral. É um criminoso. Matou uma velha, viúva dum funcionário, usurária, à qual levava coisas a empenhar, e matou também a irmã dela, uma revendedora, chamada Lisavieta, que entrou inesperadamente na casa quando ele acabara de assassinar a outra. Matou as duas com um machado com que ia prevenido. Matou-as para roubá-las e roubou; ficou com o dinheiro e com uns objetos… Tudo isto ele mesmo contou, palavra por palavra, a Sófia Siemiônovna, que é a única que sabe o segredo, mas que não teve a menor participação no crime, nem por palavras nem por ações, e até pelo contrário, a ela causou-lhe o mesmo horror que à senhora, agora; esteja tranquila, ela não o denunciará.

– Isso não pode ser! – balbuciou Dúnietchka, pálida, de lábios exangues; respirando afanosamente. – Isso não pode ser, não existe nenhuma, nem a mínima razão, motivo algum… Isso é mentira! Isso é mentira!

– Roubou e essa é toda a razão. Ficou com dinheiro e com objetos. Segundo ele próprio confessou, não se aproveitou nem do dinheiro nem dos objetos, mas foi enterrá-los em qualquer parte, debaixo de uma pedra, onde continuam ainda. Mas é porque não se atreveu a tirar proveito deles.

– Mas será possível que ele tenha sido capaz de roubar, de fato? Não teria a ideia dele sido outra? – exclamou Dúnietchka saltando do seu lugar. – O senhor conhece-o, falou com ele? É possível que seja um ladrão?

Parecia implorar Svidrigáilov; todo o seu medo desaparecera.

– Nisso, Avdótia Românovna, há milhares e milhões de combinações e categoria. Há ladrões que roubam e sabem que cometem uma ação baixa; mas ouvi falar de um indivíduo decente que assaltara um correio; e, quem sabe, pode ser que ele mesmo acreditasse, no fundo, que praticara uma ação digna! É claro que, no seu lugar, eu faria a mesma coisa, se a senhora me contasse tudo isso, eu não acreditaria. Mas, nos meus ouvidos, não tenho outro remédio senão acreditar. Ele explicou também os motivos a Sófia Siemiônovna; mas ela, a princípio, também não queria dar crédito aos seus ouvidos, até que acabou por dá-lo aos seus olhos, aos seus próprios olhos. Ele lhe contou pessoalmente.

– Mas quais foram… as causas?

– É uma longa história, Avdótia Românovna. Trata-se, não sei como explicar, de uma teoria especial, de sua invenção, pela qual eu posso, por exemplo, considerar lícito um só crime, desde que tenha um bom objetivo. Um só crime e cem ações boas! Não há dúvida, também é humilhante para um jovem, com méritos e com incomensurável amor-próprio, saber que se tivesse três mil rublos, toda a sua carreira, todo o seu futuro, a sua vida inteira, tomaria outra direção; e, no entanto, não ter esses três mil rublos… acrescente a isso o mau humor causado pelo frio, o cubículo estreito, os farrapos, o reconhecimento claro da sua brilhante posição social e, além disso, da posição da mãe e da irmã. O pior de tudo é a vaidade, o orgulho e a vanglória, embora no fim de contas, Deus é quem sabe a verdade; é possível que ele tenha boas inclinações… Porque fique sabendo que eu não o culpo a ele, não vá imaginar… isso não me compete. Há também de permeio uma teoria sua, pessoal, a sua teoria, segundo a qual os homens se dividem em seres materialistas e em seres especiais; isto é, em indivíduos para os quais, pela sua alta posição, a lei não foi escrita, antes pelo contrário, são eles quem ditam a lei aos outros homens; isto é, aos materialistas, ao povo. Essa é a sua teoria, contra a qual nada há a dizer; *une théorie comme une autre*. Napoleão o atrai enormemente; quer dizer, encantava-o especialmente que uns tantos seres geniais não se detivessem perante um só crime e passassem por cima dele sem se demorarem a pensar sobre o fato. Pelo visto ele

imaginou que era um desses homens geniais… Isto é, acreditou nisso durante algum tempo. Sofreu muito, e agora sofre também ao pensar que soube escrever a sua teoria, sim, mas que não é capaz de saltar a barreira sem se deter a pensar sobre o caso; isto é, que não é nenhum homem genial. Bom, isto, para um rapaz com amor-próprio, é também humilhante, sobretudo no nosso tempo.

– E os remorsos da consciência? Será possível que lhe negue todo o sentimento moral? Será ele assim?

– Ah, Avdótia Românovna! Agora anda tudo revoltado, embora, no fundo, nunca tenha havido tanta ordem. Os russos, de maneira geral, são gente de vistas amplas, como a sua terra, e muito propensos para o fantástico, para o desordenado; mas, infelizmente, trata-se de uma amplitude sem generalidade especial. E lembre-se das vezes que falamos destas coisas e destes temas, sentados à noite no terraço do jardim, depois do jantar. E mais: a senhora mesma me censurava, a mim, essa tal amplitude. Quem sabe se, enquanto nós falávamos ali dessas coisas, ele, aqui, deitado sobre o divã, estava meditando sobre a sua teoria! Entre nós, sobretudo nas classes cultas, não existe uma tradição sagrada, Avdótia Românovna; há quem a encontre nos livros… ou tire algo desse gênero da História. Mas isso costumam ser os eruditos e, repare, são tão antiquados que as pessoas comuns até os acham indecentes. Aliás, já sabe a minha opinião, em termos gerais: eu não culpo absolutamente ninguém. Eu vivo na ociosidade e não passo disso. Mas já falamos deste assunto por mais de uma vez. Até tive a sorte de interessá-la com as minhas opiniões… Mas está muito pálida, Avdótia Românovna!

– Conheço essa teoria dele. Li-a num artigo que ele publicou numa revista acerca dos indivíduos aos quais tudo é permitido… Foi Razumíkhin quem me deu a ler.

– O Senhor Razumíkhin? Um artigo do seu irmão? Numa revista? Com que então tinha escrito um artigo! Pois não sabia. Olhe, deve ser curioso! Mas onde vai, Avdótia Românovna?

– Vou ver Sófia Siemiônovna – disse Dúnia com voz fraca. – Por onde é que se vai ter ao quarto dela? Pode ser que já tenha voltado;

tenho de vê-la sem falta, imediatamente. Talvez ela…

– Sófia Siemiônovna só voltará à noite. É o que eu suponho. Ou vinha muito cedo ou muito tarde

– Ah, como tu mentes[63]! Agora vejo que mentiste! Tudo o que disseste é mentira! Eu não acredito em ti! Não acredito em ti! Não acredito em ti! – gritou Dúnietchka, verdadeiramente desorientada, completamente fora de si.

Quase desmaiada, deixou-se cair numa cadeira, que Svidrigáilov se apressou a aproximar dela.

– Que lhe aconteceu, Avdótia Românovna? Veja se se apercebe! Aqui tem água… Beba um golinho.

Salpicou-a com água. Dúnietchka estremeceu e voltou a si.

“Ficou muito impressionada”, murmurou Svidrigáilov, franzindo o sobrolho.

– Avdótia Românovna – disse em voz alta – sossegue, sossegue! Olhe que ele tem amigos. Havemos de salvá-lo, havemos de salvá-lo para bem. Quer que o leve comigo para o estrangeiro? Eu tenho dinheiro; em três dias arranjo-lhe um passaporte. E, quanto ao fato de ter matado ou não, ainda pode realizar muitas boas ações e tudo ficará compensado; tranquilize-se. Ainda pode ser um grande homem; mas, vamos, que lhe aconteceu? Como se sente?

– Homem malvado! Ainda por cima dá risada. Leve-me daqui…

– Para onde? Para onde?

– Até ele. Onde é que ele está? Onde é que ele está? Para onde dá essa porta fechada? Entramos aqui por essa porta e agora está fechada à chave. Como é que teve oportunidade de fechá-la à chave?

– Não era conveniente que, dos outros quartos, ouvissem a nossa conversa. Eu não estou rindo, de maneira nenhuma; a mim, só falar disto me aborrece. Mas vamos ver: onde é que a senhora vai, assim? Quer entregá-lo às autoridades? Ficará furioso e irá ele próprio

entregar-se. Não sabe que já o seguem, que já não lhe perdem a pista? A única coisa que a senhora conseguirá é que o apanhem. Olhe, eu acabei de vê-lo e de falar-lhe; ainda é possível salvá-lo. Espere, sente-se; pensaremos os dois juntos. Foi precisamente para isso que lhe pedi este encontro, para falarmos disto a sós e pensarmos melhor no caso. Mas sente-se!

– Mas como é que o senhor pode salvá-lo?

Dúnia sentou. Svidrigáilov sentou junto dela.

– Tudo depende da senhora, da senhora, e só da senhora – começou, de olhos chamejantes, quase em voz baixa, precipitadamente e até sem atinar, algumas vezes, com as palavras.

Dúnia, assustada, afastou-se um pouco dele. Além disso, ele tremia todo.

– Da senhora! Uma palavra sua e ele está salvo! Eu… cuidarei disso! Eu tenho dinheiro e amigos. Resolverei isso imediatamente e arranjo também um passaporte… e à sua mãe… Que lhe interessa Razumíkhin? Eu a amo tanto… Amo-a infinitamente. Deixe-me beijar, ao menos, a fímbria da sua saia, deixe! Não posso suportar o barulho que ela faz. Diga-me: "Faz isto!", que eu o farei logo. Farei o impossível. Naquilo que a senhora acreditar, eu acreditarei. Tudo, farei tudo! Não me olhe, não me olhe dessa maneira! Não sabe que me mata…

Começava até a delirar. De súbito foi como se lhe tivesse subido qualquer coisa à cabeça. Dúnia saltou da cadeira e correu para a porta.

– Abram! Abram! – gritou, de dentro, chamando as pessoas e batendo na porta com as mãos – abram! Mas não haverá aqui ninguém?

Svidrigáilov levantou e se apercebeu de tudo. Um sorriso maldoso e trocista assomou imediatamente aos seus lábios ainda trêmulos.

– Não está ninguém em casa – disse em voz baixa e lentamente. –

A senhoria saiu e é escusado gritar assim. Nada mais conseguirá senão agitar-se em vão.

– Onde está a chave? Abra imediatamente, seu canalha!

– Perdi a chave, não consigo encontrá-la!

– Ah! Com que então apela para a violência! – exclamou Dúnia.

Empalideceu como uma morta e atirou-se para um canto, onde se entrincheirou atrás de um velador que se encontrava à mão. Não gritava, mas fulminava o seu verdugo com os olhos e seguia todos os seus movimentos com atenção. Svidrigáilov também não se mexia do seu lugar e estava de pé, em frente dela, no outro extremo do quarto. Parecia dominar-se perfeitamente. Mas o seu rosto estava tão pálido como há pouco. O seu sarcástico sorriso não o abandonara.

– A senhora, Avdótia Românovna, acaba de falar em violência, sendo assim, a senhora mesma poderá calcular como eu devo ter tomado bem as minhas providências. Sófia Siemiônovna não está nesta casa; os Kapernaúmovi estão muito longe daqui, com cinco quartos fechados de permeio. Finalmente eu sou mais forte do que a senhora e não tenho medo de nada, porque a senhora, depois, não poderá denunciar-me, pois não há de querer provocar, assim, a perda de seu irmão. Além de que ninguém acreditaria na senhora. “Ora, para que foi essa mulher, sozinha, com um homem, a sua casa?” Por isso, ainda que causasse a perdição de seu irmão, nada provaria: é muito difícil provar a violência, Avdótia Românovna.

– Canalha! – balbuciou Dúnia com indignação.

– Como quiser; mas lembre-se de que eu falo apenas por hipótese. Segundo a minha convicção pessoal, penso que a senhora tem razão de sobra; a violação… é uma vileza. Só queria dizer que, em sua consciência, não teria nada a censurar-se, se bem que… de boa vontade, conforme lhe propus. Nada mais teria acontecido, senão que a senhora, simplesmente, se teria rendido perante as circunstâncias, perante a força, se é que quer teimar em manter esta palavra. Pense nisto: o destino do seu irmão e o da sua mãe estão nas suas mãos. Eu serei seu escravo… toda a vida… Por isso, repare: estou aqui, à

espera…

Svidrigáilov sentou no divã, a oito passos de Dúnia. Esta não podia já ter a menor dúvida a respeito da sua inflexível decisão. Além disso, conhecia-o…

De repente puxou de um revólver, carregou-o e apoiou a mão, que segurava o revólver, em cima do velador. Svidrigáilov saltou do seu lugar.

– Ah! Então é assim! – exclamou, assombrado, mas sorrindo malevolamente. – Então, o caso toma outro aspecto. Tira-me um peso de cima de mim, Avdótia Românovna! Não seria o Senhor Razumíkhin que lhe deu? Ah! Mas é o meu revólver! Um velho amigo! E tanto que eu o procurei! Pelo visto, as lições que tive a honra de dar-lhe na aldeia deram os seus resultados.

– Não é o teu revólver, mas o de Marfa Pietrovna, que tu assassinaste, bandido! Tu não tinhas nada teu naquela casa. Fiquei com ele quando comecei a suspeitar daquilo de que eras capaz. Atreve-te a dar um passo e juro que te mato!

Dúnia estava desorientada. Empunhava o revólver carregado.

– Bem; e o seu irmão? Pergunto por curiosidade – disse Svidrigáilov ainda imóvel no seu lugar.

– Denuncia-o, se quiseres! Não se mexa! Não avance! Envenenaste a tua mulher, eu sei; tu também és um assassino.

– Tens certeza de que eu envenenei Marfa Pietrovna?

– Fôste tu! Tu próprio me falaste de um veneno… Sei que andaste à procura dele… Já o tinhas preparado… Fôste tu e só tu… Canalha!

– Supondo que isso fosse verdade, teria sido por tua causa… Tu é que serias a culpada.

– Mentes! Eu nunca te pude ver, nunca…

– Ai, Avdótia Românovna! Pelo visto já te esqueceste de como te

inclinavas para mim, no entusiasmo da catequese, toda embevecida… Vi nos teus olhos; lembras-te daquela noite de lua em que até cantava um rouxinol?

– Mentes! – o furor brilhava nos seus olhos – mentes, caluniador!

– Minto? Bem; suponhamos que minto. Sim, menti. Às mulheres, não convém recordar-lhes certas pequenas coisas – e pôs-se a rir. – Já sei que és capaz de disparar sobre mim, minha linda ferazinha! Vamos, então, dispara!

Dúnia ergueu o revólver, e, mortalmente pálida, o lábio inferior tremente, com os seus grandes olhos negros que chispavam como brasas, apontou e ficou à espera do primeiro movimento do homem. Nunca ele a vira tão bela. O fogo, que os seus olhos expediam no momento de erguer o revólver, atingiu-o como uma queimadura e seu coração ficou apertado de dor. Adiantou um passo e ouviu-se um disparo. A bala passou roçando-lhe os cabelos e foi dar atrás das suas costas, na parede. Ele parou a sorrir tranquilamente.

– A vespa picou-me! Tinha-me apontado à cabeça… Mas que é isto? Sangue!

Tirou o lenço para enxugar o sangue que lhe corria num fio finíssimo, pela fronte direita; provavelmente, a bala, devia ter-lhe arranhado a pele do crânio. Dúnia largou o revólver e ficou olhando para Svidrigáilov, não com medo, mas com intensa perplexidade. Parecia não compreender o que acabava de fazer, nem o que acontecera.

– Bem, falhou! Atire outra vez, fico aqui à espera – disse tranquilamente Svidrigáilov, sem deixar de sorrir, mas com uma expressão um tanto sombria. – Senão, terei tempo para agarrá-la, antes que carregue a arma!

Dúnietchka estremeceu, carregou à pressa o revólver e ergueu-o de novo ao alto.

– Deixe-me! – disse desolada. – Juro-lhe que torno a disparar… Eu… mato-o!

– Vamos… a três passos de distância é impossível não matar. Mas se não me matar… então… – os seus olhos brilhavam e adiantou dois passos.

Dúnietchka disparou, mas o tiro não saiu.

– Carregou mal. Não importa! Ainda tem uma bala. Arranje-o, que eu espero.

Estava parado diante dela, a dois passos de distância; esperava-a e olhava-a com uma selvagem decisão, com os olhos inflamados de paixão, fixos. Dúnia compreendeu que ele antes morreria do que a deixaria. "E… e não tinha dúvidas de que o mataria, agora que o tinha a dois passos…" De repente, largou o revólver.

– Largou-o! – exclamou Svidrigáilov, atônito, e respirou profundamente. Parecia que qualquer coisa desaparecera de súbito de sobre o coração, e esse seria talvez mais do que o simples peso do terror da morte, embora fosse provável que se apercebesse disso naquele instante. Era a libertação de outro sentimento, mais medonho e sombrio, que ele mesmo não conseguia definir, por mais que se esforçasse.

Aproximou-se de Dúnia e, suavemente, cingiu-lhe a cintura com a mão. Ela não se opôs, mas, tremendo como a folha de uma árvore, olhou-o com olhos implorativos. Ele quis dizer qualquer coisa, mas não fez mais do que crispar os lábios, como se não fosse capaz de articular um som.

– Deixa-me! – disse Dúnia implorante. Svidrigáilov estremeceu; aquele "tu" foi pronunciado de maneira diferente da anterior.

– Então não me queres? – perguntou-lhe a medo.

Dúnia moveu negativamente a cabeça.

– E… não poderás? Nunca? – balbuciou ele com desespero,

– Nunca! – murmurou Dúnia.

Houve um momento de espanto e muda batalha na alma de

Svidrigáilov e olhou para a mulher com uma expressão indescritível. De repente deixou cair a mão, deu meia volta, dirigiu-se rapidamente para a janela e ficou parado diante dela. Decorreu um instante.

– Aqui tem a chave! – Tirou-a do bolso esquerdo do casaco e colocou-a atrás de si, em cima da mesa, sem se voltar nem olhar para Dúnia. – Tome-a e saia imediatamente! – Olhava teimosamente para a janela.

Dúnia aproximou-se da mesa para pegar na chave.

– Imediatamente! Imediatamente! – repetia Svidrigáilov sem fazer um movimento e sem se voltar.

Mas percebia-se que naquele "imediatamente" vibrava uma entoação quase terrível. Foi o que pareceu a Dúnia, que pegou na chave, correu para a porta, abriu-a rapidamente e saiu do quarto. Passado um minuto, como louca, sem se compreender a si mesma, pôs-se a correr para o canal e dirigiu-se à ponte.

Svidrigáilov permaneceu ainda de pé junto da janela, durante três minutos, até que, por fim, devagarinho, voltou-se, relanceou a vista à sua volta e, tranquilamente, levou a mão à testa. Um estranho sorriso lhe contraiu o rosto, um pobre sorriso, triste, desesperado. O sangue, que já coagulara, ficou-lhe empapado sobre a mão; olhou para o sangue com ódio; depois molhou um lenço e estancou a fronte. De súbito, o revólver que Dúnia largara e que estava ali tombado, junto da porta, chamou-lhe a atenção. Apanhou-o e pôs-se a examiná-lo. Era um revólver pequeno, de bolso, de três tiros, de fabricação antiga; ainda lhe restavam dois carregadores e uma bala. Ainda podia disparar uma vez. Refletiu um momento, guardou o revólver no bolso, pegou o chapéu e saiu.

## Capítulo VI

Nessa noite andou vagueando por várias tabernas e espeluncas, de uma para outra. Numa delas encontrou Kátia, a qual cantava outra canção própria da gente servil, alusiva a alguém mau e tirano que tinha ousado beijar Kátia.

Svidrigáilov deu de beber à Kátia e ao rapaz do realejo, e aos cantores, aos criados e a dois escriturariozinhos. Entabulara conversa especialmente com estes dois escriturariozinhos porque tinham o nariz torto: um tinha-o torcido para a direita e outro para a esquerda, o que impressionou Svidrigáilov. Até que por fim o levaram a um jardim divertidíssimo, onde ele lhes pagou a entrada. Nesse jardim havia, ao todo, um pequeno abeto muito delgado, de uns três anos, e três arbustos. Além disto havia aí um lugar chamado *vauxhall*[64], mas que na realidade era uma taberna, onde também se podia tomar chá, e havia ainda algumas mesinhas e luminárias pintadas de verde. Alegravam o público um coro de repugnantes cantoras e um ou outro alemão de Munich, embriagado, com tipo de camponês, de nariz vermelho, mas, sem se saber por que, muito triste. Os escriturários começaram a envolver-se em discussões com outros escriturários que por ali encontraram e produziu-se uma grande algazarra. Svidrigáilov foi escolhido por eles como árbitro. Julgou-os num quarto de hora, mas eles gritavam tanto que não havia meio de averiguar nada ao certo. Um deles roubara qualquer coisa, vendera-o a um judeu; mas, depois de ter vendido isso, não queria repartir a importância com o companheiro. Verificou-se, finalmente, que o objeto vendido era uma colherzinha de chá que pertencia à casa. Apanhara ali e o caso começava a tomar proporções aborrecidas. Svidrigáilov abonou o valor da colher, levantou e abandonou o jardim. Eram cerca de dez horas. Durante todo esse tempo não bebera nem uma gota de vinho, e no *vauxhall* só tinha tomado chá e apenas por obrigação. Estava uma noite pesada e sombria. Às dez horas começavam a surgir por todo lado nuvens terríveis; o trovão ribombou e começou a chover caudalosamente. A água caía, não em grossas gotas mas já sob a forma de verdadeiras torrentes que se precipitavam sobre a terra. Os

relâmpagos brilhavam a cada momento e podia contar-se até cinco durante o tempo que durava cada um deles. Molhado até aos ossos, encaminhou-se para casa, entrou, fechou a porta, abriu o *bureau*, tirou dele todo o seu dinheiro e rasgou dois ou três papéis. A seguir meteu o dinheiro nos bolsos começou a mudar de roupa, mas, depois de ter olhado a janela e ouvido a tempestade e a chuva, deixou cair as mãos, pegou o chapéu e foi-se, sem fechar a porta. Encaminhou-se diretamente para o quarto de Sonha, que estava em casa.

Não estava sozinha; à sua volta estavam os quatro filhinhos da Kapernáumova. Sófia Siemiônovna tinha-os convidado a tomar chá. Viu entrar Svidrigáilov em silêncio e respeitosamente; reparou, com espanto, no seu traje encharcado, mas não disse uma palavra. Os petizes fugiram todos, apavorados. Svidrigáilov sentou à mesa e pediu a Sonha que se sentasse a seu lado. Ela se preparou timidamente para escutá-lo.

– Eu, Sófia Siemiônovna, é possível que vá para a América – disse Svidrigáilov – e, como, por conseguinte, é muito provável que esta seja a última vez que nos vejamos, vim visitá-la para deixar concluídas algumas disposições. Então foi hoje visitar a tal senhora? Já sei o que ela lhe disse, por isso não precisa me contar – Sonha fez um gesto e corou. – Já sabemos como essa gente é. Quanto aos seus irmãozinhos o caso está arrumado, de fato, e o dinheiro foi posto em nome de cada um, e já o entreguei, contra recibo, onde devia, em boas mãos. Além disso a senhora deve ficar com esses recibos, pode precisar deles. Aqui os tem, guarde-os! De maneira que, este assunto, já está arrumado. Aqui tem três títulos de cinco por cento; ao todo, três mil rublos. Isto dou-lhe eu à senhora, só à senhora, e não diga nada a ninguém, que ninguém chegue a saber disto, por mais coisas que possa ouvir. Esse dinheiro é-lhe necessário, porque, viver como até aqui, Sonha Siemiônovna… é horrível, e agora não é preciso.

– Fico-lhe muitíssimo grata, bem como os pequeninos e a falecida – disse Sonha apressadamente – e se até agora ainda não lhe agradeci devidamente… não pense que…

– Ah, pronto, pronto!

– Oh, este dinheiro, agradeço-lho muitíssimo, Arkádi Ivânovitch, mas, de fato, agora, não preciso dele. Eu, para mim sozinha, sempre terei o suficiente; não leve isto à conta de ingratidão; mas já que é tão bondoso, este dinheiro…

– É para a senhora, para a senhora, Sônia Siemiônovna, e prescinda de mais cumprimentos, pois, além do mais, não tenho muito tempo. Há de ser necessário. Rodion Românovitch tem à sua frente dois caminhos: ou mete uma bala na cabeça ou raspa-se para Vladímirka[65] – Sonha olhou para ele avidamente e estremeceu. Não se preocupe, eu sei tudo, da sua própria boca, e não sou tagarela; não o direi a ninguém. O melhor que ele podia fazer seria apresentar-se pessoalmente e confessar tudo. Teria atenuada a pena. Bem, vamos ver: como é que hão de ir para Vladímirka? Ele primeiro e a senhora depois? Assim? Desta maneira? Bem, se for assim, isso quer dizer que hão de precisar de dinheiro. Hão de precisar de dinheiro para ele, compreende? Dá-lo à senhora é o mesmo que entregá-lo a ele. Além disso, a senhora tinha-lhe prometido pagar a sua dívida a Amália Ivânovna, segundo ouvi dizer. Mas como é que a senhora, Sófia Siemiônovna, toma tais compromissos e deveres tão levianamente? Porque quem devia a essa alemã era Ekatierina Ivânovna e não a senhora; por isso podia mandar passear a alemã. Assim não se pode viver neste mundo. Bem; agora, escute: se alguém lhe perguntar um dia por mim ou a meu respeito, amanhã ou depois de amanhã (e hão de perguntar, com certeza), não fale nesta visita que eu lhe fiz, nem mostre a ninguém o dinheiro que acabo de dar-lhe. E, agora, até à vista – levantou da cadeira. – Os meus cumprimentos a Rodion Românovitch. E, a propósito, peça a alguém para guardar o dinheiro até o momento oportuno, ainda que seja ao senhor Razumíkhin… Conhece o senhor Razumíkhin? Com certeza que deve conhecê-lo. É um bom rapaz. Leve-lhe o dinheiro amanhã, ou quando tiver tempo. Mas entretanto guarde-o bem.

Sonha levantou também e olhou para ele assustada. Queria dizer-lhe alguma coisa, perguntar-lhe alguma coisa; mas nos primeiros momentos não se atrevia nem sabia como havia de começar.

– De maneira que… Como é que o senhor vai sair, assim, com esta chuva?

– Ora! Então eu vou partir para a América e havia de ter medo da chuva, he, he! Adeus, caríssima Sófia Siemiônovna! Tenha muita saúde e viva muitos anos, porque há de ser muito útil a toda a gente. A propósito… diga ao Senhor Razumíkhin que eu lhe mando cumprimentos. Diga-lhe assim: “Arkádi, vamos, Ivânovitch Svidrigáilov, apresenta-lhe os seus cumprimentos”. Não se esqueça.

Saiu deixando Sonha estupefata, assustada e possuída de uma vaga e aborrecida suspeita.

Sucedeu depois que nessa mesma noite, à meia-noite, fez ainda Svidrigáilov outra excêntrica e inesperada visita. Ainda não parara de chover. Todo molhado, dirigiu-se à meia-noite ao mesquinho cubículo onde viviam os pais da noiva, na ilha Vassílievski, na Terceira Linha, no Próspekt Máli. Chamou em voz alta e, a princípio, provocou grande alarme; mas, Arkádi Ivânovitch, quando queria era um homem de modos sedutores; de maneira que a primeira suspeita (aliás muito justificada), dos pais da noiva, de que Arkádi Ivânovitch se tinha provavelmente embriagado em qualquer lugar e já não sabia o que fazia… acabou por se desfazer automaticamente. A condescendente e discreta mãe da noiva ofereceu a poltrona do marido paralítico, e, conforme era seu costume, começou a dirigir-lhes perguntas indiretas. (Essa senhora nunca fazia perguntas francas, e começava sempre por sorrir e esfregar as mãos, e depois, se precisava de informar-se de qualquer coisa de maneira certa e precisa, por exemplo, para quando pensava Arkádi Ivânovitch marcar a data do casamento, começava a fazer perguntas cheias de curiosidade e até prementes acerca de Paris e da vida da alta sociedade parisiense, e depois ia-se aproximando gradualmente da Terceira Linha da ilha Vassílievski.) Tudo isso, noutra ocasião, teria inspirado, sem dúvida, um grande respeito; mas naquele momento Arkádi Ivânovitch parecia particularmente impaciente e manifestara imediatamente o desejo de ver o mais depressa possível a sua noiva, embora lhe tivessem dito que já estava deitada. Escusado será dizer que ela apareceu logo. Arkádi Ivânovitch participou-lhe, sem rodeios, que precisava ausentar-se por algum tempo de Petersburgo para tratar de um assunto importantíssimo, e por isso deixava-lhe quinze mil rublos, sob várias formas, e pedia-lhe que os aceitasse a título de presente, já que pensara oferecer-lhe essa

bagatela antes do casamento. Não havia relação lógica entre o presente, a viagem iminente e a necessidade imprescindível de aparecer ali, com aquela chuva, e à meia-noite; mas ninguém lhe fez a mínima objeção. Até os inevitáveis oh! e ah!, perguntas e espantos foram muito comedidos e discretos; em compensação demonstraram-lhe a sua gratidão nos termos mais calorosos e exaltados e não faltaram sequer as lágrimas da discreta mãe. Arkádi Ivânovitch ficou em pé e começou a rir, deu à noiva um beijo e uma palmadinha na face, afirmou-lhe que não tardaria a estar de volta e, apercebendo nos seus olhos uma espécie de curiosidade infantil, e ao mesmo tempo uma séria e tácita interrogação, reconsiderou um pouco, tornou a beijá-la e lamentou sinceramente que o pequeno presente que acabava de dar-lhe fosse parar imediatamente às mãos da discreta mamãe, que o guardaria à chave, muito bem guardado. Saiu deixando todos num estado de extraordinária agitação. Mas a compassiva *mamacha* resolveu imediatamente, em voz baixa e sem pensar, algumas dúvidas gravíssimas e, sobretudo, considerou que Arkádi Ivânovitch era um homem importante, um homem que tinha negócios, negócios, relações ricas… Sabe Deus o que ele teria resolvido lá para consigo; devia ter pensado bem e partia, considerava isso oportuno e deixava aquele dinheiro, o que, com certeza, não tinha nada de extraordinário! É verdade que era estranho ele ter-se apresentado ali todo encharcado, mas os ingleses, por exemplo, ainda eram mais excêntricos, e isto para não falar nessas pessoas da alta sociedade que não se preocupam com o que possam dizer delas e não estão com cerimônias. Era até muito provável que se tivesse apresentado intencionalmente ali, daquela maneira, para demonstrar que não tinha medo de nada. Mas o mais importante era não dizer uma palavra a ninguém, pois só Deus sabia como é que tudo aquilo viria ainda a acabar; quanto ao dinheiro, o melhor era ir fechá-lo imediatamente à chave, e era uma sorte que Fiedóssia estivesse lá para a cozinha e, sobretudo, era preciso não dizer absolutamente nada do que se passara à Resslich, etc., etc. Ficaram acordados tagarelando em voz baixa até às duas. Aliás, a noiva foi dormir muito mais cedo, admirada e um pouco triste.

Quanto a Svidrigáilov, atravessava às doze em ponto a ponte de***, em direção ao Lado Petersburguês. A chuva parara, mas o vento zunia. Começou a tremer e, por um instante, com certa

curiosidade e até de um modo interrogativo, olhou para as águas do Pequeno Nieva. Mas a seguir pensou que apanhava frio estando assim parado em cima da água; deu meia volta e encaminhou-se para o Próspekt***. Caminhou bastante tempo pelo interminável Próspekt***, cerca de meia hora, tropeçando na escuridão por mais de uma vez, no piso de madeira, mas sem deixar de procurar com curiosidade qualquer coisa no lado direito da avenida. Ao longe, no fim da avenida, notava ao passar por ali, não havia muito, uma estalagem de madeira, mas ampla, e o seu nome, tanto quanto podia recordar, era qualquer coisa assim como Adrianopol. Não se enganara nos seus cálculos: aquele hotel, que ficava no extremo dum bairro, era um ponto tão visível que se podia distinguir até no meio da escuridão. Era um grande edifício, comprido, de madeira, escurecido, no qual, apesar da hora avançada havia ainda luz e se notava certa animação. Entrou e pediu um número[66] ao criado que veio recebê-lo. O criado olhou Svidrigáilov de alto a baixo, espreguiçou-se e conduziu-o a um quarto afastado, abafado e pequeno, ao fundo do corredor, a um canto, ao pé da escada. Não havia outro; estavam todos ocupados. O criado ficou a olhá-lo interrogativamente.

– Há chá? – perguntou Svidrigáilov.

– Pode-se arranjar.

– Que mais há?

– Carne assada, aguardente, aperitivos.

– Traz-me carne assada e chá.

– Não deseja mais nada? – perguntou o criado com certa perplexidade…

– Mais nada, mais nada!

O homem afastou-se completamente desiludido. “Deve ser um lugar magnífico – pensou Svidrigáilov. – Como é que não havia de conhecê-lo! Naturalmente devo ter o ar dum homem que regressa de algum café-concerto e teve alguma aventurazinha pelo caminho. No entanto será curioso saber que espécie de gente vem aqui dormir à

noite!”

Acendeu a vela e inspecionou mais demoradamente o aposento. Era um cubículo tão pequeno que Svidrigáilov quase batia com a cabeça no teto, e tinha apenas uma janela; uma cama muito suja, uma mesa simples, pintada, e uma cadeira ocupavam quase completamente o espaço do quarto. As paredes pareciam formadas de sólida madeira, forradas de papel velho e desbotado, a tal ponto cheio de pó e esfrangalhado que mal se podia adivinhar a sua cor (amarelo) e, quanto ao desenho, era impossível distingui-lo. Uma parte da parede e do teto eram inclinados obliquamente como os das águas-furtadas, e por cima desse declive passava a escada. Svidrigáilov deixou a luz, sentou na cama e ficou pensativo. Mas um estranho e contínuo murmúrio, que às vezes chegava quase a transformar-se num grito, acabou por prender-lhe a atenção. Esse murmúrio não cessara um momento desde que ali entrara. Pôs-se à escuta, ouviu alguém que censurava e, quase chorando, invectivava outra pessoa, mas só se ouvia uma voz. Svidrigáilov levantou, cobriu a vela com a mão, e imediatamente uma frincha brilhou na parede; aproximou-se e olhou. Naquele quarto, um pouco maior do que o seu, havia dois hóspedes. Um deles, sem sobretudo, com uma cabeça muito desgrenhada e uma cara vermelha e congestionada, estava de pé, numa atitude oratória, de pernas excessivamente abertas para manter o equilíbrio, e, dando socos no peito, censurava pateticamente o outro, dizendo-lhe que era miserável, que nem sequer tinha um ofício, que ele o tirara da lama, e, quando quisesse, poderia atirá-lo outra vez para lá, e que de tudo isto só Deus era testemunha. Aquele que era recriminado estava sentado numa cadeira e mostrava o aspecto dum homem que tem muita vontade de espirrar e não pode. De quando em quando pousava uns olhos mortiços e compungidos no orador, mas era evidente que não percebia nada do que aquele queria dizer e mal o escutava. Em cima da mesa acabava de consumir-se uma luz e viam-se aí também uma garrafa de aguardente, quase vazia, copos, pequenos, e um serviço de chá, que já tinha sido utilizado. Depois de observar atentamente aquele quadro, Svidrigáilov afastou-se da frincha com indiferença e sentou outra vez na cama.

O criado, quando voltou com o chá e com a carne, não pode

conter-se e tornou a perguntar-lhe se não queria mais nada; e, como ouvisse outra vez uma resposta negativa, afastou-se definitivamente. Svidrigáilov atirou-se ao chá, para se aquecer, e bebeu um copo; mas não conseguiu comer absolutamente nada por ter perdido completamente o apetite. Começava a sentir febre. Tirou o casaco e a samarra, embrulhou-se no cobertor e deitou-se. Estava contrariado. "Era muito melhor sentir-me bem, agora", pensou, e sorriu com sarcasmo. O ar do quarto era pesado; a luz ardia mortiça; mas lá fora o vento soprava, em qualquer lugar sentia-se bulir um rato, e em todo o quarto cheirava a ratos e a couro. Estava deitado e delirava completamente; passava de um pensamento para outro. Parecia que queria fixar na imaginação alguma coisa especial. "Ali, debaixo da janela, deve haver um jardim – pensou – sente-se o farfalhar das árvores; não me agrada nada o barulho das árvores à noite, quando há tempestade e escuridão; que impressão tão antipática…" E lembrou-se de como, ao passar pouco antes pelo parque Pietróvski, sentira quase repugnância. Lembrou-se também, a propósito disto, da ponte de*** e do Pequeno Nieva, e tornou outra vez a sentir frio, como há pouco… quando parara a olhar a água. "Nunca na minha vida gostei de água, nem sequer na paisagem – pensou outra vez, e tornou logo a rir, sarcasticamente, perante um estranho pensamento. – Agora, pelo visto, quanto a estética e a comodidade, tudo devia ser-me indiferente, e, no entanto, ponho-me com esquisitices, como o animal que tem de procurar sem outra escolha o lugar para o seu ninho… num caso destes. O que eu tinha feito bem era dirigir-me antes para Pietróvski. O céu estava escuro, fazia frio, he! he! Aquilo de que necessitava era precisamente de sensações desagradáveis… E, a propósito: por que não apago eu a vela? – e apagou-a. – Os vizinhos já se deitaram – pensou, uma vez que já não viu luz pela fresta. – Pronto, Marfa Pietrovna! Agora podes vir recriminar-me; está tudo às escuras, o lugar não pode ser mais adequado, e o momento tem a sua originalidade. E, no entanto, será precisamente agora que tu não hás de aparecer…"

De súbito, sem saber por que, lembrou-se que havia pouco, antes de ter ido ao encontro de Dúnietchka, recomendara a Raskólhnikov que a entregasse à guarda de Razumíkhin. "No fundo disse-lhe isto por pura fanfarronice, conforme Raskólhnikov calculou. Mas que velhaco,

apesar de tudo, é esse Raskólhnikov! Sempre fez uma! Pode ser que, com o tempo, venha a ser um grande homem, quando lhe tiver passado a loucura; mas, por agora, que ânsias tem de viver! Quanto a isso, todos esses tipos são… uns covardes. Mas bem, o diabo que o carregue e que faça o que quiser! E eu?”

Não podia dormir. Pouco a pouco, a imagem recente de Dúnietchka começou a surgir na sua frente, e de repente correu-lhe um tremor por todo o corpo. “Não, deixemos isso, por agora – pensou num instante de lucidez – é preciso pensar em qualquer outra coisa. Coisa estranha e ridícula; nunca tive tanto ódio a ninguém e nunca tive ideias de vingança, e isso é mau sinal, mau sinal. Também nunca gostei de disputas nem de acalorar-me… outro mau sinal. E as promessas que eu lhe fiz… livra, que vá para o diabo! No fim de contas, quem sabe se não teria feito de mim outro homem …” Tornou a calar-se e a ranger os dentes; a imagem de Dúnietchka, tal como era na realidade, apareceu-lhe outra vez, como se fosse ela mesma, quando, ao disparar sobre ele pela primeira vez, sofreu um susto tremendo, atirou fora o revólver e, meio morta, ficou olhando para ele, de tal maneira que ele tivera tempo para apoderar-se dela por duas vezes e ela não teria levantado uma mão para se defender, se ele não a tivesse despertado. Lembrava-se da pena que lhe inspirou naquele instante, de como se sentira confrangido… Ah, que fosse para o diabo! Outra vez essas ideias! É preciso afugentar, afugentar, tudo isso!

Finalmente, quedou-se amodorrado; a tremura da febre diminuiu, de repente, pareceu-lhe que qualquer coisa lhe corria por debaixo do cobertor, por cima da mão e da pele. Estremeceu. “Livra, que diabo! Seria um rato? – pensou – Como deixei a carne em cima da mesa…” Repugnava-lhe muito ter de se destapar, levantar e apanhar frio; mas, de súbito, algo de desagradável lhe fez cócegas na pele; atirou com o cobertor e acendeu a vela. Tremendo de febre, agachou-se para examinar a cama… não havia nada; sacudiu o cobertor e, de repente, sobre a cama, saltou, lépido, um rato. Correu para apanhá-lo; mas o rato não corria por cima da cama, ziguezagueava por todos os lados, se esgueirava entre os dedos dele, escapulia pela mão acima e, de repente, ia e metia-se por debaixo da almofada. Puxou da almofada,

mas por um momento sentiu que qualquer coisa lhe saltara sobre o ventre, lhe fazia cócegas por todo o corpo e até pelas costas, por debaixo da camisa. Começou a sentir um tremor, enervou-se e pôs-se alerta. O quarto estava às escuras e ele estendido no leito, embrulhado, como há pouco, no cobertor; junto da janela assobiava o vento. “Que nojo!”, pensou com aborrecimento.

Levantou e ficou sentado na beira da cama, de costas para a janela. “O melhor é não dormir”, resolveu. Demais entrava frio e umidade pela janela; sem levantar de onde estava, puxou pelo cobertor e embrulhou-se nele. Não acendera a luz. Não pensava nem queria pensar em coisa alguma; mas os sonhos sucediam-se uns atrás dos outros, e pelo seu cérebro deslizavam fragmentos de ideias, sem princípio nem fim, e sem coerência. Parecia que tinha caído num meio torpor. O frio, o aspecto macabro daquele quarto, o vento que zunia e sacudia as árvores junto da janela, tudo isso lhe infundia uma propensão e um desejo tenazes e fantásticos… mas, afinal, só via flores. A sua imaginação mostrou-lhe uma paisagem admirável; um dia claro, tépido, quase quente, um dia de festa, o dia da Trindade. Uma chácara no campo, rica, luxuriante, de estilo inglês, toda rodeada de túrgidos viveiros de flores e de platibandas que davam volta à construção; a pequena escada, afogada em trepadeiras e coberta de rosas; na escada principal, clara e fresca, atapetada com uma passadeira, havia em cada degrau jarros chineses com flores raras. Reparou especialmente nuns vasos com água, que havia nas janelas, e que tinham narcisos brancos, que se inclinavam sobre os seus longos caules, esguios e vaporosos, de forte aroma. Não queria afastar-se deles, mas subia a escada e entrava num grande salão, de teto alto; e aí também havia flores por todos os lados, junto das janelas e em volta da porta aberta sobre o terraço, e no próprio terraço. O chão estava todo atapetado de erva recém-cortada e cheirosa; as janelas abertas; um ar fresco, leve, penetrava no salão; os passarinhos gorjeavam junto das janelas e no meio do aposento, em cima da mesa, coberta com uma toalha branca de cetim, havia um caixão. Esse caixão estava forrado de tecido branco de Nápoles, guarnecido com uma *ruché*[67]. E rodeado de grinaldas de flores por todos os lados. Dentro dele jazia, completamente envolvida pelas flores, uma moça toda vestida de branco, com as mãos cruzadas sobre o peito, como se fossem

esculpidas em mármore. Mas tinha os cabelos, de um louro claro, revoltos e molhados; uma coroa de rosas lhe cingia a fronte. O severo e já rígido perfil do seu rosto parecia também esculpido em mármore; mas o sorriso dos lábios pálidos deixava transparecer uma certa tristeza infantil, uma vaga e grande dor. Svidrigáilov conhecia aquela moça; em volta do caixão não havia imagens sagradas nem brandões, e não se ouvia o rumor das orações. Aquela moça matara-se… afogando-se. Parecia não ter mais de quatorze anos; mas já tinha os sentimentos formados e perdera-se, ofendida por uma afronta que enchera de horror e de assombro a sua terna, infantil consciência, repleta de imerecida vergonha a sua alma de angélica pureza, arrancando-lhe um supremo grito de desolação que ninguém ouvira, mas que ressoara agudamente na noite escura, nas trevas, no frio, no úmido degelo, quando o vento soprava.

Svidrigáilov acordou, levantou da cama tateando, abriu a janela do quarto. O vento irrompeu impetuoso no seu apertado aposento e, como um sopro glacial, açoitou-lhe o rosto e o peito, unicamente coberto pela camisa. De fato, por debaixo da janela devia haver qualquer coisa semelhante a um jardim, e segundo parecia, de recreio; provavelmente durante o dia entoariam ali canções e serviriam chá nas mesinhas. Agora, das árvores e dos arbustos caem grossas gotas de chuva na janela; a noite era um poço de escuridão, a tal ponto que mal podiam distinguir-se algumas manchas informes, indicativas dos objetos. Svidrigáilov agachou-se e, apoiando os cotovelos no parapeito, ficou olhando uns cinco minutos, sem poder afastar os olhos daquela escuridão. No meio do nevoeiro e da noite ouviu-se um estampido de canhão, e depois outro.

“Ah, é o sinal! As águas crescem[68] – pensou – quando amanhecer vão se infiltrar por ali, onde a terra está mais baixa; vão se estender pelas ruas, inundarão os porões e as covas, farão sair as ratazanas dos porões, e no meio da chuva e do vento, as pessoas, coitadas, começarão a lançar insultos, todas molhadas, enquanto mudam os móveis para os andares mais altos… Mas que horas serão neste momento?” E ainda mal o dissera quando, num relógio de parede que devia haver por ali perto, soaram as três, como se estivessem com muita pressa. “Ah, dentro de uma hora amanhecerá! Para que esperar

mais? Sairei já e seguirei direito a Pietróvski; ali, em qualquer lugar, escolho um grande maciço de verdura todo regado pela chuva, de maneira que, assim que o roce com o ombro, milhões de gotas orvalhem a cabeça duma pessoa…”

Afastou-se da janela, acendeu a vela, pôs o colete e o casaco, enfiou o chapéu e saiu com a vela para o corredor, à procura do criado, que dormia num cubículo, entre toda a espécie de trastes e de velhos utensílios, para entregar-lhe a conta do quarto e despedir-se do hotel. “É este o melhor momento; não podia escolher melhor.”

Caminhou durante bastante tempo por todo o comprido corredor, ainda dentro de casa, sem encontrar ninguém, e dispunha-se já a chamar com voz forte, quando, de repente, descobriu um estranho objeto entre um velho armário e a porta, qualquer coisa que parecia viva. Agachou-se com a vela na mão e viu com espanto que era uma criança, uma pequenina de uns cinco anos no máximo, embrulhada num vestidinho todo molhado, como um pano de cozinha, trêmula e chorosa. Parecia não ter medo nenhum de Svidrigáilov, mas olhava-o com os seus grandes olhos negros, de profundo assombro, e de quando em quando soluçava como as crianças que choraram muito mas que, embora se tenham já calado e até distraído, ainda não se aquietaram completamente e soluçam de quando em quando. A carinha da menina estava pálida e tinha um ar cansado; estava transida de frio; mas… “Como teria ela ido parar ali? É provável que se tivesse escondido aqui e não deve ter dormido durante toda a noite. Começou a fazer-lhe perguntas. A pequenina, então, animou-se e, muito depressa, disse-lhe qualquer coisa na sua linguagem infantil. Falava de *mámassia*[69] e de que a *mámassia* lhe bateria por culpa de uma tigela que ela tinha quebrado. A criança falava sem parar; podia calcular-se, por toda aquela tagarelice, que se tratava de uma pequenina que não queriam em casa, à qual a mãe, alguma cozinheira, eternamente embriagada, provavelmente daquele mesmo hotel, batia e metia medo; que a pequenina quebrara uma tigela da sua *mamacha* e que ficara tão amedrontada que fugira de casa naquela tarde; com certeza que devia ter estado escondida em qualquer lugar, no pátio, suportando a chuva e, finalmente, tinha vindo se meter ali, escondendo-se atrás do armário, e ali teria passado a noite inteira,

chorando, tremendo de frio, de medo da escuridão, e de que agora lhe batessem também por tudo aquilo. Pegou-lhe na mão, levou-a para o seu quarto, sentou-a na cama e começou a despi-la. Os sapatos rotos da menina, nos seus pés sem meias, estavam tão molhados como se ela tivesse passado a noite deitada num charco. Após tê-la despido, deitou-a na cama e cobriu-a dos pés à cabeça com a manta. Depois disto tornou a pensar, mal-humorado:

"Eu não estou, agora, para assumir compromissos! – decidiu, de repente, com uma impressão de contrariedade e de cólera. – Que absurdo!"

Aborrecido, pegou na vela com o fim de encontrar o criado a todo o custo e sair dali logo a seguir. "Ora, ainda está nos cueiros!", pensou, soltando uma praga. E já abrira a porta quando tornou a olhar outra vez para a pequenina, para ver se dormia e como dormia. Com muito cuidado, levantou a manta. A criancinha dormia com um sono profundo e plácido. Aquecera-se debaixo do pano e as cores tinham já afluído à sua carinha pálida. Mas, coisa estranha: aquelas cores eram mais ardentes e intensas do que costumam ser as cores das crianças. "É o ardor da febre – pensou Svidrigáilov – mas parece mesmo… o rubor do vinho; era de dizer que bebeu um grande copo. Os lábios vermelhos ardem-lhe, deitam fogo; mas que é isto?" De repente pareceu-lhe que as suas compridas e negras pestanas se punham a tremer e a palpitar, como se se erguessem, e por debaixo delas escapava-se um olhar malicioso, trocista, nada infantil, como se a pequenina estivesse fingindo que dormia. Sim, é isso: os seus lábios estremecem num sorriso, as comissuras tremem-lhe, como se ainda se reprimisse. Mas agora já parou completamente de reprimir-e; agora o riso brotou já, um riso sarcástico. Algo de insolente, de provocante, brilha naquele rosto, que nada tem de infantil; é o vício, é o rosto de uma camélia[70], o descarado rosto de uma camélia francesa. Sem estar já com fingimentos, abriu os dois olhos, que lançam o seu olhar inflamado e impudico, o chamam, sorriem… Algo de infinitamente monstruoso e afrontoso havia naquele sorriso, naqueles olhos, em toda aquela vileza num rosto de menina. "O quê?! Aos cinco anos! – balbuciou Svidrigáilov espantado. – Mas… será possível?" E eis que ela se voltou já para ele, com toda a sua carinha afogueada, e lhe

estendeu os braços. “Ah, maldita!”, chama Svidrigáilov com horror, erguendo a mão sobre ela… Mas nesse instante acordou.

Achou-se na sua cama, enrodilhado no cobertor: a vela já estava gasta e na janela branquejava a luz do novo dia.

“Toda esta noite foi um autêntico pesadelo!”

Levantou de mau humor, sentindo o corpo todo moído; doíam-lhe os ossos. No pátio havia ainda uma grande escuridão e não distinguia nada. Eram perto de cinco horas; dormira demasiado. Levantou, pôs o colete e o casaco, ainda úmidos. Apalpou o revólver no bolso, tirou-o e pôs-lhe uma bala; depois sentou, tirou um pequenino caderno do bolso e, sobre a mesa de cabeceira, escreveu rapidamente algumas linhas na folha mais visível. Releu-os, ficou pensativo e apoiou os cotovelos na mesa. O revólver e o caderninho estavam ali, debaixo do seu cotovelo. As moscas, que tinham já despertado, atiravam-se à travessa do assado, que ali ficara intacto também, em cima da mesa. Olhou-os durante muito tempo e, finalmente, começou a ver se apanhava uma mosca com a mão direita, que tinha livre. Esforçou-se durante muito tempo nessas tentativas, mas em vão. Por fim, ao dar consigo próprio naquela interessante ocupação, voltou a si, estremeceu, levantou e saiu resolutamente do quarto. Um minuto depois estava na rua. Uma névoa densa e leitosa pesava sobre a cidade. Svidrigáilov dirigiu-se ao escorregadio e sujo piso de madeira, com rumo ao Pequeno Nieva. Em imaginação via as águas do Pequeno Nieva, que crescera durante a noite, a ilha Pietróvski, os pequenos atalhos molhados, a erva úmida, as árvores e os arbustos molhados e, finalmente, aquele maciço… Contrariado, pôs-se a olhar para as casas com o fim de pensar em qualquer outra coisa.

Em toda a avenida não se via nem uma carruagem nem um transeunte. As pequenas casas de madeira tinham uma aparência insignificante e suja, de um amarelo claro, com as suas janelas fechadas. O frio e a umidade deixavam-lhe o corpo transido e começou a tiritar. De quando em quando parava diante das vitrines das lojas de comestíveis, ou das casas de frutas, e punha-se a vê-las com toda a atenção. “Até que enfim se acabou o passeio de tábuas!” Estava junto dum grande prédio de pedra. Um cãozinho sujo,

tiritando, de rabo entre as pernas, cruzou o seu caminho. Alguém, perdido de bêbado, embrulhado num capote, jazia caído de bruços e atravessado no meio do passeio. Olhou-o um momento e seguiu para diante. À esquerda surgiu uma torre alta. “Ora! – pensou. – Aqui também há lugar. Para que hei de ir até Pietróvski? Pelo menos há uma testemunha oficial…” Esteve quase a rir-se daquele novo pensamento, e voltou à esquina da rua de ***. Erguia-se aí um alto edifício com uma torre. À porta fechada da casa encostava-se um homenzinho baixo, que vestia um casaco cinzento de soldado e cobria a cabeça com um aquileu capacete de bronze. Quando Svidrigáilov passou, olhou-o de soslaio com olhos sonolentos. Notava-se no seu rosto essa eterna melancolia que tão acentuadamente se imprime, sem exceção, em todos os rostos de raça hebraica. Contemplaram-se ambos, Svidrigáilov e Aquiles, durante um momento, em silêncio, mutuamente.

Até que aquele indivíduo acabou por parecer um tanto estranho a Aquiles, que embora não estivesse embriagado, se plantara diante dele, olhando-o a três passos de distância e sem dizer nada.

– Que procura por aqui? – disse, sem se mexer e sem mudar de posição.

– Eu, nada, meu caro. Bom dia – respondeu Svidrigáilov.

– Isto não é lugar…

– Eu, meu amigo, vou para o estrangeiro.

– Para o estrangeiro?

– Para a América.

– Para a América?

Svidrigáilov puxou do revólver e pôs uma bala no tambor. Aquiles franziu o sobrolho.

– A que propósito vem essa gracinha? Isto não é lugar.

– E por que não é lugar?

– Porque não.

– Bem, meu amigo, tanto faz. É um bom lugar; se te perguntarem, dirás, com mil diabos, que fui para a América.

Apoiou o revólver sobre a fronte direita.

– Ah, isso não, aqui não é lugar! – gritou Aquiles, abrindo cada vez mais os olhos. Svidrigáilov premeu o gatilho…

## Capítulo VII

Nesse mesmo dia, mas já perto da noite, Raskólhnikov foi ver a mãe… naquele mesmo quarto, na casa de Bakaliéiev, que Razumíkhin lhes arranjara. A escada começava logo da rua. Raskólhnikov principiou a subir, retendo no entanto os passos e como se titubeasse. Entraria ou não? Mas não voltou atrás; a sua resolução estava tomada. "Além disso, tanto faz; elas não sabem nada – pensou – e já estão acostumadas a olhar-me como um ser estranho…" Tinha a roupa num estado deplorável, toda suja, enrugada e esfarrapada por ter passado a noite inteira debaixo de chuva. O rosto quase desfigurado pelo cansaço, pelo mau tempo, pela fadiga física e por aquela luta de quase vinte e quatro horas consigo mesmo. Passara toda essa noite sozinho, sabe Deus onde. Mas pelo menos tomara uma resolução.

Chamou à porta; foi a mãe quem veio abrir. Dúnietchka não estava em casa e a criada também não. A princípio, Pulkhiéria Alieksándrovna ficou muda de alegre espanto; depois pegou-lhe na mão e puxou-o para dentro do quarto.

– Ah, és tu! – exclamou, balbuciando de pura alegria. – Não fiques aborrecido comigo, Rodka, por te receber assim, tão tolamente, de lágrimas nos olhos; mas é porque estou rindo e não a chorar. Julgas que estou chorando? É de alegria, tenho este costume tão tolo: saltam-me as lágrimas. Isto acontece-me desde que o teu pai morreu, por qualquer coisa fico logo chorando. Mas senta, querido, que deves estar cansado, eu bem vejo. Ah, e como estás sujo!

– Apanhei uma chuvarada ontem, *mamacha* – disse Raskólhnikov.

– Não, não! – exclamou Pulkhiéria Alieksándrovna interrompendo-o. – Achas que vou começar a te fazer perguntas segundo o meu antigo costume de bisbilhoteira, mas não; fica sossegado. Eu, agora, sabes, compreendo tudo, compreendo tudo; agora já me habituei a isto, aqui, e vejo muito bem que é o melhor. Tomei esta resolução para comigo mesma: "Para que hei de meter-me a adivinhar-te os pensamentos e a pedir-te contas de tudo?". Sabe Deus os problemas e os planos que tu terás na cabeça, os pensamentos que andarás amadurecendo. Para que havia eu de te obrigar a dizer aquilo em que pensas? Qual! Porque, olha, eu… Ah, meu Deus! Mas por que hei de andar eu a esbracejar para aqui e para ali, como se me sentisse asfixiada? Rodka, fica sabendo que li o teu artigo no jornal três vezes seguidas; Dmítri Prokófitch o trouxe. Lancei um grito de surpresa quando o vi, porque eu, tonta que sou, pensava: "Olha, vê no que ele se ocupa: aí tens a explicação de tudo. Acontece o mesmo a todos os sábios. Pode ser que ele ande revolvendo novas ideias na sua cabeça neste momento, que esteja a amadurecê-las, enquanto eu o importuno e distraio". Li o teu artigo, meu querido, e é claro que não compreendo muitas coisas que há nele, e, aliás, é assim mesmo. Como é que eu havia de compreender tudo?

– Deixe vê-lo, *mamacha*.

Raskólhnikov pegou o jornal e lançou um olhar ao seu artigo. Por muito que estivesse em contradição com a sua situação e estado atuais, experimentou um estranho sentimento de acre doçura, como experimenta todo o autor que vê pela primeira vez impresso qualquer coisa sua; além disso tinha vinte e três anos. Isso durou apenas um instante. Depois de ler algumas linhas, franziu o sobrolho e uma tristeza horrível se apoderou do seu coração. Toda a sua luta espiritual dos últimos meses lhe veio de uma vez à memória. Atirou com o artigo para cima da mesa, com repugnância e aborrecimento.

– Mas olha, Rodka, por muito ignorante que eu seja, consegui compreender que, dentro de pouco tempo, tu serás uma das primeiras figuras do nosso mundo literário. E esses a pensarem que tu tinhas enlouquecido. Ah, ah, ah! Tu não sabes que eles chegaram a pensá-lo? Coitados! Como poderiam compreender que tu tinhas tanto talento? E olha, fica sabendo que até Dúnietchka, até Dúnietchka estava quase a

dar-lhes razão. Que dizes a isto? O teu falecido pai também enviou por duas vezes coisas aos jornais: primeiro, versos (ainda conservo um caderninho, vou te mostrar um dia), e depois uma novela completa (eu própria lhe pedi que me deixasse copiá-la), e apesar dos grandes esforços que nós fizemos para que as publicassem… não quiseram. Eu, Rodka, há seis ou sete dias que andava aborrecida pensando na roupa que trazes, na maneira como tu vives, no que comerás e por onde andas. Mas agora vejo bem como fui tola, porque, agora, tudo quanto tu quiseres hás de consegui-lo facilmente com o teu talento e a tua inteligência. Simplesmente, por agora não desejas nada e dedicas-te a coisas muito mais importantes…

– Dúnia não está em casa, *mamacha*?

– Não, Rodka. Agora não para muito em casa, deixa-me sozinha. Dmítri Prokófitch, Deus lhe pague, vem fazer-me companhia, e não faz outra coisa senão falar-me de ti. Não quer falar da tua irmã, visto que ela me trata agora com muita indiferença. Mas não penses que me queixo. Ela tem o seu feitio, e eu, o meu; ela guarda os seus pequenos segredos, e eu não tenho nenhum para vocês. Claro que eu estou convencida de que Dúnia é muito sensata, e que além disso gosta de nós dois; mas no entanto não sei em que acabará tudo isto. Deste-me uma grande alegria por teres vindo, Rodka, porque ela saiu; quando voltar digo-lhe: "Esteve aqui o teu irmão e não te encontrou. Por onde é que andaste?". Tu, Rodka, não te contraries por minha causa; se puderes, vens, se não… não venhas, não te preocupes, que eu esperarei. Eu já sei que tu gostas de mim e é quanto me basta. Lerei as tuas obras, ouvirei falar de ti a toda a gente, ainda que não, não… irei eu mesma informar-me, é o melhor. Agora vieste para consolar a tua mãe, não penses que não compreendo…

E, de súbito, Pulkhiéria Alieksándrovna rompeu a chorar.

– Lá estou eu outra vez com isto! Não faças caso, eu sou uma tola! Ah, meu Deus, então não estou eu aqui sentada? – exclamou, saltando do seu lugar. – E tenho aqui café e não te ofereço! É para que se veja o egoísmo dos velhos! Eu já venho, eu já venho!

– Deixe, *mámienhka*, que eu já me vou embora. Não vim por causa

disso. Olhe, faça favor de me escutar.

Pulkhiéria Alieksándrovna aproximou-se dele timidamente.

– *Mámienhka*, aconteça o que acontecer e ouça sobre mim o que ouvir, e digam-lhe de mim o que disserem, vai gostar de mim sempre o mesmo que agora? – perguntou ele de repente, impetuosamente, como se não se apercebesse das suas palavras nem se detivesse a pesá-las.

– Rodka, Rodka, que tens tu? Como é possível que me perguntes isso? Quem é que me há de dizer mal de ti? Eu não acreditaria em ninguém, fosse quem fosse, ia simplesmente expulsá-lo de minha frente.

– Vim para lhe afirmar que sempre gostei da senhora e que estou contente por tê-la encontrado agora sozinha e por Dúnietchka não estar em casa – continuou no mesmo ímpeto. – Vim para dizer-lhe com toda a sinceridade que, por muito infeliz que seja, fique certa de que o seu filho a ama mais do que a si mesmo e que tudo isso que a mãe pensava de mim que eu era um degenerado e não a queria, não era verdade. Eu nunca deixei de amá-la… E pronto, já chega; pareceu-me que devia fazer isto e começar por aqui…

Pulkhiéria Alieksándrovna abraçou-o em silêncio, apertou-o contra o seu peito e chorou brandamente.

– Não sei, Rodka, o que se passa contigo – disse finalmente. – Pensei durante todo este tempo que tu estavas simplesmente farto de mim; mas vejo agora, a avaliar por todos os indícios, que te atingiu algum grande desgosto e que te traz abatido. Já há muito o pressentia. Desculpa te dizer, mas não faço outra coisa senão pensar nisso e, durante a noite, não consigo dormir. A tua irmã também passou esta noite muito inquieta, falava, sonhando e dizia o teu nome. Eu ouvi algumas coisas que ela dizia, mas não compreendi nada. Esteve toda a manhã como se a esperasse um suplício, à espera de não sei que, cheia de pressentimentos, e olha… aí está ela. Rodka, Rodka, que te aconteceu? Pensas partir daqui?

– Sim, penso.

– Era isso mesmo que eu supunha! Mas, olha, eu também posso ir contigo, se precisares. E Dúnia também; ela te ama, ama-te muito, e até Sófia Siemiônovna, também poderá ir conosco, se for preciso; olha, eu teria muito gosto em adotá-la. Dmítri Prokófitch ajudará nossa reunião… Mas… onde pensas… ir?

– Adeus, *mámienhka*.

– O quê? É já hoje? – exclamou ela, como se fosse perdê-lo para sempre.

– Não posso demorar-me; já são horas, é indispensável…

– E não posso ir contigo?

– Não, mas ajoelhe e suplique a Deus. Talvez a sua prece chegue até Ele.

– Deixa-me persignar-te, abençoar-te! Assim, assim. Oh, meu Deus, que nos teria acontecido!

Sim; ele estava muito satisfeito, estava muito satisfeito porque ninguém estivesse presente, por se encontrar sozinho com a mãe. Era como se depois de todo aquele tempo horrível se lhe abrandasse de repente o coração. Caiu de joelhos, beijou-lhe os pés e choravam os dois abraçados. E, agora, ela já não mostrava nenhum espanto nem lhe fazia pergunta nenhuma. Havia já algum tempo que compreendia que qualquer coisa de horrível se passava com o seu filho e que aquele era para ele um instante decisivo.

– Rodka, meu querido, meu primeiro filho! – disse soluçando. – Agora é como se fosses pequenino, quando vinhas para junto de mim e me beijavas; então o teu pai ainda estava vivo, e quando tínhamos algum desgosto, tu nos servias de consolo por estar conosco e, já depois de o teu pai ter morrido, quantas vezes choramos os dois abraçados, como agora, sobre a sua sepultura! E se eu, de um tempo para cá choro tanto, é porque o adivinhava o meu coração de mãe, tu bem vês. Assim que te vi a primeira vez naquela noite, lembras-te? quando acabávamos de chegar de viagem, só de olhar para ti adivinhei tudo, de tal maneira que estremeci toda por dentro, e agora,

quando te abri a porta, quando te vi, disse para comigo: “Pronto! Já chegou a hora fatal”. Rodka, Rodka, não te vás já, assim, tão depressa.

– Não.

– E virás visitar-me?

– Sim… hei de vir.

– Rodka, não te aborreças, porque eu não me atrevo a perguntar-te. Sei que não me atrevo; mas diz-me ao menos duas palavrinhas. Vais para muito longe?

– Para muito longe.

– Mas que te leva para lá? Tens algum fim, é o teu futuro, que é? Diz-me!

– Será o que Deus quiser… Limite-se a pedir por mim…

Raskólhnikov dirigiu-se para a porta; mas ela o fez parar e ficou a olhá-lo nos olhos com uma expressão desolada. Tinha o rosto transtornado de assombro.

– Basta, *mámienhka* – disse Raskólhnikov, profundamente arrependido da ideia que tivera de ir ali.

– Não há de ser para sempre! Não há de ser para sempre, não é verdade? Porque tu virás, virás amanhã, sim?

– Virei, virei, adeus!

Finalmente, afastou-se.

Estava uma tarde fresca, suave e clara; o mau tempo cessara desde a manhã. Raskólhnikov dirigiu-se para sua casa e ia apressado. Queria terminar tudo antes do cair da tarde. Até então não queria encontrar-se com ninguém. Quando subia até ao seu quarto reparou que Nastássia, ao retirar o samovar, não tirava os olhos dele e seguia todos os seus gestos. “Não teria estado aqui alguém?”, pensou. Lembrou-se de Porfíri com aborrecimento. Mas ao dirigir-se para o seu quarto e abri-lo, ficou surpreendido por encontrar Dúnietchka. Ela

estava ali completamente sozinha, profundamente meditativa e, segundo parecia, havia já muito tempo que o esperava. Levantou do divã, assustada, e parou diante dele. O seu olhar, teimosamente fixo sobre ele, exprimia horror e uma dor infinita. E bastou aquele olhar para ele compreender imediatamente que ela sabia tudo.

– Devo entrar ou ir-me embora? – perguntou ele, receoso.

– Passei todo o dia com Sófia Siemiônovna; estivemos as duas à tua espera. Pensávamos que, com certeza, irias até lá.

Raskólhnikov entrou no quarto e deixou-se cair sobre uma cadeira, assustado.

– Estou um pouco fraco, Dúnia; muito cansado; e queria, neste momento, ter pleno domínio sobre mim próprio.

Olhou rapidamente para ele, desconfiada.

– Onde estiveste toda a noite passada?

– Não me lembro bem; olha, minha irmã, eu queria acabar, e por mais de uma vez me aproximei do Nieva; só disso é que me lembro. Queria acabar ali para sempre; mas… não tive coragem… – balbuciou, tornando a olhar para Dúnia, receoso.

– Louvado seja Deus! Era isso que nós receávamos, eu e Sófia Siemiônovna! Afinal, ainda acreditas na vida; louvado seja Deus, louvado seja Deus!

Raskólhnikov pôs-se a rir sarcasticamente.

– Eu não acreditava em nada disso; mas ainda há pouco estive abraçado à mãe, a chorar juntamente com ela; e pedi-lhe que rezasse por mim. Talvez Deus saiba o que isto significa, porque eu não compreendo.

– Estiveste com a mãe? E contaste tudo? – exclamou Dúnia horrorizada. – Tiveste coragem para contar?

– Não, não lhe contei… por palavras; mas compreendeu, em

parte. Ouviu-te delirar esta noite. Tenho a certeza de que já sabe metade, pelo menos; é possível que eu tenha feito mal em ir vê-la. Nem sequer sei por que fui. Eu sou vil, Dúnia.

– És vil e estás disposto a suportar a dor! Porque é o que tu vais fazer, não é verdade?

– É. Agora mesmo. Sim, para evitar esta vergonha é que eu queria atirar-me à água, Dúnia; mas quando já estava mesmo à beira dela pensei que, se até agora me considerei forte, também não hei de morrer por causa da vergonha – disse, erguendo-se. – Será isto orgulho, Dúnia?

– É orgulho, Rodka.

Uma espécie de fogo brilhou nos seus olhos encovados; lisonjeava-o aquilo de conservar ainda o seu orgulho.

– E não vás imaginar que era a água que me fazia medo – disse, olhando-a no rosto com um sorriso indolente.

– Oh, Rodka, basta! – exclamou Dúnia com amargura. Houve dois minutos de silêncio. Ele estava sentado, de cabeça baixa e de olhos fitos no chão; Dúnietchka falava-lhe de pé, no outro extremo da mesa, e contemplava-o com dor. De repente, ele levantou.

– Esta tarde, chegou o momento. Vou agora mesmo denunciar-me. Mas não sei por que terei de fazer isso.

Grossas lágrimas correram pelas faces dela.

– Tu choras, minha irmã, e queres ajudar-me?

– Tens dúvidas?

Ele a abraçou com força.

– Então, ao te entregares ao castigo, não lavarás já metade do teu crime? – exclamou ela sem deixar de abraçá-lo e de beijá-lo.

– Crime? Qual crime? – exclamou ele de repente, como se tivesse sido acometido de um furor súbito. – O de ter morto um asqueroso e

daninho piolho, uma velha usurária, que não fazia falta a ninguém, e por matar a qual nos deviam ser perdoados quarenta pecados, e que se alimentava do sangue dos pobres? É isso um crime? Eu não creio que o seja, nem penso em lavá-lo. Porque hão de gritar-me todos, por todos os lados: "É um crime, é um crime!"? Só agora vejo claramente toda a estupidez da minha pusilanimidade, agora que decidi já enfrentar essa vergonha desnecessária! Foi simplesmente pela minha vileza e fraqueza que tomei essa decisão, e talvez também por conveniência, como supunha esse… Porfíri!

– Irmão, irmão, que estás dizendo? Mas tu não derramaste o sangue? – exclamou Dúnia desolada.

– O que todos derramam – insistiu ele, como se estivesse fora de si – o que se verte e sempre se há de verter no mundo como uma torrente, o que corre como champanhe e pelo qual se coroam no Capitólio e chamam depois benfeitores da humanidade. Bastava que abrisses bem os olhos e olhasses! Eu também queria o bem das pessoas, e teria feito cem, mil boas ações em troca dessa única estupidez, que nem sequer foi estupidez, mas simplesmente uma inépcia, visto que todas essas ideias nunca são tão estúpidas como parecem depois, quando malogram… (No fracasso tudo parece estúpido!) Com essa estupidez queria eu fixar-me numa posição independente, dar o primeiro passo, arranjar recursos, e então tudo teria ficado compensado com uma utilidade relativamente incomparável… Mas eu, eu não posso aguentar o primeiro passo porque sou… reles! Aí tens tudo! E, no entanto, não posso ver as coisas com os mesmos olhos que tu; se houvesse triunfado, teria sido coroado, ao passo que, assim, caí por terra!

– Mas isso não é assim, de maneira nenhuma! Irmão, que dizes tu?

– Ah! Não é esta a forma, não é uma forma esteticamente boa! Pronto, não há dúvida de que não consigo compreender! Por que é que prostrar as pessoas com granadas, manter um cerco em forma há de ser uma coisa mais honrosa? A preocupação da estética é o primeiro sinal da impotência! Nunca, nunca reconheci isto mais claramente do que agora, e menos do que nunca compreendo agora o

meu crime! Nunca estive tão forte e tão convencido como agora!

As cores tinham subido ao seu pálido e vincado rosto. Mas, ao proferir a última exclamação, os seus olhos encontraram-se com os olhos de Dúnia e percebeu nela tanta, tanta dor que, involuntariamente, dominou-se. Sentia que, apesar de tudo, tornava desgraçadas aquelas duas pobres mulheres. E que, entretanto, ele era a causa disso.

– Querida Dúnia… Sim, eu sou culpado, perdoa-me. Se bem que, a mim, não é possível perdoar-me, desde que eu seja culpado. Adeus! Não vamos agora zangar-nos! Já é tempo, está entardecendo. Não me sigas, peço-te. Ainda tenho de ir… Tu, vai já ter com a mãe. Peço-te! É este o último e o maior favor que te peço. Nunca te separes dela; eu a deixei numa inquietação que lhe há de ser difícil de suportar: ou morre ou enlouquece. Fica a seu lado! Razumíkhin vos fará companhia; foi o que ele disse… Não chores por minha causa; hei de procurar ser corajoso e honesto toda a vida, embora seja um assassino. Pode ser que ouças falar no meu nome alguma vez. Não servirei para vos envergonhar, vais ver; ainda hei de mostrar… mas, por agora, até à vista – apressou-se a concluir, pois observara outra vez uma estranha expressão nos olhos de Dúnia ao proferir as últimas palavras e promessas. – Mas por que choras dessa maneira? Não chores, não chores; olha que não nos separamos para sempre! Ah, sim! Espera, já me esquecia!

Aproximou-se da mesa, pegou num volumoso e poeirento livro, abriu-o e tirou de entre as suas páginas um pequenino retrato à aquarela sobre marfim. Era o retrato daquela filha da senhoria que fora sua noiva e morrera de febres, daquela estranha moça que desejara ser freira. Contemplou por um momento aquele rosto expressivo e dolente, beijou o retrato e entregou-o a Dúnietchka.

– Olha, eu falei muito disso com ela – disse pensativo. – Confiei-lhe muitas coisas a respeito disso que depois me correu tão mal. Não te preocupes – disse, voltando-se para Dúnia – ela não estava de acordo comigo, como tu também não estás, e estou contente porque ela já não exista. O mais importante, o mais importante, nisto, é que tome agora um novo rumo e que tudo mude – exclamou de repente,

recaindo na sua tristeza. – Tudo, tudo. Mas estarei eu preparado para isso? É o meu desejo? Dizem que isso há de ser para mim uma experiência necessária! Mas para que, para que todas estas absurdas experiências? Por que vou ver melhor as coisas depois, do que as vejo agora, abatido pelos sofrimentos, pela idiotice, pela impotência física, depois de vinte anos de presídio, e para que vou viver depois disso? Por que concordo eu em viver desse modo? Oh, eu não sabia que era covarde, quando esta manhã, ao clarear o dia, me encontrava à beira do Nieva!

Finalmente saíram os dois. Era tudo difícil para Dúnia suportar; mas ela gostava dele. Caminhou para a frente, e ainda mal andara cinquenta passos, quando se voltou novamente para olhá-lo. Ao chegar à embocadura de uma rua ele voltou-se também, e os seus olhos encontraram-se pela última vez; mas, quando reparou que ela o olhava, agitou a mão com impaciência e até com aborrecimento, para que ela se fosse embora, e virou rapidamente a esquina.

“Sou mau, bem vejo! – pensava, envergonhando-se, passado um minuto sobre o seu último gesto de aborrecimento para com Dúnia. – Mas por que me amam elas tanto se eu não o mereço? Oh, se eu fosse sozinho e ninguém gostasse de mim e eu também não amasse ninguém! Não aconteceria nada disto! Mas será curioso ver se nesses futuros quinze ou vinte anos a minha alma terá já serenado, ao ponto de eu me pôr a choramingar de enternecimento perante as pessoas e a chamar-me canalha a mim próprio. Sim, é isto, é isto! É para isso que eles me deportam agora; é disso que eles precisam… Eles caminham todos pelas ruas, para um lado e para o outro, e são todos uns canalhas e uns bandidos por natureza; ou pior ainda: são uns idiotas! Mas tenta evitar o presídio e todos eles se sentirão possuídos de uma piedosa indignação! Oh, como eles todos me aborrecem!”

Quedou-se profundamente meditativo, pensando nisto: “Como seria possível que ele acabasse finalmente por se reconciliar com todos eles, sem segunda intenção, se reconciliasse por uma autêntica convicção? E por que não? Com certeza que tinha de ser assim. Seria o caso de que vinte anos de contínua servidão não domariam uma pessoa definitivamente? A água acaba por romper a pedra

Mas por que, por que viver depois disso, para que ir para lá agora, quando eu próprio sei que tudo isto haverá de ser precisamente assim, como num livro, e não de outra maneira?" Seria talvez a centésima vez que fazia aquela pergunta desde a noite anterior; mas, no entanto, foi até lá.

## Capítulo VIII

Quando entrou em casa de Sonha, já escurecia. Sonha estivera todo o dia à espera dele, numa agitação extraordinária. Esperou-o juntamente com Dúnia. Esta fora vê-la de manhã, pois lembrava-se das palavras que ouvira a Svidrigáilov no dia anterior: "que Sonha sabia tudo". Não nos demoraremos a contar pormenorizadamente o diálogo e as lágrimas das duas mulheres e até que ponto se sentiam irmanadas nos mesmos sentimentos. Nesse encontro Dúnia obteve pelo menos a consolação de saber que o irmão não estava só; para ela, para Sonha, antes de que para qualquer outra pessoa, tinha ido ele com a sua confissão; nela tinha procurado o ser humano quando este lhe fez falta, e agora também ela o acompanharia a ele, conforme o destino ordenasse. Não lhe perguntara; mas sabia que seria assim. Olhava para Sonha até com certa veneração, e a princípio, esta até se sentira incomodada com esse sentimento devoto com que era tratada. Sonha esteve quase a ponto de chorar; por seu lado, considerava-se indigna de olhar sequer para Dúnia. Ficara-lhe gravado para sempre na alma, como uma das visões mais belas e sublimes da sua vida, a maneira tão gentil como Dúnia a acolhera no seu primeiro encontro, em casa de Raskólhnikov, saudando-a com tanta deferência e respeito.

Até que Dúnia acabou por não poder suportar mais e deixou Sonha para ir esperar o irmão em sua casa; pensava que seria aí o primeiro lugar para onde ele devia se dirigir… Quando ficou sozinha, Sonha começou imediatamente a afligir-se com o receio que lhe inspirava a ideia de que, com efeito, ele se tivesse suicidado. Era o mesmo que Dúnia receava também. Tinham ambas passado o dia inteiro a procurarem convencer-se mutuamente, com todo o gênero de razões, de que isso não era possível, e sentiram-se mais tranquilas enquanto estiveram juntas. Mas agora, assim que se separaram, tanto

uma como a outra não faziam mais do que pensar nisso. Sonha lembrava-se de que no dia anterior Svidrigáilov tinha dito que a Raskólhnikov só restavam dois caminhos: Vladímirka ou… Além disso conhecia o seu orgulho, a sua altivez, o seu amor-próprio e a sua incredulidade. “Seria o caso de que a falta de coragem e o medo da morte pudessem obrigá-lo a viver?”, pensou finalmente, desolada. Entretanto, já o sol se tinha posto. Ela continuava de pé, triste, diante da janela, olhando atentamente para fora… mas daquela janela só se podia ver o grande paredão escurecido da casa em frente. Até que finalmente, quando estava já convencida da morte do infeliz… ele entrou no quarto.

Um grito de alegria escapou-lhe do peito. Mas quando olhou atentamente o rosto dele, empalideceu de súbito.

– Bem! – disse Raskólhnikov sorrindo sardonicamente – venho por causa das tuas cruzes, Sonha. Foste tu mesma quem me disse que fosse ter a uma encruzilhada; que tens tu, agora que tudo vai acabar? Terás medo?

Sonha olhou para ele estupefata. Parecia-lhe estranho aquele tom; um tremor frio lhe correu por todo o corpo, mas compreendeu imediatamente que tanto aquele tom de voz como aquelas palavras eram fingidos. Além disso ele falara-lhe, olhando a um canto, e parecia evitar falar-lhe olhando-a francamente no rosto.

– Olha, Sonha, eu pensei que, de fato, talvez isto seja o mais vantajoso. Há uma circunstância… Mas isso demoraria muito a contar, e, além disso, para quê? A mim, fica sabendo, só há uma coisa que me custa. Incomodam-me essas visões estúpidas, bestiais, que vão rodear-me agora, fixar sobre mim os seus olhos fosforescentes, oprimir-me com as suas perguntas tolas, às quais não terei outro remédio senão responder… e apontar-me com o dedo… Apre! Olha, não penso ir ter com Porfíri, estou farto dele. Prefiro dirigir-me ao meu amigo Pórokhov, que ficará espantado e conseguirá um triunfo na sua classe. Mas seria preciso ter mais sangue frio; tenho tido demasiadas birras nestes últimos tempos, acreditas? Há pouco quase que ameacei minha irmã com o punho, só porque ela se voltou para me olhar. É uma porcaria este estado de espírito! Ah, até onde eu cheguei! Bem, vamos

ver, onde é que estão as cruzes?

Parecia alheado. Nem sequer podia estar um momento sossegado no seu lugar, nem fixar a atenção em nada; os seus pensamentos entrecruzavam-se, confundiam-se; as suas mãos tremiam levemente.

Em silêncio, Sonha tirou duas cruzes de uma caixinha, uma de madeira de cipreste e a outra de cobre, persignou-se, persignou-o a ele, e depois pendurou-lhe ao pescoço a cruz de cipreste.

– Isto é um símbolo, quer dizer que vou carregar esta cruz em cima de mim, he, he! Como se não tivesse já sofrido bastante até aqui! De madeira de cipreste; isto é, para o povo; de cobre… esta era de Lisavieta, que a trazia… Mostra, deixa que eu a veja! Estaria usando-a naquele momento? Eu também conheço duas cruzes semelhantes: uma de prata, e outra, que tem uma imagenzinha. Nessa altura atirei com elas ao peito da velha. Afinal, também me deviam pôr agora aquelas ao pescoço… Mas, no fim de contas, não faço mais nada senão divagar, esqueci-me do motivo que me trouxe, estou distraído! Olha, Sonha… eu vim com o fim especial de prevenir-te, para que fiques sabendo… Olha, é tudo… Foi só por isso que vim. Hum! No entanto eu queria dizer mais qualquer coisa. Olha, tu própria querias que eu fosse até lá; pois bem, irei para o presídio e o teu desejo vai se cumprir; mas por que choras? Que te aconteceu? Pronto, já chega; oh, como tudo isto me custa a suportar! – No entanto, um sentimento ia se formando nele; sentia o coração apertado quando olhava para ela: “Mas por que esta, esta? – pensou para si. – Que sou eu para ela? Por que chora, por que se dispõe a proceder comigo como a minha mãe e Dúnia? Vai ser a minha ama!”.

– Persigna-te, reza, ainda que seja apenas uma vez – implorou Sonha com voz trêmula, tímida.

– Oh, todas as vezes que quiseres! E da melhor vontade, Sonha, da melhor vontade! Aliás queria dizer qualquer outra coisa.

Persignou-se várias vezes. Sonha pegou no lenço e o colocou sobre cabeça. Era um lenço verde, aos quadrados, provavelmente o mesmo a que Marmieládov tinha aludido daquela vez, o lenço da família. Essa ideia passou pela cabeça de Raskólhnikov; mas não

perguntou nada. De fato, ele próprio sentia que estava muito distraído e que era presa de uma perturbação anormal. Isso assustava-o. De súbito, sentiu-se impressionado por que Sonha quisesse sair ao mesmo tempo que ele. – Que é isso? Onde vais tu? Fica aqui, fica aqui! – exclamou com rancor e, quase colérico, dirigiu-se para a porta. – Não preciso de escolta! – resmungou ao sair. Sonha ficou parada no meio do quarto. Ele nem sequer se despediu dela; tinha-a esquecido; uma dúvida dolorosa e teimosa se agitava na sua alma.

"Mas isto tem de ser assim, tudo isto há de ser assim? – tornou a pensar, enquanto descia a escada. – Não seria possível deter-se ainda e arranjar tudo de novo… não ir até lá?"

Mas, apesar de tudo, foi. De repente sentiu, de maneira definitiva, que não havia motivo para fazer perguntas. Quando se viu na rua lembrou-se de que não se despedira de Sonha, que esta ficara no meio do quarto, com o seu lencinho verde, sem ousar mexer-se perante a sua intimidação, e parou por um momento. Nesse instante, de súbito, um pensamento ficou claro para ele… Parecia que ficara esperando até então para acabar de transtorná-lo.

"Mas, vamos ver: por que será que eu fui vê-la agora? Eu lhe disse que tinha ido por causa de uma coisa; mas que coisa? Afinal, nenhuma! Dizer-lhe que "ia para lá"; seria para isso? Mas isso era por acaso necessário? Será que eu a amo? Não, não! Não acabo de enxotá-la agora como a um cão? A cruz… Mas precisava eu, por acaso, que ela me desse isso? Oh, que baixo eu caí! Não, do que eu necessitava era das suas lágrimas; o que eu precisava era de ver o seu medo, ver como o coração lhe doía e se despedaçava! Eu precisava de agarrar-me a qualquer coisa, de pactuar, de contemplar um ser humano! E tinha-me atrevido a resumir em mim mesmo tantas ilusões, e sonhar tantas coisas de mim, eu, que sou um mendigo, insignificante e reles, reles!"

Ladeava o cais do canal e já lhe faltava pouco. Mas quando chegou à ponte parou, e de repente voltou para o lado e dirigiu-se ao Feno.

Olhou avidamente para a direita e para a esquerda, contemplando com esforço todos os objetos e sem conseguir concentrar em nada a

atenção; tudo escapava. “E pronto, dentro de uma semana, dentro de um mês, vão me levar, sabe-se lá para onde, dentro de um desses carros de presos, por esta mesma ponte. Como olharei eu então este canal? Vou me lembrar disto? – foi o pensamento que lhe atravessou a mente. – Ali está a vitrine dessa loja: como lerei eu então estas mesmas letras? Ali diz: ‘Companhia’; bem, será que vou me lembrar, depois, daquele ‘a’, da letra ‘a’, e olharei dentro de um mês, esse mesmo ‘a’; como o verei então? Que sentirei e que pensarei então? Meu Deus, como tudo isto tem de ser ordinário, todas estas minhas atuais… preocupações! Não há dúvida de que tudo isto deve ser curioso… no seu gênero… Ah, ha, ha; as coisas que eu penso! Estou a tornar-me criança, a dar ares de corajoso perante mim mesmo; mas, vamos ver; por que vou sentir vergonha? Hum! Estão sempre esbarrando numa pessoa! Ali vai esse gorducho… deve ser um alemão… que acaba de esbarrar em mim. Como é que ele podia saber a quem é que deu o empurrão? Uma velha com uma criança está me pedindo esmola e é curioso pensar que deve me considerar mais feliz que ela! E não deixa de ser engraçado eu ter-lhe dado esmola! Olhem, resta-me apenas um *piatak* no bolso, de onde viria isto? Vamos, vamos… tome lá, *mámienhka*!”

– Deus te guarde! – disse a voz chorosa da mendiga. Entrou no Feno. Era-lhe muito desagradável, de fato, acotovelar-se com as pessoas, mas, no entanto, dirigiu-se precisamente para o lugar onde havia mais gente. Teria dado tudo para estar sozinho; mas sabia muito bem que nem um momento sequer poderia ficar só. Por entre as pessoas havia um ébrio que fazia algazarra; esforçava-se por dançar, mas acabava sempre por cair de costas. Tinha-se formado um círculo à sua volta. Raskólhnikov abriu caminho por entre as pessoas, contemplou o bêbado por momentos, e de repente desatou num riso breve e entrecortado. Um minuto depois já se tinha esquecido dele e nem sequer o vira, apesar de o ter olhado. Afastou-se, finalmente, sem se ter sequer apercebido do lugar em que se encontrava; mas quando saiu do meio daquela praça, operou-se de repente nele um movimento, apoderou-se dele subitamente uma sensação que o invadiu todo, no corpo e na alma. De repente lembrou-se das palavras de Sonha: “Vai ter a uma encruzilhada, faz uma reverência às pessoas, beija a terra, porque também pecaste perante ela, e diz a toda a gente em voz alta:

‘Sou um assassino!’”. Todo ele tremia ao recordar isto. E a tal ponto se apoderou dele o sofrimento sem desabafo e o alarma de todo aquele tempo, e sobretudo o das últimas horas, que se rendeu a toda aquela sensação, nova, plena. Uma espécie de ataque o acometeu de repente; acendeu-se na sua alma uma centelha e, subitamente, como um fogo, envolveu-o todo. De repente, tudo se enterneceu nele e as lágrimas saltaram-lhe. Estava de pé, e assim, tal como estava, tombou sobre a terra…

Pôs-se de joelhos a meio do terreno, fez uma reverência à terra e beijou essa terra suja com prazer e felicidade. Levantou e tornou a ajoelhar-se outra vez.

– Olhem para o que lhe deu! – observou um rapazinho ao seu lado.

Ouviram-se risos.

– Naturalmente vai a Jerusalém e está despedindo-se dos filhos e da pátria, e saúda toda a gente, a capital de São Petersburgo e o seu chão – acrescentou um operário meio embriagado.

– O rapaz ainda é novo! – respondeu um terceiro.

– E é de boa família! – observou um, com voz séria.

– Hoje já não se distingue quem é de boa família e quem não é.

Todos estes comentários e ditos coibiam Raskólhnikov, e a frase “sou um assassino”, já pronta talvez a brotar da sua boca, nela se extinguiu. Mas suportou tranquilamente todos esses dichotes e, sem olhar para ninguém, pôs-se a andar ao longo da ruela, em direção ao Comissariado. E uma só visão lhe vinha à mente pelo caminho; mas não lhe causava espanto. Já calculava que assim tinha de ser. Quando, no Feno, se prostrava perante a terra pela segunda vez, quando se voltou para a direita, viu com assombro Sonha a cinquenta passos de distância. Ela estava escondida dele atrás de uma das barracas de madeira que havia na esplanada; e assim, portanto, ela o acompanhava em todo o seu calvário. Raskólhnikov sentia e compreendia naquele instante, talvez de uma vez para sempre, que a

partir de então Sonha estaria com ele eternamente e iria atrás dele nem que fosse até o fim do mundo, onde o destino o enviasse. O coração pulsou-lhe num rebate violento… Mas… já chegara ao lugar fatídico.

Atravessou o portão com bastante coragem. Era preciso subir até ao terceiro andar. “Por agora, subamos”, pensou. De maneira geral tinha a impressão de que dali até ao momento fatal ainda faltava bastante, que ainda tinha muito tempo à sua frente – que ainda podia pensar em muitas coisas.

Outra vez a mesma sujidade de então, os mesmos restos na escada de caracol; outra vez as portas dos andares abertas de par em par; outra vez as mesmas cozinhas, das quais se exalavam vapores quentes e baforadas. Desde a outra vez que Raskólhnikov não voltara ali. Os pés fraquejavam e pareciam faltar-lhe, mas continuava caminhando. Parou um momento para respirar, para cobrar ânimo, para entrar como um homem. “Mas para quê? Para quê? – pensou, de repente, reparando no seu movimento – visto que tenho de esgotar este cálice, tanto faz! Quanto mais repugnante, melhor.” Pela sua imaginação passou naquele momento a figura de Iliá Pietróvitch, o Pórokhov. “Mas irei ter com esse, de fato? Não podia dirigir-se a outro? Não podia dirigir-se a Nikodim Fomitch? Dar meia volta de repente e ir ter com o próprio chefe do Comissariado a sua casa? Pelo menos a coisa seria tratada em família… Não, não! Com o Pólvora, com o Pólvora! Visto que é preciso esgotá-lo, vamos fazer isso de uma vez…”

Empurrou a porta do Comissariado, transido de frio e quase de maneira inconsciente. Mas, dessa vez, havia aí pouca gente, somente o porteiro e um ou outro homem do povo. A sentinela nem sequer o olhou da sua guarita. Raskólhnikov passou à segunda sala. “Talvez ainda seja possível não falar”, lembrou-se. Aí, um indivíduo pertencente à classe dos empregados, vestido à paisana, escrevia qualquer coisa no seu bureau. A um canto estava também sentado outro escriturário. Zamiótov não estava. E Nikodim Fomitch também não devia estar.

– Não está ninguém? – perguntou Raskólhnikov encarando o indivíduo do *bureau*.

– A quem procura?

– A… a… ah! Com o ouvido não ouvi, com os olhos não vi, é uma alma russa… conforme dizem num conto… de que já me esqueci. Os me…us respeitos! – gritou de repente uma voz conhecida.

Raskólhnikov estremeceu. Diante dele estava o Pólvora; saíra, de repente, da terceira sala. “É mesmo o destino – pensou Raskólhnikov – por que havia ele de estar aqui?”

– A mim, a quem? – exclamou Iliá Pietróvitch; era evidente que se achava em excelente disposição de espírito e até um tanto inspirado. – Se é para tratar de algum assunto, então, ainda é cedo… Eu estou aqui por casualidade… Mas em que posso…? Confesso-lhe que… O quê? O quê? Desculpe…

– Raskólhnikov.

– Isso mesmo! Raskólhnikov! Mas o senhor pensava que eu tinha me esquecido? Suponho que não vai julgar-me capaz de… Rodion Ro… Ro… Rodiónitch, não é assim?

– Rodion Românovitch.

– É isso, é isso, é isso! Rodion Românovitch, Rodion Românovitch! Era isto que eu queria dizer. Até tenho perguntado muitas vezes pelo senhor. Eu, confesso-lhe que fiquei sempre lamentando ter tido aquele incidente consigo… Depois explicaram-me, vim a saber que o senhor era um jovem literato e até um sábio… que, por assim dizer, fizera a sua estreia… Oh, meu Deus! E qual é o literato ou o sábio, que, a princípio, não tem as suas extravagâncias! Eu e a minha mulher gostamos os dois da literatura, e a minha mulher, essa, tem mesmo uma autêntica paixão! A literatura e a arte! Tirando a nobreza, tudo o mais se pode adquirir com o talento, a ciência, a razão, o gênio! O chapéu… ora vejamos, é um exemplo; que significa o chapéu? O chapéu é uma carapuça, eu os compro em casa de Zimmermann, mas aquilo que se esconde debaixo do chapéu e com o chapéu se cobre, não posso eu comprar! Eu, confesso-lhe, até pensei em ter uma explicação com o senhor, simplesmente reconsiderei e pensei que talvez o senhor… Mas, com isso tudo, não lhe perguntei:

precisa de alguma coisa? Dizem que a sua família veio visitá-lo…

– Sim, minha mãe e minha irmã.

– Tive também a honra e a sorte de conhecer sua irmã… Pessoa culta e encantadora. Confesso-lhe que lamentei ter-me excedido então com o senhor daquela maneira. Que fiasco! Mas, o fato de eu lhe ter dirigido um certo olhar, por causa do seu desfalecimento… depois ficou completamente explicado. Crueldade e fanatismo! Compreendo a sua indignação. Tenciona mudar de casa por causa da chegada da sua família, não?

– Não… não, eu, simplesmente… Eu vinha para perguntar… Pensava que encontraria aqui Zamiótov.

– Ah, sim! Com que então, fizeram-se amigos? Ouvi dizer isso. Pois não, Zamiótov não está… aqui, não o encontra. Olhe, ficamos sem Alieksandr Grigórievitch! Desde ontem que deixamos de tê-lo aqui… foi transferido… e, quando saiu, até se zangou com todos… Chegou até esse ponto a sua descortesia… Não passa de um cabeça de vento, esse rapaz; ainda chegou a fazer alimentar esperanças, mas qual, vá lá uma pessoa acreditar na nossa brilhante juventude! Quer fazer o exame de não sei quê, só para se tornar importante e vangloriar-se diante de nós por ter feito o exame! Olhe, não é nada parecido com o seu amigo Razumíkhin, por exemplo! A sua carreira é científica e o senhor não se deixa abater pelas derrotas! Para o senhor, de todos estes atrativos da vida pode-se dizer: *Nihil est*[71]; o senhor é um asceta, um monge, um retraído… Para o senhor, os livros, a pena atrás da orelha, as investigações científicas… É a isto que aspira sua alma! Eu também, até certo ponto… Leu as memórias de Livingstone?

– Não.

– Pois eu as li. Aliás, agora, abundam muito os niilistas; muito bem, é compreensível; é capaz de dizer-me que tempos são estes em que vivemos? Se bem que, no fim de contas, eu, consigo… Porque suponho que não será um niilista! Responda-me com toda a franqueza, com toda a franqueza!

– N… não!

– Não; olhe, o senhor, comigo, pode falar francamente, não se retraia, como se estivesse a sós consigo mesmo! Uma coisa é o serviço e outra… o senhor imaginava que eu ia a dizer a “amizade”; pois não, não acertou! Não se trata da amizade, mas do sentimento de cidadão e do homem, do sentimento da humanidade e do amor do Altíssimo. Eu, por muito personagem oficial que possa ser, por muito funcionário que seja, sinto-me sempre, sempre obrigado a sentir em mim o cidadão e o homem e a comunicá-lo… O senhor dignou-se falar de Zamiótov. Zamiótov ama escândalos à maneira dos franceses, em estabelecimentos indecorosos, quando tem no corpo um copo de champanhe ou de vinho do Don… É para que veja quem é o seu Zamiótov! Em compensação, eu, ardo em zelo e sentimentos elevados, e, além disso, tenho um nome, um cargo, ocupo um posto. Tenho mulher e filhos. Cumpro o dever de cidadão e de homem, ao passo que ele, quem é? deixe que lhe pergunte. Eu me conduzo para com o senhor como para com um homem enobrecido pela ilustração. Olhe, as parteiras diplomadas multiplicaram-se excessivamente…

Raskólhnikov arqueou interrogativamente as sobrancelhas. As palavras de Iliá Pietróvitch, que, via-se bem, acabara de levantar da mesa, soavam e passavam na sua frente como ruídos vagos. No entanto, compreendia qualquer coisa de tudo aquilo; olhava interrogativamente e não sabia em que iria acabar o caso.

– Refiro-me a essas mulheres de cabelo cortado – continuou o tagarela de Iliá Pietróvitch. – Eu lhes pus o nome de parteiras e acho que é uma denominação muito apropriada. He, he! Introduzem-se na Academia, estudam anatomia; ora vamos ver, diga-me: se eu adoecer, chamarei uma moça para que me trate? He, he!

Iliá Pietróvitch pôs-se a rir, muito satisfeito da sua esperteza.

– Suponhamos que se trata de uma ânsia intensa de se instruírem; mas que se instruam e pronto. Para que abusar? Por que ofender as pessoas decentes, como faz aqui esse vadio do Zamiótov? Por que ele tem de me lançar ofensas, será capaz de me dizer? É preciso vermos como tem aumentado o número dos suicidas… Nem pode imaginar. Toda essa gente gasta até os últimos cobres e depois mata-se. Moças, rapazes, velhos… Ainda esta manhã recebemos uma comunicação

referente a certo cavalheiro recém-chegado a Petersburgo. Nil Pávlitch, parece-me… Nil Pávlitch! Como se chamava esse *gentleman* do qual nos anunciaram há pouco que dera um tiro na cabeça, no velho Petersburgo?

– Svidrigáilov… – responderam da outra sala com voz forte e indiferente.

Raskólhnikov teve um sobressalto.

– Svidrigáilov! Svidrigáilov matou-se?

– O quê? Mas conhecia Svidrigáilov?

– Sim… conhecia… Chegara há pouco…

– Ah, sim, chegara havia pouco. Perdera a mulher, era um homem de conduta licenciosa e, de repente, vai e mete uma bala na cabeça, e de uma maneira tão escandalosa que não é possível fazer uma ideia… Deixou no seu livro de apontamentos algumas palavras declarando que morria no uso pleno das suas faculdades e pedindo que ninguém fosse culpado da sua morte. Dizem que tinha dinheiro. Então o senhor o conhecia?

– Sim… conhecia… a minha irmã esteve em casa dele como preceptora…

– Ah, ah, ah! Então, o senhor podia dar-nos pormenores acerca dele. Não lhe levantara nenhuma suspeita?

– Vi-o ontem… Tinha bebido… Eu não sabia nada.

Raskólhnikov sentia que qualquer coisa lhe caíra em cima e o oprimia.

– Parece que o senhor tornou a empalidecer. Temos aqui uma atmosfera tão abafada…

– Sim, estou com pressa – balbuciou Raskólhnikov. – Desculpe ter vindo incomodar…

– Oh, de maneira nenhuma, tive muito prazer! Deu-me muito

gosto e sinto-me contente por manifestar-lhe…

E Iliá Pietróvitch até lhe estendeu a mão.

– Eu queria unicamente… Vim para ver Zamiótov…

– Compreendo, compreendo, mas tive muito prazer.

– Eu… Tive muito gosto… Até à vista – disse Raskólhnikov com um sorriso.

Saiu; cambaleava. Tinha a cabeça rodando. Já nem sabia como é que se mantinha ainda de pé. Começou a descer a escada, apoiando a mão na parede. Teve a impressão que um porteiro, segurando um livrinho, lhe deu um empurrão quando cruzou com ele, ao entrar no Comissariado; que um cãozinho latia em qualquer lugar, no andar inferior, e que uma mulher lhe atirava uma pedra e lhe gritava. Conseguiu chegar lá embaixo e descer a escada. Já no nível da rua, quando ia saindo, verificou que Sonha estava ali, pálida como uma morta, e que o olhava na maior ansiedade. Parou diante dela. O seu rosto exprimia algo de doloroso, lancinante e desolado. Ergueu os braços. Um vago sorriso perdido assomou aos lábios dele. Ficou parado, riu sarcasticamente e voltou para cima, outra vez para o Comissariado. Iliá Pietróvitch estava sentado e remexia nuns papéis. À frente dele estava o mesmo camponês que acabava de dar-lhe aquele encontrão quando se encontrou com ele na escada.

– Ah… ah… ah! É o senhor outra vez! Esqueceu-se aqui de qualquer coisa? Que deseja?

Raskólhnikov, de lábios desmaiados, com o olhar fixo, aproximou-se devagar, aproximou-se até junto da mesa dele, apoiou uma mão sobre ela, quis dizer qualquer coisa e não pôde: apenas se ouviram alguns sons incoerentes.

– O senhor está mal disposto: uma cadeira! Aqui… sente nesta cadeira, sente. Água!

Raskólhnikov deixou-se cair na cadeira, mas sem afastar os olhos da cara desagradavelmente surpreendida de Iliá Pietróvitch. Olharam-se um ao outro por um momento e ficaram à espera. Trouxeram a água.

– É que eu – começou Raskólhnikov.

– Beba a água.

Raskólhnikov desviou a água com a mão e devagar, mas distintamente disse:

– É que fui eu quem matou aquela velha viúva dum funcionário e a sua irmã Lisavieta, com um machado, para roubá-la.

Iliá Pietróvitch abriu a boca. De todos os lados acudiu gente.

Raskólhnikov repetiu a sua declaração…

# Epílogo

## Capítulo primeiro

Sibéria. Na margem de um rio, ampla e deserta, ergue-se uma cidade, um dos centros administrativos da Rússia; na cidade, uma fortaleza, um presídio. Há já dois meses que nele está preso o deportado de segunda classe, para as galeras, Rodion Raskólhnikov. Decorreu já cerca de ano e meio desde o dia do seu crime.

O curso do seu processo não teve grandes dificuldades. O criminoso manteve firme, clara e exatamente a sua declaração, sem omitir nenhum pormenor nem atenuá-los a seu favor, sem falsear os fatos nem esquecer a menor circunstância. Contou até aos mais insignificantes pormenores toda a preparação e execução do crime, aclarou o mistério do "penhor" (aquela tabuinha de madeira com o pedacinho de metal) que encontraram na mão da assassinada, referiu minuciosamente como tirou as chaves da morta, que descreveu, assim como descreveu também a arca e aquilo que continha; até enumerou alguns dos vários objetos que nela se guardavam; explicou o enigma do assassinato de Lisavieta; expôs a maneira como Kotch chegou e bateu à porta, e a seguir a ele, o estudante, repetindo tudo quanto disseram entre si; como ele, o criminoso, saiu depois para a escada e ouviu os gritos de Mikolka e de Mitka; como se escondeu no andar vazio e voltou depois para casa, e, para terminar, indicou a pedra daquele pátio do Próspekt Vosniessiénski, debaixo da qual se encontraram os objetos e o porta-moedas. Em resumo: o caso estava esclarecido. Entre outras coisas, os instrutores do processo e os juízes ficaram assombrados por ele ter escondido os objetos e o porta-moedas debaixo de uma pedra, sem se aproveitar de nada, e, sobretudo, por que não só não se lembrasse com precisão de todos os objetos que roubara, como até se enganasse quanto ao seu número. A circunstância especial de que nem uma só vez tivesse aberto a bolsinha nem chegasse a saber ao certo o dinheiro que continha pareceu-lhes inverossímil (na bolsinha apareceram trezentos e dezessete rublos de prata e três moedas de dois *grivieni*; devido a terem estado muito tempo debaixo da pedra, as notas de cima, as maiores, estavam muito deterioradas). Isso deu muito que pensar. Por que seria que o réu mentia precisamente neste único pormenor, quando em tudo o mais, as suas afirmações eram verdadeiras e espontâneas? Finalmente, alguns (principalmente entre os psicólogos) chegaram até a admitir a possibilidade de que, de fato, ele não tivesse revistado o porta-moedas, ignorando, portanto, aquilo que continha, e, sem o saber, o tivesse metido debaixo da pedra; mas disto mesmo concluíam que o crime não podia ter sido cometido senão num estado ocasional de loucura, por assim dizer, sob a ação de uma mórbida monomania de homicídio e de roubo, sem projetos ulteriores nem cálculos de lucro. Invocou-se a este respeito a novíssima teoria, que

então estava na moda, da alienação mental temporária, a qual frequentemente se esforçam por aplicar, nestes nossos tempos, a alguns delinquentes. Além disso, o recente estado de hipocondria de Raskólhnikov foi terminantemente testemunhado por muitos, pelo Doutor Zósimov, pelos seus antigos camaradas, pela senhoria e pela criada. Tudo isto contribuiu grandemente para a conclusão de que Raskólhnikov não era de maneira nenhuma um assassino, um bandido ou um ladrão vulgar, mas que era preciso ver nele uma coisa diferente. Com enorme contrariedade por parte dos que sustinham esta tese, o próprio criminoso quase não fazia nada por defender-se, e até as perguntas terminantes como: "O que o teria, concretamente, inclinado ao homicídio e que foi que o induziu a cometer o roubo?" respondeu com toda a clareza e com a mais brutal precisão que a causa de tudo fora a sua tristíssima situação, a sua miséria e desamparo, o desejo de iniciar os primeiros passos na vida com o auxílio, pelo menos, de três mil rublos, que esperava encontrar em casa da vítima. Decidira também o crime devido ao seu desorientado e fraco caráter, irritado também pelas privações e pelos fiascos. À pergunta sobre o motivo por que se sentira impelido a denunciar-se, respondeu que o fizera por um sincero arrependimento. Tudo isto era quase brutal…

No entanto, a sentença foi mais benigna do que poderia esperar-se, tendo em conta o gênero de crime cometido; e talvez por o réu não ter querido justificar-se, mostrar até desejo de agravar a sua culpa. Todas as circunstâncias estranhas e especiais do caso foram tomadas em consideração. A situação patológica e a miséria do criminoso, antes do cometimento do crime, não se prestava à mais leve dúvida. Por não ter ele aproveitado do roubo, atribuiu-se em parte aos efeitos do arrependimento sentido, e em parte ao mau estado das suas faculdades mentais na época em que cometeu o crime. A circunstância do assassinato não premeditado de Lisavieta serviu também de exemplo, que veio corroborar a última hipótese; o homem comete os dois assassinatos e, ao mesmo tempo, esquece-se de que deixou a porta aberta. Finalmente apresenta-se para denunciar-se, quando o assunto se tinha já embrulhado extraordinariamente em consequência da falsa declaração dum fanático alucinado (Nikolai), e quando, além disso, não se tinham provas claras contra o verdadeiro culpado, e

apenas quase só suspeitas (Porfíri Pietróvitch cumprira a sua palavra); tudo isso contribuiu definitivamente para aliviar a sorte do réu. Além disso aclararam-se outras circunstâncias completamente inesperadas, que favoreciam muito o processado. O ex-estudante Razumíkhin foi arranjar testemunhas, sabe-se lá onde, e trouxe provas de que o criminoso Raskólhnikov, no tempo em que esteve na Universidade, ajudou à sua custa um condiscípulo pobre e tuberculoso, mantendo-o quase completamente em tudo quanto ele necessitava, durante quase meio ano. E quando ele morreu foi buscar-lhe o pai, que ainda era vivo, mas era já velho e estava entrevado (o filho tinha-o sustentado e mantido com o seu trabalho quase desde os treze anos), fez pedidos e obteve o seu internamento num hospital, e, quando ele morreu, pagou-lhe o enterro. Todos estes testemunhos exerceram a sua influência na decisão dos magistrados. Até a senhoria, a mãe da falecida noiva de Raskólhnikov, a viúva Zarnítsina, testemunhou também que quando viviam ainda na outra casa, nas Cinco Esquinas, Raskólhnikov, por ocasião de um incêndio, de noite, retirou de um andar já atingido pelas chamas, duas crianças pequeninas, sofrendo ele também queimaduras. Este fato foi comprovado, muitas testemunhas o afirmaram. Em suma: o caso terminou por condenarem o réu a trabalhos forçados de segunda classe, apenas por oito anos, levando em consideração o haver-se denunciado ele próprio e algumas circunstâncias atenuantes da sua culpa.

A mãe de Raskólhnikov adoeceu logo desde o princípio do processo. Dúnia e Razumíkhin encontraram maneira de tirá-la de

Petersburgo durante todo o tempo que durou o julgamento; Razumíkhin escolheu uma cidade junto estrada de ferro e a pouca distância de Petersburgo, a fim de ele poder seguir regularmente todos os incidentes do processo e, ao mesmo tempo, ver-se o mais a miúdo possível com Avdótia Românovna. A doença de Pulkhiéria Alieksándrovna era uma enfermidade um pouco estranha, nervosa, e era acompanhada de uma espécie de alienação mental, senão completa, pelo menos parcial. No regresso da sua última entrevista com seu irmão, Dúnia encontrou a sua mãe já muito doente, com febre e delirando. Nessa mesma noite, a moça e Razumíkhin combinaram o que haviam de responder às perguntas da mãe a respeito do irmão, e até imaginaram entre si uma história completa para lhe contar acerca da ida de Raskólhnikov a algum ponto afastado, nas fronteiras da Rússia, onde ia desempenhar uma função especial, que acabaria por trazer-lhe dinheiro e fama. Mas ficaram impressionados porque nem então, nem depois, Pulkhiéria Alieksándrovna lhes perguntasse qualquer coisa sobre o assunto. Pelo contrário: ela própria inventou uma história completa acerca da súbita partida do filho; contava com lágrimas que ele estivera a despedir-se dela e que lhe dera a entender, nessa ocasião, de maneira indireta, que ela era a única a conhecer as suas razões muito importantes e particulares, e que, por causa dos muitos e poderosos inimigos que ele, Rodion, tinha, se via obrigado a esconder-se. Pelo que se referia à sua futura carreira, sem dúvida que a tinha por indubitável e brilhante, desde o momento em que desaparecessem algumas circunstâncias hostis; afirmava a Razumíkhin que, com o tempo, o seu filho havia de vir a ser um senhor muito importante, conforme podia deduzir-se do seu artigo e do seu brilhante talento literário. Lia continuamente esse artigo, e às vezes lia-o também em voz alta, pouco faltando para que dormisse com ele, e, no entanto, nunca perguntava onde é que Rodka se encontrava agora, apesar de ser notório que todos evitavam falar-lhe sobre isso… o que poderia ter despertado suspeitas. Até que por fim começaram a ficar inquietos por causa do estranho silêncio de Pulkhiéria Alieksándrovna a respeito de certos pontos. Por exemplo, nem sequer se queixava de não receber cartas dele, ao passo que dantes, quando vivia na aldeia, quase poderia dizer-se que vivia da ilusão e da esperança de receber o mais breve possível carta do seu queridíssimo Rodka. Esta última circunstância tornava-se já

inexplicável e inquietava muito Dúnia; chegou a pensar se a mãe pressentiria algo de horrível no destino do seu filho, e receava fazer perguntas para não vir a saber qualquer coisa ainda de mais horrível. Em todo o caso Dúnia via claramente que Pulkhiéria Alieksándrovna não estava em seu perfeito juízo.

Aliás, aconteceu por duas vezes que ela própria deu tal rumo à conversa que se tornou impossível, ao responder, não informar onde se encontrava atualmente Rodka; quando as respostas tinham forçosamente que se tornar pouco satisfatórias e suspeitas, ela se punha de repente muito triste, severa e taciturna, o que se prolongava durante muito tempo. Dúnia viu, finalmente, que era difícil mentir, e reconsiderou, chegando à conclusão definitiva de que era melhor fazer silêncio sobre certos pontos; mas cada vez se tornava mais claro, até à evidência, que a pobre mãe receava algo de horrível. Entre outras coisas, Dúnia lembrou-se das palavras do irmão, a respeito de que a mãe a ouvira delirar durante a noite, antes daquele dia fatal, depois da sua cena com Svidrigáilov. Não teria ouvido então alguma coisa? Às vezes, passados alguns dias e até semanas de arredio e desconfiado silêncio, e de lágrimas tristes, a doente tomava frequentemente uma animação histérica e começava de repente a falar em voz alta, quase sem parar, sobre o seu filho, das suas ilusões, do futuro… Em certas ocasiões as suas fantasias tornavam-se muito estranhas. Consolavam-na, davam-lhe razão (é possível que ela própria compreendesse que lhe davam razão para consolá-la); mas, apesar de tudo, continuava falando…

A sentença contra o réu foi proferida cinco meses depois da sua apresentação às autoridades. Razumíkhin ia vê-lo à prisão sempre que lhe era possível. Sonha também. Até que finalmente chegou a hora da separação. Dúnia jurou ao irmão que a sua separação não seria eterna; Razumíkhin também. Na jovem e fogosa cabeça de Razumíkhin tinha-se enraizado firmemente o projeto de, depois de juntar algum dinheiro, ir estabelecer-se na Sibéria, onde a terra é rica sob todos os aspectos e há falta de trabalhadores, gente e capital, ainda que fosse só no começo da sua futura carreira; ia se estabelecer aí, na mesma povoação em que se encontrasse Rodka, e… todos juntos, começariam uma nova vida. À despedida, todos choraram. Raskólhnikov nos

últimos dias mostrou-se muito pensativo; perguntava muito pela mãe; estava constantemente em desassossego por causa dela. Preocupava-se mesmo muito, o que assustava Dúnia. Quando soube pormenores sobre a doença da mãe, ficou muito sombrio. Fosse pelo que fosse, com Sonha esteve muito pouco comunicativo durante todo o tempo. Graças ao dinheiro que lhe deixara Svidrigáilov, havia já algum tempo que Sonha se preparara e apetrechara para seguir a leva de presos em que ele havia de ir. Nisto nunca ela e Raskólhnikov tinham tocado; mas sabiam ambos que assim seria. Na última despedida ele sorriu de uma maneira um tanto estranha perante a ardente convicção de sua irmã e de Razumíkhin a respeito da felicidade que havia de ser o seu futuro quando ele saísse do presídio, e teve o pressentimento de que a doença da mãe havia de ter em breve um triste desenlace. Até que, finalmente, ele e Sonha se puseram a caminho.

Dois meses depois Dúnia casava-se com Razumíkhin. A boda foi triste e íntima. No número dos convidados estavam Porfíri Pietróvitch e Zósimov. Nos últimos tempos, Razumíkhin tomara o aspecto dum homem de forte decisão. Dúnia acreditava cegamente, como não podia deixar de acreditar, que ele havia de levar a cabo todas as suas intenções; naquele homem notava-se uma vontade de ferro. Entre outras coisas, tornou a seguir as aulas na Universidade, com o fim de acabar os seus estudos. Faziam ambos, a cada passo, planos para o futuro; contavam ambos firmemente emigrar, ao fim de cinco anos, para a Sibéria. Até lá, confiavam em Sonha.

Alvoraçada, Pulkhiéria Alieksándrovna felicitou a filha pelo seu casamento com Razumíkhin, mas, depois disso, começou a mostrar-se ainda mais triste e preocupada. Com o fim de proporcionar-lhe um momento agradável, Razumíkhin comunicou-lhe, entre outras coisas, o fato relativo ao estudante e ao seu pai paralítico, assim como esse outro fato de Rodka ter sofrido também queimaduras e até ter tido que ficar na cama, no ano anterior, por causa de ter salvo da morte dois pequeninos. Estas duas notícias puseram o já transtornado juízo de Pulkhiéria Alieksándrovna num estado de entusiasmo frenético. Falava constantemente disso e entabulava conversação, a este respeito, com qualquer pessoa, em plena rua (embora Dúnia a acompanhasse constantemente). Nos carros, nas lojas, sempre que

encontrasse alguém que a escutasse, conduzia a conversa sobre o seu filho, o seu artigo, a maneira como ajudara um estudante e se queimara num incêndio, etc. Dúnia já nem sabia como contê-la. Porque, além do perigo de tal entusiasmo, da sua exaltação doentia, havia também o risco de que alguém pudesse recordar o nome de Raskólhnikov por causa do processo recente e trazê-lo à baila. Pulkhiéria Alieksándrovna chegou até a informar-se da moradia da mãe das duas crianças que tinham sido salvas no incêndio e queria a todo o custo dirigir-se a ela. A sua intranquilidade chegou finalmente a limites extremos. De repente punha-se a chorar, e entrava com frequência num delírio que se agravava. No entanto, de manhã anunciava, sem mais nem menos, que, segundo os seus cálculos, Rodka já não tardaria a chegar, pois lembrava-se que, quando se despedira dela, lhe dissera que seria preciso esperar precisamente nove meses. Começava a arrumar a casa para que tudo estivesse pronto à sua chegada, e a preparar-lhe o quarto que lhe estava destinado (aquele que era seu), a limpar os móveis, a lavar e a pôr cortinas novas, etc. Dúnia enchia-se de inquietação; mas calava-se e até a ajudava a arrumar o quarto para a chegada do irmão. Depois de um dia desassossegado, houve uma noite em que adoeceu, e na manhã seguinte estava com febre e delirava. Duas semanas depois morria. No seu delírio escapavam-lhe palavras das quais se podia concluir que suspeitava mais da horrível sorte de seu filho do que os outros supunham.

Raskólhnikov esteve durante muito tempo sem saber da morte da mãe, apesar de se ter iniciado a correspondência com Petersburgo desde o próprio início da sua partida para a Sibéria. Realizava-se por intermédio de Sonha, a qual escrevia escrupulosamente todos os meses para Petersburgo, para a morada de Razumíkhin, e recebia a resposta de Petersburgo. A princípio, as cartas de Sonha pareceram a Dúnia e a Razumíkhin um tanto secas e pouco satisfatórias; mas, por fim, concordaram ambos que até era impossível escrever melhor; porque, por aquelas cartas, no fim de contas, faziam uma completa e exata imagem da sorte do seu infeliz irmão. As cartas de Sonha respiravam a mais concreta realidade, a mais simples e clara descrição de todo o quadro da vida de Raskólhnikov como presidiário. Mal afloravam nelas as suas esperanças pessoais, não se demorava a interrogar os

enigmas do futuro nem a descrever os seus sentimentos pessoais. Quanto às tentativas de explicação do estado moral dele e, em geral, de toda a sua vida interior, só havia fatos, isto é, palavras de Rodka: notícias pormenorizadas do seu estado de saúde, daquilo de que se queixara na sua visita, o que lhe pedira, aquilo de que a encarregara, etc. Comunicava estas notícias com todo o gênero de pormenores. Até que a imagem do infeliz irmão acabava por se destacar e se tornava precisa e clara; não podia haver engano, porque se tratava de fatos verídicos. Mas Dúnia e seu marido, pouca consolação puderam tirar dessas notícias, sobretudo a princípio. Sonha dizia sempre que ele estava constantemente sombrio, taciturno, às vezes sem demonstrar sequer interesse pelas notícias que ela lhe comunicava, das que recebia por carta; outras vezes perguntava-lhe pela mãe, e quando ela, ao ver que ele já quase adivinhava a verdade, lhe anunciou, por último, a sua morte, verificou, com grande assombro da sua parte, que já não lhe fazia grande impressão, pelo menos foi o que lhe pareceu, a avaliar pelo seu aspecto exterior. Comunicava, entre outras coisas, que, apesar de aparentemente estar tão absorvido em si próprio e como que fechado para toda a gente… adaptava-se, simples e francamente, à sua nova existência; que compreendia claramente a sua situação, que não esperava tão depressa nada de melhor, que não abrigava loucas ilusões (como costuma ser próprio nesse estado), e quase não se espantava de nada no novo ambiente que o rodeava, tão pouco semelhante a todas as coisas anteriores. Dizia também que a sua saúde era satisfatória. Saía para trabalhar em tarefas que não repudiava nem pedia. Mostrara-se indiferente perante a alimentação, que, tirando os domingos e os dias de festa, era tão má que por fim acabara por aceitar dela, Sonha, com prazer, algum dinheiro para fazer chá todos os dias; quanto a tudo mais, pedia-lhe a ela que não se preocupasse, afirmando-lhe que todas essas inquietações por causa dele não serviam senão para aborrecê-lo. Mais adiante comunicava Sonha que a sua situação no presídio era a mesma de todos; ela não vira o interior dos alojamentos, mas calculava que seriam estreitas, imundas e insalubres; que ele dormia nas esteiras, colocando um pedaço de feltro por debaixo e sem desejar mais comodidade. Mas o fato de viver tão tosca e pobremente não obedecia a nenhum plano ou intenção premeditados, mas simplesmente a um descuido e indiferença pela sua sorte. Sonha dizia francamente que ele, sobretudo

a princípio, não só não se interessava pelas suas visitas, como até quase se mostrava aborrecido com ela, estava sombrio e até grosseiro; mas que, por fim, essas visitas tinham-se transformado num hábito, quase numa necessidade, de maneira que ficava muito triste se acontecia algum dia ela estar doente e não poder visitá-lo. Encontrava-se com ele nos dias de festa às portas do presídio ou no corpo da guarda, onde o chamavam por uns minutos; nos dias úteis, no lugar do trabalho, onde ela ia ter com ele, ou nas oficinas, nas olarias ou nos telheiros, nas margens do Irtich. De si mesma, Sonha anunciava que tinha conseguido fazer alguns conhecimentos e obtido algumas proteções; que trabalhava na costura, e que, como na cidade não havia modistas, ela tornava-se indispensável em muitas casas; mas não dizia que graças a ela o diretor da prisão aliviava a Raskólhnikov os trabalhos do presídio, etc. Finalmente chegou a notícia (Dúnia também tinha notado uma comoção e inquietação especiais nas suas últimas cartas) de que ele se afastava de todos, de que não era estimado no presídio; de que passava dias inteiros sem falar e se tornara muito pálido. De repente, Sonha escrevia na sua última carta que ele tinha caído gravemente doente e se encontrava no hospital, na enfermaria dos presos…

## Capítulo II

Havia muito tempo que estava doente; mas nem os horrores da vida do presídio nem os trabalhos, nem o rancho, nem a cabeça rapada, nem as roupas miseráveis conseguiram abatê-lo. Oh, que lhe importavam a ele todos esses tormentos e mortificações! Pelo contrário, o trabalho proporcionava-lhe até uma alegria. Esgotado pelo trabalho físico, conseguia, pelo menos, algumas horas de sono tranquilo. E que significava para ele a comida… aquelas simples sopas de couves com baratas? Sucedera-lhe muitas vezes nem isso ter, na sua vida anterior, quando era estudante. As suas roupas de agasalho eram adequadas ao seu gênero de vida. Mal sentia as cadeias. Teria de envergonhar-se por ter a cabeça rapada e usar casaco de duas cores? Perante quem? Perante Sonha? Sonha temia e, diante dela, não tinha por que envergonhar-se.

Embora, no fim de contas… Também se envergonhasse diante de Sonha, a quem fazia sofrer com a sua conduta depreciativa e grosseira. Mas não se envergonhava da cabeça rapada nem das cadeias; o seu orgulho estava muito exasperado e caiu doente deste orgulho exasperado. Oh, e como teria sido feliz se pudesse ter-se acusado a si próprio! Teria suportado tudo, então, até a vergonha e a desonra. – Mas julgava-se severamente e a sua rígida consciência não sentia nenhum horror particular no seu passado, a não ser talvez, simplesmente, no fracasso, que teria podido acontecer a qualquer. Sentia sobretudo vergonha de que ele, Raskólhnikov, inábil e absurdamente, devido a uma sentença do destino cego, se visse obrigado a conformar-se e inclinar-se perante o absurdo dessa sentença, se, de qualquer maneira, desejava estar tranquilo. Uma inquietação sem objetivo nem finalidade, no presente e no futuro, apenas um ininterrupto sacrifício que a nada conduziria… eis o que lhe restava no mundo. E que importava que dentro de oito anos ele tivesse apenas trinta e dois anos e pudesse de novo começar a sua vida? Para que viver? A que aspirar? Para que esforçar-se? Viver só para viver? Mas mil vezes antes já ele tinha estado disposto a dar a sua vida por uma ideia, por uma ilusão, até por um sonho. A simples existência sempre tinha significado pouco para ele; sempre aspirara a mais. Talvez só pela força do seu desejo chegara a sentir-se então um homem ao qual era permitido mais do que aos outros.

Ainda se o destino, ao menos, lhe tivesse enviado o arrependimento… um arrependimento lancinante que lhe devorasse o coração e lhe tirasse o sono, um arrependimento desses perante cujos espantosos sofrimentos uma pessoa pensa em enforcar-se ou atirar-se à água, oh, como se teria, assim, alegrado! Torturas e lágrimas… isso também era vida! Mas ele não se arrependia da sua culpa.

Quando muito teria podido encolerizar-se pela sua estupidez, como se enfurecera antes pelas suas inábeis e desajeitadas ações, que o tinham levado ao presídio. Mas agora que tinha já caído em si, pôde de novo, com toda a liberdade, entregar-se a julgar e a rever todos os seus atos anteriores, e não os encontrou de maneira nenhuma tão inábeis e estúpidos como se lhe tinham afigurado outrora, no tempo fatal.

“Em quê, em quê – pensava – era a minha ideia mais estúpida que outras ideias e teorias que correm e se entrechocam pelo mundo, e assim farão, enquanto o mundo existir? O que é preciso é encarar o caso com olhos completamente independentes, amplos e livres de influências cotidianas, para que a minha ideia não pareça já tão… absurda. Oh, negadores e sábios do valor dum *piatak* de prata! Por que parais a meio do caminho? “Ora vejamos: por que é que a minha conduta vos parece tão ignominiosa? – dizia ele para consigo – Por que fui um… criminoso? Que significa a vossa criminalidade? A minha consciência está tranquila. É certo que se consumou um crime de pena capital; é certo que se infringiu a letra da lei e se derramou o sangue; pois bem… Tomem a minha cabeça pela letra da lei… e basta! É certo que, nesse caso, até muitos benfeitores da humanidade, que não receberam o poder por herança, mas o conquistaram, teriam merecido castigo desde os seus primeiros passos. Mas esses indivíduos seguiram para diante e depois tiveram razão, ao passo que eu não resisti e, portanto, não tinha direito a dar esse passo.” Era unicamente nisto que ele se reconhecia culpado: em não ter persistido e em ter ido denunciar-se.

Sofria também perante esta ideia: “Por que não se suicidara então? Por que estivera ali, à beira da água, e optara por ir denunciar-se? Seria o caso de que o desejo de viver fosse tão forte e fosse tão difícil vencê-lo? Mas Svidrigáilov, que temia tanto a morte, não o vencera?”.

Fazia com dor essa pergunta e não podia compreender que já então, quando estava à beira do rio, pressentisse talvez em si mesmo e nas suas convicções um erro profundo. Não compreendia que aquele pressentimento podia ser o anúncio duma futura crise na sua vida, da sua futura ressurreição, da sua futura nova maneira de ver a vida.

Preferia ver nisso simplesmente o peso cego do instinto, do qual não pudera desprender-se, e que também não tinha forças para rebaixar (devido à sua fraqueza e insignificância). Olhava para os seus companheiros de presídio e ficava espantado. Como todos eles amavam a vida, como a apreciavam! Parecia-lhe até que no presídio ainda a amavam e gostavam dela mais do que quando estavam livres. Quantos sofrimentos terríveis e mortificações não suportavam alguns

deles, por exemplo, os vagabundos! Mas significaria assim tanto, para eles, um pequeno raio de sol, um bosque calmo, uma fonte fresca, além, na espessura, vislumbrada três anos atrás, e com a visita da qual o vagabundo sonha como com um encontro com a sua amada, e vê-a em sonhos com a erva verde à volta e um passarinho cantando numa árvore! Continuando as suas explorações, descobria exemplos ainda mais inexplicáveis.

No presídio, no ambiente que o rodeava, não reparava certamente em muitas coisas, e até não queria, de maneira nenhuma, reparar nelas. Vivia como de olhos baixos; olhar era para ele repugnante e odioso. Mas por fim muitas coisas começaram a causar-lhe admiração, e ele, quase sem querer, começou a reparar naquilo em que, antes, nem sequer suspeitara. De maneira geral, o que mais o assombrou foi o tremendo, intransponível abismo que havia entre ele e todos os outros. Era como se todos eles fossem de outra nação. Ele e eles olhavam-se entre si com desconfiança e antipatia. Ele sabia e compreendia as razões gerais de semelhante desacordo; mas nunca teria pensado antes que essas razões fossem tão verdadeiramente fundas e fortes. No presídio havia também uns exilados polacos, criminosos políticos. Estes consideravam toda aquela gente como uma reles população e olhavam-na por cima do ombro; mas Raskólhnikov não podia olhá-la assim: via claramente que aquela população, sob mais de um aspecto, era muito mais inteligente que os próprios polacos. Havia ali também russos que desprezavam igualmente aquela gente: um ex-oficial e dois seminaristas. Raskólhnikov percebia claramente o seu erro. A ele, não o queriam e todos o evitavam. Acabaram até por odiá-lo… Por quê? Não sabia. Desprezavam-no, davam risada dele, riam do seu crime aqueles que eram mais criminosos do que ele.

– És um fidalgote! – diziam-lhe. – Não estava certo que saísses para a rua com um machado! Isso não é próprio dum senhor!

Na segunda semana da quaresma calhou-lhe a vez de fazer as suas devoções juntamente com os do seu alojamento. Foi à igreja e rezou em conjunto com os outros. Mas, sem que soubesse a propósito de quê… armou-se uma briga! caíram todos, com raiva, sobre ele.

– Tu és um ateu! Tu não acreditas em Deus! – gritavam-lhe. – Temos de te matar.

Nunca falara com eles acerca de Deus nem da fé; mas queriam matá-lo por ateu; ele se calava e não lhes objetava. Um dos presos atirou-se a ele, furioso; Raskólhnikov esperou-o tranquilamente e em silêncio; não arqueou as sobrancelhas e nem sequer uma das suas feições se contraiu. A sentinela conseguiu intervir a tempo entre ele e o seu agressor… Se não fosse isso, teria havido sangue.

Havia outro ponto que se tornara insolúvel para ele: por que amavam todos tanto a Sonha? Ela não lhes procurava a simpatia; eles encontravam-na apenas de vez em quando, só nos pontos de trabalho, quando ela ia vê-lo apenas por um minuto. E no entanto já todos a conheciam; sabiam que ela fora para lá, seguindo-o, a ele; sabiam como e onde vivia. Ela não lhes dava dinheiro, nem lhes fazia serviços especiais. Somente uma vez, pelo Natal, levou um donativo para todo o presídio: pastelinhos e empadões. Mas, pouco a pouco, entre eles e Sonha foram-se estabelecendo relações um pouco mais estreitas; ela lhes escrevia cartas para os seus pais e as punha no correio. Quando os pais ou as mães vinham à cidade, deixavam, por indicação deles, os objetos e até o dinheiro que lhes traziam, nas mãos de Sonha. As mulheres deles e as noivas conheciam Sonha e visitavam-na. E quando ela aparecia nos campos de trabalho, à procura de Raskólhnikov, ou se encontrava com a leva de presos que iam para o trabalho… todos lhe tiravam os gorros, todos se inclinavam. "*Mátuchka*, Sófia Siemiônovna, és a nossa mãe, terna e delicada!", diziam aqueles presidiários brutais, estigmatizados, à frágil e delicada criatura. Ela sorria. E todos achavam graça à sua maneira de andar e se voltavam para olhá-la, seguindo-a com os olhos, enquanto caminhava, e dirigiam-lhe galanteios. Galanteavam-na até por ser tão pequenina, elogiavam-na sem eles mesmos saberem por quê. Iam ter com ela, até para que os tratasse.

Ele ficou no hospital todo o final da quaresma e a semana da Paixão. Quando já estava restabelecido, recordou os seus sonhos dos momentos em que estivera com febre e delirando. Sonhou, durante a sua doença, que o mundo todo estava condenado a ser vítima de uma terrível, inaudita e nunca vista praga que, originária das

profundidades da Ásia, cairia sobre a Europa. Todos teriam que perecer, exceto uns tantos, muito poucos, escolhidos. Surgira uma nova triquina, ser microscópico que se introduzia no corpo das pessoas. Mas esses parasitas eram espíritos dotados de inteligência e de vontade. As pessoas que os apanhavam tornavam-se imediatamente loucas. Mas que, nunca, nunca se consideraram os homens tão inteligentes e perseverantes na verdade como se consideravam estes que eram atacados pela moléstia. Nunca foram considerados mais infalíveis nos seus dogmas, nas suas conclusões científicas, nas suas convicções e crenças morais. Aldeias inteiras, cidades e povos inteiros foram contagiados e enlouqueceram. Todos estavam alarmados e não se entendiam uns aos outros; todos pensavam ser os únicos senhores da verdade, e só sofriam ao verem a dos outros e davam socos no peito, choravam e ficavam de braços caídos. Não sabiam a quem nem como julgar; não podiam pôr-se de acordo sobre o que fosse bom e o que fosse mau. Não sabiam a quem acusar nem a quem justificar. Os homens agrediam-se mutuamente, impelidos por um ódio insensato. Armavam-se contra os outros em exércitos inteiros; mas os exércitos, uma vez em marcha, começavam de repente a destroçarem-se a si mesmos, as fileiras desfaziam-se, os guerreiros lançavam-se uns contra os outros, mordiam-se e devoravam-se entre si. Nas cidades passava-se o dia inteiro tocando a rebate; todos eram chamados; mas quem os chamava e para que os chamavam ninguém sabia e todos andavam assustados. Abandonaram os ofícios mais corriqueiros, porque cada qual preconizava a sua ideia, os seus métodos, e não podiam chegar a um acordo; a agricultura também foi abandonada. Em alguns lugares, homens reuniam-se em grupos, faziam certas combinações e juravam não se desentender… Mas começavam em seguida a fazer outra coisa completamente diferente da que acabaram de combinar, começavam a acusar-se mutuamente, brigavam e degolavam-se. Houve incêndios, fome. Tudo e todos se perderam. E essa tal peste crescia e cada vez avançava mais. Somente alguns homens conseguiram salvar-se em todo o mundo, homens puros e escolhidos, destinados a dar início a uma nova linhagem humana e a uma nova vida, a renovar e a purificar a terra, mas ninguém via esses seres em parte alguma, ninguém ouvia a sua palavra e a sua voz.

Raskólhnikov aborrecia-se porque esse absurdo delírio perdurasse

tão triste e dolorosamente nas suas recordações, que demorasse tanto a apagar-se a impressão desses desvarios febris. Decorreu a segunda semana depois da Páscoa; vieram dias tépidos, claros, primaveris; na enfermaria dos presos abriram a janela (gradeada, debaixo da qual passavam as sentinelas). Durante todo o tempo da sua doença, Sonha só pode vê-lo duas vezes na enfermaria; era sempre preciso pedir autorização, e isso era difícil. Mas ela costumava vir ao pátio do hospital, por baixo da janela, sobretudo ao escurecer, e às vezes unicamente para estar ali um minuto e olhar, ainda que de longe, a janela da enfermaria. Uma vez, ao cair da tarde, Raskólhnikov, já quase completamente restabelecido, dormia: quando acordou, aproximou-se inesperadamente da janela, e, de súbito, viu Sonha ao longe, à porta do hospital. Estava ali e parecia esperar alguém. Houve qualquer coisa que pareceu agitar-lhe o peito naquele instante; estremeceu e depressa retirou-se da janela. No dia seguinte Sonha não foi, nem no outro; e percebeu que a esperava com ansiedade. Finalmente deram-lhe alta. Quando voltou ao presídio soube pelos presos que Sônia Siemiônovna estava doente de cama e não podia sair de casa.

Ficou num desassossego e mandou perguntar por ela. Não tardou a saber que a sua doença não era de cuidado. Por sua vez, Sonha, ao saber que ele estava triste e se inquietava por causa dela, escreveu-lhe uma carta, garatujada a lápis, na qual lhe participava que já estava muito melhor, que fora uma simples constipação, e que em breve, muito em breve, iria vê-lo ao campo de trabalho.

Tornou a fazer um dia morno e claro. Na manhã seguinte, às seis, ele encaminhou-se para o trabalho, na margem do rio, onde, debaixo dum telheiro, estava instalado o forno para o calcário, ao qual o tinham destinado. Enviaram para ali, ao todo, três operários. Um dos presos foi com a sentinela ao forte, buscar uma ferramenta; outro pôs-se a preparar a lenha para aquecer o forno. Raskólhnikov saiu do telheiro e dirigiu-se para a margem, sentou numa viga estendida ao longo do muro e ficou olhando o rio longo e deserto. Da margem elevada descobria-se um vasto espaço. Da outra margem longínqua mal chegava o eco duma canção. Ali, na estepe infindável, banhada pelo sol, apareciam pontos negros quase imperceptíveis, as tendas dos

nômades. Para além havia liberdade e viviam outras pessoas, completamente diferentes das de aquém; ali era como se o tempo tivesse parado e não tivesse passado o século de Abraão e dos seus rebanhos. Raskólhnikov permanecia sentado e olhava fixamente, sem desviar os olhos; o seu pensamento transformou-se num desvario, numa contemplação; não pensava em nada, mas uma certa tristeza o comovia e afligia.

De repente, Sonha apareceu junto dele. Aproximou-se com um passo quase imperceptível e sentou ao seu lado. Ainda era muito cedo; corria ainda a frescura matinal. Ela trazia uma pobre e velha capa e um lencinho verde. O seu rosto mostrava ainda sinais da doença, emagrecera, estava pálida, de feições vincadas. Sorriu-lhe afetuosa e alegremente, mas, conforme era seu costume, estendeu-lhe timidamente a mão. Estendia-lhe sempre a mão com timidez, às vezes nem chegava quase a completar o gesto, como se receasse um insucesso. Ele lhe aceitava sempre a mão como se o fizesse de má vontade, parecia sempre acolhê-la com contrariedade, às vezes conservava um silêncio obstinado durante todo o tempo da sua visita. E então ela tremia diante dele e partia profundamente entristecida. Mas, agora, as suas mãos não se soltaram; ele lhe lançou um olhar rápido; não disse nada e baixou os olhos. Estavam sós; ninguém os via. A sentinela tinha-se afastado naquele momento.

Como aquilo foi, nem eles próprios o sabiam; mas, de repente, houve qualquer coisa que pareceu apoderar-se dele e fez com que ele se deitasse aos pés dela. Chorava e abraçava os seus joelhos. No primeiro momento ela ficou muito assustada e o seu rosto tornou-se parecido com o de uma morta. Saltou do seu lugar e, toda a tremer, ficou olhando para ele. Mas compreendeu tudo, imediatamente, naquele mesmo instante. Nos seus olhos brilhou uma infinita felicidade; compreendia, e para ela já não havia dúvida de que ele a amava, a amava infinitamente, e que chegara finalmente o momento.

Quiseram falar, mas não lhes foi possível. Havia lágrimas nos seus olhos. Estavam ambos pálidos e abatidos; mas naqueles rostos doentios e pálidos brilhava já a aurora de um renovado futuro, de uma plena ressurreição para uma nova vida. O amor ressuscitava-os, o coração dum encerrava infinitas fontes de vida para o coração do

outro. Resolveram esperar e ter paciência. A ele, ainda lhe faltavam sete anos; e, até então, quantos sofrimentos insuportáveis e quanta felicidade infinita! Ele ressuscitara e sabia, sentia em todo o seu ser renovado, e ela… ela vivia unicamente da vida dele! Na noite desse mesmo dia, quando já tinham fechado os alojamentos, Raskólhnikov estava deitado nas esteiras e pensava nela. Nesse dia até se lhe afigurava que todos os presos, que antes tinham sido seus inimigos, o olhavam já com outros olhos. Até falava com eles e lhes respondia afetuosamente. Agora recordava-o, mas não teria de ser assim: não deveria talvez, agora, mudar tudo? Pensava nela. Lembrava-se de como a mortificara continuamente, destroçando-lhe o coração; recordava o seu rostinho pálido, mas, agora, essas recordações quase não o afligiam; sabia com que infinito amor ia recompensar agora as suas dores. E que eram agora todos, todos aqueles sofrimentos do passado? Tudo, até o seu crime, até a sua condenação e deportação, lhe pareciam agora, nesta primeira exaltação, um fato exterior, alheio, como se não tivesse relações com ele. Aliás, nessa noite não podia pensar longa e fixamente em nada, concentrar o pensamento em qualquer coisa; tão pouco poderia resolver, então, conscientemente, o que quer que fosse; a única coisa que fazia era sentir. Em vez da dialética surgia a vida, e já na sua consciência devia elaborar-se algo de totalmente distinto.

*

Tinha o Evangelho debaixo da almofada. Pegou nele maquinalmente. Aquele livro era dela, pois era o mesmo em que ela lera a passagem da Ressurreição de Lázaro. Nos primeiros tempos do presídio pensava que ela havia de importuná-lo com a religião e que se poria a falar do Evangelho e a aborrecê-lo com o livreco. Mas, com o maior assombro da sua parte, nem uma só vez ela lhe falou nisso, nem uma vez sequer lhe tinha proposto o Evangelho. Fora ele quem lhe pedira, um pouco antes de ter adoecido, e ela levou-o sem falar nada. Até então ele nem sequer o abrira. Agora também não o abriu, mas ocorreu-lhe um pensamento: “Poderia, por agora, a sua crença, não ser a dele também? Pelo menos os seus sentimentos, as suas aspirações…”. Ela esteve também comovida todo aquele dia e, à noite, voltou a ficar doente. Mas era feliz a tal ponto que quase a assustava a

sua felicidade. Sete anos, só sete anos! No princípio da sua felicidade, houve alguns momentos em que tinham estado dispostos a considerar aqueles sete anos como sete dias. Ele nem sequer sabia que a vida nova não lhe seria dada gratuitamente, mas que ainda teria de comprá-la cara, pagar por ela uma grande façanha futura…

Mas aqui começa já uma nova história, a história da gradual renovação dum homem, a história do seu trânsito progressivo dum mundo para outro, do seu contato com outra realidade nova, completamente ignorada até ali. Isto poderia constituir o tema duma nova narrativa… mas a nossa presente narrativa termina aqui.

**1** Nesse tempo a embriaguez "era um vício crônico na gente pobre", Henri Troyat.↩

**2** Nome forjado de *raskol*, cisão. É evidente o propósito simbolista do autor. Criando este nome, quer mostrar, através da significação do étimo, o homem cindido, atormentado pela contradição, entre as exigências que ele faz à vida, à humanidade e a si mesmo, e a capacidade para realizá-las. Em *Crime e castigo* este simbolismo não tem sentido religioso, embora os termos *raskol* e *raskólhnik* fossem na época habitualmente aplicados à seita religiosa dos Velhos Crentes, e aos seus adeptos, cindidos da Igreja Ortodoxa e combatidos pelo Poder Central.↩

**3** Um dos graus do *tchin*, isto é, da escala das funções burocráticas do Estado.↩

**4** Personagem confusa, insegura, com qualidades indefinidas e misturadas, segundo o simboliza o seu nome, forjado pelo autor do termo comum *marmielad*. Este revela um caso raro de migração linguística, desde que só em português, dentre as línguas românicas, o fruto marmelo é chamado segundo a sua origem latina, dele se derivando o de marmelada, o qual, expressando a mesma classe de doce, feito porém de outros frutos, se incorporou às outras línguas, e também à russa, provavelmente através do francês e do alemão.↩

**5** Criando a personagem e o próprio nome dela, Dostoiévski introduziu um neologismo na língua russa, na qual o novo termo *liebiesiátnitchitsvo* passou a ser usado na acepção

de adulação, bajulação, o que caracteriza esta personagem.↩

**6** Untar de pez a porta da casa de uma moça significava que esta perdera a virgindade.↩

**7** A Virgem Maria.↩

**8** Literalmente, empoçado. De *luja*, poça d'água.↩

**9** Quer dizer, ficar servo, trocar a ociosidade e a liberdade pela segurança e o trabalho. Na antiga Rússia era expressão comum esta de "almas" para designar os servos. A riqueza dos grandes latifundiários frequentemente era calculada pelo número de "almas" que eles possuíam.↩

**10** Nome grego de Júpiter.↩

**11** Senhor. Termo arcaico, já de pouco uso na época de Dostoiévski, aqui utilizado com intenção irônica. O vocábulo corriqueiro que corresponde a senhor é *gospodin*.↩

**12** Senhorita. Termo arcaico, da mesma raiz de *bárín*, *bárinha*; senhor, senhora.↩

**13** Literalmente: ajuizado, sensato. De *razum*, inteligência, juízo, bom senso.↩

**14** Espécie de cervejaria de estilo alemão, restaurante e local para encontros e bate-papos entre homens, com uma sala adjacente para o jogo de bilhar, muito em voga na época.↩

**15** Muito obrigada, em alemão.↩

**16** Tem que ser punido, em alemão.↩

**17** Literalmente: explosivo, violento. De *pórokh*, pólvora.↩

**18** Ilhotas fluviais, urbanizadas, as quais ficavam na embocadura do Nieva, bairros de veraneio para os petersburgueses, dentro do perímetro urbano.↩

**19** Deturpação propositada do nome para Vrazumíkhin – ajuizador, derivado da mesma raiz de que se vale Dostoiévski para manifestar a opinião de Razumíkhin, sobre ele mesmo. No capítulo II da quarta parte, o A. recorre a outra deturpação do nome deste personagem.↩

**20** O autor faz aqui um jogo de palavras entre *rukodóvit* (guiar, exercer tutela sobre alguém) e *rokuvódit* (levar alguém pela mão).↩

**21** As pessoas do povo introduziam os torrões de açúcar na boca e bebiam depois o chá.↩

**22** Todos os habitantes das cidades russas importantes estavam registrados, por bairros, nos arquivos da polícia. Em Moscou e em Petersburgo existia uma repartição policial onde os particulares podiam obter todos os endereços, pessoalmente, e até pelo correio, pagando uma quantia por informação pedida.↩

**23** Nos limites da cidade.↩

**24** Literalmente: enganchador, aproveitador.↩

**25** Os prédios eram designados pelo nome do proprietário. Assim sendo, o autor deu ao dono desta casa este nome que vem de *bakaliéinaialavka* (venda).↩

**26** Já falamos bastante.↩

**27** Abreviação popular de Petersburgo.↩

**28** Era costume, neste tempo, na Rússia, pintar os soalhos.↩

**29** Literalmente: endemoniada.↩

**30** Anton Rubinstein(1829-1894), pianista e compositor russo, autor da ópera *Demônio*. Fundou o Conservatório de São Petersburgo.↩

**31** Alusão teosófica.↩

**32** Rebentem, cães, se não estão contentes; isto é, cada um que se governe.↩

**33** Uma guerra justa.↩

**34** Não me dou bem com vinho.↩

**35** Para lhe agradar.↩

**36** Literalmente: sensato, ponderado. De *rassúdok*, inteligência, juízo, bom senso. Note-se o evidente propósito do A., nessa deturpação que faz do nome Razumíkhin, de manifestar opinião outra a respeito deste personagem. Já no capítulo III da parte segunda recorreu Dostoiévski a uma outra deturpação do nome do mesmo personagem.↩

**37** Conselho militar da Corte.↩

**38** Forma popular de Nikolka.↩

**39** Distingamos.↩

**40** Realce da tradutora, para melhor compreensão da tradução, que teve de ser muito livre nesta frase.↩

**41** Senhora tenenta, em polaco.↩

**42** Senhor, em polonês.↩

**43** Literalmente: o meu pão e o meu sal.↩

**44** Pai de Berlim (em alemão).↩

**45** Dinheiro (em alemão).↩

**46** Boletim de matrícula das prostitutas.↩

**47** Deus misericordioso! (em alemão).↩

**48** Senhor! Meu Deus! (em russo).↩

**49** Senhor canalha, alcoviteiro (em polonês).↩

**50** Senhores (em russo).↩

**51** Fica direita!↩

**52** O A. escreve este nome entre aspas por ele ser o nome tradicional da personagem principal do *guignol*, o polichinelo, como seria o equivalente em português no teatro de marionetes; e para caracterizar o personagem dostoievskiano assim chamado de engraçado.↩

**53** Este e os dois versos seguintes pertencem a um poema de Heine: Tens diamantes e pérolas, / Tens os mais lindos olhos. / Mocinha, que mais queres?↩

**54** Verso inicial dum poema de Liérmontov.↩

**55** Em vão (em alemão).↩

**56** Até amanhã (em alemão). Equivalente a ora vai passear.↩

**57** Este episódio é mencionado por Dostoiévski na obra *Memórias da casa dos mortos*.↩

**58** Nas tabernas servia-se também chá, uma das bebidas nacionais russas.↩

**59** Svidrigáilov passa assim do tratamento de *senhor* para o de *tu*, no texto.↩

**60** Onde a virtude foi se esconder.↩

**61** Chega de conversa.↩

**62** Adeus, meu encanto!, por ironia.↩

**63** Nesta altura, conforme o texto, Dúnietchka passa a tratar Svidrigáilov por tu.↩

**64** Local público de Londres para bailes e concertos, muito em voga no século XVIII, posteriormente imitado em Paris e outras cidades da Europa. O termo é empregado aqui no sentido restrito de casa de jogo, cassino.↩

**65** Expressão idiomática: mandar às galés. Dava-se esse nome à condenação aos trabalhos forçados na Sibéria. Talvez topônimo derivado dalgum policial de nome Vladimir.↩

**66** Isto é, um quarto.↩

**67** Babado.↩

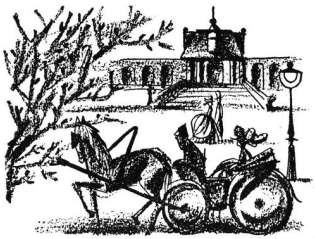
**68** Disparos de canhão na fortaleza de Pedro e Paulo anunciavam a subida das águas do Nieva.↩

**69** *Mamacha*, mãe, em linguagem infantil.↩

**70** Alusão à *Dama das camélias*.↩

**71** Que nada significam.↩

# Apêndice



# Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução[1]

ARCHIN. Medida de comprimento equivalente a 0,71 m.

ARKHIEPÍSKOP. Grau hierárquico no clero ortodoxo, intermediário entre bispo e metropolita.

ARKHIMANDRIT. Grau superior do padre-monge, geralmente prelado do mosteiro.

ÁRTIEL. Associação de trabalho comunitário.

AÚL. Povoado no Cáucaso e na Ásia Central.

BABA. Mulher casada na linguagem popular; mulher – em sentido pejorativo, aplicado às mulheres vulgares.

BÁBUCHKA. Vovó.

BABÚLINHKA. Vovózinha.

BAIGNOIRE, *fr*. Camarote que fica ao nível da plateia.

BALALAICA (*balalaika*). Instrumento musical, popular, de três cordas.

BÁRIN, BÁRINHA, BARÍTCHNIA. Senhor, senhora, senhorita. Tratamentos respeitosos dados outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente empregam-se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.

BÁTIUCHKA. Paizinho. Sinônimo arcaico de pope. Utilizado também na linguagem do povo, como sinônimo de papai, aplicado ao próprio pai ou a pessoas respeitosas, às quais se quer tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo.

BIECHMIET. Casaco curto pespontado, usado pelos tártaros e povos do Cáucaso.

BIEKIECHA. Casaco de homem ajustado na cintura.

BIELKA. Esquilo.

BLIN. Panqueca. Prato típico da quaresma.

BOGOMÓLIETS. Crente, peregrino.

BOIARDO (*boiárin*). Na Rússia moscovita, senhor, grande latifundiário pertencente à classe reinante.

BOLVAN. Bobo.

BONHOME, *fr*. Bondade de caráter, unida à delicadeza nas maneiras.

BORCHTCH. Sopa de beterraba e outros legumes.

BOUDOIR, *fr*. Pequena sala de estar, geralmente de senhora.

BRAT. Irmão.

BRÁTIETS. Irmão. Forma arcaica usada em sentido figurado: irmão de armas, de religião, etc.

BRIOCHE, *fr*. Pequeno bolo macio, de farinha, manteiga, leite e ovos.

BRUDERSCHAFT, *al*. Fraternidade; irmandade. Costume dos estudantes alemães de beberem em conjunto, entrelaçando os braços, para em seguida usar, entre eles, a forma de tratamento tu.

BURKA. Capa de pele de carneiro, muito usada nas montanhas do Cáucaso.

BURLAK. Homem que puxava outrora, da margem, as cordas com que eram arrastados os barcos contra a corrente.

CAFTÃ (*kaftan*). Antigo traje masculino; casaco comprido.

CHACHKA. Arma branca, do tipo do sabre, de curva pequena.

CHÁRIK. Bolinha.

CHARMANT, *fr*. Encantador, agradável, gentil.

CHIBUK. Cachimbo turco.

CHLIÚPKA. Barco largo e resistente.

CHTCHERBATI. Diz-se das pessoas que têm marcas de varíola no rosto, ou às que faltam dentes.

CHTCHI. Sopa de couves.

COCHON, *fr*. Porco, porcalhão.

COMPTOIR, *fr*. Balcão, caixa.

COPEQUE (*kopiéika*). Moeda divisionária, centésima parte do rublo.

COTTAGE, *in*. Casinha de campo.

CRÊPE, *fr*. Bolo folhado.

CZAR (*tsar*). Título do monarca na Rússia moscovita.

DATCHA. Casa de veraneio fora da cidade.

DÉBAT, *fr*. Conferência, palestra, debate.

DIÁDUCHKA. Tio. Em sentido figurado de afeto e respeito.

DIÁKON. Na igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

DIESIATINA. Medida de superfície da terra, equivalente a 1 hectare e 9 cm.

DINER, *in*. Janta; convidado para jantar; comensal.

DJIGUITOVKA. Conjunto de arriscados exercícios equestres, de que eram exímios os cossacos.

DOROGA. Estrada.

DRÓJKI. Carruagem leve.

DUGÁ. Parte dos arreios dos cavalos, um arco de madeira.

DVÓRNIK. Porteiro.

DVORÓVI. Servo do serviço doméstico do latifundiário.

EPARQUIA (*epárkhia*). Diocese ortodoxa administrada por um bispo ou arcebispo ou metropolita.

EPÍSKOP. Grau hierárquico superior a bispo ortodoxo.

FELDSCHER, *al.* Cirurgião militar.

FELDWEBEL, *al.* Primeiro-sargento ou sargento-ajudante.

FEUERBACH, *al.* Riacho de fogo.

FRAU, FRAULEIN, *al.* Senhora, senhorita.

FRAUENMILCH, *al.* Literalmente: leite de mulher.

FRÜH, *al.* Cedo, cedinho.

FRÜSHTÜCK, *al.* Pequeno almoço, café da manhã.

GLÁSNI. Representante eleito nas assembleias administrativas públicas.

GNIEDÓI. Cavalo baio.

GOLUBTCHIK. Pombinho, querido.

GELD. *al.* Dinheiro.

GORIÉLKI. Jogo popular russo semelhante à cabra-cega.

GÓROD. Cidade.

GORÓDSKAIA DUMA. Conselho Municipal ao qual estava confiada a administração da cidade, antes da revolução.

GOR. Montanha.

GOSPODIN, GOSPOJÁ, GOSPODÁ. Senhor, senhora, senhores.

GÓSPOD. Senhor! Meu Deus!

GRÍVIEN. Moeda equivalente a dez copeques.

GROCH. Antiga moeda russa equivalente a meio copeque.

GRUCHA. Pera.

GÚSLI. Antigo instrumento musical de cordas.

GVOSD. Prego, cravo.

HOFSKRIEGSRAT, *al.* Conselho militar da Corte.

IÁ. Pronome russo da primeira pessoa, singular.

IAMAN, *ta.* Mal! Exclamação tártara.

ÍCONE (*ikona*). Imagem de Deus, de um santo ou santos em forma de estampas.

IERARKH. Denominação oficial dos bispos.

IEROMONAKH. Padre-monge.

IGÚMIEN, IGÚMIENHA. Monge, freira superior dum mosteiro.

IKONOSTÁS. Parede enfeitada de ícones, a qual separa o altar da nave, na igreja ortodoxa.

INTIELIGÉNTSIA. Camada social composta dos intelectuais.

ISBÁ (*isbá*). Casa camponesa de madeira.

ISPRÁVNIK. Chefe de polícia de distrito na Rússia czarista.

ISVÓSTCHIK. Cocheiro de carro de aluguel.

JÁVORONOK. Calhandra. Fazem-se pãezinhos em forma de calhandras, quando elas regressam da migração às regiões quentes, simbolizando a chegada da primavera.

JORUNTCHIN. Tenente.

JUNKER, *al.* Suboficial nobre do Exército imperial russo.

KACHA. Mingau.

KALÁTCHI. Pães de trigo em forma de trança, os de Moscou são os mais famosos.

KAMÁRINSKAIA. Dança popular russa.

KAPITANCHKA. Capitoa, mulher do capitão.

KASATCHOK. Dança popular russa, em que o dançarino se mantém de cócoras e vai lançando as pernas para diante.

KÁTORGA. Galé, trabalhos forçados.

KATSAVIÉIKA. Casaco curto, sem botões.

KAVÁRDAK. Confusão.

KAZÁRM. Quartel.

KEEPSAKE, *in*. Literalmente: lembrança, presente. Peça ou objeto que se oferece como recordação; também livro ou álbum, ilustrados, muito em voga no fim do século XIX.

KHLIST. Adepto da seita *khlistóvstvo*. De *khlistat*: chicotear, fustigar.

KHUTOROK. Povoado.

KIBITKA. Carrocinha de ciganos.

KNUT. Azorrague de cordas, ou tiras de couro, presas a um cabo de madeira que servem para fustigar os cavalos.

KOCHKILDI, *ta*. Saudação tártara.

KOPIT. Reunir.

KORÓBOTCHKA. Caixinha.

KRAKOVIAK. Bailado polonês, um tanto agitado, da região de Cracóvia.

KRIEPOSTNÓI. Servo da gleba.

KULIEBIAKA. Empada recheada de carne, peixe, etc.

KULIK. Galinhola.

KULITCH. Pão doce em forma cilíndrica, típico, para festejos da Páscoa.

KUMATCH. Tecido de algodão de cor vermelho vivo.

KUNAK, *ta*. Amigo.

KUTIÁ. Arroz doce com passas e mel. Prato típico no dia de finados.

KVAS. Bebida feita de pão de centeio e de lúpulo ou de frutas.

LAIDAK, *po*. Canalha, alcoviteiro.

LANDAU, *fr*. Carruagem de quatro rodas e capota dupla que abre e fecha.

LÁPOT. Espécie de alpargatas feitas da entrecasca de tília.

LAVA. Arremesso. Ataque da cavalaria cossaca.

LIKHATCH. Cocheiro de cavalo veloz e carruagem elegante; hoje, chofer que despreza as regras do tráfego.

LINIÉIKA. Carruagem de vários lugares, dispostos lateralmente.

LUJA. Poça d'água.

LUTCHINA. Lasca de madeira comprida e fina, usada antigamente para acender luzes ou lume.

MADONNA, *it*. Gênero de quadro clássico reproduzindo o rosto da Virgem Maria.

MAIDAN. No sul da Rússia, feira, praça da feira.

MAMACHA, (*mamienhka*, *mamassia*) Mãezinha.

MARMIELAD. Marmelada, doce feito de marmelo, e, por extensão, doutras frutas.

MÁTUCHKA. Mãezinha; diminutivo arcaico, utilizado especialmente

pelo povo para designar a mulher do pope.

MITKI. Irrequieto.

MIR OU SKHOD. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

MITROPOLIT. Grau hierárquico superior dos bispos ortodoxos.

MONAKH. Monge.

MONASTIR. Mosteiro.

MONPLAISIR, *fr*. Recanto de jardim, preparado para repouso e diversão nos parques das grandes mansões.

MORGEN, *al*. Manhã.

MORS. Mar.

MOST. Ponte.

MUJIQUE (*mujik*). Camponês.

NAGAIKA. Chicote usado pelos cossacos, curto e de couro.

NARÓDNIK. Movimento político russo da segunda metade do século XIX, conhecido como populista, que considerava os camponeses, e não o proletariado, como a classe revolucionária.

NA TCHAI. Para o chá. Gorjeta.

NEVÁLID. Inválido. Deturpação de *invalid*. Termo incorporado do francês por ocasião das guerras napoleônicas.

NHANHA. Babá.

NIET. Não.

OFITSIÁNSKAIA. Recinto destinado aos criados nas antigas mansões.

OKHRANA. Polícia secreta, especial e de segurança política do Estado imperial russo.

OKROCHKA. Sopa fria de *kvas*, legumes e carne ou peixe cortados em pedacinhos.

ONUTCHA. Faixa de pano grosseiro para enrolar as pernas antes de calçar as botas ou os *lápti*.

OSMÍNIK. Antiga unidade de peso, variável conforme o local. Oitava parte de um total.

ÓSTROV. Ilha.

OTIETS. Pai.

PAN, PANI, *po*. Senhor, Senhora.

PAPACHA. Pai, paizinho. Em sentido figurado, de respeito e afeto. Também boné de peles usado pelos cossacos.

PÁPOTCHKA. Paizinho, sendo este o verdadeiro diminutivo, quando se trata do próprio pai.

PARÁCHNIK. Preso escolhido para serviços leves.

PERSPECTIVA (*próspekt*). Avenida, rua larga e reta.

PFEFFERKUCHEN, *al*. Torta de pimenta.

PHRASEUR, *fr*. Fraseador, falador, tagarela.

PIATAK. PIATATCHOK (dimin.). Moeda de cinco copeques.

PICHKA. Pãozinho redondo e fofo, doce ou salgado.

PIELHMIÉNI. Prato típico siberiano, semelhante ao ravióli, recheado de carne.

PIKA. Arma branca, do tipo da lança longa, muito usada pelos cossacos.

PLHASSAT. Dançar.

PLÓCHTCHAD. Praça.

PODIOVKA. Casaco de homem comprido e justo na cintura.

PODPOLKÓVNIK Tenente-coronel.

POLK. Regimento.

POLKÓVNIK. Coronel.

POLTÍNIK. Moeda que vale meio rublo, isto é: cinquenta copeques.

PONOMAR. Sacristão ortodoxo.

POPE (*pop*). Padre, sacerdote da hierarquia inferior na igreja ortodoxa.

PÓROKH. Pólvora.

PORÚTCHIK. Tenente, no Exército czarista.

PÓSLUCHNIK. Irmão converso ou noviço, que jurou obediência, no clero monástico ortodoxo.

PRÁPORCHTCHIK. Alferes.

PRIÁNIK. Biscoito de mel.

PROTODIÁKON. Diácono superior.

PROTOIEIRIÉI. Padre superior.

PROTOPOPE (*protopop*). Sinônimo de protoieriéi.

PSALOMCHTCHIK. Servidor da igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

PUD. Unidade de peso equivalente a 16,4 quilogramas.

PUSTINHA. Deserto.

QUADRILLE, *fr*. Contradança de salão, em que tomam parte vários pares em número par.

RASKOL. Cisão.

RASKÓLHNIK. Sectário da agrupação religiosa dos “velhos crentes”.

RAZUM. Inteligência, juízo, bom senso.

RUBLO (*rubl*). Unidade monetária russa.

RUCHE, *fr*. Folho, franzido, pregueado.

SAD. Jardim.

SAJENH. Medida russa de comprimento equivalente a 2,13 metros.

SAMOVAR (*samovar*). Aparelho de metal, com aquecimento interno em forma de um tubo comprido, que se enche de carvão, destinado a ferver água.

SARAFAN. Vestimenta das camponesas russas, sem mangas.

SAUBUL, *ta*. Saudação tártara.

SELIM ALÊIKUM, *ta*. Louvado seja Alá! Fórmula de saudação nos países islâmicos.

SIROTÁ. Órfão.

SKHOD ou MIR. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

SKÓPIETS. Adepto da seita religiosa que tinha por base o voto de castidade. Castrado.

SKVIÉRNI. Ruim.

SOBOR. Catedral.

SPLEEN, *in*. Mau humor.

STABSKAPITAN, *al*. Capitão de Estado-Maior.

STANOVÓI. Chefe da polícia rural na Rússia czarista.

STARCHINÁ. Antes da revolução, representante eleito de uma das camadas sociais para administrar negócios públicos.

STÁRIETS. Homem idoso, mendigo, monge de grande reputação por sua sabedoria, meditação, etc.

STÁROSTA. Chefe eleito ou designado de uma entidade. Antes da revolução, chefe eleito da aldeia.

STAROVIER. Adepto de um movimento religioso composto de várias seitas, surgido na Rússia no século XVII como resultado da cisão da igreja. Os *staroviéri* procuravam conservar os velhos ritos da igreja e seu modo de vida.

STORONÁ. Bairro.

SÚDAR, SÚDARINHA, SÚDARI. Senhor, Senhora, Senhores. Termos arcaicos.

SUKHAR. Pão ressequido e grosseiro; espécie de pão de munição constante da ração dos soldados.

SVAKHA. Casamenteira; mulher que tinha por incumbência fazer a ligação entre as famílias dos noivos e combinar o casamento e o dote.

TARANTÁS. Carroça de quatro rodas, coberta ou descoberta.

TARATAIKA. Carro leve, de duas rodas, tipo charrete.

TCHAST. Distrito.

TCHÁSTNI. Particular.

TCHERKESKA. Casaco comprido e estreito, dos caucasianos e cossacos, justo na cintura, sem gola e decote em forma de V.

TCHERNOSIOM. Terras férteis, negras, ricas em substâncias orgânicas.

TCHERVÓNIETS. Nota de dez rublos, usada antigamente.

TCHÉTVIERT. Quartilho, antiga medida equivalente a um quarto de um total, aproximadamente dois litros.

TCHETVIERTAK. Moeda no valor de um quarto de rublo, 25 copeques.

TCHIEKMIEN. Vestimenta de homem, espécie de capa muito usada pelos cossacos.

TCHIN. Grau hierárquico dos militares e funcionários civis.

TCHIKIR, *ta*. Vinho do Cáucaso, pouco fermentado.

TCHINÓVNIK. Funcionário do Estado.

TIELIEGA. Carroça de quatro rodas para transporte de cargas.

TIERGARTEN, *al*. Jardim das feras, parque zoológico.

TIÚRIA. Prato de pão esmigalhado e *kvas*.

TRIEPAK. Dança popular russa, muito animada.

TROICA (*troika*). Trenó ou carro puxado por três cavalos.

TULUP. Casaco comprido de peles de carneiro com o pelo para dentro.

TUNGUS. Antiga denominação dos evenos, habitantes do norte e leste da Sibéria.

UCASSE (*ukás*). Decreto de uma instância superior do regime, equivalente a uma lei.

UGLOV. Esquina, canto.

UIESD. Na Rússia antiga, distrito ou cantão administrativo.

ÚLITSA. Rua.

UNIAT. Adepto da *unia*. Eclesiástico e crente da igreja greco-católica.

UNTEROFFIZIER, *al*. Suboficial.

UTCHÍTEL. Professor, preceptor.

VATER, *al*. Pai.

VATRUCHKA. Pãozinho com requeijão.

VAURIEN, *fr*. Velhaco, tratante, patife.

VAUXHALL, *in*. Lugar ao ar livre onde se davam concertos e bailes; cassino.

VERSTA (*vierstá*). Medida russa de comprimento, equivalente a 1,06 quilômetros.

VIÉRCHOK. Antiga medida russa de comprimento, equivalente a 4,4 centímetros.

VIÉRNI. Leal, fiel.

VODCA (*vodka*). Bebida alcoólica russa do tipo de aguardente de trigo.

VOIEVODA. Na antiga Rússia, chefe de exército ou distrito.

VÓLOST. Na Rússia antes da revolução, unidade administrativo-territorial, subdivisão de distrito nas regiões rurais.

VOROTÁ. Portão.

YÁKCHI, *ta*. Está bem!

YOK, *ta*. Não.

ZAKÚSKI. Frios para acompanhar o aperitivo.

ZÁVTRAK. Pequeno almoço, café da manhã.

ZIÉMSKI NATCHÁLHNIK. Na Rússia czarista, chefe de distrito com poderes administrativos, jurídicos e policiais.

ZIÉMSTVO. Antes da revolução, poder autônomo local nas regiões rurais, cujos representantes, em sua maioria, eram grandes latifundiários e nobres.

ZVIER. Besta, fera, alimária.

**1** Constam também deste vocabulário os termos comuns russos já aportuguesados e registrados nos dicionários tais como *czar*, *rublo*, *vodca*, etc., seguidos, porém, da transliteração fonética, entre parêntesis. O mesmo não sucede com os vocábulos doutras línguas, que, por corriqueiros demais, faziam supérflua a sua inclusão, p. e. *adieu* do francês, e *pudding* do inglês. ↩

*al*. alemão *fr*. francês *in*. inglês *it*. italiano *la*. latim *po*. polonês *ta*. tártaro.

**Copyright © 2018 by Global Editora**

1a Edição Digital, Nova Aguilar, 2022

**Jefferson L. Alves** – diretor editorial
**Jiro Takahashi** – editor executivo
**Sebastião Lacerda** – consultoria
**Flávio Samuel** – gerente de produção
**Booknando e Taís do Lago** – produção digital
**Jefferson Campos** – assistente de produção
**Luiz Maria Veiga, Eunice Nunes de Freitas e Márcia Benjamim** – revisão
**Homem de Melo & Troia Design** – projeto de design

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881
Fiódor Dostoiévski [livro eletrônico] : obra completa / versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes ; precedida de uma introdução geral e prólogos às seções, por Natália Nunes ; acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben. – 1. ed. – São Paulo : Editora Nova Aguilar, 2022.
ePub

Título original: Fiódor Dostoiévski
Conteúdo: Obras de transição – Romances da maturidade.

ISBN 978-65-89645-27-6 (v. 2)

1. Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881 2. Ficção russa I. Nunes, Natália. II. Mendes, Oscar. III. Bens, Luis de. IV. Título.

22-116139CDD-891.73

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura russa891.73

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

EDITORA
NOVA AGUILAR

**Editora Nova Aguilar**
Rua Pirapitingui, 111 — Liberdade
CEP 01508-020 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 3277-7999
e-mail: novaaguilar@novaaguilar.com.br

Direitos reservados.
Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

No de Catálogo: **10045.EB**

# Fiódor Dostoiévski

# *Obra completa*

VOLUME 3

Romances da maturidade

# Fiódor Dostoiévski
# *Obra completa*

## volume 3
## Romances da maturidade

Versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes

Acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben

***

1a edição digital

São Paulo

2022

Editora Nova Aguilar

BIBLIOTECA
UNIVERSAL

# FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
# Obra completa em quatro volumes

## VOLUME 1

## Introdução geral

## Novelas da juventude

Pobre gente / O duplo / O senhor Prokhártchin / A dona da casa / Um romance em nove cartas / Polzunkov / Coração frágil / O ladrão honrado / A mulher alheia e o homem debaixo da cama / Uma árvore de Natal e um casamento / Noites brancas / Niétotchka Niezvânova / O pequeno herói / O sonho do tio / A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores

## VOLUME 2

## Obras de transição

Humilhados e ofendidos / Memórias da casa dos mortos / Uma história aborrecida / Notas de inverno sobre impressões de verão / Memórias do subterrâneo

## Romances da maturidade

Crime e castigo

## VOLUME 3

O jogador / O idiota / O eterno marido / Os demônios

## VOLUME 4

O adolescente / Os irmãos Karamázovi

## Outros escritos

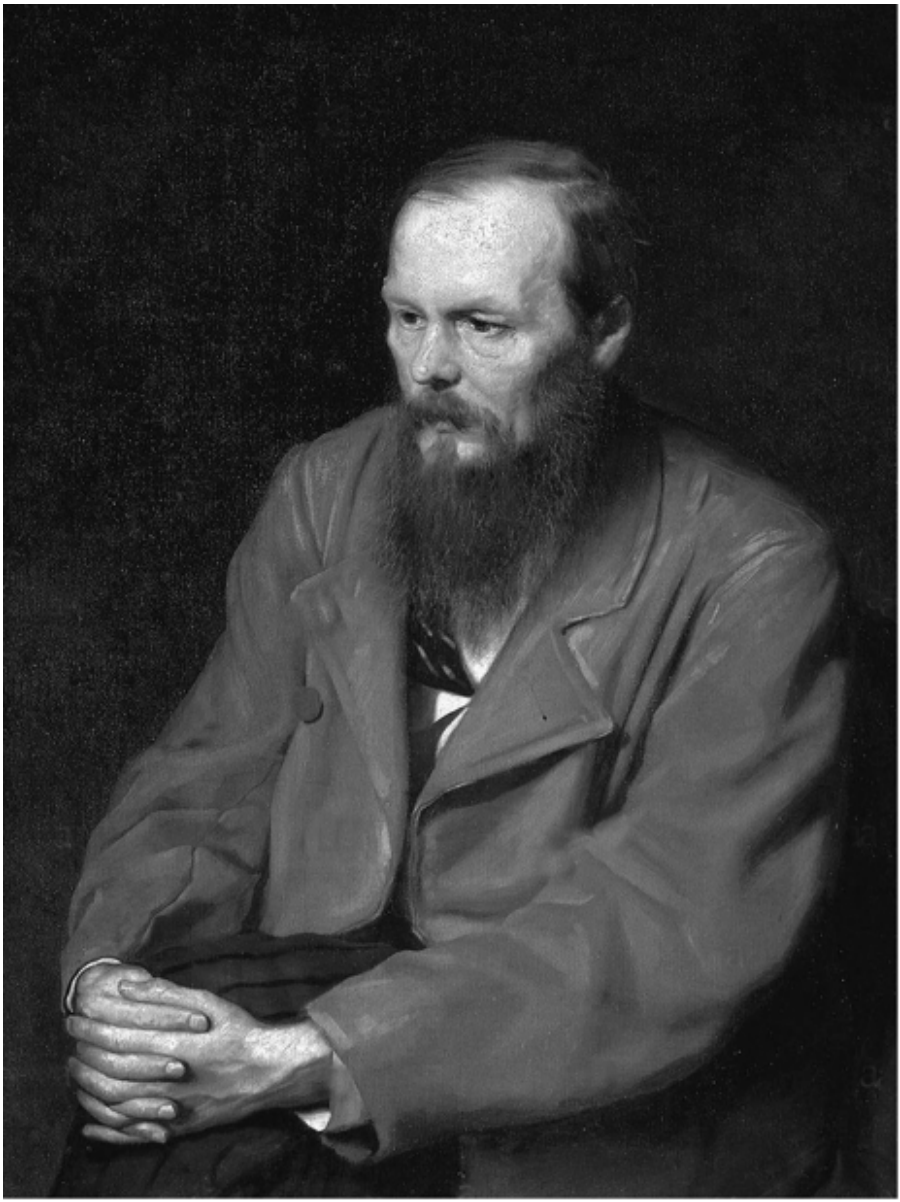
Esquema para o grande pecador / O crocodilo / O Mujique Márei / Uma doce criatura / O sonho de um homem ridículo / Excertos do diário de um escritor

## Romances da maturidade (continuação)

O jogador
O idiota
O eterno marido
Os demônios

## Apêndice

Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução



Reprodução do retrato de Dostoiévski, pintado por V. Perov em 1872. Galeria Tretyakov.

# ROMANCES DA MATURIDADE

O JOGADOR

O IDIOTA

O ETERNO MARIDO

# O jogador

# O JOGADOR
# (1866)

## CAPÍTULO PRIMEIRO

Voltava finalmente depois de uma ausência de duas semanas. Os nossos estavam havia já três dias em Rulettenburgo. Pensava que eles, Deus sabe como, me estariam esperando, mas enganava-me. O general parecia o suprassumo da indiferença; falou-me com altivez e enviou-me à sua irmã. Saltava aos olhos que, fosse como fosse, haviam arranjado dinheiro. A mim pareceu também que o general se esforçava por não me olhar. Maria Filípovna estava muito atarefada e falou-me muito à pressa; aceitou, não obstante, o dinheiro, contou-o e escutou meu relato até o fim. À hora da refeição esperavam Miezientsov, um francês e também certo inglês; assim costumavam fazer enquanto tinham dinheiro; em seguida davam jantares à moscovita. Polina Alieksándrovna, ao me ver, perguntou: "Vais ficar muito tempo?". E sem esperar resposta, foi para não sei onde. Naturalmente, fez aquilo de propósito. Precisávamos, não obstante, ter uma explicação. Haviam-se juntado muitas coisas.

Conduziram-me a um quartinho, no quarto andar do hotel. Aqui toda gente sabe que faço parte do séquito do general. Por todos os sinais percebe-se que eles, apesar de tudo, conseguiram ficar conhecidos. Acham que o general é um riquíssimo aristocrata russo. Antes do jantar tive tempo ainda para, entre outros encargos, arranjar meio de trocar duas cédulas de mil francos. Troquei-os no balcão do hotel. Agora vão nos ver como milionários, pelo menos durante toda uma semana. Queria apanhar Micha e Nádia e levá-las a passear; mas na escada chamaram-me de parte do general; tinha acreditado oportuno saber aonde íamos. Esse homem não pode decididamente olhar-me cara a cara; de boa vontade faria isso, mas respondo-lhe sempre olhando-o de modo tão fixo, isto é, tão descarado, que se perturba. Com uma oratória muito empolada, enredando uma frase na outra e logo se confundindo, deu-me finalmente a entender que fosse passear com as crianças em qualquer parte, longe do *vauxhall*,[1] no parque. Por último, acalorou-se totalmente e acrescentou com secura:

“Será que vai levá-las à roleta? Você põe a culpa em mim — acrescentou, — mas sei que você é ainda mais atordoado e capaz de jogar. Em todo caso, embora não seja seu mentor, nem queira desempenhar tal papel, tenho pelo menos o direito de desejar que não me comprometa…”.

— O senhor bem sabe que não tenho dinheiro — respondi-lhe calmamente. — E para jogar é preciso dinheiro.

— Vou já lhe dar algum — respondeu o general, corando um pouco.

Dirigiu-se a seu quarto, procurou na sua escrivaninha, consultou um caderninho e verificou que me devia cento e vinte rublos.

— Calculo — disse ele, — que seja precise trocá-los por táleres. Mas aqui tem você cem táleres; tome-os, como conta redonda… O resto, naturalmente, vai lhe ser pago…

E, em silêncio, entregou-me o dinheiro.

— Espero que não se ofenda com as minhas palavras. Você é tão suscetível… Se lhe fiz esta advertência, sim, pode-se chamar uma advertência, foi, sem dúvida, porque tenho certo direito de fazê-la…

Ao voltar, antes do jantar, com os meninos, para casa encontrei-me no caminho com toda a cavalgada. Iam contemplar não sei que ruínas. Dois magníficos coches, cavalos soberbos. *Mademoiselle* Blanche ocupava um coche em companhia de Maria Filípovna e de Polina; o francês, o inglês e nosso general iam a cavalo. Os transeuntes paravam para olhá-los; o efeito era estupendo; mas só ao general aquilo não agradava. Calculava que com os quatro mil francos que eu havia levado, mais o que eles, pelo visto, tinham conseguido obter, estariam agora com sete a oito mil francos: demasiado pouco para *Mademoiselle* Blanche.

*Mademoiselle* Blanche estava também hospedada em nosso hotel em companhia de sua mãe, o mesmo acontecendo ao nosso francês. Os lacaios chamavam este último de “Senhor Conde”; à mãe de *Mademoiselle* Blanche “Senhora Condessa”. Bem, pode ser que

realmente fossem conde e condessa.

Já sabia que o Senhor Conde não haveria de reconhecer-me, quando nos sentássemos à mesa. O general, sem dúvida, não pensava em dar-nos a conhecer ou, pelo menos, em apresentar-me; mas o Senhor Conde estivera na Rússia e sabia que espécie humilde de passarinho é este que chamam *utchítel*.[2] Aliás, conhece-me de sobra. Mas reconheçamos que me apresentei à mesa sem que ninguém me tivesse chamado; segundo parece, o general esqueceu-se de dar ordens, pois, de outro modo, teriam me mandado comer na mesa comum do hotel. Apresentei-me espontaneamente, de sorte que o general olhou-me, contrariado. A boa Maria Filípovna designou-me imediatamente lugar, mas o encontro com *Mister* Astley livrou-me de embaraço e, sem querer, achei-me fazendo parte da reunião.

Conhecera esse inglês extravagante na Prússia, no trem, onde íamos sentados, um em frente do outro, quando vinha eu reunir-me com os nossos. Depois tornei a encontrá-lo viajando pela França e, por último, na Suíça. No transcurso daquela semana, duas vezes… e agora, de repente, tornava a encontrá-lo também em Rulettenburgo. Nunca em minha vida vi homem tão tímido; é tímido até a estupidez e, certamente, dá-se conta disto, pois não é nada estúpido. Quanto ao mais, é muito manso e agradável. Obriguei-o a entabular conversa na primeira vez em que me encontrei com ele na Prússia. Revelou-me que naquele ano estivera em Porto do Cabo e tinha muita vontade de ver a feira de Níjni-Nóvgorod. Não sei como travou amizade com o general; creio que está loucamente apaixonado por Polina. Quando esta entrou, ficou vermelho como a aurora. Mostrou-se muito contente por me encontrar à mesa com eles e, ao que parece, já me considerava como amigo antigo.

Na mesa, o francês assumia uma importância excessiva; tratava todos de cima e com extrema seriedade. Em Moscou, pelo contrário, lembro-me de que era uma espécie de lançador de bolhas de sabão. Falava, pelos cotovelos, das finanças e da política russas. O general, de quando em quando, permitia-se contradizê-lo, mas modestamente, só para não comprometer em definitivo o seu prestígio.

Achava-me numa estranha disposição de ânimo. Nem é preciso

dizer que, até a metade do jantar, tive tempo de formular a mim mesmo a minha habitual e eterna pergunta: “Por que terei de andar a reboque desse general e já não o larguei há mais tempo?”. De vez em quando lançava um olhar para Polina Alieksándrovna, que não olhava absolutamente para mim. Chegou a coisa a tal ponto que me encolerizei e resolvi ser grosseiro.

Comecei, sem tom nem som, em voz alta e sem pedir permissão a ninguém, uma conversa estranha. O que eu queria, sobretudo, era um pretexto para brigar com o francês. Encarei o general e, de repente, com voz forte e precisa, e creio que interrompendo-o, fiz-lhe notar que naquele ano era quase impossível a um russo comer nos hotéis na mesa comum. O general assestou-me um olhar cheio de assombro.

— Se é o senhor um homem que tem estima própria — prossegui, — neste caso, irremediavelmente, provocará questões e terá de suportar impertinências fora do comum. Em Paris e no Reno, até mesmo na Suíça, na mesa comum, há tantos polaquinhos e tantos franceses que simpatizam com eles, que se torna impossível dizer, sendo russo, uma palavra.

Disse isto em francês. O general olhou-me, perplexo, sem saber se ficava zangado ou se simplesmente ficava assombrado por me ver esquecer assim as conveniências.

— Isto quer dizer que alguém, em algum lugar, deve ter-lhe dado alguma lição — disse o francês, num tom de displicência e menosprezo.

— Em Paris, tive eu, a princípio, uma questão com um polonês — respondi-lhe, — e depois outra com um oficial francês que defendia o polaco. Mas depois um grupo de franceses ficou de meu lado, ao ouvir-me dizer que cuspia no café de um monsenhor.

— Cuspir? — indagou o general com grave indecisão e até girando o olhar em redor de si. O francelho olhou-me, receoso.

— Isto mesmo — respondi. — Como havia dois dias estava eu convencido de que conviria, talvez, dirigir-me um instante a Roma para tratar de assuntos nossos, encaminhei-me à secretaria da

Nunciatura do Santo Padre, em Paris, para que me visassem o passaporte. Ali fui recebido por um padre de uns cinquenta anos, seco e tétrico de cara, e que, depois de ouvir-me cortesmente, mas com extrema sequidão, rogou-me que esperasse. Embora tivesse pressa, sentei-me para esperar, tirei do bolso a *Opinion Nationale* e pus-me a ler uma ferocíssima diatribe contra a Rússia. Apesar disto, pude perceber que, por uma sala contígua, era alguém levado à presença do monsenhor e vi que o meu padre lhe fazia reverências. Dirigi-me a ele, fazendo-lhe o mesmo pedido anterior; ele, contudo, mais secamente ainda, disse-me que esperasse. Pouco depois, entrou outro sujeito, também desconhecido, que ia tratar de um assunto, algum austríaco; ouviram-no e, imediatamente, levaram-no para cima. Então causou-me aquilo extrema raiva; levantei-me, fui direto ao padre e disse-lhe, energicamente, que o monsenhor entendesse como quisesse, mas que eu não queria dele mais nada. O padre logo recuou, cheio de assombro. Não podia, simplesmente, compreender que um insignificante russo ousasse pôr-se no mesmo nível das visitas do monsenhor. Com o tom mais insolente, como que se alegrando por poder humilhar-me, mediu-me com os olhos, dos pés a cabeça, e exclamou, aos gritos: "Mas será que você pensa que monsenhor gasta seu café para você?". E então fui eu quem lhe gritou com mais força ainda: "Sabe o senhor duma coisa? Pois cuspo no café do monsenhor. Se agora mesmo não me despachar o senhor o papel, irei vê-lo em pessoa, eu mesmo!". "Como?! No instante mesmo em que recebe a visita de um cardeal?!", exclamou o padreco, afastando-se de mim, cheio de espanto. Correu para a porta e ali se postou, de braços cruzados, dando a entender que primeiro se deixaria matar a deixar que eu entrasse.

Então repliquei-lhe que era eu um hereje e um bárbaro; *Que je suis hérétique et barbare*, e que para mim todos aqueles arcebispos, cardeais e monsenhores… não valiam nada de nada. Em resumo: fiz-lhe compreender que não me retiraria. O padre fitou-me com infinita raiva, depois procurou meu passaporte e subiu com ele para o andar de cima. Um minuto depois o devolveu já visado. "Aqui está. Não querem vê-lo?" Tirei o passaporte e mostrei o visto romano.

— Você, não obstante… — começou o general.

— O que o salvou foi ter-se declarado bárbaro e herético — observou, com sorriso irônico o francelho. — *Cela n'était pas si bête*![3]

— Mas querem reparar nos nossos russos? Estão sentadinhos aqui… não se atrevem a resfolegar e estão dispostos a negar que são russos. Pelo menos, a mim, em Paris, no hotel, começaram a tratar com mais consideração, assim que se inteiraram da minha briga com o padre. Um senhor gordo, polonês, o meu maior inimigo na mesa comum, ficou relegado a segundo plano. Os próprios franceses mudaram de ânimo, quando lhes contei que, dois anos antes, tinha visto um homem contra quem um caçador francês, em 1812, disparara um tiro pelo simples prazer de descarregar sua arma. Era então um menino de dez anos e sua família não tivera tempo de sair de Moscou.

— Isto não pode ser! — gritou o francelho. — O soldado francês não é capaz de fazer fogo contra crianças!

— Pois, não obstante, tal aconteceu — repliquei-lhe. — Contou-me o fato um capitão reformado, digno de todo o respeito, e eu mesmo pude ver a cicatriz que a bala lhe deixara na bochecha.

O francês começou a falar muito e depressa. O general dispôs-se a secundá-lo, mas eu recomendei que lesse, ainda que somente fosse, por exemplo, algum trecho das *Memórias* do General Pieróvski, que vivera, no ano de 1812, como prisioneiro, entre os franceses. Finalmente, Maria Filípovna começou a falar de não sei que, para desviar a conversa. O general estava muito mal satisfeito comigo por ter-me posto a zombar do francês. Mas minha disputa com o francês pareceu agradar muito a *Mister* Astley. Ao levantar-se da mesa, propôs-me beber em sua companhia um copinho de vinho. No correr da noite, pude conversar um quarto de hora com Polina Alieksándrovna. Nossa conversa transcorreu no passeio. Todos se haviam transportado do parque para o cassino. Polina sentara-se em um banco em frente da fonte e Nádienhka fora brincar, não longe dali, com os meninos, Eu mandei Micha também para a fonte e ficamos os dois, finalmente, a sós.

A princípio, falamos, naturalmente, de negócios. Polina ficou como uma fúria, quando lhe entreguei apenas setecentos florins.

Estava convencida que lhe traria de Paris, penhorando seus brilhantes, pelo menos dois mil florins, se não mais.

— Eu, seja como for, necessito de dinheiro — disse, — e hei de encontrá-lo; do contrário, estou, simplesmente, perdida.

Perguntei então que se havia passado na minha ausência.

— Nada mais senão que recebi de Petersburgo duas notícias: primeiro, que minha avozinha está muito mal e creem que dentro de dois dias morrerá. Tenho esta notícia de parte de Timofiéi Pietróvitch — acrescentou Polina, — que é homem digno de fé. Aguardemos a última e definitiva notícia.

— Efetivamente, estarão todos aqui cheios de expectativa? — perguntei-lhe.

— Sem dúvida; há meio ano que todos não tem outra esperança senão essa.

— E você também espera? — inquiri.

— Há de levar em conta que não sou filha, mas apenas enteada do general. Mas sei de boa fonte que ela se lembra de mim em seu testamento.

— Parece-me que lhe deixa uma boa quantia — disse, com firmeza.

— Sim, gostava de mim; mas por que lhe parece assim?

— Diga-me — respondi-lhe com outra pergunta, — o nosso marquês, segundo parece, está também iniciado em todos os segredos de família?

— Mas, ao senhor mesmo, que lhe interessa sabê-lo? — perguntou Polina, lançando um olhar seco e duro.

— Mas, se não me engano, o general já conseguiu fornecer-lhe dinheiro.

— Acertou completamente.

— Bem, vamos ver: teria lhe dado algum dinheiro, se não estivesse ciente do que se passa com a avozinha? Não notou que… na mesa, por três vezes, ao referir-se a avó, chamou-a de *babúlinhka*? Que simplicidade e que trato carinhoso!

— Sim, tem razão. Assim que souber que ela me deixa algo no seu testamento, pedirá minha mão. Não era isto que desejava saber?

— Mas ainda não o fez? Pensava que já a havia pedido.

— Sabe muito bem que não é verdade! — exaltou-se Polina. — Mas donde arrancou esse inglês? — acrescentou, após um minuto de silêncio.

— Eu já sabia que logo ia me perguntar isso.

Contei-lhe meus anteriores encontros com *Mister* Astley na viagem.

— É tímido, enamora-se com facilidade e sem dúvida já estará enamorado de você!

— Sim, está enamorado de mim — respondeu Polina.

— Mas é com certeza dez vezes mais rico que o francês. Porque é verdade que o Francês possui efetivamente alguma coisa, não é mesmo? Será mesmo certo?

— Tudo quanto há de mais certo. Possui um *château*. Sem ir mais longe, ontem de noite, falava-me decididamente disso o general. Então, isto lhe basta?

— Eu, em seu lugar, casava, sem hesitar, com o inglês.

— Por quê? — perguntou Polina.

— O francês é mais bonito, porém não presta; ao passo que o inglês, além de ser um homem honesto, é dez vezes mais rico — sentenciei.

— Sim, mas em compensação o francês… é marquês e mais inteligente — respondeu ela com a maior tranquilidade.

— Deveras? — continuei, como antes.

— O que há de mais verdadeiro.

Minhas perguntas desagradavam bastante a Polina e percebi que fazia esforço para causar-me zanga, com seu tom de voz e a dureza de suas respostas. Disse-lhe isto mesmo.

— É que, efetivamente, diverte-me ver como se zanga. Somente pelo fato de permitir-lhe que me faça tais perguntas e suposições, devo exigir uma compensação.

— Eu, na verdade, considero de meu dever fazer-lhe toda espécie de perguntas — respondi-lhe, bem tranquilo, — precisamente porque estou disposto a pagar todas elas como queira e, inclusive, com a vida.

Polina pôs-se a rir.

— Na última vez, em Schlangenberg, disse-me que estava disposto, à primeira palavra minha, a arrojar-se, de cabeça para baixo, e estávamos ali a uma altura de mil pés. Hei de alguma vez pronunciar esta palavra unicamente para ver como você a cumpre, e pode estar certo de que darei prova de caráter. Detesto-o… precisamente por ter-lhe permitido tantas coisas e mais ainda porque me é tão necessário. Mas como tenho necessidade de você, no momento… não tenho remédio senão tratá-lo bem.

Levantou-se. Tinha falado excitada. Nos últimos tempos, sempre nossos diálogos terminavam com fúria e zanga, com fúria, precisamente.

— Permite-me que lhe pergunte quem é essa *Mademoiselle* Blanche? — indaguei, desejoso de não deixá-la ir embora sem uma explicação.

— Você mesmo sabe quem é *Mademoiselle* Blanche. Desde sua partida, nada houve de novo. *Mademoiselle* Blanche será, sem dúvida, generala… É claro, se se confirmarem os rumores referentes à avozinha, porque tanto *Mademoiselle* Blanche como sua mãe e seu primo, o marquês, sabem muito bem que brigamos.

— Mas o general está perdidamente apaixonado?

— Não se trata disto agora. Ouça-me bem: tome estes setecentos florins e vá jogar, ganhe para mim na roleta o mais que puder. Preciso de dinheiro imediatamente, custe o que custar.

Depois de assim falar chamou Nádienhka e dirigiu-se ao cassino, aonde foi reunir-se ao nosso grupo. Meti-me pela primeira vereda que encontrei à esquerda, pensativo e maravilhado. Tinha-me causado o efeito de um golpe na cabeça aquela intimação para que fosse jogar na roleta. Coisa rara: tinha em que pensar e, não obstante, ia todo embevecido na análise de meus sentimentos para com Polina. Para dizer a verdade, durante aqueles quinze dias de ausência, tinha o coração mais leve do que agora, no dia do regresso, apesar de ter vindo por todo o caminho angustiado como um louco, delirando como quem estivesse com febre e vendo-a em sonhos a cada momento, diante do mim. Uma vez (foi na Suíça), ao adormecer no vagão, pus-me, segundo me parece, a falar em voz alta com Polina, o que deu motivo a risadas de todos os meus companheiros de viagem. E outra vez agora, tive de formular a mim mesmo a pergunta: "Será que a amo deveras?". E mais uma vez não soube como a ela responder ou, melhor, de novo, pela centésima vez, respondi a mim mesmo que a detestava. Havia momentos (e, sobretudo, sempre ao final de nossos colóquios) em que teria dado meia vida para estrangulá-la. Juro que se tivesse sido possível cravar-lhe imediatamente no peito um agudo punhal, creio que o teria feito com prazer! E, não obstante, juro por tudo quanto há de sagrado que, se em Schlangenberg, no pico da moda, me tivesse efetivamente dito: "Atira-te de cabeça para baixo", imediatamente o teria feito e até com deleite. Sabia-o. De um modo ou de outro, era preciso tomar uma decisão. Tudo isto ela o compreende admiravelmente e a ideia de que eu, de maneira inteiramente certa e precisa, reconheço quão inacessível é para mim, toda a impossibilidade de ver realizadas minhas fantasias… essa ideia, estou convencido, causa-lhe extraordinário prazer, pois de outro modo ela, que é tão discreta e ajuizada, teria comigo aquelas familiaridades e franquezas? Creio que ela, até agora, me tem olhado como aquela imperatriz da antiguidade, que ficava nua diante de seu escravo porque não o considerava homem. Sim, ela muitas vezes não me tem

considerado como homem…

Não obstante, dera-me um encargo… o de ganhar na roleta, fosse como fosse. Não tinha tempo para refletir; por que seria tão necessário ganhar tão depressa e que novas fantasias estariam se engendrando naquela cabecinha eternamente calculista? Além disso, naquelas duas semanas tinham-se acumulado, dia por dia, novos fatos, dos quais não tinha eu ainda ideia. Era necessário averiguar tudo isto, esclarecer tudo e o mais depressa possível. Mas, no momento, não havia tempo: tinha de encaminhar-me para a roleta.

## Capítulo II

Confesso que aquilo me era desagradável; apesar de ter decidido jogar, de modo algum tinha intenção de começar para outrem. Isto chegava a ponto de desconcertar-me e penetrei na sala de jogo possuído dum sentimento de desgosto antecipado. Nada de tudo aquilo, à primeira vista, me agradou. Não posso suportar aquela antessala com folhetins do mundo inteiro e, sobretudo, com jornais russos, onde quase todas as primaveras nossos folhetinistas falam de duas coisas: primeiro, da extraordinária magnificência e suntuosidade das salas de jogo das cidades d'águas das margens do Reno, e segundo, dos montões de ouro que se acumulam nas mesas. Serão pagos precisamente para isso? Ou simplesmente assim falam por puro prazer? Não há magnificência nenhuma naquelas salas sujas e o ouro não se empilha em montões nas mesas, mas muito pouco dele se vê. Sem dúvida, alguma vez, no transcurso da *saison*, surge de repente algum original, algum inglês, ou algum asiático, ou turco, como neste ano, que de súbito perde ou ganha somas consideráveis; os outros jogadores apostam apenas pequenas somas e, em regra geral, sempre na mesa há pouco dinheiro. Assim que entrei na sala de jogo (pela primeira vez em minha vida), fiquei por algum tempo sem me decidir a jogar. Havia além disso muita gente apinhada ali. Mesmo, porém, que estivesse só, creio que teria saído imediatamente, sem ter chegado a jogar, Confesso que o coração me palpitava e que perdera o sangue frio; sabia com certeza, e tinha resolvido fazia tempo que não haveria de partir assim, sem mais, de Rulettenburgo; irremediavelmente, teria

de produzir-se em meu destino algo de radical e definitivo. Era preciso que fosse assim e assim seria. Por mais ridículo que possa parecer ter eu tantas ilusões a respeito da roleta, mais ridícula ainda me parece a opinião rotineira, por toda a gente admitida, de que é estúpido e tolo esperar algo do jogo. E por que o jogo há de ser pior que qualquer outro meio para adquirir dinheiro, que o comércio, por exemplo? É certo que entre cem um ganha. Mas… que me importa isso?

Em todo caso, decidira observar a princípio e nada de sério empreender naquela noite, Naquela noite, se algo ocorresse, ocorreria de improviso e não teria importância… era esta minha convicção. Além disso, era preciso começar por aprender a jogar, porque, malgrado as mil descrições da roleta, que sempre li com extrema avidez, não entendia eu, decididamente, coisa alguma de seu funcionamento até que a vi por mim mesmo.

Em primeiro lugar, a mim me parecia tudo aquilo tão sujo… quanto moralmente repulsivo e asqueroso. Não me refiro de modo algum aqueles rostos ávidos e inquietos que às dezenas, às centenas, bloqueiam as mesas de jogo. Nada vejo de repugnante no desejo de ganhar depressa o mais possível; sempre me pareceu muito estúpido o pensamento de certo moralista superficial, que, diante da desculpa de alguém: “Repare; jogam pouquinho”, replicou: “Tanto pior, porque ganham menos”. Como se a ganância miúda e a gorda… não fossem a mesma. É questão de proporção. O que para Rothschild é pouco, para mim é muito, e quanto à perda e ao lucro, não é só na roleta que os homens se esforçam por enriquecer à custa de seu próximo, mas em toda parte. Que sejam censuráveis, em geral, a perda e o ganho… é esta outra questão. Mas agora não se trata disto. Como também eu estava em alto grau animado pelo desejo de ganhar, toda aquela ganância e toda aquela sujeira gananciosa, se quiserdes, se tornaram para mim, à minha entrada na sala, algo cômodas e familiares. O mais agradável de tudo é não ficar com cerimônia e portar-se de modo franco e sem constrangimento. E para que enganar a si mesmo? É a ocupação mais inútil e custosa! O que desagradava particularmente, à primeira vista, em toda aquela canalha de jogadores de roleta, era o apreço pela ocupação, aquela seriedade e até mesmo respeito com que todos rodeavam as mesas. Eis por que existe aqui uma demarcação

rigorosa entre o jogo dito de *mauvais genre* e aquele que é permitido a um homem decente. Porque há dois jogos: um… próprio do *gentleman*, e outro… plebeu, interesseiro, jogo da ralé. Aqui isto se distingue muito bem e quão ruim é, na realidade, tal distinção! O *gentleman*, por exemplo, pode pôr cinco ou dez luíses de ouro, raras vezes mais, embora também possa pôr mil francos, se é muito rico, mas unicamente pelo prazer apenas de jogar, para divertir-se, sobretudo para presenciar o processo do ganhador ou do perdedor; mas de modo algum deve interessar-se pelo ganho. Se ganha, pode, por exemplo, começar a rir alto, fazer alguma observação a algum dos que o rodeiam e até pode voltar a repetir e a dobrar a parada, mas tão-só por curiosidade, para observar a sorte, para fazer cabala, e não pelo desejo plebeu de ganhar. Em uma palavra; deve-se olhar todas aquelas mesas de jogo de roleta e do *trente et quarante*[4] não de outro modo senão como uma distração, imaginada unicamente para seu recreio. Os cálculos e armadilhas em que se baseia e está fundada a banca, nem de simples cogitação devem ser objeto. Nada de mal, nada de mal, porém, haveria que, por exemplo, lhe parecesse que todos os demais jogadores, toda aquela chusma que treme por cima das moedas é formada por criaturas tão ricas e tão *gentlemen* como ele próprio, que jogam apenas por distração e diversão. Esta perfeita ignorância da realidade e este ingênuo conceito das pessoas seriam, sem dúvida alguma, sumamente aristocráticos. Pude ver muitas mães de família empurrando para a frente suas inocentes e belas filhinhas de quinze a dezesseis anos e dando-lhes algumas moedinhas de ouro, ao mesmo tempo que lhes ensinavam como deveriam jogar. A senhorita ganhava ou perdia, sorria sempre e retirava-se muito contente. Nosso general, grave e dignamente, aproximou-se da mesa; o lacaio apressou-se em oferecer-lhe uma cadeira; mas ele nem sequer reparou no lacaio; muito devagar tirou do bolso o porta-moedas, muito devagarinho retirou do porta-moedas trezentos francos em ouro, e colocou-os no preto e ganhou. Não retirou o ganho, deixando-o sobre a mesa. Tornou a dar o preto; tampouco daquela vez retirou a parada e, quando na terceira vez, saiu o vermelho, veio a perder duma assentada mil e duzentos francos. Retirou-se sorrindo e manteve-se na sua dignidade. Estou certo de que a cólera lhe roía o coração e que se a perda tivesse sido dupla ou tríplice, não… não teria mantido sua dignidade e demonstraria sua emoção. Aliás, a meu lado havia um

francês que, primeiro, ganhou, e depois perdeu trinta mil francos, alegre e sem dar a menor demonstração de emoção. O verdadeiro *gentleman*, ainda que perca toda a sua fortuna, não deve denotar emoção. O dinheiro deve ser uma coisa tão desprezível para o *gentleman*, que quase não vale a pena preocupar-se com ele. Seria sem dúvida muito aristocrático não reparar de modo algum em toda a sujeira daquela canalha e de todo aquele ambiente. Mas por vezes não deixa de ser menos aristocrático o gesto contrário, isto é, observar, passar revista com os olhos, até mesmo esquadrinhar com a luneta, toda aquela escumalha; mas não de outro modo senão tomando toda aquela turba, toda aquela pandilha como uma distração de índole especial, como um espetáculo preparado para o prazer do *gentleman*. Podeis mesmo meter-vos no arrocho daquela multidão, contanto que claramente expresseis, com vosso gesto, a convicção absoluta de não ser senão um observador e não pertencer àquela gentalha. Aliás, tampouco fica bem fitar atento, porque isto não seria igualmente coisa de *gentleman*, uma vez que, em todo o caso, o espetáculo não merece uma observação maior e demasiado prolixa. E, em geral, poucos espetáculos tornam-se dignos de observação atenta para um *gentleman*. Mas pelo que a mim se refere, eu, pessoalmente, creio que é digno tudo isso de uma observação atentíssima, especialmente para quem veio aqui, não somente para observar, mas que sincera e de boa vontade se conta no número da referida gentinha. Quanto às minhas sacratíssimas convicções morais, no meu verdadeiro modo de crer, não há aqui lugar para elas. Convenho que assim seja; falo somente para descarregar minha consciência. Mas o fato é que observei uma coisa: que nestes últimos tempos vai ficando para mim terrivelmente repugnante medir meus atos e minhas ideias por qualquer critério moral, seja qual for. Outra coisa me governa.

A ralé, com efeito, joga de maneira muito suja. Não posso tampouco afugentar o pensamento de que ali na mesa aconteçam assaltos vulgaríssimos. Os *croupiers* que, sentados nos extremos da mesa, olham as paradas e fazem as contas, tem de executar um trabalho horrível. É preciso ver que gentalha essa! Na sua maior parte franceses. Quanto ao mais, estou aqui observando e anotando, não para descrever simplesmente a roleta, mas faço-o por minha conta e razão, a fim de saber como haverei de conduzir-me depois. Notei, por

exemplo, que não há nada mais corriqueiro que sair de repente de trás da mesa alguém que estende a mão e leve consigo o que a gente ganhou. Sobrevém uma discussão, ouvem-se por vezes gritos e… vá você provar, procurar testemunhas de que aquela parada era sua!

A princípio tudo aquilo era para mim uma complicada artimanha; só adivinhava e distinguia alguma coisa: que as paradas se faziam sobre os números, pares e ímpares, e sobre as cores. Com o dinheiro de Polina Alieksándrovna decidi arriscar naquela noite cem florins. A ideia de que ia largar-me a jogar por conta alheia desconcertava-me um pouco. Era aquela uma sensação bem antipática e queria quanto antes ver-me livre dela. Parecia-me que, ao começar a jogar por conta de Polina, deitava a perder minha sorte pessoal. Será possível pôr os pés numa sala de jogo e não se ver logo assaltado por uma superstição? Comecei tirando cinco fredericos de ouro, isto é, cinquenta florins e pondo-os nos ímpares. A roda girou e saiu um treze… ganhei. Com emoção algo mórbida, sobretudo para acabar logo e ir-me embora, tornei a por outros cinco fredericos de ouro no vermelho. Saiu o vermelho. Tornei a por tudo duma vez e saiu o vermelho. Deram-me quarenta fredericos de ouro; pus vinte no doze dos números centrais, sem saber o que se ia passar. Deste modo meus dez fredericos de ouro converteram-se logo em oitenta. Foi ficando tão intolerável minha permanência ali, por efeito de não sei que estranha e singular sensação, que resolvi retirar-me. Parecia-me que teria jogado daquele modo, se tivesse jogado por minha conta. Mas pus todos os oitenta fredericos de ouro outra vez nos pares. Daquela vez saiu o quatro; soltaram-me outros oitenta fredericos de ouro e recolhendo todo aquele montão de cento e oitenta fredericos de ouro, saí à procura de Polina Alieksándrovna.

Estavam todos passeando pelo parque e só pude avistar-me com ela após a ceia. Daquela vez não estava presente o francês e o general desabafou; entre outras coisas achou necessário advertir-me de que não queria ver-me nas mesas de jogo. Na sua opinião, aquilo o comprometeria grandemente, no caso de perder eu demasiado: “Mas ainda que ganhasse, também me comprometeria” — acrescentou significativamente. — “Não tenho, sem dúvida, o direito de traçar a norma de seus atos, mas há de convir que…”. E ao chegar a este

ponto, segundo seu costume, interrompeu-se. Respondi-lhe com sequidão que dispunha de pouco dinheiro, pelo que era impossível que perdesse grandes quantias, mesmo que me pusesse a jogar. Ao subir para meu quarto, pude dar a Polina o que ganhara e disse-lhe que não tornaria a jogar mais por sua conta.

— Por quê? — perguntou-me, alarmada.

— Porque quero jogar pela minha própria — respondi-lhe, olhando-a com assombro, — e isto o impede.

— Então, decididamente, continua você na crença de que a roleta é seu único recurso e sua única salvação? — perguntou-me, zombeteira.

Tornei a responder-lhe muito sério que sim; que a respeito de minha crença de ganhar infalivelmente, tal crença poderia parecer ridícula, de acordo, mas que me deixassem em paz.

Polina insistiu em que aceitasse partilhar com ela, equitativamente, dos ganhos daquele dia, e deu-me oitenta fredericos de ouro, propondo-me continuar jogando, no futuro, sob esta condição. Neguei-me, enérgica e definitivamente, em tomar minha metade e manifestei-lhe que não podia jogar por conta alheia, não porque não quisesse, mas porque estava certo de que perderia.

— Não obstante, eu também, por estúpido que pareça, tenho posto única e exclusivamente na roleta todas as minhas ilusões — disse, pensativa. — De modo que está o senhor irremissivelmente obrigado a continuar jogando na roleta a meias comigo e… naturalmente… o fará — e ao dizer isto, afastou-se de mim, sem escutar minhas posteriores objeções.

## Capítulo III

E, apesar disso, durante todo o dia de ontem não me falou nada do jogo. E, em geral, evitava ontem falar-me. Seu modo anterior de conduzir-se comigo não mudara. Aquela mesma indiferença absoluta nos modos ao encontrar-nos e até com algo de desdenhoso e hostil.

Em geral, não gosta de ocultar a aversão que lhe inspiro; vejo-o. Apesar disso também não me oculta que lhe sou necessário para alguma coisa e conta comigo para algum fim. Entre nós estabeleceram-se umas relações um tanto estranhas, sob mais de um aspecto, para mim incompreensíveis… levando-se em conta seu orgulho e altivez com toda a gente. Sabe, por exemplo, que a amo até a loucura; consente, até mesmo, que lhe fale de minha paixão… e decerto em nada me demonstra mais seu desprezo que nessa permissão para falar-lhe sem obstáculos, nem censura, de meu amor. "Isto quer dizer, ora essa, que a tal ponto considero insignificantes teus sentimentos que é absolutamente indiferente para mim que me fales disto ou daquilo, e sintas isto ou aquilo por mim." De seus assuntos particulares falava já também antes longamente comigo, mas nunca foi de todo franca. Como se isto fosse pouco, no seu desdém por mim havia, por exemplo, até sua dose de refinamento; sabe ela, suponhamos, que conheço alguma circunstância de sua vida ou algo do que a ela tanto a inquieta, pois ela mesma se excede em contar-me algo de sua situação, quando necessita utilizar-me para algum fim seu, a modo de escravo ou mensageiro; mas me diz sempre estritamente quanto necessita saber o homem a quem empregam como correio e… se a mim ainda não se tornou clara toda a relação que possa haver entre os acontecimentos, se ela mesma vê quanto sofro e me aflijo por causa de seus próprios desgostos e alarmes, jamais se digna tranquilizar-me de todo com sua afetuosa franqueza, embora, valendo-se de mim não poucas vezes para encargos não só difíceis, mas até perigosos, estivesse obrigada, a meu ver, a ser franca comigo. E creio que vale a pena preocupar-se com meus sentimentos, com que eu também me inquiete e talvez me preocupe três vezes mais que ela própria com suas preocupações e contratempos.

Havia três semanas que sabia eu de sua intenção de jogar roleta. Tinha-me até prevenido de que teria eu de jogar por ela, porque não achava decente jogar ela mesma. Do tom de suas palavras inferi então que a atormentava alguma grave inquietação e não simplesmente a ânsia de ganhar dinheiro. Que é o dinheiro em si para ela? Há aqui alguma finalidade, intervém aqui alguma circunstância, que posso averiguar, mas que até este momento ignoro. Naturalmente essa situação humilhante, essa escravidão em que ela me mantém

poderiam proporcionar-me (e por vezes ma proporcionam) a ocasião de fazer-lhe perguntas diretamente e sem subterfúgios. Pelo fato mesmo de ser eu, para ela, um escravo e bastante humilde a seus olhos, não haveria de ofender-se com minha grosseira curiosidade. Mas o caso é que ela, ao consentir que lhe dirija perguntas, nem por isso a elas responde. Muitas vezes nem sequer lhes presta atenção. Assim estamos.

Ontem falou-se muito entre nós de um telegrama expedido há quatro dias para Petersburgo e ao qual ainda não houve resposta. O general acha-se visivelmente agitado e pensativo. Trata-se certamente da avozinha. Também anda agitado o francês. Ontem, por exemplo, depois da refeição, estiveram conversando longa e seriamente. O tom do francês para com todos nós tornava-se extraordinariamente altaneiro e insolente. Nem mais, nem menos, como diz o ditado: sentou-se à mesa e pôs os pés em cima dela. Também com Polina mostrou-se impertinente até a grosseria; aliás, tomou parte, muito satisfeito, em todos os passeios em comum pelo parque, nas cavalgadas e nas excursões à cidade. Conheço desde algum tempo as circunstâncias que ligam o francês ao general; na Rússia planejaram ambos uma fábrica; não sei se lhes malogrou o projeto ou se ainda continuam falando dele. Além disso, vim a conhecer por acaso parte de um segredo de família; o francês entregou, efetivamente, o ano passado, ao general trinta mil rublos para que repusesse uma quantia que havia desfalcado da caixa, com intenção de devolvê-la. E, como é natural, o general achava-se em apuros. Mas agora, especialmente agora, o papel principal de tudo isto desempenha-o, entretanto. *Mademoiselle* Blanche, e estou certo de que não me equivoco.

Quem é essa *Mademoiselle* Blanche? Aqui, entre nós, dizem que é uma francesinha distinta que tem mãe e uma fortuna colossal. Sabe-se também que é algo aparentada com o nosso marquês, embora o parentesco seja muito longe, algo assim como prima. Dizem que, antes de estar eu em Paris, o francês e *Mademoiselle* Blanche tratavam-se com mais cerimônia e de modo mais fino e delicado; em compensação, agora sua amizade e parentesco ressaltam mais avultadamente e percebem-se mais depressa. Pode ser que nossos assuntos lhes pareçam aos dois tão desesperados, que não creiam necessário andar com

cumprimentos e dissimulações diante de nós. Sem ir mais longe, eu, ontem, pude ver como *Mister* Astley fitava *Mademoiselle* Blanche e sua mãe. A mim pareceu que as conhece. E acho também que o nosso Frances não está vendo pela primeira vez *Mister* Astley. Aliás, afinal de contas, *Mister* Astley é tão tímido, tão pudico e discreto que a gente pode acreditar nele; não exibirá a roupa suja. O francês, pelo menos, mal o cumprimenta e quase não olha para ele, o que quer dizer que não o teme. Isto é todavia incompreensível; mas por que também *Mademoiselle* Blanche mal o encara? Tanto mais que ontem o marquês fez uma declaração; disse, de repente, em meio da conversa geral, que *Mister* Astley é imensamente rico, coisa de que tinha certeza; assim sendo, deveria *Mademoiselle* Blanche lançar a vista para *Mister* Astley. O certo é que o general mostra-se intranquilo. Compreende-se o que para ele possa significar agora um telegrama anunciando a morte da avozinha.

Ainda que me pareça certo que Polina evita agora de propósito falar comigo, adotei também uma atitude fria e indiferente; pensava que ela, quisesse ou não, viria a mim. Em compensação, ontem e hoje pus toda a minha atenção preferentemente em *Mademoiselle* Blanche. Pobre general! Está perdido! Definitivamente! Enamorar-se aos cinquenta e cinco anos com paixão tão ardente… é, não resta dúvida, uma desgraça. Acrescentai a isto sua viuvez, seus filhos, sua fortuna cabalmente desfeita, suas dívidas, e, finalmente, a mulher por quem veio a apaixonar-se. *Mademoiselle* Blanche é bonita. Mas não sei se me compreendereis ao dizer-vos que tem um desses rostos que podem inspirar medo. Pelo menos, a mim sempre me causaram susto mulheres assim. Terá certamente uns vinte e cinco anos. É alta, de costas largas, ombros redondos, busto opulento, a tez dum moreno amarelado, os cabelos negros como tinta nanquim e fartos, de dar trabalho a duas penteadoras. Os olhos negros, de esclerótica amarelada, olhar atrevido, dentes branquíssimos; lábios sempre pintados de carmim. Rescende a almíscar. Veste de maneira exibicionista, com luxo, com chique, mas com muito gosto. Pés e mãos maravilhosos. Voz forte… de contralto. Por vezes, ri às gargalhadas e ao fazê-lo, mostra os dentes, mas, em geral, olha em silêncio e com atrevimento… pelo menos para Polina e Maria Filípovna. (Estranho boato; Maria Filípovna regressa à Rússia.) Acho que *Mademoiselle*

Blanche não possui cultura alguma e é possível que não seja também inteligente; mas é desconfiada e astuta. Quer me parecer que lhe não faltaram aventuras na vida. Para falar francamente, acrescentarei que, nem o marquês é parente dela, nem sua mãe é sua mãe. Mas existem testemunhos de que em Berlim, donde procedem, contavam, ela e sua mãe, com algumas amizades distintas. Pelo que se refere ao marquês, ainda que eu, até agora, duvide muito de que seja mesmo marquês, não é possível pôr em dúvida que pertence à boa sociedade, por exemplo, entre nós, de Moscou e de não sei onde na Alemanha. Ignoro o que será na França. Dizem que possui um castelo. Acho que nestas duas semanas muita coisa se passou; contudo, ainda não sei com certeza se o general terá dito a *Mademoiselle* Blanche algo de decisivo. Em geral, tudo depende agora de nossa situação, ou seja, de que o general lhe possa mostrar dinheiro. Se, por exemplo, se recebesse a notícia de que a avozinha não morreu, estou certo de que *Mademoiselle* Blanche desapareceria imediatamente. É para mim mesmo motivo de assombro e ridículo ter-me tornado tão mexeriqueiro. Oh! como tudo isso é repugnante! Com que prazer largaria todos e tudo!… Mas por acaso poderei afastar-me de Polina, por acaso posso deixar de espioná-la? A espionagem é, sem dúvida, coisa censurável, mas isso que me importa?

Ontem e hoje *Mister* Astley excitou igualmente minha curiosidade. Sim, estou persuadido de que se acha apaixonado por Polina. Curioso e ridículo o quanto pode exprimir por vezes o olhar de um homem tímido e morbidamente pudico, transtornado pelo amor e, sobretudo, no momento em que esse homem se alegraria em poder meter-se por baixo da terra em lugar de demonstrar ou de dar a entender a menor coisa por meio da palavra ou dos olhos. *Mister* Astley costuma encontrar-se conosco no passeio. Tira o chapéu e passa de largo, mortinho, naturalmente, de desejo de unir-se a nós. Mas, se o convidam, diz logo que não. Nos lugares de recreio no parque, no concerto ou diante da fonte, sempre se coloca em algum ponto não longe de nosso banco e, estejamos onde estivermos, no parque, ou no bosque ou no Schlangenberg… basta levantar a vista e olhar em redor para, sem falta, em algum lugar, na vereda próxima, atrás de uma árvore, ver assomar o inevitável *Mister* Astley. Parece que anda procurando ocasião de falar-me em particular. Esta manhã nos

encontramos e trocamos duas palavras. Fala por vezes de modo sumamente brusco. Sem sequer ter-me dado bom dia, foi logo dizendo:

— Ah! *Mademoiselle* Blanche! Tenho visto muitas mulheres como essa, como *Mademoiselle* Blanche!

Ficou depois calado, olhando-me de modo significativo. O que quisesse exprimir, ignoro-o, porque à minha pergunta: "Que quer dizer o senhor com isso?", com ladino sorriso, moveu a cabeça e acrescentou:

— Isto mesmo… *Mademoiselle* Polina gosta muito de flores?

— Não sei, ignoro-o em absoluto — respondi.

— Como? Não sabe? — exclamou com grandíssimo assombro.

— Não sei, não reparei absolutamente — respondi-lhe, rindo.

— Hum! Isto me sugere uma ideia.

E, ao dizer isto, fez uma inclinação de cabeça para mim e retirou-se. Tinha, aliás, um ar de grande satisfação. Conversávamos num francês detestável.

## Capítulo IV

Hoje foi um dia ridículo, absurdo, estúpido. São agora onze da noite. Estou sentado em meu cubículo e recordo. Começou a coisa com que esta manhã não tive outro remédio senão ir jogar roleta por conta de Polina Alieksándrovna. Tomei todos os seus cento e setenta fredericos de ouro, mas com duas condições: primeira, que não jogaria a meias, isto é, se ganhasse não ficaria com parte nenhuma, e segunda, que à noite teria Polina de explicar-me para que, concretamente, precisava de ganhar tanto dinheiro. Não posso, contudo, crer que seja só por causa do dinheiro. Não resta dúvida que lhe é imprescindível o dinheiro e quanto antes, para alguma finalidade. Prometeu dar-me essa explicação e nos despedimos. Nas salas de jogo havia uma

aglomeração horrível. Como se mostravam todos insolentes e ansiosos! Abri caminho até o centro e coloquei-me ao lado mesmo do *croupier*. Comecei logo a tentear timidamente o jogo com paradas de duas ou três moedas. Ficava observando tudo isto e anotando; parecia-me que os cálculos particulares significam bastante pouco e de modo algum tem essa importância que lhes atribuem muitos jogadores. Sentam-se estes ali, com seus caderninhos em regra; observam as jogadas, calculam, deduzem as sortes, voltam a calcular e, por fim, apostam e… perdem, exatamente da mesma maneira daqueles que, como eu, simples mortais, jogam sem andar com tantas astúcias. Mas, em troca, tirei uma conclusão que parece justa: efetivamente, no transcurso das sortes fortuitas, embora não seja um sistema, há algo parecido com uma ordem… o que, sem dúvida, é muito estranho. Por exemplo, costuma ocorrer que, depois de doze números centrais, dão para sair os doze últimos; duas vezes, por exemplo, sai um desses doze últimos e depois passam a dar os doze primeiros. Dos doze primeiros passa a sorte outra vez aos doze do meio; cai nestes três ou quatro vezes e de novo passa aos doze últimos, donde, depois de outro par de vezes, passa aos primeiros; dá nestes uma vez; novamente dão três vezes os centrais e, deste modo, continua a coisa por espaço de hora e meia ou duas horas. Um, três, dois; um, três, dois. Isto é muito divertido. Em alguns dias, ou algumas semanas, sucede, por exemplo, que o vermelho cede posto ao negro, e vice-versa, quase sem regra alguma, a cada instante, de modo que não dão mais de três vezes seguidas nem o vermelho, nem o negro. No outro dia, ou na noite seguinte, dá uma enfiada de vermelhos, que se repetem, por exemplo, mais de vinte vezes seguidas e assim prossegue, infalivelmente, durante algum tempo, por exemplo, o dia inteiro. Explicou-me muitas destas coisas *Mister* Astley, que esteve toda a manhã na mesa de jogo, mas sem fazer uma só parada. Pelo que a mim se refere, perdi tudo e sem tardar. Diretamente, de uma vez, pus nos pares vinte fredericos de ouro e ganhei; tornei a pôr e tornei a ganhar, e assim por duas ou três vezes. Creio que cheguei a reunir em minhas mãos uns quatrocentos fredericos de ouro no espaço duns cinco minutos. Deveria ter-me retirado naquele momento; mas ocorreu-me certa sensação estranha, algo assim como um prurido de desafiar a sorte, como um capricho de fazer-lhe uma pilhéria, de estirar-lhe a língua. Fiz a parada maior que se permite, ou seja, quatro mil florins, e perdi. Depois, já acalorado,

tirei todo o dinheiro que me restava, insisti naquela mesma parada e voltei a perder; depois do que me afastei da mesa como que aturdido. Não chegava a compreender o que me ocorrera e não falei de minha perda a Polina Alieksándrovna senão já na hora do jantar. Até então estive dando voltas pelo parque.

Na mesa, tornei a encontrar-me em estado de exaltação, da mesma forma que três dias antes. O francês e *Mademoiselle* Blanche comiam também conosco. Ao que parece, *Mademoiselle* Blanche estivera naquela manhã na sala de jogo, presenciando minhas proezas. Desta vez conversou comigo mais atentamente. O francês procedeu mais diretamente, e, com simplicidade, perguntou-me "se o dinheiro que eu perdera era mesmo meu". Parece-me que suspeita de Polina. Numa palavra: aqui há qualquer coisa. Tratei, imediatamente, de mentir e disse-lhe que sim, que era meu.

O general estava estupefato. "Donde teria eu tirado aquele dinheiro?" Expliquei-lhe que começara com dez fredericos de ouro, que seis ou sete paradas dobradas me haviam feito ganhar cinco ou seis mil florins e que logo depois perdi tudo em duas jogadas.

Tudo isto era, sem dúvida, verossímil. Ao dar esta explicação, dirigi um olhar a Polina, mas não pude descobrir nada em seu rosto. Não obstante, ela me deixou mentir e não me retificou, pelo que deduzo que devo continuar mentindo e ocultando que jogo por sua conta. "Em todo caso — pensei, — está ela obrigada a dar-me uma explicação e não faz muito prometeu revelar-me algo."

Pensava que o general me faria alguma observação; mas manteve-se calado; em compensação, percebi em sua fisionomia agitação e inquietação. É possível que, nas circunstâncias de aperto em que se encontra, lhe seja difícil pensar que tão respeitável punhado de ouro veio e desapareceu em um quarto de hora das mãos de um estúpido amalucado como eu.

Suponho que tivera alguma discussão violenta com o francês ontem de noite. Estiveram falando, longa e acaloradamente, a respeito não sei de que, a portas fechadas. O francês saiu algo excitado e esta manhã, cedo, esteve de novo no quarto do general… seguramente

para reatar a conversa de ontem de noite.

Ao ter notícia de minha perda, o francês, brusca e até maldosamente, fez notar que era *mister* ser mais judicioso. Não sei por que acrescentou que… embora nós, russos, joguemos muito, na sua opinião não sabemos jogar.

— Pois eu creio que a roleta só se fez para os russos — disse-lhe e, quando o francês sorriu desdenhosamente de meu desafio, mostrei-lhe que, indubitavelmente, a razão estava de meu lado, pois ao falar dos russos como jogadores, em vez de louvá-los, censuro-os; por conseguinte era digno de crédito.

— Em que baseia sua opinião? — perguntou-me o francês.

— No fato de que a faculdade de adquirir constitui, através da história, um dos principais pontos do catecismo das virtudes ocidentais. Mas o russo, não só é incapaz de adquirir capitais, mas, pelo contrário, os desperdiça a torto e a direito. Apesar do que não deixamos nós, russos, de necessitar de dinheiro — acrescentei, — e, por conseguinte, muito nos alegramos de que existam meios, como, por exemplo, a roleta, graças aos quais pode a gente enriquecer, de repente, em um par de horas, sem ter nenhum trabalho. Isto muitíssimo nos seduz; apenas, como jogamos ao Deus dará, sem tomarmos trabalho, perdemos.

— Isto, até certo ponto, é verdade — observou, lisonjeado, o francês.

— Não; isto não é verdade e o senhor deveria envergonhar-se de desacreditar sua pátria — observou o general, severa e energicamente.

— Tenha a bondade — contestei-o. — Ainda está por ver o que é pior: se o escândalo russo ou a capacidade germânica para desempenhar um trabalho honesto.

— Que pensamento indecente! — exclamou o general.

— Um pensamento muito russo! — exclamou o francês.

Pus-me a rir; tinha uma vontade imensa de apoquentá-los.

— Eu, por mim, preferiria passar a vida inteira vagabundando sob a tenda de campanha dos quirguizes — gritei, — a inclinar-me diante do ídolo teutônico.

— Que ídolo? — perguntou o general, que já começava a ficar seriamente enfadado.

— Ora, a capacidade germânica de amealhar riquezas. Estou aqui de pouco; todavia, as observações que tive tempo de fazer e comprovar revoltam minha natureza tártara. Por Deus, não quero saber de tais virtudes! Ontem, já percorri nos arredores uma dezena de verstas. Pois bem, vem isto a ser exatamente como nos livrinhos de moral alemães com gravuras: ali, em cada casa, tem seu *Vater*, seu papai, enormemente virtuoso e extraordinariamente honesto. Tão honesto, que dá medo a gente se aproximar dele. Não posso tolerar pessoas honestas cuja aproximação causa medo tremendo. Cada *Vater* daqueles tem sua família, e à noite, todos, em voz alta, leem livros instrutivos. Por cima de casa rumorejam os olmos e castanheiros. O sol poente doura o telhado onde uma cegonha se empoleira, espetáculo eminentemente poético e comovedor… Se o senhor não se aborrece, general, deixe-me referir-lhe algo de patético. Eu mesmo me recordo de como meu pai, já falecido, também debaixo das tílias, no nosso jardinzinho, à tarde, lia, em voz alta, para mim e minha mãe livros dessa espécie. Posso, portanto, julgar com conhecimento de causa. Pois bem, cada família daqui se acha sob a escravidão e submissão mais completa no que se refere ao pai. Todos trabalham como escravos e todos juntam dinheiro como judeus. Assim que o pai consegue economizar uns tantos florins e conta com o filho mais velho a quem cederá sua oficina ou seu terreno, trata, para lograr este fim, de negar dote à filha, que haverá de ficar solteira. Para isto, vendem o filho menor como escravo ou como soldado e adjudicam esse dinheiro ao capital da família. Na verdade, é isto o que aqui fazem. Tomei informações. E fazem tudo isto simplesmente por honradez, pela força de sua honradez, de tal modo que até o filho menor vendido acredita que só o venderam por honradez… e este é precisamente o ideal; que a própria vítima se alegre com o fato de conduzirem-na ao sacrifício. E depois?… Ora, tampouco o filho mais velho é mais feliz; há em alguma parte por ali uma Amalchen,[5] a eleita de seu coração… mas

com quem não pode casar-se, porque ainda não juntou os florins necessários. Também aguardam, castos e sinceros, e com o sorriso nos lábios vão ao sacrifício. Cavam-se as faces da Amalchen; a pobre moça enfraquece. Finalmente, ao cabo de vinte anos, a prosperidade chegou, os florins, honesta e virtuosamente poupados. O pai bendiz o filho quarentão e a Amalchen, que está com seus trinta e cinco aninhos, o peito murcho e o nariz vermelho… Ao assim fazer, chora, lê trechos de moral e morre. O primogênito se converte também em virtuoso pai e a história torna a recomeçar. Deste modo, ao cabo de cinquenta ou sessenta anos, o neto do primeiro *Vater* é já possuidor de um capital considerável e transmite-o a seu filho, este ao seu, este ao seu e por volta de cinco ou seis gerações, aparece o próprio Barão de Rothschild, ou Gonne e Companhia, ou o diabo sabe quem. Pois bem: vamos ver que magnífico espetáculo: tendes aí um ou dois séculos de trabalho incessante, de paciência, de talento, honradez, energia, firmeza, tramoias e cegonha no telhado. Que mais podeis pedir? Mais alto do que isto não há nada e, dessa altura, começam eles próprios a julgar toda a gente e a castigar os culpados, isto é, todos aqueles que não se parecem com eles. Aqui é que está o nó da questão; mas eu prefiro entregar-me à libertinagem ou enriquecer na roleta. Não quero ser como Gonne e Companhia ao cabo de cinco gerações. Necessito do dinheiro para mim e não me considero de modo algum, como digo, indispensável e suplementar ao capital. Sei bem que exagerei um bocado, mas que havemos de fazer? São estas as minhas convicções.

— Não sei se terá você muita razão no que disse — observou, pensativo, o general, — mas sei, com certeza, que começa você a extremar as coisas, que se esquece um tantinho…

Segundo seu costume, não terminou a frase. Quando nosso general começava a falar de alguma coisa um pouquinho mais elevada que os temas cotidianos de conversação, nunca terminava a frase. O francês, com displicência, escutou, esbugalhando um pouco os olhos. Quase nada compreendeu do que falei. Polina fitou-me com certa indiferença altiva. Parecia não ter me ouvido, nem a mim, nem nada de quanto se havia dito naquele momento na mesa.

## Capítulo V

Estava mergulhada num devaneio fora do costume; mas assim que nos levantamos da mesa ordenou-me que a acompanhasse ao passeio. Pegamos as crianças e nos dirigimos para o parque, junto à fonte.

Como estivesse eu dominado por uma excitação especial, pespeguei-lhe, estupidamente, esta pergunta:

— Por que nosso Marquês De-Grillet, o francês, não só não a acompanhou hoje em nenhuma de suas saídas, mas nem sequer lhe dirigiu a palavra, durante todo o dia?

— Porque é um vilão — respondeu-me, estranhamente.

Jamais a havia ouvido exprimir-se assim a respeito de De-Grillet e guardei silêncio, temendo compreender sua excitação.

— Reparou que não estava hoje de acordo com o general?

— Está querendo saber o que há — respondeu-me, seca e nervosamente. — Pois fique sabendo que o general tem todos os seus bens hipotecados a ele… e se lhe der à *babúlinhka* a veneta de não morrer, o francês imediatamente deitará mão a tudo.

— Mas então é efetivamente certo que lhe hipotecou tudo? Tinha-o ouvido dizer, mas ignorava que fosse coisa liquidada.

— Pois é.

— Mas então, adeus *Mademoiselle* Blanche! — observei. — Não será generala! Sabe de uma coisa? Creio que o general está tão louco que será capaz de dar um tiro na cabeça, se *Mademoiselle* Blanche não o quiser. Na idade dele é perigoso enamorar-se dessa forma.

— Também penso que lhe vai acontecer alguma coisa — observou Polina Alieksándrovna, pensativa.

— Como tudo isto é magnífico!… — exclamei. — Não é possível dar a entender de maneira mais grosseira que, se concordava em casar com ele, era pura e simplesmente pelo seu dinheiro. Nem sequer

guardam as aparências, prescindindo absolutamente de delicadezas. Notável! Quanto à avozinha, haverá nada mais grotesco e canalha que enviar telegrama atrás de telegrama perguntando: “Como é, morre ou não morre?”. Que me diz disto, Polina Alieksándrovna?

— Isto é um disparate — disse com asco, interrompendo-me. — Eu, pelo contrário, admiro-me de que se mostre tão jovial. Por que está tão alegre? Será talvez por ter perdido o meu dinheiro?

— Por que me deu para que eu o perdesse? Disse-lhe que não posso jogar por conta de ninguém e muito menos pela sua. Seria obediente, enquanto me ordenasse, mas o resultado não depende de mim. Já a adverti que nada de bom resultaria. E diga-me: aflige-a muito ter perdido tanto dinheiro?

— Por que pergunta?

— Ora, porque você mesma prometeu explicar-me. Ouça-me: estou plenamente convencido de que assim que começar a jogar por minha conta (tenho doze fredericos de ouro) haverei de ganhar. De modo que, neste caso, poderá você aceitar o que precisar.

Fez uma careta de desdém.

— Não se zangue comigo — prossegui, — por causa desta proposta. A tal ponto tenho a consciência de ser um zero diante de você, isto é, a seus olhos, que poderá, sem reparo, aceitar dinheiro de mim. Um presente meu não poderá ofendê-la. Além do mais, perdi o seu dinheiro.

Lançou-me um olhar rápido e, ao notar que eu falava, nervosa e sarcasticamente, voltou a interromper-me:

— Não lhe interessa de modo algum o que se passa comigo. Mas, se quer saber, desde já lhe digo que estou simplesmente numa armadilha. Tomei dinheiro emprestado e desejaria devolvê-lo. Ocorreu-me a ideia insensata e estranha de que, infalivelmente, iria ganhar aqui, na sala de jogo. Por que houve de ocorrer-me semelhante ideia… é coisa que não compreendo… mas o certo é que tinha fé nela. Quem sabe?… Talvez acreditasse nela porque não me restava outro

recurso para sair do atoleiro.

— Ou porque lhe fazia demasiada falta ganhar. Vem a ser o mesmo que acontece a quem se está afogando e se agarra a uma palhinha. Convenha comigo em que, se não se estivesse afogando, não teria confundido uma palhinha com o galho de uma árvore.

Polina mostrou-se assombrada.

— Mas, como!… — indagou. — Não abrigava você também as mesmas ilusões? Haverá umas duas semanas, você mesmo me falou um dia, longa e extensamente, de que tinha a plena convicção de ganhar aqui na roleta e me convenceu de que não devia tomá-lo por louco. Será que então falava por brincadeira? Não pode ser, lembro-me de que me falava tão sério, que não era possível levá-lo na brincadeira.

— É verdade… — respondi-lhe, pensativo. — Até agora estou perfeitamente convencido de que hei de ganhar. Até lhe confesso que, com suas palavras, me leva a formular a mim mesmo esta pergunta: "Por que minha estúpida e inexplicável perda de hoje não me fez absolutamente duvidar?". Porque, apesar de tudo, continuo plenamente convicto de que assim que começar a jogar por minha conta ganharei com toda certeza.

— E por que está tão convencido disso?

— Pois olhe… não sei. Só sei de uma coisa: que preciso ganhar, que este é também meu único recurso. E porque assim me parece, tenho além disso a impressão de que haverei fatalmente de ganhar.

— Isto quer dizer que também lhe faz muito falta, quando está tão fantasticamente convencido!

— Aposto que duvida de estar eu em situação de necessidade séria.

— Isto me é indiferente — respondeu Polina, em voz lenta e igual. — Se você faz questão, bem… pois sim, duvido de que se preocupe com algo de sério. Pode sofrer, mas não seriamente. Você e

um homem desordenado e volúvel. Para que necessita de dinheiro? Em todas as razões que me expôs, não encontro seriedade nenhuma.

— A propósito — interrompi-a, — você disse que precisava devolver uma quantia que lhe haviam emprestado. Bem, trata-se de uma dívida, não?… O francês, talvez?

— Que significa esta pergunta? Mostra-se hoje particularmente desagradável. Estará bêbado?

— Bem sabe já que me permito falar e fazer perguntas por vezes com a maior franqueza. Repito-lhe que sou seu escravo e um escravo não pode causar vergonha, nem tampouco ofender.

— Isto é um absurdo! Não posso suportar essa sua teoria da "escravidão".

— Não observou que não falo de minha escravidão pelo fato de querer ser seu escravo, mas que, simplesmente… falo dela como de um fato que, em absoluto, não depende de mim?

— Diga-me francamente: para que necessita você de dinheiro?

— E por que necessita saber?…

— Como queira — replicou e ergueu altivamente a cabeça.

— Você não admite a teoria da escravidão, mas tem necessidade de um escravo: "Responda sem discutir!". Bem: assim seja. Pergunta-me para que quero dinheiro. Ora, que pergunta! Porque é dinheiro… eis tudo.

— Compreendo; mas apesar da gana de ganhá-lo, não se deve cair na loucura. Porque você chega até a alienação, até o fatalismo. Aqui deve haver outra coisa, alguma intenção particular. Fale-me sem subterfúgios, assim o exijo.

Parecia que começava a zangar-se e a mim agradava extraordinariamente que insistisse em interrogar-me com tanto ardor.

— Há naturalmente uma intenção — disse-lhe, — porém não me

atrevo a explicar qual seja. Trata-se unicamente de que, graças ao dinheiro, poderei ser para você outro homem e não um escravo.

— Como? Donde tirou você isso?

— Donde tirei isso?… Mas você não compreende donde posso tê-lo tirado, quando não me olha senão como a um escravo? Declaro-lhe que não me agradam esses assombros e dúvidas.

— Dizia você que a escravidão lhe causava prazer. Eu mesma assim imaginava.

— Assim imaginava?!… — exclamei, com certo gozo. — Ah! que formosa ingenuidade a sua! Pois bem, é verdade: para mim, ser seu escravo constitui prazer. Sim, sim; há um prazer no último grau de humilhação e do rebaixamento — prossegui, desvairado. — O diabo saberá, se não existe também prazer no *knut*, quando este nos flagela as costas e nos arranca pedaços de carne… Mas quero saborear também outros deleites. Há pouco, o general, em sua presença, na mesa, pregava-me um sermão por causa de oitocentos rublos por ano, que talvez nunca chegará a pagar-me. O Marquês De-Grillet, de sobrancelhas erguidas, fitava-me e, ao mesmo tempo, parecia não ver-me. Quanto a mim, da minha parte, parece-me ter ganas de, na sua presença, agarrar o Marquês De-Grillet pelas ventas.

— Bravatas! Em qualquer situação, é preciso manter-se com dignidade. Se sobrevém uma luta, esta, longe de humilhar-nos, nos exalta.

— Pego-lhe a palavra! Você acaba de supor que é possível que eu não saiba conservar minha dignidade. Quer dizer que sou um homem digno, mas não sei conservar minha dignidade. Compreende que isto possa ocorrer?… Sim, todos nós, russos, somos assim e sabe você por quê: porque estamos nós, russos, demasiado rica e diversamente dotados para encontrar logo a forma mais decorosa. A questão toda está na forma. Em grande parte, nós, os russos, estamos tão ricamente dotados que, para atinar com a forma decorosa, faz-nos falta o gênio. Mais frequentemente, porém, não existe o gênio, coisa rara que é. Somente entre os franceses e alguns outros europeus está tão bem definida a forma que é possível parecer um homem sumamente digno

e ser o mais indigno do mundo. Tanto significa entre eles a forma. O francês sofre uma afronta, um agravo verdadeiramente profundo, e não franze o cenho; mas não suporta um piparote no nariz por coisa alguma deste mundo, porque isto representa uma infração à forma do decoro tradicional e aceita. Por isso agradam tanto os franceses às nossas donzelinhas, porque empregam boas formas. Na minha opinião, afinal, não há forma alguma, mas simplesmente um galo: *le coq gaulois*[6]. Aliás, não posso compreender essas coisas: não sou mulher. Talvez os galos sejam bons. Em geral divago; mas não me interrompa. Atalha-me com frequência, quando lhe falo. Mas quero dizer-lhe tudo, tudo, tudo. Prescindo de qualquer formalidade. Concedo-lhe mesmo que não só não tenho formalidades, mas que careço também de dignidade. Confesso-lhe. Nem sequer me preocupo com qualquer dignidade que seja. Agora tudo estancou. Sabe você a causa. Não tenho no cérebro um só pensamento humano. Faz muito tempo que não sei que fazer no mundo, nem na Rússia, nem aqui. Olhe, estive em Dresden e não sei mesmo o que seja Dresden. Sabe bem quem me absorveu. Como não tenho a menor ilusão e a seus olhos não passo de um zero, digo-lhe francamente: só a você vejo em toda parte e tudo mais me é indiferente. Quer saber por que a amo deste modo? Não sei. Saberá você que talvez não seja bonita?… Imagine que nem sequer sei se você é bonita ou feia de rosto! Seu coração, este sim, é que não é lá muito bom; é muito possível que a alma também não seja nobre.

— Será pelo fato de pensar você comprar-me com dinheiro — disse ela, — que acredita na minha falta de nobreza?

— Quando foi que pensei em comprá-la com dinheiro? — perguntei.

— Você se confunde e perde o fio. Se não comprar a mim, pelo menos compra com dinheiro a minha estima.

— Não; não há nada disto, absolutamente. Já lhe disse que tenho dificuldade em explicar-me. Você me aturde. Não leve a mal minha tagarelice. Compreenderá por que é impossível zangar-me com você: sou, simplesmente, louco. Aliás, não me importa que você se zangue. Estou em cima, no meu cubículo, e basta que me lembre ou que me represente o rumor de suas saias, eis-me pronto a morder as próprias

mãos. Mas por que haveria você de zangar-se comigo? Pelo fato de intitular-me seu escravo?… Aproveite-se, aproveite-se de minha escravidão, aproveite-se! Não sabe que algum dia hei de matá-la? Mas não a matarei porque deixe de amá-la, ou por ciúmes, mas simplesmente, porque, às vezes, dá-me ganas de devorá-la. Dá risada?…

— Não estou rindo, absolutamente — disse ela, colérica. — Ordeno-lhe que se cale.

Parou, sufocada pela cólera. Juro que não sei se era ela bonita; mas sempre gostava de olhá-la, quando ficava assim ofegante, diante de mim, e costumava provocar, com frequência, e por gosto, a sua cólera. Talvez ela tivesse advertido isso e, intencionalmente, se zangasse. Insinuei isso a ela.

— Que asco me causa! — exclamou, com repugnância.

— Pouco me importa — prossegui. — Sabe que ambos nós corremos perigo? Sinto muitas vezes vontade de pegá-la, bater-lhe, mutilá-la, estrangulá-la. Que imagina você? Que não chegarei a tanto? Você me põe por vezes febril. Imagina que temo o escândalo? Sua cólera? Mas que importa a mim sua cólera? Sim, que importa a mim sua cólera? Amo sem esperança e sei que depois a amarei mil vezes mais. Se algum dia a matar, terei também de matar-me. Vejamos: como não haveria de matar-me, para não sentir essa dor insuportável de sua ausência? Não sabe de uma coisa inverossímil? Amo-a mais cada dia e isto é quase impossível. E quer você que, depois disto, não seja eu fatalista? Lembra-se? Anteontem, no Schlangenberg, disse-lhe, desafiando-a: “Diga-me uma só palavra e me atiro naquele abismo”. Se tivesse você dito aquela palavra, eu me atiraria. Não acredita que teria me atirado?

— Que tagarelice estúpida! — exclamou.

— A mim tanto me faz que seja estúpida ou discreta — exclamei. — Sei que preciso, na sua presença, de falar, falar, falar… e falo. Em sua presença, perco todo o amor-próprio e tudo me é igual.

— Que necessidade tinha eu de fazê-lo dar esse salto do

Schlangenberg abaixo? — disse, com secura e como que particularmente ofendida. — Isso era para mim completamente inútil.

— Inútil? — exclamei. — Você, muito intencionalmente, empregou essa magnífica palavra *inútil* para fustigar-me. Leio em sua alma. Você diz que é inútil? Mas tenha em conta que a satisfação é sempre útil e um domínio completo, absoluto… ainda que seja sobre uma mosca… constitui também um prazer em seu gênero. O homem é despótico por natureza e gosta de fazer sofrer. Disso você gosta enormemente.

Lembro-me de que me fitou com certa atenção especial e fixa. Provavelmente, meu rosto deveria refletir aquelas inexplicáveis e absurdas emoções. Lembro-me também agora de que, efetivamente, esse diálogo se desenrolou entre nós, palavra por palavra, segundo fica transcrito. Eu tinha os olhos injetados de sangue. Saía-me espuma pelos cantos dos lábios. Mas, no que se refere ao Schlangenberg, oh! honradamente o juro, ainda agora, que se ela tivesse ordenado que me atirasse dele abaixo, teria feito isso! E se tivesse tomado em brincadeira ou tivesse dito algo de desdenhoso, de mortificante para mim… teria me jogado no abismo imediatamente.

— Não, porque acredito em você — disse ela, mas como somente ela sabia dizê-lo por vezes: com tal desprezo e malícia, com tal altivez, que, por Deus, teria podido matá-la naquele momento. Corria perigo. Eu não mentia ao lhe dizer isso.

— Você não é covarde? — perguntou-me, de repente.

— Não sei. Pode ser que também seja. Não sei… Faz muito tempo que não me ocorre pensar nisto.

— E se eu lhe dissesse: “Mate aquele homem”, seria capaz?

— A quem?

— A quem eu lhe dissesse.

— O francês?

— Não me pergunte. Limite-se a responder… A quem lhe dissesse.

Quero saber se diz seriamente isso que acaba de dizer.

Com tal impaciência e ânsia aguardava a resposta, que me pareceu estranho.

— Mas diga-me de uma vez de que se trata! — exclamei eu. — Tem medo de mim? Eu mesmo estou vendo todas as coisas que aqui ocorrem. Você é a enteada de um homem transtornado e louco, consumido de paixão por esse diabo… Blanche. Depois, temos também… esse francesote, com sua influência secreta sobre você e… agora me surge você fazendo-me, de sopetão… essa perguntinha… Que eu fique sabendo, pelo menos. De outro modo perco o tino e farei qualquer doidice. Será que se envergonha de ser franca comigo? Vai sentir vergonha de mim?

— Não se trata disso. Fiz-lhe uma pergunta e aguardo a resposta.

— Mato sim, naturalmente — assenti, — matarei a quem você me indicar. Mas, por acaso, pode você… ordenar-me isso?

— Pensa que o pouparia? Ordenarei. Mas irei ficar a seu lado? Imagina isto? Não, nada disso! O senhor mataria quem eu lhe ordenasse e depois viria matar-me por ter-me atrevido a dar essa ordem.

Pareceu-me sentir um golpe na cabeça, ao ouvir aquelas palavras. Sem dúvida, tomava eu então, meio em brincadeira, como uma espécie de desafio, sua pergunta. Mas, apesar disso, ela falava bastante seriamente. Contudo, desconcertava-me ver que daquele modo deixara transluzir que tinha sobre mim tanto direito, que reconhecera a si mesma tal domínio sobre minha pessoa e com tanta clareza dissesse: “Corra à sua perdição, que eu me fico aqui muito tranquila”. Havia naquelas palavras tanto cinismo e franqueza que já me pareciam excessivos. Como, como haveria ela de fitar-me depois daquilo? Aquilo ultrapassava os limites da escravidão e do rebaixamento. Depois de tal olhar, o homem volta a si. E por mais inverossímil e estúpido que fosse todo nosso diálogo, meu coração sobressaltou-se.

De repente, desatou a rir. Estávamos sentados então num banco, diante das crianças que brincavam, diante daquele mesmo lugar onde

se detinham os coches e deixavam o público na avenida que precedia o cassino.

— Está vendo aquela senhora gorda? — perguntou ela. — É a Baronesa Burmerhelm. Faz três dias apenas que está aqui. Repare o marido dela, aquele prussiano comprido e magro, com a bengalinha na mão. Lembra-se de como nos fitava ontem? Avance, aproxime-se da baronesa, tire o chapéu e diga-lhe alguma coisa em francês.

— Por quê?

— O senhor jurou que se atiraria de cabeça abaixo do alto do Schlangenberg, jurou que estava disposto a matar, se eu ordenasse. Pois avance sem mais retóricas. Quero ver como o barão vai meter-lhe a bengala.

— Você me desafia, crê que não sou capaz de fazê-lo?…

— Sim, desafio-o. Adiante-se, ordeno-o!

— Permita-me: irei, ainda que se trate de um capricho selvagem. Mas não ocasionará isto algum contratempo ao general e, de ricochete, a você também? Por Deus, não o digo por mim, mas por você… e pelo general. E ficará bem, isto, tampouco, de ir, por mero capricho, ofender uma senhora?

— O senhor não passa de um charlatão e nada mais. Bem que o vejo — disse com desprezo. — Seus olhos, há momentos, injetaram-se de sangue… mas talvez, simplesmente, em consequência do excesso de vinho que bebeu na mesa. Será que eu mesma não compreenda que isso é estúpido e mau e que o general haverá de aborrecer-se? Quero apenas rir. Eu quero e basta! E por que tampouco haveria o senhor de ofender uma senhora? Não lhe faltarão umas bengaladas.

Dei meia volta e, em silêncio, fui cumprir sua ordem. Certo de que aquilo era estúpido e certo de que não sabia como sair da enrascada; mas à medida que me aproximava da baronesa lembro-me de que algo veio excitar-me, algo próprio de um colegial. E fiquei terrivelmente nervoso, como que embriagado.

# Capítulo VI

Dois dias já se passaram desde aquele outro tão estúpido. E quantos gritos, quanto barulho, quantas vozes e pancadas! E eu é que tenho a culpa de tudo, de todo aquele absurdo, de toda aquela estupidez! E contudo, afinal, às vezes é até engraçado… para mim, pelo menos. Não me atrevo a dar-me conta do que me ocorre: se me encontro num estado de alienação ou se, simplesmente, me transviei e conduzo-me de um modo indecente, enquanto não me amarram. Por vezes me parece que estou louco. Por vezes também que estou ainda muito próximo da infância, do banco da escola, e não faço outra coisa senão praticar travessuras de menino.

É Polina, é Polina quem tem a culpa de tudo! Sem ela, talvez não surgisse em mim o colegial. Quem sabe se não estarei doido, embora seja estúpido pensar isso? Não compreendo, não compreendo o que tenha ela de belo. Contudo é bonita, é bonita, sim, parece que é bonita. Porque também faz os outros ficarem fora dos eixos. Alta e bem formada. Apenas muito magra. Parece-me que se poderia fazer com ela um pacotinho ou dobrá-la em duas. As plantas dos pés estreitas e compridas… obsedantes. Obsedantes mesmo, como estou dizendo. O cabelo com matizes avermelhados. Os olhos… de verdadeira gatinha, mas com que orgulho e altivez sabe olhar com eles! Há quatro meses, quando eu acabava de chegar, estava ela uma noite falando no salão com De-Grillet, longa e animadamente. E fitava-o de um modo… que eu depois, ao subir ao meu quarto para deitar-me, fiquei a imaginar que ela lhe havia dado uma bofetada, que a dava pelo simples fato de colocar-se diante dele e fitá-lo… Desde aquela noite enamorei-me dela.

Mas vamos ao caso.

Meti-me pelo caminho da avenida, cheguei até sua metade e fiquei aguardando a baronesa e seu marido. A cinco passos de distância tirei o chapéu e cumprimentei.

Lembro que a baronesa trajava um vestido de seda com um véu imenso, cinzento-claro, com enfeites, crinolinas e cauda. Baixinha e de uma corpulência extraordinária, com uma papada terrivelmente gorda

e pendente de tal maneira que não se lhe vê o pescoço. O rosto picado de varíola. Os olhos, pequeninos, maus e impertinentes. Quando anda… parece que nos está fazendo um favor. O barão é magro, alto. Tem, como é comum na Alemanha, rosto oblíquo e todo sulcado de finas ruguinhas; óculos; quarenta e cinco anos. As pernas parecem sair-lhe do próprio peito; sinal de raça. Vaidoso como um pavão. Um tanto corcovado. Algo de ovino na expressão do semblante, o que, na sua opinião, denota profundidade de pensamento.

Tudo isto me saltou à vista em três segundos.

Meu cumprimento e meu chapéu na mão mal lhe chamaram a atenção, a princípio. O barão limitou-se a franzir levemente o cenho. A baronesa encarou-me.

— *Madame la baronne* — disse eu, distintamente, em voz alta. — *J'ai l'honneur d'être votre esclave*.[7]

Fiz em seguida uma reverência, tornei a pôr o chapéu e passei pela frente do barão, voltando cortesmente o rosto e sorrindo.

Que eu tirasse o chapéu, era ordem de Polina, mas aquela reverência e aquela garotice de colegial partiram de mim mesmo. O diabo saberá quem me levou a isso. Tinha a sensação de quem se despenha por uma montanha.

— *Hein*? — gritou, ou melhor, grunhiu o barão, voltando-se para mim com iracundo assombro.

Dei meia volta e parei em respeitosa expectativa, sem deixar de olhá-lo e sorrir. Estava visivelmente perplexo e franzia as sobrancelhas até o *nec plus ultra*[8]. Seu rosto ensombrecia-se cada vez mais. A baronesa também se voltou para fitar-me e também me lançava uns olhares de pasmo colérico. Alguns transeuntes começaram a observar-nos. Alguns até se detiveram.

— *Hein*? — grunhiu outra vez o barão, com redobrada ira.

— *Ja wohl*[9]! — disse eu, sem deixar de fitá-lo.

— *Sind Sie rasend*?[10] — grunhiu ele, esgrimindo sua bengala e, ao

que parecia, começando a sentir seu pouquinho de medo.

É possível que meu traje o haja desconcertado. Eu estava muito bem vestido, até com elegância, como indivíduo que pertence à melhor sociedade.

— *Ja wo-o-ohl*! — gritei, de repente, com todas as minhas forças, prolongando o *o*, como fazem os berlinenses, que a cada passo estão empregando na conversação a expressão: *Ja wohl*! e ao fazer assim alongam a letra mais ou menos para exprimir os diversos matizes da ideia e da emoção.

O barão e a baronesa deram meia volta rápida e quase deitaram a correr, assustados. Os curiosos, uns discutiam, outros me fitavam, perplexos. Aliás, minhas recordações são vagas.

Voltei-me e encaminhei-me a passo normal para onde estava Polina Alieksándrovna. Mas não dera ainda cem passos em direção de seu banco, quando vi, com assombro, que ela se levantava e se dirigia para o hotel com as crianças.

Alcancei-a na escada.

— Já fiz… aquela burrada — disse-lhe, pondo-me a seu lado.

— Bem, e então? Agora, arranje-se! — replicou ela, sem sequer olhar-me e começou a subir a escada.

Passei toda aquela tarde no parque. Através do parque e da floresta, quase cheguei a outro principado. Numa cabana comi uma omelete e bebi um pouco de vinho; este idílio custou-me um táler e meio.

Só voltei ao hotel às onze da noite. Imediatamente foram-me chamar de parte do general.

Os nossos ocupavam no hotel dois apartamentos, quatro peças ao todo. A primeira, bem espaçosa, é o salão, com um piano de cauda; contígua a ela, outra sala grande, o gabinete do general. Ali me esperava ele, de pé, em meio da peça, numa atitude das mais majestosas. De-Grillet estava sentado, indolente, no divã.

— Permita-me, senhor, que lhe pergunte o que foi que fez — começou o general, encarando-me.

— Agradeceria, meu general, se fosse direto ao assunto — disse-lhe. — Provavelmente, quer o senhor falar-me de meu encontro de hoje com aquele alemão.

— Com aquele alemão! Aquele alemão… é o Barão Burmerhelm, personagem importante. Cometeu para com ele e para com a baronesa uma grosseria.

— Nenhuma.

— O senhor assustou-os, cavalheiro! — gritou o general.

— Não houve tal. Desde Berlim, vivia com os ouvidos cheios dessa frase *Ja wohl*, que ali repetem a cada momento e em toda ocasião e que também alongam de maneira antipática. Ao encontrar-me hoje com eles na avenida, de repente, não sei por que, aconteceu surgir-me na memória o tal *Ja wohl*, que me crispou os nervos… Sim; e além disso, a baronesa, já por três vezes, ao encontrar-se comigo, tem o hábito de andar direta contra mim, como se fosse eu um verme que se pode esmagar. Convenha o senhor que eu também tenho o meu amor-próprio. Tirei o chapéu e cortesmente (asseguro-lhe que cortesmente) lhe disse: *Madame, j'ai l'honneur d'être votre esclave*! Como o barão se tivesse voltado a gritar *Hein*, eu também me pus a gritar *Ja wohl*! Gritei duas vezes; a primeira, com naturalidade e a segunda… arrastando a voz, com todas as minhas forças. Foi tudo.

Confesso que estava excessivamente contente com essa explicação infantil. Tinha uma vontade imensa de exagerar essa história da maneira mais absurda possível.

Tanto mais quanto ia tomando gosto por ela.

— O senhor está zombando de mim, não é verdade? — gritou o general.

Voltou-se para o francês e, em francês, disse-lhe que eu, decididamente, havia inventado a história.

De-Grillet começou a rir, desdenhoso e encolheu os ombros.

— Oh! não pense tal coisa, pois não há nada disso! — disse eu ao general. — É certo que merece censura o que fiz, sou o primeiro a reconhecer. Meu ato pode ser qualificado mesmo de estúpida e indecente travessura de escolar, porém, nada mais. E saiba, general, que já estou arrependidíssimo. Mas há aqui uma circunstância que, no meu modo de ver, quase me exime de arrependimento. De algum tempo a esta parte, durante estas duas e até três semanas últimas, não me tenho sentido muito bem; doente, nervoso, irritável, voluntarioso e, em certas ocasiões, chego mesmo a perder completamente o domínio de mim mesmo. Na verdade, sinto por vezes uma vontade tremenda de dirigir-me ao Marquês De-Grillet e… Ainda que, naturalmente, nem é preciso dizer, não se trata de nada ofensivo. Em resumo: são todos estes sintomas de enfermidade. Não sei se a Baronesa de Burmerhelm levará em consideração esta circunstância, quando lhe for pedir perdão (porque tenho o propósito de ir pedir-lhe perdão). Suponho que não a levará em consideração, tanto mais quanto, segundo notícias que tenho, já começaram a abusar desta circunstância nos últimos tempos, no mundo jurídico. Os advogados, nos processos de pena capital, costumam, com bastante frequência, desculpar seus clientes, os criminosos, alegando que, no momento de cometer seu crime, não se davam conta de nada e que isto constitui uma espécie de enfermidade. “Matou, é verdade, mas sem dar-se conta de nada.” E imagine o senhor, general, a medicina dá a razão disto… Afirma positivamente que há uma determinada enfermidade, a loucura temporária, sob cuja ação o homem de quase nada se dá conta ou só pela metade, ou tem apenas uma quarta parte de consciência. Mas a baronesa e seu marido… são gente da velha geração e, além disso, *junkers* e proprietários. É provável que não tenham notícia ainda deste processo do mundo médico-legal e por isso não haverão de querer aceitar minhas explicações. Que lhe parece, general?

— Basta, cavalheiro! — exclamou o general, de modo cortante e com reprimida indignação. — Basta! Procurarei, de uma vez para sempre, tirar-lhe os ranços de colegial. Não terá de desculpar-se ao barão e sua esposa. Toda relação com o senhor, embora se reduzisse ao fato de pedir-lhes perdão, seria para eles bastante humilhante. O

barão, ao saber que o senhor fazia parte de minha casa, já teve comigo uma explicação no cassino, e confesso-lhe que, por pouco, não exigiu de mim uma satisfação. Compreende você ao que me expõe… mocinho? Eu, eu tive de apresentar minhas desculpas à baronesa e dar-lhe minha palavra de que, imediatamente, hoje mesmo, deixaria você de pertencer à minha casa.

— Permita-me, permita-me, general. Com que então exigiram irremissivelmente que eu deixasse de pertencer à sua casa, como acaba o senhor de declarar?

— Não; mas eu mesmo me considerei obrigado a dar-lhes esta satisfação e, naturalmente, o barão ficou satisfeito. Temos de separar-nos, meu senhor. O senhor tem a receber, como acerto de contas, quatro fredericos de ouro e mais três florins. Aqui está o dinheiro e a conta neste papel; pode verificá-la. Adeus. Desde este momento não há mais nada de comum entre nós. A não ser complicações e coisas desagradáveis, nenhuma outra coisa tenho que agradecer-lhe. Agora mesmo vou chamar o camareiro para avisá-lo de que, desde amanhã, não responderei mais pelas suas despesas neste hotel. Tenho a honra de renunciar aos seus serviços.

Peguei o dinheiro e o papel em que, a lápis, estava anotada a conta, fiz uma reverência ao general e, muito sério, lhe disse:

— General, este assunto não pode ficar assim. Deploro grandemente que o senhor tenha tido de suportar impertinências da parte do barão; mas, perdoe-me, a culpa disto tudo é somente sua. Por que se acreditou obrigado a responder por mim perante ele? Que significa essa expressão de que pertenço à sua casa? Eu exerço, simplesmente, as funções de professor em sua casa, e nada mais. Não sou seu filho, nem seu pupilo e o senhor não pode responder pelos meus atos. Sou pessoa jurídica competente. Tenho vinte e dois anos, sou candidato à universidade, sou de casta nobre, sou inteiramente estranho ao senhor. Só meu infinito respeito a seus méritos impede-me agora de exigir-lhe satisfação por ter-se arrogado o direito de fazer-se responsável por mim diante daquele alemão…

O general ficou tão desconcertado que abriu os braços, depois

voltou-se, de repente, para o francês e, atropeladamente, comunicou-lhe que eu acabava pouco menos de desafiá-lo. O francês soltou uma gargalhada.

— Não estou disposto a ficar abaixo do barão — continuei, com pleno sangue frio, sem dar atenção às risadas de *Monsieur* De-Grillet, — e já que o senhor, general, consentiu hoje em escutar suas queixas e secundar seus interesses, participando de todo este assunto, tenho a honra de manifestar-lhe que amanhã mesmo, de manhã, terei de exigir do barão, em meu nome, que me explique formalmente a causa pela qual, tendo uma questão comigo, se dirigiu, contra mim, a outra pessoa… nem mais, nem menos, como se eu não pudesse ou fosse indigno de responder pelos meus atos.

Ocorreu o que eu imaginava. O general, ao ouvir aquela nova sandice, assustou-se enormemente.

— Como, mas tem você intenção de continuar prolongando este maldito assunto? — exclamou. — Mas, ó grande Deus, em que situação me colocais! Não se atreva você, não se atreva você, mocinho, ou juro-lhe… Aqui também há autoridades e eu… eu… em resumidas contas, em razão de meu cargo oficial… e também o barão… Em suma, você seria detido e expulso daqui pela mão da polícia, se não levantar acampamento. Não se esqueça disto! — e embora a cólera o dominasse, tinha, apesar de tudo, um medo horrível.

— General — respondi-lhe com uma fleugma que se lhe tornava insuportável. — Não se pode deter ninguém por uma injúria, antes dela ter sido cometida. Não iniciei ainda minhas explicações com o barão e ignora o senhor, em absoluto, em que conceito e sobre que bases me proponho conduzir a questão. Apenas desejo esclarecer uma situação ofensiva para mim: a de que me encontro sob a tutela de uma pessoa que parece ter poder sobre minha livre vontade. É inútil o senhor alarmar-se e inquietar-se desse modo.

— Por Deus! Por Deus! Alieksiéi Ivânovitch, desista desse insensato propósito! — resmungou o general, mudando, de repente, seu tom iracundo por outro implorante e até pegando-me nas mãos. —

Vamos, imagine o que pode sair disso! Outra contrariedade! Convenha comigo que tenho de reprimir-me aqui de maneira especial, sobretudo agora!… Oh! você não conhece, não conhece todas as circunstâncias em que me encontro! Quando sairmos daqui, estou disposto a tomá-lo de novo a meu serviço. Mas agora é preciso agir assim!… Vamos… você compreenderá as razões! — clamava, desolado. — Alieksiéi Ivânovitch, Alieksiéi Ivânovitch!

Retrocedendo até a porta, ainda lhe roguei, instantemente, que não se afligisse; prometi-lhe que tudo se arranjaria bem e decorosamente, e apressei-me em retirar-me.

Por vezes os russos, no estrangeiro, são demasiado covardes e tem um medo enorme da opinião pública, como hão de ser encarados, e se isto estará bem, etc., etc. Em uma palavra: comprimem-se como dentro de um espartilho, sobretudo os que aspiram a ser considerados distintos. Gostam de uma forma preconcebida, adotada de uma vez por todas e que eles seguem servilmente nos hotéis, nos passeios, nas reuniões, na viagem. Mas o general afirmava que ele, além disso, se encontrava em circunstâncias especiais em que tinha especial necessidade de reprimir-se. Eis por que, de repente, se amesquinhara, se acovardara e mudara de tom para comigo. E poderia decerto, por pura tolice, dirigir-se no outro dia a qualquer autoridade, de modo que me convinha ser prudente.

Eu, além disso, não tinha de modo algum vontade de aborrecer o general. O alvo de minha vingança era Polina. Polina portara-se comigo tão cruelmente, ao lançar-me naquele estúpido caminho, que queria arrastá-la também até tão longe que se visse obrigada a pedir-me que me detivesse. Minha travessura de colegial poderia comprometê-la afinal. Além disso, ia eu começando a sentir outras emoções e desejos: se, por exemplo, me amesquinhava diante dela, me reduzia a zero, não queria isto dizer que fosse, diante dos outros, uma galinha molhada e estivesse disposto a receber bengaladas do barão. Queria zombar de todos eles, conservando-me no meu papel de bravo. Haveriam de ver. Quem sabe? Talvez ela se atemorizasse diante do escândalo e me chamasse outra vez. E mesmo se não me chamasse, veria, sem dúvida, que não sou uma galinha.

(Surpreendente notícia: acabo de saber, neste momento, por nossa ama, com quem me encontrei na escada, que Maria Filípovna partiu hoje sozinha para Carlsbad, no trem noturno, para a casa de sua prima. Que significa isto? Diz a ama que há muito tempo ela tencionava fazer isto. Mas como ninguém sabia? Talvez seja possível que fosse eu o único a ignorá-lo. A ama garantiu-me que Maria Filípovna teve anteontem mesmo uma forte discussão com o general. Compreendo. Certamente… trata-se de *Mademoiselle* Blanche. Sim; estamos na véspera de acontecimentos decisivos.)

## Capítulo VII

De manhã chamei o camareiro e comuniquei-lhe que deveria abrir conta para mim à parte. Meu quarto não era tão caro a ponto de causar-me susto e obrigar-me a deixar o hotel. Tinha dezesseis fredericos de ouro e ali… poderia ser que estivesse ali a fortuna! Coisa estranha: ainda não tinha ganho e já me portava, sentia e pensava como um rico, e não podia imaginar a mim mesmo de outro modo.

Decidira, não obstante a hora matinal, ir imediatamente procurar *Mister* Astley, no Hotel da Inglaterra, muito perto do nosso, quando, de repente, entrou em meu quarto De-Grillet. Isto jamais ocorrera, pois, além de tudo, nos últimos tempos, mantivera com aquele cavalheiro as relações mais distantes e tensas. Ele, evidentemente, não ocultava seu desprezo para comigo; mais ainda, esforçava-se até em não dissimulá-lo e eu… eu tinha minhas razões particulares para não olhá-lo com bons olhos. Numa palavra: detestava-o. Sua visita assombrou-me grandemente. Logo farejei que algo de particular estava sendo cozinhado.

Entrou muito amável e dirigiu-me alguns cumprimentos a respeito de meu quarto. Ao ver-me de chapéu na mão, perguntou-me se me dispunha a sair a passeio tão cedo. Ao dizer-lhe que ia ter com *Mister* Astley para tratar de um assunto, ficou pensativo, reconcentrado, e seu rosto mostrou uma expressão sumamente preocupada.

De-Grillet era como todos os franceses, isto é, mostrava-se jovial e amável quando era necessário e resultava proveitoso, e de uma

insociabilidade intolerável, quando parecer jovial e amável deixava de ser necessário. O francês é raras vezes naturalmente amável; mostra-se sempre tal como que obedecendo a uma ordem, a um cálculo. Se, por exemplo, se encontra na necessidade de mostrar-se fantástico, original, fora do habitual, então sua fantasia, sumamente lerda e antinatural, adota formas de antemão convencionadas e desde muito tempo banais. O francês, ao natural, compõe-se do positivismo mais burguês, meticuloso e rotineiro… Em suma: é a criatura mais aborrecida que se possa imaginar. Na minha opinião, somente as mocinhas, sobretudo as russas, deixam-se seduzir pelos franceses. Salta logo aos olhos de qualquer pessoa normal e há de se tornar para ela insuportável essa forma convencional, de uma vez por todas adotada, da amabilidade, desenvoltura e jovialidade de salão.

— Tenho de falar-lhe de um assunto — começou, com muito desembaraço, se bem que com cortesia. — Não lhe ocultarei que venho como enviado, ou, melhor dito, como mediador da parte do general. Como conheço muito pouco o russo, na noite passada, mal tomei conhecimento de alguma coisa; mas o general explicou-me tudo pormenorizadamente, e confesso…

— Mas ouça, Senhor De-Grillet — atalhei, — o senhor já se comprometeu a ser mediador neste assunto. Eu, sem dúvida, não passo de um *utchítel* e jamais teria aspirado à honra de ser íntimo amigo dessa casa, nem a nenhuma outra relação de intimidade; de modo que não estou a par dessas circunstâncias. Mas explique-se: será que o senhor já se conta no número dos membros dessa família? Porque o senhor, afinal, toma em tudo tanta parte e dá-se tanta pressa em intervir em tudo como mediador…

Minha pergunta não lhe agradou. Era-lhe bastante transparente e não queria enredar-se em discussões.

— Estou ligado ao general, em parte, por negócios, e em parte por certas circunstâncias especiais — disse, secamente. — O general enviou-me para pedir-lhe que desista das intenções que mostrou ontem à noite. Tudo quanto o senhor havia pensado é, sem dúvida, muito sutil; mas concretamente rogou-me que lhe demonstrasse que vai ter um malogro completo. É mais do que certo que o barão não irá

recebê-lo, e, finalmente, em qualquer caso, possui toda espécie de meios para ficar a coberto de novas contrariedades de sua parte. O senhor mesmo há de concordar. Para que insistir nisso, não quererá me dizer? O general promete-lhe seriamente tornar a admiti-lo em sua casa, na primeira ocasião propícia e pagar-lhe até essa data seus honorários, *vos appointements*. Isto é bastante conveniente, não é verdade?

Objetei-lhe, com bastante fleuma, que ele estava um pouco equivocado, que era muito possível que o barão não me recebesse com maus modos, mas que, pelo contrário, me ouvisse.

— Vamos, confesse — acrescentei, — confesse que veio procurar-me para tentar saber como vou resolver a questão.

— Oh! Deus meu! Já que o general se interessa tanto por isso, naturalmente gostará de saber como o senhor pensa agir! É tão natural!

Comecei a explicar-lhe e ele me escutava, balançando-se na cadeira, inclinando um pouco a cabeça para mim, com algo de ironia não dissimulada no semblante. Em geral, mantinha-se sumamente altaneiro. Esforcei-me o mais possível para lhe mostrar que encarava aquele assunto do ponto de vista mais sério. Expliquei-lhe que, ao dirigir-se o barão ao general para expor-lhe suas queixas contra mim, como servidor dele, em primeiro lugar… havia-me privado com isso de meu emprego e, além do mais, tinha-me tratado como a quem não se acha em condições de responder pelos seus atos e com quem não vale, por conseguinte, a pena falar. Era indubitável que eu me considerava por isso justamente ofendido; não obstante, compreendendo a diferença de idades, nossa respectiva posição social, etc., etc. (mal podia conter o riso ao chegar a este ponto), não queria cometer nova insensatez, isto é, ir pedir diretamente uma satisfação ao barão, nem sequer propor-lhe uma. Mas nem por isso me considerava isento do direito de apresentar ao barão, e sobretudo à baronesa, minhas desculpas, tanto mais quanto que, efetivamente, nos últimos tempos, vinha-me sentindo mal de saúde, agitado e, por assim dizer, com um humor fantástico, etc., etc. Apesar disso, o próprio barão, dirigindo-se na véspera ao general, de maneira ofensiva para mim, e

insistindo para que me privasse do emprego, pusera-me em tal estado que, agora, já não podia sequer pensar em ir apresentar-lhe e à baronesa minhas desculpas, porque assim eles dois, como todo o mundo, poderiam pensar que eu havia feito isso por medo, a fim de recuperar meu emprego. De tudo se seguia que me achava obrigado a pedir ao barão que começasse ele por pedir-me desculpas nos termos mais moderados… por exemplo, dizendo-me que não teve a menor intenção de ofender-me. E depois que o barão tiver declarado isto, então eu, já de mãos atadas, honrada e francamente lhe apresentarei também minhas desculpas. Em uma palavra, — concluí, — somente peço ao barão que me ate as mãos.

— Hum… que susceptibilidade e que refinamento! Mas de que deverá pedir-lhe desculpas? Ora… reconheça, senhor… senhor… que o senhor complica tudo isso de propósito com o objetivo de aborrecer o general… É possível que tenha o senhor em vista algum fim particular… *Mon cher monsieur… Pardon, j'ai oublié votre nom, Mister Alexis? N'est-ce pas*?[11]

— Mas permita-me, *mon cher marquis*, que tem o senhor que ver com tudo isso?

— *Mais le général…*

— Que tem que ver o general?… Ontem à noite veio dizer-me que precisa manter-se em certo pé… e tanto se alarmou que… eu, na verdade, não o compreendi.

— Aí está a coisa: existe precisamente uma circunstância especial — insistiu De-Grillet, com um tom de voz em que cada vez mais transparecia o aborrecimento. — O senhor não conhece *Mademoiselle* de Cominges?…

— Refere-se a *Mademoiselle* Blanche?

— Sim, isto mesmo; *Mademoiselle* Blanche de Cominges… *Et madame sa mère…* O senhor mesmo haverá de reconhecer que o general… numa palavra, que o general está apaixonado e até… até é muito possível que o casamento se celebre aqui mesmo. E imagine o senhor: com todos esses escândalos e todas essas histórias…

— Não vejo em que tais escândalos e histórias tenham algo que ver com o casamento.

— Mas *le baron est si irascible, un caractère prussien, vous savez, enfin il fera une querelle d'Allemand*[12].

— A mim, sim, mas não ao senhor, porque não faço parte da casa… — esforçava-me, intencionalmente, por mostrar-me o mais estúpido possível. — Mas permita-me: será coisa resolvida o ter *Mademoiselle* Blanche de casar com o general? Pois então, que esperam? Quero dizer… Por que ocultar isso de nós, pelo menos de nós, dos da casa?

— Não lhe posso… Ainda que, afinal, ainda não… Mesmo assim… saiba que aguardam uma notícia da Rússia: o general necessita regularizar um negócio…

— Ah! ah! a *babúlinhka*!

De-Grillet lançou-me um olhar cheio de rancor.

— Numa palavra — interrompeu-me, — espero confiadamente que sua imensa amabilidade, seu talento, seu tato… O senhor, sem dúvida, fará isso por essa família, que o recebeu como a um filho, e na qual tem gozado de carinho e estima…

— Perdoe-me, mas puseram-me para fora! Vem-me agora o senhor dizer que o fizeram por formalidade; mas haverá de reconhecer que se lhe vêm dizer: "Não quero puxar tuas orelhas, mas, por formalidade, permite-me puxá-las", não vem tudo a dar na mesma?

— Sim, assim é, se nenhum pedido encontra eco no senhor — disse então, em tom severo e altivo, — permita-me que lhe assegure que serão tomadas providências. Há aqui autoridades, que o expulsarão hoje mesmo… *Que diable! Un blan bec comme vous*[13] querer provocar um desafio a um personagem da qualidade do barão!… Mas imagina o senhor que vão deixá-lo em paz? Oh! fique certo de que aqui ninguém o teme! Se vim aqui com pedidos, foi antes coisa minha, porque o senhor causava inquietação ao general. Mas crê que o barão não mandará, simplesmente, um criado expulsá-lo?

— Acontece que não penso em apresentar-me ali — respondi-lhe com suma dignidade. — O senhor está equivocado, *Monsieur* De-Grillet. O caso vai tramitar com mais decoro do que o senhor imagina. Agora mesmo vou ter com *Mister* Astley e lhe pedirei que seja meu padrinho; em suma: minha testemunha. Gosta de mim e decerto não se negará. Irá ver o barão e o barão terá de recebê-lo. Embora seja eu um *utchítel* e, de certo modo, um subalterno, e, vamos, me encontre indefeso, *Mister* Astley… é sobrinho de um lorde, de um verdadeiro lorde, como toda a gente sabe, de *Lord* Peabrok, e o lorde se encontra aqui. Fique certo de que o barão receberá com toda a cortesia *Mister* Astley e vai ouvi-lo. E se não o ouvir, *Mister* Astley então considerará isso como ofensa pessoal (bem sabe o senhor como os ingleses são orgulhosos), e porá contra o barão todos os seus amigos, que os tem muito bons. Pode o senhor calcular o que resultará daí, que é possível que não seja o que o senhor pensava.

O francelho, sem dúvida, estava com medo; efetivamente, tudo aquilo era muito parecido com a verdade e demonstrava que eu, em todo o caso, tinha meios de complicar a história.

— Mas suplico-lhe — começou, com voz inteiramente implorante, — suspenda tudo isso! Parece até que o senhor gosta de prolongar a complicação! Já lhe disse que tudo isso parece cômico, uma brincadeira… que é possível que o senhor o consiga… mas… numa palavra… — concluiu, ao ver que eu me levantava e pegava o chapéu, — vim entregar-lhe estas duas linhas da parte de certa pessoa; assim é que… me encarregaram de esperar a resposta.

Ao dizer isto, tirou do bolso e entregou-me um pequeno envelope, dobrado e selado a lacre.

A letra era do próprio punho de Polina:

> Parece-me que tem você a intenção de levar avante essa história. Zangou-se e começa a fazer travessuras de colegial. Mas existem circunstâncias especiais e é possível que mais tarde possa explicá-las; entretanto, há de fazer-me o favor de ficar quieto e ter juízo. Como tudo isso é estúpido! Você é-me necessário e prometeu obedecer-me. Lembre-se do Schlangenberg. Rogo-lhe que seja obediente, se for necessário, ordeno-lho. Sua P.
>
> P.S. — Se está zangado comigo pelo que houve ontem de tarde, perdoe-me.

Pareceu-me que tudo bailava diante de meus olhos, ao ler aquelas linhas. Meus lábios tornaram-se brancos e comecei a tremer. O maldito francês fitou-me com ar forçadamente sério e depois afastou de mim a vista, como para não presenciar a minha dor. Melhor teria sido se houvesse rido de mim.

— Está bem — respondi-lhe, — diga a *Mademoiselle* que pode ficar tranquila. Mas permita-me, não obstante, uma pergunta — acrescentei, bruscamente. — Por que demorou tanto a entregar-me esta carta? Em vez de ficar falando de ninharias, creio que deveria o senhor ter começado por isto… se é que o mandaram cá com este encargo.

— Oh! era isso que eu queria… Tudo isto é tão estranho que o senhor desculpará minha natural impaciência. Queria certificar-me logo, por mim mesmo, de quais eram as suas intenções. Eu, afinal de contas, não conhecia o teor da carta e pensava que sempre haveria tempo para entregá-la.

— Compreendo. Ordenaram-lhe que só entregasse a carta em último recurso, reservando-a para o caso de não chegar a um acordo verbal. Não é assim? Diga-me a verdade, Senhor De-Grillet!

— *Peut-être*[14] — assentiu, tomando um ar de particular discrição e lançando-me um olhar especial.

Peguei o chapéu; ele me fez uma saudação com a cabeça e foi embora. Pensei ver-lhe nos lábios um riso zombeteiro. Como poderia ser de outro modo?

“Haveremos de ajustar nossas contas, seu francelho! haveremos de medir nossas forças!”, murmurava eu, à medida que descia a escada.

Não podia ainda dar-me completa conta de nada, pois parecia que me haviam dado um golpe na cabeça. O ar livre refrescou-me.

Dois minutos depois, assim que recuperei minha lucidez, ocorreram-me com toda a clareza dois pensamentos: primeiro… que umas ninharias, umas ameaças de estudante, inverossímeis, de

menino, lançadas ontem, tinham suscitado alarme geral. E segundo… que influência exerceria aquele francês sobre Polina? Uma só palavra dele… e já estava ela fazendo tudo quanto ele necessitasse, escrevia cartinhas e até me suplicava. Decerto suas relações foram para mim um enigma desde os primeiros momentos, desde que os conheci; mas, não obstante, nos últimos dias… havia percebido nela uma decidida aversão e até desprezo para com ele, e ele nem sequer a olhava e até a tratava com grosseria. Era o que eu tinha notado. A própria Polina me falara de tal aversão; chegou mesmo a escapar-lhe uma expressão sumamente significativa… Quer dizer que ele, simplesmente, a dominava, tinha-a presa como em correntes…

## Capítulo VIII

No passeio, como aqui o chamam, ou seja, na alameda dos castanheiros, encontrei o meu inglês.

— Oh! oh!… — exclamou ao dar comigo. — Ia me procurar e eu ia vê-lo. Com que então, afastou-se dos seus?

— Ouça-me: antes de tudo, como sabe?… — perguntei-lhe, admirado. — Será que todo o mundo já sabe?

— Oh! não. Nem todo mundo sabe, e tampouco vale a pena que saiba! Ninguém fala disso.

— Então, como o senhor sabe?

— Sei porque tive ocasião de vir a saber casualmente. Mas para onde pensa ir agora? Gosto do senhor e por isso ia procurá-lo.

— O senhor é um homem excelente, *Mister* Astley — disse-lhe; além do mais, havia-me causado todo aquele espanto: como viera a saber? — E como ainda não tomei café e o senhor, decerto, terá tomado um, ruim, vamos os dois tomar café no cassino; sentaremos lá, fumaremos um cigarro, vou lhe contar tudo e… o senhor também contará tudo a mim.

O café achava-se a uns cem passos. Fomos servidos, sentamo-nos,

acendi um cigarro, eu somente, porque *Mister* Astley não fuma e, fitando-me, ele se dispôs a escutar-me.

— Não vou para parte nenhuma, mas fico aqui mesmo — comecei.

Ao dirigir-me ao encontro de *Mister* Astley não tinha absolutamente a intenção de contar-lhe nada, mas justamente o contrário, referente a meu amor por Polina. Em todos aqueles dias não lhe havia dito quase nem uma palavra a esse respeito. Além disso, ele, pela sua parte, era também muito tímido. Desde a primeira vez, havia eu notado que Polina lhe havia causado uma impressão extraordinária, se bem que nunca se referisse a ela. Mas, coisa rara, agora, de repente, mal ele se sentara e fixara em mim seus atentos olhos cor de estanho, não sei por que me veio a vontade de contar-lhe tudo, isto é, todo o meu amor com todos os seus matizes. Estive falando disso uma boa meia hora e foi-me muito grato tocar pela primeira vez nesse tema. Como observasse que, em alguns trechos, especialmente ardentes, dava ele demonstração de ficar desconcertado, eu, com toda a intenção, exagerava a veemência de meu relato. De uma só coisa me arrependo: é que tivesse dito algo demais a respeito do francês…

*Mister* Astley escutava, sentado diante de mim, imóvel, sem articular palavra, nem proferir som e sem afastar os olhos dos meus; mas quando falei do francês, atalhou-me imediatamente e perguntou-me com severidade: “Tinha eu direito de mencionar essa circunstância secundária?”. *Mister* Astley formulava sempre de um modo estranho suas perguntas.

— O senhor tem razão; receio que não — respondi-lhe.

— A respeito desse marquês e da Senhorita Polina o senhor nada pode dizer de positivo, além de algumas suposições.

Voltei a admirar-me de uma afirmação tão categórica nos lábios de um homem tão tímido como *Mister* Astley.

— Não; nada de concreto — respondi. — É claro que nada.

— Sendo assim, faz mal o senhor, não só em falar isso comigo, mas até em pensá-lo.

— Tem razão! Reconheço. Mas agora não se trata disso — interrompi, admirando-me no meu íntimo. Então passei a contar-lhe toda a história da véspera, com todos os seus pormenores, o encontro com Polina, meu caso com o barão, minha demissão, o exagerado medo do general e, finalmente, com todos os seus detalhes expus-lhe a visita recente de De-Grillet, sem omitir circunstância alguma; para terminar, mostrei-lhe a carta.

— Que tira o senhor a limpo de tudo isto? — perguntei — Ia justamente solicitar sua opinião. Pelo que a mim toca, de boa vontade teria matado esse francelho e é possível que ainda o faça.

— Também eu — disse *Mister* Astley. — Por causa do que está fazendo à Senhorita Polina… como o senhor sabe, entabulamos relações até com pessoas que nos são odiosas, quando a isso nos obriga a necessidade. Pode ser que neste caso existam relações que o senhor ignora, que dependam de circunstâncias acessórias. Creio que o senhor pode estar tranquilo… em parte, naturalmente. No que concerne à sua conduta de ontem; é sem dúvida estranha… não porque quisesse ela ver-se livre do senhor e o lançasse às bengaladas do barão (não compreendo como não haja manejado sua bengala, quando a tinha na mão), mas porque tal ocorrência, tratando-se de uma… senhorita tão distinta, torna-se… verdadeiramente indecorosa. É claro que ela não podia adivinhar que o senhor iria satisfazer tão plenamente sua caprichosa brincadeira…

— Sabe o senhor de uma coisa? — exclamei, de repente, olhando fitamente *Mister* Astley. — Parece que o senhor já estava ciente de tudo isso e sabe o senhor dos lábios de quem?… da própria Senhorita Polina!

*Mister* Astley fitou-me assombrado.

— Seus olhos lançam faíscas e leio neles uma suspeita — disse, voltando em seguida à sua anterior placidez. — Mas o senhor não tem o mínimo direito de exteriorizar suas suspeitas. Não posso reconhecer-lhe esse direito e nego-me redondamente a responder às suas

perguntas.

— Bem, basta! Não é preciso! — exclamei com estranha agitação e sem compreender por que me havia ocorrido exprimir aquela ideia. E quando, onde, de que modo podia ter Polina escolhido *Mister* Astley para fazer-lhe a confidência? Além do mais, nos últimos tempos eu perdera, de vista, em parte, *Mister* Astley e Polina sempre parecera tão enigmática que, por exemplo, agora, disposto a contar toda a história de meu amor a *Mister* Astley, de repente, em pleno relato, tive de desconcertar-me ao ver que nada de concreto e definitivo poderia dizer no referente às minhas relações com ela. Pelo contrário, tudo se tornava fantástico, singular, infundado, e até inverossímil.

— Está bem, está bem. Estou transtornado e não me dou conta cabal de muitas coisas ainda, — respondi-lhe, como que ofegante. — Além disso, é o senhor excelente pessoa. Agora, outro assunto, no qual vou pedir-lhe não seu conselho, mas sua opinião.

Guardei silêncio por algum tempo e depois comecei:

— Que lhe parece: por que o general terá esse medo todo? Por que, dessa minha estupidíssima travessura, formou toda essa história? História tal, que até o próprio De-Grillet julgou indispensável intrometer-se (e ele só se intromete em assuntos de suma gravidade) e vir visitar-me (ele!), rogando e suplicando a mim… ele, De-Grillet, a mim! Finalmente, preste bem atenção, veio ver-me às nove horas, às nove horas em ponto, e já tinha em seu poder a carta da Senhorita Polina. Quando a escreveu ela?, haverá o senhor de perguntar. Será possível que haja acordado a Senhorita Polina para isso? A não ser que, segundo vejo por esse detalhe, a Senhorita Polina seja sua escrava (pois chega até a pedir-me perdão!). Fora disto, que tem que ver, ela, pessoalmente, com tudo isso? Por que há de tomar tanto interesse? Por que tem todos tanto medo do barão? E que importa que o general vá casar-se com *Mademoiselle* Blanche de Cominges? Dizem que tem de reprimir-se de um modo especial, porque essa circunstância assim impõe… Mas o senhor há de convir comigo em que isso é bastante especial! Que pensa o senhor? A julgar por seus olhos, estou certo de que o senhor sabe mais de tudo isso do que eu!

*Mister* Astley sorriu e assentiu com a cabeça.

— Efetivamente, eu, pelo visto, estou mais ciente disso do que o senhor — disse. — Aqui o assunto todo afeta unicamente a *Mademoiselle* Blanche e estou convencido de que esta é a chave de tudo.

— Mas que tem que ver com isso *Mademoiselle* Blanche? — perguntei com impaciência.

Concebera de repente a esperança de que ia descobrir-se agora algo referente a *Mademoiselle* Blanche.

— Creio que *Mademoiselle* Blanche tem no presente momento especial interesse em evitar toda espécie de atritos com o barão e sua esposa… sobretudo desagradáveis, e mais ainda… escandalosos.

— Ora, ora!

— *Mademoiselle* Blanche, há três anos, na época da temporada, esteve já aqui em Rulettenburgo. Eu também me encontrava aqui naquela ocasião. Naquele tempo *Mademoiselle* Blanche não se chamava *Mademoiselle* de Cominges, nem tampouco existia então sua mãe, *veuve* Cominges: pelo menos não se falava dela. De-Grillet… De-Grillet tampouco existia. Tenho a convicção plena de que não só não são parentes, mas que até a amizade deles data de pouco tempo. O Marquês De-Grillet é também de cunho recente… estou certo disto graças a um detalhe. Pode-se até mesmo supor que não data de muito que se chama De-Grillet. Tenho aqui um amigo que o conheceu com outro nome.

— Mas ele conta positivamente com um círculo de amigos importantes.

— Oh! é possível! Também é possível que *Mademoiselle* Blanche os tenha. Mas há três anos, *Mademoiselle* Blanche, em virtude de uma queixa dessa mesma baronesa, recebeu um convite da polícia local para que abandonasse a cidade e assim o fez.

— Como foi isso?

— Havia-se apresentado aqui, a princípio, em companhia de um italiano, de não sei qual príncipe de nome histórico, como Barberini ou algo parecido. Era um sujeito todo cheio de anéis e brilhantes, aliás autênticos. Chegaram ambos numa carruagem admirável. *Mademoiselle* Blanche jogava o *trente et quarante*, a princípio, com boa sorte, mas depois, lembro-me, veio-lhe o azar. Lembro-me de que uma noite perdeu uma quantia considerável. Mas o pior de tudo foi que *un beau matin*, seu príncipe desapareceu tomando rumo desconhecido e desapareceram também os cavalos e os coches; desapareceu tudo. Devia enormemente no hotel. *Mademoiselle* Selma (convertera-se logo de Barberini em *Mademoiselle* Selma) achava-se no último grau de desespero. Andava por todo o hotel gritando e soluçando e, de raiva, rasgava até os vestidos. Mas havia aqui no hotel certo conde polaco (todos os polacos que viajam… são condes), e *Mademoiselle* Selma, rasgando as roupas, arranhando, como uma gatinha, o rosto com suas lindas e perfeitas mãos perfumadas, não deixou de causar-lhe impressão. Entabularam conversa e na hora do jantar já estava ela consolada. À noite, ele apareceu no cassino levando-a pelo braço. *Mademoiselle* Selma ria, segundo seu costume, às gargalhadas, e suas maneiras traduziam maior desenvoltura. Dirigiu-se para o grupo de senhoras que jogam na roleta e que, agarrando-se à mesa, empurram com o ombro os jogadores para arranjar lugar. É aqui o que há de chique para essas senhoras. Deve sem dúvida ter notado.

— Oh! sim!

— Não vale a pena tampouco prestar atenção a isto. Apesar do decorrente aborrecimento do público decente, não se afastam daqui, pelo menos aquelas que todos os dias trocam na mesa uma cédula de mil francos. Aliás, assim que deixam de trocar cédulas, são convidadas a ir embora. *Mademoiselle* Selma continuou por algum tempo trocando cédulas; mas a sorte lhe era contrária. Repare que essas senhoras costumam ter sorte no jogo; possuem um sangue frio admirável. Mas aqui termina minha história. Um dia, da mesma maneira que o príncipe, também desapareceu o conde. *Mademoiselle* Selma apareceu uma noite para jogar sozinha; mas daquela vez não houve quem lhe oferecesse o braço. Em dois dias acabou perdendo tudo. Depois de pôr na roleta seu derradeiro luís de ouro e de perdê-lo, correu a vista em

redor e deu com os olhos no Barão Burmerhelm, que estava a seu lado e a fitava com profunda indignação. Mas *Mademoiselle* Selma não reparou nessa indignação e, dirigindo-se ao barão, com certo sorriso, rogou-lhe que pusesse por ela dez luíses no vermelho. Em consequência disto e a instâncias da baronesa, naquela mesma noite convidaram-na a não deixar-se mais ver na sala de jogo. Poderá por acaso lhe causar espanto que esteja eu ciente desses pequeninos detalhes nada decorosos, mas deve-se isto a referências de *Mister* Filler, parente meu, que naquela noite conduziu *Mademoiselle* Selma, em sua carruagem, de Rulettenburgo a Spa. Agora pense o senhor: *Mademoiselle* Blanche quer ser generala, provavelmente para estar de futuro a coberto de convites como o que há três anos teve de fazer-lhe a polícia da sala de jogo. Agora não joga mais; deve-se isto, porém, a que, presentemente, segundo todos os indícios, se dedica a emprestar dinheiro, com usura, aos jogadores. Isto é muito mais produtivo. Suspeito também de que o pobre do general esteja a dever-lhe muito. E é possível que De-Grillet também. Embora possa dar-se que seja seu sócio. Compreenderá o senhor que, pelo menos, até que se case, não queira chamar sobre si a atenção do barão e da baronesa. Numa palavra: que, em sua situação, o escândalo é o que menos pode convir-lhe. O senhor está ligado à casa dele, e sua conduta pode suscitar escândalo, tanto mais quanto se apresenta ela todos os dias, de público, pelo braço do general ou em companhia da Senhorita Polina. Compreende agora?

— Não, não compreendo! — exclamei e, com todas as minhas forças, descarreguei na mesa um murro que pôs em fuga, assustado, o garçom. — Diga-me, *Mister* Astley — repeti, exaltado, — uma vez que conhecia já o senhor toda essa história e, portanto, tinha também por força de saber de memória quem é essa *Mademoiselle* Blanche de Cominges… como é que não me advertiu disso, ainda que houvesse sido apenas a mim… ou ao próprio general, em último caso, e, sobretudo, à Senhorita Polina, que se deixa ver aqui, na sala de jogo, em público, pelo braço de *Mademoiselle* Blanche? Como pôde ser isso?

— Não me incumbia preveni-lo, porque o senhor não podia fazer nada — respondeu-me *Mister* Astley, tranquilamente. — Adverti-lo de que, afinal? É possível que o general saiba mais a respeito de

*Mademoiselle* Blanche do que eu, e, não obstante, passeia com ela e com a Senhorita Polina. O general… é um pobre homem. Pude ver ontem à noite *Mademoiselle* Blanche cavalgando um lindo cavalinho, com o Senhor De-Grillet e com aquele principezinho russo, enquanto o general ia atrás deles, montado num alazão. Dizia esta manhã que lhe doíam as pernas, mas que seu porte era bom. E eis que me ocorreu naquele momento que era ele um homem completamente perdido. Aliás, isto a mim não afeta e faz muito pouco tempo que conheço a Senhorita Polina. Mas, afinal de contas — concluiu de repente *Mister* Astley, — já lhe disse que não podia reconhecer-lhe o direito de fazer-me perguntas, não obstante o afeto sincero que sinto pelo senhor.

— Basta — disse, levantando-me. — Agora vejo claro como o dia que a Senhorita Polina sabe de tudo quanto se refere a *Mademoiselle* Blanche, mas não pode romper com esse francês e por isso decide-se a sair a passeio com *Mademoiselle* Blanche. Está certo de que nenhuma outra razão a obriga a sair a passeio com *Mademoiselle* Blanche e a rogar-me em sua carta que não incomode o barão? Aqui, precisamente, devemos ver essa influência, diante da qual todos se inclinam. E apesar disso, repare bem: foi ela mesma quem me atiçou contra o barão. O diabo carregue tudo, pois não há meio de compreender nada!

— Em primeiro lugar, esquece-se o senhor de que a referida *Mademoiselle* de Cominges… é a noiva do general, e em segundo que Polina, a enteada do general, tem um irmãozinho e uma irmãzinha, filhos legítimos daquele, já abandonados por esse louco e aos quais, segundo parece, despojou de todos os seus bens.

— Ah! sim, sim! É isso! Deixar os filhos… quer dizer, abandoná-los por completo, prescindir deles… É isso, defender seus interesses, salvar algo dos bens. Sim, sim: isto é verdade! Mas, apesar disso, apesar disso… Oh! isso explica por que todos aqui se interessam tanto pela *babúlinhka*!

— Por quem?

— Por aquela velha bruxa de Moscou, que não resolve morrer e de que aguardam todos a notícia da morte, por telegrama.

— Ah! é claro; naturalmente, todo o interesse se concentra nela!… Tudo se concentra na herança! Assim que se confirmar a herança, o general casa, a Senhorita Polina fica livre e De-Grillet…

— De-Grillet, o quê?

— Ora, De-Grillet cobrará seu dinheiro; é a única coisa que aqui aguarda.

— A única coisa? Acha que é a única coisa que aqui aguarda?

— Não conheço outra — e *Mister* Astley manteve-se num teimoso silêncio.

— Pois eu sei, eu sei! — repeti, com veemência. — Ele aguarda também a herança, porque à Senhorita Polina darão um dote e assim que houver recebido o dinheiro vai se atirar ao pescoço dela… imediatamente. Todas as mulheres são assim. E as mais orgulhosas são as que logo se tornam as escravas mais vis. Polina só é capaz de amar apaixonadamente, e nada mais. Aqui tem o senhor a opinião que ela me merece. Repare nela, sobretudo quando está só, pensativa… há nela algo de premeditado, de previamente combinado, jurado. É capaz de todos os horrores da vida e da paixão… ela… ela… mas, quem me chama? — exclamei, de repente. — Quem dá esses gritos? Ouvi gritarem em russo: “Alieksiéi Ivânovitch!”. Uma voz de mulher, o senhor não ouve, não ouve?

Naquele momento dirigíamo-nos para nosso hotel. Havia algum tempo que, sem perceber, tínhamos abandonado o café.

— Ouvi, sim, vozes de mulher; mas não sei a quem chamavam; era em russo; agora vejo quem dava os gritos — indicou *Mister* Astley — era aquela mulher que está sentada naquela grande cadeira e a quem acabam de introduzir no vestíbulo todos aqueles lacaios. Vêm aí atrás com umas malas, o que indica que acaba de chegar.

— Mas por que chamaria a mim? Olhe, está gritando outra vez; repare: faz-nos sinais com as mãos.

— Estou vendo que nos faz sinais — disse *Mister* Astley.

— Alieksiéi Ivânovitch! Alieksiéi Ivânovitch! Ah! meu Deus, que palerma!

E os gritos soavam, desesperados, no vestíbulo do hotel.

Saímos correndo para lá. Cheguei ao patamar e… os braços caíram-me de assombro e os pés pareceram criar raízes na terra.

## Capítulo IX

No patamar do amplo vestíbulo do hotel, conduzida para ali numa cadeira, rodeada de criados de um e outro sexo e da numerosa e obsequiosa criadagem do hotel e na presença do *oberkellner*, o primeiro garçom, que havia acorrido para receber a inesperada hóspede, ali desembarcada com tamanho aparato e ruído, com criadagem particular e com tantas malas e baús, estava sentada a… *bábuchka*. Sim, era ela mesma, a formidável e rica, Antonida Vassílievna Tarásitcheva, dama burguesa de Moscou, com seus setenta e cinco anos às costas; a *babúlinhka*, a respeito da qual passavam e recebiam telegramas para saber se morria ou não morria e que, de repente, ela mesma, em pessoa, nos caía em cima como neve na cabeça. Apresentou-se ali, não obstante estar impossibilitada, carregada, como sempre, desde cinco anos, numa cadeira; mas, segundo seu costume, bem esperta, ardente e ufana, ereta em sua cadeira, dando gritos fortes e imperiosos, brigando com todo mundo… sim, exatamente a mesma que eu tivera a honra de ver duas vezes, desde que entrei como preceptor para a casa do general. Naturalmente, estava diante dela, fulminado de assombro. Ela me vira, com seus olhos de lince, à distância de cem passos, quando a conduziam de cadeira e me reconheceu e me chamou por meu nome e patronímico… que, segundo seu costume, aprendera de uma vez para sempre. “E essa então era a tal que esperavam ver morta e enterrada, depois de haver-lhes deixado uma herança — pensei imediatamente, — quando ela é quem haverá de sobreviver-nos a todos e a toda a gente do hotel? Agora vai virar o hotel de cabeça para baixo!”

— Bem, vamos ver: que se passa contigo, *bátiuchka*, que estás aí plantado, de olhos esbugalhados? — continuou ela, gritando para mim. — Será que não sabes cumprimentar… ou será que te queres dar importância? Será possível que não me reconheças? Escuta, Potápitch — disse, encarando um velho de cabelos brancos, de fraque e de gravata branca e com uma calva rosada, seu porteiro, que a acompanhara na viagem. — Olha só: não me reconhece. Enterraram-me! Telegrama após telegrama, indagavam: “Morre ou não morre?”.

Bem vês que sei de tudo! Mas eu, como podes ver, ainda estou vivinha.

— Mas, por favor, Antonida Vassílievna, por que haveria eu de querer-lhe tanto mal? — respondi, jovialmente, recompondo-me afinal. — É que foi uma surpresa… Como não ficar assombrado com uma coisa tão inesperada?!

— Por que hás de ficar assombrado, tu? Tomei o trem e fiz a viagem. No vagão fica-se à vontade, não há solavancos. Então, saíste a dar um passeio?

— Sim, andei pelo cassino.

— Aqui se está bem — disse a *bábuchka*, girando os olhos em redor. — Temperatura temperada e árvores opulentas. Quanto me agrada! Mas, e a nossa gente? E o general?

— A estas horas estão todos em seus aposentos.

— Ah! têm aqui também horas estabelecidas e cerimônias? Como bancam os importantes! Vivem à grande, ouvi dizer, *les seigneurs russes*. E Praskóvia está com eles?

— Sim. Polina Alieksándrovna deve estar com eles…

— E o francelho? Bem, hei de ver todos. Alieksiéi Ivânovitch, mostra-me o caminho direto para ir a seu quarto. Estás aqui a gosto?

— Como em minha casa, Antonida Vassílievna.

— Tu, Potápitch, dize a esse estúpido camareiro que necessito de um quarto, confortável e no primeiro andar, e que me transportem para ele imediatamente a bagagem. Mas por que todos querem carregar-me? Por que se intrometem? Ah! escravos!… Quem é esse que está aí contigo?

— É *Mister* Astley — respondi-lhe.

— E quem é *Mister* Astley?

— Um viajante, bom amigo meu! Amigo também do general.

— Inglês. Não faz senão olhar-me fixamente e não diz nada. Afinal, gosto dos ingleses. Bem, para cima, diretamente ao quarto deles. Onde é?

Transportaram a *babúlinhka*; sai correndo, à frente, pela larga escada do hotel. Nosso cortejo causava intensa impressão. Todos quantos encontrávamos no caminho detinham-se e nos olhavam de olhos arregalados. Nosso hotel conta-se entre os melhores, os mais caros e mais aristocráticos desta estação de águas. Na escadaria e nos corredores encontram-se sempre imponentes senhoras e graves ingleses. Muitos faziam perguntas em voz baixa ao camareiro-mor, que, por sua vez, estava bastante impressionado. Sem dúvida, responderia a todos os perguntadores que se tratava de uma estrangeira de alta importância, *une russe, une comtesse, grande dame*, e que ia ocupar os mesmos aposentos que, uma semana antes, tinham sido ocupados pela *grande duchesse de N****. A imperiosa e dominante figura da avozinha, transportada numa cadeira, produzia profundo efeito. Quando se encontrava com alguma pessoa desconhecida, ia logo medindo-a de cima a baixo com olhos curiosos e fazendo-me perguntas em voz alta. A avozinha era de raça vigorosa e, embora não se levantasse da cadeira, sentia-se, com apenas vê-la, que era de elevada estatura. Seus ombros mantinham-se tesos como uma tábua e não se apoiavam no espaldar da cadeira. Sua cabeça encanecida, grande, com um rosto de feições fortes e acentuadas, mantinha-se erguida; olhava de modo altaneiro e como que provocativo e era de notar que seu olhar e seus gestos eram perfeitamente naturais. Não obstante seus setenta e cinco anos, tinha um rosto bastante fresco e nem sequer lhe faltavam dentes. Trazia um vestido de seda negra e touca branca.

— Isto é para mim muito interessante — disse-me em voz baixa *Mister* Astley, que subia a escada comigo.

“Está ciente dos telegramas — pensava eu. — Conhece também De-Grillet; mas, segundo parece, não conhece bem ainda *Mademoiselle* Blanche.”

Imediatamente comuniquei isto a *Mister* Astley.

Homem pecador! Nem bem me passou o primeiro assombro, tive de alegrar-me enormemente com a tempestade que levávamos naquele momento para o general. Aquilo foi para mim um excitante e eu subia radiante de contentamento.

Os nossos viviam no terceiro andar; não me anunciei, nem ao menos bati à porta, mas simplesmente cheguei e a abri, de par em par, entrando por ela a avozinha triunfalmente. Todos estavam, como que de propósito, reunidos em conferência no gabinete do general. Era meio-dia, e, ao que parece, estavam projetando não sei que excursão: uns, de carro, outros a cavalo, todos juntos e, além disso, seriam convidados alguns amigos. Além do general e Polina, com os meninos e suas amas, encontravam-se no gabinete De-Grillet, *Mademoiselle* Blanche, outra vez em traje de amazona, sua mãe, *Madame veuve* Cominges, o principezinho e não sei qual douto viajante alemão, que eu via pela primeira vez entre eles. A cadeira com a avozinha foi deter-se em meio do gabinete, a três passos do general. Meu Deus! Jamais esquecerei aquela cena! Ao entrarmos, estava o general contando não sei que coisa e De-Grillet o retificava. É preciso observar que *Mademoiselle* Blanche e De-Grillet há três dias vivem fazendo muitas festas, não sei por que, ao principezinho, *à la barbe du pauvre général*, e a reunião, embora pudesse tudo aquilo ser artificial, encontrava-se na disposição de ânimo mais alegremente familiar. À vista da avozinha, o general ficou, de repente, estupefato, abriu a boca e não conseguiu dizer nada. Olhava-a, de olhos esbugalhados, como se estivesse fascinado pelo olhar do basilisco. A avozinha também o contemplava em silêncio, fixamente… Mas com que olhar triunfante, desafiador e zombeteiro! Ambos estiveram a entrefitar-se assim por espaço de dez segundos, em meio do silêncio geral de todos os presentes. De-Grillet, a princípio, ficou impassível, mas não tardou em assomar-lhe ao rosto uma inquietação extraordinária. *Mademoiselle* Blanche arqueou as sobrancelhas, abriu a boca e fitou avidamente a avozinha. O príncipe e o sábio, com intensa perplexidade, contemplavam todo aquele quadro. O olhar de Polina deixou transluzir assombro e dúvida extraordinários; mas logo ficou branca como um lenço; num momento afluiu-lhe o sangue ao rosto e tingiu-lhe as faces. Sim, aquilo era a catástrofe para todos! Eu não fazia senão passear alternativamente meu olhar da avozinha para todos os

presentes. *Mister* Astley estava de pé, a um lado, tranquilo e digno, segundo seu costume.

— Bem, aqui estou! Em lugar de tanto telegrama!… — disse, afinal a avozinha, dando fim ao silêncio. — Com que então não me esperavam?

— Antonida Vassílievna… querida titia! Mas como…! — murmurou o desditoso general. Se a avozinha tivesse tardado em falar tantos segundos, ele teria tido um ataque.

— Que como?… Subi num trem e vim. Para que existem os trens de ferro? Mas vocês todos pensavam: "Já deverá ter esticado a canela e somos todos seus herdeiros". Porque hás de saber que sei de tudo a respeito dos telegramazinhos que passavas daqui. Bom dinheiro devem ter custado. Aqui tudo é caro. Mas pus sebo nas canelas e vim para cá. É esse o francês? O senhor De-Grillet, não?

— *Oui, madame*… — assentiu De-Grillet, — *et croyez je suis si enchanté… Votre santé… C'est un miracle… vous voir ici, une surprise charmante*[15].

— Sim, sim, *charmante*. Não passas de um cômico, mas a mim não me enganas; não acredito em ti nem um tantinho assim — e mostrou-lhe o dedo mindinho. — E quem é essa? — Disse, virando e apontando *Mademoiselle* Blanche. A provocante francezinha, vestida de amazona, com o chicote na mão, havia-a chocado visivelmente. — É daqui?

— É *Mademoiselle* Blanche de Cominges e aquela é sua *mámienhka, Madame* de Cominges. Vivem em nosso hotel — apresentei eu.

— Senhora casada? — indagou a avozinha sem mais cerimônias.

— *Mademoiselle* de Cominges é solteira — respondi o mais respeitosamente que pude e com toda a intenção, em voz alta.

— Alegre?

Não quis compreender a pergunta.

— A gente não se aborrece ao lado dela?… Compreende o russo? Aí está De-Grillet que lá em Moscou aprendeu a estropiá-lo.

Expliquei-lhe que *Mademoiselle* de Cominges nunca estivera na Rússia.

— *Bonjour*! — exclamou a avozinha, encarando bruscamente *Mademoiselle* Blanche.

— *Bonjour, madame* — disse, cerimoniosa e elegantemente *Mademoiselle* Blanche, conseguindo deixar transluzir, sob o disfarce de uma discrição e cortesia extraordinárias, em toda a expressão de seu rosto, sua enorme estupefação diante daquela estranha pergunta e daquela estranha interpelação.

— Oh! Baixa a vista, anda com melindres e cerimônias; agora pareces um passarinho; uma atriz! Eu fico no hotel, lá embaixo — disse, fitando o general. — Eu vou ser tua vizinha. Ficas alegre ou não?

— Oh! titia! Fique a senhora certa da sinceridade… de minha satisfação — encareceu o general, que já se havia recomposto, até certo ponto e como, quando era ocasião, sabia exprimir-se bem, com gravidade e sem pretensões de produzir efeito, também agora se dispunha a sair do apuro. — Estávamos tão alarmados e transtornados com as notícias de seu estado de saúde! Recebíamos uns telegramas tão pessimistas… e de repente…

— Vamos, mente, mente! — atalhou logo a *bábuchka*.

— Mas como? — apressou-se em interrompê-la a voz tonante do general, que procurou não reparar naquele “mente”!, — como se decidiu a senhora, apesar de tudo, a empreender tão longa viagem? Reconheça a senhora mesma que, na sua idade e no estado de saúde em que se encontra… pelo menos tudo isto foi tão inesperado… que é compreensível nosso assombro. Mas se visse como me alegro… E todos nós — começou a sorrir graciosa e untuosamente — nos esforçaremos por todos os meios para tornar sua estada aqui como a mais grata distração…

— Bem, basta. Falas por falar, como é teu costume. Saberei bem viver à minha vontade. Aliás, não te quero mal; sei esquecer as ofensas. Quanto à tua pergunta a respeito de minha viagem, que há nisto de assombroso? Nada mais simples. E isto surpreende a todos? Bom dia, Praskóvia. Que fazes aqui?

— Bom dia, *bábuchka* — disse Polina, aproximando-se dela. — A viagem foi muito demorada?

— Eis pelo menos uma pergunta sensata. Os outros se limitam a lançar ohs! e ahs! Pois bem, escuta: vivia eu de cama e me tratavam e me davam remédios, até que atirei os médicos às favas e mandei chamar o sacristão de São Nicolau, que havia curado com feno miúdo uma mulher que estava com a mesma enfermidade. Bem, pois a mim também me serviu; ao fim de três dias comecei a suar da cabeça aos pés e levantei-me. Em seguida, voltaram a reunir-se os meus alemães, que puseram os óculos e deliberaram: "se agora — disseram, — a senhora seguir para o estrangeiro, a fim de fazer uma estação de água, a obstrução desaparecerá completamente". Por que não? — disse a mim mesma. Os Dur-Zajíguin[16] lançaram suspiros! "Mas aonde vai a senhora?" Que acham vocês? Em um dia fiz todos os preparativos e, na semana passada, na sexta-feira, peguei minha criada de quarto, depois Potápitch, Fiódor, o lacaio, a quem despedi em Berlim, porque via que não me fazia falta alguma e teria eu podido fazer a viagem sozinha. Reservei um vagão especial. Quanto a carregadores, existem em todas as estações e, por vinte copeques, carregam a gente para onde se quiser. Mas deixem-me ver o quarto que alugaram! — concluiu, examinando tudo. — De onde tiraste o dinheiro, *bátiuchka*, uma vez que tens tudo hipotecado? Deves estar devendo este dinheirinho a este francês. Sei de tudo, sei de tudo!

— Eu, titia… — começou o general, todo confuso. — Estou verdadeiramente admirado, titia… Creio que posso, sem controle de ninguém… Minhas despesas não ultrapassam meus recursos e nós aqui…

— A que chegam teus recursos?… disseste isto? Deves ter tirado a teus filhos até o último recurso, mau tutor que és!

— Depois disto, depois destas palavras — começou o general, indignado, — já não sei…

— Que é que não sabes? Será que ganhas na roleta?

O general estava tão transtornado que mal podia falar, tal a força da emoção.

— Na roleta? Um homem de minha categoria? Eu? Volte a si, titia, que, sem dúvida, deve estar mal de saúde…

— Ora, mentes, mentes! Será que não podes ganhá-lo ali? Mentes! Mas hoje mesmo hei de ver eu mesma que negócio é este de roleta. Tu, Praskóvia, me dirás que é que há aqui para ver, e tu também, Alieksiéi Ivânovitch, o indicarás; quanto a ti, Potápitch, tomarás nota dos lugares aonde se pode ir em excursão. Que há para ver por aqui? — insistiu, dirigindo-se outra vez a Polina.

— Por aqui perto temos as ruínas de um castelo e, além do mais, Schlangenberg.

— Que é isto de Schlangenberg? Algum bosquezinho?

— Não; nada de bosque; é uma montanha. Há ali uma *pointe*.

— Que é isto de *pointe*?

— O lugar mais alto da montanha, um lugar cercado. Dali se desfruta uma perspectiva sem igual.

— E poderão carregar a cadeira até o alto da montanha? Poderão subir até lá?

— Oh! Pode-se procurar carregadores! — respondi-lhe.

Naquele instante veio cumprimentar a avozinha Fiedóssia, a ama de meninos, trazendo consigo os filhos do general.

— Nada de beijos! Não gosto de beijocar meninos: estão sempre sujos. Bem, dize-me: como vais aqui, Fiedóssia?

— Aqui se passa muito bem, muito bem, *mátuchka* Antonida

Vassílievna — respondeu Fiedóssia. — E a senhora, como tem passado? Estávamos todos tão inquietos por sua causa!

— Bem sei. És uma alma simples. E quem são esses? Convidados? — perguntou, dirigindo-se de novo a Polina. — Quem é esse magricela de óculos?

— O Príncipe Nílski, vovó — murmurou Polina.

— Ah! Um russo! E eu que pensava que ele não me entendia! Talvez não me haja ouvido. A *Mister* Astley já ouvi antes. Mas está outra vez aqui? — disse com assombro a avozinha. — Bom dia! — exclamou, fitando-o, imediatamente.

*Mister* Astley fez-lhe, em silêncio, uma reverência.

— Mas vamos ver: que nos conta o senhor de bom? Diga-nos algo. Traduza-lhe, isto, Polina.

Polina traduziu.

— Tenho muito gosto e alegria em encontrá-la tão bem de saúde — respondeu *Mister* Astley seriamente, mas com extraordinária solicitude.

Traduziram para a avozinha e esta demonstrou ter-lhe sido aquilo muito de seu agrado.

— Como respondem sempre bem os ingleses! — observou. — Não sei por que, sempre tive simpatia pelos ingleses; não se pode compará-los com os francelhos. Aproxime-se de mim — disse, voltando a encarar *Mister* Astley. — Farei todo o possível para não incomodá-lo muito. Traduzam-lhe isto e digam-lhe que tenho meus aposentos aqui embaixo… aqui embaixo… ouça bem, embaixo, embaixo — repetiu a *Mister* Astley, apontando naquela direção com o dedo.

A *Mister* Astley lisonjeou extraordinariamente o convite.

Com olhar atento e satisfeito, a avozinha passou Polina em revista, dos pés à cabeça.

— A ti, Praskóvia, quero-te muito — exclamou de repente. — És uma boa menina, a melhor de todos, mas tens um gênio… Ufa! Bem, também eu tenho. Vem cá. Será que trazes postiços na cabeça?

— Não, *babúlinhka*. É meu cabelo mesmo.

— Bem, bem, não gosto dessa moda estúpida. És muito bonita. Se fosse homem, me apaixonaria por ti. Com quem te irás casar? Mas, está bem, já é hora de ir-me embora. E quero dar um passeio. Estou farta de vagão e mais vagão… Bem, vamos ver: continuas enfadado? — disse, encarando o general.

— Por favor, titia, basta! — suplicou, alvoroçado, o general. — Compreendo que, na sua idade…

— *Cette vieille est tombée en enfance*[17] — sussurrou-me ao ouvido De-Grillet.

— E quero também ver tudo isto. Vais me emprestar Alieksiéi Ivânovitch, não? — continuou a avozinha, dirigindo-se ao general.

— Oh! com muito gosto! Mas eu também… e Polina, e o Senhor De-Grillet… teremos todos verdadeira satisfação em acompanhá-la…

— *Mais, madame, cela sera un plaisir*, — assentiu De-Grillet, com um sorriso encantador.

— Sim, sim, *plaisir*. Fazes-me rir, *bátiuchka*. Mas desde logo te digo que não te hei de dar dinheiro — acrescentou, de repente, fitando o general. — Bem, vou para meus aposentos: preciso vê-los. E depois iremos a todos esses lugares. Vamos, levantai-me.

Levantaram de novo no ar a avozinha e todos nos dirigimos, fazendo escolta à cadeira, escadas abaixo. O general seguia como um indivíduo entontecido por uma porretada na cabeça. De-Grillet ruminava alguma coisa. *Mademoiselle* Blanche desejaria ficar ali de boa vontade, mas não sei por que julgou oportuno sair também com todos. Em suas pegadas vinha também o príncipe e, em cima, no quarto do general, só ficaram o alemão e *Madame veuve* Cominges.

# Capítulo X

Nas águas — e, segundo parece, em toda a Europa, — os proprietários dos hotéis e os camareiros-mores, ao destinar aposentos aos viajantes, atendem não tanto às exigências e gostos como às suas ideias pessoais, e é preciso fazer constar que raras vezes se equivocam. Mas à avozinha, não sei por que destinaram-lhe um apartamento tão luxuoso que passaram da medida: quatro peças magníficas, com banheiros, com quartos para a criadagem, um quartinho particular para a criadinha, etc., etc. Efetivamente, naqueles aposentos, hospedara-se uma semana antes não sei qual grã-duquesa, o que imediatamente, sem dúvida, notificariam à nova hóspede, no objetivo de dar mais valor ao apartamento. Conduziram a avozinha ou melhor dito, arrastaram-na por todos os quartos a que atenta e severamente passou em revista. O *oberkellner*, homem já de certa idade, calvo, acompanhou-a respeitosamente naquele exame preliminar.

Não sei por quem tomariam todos eles a *babúlinhka*, mas, naturalmente, por uma pessoa de suma importância e, sobretudo, riquíssima. No livro anotaram imediatamente: "*Madame la générale, princesse de Tarásitcheva*", muito embora a avozinha nunca tivesse sido princesa. Sua criadagem, seu carro particular no trem, aquela grande quantidade de baús, cofres e até arcas, supérfluos, que acompanhavam a avozinha, certamente conferiram-lhe desde o primeiro momento um grande prestígio; mas a cadeira, sua voz cortante, suas perguntas extravagantes, formuladas num tom insistente e que não admitia réplica, numa palavra: todo o aspecto da avozinha — erecta, brusca, imperiosa — veio completar a reverência que inspirava. Ao passar aquela revista aos aposentos a avozinha, de vez em quando, mandava parar a cadeira, apontava algum objeto da mobília e dirigia alguma pergunta inesperada ao camareiro-mor, que sorria respeitoso, mas já com assomos de medo. A avozinha fazia suas perguntas em francês, que falava, seja dito de passagem, bastante mal, pelo que eu, habitualmente, as traduzia. As respostas do camareiro-mor, em geral, não a satisfaziam, achando-as insuficientes. Mas é que ela perguntava sempre como se não se referisse àquilo, senão Deus sabe a quê. De repente, por exemplo, detinha-se diante de um quadro… Uma cópia bastante fraca de algum original desconhecido de assunto mitológico.

— De quem é esse retrato?

O camareiro-mor explicava-lhe que provavelmente de alguma condessa.

— Mas como não o sabes? Com que então vives aqui e não o sabes? Por que reviras os olhos?

A todas essas perguntas, o camareiro-mor não podia responder de modo satisfatório e até se atrapalhava.

— Que charlatão! — dizia a avozinha em russo.

Levavam-na mais adiante. A mesma história se repetia diante de uma estatueta da Saxônia, que a avozinha examinava longamente e depois ordenava que tirassem dali, ninguém sabia por quê. Finalmente passou a brigar com o camareiro: quem tinha posto aqueles tapetes no quarto e onde eram feitos? O camareiro prometeu informar-se.

— São uns asnos! — resmungou a *babúlinhka* e, concentrando toda sua atenção no leito: — Que baldaquino tão pomposo! Vamos ver, tirem-no daí.

Tiraram o baldaquino.

— Não, não. Tirem tudo! Tirem os travesseiros, o colchão de pena!

Revolveram tudo. A avozinha examinou tudo atentamente.

— Bem; verifico que não há percevejos. Tirem toda a roupa de cama. Tragam minha roupa de cama e meus travesseiros. Mas tudo isto é demasiado luxuoso! Para que quero eu, uma velha, um quarto como este? Só para aborrecer-me. Alieksiéi Ivânovitch, virás ver-me a miúdo, depois de dares aulas aos meninos.

— Desde ontem já não estou a serviço do general — respondi-lhe. — Vivo no hotel inteiramente por minha conta…

— Como é isto?

— Porque há alguns dias chegou aqui um famoso barão alemão,

com sua esposa, a baronesa, procedente de Berlim. E ontem, no passeio, ocorreu-me falar-lhe em alemão, empregando a pronúncia berlinense.

— Mas que aconteceu?

— Aconteceu que ele achou isso uma grosseria e foi queixar-se ao general, e o general, ontem à noite, participou-me que eu estava despedido.

— Mas será que insultaste, ou coisa parecida, o barão? Mesmo que o tivesses ofendido não era caso para tanto.

— Oh! não! Pelo contrário, foi o barão quem levantou a bengala contra mim.

— E tu, moleirão, permites que tratem desse modo teu preceptor? — exclamou, dirigindo-se, de repente, ao general. — E ainda por cima o despedes! São vocês todos uns bobalhões… Todos uns galinhas, segundo estou vendo.

— Não se inquiete, titia — respondeu o general com certo tom de altiva familiaridade. — Sei o que faço. Além do mais, Alieksiéi Ivânovitch não lhe contou a coisa tal como foi.

— E tu, como suportaste essa injúria? — interpelou-me.

— Eu queria desafiar o barão — respondi-lhe com toda a clareza e serenidade possível, — mas o general se opôs.

— Por que te opuseste? — e a avozinha tornou a fitar o general. — E tu, *bátiuchka*, vai-te e volta quando te chamarem — intimou ela ao camareiro. — Não é preciso que fiques aí plantado como um paspalhão. Não posso tolerar esse basbaque nuremburguês.

O camareiro deu meia volta e retirou-se, sem entender, é claro, aqueles cumprimentos da avozinha.

— Mas, titia, por favor, é possível esse duelo? — respondeu o general, com um sorrisinho.

— E por que não há de ser possível? Vós todos, homens, sois uns galos e brigais por qualquer coisa. Segundo estou vendo são todos uns moleirões; não sabem sair em defesa de sua pátria. Vamos, levantem-me! Potápitch, dá as ordens necessárias para que sempre haja dois carregadores à minha disposição; contrata-os e ajusta com eles as minhas condições. Dois, bastarão. Terão de levantar-me somente para subir as escadas, porque no terreno plano, na rua… bastará que me empurrem; dize-lhes isso e paga-lhes adiantado, para que eles se mostrem mais respeitosos. Ficarás sempre a meu lado. E tu, Alieksiéi Ivânovitch, terás de mostrar-me esse tal barão no passeio; quero conhecer, ainda que seja de vista, esse *von-baron*. Bem, vamos ver: onde se encontra essa famosa roleta?

Expliquei-lhe que a roleta estava instalada no cassino, nas salas. Logo se seguiram estas perguntas: "Há muitas? Funcionam o dia inteiro? Como funcionam?". Respondi-lhe que o melhor era ver tudo isso com os próprios olhos, sendo bastante difícil descrevê-lo com palavras.

— Está bem, pois então me levem para lá imediatamente. Vai tu na frente, Alieksiéi Ivânovitch.

— Mas, titia, a senhora nem descansou da viagem! — exclamou, solícito, o general.

Parecia algo inquieto e todos os presentes começavam a entrefitar-se. Provavelmente, sentiam todos algum embaraço e até vergonha no ir escoltando a avozinha diretamente para a sala de jogo onde, como era natural, poderia praticar alguma extravagância em público. Não obstante isto, todos se ofereciam para acompanhá-la.

— Mas para que preciso descansar? Não estou cansada e, além disso, estou sentada há cinco dias. E, também, temos de ver as fontes e as águas minerais e onde se acham… E, além do mais… essa… como disseste, Praskóvia?… essa *pointe*, não?

— *Pointe, babúlinhka*.

— *Pointe*, isso mesmo, *pointe*. E além disso, que é que há aqui?

— Ora viva, muitas coisas, vovó — respondeu Polina, embaraçada.

— Com que então tu mesma não o sabes? Marfa, tu também virás comigo! — disse à sua criada.

— Mas por que há de ir ela também, titia? — interveio, de repente, o general. — Isto, afinal, não é possível e também não deixarão entrar Potápitch no salão.

— Ora, isto é um absurdo! Ela é uma criada e por causa disto vão pô-la para fora? Ela também é gente. Faz uma semana que andamos aos trambolhões pelas estradas e também há de querer ver coisas. Com quem há de estar ela senão comigo? Sozinha, nem se atreveria a pôr a ponta do nariz na escada.

— Mas, vovó!

— Será que tens vergonha de vir comigo? Pois então fica em casa, que ninguém sente tua falta. Que general esse! Eu sim é que sou uma generala! Aliás, reparando bem, para que levar vocês todos a reboque? Posso ver tudo com Alieksiéi Ivânovitch.

Mas De-Grillet insistiu para que todos a acompanhassem e apressou-se em exprimir, com as mais amáveis frases, a satisfação que sentiria ele em escoltá-la, etc., etc. Todos ficaram comovidos.

— *Elle est tombée en enfance* — repetia De-Grillet ao general. — *Seule, elle fera des bêtises*.

Não pude ouvir mais. Era evidente, porém, que abrigava alguma intenção e talvez mesmo ilusões.

Dali à sala de jogo haveria uma meia versta. Nosso caminho seguia a alameda dos castanheiros até o largo, à margem do qual já se estava no salão. O general tranquilizou-se um pouco, porque nosso cortejo, embora um tanto excêntrico, nem por isso era menos digno e decente. Demais, nada havia de surpreendente no fato de que aparecesse, naquelas águas uma pessoa enferma e entrevada. Mas, pelo visto, o general tinha medo da sala de jogo: uma enferma,

entrevada e ainda por cima velha, que tinha de ir à roleta. Polina e *Mademoiselle* Blanche seguiam ambas aos lados da cadeira de rodas. *Mademoiselle* Blanche sorria, estava ruidosamente alegre e até mesmo, com muita amabilidade, pilheriava com a avozinha; tanto que esta, por último, começou a dirigir-lhe a palavra. Polina, por outro lado, via-se obrigada a responder às incessantes e inúmeras perguntas da avozinha no estilo desta: "Quem é este que vem para cá? E esse que passou? É muito grande a cidade? É grande o jardim? Que árvore é essa? Que montanhas são aquelas? Voam águias por aqui? Que telhado ridículo!".

*Mister* Astley vinha a meu lado e sussurrou-me ao ouvido que esperava muito daquela manhã. Potápitch e Marfa vinham atrás de nós, imediatamente em seguida à cadeira: Potápitch, com seu fraque e de gravata branca, mas com gorro, e Marfa — quarentona, vermelhaça, mas com incipientes cabelos brancos — de touca, vestido de algodão e chiantes sapatos de couro de cabra. A avozinha voltava-se de vez em quando para falar-lhes. De-Grillet e o general tinham ficado um pouco para trás e falavam de não sei quê com muitíssimo ardor. O general estava muito aborrecido. De-Grillet exprimia-se com ar resoluto. É possível que estivesse infundindo coragem ao general; era evidente que lhe aconselhava alguma coisa. Mas a avozinha já havia pronunciado a frase fatídica: "A ti, não hei de dar-te dinheiro". É possível que semelhante notícia parecesse a De-Grillet inverossímil; mas o general conhecia bem sua tia. Observei que De-Grillet e *Mademoiselle* Blanche continuavam trocando olhares. Avistei além, no fim da avenida, o príncipe e o viajante alemão: tinham-se atrasado de nós e dirigido para não sei onde.

Entramos triunfalmente na sala de jogo. O suíço e os criados trataram-nos com o mesmo respeito que toda a criadagem do hotel. Mas, ainda assim, olhavam-nos com curiosidade. A avó, a princípio, ordenou que a passeássemos por todas as salas, algumas das quais elogiou, enquanto outras a deixavam completamente indiferente. Perguntava por tudo. Finalmente, chegamos à sala de jogo. O criado que estava de plantão diante das portas fechadas, abriu-as, um pouco desconcertado, de par em par.

A presença da *babúlinhka* diante da roleta causou intensa

impressão no público. Na mesa de jogo e na outra extremidade da sala, onde funcionava uma mesa de *trente et quarante*, apinhavam-se talvez mesmo cento e cinquenta ou duzentos jogadores, em várias filas. Aqueles que tinham conseguido abrir caminho até a mesma mesa, apertavam-se, como de costume, uns contra os outros e só abandonavam seu lugar quando perdiam tudo, porque já então eram simples mirones e não era permitido ocupar em vão um lugar na mesa de jogo. Embora houvesse cadeiras colocadas em torno da mesa, poucos dos jogadores as ocupavam, particularmente quando havia grande afluência de público, porque de pé pode-se estar mais apertado e, portanto, poupar lugar e até acomodar-se melhor; A segunda e a terceira filas comprimiam-se contra a primeira, aguardando e observando sua vez; mas, movida pela impaciência, costumava estender-se por entre a primeira fila alguma mão para colocar sua ficha. Também da terceira fila fazia-se esforço para colocar assim as paradas, pelo que não se haviam passado dez e ainda mesmo cinco minutos, e já em alguma ponta da mesa, começavam as discussões a propósito de alguma parada discutível. Aliás, a polícia do cassino é bastante organizada. Os apertos, naturalmente, era impossível evitá-los, antes pelo contrário, neles o público se encontrava a gosto, porque eram proveitosos; mas oito *croupiers*, sentados em torno da mesa, observavam, de olho vivo, as paradas, faziam a conta e, quando surgia alguma discussão, cortavam-na imediatamente. Nos casos extremos chamavam a polícia e a coisa terminava num minuto. Os polícias andavam pela sala, à paisana, confundidos com os espectadores, de modo que não era possível distingui-los. Vigiavam especialmente os ladrões profissionais, que pululam sobremodo nas salas de jogo, pela extraordinária facilidade que estas lhes proporcionam para exercitar sua indústria. Na verdade, em todos os demais lugares é preciso roubar, metendo as mãos nos bolsos ou forçando fechaduras… O que, no caso de fracasso, acarreta consequências desagradáveis. Ao passo que aqui, simplesmente basta aproximar-se da roleta, pôr-se a olhar e de repente, ostensivamente, apoderar-se do ganho alheio e metê-lo no bolso e, se se armar discussão, sustentar com voz firme que a jogada… é dele. Fazendo a coisa bem feita e no caso de titubearem as testemunhas é muito frequente que o ladrão consiga ficar com o dinheiro, supondo, naturalmente, que não se trate de uma quantia considerável. Neste último caso não passa inadvertida a coisa para os

*croupiers*, e menos ainda para os demais jogadores. Mas se a soma não é tão respeitável, costuma ocorrer que seu verdadeiro dono renuncie a prolongar a discussão, temendo o escândalo, e se retire. Caso porém consigam provar o roubo imediatamente levam dali preso o ladrão, em meio de um escândalo.

Tudo isto a avozinha via lá de trás, curiosamente ávida. Achou muita divertida a detenção de um ladrão. O *trente et quarante* excitou muito pouco sua curiosidade: gostou mais da roleta e do rolar da bolinha. Mas afinal quis ver mais de perto o jogo. Não compreendo como pôde ser, mas os criados e alguns outros agentes solícitos (sobretudo os poloneses que perderam oferecem seus serviços aos jogadores infelizes e a todos os estrangeiros) imediatamente encontraram e abriram lugar para a avozinha, apesar de todo aquele aperto, no centro mesmo da mesa, junto ao *croupier chef*, e para ali arrastaram a cadeira. Muitos hóspedes do hotel que não jogavam e, um pouco afastados, contemplavam o jogo (sobretudo ingleses com suas famílias), reuniram-se logo em torno da mesa dela, para por cima do ombro dos jogadores observar a avozinha. Numerosas lunetas assestaram-se sobre ela. Os *croupiers* conceberam ilusões; um jogador tão extravagante devia prometer-lhes, com efeito, algo de extraordinário. Uma setentona que está entrevada e deseja jogar, não é sem dúvida coisa que se veja todos os dias. Eu também abri caminho até a mesa e coloquei-me junto da avozinha. Potápitch e Marfa ficaram um tanto atrás entre o público. O general, Polina, De-Grillet e *Mademoiselle* Blanche também se puseram a um lado entre a multidão.

A avozinha ficou, a princípio, olhando os jogadores. Fazia-me perguntas cortantes e secas em voz baixa: “Quem é esse? Quem é essa?”. Achou graça, sobretudo, lá na extremidade da mesa, num rapazinho que fazia jogo alto, de jogadas de milhares de francos e que, segundo murmuravam ali em redor, já havia ganho quarenta mil francos que tinha diante de si, empilhados num montezinho, em moedas e cédulas. Estava pálido; seus olhos lançavam fogo e suas mãos tremiam; ia colocando, sem fazer conta quanto dinheiro podia pegar com a mão e, mesmo assim, não fazia outra coisa senão ganhar e ganhar, empilhando dinheiro. Os criados apressavam-se em redor dele, colocaram-lhe atrás uma cadeira, faziam lugar em torno dele

para que estivesse mais à vontade, para que não sofresse apertos… tudo na esperança de uma boa gorjeta. Muitos jogadores costumam dar-lhes o dinheiro sem contar e, por pura alegria, até aos punhados. Junto do rapazinho referido havia-se colocado um polonesinho que velava por ele ciosamente e, com respeito, mas continuamente lhe dizia algo ao ouvido, indicando-lhe, sem dúvida, onde devia apostar, assessorando-o e dirigindo-lhe o jogo… é claro que também com a esperança da consequente gratificação! Mas o jogador mal reparava nele, apostava a torto e a direito e sempre ganhava. Era evidente que havia perdido a cabeça.

A avozinha observou-o durante alguns minutos.

— Diga-lhe — exclamou, de repente, a avozinha, dirigindo-se a mim, — diga-lhe que largue, que guarde quanto antes o dinheiro e que se vá embora, vai perder, vai perder tudo depois! — insistiu, quase ofegante de emoção. — Onde está Potápitch?… Mande-lhe o recado por Potápitch. Diga-lhe — intimou-me. — Mas onde esse Potápitch? *Sortez! Sortez*![18] — gritou ela mesma ao rapaz. Inclinei-me e energicamente lhe disse ao ouvido que ali não se podia gritar, que até falar estava severamente proibido, porque atrapalhava as contas e poderia ocasionar a nossa expulsão.

— Que pena! Caiu na armadilha o coitado! Embora, afinal de contas, é por seu gosto… Não posso olhar para ele, vai perder tudo. Que bobo! — e a avozinha deu-se pressa em voltar a vista para outra parte.

Ali, à esquerda, na outra metade da mesa, entre os jogadores, havia notado a presença de uma jovem que tinha a seu lado um anão. Quem seria aquele anão… ignoro-o; parente seu, talvez, se não era que o havia levado ali para produzir efeito. Já havia eu visto aquela senhorita antes; apresentava-se na sala de jogo, diariamente, ao meio dia, e dali se retirava à uma hora da tarde em ponto, todos os dias, ficando uma hora a jogar. Já a conheciam ali e imediatamente levavam-lhe uma cadeira. Tirava do bolso um punhado de ouro, algumas notas de mil francos e começava apostando devagar, com calma, fazendo contas, tomando notas a lápis num caderninho, de alguns números, esforçando-se por averiguar o sistema mediante o

qual, num momento determinado, agrupavam-se as sortes. Apostava montezinhos consideráveis. Ganhava diariamente mil, dois mil e, muitas vezes, três mil francos… nada mais, e, assim que os ganhava, retirava-se imediatamente. A avozinha esteve observando por longo tempo.

— Com efeito, essa nunca há de perder!… Donde será? Não a conheces? Quem é?

— Deve ser francesa — murmurei-lhe.

— Ah! Parece um passarinho voando. Vê-se que afina as unhas. Mas explica-me agora o que significa cada bolada e como se faz para apostar.

Expliquei-lhe, o mais possível, o que significam aquelas numerosas combinações de jogadas, *rouge et noir, pair et impair, manque et passe* e, por último, os diversos matizes nos sistemas dos números. A avozinha escutava-me atentamente, esforçava-se para reter na memória o que se devia, interrompia-me com alguma pergunta, até ficar bem instruída. De cada sistema de jogadas podia-se logo citar uma série de exemplos, de modo que aprendeu muitas coisas que reteve rápida e facilmente. A avozinha ficou muito satisfeita.

— E que negócio é esse de zero? Não ouviste aquele *croupier* chato, o principal, acabar de gritar "zero"? E por que rapa tudo que está sobre a mesa? Que barbaridade, levou tudo! Que quer dizer isso?

— O zero, *bábuchka*, fica como benefício da banca. Quando a bolinha cai no zero, tudo quanto houver na mesa, tudo, sem exceção, pertence à banca. Na verdade, pode-se salvar a jogada; mas a banca não paga nada.

— Que dizes? Com que então não me dão nada?

— Não, *babúlinhka;* mas se a senhora apostou no zero e dá o zero, então lhe pagam trinta e cinco vezes mais.

— Como? Trinta e cinco vezes mais? E ele dá muitas vezes? Pois

então por que esses bobos não apostam no zero?

— Há trinta e seis probabilidades contra, avozinha.

— Que absurdo! Potápitch, Potápitch! Não, espera, tenho dinheiro: aqui… Aqui está! — tirou do bolso uma avultada bolsinha de dinheiro e dela extraiu um frederico de ouro. — Anda, coloca-o imediatamente no zero.

— Mas, *babúlinhka*, o zero acaba de sair — disse-lhe. — Decerto levará muito tempo sem dar. A senhora apressa-se em apostar; aguarde um pouquinho.

— Ora, que disparate, que disparate! Quem não arrisca não petisca. O quê? Perdemos! Aposta outra vez!

Perdemos também o segundo frederico de ouro; apostamos um terceiro; a avozinha mal se podia manter quieta; fitava com olhos ardentes a bolinha que ziguezagueava através dos dentes da roda girante. Perdemos também o terceiro. A avozinha estava fora de si, não podia manter-se em seu lugar e deu até um murro na mesa ao ouvir que o *croupier* cantava *trente six* em vez do esperado zero.

— Olhe só que desgraça, homem! — irritou-se a avozinha. — Tardará muito a sair esse condenado zerinho? Isso é coisa daquele maldito *croupier* de nariz chato. Nunca dá o zero! Alieksiéi Ivânovitch, põe dois fredericos de uma vez. Pões tão pouco que, se der o zero, não ganhas nada!

— *Babúlinhka*!

— Põe dois, vamos, põe!… Não é dinheiro teu.

Coloquei os dois fredericos de ouro. A bolinha andou saltitanto pela roda e, finalmente, foi-se detendo nos dentes. A avozinha estremeceu, apertou-me a mão e, de repente, bateu palmas.

— Zero — cantou o *croupier*.

— Vês, estás vendo?… — disse a avozinha, voltando-se rápida para mim, toda radiante e satisfeita. — Eu não estava dizendo? O

próprio Deus inspirou-me a ideia de por os dois fredericos! Quanto nos vão pagar agora? Potápitch, Marfa, onde estão? Para onde foram os nossos… Potápitch, Potápitch!

— *Babúlinhka*, depois… — murmurei-lhe. — Potápitch está na porta, porque não o deixam passar. Veja, avozinha, já lhe estão pagando o dinheiro; recolha-o!

Entregaram a avozinha um pesado pacote lacrado, envolto em papel azul, com cinquenta fredericos em ouro e contaram-lhe, além disso, outros vinte, ainda não lacrados. Aproximei tudo da avozinha com a raqueta.

— *Faitez le jeu, messieurs! Faitez le jeu, messieurs! Rien ne va plus*![19] — cantou o *croupier* convidando os jogadores a fazer suas apostas e dispondo-se a fazer girar a roleta.

— Meu Deus! Atrasamo-nos! Já vão rodar! — disse a avozinha, inquieta. — Vamos, não demores, moleirão! — exclamou fora de si, dando-me cotoveladas com todas as suas forças.

— Mas onde ponho, avozinha?

— No zero, no zero! Outra vez no zero! Põe o mais que puderes! Quanto temos ao todo? Setenta fredericos de ouro? Pois então, nada de sovinices; põe vinte fredericos de uma vez!

— Mas, pense bem, avozinha! Às vezes leva duzentas vezes sem sair. Asseguro-lhe que vai perder tudo.

— Ora, estás mentindo, estás mentindo! Põe! Não sabes fazer outra coisa senão dar com a língua! Sei o que faço! — exclamou, alucinada, a avozinha.

— Mas não é permitido por mais de doze fredericos de ouro de uma vez no zero, avozinha!… Olhe! Já estão postos!

— Como é que não é permitido?… Não me mintas! *Mussiê! Mussiê*! — interpelou ela o *croupier* que estava sentado a seu lado e se dispunha já a fazer girar a roleta. — *Combien zero? Douze? Douze*?

Apressei-me em explicar-lhe a pergunta em francês.

— *Oui, madame* — confirmou o *croupier*, cortesmente. — Da mesma maneira que toda jogada individual não deve ultrapassar quatro mil florins, — acrescentou, esclarecedor.

— Bem, que havemos de fazer! Põe os doze.

— *Le jeu est fait*![20] — cantou o *croupier*. A roleta girou e saiu o trinta. Perdemos!

— Mais, mais, mais! Continua pondo! — exclamou a avozinha. Desisti de contradizê-la e, encolhendo os ombros, tornei a por outros doze fredericos de ouro. A roda esteve girando longo tempo. A avozinha tremia, simplesmente, acompanhando a roleta com a vista. "Mas será possível que tenha a ilusão de que vai dar o zero de novo?", pensava eu, olhando-a com assombro. Resplandecia em seu semblante decidida convicção de ganhar… A infalível expectativa de que iriam novamente cantar zero.

A bolinha se deteve numa casa.

— Zero — cantou o *croupier*.

— Ah!! — exclamou a avozinha, voltando-se para mim, num frenético triunfo. Também eu era jogador; senti-o assim naquele instante. Tremiam-me as mãos e os pés, a cabeça rodava-me. Era, sem dúvida, uma rara casualidade o fato de, entre dez golpes, três vezes houvesse dado o zero; mas, afinal de contas, não tinha nada de particularmente extraordinário. Eu mesmo tivera ocasião de ver três dias antes como davam três zeros seguidos, e um dos jogadores, que tomava cuidadosamente nota, num caderninho, de todas as saídas, observou em voz alta que no dia anterior, sem ir mais longe, o zero só havia dado uma vez em vinte e quatro horas.

Como a avozinha conseguira justamente o ganho mais considerável, atendiam-na, ao fazer a conta, com deferência e respeito. Veio a receber exatamente quatrocentos e vinte fredericos de ouro, isto é, quatro mil florins com vinte fredericos de ouro. Deram-lhe em ouro os vinte fredericos de ouro; os quatro mil florins, em

notas de banco.

Mas daquela vez a avozinha já não chamou Potápitch; estava ocupada com outra coisa. Nem sequer se agitava, nem tremia por fora. Por assim dizer, tremia por dentro. Toda ela estava reconcentrada e como que aferrada a alguma coisa.

— Alieksiéi Ivânovitch!… Não disseste que se podia apostar de uma vez quatro mil florins? Pois toma: põe estes quatro mil florins no vermelho — decidiu a avozinha.

Era inútil opor-se. A roleta girou.

— *Rouge*! — cantou o *croupier*.

De novo quatro mil florins, ou sejam, no total, oito mil.

— Dá-me cá quatro mil e outros quatro mil torna a pô-los no vermelho — ordenou a avozinha.

Coloquei os quatro mil de novo.

— *Rouge*! — cantou o *croupier*.

— Doze mil, ao todo! Dá-me todos aqui. Mete o ouro aqui, no porta-moedas, e guarda contigo as cédulas. Chega! Para casa! Empurrai a cadeira!

## Capítulo XI

Conduziram a cadeira para a porta na outra extremidade da sala. A avozinha ia radiante. Todos os nossos apinharam-se logo em torno dela para felicitá-la. Por mais extravagante que fosse a conduta da avozinha, seu triunfo compensava muitas coisas, e o general já não receava comprometer-se diante do público, não ocultando suas relações de parentesco com aquela tia esquisita. Com benévolo sorriso, de uma jovialidade familiar, como quem mima uma criança, felicitou a avozinha. Além do mais estava visivelmente assombrado, como todos os outros espectadores. Falavam em redor e apontavam para a avozinha. *Mister* Astley, um pouco à parte, falava dela a dois ingleses,

seus amigos. Algumas damas majestosas contemplavam-na com solene perplexidade, como a algo de raro. De-Grillet desfazia-se em felicitações e sorrisos.

— *Quelle victoire*! — diziam.

— *Mais, madame, c'était du feu*![21] — acrescentou, com sorriso travesso, *Mademoiselle* Blanche.

— Com efeito, sem mais nem mais, ganhei doze mil florins! Doze mil florins sem contar o ouro! Virei a ter treze mil em ouro? Quanto será em nossa moeda? Seis mil rublos, não?

Expliquei que chegaria aos sete mil e talvez, com o câmbio atual, aos oito mil.

— Uma bagatela, oito mil, ora essa! Mas que fazeis aqui sentados, vadios? Potápitch, Marfa, viram vocês?

— *Mátuchka*, mas será possível? Oito mil rublos! — exclamou Marfa, toda prazenteira.

— Ora, toma estes cinco fredericos de ouro, para cada um! Potápitch e Marfa beijaram-lhe as mãos.

— E dai aos carregadores um frederico a cada um. Dá em ouro, Alieksiéi Ivânovitch! Que querem dizer com suas saudações esse criado e aquele outro também? Felicitam? Pois então dá-lhes também a cada um seu frederico.

— *Madame la princesse… Un pauvre expatrié… Malheurs continuels… Les princes russes sont si généreux*! — exclamou, em torno da cadeira, um indivíduo que vestia um sobretudo puído, colete de várias cores e exibia bigodes e, de boné na mão, sorria servilmente.

— Dá-lhe também um frederico. Não, dá-lhe dois; bem; basta, porque, se não, é um nunca acabar. Levantai-me e levai-me. Praskóvia — disse, fitando Polina Alieksándrovna, — amanhã comprarei para ti um vestido e comprarei outro também para a *mademoiselle*… como é?… *Mademoiselle* Blanche, é isso; também comprarei um vestido para ela. Dize-lhe isto, Praskóvia!

— *Merci, madame* — exclamou, graciosamente, *Mademoiselle* Blanche, franzindo a boca num sorriso brincalhão, retribuído por De-Grillet e pelo general. Este estava algo constrangido e alegrou-se enormemente, quando chegamos à avenida.

— Fiedóssia, Fiedóssia, agora é que me lembro disso — disse a avozinha, lembrando-se da ama do general. — É preciso comprar também um vestido para ela. Ei, Alieksiéi Ivânovitch, Alieksiéi Ivânovitch, dá uma esmola a esse mendigo!

Durante o caminho, saiu-nos a passo um indivíduo, de costas curvadas, que nos ficou olhando.

— Mas pode bem ser, avozinha, que não se trate de um mendigo, mas de um passante.

— Dá-lhe! Dá-lhe! Dá-lhe um florim.

Aproximei-me dele e dei-lhe o florim. Olhou-me com enorme assombro; mas em silêncio aceitou o florim. Fedia a vinho.

— E tu, Alieksiéi Ivânovitch, ainda não experimentaste tua sorte?

— Não, *babúlinhka*.

— Mas como os teus olhos faiscavam! Eu bem vi.

— Experimentarei a sorte, irremediavelmente, depois.

— Joga também no zero! Já viste! Quanto dinheiro tens?

— Vinte fredericos de ouro ao todo, avozinha.

— É pouco. Vou te emprestar cinquenta fredericos de ouro, se quiseres. Aqui está este pacotinho, toma-o. Mas tu, *bátiuchka*, não tenhas a ilusão de que vamos dar-te dinheiro — gritou ela, de repente, para o general.

Foi isto para ele uma punhalada; mas calou-se. De-Grillet franziu o cenho.

— *Que diable, c'est une terrible vieille*! — murmurou entre dentes,

dirigindo-se ao general.

— Um pobre, um pobre, outro pobre! — exclamou a avozinha. — Alieksiéi Ivânovitch, dá-lhe outro florim.

Mas daquela vez tratava-se de um velho com a cabeça branca e uma perna de pau, vestido de um sobretudo azul que chegava até ao chão e trazia na mão um comprido bastão. Parecia um inválido. Mas ao ir eu dar-lhe o florim, recuou um passo e ficou a fitar-me com um olhar ameaçador.

— *Was ist's, der Teufel*!…[22] — exclamou, com um acompanhamento de dez blasfêmias mais.

— Ora, que imbecil! — disse a avozinha, agitando as mãos. — Segui adiante!… Já estou com fome! Vou agora mesmo comer; depois, descansar um pouquinho e, em seguida, outra vez lá.

— Mas pensa a senhora voltar a jogar, *babúlinhka*! — perguntei.

— Pois que era que pensavas? Vocês estão aqui, muito quietinhos a se aborrecer, e acreditam que vou fazer o mesmo?

— *Mais, madame* — aproximou-se De-Grillet. — *Les chances peuvent tourner, une seule mauvaise chance et vous perdrez tout… Surtout avec votre jeu… C'était terrible*![23]

— *Vous perdrez absolument* — gorjeou *Mademoiselle* Blanche.

— E a vós, que vos importa! Não vou perder nada vosso… senão o que é meu! Mas onde anda esse Senhor Astley? — perguntou-me.

— Ficou no cassino, *babúlinhka*.

— Sinto muito, porque esse, sim, é uma boa pessoa.

Ao chegar em casa, a avozinha, ainda na escada, como encontrasse o *oberkellner*, chamou-o e se pôs a contar-lhe seu triunfo. Depois mandou chamar Fiedóssia, deu-lhe três fredericos de ouro e ordenou que lhe trouxesse comida. Fiedóssia e Marfa desfizeram-se em reverências.

— Estava a olhá-la, *mátuchka* — tagarela Marfa, — e vou e digo a Potápitch: “Que é que nossa *mátuchka* quer fazer?”. E na mesa, quanto dinheiro, quanto dinheiro, *bátiuchka*! Em toda a minha vida nunca vi tanto dinheiro junto e todos em redor, senhores, somente senhores se sentam ali. “E como é — pergunto a Potápitch — que há aqui tantos senhores reunidos?” E digo entre mim que a própria mãe de Deus venha em seu socorro. E me ponho a rezar pela senhora, *mátuchka*, e o meu coração começa a bater e me ponho a tremer, toda a tremer. Dá-lhe sorte, Senhor. E olhe a senhora, logo me ouviu o Senhor. Desde então, *mátuchka*, tremendo estou, da cabeça aos pés.

— Alieksiéi Ivânovitch, depois do jantar, às quatro horas, prepara-te que voltaremos para lá. Agora, entretanto, adeus. Não te esqueças de enviar-me um medicastro qualquer e, além disso, tenho de tomar as águas. Mas não te esqueças de acordar-me.

Afastei-me da avozinha como se estivesse alucinado. Tratava de imaginar o que iria ser agora de todos nós e que cara tomariam as coisas. Via claramente que eles (sobretudo o general) ainda não tinham conseguido repor-se da primeira impressão. O fato da aparição da avozinha, em vez do telegrama que de hora em hora aguardavam com a notícia da sua morte (e, por conseguinte, da herança), havia deitado por terra a tal ponto todo o sistema de suas intenções e resoluções já adotadas, que com viva perplexidade e como em estado cataléptico tiveram de arranjar-se com a posterior façanha da avozinha na roleta. E, ainda por cima, este segundo fato tinha quase mais importância que o primeiro; a avozinha bem declarara por duas vezes que não pensava dar dinheiro ao general, mas, quem sabe? Apesar de tudo não era caso de perder a esperança. Não a tinha perdido De-Grillet, que andava implicado em todos os negócios do general. Estou certo de que *Mademoiselle* Blanche, também muito implicada neles (e com muita razão: generala e uma herança considerável), não a havia perdido tampouco e começava todas as seduções para conquistar a avozinha… Ao contrário de Polina, tola e incapaz de zumbaias, orgulhosinha. Mas, agora, agora que a avozinha realizara tantas façanhas na roleta, agora que a personalidade da avozinha se destacava diante deles tão clara e tipicamente “uma velha teimosa, autoritária *et tombée en enfance*”. agora tudo estava perdido;

porque ela, como uma menina, alegrava-se pelo fato de que a despojassem e se continuasse assim acabaria perdendo tudo. “Meu Deus — pensava eu (e perdoai-me, Senhor! com uma alegria malvada), — seguramente cada frederico de ouro daqueles que a um momento apostou a avozinha na roleta foi ferir dolorosamente no coração o general, encheu de raiva De-Grillet e tirou dos eixos *Mademoiselle* de Cominges, a quem já tinham posto a colher perto da boca.” E, além disso, é preciso ter em conta outro fato: até em meio de seu ganho e de sua alegria, quando a avozinha repartia dinheiro com todos e tomava os transeuntes por mendigos, ainda nesse momento teve coragem de dizer ao general: “Mas a ti não te damos!”. O que quer dizer que se fixou neste pensamento, que emperrou nele, que deu a si mesma palavra… perigoso, perigoso!

Todas estas reflexões cruzavam pela minha mente enquanto, depois de ter-me separado da avozinha, subia a suntuosa escadaria, até o último andar, onde se achava meu quartinho. Tudo isto me preocupava grandemente. Ainda que, sem dúvida, tivesse podido adivinhar de antemão os fios mais principais e mais grossos que uniam entre si os atores, ainda assim, não sabia eu, de modo definitivo, todos os recursos e segredos daquele jogo. Polina nunca tivera plena confiança em mim. Embora sucedesse alguma vez que por espaço de meia hora me descobria, como de má vontade, seu coração, observava eu com frequência, para não dizer sempre, depois de tais confidências, ou levava na brincadeira tudo o que dizia, ou o desdizia, e com toda intenção dava a tudo uma interpretação falsa. Oh! quantas coisas me ocultava! Seja como for, pressentia eu que se aproximava o desenlace de toda aquela situação turva e tensa. Um golpe mais… e tudo acabaria e se descobriria. Com a minha sorte, que também estava envolvida em tudo isto, mal me preocupava. Estranha situação a minha. Tinha no bolso, ao todo, vinte fredericos de ouro: encontrava-me longe de minha pátria, em país estrangeiro, sem colocação e sem meios de vida, sem esperanças, sem planos para o futuro e… não me preocupava com isto! Se não tivesse pensado em Polina, teria me entregado por completo ao interesse cômico daquele episódio e daria risada a plenos pulmões. Mas Polina me preocupava; ia decidir-se sua sorte, pressentia-o eu, embora, se tenho de dizer tudo, não fosse sua sorte tampouco o que me inquietava. Queria eu penetrar seu segredo;

queria que ela viesse a mim e me dissesse: “Amo-te”, e se isto não podia ser, se resultava um absurdo que não se pode pensar, então… que desejar agora? Por acaso sei eu o que quero? Eu mesmo estou como que alucinado; não desejaria senão estar sempre ao lado dela, em sua auréola, em seu fulgor, eternamente, sempre, toda a vida. É isto a única coisa que sei! E posso por acaso afastar-me dela?

No terceiro andar, no corredor, tive como que um choque. Voltei-me e, a vinte passos ou mais, vi Polina que saía de um quarto, Parecia que tivesse estado a aguardar-me e de tocaia, pois logo se dirigiu a mim.

— Polina Alieksándrovna…

— Mais baixo — murmurou-me.

— Imagine você — disse-me em voz baixa. — Há um instante tive a impressão de sentir que me tocavam de leve nas costas; volto a vista… e dou com você. Parece até que você irradia eletricidade!

— Tome esta carta — disse-me Polina preocupada e com ar sombrio, sem ter ouvido certamente o que eu lhe dissera, — e entregue-a pessoalmente a *Mister* Astley logo. Imediatamente, rogo-lhe. Não espere resposta. Ele próprio…

Não terminou a frase.

— *Mister* Astley? — interrompi-a, assombrado.

Mas Polina já havia fechado a porta.

— Ah! então trocam correspondência!

Naturalmente, saí logo correndo em busca de *Mister* Astley, primeiro no hotel, onde não o encontrei; em seguida, no cassino, cujas salas todas percorri e, por fim, contrariado e quase desolado, ao voltar para casa, encontrei-o por acaso a cavalo, fazendo parte de uma cavalgada de ingleses de ambos os sexos. Fui-lhe ao encontro, detive-o e entreguei-lhe a carta. Não tivemos tempo nem de trocar um olhar. Mas suspeito que *Mister* Astley, intencionalmente, deu-se pressa em apear de sua montaria.

Estaria eu torturado pelo ciúme? Em todo o caso, achava-me na mais depressiva disposição de ânimo. Não queria admitir que eles se carteassem. “Não, seu confidente era eu! Um ao outro — pensava e isto era claro — se comunicam por escrito quanto podem…” Mas será isto amor? “Decerto que não”, murmurava eu, raciocinando. Mas o raciocínio pouco significa em casos semelhantes. Fosse como fosse era preciso urgentemente esclarecer aquilo. O caso complicava-se desagradavelmente.

Mal cheguei ao hotel, o suíço e o camareiro-mor, que saía de seu quarto, comunicaram-me que precisavam de mim, que andavam à minha procura, que por três vezes mandaram perguntar onde estava eu… e que me rogavam que me dirigisse a toda a pressa aos aposentos do general. Achava-me eu na mais aborrecida disposição de espírito. Encontrei no gabinete do general, além deste, De-Grillet e *Mademoiselle* Blanche, sozinha, sem sua mãe. Era esta, decididamente, uma mãe postiça, só utilizada por pura ostentação; mas quando se tratava de negócio sério, *Mademoiselle* Blanche atuava sozinha e extraordinário seria que aquela soubesse de algo dos embrulhos de sua suposta filha.

Discutiam eles com bastante animação não sei o que e mantinham até fechada a porta do gabinete… o que nunca acontecia. Ao aproximar-me da porta ouvi uma voz dura… a voz cortante e brusca de De-Grillet, os gritos descaradamente insultantes e furiosos de Blanche e a voz lamentosa do general que, pelo visto, tentava justificar-se de alguma coisa. Quando entrei, todos pareceram reprimir-se e conter-se. De-Grillet alisou os cabelos e deu a seu semblante iracundo uma expressão risonha… aquele antipático sorriso francês, oficialmente cortês, que tanto me aborrece. O general, abatido e transtornado, ergueu-se, porém maquinalmente. *Mademoiselle* Blanche foi a única que não mudou sua fulminante expressão de cólera, limitando-se a guardar silêncio e a encarar-me com impaciente expectativa. Observarei, de passagem, que estivera até então a tratar-me de maneira inverossimilmente desdenhosa, a ponto de não se dignar responder a meus cumprimentos… Não reparava em mim, simplesmente.

— Alieksiéi Ivânovitch — começou o general, com um tom de voz

ternamente lisonjeiro, — permita-me que lhe explique que é extraordinário, em grau sumamente extraordinário… numa palavra: que seu modo de conduzir-se para comigo e para com minha família… numa palavra que é em grau sumamente extraordinário…

— Oh! *Ce n'est pas ça*[24] — atalhou-o De-Grillet com agastamento de desprezo. Decididamente, metia-se em tudo. — *Mon cher monsieur, notre cher général se trompe*[25]… ao empregar esse tom (continuarei em russo a fala dele), mas queria dizer-lhe… isto é, adverti-lo, ou, melhor dito, rogar-lhe nos termos mais persuasivos, que não queira o senhor perdê-lo… é isto, sim, perdê-lo! Emprego precisamente esta expressão.

— Mas que é isto, de que se trata? — interrompi-o.

— Faça-me o favor; o senhor encarregou-se de ser o guia (ou como dizê-lo?) daquela anciã, *cette pauvre et terrible vieille* — o próprio De-Grillet se atrapalhava, — mas tenha em conta que vai perder, vai perder tudo na mesa de jogo. O senhor mesmo pôde ver, o senhor mesmo foi testemunha do jogo que ela faz. Assim que começar a perder, não quererá mais afastar-se da mesa, por teimosia, por cólera haverá de querer jogar tudo, tudo haverá de querer jogar e nestes casos nunca chega a desforra, e então… então…

— E então — insistiu o general, — então terá o senhor causado a ruína de toda uma família. Eu e minha família, nós… somos seus únicos herdeiros, não tem parentes mais próximos. Vou lhe dizer francamente: meus negócios vão muito mal, sumamente mal. Você, até certo ponto, sabe disto… Caso perca ela uma quantia considerável, ou quem sabe todo o seu capital (Oh! meu Deus!), que vai ser então deles, de meus filhos? — o general lançou um olhar para De-Grillet. — De mim! — lançou uma olhadela a *Mademoiselle* Blanche, que se afastava de seu lado com desprezo. — Alieksiéi Ivânovitch, salve-nos, salve-nos você!…

— Mas em que, diga-me o senhor, general, em que posso eu?… Quem sou eu aqui?

— Não se preste você, não se preste você, abandone-a!…

— Haverá de encontrar outro! — exclamei.

— *Ce n'est pas ça, n'est pas ça* — atalhou de novo De-Grillet. — *Que diable*! Não, não a abandone, mas pelo menos aconselhe-a, convença-a, dissuada-a… Vamos, numa palavra: não a deixe jogar demasiado, procure distraí-la de algum modo…

— Mas se é isto que faço? Mas por que não se encarrega disso o senhor mesmo, Senhor Grillet? — interrompi-o do modo mais ingênuo possível.

Ao chegar aqui observei rápido e inquisitivo o olhar cintilante de *Mademoiselle* Blanche para De-Grillet. Pelo rosto de De-Grillet passou algo de especial, algo assim como um impulso de franqueza que não podia conter.

— O mau é que ela agora não ia querer me aceitar! — exclamou, erguendo as mãos, De-Grillet. — Se por acaso… depois…

De-Grillet lançou rápido e significativo olhar a *Mademoiselle* Blanche.

— *Oh, mon cher Mister Alexis, soyez si bon*[26] — disse, adiantando-se para mim com seu sorriso sedutor a própria *Mademoiselle* Blanche que, pegando ambas as minhas mãos, as apertou com força. Para o diabo, ela! Aquele rosto diabólico sabia mudar de expressão num segundo. Naquele momento deixou ver um rosto tão implorativo, tão mansinho, tão infantilmente risonho e tão travesso… Ao acabar sua frase, lançou-me uma piscadela velhaca, às ocultas de todos. Seria desejo seu seduzir-me de uma vez? E não se saiu mal… Somente que aquilo se tornava espantosamente demasiado vulgar.

Saltou também atrás dela o general… Assim mesmo como digo: saltou.

— Alieksiéi, perdoe-me havê-lo interpelado há pouco daquela maneira; não queria de modo algum… Rogo-lhe, suplico-lhe, curvo-me diante de você até a cintura, à moda russa… Você, somente você pode salvar-me! Eu e *Mademoiselle* de Cominges lhe suplicamos… Você compreende, não é verdade que compreende? — implorou, indicando-me com um olhar *Mademoiselle* Blanche. Estava de causar lástima.

Naquele momento fizeram-se ouvir três pancadinhas calmas e respeitosas na porta; abriram. Era o criado do corredor quem chamava, por trás do qual, a alguns passos de distância, surgia Potápitch. Vinham de parte da avozinha. Ela os havia encarregado de me procurar e me levar à sua presença, imediatamente, declarou Potápitch.

— Mas são apenas quatro e meia!

— É que não pôde dormir, não fazia senão dar voltas na cama e, de repente, levantou-se, pediu que lhe levassem a cadeira e que viéssemos buscá-lo. Já está no vestíbulo…

— *Quelle mégère*! — exclamou De-Grillet.

Encontrei efetivamente a avozinha no vestíbulo, fora de si, de pura impaciência por não me ver chegar. Desde as quatro já não vinha podendo conter-se.

— Vamos! Levantai-me! — exclamou e dirigímo-nos outra vez para a roleta.

## Capítulo XII

Estava a avozinha nervosa e impaciente; saltava aos olhos que tinha a roleta fixa no pensamento. A nenhuma outra coisa atendia e, em geral, estava sumamente absorta. Por exemplo, nem perguntou por coisa alguma no caminho, como antes. Ao ver uma carruagem luxuosíssima, que passou diante de nós a toda velocidade, ergueu a mão e indagou: “Que carruagem é aquela? De quem é?”. Mas creio que nem sequer escutou a minha resposta; sua abstração era interrompida a cada passo por movimentos bruscos e exclamações de impaciência. Tendo-lhe eu mostrado, de longe, quando já íamos chegando ao cassino, os barões de Burmerhelm, olhou-os distraída e, com absoluta indiferença, exclamou: “Ah! sim!”, e, voltando-se rapidamente para Potápitch e Marfa que vinham atrás, disse-lhes:

— Mas, afinal, por que vem vocês? Não terei de levá-los sempre atrás de mim. Voltem para casa! Nós dois bastamos — acrescentou,

dirigindo-se a mim, quando aqueles, depois de se desfazer em reverências, afastaram-se.

No cassino já esperavam a avozinha. Imediatamente conduziram-na ao mesmo lugar de antes, ao lado do *croupier*. Estava me parecendo que aqueles *croupiers*, sempre tão dignos e orgulhosos, como todos os funcionários, que sempre mostram decidida indiferença relativamente a que a banca perca ou ganhe, não eram, no íntimo, tão indiferentes às perdas dos bens, e, sem dúvida, tinham algumas instruções para atrair os jogadores e velar pelos interesses daquela, pela qual, sem remissão, tem de receber prêmios e gratificações. Pelo menos, já olhavam a avozinha como sua vítima. Em seguida, o que os nossos supunham, aconteceu.

Eis aqui como ocorreu a coisa:

A avozinha lançou-se direta ao zero e imediatamente mandou colocar nele doze fredericos de ouro. Apostou uma vez e outra. O zero não saía. “Põe, põe, põe outra vez!”, dizia-me a avozinha impaciente, e eu lhe obedecia.

— Quantas vezes já apostamos? — perguntou, finalmente, rangendo os dentes de impaciência.

— Já fizemos doze apostas, *babúlinhka*. Cento e quarenta e quatro fredericos perdidos. Aconselho-a, avozinha, a deixar isto até a noite.

— Cala-te — atalhou-me a avozinha. — Continua apostando no zero e põe depois mil florins no vermelho. Olha: aqui tens uma cédula.

Saiu o vermelho e como o zero falhou, devolveram-nos outra vez mil florins.

— Estás vendo? Estás vendo? — balbuciou a avozinha. — Devolveram-nos quase tudo quanto tínhamos perdido. Aposta outra vez no zero; apostaremos nele outras dez vezes e depois o deixaremos.

Mas na quinta vez a avozinha desistiu de todo.

— Deixa esse condenado zerinho e que o diabo o carregue. Anda, põe quatro mil florins no vermelho, — ordenou.

— *Babúlinhka*! isto é muito e se depois não sair o vermelho… — implorei.

Mas a avozinha quase me bate. Além disso, dava-me tais cotoveladas, que me machucava. Não tinha outro remédio senão ceder; de modo que coloquei no vermelho os quatro mil florins que acabávamos de ganhar. A roleta girou. A avozinha estava muito tranquilamente sentada e olhava muito segura, sem dúvida, de que iria irremissivelmente ganhar.

— Zero! — cantou o *croupier*.

A princípio a avozinha não se deu conta, mas quando viu, assombrada, que o *croupier* arrebanhava seus quatro mil florins juntamente com os demais que havia sobre a mesa, e que o zero, que levara tanto tempo sem sair e por causa do qual tínhamos perdido quase duzentos fredericos de ouro, esperara para dar, como de propósito, quando a avozinha acabava de insultá-lo e de deixá-lo, lançou um ai e golpeou as mãos tão fortemente, que se ouviu em toda a sala. Em torno de nós ressoaram risadas.

— *Bátiuchka*! Pois não é que sai agora esse condenado! — exclamou a avozinha. — Ah! que amaldiçoado! a culpa é tua! Toda a culpa é tua! — increpou-me com violência, dando-me um empurrão. — Foste tu que me fizeste desistir dele.

— *Babúlinhka*, eu lhe dizia a verdade; como podia responder por todas as jogadas?

— Eu é que vou te dar as jogadas! — resmungou ela, em tom de ameaça. — Anda, sai do meu lado!

— Adeus, avozinha — e dando meia volta, me dispus a sair.

— Alieksiéi Ivânovitch… Alieksiéi Ivânovitch, não te vás! Aonde vais? Por que, por que te hás de ir? Será que ficaste zangado? Vamos, anda; vem cá; não te zangues, eu é que sou uma burra! Anda, vem e dize-me o que é que tenho de fazer!

— Eu, avozinha, não me atrevo a fazer-lhe indicações, porque

depois a senhora dirá que é minha a culpa. Jogue sozinha; diga-me onde tenho de pôr, e porei.

— Vamos, vamos! Anda, põe outros quatro mil florins no vermelho. Aqui tens o porta-moedas, tira o dinheiro logo — e tirou do bolso e me entregou o porta-moedas.

— Anda, aposta logo; aqui tens vinte mil rublos em dinheiro contante e sonante.

— *Babúlinhka* — balbuciei eu, — tanto dinheiro…

— Morra eu se não me desforrar. Põe!

Pusemos e perdemos.

— Põe, põe, põe estes oito mil!

— Não pode ser, *bábuchka;* a jogada mais alta que consentem são quatro mil!

Mas daquela vez ganhamos. A avozinha recobrou alento.

— Vês? Estás vendo? — disse, dando-me um empurrão. — Põe outros quatro mil!

Fiz isso e… perdemos; depois repetimos a jogada… e tornamos a perder.

— *Bábuchka*, já se nos foram vinte mil florins — adverti-a.

— Estou vendo que se nos foram — declarou ela com certo furor tranquilo, se é possível exprimir-nos assim, — bem vejo, *bátiuchka*, bem vejo — murmurou, com o olhar fixo e parecendo meditar. — Ah! morra eu… põe outros quatro mil florins.

— Mas não temos mais dinheiro, avozinha; aqui neste caderninho, no porta-moedas não há senão obrigações russas a cinco por cento e alguns documentos, mas dinheiro não há.

— E no bolso?

— Só resta dinheiro miúdo, *bábuchka*.

— Não há aqui casa de câmbio? A mim me disseram que se podiam trocar todos os nossos valores — declarou a avozinha, enérgica.

— Oh! creio que sim! Mas é que no câmbio sairia a senhora perdendo tanto que… até um judeu se assustaria!

— Absurdo! Vou me desforrar! Conduzam-me, vamos chamar aqueles vagabundos.

Empurrei a cadeira, apareceram os portadores e saímos da sala.

— Depressa, depressa, depressa! — ordenava a avozinha. — Mostra-nos o caminho, Alieksiéi Ivânovitch. Está perto isso… ou longe?

— A dois passos daqui, *bábuchka*.

Mas ao dar a volta na praça, na avenida, encontramos toda a nossa tropa: o general, De-Grillet e *Mademoiselle* Blanche, com sua *mámienhka*. Polina Alieksándrovna não vinha com eles, nem tampouco *Mister* Astley.

— Bem, bem, bem! Não vos detenhais! — gritou a avozinha. — Vamos ver: que quereis? Não temos tempo agora!

Eu ia atrás; De-Grillet aproximou-se de mim.

— Perdeu tudo o que tinha ganho antes e, além disso, doze mil florins de seu bolso. Agora vamos trocar obrigações a cinco por cento — apressei-me em participar em voz baixa.

De-Grillet deu uma paradinha no solo e foi transmitir a notícia ao general. Continuamos a levar a avozinha de reboque.

— Detenha-se, detenha-se! — gritou-me o general, furioso.

— Ande e vá detê-la o senhor — respondi-lhe.

— *Bábuchka* — disse o general, aproximando-se. — *Bábuchka*…

nós agora… nós agora… — a voz tremia-lhe e se quebrava, — vamos alugar cavalos para ir à cidade… Umas vistas encantadoras… a *pointe*… Íamos convidá-la.

— Deixa-me tu com tua *pointe*! — repeliu-o, nervosa, a avozinha.

— Há ali um povoadozinho… tomaremos chá ali… — continuou o general, já inteiramente desesperado.

— *Nous boirons du lait, sur l'herbe fraîche*?[27] — acrescentou De-Grillet com feroz malignidade.

*Du lait, de l'herbe fraîche*? A isto se reduz o idealismo idílico do burguês parisiense; nisto, como é sabido, cifra-se toda a sua concepção de *la nature et la vérité*!

— Não me venhas com leite! Bebe-o tu, se quiseres, que a mim o leite me dá cólica. Mas por que vos detendes? Já disse que não tenho tempo.

— Já chegamos, *bábuchka* — disse eu. — É aqui.

Detivemo-nos diante da casa de câmbio. Entrei para trocar; a avozinha ficou aguardando na porta; De-Grillet, o general e Blanche afastaram-se para um lado, sem saber o que fazer. A avozinha lançava-lhes olhares iracundos, pelo que se afastaram eles na direção do cassino.

Propuseram-me um desconto tão terrível, que não me atrevi a resolver coisa alguma e voltei para o lado da avozinha, a fim de pedir-lhe instruções.

— Ah! Bandidos! — exclamou ela, batendo fortes palmas. — Bem; não importa, troca — gritou, enérgica. — Detém-te; dize ao banqueiro que venha cá!

— Não será a mesma coisa se vier algum empregado, avozinha?

— Bem; um empregado. Dá no mesmo. Ah! Bandidos!

Um empregado logo veio, ao saber que quem o chamava era uma

condessa, anciã e inválida, que não podia mover-se. A *bábuchka* imprecou-o longo tempo em voz alta e irada, censurou-lhe sua avareza e regateou com ele numa mistura de russo, francês e alemão, que eu a ajudava a traduzir. O empregado, muito grave, olhava-nos a ambos e movia em silêncio a cabeça. Esquadrinhava a *bábuchka* com curiosidade excessiva… que se tornava descortês, até que acabou por se pôr a rir.

— Bem, pois seja! — gritou a avozinha. — Que rebentes com o meu dinheiro! Anda, e que te façam a troca, Alieksiéi Ivânovitch, pois não temos tempo, senão iríamos a outro…

— Diz o empregado que em outra casa ainda nos dariam menos.

Não me lembro exatamente que desconto nos fez; mas foi tremendo. Troquei doze mil florins de ouro e cédulas. Recolhi a nota e levei tudo à *bábuchka*.

— Tira, tira, tira! Não é preciso ler nada — e repelia com a mão. — Depressa, depressa, depressa.

— Jamais voltarei a apostar naquele maldito zero, nem tampouco no vermelho — decidiu, ao voltar ao cassino.

Mas daquela vez empenhei-me com todas as minhas forças em fazer que apostasse o menos possível, convencendo-a de que, ao estabilizarem-se as jogadas, sempre haveria tempo de fazer apostas mais consideráveis. Mas era tão impaciente que, embora a princípio acedesse a isso, não pôde manter sua palavra todo o tempo do jogo. Mal havia ganho jogadas de dez, de vinte fredericos de ouro, começou a dar cotoveladas:

— Olha, aí tens! Bem; ganhamos… Mas se tivéssemos apostado quatro mil em vez de dez, teríamos ganho na razão de quatro mil, ao passo que agora… Tudo por tua culpa, tudo por tua culpa!

De modo que, por mais doloroso que me fosse vê-la jogar, resolvi, finalmente, calar minha boca e não tornar a aconselhá-la.

De repente, De-Grillet aproximou-se. Estavam os três ali ao lado;

observei que *Mademoiselle* Blanche estava de parte com sua mãe e namorava o principezinho. O general achava-se visivelmente em desfavor, quase que no ostracismo. Blanche nem sequer se dignou olhá-lo, não obstante procurar ele com todas as suas forças agradar-lhe. Pobre general! Punha-se de todas as cores, tremia e já nem sequer reparava nas jogadas da avozinha. Blanche e o principezinho acabaram por se retirar; o general correu atrás deles.

— Minha senhora, minha senhora — murmurou De-Grillet à avozinha, com voz melosa, abrindo caminho até o próprio ouvido dela. — Minha senhora, essas jogadas não vão bem… não, não; não é possível… — algaraviou em russo, — não.

— Como? Bem; pois ensine-me — replicou-lhe a avozinha.

De-Grillet pôs-se logo a falar depressa em francês; começou a dar-lhe conselhos, a interessar-se; disse-lhe que era preciso aguardar a sorte, fazer alguns cálculos… A avozinha não entendeu nada. Dirigia-se ele a mim, a cada passo, para que lhe traduzisse suas palavras; batia com um dedo na mesa, apontava, até que, em último recurso, tirando um lápis, pôs-se a fazer contas em um caderninho. A avozinha acabou por perder a paciência.

— Bem; deixa-me em paz, deixa-me em paz. Não dizes senão tolices. Minha senhora, minha senhora… e tu mesmo não sabes de coisa com coisa. Vai-te!

— Mas, minha senhora… — balbuciou De-Grillet.

E de novo pôs-se a dar-lhe explicações e demonstrações. Levava isto muito a peito.

— Bem; põe uma vez como ele diz — ordenou-me a avozinha. — Vamos ver, pode ser que acerte.

De-Grillet queria somente dissuadi-la das grandes jogadas; indicava-lhe que apostasse em um número só ou em combinação. Coloquei, seguindo suas indicações, um frederico de ouro numa série de números ímpares nos doze primeiros e cinco fredericos no grupo de números do doze aos dezoito e do dezoito ao vinte e quatro; no total

as jogadas; ascendiam a dezessete fredericos.

A roleta girou.

— Zero! — gritou o *croupier*.

Perdemos tudo.

— Que belo charlatão! — gritou a *bábuchka*, encarando De-Grillet. — És um francelho ignóbil. Torna outra vez a dar-me conselhos, vagabundo! Sai-te daqui, para longe! Não entende uma palavra e quer dar lições aos demais!

De-Grillet, ferozmente ofendido, encolheu os ombros, olhou com despeito a avozinha e deu-lhe as costas. Causava a si próprio vergonha ter-se intrometido e não podia suportar mais.

Ao fim de uma hora, apesar de nossos esforços… tínhamos perdido tudo.

— Para casa! — gritou a avozinha.

Não pronunciou palavra até já estarmos na avenida. Ali, e quando já chegávamos ao hotel, começou a lançar exclamações.

— Que imbecil! Que burra! Não passas de uma velha burrica!

Nem bem chegamos ao quarto, gritou a *bábuchka*:

— Chá para mim. E depois preparar tudo. Partimos.

— Para onde vamos, *mátuchka*? — indagou Marfa.

— A ti que te importa? Cada macaco no seu galho. Potápitch, prepara tudo. Arranja a bagagem. Voltaremos para lá, para Moscou. Perdi quinze mil rublos.

— Quinze mil rublos, *mátuchka*? Ai, meu Deus! — exclamou Potápitch.

E, enternecido, bateu palmas, supondo sem dúvida tornar-se agradável.

— Bem, bem, idiota! Não me venhas agora a choramingar! Cala-te. Prepara a bagagem. A conta, logo, logo.

— O primeiro trem sai às nove e meia, *mátuchka* — disse-lhe, para conter-lhe o furor.

— E agora, que horas são?

— Sete e meia.

— Que contrariedade! Mas é o mesmo. Alieksiéi Ivânovitch, não me resta nem um copeque. Tens ainda duas notas; vai lá correndo trocá-las. Senão, não terei dinheiro para a viagem.

Dirigi-me para lá. Meia hora depois, ao voltar ao hotel, encontrei todos os nossos no aposento da avozinha. Ao saber que ela voltava a toda a pressa para Moscou, ficaram mais desconcertados ainda do que diante de suas perdas. Naturalmente a partida dela salvava-lhes a fortuna; mas, em câmbio, que iria ser agora do general? Quem iria pagar a De-Grillet? *Mademoiselle* Blanche, naturalmente, não poderia esperar que a *bábuchka* morresse e decerto estreitaria agora suas relações com o principezinho ou com qualquer outro. Estavam todos diante da velha, consolavam-na e dissuadiam-na. Polina não se achava presente tampouco daquela vez. A avozinha gritava-lhes, altaneira:

— Deixai-me em paz, diabos! A vós que vos importa? Por que haverá de intrometer-se em minhas coisas esse barba de bode? — gritou, dirigindo-se a De-Grillet. — E a ti, sirigaita, que tens que ver com tudo isto? — exclamou, encarando *Mademoiselle* Blanche. — Por que te metes em minhas coisas?

— Com a breca! — murmurou *Mademoiselle* Blanche, lançando pelos olhos faíscas de raiva.

Mas depois começou a rir e retirou-se.

— *Elle vivra cent ans*! — gritou da porta para o general.

— Ah! de modo que contavas com minha morte! — gritou a *bábuchka* ao general. — Sai-te daqui! Põe a todos para fora, Alieksiéi Ivânovitch! Que vos importa nada disto a vós? Gastei o que era meu, e

não o que era vosso.

O general encolheu os ombros, inclinou-se e retirou-se, seguido de De-Grillet.

— Chama Praskóvia — ordenou a avozinha a Marfa.

Cinco minutos depois voltava aquela com Polina. Durante todo esse tempo, havia Polina permanecido no seu quarto com os meninos e, ao que parecia, tinha-se proposto não sair dali durante todo o dia. Vinha de rosto sério, triste e preocupado.

— Praskóvia — começou a avozinha, — é verdade o que há tempos me disseram, que teu pai, esse imbecil, quer casar com essa francesinha sem miolo?… Uma atriz, sem dúvida, ou algo pior. Fala. É verdade?

— Eu, com certeza, não sei, *bábuchka* — respondeu Polina, — mas… mas das próprias palavras de *Mademoiselle* Blanche que não crê necessário ocultá-lo, deduzo…

— Basta! — interrompeu-a a avozinha com energia. — Compreendo tudo. Sempre achei com certeza que ele faria algo nesse estilo e sempre o tive como o homem mais estúpido e mais tolo deste mundo. Enfiou na cabeça que é general (não passa de coronel e reformado), e se dá importância. Sei de tudo, querida, sei de tudo; sei que não fazíeis mais que passar telegramas e mais telegramas para Moscou: “Será que essa velha vai esticar depressa a canela?”. Contavam com a herança; não fosse assim, não fosse o dinheiro essa tipa indecente… essa tal de Cominges, não é assim que se chama? não o teria querido nem como criado e, ainda por cima, de dentadura postiça. Ela, segundo dizem, tem uma boa quantidade de dinheiro, empresta a juros e já acumulou bastante dinheiro. Eu, não lanço a culpa a ti, Praskóvia; não tomaste parte nisso dos telegramas e do passado não me quero recordar. Sei que tens um gêniozinho intolerável… uma vespa! Picas e levantas calombo; mas a mim causas compaixão, por que eu gostava da defunta Ekatierina, tua mãe. Bem; queres fazer uma coisa? Deixa tudo aqui e vem comigo. Aqui não tens ninguém e é até indecoroso que continues com eles. Para! — atalhou a avozinha a Polina que começara a falar. — Ainda não acabei. Nada

exijo de ti. Conheces minha casa de Moscou… É um palácio. Podes ocupar todo um andar e ficar um dia inteiro sem saíres de teus aposentos, se meu caráter não te agrada. Então vamos ver: queres ou não?

— Permita-me a senhora que lhe faça primeiro uma pergunta. Pensa partir imediatamente?

— Mas será que estou falando por brincadeira, *mátuchka*? Disse que partia e parto. Perdi hoje quinze mil rublos na vossa maldita roleta. Há cinco anos, prometi refazer em pedra uma igreja de madeira que há nos arrabaldes de Moscou, e, em vez disso, gastei aqui o dinheiro. Agora, *mátuchka*, vou reedificar a igreja.

— Mas, as águas, *bábuchka*?… Não veio a senhora tomar as águas?

— A que me vens agora com as águas? Não me ponhas nervosa, Praskóvia. Será que o fazes de propósito? Fala: vens ou não vens?

— Agradeço-lhe muito, muito, *bábuchka* — disse Polina com emoção, — esse refúgio que me oferece, até certo ponto adivinhou a senhora minha situação. Estou-lhe tão reconhecida que, acredite, hei de ir com a senhora e talvez bem depressa; mas agora há razões… importantes… e decidir-me assim, de repente, neste instante não posso. Se a senhora ficasse aqui ainda pelo menos duas semanas…

— Isto significa que não queres…

— Significa que não posso. Além disso, em todo o caso, não posso abandonar meus irmãozinhos assim, deste modo… Deste modo, que, efetivamente, poderia suceder que ficassem desamparados; sim que… se a senhora me levasse com os meninos, *bábuchka*, sem dúvida alguma iria com a senhora, e pode estar certa de que saberia demonstrar-lhe minha gratidão — acrescentou com veemência, — mas sem os meninos não posso, *bábuchka*.

— Vamos, não choramingues — Polina não pensava em choramingar, pois nunca chorava. — Para os pintinhos também há lugar. O galinheiro é grande. Além disso, já estão em idade de ir à

escola. Sendo assim, vamos ver: vens agora? Vamos, Praskóvia, repara. Procurava teu bem; mas para que saibas, sei que não vens. Sei de tudo, Praskóvia. Esse francelho não te trará nada de bom.

Polina ficou rubra. Eu também estremeci. “Todos sabem. Sou eu talvez o único que ignora.”

— Bem; vamos, não te zangues. Não insistirei nisso. Mas fica alerta para que as coisas não resultem mal, compreendes? És uma menina de talento; inspiras-me dó. Bem, basta; não deveria olhar para nenhum de vós. Vai-te. Adeus.

— Eu, *bábuchka*, hei de vê-la ainda — disse Polina.

— É inútil; não te incomodes. Além disso, estou farta de vocês todos.

Polina beijou a mão da avozinha, mas esta retirou a mão e beijou Polina na face. Ao passar junto de mim, lançou-me Polina um rápido olhar e depois desviou de mim a vista.

— Bem; adeus, tu também, Alieksiéi Ivânovitch. Vamos! Já é hora de partir. Suponho que tenhas ficado zangado comigo. Mas toma estes cinquenta fredericos.

— Agradeço-lhe muito, *bábuchka;* mas teria escrúpulos…

— Ora, ora! — gritou a avozinha, mas em um tom tão enérgico e ameaçador, que não tive outro remédio senão aceitar o dinheiro.

— Em Moscou, como não terás colocação de momento… Vai ver-me; vou te dar alguma recomendação. Vamos, retira-te!

Fui para meu quarto e estendi-me na cama. Calculo que fiquei ali uma meia hora, de boca para cima com a cabeça presa entre as mãos. A catástrofe era já um fato: havia muito em que pensar. Decidi falar no dia seguinte terminantemente com Polina. Ah! O francelho! Com que então era verdade? Mas seria isso possível, apesar de tudo? Polina e De-Grillet. Senhor, que combinação!

Tudo aquilo era simplesmente inverossímil. De repente, saltei

como um louco do leito, com intenção de ir logo à procura de *Mister* Astley e obrigá-lo a falar. *Mister* Astley? Eis aqui outro enigma para mim.

Mas, de repente, fez-se ouvir uma pancadinha à porta do meu quarto. Olho… Potápitch.

— *Bátiuchka*, Alieksiéi Ivânovitch, a senhora o chama.

— Mas como? Já não se vai? Faltam apenas vinte minutos para a saída do trem.

— Está inquieta, *bátiuchka;* mal pode ficar sentada. “Depressa, depressa”, disse, referindo-se ao senhor, paizinho. Por Cristo, não demore.

Corri imediatamente para baixo. Já haviam tirado a avozinha para o corredor. Tinha nas mãos uma carteirinha.

— Alieksiéi Ivânovitch, vai andando na frente, vamos…

— Mas para onde, *babúlinhka*?

— Viva não quero ficar se não me desforrar. Bem, marcha! sem fazer perguntas. Joga-se ali até meia noite.

Fiquei perplexo. Refleti, mas logo me decidi.

— Seja feita a sua vontade, Antonida Vassílievna; mas eu não vou.

— Mas por quê? Por que isto? Será que ficaste louco? Ficariam todos loucos.

— Como queira; mas depois me recriminaria a mim mesmo. Não quero. Não quero ser testemunha, nem tomar parte nisso, perdoe-me, Antonida Vassílievna. Aqui tem a senhora seus cinquenta fredericos de ouro; fique com Deus.

E colocando o saquinho dos cinquenta fredericos em cima da mesinha, junto da qual estava a cadeira da avozinha, cumprimentei e retirei-me.

— Que absurdo! — exclamou a *bábuchka*, enquanto eu me retirava. — Não venhas, se não queres. Já posso ir sozinha. Potápitch vem comigo. Vamos, levantai-me, conduzi-me!

Não consegui encontrar *Mister* Astley e voltei para casa. Tarde já, a uma hora da madrugada, soube por Potápitch como havia terminado o dia a avozinha. Perdera tudo o que havia pouco lhe trocara eu, isto é, em moeda nossa, dez mil rublos. Metera-se a assessorá-la aquele mesmo polaquinho ao qual pouco antes dera dois fredericos, e esteve todo tempo dirigindo suas jogadas. A princípio, até que se apresentou o polaco foi Potápitch o encarregado de fazer as jogadas, mas não tardou em afastá-lo dali e foi então que interveio o polaco. Como de encomenda, entendia o russo e algaraviava além disso, de um modo ridículo, outras três línguas; de modo que, mal ou bem, puderam entender-se. A avozinha não deixava um momento de insultá-lo e embora estivesse ele constantemente pondo-se *pad stopki panski*,[28] aos pés da senhora. "Como teria podido comparar-se com o senhor, Alieksiéi Ivânovitch?", dizia Potápitch. Com o senhor tratava ela exatamente com um cavalheiro, ao passo que aquele sujeito… eu mesmo podia ver com meus próprios olhos como, assim Deus me mate de repente, lhe roubava o dinheiro de cima da mesa. Ela mesma o surpreendeu nessa faina um par de vezes e o descompôs, *bátiuchka*, a mais não poder e uma vez até lhe puxou os cabelos. É a pura verdade, não estou mentindo, a gente até não pode deixar de rir-se. Perdeu tudo, paizinho; tudo quanto o senhor lhe trocou. Voltamos a conduzir a *mátuchka* lá para seu quarto… pediu um golinho d'água, benzeu-se e se deitou e cansada, não é verdade?, adormeceu loguinho. Que Deus lhe dê sonhos de anjo. Oh! essas terras de estrangeiros — concluiu Potápitch, — para mim não são nada boas! Quanto daria por me encontrar já em nossa Moscou. Que é que não temos lá em casa, em Moscou? Jardins, flores, como aqui as há; ar, maçãs que já começam a tomar cor e terreno de sobra… Mas não; havia de vir para o estrangeiro. Oh!… Oh…oh…!

## Capítulo XIII

Há cerca de dois meses que não toco nestas anotações, escritas

sob o influxo de impressões desordenadas, porém, fortes. A catástrofe, cuja iminência tinha previsto, sobreveio, com efeito, porém cem vezes mais violenta e inesperada do que o supusera. Tudo aquilo foi algo estranho, monstruoso e até trágico, em sumo grau, para mim. Ocorreram-me alguns acontecimentos quase portentosos — assim pelo menos continuo a considerá-los, — embora aos olhos de outrem, e levando-se em conta o torvelinho em que então me agitava, pudessem resultar, no máximo, em algo fora do comum. Mas o mais prodigioso para mim foi como pude sair de todos aqueles sucessos. Hoje mesmo não o compreendo. E tudo isso passou voando, como um sonho… Até mesmo minha paixão, apesar de ser tão firme e sincera… Onde estaria então? Verdadeiramente, não, não; até costuma ocorrer-me alguma vez a ideia de que estivesse eu louco então e que tenho passado todo esse tempo em algum manicômio, onde talvez continuo… já que para mim tudo isso não deixou de parecer-me uma ilusão, e ainda continua parecendo, e nada mais.

Reuni e volto a ler meus papéis. Quem sabe se para convencer-me de que não os escrevi num manicômio? Agora, acho-me inteiramente só. O outono avança, amarelecem as frondes. Encontro-me neste triste povoado (Oh! quão tristes são todos os povoados germânicos), e, em vez de meditar sobre o passo iminente, vivo sob o influxo das recentes sensações, das recentes recordações, sob o influxo de todos esses torvelinhos da véspera, que teve de arrebatar-me então em seu vórtice para lançar-me depois em qualquer parte; imagino por vezes que ainda continuo girando nesse torvelinho e que outra vez vai levantar-se de repente esse vendaval, arrebatando-me com suas asas ao passar, e que de novo me encontro fora da ordem e do sentimento da medida, e me ponho a dar voltas e voltas e mais voltas…

Aliás, além disso é possível que me detenha em algum lugar e deixe de dar voltas, se conseguir entender com clareza, a máxima possível, tudo quanto ocorreu naquele mês. Voltei a empunhar a pena; mas às vezes é-me completamente impossível fazer alguma coisa uma tarde inteira. Coisa extraordinária! Para ter algo em que ocupar-me, vou à deplorável biblioteca local e me ponho a ler romances de Paul de Kock, traduzidos para o alemão, que quase não posso suportar, mas que leio… admirando-me de mim mesmo. Parece que receio os livros

sérios ou toda ocupação séria, capaz de acabar com o encanto do passado recente. Diria-se que é para mim tão precioso esse sonho absurdo e todas as impressões nele experimentadas que até receio dissipá-lo com algo novo, para que não se desvaneça na bruma. Mas será que o estimo, apesar de tudo? Sim; sem dúvida é para mim precioso. Pode ser que até passados quarenta anos o recorde…

Bem; vamos escrever. Aliás, tudo isto pode contar-se agora também com maior brevidade; não se trata daquelas impressões.

*

Antes de tudo, para deixar de falar da *bábuchka*. No dia seguinte, perdeu tudo definitivamente. Não tinha outro remédio senão ser assim mesmo. A pessoa de suas condições, que uma vez entra por esse caminho, pode comparar-se a alguém que desliza em trenó, montanha abaixo, sobre a neve: cada vez vai mais depressa. Esteve jogando todo aquele dia até as oito da noite; não presenciei as jogadas e delas só sei o que me contaram.

Potápitch permaneceu junto dela no cassino o dia inteiro. Os polaquinhos, assessores da *bábuchka*, alternaram-se naquele dia várias vezes. Começou ela com aquele que a fizera perder no dia anterior, acabando por puxar-lhe os cabelos, para tomar outro, que resultou pouco menos que pior. Deixando este e voltando a tomar o primeiro, que não se retirara e ficara esperando a despedida do camarada, atrás da cadeira dela, sem cessar de mostrar a cabeça, acabou por desesperar-se de todo. O segundo polaquinho, despedido, negava-se a ir embora. Um colocou-se à sua direita e o outro à esquerda. Não faziam senão insultar-se e discutir por motivo das jogadas e retiradas; chamavam-se um ao outro de *laidak* (canalha) e outras gentilezas polacas, depois do que faziam as pazes e lançavam o dinheiro sem ordem alguma, dispondo as apostas a torto e a direito. Quando discutiam, apostava cada qual por seu lado, um, por exemplo, no vermelho, e o outro, no negro. Concluíram por aturdir inteiramente a avozinha e fazê-la perder o juízo, até o extremo de, finalmente, quase com lágrimas nos olhos fazê-la dirigir-se ao *croupier* chefe, implorando seu auxílio para que os pusesse para fora. Efetivamente, logo os

expulsaram, sem fazer caso dos seus gritos e protestos; gritavam os dois ao mesmo tempo e asseguravam que a avozinha estava a dever-lhes, que os enganara e procedera com eles de modo ignóbil e mau. O infeliz Potápitch contava-me tudo aquilo chorando, naquela mesma noite; depois da perda, e queixava-se de que eles tinham guardado dinheiro nos bolsos, que ele mesmo pudera ver como, sem o menor recato, depenavam a avozinha e a cada instante estavam embolsando. Pediam, por exemplo, à avozinha, pelo seu trabalho, cinco fredericos de ouro e os colocavam na roleta, junto da aposta dá avozinha. Se esta ganhava, saíam dizendo que a que tinha ganho era a sua aposta e perdido a da *bábuchka*. Depois que os puseram para fora, Potápitch saiu atrás deles e denunciou-os dizendo que levavarn os bolsos repletos de ouro. A avozinha rogou imediatamente ao *croupier* que adotasse as medidas oportunas e, por mais que os polacos se agitassem (exatamente como dois galos agarrados pela mão), veio a polícia e imediatamente esvaziaram-lhes os bolsos em favor da avozinha. Enquanto teve ela dinheiro a perder, gozou durante todo aquele dia das deferências dos *croupiers* e de quantos exerciam autoridade na sala. Pouco a pouco tornara-se famosa em toda a cidade. Todos os aquáticos de todas as nações, tanto os vulgares como os mais célebres, detinham-se para olhar *une vieille comtesse russe, tombée en enfance*, que já havia perdido uns tantos milhões.

Mas a avozinha saiu ganhando muito pouco pelo fato de ter sido libertada dos dois poloneses. Substituindo-os, acorreu imediatamente a oferecer-lhe seus serviços um terceiro polaco, que falava com perfeita clareza o russo e trajava à maneira de um *gentleman*, apesar de que tinha certo ar de lacaio, com uns bigodões enormes e muito *gonor*[29] por aqui e muito *gonor* por ali. Também se punha aos pés da senhora *stopki panski* e os beijava, ainda que depois se portasse de modo altaneiro, ditando ordens despóticas; numa palavra: portava-se, não como um servidor da avozinha, mas como seu senhor. A cada passo, a cada jogada, voltava-se para ela e jurava, com os mais espantosos juramentos, que era ele um cavalheiro *gonorável* e que não ficava sequer com um copeque do dinheiro da *bábuchka*. Tão amiúde repetia aqueles juramentos, que ela acabou por ficar com medo dele. Mas como aquele *pan*,[30] efetivamente a princípio emendou um tanto suas jogadas e a fez ganhar algo, não podia a avozinha prescindir dele.

Ao cabo de uma hora os dois polaquinhos de antes, expulsos da sala, voltaram a colocar-se às costas da cadeira da avozinha e a oferecer-lhe seus serviços, ainda que fosse para simples portadores de recados. Potápitch jurava que o *gonoroyi pan* piscava o olho para eles e até lhes colocou algo na mão. Como a avozinha não comia e quase não se movia da sua cadeira, um dos polacos foi-lhe efetivamente útil; correu ao refeitório do cassino e trouxe-lhe uma tigela de caldo e chá. Naturalmente foram ali os dois. Mas ao findar o dia, quando já era evidente que estava perdendo suas derradeiras cédulas, reuniram-se atrás de sua cadeira até seis polaquinhos, até então não vistos nem ouvidos. Quando já estava a avozinha perdendo suas derradeiras moedinhas, eles não só não a escutavam, mas nem lhe faziam o menor caso, estiravam-se até a mesa, recolhiam o dinheiro, dispunham à sua vontade das apostas, brigavam entre si e gritavam, tratando de igual para igual o cavalheiro venerável. Este não se preocupava tampouco, absolutamente, com a existência da *bábuchka*. Mais ainda: quando a avozinha, tendo já perdido tudo, voltava, às oito da noite, ao hotel, aqueles três ou quatro polaquinhos não se tinham ainda decidido a deixá-la em paz e corriam em redor de sua cadeira, de ambos os lados, gritando com todas as suas forças e assegurando, numa algaravia, que a avozinha os enganara e tinha de pagar-lhes certa quantia. Seguiram assim até o próprio hotel, donde, finalmente, os expulsaram a empurrões.

Segundo os cálculos de Potápitch a avozinha perdeu ao todo, durante aquele dia, noventa mil rublos, sem contar o dinheiro que ganhara na véspera. Todas as suas cédulas… dos cinco por cento, dos empréstimos nacionais; todas as ações que levara consigo as foi trocando umas após outras. Mostrei meu assombro por ter ela podido resistir aquelas sete ou oito horas sentada em sua cadeira e quase sem afastar-se da mesa; mas Potápitch me contou que por três vezes ela, efetivamente, começou a ganhar muito, mas que, seduzida pela ilusão, não soube retirar-se. Além do mais, os jogadores sabem que um homem pode estar sentado vinte quatro horas seguidas jogando baralho, sem desviar o olhar, nem para a direita, nem para a esquerda.

Além de tudo isto, em todo aquele dia, ocorreram no hotel, também entre nós, coisas muito decisivas. Já pela manhã, ali pelas

onze horas; quando estava ainda a avozinha em seus aposentos, os nossos, isto é, o general e De-Grillet, decidiram dar o derradeiro passo. Sabedores de que a avozinha não pensava em partir, mas que, pelo contrário, dirigia-se novamente à sala de jogo, todos, reunidos em conclave, menos Polina, resolveram falar-lhe de modo definitivo e até franco. O general, com a alma tremendo e desfalecida diante da perspectiva de umas consequências terríveis para ele, deitou tudo a perder; depois de meia hora de rogos e súplicas, e depois de ter confessado francamente todas as suas dívidas e sua paixão por *Mademoiselle* Blanche (estava completamente transtornado), assumiu de repente um tom de ameaça e se pôs a gritar e a dar patadas no chão, diante da *bábuchka*. Clamava, dizendo que esta estava comprometendo sua família; que era o escândalo de toda a cidade e, finalmente, finalmente… "está a senhora desprestigiando o nome da Rússia", gritava o general. "E se não se comporta, para isso existe a polícia." A avozinha acabou por pô-lo para fora dali com uma bengala… com uma bengala deveras. O general e De-Grillet realizaram ainda uma ou duas conferências naquela manhã e trataram de ver se não seria possível realmente apelar para a polícia. Porque aquela anciã, infeliz, mas venerável, tinha perdido o juízo e estava gastando no jogo seus últimos recursos, etc. Numa palavra: não se poderia tomar providências para que a vigiassem ou a proibissem de jogar? Mas De-Grillet limitou-se a encolher os ombros e riu-se na cara do general, que continuava disparatando e dando passadas acima e abaixo pelo quarto. Finalmente, De-Grillet ficou farto e foi ocultar-se não sei onde. À noite, souberam que desaparecera do hotel, depois de manter uma entrevista decisiva e secreta com *Mademoiselle* Blanche. Pelo que se refere a *Mademoiselle* Blanche, naquela manhã mesmo, adotou medidas terminantes; afugentou de seu lado o general e nem sequer se dignou mais fixar nele a vista. Quando o general foi atrás dela ao cassino e a encontrou de braço com o principezinho, nem ela, nem a senhora viúva Cominges deram mostra de conhecê-lo. Mas, ai!, enganava-se ela cruelmente a respeito do príncipe. Esta pequena catástrofe aconteceu à noite; descobriu-se, de repente, que o príncipe estava pelado como um falcão e que contava com ela para levar-lhe o dinheiro em troca de uma promissória, a fim de jogá-lo na roleta. Blanche, indignada, repeliu-o e encerrou-se em seus aposentos.

Naquele mesmo dia, de manhã, fui ver *Mister* Astley, ou, melhor dito, andei a manhã toda procurando *Mister* Astley, mas sem poder encontrá-lo. Não se achava nem em seu quarto, nem no cassino, nem no parque. Não fazia refeições naquele dia no hotel. Às cinco horas vim a vê-lo casualmente quando ia da estrada de ferro ao Hotel da Inglaterra. Ia muito depressa e parecia muito preocupado, ainda que tivesse sido difícil perceber em seu rosto indícios de preocupação, nem de nada extraordinário. Estendeu-me alegremente a mão, com sua habitual exclamação: "Ah!"; mas sem deter-se um instante e continuando bastante depressa seu caminho. Colei-me a ele, mas respondeu-me de tal maneira que não tive jeito de perguntar-lhe o que desejava. Sem contar que me repugnava, não sei por que, falar de Polina. Ele tampouco me perguntou por ela. Falei-lhe da avozinha. Ele me escutou atenta e seriamente e depois deu de ombros.

— Perdeu tudo — observei-lhe.

— Oh! sim! — respondeu. — Ia jogar ainda, há pouco, quando eu saía, e já sabia eu com certeza que tinha de perder. Se tiver tempo darei uma volta pela sala de jogo para observar, pois é coisa digna de ver-se.

— Mas aonde foi o senhor? — perguntei-lhe, assombrando-me por não tê-lo feito até então.

— Estive em Frankfurt.

— Para algum negócio?

— Sim, para um negócio.

Bem; para que iria continuar a fazer-lhe perguntas? Além do mais, caminhava todo tempo a seu lado; mas ele, de repente, meteu-se no Hotel das Quatro Estações, que se achava no caminho; fez-me uma inclinação de cabeça e desapareceu. Ao voltar ao hotel, fui pouco a pouco adivinhando que ainda que tivesse estado falando com ele um par de horas, não teria sacado nada, porque… na realidade, não tinha nada que perguntar-lhe. Sim; assim era, sem dúvida! De nenhum modo teria podido formular minha pergunta.

Durante todo aquele dia esteve Polina passeando com os meninos e as amas no parque e depois meteu-se em seu quarto. Fazia tempo que fugia ao general e quase nunca lhe falava, pelo menos de nada sério. Fazia tempo que eu notara isto. Mas, sabendo em que situação se encontrava então o general, pensei que este não podia deixar de contar com ela, isto é, que entre eles teria de haver mútuas e graves explicações familiares. Não obstante, quando, ao voltar ao hotel, depois daquela conversa com *Mister* Astley, encontrei Polina com os meninos, refletia seu rosto a mais absoluta serenidade, como se todos aqueles furacões da família somente a ela respeitassem. Ao meu cumprimento, respondeu com um movimento de cabeça. Entrei em meus aposentos, cheio de raiva.

É certo que eu evitava falar com ela e nem uma vez lhe havia dirigido a palavra depois do incidente com Burmerhelm. Nisto, até certo ponto, tive de fazer força e dominar-me. Mas, à medida que o tempo ia passando, sentia verdadeira indignação. Se pelo menos tivesse ela tido por mim algum carinho, não teria sido possível que pisasse daquele modo meus sentimentos e com tal indiferença escutasse minha declaração. Porque sabia muito bem que deveras a amava. Ela mesma me autorizara e me dera licença para falar-lhe assim. Verdadeiramente, algo estranho surgira entre nós. Uma vez, fazia já tempo, um par de meses antes começara eu a notar que ela queria ser minha amiga sincera e até, em parte, demonstrara sê-lo. Mas a coisa não chegou a solidificar-se e, em vez disso, estávamos nas estranhas relações atuais; por isso começara a falar-lhe daquele modo, mas se ela era contrária ao meu amor, por que não me proibia francamente de falar dele?

E não proibia. Ela mesma, pelo contrário, costumava provocar-me a conversar e… sem dúvida assim o fazia para divertir-se. Sei com certeza que assim era. Observara que gostava ela, depois de ouvir-me e de ter-me irritado até a dor, de acabar de transtornar-me, de repente, com alguma saída de absoluto desprezo e indiferença. E isto sabendo muito bem que sem ela não posso viver. Eis que já se passaram três dias desde o incidente com o barão alemão e não posso suportar nossa separação. Quando a encontrei, há um instante, no cassino, deu-me o coração tais voltas, que fiquei pálido. Mas é que ela

tampouco não pode viver sem mim. Sou-lhe necessário… ainda que fosse somente como um bobo Balákiriev.

Tem ela um segredo… isto está claro. Seu diálogo com a avozinha provocou um eco doloroso em meu coração. Porque eu a exortei mil vezes a ser franca comigo e ela sabia de sobra que era eu capaz de sacrificar-lhe a minha vida. Ela, porém, sempre me repelia com desprezo, ou, em vez do sacrifício da minha vida que eu lhe oferecia… saía-se a pedir-me alguma futilidade, como no caso do barão. Será que isto não se torna doloroso? Será que todo o mundo se reduz para ela a esse francês? E *Mister* Astley? Mas, ao chegar a este ponto a coisa resultava decididamente incompreensível; e pôr tudo isto… meu Deus!… quanto sofria!…

Ao voltar aos meus aposentos, num arrebatamento nervoso, peguei da pena e escrevi o seguinte:

> Polina Alieksándrovna: Vejo claramente que chegou o desenlace que também, sem dúvida, nos alcançará.
>
> Pela última vez lhe repito: é-lhe necessária minha vida? Se necessita de mim, *seja para o que for*, diga que eu, entretanto, não me afastarei de meus aposentos, pelo menos na maior parte do dia, não indo a parte alguma. Se lhe for necessário, escreva-me ou chame-me.

Lacrei e enviei este bilhete pelo criado do corredor, advertindo-o de que o entregasse em mão própria. Não esperava resposta; mas, três minutos depois, voltava o criado com a notícia de que “havia-o encarregado de transmitir uma saudação”.

Às sete horas vieram chamar-me de parte do general.

Estava ele em seu gabinete, vestido como se se dispusesse a sair. O chapéu e a bengala jaziam sobre o divã. Pareceu-me ao entrar, que estava no meio do quarto de pernas abertas, cabisbaixo e falando sozinho, em voz alta. Mas, mal me viu, avançou para mim, pouco menos que gritando, de sorte que, involuntariamente, retrocedi e estive a ponto de deitar a correr, se não me tivesse ele segurado ambas as mãos e levado para o divã, sentando-se ali e fazendo-me sentar numa cadeira diante dele. Sem largar-me a mão, com os lábios trêmulos, com lágrimas que de repente brilharam em suas pestanas e com voz implorante, disse-me:

— Alieksiéi Ivânovitch, salve-me, salve-nos; tenha piedade de nós!

Estive longo tempo sem compreender nada. Ele não fazia senão falar, falar e falar, repetindo sempre: “Tenha piedade de nós!”. Finalmente adivinhei que esperava de mim algo assim como um conselho, ou, melhor dito, que, abandonado de todo, cheio de dor e inquietação, se lembrara de mim e me mandara chamar, simplesmente para falar, falar e falar.

Estava transtornado, pelo menos alterado em supremo grau. Juntava as mãos e estava a ponto de cair a meus pés, de joelhos, para que… (que imaginam vocês), para que fosse eu imediatamente ver *Mademoiselle* Blanche e aconselhá-la a voltar para seu lado e casar-se com ele.

— Por favor, general! — exclamei. — Mas se *Mademoiselle* Blanche talvez nem sequer reparara em mim ainda! Que posso eu fazer?

Era inútil fazer-lhe objeção: não compreendia o que eu lhe dizia. Pôs-se a falar também da *bábuchka;* mas com uma incoerência terrível. Estava unicamente aferrado à ideia de chamar a polícia.

— Em nosso país, em nosso país — começou, dando de repente rédea solta à sua indignação, — em nosso país, isto é, num Estado bem constituído onde há autoridade, teriam nomeado imediatamente um tutor para uma velha como esta. Sim, senhor; isto é, — prosseguiu, saltando de repente a um tom de censura, levantando de seu assento e pondo-se a dar voltas pelo quarto, — não sabe ainda meu senhor — como se tivesse diante de algum senhor que, de um canto, lhe fizesse objeções, — o senhor não está a par… isto é… entre nós, a uma velha assim nós a domamos, nós a domamos, nós a domamos, sim, senhor… Oh! Que os diabos me carreguem!

E deixou-se cair novamente no divã; mas, ao cabo de um minuto, quase soluçando, sem alento, começou a contar-me, muito depressa, que *Mademoiselle* Blanche não queria casar-se com ele porque, em vez de um telegrama, apresentara-se a *bábuchka* e estava agora bem claro que não teria ele de receber-lhe a herança. Ele imaginava que eu não

sabia de nada disso. Falei-lhe de De-Grillet; agitou a mão:

— Foi-se embora. Estou com tudo empenhado; estou pelado como um falcão. Aquele dinheiro que você me trouxe… aquele dinheiro… não sei quanto restará aí; a meu ver, só restam setecentos francos e demos ainda graças, é tudo que nos resta; d'agora em diante… não sei, não sei.

— Mas como vai o senhor pagar a conta do hotel? — perguntei, assustado. — E… depois, que vai fazer?

Ele me fitava pensativo; mas, ao que parece, não me entendia, e até é possível que não me tivesse ouvido. Tentei dizer-lhe algo de Polina Alieksándrovna, dos meninos; ele se apressava em responder-me: "Sim, sim", mas, imediatamente, voltava a falar-me do príncipe, de que Blanche iria agora com ele, "e então… e então, que vai ser de mim, Alieksiéi Ivânovitch? — encarando-me de repente. — Juro por Deus. Que hei de fazer?… Porque diga você se isto não é uma ingratidão. Se isto não uma ingratidão!".

Finalmente prorrompeu entre rios de pranto.

Nada havia a fazer com semelhante homem; abandoná-lo assim mesmo era perigoso; poderia acontecer-lhe quem sabe o quê?

Eu, além disso, me livrei dele como pude, mas adverti a ama para que não o perdesse de vista e, ainda por cima, falei ao criado do corretor, um menino muito esperto, que me prometeu também não se descuidar dele.

Mal eu deixara o general, quando se apresentou em meu quarto Potápitch com um recado da avozinha para que fosse vê-la. Eram oito horas e acabava ela de voltar da sala de jogo, depois de ter perdido tudo. Encaminhei-me para seus aposentos; a velhinha estava sentada em uma cadeira, inteiramente esgotada e visivelmente doente. Marfa estava-lhe dando uma xícara de chá, fazendo-a beber quase à força. Tanto a voz como o tom da *bábuchka* tinham sofrido visível mudança.

— Boa noite, meu amigo Alieksiéi Ivânovitch — disse imediatamente, inclinando com modo grave a cabeça, — desculpa-me

uma vez mais ter-te incomodado; perdoa a uma velha. Eu, meu amigo, deixei tudo ali, uns cem mil rublos. Fizeste bem em não ir lá à noite comigo. Agora não tenho dinheiro, nem um *groch* sequer. Não quero ficar aqui nem mais um minuto e vou-me embora no trem das nove e meia. Mandei chamar esse inglês, teu amigo, Astley, na intenção de pedir-lhe três mil francos emprestados por uma semana. Quero que o previnas para que não vá imaginar nada de mal e desacatar-me. Sou ainda, meu amigo, bastante rica. Possuo três domínios e duas casas. E tenho também dinheiro, pois não trouxe tudo quanto tinha. Digo isto para que não vá ele acreditar… Ah! Já está aí! Parece uma boa pessoa.

*Mister* Astley acorreu pressuroso ao primeiro chamado da *bábuchka*. Sem imaginar nada em absoluto, nem falar muito, entregou-lhe imediatamente os três mil francos em troca de uma promissória que a avozinha assinou. Terminado o negócio, fez uma reverência e apressou-se em retirar-se.

— Agora, vai-te tu também, Alieksiéi Ivânovitch. Resta-nos uma hora e pouco… e quero deitar-me, pois me doem os ossos. Não guardes rancor a esta velha caduca. D'agora em diante não acusarei de atordoados os moços e até mesmo a esse teu desditoso general seria pecado que eu o censurasse agora. Dinheiro, não obstante não hei de dar-lhe, como ele quer, porque… tenho-o na conta de rematadamente estúpido, somente não sou eu mais sábia do que ele. Como se vê, Deus também visita os anciãos e castiga os soberbos. Está bem, adeus. Marfucha, levanta-me.

Eu, não obstante, queria acompanhar a *bábuchka*. Além do mais estava possuído de certa expectativa e esperava que de um momento para outro ocorresse o que efetivamente sucedeu. Não tinha vontade de manter-me encerrado. Saí para o corredor e até estive vagando um momento pela alameda. Minha carta a ela era clara e terminante e a catástrofe atual… indubitavelmente, já definitiva. No hotel ouvira falar da partida de De-Grillet. Por fim, se ela me recusasse como amigo… Poderia ser que me aceitasse como servidor. Porque eu lhe era necessário, ainda que fosse somente para desempenhar seus encargos e não para outra coisa.

No momento da partida fui à estação para cumprimentar a

avozinha. Ocupavam todos o vagão especial da família.

— Obrigado, meu amigo, por tua desinteressada ajuda — disse-me a avozinha. — Torna e dize a Praskóvia que não se esqueça do que ontem lhe disse… Eu a esperarei.

Voltei ao hotel. Ao passar em frente dos aposentos do general, encontrei a ama e perguntei-lhe por ele.

— Não acontece nada *bátiuchka* — respondeu ela, triste.

Não obstante, entrei; mas na porta do gabinete detive-me presa de forte estupor. *Mademoiselle* Blanche e o general riam às gargalhadas, como que à porfia. A senhora viúva Cominges estava sentada no divã. O general achava-se visivelmente louco de alegria, soltava toda espécie de incongruências e prorrompia em longas gargalhadas nervosas, que lhe marcavam no rosto inúmeras ruguinhas e lhe escondiam não se sabia aonde os olhos. Depois soube pela mesma Blanche que esta, tendo mandado embora o príncipe e ciente dos prantos do general, pensara em consolá-lo e passara para fazer-lhe companhia um momento. Mas não sabia o pobre general que naquele mesmo instante havia-se decidido irremissivelmente sua sorte e Blanche já havia resolvido voar para Paris no primeiro trem da manhã seguinte.

Parado nos umbrais do gabinete do general, desisti de entrar e saí dali sem que me percebessem. Depois que subi a meu quarto e abri a porta notei de repente na penumbra não sei que figura humana que estava sentada numa cadeira, a um canto, junto da janela. Não se levantou quando eu entrei. Aproximei-me rapidamente, olhei e… meu coração se contraiu. Era Polina!

## Capítulo XIV

Lancei um grito.

— Mas que se passa com você? Mas que se passa com você? — perguntou ela de modo estranho. Estava pálida e tinha o rosto sombrio.

— Que é que se passa comigo? Você aqui, no meu quarto!

— Quando vou a um lugar vou toda inteira. É meu costume. Você acaba de ver isso; acenda uma luz.

Acendi uma vela. Polina levantou, aproximou-se da mesa e pôs-me diante dos olhos uma carta aberta.

— Leia — ordenou-me.

— Esta… é a letra de De-Grillet! — exclamei, pegando a folha de papel. As mãos me tremiam e as linhas bailavam-me diante dos olhos. Esqueci os termos exatos da missiva, mas vou reproduzi-la, senão literalmente, pelo menos em essência:

Senhorita:

escrevia De-Grillet

Circunstâncias aborrecidas obrigam-me a partir sem perda de tempo. A senhorita mesma deverá sem dúvida ter notado que, bem intencionalmente, vinha fugindo a uma explicação definitiva com a senhorita, enquanto não se esclarecessem todas as circunstâncias. A chegada da velha (de *la vieille dame*), sua parenta, e seu estúpido modo de proceder puseram fim a todas as minhas perplexidades. Meus desarranjados negócios pessoais impedem-me definitivamente de continuar vivendo das doces ilusões de que vivi algum tempo. Lamento o passado, mas confio em que a senhorita não encontrará a minha conduta nada indigna de um fidalgo e de um homem honesto. (*Gentilhomme et honnête homme*), tendo perdido quase todo o meu dinheiro em empréstimos a seu padrasto, vejo-me na imprescindível necessidade de tirar partido do que ainda me resta; já dei instruções a meus amigos de Petersburgo para que procedam imediatamente à venda das propriedades hipotecadas em meu favor; mas sabendo que seu imprudente padrasto malbaratou a fortuna pessoal da senhorita, decidi perdoar-lhe cinquenta mil francos, devolvendo-lhe para este efeito partes das propriedades por ele hipotecadas; de modo que a senhorita se encontra agora em condições de recuperar tudo quanto havia perdido, reclamando-lhe seus bens por via judiciária. Espero, senhorita, que no presente estado de coisas meu modo de proceder lhe será muito proveitoso. Espero também que, ao agir desse modo, terei cumprido plenamente meu dever de homem honrado e de fidalgo. Fique a senhorita certa de que sua recordação ficará gravada para sempre em meu coração.

— Ora, isto está claro — disse, fitando Polina. — Mas poderia você esperar outra coisa? — acrescentei com indignação.

— Eu não esperava nada — respondeu-me ela, visivelmente tranquila, embora a voz lhe tremesse um pouco. — Faz tempo que resolvera tudo; lia em seu pensamento e sabia o que pensava. Pensava

que eu ia… que eu ia insistir… — deteve-se e, sem terminar a frase, mordeu os lábios e calou-se. — Eu, bem intencionalmente, tratava-o com duplo desprezo — tornou a começar, — esperando ver o que ele faria. Se tivesse chegado o telegrama com a notícia da herança… teria pago as dívidas desse idiota — o padrasto dela — e o teria mandado embora! Faz muito, muito tempo, que ele se me tornara odioso. Oh! Já não era o homem de antes, não, mil vezes não, mas o de agora, o de agora!… Oh! Com que gosto eu lhe atiraria na cara ignóbil esses cinquenta mil francos e lhe cuspiria… e o faria engolir o escarro!

— Mas os documentos… esse compromisso no valor de cinquenta mil francos que ele lhe devolve, está com o general? Peça-o e devolva-o a De-Grillet.

— Oh! Não é isso, não é isso!…

— Sim; você tem razão, tem razão: não é isso! Além do mais, que pode o general agora? E a avozinha? — perguntei de repente.

Polina olhou-me como que abstraída e impaciente.

— Por que a avozinha? — perguntou Polina, com desgosto. — Não posso ir vê-la… nem tampouco quero pedir perdão a ninguém — acrescentou, nervosa.

— Que fazer? — exclamei eu. — Mas pergunto; como é possível que tenha você podido amar De-Grillet? Vamos ver: quer que eu o mate em desafio? Onde se encontra agora?

— Em Frankfurt, onde passará três dias.

— Uma só palavra sua e partirei amanhã mesmo para lá no primeiro trem — ofereci-lhe com estúpido entusiasmo.

Ela se pôs a rir.

— Ora, essa! Ele diria: “Primeiro devolva-me você os cinquenta mil francos.” Além disso, por que bater-se com ele? Isto é absurdo!

— Bem; mas donde, donde tirar esses cinquenta mil francos? — repetia eu, rangendo os dentes, como se fosse possível arrancar de

repente tal quantia do chão. — Ouça e *Mister* Astley? — indaguei, olhando-a com uma ideia incipiente, algo estranha.

Cintilaram-lhe os olhos.

— Como, também tu mesmo queres que me afaste de ti para ir ter com esse inglês? — exclamou, fitando-me o rosto com olhar penetrante e sorrindo amargamente. Era a primeira vez que me tratava por tu.

Parecia que naquele momento a cabeça lhe girasse de emoção e, de repente, deixou-se cair no divã, como que extenuada.

Fiquei como fulminado; estava de pé e não dava crédito a meus olhos, nem tampouco a meus ouvidos. Como? Mas então ela me amava! Recorrera a mim e não a *Mister* Astley! Ela, uma donzela, viera sozinha ver-me no meu quarto de hotel… ou seja, comprometera-se aos olhos de todo o mundo… e eu estou diante dela e não chego a compreender…

Ousado pensamento cruzou-me a mente.

— Polina! Dá-me uma hora só de trégua! Espera-me aqui, nada mais que uma hora e… voltarei! É… é indispensável!… Hás de ver!… Fica aqui, fica aqui!

E saí correndo do quarto, sem responder a seu olhar, cheio de assombro e interrogação; gritou-me não sei que, mas não fiz caso.

Sim; às vezes o pensamento mais temerário, a ideia de aparência mais impossível fixam-se com tal força em nosso cérebro, que a gente acaba por acreditá-los factíveis… Mais ainda: quando essa ideia se une a um forte e apaixonado desejo, a gente acaba por considerá-la, por vezes, como algo fatal, indispensável, predestinado, algo que não pode deixar de ser e de ocorrer. É possível que medeie nisso alguma coincidência do pressentimento, alguma extraordinária força de vontade, uma autointoxicação da fantasia ou algo neste estilo… não sei, mas a mim naquela noite (que nunca esquecerei na minha vida) teria de acontecer-me uma coisa prodigiosa. Mesmo estando perfeitamente de acordo com a aritmética, nem por isso deixo de tê-la

até hoje como prodigiosa. E por que, por que esta confiança existia tão funda, tão forte, em minha alma e desde tanto tempo? Para dizer a verdade, penso nisto — repito-o, — não como num acontecimento, que pode pertencer ao número dos demais (e que, por conseguinte, pode não ocorrer), mas como em algo que não tinha outro remédio senão suceder.

Eram onze e um quarto. Entrei no cassino com uma esperança firmíssima e, ao mesmo tempo, com uma emoção que nunca sentira até então. Na sala de jogo havia ainda bastante público, embora não tanto como de manhã.

Às onze horas, nas mesas de jogo ficam os verdadeiros jogadores, os desesperados, para os quais, nas águas, só existe a roleta, que ali vão só por causa dela, que mal reparam no que se passa em redor deles e por nenhuma coisa se interessam em toda a estação, outra coisa não fazendo senão jogar, desde a manhã até a noite, e estando dispostos a jogar a noite inteira até o amanhecer, se isto fosse possível. E sempre dali se retiram, pesarosos, quando às doze horas tapam a roleta. E quando o velho *croupier*, antes de tapar a roleta, cerca das doze, canta *Les trois derniers coups, messieurs*!,[31] estão eles dispostos por vezes a apostar naquelas três últimas jogadas tudo quanto tem nos bolsos… e, efetivamente, é então que mais perdem! Dirigi-me àquela mesma sala onde, não havia muito, estivera a *bábuchka*. Não havia muito aperto, de modo que me foi fácil abrir caminho até a mesma mesa. Bem em minha frente, no tapete verde, estava escrita a palavra *passe*.

*Passe*… é uma fileira de números, desde o dezenove até o trinta e seis inclusive. A primeira fila, do um ao dezoito inclusive, chama-se *manque*… Que tinha eu que ver com aquilo? Não tinha calculado, nem ouvido sequer que número era o último que saíra, e não me guiei por esse pormenor ao iniciar minhas jogadas, como faziam quase todos os jogadores calculistas. Tirei do bolso todos os meus vinte fredericos de ouro e coloquei-os no *passe* que tinha à minha frente.

— *Vingt deux*! — exclamou o *croupier*.

Tinha ganho. Tornei a apostar tudo e, como antes, tornei a

ganhar.

— *Trente et un*! — cantou o *croupier*.

Tornei a ganhar. Já estava com uns oitenta fredericos de ouro. Coloquei todos os oitenta fredericos nos doze números centrais (em que se ganha tríplice, mas tem duas probabilidades contra). A roleta girou e saiu vinte e quatro. Entregaram-me três pacotinhos de cinquenta fredericos e dez moedas de ouro; no total, com o anterior, vinha eu a ter duzentos fredericos.

Sentia-me febril e apostei todo aquele montão de dinheiro no vermelho… e de repente dei-me conta do que fizera! E só uma vez em toda aquela noite, em todo o tempo em que estive jogando, correu-me um calafrio de medo por todo o corpo e um tremor pelas mãos e pela pele. Senti espanto e, num momento, compreendi o que para mim significava então perder. Naquela jogada cifrava-se toda a minha vida!

— *Rouge*! — cantou o *croupier*… e respirei; formiguinhas de fogo correram-me por todo o corpo.

Pagaram-me em notas de banco; tinha eu já, ao todo, quatro mil florins e setenta fredericos de ouro. (Ainda podia fazer contas.)

Em seguida, lembro-me, pus dois mil florins outra vez nos dezenove números centrais e perdi; pus meu ouro e os setenta fredericos e perdi. Enchi-me de raiva; peguei os últimos dois mil florins que me restavam e apostei-os nos doze primeiros números… assim, ao acaso, à aventura, sem cálculo. Houve então um momento de expectativa, semelhante talvez, quanto à impressão, à que experimentará *Mademoiselle* Blanchard quando, em Paris, voa em seu globo de ar sobre a terra.[32]

— *Quatre*! — cantou o *croupier*.

No total, com a jogada anterior, voltava a reunir seis mil florins. Tinha eu já ar de triunfador, não temia nada e apostei quatro mil florins no preto. Dez jogadores apostaram na mesma cor atrás de mim. Os *croupiers*, olhavam-se e falavam entre si. Em torno de mim, conversavam e aguardavam.

Deu o preto. Já não recordo nem a conta, nem a ordem de minhas apostas. Lembro-me somente, como em sonhos, de que já ia ganhando, ao que parece, dezesseis mil florins, quando, de repente, três sortes contrárias levaram-me doze; depois apostei os últimos quatro mil em *passe* (mas já não sentia nada ao fazê-lo; não fazia outra coisa senão aguardar algo, maquinalmente, sem pensar em nada), e de novo ganhei; depois tornei a ganhar outras quatro vezes seguidas. Lembro-me unicamente de que recolhia o dinheiro aos milhares, e lembro-me também de que, com mais frequência de todos davam os doze números centrais, aos quais eu me havia aferrado. Vinham a dar de um modo regular, infalivelmente, três, quatro vezes seguidas; depois ficavam duas jogadas sem sair e, em seguida, tornavam a dar três ou quatro jogadas sucessivas. Esta pasmosa regularidade costuma observar-se às vezes nas jogadas e é isto que desconcerta os jogadores que tomam nota e fazem contas de lápis em riste. E que trapaças da sorte espantosíssimas costumam apresentar-se!

Creio que desde a minha aparição ali não teria transcorrido mais que meia hora. De repente, um *croupier* participou-me que havia ganho trinta mil florins e como a banca não dispõe de mais para cada vez, cobriram a roleta até a manhã seguinte. Recolhi todo o meu ouro, guardei-o nos bolsos e, imediatamente, dirigi-me a outra mesa de outra sala, onde funcionava outra roleta; atrás de mim veio toda a tropa; ali logo me deram lugar e pus-me a fazer novas apostas, ao acaso e sem cálculo. Não compreendo que foi que me salvou!

Às vezes, apesar de tudo, cruzava-me a mente um assomo de cálculo. Aferrava-me a alguns números sortes, somente não tardava em deixá-los e voltava a apostar, quase inconscientemente.

Deveria estar, por força, muito distraído; lembro-me de que os *croupiers* corrigiam-me por vezes as jogadas. Cometia erros crassos, Tinha as fontes inundadas de suor e as mãos me tremiam. Aproximaram-se também de mim os já mencionados polaquinhos a oferecer-me seus serviços, mas não fiz caso de nenhum deles. A sorte não parava! De repente, em redor de mim, ergueram-se vozes fortes e risadas. “Bravo! Bravo!”, gritavam todos, e alguns até batiam palmas. Também havia eu ali arrastado trinta mil florins e tiveram de fechar a banca, até a manhã seguinte.

— Vai embora, vai embora! — murmurou uma voz à minha direita.

Era a do judeu de Frankfurt. Tinha permanecido todo o tempo junto de mim e, ao que parece, ajudara-me algumas vezes em minhas jogadas.

— Por Deus, vá embora! — murmurou outra voz, em meu ouvido esquerdo.

Voltei-me para olhar. Era uma senhora muito modesta e decentemente vestida, de uns trinta anos, de rosto cheio de cansaço, doentiamente pálida, mas que ainda conservava vislumbres de sua antiga e prodigiosa beleza. Naquele momento entulhei os bolsos de cédulas que estalavam, comprimidas violentamente, e reuni todo o ouro que restava em cima da mesa. Depois de recolher o último pacotinho de fredericos de ouro, achei meio de colocá-lo, sem que ninguém o visse, na mão da dama pálida; dominara-me uma vontade tremenda de fazer assim e lembro-me de que os finos e delgados dedinhos apertaram os meus, em sinal de vivíssima gratidão. Tudo aquilo foi coisa de um instante.

Recolhendo tudo, transferi-me rapidamente para o *trente et quarente*. No *trente et quarente* havia um público aristocrático. Não é jogo de roleta, mas de cartas. Ali a banca responde por cem mil florins de uma vez. Não sabia eu uma palavra daquele jogo, e não conhecia nem uma só aposta, a não ser o preto e o vermelho, que também ali há. Dediquei-me a eles. Todo o cassino reunira-se em torno de mim. Não me lembro se em todo aquele tempo pensei uma só vez em Polina. Sentia eu então um prazer indefinido em pegar e guardar as notas de banco, que iam formando um montão cada vez mais volumoso diante de mim.

Efetivamente, só parecia que a sorte me impelia. Daquela vez, como de propósito, sobreveio uma circunstância que, aliás, se repete com bastante frequência no jogo. Ouvira eu dizer, três dias antes, que na semana anterior a cor vermelha tinha dado vinte e duas vezes consecutivas; coisa semelhante não era recordada na roleta e mencionavam-na com assombro. Naturalmente, todos em seguida

abandonaram o vermelho e, até passadas dez vezes, quase ninguém se atreveu a apostar nele. Mas tampouco no preto, a cor contrária, apostava então nenhum jogador esperto. O jogador esperto sabe o que significam esses caprichos da sorte. Qualquer um diria, por exemplo, que depois de sair dezesseis vezes seguidas o vermelho, teria de sair outras dezesseis vezes consecutivas o preto. Daí, acudirem os novatos em tropel, dobrando e triplicando suas apostas e perdendo de um modo feroz.

Mas eu, não sei por que raro capricho, tendo observado que o vermelho dera sete vezes seguidas aferrei-me a ele com toda intenção. Estou convencido de que ali terçava, em dose quase de metade por metade, o amor-próprio; queria causar assombro aos espectadores, correndo aquele risco insensato e, oh! sensação estranha! — lembro-me bem de que, efetivamente, sem que interviesse para nada o amor-próprio, acometeu-me de repente uma espantosa ânsia de perigo. É possível que, ao passar por tantas sensações, o espírito, longe de render-se, se excite mais ainda e exija sensações cada vez mais fortes, até sua definitiva inércia. E na verdade, pois não minto ao dizer que, se o chefe do jogo tivesse permitido apostas de cinquenta mil florins de uma vez, sem dúvida eu as teria feito. Em torno de mim gritavam que aquilo era um absurdo, que a cor vermelha já havia dado quatorze vezes.

— *Monsieur a gagné déjà cent mille florins* — soou uma voz junto de mim:

De repente dei-me conta. Como? Com que então havia ganho naquela noite cem mil florins? Para que queria mais? Peguei as notas, guardei-as no bolso, sem contá-las; arrebanhei todo o meu ouro e todos os meus pacotinhos e sai correndo dali. Ao passar pelas salas de jogo, todos se riam ao ver meus bolsos atochados, e meu passo desigual, por efeito do peso do ouro. Acho que representaria mais de vinte libras. Algumas mãos estenderam-se para mim. Dava eu o dinheiro aos punhados, de acordo com o que tirava do bolso.

Dois judeus detiveram-me na saída:

— O senhor é temerário! O senhor é temerário! — disseram-me.

— Mas parta amanhã mesmo no primeiro trem, o mais depressa que puder; senão perderá o senhor tudo, tudo…

Não parei para escutá-los. A avenida estava escura, tanto que dava trabalho distinguir os dedos da mão. Até o hotel haveria uma meia versta. Não tive medo nunca dos ladrões e dos bandidos, nem mesmo quando era pequeno; tampouco agora me lembrava deles. Aliás nem me lembro em que iria eu pensando durante o caminho; não pensava em nada. Experimentava somente um prazer tremendo — o êxito da vitória, o poder, — não sei como exprimi-lo. Surgia diante de mim a imagem de Polina; recordava e reconhecia que ia buscá-la, reunir-me imediatamente a ela e contar-lhe tudo e mostrar-lhe… porém mal recordava o que ela me dissera antes, nem por que eu sairá, e todas aquelas emoções, recentes, de havia hora e meia, no máximo, já me pareciam algo remotíssimo, velhíssimo, caduco… que não precisava ser recordado, uma vez que agora tudo começava de novo. Quase no final da avenida acometeu-me súbito temor: "E se agora me matassem e roubassem?". A cada passo redobrava meu susto. Ia correndo. De repente, no final da avenida, refulgiu nosso hotel, iluminado por inúmeras janelas… Louvado seja Deus, já estou em casa!

Subi correndo ao meu andar e abri a porta rapidamente. Polina estava ali, sentada no divã, diante da vela acesa, de braços cruzados. Olhou-me, atônita, e sem dúvida deveria eu ter naquele momento uma cara bastante esquisita. Parei diante dela e comecei a derramar sobre a mesa todo o meu mundo de dinheiro.

## Capítulo XV

Lembro-me de que ela ficou a olhar-me fixamente o rosto, mas sem mover-se de seu lugar, nem mudar de atitude.

— Ganhei duzentos mil francos! — exclamei, esvaziando o último pacotinho.

O montão enorme de notas e pacotinhos de ouro cobria toda a mesa. Não podia afastar dela meu olhar; havia momentos em que me

esquecia por completo de Polina. Depois pus-me a por em ordem aqueles montões de notas de banco e a reuni-los e ajuntar num grande monte todo o ouro; depois deixei tudo ali e me pus a andar rapidamente pelo quarto, pensativo, até que de repente acerquei-me de novo da mesa e tornei a contar o dinheiro. Em seguida, como se só então me tivesse dado conta, corri para a porta e apressei-me em fechá-la com dupla volta de chave. Finalmente, parei, perplexo, diante de meu cofrezinho.

— Devo guardá-lo no cofre até amanhã? — perguntei, voltando-me de repente para Polina, de quem naquele instante me lembrara.

Permanecia ela sentada no mesmo lugar, sem fazer um movimento; mas seguia atenta todos os meus. Era algo estranha a expressão de seu rosto; uma expressão que me desagradou, não me equivoco se digo que refletia ódio.

Aproximei-me rapidamente dela.

— Polina, aqui tem você vinte e cinco mil florins… que equivalem a cinquenta mil francos, e talvez mais. Tome-os e atire-os amanhã mesmo à cara dele.

Ela não me respondeu.

— Quer que os leve eu mesmo amanhã de manhã? Sim?

De repente, prorrompeu numa gargalhada. Ficou rindo muito tempo.

Olhei-a, assombrado e ofendido. Aquela risada era muito semelhante ao riso sarcástico que costumava soltar sempre no momento em que lhe fazia eu minhas declarações mais apaixonadas. Por último, parou de rir e franziu a testa; olhou-me severamente dos pés à cabeça.

— Não aceitarei seu dinheiro — disse ela, desdenhosamente.

— Como? Por quê? — perguntei — Polina, a que vem isto?

— Não recebo dinheiro de ninguém.

— Ofereço-o a você como amigo; ofereço-lhe minha vida.

Olhou-me longo tempo, com olhos curiosos, como se quisesse traspassar-me.

— O senhor paga muito caro — disse, sorrindo. — A amada de De-Grillet não vale cinquenta mil francos.

— Polina! Como é possível que me fale assim? — exclamei, em tom de censura. — Será que sou De-Grillet?

— Odeio-o! Sim… sim!… Quero a você o mesmo que a De-Grillet! — exclamou com olhos subitamente brilhantes.

De repente, cobriu o rosto com as mãos e foi tomada de um ataque de histerismo. Corri para ela.

Compreendia que na minha ausência lhe havia ocorrido algo. Não parecia de modo algum estar em seu juízo.

— Compra-me! Queres? Queres? Por cinquenta mil francos, como De-Grillet! — exclamou, entre convulsivos soluços.

Tomei-a em meus braços, beijei-lhe as mãos e os pés e me prostrei diante dela, de joelhos.

Passou-lhe a crise. Colocou ambas as mãos sobre meus ombros e ficou me olhando com fixidez: parecia querer ler algo em meu rosto. Escutava-me, mas era evidente que não ouvia o que eu lhe dizia. Em seu rosto transluzia certa inquietude e indecisão. Temia por ela; parecia-me que perdera o juízo. Depois, de repente, atraiu-me para si suavemente; um sorriso de confiança assomou-lhe ao rosto; mas em seguida me repeliu e tornou a olhar-me demoradamente, com olhos sombrios.

E de repente deitou-me os braços ao pescoço.

— Mas é certo que me amas, me amas? — dizia. — Por que tu, tu por mim… querias bater-te com o barão!

E de repente se pôs a rir. Parecia que algo de engraçado e

agradável lhe tivesse voltado à memória. Chorava e ria, tudo ao mesmo tempo. Bem, que ia eu fazer? Também eu estava como que atacado de febre. Lembro-me de que ela começou a dizer não sei quê… E que eu mal a entendia. Era algo delirante, balbuciante… como se quisesse contar-me algo muito depressa… um delírio interrompido de quando em quando pela risada mais alegre, que começava a assustar-me.

— Não, não; tu és muito bom, muito bom! — repetia ela. — Tu és muito fiel!

E outra vez tornava a enlaçar-me o pescoço com os braços e a ficar me olhando, enquanto repetia:

— Tu me… amas… me amas… me amarás?

Eu não afastava dela os olhos; jamais a havia visto naqueles arrebatamentos de ternura e amor; na verdade, tudo aquilo era, sem dúvida, delírio… mas ao reparar no meu olhar apaixonado, começou de repente a sorrir malignamente; sem que viesse a propósito, pôs-se a falar de repente de *Mister* Astley.

Aliás, de *Mister* Astley estava falando sempre (sobretudo quando havia um momento se empenhava em contar-me não sei quê), apenas eu não podia compreender a que se referia concretamente; ao que parece, ria-se também dele; repetia constantemente que ele a estava esperando e se deveras eu não o vira mesmo ao pé de sua janela.

— Sim, sim; ao pé da janela!… Anda, abre; olha para ver se está aí, aí!

Empurrava-me para a janela; mas enquanto fazia eu menção de ir para ali, ela começava a rir, e eu detinha-me a seu lado, enquanto ela corria a abraçar-me.

— Partiremos? Partiremos amanhã? — ocorreu-lhe, de repente, com inquietação. — Bem — e ficou pensando, — haveremos de alcançar a *bábuchka*. Que dizes? Creio que em Berlim poderemos alcançá-la. Que te parece? Que dirá ela quando a alcançarmos e nos vir? Mas, e *Mister* Astley?… Ora, este não se atiraria do

Schlangenberg. Qual a tua opinião? — e pôs-se a rir. — Bem, escuta, escuta: sabes onde pensa passar o verão vindouro? Pois tem a intenção de ir ao Polo Norte para realizar investigações científicas e me levará consigo. Ah… ah… ah…! Diz que nós, os russos, não sabemos nada, a não ser por meio dos europeus e que para nada servimos… Mas ele também é bom. Sabes de uma coisa? Ele desculpa o general. Diz que Blanche… que a paixão… vamos, não sei, não sei — repetiu ela, de repente, como se se atrapalhasse e confundisse. — Estão loucos. Que pena me causam e também a avozinha!… Mas, ouve, ouve: vais matar De-Grillet? Mas acreditas mesmo que o matarias? Oh! Que estúpido! Mas, será que podes imaginar que eu iria deixar que te batesses com De-Grillet? Mas se tu não matas nem o barão! — acrescentou pondo-se a rir de repente. — Ah! E como te portaste ridiculamente com o barão! Eu via os dois lá do banco! E quanto demoraste a ir a seu encontro, quando eu te mandava! Eu dava tanta risada, tanta risada! — acrescentou, rindo às gargalhadas.

E de repente pôs-se a beijar-me e abraçar-me, e outra vez esfregou o rosto apaixonada e ternamente contra o meu. Eu já não pensava em nada e nem sequer a ouvia. A cabeça dava-me voltas…

Calculo que seriam cerca das sete horas da manhã, quando despertei. O sol brilhava no quarto. Polina estava sentada junto de mim e mostrava uma expressão estranha, como se acabasse de sair de um letargo e fosse reunindo suas recordações. Também ela, apenas despertou, ficou olhando a mesa e o dinheiro. Eu sentia a cabeça pesada e dolorida. Quis pegar a mão de Polina; ela, porém, me repeliu bruscamente e saltou do divã. O dia que nascia era um dia turvo; por entre o sol, chovia. Ela se aproximou da janela, abriu-a, avançou a cabeça e o busto e, apoiando os cotovelos sobre o peitoril, permaneceu assim uns três minutos, sem voltar-se para mim, nem escutar o que eu lhe dizia. Assustei-me. Que iria acontecer agora? Em que pararia tudo aquilo? De repente, afastou-se da janela, aproximou-se da mesa e, olhando-me com expressão de ódio infinito e com os lábios trêmulos de cólera, disse-me:

— Bem, vais dar-me os meus cinquenta mil francos?

— Polina, outra vez, outra vez! — comecei eu.

— Ou será que pensaste melhor? Ah!… ah… ah…! Talvez estejas arrependido.

Os vinte e cinco mil florins que havia eu separado para ela na noite anterior continuavam em cima da mesa. Peguei-os e entreguei a elas.

— De modo que, desde agora, já são meus? Deveras? Deveras? — perguntou-me, maldosamente, com o dinheiro na mão.

— Sempre foram teus — disse-lhe.

— Bem, pois aí tens teus cinquenta mil francos.

Abriu a mão e os atirou à minha cara. O pacotinho deu-me forte golpe no rosto e foi cair no chão. Depois de fazer aquilo, Polina saiu correndo do quarto.

Já sei que naquele momento não estava de todo em seu juízo, embora não compreenda aquela sua loucura passageira. Na verdade, fazia já um mês que se encontrava enferma. Mas qual foi a causa de semelhante estado e, sobretudo, daquela maneira de conduzir-se? Não lhe teria eu deixado entrever que me envaidecia de minha sorte e que, exatamente como De-Grillet, queria libertar-me dela, dando-lhe cinquenta mil francos? Mas não havia nada disto; é minha consciência quem o diz. Penso que a culpa teve-a também, em parte, sua própria vaidade; a vaidade aconselhava-a a não dar-me crédito e a ofender-me, embora seja possível que nada disto aparecesse com clareza à sua imaginação. Em tal caso, eu, sem dúvida, pagava por De-Grillet, e vinha a ser culpado, ainda que não fosse grande minha culpa. Para falar a verdade, tudo aquilo era puro delírio; e é também verdade que eu sabia que ela estava delirando e… não dei atenção a esta circunstância. Seria possível que ela agora não me pudesse perdoar? Sim; agora, sim; mas e então? E então? Porque não eram tão fortes seu delírio, nem sua enfermidade, para que não soubesse absolutamente o que fazia ao mostrar-me a carta de De-Grillet. Em resumidas contas: sabia o que fazia.

Imediatamente guardei todas as minhas notas e meu ouro na cama, cobri tudo e corri dez minutos depois em busca de Polina.

Estava certo de que ela teria voltado a seu quarto e pensava dirigir-me a ele, nas pontas dos pés e perguntar na antessala à ama pela saúde da senhorita. Qual não foi minha estupefação, quando, pela aia, com quem me encontrei na escada, soube que Polina ainda não voltara ao hotel e que ela precisamente saíra à sua procura.

— Agora mesmo — disse-lhe, — acaba agora mesmo de sair de meu quarto; fará uns dez minutos, não mais. Aonde poderá ter ido?

A aia olhou-me com olhos cheio de censura.

Entretanto, difundira-se já toda a história que ninguém ignorava no hotel. O suíço e o camareiro-mor participaram-me como a *fraulein*, naquela manhã, às seis horas, saíra do hotel, debaixo da chuva, na direção do Hotel da Inglaterra. Mas pelas suas palavras e alusões pude perceber que eles já sabiam que ela passara a noite inteira no meu quarto. Aliás, já corriam murmúrios a respeito de toda a família do general; ninguém ignorava que este perdera o juízo e não fazia outra coisa senão chorar em voz alta. Diziam, além disso, que a *bábuchka* que viera do estrangeiro, era mãe dele; que com toda a certeza chegara ali, vindo nada menos que da Rússia, para impedir o casamento do seu filho com *Mademoiselle* de Cominges, sob ameaça de, em caso contrário, deserdá-lo e que, como ele, com efeito não lhe tinha obedecido, a condessa, em suas próprias barbas, perdera, de propósito, todo o seu dinheiro na roleta, com o fim de que nada restasse para ele.

— *Diese Russen*[33] — repetia o camareiro-mor, movendo com indignação a cabeça.

Outros riam. O camareiro-mor já tinha preparada a conta. Também se sabia quanto eu ganhara. Carlos, o criado de meu corredor, foi o primeiro a felicitar-me. Mas eu não estava para atender a eles. Corri na direção do Hotel da Inglaterra.

Era ainda cedo. *Mister* Astley não recebia ninguém, mas ao saber que era eu, saiu para o corredor e plantou-se diante de mim, olhando-me, em silêncio, com seu olhar cor de estanho, na expectativa do que iria eu dizer-lhe.

Perguntei-lhe por Polina.

— Está doente — *Mister* Astley me respondeu, olhando-me como antes, com olhos de censura e sem desfitar-me.

— Está então na verdade com o senhor?

— Oh! sim, comigo!

— Mas o senhor… o senhor tem intenção de retê-la a seu lado?

— Oh! sim, tenho!

— *Mister* Astley, o senhor vai provocar um escândalo; isto não pode ser. Além disso, está ela muito doente, o senhor não percebeu?

— Oh! sim, percebi! E já lhe disse que estava doente. Se não estivesse doente, não teria passado a noite em sua companhia.

— Mas como sabe o senhor isso?

— Sei. Ela esteve aqui a noite passada e eu a enviei à uma parenta minha; porém, como estava doente, equivocou-se e foi ter ao quarto do senhor.

— Quem o haveria de imaginar!… Bem, pois então felicito-o, *Mister* Astley e, a propósito, o senhor me deu uma ideia. Não esteve ontem à noite ao pé da janela do meu quarto? A Senhorita Polina esteve toda a noite me pedindo para abrir a janela e a olhar para ver se o senhor estava ali e o senhor não sabe quanto ela ria.

— É mesmo? Pois olhe, não estive ao pé da janela, mas esperei-a no corredor e dei umas tantas voltas por ali.

— Será preciso curá-la, *Mister* Astley.

— Oh! Sim! Já chamei um médico, e se viesse a morrer teria o senhor de dar-me conta de sua morte…

Fiquei atônito.

— Por favor, *Mister* Astley! Que quer o senhor dizer?

— É verdade que o senhor ganhou a noite passada no jogo duzentos mil táleres?

— Somente cem mil florins.

— Bem, então é isso e, a propósito, parta esta manhã mesmo para Paris.

— Por quê?

— Todos os russos, assim que têm dinheiro, vão a Paris — explicou *Mister* Astley, com um tom de voz como se estivesse lendo num livro.

— E que vou eu fazer agora, no verão, em Paris? Eu a amo, *Mister* Astley, o senhor sabe disto.

— Sim? Pois estou convencido do contrário. Além disso, se continuar aqui, vai perder tudo e não terá mais dinheiro para ir a Paris. Mas, adeus; estou certo de que o senhor partirá para Paris esta manhã mesmo.

— Está bem, adeus; somente, não vou a Paris. Pense, *Mister* Astley, no que se vai passar, conosco, numa palavra: o general… E agora esta aventura com a Senhorita Polina… Porque disto, toda a cidade vai ficar sabendo.

— Sim, toda a cidade. Quanto ao general, não pensa nisto, nem tem por que pensar. Além disso a Senhorita Polina tem o absoluto direito de viver onde lhe agradar. No tocante a essa família, posso dizer-lhe com toda a verdade que tal família já não existe.

Retirei-me e durante o caminho ia rindo da estranha convicção daquele inglês de que eu havia de tomar o trem para Paris.

“Não obstante, tem ele intenção de provocar-me em duelo — pensava eu, — se a Senhorita Polina morrer… Ora!, outra complicação!”

Juro que sentia pena de Polina; mas, coisa rara, no instante em que na noite passada estava na sala de jogo e metia no bolso

pacotinhos de ouro, meu amor parecia ter passado a segundo plano. Isto, digo-o agora; mas então ainda não o percebera com toda a clareza. Serei eu no fundo um jogador e realmente… será algo estranho meu amor por Polina? Não; eu, até agora, a amo, Deus o vê. Então, ao sair dos aposentos de *Mister* Astley e dirigir-me aos meus, sofria sinceramente e me acusava a mim mesmo. Mas, neste ponto me ocorreu uma aventura tão extraordinária quão absurda.

Dirigia-me à pressa aos aposentos do general, quando, de repente, não longe já dos mesmos, alguém me chamou. Era *Madame veuve* Cominges que me chamava de parte de *Mademoiselle* Blanche. Entrei no quarto de *Mademoiselle* Blanche.

Ocupavam as duas um quartinho pequeno, dividido em dois compartimentos. Ouviam-se os gritos e as risadas de *Mademoiselle* Blanche em sua alcova. Estava-se levantando da cama.

— *Ah! c'est lui! Viens donc, bête*. É verdade que *tu as gagné une montagne d'or et d'argent? J'aimerais mieux l'or*…[34]

. Sim, ganhei — respondi-lhe, rindo.

. Quanto?

. Cem mil florins.

— *Bibi, comme tu es bête*. Vem cá, que não ouço nada. *Nous ferons bombance, n'est-ce pas*?[35]

Penetrei em sua alcova. Surgia seu corpo de sob um cobertor de cetim cor-de-rosa, por baixo do qual assomavam os ombros, morenos, sadios, maravilhosos! uns ombros como somente se viam em sonhos, mal velados por uma camisa de cambraia, guarnecida de rendas, branquíssima, o que combinava maravilhosamente bem com sua pele morena.

— *Mon fils, as-tu du coeur*?[36] — exclamou ao ver-me, pondo-se a rir.

Ria sempre jovial e por vezes sinceramente.

— *Tout autre*…[37] — comecei eu, parafraseando Corneille.

— Estás vendo? — saltou ela, de repente, — Em primeiro lugar, procura minhas meias e ajuda a vestir-me, e depois, *si tu n'es pas trop bête, je te prends à Paris*.[38] Já sabes que parto dentro em pouco.

— Agora mesmo?

— Dentro de meia hora.

Efetivamente, já estava tudo empacotado. Todas as suas maletas e todos os seus objetos estavam prontos. Já fazia algum tempo que tomara seu café.

— Pois bem, se quiseres, *tu verras Paris. Dis donc, qu'est ce que c'est qu'un outchítel? Tu étais bien bête, quand tu étais outchítel*[39]. Onde estão minhas meias? Calça-as em mim, anda.

E exibiu, efetivamente, um pezinho encantador, moreno, diminuto, não deformado, como costumam estar todos esses pezinhos que tão pequeninos parecem, quando os aprisiona o calçado. Pus-me a rir e passei a calçar-lhe a meia de seda. Enquanto isto, *Mademoiselle* Blanche sentara-se na cama e me apressava.

— *Eh bien, que feras-tu si je te prends avec*? Em primeiro lugar: *je veux cinquante mille francs*. Podes entregá-los em Frankfurt. *Nous allons à Paris;* ali iremos juntos *et je te ferai voir des étoiles en plein jour*.[40] Verás umas fêmeas como nunca viste. Escuta…

— Alto lá. Se te dou cinquenta mil francos, que vai sobrar para mim?

— *Et cent cinquante mille francs;* tu te esqueces e, além disso, comprometo-me a viver em teu próprio quarto dois meses, *que sais-je*! Nós dois, certamente, gastaremos em dois meses esses cento e cinquenta mil francos. Olha! *Je suis bonne enfant*, e de antemão te digo, *mais tu verras des étoiles*.[41]

— Mas como, tudo em dois meses?

— Claro! E isto não te assusta? *Ah! vil esclave*! Mas não sabes tu

que um só mês desta vida vale mais que toda a tua existência? Um mês… *Et après, le déluge! Mais tu ne peux comprendre, va*! Vai-te, vai-te; não és digno disto! Ai, *que fais-tu*?[42]

Naquele momento eu estava lhe calçando o outro pezinho; mas não pude conter-me e dei nele um beijo. Ela lançou um gritinho e se pôs a dar-me com a pontinha do pé na cara. Por fim, pôs-me dali para fora completamente.

— *Eh, bien, mon outchítel, je t'attends, si tu veux;*[43] parto daqui a um quarto de hora — gritou-me.

Ao voltar para casa eu já estava como que numa vertigem. Com a breca! Eu não tinha culpa de que a Senhorita Polina me tivesse atirado à cara um rolo de dinheiro, nem de que, na noite anterior, houvesse preferido *Mister* Astley. Algumas das notas de banco que me atirara jaziam ainda no chão; agachei-me e recolhi-as. Naquele instante, abriu-se a porta e apareceu o camareiro-mor em pessoa, o qual antes nem sequer se dignava olhar-me, com um convite referente a uma mudança minha para baixo, para o magnífico quarto que a condessa de V*** acabava de deixar.

Fiquei imóvel, refletindo.

— A conta! — gritei. — Parto em seguida, dentro de dez minutos… "A Paris! A Paris! — pensei comigo mesmo. — Sem dúvida, estava isto escrito!"

Um quarto de hora depois estávamos sentados os três juntos em um vagão comum, familiar: eu, *Mademoiselle* Blanche e *Madame veuve* Cominges. *Mademoiselle* Blanche ria às gargalhadas, quando apareci, quase atacada de histerismo. *Madame veuve* Cominges fazia-lhe eco; não direi que eu estivesse alegre. Minha vida quebrara em dois pedaços; mas desde o dia anterior estava acostumado a jogar tudo numa carta. Talvez, e efetivamente é assim, não tivesse nascido para ter dinheiro e me houvesse dado uma vertigem. *Peut-être, je ne demandais pas mieux*.[44] A mim parecia que por algum tempo, mas só por algum tempo, mudava o cenário. "Mas assim que se passar um mês, estarei aqui outra vez e então… e então ajustaremos as contas, *Mister* Astley."

Não; agora me lembro de que estava então muito triste, por mais que risse à porfia com aquela louca da Blanche.

— Mas que tens? Como és bobo! Oh! Que idiota! — exclamava Blanche, interrompendo suas gargalhadas e começando a censurar-me seriamente. — Bem, sim, assim mesmo; gastaremos teus duzentos mil francos; mas em troca, *tu seras heureux, comme un petit roi*,[45] eu mesma te darei o nó da gravata e te apresentarei a Hortênsia. E quando tivermos gasto todo o nosso dinheiro, então darás outra volta por aqui e de novo quebrarás a banca. Que te disseram aqueles judeus? O principal… é a ousadia, e tu a tens, e não vai ser uma só a vez em que me levarás dinheiro a Paris. *Quant à moi, je veux cinquante mille francs de rente et alors*…[46]

— E o general? — perguntei-lhe.

— O general, fica sabendo, todos os dias, em todo este tempo, traz-me um ramo de flores. Mas, desta vez, muito deliberadamente, mandei-o buscar as flores mais raras. Agora voltará o pobre e verificará que o pássaro voou. Voou para fugir contigo, bem vês. Ele correrá atrás de nós. Ah! Ah! Ah! Vou divertir-me muito. Em Paris, ele me será útil; *Mister* Astley pagará as contas dele aqui.

Eis como parti para Paris.

## Capítulo XVI

Que vos direi de Paris? Tudo isto foi, sem dúvida, um desvario e uma extravagância. Passei em Paris apenas três semanas e pouco, e nesse lapso de tempo acabaram completamente meus cem mil francos. Digo somente cem mil; os cem mil restantes dei-os a *Mademoiselle* Blanche em dinheiro contante e sonante; dei-lhe cinquenta mil em Frankfurt e, três dias depois, em Paris, entreguei lhe os outros cinquenta mil em forma de uma promissória, que foi descontada uma semana depois. *Et les cent mille francs qui nous restent, tu les mangeras avec moi, mon outchítel*.[47] Ela me chamava sempre *utchítel*. É difícil de imaginar no mundo criatura mais calculista, cobiçosa e avarenta do que *Mademoiselle* Blanche. Mas isto no que se refere a dinheiro,

porque no tocante àqueles cem mil francos meus, explicou-me redondamente em seguida que necessitava deles para instalar-se em Paris. “Porque agora quero eu estabelecer-me aqui muito bem, de uma vez para sempre, e agora já ninguém poderá desbancar-me de minha posição; quando menos, é esta a minha intenção”, acrescentou. Aliás, eu apenas vi aqueles cem mil francos. Todo o tempo teve ela o dinheiro em seu poder, e no meu porta-moedas, em que todos os dias cascavilhava, nunca havia mais de cem francos e quase sempre menos.

— Vamos, para que hás de querer o dinheiro? — dizia-me, com o ar mais cheio de candura.

E eu nunca brigava com ela. Em troca, com aquele dinheiro arranjou ela seu apartamento maravilhosamente e, quando em seguida me levou ao novo domicílio, disse-me, mostrando-me os aposentos:

— Eis o que com economia e gosto se pode fazer, ainda com os recursos mais miseráveis.

Aquela miséria elevava-se, no entanto, a cinquenta mil francos justos. Com os outros cinquenta mil comprou uma carruagem e cavalos e além disso demos dois bailes, isto é, dois modestos saraus, aos quais compareceram Hortênsia, Lisette e Cleópatra, mulheres todas elas notáveis, sob muitos e muitos aspectos e até bastante gentis.

Naqueles dois saraus vi-me obrigado a desempenhar o estupidíssimo papel de dono de casa, a saudar e conversar com ricos e estúpidos comerciantes, insuportáveis de descortesia e de audácia; com vários tenentezinhos e lamentáveis literatelhos e foliculares, que se apresentavam com o fraque da moda e de luvas amarelo pálido, e com tal ostentação e fatuidade, como não se encontram nem entre nós, em Petersburgo… o que já é muito dizer. Tiveram até o atrevimento de zombar de mim, mas eu embebedei-me com champanhe e retirei-me para uma peça vizinha. Tudo isto causava-me extrema mortificação.

— *C’est un outchítel*! — informava-lhes Blanche. — *Il a gagné deux cent mille francs* que não saberia como gastar, se não fosse eu. Mas depois terá de voltar a atuar como preceptor… Vocês não sabem de alguma colocação para ele? É preciso fazer alguma coisa em favor

dele.

Eu recorria à champanhe com demasiada frequência, porque estava sempre muito triste e extremamente aborrecido. Vivia no ambiente mais burguês e mercantil, onde todos eram calculistas e egoístas. Blanche tinha por mim muito pouco carinho naquelas duas primeiras semanas. Pude notá-lo. É certo que me trajava com elegância e todos os dias dava-me ela mesma o nó da gravata; mas, no fundo de sua alma, sentia por mim um sincero desprezo. Não prestava eu a isto a menor atenção. Aborrecido e triste, dei de frequentar o *Château des Fleurs*,[48] onde regularmente todas as noites me embebedava e aprendi o cancã, que ali se dançava muito mal, conseguindo alcançar mesmo celebridade a esse respeito. Finalmente, Blanche foi-me conhecendo melhor; parecia ter formado para si, de antemão, a ideia de que eu, durante todo o tempo que vivêssemos juntos, teria de andar sempre atrás dela, de lápis em riste, tomando nota de tudo quanto gastasse, fazendo a conta do que me roubasse e tornasse a roubar. Sim; indubitavelmente havia-se figurado que entre nós teria de haver uma batalha a cada dez francos que gastasse. Para todos os meus ataques possíveis tinha-se munido de antemão, mantendo réplica preparada; e ao ver que não me intrometia em nada do que fizesse, foi ela quem começou a atacar-me. Mais de uma vez arremeteu contra mim com muita veemência; mas, ao ver que eu não dizia nada (em geral, o que fazia era deixar-me cair na cama e pôr-me a mirar o teto), concluiu por maravilhar-se. A princípio, imaginava que eu era simplesmente um imbecil, um *utchítel;* e explicava tudo a si mesma pensando no seu íntimo: “É um idiota. Para que dar-lhe conta de tudo, se não compreende nada?”. Partia para voltar dali a dez minutos. (Isto ocorria por ocasião de seus constantes gastos, completamente supérfluos e fora de proporção com nossos recursos. Trocou, por exemplo, seus cavalos por uma parelha de animais no valor de dezesseis mil francos.)

— Bem, vamos ver, Bibi: suponho que não estarás zangado — dizia-me.

— Não… o… o. Deixa-me! — dizia eu, afastando-a com um gesto.

Mas isto lhe parecia tão curioso que, em seguida, sentava-se a

meu lado.

— Olha: se me decidi a gastar tanto dinheiro, é porque me venderam os animais por preço de ocasião. Podem ser revendidos por vinte mil francos.

— Acredito, acredito. São uns cavalos magníficos e agora tens uma parelha admirável. Fizeste bem, mas deixa-me.

— Mas não estás zangado?

— Por que haveria de estar? Fazes muito bem em adquirir as coisas de que necessitas. Tudo isto te será depois útil. Bem vejo que necessitas de viver neste nível, de outro modo nunca chegarás a milionária. Nossos cem mil francos são apenas o princípio, uma gota d'agua no oceano.

Blanche, que o que menos esperava eram tais raciocínios de minha parte, em vez de gritos e recriminações, ficava como se tivesse caído do céu.

— Só se vendo o que és tu! Só se vendo! *Mais tu as l'esprit pour comprendre. Sais-tu, mon garçon*,[49] ainda que sejas um *utchítel*… devias ter nascido príncipe. De modo que não te preocupa que o dinheiro se gaste logo?

— Não. Quanto antes melhor.

— *Mais… sais-tu… mais dis donc*? Serás por acaso rico? *Mais sais-tu*? Desprezas demasiado o dinheiro. *Qu'est-ce que tu feras après, dis donc*?[50]

— Depois irei para Homburgo e tornarei a ganhar outros cem mil francos.

— *Oui, oui, c'est ça, c'est magnifique*! E eu sei que infalivelmente os ganharás e os trarás para aqui. *Dis donc*, vais fazer que acabe gostando de ti. *Eh bien*, para recompensar-te, vou querer-te todo este tempo e não te serei infiel nem uma vez sequer. Olha: durante todo este tempo passado não gostava de ti, *parce que je croyais que tu n'est qu' un outchítel (quelque chose comme un laquais, n'est-ce pas?*), ainda que,

apesar de tudo, te haja sido fiel, *parce que je suis une bonne fille*?[51]

— Ora, estás mentindo! Por acaso não te vi eu com Albert, esse oficialzinho de cabelo preto e lustroso, não faz muito?

— *Oh! oh! mais tu es*…!

— Mentes, mentes; mas acreditas que eu iria zangar-me? Cuspo nisso; *il faut que jeunesse se passe*.[52] Tu não haverias de mandá-lo embora, uma vez que ele me havia precedido e gostas dele. Suponho apenas que não lhe darás dinheiro.

— De modo que, não estás zangado? *Mais, tu es un vrai philosophe*! — exclamou, entusiasmada. — *Eh bien, je t'aimerai, je t'aimerai!… Tu verras, tu seras content*.[53]

E, efetivamente, desde aquele momento pareceu verdadeiramente ligar-se a mim, revelando mesmo amizade. Transcorreram assim nossos dez últimos dias. Eu não vi as prometidas "estrelas", mas, sob certos aspectos, cumpriu ela realmente sua palavra. Além disso apresentou-me a Hortênsia, mulher extraordinária no seu gênero e que no nosso círculo era conhecida por todos pelo nome de Teresa Filósofa.[54] Mas, afinal, não é caso de nos estendermos a respeito desses pormenores; com tudo isto poderia formar-se outra história, de outra cor, que não quero intercalar nesta. No fundo, desejava acabar com tudo aquilo o mais depressa possível. Nossos cem mil francos foram-se embora, como já disse, em pouco mais de um mês. O que francamente me causou admiração; pelo menos, daquela quantia, oitenta mil inverteu-os Blanche em coisas para ela, não chegando nós a gastarmos nunca mais de vinte mil francos e, não obstante, foram suficientes. Blanche, que para o fim já se mostrava quase inteiramente franca comigo (pelo menos em algumas coisas não me mentia), reconheceu que, pelo menos, não me sobrecarregara com as dívidas que se vira obrigada a fazer.

— Nem sequer te obriguei a assinar contas ou promissórias — dizia-me, — porque tinha pena de ti; uma outra, sem dúvida, teria feito isso e teria te mandado para a prisão. Já vês quanto te quis bem e como sou boa!… e leva em conta o que esse casamento dos diabos vai custar-me!

Celebrou-se, efetivamente, um casamento entre nós. Celebrou-se precisamente ao final de nosso mês e é forçoso supor que com ele se foram os últimos restos de meus cem mil francos; com isto terminou nossa história, isto é, nosso mês e depois tratei de retirar-me normalmente.

A coisa sucedeu assim: uma semana depois de nossa chegada a Paris apresentou-se a nós o general. Veio direto procurar Blanche e, desde sua primeira visita, quase se instalou em nossos aposentos. É certo, no entanto, que alugara quarto não sei onde. Blanche acolheu-o com alegria, com exclamações e gargalhadas e até mesmo agarrou-se a seu pescoço; chegou a tal ponto a coisa, que não o largava, e obrigava-o a acompanhá-la a todas as partes: ao Bulevar, ao Passeio, ao teatro e à casa de suas amizades. Mas o general sabia tirar partido desse emprego. Era ele imponente e garboso, de estatura quase alta, de belos bigodes e suíças (tinha servido outrora no corpo de couraceiros), e tinha o rosto simpático, embora já algo entumecido pela idade. Tinha maneiras irreprováveis, usando bastante bem o fraque. Em Paris, começou a ostentar suas condecorações. Passear com um tipo assim pelo Bulevar, não só era possível, mas até mesmo recomendável. O bravo e inocente general exultava; não havia contado com tal acolhida, ao tomar o trem de Paris para vir ver-nos. Apareceu-nos então pouco menos que tremendo de susto; pensava que Blanche iria dar gritos e pô-lo para fora; de modo que, visto o aspecto tão diferente que a coisa tomara, estava cheio de entusiasmo e passou todo aquele mês num estado de espírito de absurda beatitude; em tal estado o deixei. Somente aqui, soube, com toda espécie de pormenores, que, depois de nossa inesperada partida de Rulletenburgo, sofreu ele naquela mesma manhã algo assim como um ataque. Caiu sem sentidos e passou toda a semana seguinte falando consigo mesmo, como um louco. Puseram-no em tratamento, mas, de repente, largou tudo, tomou o trem e veio para Paris. Naturalmente, a presença de Blanche pareceu-lhe o melhor tratamento; mas longo tempo depois conservou os vestígios de sua enfermidade, apesar de seu alegre e entusiástico estado de espírito. Discorrer ou sustentar sequer uma conversa algo séria era-lhe de todo impossível; em tais ocasiões limitava-se a murmurar para tudo um “Hum”! e a mover a cabeça… Saía assim da dificuldade. Com frequência, prorrompia numa risada nervosa como

que mórbida, parecendo que ia cair; outras vezes ficava horas inteiras, sombrio como a noite, com suas espessas sobrancelhas franzidas. De muitas coisas perdera por completo a memória; mostrava-se distraído até a grosseria e contraíra o costume de falar sozinho. Somente Blanche conseguia reanimá-lo e mais ainda: aqueles ataques de humor sombrio e de zanga indicavam somente que passava muito tempo sem vê-la ou que Blanche fora a algum lugar, sem levá-lo ou saíra sem fazer-lhe uma carícia. A tudo isto nunca dizia o que queria e ele próprio não se dava conta de sua melancolia e de sua tristeza. Se se passavam uma ou duas horas (pude observá-lo duas vezes que Blanche esteve fora de casa o dia inteiro, certamente com Albert), começava de repente a revirar os olhos, a agitar-se, a olhar para todos os lados; parecia querer lembrar-se e como que buscar alguma coisa; mas, não a vendo e como se se tivesse esquecido do que queria perguntar, voltava a mergulhar em seu ensimesmamento, até que, de repente, aparecia Blanche alegre, vivaz, toda enfeitada, com seu riso sonoro, e se dirigia a ele e começava a mexer com ele e até a beijá-lo… coisa esta com que raramente o obsequiava. Certa ocasião sentiu com tudo isto o general tal arrebatamento de alegria que chegou a romper em pranto… o que não deixou de surpreender-me. Desde o momento e hora em que o general se apresentou a nós, começou Blanche imediatamente a advogar-lhe a causa diante de mim. Chegou mesmo a raiar pela eloquência; recordou-me que por minha causa tinha-o deixado a ele; que fora quase sua noiva oficial e lhe dera sua palavra; que por causa dela deixara ele sua família e que, por último, servira eu em casa dele, estando obrigado a ter isso presente e que… como é que não sentia eu vergonha?… Eu me limitava a calar, enquanto ela disparatava de um modo terrível. Finalmente, pus-me a rir, e com isto terminou a coisa, quer dizer, que a princípio imaginava ela que era eu um imbecil e, afinal, enfiou na cabeça que era eu um homem bom e inteligente. Em suma: que teve a sorte de merecer decididamente, por fim, o completo elogio daquela digna senhorita. (Blanche, aliás, era no fundo uma moça boníssima… somente que a seu modo, naturalmente; no princípio não a apreciava eu assim.) “Tu és bom e inteligente — dizia-me por fim, — e… e… a única coisa que sinto é que sejas tão imbecil. Não economizas nada, nada. Um verdadeiro russo, um calmuco!”

Algumas vezes mandava-me passear pelas ruas com o general, exatamente como um criado com o cachorro. Eu, aliás, levava-o ao teatro e ao baile Mabille e aos restaurantes. Para tudo isto dava-me Blanche o dinheiro, embora o general tivesse o dele e gostasse muito de exibir cédulas em público. Certa vez tive quase que empregar a violência para evitar que gastasse oitocentos francos com um adereço que o fascinara no Palais Royai e com o qual queria a todo o transe presentear Blanche. Bem, para que queria ela um adereço de oitocentos francos? O general tinha somente, ao todo, mil. Nunca pude saber donde os tirava. Suponho que de *Mister* Astley, tanto mais quanto este lhes pagara a conta do hotel. Pelo que se refere ao modo pelo qual o general me olhava todo esse tempo, creio que ele nem sequer adivinhava minhas relações com Blanche. Ainda que tivesse ouvido rumores confusos de ter eu ganho na roleta uma grande quantia, decerto imaginaria que eu exercia junto a Blanche o papel de secretário ou até de criado. Pelo menos tratava-me com a mesma altivez de sempre, como superior, e até se permitia fazer-me censuras. Uma vez fez-nos rir muito a mim e a Blanche enquanto tomávamos o café da manhã. Não era ele homem rabugento e, mesmo assim, zangou-se comigo. Por quê? Ainda agora não o compreendo. Mas sem dúvida ele tampouco o compreendia. Numa palavra: falava sem tom nem som, *à bâtons rompus*,[55] gritando que eu era um fedelho, que ele haveria de ensinar-me… que ele me faria saber… e outras coisas nesse estilo. Mas nunca pude compreender a causa. Blanche chorava de rir; finalmente, conseguiram tranquilizá-lo não sei como e levaram-no a passear. Depois de tudo isto, notei muitas vezes que ele estava triste, que se queixava de alguém e de alguma coisa, que algo faltava, não obstante a presença de Blanche. Nesses momentos tratou ele próprio em duas ocasiões de entabular conversação comigo, mas nunca conseguiu explicar-se. Falou-me de sua carreira militar, de sua defunta esposa, de suas propriedades, de seus bens. Se acertava com alguma palavra, punha-se muito contente e repetia-a centenas de vezes por dia, ainda que, de modo algum exprimisse seu sentimento ou seu pensamento. Tentei falar-lhe de seus filhos, mas fugiu ao assunto com sua anterior tagarelice e deu-se pressa em tocar noutro tema: “Sim, sim; os filhos, os filhos; você tem razão, os filhos!”. Somente uma vez enterneceu-se. Havíamos ido ao teatro: “São uns filhos desditosos! — disse, de repente. — Sim, senhor, filhos des…dito…sos!”. E várias

vezes na noite repetiu aquelas palavras: “Filho desditoso!”. Como eu lembrasse uma vez Polina, chegou até a encolerizar-se. “É uma ingrata — exclamou, — má e desagradecida! É a desonra da família! Se aqui houvesse leis, já lhe teria eu abaixado a prosápia com um chifre de carneiro! É isto, é isto!” Pelo que se refere a De-Grillet, nem sequer podia ouvir seu nome: “Perdeu-me, — dizia, — roubou-me, matou-me! Foi meu pesadelo por espaço de dois longos anos! Durante o mês seguido tenho estado sonhando com ele!… É… é… é…! Oh não me torne a dizer-lhe o nome!”.

Via eu que algo unia os dois, mas calava, segundo meu costume. Foi Blanche quem me explicou uma semana justamente antes de nos separarmos: “Ele tem sorte — disse-me, — a *bábuchka* já está agora deveras doente e morrerá sem remissão. *Mister* Astley passou-lhe um telegrama. Convirás em que, apesar de tudo, é ele o herdeiro dela. E ainda que não o fosse, tampouco seria uma carga para ninguém. Em primeiro lugar tem sua pensão e, além disso, pode viver num quarto de despejo sem sentir falta de nada. Serei *madame la générale*. Terei acesso a um bom ambiente — Blanche não fazia senão sonhar com isto, — e depois serei uma proprietária russa, *j’aurai un château, des moujiks, et puis j’aurais toujours mon million*…”[56]

— Sim, mas se lhe dá para mostrar-se ciumento, exigirá… Deus sabe o que… Compreendes?

— Oh! Não, não, não! Como iria atrever-se! Já tomei minhas medidas, podes estar tranquilo. Obriguei-o a assinar-me algumas promissórias em nome de Albert. Apenas ele teria imediatamente o castigo. De modo que não se atreverá!

— Bem então, trata de casar!

Celebrou-se o casamento sem solenidade especial, em família e discretamente. Assistiram a ele, como convidados, Albert e algum íntimo. Hortênsia, Cleópatra e comparsa ficaram decididamente de fora. O noivo estava muito impressionado com sua situação. A própria Blanche deu-lhe o nó da gravata e pôs-lhe cosmético na cabeça e, com seu fraque e seu colete branco, parecia *très comme il faut*.[57]

— *Il est pourtant très comme il faut*[58] — declarou-me a própria

Blanche ao sair do quarto do general, como se a ideia de que este estivesse *très comme il faut* a ela própria houvesse chocado. Prestei tão pouca atenção aos pormenores, a tudo assistindo na qualidade de espectador entediado, que de muitas coisas me esqueci. Lembro-me unicamente de que Blanche não tinha afinal nada de Cominges, da mesma maneira que sua mãe não era, de modo algum, viúva Cominges, mas du Placet. Por que ambas se teriam feito passar por de Cominges, é coisa que ignoro. Mas o general não levou a coisa a mal e até agradou-lhe mais o du Placet que o de Cominges. Na manhã do casamento, já de traje de festa, não fazia senão dar voltas pelo quarto, repetindo entre dentes, com cara extraordinariamente séria e grave: "*Mademoiselle* Blanche du Placet Blanche du Placet…", e seu rosto resplandecia de satisfação. Na igreja, no juizado de paz e em casa, durante o almoço, não só se mostrou alegre e satisfeito, mas até orgulhoso. Parecia ter ocorrido a ambos algo de especial. Também Blanche assumira um ar de dignidade incomum.

— Agora não terei remédio senão proceder de modo totalmente diferente — disse-me com muita seriedade. — *Mais vois-tu*, não tinha dado por uma coisa tremenda. Imagina: ainda não consegui aprender meu novo sobrenome. Zagoziánski, Zagoriánski, *madame la générale de Zago… Zago… Ces diables de noms russes*![59] *Enfin, madame la générale à quatorze consonnes! Comme c'est agréable, n'est-ce pas*?

Finalmente nos separamos e Blanche, aquela estúpida Blanche, chegou a verter lágrimas ao despedir-se de mim: "*Tu étais bon enfant* — disse, choramingando. — *Je te croyais bête et tu en avais l'air*, mas é isso que te fica bem." E ao apertar-me a mão pela última vez, exclamou: *Attends*…[60] Entrou no seu *boudoir*. um minuto depois voltava, trazendo-me uma cédula de dois mil francos. Nada neste mundo me faria acreditar nisso! "Isto te vai ser muito útil, porque é possível que sejas um *utchítel* com muita cultura, mas és terrivelmente estúpido. Mais de dois mil não te daria de maneira nenhuma, porque… irias perdê-los mesmo na roleta. Bem, adeus! *Nous serons toujours bons amis* e se tornares a ganhar no jogo vem depois ver-me *et tu seras heureux*!"[61]

Restavam ainda em meu poder quinhentos francos. Tinha, além disso, um magnífico relógio que valia mil francos, umas abotoaduras

com brilhantes, etc., de sorte que ainda podia ficar bastante tempo sem preocupar-me com coisa alguma. Bem intencionalmente vim para este lugarejo, com o fim de reconcentrar-me e sobretudo aguardar *Mister* Astley. Soube, de boa fonte, que há de vir cá, a este povoado, onde permanecerá vinte e quatro horas, por motivo dum negócio. Vou me inteirar de tudo e depois… depois, direto a Homburgo. A Rulettenburgo não irei; talvez, no ano que vem. Efetivamente, dizem que é uma estupidez manifesta experimentar a sorte duas vezes seguidas na mesma mesa de jogo, ao passo que em Homburgo é já outra coisa.

## Capítulo XVII

Faz já um ano e oito meses que não dava uma olhadela a esses apontamentos e agora, simplesmente porque estou triste e amargurado, pus-me a relê-los com intenção de distrair-me. Com que então ficara eu em ir a Homburgo! Meu Deus! Com que coração tão leve, relativamente falando, escrevi eu então estas últimas linhas! Isto é, não com coração ligeiro… mas com que aprumo, com que inquebrantável ilusão! Duvidava eu então de mim de algum modo? E, não obstante, eis que apenas transcorreu ano e meio e, na minha opinião, estou muito pior que um mendigo! Mas que importa a mendicidade? Zombo dela! Sou, simplesmente, um homem perdido. Aliás, não posso comparar-me com ninguém, nem quero pôr-me a recitar para mim mesmo lições de moral! Não há nada mais estúpido que a moral em tais ocasiões! Oh! Os indivíduos satisfeitos de si mesmo! Com que orgulhosa ufania estão sempre dispostos esses charlatães a dirigir suas sentenças ao próximo! Se soubessem até que extremo compreendo eu mesmo a abjeção de meu atual estado, sem dúvida não poriam em movimento sua língua para pregar-me sermão! Porque vamos ver: que podem dizer-me de novo que eu não saiba? Trata-se disso talvez? Tudo se reduz a que… bastaria uma simples volta da roda para que tudo mudasse e esses moralistas fossem os primeiros (estou certo disto) a vir felicitar-me. E não me virariam as costas como agora. Mas cuspamos em todos eles! Que sou eu agora? Um zero. Que posso ser amanhã? Amanhã posso ressuscitar dentre os mortos e começar a viver de novo! Posso descobrir o homem que trago

dentro de mim, enquanto não me tiver fundido de todo.

Efetivamente, dirigi-me então a Homburgo, mas voltei depois a Rulettenburgo e estive também em Spa e em Baden, onde entrei como criado de quarto a serviço do conselheiro Hintze, um canalha que foi aqui meu patrão. Sim, vivi no nível dos criados cinco meses justos!… Foi isto logo que saí da prisão (porque haveis de saber que fui parar no cárcere de Rulettenburgo por causa de certa dívida). Não sei quem me tirou dali. Talvez *Mister* Astley. Ou Polina? Para onde haveria de dirigir meus passos? Vim dar com o Senhor Hintze. É este um homem jovem e estouvado, amante da ociosidade, e eu sei falar e escrever três línguas. A princípio, exercia as funções de seu secretário por trinta florins por mês, mas acabei sendo um verdadeiro criado dele. Não estava em situação de ter secretário e rebaixou-me o ordenado. Eu não tinha para onde ir… de modo que eu mesmo me converti num lacaio. Mal comia e bebia, enquanto estive a seu serviço; mas, em compensação, pude economizar em cinco meses setecentos florins. Uma noite, em Baden, tive de comunicar-lhe que desejava deixá-lo. Naquela mesma noite dirigi-me à roleta. Oh! Como me palpitava o coração! Não, não era pela ânsia do dinheiro! Então o que eu unicamente ambicionava era que no outro dia todos aqueles Hintze, todos aqueles *oberkellner*, todas aquelas pomposas damas badenses… que toda aquela gente falasse de mim e contassem uns aos outros a minha história e me admirassem e me segurassem e me fizessem reverências e se inclinassem diante de minha nova sorte no jogo. Tudo isto serão sonhos e desvarios pueris, mas… quem sabe…? Talvez também me encontrasse de novo com Polina e lhe contasse e ela se maravilhasse de ver-me alteado por cima de todos aqueles estúpidos reveses da sorte… Oh! Não era a ânsia de dinheiro! Estou certo de que voltaria a dá-lo a qualquer outra Blanche e iria outra vez a Paris, passar três semanas, com uma junta de cavalos próprios que me tivessem custado setenta mil francos. Porque tenho certeza de que não sou avarento; tenho-me até na conta de pródigo… e, não obstante, com que tremor, com que desfalecimento do coração ouvia eu as vozes do *croupier: trente et un, rouge, impair et passe*; ou, *quatre, noir, pair et manque*! Com que avidez fitava eu a mesa de jogo, em que havia empilhados luíses, fredericos e táleres, e os montezinhos de ouro, quando, sob a raqueta do *croupier*, vinham abaixo e se

esparramavam em regos ardentes como fogo, e também nas colunas de prata de um *archin* de comprimento que havia em volta da roda! Não bem entrava na sala de jogo, duas peças mais aquém, já ouvia o retintim do dinheiro esparramado. Quase sentia convulsões.

Oh! aquela noite em que me apresentei com meus setenta florins na mesa de jogo foi também notável! Comecei com dez florins e também em *passe*. Tinha o preconceito do *passe*. Perdi. Restavam-me sessenta florins em prata; ponderei… e optei pelo zero. Pus de uma vez cinco florins no zero. Na terceira aposta saiu de repente o zero. Por pouco não morri de alegria ao ver que me entregavam cento e setenta e cinco florins; naquela vez em que ganhei os cem mil florins não experimentara tanta alegria. Imediatamente coloquei cem florins no *rouge*… e ganhei; os duzentos florins sobre o vermelho… e ganhei. Os quatrocentos sobre o *noir*… e ganhei. Oitocentos no *manque*… e ganhei. Contando o que ganhara antes, tinha então mil e setecentos florins e isto em menos de cinco minutos! Sim; em momentos assim a gente esquece todos os fracassos anteriores. Porque eu obtivera esse resultado arriscando mais que minha vida, ousara arriscar-me e pertencia de novo à humanidade.

Aluguei um quarto, tranquei-me nele e pus-me a contar o dinheiro. Na manhã seguinte acordei sem ser mais um lacaio. Resolvi partir naquele mesmo dia para Homburgo; ali não fora criado de ninguém, nem estivera tampouco na prisão. Meia hora antes da partida, fui fazer duas pequenas apostas e nada mais e perdi mil e quinhentos francos. Não obstante, apesar de tudo, parti para Homburgo e aqui estou já faz um mês.

Vivo, desde então, em contínua inquietação, jogo muito pouco e espero não sei quê; faço contas, passo os dias inteiros junto à mesa de jogo e observo as jogadas; até dormindo vejo jogar, mas, com tudo isto, parece-me que me tornei de pau, que me atolei num pântano. Deduzo-o assim, a julgar pela impressão de minha entrevista com *Mister* Astley. Não nos víamos desde aqueles tempos de outrora e nos encontramos de modo inesperado. Eis como aconteceu: eu saíra para o jardim e estava pensando em que quase todo o dinheiro já se havia acabado; mas tinha ainda cinquenta florins e, além disso, fazia três dias que pagara a conta do hotel. De modo que podia fazer ainda uma

visita à roleta… Se ganhasse alguma coisa, podia continuar jogando; se perdesse… então nada, iria empregar-me outra vez como criado, se não encontrasse logo alguma família russa que necessitasse de preceptor… Absorto nesses pensamentos ia dando meu passeio cotidiano pelo parque e pelo bosque, até o principado vizinho. Às vezes costumava andar passeando assim por espaço de quatro horas seguidas, voltando depois a Homburgo, cansado e faminto. Mal saíra do jardim para o parque quando, de repente, dei com os olhos, e com natural assombro, em *Mister* Astley que estava sentado num banco. Foi ele o primeiro a ver-me e chamar-me. Sentei-me a seu lado. Como notasse nele certa gravidade, imediatamente moderei minha alegria, que fora bastante viva ao vê-lo.

— Como, o senhor aqui? Bem havia pensado que viria encontrá-lo — disse-me. — Não se incomode com contar-me… Sei de tudo, de tudo, de toda a sua vida. Conheço-a neste vinte meses.

— Ah! de modo que não perde o senhor a pista dos velhos amigos… — respondi-lhe. — Faz-lhe honra não esquecer… Mas olhe: dá-me o senhor uma ideia. Não teria sido o senhor quem me tirou da prisão de Rulettenburgo, quando nela me meteram por causa de uma dívida de duzentos florins? Foi um desconhecido que me tirou dali.

— Não! Oh! não! não o tirei da prisão de Rulettenburgo, onde se achava por causa de uma dívida de duzentos florins; mas soube que o senhor estava na prisão por uma dívida de duzentos florins.

— Isto, contudo, quer dizer que o senhor sabe quem me tirou dali.

— Oh! não! não posso dizer que saiba quem o tirou dali.

— É estranho. De nossos russos, não conheço ninguém e, além do mais, os russos aqui não pagam as dívidas de outro; fazem isto lá na Rússia onde os ortodoxos se redimem mutuamente. De modo que imaginava eu que deveria ter sido algum inglês extravagante, por mera excentricidade.

*Mister* Astley escutava-me com algum assombro. Pelo visto, esperava encontrar-me triste e abatido.

— Não obstante, alegra-me muito ver que conservou o senhor intacta a independência de seu espírito e até sua alegria — disse, com um tom bastante antipático.

— Quer dizer que o senhor, em seu íntimo, rói-se de desgosto por ver que não me encontra abatido nem humilhado — disse-lhe, rindo.

Ele não compreendeu logo, mas depois riu-se também.

— Achei graça em sua observação. Por essas palavras reconheço o meu antigo amigo inteligente, entusiasta, ao mesmo tempo que cínico. Somente dentro da pele de um russo cabem ao mesmo tempo tantas coisas contraditórias. Efetivamente, gosta o homem de ver seu melhor amigo em atitude humilde diante de si. Mais ainda: na humilhação costuma basear-se em grande parte a amizade, e esta é uma verdade velha que não há homem de talento que ignore. Mas, no caso presente, asseguro-lhe que me alegro sinceramente por não vê-lo abatido. Diga-me: não tem o senhor intenção de deixar o jogo?

— Oh! o diabo que o leve! Deixaria imediatamente, se não fosse…

— Se não fosse o querer desforrar-se. Isto mesmo pensava eu; não diga mais… Sei disso… Falou o senhor duma maneira inopinada e, por conseguinte, falou a verdade. Mas diga-me: além do jogo, em que outra coisa se ocupa?

— Em nada.

Pôs-se a examinar-me com a vista. Eu não sabia de nada; mal lia jornais e em todo aquele tempo não havia aberto absolutamente um livro.

— Não há de querer virar boneco de pau — observou. — Não só se afasta da vida, de seus interesses e dos interesses sociais, dos deveres do cidadão e do homem, de seus amigos (o senhor os tinha, apesar de tudo); não só se desinteressa de tudo que não seja o jogo, mas até prescinde de suas recordações. Lembro-me do senhor num momento ardente e apaixonado de sua vida; mas estou certo de que o senhor já se esqueceu de todas as suas melhores impressões daquele tempo; seus sonhos, suas mais veementes ânsias não vão agora mais

além do *pair et impair rouge, noir*, a coluna do meio, etc., etc. Estou convencido disto!

— Basta, *Mister* Astley! Por favor, por favor, não evoque o passado — exclamei, contrariado e quase iracundo. — O senhor sabe de sobra que não me esqueci de nada, mas que por algum tempo pus tudo para fora de minha cabeça, inclusive as recordações, até que arranje radicalmente minha situação. Então… então haverá o senhor de ver como ressuscito dentre os mortos.

— O senhor estará ainda aqui dentro de dez anos — disse ele. — Advirto-o desde agora de que, se então estiver eu vivo, haverei de recordar-lhe neste mesmo banco.

— Ora, basta! — interrompi-o com impaciência. — Para demonstrar-lhe que não sou tão esquecediço do passado, o senhor vai me fazer o favor de responder a uma pergunta: onde anda a Senhorita Polina? Porque, se não foi o senhor quem me tirou da prisão, foi ela sem dúvida. Desde aqueles tempos não voltei a saber absolutamente dela.

— Não! Oh! não! não creio que tenha sido ela quem o resgatou. Deverá estar agora na Suíça e o senhor me proporcionará uma grande satisfação não tornando a perguntar-me pela Senhorita Polina — disse-me com energia e até mesmo irritado.

— Isto quer dizer que ela também o magoou? — E involuntariamente pus-me a rir.

— A Senhorita Polina é a melhor das criaturas, a mais digna de respeito. Mas repito-lhe que me proporcionará uma grande satisfação não me perguntando mais pela Senhorita Polina. O senhor nunca chegou a conhecê-la bem e seu nome em seus lábios parece-me uma ofensa a meu sentido moral.

— É mesmo? Afinal de contas, o senhor não tem razão. Imagine só: de que vou falar ao senhor senão disso? A isso se reduzem todas as nossas recordações. Não se inquiete. Afinal de contas não tenho necessidade de intrometer-me em seus assuntos íntimos, secretos… interesso-me unicamente, digamos assim, pela situação atual da

Senhorita Polina, somente pela sua situação exterior no momento. E isto pode dizer-se em duas palavras.

— Pois trate de escutar-me para com estas duas palavras dar por terminado o assunto. A Senhorita Polina esteve muito tempo enferma; parte desse tempo passou-o com minha mãe e minha irmã no norte da Inglaterra. Há uns seis meses, sua avó… lembra-se o senhor?… aquela velha maluca, morreu deixando-lhe, só para ela, oito mil libras. Atualmente, a Senhorita Polina viaja em companhia de minha irmã casada. Seus irmãozinhos acham-se também ao abrigo da necessidade graças ao testamento da *bábuchka*, e estão estudando em Londres. O general, seu padrasto, morreu há um mês em Paris, em consequência de um ataque de apoplexia. *Mademoiselle* Blanche tratou-o bem até o fim, mas soube muito bem por em seu nome tudo quanto ele herdara de sua tia… eis tudo, creio.

— E De-Grillet? Não estará também viajando pela Suíça?

— Não. De-Grillet não viaja pela Suíça e não sei de seu paradeiro. Aliás, rogo de uma vez para sempre que evite fazer-me semelhantes alusões e comparações ignóbeis, pois de outro modo, irremediavelmente, terei de ajustar contas com o senhor.

— Como? Apesar de nossa velha amizade?

— Sim: apesar de nossa velha amizade.

— Peço-lhe mil vezes perdão, *Mister* Astley, mas desculpe-me: isto não tem nada de ofensivo, nem de ignóbil, porque, é claro, não culpo de nada a Senhorita Polina. Além disso, um francês e uma russa, falando em termos gerais, representam uma semelhança tal que, *Mister* Astley, nem o senhor, nem eu podemos explicar ou compreender definitivamente.

— Se o senhor não misturasse o nome de De-Grillet com esse outro nome, eu lhe rogaria que me explicasse que pretende o senhor dizer com isso de um francês e uma russa? A que semelhança se refere? Por que hão de ser precisamente um francês e uma russa?

— Já está o senhor vendo como isto lhe interessa. Mas é muito

longo de explicar, *Mister* Astley. Deveria estar antes a par de muitas coisas. Aliás, trata-se de uma questão importante, por mais ridículo que tudo isto possa parecer ao primeiro golpe de vista. O francês, *Mister* Astley, é uma "forma" acabada elegante. O senhor, como inglês, pode não concordar com isto; eu também, como russo, não posso concordar, ainda que somente por inveja; mas nossas mocinhas podem ser de outra opinião. O senhor pode achar Racine afetado, amaneirado e perfumado; até decerto não o lê. Eu também o acho afetado, amaneirado e perfumado, e até, de certo ponto de vista, ridículo. Mas é sedutor, *Mister* Astley, e, sobretudo, é um grande poeta, queiramos ou não queiramos o senhor e eu. O tipo nacional francês, isto é, parisiense, começou a transformar-se numa forma elegante, quando éramos nós ainda uns ursos. A revolução perseguiu a nobreza. Hoje até o derradeiro francezinho pode ter maneiras, gestos, expressões e até pensamentos de forma supremamente bela, sem ter tido parte na criação dessa forma nem por sua iniciativa, nem por seu espírito, nem por seu coração; tudo isto lhe é transmitido por herança. Individualmente podem ser frívolos e vis além de toda expressão. Pois bem, *Mister* Astley, participo-lhe que não há no mundo inteiro uma criatura mais crédula e mais franca que a boa, inteligente e não excessivamente afetada senhorita russa. De-Grillet, apresentando-se com qualquer disfarce, pode conquistar-lhe o coração com facilidade extraordinária, pois para isto possui uma forma elegante, *Mister* Astley, e a senhorita toma essa forma pela alma pessoal dele, pela forma natural de sua alma e de seu coração e não por uma veste herdada. Embora muito lhe desagrade, tenho de dizer-lhe que os ingleses, em grande parte são orgulhosos e feios e que os russos sabem distinguir muito finamente a beleza e por ela se apaixonam. Mas para perceber a beleza da alma e a originalidade da pessoa, para isto é necessário, incomparavelmente, mais independência e liberdade do que a que possuem nossas mulheres, e muito mais nossas senhoritas e, naturalmente, num e noutro caso mais experiência. A própria Senhorita Polina, perdoe o senhor, mas o dito está dito, demorou muito, muito tempo em decidir-se a dar-lhe a preferência sobre aquele tratante do De-Grillet. Ela aprecia o senhor, é sua amiga, abre-lhe todo o seu coração; mas, apesar disso, naquele coração imperará sempre aquele odioso sem-vergonha, aquele repugnante De-Grillet, ruim e usurário. Isto se deve, por assim dizer, à vaidade e ao amor-próprio,

porque esse tal De-Grillet apresentou-se a ela certa vez com a auréola de um belo marquês, de um liberal desencantado e arruinado que vinha em socorro de sua família e daquele bobo do general. Todas as suas artimanhas descobriram-se logo. Mas não importa que se tenham descoberto; torne o senhor a apresentar-lhe agora o De-Grillet de outrora… Isto é o que ela quer! E quanto mais odiar o De-Grillet de agora, tanto mais saudade terá do de outrora, ainda que este de outrora só tenha existido em sua imaginação. Negocia o senhor agora com açúcar, *Mister* Astley?

— Sim; formo parte da companhia açucareira Level & Co.

— Bem; pois veja o senhor, *Mister* Astley. De um lado, um negociante de açúcar e, do outro, o Apolo do Belvedere: duas coisas que não parecem dar-se bem. Eu nem sequer sou negociante de açúcar, senão, simplesmente, um modesto "ponto" da roleta; e até já servi de lacaio, o que decerto já saberá a Senhorita Polina, uma vez que, ao que parece, tem boa polícia.

— O senhor está furioso e por isso disparata todos esses desatinos — disse *Mister* Astley, sereno e pensativo. — Além disso, suas ideias carecem de originalidade.

— De acordo! Mas isto é horrível, meu nobre amigo, que todas essas minhas acusações, por mais velhas, por mais mesquinhas, por mais vaudevilescas que sejam, são, ainda assim, verdadeiras. Apesar de tudo, nem o senhor, nem eu podemos conseguir nada!

— Isto é um disparate enorme… porque, porque… saiba o senhor… — disse *Mister* Astley, com voz trêmula e olhos cintilantes. — Saiba o senhor… homem ingrato e indigno, mesquinho e desgraçado, que vim a Homburgo, expressamente, encarregado por ela de avistar-me com o senhor, falar-lhe longa e seriamente, e comunicar depois a ela todos… seus sentimentos, ideias, ilusões, e… recordações!

— Será possível? Será possível? — exclamei eu, e de meus olhos fluíram as lágrimas em caudal. Não pude reprimi-las e creio que era aquela a primeira vez que ocorria isto em minha vida.

— Sim, homem infeliz; ela ama o senhor, posso revelar-lhe;

porque é o senhor… um homem perdido! Além disso, se lhe digo que ela continua a amá-lo até hoje… será a mesma coisa. O senhor, apesar de tudo, continuará aqui? Sim; o senhor perdeu-se a si mesmo. O senhor possuía algumas aptidões, um gênio vivo e era homem inteligente; podia, inclusive, ter sido útil à sua pátria, que tão necessitada está de homens assim; mas… o senhor ficará aqui e sua vida acabou. Não acho que seja sua culpa. A meus olhos, todos os russos são assim, ou propendem para isto. Se não para a roleta, para alguma outra coisa com ela parecida. As exceções são por demais raras. Não é o senhor o primeiro que não compreende que coisa seja o trabalho (não me refiro ao povo). A roleta… é um jogo essencialmente russo. Até agora o senhor foi honesto e preferiu antes servir a um amo a roubar… Mas a mim me causa horror pensar o que possa trazer o futuro. Basta, adeus! O senhor, sem dúvida, andará necessitado de dinheiro, não é verdade? Pois aqui tem o senhor dez luíses de ouro; mais não lhe dou, porque, de todos os modos, irá perdê-los no jogo. Tome e adeus! Tome-os!

— Não, *Mister* Astley. Depois de tudo quanto o senhor acaba de dizer…

— To…me…-os!… — gritou ele. — Estou convencido de que o senhor é ainda honesto e dou-lhe o que um verdadeiro amigo pode dar a outro. Se pudesse ter certeza de que o senhor deixaria agora mesmo o jogo e Homburgo e voltaria à sua pátria, lhe daria imediatamente mil libras, para que começasse de novo sua carreira. Mas precisamente não lhe dou mil libras, senão apenas dez luíses de ouro, porque tanto as mil libras quanto os dez luíses de ouro, nas atuais circunstâncias, são para o senhor a mesma coisa; é tudo igual… Irá perdê-los no jogo. Com que então tome e adeus!

— Aceitarei, se o senhor me permitir que me despeça com um abraço.

— Oh! com prazer!

Trocamos um abraço sincero e *Mister* Astley retirou-se.

Não, eu não estava certo! Se me mostrara duro e grosseiro a respeito de Polina e De-Grillet, duro e grosseiro tinha-se ele mostrado

a respeito dos russos. De mim não falo, aliás… aliás, tudo isto até agora não é nada; tudo isto são palavras, palavras, palavras. E o que faz falta são fatos! Aqui agora o principal é a Suíça! Amanhã mesmo. Oh! se fosse possível emendar-me desde amanhã mesmo!… Renascer de novo, ressuscitar. É preciso demonstrar-lhes… que Polina saiba que ainda posso ser um homem. Vale a pena… Já agora, aliás, é tarde… Mas amanhã… Oh! senti um pressentimento e não pode falhar!… Tenho agora quinze luíses de ouro e comecei com quinze florins! Se começasse tenteando com prudência… Mas será possível, será possível que eu seja tão pueril?… Por acaso não compreendem que sou um homem perdido? Mas… Por que não haveria de poder ressuscitar? Sim! Vale a pena ser uma vez sequer na vida cauteloso e paciente, e… isto é tudo. Vale a pena uma vez sequer manter o caráter, e eu numa hora posso mudar meu destino! O essencial… é o caráter. Basta recordar o que se passou comigo a esse respeito sete meses atrás em Rulettenburgo antes de minha perda definitiva. Oh! Foi um caso notável de resolução; perdi então tudo, tudo!… Ao sair do cassino, sinto no bolso do colete que ali há ainda um florim: "Com isto tenho com que comer!", disse a mim mesmo. Mas mal dera uns cem passos, pensei melhor e voltei. Coloquei aquele florim no *manque* (daquela vez foi no *manque*). Na verdade, experimenta-se uma sensação algo especial quando, sozinho, em terra estranha, longe de seus parentes e amigos, e sem saber o que se há de levar hoje à boca, vai a gente e põe ali seu último florim, o último, o derradeiríssimo. Ganhei e vinte minutos depois retirei-me do cassino, levando no bolso cento e setenta florins. Isto é um fato! Para que se veja o que por vezes pode significar o último florim! E se tivesse eu então perdido a coragem, se não tivesse ousado tomar uma decisão?

Amanhã, amanhã tudo isto terminará!

**1** Local público de Londres para bailes e concertos, muito em voga no século XVIII, posteriormente imitado em Paris e outras cidades da Europa. O termo é empregado aqui no sentido restritivo de casa de jogo, cassino. ↩

**2** Professor, preceptor.↩

**3** Isto não era assim tão estúpido!↩

**4** Jogo de baralho, composto de um banqueiro e indeterminado número de jogadores.↩

**5** Diminutivo de Amália, em alemão.↩

**6** O galo gaulês.↩

**7** Senhora baronesa, tenho a honra de ser seu escravo.↩

**8** Não mais além. Expressão com que se costuma designar um limite que não deve ser ultrapassado.↩

**9** Sim. certamente!↩

**10** Está louco?↩

**11** Meu caro senhor… Perdão, esqueci o seu nome, *Mister* Alexis? Não é?↩

**12** O barão é tão irascível, um caráter prussiano, o senhor sabe, enfim, fará uma briga de alemão.↩

**13** Que diabo! Um fedelho como você.↩

**14** Talvez.↩

**15** Sim, minha senhora… e acredite que me sinto bastante encantado… sua saúde… é um milagre… vê-la aqui, uma surpresa encantadora.↩

**16** Mais um exemplo de sobrenome simbólico, inexistente na antroponimia russa e inventado por Dostoiévski para caracterizar a personagem, tirando proveito do significado dos nomes comuns transformados em sobrenomes. Literalmente: incendiador (*zajíguin*) de burrices (*dur*), boateiro, espalhador de boatos.↩

**17** Essa velha está caduca.↩

**18** Saia! Saia!↩

**19** Façam o jogo, senhores! Façam o jogo, senhores! Nada mais! (Expressões habituais dos *croupiers*).↩

**20** O jogo está feito.↩

**21** Mas, senhora, era fogo!↩

**22** Que é isto, com os diabos?!↩

**23** Mas, senhora, a sorte pode mudar, um só mau azar e a senhora perderá tudo… sobretudo com seu jogo… Era terrível!↩

**24** Não é isto.↩

**25** Meu caro senhor, nosso caro general se engana…↩

**26** Oh! Meu caro senhor Alieksiéi, seja bonzinho.↩

**27** Beberemos leite sobre a relva fresca?↩

**28** Aos pés da dama, fórmula de cortesia polonesa.↩

**29** Honra, em polonês.↩

**30** Senhor, em polonês.↩

**31** As três últimas jogadas, senhores!↩

**32** Referência a uma aeronauta francesa desaparecida por ocasião de sua setuagésima sétima ascensão em balão.↩

**33** Esses russos!, em alemão.↩

**34** Ah, é ele! Vem cá, animal… que ganhaste uma montanha de ouro e de prata? Prefiriria o ouro…↩

**35** Bibi, como és uma besta… Faremos uma farra, não é?↩

**36** Meu filho, tens coração?↩

**37** Qualquer outro…↩

**38** Se não te mostrares demasiado tolo, levo-te a Paris.↩

**39** Tu verás Paris. Diz então, pois, que é um *utchítel*? Eras bem bobo quando eras *utchítel*.↩

**40** Pois bem, que farás se te levo comigo?… quero cinquenta mil francos… vamos a Paris… comigo serás capaz de ver estrelas em pleno dia.↩

**41** E cento e cinquenta mil francos… sei lá… sou boa menina… mas verás estrelas.↩

**42** Ah! vil escravo!… E depois, o dilúvio! Mas tu não podes compreender, pois seja!… que fazes?↩

**43** Pois bem, meu *utchítel*, espero-te, se quiseres.↩

**44** Talvez não pedisse eu coisa melhor.↩

**45** Serás feliz como um pequeno rei.↩

**46** Quanto a mim, quero cinquenta mil francos de renda e então…↩

**47** E os cem mil francos que nos restam, tu os comerás comigo, meu *utchítel*.↩

**48** Castelo das Flores, cabaré de Paris.↩

**49** Mas tens espírito para compreender. Sabes, meu rapaz…↩

**50** Mas… sabes… mas dize então?… Mas. sabes…! Que farás depois, dize então?↩

**51** Sim, sim, é isto, é magnífico!… Dize então… Pois bem… porque acreditava que não és senão um *utchítel* (algo como um lacaio, não é?)… porque sou uma boa moça.↩

**52** é preciso que a mocidade passe.↩

**53** Mas és um verdadeiro filósofo!…Pois bem, hei de te amar, hei de te amar… Verás, ficarás contente.↩

**54** Alusão à obra desse título, célebre nos anais da literatura pornográfica francesa do século XVIII.↩

**55** Torrencialmente.↩

**56** Terei um castelo, mujiques, e depois terei sempre meu milhão.↩

**57** Muito bem.↩

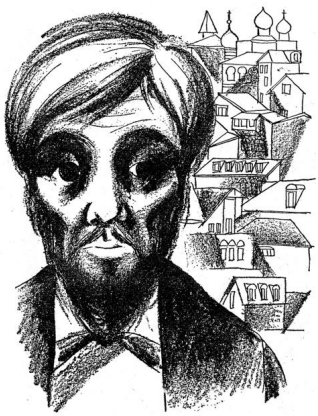
**58** Ele está, no entanto, muito bem.↩

**59** Mas vê… a senhora generala de Zago… Zago… Esses diabos de nomes russos! Enfim, a senhora generala de quatorze consoantes! Como é agradável, não é?↩

**60** Acreditava que fosses bobo e tinhas ar disso… Espera.↩

**61** Seremos sempre bons amigos… e te sentirás feliz.↩

# O IDIOTA



# O idiota
(1868)

## Primeira parte

### Capítulo primeiro

Em fins de novembro, na época do degelo, às nove horas da manhã, o trem Petersburgo-Varsóvia aproximava-se a todo vapor de Petersburgo. Havia tanta umidade e tanta névoa que a custo irrompia a luz do dia; a dez passos de distância, à direita e à esquerda da estrada, dava trabalho distinguir as coisas da janela do vagão. Entre os passageiros alguns havia que regressavam do estrangeiro; mas os vagões mais repletos de passageiros eram os de terceira classe, ocupados na sua maior parte por pessoas modestas e laboriosas que vinham de lugares próximos. Todos davam mostras de cansaço, todos tinham os olhos pesados por causa da má noite, todos estavam entorpecidos, todos tinham os rostos de uma palidez amarelenta, sob o reflexo da névoa.

Em um dos vagões de terceira, ao clarear do dia, tinham acordado, um defronte do outro, junto à mesma janela, dois viajantes, ambos jovens, ambos quase sem bagagem, ambos desalinhadamente trajados, com rostos que chamavam a atenção e desejosos ambos, afinal, de entabular conversa. Se ambos tivessem sabido o que naquele instante os tornava particularmente distinguíveis, sem dúvida teriam se admirado de que o acaso os tivesse posto um em frente ao outro no vagão de terceira classe do trem Petersburgo-Varsóvia. Um deles era de mediana estatura, de uns vinte e sete anos, com o cabelo crespo e quase negro e uns olhinhos cinzentos, pequenos, mas cintilantes. Tinha o nariz largo e chato, a cara angulosa; seus lábios finos franziam-se constantemente num certo sorriso impudente, zombeteiro e até mesmo maldoso; mas sua fronte, alta e bem formada, embelezava a parte inferior de seu rosto, de desenho ignóbil. Particularmente notável naquele rosto era sua palidez mortal, que dava ao semblante inteiro do jovem um ar de esgotamento, não ante

seu corpo, um tanto vigoroso, e ao mesmo tempo algo de expressão apaixonada, raiando pela dor e que não se harmonizava com aquele sorriso insolente e grosseiro, nem com seu olhar penetrante e fátuo. Ia bem abrigado numa ampla pele de carneiro, negra e forrada de pano, de modo que não tinha sentido frio durante a noite, ao passo que seu vizinho tinha-se visto obrigado a aguentar em suas trêmulas costas todo o rigor da úmida noite de novembro russa, à qual não estava evidentemente acostumado. Trazia uma ampla e grossa capa, sem mangas e com um capuz enorme, semelhante à que costumam usar os que viajam no inverno para longe, para além da fronteira, na direção da Suíça ou do norte da Itália, sem levar em conta, ao fazê-lo, os extremos que há num trajeto como o de Eydtkuhnen a Petersburgo. Mas o que serviu e satisfez por completo na Itália não resulta de todo satisfatório na Rússia. O dono daquela capa com capuz era um homem jovem, de uns vinte e seis ou vinte e sete anos, de estatura algo mais que mediana, cabelos muito louros e espessos, faces cavadas e uma barbicha em ponta, quase toda branca. Tinha os olhos grandes, azuis e parados; seu olhar mostrava certa placidez, mas pesada; algo dessa expressão rara que permite adivinhar, ao primeiro golpe de vista, os indivíduos vítimas da epilepsia. O rosto do jovem era, aliás, simpático, delgado e fino, mas descolorido, embora naquele instante estivesse arroxeado pelo frio. Trazia nas mãos um grosso embrulho envolto num velho e desbotado pedaço de indiana que, ao que parece, continha toda a sua bagagem de viajante. Tinha os pés calçados em botas de sola grossa, com polainas, o que não era nada russo. Seu vizinho, de cabelos pretos, o do abrigo de pele, olhava aquilo, em parte por não ter nada melhor a fazer, até que, afinal, teve de perguntar com esse sorriso pouco delicado com que, sem cumprimentos e desenfadadamente costuma o povo exprimir sua satisfação diante das desditas do próximo:

— Frio? — e encolheu os ombros.

— Muito — respondeu seu vizinho, com extrema solicitude, — e note que estamos apenas no degelo. Que será quando estiver abaixo de zero? Não podia pensar que estivesse fazendo tanto frio por aqui. Não estou acostumado.

— O senhor regressa do estrangeiro?

— Sim, da Suíça.

— Hum!… Não parece!…

O homem de cabelos pretos fez uma careta e começou a rir, às gargalhadas.

Havia-se entabulado o diálogo. A prontidão com que o jovem louro da capa respondia a todas as perguntas de seu vizinho de cabelos negros era assombrosa e sem a menor suspeita do que algumas delas tinham de desembaraçadas, tolas e impertinentes. Ao dar-lhes respostas explicou, entre outras coisas, que estava havia muito tempo fora da Rússia, quatro longos anos; que partira para o estrangeiro por motivo de saúde, por causa de uma estranha doença nervosa, uma espécie de epilepsia ou dança de São Vito, com sacudidelas e convulsões. Ao ouvi-lo, o de cabelos pretos sorriu várias vezes; riu sobretudo quando o louro respondeu, à sua pergunta: "E então, curou-se ali?", negativamente, que não se tinha curado.

— Ah! Isto quer dizer que gastou seu dinheiro em vão e, mesmo assim, nós, aqui, temos fé nessa gente! — observou com sarcasmo o homem moreno.

— A pura verdade! — exclamou, entrando como terceiro, no diálogo, um senhor de uns quarenta anos que ocupava um assento ao lado dele, mal vestido e com aspecto de amanuense, de nariz vermelho e cara sardenta. — É a pura verdade; levam todos os nossos recursos!

— Oh! quanto se equivoca o senhor no seu caso! — ponderou o doente que vinha da Suíça, com voz serena e plácida. — É certo que não posso discutir; pois não sei de nada: mas meu médico me deu o último dinheiro que lhe restava quando me pus a caminho para cá e, além disso, por espaço de dois anos havia-me mantido ali às suas custas.

— Como! Não tinha então ninguém que pagasse as suas despesas? — perguntou o de cabelos pretos.

— Sim, o Sr. Pávlichtchev era quem me sustentava; mas morreu

há dois anos; escrevi então para aqui, para a Generala Iepántchina, minha parenta longe; mas não recebi resposta. De modo que preferi regressar.

— Aonde vai o senhor?

— Quer saber para a casa de quem me dirijo? Ah! na verdade, ainda não sei!…

— Ainda não decidiu?

E ambos os ouvintes voltaram a prorromper numa gargalhada. — Por acaso toda a sua bagagem está contida nesse embrulhinho? — indagou o de cabelos pretos.

— Apostaria qualquer coisa como é assim mesmo — asseverou com ar de grande satisfação o funcionário de nariz avermelhado, — e que não tem mais nenhuma bagagem em outra parte, embora a pobreza não seja nenhum vício, deve-se admitir.

Era assim mesmo, com efeito; o jovem louro imediatamente, e com extraordinária prontidão, apressou-se em reconhecê-lo.

— Esse pacotinho tem, não obstante, algum valor — prosseguiu o funcionário, logo que se fartou de rir. (Deve-se observar que também o dono do pacotinho concluiu, afinal, rindo também ao vê-los rir, o que aumentou ainda mais a hilaridade. — E embora, desde logo possa afirmar-se que não contém montezinhos de ouro estrangeiro, de napoleões e fredericos, nem mesmo de florins holandeses, o que também se pode deduzir, apenas reparando nas polainas que cobrem seus sapatos estrangeiros; mas… se dentro desse embrulho vem algum presente para algum parente seu, como, por exemplo, a Generala Iepántchina, então adquire outro valor diferente, claro, supondo-se que a Generala Iepántchina seja, de fato, como diz o senhor, sua parenta e o senhor não tenha se confundido por distração… coisa que costuma ocorrer com frequência a algumas pessoas por… sim… por excesso de imaginação.

— Ah! o senhor acertou de novo! — assentiu o jovem louro. — Porque veja o senhor: com efeito, quase me equivoquei, isto é, não é

realmente parenta minha; a ponto de eu não ter, para falar a verdade, estranhado muito naquela ocasião que não me tivesse respondido. Já esperava por isso.

— Em vão gastou o senhor o dinheiro do selo. Hum!… Pelo menos o senhor é simples e franco, o que é digno de elogio… Hum!… Conhecemos a Generala Iepántchina, sobretudo porque não há quem não a conheça; e também conhecíamos o falecido Senhor Pávlichtchev, que o sustentava na Suíça, isto é, se se trata de Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev, porque havia dois indivíduos com este nome, primos, aliás. O outro encontra-se atualmente na Crimeia, e Nikolai Andriéievitch, o defunto, era um homem honesto e com boas relações, possuidor de quatro mil almas.

— Era esse mesmo: chamava-se Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev — e ao responder assim, o jovem olhou atenta e curiosamente aquele cavalheiro que de tudo sabia.

Esses senhores que sabem de tudo costumam ser encontrados com bastante frequência em certa classe social. Sabem de tudo; aplicam toda sua inquieta curiosidade, sua inteligência e suas faculdades sem remissão, a uma só coisa, sem dúvida que à falta de mais graves interesses e ideias vitais, como diria um pensador contemporâneo. Com esta expressão “sabem de tudo” deve, aliás, entender-se uma esfera bastante limitada: onde serviu Fulano, quais são seus amigos, que bens possui, onde foi governador, com quem se casou, quanto lhe levou de dote a mulher, de quem é primo-irmão e de quem é primo em segundo grau, etc., etc. e toda espécie de detalhes neste estilo. Em grande parte, esses “sabe-tudo” andam de cotovelos rasgados e ganham dezessete rublos de ordenado por mês. As pessoas cujas casas conhecem em minúcias não suspeitam decerto, em absoluto, de todo o interesse que lhes inspiram; mas muitos deles, com essa denominação, que abarca toda a ciência, consolam-se categoricamente, ganham sua própria estima e até alto grau de satisfação espiritual. E essa é uma ciência sedutora. Tenha visto eruditos, literatos, poetas, homens públicos, que encontraram e encontram nessa ciência sua mais alta satisfação e fim, e que, sem hesitação alguma, graças apenas a esse saber, fizeram carreira.

No transcurso de todo esse diálogo, o rapaz moreno bocejava, olhava para o vácuo pela janela e aguardava com impaciência o término da viagem. Estava algo ensimesmado, ou melhor, ensimesmadíssimo, quase inquieto e até deixava transparecer algo de estranho; por vezes, escutava e não ouvia, olhava e não via, dava risada e havia momentos em que não sabia, nem se lembrava por que.

— Mas permita-me, com quem tenho a honra…? — exclamou, de repente, o cavalheiro sardento, encarando o jovem louro com o embrulho.

— Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin[1] — respondeu aquele com cortês e imediata prontidão.

— Príncipe Míchkin? Liev Nikoláievitch? Não conheço. Nem sequer o ouvi mencionar em toda a minha vida — respondeu, perplexo, o funcionário, — isto é, não me refiro a seu nome, que é um sobrenome histórico que pode e deve encontrar-se na história de Karamzin,[2] mas falo da pessoa; faz muito que não depara a gente em parte alguma um Príncipe Míchkin, nem sequer ouve falar dele.

— Oh! naturalmente — apressou-se em responder o príncipe, — uma vez que não há agora outro Príncipe Míchkin senão eu; creio que sou o último. Quanto a meus pais e avós, eram senhores de terras. Meu pai foi, aliás, tenente do exército, da classe dos *junkers*. Na verdade, também não sei como, a esposa do General Iepántchin é de certo modo uma Princesa Míchkin, e também a derradeira de sua classe…

— Eh! eh! eh! A derradeira de sua classe! Eh! eh! eh! Está bem dito! — riu o funcionário.

O moreno também começou a rir. O jovem louro ficou um tanto maravilhado por ter podido fazer um trocadilho, por sinal bastante ruim.

— Não se esqueça de que disse isso inteiramente sem intenção — explicou, afinal, assombrado.

— Sim; compreende-se, compreende-se… — assentiu,

jovialmente, o funcionário.

— E também, príncipe, o senhor estudou ali ciências com algum professor? — indagou de repente o moreno.

— Sim… estudei.

— Pois eu nunca estudei coisa alguma.

— Eu, um pouquinho somente — acrescentou o príncipe, quase se desculpando. — Por culpa da doença, não pude estudar de um modo sistemático.

— O senhor conhece os Rogójini? — interrogou rapidamente o moreno.

— Não, não os conheço, absolutamente. Conheço muito pouca gente na Rússia. Quais são esses Rogójini?

— Eu sou um Rogójin, Parfien.

— Parfien?… Mas não são esses os mesmos Rogójini… — começou, com forçada gravidade, o funcionário.

— Sim, são os mesmos — atalhou-o o moreno rapidamente e com descortês impaciência, que, seja dito de passagem, não se dirigia nem uma vez sequer ao funcionário sardento, mas desde o primeiro instante só fitava o príncipe.

— Sim?… Como é isso? — exclamou, assombrado até a apoplexia e com os olhos a saltarem-lhe das órbitas, o funcionário, cujo rosto exprimiu algo de untuoso e servil e até mesmo medo. — O senhor é parente desse mesmo Siemion Parfiénovitch Rogójin, honrado cidadão falecido há um mês, deixando dois milhões e meio de capital?

— Mas tu, donde sabes que tenha deixado dois milhões e meio de capital? — interrompeu-o o moreno, não se dignando tampouco desta vez fitar o funcionário. — Veja só!… — E piscou um olho para o príncipe. — Que terão de ver com isso, para que imediatamente se agarrem à gente como um rabo? É verdade que meu pai morreu e que eu voltei de Pskov; faz um mês, voltei para casa quase que descalço.

Nem o canalha de meu irmão, nem minha mãe mandavam-me dinheiro ou notícias. Como se eu fosse um cachorro! Estive com febre branca um mês inteiro em Pskov!

— E agora vem o senhor a achar-se, de repente, com um milhãozinho e pouco pelo menos, ó Senhor! — disse o funcionário, juntando as mãos.

— Mas quer o senhor dizer-me que é que tem ele com isso? — tornou Rogójin, nervoso e colérico, apontando o funcionário. — Porque não te hei de dar um copeque, nem que andes de cabeça para baixo para mim.

— Andarei, andarei.

— Vais ver! Não te darei, não te darei, nem mesmo que fiques a dançar uma semana inteira.

— Pois não dês! Por que haverias de dar? Não dês! Mas, eu danço. Deixarei minha mulher, meus filhinhos pequenos, mas dançarei para ti. Devo prestar homenagem, devo!

— Que o diabo te carregue! — exclamou o moreno. — Faz cinco semanas, eu, da mesma maneira que o senhor — dirigindo-se ao príncipe, — com apenas um embrulhinho fugi da casa paterna para a de minha tia, em Pskov, e ali caí de cama com febre, e meu pai morreu na minha ausência. Morreu de repente. Paz às suas cinzas, mas, por pouco não me matou ele então a pauladas! Creia o senhor, príncipe, por Deus! Se não tivesse fugido dali então, ia me matar a pauladas!

— O senhor lhe causou raiva por algum motivo?… — indagou o príncipe, olhando com certa curiosidade especial o milionário da peliça. Mas, embora possa haver algo de particularmente digno de interesse num milhão e no fato de herdar de alguém, o príncipe assombrava-se e interessava-se por algo de diferente e o próprio Rogójin havia escolhido, por algum motivo especial, como interlocutor o príncipe, ainda que procurasse conversar mais por necessidade mecânica que moral; mais por distração que por sinceridade; por inquietação, por emoção, para olhar o rosto de alguém e ter algum

pretexto para dar à língua. Parecia que estivesse ainda em delírio, ou, pelo menos, com febre.

Pelo que se refere ao funcionário, desde que soube que aquele era Rogójin já nem se atrevia a respirar, apanhava de voo e examinava cada palavra como se fossem brilhantes:

— Que ficou com raiva, ficou, e pode ser que tivesse suas razões — respondeu Rogójin, — mas quem mais me achacava era meu irmão. Da mamãe não posso falar; já é velha, lê as *Lendas dos Santos* vai sentar-se com as velhas, e o que diz Sienhka, meu irmão, assim tem de ser. E por que ele não me avisou no tempo devido? Compreendo-o! É verdade que eu estava inconsciente naquela ocasião. Parece que me passaram um telegrama. Sim, um telegrama. Um telegrama à tia é que passaram. Ela, porém, faz trinta anos que está viúva e vive da manhã à noite com os beatos. Monja não é, porém é algo pior. Teve medo do telegrama e nem sequer o abriu, de modo que o levou à delegacia de polícia onde se encontra até hoje. Vassíli Vassílitch Kóniev foi quem me salvou, escrevendo-me a respeito de tudo. De noite meu irmão cortou as sólidas borlas de ouro debaixo do pano de brocado do ataúde de meu pai. "Quanto dinheiro não valerão!", disse ele. Veja o senhor: somente por isso poderia eu mandá-lo para a Sibéria, se quisesse, porque é um sacrilégio. Ei, tu aí, espantalho! — e fitou o funcionário. — Não é assim que se diz, segundo o código: sacrilégio?

— Sacrilégio, sim, sacrilégio! — assentiu imediatamente o funcionário.

— É caso de ir para a Sibéria?

— Para a Sibéria, decerto! Para a Sibéria imediatamente!

— Todos acreditam que ainda continuo doente — prosseguiu Rogójin, dirigindo-se ao príncipe, — e eu sem dizer palavra, muito tranquilamente, ainda doente, tomei o trem… e aqui estou! Abre-me a porta, irmãozinho Siemion Siemiônitch!… Ele me caluniou a meu pai, bem sei. E eu, efetivamente, por causa de Nastássia Filípovna, aborreci então meu pai, também é verdade. Agora volto sozinho. Sucumbi ao pecado.

— Por causa de Nastássia Filípovna? — exclamou o funcionário compassivamente, como se imaginasse alguma coisa.

— Ora, não a conheces! — gritou-lhe, impaciente, Rogójin.

— Conheço, sim! — respondeu o funcionário, triunfante.

— Qual nada! Como se só houvesse no mundo uma Nastássia Filípovna!… Sabes que és muito descarado, meu velho? Já ajustarei contas contigo! Bem previa eu que sujeitos dessa laia iriam agarrar-se a mim! — prosseguiu, dirigindo-se de novo ao príncipe.

— É possível que eu, apesar de tudo, a conheça! — insistiu o funcionário. — Liébiediev[3] a conhece. Vossa Excelência se digna descompor-me. Mas se eu lhe provar? Essa é a mesma Nastássia Filípovna por causa da qual o senhor seu pai queria bater-lhe com uma bengala de freixo. O nome de Nastássia Filípovna é Baráchkova,[4] uma senhora distinta, por assim dizer, e também uma princesa a seu modo. Mantinha relações com um tal Tótski, Afanássi Ivânovitch, com ele e ninguém mais, burguês e capitalista opulento, sócio de companhias e sociedades e muito amigo, por este motivo, do General Iepántchin…

— Ora essa! Mas donde tiras tudo isso?… — exclamou afinal Rogójin, assombrado deveras. — Que o diabo o carregue, está a par de tudo.

— Sabe de tudo! Liébiediev sabe de tudo! Eu, Excelência, estive também dois meses com o jovem Alieksachka Likhatchiov, que também perdera o pai e tudo, por assim dizer, todos os recantos e escaninhos conheço-os eu, e sem Liébiediev chegou ao extremo de não poder dar um passo. Agora está preso por dívidas; mas então tive também oportunidade de conhecer Armância e Corália e a Princesa Pátskaia e Nastássia Filípovna, e pude também entrar no conhecimento de muitas coisas.

— Nastássia Filípovna?… Por acaso ela e Likhatchiov[5]… — e Rogójin olhou-o hostilmente e seus lábios até ficaram trêmulos e pálidos.

— Não!… Não!… Não há tal coisa! — protestou a toda a pressa o funcionário. — Por dinheiro nenhum pôde conseguir Likhatchiov nada dela! Não, ela não é como Armância! Para ela não existe senão Tótski. E de noite vai ao Grande Teatro ou ao Teatro Francês, em seu camarote. Os oficiais podem dizer entre si o que quiserem; mas não podem provar nada: "Aí tendes; aquela é Nastássia Filípovna", somente isto. E nada mais… pois não há mais nada.

— Tudo isso é assim mesmo — confirmou Rogójin, sombrio e carrancudo. — Foi isto mesmo que Zaliójev me disse. Eu então, príncipe, metido no sobretudo de meu pai, que já tinha três anos de uso, andava pela Niévski, quando ela saiu de uma loja e subiu em seu carro. Bastou isto para sentir-me em chamas num momento. Encontro Zaliójev, que não forma boa parelha comigo, e que anda por aí como um oficial de cabeleireiro, usando óculos, enquanto que em casa de meu pai andamos com botas alcatroadas e passamos a sopa de couves: "Ela — diz-me — não é par para ti; ela — diz — é uma princesa e se chama Nastássia Filípovna, de sobrenome Baráchkova e vive com Tótski; mas Tótski não sabe agora como livrar-se dela, porque, na verdade, é um homem já entrado em anos; com cinquenta e cinco de idade, e quer casar-se com a moça mais bonita de Petersburgo". Depois tratou de insinuar-me: "Podes ver hoje Nastássia Filípovna no Grande Teatro, onde há *ballet*; estará sentada em seu camarote, na sua *baignoire*".[6] Em casa com meu pai, quem tem lá coragem de sair? O menos que pode acontecer é matar-nos! Mesmo assim, na hora marcada, escapuli-me, sorrateiro, e pude ver de novo Nastássia Filípovna; não dormi em toda aquela noite. Na manhã seguinte, meu falecido pai deu-me dois títulos de cinco por cento, de cinco mil rublos cada um: "Anda — diz, — vende-os e leva sete mil e setecentos rublos a Andriéiev, em sua loja, paga-lhe e o restante dos dez mil rublos vem trazer-me, sem te deteres em parte alguma; estarei à tua espera." Vendi os títulos, peguei o dinheiro e não me dirigi à loja de Andriéiev, mas, sem olhar para este ou aquele lado, botei-me para a Loja Inglesa e ali escolhi um par de brincos, com um brilhantezinho em cada, avultando como nozes; tive que ficar devendo quatrocentos rublos; declarei meu nome e fiaram-me. De posse dos brincos fui ter com Zaliójev; "pois é, irmãozinho, vamos ver Nastássia Filípovna". Tocamos para lá. Não sei, nem me recordo do que tinha debaixo dos

pés, nem do que tinha pela frente ou pelos lados. Chegados à sua casa, entramos diretamente para a sala, e ela veio receber-nos. Eu não disse claramente na ocasião quem era, mas Zaliójev foi quem falou: “Da parte de Parfien Rogójin, como lembrança do encontro de ontem, digne-se aceitar isto”. Ela abriu o estojo, olhou-o e pôs-se a rir: “Agradeça a seu amigo Senhor Rogójin a sua amável atenção”. Cumprimentou e retirou-se. Bem, por que não morri ali mesmo na ocasião?! Ao ir visitá-la, ia pensando: “Vivo não hei de voltar!”. Mas o que me causou uma raiva mais que enorme foi perceber que talvez aquela besta do Zaliójev se havia apropriado de tudo. Sou de baixa estatura e ando vestido como um criado. Ali fiquei de pé, bem calado, com os olhos escancarados fitos nela, porque sentia acanhamento, ao passo que ele anda na última moda, empomadado e de cabelo frisado, tosado, com uma gravata xadrez e se pavoneia e se faz importante, de tal modo que sem dúvida ela o tomou por mim mesmo. “Bem — disse-lhe ao sair, — não te atrevas agora a pensar mais em mim, entendes?” Ele começou a rir: “Que conta vais dar agora a teu pai Siemion Parfiénitch?”. Na verdade, minha vontade foi atirar-me à água, não voltar para casa; mas então pensei: “Afinal de contas, dá no mesmo” e, como um condenado tratei de voltar para casa.

— Ai! ai! — exclamou o funcionário, que se pôs até a tremer. — É preciso ter presente que o defunto, não por dez mil, mas por dez rublos, era capaz de despachar alguém para o outro mundo e piscou um olho para o príncipe.

O príncipe examinava com curiosidade Rogójin; parecia estar mais pálido que de costume naquele momento.

— Despachar?! — replicou Rogójin. — Que sabes disso? Imediatamente — prosseguiu, dirigindo-se ao príncipe, — inteirou-se de tudo, pois Zaliójev foi contando o que se passara a todos quantos encontrava. Meu pai agarrou-me e trancou-me lá em cima, levando uma hora a me castigar. “Isto é só uma amostra — disse ele, pois, logo mais, à noite, virei para continuar a conversa”. Que imagina o senhor? Foi o velho ter com Nastássia Filípovna, fez-lhe uma reverência até o solo, suplicou e chorou; ela lhe trouxe, afinal, uma caixinha, que abriu. “Aqui tem — disse, — seu barba branca, seus brincos; mas agora gosto deles dez vezes mais, pensando que foi um presente de

Parfien expondo-se a tais ameaças. Cumprimente de minha parte é agradeça a Parfien Siemiônitch.” Enquanto isso, eu, de acordo com minha mãe, pedi a Sieriojka Protúchin vinte rublos; tomei o trem de Pskov e cheguei ali com febre; ali, as velhas aborreceram-me com suas leituras piedosas, tratei de embriagar-me e andei percorrendo todas as tabernas, desde a primeira até a última, e fiquei sem conhecimento a noite inteira pelas ruas. Pela manhã; estava com febre e até os cachorros me assaltaram durante a noite. Despertei não sei como.

— Bem, bem! Agora Nastássia Filípovna cantará outra canção! — riu, esfregando as mãos, o funcionário. — Agora, senhor, não se trata mais de brincos! É bem outra coisa que poderemos oferecer-lhe!

— Advirto-te que se uma vez sequer tornares a dizer algo de Nastássia Filípovna, por Deus, levarás uma surra e e será inútil procurares Likhatchiov — gritou Rogójin, agarrando-lhe fortemente o braço.

— Aperta quanto quiseres. isto quer dizer que não me desdenhas! Aperta! Aperta, que assim ficarás gravado na minha memória… Mas já chegamos!

De fato, entrava o trem na estação. Embora Rogójin dissesse que tinha vindo incógnito, esperavam-no na estação algumas pessoas, que gritaram e agitaram seus bonés.

— Ora essa, também aí está Zaliójev! — murmurou Rogójin, olhando-os com sorriso triunfal, e quase agressivo e, de repente, voltou-se para o príncipe: — Príncipe, não sei por que tomei-me de simpatia pelo senhor. Talvez tenha sido pelo fato de o ter conhecido num momento como este, mas também conheci esse aí — e apontou para Liébiediev, — e, nesse caso, não me despertou nenhuma afeição. Venha comigo, príncipe. Eu lhe tirarei essas polainas, vou embrulhá-lo numa peliça de marta de primeira, vou lhe mandar fazer um fraque de excelente qualidade, um colete branco, ou como quiser, encherei seus bolsos de dinheiro e iremos ver Nastássia Filípovna. E então, vem ou não vem?

— Pense bem, Príncipe Liev Nikoláievitch! — encareceu Liébiediev, sugestiva e solenemente. — Oh! não desperdice a ocasião!

Não desperdice a ocasião!

O Príncipe Míchkin levantou-se, estendeu cortesmente a mão a Rogójin e, amavelmente, lhe disse:

— Com grandíssima satisfação irei e lhe agradeço muito essa simpatia que lhe inspiro. Será até possível que esteja hoje mesmo com o senhor, se tiver tempo. Porque, e digo francamente, também senti simpatia pelo senhor, sobretudo pelo que me contou dos brincos de brilhantes. Já antes dessa história dos brincos, achei-o simpático, apesar desse rosto tão intratável que tem. Agradeço-lhe também essas roupas e a peliça que me ofereceu, porque efetivamente, estão-me fazendo falta um traje e uma peliça. Quanto a dinheiro, não tenho em meu poder neste momento quase nem um copeque.

— Dinheiro haverá. Esta noite mesmo. Venha!

— Esta noite, esta noite — insistiu o funcionário. — Desde esta noite até o romper do dia!

— E ao sexo feminino, o senhor é muito afeiçoado, príncipe? Diga logo!

— Eu, não… não! Eu… O senhor talvez não saiba, mas eu, devido à minha enfermidade congênita, não conheço de modo nenhum as mulheres.

— Bem, sendo assim — exclamou Rogójin, — o senhor, príncipe, é um santinho, tal como Deus os quer!

— Assim os quer o Senhor Deus! — reforçou o funcionário.

— Tu, beócio, vem atrás de nós — disse Rogójin a Liébiediev e todos se apearam do vagão.

Liébiediev acabou conseguindo o que queria. Depressa o alegre grupo afastou-se na direção da Vosniessiénski Próspekt. O príncipe tinha de ir na direção da Litiéinaia. Fazia umidade e frio; o príncipe perguntava aos transeuntes; dali ao término de sua verdadeira viagem havia três verstas. Ele decidiu pegar um carro.

## Capítulo II

O General Iepántchin vivia em casa própria, um tanto afastada da Litiéinaia, na direção da igreja da Santa Transfiguração. Fora esta casa (excelente), cinco de cujos seis andares estavam alugados, possuía, o General Iepántchin outra casa enorme na Sadóvaia, que lhe proporcionava também considerável renda. Além dessas duas casas, tinha nos arredores de Petersburgo fazendas muito lucrativas e notáveis, e era dono, também, no distrito de Petersburgo, de uma fábrica. Outrora o General Iepántchin, como todo o mundo sabia, havia traficado aguardente. Atualmente fazia parte e tinha voto considerado em algumas sólidas sociedades por ações. Passava por homem de muito dinheiro, de muitas ocupações e de muitas amizades. Em alguns lugares sabia fazer-se indispensável; para não ir mais longe, na sua própria repartição. E, apesar disso, ninguém ignorava tampouco que Ivan Fiódorovitch Iepántchin era um homem sem ilustração e filho de soldado; esta última coisa, sem dúvida, redundava em honra sua, mas o general, mesmo sendo um homem de talento, tinha também suas pequenas fraquezas, muito desculpáveis e não gostava de certas alusões. Mas homem inteligente e capaz ele era sem dúvida. Seguia, por exemplo, a norma de não se adiantar onde convinha ficar para trás, muitos o estimavam precisamente pela sua simplicidade, por saber ocupar seu lugar. Mas se esses árbitros fossem capazes de ver o que por vezes se passava no âmago da alma de Ivan Fiódorovitch, que tão bem conhecia o seu lugar!… Embora tivesse, efetivamente, prática e experiência nas coisas da vida, e algumas aptidões bem notáveis, preferia, não obstante, sobressair como executor de ideias alheias a agir por império das suas, como homem "desinteressadamente devotado" — de acordo com o espírito da época — um russo cordial. A respeito deste último aspecto, contavam-se dele algumas anedotas engraçadas, mas o general não se importava nem mesmo com as mais jocosas anedotas; tinha também sorte no jogo e jogava forte e até, muito de propósito não só não tratava de ocultar essa sua pequena debilidade pelas cartas, que em muitas ocasiões lhe trazia proveito, mas fazia exibição dela. Suas relações eram, naturalmente, de variadas posições, mas, em todo caso, gente rica. Tinha tudo diante de si, não lhe faltava tempo para nada e tudo devia ocorrer a tempo devido. No tocante à idade, encontrava-se o General

Iepántchin ainda, como dizem, em forma, isto é, tinha apenas cinquenta e seis anos, o que em todo o caso representava uma idade viçosa, uma idade em que, realmente, começa a “verdadeira vida”. Boa saúde, boas cores; firmes, embora enegrecidos, os dentes; constituição forte, robusta; expressão fisionômica preocupada, de manhã, no serviço; jovial à noite no jogo de cartas em casa de Sua Excelência: tudo contribuía para seus triunfos presentes e futuros e parecia de rosas a vida do general.

Era o general chefe de uma florescente família. Na verdade, aqui nem tudo eram rosas, mas havia também muitas razões para que desde havia tempo se houvessem concentrado nela, com toda a seriedade, as principais ilusões de Sua Excelência. E que finalidade mais importante e santa na vida que os objetivos paternais? A que apegar-se senão à família? A do general compunha-se da mulher e das três filhas adultas. O general casara-se havia muito tempo, quando ainda ocupava o posto de tenente, com uma senhorita quase de sua idade, que não tinha nem beleza, nem educação e que só lhe levou de dote cinquenta almas, que, para dizer a verdade, tiveram de servir-lhe de base para sua posterior fortuna. Mas o general não lamentava nunca as consequências de seu casamento temporão, nem o considerou nunca como uma loucura da mocidade irresponsável, tendo, pelo contrário, pela esposa tal respeito e temor, que até quase a amava. A generala era da família principesca dos Míchkin que, embora não sendo uma família brilhante era bastante antiga e se dava muita importância por causa dessa antiguidade. Um dos personagens influentes de então, um desses protetores cuja proteção, afinal de contas, nada lhes custa, dignou-se interessar-se pelo casamento da jovem princesa, Entreabriu suas portas ao jovem oficial e deu-lhe um empurrãozinho na sua carreira, mas aquele não necessitava de um empurrãozinho; bastava simplesmente um olhar… não cairia em saco sem fundo! Salvo uma ou outra exceção, os dois esposos viveram sempre em amor e concórdia. Ainda em sua mocidade, soube a generala granjear, como princesa e última de sua estirpe, e talvez graças a algumas de suas condições pessoais, umas tantas quantas proteções poderosas. Devido à riqueza e à posição oficial de seu marido, começou a abrir-se lugar naquele alto mundo.

Naqueles últimos anos fizeram-se moças e floriram viçosamente as três filhas do general: Alieksandra, Adelaida e Aglaia. Na verdade, eram as três apenas Iepántchin, mas eram de estirpe principesca por parte de mãe, contavam com um dote não exíguo, tinham um pai talvez chamado a ocupar, com o correr do tempo, um alto posto e, o que não é tampouco de desprezar, eram as três de uma formosura notável, sem excluir a mais velha, Alieksandra, que já andava pelos vinte e cinco. A do meio tinha vinte e três e a mais moça, Aglaia, acabava apenas de completar os vinte. Essa mais moça era também uma beleza e começava a chamar a atenção no grande mundo. Mas não era ainda tudo: distinguiam-se as três pelo seu bom juízo, sua educação e seu talento. Era notório que as três se estimavam muito mutuamente e ajudavam umas às outras. Mencionavam-se também certos sacrifícios das duas irmãs maiores em favor do ídolo geral da casa: a menor. Na boa sociedade, não só não gostavam de destacar-se, mas se mostravam até demasiado modestas. Ninguém podia acusá-las de orgulho e arrogância, e, não obstante, todo mundo sabia que eram orgulhosas e sabiam se valorizar. A mais velha era afeiçoada à música; a do meio, uma pintora notável; mas isto a sociedade desconheceu muitos anos e só veio a revelar-se nos últimos tempos e de modo inesperado. Em resumo: falava-se delas em termos bastantes elogiosos. Mas havia também quem as invejasse. Falava-se, com espanto, dos muitos livros que liam. Não mostravam pressa em casar-se; em certos círculos sociais, embora gostassem delas, não era muito. O que era tanto mais notável quanto todos reconheciam a retidão, o caráter, os fins e desejos de seu progenitor.

Seriam aproximadamente onze horas, quando o príncipe bateu à porta do general. Vivia este no segundo andar e ocupava um apartamento o mais modesto possível, embora de acordo com sua posição. Foi abrir ao príncipe um criado de libré com o qual teve ele de explicar-se longamente e que, desde o princípio, olhou para ele e para seu embrulho de modo desdenhoso. Finalmente, depois de longa e minuciosa comprovação de que era, efetivamente, o Príncipe Míchkin e necessitava impreterivelmente ver o general para um assunto imprescindível, perplexo, o criado, fez com que entrasse para uma saleta que dava acesso ao gabinete e entregou-o a outro criado, que estava ali de plantão pela manhã, a fim de introduzir os visitantes

no gabinete do general. Este outro criado usava fraque, deveria ter uns quarenta anos e rosto grave, e era o criado especial do gabinete e introdutor à presença de Sua Excelência, de modo que sabia dar-se importância.

— Aguarde na antessala e deixe aqui o embrulho — disse, com calma e gravidade, acomodando-se na sua cadeira e contemplando, com severo, assombro, o príncipe, que se acomodou a seu lado, numa cadeira, com seu embrulhinho na mão.

— Se o senhor o permite — disse o príncipe, — eu esperaria melhor aqui, com o senhor, e não lá sozinho!

— O senhor não pode ficar na antessala uma vez que é um visitante. Quer ver o próprio general?

O criado, pelo visto, não podia se conformar com ideia de introduzir um visitante como aquele e decidiu perguntar de novo.

— Sim, tenho um assunto… — começou o príncipe.

— Não lhe pergunto pelo seu assunto; a mim só me incumbem de anunciá-lo. Mas na ausência do secretário, já lhe disse, não posso anunciá-lo.

A desconfiança daquele indivíduo parecia aumentar por momentos; o príncipe destoava por demais dos visitantes cotidianos e embora o general, com frequência, para não dizer diariamente, costumasse receber para “assuntos” os clientes mais diversos, ainda assim, de acordo com o costume e as instruções recebidas, encontrava-se o criado em grande perplexidade; a mediação do secretário para anunciá-lo era indispensável.

— Mas o senhor… vem precisamente do estrangeiro? — como que involuntariamente perguntou por fim e se atrapalhou; é muito possível que quisesse perguntar: “É o senhor, deveras, o Príncipe Míchkin?”.

— Sim; venho agora mesmo da estação. Tive a impressão que o senhor queria me perguntar se eu era, verdadeiramente, o Príncipe

Míchkin. Se assim não o fez foi por cortesia.

— Hum!… — murmurou assombrado o criado.

— Asseguro-lhe que não menti e que não lhe pedirão contas por minha causa. O fato de eu me apresentar com este aspecto e com este embrulhinho na mão não é motivo para causar assombro a ninguém; na atualidade, ando um tanto sem dinheiro.

— Hum!… Não corro nenhum perigo, veja bem. Não tenho outro remédio senão anunciá-lo, mas depois o secretário o introduzirá, a menos que… esta é a coisa, a menos que… O senhor não veio pedir nada, na qualidade de pobre, ao general, se me permite a pergunta?

— Oh! nada. Disto pode estar certo. O assunto que me traz é outro.

— O senhor desculpe, mas ao vê-lo, pensei… Espere aqui o secretário; o general está agora ocupado com o coronel, mas o secretário virá logo.

— Mas se por acaso for preciso esperar muito, permita-me uma pergunta: pode-se fumar aqui? Trago cachimbo e fumo.

— Fu… mar? — olhou-o o criado com desdenhosa perplexidade, como se não desse crédito a seus ouvidos. — Fumar? Não, aqui não se pode fumar e até deveria causar-lhe vergonha pensar nisso. Ora, que coisa essa!…

— Oh! não queria dizer nesta sala; conheço as coisas; dizia que o senhor me indicasse algum lugar, por aí, onde pudesse meter-me para fumar, porque, veja o senhor, tenho esse costume e há já três horas que não fumo. Mas, enfim, como queira o senhor, pois como já diz um velho ditado: “Em convento alheio…”.

— Bem; vamos ver. Como anuncio uma pessoa como o senhor? — resmungou o criado, quase involuntariamente. — Em primeiro lugar, o senhor não deveria estar aqui, mas na sala, porque pertence à categoria de visitante, ou dito de outro modo, de hóspede e terão de perguntar-me… O senhor tem intenção de ficar morando na casa? —

acrescentou, voltando a olhar de soslaio o embrulho que o príncipe trazia, o qual, pelo visto, não o deixava em paz.

— Não, não tenho esta intenção. Ainda que me convidassem, não aceitaria. Vim simplesmente dar-me a conhecer e nada mais.

— Como? Dar-se a conhecer? — perguntou, assombrado e suspeitoso, o criado. — Não tinha o senhor dito que viera para tratar de um assunto?

— Oh! quase não se trata propriamente de um assunto! Isto é, se quiser, sim, trata-se de um assunto, de pedir somente um conselho; mas vim, principalmente, para apresentar-me, porque sou o Príncipe Míchkin e a Generala Iepántchina é também a última princesa Míchkin, e além de nós dois não há mais Míchkini.

— Segundo isso, são parentes? — balbuciou, quase assustado o criado.

— Quase não o somos. Aliás, se se quiser, somos parentes, sim, somente tão longe que, na realidade, apenas podemos ser considerados como tal. Em certa ocasião dirigi-me do estrangeiro, por carta, à generala, mas não me respondeu. Mesmo assim, achei oportuno entabular relações ao regressar. Dou-lhe todas estas explicações para que não tenha dúvidas, porque vejo que está bastante intranquilo, anuncie que está aqui o Príncipe Míchkin e com apenas isto compreenderão a causa de minha visita. Se me receberem… bem; se não me receberem… pois também está tudo conforme. Ainda que eu acredite que não poderão deixar de receber-me; a generala terá desejo, sem dúvida, de conhecer o derradeiro representante de sua estirpe, e ela estima muito sua raça, segundo me contou quem sabe isso bem.

A conversa do príncipe era da mais completa simplicidade, mas quanto mais simples tanto mais inquietante parecia na ocasião atual, e o criado, atilado, não podia deixar de compreender que o que está muito bem de homem para homem, torna-se completamente indecoroso de hóspede para criado. E como a gente do povo costuma ter mais talento do que seus senhores creem, ocorreu a nosso criado que ali uma de duas coisas podia suceder: ou o príncipe era alguma

espécie de impostor que vinha pedir por estar na miséria, ou, simplesmente um simplório que não tinha ambições, pois um príncipe inteligente e ambicioso não se põe a falar, sem mais nem menos, de seus assuntos com um criado; e tanto num, como em outro caso, não o censurariam por apresentá-lo.

— O senhor deveria ter passado para a sala — observou, em tom mais firme.

— Mas se tivesse sentado ali não teria podido explicar-lhe coisa alguma — replicou jovialmente o príncipe, — e, provavelmente, lhe teria proporcionado mais inquietação com meu capote e meu embrulho. Enquanto que agora não tem senão que esperar o secretário, sem ir você mesmo anunciar-me.

— A um visitante como o senhor não posso anunciá-lo sem o secretário e, além disso, deram-me ordem de que não os incomodasse por coisa alguma do mundo, enquanto estivesse aqui o coronel, ao passo que Gavrila Ardaliónovitch entra sem se anunciar.

— É algum funcionário?

— Gavrila Ardaliónovitch? Não. Serve na companhia. Mas deixe o embrulho, mesmo aqui.

— Já pensava em fazê-lo; com sua licença. E tirarei também o capote.

— Sem dúvida; com o capote não deixo passar ninguém.

O príncipe levantou e tirou depressa o capote, mostrando-se com um paletó de bom corte e elegante; embora já bastante usado. O colete ostentava uma correntinha de aço. Da corrente pendia um relógio de prata de Genebra.

Embora o príncipe lhe parecesse um pobre de espírito — já assim o havia definido o criado, — teve este de considerar que não ficava bem prolongar por mais tempo o diálogo com aquele visitante, apesar da simpatia que, sem dúvida, à sua maneira, sentia pelo príncipe, ainda que, de outro ponto de vista, lhe inspirasse também decidida e

viva indignação.

— E a generala quando recebe? — perguntou o príncipe, voltando a sentar-se em seu lugar.

— Isto não incumbe a mim. Recebe individualmente, segundo as pessoas. A modista recebe às onze. Recebe também Gavrilla Ardaliónovitch antes dos outros, até durante o desjejum.

— Aqui nas casas faz mais calor que no estrangeiro no inverno — observou o príncipe, — mas, em troca, ali, nas ruas faz mais calor que aqui nas casas… De modo que dá trabalho a um russo acostumar-se.

— Não têm calefação?

— Têm sim, mas as casas estão construídas de outro modo, isto é, as estufas e as janelas.

— Hum!… E esteve o senhor ali muito tempo?

— Quatro anos. Aliás, quase os passei no mesmo lugar: no campo.

— E o senhor esqueceu os nossos costumes?

— Sim, é verdade. Creia que eu mesmo me admiro de não ter esquecido o russo. Estou falando agora com você e pergunto a mim mesmo: “Será que me expressei bem?”. Talvez por isso mesmo fale tanto. Na verdade, desde ontem tinha uma vontade louca de falar russo.

— Hum!… Eh! O senhor antes morava em Petersburgo?

Por mais que o criado fizesse, era impossível cortar uma conversa tão afável e cortês.

— Em Petersburgo? Quase nada, apenas de passagem. E aqui, nada conhecia antes da cidade, mas agora há tantas, há tão demasiadas coisas novas, que dizem que quem antes conheceu a cidade tem de aprender agora de novo. Falam aqui agora muito dos Tribunais de Justiça.

— Hum!… Dois Tribunais de Justiça. É verdade que há aqui

agora Tribunais de Justiça. E diga-me: lá no estrangeiro, os Tribunais de Justiça são melhores que os nossos?

— Não sei. Dos nossos tenho ouvido falar muito bem. Já vê você: suprimiram entre nós a pena de morte.

— E lá no estrangeiro existe?

— Sim. Na França pude presenciar uma execução, em Lião. Levou-me para vê-la Schneider.

— Enforcam?

— Não; na França limitam-se a cortar a cabeça.

— E gritam?

— E como? É questão de um momento. Deitam o sujeito e cai um cutelo enorme, por meio de uma máquina chamada guilhotina, pesada e forte… A cabeça pula de uma forma que a gente não tem tempo de piscar um olho. Os preparativos são horríveis. Começam por ler ao réu a sentença, vestem-no, amarram-no e conduzem-no ao cadafalso: um horror! O povo corre a vê-lo, inclusive as mulheres, embora lá não queiram que as mulheres o vejam.

— Não é coisa para elas!

— É claro, é claro! Que suplício!… O réu era um homem inteligente, de aspecto nada feroz, forte, entrado em anos. Chamava-se Legros. E veja você: acredite ou não acredite, mas eu lhe digo, ao subir ao cadafalso, chorava, branco como papel. Será isso possível? Não é um horror? Quem chora de medo? Eu não pensava que se pudesse chorar de terror, não um menino, mas um homem que jamais havia chorado, um homem de quarenta e cinco anos. Que se passa em tal momento no fundo das almas, que angústias as preenche? Um ultraje à alma, isso é que é. Foi dito: “Não matarás!”. Mas porque ele matou, vou eu matar? Não, isso não é possível. Já faz um mês que vi isso e contudo parece-me ter tudo diante dos olhos. Sonhei cinco vezes com isso.

O príncipe até se animava, falando; ligeira cor subia a seu rosto

pálido, não obstante exprimir-se com a mesma tranquilidade de sempre. O criado escutava-o com simpático interesse; tanto que, ao que parecia, não o queria interromper; é possível que fosse também homem de imaginação e dado a pensar.

— Só tem de bom, que se sofre pouco — observou, — quando a cabeça rola de um golpe.

— Quer saber de uma coisa? — insistiu o príncipe com veemência. — Você acaba de fazer uma observação que é a que faz todo o mundo e, além do mais, para isso precisamente se inventou a guilhotina. Mas a mim, naquela ocasião, ocorreu uma ideia: não será isso pior? Isto poderá lhe parecer ridículo e mesmo parecer selvagem, mas se tiver alguma imaginação, também tal ideia haverá de ocorrer-lhe. Repare bem: se se trata, por exemplo, de um suplício; neste há sofrimento e ferimentos, uma dor física, e tudo provavelmente distrairá da dor espiritual, de sorte que você só sofre por causa das chagas até que sucumbe. Mas é preciso ter presente que a dor principal, a mais forte, não esteja possivelmente nas feridas, mas em saber você com certeza (quem sabe isso com certeza?), que dentro de uma hora, depois dentro de dez minutos, depois dentro de meio minuto, depois agora, agora mesmo, a alma se escapará de seu corpo e deixará você de ser homem, e isto com certeza; o principal e pior disso é que é certo. Ao passo que aqui você põe a cabeça debaixo da lâmina e sente esta deslizar sobre aquela, e tudo num quarto de segundo, o que é o mais terrível de tudo. Sabe que isto não é uma fantasia minha, mas que muitos o disseram? E a tal ponto acredito que seja assim, que vou expor-lhe com toda a franqueza minha opinião. Matar a quem matou é um castigo incomparavelmente maior que o próprio crime. O assassinato em virtude de uma sentença é mais espantoso que o assassinato cometido por um criminoso. Aquele a quem os bandidos assassinam, a quem degolam de noite numa mata ou em alguma outra paragem, espera salvar-se até o derradeiro momento. Exemplos têm sido dados de indivíduos que, já cortado o pescoço, ainda esperaram fugir ou alcançar clemência. Mas isto, esta última esperança, que torna a morte dez vezes mais leve, tiram-na com essa certeza de morrer; ali se trata de uma sentença, e nisso de você não poder de jeito nenhum fugir dela constitui um tormento espantoso, e mais

horrível que esse tormento nada há no mundo. Pegue um soldado e coloque-o diante mesmo do canhão e dispare sobre ele; apesar de tudo não perderá a esperança por completo; mas leia a esse mesmo soldado a sentença irrevogável e ele ou ficará louco, ou começa a chorar. Quem disse que a natureza humana é capaz de suportar uma coisa assim, sem cair na loucura? Por que semelhante ultraje, absurdo, desnecessário, inútil? Será possível que tenha existido algum réu a quem, depois de lida a sentença e assim torturado, lhe digam: "Pode ir! Está perdoado!". Esse é o homem que poderia falar disso… Desse tormento e desse horror também falou Cristo. Não, não é possível tratar o homem desse modo!

O criado, embora não fosse capaz de exprimir tudo aquilo como o príncipe, se não compreendeu tudo, compreendeu pelo menos o essencial, segundo era possível perceber da enternecida expressão de seu rosto.

— Se o senhor deseja fumar — disse; — poderia fazê-lo, mas depressa. Porque podem perguntar pelo senhor e não se achar presente. Olhe: ali debaixo daquela escadinha há uma porta. Entre por ela e à direita encontrará um quarto; pode ali fumar, apenas feche a porta, porque não é permitido…

Mas o príncipe não teve tempo de sair para fumar. Na antessala entrou de repente um jovem com uns papéis debaixo do braço. O criado tratou de ir tirar-lhe a peliça. O jovem olhou de soslaio para o príncipe.

— Gavrila Ardaliónovitch — começou, em tom confidencial e quase familiar, o criado, — anuncie que o Príncipe Míchkin, parente da senhora, acaba de chegar do estrangeiro com um embrulho somente na mão…

O mais não chegou o príncipe a ouvir porque o criado baixou a voz. Gavrila Ardaliónovitch escutou atentamente e tornou a mirar o príncipe com viva curiosidade, até que, afinal, deixou de prestar ouvidos ao criado e dirigiu-se diretamente a ele com impaciência:

— O senhor é o Príncipe Míchkin? — perguntou com amabilidade e cortesia extraordinárias. Era um jovem bem parecido, de uns vinte e

oito anos de idade, louro, de estatura mediana, com uma barbicha napoleônica e rosto muito inteligente e bonito; Somente seu sorriso, a despeito de toda a sua amabilidade, era demasiado sutil; ao sorrir, mostrava uns dentes demasiado semelhantes a pérolas; seu olhar, em contraste com sua jovialidade e aparente simplicidade, era bastante fixo e esquadrinhador.

"Decerto quanto estiver sozinho não terá esse aspecto, nem rirá nunca", intuiu o príncipe.

O príncipe explicou-lhe o mais rapidamente possível, da mesma maneira como explicara antes ao criado, e antes ainda a Rogójin. Gavrila Ardaliónovitch, entretanto, parecia lembrar-se de alguma coisa.

— Não foi o senhor — indagou, — quem, há um ano ou algo menos, se dignou escrever uma carta da Suíça, parece-me, a Elisavieta Prokófievna?

— Eu mesmo.

— Então conhecem-no aqui e seguramente se lembram do senhor. Quer ver Sua Excelência? Vou agora mesmo anunciá-lo… O general estará livre dentro em pouco. Mas como o senhor… como é que o mantiveram na antessala?… Por que está aqui? — perguntou severamente ao criado.

— Príncipe, bem lhe dizia eu, mas não quis…

Naquele mesmo instante abriu-se de repente a porta do gabinete e dele saiu um militar com uma pasta debaixo do braço, falando alto e perfilando-se.

— Estás aí, Gânia? — gritou uma voz do gabinete. — Vem cá.

Minutos depois tornou a abrir-se a porta e ouviu-se a voz sonora e afável de Gavrila Ardaliónovitch:

— Tenha a bondade!

## Capítulo III

O general Ivan Fiódorovitch Iepántchin estava de pé, no meio do gabinete e com extraordinária curiosidade contemplava o príncipe, que entrava na sala. Deu mesmo dois passos a seu encontro. O príncipe dirigiu-se para ele e apresentou-se.

— Está bem — disse o general. — Em que posso servi-lo?

— Assunto inadiável não trago nenhum; meu objetivo era simplesmente conhecê-lo. Não queria incomodá-lo, mas como ignorava seu dia de recepção, as regras da casa… Acabo de sair do trem… Venho da Suíça…

O general esteve a ponto de sorrir, mas reconsiderou e conteve-se: depois ficou pensativo, franziu o cenho, tornou a mirar seu visitante, dos pés à cabeça, indicou-lhe depois rapidamente uma cadeira, sentou-se meio de lado e com impaciente expectativa voltou-se para o príncipe. Gânia achava-se a um canto do gabinete, ao lado de uma escrivaninha, remexendo uns papéis.

— Para conhecimentos em geral, disponho de pouco tempo — disse o general, — mas como o senhor, sem dúvida, deve ter algum objetivo…

— Já imaginava — interrompeu o príncipe — que o senhor, sem dúvida, haveria de atribuir à minha visita algum fim particular. Mas, por Deus, de parte o prazer de conhecê-lo, não tenho nenhum outro objetivo particular.

— Prazer também tenho eu, e muito grande, em conhecê-lo, mas nem tudo há de ser satisfação; por vezes, bem sabe o senhor, apresentam-se assuntos… Além disso, até agora não, vejo que haja entre nós, por assim dizer… qualquer razão comum…

— Razão, sem dúvida, não há, e muito menos comum. Porque pelo fato de ser eu o Príncipe Míchkin e a esposa do senhor pertencer à nossa família, não constitui, naturalmente, uma razão… Compreendo-o muito bem. E, mesmo assim, a isto se reduzem meus motivos. Estou há quatro anos fora da Rússia, é muito tempo; e, além

disso, quando fui embora quase não estava em meu juízo! Então não conhecia aqui ninguém, mas agora ainda menos. Tenho necessidade de pessoas boas; até, veja o senhor, assim, tenho um assunto e não sei, na realidade o que fazer. Já em Berlim, disse a mim mesmo: “São eles quase parentes meus, comecemos por eles; pode ser que sejamos mutuamente úteis, eles a mim e eu a eles… se forem pessoas boas”. E ouvi dizer que os senhores eram boas pessoas.

— Muito obrigado — disse, cheio de assombro, o general. — Tenha a bondade de dizer-me, onde está hospedado?

— Até agora, em parte alguma.

— Segundo isso, vem o senhor diretamente da estação à minha casa? E… a bagagem?

— Minha bagagem se reduz a um embrulhinho com roupa branca e nada mais; costumo trazê-lo no braço. Penso arranjar esta mesma tarde um quarto.

— De modo que se propõe arranjar um quarto em alguma casa de hóspedes?

— Oh! sim, é claro!

— A julgar pelas suas palavras, pensava eu que vinha o senhor, hospedar-se diretamente em minha casa.

— Poderia fazer isto, mas não sem que o senhor me convidasse. Ainda que, confesso-lhe, nem mesmo assim, ficaria; não por alguma coisa, mas somente… por questão de caráter.

— Então foi bem que eu não o tivesse convidado, nem o convide. Permita-me, príncipe, que tornemos as coisas bem claras, de uma vez; uma vez que já concordamos que não se pode falar em parentesco… entre nós… embora para mim fosse muito lisonjeador… nada há senão…

— Nada há senão levantar-me e sair — interpretou o príncipe, rindo, jovialmente, apesar da visível dificuldade de sua posição. — E queira crer-me, general, embora nada conheça dos costumes locais,

nem nada saiba da vida das pessoas aqui, dizia-me o coração que haveria de ser como é, segundo vejo agora. Talvez seja melhor assim!… E além disso, naquela ocasião tampouco responderam à minha carta… Está bem, fique com Deus e perdoe-me tê-lo incomodado.

O olhar do príncipe a tal ponto era cordial naquele momento e seu sorriso tão límpido de qualquer reflexo de zanga, nem mesmo disfarçada, que o general, de repente, ficou suspenso e pareceu olhar de modo diferente seu visitante; toda essa mudança operou-se num segundo.

— Olhe, príncipe — disse, num tom completamente diferente, — eu, francamente, não o conheço; mas Elisavieta Prokófievna talvez tivesse prazer em ver uma pessoa de sua família… Espere um pouco, se quiser, se tiver tempo.

— Oh! sim, tenho tempo! Meu tempo é absolutamente meu — e o príncipe imediatamente deixou seu chapéu mole, de abas redondas em cima de uma mesa. — Eu, confesso, também imaginava que Elisavieta Prokófievna se lembrasse de minha carta. Há um momento, seu criado, quando eu estava ali esperando o senhor, suspeitou de que eu estivesse na miséria e viesse pedir ajuda; percebi isto e é possível que em sua casa haja severas instruções a esse respeito; mas, eu, na verdade, não vim para isso; vim tão-somente para entrar em relações. Tenho apenas o receio de que vim incomodá-lo e isto me preocupa.

— Que está dizendo, príncipe? — disse o general, com um sorriso alegre. — Se o senhor é verdadeiramente o que parece, terei muito gosto em conhecê-lo; somente uma coisa, veja bem: sou um homem ocupado e agora mesmo vou ter de pôr-me a examinar papéis e assinar, e depois terei de ir ver Sua Alteza, e depois para a repartição, de modo que, embora tenha muito gosto em falar com pessoas… de bem; isto é, porém… Aliás, estou certo de que o senhor recebeu excelente educação… Quantos anos tem, príncipe?

— Vinte e sete.

— Ah! Eu pensava que tinha muito menos.

— Sim, dizem que represento menos idade. Mas não tardarei em aprender a não incomodá-lo, porque não gosto de incomodar ninguém… E, afinal, a mim me parece que somos muito diferentes no aspecto… por muitas razões, não podem existir entre nós muitos pontos de contacto; mas, apesar disso, não creio nesta última ideia, porque costuma ocorrer, com bastante frequência, que parece que não existem esses pontos de contacto e, ao contrário, existem… é apenas por preguiça que os homens se julgam uns aos outros pelas aparências e não podem descobrir nada… Mas, aliás, receio estar a aborrecê-lo. O senhor, pelo visto…

— Duas palavras: o senhor tem meios de vida? Ou se propõe aceitar algum emprego? Perdoe-me, mas eu…

— Não há de quê. Estimo e compreendo sua pergunta. Com meios de vida não conto até o presente, nem tampouco tenho emprego algum, embora me faça falta. O dinheiro que agora tenho não é meu: foi o professor que esteve me tratando e ensinando na Suíça quem me arrumou algum para a viagem, mas tão pouco que agora, por exemplo, apenas me restam uns poucos copeques. Para falar a verdade, tenho um assunto a respeito do qual necessito dum conselho, mas…

— Diga-me: como pensa viver no momento e quais são suas intenções? — interrompeu o general.

— Quereria trabalhar em alguma coisa…

— Oh! o senhor é um filósofo; ainda que, aliás… sabe se possui algum talento, alguma aptidão, seja qual for, quero dizer, que pudesse permitir-lhe ganhar com ela o pão? Rogo-lhe outra vez que me perdoe…

— Oh! não tem por que pedir perdão! Não, sei que não tenho talento, nem aptidão nenhuma, mas muito pelo contrário, porque sou um doente e não aprendi nada como é devido. Pelo que se refere ao pão, creio…

O general voltou de novo a interrompê-lo e a interrogá-lo. O príncipe tornou a contar-lhe o que já foi exposto. Resultou que o

general tinha ouvido falar no falecido Pávlichtchev e até o tinha conhecido pessoalmente. A razão pela qual Pávlichtchev tinha se interessado pela educação dele o próprio príncipe não sabia explicar; ainda que, afinal de contas, talvez tivesse sido por causa da amizade que o unia a seu falecido pai. O príncipe havia ficado órfão, quando era ainda muito pequeno; tinha-se criado e crescido no campo, pois sua saúde delicada requeria o ar da campina. Pávlichtchev havia-o recomendado a uns velhos lavradores, parentes seus, os quais tomaram para ele, a princípio, uma preceptora e depois um preceptor. Além disso, o príncipe explicou que, embora de tudo se recordasse, não era capaz de o expor dum modo satisfatório, porque não havia se apercebido de muitas coisas. Os frequentes ataques de sua enfermidade tinham-no convertido quase num idiota (o príncipe dizia assim mesmo: idiota). Referiu, finalmente, que Pávlichtchev havia-se encontrado certa vez em Berlim com o Professor Schneider, um suíço, que se havia especializado precisamente nessa doença; dirigia uma clínica sua na Suíça, no cantão de Basileia; curava, de acordo com seu método, por meio da água fria e da ginástica; tratava também de idiotas e loucos e, além disso, instruía e cuidava em geral do desenvolvimento psíquico; e assim Pávlichtchev levou-o consigo à Suíça, haveria uns cinco anos e que fazia dois havia morrido de repente, sem fazer testamento; que Schneider tinha continuado a mantê-lo e tratá-lo outros dois anos mais e se não o havia curado de todo, o deixara muito melhor; e que, finalmente, por sua vontade própria e por causa de certa circunstância que surgira, regressara agora à Rússia.

O general assombrou-se grandemente.

— E aqui, na Rússia, não tem o senhor ninguém, decididamente ninguém? — perguntou.

— Atualmente, ninguém; mas espero… Além disso, recebi uma carta…

— Pelo menos — atalhou-o o general que não o ouvira falar na carta, — estudará o senhor com alguém e sua enfermidade não o impedirá de exercer alguma ocupação, desempenhar, por exemplo, algum cargo que não seja muito difícil, servir em algum Corpo…

— Oh! decerto que não me impede! Quanto a um emprego, com muito gosto o aceitaria, porque estou desejoso eu mesmo de ver para que sirvo. Estudei já por espaço de quatro anos seguidos, embora não inteiramente e de um modo sistemático, mas segundo um método pessoal e li, além disso, muita literatura russa.

— Literatura russa? Naturalmente saberá também escrever corretamente.

— Oh! isto sim!

— Magnífico! E a letra?

— A letra, muito boa. Para isto, veja o senhor, tenho talento; sou, simplesmente, um calígrafo. Dê-me o senhor papel e pena e lhe escreverei algo como prova — disse com veemência o príncipe.

— Sem dúvida. Mas isto também é importante… A mim me agrada sua boa disposição, príncipe. O senhor me está sendo verdadeiramente muito simpático.

— O senhor haverá de ter excelente material de escrita, muitos lápis e penas e bom papel… E que gabinete admirável! Olhe aqui: conheço essa paisagem: é uma vista da Suíça. Estou certo de que o pintor a copiou, do natural e tenho a convicção de ter estado nesse lugar: é no cantão de Uri.

— Muito provavelmente, mas foi aqui que o comprei. Gânia, dê papel ao príncipe; aqui tem pena e papel: aí, nessa mesinha. Que é isso? — perguntou o general a Gânia que, no intervalo, havia tirado de sua carteira e entregado um retrato de tamanho grande. — Ah! Nastássia Filípovna! Ela mesma, ela mesma enviou? — perguntou a Gânia com animação e viva curiosidade.

— Há um momento, quando fui felicitá-la, entregou-o a mim. Fazia já muito tempo que lhe havia pedido. Não sei se, no fundo, será esta uma indireta de sua parte, por ter-me apresentado diante dela com as mãos vazias, sem nenhum presentinho, num dia assim — acrescentou Gânia, sorrindo desagradavelmente.

— Qual nada! — interrompeu-o, convencido, o general. — Na verdade, que ideias te ocorrem! Iria ser uma indireta… quando ela não tem nada de interesseira… E além do mais, que ias tu dar-lhe de presente? Para isso são precisos milhares de rublos! Podias dar-lhe teu retrato, talvez? Mas ela não pediu teu retrato ainda?

— Não; ainda não me pediu; e é possível que nunca chegue a fazer isso. O senhor, Ivan Fiódorovitch, não estará esquecido, sem dúvida, da reunião desta noite. Foi expressamente convidado.

— Lembro-me, lembro-me e, sem dúvida, irei. Não faltava mais nada, não ir! Seu aniversário, vinte e cinco anos! Hum! E sabes de uma coisa, Gânia? Vou ser franco contigo, prepara-te. Prometeu a Afanássi Ivânovitch e a mim dizer-nos esta noite a última palavra: ser ou não ser. De modo que, fica preparado.

Gânia, de repente, sentiu-se mortificado, a ponto de tornar-se um tanto pálido.

— Prometeu isso, de verdade? — indagou, e a voz parecia tremer-lhe.

— Anteontem deu-nos sua palavra. Tanto insistimos, que a obrigamos. Somente rogou-nos que não te disséssemos.

O general olhou firmemente para Gânia; era evidente que não lhe agradava nada a emoção que ele mostrava.

— Recorde-se, Ivan Fiódorovitch — disse, alarmado e vacilante, Gânia, — que ela me deixou com toda a liberdade para decidir até que ela mesma não decida o assunto, e ainda então fico eu com plena liberdade de resolver…

— Mas será que tu… será que tu… — e o general pareceu inquietar-se de repente.

— Eu, nada.

— Faz favor de me dizer: que queres fazer conosco?

— Eu não disse que me negasse. Pode ser que me tenha exprimido

mal…

— Não faltava mais senão que te negasses! — exclamou; zangado o general, que não queria dissimular seu desgosto. — Olha; irmão: a questão não está em que não te negues, mas em tua solicitude, em tua satisfação, na alegria com que acolhesses sua palavra… Não te importa tua família?

— Que tem que ver com isso a família? Não há outra família aqui que não seja a minha vontade; meu pai, decerto, segundo seu costume, ficará furioso, mas tornou-se um perfeito rústico; eu nem sequer falo com ele, mas me contenho, pois se não fosse por causa de minha mãe, já o teria posto para fora. Minha mãe, naturalmente, virá com prantos; minha irmã ficará furiosa; mas eu lhes falarei francamente e lhes direi que sou o dono de meu destino e que desejo que em casa… me obedeçam. Com minha irmã, pelo menos, já falei claro diante de minha mãe.

— Eu, meu rapaz, continuo sem entender — observou o general, pensativo, arqueando um tanto os ombros e afastando as mãos. — Nina Alieksándrovna também não há muito (quando foi isso, lembras-te?), começou a soltar gemidos e ais. “Por quê?” pergunto eu. Parecia ter-lhe acontecido uma desgraça. Que desgraça, queres dizer-me? Quem pode censurar a Nastássia Filípovna a mínima coisa ou dizer algo dela? Talvez porque tem vivido com Tótski? Mas isto é um absurdo, sobretudo em certas circunstâncias! “Não deve o senhor consentir — disse ela — que tenha relações com suas filhas.” Bem; não entendo Nina Alieksándrovna. Quero dizer, como não compreende ela… como não compreende…

— Sua própria posição? — sugeriu Gânia ao general que não atinava com a palavra. — Ela a compreende; não se zangue com ela. Eu, aliás, disse-lhe então, corajosamente, a verdade, para que não se imiscuísse em negócios alheios. Até agora, a única coisa que digo em casa é que ainda está para ser pronunciada a última palavra; mas a tempestade estronda. Se se disser hoje a última palavra, estará tudo liquidado.

O príncipe escutava todo aquele diálogo, enquanto executava

num cantinho da sala sua prova caligráfica. Quando acabou, aproximou-se da mesa e pôs sobre ela o que escrevera.

— Os senhores estão falando de Nastássia Filípovna? — disse, olhando atenta e curiosamente o retrato. — Maravilhosamente bela! — acrescentou depois, com entusiasmo.

O retrato reproduzia, efetivamente, uma mulher de extraordinária formosura. Trajava um vestido de seda negra, sumamente simples e de elegante confecção; os cabelos, ao que parecia, escuros, trazia-os penteados lisamente, num estilo caseiro; os olhos escuros, profundos; fronte pensativa; a expressão do semblante, apaixonada e um tanto altiva. Era algo magra de rosto e um tantinho pálida… Gânia e o general olharam estupefatos o príncipe.

— Como! Nastássia Filípovna! Mas o senhor conhece também Nastássia Filípovna? — perguntou o general.

— Sim, estou apenas há vinte e quatro horas na Rússia e já conheço essa beldade — respondeu o príncipe e em seguida narrou seu encontro com Rogójin e reproduziu o que este contara.

— Sim, senhor, uma novidade! — e o general voltou a dar mostras de inquietação, depois de ouvir com suma atenção o que contava o príncipe, e lançou um olhar de curiosidade para Gânia.

— É decerto uma infâmia! — resmungou também Gânia, algo preocupado. — Esse filho de comerciante deveria estar bêbado. Já ouvi falar dele.

— E eu também, meu rapaz — insistiu o general. — Na ocasião, com os brincos diante de si, Nastássia Filípovna contou-me toda a história. Mas agora se trata de outra coisa. Pode ser que haja no meio disso um milhão… e uma paixão, uma paixão escandalosa… concedo… mas uma paixão afinal, e é sabido que homens como esse são capazes de tudo quando bebem… Hum! Espero que não vamos ter histórias! — concluiu o general, pensativo.

— Inquieta-se por causa do milhão? — perguntou Gânia.

— E tu, sem dúvida, não te inquietas?

— Que lhe parece, príncipe? — e Gânia, de repente, voltou-se para ele. — Trata-se de um homem sério ou simplesmente de um desavergonhado? Qual a sua opinião pessoal?

Algo de especial ocorria a Gânia, ao formular aquela pergunta. Parecia que uma ideia nova, especial, tivesse surgido em seu cérebro e surgisse impaciente nos seus olhos. Também o general, que sentia uma inquietação sincera e ingênua, fitou o olhar no príncipe, embora como quem não esperasse grande coisa de sua resposta.

— Não sei como dizer-lhe — respondeu o príncipe. — A mim só parece que sente uma grande paixão, até mesmo uma paixão mórbida. Ele também tem o aspecto de estar ainda doente. Poderia muito bem suceder que, poucos dias depois de estar em Petersburgo, tivesse de voltar ao leito, sobretudo se se entregar à farra.

— Como! O senhor tem essa impressão? — e o general apanhou no ar aquela ideia.

— Sim, tenho essa impressão.

— E, não esqueçamos, dessa espécie de casos podem surgir ideias, sobretudo de agora até para a noite, hoje mesmo, poderia ocorrer algo — disse Gânia, rindo, ao general.

— Hum!… Sem dúvida… Tudo depende do que surgir na cabeça dela — disse o general.

— O senhor não sabe como ela fica às vezes?

— Fica como? — exclamou o general, que se achava num estado de suma agitação. — Olha, Gânia: vais fazer hoje o favor de não contradizê-la e fazer todo o possível de tua parte, sabes? para estares inspirado… para, de fato, agradar-lhe… Hum! Por que abres essa boca? Ouve, Gavrila Ardaliónovitch, a propósito, e muito a propósito seria o caso de dizer: “Mas, por que devemos nos dar a tanto trabalho?”. Compreenderás que eu, no que diz respeito ao lucro pessoal que pudesse tirar daí, faz muito tempo que estou tranquilo,

porque de um modo ou de outro hei de resolver o assunto em meu proveito. Tótski tomou sua resolução de modo irrevogável; estou perfeitamente convencido disto. E se agora eu pretendo algo, é somente para teu bem. Julga tu mesmo: será que não zombas de mim? Além disso, és homem… homem… digamos, homem direito e pus em ti minhas esperanças… e isto, no caso presente, é… é…

— É o principal — terminou Gânia, ajudando de novo o general, solícito, franzindo os lábios num sorriso sarcástico que não tratava de dissimular. Fitava seu olhar inflamado diretamente nos olhos do general, como se ansiasse ler neles todo o seu pensamento. O general ficou rubro e encheu-se de cólera.

— Muito bem, sim; talento é o principal! — assentiu, olhando duramente para Gânia. — Mas és também um gozador, Gavrila Ardaliónovitch! Parece que te alegras, noto-o, por causa desse comerciantezinho, como se fosse uma vantagem em teu favor. Mas o talento deve precisamente servir-nos para ver as coisas claras desde o primeiro instante; aqui o que está faltando é justamente compreender e… e agir, de ambas as partes, com honra e franqueza; do contrário… prevenir antes para não comprometer os demais, tanto mais quanto tem havido tempo de sobra para isso e há ainda bastante — o general arqueou significativamente as sobrancelhas, — apesar de só nos restarem ao todo umas poucas horas. Compreendeste bem? Compreendeste? Queres ou não queres deveras? Se não queres, diz duma vez… e fica em paz. Ninguém te obrigará, Gavrila Ardaliónovitch, ninguém te meterá à força na armadilha, se é que supões seja isto uma armadilha.

— Quero — disse Gânia à meia voz, baixando os olhos, mas com firmeza, encerrando-se depois num silêncio sombrio.

O general estava satisfeito. O general havia-se acalorado, mas era evidente que se arrependia agora de ter ido demasiado longe. De repente, fitou o príncipe e pareceu que em seu rosto se refletia o inquietante pensamento de que o príncipe estava ali presente e teria ouvido tudo. Mas tranquilizou-se em seguida; um só olhar do príncipe bastou para dissipar todas as suas inquietações.

— Oh! — exclamou o general, ao reparar a prova caligráfica que o príncipe lhe apresentara. — Isto, sim, é caligrafia! E excelente! Olha aqui, Gânia, que habilidade!

Na grossa folha de pergaminho, havia o príncipe escrito, com caracteres russos medievais, a frase seguinte:

"O humilde *igúmien*[7] Pafnúti assinou de seu próprio punho."

— É esta — explicou o príncipe, muito contente e animado, — a assinatura pessoal do *igúmien* Pafnúti, segundo um exemplar do século XIV. Assinavam dum modo admirável todos esses velhos *igúmieni* e metropolitas nossos, e por vezes, com que arte, com que esforço! Não terá o senhor talvez, general, alguma edição de Pogódins[8]? E aqui escrevi eu em outro estilo; é a escrita francesa, redonda, firme, do século passado, na qual algumas letras se escrevem inclusive de outro modo: escrita oficial, escrita dos memorialistas, copiada de seus exemplares (tenho um)… convenham comigo os senhores que não lhe falta dignidade. Reparem este d e este a redondos. Trasladei os caracteres franceses para as letras russas, o que é muito difícil, mas saí-me bem. Veja o senhor esta outra letra belíssima e original: repare esta frase: "O fervor tudo vence". Esta é escrita russa, de amanuenses, ou se querem, de amanuenses militares. Nela se escrevia, dando as instruções do governo, aos personagens principais; também letra redonda, belíssima, letra negra, escrita em negro, mas com uma arte notável. O calígrafo não se permitiria esses floreios ou, melhor dito, essas tentativas de floreios, estes meios rabos sem terminar (repare); mas, em conjunto, mantém bem o caráter e, na verdade, se vê aí todo o espírito do escrivão militar; queria fazer bonito com a pena, fazer ostentação de sua habilidade; mas a coleira militar é demasiado justa; a disciplina se estende até mesmo à escrita. Magnífico! Há pouco tempo causou-me tal impressão um exemplar dessa espécie, que encontrei casualmente, onde foi? na Suíça. Bem, era um tipo de limpa letra inglesa, simples e vulgar; mais longe, porém, não é possível levar a elegância. Ali tudo é encantador: parecem pérolas as letras; tudo é perfeito. Mas eis aqui outra variante, francesa, que copiei de um caixeiro-viajante francês; é quase a mesma letra inglesa, mas as linhas negras mostram-se um pouquinho mais negras que a inglesa e, repare o senhor, logo ressalta toda a proporção. E repare também: o oval está

alterado, é um pouco mais redondo e duplo para permitir-lhe o floreio; mas um floreio é uma coisa perigosíssima. O floreio requer um gosto extraordinário, somente, quando sai bem, quando se consegue a proporção devida, não há com que se comparar essa letra e chega ao extremo de fazer com que nos enamoremos dela.

— Oh! mas com que sutileza fala! — disse, sorrindo, o general.

— O senhor não é apenas um calígrafo, *bátiuchka*, mas também um artista, não é mesmo, Gânia?

— Admirável! — exclamou Gânia. — E além disso com a plena consciência de sua missão — acrescentou, rindo, zombeteiramente.

— Ri, ri, mas com isto se faz carreira! — disse o general. — Sabe o senhor, príncipe, a que personagem vamos encarregá-lo de escrever nossas cartas? E, além disso, desde agora mesmo, desde o primeiro passo, já lhe podemos estabelecer um ordenado mensal de trinta e cinco rublos. Mas já é uma e meia — terminou, consultando o relógio. — Aos negócios, príncipe, pois tenho de apressar-me e é possível que não nos vejamos mais hoje. Aproxime-se um pouco mais, por um instante. Já lhe comuniquei que não poderia recebê-lo com muita frequência; mas desejo sinceramente ajudá-lo um pouco. Um pouco, naturalmente. Isto é, no mais indispensável e da forma que o senhor mesmo preferir. Um empreguinho numa secretaria não me parece muito duro para o senhor. Requer apenas pontualidade. Passemos agora a outra coisa: em casa… quero dizer; na família de Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin[9], deste meu jovem amigo, que quero seja seu também, sua mamãe e sua irmãzinha têm a mais dois ou três quartos mobiliados e os cedem a hóspedes pessoalmente recomendados, com pensão e serviço. Minha recomendação, estou certo, será atendida por Nina Alieksándrovna. Para o senhor também, príncipe, isto vem a ser mais que um tesouro: em primeiro lugar, porque ali não estará o senhor sozinho, mas, por assim dizer, no seio de uma família, e, na minha opinião, o senhor não deve desde o primeiro momento encontrar-se sozinho numa capital como Petersburgo. Nina Alieksándrovna e Varvara Ardaliónovna (a irmã de Gavrila Ardaliónovitch) são senhoras pelas quais professo um respeito incomensurável. Nina Alieksándrovna é a esposa de Ardalion

Alieksándrovitch, general reformado, antigo companheiro meu, no meu primeiro serviço, mas com o qual, em virtude de razões particulares, tive depois de cortar relações, o que, aliás, não me impede de estimá-lo, a meu modo. Tudo isto lhe explico, príncipe, para que compreenda que eu, por assim dizer, recomendo-o pessoalmente e que, portanto, venho a ficar como seu fiador. O preço é módico e espero que, em breve, com seu ordenado, terá o senhor dinheiro de sobra para isso. É certo que o homem precisa de andar também com dinheiro no bolso, por pouco que seja; mas o senhor não levará a mal, príncipe, que lhe faça observar que o melhor que o senhor possa fazer é dispensar esse dinheiro e, em geral, não andar com dinheiro no bolso. Falo-lhe assim porque esta é a minha opinião. Mas como agora tem o senhor seu porta-moedas inteiramente vazio, permita-me que, para começar, lhe ofereça estes vinte e cinco rublos. Nós, sem dúvida, temos de tornar a ver-nos, e se o senhor é tão sincero e cordial como pelas suas palavras parece, não poderá haver divergência entre nós. Se deste modo me interesso pelo senhor, é porque abrigo a respeito de sua pessoa certas intenções que mais adiante conhecerá. Já vê o senhor que não lhe posso ser mais franco. Suponho, Gânia, que não terás nada que objetar a respeito da instalação do príncipe em tua casa.

— Oh! muito pelo contrário! *Mamacha* também se alegrará muito — afirmou Gânia, cortês e solícito.

— Segundo parece, só tendes alugado um quarto… a esse… como se…? Ferd… Fera…

— Fierdíchtchenko[10].

— Bem; é isto. Não gosto dêsse Fierdíchtchenko; parece um sebento palhaço. Não compreendo por que tanto o protege Nastássia Filípovna. Será certo que é parente dela?

— Oh! não! Isto é brincadeira! Não tem sinal nenhum de parentesco.

— Que o diabo o leve! Com que então, vamos ver, príncipe, está satisfeito ou não?

— Estou-lhe muito grato, general. Portou-se para comigo como um homem extremamente bom, tanto mais quanto eu nem sequer lhe havia pedido nada. E não digo isto por orgulho, mas porque eu, efetivamente, não sabia para onde voltar os olhos. Para falar-lhe a verdade, Rogójin me havia convidado antes.

— Rogójin? Bem… não; aconselho-o, paternalmente ou, se o prefere, amistosamente: esqueça-se do Senhor Rogójin. E, em termos gerais, permito-me aconselhá-lo que não se esqueça da linhagem donde provém.

— Já que o senhor é tão bom — começou o príncipe, — vou expor-lhe um assunto. Recebi uma notificação…

— Ora, perdoe-me o senhor, mas já não disponho nem de um minuto mais. Agora mesmo vou falar a seu respeito com Lisavieta Prokófievna; se ela quiser recebê-lo agora mesmo (e neste sentido procurarei persuadi-la), aconselho-o a aproveitar a ocasião e faça por se mostrar simpático, pois Lisavieta Prokófievna pode servir-lhe de muito; são ambos da mesma família. Se ela não concordar, não lhe leve a mal, e aguarde outra ocasião. E tu, Gânia, faze o favor, entretanto, de passar uma vista nessas contas que, há pouco, eu e Fiedossiévitch não fomos capazes de verificar. É *mister* não se esquecer e incluí-las…

Foi-se o general sem que o príncipe tivesse podido falar-lhe de seu assunto que, pela quarta vez, tinha querido expor-lhe. Gânia pôs-se a fumar um cigarro e ofereceu outro ao príncipe que o aceitou, mas não entabulou conversa com ele, para não estorvá-lo, pondo-se a examinar o escritório. Mas Gânia mal fixou a atenção na folha de papel, garatujada de números; que o general lhe indicara. Estava meditativo; o sorriso, o olhar, a meditação de Gânia começaram a tornar-se mais insuportáveis ao príncipe logo que ambos ficaram sós. De repente, aquele se aproximou do príncipe, que naquele preciso instante estava de pé, inclinado sobre o retrato de Nastássia Filípovna, contemplando-o.

— Como, agrada-lhe essa mulher, príncipe? — perguntou-lhe, de supetão, olhando-o com olhos penetrantes.

E só parecia abrigar alguma intenção extraordinária.

— É um rosto prodigioso! — respondeu o príncipe. — E estou certo de que seu destino não haverá de ser vulgar… Tem o rosto alegre e tem sofrido horrivelmente, não é verdade? Os olhos dizem isso. Olhe o senhor esses dois ossinhos, esses pontinhos debaixo dos olhos, no arquear das faces. É um rosto orgulhoso, terrivelmente orgulhoso e olhe o senhor: não sei se será uma mulher bondosa. Ah! se fosse bondosa! Então tudo se teria salvo, decerto!

— E o senhor, seria capaz de casar com essa mulher? — perguntou Gânia, sem desviar dele o olhar aceso.

— Não posso casar com essa, nem com nenhuma outra mulher. Sou um doente — disse o príncipe.

— E Rogójin casaria com ela? Qual a sua opinião?

— Casaria com ela, creio que casaria amanhã mesmo. Casaria com ela, e depois, daí a uma semana, acabaria por matá-la.

Mal o príncipe dissera isto, fez Gânia um movimento tão violento que o príncipe lhe perguntou, quase a gritos:

— Mas que tem o senhor? — e segurou-lhe a mão.

— Alteza! Sua Excelência roga-lhe que tenha a bondade de passar a ver Sua Excelência… — anunciou um criado, surgindo no umbral.

O príncipe saiu atrás do criado.

## Capítulo IV

As três filhas do General Iepántchin eram jovens, sadias, viçosas, bem desenvolvidas, com uns ombros admiráveis, bustos fartos e firmes, braços vigorosos, quase masculinos e, sem dúvida, por efeito de sua saúde e de sua força, gostavam por vezes de carregar a mão na comida, o que de modo algum tratavam de ocultar. Sua mãe, a generala, Lisavieta Prokófievna, costumava censurar-lhes o extremo apetite, porém esta, como muitas de suas opiniões, não obstante todo

o aparente respeito com que a escutavam suas filhas, haviam desde muito tempo deixado de ter para elas uma autoridade indiscutível e incontestável, até o ponto das três irmãs entrarem em acordo unânime de não lhe fazer caso, de modo que a generala, para preservar intacta sua dignidade, achou mais oportuno não contradizê-las e resignar-se. Verdadeiramente, o caráter às vezes não obedece nem se submete a decisões razoáveis; Lisavieta Prokófievna tornava-se de ano para ano mais caprichosa e impaciente e até mesmo extravagante. Mas como tinha a seu lado um marido muito condescendente e bem educado, os desgostos, se os tinha, ele os guardava para si e a boa harmonia da família restabelecia-se sempre em seguida e tudo marchava às mil maravilhas.

A generala, aliás, não perdia tampouco o apetite e, geralmente, à uma e meia, compartilhava do almoço cotidiano, parecido quase com um jantar, em companhia de seus três rebentos. As jovens tomavam a xicarazinha de café muito antes, às dez em ponto, na cama, no momento do despertar. Gostavam disso assim e assim se havia decretado de uma vez para sempre. À uma e meia serviam a mesa em uma salinha de jantar, junto do quarto da mãe e a este almoço familiar e íntimo costumava comparecer por vezes o próprio general, quando tinha tempo. Além de chá, café, mel, manteiga, uns bolinhos especiais, pelos quais era louca a generala, costeletas, etc., serviam-lhe também um caldo substancioso e quente. Na manhã em que começa o nosso relato, estava reunida toda a família na salinha de jantar, à espera do general, que havia prometido aparecer ali à uma e meia. Quando se atrasava, ainda que por um minuto, mandavam imediatamente chamá-lo; mas ele se apresentava com pontualidade. Ao entrar, dava bom dia à sua esposa e beijava-lhe a mão; desta vez notou em seu rosto algo de particular. E ainda que, desde o dia anterior, previsse que assim haveria de suceder hoje, por culpa de certa “anedota” (como ele mesmo costumava dizer) e já na noite anterior adormecera preocupado com isso, agora seus temores se renovaram. As filhas aproximaram-se dele para beijá-lo e embora não estivessem aborrecidas com ele, era indubitável que se passava algo de estranho. É certo que o general, devido a certas circunstâncias, tornara-se demasiado suspeitoso; mas, apesar de tudo, era pai e marido correto e hábil e imediatamente tomou suas medidas.

Talvez não prejudiquemos muito o resultado de nosso relato se o suspendermos aqui e recorrermos à ajuda de alguns esclarecimentos para fixar com mais exatidão as relações e circunstâncias em que se encontra a família Iepántchin ao começar nossa história. Já acabamos de dizer que o general, mesmo sendo um homem nada instruído, antes muito pelo contrário, como ele mesmo se qualificava, um autodidata, era, apesar disso, um marido correto e um pai hábil. Entre outras coisas adotara o sistema de não impor marido às suas filhas, isto é, não pesar no ânimo delas e não molestá-las demasiado com os desvelos de seu amor paternal pela felicidade delas, como costuma ocorrer, involuntária e naturalmente, nas mais criteriosas famílias que têm filhas casadouras. Chegou a conseguir, inclusive, que Lisavieta Prokófievna concordasse com seu método, embora, para dizer a verdade, muito trabalho isto lhe tivesse custado… muito trabalho, por tratar-se de coisa antinatural; mas os argumentos do marido eram sumamente poderosos: baseavam-se em fatos indiscutíveis. Porque abandonadas por completo à sua vontade e a suas resoluções, as moças, naturalmente, acabam por tomar juízo elas mesmas e então a coisa toma asas, porque lhe acham gosto, renunciando a caprichos e veleidades supérfluas; aos pais cabe apenas observar com dissimulação e cautela, a fim de que não surja nenhuma inclinação antinatural e depois, chegado o momento oportuno, prestar seu auxílio com todas as suas forças e arranjar as coisas pondo em jogo todo o seu ascendente. Por último, havia outra coisa, e era que cada ano, por exemplo, iam crescendo em progressão geométrica sua fortuna e sua situação social, de modo que, quanto mais tempo passava, tanto mais iam ganhando suas filhas, inclusive como moças casadouras. Mas, além de todos estes fatos indiscutíveis, havia ainda outro: a filha mais velha, Alieksandra, de repente e quase sem sentir (como ocorre sempre), havia-se achado com vinte e cinco anos. Quase ao mesmo tempo, Afanássi Ivânovitch Tótski, homem da alta sociedade, com poderosíssimas influências e extraordinária riqueza, voltara a manifestar sua antiga intenção de casar-se. Era um homem de cinquenta e cinco anos, de caráter distinto e gosto excepcionalmente fino. Queria fazer um bom casamento; era refinado apreciador da beleza. Desde algum tempo unia-o ao General Iepántchin uma amizade nada comum, fortalecida por participações recíprocas em algumas empresas financeiras. De modo que teve de entender-se com

ele, pedindo-lhe, por assim dizer, um conselho de amigo e mentor: poderia solicitar ou não a mão de uma de suas filhas? No curso tranquilo e harmônico da vida familiar do General Iepántchin aquilo provocou grande revolução.

A indiscutível beldade da família, como já se disse, era a filha menor, Aglaia. Mas até o próprio Tótski, homem de raro egoísmo, compreendia que não era por esse lado que deveria estender a rede e que para ele não era Aglaia a indicada. Talvez o cego amor e demasiado veemente afeto das irmãs entre si exagerassem a coisa; mas, para elas, o destino de Aglaia, e isso da maneira mais ingênua, não era destino, mas o ideal realizado do paraíso terrestre. O futuro esposo de Aglaia teria de ser possuidor de todas as perfeições e de todos os êxitos, para não falar de riquezas. As irmãs tinham chegado a convir entre si, e isso sem muita discussão, sacrificar-se, se fosse preciso, pelo bem de Aglaia; esta havia de dispor de um dote colossal, embora à custa dos delas. Os pais estavam cientes desse convênio das duas irmãs maiores e por isso, quando Tótski pediu conselho, pouca dúvida tiveram de que uma delas teria de prestar-se a seu desejo, ainda mais que Afanássi Ivânovitch não podia fazer reparo no tocante ao dote. A proposta de Tótski foi, naturalmente, estimada pelo general, com seu peculiar conhecimento da vida, de um modo extraordinário. Como o próprio Tótski observava no momento, em virtude de certas circunstâncias pessoais, uma grande prudência nos passos que dava, e não ia além de sondar o assunto, falaram disto os pais às suas filhas como de uma proposta ainda remota. Em resposta elas lhes fizeram uma declaração, se não inteiramente concreta, pelo menos tranquilizadora: que a mais velha, Alieksandra, não haveria de negar-se. Ela era uma moça, ainda que de caráter firme, boa, discreta e sumamente sociável; podia concordar em casar-se com Tótski até com gosto e uma vez dada sua palavra, não deixaria de a cumprir. Não gostava de pompas; era até capaz de dissabores e de uma mudança brusca, também não tinha medo de aplainar e serenar a vida. Era muito bonita, embora não fosse provocante. Que coisa melhor para Tótski?

E, ainda assim, a coisa ia-se prolongando com ritmo vacilante. De um modo recíproco e amistoso, tinham combinado Tótski e o general

em adiar, no momento, todo passo formal e irrevogável. Os próprios pais não tinham falado ainda às suas filhas de modo inteiramente explícito; começava a produzir-se como que uma dissonância; a Generala Iepántchina, a mãe, mostrava-se, não sabia por que, descontente e aquilo era muito grave. Intrometeu-se ainda uma circunstância, que dificultou tudo, uma casualidade estranha e aborrecida, que podia deitar por água abaixo irrevogavelmente todo o projeto.

Essa estranha e aborrecida "casualidade" (como a chamava o próprio Tótski) havia tido começo muito antes: havia uns dezoito anos. Junto de uma das propriedades mais valiosas de Afanássi Ivânovitch, num dos governos centrais, vegetava um lavrador modesto e paupérrimo. Era um homem célebre pelos seus fiascos ininterruptos e anedóticos, um oficial reformado, de distinta família da nobreza e que inclusive, neste sentido, levava vantagem a Tótski. Chamava-se Filip Alieksándrovitch Baráchkov. Todo cheio de dívidas e na ruína conseguira, finalmente, depois de trabalhos forçados e quase braçais, assentar sobre bases satisfatórias sua exígua propriedade. Animava-se de maneira indizível com o mais mínimo êxito. Cheio de alentos e esperanças, transferiu-se por alguns dias para a sede do distrito, com o objetivo de avistar-se e, se possível, chegar a um arranjo definitivo com um de seus principais credores. Mas três dias depois de encontrar-se na povoação, apresentou-se a ele o stárosta de sua granja, que fizera a viagem a cavalo; com as bochechas tostadas e a barba chamuscada, para anunciar-lhe que "a herdade havia-se incendiado" no dia anterior, ao meio dia, e que no sinistro, "a senhora morrera devidamente queimada, embora os filhos se tivessem salvo". Semelhante surpresa, nem o próprio Baráchkov, apesar de tão acostumado aos reveses da fortuna, pôde suportar; perdeu o juízo e um mês depois vinha a falecer de febre cerebral. A propriedade incendiada foi, com os camponeses a ela adstritos, vendida para pagamento de dívidas; as duas meninas, de seis e sete anos, respectivamente, filhas de Baráchkov, foram adotadas por Afanássi Ivânovitch Tótski, que assim manifestou sua grandeza de alma, criando-as e educando-as. Tiveram de ser educadas juntamente com as filhas do administrador de Afanássi Ivânovitch, funcionário aposentado e pai de numerosa prole e, ainda por cima, alemão. Com

pouco tempo ficou só uma das duas irmãs, Nástia, pois a mais moça morreu de coqueluche. Tótski não tardou em esquecer-se de ambas, pois passava a vida no estrangeiro. Cinco anos antes, ocorreu a Afanássi Ivânovitch, que se achava ali de passagem, dar uma olhada à sua herdade, e de repente descobriu em sua casa senhorial, entre a família de seu alemão, uma menina encantadora, de uns doze anos de idade, viva, simpática, inteligente e de promissora beleza fora do comum. Daquela vez deteve-se na aldeia uns tantos dias, mas teve tempo para ditar suas disposições. Sobreveio uma mudança notável na educação da menina: foi chamada uma respeitável e madura preceptora, experimentada na alta educação de moças, uma suíça muito culta e que conhecia, além do francês, várias ciências. Instalou-se na casa senhorial e a educação da pequena Nastássia adquiriu proporções extraordinárias. Durou quatro anos justos essa educação; foi embora a preceptora e uma senhora veio buscar Nastássia, proprietária de terras e vizinha também de Tótski, embora em outro governo distante. Levou-a para sua casa, de acordo com as instruções e autorização de Afanássi Ivânovitch. Resultou que, naquela propriedade, nada grande, havia uma casinha, bem pequena, recém-edificada, de madeira; era de construção especialmente elegante e a granja, bem intencionalmente, chamava-se *Otrádnoie*[11]. A proprietária conduziu Nástia diretamente para aquela plácida casinha e como vivia ela, viúva sem filhos, apenas a uma versta de distância dali, foi-se instalar a seu lado. A serviço de Nástia estava uma velha governanta e uma jovem e esperta criadinha. Havia na casa instrumentos de música, uma escolhida biblioteca para senhoritas, gravuras, lápis, pincéis, cores, uma cadelinha da raça dos lebréus, que era uma maravilha. Ao fim de duas semanas apareceu ali o próprio Afanássi Ivânovitch. Desde então parecia sentir predileção especial por aquele silencioso povoado das estepes. Lá aparecia todos os anos e passava dois ou três meses e assim por espaço de bastante tempo, quatro anos, plácida e felizmente, com gosto e elegância.

Certa vez na granja, em princípios do inverno, quatro meses depois de uma das visitas anuais de Afanássi Ivânovitch a *Otrádnoie*, que naquela ocasião ali só permaneceu duas semanas, espalhou-se, ou, melhor dito, chegou aos ouvidos de Nastássia Filípovna o boato de que Afanássi Ivânovitch se casara com uma beldade de Petersburgo,

rica e distinta, numa palavra: com um sério e brilhante partido. Tal boato verificou-se depois ser falso, pelo menos em algumas partes: o casamento não passava no momento de projeto e tudo era ainda bastante vago, mas no destino de Nastássia Filípovna produziu-se naquela ocasião uma mudança extraordinária. Veio de repente a demonstrar uma resolução pouco comum e revelou o mais inesperado caráter. Sem deixar de refletir, deixou sua casinha aldeã e instalou-se em Petersburgo, indo diretamente ter com Tótski, sozinha. Tótski ficou estupefato; começou a falar-lhe, mas quase desde as primeiras palavras compreendeu que era preciso mudar de tom, baixar o diapasão, abandonar os antigos temas de conversação agradáveis e delicados, que até então empregara com tanto êxito, a lógica… tudo, tudo, tudo! Diante de si tinha uma mulher totalmente diferente, em nada semelhante à que até ali conhecera e que no mês de julho, apenas, deixara na granja de *Otrádnoie*.

Aquela nova mulher parecia, em primeiro lugar, saber e compreender muitas coisas, tantas, que causava infalível admiração pensar donde teria podido tirar aqueles conhecimentos, formar aquelas ideias sutis. (Talvez de sua biblioteca para senhoritas?) Como se ainda fosse pouco, estava também muito a par dos assuntos legais e possuía clara noção, se não do mundo, pelo menos do modo como é preciso expor certos assuntos no mundo; e, além disso, não tinha absolutamente aquele caráter de outrora, isto é, algo tímido, colegialesco, sedutor por vezes por sua vivacidade e candura originais, e doutras esquivo e ensimesmado, assustadiço, receoso, chorão e inquieto.

Não; ali ria às gargalhadas diante dele e o aturdia com irritantes sarcasmos, uma criatura insólita e inesperada, que lhe dizia francamente na cara que jamais sentira por ele em seu coração senão um profundíssimo desprezo, um desprezo que raiava pela náusea e que havia sucedido imediatamente ao primeiro assombro. Aquela nova mulher declarava que ela não se importava nada que ele se casasse quando e com quem lhe desse na veneta, mas que tinha ido ali para impedir aquele casamento e impedi-lo por puro gosto, cinicamente porque tinha enfiado isto na cabeça e, portanto, tinha de ser assim… “Ora, pode ser que não seja senão porque quero rir de ti,

porque agora, afinal, meu corpo pede risada.”

Isso foi, pelo menos, o que ela disse. É possível que não declarasse tudo quanto lhe fervia na mente. Mas enquanto a nova Nastássia Filípovna não parava de rir e despejava sobre ele tamanha catadupa, Afanássi Ivânovitch repensava no seu íntimo tudo aquilo e esforçava-se por coordenar algumas ideias. Sua meditação prolongou-se por muito tempo; andou pensando e demorou duas semanas para decidir, mas ao fim dessas duas semanas já havia tomado sua resolução. Afanássi Ivânovitch já beirava por aquele tempo os cinquenta anos e era homem muito sério e sem vícios. Sua posição no mundo e na sociedade tinha-se consolidado pouco a pouco sobre as bases mais sólidas. Amava a si mesmo e amava sua tranquilidade e folgança acima de tudo, segundo cabia a um homem como ele, extraordinariamente ordenado. Nem a menor dúvida, nem a menor vacilação podia ser pensada a respeito de sua vida sair do perfeito ajuste a essa magnífica forma. Por outra parte, sua experiência e profundo conceito das coisas diziam a Tótski, com grande rapidez e acerto extraordinário, que agora tinha de se entender com uma criatura inteiramente fora do vulgar, com uma criatura que não só ameaçava, mas que por certo passaria a vias de fato e, sobretudo, que não recuaria diante de nada, mesmo porque nada estimava neste mundo, portanto não era possível deslumbrá-la. Ali, seguramente, havia outra coisa; ali devia tratar-se de alguma embriaguez espiritual e sentimental… algo no estilo de um despeito romântico, saberia Deus contra quem e por que, de algum sentimento insaciável de desprezo, que ultrapassava toda medida, numa palavra: de algo sumamente ridículo e intolerável numa sociedade ordenada e tropeçar com algo assim constituía, para todo homem equilibrado, o mais completo castigo de Deus. É claro que, com sua riqueza e suas relações, podia muito bem Tótski depressa providenciar alguma ligeira artimanha, totalmente inocente, para livrar-se de sobressaltos. Por outra parte, saltava à vista que Nastássia Filípovna não estava em condições de levar a efeito qualquer ação judicial, ainda que recorresse, por exemplo, a meios legais, nem sequer poderia promover um escândalo de ressonância, porque sempre seria fácil a ele contê-la. Isto somente no caso de que Nastássia Filípovna escolhesse agir como se costuma agir em casos semelhantes, que não excedem por demais a medida.

Mas aqui era muito útil a Tótski sua exata ideia das coisas; adivinhava que a própria Nastássia Filípovna compreendia o escasso dano que poderia causar-lhe por via legal, mas que tinha na cabeça outra intenção… e em seus olhos cintilantes. Não gostando de nada no mundo e ainda menos de si mesma (necessitava-se de muito talento e penetração para adivinhar isso naquele instante: que havia deixado desde muito de gostar de si mesma, e para que ele, cínico, cético e mundano, acreditasse na seriedade desse sentimento), Nastássia Filípovna era capaz de perder-se de modo irrevogável e absurdo, arcando sobre si com a Sibéria e o presídio, contanto que se vingasse de um homem pelo qual sentia tão inumana aversão. Afanássi Ivânovitch nunca ocultou que era um pouco tímido ou, para melhor dizer, conservador. Se tivesse sabido que iriam agredi-lo no momento do casamento ou que poderia acontecer algo nesse estilo, altamente indecoroso, ridículo e mal visto na sociedade, ficaria tomado por um grande pânico, mas não por causa de irem agredi-lo e até feri-lo, ou cuspir-lhe publicamente na cara, etc., etc., mas por ter de acontecer tudo isso numa forma antinatural e inconveniente. E isso era precisamente o que prometia Nastássia Filípovna, embora não o dissesse. Ele sabia que a moça o tinha estudado e muito bem; não ignorando, por certo, como haveria de atingi-lo. Mas como seu casamento não passava ainda de projeto, tranquilizou-se Afanássi Ivânovitch e não se opôs a Nastássia Filípovna.

Veio a favorecer sua resolução outra circunstância: seria difícil imaginar até que ponto era diferente aquela nova Nastássia Filípovna de sua anterior figura. Antes não era mais do que uma menina bonita, ao passo que agora… Muito tempo tardou Tótski em perdoar a si mesmo por tê-la observado durante quatro anos e não ter reparado bem nela. Isto, na verdade, significa muito no fato de operar-se, em ambas as partes, interior e reciprocamente, uma mudança. Ele se recordava, aliás, dos antigos tempos, quando por vezes lhe ocorria uma ideia estranha, ao fitar, por exemplo, aqueles olhos; parecia pressentir neles uma profunda e misteriosa névoa. Aqueles olhos olhavam como se propusessem um enigma. Nos dois anos seguintes, costumava admirar-se da mudança de cor do rosto de Nastássia Filípovna: havia-se tornado extraordinariamente pálida e — coisa rara — ficara mais formosa ainda. Tótski, como todos os homens que têm

levado uma vida livre, sentia certo desdém por aquela alma virginal que tão barato conquistara, mas ultimamente começara a retificar aquela sua ideia. Em todo caso, já na primavera anterior resolvera, em seu foro íntimo, arranjar quanto antes para Nastássia Filípovna um marido distinto e acomodado entre os senhores bem comportados e sisudos que servissem noutra província. (Oh! quanto e como se ria disto agora Nastássia Filípovna!) Mas no momento, Afanássi Ivânovitch, seduzido pela novidade, pensava também que podia tirar partido daquela mulher. Decidiu instalar Nastássia Filípovna em Petersburgo e cercá-la de luxo e comodidades. Quando menos, poderia exibir Nastássia Filípovna para se vangloriar e dar-se importância em certo círculo. Afanássi Ivânovitch estimava muito sua fama a este respeito.

Transcorreram outros cinco anos de vida petersburguesa e, naturalmente, nesse lapso de tempo, concretizaram-se muitas coisas. A situação de Afanássi Ivânovitch era desesperada; o pior de tudo era que ele, assim que sentia medo de alguma coisa, já não podia mais deixar de sentir-se assustado. Temia, e nem mesmo ele sabia o que, mas temia simplesmente Nastássia Filípovna. Durante algum tempo, nos dois primeiros anos, chegou a suspeitar de que Nastássia Filípovna pretendesse levá-lo a casar-se, mas que nada dizia por causa de seu desmedido orgulho e esperava que ele lhe fizesse a proposta. Tal pretensão resultara estranha, mas Afanássi Ivânovitch era muito desconfiado; franzia a testa e afundava em seus pensamentos. Com grande (como é o coração do homem) e algo desagradável assombro, de repente, por uma casualidade, viu-se obrigado a comprovar que, ainda que ele lhe fizesse tal proposta, ela não ia aceitá-la. Muito tempo esteve sem achar explicação para isso. Só achava uma explicação possível: a de que seu orgulho de mulher ofendida e romântica chegava a tal extremo de ofuscação que achava mais gostoso demonstrar-lhe de uma vez seu desprezo com a negativa do que definir para sempre sua situação e encastelar-se a uma altura de inacessível grandeza. O pior de tudo foi ter Nastássia Filípovna adquirido grande superioridade. Não se rendia ao interesse, por mais forte que fosse, e embora aceitasse as comodidades que lhe ofereciam, vivia com grande modéstia e mal economizara alguma coisa naqueles cinco anos. Afanássi Ivânovitch recorreu a um meio muito astuto para

romper suas cadeias; insensível e habilmente, começou a seduzi-la, muito bem auxiliado por diversas perspectivas ideais, mas personificadas: príncipes, hussardos, secretários de embaixadas, poetas, romancistas, e até socialistas; mas nada disso fez a menor marca em Nastássia Filípovna, como se nada mais, nada menos, tivesse em lugar do coração uma pedra e seu sentimento tivesse se esgotado e morrido de uma vez para sempre. Vivia completamente só, lia, até mesmo estudava, gostava de música. Amizades, tinha poucas; só tratava com umas velhuscas, sentindo também grandes simpatias pela numerosa família de um respeitável professor, onde era também muito estimada e afetuosamente recebida. Com bastante frequência, à noite, reuniam-se em sua casa cinco ou seis pessoas conhecidas, nada mais. Tótski ia lá com bastante frequência e exatidão. Nos últimos tempos, não sem dificuldades, conseguira relacionar Nastássia Filípovna com o General Iepántchin. Pela mesma época, com absoluta facilidade e sem trabalho algum, conseguiu também travar amizade com Nastássia Filípovna um funcionário jovem, chamado Fierdíchtchenko, um bobo indecoroso e sebento, com pretensões de bom humor e afeiçoado à bebida. Fez-se também amigo da casa um jovem estranho, chamado Ptítsin,[12] modesto, pontual e calculista, que se criara na miséria e se tornara avarento. Fez-se amigo também, afinal, Gavrila Ardaliónovitch… Com isso Nastássia Filípovna veio a adquirir uma fama estranha; sua beleza era notória a toda a gente e nada mais; ninguém podia vangloriar-se da menor coisa, ninguém podia contar nada. Essa reputação, sua cultura, suas maneiras distintas, seu donaire, tudo isso confirmou Afanássi Ivânovitch definitivamente em determinado plano. No momento, aproximava-se já o instante em que haveria de tomar nesta história parte ativíssima e evidenciada o próprio General Iepántchin.

Quando Tótski se dirigiu a ele com grande amabilidade em demanda de um conselho de amigo a respeito de uma de suas filhas, da maneira mais nobre, fez-lhe plena e sincera confissão. Revelou que já estava resolvido a não medir meios, fossem quais fossem, a fim de recobrar sua liberdade; que não estaria tranquilo enquanto a própria Nastássia Filípovna não lhe dissesse que dali por diante a deixasse em paz; que para ele não valiam nada as palavras; que necessitava das máximas garantias. Trocaram impressões e decidiram agir de

conformidade. Ficou combinado que começariam empregando os recursos mais suaves e fazendo pulsar, por assim dizer, apenas as mais nobres fibras do coração. Foram os dois juntos ter com Nastássia Filípovna e Tótski começou por explicar-lhe, sem mais rodeios, o horrível de sua insuportável situação; acusou a si mesmo de tudo; francamente, manifestou-lhe que não poderia arrepender-se de sua primeira atitude para com ela, porque era um sensual inveterado e não sabia dominar-se, mas que agora queria casar e a sorte desse casamento, altamente distinto e mundano, estava nas mãos dela; em resumo: que confiava tudo a seu nobre coração. Depois começou a falar o General Iepántchin, que, na qualidade de pai da noiva, se exprimiu razoavelmente e, prescindindo de tons patéticos, fez constar unicamente que lhe reconhecia o direito de decidir sobre a sorte de Afanássi Ivânovitch; lisonjeou-a habilmente com sua submissão pessoal, fazendo-lhe ver que a sorte daquela sua filha, e talvez também das outras duas, dependia agora do que ela dispusesse. À pergunta de Nastássia Filípovna: "Que era o que concretamente queriam dela?", Tótski, com franqueza inteiramente isenta de rebuços, confessou-lhe que havia levado cinco anos antes um susto tão tremendo que nem ainda agora podia estar de todo tranquilo, até enquanto Nastássia Filípovna não se casasse também. Imediatamente acrescentou que semelhante pedido, pela sua parte, seria, sem dúvida, absurdo se não pudesse apoiá-lo em certos fundamentos. Havia observado muito bem e sabia redondamente que um jovem de muito boa família, cujo lar era um dos mais honestos, sem fazer rodeios, Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin, que ela conhecia e recebia em sua casa, fazia muito tempo que a amava com todo o ardor da paixão, e sem dúvida estaria disposto a dar meia vida por uma só esperança de conquistar sua simpatia. Esta confissão havia-lhe feito o próprio Gavrila Ardaliónovitch, a ele, Afanássi Ivânovitch, muito tempo antes, a título de amigo e na simplicidade de seu puro coração juvenil, e também fazia muito tempo estava ciente disto Ivan Fiódorovitch, protetor do referido jovem. Finalmente, se ele, Afanássi Ivânovitch, não estava equivocado, fazia muito tempo também que Nastássia Filípovna não ignorava esse amor e a ele lhe parecia que até o olhava com bons olhos. Sem dúvida que lhe custava muito trabalho falar daquilo. Mas se Nastássia Filípovna queria reconhecer a ele, Tótski, pondo de parte o egoísmo, o desejo também de olhar pela sua sorte,

de procurar algum bem também para ela, não teria outro remédio senão compreender que fazia muito tempo que para ele era muito estranha e dolorosa a solidão dela; que ali não havia senão uma vaga nuvem, uma plena desconfiança na renovação da vida que tão belamente podia ressuscitar, graças ao amor e à família e assinalar para si deste modo um novo fim; que assim aptidões, talvez brilhantes, iam se perdendo; que aquilo era um voluntário amor ao sofrimento; numa palavra: certo romantismo indigno de uma inteligência sadia, de um coração nobre. Depois de repetir que lhe custava falar de tais coisas, terminou afirmando que não se resignava a perder a esperança de que Nastássia Filípovna não lhe respondesse depreciativamente se manifestasse seu desejo de assegurar sua sorte no futuro e lhe oferecia a quantia de setenta e cinco mil rublos. Acrescentou, timidamente, que essa quantia estava de todos os modos destinada a ela em seu testamento; em resumo: que não se tratava de nenhuma indenização… e que, finalmente, por que negar-lhe e culpá-lo do desejo tão humano de descarregar em alguma coisa sua consciência, etc., etc.; tudo quanto costuma ser dito em casos semelhantes e em torno desse tema. Afanássi Ivânovitch falou longa e eloquentemente, acrescentando de passagem, por assim dizer, o muito curioso critério de que aquela era a primeira vez que citava aqueles setenta e cinco mil rublos e que nem sequer Ivan Fiódorovitch estava ciente deles, segundo podia testemunhar, já que se achava presente; em resumo: ninguém sabia disso.

A resposta de Nastássia Filípovna deixou estupefatos os dois amigos.

Não só não mostrou a menor insinuação de escárnio, hostilidade e aversão de outrora, cuja simples recordação ainda fazia correr um calafrio pelas costas de Tótski, mas, bem pelo contrário; pareceu até alegrar-se em poder falar finalmente com alguém de um modo franco e amistoso. Reconheceu que também ela fazia muito tempo que desejava tomar um conselho de amigo, impedindo-a disso apenas o orgulho; mas que agora, que se havia rompido o gelo, não podia ter ocorrido nada de melhor. A princípio, com triste sorriso, confessou que, em nenhum caso, podia repetir-se a passada borrasca; que também ela fazia já tempo que mudara de modo de ver as coisas e

ainda que seu coração não tivesse mudado, apesar de tudo, via-se obrigada a admitir muitas coisas na qualidade de fatos consumados; que o que estava feito, estava feito; o passado passado estava; de modo que até achava estranho que Afanássi Ivânovitch persistisse em suas apreensões. Ao chegar aqui, fitou Ivan Fiódorovitch e com ar de profundo respeito manifestou-lhe que havia muito tempo ouvira falar das filhas dele e já estava acostumada a respeitá-las profunda e sinceramente. A simples ideia de poder ser-lhes de alguma utilidade constituiria para ela uma felicidade e um orgulho. Era verdade que ela estava agora triste e aborrecida, muito aborrecida; Afanássi Ivânovitch tinha adivinhado seus sonhos; ansiava ressuscitar, já que não no amor, na família, encontrando para si uma felicidade nova. Mas a respeito de Gavrila Ardaliónovitch muito pouco podia dizer. Parecia, na verdade, amá-la; ela sentia que também poderia ser que o amasse, sempre que tivesse motivos para confiar na firmeza de seu afeto; mas que era ele muito jovem e, ainda supondo que fosse sincero, difícil era decidir-se. A ela, além disso, dava muito gosto mais que tudo, que ele trabalhasse, se interessasse por alguma coisa e fosse o sustentáculo de toda a sua família. Ouvira dizer que era um homem dotado de energia e cheio de orgulho, ansioso por formar um futuro, abrir caminho na vida. Ouvira dizer também que Nina Alieksándrovna Ívolguina, mãe de Gavrila Ardaliónovitch, era uma senhora excelente e respeitável em alto grau; que sua irmã Varvara Ardaliónovna era uma senhorita notável e enérgica; ouvira Ptítsin falar muito dela. Tinham-lhe dito que suportava com ânimo sua desdita; teria muito gosto em conhecê-la pessoalmente; mas perguntava a si mesma: “Seria acolhida com prazer na família dele?”. Em termos gerais, ela não tinha objeções à possibilidade daquele casamento, mas que era preciso meditar bem; seu desejo seria que ele não se precipitasse. Quanto aos setenta e cinco mil rublos, Afanássi Ivânovitch tivera em vão o trabalho de falar neles. Compreendia o valor do dinheiro e, naturalmente, os aceitava. Ficava agradecida a Afanássi Ivânovitch pela sua delicadeza, por não ter falado nem mesmo ao general daquilo, nem ao próprio Gavrila Ardaliónovitch. Mas, apesar disso, por que não lhe haver participado de antemão? Ela não tinha que se envergonhar daquele dinheiro ao entrar em sua família. Em todo caso, não tinha intenção nenhuma de pedir perdão a ninguém por coisa alguma e assim queria que o soubessem. Não se casaria com Gavrila Ardaliónovitch enquanto não

se convencesse de que nem ele, nem sua família abrigavam reserva alguma a respeito dela. Em todo o caso, não se considerava culpada de nada e seria melhor que Gavrila Ardaliónovitch soubesse sobre qual base tinha ela vivido naqueles cinco anos em Petersburgo, quais tinham sido suas relações com Afanássi Ivânovitch e quanto dinheiro economizara. Finalmente, ao aceitar agora aquela soma, não o fazia como pagamento pela afronta feita à sua virgindade, de que ela não tinha sido culpada, mas, simplesmente, como indenização pelo seu destino truncado.

Ao terminar, a tal ponto acalorou-se e se pôs nervosa, enquanto expunha tudo isso (o que, afinal de tudo, não podia ser mais natural), que o General Iepántchin ficou muito satisfeito e deu o assunto por concluído; mas Tótski, que já uma vez havia levado aquele susto, não era capaz de crer com plena certeza que, durante o longo período de medo que passara, não houvesse alguma serpente entre as flores. Deram princípio às negociações; o ponto sobre o qual se baseava toda a manobra dos dois amigos e, em concreto, a possibilidade de seduzir Nastássia Filípovna, valendo-se de Gânia, começou a ressaltar e a confirmar-se; tanto, que o próprio Tótski já passava a crer na possibilidade do êxito. Naquela mesma ocasião tivera Nastássia Filípovna uma explicação com Gânia; disseram-se pouquíssimas palavras, como se o pudor dela sofresse um ataque. Admitiu, apesar disso, e autorizou seu amor; mas com arrogância lhe manifestou que de modo algum queria comprometer-se; que até o dia mesmo do casamento (se é que haveria) estaria no seu direito de dizer “não”, ainda que fosse no derradeiro instante; e o mesmo perfeito direito reconheceu também a Gânia. Não tardou Gânia em saber, graças a uma proveitosa casualidade, que a oposição de sua família àquele casamento, e pessoalmente a Nastássia Filípovna, oposição que se manifestara em cenas domésticas, tinha chegado aos ouvidos de Nastássia Filípovna com toda espécie de detalhes, mas que ela não lhe falava disso, ainda que ele o esperasse diariamente. Aliás, haveria ainda muito que dizer de todas as histórias e circunstâncias surgidas a propósito daquele projeto de casamento e daquelas negociações; mas vamos passar por cima delas, pois muitas dessas circunstâncias corriam na forma de rumores bastante vagos. Por exemplo, Tótski parecia ter sabido, por algum meio, que Nastássia Filípovna entrara

em relações indefinidas e secretas com as senhoritas Iepántchini, rumor totalmente inverossímil. Em troca, teve de, contra sua vontade, dar crédito a outro boato que foi para ele um pesadelo. Disseram-lhe, de boa fonte, que Nastássia Filípovna sabia muito bem que Gânia só queria casar com ela por causa do dinheiro; que Gânia tinha uma alma negra, ansiosa, impaciente, rancorosa e intensamente fátua, sem comparação possível; que Gânia, ainda que de fato desejasse apaixonadamente conquistar Nastássia Filípovna antes, quando os dois amigos decidiram beneficiar essa paixão, que começava a manifestar-se por ambos os lados em seu proveito, e comprar Gânia, dando-lhe por esposa legal Nastássia Filípovna, era certo que a detestava como seu pesadelo. Em sua alma pareciam unir-se, por estranho acaso, amor e ódio, e embora tivesse acabado por dar, depois de dolorosas vacilações, seu consentimento ao casamento com uma "fêmea repulsiva", havia jurado a si mesmo em seu íntimo vingar-se cruelmente dela e "tratá-la logo a pancadas", como ele próprio dizia. Tudo isso Nastássia Filípovna parecia saber e algo preparava em segredo. Tótski assustou-se a tal ponto que até deixou de falar a Iepántchin de suas apreensões; mas havia momentos em que, como homem débil, recuperava com firmeza novos alentos e sua alma depressa se levantava; animou-se, por exemplo, de modo extraordinário, quando Nastássia Filípovna deu aos dois amigos palavra de que na noite do dia de seu aniversário diria sua última decisão. Em troca, o mais estranho e inverossímil boato, referente ao respeitabilíssimo Ivan Fiódorovitch, que horror! foi-se tornando cada vez mais verídico.

Aqui, à primeira vista, parecia tudo de uma decência absoluta. Era difícil acreditar que Ivan Fiódorovitch, com a respeitabilidade de sua honrada velhice, com seu grande talento e seu exato conhecimento da vida, etc., etc. se enamorasse também de Nastássia Filípovna; e a tal ponto, que aquele capricho era muito semelhante a uma paixão. Custa imaginar as ilusões que criou; talvez contasse até com a colaboração de Gânia. Tótski, pelo menos, suspeitava de algo neste estilo, suspeitava da existência de um acordo silencioso, baseado numa mútua cumplicidade entre o general e Gânia. Além disso, é sabido que o homem, demasiado ofuscado pela paixão, sobretudo se já tem idade, fica cego por completo e inclina-se a encontrar uma

esperança ali onde nenhuma existe; como se isto ainda fosse pouco, perde também o juízo e procede como um menino estúpido, ainda que tenha cinco polegadas de testa. Era sabido que o general tinha prontas, para dar de presente a Nastássia Filípovna no dia de seu aniversário, umas pérolas maravilhosas que haviam custado uma soma enorme e concedia a esse presente muita importância, mesmo sabendo que Nastássia Filípovna nada tinha de venal. Na véspera do aniversário de Nastássia Filípovna parecia tomado de febre, embora habilmente a dissimulasse. Dessas pérolas precisamente tinha ouvido falar a Generala Iepántchina. Para dizer a verdade, Elisavieta Prokófievna fazia já muito tempo que tinha experiência da fogosidade de seu marido e até estava um pouco acostumada com ela; mas não era possível passar por alto aquela ocasião; o boato a respeito daquelas pérolas a havia revoltado extraordinariamente. O general suspeitou disso a tempo; no dia anterior já ouvira algumas indiretas; pressentia que teriam de obrigá-lo a dar uma explicação categórica, e tinha medo. Eis por que na manhã em que começa nossa história não tinha a menor vontade de ir almoçar no seio da família. Antes que o príncipe se apresentasse, já tinha decidido pretextar seus afazeres e evitar o assunto. Evitar para o general significava, por vezes, simplesmente fugir. Queria desfrutar, pelo menos aquele dia, e sobretudo aquela noite, sem contratempos. De repente surge o príncipe. “Parece que foi Deus que o enviou!”, pensou o general no seu íntimo, enquanto penetrava nos aposentos de sua esposa.

## Capítulo V

A generala era muito ciosa de sua estirpe. Quanto lhe doeria ouvir, sem mais preâmbulos, que aquele derradeiro rebento dos príncipes de Míchkin, de que já ouvira falar, não só era um pobre idiota e quase um mendigo, mas que até aceitava esmolas! O general queria precisamente produzir sensação, despertar-lhe o interesse, naturalmente; distrair sua atenção para outra coisa e, graças a essa reviravolta, evitar toda pergunta a respeito das pérolas. Nas situações extremas, a generala abria uns olhos enormes e, inclinando-se um pouco para trás, ficava com o olhar perdido no vácuo, sem dizer palavra. Era uma mulher corpulenta, da mesma idade que seu marido,

de cabelos escuros, já salpicados de muitos fios brancos, mas ainda abundantes; o nariz, algo curvo, ossudo, faces cor de palha e cavadas e lábios finos e chupados. Tinha a fronte alta, mas estreita; os olhos cinzentos, bastante grandes e que adquiriam por vezes uma expressão inopinada. Algum dia tivera a fraqueza de crer que seu olhar produzia grande efeito e esta convicção persistia nela, inextirpável.

— Recebê-lo? Diz você recebê-lo agora, agora mesmo? — e a generala, com todas as suas forças, abriu de par em par os olhos, fitando o solícito Ivan Fiódorovitch.

— Oh! com ele não é preciso andar com cerimônias! Basta, minha amiga, que tenhas gosto em vê-lo — apressou-se a explicar o general. — É um verdadeiro menino e até causa lástima; dão-lhe não sei que ataques doentios; vem agora da Suíça. Acaba de vir do trem. Veste de uma maneira extravagante e, ainda por cima, sem um copeque; quase chora. Dei-lhe vinte e cinco rublos e tenho o propósito de arranjar-lhe algum empreguinho em alguma repartição. Mas a vós, minhas senhoras, rogo-vos que o acolhais bem, porque, segundo creio, até com fome está.

— Você me causa espanto — prosseguiu como antes a generala. — Faminto e com ataques?… Que ataques são esses?

— Oh! não lhe ocorrem com muita frequências e, além disso, é inteiramente uma criança, embora bem educado. Mas eu quisera, minhas senhoras — e voltou a dirigir-se a suas filhas, — que o examinásseis, pois sempre é bom saber para que pode servir.

— Exa…mi…nar? — escandiu a generala e, com profundíssimo assombro, fitou os olhos arregalados, alternadamente, em suas filhas e em seu esposo.

— Ai, minha amiga, não vás imaginar nada de mau!… Aliás, como queiras; eu tinha intenção de tratá-lo bem e trazê-lo para aqui, porque isso, afinal de contas, vem a ser decerto uma boa ação.

— Trazê-lo para aqui? Da Suíça?

— Ninguém está falando de Suíça. Mas, afinal, repito: como

queiras. Fazia isso porque, em primeiro lugar, usa o teu mesmo sobrenome e talvez seja parente teu e, além disso, porque o pobre não tem onde reclinar a cabeça. Até acreditei que te interessaria, pois, afinal de contas, é de nossa família.

— Claro que sim, mamãe, se com ele não é preciso andar com cerimônias!… Além do mais, vem com fome da viagem e, por que não sentá-lo à nossa mesa, já que não tem aonde ir? — disse Alieksandra, a mais velha.

— Ainda por cima, é uma completa criança; pode-se brincar de galinha cega com ele.

— De galinha cega, como?

— Ah! mamãe, por favor; deixe-se de melindres! — interrompeu-a Aglaia com aborrecimento.

A segunda, Adelaida, que era muito brincalhona, não pôde conter-se e soltou uma gargalhada.

— Chame-o, papai, que mamãe consente — decidiu Aglaia.

O general tocou a campainha e ordenou que trouxessem o príncipe.

— Mas então, para que lhe amarrem o guardanapo ao pescoço quando se sentar à mesa — decidiu a generala, — chamem Fiódora ou Mavra… a fim de que se coloquem atrás dele e o atendam, quando estiver comendo. Está agora, pelo menos, livre desses ataques? Não faz caretas?

— Pelo contrário; é muito bem educado e tem maneiras perfeitas. Unicamente solta de vez em quando umas coisas simplórias… Mas… aqui já o tendes! Bem… apresento-vos o último Príncipe Míchkin, que usa o vosso mesmo sobrenome e é possível que seja vosso parente. Acolhei-o bem, tratai-o bem. Vão agora mesmo almoçar, príncipe, de modo que nos faça a honra… Quanto a mim, perdoe-me, mas já estou atrasado e tenho pressa…

— Já sabemos aonde tens pressa de ir — declarou gravemente a

generala.

— Tenho pressa, tenho pressa, minha amiga. Estou atrasado! Mas mostrai-lhe vossos álbuns, senhoras. Vereis que caligrafias fará neles, que raro primor de letra. Tem uma habilidade! Para mim escreveu lá, com traços antigos: “O *igúmien* Pafnúti assinou de seu próprio punho…”. Então, ficai com Deus, até a vista!

— Pafnúti? O *igúmien*? Ora, pare, pare e diga-nos aonde vai e que Pafnúti é esse! — gritou a generala a seu fugitivo esposo, com altivo aborrecimento e quase alarmada.

— Isso mesmo, minha amiga: um antigo *igúmien*… Mas tenho de ir correndo ver o conde, que me está esperando há algum tempo e, coisa essencial, foi ele quem me mandou… Príncipe, até a vista!

O general afastou-se a grandes passadas.

— Bem sei que conde ele vai ver! — declarou Lisavieta Prokófievna com voz brusca e, nervosa, fitou os olhos no príncipe. — De que falávamos? — começou com aspereza e aborrecimento, procurando lembrar-se. — Ora!… De quem? Ah! sim, de um *igúmien*!

— *Mamacha*… — insinuou Alieksandra e Aglaia também tocou-lhe com o pezinho.

— Não me distraias, Alieksandra Ivânovna — replicou-lhe a generala, — também eu quero saber. Sente-se aqui, príncipe. Olhe, nesta cadeira. Aí, não. Aqui, ao sol. Ponha-se mais à luz, para que eu possa vê-lo. Bem, diga-me: que *igúmien* era esse?

— O *igúmien* Pafnúti — respondeu o príncipe, atenta e seriamente.

— Pafnúti? É interessante. Bem, e diga-me: quem era esse tal Pafnúti?

A generala fazia perguntas impacientes, rápidas, cortantes, sem desfitar o príncipe e quando este lhe respondia, movia ela a cabeça sublinhando cada uma de suas palavras.

— *O igúmien* Pafnúti vivia no século XIV — começou o príncipe, — dirigia um convento à margem do Volga, na atual província Kostromskaia. Tornou-se famoso pela sua vida santa, dirigiu-se às hordas tártaras, ajudou a resolver as questões de então e teve de assinar um documento, cuja cópia vi. Agradou-me a letra e aprendi a fazê-la igual. Quando, há pouco, o general mostrou desejos de ver como eu escrevia, a fim de arranjar-me um emprego, rabisquei algumas frases com vários tipos de letra e, entre outras coisas, tracei: "O *igúmien* Pafnúti assinou de seu próprio punho", com o próprio tipo de letra do *igúmien* Pafnúti. O general gostou muito e por isso agora o relembrava.

— Aglaia — disse a generala, — guarda de memória: Pafnúti; ou melhor, escreve-o, pois sempre esqueço tudo. Aliás, pensava que era algo mais interessante. Onde está essa assinatura?

— Ficou, segundo creio, no gabinete do general, em cima da mesa.

— Pois vão buscá-la agora mesmo.

— E, além disso, escreverei para senhora, se o quiser, com outra letra ainda melhor.

— Sim, sim, *mamacha* — disse Alieksandra. — Mas agora será melhor que almoce. Estamos com fome nós também.

— Isto mesmo — decidiu a generala. — Venha cá, príncipe. Está com muito apetite?

— Sim, agora estou com muita vontade de comer e agradeço muito a todas.

— Está muito bem que seja tão polido, e noto que não é o senhor tão… extravagante como disseram. Aproxime-se. Sente-se aqui, na minha frente — insistiu, fazendo o príncipe sentar-se, quando chegaram à sala de jantar, — porque quero vê-lo bem. Alieksandra, Adelaida atendam ao príncipe. Não é verdade que não parece de modo algum tão… doente? Talvez não precise de guardanapo. Costumam pôr-lhe, príncipe, guardanapo ao pescoço, quando se senta à mesa?

— Antes, quando tinha sete anos, creio que o punham. Mas agora me limito a conservá-lo sobre os joelhos, enquanto como.

— Assim está bem. E os ataques?

— Os ataques? — repetiu, algo espantado, o príncipe. — Agora tenho os ataques só muitas raras vezes, ainda que na verdade não saiba; dizem que este clima não me há de fazer bem.

— Fala muito bem — disse a generala, dirigindo-se às suas filhas e sem deixar de assentir, com a cabeça a cada palavra do príncipe. — Não esperava que fosse assim. Provavelmente, tudo isso serão patranhas, como de costume. Coma, príncipe, e diga-nos: onde nasceu, onde se educou? Quero saber tudo. O senhor me inspira um interesse extraordinário.

O príncipe expressou-lhe sua gratidão e, enquanto comia com muito apetite, fez-lhe um resumo de tudo quanto já havia exposto naquela manhã. A generala sentia-se cada vez mais satisfeita. Suas filhas também o escutavam, atentas. Passaram a falar do parentesco; resultou que o príncipe conhecia bastante bem sua árvore genealógica; mas, por mais que fizesse, não pôde comprovar o menor parentesco entre ele e a generala. Entre seus avós, todavia, era possível que tivesse existido algum parentesco. Esta árida matéria era especialmente grata à generala, que quase nunca conseguia fazer reluzir sua genealogia, apesar de todos os seus desejos, pelo que se levantou da mesa sumamente animada.

— Vamos todos para nossa saleta — disse, — e mandem para lá o café. Temos uma sala comum — explicou ao príncipe, enquanto o conduzia, — muito simples; uma saleta onde nos reunimos quando ficamos sós e cada qual se entrega à sua tarefa. Alieksandra, esta que o senhor vê aqui, minha filha mais velha, toca piano ou lê, ou costura; Adelaida… pinta paisagens ou retratos (deixa tudo por terminar); mas Aglaia fica ali sentadinha e não faz nada. A costura também cai da minha mão; nada sai direito. Bem, já chegamos. Sente-se aqui, príncipe, junto da lareira e conte-nos alguma coisa. Quero ver sua arte em contar alguma coisa. Quero convencer-me plenamente e, quando vir a Princesa Bielokónskaia, aquela velha, falar-lhe a seu respeito.

Quero que todos se interessem também pelo senhor. Vamos, ande, conte.

— *Mamacha*, olhe que é algo forte pedir para alguém contar qualquer coisa assim, sem nenhuma preparação — observou Adelaida, que, enquanto falava, havia preparado seu cavalete, ajeitando pincéis e palhetas e começando a copiar de uma estampa uma paisagem de há muito iniciada. Alieksandra e Aglaia sentaram-se uma ao lado da outra em um pequeno divã e, unindo as mãos, dispuseram-se a escutar o relato. O príncipe observou que todas tinham posto nele uma atenção especial.

— Eu, tenho certeza, não saberia contar nada, se me ordenassem assim — observou Aglaia.

— Por quê? Tem isso algo de particular? Por que não haveria ele de contar? Para isso tem língua. Quero ver que artifício emprega para falar. Bem, fale do que quiser. Conte-nos que tal lhe pareceu a Suíça, a primeira impressão. Já tendes visto que começou a falar antes e que o fez muito bem.

— Causou-me uma impressão forte… — começou o príncipe.

— É isto, é isto — assentiu, impaciente, Lisavieta Prokófievna, dirigindo-se às suas filhas. — Já rompeu…

— Deixe-o ao menos falar, mamãe — conteve-a Alieksandra. — É possível que esse príncipe seja um grande velhaco e nada tenha de idiota — cochichou ela a Aglaia.

— Também penso assim e já notei isso há algum tempo — respondeu-lhe Aglaia. — Acho que ele faz muito mal desempenhando tal papel. Que se propõe com isso?

— Minha primeira impressão foi forte — repetiu o príncipe. — Quando da Rússia me levaram para lá, passando por diferentes cidades alemãs, não fazia eu mais do que olhar para tudo em silêncio e lembro-me de que não fazia pergunta nenhuma. Foi aquilo em consequência de uns ataques penosíssimos de minha doença, e eu, sempre que ela se agravava e repetiam-se os ataques várias vezes

seguidas, caía num completo estupor, perdia por completo a memória e embora minha razão continuasse a trabalhar, não conseguia coordenar logicamente as ideias. Não podia juntar com proveito mais de duas ou três. Pelo menos é o que me parece. Quando os ataques cederam, revivi de novo tão sadio e forte como agora. Lembro-me de que sentia então uma tristeza insuportável; sentia até vontade de chorar; tudo me causava assombro e inquietação; causava-me um efeito terrível no entendimento aquilo tudo ser estranho. Aquela estranheza me matava. Mas tive de sair daquelas brumas, lembro bem, uma tarde em Basileia, já na Suíça, e quem me avivou o entendimento foi o zurrar de um asno. Aquele asno causou-me uma impressão terrível e não sei por que ganhou minha forte simpatia e, ao mesmo tempo, de repente, pareceu iluminar meu cérebro.

— Um asno? É estranho — observou a generala. — Embora, afinal, nada tenha de estranho. É sabido que mulheres enamoraram-se de asnos — refletiu, olhando severamente para suas risonhas filhas. — É só ver na mitologia! Continue, príncipe!

— Desde então tenho muito carinho pelos asnos. Inspiram-me especial simpatia. Comecei a fazer muitas perguntas a respeito deles, porque era a primeira vez que os via e prontamente tive de maravilhar-me que fosse um animal tão útil, laborioso, forte, paciente, barato, de vida dura; e talvez por causa daquele asno passei a achar a Suíça simpática e desapareceu, sem deixar rastro, a tristeza anterior.

— Tudo isso é muito estranho. Mas podemos deixar de parte o burrico. Passemos a outro tema. Por que não fazes senão rir, Aglaia? E tu, Adelaida? O príncipe falou muito bem a respeito do asno. Ele próprio o viu, ao passo que tu, que viste? Estiveste alguma vez no estrangeiro?

— Eu também vi asnos, mamãe — disse Adelaida.

— E eu os ouvi — assentiu Aglaia.

Todas três puseram-se novamente a rir. O príncipe acompanhou-as em sua risada.

— É muito feio o que estais fazendo — observou a generala. —

Desculpe-as, príncipe, pois no íntimo são muito boazinhas. Estou sempre a ralhar-lhes, mas gosto delas. São aturdidas, estonteadas, umas loucas.

— Por quê? — sorriu o príncipe. — Eu, em lugar delas, não perderia a ocasião. Mas, apesar de tudo, sou a favor do asno; é um animal muito bom e muito útil.

Todas três puseram-se novamente a rir.

— Outra vez saiu a reluzir esse maldito asno. Já nem me lembrava dele! — exclamou a generala. — Creia-me, príncipe, não quis fazer a menor…

— Alusão? Oh! é claro que acredito na senhora!

E o príncipe pôs-se a rir sem parar.

— Está muito bem que o senhor dê risada. Já vejo que é um jovem boníssimo — disse a generala.

— Às vezes não sou — respondeu o príncipe.

— Eu também sou boa — saltou a generala inesperadamente, — e se o senhor não leva a mal, sou sempre, e este é meu único defeito, porque nem sempre convém ser boa. Aborreço-me frequentemente com eles. Sobretudo com Ivan Fiódorovitch; mas a raiva que me dá é que, quando me zango, é que sou melhor. Há pouco, antes de sua chegada, eu estava de mau humor, e me parecia que nada compreendo, nem posso compreender. Costuma ocorrer-me isso: nem mais, nem menos que uma menina. Aglaia deu-me uma lição; obrigado, Aglaia. Mas, afinal, tudo isso são absurdos. Não sou ainda tão tola como pareço e como minhas filhas se empenham em me dizer que sou. Tenho caráter e não sou tão simplória. Digo-o sem a menor intenção. Vem aqui, Aglaia; dá-me um beijo; bem… Basta de ternuras — observou, quando Aglaia lhe beijou com sentimento os lábios e a mão. — Prossiga, príncipe. Pode ser que o senhor se recorde de algo mais interessante que o tal jumento.

— Volto a insistir nisso; não me explico como se possa contar algo

assim, sem mais nem menos — observou de novo Adelaida. — Eu não conseguiria.

— Mas se o príncipe consegue é porque tem muito talento, dez vezes, pelo menos, mais do que tu e é possível mesmo que doze. Espero que o compreendas depois. Vamos; demonstre isso, príncipe. Continue. Vamos deixar o asno de lado. Vamos ver, diga-nos: que viu o senhor, além de burros, no estrangeiro?

— Até isso do burro tem engenhosidade — observou Alieksandra. — O príncipe contou de uma maneira interessante seu caso patológico e como tudo voltou a sorrir-lhe, graças a um impulso exterior. Sempre tive muito interesse nisso das pessoas perderem o juízo e logo voltarem a recobrá-lo. Sobretudo, quando assim ocorre, de repente.

— Não é verdade? Não é verdade? — exclamou a generala. — Já vejo que por vezes não lhe falta talento. Mas, vamos, basta de risadas. Creio que o senhor havia ficado diante da paisagem suíça. Vamos, prossiga.

— Chegamos a Lucerna e levaram-me ao lago. Eu sentia que ele era belíssimo. Mas, por isso mesmo, causava-me grande pena — disse o príncipe.

— Por quê? — perguntou Alieksandra.

— Não compreendo. Sempre me causa tristeza e inquietação contemplar pela primeira vez uma paisagem assim, e prazer, e susto, embora, afinal de contas, fosse aquilo ainda efeito de minha doença.

— Ora!… Pois a mim me agradaria muito contemplá-lo — disse Adelaida. — Não sei quando iremos fazer uma viagem ao estrangeiro. Como vê, há dois anos que ando buscando inutilmente assunto para um quadro:

> Há muito estão descritos o Sul e o Oriente…[13]
> Vamos, príncipe, dê-me assunto para um quadro.

— Disso não entendo nada. Creio que se vê e se pinta.

— É que eu não sei ver.

— Será que falas por enigmas? Não te entendo — disse a generala. — Que é isso de não saber olhar? Para isso tens os olhos: para olhar. Se não sabes olhar aqui, nem por ir ao estrangeiro irás aprender. Mas será melhor que o senhor nos diga, príncipe, como é que olha?

— Sim. Será melhor isso — acrescentou Alieksandra. — Porque o príncipe aprendeu a olhar no estrangeiro.

— Não sei. A única coisa que fiz lá foi ficar bom. Mas não sei se aprenderia a olhar. O certo é que passei muito feliz todo o tempo que ali estive.

— Feliz! Sabe o senhor ser feliz?… — perguntou Aglaia. — Como diz, então, o senhor que não aprendeu a olhar? Vamos, ensine-nos.

— Ensine-nos, por favor! — implorou, sorrindo, Adelaida.

— Nada posso ensinar-lhes — disse, sorrindo também, o príncipe. — Quase todo o tempo em que estive na Suíça passei-o numa aldeia. De quando em quando fazia uma excursão, porém breve. Que poderia eu ensinar-lhes? A princípio, a tristeza deixou-me. Não tardei em restabelecer-me. Depois, passei a gostar de todos os dias e ainda mais, à medida que passava o tempo, de sorte que comecei a observar. Costumava deitar-me contente e despertava na manhã seguinte ainda mais alegre. Mas, não sei por que, é muito difícil para mim contar todas estas coisas.

— De modo que o senhor já não queria ir a parte alguma, nem nada o atraía? — indagou Alieksandra.

— De primeiro, desde o princípio mesmo, sim, sentia-me atraído e experimentava grande inquietude. Não fazia senão pensar em como havia de ser minha vida, que destino ambicionava e, sobretudo, algumas vezes acometia-me certo desassossego. As senhoras sabem o que são tais momentos, especialmente na solidão. Havia ali uma torrente, não muito grande, que vinha do alto da montanha e com um fio d'água tão fino, quase perpendicular… branco, cantador, gritador. Caía do alto, mas parecia muito baixinho. A uma meia versta de distância parecia estar a uma proximidade de cinquenta passos. Era

agradável para mim, de noite, ouvir seu rumor. Reparem: nesses instantes chegava a sentir uma inquietação mórbida. Também por vezes, ao meio dia, quando a gente está em algum lugar na montanha e se acha sozinho entre cumes, rodeado de pinheiros velhos, corpulentos, cheios de seiva; lá em cima, no alto de um rochedo, um velho castelo medieval em ruínas; nossa aldeiazinha, lá longe, na planície, apenas perceptível; o sol radiante, um céu azul, uma quietude terrível. Parece então que tudo nos chama para não sei onde; e eu pensava que, indo bem em linha reta, andando, andando, até chegar mais além daquele limite onde céu e terra se uniam, estaria ali a solução de tudo e, imediatamente, começaria uma nova vida, mil vezes mais poderosa e trovejante que a nossa. Eu ficava sempre sonhando com uma grande cidade como Nápoles, onde tudo se torna palácios, fragor, tormenta, vida… Sim, eu não sonhava pouco!… E logo me parecia que também no presídio se poderia encontrar uma vida enorme.

— Este último e feliz pensamento já o li em minha *Crestomatia*, quando tinha doze anos — disse Aglaia.

— Tudo isso é filosofia — observou Alieksandra. — O senhor é um filósofo e veio ensinar-nos.

— Pode ser que tenha razão — sorriu o príncipe. — Sou, efetivamente, um filósofo e quem sabe se, na realidade, terei alguma ideia a ensinar… Pode ser que sim, poderia muito bem ser.

— E sua filosofia é exatamente a mesma de Ievlámpia Nikoláievna — voltou a assentir Aglaia, — essa viúva de um funcionário que vem ver-nos na qualidade de parasita. Para ela todo o segredo da vida está… na barateza. Tudo para ela consiste em falar de como se pode viver mais barato e de mencionar copeques e, repare bem, a vadiona tem dinheiro. Pois a mesma coisa ocorre com a enorme vida de presídio a que o senhor se refere e talvez também com seus quatro anos de felicidade na aldeia, pela qual renunciou o senhor à sua cidade de Nápoles, ao que parece, com vantagem, se bem que essa felicidade não valha senão alguns copeques.

— A respeito da vida no presídio, pode não se estar de acordo —

disse o príncipe. — Ouvi falar de um homem que passou doze anos no presídio; era um dos enfermos que estavam em tratamento com meu professor. Davam-lhe ataques, sofria acessos de intranquilidade, chorava e uma vez tentou suicidar-se. Sua vida no presídio havia sido muito triste, asseguro-lhe, mas não sem dúvida do valor de alguns copeques. E, ainda assim, todas as suas amizades se reduziam a uma aranha e a um arbusto que crescia ao pé de sua janelinha. Mas será melhor que lhe conte o encontro que tive, o ano passado, com outro indivíduo. Passara por uma circunstância muito estranha, estranha no sentido de que uma casualidade como essa raras vezes se produz. O tal indivíduo tinha sido conduzido, juntamente com outros, ao cadafalso e lhe haviam lido a sentença condenando-o à morte: fuzilamento, por delito político. Vinte minutos depois leram-lhe também o decreto de indulto, condenando-o a outra espécie de castigo. Mas no intervalo entre as duas leituras, vinte minutos, ou quando menos, um quarto de hora, teve nosso homem a convicção absoluta de que haveria de morrer dentro de poucos minutos. Eu gostava muito de ouvi-lo evocar suas impressões de então e muitas vezes insistia para que tornasse a repeti-las. Relembrava tudo com clareza perfeita e afirmava que jamais esqueceria nada daqueles instantes. A vinte passos do cadafalso, em redor do qual apinhava-se o público e a tropa, tinham erguido três postes, pois eram vários os réus. Conduziram aos postes os três primeiros, amarraram-nos, vestiram-lhes a alva (uns longos sacos brancos) e vendaram-lhes os olhos com lenços brancos para que não vissem os fuzis. Depois, diante de cada poste, mandaram formar um pelotão de alguns soldados. Meu amigo era o oitavo no turno, de modo que lhe tocava seguir para o poste na terceira turma. Um padre ia-lhes apresentando a todos, sucessivamente, uma cruz. Chegou o momento em que não lhe restavam senão cinco minutos de vida. Ele contava que aqueles cinco minutos tinham-lhe parecido um espaço de tempo infinito, uma riqueza enorme; parecia-lhe que naqueles cinco minutos tinha gasto tanta quantidade de vida, que nem sequer pensava em seu último momento e continuava adotando diferentes determinações; descontava o tempo necessário para despedir-se de seus camaradas, destinando a isso dois minutos e outros dois minutos para pensar pela derradeira vez em si mesmo e o restante do tempo para olhar à sua volta. Lembrava-se perfeitamente de que havia feito com precisão estas três partilhas e desse modo. Ia morrer aos vinte e

sete anos, sadio e forte; ao despedir-se dos companheiros, lembrava-se de ter feito a um deles uma pergunta totalmente insignificante e que aguardou com muito interesse a resposta. Depois de ter-se despedido de seus camaradas, achou-se dono daqueles dois minutos que havia destinado a pensar em suas coisas; sabia de antemão em que havia de pensar; toda a sua ânsia era imaginar, com a maior rapidez e clareza possíveis, como haveria de ser aquilo: que ele, naquele instante existisse e vivesse e, ao fim de três minutos, tivesse de ser já outra coisa, alguém ou algo diferente… O quê? E onde? Tudo isso ele pensava que seria resolvido naqueles dois minutos. Não longe dali havia uma igreja e o telhado da dourada cúpula refulgia ao sol radiante. Recordava ter ficado olhando, com suma atenção, aquela cúpula e os raios de sol que nela cintilavam. Não podia apartar os olhos daqueles raios de sol; parecia-lhe que aqueles pequenos raios de sol fossem para ele uma nova Natureza, como se dentro de três minutos fosse fundir-se com eles… A ignorância e o horror daquela coisa nova com que dali a um momento iria defrontar-se eram espantosos; mas assegurava o homem que em todo aquele momento não tinha havido nada de mais terrível para ele que este contínuo pensamento: “E se não tivesse de morrer? E se voltasse à vida? Que eternidade! E tudo isso seria meu! Então converteria eu cada minuto num século, não perderia nada, pediria contas a cada minuto, não gastaria nem um só em vão”. Dizia que este pensamento chegou a inspirar-lhe tal raiva, finalmente, que a única coisa que queria era que o fuzilassem quanto antes.[14]

O príncipe fez de repente uma pausa; todos aguardavam que continuasse e formulasse uma conclusão.

— Acabou? — perguntou-lhe Aglaia.

— É claro! Acabei — disse o príncipe, rompendo sua momentânea abstração.

— Mas com que intenção nos contou o senhor isso?

— Ora, com nenhuma… porque me veio à memória… por falar.

— O senhor é muito reticente — observou Alieksandra. — O senhor, príncipe, queria certamente deduzir disso que nem um

momento só de vida pode ser taxado no valor de um copeque e que, por vezes, cinco minutos representam um tesouro de preço. Tudo isto está muito bem, mas permita que lhe pergunte: que aconteceu a esse seu amigo que lhe contou essas apaixonantes impressões? Comutaram-lhe a pena, não é verdade? Deram-lhe de presente essa "vida infinita". Pois bem, que fez depois dessa riqueza? Viveu dali por diante prestando atenção a cada minuto?

— Oh! não! Ele mesmo me confessou (perguntei-lhe) que não tinha vivido assim, que havia desperdiçado muitos e muitos minutos.

— Então, o senhor mesmo saberá que não se pode de verdade viver tomando conta do tempo. Seja como for, é impossível.

— Sim, seja como for, é impossível — repetiu o príncipe. — Também assim o creio… E, não obstante, como não crer…?

— Quer dizer que o senhor pensa que emprega melhor o tempo que as demais pessoas? — indagou Aglaia.

— Sim. Algumas vezes penso isso.

— E acredita nisso?

— E… acredito nisso — repetiu o príncipe, olhando como antes para Aglaia, com um sorriso tranquilo e até tímido. Mas em seguida pôs-se a rir outra vez e nela fitou um olhar jovial.

— Que modéstia! — disse Aglaia, quase irritada. — O senhor poderá ser muito corajoso e poderá rir, mas só sei que me causou tamanha impressão tudo isso que nos contou que esta noite irei sonhar com isso, sobretudo com aqueles cinco minutinhos…

Curiosa e seriamente tornou o príncipe a correr a vista por suas interlocutoras.

— Não estarão zangadas comigo? — perguntou de repente, como quem faz uma observação, mas olhando a todas diretamente no rosto.

— Por quê? — perguntaram ao mesmo tempo as três moças espantadas.

— Porque parece que eu me tenha metido a dar lições.

Todas puseram-se a rir.

— Se algum aborrecimento têm, desfaçam-se dele — insistiu o príncipe, — porque sei de sobra que vivi menos que muitos outros e que compreendo a vida menos que ninguém. É possível que por vezes diga coisas estranhas.

E atrapalhou-se por completo.

— Se, como o senhor afirma, foi feliz, não viveu menos que os outros, viveu mais, por que se aflige e se desculpa? — interpelou-o Aglaia, severa e agressiva. — Mas não se incomode pelo fato de nos dar lições, pois isto não significa nenhum triunfo para o senhor. Com o seu quietismo, pode-se viver cem anos em felicidade completa. Pode-se mostrar ao senhor a execução de um sentenciado e um dedo mindinho: de ambas as coisas sacará sempre uma conclusão igualmente plausível e, em qualquer caso, pouco vai se importar. Dessa forma é fácil viver.

— Não compreendo por que te pões desse jeito — disse a generala, que havia algum tempo observava o semblante dos interlocutores, — assim como tampouco consigo entender isso que estão dizendo. Que absurdo é esse de dedo mindinho? O príncipe exprime-se muito bem, somente o que diz é algo triste. Por que o contradizes? Quando começou a falar, vocês riram e agora estão todas contra ele.

— Não há nada disso, mamãe… Mas é uma lástima, príncipe, não haver o senhor presenciado uma execução, para que eu pudesse perguntar-lhe alguns pormenores.

— Presenciei uma execução — respondeu o príncipe.

— Presenciou? — exclamou Aglaia. — Bem que eu desconfiava! É o remate de tudo. Se presenciou, como pôde dizer que tinha sido feliz todo este tempo? Vamos, não tinha eu razão ao dizer o que lhe disse?

— Será que havia execuções em sua aldeia? — perguntou

Adelaida.

— Presenciei-a em Lião, aonde havia ido em companhia de Schneider, que foi quem me levou. Assim que chegamos demos com o espetáculo.

— E como é, gostou? Há muito que ver? É conveniente? — interrogou Aglaia.

— De modo algum me agradou e depois dele estive muito doente, mas reconheço que fixei a vista no réu e não podia tirar os olhos dele.

— Eu tampouco poderia — declarou Aglaia.

— Ali não é bem visto que as senhoras vão presenciar esse espetáculo e até mesmo os jornais as criticam.

— Isto quer dizer que são de opinião que não é coisa para mulheres (no que lhes dou razão), mas para homens. Parabéns pela lógica. O senhor pensará assim também sem dúvida.

— Fale-nos dessa execução — atalhou-a Adelaida.

— Na verdade, não gostaria disso neste instante… — e o príncipe ficou desconcertado e até mesmo franziu a testa.

— Parece que acha inconveniente contar-nos — insinuou Aglaia.

— Não; digo-o porque há pouco falei dessa execução.

— Com quem falou a respeito dela?

— Com seu criado, enquanto esperava.

— Com que criado? — perguntaram todas de uma vez.

— Com o que está de plantão na sala de recepção, aquele de cabelos brancos e cara rosada. Estive fazendo antessala a Ivan Fiódorovitch.

— É estranho — observou a generala.

— Príncipe… o senhor é um democrata — sentenciou Aglaia.

— Bem, mas se já contou a Alieksiéi, não pode negar-se a também nos contar.

— Quero ouvi-lo sem desculpa — repetiu Adelaida.

— Há um momento, efetivamente — e o príncipe encarou-a; voltando a animar-se um tanto (parecia animar-se em seguida e de boa-fé) — efetivamente, quando há um momento me pediu a senhora assunto para um quadro, ocorreu-me oferecer-lhe o seguinte: pintar o rosto de um condenado que vai cair de um momento para outro sob a lâmina da guilhotina, quando ainda está de pé no patíbulo, antes de jazer estendido na prancha.

— O rosto como? Somente o rosto? — indagou Adelaida. — Assunto estranho para um quadro e que quadro haveria de sair!

— Não sei por que não! — insistiu com veemência o príncipe. — Eu, não faz muito, pude ver em Basileia um quadro semelhante. Teria muito gosto em contar-lhe… Alguma vez lhe contarei… A mim me causou muita impressão.

— Desse quadro de Basileia não terá o senhor remédio senão falar-nos depois — exclamou Aglaia. — Mas agora nos explique o quadro dessa execução. Poderia o senhor descrevê-lo conforme o conserva na imaginação? Como pintar esse rosto? O rosto somente? Como era esse rosto?

— Foi um minuto antes de sua morte — começou o príncipe, com plena solicitude, absorto naquela evocação e visivelmente esquecido de tudo mais, — esse momento em que o réu acaba de subir a escadinha que conduz ao cadafalso. Já ali, olhou para o lado onde eu estava; contemplei seu rosto e compreendi tudo… No entanto, como descrever isso? Desejaria, desejaria muito, que a senhora ou alguém pintasse essa cena. A senhora, melhor que ninguém. Na época eu não pensava que um quadro assim pudesse ser proveitoso. Olhe: para isso é preciso representar antes na imaginação o que passou o réu até chegar ali, tudo, tudo. Estava no cárcere, aguardando a execução, pelo menos uma semana; fazia conta dos requisitos de costume, pensava

que teriam de preparar uns papéis e que antes de uma semana não estaria tudo pronto. E, de repente, em virtude de alguma casualidade, acontece que se abrevia o curso das coisas. Às cinco da manhã estava dormindo. Era em fins de outubro; às cinco ainda faz frio e está escuro. Entra na cela o diretor da prisão, devagar, com medo, e com muito cuidado lhe dá uma palmadinha no ombro; ele se ergue, esfrega os olhos… vê luz. "Que é?" "Às dez horas será a execução." Meio adormecido, ele não compreende, começa a discutir que antes de uma semana não estarão prontos os documentos; mas ao dar-se de repente plena conta de tudo, deixa de discutir e cala-se (assim o contavam); depois disse: "De qualquer modo, é uma violência, assim tão depressa…". E de novo calou-se e já não quis mais falar. As três ou quatro horas que se seguiram passaram-se nas coisas de costume: o padre, o desjejum, em que servem aos réus vinho, café e carne de vaca (ora! não é tudo isso ridículo?). Em seguida, a *toilette* (já saberão em que consiste a *toilette* do condenado!), e, por último, a viagem para o cadafalso… Penso que também nesse transe há de parecer que ainda nos resta por viver uma eternidade até o momento de subir ao patíbulo. Acho que durante o trajeto ele pensa: "Ainda falta um pouco de tempo: ainda me restam três ruas para viver; depois ainda essa onde há uma padaria, à direita… e ainda falta chegar à padaria!". Em redor, gente, gritos, alvoroço, dez mil caras, dez mil olhos… É preciso suportar tudo isso e, sobretudo, esta ideia: "Há aqui uns dez mil indivíduos e mais nenhum deles vai ser executado, só e apenas eu!". Mas tudo isso é preliminar. Uma escadinha conduz ao patíbulo e junto dela, de repente, o condenado pôs-se a chorar, ele que era homem forte e viril e fora, segundo diziam, um grande malfeitor. A seu lado seguia, sem separar-se dele durante todo esse tempo, um sacerdote que com ele havia subido à carreta e não parava de lhe falar. De quando em quando ele lhe prestava ouvidos; punha-se a escutá-lo, mas à terceira palavra já nada entendia. Assim tem de ser. Afinal, começou a subir a escadinha; ali lhe amarraram os pés e desde então caminhava já a passo miúdo. O sacerdote, que devia ser um homem de talento, deixou de falar-lhe, limitando-se a dar-lhe a cruz a beijar. Desde que chegou ao pé da escadinha, estava muito pálido e, ao subir ao patíbulo, ficou branco como papel, exatamente como o papel de cartas. Decerto seus pés enfraqueciam e inchavam e atormentava-o certo mal-estar, como sentisse a garganta apertada e coçando. Não

sentiram as senhoras algo assim, quando ficam com medo ou se passam alguns desses minutos atrozes, em que se perde todo o raciocínio e o domínio da própria pessoa? Penso que se, por exemplo, nos ameaçasse uma desgraça inevitável, se uma casa fosse cair-nos em cima, seríamos de repente tomados por uma vontade tremenda de sentar, cobrir os olhos e aguardar… aconteça o que acontecer… Desse mesmo modo pode ter vindo ao réu aquela fraqueza, e a cada passo, e com muita pressa, o sacerdote lhe encostava aos lábios uma cruz (uma cruz pequenina, de prata) e repetia a cada instante, a cada passo, esse gesto. E mal a cruz lhe havia roçado os lábios, abria o homem os olhos e parecia reviver por uns segundos e seus pés voltavam a mover-se. Beijava a cruz com ânsia, com pressa, como se buscasse prover-se depressa sem deixar nada de reserva; mas, em todo caso, naquele instante, demonstrava algo de religioso. E assim foi até a própria prancha… Coisa estranha: são pouquíssimos os que nesses últimos instantes sofrem desmaio. Pelo contrário, a cabeça vive e trabalha, provavelmente, com muita força, como máquina posta em movimento. Imagino que hão de acudir-lhe diversos pensamentos, todos eles incompletos, e pode ser que até pensamentos grotescos, secundários. “Aquele sujeito que me olha… tem uma cara… Aquele botão em baixo do paletó do carrasco está mofado…” E tudo isso é possível imaginar e compreender. Há um pormenor que não é possível esquecer e que é impossível apagar, e tudo se move e gira em torno desse pormenor. E pensar que isto há de ser assim até o último quarto de segundo, quando a cabeça já está no cepo e aguarda… e “sabe”, e, de repente, escuta por cima de si o resvalar do aço! Porque, com toda certeza, há de senti-lo. Creio que se me visse ali estendido trataria expressamente de ouvi-lo e haveria de ouvir. E imaginem: até hoje dura a discussão sobre se a cabeça, ao desprender-se do corpo, ainda que seja por um segundo, pode dar-se conta de que a deceparam… Que ideia! E se fossem não um segundo, porém cinco?… Armam o cadafalso de modo que só se consegue ver com toda a claridade e de perto o último degrau; sobe-o o réu, o rosto branco como papel; o sacerdote mostra-lhe a cruz; ele ansiosamente abre os lábios arroxeados e olha e… tudo sabe. A cruz e a cabeça do condenado: aí tem a senhora um quadro; a figura do sacerdote, o carrasco, seus dois ajudantes e algumas figuras mais abaixo… tudo isso pode representar-se como em terceiro plano entre névoas, como algo acessório… Aí tem a senhora o quadro que eu

lhe dizia.

O príncipe calou-se e olhou para todas.

“Isto, sem dúvida alguma, nada tem que ver com o quietismo”, disse para si Alieksandra.

— Bem, agora me conte como o senhor se apaixonou, — disse Adelaida.

O príncipe olhou-a cheio de admiração.

— Ouça — largou Adelaida, como que à pressa. — Deixe para contar-me depois o quadro de Basileia. Mas agora quero que me explique como se apaixonou. Não venha com desculpas de que não esteve apaixonado. Além do que, há um momento, desde que começou seu relato, deixou o senhor de ser um filósofo.

— Parece que o senhor, ainda bem não acaba de contar uma coisa, envergonha-se de havê-la contado — observou, de repente, Aglaia. — Por que é isso?

— Isso agora é uma estupidez! — sentenciou a generala, fitando Aglaia, com enfado.

— Uma tolice! — assentiu Alieksandra.

— Não lhe faça caso, príncipe — e a generala fitou-o. — Age assim, expressamente, com má intenção. Não é tão mal-educada. Não vá pensar nada de mau pelo fato delas o importunarem desse modo. É certo que são algo doidinhas, mas gostam do senhor. Sei disso pelos seus rostos.

— Eu também percebo pelos rostos — disse o príncipe, acentuando especialmente suas palavras.

— Como é isso? — indagou Adelaida, curiosa.

— Que é que o senhor percebe em nossos rostos? — perguntaram, também curiosas, as outras duas.

Mas o príncipe mantinha-se em silêncio e mostrava-se sério.

Todas aguardavam sua resposta.

— Depois lhes direi — anunciou com muita calma e seriedade.

— Decididamente quer o senhor despertar nosso interesse — exclamou Aglaia. — Quanta solenidade!

— Bem, está bem — apressou-se em dizer de novo Adelaida. — Mas se o senhor é tão bom conhecedor de semblantes, sem dúvida esteve apaixonado. Adivinhei-o naturalmente. Vamos, conte-nos.

— Não estive apaixonado — replicou o príncipe com a mesma alma e seriedade anteriores. — Eu… fui feliz de outro modo.

— Como? De que maneira?

— Bem; vou contar-lhes — declarou o príncipe, como tomado de profunda meditação.

# Capítulo VI

— Se eu não satisfizer a curiosidade com que as senhoras agora olham para mim, certamente haverão de ficar zangadas comigo. Não, falava por brincadeira — apressou-se em acrescentar, com um sorriso. — Ali… ali todos eram meninos e eu passava o tempo todo entre meninos, somente entre meninos. Eram os garotinhos da aldeia, um bando deles, que iam à escola. Não era eu quem lhes ensinava, oh! não! que para isso havia ali um professor, Jules Thibaut. Bem, eu também lhes ensinava algo, mas o mais que fazia era estar com eles e desse modo transcorreram quatro anos. Era isso tudo de quanto eu necessitava. Falava-lhes de tudo, não tinha segredos com eles. Seus pais e parentes acabaram por tomar-me antipatia, porque chegou um momento em que os meninos não podiam passar sem mim e se apinhavam à minha volta de modo que até o próprio professor, por fim, converteu-se em meu maior inimigo. Muitos inimigos surgiram contra mim ali e tudo por causa dos meninos. Até o próprio Schneider me censurava por isso. Por que se assustariam desse modo? Ao menino pode-se dizer tudo… tudo. A mim sempre me chocou a ideia de quão mal conhecemos os meninos, inclusive seus próprios pais. Aos meninos não se deve ocultar nada sob pretexto de serem pequenos e que é demasiado cedo para que aprendam certas coisas. Que ideia mesquinha e infeliz! E como os meninos depressa percebem que seu

pais os têm por demasiado pequenos e incapazes de compreender qualquer coisa, quando na verdade compreendem tudo! A maior parte das pessoas ignora que o menino, até nas questões mais árduas, pode dar conselhos da maior importância. Oh! Deus! Quando olha para a gente essa linda avezinha, confiante e feliz, faz vergonha enganá-la! Chamo-os avezinhas, porque melhor do que o passarinho não há nada, no mundo. Embora, afinal, na aldeia, tivessem ficado embirrados comigo por simples casualidade… no caso de Thibaut havia apenas ódio. A princípio não fazia senão mover a cabeça e maravilhar-se de que os meninos entendessem tudo quanto eu dizia, ao passo que a ele não entendiam quase que de modo algum. Mais adiante, começou a rir de mim, ao dizer-lhe eu que nenhum de nós dois nada ensinávamos aos meninos, eram eles que nos ensinavam. E como podia ele odiar-me e caluniar-me, vivendo como vivia entre meninos! Os meninos curam-nos a alma… Havia ali, na instituição de Schneider, um doente, um homem muito desditoso. Tão espantosa era a sua desgraça que talvez fosse impossível encontrar outra semelhante. Estava ali tratando-se como louco, mas, na minha opinião, não o era, apenas sofria horrivelmente… e nisto consistia toda a sua doença. E se as senhoras soubessem o que, finalmente, chegaram a ser para ele nossos meninos… Mas depois lhes falarei mais detalhadamente desse enfermo. Agora vou apenas contar como começou tudo aquilo. Os meninos, a princípio, não gostavam de mim. Era eu tão grandalhão e tão desajeitado… e reconheço que também sou feio… e além disso eu era estrangeiro. Os meninos, a princípio, zombavam de mim e chegaram a ponto de atirar-me pedras, quando viam que eu beijava Maria. E só uma vez a beijei. Não, não riam — e o príncipe apressou-se em deter o sorriso no rosto de suas ouvintes, — aquilo não era absolutamente amor. Se soubessem quão desgraçada era aquela criatura, sentiriam por ela a mesma compaixão que eu. Era de nossa aldeia. Sua mãe era uma velhinha e vivia num casebre pouco menos que em ruínas, com duas janelas, uma delas com prancha, em virtude de licença das autoridades e por ela negociava a velha, vendendo trancelins, linha, tabaco, sabão, tudo muito barato, e com o produto dessas vendas se mantinha. Estava enferma, com ambos os pés entrevados, ficando sentada sempre no mesmo lugar. Maria era sua filha: uma moça de vinte anos, débil e fraca; havia muito tempo que ficara tuberculosa, mas, apesar disso, ia de casa em casa durante o dia

para fazer trabalhos pesados: passava o esfregão, lavava roupa, varria, recolhia o gado. Um viajante comercial que passou por ali seduziu-a e raptou-a, mas, ao cabo de uma semana, deixou-a sozinha na cidade e partiu às ocultas. Voltou ela para sua casa extenuada, morta de cansaço, toda esfarrapada, com os sapatos furados; caminhara a pé uma semana inteira, pernoitando no campo e apanhara muito frio; trazia os pés chagados, as mãos inchadas e feridas. Aliás, nunca, antes disso, fora bonita; tinha apenas uns olhos mansos, bondosos, inocentes. Era tremendamente melancólica. Uma vez, ainda antes disso, rompeu subitamente a cantar e lembro-me de que todos se maravilharam e puseram-se a rir: "Maria cantando! Como é isso? Maria cantar?" e ela se perturbou de uma maneira terrível e nunca mais abriu os lábios. Por aquele tempo ainda a tratavam com afeto, mas quando voltou, enferma e alquebrada, não houve ninguém que tivesse compaixão dela. Como foram todos cruéis assim fazendo! Quão pouca compaixão demonstraram ter! Sua mãe foi a primeira a recebê-la, com aversão e desprezo: "Trouxeste a desonra à minha casa!". Foi ela também a primeira que a expôs aos murmúrios. Quando na aldeia souberam que Maria havia voltado, todos foram ver Maria e quase toda a aldeia correu ao casebre da velha: anciãos, meninos, mulheres, mocinhas, todos, muito pressurosos, em ávido tropel. Maria estava prostrada no chão, aos pés da velha, famélica e esfarrapada, desfeita em pranto. Quando ali se aglomerou todo o povoado, cobriu-se ela com seus cabelos soltos e assim se inclinou até tocar o chão com a testa. Todos os circunstantes a olhavam como a uma fera: os velhos acusavam-na e censuravam; os jovens zombavam dela; as mulheres a repreendiam e acusavam, olhavam-na com o mesmo desprezo que teriam para com uma aranha. Sua mãe consentia em tudo aquilo e estava ali, sentada, e movia a cabeça em sinal de assentimento, dando alento aos intrusos. Naquela ocasião já estava sua mãe muito doente e quase nas últimas; sabia que ia morrer, mas, apesar de tudo, não queria reconciliar-se com sua filha e não pensou nisto, até a hora de sua morte. Nem sequer lhe dirigia a palavra, punha-a para dormir no celeiro e mal lhe dava comida. Precisava ela que lhe dessem de vez em quando banhos quentes nos pés enfermos. Era Maria quem todos os dias lhe fazia isso e cuidava dela. A velha aceitava todos os seus serviços em silêncio e nem sequer tinha para com ela uma palavra carinhosa. Maria suportava tudo e eu, logo, quando a conheci melhor,

pude observar que ela mesma se considerava a última das criaturas. Quando a velha teve de meter-se definitivamente na cama, foram atendê-la, por turno, segundo é ali costume, todas as velhas do povoado. Então Maria deixou totalmente de alimentar-se e todos a expulsaram da aldeia, nem sequer querendo dar-lhe trabalho como antes. Parecia que todos cuspiam nela e os homens deixaram de considerá-la como uma mulher, tais as grosserias que lhe dirigiam. Às vezes, só de longe em longe, quando os aldeões se embriagavam aos domingos, costumavam atirar-lhe, como uma brincadeira, algum níquel ao chão. Maria, em silêncio, apanhava-o. Já por aquele tempo começou a expectorar sangue. Finalmente, suas roupas reduziram-se a meros farrapos, de modo que sentia vergonha de deixar-se ver no povoado. Andava descalça. E então, toda a gente, sobretudo os meninos, um bando inteiro — haveria uns quarenta deles — deram para zombar dela e até mesmo para atirar-lhe lixo. Rogou ela aos pastores que a deixassem cuidar de suas vacas, mas os pastores a afugentavam com maus modos. Diante disso, ela, sem permissão do pastor, reuniu o rebanho e esteve com ele o dia inteiro no campo. E como dessa forma era de grande utilidade para o pastor, como teve este de reconhecê-lo, deixou de afugentá-la e por vezes até lhe dava as sobras de sua comida: queijo e pão. E achava que isso era uma grande condescendência de sua parte. Ao morrer-lhe a mãe, não teve escrúpulo o ministro evangélico em acusar Maria, na capela, na presença de toda a gente. Maria estava de pé junto ao caixão, vestida com seus farrapos e chorava. Acorreu muita gente a vê-la chorar e acompanhavam o caixão. Então o pastor — era um homem jovem ainda e toda a sua ambição cifrava-se em chegar a ser um grande pregador — dirigiu-se aos presentes e, apontando para Maria, disse: “Aí tendes a causadora da morte dessa respeitável senhora — o que não era verdade, pois havia já dois anos que a finada andava bastante doente — aí a tendes, diante de vós, e não se atreve a levantar a vista porque está assinalada pelo dedo de Deus; aí a tendes, descalça e andrajosa, para exemplo dos que abandonam a senda da virtude. Quem é essa mulher?… Justamente a filha dela!”. E sempre neste estilo. E imaginem as senhoras: essa ruindade agradou a todos. Mas… aqui se atravessa minha história pessoal, aqui intervêm os meninos, porque naquele tempo os meninos já estavam todos de minha parte e tinham começado a tomar carinho por Maria. Verão como foi. Queria

eu fazer algo em favor de Maria. Estava muito necessitada de dinheiro, mas eu nunca tinha em meu poder nem mesmo um copeque. Possuía um alfinetezinho de brilhantes, e então vendi-o, a um comerciante, que andava pelas aldeias e comprava roupa velha. Deu-me oito francos pelo alfinete, quando, na verdade, valia quarenta. Por muito tempo fiz o possível para encontrar-me a sós com Maria, até que, finalmente, nos encontramos fora do povoado, no campo, na base da montanha, junto a uma árvore. Dei-lhe então os oito francos, dizendo-lhe que os poupasse, pois nada mais me restava. Depois dei-lhe um beijo e roguei-lhe que não fosse imaginar que tivesse eu alguma má intenção e que se a beijava não era porque estivesse enamorado dela, mas porque me inspirava muita compaixão e nunca, desde o primeiro instante, a havia considerado culpada, mas apenas desgraçada. Estava ansioso por consolá-la e convencê-la de que não devia achar-se tão ruim perante os demais, mas, ao que parece, ela não conseguiu compreender-me. Imediatamente o percebi, embora todo o tempo ela tivesse permanecido diante de mim em silêncio, de olhar preso no chão e muito envergonhada. Quando acabei de falar, beijou-me a mão e então peguei-lhe também a mão e a quis beijar, ela, porém, deu-se pressa em retirá-la. De repente, naquele instante, aconteceu que os meninos me vissem, uma tropa inteira; depois vim a saber que me estavam observando desde muito tempo. Começaram a assobiar, a bater palmas e a rir-se, e Maria afastou-se, correndo. Quis falar-lhes, porém eles se puseram a atirar-me pedras. Naquele mesmo dia toda a gente, todo o povoado, soube do que ocorreu; todos se voltaram de novo contra Maria, extremando seu ódio contra ela. Chegou até mesmo aos meus ouvidos o rumor de que queriam condená-la a um castigo, mas, louvado seja Deus! tal não aconteceu. Depois disso, os meninos já não lhe davam trégua: deram maior força a seus insultos até lhe atiravam fogo. Fustigavam-na e ela corria, fugindo deles sem fôlego, por causa de seus pulmões enfermos, e eles a perseguiam, aos gritos, e injuriando-a. Uma vez, eu mesmo tive de lutar com eles, depois comecei a falar-lhes, a falar-lhes todos os dias; sempre que achava ocasião. Eles por, vezes se detinham e me escutavam; embora sem deixar de insultar-me. Contei-lhes então quão desfigurada era Maria; não tardaram em suspender seus insultos e afastaram-se em silêncio. Pouco a pouco fomos entabulando diálogo eu não lhes escondi coisa alguma: contei-lhes tudo. Escutaram-me com

muita curiosidade, e não tardaram em ter pena de Maria. Alguns ao encontrar-se com ela, deram para saudá-la com afeto. É costume ali, quando duas pessoas se encontram — amigos ou desconhecidos — cumprimentarem-se e dizerem: “Bom dia”. Imagino o assombro de Maria. Uma vez, duas meninas arranjaram comida e levaram para ela; entregaram-na e voltaram, depois vieram me contar. Diziam que Maria se pusera a chorar e que agora elas lhe queriam muito. Bem depressa começaram todos a ter carinho para com ela e, ao mesmo tempo, tomaram carinho também por mim. Deram de vir me ver com frequência e pediam-me que lhes contasse histórias. Parece que eu tinha jeito para isso, pois viviam loucos para me escutar. E então me instruí e li somente para depois contar tudo a eles e assim, por espaço de três anos, estive a narrar-lhes coisas. Quando, depois, toda a gente me acusou, inclusive Schneider, por falar com eles como com pessoas adultas e não lhes esconder nada, respondi-lhes que sentia vergonha em mentir para eles que, sem necessidade disso, já sabiam de tudo, sem que houvesse para eles segredos; mas que não sabiam direito e eu não queriam fossem enganados desse modo. Bastaria apenas que cada um se lembrasse de que já tinha sido menino. Eles não se conformaram… Dei um beijo em Maria duas semanas antes que lhe morresse a mãe; quando o pastor evangélico se lançou a pronunciar aquela homilia, já todos os meninos estavam de meu lado. Fui imediatamente encontrá-los e contei e expliquei a conduta do pastor; todos se zangaram contra ele e alguns chegaram ao extremo de ir quebrar-lhe a pedradas os vidros das janelas. Contive-os porque aquilo já andava mal. Mas em seguida souberam todos no povoado do ocorrido e logo começam pôr em mim a culpa; acusando-me de corromper os meninos. Logo que todos souberam que os meninos gostavam de Maria e ficaram muito assustados; mas Maria se sentia feliz. Proibiram aos meninos que até mesmo a encontrassem, mas iam eles, às escondidas, procurá-la no pasto, bastante longe, quase a meia versta de distância do povoado. Levavam-lhe comida. Mas alguns iam simplesmente para abraçá-la, beijá-la e dizer-lhe: “*Je vous aime, Marie*!” e depois voltarem correndo à aldeia. Maria por pouco não perdeu o juízo por efeito de felicidade tão repentina. Nem sequer sonharia tal coisa. Ficava confusa e se alegrava e, sobretudo, queriam os meninos, e mais que eles as meninas, correr a vê-la para dizer-lhe que eu gostava dela e lhes falava muito a seu respeito. Contavam que

eu lhes havia dito tudo e que agora a estimavam e tinham pena dela e seria sempre assim. Depois vinham me procurar e era para ver as carinhas alegres e solícitas com que me contavam que acabavam de estar com Maria e que Maria me enviava saudações por intermédio deles. De noite, eu caminhava até a cascata; havia ali um lugar inteiramente coberto por todos os lados de árvores e em torno do qual medravam álamos; ali eles iam à noite para me encontrar, alguns até às escondidas. Acho que, para eles, o amor que acreditavam existir entre Maria e eu dava um enorme prazer e nisso, unicamente, durante todo o tempo que vivi ali, os enganei. Não tratei de convencê-los de que de modo algum amava Maria, isto é, que não estava enamorado dela, que tão somente me inspirava uma grande compaixão. Tudo me indicava que eles preferiam que fosse o que haviam imaginado e dado por certo entre nós. De modo que optei por calar-me e dar a entender que tinham adivinhado a verdade. E a que ponto eram delicados e ternos aqueles coraçõezinhos! Parecia-lhes, entre outras coisas, impossível que seu bom Liev amasse daquele modo Maria e Maria andasse tão mal vestida e descalça. E imaginem as senhoras: trataram de arranjar-lhe sapatos e meias e roupa de baixo e até enfeites. Como se arranjaram para tal, não sei explicar todo o grupo trabalhou em conjunto. Às perguntas que lhes fiz, limitaram-se a rir, enquanto as meninas batiam palmas e me enchiam de beijos. Eu, algumas vezes, ia também, às ocultas, encontrar Maria. Estava muito doente e mal saía; afinal, deixou de servir ao pastor mas, apesar disso, todas as manhãs saía com o gado. Sentava-se a um lado; ali, numa rocha a pique, quase perpendicular, havia uma saliência; sentava-se lá no fundo, às escondidas de todos, numa pedra e ali ficava, imóvel, o dia inteiro, desde a manhã até a hora de voltar com o gado. Estava já tão débil por efeito da tísica, que costumava sentar-se sempre de olhos fechados, com a cabeça recostada na rocha, e ficar adormecida, respirando dificultosamente. Seu rosto ficara tão magro que só restavam os ossos e. o suor corria-lhe pela testa e pelas faces. Assim a encontrava eu sempre. Ia vê-la um instante, pois não queria que me vissem. Mal eu aparecia, Maria tinha um sobressalto, abria os olhos e tratava de beijar-me as mãos. Eu não impedia que o fizesse, porque sabia que aquilo a tornava feliz. Durante todo o tempo que eu ali permanecia, ela não fazia outra coisa a não ser tremer, e chorar. É certo que, por vezes, rompia a falar, mas era difícil entendê-la.

Costumava mostrar-se como que alucinada, presa de emoção e de entusiasmo enormes. Por vezes as crianças me acompanhavam. Em tais ocasiões, ficavam um pouco à distância e dali punham-se a vigiar-nos contra qualquer contratempo, o que para eles representava extraordinário prazer. Quando regressávamos, Maria ficava de novo só, imóvel, como dantes, com os olhos fechados e a cabeça reclinada na rocha. É possível que sonhasse com alguma coisa. Certa manhã já não pôde sair com o gado e ficou em sua casa vazia. Os meninos logo souberam disso, e quase todos foram visitá-la naquele dia. Jazia em seu catre, só, sozinha. Dois dias estiveram cuidando dela apenas alguns meninos, por turno; mas depois, quando se soube no povoado que Maria estava realmente nas últimas, começaram a acorrer à sua cabeceira as velhas da aldeia. Agora, ao que parecia, já tinham dó de Maria. Pelo menos já não seguravam os meninos, nem os repreendiam como antes. Maria permanecia todo o tempo numa modorra, tinha um sono inquieto, tossia horrivelmente. As velhas punham os meninos para fora, mas estes corriam para o pé da janela, às vezes só por um instante, para dizer apenas: "*Bonjour, notre bonne Marie*!". E ela nem bem os via ou ouvia, reanimava-se imediatamente e, sem fazer caso das velhas, levantava-se em seu leito, apoiando-se nos cotovelos, e fazia-lhes sinais com a cabeça, agradecendo-lhes. Como outrora, eles levavam-lhe comida; ela, porém, mal provava um bocado. Graças a eles, asseguro-lhes, morreu quase feliz. Graças a eles, esquecia-se de sua negra desgraça, considerava-se perdoada por eles, pois até o último instante considerou-se uma grande pecadora. Eles, como passarinhos, batiam com suas asinhas em sua janela e gritavam-lhe todas as manhãs: "*Nous t'aimons, Marie*!". Pouco tardou a morrer. Pensava eu que teria de viver muito mais. Na véspera de sua morte, antes do pôr do sol, fui vê-la. Pareceu conhecer-me e eu, pela derradeira vez, apertei-lhe a mão. Quão descarnados lhe haviam ficado os dedos! E eis que, de repente, no outro dia de manhã, vêm dizer-me que Maria havia morrido. Foi então impossível conter os meninos: cobriram o caixão todo de flores e puseram uma grinalda na fronte de Maria. O pastor, na igreja, não difamou a morta, embora ao enterro tivesse acorrido muito pouca gente e alguns apenas por curiosidade. Mas na hora de levar o caixão, os meninos, todos em disputa, queriam carregá-lo. Mas como era pesado, limitaram-se a ajudar e todos o iam seguindo e chorando. Até hoje a pequena

sepultura de Maria é constantemente venerada pelos meninos que, todos os anos, a cobrem de flores, e plantaram roseiras em torno dela. Mas, por ocasião daquele enterro, iniciou-se a principal perseguição de todo o povoado contra mim por causa das crianças. Os principais instigadores foram o pastor evangélico e o mestre-escola. Proibiram terminantemente aos meninos até mesmo que se encontrassem comigo e Schneider comprometeu-se a velar para que assim ocorresse. Mas, apesar de tudo, nos víamos e de longe nos entendíamos por acenos. Eles me enviavam cartinhas. Depois tudo veio a arranjar-se. Mas naquela ocasião foi até muito agradável: graças àquela perseguição os meninos se aproximaram mais de mim. No último ano quase me reconciliei com Thibaut e com o pastor. Mas Schneider falava-me pelos cotovelos e discutia comigo a respeito de meu — nocivo sistema de tratar as crianças. Como se eu tivesse um sistema!… Afinal, Schneider manifestou-me um pensamento seu muito estranho — era nas vésperas de minha partida e me disse que via com assombro que eu era uma perfeita criança, isto é, um menino sem mais nem menos; que somente no corpo e no rosto me parecia eu com adultos, mas que quanto ao desenvolvimento mental, à alma, ao caráter e talvez mesmo à inteligência, não chegara a ser adulto, e nesse estado permaneceria, mesmo supondo-se que vivesse setenta anos. Dei muita risada. Ele, sem dúvida, não tinha razão. Por que hei de ser um menino? Mas só numa coisa estava certo e é que no íntimo não me agrada o trato com os adultos, com os homens, com as pessoas maiores — há muito tempo que me dei conta disso — não me agrada, sem saber por que. Digam o que me disserem, por mais bondosos que se mostrem para comigo, nunca me acho à vontade com eles e alegro-me indizivelmente quando posso ir reunir-me depois a meus companheirinhos e meus companheirinhos sempre foram as crianças. Mas não porque eu seja uma criança, mas porque simplesmente, os meninos me atraem. Quando eu, ainda no começo de minha estada na aldeia — quando ia falar sozinho na montanha, — quando eu, sonhando sozinho, encontrava-me às vezes com eles, principalmente ali pelo meio-dia, quando saía da escola toda aquela chusma de meninos que corriam com suas pequenas pastas e suas lousas, gritando, rindo, brincando, minha alma toda lhes ia atrás. Não sei, mas o certo é que experimentava uma sensação extraordinariamente poderosa de felicidade sempre que os encontrava. Parava e começava

a rir, de puro contentamento ao ver seus os pezinhos inquietos e sempre saltitantes, de meninos e meninas, que corriam em bando. Suas risadas e suas lágrimas (porque muitas vezes brigavam uns com os outros e se punham a chorar, e de novo faziam as pazes e reatavam seus brinquedos, até que da escola chegavam a suas casas), e naqueles instantes esquecia-me de toda a minha dor. Depois, durante todos aqueles três anos, não era capaz de entender que houvesse alguém triste, nem que tivesse motivo para isso. Todo meu destino ia atrás deles. Nunca pensava que tivesse de abandonar a aldeia e jamais me passava pela imaginação que tivesse de voltar algum dia aqui para a Rússia. Parecia-me que nunca haveria de sair dali. Mas tive que perceber, afinal, de que Schneider não podia continuar me sustentando e, além disso, a coisa se tornara, ao que parece, tão séria que o próprio Schneider insistiu comigo para que partisse e garantiu aos outros que eu partiria. Hei de ver o que há nisso e procurarei alguém com quem aconselhar-me. É possível que toda e minha vida vá mudar, mas não é isso o principal. O principal é que também toda a minha vida já mudou. Deixei ali muitas coisas… demasiadas coisas. Tudo se desfez. Ao subir ao trem disse a mim mesmo: "Agora vou viver entre pessoas. É muito possível que não saiba nada mas uma nova vida começou". Resolvi cumprir minha obrigação honrada e corajosamente. Talvez, viver em sociedade acabe ficando pesado e aborrecido para mim. Em primeiro lugar, tomei o propósito de ser para com toda a gente muito amável e sincero. Ninguém esperará mais do que isso de mim. É possível que aqui me tomem também por uma criança… mas não importa. Por alguma razão; têm-me todos por idiota e efetivamente, por vezes estive tão doente que quase pareci um idiota. Mas, como posso ser considerado um idiota agora que sou capaz de compreender que me têm por idiota? De modo que digo a mim mesmo: "Têm-me como idiota e, apesar disso, sou inteligente, e eles não o percebem". Este pensamento tem-me ocorrido com frequência. Quando em Berlim recebi algumas cartas que aqueles meninos acharam jeito de me escrever, foi que me dei conta de todo o carinho que tinha por eles. Que dor ao receber a primeira carta! Que dor a deles, quando souberam que eu partia! Um mês antes de minha partida já haviam começado a suspirar. "*Léon s'en va, Léon s'en va pour toujours*!"[15] Todas as noites nos reuníamos, como outrora, ao pé da cascata, e não falávamos de outra coisa senão de nossa separação. Por

vezes ficávamos tão contentes como dantes, somente, ao despedirem-se, depois, de mim, abraçavam-me com vigor e força, coisa que antes não faziam. Alguns iam procurar-me às ocultas de todos, a sós, unicamente para abraçar-me e beijar-me, os dois sozinhos. Ao empreender minha viagem todos, a tropa inteira, acompanharam-me até a estação. A estação da estrada de ferro estava aproximadamente à distância de uma versta do povoado. Todos eles esforçavam-se para não chorar, mas foram muitos os que não puderam conter-se e romperam em ruidoso pranto, sobretudo as meninas. Íamos depressa para não chegar atrasados, mas, de repente, algum do grupo dirigia-se a mim em meio do caminho; deitava-me os braços ao pescoço e me beijava e só para isso detinham-se os demais e embora estivéssemos com pressa, todos paravam e aguardavam que aquele tal se despedisse. Ao subir ao trem, quando este se pôs em movimento, todos gritaram para mim: "Hurra!", e durante longo tempo permaneceram ali, até que o trem partiu de todo. Eu também os contemplava… Vejam as senhoras: ao entrar aqui, há pouco; e olhar-lhes os rostos simpáticos — e agora reparo muito nos rostos; — e ouvir-lhes as primeiras palavras, pela primeira vez, desde aquele instante, meu coração desafogou-se. Já pensava eu, há pouco, que poderia muito bem me incluir no número dos felizes, porque me consta que a gente não encontra, logo da primeira vez aquelas pessoas a quem há de amar depois e, no entanto, encontrei-as às senhoras, assim que cheguei do trem. Sei de sobra que não fica bem falar dos sentimentos próprios e, não obstante falo deles com as senhoras e não me sinto envergonhado. Sou pouco sociável e é possível que não torne a vê-las por muito tempo. Mas não levem a mal isto que lhes estou dizendo. Não quero dizer com isso que não as estime, nem tampouco tive a menor intenção de ofendê-las. Perguntavam as senhoras o que percebo em seus rostos. Pois vou ter grande satisfação em dizê-lo. A senhorita, Adelaida Ivânovna, tem um rosto feliz, é o mais simpático de todos três. Prescindindo do fato de que é bastante formosa, a gente a olha e diz: "Tem cara de irmãzinha boa". Parece ingênua e alegre, mas sabe ir logo ao fundo dos corações. Eis o que penso de seu rosto. A senhorita, Alieksandra Ivânovna, tem também um rosto formosíssimo e muito simpático; mas é possível que guarde algum pesar secreto. Tem, sem dúvida, uma alma boníssima, mas não é jovial. Tem em seu rosto um brilho especial, semelhante ao da *Madonna* de Holbein, que

se conserva em Dresden. Bem, já sabe o que penso de seu rosto. Sou bom adivinho? As senhoritas mesmas me têm em conta de vidente. Quanto a seu rosto, Lisavieta Prokófievna — disse, fitando de repente a generala, — quanto a seu rosto, não só me parece, mas estou até convencido, simplesmente, de que é a senhora uma verdadeira menina, em tudo, em tudo, em tudo, no bem e no mal, apesar da idade que tem. Mas não é verdade que não se zangará comigo porque lhe falo assim? Porque a senhora já sabe o conceito em que tenho os meninos. E não vá crer que lhe falei por simples candura, com tal franqueza, de seu rosto. Oh! não, absolutamente, não! Talvez tenha minha própria ideia ao fazer isso.

## Capítulo VII

Depois que o príncipe se calou, todas o olharam com alegria, até a própria Aglaia, mas sobretudo Lisavieta Prokófievna.

— Que bem nos examinou a todas! — exclamou. — Vocês, meninas, pensavam que iam tomar conta dele como de um pobrezinho e ele mal se digna aceitar a amizade da gente e isto mesmo impondo a cláusula de que só aparecerá por aqui uma tarde ou outra. Disto resulta que as tolas somos nós e pior que todos Ivan Fiódorovitch. Na verdade, príncipe, fomos nós que há pouco lhe ordenamos que nos passasse em revista. E no que toca ao que disse do meu rosto, é absolutamente certo: sou uma menina, sei disso. Antes do senhor, eu já sabia. Mas o senhor exprimiu meu pensamento com uma só palavra. Acho que seu caráter tem muito que ver com o meu e o estimo muito: como duas gotas d'água. Somente, o senhor é homem e eu mulher e não estive na Suíça: eis toda a diferença.

— Não se apresse, mamãe — exclamou Aglaia. — O príncipe diz que, em todas as suas manifestações, tinha uma ideia especial e que não falou ingenuamente.

— Sim, sim — e as outras riram.

— Não zombem, minhas queridas, pois é possível que seja ele mais inteligente do que vocês todas juntas. Hão de ver. Mas como é,

príncipe, que nada diz de Aglaia? Aglaia está esperando e eu também.

— Nada posso dizer agora. Falarei mais tarde.

— Por quê? Por acaso nada tem de particular?

— Oh! sim! Como não tem? É a senhorita uma beleza perfeita Aglaia Ivânovna. É tão bela, que faz medo olhá-la.

— Nada mais? E as condições morais? — insistiu a generala.

— Quanto à beleza, é difícil julgar. Não estou ainda preparado. A beleza… é um enigma.

— Isto quer dizer que o senhor adivinhou que Aglaia é uma adivinhação disse Adelaida. — Pois decifra-nos o enigma, Aglaia. Mas é bela, príncipe, é bela?

— Extraordinariamente! — replicou o príncipe, com veemência, olhando, encantado, para Aglaia. — Quase tanto como Nastássia Filípovna, embora tenha um rosto totalmente diferente!

Todas se entreolharam, admiradas.

— Como que… em? — gaguejou a generala. — Como Nastássia Filípovna?… Mas onde viu o senhor Nastássia Filípovna? Quem é essa Nastássia Filípovna?

— Há pouco Gavrila Ardaliónovitch estava mostrando o retrato dela a Ivan Fiódorovitch.

— Mas como? Trouxe o retrato dela para Ivan Fiódorovitch?

— Para mostrá-lo. Nastássia Filípovna ofereceu hoje a Gavrila Ardaliónovitch seu retrato e aquele trouxe-o cá para mostrá-lo.

— Ah! pois eu o quero ver! — exclamou a generala. — Onde está esse retrato? Uma vez que lhe ofereceu, ele sem dúvida ainda o tem e, portanto, há de estar ainda em seu gabinete. Nas quartas-feiras sempre vem ao escritório e nunca se retira antes das quatro. Chamem agora mesmo Gavrila Ardaliónovitch. Mas não. Não morro de vontade de vê-lo. Faça o senhor o favor, meu caro príncipe, de ir ao gabinete, pegar

o retrato e trazê-lo para mim. Diga-lhe que o queremos ver. Faça o favor.

— Bem; isto já é demasiada candura — disse Adelaida, assim que o príncipe saiu.

— Sim, demasiada — assentiu Alieksandra. — Tanta que até chega a ser um tanto grotesca.

E nenhuma das duas pareceu acabar de exprimir seu pensamento por inteiro.

— Aliás, portou-se muito bem no que se refere aos nossos rostos — disse Aglaia. — Mostrou-se muito lisonjeiro para com todas, inclusive para com mamãe.

— Não digas gracinhas, por favor — exclamou a generala. — Não é que ele tenha me lisonjeado, mas eu é que me sinto lisonjeada.

— Acreditas que ele soube sair-se bem da situação? — indagou Adelaida.

— Acho que ele não é tão ingênuo.

— Ora! Com efeito! — e a generala aborreceu-se. — Na minha opinião, vocês ainda são mais dignas de riso que ele. É um ingênuo, mas tem talento, no sentido mais nobre da palavra, naturalmente. A mesmíssima coisa que eu.

“Foi sem dúvida muito mal ter eu feito menção do retrato — pensou o príncipe, enquanto se encaminhava para o gabinete e sentiu certo remorso de consciência. — Mas… mas também é possível que haja feito bem ao mencioná-lo…” Começava a rondar-lhe a mente uma ideia estranha, aliás ainda de todo imprecisa.

Gavrila Ardaliónovitch estava ainda no escritório e completamente mergulhado em seus papéis. Era certamente verdade que não ganhava em vão o ordenado que cobrava da Sociedade por Ações. Emocionou-se de um modo horrível, quando o príncipe lhe pediu o retrato e explicou-lhe como tinham notícia dele lá dentro.

— Ah… ah… ah! E para que foi o senhor dizer-lhes isso? — exclamou furioso. — Não tem a menor ideia de nada… Idiota! — resmungou entre dentes.

— Fui culpado, mas sem a menor intenção. Escapou-me aquilo. Dissera que Aglaia era quase tão bonita como Nastássia Filípovna.

Gânia rogou-lhe que lhe fornecesse detalhes do sucedido. O príncipe fez isso. Gânia voltou a olhá-lo zombeteiramente.

— Sempre essa Nastássia Filípovna… — resmungou, mas, sem acabar a frase, ficou pensativo. Estava visivelmente-inquieto. O príncipe lembrou-lhe o retrato. — Faça o favor; príncipe — disse-lhe, de repente, Gânia, como que assaltado de súbita ideia. — Tenho um pedido enorme para lhe fazer. Mas, verdadeiramente, não sei…

Atrapalhou-se e não rematou a frase; parecia estar meditando uma resolução e lutar consigo mesmo. O príncipe aguardava em silêncio. Gânia tornou a fixar nele seu olhar atento, escrutador.

— Príncipe — começou de novo, — lá dentro, a mim, agora… por uma circunstância inteiramente estranha… e ridícula… e da qual não tenho culpa… Bem; nada, isso é demais… Lá dentro, agora, segundo parece, estão com um pouco de raiva de mim, tanto que eu, desde algum tempo, não desejo ir lá, a não ser que me chamem. Tenho agora uma necessidade horrível de falar com Aglaia Ivânovna. Na previsão do que pudesse ocorrer, escrevi-lhe umas linhas — em suas mãos apareceu de repente um papelzinho dobrado, — e veja, não sei como enviá-las. O senhor não quer príncipe, encarregar-se de entregá-las agora mesmo a Aglaia Ivânovna, mas sem, claro, que ninguém perceba, compreende? Deus bem sabe que não se trata de nenhum segredo, que não há nada disso aqui… Mas… o senhor o fará?

— Não me agrada nada fazê-lo — respondeu o príncipe.

— Ah! príncipe! se o senhor visse que necessidade tenho disso!… — implorou Gânia. — É possível que ela responda… O senhor pode acreditar que só num caso extremo, perfeitamente extremo, poderia eu dirigir-me… Por quem enviar a carta?… Trata-se de algo muito importante… De enorme importância para mim.

Tinha Gânia um medo horrível de que o príncipe não quisesse satisfazê-lo e com tímida imploração fitava-lhe os olhos.

— Certo, vou entregá-la.

— Mas faça-o de modo que ninguém o perceba — rogou-lhe o alvoroçado Gânia. — E saiba-o, príncipe, confio em sua palavra de honra; não é verdade?

— Não a mostrarei a ninguém — disse o príncipe:

— A carta não está fechada, mas… — disse Gânia, demasiado inquieto e deteve-se; confuso.

— Oh! não vou lê-la! — replicou o príncipe, com absoluta simplicidade e, pegando o retrato, saiu do escritório.

Ao ficar só, Gânia levou as mãos à cabeça.

— Uma só palavra sua e, verdadeiramente, eu rompa talvez!

Não podia voltar a ocupar-se com seus papéis, tal sua agitação e expectativa, começou a dar voltas pelo gabinete, de um extremo a outro.

O príncipe saiu dali pensativo; causara-lhe uma impressão desagradável. aquele encargo e não menos desagrado a ideia de que Gânia escrevesse a Aglaia. Mal havia atravessado duas peças rumo à saleta, deteve-se, de repente, como se lembrasse alguma coisa. Correu a vista em redor, aproximou-se de uma janela, procurando mais luz e pôs-se a contemplar o retrato de Nastássia Filípovna.

Parecia querer adivinhar algo oculto naquele rosto e que antes já lhe causara impressão. A impressão recente quase não se havia desvanecido e agora tinha pressa em renová-la. Aquele rosto, extraordinário pela sua beleza e também por algo mais, causou-lhe ainda maior impressão. Algo assim, como orgulho e desdém ilimitados, e até ódio, havia naquele semblante, e ao mesmo tempo algo de confiante, de prodigiosamente ingênuo; esse contraste inspirava algo assim como piedade ao olhar aquele retrato. Aquela beleza ofuscante era também insuportável, aquela beleza de um rosto

pálido, de faces um pouco cavadas e olhos de fogo. Estranha beleza! O príncipe contemplou-a um instante; depois, de repente, estremeceu, olhou em torno de si, levou o retrato aos lábios e beijou-o. Ao entrar, um minuto depois, na sua saleta, mostrava um rosto totalmente sereno.

Mas nem bem havia posto pé na sala de jantar (separado ainda da sala por outra peça) encontrou-se, sem mais nem menos, na porta, com Aglaia que saía. Estava sozinha.

— Gavrila Ardaliónovitch rogou-me que lhe entregasse — disse o príncipe dando-lhe a carta.

Aglaia deteve-se, tomou a carta e olhou de modo estranho o príncipe. Não havia em seus olhos a menor perturbação, talvez unicamente certo assombro relacionado, ao que parece, com o príncipe apenas. Com seu olhar, Aglaia parecia pedir-lhe contas… Como aparecia ele naquele assunto em convivência com Gânia?… E pedia de um modo altivo e tranquilo. Permaneceram em pé dois ou três minutos, um em frente ao outro; finalmente, algo de sarcástico pareceu assomar-lhe ao rosto; sorriu ligeiramente e foi saindo.

A generala, em silêncio e com leve tom de indiferença, esteve um instante olhando o retrato de Nastássia Filípovna, que conservava diante de si, com a mão estendida, a grande e efetiva distância dos olhos.

— Sim, é bonita — declarou finalmente. — Muito bonita. Via-a um par de vezes, mas só de longe. De modo que o senhor aprecia tanto uma beleza assim? — e fitou de repente o príncipe.

— Sim — respondeu ele, violentando-se um pouco.

— Precisamente como esta?

— Precisamente assim.

— Por quê?

— Ora, porque nesse rosto… há muita dor… — declarou o príncipe, como que involuntariamente, como se falando consigo

mesmo e não respondendo à pergunta.

— Aliás, é possível que o senhor esteja delirando — decidiu a generala e, com gesto arrogante, deixou cair o retrato sobre a mesa.

Alieksandra pegou-o, Adelaida aproximou-se dela e ambas estiveram a examiná-lo. Naquele instante Aglaia voltou de novo à sala.

— Que poder! — exclamou, de repente, Adelaida, contemplando, avidamente, o retrato, por cima do ombro de sua irmã.

— Onde? Que poder? — inquiriu, cortante, Lisavieta Prokófievna.

— Ora essa beleza… é o poder — disse Adelaida com veemência. — Uma beleza assim pode revolver o mundo!

Aproximou-se, pensativa, de seu cavalete. Aglaia olhou o retrato apenas um momento, franziu o cenho, estendeu o lábio inferior, afastou-se e sentou-se a um lado, com as mãos juntas.

A generala tocou a campainha.

— Vá chamar Gavrila Ardaliónovitch. Está no escritório — ordenou ela ao criado que acudiu ao seu chamado.

— *Mamacha*!… — exclamou significativamente Alieksandra.

— Quero dizer-lhe duas palavras… e basta! — sentenciou rapidamente a generala atalhando as objeções. Estava visivelmente nervosa. — Nesta casa, já está o senhor vendo, príncipe, tudo se torna agora segredos. Tudo segredos! Assim o exige a etiqueta, uma coisa estúpida. E isto tratando-se de um assunto no qual, mais do que nada, se requerem sinceridade franqueza, honradez. Agora estão arranjando casamentos. Esses casamentos não me agradam.

— *Mamacha*, que está a senhora dizendo? — e Alieksandra tratou outra vez de contê-la.

— Que te importa a ti, minha filha? Será que te agradam a ti? E que tem de particular que o príncipe me ouça, uma vez que somos amigos? Eu, pelo menos, sou sua amiga. Deus procura as criaturas

boas; sem dúvida alguma, pois as más e voluntariosas para nada as quer. Sobretudo as voluntariosas que hoje concordam com uma coisa e amanhã pensam o contrário. Compreendes, Alieksandra Ivânovna? Dizem elas, príncipe, que sou uma excêntrica, mas sei distinguir. Porque o coração é o principal e o demais é absurdo. Também a inteligência é necessária, naturalmente… talvez fosse a inteligência também o principal. Para de rir, Aglaia, que não me contradigo. O burro com coração e sem inteligência é um burro tão infeliz como o burro com inteligência e sem coração. É uma verdade rançosa. Sou uma burra com coração e sem inteligência e tu és uma burra com inteligência, mas sem coração: somos infelizes, as duas, sofremos, as duas.

— Por que é a senhora tão infeliz, *mamacha*? — disse, sem poder conter-se, Adelaida, que era a única de todos os presentes que não se achava em disposição de ânimo jovial.

— Em primeiro lugar, porque tenho umas filhas cultas — declarou a generala, — e como isto por si só já é bastante, não é preciso estender-me a respeito do demais. Já falamos de sobra. Haveremos de ver como vocês duas (não conto Aglaia), com seu talento e eloquência, sairão da situação, e se tu, minha estimadíssima Alieksandra Ivânovna, és feliz com teu honradíssimo senhor… Ah! — exclamou, ao ver Gânia entrar — Aqui temos outro partidário do casamento. Bom dia — disse, respondendo ao cumprimento de Gânia e sem convidá-lo a sentar. — É favorável ao matrimônio?

— Ao matrimônio?… Como?… A que matrimônio?… — balbuciou, desconcertado, Gavrila Ardaliónovitch. Estava tremendamente atrapalhado.

— Vai casar? Eu lhe pergunto se prefere esta expressão.

— Não… eu… não…! — mentiu Gavrila Ardaliónovitch e um rubor de vergonha subiu-lhe ao rosto. Lançou um rápido olhar para Aglaia, que estava sentada de parte, mas imediatamente desviou dela a vista. Aglaia, friamente, atentamente, fitou-o, sem desviar dele o olhar, e pôde verificar lhe a confusão.

— Não, o quê? O senhor disse que não? — perguntou-lhe,

altivamente, a implacável Lisavieta Prokófievna. — Está bem, basta. Haverei de recordar-lhe a tempo devido que hoje, quarta-feira, pela manhã, respondeu o senhor não à minha pergunta. Não estamos hoje numa quarta-feira?

— Creio que sim, mamãe — respondeu Adelaida.

— Nunca sabem que dia é. E a quantos estamos?

— A vinte e sete — respondeu Gânia.

— A vinte e sete? Está bem, a respeito de certa coisa. Vá-se, com Deus, que, pelo visto, o senhor tem muito que fazer e para mim já é hora de vestir-me e sair. Tome seu retrato. Transmita minhas saudações à infeliz Nina Alieksándrovna. Até a vista, meu caro príncipe. Venha ver-nos com frequência. Vou diretamente ter com a velha Bielokónskaia para falar-lhe a seu respeito. E escute, meu caro, creio que Deus o enviou para meu bem, da Suíça para Petersburgo. O senhor talvez tenha outra missão, mas a principal é para mim. Deus foi quem assim o dispôs. Até logo, queridas! Alieksandra, venha comigo, meu bem!

A generala saiu. Gânia, desconcertado, atrapalhado, furioso, pegou o retrato de cima da mesa e, com sorriso crispado, encarou o príncipe.

— Príncipe, vou agora para casa. Se é que persiste o senhor na ideia de ir morar conosco, pode acompanhar-me, já que não conhece o endereço.

— Um momento, príncipe — disse Aglaia, levantando-se, de repente, de sua cadeira. — Antes o senhor terá de escrever algo no álbum para mim. Papai disse que o senhor era calígrafo. Trago-o agora mesmo.

E saiu.

— Até a vista, príncipe, eu também me vou — disse Adelaida. Apertou fortemente a mão do príncipe, sorriu-lhe cortês e afetuosa e retirou-se. A Gânia não lançou nem sequer um olhar.

— Foi o senhor — disse Gânia, rangendo os dentes e encarando o príncipe, assim que as jovens saíram, — foi o senhor quem andou batendo com os dentes a respeito de meu casamento! — resmungou rapidamente, em voz baixa, com cara de raiva e lançando fogo mau pelos olhos. — O senhor é um desavergonhado charlatão!

— Asseguro-lhe que está equivocado — replicou-lhe o príncipe, tranquila e cortesmente. — Eu ignorava que o senhor fosse casar.

— O senhor ouviu há pouco Ivan Fiódorovitch dizer que esta noite se decidiria tudo em casa de Nastássia Filípovna e veio contar tudo a elas! O senhor mente! Como, senão pelo senhor, poderiam elas vir a saber? Quem senão o senhor, leve-o o diabo, pôde dizer isso a elas? A velha não insinuou algo nesse sentido?

— O senhor faria melhor se averiguasse quem disse, já que lhe pareceu perceber essas indiretas, porque no que me diz respeito, não disse uma palavra.

— Entregou-lhe a carta? Deu-lhe resposta? — atalhou-o Gânia, com veemente impaciência. Mas naquele mesmo instante voltou Aglaia e o príncipe não teve tempo de responder-lhe.

— Aqui tem o senhor, príncipe, — disse Aglaia, pondo em cima da mesinha o álbum; — Escolha espaço e escreva alguma coisa. Aqui tem uma pena bem novinha. Não será de aço? Soube que os calígrafos não escrevem com as de aço.

Enquanto falava com o príncipe, parecia não notar a presença de Gânia. Enquanto o príncipe experimentava a pena, escolhia uma página e se dispunha a escrever, Gânia aproximou-se da lareira, junto da qual estava Aglaia de pé, ao lado mesmo do príncipe, à sua direita, e com voz trêmula e entrecortada, murmurou lhe quase ao ouvido:

— Uma palavra, uma só palavra sua… e estou salvo!

O príncipe, rapidamente, voltou-se para fitar os dois. No semblante de Gâniá via-se verdadeiro desespero; parecia ter proferido aquelas palavras sem pensar, alheado. Aglaia ficou olhando uns segundos com a mesma expressão de sereno assombro com que pouco

antes fitara o príncipe, e parecia como se aquela tranquila estranheza; aquela sua perplexidade se devessem ao fato de não compreender de modo algum o que lhe diziam, o que naquele instante constituía para Gânia algo mais espantoso que o mais profundo desprezo.

— Que quer que lhe escreva? — perguntou o príncipe.

— Vou ditar ao senhor agora mesmo — disse Aglaia, voltando-se para ele. — Está pronto? Pois então escreva: “Eu não trafico”. Agora ponha em baixo a data. Deixe-me ver.

O príncipe entregou-lhe o álbum.

— Magnífico! O senhor escreve admiravelmente! Tem uma letra portentosa! Muito obrigada. Até a vista, príncipe… Um momento acrescentou, como que se lembrando. — Venha comigo. Quero dar-lhe algo de presente como recordação.

O príncipe seguiu-a. Mas ao entrar na sala de jantar, Aglaia parou.

— Leia — disse-lhe, entregando-lhe a carta de Gânia.

O príncipe pegou a folha de papel e olhou indeciso para Aglaia.

— Estou certa de que o senhor não a tinha lido e não podia estar em conivência com aquele homem. Leia, quero que a leia.

A carta estava escrita com visível pressa:

> Hoje se decide meu destino, já sabe você de que maneira. Tenho de dar hoje minha palavra irrevogável. Não tenho direito nenhum ao seu interesse, não me atrevo a criar-me ilusões, mas em certa ocasião disse-me você uma palavra, uma só palavra, e essa palavra iluminou toda a negra noite de minha vida e foi para mim um farol. Diga agora também uma palavra assim… salve-me da perdição. Diga-me somente “Rompa com tudo” e, com tudo romperei hoje mesmo — Oh! que trabalho lhe custa dizer isso? Nessa palavra reconhecerei unicamente um sinal de sua simpatia e de sua compaixão para comigo… Isso somente, somente! E nada mais, *nada mais*! Não me atrevo. A conceber nenhuma esperança, porque *sou indigno* dela. Mas depois dessa palavra sua voltarei a carregar minha pobreza e a suportar alegremente minha situação desesperada. Afrontarei a luta, vou enfrentá-la com ânimo e renascerei nela com novos brios!
>
> Conceda-me essa palavra de piedade (de piedade *somente*, juro-lhe!). Não leve a mal a ousadia de um desesperado, de um náufrago que se arroja a fazer o derradeiro esforço para salvar-se da morte.

— Esse homem afirma — disse Aglaia, bruscamente, depois que o príncipe acabou de ler, — que a frase “Rompe com tudo” não me compromete, nem me prejudica de modo algum, e em garantia disso dá-me esta mesma carta. Repare o senhor quão ingenuamente se apressou em garatujar umas quantas palavrinhas e quão grosseiramente deixa transparecer seu pensamento oculto. Aliás, não ignora que, se rompesse com tudo, ele sozinho, sem aguardar essa palavra minha, e sem falar-me disso, sem fazer-se ilusões a meu respeito, eu então mudaria de sentimentos a respeito dele e talvez passasse a ser sua amiga. Sabe muito bem disso! Tem somente uma alma turva; sabe e não se decide; sabe e, mesmo assim, reclama garantias. Não é capaz de crer sem elas. Quer que eu, em vez dos cem mil rublos que aí se joga, lhe dê uma esperança a respeito de minha pessoa. No que se refere então a essa palavra de que fala em sua carta e que, segundo ele, lhe iluminou a vida, mente sem nenhuma vergonha. Limitei-me a ter piedade uma vez. Mas ele, com seu desembaraço e insolência, teve de pensar em seguida na possibilidade de abrigar esperanças, o que compreendi prontamente. Desde então trata de adular-me. É o que tenta fazer. Mas basta: o senhor pegue a cartinha dele e a devolva agora mesmo, quando já estiverem fora de casa, é claro.

— E que lhe digo em resposta?

— Nada, naturalmente. Esta é a melhor resposta. Mas diga-me: será que o senhor está mesmo disposto a ir morar com eles?

— Antes o próprio Ivan Fiódorovitch me recomendou — disse o príncipe.

— Pois tenha cuidado com ele, previno-o. Já agora não vai perdoar-lhe a devolução da carta.

Aglaia apertou ligeiramente a mão do príncipe e retirou-se. Mostrava semblante sério e preocupado e nem sequer sorriu quando o príncipe lhe fez uma inclinação de cabeça em sinal de despedida.

— Vou num instante apanhar meu embrulho — disse o príncipe a

Gânia — e em seguida partiremos.

Gânia deu, com impaciência, uma pancada no chão com o pé. Tinha o rosto negro de raiva. Finalmente, saíram ambos para a rua, o príncipe com seu embrulho nos braços.

— E a resposta? E a resposta? — interpelou Gânia. — Que lhe disse ela? Entregou-lhe o senhor a carta?

O príncipe, em silêncio, devolveu-lhe a carta. Gânia parecia hipnotizado.

— Como?… Minha carta? — exclamou. — Oh! Não a entregou! Deveria adivinhá-lo. Oh! con…de…na…! Assim se explica que, há um momento, *não* compreendesse ela nada! Mas como, como, o senhor não lhe entregou a carta, seu con…de…na…?

— Desculpe-me, mas é justamente o contrário. Achei imediatamente ocasião de entregá-la, logo depois de deixá-lo e exatamente como o senhor me havia pedido. Se de novo a vê o senhor em minhas mãos, é porque Aglaia Ivânovna acaba de devolvê-la.

— Quando? Quando?

— Pois ao acabar eu de escrever em seu álbum, quando me chamou à parte. (O senhor não ouviu?) Levou-me à sala de jantar, entregou-me a carta do senhor, mandou que eu a lesse e depois ordenou-me que a devolvesse.

— Le…ss…e? — tornou a exclamar Gânia, quase aos berros: — Que a lesse? E o senhor a leu?

E voltou a parar, estupefato, no meio da calçada, a tal ponto atônito que estava de boca aberta.

— Sim, li-a há um momento.

— E ela mesma, ela mesma a deu a ler? Ela mesma?

— Ela mesma, e creia o senhor que eu não a teria lido, se ela não me tivesse ordenado.

Gânia guardou silêncio um instante, fazendo um penoso esforço para se acalmar, mas de repente exclamou:

— Isso não pode ser! Não é possível que ela mandasse o senhor lê-la! O senhor mente! O senhor a leu porque quis!…

— Digo-lhe a verdade — replicou o príncipe no mesmo tom de voz, inteiramente plácido, como antes, — e tenha o senhor a certeza de que lamento profundamente que isto lhe tenha feito tão dolorosa impressão.

— Mas, desgraçado, ela pelo menos lhe terá dito algo a respeito disto. Algo lhe responderia, não?

— Sim, naturalmente.

— Pois fale, fale, com os diabos!…

E Gânia bateu duas vezes como pé direito, calçado de galocha, na calçada.

— Mal acabei de ler a carta, disse-me ela que o senhor queria comprometê-la, a fim de obter dela uma esperança para, apoiando-se nisso, romper sem descrédito com essa outra esperança dos cem mil rublos. Que se o senhor assim o fizesse, sem traficar com ela, se o senhor marchasse para a ruptura espontaneamente, sem pedir-lhe nenhuma garantia prévia, talvez então concordasse em ser sua amiga. Aqui tem o senhor, parece-me, tudo quanto me disse ela. Ah! também me disse isto: ao perguntar-lhe, depois de entregue a carta: “Que resposta?”, disse-me então que a falta de resposta era a melhor resposta… Creio que me disse assim; perdoe se me esqueci da expressão exata. Transmito-lhe de acordo com a memória.

Raiva descomedida apoderou-se de Gânia e sua fúria explodiu sem que pudesse contê-la:

— Ah! com que então lhe disse isso? — e rangeu os dentes. — Com que então assim atira minha carta pela janela? Ah! Ela não trafica… como eu! Isso vamos ver! Temos de ver ainda muitas coisas!… Ela há de pagar-me isso!

Contraiu o rosto, perdeu a cor, espumou; ameaçou o ar com o punho. Andaram assim alguns passos. Não dava a menor atenção ao príncipe, como se estivesse sozinho em seu quarto, porque não lhe ligava a mínima importância. Mas de repente refletiu e parou.

— Mas como foi — e encarou, de repente, o príncipe, — como foi — “Idiota!”, acrescentou para consigo, — que o senhor, tão de súbito, lhe ganhou a confiança duas horas depois de conhecê-la? Como foi isso?

Em meio de toda a sua dor a inveja tivera espaço. E esta, de repente, vinha morder-lhe o próprio coração:

— Isso é uma coisa que eu também não sei explicar — replicou o príncipe.

Gânia fitou-o com rancor.

— Haverá maior confiança que chamá-lo à sala de jantar para dar-lhe um presente? Não lhe deu nenhum presente?…

— Não compreendo tampouco como foi isso.

— Mas como? O diabo o carregue! Mas que foi o senhor fazer ali? Como lhes conquistou os corações? Ouça — e agitou-se violentamente (tudo nele naquele momento estava revolto e em desordem, de modo que nem podia concentrar o pensamento), — ouça: não poderia de algum modo recordar-se e expor ordenadamente de que falaram vocês, todas as palavras, desde o princípio? Será que não prestou atenção, que não se recorda?

— Oh! claro que recordo — respondeu o príncipe. — A primeira coisa, ao entrar e ser-lhes apresentado, foi que me pus a falar da Suíça.

— Ao diabo a Suíça!

— Depois, da pena de morte…

— Da pena de morte?

— Sim, a propósito de uma coisa… Depois passei a contar-lhes

como tinha vivido ali três anos e a história de uma pobre aldeã.

— Bem; ao diabo a pobre aldeã! Continue! — interrompeu-o, impaciente, Gânia.

— Depois contei-lhes como Schneider me expôs sua opinião sobre meu caráter e me obrigou…

— Enforco Schneider e mando ao inferno sua opinião sobre o senhor! Continue!

— Continuo. A propósito de não sei que, comecei a falar-lhes das fisionomias, isto é, da expressão das fisionomias e disse que Aglaia Ivânovna é quase tão bonita como Nastássia Filípovna. E foi então que falei no retrato…

— Mas não lhes contou o senhor, não lhes contou o que acabava de ouvir no gabinete? Como não? Como não?…

— Repito-lhe que não.

— Mas donde, tampouco, com os diabos… Ora! Aglaia não mostrou a carta à velha?

— Oh! a este respeito, posso garantir-lhe formalmente que não mostrou! Não me afastei dali um minuto e ela não teve tempo.

— Sim, mas pode ser que o senhor não haja notado… Oh! idiota mal… dito! — exclamou, já completamente fora de si. — Nem sequer sabe contar coisa alguma!

Gânia, assim que começava a injuriar e não encontrava réplica, ia perdendo pouco a pouco todo freio, como costuma ocorrer sempre com os indivíduos de sua condição. Um pouco mais e começaria a cuspir, a tal ponto estava furioso. Mas esse mesmo furor o cegava; a não ser assim, desde muito teria percebido que aquele idiota, a quem tanto estava censurando, sabia às vezes, com bastante prontidão e sutileza, compreender tudo e transmiti-lo de um modo altamente satisfatório. Mas, de súbito, sobreveio algo inesperado.

— Devo fazer-lhe notar, Gavrila Ardaliónovitch — disse de

repente o príncipe, — que eu antes, efetivamente, estive tão doente, que, na realidade, era pouco menos que um idiota, mas agora, faz muito tempo já que estou restabelecido, de modo que me desagrada um pouco que me chamem de idiota em minha cara. Apesar do senhor merecer compreensão, levando-se em conta o seu fiasco, são já duas vezes que me ofende, movido pela sua raiva. Isso me desagrada muito, sobretudo assim, de repente, como fez da primeira vez. E como agora, precisamente, nos encontramos num cruzamento de ruas, será melhor que nos separemos. O senhor seguirá pela direita e eu pela esquerda. Tenho em meu poder vinte e cinco rublos e, com toda a certeza, encontrarei alguma pensão…

Gânia ficou inteiramente desconcertado e até lhe subiu a cor ao rosto, de vergonha, de que tão inesperadamente o tivessem repelido.

— Perdoe-me, príncipe — exclamou com veemência, passando, de súbito, do tom insultante ao excessivamente cortês. — Por Deus, perdoe-me! Bem está vendo a desgraça que me acontece! O senhor está apenas ciente de pouca coisa; mas quando souber tudo certamente haverá de desculpar-me, embora, sem dúvida… seja indesculpável.

— Oh! não necessito de tantas desculpas! — apressou-se em responder o príncipe. — Percebo que lhe sucede um contratempo e por isso se encoleriza dessa forma. Bem, iremos para sua casa. Tenho muito prazer…

“Não, agora é impossível soltá-lo desse modo — disse para si Gânia, olhando com rancor para o príncipe, durante o trajeto. — Esse velhaco arrancou tudo de mim e depois, de repente, tirou a máscara… Isto quer dizer algo. Está bem. Haveremos de ver! Tudo se há de resolver, tudo, tudo! E hoje mesmo!”

Tinham chegado à casa.

## Capítulo VIII

A morada de Gânia achava-se no terceiro andar, ao fim de uma

escada limpa, clara e espaçosa, e constava de seis ou sete cômodos e quartinhos, aliás, dos mais vulgares, embora, em todo caso, não inteiramente ao alcance do bolsinho de um empregado com família, embora ganhasse dois mil rublos de ordenado. Mas prestava-se para ter hóspedes, com pensão completa, e Gânia e sua família haviam-no alugado não fazia dois meses, lutando com a viva oposição daquele, em virtude da insistência e das súplicas de Nina Alieksándrovna e Varvara Ardaliónovna, desejosas também elas de ser úteis e acrescentar algo ao orçamento familiar. Gânia franzia o cenho e dizia que ter inquilinos era pouco distinto. Sentia como que vergonha disso depois na boa sociedade, onde costumava apresentar-se como um jovem brilhante e de futuro. Todos esses reveses do destino e aquela situação precária… tudo isso lhe havia aberto na alma profundas feridas. Desde algum tempo começara a irritar-se pela mínima coisa de um modo desmedido e desproporcionado, e se ainda acontecia ceder e aguardar algum tempo mais, era porque já tinha decidido mudar e transformar tudo aquilo no mínimo prazo. E apesar dessa mesma mudança, essa mesma saída, em que confiava, constituía mistério… um grande mistério, cuja resolução iminente ameaçava ser mais difícil e penosa que todo o anterior.

Dividia a casa um corredor pelo qual se meteram logo ao entrar. A um lado do corredor estavam os três quartos destinados aos inquilinos, a pessoas especialmente recomendadas. Do outro lado do corredor e mesmo na sua extremidade, encontrava-se um quarto, pequeno aposento, menor que todos os outros, e que era ocupado pelo general reformado, Ívolguin, o chefe da família, que dormia num divã amplo e para entrar no quarto e dele sair via-se forçado a atravessar a cozinha e uma escada escura. Naquele mesmo aposento estava também instalado o irmão de Gavrila Ardaliónovitch, Kólia, de treze anos de idade e aluno do Ginásio. Também ele tinha de ficar ali encolhido, estudar, dormir em outro divã pequeno, sumamente velho, estreito e duro, com o pano em tiras e, principalmente, cuidar de seu pai e vigiá-lo pois cada dia necessitava mais de cuidados. Destinaram ao príncipe o quarto em meio dos três; o primeiro, à direita, era ocupado por Fierdíchtchenko e o terceiro à esquerda estava sem inquilino. Mas Gânia, antes de tudo, conduziu o príncipe aos cômodos da família. Os tais cômodos da família compunham-se da sala, que se

transformava, quando era necessário, em sala de jantar; a sala de visitas, que só fazia essas vezes pela manhã, convertendo-se, chegada a noite, em gabinete de trabalho e alcova de Tânia e, finalmente, de um terceiro quarto, estreito e sempre fechado; a alcova de Nina Alieksándrovna e de Varvara Ardaliónovna. Numa palavra: tudo naquele pavimento era estreito e encolhia a alma. Gânia se limitava em ranger os dentes para si; embora fosse e queria ser respeitoso para com sua mãe, desde o primeiro momento podia-se perceber que era um déspota terrível para sua família.

Nina Alieksándrovna não estava sozinha na sala, mas em companhia de Varvara Ardaliónovna. Estavam as duas tricotando, enquanto conversavam com uma visita: Ivan Pietróvitch Ptítsin. Nina Alieksándrovna aparentava uns cinquenta anos e tinha um rosto cavado e magro e olheiras enormes. Mostrava aspecto doentio e algo triste, mas seu rosto e seu olhar eram bastante simpáticos; às primeiras palavras deixava perceber um caráter sério e impregnado de dignidade sincera. Apesar de seu aspecto entristecido, adivinhava-se nela firmeza e até mesmo decisão. Trajava, com suma modéstia, roupa escura e inteiramente como uma velha, mas seus modos, sua conversação, toda ela revelava uma senhora que havia tratado com a melhor sociedade.

Varvara Ardaliónovna era uma jovem de vinte e três anos, de estatura mediana, muito magra, com um rosto não muito bonito, mas que possuía o segredo de agradar sem beleza e de exercer uma sedução que podia chegar a ser apaixonada. Era muito parecida com sua mãe e trajava quase da mesma maneira, por causa de sua absoluta aversão a arrumar-se. O olhar de seus olhos esverdeados podia por vezes afetar muita jovialidade e simpatia, mas em geral mantinha-se grave e pensativa, certas ocasiões até mesmo por demais, sobretudo de algum tempo àquela parte. Inteireza e resolução apareciam também em sua face, mas pressentia-se que aquela firmeza podia chegar a ser ainda mais enérgica e decidida que a da mãe. Varvara Ardaliónovna era muito ardente e seu irmão temia por vezes seu ardor.

Também a temia seu visitante do momento, Ivan Pietróvitch Ptítsin. Era este um homem ainda jovem, de menos de trinta anos, vestido com modéstia mas esmeradamente, de maneiras simpáticas,

mas um tanto excessivamente sério. Uma barbicha dum ruivo escuro delatava nele o homem que não desempenha cargos oficiais. Tinha uma conversa inteligente, mantinha-se silencioso. Costumava causar a todos uma impressão simpática. Saltava aos olhos que não estava de acordo com Varvara Ardaliónovna e não ocultava seus sentimentos. Varvara Ardaliónovna tratava-o afetuosamente, mas a algumas de suas perguntas respondia descuidadamente e até lhe causavam pouco prazer. Aliás, estava Ptítsin muito longe de desanimar. Nina Alieksándrovna testemunhava-lhe carinho e até nos últimos tempos depositava nele grande confiança. Sabido era, aliás, que ele se dedicava especialmente a obter dinheiro, emprestando-o a juros altos, mediante garantias mais ou menos seguras. Era muito amigo de Gânia.

Diante da circunstanciada mas seca apresentação de Gânia (que cumprimentou sua mãe com muito desinteresse, não dirigiu à irmã saudação alguma e imediatamente se retirou, levando Ptítsin consigo), Nina Alieksándrovna dedicou ao príncipe algumas palavras amáveis e ordenou a Kólia, que havia aparecido à porta, que o conduzisse ao quarto do meio. Kólia era um menino de rosto muito alegre e simpático, de maneiras simples e confiadas.

— Onde está sua bagagem? — perguntou, ao introduzir o príncipe no quarto.

— Trago apenas um pacotinho. Deixei-o na antessala.

— Trago-o imediatamente. Aqui em casa todo o serviço corre por conta de Matriona, a cozinheira; de modo que eu ajudo. Vária vigia tudo e se aborrece. Gânia disse que o senhor acaba de chegar da Suíça. É mesmo?

— É sim.

— E passou bem na Suíça?

— Muito bem.

— Há montanhas lá?

— Sim.

— Vou correndo buscar seu embrulho.

Entrou Varvara Ardaliónovna:

— Agora mesmo virá Matriona preparar a cama. O senhor traz alguma mala?

— Não, somente um pacotinho. Seu irmão foi buscá-lo. Deixei-o na antessala.

— Não encontrei pacote nenhum, a não ser este. Onde o deixou o senhor? — perguntou Kólia, de volta ao quarto.

— É este mesmo e não outro — declarou o príncipe, tomando seu embrulho.

— Ah! E eu que já estava imaginando que Fierdíchtchenko o teria levado!

— Não digas tolices — disse-lhe, severa, Varvara, que tratava o príncipe com muita sequidão, sem ultrapassar os limites da cortesia.

— Querida Babette, não me trates desse modo que não sou Ptítsin.

— Até pauladas mereces, Kólia, por causa de tua tolice. Para tudo quanto o senhor necessitar pode chamar Matriona. Jantamos às cinco e meia. O senhor poderá jantar conosco ou em seu quarto, como prefira. Vamos, Kólia; não o incomodes.

— Vamos embora, caráter decidido!

Ao sair, toparam com Gânia.

— Papai está em casa? — perguntou Gânia a Kólia e diante da resposta afirmativa deste, murmurou-lhe algo ao ouvido.

Kólia assentiu com a cabeça e saiu atrás de Varvara Ardaliónovna.

— Duas palavras, príncipe. Tinha-me esquecido de falar-lhe desse… assunto. Um pedido: faça-me o favor, se não lhe causa muito incômodo, de não dizer aqui nem uma palavra do que acaba de

ocorrer com Aglaia, nem lá do que vir o senhor nesta casa, porque aqui também há bastantes coisas que não estão nada bem. Que vá tudo para o diabo! Mas, hoje, pelo menos, contenha-se.

— Asseguro-lhe que sou muito menos tagarela do que o senhor imagina — replicou o príncipe, algo irritado com a repreensão de Gânia. As relações entre eles tomavam um aspecto cada vez pior.

— Bem, já sofri hoje bastante por sua culpa, se bem que, afinal de contas, o perdoe.

— Observe também o senhor, Gavrila Ardaliónovitch, que eu não me havia comprometido a nada e; por conseguinte, podia muito bem falar a respeito do retrato. O senhor não havia pedido sigilo.

— Ufa! Que quarto mais antipático! — observou Gânia, correndo o olhar em torno de si, desdenhosamente. — Escuro e com uma janela para o pátio. Em todos os sentidos pode-se dizer que o senhor chegou em má hora… Mas, afinal, não é isso da minha conta. Não sou eu quem aluga os quartos.

Surgiu à porta Ptítsin e fez um sinal a Gânia que a toda a pressa deixou o príncipe, apesar de parecer desejar lhe dizer ainda alguma coisa, mas atrapalhava-se e como que se envergonhava, saindo mesmo do aposento com visíveis sinais de confusão.

Mal havia o príncipe se lavado e arranjado um pouco quando se abriu de novo a porta e apareceu nela nova figura.

Era um homem duns trinta anos, de estatura não pequena, largo de ombros, com uma cabeçorra enorme, de cabelos crespos e ruivos. Tinha o rosto gordo e corado, os lábios grossos, o nariz, largo e chato, os olhos pequeninos, acesos e zombeteiros, como se estivesse sempre a dar piscadelas. Tudo isso dava-lhe ao rosto grande expressão de insolência. Andava muito mal trajado.

A princípio entreabriu a porta timidamente, o necessário apenas para intrometer a cabeça. Com a cabeça estendida, inspecionou o quarto uns cinco segundos e depois foi abrindo, devagarinho, um pouco mais a porta, até enquadrar todo o corpo nos umbrais, mas sem

entrar de todo, limitando-se a continuar fazendo dali piscadelas e a examinar o príncipe. Finalmente, fechou a porta atrás de si, acabou de aproximar-se, sentou-se numa cadeira, segurou com força uma das mãos do príncipe e o fez sentar no divã perto dele.

— Fierdíchtchenko — disse, olhando fixa e interrogativamente o príncipe.

— Bem, e então? — respondeu-lhe o príncipe, quase rindo.

— Inquilino — insistiu de novo Fierdíchtchenko, olhando-o como antes.

— O senhor desejava conhecer-me, não é verdade?

— Ah! — exclamou o visitante, assanhando os cabelos e lançando um suspiro, e voltou o rosto para o lado oposto. — O senhor tem algum dinheiro? — perguntou, de repente, ao príncipe:

— Sim, um pouco.

— Quanto?

— Vinte e cinco rublos.

— Mostre-os!

O príncipe tirou do bolso do colete uma cédula de vinte e cinco rublos e entregou-a a Fierdíchtchenko. Este a tomou, olhou-a virou-a pelo outro lado e, por fim, examinou-a contra a luz.

— É muito estranho — disse, como que pensativo. — Por que se terá tornado tão escura? Estas cédulas de vinte e cinco rublos ficam por vezes escuras de um modo horrível, e doutras pelo contrário, desbotam-se completamente. Tome.

O príncipe recebeu a cédula devolvida. Fierdíchtchenko levantou-se da cadeira.

— Vim adverti-lo. Em primeiro lugar, nunca me empreste dinheiro, porque, senão, é certo que continuarei a pedir-lhe.

— Está bem.

— Tem intenção de pagar aqui?

— Tenho.

— Pois eu, não. Teria graça! Vivo aqui, a primeira porta à direita, está vendo? Não se incomode em visitar-me com demasiada frequência. Virei vê-lo, não se preocupe. Viu o general?

— Não

— Nem o ouviu.

— Tampouco.

— Pois não tardará a ter ocasião de ouvi-lo, porque, fique o senhor sabendo, está sempre me pedindo dinheiro emprestado. *Avis au lecteur*. Adeus. É possível viver, quando a gente se chama Ferdíchtchenko?

— Por que não?

— Adeus.

E foi-se embora. Soube o príncipe depois que aquele cavalheiro havia-se imposto a obrigação de espantar a todos com sua extravagância e sua jovialidade, mas não conseguia isso nunca. Causava mesmo a algumas pessoas impressão antipática, o que sinceramente o magoava, sem que nem por isso renunciasse à sua missão. Já na porta, conseguiu justificar-se, tropeçando com um indivíduo que entrava; introduzindo aquele novo e desconhecido visitante no quarto, fez ao príncipe, por trás das costas daquele alguns gestos de advertência e assim pôde retirar-se dali com certo aprumo.

O novo visitante era de estatura corpulenta, de uns cinquenta e cinco anos, ou talvez mais, bastante gordo, com um rosto rubicundo e cor de barro, cheio e bochechudo, enquadrado por espessas suíças grisalhas e bigodes e com uns olhos grandes e esbugalhados. Sua figura poderia ser por demais imponente, se nela não houvesse algo de humilde, de rastejante, de untuoso. Trazia um capotinho puído, com

os cotovelos quase rasgados; sua roupa interior era também gordurosa… como de casa. De perto desprendia um hálito aguardentado, mas mantinha uns modos aparatosos, algo estudados e que denunciavam o visível e vivo desejo de dar uma impressão de dignidade. Aquele cavalheiro aproximou-se do príncipe, devagar, com afável sorriso, pegou-lhe em silêncio a mão e, retendo-a na sua, esteve a olhá-lo um instante, como se esforçando em reconhecer umas feições conhecidas.

— Ele! Ele! — declarou em voz baixa, mas solene: — Ele mesmo em pessoa! Ouvi repetirem um nome para mim conhecido e grato, em seguida recordei todo o passado irrevocável… É o senhor, o Príncipe Míchkin?

— Ele mesmo.

— Sou o General Ívolguin, reformado e desgraçado. Permite-me que lhe pergunte seu nome de batismo e o patronímico?

— Liev Nikoláievitch.

— Isto, isto! O filho de meu amigo e pode dizer-se de meu companheiro de infância Nikolai Pietróvitch.

— Meu pai chamava-se Nikolai Lhvóvitch.

— Lhvóvitch — retificou o general, mas sem apressar-se e com convicção absoluta, como quem não se equivocou, mas simplesmente incorreu em erro inesperado. Sentou-se e, segurando também o príncipe pela mão, sentou-o a seu lado. — Carreguei o senhor nos meus braços.

— Como? — perguntou o príncipe — Pois já faz vinte anos que meu pai morreu!

— Sim, vinte anos, vinte anos e três meses. Fizemos os estudos juntos. Eu entrei depois para o Exército.

— Meu pai também foi militar, subtenente no Regimento Vassílievski.

— Em Bielomórski. Sua transferência para Bielomórski foi quase nas vésperas de sua morte. A mãe do senhor…

O general fez uma pausa, como que assaltado por tristes recordações.

— Ela também morreu, meio ano depois, de um resfriado — disse o príncipe.

— De um resfriado, não; de um resfriado, não. Creia neste velho. Eu estava lá e enterrei-a. De dor por causa de seu príncipe, e não por causa de um resfriado. É isto. Como me recordo também da princesa! A juventude! Por culpa dela estivemos a ponto de nos matar, seu pai e eu!

O príncipe começara a escutá-lo com atenção mas com alguma desconfiança.

— Eu estava loucamente apaixonado por sua mãe, quando não era senão a noiva… a noiva de meu amigo. O príncipe notou isso e ficou atônito. Veio ver-me uma manhã, aí pelas sete horas. Visto-me, espantado; silêncio de ambas as partes: eu havia compreendido tudo. Tira do bolso duas pistolas. Com um lenço. Sem padrinhos. Para que padrinhos quando, dentro de cinco minutos, vamos enviar-nos um ao outro para a eternidade? Carregamos as pistolas, estendemos o lenço, colocamo-nos em posição, pusemos mutuamente as pistolas no coração e fitamo-nos rosto a rosto. De repente, lágrimas brotam dos olhos de nós ambos, tremem-nos as mãos. Dos dois, dos dois, ao mesmo tempo! Bem, nem é preciso dizer: abraços e um torneio de grandeza de alma: “Tua!”, grita o príncipe. “Tua!”, grito eu. Em resumo… em resumo… O senhor vai morar conosco?

— Sim, é possível que por uma temporada — disse o príncipe, quase gaguejando.

— Príncipe, a *mamacha* roga-lhe que vá vê-la — gritou da porta Kólia.

O príncipe levantou-se para atender, mas o general pôs a palma de sua mão direita no ombro dele e, afetuosamente, tornou a sentá-lo

no divã.

— Como sincero amigo de seu pai, quero preveni-lo — disse o general. — Eu, como vê, caí em desgraça, por efeito de uma catástrofe trágica, mas sem ser julgado. Sem ser julgado! Nina Alieksándrovna… é uma mulher como poucas. Varvara Ardaliónovna; minha filha… é uma filha como não há muitas. Devido às circunstâncias, somos obrigados a ter inquilinos… decadência inaudita. Eu, que estava destinado a ser general governador!… Mas o senhor sempre me encontrará alegre. E, não obstante, tenho em minha casa uma tragédia.

O príncipe olhou-o interrogativamente e com grande curiosidade.

— Estamos em vésperas de um casamento e de um casamento estranho: a união de uma mulher ambígua e de um jovem que poderia ser *Kammer-junker*.[16] Vão trazer essa mulher a esta casa, onde está minha filha, onde está minha esposa. Mas enquanto eu tiver forças, não entrará aqui. Vou me estender nos umbrais e terão de passar por cima de mim… Mal dirijo a palavra a Gânia e até evito encontrar-me com ele. Advirto-lhe com toda a intenção; se quiser morar conosco, está bem; e se não, de qualquer modo será testemunha. Mas o senhor é o filho do meu amigo e, eu, na verdade; espero…

— Príncipe, faça o favor de vir aqui, à sala — chamou própria Nina Alieksándrovna, aparecendo no umbral.

— Imagine, minha amiga — exclamou o general, — que verifico que carreguei o príncipe em meus braços.

Nina Alieksándrovna lançou um olhar de censura ao general e outro de curiosidade ao príncipe, mas não disse nada. O príncipe tratou de acompanhá-la; porém, mal havia chegado à sala e tomado assento e nem bem havia começado Nina Alieksándrovna, com muita precipitação e em voz baixa, a comunicar algo ao príncipe, apresentou-se ali o general em pessoa. Nina Alieksándrovna calou-se imediatamente e, com visível contrariedade, inclinou-se sobre seu tricô. O general talvez tivesse percebido aquela contrariedade de sua esposa, mas nem por isso modificou sua excelente disposição de espírito.

— O filho de meu amigo! — exclamou, dirigindo-se a Nina Alieksándrovna. — E dum modo tão inesperado! Há muito tempo que deixei de ter ilusões. Mas, minha amiga, não te lembras do falecido Nikolai Lhvóvitch? Chegaste a conhecê-lo… onde, em Tver?

— Não me recordo de Nikolai Lhvóvitch. Era pai do senhor? — perguntou ao príncipe.

— Meu pai, sim. Mas morreu, segundo creio, não em Tver, mas em Elizavetgrad — disse-lhe o príncipe — Sei disso por Pávlichtchev…

— Em Tver — afirmou o general. — Nas vésperas de sua morte, trasladaram-no para Tver e mesmo antes da doença ter se manifestado. O senhor era então demasiado pequeno e não pode lembrar-se, nem da mudança, nem da viagem. Pávlichtchev pode também ter-se equivocado, embora fosse um homem excelente.

— O senhor conheceu Pávlichtchev?

— Era um homem como há poucos, mas fui testemunha pessoal. Fechei-lhe os olhos…

— Meu pai morreu, segundo parece, quando estava submetido a processo — tornou a observar o príncipe, — embora nunca tenha podido averiguar por que… Morreu no hospital.

— Oh! foi isso por causa de certa história com o soldado Kolpakov; mas, sem dúvida alguma, devem ter absolvido o príncipe.

— Como? Sabe disso com certeza? — indagou o príncipe com especial curiosidade.

— Claro que sim! — exclamou o general. — O tribunal dissolveu-se sem ter resolvido nada. Era aquele um caso impossível! Um caso que até poderíamos chamar de misterioso. Morrera o Capitão Lariónov, que comandava nossa companhia; o príncipe assumiu oportunamente o comando. Muito bem. O soldado Kolpakov rouba as botas de um companheiro, vende-as e gasta o dinheiro em bebidas. O príncipe (preste atenção: ocorreu isto na presença do primeiro-

sargento e do cabo) repreende Kolpakov e ameaça-o com o castigo dos açoites. Muito bem Kolpakov vai para o quartel, deita-se em sua maca e um quarto de hora depois estava morto. Magnífico! Tratava-se de um caso surpreendente, quase que impossível. Mas seja como for, enterram Kolpakov. O príncipe lavra aparte correspondente e riscam Kolpakov da lista. E que mais se poderia fazer? Mas justamente no meio do ano, ao passar a brigada em revista, não se sabe como, aparece vivinho e bulindo, o soldado Kolpakov, na terceira companhia do segundo batalhão do regimento de infantaria Novoziemliánski,[17] da mesma brigada e da mesma divisão.

— Como?! — exclamou o príncipe, atônito.

— Não havia tal coisa, foi um erro — explicou-lhe Nina Alieksándrovna, olhando-o quase com pena. — *Mon mari se trompe*.[18]

— Mas, minha amiga isso de "*se trompe*" é muito fácil de dizer, mas julga tu mesma. Todos ficaram estupefatos. Seria eu o primeiro a dizer *qu'on se trompe*. Mas, por desgraça, eu mesmo fui testemunha e fiz parte da comissão investigadora. Todas as acareações demonstraram que aquele era ele mesmo, exatamente o próprio soldado Kolpakov, o que meio ano antes tínhamos enterrado com todas as formalidades da praxe e entre rufos de tambor. A coisa é, efetivamente, estranha, quase impossível, concedo o porém…

— *Papacha*, chamam-no à mesa — anunciou-lhe Varvara Ardaliónovna, entrando na sala.

— Ah! muito bem. Magnífico! Tenho uma fome feroz. Mas pode dizer-se que se tratava de um caso psicológico…

— A sopa está esfriando — interrompeu-o Vária, impaciente.

— Já vou, já vou — resmungou o general, saindo da sala. — E apesar de todas as investigações… — ouviu-se o general ainda dizer no corredor.

— O senhor terá de ser muito indulgente com Ardalion Alieksándrovitch, se é que fica conosco — disse Nina Alieksándrovna ao príncipe. — Se bem que, aliás, não irá incomodá-lo muito. Come

sozinho. Compreenderá o senhor que todos nós temos os nossos defeitos e nossos… achaques especiais, e por vezes em maior grau que aqueles aos quais se costuma apontar a dedo. Só uma coisa lhe peço: se meu marido se dirigir ao senhor para falar-lhe do pagamento da pensão, diga-lhe que já pagou a mim. Quer dizer que o que o senhor der a Ardalion Alieksándrovitch, será o mesmo que nos daria a nós, mas digo-lhe isso unicamente tendo em vista a exatidão Que é isso, Vária?

Vária havia voltado à sala e, em silêncio, entregou à sua mãe um retrato de Nastássia Filípovna. Nina Alieksándrovna estremeceu e, a princípio, pareceu assustar-se, embora logo depois, possuída dum sentimento de prostração e amargura, ficasse a contemplá-lo longo tempo. Afinal, olhou para Vária com olhos interrogativos.

— Hoje ela mesma escreveu a dedicatória — disse Vária. — E esta noite há de decidir-se tudo entre eles.

— Esta noite! — repetiu, em voz baixa, Nina Alieksándrovna, como que desesperada. — Mas como? Então já não há dúvida alguma e acabaram-se todas as esperanças! É o que dá a entender esse retrato… Mas ele te disse alguma coisa? — acrescentou, estupefata.

— Bem sabe a senhora que passamos meses inteiros sem trocar a palavra. Foi Ptítsin quem me contou tudo. Mas o retrato estava lá, caíra da mesa no chão, onde o apanhei.

— Príncipe — e, de repente, Nina Alieksándrovna o fitou, — queria perguntar-lhe (para isso roguei-lhe especialmente que viesse), se faz muito tempo que conhece meu filho? Creio que disse que o senhor acabava de chegar de não sei onde.

O príncipe explicou-lhe em breves palavras o que se referia à sua pessoa, passando por alto mais da metade. Nina Alieksándrovna e Vária escutaram-no, atentas.

— Não lhe pergunto por querer saber de alguma coisa a respeito de Gavrila Ardaliónovitch observou Nina Alieksándrovna. — Não vá equivocar-se a este respeito. Se há algo que ele mesmo não deva dizer-me, não hei de averiguá-lo por outro meio. Mas há um detalhe

especial e é que Gânia, há pouco, diante do senhor e depois quando o senhor se retirou, ao perguntar-lhe eu quem era o senhor, respondeu-me: “Está ciente de tudo; não é preciso andar com cerimônias com ele”. Que quer dizer isso? Olhe: queria saber até que ponto…

Entraram, de repente, Gânia e Ptítsin; Nina Alieksándrovna calou-se imediatamente. O príncipe continuou sentado em sua cadeira ao lado dela. Mas Vária afastou-se para um lado. O retrato de Nastássia Filípovna achava-se em lugar mais visível, na mesinha de trabalho de Nina Alieksándrovna, exatamente diante dela. Gânia fitou-o, aborreceu-se e dirigiu-se à sua escrivaninha que estava localizada no outro extremo da sala.

— Com que então é hoje, Gânia? — perguntou, de repente, Nina Alieksándrovna.

— Que é que vai passar-se hoje? — resmungou Gânia e voltou a dirigir-se ao príncipe. — Ah! já compreendo; também nesta dança está metido o senhor! Mas que é que se passa com o senhor? Trata-se de uma doença ou de uma mania? Será que o senhor não pode se conter? Mas, excelência, é preciso tomar juízo.

— Sou o único culpado, Gânia, e ninguém mais — interrompeu-o Ptítsin.

Gânia olhou-o interrogativamente.

— Isto é o melhor, Gânia; tanto mais quanto que, de uma parte, se trata de coisa feita — murmurou Ptítsin e, afastando-se para um lado, sentou-se à mesa, tirou do bolso um papel, rascunhado a lápis e pôs-se a examiná-lo atentamente. Gânia continuava de pé, franzindo o cenho e aguardava com inquietação uma cena de família.

— Se é já coisa feita, então Ivan Pietróvitch, naturalmente, tem razão — disse Nina Alieksándrovna. — Não feches a cara, Gânia, nem te aborreças, que não vou fazer-te pergunta nenhuma a respeito daquilo que tu mesmo não me queres dizer e asseguro-te que me resignarei a tudo; de modo que faz-me o favor de não te afligires.

Disse isto sem desviar a vista de seu trabalho e, ao que parecia,

completamente tranquila. Gânia estava assombrado, mas por prudência calava-se e fitava sua mãe, esperando que se explicasse com mais clareza. Os desgostos de família saíam-lhe muito caros. Nina Alieksándrovna notou aquela prudência e, com amargo sorriso, acrescentou:

— Tu estás sempre duvidando e não acabas tendo confiança em mim. Pois não te preocupes: não haverá lágrimas nem súplicas, como até aqui, de minha parte, pelo menos. Todo o meu desejo se resume em que sejas feliz, e de sobra o sabes. Vou me resignar à sorte, mas meu coração estará sempre contigo, quer sigamos unidos, quer nos separemos. É claro que só respondo por mim. Não podes exigir outro tanto, de tua irmã…

— Ah! outra vez ela! — exclamou Gânia, olhando sua irmã com olhos zombeteiros e rancorosos. — *Mámienhka*! Torno a jurar-lhe o que já lhe prometi: ninguém nunca se atreverá a faltar-lhe ao respeito, enquanto aqui estiver, enquanto viver. Disso nem precisa falar e vigiarei para que se guarde todo o respeito devido à senhora, seja quem for que atravesse os umbrais desta casa…

Gânia estava tão agitado que olhou para sua mãe, quase reconciliado e terno.

— Eu por mim nada temo, Gânia, bem o sabes. Não era por mim que tinha estado inquieta e preocupada todo este tempo. Dizem que hoje há de decidir-se tudo? É hoje que vai decidir-se deveras?

— Esta noite, em sua casa, prometeu responder-me de uma vez, sim ou não — respondeu Gânia.

— Nós levamos cerca de três semanas evitando falar disso e era o melhor que podíamos fazer. Agora, que já está tudo resolvido, só uma coisa me permito perguntar-te: como pode ela dar-te seu consentimento e até dedicar-te seu retrato, sendo fato que não a amas? Como, com uma mulher… tão… tão…

— Vamos, tão experimentada, não é verdade?

— Não queria empregar esse termo. Será que tu conseguiste a tal

ponto cegar lhe os olhos?

Intolerável irritação denunciava-se, de repente, naquela pergunta. Gânia deteve-se, meditou um instante e, sem dissimular um sorriso, disse:

— A senhora se exalta, *mámienhka*, e perde outra vez a serenidade, e desse modo entre nós tudo começa e se exaspera. A senhora disse há um momento: “Não haverá perguntas nem censuras”, e veja que já estão começando. Deixemos esse tema, será melhor: Sim, façamos isso. A senhora pelo menos teve a intenção… Eu nunca, nem por coisa alguma, hei de abandoná-la; qualquer um outro fugiria de uma irmã como a que tenho, pelo menos… é preciso ver as olhadelas que me dá! Vamos acabar com isto! E eu que estava tão contente! De onde a senhora tira que estou enganando a Nastássia Filípovna? Quanto a Vária, pode fazer o que quiser e basta! Vamos, agora já falamos bastante!

Gânia acalorava-se a cada palavra que dizia, e ia e vinha, sem rumo, pela sala. Aqueles diálogos convertiam-se logo em um ponto doloroso para todos os membros da família.

— Disse que se ela entrar aqui, vou-me eu embora, e cumprirei minha palavra — disse Vária.

— Por teimosia! — exclamou Gânia. — Por teimosia não te casas! Por que encolhes os ombros? Não ligo absolutamente a isso, Varvara Ardaliónovna. Faz o que quiseres… Cumpre, agora mesmo, se quiseres, tua palavra. Já estou farto! Como? Decide-se, afinal, a deixar-nos, príncipe? — exclamou, encarando o príncipe, ao ver que este se levantara da cadeira.

A voz de Gânia já mostrava aquele grau de excitação em que o homem quase se alegra com seu nervoso, entrega-se a ele sem o menor freio e até com delegação crescente, sem pensar aonde possa conduzi-lo. O príncipe voltou-se da porta para responder-lhe, mas, ao perceber, pela doentia expressão do semblante de seu ofensor, que só faltava uma gota para que o vaso transbordasse, deu meia volta e retirou-se em silêncio. Uns minutos depois, as vozes que vinham da sala deram-lhe a entender que, na sua ausência, havia continuado o diálogo ainda

mais sem reservas e barulhento.

Atravessou o salão e foi sair na saleta de entrada, para seguir pelo corredor e encaminhar-se para seu quarto. Ao passar junto à porta que conduzia à escada, sentiu e notou que alguém, de fora, lutava com todas as suas forças, para puxar a campainha, que sem dúvida devia estar estragada, pois limitava-se a estremecer, sem soar. O príncipe correu o ferrolho, abriu a porta e quedou-se estupefato e até tremeu da cabeça aos pés: diante de si estava Nastássia Filípovna. Reconheceu-a imediatamente pelo retrato. Seus olhos cintilavam numa explosão de cólera ao encontrar-se com ele. Entrou sem demora para a saleta, batendo nele com o ombro ao passar e disse, iracunda, enquanto tirava a peliça:

— Se tens preguiça de consertar a campainha, pelo menos mantém-te na saleta, para atender aos chamados. Agora deixou ele cair a peliça, o pateta!

A peliça havia, efetivamente, caído no chão; sem esperar que o príncipe a ajudasse a tirá-la, Nastássia Filípovna havia-a atirado para o braço dele, sem olhar para trás, de costas, mas o príncipe não teve a pressa suficiente para apanhá-la.

— É preciso mandar-te embora! Anda, anuncia-me.

O príncipe quis dizer algo, mas a tal ponto ficou confuso que não acertou dizer coisa alguma e, com a peliça que apanhara do chão, encaminhou-se para a sala de visitas.

— Bem, agora vem ele com minha pele! Por que vai levando minha peliça? Ah! ah! ah! estás louco?

O príncipe voltou-se e olhou para ela, como se estivesse petrificado. Quando ela riu, ele riu também, mas ainda não conseguia mover a língua. No primeiro instante, ao abrir-lhe a porta, havia empalidecido, mas agora, de repente, as cores subiram-lhe ao rosto.

— Mas que se passa com esse idiota? — exclamou, indignada, Nastássia Filípovna. — Mas aonde vais? A quem vais anunciar?

— A Nastássia Filípovna — balbuciou o príncipe:

— Mas tu me conheces? — indagou ela, rapidamente. — Eu nunca te vi. Anda, anuncia-me… Mas que gritos são esses?

— É que estão brigando — respondeu o príncipe e dirigiu-se para a sala. Entrou num momento bastante decisivo. Nina Alieksándrovna já estava perfeitamente, disposta a esquecer que se resignava a tudo; aliás saíra em defesa de Vária. Do lado de Vária estava também Ptítsin, que já havia largado seu papelzinho garatujado a lápis. Vária não se intimidava, pois não era nenhuma menina de dez anos, mas a grosseria de seu irmão tornava-se a cada palavra mais vulgar e insuportável. Em tais ocasiões, ela, geralmente, se calava e, em silêncio, ficava olhando, sarcástica, seu irmão, sem desviar dele o olhar. Tal artimanha, sabia muito bem, era capaz de fazer aquele ultrapassar os derradeiros limites. Naquele preciso instante entrou o príncipe na sala e anunciou com voz sonora:

— Nastássia Filípovna!

## Capítulo IX

Reinou silêncio geral; todos se voltaram para olhar o príncipe, como se não o tivessem entendido e… sem querer entendê-lo. Gânia ficou paralisado de temor.

A chegada de Nastássia Filípovna, e sobretudo naquele instante, representava para todos a mais estranha e perturbadora surpresa. Era já bastante que Nastássia Filípovna fosse visitá-los pela primeira vez. Até então havia-se conduzido com tanta altivez que, em suas conversas com Gânia, jamais havia manifestado desejos de conhecer seus parentes e nos últimos tempos nem sequer os mencionava, nem mais, nem menos como se não existissem no mundo. Gânia, apesar de alegrar-se, em parte, por ficar adiado um tema de conversa para ele tão penoso, não deixava de censurar, no íntimo do coração, aquela altivez. Seja como for, antes esperava dela risadas e zombarias à custa de sua família e não que fosse visitá-lo. Sabia com certeza que ela estava ciente de tudo quanto sucedia em casa dele a propósito de seu

noivado e com que olhos a olhavam. Sua visita, agora, depois de oferecer lhe seu retrato e no dia de seu aniversário, no dia em que havia prometido decidir sua sorte, quase vinha significar essa mesma decisão.

A perplexidade com que todos olhavam o príncipe prolongou-se um momento. Nastássia Filípovna assomou então aos umbrais da porta e novamente, ao entrar na sala, deu ligeiro encontrão no príncipe…

— Pude por fim entrar!… Por que amarram tão fortemente a campainha? — disse em tom jovial, dando a mão a Gânia, que havia corrido, pressuroso, ao seu encontro. — Por que estão todos com esses rostos tão alterados? Vamos, apresenta-me, faz favor.

Gânia, que estava completamente atarantado, apresentou-a primeiro a Vária e ambas antes de tudo, começaram por estender-se as mãos, trocando entre si estranhos olhares. Nastássia Filípovna aliás, ria e disfarçava seus sentimentos com uma exibição de jovialidade. Mas Vária não queria fingir e fitava, sombria e fixamente: nem sequer aquela sombra de sorriso pedido pela simples urbanidade aparecia em seu rosto. Gânia ficou pálido; já não era ocasião para suplicar, de modo que olhou Vária de um modo tão ameaçador que ela compreendeu, pela força de tal olhar, o que para seu irmão significava aquele instante. E então ela, ao que parecia, resolveu ceder diante de seu irmão e embora a contragosto, sorriu para Nastássia Filípovna. (Todos na família ainda se amavam.) Nina Aliéksándrovna arranjou um pouco a coisa, ao ser apresentada por Gânia, completamente confuso, depois que apresentou a irmã. Fizera mesmo a apresentação a Nastássia Filipovna em vez de fazer a desta à sua mãe. Mas tão logo começara Nina Alieksándrovna a falar de seu “grande prazer, etc.”, Nastássia Filípovna, sem acabar de ouvi-la, voltou-se rapidamente para Gânia e, sentando-se, sem esperar que a tivessem convidado, no divãzinho, no canto junto à janela, exclamou:

— Onde é o vosso gabinete?… E… onde estão os inquilinos? Aceitam inquilinos, não é mesmo?

Gânia ficou muito vermelho e não sabia o que dizer, mas

Nastássiá Filípovna imediatamente acrescentou:

— Onde meteis, inquilinos, aqui? Nem mesmo gabinete tendes. Isso rende? — perguntou ela dirigindo-se, de repente, a Nina Alieksándrovna.

— Dão muito que fazer — respondeu esta última, — mas é claro que se tem lucro. Nós, aliás, unicamente…

Mas Nastássia Filípovna já não a escutava de novo. Olhou para Gânia, riu e disse em voz alta:

— Com que cara estás! Meu Deus, só se vendo a cara com que estás neste momento!

Prolongou-se um tanto aquela risada e Gânia, era verdade, tinha um rosto terrivelmente transtornado. Sua imobilidade, sua perturbação cômica e tímida não puderam deixar de chocá-la de repente. Mas ele ficou muito pálido; os seus lábios se contraíam de modo convulsivo; em silêncio, com olhar fixo e intratável, sem desviar a vista, contemplava sua visitante que continuava a rir.

Havia ali também outro observador, que mal se repusera do assombro que lhe produzira a chegada de Nastássia Filípovna, mas embora ainda continuasse de pé, como um poste, no mesmo lugar, na porta da sala, pudera notar a palidez e a funesta mudança de semblante de Gânia. Esse observador era o príncipe. Quase assustado, adiantou-se maquinalmente alguns passos.

— Beba um pouco d'água — murmurou a Gânia. — E não olhe desse modo…

Era visível que o havia dito sem dar-se conta, sem nenhuma intenção especial, como que seguindo o primeiro impulso; mas suas palavras surtiram um efeito extraordinário. O resultado é que toda a cólera de Gânia descarregou-se sobre o príncipe. Agarrou-o pelo ombro e ficou a fitá-lo em silêncio, com ódio e rancor, como se lhe faltassem forças para falar. Levantou-se emoção geral: Nina Alieksándrovna lançou um leve grito; Ptítsin adiantou-se uns passos, inquieto; Kólia e Fierdíchtchenko, que surgiram naquele momento à

porta, detiveram-se, atônitos, sendo Vária a única que, como antes, continuou observando tudo, de soslaio, mas atentamente. Não estava sentada, mas de pé, um pouco de parte, junto de sua mãe, com os braços cruzados sobre o peito.

Mas Gânia conteve-se em seguida, quase no primeiro instante de seu gesto e rompeu numa risada nervosa. Recobrara por completo o autodomínio.

— Mas o senhor será médico, príncipe? — perguntou, porém, com o tom mais jovial e ingênuo. — O senhor me assustou. Nastássia Filípovna, preciso apresentá-la a este apreciadíssimo sujeito que, não obstante, só conheço desde esta manhã.

Estupefata, Nastássia Filípovna contemplava o príncipe.

— Príncipe? Mas é príncipe? Imaginem que há um instante, na antessala, tomei-o por um criado e mandei-o anunciar-me. Ah! ah! ah!

— Não se aflija, não se aflija! — disse Fierdíchtchenko, entrando, muito contente por ver que já começavam a rir-se. — Não se aflija; *se non è vero*…[19]

— Por pouco não lhe passo uma descompostura, príncipe. Rogo-lhe que me perdoe. Mas, Fierdíchtchenko, o senhor aqui a esta hora? Não esperava encontrar o senhor, pelo menos. Mas príncipe de quê? Míchkin? — perguntou a Gânia, que diante de tudo isto, sem soltar o ombro do príncipe, tinha começado a apresentá-lo.

— Nosso hóspede — repetiu Gânia.

Ao que parecia, apresentavam o príncipe como algo de raro (aproveitado por todos como um recurso para sair daquela situação falsa) e quase que lhe metiam pelos olhos adentro de Nastássia Filípovna. O príncipe ouviu com toda a nitidez a palavra “idiota”, murmurada às suas costas, ao que parece por Fierdíchtchenko, como que dando explicações a Nastássia Filípovna.

— Diga-me: por que não me tirou de meu erro, quando, há um instante, tão horrivelmente… o confundi? — prosseguiu Nastássia

Filípovna, examinando o príncipe dos pés à cabeça, sem a menor cerimônia; impaciente, aguardava a resposta, como se perfeitamente convencida de que esta havia de ser tão estúpida, que não teria outro remédio senão rir.

— Fiquei surpreendido ao vê-la assim, de repente… — balbuciou o príncipe.

— Mas como sabia o senhor quem era eu? Onde me havia visto antes? Na verdade, parece que não foi esta a primeira vez que nos vimos! E permita-me uma pergunta: por que há pouco ficou o senhor aí parado? Que tenho eu para produzir esse pasmo?

— Ora, ora! — continuou Fierdíchtchenko, fazendo-se engraçado. — Ora! Oh! Senhor, quantas coisas não responderia eu a essa pergunta! Bem… És um tolo, príncipe, afinal!

— Também eu responderia a tudo isso, se estivesse em seu lugar — fez notar o príncipe a Fierdíchtchenko. — Há pouco me causou grande impressão seu retrato — continuou, dirigindo-se a Nastássia Filípovna. — Depois, não faz muito tempo, estive falando a seu respeito com as Iepántchini. Mas ainda antes disto, esta manhã, antes de chegar a Petersburgo, no trem, Parfien Rogójin falou-me da senhora. E no preciso instante em que fui abrir-lhe a porta, estava também pensando na senhora e, de repente, encontrei a senhora em pessoa.

— Mas como pôde reconhecer que era eu?

— Pelo retrato e…

— E que mais?

— Bem, porque a imaginava precisamente como é… Também a mim me parecia tê-la visto não sei onde.

— Onde? Onde?

— Creio ter visto em alguma parte seus olhos… mas não é possível. É que sou assim… Aqui nunca estive. Pode ser que tenha sido em sonhos…

— Ah! príncipe, cuidado! — exclamou Fierdíchtchenko. — Não, retiro o meu *se non è vero*. Aliás, aliás, diz tudo isso ingenuamente — acrescentou, compassivo.

Havia o príncipe pronunciado aquelas poucas palavras com voz insegura, detendo-se e tomando alento. Tudo nele exprimia excessiva emoção. Nastássia Filípovna fitava-o com curiosidade, porém já não ria. Naquele mesmo instante, de repente, uma nova voz forte, que se deixou ouvir fora do grupo que rodeava, compacto, o príncipe e Nastássia Filípovna, atravessou, por assim dizer, o grupo e dividiu-o em dois. Diante de Nastássia Filípovna estava o próprio chefe da família, o General Ívolguin. Vestia fraque e trazia camisa limpa Os bigodes estavam muito tintos…

Isto era mais do que Gânia podia suportar.

Vaidoso e ambicioso até o extremo, até a hipocondria, tendo procurado naqueles dois meses alguma circunstância que lhe permitisse considerar-se mais distinto e conduzir-se mais nobremente; sentindo que era ainda novato no caminho escolhido e estava apenas em condições de perseverar nele; tendo tomado, finalmente, em sua casa, onde se fazia um déspota, a resolução desesperada de ostentar o maior cinismo, mas sem atrever-se a isso em presença de Nastássia Filípovna, que desde o primeiro momento o havia arrancado dos eixos e continuava, implacável, mantendo-se superior a ele; “impaciente mendigo”, segundo expressão da própria Nastássia Filípovna, que havia chegado a seus ouvidos; depois de haver jurado a si próprio, com toda espécie de juramentos, separar-se de tudo isso no futuro e sonhando, ao mesmo tempo, por vezes infantilmente, em pôr fim a tudo aquilo e harmonizar as contradições, era obrigado agora a sorver todo aquele horrível cálice e sobretudo, em tal momento. Outro indefinido, porém ferocíssimo martírio para um homem vaidoso — o tormento de envergonhar-se de seus parentes em sua própria casa — coube-lhe em sorte. “Mas será que, afinal de contas, valerá tudo isto o galardão esperado?” Tal ideia cruzou naquele momento a mente de Gânia.

Estava ocorrendo naquele instante o que durante aqueles dois meses só havia sido um sonho de suas noites, uma espécie de pesadelo

que o transia de susto e o consumia de vergonha: sucedeu finalmente, o encontro em família de seu pai com Nastássia Filípovna. Por vezes, excitando-se e irritando-se, havia tratado de imaginar o general no momento do casamento; mas jamais pudera completar com a imaginação o penoso quadro e dava-se logo pressa em abandoná-lo. Talvez exagerasse sem proporção a catástrofe, mas assim ocorre sempre com as pessoas vaidosas. Naqueles dois meses tivera tempo para uma análise e uma resolução, prometendo a si mesmo, fosse como fosse, ocultar de algum modo seu pai e, se fosse possível, até afastá-lo de Petersburgo, contando, ou sem contar, com o beneplácito de sua mãe. Havia dez minutos, quando Nastássia Filípovna entrara, ficou tão surpreendido, tão estupefato, que se esqueceu inteiramente da possibilidade de que surgisse em cena. Ardalion Alieksándrovitch e não adotou medida nenhuma para evitar isso. E eis que o general se encontrava ali de súbito, na presença de todos, e, não assim, à vontade, mas solenemente disposto e de fraque e, sobretudo, no momento preciso em que Nastássia Filípovna só procurava uma oportunidade de zombar dele e dos seus (tinha certeza disso). E efetivamente, que significava aquela visita sua senão isso? Viera aqui para conhecer sua mãe e sua irmã, ou para ofendê-las em sua própria casa? Mas, a respeito da disposição de ânimo em que ambas as partes se encontravam, não havia dúvida nenhuma: sua mãe e sua irmã estavam de um lado, como banidas; ao passo que Nastássia Filípovna parecia até ter-se esquecido de que aquelas se achavam em sua casa. E, quando assim procedia, sem dúvida tinha algum objetivo.

Fierdíchtchenko pegou o general e apresentou-o.

— Ardalion Alieksándrovitch Ívolguin — declarou o general com dignidade, inclinando-se e sorrindo, — velho e desditoso soldado e pai de família, feliz diante da esperança de albergar em seu seio tão sedutora…

Não chegou a terminar a frase. Fierdíchtchenko apressou-se em pôr por trás uma cadeira e o general, que naquele momento, em que acabava de jantar, se sentia fraco de pernas, deixou-se cair, ou melhor dito, derrubou-se no assento e, com gesto simpático, de um modo lento e afetado, levou os dedos da dama aos lábios. Tornava-se habitualmente muito difícil desconcertar o general. Seu aspecto,

tirando-se algo de sujeira, era bastante distinto, coisa que ele sabia muito bem. Noutros tempos havia frequentado a alta sociedade, da qual havia apenas dois ou três anos se afastara definitivamente. Desde aquele tempo tinha se entregado com demasiado desenfreio às suas fraquezas; mas as maneiras apropriadas e afáveis não tinham chegado a abandoná-lo.

Nastássia Filípovna pareceu ter-se alegrado muito com a presença de Ardalion Alieksándrovitch, do qual, sem dúvida, tinha ouvido falar.

— Soube que meu filho… — começou Ardalion Alieksándrovitch.

— Sim, seu filho! O senhor também é um bonitão, *papacha*! Por que nunca foi visitar-me? Será que o senhor se esconde, ou é seu filho que o oculta? O senhor teria podido muito bem visitar-me, sem se comprometer absolutamente.

— Os jovens do século XIX e seus pais… — começou o general.

— Nastássia Filípovna! Faça o favor de deixar em liberdade por um momento Ardalion Alieksándrovitch, pois o estão chamando! — disse em voz alta Nina Alieksándrovna.

— Deixar em liberdade? Mas ouvi falar tanto dele que tinha grande vontade de conhecê-lo há muito tempo! Mas em que se ocupa? Está reformado, não? O senhor não irá deixar-me, general; não sairá daqui!

— Dou-lhe minha palavra de que dentro em pouco estará com a senhora, mas agora necessita descansar.

— Ardalion Alieksándrovitch, estão dizendo que o senhor necessita descansar! — exclamou Nastássia Filípovna, fazendo uma caretinha de desgosto e enfado, nada mais, nada menos do que como uma menina estouvada a quem tomam um brinquedo.

O general pareceu esforçar-se de propósito para tornar ainda mais ridícula sua posição.

— Minha amiga! Minha amiga! — disse em tom de censura, dirigindo-se solenemente à sua esposa e levando a mão ao coração.

— A senhora não se retira, *mámienhka*?… — perguntou Vária em voz alta.

— Não, Vária. Ficarei até o final.

Nastássia Filípovna não pôde deixar de ouvir a pergunta e a resposta. Mas seu bom humor pareceu subir de ponto. Imediatamente voltou a crivar o general com perguntas e, cinco minutos depois, já se encontrava ele na mais solene disposição de espírito e rompia a falar em tom oratório, diante das ruidosas gargalhadas de todos os presentes.

Kólia puxou pela fímbria a sobrecasaca do príncipe.

— Tire-o daqui, de qualquer jeito. Como, não pode? Faça o favor! — e lágrimas ardentes de desgosto brotaram dos olhos do pobre rapazinho. “Oh! maldito Ganhka!”, disse entre si.

— Com Ivan Fiódorovitch Iepántchin tinha já grande amizade, efetivamente — encareceu o general, respondendo a uma pergunta de Nastássia Filípovna. — Eu, ele e o falecido Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin, cujo filho hoje abracei, ao fim de vinte anos de separação, formávamos a mais inseparável companhia… uma espécie de três mosqueteiros: Atos, Portos, Aramis. Mas, ai! um jaz no sepulcro, derrotado pela calúnia e por uma bala; o outro, tem-no a senhora aqui presente, lutando também contra as calúnias e as balas…

— As balas?! — exclamou Nastássia Filípovna.

— Tenho-as aqui, alojadas no meu peito, pois as recebi ao pé de Kars[20] e, quando faz mau tempo, doem-me. Mas, em todos os demais sentidos, faço vida de filósofo: ando, passeio, jogo em meu café, como um burguês retirado dos negócios, o xadrez, e leio *A Independência*. Mas com o nosso Portos Iepántchin, depois dessa história que há três anos me ocorreu no trem, por culpa de um cachorrinho, rompi definitivamente.

— Por culpa de um cachorrinho? Mas que foi isso? — indagou Nastássia Filípovna com especial curiosidade. — Um cachorrinho? Permita-me, e no trem!… — acrescentou, como que recordando.

— Oh! uma estúpida história que não vale a pena repetir! Trata-se da professora da Princesa Bielokónskaia, a Senhora Schmidt. Mas… não vale a pena repeti-la.

— Pois terá o senhor de contá-la quer queira, quer não! — exclamou Nastássia Filípovna, alegremente.

— Eu também até agora nunca a ouvi! — observou Fierdíchtchenko. — *C'est du nouveau.*[21]

. Ardalion Alieksándrovitch! — vibrou de novo a voz suplicante de Nina Alieksándrovna.

— *Papacha*, estão chamando — gritou Kólia.

— Uma estúpida história que pode se condensada em duas palavras — começou o general, lisonjeado. — Há dois anos, sim, acabava de inaugurar-se a estrada de ferro de ***. Eu (que ia à paisana) andava tratando de assuntos muito importantes para mim, referentes ao bom êxito de meu serviço. Comprei uma passagem de primeira classe. Entro, sento-me, fumo. Quero dizer, continuo fumando, porque fumando estava. Ia sozinho no compartimento. Não era proibido fumar, mas tampouco era permitido. Havia uma espécie de meia permissão, como ocorre sempre. Isso sem dúvida depende das pessoas. A portinhola estava baixada. De repente, quando o trem já apitava, entram duas senhoras, com um cãozinho de colo e se sentam precisamente diante de mim. Chegavam atrasadas. Uma estava trajada de azul-claro e chamava a atenção; a outra, mais discreta, trazia um vestido de seda preta e uma romeira. Nada feias as duas, de olhar desdenhoso, falam inglês. Eu, naturalmente, nada entendo; continuo fumando. Isto é, pensei em fazer isso, mas depois, como a portinhola estivesse aberta, mudei de lugar e continuei fumando ao lado dela. O cãozinho da senhora de azul estava tranquilamente enrodilhado nos joelhos dela e era um bichinho de nada, que caberia dentro de minha mão, preto, com as patinhas brancas, uma gracinha mesmo. A coleira, de prata, com algo escrito. Eu, nem nada. Limito-me a observar que as senhoras, ao que parecia, haviam ficado de mau humor, sem dúvida por causa de meu charuto. Uma delas me encara com sua luneta, de aros de tartaruga. Eu, nem nada. Porque fiquem certos de que elas não

abriram a boca! Se tivessem dito alguma coisa, se me tivessem advertido, perguntado… Para algo, afinal, foi dada a língua ao homem. Elas, porém, caladas… até que, de repente (e creiam-me todos, sem a menor advertência, isto é, sem a mínima advertência, inteiramente como se tivesse perdido o juízo), a senhora de azul toma-me o charuto e atira-o pela janela. O trem voa; olho estupefato. Mulher selvagem; selvagem mulher, de tipo perfeitamente selvagem, mas, no entanto, uma mulher corpulenta, cheia de carnes, alta, loura, corada (até demais); seus olhos lançam-me chamas. Sem dizer uma palavra, eu, com extraordinária cortesia, com a mais perfeita, a mais refinada cortesia, pego o cachorrinho muito delicadamente pelo pescoço e atiro-o pela portinhola atrás do charuto! O bicho deu apenas um gritinho! O trem continuou voando…

— O senhor é um monstro!… — gritou Nastássia Filípovna, rindo às gargalhadas e batendo palmas como uma criança.

— Bravo! bravo! — clamou Fierdíchtchenko. Riu-se Ptítsin, a quem havia causado tão péssimo efeito a aparição do general; o próprio Kólia pôs-se a rir e também gritou: “Bravo!”.

— Eu tinha razão, e mais que razão, três vezes razão! — continuou dizendo, com veemência, o entusiasmado general, — porque se no trem é proibido fumar charuto, com maior razão é proibido levar cachorro.

— Bravo, *papacha*!… — gritou Kólia, com entusiasmo. — magnífico! Eu decerto teria feito o mesmo!

— Mas que fez aquela senhora? — perguntou Nastássia Filípovna, com impaciência.

— Aquela senhora? Pois aí é que está o desagradável da história — continuou o general, franzindo o cenho. — Sem dizer uma palavra e sem a menor advertência, assestou-me uma bofetada! Uma mulher brava, de tipo perfeitamente selvagem!

— E o senhor?

O general baixou os olhos, arqueou as sobrancelhas, arqueou os

ombros, apertou os lábios, abriu as mãos como que absolvendo, guardou silêncio um instante e, de repente, disse:

— Fiquei cego!

— E bateu-lhe… Com força?

— Oh! palavra de honra, com força não! Seguiu-se uma cena escandalosa, mas não a machuquei. Simplesmente devolvi a bofetada uma vez, unicamente para retribuir-lhe. Mas o próprio Satanás atrapalhou tudo. A senhora de azul aconteceu ser uma inglesa, professora ou amiga da Princesa Bielokónskaia e a de traje preto, a mais velha das Princesas Bielokónski, uma solteirona de trinta e cinco anos. Agora bem: todos sabem quais as relações que unem a Generala Iepántchina com a casa das Bielokónski. Todas aquelas princesas desmaiadas, lágrimas, dó pelo querido cachorrinho, gritinhos de seis princesas, gritinhos da inglesa… o fim do mundo!… Nem é preciso dizer que me arrependi; fui apresentar-lhes minhas desculpas e escrevi uma carta; mas não nos receberam, nem a mim, nem à carta e com Iepántchin, discussão, exclusão, expulsão.

— Mas, permita, como foi isso? — perguntou, de repente, Nastássia Filípovna. — Há cinco ou seis dias li em *A Independência*, sempre leio *A Independência*, uma história idêntica a essa. Nada, a mesma! A aventura ocorrida em um trem da estrada de ferro do Reno entre um francês e uma inglesa; havia aquilo de arrebatar o charuto e de atirar o cãozinho pela portinhola. Em uma palavra, até o final era o mesmo que o da história do senhor! Até o traje azul!

O general ficou tremendamente vermelho. Kólia enrubeceu também e apertou a cabeça com as mãos; Ptítsin deu rapidamente meia volta. O único que se riu como antes foi Fierdíchtchenko. De Gânia nada há que dizer; estivera todo o tempo de pé, sofrendo em silêncio um suplício intolerável.

— Asseguro-lhe — balbuciou o general, — que esse lance ocorreu mesmo comigo…

— *Papacha* teve efetivamente uma desavença com a Senhora Schmidt, a professora das Bielokónski — exclamou Kólia. — Lembro-

me disso.

— Como? Mas detalhe por detalhe? A mesma e idêntica história nos dois extremos da Europa e com as mesmas circunstâncias, inclusive a do traje azul claro? — insistiu a implacável Nastássia Filípovna. — Enviar-lhe-ei *A Independência Belga*.

. Mas preste atenção — insistiu o general, — ao fato de que isso me ocorreu há dois anos!…

— Ah! é isso? — disse Nastássia Filípovna, lançando uma gargalhada quase histérica.

— *Papacha*, rogo-lhe que se retire, estou querendo dizer-lhe duas palavras — suplicou Gânia com voz trêmula e dolorida, segurando seu pai maquinalmente por um ombro. Fervia em seu olhar um ódio infinito.

Naquele mesmo instante, ouviu-se um toque de campainha sumamente forte na antessala. Aquele toque poderia deitar abaixo a campainha. Era de esperar uma visita insólita. Kólia correu a abrir.

## Capítulo X

Armou-se de repente, na antessala, tremendo barulho e tropel de muita gente. Na sala de visitas parecia terem entrado ali várias pessoas e ainda continuavam outras a entrar. Algumas vozes falavam e gritavam ao mesmo tempo. Falavam e gritavam na escada, sobre a qual a porta, como podia ouvir-se, não se havia fechado. Aquela visita parecia sumamente estranha. Todos trocaram olhares entre si. Gânia correu para o salão, onde já haviam penetrado alguns homens.

— Ah! aqui está o Judas! — exclamou uma voz conhecida do príncipe. — Bom dia, Gânia, seu velhaco!

— Sim, é ele mesmo! — assentiu outra voz.

O príncipe não podia duvidar: uma voz era a de Rogójin; a outra, a de Liébiediev.

Gânia estava de pé, como petrificado, nos umbrais da sala, e olhava em silêncio, sem impedir-lhes a entrada para o salão, os dez homens, uns atrás dos outros, que vinham em seguida a Parfien Rogójin. Era muito heterogêneo aquele bando e se distinguia não só pela diversidade, mas também pelo seu uniforme. Alguns vinham tal como andavam na rua, de paletó e com peliças. Nem todos estavam bêbados, mas pareciam muito alegres. Todos, ao que parecia, empurravam-se para entrar; nenhum seria capaz de fazer isso sozinho e todos se acotovelavam mutuamente. O próprio Rogójin avançava com cautela à frente daquela tropa, embora parecesse abrigar alguma intenção e achar-se possuído de uma preocupação sombria e irritada. Os demais compunham simplesmente o coro ou, melhor dito, a banda de apoio. Além de Liébiediev, estava também ali o esmerado Zaliójev, que deixara sua peliça na antessala e entrava com desenvoltura e elegância, assim como outros dois ou três indivíduos, parecidos com ele, e que, sem dúvida, deviam ser comerciantes. Um trazia farda militar; depois vinham um homenzinho sumamente gordo, que não parava de rir-se; um homenzarrão enorme, de doze verstas, também extraordinariamente gordo, muito esquivo e taciturno, e que era evidente cifrava grandes esperanças em seus punhos; um estudante de medicina; um polaquinho estouvado que se juntara ao grupo. Do patamar da escada, lançavam olhares à antessala, mas não se atreviam a entrar, duas senhoras desconhecidas. Kólia bateu-lhes com a porta no nariz e correu o ferrolho.

— Bom dia, Gânia, seu velhaco!… Quer dizer então não esperavas Parfien Rogójin? — repetiu este, entrando até a sala e detendo-se nos batentes, diante de Gânia. Mas naquele momento, de repente, divisou na sala, diante dele, Nastássia Filípovna. Evidentemente, não lhe havia ocorrido que pudesse encontrá-la ali, porque sua presença causou-lhe uma impressão extraordinária; tão pálido ficou que até os lábios se lhe arroxearam. “Então era verdade! — disse, baixinho, entre si, com aspecto de desconcerto absoluto: — Acabou-se.” Mas vamos ver, não me respondes? — disse, de repente, rangendo os dentes e olhando com furor para Gânia. — Vamos ver… anda!

Respirava com dificuldade e até se exprimia com dificuldade… Penetrou maquinalmente na sala, mas, ao transpor a ombreira, fitou,

de repente, Nina Alieksándrovna e Vária e se deteve, algo desconcertado, não obstante toda a sua emoção. Atrás dele entraram Liébiediev, que o seguia como sua sombra, e já estava muito embriagado, e em seguida o estudante e o tal dos punhos; Zalíojev, que se movia para a direita e para a esquerda, e, finalmente, abriu passagem o homenzinho rechonchudo. A presença das senhoras coibiu-os a todos um pouco e era evidente que se lhes impunha, sem dúvida, somente até começar, até o primeiro pretexto para dar o grito e começar… Porque então já não haveria senhoras que os detivessem.

— Como? Tu também estás aqui príncipe?… — disse Rogójin, distraído, até certo ponto espantado por encontrar-se ali com o príncipe. — E com tuas polainas!… hem? — disse; esquecendo-se em seguida do príncipe e fitando de novo o olhar em Nastássia Filípovna, aproximando-se dela como se atraído por um ímã. Nastássia Filípovna também fitava com inquietação o visitante.

Gânia, finalmente, voltou a si.

— Mas permita-me o senhor: que significa isso? — gritou, olhando severamente os intrusos e encarando especialmente Rogójin. — Não estão os senhores em nenhum estábulo, creio. Estas aqui são minha mãe e minha irmã…

— Estamos vendo que se acham aqui tua mãe e tua irmã — murmurou entre dentes Rogójin.

— Bem se vê que são a mãe e a irmã dele — concordou como um eco Liébiediev:

O tal dos punhos, supondo, seguramente, que era chegado o momento, começou a resmungar.

— Mas, palavra! — gritou Gânia de repente e como numa explosão desproporcionada. — Em primeiro lugar, vão vocês fazer-me o favor de sair para a saleta e depois vão dizer-me com quem…

— Ora, como se não soubesses! — clamou Rogójin, irado; sem mover-se de seu lugar. — Com que então não conheces Rogójin?

— Suponhamos que nos tenhamos visto em algum lugar… apesar disso…

— Que nos tenhamos visto em algum lugar? E não faz nem três meses que me ganhaste no jogo duzentos rublos de meu pai, coisa que o velho não chegou a saber, porque morreu entretempo! Tu me engodaste e Kniff trapaceou-me. Então não sabes? Pois o próprio Ptítsin é testemunha! Se eu te mostrasse três rublos de prata tirados do meu bolso, tu te arrastarias de quatro pés até o Vassílievski por causa disso… tal é o teu caráter. Tal a qualidade de tua alma! E agora vim aqui para comprar-te por dinheiro. Não repares que tenha entrado aqui com estas botas. Ganhei muito dinheiro agora, irmãozinho, e posso comprar a ti e a toda a tua gente!… Posso comprar todos se quiser! — clamava Rogójin, cada vez mais exaltado e como que ébrio. — Ah! — gritou. — Nastássia Filípovna! não me abandone. Diga uma palavrinha: vai casar-se com ele ou não?

Rogójin formulou sua pergunta como que fora de si e como se se dirigisse a alguma divindade e com a audácia de um condenado ao suplício que já não liga a mais nada. Com ânsias de morte, aguardava a resposta.

Nastássia Filípovna mediu-o com olhar zombeteiro e altivo, mas fixou a vista em Vária e Nina Alieksándrovna e, subitamente, mudou de tom.

— Naturalmente não. A que vem isso? E quem lhe meteu na cabeça fazer-me tal pergunta? — respondeu com voz tranquila e séria e como que com certo espanto.

— Não, então? Não? — exclamou Rogójin, quase que transtornado de alegria. — Com que então, não?… Ah!… Bem!… Nastássia Filípovna!… Dizem que a senhora está noiva de Gânia! Dele! Mas… será acaso possível? Disse a todos que era impossível. Posso comprá-lo por cem rublos. Se fosse dar-lhe mil, três mil para afastar-se, ele fugiria no dia de seu casamento e deixaria a noiva para mim. Não é assim mesmo, Gânia, seu velhaco? Ficarias satisfeito com os três mil, não? Pois aqui os tens… aqui está o dinheiro. Vim para obter de ti o recibo de acordo. Eu disse que o compraria e hei de comprá-lo!

— Saia daqui, seu bêbado! — gritou Gânia, que ora ficava rubro, ora pálido.

Em seguida a este grito soou súbita explosão de vozes: todo o bando de Rogójin havia muito tempo que só aguardava o sinal para a batalha. Liébiediev com extraordinária solicitude, sussurrou algo ao ouvido de Rogójin.

— Tens razão, funcionário! — respondeu Rogójin. — Tens razão, alma embriagada! Ah! aconteça o que acontecer! Nastássia Filípovna! — exclamou, olhando-a como louco, enfurecendo-se e animando-se de repente até a grosseria. — Aqui tens dezoito mil rublos! — e atirou em cima da mesa, diante dela, um pacotinho envolvido em papel branco e atado de cordões cruzados. — Toma! E… ainda há mais!

Não se atreveu a dizer tudo o que queria.

— Não… não… não! — voltou a sussurrar-lhe Liébiediev com cara de muito susto. Talvez se assustasse diante da enorme quantia e tratava de induzi-lo a provar sua fortuna com outra incomparavelmente menor.

— Não. Tu, irmãozinho, és um louco. Não sabes como portar-te aqui… e parece que sou tão louco quanto tu! — disse Rogójin, sobressaltando-se e detendo-se ao dar com o olhar cintilante de Nastássia Filípovna. — Ah! atrapalhei tudo, dando-te ouvidos! — acrescentou com profunda contrição.

Notando o semblante abatido de Rogójin, Nastássia Filípovna prorrompeu, de repente, numa gargalhada.

— Dezoito mil rublos para mim? Ah! bem se vê que és um rústico — acrescentou, de súbito, com insolente familiaridade e, levantando-se do divã, como que se dispôs a retirar-se. Gânia, de coração palpitante, observava toda a cena.

— Quarenta mil, então… quarenta mil e não dezoito! — gritou Rogójin. — O Banco Ptítsin e Biskub prometeu pôr à minha disposição, às sete horas, quarenta mil rublos. Quarenta mil! Em dinheiro contado!

A cena tornava-se por demais grosseira, mas Nastássia Filípovna continuou rindo-se e não se retirou, como se fizesse intencionalmente por prolongá-la. Nina Alieksándrovna e Vária também se levantaram e, assustadas, em silêncio, aguardavam para ver em que pararia aquilo. Os olhos de Vária cintilavam, mas em Nina Alieksándrovna tudo aquilo causava um efeito penoso: tremia e parecia que iria desmaiar dum momento para outro.

— E se não… cem! Hoje mesmo posso dispor de cem mil! Ptítsin, ajuda-me, empresta-me, valerá a pena!

— Mas estás louco?… — murmurou, de repente, Ptítsin, aproximando-se rapidamente e pegando-o pela mão. — Estás bêbado. Vão avisar a polícia. Sabes onde estás?

— Está bêbado e desvaria — declarou Nastássia Filípovna, como se quisesse irritá-lo.

— Não desvario. Hei de trazê-los! Hei de trazê-los esta mesma noite. Ptítsin, encarrega-te disto, alma usurária, por tudo quanto mais queiras. Arranja-me para esta noite cem mil rublos. Provarei que cumpro minha palavra! — disse Rogójin, animando-se de repente até o entusiasmo.

— Mas, de todos os modos, que vem a ser isto? — exclamou o iracundo Ardalion Alieksándrovitch, ameaçadora e subitamente, aproximando-se de Rogójin.

O inesperado da saída do silencioso ancião tornou-a mais cômica. Ouviram-se risadas.

— Mas donde saiu esse? — disse Rogójin, rindo. — Vamos, velhote, haveremos de embriagar-te!

— Isto é já uma maldade! — gritou Kólia, chorando lágrimas de vergonha e de vexame.

— Mas não haverá aqui um só de vocês capaz de pôr para fora daqui essa desavergonhada? — exclamou, de súbito, Vária, toda trêmula.

— Chamam-me desavergonhada!… — replicou Nastássia Filípovna, com desdenhosa jovialidade. — E eu que fui bastante boba para vir aqui convidá-las para minha festa desta noite! Veja você, como me trata sua irmãzinha, Gavrila Ardaliónovitch.

Gânia permaneceu algum tempo como que fulminado diante da exclamação de sua irmã, mas, ao ver que Nastássia Filípovna se retirava, efetivamente, daquela vez, correu como um louco para Vária e, furioso, agarrou-a pelo braço.

— Que fizeste? — gritou, fitando-a como se quisesse reduzi-la a cinzas ali mesmo. Estava decididamente transtornado e mal se dava conta do que fazia.

— Que foi que fiz? Aonde queres arrastar-me? Talvez a pedir-lhe perdão por haver insultado tua mãe e ter vindo desonrar tua casa, malvado? — voltou Vária a clamar, exaltando-se e olhando, desafiadora, para seu irmão.

Permaneceram um instante assim os dois, um em frente à outra, rosto a rosto. Gânia continuava a mantê-la segura. Vária deu um ou dois puxões, com todas as suas forças. Mas não pôde conter-se e, de repente, fora de si, cuspiu no rosto de seu irmão.

— Que senhorita! — exclamou Nastássia Filípovna. — Bravo, Ptítsin! Felicito o senhor!

Tudo dançou diante dos olhos de Gânia e, inteiramente desvairado, assestou, com todas as suas forças, uma bofetada em sua irmã. O golpe com certeza iria acertá-la em pleno rosto. Mas outra mão, de repente, veio deter no ar a de Gânia.

Entre ele e sua irmã havia-se interposto o príncipe.

— Basta, basta! — disse com firmeza, embora todo trêmulo como sob o efeito de uma emoção demasiado forte.

— Mas será possível que sempre se atravesse o senhor no meu caminho? — gritou Gânia, cheio de cólera, soltando o braço de Vária e, com a mão livre, no cúmulo da fúria, descarregou uma bofetada no

rosto de Míchkin.

— Ah! — exclamou Kólia, apertando as mãos. — Ai, meu Deus!

Ouviram-se exclamações de todos os lados. O príncipe ficou lívido. Com um olhar estranho e recriminador fulminou Gânia. Os lábios tremiam-lhe e lutavam em vão por dizer alguma coisa. Um sorriso estranho e que não chegava a formar-se, contraía-os.

— Bem, vá lá que me bata… mas nela… não o permitirei — disse serenamente, por fim. Mas, de repente, abateu-se, largou Gânia, cobriu o rosto com as mãos, retirou-se para um canto, de rosto contra a parede e, com voz entrecortada, disse:

— Oh! como você vai se envergonhar pelo que fez!

Gânia, efetivamente, estava como que acabrunhado. Kólia correu a abraçar e beijar o príncipe. Atrás dele agruparam-se Rogójin, Vária, Ptítsin, Nina Alieksándrovna, todos: até o velho Ardalion Alieksándrovitch.

— Não foi nada, não foi nada! — balbuciou o príncipe, voltando-se para todos os lados e com o mesmo sorriso frustrado.

— Há de arrepender-se! — gritou Rogójin. — Hás de envergonhar-te, Gânia, por ter ofendido semelhante… cordeiro — não pôde atinar com outra palavra. — Príncipe da minha alma, deixa-os. Amaldiçoe-os e venha comigo. Vou lhe mostrar que amigo Rogójin pode ser.

Nastássia Filípovna havia-se impressionado muito com o gesto de Gânia e com a réplica do príncipe. Seu rosto, habitualmente pálido e pensativo, que em momento algum havia mantido harmonia com seu riso anterior, algo forçado, parecia visivelmente comovido agora por um novo sentimento; e, apesar disso, parecia empenhar-se em não demonstrá-lo, e seu riso, literalmente, esforçava-se por não desaparecer de seu rosto.

— Na verdade, onde vi eu esse rosto? — disse, de repente, já séria, recordando-se de súbito de sua pergunta anterior.

— Mas a senhora não sente também vergonha? Será acaso como agora se mostra? Será possível que seja assim? — exclamou, de repente, Míchkin, com acento de profunda e colérica censura.

Nastássia Filípovna assombrou-se, quis rir, mas parecia que algo se ocultava sob sua risada, depois de haver rido um pouquinho, olhou Gânia e saiu da sala. Antes de chegar à antessala, voltou-se de repente, dirigiu-se com rapidez a Nina Alieksándrovna, pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

— Não sou realmente assim, ele tem razão — disse ela, à pressa e com veemência, pondo-se de súbito toda rubra e, dando meia volta, foi-se daquela vez tão rapidamente que ninguém teve tempo para pensar a quem se tinha ela referido. Só viram que ela sussurrava algo ao ouvido de Nina Alieksándrovna e, ao que parecia, lhe beijava a mão.

Gânia voltou a si e saiu a acompanhar Nastássia Filípovna, mas esta já havia saído. Alcançou-a na escada.

— Não me acompanhe! — gritou-lhe ela. — Até a vista, até a noite! Sem falta! Ouviu?

Ele voltou, abstraído, preocupado. Levava em sua alma pesado enigma, mais pesado ainda do que antes. Também pensava levemente no príncipe… Tão concentrado ia que mal percebeu que todo o bando de Rogójin passava a seu lado e até o empurrava na porta, na sua pressa de sair da casa atrás de seu chefe. Todos iam falando em voz alta de alguma coisa. O próprio Rogójin saía com Ptítsin e com insistência lhe confirmava algo de importante e, pelo visto, inadiável.

— Perdeste o jogo, Gânia! — disse-lhe, ao passar a seu lado. Gânia acompanhou-o, inquieto, com a vista.

## Capítulo XI

O Príncipe retirou-se da sala e foi se fechar em seu quarto. Ali acorreu imediatamente Kólia a consolá-lo. O pobre menino parecia já não poder separar-se dele.

— O senhor fez muito bem em retirar-se — disse-lhe. — Lá continua a briga ainda, pior que antes, e todos os dias ocorre o mesmo nesta casa e tudo por culpa dessa Nastássia Filípovna.

— Aqui, nesta casa, há muitas fontes de discórdia que se desenvolveram com o tempo, Kólia — observou Míchkin.

— Sim, não se pode negar. A culpa é toda nossa. Mas tenho um grande amigo que é ainda mais desventurado. Gostaria de conhecê-lo?

— Muito. É seu camarada?

— Sim, quase como um camarada. Depois lhe explico tudo…Mas Nastássia Filípovna é bonita, o senhor não acha? Eu nunca a vira antes, embora o tivesse tentado esforçadamente. Fiquei simplesmente deslumbrado. Perdoaria tudo a Gânia, se ele estivesse apaixonado por ela. Mas por que há de ir ele atrás do dinheiro? Isto e que é horrível!

— Sim, não gosto muito de seu irmão.

— Bem, não faltava mais nada! Como se o senhor pudesse, depois do… Mas sabe o senhor que não posso suportar certas ideias? Se um louco, um bobo, ou um malvado com aparências de louco chega e dá na gente uma bofetada, haverá de ficar o agredido desonrado para toda a vida e só poderá lavar essa mancha com sangue, a não ser que o outro lhe peça perdão de joelhos? Na minha opinião, isto não passa de estupidez e tirania. Nisto se baseia o drama de Liérmontov, *A mascarada* e… a meu ver é estúpido. Isto é, quero dizer que não é natural. Mas o senhor sabe que ele escreveu isso quase que na infância?

— Gostei muito de sua irmã.

— Ah! a maneira como cuspiu na cara de Gânia! Que valente é Vária! Mas se o senhor também não cuspiu, não foi por falta de coragem. Mas aqui vem ela… falai no mau… Sabia que ela haveria de vir. É generosa, embora tenha seus defeitos.

— Não tens nada que fazer aqui — disse Vária, dirigindo-se em primeiro lugar a Kólia. — Vai ter com papai. Esteve a importuná-lo,

não, príncipe?

— Absolutamente. Muito pelo contrário.

— Que zanga é essa, Vária? Veja o senhor: é o que ela tem de mais antipático. A propósito, pensei que papai ia acompanhar Rogójin. Está arrependido agora, espero. Mas vamos ver o que está fazendo — acrescentou Kólia, saindo do quarto.

— Louvado seja Deus por termos podido tirar mamãe dali e fazê-la deitar-se e não se haver repetido o escândalo: Gânia está envergonhado e muito deprimido. E não lhe faltam motivos para isso. Que lição!… Vim agradecer-lhe novamente e perguntar-lhe, príncipe, se já conhecia antes Nastássia Filípovna.

— Não, não a conhecia.

— Então por que lhe disse a respeito de seu rosto "que não era assim"? E parece ter acertado. Porque, acredito, não seja efetivamente assim. Aliás, não sei de tudo a seu respeito! Veio indubitavelmente com a intenção de afrontar-nos, está claro. Já havia ouvido contar dela coisas muito estranhas. Mas se é verdade que veio convidar-nos, por que começou a tratar minha mãe com tanta desconsideração? Ptítsin a conhece muito bem e diz que não consegue explicar sua atitude. Mas Rogójin? É impossível que alguém que tenha respeito a si mesmo fale da maneira que ele falou na casa de seu… Mamãe está também muito preocupada a respeito do senhor.

— Não há por que! — disse Míchkin, com um gesto da mão.

— E como se deu que ela lhe obedecesse?

— Obedeceu-me como?

— O senhor lhe disse que ela devia envergonhar-se e ela mudou de atitude imediatamente. O senhor possui ascendente sobre ela, príncipe — acrescentou Vária, sorrindo.

Abriu-se a porta e para grande surpresa dos dois, apareceu Gânia.

Nem mesmo hesitou ao dar com Vária. Parou um instante na

soleira e, de repente, decidido, dirigiu-se ao príncipe.

— Príncipe, cometi uma ação baixa. Perdoe-me, caro amigo — disse, de súbito, bastante emocionado. Suas feições exprimiam viva dor. Míchkin olhou-o atônito e não se apressou em responder. — Vamos, perdoe-me, perdoe-me! — insistiu Gânia, impaciente. — Vamos, estou pronto a beijar-lhe a mão, se quiser!

O príncipe estava sumamente emocionado e, em silêncio, abraçou Gânia, beijando-se mutuamente com sincera emoção.

— Nunca pensei… nunca que o senhor fosse assim! — disse, afinal, Míchkin, dando um fundo suspiro. — Pensava que o senhor… não seria capaz disso.

— Por causa de minha culpa?… E eu que pensava até esta manhã que o senhor não passava de um idiota! O senhor percebe o que os outros não veem. Com o senhor poderia falar-se de… mas é melhor não falar.

— Aqui está alguém cujo perdão o senhor devia também pedir — disse Míchkin apontando para Vária.

— Não, são todos meus inimigos. Pode estar certo, príncipe, de que tenho feito muitas tentativas. Não há perdão sincero da parte deles — exclamou Gânia, com veemência, dando as costas a Vária.

— Sim, eu te perdoo! — disse Vária, de súbito.

— E irás esta noite à casa de Nastássia Filípovna?

— Sim, irei se o quiseres; mas julga por ti mesmo, se não é fora de propósito que eu vá agora.

— Ela não é como parece, bem sabes. Viste como é enigmática. São seus caprichos — e Gânia sorriu, maldosamente.

— Bem sei que ela não é o que parece ser e que tudo não passa de caprichos. Mas que tem ela em vista? Além disso, me diz, Gânia, por que ela se mantém ligada a ti? É verdade que beijou a mão de mamãe. Suponhamos que tenha sido apenas por gracejo. Mas bem sabes que,

não obstante, esteve a rir de ti todo o tempo. Isto não é compensado pelos setenta e cinco mil rublos, meu irmão, não é mesmo? És ainda capaz de sentimentos nobres, por isso te falo assim! Ai, toma bem cuidado! Não é possível que isto dê certo!

Depois de dizer isto, Vária, toda agitada, retirou-se rapidamente.

— Aí tem o senhor: são todas assim — disse Gânia, rindo. — Poderão elas imaginar que eu mesmo não o saiba? Ora, sei muito mais do que elas pensam.

Assim dizendo, Gânia sentou-se no sofá, disposto evidentemente a prolongar sua visita.

— Se o senhor mesmo o sabe — perguntou Míchkin, com voz bastante insegura, — por que se impõe esse tormento, sabendo que, no fundo, não valem tanto os setenta e cinco mil rublos?

— Não me referia a isso — murmurou Gânia. — E a propósito, diga-me o que pensa. Interessa-me conhecer sua opinião. Valem este tormento os setenta e cinco mil rublos?

— Na minha opinião não valem.

— Oh! bem sabia que o senhor diria isso. E um casamento assim é vergonhoso?

— Muito vergonhoso.

— Bem, pois saiba o senhor que vou casar-me com ela e já não há dúvida agora a este respeito. Há um momento ainda, hesitava, mas já agora não! Não me diga nada! Já sei o que quer dizer…

— Não era o que o senhor imagina, mas que me causa muita admiração sua excessiva credulidade.

— Por quê? Que credulidade?

— Essa crença em que está de que Nastássia Filípovna vai ser infalivelmente sua esposa e de que já é coisa decidida, e, além disso, ainda supondo que assim fosse, iriam meter-lhe, sem mais nem menos,

os setenta e cinco mil rublos no bolso. Embora, afinal, haja sem dúvida muitas coisas que ignoro…

Gânia aproximou-se vivamente de Míchkin.

— É claro que o senhor não sabe de tudo — exclamou. — E, além disso, por que haveria eu de acorrentar-me desse jeito?

— Acredito que é assim que ocorre sempre: casam-se os homens por dinheiro e o dinheiro fica com a mulher…

— Não… não! Entre nós não há de ser assim… Porque há em meio… há em meio certas circunstâncias… — balbuciou Gânia, com inquietação e apreensão. — Quanto à resposta dela, já não há motivos para dúvida — acrescentou rapidamente. — Em que o senhor se sustenta para pensar que ela me recusará?

— Não sei de nada, senão o que tenho visto. Varvara Ardaliónovna dizia há pouco…

— Ah! Tolices! Elas não sabem mais o que dizer. Ela zombava de Rogójin, esteja certo disso. Pude vê-lo. Saltava aos olhos. Até há pouco tinha meus receios, mas agora percebo tudo. Ou o senhor se baseia no modo como ela se portou com meus pais e com Vária?

— E com o senhor também.

— Bem, talvez. Mas tudo não passa de vingança de mulheres e nada mais. Ela é terrivelmente irritável, caprichosa e fátua. Tal como um funcionário que foi preterido na sua promoção. Queria mostrar quem era e todo o seu desprezo por eles… e por mim também. Isto é verdade, não o nego… E, contudo, vai casar comigo. O senhor não tem ideia dos caprichos de que é capaz o amor-próprio de uma criatura. Veja só: ela acha que sou um velhaco pelo fato de querer casar-me com ela, amante de outro homem, tão-somente pelo seu dinheiro, mas não sabe que mais de um, contudo, a enganaria de modo ainda mais vil. Ia se ligar a ela e começaria a meter-lhe na cabeça ideias liberais e progressistas a respeito da questão feminina, e ela acabaria enfiando-se na armadilha dele como uma linha no fundo duma agulha. Ia convencer a essa vaidosa imbecil (e com quanta

facilidade!) de que se casava com ela unicamente por causa de “seu nobre coração e sua infelicidade”, quando, na realidade, se casava apenas pelo seu dinheiro. Não lhe agrado porque não quero dourar as coisas, embora fosse necessário. Mas que faz ela? Não faz o mesmo? Assim, que direito tem ela de desprezar-me e de armar tramas como essa? Porque não me rendo e mostro certo orgulho. Mas, no fim veremos!

— Mas a tal ponto a ama o senhor?

— Amei-a, a princípio. Bem; e é bastante… Há mulheres que só servem para amantes e nada mais. Não digo que haja sido minha amante. Se ela se portar calmamente; também vou me comportar com calma; mas se se mostrar rebelde, depressa a abandono e levarei o dinheiro comigo. Não quero bancar o ridículo. Acima de tudo, não quero que se riam de mim.

— Acredito por todos os indícios — observou, circunspecto, o príncipe, — que Nastássia Filípovna é mulher inteligente. Que necessidade tinha, pressentindo a desgraça que seria isso para ela, de meter-se na armadilha? Porque poderia muito bem casar-se com outro. Isto é que me causa espanto.

— Pois aí é que está a coisa! É que o senhor não sabe de tudo, príncipe. A questão está aí… E, além disso, ela está convencida de que a amo com loucura, juro-lhe, e sabe duma coisa? Tenho veementes suspeitas de que ela me ama, a seu modo, isto é, o senhor conhece o ditado: “Quem bem ama, bem castiga”. Vai me considerar durante toda sua vida como um velhaco (e talvez seja isto que deseje), mas, ainda assim, ama-me à sua maneira. Está-se preparando para tal, é o seu gênio. É uma mulher bem russa, digo-lhe eu. Mas tenho de reserva também uma surpresa para ela. Aquela cena com Vária ainda há pouco sobreveio inesperadamente, mas redundou em proveito para mim. Agora já viu e pode estar certa de minha adesão e de que por ela rompo todos os laços. Isto quer dizer que não sou nada tolo, esteja o senhor certo disso. Mas a propósito: imaginava o senhor que eu pudesse ser tão falador? Talvez, meu caro príncipe, no fim de tudo, não faça bem, concedo. Mas é precisamente o senhor a primeira pessoa decente com quem me encontro e lanço-me ao senhor. Mas não

vá tomar isso de “lançar-me ao senhor” como um jogo de palavras. Será que o senhor está zangado comigo pelo que aconteceu há pouco? Esta é a primeira vez, em dois anos, que falo com o coração nas mãos. Escasseiam aqui de modo horrível as pessoas decentes. O senhor sabia disso? Não há mais honestos do que Ptítsin. Creio que isto lhe causa riso, não? Os tratantes gostam das pessoas honradas… o senhor não sabia? E como eu… Ainda que, afinal, que tenho de tratante? Diga-me o senhor, com toda a consciência! Por que todos, a começar, por ela, acham que sou um tratante? E o senhor sabe uma coisa? É que, também eu, à maneira deles e dela, também acho que sou um tratante. Isto sim é que é uma tratantada, uma verdadeira tratantada!

— Pois desde agora, jamais vou considerá-lo um tratante — disse Míchkin. — Ainda há pouco o achava um consumado malfeitor, mas de repente o senhor me causa uma alegria. E, olhe só, me dá uma lição também: a de não julgar com imprudência. Agora veja que não só é impossível ter o senhor em conta de um facínora, como nem mesmo em conta de um homem por demais corrompido. O senhor é, na minha opinião, simplesmente um homem vulgaríssimo, como costumam ser os homens, com a diferença unicamente de ser algo débil de caráter e algo carente de originalidade.

Gânia riu sarcasticamente para dentro de si mesmo, mas não disse nada. O príncipe viu que a definição não lhe agradara ficou confuso e também guardou silêncio.

— Meu pai pediu-lhe dinheiro? — perguntou, Gânia, de repente.

— Não.

— Pois haverá de pedir. Mas não lhe dê. Porque, veja o senhor, foi ele um homem até distinto, lembro-me disso. Convivia com boa gente. Mas quão depressa se acabam todas essas pessoas distintas! Assim que mudam as circunstâncias, já não resta mais nada do que havia antes. Explodiu como pólvora. Antes, ele não mentia desse modo, asseguro-lhe; antes não era mais do que um homem demasiado ardoroso e… veja o senhor em que veio parar!… Sem dúvida cabe a culpa à aguardente. O senhor sabe que ele sustenta uma amante? Não se limita mais a ser um trapaceiro inocente. Não posso compreender a

longa paciência de minha mãe. Ele lhe falou do cerco de Kars? Ou de como seu cavalo cinzento começou a falar? Nem diante disto ele recua.

E Gânia prorrompeu de súbito numa gargalhada estrondosa.

— Por que o senhor agora me olha assim?

— Ora, porque me causa admiração que ria de tão boa vontade. O senhor conserva, contudo, ainda um riso verdadeiramente infantil. Há um momento o senhor veio reconciliar-se comigo e disse-me: “Se o senhor quiser, beijo-lhe a mão”. Isto mesmo teria dito em menino. De modo que o senhor ainda é capaz dessas palavras e gestos. E de repente começa a recitar-me toda uma lição a respeito desse feio negócio e desses setenta e cinco mil rublos. Na verdade, tudo isso mostra-se absurdo e impossível.

— Mas que quer o senhor deduzir disso?

— O senhor não estará agindo com excessiva leviandade? Não deveria ter examinado de antemão bem as coisas? Talvez Varvara Ardaliónovna tenha razão.

— Ah! a lição de moral! Que sou ainda uma criança, é coisa que eu mesmo sei — acrescentou Gânia com veemência, — ainda que não fosse senão por ter entabulado tal conversa com o senhor. Não é por motivos mercenários, príncipe, que desejo realizar este casamento — prosseguiu ele, expressando-se como um jovem ferido no seu amor-próprio. — Os motivos mercenários me levariam a erro certamente, porque não tenho ainda a cabeça nem o caráter bem firmes. Por paixão, por sedução é que vou, é que persigo um fim capital. O senhor talvez pense que vou pegar logo os setenta é cinco mil rublos e comprar um carro. Pois, não, senhor. Acabarei de usar minha capa que já tem três anos e romperei com todas as minhas relações do cassino. Entre nós são poucas as pessoas que saibam ser perseverantes, embora sejamos todos econômicos. Mas eu quero ser perseverante. Repare o senhor: o principal é levar a coisa até o fim. Eis todo o problema! Ptítsin, aos dezessete anos, dormia nas ruas e vendia canivetes. Começou com uns poucos copeques e atualmente possui setenta mil rublos, embora os tenha conseguido à custa de não sei quantos

esforços! Pois olhe o senhor: salto todos esses esforços e começo, desde logo, com um capital. Dentro duns quinze anos, dirão: “Ali vai Ívolguin, o rei dos judeus!”. Diz o senhor que sou um homem pouco original. Olhe, meu caro príncipe, nada há de mais ofensivo para um homem de nosso tempo do que dizer-lhe que não é original e que é débil de caráter, que carece de talentos especiais, que é um homem vulgar. O senhor nem sequer quis considerar-me um velhaco de primeira ordem e saiba que, por causa disso, estive há pouco a ponto de bater-lhe. O senhor ofendeu-me mais do que Iepántchin, o qual (sem discussão, sem lisonja, com toda a simplicidade de alma, veja bem) me considera capaz de vender-lhe minha mulher! Isto, *bátiuchka*, há tempos que me vem infernando e por isso quero dinheiro. Assim que tiver dinheiro, saiba o senhor… passarei a ser um homem sumamente original. É isto o mais vil e o mais odioso que tem o dinheiro: até confere talento. E continuará a conferi-lo até o fim do mundo. Dirá o senhor que tudo isso é infantilismo, ou, se o prefere, poesia… ou qualquer outra coisa, que me divertirá mais, farei, porém, o que eu quiser. Perseverarei na empresa e hei de levá-la a cabo. *Rira bien qui rira le dernier*.[22] Por que Iepántchin me ofende desse modo? Por maldade? Nada disso, mas, simplesmente, por eu ser demasiado insignificante. Bem, mas então… Basta, porém. Já é tempo de ir-me. Kólia já mostrou o nariz umas duas vezes. Chama-o para jantar. Vou sair. Virei vê-lo uma ou outra vez. Entre nós o senhor não passará mal. Agora já o olham como da família. Mas ande com cuidado, não se entregue. Penso que eu e o senhor haveremos de ser amigos ou inimigos. E que pensa o senhor, príncipe? Tendo-lhe beijado a mão (e quão sinceramente me ofereci a isso!), poderia ser depois seu inimigo?

— Seria sim, com certeza, só que não para sempre, porque depois não suportaria mais e perdoaria — decidiu o príncipe, pensativo e sorridente.

— Ah! com o senhor é preciso andar com mais tento. Só o diabo sabe se não pôs o senhor nisso também veneno! E quem poderia dizer que não é o senhor meu inimigo? E a propósito… ah! ah! ah!… esqueci de perguntar: estarei errado imaginando que o senhor me disse que Nastássia Filípovna lhe agradava muitíssimo?

— Sim… agrada-me.

— Enamorado?

— Não… não!

— E fica todo vermelho e sofredor! Bem; não tenha cuidado, não passe apertos, que não quero rir. Até a vista. Mas fique sabendo: é uma mulher honrada… Poderia acreditar? O senhor imagina que ela vive com esse tal de Tótski? Pois engana-se! Já faz muito tempo que não. O senhor observou que ela é demasiado inábil e se mostrou hoje bastante embaraçada durante alguns segundos? Pois é verdade. Apesar disso tudo, gosta de dominar. Mas, afinal, adeus!

Gânia saiu dali muito mais despreocupado do que entrou e numa excelente disposição de ânimo. Míchkin permaneceu dez minutos imóvel e pensativo.

Kólia voltou a meter a cabeça pela porta.

— Não quero jantar, Kólia. Há pouco, em casa de Iepántchin, almocei fartamente.

Kólia transpôs a soleira e entregou ao príncipe uma carta. Era do general, e estava dobrada e selada. Pela cara de Kólia podia-se compreender quão penoso lhe era aquele encargo. Míchkin leu-a, levantou-se e pegou o chapéu.

— É a dois passos daqui — disse Kólia, confuso. — Agora está ali agarrado a uma garrafa. O que não compreendo é como haja conseguido que lhe vendam fiado! Meu querido príncipe, por favor, não vá dizer a elas que vim trazer-lhe a carta! Jurei mil vezes não entregar cartinhas dessa natureza, mas é que me causa dó. Uma coisa, porém: não tenha cerimônias com ele. Dê-lhe uns cobres e pronto!

— Eu também pensava em ir procurar seu pai, Kólia. Preciso vê-lo… para uma coisa… Vamos lá.

## Capítulo XII

Kólia conduziu o príncipe não longe dali, até a Litiéinaia, a um

café bilhar, no andar térreo, com entrada para a rua. Ali, à direita, num canto, num reservado, como velho freguês habitual, estava Ardalion Alieksándrovitch com uma garrafa à sua frente sobre uma mesinha e com *A Independência Belga* nas mãos. Esperava o príncipe. Apenas o viu, largou logo o jornal e entregou-se a uma fogosa e verbosa explicação da qual, por outra parte, quase nada entendeu Míchkin, porque o general se encontrava já um tanto ébrio.

— Dez rublos não tenho — interrompeu-o Míchkin, — mas aqui tem uma cédula do valor de vinte e cinco. Troque-a e dê-me quinze, do contrário ficarei sem nem um copeque.

— Oh! sem dúvida! E fique certo de que eu, dentro de uma hora…

— Além disso, tenho de fazer-lhe uma pergunta, general. O senhor nunca esteve em casa de Nastássia Filípovna?

— Eu? Se estive lá?… Está me perguntando isto? Várias vezes, meu caro, várias vezes! — exclamou o general num excessivo assomo de ironia ufana e triunfal. — Só que ultimamente deixei de ir lá, porque não me agrada o convívio com gente vulgar. O senhor mesmo viu, foi testemunha esta manhã. Fiz tudo quanto pode fazer um pai, mas um pai benévolo e condescendente. Agora vai surgir um pai de outra índole e então… haveremos de ver, haveremos de ver se o velho militar, curtido no serviço, consegue desbaratar uma intriga, ou se aquela desavergonhada "camélia" conseguirá introduzir-se no seio de uma família nobilíssima.

— Pois eu queria precisamente perguntar-lhe se, a título de amigo seu, não poderia o senhor levar-me esta noite à casa de Nastássia Filípovna? Necessito ir lá hoje mesmo, sem falta. Leva-me ali um assunto, mas não sei como apresentar-me. É verdade que há pouco fui apresentado a ela, mas não convidado à sua casa. Tem convidados esta noite. Eu, aliás, estou disposto a pular por cima de certas conveniências, ainda que riam de mim. Bem, contanto que entre na casa…

— O senhor coincide totalmente, mas totalmente mesmo, com minha ideia, meu jovem amigo — exclamou o general, triunfante. —

Não mandei chamá-lo por causa dessas moedas! — prosseguiu, pegando, mesmo assim, o dinheiro e guardando-o no bolso. — Chamei-o precisamente para convidá-lo como companheiro a ir à casa de Nastássia Filípovna, ou, melhor dito, contra Nastássia Filípovna. O General Ívolguin e o Príncipe Míchkin! Que dirá ela disto? Eu também, sob o pretexto de cumprimentá-la pelo seu aniversário, vou lhe comunicar, afinal, minha vontade… claro que disfarçada, não francamente, embora o resultado seja idêntico. Então o próprio Gânia verá o que faz: ou seu pai, curtido no serviço, e… por assim dizer… etc., etc… ou… Mas que ela escolha, isso é que terá de fazer! Sua ideia é altamente proveitosa. Seguiremos para lá às nove horas. Temos ainda tempo de sobra.

— Onde ela mora?

— Longe daqui; junto do Grande Teatro, no edifício Mitóvtsovaia, quase já na praça, no primeiro andar… Não haverá muita gente em sua casa, embora seja um aniversário, e todos se retirarão cedo…

Fazia já algum tempo que anoitecera. O príncipe continuava sentado, escutando e esperava o general, que havia começado a contar um número infindável de anedotas, sem terminar nenhuma. Quando Míchkin chegou, pedira outra garrafa, que levou uma hora a esvaziar, e depois pediu outra, que também bebeu. É de supor que o general tenha tido tempo, entretanto, para referir toda sua história. Finalmente, Míchkin levantou-se e disse que não podia esperar mais. O general engoliu as derradeiras gotas da garrafa, levantou-se e saiu do reservado, andando a passos bastante inseguros. O príncipe estava desesperado. Não podia explicar a si mesmo como pudera confiar tão estupidamente naquele homem. Na realidade, não havia confiado; contava com o general apenas para poder entrar de algum modo em casa de Nastássia Filípovna, embora desse lugar a um escândalo que supunha não iria ser muito grande. O general parecia francamente embriagado, animado duma violenta verbosidade, e falava sem trégua, emocionado, quase chorando. O tema era sempre o mesmo: isto é, que por culpa da má conduta de todos os membros de sua família tudo vinha abaixo e que já era tempo, afinal, de dar um jeito nisso.

Atingiram por fim a Rua Litiéinaia. Ainda se estava no degelo; um

vento morno, úmido, depressivo, soprava nas ruas; os coches esparramavam a lama e os cavalos e pangarés dos *drójki* faziam retumbar os cascos no calçamento. Os transeuntes, em grupos mudos e molhados, desfilavam pela calçada. E havia entre eles um bêbado.

— Vê o senhor aqueles primeiros andares iluminados? — perguntou o general. — Ali vivem meus companheiros, mas eu, eu que tenho mais anos de serviço e de sofrimento que eles, dirijo-me a pé para as proximidades do Grande Teatro, à casa de uma mulher suspeita. Um homem que tem alojadas no peito treze balas… duvida? E, apesar disso, somente por minha causa o Doutor Pirogov telegrafou para mim em Paris e abandonou por algum tempo Sebastópol, que estava sendo sitiada, e o Doutor Nélaton, o médico da corte de Paris, conseguiu obter um salvo-conduto em nome da ciência e se apresentou na sitiada Sebastópol, para conhecer-me. Tudo isso chegou ao conhecimento do Alto Comando. "Ah! esse é Ívolguin, que tem no corpo treze balas!" Assim diziam. Vê aquela casa, príncipe? Ali, no primeiro andar, vive um antigo camarada meu, o General Sokolóvitch, com sua nobilíssima e numerosíssima família. Veja: essa família e outras três que vivem em Pskov e duas que moram na Rua Morskaia… constituem agora o círculo de minhas relações especialmente distintas. Já faz tempo que Nina Alieksándrovna se submeteu às circunstâncias. Eu, contudo, continuo recordando e… por assim dizer, respiro no educado círculo social de meus antigos camaradas e subordinados, que até agora me guardam respeito. Esse General Sokolóvitch (eu, aliás, há muito tempo que não vou à sua casa e não vejo Anna Fiódorovna), porque, saiba o senhor, meu caro príncipe, quando a gente não recebe, também se retrai em visitar os outros. E não obstante… hum! ao que parece, o senhor não me acredita… Afinal de contas, por que não haveria eu de apresentar o filho de meu melhor amigo e companheiro de infância a essa encantadora família? O General Ívolguin e o Príncipe Míchkin! Verá o senhor ali uma senhorita estupefaciente, e não uma só, porém duas, e até três, ornamentos de Petersburgo e da sociedade: beleza, educação, cultura, problemas femininos, versos, tudo isso ali se reúne, numa feliz fusão, sem contar um dote, quando menos de oitenta mil rublos em dinheiro para cada filha, o que não é demais, apesar de todas as questões femininas e sociais. Em resumo, estou, sem escapatória, obrigado, tenho o dever de apresentá-lo lá. O

General Ívolguin e o Príncipe Míchkin! Uma dupla sensacional, de fato!

— Agora mesmo? Neste instante? Mas não se recorda o senhor… — começou o príncipe a dizer.

— Sim, sim, recordo-me, vamos. Por aqui, por esta magnífica escada. Espanta-me que não esteja por aqui o porteiro. Mas é dia de festa e o porteiro deve estar de folga. Ainda não despediram esse beberrão. Esse Sokolóvitch deve a mim, somente a mim e a mais ninguém, toda a felicidade de sua vida e de sua carreira… Mas aqui estamos. Chegamos.

O príncipe já não se opunha à visita e acompanhava docilmente o general, a fim de não irritá-lo, na firme esperança de que o General Sokolóvitch e toda a sua família se esvaneceriam pouco a pouco, como uma miragem, e se mostrariam inexistentes, e teriam eles de descer tranquilamente de volta pelas escadas. Mas para horror seu começou a perder essa esperança. O general o fez subir a escada, como homem que efetivamente tinha ali relações e a cada momento intercalava pormenores biográficos e topográficos, cheios de exatidão matemática. Finalmente, quando já chegado ao primeiro andar, o general se deteve à direita, diante da porta de um luxuoso andar e puxou a campainha, decidiu o príncipe fugir, correndo. Mas uma estranha circunstância veio contê-lo por um instante.

— O senhor está equivocado, general — disse. — Na porta está escrito Kulakov e o senhor está procurando Sokolóvitch.

— Kulakov… Isso de Kulakov não quer dizer nada. O andar é de Sokolóvitch e eu toco para que apareça Sokolóvitch. Mando às favas esse Kulakov… Mas veja o senhor: já estão abrindo.

A porta efetivamente se abriu. Apareceu um lacaio e declarou que o senhor não estava em casa.

— Que pena! Que pena! Nem que fosse de propósito! — repetiu várias vezes Ardalion Alieksándrovitch com profundo pesar. — Diga-lhe, meu rapaz, que o General Ívolguin e o Príncipe Míchkin desejavam apresentar-lhe seus respeitos e que sentem muito, muito…

Lançou naquele momento um olhar para a porta, de dentro de um dos aposentos interiores, uma pessoa, evidentemente uma governanta, ou talvez uma professora, uma mulher duns quarenta anos, de vestido escuro. Aproximou-se com curiosidade e receio ao ouvir os nomes do General Ívolguin e do Príncipe Míchkin.

— Maria Alieksándrovna não está em casa — disse, fitando especialmente o general. — Foi com a Senhorita Alieksandra Mikháilovna ver sua avó.

— De modo que também não está em casa Alieksandra Mikháilovna?… Oh! meu Deus, que pena! Imagine só, minha senhora, que sempre me acontece o mesmo! Rogo-lhe encarecidamente que transmita minhas saudações e a Alieksandra Mikháilovna também as minhas lembranças… Bem, exprima-lhe quão vivamente desejo o que ela mesma desejava na quarta-feira enquanto tocava uma balada de Chopin. Ela compreenderá!… Meus votos mais cordiais! O General Ívolguin e o Príncipe Míchkin!

— Não deixarei de transmitir o recado… — e a senhora cumprimentou, já mais confiante.

Ao descer a escada, contudo, com grande veemência, lamentou o general não haver encontrado o pessoal da casa e ter o príncipe perdido a ocasião de fazer tão sedutor conhecimento.

— Veja o senhor, meu caro: tenho algo de poeta na alma… não notou? Aliás… aliás, segundo parece, não podíamos tê-los encontrado em casa — concluiu de um modo completamente inesperado. — Os Sokolóvitchi, agora me recordo, vivem atualmente em outra casa e até me parece que estão em Moscou. Sim, cometi um leve engano. Mas isto… não tem importância.

— Eu queria saber somente uma coisa — observou o príncipe, com ar desconsolado. — Não deveria eu prescindir do senhor e ir para lá sozinho?

— Prescindir?… Sozinho?… Mas como, quando para mim constitui isso uma empresa de capital importância, de que depende em grande parte o destino de minha família? Mas, meu jovem amigo, o

senhor conhece mal Ívolguin! Quem diz Ívolguin diz “parede”; em Ívolguin pode-se ter a mesma confiança que numa parede. Assim diziam no esquadrão onde comecei o serviço militar. Eu, veja, a única coisa que queria era descansar um momento, de passagem, em uma casa onde a minha alma tem encontrado consolo, após tantos anos de provações e inquietudes…

— Como? Será que deseja voltar para casa?

— Não. Eu queria… ir ver a Senhora Tieriêntieva, viúva do Capitão Tieriêntiev, meu antigo subordinado e amigo… Aqui, em casa da capitoa, revigora-se meu ânimo, para aqui trago minhas amarguras mundanas e familiares… E como hoje, precisamente, sofro tão pesada carga moral, eu…

— Acho, mesmo sem essa parada, que cometi uma tremenda estupidez — murmurou Míchkin, — ao solicitar sua ajuda. E, como se ainda fosse pouco, o senhor agora… Adeus!

— Mas eu não posso consentir, não posso consentir que me deixe, meu jovem amigo — exclamou o general. — É uma viúva, mãe de família, e sabe fazer pulsar em meu coração aquelas fibras que vibram em todo o meu ser. Vamos visitá-la. São cinco minutos e nada mais. Nessa casa entro sem cerimônias. Pode-se dizer que ali vivo, banho-me, faço as operações mais indispensáveis de asseio e depois, num cochezinho, vamos ao Grande Teatro. Fique o senhor certo de que necessito do senhor para esta noite toda. Bem, aqui estamos, é esta a casa. Mas, já estás aqui, Kólia? Dize: Marfa Borísovna está em casa, ou é que acabas de chegar?

— Oh! não — respondeu Kólia, que os encontrara na porta da casa. — Estou aqui há muito tempo, há muito tempo, com Ipolit, que está pior, e esta manhã teve que meter-se na cama. Marfa Borísovna está esperando pelo senhor. Somente, papai, o senhor se acha num estado… — terminou Kólia, olhando com atenção o aspecto e atitude do general. — Bem, vamos entrar.

O encontro com Kólia incitou Míchkin a acompanhar o general ao andar de Marfa Borísovna, mas só por um minuto. Kólia era necessário ao príncipe. Decidira, de qualquer modo, largar o general e não podia

perdoar a si mesmo a ideia que tivera de confiar nele. Subiram por muito tempo até chegar ao quarto andar e isso por uma tenebrosa escada.

— O senhor quer apresentar o príncipe? — perguntou Kólia enquanto subiam.

— Sim, meu amigo, quero apresentá-lo: o General Ívolguin e o Príncipe Míchkin! Mas que é que há… que disse… Marfa Borísovna?

— Olhe aqui, papai… seria melhor que o senhor não subisse. Ela vai bater-lhe! Durante três dias o senhor não apareceu e ela espera dinheiro. Por que lhe prometeu? O senhor há de ser sempre o mesmo! Agora vai ver como se arranja para sair do aperto.

No quarto andar detiveram-se diante de uma porta estreita. O general tinha, sem dúvida, seus temores, e pôs o príncipe na frente.

— Fico aqui — murmurou. — Quero causar-lhe uma surpresa…

Kólia entrou primeiro. Uma mulher, cheia de pó de arroz e arrebiques; de chinelos, e roupão de casa, com os cabelos enrolados em tranças, de uns quarenta anos, apareceu à porta, frustrando por completo a surpresa que o general queria fazer. Assim que o viu, a mulher exclamou:

— Eis afinal esse sujeito vil e malvado! Bem me disse o coração que era ele!

— Entremos, está tudo bem — murmurou o general a Míchkin que, com toda a inocência, ria.

Mas não era tal. Mal entraram, atravessando estreito e tenebroso corredor, numa acanhada salinha, mobiliada com meia dúzia de cadeiras de palha e duas modestas mesinhas, continuou a dona da casa a queixar-se num tom choroso e ressentido, que parecia fingido:

— Não tens vergonha, não tens vergonha, bárbaro e tirano de minha família, bárbaro e monstro? Tiraste-me tudo, chupaste-me o sangue e ainda não estás contente! Até quando terei de aguentar-te, sem-vergonha, coisa ruim?

— Marfa Borísovna, Marfa Borísovna! Aqui te apresento… o Príncipe Míchkin! O General Ívolguin e o Príncipe Míchkin!… — balbuciou, trêmulo e confuso, o general.

— Acreditará o senhor — e a capitoa encarou, de repente, o príncipe, — acreditará o senhor que esse sem-vergonha não tem piedade de meus pobres órfãos? Tirou-me tudo, deixou-me sem nada; vendeu tudo que era meu ou empenhou, e já nada me resta! Que vou fazer eu com tuas promissórias, velhaco, descarado? Responde, pilantra? responde, coração ruim!… Com que, com que vou eu dar de comer aos meus órfãos? Veja como ele chega: bêbado que mal pode ficar em pé… Em que terei eu ofendido a Deus, velhaco; caloteiro, responde-me!

Mas o general não estava para isso.

— Marfa Borísovna, vinte e cinco rublos!… É tudo quanto tenho, graças à ajuda de um nobre amigo! O príncipe! Fui cruelmente enganado! Que vida! Mas agora… perdoe-me, sinto-me fraco — prosseguiu o general, em pé no meio do quarto e inclinando-se para todos os lados. — Sinto-me fraco, perdoe-me. Liênotchka! um travesseiro… querida criança!

Liênotchka, uma menina de oito anos, foi imediatamente buscar um travesseiro e colocou-o em cima do duro sofá coberto de rasgado couro americano. O general sentou-se no sofá na intenção de continuar falando longamente, porém, mal o fez, estirou-se, virou-se para a parede e mergulhou no sono dos justos. Marfa Borísovna, cerimoniosa e triste, indicou ao príncipe uma cadeira junto a uma das mesinhas de jogo, sentou-se em frente, apoiou a face na mão direita e ficou a olhá-lo em silêncio e suspirando. Três pequenos, duas meninas e um menino, dos quais a maior era Liênotchka, aproximando-se da mesinha, puseram nela todos três as mãos e todos três ficaram também olhando fixamente o príncipe.

Do próximo quarto surgiu Kólia.

— Muito me alegra que você esteja aqui, Kólia — disse-lhe Míchkin. — Não poderia você prestar-me seu auxílio? Necessito ir à casa de Nastássia Filípovna. Tinha contado com Ardalion

Alieksándrovitch, mas, como você vê, pôs-se a dormir. Acompanhe-me você, pois não conheço as ruas nem o caminho. Tenho, porém, o endereço junto ao Grande Teatro, edifício Mitóvtsovaia.

— Nastássia Filípovna? Mas nunca morou ela perto do Grande Teatro, nem tampouco meu pai esteve jamais em sua casa, se quer saber. É estranho que tivesse o senhor esperado algo dele. Ela mora junto à Vladímirskaia, nas Cinco Esquinas, que estão muito mais perto daqui. Quer que vamos agora mesmo? São dez e meia. Vamos, eu o levarei lá.

Míchkin e Kólia saíram imediatamente. Ai! o príncipe não tinha dinheiro para tomar um coche, de modo que foram mesmo a pé. — Eu queria apresentá-lo a Ipolit — disse Kólia. — É o filho mais velho dessa viúva de tranças de rabo de rato, e achava-se no outro quarto. Está doente e ficou hoje o dia inteiro de cama. Mas é tão estranho! É enormemente melindroso e acho que se sentiria envergonhado com sua visita em tal momento… Comigo isso não aconteceria, porque tenho pai e ele não tem senão mãe e nisto há uma diferença, porque para o homem nestes casos não há desonra. Ainda que, afinal, talvez seja apenas um preconceito ter um sexo mais privilégio do que o outro em tais casos. Ipolit é um esplêndido rapaz, mas escravo de certos preconceitos.

— Diz você que ele está tísico?

— Sim; assim parece e melhor seria que morresse logo. Eu, no lugar dele, haveria de querer morrer sem demora. Tem dó de seus irmãozinhos, desses pequeninos que o senhor viu. Se fosse possível, se tivéssemos ao menos dinheiro, eu e ele alugaríamos uma casinha à parte e nos separaríamos de nossas famílias. É este o nosso sonho. E veja o senhor: quando lhe falei, há pouco, do caso do senhor, aborreceu-se tanto que chegou a dizer que quem aguenta uma bofetada e não provoca seu agressor a um duelo é um vilão. Aliás está tremendamente irritável. Deixei de discutir com ele. Mas diga-me: será que Nastássia Filípovna convidou logo o senhor a visitá-la?

— Pois aí é que está a coisa: não me convidou.

— Então, como vai o senhor lá?… — exclamou Kólia, que até

parou, no meio da calçada. — E… com tais roupas e quando há convidados ali?

— Por Deus, eu mesmo não sei como irei entrar.! Se me receberem… bem. Se não… não há remédio. Quanto às roupas, que hei de fazer?

— Mas o senhor tem algum objetivo indo lá? Ou vai simplesmente *pour passer le temps*[23] em uma sociedade distinta?

— Não. Eu, especialmente… quero dizer, sim, tenho um objetivo indo lá… é difícil exprimi-lo em palavras, mas…

— Bem, pois seja para o que quiser, como melhor lhe agrade. Para mim, o principal é que não vá o senhor ali simplesmente para passar a. noite na encantadora companhia de "camélias", generais e usurários. Se assim fosse, zombaria do senhor, príncipe, e o desprezaria. Aqui escasseiam tremendamente as pessoas honradas, a ponto de haver muitos poucos a quem se possa respeitar. Quer a gente queira, quer não, tem de olhar de cima e todos exigem respeito, a começar por Vária. E reparou, príncipe, na quantidade de aventureiros que há hoje? E sobretudo aqui, na Rússia, em nossa querida pátria. Como isto pode ser, não tenho explicação. Segundo parece, tudo se mantém firme, mas que vemos agora? Todos estão falando e escrevendo a respeito. E todos se desdizem. Aqui todos se desdizem. Os pais de família são os primeiros a desdizer-se e a envergonhar-se de sua antiga moral. Lá, em Moscou, os pais exortam seus filhos a não recuar diante de nada, contanto que ganhem dinheiro. Veio nos jornais. Veja o senhor, por exemplo, o meu general. A que ponto chegou? Ainda que, afinal, veja o senhor, acho que o meu general é um homem honrado. É mesmo, por Deus! Somente, é um homem desordenado e, além disso, a aguardente… Isto mesmo! Dá até pena. Só receio que fale, porque toda gente ri dele. Juro que me dá pena! E que me diz o senhor deles, dos homens de talento? Todos usurários, todos, sem exceção, desde o primeiro ao último. Ipolit justifica a usura; diz que é necessária, e fala do movimento econômico, de não sei que fluxo e refluxo de capital, que só o diabo entende. Desgosta-me ouvi-lo dizer isso, mas está exasperado. Imagine o senhor: sua mãe, a viúva do capitão, recebe dinheiro do general e logo trata de emprestá-

lo a tanto por cento. Uma vergonheira enorme! Mas sabe o senhor de uma coisa? É que minha mãe, Nina Alieksándrovna, a generala, ajuda Ipolit, dando-lhe dinheiro, ternos, roupa branca e tudo, e também aos outros pequenos, por meio de Ipolit, já que vivem com ele. O mesmo faz Vária.

— Está vendo? Diz você que não há pessoas honradas e de caráter e que todos se tornam usurários. Pois não está vendo como há pessoas de caráter? Sua mãe e Vária. Porventura, socorrer neste caso, e em tais circunstâncias, não é indício de energia moral?

— Vária o faz por amor-próprio, por vaidade, para não ser menos que sua mãe. Mas à minha mãe, efetivamente respeito. Sim, respeito-a e justifico-a. O próprio Ipolit sente o mesmo, apesar de mostrar-se amargo contra todos. A princípio ria, e dizia que isso, da parte de mamãe, era uma baixeza, mas agora começa a dar-lhe valor. É isso que o senhor chama de energia? Vou tomar nota. Gânia não sabe, mas chamaria a isso de conivência.

— Gânia não sabe, então? Gânia, ao que parece, ignora ainda muitas coisas — deixou escapar Míchkin, que estava pensativo.

— Mas saiba o senhor, príncipe, que o acho muito simpático. O episódio desta tarde não me sai do pensamento.

— Gosto também muito de você, Kólia.

— Ouça. Como pensa o senhor viver aqui? Não tardarei a arranjar uma colocação e começarei a ganhar algo. Por que não haveríamos de morar os três juntos: o senhor, Ipolit e eu? Alugaríamos um quartinho e levaríamos conosco o general.

— Com muitíssimo gosto. Mas haveremos de ver. Agora estou muito… muito agitado. Mas que é isso? Já chegamos? É essa a casa? Que magnífica entrada! E porteiro e tudo! Bem, Kólia, não sei o que sairá de tudo isso.

Míchkin deteve-se como que transtornado.

— Amanhã me contará. Não se acovarde demais. Que Deus lhe dê

boa sorte, pois estou inteiramente de acordo com as ideias do senhor. Adeus. Volto para lá e contarei tudo a Ipolit. Não haverá dúvida de que ela o receberá, não tenha receio. Ela é muito cheia de originalidades. Por essa escada, é no primeiro andar. O porteiro lhe mostrará.

## Capítulo XIII

Míchikin ia subindo muito receoso a escada e reunia energias para dar-se coragem. “O pior que me pode acontecer — pensava — é ela recusar-se a me receber e pensar mal de mim; ou que me receba e ria na minha cara… “Bem, isso não importa!” E, efetivamente, isso não o assustava muito. Mas à pergunta: “Que ia fazer ali e por que ia?”, a essa pergunta não achava, decididamente, uma resposta tranquilizadora. Se, quando menos, tivesse alguma possibilidade de captar uma oportunidade favorável de dizer a Nastássia Filípovna: “Não se case com esse homem e não se perca; ele não a ama, mas ama unicamente seu dinheiro, pois ele próprio me disse, e Aglaia Iepántchina também me disse. Vim para preveni-la”, então tudo estaria bem em todos os sentidos. Formulava também outra pergunta a si mesmo para resolver e a tal ponto era capital que o próprio príncipe temia até pensar nela; não podia, nem ousava analisá-la, não conseguia formulá-la e corava e se punha a tremer somente em pensá-la. Mas a despeito de todas essas dúvidas e apreensões entrou na casa e perguntou por Nastássia Filípovna.

Nastássia Filípovna ocupava um andar não muito grande, mas verdadeiramente suntuoso. Naqueles cinco anos de sua vida petersburguesa houve um tempo, a princípio, em que Afanássi Ivânovitch não lhe regateava dinheiro. Contava ainda com seu amor e pensava deslumbrá-la, antes de tudo, com o conforto e o fausto, sem saber que facilmente se contraem hábitos de luxo e que difícil se torna depois prescindir deles, quando já se converteram, pouco a pouco, numa necessidade. Naquela ocasião foi Tótski fiel às velhas e boas tradições, nada alterando nelas, respeitando sem limitações toda invencível força dos influxos sentimentais. Nastássia Filípovna não rejeitava o luxo e até gostava dele; mas — e isto parece sumamente estranho — também não se lhe entregava, como se sempre pudesse passar sem ele. Até se esforçava por vezes em fazer ostentação, o que impressionava desagradavelmente a Tótski. Aliás, tinha Nastássia Filípovna muitos defeitos que causavam em Afanássi Ivânovitch impressão desagradável e que depois mesmo chegou a transformar-se

em desprezo. Sem falar daquela nada seleta classe de indivíduos de que às vezes se cercava e que era propensa a frequentar, notava nela outras inclinações de todo ponto estranhas; mostrava certa selvagem mistura de dois gostos que a tornava capaz de preferir servir-se de objetos e de meios cujo emprego pareceria inadmissível a uma pessoa bem nascida e de fino gosto. Efetivamente, se Nastássia Filípovna mostrava elegante e encantadora ignorância do fato, por exemplo, de que as camponesas não estavam em condições de usar a roupa branca de cambraia que ela usava, Afanássi Ivánovitch ficava, ao ouvi-la, sumamente contente. A esse resultado tendia preferentemente toda a educação de Nastássia Filípovna, segundo o programa de Tótski, o qual, nesse terreno, era um homem muito sutil. Mas ai! como pareciam estranhos os resultados! Apesar disso, conservava ainda Nastássia Filípovna algo que as vezes surpreendia o próprio Tótski por sua extraordinária e sedutora originalidade, algo de forte que vinha cativá-lo mais de uma vez, ainda agora que já haviam falhado todos os seus cálculos a respeito de sua pessoa.

Encontrou-se o príncipe com uma moça (a criadagem de Nastássia Filípovna compunha-se sempre de mulheres), que, com grande admiração de sua parte, atendeu, sem a menor perplexidade, a seu pedido para que o anunciasse. Nem seus sapatos sujos, nem seu largo chapéu, nem seu capote sem mangas, nem seu aspecto tímido induziram-na à menor hesitação. Despojou-o do capote, convidou-o a esperar numa saleta e foi imediatamente anunciá-lo.

A sociedade que se se reunia em casa de Nastássia Filípovna compunha-se de suas amizades mais correntes e habituais. Havia também muito pouca concorrência, comparada com a que em semelhante dia afluía ali nos anos anteriores. Achavam-se presentes, entre os primeiros e principais, Afanássi Ivânovitch Tótski e Ivan Fiódorovitch Iepántchin. Ambos se mostravam muito amáveis, mas ambos guardavam certa inquietude secreta, a respeito da mal oculta expectativa da explicação prometida no referente a Gânia. Além deles, estava ali, naturalmente, Gânia, também muito sombrio, muito preocupado e até quase todo esquivo, mantendo-se, em geral, de parte, retraído e taciturno. Não se atrevera a levar Vária, mas Nastássia Filípovna tampouco se lembrava dela; em compensação,

olhando algo de revés para Gânia, lembrou-se de sua recente cena com o príncipe. O general, que ainda não tinha notícia dela, pareceu interessar-se. Então Gânia, secamente, de má vontade, mas com inteira franqueza, contou tudo quanto acabava de ocorrer e como já havia ido pedir perdão ao príncipe. Ao contar o incidente, exprimiu sua opinião de que o príncipe era uma criatura muito estranha e só Deus sabia por que o chamavam de idiota, mas que tinha dele um conceito totalmente diferente e que não tinha dúvida nenhuma de que estava em todo o seu juízo. Nastássia Filípovna escutou suas palavras com grande atenção e curiosidade, mas logo em seguida a conversa recaiu em Rogójin, que parte tão importante havia tomado no episódio daquela manhã e pelo qual começaram a interessar-se, com extraordinária curiosidade, Afanássi lvânovitch e Ivan Fiódorovitch. Ocorreu que Ptítsin estava em condições de revelar as intenções pessoais de Rogójin, pois estivera com ele, tratando de seus negócios, até quase as nove horas da noite. Rogójin porfiara insistentemente para que lhe levassem naquela noite os cem mil rublos.

— Para falar a verdade, estava bêbado — observou Ptítsin. — Mas não me seria difícil arranjar-lhe cem mil rublos, somente não sei se hoje mesmo poderia arranjar toda a quantia. Mas muitos estão trabalhando: Kinder, Triepálov, Biskup. Não faz questão do juro que tenha de pagar, sem dúvida, uma vez que está bêbado e na primeira excitação da fortuna — terminou Ptítsin.

Todas estas notícias foram recebidas com um interesse até certo ponto depressivo. Nastássia Filípovna mantinha-se em silêncio. Não querendo, evidentemente, revelar seus sentimentos. Gânia também estava mudo. O General Iepántchin era talvez quem mais intranquilidade sentia. As pérolas que lhe apresentara naquela mesma manhã foram acolhidas com uma amabilidade algo fria e até com certo sorriso zombeteiro. Fierdíchtchenko era o único dentre os visitantes que mostrava uma jovialidade e uma disposição de ânimo festiva, soltando de quando em quando ruidosas gargalhadas, por vezes sem saber por que, somente por ele próprio ter se imposto isso. E o próprio — Afanássi Ivânovitch, que se distinguia como conversador fino e de gosto e fora em outras reuniões iguais quem conduzira a conversa, não estava evidentemente disposto e até parecia

possuído de uma confusão insólita nele. Os demais visitantes que, por certo, não eram muitos (um velho e lamentável professor, que só Deus sabe por que fora convidado; um jovem desconhecido, de uma timidez tremenda e que se mantinha calado todo o tempo; uma senhora muito viva, de uns quarenta anos, atriz, e uma senhorita jovem, sumamente bonita, de extraordinária elegância e traje luxuoso e muito pouco faladora), não só não podiam animar o diálogo, mas por vezes nem sequer sabiam de que haveriam de falar. Nestas circunstâncias, a aparição de Míchkin verificou-se até oportuna. O anúncio de sua chegada suscitou perplexidades e alguns sorrisos estranhos, sobretudo quando, pela expressão de espanto de Nastássia Filípovna, compreenderam que ela não havia pensado, nem mesmo remotamente, em convidá-lo. Mas, passada sua surpresa, Nastássia Filípovna mostrou logo tanta satisfação que a maioria de seus convivas dispõe-se a receber o inesperado hóspede com risos e alegria.

— Vamos supor que isto é efeito de sua ingenuidade, — pronunciou-se Ivan Fiódorovitch Iepántchin, — e embora seja um tanto perigoso encorajar tais tendências, no momento presente não está mal que haja pensado em felicitá-la, ainda que deste modo original. Pode ser que venha distrair-nos, pelo menos é o que eu posso pensar dele.

— Oh! E ainda mais com ele aparecendo sem que ninguém o convide! — concluiu imediatamente Fierdíchtchenko.

— Acha mesmo isso? — perguntou o general, que não tolerava Fierdíchtchenko.

— Não; creio que deve pagar entrada — explicou aquele.

— Oh! o Príncipe Míchkin não é nenhum Fierdíchtchenko, cuidado! — disse, sem poder conter-se, o general, que não podia tolerar a ideia de encontrar-se com Fierdíchtchenko numa reunião e no mesmo pé de igualdade.

— Ora, general, deixe em paz o Fierdíchtchenko — replicou o próprio Fierdíchtchenko. — Porque, note, sigo minhas normas especiais.

— Que normas especiais são essas?

— Da vez passada tive já a honra de expô-las nesta reunião… mas vou repeti-las para Sua Excelência. Faça-me o favor de prestar atenção: todos têm inteligência, ao passo que eu não tenho nenhuma. Em compensação reclamo permissão para dizer a verdade, já que ninguém ignora que as únicas pessoas que dizem a verdade são aquelas que carecem de inteligência. Além disso sou um indivíduo muito irritável e também pela mesma razão de carecer de inteligência. Suporto sem replicar qualquer insulto, mas ao primeiro fiasco do ofensor, ao seu primeiro fiasco, logo recordo o ultraje e passo a vingar-me, passo a dar coices, como de mim dizia Ivan Pietróvitch Ptítsin, o qual, sem dúvida alguma, nunca dará coices. O senhor conhece a fábula de Krilov, *O leão e o burro*, excelência? Pois bem, aqui estamos o senhor e eu, e até parece que o escritor inspirou-se em nós.

— Pelo visto, Fierdíchtchenko, o senhor está dizendo tolices! — exclamou o general.

— E que importa isso a Vossa Excelência? — insistiu Fierdíchtchenko, como que esperando poder desforrar-se e ficar ainda de cima. — Não se inquiete, Vossa Excelência, que conheço meu lugar. Se disse que o senhor e eu éramos o leão e o burro da fábula de Krilov, o papel de burro reservava-o para mim, é claro, Deixando para Vossa Excelência o de leão, segundo diz a fábula:

> O leão poderoso, o terror das florestas,
> Perdera com a velhice o vigor juvenil.

Mas, eu, excelência, sou… o burro.

— Com esta última coisa estou perfeitamente de acordo — deixou escapar imprudentemente o general.

Tudo aquilo era grosseiro, sem dúvida, e dito de propósito, mas já era coisa convencionada deixar que Fierdíchtchenko desempenhasse seu papel de bufão.

— Justamente por isso me toleram e me recebem aqui — insistiu

Fierdíchtchenko, — para que fale precisamente deste modo. Vamos ver: é realmente possível receber em alguma casa alguém como eu? Não acreditem que não compreendo. Vejamos: será possível que eu, esse tal de Fierdíchtchenko, me ombreie com tão cultos cavalheiros como Afanássi Ivânovitch? Quer queiram quer não só há uma explicação: só o recebem porque é isso uma coisa inconcebível.

Mas embora aquilo se mostrasse grosseiro e por vezes cáustico, até mesmo excessivo, era, ao que parece, do agrado de Nastássia Filípovna. Quem desejasse a todo transe frequentar-lhe a casa, não tinha outro remédio senão suportar Fierdíchtchenko. Ele talvez tivesse adivinhado toda a verdade ao supor que o recebiam ali precisamente porque, desde o primeiro momento, sua presença tornara-se intolerável para Tótski. Gânia, por sua parte, tinha de suportar dele todo um suplício infinito e, neste sentido, sabia Fierdíchtchenko agradar grandemente a Nastássia Filípovna.

— O príncipe começará por cantar para nós uma canção da moda — concluiu Fierdíchtchenko, olhando para ver o que Nastássia Filípovna diria.

— Não o creio, Fierdíchtchenko, e rogo-lhe que não se excite — observou ela, secamente.

— Ah! se ele se encontra sob proteção especial, neste caso também eu me abrandarei…

Mas Nastássia Filípovna levantou-se sem ouvi-lo e saiu ela própria a receber o príncipe.

— Lamento — disse, apresentando-se de repente diante de Míchkin, — que antes, por distração, me houvesse esquecido de convidá-lo para vir à minha casa, e muito me alegra que o senhor mesmo me proporcione agora ocasião de agradecer-lhe e aplaudi-lo pela sua inesperada decisão.

Ao dizer isso, olhava fixamente o príncipe, esforçando-se, de certo modo, por explicar a si mesma a decisão dele.

Possível seria que Míchkin tivesse respondido também com

palavras amáveis ao que ela dissera, mas estava tão deslumbrado e até certo ponto desconcertado que não pôde articular nenhuma palavra. Nastássia Filípovna notou isto com satisfação. Naquela noite exibia um vestido completo e causava extraordinária impressão. Pegou-o pela mão e conduziu-o à sala. Mas justamente na porta, Míchkin parou de repente e, com desusada emoção, apressando-se, murmurou-lhe ao ouvido:

— Na senhora tudo é perfeição… até mesmo o ser magra e pálida… Não se gostaria de imaginá-la de outro modo… Quanta vontade tinha eu de vir vê-la! Perdoe-me…

— Não peça perdão — disse, rindo, Nastássia Filípovna. — Deita assim a perder toda a sua estranheza e originalidade. E, pelo visto, têm razão em dizer que o senhor é um homem estranho. É mesmo verdade que me vê como uma perfeição?

— Sim.

— Pois mesmo que o senhor seja um mestre em adivinhar, está enganado nessa questão. Hei de lembrar-lhe ainda esta noite…

Apresentou o príncipe a seus amigos, dos quais mais da metade já o conhecia. Tótski disse imediatamente alguma frase amável. Todos pareceram animar-se um tanto; todos, ao mesmo tempo, começaram a falar e a rir. Nastássia Filípovna fez o príncipe sentar-se a seu lado.

— Mas, depois de tudo, que tem de maravilhoso a aparição do príncipe? — exclamou, mais alto que todos, Fierdíchtchenko. — A coisa está clara, explica-se por si mesma.

— A coisa está demasiado clara e explica-se demasiado por si mesma — assentiu, de súbito, o taciturno Gânia. — Estive observando o príncipe hoje, quase sem interrupção, desde o momento mesmo em que, não faz muito, viu pela primeira vez o retrato de Nastássia Filípovna em cima da mesa de Ivan Fiódorovitch. Lembro-me muito bem de que já naquele momento tive de pensar o mesmo de que agora tenho a convicção plena e que, seja dito de passagem, me confessou o próprio príncipe.

Gânia disse toda essa frase com expressão perfeitamente séria, sem a menor jocosidade, até com ar austero, o que era algo estranho.

— Não lhe fiz nenhuma confissão — replicou o príncipe, ficando vermelho. — Limitei-me a responder à sua pergunta.

— Bravo, bravo! — exclamou Fierdíchtchenko. — Pelo menos, é franco, astuto e sincero.

Todos riram alto.

— Não grite assim, Fierdíchtchenko, — advertiu-o com desgosto, em voz baixa, Ptítsin.

— Não esperava, príncipe, do senhor tais proezas, — disse Ivan Fiódorovitch. — Ninguém teria pensado isso do senhor. E eu que o tinha por um filósofo! Sim, senhor, bem caladinho.

— E a julgar pela circunstância de ficar o príncipe todo corado, diante de uma pilhéria inofensiva, como se fosse inocente donzela, deduzo que ele, além de um jovem nobre, nutre em seu coração as mais louváveis intenções — disse, de repente, e de um modo completamente inesperado, ou melhor, sibilou o professor desdentado e sessentão que, até ali, guardara silêncio, e do qual ninguém podia esperar que dissesse qualquer coisa, durante toda a reunião. Todos riram cada vez mais forte. O velhinho, certamente pensando que achavam graça na sua inteligência, olhando para todos, pôs-se a rir mais forte ainda, o que lhe produziu violento ataque de tosse, pelo que Nastássia Filípovna, que gostava muito, vá lá a gente saber por que, de todos os velhotes e velhotas ridículos, e até mesmo de gente maluca, pôs-se em seguida a acariciá-lo, a beijá-lo e ordenou que trouxessem mais chá para ele. Quando a criada entrou, pediu que lhe trouxessem também uma mantilha, na qual se envolveu e ordenou que pusessem mais lenha na lareira. Ao lhe perguntarem as horas, respondeu a criadinha que já eram onze e meia.

— Senhores, não querem tomar um pouco de champanhe? — convidou, de repente, Nastássia Filípovna. — Já está pronta. Talvez assim os senhores fiquem de melhor humor. Façam-me o favor; sem-cerimônias.

O convite para beber, e sobretudo formulado com expressão tão franca, não deixava de ser muito estranho de parte de Nastássia Filípovna. Todos conheciam a rígida etiqueta de suas anteriores reuniões. Em geral, eram umas reuniões bastante alegres mas não habitualmente. Não obstante, aceitaram o vinho, em primeiro lugar, o general, depois a senhora muito viva, o velhote, Fierdíchtchenko, e após eles, os demais. Tótskin tomou também seu copo, esperando harmonizar-se com o novo tom imperante, dando-lhe, no possível, o caráter de uma pilhéria simpática. Gânia foi o único que absolutamente não bebeu.

Nastássia Filípovna tomara uma taça de champanhe e declarara que beberia mais três naquela noite. Era difícil compreender suas estranhas e por vezes abruptas e súbitas manifestações, suas risadas histéricas e sem motivo, alternando com depressões silenciosas e até mesmo esquivas. Alguns de seus visitantes suspeitaram que ela estivesse com febre. Começaram a notar por fim que ela também parecia estar à espera de alguma coisa, pois olhava frequentemente para seu relógio e estava-se tornando impaciente e preocupada.

— Terá a senhora, talvez, um pouco de febre — perguntou a senhora espevitada.

— Um pouco, não, mas muita, por isso enrolei-me na mantilha — respondeu Nastássia Filípovna, ficando efetivamente mais pálida e como que reprimindo de quando em quando um violento tremor.

Todos ficaram alarmados e se movimentaram.

— Não deveríamos deixar em paz a dona da casa? — aventurou Tótski, olhando para Ivan Fiódorovitch.

— Nunca, de modo algum, senhores! Rogo-lhes justamente que se sentem. Sua presença, sobretudo esta noite, é para mim absolutamente indispensável — declarou, de repente, Nastássia Filípovna com firmeza e de uma maneira significativa.

E como quase todos os presentes já sabiam que aquela noite estava destinada a que nela se tomasse uma decisão grave, aquelas palavras pareceram muito importantes. Gânia tremia

convulsivamente.

— Não estaria mal que jogássemos algum *petit jeu*[24] — disse a senhora espevitada.

— Conheço um *petit jeu* novo e magnífico — encareceu Fierdíchtchenko. — Embora tivesse sido jogado uma vez só no mundo e mesmo então não obteve êxito.

— E qual é? — perguntou a senhora espevitada.

— Vão ver: estávamos uma vez reunidos e havíamos bebido, a verdade é esta, quando, de repente, um de nós propôs que cada um, sem levantar-se de sua cadeira, contasse algo de seu, muito íntimo, em voz alta, mas algo que ele próprio, sinceramente, em consciência, considerasse a mais feia de todas as suas ações, feias, no decurso de toda sua vida; mas com a condição de que fosse sincero, isto era o principal, que fosse sincero, que não mentisse.

— Estranha ideia — disse o general.

— Mas quanto mais estranha, general, tanto melhor.

— Pensamento ridículo — disse Tótski, — embora, afinal, compreensível vaidade de uma índole especial.

— Talvez também tivesse algo disso, Afanássi Ivânovitch.

— Mas tal *petit jeu* faria a gente chorar e não rir! — observou a senhora espevitada.

— A coisa é totalmente impossível e absurda — declarou Ptítsin.

— E teve êxito? — indagou Nastássia Filípovna.

— Já lhe disse que não, tornou-se antipática. Todos, efetivamente, contaram alguma anedota, muitos disseram a verdade e, imaginem, houve quem fizesse o relato com satisfação. Mas depois todos ficaram com vergonha e não puderam suportar mais aquilo. No fundo, aliás, foi uma coisa muito divertida, embora, está claro, em seu estilo.

— Mas na verdade não seria nada mau — observou Nastássia

Filípovna, animando-se subitamente. — Será que os senhores não gostariam de experimentar? Na realidade, não parece que estejamos muito alegres. Se cada um dos senhores consente em contar algo… Desse estilo… é claro que espontaneamente, por sua própria vontade. Talvez nós possamos suportar. Pelo menos, trata-se de algo enormemente original.

— Genial ideia! — encareceu Fierdíchtchenko. — As senhoras, naturalmente, ficam excluídas. Comecem os cavalheiros. A coisa se fará por sorte, como fizemos naquela ocasião. Vamos, vamos! Se alguém fizer muita questão de não tomar parte, não contará nada; mas será de sua parte muito pouco amável. Tirem a sorte, senhores, aqui em meu chapéu. O príncipe a tirará. A coisa não pode ser mais simples. Revelar a ação mais feia de toda a vida que se tenha praticado. Isto é muito fácil, senhores! Aqui está, vejam! Se alguém se esquecer, eu imediatamente o chamarei à ordem.

A ideia não foi do agrado de ninguém. Uns franziram a testa, outros sorriram ladinamente. Alguns fizeram objeções, embora não com muita energia, pois não queriam incorrer no desagrado de Nastássia Filípovna e tinham podido observar quão de seu agrado era aquela estranha ideia. Em seus caprichos era Nastássia Filípovna sempre irascível e implacável, quando se decidia a manifestá-los, ainda quando se tratasse dos desejos mais voluntariosos e mais inúteis para ela. E agora estava como que atacada de histerismo: tremia, ria convulsivamente, como presa de uma indisposição repentina, sobretudo diante das objeções do alarmado Tótski. Seus escuros olhos cintilavam; em suas faces pálidas acusavam-se duas manchas rubras. Os matizes de contrariedade e de esquivança das fisionomias de alguns de seus amigos, talvez contribuíssem para tornar mais ousado ainda seu ridículo capricho: talvez o que mais precisamente lhe agradasse fossem o cinismo e a crueldade daquela ideia. Alguns tinham até a convicção de que tinha ela um especial objetivo nisso. Afinal de contas, acederam. Em todo caso era curioso e, para mais de um, muito atraente. Fierdíchtchenko era o que mais barulho fazia.

— E se houvesse algo de tal natureza que não se pudesse contar… diante das senhoras? — observou, timidamente, o rapazinho taciturno.

— Pois então não contem nada que, afinal de contas, pouca coisa má terá o senhor que contar — respondeu Fierdíchtchenko — ah! os jovens!

— Mas eu não sei qual de minhas ações poderá ser a mais feia — exclamou a senhora espevitada.

— As senhoras ficam isentas da obrigação de contar alguma coisa — repetiu Fierdíchtchenko, — terão liberdade de fazê-lo ou não. Qualquer coisa de sua própria inspiração será aceita gratamente. Os homens também ficarão isentos, se fizerem muita objeção a falar.

— Mas como demonstrar que não minto? — perguntou Gânia. — E se mentir então já o jogo perde toda a sua graça. E quem não. mentirá? Todos, fatalmente, haveremos de mentir.

— Mas é também fascinante ver como mentem os homens! Tu, Gânia, pessoalmente, não há receio de que mintas, já que tua ação mais ruim, sem necessidade de que a digas, todo o mundo a conhece. Pensem somente, senhores — exclamou, de repente, com certa inspiração, Fierdíchtchenko, — pensem somente com que olhos nos iremos olhar uns aos outros amanhã, por exemplo, depois destas confissões.

— Mas isto será possível? Isto será realmente sério, Nastássia Filípovna? — indagou, com dignidade, Tótski.

— Quem o lobo teme… ao bosque não vá! — observou Nastássia Filípovna, com um sorriso zombeteiro.

— Mas permita, Senhor Fierdíchtchenko: é por acaso possível fazer disso um *petit jeu*? — continuou, cada vez mais alarmado, Tótski. — Asseguro-lhe que coisas como essas não dão certo; o senhor mesmo disse antes, que da outra vez não obteve êxito.

— Como é que não obteve êxito? Contei naquela ocasião que havia roubado três rublos de prata e, da maneira como os havia roubado, contei.

— Concedo. Mas e se o senhor tivesse contado algo com

aparência de verdade e o houvessem acreditado? Gavrila Ardaliónovitch observou muito justamente que basta que alguém incorra em uma falsidade para que já o jogo perca toda a graça. A verdade só pode ser dita por casualidade, quando se tem um caráter vaidoso de índole especial, de péssimo tom, que aqui não cabe supor e é perfeitamente vulgar.

— Mas que homem tão sutil é o senhor, Afanássi Ivânovitch! Digo-lhe que me causa espanto! — exclamou Fierdíchtchenko. — Imaginem os senhores que não posso relatar um roubo meu com aparências de verdade! Afanássi Ivânovitch, da maneira mais delicada, dá a entender que eu sou incapaz de cometer um roubo (porque contá-lo em voz alta resulta indecoroso), ainda que seja muito possível que, em seu foro íntimo, esteja perfeitamente convencido de que Fierdíchtchenko é muito capaz de roubar. Mas vamos, senhores, vamos! aqui estão já as sortes! O senhor mesmo, Afanássi Ivânovitch, pôs a sua, de modo que ninguém se negou. Príncipe, tire!

O príncipe, em silêncio, introduziu a mão no chapéu e retirou a primeira sorte: Fierdíchtchenko; a segunda: Ptítsin; a terceira: o general; a quarta: Afanássi Ivânovitch; a quinta: a sua; a sexta: Gânia, etc. As damas não haviam posto sortes.

— Oh! meu Deus! Que desgraça! — exclamou Fierdíchtchenko. — E eu que pensava que o primeiro turno caberia ao príncipe e o segundo… ao general! Mas, louvado seja Deus!, pelo menos Ivan Pietróvitch vem atrás de mim e assim serei compensado. Senhores, sou obrigado a dar um nobre exemplo; mas o que mais lamento no momento presente é ser tão insignificante e tão pouco notável em todos os sentidos; até o cargo que desempenho é modestíssimo. Vamos ver, digam-me os senhores: haverá possibilidade de ser realmente interessante alguma má ação que Fierdíchtchenko haja cometido? E além disso, qual é a pior ação de quantas haja cometido? Aqui nos encontramos com *l'embarras de richesse*[25]. Mas contarei talvez de novo aquele furto de outrora para que Afanássi Ivânovitch veja que se pode roubar sem ser ladrão.

— Convence-me também, Senhor Fierdíchtchenko, de que se pode sentir satisfação até a embriaguez, referindo a gente suas mais sujas

ações, ainda que ninguém lhes pergunte… Mas, aliás… Perdoe-me, Senhor Fierdíchtchenko.

— Comece de uma vez, Fierdíchtchenko; fala o senhor de uma porção de coisas e não acaba nunca! — intimou-o Nastássia Filípovna, nervosa e impaciente.

Haviam todos observado que, depois daquele acesso de riso convulsivo, ficara séria, mal-humorada e nervosa, o que não impedia que insistisse direta e despoticamente em seu impossível capricho. Afanássi Ivânovitch sofria horrivelmente. Estava também furioso contra Ivan Fiódorovitch, que, sentado, bebia champanhe, como se nada lhe importasse; talvez esperando contar alguma coisa, quando chegasse sua vez.

## Capítulo XIV

— Sou um homem sem inteligência, Nastássia Filípovna e por isso falo além da conta! — exclamou Fierdíchtchenko, dando princípio à sua narrativa. — Se tivesse eu tanto talento como Afanássi Ivânovitch ou como Ivan Pietróvitch, não teria feito outra coisa esta noite senão ficar quietinho e calado como estão Afanássi Ivânovitch e Ivan Pietróvitch. Príncipe, permita-me que lhe pergunte que o senhor pensa a respeito do assunto, porque acho que há no mundo muito mais ladrões do que não ladrões, e que não há homem, por honrado que seja, que (ainda que só uma vez) não haja roubado em sua vida. Esta é a minha opinião, da qual, por outra parte, não infiro que todos, sem exceção, sejam uns ladrões, embora, por Deus!, por vezes me dê grande vontade de tirar essa conclusão. Que pensa o senhor?

— Oh! como o senhor conta mal sua história! — disse Dária Alieksiéievna. — Que absurdo! Não é possível que toda gente haja roubado alguma coisa. Eu, por exemplo, nunca roubei nada.

— A senhora nunca roubou nada, Dária Alieksiéievna; mas que diz o príncipe, que de repente ficou todo vermelho?

— Penso que o senhor tem razão, apenas exagera muito —

declarou Míchkin, pondo-se, efetivamente, vermelho.

— Mas o senhor, príncipe, nunca roubou nada?

— Oh! Como isto é ridículo! Tenha juízo, Senhor Fierdíchtchenko! — interveio o general.

— Isto não passa do seguinte: como chegou o momento de contar sua história e está com vergonha, quer o senhor complicar o príncipe. Graças a Deus, é ele de bom caráter — insistiu Dária Alieksiéievna.

— Fierdíchtchenko, ou o senhor conta sua história, ou fique calado e guarde-a para si. O senhor faz a gente perder a paciência — disse, cortante e mal-humorada, Nastássia Filípovna.

— Agora mesmo, Nastássia Filípovna. Mas se já o príncipe confessou, porque insisto em que o príncipe, de todos os modos, confessou alguma coisa, que diria por exemplo, outro qualquer (não nomeio ninguém) se quisesse alguma vez declarar a verdade? Pelo que a mim se refere, senhores, não necessito falar muito: trata-se de uma coisa muito simples, estúpida e repugnante. Mas lhes asseguro que não sou nenhum ladrão. Roubei mas não sei como. Foi há três anos, na casa de campo de Siemion Ivânovitch, num domingo. Tinha convidados à mesa. À sobremesa, ficaram os homens bebendo. Ocorreu-me pedir a Maria Siemiônovna, sua filha, que tocasse algo no piano. Atravesso a sala principal e vejo em cima da mesinha de costura de Maria Siemiônovna uma cédula verde de três rublos; tinha-a tirado, sem dúvida, para algum gasto da casa. Na sala não havia ninguém. Pego a cédula e meto-a no bolso, sem saber para quê. Em seguida, volto para lá e sento-me outra vez à mesa. Fiquei bem quieto, aguardando, presa de uma emoção bastante viva; falava sem parar; contava anedotas; ria-me; passei depois a conversar com as senhoras. Ao cabo de meia hora deram-se conta do que ocorreu e começaram a interrogar as criadas. Maria suspeitava de uma delas, de nome Dária. Revelei uma curiosidade e interesse extraordinários, e até me lembro de que, quando Dária perdeu de todo a serenidade, me pus a convencê-la de que confessasse, assegurando-lhe que sua patroa seria bondosa para com ela; e disse isto em voz alta, diante de todos. Todos olhavam e eu sentia vivíssimo prazer pelo fato de estar dando

conselhos a ela, enquanto jazia a cédula em meu bolso. Gastei aqueles três rublos na mesma noite, bebendo num restaurante. Entrei ali e pedi uma garrafa de Laffite; nunca até então eu pedira uma garrafa inteira, sem mais nem menos: era que tinha pressa em gastar aquele dinheiro. Remorsos de consciência, nem então, nem depois os senti. Seguramente não voltaria a repetir a façanha. Isto podem os senhores crer ou não, segundo lhes aprouver, pois não tenho nisto o menor interesse. Pois então está tudo dito.

— Essa, certamente, não é sua ação mais feia — disse Dária Alieksiéievna, com aversão.

— É este um caso psicológico e não uma ação — observou Afanássi Ivânovitch.

— Mas, e a criada? — perguntou Nastássia a Fierdíchtchenko, sem ocultar seu intenso desgosto.

— Puseram a criada para fora da casa no outro dia, naturalmente. Aquela é uma casa séria.

— E o senhor consentiu?

— Não faltava mais nada! Que queria: que eu fosse me confessar culpado? — E Fierdíchtchenko pôs-se a rir, ainda que, no fundo, constrangido até certo ponto pela geral e intensa má impressão que produzira seu relato.

— Que sujeira! — exclamou Nastássia Filípovna.

— Veja! A senhora queria ouvir a ação mais feia de um indivíduo e reclama coisas brilhantes! Mas a ação mais feia e naturalmente mais suja, vamos ouvi-la dos lábios de Ivan Pietróvitch. Além disso, quantos há que brilham por fora e querem parecer virtuosos porque têm carro próprio! E quantos têm carro próprio! E graças a que expedientes!

Em resumo Fierdíchtchenko não se resignou em absoluto e de repente enraiveceu-se a ponto de esquecer-se de si mesmo, ultrapassando toda medida; seu rosto até se contraiu. Por estranho que possa parecer, era muito possível que esperasse um resultado

totalmente diferente de seu relato. Aquelas pilhérias de mau tom e vaidades de índole especial, segundo a expressão de Tótski, costumavam ocorrer com muita frequência a Fierdíchtchenko e correspondiam perfeitamente a seu caráter.

Nastássia Filípovna chegou a tremer de raiva, encarando fixamente Fierdíchtchenko com firmeza. Este, por um momento, intimidou-se e guardou silêncio e por um triz não ficou gelado de susto. Tinha ido demasiado longe.

— E se déssemos a coisa por terminada? — perguntou-lhe astutamente Afanássi Ivânovitch.

— Chegou a minha vez, mas invoco meu direito de liberdade e não contarei minha anedota, — disse, decidido, Ptítsin.

— Não quer?

— Não posso, Nastássia Filípovna; e, além disso, em termos gerais, parece-me este um *petit jeu* impossível.

— General, segundo parece, toca-lhe a vez agora — e Nastássia Filípovna olhou para o general. — Caso o senhor também desista, todos os outros que lhe vêm depois desistirão também e eu sentirei, porque pensava contar depois de todos, para rematar, uma ação feia de minha própria vida. Mas tinha de ser depois do senhor e de Afanássi Ivânovitch, porque os senhores estavam obrigados a encorajar-me — concluiu, pondo-se a rir.

— Oh! se a senhora promete isto, — exclamou com veemência o general, — estou pronto a referir-lhe toda a minha vida; mas, confesso-o, à espera da minha vez, já tinha preparada minha anedota…

— E já apenas pelo aspecto de Vossa Excelência pode-se inferir com que pessoal satisfação literária a compôs — atreveu-se a observar Fierdíchtchenko, ainda algo ressentido, esboçando um sorriso sarcástico.

Nastássia Filípovna lançou um olhar relampejante ao general e

até sorriu interiormente. Mas saltava à vista que seu desgosto e nervoso aumentavam a cada instante. Afanássi Ivânovitch sentiu duplo pânico ao ouvir sua promessa de contar uma história.

— A mim, senhores, como a cada qual, sucedeu-me cometer ações, não de todo delicadas, em minha vida — começou o general. — Mas o mais extraordinário de tudo é que eu mesmo considero uma curta anedota, que em seguida contarei, como a mais repugnante de toda a minha vida. Não obstante, de então para cá passaram-se bem cerca de trinta anos e, contudo, nunca consegui fazer desaparecer a recordação de certa impressão, que parece, por assim dizer, atormentar meu coração. A coisa, afinal de contas, é demasiado estúpida. Naquele tempo eu ainda era alferes e estava abrindo meu caminho no Exército. Bem; já se sabe o que é um alferes: sangue fervendo e muito ardor, mas um miserável avarento. Tinha eu então uma ordenança, Nikífor, que zelava intensamente pelas minhas finanças. Poupava, costurava, varria, esfregava e, além disso, em todas as partes roubava quanto podia deitar a mão, com o único objetivo de prover à nossa casa. Era o homem mais leal e mais honrado do mundo. Eu, naturalmente, era severo porém justo. Durante uma temporada aconteceu estarmos de guarnição em um povoado. Procuraram alojamento para mim em um subúrbio, em casa da viúva de um subtenente reformado. Pelos oitenta anos, pelo menos muito perto deles, andaria a senhora. Sua casa era velha, suja, de madeira, e nem sequer, de pura pobreza, tinha uma criada. Mas o principal, o que a distinguia, é que tivera outrora numerosos familiares e parentes; somente, uns lhe tinham ido morrendo no transcurso dos anos, outros se haviam espalhado pelo mundo e alguns outros se haviam esquecido da anciã. Quanto a seu marido, já fazia quarenta e cinco anos que o tinham enterrado. Vivera com ela anos antes uma sobrinha, corcunda e malvada, segundo diziam, como uma bruxa, e até, em certa ocasião, mordera a velha num dedo. Mas também ela morreu, de sorte que andava já em três anos que a velha vivia perfeitamente só. Bem aborrecido andava eu em sua casa, tão vazia que não havia possibilidade de distrair-me de modo algum. Finalmente roubou-me ela um galo. A coisa não está clara até hoje, mas além dela não havia ali ninguém. Por causa do galo brigamos, e muito, mas sucedeu que, ao meu primeiro pedido, me transferiram para outro alojamento no

subúrbio oposto, com a numerosa família de um comerciante, que tinha uma barba comprida, como agora me recordo. Mudei-me para lá com Nikífor, muito contente, deixando desgostosa a velha. Passados três dias, dirijo-me à instrução, quando chega Nikífor e me anuncia que "fez mal Vossa Nobreza em deixar com a velha nossa sopeira, porque agora não temos onde servir a sopa". Eu, naturalmente, fiquei estupefato. "Mas como ficou nossa sopeira em casa da velha?" Nikífor, espantado, continua contando-me que a velha, ao partirmos de sua casa, negou-se a dar-lhe a sopeira alegando que, como lhe havia eu quebrado uma panela, ela, em compensação, ficava com nossa sopeira e que assim eu mesmo lhe havia proposto. Semelhante ruindade da parte dela fez-me ultrapassar os derradeiros limites; ferveu-me o sangue, dei um salto, saí correndo. Sigo para a casa da velha, por assim dizer, já fora de mim. Olho, está sentada no portal, só, sozinha, em um canto, como a esquivar-se do sol, apoiando a face numa mão. Eu logo, saibam os senhores, lhe fui passando uma descompostura: "és isto e aquilo!" e já sabem os senhores como se presta o russo para essas coisas. Mas observando-a noto algo de estranho; ela continua sentada, de rosto voltado para mim, os olhos escancarados, sem uma palavra a responder, e é raro, insólito, vê-la assim como se hesitasse. Finalmente, consigo me acalmar, olho-a mais de perto, interrogo-a: nenhuma palavra de resposta. Estava indeciso; as moscas zumbiam; o sol se punha; silêncio. Completamente perturbado, retiro-me afinal. Nem mal chegara em casa, quando me chamaram da parte do major; tive de passar em revista a companhia imediatamente; de sorte que só voltei de noite. As primeiras palavras de Nikífor foram: "Não sabe de uma coisa, Vossa Nobreza? Pois a nossa dona de casa morreu!". "Quando?" "Esta mesma tarde, haverá hora e meia." Quer dizer que, no mesmo momento em que estava eu a insultá-la, ela expirava. Tamanha impressão me causou aquilo que, direi a vocês, quase perdi os sentidos. E para que saibam, ainda penso e até sonho com isso à noite. Eu, naturalmente, não tenho preconceitos; mas três dias depois fui à igreja, ao funeral. Em resumo: quanto mais tempo passa, tanto mais me recordo. Não direi que… mas, enfim, que de quando em quando a gente se lembra e isso lhe pesa. O essencial é, naturalmente, a ideia que eu formo. Em primeiro lugar, era uma mulher, isto é, um ser humano, como se diz agora. Viveu muito tempo, viveu e, por fim, passou a uma melhor vida. Algum tempo ela teve filhos, marido,

família, parentes, todos, por assim dizer, em torno dela; ferveram em torno dela todos aqueles sorrisos, toda aquela vida, digamo-lo assim, e de repente… a paz completa, tudo voou ao sepulcro, ficou sozinha como… uma mosca, amaldiçoada desde o começo dos tempos. E eis que afinal Deus a conduzira a um fim; quando o sol se punha, numa tranquila tarde de verão, minha velha também levantou voo… Tema para piedosa reflexão, decerto. E naquele instante preciso, em lugar de ouvir os soluços que acompanham a agonia dos que se vão, vê surgir um jovem alferes impertinente que, com as mãos na cintura e ar agressivo, a põe para fora deste mundo lançando-lhe os piores insultos do repertório popular por causa de uma sopeira desaparecida. Sem dúvida alguma sou culpado, e, embora já faça muito tempo e venha considerando aquela minha ação, pela distância da época e pela minha mudança de caráter, como alheia, nem por isso a lamento menos. O que, repito, se torna para mim estranho, tanto mais quanto, se bem que seja culpado, não o sou de todo: por que haveria de ocorrer-lhe morrer naquele momento? É claro que só há uma desculpa: que se trata, em certo sentido, de um ato psicológico; mas, apesar de tudo, não pude recuperar a calma senão quando, há uns quinze anos, fiz entrar dois velhos verdadeiramente doentes, às minhas custas, no asilo, com a intenção de amenizar-lhes com os bons tratos os últimos dias de sua existência terrena. Penso converter em perpétua essa fundação, deixando para isso em meu testamento um legado. Já ficaram vocês sabendo de tudo. Repito que é possível que eu haja cometido muitas culpas neste mundo, mas, em consciência, reputo aquela ação como a mais censurável de toda a minha vida.

— Mas, em vez da ação mais feia, Vossa Excelência o que fez foi contar-nos uma das mais belas ações de sua vida. Logrou Fierdíchtchenko! — exclamou este último.

— Realmente, general, não podia figurar-me que tivesse o senhor tão bom coração. Sinto-me quase triste! — disse Nastássia Filípovna, com displicência.

— Triste? E por quê? — indagou o general, com amável sorriso e, não sem satisfação, bebeu um gole de champanhe.

Mas tocava agora a vez de Afanássi Ivânovitch, o qual já estava

também preparado. Todos adivinhavam que não haveria de negar-se, como se negara Ivan Fiódorovitch e aguardavam seu relato, por certos motivos, com especial curiosidade, e ao mesmo tempo pousavam a vista em Nastássia Filípovna. Com extraordinária dignidade, que se harmonizava maravilhosamente com seu altivo aspecto, com voz calma e amável, deu princípio Afanássi Ivânovitch a um de seus amenos relatos. (Cremos oportuno dizer que era um homem arrogante, altivo, de elevada estatura, um pouco calvo, um pouco grisalho, e bastante gordo, com as bochechas rosadas e um tanto flácidas e pendentes, e com dentadura postiça. Trajava folgada e esmeradamente, usando uma roupa interior assombrosa. Dava gosto olhar seus dedos finos e brancos. No índice da mão direita levava um anel com um brilhante valioso.) Nastássia Filípovna, durante todo o tempo que durou o relato dele, esteve de olhar fixo nas rendas de sua manga e enredava nelas dois dedos de sua mão esquerda, de modo que nem uma vez sequer pôs os olhos no narrador.

— O que mais me facilita minha tarefa — começou Afanássi Ivânovitch — é a obrigação iniludível de ter de contar obrigatoriamente a ação mais vil de toda a minha vida. Neste terreno, naturalmente, não pode haver hesitações; tanto a consciência como a recordação de meu coração indicaram-me imediatamente o que devia contar. Confesso com dor que no número de todas as talvez inúmeras ações minhas não premeditadas e doidas, haja uma cuja impressão se mantém demasiado aborrecida em minha memória. A coisa sucedeu haverá uns vinte anos. Tinha eu ido naquela ocasião à aldeia, à casa de Platon Ordintsev. Acabava de ser eleito marechal da nobreza e para ali partira com sua jovem esposa, a fim de passar as férias de verão. Na ocasião ocorria o aniversário de Anfissa Alieksiéievna, e por este motivo organizaram dois bailes. Por aquele tempo estava terrivelmente em moda e acabava de penetrar no grande mundo o fascinante romance de Dumas Filho *A dama das camélias*, poema que, na minha opinião, está destinado a não morrer e a não envelhecer. Nas províncias, todas as senhoras estavam entusiasmadas por ele até o frenesi, pelo menos as que o haviam lido. O que havia de cativante no relato, a estranha situação da protagonista, aquele mundo sedutor, analisado com tanta sutileza e, finalmente, todos aqueles cativantes pormenores reunidos no livro (por exemplo, aquele emprego, segundo

as circunstâncias, de ramos de camélias brancas ou vermelhas, alternativamente), numa palavra: todos aqueles fascinantes detalhes, juntamente com tudo mais, punham fora de si os leitores. As camélias chegaram a ser as flores da moda. Todas queriam camélias e as buscavam. Mas pergunto-lhes eu: é possível encontrar muitas camélias em uma aldeia, quando toda a gente as pede para o baile, ainda que sejam ali contados os bailes? Piétia Vorkhóvski andava então de coração partido por causa de Anfissa Alieksiéievna. Na verdade, não sei se haveria algo entre eles, quero dizer, se poderia ele abrigar alguma esperança séria. O coitado andava louco, procurando camélias na véspera do baile para Anfissa Alieksiéievna. A Condessa Sótskaia, de Petersburgo, hóspeda na ocasião do governador, e Sófia Biespálova,[26] como sabia toda gente, haviam de comparecer com vários ramos de camélias brancas. Anfissa Alieksiéievna desejava-as, para produzir algum efeito particular, vermelhas. O pobre de Platon quase rebenta; como se sabe… era o esposo. Havia-se encarregado de encontrar um ramalhete e que pensam vocês? Mesmo na véspera do baile foram as flores arrebanhadas por Ekatierina Alieksándrovna Mitítchtcheva, feroz rival em tudo de Anfissa Alieksiéievna. Andavam de punhais desembainhados. Era sem dúvida um caso de histerismos e de desmaios fingidos. Platon estava desesperado. Já se compreende que se Piétia naquele instante pudesse arranjar, fosse como fosse, um ramo, suas possibilidades haveriam de crescer grandemente; a gratidão das mulheres em ocasiões tais não reconhece limites. Saiu procurando como louco; mas era uma proeza impossível e nem adiantava falar disso. Vim a encontrá-lo sem querer às onze horas da noite, na véspera do aniversário e do baile, em casa de Mária Pietrovna Zubkova, vizinha de Ordintsev. Estava radiante. “Que tens?” “Encontrei-as. *Eureka*!” “Fico espantado, meu caro! Onde? Como?” “Ora, em Ekchaisk (há por ali uma aldeola com este nome, a umas vinte verstas de distância, já fora de nosso distrito). Vive ali um comerciante chamado Triepálov, velho e rico, em companhia de sua mulher, já velha e que, em vez de filhos, só tem canários. É doido por flores e cultiva camélias. “Mas, homem, isto não é certo! E se ele não quiser te dar nenhuma?” “Vou me jogar a seus pés, de joelhos, e não me levantarei enquanto não me der camélias, e sem elas não sairei dali.” “Quando pensa ir lá?” “Amanhã, ao romper do dia, às cinco horas.” “Bem, então adeus!” Se vissem vocês quanto me alegrei por

causa dele! Dirigi-me à casa de Ordintsev; fiquei lá até quase duas horas, e, de repente, vejam vocês, ocorreu-me uma ideia. Já me dispunha a ir deitar, quando, de repente, ocorreu-me uma ideia originalíssima. Dirigi-me imediatamente à cozinha, acordei Saviéli, o cocheiro, dei-lhe quinze rublos e disse-lhe: “Prepara os cavalos para dentro de meia hora!”. Ao cabo da meia hora, naturalmente, soam os guizos à porta. Disseram-me que Anfissa Alieksiéievna estava com enxaqueca, com febre e delirante. Entrei no carro e pus-me a caminho. Antes das cinco horas encontrava-me em Ekchaisk, na hospedaria. Esperei até romper o dia e só até o romper do dia. As sete horas achava-me em casa de Triepálov. Falei uma coisa e outra e afinal perguntei: “Tem o senhor camélias? Meu bom senhor, *bátiuchka*, ajude-me, salve-me, ajoelho-me a seus pés”. Tenho diante de mim um velho alto, de cabelos brancos, severo, um velho feroz. “Não… nunca! não consinto!” Ajoelho-me aos pés dele. Isto mesmo, caí aos seus pés. “Que está fazendo, senhor? Que está fazendo?” Ficou quase alarmado. “É que disto depende a vida de uma pessoa!”, — gritei-lhe. “Sendo assim, toma quantas queiras e vai-te com Deus!” Pus-me a cortar camélias vermelhas! Uma maravilha, um encanto, toda uma estufa cheia delas. O velho suspira. Tiro do bolso cem rublos. “Não; o senhor, *bátiuchka*, ofende-me com isso!” “Pois então — digo, — honrado senhor, digne-se aceitar estes cem rublos destinados ao hospital da localidade para melhoria da assistência e da comida.” “Isto, *bátiuchka* — disse, — é outra coisa, uma coisa boa e nobre e grata a Deus; apresentarei este dinheiro ao hospital como oferta para salvação do senhor.” Senti simpatia, fiquem sabendo, por aquele velho russo, de cepa, por assim dizer, *de la vraie souche*.[27] Entusiasmado com meu triunfo, empreendi imediatamente o caminho de volta. Regressamos dando uma volta para não encontrarmos com Piétia. Assim que chegamos enviei o ramo para que o entregassem, ao despertar, a Anfissa Alieksiéievna. Podem os senhores imaginar o entusiasmo, a gratidão, as lágrimas de agradecimento. Platon, que no dia anterior estava nas últimas, atirou-se em meus braços e chorou sobre o meu peito. Ai! Todos os maridos são assim desde que se inventou… o casamento legal! Não me atrevo a acrescentar nada, senão que a pretensão do pobre Piétia ficou, com aquele episódio, definitivamente frustrada. Eu, a princípio, pensei que ele iria matar-me, assim que se inteirasse do caso, e até me preparei para fazer-lhe frente, mas

sucedeu o que eu nunca teria acreditado: desmaiou; à noite estava delirante e, no dia seguinte com febre cerebral, soluçando como uma criança e com convulsões. Passado um mês, não bem se havia restabelecido, pediu para ser transferido para o Cáucaso. Terminou como um romance! Acabou morrendo na campanha da Crimeia. Na ocasião, o irmão dele, Stiepan Vorkhóvski, comandava um regimento, em que se destacou. Confesso que a mim, muitos anos depois, ainda me atormentavam remorsos de consciência. Por que, com que fim lhe assestara eu aquele golpe? Haveria explicação se estivesse eu então enamorado. Mas não estava, fiz simplesmente por jactância, por simples prurido de galanteria e nada mais. Se não lhe tivesse eu arrebatado aquele ramalhete, quem sabe se ainda não viveria e seria feliz e teria logrado êxitos, não lhe tendo passado pela imaginação a ideia de ir bater-se com o turco?

Afanássi Ivânovitch guardou silêncio, com a mesma grave dignidade com que fizera seu relato. Os presentes tinham observado que os olhos de Nastássia Filípovna pareciam cintilar de um modo especial e até lhe tremiam os lábios, quando Afanássi Ivânovitch acabou de falar. Todos, com curiosidade, fitavam a ambos.

— Enganaram Fierdíchtchenko! É de ver como o enganaram! Isto é um verdadeiro logro — exclamou com voz queixosa Fierdíchtchenko, compreendendo que podia e devia dizer alguma coisa.

— Mas quem lhe mandou não compreender as coisas? Tome, para que aprenda com as pessoas de inteligência! — disse, quase triunfalmente, Dária Alieksiéievna “antiga e leal amiga e confidente de Tótski”.

— O senhor tem razão, Afanássi Ivânovitch; esse *petit jeu* é muito aborrecido e é preciso acabar com ele quanto antes! — disse com indolência Nastássia Filípovna. — Contarei eu agora o que prometi e depois nos poremos todos a jogar cartas.

— Mas a anedota prometida, em primeiro lugar! — aprovou, com calor, o general.

— Príncipe — disse, com voz cortante, de repente e encarando-o

sem mover-se, Nastássia Filípovna. — Aqui tem estes velhos amigos meus que, tanto o general como Afanássi Ivânovitch, estão empenhados em casar-me. Quer o senhor dizer-me o que pensa disto? Devo casar-me ou não? O que o senhor disser, farei.

Afanássi Ivânovitch ficou pálido; o general quedou-se hipnotizado; todos ergueram a vista e avançaram a cabeça. Gânia permaneceu rígido no seu canto.

— Mas com… com quem? — perguntou Míchkin, com voz desfalecente.

— Ora, com Gavrila Ardaliónovitch — continuou Nastássia Filípovna, com a mesma voz de antes, dura, firme e clara. Seguiram-se alguns segundos de silêncio; o príncipe parecia esforçar-se em vão por falar, como se um peso lhe esmagasse o peito. — Não… não!… não se case! — balbuciou por fim, respirando penosamente.

— Assim será, Gavrila Ardaliónovitch! — disse Nastássia Filípovna, voltando-se para ele num tom imperativo e até triunfal. — Ouviu o que decidiu o príncipe? Pois bem, esta é minha resposta. E demos por terminado esse assunto de uma vez para sempre!

— Nastássia Filípovna! — clamou com voz trêmula Afanássi Ivânovitch.

— Nastássia Filípovna!… — proferiu com voz persuasiva, porém alarmada, o general.

Todos se agitavam e se moviam.

— Mas que é isto, senhores? — continuou ela, olhando, como que maravilhada, para seus convidados. — Por que vos alterais desse modo? É de ver também a cara que todos tendes!

— Mas… tenha presente, Nastássia Filípovna — balbuciou, tartamudeando, Tótski, — que a senhora nos havia prometido… com absoluta espontaneidade e poderia ter-nos poupado… Não consigo exprimir-me… e sem dúvida estou agitado, porém… Numa palavra: agora, neste instante e em presença… em presença de outras pessoas,

e tudo isto terminar assim deste modo, com semelhante *petit jeu*, um assunto tão sério, um assunto de honra e de coração, do qual depende…

— Não o entendo, Afanássi Ivânovitch. Efetivamente, está o senhor todo transtornado. Em primeiro lugar, que quer dizer isto de em presença de outras pessoas? Não estamos acaso numa excelente intimidade? E por que empregar também esta palavra *petit jeu*? Eu, na verdade, queria contar também minha anedota; pois bem: já a contei. Será que não lhe parece boa? E por que diz o senhor que isto não é sério? E por que não seria? Ouviram os senhores como disse eu ao príncipe: "O que o senhor disser, farei". Se tivesse dito "sim", eu teria, imediatamente, me mostrado conformada; mas como disse "não", recusei. Veja o senhor: toda a minha vida pendia aqui de um cabelo; quer coisa mais séria?

— Mas o príncipe, que tem que ver com isto o príncipe? E quem é, afinal de contas, o príncipe? — murmurou o general, quase incapaz já de reprimir seu aborrecimento diante daquela ofensiva autoridade do príncipe.

— É que o príncipe significa para mim o primeiro homem que em minha vida me inspirou confiança na sua sinceridade e lealdade. Ele acreditou em mim ao primeiro olhar e eu creio nele.

— Não me resta mais senão apresentar meus agradecimentos a Nastássia Filípovna pela excessiva delicadeza com que se conduziu para comigo — declarou, finalmente, com voz trêmula e lábios crispados o empalidecido Gânia. — Tinha sem dúvida de ser assim… mas… o príncipe… o príncipe neste assunto…

— Que importam setenta e cinco mil rublos, não é verdade? — interrompeu-o, de repente, Nastássia Filípovna. — Não era isso o que o senhor queria dizer? Não se retrate. Sem dúvida era isso o que queria dizer! Afanássi Ivânovitch, esquecia-me de acrescentar que o senhor pode guardar esses setenta e cinco mil rublos e dar-se por ciente de que o deixo em liberdade de graça. Basta! É preciso que o senhor também descanse. Nove anos e três meses! Amanhã… vida nova, mas, hoje… hoje é dia de meu aniversário e estou em minha

casa, pela primeira vez em minha vida! General, tome o senhor suas pérolas, ofereça-as à sua esposa; aqui as tem e amanhã mudo de casa! Já não haverá mais serões, senhores!

Depois de dito isto, levantou-se como se quisesse retirar-se.

— Nastássia Filípovna! — soou de todos os lados.

Todos davam demonstrações de emoção; todos se levantaram de seus assentos; todos a rodearam; todos, com inquietação, escutaram aquelas palavras incoerentes, febris, insensatas; todos experimentaram certa alteração, nenhum conseguia explicá-las, ninguém podia compreender nada. Naquele momento soou de repente a campainha, exatamente como, não fazia muito tempo, em casa de Gânia.

— Ah! Ah! Eis o desenlace! Por fim! Às doze e meia! — exclamou Nastássia Filípovna. — Rogo-lhes, senhores, que tomem assento, pois já chegou o desenlace!

Dito isto, sentou-se ela também. Estranho riso tremia em seus lábios. Permanecia silenciosa, em febril expectativa, olhando para a porta.

“Rogójin com seus cem mil rublos, não há dúvida!” murmurou, entre si, Ptítsin.

## Capítulo XV

Entrou a criadinha Kátia, muito assustada.

— Estão aí, Deus sabe quem serão, Nastássia Filípovna, dez homens, e todos bêbados, perguntando pela senhora, e dizem que é coisa de Rogójin e que a senhora já sabe.

— É verdade, Kátia. Faze-os entrar a todos imediatamente.

— Mas… A todos, Nastássia Filípovna? É que se acham em tal estado!… Fazem medo!

— Todos, faz todos entrarem, Kátia. Não tenhas medo de todos,

desde o primeiro ao último, pois, de qualquer modo, ainda que não o queiras, entrarão. Vejam que barulho fazem, a mesma coisa de antes. Talvez seja possível que os senhores se deem por ofendidos — disse, fitando seus convidados, — ao verem que estando aqui, recebo gente semelhante. Se assim é, lamento-o muito e lhes peço perdão; mas não há remédio e eu gostaria muito, muito, que todos os senhores consentissem em ser minhas testemunhas neste desenlace, ainda que, afinal de contas, caso os senhores queiram…

Os convivas continuaram a fazer cara de espanto, cochichando e olhando-se uns aos outros, mas saltava inteiramente à vista que tudo aquilo estava calculado e tramado com antecedência e que Nastássia Filípovna, ainda que embriagada, sem dúvida, sabia agora muito bem o que fazia. Atormentava a todos uma curiosidade terrível. Além disso não havia razão alguma para sentir muito temor. Mulheres, só havia duas ali: Dária Alieksiéievna, a mulher espevitada, e habituada a ver toda espécie de coisas e a quem teria sido difícil causar espanto, e a bela, porém silenciosa, desconhecida.

Mas a bela e silenciosa desconhecida dificilmente poderia compreender qualquer coisa. Era uma alemã recém-chegada, que não compreendia absolutamente o russo; além do que, era, segundo parecia, bastante estúpida, tanto quanto formosa. Era uma novidade e já se tornara coisa convencionada convidá-la para certos serões, trajada de um modo sumamente gritante, levá-la como que a exibir-se, fazê-la sentar-se como se fosse um quadro encantador, a fim de que embelezasse as reuniões; nem mais nem menos como fazem alguns que adquirem para seus serões, entre suas amizades; uma tela, um jarro, uma estátua, ou uma joia. Pelo que se refere aos homens, Ptítsin, por exemplo, era amigo de Rogójin. Fierdíchtchenko estava como peixe na água; Gânia ainda não havia acabado de voltar a seu juízo, mas ainda que confusamente sentia ele também de um modo irresistível a febril ansiedade de chegar até o fim em seu pelourinho de ignomínia; o velho professor, que mal compreendia de que se tratava, estava a ponto de romper a chorar e tremia, literalmente, de susto, ao ver a agitação que se produzira em redor dele, e a inquietação de Nastássia Filípovna, a quem adorava como a uma netinha; mas antes teria morrido a fazer-lhe uma pergunta em tal

instante. Quanto a Afanássi Ivânovitch, sem dúvida não podia comprometer-se em semelhantes aventuras; mas estava bastante interessado no assunto, embora tivesse tomado de repente aquele louco aspecto; além disso, havia Nastássia Filípovna deixado cair a seu respeito três palavrinhas tais, que já não podia retirar-se ninguém dali, até ver-se tudo esclarecido definitivamente. De modo que optou por aguardar até o fim e desde aquele instante a manter-se em silêncio, limitando-se a ser mero espectador, o que sem dúvida alguma exigia também sua dignidade. O General Iepántchin, que, um momento antes disso, havia recebido tamanha ofensa com a brusca e zombeteira devolução de seu presente, era, sem dúvida, quem podia agora ofender-se mais com todas aquelas insólitas excentricidades ou, por exemplo, com a presença de Rogójin; e, não obstante, um homem como ele, já sem isso se rebaixava de sobra, pondo-se a discutir com um Ptítsin e um Fierdíchtchenko; sob o império da paixão pudera ter tido uma fraqueza, mas o sentimento de dever, a noção da responsabilidade do cargo, da posição, e, afinal de contas, o respeito de si mesmo acabaram por dominá-lo e não podia mais, em todo caso, tolerar a presença de Rogójin e sua tropa.

— Ah! general! — atalhou-o imediatamente Nastássia Filípovna, assim que ele a fitou, fazendo a sua observação. — Esquecia-me! Mas esteja o senhor certo de que já tinha previsto o que se passa com o senhor. Mas se o leva tão a mal, não insisto, nem o retenho, mesmo gostando muito que ficasse. De todos os modos, estou-lhe muito grata pela sua amizade e pela sua lisonjeadora atenção; mas se o senhor receia…

— Permita, Nastássia Filípovna! — exclamou o general num arranco de magnanimidade cavalheiresca. — Que diz a senhora? Bastaria a lealdade para reter-me a seu lado e se houvesse algum perigo… além do mais, também eu, confesso, morro de curiosidade. Queria somente dizer que vão estragar os tapetes e talvez quebrar alguma coisa… Na minha opinião, não deveria a senhora vê-los, Nastássia Filípovna.

— Rogójin! — anunciou Fierdíchtchenko.

— Que lhe parece, Afanássi lvânovitch? — apressou-se a

sussurrar-lhe o general ao ouvido. — Terá ela ficado louca? Quero dizer, não alegoricamente, mas no sentido concreto que tem a palavra em medicina…

— Já lhe disse que ela sempre teve propensões a isso — replicou, discretamente, Afanássi Ivânovitch.

— E além disso está com febre!

A tropa de Rogójin, pouco mais ou menos, compunha-se dos mesmos indivíduos da manhã; somente havia-se juntado certo velho vagabundo, que outrora tinha sido diretor de um pasquim de escândalo e a respeito do qual corria a anedota de que tinha empenhado sua dentadura postiça, bebendo todo o ganho, e um subtenente reformado, rival decidido e competidor, por vocação e por ofício, do tal dos punhos, e ao qual nenhum dos componentes da turma de Rogójin conhecia, pois tinha se incorporado a eles na rua, na parte ensolarada da Próspekt Niévsk, onde detinha os transeuntes e com uma linguagem à Marlínski[28] implorava-lhes a ajuda, sob o especioso pretexto de que outrora tinha dado quinze rublos a um mendigo. Os dois competidores tornaram-se imediatamente inimigos. O sujeito dos punhos, ao ver que admitiam no bando "o mendigo", deu-se por ofendido e, taciturno por natureza, não fazia agora senão grunhir de quando em quando como um urso e, com profundíssimo desprezo, olhar os acenos e salamaleques que o intrujão lhe fazia, com ares de homem mundano e político. Pelo seu aspecto, prometia o subtenente pôr mais manhã e habilidade na empresa do que violência, e em estatura era mais baixo que o camarada dos punhos. Delicadamente, sem entrar em discussão franca, mas com uma jactância terrível, já por várias vezes tinha mencionado o destaque do boxe inglês. Parecia, de fato, um grande defensor da cultura ocidental. O sujeito dos punhos, ao ouvir a palavra boxe, limitou-se a sorrir de um modo desdenhoso e ofensivo e, pela sua parte, sem dignar-se entrar em franca controvérsia com um adversário, limitou-se a mostrar em silêncio, de quando em quando, como por descuido, ou, por melhor dizer, a exibir como um objeto perfeitamente nacional um punho enorme, sulcado de veias, nodoso, coberto de um pelo avermelhado, dando a entender a todos claramente que se aquele atributo nacional se descarregasse certeiro sobre um objeto o deixaria

reduzido a cacos.

Graças aos esforços de Rogójin, que estivera o dia inteiro pensando continuamente em sua visita a Nastássia Filípovna, ninguém do bando estava completamente embriagado. Ele próprio achava-se agora quase sóbrio, mas, em troca, estava aturdido por causa de todas as impressões recebidas naquele dia tremendo, sem igual em toda sua vida. Só uma coisa tinha constantemente no pensamento, na memória e no coração, a cada minuto, a cada instante. Por causa dessa única coisa passara todo aquele tempo, desde as cinco da tarde até as onze da noite, numa inquietação e alarme infinitos, importunando Kinder e Biskup, judeus e usurários, que eram levados também quase à loucura, correndo como loucos sob as ordens dele. Fosse como fosse eles tinham conseguido juntar os cem mil rublos, aos quais Nastássia Filípovna tinha feito zombeteiramente uma alusão e uma referência completamente vaga. Mas o dinheiro tinha sido obtido a um juro tal que o próprio Biskup não se aventurou a dizer a Kinder, senão num sussurro.

Como de tarde, Rogójin avançou à frente de todos, seguido pelos demais que, embora plenamente convencidos de suas preeminências, não deixavam de sentir certa inquietação. Sobretudo, e Deus sabe por que, tinham medo de Nastássia Filípovna. Alguns deles chegavam mesmo a pensar que iriam imediatamente lançá-los pela escada abaixo. Dos que assim pensavam achava-se, entre outros, o vaidoso Zaliójev, conquistador de corações. Mais outros, e sobretudo o sujeito dos punhos, embora não em voz alta, pelo menos em seu foro íntimo, olhavam Nastássia Filípovna com profundíssimo desprezo e até com ódio entravam em sua casa como em praça sitiada. Mas o magnífico mobiliário dos dois primeiros aposentos, aquelas coisas inauditas e nunca vistas por eles, aqueles móveis raros, aqueles quadros, aquela estátua de Vênus, tudo aquilo lhes causava uma dominante impressão de respeito e até de susto. O que não os impedia, sem dúvida, de, pouco a pouco e com insolente curiosidade, não obstante seu medo, invadir a sala atrás de Rogójin. Mas quando o sujeito dos punhos, o tal subtenente e alguns outros repararam que no número dos convidados se achava o General Iepántchin, a tal ponto se intimidaram no primeiro momento, que até iniciaram a retirada para o outro quarto.

Liébiediev, o mais valente e convencido, avançava quase ao par com Rogójin, compreendendo o que quer dizer um milhão e quatrocentos mil rublos em moeda cantante e sonante e cem mil agora, no ato, na mão. É mister, aliás, advertir que todos eles, sem excluir o esperto Liébiediev, estavam pouco certos a respeito dos precisos limites de seus poderes e não sabiam se eram realmente capazes de fazer o que quisessem ou não. Liébiediev tinha momentos em que estava disposto a demonstrar a si mesma que sim, mas em outros instantes experimentava a inquieta necessidade em recordar, em todo o caso, alguns artigos do Código, em especial os alentadores e tranquilizadores.

Ao próprio Rogójin a sala de recepção de Nastássia Filípovna causou impressão totalmente distinta da que sofreram todos os seus sequazes. Mal levantou o reposteiro e viu Nastássia Filípovna, tudo mais deixou para ele de existir, como antes naquela mesma manhã e até mais poderosamente do que antes. Empalideceu e, por um instante, se deteve; podia adivinhar-se que o coração lhe palpitava com força. Tímido e aturdido, olhou alguns segundos, sem desfitar o rosto de Nastássia Filípovna. De repente, como se perdesse o juízo por completo e quase cambaleando, aproximou-se da mesa. No caminho tropeçou com a cadeira de Ptítsin e pisou com seus sapatões sujos a cauda de rendas do magnifico vestido azul da bela e silenciosa alemã. E nem se desculpou, nem deu por isso. Chegando à mesa, colocou sobre ela um estranho objeto com o qual tinha penetrado na sala, erguendo-o diante de si com ambas as mãos. Era um grande pacote de notas, de seis polegadas de altura e quatro de comprimento, forte e habilmente enrolado nas *Notícias da Bolsa* e muito bem amarrado por todos os lados com um barbante de duas voltas, no estilo daqueles com que amarram pães de açúcar. Depois ficou parado, sem dizer palavra, de braços caídos, como à espera de sua sentença. Vestia o mesmo traje de antes, exceto uma gravata nova de seda que lhe cingia o pescoço, de cor verde claro, com um grande e belo alfinete de brilhantes figurando um escaravelho, e um maciço anel de brilhantes num sujo dedo da mão direita. Liébiediev não se aproximou nem a três passos da mesa; os demais, como se disse, tinham retrocedido um pouco. Kátia e Pacha, as criadinhas de Nastássia Filípovna, tinham corrido também a olhar pelo reposteiro levantado, possuídas de

intensa curiosidade e de medo.

— Que é isso? — perguntou Nastássia Filípovna, olhando atenta e curiosamente para Rogójin e acenando com os olhos para o objeto.

— Os cem mil rublos! — respondeu Rogójin, quase num fio de voz.

— Ah! cumpriu sua palavra, sente-se, faça o favor, olhe: aqui nesta cadeira; depois lhe direi algo. Mas quem são os senhores? Os mesmos de antes? Bem, pois entrem e sentem-se, aí no divã há lugar e também neste outro. Há também aqui duas cadeiras… mas será que não querem, ou que é que se passa com os senhores?

Com efeito alguns estavam completamente confusos, recuavam e se sentavam, à espera, na outra sala; mas outros se detiveram e aceitaram o convite para sentar, embora somente a alguma distância da mesa, a maior parte em um canto, uns desejando, acima de tudo, ficar invisíveis; outros, recuperando, com uma rapidez artificial, o ânimo. Rogójin sentou também na cadeira que lhe haviam indicado, mas não permaneceu nela longo tempo; levantou-se em seguida e então não voltou a sentar. Ia pouco a pouco distinguindo e reconhecendo os convidados. Ao ver Gânia, riu com sarcasmo e murmurou para si: “Olé!”. Ao general e a Afanássi Ivânovitch olhou-os sem emoção alguma e até sem curiosidade especial. Mas ao reparar que o príncipe estava ao lado de Nastássia Filípovna, não pôde apartar dele os olhos, possuído de extraordinário assombro e como se não conseguisse explicar a si mesmo aquele encontro. Pode-se suspeitar que, por uns instantes, esteve verdadeiramente delirando. Além de todas as emoções daquele dia, passara toda a noite anterior no trem, completando já quase quarenta e oito horas sem dormir.

— Aí têm, senhores, cem mil rublos — disse Nastássia Filípovna, fitando um a um, com certo tom de desafio, febrilmente impaciente. — Aí nesse sujo pacotinho. Há pouco gritava ele como louco que haveria de trazer-me esta noite cem mil rublos e eu não fazia senão esperá-lo. Quero dizer que me pôs a preço: começou por dezoito mil, depois, de repente, subiu até quarenta mil, e, por fim, chegou aos cem mil. Cumpriu sua palavra! Oh! E como está pálido!… Tudo isto se

passou há pouco em casa de Gânia. Fôra lá visitar sua mãe, minha futura família, e ali a irmã dele me gritou na cara: “mas não há quem ponha para fora daqui essa desavergonhada?”. E então Gânia, seu irmão, cuspiu-lhe na cara. É geniosa a senhorita!

— Nastássia Filípovna! — exclamou o general, em tom de censura.

Começara a compreender um pouco a coisa à sua maneira.

— Que é que há, general? Não está bem isto? Deixemos de resmungos! Que tenha durante cinco anos estado sentada em meu camarote no Teatro Francês, como uma virtude inacessível e tenha fugido de quem me seguia como uma selvagem e o olhasse como uma inocente orgulhosa, tudo isso não passou de sandices! Vejam os senhores: em sua presença veio e pôs esses cem mil rublos em cima da mesa e, certamente, tem já lá embaixo uma tróica à minha espera. Taxou-me em cem mil rublos! Gânia, vejo que ainda estás zangado comigo! Mas é certo que querias introduzir-me em tua família? A mim, a mulher de Rogójin? Não foi o que disse o príncipe esta tarde?

— Eu não disse que a senhora fosse a mulher de Rogójin. A senhora não pertence a Rogójin! — declarou o príncipe, com voz trêmula.

— Nastássia Filípovna, basta, minha querida, basta, meu bem! — saltou, de repente, Dária Alieksiéievna, sem poder conter-se. — Se tanta aversão inspiram, por que ligar-lhes importância? Será possível que pudesses entender-te com tais indivíduos mesmo por causa de cem mil rublos? Na verdade são cem mil rublos e isto é alguma coisa! Mas pega esses cem mil rublos e atira-os a eles, que é assim que é preciso tratá-los! Ai, se eu estivesse em teu lugar… mandaria todos eles… palavra!

Dária Alieksiéievna havia-se encolerizado. Era uma mulher boa e muito impressionável.

— Não se zangue, Dária Alieksiéievna! — disse-lhe, sorrindo, Nastássia Filípovna, — que eu ainda não falei a ele com cólera. Será que lhe fiz alguma censura? Francamente, não posso compreender

como me ocorreu essa doidice de querer introduzir-me em uma família honrada. Vi a mãe dele, beijei-lhe a mão e se há pouco me portei assim em tua casa, Gânia, foi com toda a intenção, porque queria ver, pela derradeira vez, até onde podia chegar. Bem, causas-me deveras assombro. Muito esperava; mas isto não! Mas será que poderias aceitar-me sabendo que esse que aí está me dava pérolas de presente quase na véspera de teu casamento, e eu as aceitava? E Rogójin? Em tua casa, diante de tua mãe e de tua irmã, pôs-se a solicitar-me e tu, não obstante, depois disto, vieste a comprometer-te comigo e por pouco não trouxeste contigo tua irmã. Será verdade o que de ti disse Rogójin? Que por três rublos serias capaz de ir de quatro pés ao outro lado de Petersburgo?

— Sim, faria isso — disse, de repente, Rogójin, com voz tranquila, mas com ar de absoluta convicção.

— E isto poderia admitir-se, se estivesse morrendo de fome, mas, segundo dizem, ganhas bom ordenado! E além de tudo, por cima do escândalo, levar à tua casa uma mulher a quem odeias (porque sei muito bem que me odeias)! Não, agora já sou capaz de acreditar que tal homem seria capaz de matar outro por dinheiro. Cada qual vive possuído de tal ganância, hoje em dia, são todos tão dominados pela ideia do dinheiro que todos parecem ter enlouquecido. As próprias crianças querem ser usurárias! E há os que amarram um fio de seda em sua navalha de barba para firmar-lhe a lâmina e vão, devagar, por detrás, e degolam o amigo como a um cordeiro, segundo li há pouco. Bem, não passas de um sem-vergonha! Sou uma desavergonhada, mas tu ganhas de mim. Não falo desse que me enviava os ramos de flores…

— Mas é a senhora mesma, Nastássia Filípovna, é a senhora mesma? — e o general juntou suas mãos com sincera amargura. — A senhora tão delicada, de pensamentos tão refinados, exprimindo-se desse modo?! Que linguagem! Que estilo!

— É que agora estou bêbada, general — riu Nastássia Filípovna, de repente. — Quero divertir-me! Hoje é dia de meu aniversário, meu dia decisivo, e por muito tempo o estive aguardando! Dária Alieksiéievna, vês esse senhor dos raminhos de flores, esse *Monsieur des camélias* que está ali sentado e ri de mim…?

— Não rio, Nastássia Filípovna, mas escuto com a maior atenção — replicou Tótski, dignamente.

— Mas por que o estive suportando cinco anos justos e não o tirei de cima de mim? Não era isto que merecia? Ele é, simplesmente, como tinha de ser… Todavia considera-me culpada para com ele, porque, com a breca!, deu-me educação, manteve-me como a uma condessa, gastou dinheiro comigo, muito dinheiro, e até procurou para mim lá na aldeia um marido honrado e aqui a Gânia, e que pensavas tu? Não vivi com ele esses cinco anos, mas tomei-lhe o dinheiro e pensava que tinha direito a isto. Porque estava eu completamente transtornada. Tu dizes que pegue esses cem mil rublos e que o ponha para fora de minha casa, se me causa asco. É verdade que é um vilão… Faz já muito tempo que poderia estar casada, mas não com Gânia, porque este também me causa asco. E por que terei perdido cinco anos na minha raiva? Crerás ou não, mas eu, há quatro anos passados, pensei por algum tempo se não me casaria, sem mais nem menos, com o meu Afanássi Ivânovitch! Pensava então assim por pura fúria. Quantas coisas me ocorriam então? E na verdade assim teria feito. Ele mesmo costumava oferecer-se, creias ou não. Na verdade, mentia; mas não é menos certo que se deixava facilmente tentar e não se podia conter. Mas depois, louvado seja Deus, reconsiderei que não era ele digno de tanto ódio. E de repente invadiu-me tal repugnância dele que, embora tivesse querido casar comigo, não o teria aceitado. E durante cinco anos estive sustentando esta farsa! Não; agora prefiro ir para a sarjeta, que é o meu lugar! Ou caio na farra com Rogójin, ou amanhã mesmo me emprego como lavadeira! Porque, para que vocês saibam, não conto com coisa alguma. Partirei… deixarei tudo a ele, vou lhe deixar até o último vestido e, não tendo eu nada, quem irá querer encarregar-se de mim? Perguntem a Gânia: iria me aceitar? Não me aceitaria nem o próprio Fierdíchtchenko!

— Pode ser que Fierdíchtchenko não a aceitasse, Nastássia Filípovna; sou um homem sincero — interrompeu-a Fierdíchtchenko: — Mas o príncipe a aceitaria! Está a senhora aí a lamentar-se, mas deveria olhar para o príncipe. Tenho estado a vigiá-lo há muito tempo.

Nastássia Filípovna voltou-se com curiosidade para o príncipe.

— É verdade? — perguntou.

— É verdade — balbuciou Míchkin.

— O senhor me aceitaria assim, sem nada?

— Aceitaria, Nastássia Filípovna.

— Eis aqui um desenlace novo! — murmurou o general. — Era de esperar.

Míchkin, de olhos doloridos, severos e penetrantes, fitou o rosto de Nastássia Filípovna que continuava a mirá-lo.

— Eis aqui uma descoberta! — disse ela de repente, voltando-se de novo para Dária Aliekséievna. — Mas diz isto somente por causa de seu bom coração, estou certa. Encontrei um protetor. Mas afinal, pode ser que seja verdade o que dizem dele: que não é muito certo. Mas de que irás viver se estás tão enamorado que, embora um príncipe, estás pronto a casar-te com a querida de Rogójin?

— Vou casar-me com uma mulher honesta, Nastássia Filípovna e não com a mulher de Rogójin, — disse o príncipe.

— Diz o senhor que sou uma mulher honesta?

— Sim.

— Oh! Todas essas ideias… saem de romance! Estas, príncipe, são fantasias antiquadas, meu caro; mas hoje em dia o mundo mudou e tudo isto é absurdo! Além disso, como irás casar, quando tu mesmo estás ainda precisando de uma ama que cuide de ti?

Míchkin levantou-se e, com voz trêmula, tímida, mas ao mesmo tempo com ar de um homem profundamente convencido, afirmou:

— Nada sei disso, Nastássia Filípovna. Nada tenho visto da vida. A senhora tem razão, mas… eu considero que a senhora é quem me está fazendo uma honra, e não eu à senhora. Não sou nada, mas a senhora sofreu e desse inferno saiu pura, e isto é muito. Além disso, por que se envergonha e quer ir com Rogójin? Isto é um delírio… deu

a senhora ao senhor Tótski setenta e cinco mil rublos e diz que abandona tudo quanto aqui se encontra. Ninguém aqui faria isto. Eu… amo-a, Nastássia Filípovna. Morreria pela senhora, Nastássia Filípovna. Não permitirei que ninguém diga uma palavra a seu respeito. Se somos pobres, trabalharei, Nastássia Filípovna…

Ao pronunciar o príncipe estas últimas palavras soaram risadas de Fierdíchtchenko e de Liébiediev e até o general resmungou algo com grande insatisfação. Ptítsin e Tótski não puderam deixar de sorrir, mas contiveram-se. Os demais limitaram-se a abrir as bocas, assombrados.

—… Mas talvez não sejamos pobres, mas muito ricos, Nastássia Filípovna — continuou dizendo Míchkin, com a mesma voz tímida. — Eu, afinal de contas, não sei com certeza, e sinto não ter podido, durante o dia inteiro de hoje, averiguar nada. Mas, estando na Suíça, recebi carta de Moscou, de um tal Senhor Salázkin, na qual este me anunciava que eu estaria a ponto de receber uma riquíssima herança. Aqui está a carta…

Efetivamente, sacou o príncipe do bolso uma carta.

— Mas não estará ele delirando? — resmungou o general. — Esta é uma verdadeira casa de loucos!

Por um instante reinou silêncio.

— Ao que parece dizia o senhor, príncipe, que havia recebido carta de Salázkin — perguntou Ptítsin. — É um homem muito conhecido entre minhas relações; é muito entendido em negócios e se ele lhe diz isto, não pode deixar de ser verdade. Por felicidade conheço a letra dele porque não faz muito tempo tratamos um negócio… Se o senhor me permite dar uma olhada na carta, talvez eu possa dizer-lhe alguma coisa.

O príncipe, em silêncio, estendeu-lhe a carta.

— Mas como? Mas como? — exclamou o general, olhando a todos como que aturdido. — Será possível que exista essa herança?

Todos fitaram a vista em Ptítsin, que estava lendo a carta. A

curiosidade geral recebera novo e extraordinário estímulo. Fierdíchtchenko não podia ficar quieto em seu lugar. Rogójin, olhava perplexo e, presa de terrível inquietação, pousava alternativamente seus olhares, ora no príncipe, ora em Ptítsin. Quanto a Liébiediev tampouco pode conter-se, saiu de seu canto, e, curvando-se, pôs-se a olhar a carta por cima do ombro de Ptítsin, com o aspecto de um homem que teme que por causa disso lhe vão dar um pescoção.

## Capítulo XVI

— A coisa é certa — declarou, por fim, Ptítsin, dobrando a carta e devolvendo-a ao príncipe. — O senhor vai receber, sem o menor incômodo, em virtude do testamento de sua tia, que está a coberto de toda impugnação, uma quantia sumamente importante.

— Isto não é possível! — exclamou o general, como se lhe tivessem dado um tiro.

Todos voltaram a abrir a boca.

Ptítsin explicou, dirigindo-se de preferência a Ivan Fiódorovitch, que uns cinco meses atrás, morrera uma tia do príncipe, a qual ele nunca tinha conhecido pessoalmente, a irmã mais velha de sua mãe, filha do comerciante moscovita do terceiro grêmio Papúchin, que havia falecido na miséria e na ruína. Mas o irmão mais velho do tal Papúchin, que também havia passado recentemente à melhor vida, era um comerciante opulento, segundo toda gente sabia. Fazia um ano que lhe tinham morrido, quase de uma vez, e no mesmo mês, seus dois únicos filhos. Isto o impressionou tanto que, pouco tempo depois, veio o velho a cair doente e também morreu. Era viúvo, não tinha nenhum herdeiro, exceto a tia do príncipe, sobrinha de Papúchin, mulher muito pobre e que vivia entre estranhos. Ao tempo de receber a herança, a mencionada tia já estava a morrer de hidropisia, mas imediatamente avisou o príncipe, valendo-se para isso de Salázkin, e apressou-se em fazer testamento. Pelo visto, nem o príncipe, nem o doutor com quem vivia ele na Suíça tinham querido aguardar a confirmação oficial, nem realizar averiguações, mas o príncipe, com a carta de Salázkin no bolso, resolvera transferir-se para a Rússia.

— Só uma coisa posso dizer-lhe, — concluiu Ptítsin, dirigindo-se ao príncipe — que tudo isto tem de ser indiscutível e legal e tudo quanto lhe escreve Salázkin, no tocante à legalidade irrefutável de seu caso, pode o senhor considerá-lo como dinheiro cantante e sonante no bolso. Felicito-o, príncipe! É possível que lhe caiba um milhão e meio, ou talvez mais. Papúchin era um comerciante riquíssimo.

— Viva o último príncipe da linhagem dos Míchkin! — gritou Fierdíchtchenko.

— Viva! — encareceu Liébiediev, com voz de bêbado.

— E eu que o havia tomado a meu serviço com vinte e cinco rublos de ordenado ao pobrezinho! Ah! Ah! Ah! Fantasmagoria e nada mais! — exclamou o general, quase paralisado de estupor. — Pois bem, felicito-o, felicito-o! — E, levantando-se de seu assento, foi abraçar o príncipe. Depois dele também se levantaram os demais e foram abraçar Míchkin. Até os indivíduos que se haviam retirado para trás do reposteiro irromperam na sala. Houve um vozear ruidoso, exclamações e até se ouviram vozes que reclamavam champanhe; todos se agitavam, todos faziam barulho. Por um momento, quase se esqueceram de Nastássia Filípovna e de que, apesar de tudo, era a dona da casa. Mas, pouco a pouco, quase de repente, todos se deram conta de que o príncipe acabava de fazer-lhe uma proposta de casamento. A coisa resultava agora três vezes mais louca e inusitada que antes. Tótski, profundamente assombrado, encolheu os ombros. Era quase o único que continuava sentado; os demais, em desordenado grupo, apinhavam-se em torno da mesa. Todos afirmavam depois que também Nastássia Filípovna estava naquele momento desorientada. Continuou sentada, e, por algum tempo, esteve fitando a todos com olhos estranhos, atônitos, como se não compreendesse e se esforçasse por compreender. Depois, de repente, encarou o príncipe e, arqueando ameaçadoramente as sobrancelhas, olhou-o fixamente, mas aquilo foi obra de um momento; talvez, de repente, lhe parecesse que tudo aquilo era uma pilhéria, uma burla, mas a vista do príncipe bastou para dissuadi-la. Reconsiderou, voltou a sorrir como não se dando clara conta de nada.

— Isto quer dizer que sou princesa! — balbuciou para si, como

em tom de brinquedo e, olhando de súbito para Dária Alieksiéievna, pôs-se a rir. — Desenlace inesperado… não o aguardava, mas, senhores, façam o favor de sentar e de felicitar a mim e ao príncipe. Creio que alguns pediram champanhe. Fierdíchtchenko, vá dizer que tragam champanhe. Kátia, Pacha — disse ao ver de repente na porta suas duas criadinhas, — venham cá, vou casar, não ouviram? Com o príncipe que possui milhão e meio e é príncipe de Míchkin e vai casar comigo!

— Por Deus, *mátuchka*, já era hora! É preciso não perder tempo! — exclamou Dária Alieksiéievna, profundamente transtornada com o ocorrido.

— Sente-se a meu lado, príncipe — continuou Nastássia Filípovna. — Assim, aqui. Agora trarão o vinho. Felicitem-nos, senhores!

— Viva! — gritaram muitas vozes.

Muitos se precipitaram sobre o vinho, entre eles quase todos os do bando de Rogójin. Mas, ainda que gritassem e estivessem dispostos a gritar, muitos deles, não obstante toda a estranheza das circunstâncias da situação, pressentiam que a cena havia mudado. Outros estavam perplexos e aguardavam com desconfiança. Mas muitos também cochichavam uns aos outros que aquilo não podia ser mais vulgar, que muitos príncipes se casavam daquele modo e até com ciganas das barracas de campanha da estepe.

O próprio Rogójin estava de pé e olhava, com o rosto crispado num sorriso imóvel de incompreensão.

— Príncipe… meu caro… reconsidere! — murmurou o general com horror, acercando-se do lado do príncipe e puxando-o pela manga.

Nastássia Filípovna notou-o e pôs-se a rir às gargalhadas.

— Não, general! Agora sou também princesa, como o senhor ouviu!… o príncipe não consentirá que me ofendam! Afanássi Ivânovitch, felicite-me; agora poderá sentar-me em todas as partes ao

lado de sua mulher. Então, que acha? Não vale nada ter um marido assim? Um milhão e meio e ainda por cima, príncipe; e além disso, segundo dizem, idiota, sujeito a ataques. Que mais se há de pedir? Agora é que começa a verdadeira vida! Chegaste tarde, Rogójin! Leva tuas cédulas, que vou casar-me com o príncipe e serei mais rica do que tu.

Mas Rogójin compreendeu, afinal, a coisa. Inexprimível sentimento refletia-se em seu rosto. Juntou as mãos e um gemido lhe escapou do peito.

— Retira-te! — gritou para o príncipe. Em torno dele todos se puseram a rir.

— És tu que tens de retirar-te — disse-lhe, triunfalmente, Dária Alieksiéievna. — Atiraste o dinheiro sobre a mesa, grosseirão! O príncipe vai se casar com ela e tu só a queres para divertir-te!

— Eu também me casarei com ela… neste momento, agora mesmo! Vou lhe dar tudo…

— Vai-te, bêbado de taberna, antes que seja preciso botar-te para fora! — repetiu indignada Dária Alieksiéievna.

As risadas redobraram.

— Ouviste, príncipe? — interpelou-o Nastássia Filípovna. — Olha como um rústico se dirige à tua noiva.

— Está bêbado — disse Míchkin. — Ele a ama muito.

— E não terás vergonha depois de pensar que tua noiva esteve a ponto de ir-se com Rogójin?

— Isso foi coisa de delírio; também a senhora agora está delirando, febril.

— E não terás vergonha tampouco, quando te disserem que tua mulher esteve vivendo à custa de Tótski?

— Não, não terei vergonha… A senhora não viveu à custa de

Tótski por sua vontade.

— E nunca me jogará isso na cara?

— Nunca o farei.

— Está bem, olha: não te comprometas para a vida inteira!

— Nastássia Filípovna — disse Míchkin, serenamente e como que apiedado, — há um momento disse-lhe que consideraria como uma honra seu consentimento e que era a senhora que dispensava a mim uma honra e não eu à senhora. A senhora levou em brincadeira essas palavras, riu, e também ouvi em torno de mim risadas. É possível que me haja expressado grotescamente e que me tenha tornado ridículo. Mas, não obstante, acredito… saber o que é a honra e estou convencido de ter dito a verdade. A senhora agora queria perder-se de um modo irrevogável, porque depois nunca perdoaria isso a si mesma, ainda que não seja culpada de nada. Não é possível que sua vida esteja perdida por completo. Que importa que Rogójin se tenha aproximado da senhora, nem que Gravila Ardaliónovitch quisesse enganá-la? Por que a senhora fica sempre pensando nisto? O que a senhora fez, poucas seriam capazes de fazer, repito, e isso de querer ir com Rogójin foi efeito de uma crise. A senhora continua ainda sob o influxo dessa crise e o melhor que poderia fazer seria ir para a cama. Amanhã a senhora iria ser lavadeira, mas não ficaria com Rogójin. A senhora é orgulhosa, Nastássia Filípovna, mas é possível que seja também tão desgraçada que se julgue, efetivamente, a si mesma como culpada. É preciso acompanhar-lhe os passos, Nastássia Filípovna. Eu os acompanharei. Antes, ao ver seu retrato, acreditei reconhecer nele um rosto conhecido. Pareceu-me depois que a senhora me chamasse… Eu… Eu a respeitarei toda a vida, Nastássia Filípovna — terminou, de repente, o príncipe, como se, de súbito, se desse conta, ruborizando-se, da classe de gente diante da qual dissera tudo aquilo.

Ptítsin, também por pudor, baixou a cabeça e fixou os olhos no chão. Tótski, no seu íntimo, pensava: “Idiota; mas sabe que com a lisonja é que melhor se consegue tudo, naturalmente”. O príncipe notou também, lá dum canto, o fulgurante olhar de Gânia que parecia querer aniquilá-lo.

— Esse é um homem bom! — declarou, comovida, Dária Alieksiéievna.

— Um homem fino, mas perdido! — balbuciou à meia voz o general.

Tótski pegou o chapéu, pronto a ficar em pé com a intenção de retirar-se discretamente. Ele e o general trocaram um olhar para saírem juntos.

— Obrigado, príncipe; a mim ninguém me falou assim até agora — disse Nastássia Filípovna. — Todos queriam pagar-me um preço; mas nenhum homem decente teria querido casar-se comigo. Ouviu o senhor, Afanássi Ivânovitch? Que lhe parece o que acaba de dizer o príncipe? Não é verdade que se torna quase indecoroso? Rogójin, já é hora de te retirares. Mas não te retires. Hei de ver. Talvez ainda vá contigo. Aonde querias levar-me?

— A Ekatierinhof — informou Liébiediev, lá dum canto; mas Rogójin limitou-se a dar um safanão e abrir uns olhos imensos, como se não desse crédito a seus ouvidos. Estava completamente aturdido, como se lhe tivessem dado um golpe na cabeça.

— Mas que tens, que se passa contigo, querida? Estás verdadeiramente doente. Ou será que perdeste o juízo? — exclamou, assustada, Dária Alieksiéievna.

— Mas havias mesmo acreditado? — disse, rindo às gargalhadas, Nastássia Filípovna, saltando do divã. — Arruinar uma criança como aquela? Isto fica para Afanássi Ivânovitch: é louco por crianças! Vamo-nos, Rogójin! Pega teu pacote de dinheiro! Nada de falar de casórios; mas dá-me os cobres. É possível que não queira casar-me contigo. Pensavas que eu queria casar-me, que ia deixar aí teu maço de notas? Que ideia! Sou uma desavergonhada! Fui a amante de Tótski… príncipe! Devias casar agora com Aglaia Iepántchina, príncipe, e não com Nastássia Filípovna, do contrário terás Fierdíchtchenko apontando o dedo do desprezo contra ti. Tu talvez não tenhas medo, mas eu terei, de arruinar-te e que venhas a censurar-me por isso depois. Quanto a dizeres que eu te faria uma honra, Tótski sabe tudo a respeito. E tu, Gânia, perdeste Aglaia Iepántchina, sabes? Se não

tivesses regateado com ela, teria casado infalivelmente contigo. Assim são todos vocês; deveriam fazer sua escolha duma vez por todas: mulheres desonradas ou mulheres honradas! Se não, haverão de confundir-se irremediavelmente… Vejam, o general está olhando, de boca aberta.

— Isto é Sodoma… Sodoma! — repetiu o general, arqueando os ombros.

Também ele se levantou do divã; todos voltaram a pôr-se de pé. Nastássia Filípovna parecia estar enlouquecida.

— Será possível? — gemeu Míchkin, retorcendo as mãos.

— Mas tu pensavas que não? Talvez seja mesmo orgulhosa, embora seja uma desavergonhada. Tu me chamaste de perfeita esta tarde; bela espécie de perfeição que, simplesmente para vangloriar-se de ter desprezado um milhão e um principado, está querendo ir para a sarjeta! Que espécie de esposa seria eu depois disto? Afanassi Ivânovitch, eu realmente joguei fora um milhão, bem sabes! Como pudeste pensar que eu ficaria contente em casar com Gânia por causa dos teus setenta e cinco mil rublos? Podes reaver teus setenta e cinco mil rublos, Afanássi Ivânovitch, não subiste teu preço a cem; Rogójin foi mais além de ti. Eu mesma consolarei Gânia. Ocorreu-me uma ideia. Mas agora desejo alguma diversão; sou uma meretriz de rua! Estive dez anos numa prisão; agora vou gozar a vida. Vamos, Rogójin, apronta-te, vamos!

— Vamos! — rugiu Rogójin, quase delirante de alegria. — Ei, vocês, tragam vinho… Ah!

— Tragam vinho que quero beber. E música, haverá?

— Haverá! Haverá! Não se aproxime! — clamou Rogójin, ao ver que Dária Alieksiéievna se dirigia para Nastássia Filípovna. — Minha! Tudo meu! Rainha! Por fim!

Arquejava de alegria, ia e vinha em redor de Nastássia Filípovna e gritava a todos: “Não se aproximem!”. Todo o bando havia já penetrado na sala. Uns bebiam, outros gritavam e riam às gargalhadas,

todos estavam na disposição de ânimo mais exaltada e desenvolta. Fierdíchtchenko tratou de unir-se a eles. O general e Tótski tornaram a fazer um movimento para retirar-se despercebidamente. Também Gânia tinha o chapéu na mão, mas continuava, parado, em silêncio e parecia não poder acabar de afastar-se do quadro que se desenrolava diante de seus olhos.

— Não se aproximem! — gritava Rogójin.

— Mas por que berras assim? — disse-lhe, rindo, Nastássia Filípovna. — Sou ainda aqui a dona da casa; se quiser, posso pô-los para fora a pontapés. Ainda não me apossei de teu dinheiro, que aí está. Dá aqui esse maço de notas! Aqui neste maço de notas estão cem mil rublos. Ora, que maldade! Que dizes, Dária Alieksiéievna? Quererias que eu fizesse a desgraça dele? — e apontou para o príncipe. — Quando se casar, terão de arranjar-lhe ama; o general será sua ama-seca… Olha como o mima. Vê, príncipe: tua noiva ficou com o dinheiro porque é uma rameira e tu querias casar com ela! Mas por que choras? De pena ou de quê? Mas devias rir, como eu rio. — continuou Nastássia Filípovna, em cujas faces brilhavam duas grossas lágrimas. — Confia no tempo. Tudo passa! Mais vale desistir agora que depois… Mas por que todos chorais?… Até Kátia está chorando. Que é que tens, Kátia, meu bem? Deixo o bastante para ti e para Pacha. Já tomei minhas disposições. Mas agora, adeus! Obriguei-te, a ti, uma menina decente, a servir a mim, uma prostituta… É melhor assim, príncipe, verdadeiramente melhor; depois haverias de desprezar-me e não seríamos felizes! Não o jures, que não te creio! E que estupidez enorme teria sido!… Não, é melhor que nos despeçamos como amigos, do contrário, e sou também uma sonhadora, não levaria isso a nada! Eu mesma não sonhei contigo? Nisto tens razão: há muito que sonhava, quando ainda estava na aldeia com ele, naqueles cinco anos de solidão. Costumava pensar e sonhar, pensar e sonhar, e estava sempre a imaginar um homem como tu: bondoso, honrado, belo e tão bobo que de repente chegasse e me dissesse: “Você não tem culpa de nada, Nastássia Filípovna e eu a adoro!”. Costumava sonhar assim, até quase perder o juízo… Mas quem vinha era aquele; uns dois meses no ano aparecia ali, desonrava, manchava, corrompia, pervertia e regressava. De modo que milhares de vezes tive vontade de atirar-me

no reservatório. Mas era covarde, faltava-me a coragem, e agora… Rogójin, estás pronto?

— Prontíssimo! Não se aproximem!

— Pronto! — gritaram várias vozes a um só tempo.

— As tróicas nos aguardam com campainhas!

Nastássia Filípovna pegou o maço de notas.

— Gânia, ocorreu-me uma ideia: quero recompensar-te, pois, por que haverias de perder tudo? Rogójin, iria ele de quatro pés até o outro lado de Petersburgo por causa de três rublos?

— Iria!

— Bem, pois ouve, Gânia: quero ver o íntimo de tua alma pela última vez. Estiveste a atormentar-me por três meses inteiro; agora toca a minha vez. Vês este maço de notas, contendo cem mil rublos? Pois olha: agora mesmo vou atirá-lo à lareira, ao fogo, diante de todos. Todos serão testemunhas! Assim que o fogo pegar nele… vai de quatro pés à lareira, mas sem as luvas, de mãos nuas e com elas revolve o fogo e tira dele o maço de notas. Se o tirares… será teu… todos estes cem mil rublos serão teus! Só uma brasinha queimará teus dedinhos… mas leva em conta que são cem mil rublos, pense bem! Não levará muito tempo a tirá-los. E admirarei tua coragem, vendo como metes tuas mãos no fogo por causa de meu dinheiro. Todos são testemunhas de que o maço será teu. Mas se não o conseguires, ele vai se queimar todo. Não deixarei que ninguém toque nele. Ao largo! Ao largo todos! Meu dinheiro! É minha paga por uma noite com Rogójin. É meu este dinheiro, Rogójin?

— É teu, minha alegria! É teu, minha rainha!

— Então, todos para trás! Faço o que quero! Não interfiram! Fierdíchtchenko, atiça o fogo!

— Nastássia Filípovna, não posso erguer as mãos para isso — respondeu Fierdíchtchenko aturdido.

— Ah! — gritou Nastássia Filípovna, que, pegando as tenazes da lareira, separou duas toras ardentes e, assim que o fogo se reavivou, atirou nele o maço de notas.

Um grito vibrou em redor. Muitos até se persignaram.

— Ficou louca! Ficou louca! — gritaram em torno dela.

— Não… não… deveríamos amarrá-la? — sussurrou o general a Ptítsin. — Ou mandar chamar…? Porque ficou louca, ficou louca! Não vês que está louca?

— Não… não! É possível que nada tenha de louca, — murmurou Ptítsin, branco como o lenço e trêmulo, sem forças para afastar a vista do maço de notas que ardia.

— Está louca, sim! Não vês que está louca? — insistiu o general com Tótski.

— Já lhe havia dito que era uma mulher pitoresca — resmungou Afanássi Ivânovitch, que também ficara um tanto pálido.

— Mas olhe: são cem mil rublos!

— Senhor! Senhor! — ouviu-se em torno.

Todos se reuniram em redor da lareira, todos se acotovelavam para olhar, todos lançavam exclamações. Muitos haviam mesmo trepado em suas cadeiras para olhar por cima das cabeças. Dária Alieksiéievna dirigiu-se a outro quarto e, assustada como estava, murmurou não sei o que a Kátia e a Pacha. A beldade alemã deitou a correr.

— *Mátuchka*, rainha! Toda-poderosa! — clamou Liébiediev, ajoelhando-se diante de Nastássia Filípovna e estendendo as mãos para a lareira. — Cem mil rublos, cem mil! Eu mesmo os vi: empacotaram-nos diante de mim! Mãezinha misericordiosa! Deixa-me chegar até a lareira, vou me enfiar inteirinho dentro dela. Meterei no fogo toda a minha branca cabeça!… Minha mulher está doente; são treze filhinhos, todos órfãos; enterraram meu pai a semana passada; estava passando fome, Nastássia Filípovna!…

E ainda lançando este último grito, arrastou-se para a lareira.

— Saia daí! — exclamou Nastássia Filípovna, dando-lhe um empurrão. — Afastem-se todos! Gânia, por que estás aí quieto? Não tens vergonha? Arrasta-te! Aí está tua sorte!

Mas Gânia já havia sofrido demasiadas coisas naquele dia e naquela noite, não estando preparado para aquela última e inesperada experiência. O bando dividiu-se diante dele em duas metades, enquanto ele permanecia olhando fixamente os olhos de Nastássia Filípovna, a três passos de distância dela, que estava de pé junto da própria lareira e esperava, sem afastar dele seu olhar ardente e atento. Gânia, de fraque, de chapéu na mão e com luvas, achava-se diante dela em silêncio e aturdido, com as mãos cruzadas e olhando o fogo. Sorriso insensato vagava por seu rosto, branco como um pano. Na verdade, não podia apartar os olhos do fogo, do maço de notas que ardia; mas, ao que parecia, algo de novo passava por sua alma: parecia ter jurado reprimir seu ardor; não se movia de seu lugar; ao fim de uns instantes tornou-se claro a todos que não iria apanhar as notas, que não queria ir.

— Ah! Estão se queimando! Tem vergonha!… — gritou-lhe Nastássia Filípovna. — Depois terás que enforcar-te. Não falo por brinquedo.

O fogo, que se havia avivado ao princípio entre as duas toras que ardiam, amorteceu depois, ao cair-lhe em cima o maço de notas. Mas uma chamazinha azul brilhava ainda na borda inferior da tora de baixo. Finalmente, uma fina e comprida linguazinha de fogo começou a lamber também o maço, o fogo reavivou-se e correu para cima pelos papéis, pelos cantos, e de repente todo o maço se inflamou na lareira e uma clara chama subiu para o alto.

— *Mátuchka*… — continuou gritando Liébiediev, voltando a arrastar-se para diante; mas Rogójin afastou-o e tirou dali outra vez aos empurrões.

O próprio Rogójin se transformara num olhar imóvel. Não podia afastar-se de Nastássia Filípovna, estava embriagado, estava no sétimo céu.

— É uma rainha perfeita! — repetia a cada instante, dirigindo-se a cada um dos componentes do bando. — Que estilo! — gritava, sem saber o que dizia. — Vamos ver: qual de vocês, seus tratantes, seria capaz de fazer uma brincadeira dessas?

O príncipe observava triste e em silêncio.

— Eu, com os dentes, arranco ainda que seja um milhar! — propôs Fierdíchtchenko.

— Com os dentes, também eu me atrevo! — resmungou o sujeito dos punhos, por trás de todos, num arranco de resoluto desespero. — Dane-se tudo! Ardem, estão se consumindo todos! — exclamou, contemplando com assombro a labareda.

— Ardem, ardem! — gritaram todos ao mesmo tempo, adiantando-se para a lareira.

— Gânia, não hesites. Pela última vez te falo!

— Tira-os! — gritou Fierdíchtchenko, avançando para Gânia com decidida violência e puxando-o pela manga. — Tira-os, fanfarrão! Estão se queimando! Oh! condenado!

Gânia repeliu violentamente Fierdíchtchenko, deu meia volta e dirigiu-se à porta; mas não teria dado dois passos, quando cambaleou e caiu no chão.

— Um desmaio! — gritaram em torno dele.

— *Mátuchka*, estão se queimando!… — clamou Liébiediev.

— Estão se queimando inutilmente! — gritaram de todas as partes.

— Kátia, Pacha, atirem-lhe água, vinagre! — gritou Nastássia Filipovna, que pegou as tenazes da lareira e dela retirou o maço de notas. Quase toda a parte de fora havia ardido, consumindo-se; mas logo pôde ver-se que o interior estava intacto. O maço estava envolvido em três folhas de jornal e o dinheiro estava incólume. Todos respiraram mais livremente.

— Talvez haja se queimado um milharzinho; mas o resto está intacto! — exclamou Liébiediev, com júbilo.

— Tudo dele! Todo o maço para ele! Ouviram, senhores?… — gritou Nastássia Filípovna, atirando o maço de notas para o lado de Gânia. — Mas, apesar de tudo, não foi, resistiu. Isto quer dizer que o amor-próprio é ainda maior que o amor ao dinheiro. Não foi nada. Já está voltando a si! Senão, seria capaz de matar alguém… mas já está recobrando os sentidos!… General, Ivan Pietróvitch, Dária Alieksiéievna, Kátia, Pacha, Rogójin, ouviram? O maço de notas é dele. Eu lhe dou de presente, em absoluta propriedade, como recompensa… Bem, seja pelo que for. Digam-lhe! Que fique tudo aí, ao lado dele! Rogójin, em marcha! Adeus, príncipe. Pela primeira vez vi um homem. Adeus, Afanássi Ivânovitch, *merci*!…

Todo o grupo de Rogójin, com alvoroço, tumulto e vozerio, encaminhou-se para as peças que conduziam à saída, acompanhando Rogójin e Nastássia Filípovna. Na sala, as criadas opuseram-lhes a

peliça; a cozinheira Marfa chegou correndo da cozinha. Nastássia Filípovna foi abraçando cada uma delas.

— Mas é possível, *mátuchka*, que nos deixe a todas? Mas aonde a senhora vai? E no dia do seu aniversário, num dia como este! — exclamavam as criadas, chorosas, beijando-lhe as mãos.

— Vou para a rua, Kátia, já o ouviste, pois ali tenho a minha sorte, se não, vou ser lavadeira. Basta de Afanássi Ivânovitch! Saúda o por mim, e não guardem má recordação de minha…

Míchkin, depressa, dirigiu-se para a porta, onde todos estavam subindo em quatro tróicas com campainhas. O general teve tempo de alcançá-lo na escada.

— Por favor, príncipe, tenha juízo — disse-lhe, agarrando-o pelo braço. — Deixe-a! Já viu o que ela é! Falo-lhe como pai…

Míchkin alcançou-lhe um olhar; mas, sem descerrar os lábios, libertou-se e desceu correndo a escada.

Na porta, donde acabavam de partir naquele mesmo instante as tróicas, viu o general o príncipe parar o primeiro coche e gritar ao cocheiro: “Para Ekatierinhof, atrás daquelas tróicas!” Depois partiu também o cavalinho cinzento do general, conduzindo-o à sua casa, animado de novas ilusões e planos e com as pérolas que, a despeito de tudo, não esquecera de levar consigo. Entre seus planos, por duas vezes apareceu-lhe a sedutora imagem de Nastássia Filípovna. O general suspirou:

“Que pena! Sinceramente é uma pena! É uma mulher perdida! Uma mulher louca! Mas está bem; agora já não é Nastássia Filípovna a mulher que convém ao príncipe.”

Neste mesmo estilo, proferiram também algumas frases morais e de despedida outros dois convidados de Nastássia Filípovna, que haviam decidido andar um pouco a pé.

— Sabe o senhor, Afanássi Ivânovitch? Segundo dizem, entre os japoneses ocorrem coisas como essas — dizia Ivan Pietróvitch Ptítsin.

— Parece que ali o insultado vai ver seu insultante e lhe diz: “Ofendeste-me e por isso vim abrir meu ventre em tua presença”, e assim dizendo, efetivamente, abre os intestinos diante de quem o ofendeu, devendo sentir uma satisfação extraordinária, como se realmente se vingasse. Estranhos caracteres há neste mundo, Afanássi Ivânovitch.

— Mas o senhor pensa que houve algo nesse estilo? — respondeu-lhe, sorrindo, Afanássi Ivânovitch. — Hum! O senhor, mesmo assim, é homem de talento… e estabeleceu uma comparação magnífica. Mas o senhor também viu, meu caro Ivan Pietróvitch, que fiz tudo quanto foi possível; convirá comigo que não posso fazer impossíveis. E convirá também nisto: que aquela mulher reúne méritos extraordinários… qualidades brilhantes. Há um momento, eu lhe teria gritado (se tivesse podido permitir-me isso naquela Sodoma) que ela mesma era minha melhor justificativa diante de todas as suas acusações. Vamos ver: quem não se deixaria seduzir alguma vez por uma mulher assim, até perder o juízo e… tudo? Veja o senhor: aquele rústico, Rogójin, atirou-lhe aos pés cem mil rublos. Suponhamos que tudo quanto acaba de ocorrer seja efêmero, romântico, indecoroso; mas, em troca, é pitoresco; em troca, é original… o senhor não terá outro remédio senão reconhecer que é assim. Meu Deus, que não se poderia fazer com aquele caráter e aquela beleza! Mas, não obstante todos os esforços, e até a educação… tudo se perdeu. Um diamante sem facetar… Às vezes dizia-lhe eu isso.

E Afanássi Ivânovitch lançou um profundo suspiro.

# Segunda parte

## Capítulo primeiro

Dois dias depois daquela estranha aventura no serão de Nastássia Filípovna, com que terminamos a primeira parte de nosso relato, teve o Príncipe Míchkin de partir apressadamente para Moscou, a fim de entrar na posse de sua inesperada herança. Disseram então que havia também outras razões para essa partida precipitada; mas disto, bem

como das peripécias do príncipe em Moscou, e, em geral, durante o tempo em que esteve ausente de Petersburgo é muito pouco o que podemos dizer. Esteve ausente o príncipe seis meses justos e ainda mesmo aqueles que tinham algumas razões para interessar-se por sua sorte muito pouco puderam saber dele em todo esse tempo. Chegaram, é verdade, aos ouvidos de alguns, ainda que também muito raramente, diferentes rumores; mas, além disso, em grande parte, estranhos e quase sempre contraditórios entre si. Onde mais, sem dúvida alguma, se interessavam pelo príncipe era em casa dos Iepántchini, dos quais, ao partir, ele nem sequer teve tempo de se despedir. O general, depois de tudo, tinha-se encontrado com ele então e até duas ou três vezes, tendo falado os dois a respeito de alguma coisa séria, mas se Iepántchin havia se encontrado com ele, não o comunicara a sua família. Mais ainda: a princípio, isto é, quase um mês inteiro depois da partida do príncipe, não se pôde falar dele na casa das Iepántchini. Somente a própria Generala Lisavieta Prokófievna chegou a dizer nos dois primeiros dias "que com o príncipe tivera ela uma decepção cruel". Depois, dois ou três dias em seguida, acrescentou, embora já sem nomear o príncipe, de uma maneira indeterminada, "que o traço dominante em sua vida (dela) consistia em equivocar-se continuamente a respeito das pessoas". E, finalmente, dez dias depois, concluiu, à guisa de sentença, causando algum aborrecimento às suas filhas que, "basta de equívocos! Não tornarei mais a cometê-los!". É preciso mencionar, de passagem, que em sua casa, durante muitíssimo tempo, prevaleceu uma disposição de ânimo algo desagradável. Havia ali certo pesadume, certa tensão, irritabilidade e propensão a discutir, andando todos amofinados. O general vivia ocupado dia e noite, sempre absorvido por seus negócios; raras vezes tinham-no visto mais atarefado e ativo, sobretudo em coisas do serviço. Seus parentes mal conseguiam avistá-lo. Pelo que se refere as Senhoritas Iepántchini, em voz alta, sem dúvida, nada disseram. É possível que, mesmo a sós consigo mesmas, tampouco falaram muito. Eram umas jovens orgulhosas, altivas e, até entre elas mesmas, cheias de vergonha, ainda que, além disso, se entendessem umas às outras não só à primeira palavra, mas ao primeiro olhar, e muitas vezes se entendiam sem abrir a boca.

Só uma coisa teria podido deduzir o observador imparcial, se ali

houvesse um: que, a julgar pelos sinais manifestos, embora escassos, o príncipe, apesar de tudo, conseguira deixar em casa das Iepántchini uma impressão especial, não obstante ter ali estado uma só vez, e, além disso, um momento. É possível que essa impressão fosse de pura curiosidade, explicável por certos lances raros da vida do príncipe. Mas, fosse como fosse, o certo é que havia deixado essa impressão.

Pouco a pouco, até aqueles rumores que se haviam difundido pela cidade chegaram a envolver-se na bruma do desconhecido. Falavam, sim, de um principezinho e bobo, "ninguém podia dizer concretamente o seu nome", que havia entrado de repente na posse de riquíssima herança e contraído casamento com uma francesinha recém-chegada, uma conhecida cancanista do *Château des Fleurs*,[29] de Paris. Mas outros diziam que quem havia entrado na posse dessa herança tinha sido um general e quem se havia casado com a célebre cancanista francesa, um comerciante russo, imensamente rico, o qual no dia de seu casamento e por mero alarde, estando embriagado, tocara fogo em setecentas mil cédulas do último empréstimo, à luz de uma vela. Mas todos esses rumores não tardaram em extinguir-se para o que não pouco contribuíram as circunstâncias: Por exemplo, todo o bando de Rogójin, muitos indivíduos do qual teriam podido contar algo, transferiu-se, com seu chefe à frente, para Moscou, quase justamente na semana depois de uma orgia espantosa no cassino de Ekatierinhof, na qual tomara parte também Nastássia Filípovna. Muitos poucos dos interessados no assunto sabiam, graças a certos boatos, que Nastássia Filípovna, no dia seguinte ao que acontecera em Ekatierinhof, tinha fugido, desaparecido, tendo podido averiguar-se que havia tomado o rumo de Moscou, de sorte que a partida de Rogójin para Moscou vinha a coincidir, de certo modo, com tais rumores.

Correram também boatos, sobretudo a respeito de Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin, o qual era também bastante conhecido em seu círculo social. Mas esses boatos continham uma circunstância, rapidamente espalhada, e que vinha a destruir completamente todas as más coisas que dele se tinha dito: que estava muito doente e não podia apresentar-se em parte alguma, na sociedade, nem tampouco na repartição. Depois de estar doente um mês restabeleceu-se; mas, não

se sabe por que, demitiu-se de seu emprego na Companhia por Ações e em seu lugar colocou-se outro. Na casa do General Iepántchin não apareceu nem uma vez, a ponto de também o general ter de arranjar outro empregado. Os inimigos de Gavrila Ardaliónovitch podiam supor que, tão envergonhado estava com todas as coisas que lhe haviam sucedido, que sentia vergonha até de sair à rua. Mas na realidade, estava doente, esteve até atacado de hipocondria; ficou apreensivo, irritável. Varvara Ardaliónovna, naquele mesmo inverno, casou-se com Ptítsin; quantos os conheciam atribuíram diretamente aquele casamento à circunstância de não querer Gânia reatar suas ocupações e não só tinha deixado de sustentar sua família, mas começado ele próprio a precisar de amparo e proteção.

Notemos, de passagem, que tampouco a respeito de Gavrila Ardaliónovitch, jamais se falava em casa das Iepántchini, como se no mundo não existisse tal homem, ou mesmo tivesse estado naquela casa. E não obstante, ninguém ali ignorava "e até tinham ficado sabendo muito depressa" uma notabilíssima circunstância, a saber: que naquela mesma noite, para ele fatal, depois de sua aborrecida aventura em casa de Nastássia Filípovna, Gânia, ao voltar para a sua, não se deitou para dormir, mas ficou esperando a volta do príncipe com febril impaciência. Míchkin, que tinha ido a Ekatierinhof, dali voltou às seis horas da manhã. Gânia entrou então em seu quarto e colocou diante dele, sobre a mesa, o maço de notas salvo das chamas com o qual havia-o presenteado Nastássia Fílípovna, quando estava ele privado dos sentidos. Rogou com insistência ao príncipe que, na primeira ocasião, devolvesse o presente a, Nastássia Filípovna. Ao entrar Gânia no quarto do príncipe, ia com uma disposição de ânimo hostil e quase desesperada; mas entre ele e o príncipe trocaram-se algumas palavras, depois das quais Gânia permanecera ao lado de Míchkin duas horas, não cessando durante todo esse tempo de chorar amargamente. Separaram-se ambos como amigos.

Esta notícia, que tinha chegado ao conhecimento de todos os Iepántchini, era, segundo depois se confirmou, perfeitamente verídica. É sem dúvida raro que notícias dessa índole possam ser espalhadas e conhecidas tão depressa; todo o sucedido em casa de Nastássia Filípovna, por exemplo, foi sabido quase no dia seguinte, mesmo em

casa dos Iepántchini e até com pormenores bastante exatos. A respeito das notícias referentes a Gavrila Ardaliónovitch, cabe supor que as teria levado ali Varvara Ardaliónovna, que, de repente, tinha começado a frequentar a casa das Senhoritas Iepántchini e não tardou mesmo em estabelecer com elas grande intimidade, o que causava grande assombro a Lisavieta Prokófievna. Mas Varvara Ardaliónovna, ainda que por alguma razão estimasse necessário ter intimidade daquele modo com as Iepántchini, seguramente não se proporia a falar-lhes de seu irmão. Era também bastante orgulhosa, somente que a seu modo, apesar de não levar em conta o travar amizade com pessoas que quase haviam posto para fora de sua casa seu irmão. Antes disso, já era amiga das Iepántchini, mas só as havia encontrado raras vezes. Pela sala, aliás, não passava nem agora, e subia, como que correndo, pela escada posterior. Lisavieta Prokófievna nunca a tinha recebido antes, nem a recebia tampouco agora, não obstante estimar muito Nina Alieksándrovna, a mãe de Varvara Ardaliónovna. Imaginava, zangava-se, atribuía ao trato com Vária os caprichos e ímpetos de rebeldia de suas filhas, as quais "já não sabiam que fazer para se opor a ela"; mas Varvara Ardaliónovna continuava a visitá-las, antes e depois de casada.

Transcorrido, porém, um mês depois da partida do príncipe, veio a Generala Iepántchini a receber da velha Princesa Bielokónskaia, que duas semanas antes tinha-se mudado para Moscou com sua filha casada, uma carta, e essa carta causou-lhe visível impressão. Embora nada tivesse dito às suas filhas, nem a Ivan Fiodórovitch a respeito da tal carta, por alguns indícios revelou à família que parecia algo excitada e até comovida. Começou a falar de um modo especialmente estranho com suas filhas e sempre de assuntos fora de propósito; era indubitável que algo queria dizer, mas que se continha. No dia em que recebeu aquela carta mostrou-se muito carinhosa com todos e até se pôs a dar beijos em Aglaia e em Adelaida; parecia sentir-se culpada para com elas, embora não pudessem as filhas adivinhar em quê. Até com Ivan Fiódorovitch, a quem durante todo o mês havia mantido abandonado, começou a mostrar-se mais condescendente. É certo que no dia seguinte esteve mais do que enfadada por culpa de seu sentimentalismo, e chegou ao extremo de brigar com todos na mesa; mas, à noite, tornou a aclarar-se o horizonte. Em geral, continuou uma

semana inteira mostrando desenvolta disposição de ânimo, coisa que já fazia tempo não lhe sucedia.

Ao cabo, porém, de uma semana, tornou a receber carta da Bielokónskaia e dessa vez resolveu a generala romper o silêncio. Solenemente, revelou que "a velha Bielokónskaia" (não chamava nunca de outro modo a princesa, quando não estava em sua presença) lhe comunicava opiniões muito lisonjeiras a respeito desse… bicho raro, isto é, o príncipe. A velha havia-o procurado em Moscou, havia indagado notícias suas e ouvira falar muito bem dele, até que, por fim, o príncipe se apresentou em pessoa em sua casa, causando-lhe uma impressão sumamente grata. "Ela teve de convidá-lo a ir vê-la todos os dias, pela manhã, entre uma e duas horas, e ele todos os dias ia lá e até o presente não a havia desgostado", terminou a generala, acrescentando que, graças à *velha*, tivera o príncipe entrada em duas ou três casas principais. "Está bem isso de não se encerrar em seu canto e mostrar-se envergonhado como um tolo." As moças, a quem comunicava ela tudo isso, imediatamente observaram que sua mãe não lhes dizia tudo quanto se continha na carta. É possível que estivessem cientes disso por intermédio de Varvara Ardaliónovna, que podia saber, e sem dúvida sabia, tudo quanto Ptítsin conhecia do príncipe e de sua estada em Moscou. E é possível que Ptítsin soubesse mais do que ninguém a esse respeito. Mas era um homem extremamente reservado em questão de negócios, ainda que para Vária, naturalmente, não tivesse segredos. A generala encontrou nisto depois uma razão a mais para tomar birra a Varvara Ardaliónovna.

Mas, fosse como fosse, o gelo se rompera e, de repente, já foi possível falar do príncipe em voz alta. Além disso, uma vez mais manifestou-se a extraordinária impressão e o grande e desproporcionado interesse que despertara e continuava despertando o príncipe na casa das Iepántchini. A própria generala não pôde deixar de maravilhar-se com a impressão causada em suas filhas pelas notícias recebidas de Moscou. Mas também suas filhas, pela sua parte, assombraram-se por ver sua mãe, que tão solenemente havia declarado que "o traço predominante de toda a sua vida… tinha sido equivocar-se sempre a respeito das pessoas", impressionar-se tanto, ao mesmo tempo, pela deferência dispensada ao príncipe pela onipotente

velha Bielokónskaia em Moscou, embora a ela tivesse custado muito pedido e rogo, pois a velha era, em certos casos, de dificílimo acesso.

Mas nem bem se rompeu o gelo e soprou novo vento, o general também começou a se manifestar. Verificou-se que ele também estava muito interessado. Naturalmente só o preocupava o aspecto prático do assunto. Pelo visto, ele, no interesse do príncipe, havia dado ordem a dois senhores de Moscou, muito influentes e dignos de confiança, para que não o perdessem de vista e, sobretudo, vigiassem seu tutor, Salázkin. Tudo quanto se dizia da herança, ou, por assim dizer, do fato da herança, resultava certo; mas a própria herança, afinal de contas não era tão considerável como se havia considerado a princípio. Os bens ficavam reduzidos à metade; tinham-se descoberto dívidas, tinham-se apresentado alguns aspirantes à herança e o príncipe, apesar de todos os assessores, havia se conduzido de modo menos prático. Bem, que Deus o proteja. Agora que o gelo do silêncio se havia rompido, o general se sentia feliz por falar disso com toda a franqueza de coração, porque "embora o moço não merecesse muito, afinal de contas merece." Mas o certo era que não tinha cometido em tudo isto senão tolices: apresentaram-se, por exemplo, credores do falecido comerciante trazendo documentos discutíveis, insignificantes, e alguns até sem documentos, e que se tinha passado? O príncipe havia atendido às reclamações deles, sem fazer caso das advertências de seus amigos, que em vão lhe asseguravam que aquela gentinha não tinha o menor direito. Mas ele lhes havia pago, porque alguns deles podiam ter emprestado, efetivamente, aquele dinheiro, ou sofrido quebra em seus interesses por culpa de Papúchin.

Observou a generala, a propósito disso, que também a Bielokónskaia lhe havia escrito nesse sentido e que, naturalmente, tinha sido aquilo uma tolice (uma tolice muito grande; mas que a um tolo não se lhe pode fazer voltar o juízo, acrescentava cortante, embora no rosto se lhe conhecesse quão de seu agrado era o modo de proceder daquele tolo). De todos os modos, ocorreu ao general, de repente, que sua Lisavieta Prokófievna sentia pelo tal príncipe o mesmo interesse que por um filho e que, além disso, estava agora notavelmente bem disposta para com Aglaia. Depois de fazer esse raciocínio e de lançar um olhar perscrutador a sua mulher, decidiu o

general adotar a atitude de um homem muito atarefado.

Esta boa disposição de ânimo, porém, também não durou muito tempo. Não se haviam passado mais de duas semanas quando, de repente, mudou outra vez o vento, segundo dizia intimamente o general; a generala tornou a ficar de mau humor e ele próprio depois de encolher o ombro um par de vezes teve de deduzir que, no tocante a certas coisas e pessoas, reinava ali um silêncio glacial. Duas semanas antes havia ele recebido a concisa e, portanto, confusa, ainda que nem por isso menos fidedigna, notícia de que Nastássia Filípovna, que, a princípio, tinha vivido em Moscou, onde, depois de muito procurá-la, a encontrou Rogójin, havia voltado a levantar voo. Que aquele a havia procurado novamente e ela, por fim, havia consentido em casar-se com ele. Aquela era a primeira notícia. Mas depois, ao cabo de uns catorze dias, havia Sua Excelência recebido outra notícia que o havia emocionado não pouco: Nastássia Filípovna tinha tornado a escapar-se pela terceira vez, quase ao pé mesmo do altar, tendo ido ocultar-se no fundo da província. Mas era o caso que também havia desaparecido, de repente, de Moscou, o príncipe Míchkin, depois de confiar tudo quanto se referia à sua herança a Salázkin; "o que não se sabia é se havia seguido com ela ou em seu encalço, embora fosse claro que sua partida guardava relação com aquela fuga", concluía o general. Também a generala havia recebido notícias desagradáveis. Resultava que havia dois meses ninguém sabia mais nada do príncipe em Petersburgo e que em casa das Iepántchini não havia tornado a romper-se o gelo do silêncio. Mas Varvara Ardaliónovna continuava visitando as três jovens.

Para terminar duma vez com todos esses rumores, notícias e mudanças de humor, diremos ainda que em casa do General Iepántchin ocorreram muitas mutações até a primavera, pelo que não é de estranhar que, com o tempo, chegassem ali a esquecer por completo do príncipe, a respeito do qual nada sabiam, e que talvez quisesse que o esquecessem. No decorrer do inverno haviam concordado, pouco a pouco, em fazer naquele verão uma viagem ao estrangeiro; isto é, tinham-no decidido assim, Lisavieta Prokófievna e suas três filhas. Em compensação, não tinha o general tempo para distrações inúteis. Tinham tomado essa resolução porque as três

jovens haviam concordado entre si que se seus pais não as levavam ao estrangeiro era porque estavam interessados em casá-las sem demora. Talvez que seus pais se tivessem convencido, por fim, de que também no estrangeiro era possível arranjar noivo e de que tal viagem não só não prejudicava mas até podia convir. Devemos acrescentar ainda que o casamento, outrora projetado, entre Afanássi Tótski e Alieksandra Iepántchina havia se desfeito de todo, sem ter chegado a nada de formal. Tinha-se desfeito por si só, sem intermédio de palavras nem de cenas de família. Desde a partida do príncipe não se havia tornado a falar disso da parte de nenhum dos dois interessados, e se a generala dissera que estava contente e dera graças, o certo é que a causa de tudo tinha sido o inverno e a especial disposição de ânimo em que se havia encontrado a família. O general, embora estivesse em desfavor e se sentisse culpado, andou longo tempo enganado; Afanássi Ivânovitch inspirava-lhe lástima: "Um capital como o dele e um homem de tamanha inteligência!". Pouco antes o general ficara sabendo que Afanássi Ivânovitch tinha se enamorado de uma francesinha da alta sociedade, marquesa e legitimista, ainda por cima; que o casamento já estava combinado e que Afanássi Ivânovitch pensava partir com sua esposa para Paris e depois para algum lugar na Bretanha. "Bem; pescou-o a francesinha", decidiu o general.

Mas as Iepántchini preparavam-se para partir antes do verão, quando, de repente, ocorreu uma circunstância que mudou todos os seus planos e a viagem foi adiada de novo, para grande deleite do general e de sua esposa. Chegou a Petersburgo, procedente de Moscou, um príncipe, o Príncipe Tsch***, homem, aliás, notável e conhecido por suas ótimas qualidades. Era uma dessas pessoas, ou melhor dito, desses homens de ação, modernos, honrados, modestos, que sincera e conscientemente desejam o que é útil, estão sempre trabalhando e se distinguem por essa condição rara e afortunada de sempre encontrarem trabalho. Não buscando notoriedade alguma, fugindo ao rancor e à verbosidade ociosa dos partidos, sem ter-se em conta de homem superior, compreendia o príncipe, não obstante, muito a fundo muitos dos acontecimentos que nos últimos tempos tinham-se consumado. Fora outrora funcionário do Estado e depois tomara parte nas questões agrárias. Era, além disso, utilíssimo correspondente de várias sociedades culturais da Rússia. Associado a um técnico amigo

seu, havia contribuído com investigações e pesquisas à melhor instalação de uma das mais importantes vias férreas projetadas. Tinha trinta anos. Era homem da mais alta sociedade. E, além disso, rico, com um capital bom, sério, sólido, segundo dizia o general que havia tido ocasião, por motivo de um negócio bastante importante, de conhecer o príncipe em casa do conde, seu chefe. O príncipe, por certa curiosidade especial, nunca evitava travar conhecimento com homens de negócios russos. Sucedeu também que o príncipe chegou a conhecer igualmente a família do general. Adelaida Ivânovna, a do meio das três irmãs, causou-lhe uma impressão bastante forte. Na primavera o príncipe declarou-se. Adelaida achara-o muito simpático e muito simpático o tinha achado também Lisavieta Prokófievna. O general estava muito contente. Não é preciso dizer que o veraneio foi adiado. O casamento foi marcado para a primavera.

O veraneio, afinal de contas, podia realizar-se da mesma forma, tanto em meados como em fins do verão, ainda que fosse somente para que Lisavieta Prokófievna desse um passeiozinho de dois meses pelo estrangeiro em companhia das duas filhas que ainda continuariam com ela e se distraísse assim de seu pesar pela perda de Adelaida. Mas tornou a ocorrer nova circunstância: já em fins da primavera (o casamento de Adelaida demorou um tanto e foi adiado até meados do verão), o Príncipe Tsch*** apresentou em casa das Iepántchini um parente seu, distante, do qual, aliás, era bastante amigo. Era ele um tal Ievguéni Pávlovitch Radómski, homem ainda jovem, de vinte e oito anos, ajudante-de-campo, muito bonito, de distinta família, um rapaz de talento, brilhante, novo, extraordinariamente culto e… rico até um extremo inaudito. A respeito deste último ponto, era sempre o general muito cauteloso. Levou a efeito investigações. “Efetivamente, parece que há algo disto; mas, de todos os modos, é preciso comprová-lo melhor.” A velha Bielokónskaia, em carta de Moscou, punha nas nuvens aquele jovem ajudante-de-campo, cheio de futuro. Somente um dos louvores que dele fazia era algo discutível: o jovem era um tanto despreocupado e, segundo asseguravam, um conquistador de corações infelizes. Ao ver Aglaia, começou a frequentar com assiduidade extraordinária a casa do General Iepántchin. Na verdade, ainda não se tinha dito nada, nem sequer se havia feito alguma alusão; mas, não obstante, os pais da

moça pensavam que não se podia contar, naquele verão, com nenhuma viagem ao estrangeiro. É possível que a própria Aglaia fosse de opinião diferente.

Ocorreu tudo isto quase já nas vésperas da segunda aparição de nosso herói na cena de nossa narrativa. Por aquele tempo, a julgar pelas aparências, tinham-se esquecido por completo em Petersburgo do pobre Príncipe Míchkin. Se se houvesse apresentado agora diante daqueles que o haviam conhecido seguramente pensariam nele como caído do céu. Mas temos que anotar um fato, com o qual daremos por terminada nossa introdução.

Kólia Ívolguin, depois que o príncipe partiu, continuou, a princípio, levando sua vida de outrora, isto é, ia ao ginásio, à casa de seu amigo Ipolit, cuidava do general e ajudava Vária nas fainas domésticas, ou seja, servia-lhe de moço de recados. Mas os hóspedes não tardaram em desaparecer. Fierdíchtchenko foi-se embora, não se sabia para onde, três dias após o episódio em casa de Nastássia Filipovna, e logo se perdeu o rastro dele, pois cessou todo rumor a seu respeito; diziam que se embriagava em certo lugar; mas a coisa não se confirmou. O príncipe havia partido para Moscou: tinham-se acabado os hóspedes. Depois, quando Vária se casou, foram viver com ela e com Ptítsin, Nina Alieksándrovna e Gânia, no Ismáilovski Polk; no que se refere ao General Ívolguin, quase por aquela ocasião veio a ocorrer-lhe um acontecimento de todo imprevisível: meteram-no na cadeia por dívidas. Levou-o a isso sua amiga, a viúva do capitão, por causa de várias promissórias que ele lhe havia passado num montante de dois mil rublos. Tudo isso constituiu para ele verdadeira surpresa e o pobre general passou a ser "decididamente a vítima de sua inquebrantável fé na nobreza do coração humano, falando em geral". Tendo contraído o plácido hábito de assinar promissórias e letras, nem sequer supunha a possibilidade de torná-las efetivas na vida, imaginando que aquilo era assim. E resultou que não era. "Para que acredites depois disto em alguém, para que persistas em tua nobre credulidade!", exclamava ele, com amargura, entre seus novos amigos, na casa Tarássova,[30] com uma garrafa de vinho à sua frente e contando-lhes anedotas do assédio de Kars e do soldado ressuscitado. Aliás, ali o homem passava bastante bem. Ptítsin e Vária diziam que seu verdadeiro lugar era aquele; Gânia

concordava inteiramente com eles. A pobre Nina Alieksándrovna era a única que chorava amargamente às ocultas (o que causava também muito espanto a seus familiares) e, eternamente enferma, arrastava-se com toda a frequência possível até o cárcere para ver o marido.

Mas desde a época do acidente do general, segundo se exprimia Kólia e, em geral, desde o casamento de sua irmã, ele lhes escapou das mãos quase por completo, chegando ao extremo de, ultimamente, ser rara a noite em que ia dormir em sua casa. Segundo rumores, havia feito um sem número de novas amizades; além disso, começou a ser bastante conhecido na prisão dos devedores. Nina Alieksándrovna não podia passar sem ele; na casa, nem sequer o importunavam agora com sua curiosidade. Vária, que tão severamente o admoestava outrora, agora não lhe fazia a menor pergunta a respeito de suas escapatórias; quanto a Gânia, com grande assombro de seus parentes, falava-lhe e até costumava tratá-lo muito amistosamente, não obstante toda a sua hipocondria, coisa que não lhe ocorria jamais antes, pois Gânia, que tinha vinte e sete anos, não prestava, naturalmente, a menor atenção afetuosa a seu irmãozinho de quinze, a quem tratava com dureza, atiçando contra ele a severidade de todos e sempre ameaçando puxar-lhe as orelhas, forçando Kólia além dos últimos limites da paciência humana. Pode-se mesmo pensar que agora Kólia tornava-se às vezes, imprescindível a Gânia. Tinha-lhe causado funda impressão Gânia ter recusado aquele dinheiro e só por causa disso estava disposto a perdoar-lhe muitas coisas.

Haviam transcorrido três meses, a contar da partida do príncipe, quando chegou ao conhecimento dos Ívolguini o rumor de que Kólia de repente fizera amizade com as Iepántchini e que estas lhe dispensavam muito boa acolhida. Não tardou Vária em saber disso; Kólia, aliás, não se havia valido de Vária para fazer esse conhecimento, mas havia sido inteiramente coisa sua. Pouco a pouco, na casa do General Iepántchin foram-lhe tomando carinho. A generala, a princípio, não estava muito contente com ele; mas não tardou em tomar-lhe amizade pela sua sinceridade e porque não era adulador. Kólia não adulava, era completamente certo; conseguiu manter-se ali em plano igual e independente, embora costumasse ler para Lisavieta Prokófievna livros e jornais; mas estava sempre pronto a prestar

serviços. Duas vezes, aliás, teve de discutir seriamente com a generala: disse-lhe em plena cara que ela era uma déspota e anunciou-lhe que não tornaria a pôr os pés em casa dela. Da primeira vez sobreveio a discussão a propósito da questão feminina; da segunda, originou-se de saber qual a melhor época do ano para pegar canários. Parecerá inverossímil, mas a generala, três dias depois daquela disputa, mandou-lhe um criado, com uma cartinha, rogando-lhe que voltasse lá; Kólia não teimou e foi imediatamente. Aglaia era a única que, sempre sem nenhum motivo, o olhava com prevenção e o tratava com altivez. Contudo era a Aglaia que estava destinado a causar assombro. Uma vez — era na semana de Páscoa, — aproveitando um momento em que estavam sós, Kólia entregou a Aglaia uma carta, limitando-se a dizer-lhe que o haviam encarregado de a entregar só a ela. Aglaia lançou um olhar ameaçador àquele "menino presumido"; mas Kólia não ficou esperando e retirou-se. A moça desdobrou a carta e leu:

> Houve um tempo em que a senhorita me honrou com sua confiança. É possível que agora já me tenha esquecido por completo. A que se deve que lhe dirija esta carta? Ignoro-o; mas senti o invencível anseio de lembrar-lhe, justamente à senhorita, a minha existência. Algumas vezes necessitei de todas três… mas de todas três só via a senhorita. Necessito da senhorita… necessito muitíssimo. Nada tenho a escrever-lhe a meu respeito, não tenho nada a contar-lhe. Não é isto tampouco o que eu queria fazer. O que desejo imensamente é que seja feliz. É feliz? Eis tudo quanto queria dizer-lhe. Seu irmão
>
> P. L. Míchkin.

Depois de ler esta breve e bastante absurda missiva, Aglaia, de repente, ficou toda ruborizada e pensativa. Seria difícil reproduzir o fio de seus pensamentos. Entre outras coisas perguntava a si mesma: "Deveria mostrar a carta a alguém?". Parecia um pouco envergonhada. Terminou, afinal, por deixar a carta em cima da mesinha de cabeceira, com um sorriso estranho e zombeteiro. No dia seguinte, tornou a apanhá-la e meteu-a dentro dum grosso livro, encadernado em couro, com o título na lombada (sempre fazia isto com seus livros, a fim de encontrá-los mais depressa quando deles necessitasse). E somente passada uma semana ocorreu-lhe olhar que livro era aquele: era *Dom Quixote de la Mancha*. Aglaia soltou uma, gargalhada sonora… sem saber por que.

Ignoramos também se deu parte de sua descoberta a alguma de suas irmãs.

Mas quando ainda estava lendo a carta, ocorreu-lhe pensar de repente se o príncipe teria escolhido aquele menino fátuo e fanfarrão para seu confidente e mais ainda, por seu único medianeiro. Embora afetando a maior indiferença, submeteu Kólia a um interrogatório. Mas aquele "menino", sempre muito melindroso, não prestou daquela vez a menor atenção ao desdém dela; em poucas palavras e bastante secamente, manifestou a Aglaia que, embora tivesse dado a Míchkin seu endereço permanente, quando ele ia partir de Petersburgo, oferecendo-lhe ao mesmo tempo os seus serviço, era aquela a primeira missão que ele lhe confiava e a primeira carta que lhe escrevia e, para confirmar suas palavras, mostrou uma carta a ele endereçada por Míchkin. Aglaia não teve escrúpulo em lê-la. A carta a Kólia dizia o seguinte:

> Querido Kólia: Tenha a bondade de entregar a carta que vai junto com esta, lacrada, a Aglaia Ivânovna. Espero que todos estejam bem. Seu afeiçoado amigo
>
> P. L. Míchkin.

— De todos os modos, é ridículo pôr sua confiança em um fedelho como você — disse Aglaia, agressivamente, devolvendo a carta a Kólia e passando desdenhosamente diante dele.

Aquilo era mais do que Kólia podia suportar. Note-se que, para aquela ocasião, tenha de propósito pedido a Gânia, sem explicar-lhe por que, para sair com a nova gravata verde dele. Sentiu-se cruelmente ofendido.

## Capítulo II

Era em princípios de junho e fazia já uma semana que em Petersburgo desfrutavam de um tempo estranhamente bom. Os Iepántchini tinham uma magnífica *datcha* em Pávlovsk.[31] Lisavieta animou-se, começou a mover-se e, em dois dias, preparou tudo e transferiram-se para lá.

Dois ou três dias após a partida dos Iepántchini, chegava, no trem da manhã, de Moscou, o Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin. Ninguém foi à estação recebê-lo; mas ao apear-se do vagão, avistou o

príncipe, de repente, o estranho e ardente olhar de dois olhos que, entre a multidão, flechavam os viajantes. Observou mais atentamente, mas já não distinguiu mais nada. Sem dúvida fora aquilo um relâmpago; mas causou-lhe uma impressão desagradável. Fora disto, estava Míchkin triste e pensativo e parecia preocupado com alguma coisa.

Um carro conduziu-o a um hotel perto da Litiénaia. Era um hotelzinho ordinário. O príncipe alugou dois quartos nada grandes, escuros e mal mobiliados; asseou-se, vestiu-se, não pediu coisa alguma e, a toda a pressa, saiu para a rua, como se temesse perder tempo ou não encontrar alguém em casa.

Se algum dos que o tinham conhecido meio ano antes em Petersburgo, quando de sua primeira viagem, o visse agora, teria formulado a conclusão de que o aspecto exterior do príncipe tinha mudado para melhor. Mas não havia tal. A indumentária era a única coisa que nele havia experimentado uma mudança completa: vestia outra roupa cortada em Moscou por um bom alfaiate, mas que, apesar disso, apresentava seus defeitos. Era de um corte demasiado na moda (como sempre acontece com os alfaiates conscienciosos, mas de pouco talento), e, além disso, quem a usava era homem que não reparava em tais coisas, de sorte que o verdadeiro elegante que tivesse fixado olhar atento no príncipe, teria rido e não sem razão. Mas há gente que ri de tudo.

Míchkin tomou um coche e fez-se conduzir a Piéski. Em uma das ruas dali não teve dificuldade em encontrar uma casinha de madeira. Com assombro, verificou que a casinha tinha um aspecto bonito e limpo; que tudo nela parecia muito bem cuidado e que nem lhe faltava um canteiro onde cresciam flores. As janelas que davam para a rua estavam abertas e por elas saía uma voz cortante, contínua, quase em gritos, como se alguém estivesse lendo alto ou pronunciando um discurso; de quando em quando vinham interromper aquela voz umas sonoras gargalhadas. Míchkin atravessou o saguão, subiu a escadinha e perguntou pelo senhor Liébiediev.

— Está aí dentro — respondeu-lhe, abrindo a porta, a cozinheira, que levava as mangas arregaçadas até os cotovelos, apontando com

um dedo a sala.

Naquela sala, forrada de papel azul escuro e arrumada com primor e até mesmo com algumas pretensões, isto é, com uma mesa redonda e um divã, um relógio de bronze dentro duma caixa de vidro, um espelho estreito na parede, e um pequeno candelabro antiquado com pingentes prismáticos, suspenso do teto por pequenas correntes de bronze, encontrava-se o Senhor Liébiediev, de pé no meio da peça, de costas para o príncipe, que entrava no momento. Estava de colete, mas sem paletó por causa do tempo, e, esmurrando o peito, discursava sobre não se sabia qual tema. Seus ouvintes eram: um menino duns quinze anos, com um rosto bastante alegre e inteligente e com um livro nas mãos; uma moça duns vinte anos, toda de luto e com um bebê nos braços; outra mocinha, duns treze anos, também de luto, que se ria muito, abrindo tremendamente a boca, e, finalmente, um indivíduo sumamente estranho, um rapazinho duns vinte anos, que estava estendido no divã, bastante bonito, moreno, de cabelos compridos e espessos, uns olhos negros e grandes e uma leve sombra de suíças e barba. Aquele ouvinte, ao que parecia, estava interrompendo e fazendo sem cessar objeções ao eloquente Liébiediev, e por causa disso, provavelmente, ria-se daquele modo o resto do público.

— Lukian Timofiéitch, Lukian Timofiéitch! Vamos, homem! Olhe para cá!… Ora, sempre há de ser o mesmo!

E, abanando as mãos, a cozinheira retirou-se, vermelha de cólera. Liébiediev voltou a vista e, ao reparar no príncipe, ficou um momento como que fulminado; depois correu para ele com um sorriso servil, mas no umbral pareceu perder de novo coragem, embora exclamasse:

— S… sereníssimo príncipe!

Mas, de repente, como se lhe faltassem as forças para proceder discretamente, deu meia volta e, sem mais nem menos fitou primeiro a jovem de luto, que trazia um menino nos braços, de um modo tão inesperado que ela recuou, mas deixando-a depois, fitou a menina de treze anos, que estava no umbral do quarto vizinho e que continuava a rir-se por efeito das gargalhadas recentes.

Ela não pode conter um gritou e correu depressa na direção da cozinha; Liébiediev bateu com o pé para aumentar-lhe o medo, mas encontrando o olhar de Míchkin, que o observava com atenção, disse, à guisa de desculpa

— Para mostrar… respeito. Ah! ah! ah!

— Tudo isto é inútil… — começou o príncipe.

— Um minuto, um minuto, um minuto… como um furação!

E Liébiediev, rápido, desapareceu. O príncipe olhou espantado para a jovem, para o menino e para o rapazola estendido no divã; todos estavam rindo. Míchkin também começou a rir.

— Ele foi vestir o paletó — disse o menino.

— Quanto lamento tudo isto! — começou o príncipe. — E eu que pensava… digam-me… será que ele…

— Se está bêbado, quer o senhor dizer? — gritou uma voz lá do divã. — Nem um pouquinho! Talvez haja bebido seus três ou quatro copinhos; bem, digamos mesmo cinco; mas, afinal que é isso?… o habitual!

Míchkin voltou-se para a voz do divã, mas naquele momento falou a jovem e, com a mais franca expressão em seu simpático semblante, disse:

— Pela manhã nunca bebe muito; se o senhor veio vê-lo para tratar de algum assunto, não demore em dizê-lo. Esta é a ocasião. Porque é possível que, se o senhor voltar à noite, o encontre bêbado. E, além disso, agora, à noite, dá para chorar e ler em voz alta as Sagradas Escrituras, porque faz cinco semanas que morreu nossa mãe.

— Saiu correndo porque lhe era difícil responder ao senhor — riu o rapaz do divã. — Apostaria como ele já o estaria enganando e neste mesmo momento está tramando alguma coisa!

— Somente cinco semanas! Somente cinco semanas! — disse Liébiediev, voltando já de paletó, piscando os olhos e tirando do bolso

um lenço para enxugar as lágrimas. — órfãos!

— Mas por que vestiu um paletó tão rasgado? — perguntou a moça. — Ali, atrás da porta de seu quarto, tem o senhor um capote novinho. Será que não o viu?

— Contém a língua, inseto! — gritou-lhe Liébiediev. — Ai de ti!

E bateu com o pé. Mas dessa vez a moça pôs-se a rir.

— Não creia o senhor que me assusta, que eu não sou Tânia, não corro. Mas acabará despertando Liúbotchka e as convulsões se repetirão… Por que o senhor dá esses gritos?

— Pelo amor de Deus, não diga tal coisa! — Liébiediev ficou terrivelmente alarmado imediatamente e, dirigindo-se àquela de suas filhas que trazia o menino adormecido nos braços, benzeu-se várias vezes com um rosto amedrontado. — Senhor, protegei-a! Senhor, olhai por ela! Esse bebê é minha filhinha, Liúbov[32] — explicou ele ao príncipe, — tida de minha legítima esposa, a defunta Helena, que morreu de parto. E essa intrometida é minha filha Viera, que está de luto… E esse, esse, oh! Esse…

— Por que titubeias? — gritou-lhe o rapaz. — Continua, não te atrapalhes!

— Excelência! — exclamou, de repente, como com certo arrebatamento, Liébiediev. — Leu o senhor nos jornais o assassinato da família Jemárin?

— Li — disse o príncipe, com certo espanto.

— Pois aí tem o senhor o verdadeiro assassino da família Jemárin! É esse mesmo!

— O que o senhor quer dizer? — perguntou Míchkin.

— Quero dizer, alegoricamente falando, que esse é o futuro segundo assassino da futura segunda família Jemárin, a julgar por todos os sinais. Está se preparando para isso…

Todos puseram-se a rir. Ocorreu a Míchkin que Liébiediev poderia muito bem divagar daquele modo, porque pressentia suas perguntas e, não sabendo como responder a elas, propunha-se ganhar tempo.

— É um revoltado! Mete-se em conspirações! — gritou Liébiediev, como se não tivesse forças para conter-se. — Mas vamos ver, diga-me: será que eu posso, de direito, considerar um facínora semelhante, um fornicador, um monstro assim, como sobrinho meu; como filho legítimo de minha irmã Aníssia, a quem Deus tenha em sua glória?

— Oh! cala-te, beberrão!… O senhor acreditará, príncipe, que ele agora está pensando em meter-se a advogado e frequentando os tribunais? Tornou-se tão eloquente que só fala, em casa, a seus filhos, em tom altissonante. Fez um discurso perante o juiz de paz há uns cinco dias. E a quem pensa o senhor que ele defendeu? Não foi àquela velha que veio rogar-lhe e implorar-lhe e à qual um velho usurário roubou quinhentos rublos (tudo quanto possuía, tomou-lhe o sujeito), não, mas defendeu foi justamente o tal usurário, um judeuzinho que se chama Zaidler e que lhe prometeu cinquenta rublos…

— Cinquenta rublos, se ganhar e nada mais que cinco, se perder — exclamou Liébiediev, adotando, de repente, uma voz totalmente distinta, com uma suavidade como se nunca tivesse gritado.

— É claro que sofreu um fiasco. Já não estamos nos tempos antigos e só conseguiu que se rissem dele. Mas ficou tão satisfeito consigo mesmo e com sua obra! “Pensem os senhores — disse, — pensem meus honradíssimos senhores juízes, sem ter em conta as pessoas, quero dizer, com toda a imparcialidade, que este pobre ancião, a quem já não obedecem os pés, e que vive de seu honrado trabalho, ficaria sem seu derradeiro pedaço de pão. Recordem-se das sábias palavras do Doador de toda lei: ‘Sejam juízes os benignos!”. E que pensa o senhor?… Pois todas as manhãs nos larga esse discurso a toda a família, palavra por palavra, como o soltou ali. Hoje foi a quinta vez; pouco antes de chegar o senhor estava repetindo-o, tão enamorado está de seu discursinho. Lambe os beiços de gosto. E agora já está preparando outra defesa de não sei quem… O senhor é o Príncipe Míchkin, não é verdade? Kólia já me havia falado a seu respeito. Diz que nunca viu um homem de tanto talento como o

senhor e que não há outro igual no mundo…

— De acordo! De acordo! Não há mesmo! — acreditou-se obrigado a confirmar imediatamente Liébiediev.

— Ora! Não creiam no que ele diga, pois não diz uma palavra verdadeira: Kólia gosta do senhor, mas esse aí não faz mais que adulá-lo. Pelo que me diz respeito, não tenho a intenção de adulá-lo, digo-lhe desde já. Mas o senhor é sem dúvida um homem de senso… Seja nosso juiz e decida nosso pleito. Vamos ver: quer que o príncipe seja nosso árbitro? — perguntou a seu tio. — Folgo muito que o senhor haja surgido em nosso caminho, príncipe.

— Bem, estou de acordo! — exclamou, decidido, Liébiediev, e, involuntariamente, voltou-se para o público, que já se havia reunido de novo.

— Mas qual é seu pleito? — perguntou Míchkin, franzindo a testa.

Doía-lhe a cabeça e, a cada momento, sentia mais claramente que Liébiediev o enganava e muito se alegrava com aquela perda de tempo.

— Bem. O caso é este: sou sobrinho dele. Nisto, por um raro acaso, não mentiu, pois em tudo mais sempre mente. Sou estudante, mas não terminei meus estudos, mas vou terminá-los sem falta, porque tenho caráter. Mas, no momento, aceitei, para poder viver, uma colocação na estrada de ferro, com um ordenado de vinte e cinco rublos por mês. Espontaneamente confesso e reconheço que ele me ajudou em duas ou três ocasiões. Mas agora o caso é que tinha vinte e cinco rublos e perdi-os no jogo. O senhor será capaz de acreditar, príncipe, que fui tão tolo, tão infinitamente tolo a ponto de perder esse dinheiro?

— E, além do mais, jogando com um tratante, com um velhaco a quem não devia pagar coisa alguma! — saltou Liébiediev.

— Será um velhaco, mas nem por isso posso deixar de pagar-lhe — continuou o jovem. — Que seja um patife, posso confirmá-lo, mas não porque me haja certa vez batido. Fique o senhor sabendo que se

trata de um ex-oficial que perdeu a carreira, um alferes do Exército, que faz parte do bando de Rogójin, dedica-se agora a dar lições de boxe e se considera um mestre na sua arte. Agora que Rogójin o despediu, o pobre anda faminto pelo povoado, dando voltas sem rumo. O mais estúpido de tudo, porém, é que eu já sabia que classe de indivíduo era ele, isto é, que é um velhaco, um patife, um ladrão e, mesmo assim, pus-me a jogar com ele e, quando estava perdendo o último rublo (jogávamos jogo de azar), pensava comigo mesmo: "Se perder, irei ter com o tio Lukian, a ele farei minhas reverências e não me despedirá". Isto é uma baixeza… sim, é realmente uma baixeza! Uma baixeza consciente!

— É claro que é uma baixeza consciente! — repetiu Liébiediev.

— Bem, o senhor não cante vitória, espere um pouco — gritou, ressentido, o sobrinho. — Pois não se alegre! Vim vê-lo, príncipe, e confessei-lhe tudo; portei-me nobremente, pois não tratei de defender-me. Insultei a mim mesmo até mais não poder, aqui, diante de todas essas testemunhas. Para ocupar esse emprego de que lhe falei na estrada de ferro, não tenho remédio senão prover-me de roupa, pois ando andrajoso. Veja o senhor; veja o senhor que sapatos! Não é possível apresentar-me deste modo no emprego; mas se não me apresentar no prazo marcado, vão me substituir por outro, e voltarei para a rua e só Deus sabe quando arranjarei outra colocação. Não lhe peço, afinal de contas, senão quinze rublos e prometo-lhe nunca mais tornar a pedir-lhe nada, e, além disso, no transcurso dos três primeiros meses, vou lhe pagar tudo, até o derradeiro copeque. E cumprirei minha palavra. Sei manter-me meses inteiros a pão e *kvas*, porque sou homem de caráter. Nesses três meses vão me pagar setenta e cinco rublos. Juntamente com o anterior, fico devendo apenas trinta e cinco rublos e terei com que pagar. Bem; que cobre os juros que quiser, com os diabos! Será que ele não me conhece? Pergunte-lhe o senhor, príncipe; antes, nas outras vezes em que me ajudou, paguei-lhe ou não? Por que agora não quer me fazer um empréstimo? Toda a sua raiva está no fato de eu ter pago ao alferes; eis tudo e nada mais! Para que o senhor vá vendo o que é esse homem: nem para ele, nem para os outros!

— E não se vai embora! — gritou Liébiediev. — Planta-se aí e não

se vai embora!

— Já lhe disse. Não me irei, enquanto não me der o dinheiro. Por que o senhor está rindo, príncipe? Será que não acredita que tenho razão?

— Não estou rindo, embora, na minha opinião, o senhor não tenha, efetivamente, razão de todo — declarou, involuntariamente, o príncipe.

— Ora, diga o senhor com franqueza que não tenho absolutamente razão. Não se amedronte: tire esse “de todo”.

— Pois então, se quer, direi que não tem absolutamente razão.

— Ora se quero!… Isto é ridículo! Mas será que o senhor pensa que eu mesmo não sei que não está certo portar-se assim, que o dinheiro é dele e ele é senhor de sua vontade, ao passo que eu conto com a força? Mas o senhor, príncipe… não conhece a vida. Se não se dá uma lição a essa gente, nada se obtém deles. É necessário ensinar-lhes. Veja o senhor: tenho a consciência limpa; a respeito de minha consciência, não prejudicarei a ele em nada; vou lhe devolver tudo, com os juros correspondentes. Ele até vai experimentar uma satisfação moral: a de ver minha humilhação. Que mais pode pedir?… Para que há de servir, se não é de utilidade para ninguém? O senhor quer fazer o favor de me dizer que é que ele faz? Pergunte-lhe o que é que ele faz com os outros e como os engana! Cortem-me a cabeça, se já não enganou o senhor ou não tem pensado em enganá-lo de novo! O que, o senhor sorri, não acredita?

— Acho que nada disso tem relação com seu caso! — observou o príncipe.

— Pois há já três dias que estou caído aqui e que coisas tenho visto! — exclamou o jovem, sem escutá-lo. — Imagine o senhor que desconfia desse anjo, dessa criatura agora órfã, de minha prima, sua filha, e todas as noites vai verificar se tem amantes no quarto! Até aqui, onde estou, vem também, devagarinho, e se agacha a olhar debaixo do divã. A desconfiança o deixa louco; em todos os cantos vê ladrões. Passa a noite inteira levantando da cama a cada instante, e se

põe a olhar as janelas, para ver se estão bem fechadas, e examina as portas e esquadrinha a estufa, e há noites em que faz isso sete vezes. Nos tribunais defende os velhacos e todas as noites se levanta três vezes para rezar, aqui mesmo, na sala, de joelhos, e dá cabeçadas no chão durante meia hora… E por quem reza, por quem pede, o beberrão?… Pois olhe: pela alma da Condessa Du Barry é que ele reza, pois o ouvi com meus próprios ouvidos. E Kólia também o ouviu. Pois é, está completamente louco!

— O senhor está vendo? o senhor ouve como me trata, príncipe? — gritou Liébiediev, rubro e como que, efetivamente, fora de si. — Mas não sabe uma coisa e é que, talvez eu, embora beberrão, caloteiro e facadista, só tenho um mérito, quando esse pilantra era ainda pequeno, mudava-lhe as fraldas, dava-lhe banho e na casa de minha pobre irmã viúva, Aníssia, eu, um pobretão como sou, passava as noites em claro, sem deitar-me; saía com os dois maiorzinhos e ia lá em baixo roubar lenha do porteiro, cantava-lhe canções de ninar, castanholava os dedos para ele e, de estômago vazio, ninava-o como uma ama-de-leite, e aí o tem o senhor, rindo-se de mim agora! E que te importa a ti que me haja persignado alguma vez pela defunta Condessa Du Barry? Eu, príncipe, há uns quatro dias li pela primeira sua biografia na *Enciclopédia*. Mas sabes tu quem era a Du Barry? Fala. Sabes ou não?

— Ora, será que pensas que és o único que sabe? — resmungou o jovem, ironicamente, mas de má vontade.

— Pois era uma condessa que, saindo da lama, soube ocupar o lugar de uma rainha, e a ela uma grande imperatriz, de seu próprio punho, escrevia, chamando-a *ma cousine*.[33] Um cardeal, o núncio do Papa, no *lever du roi*[34] (sabes tu o que era o *lever du roi*?), tinha de calçar-lhe as meias de seda, abraçado a seus pezinhos, e até mesmo tinha isso como uma honra, personagem tão importante e santo! Sabias tu isso? Pela cara, percebo que não sabias! Mas vamos ver, dize-me: como morreu? Responde, se sabes!

— Ora, vai passear! Deixa-me em paz!

— Pois sucedeu que, depois de tantas honras e de tanto poder,

Samson a conduziu à guilhotina, Samson, o carrasco, apesar de inocente, para diversão das verdureiros de Paris. Só que ela não se deu conta do que lhe acontecia pelo medo com que estava. E eis que aquele tal lhe dobra o pescoço sob a lâmina e empurra-a com os pés; as verdureiras riem. E ela grita: *Encore un moment, Monsieur le Bourreau, encore un moment*! O que quer dizer: "Um minuto ainda, Senhor Carrasco, um minuto ainda!". E é possível que por causa daquela oração no derradeiro instante, Deus a tenha perdoado, porque miséria maior que essa é impossível o espírito humano imaginar. Sabes tu o que quer dizer a palavra miséria? Pois miséria é isso mesmo. Quando li a respeito desse grito da condessa, de "um minuto ainda", senti como se meu coração tivesse sido preso por um par de tenazes. E que te importa a ti, a um verme como tu, que, ao deitar-me à noite, me lembrasse de rezar por ela, que foi uma grande pecadora? Tanto mais quanto talvez me ocorresse rezar por ela ao pensar que, decerto, ninguém, nunca, desde que a terra existe, persignou a testa em memória dela, ou nem sequer pensou em fazê-lo. Talvez lhe fosse grato, no outro mundo, saber que havia um pecador tão grande quanto ela que, embora uma só vez, tinha rezado em sua intenção. Mas de que te ris? Não o crês, ateu? Mas tu que sabes? Além do mais, não me ouviste bem: eu não rezava simplesmente pela condessa Du Barry; eu dizia o seguinte: "Daí a paz, Senhor, à alma da grande pecadora Condessa Du Barry e a quantas com ela se pareçam", e isto é algo totalmente diverso, porque há muitas de tais pecadoras e modelos de mudanças da sorte que padeceram muito, que ali agora giram e gemem e esperam; e também por ti e pelos que contigo se parecem, homens agressivos e descarados, rezei eu então, somente não reparaste bem no que eu rezava.

— Bem, basta, basta. Reza por quem queiras, o demônio te carregue, mas acaba! — interrompeu-o com raiva o sobrinho. — O senhor não sabia, príncipe, como ele é um homem lido? — acrescentou com certo sorrisinho cínico. — Passa o tempo todo lendo livros assim e também *Memórias*.

— Seu tio, não obstante… não deixa de ser um homem de coração — observou involuntariamente Míchkin. Aquele jovem ia lhe ficando cada vez mais antipático.

— Sai também o senhor a elogiá-lo? Olhe: já levou a mão ao coração e abriu a boca em forma de O, logo depois se enternece. Não é um desalmado, mas um patife e nisso está o mal. E como se isso fosse pouco, um beberrão, todo desaparafusado, como todo aquele que leva alguns anos bebendo, pelo que tudo se desmorona. Ama os filhos, damos de barato; estimava a defunta… De mim também gosta e, certamente, por Deus! vai me deixar algo em seu testamento.

— Não vou te deixar na… nada! — clamou com irritação Liébiediev.

— Ouça o senhor, Liébiediev — disse Míchkin, com voz firme, afastando-se do jovem. — Sei por experiência que o senhor é um homem ativo quando quer… Tenho agora o tempo marcado e se o senhor… Desculpe-me, quer dizer-me qual é seu nome de batismo, pois o esqueci?

— Ti… ti… Timofiéi.

— E que mais?

— Lukiánovitch.

Todos os presentes voltaram a rir.

— Mente! — gritou o sobrinho. — Também nisto mente! Ele, príncipe, não se chama Timofiéi Lukiánovitch, mas Lukian Timofiéievitch! Mas por que mentes, diz? Não é a mesma coisa para ti que sejas Lukian ou Timofiéi? E que importa isto ao príncipe? Mente por costume, posso assegurar ao senhor.

— Será verdade? — indagou o príncipe com impaciência.

— Lukian Timofiéievitch, efetivamente — assentiu e se confundiu Liébiediev, baixando, compungido, os olhos e levando de novo a mão ao coração.

— Mas por que é o senhor assim? Ai meu Deus!

— Para humilhar-me — balbuciou Liébiediev, inclinando cada vez mais e mais humildemente a cabeça.

— Ora que maneira de humilhar-se! Se pelo menos soubesse eu onde encontrar Kólia! — disse o príncipe, dando meia volta para retirar-se.

— Posso lhe dizer onde está Kólia — voltou a gritar o jovem.

— Não… não… não! — saltou com muita pressa Liébiediev. — Kólia passou a noite aqui, mas de manhã foi buscar seu pai, o general, a quem o senhor, príncipe, tirou da prisão, Deus sabe por que. Ontem mesmo o general prometera vir passar a noite aqui, mas não veio. O mais provável é que tenha ido dormir no seu hotel A Balança, que fica aqui perto. Kólia decerto estará ali também, se não estiver em Pávlovsk com os Iepántchini. Tem dinheiro e já ontem falava em ir para lá. De modo que, ou n'A Balança ou em Pávlovsk.

— Está em Pávlovsk, em Pávlovsk!… Mas passemos para lá, para lá, para o jardinzinho e… tomaremos café…

E Liébiediev pegou o príncipe pela mão e levou-o para fora. Saíram da sala, cruzaram o saguão e entraram pela porta do jardim. Ali, efetivamente, havia um jardinzinho minúsculo, mas encantador, no qual, graças ao bom tempo, já as árvores estavam lançando folhas. Liébiediev fez o príncipe sentar num banco de madeira pintado de verde, junto de uma mesa da mesma cor e fincada no chão, e sentou à frente de Míchkin. Ao cabo de um minuto apareceu, efetivamente, o café. O príncipe não o recusou. Liébiediev, serviu e, avidamente, continuava fitando-lhe o rosto.

— Desconhecia que o senhor possuísse está herdade — disse o príncipe, com o ar de um homem que pensa em algo totalmente diverso.

— Somos órfãos… — começou Liébiediev, assustado, mas deteve-se; o príncipe olhava ensimesmado o vácuo e já sem dúvida tinha-se esquecido de sua pergunta. Transcorreu um minuto; Liébiediev olhava e esperava.

— Bem, e então? — disse o príncipe, como que voltando a si. — Ah! Sim! Já sabe, Liébiediev, do que se trata. Vim cá por causa de sua carta. Fale.

Liébiediev ficou confuso, quis dizer alguma coisa, mas não fez senão abrir a boca sem nada dizer. Míchkin esperava e sorria tristemente.

— Creio compreendê-lo perfeitamente, Lukian Timofiéievitch. O senhor decerto não me aguardava. Acreditava que eu não haveria de mover-me de meu canto a seu primeiro aviso e só me escreveu para tranquilizar sua consciência. Mas bem vê que vim. Bem, basta, não me engane. Basta de servir a dois senhores. Rogójin esteve aqui durante três semanas. Sei de tudo. O senhor conseguiu entregá-la a ele como da outra vez, ou não?

— Aquele monstro averiguou tudo sozinho.

— Não o insulte. Tratou-o mal, sem dúvida…

— Bateu-me, bateu-me! — encareceu com terrível veemência Liébiediev. — E em Moscou atiçou contra mim um cachorro ao longo das ruas, um lebréu. Um cachorro terrível.

— O senhor faz pouco caso de mim, Liébiediev. Diga-me com seriedade: abandonou-o ela deveras em Moscou?

— Seriamente, seriamente que sim, quando já estava quase ao pé do altar. Pensou ele que era por um momento, ela porém fugiu e estabeleceu-se aqui em Petersburgo, e veio diretamente ver-me: “Salve-me, livre-me, Lukian, e não o diga ao príncipe…”. Ela, príncipe, teme mais ao senhor ainda que a ele e nisto há… sabedoria! — E Liébiediev levou significativamente um dedo à testa.

— E o senhor agora voltou a reuni-los?

— Sereníssimo príncipe, como teria podido… como teria podido impedi-lo?

— Bem, basta; sei de tudo. Diga-me somente onde está ela, agora. Em casa de quem?

— Oh! Não! Não! Ela vive só. “Eu, disse ela, sou livre”, e olhe, príncipe, insiste muito nisto: “Eu, diz ela, sou completamente livre!”. Vive ainda em casa da minha sogra, como já lhe escrevi.

— E está ali agora?

— Ali, se não estiver em Pávlovsk, gozando do bom tempo, na casa de campo de Dária Alieksiéievna. “Eu, diz ela, sou completamente livre.” Na noite de ontem mesmo, diante de Nikolai Ardaliónovitch, esteve a jactar-se muito de sua liberdade. Mau sinal este!

E Liébiediev se pôs a rir.

— Kólia vai com frequência vê-la?

— É um sujeito estonteado e louco, e não tem segredos.

— Faz muito tempo que o senhor não vai lá?

— Todos os dias, todos os dias.

— Esteve lá ontem?

— Não, anteontem.

— Que pena que tenha o senhor bebido hoje tanto, Liébiediev! Se assim não fosse, eu lhe faria uma pergunta.

— Não há tal! Não há tal!

Liébiediev aguçou o ouvido.

— Diga-me: como a deixou o senhor?

— Procurando…

— Procurando?

— Sim; parece que procura algo, como se tivesse perdido alguma coisa. Do casamento iminente afugentou até mesmo a ideia e toma como ofensa que lhe falem disso. Preocupa-se tanto com ele, como com uma casca de laranja, nem mais nem menos; quero dizer, mais, pois pensa nele com espanto e horror; até já proibiu que lhe mencionem o nome, ainda que se aviste com ele apenas quando é absolutamente indispensável… o que ele de sobra compreende. Mas é

inevitável!… ela se mostra inquieta, sarcástica, falsa e violenta…

— Falsa, violenta?

— Violenta. Por pouco não me puxou os cabelos na última vez que fui vê-la para uma conversa. Eu havia começado a curá-la com o *Apocalipse*.

— Como é isso? — interrompeu-o Míchkin, pensando ter ouvido mal.

— Quero dizer com a leitura do *Apocalipse*. É uma senhora de imaginação inquieta. Ah! Ah! E, além disso, pude observar que é muito inclinada aos temas sérios, embora sejam de índole secundária. Gosta de mim, gosta de mim, e até me recebe com um respeito especial. Isto mesmo. Eu, na explicação do *Apocalipse*, estou forte e já venho interpretando-o há quinze anos. Está de acordo comigo em que nos achamos agora no terceiro cavalo, o negro, e o cavaleiro, que leva uma balança na mão, pôs tudo no século atual, está sujeito a peso e contrato, e todo o mundo busca unicamente seu próprio direito: "uma medida de trigo por um denário e três medidas de cevada por um denário", e até a alma livre e o coração puro e o corpo são e todos os dons de Deus querem conservar. Mas apenas com o direito não podem conservá-los e por trás vem o cavalo pálido e aquele cujo nome é Morte, e por trás dele o inferno… Quando nos encontramos, é disto que falamos e… muito influiu sobre ela.

— Mas o senhor crê em tudo isso? — perguntou Míchkin, pousando em Liébiediev um olhar estranho.

— Creio e explico-o. Porque sou um mendigo e um nu e um átomo no torvelinho humano… E quem honra a Liébiediev? Todos o olham com maus olhos e pouco falta para que não o tratem a pontapés. Veja o senhor: com esta explicação igualo-me ao mais poderoso na terra. Porque tenho inteligência! E um poderoso tremeu uma vez diante de mim… em sua cadeira curul, comovido pelo espírito. Sua Excelência, Nil Alieksiéievitch, há três anos, na véspera da Páscoa, tinha ouvido falar de mim, quando servia eu ainda em seu departamento e mandou-me expressamente chamar um dia a seu gabinete, por meio de Piotr Zakháritch e, a sós os dois, perguntou-me:

“É verdade que és um expositor do Anti-Cristo?”. Não me ocultei. “Assim é”, disse-lhe e comecei a expor-lhe e a explicar-lhe e não atenuei o horror, mas com toda a intenção desenvolvi a alegoria e lhe mostrei as cifras. Ele sorria, mas diante das cifras e outras coisas mais, pôs-se a tremer e rogou-me encarecidamente que fechasse o livro e me retirasse, designando-me para uma gratificação pela Páscoa e aconteceu que, no dia de São Tomé, entregou a Deus sua alma.

— Como foi isso, Liébiediev?

— Pois como lhe digo. Caiu do coche depois da refeição… bateu com a cabeça num frade-de-pedra e como um menino, como um menino ali ficou. Setenta e três segundo a certidão de óbito; rosadinho, grisalhinho, todo perfumado de essências, e sempre sorridente, sempre sorridente como um menino. Piotr Zakháritch lembrou-se então daquilo e me disse: “Tu o predisseste”.

O príncipe fez menção de levantar-se. Liébiediev espantou-se e até ficou desconcertado ao ver que Míchkin se levantava.

— O senhor agora não mostra muito interesse pelas coisas. Eh! eh! — atreveu-se a observar com servilismo.

— Para lhe dizer a verdade, não me sinto muito bem… Tenho a cabeça pesada, por causa da viagem provavelmente — respondeu o príncipe, franzindo a testa.

— Se o senhor alugasse uma casinha de campo… — insinuou, timidamente, Liébiediev.

O príncipe permaneceu de pé, pensativo.

— Dentro de três dias, eu também, veja o senhor, mudo-me da cidade, com toda a minha gente, para uma casa de campo, tanto para cuidar da saúde do bebê como para fazer aqui, enquanto isso, as reparações necessárias. Vamos para Pávlovsk também.

— Também vai para Pávlovsk? — indagou, de repente, Míchkin. — Mas será que todo o mundo vai para Pávlovsk? E diz o senhor que tem também ali sua casa de campo?

— Nem todo mundo vai para Pávlovsk. Mas a mim, Ivan Pietróvitch Ptítsin cedeu uma casa de campo que comprou bem barata. O lugar é bom, elevado, verdejante, barato e de bom tom; há privadas. E veja o senhor, por isso todo mundo vai a Pávlovsk. Eu, aliás, só ocuparei um andar, mas a casa de campo…

— Alugou-a o senhor?

— Não… não… Não… não de todo.

— Pois ceda-a a mim — propôs-lhe, de súbito, o príncipe.

Pelo visto, era isso que Liébiediev queria. Havia três minutos ocorrera-lhe essa ideia. E, não obstante, não tinha necessidade de nenhum hóspede; tinha já um inquilino para a herdade, a quem ele próprio havia ido avisar de que talvez a alugasse. Liébiediev sabia com certeza que não se tratava de nenhum talvez, mas que certamente a alugaria. Mas agora, de repente, havia-lhe ocorrido uma ideia na sua opinião muito frutífera: alugar a casa de campo ao príncipe aproveitando-se dos vagos termos em que o outro se havia exprimido. "Uma verdadeira coincidência e virada completa no assunto" se levantou de repente diante de sua imaginação. Aceitou a proposta do príncipe quase com entusiasmo, tanto que, à pergunta dele a respeito do preço, fez um gesto evasivo:

— O que o senhor quiser; haveremos de combinar. O senhor não sairá perdendo.

Ambos saíram do jardim.

— Se o senhor quisesse, honradíssimo príncipe, eu poderia… eu poderia lhe comunicar algo muito interessante com referência ao mesmo assunto — murmurou Liébiediev, andando de costas de pura alegria, em redor do príncipe.

Este, se deteve.

— Dária Alieksiéievna tem também casa de campo em Pávlovsk.

— E com isso?

— É que certa pessoa é sua amiga e, pelo visto, tem intenção de visitá-la em Pávlovsk a miúdo, com certo objetivo.

— E que mais?

— Aglaia Ivânovna…

— Ah! basta, Liébiediev! — cortou Míchkin, com certa sensação desagradável, como se tivesse sido tocado em seu ponto doloroso. — Tudo isso… não é assim. Diga-me antes quando pensa o senhor mudar-se para lá. Por mim, quanto antes melhor, porque estou alojado num hotel…

Enquanto falavam, tinham saído do jardim e, sem entrar na casa, atravessaram o pátio e aproximaram-se da porta.

— O melhor será — sugeriu Liébiediev por fim — que se mude o senhor hoje mesmo do hotel para minha casa e depois de amanhã todos juntos partiremos para Pávlovsk.

— Vou ver — disse o príncipe, pensativo, e atravessou o umbral. Liébiediev acompanhou-o com a vista. Havia-o chocado a súbita introversão do príncipe. Ao sair, até havia esquecido de dizer-lhe adeus, até mesmo de fazer-lhe uma saudação com a cabeça, o que não dizia bem com a sua cortesia e deferência conhecidas de Liébiediev.

## Capítulo III

Já passava das onze. Sabia Míchkin que na casa dos Iepántchini, na cidade, só poderia encontrar agora o general, por motivos de serviço, e ainda assim raras vezes. Pensou que o general talvez o recebesse e logo em seguida quisesse levá-lo consigo a Pávlovsk, mas particularmente desejava fazer antes uma visita. Correndo o perigo de chegar tarde à casa do general e de ter de demorar até o outro dia sua partida para Pávlovsk, o príncipe decidiu procurar a casa que tinha tanto desejo de visitar.

Aquela visita era, aliás, em certo sentido, perigosa para ele. Duvidava e vacilava. Sabia que a casa se encontrava na Rua Gorókhova,[35] não longe da Rua Sadóvaia e decidiu-se a ir lá, com a esperança de tomar, durante o trajeto, uma resolução definitiva.

Chegado que foi ao cruzamento da Rua Gorókhovaia com a Sadóvaia, ele mesmo ficou admirado da força da emoção que sentia; não acreditava que tão dolorosamente tivesse de palpitar-lhe o coração. Uma casa, seguramente pela sua fisionomia pessoal, ainda de longe, começou a atrair sua atenção e Míchkin se lembrava depois de haver dito para si mesmo: “É com certeza aquela a casa”. Com extraordinária curiosidade caminhou para ela, a fim de verificar seu acerto; sentia que, por alguma razão, não ia gostar nada de ter acertado. Aquela era uma casa grande, sombria, de três andares, de estilo indeterminado, de cor verde sujo. Algumas, aliás pouquíssimas casas desse estilo, edificadas em fins do século passado, conseguiram conservar-se quase sem mudança alguma, precisamente nessas ruas de Petersburgo (onde tudo muda tão depressa). Edificadas solidamente, com espessas paredes e janelas extraordinariamente fortes; na planta de baixo as janelas costumavam ter grades. Em geral, no andar térreo, estava instalada uma casa bancária. O *skópiets*, dono do banco, costumava viver em um dos andares de cima. Tanto por fora como por dentro mostravam algo de antipático e seco, tudo nelas parecia esconder-se e ocultar-se e porque tal impressão era produzida apenas pela fisionomia da casa… seria difícil explicar. As linhas

arquitetônicas juntas possuem indubitavelmente seu segredo. Naquelas casas vivem quase exclusivamente comerciantes. Acercando-se da porta e fixando a vista em sua inscrição, leu o príncipe: “Casa do honrado cidadão herdeiro Rogójin”.

Não mais hesitando, abriu a porta de vidro, que se fechou atrás dele com estrépito, e subiu pela escada senhoril até o segundo andar. A escada estava escura, era de pedra, de construção tosca e tinha as paredes pintadas de vermelho. O príncipe sabia que Rogójin, com sua mãe e seu irmão, ocupava todo o segundo andar daquela detestável casa. O homem que apareceu para abrir ao príncipe introduziu-o sem anunciá-lo e o fez andar por algum tempo; atravessaram uma sala de recepção, que tinha as paredes figurando mármore, com o chão soalhado de cara madeira de carvalho e móveis de 1820, toscos e pesadões; atravessaram também algumas saletas pequenas como caixas, que faziam voltas e ziguezagues; subiram duas ou três escadinhas e desceram outras tantas e, por fim, foram encontrar-se diante de uma porta, onde bateram. Abriu-lhes o próprio Parfien Siemiônitch; ao ver o príncipe, ficou a tal ponto pálido e imóvel em seu lugar, que durante algum tempo pareceu um ídolo de pedra, olhando com olhos imóveis e assustados e abrindo a boca num sorriso a tal ponto indeciso que só parecia que a visita do príncipe lhe figurava como algo impossível e quase prodigioso. Míchkin, embora de antemão esperasse algo nesse estilo, não deixou também de espantar-se.

— Parfien, talvez não seja oportuno, posso me retirar — disse, afinal, desconcertado.

— Oportuno! Oportuno! — disse Parfien, voltando a si por fim. — Faz favor, entra.

Tratavam-se por tu. Em Moscou tinham-se encontrado com frequência e reunido longo tempo e até alguns daqueles encontros tinham deixado no coração de ambas impressões bastante memoráveis. Agora fazia mais de três meses que não se viam.

A palidez e um como tremor convulsivo, ligeiro e fugaz, continuavam contraindo o rosto de Rogójin. Apesar de ter retido o

visitante, continuava extraordinariamente agitado. Enquanto oferecia ao príncipe uma cadeira e fazia-o sentar ao lado da mesa, aquele voltou-se casualmente para olhá-lo e deteve-se sob a impressão de seu olhar estranhíssimo e grave. Sugeriu-lhe algo de sombrio, recente, penoso e fúnebre. Ainda em pé, imóvel, esteve contemplando um instante Rogójin diretamente nos olhos; estes pareciam brilhar-lhe ainda mais do que no primeiro momento. Finalmente, Rogójin pôs-se a rir, mas com algo ainda de confusão e desconcerto.

— Por que me olhas tão fixamente? — balbuciou. — Senta!

Míchkin sentou.

— Parfien — disse, — diz-me, francamente, se sabias que eu ia chegar hoje a Petersburgo.

— Que fosses chegar, já o imaginava, e olha, não me equivoco — declarou ele, rindo, sarcástico. — Mas por que haveria eu de saber que chegarias hoje?

Certa veemência brusca e o estranho nervosismo da pergunta que continha aquela resposta surpreenderam ainda mais o príncipe.

— Mas ainda que tivesses sabido que eu chegava hoje, por que te aborreceres assim? — murmurou suavemente o príncipe, espantado.

— E tu, por que perguntas?

— Há pouco, ao descer do trem, vi um par de olhos exatamente iguais a esses com que ainda há pouco me olhaste.

— Ora! E que olhos eram esses? — indagou, com suspeita, Rogójin. Pareceu ao príncipe que ele havia estremecido.

— Não sei; estavam entre a multidão; talvez tenha sido ilusão minha; começo agora a ter alucinações. Eu, irmão Parfien, sinto-me agora quase como estava há cinco anos, quando ainda me davam os ataques.

— Sim, é possível que te hajas equivocado, não sei… — murmurou Parfien.

O afetuoso sorriso de seu rosto era o oposto da postura dele em tal momento, como se com aquele sorriso ocultasse algo mas não inteiramente, apesar de todos os seus esforços.

— Vais para o estrangeiro de novo? — perguntou e acrescentou em seguida: — Lembras de quando, neste outono, vínhamos os dois no trem de Pskov, eu aqui e tu… com teu capuz, lembras, e tuas polainas?

E Rogójin, de repente, rompeu a rir, mas dessa vez com certa malignidade franca e como que se alegrando por conseguir exprimi-la de algum modo.

— Estás instalado aqui definitivamente? — perguntou o príncipe, passando, com o olhar, revista no gabinete.

— Sim. Esta é a minha casa. Onde querias que eu vivesse?

— Faz muito tempo que não nos víamos. Ouvi dizer tantas coisas que não me pareciam próprias de ti.

— O povo fala de tudo! — observou secamente Rogójin.

— Soube que dispensaste o bando todo; vieste morar na casa paterna e não fazes loucuras. Isto está muito bem. Moras só nesta casa ou vives aqui com toda a tua família?

— Esta casa é a de minha mãe. Passado esse corredor estão os seus aposentos.

— E onde vive teu irmão?

— Meu irmão, Siemion Siemiônovitch, ocupa uma ala da casa.

— É casado?

— Viúvo. Mas que te importa tudo isso?

Míchkin olhou-o, sem responder. De repente, havia ficado pensativo e parecia não ter ouvido a pergunta. Rogójin não insistiu e ficou na expectativa. Calaram-se.

— Adivinhei, ao vir, que esta era tua casa, a uma distância de cem passos — disse Míchkin.

— Por quê?

— Não tenho ideia. Tua casa possui a fisionomia de toda a tua família e de toda a tua vida rogojinesca, mas não me perguntes donde concluo isto, pois não poderia explicar. Desvario, sem dúvida alguma. Até me alarma que isso me preocupe tanto. Antes não teria pensado que vivesses numa casa como esta, e agora, ao vê-la, imediatamente pensei: "Uma casa assim tem de ser a dele!".

— Ora! — e Rogójin sorriu vagamente, sem compreender de todo o ambíguo pensamento do príncipe. — Esta casa foi edificada por meu avô — observou. — Todos os que viveram nela eram *skóptsi*, os Kholiudiákovi, e continuam ainda morando nela.

— Tem algo de sombrio. Vives em sombras — disse Míchkin, examinando o gabinete.

Era este um quarto espaçoso, de teto alto, escuro, ocupado por toda espécie de móveis: na sua maioria grandes mesas de oficina, uma escrivaninha, armários, nos quais eram guardados livros comerciais e papéis. O divã amplo e vermelho, forrado de couro, servia provavelmente de leito a Rogójin.

Míchkin notou que na mesa junto da qual estavam sentados havia dois livros. Um deles, a *História da Rússia*, de Solóviev, estava aberto e assinalado com uma marca. Das paredes pendiam, em molduras que tinham sido douradas e já estavam opacas e escuras, alguns quadros de pintura enegrecida, nos quais já era difícil distinguir alguma coisa. Em compensação, um retrato de homem, de tamanho natural, chamou imediatamente a atenção de Míchkin; representava um homem de uns cinquenta anos, com uma casaca europeia de compridas abas, duas medalhas no peito, uma barbicha curta e clara, grisalha, um rosto redondo e cor de palha e um olhar de mau gênio, hermético e revelador de um pesar.

— É teu pai? — perguntou o príncipe.

— Ele mesmo — respondeu Rogójin, com um sorrisinho antipático, como se fosse permitir-se uma piada a respeito de seu falecido pai.

— Não era “velho crente”?

— Não ia à igreja, embora seja certo que dissesse que o velho credo era melhor. Também estimava muito os *skóptsi*. Este era seu gabinete. Mas por que me fazes essa pergunta a respeito da “velha fé”?

— É aqui que pensas celebrar o casamento?

— Sim, a… aqui — respondeu Rogójin lentamente, embora, aliás, a inesperada pergunta lhe houvesse causado sobressalto.

— Em breve?

— Bem sabes que isso não depende de mim.

— Parfien, não sou teu inimigo e não quero impedir-te de nada. Torno a dizer-te, uma vez mais, o que já te disse em ocasião parecida com esta. Quando em Moscou esteve a ponto de realizar-se esse casamento, nada fiz para evitá-lo, bem o sabes. Na primeira vez, veio ela ver-me, desolada, quase que ao pé do altar, e implorou-me que a salvasse de ti. Limito-me a repetir suas próprias palavras. Depois, fugiu de mim também. Voltaste a procurá-la e tornaste a levá-la ao altar, e ela voltou a fugir de ti e procurou refúgio aqui. É verdade ou não? Assim me escreveu Liébiediev e por isso vim. Sei que já fizeram meias pazes, porque no trem contou-me um de seus antigos amigos, Zaliójev, se desejas sabê-lo. Mas vim aqui com uma intenção: quero convencê-la a que faça uma viagem ao estrangeiro e ali se restabeleça, pois tanto espiritual como fisicamente está necessitada de cuidado, ainda que o que mais me preocupa seja o seu estado mental. Não penso acompanhá-la ao estrangeiro, mas arranjar as coisas de modo que fique eu de fora. Digo-te a pura verdade. Mas se é certo que estão vocês outra vez em boa harmonia, não me deixarei ver, nem voltarei mais a esta casa. Sabes que não haverei de enganar-te, pois sempre fui sincero e leal para contigo. Nunca te ocultei minha convicção de que teu casamento com ela… seria, com certeza, sua ruína. E talvez mais ainda a tua. Se voltassem a se desentender, eu me tranquilizaria; mas

não vás crer que vou trabalhar para isso ou interpor-me entre vocês. Sobre este ponto podes estar tranquilo e não tens que desconfiar de mim. Não sabes mesmo que nunca fui seriamente teu rival, nem sequer quando ela, fugindo de ti, correu a meus braços? Exibes de novo essa tua risadinha? Sei porque é esse riso. Temos vivido separados, eu e ela, até mesmo em cidades diferentes, e sabes disto muito bem. Já te expliquei uma vez que não a amo com amor, mas com piedade. Creio que o defini exatamente. Tu me disseste então que havias compreendido minhas palavras. Isso é verdade? Compreendeste mesmo? Mas com que ódio me fitas! Quando só vim aqui para tranquilizar-te, porque gosto de ti. Fiquei gostando muito de ti, Parfien. Agora vou embora e não voltarei mais aqui. Adeus.

Míchkin pôs-se de pé.

— Fica um pouco comigo — disse Parfien suavemente, apoiando a testa na palma da mão direita, sem levantar-se. — Havia muito que não te via.

O príncipe voltou a sentar-se. Ambos mantinham-se calados.

— Quando não estás diante de mim, sinto depois até raiva contra ti, Liev Nikoláievitch. Nestes três meses, em que não te vi, a cada instante, por Deus! enchia-me de raiva contra ti. Seria capaz de te agarrar e fazer não sei o quê! Assim mesmo, como estou dizendo. Agora, ainda não se passaram três quartos de hora que estás aqui e já se me foi toda a raiva e de novo volto a ter por ti o carinho de antes. Fica aqui…

— Quando estou a teu lado, acreditas em mim, e quando não estou, logo deixas de ter fé em mim e voltas às tuas suspeitas. Ora, *bátiuchka*! — respondeu o príncipe, afetuosamente e esforçando-se por dissimular seu sentimento.

— Dou crédito à tua voz, quando estou a teu lado. Porque, olha: compreendo que entre nós não há comparação possível; não me posso igualar a ti…

— Por que acrescentas isso? Ora, estás outra vez aborrecido! — disse Míchkin, olhando com assombro para Rogójin.

— Bem, irmão, nossa opinião não é pedida no caso — respondeu ele, — mas procedem sem consultar-nos. Nós, bem vês, amamos de uma maneira diferente; quer dizer que em tudo somos diferentes — continuou a dizer, em voz calma e depois de haver feito uma pausa. — Dizes que a amas por piedade. Pois eu não sinto por ela piedade alguma. Mais ainda: com bastante frequência inspira-me ódio. Agora sonho com ela todas as noites e sempre sonho que zomba de mim com outro. Assim é, irmão. Vai se casar comigo, mas não me dá a menor importância, como se eu fosse o sapato que se tira. Acreditarás que passo cinco dias sem ir vê-la, porque não me atrevo? Pergunto a mim mesmo: "Para que ir vê-la, se me cobriu de vergonha?".

— Cobriu-te de vergonha? Como foi isso?

— Como se não soubesses! Mas se foi procurar-te, deixando-me plantado ao pé do altar, como acabaste de dizer há um momento!

— Ora, não haverás de acreditar…

— E não me enganou com um oficial, com Ziemtiújnikov, lá em Moscou? Sei, com toda a certeza, que me enganou, e isto depois de ela mesma ter marcado data para o casamento.

— Isso não é possível! — exclamou Míchkin.

— Sei de boa fonte — corroborou Rogójin, com convicção. — Que, que te parece? Que não é mulher para isso? Pois, irmão, não falaremos mais disso, porque é assim mesmo. Isto não passa de um disparate. Contigo não será ela assim e pode ser que ela mesma tenha horror a isso; mas comigo é assim. Este é o fato. Olha-me, como se eu fosse o último dos vermes. Com Keller, com esse oficial, que se faz de boxeador, também sei com certeza que… se entendeu, somente com o objetivo de zombar de mim… Mas será que não sabias ainda que ela me enganava em Moscou? E o dinheiro, o dinheiro que lhe tenho dado!

— Sim… mas como, então, vais casar com ela?… Que não se passará depois? — indagou Míchkin, com espanto.

Rogójin olhou o príncipe pesada e estranhamente e não

respondeu nada.

— Faz agora cinco dias que não vou vê-la — continuou depois de um minuto de silêncio. — Receio que me ponha para fora. “Sou ainda senhora de minha pessoa; se quiser poderei pôr-te para fora daqui e partir para o estrangeiro”, diz ela. (Já me disse isto de que partiria para o estrangeiro) — observou como entre parênteses e fitando, de modo especial, os olhos de Míchkin. — Muitas vezes, na verdade, não faz senão assustar-me e rir, não sei por que, de mim. Mas de outras vezes franze realmente a testa, arqueia as sobrancelhas, não diz palavra e olha, e isto é o que mais temo nela. Uma vez disse a mim mesmo que não iria mais vê-la sem levar-lhe algum presente; mas não consegui outra coisa senão que risse de mim e até depois se pusesse furiosa. Deu de presente a Kátia, a criada, um xale que eu lhe tinha levado, xale que, muito embora tivesse vivido no luxo, nunca tinha visto outro igual. Quanto à data de nosso casamento, é assunto em que não se pode tocar. Estranha espécie esta de noivo, que tem medo de ir ver a noiva! De modo que fico aqui em casa, quieto, e quando não suporto mais, vou em segredo, e, às escondidas, ponho-me a rondar sua casa, ou me escondo atrás de uma esquina. Um dia, depois de ter estado assim de plantão até quase o amanhecer, perto de sua porta, pareceu-me ver não sei quê. Ela deve ter-me visto da janela. “Que farias tu — perguntou, — se eu te enganasse?” Não pude conter-me e respondi-lhe: “Bem sabes o que eu faria”.

— Que é que ela sabe?

— Sei lá! — e Rogójin, sorriu, colérico. — Em Moscou não pude surpreendê-la com ninguém, por mais que a tivesse espreitado por muito tempo. Chamei-a de parte um dia e disse-lhe: “Prometeste casar comigo. Vais entrar a fazer parte de uma família honrada; mas sabes quem és agora?”. E disse-lhe o que ela era.

— Disseste-lhe isso?

— Disse-lhe.

— E que respondeu?

— Disse-me: “A ti, agora, nem para criado te quero, muito menos

para marido”. Ao que lhe retruquei: “Pois daqui não arredo pé, é o que te digo!”. “Então chamarei Keller, — disse ela, — agora mesmo e vou lhe pedir que te ponha para fora de casa!” Avancei para ela e esbordoei-a até enchê-la de equimoses.

— Isso não pode ser! — exclamou o príncipe.

— Afirmo-lhe que foi assim — corroborou Rogójin, suavemente, mas com os olhos cintilantes. — Passei dia e meio, mal dormido, sem comer, nem beber; do quarto dela não saía; prostrava-me, de joelhos, a seus pés. “Morrerei — disse-lhe, — não irei daqui enquanto não me perdoares; mas se mandares pôr-me para fora… atiro-me à água, afogo-me, porque… que vai ser de mim sem ti?” Esteve ela como uma louca todo aquele dia; tão logo chorava, como se punha a dar-me pontapés e a insultar-me. Mandou chamar a todos, a Zaliójev, a Keller, a Semtiúchnikov, apontou-me, insultou-me: “Vamos, meus senhores, esta noite, todos juntos ao teatro; que fique ele aqui, se não quiser ir; não sou obrigada a ficar por causa dele. Embora não esteja eu aqui, vão te dar, Parfien Siemiônovitch, chá, pois provavelmente já deves estar com apetite”. Voltou do teatro sozinha. “Aqueles são uns covardes e uns pobres-diabos — disse. — Tem medo de ti e também me temem; dizem: ‘Ele não se vai e te matará’. Mas eu, quando entrar para meu quarto de dormir, não fecharei a porta atrás de mim, para que vejas que não te temo. Para que saibas e vejas. Tomaste chá?” “Não — respondi, — nem penso em tomá-lo”. “Fazes questão de honra? Mas isto não te fica bem.” E como disse, fez: não fechou seu quarto. De manhã saiu dele rindo. “Mas será que ficaste louco? — disse. — Porque se continuares assim, vais morrer de inanição.” “Pois então, perdoa-me” — disse-lhe. “Não quero perdoar-te, não me caso contigo, já disse. Será que passaste a noite inteira nessa cadeira e não dormiste?” “Não — respondi, — não dormi!” “Que estupidez! Nem tampouco queres tomar chá ou comer alguma coisa?” “Já disse não… Perdoa-me!” “Olha que isso não te fica bem — disse ela. — É como uma sela numa vaca. Pensas que isso vai me deixar com medo? Que será uma desgraça para mim que estejas sem comer?” Zangou-se; mas não lhe durou muito a zanga e de novo começou a lançar-me pilhérias. E eu ficava espantado de ver que ela não me guardava rancor por aquilo. Porque ela é rancorosa e com outros guarda raiva

por muito tempo. Mas, de repente, ocorreu-me a ideia de que seu desprezo por mim era tamanho que nem sequer podia guardar muito rancor contra mim. E era verdade. “Sabes — perguntou, — quem é o Papa de Roma?” “Já ouvi falar dele” “Tu, Parfien Siemiónovitch, de História Universal não sabes nada.” “Não sei nada de nada, porque não estudei.” “Pois olha — disse, — vou te dar algo para ler. Havia uma vez um Papa que se zangou com um imperador e este esteve três dias sem beber, nem comer, descalço, de joelhos, diante da porta de seu palácio, até que o Papa o perdoou. Sabes tu o que o dito imperador, naqueles três dias, prostrado de joelhos, pensou e os juramentos que fez?… Mas espera que eu mesma vou ler para ti.” Levantou-se ligeira e voltou com um livro “São versos”, disse, e começou a ler uns versos que narravam como o dito imperador, naqueles três dias jurou vingar-se do Papa por causa daquilo. “Não te agrada isto, Parfien Siemiônovitch?” “É certo — digo eu, — tudo isso que leste.” “Ah! Tu mesmo o disseste, que é certo, o que quer dizer que talvez tu, também, hajas jurado a ti mesmo: ‘quando se casar comigo, hei de vingar-me dela!’” “Não sei — respondi, — talvez haja tido esse pensamento.” “Como é que não o sabes?” “Não sei — disse, — nem agora pensei em tal coisa.” “Mas em que estás pensando agora?” “Que te moves de um lugar para outro, passas diante de mim e eu te olho e te acompanho com a vista; tuas saias fazem ruído e o meu coração desmaia; sais do quarto e lembro-me de cada uma de tuas palavras e da voz com que as disseste; e durante a noite, em coisa nenhuma pensava, senão que não fazia mais que ouvir como respiravas no sono e como um par de vezes te revolveste na cama…” “Mas tu — disse ela, rindo, — não pensas em que me bateste, nem te lembras disso?” “Talvez — respondi, — pense nisso, mas não sei.” “E se eu não te perdoar e não me casar contigo?” “Já te disse que me atiraria à água e me afogaria.” “Ora, ainda haverás de bater-me antes disso”, disse e ficou pensativa. Depois aborreceu-se e retirou-se. Ao cabo de uma hora, voltou para meu lado, muito séria. “Vou casar contigo, Parfien Siemiônovitch — disse, — mas não porque tenha medo de ti, mas porque não me importa tua perdição. E para isso o que é melhor que o casamento? Senta que agora mesmo vão te trazer comida. E se casar contigo — acrescentou, — hei de ser para ti uma esposa fiel, disto não tenhas receio e com isto não te preocupes.” Guardou silêncio um instante e depois disse: “Seja como for, não és

um criado; antes eu pensava que eras um criado perfeito”. Então marcou data para o casamento, mas uma semana depois, fugindo de mim, ia refugiar-se em casa de Liébiediev. Ao chegar eu lá, ela me disse: “Não nego o que disse: somente quero aguardar ainda tanto quanto me agrade, pois ainda sou dona de mim mesma. Portanto, espera, se quiseres”. Assim estamos, pois, agora. Que pensas de tudo isso, Liev Nikoláievitch?

— Que pensas tu — devolveu o príncipe, olhando tristemente para Rogójin.

— Mas será que penso alguma coisa? — escapou-lhe. Quis acrescentar algo mais; guardou, porém, silêncio, com um pesar indizível. Míchkin levantou-se e de novo fez gesto de retirar-se.

— De qualquer modo, não te servirei de estorvo — disse suavemente, quase para si mesmo, como se respondesse a algum pensamento, íntimo, escondido.

— Sabes o que te digo? — animou-se, de súbito, Rogójin, cujos olhos cintilaram. — Que não compreendo como te conduzes desse modo para comigo. Será que deixaste de amá-la? Apesar de tudo, antes estavas triste, pude notá-lo. Por que depois vieste para cá a toda a pressa? Por compaixão? — e seu rosto se contraiu num sorriso mau. — Eh! eh!

— Pensas que te engano? — perguntou Míchkin.

— Não; creio em ti, somente não compreendo nada. O mais certo de tudo é que tua piedade parece mais forte ainda que meu amor.

Algo de maligno, e que a todo custo queria manifestar-se, assomou-lhe ao rosto.

— É que não distingues teu amor do ódio — sorriu o príncipe. — Mas o amor passará, e então será maior a desdita. Eu, irmão Parfien, já te disse…

O príncipe estremeceu.

— …haverás de odiá-la por causa desse amor de agora, por causa

desse suplício que agora estás padecendo. O que vejo de mais maravilhoso é que ela possa voltar a unir-se a ti. Quando me disseram isso a noite passada, mal o acreditei, e se visses quanta dor isso me causou! Porque ela já por duas vezes fugiu de teu lado e deixou-te plantado ao pé do altar, o que parece indicar que talvez tenha um pressentimento. Por que agora volta para teu lado? Por causa de teu dinheiro? Isto é um absurdo. Além disso, já o gastaste quase todo. Será somente pelo fato de casar-se? Encontraria muitos maridos! Qualquer um seria melhor do que tu, porque tu, sinceramente, talvez a mates um dia, e ela sem dúvida agora o compreenda de sobra. Será que a amas tanto? Na verdade, poderia ser assim… Ouvi dizer que há homens que buscam precisamente esses amores, somente que…

Míchkin deteve-se e ficou pensativo.

— Por que tornar a sorrir do retrato de meu pai? — indagou Rogójin que, com extraordinária atenção, observava toda mutação, toda expressão fugaz no rosto do príncipe.

— Por que sorrio? Porque me ocorreu pensar que, se não te houvesse sucedido essa desgraça, essa aventura de teu amor, terias ficado exatamente como teu pai e, em brevíssimo tempo, estarias aqui sentado em tua casinha, com tua mulher, dócil e submissa, de fala concisa e severa, sem ter fé em ninguém e sem necessitar de nada, amontoando unicamente dinheiro, silenciosa e sombriamente. Quando muito, louvarias alguma vez os velhos textos, irias te interessar pelo sinal da cruz feito com dois dedos, mas isto talvez já na velhice…

— Podes rir. Mas olha: isto mesmo, letra por letra, me disse ela não faz muito ao ver esse retrato. É prodigioso como concordais agora vós, dois, em tudo!

— Mas ela esteve aqui? — indagou Míchkin, com curiosidade.

— Esteve. Esteve olhando muito tempo o retrato e perguntou-me coisas a respeito do defunto. “Olha: és exatamente igual a ele — disse, rindo, por último, de mim. — Tu, Parfien Siemiônovitch, tens paixões violentas, paixões por causa das quais levantarias voo para a Sibéria, para o presídio, se não fosse teres inteligência, porque és muito inteligente.” — Usou essas palavras, acredites ou não. Era a primeira

vez que lhe ouvia tais palavras. — “Toda essa loucura atual em breve a terias deixado. E como és um homem inteiramente inculto, terias economizado dinheiro e te sentarias aí, como teu pai, nesta casa, com seus *skóptsi*; é possível que, no final, te convertesses a seu credo, e tanto amarias teu dinheiro que, não dois milhões, mas dez talvez chegasses a economizar; mas eras capaz de morrer de fome sobre os sacos de dinheiro, porque em ti tudo se torna paixão, tudo, até a paixão, tornas extrema.” Assim, falou exatamente assim, com estas mesmas palavras. Nunca até então me havia falado desse modo. Porque ela comigo não diz senão desatinos ou põe-se a rir. E também dessa vez, começou a rir; mas depois ficou muito séria; percorreu toda a casa, esteve a examiná-la e parecia ter medo. “Mudarei tudo isto — disse, — vou modificar tudo, se não comprar outra casa para quando nos casarmos.” “Não, não — disse ela, — não mudes nada aqui, pois assim viveremos. Junto de tua mãe quero viver, quando for tua mulher.” Levei-a a ver mamãe. Portou-se com ela muito respeitosamente, como uma filha. Minha mãe, há já uns três anos, parece que não anda muito certa do juízo (está doente) e desde a morte de meu pai, parece uma criança; não pode falar, não pode andar, acena apenas com a cabeça para quem vai vê-la. Creio que se não lhe derem comida, leva três dias sem pedir alimento. Peguei a mão direita de mamãe e levantei-a: “Abençoe-a, mamãe, que ela vai ser minha esposa”, e ela, cheia de sentimento, beijou a mão de minha mãe. “Muitos sofrimentos seguramente — disse, — deve ter passado tua mãe.” Olha: notou este livro. “Como! Será que te puseste a ler a *História da Rússia*?” (Hás de saber que ela uma vez me disse em Moscou: “Devias estudar alguma coisa; lê pelo menos a *História da Rússia*, de Solóviev, porque não sabes nada de nada”.) “Está bem — disse ela, — faz assim: lê. Eu mesma farei uma lista dos livros que deves ler primeiro, queres?” E nunca, nunca antes ela me havia falado assim, tanto que aquilo chegou ao extremo de causar-me assombro. Pela primeira vez respirei como homem vivente.

— Isto me alegra muito, Parfien Siemiônovitch — disse Míchkin, com sincero sentimento. — Muito me alegra. Quem sabe, talvez Deus os tenha predestinado um para o outro.

— Nunca será assim! — exclamou Rogójin, com amargura.

— Escuta, Parfien: se tanto a amas, por que não queres fazer por merecer sua estima? Mas se queres, por que tens tão poucas esperanças? Olha: há um momento, disse-te que para mim constituía um estranho enigma a questão de saber por que ela se aventura a casar contigo. Mas, embora não possa resolvê-lo, apesar de tudo, não tenho dúvida que para isso deve haver alguma razão suficiente, sensata. Ela está convencida de teu amor; mas também estará convencida de que possuis algumas boas qualidades. De outro modo, não seria possível. Isto mesmo que dizias há um momento vem confirmá-lo. Tu mesmo disseste que ela havia encontrado a possibilidade de falar-te numa linguagem totalmente diferente daquela em que até então te havia tratado e falado. Eras cheio de susceptibilidade e ciumento e exageras tudo quanto achas mau. Ela, com certeza, não pensa tão mal de ti como dizes. Porque o contrário significaria que ela se atira à água e se põe sob o cutelo ao casar contigo. Por acaso isso será possível? Quem, conscientemente, se atira à água ou se põe debaixo do punhal?

Com amargo sorriso, escutou Rogójin as ardentes palavras do príncipe. Sua convicção parecia já irrevogavelmente adotada…

— Com que olhos tão tristes me fitas neste momento, Parfien! — deixou o príncipe escapar-lhe com dó.

— À água ou ao punhal! — exclamou Rogójin finalmente. — Eh! Mas por que casa comigo, se comigo a espera, decerto, o punhal? Será que tu, príncipe, ainda não conseguiste até agora ter uma noção do que há na raiz de tudo isto?

— Não te compreendo.

— Mas como? Será possível que não compreendas deveras? Oh! oh! Dizem de ti que não és… muito bom. Ela ama outro homem… compreendo-o. Da mesma maneira que eu a amo, ama ela outro. E este outro, sabes quem é? Pois és tu! Mas, será que não o sabias?

— Eu?

— Tu! Ela, desde então, desde então mesmo, desde o dia de seu aniversário, te ama. Somente pensa que casar-se contigo é impossível,

porque te mancharia e arruinaria todo o teu destino. “Eu — disse, — já se sabe quem sou.” E continua dizendo isso até agora. Ela foi a primeira a me dizer isso, na minha cara. Teme manchar-te e perder-te, ao passo que casar-se comigo é possível: eu não sou nada… É isto que ela pensa de mim, repara isto também.

— Mas como veio fugindo de ti para mim e de mim…?

— E de ti voltou para mim. Ah! Poucas coisas lhe ocorrem de repente! Está agora como que tomada de febre. Algumas vezes grita para mim: “Caso-me contigo, como quem se atira dentro d’água! Não atrases este casamento!”. Fica apressada, marca o dia; mas começa a correr o tempo… e então se assusta ou lhe ocorrem outras ideias; sabe Deus, por que o viste: chora, ri, esgota-se, febril. Mas que tem tampouco de estranho que tenha fugido de ti? Fugiu de ti então porque se deu conta do muito que te amava. Não tinha forças para estar a teu lado. Disseste ainda agora que eu a procurava em Moscou. Não é certo… Foi ela mesma quem veio me procurar, fugindo de ti. “Marca o dia — disse, — que estou pronta! Prepara champanhe! Iremos aos ciganos!”, gritou. Se não fosse eu, desde muito tempo teria se jogado na água. Digo a verdade. E não se atira, porque é possível que eu seja ainda mais terrível que a água. Vai casar comigo por despeito. Se de fato casar comigo poderei te dizer, com certeza, que é por despeito…

— Mas como tu… como tu?!… — exclamou Míchkin e não terminou. Contemplava com espanto Rogójin.

— Por que não acabas? — disse este, rindo de um modo forçado. — Se queres, vou te dizer o que tu, neste mesmo instante, pensas de mim: “Como é possível que vá casar com ele? Como deixar que ela faça isto?”. Decerto é isto que pensas.

— Não vim para isto, Parfien, asseguro-te, acredita. Não era este meu pensamento…

— É possível que não tenhas vindo para isto, nem tivesses esta ideia. Mas agora é certo que a tens. Ah! ah! Mas bem, basta! Por que te emocionas desse modo? Será que deveras não sabias disso? Causas-me espanto!

— Tudo isso são ciúmes, Parfien; tudo isso é doença, tudo isso são exageros teus… — balbuciou Míchkin, com extraordinária agitação. — Que tens?

— Detém-te! — disse Parfien, e, rapidamente, tomou da mão do príncipe uma faquinha, que aquele havia apanhado de cima da mesa, junto dos livros, e tornou a colocá-la em seu lugar.

— Eu acreditava saber; ao dirigir-me a Petersburgo, era como se o pressentisse… — continuou o príncipe. — Não queria vir aqui! Eu queria esquecer tudo isto, arrancá-lo do coração! Bem, adeus. Mas que estás fazendo?

Enquanto falava, Míchkin, distraído, havia tornado a pegar de cima da mesa a mesma faquinha de antes e outra vez Rogójin tirou-lhe da mão e a devolveu a seu lugar. Era aquele um punhalzinho de forma bastante simples, com cabo de chifre de cervo, desproporcionado em relação à lâmina, de sete polegadas de comprimento e de quase a largura usual.

Ao ver que o príncipe prestava especial atenção ao fato de ele ter lhe tirado duas vezes a faquinha da mão, Rogójin, com raiva, pegou-a, meteu-a em um livro e colocou este em outra mesa.

— Cortas com ele as folhas? — indagou o príncipe, porém algo ensimesmado, como ainda sob o domínio de uma profunda meditação.

— Sim, as folhas…

— É uma faca de jardineiro, não é verdade?

— Sim, de jardineiro. Será que com uma faca de jardineiro não se pode cortar as folhas?

— Sim, mas é… completamente nova.

— Bem; e que tem que seja nova? Será que não posso comprar uma faca nova? — clamou Rogójin, finalmente, com certa exasperação, irritando-se a cada palavra.

O príncipe estremeceu e olhou fixamente Rogójin.

— Ah! que sujeito sou eu! — disse, de repente, como se voltasse de todo a si. — Perdoa, irmão; quando tenho a cabeça pesada, como agora, e esta doença… fico completamente vago e ridículo. Não era isto que queria perguntar-te… mas não me lembro o quê. Adeus!

— Não é por aí — observou Rogójin.

— Confundi-me!

— Por aqui, por aqui; eu te guiarei.

## Capítulo IV

Atravessaram três peças que o príncipe já havia cruzado antes. Rogójin ia um pouco na frente; Míchkin atrás dele. Entraram no salão grande. Ali, das paredes pendiam alguns quadros, todos retratos de bispos e paisagens, dos quais mal se podia distinguir alguma coisa. Em cima da porta do quarto contíguo estava pendurada uma tela, de forma bastante estranha, de cerca de duas jardas de largura e não mais de um pé de altura. Representava o Salvador, recém-descido da cruz. Míchkin fitou-o um instante, como se se recordasse de alguma coisa, embora, aliás, não se detivesse e se dispusesse a transpor o umbral da porta. Sentia a cabeça pesada e tinha pressa de ver-se quanto antes fora daquela casa. Mas Rogójin, de repente, parou diante do quadro.

— Olha todos esses quadros — disse. — Todos foram comprados

por meu pai, por um ou dois rublos em leilões. Gostava de quadros. Um entendido veio vê-los e disse: “Porcaria; mas este (este de cima da porta que também tinha custado dois rublos) não é porcaria”. Houve até quem oferecesse por ele a meu pai trezentos e cinquenta rublos. E Saviéliev Ivan Dmítritch, comerciante muito amante de pintura, chegou a oferecer-lhe até quatrocentos, e na semana passada disse a meu irmão Siemion Siemiônitch que daria por ele até quinhentos. Fiquei com ele.

— Mas esse quadro, esse quadro é uma cópia de Hans Holbein — disse Míchkin, que havia examinado o quadro, — e embora não seja muito entendido, creio que se trata de uma boa cópia. Tive ocasião de ver o original desse quadro no estrangeiro e não posso esquecê-lo. Mas… que tens?

Rogójin, de repente, deixou o quadro e pôs-se a andar para a frente. Sem dúvida uma distração e um humor especial estranhamente irritado, que de súbito se manifestava em Rogójin, teria podido explicar aquele movimento inesperado; mas ao príncipe pareceu-lhe, ainda assim, estranho que interrompesse de repente daquele modo o diálogo que não havia iniciado e nem sequer lhe respondesse.

— Escuta, Liev Nikoláievitch: faz muito tempo que queria perguntar-te uma coisa: crês em Deus?

— Que pergunta tão estranha e que olhar me lanças! — observou o príncipe, involuntariamente.

— Gosto de contemplar aquele quadro — balbuciou, depois de um silêncio, Rogójin, como se outra vez tivesse tornado a esquecer a pergunta.

— Aquele quadro! — exclamou, de repente, o príncipe, sob a impressão de um pensamento súbito. — Aquele quadro! Aquele quadro pode fazer mais de uma pessoa perder a fé!

— Sim, pode tirar-lhe a fé! — confirmou inesperadamente Rogójin.

Continuaram andando até a porta de saída.

— Mas — disse, de repente, o príncipe, parando, — que te sucede? Eu falava quase em tom de brincadeira e tu ficas tão sério. E por que me perguntas se creio em Deus?

— Por coisa nenhuma. Há tempos que queria perguntar-te isto. Porque, olha, agora há muitos que não creem. E dize-me: é verdade (estiveste no estrangeiro) o que ouvi um bêbado dizer, que entre nós, na Rússia, são mais numerosos os que não creem em Deus do que em outras terras? Isto pode encher-nos de orgulho, porque estamos neste ponto mais adiantados do que eles…

Rogójin riu-se causticamente; depois de haver formulado sua pergunta, abriu de repente a porta e, com a mão na fechadura, esperou que o príncipe saísse. Este sorriu, mas saiu. Rogójin acompanhou-o até o patamar da escada e fechou a porta atrás de si. Permaneceram ambos um diante do outro, com um aspecto que não parecia senão que se tinham esquecido de para onde iam e do que foram fazer. —

— Adeus! — disse Míchkin, estendendo-lhe a mão.

— Adeus! — respondeu Rogójin, apertando forte, mas de modo bastante maquinal, a mão que lhe era estendida.

Míchkin desceu um degrau e voltou-se.

— Quanto à questão de fé — começou ele, sorrindo (saltava aos olhos que não queria deixar Rogójin assim sem mais) e como se animando sob a impressão de uma recordação repentina, — quanto à fé, tive, a semana passada, em dois dias quatro encontros diferentes. Pela manhã tomei o trem de uma nova linha e durante quatro horas estive falando no vagão com um tal S***, que havia conhecido ali mesmo. Já antes disso ouvira falar muito a seu respeito e, entre outras coisas, tinham-me dito que era ateu. É homem, efetivamente, cultíssimo, e fiquei realmente satisfeitíssimo naquela ocasião por poder conversar com um homem verdadeiramente culto. Além disso, é homem de extrema educação, tanto que falava comigo como com um igual em posição e em saber. Não crê em Deus. Só uma coisa me chocou: que não falasse nada a este respeito durante todo o tempo, e me chocou precisamente porque já antes, sempre que falei com

incrédulos ou li livros dessa índole, sempre me pareceu que, embora parecesse que falavam disso, na realidade não falavam. Fiz-lhe notar isso, mas provavelmente de um modo nada claro, ou não me saberia expressar, porque ficou ele sem entender-me… Aliás, hospedei-me numa estalagem do distrito, para passar a noite, e nela acabava de cometer-se um crime na noite anterior, de modo que toda a gente falava disso, quando eu cheguei. Dois camponeses, já de alguns anos, e que não estavam bêbados e eram amigos desde muito tempo, estiveram tomando chá e pediram um quarto para passar a noite. Mas um deles havia notado dois dias antes que o outro trazia um relógio de prata, pendente de uma correntinha de pérolas, que certamente não vira antes em seu poder. Aquele homem não era nenhum ladrão: era um homem honrado e, embora um camponês; nada pobre. Mas a tal ponto lhe havia agradado aquele relógio e tanto o havia fascinado, que não pôde, afinal, conter-se: pegou uma faca e, quando o amigo uma vez se voltou, chegou-se muito devagar por trás dele, tomou coragem, ergueu os olhos ao céu e, murmurando para si uma veemente súplica: “Senhor, perdoai-me pelo Cristo!”, cortou a garganta do amigo de um só golpe, como a um cordeirinho e depois tirou-lhe o relógio.

Rogójin pôs-se a rir. Ria-se às gargalhadas, como presa de um ataque. Tornava-se estranho contemplar aquela risada depois de seu lúgubre humor de havia pouco.

— Gosto disso! Sim, é o melhor de tudo! — exclamou, convulsivamente, quase perdido o alento. — Um não crê em Deus e o outro crê tanto, que corta a garganta da gente, depois de rezar. Não, isto, irmão príncipe, não o duvides, isto ultrapassa tudo!

— De manhã saí a dar umas voltas pelo povoado — continuou Míchkin, não bem se calou Rogójin, embora ainda lhe tremesse de modo convulsivo e espasmódico o riso nos lábios, — e vejo, cambaleando pelo passeio de tábuas, um soldado embriagado, com a farda inteiramente rasgada. Aproxima-se de mim e diz: “Compre-me, senhor, esta cruz de prata. Dou-lhe por vinte copeques, nada mais, é de prata”. Vejo em sua mão uma cruz que, provavelmente, acaba de tirar do pescoço, presa a um cordão azul muito gasto; mas uma simples cruz de estanho, segundo se podia verificar à simples vista,

um tanto grande, oitavada, de autêntico estilo bizantino. Dei-lhe uma moeda de vinte copeques e pendurei depois a cruz em meu pescoço. No seu rosto via-se o contentamento que sentia e como se alegrava por ter podido enganar um senhorzinho tolo, e decerto iria logo para a taverna mais próxima beber a sua cruz. Hás de saber, irmão, que estava eu então sob o influxo de todas as impressões que atropeladamente recebia aqui na Rússia. Antes não tinha podido entender nada da Rússia: criara-me como um surdo-mudo e nos cinco anos que passei no estrangeiro, só me recordava dela de uma maneira quase fantástica. Continuei meu caminho e ia pensando: "Não, não julgarei levianamente esses que vendem o Cristo. Somente Deus pode saber o que esses corações bêbados e débeis encerram." Uma hora depois, ao voltar à estalagem, encontrei no caminho uma mulher jovem, com um bebê nos braços. Era uma mulher jovem ainda e o bebê teria umas seis semanas. E, de repente, vi que a mulher se benzia com muita devoção, com um fervor muito grande. "Por que te benzes, *mátuchka*?", perguntei-lhe (pergunto tudo e a todo mundo). Ela me respondeu: "Tão grande como a alegria de uma mãe que contempla o primeiro sorriso de seu filhinho é a de Deus, quando vê que um pecador se ajoelha e reza". Isto me disse a mulher, quase com as mesmas palavras, exprimindo assim um sentimento profundo, sutil e verdadeiramente religioso, um pensamento que encerra toda a essência do cristianismo, isto é, toda a representação de Deus, como nosso pai e a alegria de Deus com as criaturas, como a de um pai com seu filho… o que constitui o pensamento fundamental de Cristo. E era uma simples camponesa! Só que, isto sim, era mãe. E quem sabe se não seria a mulher daquele soldado? Olha, Parfien, vou responder à tua pergunta: a essência do sentimento religioso não pode, de modo algum, ser apreendida mediante representações racionais; não o afeta tampouco nenhuma má ação, nenhum crime e é independente de todo ateísmo. Trata-se e vai se tratar sempre de algo totalmente diverso; há aqui algo que os ateus passarão sempre por alto e de que nunca falarão, mas de que se desviarão. Mas o principal é que a notarás mais clara e rapidamente no coração russo que em qualquer outro. Esta é a minha conclusão. Foi esta uma das primeiras convicções que adquiri na Rússia. Há aqui algo a fazer, Parfien. Há muito que fazer aqui, em nosso mundo russo, acredita-me. Lembra-te de como em Moscou éramos da mesma opinião e falávamos… Não; não queria voltar

aqui… E esta entrevista contigo fez-me mudar totalmente de ideia, mas totalmente. Porém… adeus, até a vista. Que Deus te guarde!

Voltou-se e começou a descer a escada.

— Liev Nikoláievitch! — exclamou, de súbito, Parfien, do alto, quando já o príncipe havia chegado ao primeiro patamar. — A cruz que o soldado te vendeu, está aí contigo?

— Sim.

E Míchkin parou.

— Mostra-me.

Outra coisa estranha. O príncipe refletiu um instante; depois, decidiu-se, e tornou a subir a escada, tirou a cruz e mostrou-a a Rogójin, mas sem desprendê-la do pescoço.

— Dá-me — disse Rogójin.

— Para quê? Será que queres…?

O príncipe não desejava separar-se de sua cruz.

— Quero usá-la e tu usarás a minha.

— Queres que troquemos as cruzes? Se queres, Parfien, por mim, com muito gosto… Sejamos irmãos!

O príncipe tirou sua cruz de estanho, e Parfien a dele, de ouro, e trocaram-nas. Parfien mantinha-se calado. Com doloroso assombro, notou Míchkin que a anterior desconfiança e o sorriso amargo e quase zombeteiro de antes voltavam a assomar ao rosto de seu irmão adotivo, quando menos por um instante. Em silêncio, agarrou Parfien, finalmente, a mão do príncipe e permaneceu algum tempo imóvel, como se não acabasse de decidir algo; por fim puxou-o e, com voz apenas perceptível, disse: “Vamos!”. Cruzaram o patamar do primeiro andar e foi Rogójin bater a uma porta fronteira àquela por onde tinham saído. Abriram imediatamente. Uma velhinha, encurvada e com um lenço negro na cabeça, fez uma reverência silenciosa e

submissa a Rogójin, que a interrogou rapidamente e, sem deter-se a escutar a resposta, conduziu o príncipe através de outras peças. De novo atravessaram aposentos sombrios, algo estranhos, de uma beleza fria, fria e severamente mobiliados, com móveis envoltos em capas brancas e limpas. Sem anunciar-se, Rogójin introduziu diretamente o príncipe numa peça reduzida, semelhante a uma saleta, dividida em duas metades por um tabique de madeira de caroba, pintado de vermelho, com duas portas laterais e além do qual, sem dúvida, havia uma alcova. Num canto da saleta, junto à estufa, numa cadeira, estava sentada uma velhinha que não tinha ainda aspecto de ser muito velha e até mostrava rosto sadio, simpático e redondo, mas já com todo o cabelo branco e (segundo era possível perceber à primeira olhadela) inteiramente caduca. Vestia um vestido de lã preta, com um xale negro no pescoço e trazia na cabeça uma touca branca e bonita com fitinhas pretas. Descansava os pés em um tamborete. Junto dela se encontrava outra velhinha muito limpinha, mais velha do que ela, também de luto e também com uma touca branca (provavelmente alguma amiga ali recolhida) e em silêncio tecia uma meia. Sem dúvida alguma, passavam as duas todo o tempo sem conversar. A primeira velhinha fitou a vista em Rogójin e no príncipe, sorriu para eles, e várias vezes cumprimentou, afetuosamente, o príncipe, com a cabeça, em sinal de satisfação.

— *Mátuchka* — disse Rogójin, beijando-lhe a mão, — apresento-te aqui meu grande amigo o Príncipe Nikoláievitch Míchkin. Trocamos as cruzes; teve-me como irmão uma temporada em Moscou, fez muitas coisas em meu favor. Abençoa-o, mãezinha, como se abençoasses um filho teu. Não, mamãe, assim não. Deixa que te ponha os dedos direito…

Mas a velha, antes que Parfien tivesse tido tempo de pegá-la, ergueu sua mão direita, fez com três dedos o sinal da cruz e por três vezes, piedosamente, benzeu o príncipe. Depois, afetuosa e terna, voltou a fazer-lhe uma inclinação de cabeça.

— Bem, vamos, Liev Nikoláievitch — disse Parfien. — Só para isto te trouxe aqui…

Quando de novo chegaram à escada, acrescentou:

— Olha, ela não percebe o que lhe dizem e não compreendeu nada de minhas palavras; mas abençoou-te, quer dizer que ela mesma o quis… Mas, adeus, porque para mim e para ti também já é tarde.

E abriu a porta.

— Deixa que te dê um abraço de despedida, estranho homem! — exclamou Míchkin, olhando-o com terna reprovação e fazendo menção de abraçá-lo.

Mas Parfien apenas levantou as mãos e imediatamente tornou a deixá-las cair. Não se decidia; deu meia volta para não ver o príncipe. Não queria abraçá-lo.

— Ora com efeito Eu, embora tenha tomado tua cruz, não hei de matar ninguém por causa de um relógio — resmungou de um modo imperceptível e, de repente, rompeu numa risada algo estranha. Imediatamente, todo o seu semblante mudou de expressão; ficou tremendamente pálido, os lábios tremeram-lhe, os olhos faiscavam. Ergueu os braços, abraçou fortemente o príncipe e, respirando com dificuldade, disse:

— Bem, toma-a, se é este o destino! Ela é tua! Desisto em teu favor!… Não te esqueças de Rogójin!

E soltando Míchkin, sem olhar para ele, entrou depressa em sua casa e fechou com estrépito a porta atrás de si.

## Capítulo V

Já era tarde, quase duas e meia, e o príncipe não encontrou Iepántchin em casa. Depois de deixar ali um cartão, decidiu entrar no hotel A Balança e perguntar por Kólia. Se não estivesse ali, lhe deixaria algumas linhas escritas. Em A Balança disseram-lhe que Nikolai Ardaliónovitch “tinha estado lá pela manhã, mas que ao retirar-se dissera que, se por acaso fosse alguém perguntar por ele, lhe dissessem que poderia ser que estivesse de volta as três. Se às três e meia não tivesse aparecido, seria sinal de que teria tomado o trem para Pávlovsk, com o objetivo de ir à chácara da Generala

Iepántchina, onde ficaria para a ceia". Míchkin sentou-se a esperá-lo e como ali estivesse, pediu jantar.

Nem às três e meia, nem às quatro horas apareceu ali Kólia. O príncipe foi embora e ficou a andar maquinalmente, ao acaso. No princípio do verão, em Petersburgo, ocorrem por vezes dias magníficos: luminosos, quentes, serenos. Como se de encomenda, era aquele um desses raros dias. Durante algum tempo vagou Míchkin sem rumo. Conhecia pouco a cidade. Detinha-se por vezes nas entradas de ruas diante de algumas casas, nas praças e nas pontes, até que por fim entrou para descansar num restaurante. Às vezes, com grande curiosidade, punha-se a observar os transeuntes, mas o mais frequente era não olhar os transeuntes, nem o caminho que seguiam. Estava tomado de um cansaço e de uma inquietação dolorosos e ao mesmo tempo sentia uma desusada necessidade de estar só. Teria querido achar-se em plena soledade e entregar-se a essa apaixonada inquietação de um modo totalmente passivo, sem buscar a menor saída. Com aversão negava-se a resolver as questões que se lhe formulavam na alma e no coração. "Tenho por acaso a culpa de tudo isso?", murmurava intimamente, quase sem dar-se conta de suas palavras.

Às sete horas voltou inteiramente a seu juízo, na estação da estrada de ferro Tsarskosiélhskaia. A solidão não tardou em tornar-se insuportável; novo arrebatamento apoderou-se febrilmente de seu coração e, por um momento, uma luz radiosa iluminou aquela bruma em que gemia sua alma. Comprou passagem para Pávlovsk e, com impaciência, deu-se pressa em subir ao trem; mas sem dúvida algo o perseguia e era realidade e não fantasia, como é possível que se inclinasse a pensar. Quase sentado lá no vagão, atirou de repente no chão a passagem e saiu à pressa da estação, dolorido e confuso. Pouco depois, nas ruas, pareceu recordar algo, de repente, imaginar, de repente, alguma coisa, algo que fazia tempo o trazia inquieto. Rapidamente, veio a ocorrer-lhe, com surpresa, que estivera fazendo alguma coisa por muito tempo, embora não tivesse consciência disso até aquele minuto. Fazia já várias horas, quando ainda estava no hotel A Balança e talvez antes de ir ali, que, sem perceber e subitamente, começou a buscar alguma coisa em torno de si. E se lhe passava

aquilo, ainda que fosse por algum tempo, por uma meia hora, de repente outra vez começava a espairecer a vista inquieto e a procurar em torno de si.

Mas mal havia observado em si aquele movimento mórbido e até então de todo inconsciente, que havia tanto tempo o estava dominando, quando de maneira inopinada surgiu diante dele outra evocação, que o interessou de modo extraordinário; lembrou-se de que naquele instante em que notara que não fazia outra coisa senão procurar algo em torno de si, estava na calçada, parado diante do mostruário de uma loja e com grande curiosidade olhava os artigos nele expostos. Então quis comprová-lo com certeza; sim, de fato, estivera pouco antes, haveria cinco minutos talvez, diante do mostruário daquela loja, e não se dava conta que tivera uma alucinação ou havia figurado aquilo. Existiriam efetivamente aquela loja e aqueles artigos? Porque o caso era que se achava naquele dia num estado especialmente mórbido, quase no mesmo estado de outros tempos, quando começavam a dar-lhe os ataques de seu mal. Sabia que naquele tempo, logo antes dos ataques, tornava-se distraído ao extremo e, com frequência, confundia até as coisas e pessoas, quando não lhes prestava uma atenção muito forçada. Mas havia também uma razão especial para que tivesse aquele empenho em comprovar se tinha estado parado diante daquela loja; no número dos objetos expostos na vitrina figurava um no qual havia fixado a atenção muito bem e até o havia taxado em setenta copeques de prata; recordava-o perfeitamente, não obstante todo seu ensimesmamento e inquietação. Portanto, se existia aquela loja e aquele objeto se encontrava de verdade entre as mercadorias ali expostas, então era provável que se houvesse detido ali por causa do tal objeto. Quer dizer que aquele objeto tinha para ele um interesse tão poderoso, que atraía sua atenção até mesmo num instante em que era presa de uma tortura tão penosa, apenas saíra da estação. Arrepiou caminho, olhando quase com angústia, e seu coração palpitava-lhe de inquieta impaciência. Mas ali estava a loja, encontrou-a por fim! Estava já a quinhentos passos dela, quando lhe ocorreu voltar. Ali estava também o objeto, com o preço de setenta copeques marcado. “Seriam certamente setenta copeques; mais não vale!”, corroborou agora e pôs-se a rir. Mas ria histericamente; sentia um grande mal-estar. Recordava, claramente

agora que precisamente ali, estando parado diante daquela loja, tinha dado, de repente, meia volta, exatamente como havia feito naquela manhã, quando surpreendeu os olhos de Rogójin fixos nele. Depois de certificar-se de que não se havia enganado (embora se tivesse sentido perfeitamente seguro disso antes), deixou a loja e apressadamente afastou-se dali. Era necessário pensar em tudo aquilo depois. Era claro e certo agora que tampouco se havia equivocado na estação, que sem engano sucedera-lhe algo de real e relacionado com toda aquela sua inquietação interior. Mas certa aversão íntima insuportável tornou a apoderar-se dele; não queria pensar em nada, não queria pensar naquilo: pensava em algo totalmente diferente.

Pensava, entre outras coisas, em que em seu estado epiléptico havia um grau, quase imediatamente antes do ataque (supondo que estes o colhessem em estado de lucidez), em que, de repente, em meio da tristeza, da bruma, da opressão espiritual, seu cérebro por vezes parecia inflamar-se e, com extraordinário ímpeto, todas as suas forças vitais começavam subitamente a trabalhar em sua mais alta tensão. A sensação da vida, a consciência, quase se duplicava naqueles instantes, que se prolongavam como relâmpagos. Alma e coração iluminavam-se com insólita luz; todas as suas agitações, todas as suas dúvidas, toda a sua inquietação pareciam amansar-se de repente, sumir-se numa altíssima serenidade, repleta de júbilo, e de umas ilusões radiosas e harmoniosas, cheias de razão e de razões definitivas. Naqueles instantes aqueles vislumbres ainda não eram senão o pressentimento daquele segundo definitivo (nunca mais de um segundo), em que começava o verdadeiro ataque. Aquele segundo era sem dúvida insuportável. Ao recordar depois aquele momento, já restabelecido, costumava dizer a si mesmo com frequência que todos aqueles relâmpagos e vislumbres de suprema sensação e consciência de si mesmo, e talvez de uma existência suprema, não eram outra coisa senão enfermidade, a interrupção do estado normal, e, se era assim, então aquilo não era de modo nenhum uma existência suprema, mas, pelo contrário, devia ser reconhecida como a mais baixa. E, mesmo assim, apesar de tudo, teve de afinal chegar a uma consequência sumamente paradoxal: “Que importa que se trate de uma enfermidade — decidiu por fim. — Que importa, no fundo, que seja esta uma exaltação anormal, se o resultado é o mesmo, se a sensação

experimentada, quando recordada e analisada já no estado de saúde, mostra-se num supremo grau de harmonia, de beleza; infunde um sentimento até então ignorado e não pressentido de plenitude, de medida, de paz e de uns inspirado e iluminado fundir-se na suprema síntese da vida?". Estas nebulosas expressões pareciam-lhe muito compreensíveis, ainda que no entanto demasiado débeis. Mas de que aquilo era realmente beleza e visão divina, de que aquilo era, efetivamente, a suprema síntese da vida, disso não podia duvidar, nem sequer admitir a dúvida. Não se apoderava dele naqueles instantes uma lucidez parecida com a do haxixe, do ópio ou do álcool, que aniquilava o raciocínio e excluía o juízo, anormal e irreal? Disto podia ele julgar, já restabelecido, no final do estado mórbido. Aqueles instantes eram de fato apenas um insólito esforço da própria consciência — se é possível exprimir esse estado com apenas uma palavra, — da consciência e, ao mesmo tempo, de auto sensibilidade, imediatas e em alto grau. Se naquele segundo, isto é, no último momento consciente, anterior ao ataque, tinha tempo para decidir-se de um modo claro e lúcido "Sim, por esse momento daria eu toda a vida!", era indubitável que aquele momento para ele valia a vida inteira. Aliás, ele não se aferrava à parte dialética de seu raciocínio; o estupor, a névoa mental, o idiotismo eram para ele a clara consequência daqueles supremos instantes. Seriamente, sem dúvida, não podia discutir-se. Na sua conclusão, isto é, na sua apreciação daquele instante, existia um erro; mas a realidade da sensação desconcertava-o não pouco. Que fazer, verdadeiramente, com a realidade? Porque aquilo existia, podia ele dizer a si mesmo, naquele segundo, que aquele segundo, por uma sorte ilimitada, sentia-o ele plenamente, e podia, até mesmo, valer por toda a sua vida. "Nesse momento — assim disse uma vez a Rogójin em Moscou, na época em que ali conviviam, — nesse momento se me torna compreensível esta frase extraordinária de que 'já não haverá mais tempo'. Seguramente — acrescentou ele, sorrindo, — é este o mesmo segundo em que não houve tempo para derramar-se o jarro, cheio de água até as bordas, do epiléptico Maomé, o qual, não obstante, nesse mesmo segundo teve tempo para passar em revista todas as moradas de Alá." Sim, em Moscou, costumava encontrar-se com Rogójin e falar de outras coisas, além desta. "Rogójin disse há pouco que fui então para ele um irmão; disse isto hoje pela primeira vez", pensou Míchkin.

Pensava em tudo isto, sentado em um banco, à sombra de uma árvore, no Jardim de Verão. Era perto de sete horas. O jardim estava deserto; algo de fúnebre difundiu-se no instante do pôr do sol. No seu atual estado contemplativo encontrava certo encanto. Aferrava-se, com evocações e espírito, a quantas coisas via e isto lhe agradava; queria esquecer algo: o presente, o real. Mas ao primeiro olhar em torno de si, imediatamente voltava a adquirir consciência daquele melancólico pensamento que com tantas ânsias desejava afugentar. Lembrou-se que, havia um momento, tinha falado com o moço do restaurante, na sobremesa, de um crime recente, sumamente estranho, que havia causado muito ruído e dado muito que falar. Mal, porém, se recordou desse detalhe, de novo voltou a ocorrer-lhe algo de estranho.

Violento, invencível desejo, quase uma tentação, subjugou, de repente, sua vontade. Levantou-se do banco e, saindo do jardim, encaminhou-se diretamente para o Lado Petersburguês. Pouco antes, à margem do Nieva, havia perguntado a um transeunte onde ficava o Lado Petersburguês, além do Nieva. Indicaram-lhe; mas então não foi lá. Além disso, fosse como fosse, teria sido inútil ir naquele dia, sabia-o. Havia tempo que conhecia o endereço; fácil lhe seria procurar a casa da parenta de Liébiediev; mas sabia quase com certeza que não haveria de encontrá-la em casa. “Certamente terá ido a Pávlovsk, pois de outro modo Kólia teria deixado algo em A Balança, segundo o combinado. E naturalmente, se agora fosse lá, não era com a intenção de vê-la.” Outra triste e dolorosa curiosidade o atraía. Nova e súbita ideia havia-lhe cruzado a imaginação… Para ele era, porém, já bastante satisfatório comprovar que andava e sabia aonde ia; um minuto depois já ia outra vez caminhando, pouco menos que sem rumo. Seguir considerando a respeito daquela sua súbita ideia tornou-se para ele em seguida enormemente aborrecido e quase impossível. Com atenção dolorosamente forçada contemplava tudo quanto lhe vinha aos olhos, contemplava o céu, o Nieva. Falou com um menino que encontrou no caminho. Era possível que seu estado epiléptico se estivesse agravando cada vez mais. A tormenta, ao que parecia, ia-se desencadeando, embora lentamente. Começaram a ouvir-se trovões longínquos. Iniciou-se um grande mormaço…

Sem saber por que, recordava agora, como recordamos por vezes

um motivo musical impertinente e insistente até a estupidez, o sobrinho de Liébiediev, que vira não fazia muito. Estranhou o lembrar-se dele sob o pretexto daquele assassinato que o próprio Liébiediev lhe lembrara ao apresentá-lo. Sim; algo daquele crime lera muito recentemente. Muitas coisas tinha lido e ouvido dizer de sucessos análogos, desde que estava na Rússia; acompanhava tenazmente tudo aquilo. Havia pouco tinha-se interessado, até com excesso, nos seus comentários com o garçom do restaurante, precisamente a respeito desse mesmo assassinato dos Jemárini. O moço estava de acordo com ele, lembrava-se. Lembrava-se, igualmente, muito bem do moço: era um rapazola nada lerdo, sério e circunspecto, embora "só Deus soubesse quem fosse. Era difícil, numa terra nova, conhecer as pessoas novas". Contudo estava começando a ter uma fé apaixonada pela alma russa. Oh! quantas e quantas coisas tinha visto, inteiramente novas para ele, naqueles seis meses, e inauditas e inesperadas! Mas a alma alheia… uma treva, a alma russa, uma treva; para muitos, treva. Por exemplo, havia muito tempo que convivia com Rogójin, que o tratava fraternalmente… e, contudo; ele sabia como era Rogójin? Mas, em geral, por vezes, que caos em tudo isso, que confusão, que embrulhada! E que homem tão selvagem e fátuo aquele sobrinho de Liébiediev! "Que estou eu dizendo, porém?" (Míchkin continuava a sonhar.) "Matou ele aquelas criaturas, aquelas seis pessoas? Parece que estou misturando tudo… Como é estranho! Sinto-me um tanto tonto… Mas que rosto tão simpático e suave o da filha mais velha de Liébiediev, a que tinha o menino nos braços! Que expressão tão inocente, quase infantil e que riso tão pueril o dela!" Era estranho que se tivesse esquecido daquele rosto e só agora o recordasse. Liébiediev, que batia os pés para eles, decerto idolatrava a todos. Mas o mais certo, como dois e dois são quatro, era que Liébiediev idolatrava também seu sobrinho.

Mas, afinal de contas, por que ele se metia a formular juízos definitivos, ele que só os havia visto, naquele dia e a proferir tais apreciações? Porque o certo era que naquele mesmo dia Liébiediev havia-lhe proposto um enigma: ele havia esperado, por acaso, que Liébiediev fosse assim? Talvez já conhecesse antes aquele Liébiediev. Liébiediev e a Du Barry!… "Senhor! Se Rogójin cometer um assassínio, pelo menos não o fará tão às tontas e loucamente. Não haverá o

mesmo caos. Uma arma fabricada segundo um modelo especial e o assassinato de seis pessoas perpetrado em completo delírio. Talvez possua Rogójin uma arma assim, feita segundo um desenho especial… Talvez a tenha… Mas… mas é coisa certa que Rogójin tenha de cometer assassinato?" Míchkin estremeceu de repente. "Não é um crime, não é uma vileza de minha parte pôr-me a enunciar de modo tão cinicamente franco tal proposição?", exclamou e rubores subiram-lhe ao rosto. Estava atônito; parou como que fulminado na rua. De repente lembrou-se também da estação ferroviária de Pávlovsk e da outra estação de Nikolaiev e da pergunta a Rogójin, cara a cara, a respeito daqueles olhos e da cruz de Rogójin que trazia agora consigo, e da bênção de sua mãe, a cujo lado ele mesmo o havia conduzido, e de seu último e convulsivo abraço, a última despedida de Rogójin, havia um momento, na escada. E depois de tudo aquilo como havia surpreendido a si mesmo na busca incessante de alguma coisa em torno de si e daquela loja e daquele objeto… Que ruindade! E depois de tudo isso, ia agora com um fim especial, com uma súbita ideia sua! Desolação e sofrimento tinham-se apoderado de sua alma. Míchkin quis voltar imediatamente ao hotel; chegou a dar meia volta e pôs-se a andar; mas, ao cabo de um minuto, deteve-se, refletiu e voltou de novo ao seu primeiro caminho.

Estava já no Lado Petersburguês, estava perto da casa; mas já não estava com o mesmo propósito, já não estava com aquela súbita ideia especial. E como teria podido ir? Sim, seu mal tornava? Disso não se podia duvidar; era possível que naquele mesmo dia lhe desse o ataque. O ataque tinha a culpa daquela tenebrosidade, o ataque tinha a culpa também daquela ideia. Agora a bruma se aclarava, o demônio ia-se embora, a dúvida se desvanecia, havia alvoroço em seu coração! E… quanto tempo já fazia que não a via, precisava ver e… sim, teria querido encontrar-se agora com Rogójin; pegaria em sua mão e ambos teriam ido ali juntos… Seu coração era puro. Não era ele o rival de Rogójin. Amanhã mesmo iria ver Rogójin e lhe diria que a tinha visto. Porque ele agora voava para ela, segundo dissera antes Rogójin, somente para vê-la! Talvez a encontrasse, talvez não tivesse ido para Pávlovsk!

Sim; era preciso deixar tudo isso bem claro agora para que todos

pudessem ler claramente nos corações uns dos outros; para que não houvesse aquelas melancólicas e apaixonadas despedidas, como a de Rogójin havia pouco, e para que tudo se consumasse livremente e… à luz. Porventura não era Rogójin capaz de enfrentar a luz? Disse que não a amava desse modo, que nele não há compaixão, nada existe de piedade. É certo que depois acrescentou: “Tua piedade é mais poderosa do que meu amor”; mas ele se calunia a si mesmo. Hum!… Rogójin tinha ali aquele livro… Não será talvez piedade, não será um começo de piedade? Será que a mera presença daquele livro não está demonstrando que ele está absolutamente consciente de suas relações com ela? E o que me contou há pouco? Não; isto é mais profundo do que a simples paixão. E por acaso é simples paixão o que sugere seu rosto? Mais ainda: esse rosto pode inspirar paixão agora? Inspira compaixão, apodera-se de nossa alma… E uma recordação ardente, dolorosa, atravessou por um momento o coração do príncipe.

Sim, dolorosa. Recordou como ainda não havia muito tinha sofrido, ao notar nela, pela primeira vez, sinais de loucura. Sentiu então quase desespero. E como pôde deixá-la, quando fugiu de seu lado para ir ter com Rogójin? Ele mesmo deveria então ter corrido atrás dela e não ter ficado à espera de notícias. Mas… seria que Rogójin não tivesse até agora observado nela aqueles indícios de loucura? Hum!… Rogójin vê em tudo outras razões, razões passionais! E que ciúmes insensatos! Que quis dizer com aquela suposição naquela manhã? (Míchkin ficou de repente vermelho e seu coração pareceu pôr-se a tremer.)

Por que, afinal de contas, se lembrava daquilo? Havia ali insensatez em ambas as partes. Ele, o príncipe, amar aquela mulher apaixonadamente… seria absurdo, seria quase cruel, inumano. Sim, sim! Não, Rogójin caluniava a si mesmo; ele tinha um grande coração, que talvez sofresse e se compadecesse. Quando souber toda a verdade e vir que lamentável criatura é essa mulher delirante, meio louca, não lhe perdoará tudo quanto se passou, todas as suas dores? Não se converterá talvez em criado, irmão, amigo e tutor dela?… A piedade instruirá o próprio Rogójin. A piedade é o essencial e talvez a única lei da vida de todo o gênero humano. Oh! quão imperdoável e vilmente culpado ele era diante de Rogójin! Não, não era a alma russa uma

treva, mas ele é quem tinha trevas na alma, quando podia imaginar tais horrores. Depois de algumas palavras veementes e coléricas de Rogójin, lá em Moscou, chamava-o agora de irmão, ao passo que ele… Mas aquilo era enfermidade e delírio! Tudo aquilo se acabaria!… Quão tristemente dissera pela manhã Rogójin que estava perdendo a fé!… Aquele homem devia estar sofrendo muito. Dissera que gostava de olhar aquele quadro; não é que goste, mas quer dizer que sente a necessidade de olhá-lo. Rogójin… é não só uma alma apaixonada, mas também um lutador; quer voltar por força à sua antiga fé. Tem dela agora uma necessidade agoniante… Sim! Acreditar em algo! Acreditar em algo! Mas quão estranha também aquela tela de Holbein!… Mas, ah! esta é a rua. E esta deve ser a casa, isto é, o número 16. Casa da Secretaria do Colégio Filípova. É aqui!

Míchkin tocou a campainha e perguntou por Nastássia Filípovna. A própria dona da casa respondeu-lhe que Nastássia Filípovna havia partido desde manhã para Pávlovsk, para a casa de Dária Alieksiéievna, "e poderia mesmo ocorrer que ali ficasse para passar alguns dias". A Senhora Filípova era uma mulher pequenina, de olhos penetrantes e rosto agudo, de quarenta anos, e olhava de uma maneira ladina e fixamente. Quando lhe perguntou o nome — pergunta a que, com toda intenção, deu um tom muito misterioso, o príncipe recusou-se a responder e já se dispunha a ir embora, quando, justamente neste ponto, reconsiderou, deu seu nome e rogou-lhe que participasse a Nastássia Filípovna sua visita. A Senhora Filípova escutou-o com atenção e fez uma cara de extrema reserva, como se quisesse dizer: "Já sei, não se preocupe!". O nome do príncipe pareceu ter causado grande impressão. Míchkin olhou-a, distraído, deu meia volta e saiu para a rua. Mas, ao sair da casa, seu aspecto era outro, diferente daquela com que entrara. Voltara a operar-se nele outra mudança e também em coisa de um segundo; estava outra vez pálido, sucumbido, atormentado e excitado; tremiam-lhe os joelhos e um sorriso vago, turvo, crispava-lhe os lábios arroxeados; sua súbita ideia tivera confirmação, de modo que era exata, e… tornava a crer em seu demônio!

Mas havia mesmo encontrado sua confirmação? Era de fato exata? Por que então tremia agora? A que se devia aquele suor frio de

sua fronte, aquela sombra e frialdade de sua alma? Por que havia tornado a ver aqueles olhos? Mas não havia ele saído do Jardim de Verão precisamente para vê-los? Mas se aquela havia sido a sua súbita ideia! Tinha querido, intensamente, ver aqueles olhos de antes para convencer-se de uma vez de que havia de vê-los ali, naquela casa. Aquele frenético desejo havia-o levado ali… Por que agora lhe causava tanta impressão vê-los realmente? Parecia ter sido inesperado! Sim, eram aqueles mesmos olhos (que fossem aqueles mesmos olhos não havia a menor dúvida!), os mesmos que entre a multidão apinhada o haviam fitado, relampagueantes e fixos, quando se apeou do trem; os mesmos (exatamente os mesmos!) cujo olhar sentira pousado nele, aqueles olhos perto de suas costas, quando se dispunha a sentar em casa de Rogójin. Este mentiu, ao perguntar-lhe, com um sorriso irônico, frio, que olhos eram aqueles. E o príncipe, ainda um momento antes — a sentar no trem, na estação Tsarskosiélhskaia para ir ver Aglaia e ver de repente, outra vez, aqueles olhos, a terceira naquele dia, — tinha querido voltar à casa de Rogójin e dizer-lhe "que olhos eram aqueles!". Mas, em vez disso, saíra depressa da estação e tinha-se lembrado, primeiro, na metade do caminho, da vitrina daquela loja e de como tinha parado ali e taxado inconscientemente em setenta copeques um objeto com cabo de chifre de cervo. Aquele demônio estranho e cruel apoderara-se dele definitivamente e não queria soltá-lo. Aquele demônio, enquanto ele estava sentado no Jardim de Verão, abstraído em seus pensamentos, à sombra de uma tília, tinha-lhe insinuado que se Rogójin tinha-se sentido obrigado a acompanhá-lo naquele dia e seguir-lhe os passos, preso a seus calcanhares, seguramente, ao descobrir que Míchkin não fôra a Pávlovsk (o que era sem dúvida um fato terrível para Rogójin), teria ido ali à casa da Senhora Filípova e decerto ali ficara a tocaiá-lo, a ele, Míchkin, que naquela manhã lhe havia dado sua palavra de honra de que não iria vê-la e de que não viera a Petersburgo para isso. E, apesar disso, como se movido por um desejo frenético, tinha ido àquela casa. Mas que tinha de particular que ali se encontrasse realmente com Rogójin? Tinha visto apenas um homem desditoso, cujo estado de alma, sombrio e lúgubre, era, não obstante, demasiado compreensível. Aquele homem desventurado nem mais se ocultava agora. Sim, quando interrogara Rogójin a respeito daqueles olhos, ele se calara e não dissera a verdade; mas na estação Tsarskosiélhskaia

estivera presente, sem ocultar-se; antes, fora ele, Míchkin, e não Rogójin, quem se ocultara. Mas agora, naquela casa, estivera de tocaia, a uns cinquenta passos de distância, um pouco de viés ao edifício: estivera parado na calçada, de braços cruzados, o coitado, e esperando. Ali estivera sem esconder-se, patente a todo mundo e desejoso, pelo visto, que o príncipe o visse. Esteve ali como acusador e juiz e não como… Não como quê?

Mas por que não correu para ele o príncipe? Por que deu um rodeio, como se não o tivesse visto, embora seus olhares se tivessem cruzado? (Sim, seus olhares tinham-se cruzado, tinham-se fitado mutuamente!) Ele mesmo não tinha querido, havia um instante, segurar Rogójin pela mão e levá-lo consigo até lá? Não queria ir vê-lo amanhã e dizer-lhe que tinha estado em casa dela? Ele não tinha se desprendido de seu demônio ao dirigir-se para ali, na metade do caminho, quando, de repente, a alegria havia-lhe enchido a alma? Ou era que, efetivamente, havia algo em Rogójin, isto é, em toda a imagem daquele dia, daquele homem, em toda a disposição para seguir adiante presente em suas palavras, gestos, atos, olhares, que pudesse justificar os terríveis pressentimentos do príncipe e as torturantes sugestões de seu demônio? Algo que por si mesmo saltasse à vista, mas que fosse difícil de analisar e de exprimir, impossível de justificar com suficientes razões, mas que, mesmo assim, produzia, apesar de toda essa dificuldade e impossibilidade, uma impressão total e irrefutável que sem propósito se convertia em convicção plena?…

Convicção de quê? (Oh! como atormentava o príncipe a hediondez, a baixeza daquela convicção, daquele mau pressentimento e como se culpava a si mesmo!) “Diz, se te atreves, de quê? — increpava-se sem pausa a si mesmo, em tom de censura e de repto. — Formula, atreve-te a exprimir todo teu pensamento, clara, exatamente, sem hesitações! Oh! sou um homem sem honra! — repetia a si mesmo, enojado e com rubor no rosto. — Com que olhos vou olhar agora esse homem por toda a minha vida! Oh! que dia este! Oh! meu Deus, que pesadelo!”

Houve um momento, no final daquele longo e doloroso caminho do Lado Petersburguês, em que, subitamente, se apoderou do príncipe a ânsia invencível de… ir diretamente à casa de Rogójin, esperá-lo ali,

abraçá-lo cheio de vergonha e de lágrimas, dizer-lhe tudo e acabar com tudo de uma vez. Mas já estava em seu hotel… Quão pouco lhe tinha agradado antes aquele hotel, aqueles corredores, toda aquela casa, seu quarto; quão pouco lhe tinham agradado desde a primeira vista; com quanta aversão havia-se lembrado naquele dia várias vezes que teria de voltar para ali!… “Mas será que eu, hoje, como uma mulherzinha histérica, vou acreditar em toda classe de pressentimentos?!”, pensou, com riso nervoso, parando na porta. Novo e insuportável acesso de vergonha, quase de desolação, pregou-o no seu lugar, mesmo na entrada. Ficou parado um minuto. Assim costuma ocorrer com as pessoas; uma recordação desagradável, subitânea, sobretudo provocadora de vergonha, mantém-nas cravadas um momento em seu lugar. “Sim, sou um homem sem coração e sem coragem!”, repetiu a si mesmo, sobriamente e pôs-se de repente a andar; mas… voltou outra vez a parar.

A entrada da casa, que já de si era escura, estava na ocasião muito tenebrosa; uma grande nuvem de tempestade havia tragado a derradeira claridade da tarde e justamente ao tempo em que o príncipe se aproximava da porta, a nuvem rompeu-se de repente e se desfez em chuva. No momento em que se pôs de novo a andar, num arranque, depois de ter estado parado um instante, encontrava-se na própria entrada da casa, no portal. E de súbito, assombrado, no mais fundo do portal, na penumbra, junto do começo da escada, deu com a vista em um homem. Aquele homem parecia esperar alguma coisa, mas fugiu rapidamente e desapareceu. Míchkin não pôde distinguir claramente o tal homem e, sem dúvida, não poderia dizer com certeza quem fosse. Além disso, por ali podia desfilar muita gente; aquilo era um hotel e, a cada passo, ia e vinha gente pelos corredores. Mas, de repente, acometeu-lhe aquela mesma plena e irrefutável convicção de que conhecia aquele homem e aquele homem não era outro senão Rogójin. Um momento depois Míchkin lançou-se atrás dele, escada acima. O coração palpitava-lhe. “Agora mesmo vai decidir-se tudo!”, disse a si mesmo com estranha convicção.

A escada pela qual o príncipe subia, vindo do portal, conduzia aos corredores do primeiro e do segundo andar, nos quais também havia aposentos destinados a hóspedes. Aquela escada, como as de todas as

casas de edificação antiga, era de pedra, escura, estreita e girava em torno de um grosso pilar de pedra. No primeiro patamar, mostrava aquele pilar uma cavidade, em forma de nicho, de não mais de um passo de largura e meio de profundidade. Um homem, não obstante, poderia esconder-se ali. Por mais escuro que aquilo estivesse, ao chegar Míchkin ao patamar notou imediatamente que ali, naquele nicho, se ocultava um homem. A princípio, quis Míchkin passar de largo e não olhar para a direita. Já havia dado um passo, mas não pôde conter-se e voltou-se.

Os dois olhos de antes, os mesmos, encontraram-se, de repente, com seu olhar. O homem que estava escondido no nicho tivera tempo também para destacar-se dele um passo. Um segundo permaneceram ambos um em frente ao outro, quase a tocar-se. De súbito Míchkin agarrou o outro pelo ombro e fez com que desse meia volta para trás, para a escada, mais perto da luz; queria ver-lhe melhor a cara.

Os olhos de Rogójin cintilaram e um sorriso de raiva construiu-lhe o rosto. Tinha erguido a mão direita e algo reluzia nela; o príncipe não pensou em agarrá-la. Lembrava-se unicamente de que acreditava ter gritado:

— Parfien, não o creio!…

Depois, de repente, pareceu refulgir algo à sua frente; uma extraordinária claridade interior iluminou sua alma. Aquele gesto teria durado o espaço de meio segundo, mas ele, apesar disso, recordava o começo, o primeiro som de seu estranho grito, que lhe havia brotado do fundo do peito e que não teria havido força humana capaz de conter. Em seguida perdeu momentaneamente a consciência e mergulhou numa nova bruma.

Acometeu-o um daqueles ataques de epilepsia que havia muito tempo não lhe davam. É sabido que os ataques de epilepsia, sobretudo a própria epilepsia, produzem-se instantaneamente. Nesse instante, de repente, demuda-se extraordinariamente o semblante, sobretudo o olhar. Convulsões e espasmos apoderam-se de todo o corpo e de todas as feições do rosto. Um grito tremendo, inimaginável e a nada semelhante, escapa-se do peito; nesse grito parece desaparecer

subitamente todo o humano, e não é possível, ou quando menos é muito difícil, que o espectador perceba e chegue a compreender que esse grito lançou-o o próprio homem. Chega até a imaginar que esse grito lançou-o outro, metido dentro daquele homem. Muitos, pelo menos, explicam desse modo sua impressão, e a não poucos o aspecto de um epiléptico atacado de seu mal infunde-lhes um espanto decidido e intolerável que tem algo de místico. É necessário supor que essa impressão de pavor súbito, agravada por todas as demais terríveis impressões desse instante, deixasse repentinamente cravado em seu lugar Rogójin, graças ao que salvou-se o príncipe da inevitável punhalada, já iminente. Não acertou logo tampouco em compreender que aquilo era o ataque e, assombrado, ao ver que Míchkin se afastava dele e de súbito tombava no chão e rodava escada abaixo, dando golpes com a nuca nos degraus de pedra, Rogójin lançou-se a toda a pressa escada abaixo, deu uma volta em torno do homem tombado e quase sem saber o que fazia, fugiu do hotel.

Entre convulsões, palpitações e espasmos, o corpo do príncipe havia rolado pelos degraus, que não eram mais do que quinze, até o pé mesmo da escada. Cinco minutos depois, tinham dado com o homem caído e um grupo formou-se em redor dele. Uma grande poça de sangue em torno de sua cabeça sugeria dúvidas: “Será que ele próprio caiu ou tratava-se de um crime?” Mas não tardaram alguns em certificar-se do ataque. Um dos hóspedes reconheceu no príncipe o inquilino recém-chegado. A incerteza resolveu-se com muita felicidade, graças a uma circunstância.

Kólia Ívolguin, que tinha prometido estar às quatro horas em A Balança e que, em vez disso, tinha ido a Pávlovsk, por súbito capricho recusou o jantar em casa da generala Iepántchini e regressou a Petersburgo, ao seu hotel, onde se apresentou pelas sete da noite. Sabedor pelo bilhete que ali havia deixado o príncipe de que este se achava na cidade, correu a procurá-lo no endereço que lhe dera no bilhete. Tendo sabido no hotel que o príncipe havia saído, desceu ao restaurante e ficou a esperá-lo, enquanto tomava chá e ouvia o órgão. Como tivesse ouvido por acaso comentar o ataque de epilepsia que alguém sofrera, correu para ali com certeiro pressentimento e reconheceu o príncipe. Imediatamente tomaram-se as medidas

oportunas. Transportaram o príncipe para seu quarto; embora tivesse recuperado os sentidos, não chegou a ter cabal conhecimento senão passado longo espaço de tempo. O doutor, chamado para que lhe examinasse a lesão da cabeça, receitou-lhe umas compressas e declarou que as contusões não ofereciam o menor perigo. Quando, passada já uma hora, começou Míchkin a conhecer bastante bem os que o rodeavam, levou-o Kólia do hotel em um coche à casa de Liébiediev. Este acolheu o enfermo com desusado cuidado e com reverências. Por causa dele apressou sua viagem e três dias depois achavam-se todos em Pávlovsk.

## Capítulo VI

A herdade de Liébiediev era pequena, porém cômoda e até bonita. Parte dela, a destinada a aluguel, mostrava-se especialmente aformoseada. No terraço, bastante espaçoso, por onde se entrava da rua na casa, tinham plantado várias laranjeiras, limoeiros e jasmineiros, em grandes vasos de madeira pintados de verde, o que apresentava, segundo Liébiediev, um aspecto sedutor. Algumas daquelas árvores tinha-as adquirido juntamente com a herdade e a tal ponto o encantava o efeito que faziam no terraço, que tinha decidido, dando graças à sorte, comprar em leilão outras arvorezinhas semelhantes em vasos para completar o conjunto. Quando todas as árvores já estavam na herdade e nela distribuídas, Liébiediev várias vezes naquele dia subiu e desceu a escada, do terraço à rua, e ali esteve a saborear sua posse, calculando cada vez a quantia que teria de pedir ao futuro inquilino da herdade. Ao príncipe, debilitado, deprimido e alquebrado de corpo, a herdade agradou muito. Aliás, no dia de sua mudança para Pávlovsk, isto é, no terceiro dia depois de seu ataque, tinha o príncipe já o aspecto de um homem quase são, embora por dentro não se sentisse ainda de todo restabelecido. Estava muito satisfeito com todos quantos vira em torno de si naqueles três dias: satisfeito com Kólia, que quase não se apartava um instante de seu lado; satisfeito com a família de Liébiediev (sem contar o sobrinho, que se havia metido não se sabia onde); satisfeito com o próprio Liébiediev; recebeu até com prazer a Generala Ívolguina, que tinha ido visitá-lo, estando ainda na cidade. No mesmo dia da viagem,

que se realizou à tarde, reuniram-se em redor dele, no terraço, não poucos convidados; o primeiro a apresentar-se foi Gânia, a quem Míchkin mal reconheceu, a tal ponto havia mudado e enfraquecido durante aquele tempo. Vária e Ptítsin tinham também sua herdade em Pávlovsk. O próprio General Ívolguin era hóspede quase perpétuo de Liébiediev e até parecia ter-se mudado para ali com eles. Liébiediev fazia todos os esforços para evitar que ele importunasse o príncipe e para mantê-lo a seu lado; tratava-o amistosamente; saltava à vista que já eram antigos conhecidos. O príncipe percebeu que naqueles três dias eles haviam por vezes travado longas discussões, vociferando e brigando com bastante frequência, ao que parece a propósito de temas científicos, o que era evidente constituía uma satisfação para Liébiediev. Era caso de pensar que o general até lhe fazia falta. Mas aquela circunspecção a respeito do príncipe começou a ser imposta por Liébiediev à sua própria família, desde sua chegada a Pávlovsk. Sob o pretexto de não incomodar o príncipe, não permitia que ninguém se aproximasse dele, batia os pés, lançava-se contra suas filhas e punha-as para fora, sem excluir mesmo Viera com o bebê, à primeira suspeita de que se dirigissem para o terraço, onde se encontrava Míchkin, não obstante todas as súplicas que ele lhe fazia para que não afastasse ninguém.

— Em primeiro lugar, seria falta de respeito deixá-los passar; e depois, até para o senhor mesmo não está bem… — explicou-lhe, finalmente, à pergunta direta do príncipe.

— Por quê? — replicou-lhe Míchkin. — Na verdade, o senhor com todas essas atenções e delicadezas excessivas me mortifica. Sozinho, aborreço-me, já lhe disse mais de uma vez, e o senhor, com seus contínuos gestos de mão e seu andar em pontinhas de pé, crispa-me ainda mais os nervos.

O príncipe aludia ao fato de, embora pusesse para fora dali todos os seus familiares sob o pretexto de que o enfermo necessitava de absoluto repouso, não haver cessado Liébiediev de entrar, durante aqueles três dias, a cada momento, no quarto do príncipe, começando sempre por entreabrir a porta; assomar a cabeça, inspecionar o quarto, como se quisesse certificar-se de que ele continuava ali, que não havia fugido, para depois, em pontas de pés, com lentos e furtivos passos,

aproximar-se da poltrona, de um modo que, por vezes, assustava, de repente, seu hóspede. Estava constantemente a perguntar-lhe se necessitava de alguma coisa e, quando Míchkin, afinal, lhe rogava que o deixasse em paz, dócil e sem replicar, dava meia volta e retirava-se novamente em pontas de pés para a porta, sem deixar de fazer gestos com a mão, até que se afastava de todo, como dando a entender que não falaria, que se ia embora, que não tencionava voltar, o que não era obstáculo para que dez ou quinze minutos depois, quando muito, já estivesse ali de novo. Kólia, que tinha livre acesso junto ao príncipe, inspirava, por esta única razão, profundíssimo ódio a Liébiediev e até mesmo um ressentido asco. Kólia havia observado que Liébiediev estava escutando uma boa meia hora atrás da porta o que ele falava com o príncipe, e assim, claro está, participou a Míchkin.

— O senhor parece considerar-me coisa sua e como que me tem sob chave — protestou o príncipe. — Mas eu, pelo menos na herdade, quero que não seja assim e esteja o senhor certo de que hei de receber a quem quiser e de sair quando bem entender.

— Disso não resta dúvida — assentiu, movendo os braços, Liébiediev.

O príncipe examinou-o atentamente dos pés à cabeça.

— Diga-me, Lukian Timofiéievitch: trouxe para cá aquele armariozinho que tinha pendurado à cabeceira de sua cama?

— Não, não trouxe.

— Ficou lá então?

— Não é possível trazê-lo; é necessário arrancá-lo da parede… Está muito preso, muito preso.

— E não há aqui nenhum como ele?

— E talvez melhor, e talvez melhor; comprei-o com a herdade.

— Ah! Quem foi que o senhor proibiu que entrasse há pouco? Há uma hora?

— Ora… o general. Efetivamente, não o deixei passar, porque não está bem. Eu, príncipe, sinto pelo general profundíssimo respeito; é um grande homem, não lhe parece? Bem, pois olhe o senhor: apesar de tudo… é melhor, sereníssimo príncipe, que o senhor não o receba.

— E por que, permita-me o senhor a pergunta, Liébiediev, e por que entrou o senhor agora de pontas de pés e se aproximou de mim com todo o ar de quem tem de comunicar algum segredo?

— Uma baixeza, uma baixeza, reconheço-o — respondeu Liébiediev inesperadamente, dando, com pesar, uma pancada no próprio peito. — Mas é que o general poderia abusar demais de sua hospitalidade.

— Como abusar demais de minha hospitalidade?

— Sim. Em primeiro lugar, já está disposto a vir morar em minha casa. E isto ainda vai; mas é que depois o homem faz questão até de parentesco. A mim já me considera como parente; resulta que somos parentes, por afinidade. Por mim, está bem. Mas também o senhor, sereníssimo príncipe, segundo me explicou minuciosamente, é seu sobrinho segundo por parte de mãe… Ontem mesmo esteve a explicar-me com toda espécie de pormenores. Mas se é o senhor parente dele, também é meu, por parte dele, isto é, segundo a nova teoria. Mas isto ainda pode passar… é uma pequena fraqueza, como se diz, e nada mais. Mas acaba precisamente de assegurar-me que durante toda a sua vida, desde que era alferes, até o dia onze de junho do ano passado, nunca teve sentadas à sua mesa menos de duzentas pessoas. E chegou, por fim, a coisa ao extremo de já nem se levantarem mais, de modo que por espaço de trinta dias estavam a devorar diariamente pelo menos umas quinze horas, desde o almoço até a ceia, contando a comida do meio dia e tomando chá nos intervalos. E preste o senhor bem atenção: tudo seguidamente, sem a menor interrupção, nem mesmo deixar tempo para mudar as toalhas, e se um se levantava e ia embora, vinha outro e se sentava… e nos dias de festa e de gala, e no dia do milênio do império russo havia até trezentos convidados. É de fazer arrepiar os cabelos! Mas isto é um mau sintoma! E receber em sua casa homens que medem a hospitalidade por essa escala infinita deve ser… mais que comprometedor! Por isso, veja o senhor, pensava

eu que talvez fosse hóspede demais para o senhor!

— Mas noto que o senhor e ele se dão muito bem…

— Damo-nos como irmãos! Mas eu o levo em brincadeira. Que somos um tanto parentes, vá lá. Faz-me honra. E afinal de contas, reconheço que, apesar dos duzentos convidados e dos trezentos do milênio de nossa pátria, é um homem extraordinário. Sim… sou a sinceridade em pessoa. Mas o senhor, príncipe, dignou-se aludir antes a um segredo, no sentido de que eu me aproximava do senhor sempre como se tivesse que comunicar-lhe algum segredo. Bem, pois desta vez o senhor acertou: tinha vindo precisamente para comunicar-lhe um segredo. Certa senhora acaba de manifestar-me que deseja, a todo transe, ter uma entrevista a sós com o senhor.

— Por que a sós? Não é necessário. Eu mesmo irei vê-la e, se for preciso, hoje mesmo.

— Não é naturalmente necessário — e Liébiediev começou a agitar as duas mãos. — Não lhe incomoda o que o senhor possa pensar. Além disso, o monstro vem por aqui todos os dias perguntar pela sua saúde. Sabia-o?

— O senhor a chama de monstro com demasiada frequência e isto me parece muito suspeito.

— Por favor, o senhor não deve ter nenhuma espécie de suspeita… e além disso, só queria explicar-lhe — Liébiediev deu-se pressa em desviar a conversa, — que a referida senhora não tem medo do senhor, mas de outra pessoa totalmente diversa…

— De quem, pois? Diga-me de uma vez tudo quanto tenha de dizer-me — apressou-se Míchkin, impaciente, porque, na verdade, irritavam-no os ares de mistério de Liébiediev.

— Mas se é este precisamente o segredo!

E Liébiediev riu-se de um modo ambíguo.

— O segredo de quem?

— O do senhor. De quem havia de ser? Sereníssimo príncipe, não se lembra de que me proibiu de falar uma palavra sequer a esse respeito? — disse Liébiediev, pavoneando-se e, depois de certificar-se bem de que havia conseguido exasperar a curiosidade do príncipe até um grau de nervosa impaciência, terminou, de repente, de um modo completamente inesperado: — O senhor tem medo de Aglaia Ivânovna.

Míchkin franziu a testa e permaneceu silencioso um instante.

— Por Deus, Liébiediev, vou-me embora de sua herdade! — exclamou, de repente. — Onde estão Gavrila Ardaliónovitch e Ptítsin? Na casa do senhor? Será que também quer afastá-los de mim?

— Virão agora mesmo; virão sem demora. O general virá também com eles. Abrirei as portas de par em par a todos; chamarei todos os meus filhos, todos, todos, agora mesmo, agora mesmo — murmurou Liébiediev, assustado, gesticulando, e lançou-se diligentemente para a porta; mas depois reconsiderou, correu outra vez e voltou de novo à primeira.

Naquele momento apareceu Kólia no jardim, saltou ligeiro os degraus até a varanda e anunciou que atrás dele vinham visitas: Lisavieta Prokófievna e suas três filhas.

— Deixo entrarem Ptítsin e Gavrila Ardaliónovitch? Sim ou não? E o general? — perguntou, rápido, Liébiediev, a quem aquela notícia havia posto num estado de grande agitação.

— Por que não? A todos, a todos que queiram entrar. Asseguro-lhe, Liébiediev, que, desde o primeiro momento, o senhor está um pouco enganado a meu respeito; não faz mais que incorrer em erros. Não tenho motivo algum para ocultar-me de ninguém, nem menos para esconder-me — disse, rindo, Míchkin.

Ao ver isso, acreditou Liébiediev que estava também obrigado a rir. Não obstante sua extraordinária emoção, achava-se Liébiediev também visivelmente contente.

A notícia dada por Kólia era exata; havia-se adiantado somente

uns passos às Iepántchini, para anunciá-las, de sorte que, de repente, surgiram visitas de ambos os lados pelo terraço, as Iepántchini; e procedentes do interior da casa, Ptítsin, Gânia e o General Ívolguin.

As Iepántchini acabavam de ter conhecimento da enfermidade do príncipe, na sua casa de campo em Pávlovsk, por intermédio de Kólia, e até aquele momento havia a generala sofrido uma perplexidade aborrecida. Três dias antes, sem ir mais longe, o general tinha mostrado à sua família o cartão do príncipe, cartão esse que infundiu em Lisavieta Prokófievna a inquebrantável convicção de que o príncipe havia ido a Pávlovsk na intenção de vê-los, por isso havia deixado seu cartão. Em vão asseguravam-lhe suas filhas que quem não lhes havia escrito uma carta em meio ano não iria dar-se agora tanta pressa, tendo tantos assuntos a ocupá-lo em Petersburgo… vá-se saber quais! A generala ficou decididamente aborrecida diante daquela observação e disse estar disposta a apostar algo em como o príncipe se apresentaria no dia seguinte, ainda que já fosse tarde. Passou no dia seguinte esperando a manhã inteira; aguardando-o para a hora do almoço; de tarde, e quando já havia escurecido de todo, Lisavieta Prokófievna ficou uma fúria contra todos e brigou com todos, sem mencionar, é claro, nenhuma vez o nome do príncipe. Tampouco se disse palavra a respeito dele em todo o terceiro dia. Como escapasse a Aglaia dizer imediatamente depois do almoço que a mamãe estava enfadada porque o príncipe não aparecia e o general fizesse notar, logo depois, que disso ele não tinha culpa, Lisavieta Prokófievna levantou-se e, cheia de cólera, deixou a mesa. Finalmente, já ao cair da tarde, apresentou-se Kólia com notícias de tudo e com a descrição de todas as aventuras do príncipe, segundo as sabia ele. O resultado foi que Lisavieta Prokófievna assumiu um ar triunfal; mas, não obstante, passou a censurar fortemente Kólia: “Esse aí passa o dia inteiro dando voltas por aqui e nunca vai embora, e agora bem poderia ter-nos mandado umas linhas contando o que havia, se não achava próprio vir em pessoa”. Kólia quis imediatamente zangar-se com aquela frase “e nunca vai embora”, mas deixou isso para outra ocasião e se a tal frasezinha não tivesse sido tão ofensiva, seria perdoada ali mesmo, a tal ponto haviam-no impressionado a emoção e a inquietude de Lisavieta Prokófievna, ao ter conhecimento da enfermidade do príncipe. Insistiu longo tempo sobre a necessidade

imprescindível de seguir para Petersburgo, a fim de contratar ali alguma celebridade médica de primeira grandeza e trazê-la à pressa no primeiro trem. Mas suas filhas dissuadiram-na e não quiseram separar-se de sua mãezinha quando ela se dispôs em seguida a visitar o príncipe.

— Está no leito de morte — disse, azafamando-se, Lisavieta Prokófievna — e haveremos de andar com cerimônias! É ou não é amigo nosso?

— Sim, mas meter-se na água sem haver sondado sua profundidade não é prudente — observou Aglaia.

— Bem, pois não venhas tu e farás muito bem; se Ievguéni Pávlovitch chegar, não haverá ninguém aqui para recebê-lo.

Depois daquelas palavras, Aglaia, naturalmente, dispôs-se logo a acompanhar as outras, o que, por outra parte, sem necessidade disso, já tinha pensado fazer. O Príncipe Tsch***, que estivera a conversar com Adelaida, a instâncias desta, logo se prestou a acompanhá-las. O príncipe já antes, no princípio de sua amizade com as Iepántchini, havia mostrado muito interesse por Míchkin, quando elas lhe falaram dele. Veio a verificar que era amigo dele, tendo-se conhecido recentemente em alguma parte e que haviam vivido juntos duas semanas não se lembrava em que povoado. Haveria uns três meses daquilo. O Príncipe Tsch*** contou-lhes também muitas coisas a respeito de Míchkin e, em geral demonstrou sentir por ele grande simpatia; de modo que agora, com sincero prazer, ia visitar seu antigo amigo. O General Ivan Fiódorovitch dessa vez não estava em casa. Ievguéni Pávlovitch não havia tampouco ainda chegado.

Da herdade de Liébiediev à das Iepántchini não havia mais de trezentos passos. A primeira impressão desagradável de Lisavieta Prokófievna, na residência em que se achava Míchkin, consistiu em encontrá-lo rodeado de uma caterva inteira de visitas, sem falar que, na tal caterva, havia duas ou três pessoas pelas quais sentia decidida aversão; a segunda, em seu assombro ao achar com aspecto de saúde perfeita, elegantemente trajado e sorridente, o jovem que saía a seu encontro, em vez de encontrá-lo moribundo no leito de morte,

segundo esperava. Chegou a deter-se perplexa, com grandíssima satisfação de Kólia, o qual, sem dúvida, podia muito bem ter-lhe dito, antes de sair ela às carreiras de sua herdade, que não havia tal moribundo, nem tal leito de morte. Mas assim não o fez, imaginando o velhaco a cômica ira que haveria de dominar a generala que, segundo seus cálculos, haveria sem dúvida de aborrecer-se ao encontrar o príncipe, seu sincero amigo, completamente restabelecido. Kólia foi tão pouco delicado que, em voz alta, celebrou seu triunfo, com o objetivo de acabar de irritar Lisavieta Prokófievna, com quem estava continuamente em rixa, e por vezes muito seriamente, apesar da amizade que os unia.

— Espera um pouco, meu caro, não te apresses. Não estragues teu triunfo! — replicou Lisavieta Prokófievna, sentando-se na cadeira que lhe ofereceu o príncipe.

Liébiediev, Ptítsin, o General Ívolguin apressaram-se a oferecer assento às jovens. O general ofereceu cadeira a Aglaia e Liébiediev ofereceu também assento ao Príncipe Tsch*** e o fez com uma reverência de todo o busto, em sinal de respeito. Vária, segundo seu costume, com entusiasmo e em voz baixa, pôs-se a falar com as jovens.

— O certo é, príncipe, que pensava encontrar-te quase de cama, pois até esse ponto o medo exagerava-me as coisas e por coisa alguma no mundo hei de mentir; há um momento causou-me muita raiva ver bom o teu rosto; mas foi coisa de um instante, até que tive tempo de pensar. Sempre ajo e falo mais sensatamente, quando tenho tempo de pensar e creio que o mesmo se passa contigo. Mas é possível que me alegrasse menos com o restabelecimento de um filho, se o tivesse, do que com o teu; e se não o crês, a vergonha será para ti e não para mim. Mas esse meninote malicioso permite-se fazer esta e outras brincadeiras neste estilo. Tu, pelo que se vê, tomaste-o sob tua proteção, mas, previno-te de que, uma bela manhã, acredita-me, recusarei a continuar desfrutando por mais tempo de sua amizade.

— Mas que fiz eu de mau? — perguntou Kólia. — Embora lhe tivesse anunciado que o príncipe estava já quase restabelecido, a senhora não quis acreditar, porque imaginá-lo no seu leito de morte era muito mais interessante.

— Vais ficar muito tempo aqui? — perguntou Lisavieta Prokófievna a Míchkin.

— Todo o verão e talvez mais.

— Estás só? Não te casaste?

— Não, não me casei — e o príncipe sorriu da ingenuidade daquela pergunta.

— Não há motivo para rir; as coisas acontecem. Vou falar-te desta herdade. Por que não vieste para a nossa? Temos toda uma ala vazia. Embora, afinal, seja como quiseres. É esse o homem de quem és inquilino? Esse? — acrescentou, à meia voz, apontando para Liébiediev. — Esse que está fazendo tantas caretas?

Naquele instante chegou ao terraço Viera, que vinha dos aposentos internos, carregando, como sempre, o bebê nos braços. Liébiediev, que andava em redor das cadeiras e decididamente não sabia o que fazer com sua pessoa, mas que ao mesmo tempo não se resolvia, de modo algum, a ir-se embora, lançou-se, de repente, para Viera, ameaçando-a com as mãos, expulsá-la do terraço e até mesmo, esquecendo-se do momento, deu umas patadinhas no chão.

— Será que está louco? — acrescentou, de repente, a generala.

— Não, é…

— Bêbado, talvez? Não é nada brilhante tua companhia — declarou a generala, abarcando com o olhar todos os demais circunstantes. — Afinal de contas, porém, que moça linda! Quem é?

— É Viera Lukiánovna, a filha desse Liébiediev.

— Ah! É muito simpática! Gostaria de conhecê-la.

Mas Liébiediev, que havia ouvido os elogios de Lisavieta Prokófievna, saiu ele próprio à busca de sua filha para apresentá-la.

— Órfãos, órfãos!… — gemeu, aproximando-se. — E essa menininha que traz nos braços, orfãzinha, irmãzinha dela, minha filha

Liúbov, havida em legítimo matrimônio com minha Helena, que acaba de deixar-me, minha defunta esposa, falecida há seis semanas, de parto, por vontade do Senhor… Sim… faz as vezes de mãe, embora seja só irmã, e nada mais que irmã, nada mais, nada mais…

— E tu, *bátiuchka*, não passas de um tolo, se me queres desculpar. Mas basta; hás de compreender o que penso — declarou, de repente, Lisavieta Prokófievna, sem poder dissimular sua extraordinária indignação.

— A pura verdade! — E Liébiediev inclinou-se ainda mais respeitosa e profundamente.

— Ouça, Senhor Liébiediev: é certo o que contam do senhor, que explica o *Apocalipse*? — perguntou Aglaia.

— A pura verdade… há quinze anos.

— Ouvi falar do senhor. Os jornais falaram a seu respeito, não é mesmo?

— Não, foi isso a respeito de outro intérprete, de outro; mas esse morreu e resto eu agora — declarou Liébiediev, fora de si de alegria.

— Faça-me o favor, explique-me algo dele um desses dias, já que somos vizinhos. Não entendo nada do *Apocalipse*.

. Devo adverti-la, Aglaia Ivânovna, que tudo isso que ele diz não passa de charlatanice, acredite-me — intrometeu-se rapidamente o General Ívolguin, que sentado ao lado de Aglaia Ivânovna, aguardava, como que sobre brasas, o ansiado momento de entrar na conversa — Sem dúvida há certos privilégios numas férias — continuou a dizer, — e certas satisfações, e receber um intruso tão extraordinário como esse para que interprete o *Apocalipse* é uma diversão como outra qualquer, e até uma diversão notável, do ponto de vista da inteligência; mas eu… a senhorita, ao que parece, me olha com estupefação. Tenho a honra de apresentar-me: sou o General Ívolguin. Carreguei-a em meus braços, Aglaia Ivânovna.

— Muito prazer em conhecê-lo. Sou amiga de Varvara

Ardaliónovna e de Nina Alieksándrovna — balbuciou Aglaia, lutando, com todas as suas forças, para não disparar na gargalhada.

Lisavieta Prokófievna ficou vermelha de raiva. Algo que fazia tempo lhe fervia no íntimo reclamava, de repente, saída. Não podia suportar o General Ívolguin, de quem outrora, mas já havia muito tempo, fora amiga.

— Mentes, *bátiuchka*, segundo teu costume; jamais a carregaste nos braços — declarou, indignada.

— A senhora se esqueceu, mamãe; carregou-me, deveras, em Tver — confirmou, de repente, Aglaia. — Morávamos então em Tver. Tinha eu seis anos de idade, na ocasião, e lembro-me bem. Fez para mim um arco e uma flecha e ensinou-me a atirar. Cheguei a matar uma rolinha. Lembra-se de que matamos uma rolinha juntos?

— Para mim fez um capacete de papelão e uma espada de pau. Também me lembro — exclamou Adelaida.

— Também eu me lembro dele — corroborou Alieksandra. — Vocês brigaram por causa da rolinha ferida e foram colocadas em cantos separados. Adelaida ficou num canto, com o capacete e a espada.

Ao dizer a Aglaia que a tinha carregado nos braços, dissera aquilo o general somente para início de conversa e unicamente porque quase sempre costumava iniciar assim o diálogo, quando se dirigia a jovens, por considerar oportuno travar amizades com eles. Mas daquela vez ocorreu, como que de propósito, que dissera a verdade, e também, como que de propósito, tinha-se ele mesmo esquecido daquela verdade. De modo que, quando Aglaia, de repente, saiu afirmando que os dois juntos haviam matado uma rolinha, sua memória iluminou-se subitamente e recordou tudo aquilo até em seus mínimos pormenores, como por vezes costumam recordar os já entrados em anos algum episódio do passado remoto. É difícil dizer o que podia haver naquela evocação para que causasse efeito tão poderoso sobre o pobre general que, segundo seu costume, estava um tanto embriagado; mas o certo é que, de repente, ficou extraordinariamente emocionado.

— Lembro, lembro de tudo!… — exclamou. — Eu era na época capitão do Estado-maior. Você… muito pequenina, muito bonitinha. Nina Alieksándrovna… Gânia… Eu frequentava vossa casa… era recebido. Ivan Fiódorovitch…

— E vês agora até que ponto desceste! — interrompeu-o a generala. — Isto quer dizer, afinal de contas, que apesar da bebida não perdeste teus nobres sentimentos, já que assim te comoves. Mas fizeste tua mulher sofrer muito. Em vez de dirigir teus filhos pelo bom caminho, vais tu mesmo parar na cadeia por caloteiro. Anda, *bátiuchka*, vai-te daqui a outra parte, põe-te atrás da porta, num canto, e chora; recorda tua antiga inocência, porque talvez Deus te perdoe. Anda, anda, falo sério. Nada melhor para a emenda que recordar o passado com arrependimento.

Mas não teve necessidade de repetir duas vezes que lhe falava seriamente. O general, como sempre costuma acontecer aos ébrios, era muito sensível e, como todos os ébrios demasiado decadentes, não podia suportar a recordação de seu passado feliz. Assim, levantou e, com tranquilidade, encaminhou-se para a porta, o que fez com que Lisavieta Prokófievna sentisse em seguida compaixão por ele.

— *Bátiuchka* Ardalion Alieksándrovitch! — exclamou. — Fica aqui ainda um momento; todos somos pecadores; quando sentires que a consciência te doa menos, vem ver-me, vais sentar junto de mim e falaremos do passado. É mesmo possível que seja eu cinquenta vezes mais pecadora do que tu. Mas, bem, adeus, vai-te, nada tens que fazer aqui — disse, de repente, assustada diante da possibilidade de que ele voltasse.

— Não vá agora atrás dele — disse Míchkin, detendo Kólia, que se dispunha a correr atrás de seu pai. — Do contrário, ficará imediatamente furioso e tudo terá sido inútil.

— Tem razão; deixa-o em paz; vai buscá-lo dentro duma meia hora — decidiu Lisavieta Prokófievna.

— Veja-se o que lhe acontece por haver falado a verdade uma vez em sua vida: acaba chorando! — atreveu-se a comentar Liébiediev.

— Ora, *bátiuchka*, tu também deves ser muito bonzinho, se é certo o que de ti tenho ouvido — disse Lisavieta Prokófievna, interrompendo-o imediatamente.

A respectiva situação de todos os visitantes, reunidos em torno de Míchkin, foi-se pouco a pouco definindo. O príncipe estava naturalmente em condições de apreciar e apreciava todo o grau de simpatia que sentiam por ele a generala e suas filhas, e, naturalmente, foi absolutamente sincero ao dizer-lhes que naquele mesmo dia, antes que elas chegassem, já havia pensado em fazer-lhes uma visita, não obstante sua enfermidade e o adiantado da hora. Correndo a vista pelas visitas dele, observou Lisavieta Prokófievna que era ainda possível levar a efeito sua intenção. Ptítsin, que era pessoa de muita polidez e de muito tato, deu-se pressa em levantar e retirar-se para os aposentos de Liébiediev, a quem procurou levar com insistência a sair consigo. Este prometeu acompanhá-lo sem demora. Enquanto isso, Vária entrara em conversa com as jovens e ali continuou. Tanto ela como Gânia estavam muito contentes porque o general havia-se retirado; o próprio Gânia não tardou a seguir Ptítsin. Durante aqueles poucos minutos que permaneceu no terraço com as Iepántchini guardou uma atitude discreta, conduziu-se com dignidade e não se desconcertou diante dos enérgicos olhares de Lisavieta Prokófievna que por duas vezes passou-o em revista da cabeça aos pés. Efetivamente, quem o tivesse conhecido antes teria podido pensar que estava muito mudado. Aquilo agradou a Aglaia.

— Foi Gavrila Ardaliónovitch que se retirou? — perguntou, de repente, como costumava fazê-lo, em voz alta, brusca, interrompendo com sua interpelação a conversa das demais pessoas e sem dirigir-se em particular a nenhuma delas.

— Sim — respondeu Míchkin.

— Pois mal o reconheci. Mudou muito e… para melhor.

— Fico muito contente por ele — disse Míchkin.

— Esteve muito doente — disse Vária, com compassiva alegria.

— Mas em que foi que mudou para melhor? — perguntou

Lisavieta Prokófievna, com raivosa dúvida e quase assustada. — Donde tiraste isto? Não há tal melhora. Que melhora é essa que vês?

— Não há nada melhor que o “pobre cavalheiro” — exclamou, de súbito, Kólia, que estava todo o tempo de pé, por trás da cadeira de Lisavieta Prokófievna.

— Isto mesmo pensava eu — disse o Príncipe Tsch***, que se pôs a rir.

— Dessa mesma opinião sou eu — assentiu Aglaia triunfalmente.

— Mas de que “pobre cavalheiro” estais falando? — indagou a generala, olhando perplexa e contrariada para todos; mas, ao ver que Aglaia ficava rubra, acrescentou de mau humor: — Deverá ser qualquer sandice. Porque, que negócio é esse de pobre cavalheiro?

— Será por acaso a primeira vez que esse rapazinho, seu favorito, deforma as palavras alheias? — replicou Aglaia com altiva indignação.

Quase sempre, em toda explosão de cólera de Aglaia (e costumava encolerizar-se com muita frequência), apesar de toda a sua seriedade e crueldade aparentes, mostrava tanto da colegial impaciente e incapaz de fingir que por vezes era impossível, ao olhá-la, as pessoas não começarem a rir, o que aumentava sua zanga, pois não compreendia por que riam, nem como podiam, como se atreviam a rir. Riram agora também suas irmãs, o Príncipe Tsch*** e o próprio Príncipe Liev Nikoláievitch, que, não se sabia por que, ficou também vermelho. Kólia ria e pavoneava-se. Aglaia zangou-se seriamente e ficou duplamente bela. Sentava-lhe muito bem sua agitação e até se aborreceu consigo mesma por esse motivo.

— Não têm sido poucas as palavras suas que também falseou! — acrescentou.

— Baseei-me numa declaração da própria senhorita! — replicou Kólia. — Haverá um mês estava a senhorita lendo o *Dom Quixote* e fez essa declaração de que não há nada melhor que um pobre cavalheiro. Não sei a propósito de quem diria isso: se a propósito de Dom Quixote ou de Ievguéni Pávlovitch, ou de alguma outra pessoa; mas dizia-o a

propósito de alguém, e disso se falou longamente…

— Vejo que te permites ir demasiado longe, meu rapaz, com tuas conjeturas — repreendeu-o, mal-humorada, Lisavieta.

— Mas serei o único? — insistiu, implacável, Kólia. — Todos então disseram o mesmo e agora também o dizem e, se não, há um momento que o Príncipe Tsch***, Adelaida Ivânovna e todos puseram-se do lado do pobre cavalheiro, o que quer dizer que esse pobre cavalheiro sem dúvida existe; e creio que, se não fosse Adelaida Ivânovna, estaríamos todos já cansados de saber quem é o pobre cavalheiro.

— E agora a culpa é minha! — riu Adelaida.

— Não quis pintar o retrato dele… disso é que é culpada. Aglaia Ivânovna rogou-lhe, naquela ocasião, que pintasse o retrato do pobre cavalheiro e até lhe explicou todo o assunto do quadro que ela imaginara, não se lembra? Mas a senhora não quis…

— Mas como ia eu pintá-lo? De acordo com o poema, deduz-se que aquele pobre cavalheiro

> … A ninguém as feições
> mostrou, pois nunca erguia
> do seu elmo a viseira…

Como podia eu desenhar-lhe então o rosto? Que iria pintar? A viseira? O herói anônimo?

— Não compreendo nada. Que viseira é essa? — exclamou, irritada, a generala, que já começava a compreender de sobra que designavam alguém com essa denominação (provavelmente, já de muito tempo antes convencionada) de pobre cavalheiro. Mas chocou-a, sobretudo, que o Príncipe Liev Nikoláievitch se perturbasse também e, afinal, se desconcertasse de todo, como um menino de dez anos. — Mas não iriam acabar aquelas bobagens? Iriam explicar ou não o que queria dizer isso do cavalheiro pobre? Tratava-se de um segredo tão terrível que não podia ser revelado?

Mas todos continuaram rindo.

— Trata-se simplesmente de uns estranhos versos russos — adiantou, por fim, o Príncipe Tsch***, que, pelo visto, queria quanto antes mudar de conversa, — referentes ao pobre cavalheiro, um fragmento sem começo nem fim. Haverá coisa de um mês estávamos de bom humor na sobremesa e pusemo-nos, como de costume, a procurar um assunto para os futuros quadros de Adelaida Ivânovna. A senhora sabe que, faz muito tempo, a preocupação de toda a família é procurar assunto para os quadros de Adelaida Ivânovna. E alguém, não me recordo quem, trouxe à baila o pobre cavalheiro.

— Aglaia Ivânovna! — exclamou Kólia.

— É muito possível, talvez; só que não me lembro… — prosseguiu o Príncipe Tsch***. — Uns puseram-se a rir desse assunto; outros acharam que não se podia pensar em nenhum outro mais elevado, mas que, para representar o pobre cavalheiro, era preciso, em todo o caso, dar-lhe um rosto. E então começamos a escolher entre os conhecidos, sem que nenhum nos satisfizesse. E assim ficou a coisa. Eis tudo. Não compreendo por que ocorreu a Nikolai Ardaliónovitch trazer agora tudo isso à baila. Que na ocasião nos fez rir, é certo; mas agora já não tem um tico de interesse.

— Ora, para dizer alguma nova sandice, incômoda e ofensiva — decretou Lisavieta Prokófievna.

— Não há tal sandice, nada senão o mais profundo respeito — declarou Aglaia de modo completamente inesperado, com voz grave e séria, que havia conseguido plenamente dominar e vencer sua perturbação anterior. Mais ainda: a julgar por certos indícios, era possível pensar, ao fitá-la, que se alegrava pelo fato de levar adiante a brincadeira, e essa mudança radical aconteceu no momento em que se tornou visível a perturbação crescente de Míchkin, que chegou a atingir proporções extraordinárias.

— Dão risada como uns loucos e logo depois vêm com essa de profundo respeito. Idiotas! Respeito por quê? Diz de uma vez, seja como for, por que vens de repente com isso de profundo respeito?

— Ora, porque existe — continuou Aglaia, com a mesma seriedade e gravidade anteriores, em resposta à pergunta quase

colérica de sua mãe, — porque nos tais versos se descreve primeiro um homem capaz de sentir um ideal e depois como, tendo uma vez sentido esse ideal, nele crê e, já animado dessa fé, consagra-lhe toda a sua vida. O que nem sempre acontece nestes tempos. Ali, naqueles versos, não se diz em que consistia precisamente o ideal do cavalheiro pobre; mas salta à vista que seria alguma luminosa imagem, imagem de beleza delicada, e o cavalheiro enamorado, em vez de uma faixa, pendurava ao pescoço um rosário. Na verdade, fala-se ali de certa divisa obscura e não declarada: as letras A.N.B. que trazia escritas em seu escudo…

— A.N.D. — corrigiu Kólia.

— Mas eu digo A.N.B. — interrompeu-o Aglaia, aborrecida. — Seja como for, a coisa está clara: tudo parecia o mesmo a esse pobre cavalheiro, fosse quem fosse e fizesse o que fizesse sua dama. Bastava-lhe tê-la escolhido e posto sua fé em sua graciosa beleza para adorá-la eternamente. Nisto consistia também seu mérito: em que, mesmo se depois ela viesse a ser uma ladra, ele devia continuar acreditando nela e rompendo lanças por sua formosura. O poeta quis, segundo parece, compendiar em uma figura extraordinária toda a enorme concepção do amor platônico do cavalheiro medieval, puro e elevado. É claro que se trata de um ideal. Nesse pobre cavalheiro, tal sentimento chegou a seu último grau até o ascetismo. É força reconhecer que a capacidade de tal sentimento significa muito e que sentimentos semelhantes constituem, por si mesmos, uma qualidade profunda e muito digna, por um lado, de elogio, sem falar de Dom Quixote. O pobre cavalheiro é esse mesmo Dom Quixote, somente que sério e não cômico. Eu, a princípio, não compreendia e dava risada; mas agora amo o pobre cavalheiro e, principalmente, respeito suas façanhas.

Terminou dessa forma Aglaia e, ao olhá-la, teria sido difícil compreender se falava a sério ou de brincadeira.

— Bem, louco ele e loucas suas façanhas! — sentenciou a generala. — Mas tu, menina, mentiste: recitaste uma lição e creio mesmo que isto não te fica bem. Em todo o caso, não são boas maneiras. Que versos são esses? Vamos ouvi-los, pois decerto os sabes de cor. Quero de todo jeito conhecer esses versos. Sempre detestei

poesia; sabia que nada de bom podia vir dela. Por Deus, príncipe, tenha paciência, pois, pelo que vejo, eu também vou precisar dela! — disse, fitando o Príncipe Liev Nikoláievitch. Estava muito aborrecida.

Míchkin tentou dizer alguma coisa, mas estava demasiado perturbado para poder falar. Aglaia foi a única que, tendo tomado tantas liberdades na sua tirada, não se mostrou de modo algum confusa, e até parecia alegrar-se. Levantou imediatamente, com a mesma seriedade e gravidade de antes e, com o ar de quem já estava de antemão preparada e só aguardava um convite, caminhou para o meio do terraço e plantou-se diante de Míchkin, que continuava sentado em sua cadeira. Todos, com certo assombro, voltaram-se para olhá-la e quase todos — o Príncipe Tsch***, suas irmãs, sua mãe, — com uma sensação de constrangimento diante daquele novo capricho, que já ia um tanto longe. Mas era evidente que Aglaia gostava precisamente daquela afetação com que dava princípio à cerimônia de recitar os versos. Lisavieta Prokófievna estava a ponto de fazê-la voltar à sua cadeira, mas no mesmo instante em que Aglaia ia começar a declamar a conhecida balada, dois novos visitantes, que vinham da rua falando em voz alta, apareceram no terraço. Eram o General Iepántchin e um jovem que lhe seguia os passos. A entrada deles causou certo rebuliço.

## Capítulo VII

O jovem que acompanhava o general era um indivíduo de vinte e oito anos, alto, forte, com rosto bonito e inteligente, olhos negros, grandes e brilhantes, que lançavam um olhar cheio de malícia e graça. Aglaia nem sequer lhe prestou atenção e continuou recitando seus versos, olhando com afetação para o príncipe e não se dirigindo a outra pessoa senão a ele. Míchkin não deixou de compreender que tudo aquilo era feito com algum fim especial. Mas, pelo menos, vieram os novos visitantes melhorar um tanto o constrangimento da posição dele. Ao vê-los, levantou, cumprimentou de longe com a cabeça o general, fez-lhe sinal de não interromper o recitativo e voltou depressa para sua cadeira, donde, apoiada a mão direita no espaldar, continuou escutando a balada em uma posição mais cômoda e não tão ridícula

como sentado. Pela sua parte, Lisavieta Prokófievna, com gesto imperioso, estendeu sua mão duas vezes para os que entravam, intimando-os a deterem-se. O príncipe, entre outras coisas, mostrava demasiado interesse pelo novo visitante que acompanhava o general; adivinhava claramente que não era outro senão Ievguéni Pávlovitch Radómski, de quem já ouvira falar muito e no qual mais de uma vez havia pensado. A única coisa que o despistava era o traje à paisana: tinha ouvido dizer que Ievguéni Pávlovitch era militar. Um sorriso zombeteiro vagava pelos lábios do novo visitante durante todo o tempo que durou a recitação dos versos, como se já tivesse notícia do cavalheiro pobre.

"É possível que tudo isso seja ideia dele", pensou consigo o príncipe.

Mas outra coisa muito diferente se passava com Aglaia. A afetação e veemência primeiras, com que iniciara seu recitativo, sucederam uma grande seriedade e uma extraordinária compenetração com a alma e o pensamento do poeta, pronunciando com tal intenção cada palavra daqueles versos e declamando-os com tão sublime simplicidade que acabou não só por atrair a atenção geral, mas também, ao exprimir o elevado espírito da balada, veio a justificar a forçada gravidade com que tão solenemente se colocara no centro do terraço. Naquela gravidade só se podia ver agora a infinitude e também a ingenuidade de seu entusiasmo pelo poema que se havia comprometido a recitar. Brilhavam-lhe os olhos e um leve e mal perceptível calafrio de inspiração e fervor cruzou duas vezes seu belíssimo rosto. Declamou:

Taciturno e discreto,
De rosto grave e pálido,
Valente e retraído,
Há séculos passados
Vivia no Ocidente
Misérrimo fidalgo.
Certa vez — na verdade,
Incrível é o caso!
Viu ele uma visão
Que extático o deixou
E tomou para sempre
Seu coração escravo.
Desde aquela hora e ponto,
O espírito inflamado
Recusa outras mulheres
Olhar ou lhes falar.

Do pescoço lhe pende
Rosário em vez de faixa
Que lhe ajuda a contar
Das orações o número.
E desde aquele instante
A ninguém as feições
Mostrou, pois nunca erguia
Do seu elmo a viseira.
De sua visão pleno,
De amor fiel e casto,
Com sangue em seu escudo
A.M.D. traçou.
Quando na Terra-Santa,
Os bravos paladinos
Os nomes invocavam
De suas bem-amadas,
*Lumen coeli* — clamavam
Seus lábios, — *Sancta Rosa*!
Com tal fervor gritava,
Que o inimigo o ânimo
Num instante perdia,
Como se fulminado.
No seu longe castelo
Em terra do Ocidente,
Até que a morte veio,
Sozinho ele viveu,
Sempre longe do mundo.
Sempre calado e plácido.
Sempre isolado e triste,
Até o último alento.

Recordando depois toda aquela cena, Míchkin atormentou-se longo tempo com uma questão para ele insolúvel: como era possível unir sentimento tão delicado e sincero e tão manifesta e maligna burla? Aquilo tinha sido uma burla, disso não podia duvidar; compreendia-o claramente e não lhe faltavam razões: enquanto recitava, permitiu-se Aglaia trocar as letras A.M.D. pelas letras N.F.B. Aquilo não tinha sido um equívoco, nem tampouco tinha ouvido mal. Disso não podia duvidar também (depois ficou demonstrado que assim havia sido). Em todo o caso, a atuação de Aglaia, indubitavelmente uma brincadeira, embora atrevida e forte em excesso, tinha sido coisa preparada. Do pobre cavalheiro falavam todos (e todos se riam) havia um mês. E, não obstante, por mais que procurasse lembrar-se Míchkin, resultava que Aglaia havia proferido aquelas letras, não só sem o menor aspecto de brincadeira ou burla e sem recalcar absolutamente aquelas letras para fazer ressaltar seu sentido oculto, senão que, pelo contrário, com tal seriedade impassível, com tão inocente e ingênua simplicidade, que teria sido possível pensar-se que aquelas mesmas letras estavam também na balada e que assim figuravam impressas no

livro. Algo pouco confortável e desagradável atormentava o príncipe.

Era fora de dúvida que Lisavieta Prokófievna não havia compreendido nem notado a troca de letras, nem a alusão. O General Ivan Fiódorovitch não entendeu outra coisa senão que tinham declamado uns versos. Dos demais ouvintes, muitos compreenderam e admiraram a ousadia daquela atuação e daquela intenção, mas calaram-se e fizeram todo o possível por se dar por desentendidos. Mas Ievguéni Pávlovitch (Míchkin apostaria qualquer coisa) não só tinha compreendido, mas até se esforçou por dar a entender que tinha compreendido: sorriu de um modo bastante brincalhão.

— Que beleza! — exclamou a generala, com verdadeiro deleite. — De quem são esses versos?

— De Púchkin, mamãe. Não nos envergonhe, pois toda a gente sabe disso — replicou Adelaida.

— É de admirar que não seja eu mais estúpida com as filhas que tenho! — contradisse, rispidamente, Lisavieta Prokófievna. — Que escândalo! Agora mesmo, assim que chegarmos em casa, havereis de dar-me esses versos de Púchkin!

— Mas se em casa não temos, segundo creio, nada de Púchkin!

— Desde tempos imemoriais — interrompeu-a Alieksandra, — andam por lá dois tomos muito estragados.

— Pois mandaremos imediatamente à cidade, Fiódor ou Alieksiéi, a comprá-los, pelo primeiro trem… É melhor Alieksiéi. Aglaia, vem cá!… Dá-me um beijo. Recitaste muito bem. Mas se o fizeste sinceramente — acrescentou, quase com um fio de voz, — tenho pena de ti; se recitaste com ironia, então não aplaudo teus sentimentos, embora, em todo o caso, tivesse sido melhor que não tivesses recitado nada. Compreendes? Bem; vai-te, menina. Depois tornaremos a falar disto, mas agora não vamos ficar toda a vida aqui.

Enquanto isso, Míchkin cumprimentava o General Ivan Fiódorovitch e este o apresentava a Ievguéni Pávlovitch Radómski.

— Apanhei-o de passagem. Acabava de apear-se do trem. Ficou sabendo que eu vinha para cá e de que estáveis todos aqui.

— Soube que o senhor estava também aqui — interrompeu-o Ievguéni Pávlovitch, — e como já fazia tempo que tinha decidido procurar, fosse como fosse, não só sua amizade, mas também a de seus amigos, não quis perder tempo. Está enfermo? Acabo de saber…

— Estou bastante bem e folgo muito em conhecê-lo. Ouvi falar muito do senhor e até falei a seu respeito com o Príncipe Tsch*** — respondeu Liev Nikoláievitch, estendendo-lhe a mão.

Trocaram recíprocas cortesias, apertaram-se as mãos e olharam-se nos olhos. Num instante a conversação generalizou-se. Observou Míchkin (agora observava rápida e avidamente e era até possível que visse o que não havia) que o traje civil de Ievguéni Pávlovitch produzira ali impressão geral, demasiado viva, a ponto de fazer esquecer e apagar todas as impressões anteriores. Seria possível pensar que naquela troca de traje se ocultava algo de particularmente grave. Adelaida e Alieksandra, perplexas, interrogavam Ievguéni Pávlovitch. O Príncipe Tsch***, seu parente, mostrava também grande inquietude; o general falava quase emocionado. Aglaia foi a única que, curiosa, mas perfeitamente tranquila, olhou um momento para Ievguéni Pávlovitch, como se quisesse comprovar tão somente se o traje civil lhe sentava melhor que o militar. Mas, passados um instante, voltou a cabeça e não tornou mais a olhá-lo. Lisavieta Prokófievna tampouco queria perguntar coisa alguma, embora fosse possível que estivesse também algo intranquila. Míchkin imaginou que Ievguéni Pávlovitch não fosse muito do agrado dela.

— Ele me surpreendeu, causou-me assombro — afirmou Ivan Fiódorovitch, como resposta a todas as perguntas. — Não queria acreditar quando há pouco o encontrei em Petersburgo. Mas por que tão depressa? Este é o enigma! E ele é o primeiro a dizer que não é preciso quebrar os móveis!

Da conversa que se seguiu, vieram a saber que Ievguéni Pávlovitch tinha falado em reformar-se havia muito tempo, mas que nunca falava a sério, de modo que era impossível acreditar nele. Além

disso, das coisas sérias falava sempre com ar tão jocoso, que não era possível dar-lhe crédito, sobretudo quando ele não queria que lhe dessem.

— É apenas por uma temporada, por uns poucos meses e nada mais. Um ano, quando muito, e estarei na lista de reforma — disse, sorrindo, Radómski.

— Mas se não tinha necessidade nenhuma disso, pelo menos do que sei a seu respeito — disse o general, ainda com veemência. — Mas a visita às minhas propriedades? O senhor mesmo aconselhou e, além disso, quero fazer uma viagem ao estrangeiro…

A conversa, aliás, demorou em mudar; mas, apesar de tudo, produziu uma inquietação especial, que se prolongou por muito tempo, na opinião de Míchkin, que observava tudo, com máxima atenção, e que dava a entender que em tudo aquilo havia algo de particular.

— De modo que temos outra vez o pobre cavalheiro em cena? — perguntou Ievguéni Pávlovitch, aproximando-se de Aglaia.

Com grande estupefação de Míchkin, ela olhou-o perplexa e inquisitivamente, como se quisesse dar-lhe a entender que entre eles não havia margem para falar do cavalheiro pobre e que ela nem sequer havia compreendido a pergunta.

— Já é tarde, já é tarde para mandar Alieksiéi à cidade comprar o Púchkin! — discutia Kólia com Lisavieta Prokófievna, argumentando com todas as suas forças. — Já lhe disse três mil vezes: é tarde!

— Sim, efetivamente, para mandar agora à cidade é tarde — interveio Ievguéni Pávlovitch, deixando Aglaia. — Creio que em Petersburgo já estarão fechadas as livrarias, pois são quase nove horas — afirmou, olhando o relógio.

— Já que esperou até agora, pode esperar até amanhã — observou Adelaida.

— E, além disso, tampouco está bem — atalhou Kólia, — que as

pessoas da alta sociedade se interessem por demais pela literatura. Pergunte a Ievguéni Pávlovitch. É muito mais decente preocupar-se com um coche amarelo de rodas vermelhas.

— Repetes outra vez frases de algum jornal — observou Adelaida.

— Pois se não pode falar senão assim, tirando frases de jornais! — acentuou Ievguéni Pávlovitch. — Colhe frases inteiras das revistas de crítica. Há muito que tenho a satisfação de conhecer a conversa de Nikolai Ardaliónovitch, mas desta vez não copiou dos jornais. Nikolai Ardaliónovitch aludia maldosamente ao meu coche amarelo de rodas vermelhas. Dá-se, porém, que acabo de trocá-lo de modo que chega você tarde com sua ironia…

Míchkin prestava ouvidos ao que dizia Radómski. Pareceu-lhe que se conduzia admiravelmente, com modéstia e jovialidade e agradou-lhe, sobretudo, ver que tratasse tão de igual para igual e tão amistosamente Kólia, que o havia criticado.

— Que é isso? — perguntou Lisavieta Prokófievna, fitando Viera, a filha de Liébiediev, que estava diante dela com uns livros de grandes dimensões, magnificamente encadernados e quase novinhos, nas mãos.

— Púchkin — respondeu Viera. — Nosso Púchkin. Papai mandou que eu os trouxesse.

— Mas como? Será possível? — exclamou, maravilhada, Lisavieta Prokófievna.

— Não é nenhum presente, não é nenhum presente! Não me atreveria a tal! — exclamou por cima do ombro de sua filha o próprio Liébiediev. — A preço de custo. Este é o nosso Púchkin pessoal, da família, edição de Ânnienkov,[36] agora quase impossível de encontrar… por seu preço. Ofereço-a com veneração, desejando vendê-la e ao mesmo tempo acalmar a nobre impaciência dos sentimentos literários de Vossa Excelência.

— Se a vendes, está bem. Não sairás perdendo; mas não faças essas visagens, paizinho. Também ouvi falar de ti; dizem que és muito instruído? Teremos de conversar algum dia. Queres levar tu mesmo os

livros à minha casa?

— Com a maior veneração e… respeito — disse, muito contente, Liébiediev, que já havia tomado os livros das mãos de sua filha, com extraordinária satisfação.

— Bem, não vás perdê-los! Leva-os, mesmo sem respeito, mas com uma condição — acrescentou a generala, olhando-o com firmeza, — só até a soleira da porta, pois hoje não te recebo. Em compensação, manda tua filha Viera imediatamente, se quiseres, gosto muito dela.

— Por que não lhe fala o senhor a respeito daquelas pessoas? — disse Viera, dirigindo-se a seu pai com impaciência. — Acabarão entrando assim mesmo, pois já estão ficando impacientes. Liev Nikoláievitch — acrescentou, dirigindo-se a Míchkin, que já havia pegado o chapéu para acompanhar as Iepántchini, que se dispunham a retirar-se, — estão lá fora quatro indivíduos que querem falar com o senhor. Estão esperando há muito tempo e furiosos com papai porque não os deixa entrar.

— Que é que querem? — perguntou o príncipe.

— Dizem que se trata de um assunto; mas são de tal natureza, que acabarão armando um escândalo se não forem recebidos, ou o esperarão no jardim. Creio, Liev Nikoláievitch, que seria melhor que o senhor os recebesse imediatamente e os despachasse duma vez… para que o deixem em paz. Gavrila Ardaliónovitch e Ptítsin estão falando com eles, mas não estão querendo deixar-se convencer a ir embora.

— É o filho de Pávlichtchev, o filho de Pávlichtchevl Não vale a pena, não vale a pena! — disse Liébiediev, gesticulando vivamente. — Não vale realmente a pena ouvi-lo; seria impróprio de dignidade do senhor, sereníssimo príncipe, receber gente como essa. É esta a minha opinião. Não vale verdadeiramente a pena…

— O filho de Pávlichtchev!… Meu Deus! — exclamou o príncipe, presa de suma agitação. — Já sei o que é… Mas eu… eu recomendei todo esse negócio a Gavrila Ardaliónovitch. E Gavrila Ardaliónovitch disse-me há uma hora…

Naquele momento apareceu Gavrila Ardaliónovitch na varanda, seguido de Ptítsin. Na sala próxima ouviu-se ruído, alvoroço, através do qual só se percebia, a intervalos, a voz forte do General Ívolguin que, evidentemente, queria dominar a dos outros. Kólia correu para lá.

— É uma coisa muito interessante! — observou, de repente, Ievgueni Pávlitch gritando tão alto que todos o ouviram.

"De modo que ele já sabe!", pensou Míchkin.

— Como? Um filho de Pávlichtchev? Mas… pode haver um filho de Pávlichtchev? — clamou, admirado, o General Iepántchin, olhando interrogativamente a todos. Com estupefação notou que todos pareciam saber algo daquilo que ele ignorava de todo.

A expectativa geral e o patente interesse dos circunstantes teriam chamado a atenção do menos atento, mas causava indizível assombro a Míchkin que um assunto que só a ele dizia respeito, fosse já tão conhecido e tamanho interesse despertasse.

— Seria muito oportuno que o senhor despachasse esse negócio imediatamente — disse Aglaia, adotando, de repente, uma seriedade chocante e aproximando-se de Míchkin, — e espero que nos permita a todos sermos testemunhas. Querem atirar-lhe lama, príncipe! O senhor deve justificar-se e alegro-me de antemão pelo senhor!

— Sim, também eu desejaria ver rechaçada essa pretensão revoltante — exclamou, excitada, a generala. — Caro príncipe, não tenha contemplações; bata-lhes forte, como merecem! Meus ouvidos já estão doendo com essa história escandalosa, e sabe Deus a raiva que me causa. Além disso, seria interessante ver essa gentinha. Mande-os entrar, que nós continuaremos aqui. Tens muita razão, Aglaia, no que acabas de dizer. Ouviu o senhor falar a esse respeito, príncipe? — e se dirigiu ao Príncipe Tsch***.

— Oh! sim. Na casa da senhora. Mas o que sobretudo me interessa é… ver de perto esses rapazinhos — respondeu o Príncipe Tsch***.

— Serão mesmo niilistas esses indivíduos?

— Não, niilistas não são — adiantou-se Liébiediev, que estava também muito agitado. — São outra classe especial de indivíduos. Dizia meu sobrinho que vão mais além dos niilistas. O senhor não pense que vai desconcertá-los com sua presença. Não são dos que se perturbam, excelência. Os niilistas, apesar de tudo, costumam ser instruídos, até mesmo cultos, ao passo que esses outros… vão mais além, porque são antes de tudo homens de ação. É uma espécie de continuação do niilismo, mas eles não seguem pelo caminho reto, e sim de través e de soslaio, nem se contentam com manifestar-se em artigos de jornal, mas vão diretos à ação. Não se trata, por exemplo, de demonstrar a insensatez de Púchkin, nem a necessidade imprescindível de fraccionar a Rússia; não, reclamam, agora como um direito simplesmente, se se deseja algo em extremo, não se deter diante de nenhum obstáculo, ainda que seja preciso sufocar umas oito pessoas. Mas, príncipe, apesar de tudo, não o aconselharia a…

Mas Míchkin já se havia levantado para abrir a porta aos tais visitantes.

— O senhor os calunia, Liébiediev — disse, sorrindo. — O senhor tem muita raiva de seu sobrinho. Não lhe faça caso, Lisavieta Prokófievna. Asseguro-lhe que os Górski e os Danílovi são simples casos isolados e que estes estão… apenas equivocados. Mas preferiria não recebê-los aqui, diante de todos. Perdoe, Lisavieta Prokófievna; entrarão aqui e a senhora poderá vê-los, mas depois sairei com eles. Façam o favor de entrar, senhores!

Imediatamente inquietou-o outro pensamento para ele doloroso. Como um relâmpago cruzou-lhe a mente esta ideia: não seria coisa convencionada de antemão com alguém tratar daquele assunto precisamente naquela hora e naquela ocasião, diante de testemunhas, e talvez esperando seu descrédito e não o seu triunfo? Mas sentiu-se muito triste diante daquela sua “monstruosa e malévola suspeita”. Morreria se alguém viesse a saber daquele seu pensamento e no mesmo instante em que entravam seus novos visitantes, estava disposto, com toda a sinceridade, a se achar, em comparação com quantos o rodeavam, na conta do último dos últimos no que se referia à moral.

Entraram cinco homens, os quatro visitantes e, atrás deles, o General Ívolguin, afogueado, cheio de agitação e com um fortíssimo ataque de eloquência. “Esse está, seguramente, de meu lado!”, pensou, com um sorriso, Míchkin. Kólia introduziu-se entre eles; falava com muito ardor com Ipolit que era do número dos visitantes. Ipolit escutava-o e ria.

O príncipe mandou os visitantes sentar. Todos eles eram tão jovens, até mesmo tão precoces, que teria podido causar assombro não só sua visita como todos os cumprimentos com que entraram. Ivan Fiódorovitch Iepántchin, por exemplo, que de nada sabia, nem nada compreendia daquele novo assunto, experimentou até indignação ao ver-se na presença daqueles rapazolas e teria decerto protestado se não lhe tivessem parecido estranhos os ardores que tomava sua esposa pelos interesses particulares do príncipe. Ficou ali, afinal, por curiosidade e em parte também por bondade de coração, esperando poder ser útil e, em todo caso, impor-se com sua autoridade. Mas a saudação que de longe lhe fez o General Ívolguin, ao entrar, levou-o a fechar de novo a cara. Assim, pois, franziu o cenho e decidiu manter um silêncio obstinado.

Do número dos quatro jovens um deles era aquele tenente reformado do bando de Rogójin, de trinta anos de idade, boxeador e que havia uma vez dado quinze rublos a um pobre. Adivinhava-se que vinha acompanhando os outros para infundir-lhes coragem na qualidade de amigo sincero e, em caso necessário, prestar-lhes sua ajuda. Entre os demais, o primeiro posto e o primeiro papel correspondiam àquele indivíduo que designavam com a denominação de “filho de Pávlichtchev”, embora se tivesse apresentado como Antip Burdóvski.[37] Era um jovem pobre e mal vestido, com um sobretudo com as mangas ensebadas a ponto de espelharem, um colete gorduroso, abotoado até em cima, uma roupa interior perdida não se sabia onde, uma gravata preta, de seda, engordurada até mais não poder e retorcida como uma corda, com as mãos sujas, com a cara sumamente amarelada, louro e, se é lícito assim exprimir-nos, com um ar ingenuamente descarado. Era de estatura mais que baixa, magrelo, de uns vinte e dois anos. Nem a mais leve ironia, nem a mais leve reflexão acusava seu rosto; antes, pelo contrário, um pleno e absoluto

convencimento do próprio direito e ao mesmo tempo algo como uma estranha e incessante ansiedade de ser e sentir-se insultado. Falava com emoção, atrapalhando-se e comendo as letras, como se não articulasse de todo as palavras, mas como se fosse gago ou mesmo estrangeiro, não obstante ser de origem russa.

Acompanhava-o, em primeiro lugar, o sobrinho de Liébiediev, que os leitores já conhecem, e além dele, Ipolit. Era Ipolit um jovem de uns dezessete anos ou talvez dezoito, com uma expressão de rosto inteligente, mas sempre irritada e no qual a enfermidade deixara marcas espantosas. Estava magro como um esqueleto, pálido, amarelado; seus olhos soltavam faíscas e duas manchas vermelhas brilhavam em suas faces. Tossia continuamente; cada uma de suas palavras, quase cada respiração sua, era acompanhada de estertor. Saltava à vista que era um tuberculoso em último grau. Parecia que só lhe restavam duas ou três semanas de vida. Estava muito cansado e foi o primeiro que se deixou cair numa cadeira. Os demais, ao entrar, fizeram muitos cumprimentos e mostraram-se mesmo algo embaraçados, embora se mantivessem num aspecto grave e era provável que temessem comprometer de algum modo sua dignidade, o que destoava demasiado de sua reputação de gente que desprezava as inúteis frivolidades mundanas, os preconceitos e quase tudo no mundo exceto seus interesses pessoais.

— Antip Burdóvski — apresentou-se o “filho de Pávlichtchev”, atrapalhando-se e balbuciando.

— Vladímir Doktorienko — clara e enfaticamente e como que se gloriando de ser Doktorienko, apresentou-se o sobrinho de Liébiediev.

— Keller! — balbuciou o tenente reformado.

— Ipolit Tieriêntiev — disse o último, inesperadamente, com voz aguda.

Todos, por fim, sentaram em fila, nas cadeiras fronteiras ao príncipe; todos, logo depois de se apresentar, franziram a testa e, para ganhar coragem, passavam de mão em mão seus bonés; todos dispuseram-se a falar e todos, apesar disso, mantinham-se calados, aguardando algo com ar de desafio, que queria dizer: “Não,

irmãozinho, mentes; não nos enganarás!”. Pressentia-se que bastaria que algum, para começar, proferisse a primeira palavra, para que em seguida todos se pusessem a falar ao mesmo tempo, interrompendo-se e cortando a palavra uns aos outros.

## Capítulo VIII

— Não esperava nenhum dos senhores — começou Míchkin. — Até hoje mesmo estive enfermo, mas seu assunto — dirigindo-se a Antip Burdóvski, — há um mês que o recomendei a Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin, segundo então os avisei. Aliás, não recuso dar uma explicação pessoal, quero apenas que convenham os senhores que é esta uma hora… convido-os a passar comigo para outra sala, se não vai ser coisa para muito tempo… Estão aqui agora estes amigos meus e creiam os senhores…

— Amigos… até onde o senhor queira, mas, não obstante, permita o senhor — atalhou-o, de repente, com tom insistente, embora sem levantar ainda de todo a voz, o sobrinho de Liébiediev, — que lhe digamos que teria o senhor podido conduzir-se para conosco de uma maneira mais delicada e não fazer-nos ficar duas horas à espera no quarto de seus criados.

— Sem dúvida… e eu… isso é modo de proceder de um príncipe?! E o senhor… o senhor creio que é general. Mas não sou seu criado! E eu, eu… — balbuciou, de repente, com anormal emoção, Antip Burdóvski, com os lábios trêmulos, lançando perdigotos, mas falando tão atropeladamente de súbito, que depois de umas dez palavras não foi mais possível entendê-lo.

— É isso proceder como príncipe?! — clamou Ipolit, com voz aguda e sibilante.

— Se a coisa fosse comigo — declarou o boxeador, — isto é, se me afetasse isso diretamente, como a homem bem nascido, então eu, no lugar de Burdóvski… eu…

— Senhor, acabo de saber há um minuto que os senhores estavam

aqui, por Deus! — tornou a repetir Míchkin.

— Nós não tememos seus amigos, príncipe, sejam o que forem, porque estamos em nosso direito — tornou a afirmar o sobrinho de Liébiediev.

— Mas que direito tem o senhor, permita-me a pergunta — volveu a gritar Ipolit, mas já sumamente acalorado, — de ventilar o caso de Burdóvski na presença de seus amigos? Não queremos para nada a opinião de seus amigos: sabe-se muitíssimo bem qual poderá ser a opinião de seus amigos!…

— Mas se o senhor, afinal, Senhor Burdóvski, não quer que falemos aqui — conseguiu, por fim, intercalar o príncipe, sumamente excitado diante daquele começo, — propus-lhe justamente passar para outra sala. Mas repito-o a todos os senhores, somente há um momento foi que soube…

— Mas não tem direito, não tem direito, não tem direito!… Seus amigos!… Ora bolas! — tornou a gaguejar Burdóvski, girando em redor de si o olhar, com desafio e ameaça e acalorando-se tanto mais quanto mais aumentava seu receio. — O senhor não tem direito!

E depois de ter dito isso, deteve-se abruptamente, como se se lhe tivesse acabado a corda e fixando os olhos míopes, sulcados de grossas veiazinhas vermelhas, ficou olhando inquisitivamente para o príncipe, com o corpo todo avançado para a frente. Mas dessa vez experimentou Míchkin tal assombro que ficou também em silêncio e se pôs a olhá-lo, de olhos escancarados e sem dizer palavra.

— Liev Nikoláievitch! — chamou, de repente, Lisavieta Prokófievna. — Lê isto imediatamente, agora mesmo, pois se relaciona diretamente com teu caso.

Estendeu-lhe depressa um semanário humorístico e indicou-lhe com o dedo um artigo. Quando já estavam entrando os visitantes, Liébiediev chegou-se por um lado a Lisavieta Prokófievna, a cujos favores aspirava e, sem dizer palavra, tirando de seu bolso de lado, aquela revista, havia-lhe posto diante dos olhos, indicando-lhe uma coluna assinalada, que Lisavieta Prokófievna apressou-se em ler,

mostrando-se surpresa e terrivelmente emocionada.

— Não seria melhor não ler em voz alta? — murmurou Míchkin, muito mortificado. — Lerei sozinho… depois…

— O melhor é que leias, que leias agora mesmo, em voz alta! Em voz alta! — disse Lisavieta Prokófievna a Kólia, que havia conseguido abrir caminho até ela. — Alto, diante de todos, para que todos possam ficar sabendo.

Lisavieta Prokófievna era uma senhora veemente e caprichosa, tanto que, de repente e de uma vez, sem parar para pensar, costumava levantar âncora e lançar-se ao alto mar sem consultar o tempo. Inquieto, Ivan Fiódorovitch estremeceu. Mas enquanto todos, no primeiro momento, sem querer, ficavam em seu lugar e aguardavam, perplexos, Kólia abriu a revista e começou a ler em voz alta a passagem que lhe indicara Liébiediev, que havia deslizado até ele:

> PROLETÁRIOS E NOBRES HERDEIROS.
> UM EPISÓDIO DOS LATROCÍNIOS DIÁRIOS E DE TODOS OS DIAS.
> PROGRESSO! REFORMA! JUSTIÇA!

"Casos estranhos sucedem em nossa chamada Santa Rússia, em nossa época de reformas e de iniciativas de grandes Companhias, época de nacionalismos e de centenas de milhões, que se vão todos os anos para o estrangeiro, época de fomento da indústria e de paralisação de mãos laboriosas, etc., etc. Seria coisa de nunca acabar, senhores. De modo que vamos diretamente ao assunto, Ocorreu estranho episódio a um dos nobres herdeiros de nossa decadente aristocracia (*De profundis*!), daqueles nobres herdeiros, aliás, cujos negócios se perdem definitivamente na roleta, cujos pais se viram obrigados a servir como *junkers* e tenentes e, em geral, morriam condenados por algum inocente desfalque na Administração, e cujos filhos, semelhantes ao herói de nosso relato, ou se acreditavam idiotas, ou incorrem em delitos de pena capital, sendo absolvidos a título de lição, ou, finalmente, acabam dando lugar a uma dessas anedotas que assombram o público e cobrem de ignomínia o nosso tempo, já sem isso por demais difamado. Nosso nobre herdeiro, haverá meio ano, calçando polainas à moda estrangeira e tremendo de frio sob um capote ordinário, voltava pelo inverno à Rússia vindo da

Suíça, onde tinha estado a curar-se de sua idiotice (sic!). É forçoso reconhecer que é um sujeito de sorte sem falar de sua interessante doença, de que se curara na Suíça (é possível curar-se a idiotice, podeis imaginar tal coisa?), — e que pode servir de prova da verdade do provérbio russo: "De certa classe de gente… é o mundo!". Julgai vós mesmos: tendo ficado, quando ainda criança de leite, órfão de pai, segundo dizem, um tenente que faleceu em vésperas de ser julgado em Conselho de Guerra, por causa do súbito desaparecimento no jogo de todo o dinheiro destinado à sua Companhia, e talvez também por haver maltratado barbaramente com as baquetas um subordinado seu (lembrais-vos dos velhos tempos, senhores?), veio a ser adotado por um riquíssimo proprietário russo. Este proprietário russo — chamemo-lo P***, era dono, no áureo tempo passado, de quatro mil almas servis (almas servis!) — compreendeis, senhores, essa expressão? Eu não a compreendo. É preciso consultar um dicionário explicativo; "a tradição é recente, mas custa trabalho acreditar nela", era ele, pelo visto, um desses russos ociosos e vagabundos que passam a vida vadia no estrangeiro; no verão, nas águas, e no inverno, no parisiense *Château des Fleurs*, onde deixam, além de seu tempo, somas enormes. Pode-se afirmar redondamente que, pelo menos, uma terça parte da renda dos antigos servos tragava-a o *Château des Fleurs* (ditoso ele!). Seja como for, o referido P*** criou o senhorzinho órfão como um príncipe, deu-lhe preceptores e professoras (sem dúvida bonitas), que para esse feito mandou vir de Paris. Mas o senhorzinho herdeiro, último de sua estirpe, era idiota. As professoras do *Château des Fleurs* não serviram de nada e até os vinte anos nosso perfilhado não conseguiu aprender língua nenhuma, nem mesmo o russo. Esta última coisa, aliás, é perdoável. Afinal, pela cabeça russo-feudal de P*** cruzou a fantasia de que lá na Suíça poderiam instruir o idiota; fantasia, afinal de contas, lógica. O preguiçoso e proprietário podia imaginar que por dinheiro se pode comprar até talento no mercado, muito mais na Suíça. Transcorreram cinco anos de tratamento na Suíça, a cargo de certo professor, e o dinheiro gasto ascendeu a mil rublos. O idiota, como é natural, não pode tornar-se inteligente, mas, segundo dizem, começou a parecer um homem, sem dúvida, no que se refere a pecar. De repente, morre P***. Testamento, claro está, não deixou; os negócios habitualmente andavam atrapalhados; havia uma caterva, ansiosa, de aspirantes à herança, além do senhorzinho, último

de sua estirpe, que estava tratando sua inata idiotice na Suíça. Embora idiota, intentou, contudo, enganar seu professor e contam que dois longos anos conseguiu estar em casa dele de graça, ocultando-lhe a morte de seu protetor. Mas o professor era um charlatão também. Alarmado afinal com a absoluta falta de dinheiro e mais ainda com o apetite de seu parasita, que já estava com vinte e cinco anos, calçou-lhe suas velhas polainas, deu-lhe de presente seu capote rasgado e expediu-o, por caridade, em um carro de terceira classe *nach Russland*[38], para se ver livre dele. Qualquer um diria que a sorte havia voltado costas a nosso herói. Mas eis a verdade: a fortuna, que havia matado de fome províncias inteiras, verte todos os seus dons, de repente, sobre o aristocrata, como a nuvem de Krilov, que passa ligeira sobre os campos ressecos e vai derramar-se no mar. Quase no mesmo instante em que voltava ele da Suíça a Petersburgo, morre em Moscou um parente de sua mãe (que tinha sido, naturalmente, de família de comerciante), um velho comerciante, sem filhos, barbudo e velho-crente, deixando uns tantos milhões indiscutíveis, redondos, cortantes e sonantes (se os tivéssemos, leitores!), tudo para nosso aristocrata, tudo para nosso barão, que estivera a tratar sua idiotice na Suíça. Bem; então mudaram as coisas. Em torno de nosso barão com polainas, que se havia enamorado de certa beldade, de virtude fácil, reuniu-se de repente toda uma pandilha de amigos e amigalhotes, apareceram-lhe até parentes e, como se ainda fosse pouco, toda uma série de senhoritas distintas, doidas para casar, porque, que mais pedir? um aristocrata, milionário, idiota… tudo numa só peça, um marido como não se encontraria nem com uma lanterna, nem que fosse de encomenda…”

— Isto… isto não compreendo! — exclamou Ivan Fiódorovitch no mais alto grau de indignação.

— Não leia mais, Kólia — rogou Míchkin, com voz implorante. Ouviram-se exclamações de todos os lados.

— Lê! Lê, seja o que for! — ordenou Lisavieta Prokófievna, fazendo visíveis esforços para conter-se. — Príncipe! Se o senhor não deixar que ele prossiga… brigaremos.

Não era possível outra coisa. Kólia, sufocado, vermelho, cheio de

emoção, com voz agitada, prosseguiu a leitura:

"Mas enquanto nosso rapidamente feito milionário se encontrava, por assim dizer, na glória, sobreveio uma circunstância completamente secundária. Numa belíssima manhã apresentou-se em sua casa um visitante de rosto fleumático e grave, com uma maneira cortês de exprimir-se, porém digno e justo, vestido modesta e decentemente, de ideias com tendências marcadamente progressistas, o qual, em duas palavras, lhe explicou o objeto de sua visita. Era… um advogado famoso; havia-o encarregado de um caso um jovem cujo nome revelou. O dito jovem é, nem mais, nem menos, o filho do falecido P***, embora use outro nome. O libidinoso P*** havia seduzido em sua juventude uma honrada e pobre senhorita da classe de seus servos, mas educada à europeia (tirando vantagem, sem dúvida, de seus direitos senhoriais nos velhos tempos da servidão) e tendo percebido as invisíveis, porém iminentes consequências daquelas relações, deu-se pressa em casá-la com um homem trabalhador e que estava a serviço do Estado, de nobre caráter e que já fazia tempo amava a referida senhorita. A princípio, continuou ajudando os recém-casados, mas não tardou que o marido, impulsionado pelo seu nobre caráter, rejeitasse toda ajuda daquela procedência. Transcorreu algum tempo e, pouco a pouco, foi P*** esquecendo-se, tanto da jovem como do filho de ambos, que vivia com ela, e depois, como é notório, veio a morrer *ab intestato*. A tudo isto, seu filho, que havia nascido no seio de um matrimônio legal, embora criado com outro nome e completamente adotado pelo nobre caráter do marido de sua mãe, o qual também morreu, deixando os dois de todo desamparados, ele e sua mãe enferma, cheia de achaques, inválida, numa província remota, procurava na capital ganhar dinheiro com seu honesto trabalho cotidiano, dando aulas em casa de uns comerciantes, com o qual custeava a princípio os estudos no ginásio, e depois, o assistir como ouvinte as conferências, úteis para ele, que tinha em mira seu futuro progresso. Mas que representam uns vinténs de um comerciante russo em troca de algumas aulas, quando se tem uma mãe enferma, inválida, que, finalmente, com sua morte ocorrida na distante província, quase veio a causar-lhe um alívio? Chegou agora o momento de formular-se uma pergunta: "Como, de acordo com a justiça, haveremos de julgar o nosso aristocrata?". Vós,

leitores, pensareis, sem dúvida, que ele disse o seguinte, a si mesmo: “Desfrutei toda a minha vida das dádivas de P***; na minha educação, nas minhas professoras e no tratamento de minha idiotice, foram gastos dez mil rublos na Suíça; eis que agora disponho de milhões, ao passo que o filho de P***, com seu nobre caráter e que não tem a menor culpa do modo de proceder de seu esquecido e libertino pai, vive com dificuldades, dando aulas. Tudo quanto correspondeu a mim, de acordo com a justiça, deve passar para ele. Estas enormes quantias que me foram adjudicadas, na realidade não são minhas. Foi este apenas um erro cego da Fortuna. Eram devidas ao filho de P***. Deveriam tê-las dado a ele e não a mim, filho do capricho fantástico. Se eu fosse realmente grato, sensato e justo, daria agora ao filho dele a metade de meus milhões. Mas como eu, antes de tudo, sou um homem sensato e sei muito bem que, judicialmente, nada me pode reclamar, não lhe darei a metade de meus milhões. Mas como não dar-lhe nada não estaria tampouco bem (nosso aristocrata esquecia-se de dizer a si mesmo que tampouco seria discreto), devo, pelo menos, devolver-lhe aquelas dezenas de milhares de rublos que seu pai gastou para curar-me de minha idiotice. Com isso não faço mais do que satisfazer a minha consciência e a justiça. Porque, que teria sido de mim se P***, em vez de adotar-me, reconhecesse seu filho natural?”.

“Mas, não, respeitados leitores. Nossos aristocratas não costumam meditar deste modo. Em que pese toda a eloquência do advogado, que só por afeto ao jovem e quase contra a vontade deste se entusiasmara com a empresa de fazer valer perante o atual milionário e ex-idiota os foros da honra e da justiça, e apresentar-lhe além disso as vantagens da prudência, o idiota educado na Suíça mostrou-se inflexível. E que foi que fez em vez disso? Pois o que fez foi, e continuou sendo, imperdoável, e não se pode desculpá-lo invocando qualquer enfermidade interessante; esse milionário, que mal acaba de descalçar as polainas de seu professor, não compreendeu sequer que o filho de seu benfeitor, que pensa nobremente e se mata de trabalhar dando aulas, não implorava nenhuma proteção benévola, mas apenas o que lhe cabe em direito, e nem sequer o pedia ele próprio, mas seus amigos é que pediam por ele. Inchado de orgulho e entontecido pelo poder dos milhões, que lhe permitem agora impunemente pisotear os deserdados, vai nosso aristocrata e saca do porta-moedas uma nota de

cinquenta rublos e a envia com toda a insolência, como uma esmola, àquele nobre jovem. Negais-vos a crer, respeitados leitores? Sentis-vos revoltados, penalizados, lançais gritos de indignação? Mas foi isso que ele fez! Naturalmente, devolveram-lhe no mesmo instante o dinheiro, atiraram-lhe à cara. Mas que solução se há de esperar agora, no estado em que se acham as coisas? Juridicamente, não há que esperar nada; segundo a lei escrita, não se pode atacá-lo; não resta outro recurso senão dar publicidade ao caso. Assim, pois, o entregamos ao juízo do público, garantindo, para terminar, a exatidão de quanto deixamos escrito. Tivemos conhecimento de que um de nossos mais famosos humoristas, ao inteirar-se deste caso, compôs delicioso epigrama que merece vir a público, não só num jornal de província, mas na imprensa da capital, como descrição de costumes, por isso queremos reproduzi-lo aqui:

O caro Liova[39] em cinco longos anos
De Schneider na capa andava bem quentinho.
Viveu como criança, às vezes divertindo-se
Com qualquer pueril e tolo brinquedinho.
Depois voltou à pátria, apertado em polainas,
E viu-se de milhões herdeiro, de repente,
O estudante roubando, alegre, sem remorso,
O príncipe demente!”

Depois que Kólia terminou a leitura, apressou-se em devolver a revista ao príncipe, retirou-se sem dizer palavra para o canto mais próximo, e ali cobriu o rosto com as mãos. Sentia uma vergonha insuportável e sua sensibilidade infantil, que ainda não tivera tempo de acostumar-se à lama, revoltava-se de maneira insuportável. Parecia-lhe que tivesse ocorrido algo de inaudito, algo que de um golpe deitava por terra tudo quanto existia antes e que também ele se tivesse feito culpado por ter lido aquilo em voz alta.

Também os demais pareciam sentir algo de semelhante.

A situação se tornava mais penosa para as jovens que estavam envergonhadas. Lisavieta Prokófievna guardava dentro de si uma raiva tremenda e talvez se arrependesse também amargamente de ter-se intrometido no caso; agora se mantinha em silêncio. A Míchkin sucedia o que costuma ocorrer em transes parecidos às pessoas muito tímidas: sentia a tal ponto vergonha pelo procedimento dos outros, a

tal extremo se envergonhava por causa de seus visitantes, que no primeiro momento nem sequer se atrevia a olhá-los. Ptítsin, Vária, Gânia, até Liébiediev, todos mostravam um aspecto de certa confusão. O mais estranho de tudo era que Ipolit e o “filho de Pávlichtchev” pareciam também algo atônitos; o sobrinho de Liébiediev mostrava igualmente visível descontentamento. O boxeador era o único que continuava completamente tranquilo, cofiando o bigode, com grave aspecto e a vista um tanto baixa, mas não de vergonha e pelo contrário, como por efeito de uma nobre modéstia e de um triunfo bastante evidente. Tudo indicava que aquele artigo fora muito de seu agrado.

— O diabo sabe o que é isso — murmurou à meia voz Ivan Fiódorovitch. — Cinquenta lacaios devem ter-se reunido para escrevê-lo.

— Mas permita-me o senhor que lhe pergunte, cavalheiro: como se atreve a ofender com semelhantes suposições? — disse, todo trêmulo, Ipolit.

— É que isso, isso, para um homem de condição nobre… Convenha o senhor, general, se é de condição nobre… que isso é ofensivo — resmungou o boxeador, estremecendo também de repente, torcendo o bigode e arqueando os ombros e todo o corpo.

— Em primeiro lugar, o senhor não precisa chamar-me de cavalheiro, e, além disso, não estou de modo algum disposto a dar-lhe explicações — respondeu-lhe, secamente, Ivan Fiódorovitch, que, terrivelmente aborrecido, levantou-se de seu lugar e, sem dizer palavra, dirigiu-se para a saída do terraço e ficou de pé no primeiro patamar, de costas para os presentes, com grandíssimo desgosto de parte de Lisavieta Prokófievna, que não pensava ainda em mover-se de seu lugar.

— Senhores, senhores, deixem-me, afinal, falar! — exclamou Míchkin, com pesar e emoção, — e façam-me o favor: falemos de modo que possamos entender-nos! Não ligo, para nada, importância a esse artigo, mas olhem, senhores, nada disso é verdade, nada de quanto diz o artigo. Assim o afirmo, porque os senhores mesmos o

sabem. É vergonhoso, de fato, de modo que me causaria grande surpresa, se algum dos senhores o tivesse escrito.

— Até este mesmo instante nada sabia desse artigo — declarou Ipolit. — Não o aprovo.

— Eu, embora estivesse ciente de que o haviam escrito, tampouco teria aconselhado sua publicação, porque é prematuro — acrescentou o sobrinho de Liébiediev.

— Eu sabia dele, mas é que tenho direito… eu… — balbuciou o "filho de Pávlichtchev".

— Como! Foi o senhor quem escreveu isso? — perguntou Míchkin, olhando com curiosidade para Burdóvski. — Não é possível!

— Podemos recusar reconhecer-lhe o direito de formular semelhantes perguntas — intrometeu-se o sobrinho de Liébiediev.

— Não fiz mais do que mostrar meu assombro diante da possibilidade de ter o Senhor Burdóvski… mas… quero dizer-lhes que se os senhores já deram publicidade a esse caso, por que, há momentos, deram-se por ofendidos por querer eu falar dele diante de meus amigos?

— Acabemos de uma vez! — murmurou Lisavieta Prokófievna.

— E também, príncipe, — exclamou Liébiediev, abrindo caminho por entre as cadeiras, impaciente e quase febril, — esquece-se o senhor de que somente sua benevolência e a incomparável bondade de seu coração puderam aceitar recebê-los e ouvi-los, e que nenhum direito têm de reclamar assim, tanto mais quanto deste caso já havia o senhor encarregado Gavrila Ardaliónovitch e ao assim fazê-lo o senhor também se deixou levar por sua excessiva bondade, e que agora, sereníssimo príncipe, encontrando-se rodeado de seus amigos, não pode o senhor sacrificar tal companhia em honra desses senhores, e poderia dizer a todos eles que tomassem imediatamente o caminho da porta, coisa que eu, como dono da casa, veria com o maior prazer…

— Perfeitamente justo! — gritou o General Ívolguin, de repente,

lá do fundo da sala.

— Basta, Liébiediev, basta, basta — começou Míchkin. Mas uma explosão de indignação apegou-lhe as palavras.

— Não, perdoe o senhor, príncipe, perdoe o senhor. Isto agora já basta! — disse o sobrinho de Liébiediev, com voz que dominava todas as outras. — Agora é preciso expor o caso com toda a clareza e firmeza, porque está visto que não o compreendem. Aqui se atravessam textos jurídicos e, em virtude desses textos, ameaçam-nos pôr-nos para fora! Mas será verdade que o senhor, príncipe, nos tenha como tão ignorantes que não compreendamos até que extremo o caso não é jurídico e que se lançarem mão da lei não teremos direito de reclamar-lhe nem um rublo? Mas nós precisamente compreendemos que, se bem que não nos assista nenhum direito jurídico, assiste-nos, em compensação, o direito humano, natural, o direito do intelecto sadio e da voz da consciência, e concedemos que esse nosso direito não esteja escrito em nenhum código humano. Não importa. O homem nobre, honrado, ou o que é o mesmo, o homem de intelecto sadio é obrigado a mostrar-se nobre e honrado e até mesmo naqueles pontos que não constam do código. Daí termos nós vindo sem temor algum de que nos atirassem na rua (como acabam de ameaçar-nos), porque não só não pedimos, mas reclamamos, e sem ter em conta o avançado da hora (embora não tenhamos vindo em hora tão avançada, mas apenas nos fizeram esperar no quarto dos criados), o termos vindo, repito, sem temer nada, deve-se a termos suposto que o senhor é um homem de intelecto sadio, isto é, um homem de honra e de consciência. Sim, é verdade, vimos não humildemente, não como aduladores e parasitas seus, mas de fronte erguida; não em tom de súplica, mas com exigências livres e altivas (ouça-o bem: não em tom de súplica, mas exigindo, tenha-o bem presente). Nós, com dignidade e franqueza, formulamos-lhe esta pergunta: “Reconhece-se o senhor justo ou injusto no caso Burdóvski? Reconhece-se protegido e é possível que até salvo da morte por Pávlichtchev?”. Se assim se reconhece (isto salta à vista), então está o senhor disposto ou acha justo, por consciência, ao embolsar agora esses milhões, recompensar o necessitado filho de Pávlichtchev, embora use agora o nome de Burdóvski? Sim ou não? Se sim, isto é, em outras palavras, se tem o senhor o que em nossa língua

chamamos de honra e consciência, e eu mais justamente chamo de intelecto sadio, neste caso aceda o senhor às nossas pretensões e o assunto está liquidado. Satisfaça-nos sem mais súplicas nem gratidão de nossa parte; não as espere de nós, uma vez que o senhor não faz por nós nada, senão justiça. Se não quer dar-nos satisfação, isto é, se responde não, neste caso vamos embora imediatamente e corta-se a questão. Dizemos-lhe na cara, na presença de todas estas testemunhas, que o senhor é um homem de pouca inteligência e de baixa cultura; que para diante não se atreverá o senhor, nem terá o direito de chamar-se homem de honra e de consciência, pois quer comprar bastante barato esse direito. Acabei. Deixo formulada a pergunta. Ponha-nos para fora daqui, se se atrever. Pode fazê-lo: conta com a força. Mas tenha presente que nós, apesar de tudo, exigimos e não suplicamos. Exigimos e não suplicamos!…

O sobrinho de Liébiediev, que se havia exaltado muito, fez uma pausa.

— Exigimos, exigimos, exigimos e não pedimos!… — clamou Burdóvski, que se pôs vermelho como um camarão.

Depois daquelas palavras do sobrinho de Liébiediev, operou-se um movimento geral e até ergueram-se murmúrios, embora saltasse à vista que ninguém queria intrometer-se naquele assunto, com a única exceção, talvez, de Liébiediev, que parecia estar atacado de febre. (Coisa estranha: Liébiediev que, evidentemente, estava da parte do príncipe, parecia experimentar certa satisfação de orgulho familiar depois do discurso de seu sobrinho; pelo menos, com certo aspecto especial de satisfação, passeou o olhar pelos presentes.)

— Na minha opinião — começou Míchkin, bastante sereno, — o senhor, Doktorienko, em tudo quanto acaba de dizer tem razão mas só pela metade, e até lhe concedo que em metade um tanto crescida, e estaria completamente de acordo com o senhor se não houvesse passado algo por alto em suas palavras. O que o senhor passou por alto, não tenho concretamente forças, nem estou em condições de exprimi-lo com exatidão; mas para que suas palavras sejam plenamente justas falta-lhes algo. Mas vejamos melhor o caso, senhores: digam-me com que objetivo publicaram esse artigo? Porque

em todo ele não há uma só palavra verdadeira: tudo se reduz a uma pura calúnia; de modo que, na minha opinião, cometeram os senhores uma vilania.

— Permita o senhor!

— Cavalheiro!

— Isso… isso… isso…! — clamaram ao mesmo tempo, agitados, os visitantes.

— No que toca ao artigo — ressaltou Ipolit, com voz aguda, — no que toca a esse artigo, já lhe disse que nem eu, nem os outros o aprovamos. Escreveu-o este — e apontou o boxeador, que estava sentado junto dele. — Escreveu-o de uma maneira indecorosa, estou de acordo; redigiu-o sem gramática e com um estilo como o que empregam os soldadores como ele. É estúpido e, além disso, descarado, estou de acordo; assim lhe digo todos os dias em plena cara. Mas, não obstante, tinha meia razão; a publicidade é o direito legal de todos e, portanto, também de Buróvski. Pelas suas necessidades, responda ele mesmo. No que se refere ao meu protesto em nome de todos contra a presença de seus amigos, considero necessário explicar-lhe, cavalheiro, que protesto unicamente para fazer valer nosso direito, mas na realidade desejávamos nós também que houvesse testemunhas, e há pouco, antes de entrar, todos nós, quatro, éramos dessa opinião. Fossem quais fossem suas testemunhas, ainda que fossem amigos seus, não podiam deixar de reconhecer o direito de Burdóvski (porque é evidente, matemático). De modo que é até melhor que essas testemunhas sejam amigos do senhor: dessa maneira ressaltará a verdade com maior força.

— É verdade; tínhamos concordado nisso — afirmou o sobrinho de Liébiediev.

— Mas, então, por que antes, às primeiras palavras, armaram os senhores tanta gritaria e alvoroço, se era o que desejavam? — exclamou, admirado, Míchkin.

— A respeito do artigo, príncipe — interveio o boxeador, que estava doido para fazer o seu discursinho e animando-se de um modo

simpático (cabe suspeitar que sobre ele exercia visível e poderoso influxo a presença das senhoras) — a respeito do artigo, reconheço, efetivamente, que sou seu autor, não obstante acabar de criticá-lo meu amigo enfermo, a quem tenho o costume de perdoar tudo, em razão de seu estado. Escrevi-o eu e publiquei-o no periódico de um amigo leal, como trabalho enviado por um correspondente. Os versos são a única coisa que não é minha, pois saíram, efetivamente, da pena de um famoso humorista. Não fiz mais do que ler o artigo para Burdóvski, e não por inteiro, e ele imediatamente autorizou-me a publicá-lo, ainda que, concordarão os senhores comigo, pudesse eu também tê-lo publicado sem sua autorização. A publicidade é o direito de todos, nobre e benéfico direito. Espero que o senhor mesmo, príncipe, será suficientemente adiantado para não negá-lo…

— Não vou negar nada, mas o senhor deve reconhecer que seu artigo…

— É duro, quer o senhor dizer? Mas olhe aqui: trata-se do interesse da sociedade, reconheça-o, e finalmente, como deixar passar um caso tão flagrante? Tanto pior para os culpados; mas antes de tudo está o interesse público. Pelo que se refere a algumas inexatidões, a algumas hipérboles, por assim dizer, convirá o senhor comigo em que, em primeiro lugar, está a importância da iniciativa e, antes de tudo, estão o fim e a intenção; o que importa é o exemplo benéfico e depois pode-se passar ao caso particular. E além disso há o estilo e o valor cômico… e, de fato, todos escrevem desse modo, reconheça-o. Ah! ah! ah!

— Sim, mas asseguro-lhes que os senhores seguiram um caminho completamente errado! — exclamou Míchkin. — O senhor publicou esse artigo supondo que eu teria de negar-me absolutamente a dar satisfação ao Senhor Burdóvski e, provavelmente, com a intenção de intimidar-me e vingar-se de algum modo. Mas que sabia o senhor? Talvez esteja eu decidido a dar satisfação a Burdóvski. Eu, francamente, diante de todos, digo-lhe que estou disposto a dar-lhe satisfação…

— Eis aqui, finalmente, a palavra inteligente e nobre, de um homem inteligente e nobre! — declarou o boxeador.

— Senhor! — explodiu dos lábios de Lisavieta Prokófievna.

— Isto é insuportável! — resmungou o general.

— Permitam-me, senhores, permitam-me expor-lhes o assunto — rogou o príncipe. — Há umas cinco semanas, Senhor Burdóvski, apresentou-se em minha casa, em S***, o seu agente e representante Tchebárov. O senhor descreveu-o muito bem, Senhor Keller, em seu artigo — e Míchkin dirigiu-se, sorrindo, de repente, ao boxeador. — Não simpatizei com ele. Verifiquei desde o primeiro momento que naquele tal Tchebárov se encontrava a chave de todo este caso e que, para falar francamente, tirara ele vantagem de sua ingenuidade, Senhor Burdóvski, para levá-lo a fazer essa reclamação.

— Não tem o senhor o direito de… eu… não sou um ingênuo… é… — balbuciou Burdóvski, em grande excitação.

— O senhor não tem nenhum direito de fazer tais suposições — interveio, autoritário, o sobrinho de Liébiediev.

— Isto é sumamente ofensivo! — guinchou Ipolit. — Suposição ofensiva, falsa e extemporânea!

— Sou culpado, senhores, sou culpado! — apressou-se em declarar Míchkin. — Tenham a bondade de perdoar-me. É que eu tinha pensado que o melhor seria expressar-nos com inteira franqueza, mas… como queiram os senhores. Disse ao tal Tchebárov que, não estando eu em Petersburgo, encarregaria imediatamente um amigo, dando-lhe plenos poderes, de solucionar esse caso, e assim o comuniquei ao senhor, Burdóvski. Digo-lhes, senhores, com toda a franqueza, que o assunto pareceu-me duvidoso, precisamente por estar nele metido Tchebárov… Oh! não se ofendam, senhores. Por Deus, não se ofendam! — clamou Míchkin, assustado, advertindo de novo sinais de dignidade ofendida, em Burdóvski, e de agitação e protesto em seus amigos. — Isto não pode referir-se ao senhor, pessoalmente, embora eu diga que o caso me pareceu duvidoso. Não conhecia então ainda pessoalmente nenhum dos senhores, nem tampouco os seus nomes. Julgava apenas por Tchebárov. Falo em geral, porque… se os senhores soubessem quão terrivelmente venho sendo enganado desde que entrei em posse dessa herança…

— Príncipe, o senhor é tremendamente ingênuo — observou, sarcástico, o sobrinho de Liébiediev.

— E, além do mais, príncipe e milionário. Com seu coração, talvez, e sem talvez, bom e simples, não pode o senhor subtrair-se, sem dúvida, à lei geral — declarou Ipolit.

— É possível, é muito possível, senhores — apressou-se em dizer Míchkin, — embora não compreenda a que lei geral o senhor se refere. Mas continuo: só lhes rogo que não se ofendam sem motivo. Juro que não tenho o menor desejo de ofendê-los. E afinal de contas, senhores, que é isso? Não se pode dizer uma palavra sincera, sem que no mesmo momento se deem por ofendidos? Mas, em primeiro lugar, fiquei muitíssimo chocado que existisse um filho de Pávlichtchev e que vivesse numa situação tão espantosa como a que Tchebárov me descreveu. Pávlichtchev era meu protetor e amigo de meu pai. Ah! por que descreveu o senhor tão falsamente em seu artigo o meu pai, Senhor Keller? Não houve aquele desfalque na caixa da Companhia, nem aquela ofensa a um inferior… Disto estou firmemente convencido. E como pôde mover-se sua mão para estampar calúnia semelhante? Mas o que escreveu o senhor a respeito de Pávlichtchev é totalmente intolerável. Chamou aquele nobre homem de libertino frívolo, tão ousada, tão redondamente, como se, de fato, dissesse a verdade, quando, no entanto, era o homem mais virtuoso do mundo! Era mesmo notavelmente culto; mantinha correspondência com muitas personalidades científicas importantes e investiu muito dinheiro no fomento da ciência. No que diz respeito ao seu bom coração, às suas boas obras, oh! sem dúvida teve o senhor toda a razão ao dizer que era eu então quase idiota e não podia compreender nada (embora soubesse falar e compreender o russo), mas posso agora apreciar tudo quanto recordo no seu verdadeiro valor…

— Permita-me — guinchou Ipolit, — não lhe parece isso demasiado sentimental? Nós não somos meninos. O senhor disse que ia tratar diretamente o assunto e já são dez horas, não se esqueça.

— Muito bem, cavalheiros — concordou Míchkin, imediatamente. — Depois de minha primeira desconfiança, decidi que podia estar equivocado e que Pávlichtchev podia, efetivamente, ter tido esse filho.

Mas chocou-me muito que esse filho, tão prontamente, quero dizer, tão publicamente, entregasse o segredo de seu nascimento e, sobretudo, lançasse a desonra ao nome de sua mãe. Porque já naquela ocasião Tchebárov ameaçou-me com a publicidade…

— Que coisa ridícula! — gritou o sobrinho de Liébiediev.

— O senhor não tem o direito… não tem o direito… — clamou Burdóvski.

— Um filho não é responsável pela má conduta de seu pai e a mãe não tem culpa nenhuma — tornou a guinchar Ipolit, com veemência.

— Isto seria uma razão a mais para poupá-la, penso eu… — aventurou-se Míchkin a dizer.

— O senhor não é simplesmente ingênuo, príncipe, mas é possível que seja algo mais — disse o sobrinho de Liébiediev, com um sorriso sarcástico.

— Mas que direito tinha o senhor…? — guinchou Ipolit, com voz que não parecia natural.

— Nenhum, nenhum! — apressou-se em interrompê-lo o príncipe. — Nisto tem o senhor razão, reconheço-o. Mas aquilo foi algo involuntário e imediatamente disse a mim mesmo que meus sentimentos pessoais não deviam influir de modo algum sobre o assunto, porque, se eu me acreditava obrigado a dar satisfação às exigências do Senhor Burdóvski, em atenção a meus sentimentos para com Pávlichtchev, obrigado estava a fazer assim em qualquer caso, isto é, respeitasse ou não respeitasse eu o Senhor Burdóvski. Só fiz menção disso, senhores, porque, apesar de tudo, parecia-me antinatural que um filho revelasse assim tão publicamente o segredo de sua mãe… Em resumo: o que vinha eu tirar a claro de tudo isso era que Tchebárov era um canalha e induzira, com falsidade, o Senhor Burdóvski a cometer essa baixeza.

— Mas isto é intolerável! — gritaram seus visitantes, alguns dos quais até se levantaram de seus assentos.

— Senhores! foi justamente por causa disso que deduzi ser o Senhor Burdóvski um homem simples e desvalido, um homem que se deixava facilmente influenciar por trapaceiros e portanto estava eu muito mais obrigado a prestar-lhe minha ajuda, como a um “filho de Pávlichtchev”… em primeiro lugar, opondo-me às pretensões do Senhor Tchebárov e, além disso, com oferecer-lhe minha adesão e amizade, servir-lhe de guia, e, em terceiro lugar, resolvi entregar-lhe dez mil rublos, isto é, tudo quanto, segundo meus cálculos, teria podido haver gasto comigo Pávlichtchev.

— Como! Só dez mil rublos? — exclamou Ipolit.

— Ora, príncipe, o senhor não se mostra forte em matemática, ou então se mostra forte demais, embora se faça passar por simplório — gritou o sobrinho de Liébiediev.

— Não concordaria em receber os dez mil rublos — disse Burdóvski.

— Antip, aceita! — sugeriu-lhe o boxeador, num apressado e distinto murmúrio, acercando-se dele por trás do espaldar da cadeira de Ipolit. — Aceita-os e depois veremos.

— Escute-me, Senhor Míchkin — guinchou Ipolit. — Compreenderá o senhor que não somos uns imbecis? Não temos nada de tolos, como certamente pensarão seus amigos e essas senhoras que com tanta indignação zombam de nós, e especialmente esse senhoraço — e apontava Ievguéni Pávlovitch, — a quem, naturalmente, não tenho a honra de conhecer, mas do qual creio ter ouvido falar…

— Com licença, senhores, com licença! Tornam a não me compreender! — disse Míchkin, excitado. — O senhor, Keller, não avaliou bem meu capital no seu artigo: não herdei milhões e só possuo talvez a oitava ou décima parte do que o senhor crê. Além disso, não é absolutamente certo que foram gastos comigo dez mil rublos. O Professor Schneider só cobrava seiscentos rublos por ano e ainda assim só os cobrou nos três primeiros anos. Tampouco é verdade que Pávlichtchev tivesse estado alguma vez em Paris em busca de professoras… esta é outra calúnia. Estou certo de que Pávlichtchev gastou comigo, no total, muito menos de dez mil rublos; mas, afinal,

já convencionamos essa quantia em números redondos e não há por que discuti-la. Mas não posso oferecer ao Senhor Burdóvski mais do que recebi, mesmo que o quisesse, pois do contrário feriria sua delicadeza; o que de mim se exige é o pagamento de uma dívida, não uma esmola. Não explico a mim mesmo como é que os senhores não compreendam isso. Mas quisera compensar tudo isso com minha amizade, com poder ajudá-lo e ser-lhe útil em todos os sentidos, pois não há dúvida de que o enganaram. Não é possível que seja outra coisa, pois só assim sou capaz de entender que haja podido incorrer em semelhante… em semelhante erro, como o de permitir a publicação nesse artigo do Senhor Keller de parágrafos referentes à sua mãe… Por que voltam os senhores a indignar-se, de novo? Não se pode falar com os senhores duas palavras com tranquilidade! Assim não poderemos entender-nos! E de que me havia equivocado em minhas suposições pude convencer-me agora com meus próprios olhos — afirmou Míchkin, esforçando-se por apaziguar os ânimos, sem perceber que só conseguia excitá-los mais.

— Como! De que é que está o senhor convencido?

Pareciam querer lançar-se contra ele, de pura indignação.

— Permitam-me, senhores. Em primeiro lugar, pude conhecer agora o Senhor Burdóvski e já vejo o que ele é… Um inocente a quem todo mundo engana! Um homem indefeso, que eu quisera tomar sob minha proteção. E, além disso, Gavrila Ardaliónovitch (que há tempos me mantinha sem notícias sobre a marcha do assunto, pois andei de viagem e depois estive aqui em Petersburgo três dias enfermo) acaba de comunicar-me hoje mesmo, há uma hora, ao voltarmos a ver-nos, que pela primeira vez percebeu os planos de Tchebárov, que tem provas e que Tchebárov é justamente aquilo que eu presumia que fosse. Já sei, meus senhores, que muita gente me tem como idiota, e desse número é Tchebárov; que tenho fama de homem de quem se pode arrancar facilmente o dinheiro e ele quer agora enganar-me, pondo em contribuição meus sentimentos para com Pávlichtchev. Mas o principal, ouçam-me, meus senhores, deixem-me falar até o fim, é que pôde comprovar-se já que o Senhor Burdóvski não é filho de Pávlichtchev. Há uma hora me comunicou Gavrila Ardaliónovitch que tem disso as provas mais terminantes. Vamos ver, senhores: como

encaram agora o assunto? Resulta que não merece crédito nenhum tudo quanto os senhores tinham forjado. Estão ouvindo os senhores? Provas positivas. Não posso crê-lo, não creio ainda, asseguro-o aos senhores. Ainda duvido, pois Gavrila Ardaliónovitch não teve hoje tempo de explicar-me tudo com detalhes. Mas de que Tchebárov é um canalha, disso não tenho já dúvida nenhuma! Ele, e ninguém mais do que ele, foi quem meteu o pobre Senhor Burdóvski e todos os senhores, que apoiam seu amigo (que necessite desse apoio é compreensível), em um negócio fraudulento, pois no fundo de tudo isto não há senão fraude e trapaça.

— Que negócio é esse de trapaça?… Como é que não é filho de Pávlichtchev?… Será possível? — ouviram-se várias exclamações. Todo o bando de Burdóvski mostrava uma excitação e um assombro indizíveis.

— Trapaça, é claro! Que outro nome querem os senhores dar às pretensões do Senhor Burdóvski, quando não tem ele o menor parentesco com Pávlichtchev? Naturalmente, nem pode dizer que não sabia. Mas por isso digo que é digno de compaixão, por causa de sua candura, e não pode ser deixado sem defesa, do contrário também entraria nessa trapaça. Mas estou certo de que não se dá conta disso. Também me vi em situação análoga até minha viagem à Suíça; também proferia palavras incoerentes… a gente quer expressar-se e não consegue… Explico-me: posso muito bem simpatizar com ele, porque também sou algo assim… deixem-me falar. E, finalmente, apesar de tudo isso, não obstante já não ser “filho de Pávlichtchev”, e ser tudo isso uma mistificação, não modifico minha resolução e estou disposto a entregar-lhe esses dez mil rublos, em lembrança de Pávlichtchev. Saibam os senhores que, antes de apresentar-se o Senhor Burdóvski, tinha eu a intenção de fundar, com esses dez mil rublos, uma escola em memória de Pávlichtchev. Mas agora será o mesmo investi-los numa escola ou dá-los ao Senhor Burdóvski, já que o Senhor Burdóvski, embora não seja “filho de Pávlichtchev”, é quase como se o fosse, já que tão maldosamente o enganaram e se tinha sinceramente em conta de “filho de Pávlichtchev.” Escutem também, senhores, o que dirá Gavrila Ardaliónovitch. Terminemos duma vez com este assunto. Não se aborreçam, não se zanguem. Venham sentar.

Gavrila Ardaliónovitch vai explicar-nos tudo agora mesmo e eu, confesso-o, estou ansioso por conhecer todos os pormenores. Diz que esteve até em Psk***, com sua mãe, Senhor Burdóvski, que não morreu, segundo fizeram o senhor escrever nesse artigo… Sentem, senhores, sentem!

O príncipe sentou e outra vez conseguiu fazer que sentassem os componentes do bando de Burdóvski, que tinham já levantado. Durante os últimos dez ou vinte minutos tinha falado com calor, impetuosamente, com atropelada impaciência, levado para um lado e outro, lutando por dirigir-se a todos, por dominar as demais vozes e não pôde deixar de deplorar amargamente o ter deixado escapar algumas frases e suposições. Se não o tivessem exacerbado e tirado dos eixos, não se teria excedido em pôr em destaque, tão franca e precipitadamente, diante de todos, algumas de suas presunções e sinceridades supérfluas. Mas ainda não tinham sentado, quando já uma contrição ardente acertou-lhe o coração; além de haver ofendido Burdóvski, ao atribuir-lhe de público a mesma enfermidade de que se havia curado na Suíça, o oferecimento dos dez mil rublos, em vez de fundar com eles uma escola, havia sido formulado, na sua opinião, de um modo grosseiro e imprudente, como um donativo, e principalmente por havê-lo feito em presença de estranhos. “Teria sido melhor esperar e deixar para amanhã, a sós, o fazer-lhe essa proposta — pensou depois o príncipe. — Mas agora já não posso retificar isso. Sim, sou um idiota, um verdadeiro idiota!”, decidiu para si, num arranque de vergonha e de insuportável vergonha.

Enquanto isso, Gavrila Ardaliónovitch, que tinha até então permanecido de parte, num obstinado silêncio, adiantou-se, diante do convite do príncipe, pôs-se a seu lado e, tranquila e claramente, começou a expor os resultados das gestões que o príncipe lhe havia confiado. Todos escutavam com extraordinária curiosidade, especialmente toda a turma de Burdóvski.

## Capítulo IX

— O senhor não negará — começou ele, encarando Burdóvski, que o escutava com extrema atenção, os olhos cheios de admiração

fixos nele, e visivelmente agitado — não negará, nem quererá negar o senhor, sem dúvida, seriamente, que veio a este mundo dois anos justos depois de haver-se casado sua respeitável mãe com o secretário do colégio, o Senhor Burdóvski, seu pai. A data de seu nascimento demonstra-se facilmente com fatos, tanto que a mistificação, bastante ofensiva para o senhor e sua mãe, que desse fato faz em seu artigo o Senhor Keller, só se pode atribuir à travessa fantasia pessoal do dito senhor, que imaginava corroborar com isso os direitos do senhor e secundar seus interesses. O Senhor Keller diz que lhe leu previamente seu artigo, embora não todo… sem dúvida não o leu até esse trecho.

— Não lhe li até aí, efetivamente — deixou escapar o boxeador. — Mas todos os fatos que exponho me foram comunicados por uma pessoa competentíssima e eu…

— Perdoe-me, Senhor Keller — interrompeu-o Gavrila Ardaliónovitch, — deixe-me falar. Asseguro-lhe que haverá de chegar a vez de seu artigo e então poderá o senhor dar-nos suas explicações; mas agora será melhor que levemos as coisas por ordem. De um modo inteiramente casual, com o auxílio de minha irmã, Varvara Ardaliónovitch Ptítsina, consegui de sua íntima amiga, Viera Alieksiéievna Zubkova, proprietária e viúva, uma carta do falecido Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev, que este lhe havia escrito vinte e quatro anos antes, do estrangeiro. Tendo entrado em contato com Viera Alieksiéievna, por indicação dela, dirigi-me ao coronel reformado Timofiéi Fiódorovitch Viazóvkin, parente longe e grande amigo, em seu tempo, do Senhor Pávlichtchev. Pude obter dele outras duas cartas de Nikolai Andriéievitch, também datadas do estrangeiro. Com essas três cartas, pelas datas e pelos fatos nelas anotados, demonstra-se matematicamente, sem a menor possibilidade de hesitação nem dúvida, que Nikolai Andriéievitch tinha partido para o estrangeiro (onde passou três anos seguidos), ano e meio justos antes que o senhor nascesse, Burdóvski. Sua mãe, como todo mundo sabe, nunca saiu da Rússia… Neste momento não vou ler as referidas cartas. Agora já é tarde; apenas farei constar o fato. Mas se quiser, Senhor Burdóvski, honrar-me amanhã com a sua visita à hora que o senhor designar pela manhã e comparecer com testemunhas (quantas o senhor quiser), além de peritos, para o exame da letra, não tenho a

menor dúvida de que o senhor não poderá deixar de convencer-se da verdade palmar do fato que aqui exponho. Se assim fosse, todo esse assunto, naturalmente, cairia pela base e tudo por si mesmo se resolveria.

Outra vez tornaram a produzir-se um movimento geral e uma profunda agitação. O próprio Burdóvski levantou-se, de repente, de sua cadeira.

— Se assim for, terei sido enganado; mas não foi Tchebárov, foi antes, muito antes. Não preciso de peritos, não preciso de entrevista nenhuma. Creio no que o senhor diz e recuso… não aceito os dez mil rublos… Adeus!

Pegou seu boné e afastou a cadeira para retirar-se.

— Se não acha inconveniente, Senhor Burdóvski — deteve-o Gavrila Ardaliónovitch, com voz calma e afável, — fique ainda, por uns cinco minutos ao menos. Deste assunto destacam-se mais alguns fatos sumamente importantes, sobretudo para o senhor, e, em todo o caso, muito curiosos. Na minha opinião, não é possível que o senhor fique ignorante deles e creio que o senhor mesmo folgaria em ver este assunto esclarecido de todo…

Burdóvski sentou-se em silêncio, um tanto cabisbaixo e como que abstraído. Tomou também assento, depois dele, o sobrinho de Liébiediev, que se havia levantado para acompanhá-lo; este último, embora não tivesse perdido a serenidade nem a ousadia, estava visivelmente preocupado. Ipolit mostrava-se muito abatido, triste e como que estupefato. Naquele momento, aliás, tossia tão fortemente que até manchou de sangue o lenço. O boxeador estava quase apavorado.

— Ah! Antip! — exclamou com amargura. — Não te dizia eu… anteontem, que podia acontecer que talvez não fosses filho de Pávlichtchev?

Ouviram-se risadas contidas e dois ou três riram mais forte que os outros.

— O fato que neste momento acaba de aduzir, Senhor Keller — encareceu Gavrila Ardaliónovitch, — é inapreciável. Não obstante, tenho pleno direito, baseando-me em dados exatíssimos, de afirmar que o Senhor Burdóvski, ainda que, sem dúvida, conhecesse bastante bem a data de seu nascimento, ignorava a circunstância dessa estada de Pávlichtchev no estrangeiro, onde passou grande parte de sua vida, voltando apenas à Rússia por temporadas. Além disto, esse fato de sua viagem naquela ocasião é em si muito pouco notável para que dele se lembrassem, ao cabo de vinte longos anos, até mesmo os próprios amigos íntimos de Pávlichtchev, sem falar do Senhor Burdóvski, que ainda não havia nascido. Sem dúvida não pareceu impossível realizar investigações agora; mas estou obrigado a reconhecer que os dados que pude encontrar chegaram a meu conhecimento de modo completamente fortuito e não puderam ser muitos; assim é que, para o Senhor Burdóvski e até para Tchebárov, reunir esses dados teria sido verdadeiramente quase impossível, no caso de haverem pensado nisso. Mas talvez não tivessem pensado…

— Permita-me, Senhor Ívolguin — atalhou-o novamente Ipolit, nervoso. — Mas a que vem toda essa algaravia? Perdoe-me. O assunto já está bastante esclarecido. Todos damos por exato o fato principal. Para que prolongar este jogo pesado e ofensivo? É possível que queira o senhor envaidecer-se com o acerto de suas indagações, demonstrar perante nós e perante o príncipe que bom homem de negócios, que bom pesquisador é o senhor. A não ser que tenha a intenção de empreender a desculpa e defesa de Burdóvski, dizendo que se meteu nessa embrulhada por sua imprevisão. Mas isto é uma insolência, cavalheiro! De suas justificações e desculpas não necessita Burdóvski, segundo deveria o senhor saber. Isto para ele é ofensivo, já está passando agora bastante da conta, encontra-se em posição nada confortável e esta é uma coisa que o senhor deveria adivinhar, compreender…

— Basta, Senhor Tieriêntiev, basta! — conseguiu interrompê-lo Gavrila Ardaliónovitch. — Acalme-se, não se acalore, pois, segundo parece, está bastante doente! Tenho pena do senhor. Neste caso, se o deseja, termino, isto é, vejo-me obrigado a expor resumidamente os fatos que, a meu ver, merecem ser conhecidos em toda a sua

integridade — acrescentou, observando certa agitação geral, semelhante à impaciência. — Desejo unicamente expor com provas, para que se inteirem todos os interessados no assunto, que sua mãe, Senhor Burdóvski, só gozou da ajuda e do interesse de Pávlichtchev por ser irmã daquela moça da classe servil da qual esteve Nikolai Andriéievitch tão enamorado em sua mocidade, que sem dúvida nenhuma teria casado com ela, se a moça não tivesse morrido de repente. Tenho provas de que este fato familiar, de todo ponto exato e verídico, é muito pouco conhecido e está até completamente esquecido. Poderia explicar também como tomou a seu cargo o Senhor Pávlichtchev, a mãe do senhor, quando estava ela com dez anos de idade, para educá-la como filha sua; como lhe consignou depois um dote considerável e como todas essas deferências provocaram rumores sumamente alarmantes entre os numerosos parentes de Pávlichtchev, os quais chegaram mesmo a pensar que ele ia casar-se com sua afilhada, embora tudo tivesse vindo afinal a parar no fato de haver-se ela enamorado (e também posso provar isto com toda exatidão) pelo empregado do Cadastro, um tal Burdóvski, quando tinha vinte anos. A este respeito funcionam em meu poder alguns fatos exatíssimos que demonstram como seu pai, Senhor Burdóvski, que não era de modo algum um homem prático, logo depois de haver recebido os quinze mil rublos do dote da mãe do senhor, deixou o serviço, meteu-se em empresas mercantis, foi enganado, perdeu seu capital e, não podendo suportar a miséria, entregou-se à bebida, do que veio a adoecer e, por último, morreu prematuramente, oito anos depois de haver-se casado com sua mãe, Senhor Burdóvski. Depois, segundo testemunho pessoal de sua mãe, ficou esta na miséria e não se sabe o que teria sido dela, não fosse a constante e generosa ajuda de Pávlichtchev, que chegou a dar-lhe até setecentos rublos por ano. Há, além disso, inúmeras testemunhas de que tinha ele pelo senhor, quando era menino, grande carinho. Desses testemunhos, e também das afirmações de sua mãe, é possível concluir que ele gostava tanto do senhor principalmente porque o senhor tinha, quando pequeno, aspecto de gago, de doente, todos os sinais de criança infeliz, digna de dó (e Pávlichtchev, segundo resulta de provas fidedignas, sentiu toda a sua vida especial e terna inclinação por tudo quanto era por natureza coibido e maltratado, principalmente em crianças, fato, a meu ver, de grande importância para o nosso caso). Finalmente, posso ufanar-me, graças a exatíssimas

informações desse fato principal, de que nesse afeto extraordinário que pelo senhor sentia Pávlichtchev (graças ao qual entrou o senhor para o ginásio e fez seus estudos sob especial vigilância), foi fazendo nascer, pouco a pouco, entre os parentes e familiares de Pávlichtchev, a ideia de que fosse o senhor filho dele e seu pai um marido enganado. Mas o principal de tudo isso é que essa ideia não chegou a converter-se em convicção cabal e geral senão nos últimos anos da vida de Pávlichtchev, quando todos se inquietavam pelo testamento e quando os fatos iniciais já tinham sido esquecidos e resultavam impossíveis as pesquisas. Sem dúvida alguma, essa ideia chegou também a ocorrer-lhe e apoderou-se por completo de sua alma. Sua mãe, a quem tive a honra de conhecer pessoalmente, embora estivesse a par desses rumores, não sabe na hora presente (ocultei-lhe também isto) que o senhor, seu filho, figura no número dos influídos por eles. Encontrei sua respeitabilíssima mãe, Senhor Burdóvski, em Psk***, doente e na mesma pobreza extrema em que ficou, quando morreu Pávlichtchev. Com lágrimas de gratidão manifestou-me que, somente por sua causa e pela ajuda que o senhor lhe presta, continua ainda vivendo no mundo; espera do senhor no futuro e tem uma fé ardente nos êxitos que o aguardam.

— Isto já é intolerável! — declarou, de repente, o sobrinho de Liébiediev, em voz alta e impaciente. — A que vem toda essa novela?

— Repugnante, indecente! — gritou com energia Ipolit. Mas Burdóvski não advertiu nada e nem sequer se moveu.

— A que vem isso? Por que isso? — assombrou-se astutamente Gavrila Ardaliónovitch, dispondo-se, maldosamente, a exprimir todas as suas conclusões. — Em primeiro lugar, o Senhor Burdóvski pode ter agora a plena convicção de que o Senhor Pávlichtchev lhe tinha esse carinho porque era de seu natural ser generoso e não porque fosse ele seu filho. Era indispensável levar só este fato ao conhecimento do Senhor Burdóvski, que confirmava e aplaudia, há pouco, o Senhor Keller, após a leitura de seu artigo. Falo assim, porque o tenho na conta de um homem honrado, Senhor Burdóvski. Em segundo lugar, resulta provado que não houve o menor intento de fraude, nem sequer de parte de Tchebárov: é este também um ponto de importância para mim, já que o príncipe, há um instante, em seu acaloramento, disse

que eu era da opinião de que houvera uma fraude encoberta em todo esse desgraçado negócio. Mas o que houve realmente em tudo isto foi, pelo contrário, uma plena convicção de ambas as partes e, embora se admita que Tchebárov seja um grande canalha, neste caso, efetivamente, não passou de um rábula enredador e trapaceiro. Esperava ganhar muito dinheiro como advogado e seus cálculos não só eram sutis e magistrais, mas exatíssimos: baseavam-se na facilidade com que o príncipe solta o dinheiro e nos seus nobres sentimentos de veneração pelo defunto Pávlichtchev; e apoiavam-se, finalmente (o que é mais importante que tudo), nas conhecidas ideias cavalheirescas do príncipe no referente aos deveres da honra e da consciência. No que se refere especialmente ao Senhor Burdóvski, pode-se também afirmar que este, graças a certa convicção sua, deixou-se impressionar a tal ponto por Tchebárov e todo o seu bando, que iniciou o caso sem nenhum móvel interessado, quase inteiramente para servir a verdade, ao progresso e à Humanidade. Agora, depois dos fatos expostos, já se verá, creio, bem claro que o Senhor Burdóvski é um homem de bem, a despeito de todas as aparências, e que o príncipe pode oferecer-lhe agora, com mais solicitude e gosto do que antes, sua ajuda amistosa e esse apoio ativo a que aludiu, há um momento, ao falar da escola e de Pávlichtchev.

— Alto lá, Gavrila Ardaliónovitch, detenha-se! — clamou Míchkin, com sincero susto. Mas já era tarde.

— Disse-o, por três vezes o disse — gritou, exasperado, Burdóvski, — que não quero dinheiro! Não o aceitarei, porque… não quero! Vou-me embora!

E estava mesmo a ponto de sair correndo do terraço. Mas o sobrinho de Liébiediev segurou-o pela mão e sussurrou-lhe algo ao ouvido. Apressou-se ele a voltar e, tirando do bolso um envelope selado de grandes dimensões, deixou-o em cima da mesa que havia ao lado do príncipe.

— Aí está o dinheiro! Não se riam! Não se riam! O dinheiro!

— Duzentos e cinquenta rublos, que o senhor teve a ousadia de enviar-lhe, a título de donativo, por intermédio de Tchebárov —

explicou Doktorienko.

— No artigo falava-se de cinquenta! — clamou Kólia.

— Sou eu o culpado! — disse Míchkin, aproximando-se de Burdóvski. — Sou muito culpado para com o senhor, Burdóvski; mas não lhe mandei esse dinheiro a título de donativo, creia-me! Também me tornei agora culpado… há um momento incorri também em culpa para com o senhor — Míchkin estava muito agitado, mostrava um aspecto de cansaço e fraqueza e suas palavras eram incoerentes. — Falei de fraude; mas não me referia ao senhor, estava enganado. Dizia que o senhor… é a mesma coisa que eu: um doente. Mas o senhor não é o mesmo que eu. O senhor dá aulas, sustenta sua mãe. Eu disse que o senhor havia difamado sua mãe, quando o fato é que o senhor a ama; ela mesma o disse… Eu ignorava isso. Gavrila Ardaliónovitch não chegou a dizer-me antes… incorri em culpa. Tomei a liberdade de oferecer-lhe dez mil rublos; mas fiz mal. Não devia ter procedido desse modo, e agora… é impossível arranjar as coisas, porque o senhor me despreza…

— Mas esta é uma casa de loucos! — exclamou Lisavieta Prokófievna!

— É sem dúvida um manicômio! — afirmou Aglaia, sem poder conter-se e num tom decisivo.

Mas suas palavras se perderam no barulho geral: todos falavam alto, todos discutiam, uns brigavam, outros riam. Ivan Fiódorovitch Iepántchin achava-se no cúmulo da indignação e, com aspecto de homem ofendido, esperava Lisavieta Prokófievna. O sobrinho de Liébiediev disse a última palavra:

— Sim, príncipe, é preciso fazer-lhe essa justiça: sabe aproveitar-se de seu… bem, de sua doença (para exprimir-me mais decorosamente). O senhor soube oferecer de modo tão astuto sua amizade e seu dinheiro, que agora é impossível que um homem honrado os aceite. Isto é já ingenuidade demais, se não é demasiada velhacaria… o senhor saberá melhor do que eu.

— Com licença, senhores — exclamou Gavrila Ardaliónovitch,

que, no ínterim, havia desenrolado o maço de cédulas. — Aqui não há duzentos e cinquenta rublos, mas apenas cem. Digo isto, príncipe, para que não haja engano.

— Calma, calma — disse o príncipe, agitando as mãos para Gavrila.

— Não, nada de calma! — saltou logo o sobrinho de Liébiediev. — Para nós soa como ofensa essa sua calma, príncipe. Nós não andamos com rebuços; procedemos às claras; sim, aí não há mais do que cem rublos e não duzentos e cinquenta; mas talvez não é o mesmo?

— Não… não, não o é — apressou-se em dizer Gavrila Ardaliónovitch, com ar de ingênua dúvida.

— Não me interrompa o senhor; não somos tão imbecis como o senhor imagina, senhor advogado — exclamou o sobrinho de Liébiediev, furioso. — É certo que cem rublos não são a mesma coisa que duzentos e cinquenta, e a coisa não é a mesma, mas o importante é o princípio; aqui a iniciativa é o principal e o fato de faltarem aí cento e cinquenta rublos é apenas um detalhe secundário. O principal é que Burdóvski não aceita seu donativo, príncipe, que lhe arroja à cara e assim sendo, o mesmo faz cem como duzentos e cinquenta rublos. Burdóvski não quis aceitar os dez mil; nem tampouco teria devolvido os cem rublos, se não fosse honesto. Esses cento e cinquenta rublos deu-os ele a Tchebárov como honorários pela sua atuação junto ao príncipe. Agora dê risada de sua falta de astúcia, de sua inexperiência em negócios; o senhor, sem necessidade disso, fez o possível para ridicularizar-nos, mas não se atreve a dizer que não somos homens honrados. Esses cento e cinquenta rublos, cavalheiro, traremos todos nós ao príncipe, estamos dispostos a devolver até o último rublo e devolveremos tudo, com os juros correspondentes. Burdóvski é pobre, Burdóvski não tem milhões, e Tchebárov, ao regressar de sua diligência, apresentou-lhe a conta. Esperávamos ter ganho… Quem, em lugar dele, teria agido de outro modo?

— Como que quem? — exclamou o Príncipe Tsch***.

— Vou perder o juízo! — gritou Lisavieta Prokófievna.

— Isto me faz lembrar — disse Ievguéni Pávlovitch, pondo-se a rir, e que havia muito estava observando de pé, — a recente e famosa defesa de um advogado que, fazendo valer como justificação a pobreza de seu cliente que matara, sozinho, de uma assentada, seis pessoas, para roubá-las, formulou, de repente, esta conclusão, pouco mais ou menos: "É natural que ao meu defendido, que estava na miséria, tivesse ocorrido cometer esse sêxtuplo homicídio, e a quem, no lugar dele, não teria ocorrido?". Disse algo assim, somente que muito engraçado.

— Basta! — gritou, de súbito, Lisavieta Prokófievna, quase que tremendo de raiva. — Já é hora de pôr fim a esta mixórdia!

Estava terrivelmente excitada. Ergueu, ameaçadora, a fronte e, com gesto desafiador, altivo e impaciente, passou os faiscantes olhos por toda aquela gente, sem mesmo distinguir em tal instante amigos e inimigos. Era aquela nuvem, por longo tempo reprimida, mas que, por fim, se rasga, de raiva, quando o aborrecimento principal se converte numa ânsia imediata, numa necessidade urgente de brigar com alguém. Os que conheciam Lisavieta Prokófievna compreenderam imediatamente que lhe ocorria algo de especial. Ivan Fiódorovitch disse no dia seguinte ao Príncipe Tsch*** que "costuma ficar assim; mas como naquela noite só muito de longe em longe, uma vez em três anos e nunca mais a miúdo". "Nunca mais a miúdo!", acrescentou, pensativo.

— Basta, Ivan Fiódorovitch! Deixe-me! — exclamou Lisavieta Prokófievna. — Para que me oferece você agora o seu braço? Não soube tirar-me daqui antes disso. Você é homem, é a cabeça da família. Deveria ter-me pegado pela orelha e tirado daqui, se me tivesse mostrado tão estúpida que não quisesse obedecer-lhe. Quando menos por causa de suas filhas deveria ter feito isso! Agora, já sem necessidade de você, vou sozinha, mas a vergonha durará o ano inteiro. Espere que quero agradecer ainda ao príncipe. Obrigado, príncipe, pelo prazer que nos proporcionou! Tive grande satisfação em ouvir essa rapaziada… É uma vileza, uma vileza! É um caos, algo informe, algo que não se vê nem em sonhos! Mas é possível que haja muitos desse tipo?… Cala-te, Aglaia! Cala-te, Alieksandra! Isto não vos incumbe!… Não se aproxime de mim, Ievguéni Pávlovitch, já estou

farta do senhor! De modo que tu, rico, ainda lhes pedes perdão! — insistiu, encarando Míchkin. — “Sou culpado por haver-lhe oferecido um capital…” Mas tu, insolentezinho, de que te atreves a rir? — exclamou, fitando, de súbito, o sobrinho de Liébiediev. — “Nós não queremos esse dinheiro; reclamamos e não pedimos.” Como se não soubesse ele que esse idiota, amanhã mesmo, irá oferecer-lhes sua amizade e seu dinheiro! Haverás de ir? Irás ou não irás?

— Irei — declarou Míchkin, com voz serena e plácida.

— Estão ouvindo? Era com isso que contavas — disse ela, voltando a encarar Doktorienko. — Pois isso é, para ti, como se já tivesses o dinheiro no bolso, e por isso te gabas, e tentas impressionar-nos… Mas, não, meu pombinho; busca outros malucos, que bem te percebo… vejo todo o teu jogo.

— Lisavieta Prokófievna! — exclamou Míchkin.

— Vamo-nos daqui, Lisavieta Prokófievna. Já é muito tarde e levemos conosco o príncipe — disse o Príncipe Tsch***, com toda a tranquilidade possível e sorrindo.

As moças tinham-se postado a um canto, quase assustadas; o general estava assustado, decididamente; todos os presentes estavam assombrados. Alguns, que se achavam a alguma distância mais, abafavam o riso e cochichavam entre si; a cara de Liébiediev exprimia o último grau do entusiasmo.

— Encontrará escândalo e caos em todas as partes, senhora — disse, embora bastante desconcertado, o sobrinho de Liébiediev.

— Mas não como estes! Mas não como estes daqui, *bátiuchka*, não como estes! — encareceu Lisavieta Prokófievna, com fúria, como se atacada de histeria. — Mas deixem-me! — exclamou, dirigindo-se aos que pretendiam acalmá-la. — Não, como o senhor mesmo, Ievguéni Pávlovitch, contou há um momento desse advogado que, em vista da causa, disse que não havia nada de mais natural que matar, por motivo de pobreza, seis pessoas, pois assim está ocorrendo nestes tempos. Eu, até agora, não havia ouvido coisa semelhante. Agora tenho explicação para tudo! Mas esse gago não chegará a matar

também? — e apontou Burdóvski, que a olhava, pasmado. — Apostaria como acabará matando! Teu dinheiro, teus dez mil rublos, não os aceita. É possível que, por consciência, não os aceite mas chegará uma noite em que te matará e sacará do cofre o dinheiro. Vai sacá-los por consciência! Isto, para ele, não é desonroso. Isto será um arrebatamento de nobre desespero, será uma negação, será o diabo sabe o quê… Ufa! Tudo está revolto, todos andam de pés para cima. Há moça que se cria em sua casa e, de repente, em meio da rua, sobe num coche. "Mamãe, há dias que sou a mulher de Kárlitch ou de Ivânitch, por isso, adeus!" Parece-lhes bem portar-se desse modo? Digno do respeito natural? O problema feminino? Aí têm os senhores esse menino — e apontou para Kólia, — que já se mete a discutir a respeito do que significa o "problema feminino". Concedamos que tua mãe seja uma imbecil; mas porta-te humanamente como ela… Por que entraram vocês antes de cabeças tão erguidas? "Não ouseis cortar-nos o passo; chegaremos. Presta-nos todo o respeito; mas não ouses falar diante de nós. Concedei-nos todas as honras, até mesmo as inexistentes, mas nós vos trataremos pior que ao último dos lacaios." Buscam verdades, defendem o direito; mas, em seu artigo, o caluniam como hereges! "Exigimos, não imploramos, e não ouvireis nenhuma frase de gratidão de nossos lábios, porque fazeis assim para dar satisfação à vossa consciência." Esta é a moral de vocês. Mas se de tua parte não deverá haver gratidão alguma, também o príncipe pode dizer-te, a modo de réplica, que não sente a menor gratidão por Pávlichtchev, já que Pávlichtchev praticava o bem unicamente para tranquilizar sua consciência. Mas o caso é que contavas precisamente com essa gratidão dele para com Pávlichtchev, porque ele não te tomou nenhum dinheiro emprestado, nem nada te deve, e assim sendo, com que contavas tu senão com a gratidão dele? Como é que a recusas? Loucos! De selvagem e inumana tacham a sociedade porque despreza a mulher caída. Mas se chamas de inumana a sociedade, reconhecerás também que essa mulher teve de sofrer dessa sociedade. Mas sendo assim, como tu mesmo a expões nos jornais diante dessa mesma sociedade e exiges que disso não se queixe? Loucos! Vaidosos! Não creem em Deus, não creem no Cristo. Mas a tal ponto estais corroídos de vaidade e orgulho, que acabareis comendo-vos uns aos outros, em verdade vos digo. E não é isto um caos, e um escândalo e uma mixórdia? E depois disto, esse desgraçado será capaz de arrastar-

se, pedindo-vos perdão! Mas será que existem muitos de vossa laia? De que rides? De desonrar-me eu juntamente convosco? Se desonrada estou, não há nada que fazer… Mas não te atrevas a rir de mim, imbecilzinho! — e encarou Ipolit. — Mal podes respirar, e pervertes os outros. És o que mais deitou a perder esse menino — e tornou a apontar para Kólia. — Tu, e ninguém mais do que tu, o perverteste; tu o tornas ateu; tu não crês em Deus e tu mesmo não tens idade bastante para te flagelares a ti mesmo. Mas vão todos para o diabo! De modo que irás amanhã procurá-los, Príncipe Liev Nikoláievitch? Irás? — perguntou, de novo, ao príncipe, ofegante.

— Irei.

— Depois disto não quero mais saber de ti! — Deu meia volta para retirar-se, mas voltou-se, outra vez, de repente. — Irás também ver esse ateu? — apontou para Ipolit. — Mas, por que te ris de mim? — gritou de um modo antinatural e, de súbito, avançou para Ipolit, sem poder suportar suas risadas.

— Lisavieta Prokófievna!… Lisavieta Prokófievna!… Lisavieta Prokófievna!… — gritaram ao mesmo tempo de todos os lados. — *Mamacha*, isto é uma vergonha! — exclamou Aglaia em voz alta.

— Não se preocupe, Aglaia Ivânovna — respondeu Ipolit, tranquilamente, tendo-lhe Lisavieta Prokófievna agarrado a mão que, sem saber por que, apertava com força; estava diante dele e parecia traspassá-lo com seus furiosos olhos. — Não se preocupe; sua mamãe mesma vê que é impossível arremeter contra um homem que está nas últimas… Estou pronto a explicar-lhe a razão de minhas risadas… Muito me alegrará, com sua licença…

Mas, de repente, deu-lhe um ataque de tosse e durante todo um minuto não pôde dominá-lo.

— Está morrendo, bem se vê, e não deixa a oratória! — exclamou Lisavieta Prokófievna, soltando a mão dele e olhando-o com terror, ao ver como enxugava o sangue dos lábios. — Por que te metes a falar? O que deves fazer, simplesmente, é ir para a cama…

— Assim o farei… — respondeu Ipolit, serenamente, estertorando

e quase num sussurro. — Assim que voltar para casa, me deitarei… Sei muito bem que dentro dumas duas semanas estarei morto… Assim me disse a semana passada o próprio B***. De modo que, se a senhora me permite, vou lhe dizer duas palavras de despedida.

— Mas estás louco ou que é que se passa contigo? Absurdo! O que tens que fazer é curar-te e deixar de discursos! Vai-te, vai-te, deita-te! — gritou Lisavieta Prokófievna, assustada.

— Vou me deitar e não me levantarei até que morra — disse, sorrindo, Ipolit. — Já a noite passada teria de boa vontade me deitado para não me levantar mais; decidi, porém, deixar isso para amanhã, quando os pés já se terão negado a sustentar-me… com o fim de vir aqui… só que estou já muito cansado…

— Senta, senta. Por que estás de pé? Aqui tens uma cadeira — exclamou Lisavieta Prokófievna e ela mesma lhe ofereceu assento.

— Obrigado — continuou Ipolit, com voz serena. — Sente-se a senhora diante de mim e conversaremos… É absolutamente preciso que conversemos, Lisavieta Prokófievna; agora já não há mais remédio… — e tornou a sorrir-lhe. — Pense a senhora que hoje é o último dia em que ando ao ar livre e entre pessoas, e que dentro de duas semanas estarei, decerto, debaixo da terra. Quero dizer que é como se estivesse me despedindo das pessoas e da natureza. Embora nada tenha de sentimental, imagine a senhora, gosto muito de que todo esse assunto tenha sido ventilado aqui, em Pávlovsk, porque, afinal de contas, no campo veem-se árvores.

— Mas para que falar tanto? — objetou Lisavieta Prokófievna, cada vez mais assustada. — Estás com febre. Há um momento gritavas e vociferavas e agora mal podes respirar. Descansa!

— Já estou melhorando. Mas por que a senhora não quer ceder ao meu derradeiro desejo?… A senhora não sabe há quanto tempo venho sonhando com conhecê-la, Lisavieta Prokófievna! Ouvi falar muito da senhora, por meio de Kólia. Foi este o único que não me abandonou… A senhora é uma mulher original, uma mulher excêntrica. Vejo-o agora por mim mesmo… Sabe que já tenho um pouco de carinho pela senhora?

— Meu Deus! E eu que estive a ponto de bater-lhe!

— Conteve-a Aglaia Ivânovna! Se não estou equivocado. Porque essa é sua filha Aglaia Ivânovna, não? É tão formosa que, antes, ao entrar, ao primeiro olhar, adivinhei que era ela, embora nunca a tenha visto. Deixe-me contemplar uma beleza pela última vez em minha vida — disse Ipolit, com certo sorriso forçado, contraído. — Está aqui também o príncipe, e o marido da senhora e toda uma audiência. Por que haveria a senhora de negar meu último desejo?

— Uma cadeira! — gritou Lisavieta Prokófievna; mas depois foi ela mesma pegar uma, sentando-se nela diante de Ipolit. — Kólia — ordenou, — vai-te com ele agora mesmo, leva-o à sua casa e amanhã sem falta, eu…

— Se a senhora me permitisse, pediria ao príncipe uma xicarazinha de chá… Estou muito cansado. Não queria a senhora, Lisavieta Prokófievna, levar o príncipe à sua casa para oferecer-lhe chá? Pois fique aqui. Passaremos o tempo juntos e, sem dúvida, o príncipe dará chá a todos nós. Perdoe-me que me ponha a dar ordens… Mas sei que a senhora é boa e o príncipe também… Todos nós somos bons até um grau cômico…

Míchkin pôs-se em movimento. Liébiediev saiu da sala a toda a pressa e atrás dele, Viera.

— Na verdade — decidiu, cortante, a generala, — fala, mas baixinho e sem te agitares tanto! Causaste-me piedade, príncipe! Não sou digna de tomar chá em tua casa; mas seja, ficarei, ainda que sem pedir perdão a ninguém! A ninguém! Seria absurdo!… Aliás, se te falei mal, perdoa-me, isto é, se quiseres. Eu, afinal, não retenho ninguém — e voltou-se, de repente, com ar de desusado enfado para seu marido e suas filhas, como se estes se tivessem feito culpados de algo horrendo para com ela. — Sei ir sozinha para casa…

Mas não a deixaram terminar. Todos se aproximaram e rodearam-na, solícitos. Míchkin apressou-se em rogar a todos que ficassem para tomar o chá e desculpou-se por não haver pensado nisso antes. Até o general ficou tão amável que balbuciou umas palavras tranquilizadoras e carinhosamente perguntou a Lisavieta Prokófievna:

“Não estaria muito fresco no terraço?”. Esteve a ponto de perguntar também a Ipolit: “Está há muito tempo na Universidade?”, mas se conteve. Ievguéni Pávlovitch e o Príncipe Tsch* * * puseram-se, de repente, muito amáveis e alegres; os semblantes de Adelaida e Alieksandra exprimiram, além do prolongado assombro, grande satisfação; numa palavra: estavam todos visivelmente contentes por ter terminado a crise de Lisavieta Prokófievna. Aglaia era a única que parecia zangada e mantinha-se em silêncio, sentada à distância. Ficaram também todos os demais visitantes; nenhum quis ir, nem sequer o General Ívolguin, a quem Liébiediev, de passagem, havia segredado algo ao ouvido, provavelmente não de todo agradável, já que o general se retirou de imediato para um canto. Míchkin aproximou-se para convidar também Burdóvski e todo o seu bando, sem esquecer ninguém. Murmuraram eles, com aspecto acanhado, que aguardavam Ipolit e, imediatamente, retiraram-se para o extremo do terraço, donde voltaram a sentar-se em fila. O chá devia estar já preparado havia muito em casa de Liébiediev, porque não tardaram em trazê-lo. Deram onze horas.

## Capítulo X

Ipolit molhou os lábios na xícara de chá que lhe oferecera Viera Liébiediev; pousou a xícara em cima da mesa e, de repente, como aturdido, quase fora de si, girou a vista em seu redor.

— Veja a senhora, Lisavieta Prokófievna, essas xícaras — e as palavras saíam-lhe atropeladas ao falar, de um modo estranho, — que são de porcelana e, segundo parece, de uma porcelana magnífica, Liébiediev conserva-as sempre guardadas no armário, por trás dos cristais, escondidinhas e nunca as tira para fora… Vieram no dote de sua mulher… e agora as tira para fora em sua honra, naturalmente, para que a senhora veja quão contente ele está…

Quis acrescentar algo, mas não conseguiu.

— Atrapalhou-se. Já o esperava! — murmurou, de repente, Ievguéni Pávlovitch ao ouvido do príncipe. — É perigoso, não é verdade? O sinal mais certo de que se prepara para dizer uma extravagância que irá surpreender a própria Lisavieta Prokófievna.

Míchkin olhou-o interrogativamente.

— O senhor não teme as extravagâncias? — acrescentou Ievguéni Pávlovitch. — Eu tampouco; até me agradam, ainda que não fossem senão para que a nossa querida Lisavieta Prokófievna levasse o que mereceu, e agora mesmo, sem ver isso, não me retiro. Mas o senhor parece estar com febre.

— Depois, deixe-me agora. Sim, não me sinto bem — respondeu Míchkin, distraída e até impacientemente.

Tinha ouvido seu nome; falavam dele.

— A senhora não acredita? — indagou Ipolit, com um riso histérico. — É natural, mas o príncipe acreditou desde o primeiro momento e não mostrou o mínimo assombro.

— Ouviu, príncipe? — perguntou Lisavieta Prokófievna, voltando-se para ele. — Ouviu?

Soaram risadas. Liébiediev apressou-se em abrir caminho até pôr-se diante de Lisavieta Prokófievna.

— Ele estava dizendo que esse palhaço aí, teu hospedeiro, foi quem corrigiu o artigo desse cavalheiro referente a ti, que acabam de ler.

Assombrado, o príncipe fitou Liébiediev.

— Por que estás tão calado? — e Lisavieta Prokófievna chegou a dar uma pancada com o pé, no chão.

— Bem, e com isso? — murmurou o príncipe, que continuava a fitar Liébiediev. — Estou vendo que o corrigiu.

— Deveras? — e Lisavieta Prokófievna voltou-se rápida para Liébiediev.

— É a pura verdade, excelência! — respondeu Liébiediev em tom firme e resoluto, levando a mão ao coração.

— Parece que se ufana disso! — e Lisavieta Prokófievna por pouco não salta da cadeira.

— Um vilão, um vilão! — balbuciou Liébiediev, dando punhadas no peito e curvando cada vez mais a cabeça.

— Mas que tenho eu que ver com que sejas um vilão? Pensas que dizendo um vilão tudo se arranja? E não te causa vergonha, príncipe, tratar com gente dessa laia? Digo-te outra vez. Nunca te perdoarei.

— A mim o príncipe perdoa! — disse Liébiediev, convicto e contrito.

— Só por pura nobreza — disse Keller, de repente, que se havia aproximado, forte e sonoramente, encarando Lisavieta Prokófievna, — só porque sou nobre, senhora, e para não descobrir um amigo, mantive silêncio a respeito das correções, não obstante haver ele

querido deitar-nos pela escada abaixo, segundo os senhores ouviram. Para restabelecer a verdade, confesso que, efetivamente, recorri a ele, dando-lhe seis rublos; porém não para que me emendasse o estilo, mas para que, como pessoa informada que era, me indicasse os fatos que eu, na sua maior parte, desconhecia. No tocante às polainas, ao apetite em casa do professor suíço e aos cinquenta rublos em vez dos duzentos e cinquenta… em resumo: toda essa parte corresponde a ele e por tudo isso lhe paguei seis rublos; mas não me corrigiu o estilo.

— Devo advertir — atalhou-o Liébiediev, com impaciência quase febril e voz trêmula, entre risadas cada vez mais gerais dos presentes, — que só lhe corrigi a primeira metade do artigo; mas como daí não passamos e discutimos por causa de uma ideia, não lhe corrigi a segunda metade, por isso lhe saiu tão mal escrita (um disparate completo!). De modo que não se deve me atribuir…

— Vejam por que é que se acaloram tanto! — exclamou Lisavieta Prokófievna.

— Permita-me uma pergunta — disse Ievguéni Pávlovitch, dirigindo-se a Keller. — Quando corrigiram o artigo?

— Ontem de manhã — respondeu Keller. — Reunimo-nos, dando-nos palavra de honra de manter o segredo.

— E se arrastava diante de ti e jurava-te fidelidade! Eis que gentinha! Olha: não quero o teu Púchkin e não vá tampouco tua filha ver-me!

Lisavieta Prokófievna fez menção de levantar, mas, de repente, fitou Ipolit que ria.

— Escuta, meu caro: pensas pôr-me daqui para fora com tuas risadas?

— Deus me livre! — e Ipolit simulou um sorriso. — Mas é que a mim o que mais irrita é sua extraordinária excentricidade, Lisavieta Prokófievna. Confesso: levei a conversa a respeito de Liébiediev de propósito; sabia que iria causar-lhe profunda impressão, somente à senhora, porque o príncipe, efetivamente, lhe perdoa, decerto já lhe

perdoou… e até é possível que já ande buscando em sua imaginação alguma desculpa para ele, não é verdade, príncipe?

Ofegava, penosamente, e sua emoção tornava-se maior a cada palavra.

— Mas como? — exclamou, colérica, Lisavieta Prokófievna, espantada com aquele tom dele. — Que é isso?

— Já tinha ouvido contar muitas coisas da senhora nesse estilo… e com grande prazer… já aprendera a estimá-la intensamente… — prosseguiu Ipolit.

Dizia uma coisa, mas de modo como se quisesse dizer aquelas mesmas palavras num sentido totalmente diverso. Falava com tons de zombaria e, ao mesmo tempo, dava mostras de estranha agitação, fazendo girar a cada momento o olhar em redor de si, confundindo-se e atrapalhando-se visivelmente a cada palavra, tudo o que, unido a seu aspecto de tísico e a seus olhos, que cintilavam estranhamente, continuava atraindo sobre ele a atenção involuntária de todos.

— Teria motivos de assombrar-me, embora nada conheça do mundo (estou certo disto), diante do fato de que a senhora ficasse em nossa companhia, indivíduos a seu ver indecorosos, e, mais ainda, ficassem também essas… senhoritas a escutar um assunto escandaloso, muito embora já tenham lido de tudo nos romances. É possível que eu, afinal, não sei… porque haveria de assombrar-me. Mas, em todo o caso, quem senão a senhora poderia ficar… a instâncias de um menino (bem, sim, de um menino, também o reconheço), para que passasse a noite com ele e tomasse… parte em tudo e… viesse a sentir vergonha no dia seguinte… (Devo admitir, aliás, que não me exprimo bem.) Aplaudo tudo isso grandemente e inspira-me profundo respeito, embora a julgar pela cara que faz sua Excelência, seu marido, não esteja ele achando graça nenhuma em tudo isso… lh! ih! ih! — riu, acabando de atrapalhar-se e, de súbito, sobreveio-lhe tal ataque de tosse, que não pôde continuar a falar durante alguns minutos.

— Fica até sem fôlego! — declarou Lisavieta, fria e cortante, contemplando-o com severa curiosidade. — Bem, rapazes, basta! Já é hora!

— Permita-me também, cavalheiro, que lhe faça observar de minha parte — disse, de repente, Ivan Fiódorovitch, nervosamente, acabando de perder a paciência, — que minha esposa se encontra aqui, em casa do Príncipe Liev Nikoláievitch, nosso comum amigo e vizinho, e que, em todo caso, não é ao senhor, um frangote, que incumbe julgar a conduta de Lisavieta Prokófievna, assim como tampouco falar do que se reflete em minha cara. Não, senhor. E se minha mulher ficou aqui — continuou dizendo, cada vez mais nervoso a cada palavra, — foi, antes, cavalheiro, por uma curiosidade, compreensível nestes tempos, de ver de perto uns jovens estranhos. Eu também fiquei, da mesma maneira que, por vezes, para a gente na rua, quando vê algo de notável e que se pode ver como… como… como…

— Como uma coisa rara — completou Ievguéni Pávlovitch.

— Muito bem dito, exatamente — festejou Sua Excelência, que se atrapalhara um tanto em sua comparação. — Isto mesmo: como uma coisa rara. Mas, em todo o caso, a mim o que mais assombra e até atenaza, se é lícito, de acordo com a Gramática, assim me exprimir, é que o senhor, meu rapazola, seja até esse ponto incapaz de compreender que se Lisavieta Prokófievna ficou agora aqui a instâncias suas é porque está o senhor doente, se é que efetivamente vai o senhor morrer, por compaixão, por causa de suas palavras queixosas, cavalheiros, e nenhuma lama poderá jamais macular o seu nome, suas qualidades, nem seu significado… Lisavieta Prokófievna! — terminou, pondo-se vermelho, o general. — Se te parece que devemos ir, despeçamo-nos de nosso bom príncipe, e…

— Obrigado pela lição, general — interrompeu-o Ipolit, séria e inesperadamente, fitando-o pensativo.

— Vamo-nos, mamãe, que isto não acaba nunca! — disse Aglaia com impaciência, levantando-se de sua cadeira.

— Dois minutos ainda, Senhor Ivan Fiódorovitch, se me permite — disse Lisavieta Prokófievna, voltando-se com dignidade para seu marido. — Penso que ele está com febre e delira, simplesmente. Convencem-me disso seus olhos. Não é possível deixá-lo assim. Liev

Nikoláievitch! Não poderia passar ele a noite contigo aqui, para não ter de voltar hoje a Petersburgo? *Cher prince*, espero que não esteja aborrecido — interpelou ela, bruscamente, o Príncipe Tsch*** — Vem cá, Alieksandra; deixa que te arranje os cabelos, meu bem.

Ajeitou-lhe os cabelos, que nada tinham a ajeitar e beijou-a. Só para isto a havia chamado.

— Considerava vocês capazes de desenvolvimento mental — tornou a dizer Ipolit, saindo de sua meditação. — Sim! Era isso o que queria dizer! — exclamou, alvoroçado, como que recordando. — Porque Burdóvski quer sinceramente proteger sua mãe, não é verdade? E, no entanto, verifica-se que acaba difamando-a. O príncipe, por sua parte, quer ajudar a Burdóvski; com toda a pureza de coração oferece-lhe sua terna amizade e dinheiro e talvez seja o único de todos vocês que não lhe tenha aversão, e, no entanto, aí os têm os senhores feitos inimigos um do outro… Ah! ah! ah! Todos vocês detestam Burdóvski porque pensam que ele se portou de maneira tão feia e indelicada com sua mãe, não é? Todos vocês morrem de amores pela beleza e delicadeza da forma. É só isso que estimam, não é verdade? (Há algum tempo vinha eu suspeitando de que só estimavam isso!) Pois bem, sabem que talvez nenhuma de vocês queira tanto à sua mãe como Burdóvski. O senhor, príncipe, já sei, enviou dinheiro, em segredo, por intermédio de Gânia, à mãe de Burdóvski e até aposto também… ih! ih! ih! — riu histericamente, — aposto também que o próprio Burdóvski o acusa agora de haver procedido de forma pouco delicada e com pouco respeito para sua mãe. Juro que assim será. Ah! ah! ah!

De novo, faltou-lhe a respiração e rompeu a tossir.

— Bem, é tudo? Já disseste tudo? Pois então vai dormir agora, tens febre — interrompeu-o, com impaciência, Lisavieta Prokáfievna, que não afastava dele seu olhar inquieto. — Ai! meu Deus! ei-lo que continua a falar.

— Ao que parece, o senhor está rindo. Por que haverá de rir de mim? — interpelou Ipolit, de repente, inquieto e nervoso, a Ievguéni Pávlovitch, que, efetivamente, pusera-se a rir.

— Queria unicamente perguntar-lhe, senhor… Ipolit… Perdoe-me: esqueci-me de seu nome de família.

— Senhor Tieriêntiev — disse o príncipe.

— Isto mesmo: Tieriêntiev. Obrigado, príncipe. Há pouco o ouvi, mas perdera-o de memória… Queria perguntar-lhe, Senhor Tieriêntiev, se é verdade isso que me disseram, que o senhor acredita que lhe bastaria falar um quarto de hora, de uma janela ao povo, para que toda a gente ficasse convencida e todos o seguissem.

— Talvez tenha dito mesmo… — respondeu Ipolit, como que se lembrando. — Devo ter certamente dito — acrescentou, de súbito, voltando a animar-se e olhando fixamente Ievguéni Pávlovitch. — Que tem isso de particular?

— Nada. Só perguntei para comprovar.

Ievguéni Pávlovitch ficou calado, mas Ipolit continuou a olhá-lo numa expectativa impaciente.

— Mas será possível que não acabem com isso? — e Lisavieta Prokófievna encarou Ievguéni Pávlovitch. — Acabe logo, meu caro, pois tem de ir deitar-se. Não sabe disso? — Mostrava-se muito desgostosa.

— De minha parte, não hei de acrescentar muito mais — disse, sorrindo, Ievguéni Pávlovitch, — senão que tudo quanto ouvi seus companheiros dizerem, Senhor Tieriêntiev, e tudo quanto o senhor acaba de expor, com indubitável talento, funda-se na teoria do direito triunfante, diante de tudo e por cima de tudo, e até com exclusão de tudo mais, e até antes de averiguar-se em que consiste o direito. Estou equivocado?

— Claro que está. Eu mesmo não o compreendo… Que mais?

Num canto soaram rumores. O sobrinho de Liébiediev murmurou algo à meia voz.

— Quase nada mais — disse Ievguéni Pávlovitch. — Só queria observar que daí pode inferir-se diretamente o direito da força, isto é,

o direito dos simples punhos e do capricho pessoal, como, afinal de contas, costuma ocorrer no mundo. Também Proudhon baseava-se no direito da força. Na Guerra de Secessão norte-americana muitos liberais dos mais avançados puseram-se do lado dos plantadores, alegando que os negros são negros, inferiores aos brancos e, portanto, sustentando o direito da força dos brancos…

— E que mais?

— Que os senhores, pelo visto, não negam o direito do forte.

— E que mais?

— Que os senhores são consequentes. Só queria notar que o direito do forte não dista muito do direito do tigre e do crocodilo, nem tampouco de Danílov e Górski.[40]

— Não sei. E que mais?

Ipolit mal escutava Ievguéni Pávlovitch e se lhe respondia "Bem", "E que mais?", fazia-o seguindo inveterado costume nas discussões e não por atenção ou curiosidade.

— Já não há mais… Era tudo.

— Eu, aliás, não me aborreço com o senhor — terminou Ipolit, de repente, de um modo completamente inesperado, e quase maquinalmente estendeu sua mão e sorriu. Ievguéni Pávlovitch espantou-se a princípio, mas depois, com a mesma seriedade, apertou a mão que lhe era estendida como numa despedida.

— Não posso deixar de acrescentar — disse com o mesmo tom, ambiguamente respeitoso, — que lhe agradeço a atenção com que me escutou, pois, segundo numerosas observações, nunca os nossos liberais são capazes de tolerar que alguém tenha convicções próprias e logo saem respondendo a seus adversários com insultos, quando não com algo pior…

— Diz o senhor muito bem — observou o General Ivan Fiódorovitch e, pondo as mãos atrás das costas, com gesto de grande aborrecimento, dirigiu-se para a saída do terraço, de onde, cheio de

tédio, bocejou.

— Bem, já basta, meu caro — disse, de repente, Lisavieta Prokófievna a Ievguéni Pávlovitch. — Já me estás cansando.

— É tarde… — exclamou, de repente, Ipolit, preocupado e quase assustado, olhando a todos com atenção. — Estive a retê-los. Queria dizer-lhes tudo… Pensei que todos… pela última vez… foi um capricho…

Era visível que se animava a intervalos, que por alguns momentos quase se via livre da febre, voltando a si e que, em geral, falava aos saltos e dizia coisas que desde muito antes havia pensado e aprendido nas longas e tediosas horas de enfermidade, no leito, na solidão e na sombra.

— Bem, adeus! — disse bruscamente. — Creem os senhores que é para mim fácil dizer-lhes adeus? Ah! ah! ah! — pôs-se a rir, visivelmente contrariado com sua *inábil* pergunta e, de repente, como que aborrecido porque não conseguia dizer o que queria, num tom agudo e nervoso, exclamou: — Excelência, tenho a honra de pedir-lhe perdão pelos meus despropósitos, se me crê digno dessa honra, e… a todos os senhores, a começar pelo general!…

Tornou a rir; mas aquele foi já o riso de um louco. Assustada, Lisavieta Prokófievna dirigiu-se para ele e pegou-lhe uma das mãos. Ele a fitou, com o mesmo riso, mas que já não continuava, parecendo ter-se detido e gelado em seu rosto.

— Sabem os senhores que vim aqui para ver árvores? Estão vendo-as, senhores? Aquelas… — e apontou para as árvores do jardim. — Não é verdade que é ridículo? Não é? — perguntou ele, seriamente, a Lisavieta Prokófievna e, de súbito, ficou pensativo; depois, ao cabo de um momento, ergueu a cabeça e pôs-se a esquadrinhar, curioso, os presentes. Buscava Ievguéni Pávlovitch, que estava ali perto, à direita, no mesmo lugar de antes, mas havia-se esquecido disso e procurava-o em seu redor. — Ah! o senhor não se havia ido! — encontrara-o afinal. — Há um instante o senhor ria muito por eu ter dito aquilo de aparecer numa janela e dirigir-me ao povo por um quarto de hora… Mas o senhor sabe que ainda não

completei dezoito anos? E estendido naquele leito ou de pé diante daquela janela levei tanto tempo meditando em toda espécie de coisas… que… um morto não tem idade, sabe o senhor? Ainda na semana passada pensava eu nisto quando passava, insone, a noite… Sabem os senhores o que causa mais medo? O que mais temem os senhores é nossa sinceridade, embora nos desprezem. Também esta ideia me ocorreu naquela noite… Pensava a senhora, Lisavieta Prokófievna, que eu queria zombar da senhora? Não; não tinha nem a mais remota intenção de zombar da senhora, não desejava senão louvá-la… Kólia me disse que o príncipe pensa que a senhora é uma menina… Está bem… Mas vamos ver… ainda me resta algo a dizer.

Cobriu o rosto com as mãos, reconcentrando as ideias.

— Há pouco, quando fizeram os senhores menção de retirar-se, ocorreu-me de repente que a nenhum de todos quantos estão aqui presentes haveria eu de tornar a ver jamais, jamais… E é esta também a última vez que vejo árvores; em breve terei somente diante de mim a parede de ladrilho vermelho da casa Meyer… diante de minha janela… Pois bem, diz-lhes tudo isto, experimenta dizer-lhes, aí tens uma linda jovem… És um morto, pois então apresenta-te como tal, diz-lhes que um cadáver pode dizer tudo e que a Princesa Mária Alieksiéievna não teria nada a censurar.[41] Ah! ah! ah! Não riem? — acrescentou, girando um olhar inquieto em redor de si. — Mas sabem os senhores as coisas que me ocorreram com a cabeça no travesseiro? Convenci-me de que a natureza é muito irônica… Há pouco diziam os senhores que eu era ateu, mas sabem que a tal natureza… Por que tornam os senhores a rir? São terrivelmente cruéis!… — disse, de repente, contemplando seus ouvintes com expressão de censura e tristeza. — Não perverti Kólia — terminou num tom totalmente distinto, grave e convicto, como se lhe cruzasse a mente uma recordação.

— Ninguém, ninguém zomba de ti aqui, fica tranquilo — disse Lisavieta Prokófievna, com dolorosa emoção. — Amanhã virá ver-te outro médico, pois o teu enganou-se. Mas senta-te, não fiques aí de pé. Estás com febre… Ah! Que vamos fazer com ele agora? — exclamou, toda ansiosa, fazendo-o sentar-se numa poltrona.

Na face da generala brilhava uma pequenina lágrima. Ipolit, ao vê-la, quedou-se, atônito, depois estendeu timidamente o braço para o rosto de Lisavieta Prokófievna, pôs um dedo naquela lágrima e sorriu como uma criança.

— Eu… a… — começou, agitado, — não sabe a senhora como a… Ele me falava a cada instante da senhora com um entusiasmo… Sim, ele… Kólia… Quanto me agrada seu entusiasmo!… Eu não o perverti! É o único amigo que deixo… gostaria de deixar a todos como amigos, a todos… mas não tenho nenhum… Quis ser um homem de ação, estava em meu direito… Oh! e quantas coisas desejava! Agora já nada quero, renuncio a toda vontade, jurei a mim mesmo não querer mais nada. Que busquem eles a verdade sem mim. Sim, a natureza é irônica! Porque, se não — continuou, com súbita veemência, — por que cria os seres superiores para depois rir-se deles? Ao único ser que na terra se reconheceu perfeito deu-lhe por missão a Natureza dizer palavras que fizeram correr torrentes de sangue, nas quais teria podido afogar-se a humanidade inteira, se todo esse sangue se tivesse derramado de uma vez. Oh! é melhor que eu morra! Também eu chegaria a dizer alguma mentira horrível, porque assim o disporia a Natureza… Não perverti ninguém… Queria viver para a felicidade de todos os homens, para a busca, para a difusão da verdade… De minha janela, contemplava o muro da casa Meyer e imaginava que só precisaria estar falando um quartinho de hora para convencer todo o mundo, todo o mundo, e a única vez em minha vida em que me ponho em contato é com os senhores, já que não com as massas. Pois bem, que sucede? Nada. O resultado é me desprezarem. De modo que sou um imbecil, um ser inútil, para o qual já chegou a hora de desaparecer. E me vou sem ter conseguido deixar de mim uma só recordação! Nem um eco, nem uma marca, nem um ato, não difundi uma única ideia! Não zombem de um imbecil! Esqueçam-no, esqueçam-no para sempre… suplico-lhes; não tenham a crueldade de lembrar-se dele! Sabem que se não estivesse tísico, me mataria?…

Embora parecesse ter vontade de continuar falando muito tempo ainda, ficou calado, de repente, deixou-se cair em sua poltrona e, cobrindo o rosto com as mãos, rompeu a chorar como uma criança.

— Bem, mas que vamos fazer agora com ele? — exclamou

Lisavieta Prokófievna, que, aproximando-se do enfermo, lhe pegou a cabeça e a estreitou fortemente contra seu peito, enquanto ele soluçava convulsivamente. — Vamos, vamos, vamos, não chores, que és um bom rapaz! Deus te perdoará tua ignorância. Vamos, sê homem… Depois vais te envergonhar de ter chorado.

— E lá — disse Ipolit, esforçando-se por erguer um pouco a cabeça, — tenho um irmão e umas irmãzinhas, todos pequeninos, inocentes… e ela os perverterá. A senhora é uma santa! A senhora também é… uma menina. Salve-os. Tire-os dela… ela… é uma desgraça. Ajude-os, socorra-os! Deus lhe dará cem por um, pelo amor de Deus, pelo amor de Cristo!…

— Vamos fala, Ivan Fiódorovitch, que faremos agora? — gritou nervosamente Lisavieta Prokófievna. — Suplico-te! Rompe esse majestoso silêncio! Advirto-te de que se não tomares uma decisão eu é que passarei a noite aqui! Já estou farta de teu despotismo!

A generala falava com exaltação e cólera e aguardava resposta imediata. Mas, em transes como aquele, os circunstantes, por muitos que sejam, limitam-se a observar em silêncio; não querem carregar responsabilidades e reservam sua opinião para depois. Entre as pessoas reunidas na casa do príncipe havia algumas que, como Varvara Ardaliónovna, por exemplo, teriam sido capazes de ficar ali até o dia seguinte sem dizer uma palavra. A irmã de Gânia, que estava sentada um pouco à parte, não tinha aberto ainda a boca, mas olhava a todos com uma atenção extraordinária. Talvez tivesse razões para isso.

— Minha opinião, minha amiga — respondeu o general, — é que estaria aqui mais a propósito uma enfermeira que essa exaltação tua. Talvez também seja necessário durante a noite algum homem com o qual se possa contar. De todos os modos, é preciso consultar o príncipe e… deixar em seguida o enfermo para que descanse. Amanhã voltaremos a pensar nele.

— Vai dar meia noite e nós nos vamos. Nós o levamos, ou deixamo-lo com o senhor? — perguntou Doktorienko ao príncipe, em tom de enfado.

— Se os senhores quiserem, podem ficar para fazer-lhe companhia — respondeu Míchkin. — Há lugar para todos.

De repente, em meio da unânime surpresa de todos os presentes, Keller adiantou-se rápido para o general.

— Excelência — disse, com entusiasmo, — se é preciso um homem de confiança para passar a noite, não tenho inconveniente em sacrificar-me pelo meu amigo… Se visse que alma, excelência! Já faz muito tempo que considero esse rapaz um grande homem, excelência! Meu artigo sofra da falta de cultura; mas ele, quando se põe a fazer crítica, derrama pérolas, excelência!

Ivan Fiódorovitch afastou-se do boxeador, num gesto de desespero.

— Se o senhor ficar, ficarei muito satisfeito; teria sem dúvida dificuldades para regressar a Petersburgo — replicou o príncipe às prementes interpelações de Lisavieta Prokófievna.

— Estás com sono, não é verdade? Se não queres, *bátiuchka*, vou levá-lo para minha casa; mas, meu Deus, se tu tampouco podes manter-te de pé! Estás mal?

Lisavieta Prokófievna, que não havia encontrado o príncipe no leito de morte, a julgar pelo seu bom semblante, havia imaginado que estivesse ele muito melhor do que, na realidade, se achava. Mas a enfermidade recente, as penosas recordações a ela ligadas, os incômodos daquela tarde, o incidente do "filho de Pávlichtchev," e agora o de Ipolit, haviam exacerbado a sensibilidade do príncipe até o deixar em estado febril. Além disso, nova preocupação, temor quase poderia dizer-se, lia-se em seus olhos, e contemplava, inquieto, Ipolit, como se ainda esperasse algo de sua parte.

De repente, Ipolit levantou-se, com o rosto horrivelmente lívido e demudado, como que agoniado de vergonha. Manifestava-se esse sentimento, sobretudo, no olhar de ódio e medo que fixou nos presentes e no vago sorriso que encrespava seus lábios trêmulos. De repente baixou os olhos e, com aquele mesmo sorriso, foi, cambaleante, reunir-se a Burdóvski e Doktorienko, que estavam à

entrada do terraço. Tinha decidido ir com eles.

— Receava-o! — exclamou o príncipe. — Tinha de ocorrer!

Ipolit voltou-se bruscamente para ele, possuído duma raiva louca que fazia estremecerem todos os músculos de seu rosto. — Ah! “Receava-o! Tinha de ocorrer!” Com que então pensava isso? Pois fique sabendo que se a algum dos presentes odeio… — gritou com voz rouca e sibilante, que saía de sua boca misturada com saliva, — odeio-os a todos… mas ao senhor, ao senhor, espírito jesuítico, alminha de mel, idiota, milionário, benfeitor, é a quem mais detesto no mundo! Desde muito tempo que o compreendi e o odiava; desde a primeira vez que ouvi falar do senhor, detestava-o com todas as forças de minha alma… Foi o senhor quem tramou tudo isso! O senhor quem me provocou este ataque! Levou um moribundo a desonrar-se; o senhor, e mais ninguém que o senhor, tem a culpa de minha covardia! Se vivesse por mais tempo, iria matá-lo! Não necessito para nada de suas bondades, de ninguém as aceitaria!… Ouvem-no? De ninguém quero nada. Estava delirando! Não tenham o atrevimento de cantar vitória!… Maldigo-os a todos de uma vez para sempre!

Faltou-lhe a respiração e teve de calar-se.

— Envergonhou-se de suas lágrimas! — disse em voz baixa Liébiediev a Lisavieta Prokófievna. — Tinha de ser assim! Ah! que honrem o príncipe! Tinha lido em sua alma…

Mas a generala não se dignou nem sequer olhá-lo; erguido, orgulhosamente, o busto e deitada para trás a cabeça, olhava toda aquela gentinha com curiosidade desdenhosa. Depois que Ipolit acabou de falar, Ivan Fiódorovitch encolheu os ombros. Sua mulher fitou-o, zangada, como que lhe pedindo conta daquele gesto. Depois encarou o príncipe. — Obrigado, príncipe; obrigado, excêntrico amigo, pelo grato serão que a todos nos proporcionou. Agora estou certa de que estarás contente, pois conseguiste complicar-nos a todos em tuas extravagâncias… Basta, meu amigo, e obrigado por nos teres proporcionado ocasião de conhecer-te bem!

Com mão trêmula ajeitou o xale, enquanto aguardava que eles se fossem. Naquele instante chegou o coche que Doktorienko havia

mandado chamar, havia um quarto de hora, pelo filho de Liébiediev, o que estudava no ginásio. Seguindo o exemplo de sua esposa, fitou o general também o príncipe:

— Efetivamente, não teria podido esperar… depois de tudo… depois de todas as amistosas relações… e… finalmente… Lisavieta Prokófievna…

— Não, não! Como se pode fazer isso? — exclamou Adelaida, zangada com seus pais e, aproximando-se de Míchkin, estendeu-lhe a mão.

Com o olhar cansado, perdido, o príncipe sorriu, talvez sem vê-la. De repente, soou um cálido e rápido murmúrio em seu ouvido:

— Se não puser para fora daqui, imediatamente, toda essa gente sórdida, não terei outro jeito senão odiá-lo enquanto viver, enquanto viver!

Era Aglaia; estava como louca, como fora de si; mas antes que Míchkin tivesse podido vê-la, já se havia afastado. Aliás, já não havia ninguém a quem pôr para fora. Os amigos de Ipolit se haviam metido com ele num coche, que naquele mesmo instante partia.

— Bem, afinal, pensa você em continuar ainda muito tempo aqui, Ivan Fiódorovitch? Que diz? — perguntou Lisavieta Prokófievna.

— Agora mesmo, minha cara… eu estou pronto, sem dúvida, e… querido príncipe!…

O general estendeu a mão para despedir-se de Míchkin, mas não esperou que este, que parecia muito distraído, lhe estendesse a dele, e saiu à pressa atrás de sua esposa que, irada e barulhenta, descia as escadas. Adelaida e seu noivo e Alieksandra despediram-se cordialmente do príncipe e também o próprio Ievguéni Pávlovitch, que era o único que havia conservado o bom humor.

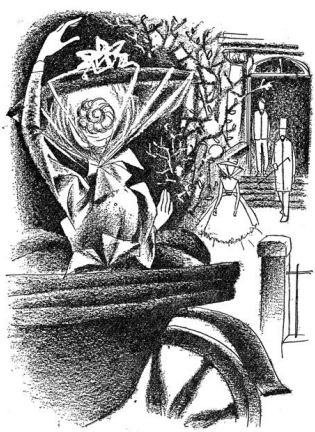
— Bem vê o senhor como eu tinha razão. É pena que também o senhor tenha de sofrer agora! — disse em voz baixa, com o mais lisonjeador sorriso, ainda que talvez houvesse naquele sorriso algo de

zombaria.

Aglaia foi-se embora sem se despedir.

Mas as surpresas daquela noite não haviam atingido ainda o seu fim.

Mal saíra Lisavieta Prokófievna da escada para o pequeno caminho que serpenteava pelo jardim, quando, de repente, uma magnífica carruagem, uma caleça aberta, puxada por dois pomposos cavalos brancos, passou pela frente da casa de campo do príncipe. No fundo do coche iam sentadas duas senhoras luxuosamente trajadas. Mas, de súbito, quando já tinham deixado para trás a varanda uns dez passos, a carruagem parou; uma das senhoras voltou-se pressurosa para trás, como se tivesse visto um amigo com o qual tivesse fatalmente de trocar duas palavras.



— Ievguéni Pávlovitch! Mas és tu? — clamou, de repente, uma bela voz clara, que fez o príncipe estremecer e talvez alguém além dele. — Ora, que alegria ter-te encontrado, afinal! Mandei-te um portador à cidade, isto é, dois. Passamos o dia inteiro à tua procura!

Ievguéni Pávlovitch parou, como ferido por um golpe, no patamar da escada. Também Lisavieta Prokófievna se deteve, mas não de susto e espanto como Ievguéni Pávlovitch; olhou a elegante dama com o mesmo frio desprezo com que momentos antes contemplara aquela gentinha e depois fitou interrogativa Ievguéni Pávlovitch.

— Alegra-te!… — prosseguiu a clara voz. — Rogójin pagou, a pedido meu, a promissória de trinta mil rublos que passaste a Kupfer. Agora já podes estar tranquilo por uns três meses. Com Biskup e outros usurários haveremos de entender-nos, uma vez que somos velhos amigos. De modo que, como vês, tudo vai às mil maravilhas. Vamos, alegra-te! Até amanhã!

Os cavalos arrancaram e a carruagem desapareceu com a mesma rapidez com que aparecera.

— É uma louca! — disse, finalmente, Ievguéni Pávlovitch, ficando vermelho de cólera até a fronte e olhando sem compreender em redor de si. — Não entendo uma palavra do que disse. Que promissórias são essas? E quem será ela?

Mas Lisavieta Prokófievna continuou a olhá-lo fixamente; durante dois segundos permaneceram cruzados seus olhares; depois voltou-se ela, de repente, com orgulho, e continuou mais depressa seu caminho para casa. Os demais a seguiam.

Ao fim de um minuto, Ievguéni Pávlovitch, muito excitado, voltou-se em busca do príncipe na varanda.

— Príncipe, diga-me a verdade: não sabe o senhor o que quer dizer isso?

— Não tenho a menor ideia! — respondeu Míchkin, que também se encontrava num estado de tensão e de excitação mórbidas.

— Não, de fato?

— Pode crer-me.

— Sim, eu também não sei — disse Ievguéni Pávlovitch, pondo-se a rir de repente. — Por Deus! não tenho a menor ideia de nenhuma promissória, pode o senhor acreditar-me totalmente, asseguro-lhe sob palavra de honra… Mas que é que tem? Vai desmaiar?…

— Oh! não, não! Certamente não, não!…

## Capítulo XI

Três dias tardaram os Iepántchini a perdoar o príncipe. Para dizer a verdade, o príncipe, como de costume, lançou a si mesmo toda a culpa, de modo que aguardava, sem sombra de dúvida, seu castigo, embora desde o princípio tivesse a convicção íntima de que Lisavieta Prokófievna não haveria de zangar-se com ele, seriamente, sendo mais provável que se aborrecesse mais consigo mesma. Por isso, três dias depois, antes que lhe chegasse o perdão, achava-se num estado de completa prostração moral. Acrescentavam-se a isso, além do mais, outras coisas que o atormentavam, sobretudo uma que, no transcurso daqueles três dias, graças à crescente desconfiança do príncipe, foi aumentando progressivamente de proporções, tornando-se cada vez mais angustiosa. (Censurava-se violentamente, desde algum tempo, sua absurda e excessiva confiança e sua sinistra e má desconfiança.) Em resumo: até a tarde do terceiro dia, aquele episódio da excêntrica dama que falara com Pávlovitch esteve a exercer um influxo verdadeiramente enigmático, de proporções quase pavorosas. A questão mais inquietante para ele era — prescindindo por completo de todos os demais aspectos desagradáveis do incidente — se seria ele o único culpado daquela monstruosidade, ou somente não exprimia ele tudo quanto pensava. Mas no tocante à troca das letras A.M.D. por N.F.B., era de opinião que não devia ver nisso senão uma burla inocente, uma travessura infantil, de sorte que suas longas cavilações sobre esse ponto pareciam-lhe vergonhosas e, até certo ponto, desonrosas.

Aliás, no dia seguinte ao daquele espantoso serão, teve o príncipe o prazer de receber a visita do Príncipe Tsch* * * e de Adelaida. Tinham ido vê-lo, sobretudo para saber de sua saúde. Adelaida descobrira no jardim uma velha árvore encantadora, um salgueiro chorão, de ramos longos e pendentes, de um verdor tenro e viçoso; de passagem — tinham saído sem rumo, a dar um passeio, — tinha Adelaida resolvido pintar decididamente, mas decididamente mesmo, aquela árvore. E daquela árvore estiveram falando quase todo o tempo, pelo menos uma meia hora… o Príncipe Tsch*** estivera tão atento e amável que havia perguntado a Míchkin milhares de coisas, recordando-lhe como se tinham conhecido naquela cidade

provinciana, e nenhum deles fez a menor alusão à noite passada. Finalmente, não pôde, contudo, Adelaida conter-se: pôs-se a rir e confessou que havia ido vê-lo, até certo ponto, às ocultas. Mas foi isso tudo quanto deixou transparecer: não muito, mas, verdadeiramente, não tão pouco, pois daquele "às ocultas" podia-se facilmente calcular o estado de ânimo de seus pais. Mas nem de sua mãe, nem de Aglaia, nem sequer de Ivan Fiódorovitch, disse Adelaida uma palavra, e, ao retirar-se para continuar seu passeio, não convidara Míchkin a fazer-lhes companhia… e a que fosse visitá-los tampouco dissera nada. Sim, a este respeito, não foi mais reveladora uma breve alusão de Adelaida ao falar das últimas aquarelas que havia pintado e manifestar, de repente, vivos desejos de que o príncipe as julgasse. "Mas como poderei mostrá-las? — disse. — Espere! Pedirei a Kólia, quando for hoje lá em casa… ou senão eu mesma as trarei amanhã, quando sair a passeio com o príncipe", decidiu rapidamente, muito alegre por ter encontrado solução para aquele problema.

Já se despediam, quando o Príncipe Tsch*** pareceu recordar subitamente uma coisa.

— Ah! a propósito! — disse, dirigindo-se ao Príncipe Míchkin. — Não sabe, pelo menos, meu caro Liev Nikoláievitch, quem era aquela dama que ontem disse a Ievguéni Pávlovitch aquelas palavras enigmáticas?

— Era Nastássia Filípovna — respondeu Míchkin. — Não sabia o senhor que era ela? Não sei é quem fosse a outra senhora que a acompanhava no coche…

— Pois eu sei; ouvi-o dizer! — atalhou-o, rápido, o Príncipe Tsch *** — Mas que significava aquilo que lhe disse? Isto é um verdadeiro enigma… tanto para mim como para todos…

O Príncipe Tsch* * * falava com extrema e evidente perplexidade.

— Falou de não sei qual promissória de Ievguéni Pávlovitch — replicou Míchkin com bastante simplicidade, — que Rogójin resgatou de mãos de um usurário, a instâncias dela, e esperará que lhe seja paga.

— Ouvi isso, príncipe, ouvi isso. Mas o fato é que é uma coisa impossível: Ievguéni não assinou nenhuma promissória. Que necessidade tem disso? Com o dinheiro que possui!… É certo que haja assinado, em alguma ocasião, alguma dessas promissórias e que mais de uma vez tirei-o de apuros… Mas com um capital como o dele, assinar promissórias a usurários e depois ficar preocupado por esse motivo… não, não é possível, nem se deve pensar! E igualmente impossível é que se tuteiem, ele e Nastássia Filípovna… isto é para mim o mais enigmático! Jura ele não ter entendido uma palavra sequer de tudo isso e eu acredito nele de bom grado. A coisa é, meu caro príncipe, que… eu queria perguntar-lhe se não sabia o senhor algo por acaso… Isto é, se… por acaso não teria chegado algo a seus ouvidos…

— Não, não sei de nada e asseguro-lhe que não tenho a menor parte em nada disso.

— Mas, querido príncipe, quem pensa tal coisa? Como o senhor é estranho! Parece outro hoje. Como eu teria podido imaginar, nem mesmo remotamente, algo disso? O senhor misturado em semelhante enredo?… Mas é que o senhor está hoje excitado…

Abraçou-o e beijou-o cordialmente.

— Mas que quer dizer isso de semelhante enredo? Não vejo aqui sinal de semelhante enredo!

— Não? Pois é indubitável que aquela pessoa quis pôr algum obstáculo, para não sei que, no caminho de Ievguéni Pávlovitch, atribuindo-lhe, diante das pessoas que se achavam presentes, qualidades que não tem, nem pode ter — replicou o Príncipe Tsch***, com certa sequidão.

Tal resposta pareceu desconcertar não pouco o Príncipe Liev Nikoláievitch. Mas, apesar disso, olhou, impassível, para o Príncipe Tsch***, que, de repente, guardou silêncio.

— E não existirão, simplesmente, tais promissórias? Não será mesmo, como disse ela literalmente ontem? — perguntou, de súbito, Míchkin, acometido de nervosa impaciência, mas sua voz dava sinais

de que não estava seguro.

— Mas julgue o senhor mesmo: que pode haver de comum entre Ievguéni Pávlovitch e… ela e, além do mais, Rogójin?… Creia-me: possui ele, efetivamente, um grande capital. Sei isso de fonte certa. E ainda haverá de caber-lhe outra grande fortuna por parte de seu tio. Nastássia Filípovna não fez senão simplesmente…

De novo calou-se o Príncipe Tsch***, de modo inteiramente súbito. Saltava aos olhos que não queria exprimir diante do príncipe o que pensava de Nastássia Fílípovna.

— Mas, assim sendo, conhecem-se os dois? — perguntou Míchkin, depois de breve pausa.

— Assim parece, com efeito. Ele tem sido um rapaz um tanto louco. Mas se assim foi, embora ambos se conheçam, faz muito tempo, contudo, que não se veem… isto é… digamos… dois ou três anos. Ele era muito amigo de Tótski. Mas de uma amizade tão íntima, de uma verdadeira amizade a ponto de se tutearem, nem se pode falar. Nunca houve entre ele e ela tanta intimidade, nunca. O senhor sabe muito bem que ela há muito tempo não reside em Petersburgo. E a maioria ignora que tenha voltado a morar aqui. Aquele coche e aqueles cavalos há uns três dias que os vi aqui pela primeira vez.

— Uma parelha magnífica! — observou Adelaida. — Ah! sim. A parelha de cavalos é impecável!

Despediram-se, contudo, do príncipe, muito amistosamente, podendo dizer-se mesmo que fraternalmente.

Mas para o Príncipe Liev Nikoláievitch foi aquela visita de extraordinária importância. É certo que já havia imaginado muitas coisas desde a noite anterior (e talvez desde antes); mas até que recebeu aquela visita, não se atreveu a dar por justificados os seus temores. Mas agora, pelo menos, era claro que o Príncipe Tsch***, que, naturalmente, formava para si uma ideia falsa de tudo aquilo, não andava longe, não obstante, da verdade ao presumir uma trama.

“Aliás — pensou consigo o príncipe, — talvez tenha em segredo

uma ideia exata de tudo, mas não quer revelá-la a ninguém e por isso apresenta as coisas sob falsa cor."

Fosse como fosse, estava já certo de uma coisa: de que Adelaida e o Príncipe Tsch* * * (sobretudo este último) tinham ido visitá-lo com a esperança de ficar sabendo, por intermédio dele, de algo mais concreto. Mas, neste caso, não tinham outro remédio senão imaginá-lo metido na trama. E, além disso, se realmente tudo aquilo era de tanta importância, por força devia ter *ela* algum objetivo terrível… mas que objetivo?… "Como atormentam esses pensamentos! E como é possível dissuadi-la de algo, quando já meteu isso na cabeça? Mas é impossível, completamente impossível, desde que se convenceu da necessidade de realizar seus planos!" Míchkin sabia disso muito bem por experiência própria. "Ela é louca! Ela é louca!"

Mas naquela manhã ele tinha demasiados problemas que o atormentavam; todos surgiam agora duma vez e exigiam rápida solução, e tinha de meditar em todos longamente. Daí estar o príncipe muito sério e abatido. Veio distraí-lo um pouco Viera Liébiedieva, com sua irmãzinha Liúbotchka e, rindo, pôs-se a contar-lhe algo. Não tardou em apresentar-se também sua outra irmã, a que abria tanto a boca quando ria, e a esta seguiu-se depois o filho de Liébiediev, o aluno do ginásio, que também cooperou em distrair o príncipe e dizer, com vivacidade, que a estrela chamada Absinto, no *Apocalipse*, que foi cair nas fontes das águas, segundo a interpretação de seu pai, não era senão a rede ferroviária que hoje se estende por toda a Europa. Míchkin não acreditou que Liébiediev desse essa interpretação ao texto e resolveu perguntar-lhe isso na primeira oportunidade conveniente. Soube também Míchkin, por intermédio de Viera Liébiedieva, que o Senhor Keller havia ficado na casa na última noite e não dava sinal de ir-se embora tão depressa, pois, sobretudo, havia encontrado no General Ívolguin um companheiro e bom amigo. Aliás, declarou, contudo, que só ficaria a morar com eles para completar sua educação. Em geral, Míchkin ia gostando cada dia mais dos filhos de Liébiediev.

Kólia não apareceu durante todo o dia; fora de manhã a Petersburgo (Liébiediev fora lá também muito cedo… a negócios, como dizia). E assim, aguardou o príncipe, com impaciência, a

chegada de Gavrila Ardaliónovitch, que lhe havia prometido visitá-lo para despedir-se.

Às sete horas da noite apresentou-se com toda a pontualidade, imediatamente depois do jantar. Bastou-lhe olhá-lo, para que Míchkin acreditasse adivinhar que não ignorava ele o mínimo detalhe do que ocorrera na noite anterior. Como poderia ser de outro modo, tendo tão bons ajudantes como sua irmã Varvara e seu cunhado Ptítsin? Entre Gânia e o príncipe existiam umas relações algo estranhas. Míchkin, por exemplo, havia-lhe recomendado o caso de Burdóvski e até lhe havia rogado de modo especial que se encarregasse dele. Mas, não obstante essa confiança e outros laços mais que os uniam, restavam entre eles certos extremos que, por convenção mútua, nunca tocavam. Parecera a Míchkin que Gânia desejava mostrar-se para com ele plena e amistosamente sereno; e assim, ao vê-lo agora entrar, convenceu-se, em sumo grau, de que era chegado o momento de romper o gelo a respeito dos referidos extremos. Apenas não dispunha Gânia de muito tempo: sua irmã estava à sua espera nos aposentos de Liébiediev e os dois tinham pressa.

Mas se Gânia esperava toda uma série de perguntas impacientes, manifestações involuntárias ou declarações e efusões do coração, teve grande decepção. Durante todo o tempo de sua visita esteve o príncipe como que alheado, pelo menos, muito pouco comunicativo e bastante ensimesmado.

O príncipe não fez toda uma série de perguntas a Gânia, ou melhor, a única pergunta que este teria esperado. De modo que Gânia decidiu manter-se reservado. Nem por isso deixou de falar, de rir e brincar sem interrupção todo o tempo de sua visita. Numa palavra: entreteve o príncipe durante os vinte minutos que com ele ficou da maneira mais amável, mas sem fazer a menor alusão ao ponto principal.

Entre outras coisas, informou-o que Nastássia Filípovna se achava havia já quatro dias em Pávlovsk e já havia atraído a atenção geral para sua pessoa. Vivia em uma casinha, de nenhuma aparência, com Dária Alieksiéievna, numa Rua dos Marinheiros, se não estava equivocado; mas que sua carruagem era a mais imponente que havia

em Pávlovsk. Havia-se já reunido em torno dela todo um tropel de adoradores velhos e jovens, pelos quais se deixava às vezes acompanhar a cavalo. Continuava sendo muito volúvel no seu trato com os homens, mas, apesar disso, tinha uma caterva à sua disposição, se dela necessitasse. Um jovem, proprietário de uma casa de campo em Pávlovsk, já havia rompido, por sua culpa, com a noiva, e um velho general, também por sua culpa, amaldiçoara seu filho. Habitualmente saía a passeio com uma jovem belíssima, parenta de Dária Alieksiéievna. A tal jovem, de uns dezesseis anos, tinha uma voz prodigiosa, e cantava tão bem à tarde, que a insignificante casinha de Dária Alieksiéievna chamava a atenção de toda Pávlovsk. Aliás, Nastássia Filípovna portava-se bem em todas as partes e trajava de maneira discreta, embora sempre com tal elegância que todas as senhoras de Pávlovsk a invejavam pelo seu bom gosto, sua beleza e seu soberbo coche.

— O excêntrico incidente de ontem — disse, por fim, Gânia, — obedecerá, naturalmente, a alguma intenção especial, e, assim, não se deve perdê-la de vista. Para poder censurar sua conduta seria preciso espioná-la ou apelar para a calúnia, o que, afinal de contas, seria o meio mais rápido e seguro — terminou, esperando que o príncipe lhe perguntasse, sem dúvida, por que atribuía àquela extravagância uma intenção especial e por que considerava a calúnia o meio mais seguro e rápido.

Mas o príncipe nada disse.

Então pôs-se Gânia a falar ao príncipe, sem perguntas a responder, a respeito de Ievguéni Pávlovitch, coisa tanto mais estranha quanto não havia motivo para isso. Na sua opinião, Ievguéni Pávlovitch nunca fora amigo de Nastássia Filípovna e mesmo agora mal a conhecia, pois lhe havia sido apresentada quatro dias antes, no passeio; e tampouco podia admitir-se, por certas razões, que tivesse visitado sua casa. No tocante à promissória, podia muito bem haver algo de verdade nessa história (isso o afirmava Gânia com certeza notável; pelo visto Ptítsin o havia informado). A fortuna de Ievguéni Pávlovitch era enorme; “mas suas condições financeiras achavam-se, em parte, um tanto turvas”, acrescentou laconicamente, e com isto se calou. Tampouco disse uma palavra mais a respeito de Nastássia

Filípovna. Finalmente, depois de Gânia, chegou Varvara Ardaliónovna; permaneceu ali um minuto; explicou (também sem que ninguém lhe perguntasse) que era muito possível que Ievguéni Pávlovitch, naquele mesmo dia ou no dia seguinte, partisse para Petersburgo, que seu marido (Ivan Pietróvitch Ptítsin) também tinha de ir lá, a negócios de Ievguéni Pávlovitch, e que, efetivamente, alguma coisa tinha acontecido. Ao retirar-se, acrescentou que Lisavieta Prokófievna, naquele dia, estava de um humor infernal; mas que o mais estranho era que Aglaia havia brigado com toda a família, não só com seus pais, mas também com suas duas irmãs e que "aquilo não era nenhum bom sinal". Depois de haver insinuado, como de passagem, esta última coisa (que para o príncipe era muito significativa), os dois irmãos se despediram. Do assunto do filho de Pávlichtchev não fez Gânia tampouco menção, talvez por falsa modéstia, talvez também em respeito aos sentimentos do príncipe apesar do que lhe apresentou este uma vez mais os agradecimentos pela difícil solução do caso.

Ficou Míchkin extremamente satisfeito quando afinal conseguiu estar sozinho. Saiu para o terraço, e dirigiu-se, pelo caminhozinho, para o jardim. Queria meditar e tomar uma decisão. Mas essa decisão não era daquelas que se pensam, mas precisamente daquelas que não se meditam, daquelas que, simplesmente, se adotam. Sentia um desejo irreprimível de deixar ali tudo aquilo e voltar para lá, para o ponto donde tinha vindo, para algum lugar mais longínquo ainda, para a solidão mais profunda; sair naquele momento mesmo e sem sequer despedir-se de ninguém. Pressentia que, se permanecesse ali nem que fossem uns dias mais, fatalmente se fundiria naquele mundo de modo irrevogável e que aquele mundo, dali por diante, pesaria sobre ele como uma carga. Mas não se deteve a pensar nisso nem dez minutos e logo decidiu que escapar dali era impossível, que isso viria a ser uma pusilanimidade; que tinha diante de si tais problemas, que era seu dever agora resolvê-los, ou pelo menos contribuir com todas as suas forças para resolvê-los. Preocupado com tais pensamentos, voltou para casa, tendo seu passeio durado menos de um quarto de hora. Sentia-se completamente desditoso naquele instante.

Liébiediev não estava ainda em casa, mas ao cair da tarde apresentou-se diante do príncipe o boxeador Keller, não embriagado,

mas com desejo de fazer confidências e expandir-se. Explicou, sem mais rodeios, que tinha ido contar ao príncipe toda a sua vida e que para isso ficara em Pávlovsk. Expulsá-lo era absolutamente impossível: não, por coisa nenhuma do mundo teria ido embora. Keller dispôs-se a falar longa e extensamente, mas, de repente, quase às primeiras palavras, foi diretamente à conclusão e revelou que a tal ponto havia perdido todo vestígio de moral (unicamente por não crer no Altíssimo) que até havia roubado.

— Imagine o senhor!

— Ouça, Keller. Se eu estivesse em seu lugar não faria tal confissão, se não houvesse necessidade especial — disse-lhe Míchkin. — Mas talvez o senhor se calunie de propósito.

— Ao senhor, somente ao senhor, e com o único fim de que contribua para minha própria ilustração! A ninguém mais; morrerei e sob a mortalha levarei meu segredo! Mas, príncipe, se o senhor soubesse, se o senhor somente soubesse quão difícil é em nossos tempos encontrar dinheiro! De onde tirá-lo, quer o senhor dizer-me? Uma resposta: "Traz ouro e brilhantes e em troca te daremos dinheiro". Isto é precisamente o que não tenho. Pode o senhor compreender isso? Eu, afinal, me aborreci. "E por esmeraldas — digo — dão os senhores?" "Por esmeraldas também damos." "Bem; está bem — digo e pego o chapéu e retiro-me. — Que o diabo carregue vocês todos, seus patifes! Sim, por Deus!"

— Mas o senhor tinha, por acaso, esmeraldas?

— Que esmeraldas haveria de ter? Oh! príncipe, quão ingênuo e cândido é o senhor ainda e quão pastoralmente, pode-se dizer, encara o senhor a vida!

Míchkin começou a sentir, afinal, não dó, mas algo assim como remorso de consciência. Até lhe ocorreu a ideia: "Não seria possível fazer algo desse homem mediante uma boa influência?". Sua influência pessoal estimava-a ele, por certas razões, altamente inútil, não por humildade, mas por causa de modo próprio de ver as coisas. Pouco a pouco, foram travando mais intrincada conversa, a ponto de já não se quererem separar. Keller confessava com anormal facilidade

coisas que não era possível imaginar que alguém pudesse confessar. Ao iniciar cada relato, começava por assegurar redondamente que se achava arrependido e que por dentro estava afogado em lágrimas, e, mesmo assim, contava-o logo como se se orgulhasse de sua conduta e, ao mesmo tempo, por vezes de uma maneira tão cômica que, por fim, tanto ele como o príncipe acabavam rindo às gargalhadas como loucos.

— O principal é que o senhor tem uma espécie de confiança pueril e uma retidão pouco frequente — disse, por fim, o príncipe. — Sabe que só com isso o senhor já compensa muitas coisas?

— Nobre, nobre, cavalheirescamente nobre! — afirmava, contrito, Keller. — Mas olhe, príncipe: somente em sonhos e, por assim dizer, por bravata, porque jamais passei às vias de fato. E por quê? Não posso compreender.

— Não desespere. Agora já se pode com certeza afirmar que o senhor me deu plena conta de tudo; pelo menos parece que, ao que me contou, já não há mais nada a acrescentar, não é?

— Nada? — exclamou Keller, com certo pesar. — Oh! príncipe, até que ponto compreende o senhor, à moda suíça, se assim posso dizer, a natureza humana!

— Mas será que ainda pode acrescentar algo? — exclamou Míchkin, com tímido espanto. — Mas então, que é que o senhor esperava de mim, Keller? Diga-o, faça o favor! E também, por que veio com sua confissão?

— Do senhor? Que ia esperar? Em primeiro lugar, porque dá gosto ver sua simpleza de espírito; com o senhor a gente gosta de sentar e conversar; eu, pelo menos, sei que tenho diante de mim um homem de bem. E em segundo lugar… em segundo lugar…

Confundiu-se.

— Será que queria pedir-me dinheiro? — insinuou o príncipe, com muita seriedade e simplicidade, até mesmo com certa timidez. Keller estremeceu; rapidamente, com o mesmo assombro de antes,

fitou o rosto de Míchkin e descarregou um forte murro sobre a mesa. — O senhor, com essas coisas, desconcerta a qualquer um! Olhe, príncipe: tem o senhor uma simplicidade de alma, uma inocência como nem na Idade de Ouro as houve, e, de repente, ao mesmo tempo, penetra através do homem como uma flecha com a mais profunda observação psicológica. Mas permita-me, príncipe: isto requer uma explicação, porque eu… eu estou, simplesmente, estupefato. Naturalmente, afinal de contas, minha intenção era mesmo pedir-lhe dinheiro; mas o senhor me fez essa pergunta como se não encontrasse nisso nada de repreensível, como se fosse inteiramente lógico.

— Sim… no senhor teria de ser lógico.

— E não se indigna?

— Eu? Por quê?

— Ouça, príncipe: fiquei aqui esta noite, em primeiro lugar, por minha especial estima ao arcebispo francês Bourdaloue (até as três da madrugada estive a saboreá-lo em casa de Liébiediev); e em segundo lugar, e isto é o mais importante (e me persigno com todas as cruzes que é a pura verdade), fiquei porque queria, por assim dizer, fazendo-lhe uma confissão geral, sincera, contribuir para minha própria edificação. Com este pensamento adormeci, às quatro da madrugada, afogado em lágrimas. O senhor crerá agora nas palavras de um homem de caráter nobre? Assim que despertei, sinceramente cheio de lágrimas interiores e, por assim dizer, exteriores (porque, finalmente, rompi a chorar, lembro-me), ocorreu-me um pensamento infernal: “Por que não pedir-lhe, como remate, depois da confissão, algum dinheiro?”. Assim, pois, preparei-me para a confissão com lágrimas de pesar, mas também com a ideia de que essas lagriminhas me aplainariam o caminho, para que o senhor, enternecendo-se, me soltasse uns cento e cinquenta rublozinhos. O senhor acha que isso é uma ruindade?

— Desde logo, acho que isso não é exato, mas que lhe ocorreu simplesmente com a outra coisa. Dois pensamentos que se fundem, isto sucede com bastante frequência. A mim, pelo menos, a cada

passo. E, além do mais, penso que isso não é boa coisa; e olhe, Keller: isso é o que mais censuro a mim mesmo. Parecia-me que aquilo de que falava se referia a mim mesmo. Já me tem até ocorrido pensar às vezes — prosseguiu Míchkin, muito séria, sincera e profundamente interessado, — que também assim ocorria com todo o mundo, tanto que comecei a consolar-me, porque desses pensamentos dúplices é terrivelmente difícil a gente se ver livre; sei por experiência. Só Deus sabe como surgem e se engendram. Mas o senhor não deve chamar a isso, sem mais nem menos, uma ruindade. Agora eu também voltarei a ter medo desses pensamentos. De todos os modos, eu não sou juiz. Mas, mesmo assim, no meu modo de ver, não se pode chamar a isso, simplesmente, uma ruindade, como o senhor pensa. O senhor tencionava, por meio de suas lágrimas, arrancar dinheiro de mim; mas o senhor mesmo jurou que sua confissão tinha outro objetivo, nobre e desinteressado; quanto ao dinheiro, necessita dele para divertir-se, não é? Pois isto, logo após tal confissão, acusa naturalmente covardia. Mas também renunciar à bebida, ainda que seja por um momento! Isto é impossível. Que fazer? O melhor será deixá-lo à sua consciência, que lhe parece?

Míchkin, com insólita curiosidade, fitou Keller. O problema dos pensamentos dúplices, evidentemente, havia tempo que o preocupava.

— Bem; por que, depois disto, chamam ao senhor de idiota? Não tenho explicação para isto! — exclamou Keller.

O príncipe ficou um tanto vermelho.

— O pregador Bourdaloue não teria poupado assim um homem; mas o senhor poupou-me e julgou-me humanamente. Para castigar-me e para demonstrar que estou comovido, já não quero cento e cinquenta rublos; o senhor vai dar-me somente vinte e cinco, e é bastante. É tudo quanto necessito, pelo menos para umas duas semanas. Antes de duas semanas não virei pedir mais dinheiro. Queria dar um presentinho a Agachka, mas não o merece. Oh! querido príncipe, que Deus o bendiga!

Foi-se embora, afinal. Liébiediev entrou por fim, imediatamente após seu regresso da cidade. Percebendo a nota de vinte e cinco rublos

na mão de Keller, franziu a testa. Mas Keller deu-se pressa em escapulir-se assim que se viu provido de dinheiro e prontamente tratou de pôr-se ao fresco. Liébiediev começou logo a falar mal dele.

— O senhor é injusto; ele está deveras sinceramente arrependido — fez-lhe notar, finalmente, Míchkin.

— Sim, só vendo esse arrependimento! O mesmo que eu ontem: “Sou um vilão, um vilão!”; mas fique o senhor sabendo, tudo isso não passa de palavras.

— Também no seu caso não eram mais que palavras? Eu acreditava…

— Bem; ao senhor, só ao senhor, digo a verdade; porque o senhor vê através da gente. Palavras e fatos, e mentira e verdade, tudo se dá em mim ao mesmo tempo e com sinceridade absoluta. A verdade e o fato consistem, em mim, numa contrição sincera, creia ou não o senhor, mas juro; e a palavra e a mentira, no pensamento infernal (e sempre presente) de como enganar o homem, de como, através das lágrimas, fingir arrependimento. Por Deus que é assim! A outro não lhe diria; ia começar a rir ou cuspiria em mim; mas o senhor, príncipe, o senhor julga com humanidade!

— Ora, isso mesmo, exatamente, acaba de dizer-me o outro — exclamou Míchkin, — e parece que os dois como que se orgulham disso! O senhor também me maravilha, só que ele é mais sincero, ao passo que o senhor, decididamente, fez disso uma profissão. Bem; basta, não franza a testa, Liébiediev, nem leve a mão ao coração. Não tem nada para me dizer? Porque decerto veio por causa de alguma coisa…

Liébiediev fez uma careta e pôs-se a gesticular.

— Estive a esperá-lo o dia inteiro para fazer-lhe uma pergunta. Diga-me a verdade sinceramente, pelo menos uma vez em sua vida. O senhor teve alguma participação naquele caso do coche de ontem?

Liébiediev voltou a caretear, começou a rir, esfregou as mãos e até mesmo, por fim, espirrou. Mas apesar de tudo isso, não disse nada.

— Já vejo que sim, que teve parte.

— Mas indiretamente, só indiretamente. Digo-lhe a pura verdade! Não tive outra participação senão a de fazer saber a determinada pessoa que se havia reunido na minha casa toda aquela gente e que certas pessoas estariam presentes.

— Já sei que o senhor mandou lá seu filho; ele mesmo me disse há pouco. Mas quer dizer-me que trama é essa? — exclamou Míchkin, com impaciência.

— Essa trama não é minha, não é minha — gesticulou Liébiediev, — mas de outros, de outros, e, melhor dito: não é uma trama, mas uma fantasia.

— Mas de que se trata? Explique-o, por Cristo! Não compreende o senhor que isso me afeta diretamente? Tenha em conta que estão difamando Ievguéni Pávlovitch.

— Príncipe, sereníssimo príncipe! — tornou a gesticular Liébiediev. — O senhor não deixa a gente dizer toda a verdade; já comecei a dizê-la, mas o senhor não me permitiu que continuasse…

Míchkin ficou calado e pensativo.

— Bem, está bem: diga a verdade — disse, com certo esforço, evidentemente depois de dura luta.

— Aglaia Ivânovna… — começou Liébiediev imediatamente.

— Cale a boca! Cale a boca! — gritou Míchkin, insistentemente, ficando todo rubro de indignação e é possível que também de vergonha. — Isto não pode ser, tudo isto é um absurdo! Tudo isto forjou-o o senhor e outros loucos da mesma laia! E que eu não torne a ouvir mais isto!

Naquela noite, a hora já avançada, às onze, apresentou-se Kólia com um montão de notícias. Notícias de duas espécies: de Petersburgo e de Pávlovsk. Apressou-se em contar as principais das petersburguesas (sobretudo, referentes a Ipolit e à história da noite anterior), para logo depois tornar a elas de novo, e passou às de

Pávlovsk. Havia três horas que regressara de Petersburgo e, sem ver o príncipe, dirigira-se diretamente à casa dos Iepántchini. “Que horror aquele!” Naturalmente, em primeiro plano figurava o coche; mas decerto haveria algo mais, algo que tanto ele como o príncipe ignoravam. “Eu, naturalmente, não sou nenhum espião e não quis perguntar-lhes nada. Aliás, receberam-me muito bem, tão bem como eu não esperava. Mas a seu respeito, príncipe, não me disseram uma palavra.” O mais principal e notável de tudo era que Aglaia acabava de ter uma discussão com sua família por causa de Gânia. Quanto a pormenores do caso… ignoravam-se. Mas somente pelo fato de ter sido a discussão e horrível por culpa de Gânia (“imagine o senhor!”), cresce de importância a coisa. O general chegara tarde, e chegou de cara fechada, em companhia de Ievguéni Pávlovitch, ao qual dispensaram a melhor acolhida, e o tal Ievguéni Pávlovitch estava assombrosamente alegre e de ótimo humor. A notícia mais importante era que Lisavieta Prokófievna, com muita calma, havia mandado chamar Varvara Ardaliónovna, que estava conversando com as moças, e expulsara-a para sempre de sua casa, aliás, do modo mais estranho — a própria Varvara lhe havia contado. — Mas ao sair Vária da casa de Lisavieta Prokófievna e despedir-se das moças, ignoravam estas ainda que a haviam posto para fora e que se despedia delas pela última vez.

— Mas se Varvara Ardaliónovna acaba de estar aqui às sete! — exclamou, assombrado, o príncipe.

— Pois a puseram de lá para fora às oito. Sinto muito por causa de Vária e também sinto muita pena por causa de Gânia… Sempre têm que andar tramando intrigas; não podem viver senão assim. Eu nunca pude saber o que é que forjam, nem o quero averiguar tampouco. Mas asseguro-lhe, meu querido e bom príncipe, que Gânia tem coração. É um homem, sem dúvida alguma, em muitos sentidos, perdido; mas tem, ainda assim, qualidades que vale a pena buscar para descobrir, e não me perdoarei nunca não o ter compreendido antes. Não sei se continuarei visitando os Iepántchini depois dessa história de Vária. Na verdade, coloquei-me, desde o primeiro momento, numa posição de independência; mas, apesar de tudo, terei de pensar nisso.

— Creio que você tem, sem motivo, demasiada compaixão por seu

irmão — observou Míchkin. — Se até esse extremo chegou a coisa, é que Gavrila Ardaliónovitch se torna perigoso aos olhos de Lisavieta Prokófievna e, portanto, que certas esperanças dele tinham sido encorajadas.

— Como, que esperanças? — exclamou Kólia, atônito. — Mas será que imagina o senhor que Aglaia…? Isto não pode ser!

O príncipe guardou silêncio.

— O senhor é demasiado cético, príncipe — disse Kólia ao fim de alguns minutos. — Venho observando que, desde algum tempo, o senhor se tornou demasiado cético. O senhor começa a não crer em nada e a fazer toda espécie de suposições… Acabo de usar com toda exatidão a palavra cético.

— Acho que sim, ainda que, afinal de contas, eu mesmo não saiba ao certo.

— Mas rejeito agora a palavra cético: achei outra explicação — exclamou, de repente, Kólia. — O senhor não é cético; o que está é com ciúmes. O senhor tem ciúmes infernais de Gânia, por culpa de certa senhorita orgulhosa!

Ao dizer aquilo, estremeceu Kólia dos pés à cabeça e soltou gargalhadas, como talvez nunca tivesse feito. Ao ver que o príncipe ficava todo vermelho, aumentou Kólia ainda mais as risadas. Achava muita graça na ideia de que o príncipe estivesse com ciúmes de Aglaia. Mas calou-se em seguida, ao observar que o príncipe sofria sinceramente. Depois, muito sério e preocupado, continuou falando com o príncipe uma hora e meia ainda.

No dia seguinte, Míchkhin teve de viajar para Petersburgo, por motivo de um assunto inadiável, que o entreteve ali a manhã inteira. Ao voltar a Pávlovsk, já às cinco da tarde, encontrou-se na estação com Ivan Fiódorovitch. Este pegou-lhe rapidamente a mão e, girando o olhar em torno de si, como assustado, levou o príncipe consigo para um vagão de primeira, a fim de fazerem juntos a viagem. Ardia em desejo de falar de algo importante.

— Antes de tudo, querido príncipe, não te zangues comigo, que eu, de minha parte, se alguma zanga tinha, já me passou. Por mim, teria vindo ver-te ontem, ontem mesmo; mas não sabia como Lisavieta Prokófievna encararia isso… Minha casa é… simplesmente um inferno; uma esfinge enigmática aposentou-se nela e, por mais que eu faça, não compreendo. Quanto a ti, creio que és o menos culpado de todos, ainda que, sem dúvida, grande parte do que ocorre seja causado por ti. Olha, príncipe: isso de ser filantropo é muito bonito, mas até certo ponto. Eu mesmo talvez esteja agora gozando o fruto de o ter sido. Amo, sem dúvida, a virtude e estimo Lisavieta Prokófievna, mas…

O general continuou por longo tempo nesse estilo, mas suas palavras acusavam estranha incoerência. Era evidente que estava muito alterado e sumamente desconcertado por algo em alto grau incompreensível.

— Para mim não há dúvida que tu não tens nada que ver com isto — explicou-se, finalmente, mais claro. — Mas não vás ver-nos por algum tempo, peço-te como amigo, até que o vento mude… Pelo que se refere a Ievguéni Pávlovitch — exclamou com extraordinária veemência, — aquilo é uma calúnia absurda, uma rematada calúnia! Aquela acusação é uma intriga, que obedece ao desejo de malograr tudo e fazer que briguemos. Olha, príncipe: digo-te ao ouvido: entre mim e Ievguéni Pávlovitch não se disse ainda nem uma palavra sequer, entendes? Não há entre nós o menor compromisso, mas pode acontecer que se diga essa palavra e talvez logo e até talvez muito depressa. É isto que tratam de impedir. Por quê? Eis aí o que não explico a mim mesmo. Ela é uma mulher estranha, uma mulher excêntrica; tenho tanto medo dela, que mal consigo dormir. E que coche, que cavalos brancos, que bom gosto, sobretudo isso que chamamos o *chic* francês. Quem lhe terá dado? Por Deus, que pequei. Pensei mal anteontem de Ievguéni Pávlovitch. Mas parece que isso não pode ser, e se não pode ser, por que quer ela estragar tudo? Este, este é o enigma! Para não perder Ievguéni Pávlovitch? Mas repito-te e juro-te que ele não a conhece e que essas promissórias são uma mentira. E com que descaro o tratou por *tu* em plena rua! Pura insolência! Está claro que é preciso responder a isso com o desprezo e

que Ievguéni Pávlovitch é digno de toda estima. Fiz Lisavieta Prokófievna ver isso… Agora vou revelar-te meu mais íntimo pensamento: estou firmemente convencido de que ela fez isso para vingar-se de mim pelo que se passou, embora não seja eu culpado de nada para com ela. Só de recordá-lo, fico cheio de vergonha. Apresentou-se agora de novo, quando eu já pensava que havia desaparecido para sempre. E Rogójin? Por onde anda? Podes dizer. Eu já a supunha casada com ele.

Numa palavra: o homem estava totalmente desconcertado. Durante quase uma hora de caminho falou só ele, propondo problemas que ele próprio resolvia, apertando a mão do príncipe, que, pelo menos, ficou convencido de que não suspeitava absolutamente dele o general. O que era importante para Míchkin. Acabou falando do tio de Ievguéni Pávlovitch, diretor de certa fábrica de Petersburgo: um cargo importante, setenta anos, *viveur*, gastrônomo e, em geral, um velhote muito simpático…

— Ah! ah! ah! Sei que ouviu falar de Nastássia Filípovna e até a conhece. Fui vê-lo agora; não recebe; está doente. Mas é tão rico, tão rico, tem um nome e… queira Deus que viva muitos anos. Mas afinal deixará tudo a Ievguéni Pávlovitch… Mas eu, apesar de tudo, receio… Não sei o que, mas receio. Parece que algo se condensa no ar, algo assim como um morcego que revoluteia. A desgraça ronda, e receio, receio…

## Capítulo XII

Eram sete horas da noite. Dispunha-se Míchkin a sair para o jardim. De repente, Lisavieta Prokófievna, sozinha, apresentou-se diante dele no terraço.

— Antes de tudo, não tenhas a ousadia de imaginar — começou — que vim pedir-te perdão! Nada disso! És aqui o culpado.

O príncipe manteve-se em silêncio. — Não és o culpado?

— Sou tão culpado quanto a senhora. Aliás, nem eu, nem a

senhora, nenhum de nós dois, somos culpados de nada. Anteontem tinha-me como culpado; mas agora reconsiderei e creio que não é assim.

— De modo que é isso que dizes! Bem; está bem. Escuta-me e senta, porque não tenho a intenção de ficar em pé.

Ambos sentaram.

— Em segundo lugar, nem uma palavra a respeito daqueles mal-educados rapazolas! Vou ficar aqui sentada, conversando contigo uns dez minutos. Vim ver-te para averiguar uma coisa (haverias de pensar Deus sabe o quê!), e se me dizes uma palavra sequer a respeito daqueles rapazolas insolentes, levanto, vou embora e rompo contigo definitivamente.

— Está bem — respondeu Míchkin.

— Permite que te faça uma pergunta: enviaste, haverá dois meses ou dois meses e meio, aí pela Páscoa, uma carta a Aglaia?

— Enviei, sim.

— E com que fim? Que dizia essa carta? Vamos, mostra-me!

Lisavieta Prokófievna lançava fogo pelos olhos e quase tremia de impaciência.

— Não a tenho em meu poder — respondeu Míchkin assombrado e com uma timidez terrível. — Se ainda está intacta, quem a tem é Aglaia Ivânovna.

— Não finjas! De que lhe falavas nela?

— Não finjo, nem temo coisa alguma. Não vejo nenhuma razão para não escrever-lhe…

— Cala-te! Depois falarás. Que dizia a carta? Por que ficas tão vermelho?

O príncipe refletia.

— Não conheço seus pensamentos, Lisavieta Prokófievna. Só vejo uma coisa e é que essa carta não foi de seu agrado. Convenha a senhora comigo em que poderia eu negar-me a responder à sua pergunta; mas para demonstrar-lhe que nada temo a respeito dessa carta, nem me pesa havê-la escrito e jamais haverei de ruborizar-me por causa dela (o príncipe ficou duplamente ruborizado), vou lhe dizer a carta, porque creio que a sei de cor.

Dito isto, recitou-lhe Míchkin a carta quase literalmente, tal como era.

— Que bobajada! Que quererás tu dizer com tudo isso? — indagou Lisavieta Prokófievna, cortante, depois de ter ouvido o recitado da carta com extraordinária atenção.

— Eu mesmo não sei direito; sei somente que meus pensamentos eram absolutamente sinceros. Tive naquela ocasião momentos cheios de vida e de extraordinárias ilusões.

— Que ilusões?

— É difícil explicar; mas não as que a senhora imagina neste instante… Ilusões, bem; numa palavra: ilusões para o futuro e a alegria de não ser ali de todo um estranho, um forasteiro. Penetrava-me de repente um grande amor pela minha pátria. Numa manhã de sol, peguei da pena e escrevi essa carta; por que a escreveria a ela?… Ignoro. Por vezes deseja a gente ter um amigo a seu lado; e eu, pelo visto, sentia falta de um amigo… — acrescentou, depois de uma pausa, o príncipe.

— Mas será que estás enamorado dela?

— Não… não. Eu… escrevi-lhe como a uma irmã; e assinava como irmão…

— Hum! De propósito; compreendo.

— É muito difícil responder-lhe essas perguntas, Lisavieta Prokófievna.

— Já sei o que é difícil para ti; mas em nada me interessa o que

seja difícil para ti. Ouve, responde-me a verdade, como se estivesses diante de Deus: tu me mentiste ou não?

— Eu não minto.

— Dizes deveras que não estás enamorado?

— Creio que completamente, deveras.

— Ora, creio! Mandaste-a por intermédio do menino?

— Pedi a Nikolai Ardaliónovitch…

— Um menino! Um menino! — atalhou-o Lisavieta Prokófievna, nervosa. — Não sei quem é esse Nikolai Ardaliónovitch… Que menino?

— Nikolai Ardaliónovitch…

— Um menino, digo-te eu!

— Não, não um menino, mas Nikolai Ardaliónovitch — respondeu finalmente o príncipe, com firmeza e bastante calma.

— Bem, está bem, meu caro. Está bem! Vai para tua conta — por um minuto dominou sua agitação e respirou. — E que é isso do pobre cavalheiro?

— Ignoro-o absolutamente. Nisso não tenho parte nenhuma. Deve tratar-se de uma pilhéria.

— Muito agradável inteirar-se de tudo isso de supetão! Mas será que ela pode interessar-se por ti? Se ela mesma te chamou de maluco e de idiota!

— A senhora não precisava me dizer isso — observou Míchkin, num tom de censura e quase em voz baixa.

— Não te zangues. É uma menina dominadora, louca, uma menina mimada… Se lhe dá veneta, há de fatalmente insultar as pessoas em voz alta e de zombar delas em sua cara! Eu era igual. Somente, não cantes vitória, meu caro, não é tua. Não quero crer que

seja, nem nunca será! Digo para que tomes tuas providências. Ouve: jura-me que não estás casado com aquela!

— Lisavieta Prokófievna, que diz a senhora? — e Míchkin esteve quase a dar um salto de pura estupefação.

— Mas não estiveste a ponto de casar-te?

— A ponto de casar-me, estive — balbuciou Míchkin, baixando a cabeça.

— Segundo isto, estás enamorado dela, não é assim? Foi por causa dela que vieste aqui agora? Por causa dela?

— Não vim casar-me — respondeu Míchkin.

— Há para ti algo de sagrado neste mundo?

— Há, sim.

— Jura-me que não vieste casar-te com essa.

— Juro-lhe por tudo quanto a senhora queira!…

— Acredito em ti; beija-me. Finalmente, respiro, aliviada. Mas vê bem uma coisa: Aglaia não te ama; tomei minhas providências e não será tua, enquanto eu viva estiver! Ouviste?

— Ouvi.

O príncipe ficou tão vermelho que não pôde olhar de frente para Lisavieta Prokófievna.

— Pois não esqueças. Esperava-te como se espera a Providência (não eras digno disso!); molhava à noite o travesseiro com minhas lágrimas… Não por tua causa, meu caro, fica tranquilo; era outro o meu pesar, perene, e sempre o mesmo. Mas vou dizer-te por que te aguardava com tanta impaciência: porque ainda creio que Deus mesmo te enviou a mim como amigo e irmão. Não tenho ninguém, senão a velha Bielokónskaia e esta também levantou voo e, além do mais, era estúpida como um carneiro, por causa de sua idade. Agora, responde-me, simplesmente, sim ou não. Sabes por que aquela tal

soltou anteontem aqueles gritos lá do coche?

— Palavra de honra que nisso não tenho parte nenhuma, nem sei de nada!

— Basta. Acredito em ti. Agora já penso de outro modo a esse respeito. Mas ontem mesmo, de manhã, ainda lançava toda a culpa a Ievguéni Pávlovitch. Todas as vinte e quatro horas de anteontem e a manhã de ontem. Agora, sem dúvida, não posso deixar de dar-lhe razão; salta à vista que zombaram dele como de um tolo por alguma causa, por algo, por algum fim (só isto já é suspeito; mas não se casará com ele Aglaia, digo-te eu!). Concedo que seja um homem excelente, mas será mesmo assim! Eu antes hesitava, mas agora já estou verdadeiramente decidida: "Ponha-me primeiro dentro do ataúde e enterre-me, para depois dar-lhe sua filha." Assim o disse hoje a Ivan Fiódorovitch. Estás vendo a confiança que tenho em ti? Estás vendo?

— Vejo e compreendo.

Lisavieta Prokófievna contemplou com olhos penetrantes o príncipe. Talvez quisesse certificar-se da impressão que lhe havia causado a notícia referente a Ievguéni Pávlovitch.

— De Gavrila Ardaliónovitch nada sabes?

— Pelo contrário… Sei muitas coisas.

— Sabes ou não sabes que se correspondia com Aglaia?

— De jeito nehum; isto não sabia — Míchkin mostrou-se admirado e até estremeceu. — Como? Disse a senhora que Gavrila Ardaliónovitch mantém correspondência com Aglaia Ivânovna? Isto não pode ser!

— Desde muito pouco. Para isso a irmã dele plainou-lhe o caminho: trabalhou como uma ratazana.

— Não acredito — repetiu Míchkin, com firmeza, depois de um instante de reflexão e emoção. — Se assim fosse, eu saberia eu com toda certeza.

— Por acaso haveria ele de acolher-se a teu peito e confessar-te tudo entre lágrimas? Ora, que bobo que és! Que bobo! Todo o mundo te engana como a… como a… E não te dá vergonha ter essa confiança nele? Será que não vês como te engana em toda a extensão da palavra?

— Sei muito bem que alguma vez me engana — murmurou o príncipe, involuntariamente, à meia voz, — e ele sabe que eu sei… — acrescentou e não acabou o que queria dizer.

— Sabe e continua tão confiado! Só faltava isto! Aliás, de ti não se podia esperar outra coisa. E não sei por que hei de assombrar-me. Meu Deus! Mas será que já houve algum dia um homem semelhante? Ufa! Mas não sabes que esse Ganhka e essa Varka[42] puseram-na em relações com Nastássia Filípovna?

— A quem? — perguntou Míchkin.

— A Aglaia.

— Não acredito! Isto não pode ser! Com que fim?

Saltou da cadeira.

— Eu também não acredito, embora haja provas. É uma menina voluntariosa, uma menina fantástica, uma menina louca. Uma menina má, má, má! Levaria mil anos dizendo que ela é má! Todas elas se portam agora para comigo de um modo que até essa galinha molhada que é Alieksandra, até essa, fugiu-me da mão. Mas ainda assim não acredito! Talvez porque não queira acreditar — acrescentou como que para si. — Por que não foste ver-nos? — e voltou a encarar, de repente, o príncipe. — Por que não foste lá em casa todos esses três dias? — gritou-lhe, outra vez, com impaciência.

Míchkin pôs-se a expor-lhe as razões, ela, porém, tornou a interrompê-lo.

— Todos te acham tolo e te enganam! Foste ontem à cidade. Apostaria qualquer coisa em como te puseste de joelhos e rogaste àquele pilantra que recebesse os dez mil rublos!

— Não me ocorreu tal coisa. Nem sequer fui vê-lo, e, além do mais, não é um pilantra. Mas escreveu-me uma carta.

— Mostra-me essa carta.

Míchkin tirou de sua carteira um papelzinho e entregou-o a Lisavieta Prokófievna. O papelzinho dizia:

> Meu caro senhor: Não tenho, sem dúvida, o menor direito, aos olhos dos outros, de ter amor-próprio. Na opinião dos outros, sou demasiado insignificante para isso. Mas se assim é aos olhos dos outros, não o é aos olhos do senhor. Estou de sobra convencido de que o senhor seja melhor que os demais. Não estou de acordo com Doktorienko e discuti com ele por causa dessa convicção. Do senhor não aceitarei nunca nem um copeque, mas o senhor socorreu minha mãe e isto me obriga a ser-lhe grato, ainda que seja isto uma fraqueza. Em todo caso, olho-o de outro modo e acho necessário dizer-lhe. Depois disto, suponho que não possam existir entre nós mais relações de espécie alguma.
>
> Antip Burdóvski
>
> P.S. — A quantia que faltava para completar os duzentos rublos vai ser paga, sem falta, no transcurso do tempo.

— Que disparate! — concluiu Lisavieta Prokófievna, largando a carta. — Não valeu a pena a leitura. Por que sorris?

— Reconheça que também lhe causou prazer lê-la.

— Como? Essa mixórdia, podre de vaidade? Mas tu mesmo não vês que todos eles perderam o juízo por força do orgulho e da vaidade?

— Sim; mas, apesar disso, ele assume a culpa, rompeu com Doktorienko e quanto mais vaidoso for, mais lhe terá custado isso à sua vaidade. Oh! que criança é a senhora, Lisavieta Prokófievna!

— Queres afinal que te dê um tabefe?

— Não; nada disso. Mas por que se alegra com a carta e o dissimula? Por que se envergonha de seus sentimentos? Veja a senhora: assim lhe ocorre em tudo.

— Não te atrevas a dar um passo agora para ver-me — explodiu Lisavieta Prokófievna, empalidecendo de cólera. — Não quero respirar mais desde agora o ar que respiras! Nunca!…

— E dentro de três dias, a senhora mesma virá convidar-me a ir à sua casa… Mas vejamos: por que se envergonha? Se são esses seus melhores sentimentos, por que se envergonha deles? Com isso só consegue a senhora mortificar-se.

— Jamais te convidarei, nem que morra! Esquecerei teu nome! Já o esqueci!

Lançou-se para fora dos aposentos do príncipe.

— Já me haviam proibido de pôr os pés em sua casa — gritou-lhe Míchkin em seu encalço.

— O quê?… Quem te proibiu?

Olhou para trás um instante, como se a tivessem picado com uma agulha. Míchkin hesitava em responder; sentia que, sem querer, havia soltado por demais a língua.

— Quem te proibiu? — insistiu Lisavieta Prokófievna.

— Foi Aglaia Ivânovna…

— Quando? Agora conta tudo!

— Esta manhã mandou dizer-me que nunca mais tivesse o atrevimento de pôr lá os pés.

Lisavieta Prokófievna deteve-se como que hipnotizada, mas estava refletindo.

— Que te mandou dizer? Quem enviou a ti? Aquele menino? Ou disse-o de viva voz? — tornou a perguntar, de repente.

— Escreveu-me uma carta — disse Míchkin.

— Onde está? Mostra, quero ver agora mesmo!

O príncipe refletiu um instante, mas tirou do bolso do colete um pedacinho de papel no qual estava escrito:

Príncipe Liev Nikoláievitch! Se depois de tudo quanto ocorreu, tiver o

senhor a intenção de surpreender-me fazendo uma visita à nossa casa de campo, eu, esteja o senhor certo disto, não estarei entre os que se alegrarão com isto.

Aglaia Iepântchina

Lisavieta Prokófievna refletiu um instante; depois, de súbito, avançou para o príncipe, agarrou-o por uma mão e puxou-o.

— Agora mesmo! Vem! Há de ser agora mesmo, neste mesmo instante! — exclamou, num arrebatamento de emoção e impaciência extraordinárias.

— Mas veja a senhora que me expõe…

— A quê? Inocente, simplório! Não pareces homem! Vamos, agora vou eu ver tudo com meus próprios olhos…

— Mas o chapéu, pelo menos, deixe-me apanhar…

— Aqui tens teu horrendo chapéu, vamos! Nem sequer tem bom gosto para escolher suas roupas!… Ela escreveu que… hum! depois do que aconteceu… de um modo febril… — balbuciou Lisavieta Prokófievna, arrastando atrás de si o príncipe e sem soltar-lhe a mão nem um instante sequer. — Há pouco ficou zangada contigo, disse que eras um imbecil porque não ias… de outro modo não te teria escrito uma carta tão absurda. Uma carta inconveniente! Indigna de uma senhorita de boa família! bem educada, inteligente, sim, inteligente!… Hum! — continuou, — sim, sem dúvida, exasperava-a que não fosses, mas não teve em conta que assim não se pode escrever a um idiota, porque haverá de tomar o que está escrito ao pé da letra. Mas que estás escutando? — gritou, ao dar-se conta de que havia falado demais. — Ela necessita de um bobo como tu, para rir dele. Há muito tempo que não via outro igual, por isso reclama tua presença! E eu também folgo muito, mas muito mesmo, que zombe de ti agora… folgo muito; é justamente o que mereces. E ela sabe como fazer isso! Oh! Sabe muito bem!…

## Terceira parte

## Capítulo primeiro

Com muita frequência queixamo-nos da ausência de homens práticos na Rússia. Políticos, por exemplo, temos de sobra; generais, da mesma forma; contamos também, em abundância, com plenipotenciários de toda espécie; mas homens práticos não temos nenhum. Pelo menos todos se queixam de que não os temos. Nem sequer temos podido organizar um pessoal ferroviário decente em muitas linhas, e também não foi possível estabelecer na Rússia uma companhia de vapores apenas passável. Estamos constantemente ouvindo falar de choques de trens em alguma linha recém-inaugurada ou da queda de uma ponte com trem e tudo, ou de que um trem teve de invernar na intempérie, vendo-se obrigado a ficar parado na neve cinco dias, quando a viagem devia durar somente um par de horas. De vez em quando nos dizem que há milhares de toneladas de carga apodrecendo nos vagões de alguma estação e que às vezes têm de esperar em vão três meses até continuar sua rota. E me disseram (embora seja difícil de acreditar) que ao apresentar-se um enviado do consignatário ao chefe da estação, para pedir-lhe que ativassem a expedição das mercadorias, recebeu do superintendente um murro no ouvido, alegando depois o esmurrador que assim o fizera por excesso de zelo. Haveria de pensar-se que temos número suficiente de funcionários e mais que suficiente número de pessoas a serviço do Estado; sim, até poderíamos sentir vertigem diante de seu número incalculável; todos serviram ao Estado, todos o estão servindo e todos têm a intenção de entrar a servi-lo. Como com tais elementos não se poderia organizar uma boa administração, ainda que só fosse a de uma companhia de navegação?

A esta pergunta costuma dar-se uma resposta muito simples, tão simples, que custa trabalho acreditar na exatidão de tal explicação. É certo que todos, na Rússia, serviram, estão servindo ou hão de servir ao Estado, e assim levamos já dois séculos, de acordo com o mais perfeito modelo germânico: dos bisavós aos bisnetos… Mas precisamente os empregados, precisamente eles, são as criaturas menos práticas do mundo e, além do mais, chegou-se entre nós ao extremo de considerar o saber abstrato e a falta de toda noção prática como quase a primeira virtude e a melhor recomendação para um

funcionário. Mas desviamo-nos um tanto do assunto: queríamos falar apenas dos homens práticos. No que diz respeito a estes, ninguém poderá negar que a indecisão e a mais absoluta carência de iniciativa própria têm sido bem vistas… e continuam a ser estimadas na Rússia, como o mais seguro e melhor indício de homem prático. Mas por que havemos de fazer somente a nós esta censura… supondo que este critério seja uma censura? A falta de originalidade constitui em todas as partes, em todo o mundo, e desde muito tempo, a melhor qualidade e a melhor recomendação de um homem tido em conceito de ativo, utilitário e prático, e pelo menos noventa e nove por cento de todos os homens (e pode ser uma estimativa baixa) têm sido sempre desse parecer, e, no máximo, um de cada cento terá pensado e pensará agora de outro modo.

O inventor e o gênio são considerados quase sempre no princípio de sua carreira (e não poucas vezes no final dela também), pela sociedade, como imbecis declarados; esta é uma ideia muito velha e de todos sabida. Assim, por exemplo, depois de haver já muitos decênios que toda a gente leva seu dinheiro aos bancos e ali junta milhões a quatro por cento, pareceria natural que o povo deixasse por fim em paz os bancos e lançasse por iniciativa própria a maioria dos milhões à febre da especulação ou os deixasse perderem-se em mãos de trapaceiros… e isto é o que pediriam o decoro e até mesmo a moral. Sobretudo a moral. Mas quando se é de tal índole que a rouquidão moral e a decorosa falta de originalidade são avaliadas, segundo a convicção geral, como a qualidade mais indispensável que há de ter um homem ativo e útil, seria demasiado desconhecido e até indecoroso mudar de repente de maneira de ser. Que mãe, por exemplo, que ame com ternura seu filho, não se assustará e até é possível que adoeça de angústia, ao ver que seu filho ou sua filha saem um pouco da linha? “Não, mais vale que seja feliz e viva contente, sem originalidade”, pensa toda mãe que se preocupe com seus filhos. E nossas amas, que se desvelam pelos bebês, desde tempos imemoriais, cantam para niná-los: “Andarás vestido de ouro, chegarás a ser general!”. Efetivamente. Até nossas amas de meninos consideram isso de ser general como o símbolo da felicidade russa; portanto podemos dizer que é este o ideal que nosso povo forma de uma felicidade plácida, realizada. E, naturalmente; depois de ter saído bem

de um exame e de ter servido trinta e cinco anos ao Estado… qual de nós não poderia chegar, afinal, a ser general e ter acumulada certa quantia no Banco? Desse modo o homem russo, quase sem nenhum esforço, alcançou finalmente a noção do homem ativo e prático. Na realidade, aquele de nós que não pudesse chegar a ser general, seria o homem original, ou, em outros termos, inquieto. Talvez haja nisto um equívoco; mas, falando em termos gerais, parece ser certo, e nossa sociedade tem sido inteiramente justa ao definir seu ideal do homem prático. Mas já estamos divagando: queríamos apenas expor algumas manifestações explicativas a respeito da família, já nossa amiga, dos Iepántchini. Esses indivíduos, ou quando menos os mais discretos membros dessa família, padeciam constantemente de uma condição, quase comum a todos eles, de todo ponto oposta a essas virtudes de que acabamos de falar. Não compreendendo o fato de todo (por ser difícil de compreender), costumavam recear, ainda assim, que na sua família não andava tudo como nas demais. Nas demais tudo era plano; na deles, escabroso; as demais marchavam na linha… eles descarrilhavam a cada passo. As demais sentiam por tudo timidez moral, ao passo que a deles não. É verdade que Lisavieta Prokófievna chegava mesmo a assustar-se demasiado; mas, apesar de tudo, ela não tinha esse temor moral mundano de que eles falavam. Aliás, é muito possível que fosse Lisavieta Prokófievna a única em sentir ali esse temor; as moças eram ainda jovens, embora muito perspicazes e irônicas, e o general, ainda que também perspicaz (não sem esforço), nos casos difíceis limitava-se a dizer: “Hum!” e afinal de contas abrigava todas as suas esperanças em Lisavieta Prokófievna. De modo que sobre esta última pesava a responsabilidade. E não é que, por exemplo, essa família se distinguisse por alguma iniciativa especial ou que saísse dos eixos por um consciente desejo de originalidade, pois isto teria sido inteiramente indecoroso. Oh! não! Na realidade não havia nada disso, isto é, nenhum fim consciente, e, apesar disso, afinal de contas, verificava-se que a família dos Iepántchini, embora muito honrada, não era, em resumidas contas, como deve ser, em geral, toda família honrada. Nos últimos tempos, Lisavieta Prokófievna se culpava de tudo, acusando seu desgraçado caráter… o que aumentava ainda mais seus sofrimentos. Ela mesma estava a cada momento chamando-se de estúpida, indecente e ridícula. Atormentava-se por ninharias; torturava-se sem cessar, não encontrando saída para o contratempo

mais comum e exagerando continuamente suas desditas.

Já no começo de nosso relato dissemos que os Iepántchini gozavam de geral e efetiva estima. Até o próprio General Ivan Fiódorovitch, homem de origem algo obscura, era recebido em todas as partes sem discussão e com respeito. Ele merecia tal respeito, em primeiro lugar, como homem de riqueza e de alguma reputação, e em segundo lugar também como homem inteiramente irrepreensível, embora não lá muito inteligente. Mas certa estupidez de espírito parece ser a condição indispensável, ou pouco menos, se não de todo homem prático, pelo menos de todo sério acumulador de dinheiro. Finalmente, possuía o general maneiras discretas, era modesto, sabia calar-se e ao mesmo tempo não deixava que o pisassem… e não por causa de seu generalato, mas como homem de honra e de nobreza. O principal de tudo é que era homem de poderosas influências. Pelo que se refere a Lisavieta Prokófievna, esta, como já explicamos mais acima, era também de boa família, ainda que entre nós não se faça muito caso disso, se não trouxer consigo as indispensáveis relações poderosas. Mas gozava ela também de tais relações; estimavam-na e, afinal, tinham por ela afeição pessoas de tão alto coturno, que, a exemplo destas, naturalmente, todas por força haveriam de estimá-la e recebê-la. Não há dúvida de que suas preocupações com sua família não tinham o menor fundamento, havia para elas poucas causas que eram por ela ridiculamente exageradas. Mas quando alguém tem uma verruga no nariz ou na testa, parece-lhe que toda gente não tem outra coisa a fazer no mundo senão olhar-lhe a verruga, rir dela e desprezá-lo, ainda que o tal com a verruga tivesse descoberto a América. Tampouco há dúvida alguma de que em sociedade tinham, efetivamente, Lisavieta Prokófievna por uma extravagante; mas isto não era obstáculo para que, sem discussão, a respeitassem; mas acontecia que Lisavieta Prokófievna concluíra por não acreditar que fosse assim… e nisto consistia toda a sua desgraça. Ao olhar suas filhas atormentava-se com a suspeita de que estava lhes estragando o futuro, de que tinha um gênio extremamente insuportável, do qual, como era natural, sempre punha a culpa às suas filhas e a Ivan Fiódorovitch, com os quais levava dias inteiros brigada, não obstante amá-los até a abnegação e quase apaixonadamente.

O que mais a mortificava era a suspeita de que suas filhas eram tão extravagantes como ela própria e que não havia, nem devia haver no mundo moças iguais a elas. “Viraram niilistas, eis tudo!”, dizia sempre consigo mesma. Durante o último ano, e sobretudo de algum tempo àquela parte, tão triste pensamento apoderava-se cada vez mais dela. “Em primeiro lugar, por que não se casam? — estava a perguntar sempre a si mesma. — Para atormentar sua mãe… Nisto puseram toda a finalidade de sua vida e isto se deve às novas ideias, a essa condenada questão feminina! Porventura Aglaia já não pensou, há meio ano, em cortar seus magníficos cabelos? (Meu Deus, eu mesma não tinha cabelo semelhante na idade dela!) Pois é: já estava com a tesoura nas mãos e eu, para dissuadi-la, tive até de ajoelhar-me a seus pés!… Bem; ela, naturalmente, fez aquela maldade para dar um desgosto à sua mãe, porque é uma menina má, voluntariosa, caprichosa e, sobretudo, má, má, má! Mas não ocorreu também a essa gorda da Alieksandra, à imitação da outra, cortar suas tranças e não já por maldade, mas por capricho e de boa-fé, por ser simplesmente imbecil, por tê-la convencido Aglaia de que com o cabelo cortado dormiria melhor e não lhe doeria a cabeça? E quantos, quantos, quantos noivos… em cinco anos, que já vão, não tiveram! E, na verdade, eram todos muito bons rapazes, até bonitos! Que esperam, por que não se casam? Só pode ser para mortificar sua mãe!… Não há outra razão senão esta! Não há outra! Não há outra!”

Finalmente, saiu também o sol para seu coração maternal; pelo menos uma de suas filhas, Adelaida, ia casar. “Ainda que seja apenas uma, é o mesmo que tirar-me um peso do peito”, dizia Lisavieta Prokófievna, quando lhe ocorria exprimir-se em voz alta (no seu íntimo empregava expressões incomparavelmente mais ternas). E quão bem e quão distintamente desenrolara-se a coisa! Até na boa sociedade falava-se disso com respeito. Um homem conhecido, príncipe, com fortuna, bonito e que, além do mais, lhe havia conquistado o coração. Que mais poderia pedir-se? Mas por Adelaida temia menos do que pelas suas outras filhas, embora suas afeições artísticas preocupassem também por vezes não pouco o sempre duvidoso coração de Lisavieta Prokófievna. “Em compensação, tem um gênio alegre e, além disso, é muito discreta… A moça não vai afundar”, consolava-se afinal de contas. Aglaia era a que mais

inquietação lhe dava. Digamos, a propósito disto, que, no tocante à mais velha, Alieksandra, Lisavieta Prokófievna mesma não sabia dizer se lhe causava ou não inquietação. Parecia-lhe que já era uma moça inteiramente malograda. Vinte e cinco anos… Nada, ficaria solteira. “E bonita como é!” Lisavieta Prokófievna chegava até a chorar por ela, à noite, quando, na mesma hora, dormia Alieksandra Ivânovna um sono placidíssimo. “Mas que será ela no íntimo… niilista ou imbecil?” De que não era imbecil, disto estava, aliás, muito convencida Lisavieta Prokófievna; tinha em grande apreço o bom juízo de Alieksandra Ivânovna e gostava de se aconselhar com ela. Mas de que fosse uma galinha molhada, disto sim, não tinha a menor dúvida. “Mansa, a ponto de não se poder brigar com ela!… Aliás, as galinhas molhadas nada têm de mansas… Qual! Já me pregaram uma…!”

Lisavieta Prokófievna sentia inexplicável e apaixonada simpatia por Alieksandra Ivânovna, muito mais que por Aglaia, que era seu ídolo. Mas os bruscos rompantes (em que principalmente se manifestavam sua solicitude e sua simpatia maternais), os ralhos e apelidos, como esse de galinha molhada, só provocavam o riso, e nada mais, de Alieksandra. Costumava acontecer que Lisavieta Prokófievna se zangasse terrivelmente e ficasse fora de si pela mínima coisa. Alieksandra Ivânovna gostava muito, por exemplo, de dormir até tarde e costumava, em geral, ter muitos sonhos, só que estes se distinguiam sempre por sua extraordinária vacuidade e inocência: os sonhos de uma menina de sete anos. Pois até essa mesma ingenuidade houve de exasperar sua mãe. Uma vez veio Alieksandra Ivânovna a ver em sonhos nove galinhas e por culpa disso tiveram de brigar mãe e filha… Por quê? É difícil explicar. Uma vez, uma só vez tinha conseguido sonhar algo um pouco original: sonhou com um frade, que estava só em um quarto escuro, no qual não se atrevia ela a entrar. Foram contar logo tal sonho, com ar de triunfo, a Lisavieta Prokófievna, suas outras duas filhas, que não podiam conter o riso; mas a mãe tornou a zangar-se então também e chamou as três de imbecis. “Hum!… Mansa como uma boba: é uma completa galinha molhada; nada a abala e, mesmo assim, é triste, parece tão triste por vezes! Por que essa tristeza? Por quê?” Por vezes formulava esta pergunta a Ivan Fiódorovitch e, segundo seu costume, de um modo histérico, ameaçador, com ar de esperar imediata resposta. Ivan Fiódorovitch

fazia “hum!”, franzia o cenho, encolhia os ombros e decidia por fim, abrindo os braços: “Precisa de marido!”.

— Contanto que Deus não lhe dê um como você, Ivan Fiódorovitch — explodia, finalmente, como uma bomba, Lisavieta Prokófievna. — Que não seja, nos seus juízos e apreciações como você, Ivan Fiódorovitch; que não seja tão grosseiro como você, Ivan Fiódorovitch…

Ivan Fiódorovitch punha-se a salvo imediatamente, enquanto Lisavieta Prokófievna se acalmava depois de seu estouro. Naturalmente, naquela mesma noite já se mostrava bastante atenciosa, serena, carinhosa e respeitosa para com Ivan Fiódorovitch, para com seu impiedoso ofensor Ivan Fiódorovitch; para com seu bom, querido e estimado Ivan Fiódorovitch, porque ela, toda a sua vida, amou e esteve apaixonada pelo seu Ivan Fiódorovitch, fato de que ele estava bem ciente e por isso estimava infinitamente a sua Lisavieta Prokófievna.

Mas sua principal e constante tortura era Aglaia.

“Inteiramente, inteiramente como eu; meu vivo retrato em todos os sentidos — dizia a si mesma Lisavieta Prokófievna. — Um diabinho voluntarioso, antipático! Niilista, extravagante, louca, má, má, má! Oh! meu Deus, que desgraçada vai ser!”

Mas, como já dissemos, o sol, ao sair, tudo embelezou e iluminou num instante. Houve quase um mês inteiro na vida de Lisavieta Prokófievna em que esta respirou livre de todas as suas inquietudes. Por motivo do próximo casamento de Adelaida, havia-se falado, também em sociedade, a respeito de Aglaia e, além disso, Aglaia portava-se em todas as partes com rara correção, com muito tino e muita fascinação. Um pouco orgulhosa, sim; mas isto lhe sentava tão bem!… Quão carinhosa, quão lisonjeadora estivera todo aquele mês com sua mãe!… “Na verdade, com esse Ievguéni Pávlovitcb é preciso ter muito cuidado, muito cuidado mesmo; é preciso estudá-lo a fundo, embora Aglaia não pareça estimá-lo mais do que aos outros!” E, com tudo isso, tornara-se de repente muito estranha… E como estava bonita, meu Deus, quão bonita! Cada dia mais! E daqui que…

E eis que esse antipático principezinho, esse idiotinha maltrapilho, viera transtornar tudo de novo e revirar tudo pelo avesso na casa! Mas que se havia passado?

Para outros não se teria passado nada, seguramente. Mas não para Lisavieta Prokófievna, que na ordem e disposição dos assuntos mais correntes, por culpa de sua contínua inquietação, sempre estava vendo algo próprio para assustá-la às vezes até um limite mórbido, enchendo-a de um medo torturante, inexplicável e, por isso mesmo, penosíssimo. Que seria dela, quando agora, de repente, por entre todo o cúmulo de suas ridículas e infundadas inquietações, começou a discernir, efetivamente, algo que tinha, na realidade, aparências de coisa grave, algo que, na verdade, justificava o alarme e a dúvida e a suspeita?

"Mas como se atreveram, como se atreveram a escrever-me essa condenada carta anônima, dizendo-me que aquela criatura tem relações com Aglaia — pensava Lisavieta Prokófievna, durante todo o caminho, levando a reboque o príncipe, e já em sua casa e depois de fazê-lo sentar-se em torno da mesa redonda, onde estava reunida no momento toda a família. — Como se atreveram sequer a pensá-lo? Morreria de vergonha, se desse o menor crédito a isso ou se mostrasse a carta anônima a Aglaia. Que zombaria contra nós, os Iepántchini! E tudo, tudo por culpa de Ivan Fiódorovitch; tudo por culpa de você, Ivan Fiódorovitch! Ah! Por que não fomos passar o verão em Ieláguinskaia *datcha*? Eu dizia que devíamos ir para Ieláguinskaia *datcha*! É possível que tenha sido Varka a autora da carta anônima, bem sei, embora seja possível talvez… mas de tudo tem culpa Ivan Fiódorovitch. Essa jogada aquela criatura fez por conta de suas antigas relações, para ressaltar a imbecilidade dele, como já riu às gargalhadas de sua estupidez e puxou-o pelo nariz, quando lhe levou aquelas pérolas… Mas o caso é que nos comprometeste a mim e a tuas filhas, Ivan Fiódorovitch; a tuas filhas, que são umas jovens, umas senhoritas, umas senhoritas da melhor sociedade e casadouras; ali estavam, ali se encontravam, tudo ouviram e também as misturaste nessa história daqueles rapazes. Alegra-te, pois também ali estiveram e ouviram tudo! Não lhe perdoarei tampouco, não lhe perdoarei tampouco a esse principezinho, nunca lhe perdoarei! E por que terá

estado Aglaia três dias atacada de histerismo, por que terá estado quase que brigada com suas irmãs, até mesmo com Alieksandra, a quem sempre beija as mãos como a uma mãe… pois a tal ponto a ama? Por que nesses três dias foi um mistério para todos? Por que ontem e hoje não fez mais do que louvar e sentir falta de Gavrila Ardaliónovitch? Por que me falam na carta anônima desse pobre cavalheiro, quando ela não mostrou a carta do príncipe nem às suas próprias irmãs? E por que… por que, por que eu, como uma gata enciumada, fui agora correndo buscá-lo e o trouxe para casa? Meu Deus! Devo estar louca para ter feito isto! Dispor-me a falar com um jovem a respeito dos segredos de minhas filhas e, além disso… sim, além disso, de uns segredos como esses, que o afetam quase a ele mesmo! Meu Deus! ainda bem que ele é idiota e… e… e amigo da casa! Mas estará Aglaia enamorada desse imbecil? Meu Deus! que coisas digo! Hum!… Somos uns originais… Deveriam exibir-nos dentro de uma redoma, a mim em primeiro lugar, a dez copeques a entrada. Não lhe perdoarei isso, Ivan Fiódorovitch; nunca lhe perdoarei. E por que ela agora não o tratará com desagrado? Prometeu fazer isso e não faz! Longe disso, longe disso, fica a olhá-lo, abobada, não despega os lábios nem se retira, mas fica ali muito quieta, e depois de ter-lhe mandado dizer que não aparecesse mais em sua casa… Ele está completamente pálido. E esse maldito, esse condenado Ievguéni Pávlovitch que não deixa ninguém dizer uma palavra!… E como fala! Não deixa mais ninguém falar. Eu logo me teria inteirado de tudo, se tivesse podido canalizar a conversa para isso…”

Míchkin estava, efetivamente, sentado, bastante pálido, à mesa redonda, e parecia, ao mesmo tempo, muito conturbado e por momentos possuído de um entusiasmo para ele próprio incompreensível, que se apoderava de sua alma. Oh! e como temia olhar para aquele lado, para aquele ponto da mesa, de onde o olhavam fixamente dois olhos negros muito conhecidos e como ao mesmo tempo desfalecia de felicidade por estar outra vez ali, entre eles, e ouvir vozes amigas… depois do que ela lhe havia escrito! “Senhor! que irá dizer agora?” Não tinha ele dito ainda uma palavra e com esforço ouvia o extrovertido Ievguéni Pávlovitch, o qual poucas vezes se havia mostrado tão animado e contente como naquela noite. Míchkin escutava-o e esteve longo tempo sem compreender nada. A

não ser Ivan Fiódorovitch, que ainda não havia regressado de Petersburgo, estavam ali todos reunidos. Também se achava presente o Príncipe Tsch***. Segundo parecia, tinham-se ali reunido por um pouco de tempo, antes do chá, para ir depois ouvir a banda de música. A conversa que se desenrolava tinham-na iniciado antes da chegada do príncipe. De repente surgiu no terraço Kólia, que vinha só Deus sabia donde. “Pelo visto, recebem-no aqui como antes”, pensou Míchkin.

A casa de campo dos Iepántchini era uma casa suntuosa, no estilo dos chalés suíços, rodeada, com delicado gosto, por todas as partes, de flores e trepadeiras. Dava volta a toda a propriedade um pequeno, porém lindíssimo e florido jardim. Estavam todos sentados no terraço, como na casa de Míchkin; somente aquele terraço era mais amplo e elegante.

O tema da conversa parecia interessar pouco a todos; como parecia, tinha-se ele transformado num debate acalorado e sem dúvida queriam já todos mudar de assunto; mas Ievguéni Pávlovitch parecia empenhar-se mais, por isso mesmo, em insistir nele, sem reparar na impressão que causava; a chegada de Míchkin pareceu animá-lo mais ainda. Lisavieta Prokófievna franzia o cenho, embora não percebesse bem tudo. Aglaia, que estava sentada de parte, quase a um canto, não se retirava, escutava e guardava tenaz silêncio.

— Permita-me — disse com calor Ievguéni Pávlovitch. — Não digo nada contra o liberalismo. O liberalismo não é nenhum pecado; é uma parte indispensável na formação do todo que, sem isso, se desintegraria ou amorteceria; o liberalismo tem o mesmo direito à vida que o mais nobre conservadorismo; mas combato o liberalismo russo e torno a repetir: combato precisamente porque o liberal russo não é um liberal russo, mas um liberal não russo. Deem-me um liberal russo e eu, imediatamente, vou abraçá-lo na presença de todos.

— Mas só se ele quiser abraçar o senhor — disse Alieksandra Ivânovna, que estava dominada de uma animação extraordinária. Tinha até as faces mais coradas que de costume.

“Eis aí — pensava consigo Lisavieta Prokófievna, — fica

dormindo até a hora da comida, não diz palavra e, de repente, uma vez por ano, entusiasma-se e se põe a disparatar de um modo que deixa a gente sem fôlego.”

Percebeu Míchkin um instante que não parecia agradar nem um pouco a Alieksandra Ivânovna que Ievguéni Pávlovitch se exprimisse com aquele bom humor excessivo, dissertasse sobre um tema sério e parecesse entusiasmar-se e, por outro lado, fizesse pensar, ao mesmo tempo, que estava falando em brincadeira.

— Eu acabava de afirmar, quando o senhor chegou, príncipe — prosseguiu Ievguéni Pávlovitch, — que, entre nós, até agora, só tem havido liberais de duas classes sociais: a dos proprietários rurais, já passada, e a dos intelectuais. E como estas duas classes sociais se separaram finalmente em duas castas distintas e tanto mais hão de distinguir-se quanto mais tempo se passar, de geração em geração, tudo quanto fizeram e fazem torna-se perfeitamente antinacional…

— Como? Mas tudo quanto se tem feito… é antirrusso? — objetou o Príncipe Tsch***.

— Antinacional; ainda que seja russo, é antinacional; os liberais, entre nós, não são russos, nem tampouco são russos os conservadores todos… e esteja certo de que a nação não aceitará o que fizeram os proprietários rurais e os intelectuais, nem agora, nem depois…

— Está bem! Mas como é possível que o senhor esteja convencido de semelhante paradoxo, supondo-se que fale sério? Não posso compartilhar de semelhantes apreciações a respeito do proprietário rural russo; o senhor mesmo é um — objetou com calor o Príncipe Tsch***.

— Mas é que eu não falo do proprietário rural russo no sentido em que o senhor o toma. É uma classe respeitável, embora só o seja pelo fato de pertencer eu a ela; sobretudo agora que já deixou de existir…

— Será que também na literatura nada encontra de nacional? — atalhou-o Alieksandra Ivânovna.

— De literatura não entendo; mas a literatura russa, a meu ver, não tem nada de russa, excetuando-se, talvez, Lomonóssov,[43] Púchkin e Gógol.

— Em primeiro lugar, isto já não é tão pouco e, além do mais, um deles pertencia ao povo e os outros dois… à classe dos proprietários de terras — sorriu Alieksandra.

— É verdade; mas não cante vitória. Precisamente porque só esses três, entre todos os escritores russos, conseguiram, até agora, dizer algo efetivamente seu, algo pessoal, não tomado de ninguém; por isso mesmo esses escritores converteram-se em nacionais. Quem fala das gentes russas, escreve ou faz algo próprio, seu, não colhido nem tomado emprestado, imediatamente passa a ser nacional, ainda que se expresse mal em russo. Isto é para mim um axioma. Mas não começamos falando de literatura. Iniciamos nossa conversa com o tema dos socialistas e daí surgiu a discussão. Bem; pois eu sustento que não há nem um socialista russo, nem nunca o tivemos tampouco, porque todos os nossos socialistas procedem também dos proprietários de terras ou dos intelectuais. Todos os nossos socialistas declarados, rotulados, tanto os daqui como os de fora, não são, na sua maioria, senão liberais da classe proletária dos tempos da servidão legal. Por que se riem? Deem-me cá seus livros, dê-me cá suas teorias, suas memórias, e eu, que não sou nenhum crítico literário, comprometo-me a escrever para os senhores uma crítica literária convincentíssima, na qual demonstrarei de um modo claro, como a luz do dia, que cada página desses livros, folhetos e memórias foi escrita, antes de tudo, por um velho proprietário russo. Sua iracunda, sua indignação, sua agudeza… são próprias da classe possuidora de terras (até em Famússov); seu entusiasmo, suas lágrimas, são lágrimas positivas, sinceras, mas… de proprietários de terras. De proprietários de terras e de intelectuais… Outra vez estão rindo e o senhor também, príncipe?… Nem mesmo o senhor está de acordo comigo?

Efetivamente, puseram-se todos a rir e Míchkin também riu. — Ainda não posso dizer de um modo tão terminante se estou ou não de acordo com o senhor — declarou Míchkin, deixando subitamente de rir e estremecendo, com o ar de um colegial apanhado numa travessura. — Mas asseguro-lhe que o escuto com extraordinário

gosto…

Ao dizer isto, quase lhe faltou a respiração e até um suor frio correu-lhe pela testa. Eram aquelas as primeiras palavras que pronunciava desde que estava ali. Tentou girar a vista em redor de si; mas não o conseguiu. Ievguéni Pávlovitch surpreendeu seu gesto e sorriu.

— Eu, senhores, vou expor-lhes um fato — continuou, no mesmo tom anterior, isto é, com extraordinária paixão e veemência e, ao mesmo tempo, quase sorrindo de suas próprias palavras, — um fato cuja observação e descoberta tenho a honra de atribuir a mim só; pelo menos, ninguém antes de agora falou ou escreveu a respeito dele. Neste fato se revela toda a realidade do liberalismo russo da índole do que falo. Em primeiro lugar, que significa o liberalismo, falando em termos gerais, senão a luta (acertada ou errônea, esta é outra questão) contra a atual ordem de coisas? É assim ou não é? Bem; pois o fato a que me refiro é o de que o liberalismo russo não é um ataque à atual ordem de coisas, mas um ataque à substantividade mesma de nossas coisas, às próprias coisas, e não somente à sua ordem, não à ordem russa, mas à própria Rússia. Meu liberal chegou ao extremo de negar a própria Rússia, isto é, de odiar e bater em sua mãe. Todo acontecimento russo de desgraça e fracasso provoca-lhe o riso e quase lhe causa entusiasmo. Detesta os costumes nacionais, a história russa, tudo. Se alguma justificativa pode ter é talvez a de que não sabe o que faz, e toma seu ódio à Rússia pelo mais frutuoso liberalismo. (Oh! com que frequência tropeça a gente aqui com liberais que são aplaudidos pelos demais e que é possível que sejam, no fundo, os mais absurdos, os mais rombudos e perigosos conservadores, sem que eles mesmos o saibam!) Esse ódio à Rússia, ainda não faz muito, consideravam-no alguns de nossos liberais quase que como o verdadeiro amor à pátria, e se ufanavam de ver melhor que os outros em que devia consistir; mas agora já se tornaram mais francos e até as palavras “amor pátrio” lhes causam rubor; suprimem e eliminam o conceito como nocivo e insignificante. Este fato é exato, respondo por isso, e era preciso fazer ressaltar alguma vez plenamente a verdade de um modo simples e franco; mas, ao mesmo tempo, este fato é de tal natureza, que nunca, em nenhuma parte, no transcurso dos séculos, em nenhuma nação se

produziu; de modo que poderia tratar-se de um fato casual e chamado a desaparecer; de acordo. Não pode haver em parte alguma um liberal que odeie sua pátria. Como explicar sua presença entre nós? Pois apelando para o mesmo de antes… para o fato de que o liberal russo não é, até agora, um liberal russo; nada mais, na minha opinião.

— Tomo por brincadeira tudo quanto disseste, Ievguéni Pávlovitch — declarou o Príncipe Tsch***, seriamente.

— Não conheço todos os liberais e não me atrevo a julgá-los — disse Alieksandra Ivânovna, — mas ouvi com indignação o raciocínio do senhor. O senhor pega um fato particular e eleva-o à condição de regra geral, e, provavelmente, incorre em calúnia.

— Um fato particular? Ah! Surgiu afinal a palavra! — exclamou Ievguéni Pávlovitch. — Príncipe, qual é sua opinião: este é um fato particular?

— Também eu me vejo obrigado a dizer que tenho conhecido e tratado pouco com liberais — disse Míchkin, — mas me parece que é possível que o senhor tenha sua parte de razão e que o liberalismo russo, de que falou, propende, até certo ponto, a odiar a própria Rússia e não só sua ordem de coisas. Sem dúvida que só até certo ponto… É claro que não seria justo aplicar isso a todos…

Perturbou-se e não terminou a frase. Apesar de toda a sua emoção, interessava-o extraordinariamente a polêmica. Tinha o príncipe uma qualidade especial, que consistia na extraordinária ingenuidade da atenção com que sempre escutava quanto despertava seu interesse e nas respostas que dava quando, nesses casos, lhe faziam diretamente perguntas. No seu rosto, e até na atitude de seu corpo, pareciam transluzir essa ingenuidade, essa boa-fé que não suspeitavam nem de zombarias, nem de humorismos. Mas, embora Ievguéni Pávlovitch havia já tempo só o interpelasse com certo sorrisinho especial, agora, ao ouvir sua resposta, olhou-o muito sério, como se não esperasse dele resposta semelhante.

— De modo que… mas é o senhor bastante estranho — disse. — Respondeu-me deveras a sério, príncipe?

— Mas não estava o senhor a perguntar-me a sério? — replicou-lhe Míchkin, admirado.

Todos puseram-se a rir.

— Não se fie, o senhor, — disse Adelaida. — Ievguéni Pávlovitch não faz mais do que zombar sempre de todos. Se soubesse o senhor com que super-seriedade nos fala por vezes de certas coisas!…

— Creio que essa é uma discussão enfadonha, da qual os senhores não conseguirão tirar nada a claro — observou, cortantemente, Alieksandra. — Por que não damos um passeio?

— Sim, está uma tarde belíssima — exclamou Ievguéni Pávlovitch. — Mas para demonstrar-lhes que desta vez falava perfeitamente a sério, e, sobretudo, para demonstrar ao príncipe (o senhor, príncipe, desperta-me um interesse extraordinário e juro-lhe que não sou nem de longe o homem frívolo que devo parecer… ainda que seja, com efeito, um homem frívolo), e se me permitem os senhores, farei ao príncipe uma última pergunta, que me inspira uma curiosidade especial, e com isso termino. Esta pergunta passou-me pela imaginação, como que de propósito, há duas horas (veja o senhor, príncipe, eu também penso às vezes em coisas sérias), e decidi: "Vejamos o que diz o príncipe". Há um momento falavam de um caso particular. Esta frase significa muito entre nós, é ouvida a cada passo. Há pouco, todos falavam e escreviam a respeito desse horrível assassinato de seis pessoas por aquele… jovem, e do estranho discurso de seu defensor, dizendo que, pobre como era seu cliente, havia, é natural, de ocorrer-lhe matar suas seis vítimas. Se não o disse assim literalmente, o sentido é este, ou algo parecido. Na minha opinião pessoal, esse advogado, ao exprimir tão estranho pensamento, estava plenamente convencido de proferir a frase mais liberal, humana e progressista que se poderia proferir nestes tempos. Bem; vamos ver. Qual a sua opinião: essa subversão de conceitos e convicções, essa possibilidade de um critério tão tranquilo e notável, constituem um fato particular ou geral?

Todos puseram-se a rir.

— Particular, naturalmente particular — disseram Alieksandra e

Adelaida, rindo.

— E permite-me torne a recordar-te, Ievguéni Pávlovitch — acrescentou o Príncipe Tsch***, — que tua brincadeira já está muito gasta.

— Que pensa o senhor, príncipe? — interrogou Ievguéni Pávlovitch, sem acabar de escutá-lo, surpreendendo, fixo nele, o olhar curioso e sério do Príncipe Liev Nikoláievitch. — Que lhe parece: é particular ou geral esse fato? Eu, confesso-o, pensando no senhor, fiz a mim mesmo esta pergunta.

— Não, não é um fato particular — asseverou o príncipe, tranquila, mas firmemente.

— Mas, por favor, Liev Nikoláievitch! — exclamou o Príncipe Tsch***, com certo enfado. — Não vê o senhor que ele quer pescá-lo?… Decididamente, está brincando e resolveu fincar-lhe o dente.

— Eu imaginava que Ievguéni Pávlovitch falava sério — disse Míchkin, ficando vermelho e baixando os olhos.

— Querido príncipe — prosseguiu o Príncipe Tsch***, — lembre-se do que falamos em certa ocasião, haverá uns três meses: falamos, concretamente, de que nossos novos tribunais, embora de criação recente, já haviam revelado advogados notáveis e cheios de talento. E quantos vereditos dignos de elogios foram pronunciados pelos júris! Sentia-me então bem feliz por vê-lo regozijar-se com esse progresso… Conviemos que tínhamos motivo de sentir-nos orgulhosos… Essa defesa inepta e esse estranho argumento não são decerto senão um acidente, um caso entre mil.

O Príncipe Liev Nikoláievitch refletiu um instante, depois respondeu no tom mais convicto, embora sem elevar o timbre da voz e com um matiz de timidez:

— Quis simplesmente dizer que essa depravação das ideias e da inteligência (para me servir da expressão de Ievguéni Pávlovitch) é encontrada com muita frequência e constitui, ai! muito mais um fenômeno geral que um caso particular. Se não fosse tão comum, não

se veriam crimes inimagináveis como esses…

— Crimes inimagináveis? Mas eu lhe asseguro que os crimes de outrora eram, tanto como hoje, numerosos e espantosos. Visitei prisões, os de hoje. Sempre os houve, não só em nosso país, mas em toda parte, e creio que serão cometidos outros durante muito tempo ainda. A diferença reside nisto: que outrora não havia entre nós tão grande publicidade; atualmente a imprensa e a opinião pública deles se apoderam; daí a impressão de que nos achamos em presença de um fenômeno novo. É seu erro, seu bem ingênuo erro, príncipe. Pode crer-me — concluiu o Príncipe Tsch* * *, com um sorriso zombeteiro.

— Sei perfeitamente — disse Míchkin, — que os crimes eram outrora, tanto como hoje, numerosos e espantosos. Visitei prisões, não há muito tempo, e tive ocasião de travar conhecimento com alguns condenados e acusados. Há mesmo criminosos mais monstruosos do que aqueles de que falamos. Existem os que, tendo matado uma dezena de pessoas, não sentem nem sombra de remorso. Mas eis o que observei: o celerado mais endurecido e mais despojado de remorsos sente-se, no entanto, criminoso, isto é, na sua consciência, dá-se conta de que agiu mal, se bem que não experimenta por isso nenhum arrependimento. E era o caso de todos aqueles prisioneiros. Mas os criminosos de que fala Ievguéni Pávlovitch não querem mais considerar-se como tais; no seu foro íntimo, acham que tiveram o direito a seu lado e que agiram bem ou quase isso. Há, na minha opinião, uma terrível diferença. E note que são todos gente moça, isto é, que a idade deles é aquela em que o homem está mais desarmado contra a influência das ideias desmoralizantes.

O Príncipe Tsch*** deixara de sorrir e escutava Míchkin com ar perplexo. Alieksandra Ivânovna, que desde muito tempo estava com uma observação a fazer, conservou-se em silêncio como se uma consideração particular a tivesse retido. Quanto a Ievguéni Pávlovitch, olhava Míchkin com surpresa evidente e, desta vez, sem a menor ironia.

— Mas que tem, meu caro senhor, para fitá-lo com esse ar espantado? — interveio, de súbito, Lisavieta Prokófievna. — Acreditava que ele fosse menos inteligente do que o senhor e incapaz

de raciocinar à sua maneira?

— Não, senhora, não cria isso — disse Ievguéni Pávlovitch. — Mas uma coisa me espanta, príncipe (desculpe minha pergunta) se o senhor capta e penetra assim o sentido desse problema, como pôde o senhor (ainda uma vez, desculpe-me), nesse estranho caso, há alguns dias… o caso de Burdóvski, se não me engano, como, digo eu, não pôde notar a mesma depravação das ideias e do senso moral? O caso era, entretanto, idêntico. Pensei observar naquele momento que o senhor não se apercebia disso absolutamente.

— Ora! saiba, meu caro senhor, — disse Lisavieta Prokófievna, acalorando-se, — que, se nós todos que estamos aqui o notamos e de nossa sagacidade tiramos motivo de superioridade sobre o príncipe, foi ele, no entanto, quem recebeu hoje uma carta de um deles, do principal, daquele que tinha a cara cheia de espinhas, lembras-te, Alieksandra? Nessa carta, pede-lhe perdão, à sua maneira, naturalmente, e declara ter rompido relações com o camarada que tanto o instigava então; lembras-te, Alieksandra? E acrescenta que é agora ao príncipe a quem concede mais confiança. Nenhum de nós recebeu ainda uma carta semelhante, se bem que estejamos habituados a tratar de cima o seu destinatário.

— E Ipolit também se mudou, para vir se instalar em nossa casa! — exclamou Kólia.

— Como? Já está aqui? — perguntou Míchkin, não sem certa inquietação.

— Chegou logo depois de sua saída com Lisavieta Prokófievna. Fui eu quem o trouxe de carro.

Esquecendo completamente que acabara de fazer o elogio do príncipe, Lisavieta Prokófievna explodiu de repente:

— Aposto que ele subiu ontem ao sótão daquele mau sujeito para lhe pedir perdão de joelhos e lhe rogar que viesse instalar-se aqui! Viste-o ontem? Confessaste isto mesmo há pouco. Foste lá ou não? Puseste-te de joelhos, sim ou não?

— Ele não se pôs absolutamente de joelhos — exclamou Kólia. — Muito pelo contrário! Ipolit pegou ontem a mão do príncipe e beijou-a duas vezes. Fui testemunha da cena; a isto se limitou a explicação entre eles; tendo o príncipe simplesmente acrescentado que ele passaria melhor na casa de campo, Ipolit respondeu imediatamente que se instalaria aqui, desde que se sentisse menos mal.

— Você não faz bem, Kólia — balbuciou o príncipe, levantando-se e pegando seu chapéu. — Por que conta isso? Eu…

— Aonde vais? — perguntou Lisavieta Prokófievna, detendo-o.

— Não se atormente, príncipe — continuou Kólia, com animação. — Não vá vê-lo e perturbar lhe o repouso; ele adormeceu após as fadigas da viagem. Está encantado. Francamente, príncipe, creio que seria muito melhor que não se encontrassem hoje; deixe para amanhã para que ele não se perturbe de novo. Disse esta manhã que há bem uns seis meses que não se sentia tão bem disposto e tão forte. Tosse mesmo três vezes menos.

Notou Míchkin que Aglaia havia mudado bruscamente de lugar para se aproximar da mesa. Não ousava olhá-la, mas todo o seu ser sentia que naquele instante os olhos negros da moça estavam pousados sobre ele; aqueles olhos exprimiam certamente a indignação, talvez a ameaça; o rosto de Aglaia devia estar rubro.

— Parece-me, Nikolai Ardaliónovitch, que você fez mal em trazê-lo para cá, se se trata daquele rapaz tuberculoso que se pôs a chorar outro dia e convidou os presentes para seu enterro — observou Ievguéni Pávlovitch. — Falou com tanta eloquência da parede que se ergue diante de sua casa, que sentirá falta dessa parede, creiam-me!

— Nada de mais verdadeiro: brigará contigo, se atracará contigo e vai embora… É o que te espera.

E Lisavieta Prokófievna, com um gesto cheio de dignidade, puxou para si sua cesta de costura, esquecendo-se de que todos já se tinham levantado para sair a passeio.

— Lembro-me da ênfase com que falou ele daquela parede —

continuou Ievguéni Pávlovitch. — Deu a entender que, sem aquela parede, não poderia morrer com eloquência. Faz questão de morrer com eloquência.

— Pois bem e depois? — murmurou o príncipe. — Se o senhor não o quer perdoar, passará ele sem seu perdão e morrerá da mesma forma… Veio instalar-se aqui por causa das árvores.

— Oh! quanto a mim, perdoo-lhe tudo. Pode dizer-lhe.

— Não é assim que se deve compreender a coisa — disse Míchkin, mansamente e como a contragosto, com os olhos fixos num ponto do soalho. — É preciso que o senhor mesmo consinta em aceitar o perdão dele.

— E por que motivo? Que mal lhe fiz eu?

— Se o senhor não compreende, não insisto… Mas o senhor compreende perfeitamente. Seu desejo era então… abençoar-nos a todos e receber também sua bênção. Eis tudo.

O Príncipe Tsch*** trocou um rápido olhar com algumas das pessoas presentes.

— Meu bom e caro príncipe — disse ele, bastante vivamente, mas pesando suas palavras, — não é fácil de realizar o paraíso na terra, e o que o senhor procura é, em suma, o paraíso. A coisa é difícil, príncipe, bem mais difícil do que o imagina seu excelente coração. Fiquemos onde estamos, creia-me; sem o que cairemos todos na confusão e então…

— Vamos ouvir a música — disse Lisavieta Prokófievna, num tom imperativo. E, com um movimento de cólera, ficou em pé. Todos a imitaram.

## Capítulo II

Míchkin aproximou-se, de repente, de Ievguéni Pávlovitch e pegou-lhe a mão.

— Ievguéni Pávlovitch, — disse, num tom de estranha exaltação, — fique convencido de que o considero, apesar de tudo, como um nobre coração e como o melhor dos homens; dou-lhe minha palavra.

Ievguéni Pávlovitch ficou tão surpreendido que deu um passo para trás. Por um instante, reprimiu violenta vontade de rir; mas, examinando o príncipe de mais perto, verificou que ele parecia estar fora de si ou pelo menos se encontrava num estado completamente fora do comum.

— Aposto, príncipe — exclamou, — que não era isso o que o senhor tinha intenção de me dizer e que talvez não seja a mim que essas palavras se dirigem!… Mas que tem? Não estaria sentindo-se mal?

— É possível, é bem possível. O senhor deu prova de muita sutileza observando que talvez não seja ao senhor que me dirijo.

Depois de dizer isto, sorriu de uma maneira singular e quase cômica. Em seguida, pareceu de súbito exaltar-se:

— Não me recorde minha conduta de há três dias! — exclamou. — Não tenho cessado de me envergonhar dela desde então… Sei que não tive razão.

— Mas… que coisa tão terrível praticou o senhor?

— Vejo que o senhor seja talvez quem mais se envergonhe por minha causa, Ievguéni Pávlovitch. O senhor cora, o que é indício dum excelente coração. Vou me retirar imediatamente, acredite.

— Mas que é que tem ele? Não seria assim que começam os seus acessos? — perguntou com ar apavorado Lisavieta Prokófievna a Kólia.

— Não se inquiete, Lisavieta Prokófievna; não estou com acessos e não demorarei em me retirar. Sei que… sou naturalmente um doente. Estive doente durante vinte e quatro anos, ou, mais exatamente, até a idade de vinte e quatro anos. Considere-me como ainda doente agora. Vou me retirar imediatamente, imediatamente,

estejam certos. Não coro, porque seria isto, não é? uma coisa estranha corar por causa de minha doença. Mas sou demais na sociedade. Não é por amor-próprio que faço esta observação… Refleti bem durante estes três dias e concluí que meu dever era prevenir-vos sincera e lealmente na primeira oportunidade. Há certas ideias, certas ideias elevadas de que evitarei falar para não ser alvo da zombaria de todos. O Príncipe Tsch*** fez há pouco uma alusão a isto… Não há um gesto meu que não seja insólito, ignoro o senso da medida. Minha linguagem não corresponde aos meus pensamentos e, por causa disso, os estraga. Não tenho também o direito… Além disso, sou suspeitoso. Estou… estou convencido de que ninguém pode ofender-me nesta casa e que sou nela estimado mais do que mereço. Mas sei (e sem possibilidade de dúvida) que vinte e quatro anos de doença com certeza vão deixar traços e que é impossível que não se zombe de mim… de tempos em tempos… não é verdade?

Correu pelos presentes um olhar circular como se aguardasse uma resposta e uma decisão. Todos ficaram penosamente surpresos com aquela saída inesperada e mórbida, que nada motivava e que deu origem a um incidente singular.

— Por que se expressa desse modo aqui? — exclamou bruscamente Aglaia. — Por que lhes diz isto… a essa gente?

Parecia no paroxismo da indignação; seus olhos fulguravam. O príncipe, que ficara mudo diante dela, foi invadido por uma palidez súbita. Aglaia explodiu:

— Não há aqui uma só pessoa que seja digna de ouvir essas palavras! Todos, quaisquer que sejam, não valem o seu dedo mindinho, nem o seu espírito, nem o seu coração. O senhor é mais honesto que eles todos; o senhor excede a todos em nobreza, em bondade, em inteligência. Há aqui pessoas indignas de apanhar o lenço que lhe acaba de cair das mãos… Então por que se humilha e se põe abaixo de todos? Por que transtorna tudo dentro de si? Por que não há de ter orgulho?

— Meu Deus! Quem teria acreditado nisto? — exclamou Lisavieta Prokófievna, juntando as mãos.

— Viva o pobre cavalheiro! — exclamou Kólia, entusiasmado.

— Calem-se!… Como ousam ofender-me aqui, na casa da senhora? — disse brutalmente à sua mãe, Aglaia que se sentia presa duma dessas explosões de histeria em que não se conhecem limites, nem obstáculos. — Por que me perseguem todos, do primeiro ao último? Por que, príncipe, estão todos a importunar-me, há três dias, por sua causa? Por coisa alguma do mundo, eu casaria com o senhor. Saiba que jamais o faria, a nenhum preço! Meta bem isto na cabeça! Será que se pode desposar uma criatura tão ridícula como o senhor? Olhe-se, pois, neste momento, num espelho e veja o aspecto que tem!… Por que me aborrecem pretendendo que vou casar com o senhor? O senhor deve saber! Sem dúvida está conivente com eles!

— Ninguém jamais te importunou! — balbuciou Adelaida, espantada.

— Ninguém teve jamais essa ideia! Jamais se tratou disso! — exclamou Alieksandra Ivânovna.

— Quem a aborreceu? Quando a aborreceram? Quem pôde dizer-lhe coisa semelhante? Ela delira ou está em seu juízo? — perguntou Lisavieta Prokófievna, fremente de cólera e dirigindo-se a todos os presentes.

— Todos o fizeram; todos sem exceção repetiram-me isso aos ouvidos nestes três dias! Pois bem, jamais me casarei com ele! — proferiu Aglaia, num tom dilacerante.

E logo depois pôs-se a chorar, ocultou o rosto no lenço e deixou-se cair sobre uma cadeira.

— Mas ele nem mesmo te ped…

— Eu não a pedi em casamento, Aglaia Ivânovna — disse o príncipe, como que involuntariamente.

— O quê? Que quer dizer? — exclamou Lisavieta Prokófievna, num tom em que se misturavam a surpresa, a indignação e o espanto.

Não podia crer em seus ouvidos. O príncipe pôs-se a murmurar

palavras entrecortadas:

— Quis dizer… quis dizer… Quis somente explicar a Aglaia Ivânovna… ou antes ter a honra de explicar-lhe que não tive absolutamente a intenção… de ter a honra de pedir-lhe a mão… e mesmo no futuro… Não tenho em todo este caso nenhuma falta a censurar-me, nenhuma, Aglaia Ivânovna, Deus é testemunha! Jamais tive a intenção de pedir-lhe a mão; a própria ideia jamais me ocorreu e jamais me ocorrerá, haverá de ver; não tenha dúvida! Tudo isto deve ser uma calúnia que alguma pessoa má lançou contra mim. Mas pode estar tranquila!

Assim falando havia-se aproximado de Aglaia. Ela afastou o lenço que ocultava seu rosto e lançou lhe um rápido olhar. Viu o rosto aterrorizado, compreendeu o sentido de suas palavras e explodiu numa gargalhada tão franca e tão zombeteira que contagiou Adelaida, a qual, também depois de haver olhado o príncipe, abraçou sua irmã e pôs-se a rir, com o mesmo riso infantil e irresistível. Vendo-as, Míchkin também começou a rir. Repetia, com uma expressão de alegria e de felicidade:

— Ah! Deus seja louvado! Deus seja louvado!

Então, por sua vez, Alieksandra não se aguentou mais e rompeu cordialmente a rir. A hilaridade das três irmãs parecia não ter fim.

— Vejamos, estão loucas! — resmungou Lisavieta Prokófievna.

— Ora elas nos causam medo, ora…

Mas o riso havia contagiado o Príncipe Tsch***, Ievguéni Pávlovitch e até o próprio Kólia, que não se podia mais conter e olhava alternadamente uns e outros. O príncipe fazia o mesmo.

— Vamos passear! Vamos! — exclamou Adelaida. — Venham todos e o príncipe também! O senhor não tem razão nenhuma para retirar-se, príncipe, gentil como o senhor é. Ele não é gentil, Aglaia? Não é verdade, mamãe? Além disso, preciso de todo jeito dar-lhe um beijo… pela sua explicação de há pouco com Aglaia. Não há remédio. Mamãe, querida mamãe, permite que eu o beije? Aglaia, permites-me

que beije o teu príncipe! — exclamou a espevitada jovem.

E, juntando o gesto à palavra, lançou-se para Míchkin e beijou-lhe a testa. Ele lhe tomou as mãos e apertou-as com tanto vigor que Adelaida esteve a ponto de lançar um grito. Olhou-a com uma alegria infinita e, levando repentinamente a mão da moça a seus lábios, beijou-a três vezes.

— Vamos! A caminho! — disse Aglaia. — Príncipe, o senhor será meu cavalheiro. Permites, mamãe? Ele não é um noivo que acaba de recusar-me? Não é verdade, príncipe, que renunciou a mim para sempre? Mas não é assim que se dá o braço a uma dama. Será que o senhor não sabe como se deve dar o braço? Está bem, agora; vamos na frente. Quer que caminhemos na frente de todos e em *tête-à-tête*?

Falava sem parar e ria ainda de vez em quando.

— Louvado seja Deus! Louvado seja Deus! — repetia Lisavieta Prokófievna, sem saber ao certo de que é que ela se regozijava. "Eis uma gente bem estranha!", pensou o Príncipe Tsch***, pela centésima vez, talvez, desde que frequentava aquela família, mas… aquela gente estranha lhe agradava. Talvez não experimentasse absolutamente o mesmo sentimento a respeito de Míchkin. Quando saíram para o passeio, ele tinha o ar carrancudo e um rosto preocupado.

Era Ievguéni Pávlovitch que parecia mais bem disposto. Durante todo o caminho e até a estação,[44] foi divertindo Alieksandra e Adelaida; estas riam, com tanta complacência, da tagarelice dele que ele acabou por suspeitar que elas nem mesmo escutavam o que lhes dizia. Sem que se explicasse por que, esta ideia provocou nele um súbito ataque de riso, em que entrava tanta franqueza quanta espontaneidade (tal era o seu caráter!). As duas irmãs, animadas pelo melhor humor, não tiravam os olhos da mais moça, que caminhava na frente com Míchkin. A atitude de Aglaia parecia-lhes evidentemente um enigma. O Príncipe Tsch*** dedicava-se sem descanso a entreter Lisavieta Prokófievna com coisas indiferentes. Talvez quisesse distraí-la de seus pensamentos, mas só conseguia aborrecê-la terrivelmente. Ela parecia completamente estonteada; respondia ao acaso ou então não respondia nada.

Aglaia Ivânovna não tinha, entretanto, acabado de intrigar os que a cercavam naquela noite. Seu derradeiro enigma foi reservado exclusivamente ao príncipe. Ela estava a cem passos da casa de campo, quando murmurou rapidamente a seu cavalheiro que se mantinha obstinadamente mudo:

— Olhe à direita.

O príncipe obedeceu.

— Olhe mais atentamente. Vê um banco, no parque, lá em baixo, perto daquelas três grandes árvores… um banco verde?

O príncipe respondeu afirmativamente.

— Agrada-lhe o lugar? Venho por vezes bem cedo, cerca das sete horas, quando todos estão ainda dormindo, sentar-me ali, sozinha.

O príncipe conveio, balbuciando, que o lugar era encantador.

— E agora, afaste-se; não quero andar mais de braços dados com o senhor. Ou antes, dê-me o braço, mas não me diga mais uma palavra. Quero ficar a sós com meus pensamentos…

A recomendação era em todo caso supérflua; mesmo que não lhe tivessem determinado, o príncipe não teria certamente proferido uma palavra no decorrer do passeio. Seu coração bateu com violência, quando ouviu a referência àquele banco. Mas um minuto depois recompusera-se e afastou, envergonhado, o tolo pensamento que lhe surgira na mente.

Como se sabe, ou pelo menos como toda a gente afirma, o público que frequenta a estação de Pávlovsk é “mais escolhido” durante a semana que nos domingos ou feriados, quando ali aparece “toda espécie de gente”, vinda de Petersburgo. Sem estar com trajes domingueiros, nem por isso o público dos dias úteis deixa de trajar com mais gosto. É de bom tom ir ouvir música ali. A orquestra é talvez a melhor de todas as que tocam entre nós nos jardins públicos e seu repertório inclui peças novas. A atmosfera de família e mesmo de intimidade que reina naquelas reuniões, delas não exclui a correção,

nem a mais cerimoniosa etiqueta. Estando o público quase que exclusivamente composto de famílias em vilegiatura em Pávlovsk, toda a gente vai lá para se encontrar. Muitas pessoas encontram nesse passatempo um verdadeiro prazer que é o único motivo de sua presença, mas outras são atraídas apenas pela música. Os escândalos são ali extremamente raros, mas sempre estoura algum por vezes, mesmo durante a semana; é, aliás, uma coisa inevitável.

Naquele dia, a tardinha estava encantadora e o público era bastante numeroso. Como todos os lugares próximos da orquestra estavam ocupados, o nosso grupo instalou-se em cadeiras um tanto afastadas, perto da saída da esquerda. A multidão e a música haviam distraído um tanto Lisavieta Prokófievna e divertido suas filhas; elas haviam trocado olhares com alguns de seus conhecidos e enviado, com acenos de cabeça, pequenas saudações amáveis a outros. Tiveram também tempo de examinar os trajes e de notar algumas extravagâncias que comentavam com sorrisos irônicos. Ievguéni Pávlovitch mostrava-se, também ele, pródigo em numerosos cumprimentos. Já havia sido notado que Aglaia e Míchkin estavam juntos. Alguns rapazes conhecidos aproximaram-se em breve da mãe e de suas filhas; dois ou três ficaram a conversar; eram amigos de Ievguéni Pávlovitch. Um deles era um jovem oficial, muito belo rapaz, cheio de vivacidade e graça. Apressou-se em travar conversa com Aglaia e fez todos os esforços para captar a atenção da moça, que se mostrava muito amável e mesmo muito jovial com ele. Ievguéni Pávlovitch pediu ao príncipe permissão para apresentar-lhe aquele amigo; se bem que Míchkin só tivesse compreendido pela metade o que dele se queria, realizou-se a apresentação: os dois homens cumprimentaram-se e apertaram-se as mãos. O amigo de Ievguéni Pávlovitch fez uma pergunta à qual o príncipe não respondeu ou respondeu mastigando as palavras duma maneira tão estranha que o oficial fitou-o bem nos olhos e depois olhou para Ievguéni Pávlovitch; tendo então compreendido por que este o apresentara, sorriu quase imperceptivelmente e voltou-se de novo para Aglaia. Ievguéni Pávlovitch foi o único a observar que a moça havia de súbito corado naquele instante.

Quanto ao príncipe, nem notava que outros conversavam com

Aglaia e se desfaziam em amabilidades para com ela. Melhor ainda: havia momentos em que tinha ele o ar de esquecer que estava sentado ao lado dela. Dominava-o por vezes a vontade de ir embora para não sabia onde, de desaparecer completamente; desejava um retiro sombrio e solitário onde ficasse sozinho com seus pensamentos e onde ninguém pudesse encontrá-lo. Ou, pelo menos, encontrar-se em sua casa, no terraço, mas sem ninguém a seu lado, nem Liébiediev, nem as crianças; queria se jogar sobre um divã, com o rosto metido na almofada e ficaria assim um dia, uma noite, depois outro dia. Noutros momentos, sonhava com as montanhas, sobretudo certo lugar alpestre que lhe era sempre grato recordar e que fora seu passeio predileto, quando morava lá; daquele lugar avistava-se a aldeia no fundo do vale, o filete nervoso, apenas visível, da cascata, as nuvens brancas e um velho castelo abandonado. Quanto desejaria encontrar-se agora lá e não ter em mente senão um pensamento… um só pensamento para toda a sua vida, mesmo que ela durasse mil anos! Pouco importava, na verdade, que o esquecessem totalmente aqui. Era mesmo necessário; melhor teria valido que nunca o tivessem conhecido e que todas as imagens que tinham passado diante de seus olhos não fossem senão um sonho! Aliás, sonho ou realidade, não era tudo uma coisa só? Depois punha-se, de repente, a observar Aglaia e ficava cinco minutos sem destacar seu olhar do rosto da moça, mas esse olhar era totalmente insólito: parecia fixar um objeto situado a duas vertas dali, ou então um retrato e não a própria pessoa.

— Por que me fita assim, príncipe? — perguntou ela, parando subitamente de falar e de rir com os que a cercavam. — O senhor me causa medo; tenho sempre a impressão de que o senhor quer estender sua mão para tocar-me o rosto e palpá-lo. Não é, Ievguéni Pávlovitch? Não dá esta impressão a maneira que ele tem de olhar?

Míchkin ouviu estas palavras e mostrou-se surpreso por ver que se dirigiam a ele. Pareceu entender-lhes o sentido, se bem que, talvez, duma maneira imperfeita. Não respondeu, mas, tendo verificado que Aglaia ria e todos os outros com ela, sua boca abriu-se e e ele também riu com os outros. A hilaridade redobrou então em torno dele; o oficial que, de seu natural, devia ser muito alegre, retorcia-se de tanto rir. Aglaia murmurou à parte, num brusco movimento de cólera:

— Idiota!

— Meu Deus! Será possível que ela escolha semelhante… Não está perdendo totalmente a cabeça? — murmurou, cheia de raiva, Lisavieta Prokófievna.

— É uma brincadeira. É a repetição da brincadeira de outro dia com o cavalheiro pobre, nada mais — cochichou com segurança Alieksandra ao ouvido de sua mãe. — Ela recomeça a implicar com ele a seu modo. Somente esta zombaria ultrapassa as medidas, é preciso pôr um termo a isso, mamãe! Ainda há pouco ela fazia contorções de comediante e seus modos afetados nos causaram espanto.

— Ainda bem que ela está tratando com semelhante idiota — murmurou Lisavieta Prokófievna, a quem, apesar de tudo, a observação da filha havia aliviado.

O príncipe, entretanto, ouvira chamarem-no de idiota. Estremeceu, mas de modo algum por causa desse qualificativo que esqueceu imediatamente. É que, no meio da multidão, não longe do lugar onde estava sentado, de lado (não teria podido indicar com exatidão nem o lugar, nem a direção), acabava de entrever um rosto pálido, de cabelos escuros e cacheados, e cujo sorriso bem como o olhar eram bem conhecidos seus. Aquele rosto não fez senão aparecer. Talvez fosse efeito de sua imaginação. Não restou dessa visão em sua memória senão um sorriso crispado, dois olhos e uma gravata verde-claro, denotando certa pretensão a elegante da parte do personagem entrevisto. Perde-se este entre a multidão ou então metera-se dentro da estação? Era o que o príncipe não teria podido precisar.

Mas um momento depois ele começou de súbito a escutar ansiosamente os arredores. Aquela primeira aparição poderia pressagiar ou anunciar uma segunda. Era mesmo certo. Como esquecera a possibilidade de semelhante encontro, quando se haviam encaminhado para a estação? É verdade que naquele momento não percebera para onde ia, visto a disposição de espírito em que se encontrava. Se tivesse sabido ou podido mostrar-se mais atento, teria notado desde um bom quarto de hora que Aglaia se virava de vez em quando com inquietação e parecia procurar com os olhos alguma coisa

em torno de si. Agora que a própria nervosidade dele se tornava mais visível, a emoção e a perturbação de Aglaia acentuavam-se e, cada vez que ele olhava para trás, ela fazia logo o mesmo movimento. Aqueles alarmes não deviam tardar em justificar-se.

Pela saída lateral, perto daquela em que o príncipe e os Iepántchini haviam tomado lugar, viu-se, de súbito, surgir um bando de pelo menos dez pessoas. À frente do bando marchavam três mulheres, duas das quais eram tão extraordinariamente belas que não causava admiração arrastarem após si tantos adoradores. Mas estes, como também elas mesmas, tinham um ar particular que os diferençava completamente do público reunido para ouvir música. Quase toda a assistência os notou assim que apareceram, mas o maior número não demonstrou perceber a presença deles, com exceção de alguns rapazes que sorriram e trocaram observações em voz baixa. Era, aliás, impossível não notar os recém-chegados, pois se manifestavam com ostentação, falavam ruidosamente e riam. Podia-se supor que havia entre eles pessoas em estado de embriaguez, se bem que vários estivessem trajados com elegância e distinção. Mas notavam-se ainda indivíduos tão estranhos de aspecto como de trajes e cujo rosto parecia singularmente avermelhado. Enfim, havia naquele bando alguns militares e até mesmo pessoas de certa idade. Alguns dos personagens estavam vestidos com apuro, com roupas largas e de bom corte; usavam anéis e botões de punho magníficos; suas perucas e suíças eram dum negro de azeviche; afetavam ar de nobreza, se bem que sua fisionomia exprimisse antes orgulho; eram pessoas dessas de quem, no mundo, se foge como da peste. Sem dúvida, entre nossos centros suburbanos de reunião, há alguns que se distinguem por uma preocupação excepcional de decência e por uma reputação especial de bom tom. Mas o homem mais circunspecto nunca está certo de que, em algum momento de sua vida, não possa receber em cima da cabeça um tijolo destacado da casa vizinha. Era esse tijolo que ia cair sobre o público de escol reunido em torno da orquestra.

Para ir da estação à pracinha, onde estava instalada a orquestra, era preciso descer três degraus. O bando parou diante daqueles degraus, hesitando em descê-los. Uma das mulheres adiantara-se e somente dois de seus acompanhantes ousaram segui-la. Um era um

homem entre duas idades, cujo ar era bastante modesto e o exterior correto sob todos os aspectos, mas discernia-se nele um desses desenraizados que nunca conhecem ninguém e que ninguém conhece O outro estava bastante mal vestido e tinha uma aparência das mais equívocas. Fora esses dois, ninguém acompanhou a dama excêntrica; esta, aliás, ao descer os degraus, nem mesmo se voltou, mostrando com isso quão indiferente lhe era que a seguissem ou não. Continuava a rir e falando alto; a extrema elegância e a riqueza de seu traje pecavam por ostentosas. Passou diante da orquestra para se dirigir à outra extremidade da pracinha, onde uma caleça parada ao longo da estrada parecia esperar alguém.

Havia mais de três meses que o príncipe não a via. Desde seu regresso a Petersburgo não se passara um dia sem que ele tivesse projetado fazer-lhe uma visita; talvez um pressentimento oculto o tivesse retido. Não conseguia, pelo menos, dar-se conta do sentimento que experimentaria em sua presença, embora se esforçasse, não sem apreensão, por imaginar essa entrevista. A única coisa que lhe aparecia claramente era que seria penosa. Várias vezes, no curso daqueles seis meses, evocara a primeira impressão que nele causara o rosto daquela mulher; mesmo quando tivera sob seus olhos apenas seu retrato, aquela impressão, lembrava-se ele, fora-lhe bastante dolorosa. O mês que passara na província e durante o qual a vira quase que diariamente trouxera-lhe tão vivos alarmes que ele afugentava por vezes de seu espírito até mesmo a lembrança daquele passado recente. Houvera sempre na fisionomia daquela mulher alguma coisa que o atormentava. Numa conversa com Rogójin descrevera o que experimentava como “um sentimento de compaixão infinita”. E era a verdade: a simples vista do retrato da jovem mulher despertava em seu coração todos os terrores da compaixão. Aquele sentimento de comiseração levado até à dor jamais o deixara e o dominava ainda agora sem trégua. Melhor ainda: ia-se acentuando.

E no entanto a explicação que dera a Rogójin não o satisfazia mais. Somente agora sua aparição inesperada lhe revelava, como numa intuição imediata, a lacuna dessa explicação, lacuna que não podia ser preenchida senão pelas palavras que exprimem o horror, sim, o horror! Naquele minuto, dava-se plenamente conta disso. Tinha

suas razões para estar convencido, absolutamente convencido de que ela era louca. Imaginai um homem amando uma mulher mais que tudo no mundo ou pressentindo a possibilidade de semelhante paixão e vendo, de repente, essa mulher acorrentada por trás de uma grade de ferro, sob o bastão de um guarda: eis mais ou menos a natureza da emoção de que era presa o príncipe.

— Que tem o senhor? — cochichou-lhe Aglaia apressadamente, olhando-o e puxando-o ingenuamente pelo braço.

Ele voltou a cabeça para ela, encarou-a e viu luzir em seus olhos negros uma chama para a qual não teve explicação então. Fez um esforço para sorrir para a moça e depois, esquecendo-se dela de repente, voltou seu olhar para a direita, fascinado de novo por uma extraordinária visão.

Naquele momento Nastássia Filípovna passava bem ao lado das cadeiras ocupadas pelas senhoritas. Ievguéni Pávlovitch estava a ponto de contar a Alieksandra Ivânovna uma história que deveria ser interessante e bastante engraçada, a julgar pela vivacidade e pela animação de seu começo. O príncipe recordou-se mais tarde de que Aglaia havia de súbito dito à meia voz: “Ah! que…”.

Esta interjeição ficara no ar. A moça parou de repente, deixando sua frase inacabada. Mas o que havia dito bastava. Nastássia Filípovna, que passava sem ter o ar de reparar em ninguém, voltou-se de súbito para o lado delas e fingiu descobrir a presença de Ievguéni Pávlovitch.

— Oh! que surpresa! Ei-lo aqui! — exclamou ela, parando bruscamente. — Ora não se consegue botar-lhe a mão, mesmo mandando recados expressos, ora é ele encontrado onde menos se esperava que estivesse… Acreditava que estivesses lá em baixo… em casa de teu tio!

Ievguéni Pávlovitch ficou totalmente rubro. Lançou para Nastássia Filípovna um olhar cheio de raiva, depois apressou-se em voltar os olhos para outro lado.

— Como? Não o sabes? Nada sabe ele ainda! Mas é incrível! Ele

suicidou-se! Teu tio rebentou os miolos com um tiro esta manhã! Soube-o há pouco, há umas duas horas; agora a metade da cidade o sabe. Deu um rombo de 350.000 rublos no Tesouro do Estado; outros falam de 500.000. E eu que sempre havia contado com que ele te deixasse uma fortuna! Comeu tudo. Era um velho devasso… Enfim, adeus, *bonne chance*! Será que não irás deveras? Tiveste o faro de retirar-te do serviço no bom momento! Mas onde tenho eu a cabeça? Tu sabias de tudo, já o sabias, talvez mesmo desde ontem…

Tomando este tom de impudente provocação e ostentando uma intimidade imaginária com o interpelado, Nastássia Filípovna tinha evidentemente um fim; não podia mais subsistir a respeito nenhuma dúvida. A princípio Ievguéni Pávlovitch tinha acreditado poder livrar-se do caso sem escândalo, fingindo não prestar atenção alguma à provocadora. Mas as palavras desta atingiram-no como um raio: à notícia da morte de seu tio ficou branco como um pano e voltou-se para a insolente. Naquele instante Lisavieta Prokófievna levantou-se rapidamente e, levando todo o seu pessoal, retirou-se quase correndo. Somente o príncipe Liev Nikoláievitch e Ievguéni Pávlovitch ficaram ainda um momento: o primeiro parecia perplexo, o segundo não se recompusera de sua emoção. Mas os Iepántchinni não haviam dado ainda uns vinte passos, quando formidável escândalo ocorreu.

O oficial, grande amigo de Ievguéni Pávlovitch, que conversava com Aglaia, manifestou a mais viva indignação.

— O que é preciso aqui é simplesmente o chicote. Não há outro meio de acalmar essa criatura — disse ele, quase em voz alta. (Ievguéni Pávlovitch, ao que parecia, havia-lhe feito confidências.)

Nastássia Filípovna voltou-se imediatamente para ele, com os olhos cintilantes. Arrancou das mãos de um rapaz que se mantinha a dois passos dela e que ela não conhecia uma fina chibata de junco e com ela vergastou, com todas as suas forças, o rosto do insultador. A cena foi rápida como o relâmpago… Fora de si, o oficial lançou-se sobre a jovem mulher que seus acompanhantes acabavam de abandonar: o senhor maduro conseguira eclipsar-se totalmente e seu companheiro, tendo-se posto de parte, ria a bandeiras despregadas. A polícia teria sem dúvida se interposto um minuto mais tarde, e, neste

caso, teria Nastássia Filípovna passado um mau bocado, se não lhe tivesse sobrevindo um socorro inesperado: o príncipe, que se conservava também a dois passos dela, conseguiu prender por trás o braço do oficial. Libertando-se, assestou este no peito de Míchkin um golpe violento que o fez ir cair a três passos dali sobre uma cadeira. Mas já Nastássia Filípovna tinha a seu lado dois novos defensores. Diante do oficial agressor acabava de plantar-se o boxeador, autor do artigo que o leitor conhece e antigo membro ativo do bando de Rogójin. Apresentou-se com ênfase.

— Keller, oficial reformado! Se quer brigar, capitão, e aceitar-me como defensor do sexo frágil, estou às suas ordens. Sou de primeira força no boxe à inglesa. Não se precipite, capitão. Lamento a afronta sangrenta que recebeu, mas não posso permitir que se esmurre em público uma mulher. Se o senhor prefere ajustar contas de outra maneira, como convém a um ca… a um cavalheiro, neste caso, capitão, deve naturalmente compreender-me…

Mas o capitão havia-se dominado e não lhe dava mais atenção. Nesse instante Rogójin saiu da multidão, agarrou Nastássia Filípovna rapidamente pelo braço e arrastou-a dali. Ele também parecia bastante alterado: estava pálido e tremente. Enquanto levava a jovem, achou tempo de rir, com sarcasmo diante do oficial e de dizer num tom de comerciante satisfeito:

— Ora essa! Que houve com o senhor? Está com a cara ensanguentada!

Completamente senhor de si e tendo compreendido com que espécie de gente estava lidando, o oficial cobrira o rosto com o lenço e, voltando-se polidamente para o príncipe, que acabava de repor-se em pé, disse-lhe:

— É o Príncipe Míchkin a quem tive o prazer de conhecer?

— Ela é louca! É uma alienada! Garanto-lhe! — respondeu o príncipe com voz entrecortada, estendendo-lhe maquinalmente as mãos trementes.

— Não posso, sem dúvida, vangloriar-me de saber tanto quanto o

senhor a este respeito, mas tenho necessidade de conhecer o seu nome.

Cumprimentou-o com um movimento de cabeça e afastou-se. A polícia chegou justamente cinco minutos depois que os derradeiros atores daquela cena tinham desaparecido. O escândalo não durara, aliás, mais de dois minutos. Uma parte do público se levantara e retirara. Algumas pessoas tinham-se contentado com mudar de lugar. Outras mostravam-se encantadas com o incidente. Outras por fim nele encontravam um assunto apaixonante de conversa. Em uma palavra: a coisa acabou como de costume. A orquestra recomeçou a tocar. O príncipe seguiu a família Iepántchin. Se, depois de ter sido empurrado e de ter caído sentado sobre uma cadeira, tivesse tido a ideia ou o tempo de olhar à sua esquerda, teria visto, a vinte passos de si, Aglaia parada para observar a cena, a despeito dos apelos de sua mãe e de suas irmãs que se achavam já a certa distância. O Príncipe Tsch*** correra para ela e acabara por conseguir que ela se retirasse o mais depressa possível. Aglaia havia-os alcançado — Lisavieta Prokófievna recordou-o mais tarde — em tal estado de perturbação que não deveria ter-lhes ouvido os apelos. Mas dois minutos mais tarde, ao entrar no parque, ela disse, no tom indiferente e desenvolto que lhe era habitual:

— Quis ver como acabaria a comédia.

## Capítulo III

O que acontecera na estação havia como que enchido de terror a mãe e as moças. Dominada pela perturbação e pela emoção, Lisavieta Prokófievna levara-as para casa numa espécie de fuga precipitada. De acordo com suas ideias e sua maneira de ver, aquele acontecimento fora demasiado revelador para não fazer germinar pensamentos decisivos no seu espírito, não obstante toda a agitação e susto que a dominavam. Toda a família compreendia, aliás, que algo de anormal se passara e que talvez mesmo um segredo extraordinário começava a revelar-se. Malgrado as asseverações anteriores e explicações do Príncipe Tsch***, Ievguéni Pávlovitch aparecia agora “sob sua verdadeira luz” e a descoberto; estava desmascarado e “sua ligação

com aquela criatura formalmente estabelecida". Tal era a opinião de Lisavieta Prokófievna e até mesmo de suas duas filhas mais velhas. Mas esta dedução não tinha outro efeito senão acumular ainda mais os enigmas. Sem dúvida haviam as duas moças ficado abaladas, no seu foro íntimo, pelo terror excessivo e pela fuga pouco disfarçada demais de sua mãe; todavia, na confusão do primeiro momento, não tinham querido alarmá-la ainda mais com suas perguntas. Além disso, tinham a impressão de que sua irmã caçula, Aglaia Ivânovna, sabia talvez mais sobre aquele assunto do que elas duas e sua mãe. O Príncipe Tsch*** estava sombrio como a noite e mergulhado, também ele, em suas reflexões. Durante todo o caminho Lisavieta Prokófievna não lhe dirigiu uma só palavra; sem que, aliás, ele parecesse perceber esse mutismo. Adelaida fez uma tentativa de perguntar-lhe: "De que tio se tratava ainda há pouco e que se passou mesmo em Petersburgo?", Resmungou ele, de cara fechada, uma resposta bastante vaga, alegando certas informações a pedir e o absurdo de todo aquele caso. "Disto não cabe dúvida!", replicou Adelaida, que renunciou a saber mais alguma coisa. Aglaia dava prova duma calma extraordinária; quando muito, ela observou, no caminho, que se estava andando demasiado depressa. Num certo momento olhou para trás e avistou Míchkin que se esforçava por alcançá-los; sorriu com um ar zombeteiro e não se voltou mais para o lado dele.

Quase no limiar da casa de campo encontraram Ivan Fiódorovitch que, mal chegara de Petersburgo, partia ao encontro deles. Suas primeiras palavras foram para pedir informação de Ievguéni Pávlovitch. Mas sua mulher passou a seu lado com ar ameaçador, sem responder-lhe e nem mesmo olhá-lo. Leu ele imediatamente nos olhos de suas filhas e do Príncipe Tsch* * * que havia tempestade na casa. Aliás, mesmo antes desta verificação, seu próprio rosto refletia uma expressão insólita de inquietação. Pegou imediatamente pelo braço do Príncipe Tsch*** e trocou com ele algumas palavras em voz baixa. A julgar pela perturbação que revelava a fisionomia deles, quando subiram para o terraço, a fim de alcançar Lisavieta Prokófievna, podia-se conjecturar que acabavam de saber uma notícia extraordinária.

Todos acabaram reunindo-se em cima, no quarto de Lisavieta

Prokófievna; somente Míchkin ficou no terraço, onde se sentou a um canto com ar de esperar alguma coisa. Ele mesmo não sabia o que fazia ali e não lhe viera a ideia de retirar-se vendo o rebuliço que reinava na casa. Parecia ter se esquecido do universo inteiro e que estava pronto a ficar plantado durante dois anos sem interrupção no lugar onde o pusessem. Lá de cima, chegava-lhe, de vez em quando, os ecos de uma conversação agitada. Não poderia dizer quanto tempo passou sentado naquele canto. Era tarde e a noite caíra. De repente, Aglaia apareceu no terraço; parecia calma, mas um pouco pálida. Mostrou um sorriso matizado de surpresa ao perceber o príncipe que ela evidentemente não esperava encontrar ali, sentado numa cadeira.

— Que faz aqui? — perguntou, aproximando-se dele.

O príncipe, confuso, balbuciou alguma coisa e levantou-se precipitadamente; mas tendo-se Aglaia sentado logo junto dele, retomou seu lugar. Ela o esquadrinhou com uma olhadela rápida, depois olhou através da janela sem nenhuma intenção aparente e por fim voltou a fitá-lo.

Míchkin pensou:

“Talvez ela tenha vontade de dar risada. Mas não, se fosse este o caso, ela não se teria contido!”

— Deseja tomar chá? — perguntou ela, após algum silêncio. — Darei ordem para servi-lo.

— Não… não sei…

— Como não pode saber se quer ou não? Ah! a propósito: se alguém o provocasse a duelo, que faria? É uma pergunta que gostaria de fazer-lhe.

— Mas… quem então… ninguém tem intenção de provocar-me a duelo.

— Afinal, se isto acontecesse, o senhor teria medo?

— Creio que sim… ficaria bastante amedrontado.

— Seriamente? Então é um poltrão?

— N… não, talvez não. O poltrão é aquele que tem medo e se põe em fuga. O que tem medo, mas não foge não é mais um poltrão, — disse, sorrindo, o príncipe, após um momento de reflexão.

— E o senhor, o senhor não fugiria?

— Pode ser que eu não fuja — disse ele, rindo, afinal, às perguntas de Aglaia.

— Pois eu, embora mulher, jamais fugiria — observou ela com uma ponta de despeito. — Aliás, o senhor zomba de mim e faz suas caretas habituais para se tornar mais interessante. Diga-me: é geralmente a doze passos que se atira nos duelos? Por vezes mesmo a dez? Tem-se certeza, neste caso, de ser morto ou ferido.

— Nos duelos é raro atingir-se o alvo.

— Como isso? Púchkin foi morto.

— Talvez por acaso.

— Absolutamente: era um duelo de morte e ele foi morto.

— A bala certamente o atingiu muito mais baixo do que o ponto visado por Dantes, que devia ser o peito ou a cabeça. Ninguém visa ao lugar onde ele foi tocado; seu ferimento foi pois efeito dum acaso, dum erro de tiro. Foram pessoas competentes que me disseram isto.

— E eu falei a um soldado que me declarou que, segundo o regulamento, as tropas deviam visar a meio corpo, quando se desdobram em atiradores. É o termo regulamentar: “a meio corpo”. Não se visa nem ao peito, nem à cabeça, mas à meia altura do homem. Um oficial que, depois, foi por mim interrogado a respeito, confirmou-me a exatidão dessa afirmativa.

— É com efeito justa, para o tiro a grande distância.

— E o senhor sabe atirar?

— Jamais atirei.

— Talvez o senhor nem mesmo saiba carregar uma pistola.

— Não sei. Ou antes, sei a maneira de fazer, mas jamais fiz ou tentei eu mesmo.

— É o mesmo que dizer que não sabe, porque é uma operação que exige prática! Ouça-me bem e retenha o que lhe vou dizer: o senhor compra em primeiro lugar boa pólvora para pistola; é preciso que não esteja úmida mas bem seca (é, parece, indispensável). Deve ser de um grão muito fino. Peça-a dessa qualidade e não vá comprar pólvora para canhão. Quanto às balas, é preciso, dizem, que a gente mesmo as prepare. O senhor tem pistolas?

— Não, não tenho necessidade delas — respondeu o príncipe, rindo, de repente.

— Ah! que tolice! Não deixe de comprá-las e boas. Escolha uma marca francesa ou inglesa; dizem que são as melhores. Em seguida, tome pólvora, o suficiente para encher um dedal, dois talvez, e derrame-a no cano da pistola. É preciso talvez forçar a dose. Recheia-o com fêltro (parece que o feltro é indispensável, não sei por que); pode-se encontrá-lo em qualquer parte, num colchão por exemplo, ou em certas almofadas de porta. Depois de socada a bucha, introduza a bala. Entenda-me bem: a pólvora em primeiro lugar e a bala depois; de outro modo o tiro não parte. Por que ri? Quero que o senhor se exercite todos os dias e várias vezes por dia no tiro e que aprenda a atingir o alvo. Fará isso?

O príncipe continuava a rir. Aglaia bateu com o pé, cheia de despeito. Seu ar de gravidade em semelhante conversa intrigou um tanto o príncipe. Sentia vagamente que deveria indagar de certos pontos, fazer perguntas a respeito de assuntos em todo caso mais sérios que a maneira de carregar uma pistola. Mas isso saíra-lhe da cabeça: não tinha mais outra sensação senão a de vê-la sentada diante dele e contemplá-la. O assunto com o qual pudesse ela entretê-lo naquele momento era-lhe quase indiferente.

Por fim o próprio Ivan Fiódorovitch desceu do andar superior e apareceu no terraço; ia sair e parecia aborrecido, preocupado e decidido.

— Ah! Liev Nikoláievitch, estás aqui?… Aonde vais agora? — perguntou a Míchkin, se bem que não tivesse este nenhuma vontade de mover-se. — Vem, tenho umas coisinhas a dizer-te.

— Adeus — disse Aglaia, que estendeu a mão ao príncipe.

O terraço já estava bastante escuro, de modo que Míchkin não pode ver distintamente naquele instante as feições da moça. Um minuto depois, quando o general e ele já haviam saído da casa de campo, ficou de repente muito vermelha e crispou com força a mão direita.

Aconteceu que Ivan Fiódorovitch devia seguir o mesmo caminho que ele. A despeito da hora tardia, tinha pressa de ir ao encontro de alguém para tratar de um negócio. Mas no momento pôs-se a falar ao príncipe num tom precipitado, confuso e um tanto incoerente; o nome de Lisavieta Prokófievna surgia muitas vezes em meio de suas palavras. Se Míchkin tivesse sido mais capaz de atenção naquele momento, teria talvez adivinhado que seu interlocutor procurava arrancar dele algumas informações ou antes queria lhe fazer, redondamente, uma pergunta, mas sem conseguir abordar o ponto essencial. Para vergonha sua, estava o príncipe tão distraído que não ouviu a princípio o que lhe dizia o general e, quando este se plantou diante dele para lhe fazer uma pergunta viva, foi-lhe forçoso confessar que não havia compreendido nada.

O general encolheu os ombros.

— Vocês todos são umas criaturas bem esquisitas, sob todos os pontos de vista! — continuou ele, dando livre curso à sua eloquência. — Estou-te dizendo que não entendo um pouquinho sequer as ideias e temores de Lisavieta Prokófievna. Está verdadeiramente histérica, chora, diz que nos vilipendiaram, desonraram. Quem? Como? Com quê? Quando e por que? Tive culpas, reconheço, graves culpas, mas afinal o encarniçamento daquela mulher violenta (que além do mais se conduz mal) é daqueles a que a polícia pode cortar duma vez; conto ir hoje mesmo ver alguém e tomar providências. Tudo pode regularizar-se tranquilamente, de manso, até mesmo com condescendência, pondo-se em ação nossas relações e sem nenhum

escândalo. Convenho ainda que o futuro está cheio de acontecimentos e que restam muitas coisas a esclarecer; estamos em presença de uma trama. Mas se ninguém aqui sabe de nada e se lá em baixo não há maior compreensão, se eu nada ouvi dizer, nem tu tampouco, nem um terceiro, nem um quarto, nem um quinto, então, pergunto-te eu, quem afinal de contas está ao corrente do caso? Como explicas isto, a menos que se admita que estejamos diante duma semi-miragem, dum fenômeno irreal, como quem dissesse o clarão da lua… ou qualquer outra visão fantástica?

— Ela está louca — balbuciou o príncipe numa súbita e dolorosa evocação de tudo quanto se passara naquele dia.

— Admitamos, se é disso que falas! Pensei mais ou menos como tu e dormi tranquilo com essa ideia. Mas agora verifico que mais razão têm os outros e não creio na loucura dela. Evidentemente aquela mulher não tem senso comum, mas não é louca; tem mesmo muita inteligência. Sua saída de hoje a respeito do Capitão Alieksiéievitch demonstra-o por demais. Agiu com canalhice ou pelo menos com certo jesuitismo para alcançar um fim preciso.

— Que Capitão Alieksiéievitch?

— Ah! meu Deus, Liev Nikoláievitch! Não me estás escutando de modo nenhum! Comecei falando-te do Capitão Alieksiéievitch. Estou tão transtornado que os braços e as pernas ainda me tremem. Foi por isso que voltei tão tarde hoje da cidade. O Capitão Alieksiéievitch Radómski, o tio de Ievguéni Pávlovitch…

— Pois bem?… — exclamou o príncipe.

— Estourou os miolos esta manhã, ao romper do dia, às sete horas. Era um septuagenário respeitável, um epicurista. E justamente como o disse ela, deu um desfalque, um desfalque considerável na caixa!

— Mas donde pôde ela…

— Saber isto? Ah! ah! Mas bastou mostrar-se para que todo um estado maior se agrupasse em torno dela. Sabes que personagens a

frequentam agora ou disputam “a honra de conhecê-la”. Nada há de espantoso em que os seus visitantes que chegam da cidade tenham-na posto ao corrente de alguma coisa, porque toda Petersburgo conhece já a notícia, como aliás a metade ou talvez a totalidade de Pávlovsk. Mas aquela fina observação dela, segundo me contaram, a respeito da farda Pávlovitch, isto é, do fato de ter este pedido muito a propósito sua reforma! Que insinuação infernal! Não, isto não revela loucura. Decerto recuso-me a crer que Ievguéni Pávlovitch tenha podido profetizar a catástrofe, isto é, saber que ela ocorreria em tal data, às sete horas da manhã, etc. Mas pode ter tido o pressentimento. Quando penso que o Príncipe Tsch*** e eu, e nós todos, estávamos persuadidos de que ele herdaria do velho! É terrível, afinal! De resto, compreende-me bem, não estou fazendo nenhuma acusação contra Ievguéni Pávlovitch, apresso-me em declarar-te. Mesmo asssim, há nisso qualquer coisa de suspeito. O Príncipe Tsch*** encontra-se no cúmulo da consternação. Tudo isso sobreveio de uma maneira tão estranha!

— Mas que há de suspeito na conduta de Ievguéni Pávlovitch?

— Absolutamente nada! Comportou-se da maneira mais correta. Não fiz aliás nenhuma alusão a isso. Sua fortuna pessoal está, penso eu, fora de causa. Lisavieta Prokófievna, como é natural, não quer nem mesmo ouvir falar dele… Mas o mais grave são todas essas catástrofes domésticas ou, para melhor dizer, todos esses contratempos, enfim… não sabe mesmo que nome lhes dar… Tu, Liev Nikoláievitch, és, propriamente, falando, um amigo da família; pois bem, imagina que acabamos de saber (ainda que a coisa não seja certa) que Ievguéni Pávlovitch teria se declarado a Aglaia, há mais de um mês, e teria, ao que parece, recebido uma recusa categórica!

— Não é possível! — exclamou o príncipe com veemência.

— Mas sabes de alguma coisa a respeito? — disse o general, que estremeceu de espanto e ficou como que pregado no chão. — Vês, meu caríssimo amigo, talvez eu tenha errado e faltado ao tato falando-te disto, mas é porque tu… tu és… um homem diferente. Talvez saibas algo de particular?

— Não sei de nada… a respeito de Ievguéni Pávlovitch — murmurou Míchkin.

— Nem eu tampouco! Eu… meu caro amigo, juraram enterrar-me, sepultar-me; não se querem dar conta de que isto é penoso para um homem e que eu não o suportaria. Ainda há pouco houve uma cena terrível! Falo-te como a meu próprio filho. E o mais grave é que Aglaia tem o ar de zombar de sua mãe. Quanto à recusa que teria ela dado há um mês a Ievguéni Pávlovitch e à explicação bastante decisiva que teriam tido, são conjeturas de suas irmãs… conjeturas aliás plausíveis. Mas trata-se de uma criatura autoritária e caprichosa a tal ponto que nem se pode imaginar. Tem todos os nobres impulsos da alma, todas as qualidades brilhantes do coração e do espírito, tem tudo isto, admito-o; mas é tão caprichosa, tão zombeteira! Em suma, tem um caráter diabólico e cheio de fantasias. Ainda há pouco zombou abertamente de sua mãe, de suas irmãs, do Príncipe Tsch***. Nem mesmo falo de mim, que estou raramente ao abrigo de suas zombarias, mas eu, quem sou eu? Sabes como lhe quero, até mesmo com suas zombarias, e tenho a impressão de que, por esta razão, aquela capetinha gosta particularmente de mim, quero dizer mais que dos outros. Aposto como já teve ela ocasião de exercer contra ti sua ironia. Encontrei vocês dois há pouco conversando após a tempestade que estourou lá em cima; estava sentada a teu lado como se não se tratasse de nada.

O príncipe ficou tremendamente vermelho e crispou a mão, mas não disse uma palavra.

— Meu caro, meu bom Liev Nikoláievitch! — exclamou de repente o general com calor e efusão. — Eu… e até mesmo Lisavieta Prokófievna (que, afinal, recomeçou a tratar-te com aspereza e que me trata também da mesma maneira por tua causa, não sei explicar por que) gostamos, não obstante, de ti, sinceramente, e estimamos-te a despeito de tudo; quero dizer, a despeito das aparências. Mas convém, meu caro amigo, convém tu mesmo, que repentino enigma, que mortificação ouvir de repente aquela diabinha (estava ali, plantada diante de sua mãe, e mostrava o mais profundo desprezo por todas as nossas perguntas, sobretudo pelas que eu lhe fazia, porque cometi a besteira de tomar o tom severo de chefe da família; o diabo me leve!

banquei o tolo)… ouvi-la, digo, dar-nos friamente e com um ar zombeteiro uma explicação: “Aquela louca (foi a palavra que ela empregou e tive a surpresa de vê-la repetir tua própria frase: ‘será que não puderam perceber isso mais cedo?’) meteu na própria cabeça casar-me a qualquer preço com o Príncipe Liev Nikoláievitch e é esta a razão pela qual procura indispor-nos com Ievguéni Pávlovitch!”. Foi tudo quanto ela disse, sem mais explicações, explodiu na gargalhada; ficamos todos boquiabertos, enquanto ela saía, batendo com a porta. Depois contaram-me o incidente de hoje com ela e contigo e… e… Escuta, meu caro amigo, não és um homem susceptível e tens bastante senso, notei-o, mas… não te zangues se te disser que ela zomba de ti. Palavra! Zomba de ti como uma criança, de modo que não deves zangar-te com ela, mas a coisa é esta. Não tenhas falsas ideias; ela se diverte à tua custa como à nossa, por simples ociosidade. Vamos, adeus! Conheces nossos sentimentos. Sabes bem que são sinceros a teu respeito. São imutáveis, nada os fará jamais variar… mas… devo entrar aqui, adeus! Poucas vezes tenho-me sentido tão fora dos eixos como hoje (é assim mesmo que se diz?)… Que vilegiatura, hem?

Tendo ficado só numa encruzilhada, Míchkin inspecionou os arredores, atravessou rapidamente uma rua e aproximou-se da janela iluminada de uma casa de campo; desenrolou então um papelzinho que havia conservado fortemente apertado na mão direita, durante toda a sua conversa com Ivan Fiódorovitch e, à fraca luz que emanava daquela janela, leu o seguinte:

> Amanhã às sete horas da manhã estarei no banco verde, no parque, à sua espera. Decidi-me falar-lhe de um assunto muito importante e que lhe diz diretamente respeito.
>
> P.S. — Espero que não mostre este bilhete a pessoa alguma. Experimentei certo escrúpulo ao fazer-lhe semelhante recomendação, mas refletindo bem, o senhor a merece. Acrescentando-a, pensei em seu caráter ridículo e corei de vergonha.
>
> Segundo P.S. — É aquele mesmo banco verde que lhe mostrei há pouco. O senhor deveria envergonhar-se de ser eu obrigada a dizer-lhe isto também.

O bilhete fora escrito à pressa e dobrado de qualquer jeito, sem dúvida um instante antes da descida de Aglaia ao terraço. Tomado duma emoção indizível e que confinava com o medo, o príncipe apertou de novo com força o papelzinho em sua mão e afastou-se da janela iluminada com a precipitação de um ladrão surpreendido. Mas

aquele brusco movimento lançou-o contra um senhor que se encontrava justamente atrás dele.

— Venho-o seguindo, príncipe — disse o homem.

— É o senhor, Keller? — exclamou o príncipe com espanto.

— Estou à sua procura, príncipe. Esperei-o nas proximidades da Vila dos Iepántchini, onde naturalmente não podia penetrar. Segui seus passos, quando o senhor se pôs a caminho com o general. Estou às suas ordens, príncipe; disponha de Keller. Estou pronto a sacrificar-me e até mesmo a morrer, se for preciso.

— Mas… por quê?

— Ora! Vai haver decerto um duelo! Aquele Tenente Molovtsov, conheço-o, isto é, não pessoalmente… não engolirá aquela afronta. As pessoas como Rogójin e eu, olha-as ele como ralé, naturalmente e não talvez sem razão; de modo que só quererá tomar satisfações do senhor. O senhor é que terá de pagar os vidros quebrados, príncipe! Segundo o que ouvi dizer, tomou ele informações a respeito do senhor e amanhã sem falta um de seus amigos irá procurá-lo, se já não o espera em sua casa. Se o senhor me der a honra de me escolher como testemunha, estou pronto a arriscar-me a ir parar na cadeia. Foi para dizer-lhe isto, príncipe, que o procurava.

— Então o senhor também me vem falar de duelo? — exclamou o príncipe, desatando a rir, para enorme surpresa de Keller. Ria a mais não poder. Keller, que tivera o aspecto de quem estava sobre brasas enquanto não se desincumbira de sua missão de propor-se como testemunha, pareceu quase ofendido diante de uma hilaridade tão exuberante.

— Não obstante, príncipe, o senhor agarrou-o pelos braços, esta tarde! Um gentil-homem não pode absolutamente suportar uma coisa dessas, ainda mais em público.

— Mas ele me assestou um murro no peito! — exclamou o príncipe, sempre a rir. — Não há razão para que nos batamos! Vou me desculpar com ele e ficará tudo resolvido. E se for preciso que nos

batamos, vamos nos bater! Que ele recorra às armas; não exijo nada de melhor. Ah! ah! sei agora carregar uma pistola. Imagine o senhor que acabam de ensinar-me isto há um instante. Sabe carregar uma pistola, Keller? É preciso primeiro comprar pólvora para pistola, isto é, pólvora que não seja úmida, nem grossa como a que se emprega para os canhões. Começa-se por meter a pólvora, arranca-se feltro da almofada de uma porta, depois coloca-se por cima. É preciso tomar cuidado para não meter a bala antes da pólvora, porque então o tiro não partiria. Está-me ouvindo, Keller? O tiro não partiria! Ah! ah! Não é esta uma razão magnífica, amigo Keller? Ah! Keller, sabe que vou agora mesmo dar-lhe um abraço? Ah! ah! ah! Mas como surgiu o senhor agora tão de repente diante de mim? Venha, pois, assim que puder à minha casa, para beber champanhe. Vamos nos embriagar de champanhe! Sabe que tenho doze garrafas na adega de Liébiediev? Ele as vendeu anteontem para a possibilidade de uma "ocasião". Comprei-as todas. Foi no dia seguinte à minha chegada. Reunirei a todos! Mas diga-me, vai dormir esta noite?

— Como de costume, príncipe.

— Pois então tenha belos sonhos! Ah! ah! ah!

O príncipe atravessou a estrada e desapareceu no parque, deixando Keller perplexo e um tanto decepcionado. Ainda não vira o príncipe num estado de espírito tão esquisito e nem o teria jamais imaginado assim.

"Talvez esteja febril, porque é um homem nervoso sobre o qual tudo isso causou impressão, mas não terá decerto medo. Ora, as pessoas de sua qualidade não são nada medrosas — pensou Keller. — Hum! Champanhe. A notícia não deixa de ter interesse. Doze garrafas; uma dúzia é já uma guarnição respeitável. Aposto que Liébiediev recebeu esse champanhe de um desses a quem anda emprestando dinheiro, a título de penhor. Hum… Afinal, é bastante gentil esse príncipe; é, na verdade, a espécie de homem que me agrada; em todo o caso não é o momento de hesitar… se há champanhe, é preciso agarrar a ocasião…"

Era exato, com efeito, que o príncipe se encontrava num estado

quase febril.

Vagou muito tempo pelas trevas do parque e acabou por encontrar-se indo e vindo por certa alameda. Tinha consciência de já ter percorrido trinta ou quarenta vezes aquela alameda entre o banco e uma velha árvore, elevada e fácil de reconhecer, que se encontrava a cem passos mais longe. Quanto a se lembrar daquilo em que havia pensado no curso daquelas idas e vindas de pelo menos uma hora no parque, não teria conseguido, mesmo que tivesse tentado. Surpreendeu-se, aliás, a pensar numa coisa que lhe provocou de repente uma risada; não tinha ela, entretanto, nada de risível, mas tudo lhe provocava hilaridade. Veio-lhe ao espírito que a hipótese dum duelo tinha podido nascer em outras cabeças além da de Keller e que, portanto, a exposição que lhe haviam feito a respeito da maneira de carregar uma pistola talvez não fosse efeito do acaso… ("Ora essa! — disse a si mesmo, de repente, parando, como que assaltado por uma outra ideia. — Ainda há pouco, quando ela desceu ao terraço e encontrou-me no canto, ficou estupefata por me ver ali; sorriu… falou-me de chá. Contudo, tinha já este bilhete na mão. Sabia, pois, sem dúvida alguma, que eu estava no terraço. Então por que se mostrou surpresa? Ah! ah! ah!"

Tirou o bilhete do bolso e beijou-o, mas logo depois deteve-se e voltou a ficar pensativo:

"É bem estranho! Sim, bem estranho!" — proferiu ao fim de um minuto com um tom de tristeza. Nos momentos de alegria extrema, sentia-se sempre dominado pela tristeza, sem saber ele mesmo por que. Lançou em redor de si um olhar intrigado e admirou-se de ter vindo parar naquele lugar. Invadido por grande lassidão, aproximou-se do banco e sentou. Em redor dele reinava profundo silêncio. A música parara lá na estação. Talvez não houvesse mais ninguém no parque. Devia ser mais de onze horas e meia. A noite estava calma, tépida, e clara; uma noite de Petersburgo no começo de junho; mas no parque frondoso e sombrio, na alameda onde ele se encontrava, as trevas eram quase completas.

Se naquele momento alguém lhe tivesse dito que, ele estava enamorado, apaixonadamente enamorado, teria repelido essa ideia

com estupor e talvez mesmo com indignação. E se esse alguém tivesse acrescentado que as poucas palavras de Aglaia eram um bilhete de amor, um convite a um encontro amoroso, teria corado de confusão diante do autor de semelhante suposição e era capaz talvez de desafiá-lo a um duelo. Nisto era perfeitamente sincero, não tendo tido jamais uma dúvida sequer a esse respeito e não admitindo o menor equívoco quanto à possibilidade de ser amado por aquela moça, nem tampouco amá-la ele próprio. Semelhante ideia iria enchê-lo de vergonha: a possibilidade de amar a um "homem como ele" lhe surgiria como uma coisa monstruosa. A seus olhos, o que podia haver de real nisso reduzia-se a uma simples travessura da moça, travessura que ele aceitava com soberana indiferença, achando aquilo um excesso na ordem das coisas para que se emocionasse com isso. Sua preocupação e seus cuidados centralizavam-se em outra coisa, bem diversa. Dera inteira confiança às palavras do general quando na sua emoção, lhe havia este incidentemente revelado que ela zombava de toda a gente e dele, Míchkin, em particular. Não se sentira de modo algum ressentido; na sua opinião, não poderia ser de outro modo. O essencial se reduzia para ele ao fato de que, no dia seguinte; bem cedo, iria tornar a vê-la, sentaria, ao lado dela naquele banco verde e olharia para ela, ouvindo-a explicar como se carrega uma pistola. Não precisava mais que isso. Uma ou duas vezes perguntou a si mesmo a respeito de qual assunto quereria ela conversar com ele e qual pudesse ser esse assunto importante que diretamente o envolvesse. Não teve, aliás, em nenhum momento a menor dúvida sobre a realidade desse caso "importante" por causa do qual lhe marcavam entrevista; mas, no momento, não sonhava quase com isso e nem mesmo era tentado a deter nisso seu pensamento.

Um rumor de passos lentos sobre a areia da alameda fez com que levantasse a cabeça. Um homem, cujos traços era difícil distinguir, na escuridão, aproximou-se do banco e sentou-se a seu lado. O príncipe inclinou-se para ele, quase tocando-o, e reconheceu o rosto pálido de Rogójin.

— Já supunha que andarias vagando por aqui. Não demorei em encontrar-te — murmurou entre dentes Rogójin.

Era a primeira vez que se reviam desde seu encontro no corredor

do hotel. O príncipe ficou tão desconcertado com o aparecimento inesperado de Rogójin que lhe foi preciso algum tempo para poder coordenar seus pensamentos; uma sensação pungente avivou-se em seu coração. Rogójin deu-se visivelmente conta da impressão que produzira; se bem que no primeiro momento tivesse parecido perturbado, exprimiu-se com uma facilidade que tinha certo afetamento, todavia o príncipe não tardou em observar que havia nele menos afetação do que perturbação, se certo constrangimento transparecia em seus gestos e em sua conversa, era simples aparência; no fundo da alma, aquele homem não podia mudar.

— Como me descobriste… aqui? — perguntou Míchkin, para dizer alguma coisa.

— Foi Keller quem me informou (passei em tua casa), dizendo me: “ele foi ao parque”. Bem, pensei: acertei!

— Que queres insinuar com este: “acertei”? — perguntou o príncipe, com inquietação.

Rogójin sorriu, com um ar dissimulado, mas esquivou-se a uma explicação.

— Recebi tua carta, Liev Nikoláievitch. É inútil dares-te tanto trabalho… em pura perda! Agora, é da parte dela que venho procurar-te, quer absolutamente que a vás ver; tem algo de urgente a dizer-te. Espera-te hoje mesmo.

— Irei amanhã. Volto imediatamente para casa; queres vir… até lá?

— Para fazer o quê? Disse-te tudo. Adeus.

— Então não queres ir? — perguntou brandamente o príncipe.

— És um homem estranho, Liev Nikoláievitch; a gente não pode deixar de achar-te surpreendente.

E Rogójin sorriu com sarcasmo.

— Por que isto? Donde te vem agora essa animosidade contra

mim? — replicou o príncipe com calor, mas não sem tristeza. — Vês tu mesmo agora que todas as tuas conjeturas careciam de fundamento! Aliás, duvidava bem de que teu ódio contra mim não se desarmara e sabes por que? Porque atentaste contra minha vida; eis a razão pela qual tua aversão persiste. Pois eu te digo que só me recordo de um Parfien Rogójin: aquele com o qual fraternizei naquele dia trocando nossas cruzes. Escrevi-te isto na minha carta de ontem para que esqueças até mesmo aquele momento de delírio e não me tornes a falar dele absolutamente. Por que te afastas de mim? Por que ocultas tua mão? Repito-te que, para mim, a cena de outrora não foi senão um momento de delírio. Leio agora em ti tudo quanto se passou naquele dia, como o leria em mim mesmo. Aquilo que imaginaste não existia e não podia existir. Então por que haveria inimizade entre nós?

— Mas tu és capaz de ter inimizade? — tornou a rir, sarcástico, Rogójin, em resposta às palavras calorosas e espontâneas do príncipe. (Mantinha-se com efeito a dois passos dele e dissimulava suas mãos.)

— É para mim doravante totalmente impossível frequentar tua casa, Liev Nikoláievitch — acrescentou ele, à guisa de conclusão, num tom lento e sentencioso.

— Diz-me: é tão grande assim o teu ódio?

— Não te amo, Liev Nikoláievitch. Por que então haveria de frequentar tua casa? Ora, príncipe, tens tudo duma criança: quando ela quer um brinquedo, precisa dele imediatamente, mas nada

compreende do mesmo. Tudo quanto me dizes, escreveste-o tal e qual em tua carta. Mas será que não tenho fé em ti? Creio em cada uma de tuas palavras, sei que jamais me enganaste e que não me enganarás. E apesar disso, não gosto de ti. Escreves-me que te esqueceste de tudo, que te lembras do Rogójin com o qual trocaste tua cruz, e não do Rogójin que brandiu uma faca contra ti. Mas donde conheces meus sentimentos? (Soltou de novo uma risada sarcástica.) Talvez desde aquele dia não me tenha arrependido uma vez sequer de meu ato, ao passo que tu, príncipe, tu já me enviaste teu perdão fraternal. Talvez que na noite. daquela cena, tenha eu pensado em coisa totalmente diversa, é que aquilo…

— Esqueceste aquilo — completou o príncipe. — É isso que eu penso! Aposto que foste imediatamente tomar o trem para Pávlovsk, que vieste para o coreto e a seguiste e espionaste no meio da multidão, como fizeste hoje. Crês ter-me causado surpresa? Mas se não tivesses estado então numa disposição de espírito que não te permitia pensar senão numa coisa, não terias talvez podido erguer a faca contra mim… Tive o pressentimento de teu ato desde a manhã, vendo-te o rosto; com que jeito estavas? Foi sem dúvida no momento em que trocávamos nossas cruzes que esta ideia começou a trabalhar dentro de mim. Por que me conduziste naquele momento junto de tua velha mãe? Esperavas assim deter teu braço? Mas não, não podes ter pensado nisso; como eu, não tiveste senão um sentimento… Tivemos ambos o mesmo sentimento. Se não tivesses erguido o braço contra mim (foi Deus que o desviou!), como sustentaria eu hoje o teu olhar? Tinha eu essa suspeita bem cravada ao meu espírito: em resumo, pecamos ambos por desconfiança (não franzas a testa! Vamos, por que ris?). “Não me arrependi”, dizes. Mas terias querido arrepender-te e, no entanto, talvez não tivesses sido capaz disso, tanto mais que não gostas de mim. Mesmo que eu fosse, em relação a ti, inocente como um anjo, não poderias suportar-me e assim será enquanto acreditares. que não é a ti que ela ama, mas a mim. Isto não passa de ciúme. Mas eis a ideia em que estive refletindo esta semana e que desejo, Parfien, que fiques conhecendo: sabes que ela te ama agora mais que não importa quem, e seu amor é tanto que quanto mais te faz ela sofrer, mais te ama? Ela jamais te dirá isto, mas é preciso saber compreendê-la. Porque, apesar de tudo, quer, afinal, ela casar-se contigo? Ela

mesma vai te revelar um dia. Há mulheres que querem ser amadas assim e é justamente este o caso dela. Teu caráter e teu amor devem fasciná-la! Sabes bem que uma mulher é capaz de torturar cruelmente um homem, de torná-lo ridículo, sem sentir o menor remorso de consciência. Porque, cada vez que ela te olha; diz a si mesma: “agora vou fazer com que sofra mil mortes; mas depois meu amor o recompensará…”

Rogójin, que havia escutado o príncipe até o fim, desatou a rir.

— Diz-me, então, príncipe, não caíste também tu mesmo nas mãos de uma mulher da mesma espécie? O que ouvi contar a teu respeito seria verdade?

Míchkin sentiu um estremecimento brusco.

— Como? Que pudeste ouvir dizer? — perguntou ele. Parou, presa duma extrema perturbação.

Rogójin continuava a rir. Escutara o príncipe com certa curiosidade, talvez mesmo com certo prazer: o bom humor e o caloroso ímpeto de seu interlocutor causavam-lhe viva impressão e reconfortavam-no…

— Não somente ouvi dizer; fiquei convencido, vendo, que é verdade — acrescentou ele. — Vejamos: alguma vez falaste como acabas de fazer? É para dizer que outro homem fala pela tua, boca. Se eu não tivesse ouvido coisa semelhante a teu respeito, não teria vindo aqui procurar-te até no parque e à meia noite.

— Não te compreendo absolutamente, Parfien Siemiônovitch.

— Há muito tempo que ela me deu explicações teu respeito e essas explicações pude verificá-las ainda há pouco vendo a pessoa ao lado da qual estavas sentado ouvindo música. Ontem e hoje jurou-me ela que estavas perdidamente apaixonado por Aglaia Iepántchina. Isto me é indiferente, príncipe; não me interessa; se tu não mais a amas, ela não cessou de amar-te. Sabes bem que ela quer a todo preço casar-te com a outra? Jurou-o a si mesma, eh! eh! eh! Disse-me: “Para casar contigo é preciso que se cumpra uma condição; no dia em que eles

forem para a igreja, nós iremos também". É uma coisa que é e sempre foi incompreensível para mim: ou ela te ama perdidamente ou… Mas se ela te ama, como pode querer casar-te com uma outra? Disse ainda: "Quero vê-lo feliz". Portanto, ela te ama.

— Disse-te e escrevi que ela… não estava em seu juízo — disse o príncipe que escutara Rogójin com doloroso sentimento.

— Deus o sabe! Talvez te enganes nisto aliás, hoje, quando à trouxe do coreto; marcou ela o dia: "Vamos nos casar com toda certeza dentro de três semanas e talvez antes", disse. Jurou sobre o ícone; que beijou. De modo que o caso depende agora de ti, príncipe; eh! eh! eh!

— Tudo isto não passa de delírio! O que me predizes não acontecerá nunca, nunca! Amanhã irei ver vocês.

— Como podes dizer que ela está louca? — observou Rogójin. — Por que estaria sã de espírito para todos e louca exclusivamente para ti? Como lhe seria possível escrever as cartas que escreve ela? Se estivesse louca, bastaria a leitura dessas cartas para que se percebesse seu estado.

— Que cartas? — perguntou Míchkin, com espanto.

— As que escreveu à outra, que as leu. Não o sabes? Então ficarás sabendo: ela própria te mostrará, essas cartas.

— É impossível acreditar nisto — exclamou o príncipe.

— Oh! vejo bem, Liev Nikoláievitch, que não passaste do começo. Paciência; haverás de ter tua polícia particular, montarás tu mesmo guarda dia e noite, conhecerás cada passo que soar, se somente…

— Acabemos com isto e não quero ouvi-lo nunca, mais! — exclamou Míchkin. — Escuta-me, Parfien: um momento antes de tua chegada, passeava eu por aqui; de repente pus-me a rir, sem saber por que. Acabava de me lembrar de que amanhã é justamente o dia de meu aniversário de nascimento. Falta pouco para meia noite. Vem esperar comigo a aurora desse dia. Tenho vinho; vamos bebê-lo; tu me

desejarás aquilo que eu não consigo desejar a mim mesmo neste momento; é preciso que parta de ti esse desejo; eu farei votos pela tua felicidade perfeita. Se não queres, devolve-me minha cruz! Não me devolveste essa cruz no dia seguinte. Ela está contigo? Ainda a trazes contigo agora?

— Sim, trago-a comigo — respondeu Rogójin.

— Então partamos. Não quero, sem ti, sair ao encontro de uma nova vida, porque para mim foi uma nova vida que começou! Não sabes, Parfien, que minha nova vida começou hoje?

— Agora vejo e sei por mim mesmo que ela começou. Vou comunicar isto a *ela*. Não estás em teu estado normal, Liev Nikoláievitch.

## Capítulo IV

Foi com vivo espanto que, ao aproximar-se da sua casa de campo, em companhia de Rogójin, viu o príncipe o terraço brilhantemente iluminado e ocupado por numerosa e barulhenta companhia. As pessoas ali reunidas mostravam-se cheias de entusiasmo, riam estrondosamente e vociferavam; pareciam discutir em altos gritos; ao primeiro olhar podia-se perceber que o tempo passava ali alegremente. E, com efeito, quando subiu ao terraço, encontrou Míchkin toda aquela gente a beber e ainda por cima, champanhe. Aquela festinha devia estar durando já um bom momento porque muitos dos presentes tinham tido oportunidade de pôr-se na mais alegre posição de ânimo. Eram todos conhecidos do príncipe mas o que era estranho era vê-los reunidos ali, como se tivessem sido convidados quando não havia ele feito convite nenhum e que era por mero acaso que acabava de lembrar-se do dia de seu aniversário.

— Deves ter dito a alguém que oferecerias champanhe; então acorreram — murmurou Rogójin, acompanhando o príncipe ao terraço. — Conhecemos isto; basta associar-lhes… — acrescentou num tom mordaz. sem dúvida evocando mentalmente um passado pouco remoto.

O bando inteirinho cercou o príncipe depois de havê-lo acolhido com gritos e felicitações. Alguns convivas mostravam-se por demais barulhentos, outros muito mais calmos; mas desde que se soube que se tratava do aniversário dele, todos se aproximaram um por um. apressando-se em dar-lhe os parabéns. A presença de certas pessoas, por exemplo, de Burdóvski, intrigou o príncipe; mas o que mais o espantou foi encontrar Ievguéni Pávlovitch em semelhante companhia; não queria dar crédito a seus olhos e ficou quase assombrado ao reconhecê-lo.

Nisto Liébiediev, muito vermelho e quase em estado de exaltação. acorreu para dar explicações; estava bastante tocado. Expôs com volubilidade que toda aquela gente se reunira da maneira mais natural

do mundo e até mesmo por acaso. O primeiro de todos fora Ipolit, que chegara à noite; sentindo-se muito melhor e querendo esperar no terraço a chegada do príncipe, deitara-se num divã. Depois viera Liébiediev reunir-se a ele, seguido em breve de toda a sua família, ou, para melhor dizer, de suas filhas e do General Ívolguin. Burdóvski chegara com Ipolit, a quem fazia companhia. Gânia e Ptítsin, passando perto da casa de campo, tinham entrado, ao que parece, havia pouco (sua chegada coincidira com o incidente na estação); depois Keller aparecera, anunciando que era o aniversário do príncipe e reclamando champanhe. Ievguéni Pávlovitch estava lá havia uma meia hora. Kólia insistira com todo o vigor para que se servisse champanhe e se organizasse uma festa. Liébiediev apressara-se em trazer vinho.

— Mas é meu vinho. meu vinho? — ele balbuciou, dirigindo-se a Míchkin. — Sou eu que faço as despesas, a fim de festejá-lo e felicitá-lo, e haverá também um pequeno banquete, de frios; minha filha está tratando disso. Ah! príncipe, se soubesse o senhor qual o assunto que estamos discutindo! Lembra-se, daquela frase do *Hamlet*: "ser ou não ser"? Eis um tema moderno, bem-moderno! Perguntas e respostas… E o Senhor Tieriêntiev acha-se no cúmulo da animação… não quer ir dormir! Aliás, só bebeu um gole de champanhe, um gole só, isto não lhe pode fazer mal… Aproxime-se, príncipe; e decida o debate! Todos o esperavam, todos contavam com sua finura de espírito…

O príncipe notou o olhar doce e acariciante de Viera Liébiedieva que também abria vivamente passagem para chegar até ele. Foi a primeira a quem estendeu ele a mão; ela corou de prazer e desejou-lhe "uma vida feliz a partir daquele dia". E imediatamente correu para a cozinha onde estava a preparar as comidas. Mas. mesmo antes da chegada do príncipe, desde que pudera livrar-se por um instante de sua tarefa, aparecera no terraço para ouvir atentamente as discussões apaixonadas e sem fim que os convivas, animados pelo vinho, consagravam às questões mais abstratas e mais estranhas para a moça. Sua irmã mais moça dormia de boca aberta no quarto ao lado, sentada em cima de uma arca. Quanto ao menino de Liébiediev, estava ali ao lado de Kólia e de Ipolit; pela expressão arrebatada de seu rosto adivinhava-se que ficaria bem ali sem mudar de lugar ainda umas dez horas seguidas, gozando a conversa.

— Eu o esperava de modo especial e sinto-me encantado por vê-lo chegar tão feliz — disse Ipolit, quando o príncipe lhe tomou a mão, logo depois de haver apertado a de Viera.

— E como sabe que me sinto “tão feliz”?

— Vê-se isso no seu rosto. Cumprimente esses senhores e trate logo de vir sentar-se aqui, junto de nós. Eu o esperava de modo especial — repetiu ele, apoiando significativamente esta última frase.

O príncipe lhe perguntou se não era perigoso para sua saúde estar acordado, até tão tarde. Respondeu que ele próprio estava admirado de nunca ter-se sentido tão melhor quanto naquela noite, quando três dias antes estivera à morte.

Burdóvski levantou-se bruscamente e murmurou que viera “assim mesmo”, para “acompanhar” Ipolit; também se sentia encantado; na sua carta “escrevera besteiras”, mas estava agora “simplesmente encantado”… Não terminou sua frase, apertou com vigor a mão do príncipe e tornou a sentar-se.

Depois que cumprimentou a todos, Míchkin aproximou-se de Ievguéni Pávlovitch. Este logo o pegou pelo braço:

— Tenho apenas duas palavras a dizer-lhe — disse, à meia voz. — Trata-se de um acontecimento muito importante; isolemo-nos um minuto.

— Duas palavras — cochichou uma segunda voz no outro ouvido de Míchkin, enquanto que outra mão lhe segurava o braço livre. Teve o príncipe a surpresa de ver um rosto desgrenhado, vermelho, jovial e picante, que reconheceu logo ser o de Fierdíchtchenko. Este surgira não se sabia de onde.

— Lembra-se de Fierdíchtchenko? — perguntou ele.

— Donde saiu o senhor? — perguntou Míchkin.

— Está arrependido! — exclamou Keller, que se aproximara precipitadamente. — Tinha-se escondido, não queria aparecer ao senhor. Ocultava-se lá em baixo, num canto. Está arrependido,

príncipe, sente-se culpado.

— Mas de que, de que então?

— Fui eu que o encontrei, príncipe, trouxe-o logo; é um dos meus melhores amigos, mas está arrependido.

— Encantado, senhores; vão tomar lugar com o resto dos convivas, volto imediatamente — disse afinal o príncipe, para se ver livre deles; tinha pressa em ouvir Ievguéni Pávlovitch.

— A gente se distrai em sua casa — observou este último, — e passei a esperá-lo uma agradável meia hora. Eis do que se trata, meu caro Liev Nikoláievitch; arranjei tudo com Kúrmichev e vim cá tranquilizá-lo; não precisa inquietar-se; aceitou a coisa com muito bom senso, muito bom senso mesmo; tanto mais quanto, na minha opinião, era ele quem não tinha razão.

— Que Kúrmichev?

— Ora, mas… aquele oficial a quem o senhor agarrou há pouco pelo braço… Estava tão furioso que queria enviar-lhe amanhã suas testemunhas para exigir-lhe reparação.

— Basta, que disparate!

— Evidentemente, é um disparate e acabaria decerto por um disparate; mas há entre nós gente assim…

— O senhor veio talvez ainda com uma outra intenção, Ievguéni Pávlovitch.

— Oh! naturalmente! Tinha ainda outra intenção — replicou ele rindo. — Amanhã, meu caro príncipe, ao romper do dia, parto para Petersburgo por causa daquela desgraçada história (o caso de meu tio, lembra-se?). Imagine que tudo aquilo é exato e que toda a gente o sabia, menos eu. Fiquei de tal modo transtornado que nem mesmo tive tempo de ir lá (à casa dos Iepántchini); não poderei ir, tampouco amanhã, pois estarei em Petersburgo, compreende? Talvez não regresse nestes três dias; em resumo, meus negócios vão mal. Sem exagerar a importância do acontecimento, pensei ainda assim que

devia explicar-me com o senhor, com toda a sinceridade, sem adiar por mais tempo, isto é, antes de minha partida. Agora, se o permitir, ficarei aqui e esperarei que a reunião se dissolva; não tenho, aliás, outra coisa a fazer, estou tão agitado que não conseguiria dormir. Enfim, se bem que haja impudência e incorreção em apegar-se assim a um homem, quero dizer francamente que vim solicitar sua amizade, meu caríssimo príncipe. O senhor é um homem sem igual, no sentido de que não mente em nenhum instante e que, talvez, mesmo, nunca minta. Ora, há um negócio para o qual tenho necessidade de um amigo e de um conselheiro, porque agora me encontro positivamente no número das criaturas infelizes…

Pôs-se de novo a rir.

— Há apenas um inconveniente — disse Míchkin, após um minuto de reflexão. — O senhor quer esperar a partida deles, mas só Deus sabe quando isso se dará! Não seria preferível que fôssemos agora ao parque? Francamente, eles podem muito bem esperar-me. Pedirei desculpas.

— Não, não, tenho minhas razões para não querer que se suspeite que estamos procurando ter uma conversa extraordinária. Há aqui pessoas que estão muito intrigadas com as nossas relações, não sabe disso, príncipe? Vale muito mais a pena que se verifique que entretemos as melhores relações na vida corrente e não somente em circunstâncias excepcionais, compreende? Eles se retirarão dentro de umas duas horas, mais ou menos. Eu lhe tomarei cerca de vinte minutos, uma meia hora quando muito.

— Pois não! Com muito gosto! Estou muito contente; não eram precisas essas explicações. Faço questão além disso de agradecer-lhe vivamente suas cordiais palavras a respeito de nossas relações de amizade. Desculpe-me se estou um tanto distraído hoje. Sabe que me é absolutamente impossível dar provas de atenção neste, momento?

— Estou vendo, estou vendo — murmurou Ievguéni Pávlovitch com um leve sorriso. Achava-se naquela noite de um humor muito alegre.

— Que é que o senhor vê? — perguntou Míchkin, estremecendo.

— Não suspeita então, meu caro príncipe, — prosseguiu Ievguéni Pávlovitch, continuando a sorrir e sem responder diretamente à pergunta, — não suspeita então que minha visita não possa ter outro fim senão cercá-lo e arrancar do senhor, sem ter ar disso, algumas informações?

— Que o senhor tenha vindo para me obrigar a falar, isto não tem dúvida — disse o príncipe, pondo-se igualmente a rir. — Talvez mesmo haja prometido a si mesmo abusar um pouco de minha candura. Mas para falar a verdade, não o temo; além disso, neste momento tudo isso me é indiferente, acredita-o? E depois… como estou antes de tudo convencido de que o senhor é um excelente homem, acabaremos sempre, afinal de contas, por tornar-nos amigos. O senhor muito me agradou, Ievguéni Pávlovitch. O senhor é… na minha opinião, um homem muito, muito de bem!

— Bem, em todo caso, é bastante agradável ter relações com o senhor, por qualquer motivo que seja — concluiu Ievguéni Pávlovitch. — Beberei uma taça à sua saúde. Estou encantado por tê-lo encontrado. — Ah! exclamou, de repente, interrompendo-se —, aquele Senhor Ipolit instalou-se em sua casa?

— Sim.

— Não vai morrer agora logo, penso?

— Por que essa pergunta?

— Por coisa nenhuma; passei meia hora em companhia dele…

Durante toda esta conversa à parte, Ipolit, que esperava o príncipe, não afastara os olhos nem deste último, nem de Ievguéni Pávlovitch. Animou-se febrilmente, quando eles voltaram à mesa. Estava inquieto e superexcitado; o suor perolava-lhe a testa. Seus olhos cintilantes e esgazeados exprimiam um alarme incessante, uma impaciência mal definida. Seu olhar ia dum objeto a outro, duma pessoa a outra, sem se fixar em parte alguma. Se bem que tivesse tomado até então parte ativa na barulhenta conversa que prosseguia em torno de si, seu entusiasmo era puramente febril; no íntimo, não participava daquela conversação; sua maneira de raciocinar era

incoerente e exprimia-se num tom zombeteiro, negligente e paradoxal. Não terminava suas frases e parava bem no meio duma discussão que ele próprio travara com calor um minuto antes. O príncipe soube com surpresa e pesar que lhe haviam permitido beber naquela noite duas taças de champanhe; a taça que já começara a beber, era a terceira. Mas só soube disto mais tarde; no momento não se achava em condições de observar o que quer que fosse.

— Sabe que estou encantado pelo fato de ser hoje justamente o dia de seu aniversário? — exclamou Ipolit.

— Por quê?

— Vai ver; ponha-se depressa à mesa. Em primeiro lugar, por esta razão de estar… todo o seu mundo aqui bem completo. Acertei ao pensar que viria muita gente; pela primeira vez em minha vida meu cálculo deu certo! Que pena que não tenha sabido antes o dia de seu nascimento! Teria trazido meu presente… ah! ah! ah! Mas quem sabe? Talvez o tenha em meu bolso. Falta ainda muito tempo para o dia amanhecer?

— Faltam quando muito umas duas horas até o aurora — Ptítsin falou, depois de ter consultado seu relógio.

— Mas que importa a aurora, pois se pode passar bem sem ela neste momento para ler lá fora? — observou alguém

— É que desejo ver ainda um bocadinho de sol. Pode-se beber à saúde do sol, príncipe? Que pensa o senhor?

Ipolit fazia tais perguntas num tom duro, dirigindo-se a todos bruscamente, como se desse ordens; mas ele próprio não parecia perceber isso.

— Pois seja, bebamos. Somente, você faria bem se se acalmasse, Ipolit. Não é mesmo?

— O senhor está sempre me mandando dormir, príncipe, é uma espécie de ama de menino para mim. Depois que o sol aparecer e começar a “ressoar no céu” (de quem é este verso: “o sol ressoou no

céu”? Não tem sentido, mas, é bonito!), iremos nos deitar então, Liébiedev! O sol é a fonte da vida? Que querem dizer estas palavras “fontes de vida” no *Apocalipse*? Ouviu falar da “Estrela do Absinto”, príncipe?

— Disseram-me que Liébiediev reconhece nessa “Estrela do Absinto” a rede europeia das ferrovias.

— Ah! não, com licença, isto não é possível! — exclamou Liébiediev, sobressaltando-se e agitando os braços, como se quisesse refrear o riso geral, que se desencadeava. — Com licença! Com estes senhores… com todos estes senhores — disse ele, voltando-se bruscamente para o príncipe, — há questões a respeito das quais… eis o que é…

E, sem cerimônia, descarregou dois pequenos murros secos sobre a mesa, o que fez a assistência redobrar a hilaridade.

Liébiediev achava-se no mesmo estado de todas as noites, mas desta vez havia-se aquecido e exaltado mais que de costume por causa da longa discussão “científica” anterior; em semelhantes casos ostentava um desprezo sem limites pelos seus contraditores.

— Isto não está direito, senhores! Tínhamos convencionado, há uma meia hora, que não interromperíamos, nem riríamos enquanto um de nós falasse, deixando a cada qual completa liberdade de exprimir todo o seu pensamento; e liberdade também aos ateus em seguida para anunciarem eles próprios suas objeções se fizessem questão disso. Demos ao general a presidência dos debates. Que procedimento é esse então? Seria possível desse modo perturbar quem quer que expusesse as ideias mais elevadas, mais profundas!

— Pois então fale, fale pois! Ninguém o impedirá! — exclamaram várias vozes.

— Fale, mas não divague!

— Que é que é essa “Estrela do Absinto”? — perguntou alguém.

— Não tenho a menor ideia! — respondeu o general, que havia

retomado, com ar importante, seu lugar de presidente.

— Adoro essas questões e essas querelas, príncipe, quando tem um objetivo científico, bem entendido — balbuciou então Keller, remexendo-se em sua cadeira, com um ar de verdadeiro êxtase e de impaciência. — Um objetivo científico e político — acrescentou, voltando-se de repente para Ievguéni Pávlovitch que estava sentado ao lado dele. — Veja só, acho apaixonante ler nos jornais os resumos dos debates no Parlamento inglês. Entendamo-nos; não é o fundo desses debates que me encanta (não sou político, o senhor bem sabe), mas a maneira pela qual os oradores se tratam mutuamente e se comportam, por assim dizer, no seu papel de políticos: "o nobre visconde que se assenta diante de mim", "o nobre conde que partilha de meu ponto de vista", "meu nobre contraditor cuja proposta assombrou a Europa"; todas essas pequenas locuções, todo esse parlamentarismo de um povo livre, eis o que me encanta! Deleito-me com isso, príncipe. No íntimo da alma sempre fui um artista, juro-lhe, Ievguéni Pávlovitch!

— Então, conclui o senhor que as estradas de ferro são amaldiçoadas? — exclamou de seu canto Gânia, num tom agressivo. — Seriam a perdição da humanidade, o veneno caído sobre a terra para corromper "as fontes de vida"?

Gavrila Ardaliónovitch achava-se, naquela noite num estado excepcional de nervosismo, do qual espontava, segundo a impressão do príncipe, uma espécie de júbilo. Era evidente que sua pergunta não passava de uma brincadeira para provocar Liébiediev, mas ele próprio não tardou a acalorar-se.

— Não, as estradas de ferro, não! — replicou Liébiediev, que se sentia ao mesmo tempo fora de si mesmo e embriagado de prazer. — Por si mesmas as estradas de ferro não podem corromper as fontes de vida. O que é maldito, é o conjunto; é, em suas tendências, todo o espírito científico e prático de nossos últimos séculos. Sim, pode muito bem acontecer que tudo isso seja efetivamente maldito!

— A maldição é certa ou somente possível? É aqui muito importante saber em que ficamos — indagou Ievguéni Pávlovitch.

— A maldição é certa, tudo quanto há de mais certo! —

confirmou Liébiediev, com veemência.

— Não se entusiasme, Liébiediev. De manhã, você se mostra mais bem disposto — observou Ptítsin, sorrindo.

— Sim, mas à noite sou mais franco. À noite, sou mais cordial, mais sincero! — replicou com calor Liébiediev, voltando-se para ele. — Sou mais simples, mais preciso, mais honesto, mais respeitável. Com isso ofereço sem dúvida flanco a vossas críticas, senhores, mas pouco me importo. Lanço-vos agora um desafio a todos, ateus que sois: como salvareis o mundo? Que caminho normal lhe abristes para a salvação, vós, cientistas, industriais, defensores do sindicato, do salariado e de tudo mais? Por meio de que salvareis o mundo? Pelo crédito? Que é o crédito? A que vos levará?

— O senhor é bastante curioso! — observou Ievguéni Pávlovitch.

— E na minha opinião, aquele que não se interessa por estas questões não passa de um ocioso gozador do grande mundo! Sim, senhor!

— O crédito levará pelo menos à solidariedade geral, ao equilíbrio dos interesses — observou Ptítsin.

— Mas a nada mais! Não tendes outro fundamento moral senão a satisfação do egoísmo individual e das necessidades materiais. A paz universal, a felicidade coletiva resultando da necessidade! Permiti-me que vos pergunte: é bem assim que devo compreender, meu caro senhor?

— Mas a necessidade comum a todos os homens de viver, de beber e de comer, unida à convicção absoluta e científica de que essas necessidades não podem ser satisfeitas senão pela associação universal e pela solidariedade dos interesses, eis o que me parece uma concepção bastante poderosa para servir de ponto de apoio e de “fonte de vida” à humanidade dos séculos por vir — observou Gânia que começava a exaltar-se seriamente.

— A necessidade de beber e de comer, isto é, o instinto de conservação apenas…

— Mas já não é muito esse instinto? É a lei moral da humanidade…

— Quem lhe disse isso? — exclamou bruscamente Ievguéni Pávlovitch. — É uma lei, é verdade, mas nem mais nem menos normal que a lei de destruição, isto é, de autodestruição. Será que a conservação constitui a única lei normal da humanidade?

— Ah! ah! ah! — exclamou Ipolit, voltando-se vivamente para o lado de Ievguéni Pávlovitch.

Examinou-o com intensa curiosidade, mas, tendo percebido que ele ria, pôs-se a rir também; depois, dando uma cotovelada em Kólia que estava sentado a seu lado, perguntou-lhe as horas; ele mesmo tirou o relógio de prata do rapaz e olhou avidamente os ponteiros. Afinal, como se já se tivesse esquecido de tudo, estendeu-se no divã, pôs as mãos por trás da cabeça e ficou a fitar o teto. Mas meio minuto depois, estava de novo sentado à mesa, de busto erguido e escutando a verborreia de Liébiediev, que estava no paroxismo da exaltação.

— Eis uma ideia astuciosa e irônica, uma ideia provocante! — disse este último, lançando-se com avidez ao paradoxo de Ievguéni Pávlovitch. — Mas essa ideia é justa, se bem que só a tenha o senhor lançado para atiçar a controvérsia. Cético, como é, na sua qualidade de homem da sociedade e de oficial de cavalaria (aliás bastante dotado), não se dá conta o senhor mesmo de toda a profundeza e de toda a justeza dessa ideia! Sim, meu senhor! A lei da autodestruição e a lei da autoconservação têm no mundo potência igual. O diabo continuará a servir-se tanto de uma como da outra para dominar a humanidade durante um tempo cujo limite nos é desconhecido. Ri? Não acredita no diabo? A negação do diabo é uma ideia francesa; uma ideia frívola. Sabe quem é o diabo? Conhece seu nome? E, ignorando até mesmo seu nome, o senhor zomba de sua forma a exemplo de Voltaire; ri de seu pés caprinos, de sua cauda e de seus chifres que são invenção dos senhores mesmos, porque o espírito impuro é um espírito grande terrível, que nada tem a ver com os pés caprinos e os chifres que os senhores lhe atribuíram. Mas não é dele que se trata no momento…

— Que sabe o senhor disso? — exclamou de repente Ipolit, explodindo numa gargalhada convulsiva.

— Eis uma reflexão judiciosa e sugestiva, — aprovou Liébiediev. — Mas, repito-o, não se trata disso. A questão era saber, se as “fontes de vida” não se enfraqueceram em virtude do desenvolvimento…

— Das estradas de ferro? — perguntou Kólia.

— Não das estradas de ferro, jovem e impetuosa criatura, mas da tendência a que as estradas de ferro podem servir, por assim dizer, de imagem e de figuração plástica. Correr, vibrar, locomover-se ruidosamente, segundo dizem, pelo bem da humanidade! Um pensador isolado do mundo deplora essa trepidação: “A humanidade está-se tornando demasiado barulhenta e demasiado industrial, à custa de sua paz de espírito”. “Pois seja; mas o barulho dos vagões que levam o pão para os homens famintos vale talvez mais que a paz de espírito”, replica triunfalmente outro pensador que anda por toda parte e se afasta do outro com desdém. E eu, o abjeto Liébiediev, não creio nos vagões que transportam o pão para a humanidade! Porque, se uma ideia moral não os dirige, esses vagões podem friamente excluir do direito ao pão que transporta boa parte do gênero humano. Já se tem visto isto.

— São os vagões que podem friamente excluir…? — objetou alguém.

— Já se tem visto isto — repetiu, Liébiediev, sem se dignar prestar atenção à pergunta: — Malthus era um filantropo. Mas, com uma base moral vacilante, um filantropo não passa de um canibal. E nada digo de sua vaidade, porque se os senhores ferem o orgulho de não importa qual desses inúmeros amigos da humanidade, ele estará pronto a pôr fogo aos quatro cantos do globo para satisfazer seu mesquinho rancor. Aliás, para ser imparcial preciso acrescentar que somos todos assim, a começar por mim, o mais abjeto de todos; eu seria talvez o primeiro a levar combustível e a pôr-me a salvo em seguida. Mas não se trata tampouco agora disso!

— De que se trata pois, afinal?

— Ele nos aborrece!

— Trata-se da anedota seguinte que remonta aos séculos passados, porque estou na obrigação de falar-lhes dum tempo distante. Na nossa época, na nossa pátria que os senhores amam, espero, como eu a amo, senhores, porque, no que me diz respeito, estou pronto a derramar por ela até a derradeira gota de meu sangue…

— Aos fatos! Aos fatos!

— Na nossa pátria, como na Europa, terríveis fomes gerais afligem a humanidade, até onde se possa calculá-las e alcance minha memória, uma vez pelo menos em cada quarto de século, ou, em outras palavras, a cada vinte e cinco anos. Não discuto da exatidão do número, mas o fato é que as fomes são relativamente raras.

— Relativamente a quê?

— Ao século XII e aos séculos que o precederam e seguiram. Porque, naquela época, segundo o testemunho dos autores, as fomes gerais abatiam-se sobre a humanidade todos os dois ou, pelo menos todos os três anos, se bem que, em semelhantes circunstâncias, recorresse o homem à antropofagia, mas às ocultas. Um desses antropófagos de então, ao aproximar-se da velhice, declarou espontaneamente e sem nenhum constrangimento que, no curso de sua longa e miserável existência, havia, ele próprio, matado e comido, no mais profundo segredo, sessenta monges e algumas crianças, seis quando muito, número ínfimo em relação à quantidade de religiosos consumidos. Quanto aos leigos adultos, parece que jamais os provara.

— Isto não é possível — exclamou, num tom meio ofendido o próprio presidente, o general. — Costumo discutir com ele muitas vezes, senhores, sempre a respeito de questões dessa espécie, mas na maior parte do tempo ele vem com histórias tão absurdas de fazer doerem os ouvidos, sem nem um tico de veracidade!

— General, lembre-se do cerco de Kars! E os senhores fiquem sabendo que minha anedota é a pura verdade. Acrescentarei pela minha parte, que a realidade, se bem que submetida a leis imutáveis, é quase sempre incrível e inverossímil. Por vezes mesmo, quanto mais

um acontecimento é real, tanto menos é verossímil.

— Mas será acaso possível comer assim sessenta monges? — perguntaram, rindo, os ouvintes.

— É claro que não os comeu ele duma vez; levou talvez quinze ou vinte anos. Nestas condições a coisa é perfeitamente compreensível e natural…

— E natural?

— Sim, natural! — replicou Liébiediev, com uma obstinação de pedante. — Aliás, o monge católico é, de seu natural, comunicativo e curioso; nada mais fácil do que atraí-lo para um bosque ou qualquer lugar afastado e ali fazê-lo sofrer a sorte descrita há pouco. Todavia, não contesto que o número das pessoas comidas seja excessivo e traia mesmo uma tendência à intemperança.

— Talvez seja verdade, senhores — observou, de repente, o príncipe.

Tinha até então mantido silêncio e acompanhado a discussão sem intervir. Rira cordialmente por várias vezes nos momentos de hilaridade geral. Via-se que estava encantado por se sentir cercado de toda aquela alegria, de todo aquele barulho e até mesmo por verificar que se bebia com o mesmo entusiasmo. Teria podido não abrir a boca durante todo aquele serão. Mas veio-lhe subitamente a ideia de dar sua opinião, e o fez com tanta gravidade que todos os convivas voltaram para ele um olhar cheio de curiosidade.

— Quero precisar um ponto, senhores: a frequência das fomes no passado. Se bem que conheça mal a história, ouvi eu mesmo falar delas também. Mas parece que não podia ser de outro modo. Por ocasião de minha estada nas montanhas suíças, admirei bastante as ruínas de velhos castelos feudais, empoleirados nos flancos de montanha, sobre rochedos abruptos e uma altura de pelo menos uma meia versta (isto é, de várias verstas seguindo-se as veredas). Sabe-se o que é um castelo; um verdadeiro maciço de pedras. Isto representa um trabalho tremendo, inimaginável, trabalho que, sem dúvida, foi executado por todas aquelas pobres criaturas que eram os servos. Estes

estavam, além do mais, obrigados a pagar toda espécie de taxas e a sustentar o clero. Como achariam eles tempo para sustentar a si mesmos e cultivar a terra? Eram então pouco numerosos para poder fazê-lo; a maior parte morria de fome e não tinha, na verdade mesmo, o que comer. Ocorreu-me por vezes perguntar a mim mesmo como não se extinguiram aquelas populações totalmente, como resistiram e puderam suportar tal existência. Afirmando que houve casos de antropofagia, e talvez em muito grande número, Liébiediev está falando certamente a verdade; somente não vejo a razão pela qual meteu os monges no caso, nem aonde quer chegar com isso.

— Quis decerto dizer que no século XII só se podia comer os monges, porque eram os únicos gordos — observou Gavrila Ardaliónovitch.

— Eis uma reflexão magnífica e perfeitamente justa — exclamou Liébiediev, — pois o nosso homem não havia tocado nos leigos! Nem um só leigo em vista de sessenta exemplares do clero. É uma verificação terrível, de alcance histórico e de valor estatístico; um desses fatos com a ajuda dos quais um homem inteligente reconstitui o passado, porque ele prova, com uma precisão aritmética, que o clero era então pelo menos sessenta vezes mais próspero e mais bem nutrido que todo o resto da humanidade. Talvez fosse mesmo sessenta vezes mais gordo.

— Que exagero, Liébiediev, que exagero! — exclamou-se entre os ouvintes com explosões de riso.

— Admito que a ideia tenha alcance histórico, mas aonde quer o senhor chegar? — replicou o príncipe. (Falava com tal seriedade, tal ausência de ironia ou de zombaria para com Liébiediev, de quem toda a assistência se ria, que do contraste entre seu tom e o dos outros se desprendia um involuntário efeito cômico; por um pouco ele também teria começado a rir, mas não cuidava disso.)

— O senhor não vê, príncipe, que se trata de um louco? — cochichou-lhe Ievguéni Pávlovitch. — Disseram-me ainda há pouco, aqui, que o gosto pela rabulice e pela retórica judiciária virou-lhe a cabeça e quer passar nos exames. Aguardo uma bela paródia!

— Estou-me encaminhando para uma conclusão sensacional — continuou Liébiediev, com voz tonante. — Mas analisemos, antes de tudo, a situação fisiológica e jurídica desse criminoso. Vemos que ele (chamemos-lhe, se quiserem, meu cliente), malgrado a completa impossibilidade de encontrar outra alimentação, manifesta, por diversas vezes, no curso de sua curiosa carreira, o propósito de se arrepender e de renunciar à carne monacal. Isto se destaca claramente dos fatos: dizem-nos que abocanhou cinco ou seis crianças. Comparativamente, a cifra é insignificante; mas, de um outro ponto de vista, tem sua eloquência. É evidente que meu cliente se vê assaltado por terríveis remorsos (porque ele é um homem religioso, um homem de consciência, como poderei prová-lo): desejoso de atenuar seu pecado, na medida do possível, substituiu, a título de ensaio, por seis vezes, o regime monacal pelo regime leigo. Que se trata, no caso, de ensaios, isto também está fora de contestação; porque, se não se tivesse ele proposto variar seu cardápio, a cifra de seis seria irrisória; por que seis em vez de trinta? (Calculo metade por metade de monges e leigos.) Mas se se trata de um ensaio unicamente inspirado pelo desespero e pelo terror diante do sacrilégio e da ofensa feita às gentes da igreja, então a cifra seis torna-se mais do que compreensível; seis tentativas para apaziguar seus remorsos de consciência eram mais que suficientes, visto como não podiam dar resultado satisfatório. Em primeiro lugar, na minha opinião, a criança é demasiado pequena, ou para melhor dizer, demasiado fraca. Meu cliente teria de, em certas ocasiões, ingerir três ou cinco vezes mais crianças que monges; diminuído qualitativamente seu pecado, viria, afinal de contas, a achar-se aumentado quantitativamente. Decerto, senhores, coloco-me, para assim raciocinar, no estado de alma de um criminoso do século XII. Eu, homem do século XIX, teria talvez raciocinado de outro modo; previno-os disso, de modo que não tenham os senhores nenhum motivo para zombar de mim; de sua parte, general, isto se torna totalmente inconveniente. Em segundo lugar, a criança constitui — é esta uma opinião toda pessoal — uma carne pouco nutritiva, talvez mesmo adocicada e insípida por demais, não sustentando aquele que a consome e não lhe deixando senão remorsos de consciência. Eis agora minha conclusão, senhores, minha peroração; ela lhes dará a solução de um dos maiores problemas de então e de hoje. O criminoso acabou por ir denunciar-se ao clero e entregar-se às autoridades. Perguntamos

nós que suplícios daquele tempo o esperavam, que roda, que fogueira, que fogos! Quem pois o obrigava a ir denunciar-se? Por que tendo-se simplesmente detido no número de sessenta, não haver guardado seu segredo até o derradeiro suspiro? Por que não se ter limitado a renunciar aos monges e a fazer penitência levando vida de eremita? Por que afinal não se ter feito ele próprio monge? Eis aí a solução do enigma! Existia, pois, uma força superior à da fogueira e do fogo, superior mesmo a um hábito de vinte anos! Havia, pois, uma ideia mais poderosa que todas as calamidades, carestias, torturas, peste e lepra e todo esse inferno que a humanidade não teria podido suportar sem esta mesma ideia mediante a qual os corações se unem e são guiados, as fontes de vida são fertilizadas. Mostrem-me, pois, alguma coisa que se aproxime dessa força em nosso século de vícios e de estradas de ferro… Seria preciso dizer "em nosso século de barcos a vapor e de estradas de ferro". Digo "em nosso século de vícios e de estradas de ferro", porque estou bêbado, mas falo a verdade. Mostrem-me uma ideia que exerça sobre a humanidade atual uma ação e tenha apenas a metade daquela. E ousem dizer depois disso que as fontes de vida não foram enfraquecidas, perturbadas, sob essa "estrela", sob essa rede que envolve todos os homens. E não pensem em impor-se a mim com sua prosperidade, com suas riquezas, com a raridade das fomes e com a rapidez dos meios de comunicação! As riquezas são mais abundantes, mas as forças declinam; não há mais pensamento que crie um elo entre os homens; tudo relaxa, tudo amolece, estamos todos amolecidos. Sim, todos, todos, todos nós estamos amolecidos!… Mas basta! Não é disto que se trata agora; trata-se de mandar servir a ceia de frios preparada para nossos hóspedes, não é respeitabilíssimo príncipe?

Liébiediev estivera a ponto de provocar em alguns de seus ouvintes verdadeira indignação (é justo fazer notar que se continuava, durante todo esse tempo, a desarrolhar garrafas). Mas desarmou imediatamente todos os adversários: com aquela conclusão inesperada que anunciava a ceia, conclusão que ele mesmo qualificou de "hábil manobra de advogado para uma reviravolta". Risadas joviais provocaram nova animação entre os presentes; todos se levantaram da mesa e puseram-se a andar pelo terraço para desentorpecer as pernas. Somente Keller ficou descontente com o discurso de Liébiediev e

manifestou extrema turbulência.

— Ele ataca a instrução, exalta o fanatismo do século XII, mas é tudo fingimento, sem mesmo ter a menor pureza de coração; e permitam-me perguntar-lhes: com que dinheiro ele se tornou proprietário desta casa? — dizia em voz alta, detendo todos os convivas, uns após outros.

— Conheci um verdadeiro intérprete do *Apocalipse* — disse, no canto oposto, o general a outras pessoas e notadamente a Ptítsin, a quem segurara por um botão de seu paletó. — Era o falecido Grigóri Siemiônovitch Burmístrov. Aquele, sim, sabia comover os corações. Começava pondo os óculos, depois abria um livro grande e velho, encadernado em couro negro. Tinha uma barba grisalha e trazia duas medalhas obtidas por motivo de obras de caridade. Punha-se a ler num tom rude e severo; diante dele os generais se curvavam e as damas desmaiavam. Mas esse aí concluiu anunciando uma ceia de frios! Isto não tem pé nem cabeça!

Ouvindo o general, Ptítsin sorria e mantinha o ar de um homem que vai pegar seu chapéu para retirar-se; mas não se resolvia a isto ou se esquecia sempre de sua resolução. Antes de se haverem retirado da mesa, Gânia cessara bruscamente de beber e repelira seu copo para longe; uma nuvem lhe ensombrecera o rosto. Quando todos se levantaram, aproximou-se ele de Rogójin e sentou-se a seu lado. Era possível acreditar que estivessem em franca harmonia. Rogójin que, no começo, estivera por várias vezes a ponto de escapulir-se às ocultas, permanecia agora sentado, imóvel e de cabeça baixa. Também ele parecia ter esquecido suas veleidades de fuga. Durante toda a noite não havia bebido uma só gota de vinho. Estava absorto em suas reflexões. Por momentos erguia os olhos e fitava, um a um, todos os presentes. Agora sua atitude fazia pensar que atrasava sua partida à espera de alguma coisa extremamente importante para ele.

O príncipe havia bebido apenas umas duas ou três taças; estava simplesmente alegre e nada mais. Quando se levantou da mesa, seus olhos encontraram os de Ievguéni Pávlovitch; lembrou-se de que devia ter uma explicação com ele e sorriu-lhe com ar afetuoso. Ievguéni Pávlovitch fez-lhe um aceno de cabeça e mostrou lhe bruscamente

Ipolit que dormia estendido no divã e sobre o qual fixava naquele momento um olhar perscrutador.

— Diga-me, príncipe, por que esse garoto se introduziu em sua casa? — ele perguntou, de súbito e com uma expressão tão evidente de despeito e até mesmo de ódio que o príncipe ficou surpreendido. — Aposto que ele não tem boas intenções!

— Notei, ou pelo menos me pareceu, Ievguéni Pávlovitch — respondeu o príncipe, — que o senhor se mostra muito interessado por ele, hoje, não é verdade?

— Acrescente ainda que, nas circunstâncias particulares em que me encontro, tenho outra coisa em mente; de modo que sou o primeiro a admirar-me de não ter podido, durante toda a noite, desviar meus olhos daquela fisionomia antipática.

— Seu rosto é belo…

— Ora, ora, olhe! — exclamou Ievguéni Páviovitch, puxando o príncipe pelo braço. — Olhe!

De novo Míchkin, lançou a seu interlocutor um olhar espantado.

## Capítulo V

Ipolit, que, ao fim da dissertação de Liébiediev, havia de repente adormecido em cima do divã, acordou em sobressalto, como se alguém lhe tivesse dado uma pancada no costado. Estremeceu, sentou, olhou em redor de si e empalideceu. A vista do que o cercava seu rosto exprimiu certo temor, mas quando lhe voltou a memória e recordou tudo, esse temor degenerou quase em terror.

— Como? Eles se vão? Está acabado? Terminou tudo? O sol se levantou? — perguntou ele, com angústia, agarrando a mão de Míchkin. — Que horas são? Por Deus, diga-me a hora! Adormeci. Dormi muito tempo? — acrescentou, com uma expressão quase de desespero, como se tivesse deixado passar, ao dormir, algo de que dependia pelo menos todo o seu destino.

— Você dormiu sete ou oito minutos — respondeu-lhe Ievguéni Pávlovitch.

Ipolit olhou-o com ansiedade e refletiu alguns instantes.

— Ah! só? Eu, portanto…

Nisto aspirou o ar com força, como se se sentisse aliviado dum peso extraordinário. Compreendera enfim que nada "estava acabando", que ainda não havia amanhecido, que os convivas só haviam saído da mesa para ir comer uma refeição e que a única coisa que havia cessado fora a tagarelice de Liébiediev. Sorriu e as maçãs de seu rosto coloriram-se de duas manchas vermelhas, reveladoras da tísica.

— Mas, pelo que vejo, contava o senhor os minutos, enquanto eu dormia, Ievguéni Pávlovitch — disse ele, num tom zombeteiro. — Percebi que durante toda a noite não tirou o senhor os olhos de mim… Ah! Rogójin! Acabo de vê-lo em sonho — cochichou ele ao príncipe, franzindo o cenho e mostrando, com um aceno de cabeça, o lugar da mesa onde estava sentado Parfien Siemiônovitch. — Ah! sim! A propósito — disse ele, saltando bruscamente dum assunto a outro, — onde está o orador? Onde está Liébiediev? Não acabou então seu discurso? De que falou? É verdade, príncipe, que o senhor disse certa vez que "a beleza" salvaria o mundo? Senhores — exclamou ele, tomando todos os presentes como testemunhas, — o príncipe acredita que a beleza salvará o mundo! E eu acredito que, se ele tem ideias loucas é porque está enamorado. Senhores, o príncipe está enamorado. Ainda há pouco, assim que ele entrou, tive disto a convicção. Não endureça, príncipe! O senhor me causaria compaixão. Qual a beleza que salvará o mundo? Foi Kólia quem me contou essa opinião… O senhor é cristão fervoroso? Kólia me disse que o senhor mesmo se denomina cristão.

O príncipe contemplou-o atentamente e não replicou.

— Não me responde? Pensa talvez que gosto muito do senhor? — acrescentou, de repente, Ipolit, como se lhe fugisse tal reflexão.

— Não, não penso isto. Sei que você não gosta de mim.

— Como! Mesmo depois do que se passou ontem? — Fui sincero para com o senhor ontem?

— Eu sabia, também ontem, que você não gostava de mim.

— Quer o senhor dizer que é porque o invejo, porque tenho inveja do senhor? Sempre acreditou nisso e ainda acredita, mas para que falar-lhe disso? Quero beber mais champanhe. Keller, sirva-me.

— Não deve beber mais, Ipolit, não deixarei que o faça…

E o príncipe afastou dele a taça.

— Tem razão, afinal… — aquiesceu ele, imediatamente, com um ar sonhador. — Diriam, sem dúvida, que… mas que me importa o que diriam?! Não é mesmo, não é? Que digam depois o que quiserem, não é, príncipe? E que nos importa, a todos nós, o que nos acontecerá depois?… Aliás, acabo de ter um sonho. Que sonho horrível esse! Somente agora é que me lembro. Não lhe desejo sonhos semelhantes, príncipe, se bem que, na verdade, não goste do senhor. Aliás, se não se gosta de alguém, não é esta uma razão para se lhe desejar mal, não é verdade? Mas por que faço todas estas perguntas? Por que todas estas interrogações? Dê-me sua mão; quero apertá-la bem forte; eis como, assim… De qualquer forma o senhor estendeu-me a mão. Sente, portanto, que lhe aperto sinceramente… Pois seja; não beberei mais. Que horas são? É inútil dizer-me, aliás; já sei. Soou a hora. O momento chegou. Como é? Estão servindo comida lá naquele canto? Então a mesa está livre? Perfeito! Senhores, eu… Toda essa gente nem mesmo me escuta… Tenho a intenção de ler um artigo, príncipe; a comida é certamente mais interessante, porém…

Bruscamente e da maneira mais inesperada, tirou de seu bolso de lado um grande envelope de tamanho oficial, selado com um grande sinete vermelho e colocou-o à sua frente em cima da mesa.

Esse gesto imprevisto produziu seu efeito sobre os presentes que estavam maduros, mas… não para uma leitura. Ievguéni levantou-se, sobressaltado, de sua cadeira; Gânia aproximou-se vivamente da mesa; Rogójin fez o mesmo, mas com a cara desgostosa e carrancuda de quem sabe o que está para vir. Liébiediev, que andava por ali perto,

avançou com um olhar inquisidor e começou a examinar o envelope, tentando adivinhar-lhe o conteúdo.

— Que tem você aí? — o príncipe perguntou, num tom inquieto.

— Aos primeiros albores do sol, vou me deitar, príncipe; como já disse; palavra de honra, verá! — exclamou Ipolit. — Mas… mas… será que os senhores me acreditam incapaz de deslacrar este envelope? — acrescentou, lançando em redor de si um olhar de desafio que parecia dirigir se a todos sem distinção.

Míchkin notou que ele tremia da cabeça aos pés. Tomou a palavra em nome dos presentes.

— Nenhum de nós pensa nisso. Por que nos atribui esse pensamento e acredita que… Que ideia engraçada essa de fazer uma leitura para nós! Que tem você aí, Ipolit?

— Que é que é? Que é que se passa com ele ainda? — perguntavam em redor. Todos se aproximaram; alguns já estavam comendo. O envelope e seu sinete vermelho atraíam os convivas como um ímã.

— Foi o que eu mesmo escrevi ontem, logo depois de ter-lhe dado minha palavra de que viria instalar-me em sua casa, príncipe. Passei nisso todo o dia de ontem, depois a noite; terminei esta manhã. Antes da madrugada, tive um sonho…

— Não seria melhor deixar isso para amanhã? — interrompeu, timidamente, o príncipe.

— Amanhã “não haverá mais tempo” — replicou Ipolit, com uma risada histérica. — Afinal, não tenham medo nenhum, a leitura levará quarenta minutos, ou, quando muito, uma hora… E veja o senhor o interesse que todos demonstram por ela: todos se aproximam, todos olham para meu envelope. Se eu não tivesse posto este meu artigo dentro de um envelope lacrado, não teria ele despertado curiosidade nenhuma… Ah! ah! ah! Eis a atração do mistério! Quebrarei o lacre ou não, senhores? — exclamou ele, rindo, com aquele seu riso, singular e dardejando sobre o auditório olhos cintilantes. — Mistério! Mistério!

Lembra-se, príncipe, de quem anunciou que “não haveria mais tempo”? Foi o Anjo imenso e poderoso do *Apocalipse*.

— É melhor não ler — exclamou bruscamente Ievguéni Pávlovitch, com um ar de inquietação tal que muitas pessoas ficaram admiradas.

— Não leia — exclamou igualmente o príncipe, pousando a mão sobre o envelope.

— Como, ler agora? Mas vamos cear — observou alguém.

— Um artigo? Sem dúvida está destinado a uma revista? — perguntou outo.

— Talvez seja enfadonho — acrescentou um terceiro.

— Mas de que se trata então? — indagaram os outros.

O gesto de apreensão do príncipe havia espantado o próprio Ipolit.

— Então… não o leio? — cochichou-lhe este, num tom receoso, enquanto um sorriso crispado contraía seus lábios arroxeados. Não o leio? — murmurou, inquirindo em torno de si todos os olhos e todos os rostos e procurando agarrar-se ainda àquela expansividade que todos ainda há pouco manifestavam. — O senhor… tem medo? — perguntou; voltando-a de novo para Míchkin

— Medo de quê? — replicou este, cuja fisionomia se alterava de minuto em minuto.

— Teria alguém uma moeda de vinte copeques? — disse, de súbito, Ipolit, saltando, como se o tivessem arrancado da cadeira.

— Uma moeda miúda qualquer?

— Eis aqui! — disse logo Liébiediev, apresentando uma moeda.

A ideia de que o doente perdera o juízo acabava de dominar-lhe o espírito.

— Viera Lukiánovna! — chamou precipitadamente Ipolit. — Tome esta moeda e atire-a sobre a mesa: cara ou coroa? Se for coroa, lerei!

Viera olhou com terror a moeda, depois Ipolit, depois seu pai e, erguendo a cabeça com a ideia de que não deveria olhar a moeda, lançou-a sobre a mesa com um gesto canhestro. Foi coroa.

— É preciso ler! — murmurou Ipolit como que esmagado pelo decreto da sorte. Não teria ficado mais pálido se tivesse ouvido sua sentença de morte: — Aliás, — exclamou, estremecendo após meio minuto de silêncio, — que é isto? Será que acabo de jogar meu destino?

Lançou pela assistência um olhar circular, em que se traduzia o mesmo desejo de se expandir e de chamar para si a atenção. Depois voltando-se bruscamente para o príncipe, exclamou com tom de sincero espanto:

— Eis um estranho traço psicológico… um traço incompreensível, príncipe — repetiu, animando-se e no tom de um homem que volta a si. — Note isto e lembre-se disto depois, uma vez que o senhor anda recolhendo, parece, documentos referentes à pena de morte… Disseram-me isso… ah! ah! ah! Oh! meu Deus! que absurda tolice.

Sentou-se no divã, apoiou os dois cotovelos sobre a mesa e pôs a cabeça entre as mãos.

— É até uma vergonha!… — prosseguiu. — Mas que me importa que seja uma vergonha? — E erguendo logo a cabeça, pareceu obedecer a uma resolução súbita: — Senhores! senhores!… Vou quebrar o lacre de meu envelope… eu… eu não obrigo, no entanto, ninguém a ouvir-me!

Com as mãos trêmulas de emoção, quebrou o lacre e tirou de dentro do envelope algumas folhas de papel de carta cobertas de uma letra miúda, que colocou diante de si e começou a arrumar.

— Mas que é isso? Que há? Que é que vai ser, lido? — murmuram vários dos presentes com ar sombrio. Outros guardavam silêncio, mas

todos tinham sentado e observavam a cena com curiosidade. Talvez aguardassem, com efeito, um acontecimento extraordinário. Viera agarrou-se à cadeira de seu pai e tinha tanto medo que mal conseguia reter suas lágrimas, Kólia não estava menos amedrontado. Liébiediev, que já estava sentado, levantou-se de súbito, pegou as velas e aproximou-se de Ipolit para que este visse mais claro ao ler.

— Senhores, é… os senhores vão ver logo em seguida o que é — acrescentou, não se sabia por que, Ipolit e, sem transição, começou a ler: "Explicação Indispensável". Epígrafe: "*Aprés moi le déluge*!".[45] Com os diabos! exclamou ele, com o tom de um homem que acaba de se queimar. — Como pude eu escrever a sério tão tola epígrafe?… Escutem, senhores!… Asseguro-lhes que tudo isto não é, talvez, afinal de contas, senão uma tremenda tolice! São apenas alguns pensamentos meus… Se acreditam, que há nisto algo de misterioso ou… de proibido… numa palavra…

— Seria melhor que lesse, sem preâmbulo — interrompeu-o Gânia.

— Está procurando um rodeio! — acrescentou um outro.

— Mera tagarelice! — lançou Rogójin que até então permanecera calado.

Ipolit fitou-o de repente; no momento em que seus olhares se cruzaram, Rogójin sorriu amarga e dolorosamente, depois pronunciou estas palavras estranhas:

— Não é assim que devia proceder neste caso, meu rapaz, não é…

Decerto ninguém compreendeu o que Rogójin queria dizer. Mas sua frase causou na assistência uma impressão um tanto singular: a mesma ideia pareceu ocorrer a todos. Sobre Ipolit, o efeito desta frase foi terrível: pôs-se a tremer tão intensamente que Míchkin esteve a ponto de estender-lhe a mão para evitar que ele caísse e teria certamente lançado um grito, se a voz não lhe houvesse ficado presa na garganta. Ficou um minuto inteiro sem poder articular uma palavra. Respirava penosamente e não desfitava os olhos de Rogójin. Afinal, retomando o folego à custa dos maiores esforços proferiu:

— Então foi o senhor… o senhor… foi o senhor…

— Que é que eu fui? Que queres dizer? — replicou Rogójin com o ar de não ter compreendido.

Mas Ipolit ficou todo rubro e, arrebatado por uma espécie de raiva súbita, gritou com voz desabrida e violenta:

— Foi o senhor que veio à minha casa, a semana passada, de noite, depois de uma hora, no mesmo dia em que fui vê-lo pela manhã. Foi o senhor! Confesse-o: foi o senhor?

— Na semana passada, de noite? Será que não perdeste o juízo, rapaz?

O “rapaz” calou-se ainda um instante, levou o dedo indicador à testa e tomou o aspecto de quem medita. Mas sob seu pálido sorriso, que o medo transformava num ricto, brotou de súbito uma expressão de astúcia e até mesmo de triunfo.

— Foi o senhor! — repetiu, quase à meia voz, mas com o acento da mais completa convicção. — O senhor foi à minha casa e ficou sentado uma hora e até mesmo mais, sem dizer palavra, numa cadeira, perto da janela: foi entre meia noite e duas horas; partiu antes das três… Sim, foi mesmo o senhor! Por que me causou medo? Por que me foi atormentar? Não tenho explicação para isto, mas era o senhor!

No seu olhar acendeu-se de súbito um imenso clarão de ódio, mas nem por isso deixou de estremecer de terror.

— Agora mesmo, senhores, irão saber de tudo, eu… eu… escutem…

E de novo, pegou precipitadamente as folhas de seu manuscrito que se haviam misturado e invertido; esforçou-se por ordená-las; aquelas folhas tremiam entre seus dedos frementes e levou muito tempo para as poder pôr em ordem.

— Está louco ou delira! — murmurou Rogójin, com voz apenas inteligível.

Por fim começou a leitura. Durante os cinco primeiros minutos o autor daquele artigo inesperado teve dificuldade em recuperar o fôlego e leu duma maneira incoerente e desigual. Mas sua voz firmou-se pouco a pouco e conseguiu ele comunicar plenamente o sentido do que lia. Por vezes apenas uma tosse bastante violenta, o interrompia; chegado à metade de sua leitura, ficou intensamente rouco. Sua exaltação, que crescia gradativamente, acabou por atingir o paroxismo, enquanto se acentuava, com a mesma velocidade, a impressão mórbida sentida pelo auditório. Eis o artigo em sua íntegra:

## Explicação indispensável

*Après moi le déluge*

"Ontem de manhã o príncipe veio ver-me; entre outras coisas propôs-me que me instalasse em sua casa de campo. Sabia que ele não deixaria de insistir neste ponto; estava certo de que me declararia sem rebuços que 'seria melhor para mim morrer no meio dos homens e das árvores', para usar de sua expressão. Mas hoje não empregou a palavra morrer; disse que 'seria melhor para mim continuar ali minha existência', o que, aliás, no meu caso, vem a dar, mais ou menos, no mesmo. Perguntei-lhe o que queria dizer com aquelas 'árvores' de que fala tão frequentemente e por que estava sempre a encher-me os ouvidos com aquela referência. Tive a estupefação de ouvi-lo responder-me que fora eu mesmo quem, na noite passada, declarara ter vindo a Pávlovsk para ver as árvores pela derradeira vez. Observei-lhe que, para morrer, era-me perfeitamente indiferente estar debaixo das árvores ou olhar um muro de tijolos diante de minha janela; por causa das duas semanas que me restavam de vida, não pagava a pena ter tantas cerimônias. Concordou imediatamente comigo, mas pensava que a verdura e o ar puro acarretariam certamente uma modificação no meu estado físico e mudariam meus sonhos e os efeitos de minha superexcitação, talvez a ponto de torná-los toleráveis. Objetei-lhe, de novo, rindo, que ele falava como um materialista. Replicou-me com seu habitual sorriso que sempre fora materialista. Como não mente nunca, não era aquela uma frase no ar. Seu sorriso é bondoso; examinei-o então com mais atenção. Não sei se agora gosto dele ou

não; não tenho tempo, no momento, para quebrar a cabeça com esta questão. O ódio que lhe tinha há cinco meses, notem bem, começou a diminuir completamente no curso do último mês. Quem sabe? Fui talvez a Pávlovsk sobretudo para vê-lo: Mas… por que desertei então de meu quarto? O condenado à morte não deve deixar o seu canto; se eu não tivesse tomado agora uma resolução definitiva e se me tivesse, pelo contrário, resignado a esperar minha derradeira hora, não teria certamente abandonado meu quarto por coisa alguma do mundo e não teria aceitado a proposta de vir 'morrer' em casa dele, em Pávlovsk.

"É preciso que me apresse para terminar sem falta antes de amanhã toda esta 'explicação'. Quer dizer que não terei tempo de relê-la, nem de corrigi-la; vou relê-la amanhã ao comunicá-la ao príncipe e a duas ou três testemunhas que conto encontrar em casa dele. Como não haverá aqui uma só palavra que não seja a pura, a suprema e solene verdade, estou curioso de saber que impressão experimentarei eu mesmo no momento em que fizer esta leitura. Aliás, fiz mal em escrever estas palavras 'suprema e solene verdade'; de qualquer modo, não vale a pena mentir, para quem tem quinze dias de vida, pois não vale a pena viver quinze dias. É a melhor prova de que não escreverei senão a verdade. (N.B. — Uma ideia que não se deve perder de vista: não estarei louco neste momento, ou para melhor dizer, em certos momentos? Afirmaram-me positivamente que chegados à derradeira fase de sua doença, os tísicos têm instantes de desvario. Verificar isto amanhã pela impressão que produzirá a leitura sobre os ouvintes. Este problema deve ser a qualquer preço resolvido da maneira mais exata; sem o que nada se pode compreender.)

"Parece-me que acabo de escrever uma tolice enorme; mas, como o disse, não tenho tempo para corrigir; além disso, prometo a mim mesmo deixar intencionalmente este manuscrito sem a menor correção, mesmo que perceba que me contradigo a cada cinco linhas. Quero justamente submeter, amanhã, à prova da leitura, a lógica de meu pensamento, e assegurar-me de que noto os meus erros; saberei assim se todas as ideias que amadureci neste quarto, no curso destes derradeiros meses, são verdadeiros ou se não se trata apenas de um delírio.

"Se pretendesse, há dois meses, abandonar completamente meu

quarto, como vou fazer, e dizer adeus ao muro de Meyer, estou certo de que teria sentido tristeza. Agora não sinto mais nada, se bem que deva deixar amanhã para sempre este quarto e aquele muro! Portanto, meu ser está hoje dominado pela convicção de que, por duas semanas, não vale a pena ter saudades ou abandonar-se a qualquer sentimento. E todos os meus sentidos obedecem talvez já a esta convicção. Mas é bem verdade? É verdade que minha natureza esteja completamente domada? Se me infligissem tortura neste momento, iria decerto gritar; não diria que não vale a pena gritar e sentir dor, quando não se tem mais de quinze dias de vida…

"Todavia é exato que só me restam quinze dias de vida e não mais? O que contei em Pávlovsk era mentira; B*** não me disse nada absolutamente e nem mesmo jamais me viu; mas há uma semana trouxeram-me o estudante Kislórodov; é um materialista, um ateu e um niilista; justamente por isso é que o mandei chamar; tinha necessidade de um homem que me dissesse enfim a verdade bem nua sem contemplações nem rebuços. Foi o que ele fez, não somente com prontidão e sem circunlóquios, mas até mesmo com visível prazer (o que, na minha opinião, passava da medida). Declarou-me brutalmente que me restava cerca de um mês de vida; talvez um pouco mais, se as circunstâncias fossem favoráveis, talvez também muito menos. Podia acontecer, segundo ele, que eu morresse subitamente, amanhã por exemplo; tem-se visto isto. Ainda anteontem, uma jovem senhora tísica, que mora no quarteirão de Kolomna e cujo caso se assemelha ao meu, preparava-se para ir ao mercado fazer suas provisões; sentindo-se subitamente indisposta, estendera-se sobre um sofá, lançou um suspiro e entregou a alma. Kislórodov[46] relatou-me todos estes pormenores com certa afetação de insensibilidade e de indiferença, como se me fizesse a honra de considerar-me, a mim também, como um ser superior, penetrado do mesmo espírito de negação que ele e não tendo naturalmente nenhuma pena de deixar a vida. Finalmente, um fato ficava estabelecido: eu tinha um mês de vida e nada mais! A este respeito estou completamente convencido de que ele não se enganou.

"Fiquei muito surpreendido quando o príncipe adivinhou que eu tinha pesadelos; disse, ao pé da letra que em Pávlovsk 'os efeitos de

minha superexcitação e de meus sonhos' mudariam. Por que falou de meus sonhos? Ou é ele um médico, ou um espírito de uma penetração extraordinária, capaz de adivinhar muitas coisas. (Mas que, todas as contas feitas, seja um 'idiota', isto não oferece dúvida.) Justamente antes de sua chegada, eu acabava de ter tido um belo sonho na verdade (como agora tenho centenas). Havia adormecido uma hora, creio, antes de sua visita e via-me num quarto que não era o meu. Era maior e mais alto, mais bem mobiliado, compunha-se de um armário, de uma cômoda, de um sofá e de meu leito, que era comprido e largo com uma coberta verde de seda acolchoada. Naquele quarto, percebi um animal horrendo, uma espécie de monstro. Parecia-se com um escorpião, mas não era um escorpião; era algo de mais repelente e de mais horrível. Acreditei ver uma espécie de mistério no fato de que não existiam animais daquela espécie na natureza e que não obstante, havia aparecido um expressamente em minha casa. Examino à vontade: era um réptil pardo e escamoso, de sete polegadas de comprimento; sua cabeça tinha a grossura de dois dedos; mas seu corpo ia-se afinando gradualmente para a cauda, cuja extremidade não tinha mais do que um sexto de polegada de espessura. A quase duas polegadas da cabeça duas patas se destacavam de parte e doutra do tronco, com o qual formavam um ângulo de quarenta e cinco graus, tanto que, visto do alto, tomava o animal o aspecto de um tridente. Não vi muito distintamente sua cabeça, mas notei nela dois pequenos tentáculos muito curtos e igualmente pardos que se assemelhavam a duas grossas extremidades. Encontravam-se dois pequenos tentáculos idênticos na extremidade da cauda e na extremidade de cada pata; ou seja, oito ao todo. Aquele animal corria muito depressa pelo quarto, apoiando-se sobre suas caudas. Durante sua carreira; seu corpo e suas patas torciam-se como serpentes com uma prodigiosa velocidade, apesar de sua carapaça ser uma coisa horrível de ver-se. Eu sentia um medo atroz de que o animal me picasse, porque me haviam dito que ele era venenoso. Mas o que mais me atormentava era saber quem o tinha enviado para o meu quarto, que desígnio se punha em prática contra mim e que é que aquele mistério ocultava. O animal dissimulava-se debaixo da cômoda, debaixo do armário e se refugiava nos cantos. Sentei numa cadeira e dobrei minhas pernas por baixo de mim. O animal atravessou lestamente o quarto em diagonal e desapareceu em alguma parte perto

da minha cadeira. Procurei-o com os olhos cheios de espanto, mas, como estivesse sentado com as pernas encolhidas sob o corpo, esperava que ele não subiria pela cadeira. De repente, ouvi um leve crepitar por trás de mim, não longe de minha nuca. Voltei-me e vi o réptil que subia ao longo da parede; encontrava-se já à altura de minha cabeça e roçava mesmo meus cabelos com sua cauda que girava e ondulava com uma agilidade extrema. Dei um salto e o monstro desapareceu. Não ousava meter-me na cama, com medo de que ele se introduzisse sob o travesseiro. Minha mãe e não sei qual pessoa conhecida sua entraram então no quarto. Puseram-se a dar caça ao réptil. Estavam mais calmas do que eu não manifestavam mesmo nenhum terror, mas não compreendiam nada daquilo. De repente, o monstro reapareceu; rastejava desta vez, com um movimento muito lento, como se tivesse uma intenção particular; suas contorções moles davam-lhe um ar ainda mais repugnante; atravessou de nova o quarto como da primeira vez, dirigindo se para a porta. Nesse momento minha mãe abriu a porta e chamou Norma, nossa cadela; era um enorme terra-nova de pelo negro e crespo; morrera havia cinco anos. Precipitou-se dentro do quarto e parou, como que petrificada, diante do réptil, que, por sua vez, deixou de avançar mas continuou a torcer-se e a bater no soalho com suas patas e com a extremidade de sua cauda. Os animais são inacessíveis, se não me engano, aos terrores místicos; mas naquele momento pareceu-me que havia alguma coisa de completamente estranho e místico no espanto de Norma; era de crer que ela adivinhava, como eu, naquele animal uma aparição, fatídica e misteriosa. Recuou lentamente enquanto o réptil avançava com prudência e a passos contados; tinha ele o aspecto de dispor-se a saltar sobre ela para picá-la. Mas a despeito de seu terror e se bem que tremesse toda, Norma fixava no animal olhos cheios de raiva. Num momento dado, descobriu progressivamente seus temíveis caninos, abriu sua enorme goela vermelha, tomou impulso e lançou-se resolutamente sobre o monstro que apanhou entre os dentes. O animal fez, parece, um violento esforço para libertar-se, porque Norma teve de tornar a pegá-lo e desta vez no ar. Por duas vezes meteu-o na boca, mantendo-o sempre no ar como se quisesse engoli-lo. A carapaça estalou sob seus dentes; a cauda e as patas do animal desbordavam e se agitavam duma maneira terrível. Bruscamente Norma lançou um uivo de dor; o réptil havia conseguido, apesar de

tudo, picar-lhe a língua. Gemendo de dor, a cadela descerrou os dentes. Vi então em sua goela o réptil, semiesmagado, que continuava a debater-se; de seu corpo mutilado escorria sobre a língua da cadela um liquido branco e abundante semelhante ao que sai de uma barata quando esmagada… Foi nesse momento que acordei e o príncipe entrou.”

Ipolit interrompeu de súbito sua leitura, como sob o império duma espécie de confusão.

— Senhores — disse ele, — não reli este artigo e parece-me, confesso-o, que escrevi muita coisa inútil. Esse sonho…

— É a verdade — apressou-se Gânia a dizer.

— Convenho que há aqui demasiadas impressões pessoais, quero dizer, dizendo respeito exclusivamente à minha pessoa…

Ao preferir estas palavras, parecia Ipolit extenuado; enxugava com o lenço o suor de sua testa.

— Sim! o senhor se interessa por demais por si mesmo — disse Liébiediev, com voz sibilante.

— Mas, senhores, ainda uma vez, não obrigo ninguém; os que não quiserem ouvir-me, podem retirar-se.

— Ele põe as pessoas para fora… da casa alheia — murmurou Rogójin, num tom mal perceptível.

— E se nos retirássemos todos? — disse inopinadamente Fierdíchtchenko, que até então não havia ousado erguer a voz.

Ipolit baixou os olhos de repente e agarrou seu manuscrito. Mas ergueu logo a cabeça; suas pupilas brilhavam, duas manchas vermelhas coloriam suas faces; olhou fixamente Fierdíchtchenko:

— O senhor não gosta absolutamente de mim — disse.

Risadas explodiram, mas a maioria não lhe fez eco. Ipolit corou terrivelmente.

— Ipolit — disse Míchkin, — me dê seu manuscrito e vá deitar-se, lá no meu quarto. Conversaremos antes de adormecer e retomaremos amanhã a conversa, mas com a condição de que não volte a esses papéis. Quer?

— Será possível? — exclamou Ipolit, lançando-lhe um olhar de real surpresa. — Senhores — exclamou, num novo acesso de excitação febril, — trata-se de um tolo episódio no qual não soube conduzir-me bem. Não interromperei mais minha leitura. Quem quiser escutar, que escute…

Engoliu a pressa um gole d'água, tratou logo de apoiar os cotovelos sobre a mesa para escapar aos olhares e retomou, com obstinação, sua leitura. Sua confusão não tardou, aliás, a desaparecer.

"A ideia de que não vale a pena viver por algumas semanas começou, creio, a obsedar-me há um mês, quando contava eu não ter mais do que quatro semanas diante de mim. Mas não me dominou totalmente senão há três dias, na noite em que voltei de Pávlovsk. Na primeira vez em que senti essa ideia penetrar-me até o mais profundo de mim mesmo, estava no terraço em casa do príncipe e acabava justamente de decidir-me a fazer da vida uma derradeira experiência. Tinha querido ver os homens e as árvores (admitamos que tenha sido eu quem assim se exprimiu); havia-me acalorado e tomara a defesa de Burdóvski, 'meu próximo'; deixara-me levar à ilusão de que todos os ouvintes me abririam os braços para me estreitar entre eles, que solicitariam meu perdão e que eu pediria o deles; numa palavra, acabei como um rematado imbecil. E foi então que se revelou em mim essa 'suprema convicção'. Essa 'convicção', pergunto a mim mesmo agora, como pude viver seis longos meses sem a ver? Sabia categoricamente que estava tuberculoso e meu caso era incurável; não tinha ilusões a respeito e via claramente o meu estado. Mas quanto mais claramente o via, mais ávido estava de viver; aferrava-me à existência e queria prolongá-la a qualquer custo. Admito que tenha podido então arrebatar-me contra o destino tenebroso e surdo à minha voz, que havia, sem saber por que, decidido esmagar-me como a uma mosca. Mas por que não me confinei exclusivamente nessa raiva? Por que, de fato, comecei a viver, quando sabia que isto não me era mais permitido? Por que entreguei-me a essa tentativa, prevendo-a sem

resultado? E, no entanto, chegara ao ponto de não poder mais ler livros e de renunciar à leitura; para que ler, instruir-me, durante seis meses? Mais de uma vez esta reflexão me fez atirar para longe o livro começado.

"Sim, aquela parede da casa Meyer poderia dizer muita coisa. Nela inscrevi muitas coisas. Não havia sobre aquela parede suja uma única mancha que eu não conhecesse de memória. Maldita parede! E apesar de tudo, é me mais querida do que todas as árvores de Pávlovsk, ou antes deveria ser, se, presentemente, não me fosse tudo indiferente.

"Lembro-me agora com que ávido interesse pus-me a acompanhar a vida deles; jamais experimentara antes semelhante curiosidade. Esperava por vezes com impaciência e azedume o regresso de Kólia, quando estava eu doente a ponto de não poder sair do quarto. Aprofundava de tal maneira todas as bagatelas, interessava-me tão vivamente por todos os diz-que-diz, que me tornei, creio, um mexeriqueiro. Não compreendia, por exemplo, como as pessoas que tinham em si tanta vida não conseguiam enriquecer (não o compreendo aliás até mesmo hoje). Conheci um pobre-diabo que, segundo me disseram depois, morrera de fome; lembro-me de que essa notícia me pôs fora de mim; se se tivesse podido ressuscitar aquele desgraçado, eu o teria, creio, exterminado.

"Acontecia-me, por vezes, sentir-me melhor durante longas semanas e poder mesmo descer à rua; mas a rua acabou por me fatigar, a ponto de me manter, voluntariamente, enclausurado dias inteiros, quando teria podido sair como toda a gente. Não podia suportar a vista de pessoa que formigavam em torno de mim, pelos passeios, sempre preocupadas, sombrias, inquietas. De que servia sua sempiterna tristeza, sua agitação incessante e vã, aquela raiva eterna e profunda (porque são maus, maus, maus!)? De quem a culpa de que sejam eles infelizes e não saibam viver, quando tem diante de si uma perspectiva de sessenta anos de existência? Por que se deixou Zarnítsin morrer de fome, tendo diante de si sessenta anos? E cada um, mostrando seus farrapos e suas mãos calosas, zanga-se e exclama: 'Trabalhamos como bestas de carga, andamos num cortado, vivemos famélicos como cães e na miséria! Outros não trabalham não sofrem e

são ricos!' (O eterno estribilho!) Ao lado deles, se afadiga da manhã à noite um pobre-diabo, todo engelhado, mas de 'berço nobre', como Ivan Fomitch Súrikov, que mora aqui acima de nós; tem sempre os cotovelos rotos e a roupa sem botões. Faz recados para uma porção de gente e exerce não se sabe qual profissão e isto o ocupa da manhã à noite. Entabulem conversa com ele, vai lhes dizer que é 'pobre, necessitado, miserável; sua mulher morreu porque ele não tinha dinheiro para comprar-lhe remédios; no inverno, seu filhinho morreu de frio; sua filha mais velha amasiou-se'… Geme e choraminga sem cessar. Oh! nunca senti, nem então, nem agora nenhuma piedade por esses imbecis, digo-o com orgulho! Por que esse indivíduo não é um Rothschild? De quem a culpa de não ter ele milhões como Rothschild, de não ter uma montanha de imperiais e de napoleões de ouro, uma montanha tão alta como aquela que se vê na feira durante o carnaval? Uma vez que lhe é dado viver, tem tudo em seu poder. De quem a culpa se não compreende isso?

"Oh! doravante tudo me é indiferente; não tenho mais tempo para zangar-me. Mas então, então, repito, mordia eu, literalmente meu travesseiro durante a noite e rasgava de raiva minha coberta. Oh! que sonhos tinha eu naquele momento e que desejos. Desejava de coração alegre que me atirassem imediatamente à rua; malgrado meus dezoito anos, mal vestido, mal coberto; que me deixassem absolutamente só, sem casa, sem trabalho, sem um pedaço de pão, sem parentes, sem um só conhecido, na cidade imensa, faminto e maltratado (tanto melhor), mas com saúde. Então teria mostrado…

"Que teria eu mostrado?

"Podem crer-me inconsciente do grau de rebaixamento a que me afundei, antes de dizer isto, nesta minha 'Explicação'? Quem, pois, não me tomará por um infeliz rapazola que nada sabe da vida, esquecendo-se de que não tenho mais de dezoito anos, porque viver como tenho vivido desde seis meses, é atingir a idade em que os cabelos branqueiam! Mas que zombem se quiserem e que se trate tudo isso como simples contos! Porque são realmente contos que contei a mim mesmo. Povoei com eles noites inteiras e lembro-me de todos atualmente.

“Mas devo repeti-los agora que, mesmo para mim, o tempo dos contos já passou? E para que? Causaram-me prazer, quando vi claramente que me era interdito estudar a gramática grega, como fora minha ideia tendo refletido que morreria antes de chegar à sintaxe, parei desde a primeira página e atirei o livro para debaixo da mesa. Ficou lá; proibi que Matriona o recolhesse.

“Pode acontecer que aquele em cujas mãos cair minha ‘Explicação’ e tiver a paciência de lê-la até o fim, me tome por um louco ou mesmo por um colegial, ou mais verossimilhante por um condenado à morte, ao qual parece, como é justo, que, exceto ele nenhum homem fez bastante caso da vida, que ela é gasta com demasiada leviandade, que dela se goza com demasiada displicência e não bastante consciência e que, portanto, do primeiro ao último, todos os homens são indignos dela. E depois? Declaro que meu leitor terá se enganado e que minhas opiniões não são em nada influenciadas pela minha condenação à morte. Perguntem-lhes, perguntem-lhes apenas como todos, sem exceção, compreendem a felicidade? Ah! fiquem certos de que não foi quando descobriu a América, mas, aquando esteve a ponto de descobri-la que Colombo foi feliz. Fiquem persuadidos de que o momento culminante de sua felicidade situou-se três dias antes da descoberta do Novo Mundo, quando a equipagem, em desespero se revoltou e esteve a ponto de dar meia volta para regressar à Europa. Não se tratava aqui do Novo Mundo, que teria podido mesmo afundar-se. Colombo morreu tendo-o apenas visto e sem saber, no íntimo, o que tinha descoberto. O que conta é a vida, somente a vida; é a procura ininterrupta, eterna, da vida e não sua descoberta! Mas de que serve esta tagarelice? Conjeturo que tudo isto tem tal aparência de lugar comum que me tomarão, sem dúvida, por um colegial de classes primárias que faz uma composição sobre o ‘nascer do dia’. Será dito que quis talvez exprimir alguma coisa, mas que, a despeito de todo o meu desejo. não consegui… ‘explicar-me’. Todavia, acrescentarei que, em toda ideia de gênio, em todo pensamento novo ou mesmo simplesmente sério que nasce num cérebro humano, há sempre um resto que é impossível comunicar aos outros, ainda mesmo quando a isso se consagrassem volumes inteiros e se repisasse a coisa durante trinta e cinco anos. Esse resto nunca sairá do cérebro da gente e nele ficará para sempre; morre-se sem tê-lo

transmitido a ninguém e talvez nele se contenha o essencial de nosso pensamento. Se eu tampouco não consigo, presentemente, fazê-los sentir tudo quanto sofri durante estes seis meses, pelo menos vai se compreender que eu talvez tenha pago demasiado caro a 'convicção suprema' a que cheguei agora. Eis o que entendi necessário pôr a claro em minha 'Explicação', por um motivo que eu sei.

"Mas retomo o fio de minha narrativa.

## Capítulo VI

"Não quero mentir; durante estes seis meses a realidade mais de uma vez retomou-me e arrastou-me a ponto de me fazer esquecer minha condenação, ou antes de me levar a não querer pensar mais nela e pôr-me a trabalhar. A este propósito, relembrarei as condições nas quais vivia então. Há cerca de oito meses, quando meu mal piorou, rompi todas as minhas relações e deixei de ver meus antigos camaradas. Como sempre havia sido de humor bastante intratável, eles não tiveram problema em me esquecer; teriam, aliás, esquecido, mesmo se outro tivesse sido meu gênio. Minha vida em casa, isto é, 'em família', era a de um solitário. Há cerca de cinco meses, enclausurei-me de uma vez por todas e isolei-me completamente dos meus. Estavam acostumados a dobrar-se às minhas vontades e ninguém tinha coragem de entrar em meu quarto, salvo nas horas marcadas para fazer a arrumação e trazer-me o jantar. Minha mãe tremia diante de minhas ordens e nem mesmo ousava queixar-se em minha presença, quando por vezes me decidia eu a deixá-la entrar. Batia continuamente nas crianças, para que não fizessem barulho e não me incomodassem; é verdade, queixava-me muitas vezes dos gritos delas. Imagino como elas devem amar-me agora! Creio ter também atormentado bastante o Viérni[47] Kólia, para chamá-lo ainda com o mesmo nome que lhe dei. Nestes últimos tempos também ele me fazia sofrer, tudo isto estava na ordem natural das coisas, tendo os homens sido criados para fazerem sofrer uns aos outros. Todavia, notei que ele suportava meu mau humor como se tivesse jurado a si mesmo poupar um doente. Isto naturalmente me irritou; tive também a impressão que metera ele na cabeça imitar a 'humildade cristã' do

príncipe, o que não deixava de ser um tanto ridículo. Esse rapaz tem o entusiasmo da juventude de modo que imita tudo quanto vê. Mas pareceu-me por vezes que chegara o momento de convidá-lo a formar sua personalidade própria. Gosto muito dele. Atormentei também Súrikov, que mora por cima de nós e que faz, da manhã à noite, Deus sabe que serviços! Passei meu tempo a demonstrar-lhe que sua miséria só era imputável a ele próprio, tanto que acabou por ficar com medo e não pôs mais os pés em minha casa. É um homem muito humilde, excessivamente humilde. (N.B. — Pretende-se que a humildade é uma força terrível; é preciso pedir ao príncipe explicações a este respeito, porque a expressão é dele.) Mas quando subi, no mês de março, à casa deles para ver como tinham deixado 'gelar-se', como contava seu próprio filhinho, sorri involuntariamente diante do cadáver do menino e recomecei a explicar a Súrikov que 'a culpa era dele'. Então os lábios daquele pobre homem definhado puseram-se de súbito a tremer; pousou-me a mão sobre o ombro e, com a outra, apontou-me a porta: 'Saia, senhor!', disse-me, docemente, quase num murmúrio. Saí; seu gesto agradou-me muito, agradou-me mesmo no momento em que fui posto para fora; todavia suas palavras deixaram-me muito tempo depois, quando as relembrei, uma impressão estranha e penosa, algo como um sentimento de desprezadora comiseração a seu respeito, sentimento que teria bem querido não experimentar. Mesmo sob o golpe duma tal ofensa (porque bem sinto que, sem ter tido a intenção, eu o havia ofendido), aquele homem não fora capaz de se zangar! Se seus lábios se tinham posto a tremer, não havia sido de modo algum sob o domínio da cólera, juro-lhes; agarrara-me o braço e lançara sua soberba apóstrofe: 'Saia, senhor!', sem a menor cólera. Estava naquele momento cheio de dignidade, a ponto de contrastar mesmo aquela dignidade com seu rosto (o que era na verdade de um efeito bastante cômico), mas não havia nele nem sombra de irritação. Talvez ele tivesse sentido um súbito desprezo por mim. Desde então, tenho-o encontrado duas ou três vezes na escada; apressou-se em cumprimentar-me, erguendo o chapéu, o que nunca fizera antes. Mas não se detinha mais como outrora; passava rapidamente a meu lado com um ar confuso. Mesmo que me desprezasse, era ainda à sua maneira: 'com humildade'. Talvez me fizesse aqueles cumprimentos com o chapéu por simples temor, porque era eu o filho de sua credora: sempre deve dinheiro à minha mãe e encontra-se na incapacidade

absoluta de pagar-lhe. Esta suposição é mesmo a mais provável. Tive a ideia de explicar-me com ele a este respeito; estou certo de que ao final de dez minutos ele teria me pedido perdão; mas refleti que valia mais a pena deixá-lo tranquilo.

"Naquela época, isto é, em meados de março, quando Súrikov deixou seu filho 'gelar', senti-me subitamente muito melhor e essa melhora durou cerca de duas semanas. Pus-me a sair, na maior parte das vezes ao cair da noite. Gostava dos crepúsculos de março, quando o frio fica intenso e os lampiões de gás se acendem; ia por vezes passear até muito longe. Um dia, na Rua das Seis Lojas, um sujeito com ar de gentil-homem, mas cujas feições eu não distinguia, passou diante de mim no escuro; trazia um pacote embrulhado em papel e estava vestido com um paletó gasto, demasiado curto para ele e demasiado leve para a estação. Quando chegou perto de um lampião, a dez passos mais ou menos à minha frente, vi que alguma coisa caía de seu bolso. Apressei-me em apanhar o objeto. Era tempo, porque um indivíduo metido num comprido cafetã já se havia precipitado para ele; mas vendo-o em minha mão, lançou-me uma olhadela e passou de largo. O tal objeto era uma grande carteira de marroquim de forma antiga; estava quase a rebentar de papéis, mas não sei por que, adivinhei, à primeira olhadela, que devia conter tudo, menos dinheiro. O transeunte que a havia perdido já estava a uns quarenta passos à minha frente; iria em breve perder-se em meio da multidão. Corri atrás dele e chamei-o; mas, como não podia eu gritar outra coisa senão 'ei!', ele nem mesmo se voltou. De repente, meteu-se ele à esquerda, por uma porta de casa. Quando cheguei àquela porta, onde reinava profunda escuridão, não havia mais ninguém. A casa era uma dessas imensas construções que os especuladores mandam erguer para dividi-las em pequenos apartamentos; alguns desses imóveis chegam a ter uma centena deles. Transpondo o portão, acreditei ver no ângulo direito e ao fundo dum vasto pátio alguém que se afastava, mas as trevas impediram-me de distinguir melhor. Corri até aquele canto e descobri a entrada de uma escada estreita, muito suja e sem iluminação. Ouvindo no alto os passos precipitados de um homem que subia, meti-me pela escada, contando alcançá-lo antes que lhe abrissem a porta. Foi o que aconteceu. Os lances de escada eram muito próximos, mas o número deles pareceu-me infinito e fui

perdendo o fôlego. Uma porta se abriu e se fechou no quinto andar. Adivinhei-o, quando me achava ainda a uns três patamares abaixo. Precisei de alguns minutos para chegar ao quinto andar, retomar fôlego e procurar a campainha. Por fim veio abrir a porta uma camponesa que, numa cozinha muito estreita, atiçava o fogo de um samovar. Ouviu minhas perguntas em silêncio, não compreendeu certamente nada e, sempre sem descerrar os dentes, fez-me entrar para uma peça vizinha. Era um quartinho, muito baixo e cujo miserável mobiliário reduzia-se ao estritamente necessário; sobre um imenso leito com cortinados estava deitado um indivíduo que a mulher chamou de Tieriêntitch e que me pareceu estar embriagado. Um coto de vela ardia em cima de uma mesa numa palmatória de ferro, ao lado de uma garrafa de aguardente quase vazia. Sem se levantar Tieriêntitch resmungou uns sons inarticulados para meu lado e mostrou-me com a mão a porta contígua. A mulher desaparecera, de modo que não me restava senão empurrar aquela porta. Foi o que fiz e penetrei no quarto ao lado.

"Este era ainda menos largo e menor do que o outro a ponto de não saber eu como mover-me dentro dele. Uma cama estreita colocada no ângulo obstruía quase toda a peça; o resto do mobiliário compunha-se de três cadeiras ordinárias, empilhadas de toda espécie de farrapos, e de uma grosseira mesa de cozinha diante de um velho divã recoberto de encerado, tudo tão apertado que mal se podia passar entre a mesa e a cama.

"Uma vela de sebo numa palmatória de ferro, semelhante à do outro quarto, estava colocada em cima da mesa. Um bebê de três semanas no máximo vagia, deitado na cama; uma mulher doente e pálida 'mudava-lhe' ou antes, rearranjava-lhe as fraldas. Parecia jovem ainda e estava negligentemente vestida; via-se que começava a refazer-se do parto. Quanto à criança, não parava de gritar, à espera do magro seio de sua mãe. Sobre o divã dormia outra criança, uma menininha de três anos, sobre a qual haviam lançado uma roupa que tinha o ar de um fraque. Perto da mesa estava um homem vestido com uma sobrecasaca muito gasta (já havia tirado seu paletó que colocara sobre a cama), desamarrando um pacote embrulhado em papel azul que continha duas libras de pão branco e duas pequenas salsichas.

Havia também sobre a mesa um bule de chá cheio e restos de pão preto. Debaixo da cama podia-se distinguir uma mala aberta e dois pacotes contendo trapos.

“Numa palavra: era uma confusão tremenda. O homem e a mulher causaram-me à primeira vista o efeito de serem pessoas distintas, mas reduzidas pela miséria àquele estado de degradação em que a desordem se impõe a ponto de não se reagir mais contra ela, de criar-se o hábito dela e de acabar não somente sem se poder passar sem ela, mas ainda de encontrar no seu aumento cotidiano não sei que amargo prazer de vingança.

“Quando entrei, o homem que acabava de chegar desembrulhava suas provisões e conversava com sua mulher num tom de extremo nervosismo; a mulher não havia ainda acabado de pôr a fralda no bebê e já se pusera a choramingar; é provável que as notícias trazidas pelo marido fossem más como de costume. O rosto do homem pareceu-me distinto e até mesmo simpático. Devia ter cerca de vinte e oito anos, era moreno, magro, usava suíças negras e trazia o queixo escanhoado. Tinha ar melancólico e seu olhar era triste, mas com certo matiz de altivez mórbida, facilmente irritável. Minha chegada provocou uma cena estranha.

“Há pessoas que encontram um prazer extremo em sua irascibilidade, sobretudo quando ela atinge (o que acontece sempre muito depressa) seu diapasão mais elevado; naquele momento era mesmo possível dizer que encontram mais satisfação em ser ofendidas do que em não ser. Em troca, essas pessoas irascíveis experimentam depois as dores do arrependimento, se, está bem entendido, são inteligentes e estão em condições de compreender que se deixaram arrebatar dez vezes mais do que seria razoável. Aquele senhor olhou-me um momento com estupefação, enquanto que o olhar da mulher exprimia o medo, como se o aparecimento de um ser humano no quarto deles tivesse constituído um acontecimento terrível. Mas de súbito, antes que tivesse eu tido tempo de balbuciar duas palavras, avançou ele para mim com uma espécie de raiva. Estava profundamente magoado por ver um homem bem vestido permitir-se entrar sem cerimônias no seu canto e mergulhar olhares naquele lastimável interior do qual tinha ele próprio vergonha. Decerto

saboreava ao mesmo tempo uma espécie de alegria à ideia de transferir para alguém o despeito que lhe causavam seus malogros. Acreditei mesmo um instante que ele ia bater-me; tornou-se pálido como uma mulher dominada por um ataque de histerismo, o que assustou terrivelmente sua mulher.

"— Como ousou entrar aqui assim? Saia! — gritou ele, tremendo a ponto de mal poder articular as palavras.

"Mas de repente viu sua carteira em minhas mãos.

"— Creio que o senhor deixou cair isto — disse eu, num tom calmo e seco quanto possível (era, aliás, o tom que convinha).

"De pé, diante de mim, como que fulminado de espanto, o homem esteve algum tempo como que sem nada compreender. Depois, num gesto rápido, tateou seu bolso, abriu uma boca parvamente e bateu na testa.

"— Meu Deus! Onde a encontrou? De que maneira?

"Expliquei-lhe em poucas palavras e num tom ainda mais seco como havia apanhado a carteira, como correra atrás dele, chamando-o, e enfim como o seguira quatro a quatro degraus pela escada, de certo modo às cegas.

"— Oh! meu Deus! — exclamou ele, dirigindo-se à sua mulher. — São todos os meus papéis, meus derradeiros instrumentos, tudo enfim!… Oh! senhor, sabe que serviço acaba de prestar-me? Era um homem perdido!

"Entrementes eu havia pegado a maçaneta da porta para sair sem responder, mas sufocava e fui sacudido por um brusco acesso de tosse, tão violento que mal me podia manter de pé. Vi o homem voltar-se para todos os lados à procura de uma cadeira livre para mim; pegou afinal nos trapos que se amontoavam numa cadeira, atirou-os no chão e fez-me sentar a toda a pressa, mas com precaução. Meu acesso de tosse prolongou-se ainda durante pelo menos três minutos. Quando voltei a mim, estava ele sentado a meu lado em outra cadeira que havia sem dúvida também desembaraçado de seus andrajos e olhava-

me fixamente.

“— O senhor tem o ar de… estar sofrendo — disse ele, de repente, no tom que tomam habitualmente os médicos ao abordar seus doentes. — Eu mesmo sou… médico (não empregou a palavra “doutor”). — E ao dizer isto, mostrou com um gesto o quarto, como para protestar contra sua situação atual. — Vejo que o senhor…

“— Sou tuberculoso — articulei, laconicamente, levantando-me.

“Ele também se levantou, dum salto.

“— Talvez exagere… Tratando-se…

“Estava muito perturbado e não conseguia recompor-se; conservava a carteira em sua mão esquerda.

“— Oh! não se inquiete! — interrompi-o, de novo, pegando a maçaneta da porta. — Fui examinado a semana passada por B*** (tornei, ainda aqui, a mencionar B***) e meu caso é claro. Desculpe-me!

“Tinha eu mais uma vez intenção de abrir a porta e deixar o doutor confuso, agradecido e esmagado de vergonha, mas minha maldita tosse atacou-me justamente naquele momento. O doutor obrigou-me então a sentar-me e insistiu para que eu repousasse; voltou-se para sua mulher que, sem mudar de lugar, dirigiu-me algumas palavras amáveis de gratidão. Ao fazer isto, perturbou-se de tal maneira que suas faces secas e descoloridas avermelharam-se. Fiquei, mas tomei o ar de alguém que deseja deixar parecer a todo momento um temor extremo de ser importuno (era o ar que convinha). Notei que o arrependimento atormentava o doutor.

“— Se eu… — começou ele, interrompendo-se a cada instante e saltando duma frase a outra, — sou-lhe tão grato e agi tão mal para com o senhor… eu… como vê… — mostrou de novo o quarto, — neste momento encontro-me numa tal situação…

“— Oh! — disse eu, — não há nada que ver; o caso nada tem de novo. O senhor provavelmente perdeu seu lugar e veio à capital para

explicar-se e procurar outro.

“— Mas como… o senhor sabia? — perguntou admirado.

“— Isto se vê à primeira vista — respondi, num tom de involuntária ironia. — Muitas pessoas chegam aqui vindas da província, cheias de esperanças; dão seus passos e providências e vivem assim ao dia a dia.

“Pôs-se ele a falar com um ardor súbito; seus lábios tremiam; devo dizer que suas lamentações e sua narrativa me comoveram; fiquei em casa dele cerca de uma hora. Expôs-me sua história que, aliás, nada tinha de extraordinária. Médico na província, a serviço do Estado, fora vítima de intrigas às quais fora misturado até mesmo o nome de sua esposa. Seu orgulho revoltara-se e perdera a paciência. Nisto, tendo uma modificação no pessoal administrativo sido favorável a seus inimigos, haviam trabalhado à socapa contra ele, do que resultou uma queixa; teve de abandonar seu lugar e vir, com seus derradeiros recursos, a Petersburgo para apresentar explicações. Ali, como sempre, mantiveram-no em longa espera antes de conceder-lhe audiência; depois ouviram-no, depois despacharam-no, depois fizeram-lhe promessas, depois repreenderam-no severamente, depois ordenaram-lhe que expusesse seu caso por escrito, depois recusaram-se a receber seu memorial e convidaram-no a apresentar um requerimento. Em resumo, andara para lá e para cá durante cinco meses e gastara tudo quanto possuía; os vestidos de sua mulher estavam, até o último, no monte-de-socorro; foi naquele momento que lhes nascera um bebê e… e… ‘hoje me comunicaram a recusa definitiva ao meu requerimento; não tenho, por assim dizer, mais pão, não tenho mais nada e minha mulher acaba de dar à luz. Eu… eu…’

“Ergueu-se bruscamente e voltou o rosto. Sua mulher chorava a um canto; o menino recomeçou a vagir. Abri meu canhenho e pus-me a redigir algumas notas. Quando acabei e me levantei, vi-o plantado diante de mim a olhar-me com uma curiosidade receosa.

“— Tomei nota de seu nome — disse-lhe, — e de tudo mais: a localidade onde o senhor serviu, o nome de seu governador, as datas e os meses. Tenho um camarada de escola chamado Bakmútov cujo tio,

Piotr Matviéievitch Bakmútov, é conselheiro efetivo de Estado e diretor de departamento…

“— Piotr Matviéievitch Bakmútov! — exclamou o médico, numa espécie de tremor. — Mas é dele que quase todo esse caso depende!

“E de fato, na história do médico e seu desenlace, para o qual contribuí de uma maneira tão inesperada, tudo se encadeou e arranjou, segundo as previsões, como num romance. Disse àquelas pobres criaturas que não procurassem ter em mim esperança alguma; tendo em vista ser eu mesmo um pobre colegial (exagerava de propósito a humildade de minha posição, porque havia muito tempo que terminara meus estudos no colégio). Acrescentei que eles não tinham necessidade de saber meu nome, mas que iria naquele mesmo instante a Vassílievski Óstrov procurar meu amigo Bakmútov. Estava certo de que seu tio, o conselheiro efetivo de Estado, velho solteirão, sem filhos, adorava meu camarada apaixonadamente, vendo nele o derradeiro rebento de sua família. ‘Talvez, disse eu, ao terminar, possa esse camarada fazer alguma coisa por vós e, por mim, com seu tio, sem dúvida’.

“— Se me deixassem pelo menos explicar-me diante de Sua Excelência! Se conseguisse poder obter a honra de justificar-me de viva voz! — exclamou ele, tremendo como se tivesse febre, enquanto seus olhos cintilavam.

“Foi mesmo esta a expressão que empregou: ‘Se conseguisse poder obter a honra…’ Depois de ter repetido mais uma vez que o negócio decerto fracassaria e que todos os nossos esforços seriam inúteis, acrescentei que, se não voltasse eu a vê-los no dia seguinte de manhã, isto quereria dizer que tudo estaria acabado e que não tinham eles mais nada a esperar. Levaram-me à porta com muitas saudações e pareciam ter quase perdido a cabeça. Não esquecerei jamais a expressão de seus rostos. Tomei um fiacre e dirigi-me imediatamente ao Vassílievski Óstrov.

“Tínhamos vivido numa contínua inimizade, aquele Bakmútov e eu, durante vários anos de colégio. Em casa pensávamos nele como uma espécie de aristocrata; era pelo menos assim que o havia eu

qualificado. Estava sempre muito bem trajado e chegava em carro próprio. Não era orgulhoso; era um excelente camarada, de um perpétuo bom humor, por vezes mesmo muito espirituoso, sem ter grande inteligência; entretanto, era sempre o primeiro da classe e eu jamais fui primeiro em coisa nenhuma. Todos os seus condiscípulos gostavam dele, exceto eu. Durante aqueles poucos anos, procurou por diversas vezes aproximar-se de mim, mas eu me havia cada vez mais afastado dele, com um ar sempre esquivo e irritado. Havia cerca de um ano que não mais o vira; estava na Universidade. Quando entrei em casa dele, cerca das nove horas da noite (não sem formalidades cerimoniosas, porque criados me anunciaram), recebeu-me a princípio com espanto e mesmo de maneira pouco afável. Mas não tardou em reencontrar sua jovialidade e desatou subitamente a rir, olhando-me:

"— Que ideia foi essa sua de vir ver-me, Tieriêntiev? — exclamou com a cordial sem-cerimônia que lhe era habitual; seu tom mostrava-se por vezes impertinente, porém nunca ofensivo; era um traço aquele que me agradava nele e que, no entanto, causava minha aversão por ele. — Mas que há então? — exclamou, como que assustado. — Está muito doente?

"A tosse reaparecera; deixei-me cair sobre uma cadeira e mal pude recuperar o fôlego.

"— Não se inquiete — disse-lhe. — Estou tísico. Tenho um pedido a fazer-lhe.

"Surpreendido, sentou-se, enquanto lhe contava eu toda a história do doutor, explicando-lhe que poderia ele fazer alguma coisa de sua parte, dada a influência considerável que exercia sobre o tio.

"— Farei sim, farei sim, sem falta; amanhã mesmo falarei com meu tio; estou mesmo muito contente e você contou-me tudo isso tão bem… Mas como lhe veio a ideia, Tieriêntiev, de dirigir-se a mim, apesar de tudo?

"— Tudo depende de seu tio neste caso; além disso, Bakmútov, nós sempre fomos inimigos e, como é você um nobre caráter, pensei que não oporia uma recusa a um inimigo — acrescentei eu, com uma ponta de ironia.

“— Igualzinho a Napoleão fazendo apelo à hospitalidade da Inglaterra! — exclamou ele, entre risadas. — Sim, farei o necessário, hei de fazê-lo! Irei mesmo imediatamente, se for possível! — apressou-se em acrescentar, vendo que eu me levantava com ar grave e severo.

“Efetivamente, aquele negócio arranjou-se duma maneira totalmente inesperada e para nossa completa satisfação. Ao fim de seis semanas nosso médico obteve novo lugar numa outra província; pagaram-lhe a remoção e deram-lhe mesmo, um subsídio. Suponho que Bakmútov levou o doutor a aceitar dele um adiantamento a título de empréstimo; ia vê-lo muitas vezes quando eu mesmo cessara de propósito minhas visitas; se, por acaso, o doutor vinha à minha casa, recebia-o quase secamente; durante aquelas seis semanas encontrei Bakmútov uma ou duas vezes, e nos revimos uma terceira quando festejamos a partida do doutor. Bakmútov deu em sua casa um jantar de despedida com champanhe; a mulher do doutor compareceu também, mas retirou-se cedo para atender ao bebê. Era no começo de maio, a noite estava bela e o globo enorme do sol descia no golfo. Bakmútov levou-me à casa; passamos pela Nikoláievski Most e estávamos um tantinho ébrios. Falou-me ele de sua viva satisfação pelo feliz resultado do caso; agradeceu-me por não sei o que, explicou-me o bem-estar que sentia por ter praticado uma boa ação e pretendeu atribuir-me todo o mérito disso. Não deu razão às numerosas pessoas que professam e pretendem hoje que uma boa ação individual não tem significação alguma.

“Uma irresistível vontade de falar apoderou-se também de mim: — Aquele que se incumbe de praticar um ato individual de caridade — comecei eu, — atenta contra a natureza do homem e despreza a dignidade pessoal do favorecido. Em contraposição, a organização da ‘caridade social’ e a questão da liberdade individual são duas coisas diferentes, mas que não se excluem. A boa ação particular continua a existir porque corresponde a uma necessidade do homem: à necessidade vital de exercer uma influência direta sobre seu próximo. Havia em Moscou um velho general, quero dizer ‘um conselheiro efetivo de Estado’, portador de nome alemão. Passara sua vida a visitar as prisões e os criminosos; cada grupo de condenados cujo envio para a Sibéria se preparava sabia de antemão que teria a visita

daquele velhinho no Monte dos Pardais. Ele se desincumbia de sua tarefa com muita seriedade e compaixão; chegava, passava em revista todos os forçados, enfileirados em redor dele, parando diante de cada um, informando-se de suas necessidades, quase nunca lhes pregando moral e chamando a todos de 'meus pobres amigos'. Distribuía dinheiro, enviava-lhes as coisas indispensáveis, meias; roupa de baixo, tecidos; por vezes trazia-lhes livrinhos de religião que dava àqueles que sabiam ler, profundamente convencido de que os folheariam durante a viagem e dariam conhecimento do conteúdo deles aos que não sabiam ler… Interrogava-os raramente a respeito de seus malfeitos; quando muito escutava aqueles que enveredavam por si mesmos pelo caminho das confidências. Não fazia nenhuma diferença entre os criminosos, pondo-os a todos no mesmo nível. Falava-lhes como a irmãos; eles próprios acabavam por considerá-lo como um pai.

"Se notava no grupo uma mulher com uma criança nos braços, aproximava-se dela, acariciava o pequeno e estalava os dedos para diverti-lo. Foi assim que passou sua longa vida até morrer; afinal de contas chegou a ser conhecido em toda a Rússia e em toda a Sibéria, pelo menos entre os condenados. Um homem que estivera na Sibéria contou-me que ele próprio fora testemunha da maneira pela qual os criminosos mais endurecidos se lembravam do general, embora este, ao visitar as turmas de deportados, raramente tivesse meios de dar mais de vinte copeques a cada um deles. É verdade que aquelas pessoas não falavam dele nem em termos muito calorosos, nem mesmo num tom muito sério. Por vezes, um daqueles 'infelizes', que talvez massacrara uma dúzia de pessoas ou assassinara seis crianças pelo único prazer de matar (diz-se que havia celerados dessa espécie), lançava um suspiro e exclamava: 'Que terá acontecido ao bom do velho general? Quem sabe se ainda vive?'. Vinha-lhe esta reflexão sem razão aparente e talvez uma única vez no curso dos vinte anos de sua pena. Acompanhava-a mesmo de um sorriso, talvez. E nada mais. Mas quem lhe diz que uma semente não fora lançada para sempre naquela alma pelo 'velinho' de quem o homem guardava ainda a lembrança após vinte anos? Pode você conhecer, Bakmútov, a influência dessa comunhão de um ser humano com outro sobre o destino deste último?… Há nisso toda uma vida, uma possibilidade infinita de ramificações que nos escapa. O melhor e o mais sagaz jogador de

xadrez não pode prever senão um número restrito de jogadas de seu adversário; falou-se, como de um prodígio, de um jogador francês que podia calcular dez jogadas de antemão. Ora, quantas jogadas há e quantas combinações que nos escapam? Lançando a semente, praticando não importa sob que forma seu 'ato de caridade', sua boa ação, dá você uma parte de sua personalidade e recebe una parte da do outro; há uma comunhão entre os dois seres de vocês; um pouco de atenção, e eis você já recompensado pelo saber, pelas descobertas completamente inesperadas. Acabará necessariamente por considerar sua boa obra como uma ciência; dominará toda a sua vida e talvez a encha inteiramente. Por outra parte, todos os seus pensamentos, todas as sementes que você lançou e talvez já estejam esquecidas tomarão raiz e crescerão. Aquele que as recebeu de você vai comunicá-las a outrem. E quem sabe que parte lhe caberá no futuro na solução dos problemas de que depende o destino da humanidade? E se seu saber e toda uma vida devotada a esse gênero de ocupação o elevam enfim a alturas donde possa você semear em grande e legar ao universo um pensamento imenso, então… etc. E falei ainda longamente sobre este tema.

"— E dizer que a vida lhe é negada! — exclamou Bakmútov, com o ar de dirigir veemente censura a um terceiro.

"Naquele momento, estávamos debruçados sobre o parapeito da ponte e olhávamos o Nieva.

"— Sabe qual o pensamento que me veio ao espírito? — perguntei, debruçando-me mais sobre a balaustrada.

"— Seria o de lançar-se dentro do rio? — perguntou Bakmútov quase aterrorizado. (Talvez tivesse lido este pensamento em meu rosto.)

"— Não, no momento, limito-me ao seguinte raciocínio. Ei-lo: restam-me agora dois ou três meses de vida, talvez quatro; mas tomemos, por exemplo, o momento em que não me restarão senão dois meses e suponhamos que naquele momento queira eu praticar uma boa ação que exija um esforço, andanças, e complicações, no gênero daquelas que me ocasionou o caso do doutor. Neste caso, eu

precisaria renunciar a essa boa ação, por falta de tempo, e procurar outra que seja de menor importância e caiba dentro de meus meios (se, todavia, a paixão de praticar boas ações me leve a este ponto). Convenha você que é esta uma ideia engraçada!

"O pobre Bakmútov estava bastante inquieto a meu respeito; acompanhou-me até meu quarto e teve a delicadeza de não se crer obrigado a consolar-me; manteve-se quase todo o tempo em silêncio. Ao despedir-se de mim, apertou-me calorosamente a mão e pediu permissão para voltar a ver-me. Respondi-lhe que, se quisesse voltar à minha casa a título de 'consolador' (porque, mesmo silenciosa, sua visita teria um objetivo de consolação e lhe expliquei isso), sua presença seria para mim apenas um *memento mori*. Deu de ombros, mas conveio que tinha eu razão; separamo-nos bastante cortesmente, contra minha expectativa.

"Foi durante essa noite e no curso da noite seguinte que senti germinar em mim minha 'suprema convicção'. Aferrava-me avidamente àquele novo pensamento, analisava-o com fervor em todos os seus meandros e sob todos os seus aspectos (passei a noite em claro). E quanto mais o aprofundava, mais me penetrava dele, mais ele me enchia de terror. Um medo atroz acabou por dominar-me; não mais me deixou nos dias que se seguiram. Por vezes, sua simples evocação bastava para me fazer passar pelos transes dum novo pavor. Concluí disso que minha 'suprema convicção' encravara-se em mim com demasiada força para que não provocasse fatalmente um desenlace. Mas não tinha eu bastante audácia para decidir-me. Três semanas depois essas tergiversações cessaram e a audácia me veio, graças a uma circunstância muito estranha.

"Anoto aqui, em minha explicação, todos esses números, todas essas datas. Decerto, isso será para mim mais tarde indiferente, mas agora (e talvez somente neste instante) quero que aqueles que terão de julgar meu ato possam ver claramente por meio de qual cadeia de deduções lógicas cheguei à minha 'suprema convicção'.

"Escrevi mais acima que adquiri a audácia decisiva que me fazia falta para pôr em prática essa 'suprema convicção' não, pelo que creio, por meio de dedução lógica, mas em seguida a um choque imprevisto,

a um acontecimento anormal que podia não ter absolutamente nenhuma ligação com a marcha do assunto.

"Há cerca de dez dias, fez-me Rogójin uma visita a propósito duma questão que lhe dizia respeito e da qual não cabe falar aqui. Nunca o vira antes, mas ouvira falar muito dele. Dei-lhe todas as informações de que ele necessitava e não tardou em retirar-se. Como era aquilo o único objetivo de sua vinda, as coisas poderiam ter ficado nisso entre nós. Mas ele me havia vivamente interessado e, durante o dia inteiro, fui dominado por pensamentos tão estranhos que me decidi a pagar sua visita no dia seguinte. Ele não escondeu seu descontentamento por me ver e deixou-me mesmo 'delicadamente' entender que não tínhamos de prolongar nossas relações. Mas apesar de tudo passei uma hora curiosíssima, como provavelmente a passou também ele. O contraste entre nós era tão absoluto que não pudemos deixar de dar-nos conta disso, eu sobretudo. Eu era o homem cujos dias estão contados; ele, pelo contrário, estava cheio de vida impulsiva, todo entregue à paixão do momento, sem se preocupar com suas 'supremas' deduções, algarismos ou o que quer que seja, sem pensar no que… no que… digamos: no que não fosse objeto de sua loucura. Que o Senhor Rogójin me perdoe esta expressão e ponha-a na conta da inabilidade de um escritor medíocre no exprimir seu pensamento. A despeito de sua pouca amabilidade, deu-me a impressão de um homem de espírito, capaz de compreender muitas coisas, se bem que não se interessasse por aquilo que não lhe dissesse diretamente respeito. Não fiz nenhuma alusão à minha 'suprema convicção', mas, graças a certos indícios, tive a sensação de que lhe bastara ouvir-me para adivinhá-la. Mantinha-se em silêncio; esse homem é prodigiosamente taciturno. No momento de retirar-me, sugeri-lhe que, a despeito das diferenças e do contraste que nos separavam — *les extrémités se touchent*[48] — (traduzi-lhe isto em russo), ele próprio não estivesse talvez tão afastado dessa "suprema convicção", quanto se podia crer. Ao que me respondeu com uma careta intratável e amarga, mas levantou-se e foi buscar meu boné, fingindo que acreditava que eu me dispunha a retirar-me; sob pretexto de me acompanhar por polidez, pôs-me simplesmente fora de sua lúgubre morada. Esta me impressionara: parecia um cemitério; entretanto, creio que ela lhe agrada e isto se compreende; ele vive

uma vida demasiado intensa e demasiado direta para que não experimente a necessidade de um ambiente mais amável.

“Esta visita a Rogójin havia-me cansado muito. Aliás, tinha-me sentido indisposto desde manhã; ao anoitecer, senti grande fraqueza e deitei-me, por momentos uma febre intensa me invadia e me fazia até delirar. Kólia ficou a meu lado até às onze horas. Lembro-me, no entanto, de tudo quanto ele me disse e de tudo quanto falamos. Mas quando, a intervalos, meus olhos se fechavam, revia sempre Ivan Fomitch que, no meu sonho, se tornara milionário. Não sabia que fazer de seus milhões, quebrava a cabeça para encontrar um lugar para eles e, tremendo à ideia de ser roubado, acabava resolvendo-se a enterrá-los. Aconselhei-o, em vez, a mandar fundir essa fortuna e não enterrá-la inutilmente, e confeccionar com ela um pequeno ataúde de ouro para o menino que ele havia deixado ‘gelar’, depois de ter previamente exumado o corpo. Súrikov acolhia este conselho irônico com lágrimas de gratidão e apressava-se em pô-lo em prática. Eu cuspia no chão e deixava-o plantado ali. Quando recobrei cabalmente os sentidos, Kólia assegurou-me que eu não havia dormido absolutamente e que, durante todo aquele tempo, não cessara de falar-lhe de Súrikov. Tinha eu minutos de angústia e de agitação extraordinárias; de modo que Kólia se retirou cheio de inquietação. Levantei-me para fechar a porta à chave, quando ele saiu. Nesse momento lembrei-me bruscamente de um quadro que havia visto de manhã em casa de Rogójin, numa das salas mais sombrias de sua casa, por cima duma porta. Ele próprio o havia mostrado ao passar e eu ficara, creio, uns cinco minutos diante daquele quadro que, embora destituído de qualquer valor artístico, lançara-me em singulares inquietações.

“Representava o Cristo no momento da descida da cruz. Se não me engano, têm os pintores o hábito de figurar o Cristo quer sobre a cruz, quer após a descida da cruz, com um reflexo de beleza sobrenatural em seu rosto. Aplicam-se em conservar lhe esta beleza mesmo em meio dos mais atrozes tormentos. Não havia nada dessa beleza no quadro de Rogójin; era a reprodução perfeita de um cadáver humano trazendo a marca de sofrimentos sem conta padecidos mesmo antes da crucificação; viam-se os traços das feridas, dos maus tratos e

dos golpes sofridos da parte dos guardas e da populaça, quando carregava a cruz e caía sob seu peso; enfim as da crucificação que Ele sofrera durante seis horas (pelo menos segundo meu cálculo). Era, na verdade, o rosto de um homem que acabavam de descer da cruz; conservava muito de vida e de calor; a rigidez não cumprira ainda sua obra de modo que o rosto do morto refletia o sofrimento, como se não tivesse cessado de senti-lo (foi isto muito bem apanhado pelo artista). Além do mais, era aquele rosto de uma implacável verdade: tudo nele era natural; era bem o de não importa que homem após torturas semelhantes.

"Sei que a Igreja cristã professou, desde os primeiros séculos, que os sofrimentos do Cristo não foram simbólicos, mas reais, e que, na cruz, seu corpo foi submetido, sem nenhuma restrição, às leis da Natureza. O quadro representava, pois, um rosto terrivelmente desfigurado pelos golpes, tumefacto, coberto de atrozes e sangrentas equimoses, os olhos abertos e marcados pelo brilho vítreo da morte, com as pupilas reviradas. Mas o mais estranho era a questão singular e apaixonante que sugeria a vista daquele cadáver de supliciado: se todos os seus discípulos, seus futuros apóstolos, as mulheres que o tinham seguido e se mantiveram ao pé da cruz, os que tinham fé nele e o adoravam, se todos os seus fiéis tiveram semelhante cadáver sob os olhos (e aquele cadáver devia ser certamente assim), como puderam eles crer, em face de semelhante visão, que o mártir ressuscitaria? Mesmo a contra gosto, a gente diz a si mesmo: se a morte é uma coisa tão terrível, se as leis da natureza são tão poderosas, como se pode triunfar delas? Como ultrapassá-las, quando não cederam elas diante daquele mesmo que havia, durante sua vida, subjugado a natureza, obrigando-a a obedecer-lhe, que dissera 'Talitha cumi!' e a menina se levantara, 'Lázaro, vem para fora!' e o morto saíra do sepulcro? Quando se contempla aquele quadro, imagina-se a natureza sob o aspecto de um animal enorme, implacável e mudo. Ou antes, por mais inesperada que pareça a comparação, seria mais justo, muito mais justo, assemelhá-la a uma enorme máquina de construção moderna que, surda e insensível, tivesse estupidamente agarrado, esmagado e engolido um grande Ser, um Ser sem preço, valendo ele só toda a natureza, todas as leis que a regem, toda a terra, a qual talvez nem mesmo tenha sido criada senão para a aparição desse Ser!

“Ora, o que aquele quadro me pareceu exprimir, é essa noção duma força obscura, insolente e estupidamente eterna, à qual tudo está sujeito e que nos domina malgrado nosso. Os homens que cercavam o morto, se bem que o quadro não apresentasse nenhum, devem ter sentido uma angústia e uma consternação tremendas naquela noite que destruía de um golpe todas as suas esperanças e quase sua fé. Devem ter-se separado presas dum terrível assombro, muito embora cada um deles mantivesse no íntimo de si mesmo um pensamento prodigioso e inextirpável. E se o Mestre tivesse podido ver sua própria imagem na véspera do suplício, teria Ele podido marchar para a crucificação e para a morte como o fez? É esta ainda uma questão que nos vem involuntariamente ao espírito, quando olhamos aquele quadro.

“Durante a hora e meia que se seguiu à partida de Kólia, estas ideias dominaram-me o espírito. Careciam de nexo e eram sem dúvida delirantes, mas revestiam-se por vezes também de uma aparência concreta. Pode a imaginação revestir duma forma determinada o que, na realidade, não a tem? Parecia-me, por momentos, ver aquela força infinita, aquele ser surdo, tenebroso e mudo, materializar-se duma maneira estranha e indescritível. Lembro-me de ter tido a impressão de que alguém que segurava uma vela me tomava pela mão e me mostrava uma tarântula enorme, repugnante, assegurando-me de que era mesmo aquele ser tenebroso, surdo e todo-poderoso, e rindo-se da indignação que eu manifestava.

“Acende-se sempre à noite, em meu quarto, uma pequena lâmpada diante do ícone; embora baça e vacilante, seu clarão permite distinguir os objetos e pode-se até ler sob sua luz. Penso que era um pouco mais de meia noite; eu não dormia absolutamente e estava deitado, de olhos abertos; de repente, a porta de meu quarto entreabriu-se e Rogójin entrou.

“Entrou, tornou a fechar a porta, olhou-me sem dizer uma palavra e dirigiu-se de mansinho para a cadeira que se encontra no canto do quarto, quase abaixo da lâmpada. Fiquei bastante surpreendido e a observá-lo na expectativa do que iria ele fazer. Pôs os cotovelos sobre uma mesinha e fitou-me em silêncio. Dois ou três minutos decorreram assim e seu mutismo, lembro-me, ofendeu-me vivamente e irritou-me.

Por que ele não se decidia a falar? Achava, decerto, estranho que ele viesse à minha casa a uma hora tão tardia, mas não me lembro de que isso me houvesse causado maior espanto. Pelo contrário: se bem que eu lhe tivesse, de manhã, claramente exposto meu pensamento, sabia entretanto que ele o havia compreendido; ora, esse pensamento era duma maneira tal que valia a pena vir a tornar falar dele, mesmo a uma hora tão avançada. Assim pensei que ele viera para este fim. Na despedida, pela manhã, houve certa hostilidade e lembro-me mesmo de que ele me havia, uma ou duas vezes, olhado com um ar bastante sarcástico. Era aquela mesma expressão de sarcasmo que eu lia agora em seu olhar e pela qual me sentia ofendido. Quanto a ter realmente diante de mim Rogójin em pessoa e não uma visão ou uma alucinação do delírio, isto não me pareceu a princípio causar a menor dúvida. Essa ideia nem me veio mesmo ao espírito.

"Entretanto, continuava ele sentado e a olhar-me com seu sorriso zombeteiro. Virei-me com cólera no meu leito, pus o cotovelo sobre o travesseiro e tomei o partido de imitar-lhe o silêncio, ainda que esse silêncio se prolongasse indefinidamente. Não sei por que, queria absolutamente que fosse ele o primeiro a falar. Penso que uns vinte minutos se passaram assim. De repente, veio-me uma ideia: quem sabe? talvez não fosse Rogójin, mas apenas uma aparição.

"Jamais tivera a menor aparição, nem durante minha doença, nem antes. E desde minha infância até aquele momento, isto é, até aqueles últimos tempos, se bem que não acreditasse de modo algum em aparições, sempre me parecera que, se chegasse a ver uma pelo menos, morreria na mesma hora. No entanto, quando me veio a ideia de que não era Rogójin mas um fantasma, lembro-me de que não vim a sentir medo nenhum. Melhor ainda, fiquei mesmo decepcionado. Coisa estranha: a questão de saber se tinha diante de mim um fantasma ou Rogójin em pessoa não me preocupava, nem me perturbava, como teria sido natural; parecia-me que tinha então o espírito alhures. Por exemplo, preocupava-me muito mais saber por que Rogójin, que estava de manhã de roupão e de chinelos, trazia agora um fraque, um colete branco e uma gravata branca. Disse a mim mesmo: se é uma aparição, não tenho medo; então por que não me levantar e me aproximar para certificar-me eu mesmo do que é?

Talvez, aliás, não o ousasse e tivesse medo. Mas apenas veio-me a ideia de que tinha medo, senti-me de súbito totalmente gelado; um arrepio correu-me pelas costas e meus joelhos puseram-se a tremer. Naquele momento mesmo, Rogójin, como se tivesse adivinhado meu terror, retirou o braço sobre que se encostara, endireitou-se e abriu a boca como se fosse começar a rir. Fitava-me obstinadamente. Senti-me invadido por tal raiva que me deu vontade de me atirar sobre ele; mas, como havia jurado a mim mesmo não romper o silêncio em primeiro lugar, não me movi de meu leito; não estava, aliás, ainda certo de que fosse um espectro e não Rogójin em pessoa.

"Não me recordo mais quanto tempo essa cena durou; não saberia dizer tampouco, se tive ou não intervalos de sonolência. Rogójin acabou por se levantar e, depois de ter me examinado com toda calma e atenção, como quando entrara, mas desta vez sem sarcasmo, dirigiu-se a passos surdos, quase nas pontas dos pés, para a porta, abriu-a e saiu, tornando a fechá-la atrás de si. Não me levantei; não me lembro quanto tempo fiquei ainda estendido, os olhos abertos e entregue a meus pensamentos. Que pensamentos? Deus o sabe. Não me lembro tampouco de como foi que adormeci.

"No dia seguinte, levantei-me depois das nove horas, ouvindo baterem à minha porta. Está combinado em minha casa que, se eu mesmo não abrir minha porta depois das nove horas e não chamar para me servirem o chá, Matriona deverá vir bater. Abrindo-lhe a porta, perguntei a mim mesmo: como pode ele entrar, uma vez que a porta estava fechada? Informei-me e adquiri a certeza de que o verdadeiro Rogójin jamais pôde penetrar em meu quarto, estando todas as portas à noite fechadas à chave.

"Foi este incidente que acabo de descrever com tantos detalhes, que me decidiu a deter definitivamente minha 'resolução'. Não procede esta, pois, da lógica do raciocínio, mas dum sentimento de repulsa. Não posso continuar numa existência que se reveste de formas tão estranhas e tão ferinas para mim. Aquele fantasma deixou-me humilhado. Não sinto a coragem de dobrar-me a uma força que se disfarça de tarântula. E não foi senão quando me vi afinal, ao crepúsculo, em face de uma resolução integral e definitiva, que experimentei uma impressão de alívio. Não era todavia senão uma

primeira fase: ia eu atravessar a segunda em Pávlovsk, mas, sobre isso, já me expliquei suficientemente.”

## Capítulo VII

“Eu possuía uma pistolinha de bolso que arranjara quando era ainda criança, na idade ridícula em que começamos a apaixonar-nos pelas histórias de duelos e de ataques de salteadores; sonhava que era provocado em duelo e que me portava valentemente diante da pistola do adversário. Há um mês, examinei essa pistola e armei-a. Na caixa onde estava, encontrei duas balas e uma pequena pera contendo duas ou três cargas de pólvora. Essa pistola não vale nada, desvia-se e não alcança a mais de quinze passos, mas, aplicada diretamente sobre a têmpora, pode sem dúvida bastar para rebentar-nos o crânio.

“Decidi morrer em Pávlovsk, ao surgir do sol, depois de haver descido ao parque para não causar perturbação na casa de campo. Minha ‘explicação’ bastará para orientar o inquérito policial. Os amadores de psicologia e os interessados poderão deduzir dela tudo quanto lhes aprouver; todavia, não quereria que este manuscrito fosse entregue à publicidade. Rogo ao príncipe que guarde dela um exemplar em sua casa e remeta o outro a Aglaia Ivânovna Iepántchina. Tal é minha vontade. Lego meu esqueleto à Academia de Medicina, no interesse da ciência.

“Não reconheço a ninguém o direito de julgar-me e sei que escapo agora a toda jurisdição. Há pouco tempo, uma ideia engraçada veio-me à cabeça: se me desse a veneta, de repente, de matar alguém, ou mesmo de massacrar de um golpe uma dezena de pessoas, ou de cometer qualquer malfeito atroz, o mais atroz que se possa perpetrar no mundo, em que embaraço eu não colocaria o tribunal a meu respeito, eu, que não tenho senão duas ou três semanas de vida, estando abolidos o interrogatório e a tortura? Morreria confortável e mimadamente no hospital, cercado pela solicitude dos médicos, talvez muito mais à vontade e mais aquecido que em minha casa. Não compreendo como este pensamento não surge no espírito das pessoas que se encontram no meu caso, não fosse senão a título de brincadeira. Talvez o tenham com efeito; entre nós, como alhures, não

faltam farsantes.

“Mas, se não reconheço juízes acima de mim, nem por isso deixo de saber que haverão de julgar-me, ainda mesmo que viesse a tornar-me um réu surdo e mudo. É por isso que não quero partir sem deixar uma réplica, uma réplica livre e sem constrangimento, não para me justificar — oh! não! não tenho a intenção de pedir perdão a quem quer que seja — mas para minha própria satisfação.

“Eis em primeiro lugar uma estranha reflexão: quem, em virtude de que direito e por qual motivo, poderia contestar-me o direito de dispor minha vida durante essas duas ou três semanas? Que tribunal seria competente nessa matéria? A quem serviria que não somente eu seja condenado, mas que, no interesse da moral, suporte o tempo de minha punição? Será que realmente isto pode ser necessário a alguém? A causa da moral ganharia com isso? Compreendo perfeitamente que, se na plenitude da saúde, atentasse contra uma vida ‘que poderia ter sido útil a meu próximo’, etc., eu poderia ser censurado, em nome da velha moral rotineira, por haver disposto dessa vida sem autorização ou por qualquer outro malfeito. Mas agora, agora que já ouvi minha sentença de morte? A que moral pode ser sacrificado meu resto de vida, o derradeiro estertor com o qual se exalará o derradeiro átomo de minha existência, enquanto escutarei as consolações do príncipe que, é certo, com suas demonstrações cristãs, chegará a esta feliz conclusão: será mesmo melhor, afinal, que eu morra? (Os cristãos de sua espécie chegam sempre a esta ideia, é o seu estribilho predileto.) E que me querem eles pois com suas ridículas ‘árvores de Pávlovsk’? Adoçar as derradeiras horas de minha vida? Não compreendem eles que, quanto mais me esquecer, mais me deixarei seduzir por este derradeiro fantasma de vida e de amor por trás do qual esperam roubar a meus olhos a parede da casa Meyer e tudo o que aí está escrito com tanta franqueza e ingenuidade, mais infeliz me tornarão? Que me importam vossa natureza, vosso parque de Pávlovsk, vossos nascer e pôr de sol, vosso céu azul e vossas minas prósperas, se sou o único a ser olhado como inútil, como o único excluído, desde o começo, desse banquete sem fim? Que necessidade tenho eu de todo esse esplendor quando a cada minuto, a cada segundo, devo saber, sou obrigado a saber que, mesmo este ínfimo

mosquito, zumbindo neste momento em torno de mim num raio de sol, tem o direito de participar desse banquete e desse coro da natureza; conhece o lugar que lhe está reservado, gosta dele, é feliz; ao passo que eu, somente eu, sou um rebotalho e somente a covardia até hoje impediu-me de compreendê-lo?

"Oh! sei bem que o príncipe e todos os outros quereriam levar-me a renunciar a estas expressões 'insidiosas e malignas'; quereriam ouvir-me entoar, em nome da moral triunfante, a famosa e clássica estrofe de Millevoye:

> Oh! possam ver vossa beleza sagrada
> Tantos amigos, surdos aos meus adeuses!
> Morram eles idosos, seja sua morte chorada,
> E um amigo haja a fechar-lhes os olhos!

"Mas acreditai, acreditai bem, ó almas simples! Nessa estrofe edificante, nessa bênção acadêmica do mundo em verso francês, há tanto fel oculto, tanto ódio implacável e que se compraz em si mesmo, que o próprio poeta pôde enganar-se, tomando esse ódio por lágrimas de enternecimento. Morreu nesta ilusão; paz às suas cinzas! Sabei que existe um limite à mortificação que inspira ao homem a consciência de seu próprio nada e de sua impotência, limite além do qual essa consciência mergulha-o num gozo grandioso.

"É verdade, a humildade é, neste sentido, uma força, enorme, convenho; mas essa força não é aquela que a religião aí encontra.

"Ah! a religião! Admito a vida eterna; talvez a tenha sempre admitido. Quero bem crer que a consciência seja um archote aceso pela vontade duma força suprema, que reflita em si o universo e que haja dito: 'Eu sou!'. Quero bem crer ainda que essa mesma força suprema lhe ordene de repente que se extinga, por alguma razão longínqua e obscura, e mesmo sem sombra de explicação. Seja, admito tudo isto. Mas resta eterna a questão: que necessidade há de acrescentar ainda minha resignação a essa sujeição? Não pode bem simplesmente me devorar, sem ainda exigir que eu cante os louvores daquele que me devora? É possível que alguém lá em cima se sinta realmente ofendido pelo fato de eu não querer esperar duas semanas mais? Não creio nada disso; suponho com infinitamente mais

verossimilhança que minha frágil existência seja um átomo necessário à perfeição da harmonia universal, que sirva para um acréscimo ou um corte, para um contraste ou para outra coisa; da mesma maneira que o sacrifício cotidiano de um milhão de seres seja uma necessidade; sem este sacrifício, o mundo não poderia subsistir (este pensamento, notemo-lo, não é absolutamente generoso em si mesmo). Mas passemos! Convenho que, de outro modo, isto é, se os homens não se tivessem devorado uns aos outros, teria sido impossível organizar o mundo; admito mesmo que eu não compreenda nada dessa organização. Mas, em compensação, eis o que deveras sei: desde o momento em que me foi dado tomar consciência de que 'eu sou' que tenho eu que ver com o fato do mundo ser organizado obliquamente e não possa existir de outro modo? Quem pois me julgará de acordo com isto, e a respeito de que me julgará? Pensai disso o que quiserdes, é tão inconcebível quanto injusto.

"E, no entanto, jamais pude, malgrado meu desejo, imaginar que a vida futura e a Providência não existissem. O mais provável é que tudo isto exista, mas que não entendamos nada da vida futura, nem das leis que a regem. Ora, se é coisa difícil e mesmo impossível de compreender, é possível me transformar em responsável pela minha incapacidade em captar o inconcebível? Pretendem, é verdade — e é esta certamente a opinião do príncipe, — que aqui é preciso que a gente se incline e obedeça sem raciocinar, por puro senso moral, e acrescentam que minha docilidade encontrará no outro mundo sua recompensa. Nós rebaixamos por demais a Providência emprestando-lhe nossas ideias, pelo despeito de não poder compreendê-la. Mas repito que, se não podemos compreender a Providência, é difícil que o homem carregue a responsabilidade de uma incompreensão que tem para ele a força de uma lei. E se assim é, como, como me haveriam de julgar por não ter podido compreender a vontade verdadeira e as leis da Providência? Não, será melhor deixar a religião de parte.

"Aliás, basta. Ao chegar a estas linhas, o sol já se terá decerto erguido e começará a 'ressoar no céu', difundindo por todo o universo forças imensas, incalculáveis! Assim seja! Morrerei contemplando a face dessa fonte de vigor e de vida, duma vida que eu não quereria mais. Se tivesse dependido de mim não ter nascido, não teria decerto

aceitado a existência em tão irrisórias condições. Mas resta-me ainda a faculdade de morrer, se bem que não disponha eu senão de um resto de vida já condenada. Este poder é bem pouca coisa e nem tão grande coisa é também minha revolta.

"Uma derradeira explicação: se morro, não é que não tenha coragem de suportar essas três semanas. Oh! teria encontrado certamente as forças necessárias e, se o tivesse querido, teria extraído uma consolação suficiente do sentimento da ofensa que me é feita. Mas não sou um poeta francês e não faço questão desse gênero de consolo. Enfim, há nisso uma tentação: condenando-me a só viver três semanas, a natureza tão rigorosamente limitou meu campo de ação que o suicídio é talvez o único ato que eu possa praticar e levar a cabo por minha própria vontade. Pois bem, por que não haveria eu de querer aproveitar a derradeira possibilidade de agir que se me oferece? Um protesto pode por vezes ter seu valor…"

Tendo afinal terminado a leitura da "Explicação", Ipolit parou… Em casos extremos, um homem nervoso, se está exasperado e fora de si, pode levar a franqueza ao derradeiro grau de cinismo. Então não teme mais nada e está pronto a provocar não importa qual escândalo; e até se alegraria com isso. Lança-se sobre as pessoas, com a intenção confusa, mas decidida, de se precipitar um minuto mais tarde do alto dum campanário e de liquidar assim duma vez todos os embaraços que sua conduta terá podido criar-lhe. Este estado é habitualmente anunciado por um esgotamento gradual das forças físicas. A tensão excessiva, anormal, que até então havia sustentado Ipolit, atingira esse paroxismo. O corpo daquele adolescente de dezoito anos, esgotado pela doença, parecia tão fraco como a folha trêmula arrancada da árvore. Mas, desde que — pela primeira vez depois de uma hora — pousou os olhos sobre o auditório, seu olhar e seu sorriso traduziram logo a aversão mais altiva, mais desdenhosa e mais ferina. Tinha pressa em desafiar os assistentes. Mas estes também estavam cheios de indignação. Todos se levantaram da mesa com alvoroço e cólera. A fadiga, o vinho, a tensão dos nervos acentuavam a desordem e a atmosfera deletéria, se assim se pode dizer, daquela reunião.

Ipolit levantou-se de sua cadeira dum salto, tão bruscamente como se dela o houvessem arrancado.

— O sol já saiu! — exclamou ele vendo iluminarem-se as copas das árvores e mostrando-as ao príncipe como se aquilo fosse um milagre. — O sol já saiu!

— Pensava talvez que ele não saísse? — observou Fierdíchtchenko.

— Ainda um dia ardente que se anuncia! — murmurou, com uma expressão de tédio e de displicência, Gânia, que, de chapéu na mão, se espreguiçava e bocejava. — Iremos ter ainda um mês de seca?… Partimos ou ficamos, Ptítsin?

Ipolit ouviu aquelas palavras com um espanto vizinho do estupor. Tornou-se de súbito terrivelmente pálido e pôs-se todo a tremer. — O senhor afeta para ofender-me uma indiferença muito inepta — disse ele a Gânia, fitando-o bem dentro dos olhos. — O senhor é um patife!

— Oh! isto passa dos limites! — berrou Fierdíchtchenko. — Que sem-cerimônia fenomenal!

— Não passa de um imbecil! — disse Gânia. Ipolit dominou-se um tanto.

— Compreendo, senhores — começou ele, sempre tremendo e interrompendo-se a cada palavra, — que tenha podido merecer vosso ressentimento pessoal e… lamento ter-vos infligido a leitura desta obra de delírio (mostrou seu manuscrito); aliás, lamento também não vos ter massacrado mais… (pôs-se a sorrir estupidamente). Não é, Ievguéni Pávlovitch, não fui massacrante? — disse ele, avançando para o interpelado. — Fui, sim ou não? Fale!

— Um tanto longo, mas quanto ao mais…

— Diga seu pensamento por completo! Não minta, pelo menos uma vez em sua vida! — intimou-o Ipolit, sem deixar de tremer.

— Oh! isto me é perfeitamente indiferente! Faça-me, rogo-lhe, o favor de me deixar tranquilo — disse Ievguéni Pávlovitch, voltando-se com desagrado.

— Boa noite príncipe! — disse Ptítsin, aproximando-se de

Míchkin.

— Mas ele vai agora mesmo estourar os miolos! Que fazem? Olhem-no! — exclamou Viera, precipitando-se para Ipolit; estava ela no auge do terror e chegou mesmo a agarrar-lhe as mãos. — Ele disse que se suicidaria ao sair do sol; que fazem?

— Ele não se matará! — murmuraram, num tom de ódio, várias vozes, entre elas a de Gânia.

— Senhores, tenham cuidado! — exclamou Kólia, que também segurou a mão de Ipolit. — Olhem-no ao menos! Príncipe! Príncipe! como é que fica o senhor indiferente?

Em redor de Ipolit agruparam-se Viera, Kólia, Keller e Burdóvski, agarrando-o.

— É o direito dele, o direito dele!… — balbuciava Burdóvski, aliás com o ar dum homem que perdeu completamente a cabeça.

— Permita, príncipe: que disposições conta tomar? — perguntou Liébiediev a seu locatário; estava embriagado e sua exasperação tornava-se insolente.

— De que disposições fala o senhor?

— Não, permita; sou o dono da casa, sem querer faltar-lhe ao respeito… Admito que o senhor também está em sua casa; mas não quero histórias semelhantes sob meu próprio teto… Não!

— Ele não se matará; esse rapaz é um farsante! — exclamou inopinadamente o General Ívolguin, com tanta segurança quanto indignação.

— Muito bem, general! — aclamou Fierdíchtchenko.

— Sei bem que ele não se matará, general, respeitabilíssimo general, mas no entanto… Porque afinal sou o dono disto aqui.

Tendo-se despedido do príncipe, Ptítsin estendeu a mão a Ipolit. — Escute, Senhor Tieriêntiev — disse ele, de repente, — no seu

caderno, creio, fala-se em seu esqueleto; lega-o à Academia de Medicina, não é? É mesmo de seu esqueleto que se trata, são os seus ossos que o senhor lega?

— Sim, são meus ossos…

— Ah! bom. É que pode haver mal-entendidos. Parece que já ocorreu o fato.

— Por que o irrita? — interveio bruscamente o príncipe.

— O senhor o fez chorar — acrescentou Fierdíchtchenko.

Mas Ipolit não chorava absolutamente. Fez gesto de escapar-se, mas as quatro pessoas que o cercavam agarraram-no incontinenti. Estouraram risadas.

— Ele contava bem com isso: que lhe paralisassem as mãos; foi por isso que nos leu seu caderno — observou Rogójin. — Adeus, príncipe. Ficamos muito tempo sentados; os ossos doem.

— Em seu lugar e no caso de ter você realmente a intenção de suicidar-se, Tieriêntiev — disse, rindo, Ievguéni Pávlovtitch, — cuidaria bem de pôr meu projeto em execução depois de semelhantes cumprimentos, quando não fosse senão para fazer-lhes raiva.

— Têm uma vontade atroz de ver como me suicidarei! — alcançou-lhes Ipolit, com ar de querer atirar-se contra Pávlovitch.

— Sentem-se decepcionados pela falta de semelhante espetáculo.

— Então o senhor também acredita que eles não assistirão a isso?

— Não tenho a intenção de incitá-lo a fazer tal coisa; pelo contrário, creio-o muito capaz de estourar os miolos. Mas sobretudo não se zangue… — respondeu Ievguéni Pávlovitch, num tom arrastado e protetor.

— Só agora é que me dou conta do erro enorme que cometi, lendo-lhes meu caderno — disse Ipolit, olhando Ievguéni Pávlovitch com tão súbita expressão de confiança que parecia pedir conselho a

um amigo.

— Sua situação é ridícula, mas… Francamente, não sei que conselho dar-lhe — replicou Ievguéni Pávlovitch, sorrindo.

Ipolit fixou nele, silenciosamente, um olhar intratável e obstinado. Parecia perder a intervalos a consciência do que se passava.

— Ah! nada disso! permitam, senhores, é essa uma maneira de agir? — disse Liébiediev. — Ele declara que “rebentará os miolos no parque para não incomodar ninguém”. Então ele acredita que não incomodará ninguém, se for matar-se no jardim, a três passos daqui?

— Senhores… — começou o príncipe.

— Não, permita-me, sereníssimo príncipe — interrompeu Liébiediev, exasperado. — O senhor mesmo vê que não se trata duma brincadeira: a metade pelo menos de seus hóspedes partilha desta convicção: que depois do que acabamos de ouvir, a honra obriga-o a matar-se. Portanto, como dono da casa e na presença de testemunhas, requeiro o concurso do senhor!

— Que é preciso, pois, fazer, Liébiediev? Estou pronto a secundá-lo.

— Eis o que: é preciso em primeiro lugar que ele nos entregue a pistola que se gabou de trazer consigo, com as munições. Se consentir nisso, permito mesmo que ele passe a noite aqui, visto seu estado doentio, mas com a condição de que exerça eu vigilância sobre ele. Mas, amanhã, é preciso que ele se vá para onde bem entender. Desculpe-me, príncipe! Se ele não entregar sua arma, vou agarrá-lo por um braço, o general vai agarrá-lo pelo outro e mandaremos imediatamente chamar a polícia, a quem caberá então o caso. A título de amigo, o Senhor Fierdíchtchenko irá avisar o posto.

O alvoroço foi geral: Liébiediev acalorava-se e perdia as medidas; Fierdíchtchenko preparava-se para ir à Polícia; Gânia repetia com insistência que não haveria nenhuma tentativa de suicídio. Quanto a Ievguéni Pávlovitch, mantinha-se calado.

— Príncipe, aconteceu-lhe alguma vez cair do alto de uma torre? — perguntou em voz baixa Ipolit.

— Meu Deus! Não — respondeu ingenuamente o príncipe.

— Pensa, pois, que não tenha eu previsto todo esse ódio? — cochichou de novo Ipolit cujos olhos cintilavam e que olhava o príncipe com o ar de esperar dele efetivamente uma resposta. — Basta! — exclamou ele, de repente, dirigindo-se a todos. — Não tive razão… mais que qualquer outro! Liébiediev, aqui está a chave (tirou seu porta-moedas e dele extraiu um anel de aço do qual pendiam três ou quatro pequenas chaves) é essa, a penúltima… Kólia lhe mostrará… Kólia! Onde está Kólia? — perguntou ele, olhando para Kólia sem o ver. — Ah! sim! Pois bem! Será ele que lhe mostrará. Ajudou-me ainda há pouco a arrumar a mala. Vá com ele, Kólia; no gabinete do príncipe, debaixo da mesa… encontrará minha mala… com esta pequena chave… em baixo, num cofrezinho… minha pistola e o polvorinho. Foi o próprio Kólia quem lhe pôs as balas ainda há pouco. Ele lhe mostrará, Senhor Liébiediev. Mas exijo a condição de que, amanhã de manhã, quando eu partir para Petersburgo, o senhor me entregue a pistola. Entendeu? Não faço isto por sua causa, mas por causa do príncipe.

— Isto já vai melhor! — disse Liébiediev, pegando a chave.

E com um sorriso sarcástico, correu para o quarto vizinho. Kólia parou, como se tivesse uma objeção a fazer, mas Liébiediev arrastou-o consigo.

Ipolit via os assistentes rirem. O príncipe observou que os dentes dele matraqueavam como sob o efeito de um violento arrepio.

— Que canalhas todos eles! — murmurou ele de novo ao ouvido do príncipe, num tom exasperado. Para falar-lhe, inclinava-se sempre de seu lado e baixava a voz.

— Deixe-os; você está bem fraco…

— Imediatamente, imediatamente… Vou-me embora imediatamente.

De repente, abraçou o príncipe.

— O senhor pensa talvez que eu esteja louco — disse, olhando-o com um riso estranho.

— Não, mas você…

— Imediatamente, imediatamente, cale-se; não diga nada, espere… Vou fitá-lo bem nos olhos… Fique como está, para que eu o fite. É a um homem que vou apresentar minhas despedidas.

Parou e, imóvel e silencioso, contemplou Míchkin durante uns dez segundos. Estava totalmente pálido, o suor perolava-lhe a testa e sua mão apertava estranhamente o príncipe, como se temesse deixá-lo escapar.

— Ipolit! Ipolit! Que tem você então? — exclamou Míchkin.

— Imediatamente… Basta isto… Vou deitar-me. Quero beber um copo à saúde do sol!… Quero, quero sim, deixe-me!

De seu lugar, agarrou rapidamente a taça, depois se levantou e dum salto dirigiu-se à entrada do terraço. O príncipe ia correr atrás dele mas, como que de propósito, quis o acaso que no mesmo momento, Ievguéni Pávlovitch lhe estendesse a mão para despedir-se. Passou-se um minuto de súbito, ouviu-se um clamor geral no terraço, seguido de extraordinária confusão.

Eis o que se passara.

Chegando justamente à descida do terraço, Ipolit se detivera, segurando a taça na mão esquerda, e havia metido a outra mão no bolso direito de seu paletó. Keller afirmou depois que tinha ele já a mão naquele bolso no momento em que conversava com o príncipe, enquanto que com a esquerda lhe segurava o ombro e o colarinho; fora mesmo esse gesto da mão esquerda que havia despertado nele, Keller, a primeira suspeita. Seja como for, movido por certa apreensão, Keller também se lançara atrás de Ipolit. Mas também ele não chegara a tempo. Vira somente um objeto brilhante na mão direita de Ipolit e, quase no mesmo momento, o cano de uma pequena

pistola de bolso apoiado na fonte do doente. Precipitara-se para segurar-lhe o braço, mas nesse segundo, Ipolit havia puxado o gatilho. Ouviu-se o estalido seco e cortante do gatilho, mas o tiro não partiu. Keller pegou Ipolit pelo meio do corpo; o qual deixou-se cair como que privado dos sentidos; talvez se acreditasse morto de verdade. A pistola já estava nas mãos de Keller. Apoderaram-se de Ipolit, arrastaram uma cadeira para ele, sentaram-no e todos o rodearam, gritando e fazendo perguntas. Depois de ter ouvido o estalido do gatilho, viam o homem vivo, sem o menor arranhão. O próprio Ipolit estava sentado, sem nenhuma noção do que se passava; passeava em torno de si um olhar desvairado. Naquele momento, Liébiediev e Kólia entraram às carreiras.

— A arma falhou? — perguntava-se duma parte e doutra.

— Talvez a pistola não estivesse carregada — insinuaram alguns.

— Estava carregada! — disse Keller, examinando a arma. — Mas…

— Como pôde o tiro falhar?

— Não tinha cápsula — declarou Keller.

É difícil descrever a penosa cena que se seguiu. O terror geral do primeiro momento não tardou em dar lugar à hilaridade; algumas pessoas mesmo desmandaram-se em gargalhadas, achando na situação motivo para maligno deleite. Ipolit soluçava e torcia os braços, como presa de uma crise de nervos; lançava-se contra todos, até mesmo contra Fierdíchtchenko, a quem apertou com as duas mãos e ao qual jurou que se esquecera de pôr a cápsula, “esquecimento completamente acidental e involuntário”. Acrescentou que “todas as cápsulas”, em número de dez, estavam ali, no bolso de seu colete (e mostrava-as a todos); com medo de que o tiro partisse por acaso em seu bolso e com a ideia de que teria sempre tempo de fazê-lo no momento querido, mas disto perdera de repente a lembrança.

Dirigia-se alternativamente ao príncipe e a Ievguéni Pávlovitch; suplicava a Keller que lhe entregasse a pistola para que pudesse provar que “sua honra, sim, sua honra… “, mas que, agora, estava

“desonrado para sempre!”.

Acabou por se deixar cair, tendo positivamente perdido os sentidos. Levaram-no para o gabinete do príncipe, e Liébiediev, completamente desembriagado, mandou imediatamente chamar um médico, ficando ele próprio à cabeceira do doente com sua filha, seu filho, Burdóvski e o general. Depois que levaram Ipolit inanimado, Keller postou-se no meio da sala e, diante de todos os presentes, proclamou, com tom decidido, destacando e escandindo cada palavra:

— Senhores, se algum dos senhores emitir ainda uma vez, em voz alta e em minha presença, a suposição de que a cápsula pode ter sido esquecida voluntariamente e se pretende que o infeliz rapaz não fez senão representar uma comédia, terá de avir-se comigo!

Ninguém lhe respondeu. Os convivas tinham-se enfim dispersado em grupos e retiravam-se à pressa. Ptítsin, Gânia e Rogójin partiram juntos.

O príncipe ficou muito surpreendido ao ver Ievguéni Pávlovitch mudar de ideia e retirar-se antes da explicação pedida.

— Não queria o senhor ter uma conversa comigo, após a saída dos convivas? — perguntou-lhe.

— É justo — disse Ievguéni Pávlovitch, sentando bruscamente e fazendo Míchkin sentar a seu lado. — Mas no momento mudei de opinião. Confesso-lhe que estou bastante emocionado, como o senhor mesmo, aliás. Minhas ideias acham-se em desordem; além disso, o negócio a respeito do qual queria explicar-me com o senhor é demasiado importante, tanto para mim quanto para o senhor. Veja, príncipe, eu quereria, pelo menos uma vez em minha vida, praticar uma ação perfeitamente honesta; quero dizer, isenta de qualquer segunda intenção. Ora, creio que no presente, no minuto atual, não me sinto totalmente capaz desta ação; talvez o senhor esteja no mesmo caso… de sorte que… e… afinal, adiaremos esta explicação para mais tarde. Pode ser que a questão se esclareça para o senhor e para mim, se deixarmos escoarem-se dois ou três dias; é o tempo que pretendo passar em Petersburgo.

Levantou-se outra vez, de modo que não se compreendia mais por que se sentara. Míchkin teve a impressão de que ele estava descontente e enraivecido e acreditou discernir no seu olhar uma expressão de hostilidade que nele não se via antes.

— A propósito, o senhor vai agora para o lado do doente?

— Vou, sim… tenho temores — disse o príncipe.

— Não os tenha; ele viverá ainda umas seis semanas; talvez mesmo se restabeleça aqui. Mas o melhor seria pô-lo amanhã para fora.

— Talvez eu também o tenha excitado, sem dar-me conta disso… nada dizendo. Pode ter acreditado que eu duvidava igualmente de que pudesse matar-se. Que pensa disso, Ievguéni Pávlovitch?

— Nada, absolutamente. O senhor é demasiado bom em se preocupar ainda com isso. Ouvira dizer, sem jamais ter tido ocasião de verificar, que um homem podia matar-se expressamente para atrair para si cumprimentos ou por despeito de não os ter recebido. E sobretudo não teria jamais acreditado que se pudesse dar tão franca manifestação de sua fraqueza. Mas, seja como for, ponha-o amanhã para fora.

— Acredita que ele renovará sua tentativa de suicídio?

— Não; não recomeçará mais. Mas tome cuidado com esses tipos russos à Lacenaire! Repito-lhe: o crime é o refúgio por demais habitual dessas nulidades impotentes, trabalhadas pela impaciência e pela inveja.

— Seria então um Lacenaire?

— A essência é a mesma; talvez somente a situação é que difira. Verá se aquele senhor não é capaz de massacrar dez pessoas, nem que fosse para “fazer uma brincadeira”, segundo a expressão de que ele mesmo se serviu, quando leu sua “Explicação”. Agora, estas palavras vão me fazer não dormir.

— Suas apreensões talvez sejam exageradas.

— O senhor é espantoso, príncipe; o senhor não o julga capaz de matar agora dez pessoas?

— Teria receio em responder-lhe; tudo isto é por demais estranho, mas, mas…

— Bem, como queira! — concluiu Ievguéni Pávlovitch, num tom exacerbado. — E afinal é o senhor um homem tão corajoso! Trate simplesmente de não ser o senhor mesmo uma das dez vítimas!

— O mais provável é que ele não matará ninguém — disse Míchkin olhando Ievguéni Pávlovitch, com um ar pensativo.

Este riu malignamente.

— Adeus! Já é tempo! A propósito, notou que ele legou a Aglaia Ivânovna uma cópia de sua confissão?

— Sim, notei-o e… isto faz-me refletir.

— Eis o que nos traz às dez vítimas — disse Ievguéni Pávlovitch, rindo de novo; depois saiu.

Uma hora após, entre três e quatro horas da manhã, o príncipe desceu ao parque. Tentara dormir em sua casa, mas sem êxito, por causa das violentas palpitações de seu coração. Não obstante, toda a casa voltara à ordem e estava tão calma quanto possível; o doente adormecera e o médico que viera vê-lo declarara que ele não corria nenhum perigo imediato. Liébiediev, Kólia, Burdóvski tinham-se deitado em seu quarto para vigiá-lo por turnos não havia, pois, nada a temer.

Entretanto, a inquietação do príncipe crescia de minuto a minuto. Errou pelo parque, lançando em redor de si olhares distraídos, e parou, surpreso, ao chegar à clareira que se abre diante da estação e ver as fileiras de bancos vazios e estantes da orquestra. Chocou-o o aspecto daquele lugar que achou, sem saber explicar por que, tremendamente feio. Arrepiou caminho e tomou a estrada que seguira na véspera com as Iepántchini para se dirigir à estação. Chegado ao banco verde, que era o lugar do encontro indicado, sentou-se e

explodiu num brusco e ruidoso ataque de riso, que logo censurou com a mais viva indignação. Sua angústia não o deixava; sua vontade era ir-se embora não sabia para onde… à toa. Por cima de sua cabeça, um passarinho cantava; pôs-se a procurar com os olhos na folhagem. De súbito, o pássaro voou com toda a rapidez; lembrou-lhe, no mesmo instante, aquele mosquito "zumbindo num ardente raio de sol", a propósito do qual Ipolit escrevera que "conhecia seu lugar nesse coro da natureza", em que somente ele, Ipolit, era um intruso. Esta frase, que já lhe havia ferido a atenção então, voltou-lhe agora ao espírito. E uma recordação desde muito tempo adormecida despertou nele e iluminou-se duma claridade súbita.

Fora na Suíça, durante o primeiro ano e mesmo durante os primeiros meses de seu tratamento. Olhavam-no então como um perfeito idiota; não podia mesmo exprimir-se corretamente e não compreendia por vezes o que lhe perguntavam. Dirigiu-se um dia para a montanha, num dia de sol claro, e vagou muito tempo, atormentado por um pensamento pungente, mas que não chegava a formular. Descobria diante de si um céu esplendoroso, a seus pés um lago, todo em redor um horizonte luminoso e tão vasto que parecia sem limites. Havia contemplado longamente aquele espetáculo, com o coração apertado pela angústia. Lembrava-se agora de ter estendido os braços para aquele oceano de luz e de azul e de ter derramado lágrimas. Torturava-o a ideia de ser estranho a tudo aquilo. Que banquete era então aquele, aquela festa sem fim para a qual se sentia atraído desde muito tempo, desde sempre, desde sua infância, sem jamais ter podido dele participar? Todas as manhãs, o sol assim se levanta radioso; todas as manhãs, o arco-íris se desenha acima da cascata; todas as noites o cimo nevado da mais alta montanha dos arredores se acendia, lá no horizonte, de flamas purpúreas; cada "mosquito que zumbe em torno dele, num ardente raio de sol, participa desse coro da natureza: conhece seu lugar, gosta dele, é feliz". Cada talo de erva cresce e é feliz! Cada ser tem seu caminho e conhece-o; chega e torna a partir, cantando; mas ele, só ele nada sabe, nada compreende, nem os homens, nem as vozes da natureza, porque é em toda parte um estranho, um rebotalho. Oh! não tinha podido então exprimir-se nestes termos, nem formular assim seu problema; seu sofrimento era surdo e mudo; mas, agora, imaginava ter naquela época dito tudo isto sob essa

forma e parecia-lhe que Ipolit tomara emprestado seu “mosquito” à sua linguagem e às suas lágrimas de então. Estava convencido disto sem saber demasiado por que e este pensamento fazia-lhe o coração palpitar.

Adormeceu sobre o banco, mas sua agitação perseguiu-o até mesmo no sono. No momento de adormecer, lembrou-se da suposição de que Ipolit mataria dez pessoas e sorriu diante do absurdo desta ideia. Em redor dele reinava claro e majestoso silêncio; o sussurro das folhas parecia acentuar ainda mais a serenidade e a solidão ambientes. Teve numerosos sonhos, todos angustiantes e que o fizeram estremecer sem cessar. Por fim uma mulher aproximou-se dele; ele a conhecia, conhecia-a a ponto de sofrer por causa disso; podia sempre chamá-la, designá-la, mas — coisa estranha! — tinha ela agora um rosto totalmente diverso daquele que sempre lhe vira e experimentava dolorosa repulsa em reconhecê-lo sob seus novos traços. Havia naquele rosto tal expressão de arrependimento e de medo que se diria que aquela mulher era uma grande criminosa e que acabava de cometer um malfeito atroz. Uma lágrima tremia em sua face lívida. Ela o chamou com um gesto e pousou um dedo, sobre seus lábios como para convidá-lo a segui-la sem rumor. Seu coração desfaleceu; por coisa alguma, por coisa alguma no mundo queria ver nela uma criminosa, mas sentia que um acontecimento terrível ia sobrevir e influiria em toda a sua vida. Ela parecia querer lhe mostrar alguma coisa, não longe dali, no parque. Levantou-se para segui-la, mas uma risada límpida e fresca ressoou de repente perto dele; uma mão encontrou-se de repente na sua; agarrou-a, apertou-a fortemente e despertou.

Aglaia estava diante dele, rindo às gargalhadas.

## Capítulo VIII

Ria, mas ao mesmo tempo estava indignada.

— Dormindo! O senhor adormeceu! — exclamou ela, num tom de espanto e de desprezo.

— Mas é a senhora! — balbuciou o príncipe, que não havia ainda recobrado bem a consciência e a reconheceu com surpresa. — Ah! sim! aquele encontro marcado… Adormeci aqui.

— Bem o percebi.

— Ninguém mais me despertou a não ser a senhora? Nenhuma outra pessoa esteve aqui? Pensava que havia aqui… outra mulher.

— Outra mulher aqui?

O príncipe recobrou-se enfim completamente.

— Não era senão um sonho — disse, com ar pensativo. — Mas num momento como este, este sonho é estranho… Sente.

Puxou-a pela mão e a fez sentar no banco ele próprio tomou lugar ao lado dela e mergulhou em suas reflexões. Aglaia não rompeu o gelo e contentou-se em olhá-lo fixamente. Ele também a olhava, mas por vezes com o ar de não vê-la à sua frente. Ela foi ficando corada.

— Ah! sim — disse ele, estremecendo, — Ipolit, deu um tiro em si mesmo.

— Quando? Em sua casa? — perguntou ela, sem parecer muito admirada. — Ontem à noite, creio, estava ainda vivo. Como pôde o senhor vir dormir aqui depois de tal acontecimento? — exclamou ela, animando-se.

— Mas ele não morreu; a pistola falhou.

A pedido de Aglaia, Míchkin teve de contar, imediatamente, com bastantes detalhes, tudo quanto se passara na noite que findara. Ela o convidava continuamente a apressar sua narração, ela mesma, porém, interrompia-o com perguntas incessantes e quase sem ligação com o caso. Prestou notadamente grande interesse pelo que dissera Ievguéni Pávlovitch e interrogou mesmo o príncipe diversas vezes a respeito desse ponto.

— Basta! É preciso que eu me apresse — concluiu ela, quando o relato chegou ao fim. — Não temos senão uma hora a passar aqui,

devo estar em casa às oito horas sem falta, para que não se saiba que vim aqui. E estou aqui para tratar dum assunto; tenho muitas coisas a comunicar-lhe. Mas o senhor fez-me perder o fio das ideias. Quanto a Ipolit, creio que a pistola não podia deixar de falhar; está bem de acordo com o personagem. Mas o senhor está certo de que ele tenha querido verdadeiramente suicidar-se e que não foi uma comédia?

— Não, não era uma comédia.

— É com efeito o mais provável. Então estipulou por escrito que o senhor devia trazer-me sua confissão? Por que o senhor não a trouxe?

— Mas ora, porque ele não morreu! Vou lhe pedir.

— Leve-a para mim sem falta e não lhe peça nada. Isto não poderá deixar de ser-lhe agradável, porque talvez quis matar-se para que eu lesse em seguida sua confissão. Rogo-lhe, Liev Nikoláievitch, não ria do que digo: esta suposição pode muito bem ser certa.

— Não estou rindo, porque eu mesmo a tenho como muito provável.

— O senhor também? É possível que tenha tido a mesma ideia? — perguntou ela, com uma brusca estupefação.

Ela o interrogava à pressa e falava com rapidez, mas parecia por vezes perturbar-se e deixava muitas vezes sua frase inacabada; a todo instante, apressava-se em preveni-lo disto ou daquilo; em geral, sua agitação era extrema e, se bem que seu olhar se mostrasse seguro, e mesmo provocador, estava talvez, no íntimo, muito intimidada. Sentada na extremidade do banco, trajava da maneira mais simples, trazia um vestido comum que lhe sentava muito bem. Por várias vezes estremeceu e corou. Ficara profundamente assombrada ao ouvir o príncipe garantir que Ipolit dera um tiro em si mesmo para que ela lesse sua confissão.

— Não resta dúvida — explicou Míchkin, — ele queria que, independentemente da senhora, nós todos o elogiássemos…

— Como? Todos o elogiassem?

— Isto é… como explicar-lhe isto? É muito difícil de exprimir. Tinha ele certamente o desejo de ver toda a gente, solícita, em torno dele, protestando-lhe seus sentimentos de afeto e de estima e suplicando-lhe que vivesse. É bem possível que tenha pensado na senhora mais do que nos outros, pois que num momento semelhante citou-lhe o nome… se bem que não se tenha talvez ele próprio dado conta de que pensava na senhora…

— Não compreendo mais nada disso: pensava em mim sem se dar conta de que pensava em mim? Contudo, sim, creio compreender. Sabe que eu mesma, quando era uma menina de treze anos, tive talvez trinta vezes a ideia de me envenenar e de tudo explicar numa carta a meus pais? Via-me deitada num caixão; todos os meus choravam em redor de mim e se censuravam por ter sido tão duros para comigo… Por que sorri ainda? — acrescentou ela, vivamente, franzindo as sobrancelhas. — Em que pensa quando se isola em seus devaneios? Acredita-se talvez um marechal que derrota Napoleão?

— Pois bem! Palavra de honra, é justamente nisto que penso, sobretudo quando adormeço! — replicou Míchkin, rindo. — Somente, não é Napoleão que eu derroto, mas os austríacos.

— Não estou absolutamente disposta a pilheriar com o senhor, Liev Nikoláievitch. Eu mesma irei ver Ipolit. Peço-lhe que o previna. Quanto ao senhor, acho muito má, porque muito grosseira, a maneira pela qual o senhor vê e julga a alma de um homem como Ipolit. O senhor não tem ternura. Vê apenas a verdade; portanto, é injusto.

O príncipe pôs-se a refletir.

— É a senhora que se mostra injusta para comigo, ao que parece, porque não acho nada de mal no ter ele tido tal pensamento, visto como toda a gente também está inclinada a isso; tanto mais que talvez ele não o tenha tido absolutamente e que tudo não passasse duma simples veleidade… Desejava encontrar-se uma derradeira vez na sociedade dos homens, merecer-lhes a estima e o afeto; são excelentes sentimentos esses; somente que, neste caso, a coisa não foi bem sucedida; a doença e não sei que mais ainda foram a causa disso. Aliás, há pessoas a quem tudo sai bem e outras que fracassam em tudo

quanto empreendem…

— O senhor decerto pensou no senhor mesmo ao dizer isto? — observou Aglaia.

— Sim — replicou Míchkin, sem prestar atenção à malícia da pergunta.

— Em todo o caso, no seu lugar, não adormeceria. Como que então, não importa onde o senhor se encontra, deixa-se assim vencer pelo sono? É bem feio isso.

— Mas passei a noite toda acordado e depois andei a passear por aqui, fui ao local da música…

— Que música?

— Lá onde havia uma orquestra ontem à noite. Em seguida vim para cá, sentei, refleti longamente e adormeci.

— Ah! deveras? Isto muda as coisas em sua vantagem… E por que foi ao local da música?

— Não sei assim, sem motivo…

— Bem, bem, tornaremos a falar disso. O senhor me interrompe todo tempo. Que tenho eu que ver que o senhor tenha ido ao local da música? Com que mulher sonhou?

— Tratava-se de… de… a senhora viu-a…

— Compreendo, compreendo perfeitamente. O senhor tem por ela muito… Como lhe apareceu ela, sob que aspecto? Afinal de contas, não quero saber de nada — acrescentou ela com um brusco mau humor. — Não me interrompa!

Parou um momento, como para retomar fôlego ou para tentar reprimir um movimento de despeito.

— Eis tudo de quanto se trata e por que lhe marquei este encontro. Quero propor-lhe que seja meu amigo. Que tem para olhar-me assim? — acrescentou ela, meio encolerizada.

Míchkin a olhava de fato, naquele momento, com muita atenção, tendo notado que ela ficava toda vermelha. Em semelhante caso, quanto mais ela corava, mais parecia zangar-se consigo mesma, o que se lia nas cintilações de seus olhos. Em geral, ao fim de um minuto, passava sua cólera contra seu interlocutor, tivesse ele culpa ou não, pondo-se a provocar questões. Tendo consciência de seu caráter intratável e de seu pudor, intervinha habitualmente pouco na conversa; mais taciturna que suas irmãs, pecava mesmo por excesso de mutismo. Em circunstâncias particularmente delicadas, como aquela, em que não podia dispensar-se de falar, travava a conversação com uma altivez afetada e certo ar de desafio. Pressentia sempre o momento em que ia corar ou começar a corar.

— Talvez não queira aceitar minha proposta? — perguntou ao príncipe, olhando-o com arrogância.

— Oh! Pelo contrário, quero muito. Somente, não era isto absolutamente necessário… isto é, que estivesse eu longe de imaginar que fosse necessário formular semelhante proposta — disse o príncipe, confuso.

— Em que pensava então? Por que o teria feito vir aqui? Que tem na cabeça? Talvez, afinal, encare-me como uma tolinha, como fazem todos lá de casa.

— Não sabia que a encaravam como a uma tolinha; eu… eu não a considero assim.

— Não me considera assim? Isto denota muita inteligência de sua parte. E é sobretudo dito com muito espírito

— Para mim — prosseguiu o príncipe, — a senhora é mesmo talvez por vezes cheia de espírito. De modo que, proferiu ainda há pouco uma frase muito sensata. Era a propósito de minha opinião a respeito de Ipolit: “vê apenas a verdade; portanto, é injusto.” Vou me recordar desta reflexão e vou meditar sobre ela.

Aglaia corou subitamente de prazer. Todas estas reviravoltas operavam-se nela com uma rapidez extraordinária e perfeita espontaneidade. Míchkin ficou encantado também e pôs-se a rir de

alegria, fitando-a.

— Escute-me — continuou ela. — Esperei muito tempo pelo senhor para contar-lhe tudo isto. Esperei-o desde o momento em que o senhor me escreveu aquela carta lá, e até mesmo antes… Já ouviu ontem à noite a metade do que tinha eu a dizer-lhe: tenho-o na conta do homem mais honesto e mais direito; se dizem do senhor que tem o espírito… enfim, que o senhor é por vezes um doente mental, é uma injustiça. Convenci-me disto e tenho defendido minha convicção. Porque, se efetivamente é o senhor um doente mental (não me queira mal por dizer isto; entendo-o de um ponto de vista superior), a inteligência principal é, em compensação, mais desenvolvida no senhor que entre qualquer deles, num grau mesmo de que não têm eles ideia alguma. Porque há duas inteligências: uma fundamental e a outra secundária. Não é? Não é bem isto?

— Talvez seja assim — articulou Míchkin, com voz apenas perceptível; seu coração batia e palpitava violentamente.

— Estava certa de que o senhor me compreenderia — continuou ela, num tom solene. — O Príncipe Tsch*** e Ievguéni Pávlovitch nada compreendem desta distinção entre as duas inteligências. Alieksandra tampouco. Mas imagine só: mamãe a percebeu!

— A senhora se assemelha muito a Lisavieta Prokófievna.

— Como? Deveras? — disse Aglaia, com surpresa.

— Asseguro-lhe.

— Obrigada — disse ela, depois de um instante de reflexão. — Estou encantada porque pareço com mamãe. Então, o senhor a estima muito? — acrescentou, sem se dar conta da ingenuidade de sua pergunta.

— Muito, com efeito, e sinto-me feliz por ver que a senhora também o haja compreendido imediatamente.

— Sinto-me igualmente feliz com isso, porque tenho notado que, por vezes… zombam dela. Mas escute-me: o essencial é que tive

tempo de refletir antes de fazer recair afinal minha escolha no senhor. Não quero que zombem de mim em casa, nem que me tratem ali como uma pequena desmiolada; não quero que me importunem… Compreendi tudo isto de repente e recusei categoricamente Ievguéni Pávlovitch, porque não quero que se esteja todo o tempo a querer casar-me! Quero… quero… bem! quero fugir de casa! E foi o senhor a quem escolhi para me ajudar a fazer isso.

— Fugir de casa?! — exclamou Míchkin.

— Sim, sim e sim: fugir de casa! — exclamou ela, bruscamente, num violento movimento de cólera. — Não quero mais, não quero mais que me obriguem ali a ficar corando continuamente. Não quero corar nem diante deles, nem diante do Príncipe Tsch***… nem diante de Ievguéni Pávlovitch, nem diante de quem quer que seja, e foi por isto que o escolhi. Com o senhor, quero poder falar de tudo; de tudo, mesmo das coisas mais importantes, quando me aprouver; de seu lado, não deverá jamais esconder-me nada. Quero que haja pelo menos um homem com o qual eu possa falar de tudo como comigo mesma. Puseram-se de repente a dizer que eu o esperava e o amava. Foi mesmo antes de sua chegada e eu não lhes havia mostrado sua carta. Agora, repetem todos a mesma coisa. Quero ser ousada e não ter nenhum temor. Não quero ir aos bailes a que me levam; quero tornar-me útil. Há já muito tempo que queria partir. Há vinte anos que me conservam enclausurada e só pensam em casar-me. Não tinha senão catorze anos quando, tão tola como era, sonhava já em fugir. Agora, tudo combinei e esperava-o para pedir-lhe toda espécie de informações sobre a vida no estrangeiro. Não vi uma única catedral gótica; quero ir a Roma, visitar laboratórios científicos; quero estudar em Paris; preparei-me e trabalhei todo o ano passado; li uma quantidade enorme de livros, entre outros todos os que são proibidos. Alieksandra e Adelaida podem ler tudo, é-lhes permitido; mas a mim proíbem e vigiam. Não quero discutir com minhas irmãs, mas já declarei desde muito tempo à minha mãe e a meu pai que tencionava mudar radicalmente de existência. Decidi ocupar-me com educação de meninos e confiei no senhor, porque o senhor me disse que gostava de crianças. Crê que possamos ocupar-nos juntos de educação, senão agora, pelo menos mais tarde? Faremos os dois obra útil; não quero

ser uma filha de general… Diga-me: o senhor é um homem muito instruído?

— Oh! absolutamente!

— É pena; e eu que acreditava… como pude imaginar isso? Não importa, assim mesmo o senhor me guiará, pois que foi o senhor a quem escolhi.

— É absurdo, Aglaia Ivânovna.

— Quero, quero fugir de casa! — exclamou ela, enquanto que, de novo, seus olhos faiscavam. — Se o senhor não consentir, casarei com Gavrila Ardaliónovitch. Não quero que, na minha família, me olhem com uma mulher vil que me acusem Deus sabe de quê!

— Mas está em seu bom senso ou não? — exclamou Míchkin, que estivera a ponto de saltar de seu lugar. — De que a acusam e quem a acusa?

— Todo o mundo lá de casa: minha mãe, minhas irmãs, meu pai, o Príncipe Tsch***… até mesmo o seu desprezível Kólia! Se nada me dizem em rosto, nem por isso deixam de pensar. Já lhes declarei abertamente a todos, à minha mãe e a meu pai. Mamãe esteve doente o dia inteiro e, no dia seguinte, Alieksandra e papai disseram-me que eu não me dava mesmo conta de minhas divagações, nem das palavras que empregava. Então repliquei-lhes redondamente que, agora, compreendia tudo, que apanhava o sentido de todas as palavras, que não era mais uma menininha e que já lera, dois anos antes, dois romances de Paul de Kock, expressamente para pôr-me ao corrente de tudo, ao ouvir isto, mamãe quase se sentiu mal.

Uma ideia estranha atravessou a mente do príncipe. Olhou fixamente para Aglaia e sorriu. Tinha dificuldade em crer diante de si aquela mesma moça altiva que lhe lera outrora, com tão provocante altivez, a carta de Gavrila Ardaliónovitch. Não chegava a compreender como, numa bela moça de gênio tão arrogante e tão intratável, podia revelar-se semelhante criança que, com efeito, não dominava talvez todas as palavras que empregava.

— Sempre viveu em casa, Aglaia Ivânovna? — perguntou ele. — Quero dizer: jamais foi à escola, não estudou num pensionato?

— Jamais fui a parte alguma; sempre me mantiveram fechada em casa como numa garrafa e, dessa garrafa, só sairei para casar. Por que ainda esse sorriso irônico? Noto que, o senhor também tem o ar de zombar de mim e de tomar o partido deles — acrescentou ela, franzindo o cenho, num ar ameaçador. — Não me irrite; não sei eu mesma o que se passa em mim… Estou certa de que o senhor veio aqui todo convencido de que eu estava apaixonada pelo senhor e que lhe marcava uma entrevista! — acrescentou ela, num tom de cólera.

— De fato, tive medo disto ontem — confessou candidamente o príncipe (estava bastante comovido), — mas hoje, estou persuadido de que a senhora…

— Como! — exclamou Aglaia, cujo lábio inferior se pôs subitamente a tremer, — teve medo de que eu… ousou pensar que eu… Meu Deus! O senhor supunha talvez que o chamava aqui para que nos surpreendessem e o obrigassem a casar-se comigo…

— Aglaia Ivânovna! Como a senhora não tem vergonha? Como um pensamento tão baixo pôde nascer no seu coração puro e inocente? Aposto que a senhora mesma não acredita uma só palavra do que acaba de dizer e até mesmo… não sabe o sentido de suas palavras!

Aglaia ficou de cabeça baixa, inerte, como apavorada com o que tinha dito.

— Não tenho vergonha nenhuma — balbuciou ela. — Aliás, donde sabe o senhor que tenho um coração inocente? Como ousou, neste caso, dirigir-me uma carta de amor?

— Uma carta de amor? Minha carta, uma carta de amor? Aquela carta era a expressão do mais profundo respeito; emanava do fundo de meu coração, num dos momentos mais penosos de minha existência. Pensei então na senhora como numa luz… eu…

— Vamos, está bem, está bem! — interrompeu ela, bruscamente,

mas num tom totalmente diverso que denotava profundo arrependimento e quase terror. Inclinou-se mesmo para ele e, sempre a se esforçar para não fitar-lhe o rosto, fez o gesto de tocar-lhe o ombro para convidá-lo de uma maneira mais persuasiva a não se aborrecer. — Está bem — repetiu ela, com extrema confusão, — sinto que me servi duma expressão estúpida. Era simplesmente… para experimentá-lo. Faça de conta que eu não disse nada Se lhe ofendi, perdoe-me. Rogo-lhe: não me olhe nos olhos; desvie o rosto. O senhor acaba de declarar que era uma ideia muito baixa; exprimi-a de propósito para excitá-lo. Acontece-me por vezes ter medo do que tenho vontade de dizer e de repente aquilo me escapa. E o senhor disse que tinha escrito aquela carta num dos momentos mais penosos de sua existência. Sei de que momento o senhor quer falar — proferiu ela baixando a voz e baixando novamente a vista para o chão.

— Oh! se pudesse a senhora tudo saber!

— Sei de tudo! — exclamou ela, num novo acesso de emoção. — O senhor partilhou naquela ocasião seu apartamento com aquela mulher vil, em companhia da qual o senhor fugiu…

Não estava mais vermelha, porém lívida, ao pronunciar estas palavras. Súbito levantou, como movida por uma mola inconsciente, mas se dominou logo e tornou a sentar. Muito tempo ainda seu lábio continuou a tremer. Houve um minuto de silêncio. Míchkin estava estupefato com aquela saída inesperada e não sabia a que atribui-la.

— Eu não o amo absolutamente! — disse, de súbito, num tom cortante.

O príncipe não respondeu. O silêncio reinou de novo durante um minuto.

— Amo Gavrila Ardaliónovitch… — confessou ela, com uma voz precipitada e apenas inteligível, baixando ainda mais a cabeça.

— Não é verdade! — replicou Míchkin, quase num murmúrio.

— Então estou mentindo? No entanto, é verdade; dei-lhe minha palavra anteontem, neste mesmo banco.

O príncipe fez um gesto de espanto e ficou um instante a sonhar.

— Isto não é verdade — repetiu ele, num tom decidido. — A senhora inventou tudo isto…

— O senhor é duma cortesia que causa espanto. Saiba que ele se emendou; ama-me mais do que à própria vida. Queimou a mão diante de mim, unicamente para provar isso.

— Queimou a mão?

— Sim, a mão. Acredite-o ou não, pouco me importa.

De repente o príncipe calou-se. Aglaia não brincava; estava zangada.

— Vejamos. Será que ele trouxe para cá uma vela para queimar a mão? Não vejo como de outra maneira teria podido…

— Sim… uma vela. Que há de inverossímil nisto?

— Uma vela inteira ou um toco de vela num candelabro?

— Pois bem! sim… não… uma meia-vela… um toco de vela… uma vela inteira. Isto dá na mesma, não insista! Trouxe até fósforos, se faz questão de saber. Acendeu a vela e conservou durante uma meia-hora seu dedo sobre a chama. Parece-lhe isso impossível?

— Vi-o ontem de noite; seus dedos não traziam sinal nenhum de queimadura.

Aglaia soltou uma gargalhada infantil. Depois voltou-se rapidamente para o príncipe, com um ar de confiança pueril, enquanto que um sorriso vagava-lhe ainda nos lábios.

— Sabe por que acabo de contar-lhe esta mentira? Porque notei que, quando a gente resolve mentir, o melhor meio de tornar sua invenção verossímil é o de nela introduzir habilmente um detalhe que saia da banalidade, um detalhe excêntrico, excepcional ou mesmo totalmente inaudito. Tenho observado isto. Somente, este expediente não me deu bom resultado, porque não soube…

Ela voltou a ensombrecer-se de repente, como à evocação duma lembrança. Continuou, pousando sobre ele um olhar grave e até mesmo entristecido:

— Se um dia recitei-lhe a poesia do “Cavalheiro pobre”, era na intenção de… fazer-lhe o elogio, mas ao mesmo tempo de confundi-lo pela sua conduta e mostrar-lhe que sabia de tudo…

— É bem injusta para comigo… para com a infeliz que tratou ainda há pouco em termos tão cruéis, Aglaia.

— É porque sei tudo, tudo, que me exprimi nestes termos! Sei que o senhor lhe ofereceu sua mão diante de toda a gente, há seis meses. Não me interrompa: bem vê que comprovo, mas não comento. Foi depois disso que ela fugiu com Rogójin; em seguida, viveu o senhor com ela em não sei qual aldeia ou vila; depois deixou-o para juntar-se a outro. (Aglaia ficou terrivelmente vermelha.) Posteriormente, voltou para Rogójin que a ama como… como um louco. Enfim o senhor, como homem do mesmo modo bastante inteligente, veio correndo para cá, atrás dela, assim que soube que ela voltara a Petersburgo. Ontem de noite, precipitou-se para defendê-la e, há um instante, sonhava com ela… Bem vê que sei de tudo. Foi por ela, não é, por ela que o senhor voltou aqui?

Míchkin curvou triste, pensativo, a cabeça, sem suspeitar do olhar fulgurante que Aglaia dardejava sobre ele.

— Foi por ela — respondeu em voz baixa, — foi por ela, mas somente a fim de saber… Não creio que ela possa ser feliz com Rogójin, se bem que… em resumo, não veja o que poderia eu fazer por ela, mas vim.

Estremeceu e olhou Aglaia. Esta havia-o escutado com ar hostil.

— Se veio sem saber por que, é que de verdade a ama muito — articulou ela, por fim.

— Não! — replicou Míchkin. — Não; eu não a amo. Oh! se soubesse com que terror evoco o tempo que passei com ela!

Bastaram estas palavras apenas para fazer um arrepio correr-lhe pelo corpo.

— Diga-me tudo — ordenou Aglaia.

— Não há nisto nada que a senhora não possa saber. Não sei por que, era justamente à senhora, e à senhora somente, que eu queria contar tudo isto; talvez porque, com efeito, tenha pela senhora muita afeição. Aquela infeliz mulher está profundamente convencida de que é a criatura mais decaída e mais perversa que exista no mundo. Oh! não lhe cause vergonha, não lhe lance a pedra! Ela própria se tem por demais torturado com o sentimento de sua infância imerecida! E de que é ela culpada, Deus meu? Nos seus acessos de exaltação, grita sem cessar que não reconhece em si nenhuma falta, que é a vítima dos homens, a vítima de um devasso e de um celerado. Mas, declare-lhe ela o que declarar, saiba que é ela a primeira a não acreditar no que diz; pelo contrário, conscientemente, é… a si mesma que ela acusa. Quando me esforçava por dissipar essas trevas, ela experimentava tais sofrimentos que jamais meu coração se curará enquanto guardar a recordação daqueles atrozes momentos. Tenho a impressão de que me atravessaram o coração uma vez para sempre. Abandonou-me, sabe por que? Unicamente, para provar-me sua ignomínia. Mas o mais terrível de tudo é que ela própria ignorava talvez que seu objetivo era fornecer-me essa prova somente a mim; acreditava fugir para obedecer à irresistível vontade de cometer uma ação vergonhosa que lhe permitisse dizer em seguida: “Mais uma ignomínia praticaste! Não passas mesmo de uma infame criatura!”. Oh! talvez não compreenda isto, Aglaia! Sabe que, nessa perpétua consciência de sua ignomínia, se dissimula talvez uma volúpia atroz e contra a natureza, a satisfação duma espécie de vingança contra alguém? Por vezes consegui restituir-lhe de certa forma a visão da luz ambiente. Mas em breve se revoltava e chegava a acusar-me de querer elevar-me acima dela (o que estava muito longe de meu pensamento); finalmente, declarava-me sem rebuços, quando lhe propunha casamento, que não pedia a ninguém nem piedade condescendente, nem assistência, e recusava-se a que alguém “a elevasse até ele”. A senhora viu-a ontem; acredita, pois, que seja ela feliz em semelhante companhia e que seja aquele o ambiente que lhe convém? Não sabe quanto ela é culta e quanto sua

inteligência é aberta! Tem-me por vezes mesmo assombrado!

— Será que o senhor lhe fazia lá… sermões como este que acaba de fazer?

— Oh! não! — prosseguiu Míchkin, com ar sonhador, sem notar o tom da pergunta. — Ficava calado quase todo o tempo. Queria muitas vezes falar, mas, na verdade, não achava, muitas vezes, o que dizer. A senhora sabe que há circunstâncias em que o melhor é calar-se. Oh! eu a amava; sim, amava-a muito; mas depois… depois… ela adivinhou tudo.

— Adivinhou o quê?

— Que eu não tinha por ela senão compaixão, que… eu não a amava mais.

— Que sabe o senhor? Talvez ela amasse realmente aquele… proprietário com o qual partiu.

— Não: sei de tudo. Ela não fez senão zombar dele.

— E do senhor, jamais zombou?

— Meu Deus, não! Isto é, por vezes, zombou por maldade; nesses momentos, acabrunhava-me com censuras furiosas e ela mesma sofria! Mas… em seguida:… Oh! não evoque essas lembranças, não me faça recordar mais!

Ocultou o rosto entre as mãos.

— E sabe que ela me escreve quase todos os dias? — perguntou Aglaia.

— Então, é verdade? — exclamou o príncipe, transtornado. — Disseram-me, mas recusava-me a crer.

— Quem lhe disse isso? — perguntou Aglaia, com ar apavorado.

— Foi Rogójin quem me contou ontem, mas em termos vagos.

— Ontem? Ontem de manhã? Em que momento do dia? Antes ou

depois da orquestra?

— Depois; foi de noite, entre onze horas e meia-noite.

— Ah! bem! se foi Rogójin… Mas sabe de que fala ela nessas cartas?

— Nada me causa espanto. Ela é uma louca!

— Aqui estão essas cartas — Aglaia tirou de seu bolso três cartas em envelopes que atirou à frente do príncipe. — Há uma semana inteira, roga-me, implora-me, suplica-me que me case com o senhor. Ela é… seja, ela é inteligente, embora demente, e o senhor tem razão quando diz que ela tem muito mais espírito do que eu… Escreve-me que está encantada comigo, que procura todos os dias ocasião de ver-me, nem que seja de longe. Assegura-me que o senhor me ama, que ela o sabe, que o notou desde muito tempo e que o senhor lhe falou a meu respeito, quando morava com ela. Quer vê-lo feliz; diz-se certa de que somente eu posso dar-lhe felicidade… Escreve de uma maneira tão esquisita… tão estranha… Não mostrei suas cartas a ninguém, esperava-o. Sabe o que isto significa? Não adivinha?

— Loucura. Isto prova que ela perdeu o juízo — declarou Míchkin, cujos lábios puseram-se a tremer.

— O senhor não chora?

— Não, Aglaia, não, não choro — disse Míchkin, olhando-a.

— Que devo fazer? Que me aconselha? Não posso continuar recebendo essas cartas.

— Oh! Deixe-a, rogo-lhe! — exclamou o príncipe. — Que pode fazer nessas trevas? Vou me esforçar por conseguir que ela não lhe escreva mais.

— Se o senhor fala assim, é porque é um homem sem coração! — exclamou Aglaia. — Não vê pois o senhor que não é a mim que tem ela tanto afeto, mas ao senhor? É só ao senhor que ela ama! Será possível que tenha chegado a tudo notar nela, menos isto? O senhor sabe o que há embaixo disto tudo, o que revelam essas cartas? Ciúme,

e mesmo pior do que ciúme! Ela… Acredita que ela casará realmente com Rogójin, como diz em suas cartas? Matava-se no dia seguinte ao do nosso casamento!

Míchkin estremeceu e seu coração desfaleceu. Olhou Aglaia com surpresa: sentia uma impressão singular ao verificar que aquela criança já se havia tornado desde muito uma mulher.

— Deus é testemunha, Aglaia, de que sacrificaria minha vida para restituir-lhe a paz da alma e a felicidade! Mas… não posso mais amá-la, e ela o sabe!

— Pois bem! Sacrifique-se, pois que isso lhe assenta tão bem! É um filantropo tão notável. E não me chame "Aglaia"… Ainda há pouco, o senhor disse "Aglaia" e nada mais… Deve trabalhar pela ressurreição dela; está obrigado a isto; seu dever é tornar a partir com ela, para abrandar e acalmar seu coração. É, aliás, mesmo a ela que o senhor ama!

— Não posso sacrificar-me, se bem que tivesse tido uma vez a intenção… e talvez ainda a tenha agora. Mas sei, sem dúvida alguma, que comigo ela estaria perdida; por isso afasto-me dela. Devia vê-la hoje às sete horas; talvez não vá. Seu orgulho não me perdoará jamais meu amor e nós sucumbiremos os dois! Isto não é natural, mas aqui tudo é contra a natureza. A senhora diz que ela me ama; mas é isto amor? Semelhante sentimento pode existir depois do que eu suportei? Não, não é amor; é outra coisa!

— Como ficou pálido o senhor! — disse Aglaia, com súbito medo.

— Não é nada; não dormi; sinto-me fraco… É a verdade; falamos então a seu respeito, Aglaia…

— Então, é verdade? O senhor realmente pôde falar de mim com ela? E… e como pôde amar-me, não me tendo visto senão uma vez ao todo?

— Não sei. Nas minhas trevas de então, tive como que um sonho… talvez uma aurora nova luziu a meus olhos. Não sei por que foi a princípio para a senhora que meu pensamento partiu. Não lhe

menti, quando lhe escrevi que ignorava como isto se dera. Não era senão um sonho por meio do qual eu escapava aos meus terrores de então… Em seguida, pus-me de novo a trabalhar; minha intenção era não voltar antes de três anos…

— Portanto o senhor voltou por causa dela?

Havia um tremor na voz de Aglaia.

— Sim, por causa dela.

Dois minutos de profundo silêncio decorreram. Aglaia levantou.

— Se o senhor diz — retomou ela, com voz hesitante, — se o senhor mesmo acredita que essa… que a sua infeliz é uma louca, suas extravagâncias não me dizem respeito… Rogo-lhe, Liev Nikoláievitch, que pegue essas três cartas e as devolva de minha parte! E… — exclamou ela, brutalmente, — se ela permitir-se escrever-me ainda uma linha sequer, diga-lhe que me queixarei a meu pai, que a mandará meter numa casa de correção…

Míchkin teve um sobressalto e observou com terror o furor inesperado de Aglaia; depois uma espécie de nevoeiro caiu bruscamente diante dele…

— A senhora não pode ter semelhantes sentimentos… Não é verdade! — balbuciou ele.

— É verdade! É a verdade! — exclamou Aglaia, quase fora de si.

— Que é que é verdade? Que verdade? — perguntou bem perto dali uma voz espantada.

Lisavieta Prokófievna estava diante deles.

— A verdade é que estou decidida a casar-me com Gavrila Ardaliónovitch, que o amo e que amanhã fugirei de casa com ele! — gritou Aglaia para sua mãe. — Ouviu? Sua curiosidade está satisfeita? Isto lhe basta?

E partiu correndo para casa.

— Ah! não, meu bom amigo, o senhor não irá escapulir-se agora — disse Lisavieta Prokófievna, retendo o príncipe. — Faça-me o prazer de vir explicar-se em minha casa… Ah! quanta complicação! E isto após uma noite em claro!…

Míchkin seguiu-a.

## Capítulo IX

Chegada em casa, Lisavieta Prokófievna parou na primeira peça; não tendo condições para ir mais longe, deixou-se cair, completamente sem forças, em um sofá e esqueceu-se até de mandar o príncipe sentar. Era uma sala bastante grande, com uma mesa redonda no meio e uma lareira; flores amontoavam-se sobre prateleiras em baixo da janela; no fundo, uma porta envidraçada dava para o jardim. Logo chegaram Adelaida e Alieksandra, cujos olhares espantados pareceram interrogar o príncipe e sua mãe.

No campo, tinham as moças o hábito de levantar-se cerca das nove horas; somente Aglaia se levantava, havia dois ou três dias um pouco mais cedo e ia passear no jardim, não às sete horas, mas às oito ou mesmo mais tarde. Lisavieta Prokófievna, presa de suas diversas preocupações, não havia, com efeito, pregado olho durante toda a noite; estava de pé desde as oito horas com o objetivo de ir ao jardim encontrar Aglaia, que acreditava já de pé; mas não a encontrou nem no jardim, nem no seu quarto de dormir. Vivamente alarmada, despertou suas outras duas filhas. A criada informou que Aglaia Ivânovna saíra para o parque antes das sete horas. Suas irmãs riram maliciosamente ao saber dessa nova fantasia de sua extravagante caçula e observaram à sua mãe que Aglaia seria ainda bem capaz de zangar-se, caso fossem à sua procura no parque; na opinião delas, estaria sentada, com um livro na mão, sobre o banco verde de que falara três dias antes e a respeito do qual quase brigara com o Príncipe Tsch***; este havia mesmo declarado nada achar de notável no lugar diante do qual estava aquele banco colocado. Chegando em plena entrevista e surpreendendo as estranhas palavras de sua filha, Lisavieta Prokófievna experimentara um terror intenso que se justificava por bastantes razões. Mas, depois de haver levado o

príncipe consigo, teve medo das consequência de sua iniciativa, “porque Aglaia não podia ter encontrado o príncipe no parque e travado a conversa com ele, sem falar da possibilidade de terem marcado a entrevista de antemão”?

— Não vás crer, meu caro príncipe — disse ela, num esforço para dominar-se — que te trouxe aqui para te submeter a um interrogatório… Meu bom amigo, após o que se passou ontem de noite, teria talvez preferido não te tornar a encontrar por muito tempo…

Ia deter-se de repente.

— Mas presumo que a senhora bem gostaria de saber como Aglaia Ivânovna e eu nos encontramos hoje? — terminou o príncipe.

— Bem, é certo que desejaria saber! — replicou Lisavieta Prokófievna, com arrebatamento. — Não tenho medo de que me falem cara a cara; não ofendo ninguém, não quis ofender ninguém…

— Mas naturalmente: não há nada de ofensivo em querer saber isto; a senhora é mãe. Encontramo-nos hoje, Aglaia Ivânovna e eu, junto ao banco verde, justamente às sete horas da manhã, em virtude de um aviso que ela me deu ontem. Entregou-me ontem à noite uma carta em que me dizia que era preciso que ela me encontrasse para conversar comigo a respeito dum assunto importante. Tivemos, pois, uma entrevista e falamos durante uma hora de assuntos que lhe diziam exclusivamente respeito. Eis tudo.

— É evidentemente tudo, meu amigo; nenhuma dúvida de que não seja tudo! — declarou num tom digno Lisavieta Prokófievna.

— Muito bem, príncipe — disse Aglaia, entrando bruscamente na sala. — Agradeço-lhe de todo o coração ter-me julgado incapaz de rebaixar-me aqui a uma mentira. Está satisfeita, mamãe, ou tem a intenção de levar mais adiante o interrogatório?

— Sabes bem que jamais me aconteceu até aqui ter de corar diante de ti… se bem que, talvez, tivesses achado prazer nisso — replicou Lisavieta Prokófievna, no tom de alguém que dá uma lição.

— Adeus, príncipe! Desculpe-me tê-lo incomodado. Espero que fique convencido de minha invariável estima pelo senhor.

Míchkin fez logo uma saudação à mãe e à filha, depois retirou-se sem dizer uma palavra. Alieksandra e Adelaida esboçaram um sorriso e puseram-se a cochichar entre si. Lisavieta Prokófievna lançou-lhes um olhar severo.

— O que nos causa alegria — disse, rindo, Adelaida, — é ver o príncipe cumprimentar com ar tão majestoso; tem ele em geral o ar de um saco e de repente ei-lo que assume maneiras… maneiras à Ievguéni Pávlovitch.

— A delicadeza e a dignidade são qualidades que emanam do coração e que os mestres de dança não ensinam — concluiu sentenciosamente Lisavieta Prokófievna.

E subiu para seu quarto, sem mesmo lançar um olhar a Aglaia. Quando o príncipe regressou à casa, cerca das nove horas, encontrou no terraço Viera Lukiánovna e uma criada. Acabavam de arrumar e de varrer, depois da noite tumultuosa da véspera.

— Graças a Deus, pudemos terminar a limpeza antes de sua chegada! — disse alegremente Viera.

— Bom dia. Estou com um pouco de dor de cabeça; dormi mal; gostaria bem de dormir um pouco.

— Quer repousar aqui, no terraço, como ontem? Está bem. Direi a todos que não venham acordá-lo. Papai saiu.

A criada retirou-se; Viera fez menção de segui-la, mas mudou de ideia e aproximou-se do príncipe com um ar preocupado.

— Príncipe, tenha piedade daquele… infeliz. Não o mande embora hoje.

— Não o mandarei embora de modo algum. Fará o que lhe aprouver.

— Não fará nada no momento… Não seja severo com ele.

— Decerto que não; por que haveria de ser?

— E depois… não ria dele; é o essencial.

— Certamente que não.

— Sou ridícula dizendo isto a um homem como o senhor — disse Viera, corando. — Embora o senhor esteja fatigado — acrescentou ela, rindo e já meio voltada para a porta, — tem neste momento os olhos tão bondosos… tão felizes.

— Estão verdadeiramente felizes? — perguntou Míchkin, com vivacidade.

E pôs-se a rir francamente.

Mas Viera, que tinha a simplicidade e a sem-cerimônia dum rapaz, ficou de súbito toda confusa e ainda mais vermelha; sem cessar de rir, saiu bruscamente.

“Que… mocinha encantadora…”, pensou Míchkin e esqueceu-a imediatamente. Retirou-se para o canto do terraço onde estava o divã, diante de uma mesinha, sentou-se, cobriu o rosto com as mãos e ficou nesta posição uma dezena de minutos. Bruscamente, mergulhou com inquietude a mão em seu bolso de lado e dele retirou três cartas.

Mas de novo a porta se abriu e Kólia apareceu. Míchkin sentiu-se quase alegre por causa daquela ocasião de tornar a guardar as cartas e de adiar a leitura.

Kólia sentou-se no divã.

— Eis um verdadeiro acontecimento! — disse ele, entrando logo no seu assunto, com aquela franqueza própria de sua idade. — Qual sua opinião agora a respeito de lpolit? Perdeu sua estima?

— Por que, afinal?… Mas, Kólia, estou fatigado… Além disso, seria penoso para mim voltar ao assunto… Como vai ele, entretanto?

— Dorme e não acordará sem dúvida antes de duas horas. Compreendo; o senhor não se deitou em casa; foi ao parque…

naturalmente, estava emocionado… Não era para menos!

— Como sabe que fui ao parque e não dormi em casa?

— Viera acaba de me dizer. Recomendou-me que não entrasse; mas não pude conter-me, queria vê-lo, nem que fosse um minuto. Passei estas duas horas na cabeceira do doente; agora, é a vez de Kóstia[49] Liébiediev. Burdóvski foi embora. Afinal, deite-se, príncipe, boa… não, bom dia! Mas o senhor sabe, estou estupefato!

— Evidentemente… tudo isso…

— Não, príncipe, não; o que me causa estupefação é a "confissão". E sobretudo a passagem em que ele fala da Providência e da vida futura. Há ali um pensamento gigantesco!

Míchkin olhou afetuosamente Kólia que viera, sem dúvida, para conversar com ele a respeito do pensamento gigantesco.

— Mas o essencial, o essencial, não é tanto esse pensamento quanto as circunstâncias em cujo meio ele germinou. Se tivesse sido formulado por Voltaire, Rousseau, Proudhon, eu a teria lido, marcado, todavia não me teria chamado a atenção no mesmo grau. Mas que um homem que está certo de não ter mais que dez minutos de vida para viver se exprima assim, é um rude exemplo de orgulho! É a mais alta manifestação de independência da dignidade humana; isto equivale a enfrentar abertamente… Não, isto denota uma força de alma gigantesca! E vir sustentar depois que ele esqueceu de propósito a cápsula, é baixeza, falta de senso! Mas o senhor sabe, ontem ele nos enganou; é um matreiro; eu não preparei absolutamente a mala com ele e jamais vi-lhe a pistola; foi ele mesmo quem arrumou tudo; tanto que me deixou interdito ao contar aquela história. Viera disse que o senhor o deixará aqui; juro-lhe que não haverá nenhum perigo, tanto mais quanto todos exercemos sobre ele uma vigilância de todos os instantes.

— E qual de vocês o velou esta noite?

— Kóstia Liébiediev, Brudóvski e eu. Keller esteve um instante, mas não tardou a ir dormir em casa de Liébiediev, porque não havia

onde ele dormisse em nosso quarto. Foi lá também que Fierdíchtchenko passou a noite; saiu às sete horas. O general continua em casa de Liébiediev; agora, também ele saiu… Creio bem que Liébiediev tem a intenção de vir encontrá-lo dentro em pouco; procurou-o, não sei por que, e perguntou por duas vezes onde o senhor estava. Devo deixá-lo entrar ou fazê-lo esperar, se o senhor for repousar? Eu mesmo vou dormir. Ah! sim, não vá esquecer-me: fui testemunha há pouco de uma excentricidade do general. Burdóvski despertou-me um pouco depois das seis horas, ou antes, justamente às seis horas, para que eu procedesse ao meu turno à cabeceira do doente; saí por um minuto e tive a surpresa de encontrar o general tão bêbado que nem me reconheceu; ficou plantado diante de mim como um poste, depois recuperou-se e crivou-me de perguntas: "E então, como vai o doente? Vinha saber notícias…". Informei-o. "Tudo isto está muito bom e bonito — acrescentou ele, — mas me levantei e vim cá sobretudo para te prevenir; tenho razões de crer que não se pode dizer tudo em presença do Senhor Fierdíchtchenko e… que é preciso ter muito cuidado com ele." Compreende, príncipe?

— Será possível? Aliás… para nós é indiferente.

— Sim, sem dúvida, é indiferente; não somos franco-maçons. Fiquei mesmo surpreendido por ver que o general queria vir acordar-me naquela noite expressamente para isso.

— Fierdíchtchenko saiu, diz você?

— Às sete horas; foi ter comigo à cabeceira do doente e me disse que ia acabar a noite em casa de Vílkin — um famoso bêbado, esse tal Vílkin! — Bem, vou-me embora! Mas eis Lukian Timofiéievitch… O príncipe quer dormir, Lukian Timofiéievitch, volte para donde veio!

— Nada mais que um minuto, respeitadíssimo príncipe! Trata-se de um assunto importante para mim — declarou Liébiediev, com uma saudação cerimoniosa.

Exprimia-se à meia voz, num tom afetado, mas penetrado da gravidade do que tinha a dizer. Acabava de entrar da rua e, não tendo mesmo tido tempo de ir à sua casa, conservava ainda o chapéu na mão. Seu rosto mostrava-se preocupado, com uma expressão

excepcional de gravidade. Míchkin convidou-o a sentar-se.

— Perguntou por mim duas vezes. Talvez continue inquieto a respeito dos incidentes da noite de ontem…

— Refere-se àquele rapaz da noite de ontem, príncipe? Oh! não: ontem minhas ideias achavam-se em desordem… mas hoje não tenciono *contrekarikovat* suas intenções no que quer que seja.

— Contra… como disse?

— Disse: contrariar. É uma palavra de origem francesa como tantas outras que passaram para a língua russa; mas não faço questão dela particularmente.

— Que tem o senhor hoje, Liébiediev, para estar tão grave e solene? Tem o ar de escandir as palavras — disse o príncipe, com um leve sorriso.

— Nikolai Ardaliónovitch! — disse Liébiediev, dirigindo-se a Kólia, num tom quase enternecido. — Devo comunicar ao príncipe um assunto que diz respeito mais especialmente…

— Bem, compreendo; não me diz respeito! Adeus, príncipe! — disse Kólia, retirando-se imediatamente.

— Gosto muito desse rapaz porque tem uma inteligência viva — disse Liébiediev, acompanhando-o com os olhos. — Embora um pouco maçante, é esperto. Uma grande desgraça me aconteceu, honradíssimo príncipe, ontem à noite ou esta manhã ao nascer do dia… não posso precisar ainda o momento exato.

— Que é que há?

— Desapareceram quatrocentos rublos do bolso interno de meu paletó. Honradíssimo príncipe, fui roubado! — acrescentou Liébiediev, com um sorriso amargo.

— Perdeu quatrocentos rublos? É pena.

— Sobretudo para um homem pobre que vive nobremente de seu

trabalho.

— Sem dúvida, sem dúvida. Como aconteceu a coisa?

— A culpa é do vinho. Dirijo-me ao senhor como à Providência, estimadíssimo príncipe. Esta soma de quatrocentos rublos foi-me paga ontem à tardinha, às cinco horas, por um devedor. Voltei para cá de trem. Minha carteira estava no meu bolso. Ao tirar meu uniforme para vestir meu sobretudo, coloquei meu dinheiro nele, na intenção de tê-lo à mão. Contava entregá-lo à noite a alguém que o pedira… Esperava o homem de negócios.

— A propósito, Lukian Timofiéievitch, é exato que o senhor mandou anunciar nos jornais que emprestava dinheiro sob penhor de objetos de ouro e de prata?

— Esse anúncio foi publicado por intermédio de um homem de negócios; não traz nem meu nome nem meu endereço. Como só tenho um pequeno capital e minha família aumentou, há de convir o senhor que um juro honesto…

— Mas sim, mas sim! Não se trata senão de uma informação; desculpe-me tê-1o interrompido.

— O homem de negócios não veio. Nisto trouxeram para cá esse infeliz. Depois do jantar, eu já estava um tanto “alto”. Depois vieram nossos visitantes; bebeu-se… chá e… para desgraça minha caí num excesso de alegria. Quando Keller chegou, tarde da noite, anunciou-nos que era o aniversário do senhor e que era preciso servir champanhe; então, meu caro e respeitadíssimo príncipe, eu que tenho um coração (o senhor deve já sem dúvida tê-lo notado, porque o mereço) não direi sentimental mas agradecido, do que me orgulho, acreditei de meu dever tirar a roupa velha e tornar a vestir meu uniforme para aguardar o momento de felicitá-lo em pessoa e festejá-lo duma maneira mais solene. Assim fiz, príncipe, e o senhor deve bem ter notado que fiquei de uniforme a noite inteira. Mas ao trocar de roupa, esqueci a carteira em meu sobretudo… Há razão em dizer-se que, quando Deus quer punir alguém, começa por lhe tirar a razão. Esta manhã, às sete horas e meia, ao despertar, saltei da cama como um louco para ir direto ao sobretudo. O bolso estava vazio. Nem sinal

de carteira.

— Ah! é desagradável!

— Eis a palavra: é desagradável. Com o tato que o caracteriza, encontrou o senhor imediatamente a expressão apropriada — acrescentou Liébiediev, não sem malícia.

— Mas, no entanto, como… — disse, após um instante de reflexão, inquieto, Míchkin, — isto é sério?

— É a palavra: sério. Ainda uma expressão feliz, príncipe, para caracterizar…

— Vejamos, Lukian Timofiéievitch, que adianta catar palavras? Não são as palavras que importam… Admite que, estando embriagado, pôde ter deixado cair a carteira de seu bolso?

— É possível. Tudo é possível no estado de embriaguez, para empregar a expressão de que o senhor se serviu com tanta franqueza, honradíssimo príncipe. Mas julgue o senhor mesmo; se deixei cair minha carteira de meu bolso ao tirar meu sobretudo, o objeto deveria ter sido encontrado no parque. Onde está ele então?

— Não o teria o senhor guardado na gaveta de alguma mesa?

— Cascavilhei tudo, explorei tudo. Aliás, não pus a carteira em parte alguma e não abri nenhuma gaveta; lembro-me disso perfeitamente.

— Olhou em seu armarinho?

— Foi a primeira coisa que fizer dei-lhe várias olhadas esta manhã… E depois, por que teria eu ido metê-la no armarinho, sereníssimo príncipe?

— Confesso-lhe, Liébiediev, que isso me inquieta. Será que alguém a encontrou no chão?

— Ou então tirado do meu bolso! Não há outra explicação.

— Isto me inquieta vivamente, porque, quem poderia ter feito tal

coisa?… Eis a questão!

— Não há dúvida alguma, é a questão essencial. O senhor acerta com espantosa justeza, ilustre príncipe, as palavras devidas, as ideias e as definições que pintam a situação…

— Ah! Lukian Timofiéievitch, chega de zombarias! Aqui…

— Zombarias? — exclama Liébiediev, erguendo os braços.

— Vamos, vamos! — está bem, não me zango. Minha preocupação é bem outra… Receio ver acusarem-se pessoas. De quem suspeita?

— A questão é muito delicada e bastante complicada! Não posso suspeitar da criada; ficou todo o tempo na cozinha. Meus filhos estão, também, fora de suspeita…

— Naturalmente.

— Por consequência, só pode ser um dos visitantes.

— Mas será possível?

— É da mais absoluta e da mais completa impossibilidade. Entretanto, a coisa não pôde passar-se de outro modo. Quero mesmo admitir, todavia, e estou mesmo convencido de que o roubo, se roubo houve, foi cometido, não de noite, quando todos estavam reunidos, mas antes, no decorrer da noite ou mesmo cerca do amanhecer, por uma das pessoas que passaram a noite aqui.

— Ah! meu Deus!

— Ponho naturalmente fora de causa Burdóvski e Nikolai Ardaliónovitch que, aliás, nem mesmo entraram em minha casa.

— Nem mesmo que tivessem entrado! Quem passou a noite em sua casa?

— Contando comigo, somos quatro os que passaram a noite em dois quartos contíguos: o general, Keller, o Senhor Fierdíchtchenko e eu. Foi, pois, um de nós quatro que deu o golpe.

— O senhor quer dizer um dos três; mas qual?

— Entrei na conta para ser justo e fazer as coisas regularmente; mas o senhor convirá, príncipe, que não pude roubar a mim mesmo, se bem que já se haja visto casos desse gênero no mundo…

— Ah! Liébiediev, como sua tagarelice é enfadonha! — exclamou o príncipe impaciente. — Vá logo ao fato. Por que tantos rodeios?

— Restam, pois, três pessoas. Comecemos pelo Senhor Keller, homem versátil, amante da bebida e em certos casos suspeito de liberal, pelo menos no que concerne ao bolso alheio; além do mais, com inclinação, por assim dizer, mais própria de uma cavalheiro antigo do que de um liberal. Passou a primeira parte da noite no quarto do doente e somente a uma hora bastante avançada é que apareceu no meu quarto sob pretexto de não poder dormir no soalho.

— O senhor suspeita dele?

— Suspeitei. Quando depois das sete horas da manhã, saltei da cama como um louco e bati na testa, fui imediatamente acordar o general que dormia o sono da inocência. Tomando em consideração a estranha desaparição de Fierdíchtchenko, circunstância que já era de natureza a despertar nossas suspeitas, decidimos os dois revistar Keller que estava estendido como… como… quase como um tronco. Exploramos cuidadosamente seus bolsos sem neles encontrar um cêntimo sequer; não havia mesmo um bolso que não estivesse furado. Um lenço de algodão azul de quadrados, que só se poderá pegar com pinças; um bilhetinho amoroso escrito por alguma qualquer criada de quarto, reclamando dinheiro e fazendo ameaças; enfim páginas soltas do folhetim que o senhor sabe; eis tudo quanto encontramos. O general decidiu que Keller estava inocente. Para tirar a coisa melhor a limpo, acordamo-lo, não sem dificuldade; mal pôde compreender de que se tratava; estava ali, de boca escancarada, com sua cara de bêbado, seu ar estúpido e inocente, até mesmo imbecil. Não tinha sido ele.

— Ah! quanto me alegro! — exclamou Míchkin, com um satisfeito suspiro de alívio. — Receava por ele!

— Receava por ele? Tinha, pois, razões para isso? — insinuou Liébiediev, piscando os olhos.

— Oh! não, disse isto sem refletir — replicou o príncipe. — Exprimi-me muito tolamente ao dizer que receava. Peço-lhe, Liébiediev, que não repita isso a ninguém…

— Príncipe, príncipe! Suas palavras ficarão no meu coração… no fundo de meu coração. Estão ali como num túmulo! — declarou Liébiediev, com solenidade, apertando seu chapéu contra o peito.

— Está bem, está bem… Foi então Fierdíchtchenko? Quero dizer que o senhor suspeita de Fierdíchtchenko.

— De quem poderia suspeitar senão dele? — disse Liébiediev, baixando a voz e olhando fixamente para o príncipe.

— Sim, naturalmente… de qual outro suspeitar? Não obstante, onde estão as provas?

— As provas existem. Em primeiro lugar, sua desaparição às sete horas ou mesmo antes das sete horas da manhã.

— Sei: Kólia contou-me que Fierdíchtchenko entrou no seu quarto para lhe anunciar que iria acabar a noite em casa de… esqueci o nome, um de seus amigos, afinal.

— Vílkin. De modo que Nikolai Ardaliónovitch já lhe havia falado disso?

— Nada me disse a respeito do roubo.

— Não o sabe porque, no momento, conservo o caso secreto. Portanto, Fierdíchtchenko vai para a casa de Vílkin. Não há nada de surpreendente, ao que parece, em que um bêbado vá à casa de outro bêbado, mesmo ao nascer do dia e sem motivo plausível, não é? Mas aqui se desenha uma pista; ao partir, indica aonde vai… Agora, príncipe, acompanhe-me com atenção. Por que fez ele isso? Por que entra de propósito no quarto de Nikolai Ardaliónovitch, dando uma volta, para comunicar-lhe que “vai acabar a noite em casa de Vílkin”? Quem pode ter interesse em saber que ele sai e, mais precisamente,

que ele vai à casa de Vílkin? Por que dar parte disso? Não, é uma treta, uma treta de ladrão! Isto quer dizer: “Vejam, faço questão de não dissimular meus passos; como poderia eu depois disto ser suspeito de roubo? Um ladrão indica o lugar para onde vai?”. É um excesso de precaução para desviar as suspeitas e apagar, por assim dizer, seus passos na areia… Compreendeu-me, honradíssimo príncipe?

— Compreendi muito bem. Mas é uma prova bem fraca.

— Eis uma segunda: a pista revela-se falsa e o endereço dado inexato. Uma hora após, isto é, às oito horas, fui bater à porta de Vílkin; mora aqui perto, na Piátaia Úlitsa; aliás, é meu conhecido. Nada de Fierdíchtchenko. Consegui, é verdade, saber de uma criada surda como um pote, que uma hora antes havia alguém deveras feito violentos esforços para entrar e arrancara mesmo a campainha. Mas a criada não abrira, ou porque não quis acordar o Senhor Vílkin; mora aqui perto, na Piátaia Úlitsa;[50] aliás, é meu conhecido.

— E são estas todas as suas provas? É pouco.

— Príncipe, sobre quem dirigir minhas suspeitas? Reflita — concluiu Liébiediev, num tom de lacrimosa obsequiosidade, mas com um sorriso levemente insidioso.

— O senhor deverá efetuar nova busca nos quartos e nas gavetas — disse Míchkin, com um ar preocupado, após um instante de reflexão.

— Já foi feito! — suspirou Liébiediev, com expressão ainda mais enternecida.

— Hum!… Mas por que, por que teve o senhor de tirar seu sobretudo? — exclamou Míchkin, batendo com cólera sobre a mesa.

— Esta pergunta é de uma antiga comédia. Mas, excelente príncipe, o senhor leva muito a sério o meu infortúnio! Não mereço tanto. Quero dizer que eu só, não mereço isto. Todavia, o senhor também se zanga por causa do culpado… por causa dessa criatura insignificante que é o Sr. Fierdíchtchenko?

— Também sim, efetivamente! O senhor me encheu de preocupação — interrompeu Míchkin, com ar distraído e descontente. — Em suma, que conta fazer… se está tão convencido assim da culpabilidade de Fierdíchtchenko?

— Príncipe, honradíssimo príncipe, a qual outro acusar? — perguntou Liébiediev, fazendo contorções e tomando um tom cada vez mais patético. — Não se pode pensar em outro, e a impossibilidade absoluta de suspeitar de alguém que não seja o Senhor Fierdíchtchenko constitui, por assim dizer, uma acusação a mais contra ele; é a terceira prova! Porque, ainda uma vez, a qual outro acusar? Não posso, no entanto, suspeitar do Senhor Burdóvski! Não é mesmo?

— Ora, que absurdo!

— Nem tampouco do general, não é?

— Que tolice essa! — disse o príncipe, quase num tom de cólera, voltando-se com impaciência sobre o divã.

— Decerto que é uma tolice! Ah! ah! ah! Que original aquele general e quanto me fez rir! Saímos ainda há pouco juntos a procurar Fierdíchtchenko em casa de Vílkin… Será preciso dizer-lhe que se mostrou ele mais surpreso do que eu, quando fui acordá-lo, logo que verifiquei minha perda? A ponto de ter mudado de fisionomia, corado, empalidecido e ser por fim tomado de tão nobre acesso de indignação, que eu nem podia imaginar. É um caráter admirável! Mente sem descanso, por fraqueza, mas é um homem de sentimentos muito elevados; apesar disso é tão ingênuo que sua inocência mesma inspira a mais completa confiança. Já lhe disse, honradíssimo príncipe, que tenho por ele não somente um fraco, mas até mesmo afeição. Parou de repente no meio da rua, entreabriu seu paletó e mostrou-me o peito: “Revista-me! — disse-me ele. — Revistaste Keller, por que não me revistas? A Justiça o exige!”. Seus braços e suas pernas tremiam, seu rosto estava completamente branco e causava mesmo pena ver. Pus-me a rir e disse-lhe: “Escute, general, se um outro me tivesse dito isto do senhor, teria imediatamente cortado minha cabeça com minhas próprias mãos, a teria posto sobre um grande prato e a teria eu mesmo

dado de presente a todos aqueles que houvessem suspeitado do senhor: “Estão vendo esta cabeça? — eu lhes teria dito. — Respondo sobre ela pela probidade dele. E não somente dou minha cabeça em penhor, seria capaz de entrar no fogo por ele”. “Eis — acrescentei, — como responderia pelo senhor!” Então lançou-se ele em meus braços, sempre no meio da rua, derramou algumas lágrimas e, tremendo, apertou-me tão fortemente contra o peito, que quase me sufoquei com um acesso de tosse. “Tu és — me disse ele, — o único amigo que me resta no meu infortúnio!” É um homem tão sensível! Naturalmente aproveitou para contar-me, enquanto caminhávamos, uma anedota de circunstância: tinham-no também uma vez suspeitado, na sua mocidade, de ter roubado quinhentos mil rublos; mas, no dia seguinte mesmo, lançara-se ele numa casa em chamas e salvara o conde que havia suspeitado dele, ao mesmo tempo que Nina Alieksándrovna, então mocinha. O conde abraçara-o e foi depois desse acontecimento que ele se casou com Nina Alieksándrovna. No dia seguinte descobrira-se nos escombros o cofrezinho de ferro que continha o dinheiro desaparecido. De fabricação inglesa, com uma fechadura de segredo, essa caixinha deslizara, não se sabe como, para debaixo do soalho, de modo que até o incêndio ninguém a havia encontrado. Esta história é inventada de ponta a ponta, mas nem por isso deixou ele de pôr-se a choramingar ao falar de Nina Alieksándrovna. É uma mulher digna, Nina Alieksándrovna, embora não goste de mim!

— Não tem o senhor relações com ela?

— Quase nenhuma, mas desejaria de todo o coração ter, quando não para justificar-me perante ela. Nina Alieksándrovna tem contra mim a prevenção de que sou eu que incito agora seu marido à embriaguez. Não sou eu quem o corrompe; até mesmo refreio; evito talvez que tenha companhias mais perigosas. Além disso, é para mim um amigo e confesso-lhe que não o abandonarei mais, doravante, a ponto de dizer que, aonde ele for, eu irei, porque só se pode agir sobre ele pelo sentimento. Deixou agora por completo de frequentar a sua “capitoa”, se bem que, secretamente, arda de desejo de ir vê-la e por vezes mesmo suspire por ela, sobretudo de manhã, quando se levanta e calça as botas; não saberia dizer por que isto lhe acontece justamente naquele momento; a desgraça é não ter ele um soldo e não

pode aparecer em casa dela sem dinheiro. Não lhe pediu ele dinheiro, honradíssimo príncipe?

— Não, não me pediu.

— Está acanhado. Queria pedir-lhe; confessou-me mesmo sua intenção de importuná-lo a este respeito, mas não ousou, porque o senhor lhe emprestou recentemente dinheiro e pensou que lhe recusaria agora. Confiou-me isto como amigo.

— E o senhor mesmo, não lhe dá dinheiro?

— Príncipe! Honradíssimo príncipe! Não somente dinheiro, mas, por assim dizer, minha própria vida eu daria por aquele homem… Quando digo minha vida, exagero; sem dar minha vida, estaria pronto a padecer febre, ou um abcesso, ou um resfriado, no caso de absoluta necessidade, bem entendido; porque o tenho por um grande homem, embora desclassificado. Eis tudo. Com mais forte razão, se se trata de dinheiro…

— Então o senhor dá-lhe dinheiro?

— Não, isto não; não lhe dei dinheiro e ele próprio sabe que não lhe darei; mas é apenas a fim de moderá-lo e corrigi-lo. Agora, sua ideia fixa é ir comigo a Petersburgo, para onde seguirei no encalço do Senhor Fierdíchtchenko, porque tenho a certeza de que ele está ali. O general está todo cheio de ardor, de chamas, mas prevejo que assim que chegar a Petersburgo, vai me largar para ir ver sua capitoa. Confesso que o deixarei partir de propósito e que combinamos separar-nos desde a chegada para melhor êxito, por vias diferentes, na detenção do Senhor Fierdíchtchenko. Vou deixá-lo pois, escapar; depois, de repente, cairei sobre ele, de improviso, e o surpreenderei em casa da capitoa; minha intenção é sobretudo causar-lhe vergonha, lembrando-lhe seus deveres de pai de família e sua dignidade de homem em geral.

— Somente, não arme barulho, Liébiediev, pelo amor de Deus, nada de barulho! — disse baixinho o príncipe, presa de viva inquietação.

— Oh! não; apenas para confundi-lo e ver a cara que fará, porque a fisionomia pode revelar bastantes coisas, honradíssimo príncipe, notadamente em um homem como ele! Ah! príncipe, por maior que seja a minha desgraça, não posso, mesmo neste momento, impedir-me de pensar nele e na sua emenda. Tenho uma grande súplica a fazer-lhe, estimadíssimo príncipe; é mesmo, confesso-o, o objetivo particular de minha presença aqui. O senhor conhece a família do general e chegou mesmo a ser seu hóspede; se o senhor aceitasse, excelente príncipe, facilitar-me a tarefa, no interesse apenas do general e para sua felicidade…

Liébiediev juntou as mãos numa atitude implorativa.

— De que se trata? Em que posso ajudá-lo? Convença-se de que desejo vivamente captar todo o seu pensamento, Liébiediev.

— Foi esta convicção apenas que me trouxe à sua presença! Seria possível agir por intermédio de Nina Alieksándrovna, a fim de instituir uma vigilância e, de certo modo, acompanhar todos os passos de Sua Excelência no seio de sua própria família. Infelizmente não mantenho relações… Além disso, Nikolai Ardaliónovitch, que adora o senhor, por assim dizer, com todo o ardor de sua jovem alma, poderia sem dúvida ajudar igualmente…

— Ah! não!… — Nada de meter Nina Alieksándrovna nisto… Deus nos guarde de tal! E Kólia tampouco… Talvez, aliás, não penetre eu ainda o seu pensamento, Liébiediev.

— Mas não há nada a penetrar! — exclamou Liébiediev, dando um salto em sua cadeira. — Nada mais do que um sentimento de delicadeza e de solicitude para com ele! É este todo o remédio de que precisa o nosso doente. Permite-me, príncipe, que eu considere o general um doente?

— Isto não faz mais que provar seu bom coração e seu espírito.

— Vou explicar-me com a ajuda de um exemplo, tirado da prática, para maior clareza. Veja o senhor o homem com quem temos de lidar: sua única fraqueza é, no momento, aquela capitoa, diante da qual está proibido de apresentar-se sem dinheiro e em cuja casa conto

surpreendê-lo hoje, para bem dele. Admitamos mesmo que não se trate mais somente dessa fraqueza, mas dum verdadeiro crime ou de algum ato contrário à honra (ainda que seja ele absolutamente incapaz disso) mesmo neste caso, digo que tudo se obteria dele por meio apenas do que se poderia chamar um nobre sentimento de ternura, porque é um homem duma extrema sensibilidade. Creia que, antes de cinco dias, não se aguentaria mais, começaria a falar e confessaria tudo entre lágrimas; sobretudo se a ação for feita tanto com habilidade quanto com nobreza e se sua família e o senhor mantiverem uma vigilância, de qualquer forma, sobre seus passos… Oh! excelente príncipe! — exclamou Liébiediev, sobressaltando-se como sob o golpe duma inspiração. — Não afirmo decerto que ele seja sem dúvida alguma… Continuo, por assim dizer, pronto a derramar imediatamente todo o meu sangue por ele; mas convenha que a má conduta, a embriaguez, a capitoa, tudo isto reunido pode ir muito longe.

— Estou decerto sempre disposto a ajudá-lo nesse caso — disse Míchkin, levantando-se. — Mas confesso, Liébiediev, que tenho uma terrível apreensão. Vejamos: o senhor tem sempre a ideia… em uma palavra, o senhor mesmo disse que suspeita do Senhor Fierdíchtchenko.

— Mas de quem suspeitar, senão dele? De quem, sinceríssimo príncipe? — continuou Liébiediev, sorrindo e juntando de novo as mãos, com um ar compungido.

O príncipe franziu o cenho e levantou-se.

— Veja o senhor, Lukian Timofiéievitch, em semelhante caso é uma coisa terrível enganar-se. Esse Fierdíchtchenko… não quereria falar mal dele… mas esse Fierdíchtchenko… palavra, quem sabe? talvez tenha sido ele mesmo!… Quero dizer que seria ele talvez mais capaz… que qualquer outro, de fazer isso.

Liébiediev escancarou bem os olhos e os ouvidos. Míchkin, cada vez mais sombrio, andava pelo terraço de ponta a ponta e esforçava-se para não olhar seu interlocutor.

— Veja o senhor — disse ele, atrapalhando-se mais, — fizeram-

me saber… disseram-me do Senhor Fierdíchtchenko que, além disso, seria um homem diante do qual é preciso que a gente se mantenha de sobreaviso e nada diga… demais, compreendeu? Repito-lhe porque talvez seja ele, com efeito, mais capaz que qualquer outro de… enfim, para evitar um erro, porque está nisto o principal, compreende?

— Mas quem lhe comunicou essa observação a respeito do Senhor Fierdíchtchenko? — perguntou Liébiediev com vivacidade.

— Cochicharam-ma assim mesmo; aliás, eu mesmo não acredito em nada disso… sinto-me muito contrariado por me encontrar na obrigação de relatar-lhe essa opinião; asseguro-lhe que não lhe dou nenhum crédito… é algum diz-que-diz absurdo… Oh! como fui tolo em repeti-lo!

— É que este detalhe é importante, príncipe — disse Liébiediév, todo trêmulo de emoção, — muito importante neste momento, não no que toca ao Senhor Fierdíchtchenko, mas quanto à fonte por meio da qual chegou ao conhecimento do senhor. — Isto dizendo, Liébiediev corria em redor do príncipe e esforçava-se em regular seu passo com o dele. — Eis, príncipe, o que devo também fazer que o senhor saiba agora: esta manhã, quando íamos juntos à casa de Vílkin, o general, depois de ter-me contado a história do incêndio, todo fremente ainda duma indignação bastante natural, pôs-se inopinadamente a fazer insinuações a respeito do Senhor Fierdíchtchenko. Mas o fez com tanta incoerência e inabilidade que não pude impedir-me de fazer-lhe algumas perguntas; suas respostas convenceram-me de que todas as suas informações eram de invenção de Sua Excelência… simples efeito de sua expansibilidade; por que, se ele mente, é unicamente por falta de saber conter as expansões de seu coração. Agora julgue o senhor mesmo: se ele mentiu, do que estou persuadido, como pôde sua mentira chegar aos ouvidos do senhor? Compreenda, príncipe, que aquela opinião lhe veio sob a inspiração do momento; quem, pois, pode dela dar conhecimento ao senhor? Este ponto é importante e… por assim dizer…

— Foi Kólia quem acabou de me repetir isto; a reflexão foi-lhe feita por seu pai que o havia encontrado na antecâmara entre seis e sete horas, no momento em que saía não se sabe por que.

E Míchkin contou tudo pormenorizadamente.

— Pois bem! Eis o que se pode chamar uma pista! — disse Liébiediev, esfregando as mãos e rindo em surdina. — É o que eu pensava! Isto quer dizer que, cerca das seis horas da manhã, Sua Excelência interrompeu seu sono inocente de propósito para ir acordar seu filho bem-amado e avisá-lo do perigo extraordinário que se corre na companhia do Senhor Fierdíchtchenko! Depois disso é forçoso reconhecer que o Senhor Fierdíchtchenko é um homem perigoso e admirar a solicitude paternal de sua Excelência, ah! ah! ah!

— Escute, Liébiediev — disse Míchkin, num tom da mais viva inquietação, — escute: é preciso ir com calma! Não faça barulho! Rogo-lhe, Liébiediev, suplico… Com esta condição, juro-lhe que o ajudarei. Mas que ninguém saiba de nada, ninguém!

— Esteja convencido, boníssimo, sinceríssimo e generosíssimo príncipe — exclamou Liébiediev, atuado por uma inspiração decisiva, — esteja convencido de que tudo isso morrerá em meu nobre coração! Marchemos a passos de lobo e de mãos dadas! A passos de lobo e de mãos dadas! Daria mesmo todo o meu sangue… ilustríssimo príncipe; minha alma é baixa, meu espírito é baixo. Mas pergunte a um homem baixo, ou melhor ainda, a não importa que patife, se prefere ele ter negócio com um patife de sua espécie ou com uma criatura da mais perfeita grandeza de alma, tal como o senhor, sinceríssimo príncipe? Responderá que prefere a grandeza de alma; e este é o triunfo da virtude! Adeus, honradíssimo príncipe! A passos de lobo… a passos de lobo e… de mãos dadas!

## Capítulo X

Míchkin compreendeu enfim por que se sentira gelado todas as vezes que levara a mão a tocar aquelas três cartas e por que havia adiado a leitura delas até a noite. De manhã, quando se estendera sobre seu divã, sem ter podido decidir-se a abrir nenhum dos três envelopes, dormira com um sono agitado; um sonho penoso havia-o imediatamente oprimido, no qual vira aquela mesma "criminosa" avançar para ele. Olhava-o, enquanto lágrimas brilhavam nos seus longos cílios; convidava-o de novo a segui-la. E, como na véspera, despertara na dolorosa evocação daquele rosto. Quis ir incontinenti à casa *dela*, mas não achou forças para tal; então, quase em desespero, acabou por abrir as cartas e se pôs a lê-las.

Aquelas cartas assemelhavam-se também a um sonho. Por vezes tem-se sonhos estranhos, inimagináveis, contrários à natureza; ao despertar, são evocados com nitidez e então uma anomalia nos fere. A gente se lembra sobretudo de que a razão não nos faltou em momento algum de nosso sonho. A gente se lembra mesmo de ter agido com infinita astúcia e lógica, durante um tempo bastante longo, enquanto que assassinos nos cercavam, armavam-nos emboscadas, dissimulavam seus desígnios e faziam-nos propostas amigáveis, quando suas armas já estavam prontas e eles não esperavam senão um sinal. A gente se lembra enfim do ardil graças ao qual os enganamos, dissimulando-nos a seus olhos; mas adivinhamos que eles haviam descoberto nosso estratagema e que apenas fingiam ignorar nosso esconderijo; então recorremos a novo subterfúgio e conseguimos ainda uma vez enganá-los. Tudo isto nos vem claramente à memória. Mas como conceber que, nesse mesmo lapso de tempo, a nossa razão tenha podido admitir absurdos e inverossimilhanças tão manifestos quantos aqueles que formigavam em nosso sonho? Um de nossos assassinos transformou-se em mulher à nossa vista, depois essa mulher em anãozinho astuto e repugnante. E nós, nós aceitamos logo tudo isso como um fato, quase sem a menor surpresa, no momento mesmo em que nosso entendimento se entregava, por outro lado, a um vigoroso esforço e a prodígios de energia, de astúcia, de penetração e de lógica.

Por que ainda, quando a gente desperta e se reintegra na vida real, sente-se quase sempre, e por vezes com extraordinária intensidade de impressão, que acaba de deixar, com o domínio do sonho, um enigma sem solução? Sorrimos do absurdo de nosso sonho e temos ao mesmo tempo o sentimento de que aquele montão de extravagâncias encerra uma espécie de pensamento, um pensamento real pertencendo à nossa vida atual, alguma coisa que existe e sempre existiu em nosso coração. É como se uma revelação profética, esperada por nós, nos fosse trazida em nosso sonho; dela nos resta uma forte emoção, alegre ou dolorosa, mas a gente não chega nem a compreender, nem a lembrar-se nitidamente de que consistia ela.

Foi mais ou menos o que se passou no espírito de Míchkin, após a leitura daquelas cartas. Mas, antes mesmo de abri-las, sentira que sua existência apenas, a possibilidade apenas dessa existência, tinha já algo de pesadelo. Como se decidira ela a escrever à outra? — perguntava a si mesmo, passeando à noite, sozinho (por vezes mesmo sem se lembrar onde estava). Como pudera ela escrever a respeito daquilo e como um sonho tão insensato pudera nascer-lhe na cabeça? Mas aquele sonho tornara-se realidade e, o que o espantava mais, ao ler as cartas, é que ele próprio não estava longe de crer na possibilidade e até mesmo na legitimidade daquele sonho. Sim, não havia dúvida que fosse um sonho, um pesadelo, uma loucura; mas havia também lá algo de dolorosamente real, de cruelmente justo que legitimava sonho, pesadelo e loucura.

Durante várias horas em seguida, manteve-se ele num estado vizinho do delírio, pensando no que havia lido; relembrava sem cessar certas passagens, nelas detinha seu pensamento e meditava-as. Por vezes mesmo era tentado a dizer a si mesmo que havia pressentido e conjeturado tudo aquilo; parecia-lhe ter lido, num passado distante, aquelas cartas e haver nelas encontrado o germe de todas as angústias, de todos os sofrimentos e de todos os temores que experimentara depois.

A primeira carta começava assim:

> Quando abrir esta carta, procure em primeiro lugar a assinatura. Essa assinatura vai lhe dizer tudo e tudo lhe fará compreender; não preciso pois de justificar-me a seus olhos, nem de me explicar. Se fosse eu de algum modo sua

igual, poderia a senhora ofender-se com semelhante descaro; mas quem sou eu e quem é a senhora? Somos tão opostas e vivo tão fora de sua órbita que me seria impossível ofendê-la, mesmo se tivesse disso a intenção.

## Mais adiante escrevia:

Não veja em minhas palavras a exaltação mórbida de um espírito desequilibrado, se lhe digo que a senhora representa para mim a perfeição. Vi-a, vejo-a todos os dias. Note que não a julgo; não é o raciocínio, mas um simples ato de fé que me leva a olhá-la como perfeita. Mas tenho uma culpa a seu respeito: amo-a. É proibido amar a perfeição; devemos limitar-nos a reconhecê-la como tal, não é verdade? E entretanto sinto amor pela senhora. Sem dúvida, institui o amor uma igualdade entre os seres; mas fique tranquila: mesmo nos meus mais secretos pensamentos, não a rebaixei ao meu nível. Acabo de escrever "fique tranquila", mas será que pode a senhora sentir intranquilidade?… Se isto for possível, beijaria as marcas de seus passos. Oh! não me considero de modo algum sua igual… Olhe a assinatura, apresse-se em olhá-la!

Noto todavia (escrevia numa outra carta) que a uno a ele sem ter jamais feito esta pergunta: a senhora o ama? Ele a amou quando só a havia visto uma vez. Evocou-a como "a luz"; é sua própria expressão, ouvia-a de sua boca. Mas não tenho necessidade disto para compreender que a senhora é para ele a luz. Vivi um mês inteiro com ele e foi então que compreendi que a senhora também o amava; a senhora e ele formam um só a meus olhos.

Como é isso? (escrevia ainda) Ontem passei perto da senhora e pareceu-me que a senhora corava. E impossível; trata-se de uma aparência. Se a levassem à mais imunda espelunca e lhe mostrassem o vício a nu, não teria a senhora de que ruborizar-se: não poderia nunca sentir-se ofendida. A senhora pode odiar todas as pessoas baixas e abjetas, mas por solicitude pelos outros, por aqueles a quem elas ultrajam, não porque o sinta pessoalmente. Porque à senhora nada pode ofender. Tenho a impressão, veja só, de que a senhora deve até amar-me. A senhora é para mim o que é para ele: um espírito luminoso; ora, não se pode odiar um anjo, mas ele não pode deixar de amar. Pode-se amar a todos os homens sem exceção, a todos os semelhantes nossos? Eis uma pergunta que tenho feito muitas vezes a mim mesma. Decerto que não; é mesmo contra a natureza. O amor à humanidade é uma abstração através da qual não se ama senão a si mesmo. Mas se isto não nos é possível, o mesmo não acontece com a senhora; como poderia a senhora não amar não importa quem, quando não se acha no nível de ninguém e nenhuma ofensa, nenhuma indignação poderia tocá-la sequer? Só a senhora pode amar sem egoísmo; só a senhora pode amar, não pela senhora, mas por aquele a quem ama. Oh! quanto me seria cruel saber que a senhora sente, por minha causa, vergonha ou cólera! Seria a sua perda; cairia de repente ao meu nível…

Ontem, depois de havê-la encontrado, voltei para casa e imaginei um quadro. Os artistas pintam sempre o Cristo de acordo com os dados do Evangelho; eu o teria figurado de outro modo. Eu o teria representado sozinho, porque, afinal, havia momentos em que seus discípulos o deixavam só. Não teria colocado ao lado dele senão uma criancinha. Essa criança teria brincado a seu lado; talvez lhe tivesse ele contado alguma coisa na sua linguagem ingênua. O Cristo já a teria escutado, mas agora medita. Sua mão repousa ainda, num gesto de esquecimento involuntário, sobre os cabelos louros da criança. Olha para longe, para o horizonte; um pensamento vasto como universo reflete-se em seus olhos; seu rosto está triste. A criança calou-se; com o cotovelo sobre os joelhos do Cristo e a face apoiada na mãozinha, tem a cabeça erguida e olha-o fixamente, com aquele ar pensativo que têm por vezes os pequeninos. O sol se põe… Eis o meu quadro! A senhora é pura e toda a sua perfeição está na sua pureza. Oh! lembre-se apenas disto! Que lhe importa minha paixão a seu

respeito? A senhora me pertence doravante e, toda a minha vida, estarei junto da senhora… Vou morrer brevemente.

Enfim, lia-se na derradeira carta:

Pelo amor de Deus não pense nada de mim. Não creia tampouco que me humilho escrevendo-lhe assim, visto como sou dessas criaturas que sentem em rebaixar-se uma volúpia e mesmo um sentimento de orgulho. Não; tenho minhas consolações, mas é uma coisa difícil de explicar-lhe, para mim seria muito difícil dar-me eu mesma conta claramente disso, se bem que isso me atormente. Mas sei que não me posso humilhar, mesmo por acesso de orgulho. Da humildade que a pureza do coração dá, sou incapaz. Portanto, não me humilho nem duma maneira nem de outra.

Por que tenho vontade de uni-los: pela senhora ou por mim? Por mim, naturalmente; tudo se resolve nisto, no que a mim se refere, há muito tempo que o disse a mim mesma… Soube que sua irmã Adelaida declarou um dia, olhando meu retrato, que com semelhante beleza podia-se revolucionar o mundo. Mas renunciei ao mundo. Parece-lhe ridículo ver-me escrever isto, quando me encontra coberta de rendas e enfeitada de diamantes, na companhia de ébrios e de gente desclassificada? Não preste atenção a isso; já não existo mais quase e não o ignoro; Deus sabe o que tomou em mim lugar de minha personalidade. Leio minha sorte cada dia em olhos terríveis sempre cravados em mim, mesmo quando não estão diante de mim. Esses olhos, agora, se calam (calam-se sempre), mas conheço-lhes o segredo. Esse homem mora numa casa sombria e cheia de tédio, que oculta um mistério. Estou convencida de que ele tem, numa gaveta, uma navalha cuja lâmina está envolta em seda, como a daquele assassino de Moscou que também vivia com sua mãe e pensava em cortar um pescoço. Durante todo o tempo em que estive em casa deles, tive constantemente a impressão de que devia haver em alguma parte, sob o soalho, um cadáver oculto talvez por seu pai, recoberto por um encerado; como o que foi encontrado em Moscou, e igualmente cercado de frascos de água de Tchadanovski; poderia mesmo mostrar-lhe o canto onde deve estar esse cadáver. Ele está sempre calado, mas sei bem que sua paixão por mim é tal que não poderia deixar de transformar-se em ódio. O casamento da senhora e o meu acontecerão no mesmo dia; ficou assim decidido com ele. Não tenho segredos para ele. Seria capaz de matá-lo por medo… Mas ele me matará antes que eu a isto me resolva… Acaba de rir vendo-me escrever isto e acha que eu deliro. Sabe que é à senhora que estou escrevendo.

Havia nessas cartas ainda muitos outros pensamentos delirantes. Uma delas, a segunda, ocupava com letra muito miúda duas folhas de papel de grande formato.

O príncipe saiu por fim do parque escuro onde, como na véspera, havia vagado por muito tempo. A noite pálida e transparente pareceu-lhe mais clara que de costume. “Será tão cedo ainda?”, pensou ele. (Havia-se esquecido do relógio.) Pensou ouvir uma música ao longe: “Deve ser na estação — disse ainda a si mesmo. — Não foram lá hoje, decerto.” No momento em que fazia esta reflexão, percebeu que estava diante da casa deles; bem havia duvidado de que acabaria chegando

ali. Com o coração desfalecente, subiu ao terraço.

Estava deserto; ninguém veio ao seu encontro. Esperou um momento, depois abriu a porta que dava acesso à sala. “Esta porta nunca fica fechada”, pensou, rapidamente. A sala também estava vazia; a escuridão era ali quase completa. De pé, no meio da sala, Míchkin mantinha-se indeciso. De repente, uma porta se abriu e Alieksandra Ivânovna entrou com uma vela na mão. A vista do príncipe, teve um movimento de surpresa e parou numa atitude interrogativa. Evidentemente, estava apenas atravessando a peça duma porta à outra e não esperava encontrar ninguém.

— Como se dá que esteja aqui? — perguntou ela por fim.

— Eu… entrei de passagem…

— Mamãe não está passando bem, e Aglaia tampouco. Adelaida está-se preparando para deitar-se e eu vou fazer o mesmo. Ficamos sozinhas a noite toda em casa. Papai e o Príncipe Tsch*** estão em Petersburgo.

— Vim… vim à sua casa… agora…

— Sabe que horas são?

— Na verdade, não…

— Meia noite e meia. Deitamo-nos sempre à uma hora.

— Ah! Eu pensava que eram… nove horas e meia.

— Isto não tem importância! — disse ela, rindo. — Mas por que não veio antes? Talvez o estivessem esperando.

— Eu… pensava… — balbuciou ele, retirando-se.

— Adeus! Toda a gente rirá amanhã.

Voltou para casa pelo caminho que contornava o parque. Seu coração batia, suas ideias confundiam-se e tudo se revestia em torno dele de uma aparência de sonho. De repente, aquela mesma visão que já lhe aparecera duas vezes no momento em que acordava, surgiu

diante de seus olhos. A mesma mulher saiu do parque e plantou-se diante dele, como se o tivesse esperado naquele lugar. Estremeceu e parou; ela tomou-lhe a mão e apertou-a com força. “Não, não é uma aparição!”

E eis que estava ela enfim face a face com ele pela primeira vez, desde sua separação. Falava-lhe, mas ele a olhava em silêncio; seu coração transbordava e doía-lhe. Jamais haveria de esquecer aquele encontro e sentiria a mesma dor ao evocá-lo. Como uma louca, ajoelhou-se diante dele, bem no meio da estrada. Ele recuou com espanto, enquanto ela procurava retomar-lhe a mão para beijá-la. E, da mesma maneira que outrora, no seu sonho, via ele agora lágrimas brilharem-lhe nos cílios longos.

— Levanta! Levanta — murmurou-lhe ele, com espanto, procurando erguê-la. — Levanta depressa!

— És feliz? És feliz? — perguntou ela. — Diz-me somente uma palavra: és feliz agora? Hoje, neste momento? Foste à casa dela? Que te disse?

Não se levantava, não o escutava. Interrogava febrilmente e falava num tom precipitado, como se alguém a viesse perseguindo.

— Parto amanhã, como o ordenaste. Não reaparecerei mais… É a derradeira vez que te vejo, a derradeira! É bem agora a derradeira vez!

— Acalma-te. Levanta! — proferiu ele, num tom de desespero. Ela o contemplava avidamente, apertando-lhe as mãos.

— Adeus! — disse por fim.

Levantou e afastou-se a toda a pressa, quase correndo. O príncipe viu surgir de súbito, ao lado dela, Rogójin que a tomou pela mão e levou-a.

— Espera-me, príncipe! — gritou ele. — Voltarei dentro de cinco minutos.

Reapareceu com efeito ao fim de cinco minutos. Míchkin esperava

com paciência no mesmo lugar.

— Meti-a no carro — disse Rogójin. — A caleça esperava lá em baixo, na esquina da rua, desde às dez horas. Ela pensava que passarias a noite inteira na casa da outra. Comuniquei-lhe com toda a exatidão o que me escreveste há pouco. Não lhe dirigirá mais cartas; está prometido. E, de acordo com teu desejo, deixará amanhã Pávlovsk. Queria ver-te uma derradeira vez, se bem que lhe houvesses recusado uma entrevista; foi aqui que te esperamos, sobre este banco junto do qual devias passar de volta.

— Foi ela quem te trouxe?

— E com isso? — disse Rogójin, num sorriso. — O que vi aqui nada me trouxe de novo. Não leste então as cartas?

— E tu, na verdade, as leste? — perguntou Míchkin, atingido por essa ideia.

— Decerto que sim! Ela mesma mostrou-me todas. Lembras-te da alusão à navalha, ah! ah! ah!

— Ela é louca! — exclamou o príncipe, torcendo as mãos.

— Quem sabe? Talvez não — murmurou Rogójin à meia voz, como em aparte.

O príncipe não replicou.

— Bem, adeus! — disse Rogójin. — Eu também parto amanhã. Não me guardes rancor! Mas, diz-me, meu caro — acrescentou ele, dando uma brusca reviravolta, — por que não respondeste à sua pergunta? És feliz ou não?

— Não, não e não! — exclamou Míchkin, com a expressão dum imenso pesar.

— Não faltaria mais nada se me dissesses “sim”! — exclamou Rogójin, com sarcasmo.

E afastou-se, sem se voltar.

# Quarta parte

## Capítulo primeiro

Decorrera uma semana desde a entrevista dos dois heróis de nossa narrativa no banco verde.

Numa radiosa manhã, Varvara Ardaliónovna Ptítsina, que fora fazer algumas visitas a conhecidos, voltou de muito mau humor, pelas dez horas e meia.

Há pessoas das quais é difícil dizer alguma coisa que as descreva de uma vez sob seu aspecto mais típico e mais bem caracterizado. São aquelas que se convencionou chamar as pessoas “ordinárias”, o “vulgo”, e que constituem, com efeito, a imensa maioria da sociedade. Nos seus romances e suas novelas, em geral os escritores se esforçam para escolher tipos sociais e representá-los sob a forma mais pitoresca e mais estética. Na vida, esses tipos não se encontram tão completos senão no estado de exceção, o que não os impede de ser quase mais reais que a própria realidade. Podkoliósin,[51] enquanto tipo, é talvez exagerado mas não é uma ficção. Quantas pessoas de espírito, quando conheceram o Podkoliósin de Gógol, imediatamente encontraram, entre seus amigos e conhecidos, dezenas, talvez mesmo centenas de indivíduos que se assemelhavam àquele personagem como uma gota

d'água a outra? Mesmo antes de Gógol, sabiam que seus amigos se pareciam com Podkoliósin; o que ignoravam era o nome a dar àquele tipo. Na realidade, é bem raro que os noivos fujam saltando pela janela no momento do casório, porque, de parte qualquer outra consideração, é um gesto fora do alcance da maioria. Entretanto, muitos noivos, entre as pessoas estimáveis e não desprovidas de espírito, sentiram-se, no momento de casar no estado d'alma de Podkoliósin. Todos os maridos não gritam mais tampouco, a todo propósito: "*Tu l'as voulu, George Dandin*".[52] Mas, meu Deus, quantos milhões e milhões de vezes os maridos do universo inteiro não repetiram esse grito do coração depois de sua lua-de-mel, quando não no dia seguinte mesmo ao de seu casamento?

Assim, sem nos estendermos mais a respeito desta questão, limitemo-nos a comprovar que na vida real, os relevos característicos desses personagens se esbatem, mas que todos esses Georges Dandin e todos esses Podkoliósini existem de verdade: agitam-se e circulam cotidianamente diante de nós, mas sob traços atenuados. Acrescentemos, para acabar e esgotar o assunto, que o tipo integral de George Dandin, tal como o criou Molière, pode bem encontrar-se na vida, mas raramente; e acabemos com esta digressão que começa a virar crítica literária de revista.

Não obstante, uma questão se propõe sempre a nós: que deve fazer um romancista que apresenta a seus leitores tipos absolutamente "vulgares", se quiser torná-los um tanto interessantes? É absolutamente impossível excluí-los da narrativa, porque essas pessoas vulgares constituem a cada instante, e na maior parte, uma trama necessária aos diversos acontecimentos da vida; eliminando-os, haveria prejuízo à veracidade da obra. Por outra parte, povoar os romances de tipos ou simplesmente de personagens estranhos e extraordinários, seria cair na inverossimilhança, ou mesmo na insipidez. Na nossa opinião, o autor deve esforçar-se por descobrir matizes interessantes e sugestivos, mesmo entre as pessoas vulgares. Mas quando, por exemplo, a característica mesma dessas pessoas reside em sua sempiterna vulgaridade, ou, melhor ainda, quando a despeito de todos os seus esforços para sair da banalidade e da rotina, nelas recaem irremediavelmente, então adquirem certo valor típico;

tornam-se representativas da mediocridade que não quer continuar a ser o que é e que visa, a todo preço, à originalidade e à independência, sem dispor de nenhum meio para atingi-las.

A esta categoria de pessoas “vulgares” ou “comuns” pertencem alguns personagens de nossa narrativa, a respeito dos quais (confesso-o) o leitor não foi esclarecido. São notadamente Varvara Ardaliónovna Ptítsina, seu marido o Senhor Ptítsin e seu irmão Gavrila Ardaliónovitch.

Não há nada de mais vexatório que ser, por exemplo, rico, de boa família, de aspecto distinto, passavelmente instruído, nada tolo, até mesmo bom, e não ter, entretanto, nenhum talento, nenhum traço pessoal, nenhuma singularidade mesmo, nada pensar de seu; enfim, ser positivamente “como todo o mundo”. É-se rico, mas não tanto como Rothschild; tem-se um nome honrado, mas sem lustre; tem-se boa presença, mas não se produz nenhuma impressão; recebeu-se uma educação conveniente, mas que não encontra em que empregar-se; não se é destituído de inteligência, mas não se tem ideias próprias; tem-se coração, mas nenhuma grandeza d’alma; e assim por diante sob todos os aspectos.

Há, pelo mundo, uma multidão de pessoas dessa natureza, mais mesmo do que se poderia crer. Dividem-se, como todos os homens, em duas categorias principais: os de vistas curtas e os “mais inteligentes”. Os primeiros são os mais felizes. Um homem “vulgar”, de vistas curtas, pode muito facilmente acreditar-se extraordinário e original e comprazer-se sem comedimento com tal ideia. Bastou a certas senhoritas nossas cortar os cabelos, usar lunetas azuis e afirmar-se niilistas para logo se persuadirem de que essas lunetas lhes conferiam “convicções” pessoais. Bastou a tal homem descobrir em seu coração um átomo de sentimento humanitário e de bondade para ficar convencido imediatamente de que ninguém possui sentimento igual e de que ele é um pioneiro do progresso social.

A um outro bastou assimilar um pensamento que ouviu formular ou leu em um livro sem começo nem fim, para imaginar que esse pensamento é seu próprio e germinou no seu cérebro. É um caso espantoso de impudência na ingenuidade, se é possível dizer assim;

por mais inverossímil que pareça, é constantemente encontrado. Essa fé cândida e descuidosa dum tolo que não duvida nem de si nem de seu talento foi admiravelmente reproduzida por Gógol no assombroso tipo do Tenente Pirogov. Pirogov não duvida de que é um gênio e mesmo mais que um gênio; duvida tão pouco que nem mesmo põe isso em questão; aliás, não há questões para ele. O grande escritor viu-se obrigado, afinal de contas, a surrá-lo para dar uma satisfação ao sentimento moral do leitor. Mas verificou que seu herói em nada se mostrou afetado por isso e, tendo-se sacudido depois da surra, havia muito simplesmente comido um pastelzinho para restaurar-se. De modo que perdeu a coragem e abandonou assim seus leitores. Sempre lamentei que Gógol houvesse situado seu Pirogov num posto tão baixo, porque esse personagem é tão cheio de si mesmo que nada poderia impedi-lo de acreditar-se, por exemplo, um grande capitão, à medida que suas dragonas engrossassem, de acordo com o tempo de serviço e a promoção. Que digo: acreditar-se? Não duvidaria de modo algum se o nomeiam general, que lhe falta para ser grande capitão? E quantos guerreiros dessa laia não chegam a espantosos fiascos nos campos de batalha? E quantos Pirogov não houve entre nossos literatos, nossos sábios, nossos propagandistas! Disse "não houve"; mas existem certamente ainda atualmente…

Gavrila Ardaliónovitch, que é um dos heróis de nosso romance, pertencia à segunda categoria; a dos medíocres "mais inteligentes", ainda que, da cabeça aos pés, ardessem nele ânsias de ser original. Observamos mais acima que esta segunda categoria é muito mais infeliz que a primeira. Isto se deve a que um homem "vulgar" mais inteligente, mesmo se se acredita na ocasião (e mesmo durante toda a sua vida) dotado de gênio e de originalidade, nem por isso deixa de guardar em seu coração o verme da dúvida que o rói a ponto de acabar por vezes num completo desespero. Se se resigna, permanece não obstante definitivamente intoxicado pelo sentimento da vaidade reprimida.

Aliás, tomamos um caso extremo: a maior parte do tempo, a sorte dessa categoria inteligente de homens medíocres está longe de ser tão trágica, quando muito acontece-lhes vir a sofrer pouco ou muito do fígado ao fim de certo número de anos. A isto se reduz a infelicidade

deles. Todavia, antes de se acalmar e resignar-se, praticam tais pessoas por vezes tolices durante muito tempo, desde sua juventude à sua maturidade, e sem outro móvel que não seja o desejo de exibir originalidade.

Encontram-se mesmo casos estranhos; veem-se pessoas direitas, em mal de originalidade, tornar-se por vezes capazes de uma baixeza. Veja-se por exemplo um desses infelizes: é um homem honesto e até mesmo bom, providência de sua família, que mantém e faz viver com seu trabalho não somente os seus mas até estranhos. Que lhe acontece? Não tem tranquilidade a vida inteira! A consciência de haver tão bem cumprido seus deveres de homem não consegue serená-lo; pelo contrário, este pensamento o irrita: "Eis, diz ele, em que deu minha vida; eis o que me amarrou braços e pernas; eis o que me impediu de inventar a pólvora! Sem essas obrigações, teria talvez descoberto a pólvora ou a América; não sei com certeza o que, mas teria decerto descoberto alguma coisa!".

O que mais caracteriza essas pessoas é que passam efetivamente sua vida sem chegar a saber exatamente o que devem descobrir e que estão sempre em véspera de descobrir: a pólvora ou a América? Mas o sofrimento em que os mergulha a expectativa angustiosa dessa descoberta teria sido neles igual ao de um Colombo ou de um Galileu.

Gavrila Ardaliónovitch metera-se por esse caminho, mas não havia dado nele senão os primeiros passos. Havia diante dele uma longa perspectiva de incoerências. Quase desde a infância, seu coração fora ulcerado pelo sentimento profundo e constante de sua mediocridade, junto a um desejo irresistível de convencer-se de sua plena independência. Era um rapaz invejoso, de apetites violentos, que parecia ter nascido com um nervosismo exacerbado. Tomava por energia a impetuosidade de seus desejos. Sua ambição desenfreada de se distinguir levava-o por vezes aos destemperos mais despropositados; no momento, porém, de dar o salto, sua razão sempre se sobrepunha. Isto o matava. Talvez, se a ocasião se ensejasse, fosse capaz de cometer a mais baixa das vilanias, a fim de realizar tal ou qual de seus sonhos; mas como que de propósito, assim que chegava ao momento decisivo, o sentimento da honestidade reapoderava-se dele e desviava-o de tal torpeza. (As pequenas vilanias

encontravam-no sempre disposto a praticá-las.) A pobreza e a decadência em que caíra sua família inspiravam-lhe desgosto e aversão. Mesmo para com sua mãe, afetava altivez e desdém, muito embora dando-se conta perfeitamente de que a reputação e o caráter dela eram, no momento, o melhor apoio para a carreira dele. Logo que entrara para o serviço de Iepántchin, dissera a si mesmo: “Já que é preciso praticar baixezas, pratiquemo-las até o fim, contanto que eu tire partido disso!”. Mas quase nunca as praticava até o fim. Por que mesmo teria metido na cabeça que lhe era absolutamente preciso praticar baixezas? Aglaia, com sua recusa, havia-o simplesmente amedrontado; não havia, porém, renunciado por isso às suas intenções para com a moça e, houvesse o que houvesse, esperava com paciência, sem entretanto jamais crer seriamente que ela pudesse consentir a ponto de aceitar-lhe as propostas.

Depois, por ocasião de seu caso com Nastássia Filípovna, dera-se de súbito conta de que o dinheiro era o meio de chegar a tudo. Naquela época, não se passava dia que não repetisse ele a si mesmo: “Se é preciso praticar uma vilania, pratiquemo-la!”. E experimentava ao usar de tal linguagem uma satisfação misturada de certa apreensão. “Se uma vilania é necessária, que seja pelo menos levada até o fim!”, dizia a si mesmo a cada instante, para se dar coragem. “A rotina hesita em caso semelhante; mas nós, nós não hesitaremos!”

Tendo fracassado no caso de Aglaia e sentindo-se acabrunhado pelas circunstâncias, perdera toda a coragem e levara ao príncipe o dinheiro que lhe fora atirado por uma mulher demente depois de havê-lo recebido de um homem não menos louco. Posteriormente, arrependeu-se mil vezes daquela restituição, mas sem jamais deixar de tirar disso vaidade. Chorou sem parar durante os três dias que o príncipe passou em Petersburgo. Mas foi também durante esses três dias que amadureceu seu ódio contra Míchkin; não lhe perdoava a comiseração fora de lugar com a qual vira-o praticar um ato — a restituição de semelhante soma — “do qual bem poucas pessoas teriam tido coragem”.

Confessava nobremente que a única causa de toda a sua angústia era o dilaceramento incessante de sua vaidade e este sentimento torturava-o. Só muito mais tarde deu-se conta e se convenceu da

feição séria que teriam podido tomar seus negócios com uma criatura tão pura e tão estranha como Aglaia. Então o arrependimento corroeu-o; largou seu serviço e caiu na melancolia e no abatimento.

Vivia agora em casa de Ptítsin, que o sustentava bem como a seu pai e a sua mãe. Ostentava desprezo por ele, mas escutava seus conselhos e era quase sempre bastante prudente para solicitá-los. Uma coisa entre outras o aborrecia: era ver que Ptítsin se preocupava pouco em tornar-se um Rothschild e não se propunha atingir esse objetivo. "Já que és um usurário, vai ao menos até o fim; aperta as pessoas, arranca-lhes o dinheiro, faz de ti uma personalidade, torna-te rei em Israel!"

Ptítsin era um homem modesto e tranquilo: contentava-se com sorrir; um dia, entretanto, achou necessário ter uma explicação seria com Gânia e o fez com certa dignidade. Demonstrou-lhe que nada fazia que não fosse honesto e que não havia razão alguma para que o tratasse de judeu; que se o dinheiro valia tanto, nada tinha ele com isso; que sua maneira de proceder era correta e proba; que, em suma, não era senão uma espécie de agente naquelas espécies de transações e que, afinal, graças à sua pontualidade nos negócios, começava a gozar de excelente reputação junto a pessoas perfeitamente distintas, tanto que o campo de suas operações ia-se alargando. "Não chegarei a ser um Rothschild — acrescentava, sorrindo, — e não tenho motivo de vir a sê-lo; terei uma casa, talvez mesmo duas, na Litiénaia, e vou me contentar com isso." Pensava à parte: "quem sabe? Talvez mesmo umas três!", mas não exprimia nunca este sonho e guardava-o no seu foro íntimo. A natureza gosta de gente dessa espécie e mima-a; gratificará Ptítsin não com três, mas com quatro casas, precisamente porque, desde sua infância, ele percebeu que não seria jamais um Rothschild. Mas, em troca, não irá ela decerto além das quatro casas; será o limite da fortuna de Ptítsin.

Dum caráter bem diferente era a irmã de Gavrila Ardaliónovitch. Também ela era dominada por veementes desejos, mais teimosos mesmo que ardorosos. Tinha muito bom senso na direção de um negócio e dele não largava mão quando chegava a seu termo. Também ela, na verdade, era dessas pessoas "medíocres" que sonham ser originais; mas, em compensação, dera-se bem depressa conta de que

não tinha uma sombra de originalidade pessoal e que não se afligia por isso além da conta; quem sabe? talvez por efeito dum sentimento particular de orgulho. Deu, com muita decisão, seus primeiros passos na vida prática esposando o Sr. Ptítsin. Mas, naquela ocasião, não disse a si mesma: "já que é preciso praticar baixezas, pratiquemo-las até o fim, contanto que alcance meu objetivo", como não teria deixado de exprimir-se em tal caso Gavrila Ardaliónovitch (eram quase os mesmos termos de que se servira ele dando, como irmão mais velho, sua aprovação ao casamento). Bem longe disto: Varvara Ardaliónovna casara depois de ter-se assegurado positivamente de que seu futuro esposo era um homem modesto, agradável, quase culto e incapaz por coisa alguma no mundo de cometer uma grossa vilania. Das pequenas vilanias não cuidava Varvara Ardaliónovna: são bagatelas e, aliás, quem delas está isento? Não se pode querer o ideal! Além disso, sabia que, casando-se, asseguraria um asilo para sua mãe, seu pai e seus irmãos. Vendo seu irmão infeliz, queria ir-lhe em socorro, a despeito de todos os precedentes mal entendidos de família. Ptítsin instava, amigavelmente, é claro, para que entrasse para a administração. Dizia-lhe por vezes, num tom de brincadeira: "Desprezas os generais e o generalato, mas olha bem: eles acabarão todos por se tornar generais por sua vez; se viveres, verás". — "Mas — pensava sarcasticamente Gânia, — donde tiram eles que eu desprezo os generais e o generalato?"

Para poder ajudar seu irmão, Varvara Ardaliónovna resolvera alargar seu campo de ação; introduziu-se na casa dos Iepántchini, prevalecendo-se sobretudo de recordações da infância; ela e seu irmão tinham brincado, quando eram crianças, com as meninas Iepántchini. Notemos aqui que, se perseguira ela alguma quimera fazendo-se receber na casa dos Iepántchini, teria talvez saído da categoria na qual ela mesma se confinara; mas não era uma quimera que perseguia; guiava-se de acordo com um cálculo bastante razoável que baseava na maneira de ser daquela família. Estudara sem descanso o caráter de Aglaia. Dera-se como tarefa aproximar os dois, Aglaia e seu irmão, um do outro. Talvez obtivesse algum resultado. Talvez também cometesse o erro de dar valor demais a Gânia e esperar dele o que não podia ele dar em tempo algum, nem de nenhuma forma. Em todo o caso, manobrou com bastante habilidade do lado dos Iepántchini:

passavam-se semanas sem que pronunciasse o nome de seu irmão; mostrava-se sempre duma retidão e duma sinceridade perfeitas; sua conduta era simples, mas digna. Não temia esquadrinhar o fundo de sua consciência, porque não encontrava ali nada que merecesse censura e era isso para ela um acréscimo de força. Por vezes somente descobria em si uma tendência para a cólera, um amor-próprio muito vivo e talvez mesmo uma vaidade espezinhada; fazia esta observação sobretudo em certos momentos, entre outros quase todas as vezes que voltava da casa dos Iepántchini.

E eis que, desta vez ainda, estava de mau humor ao voltar da casa deles. Através desse humor apontava uma expressão de amarga zombaria. Ptítsin morava em Pávlovsk numa casa de madeira de mesquinha aparência mas espaçosa, que dava para uma estrada poeirenta. Aquela ia tornar-se em breve propriedade sua, embora já estivesse em ponto de vendê-la a um terceiro. Subindo o patamar, ouviu Varvara Ardaliónovna um barulho extraordinário no andar superior; eram seu irmão e seu pai que vociferavam. Entrou na sala e viu Gânia que corria dum lado para outro da peça, pálido de cólera e prestes a arrancar os cabelos. Ao ver isto, seu rosto ensombreceu-se e ela se deixou cair com ar fatigado no sofá, sem tirar seu chapéu. Sabia que se se calasse um minuto mais e não indagasse a causa daquela agitação seu irmão não deixaria de zangar-se; de modo que se apressou em perguntar-lhe:

— Sempre a mesma história?

— Como, a mesma história! — exclamou Gânia. — A mesma história? Não, não é mais a mesma história, é agora o diabo sabe o quê! O velho está a ponto de ficar danado… A mãe urra. Por Deus! Vária, toma isto como quiseres, mas boto-o pela porta afora, ou então… ou então eu mesmo vou embora! — acrescentou ele, sem dúvida dando-se conta de que não se pode pôr para fora as pessoas em casa alheia.

— É preciso ser indulgente — murmurou Vária.

— Indulgente por quê? com quem? — replicou Gânia, inflamado de cólera. — Com suas torpezas? Não, diz o que quiseres, é

impossível! Impossível, impossível, impossível! E que maneiras! Faz das suas e ainda quer ficar de cima. “Não quero atravessar a porta, põe abaixo a muralha!”… Que tens? Teu rosto está todo decomposto.

— Meu rosto não tem nada de extraordinário — replicou Vária, de mau humor.

Gânia olhou-a mais atentamente.

— Estiveste lá? — perguntou, de súbito.

— Sim.

— Espera um instante, os gritos recomeçam. Que vergonha! E num momento como este ainda por cima!

— Um momento como este? O momento presente nada tem de particular.

Gânia fitou sua irmã com um olhar ainda mais penetrante.

— Soubeste de alguma coisa? — perguntou ele.

— Nada de inesperado, pelo menos. Soube que tudo quanto se supunha era verdade. Meu marido foi mais clarividente do que nós dois; o que ele predisse desde o começo é fato consumado. Onde está ele?

— Saiu. Que é que é um fato consumado?

— O príncipe está oficialmente noivo; é negócio concluído. Foram as mais velhas que me falaram. Aglaia deu seu consentimento; cessaram mesmo de segredinhos. (Até aqui tudo lá era cercado de mistério.) O casamento de Adelaida foi adiado mais uma vez, a fim de que os dois casamentos possam ser celebrados ao mesmo tempo, no mesmo dia. Que coisa poética! Um verdadeiro poema! Farias melhor compondo um epitalâmio do que correndo inutilmente para um lado e outro da sala. Esta noite a Bielokónskaia irá visitá-los; chegou a propósito; haverá convidados. Apresentarão o príncipe à princesa, se bem que ela já o conheça; será anunciado, ao que parece, nessa ocasião o contrato de noivado. Crê-se somente que, ao entrar no salão

da festa, já presentes os convidados, ele faça cair e quebre algum objeto, ou então ele mesmo caia no chão; é bem capaz disto.

Gânia escutou com muita atenção, mas, para grande espanto de sua irmã, aquela notícia tão acabrunhante para ele não pareceu de modo algum abalá-lo.

— Pois bem! Era claro! — disse, após um momento de reflexão. — De modo que está tudo acabado! — acrescentou, com um sorriso estranho, olhando o rosto de sua irmã com um ar astucioso e continuando a calcorrear de cá para lá, embora menos agitado.

— Ainda bem que tomas a coisa com filosofia; na verdade, folgo muito com isto — disse Vária.

— Sim, fica-se livre; tu, pelo menos.

— Creio que te servi sinceramente, sem discutir, nem importunar-te; não te perguntei que felicidade contavas encontrar ao lado de Aglaia.

— Mas procurei eu… a felicidade ao lado de Aglaia?

— Vamos, rogo-te, não banques o filósofo! Era certamente assim. Mas nossa conta está liquidada: fomos enganados. Vou te confessar que jamais olhei esse casamento como um negócio sério; se me ocupei com isso, foi somente um jogo de azar e baseando meus cálculos no caráter fantástico de Aglaia; queria sobretudo agradar-te. Havia noventa probabilidades em cem para que tal projeto abortasse. E até agora eu mesma ainda não sei a que te propunhas.

— Agora, tu e teu marido haveis de forçar-me a arranjar um emprego público; vou ouvir sermões sobre a perseverança e a força de vontade, sobre a necessidade de contentar-me com pouco, e assim por diante; conheço isso de cor — disse Gânia, estourando na gargalhada.

“Tem ele nova ideia na cabeça!”, pensou Vária.

— E lá, como os pais tomam a coisa? Estão contentes? — perguntou bruscamente Gânia.

— Não têm cara disso. Aliás, podes julgar por ti mesmo; se Ivan Fiódorovitch está satisfeito, a mãe mostra-se apreensiva; já antes repugnava-lhe ver nele um noivo para sua filha; é coisa conhecida.

— Não é isto que me interessa; o príncipe é um noivo impossível, inimaginável, é claro. Falo da situação presente: como estão as coisas? Ela deu o consentimento formal?

— Até aqui ela não disse "não"; eis tudo. Mas com ela não podia ser de outro modo. Sabes a que extravagâncias têm-na levado sua timidez e seu pudor. Quando menina, metia-se nos armários e ali ficava encolhida duas ou três horas, somente para evitar ter de aparecer diante de visitas. Depois cresceu como uma vara, mas o caráter ficou o mesmo. Sabes, tenho razões de crer que há, com efeito nesse negócio algo de sério, mesmo do lado dela. Parece que de manhã à noite ri ela até mais não poder, pensando no príncipe; é para enganar; encontra com certeza ocasião de deslizar ao ouvido uma palavrinha, porque está ele radiante, em plena glória… Dizem que ele é extremamente ridículo. Ouvi isso deles mesmos. Pareceu-me também que as mais velhas zombavam abertamente de mim.

O rosto de Gânia acabou por ensombrecer-se. Talvez Vária se tivesse estendido de propósito sobre esse capítulo, para sondar os verdadeiros pensamentos de seu irmão. Mas naquele momento as vociferações recomeçaram no andar de cima.

— Vou pô-lo para fora — rugiu Gânia, como que encantado por encontrar um derivativo a seu despeito.

— E então recomeçará ele a deblaterar por toda parte contra nós, como fez ontem.

— Como ontem? Que quer dizer isso? Ontem? Mas será que… — perguntou Gânia, com súbito pavor.

— Ah! meu Deus! Não sabes então? — continuou Vária.

— Como… então é verdade que ele foi lá? — exclamou Gânia, rubro de vergonha — e de cólera. — Meu Deus! mas tu, que vens de lá, soubeste de alguma coisa? O velho foi lá? Sim ou não?

E precipitou-se para a porta. Vária lançou-se em seu encalço e agarrou-o com as duas mãos.

— Então? Que é isso? Aonde vais? — perguntou ela. — Se o puseres para fora neste momento, vai nos fazer passar por coisas ainda piores. Irá à casa de toda a gente!

— Que fez ele lá? Que disse ele?

— Elas não souberam repetir-me claramente, porque não o compreenderam. Sei somente que causou medo a todas. Procurava Ivan Fiódorovitch, mas este estava ausente; então pediu para falar com Lisavieta Prokófievna. Começou rogando-lhe que lhe obtivesse um lugar, que o empregasse na administração; depois pôs-se a queixar-se de nós, de mim, de meu marido, de ti sobretudo… Falou um bocado de coisas.

— Não pudeste saber quais? — perguntou Gânia, — abalado por um tremor convulsivo.

— Não era fácil! Ele próprio não devia compreender bem o que dizia; talvez também não me tenham elas contado tudo,

Gânia pôs as mãos na cabeça e correu para uma janela. Vária sentou-se junto da outra janela.

— É engraçada, essa Aglaia! — observou ela, de súbito. — Deteve-me para dizer-me: “Apresente a seus pais a homenagem particular de minha consideração pessoal; hei de encontrar, certamente por estes dias ocasião de ver seu papai”. E disse isto num tom tão sério! É bem estranho…

— Não será uma zombaria? Tens certeza?

— Não, não era uma brincadeira e isto é que é estranho.

— Ela está ou não ao corrente do negócio do velho? Que pensas?

— Ignora-se esse negócio em casa deles; não tenho nenhuma dúvida a respeito. Mas tu me dás a ideia de que Aglaia poderia bem conhecê-lo. Só ela está ao corrente, porque suas irmãs ficaram

igualmente surpresas por ouvirem-na encarregar-me com tanta seriedade de cumprimentar nosso pai. E por que seria justamente a ele que enviaria suas saudações? Se ela conhece o negócio, é que o príncipe lhe contou!

— Não é preciso muita perspicácia para saber que ele lhe contou! Um ladrão! Não faltava senão isto. Um ladrão na nossa família e o "chefe da família"!

— Ora, é uma infantilidade! — exclamou Vária, muito zangada. — Uma história de bêbados e nada mais. E quem a inventou? Liébiediev, o príncipe… belos personagens eles próprios, o suprassumo da inteligência! Não ligo a mínima importância a este incidente.

— O velho é um ladrão e um bêbado — prosseguiu Gânia, com amargura. — Eu, sou um pobretão; o marido de minha irmã é um usurário. Havia em nossa casa com que seduzir Aglaia: uma bela família na verdade!

— Esse marido de tua irmã, esse usurário te…

— Alimenta-me, não é? Não te constranjas, rogo-te.

— Por que te exaltas? — disse Vária, contendo-se. — Não compreendes nada; és como um escolar. Pensas que tudo isso possa ter-te prejudicado aos olhos de Aglaia? Não conheces seu caráter; é capaz de recusar o partido mais magnífico para fugir com um estudante e aceitar morrer de fome junto dele num sótão; eis seu sonho! Nunca te deste conta de a que ponto te terias tornado interessante aos olhos dela, se tivesses sido capaz de suportar nossa situação com firmeza e altivez. O príncipe empalmou-a, em primeiro lugar, porque não a procurou, em seguida porque passa por idiota aos olhos de toda a gente. Somente a perspectiva de transtornar sua família por causa dele é o que a encanta no momento! Ai! vocês, homens, não compreendem nada!

— Está bem, veremos se compreendemos ou não compreendemos — murmurou Gânia, com ar enigmático. — Mas de qualquer forma gostaria bem que ela não conhecesse o caso do velho. Pensei que o

príncipe contivesse a língua e não deixasse escapar coisa alguma. Conseguira conter Liébiediev; mesmo a mim, a despeito de minha insistência, não quis contar-me tudo…

— Vês, pois, tu mesmo que o negócio veio a espalhar-se sem que ele houvesse contribuído para isso. Mas que te importa agora? Que esperas? E se te restasse uma esperança, isto não poderia dar-te senão uma auréola de mártir aos olhos delas.

— Ora, malgrado todo esse romantismo, ela teria medo do escândalo! Tudo tem seus limites e ninguém se compromete além de certo limite; todas vocês são iguais.

— Aglaia ter medo? — exclamou Vária, lançando a seu irmão um olhar de desprezo. — Tua alma é bem baixa! Tanto vale uma como o outro. Que ela seja olhada como ridícula e extravagante, vá lá! Mas em compensação é de caráter mil vezes mais nobre que nós todos.

— Bem, está bem, não te zangues! — murmurou de novo Gânia, com ar de suficiência.

— Lamento simplesmente minha mãe — prosseguiu Vária. — Receio que a história de meu pai já tenha chegado a seus ouvidos. Tenho bem medo disso!

— Ela a conhece decerto — observou Gânia.

Vária levantara-se para subir ao andar de cima, aos aposentos de Nina Alieksándrovna. Parou e olhou seu irmão com olhar intrigado.

— Quem então terá feito isso?

— Ipolit, provavelmente. Presumo que logo que se instalou aqui, deu-se pressa em contar isso à nossa mãe.

— Mas, me diz, rogo-te, como ele pode conhecer esse negócio? O príncipe e Liébiediev convieram que não falariam a ninguém e o próprio Kólia o ignora.

— Ipolit? Soube de tudo isso por si mesmo. Não podes imaginar como aquela criatura é astuta e mexeriqueira, nem que faro possui

para descobrir todas as histórias sujas, tudo quanto tenha caráter escandaloso. Podes acreditar ou não, mas estou convencido de que ele já conseguiu ganhar ascendência no espírito de Aglaia. Se assim não for, será. Rogójin entrou igualmente em relação com ele. Como ascendência? E que vontade tem esse Ipolit agora de pregar-me uma má peça! Olha-me como a um inimigo pessoal; compreendi isso desde muito tempo. Mas pergunto a mim mesmo que adianta isso de parte de um moribundo? Ele não sabe com quem se meteu. Verás: a derradeira palavra caberá a mim e não a ele.

— Por que tê-lo trazido para cá, se o odeias a este ponto? E vale a pena querer ter a derradeira palavra contra ele?

— Foste tu mesma quem me aconselhou a trazê-lo para cá.

— Pensei que ele seria útil. Mas sabes que ele próprio se apaixonou por Aglaia e lhe escreveu? Fizeram-me perguntas… Aposto que também escreveu a Lisavieta Prokófievna.

— A este respeito ele não é perigoso! — disse Gânia, rindo malignamente. — Aliás, deve tratar-se de outra coisa. Que esteja apaixonado, é bem possível, trata-se de um garoto! Mas… não se porá ele a escrever cartas anônimas à velha? É uma nulidade cheia de fel, tão enfatuada de si mesma!… Estou certo, sei sem dúvida nenhuma que ele me descreveu perante ela como um intrigante, foi por aí que começou. Fui bastante idiota, confesso, por ter falado demais com ele; pensava que serviria a meus interesses; não fosse senão para se vingar do príncipe; é um indivíduo tão dissimulado! Oh! agora, sei muito bem quem ele é! Quanto a esse roubo, foi pela mãe dele, a capitoa, que tomou conhecimento do caso. Foi por causa dela que o velho se decidiu a dar o golpe. Sem a menor consideração Ipolit me fez saber que o “general” havia prometido quatrocentos rublos à mãe dele. Disse isto assim sem cerimônia, sem circunlóquios. Então compreendi tudo. Fitava-me bem nos olhos com uma espécie de volúpia. Repetiu isto decerto a mamãe, somente pelo prazer de dilacerar-lhe o coração. E por que ele não morre, me diz, rogo-te? Não se comprometeu ele a morrer dentro de três semanas? E desde que está aqui, engordou! Sua tosse começa a passar; disse mesmo ontem à noite que, há já dois dias, não escarrava mais sangue.

— Manda-o embora.

— Não o odeio, desprezo-o — disse Gânia, com um ar de orgulho. — Ainda que, sim, confesso, odeio-o! — exclamou, subitamente, num assomo de cólera. — E lhe direi cara a cara, mesmo que esteja no seu leito de agonia! Se pudesses ler a confissão dele!… Meu Deus, que ingênua impudência! É o Tenente Pirogov, é Nosdriov ao trágico e é sobretudo um garoto! Com algum prazer, teria-lhe dado umas palmadas no traseiro naquele momento, justamente para espantá-lo. Agora quer vingar-se de toda a gente porque o efeito que esperava fracassou naquele dia… Mas que é que há? O barulho recomeça lá em cima! Vejamos, afinal, que significa isto? Não o tolerarei mais! — exclamou ele, dirigindo-se a Ptítsin que entrava na sala. — Que há? A que não havemos de chegar em nossa casa?… É… é…

Mas o barulho aproximava-se rapidamente. A porta abriu-se de repente e o velho Ívolguin, cheio de cólera, congestionado, transtornado, fora de si, lançou-se também para Ptítsin. Atrás dele entraram Nina Alieksándrovna, Kólia e, por último, Ipolit.

## Capítulo II

Ipolit instalara-se havia já cinco dias na casa de Ptítsin. A separação arranjara-se bastante naturalmente, sem arrancos nem briga, entre o príncipe e ele; não somente não tiveram discussão, mas ainda davam a impressão de terem se separado em bons termos. O próprio Gavrila Ardaliónovitch, tão hostil a Ipolit na noite que relatamos, fora visitá-lo dois dias após o acontecido; obedecia sem dúvida a uma segunda intenção que lhe viera de repente. Rogójin pôs-se também a frequentar o doente, não se sabia por qual motivo. No começo, o príncipe pensara que o “pobre rapaz” encontraria vantagem em mudar-se de sua casa. Mas quando trocou de casa, sublinhou Ipolit que ia instalar-se em casa de Ptítsin, “que tivera a bondade de oferecer-lhe um abrigo”; como de propósito, não disse uma palavra a respeito de Gânia, muito embora este último tivesse insistido para que o recebessem na casa. Gânia dera-se conta disso e esta ofensa ficou-lhe atravessada bem fundo no coração.

Dissera a verdade quando anunciara à sua irmã que o doente estava-se restabelecendo. Com efeito, Ipolit sentia-se um pouco melhor do que antes, coisa perceptível logo à primeira vista. Entrou na sala sem se apressar, atrás dos outros, com um sorriso irônico e malévolo nos lábios. Nina Alieksándrovna dava sinais de vivo pavor. (Mudara consideravelmente e emagrecera no decorrer daqueles últimos seis meses desde que casara sua filha e viera morar em casa dela, tinha o ar de não mais se meter nos negócios de seus filhos.) Kólia estava preocupado e como que perplexo; muitas coisas lhe escapavam naquela "loucura do general", como dizia, porque ignorava naturalmente as razões verdadeiras da nova barafunda que reinava na casa. Mas vendo seu pai manifestar a todo momento e a todo propósito um humor tão rixento, tornava-se claro a seus olhos que ele havia bruscamente mudado e não era mais, por assim dizer, o mesmo homem. O próprio fato do velho ter parado completamente de beber, havia três dias, avivava sua inquietação. Sabia que ele tinha rompido com Liébiediev e com o príncipe e que havia mesmo discutido com ele. Acabava justamente de trazer para casa uma meia garrafa de vodca comprada com seu próprio dinheiro.

— Asseguro-lhe, mamãe — afirmava ele a Nina Alieksándrovpa, quando se achavam ainda no andar superior, — asseguro-lhe que é melhor deixá-lo beber. Há três dias que não bebe nada, daí provem seu humor negro. Na, verdade, seria bom, eu lhe levava aguardente, mesmo quando ele estava na prisão, por dívidas…

O general abriu a porta de par em par e parou na soleira, a tremer de indignação.

— Meu caro senhor — ele gritou para Ptítsin com voz tonitroante — se realmente resolveu sacrificar a esse fedelho e a esse ateu o ancião respeitável que é seu pai, ou pelo menos, o pai de sua mulher, e que lealmente serviu a seu soberano, saiba que a partir de agora meus pés não pisarão mais o chão de sua casa. Escolha, senhor, escolha agora mesmo: ou eu, ou… esse parafuso. Sim, esse parafuso! Esta palavra veio-me por acaso; mas é bem como parafuso! Porque ele me fura a alma à maneira de um parafuso sem nenhuma contemplação… Justamente como um parafuso!

— Por que não um saca-rolhas? — interveio Ipolit.

— Não, um saca-rolhas não, porque não tens diante de ti uma garrafa, mas um general. Tenho condecorações, distinções honoríficas… e tu, tu não tens nada. Ou ele, ou eu! Decida, senhor, e imediatamente! — gritou ele de novo para Ptísin, num tom exasperado.

Kólia aproximou dele uma cadeira sobre a qual ele se deixou cair, quase sem forças.

— Na verdade, seria muito bom se ele tirasse uma soneca — murmurou Ptísin, aturdido.

— Tem ainda o topete de proferir ameaças! — cochichou Gânia à sua irmã.

— Uma soneca? — exclamou o general. — Não estou embriagado, meu caro senhor, e o senhor me insulta. Vejo — prosseguiu ele, levantando de novo, — que aqui tudo e todos estão contra mim. Estou farto! Vou-me embora… Mas saiba, meu caro senhor, saiba…

Fizeram-no sentar outra vez sem deixá-lo acabar e rogaram-lhe que se acalmasse. Gânia, furioso, retirou-se para um canto. Nina Alieksándrovna tremia e soluçava.

— Mas que lhe fiz eu? De que se queixa ele? — disse Ipolit num tom de pilhéria.

— Pretende você não lhe ter feito nada? — interveio, de repente, Nina Alieksándrovna. — Sobretudo você é quem deveria ter vergonha e… é crueldade atormentar um velho… mais especialmente quando se está na situação em que você se encontra.

— Em primeiro lugar, senhora, qual é, pois, a minha situação? Tenho um respeito grande pela senhora, pela senhora em particular e pessoalmente, mas…

— É um parafuso! — exclamou o general. — Perfura-me a alma e o coração! Quer converter-me ao ateísmo! Saiba, seu fedelho, que já estava eu coberto de honras, quando você ainda não era nascido. Não

passa de um verme atormentado pela inveja, um verme cortado em dois, um verme que tosse… e que morre de ódio e de impiedade… Por que Gavrila trouxe-o para cá? Todos são contra mim, desde os estranhos até meu próprio filho,

— Basta de representar tragédia! — gritou Gânia. — Seria muito melhor que não nos andasse a difamar por toda a cidade!

— Como? Eu desonrar-te, fedelho? A ti? Só posso fazer-te honra e de modo algum desonrar-te!

Dera um pulo, não se podia mais retê-lo; mas Gavrila Ardaliónovitch havia, ele também, perdido visivelmente as estribeiras.

— Tem o topete de falar de honra! — exclamou malignamente Gânia.

— Que disseste? — trovejou o general, lívido de cólera, dando um passo para ele.

— Digo que me bastaria abrir a boca para que… — começou bruscamente Gânia, que não chegou a terminar a frase.

Estavam ambos face a face, presas duma violenta comoção, sobretudo Gânia.

— Gânia, que fazes? — exclamou Nina Alieksándrovna, lançando-se para reter seu filho.

— Tolices e mais tolices de todos os lados! — exclamou Vária, indignada. — Vamos, mamãe, acalme-se!

E agarrou-se à sua mãe.

— Se o poupo, é por minha mãe — declarou Gânia, num tom trágico.

— Fala! — urrou o general, no cúmulo da exasperação. — Fala, sob pena de seres amaldiçoado por teu pai… fala!

— Espere por essa! Muito medo tenho de sua maldição! De quem a culpa de estar o senhor há oito dias como um louco? Digo: há oito

dias, está vendo? Conheço a data… Tome cuidado em não me levar ao extremo, direi tudo. Por que se arrastou ontem até a casa dos Iepántchini? E ainda quer que se respeite sua velhice, seus cabelos brancos, sua dignidade de pai de família? Muito bonito!

— Cala-te, Gânia! — exclamou Kólia. — Cala-te, imbecil!

— Em que, pois, eu o ofendi? — insistiu Ipolit, sempre num tom que orçava pela insolência. — Por que ele me trata de parafuso, não o ouviram? Foi ele quem me veio importunar: veio há pouco contar-me a história de um tal Capitão Ieropiégov. Não faço questão absolutamente nenhuma de participar de sua sociedade, general; o senhor mesmo sabe que a evitei outrora… Que me importa o Capitão Ieropiégov? Confesse-o o senhor mesmo… Não foi por causa do Capitão Ieropiégov que vim instalar-me aqui. Limitei-me a exprimir bem alto ao general a opinião de que esse Capitão Ieropiégov podia muito bem nunca ter existido. Nisto a mostarda subiu-lhe ao nariz.

— Não há dúvida nenhuma: esse capitão jamais existiu — disse Gânia, num tom cortante.

O general ficou aturdido. Lançou em redor de si olhares de louco. As palavras de seu filho tinham-no impressionado pela sua brutal segurança. No momento não encontrou uma palavra sequer para replicar. Mas a reflexão de Gânia provocou um acesso de riso de Ipolit.

— Ouviu-o? — disse ele. — Seu próprio filho lhe diz que jamais existiu esse Capitão Ieropiégov.

Completamente transtornado, o velho balbuciou:

— Falei de Kapiton Ieropiégov e não dum capitão… Kapiton… tenente-coronel reformado, Ieropiégov… Kapiton.

— Não há tampouco nenhum Kapiton! — voltou Gânia a afirmar, fora de si.

— Como… por que não teria havido? — balbuciou o general, enquanto o sangue lhe subia às faces.

— Vamos, acalmem-se! — intervieram Ptítsin e Vária.

— Cala-te, Gânia! — gritou de novo Kólia.

Mas estas intervenções restituíram o aprumo ao general.

— Como não existiu? Por que não teria existido? — interpelou ele o filho, num tom de ameaça.

— Porque não existiu, eis tudo. Não existiu, é completamente impossível! Tenha-o como dito. Não insista, repito-lhe.

— E dizer que é meu filho… é meu próprio filho. Aquele que eu… Oh! meu Deus! Ousa pretender que Ieropiégov; Ierochka Ieropiégov não existiu!

— Ora, com efeito! Ainda há pouco era Kapiton, agora: é Ierochka! — intrometeu-se Ipolit.

— Falo de Kapitochka, meu senhorzinho, e não de Ierochka! Trata-se de Kapiton, Capitão Alieksiéievitch, quero dizer Kapiton… tenente-coronel… reformado… que se casou com Mária… Mária Pietrovna Su… Su… em suma, meu amigo e camarada… Sutúguin… Estivemos juntos na escola de cadetes. Derramei por ele… protegi-o com meu corpo… mas ele foi morto. Ousa-se dizer que não houve Kapitochka Ieropiégov! Que ele não existiu!

O general vociferava, furioso, mas sentia-se que sua emoção procedia de uma outra causa bem diversa da questão em litígio. Na verdade, teria certamente tolerado em outros tempos uma suposição. Muito mais ferina que a da inexistência do Kapiton Ieropiégov. Teria gritado, discutido; ficaria arrebatado, mas teria acabado por subir ao andar de cima para ir deitar-se. Desta vez, por uma singular estranheza do coração humano, a taça transbordava pelo simples fato de terem posto em dúvida a existência de Ieropiégov, por mais anódina que fosse essa ofensa. O velho ficou rubro, levantou os braços ao céu e urrou:

— Basta! Minha maldição… Saio desta casa! Nikolai, toma minha mala de viagem… parto.

Precipitou-se para fora, no paroxismo da cólera. Nina

Alieksándrovna, Kólia e Ptítsin lançaram-se no seu encalço.

— Vês o que fizeste? — perguntou Vária à seu irmão. — Quem sabe? Talvez ele volte para lá. Que vergonha! Que vergonha!

— Pois que não roube! — exclamou Gânia, quase sufocando de raiva.

De repente seu olhar encontrou o de Ipolit; súbito tremor dominou-o.

— Quanto a você, meu caro senhor — exclamou, — devia ter lembrado de que afinal de contas está sob teto alheio e… gozando aqui de hospitalidade, não lhe cabia irritar um velho que evidentemente está louco.

Ipolit esteve também a ponto de deixar-se arrebatar, mas conteve-se logo.

— Não concordo absolutamente com sua opinião quanto à pretensa loucura de seu papai — disse ele, com calma. — Tenho, pelo contrário, a impressão de que está mais sensato que nos últimos tempos. Palavra! Não acha? Tornou-se tão cauteloso, tão desconfiado, tem as orelhas à escuta, pesa cada uma de suas palavras… Quando me falou desse Kápitochka tinha lá sua ideia: imagine que queria ele levar-me a…

— Ah! Que diabos preciso eu saber para onde ele o queria levar! Peço-lhe que não banque o sabido comigo e não me venha com rodeios, senhor! — disse Gânia num tom gritante. — Se conhecesse também a verdadeira razão pela qual aquele velho se encontra em semelhante estado (e você espionou tão bem dentro de minha casa durante estes últimos dias que não poderia deixar de conhecê-la), deveria abster-se rigorosamente de irritar aquele… infeliz e de atormentar minha mãe, exagerando um negócio que nada tem de sério; é uma simples história de ébrios, nada mais; não está absolutamente provada e não faço dela nenhum caso… Mas você, você precisa atormentar, espionar porque você… você é…

— Um parafuso — escarneceu Ipolit:

— Por que você é um sujeito vil; atormentou pessoas durante uma meia hora e procurou enlouquecê-las, fazendo o gesto de matar-se com uma pistola que nem. mesmo estava carregada. Desempenhou uma comédia vergonhosa; você é um simulador de suicídio… um saco de bílis montado em cima de duas pernas! Fui eu que lhe dei hospitalidade; engordou aqui; não tosse mais; e eis sua maneira de ser reconhecido…

— Duas palavras somente, peço-lhe; sou hóspede de Vária Ardaliónovitch e não seu. O senhor não me deu hospitalidade nenhuma e creio ainda por cima que o senhor mesmo se beneficia da do senhor Ptítsin. Há quatro dias, roguei à minha mãe que me arranjasse um alojamento em Pávlovsk e viesse ela mesma instalar-se nele, porque, com efeito, sinto-me melhor, embora não tenha engordado aqui e continue a tossir. Minha mãe mandou-me dizer ontem de noite que o apartamento estava pronto e que eu me apressasse em anunciar-lhes, por minha vez, que vou, mudar-me para lá hoje mesmo, depois de ter agradecido à sua mamãe e à irmã; minha decisão está tomada desde ontem de noite. Desculpe-me tê-lo interrompido; o senhor tinha, se me não engano, ainda bastante coisas a dizer.

— Oh! se é assim… — disse Gânia, num frêmito.

— Se é assim, permita-me que me assente — acrescentou Ipolit, tomando tranquilamente a cadeira que o general havia ocupado. — Porque afinal estou doente. Assim, agora estou pronto a escutá-lo, tanto mais que será nossa derradeira conversa e, talvez, mesmo nosso derradeiro encontro.

Gânia teve de repente um escrúpulo.

— Fique bem certo de que não me rebaixarei a regular contas com você — disse ele, — e se você…

— Faz mal em tomar a coisa assim do alto — cortou-lhe a palavra Ipolit. — Eu, de minha parte, prometi a mim mesmo, desde o dia de minha chegada aqui, não me recusar o prazer de dizer-lhe umas quatro verdades, quando nos separássemos. Eis justamente o momento de pôr esse projeto em execução, quando o senhor tiver acabado de

falar, bem entendido.

— E eu, peço-lhe que saia desta sala.

— Melhor será que fale o senhor; depois, vai se arrepender de não ter dito tudo quanto lhe oprime o coração.

— Acabe com isso, Ipolit; tudo isso é profundamente vergonhoso, faça-me o favor de acabar com isso! — disse Vária.

Ipolit ficou em pé:

— Se me calo, será por pura deferência a uma dama — disse ele. rindo. — Como lhe aprouver, Vária Ardaliónovna; por sua causa estou pronto a abreviar, mas somente a abreviar esta conversa, porque uma explicação entre seu irmão e eu tornou-se absolutamente indispensável e não me resignaria por coisa alguma do mundo a partir deixando dúvidas atrás de, mim…

— Digamos a palavra bem simplesmente: você é um mexeriqueiro — exclamou Gânia: — Por isso é que não se decide a partir sem ter vomitado suas comadrices.

— Está vendo que não é mais senhor de sua vontade — observou Ipolit, friamente. — Com franqueza, terá pesar de não exprimir tudo quanto tem a dizer. Ainda uma vez, cedo-lhe a palavra. Falarei depois do senhor.

Gavrila Ardaliónovitch não respondeu e olhou-o com desprezo.

— Não quer? Prefere manter-se até o fim em seu papel? À vontade. Quanto a mim, serei tão breve quanto possível. Duas ou três vezes hoje ouvi lançarem-me em rosto a hospitalidade que me foi concedida. Isto não é justo. Convidando-me a vir instalar-me aqui, sua intenção era prender-me nos fios de sua rede. Supunha que eu queria vingar-me do príncipe. Além disso, ouviu dizer que Aglaia Ivânovna havia revelado simpatia por mim e lera minha confissão. Imediatamente lhe veio a ideia de que eu me dedicaria inteiramente aos seus interesses; teve a esperança de encontrar talvez em mim um auxiliar. Não direi mais a respeito. De sua parte não peço tampouco

nem confissão nem confirmação. Basta-me deixá-lo diante de sua consciência e saber que, agora, nós nos compreendemos às mil maravilhas um ao outro.

— Deus sabe que história imagina você com a coisa mais simples! — exclamou Vária.

— Eu não disse? É um mexeriqueiro e um patife — disse Gânia.

— Permita, Vária Ardaliónovna, que eu continue. Certamente, não posso amar, nem respeitar o príncipe. Mas é um homem duma real bondade, ainda que… bastante ridículo. Não tenho, pois, a menor razão para odiá-lo. Não deixei seu irmão ver entretanto que percebia que ele me excitava contra o príncipe; contava com o desenlace para ter ocasião de rir. Sabia que seu irmão teria língua bastante comprida e se meteria na mais falsa das posições. Foi o que aconteceu… Estou pronto agora a poupá-lo, mas unicamente em atenção à senhora, Vária Ardaliónovna. Todavia, depois de ter-lhe mostrado que não é tão fácil apanhar-me na armadilha, quero ainda explicar-lhe por que fazia eu tanta questão de pôr seu irmão numa posição ridícula para comigo. Saiba que o fiz por ódio, confesso-o sinceramente. No momento de morrer (porque morrerei, apesar de tudo, se bem que haja engordado, como pretende), no momento de morrer, digo eu, senti que iria para o paraíso com muito mais tranquilidade se conseguisse ridicularizar pelo menos um representante dessa inumerável categoria de pessoas que me perseguiram durante toda a minha vida e às quais toda a minha vida tenho odiado. Seu estimável irmão oferece a imagem impressionante dessa espécie de pessoas. Eu o odeio, Gavrila Ardaliónovitch, e — isto o surpreenderá talvez — unicamente porque o senhor é o tipo, a encarnação, a personificação e a perfeitíssima expressão da mediocridade mais impudente, mais enfatuada, mais chata e mais repugnante! O senhor é a mediocridade inchada, a que não duvida de nada e se envolve numa serenidade olímpica; o senhor é a rotina das rotinas! Jamais a sombra de uma ideia pessoal germinará no seu espírito ou no seu coração. Mas sua inveja não conhece limites; o senhor está firmemente convicto de que é um gênio de primeira ordem. Todavia, a dúvida o persegue em seus momentos de melancolia e sente então acessos de cólera e de inveja. Oh! há ainda pontos negros no seu horizonte; não desaparecerão senão no dia

em que o senhor se tornar perfeitamente cretino, o que não haverá de tardar. O senhor tem, no entanto, uma carreira ainda longa e variada à sua frente; não acho que ela será alegre e rejubilo-me com isso. Para começar, predigo que não obterá a mão de certa pessoa.

— Mas é intolerável! — exclamou Vária. — Quer ou não acabar, insultador infame?

Pálido e fremente, Gânia mantinha-se em silêncio. Ipolit calou-se, olhou-o fixamente, gozando-lhe o embaraço, voltou os olhos para Vária, sorriu, depois cumprimentou e saiu sem acrescentar uma só palavra.

Gavrila Ardaliónovitch teria podido queixar-se, com direito, de seu destino e de sua má sorte. Vária ficou alguns instantes sem ousar dirigir-lhe a palavra; nem mesmo o olhou, enquanto ele andava a grandes passadas dum lado para outro da sala. Finalmente, ele se aproximou duma janela e voltou as costas à sua irmã. Vária pensou no provérbio russo: "um bastão tem sempre duas pontas". O barulho recomeçou no andar de cima.

— Vais lá? — perguntou bruscamente Gânia à sua irmã, vendo-a levantar. — Espera: olha isto.

Avançou e lançou sobre a cadeira diante dela um papelzinho, dobrado em forma de bilhete.

— Meu Deus! — exclamou Vária, erguendo os braços. O bilhete continha apenas sete linhas:

> Gavrila Ardaliónovitch, tendo-me convencido de seus bons sentimentos para comigo, resolvi pedir conselho a respeito de um negócio importante para mim. Desejaria encontrá-lo amanhã às sete horas da manhã em ponto, no banco verde. Não é longe de nossa casa. Vária Ardaliónovna, que deve sem falta acompanhá-lo, conhece muito bem aquele lugar.
>
> A.I.

— Depois disto, vá a gente entendê-la! — disse Vária Ardaliónovna, que marcou sua surpresa abrindo os braços.

Por menos disposto que estivesse a tomar ares de conquistador,

não pôde Gânia entretanto dissimular seu triunfo, sobretudo após as mortificantes predições de Ipolit. Um sorriso sincero de vaidade satisfeita iluminou-lhe o rosto; a própria Vária estava radiante de alegria.

— E isto no mesmo dia em que se anuncia em casa deles o noivado! Agora tenta, pois, saber o que ela quer!

— Na tua opinião, a respeito de que vai ela falar-me amanhã? — perguntou Gânia.

— Pouco importa; o essencial é que, pela primeira vez, desde seis meses, ela mostra o desejo de ver-te. Escuta-me, Gânia: seja o que for e qualquer que possa ser o giro que essa entrevista tomar, lembra-te de que é uma coisa importante, excessivamente importante! Nada de embaraços desta vez; não cometas ratas, mas não sejas tampouco demasiado tímido; abre o olho! Será que ela não suspeitou do desígnio que eu tinha em vista, frequentando-lhes a casa durante estes seis meses? Imagina que nem uma palavra me disse hoje a respeito. Não deu demonstração de nada. É preciso dizer-te que entrei às ocultas; a velha não sabia que eu estava lá; pois se soubesse teria talvez me posto para fora. Foi por ti que corri este risco; queria saber a todo custo…

Os gritos e o barulho recomeçaram com mais intensidade lá em cima. Várias pessoas desciam a escada.

— Por coisa alguma do mundo deve-se consentir nisso agora! — exclamou Vária, ofegante e espantada. — É preciso evitar a sombra que seja de um escândalo. Vai e pede-lhe perdão.

Mas o pai de família já havia chegado à rua. Atrás dele, Kólia seguia com a mala. Nina Alieksándrovna soluçava, de pé, no patamar; sua vontade era correr atrás de seu marido, mas Ptítsin a retinha.

— A senhora só fará excitá-lo mais ainda — dizia-lhe. — Ele não tem para onde ir; dentro duma meia hora haverão de trazê-lo; já falei a respeito com Kólia; deixe-o fazer suas loucuras.

— Por que essas bravatas? Onde irá o senhor assim? — gritou

Gânia da janela. — Não sabe nem mesmo onde ir!

— Volte, papai! — gritou Vária. — Os vizinhos estão ouvindo.

O general parou, voltou-se, estendeu a mão e gritou enfaticamente:

— Que a maldição esteja sobre essa casa!

— Será preciso ainda ouvi-lo dizer isso em tom teatral? — murmurou Gânia, fechando a janela com estrondo.

Com efeito os vizinhos estavam à escuta. Vária saiu precipitadamente da sala.

Assim que ela saiu, Gânia apanhou o bilhete, de cima da mesa, levou-o aos lábios, estalou a língua e ensaiou um passo de dança.

## Capítulo III

O escândalo provocado pelo general teria sido sem consequências em qualquer outro tempo. Já fora o herói de incidentes extravagantes e imprevistos da mesma espécie, embora bastante raramente, porque era, afinal, um homem muito pacífico e de tendências até boas. Cem vezes talvez tentara lutar contra os hábitos desregrados contraídos por ele no curso daqueles últimos anos. Lembrava-se de repente que era "pai de família", reconciliava-se com sua mulher e vertia lágrimas sinceras. Tinha por Nina Alieksándrovna um respeito que chegava até a adoração porque ela lhe perdoava tantas coisas sem dizer uma palavra e conservava por ele sua ternura a despeito do envilecimento e do ridículo em que ele caíra. Mas essa luta magnânima contra a desordem de sua vida não durava geralmente muito tempo; era ele também, no seu gênero, um homem demasiado "ardoroso", para suportar a vida de penitência e ociosidade que levava no seio de sua família e acabava revoltando-se. Tinha então acessos de furor que talvez censurasse a si próprio no instante mesmo em que a eles se abandonava, mas que não tinha a força de dominar. Puxava briga com os seus, punha-se a discutir com ênfase que pretendia ser eloquência e exigia que se lhe testemunhasse um respeito desmedido, inimaginável,

depois afinal de contas eclipsava-se e ficava mesmo muito tempo sem reaparecer em sua casa. Havia dois anos não tinha mais senão uma ideia bastante vaga do que se passava em sua casa ou só vinha a tomar conhecimento das coisas por ouvir dizer; cessara de entrar nestes detalhes que para ele não tinham mais o mínimo interesse.

Mas desta vez o escândalo revestia-se duma forma insólita. Era de crer que ocorrera um acontecimento que toda a gente conhecia, mas de que ninguém ousava falar. O general só voltara havia três dias oficialmente ao seio da família, isto é, para o lado de Nina Alieksándrovna; mas em lugar de testemunhar humildade e arrependimento, como por ocasião de suas precedentes "reaparições", dava pelo contrário os sinais duma extraordinária irritabilidade. Mostrava-se loquaz, agitado; dirigia a quem chegasse discursos inflamados, com o ar de avançar contra seus interlocutores; mas falava de questões tão variadas e tão inesperadas que era impossível descobrir o objeto verdadeiro de sua atual inquietação. Exceto uns momentos de alegria, estava a maior parte do tempo absorvido, sem saber exatamente ele próprio por que. Começava uma história a respeito dos Iepántchini, do príncipe, de Liébiediev, e de repente interrompia-se, ficava calado e respondia com um sorriso obtuso e prolongado aos que o interrogavam sobre a continuação da história; não tinha mesmo o ar de notar que o interrogavam. Passara a derradeira noite a suspirar e a gemer, dando trabalho a Nina Alieksándrovna que, por descargo de consciência, esquentara sem cessar para ele, cataplasmas. Perto do amanhecer, adormecera bruscamente, mas quatro horas mais tarde seu despertar deu lugar ao acesso violento e desordenado de hipocondria, que resultara na disputa com Ipolit e a "maldição sobre esta casa".

Tinha-se igualmente notado no curso daqueles três dias que caíra ele num excesso contínuo de vaidade, que se traduzia numa susceptibilidade anormal. Kólia afirmava à sua mãe com insistência que aquele humor rabugento era imputável à privação da bebida, talvez também à ausência de Liébiediev com o qual o general se ligara intimamente naqueles últimos tempos.

Uma briga inesperada surgira entre eles, três dias antes, o que lançara o general em grande cólera; tivera mesmo uma espécie de

cena com o príncipe. Kólia havia rogado a este último que lhe explicasse o motivo daquilo e acabara por adivinhar que também Míchkin lhe ocultava alguma coisa. Podia-se supor, como o fizera Gânia com muita verossimilhança, que uma conversa particular se realizara entre Ipolit e Nina Alieksándrovna; mas parecia então estranho que aquele mau sujeito, tratado abertamente de mexeriqueiro por Gânia, não se tivesse dado o prazer de pôr Kólia ao corrente. Podia muito bem dar-se que Ipolit não fosse o mau "patife" que Gânia pintara ao falar à sua irmã, e que sua maldade fosse de gênero bem diverso. Se, aliás, dera conhecimento de alguma coisa a Nina Alieksándrovna, não fora provavelmente com a única intenção de lhe "dilacerar o coração". Não esqueçamos que os motivos das ações humanas são habitualmente muito mais complexos e mais variados do que afinal os imaginamos; é raro que se desenhem com nitidez. O melhor é, por vezes, para o narrador, limitar-se à simples exposição dos acontecimentos. É o que faremos em nossos esclarecimentos ulteriores sobre a catástrofe que acaba de transtornar a vida do general, porque nos encontramos na obrigação absoluta de conceder, malgrado nosso, a esse personagem de segundo plano mais interesse e lugar que não lhe havíamos reservado até aqui em nossa narração.

Os acontecimentos haviam-se sucedido na ordem seguinte:

Depois de sua viagem a Petersburgo para encontrar Fierdíchtchenko, voltara Liébiediev no mesmo dia a Pávlovsk com o general. Nada fizera saber de particular ao príncipe. Se este último não estivesse então de tal modo distraído e absorvido por outras preocupações importantes para ele, não teria tardado em perceber que Liébiediev, não somente não lhe havia dado nenhuma explicação nos dias que se tinham seguido, mas até mesmo procurara evitar encontrá-lo. Quando por fim veio a notar isto, lembrou-se com espanto de que, durante aqueles dois dias, nos seus encontros acidentais com Liébiediev, vira este radiante de bom humor e quase sempre em companhia do general. Os dois amigos não se deixavam um instante. O príncipe ouvia por vezes, no andar de cima, conversações ruidosas e animadas, discussões cordiais, entrecortadas de explosões de riso. Uma vez mesmo, a uma hora muito avançada da noite, os ecos inesperados

de um estribilho militar e báquico chegaram-lhe aos ouvidos. Reconheceu a voz de baixo enrouquecido do general. Mas a canção interrompeu-se de repente e seguiu-se um silêncio. Depois travou-se uma conversa num tom avinhado e prosseguiu em viva animação durante cerca de uma hora. Pôde-se em breve adivinhar que lá em cima os dois amigos já bem "tocados" abraçavam-se e que finalmente um deles acabara por se pôr a chorar. De repente, rebentou violenta discussão, que se aplacou bem poucos instantes depois.

Durante todo esse tempo Kólia achava-se num estado de espírito particularmente preocupado. O príncipe não era encontrado quase nunca em casa durante o dia e só voltava por vezes bastante tarde; informavam-no então de que Kólia o havia procurado e perguntado por ele o dia inteiro. Mas quando o encontrava, o rapaz nada tinha de especial a comunicar-lhe; a não ser que estava francamente "descontente" com o general e com sua conduta atual. "Andam por aí — dizia ele, — embriagam-se num botequim da vizinhança; abraçam-se e discutem em plena rua, ora um, ora outro; excitam-se mutuamente e não se podem separar." Como o príncipe observasse que não era aquilo senão a repetição do que se passava antes quase todos os dias, Kólia não teve o que responder e foi incapaz de definir o objeto de sua presente inquietação.

No dia seguinte ao em que ouvira a canção báquica e a discussão, dispunha-se Míchkin a sair cerca das onze horas, quando de repente o general surgiu diante dele. Estava dominado por viva emoção e tremia quase.

— Há muito tempo que procuro a honra e a ocasião de encontrá-lo, honradíssimo Liev Nikoláievitch. Sim, há muito tempo, muitíssimo tempo, — murmurou ele, apertando a mão do príncipe quase a ponto de causar-lhe dor, — muito, muitíssimo tempo!

Míchkin convidou-o a sentar.

— Não, não sentarei e afinal estou retendo-o; ficará para outra vez. Creio que posso felicitá-lo pela… satisfação… dos desejos de seu coração.

— Que desejos de meu coração?

O príncipe perturbou-se. Pareceu-lhe, como à maior parte das pessoas colocadas no seu caso, que ninguém via, nem adivinhava e nem compreendia nada.

— Tranquilize-se! Não o magoarei nos seus sentimentos mais delicados. Passei por lá e soube e sei que um nariz estranho… para assim me exprimir… segundo o provérbio… não se deve meter onde não tem o que fazer. É uma verdade que verifico todos os dias. Vim cá por causa de outro negócio, um negócio importante, muito importante, príncipe.

Tendo-lhe de novo rogado que sentasse, Míchkin deu-lhe o exemplo.

— Pois seja! Por um momento… Passei aqui para pedir-lhe um conselho. É certo que minha vida carece de fins positivos, mas, em respeito a mim mesmo… e, duma maneira geral, preocupado com esse espírito prático de que o russo vive tão desprovido… desejo criar uma situação para mim, para minha mulher e meus filhos… Em suma, príncipe, procuro um conselho.

O príncipe aplaudiu calorosamente essa intenção.

— Mas tudo isto é sem importância — apressou-se em acrescentar o general. — Vim cá por uma questão diversamente grave. Decidi-me a abrir-lhe meu coração, Liev Nikoláievitch, como a um homem na sinceridade e na generosidade do qual tenho tanta confiança que… que… Minhas palavras não o surpreendem, príncipe?

O príncipe, embora sem especial espanto, nem por isso deixava de observar seu visitante com muita atenção e curiosidade. O velho estava um pouco pálido, um ligeiro frêmito passava por instantes em seus lábios, suas mãos agitavam-se sem cessar. Sentado havia alguns minutos, já se havia levantado bruscamente umas duas vezes, depois tornara logo a sentar, sem parecer dar-se conta de sua agitação. Havia livros sobre a mesa; enquanto continuava a falar, pegou um deles, abriu-o, lançou-lhe uma olhadela, tornou a fechá-lo imediatamente e recolocou-o no lugar. Depois pegou um outro que não abriu mas conservou todo o resto do tempo em sua mão direita, brandindo-o sem parar.

— Basta! — exclamou, de repente. — Vejo que lhe estou tomando muito tempo.

— Mas absolutamente, peço-lhe, prossiga; escuto-o pelo contrário com interesse e procuro adivinhar…

— Príncipe! desejo ter uma situação que obrigue ao respeito… quero gozar da estima de mim mesmo… e de meus direitos.

— Um homem que tem semelhante desejo é já digno de todo o respeito.

O príncipe pronunciara esta frase tirada dum manual com a firme convicção de que seria do mais feliz efeito. Sentia, instintivamente, que colocando a propósito uma frase desse gênero, ao mesmo tempo oca e agradável, podia-se subjugar subitamente e acalmar a alma de um homem como o general, sobretudo na situação em que ele se encontrava. Em todo o caso, era preciso não se despedir de tal visitante senão depois de ter-lhe aliviado o coração, nisto estava o problema

A frase agradou muito ao general que a achou lisonjeira e tocante. Enterneceu-se, mudou depressa de tom e lançou-se em longas e entusiásticas explicações. Mas, a despeito dos esforços e da atenção que o general exibiu, Míchkin não compreendeu coisa alguma. O general discorreu durante cerca de dez minutos, exprimindo-se com calor e volubilidade, como um homem que não consegue libertar à sua vontade a multidão de ideias de que está possuído. As lágrimas acabaram por subir-lhe aos olhos. Entretanto não proferia senão frases sem pé nem cabeça, palavras inesperadas, pensamentos desalinhavados que se apressavam e se acotovelavam uns aos outros na incoerência de seu enunciado.

— Mas já chega! O senhor deve ter-me compreendido e sinto-me tranquilo — concluiu bruscamente, levantando — Um coração como o do senhor não pode deixar de compreender um homem que sofre. Príncipe, o senhor tem a nobreza do ideal. Que são os outros ao lado do senhor? Mas o senhor é jovem e eu o abençoo. Afinal de contas vim pedir-lhe que marque uma hora para uma entrevista importante: nesta entrevista está minha principal esperança. Não procuro senão uma

amizade e um coração, príncipe; jamais pude dominar as exigências do meu.

— Mas por que não agora? Estou pronto a escutá-lo.

— Não, príncipe, não — interrompeu com ardor o general. — Agora não! Agora é um sonho! O negócio é demasiado, demasiadíssimo importante! Essa hora de entrevista decidirá da minha sorte. Essa hora será minha e não quereria que, num instante tão sagrado, pudéssemos ser interrompidos por não importa quem, pelo primeiro insolente que aparecesse. — Curvou-se para o príncipe e cochichou-lhe com uma estranha expressão de mistério, quase de terror: — Um imprudente que não vale o calcanhar… o calcanhar de seu pé; príncipe bem amado! Ora, já não digo do meu pé. Olhe bem que não é de meu pé que se trata, porque me respeito demasiado para falar disso sem rebuços! Mas somente o senhor é capaz de compreender que, abstendo-me disso, em caso semelhante, de falar de meu calcanhar, dou talvez prova duma altivez e duma dignidade extraordinárias. Exceto o senhor, ninguém compreenderá isto, e ele menos que qualquer outro. Ele não. compreende nada, príncipe; acha-se numa incapacidade absoluta de compreender. É preciso ter coração para compreender.

Míchkin acabava por experimentar um mal-estar vizinho do terror. Marcou entrevista com o general para o dia seguinte à mesma hora. O general retirou-se reanimado, reconfortado e quase acalmado. A noite, entre seis e sete horas, o príncipe mandou chamar Liébiediev para vir um instante à sua casa.

Liébiediev acorreu com a maior pressa: era para ele “uma honra atender àquele convite”, disse ao entrar. Tinha o ar de haver esquecido que se ocultara do príncipe durante três dias e havia ostensivamente evitado encontrá-lo. Sentou-se na beira duma cadeira fazendo caretas e sorrisos; seus olhos curiosos mostraram uma expressão ridente; esfregou as mãos e deu-se o ar de um homem totalmente ingênuo que se dispõe a ouvir uma notícia capital esperada desde muito tempo, mas pressentida por toda a gente. Teve esta atitude o dom de irritar o príncipe; ia lhe ficando claro que todos quantos o cercavam tinham-se posto de repente a esperar alguma

coisa dele e olhavam-no com a intenção de felicitá-lo, por causa de certo acontecimento ao qual se reportavam as alusões, os sorrisos e as piscadelas de olhos. Keller, também, já havia passado três vezes à pressa, com o visível desejo de congratular-se com ele lançara-se de cada vez a falar de modo pomposo e obscuro, mas desapareceu sem acabar o que dizia. (Naqueles últimos dias vinha bebendo desbragadamente e ouvia-se o estardalhaço que fazia em alguma sala de bilhar.) O próprio Kólia, malgrado sua tristeza, por duas ou três vezes fizera alusões enigmáticas ao falar com o príncipe.

Este perguntou redondamente e não sem irritação a Liébiediev o que pensava ele do estado atual do general e donde provinha a inquietação que este último revelava. Relatou-lhe em poucas palavras a cena anterior.

— Cada qual tem suas preocupações, príncipe… sobretudo em um século tão estranho e tão atormentado como o nosso; eis aí! — respondeu Liébiediev, num tom bastante seco. E calou-se com o ar ofendido dum homem a quem acabam de cruelmente privar de suas esperanças.

— Que filosofia! — disse Míchkin, sorrindo.

— A filosofia seria necessária, muito necessária ao nosso século, do ponto de vista prático, mas não cuidam dela, é um fato! Quanto a mim, respeitadíssimo príncipe, concedeu-me o senhor sua confiança num caso que conhece, mas limitando-a a um certo grau e aos fatos conexos com esse caso… Compreendo-o e não me queixo disso absolutamente.

— Será Liébiediev, que alguma coisa o aborreceu?

— Não, absolutamente não, meu honradíssimo e esplendorosíssimo príncipe! — exclamou Liébiediev com exaltação e levando a mão ao coração. — Pelo contrário, compreendi imediatamente que não merecia ser honrado com sua alta confiança, à qual aspiro, nem pela minha posição no mundo, nem pelo meu desenvolvimento intelectual e moral, nem pela minha fortuna, nem pelo meu passado, nem por meus conhecimentos. E se posso servir-vos, será unicamente como um escravo ou um mercenário, e de

nenhum outro modo… Não estou aborrecido, estou é triste.

— Ora, vamos, Lukian Timofiéievitch!

— De nenhum outro modo! Acontece o mesmo agora, no caso presente. Como meu coração e meu pensamento o acompanham, disse a mim mesmo ao encontrá-lo: “Sou indigno duma expansão amiga, mas talvez na qualidade de dono da casa poderia receber, no momento oportuno e em data prevista, por assim dizer, uma ordem ou pelo menos um aviso em vista de certas mudanças iminentes e inesperadas”…

Ao pronunciar estas palavras, dardejava Liébiediev seus olhos agudos sobre o príncipe que o observava com surpresa. Não havia perdido a esperança de satisfazer sua curiosidade.

— Decididamente não compreendo nada — exclamou Míchkin, quase num tom de cólera, — e… o senhor é o mais terrível dos intrigantes! — concluiu num franco e súbito acesso de riso.

Liébiediev apressou-se em rir com ele. Pelo seu olhar radioso adivinhava-se que suas esperanças tinham-se tranquilizado e até mesmo acrescido.

— Sabe o que vou dizer-lhe, Lukian Timofiéievitch? Não se agaste: admiro-me de sua ingenuidade e de algumas outras pessoas ainda! Vocês esperam com tanta candura uma revelação de minha parte, neste momento preciso, neste minuto, que sinto escrúpulo e confusão em não ter nada a dizer para satisfazê-los. Entretanto, juro-lhe que não tenho absolutamente nenhuma confidência a fazer-lhes. Podem pôr isto na cabeça!

E Míchkin recomeçou a rir.

Liébiedíev assumiu um ar digno. Decerto sua curiosidade o fazia por vezes pecar por excesso de ingenuidade e por indiscrição, mas nem por isso deixava de ser um homem bastante astuto, tortuoso e mesmo, em certos casos, capaz de manter um silêncio cheio de astúcia. Por causa de suas repulsas contínuas, Míchkín fizera dele quase um inimigo. Entretanto, se o príncipe o repelia, não o fazia por

desprezo, mas porque a curiosidade de Liébiediev se lançava sobre um assunto delicado. Poucos dias antes o príncipe encarava ainda alguns de seus sonhos como um crime, ao passo que Lukian Timofiéievitch, não vendo na sua recusa em falar senão um sinal de aversão pessoal e de desconfiança a seu respeito, saía de coração ulcerado e tinha ciúme por causa dele não só de Kólia e Keller, mas ainda de sua própria filha, Viera Lukiánovna. Naquele instante mesmo, tinha talvez o desejo sincero de comunicar ao príncipe uma notícia que o teria interessado no mais alto grau, mas encerrou-se num sombrio mutismo e guardou suas confidências para si.

— Em que posso pois eu ser-lhe útil, honradíssimo príncipe, uma vez que afinal é o senhor que acaba de… me mandar chamar? — disse ele, após um silêncio.

O príncipe ficou também sonhador durante um instante.

— É o seguinte: queria falar do general e… desse roubo a respeito do qual o senhor me falou…

— Que roubo?

— Ora, parece que agora o senhor não me compreende mais! — Meu Deus, Lukian Timofiéievitch, que comédia representa sempre o senhor? Falo do dinheiro, do dinheiro, dos quatrocentos rublos que o senhor perdeu outro dia com sua carteira e a respeito dos quais me veio falar aqui, de manhã, antes de viajar para Petersburgo. Compreendeu-me, afinal?

Liébiediev, com voz arrastada, como se só agora acabasse de dar-se conta do que lhe perguntavam, respondeu:

— Ah! o senhor quer falar daqueles quatrocentos rublos! Obrigado, príncipe, pelo sincero interesse que tem por mim; é excessivamente lisonjeiro para mim, mas… já os encontrei há muito tempo.

— Encontrou-os? Ah! louvado seja Deus!

— Esta exclamação parte dum nobre coração, porque

quatrocentos rublos não são pouca coisa para um miserável que ganhou penosamente sua vida e sustenta seus numerosos órfãos…

— Não é disto que lhe falo! Decerto estou encantado pelo fato de haver o senhor encontrado esse dinheiro — retificou logo Míchkin, — mas… como o achou?

— Da maneira mais simples: debaixo da cadeira na qual estava colocado meu sobretudo; evidentemente a carteira teria caído do bolso.

— Como? Debaixo da cadeira? É impossível, pois que o senhor me disse ter procurado por todos os cantos. Como não a teria visto no lugar onde estava ela mais em evidência?

— É que justamente olhei para ali! Lembro-me muito bem de ter olhado para ali. Pus-me de quatro pés sobre o parquete e, sem me fiar nos meus próprios olhos, afastei a cadeira e tateei naquele lugar com minhas mãos. Não vi senão um lugar tão limpo quanto a palma de minha mão e no entanto continuei a tatear. Estas hesitações se apoderam sempre do espírito de um homem que quer absolutamente encontrar alguma coisa… quando o objeto perdido é importante ou sua desaparição lhe causa pesar: vê bem que nada há no lugar em que procura e entretanto olhará ali umas quinze vezes.

— Admitamos; mas como pôde ser isso?… Não chego a compreender bem — murmurou o príncipe, confuso. — O senhor começou dizendo que não havia nada naquele lugar e de repente era lá que a carteira estava?

— Sim, foi lá que ela foi encontrada de repente.

Míchkin fixou em Liébiediev um olhar estranho.

— E o general? — perguntou ele, de súbito.

— O general? Que quer o senhor dizer? — perguntou Liébiediev, afetando de novo o ar de quem não compreende.

— Bom Deus, pergunto-lhe o que lhe disse o general, quando o senhor encontrou a carteira debaixo da cadeira. Não tinham feito

juntos a procura?

— Sim, antes. Mas desta vez confesso que não lhe disse nada; preferi deixá-lo ignorar que havia encontrado sozinho minha carteira.

— Mas… por que isso?… E o dinheiro estava completo?

— Verifiquei o conteúdo da carteira; estava tudo ali, não faltava um rublo sequer.

— O senhor poderia pelo menos ter-me comunicado isso — observou Míchkin, com ar sonhador.

— Receava incomodá-lo, príncipe, por causa de suas preocupações pessoais que, talvez, fossem extraordinárias, se ouso assim exprimir-me. Eu mesmo, aliás, fingi nada ter encontrado. Depois de ter aberto a carteira e verificado seu conteúdo, tornei a fechá-la e recoloquei-a debaixo da cadeira.

— Por quê?

— Uma simples ideia que me deu; estava curioso de ver o que se passaria depois — disse Liébiediev, rindo com sarcasmo bruscamente e esfregando as mãos.

— Então está a carteira há dois dias embaixo da cadeira?

— Oh! não! só ficou lá vinte e quatro horas. Meu desejo, como vê, era que o general também a encontrasse. Dizia a mim mesmo, com efeito: se acabei descobrindo-a, não há razão para que o general não note, também ele, um objeto colocado em evidência debaixo de uma cadeira e que, por assim dizer, fura os olhos da gente. Levantei e tornei a pôr no lugar a cadeira várias vezes, de tal maneira que a carteira chamava a atenção, mas o general não se apercebeu de nada. Isto durou vinte e quatro horas. Deve-se acreditar que ele se acha agora muito distraído; não se pode compreender isso: fala, conta histórias, ri às gargalhadas, e de repente ei-lo que fica furioso contra mim, ignoro por qual razão. Saímos do quarto; mas deixei expressamente a porta aberta; ele hesitou um momento e pareceu querer dizer alguma coisa; sem dúvida estava amedrontado à ideia de

deixar ali uma carteira contendo semelhante soma, mas, em lugar de fazer alusão a isso, ficou de súbito rubro de raiva. Na rua, largou-me ao fim duns dois passos e tomou outra direção. Só viemos a encontrar-nos na hospedaria à noite.

— Mas afinal retirou o senhor a carteira de sob a cadeira?

— Absolutamente; desapareceu daquele lugar durante a noite.

— E onde está agora?

— Mas ei-la — disse de súbito Liébiediev, erguendo-se em todo o seu tamanho e olhando satisfeito o príncipe. — Encontrou-se de repente aqui, na aba de meu sobretudo. Veja, se quer o senhor mesmo certificar-se, apalpe aqui.

Com efeito, na aba esquerda de seu sobretudo, bem na frente, um inchaço chamava a atenção; apalpando-o, podia-se. logo adivinhar a presença duma carteira de couro que, por um bolso furado, havia deslizado sob o forro.

— Tirei-a daqui para examiná-la. O dia todo estava ali. Tornei a metê-la no mesmo lugar e é assim que a trago desde ontem de manhã numa das minhas abas; bate-me até nas pernas.

— E finge não notá-la?

— Não noto nada, ah! ah! ah! E imagine, honradíssimo príncipe, se bem que este assunto seja indigno de reter tanto sua atenção, que meus bolsos estão sempre em bom estado. Bastou uma noite para que semelhante buraco nele se abrisse! Examinei esse buraco com curiosidade; é como se tivessem arrancado o pano com um canivete; inacreditável, não é mesmo?

— E… o general?

— Não deixou de estar zangado, nem ontem nem hoje; seu descontentamento é terrível. Por instantes entretanto a alegria e o vinho tornam-no obsequioso; depois torna-se sentimental até às lágrimas e de repente então arrebata-se a ponto de me causar medo, palavra! Porque afinal, príncipe, não sou homem de guerra. Ontem,

enquanto estávamos juntos na hospedaria, a aba de meu sobretudo se pôs como por acaso sob os olhos dele; o chumaço formava um relevo bem visível. O general olhava-o de soslaio e a cólera invadia-o. Desde muito tempo já não me olha mais de frente, salvo quando está embriagado ou sentimental; mas ontem, fixou-me por duas vezes com tais olhos que senti um arrepio correr-me pelas costas. Aliás, tenho a intenção de encontrar amanhã a carteira; mas daqui até lá conto divertir-me ainda uma noite com ele.

— Por que o atormenta assim? — exclamou o príncipe.

— Eu não o atormento, príncipe! Não! — replicou Liébiediev com ardor. — Gosto sinceramente dele e… respeito-o. Acredite ou não, ainda ficou mais querido; tenho muita estima por ele.

Liébiediev proferiu estas palavras com um ar tão sério e tão sincero que o príncipe ficou indignado.

— Gosta dele e atormenta-o dessa forma! Vejamos: nada mais do que recolocando o objeto perdido em evidência, primeiro debaixo da cadeira, em seguida no seu sobretudo, deu-lhe ele a prova de que não queria ludibriá-lo e que lhe pedia ingenuamente perdão. Entende o senhor? Pede-lhe perdão! Quer dizer que conta com a delicadeza dos seus sentimentos e que tem fé na sua amizade por ele. E o senhor humilha dessa maneira um homem… tão honesto!

— Oh! muito honesto, príncipe; muito honesto! — replicou Liébiediev, cujos olhos cintilavam. — Somente o senhor; nobilíssimo príncipe, seria capaz de pronunciar uma palavra tão justa! É por isso que lhe sou devotado até a adoração por mais apodrecido de vícios que eu seja! Minha decisão está tomada. Vou descobrir a carteira agora, neste mesmo instante, sem esperar para amanhã. Veja: tiro-a sob suas vistas; ei-la: eis aqui todo o dinheiro, completo, segure-o, tome-o, nobilíssimo príncipe, e guarde-o até amanhã. Amanhã ou depois de amanhã vou retomá-lo. Mas sabe, príncipe, que este dinheiro teve de passar a primeira noite em alguma parte debaixo de uma pedra de meu jardinzinho? Que pensa disso?

— Evite dizer-lhe de supetão que reencontrou a carteira. Deixe-o perceber de boa fé que não há mais nada na aba de seu sobretudo; ele

compreenderá.

— Será uma boa ideia? Não seria melhor dizer-lhe que a encontrei e fingir não haver percebido nada até aqui?

— Não creio — respondeu o príncipe, pensativo. — Não, agora é demasiado tarde; seria mais perigoso; na verdade, faria melhor o senhor não dizendo nada! Mostre-se bondoso para com ele, mas… não tenha por demais o ar de quem desempenha um papel decorado e… e… sabe o senhor…

— Sei, príncipe, sei; quero dizer que prevejo que não farei nada disso, sem dúvida, porque, para assim agir, seria preciso ter um coração como o seu. Aliás, ele próprio é irritável e tomou atitudes censuráveis; olha-me por vezes agora do alto; ora soluça e me abraça, ora me humilha bruscamente e trata-me com desprezo; a qualquer momento desses exibirei de propósito a aba de meu sobretudo sob seu nariz. Ah! ah! ah! Até logo, príncipe, vejo bem que o estou retendo e que perturbo seus sentimentos mais interessantes, se posso dizer…

— Mas, pelo amor de Deus, guarde o segredo, como antes!

— A passos de lobo, a passos de lobo!

Mas embora o caso parecesse liquidado, o príncipe continuava preocupado, mais preocupado talvez do que antes. Esperava com impaciência a entrevista que devia ter no dia seguinte com o general.

## Capítulo IV

A entrevista estava marcada para entre onze horas e meio dia, mas o príncipe teve de atrasar-se, em virtude de uma circunstância totalmente imprevista. Ao voltar para casa, encontrou o general à sua espera. A primeira vista, notou que ele estava descontente, talvez justamente por causa daquela espera. Tendo-se desculpado, apressou-se Míchkin em sentar, mas com uma sensação de timidez esquisita, como se seu visitante fosse de porcelana e temesse ele a cada instante parti-lo. Até ali não se sentira jamais intimidado na presença do general e essa ideia nem mesmo lhe teria vindo à mente. Não tardou a

perceber que tinha diante de si um homem totalmente diverso do da véspera: a confusão e a distração tinham dado lugar, no general, a uma extraordinária contenção; era de crer que havia tomado alguma resolução irrevogável. Se bem que aquele sangue frio fosse mais aparente que real, sua atitude nem por isso era menos nobre e desembaraçada, com um matiz de dignidade contida. Começou mesmo por falar ao príncipe num certo tom de condescendência, como o que mostram as pessoas cuja desenvoltura ou a soberba se alia ao sentimento duma ofensa não merecida. Exprimia-se num tom afável, mas com uma ponta de amargura na voz.

— Eis o livro do senhor que levei outro dia — disse ele com ar grave, mostrando um volume colocado em cima da mesa. — Obrigado.

— Ah! sim, leu aquele artigo, general? Como o achou? É curioso, não é? — disse Míchkin, agarrando com avidez a ocasião de travar a conversa sobre um assunto tão neutro quanto possível.

— É talvez curioso, mas mal escrito e certamente absurdo. Pode-se mesmo dizer que as mentiras nele formigam.

O general falava com autoridade, deixando a voz arrastar-se um pouco.

— Sim, mas é uma narrativa tão simples: o autor é um velho soldado que foi testemunha da permanência dos franceses em Moscou; certos traços são encantadores. Aliás, as memórias de testemunhas oculares são sempre preciosas qualquer que seja a personalidade do narrador. Não é?

— No lugar do editor não teria imprimido isso. Quanto às memórias de testemunhas oculares em geral, dá-se mais crédito a um impostor grosseiro mas engraçado, que a um homem que tem valor e mérito. Conheço tais memórias sobre o ano de 1812 que… Príncipe, tomei uma resolução: saio desta casa, da casa do Sr. Liébiediev.

O general olhou o príncipe com ar solene.

— O senhor tem seu aposento em Pávlovsk na casa… na casa de

sua filha… — aventurou Míchkin, não sabendo que dizer. Lembrou-se naquele momento de que o general viera consultá-lo a respeito de um negócio extraordinário do qual dependia seu destino.

— Em casa de minha mulher; em outros termos, em minha casa e na casa de minha filha.

— Desculpe, eu…

— Deixo a casa de Liébiediev, meu caro príncipe, porque rompi com esse homem. Rompi ontem à noite, lamentando não ter feito isso há mais tempo. Exijo respeito, príncipe, e desejo receber demonstrações dele até mesmo das pessoas às quais dou, por assim dizer, meu coração. Príncipe, dou muitas vezes meu coração e sou quase sempre enganado. Aquele homem era indigno de minha amizade.

— Há nele muita desordem — observou discretamente o príncipe, — e também certos traços… mas apesar de tudo isso tem coração, seu espírito é malicioso e por vezes divertido.

As expressões rebuscadas do príncipe e seu tom diferente lisonjearam o general, se bem houvesse ainda por vezes no olhar dele clarões de desconfiança. Mas o tom do príncipe era tão natural e tão sincero que não podia subsistir dúvida.

— Que tenha ele também qualidades — continuou o general, — fui o primeiro a reconhecê-lo, quando estive a ponto de dar minha amizade àquele indivíduo. Porque não tenho necessidade nem de sua casa nem de sua hospitalidade, tendo eu mesmo uma família. Não procuro desculpar-me de meus defeitos; sou intemperante; bebi vinho com ele e agora deploro este erro talvez. Mas não foi unicamente o atrativo da bebida (desculpe, príncipe, a crueza de linguagem de um homem ulcerado) que me ligou a ele. Fui justamente seduzido por aquelas qualidades a que fez o senhor alusão. Mas há um limite a tudo, até mesmo às qualidades. Quando ele tem a impudência de afirmar à gente, de súbito, que em 1812, sendo ainda menino, perdeu sua perna esquerda e enterrou-a no cemitério de Vagánhkovskoi em Moscou, isto passa da medida e testemunha sua falta de respeito, sua insolência.

— Talvez não passasse de uma pilhéria, de uma história para fazer rir.

— Compreendo, Uma fábula inocente, inventada para fazer rir, mesmo se é grosseira, não fere o coração humano. Por vezes mesmo veem-se pessoas mentir por amizade, se quiser, para serem agradáveis a seu interlocutor. Mas, se se deixar transparecer uma falta de respeito e se, por esta falta de respeito, quer-se mostrar à gente que está farto de nós, então um homem que tem dignidade não tem outro recurso senão desviar-se e interromper tudo, a fim de repor o ofensor em seu lugar.

Ao pronunciar estas palavras o general ficara vermelho.

— Mas Liébiediev não podia estar em 1812 em Moscou: é demasiado moço para isso; é ridículo!

— É já uma razão. Mas admitamos que já estivesse no mundo naquela época. Como ousa ele afirmar que um caçador francês atirou-lhe uma bala de canhão e arrancou-lhe assim a perna, à maneira de passatempo? Que tenha apanhado essa perna, levando-a para casa, enterrando-a no cemitério de Vagánhkovskoi e colocado por cima um monumento em que se pode ler de um lado: “Aqui, jaz a perna do secretário do colégio Liébiediev”. Do outro: “Repousa querido despojo, esperando a ressurreição”? Como pode ele pretender que cada ano manda dizer uma missa de *requiem* por essa perna (o que é já por si um sacrilégio) e efetua, nessa ocasião, uma viagem a Moscou? Convida-me mesmo a acompanhá-lo àquela cidade para me mostrar o túmulo e também o canhão francês, que está no Kremlim com as peças conquistadas; é, assegura ele, a décima primeira peça a partir da entrada, um falconete de tipo fora de moda.

— Sem contar que tem ele bem suas duas pernas! — disse, rindo, Míchkin. — Asseguro-lhe que é uma pilhéria inocente; não é preciso zangar-se.

— Mas permita-me que dê também minha opinião; que possa parecer ter ele duas pernas, isto não torna necessariamente inverossímil sua narrativa; assegura que tem uma perna artificial fornecida por Tchernosvítov.

— É verdade: parece que se pode dançar com uma perna de Tchernosvítov.

— Sei disso, aliás, pois que Tchernosvítov, quando inventou sua perna artificial, correu logo a mostrar-me. Mas esta invenção é muito mais recente… Além disso afirma Liébiediev que sua defunta mulher jamais soube, no curso de sua união, que ele tinha uma perna de pau. Fiz-lhe notar todos os absurdos dessa história. Replicou-me: “Se pretendes ter sido pajem da câmara junto a Napoleão em 1812, permite-me também ter enterrado minha perna no cemitério de Vagánhkovskoi”.

— Como, será que… — disse o príncipe, que parou, confuso.

Também o general mostrou-se um tanto perturbado, mas recuperou-se imediatamente e, olhando o príncipe com uma altivez em que transparecia um matiz de ironia, disse-lhe com voz persuasiva:

— Acabe seu pensamento, príncipe, acabe. Sou indulgente; diga tudo. Confesse: parece-lhe engraçado ter diante do senhor um homem caído a esse grau de humilhação e… de inutilidade e saber que esse homem foi testemunha em pessoa de grandes acontecimentos? Ele ainda não lhe contou… mexericos?

— Não, Liébiediev não me disse nada, se é de Liébiediev que o senhor fala…

— Hum… teria acreditado o contrário. De fato, nossa conversa travou-se a propósito desse… estranho artigo aparecido nos *Arquivos*. Sublinhei-lhe o absurdo, tendo eu mesmo assistido aos acontecimentos relatados… Sorri, príncipe, e me encara?

— Meu Deus, não, eu…

— Tenho o aspecto bastante jovem — continuou o general, num tom muito lento, — mas sou um pouco mais velho do que pareço. Em 1812, tinha eu dez ou doze anos. Não conheço minha idade com exatidão; rejuvenesceram-me na minha folha de serviço e eu mesmo tive a fraqueza de cortar uns tantos anos no curso de minha carreira.

— Asseguro-lhe, general, que não vejo nada de estranho em que o senhor estivesse em Moscou em 1812 e… naturalmente de ter recordações a -contar… como todos aqueles que viveram aquela época. Um de nossos autobiógrafos começa seu livro contando que, em 1812, era menino de peito e que os soldados franceses nutriram-no de pão em Moscou.

— O senhor bem vê — observou o general com condescendência, — que o meu caso, sem ter nada de excepcional, sai ainda assim do comum. Acontece muitas vezes que a verdade pareça inverossímil. Pajem de câmara! Isto soa estranhamente, decerto. Mas a aventura de um menino de dez anos explica-se precisamente pela sua idade. Ela não me teria acontecido aos quinze anos, pela razão muito simples de que naquela idade não teria fugido de nossa casa de madeira, na rua Stáraia Basmánnaia, no dia da entrada de Napoleão em Moscou; não teria fugido à autoridade de minha mãe, que se deixara surpreender pela chegada dos franceses e tremia de medo. Aos quinze anos, teria partilhado de seu terror; aos dez anos não temia nada; meti-me por entre a multidão até o patamar do palácio, no momento em que Napoleão se apeava de seu cavalo.

— Com efeito, o senhor observou muito justamente que é aos dez anos que a gente se pode mostrar mais intrépido — aprovou Míchkin, timidamente.

Atormentava-o a ideia de que fosse corar.

— Sem dúvida, e tudo, se passou com a simplicidade e o natural que só pertencem à vida real. Sob a pena de um romancista, a aventura teria caído na futilidade e na inverossimilhança.

— Oh! é bem isto! — exclamou Míchkin. — Este pensamento também me ocorreu e até mesmo recentemente. Conheço um caso verídico de assassinato, cujo motivo era o roubo de um relógio; os jornais falaram disso depois. Se um autor tivesse imaginado esse crimes, as pessoas familiarizadas com a vida do povo bem como os críticos teriam logo gritado que isso era inverossímil. Mas lendo esse fato policial nos jornais, a gente percebe que ele é desses que nos esclarecem sobre as realidades da vida russa. O senhor observou muito

bem isto, general! — concluiu com veemência o príncipe, encantado por não ter o ar de haver corado.

— Não é isso mesmo? Não é isso mesmo? — exclamou o general, cujos olhos brilhavam de contentamento. — Um garoto, um menino, inconsciente do perigo, mete-se entre a multidão para ver o esplendor do cortejo, os uniformes e afinal o grande homem a respeito de quem tanto lhe encheram os ouvidos. Porque havia então vários anos que só se falava dele. O mundo estava cheio de seu nome. Bebi-o, por assim dizer, com o leite de minha ama. Napoleão passa a dois passos de mim; surpreende por acaso o meu olhar. Trazia eu uma roupa de menino nobre; vestiam-me bem. Sozinho, assim trajado no meio daquela multidão, convenha o senhor mesmo…

— Sem dúvida, isto deve ter-lhe atraído a atenção e provado que toda a gente não partira, que até mesmo nobres tinham ficado em Moscou com seus filhos.

— Justamente! Era ideia dele atrair os boiardos! Quando fixou em mim seu olhar de águia, deve ter visto brilhar uma réplica em meus olhos. "*Voilà un garçon bien éveillé*! — disse ele. — *Qui est ton père*?[53]. Respondi-lhe logo, com uma voz quase sufocada pela emoção: "Um general morto no campo de honra defendendo sua pátria". — "*Le fils d'un boyard et d'un brave par-dessus le marché! J'aime les boyards. M'aimes-tu, petit*?"[54] A pergunta fora rápida; minha resposta não o foi menos: "O coração russo é capaz de distinguir um grande homem, mesmo no inimigo de sua pátria!". Para dizer a verdade; não me lembro se me exprimi literalmente assim… era um menino… mas o sentido de minhas palavras era seguramente esse. Napoleão ficou admirado refletiu um instante e disse às pessoas da comitiva: "Gosto da altivez desse menino! Mas se todos os russos pensam como ele então…". Não terminou e entrou no palácio. Misturei-me à sua comitiva e corri atrás dele. Já as pessoas do cortejo abriam-me passagem, considerando-me um favorito. Tudo isso se passou num piscar d'olhos… Lembro-me somente que, ao chegar à primeira sala, o imperador parou de repente diante do retrato da Imperatriz Ekatierina, contemplou-o longamente com um ar sonhador e exclamou afinal: "Foi uma grande mulher!". E seguiu seu caminho. Ao fim de dois dias toda a gente me conhecia no palácio e no Kremlim.

Chamavam-me *le petit boyard*. Só voltava para casa à noite; os meus estavam quase loucos. No dia seguinte, o pajem de câmara de Napoleão, Barão de Bazancourt, morreu, esgotado pelas fadigas da campanha. Napoleão lembrou-se de mim; vieram buscar-me e levaram-me sem nenhuma explicação; experimentaram em mim o uniforme do defunto, que era um menino de doze anos e apresentaram-me ao imperador vestido com esse uniforme. Fez-me um sinal com a cabeça e então me explicaram que eu obtivera o favor de ser nomeado pajem de câmara de Sua Majestade. Senti-me feliz porque já sentia desde muito tempo ardente simpatia por ele… e depois, o senhor convirá, um brilhante uniforme era bem próprio para seduzir a criança que eu era então. Usava um fraque verde escuro, ornado de botões dourados, com abas estreitas e compridas e mangas com enfeites vermelhos; bordados de ouro cobriam as abas, as mangas e o colarinho que era alto, direito e aberto; calções colantes brancos, de camurça, um colete de seda branca, meias de seda e sapatos com fivelas. Quando o imperador dava um passeio a cavalo e estava eu no cortejo, calçava botas altas de montar. Se bem que a situação não fosse brilhante e se previssem já imensos desastres, nem por isso deixava de estar em rigor a etiqueta, na medida do possível. Era mesmo tanto mais pontualmente observada quanto se pressentia com mais força a aproximação daquelas calamidades.

— Sim, decerto… — balbuciou Míchkin, com ar quase perturbado, — suas memórias ofereceriam… um interesse extraordinário.

Não havia dúvida de que o general repetia o que tinha contado na véspera a Liébiediev; assim, suas palavras corriam copiosamente. No entanto, lançou naquele momento novo olhar de desconfiança para príncipe.

— Minhas memórias? — repetiu, com redobramento de orgulho. — Fala-me o senhor de escrever minhas memórias? Isto não me tentou, príncipe! Se quiser, estão já escritas, mas… tenho-as debaixo de chave. Que as publiquem, quando a terra cobrir meus olhos, e então sem dúvida alguma serão traduzidas em várias línguas, não por causa de seu valor literário, decerto que não! mas pela importância dos acontecimentos grandiosos de que fui, embora criança,

testemunha ocular. Mais ainda, foi graças à minha jovem idade que penetrei no quarto mais íntimo, por assim dizer, do “grande homem”! À noite, ouvia os gemidos daquele “gigante na adversidade”; não tinha ele motivo para ocultar seus gemidos e suas lágrimas a uma criança, se bem que eu já compreendesse que a causa de seu sofrimento era o silêncio do Imperador Alieksandr.

— É verdade: escreveu-lhe cartas… para lhe propor a paz — insinuou timidamente Míchkin.

— No fundo não sabemos que propostas continham suas cartas, mas escrevia todos os dias, a cada hora, e carta após carta! Estava terrivelmente agitado. Uma noite em que estávamos sós, precipitei-me com lágrimas nos olhos para ele (oh! como o amava!): “Pedi, pedi, majestade, perdão ao Imperador Alieksandr!”, gritei-lhe. Evidentemente deveria ter-lhe dito: “Fazei a paz com o Imperador Alieksandr”; mas, como uma criança, exprimi singelamente todo o meu pensamento. “Oh! meu menino! — respondeu-me ele, andando para lá e para cá, — oh! meu menino! — tinha ele o ar de esquecer que tinha eu apenas dez anos e sentia mesmo prazer em falar comigo, — oh! meu menino, estou pronto a beijar os pés do Imperador Alieksandr, mas em troca voto ódio eterno ao rei da Prússia e ao imperador da Áustria e… enfim… tu não entendes nada de política!” Pareceu lembrar de súbito da pessoa a quem se dirigia. Calou-se, mas seus olhos lançaram ainda por muito tempo clarões. Pois bem! imagine que relato todos esses fatos, eu que fui testemunha dos acontecimentos mais consideráveis, e os publique agora: veja daqui todos os críticos, todas as vaidades literárias, todas as invejas, o espírito partidário e… ah! não, muito obrigado!

— Quanto ao espírito partidário, o senhor tem perfeitamente razão e aprovo-o — replicou Míchkin, com brandura, após um instante de reflexão. — Por exemplo, li não faz muito o livro de Charras sobre a campanha de Waterloo. É visivelmente um livro sério, e os especialistas afirmam que foi escrito com muita competência. Mas a cada página transparece a alegria de rebaixar Napoleão. O autor teria ficado arrebatado, parece, se tivesse podido negar a Napoleão qualquer sombra de talento, mesmo nas outras campanhas. Ora esse espírito partidário está fora de lugar numa obra tão séria. Tinha o

senhor muito que fazer no seu serviço junto ao… imperador?

O general estava no auge da satisfação. A observação do príncipe, pela sua gravidade e sua simplicidade, dissipara suas derradeiras suspeitas.

— Charras! Oh! também eu fiquei indignado e até lhe escrevi na ocasião, mas… não me recordo bem agora mais… O senhor pergunta se meu serviço era por demais absorvente? Oh! não! tinham-me nomeado pajem de câmara, mas já então eu não levava isso a sério. Depois não tardou Napoleão em perder toda esperança duma reaproximação com os russos; nestas condições devia também esquecer-me, visto como me atraíra para si por política, se apesar disso… se apesar disso não se tivesse ligado a mim por afeto pessoal, ouso dizer agora. Quanto a mim, era o coração que me levava para ele. Não exigiam muito de mim no meu serviço; devia somente aparecer de vez em quando no palácio e… acompanhar o imperador nos seus passeios a cavalo. Era tudo. Eu montava bastante bem a cavalo. Ele tinha o hábito de sair antes do jantar; sua comitiva era comumente formada por Davout, pelo mameluco Roustan, por mim…

— Constant — acrescentou quase maquinalmente Míchkin.

— Não, Constant não fazia parte dela; fora então levar uma carta… à Imperatriz Josefina; seu lugar fora ocupado por dois oficiais ordenanças e alguns ulanos poloneses… Era essa toda a sua comitiva, sem falar, bem entendido, nos generais e marechais que Napoleão levava consigo para estudar o terreno, distribuir tropas, e consultá-los… Tanto quanto me lembre agora, era Davout que se via mais vezes ao lado dele. O homem era enorme, corpulento; tinha sangue-frio, usava óculos e olhava a gente com um olhar estranho. Era com ele que o imperador gostava mais de conferenciar. Apreciava-lhe as ideias. Lembro-me de que, em certa circunstância, conservaram-se em conferência por vários dias seguidos; Davout vinha de manhã e de noite; havia, entre eles, frequentes discussões; por fim Napoleão pareceu a ponto de ceder. Estavam ambos no gabinete; e eu, em terceiro lugar, mas não me prestavam nenhuma atenção. De repente o olhar de Napoleão pousou por acaso em mim e um pensamento singular refletiu-se em seus olhos. “Menino! — disse-me ele

bruscamente, — que pensas tu? Se eu passasse para a religião ortodoxa e libertasse os servos de vocês, será que os russos me seguiriam?” “Nunca!” — exclamei, indignado. Napoleão ficou impressionado com minha resposta. “No clarão de patriotismo que passou pelos olhos desse menino — disse ele, — acabo de ler a opinião de todo o povo russo. Isto basta, Davout! Tudo isto não passa de fantasia! Mostre-me seu outro projeto.”

— Mas havia uma grande ideia no projeto que ele abandonava — disse o príncipe, vivamente interessado. — Assim o senhor acredita que aquele projeto era obra de Davout?

— Pelo menos eles o tinham organizado juntos. A ideia partia certamente de Napoleão; era a ideia da águia. Mas o outro projeto encerrava também uma ideia… Era o famoso *conseil du lion*,[55] como Napoleão chamou aquele projeto de Davout. Consistia em encerrar-se no Kremlim com todo o exército, construir ali abarracamentos, redutos fortificados, dispor baterias, matar o maior número de cavalos para deles fazer carnes salgadas, depois arrebatar aos habitantes pela pilhagem todo o trigo possível, a fim de manter-se até a primavera. Chegados os belos dias, tentariam abrir passagem através dos russos. Este plano seduziu vivamente Napoleão. Fazíamos todos os dias excursões a cavalo em redor dos muros do Kremlim; indicava ele então onde era preciso derrubar, onde era preciso construir o local duma luneta, duma meia-lua, duma fileira de fortins de madeira: golpe de vista, rapidez, decisão! Tudo ficou por fim determinado. Davout insistia em obter-se uma resolução definitiva. Encontraram-se de novo a sós comigo. Napoleão recomeçou a andar para lá e para cá, de braços cruzados. Eu não podia desviar meus olhos de seu rosto; meu coração batia. “Vou lá”, disse Davout. “Aonde?”, perguntou Napoleão. “Fazer preparar a salgação da carne dos cavalos”, respondeu Davout. Napoleão estremeceu; era seu destino que iria jogar-se. “Menino — disse-me ele, de repente, — que pensas de nosso projeto?” Bem entendido, fazia-me esta pergunta à maneira de um homem de inteligência superior que, no derradeiro minuto, joga a sorte de sua decisão. Em lugar de responder a Napoleão, voltei-me para Davout e lhe disse, como sob o efeito duma inspiração: “Parta a toda a pressa para seu país, meu general!” O projeto estava arruinado.

Davout ergueu os ombros e saiu, murmurando: “*Bah! il devient superstitieux*!”[56] E no dia seguinte era dada a ordem de efetuar a retirada.

— Tudo isto é dum extraordinário interesse — o príncipe articulou, em voz muito baixa, — se as coisas se passaram assim… ou antes quero dizer… — ele retificou, vivamente.

Sua própria narração embriagava o general a ponto de ele ser talvez incapaz de recuar diante das piores impudências.

— Oh! príncipe! — ele exclamou. — O senhor diz: “se as coisas se passaram assim!”. Mas dou-lhe minha palavra, minha narração está abaixo, bem abaixo da realidade! Tudo quanto lhe contei só se refere a incidentes políticos de muito fraco interesse. Mas repito-lhe que fui testemunha das lágrimas noturnas e dos gemidos daquele grande homem. Nenhum outro pode dizer tanto! É verdade que, para o fim, ele já não chorava mais; não lhe restavam mais lágrimas; não fazia senão gemer uma vez ou outra; seu rosto tornava-se cada vez mais carrancudo. Era de dizer que a eternidade já estendia sobre ele sua asa sombria. Por vezes, à noite, passávamos horas inteiras sozinhos, em silêncio. O mameluco Roustan roncava na sala vizinha; é espantoso quanto aquele homem tinha o sono pesado. “Em compensação, é-me fiel, a mim e à minha dinastia”, dizia Napoleão, falando dele. Um dia em que eu estava bem triste, o imperador notou lágrimas nos meus olhos. Olhou-me enternecidamente. “Tu compartilhas de meus pesares! — exclamou ele — És o único, talvez, com uma outra criança, meu filho, *le roi de Rome*, a partilhar de minha dor; todos os outros me odeiam; quanto a meus irmãos, serão os primeiros a trair-me diante da adversidade!” Pus-me a soluçar e precipitei-me para ele; então ele não se conteve mais: abraçamo-nos e misturamos nossas lágrimas. “Escrevei — disse-lhes chorando, — escrevei uma carta à Imperatriz Josefina!” Napoleão estremeceu, recolheu-se um momento e replicou: “Acabas de lembrar-me o terceiro coração que me ama; obrigado, meu amigo!”. E, imediatamente, escreveu a Josefina uma carta que foi levada mesmo no dia seguinte por Constant.

— O senhor agiu muito bem — disse o príncipe. — Em meio dos maus pensamentos que o assaltavam, despertou nele um bom

sentimento.

— Justamente, príncipe! Como o senhor explica isto bem, deixando-se levar pelos impulsos de seu coração! — exclamou o general entusiasmado; e, coisa estranha, lágrimas verdadeiras brilharam em seus olhos. — Sim, príncipe, aquele espetáculo tinha sua grandeza. E sabe o senhor que estive a ponto de acompanhá-lo a Paris? Neste caso teria certamente seguido em sua "deportação para a ilha tropical", mas ai! nossos destinos divergiram! Deixamo-nos, ele partiu para aquela ilha tropical onde, talvez, num minuto de cruel pesar, teria lembrado das lágrimas do pobre menino que o havia abraçado e perdoado em Moscou; quanto a mim, enviaram-me para o corpo de cadetes onde não encontrei senão uma dura disciplina e camaradas grosseiros… ai! tudo desmoronou depois! No dia da retirada, Napoleão me disse: "Não quero arrebatar-te de tua mãe, levando-te comigo. Mas desejaria fazer alguma coisa por ti". Já estava na sela. "Escrevei-me uma frase, como lembrança, no álbum de minha irmã", disse eu, timidamente, porque estava ele sombrio e muito agitado. Voltou, pediu uma pena, pegou o álbum. "Que idade tem tua irmã?", perguntou-me, com a pena na mão. "Três anos", respondi. "*Petite fille alors*." E escreveu no álbum:

> *Ne mentez jamais.*
> *Napoleón, votre ami sincère.*[57]

Tal conselho, em tal momento! Convenha, príncipe…

— Sim, é significativo.

— Aquela folha de álbum foi colocada sob uma redoma numa moldura dourada; minha irmã guardou-a toda a sua vida em seu salão, no lugar de honra. Morreu de parto e depois… não sei o que aconteceu àquele autógrafo… mas… Ah! meu Deus! Já duas horas! Quanto tempo o retive, príncipe! É imperdoável!

— Pelo contrário, — balbuciou Míchkin, — o senhor me cativou tanto e… afinal… oferece isto tanto interesse, estou-lhe tão reconhecido!

O general apertou, de novo, a ponto de causar-lhe dor, a mão do

príncipe. Fitou nele os olhos brilhantes com o ar de um homem que bruscamente se assenhoreou de si e cujo espírito é atravessado por uma ideia inesperada.

— Príncipe — disse ele, — o. senhor é tão bom, tão simples de espírito que me inspira por vezes compaixão. Contemplo-o com enternecimento. Oh! que o bom Deus o abençoe! Desejo que sua vida comece afinal e floresça… no amor. A minha está acabada. Oh! perdão, perdão!

Saiu depressa, ocultando o rosto nas mãos. O príncipe não podia pôr em dúvida a sinceridade de sua emoção. Compreendia também que o velho partia com a embriaguez de seu êxito. Mas sentia confusamente que tratava com um desses palradores que, deleitando-se com sua mentira até eles próprios esquecerem-se dela, nem por isso deixam de manter, no auge de sua ebriedade, a impressão íntima de que não lhes estão dando crédito e que não se pode neles acreditar. Na sua presente disposição, o velho podia fazer um exame de consciência, ter um acesso de vergonha e sentir-se ofendido, suspeitando de que o príncipe lhe houvesse testemunhado excessiva compaixão. “Não terei tido culpa de havê-lo deixado exaltar-se daquela maneira?” — perguntava a si mesmo, com inquietação. De repente, não se conteve mais e explodiu numa grande gargalhada que durou quase dez minutos. Esteve em seguida a ponto de censurar-se aquela hilaridade, mas reconsiderou e compreendeu que nada tinha a incriminar-se, já que o general lhe merecia imensa comiseração.

Seus pressentimentos realizaram-se. Naquela mesma noite recebeu um bilhete estranho, lacônico, mas peremptório. O general fazia-lhe saber que rompia com ele para sempre, que mantinha sua estima por ele e seu reconhecimento, mas que, mesmo da parte dele, recusava-se a aceitar “testemunhos de compaixão mortificantes para a dignidade de um homem já suficientemente desditoso sem isso”.

Quando o príncipe soube que ele vivia recluso em casa de Nina Alieksándrovna, quase se tranquilizou a seu respeito. Mas, como já vimos, o general foi fazer um escândalo em casa de Lisavieta Prokófievna. Não podemos contar aqui esse incidente por miúdo; relatemos em duas palavras o objeto da conversa mantida. Lisavieta

Prokófievna, a princípio atemorizada com as divagações, deixou-se tomar de indignação ouvindo-o fazer amargas reflexões a respeito de Gânia. Foi posto vergonhosamente para fora. De modo que passou a noite e a manhã em tal estado de supraexcitação que, perdendo todo domínio de si mesmo, acabara por correr para a rua quase como um louco.

Kólia não compreendia senão pela metade o que se passava e mantinha a esperança de agir sobre seu pai por intimidação.

— Pois bem! por onde iremos vagar agora? Que acha, general? — disse ele. — O senhor não quer ir à casa do príncipe; brigou com Liébiediev; não tem dinheiro e eu nunca o tive eis-nos agora bem no meio da rua como em cima de um monte de favas.

— É mais agradável estar com mulheres do que em cima de um monte de favas[58] — murmurou o general. — Este… trocadilho valeu-me o mais vivo êxito… no círculo dos oficiais em 44… Sim… em mil… oitocentos… e quarenta e quatro!… Já não me lembro mais… Ah! não me fales! "Onde está minha mocidade? Onde está meu frescor?" como exclamava… Quem é que dizia isto, Kólia?

— É uma citação de Gógol, em *Almas mortas*, papai — respondeu Kólia, lançando a seu pai um olhar inquieto.

— *Almas mortas*! Ah! sim, mortas! Quando me enterrares, escreve no meu túmulo: "Aqui jaz uma alma morta!". "A desgraça me persegue!" Quem disse isto, Kólia?

— Não sei, não, papai.

— Ieropiégov não existiu! Ierochka Ieropiégov!… — exclamou ele, num tom exasperado, parando no meio da rua. — E é, meu filho, meu próprio filho quem assim me desmente! Ieropiégov, que foi durante onze meses um verdadeiro irmão para mim e, por causa do qual tive aquele duelo… Um dia o Príncipe Vigoriétski, nosso capitão lhe disse, enquanto bebíamos: "Teria curiosidade de saber, Gricha, onde ganhaste tua cruz de Sant'Ana". — "Nos campos de batalha de minha pátria, eis onde as ganhei!" Eu exclamo: "Bravo, Gricha!". Pois bem, foi isso a causa de um duelo. Depois ele casou-se com… Mária

Pietrovna Su… Sutúguina, e veio a morrer mais tarde no campo de batalha… Uma bala ricocheteou sobre a cruz que eu trazia no peito e foi atingi-lo na testa. “Não esquecerei jamais!”, exclamou ele, e caiu morto. Eu… eu servi com honra, Kólia; servi nobremente, mas a desgraça, “a desgraça me persegue!”. Tu e tua mãe vireis ao meu túmulo… “Pobre Nina!” Era assim que eu a chamava outrora, Kólia, há muito tempo; nos primeiros tempos, e isto lhe causava prazer… Nina! Nina! que fiz eu de tua existência? Como podes tu amar-me, alma resignada? Tua mãe tem a alma de um anjo, Kólia; estás-me ouvindo? A alma de um anjo!

— Eu sei, papai. Meu pai querido, voltemos para casa, para o lado de mamãe! Ela queria vir correndo atrás do senhor. Por que hesita? Parece até que o senhor não compreende… Ora vamos! Por que chora?

O próprio Kólia chorava e beijava as mãos de seu pai.

— Tu me beijas as mãos, as minhas mãos?

— Pois bem, sim, as suas mãos, as suas mãos. Que há nisso de espantoso? Vamos, por que se põe o senhor a gritar em plena rua, o senhor, um general, um homem de guerra? Venha!

— Que o bom Deus te abençoe, meu querido menino, pelo respeito que conservaste por este perdido do teu velho pai, apesar da desgraça, sim, apesar do opróbrio de que está coberto… Possas tu ter um filho que se pareça contigo… *Le roi de Rome*… Oh! “a maldição esteja sobre esta casa!”.

— Mas que se passa então? — exclamou Kólia, com arrebatamento. — Que aconteceu? Por que não quer mais voltar para casa? Perdeu a razão?

— Vou te explicar, vou te explicar, vou te dizer tudo; não chores, poderiam nos ouvir… *Le roi de Rome*… Oh! como me sinto desconsolado e triste! “Minha ama, onde está teu túmulo?”[59] Quem disse isto, Kólia?

— Não sei, não sei quem tenha podido dizer isso. Vamos

imediatamente para casa, imediatamente! Reduzirei Gânia a pedaços, se for preciso… Mas aonde vai o senhor ainda?

O general arrastava-o para o patamar de uma casa vizinha.

— Aonde vai? Essa casa não é a nossa!

O general sentara-se no patamar e puxava Kólia pelo braço para junto dele.

— Inclina-te, inclina-te! — murmurou ele. — Vou te dizer tudo… Minha vergonha… inclina-te… Presta atenção, vou dizer no teu ouvido…

— Mas que tem o senhor? — exclamou Kólia, espantado, mas, mesmo assim, aproximando o ouvido.

— *Le roi de Rome*… — articulou o general que parecia também todo trêmulo.

— O quê? Por que o senhor fala todo o tempo do rei de Roma?… Que significa isso?

— Eu… eu… — balbuciou de novo o general, agarrando-se cada vez mais ao ombro de "seu menino", — eu… quero… que… quero tudo di… Mária, Mária… Pietrovna Su… Su… Su…

Kólia libertou-se da mão dele, agarrou-o pelos ombros e fitou-o assombrado. O velho tornara-se cor de púrpura, seus lábios roxeavam-se e ligeiras convulsões corriam-lhe pelo rosto. De repente abateu-se e se deixou cair suavemente nos braços de Kólia.

— Um ataque cerebral! — exclamou Kólia, em alto brado, que ecoou pela rua.

Acabava afinal de compreender a realidade.

## Capítulo V

Na verdade, Varvara Ardaliónovna, ao conversar com seu irmão,

havia exagerado um tanto a exatidão de suas informações a respeito do noivado do príncipe com Aglaia Iepántchina. Pode ser que, como mulher perspicaz, haja adivinhado o que devia passar-se num futuro próximo. Pode ser também que, despeitada por ver desfazer-se um sonho (no qual ela mesma, na realidade, jamais acreditara), não tenha podido recusar-se a satisfação bem humana de exagerar aquela desgraça e verter nova gota de fel no coração de seu irmão, se bem que tivesse por este uma afeição e uma simpatia sincera. Em todo caso, não podia ter recebido de suas amigas, as senhoritas Iepántchini, informações tão exatas; tudo se limitara a alusões, a frases inacabadas, a silêncios, a enigmas. Talvez também as irmãs de Aglaia tivessem arriscado intencionalmente uma indiscrição para disso tirar alguma coisa de Varvara Ardaliónovna. Enfim, não é tampouco inverossímil que tenham cedido ao prazer muito feminino de alfinetar um pouco sua amiga, embora camaradas de infância. Não podiam deixar de ter entrevisto, ao fim de tanto tempo, pelo menos algo do desígnio que tinha em vista a jovem mulher.

Por outra parte, estava talvez o príncipe também enganado, embora de boa-fé, quando afirmava a Liébiediev que nada tinha a comunicar-lhe e que nada de particular sobreviera em sua vida. Na realidade, cada qual se encontrava em presença dum fenômeno singular: nada acontecera e no entanto tudo se passava como se alguma coisa muito importante tivesse acontecido. Foi isto que, movida pelo seu seguro instinto de mulher, Varvara Ardaliónovna havia adivinhado.

De qualquer maneira é muito difícil expor logicamente como todos os membros da família Iepántchin tiveram, no mesmo momento, o pensamento comum de que um acontecimento capital ocorrera na vida de Aglaia e ia decidir a sua sorte. Mas desde que esse pensamento lhes entrou na cabeça, todos convieram imediatamente que já haviam desde muito tempo encarado e previsto claramente uma eventualidade que se tornara evidente desde o incidente do cavalheiro pobre e mesmo antes; somente antes recusavam-se a crer em semelhante absurdo.

É o que afirmavam as irmãs de Aglaia. É claro que Lisavieta Prokófievna tudo predissera e tudo compreendera antes dos outros;

desde muito antes “o coração lhe doía”. Mas tenha essa sua perspicácia funcionado desde muito ou desde pouco tempo, o fato é que o príncipe só lhe causava agora uma ideia desagradável porque lhe deixava a razão confusa. Havia aqui uma questão a resolver imediatamente; ora, não somente não podia a infeliz Lisavieta Prokófievna resolver essa questão, mas ainda não conseguia mesmo expô-la com nitidez. O caso era delicado: “Era ou não o príncipe um bom partido? O negócio era bom ou mau? Se era mau (o que parecia fora de dúvida), qual a razão disso? Se era bom (o que era igualmente possível), sobre que basear-se para assim julgar?”

O chefe da família, Ivan Fiódorovitch, começou, bem entendido, por manifestar seu espanto, depois confessou que, “na verdade, também ele suspeitara de algo nesse gênero durante todo aquele tempo; se bem que intermitentemente!”. Sentindo pesar sobre si o olhar severo de sua esposa, calou-se; mas foi apenas por uma manhã, porque à noite, achando-se a sós com ela, viu-se obrigado a explicar-se.

Arriscou então, com certa audácia, algumas reflexões bastante inesperadas “Afinal, de que se trata?… (Uma pausa.) Certamente tudo isto é bastante estranho se todavia é verdade, o que não quero discutir, mas… (Nova pausa.) Por outro lado, considerando as coisas bem de frente, o príncipe é um rapaz bem encantador, palavra! E… e, vejamos, traz um nome que pertence à nossa família; tudo isto poderia parecer reerguer, de certa forma, o nosso nome de família desconsiderado aos olhos do mundo, claro que olhando a coisa deste ponto de vista, porque… Enfim, o mundo, o mundo é o mundo. E depois, afinal de contas, o príncipe não é pobre, embora sua fortuna não seja lá muito considerável. Tem… e… e…

Nisto, Ivan Fiódorovitch perdeu a eloquência e calou-se de repente.

Essa maneira de ver de seu marido pôs Lisavieta Prokófievna fora de si. A seus olhos tudo quanto se passara era “uma tolice imperdoável e até mesmo criminosa, uma fantasmagoria absurda e inepta”. Em primeiro lugar “esse principezinho é um doente, um idiota; em seguida é um imbecil que não conhece o mundo e não é capaz de

manter nele seu lugar: a quem apresentá-lo? onde introduzi-lo? É um democrata inconveniente, desprovido de todo grau hierárquico e depois… que diria a Bielokónskaia? Foi este o marido que sonhamos para Aglaia?” Este último argumento era naturalmente decisivo. Seu coração de mãe sangrava e fremia a este pensamento que lhe arrancava lágrimas dos olhos, se bem que no mesmo instante se erguesse daquele mesmo coração uma voz que lhe dizia: “em que não seria o príncipe o genro de que precisas”? Eram as objeções de sua própria consciência que davam a Lisavieta Prokófievna mais preocupações.

As irmãs de Aglaia não viam com maus olhos o projeto de casamento com o príncipe; não achavam mesmo nisso nada de tão estranho; em suma, teriam muito bem podido ficar de súbito do lado dele, se não se tivessem comprometido a manter-se em silêncio. Uma vez por todas, notara-se entre os familiares de Lisavieta Prokófievna que, quanto ela mais insistia e se encarniçava em combater um projeto familiar em discussão, tanto mais parecia que já estivesse eventualmente favorável a esse projeto.

Alieksandra Ivânovna não podia deixar de dar sua opinião. Desde muito tempo sua mãe, habituada a tomá-la como conselheira, dirigia-se a ela sem cessar para saber sua opinião e sobretudo consultar-lhe a memória: “como chegaram as coisas a este ponto? por que ninguém percebeu isto? por que não se falou disto? Que significava aquela mesquinha brincadeira do ‘cavalheiro pobre’? Por que somente ela, Lisavieta Prokófievna, era condenada a preocupar-se por todos, a tudo reparar, a tudo adivinhar, enquanto os outros ficavam à toa”, etc., etc.

Alieksandra Ivânovna mostrou-se a princípio reservada e contentou-se em notar que era muito da opinião de seu pai, quando dizia este que o casamento de um príncipe Míchkin com uma senhorita Iepántchina poderia ser visto pela sociedade como bastante satisfatório. Pouco a pouco encorajou-se a ponto de acrescentar que o príncipe não era absolutamente um “bobo” e nunca o fora; quanto à sua posição social, ninguém podia prever sobre qual base se julgaria, dali a alguns anos, o valor de um homem na Rússia, nem se este valor dependeria dos êxitos duma carreira oficial ou de qualquer outra base de apreciação. Ao que mamãe replicou logo, e vivamente, que

Alieksandra “era uma livre pensadora e tudo isto por causa dessa maldita questão feminina”. Meia hora depois partiu para a cidade e dirigiu-se à Kámieni Óstrov para ver a Bielokónskaia, que acabava justamente de regressar a Petersburgo, mas só devia permanecer ali pouco tempo. A Bielokónskaia era madrinha de Aglaia.

Aquela “velha dama” ouviu todas as confidências febris e desesperadas de Lisavieta Prokófievna, mas, em vez de mostrar-se comovida pelas lágrimas e angústias maternais da visitante, olhou-a com um ar zombeteiro. Seu caráter era singularmente despótico; não podia admitir num mesmo pé de igualdade as pessoas a que estava ligada, mesmo por uma amizade de longa data. Tratava deliberadamente Lisavieta Prokófievna como a uma protegida, da mesma maneira que o fizera trinta e cinco anos antes, e não podia habituar-se a suas atitudes de impaciência e independência. Observou, entre outras coisas, que “aquelas senhoras pareciam ter, como sempre, exagerado as coisas e feito duma mosca um elefante”; o que acabava de ouvir não bastava para convencê-la de que um acontecimento sério ocorrera efetivamente; não seria melhor esperar e ver o que aconteceria? O príncipe, na sua opinião, era “um rapaz bastante conveniente, se bem que doente, esquisito e duma excessiva nulidade. O pior é que ele sustentava abertamente uma amante”. Lisavieta Prokófievna compreendeu muito bem que a Bielokónskaia estava algo aborrecida pelo fracasso de Ievguéni Pávlovitch, seu recomendado.

Voltou para Pávlovsk ainda mais irritada do que estava quando partira, e mostrou isso logo aos seus dizendo que “tinham perdido o juízo”, que ninguém dirigia seus negócios daquela maneira, que não se via daquilo senão na sua família. “Por que essa pressa? Que se passou? Por mais que procure, não encontro razão alguma para pensar que alguma coisa haja realmente acontecido! Esperem os acontecimentos. Tantas coisas podem atravessar a mente de Ivan Fiódorovitch! Será preciso fazer de uma mosca um elefante?” etc., etc.

A conclusão era que se devia ficar com calma, encarar friamente a situação e ter paciência. Mas ai! a calma não durou dez minutos. O relato do que ocorrera durante a ida da mamãe à Kámieni Óstrov deu ocasião a uma primeira infração ao sangue-frio prescrito. (A visita de Lisavieta Prokófievna à Princesa Bielokónskaia realizara-se pela

manhã; fora na véspera que o príncipe aparecera depois da meia-noite acreditando que não eram ainda dez horas.) Interrogadas febrilmente a este respeito por sua mãe, as irmãs de Aglaia forneceram-lhe vários detalhes. Começaram dizendo que “nada se passara absolutamente”; o príncipe chegara; Aglaia fizera-o esperar uma meia hora antes de apresentar-se; depois, assim que entrara, propusera-lhe uma partida de xadrez; o príncipe não conhecia nada desse jogo e sofrera xeque-mate num abrir e fechar olhos; cheia de alegria com o triunfo, Aglaia tratara de envergonhá-lo pela sua ignorância e de tal modo rira dele que dava pena vê-lo. Depois propusera-lhe uma partida de cartas, um jogo de “doidos”. Mas desta vez deu-se o contrário: o príncipe era tão forte nesse jogo que o jogava como… como um professor. Revelava nele uma verdadeira mestria. Não adiantava Aglaia trapacear, trocar as cartas e surripiar-lhe as vazas. Ele a batia em cada partida. Jogaram cinco. Ela ficou tão zangada, que perdeu toda a compostura e lançou ao príncipe palavras tão mordazes e impertinentes que ele cessou de rir e ficou mesmo pálido, ouvindo-a dizer que “não poria mais os pés naquela sala enquanto ele ali estivesse” e que fora um desrespeito da parte dele vir vê-las e ainda por cima à meia-noite, “depois de tudo quanto se havia passado”. Dito isto saíra, batendo a porta. O príncipe retirara-se com cara de enterro, malgrado todas as boas palavras das irmãs de Aglaia.

Um quarto de hora após sua partida, Aglaia tornara de repente a descer do andar superior para o terraço; sua pressa fora tanta que nem mesmo tivera tempo de enxugar seus olhos, em que se viam sinais de lágrimas. Aparecera porque Kólia acabava de trazer um ouriço-cacheiro. Todas se puseram a mirar o bichinho; interrogado, Kólia respondeu que ele não era seu, mas que seu camarada Kóstia Liébiediev, outro colegial, e ele haviam-no comprado, ao mesmo tempo que um machado, a um camponês que haviam encontrado. Kóstia ficara na rua porque não ousara entrar com seu machado. O camponês não queria a princípio vender senão o ouriço e pedira por ele cinquenta copeques, mas haviam-no persuadido a desfazer-se também de seu machado, que lhes podia ser útil e era, aliás, muito bem fabricado.

Aglaia pôs-se a suplicar a Kólia que lhe vendesse imediatamente o

ouriço; insistiu de tal maneira que chegou a ponto de chamá-lo "querido Kólia". Este resistiu durante muito tempo, mas por fim, não podendo conter-se, chamou Kóstia Liébiediev que subiu, com seu machado na mão, com um ar muito constrangido. Então soube-se de repente que o ouriço não lhes pertencia absolutamente, mas era propriedade dum terceiro colegial, Pietrov, que lhes havia confiado uma pequena quantia para comprar a *História* de Schlosser, da qual um quarto colegial, precisando de dinheiro, procurava desfazer-se a baixo preço. Tendo saído à procura desse livro, deixaram-se tentar, em caminho, e compraram o ouriço, de sorte que em lugar da *História* de Schlosser levavam a Pietrov o animal e o machado. Mas Aglaia insistiu com tanta tenacidade que acabaram por ceder e lhe venderam o ouriço. Mal ficou ela de posse do animal, instalou-o, ajudada por Kólia, numa cesta trançada, cobriu-o com um guardanapo e encarregou o colegial de levá-lo, de sua parte, sem demora, à casa do príncipe, rogando a este que aceitasse aquele presente "em testemunho de sua profunda estima". Kólia aceitou com bom humor aquela incumbência e prometeu cumpri-la, mas apressou-se em perguntar o que significava aquele presente e de que era símbolo o ouriço. Aglaia respondeu-lhe que isso não era da conta dele. Replicou Kólia que, com toda a certeza, semelhante presente ocultava um sentido alegórico. Aglaia enfadou-se e disse-lhe que ele era um fedelho e nada mais. Ao que ele respondeu dizendo que, se não respeitasse nela a mulher e se seus princípios não o retivessem, ia lhe mostrar imediatamente como sabia responder a semelhante afronta. Finalmente, nem por isso deixou de desincumbir-se com entusiasmo do encargo levando, em companhia de Kóstia Liébiediev, o ouriço à casa do príncipe. Aglaia não lhe guardou rancor; vendo-o sacudir com muita força a cesta, gritou-lhe do terraço: "Meu caro Kólia, por favor, não o deixe cair!". Kólia tampouco deu demonstração de que haviam tido uma rusga: parou para responder lhe com a mais viva solicitude: "Não, não o deixarei cair, Aglaia Ivânovna; fique bem tranquila!". E saiu correndo. Aglaia desatou a rir e subiu depressa para seu quarto; estava radiante e manteve seu bom humor o dia inteiro.

Estas notícias transtornaram Lisavieta Prokófievna. Não havia de que, parecia. Mas tal era seu estado de espírito, que ele lhe fazia ver as coisas de outro modo. Sua inquietação era excitada ao mais alto ponto

e o que a avivava sobretudo era aquele ouriço. Que significava ele? Não seria um sinal convencionado? Um subentendido? Mas que queria dizer? Seria uma espécie de telegrama? O pobre Ivan Fiódorovitch, que havia assistido ao interrogatório de suas filhas, acabou de pô-la fora de si com a resposta que deu. Para ele, não havia por baixo daquilo nenhuma mensagem convencionada. “O mais simples, disse ele, é pensar que um ouriço é um ouriço e nada mais. Pode ser também um símbolo de amizade, de esquecimento das ofensas e de reconciliação, em suma, uma pilhéria. em todo o caso inocente e venial.”

Notemos entre parêntesis que o general estava com a verdade. De volta à sua casa, depois de ter sido escarnecido e posto para fora por Aglaia, entregava-se Míchkin havia uma meia hora ao mais sombrio desespero, quando viu de repente aparecer Kólia com o ouriço. Logo o céu se iluminou perante seus olhos; parecia que ele voltava à vida. Interrogou Kólia, ficando suspenso de seus lábios, fazendo-lhe dez vezes a mesma pergunta, rindo como uma criança e apertando a qualquer propósito as mãos dos dois colegiais, que também riam e o olhavam cheios de alegria. Um fato estava certo: Aglaia perdoava e era-lhe possível voltar à casa dela naquela noite mesmo; era para ele mais do que essencial, era tudo.

— Como somos ainda crianças. Kólia! E… e… como é bom ser criança! — acabou por exclamar na sua alegria.

— Ela está simplesmente enamorada do senhor, príncipe, eis tudo — respondeu Kólia num tom de autoridade e de importância.

O príncipe corou, mas desta vez não disse uma palavra. Kólia pôs-se a rir e bater palmas ao fim de um instante, Míchkin partilhou de sua alegria e, desde aquele momento até a noite, consultou seu relógio a cada cinco minutos para ver quanto tempo se passara e quanto lhe restava a esperar.

Mas a excitação ia aumentando. Lisavieta Prokófievna já não podia mais se conter e estava a ponto de sofrer uma crise de nervos. A despeito das objeções de seu marido e de suas filhas, mandou imediatamente chamar Aglaia para lhe fazer uma derradeira pergunta

e dela receber uma resposta clara e decisiva. “É preciso acabar com isso duma vez por todas, liquidar este negócio e não mais falar dele! Senão — acrescentou ela, — não viverei até a noite!” Foi então somente que se compreendeu a que ponto de confusão as coisas tinham chegado. Foi impossível arrancar de Aglaia uma só palavra: simulou profundo espanto, um acesso de indignação, depois riu às gargalhadas e zombou do príncipe como de todos os que a interrogavam. Lisavieta Prokófievna foi meter-se na cama e só reapareceu na hora do chá, no momento em que se supunha que o príncipe chegaria. Palpitava de emoção esperando a chegada deste, e quando ele se apresentou pouco faltou para que não tivesse um ataque histérico.

Quanto ao príncipe, entrou com ar receoso, como alguém que avança, tateando; mostrava um sorriso estranho ao olhar todas as pessoas presentes e parecia perguntar-lhes por que Aglaia não estava na sala. Ficara consternado ao notar, desde sua chegada, a ausência da moça. Estava-se naquele noite em família; não havia ninguém estranho. O Príncipe Tsch*** ficara retido em Petersburgo por causa dos negócios consecutivos à morte do tio de Ievguéni Pávlovitch. Lisavieta Prokófievna lamentou sua ausência. “Teria ele decerto encontrado algo para dizer, se estivesse ali!” Ivan Fiódorovitch tinha um semblante intensamente preocupado. As irmãs de Aglaia mostravam-se graves e mantinham silêncio como se assim tivessem combinado. Lisavieta Prokófievna não sabia por que lado começar a conversa. Bruscamente descarregou sua indignação a propósito das estradas de ferro e olhou o príncipe com uma expressão de desafio.

Ai! Aglaia continuava ausente e o príncipe sentia-se perdido. Desconcertado e balbuciante, tentou exprimir a ideia de que haveria o maior interesse em melhorar a rede ferroviária, mas tendo-se Adelaida posto de súbito a rir, ele se viu de novo sem saber o que dizer. Naquele instante entrou Aglaia com ar calmo e grave. Retribuiu cerimoniosamente ao príncipe seu cumprimento e veio sentar-se com solene lentidão no lugar mais em vista da mesa redonda. Fixou no príncipe um olhar inquisitivo. Toda a gente compreendeu que chegara o momento de dissipar os mal-entendidos.

— Recebeu meu ouriço? — perguntou ela, num tom seguro e

quase acerbo.

— Sim — respondeu Míchkin, corando e sentindo-se desfalecer.

— Explique-nos imediatamente o que pensa disso. É indispensável para a tranquilidade de mamãe e de toda a nossa família.

— Vejamos, Aglaia! — disse bruscamente o general com inquietação.

— Isto ultrapassa todas as medidas! — reforçou logo Lisavieta Prokófievna, num movimento de espanto.

— Não se trata aqui de medidas, mamãe — replicou a moça com sequidão. — Enviei hoje um ouriço ao príncipe e desejo saber sua maneira de pensar. Estou escutando-o, príncipe.

— Que entende por minha maneira de pensar, Aglaia Ivânovna?

— Mas… a respeito do ouriço.

— Quer dizer… presumo, Aglaia Ivânovna, que deseja saber como o recebi… o ouriço… ou, mais exatamente, como compreendi… aquele envio… dum ouriço; neste caso, suponho… que em uma palavra…

Perdeu o fôlego e calou-se.

— Pois bem! o senhor não disse grande coisa! — tornou Aglaia, após uma pausa de cinco segundos. — Está bem, consinto em deixar de lado o ouriço. Mas muito me satisfaz poder afinal pôr termo a todos os mal-entendidos que se foram acumulando. Vai me permitir saber de sua própria boca se tem ou não a intenção de me pedir em casamento?

— Ah! meu Deus! — exclamou Lisavieta Prokófievna.

O príncipe estremeceu e teve um movimento de recuo. Ivan Fiódorovitch estava petrificado. As duas irmãs de Aglaia franziram o cenho.

— Não minta, príncipe, diga a verdade! Por sua causa,

perseguem-me com estranhas perguntas. Têm essas indagações uma base qualquer? Fale!

— Não a pedi em casamento, Aglaia Ivânovna — respondeu Míchkin, animando-se, bruscamente, — mas… a senhora mesma sabe a que ponto a amo e que confiança tenho na senhora… mesmo neste momento…

— Fiz-lhe uma pergunta: pede a minha mão, sim ou não?

— Peço-a — respondeu ele com voz extinta.

Houve na assistência uma sensação profunda.

— Não é assim que essas coisas se tratam, meu caro amigo — declarou Ivan Fiódorovitch, vivamente emocionado. — É… é quase impossível, se é a isto que queres chegar, Glacha…[60] Desculpe, príncipe, desculpe, meu caro amigo!… Lisavieta Prokófievna! — acrescentou ele, chamando a mulher em socorro, — seria preciso… aprofundar…

— Recuso-me, recuso-me! — exclamou Lisavieta Prokófievna, com um gesto de negação.

— Permita-me, mamãe, que diga também minha palavra; creio ter igualmente voto no capítulo num negócio deste gênero: trata-se dum momento decisivo na minha existência (foi esta mesma a expressão que usou Aglaia). Quero eu mesma saber e fico satisfeita de ter a todos por testemunhas… Deixe-me, pois, perguntar-lhe, príncipe, de que maneira conta o senhor assegurar minha felicidade se “nutre tais intenções”?

— Na verdade, não sei como responder-lhe, Aglaia Ivânovna… que resposta pode dar-se a semelhante pergunta? E depois… será bem necessária?

— O senhor me parece perturbado e oprimido; repouse um instante e retome forças: beba um copo d’água; aliás, vão trazer-lhe imediatamente chá.

— Eu a amo, Aglaia Ivânovna, eu a amo muito; não amo senão a

senhora e… Não brinque, rogo-lhe, eu a amo muito.

— Mas no entanto o negócio é importante; não somos crianças e é preciso ver a coisa de um modo positivo… Dê-se ao trabalho de nos explicar agora em que consiste sua fortuna.

— Ora, ora, Aglaia! que é que te deu? Não é assim, não, deveras… — balbuciou Ivan Fiódorovitch, com ar consternado.

— Que vergonha! — murmurou Lisavieta Prokófievna, bastante alto para ser ouvida.

— Ela está louca! — acrescentou Alieksandra, no mesmo tom.

— Minha fortuna… isto é, meu dinheiro? — perguntou Míchkin, surpreso.

— Precisamente.

— Tenho… tenho neste momento cento e trinta e cinco mil rublos — murmurou o príncipe, corando.

— Não mais? — admirou-se Aglaia com franqueza e sem corar sequer. — Aliás, pouco importa; quando se sabe ser econômico… Tem intenção de arranjar emprego?

— Desejava prestar exame de professor…

— Excelente ideia; é um meio certo de aumentar nossos recursos. Pensa tornar-se gentil-homem de câmara?

— Gentil-homem de câmara? Nunca pensei nisso, mas…

Desta vez as duas irmãs não se aguentaram mais e dispararam a rir. Desde muito tempo já notara Alieksandra, por certas contrações nervosas do rosto de Aglaia, sinais dum riso que ela se esforçava por conter, mas que não tardaria a explodir duma maneira irresistível. Aglaia quis tomar um ar ameaçador diante da hilaridade das irmãs, mas não pôde conter-se um segundo mais e abandonou-se a um acesso quase histérico de riso louco. Por fim, levantou-se dum salto e saiu da sala correndo.

— Sabia bem que tudo isto acabaria em explosões de riso — exclamou Adelaida. — Previ-o desde o começo, desde a história do ouriço.

— Não, isto não o permitirei, não o permitirei! — exclamou Lisavieta Prokófievna, num súbito acesso de cólera; e saiu no encalço de Aglaia.

Suas filhas seguiram-na do mesmo modo. Só ficaram na sala o príncipe e o chefe da família.

— Escuta, Liev Nikoláievitch, imaginaste coisa semelhante? — disse o general com brusquidão, mas sem parecer saber ele mesmo exatamente o que queria dizer. — Não, seriamente, falando seriamente!

— Vejo que Aglaia Ivânovna zombou de mim — respondeu o príncipe com tristeza.

— Espera, meu amigo, vou lá; fica aqui… porque…Explica-me, pelo menos tu, Liev Nikoláievitch, como tudo isto aconteceu e o que significa o negócio, por assim dizer, no seu conjunto? Confesso, meu amigo, que sou o pai; não obstante, por pai que seja, não compreendo nada disso; então, tu, pelo menos; explica-me!

— Amo Aglaia Ivânovna; ela o sabe… e, creio, desde muito tempo.

O general ergueu os ombros.

— É estranho, estranho… E tu a amas muito?

— Amo-a muito.

— É estranho, tudo isto me parece estranho. Quero dizer semelhante surpresa, tal golpe… Vês, meu caro amigo, não é tua fortuna que me preocupa (embora a acreditasse mais elevada), mas… penso na felicidade de minha filha… enfim… és capaz, por assim dizer, de fazer… essa felicidade? E depois… de que se trata: duma brincadeira da parte dela ou duma declaração sincera? De ti, não falo; mas da parte dela?

Neste momento ouviu-se por trás da porta a voz de Alieksandra Ivânovna; a moça chamava o pai.

— Espera, meu amigo, espera! Espera e reflete, volto imediatamente… — disse ele à pressa e correu quase amedrontado a atender ao chamado de Alieksandra.

Encontrou sua mulher e sua filha desfeitas em lágrimas, uma nos braços da outra. Eram lágrimas de felicidade, de enternecimento e de reconciliação. Aglaia beijava as mãos, as faces, os lábios de sua mãe; as duas mulheres abraçavam-se com efusão.

— Eis, Ivan Fiódorovitch, olha-a agora, é ela, é ela inteirinha! — disse Lisavieta Prokófievita.

Aglaia voltou do peito de sua mãe seu olhar banhado de lágrimas, mas radiante de felicidade; olhou seu pai, explodiu numa sonora risada, depois, lançando-se para ele, apertou-o estreitamente em seus braços e beijou-o repetidamente. Em seguida lançou-se de novo sobre sua mãe, ocultou seu rosto no peito dela a fim de que ninguém pudesse vê-la e se pôs de novo a chorar. Lisavieta Prokófievna cobriu-a com a ponta de seu xale.

— Pois bem! Então? Tu nos pregas cada uma, cruel criança que és! — disse ela, mas desta vez com uma expressão de alegria e como se respirasse mais livremente.

— Cruel, sim cruel! — exclamou, de súbito, Aglaia. — Sou uma má filha, uma mimada! Diga-o a papai. Ah! sim, ele está aqui! Está aqui, papai? O senhor ouve? — disse ela, rindo por entre as lágrimas.

— Minha querida, meu ídolo! — disse o general arrebatado de alegria, beijando a mão de sua filha, que o deixou fazer isso. — Então, tu amas aquele… jovem?

— Não, não e não! Não posso suportá-lo… esse vosso jovem; não posso suportá-lo! — exclamou Aglaia, de repente, erguendo a cabeça. — E se o senhor ousar dizer-me isto ainda uma vez, papai… falo-lhe seriamente, entendeu? Falo seriamente!

Falava, com efeito, a sério; estava vermelha e seus olhos fulguravam. O pai, espantado, ficou mudo, mas, por trás de Aglaia, Lisavieta Prokófievna lhe fez um sinal; compreendeu que aquele sinal queria dizer: “Não lhe faças perguntas!”.

— Se é assim, meu anjo, será como te agrada; faz o que quiseres. Mas ele está lá na sala, sozinho, esperando. Não seria bom dar-lhe delicadamente a entender que deverá retirar-se?

Por sua vez, o general piscou o olho para Lisavieta Prokófievna.

— Não, não, é inútil e o “delicadamente” é demais. Vão os senhores mesmos; eu irei logo depois. Quero pedir perdão a esse… jovem, porque o ofendi.

— E ofendeste gravemente mesmo — reforçou, com ar sério, Ivan Fiódorovitch.

— Então… será melhor que fiquem aqui todos; irei primeiro sozinha. Irão em seguida, imediatamente depois. Será preferível.

Já estava na porta, quando deu de repente meia volta.

— Sinto que vou rir! Estou morrendo de vontade de rir! — declarou, com tristeza.

Mas no mesmo instante se voltou e correu ao encontro do príncipe.

— Pois bem! Que é que isto significa? Que pensas? — perguntou à pressa Ivan Fiódorovitch?

— Tenho medo de dizê-lo — respondeu Lisavieta Prokófievna, no mesmo tom precipitado. — Para mim, a coisa é clara.

— Não o é menos para mim. Clara como o dia. Ela ama.

— É pouco: está apaixonada — interveio Alieksandra Ivânovna. — Mas ela não poderia ter encontrado alguém melhor?

— Que Deus a abençoe, se tal é o seu destino! — disse Lisavieta Prokófievna, benzendo-se devotamente.

— É o seu destino, eis a verdade — confirmou o general, — e não se foge a seu destino!

Voltaram todos para a sala onde nova surpresa os aguardava.

Não somente Aglaia não disparara a rir, como o temia, ao abordar o príncipe, mas até fora quase com um acento de timidez que lhe havia dirigido a palavra.

— Perdoe a uma moça tola e desmiolada, a uma criança mimada (tomou-lhe a mão) e creia mesmo que temos todos imenso respeito pelo senhor. Permiti-me lançar o ridículo sobre sua bela… sua boa candura. É preciso que veja nisso apenas uma travessura de criança. Perdoe-me ter insistido em um absurdo que não deveria, certamente, ter consequências…

Aglaia sublinhou estas últimas palavras com uma entonação particular.

O pai, a mãe e as irmãs entraram no momento mesmo na sala para assistir à cena e ouvir aquela frase que os surpreendeu: “um absurdo que não deveria, certamente, ter consequências…”. Ficaram mais impressionados ainda com o tom sério com que Aglaia a pronunciara. Interrogaram-se com os olhos; mas o príncipe não tinha o ar de haver compreendido e estava radiante.

— Por que fala assim? — murmurou ele. — Por que é a senhora quem… me pede… perdão…?

Queria mesmo acrescentar que não era digno de que lhe pedissem perdão. Quem sabe? Talvez tivesse apanhado o sentido da frase sobre o “absurdo que não deveria ter consequências”. Mas, dada sua estranheza de espírito, talvez essas mesmas palavras o tivessem cumulado de alegria. Sem dúvida alguma achava-se no auge da felicidade só em pensar que poderia voltar a ver Aglaia, que lhe seria permitido falar com ela, ficar a seu lado, passear em sua companhia. Talvez esta perspectiva lhe tivesse bastado para toda a sua vida! (Lisavieta Prokófievna parecia também temer, por instinto, aquele humor acomodatício que adivinhava nele; sentia assim muitas apreensões íntimas que não seria capaz de exprimir.)

Seria difícil descrever o grau de animação e entusiasmo de que deu provas Míchkin naquela noite. Estava tão alegre que sua alegria se comunicava aos que o viam; foi o que disseram depois as irmãs de Aglaia. Mostrou-se loquaz, o que não lhe acontecia havia seis meses, desde aquela manhã em que conhecera os Iepántchini. Desde o dia em que regressara a Petersburgo, visível e deliberadamente, tinha-se, encerrado em mutismo. Pouco tempo antes daquela noite, dissera diante de todos ao Príncipe Tsch*** que se acreditava obrigado a guardar silêncio, porque não tinha o direito de rebaixar uma ideia pela sua maneira de exprimi-la. Foi quase o único a falar durante o serão. Estava muito verboso e respondia às perguntas com clareza, bom humor e prolixidade. Nada, aliás, na sua conversação, deixava perceber seus sentimentos amorosos; não emitiu a princípio senão pensamentos graves, por vezes mesmo obscuros. Expôs também algumas de suas opiniões e observações pessoais; tudo isto teria degenerado em ridículo se não se houvesse expressado em termos "também escolhidos", como convieram mais tarde os seus ouvintes.

É certo que o general gostava dos assuntos de conversa sérios; não obstante, Lisavieta Prokófievna e ele acharam, para si, os do príncipe demasiado sábios, a tal ponto que a fisionomia deles, ao fim do serão, já mostrava sinais de aborrecimento. Mas o príncipe animou-se de tal modo que acabou contando anedotas, algumas bem divertidas, das quais foi o primeiro a rir, tanto que os ouvintes fizeram o mesmo, menos por causa das próprias anedotas que pelo efeito de sua contagiosa alegria. Quanto a Aglaia, quase não abriu a boca durante o serão; em compensação não deixou de ouvir Míchkin e contemplava-o com maior avidez ainda.

— Veja como o contempla; não desfita dele os olhos; bebe cada uma de suas palavras; está como que fascinada! — dizia Lisavieta Prokófievna a seu marido. — Mas se se dissesse que ela o ama, ela viraria o mundo de pernas para o ar.

— Que fazer? É o destino! — respondeu o general, erguendo os ombros. E muito tempo ainda repetiu aquela sentença que gostava de formular. Acrescentemos que, na qualidade de homem de negócios, via com mau olho muitos dos aspectos da situação presente, a começar pela sua falta de clareza. Mas estava decidido a calar-se e a

conformar sua maneira de pensar… com a de Lisavieta Prokófievna.

A alegria da família durou pouco. No dia seguinte Aglaia teve nova altercação com o príncipe, e o mesmo aconteceu em todos os dias que se seguiram. Durante horas inteiras tratava zombeteiramente o príncipe, fazendo dele quase um bobo. É verdade que passavam por vezes uma hora ou duas no jardim sob o caramanchão; mas notou-se que o príncipe lia para ela quase durante todo aquele tempo um jornal ou um livro.

— Sabe duma coisa? — interrompeu-o ela, num dia em que Míchkin lia um jornal. — Notei que sua instrução deixa enormemente a desejar. Nada sabe de uma maneira satisfatória; se lhe perguntam alguma coisa, é incapaz de dizer o que fez tal personagem, a data de tal acontecimento, o objeto de tal tratado. Causa dó.

— Já lhe disse que tenho pouca instrução — respondeu Míchkin.

— Então que lhe resta? Que estima posso ter pelo senhor depois disto? Continue sua leitura; ou antes, não, basta, pare de ler.

Naquela mesma noite provocou novo e rápido incidente que a todos pareceu muito enigmático. O Príncipe Tsch*** voltara. Mostrou-se muito afável com ele e lhe fez numerosas perguntas a respeito de Ievguéni Pávlovitch. (O Príncipe Liev Nikoláievitch ainda não tinha chegado.) De repente o Príncipe Tsch*** permitiu-se uma alusão a uma “nova e próxima mudança na família”; lembrou uma reflexão que escapara a Lisavieta Prokófievna e cujo sentido era que valeria mais a pena adiar ainda o casamento de Adelaida para celebrar as duas bodas ao mesmo tempo. A estas palavras Aglaia foi dominada por uma cólera inimaginável: tratou tudo aquilo de “suposições absurdas” e chegou a ponto de dizer, entre outras coisas, que “não tinha a intenção de substituir as amantes de quem quer que fosse”.

Estas palavras surpreenderam a todos, mas sobretudo a seus pais. Lisavieta Prokófievna insistiu, no decorrer de um conselho secreto que manteve com seu marido, em que uma explicação decisiva se realizasse com o príncipe a propósito de Nastássia Filípovna.

Ivan Fiódorovitch jurou que aquilo não passava de uma “saída”

provocada em Aglaia por um sentimento de “pudor”; aquela saída não se teria dado se o Príncipe Tsch*** não tivesse falado de casamento, porque a própria Aglaia sabia pertinentemente que não se tratava senão de uma calúnia proveniente de pessoas mal intencionadas e que Nastássia Filípovna ia casar-se com Rogójin. Acrescentou que o príncipe estava fora de causa naquele negócio, não existindo aquela ligação que lhe atribuíam e nem tendo mesmo jamais existido, para dizer toda a verdade.

Quanto ao príncipe, nada perdia de seu bom humor e continuava gozando de sua felicidade. Notava, decerto, por vezes uma expressão de tristeza e de impaciência nos olhos de Aglaia, mas atribuía esta expressão a outro motivo bem diverso e aquela nuvem furtava-se por si mesma à sua vista. Uma vez convencido, nada podia mais abalar sua convicção. Talvez sua quietude fosse excessiva; era, pelo menos, a impressão de Ipolit, que o havia encontrado por acaso no parque.

— Pois bem! Não estava eu certo no dia em que lhe disse que o senhor estava enamorado? — começou ele abordando e detendo o príncipe.

Este estendeu-lhe a mão e felicitou-o pelo seu “bom aspecto”. O próprio doente parecia ter retomado coragem, o que acontece bem frequentemente com os tísicos.

Abordando o príncipe, sua intenção era sobretudo dizer-lhe algo de ferino a respeito de seu ar feliz; mas desistiu logo dessa ideia e passou a falar de si próprio. Extravasou-se em jeremiadas intermináveis e bastante incoerentes.

— O senhor não haveria de crer — concluiu ele, — a que ponto são todos lá irritáveis, mesquinhos, egoístas, vaidosos, ordinários. Acredita que me aceitaram com a condição expressa de que eu morra o mais depressa possível? De modo que estão furiosos por ver que, em lugar de entregar a alma, sinto-me melhor. Que comédia! Aposto que o senhor não me acredita!

Míchkin absteve-se de replicar.

— Por vezes mesmo me vem a ideia de voltar a instalar-me na sua

casa — acrescentou negligentemente Ipolit. — Então o senhor não acredita que eles sejam capazes de recolher um homem com a condição de que ele trate de morrer tão depressa quanto possível?

— Pensei que ao convidá-lo eles tinham em vista um objetivo de outra natureza.

— Ah! ah! O senhor não é de todo tão simples de espírito como se gosta de dizer! Não chegou o momento, sem o que eu lhe teria revelado certas coisas a respeito desse sujeitinho Gânia e das esperanças que ele acaricia. Procuram miná-lo, príncipe: empregam-se nisso inexoravelmente e… causa mesmo dó ver o senhor adormecer em semelhante serenidade. Mas ai! o senhor não pode ser de outro modo!

— É disso que você me lamenta? — disse o príncipe, rindo. — Então, segundo você, seria mais feliz se fosse mais inquieto.

— Mais vale ser infeliz e saber que ser feliz e… enganado. O senhor parece não tomar a sério uma rivalidade… daquele lado?

— Suas alusões a uma rivalidade são um tanto cínicas, Ipolit; lamento não ter o direito de responder-lhe. Quanto a Gavrila Ardaliónovitch, você me confessará que ele dificilmente pode manter a calma após tudo o que perdeu, se ainda tiver um conhecimento mesmo parcial de seus negócios. Parece-me preferível encarar as coisas deste ângulo. Ele ainda tem tempo de emendar-se? Tem longos anos diante de si e a vida é tão rica de ensinamentos… mas, afinal de contas… afinal de contas — balbuciou o príncipe que perdera de súbito o fio das ideias, — quanto a isso de minar-me… não compreendo mesmo de que fala você; é melhor deixar de lado esta conversa, Ipolit.

— Deixemo-la de lado, no momento; tanto mais que o senhor não pode dispensar-se de exibir sua generosidade. Sim, príncipe, é preciso tocá-lo com o dedo, e mesmo então o senhor não acredita. Ah! ah! Mas diga-me: não sente agora um profundo desprezo por mim?

— Por quê? Seria pelo fato de haver você sofrido e sofrer mais do que nós?

— Não, mas porque sou indigno de meu sofrimento.

— Aquele que pôde sofrer mais que os outros é, por este mesmo fato, digno desse acréscimo de provações. Quando Aglaia Ivânovna leu sua confissão, desejou vê-lo, mas…

— Ela está usando de evasivas… isto lhe é impossível, compreendo, compreendo… — interrompeu Ipolit, como se quisesse desviar o mais depressa possível a conversação. — A propósito, dizem que foi o senhor que lhe leu em voz alta toda aquela mixórdia; na verdade, foi aquilo escrito e… feito num acesso de delírio. Não concebo como se pode ser, não digo bastante cruel (seria humilhante para mim), mas bastante pueril, vaidoso e vingativo para me censurar aquela confissão e dela servir-se como de uma arma contra mim! Não tenha receio, não é do senhor que falo…

— Mas lamento vê-lo renegar aqueles papéis, Ipolit, porque transpiram sinceridade. Mesmo as passagens mais ridículas, e elas são numerosas (Ipolit fez uma violenta careta), são resgatadas pelo sofrimento, porque era ainda afrontar o sofrimento fazer aquelas confissões e… talvez fosse um grande ato de coragem. O pensamento a que você obedeceu inspirava-se decerto em um sentimento nobre, quaisquer que tenham podido ser as aparências. Quanto mais nisso reflito, mais disso me convenço, juro-lhe. Não o julgo; dou-lhe minha opinião e lamento ter-me calado então…

Ipolit corou. Teve um momento a ideia de que o príncipe representava uma comédia e lhe estendia uma armadilha; mas observando-lhe o rosto não pôde impedir-se de crer em sua sinceridade. Suas feições tornaram-se serenas.

— E dizer que tenho de morrer! — proferiu ele (esteve a ponto de acrescentar: “um homem como eu!”). — O senhor não pode imaginar como aquele seu Gânia me causa horror: imaginou, a título de objeção, que, entre os ouvintes de minha confissão, haverá talvez três ou quatro que morram antes de mim! Que ideia! Crê que é uma consolação para mim, ah! ah! ah! Em primeiro lugar, eles ainda não estão mortos; em seguida, ainda quando essas pessoas falecessem, com efeito, antes de mim, convenha o senhor que seria para mim um

miserável conforto. Ele julga as pessoas à sua medida. Aliás, foi ele ainda mais longe; insultou-me simplesmente dizendo-me que um homem que se respeita deve em tal caso morrer em silêncio e que, em todo esse negócio, só houvera de minha parte egoísmo! É um pouco forte! Não, é nele que se encontra o egoísmo! Que refinamento, ou antes, que egoísmo espesso têm essas pessoas sem entretanto disso se aperceberem!… Leu, príncipe, a morte dum tal Stiepan Gliébov,[61] no século XVIII? Caiu-me sob os olhos ontem por acaso…

— Quem era esse tal Stiepan Gliébov?

— Um homem que morreu empalado no reinado de Pedro, o Grande.

— Ah! meu Deus! já sei quem é! Ficou quinze horas empalado, suportando um grande frio, com uma peliça nos ombros, e morreu demonstrando a mais extraordinária força calma. Sim, li isto… Mas a que quer chegar?

— Deus concede semelhantes mortes a certas pessoas; mas não a nós. Acredita o senhor que não seria eu capaz de morrer como Gliébov?

— Oh! absolutamente! — disse o príncipe, com ar confuso. — Quis somente dizer que você… ou antes eu não quis dizer que você não se parecesse com Gliébov… mas… que você… teria antes sido naquela época…

— Adivinho: quer dizer que teria eu sido um Ostermann[62] e não um Gliébov; é mesmo isto?

— Que Ostermann? — admirou-se o príncipe.

— Ostermann, o diplomata Ostermann, o contemporâneo de Pedro, o Grande — balbuciou Ipolit, um tanto confuso.

Seguiu-se um silêncio cheio de perplexidade.

— Oh! de jeito nenhum! Não foi o que quis dizer — disse Míchkin, num tom arrastado e após um momento de meditação. — Não tenho a impressão de que… você pudesse jamais ter sido um

Ostermann.

Ipolit fez uma careta.

— Vou dizer-lhe afinal por que tenho esta ideias — apressou-se em acrescentar o príncipe com a visível intenção de retificar-se. — É porque as pessoas daquela época (juro-lhe que isto sempre me feriu a atenção) eram muito diferentes das da nossa; eram como uma outra raça; sim, deveras, uma outra espécie humana… Naqueles tempos era-se de certo modo o homem duma só ideia; nossos contemporâneos são mais nervosos, mais desenvolvidos, mais sensíveis, capazes de seguir duas ou três ideias ao mesmo tempo… O homem moderno é mais amplo. Isto impede, garanto-lhe, que se seja duma só peça, como se era nos séculos passados… Eu… só pensei nisto ao fazer minha observação, não…

— Compreendo, o senhor tenta agora consolar-me da ingenuidade que empregou em me contradizer. Oh! ah! ah! O senhor é uma perfeita criança, príncipe! Em suma, noto que vocês todos me tratam como… como a uma xícara de porcelana. Isto não tem importância, não me zango. Em todo caso, nossa conversação tomou uma direção bastante engraçada; o senhor é por vezes uma perfeita criança, príncipe. Saiba entretanto que eu ambicionaria ser bem diferente de um Ostermann; não valeria a pena ressuscitar dentre os mortos para tornar-me um Ostermann… Afinal, vejo que é preciso que eu morra o mais rapidamente possível, sem o que eu mesmo… Deixe-me. Adeus! Vamos, está bem: diga-me o senhor mesmo que maneira de morrer olha como preferível para mim? Quero dizer: como a mais… virtuosa. Vamos, fale!

— Passe junto de nós perdoando-nos nossa felicidade! — disse o príncipe com voz mansa.

— Ah! ah! ah! É bem o que eu pensava! Esperava inevitavelmente algo neste estilo! No entanto, o senhor… no entanto, o senhor… Vamos, está bem! Ah! as pessoas eloquentes! Adeus! Adeus!

## Capítulo VI

A notícia dada por Varvara Ardaliónovna a seu irmão era perfeitamente exata: deveria haver um sarau na casa de campo dos Iepántchini e contava-se com a presença da Princesa Bielokónskaia. Os convites eram justamente para aquela noite. Mas ela falara disso com mais irritação do que era necessária. Sem dúvida o sarau fora decidido precipitadamente e em meio duma agitação totalmente supérflua, mas a razão estava em que, naquela família, "nada se fazia como nas outras". Tudo tinha sua explicação na impaciência de Lisavieta Prokófievna, que "não queria permanecer na incerteza", e nas palpitantes angústias que inspirava aos pais a felicidade de sua filha querida.

Além disso, a Princesa Bielokónskaia estava realmente de partida; ora, como sua proteção tinha muito peso na sociedade e esperava-se que ela se interessaria pelo príncipe, contavam os pais com a toda poderosa recomendação da "velha dama" para abrir ao noivo de Aglaia as portas da boa sociedade. Supondo-se, pois, que houve um lado insólito naquele casamento, ele apareceria muito menos sob a capa de semelhante proteção. A dificuldade estava em que os pais não eram eles próprios capazes de cortar esta questão: "oferece o casamento projetado algo de insólito e até que ponto? Ou não é tudo nele natural?". A opinião franca e amigável de pessoas de autoridade e competência teria sido bastante oportuna naquele momento em que, em consequência da atitude de Aglaia, nada de decisivo fora ainda concluído.

Em todo caso era indispensável introduzir cedo ou tarde o príncipe na sociedade, da qual não fazia ele a menor ideia. Ou, para dizer de outro modo, tinha-se a intenção de "mostrá-lo". Nem por isso devia o sarau deixar de guardar um caráter de simplicidade e só reunir "amigos da casa", em reduzido número. Além da Princesa Bielokónskaia, contava-se com a esposa dum importantíssimo personagem e alto dignitário. No referente a jovens, só se esperava Ievguéni Pávlovitch que devia, vindo, acompanhar a Princesa

Bielokónskaia.

Míchkin soubera três dias antes que aquela senhora viria, mas só ouviu falar do sarau na véspera do dia em que devia realizar-se. Notou naturalmente o semblante preocupado dos membros da família, e algumas alusões constrangidas fizeram-no compreender que não estavam muito garantidos do efeito que ele poderia produzir. Mas, instintivamente e do primeiro ao último, os Iepántchini consideravam-no como incapaz, na sua simplicidade, de perceber as inquietações que inspirava; assim olhavam-no todos com um sentimento íntimo de ansiedade.

Ele não ligava, aliás, quase nenhuma importância ao acontecimento; bem outra era sua preocupação. Aglaia tornava-se de hora em hora mais caprichosa e mais sombria; isto o matava. Quando soube que Ievguéni era também esperado, manifestou viva alegria e disse que havia muito desejava vê-lo. Por uma razão que não conseguiu discernir, essas palavras desagradaram a todos. Aglaia saiu da sala mal-humorada; somente tarde da noite, passadas as onze horas, no momento em que o príncipe ia retirar-se, aproveitou ela a ocasião de levá-lo à porta para dizer-lhe algumas palavras a sós.

— Desejaria que não viesse aqui em casa amanhã durante o dia e só aparecesse à noite, quando todos esses… convidados já estiverem aqui. Sabe que damos uma recepção?

Pronunciou ela suas palavras num tom de impaciência e de dureza; era a primeira vez que fazia alusão ao sarau. Também a ela a ideia daquela recepção era quase intolerável; todos o haviam notado. Ela talvez tivesse uma furiosa vontade de caçar briga com seus pais a este propósito, mas um sentimento de altivez e de pudor havia-a retido. O príncipe compreendeu imediatamente que ela também tinha temores a respeito dele mas não queria confessar o motivo. Ele próprio experimentou de súbito uma sensação de temor.

— Sei, sim. Fui convidado — respondeu ele.

Ela sentia um constrangimento visível em ir mais longe.

— Pode-se falar-lhe seriamente, nem que fosse uma vez apenas

em sua vida? — disse ela, explodindo de cólera, sem saber por que, mas sem poder dominar-se.

— Pode, escuto-a; estou encantado — balbuciou o príncipe. Aglaia calou-se um instante, depois decidiu-se a falar, mas com uma repugnância manifesta.

— Não quis discutir com eles a este respeito: há casos em que não se pode fazê-los ouvir a razão. Sempre tive aversão por certas regras de conduta mundanas às quais mamãe se sujeita. Não falo de papai; não há nada a pedir-lhe. Mamãe é certamente uma mulher de nobre caráter; tente propor-lhe alguma coisa baixa e verá! Isto não impede que ela se incline diante desse… mundo vil. Não falo da Bielokónskaia: é uma velha má e de má natureza, mas tem espírito e sabe manter a todos na mão; tem pelo menos isto a seu favor. Oh! que baixeza! E é ridículo: sempre pertencemos à classe média, à mais média que seja; por que querer empurrar-nos para a alta sociedade? Minhas irmãs também caem na mesma extravagância; foi o Príncipe Tsch* * * quem lhes virou a cabeça. Por que está tão contente por saber que Ievguéni Pávlovitch virá?

— Escute, Aglaia — disse Míchkin, — tenho a impressão de que sente grande medo de que eu tome pau amanhã… nessa sociedade.

— Medo por sua causa? — disse Aglaia toda rubra. — Por que haverei de ter medo por sua causa? Que me importa que… se cubra de vergonha? Que é que tenho eu com isso? E como pode empregar semelhantes expressões? Que significa essa expressão “tomar pau”? É uma frase baixa e vulgar.

— É uma… frase de colegial.

— Aí está: é uma frase de colegial! Uma frase vil. Tem ao que parece a intenção de empregar termos desse gênero amanhã na conversa. Procure ainda em casa em seu dicionário outras palavras do mesmo gosto: estará certo de causar seu efeito! É pena que saiba apresentar-se convenientemente num salão; onde aprendeu isso? Saberá também beber decentemente uma xícara de chá, quando todos o olharem para ver como o fará?

— Creio que saberei.

— Tanto pior: perderei uma ocasião de rir às suas custas. Quebre pelo menos o vaso da China que está na sala. Tem valor. Faça-me o favor de quebrá-lo. É um presente. Mamãe perderá a cabeça e começará a chorar diante de toda a gente, em tanta estima o tem! Faça um desses seus gestos habituais: dê uma pancada naquele vaso e quebre-o. Sente-se de propósito a seu lado.

— Pelo contrário, procurarei sentar-me tão longe quanto possível; obrigado por ter-me alertado.

— Assim de antemão, você tem medo de seus gestos! Aposto que vai escolher um "tema" sobre o qual discorrer, um tema sério, sábio, elevado. Como isto será… de bom gosto!

— Penso que seria tolo… se não fosse a propósito.

— Escute uma vez por todas — disse ela, enfim, perdendo a paciência — se começar a tratar de um assunto como a pena de morte, ou a situação econômica da Rússia, ou a teoria segundo a qual "a beleza salvará o mundo", pois bem!… ficarei encantada e me divertirei muito, mas… previno-o: não reapareça mais diante de mim depois disso! Está-me entendendo? Falo sério! Desta vez falo seriamente!

Proferiu com efeito esta ameaça num tom sério; havia mesmo em suas palavras e no seu olhar uma expressão insólita que o príncipe jamais observara nele até então e que, decerto, não se assemelhava absolutamente a uma vontade de pilheriar.

— Pois bem! está fazendo tanta questão que terei seguramente um acesso de "loquacidade" e até mesmo… talvez… quebre o jarro. Há um momento não tinha medo, mas agora temo tudo. Estou certo de que fracassarei.

— Neste caso, cale-se. Sente-se e fique calado.

— Será impossível; estou convencido de que o temor me fará discorrer e me fará também quebrar o jarro. Talvez escorregue e me

estenda no piso encerado ou cometerei qualquer inépcia do mesmo gênero, porque isto já me aconteceu; sonharei com isto a noite inteira. Por que me falou a este respeito?

Aglaia olhou-o com olhar sombrio.

— Sabe de uma coisa? Gostaria mais de não vir cá absolutamente amanhã! Cairei doente e estará tudo feito! — disse ele, num tom decidido.

Aglaia bateu o pé e empalideceu de cólera.

— Meu Deus! Já se viu coisa semelhante?! Ele não virá, quando é especialmente para ele que… Oh! Deus! que prazer ter de tratar com semelhante… com um homem tão insensato como você!

— Está bem, virei, virei! — interrompeu o príncipe, vivamente. — E dou-lhe minha palavra de honra de que não direi uma só palavra durante toda a noite. Farei assim.

— E será muito bem. Acaba de dizer: “cairei doente”. Onde vai buscar tais expressões? É de propósito que me fala nesse tom? Procura aborrecer-me, não é?

— Perdão; é também uma frase de colegial; não a empregarei mais. Compreendo muito bem que você… tenha temores a meu respeito… (Vamos, não se zangue!) e isto me causa um prazer enorme. Não pode crer quanto tenho medo agora e quanto suas palavras me enchem de alegria. Mas todo esse temor é pueril; é absurdo, juro-lhe. Deus é testemunha, Aglaia! Só a alegria ficará! Gosto muito de vê-la tão criança, tão corajosa, tão boa menina! Ah! Aglaia, quão encantadora pode ser você!

Aglaia estava a ponto de zangar-se, mas naquele instante um sentimento que ela própria não esperava invadiu lhe de súbito toda a alma.

— Não me censurará um dia… mais tarde, as palavras grosseiras que acabo de dirigir-lhe? — perguntou bruscamente.

— Ora essa! Em que pensa? E por que cora de novo? Eis que seu

olhar se torna mais uma vez sombrio! Ele é por vezes demasiado sombrio, Aglaia. Você não tinha esse olhar outrora. Sei donde vem…

— Cale-se, cale-se!

— Não, é melhor dizê-lo. Há muito tempo que queria dizê-lo; já falei disso, mas… não bastou, porque você não me acreditou. Entre nós, há ainda assim uma criatura…

— Cale-se, cale-se, cale-se, cale-se! — interrompeu-o vivamente Aglaia, agarrando-lhe o braço com veemência e olhando-o, dominada duma espécie de terror.

Naquele momento chamaram-na. Satisfeita com aquele pretexto, deixou-o e retirou-se precipitadamente.

Míchkin teve febre a noite inteira. Coisa estranha: tinha febre todas as noites, desde algum tempo. Desta vez, num estado vizinho do delírio, uma ideia o perseguia: se no dia seguinte, diante de toda a gente, tivesse um ataque? Já não tivera ataques em estado de lucidez? Este pensamento gelou-o; viu-se, a noite inteira, numa sociedade espantosa, inaudita, no meio de gente estranha. O fato capital era que se pusera a "discorrer"; sabia que devia calar-se e, no entanto, falava todo o tempo, esforçando-se por convencer seus ouvintes de alguma coisa. Ievguéni Pávlovitch e Ipolit estavam entre os convidados e pareciam em termos de estreita intimidade.

Despertou depois das oito horas com dor de cabeça, ideias em desordem e singulares impressões. Teve um desejo impetuoso, mas irracional, de ver Rogójin e de conversar longamente com ele. A propósito de quê? Ele próprio de nada sabia. Depois, sem mais motivo, tomou a resolução de encontrar Ipolit. Tinha no coração algo tão doloroso que os incidentes que ocorreram naquela manhã, embora produzindo nele impressão intensa, não conseguiram, entretanto, esgotar toda a sua atenção. Contou-se no número desses incidentes a visita de Liébiediev.

Este veio procurá-lo bem cedo, um pouco depois das nove horas; estava quase completamente embriagado. Se bem que Míchkin se tivesse mostrado medíocre observador nos últimos tempos, nem por

isso deixou de admirar-se, como de uma coisa que saltava aos olhos, do desalinho de Liébiediev desde que o general Ívolguin saíra de sua casa, isto é, fazia três dias. Estava agora sujo e coberto de manchas, com a gravata torta e a gola do sobretudo mostrava rasgões. Chegava ao ponto de armar barulho em casa, ouvindo-se seus gritos do outro lado do pequeno pátio. Viera aparecera um dia, toda chorosa e contara diversas coisas.

Diante do príncipe, ele começou a falar num tom totalmente estranho, batendo no peito e acusando-se de não sei qual malfeito… — Está feito… recebi a recompensa de minha traição e de minha baixeza… Recebi uma bofetada! — concluiu ele, afinal, com acento trágico.

— Uma bofetada? De quem?… Tão cedo assim?

— Tão cedo assim? — repetiu Liébiediev, com um sorriso sarcástico. — A hora nada tem que ver com o caso… mesmo quando se trata dum castigo físico… mas é um castigo moral… uma bofetada moral, e não física, que recebi!…

Sentou-se de repente sem mais cerimônia e começou a contar seu caso. Como a narrativa fosse muito incoerente, Míchkin franziu o cenho e fez menção de retirar-se. Mas algumas palavras de súbito o surpreenderam. Ficou como que petrificado de surpresa… O Senhor Liébiediev contava coisas estranhas.

Tinha a princípio falado, parecia, de certa carta, a propósito da qual pronunciara o nome de Aglaia Ivânovna. Depois, inopinadamente, pusera-se a acusar em termos amargos o próprio príncipe; dava a entender que fora ofendido por ele. A crer-se nele, o príncipe havia-o, no começo, honrado com sua confiança a propósito de negócios que diziam respeito a certo "personagem" (era Nastássia Filípovna), depois havia rompido completamente com ele e havia-o afastado duma maneira ignominiosa e até mesmo ultrajante, a ponto de, na derradeira vez, haver grosseiramente evitado habilmente uma "inocente pergunta a respeito da eventualidade duma mudança próxima na casa". Com lágrimas de bêbado, confessou Liébiediev que depois daquela afronta não podia mais tolerar a situação, tanto mais quanto sabia… uma porção de coisas… por meio de Rogójin, de Nastássia Filípovna e de uma amiga desta, de Varvara Ardaliónovna… e até mesmo… e até mesmo… e até mesmo da própria Aglaia Ivânovna: "Imagine que isto se deu por intermédio de Viera, de minha bem amada Viera, minha filha única… mas sim! afinal ela não é única, pois que tenho três. Mas quem escreveu a Lisavieta Prokófievna para informá-la e ainda sob o mais profundo segredo? Ah! ah! Quem levou a seu conhecimento todos os fatos e gestos… de Nastássia Filípovna? Ah! ah! ah! quem é esse correspondente anônimo?, pergunto-lhe eu".

— Talvez seja o senhor mesmo — exclamou Míchkin.

— Justamente — replicou com dignidade o bêbado. — E hoje mesmo, às oito horas e meia, há uma meia hora… não, há três quartos de hora, fiz saber àquela nobilíssima mãe que tinha a comunicar-lhe uma aventura… sugestiva. Informei-a por um bilhete que a criada foi levar pela entrada de serviço. Ela me recebeu.

— Acaba de estar com Lisavieta Prokófievna? — perguntou Míchkin que não queria crer no que ouvia.

— Acabo de vê-la e recebi uma bofetada… moralmente falando. Ela me devolveu a carta, atirou-me mesmo à cara sem a haver aberto… e até me botou aos empurrões para fora… moralmente, não fisicamente… aliás, pouco faltou para que não fosse fisicamente!

— Que carta era essa que ela lhe lançou à cara sem abrir?

— Mas será que… ah! ah! ah! Como não lhe disse ainda? Parece-me que já lhe falei… Recebera uma cartinha para fazê-la chegar…

— Uma carta de quem? Para quem?

Certas "explicações" de Liébiediev eram extremamente difíceis de compreender e tinha-se dificuldade em destrinçar nelas o que quer que fosse. O príncipe pôde somente discernir que a carta fora entregue bem cedo por uma criada a Viera Liébiediev para que esta a fizesse chegar ao seu destino… "como precedentemente… como precedentemente, a certa personalidade e da parte da mesma pessoa…" (a uma deu a qualificação de "pessoa", à outra a de "personalidade", para marcar a baixeza desta e a grande diferença que há entre a nobilíssima e ingênua filha de um general e… uma "camélia"). Seja como for, a carta foi escrita por uma "pessoa", cujo nome começa pela letra *A*…

— Será possível? Terá ela escrito a Nastássia Filípovna? É absurdo! — exclamou Míchkin.

— Pois é assim mesmo; somente as cartas foram enviadas, se não a Nastássia Filípovna, pelo menos a Rogójin, o que dá na mesma… Houve mesmo uma carta da pessoa cujo nome começa por um A dirigida ao Sr. Tieriêntiev, para que ele a fizesse chegar — acrescentou Liébiediev, com um piscar de olhos e um sorriso.

Como ele pulava a cada instante dum assunto a outro e esquecia o que tinha começado a dizer, o príncipe calou-se para lhe permitir que contasse tudo. Mas um ponto permanecia muito obscuro: passavam as cartas pelas mãos dele ou pelas de Viera? Afirmando que escrever a Rogójin ou escrever a Nastássia Filípovna era tudo a mesma coisa, deixava ele entender que aquelas cartas, se existiam, não passavam provavelmente por ele. Tornava-se difícil compreender por qual acaso a atual pudera cair em suas mãos; o mais verossímil era que ele a houvesse subtraído duma maneira qualquer das mãos de Viera… havia-se sorrateiramente apoderado dela, levara-a a Lisavieta Prokófievna com uma intenção. Tal foi a hipótese que o príncipe acabou por admitir.

— O senhor perdeu o juízo! — exclamou, tomado de extrema perturbação.

— Não de todo, honradíssimo príncipe — replicou Liébiediev, não sem malícia. — Para falar a verdade, minha primeira ideia era de entregá-la ao senhor em mão própria para prestar-lhe serviço… mas refleti que este serviço seria mais oportuno lá e que era preferível levar tudo ao conhecimento da mais nobre das mães… tanto mais quanto já a havia eu prevenido uma vez por carta anônima. E no bilhete que enviei ainda há pouco para lhe pedir que me recebesse às oito e vinte, assinei da mesma maneira: "seu correspondente secreto". Mandaram-me entrar imediatamente, e até mesmo com certa pressa, pela escada de serviço… levando-me à presença da muito nobre mãe…

— E depois?

— O senhor já sabe: quase me bate; pouco faltou mesmo, tanto que me considero batido. Quanto à carta, atirou-me à cara. É verdade que deu mostras de que desejaria guardá-la, mas vi, notei que mudava de ideias; jogou-a, dizendo: "Já que encarregaram um indivíduo de tua laia de transmiti-la, pois bem! transmite-a!"… Estava mesmo ofendida. Que não tenha tido vergonha de dizer semelhante coisa na minha presença, prova que estava ofendida. É uma mulher de caráter violento!

— Onde se encontra agora a carta?

— Tenho-a em meu poder: ei-la.

Entregou ao príncipe o bilhete de Aglaia a Gavrila Ardaliónovitch. Era este bilhete que esse último devia mostrar triunfalmente à sua irmã duas horas mais tarde.

— Esta carta não pode ficar em suas mãos.

— Eu lha entrego, eu lha entrego — disse Liébiediev com ardor. — Agora estou de novo a seu dispor, sou todo seu, da cabeça ao coração; torno a entrar a seu serviço após uma traição passageira! Golpeie o coração, mas poupe minha barba, como dizia Tomás

Morus… na Inglaterra e na Grã Bretanha. *Mea culpa, mea culpa*, como diz o papai de Roma… isto é, o papa de Roma, mas eu o chamo de "papai de Roma".

— Esta carta deve ser imediatamente enviada — insistiu o príncipe. — Encarrego-me disso.

— Não valeria mais a pena, delicadíssimo príncipe, não seria preferível fazer… assim?

E isto dizendo, esboçou Liébiediev uma mímica estranha e obsequiosa. Pôs-se a agitar-se na cadeira como se o tivessem picado com uma agulha; piscava os olhos com ar matreiro e indicava alguma coisa com as mãos.

— O quê? — perguntou Míchkin com ar ameaçador.

— Em primeiro lugar, teria sido melhor abrir a carta! — sugeriu Liébiediev num tom insinuante e quase confidencial.

O príncipe saltou com tal expressão de cólera que Liébiediev esteve a ponto de pôr-se em fuga; mas tendo alcançado a porta, parou à espera de perdão.

— Ah! Liébiediev! como se pode, como se pode chegar a esse degrau de desordem e de baixeza em que o senhor caiu? — exclamou Míchkin, com um acento de profunda tristeza.

As feições de Liébiediev serenaram.

— Sou ordinário! Sou ordinário! — disse ele, logo se aproximando; tinha lágrimas nos olhos e batia no peito.

— Mas são infâmias!

— Precisamente: infâmias. É a palavra justa.

— Por que esse hábito de agir assim… estranhamente? No fundo, não passa o senhor… de um espião! Por que escrever uma carta anônima para alarmar… uma mulher tão nobre e tão boa? Por que afinal não teria Aglaia Ivânovna o direito de escrever a quem bem lhe

parecesse? Foi para queixar-se que o senhor foi lá hoje? Que esperava desse passo? Quem o levou a tal denúncia?

— Obedeci apenas a uma atraente curiosidade e… ao desejo de prestar serviço a uma alma nobre, sim! — balbuciou Liébiediev. — Mas agora estou inteiramente ao seu dispor, sou de novo todo seu. Enforque-me, se quiser!

— Será que se apresentou nesse estado em casa de Lisavieta Prokófievna? — perguntou Míchkin, com uma curiosidade misturada de desgosto.

— Oh! não… estava mais sóbrio… e até mesmo mais decente; foi depois de haver recebido aquela humilhação que me pus… no estado em que me vê.

— Bem, está bem! Deixe-me!

Entretanto teve de reiterar várias vezes esse pedido antes que seu visitante se decidisse afinal a partir. Mesmo depois de ter aberto a porta, Liébiediev voltou na ponta dos pés até o meio da sala e recomeçou sua mímica a respeito da maneira de abrir uma carta; mas não ousou juntar a palavra ao gesto e saiu, com um sorriso tranquilo e afável nos lábios.

De toda a sua tagarelice, bastante penosa de ouvir, um fato capital, extraordinário, se destacava: Aglaia passava por violenta crise de inquietação, de perplexidade; alguma coisa a atormentava vivamente ("o ciúme", cochichava a si mesmo Míchkin). Outra comprovação se impunha: era que, com certeza, pessoas mal intencionadas a alarmavam e já era bastante estranho que depositasse tanta confiança nelas. Sem nenhuma dúvida, desígnios particulares, talvez nefastos… em todo o caso que não se assemelhavam a nada haviam amadurecido naquela cabecinha inexperiente, mas ardente e altiva…

Essas deduções mergulharam Míchkin num extremo temor e sua perturbação foi tal que não soube mais que partido tomar. Sentia-se diante de uma eventualidade que era preciso impedir a todo preço. Olhou ainda uma vez o endereço da carta lacrada: oh! no que a ele se

referia, não tinha ele nem dúvida, nem inquietação, porque sua fé lhe impedia; a angústia que lhe suscitava aquela carta era doutra espécie: não tinha confiança em Gavrila Ardaliónovitch. E entretanto esteve a ponto de remeter-lhe a carta pessoalmente; saiu mesmo de casa com esta intenção, mas, de caminho, reconsiderou. Como que de propósito, estava quase a chegar à casa de Ptítsin, quando encontrou Kólia; encarregou-o então de entregar a carta em mãos de seu irmão, como se ela lhe tivesse sido pessoalmente confiada por Aglaia Ivânovna. Kólia não fez nenhuma pergunta e entregou a carta, de sorte que Gânia não suspeitou de que ela tivesse passado pelas mãos de tantos intermediários.

De volta a casa, rogou Míchkin a Viera Lukiánovna que viesse vê-lo e lhe disse o que era preciso para acalmá-la, porque até então estivera a procurar, chorando, aquela carta. Ficou consternada ao saber que ela lhe fora tirada por seu pai. (Mais tarde confiou-lhe haver servido, às ocultas, de intermediária entre Rogójin e Aglaia Ivânovna; não havia ocorrido ao espírito da moça que pudesse haver naquilo algo de contrário aos interesses do príncipe…)

Este último tinha as ideias em completa confusão. Quando vieram dizer-lhe, da parte de Kólia, que o general estava doente, mal compreendeu de que se tratava. Mas o forte abalo que aquele acontecimento provocou em seu espírito foi-lhe salutar. Passou quase todo o dia, até a noite, em casa de Nina Alieksándrovna (para onde naturalmente haviam transportado o doente). Não pôde prestar quase nenhum socorro, mas há pessoas cuja presença causa satisfação em certos momentos penosos. Kólia estava tremendamente abalado e chorava como se tivesse uma crise de nervos; nem por isso deixou de estar todo o tempo atarefado: saiu à procura de um médico e achou três, correu à casa do farmacêutico, do barbeiro. Reanimaram o general, mas este não recuperou o conhecimento; os médicos opinaram que “em todo o caso, estava em perigo”. Varvara e Nina Alieksándrovna não deixavam o doente. Gânia estava transtornado e abatido, mas não queria subir e temia mesmo ver seu pai; torcia as mãos e, numa conversa disparatada, que teve com o príncipe, achou meio de dizer que “era uma grande desgraça que, como de propósito, ocorria em semelhante momento”! O príncipe acreditou compreender

a alusão presente nestas últimas palavras.

Ipolit não se achava mais em casa dos Ptítsini. Ao anoitecer, chegou Liébiediev; desde a "explicação" da manhã até aquele momento havia dormido sem interrupção. Estava agora mais ou menos desembriagado e vertia lágrimas sinceras diante do estado do general, como se tratasse de seu próprio irmão. Acusava-se em altas vozes, sem dizer com exatidão qual fosse a culpa, e fatigava Nina Alieksándrovna repetindo-lhe a cada instante que era ele a causa de tudo, e nenhum outro senão ele… que só agira por amável curiosidade… e que o "defunto" (não se sabia por que se obstinava em designar assim o general que ainda estava vivo) era mesmo homem de gênio! Insistia com uma seriedade estranha a respeito o gênio do general, como se essa comprovação tivesse naquele momento enorme utilidade. Vendo a sinceridade de suas lágrimas, Nina Alieksándrovna acabou por dizer-lhe sem nenhum ar de censura e até mesmo num tom afável: "Vamos! Que Deus venha em seu auxílio; não chore, ora essa! O bom Deus o perdoará!". Estas palavras e o tom com que foram proferidas causaram em Liébiediev tal impressão que durante toda a noite não se afastou mais de Nina Alieksándrovna (e durante os dias que se seguiram, até a morte do general, ficou quase da manhã à noite em casa deles). Duas vezes no correr do dia vieram pedir notícias do velho à casa de Nina Alieksándrovna, da parte de Lisavieta Prokófievna.

A noite, às nove horas, quando o príncipe apareceu no salão dos Iepántchini, já cheio de convidados, Lisavieta Prokófievna pôs-se logo a fazer-lhe perguntas com interesse e pormenores a respeito do doente; respondeu com um tom de importância à Princesa Bielokónskaia que havia perguntado: "De que doente se trata e quem é Nina Alieksándrovna?". Aquilo agradou muito ao príncipe. Ele próprio, nas explicações que deu a Lisavieta Prokófievna, falou "muito bem", como se exprimiram mais tarde as irmãs de Aglaia: falara "com modéstia, calma e dignidade, sem palavras inúteis nem gesticulação; entrou na sala muito bem e estava decentemente trajado". Não somente não "escorregara no parquete encerado", como se receava na véspera, mas causara mesmo em toda gente uma boa impressão.

Por sua vez, depois de ter sentado e passado em revista a

assistência, notara imediatamente que aquela sociedade nada tinha de comum com os fantasmas com que Aglaia o havia amedrontado no dia anterior, nem com seus pesadelos da noite precedente. Era a primeira vez em sua vida que descobria um canto daquilo a que se dá o nome atemorizador de “o mundo”. Havia muito tempo já que, por efeito de certas intenções suas, particulares, ardia em desejo de penetrar naquele círculo encantado; de modo que estava vivamente intrigado pela primeira impressão que nele experimentaria. Essa primeira impressão foi encantadora. Desde o começo pareceu-lhe que todas aquelas pessoas estavam feitas para se juntar; que os Iepántchini não davam um “sarau” e que não tinha diante de si convidados, mas unicamente “íntimos”; ele próprio se sentia na situação dum homem que reencontra, após uma curta separação, pessoas de que é amigo devotado e das quais partilha as ideias. O encanto e a distinção de suas maneiras, sua simplicidade e sua aparente sinceridade produziam um efeito quase feérico. Não podia mesmo vir-lhe ao espírito que bonomia, nobreza de maneiras, belo espírito, sentimento elevado de dignidade, tudo isso não fosse talvez senão cenografia. Na sua maioria os convidados eram mesmo, a despeito de sua aparência exterior imponente, pessoas bastante insignificantes; sua suficiência impedia-as aliás de perceberem por si mesmas que numerosas qualidades nelas eram inconscientes, tomadas de empréstimo ou herdadas, não implicavam nenhum mérito pessoal. No encantamento de sua primeira impressão, o príncipe não foi nem mesmo tentado a suspeitar disso. Via, por exemplo, aquele velho, importante dignitário, que teria podido ser seu avô, interromper-se para dar ouvidos a um rapaz tão inexperiente como era ele, Míchkin. E aquele velho senhor não somente o escutava, mas ainda parecia fazer caso de sua opinião, tão afável se mostrava com ele, tão sincera era sua benevolência, embora fossem estranhos um ao outro e se vissem pela primeira vez. Talvez fosse aquela polidez refinada que agiu sobre a natureza ardente e impressionável de Míchkin. Talvez também tivesse chegado ele num estado de alma que o predispunha ao otimismo.

Ora, os liames que ligavam todos aqueles personagens aos Iepántchini, como os que os uniam uns aos outros, eram no íntimo muito mais frouxos do que acreditava o príncipe, desde que lhes fora apresentado e os ficara conhecendo. Havia ali pessoas que não teriam

jamais e a preço algum reconhecido os Iepántchini como seus iguais. Havia mesmo delas que se detestavam fundamentalmente; a velha Bielokónskaia toda a sua vida “desprezara” a mulher do “velho dignitário” e aquela, por sua vez, distava muito de ter afeto a Lisavieta Prokófievna.

O “dignitário”, que fora o protetor dos Iepántchini, desde a juventude deles e que naquela noite ocupava em casa deles o lugar de honra, aparecia aos olhos de Ivan Fiódorovitch com uma importância tão considerável que na sua presença teria sido o general incapaz de experimentar qualquer outro sentimento que não fosse o da veneração e do temor; teria até desprezado sinceramente a si mesmo se tivesse se acreditado um instante sequer seu igual e tivesse cessado de ver no personagem um Júpiter Olímpico.

Havia ali também pessoas que desde anos não se encontravam e só sentiam indiferença umas pelas outras, se não inimizade; apesar disso naquele momento se encontravam como se tivessem se visto na véspera, na mais cordial e na mais agradável das companhias.

A reunião não era aliás numerosa. Além da Princesa Bielokónskaia, do “velho dignitário”, que era com efeito um alto personagem, e sua esposa, notava-se ainda um oficial general, barão ou conde, de nome alemão; esse homem extraordinariamente taciturno tinha a reputação de entender de maneira maravilhosa os negócios de Estado e passava mesmo por uma espécie de sábio. Era um desses administradores olímpicos que conhecem “tudo, exceto a Rússia” e emitem a cada cinco anos “uma ideia cuja profundeza causa sensação” e cuja expressão, tornada proverbial, chega aos ouvidos das mais altas personalidades; um desses funcionários que, após uma carreira duma duração interminável (até mesmo prodigiosa), morrem geralmente numa situação muito boa, repletos de emolumentos consideráveis, se bem que nenhuma grande ação deslumbrante tenham em seu ativo e até mesmo manifestem certa aversão por elas. Era aquele general, na administração, superior imediato de Ivan Fiódorovitch, que, por impulso de um coração reconhecido e mesmo por um amor-próprio particular, olhava-o também como seu protetor, embora o outro não se considerasse de modo algum como o benfeitor de Ivan Fiódorovitch e manifestasse por ele certa indiferença;

conquanto lhe aceitasse de boa vontade os serviços diversos, seria capaz de substitui-lo imediatamente se quaisquer considerações, mesmo de ordem secundária, lhe tivessem feito sentir a oportunidade.

Havia ainda na assistência um personagem importante, de certa idade, que passava por parente de Lisavieta Prokófievna, se bem que não o fosse. Gozava de um posto e de uma situação invejáveis; era um homem rico e bem nascido, corpulento e de vigorosa saúde. Falava muito e tinha reputação de descontente (no sentido mais lícito da palavra) e até mesmo de bilioso (coisa que aliás lhe agradava). Suas maneiras eram as de um aristocrata inglês; seus gostos eram ingleses (por exemplo, gostava do rosbife sangrento, dos arreios de cavalos, do serviço dos lacaios, etc.). Era íntimo do "dignitário", a quem procurava por todo jeito. Além disso, Lisavieta Prokófievna acariciava a estranha ideias de que aquele velhote (de costumes um tanto levianos e grande amador do sexo feminino) pudesse um dia vir a pensar em querer fazer a felicidade de Alieksandra, pedindo-lhe a mão.

Abaixo desses convidados da qualidade mais elevada e mais imponente, vinha uma categoria de convidados mais jovens, mas que brilhavam igualmente pela distinção. Eram, além do Príncipe Tsch*** e de Ievguéni Pávlovitch, o encantador Príncipe N., bem conhecido pelos seus êxitos entre o belo sexo em toda a Europa. Com cerca de quarenta e cinco anos, tinha ainda um belo porte e possuía surpreendente talento narrativo. Se bem que seu patrimônio já estivesse bastante desfalcado, guardara o hábito de viver de preferência no estrangeiro.

Enfim, uma terceira categoria agrupava aquelas pessoas que não pertencem ao "círculo fechado" da sociedade, mas que podem por vezes ser nela encontradas, tais como os próprios Iepántchini. Guiados por certo tato que lhes servia de linha de conduta, gostavam os Iepántchini de misturar, nas raras ocasiões em que recebiam, a alta sociedade com as pessoas de uma camada menos elevada, representando o escol da "sociedade média". Chegava-se mesmo a elogiar os Iepántchini por isso e dizia-se deles que sabiam manter sua posição e tinham tato, elogio que os enchia de orgulho.

Um dos representantes dessa sociedade média era um engenheiro, com posto de coronel, homem sério e muito ligado ao Príncipe Tsch***, que o introduzira em casa dos Iepántchini; era aliás sóbrio de palavras na sociedade e usava ostensivamente no índice da mão direita um largo anel, sem dúvida um presente do imperador.

Havia afinal um poeta e literato de origem alemã, mas, de inspiração russa; era um homem de cerca de trinta e oito anos, de maneiras perfeitamente convenientes: podia-se sem temor introduzi-lo na boa sociedade. Tinha certo ar agradável, embora houvesse nele algo de antipático. Trajava irrepreensivelmente. Pertencia a uma família alemã das mais burguesas, porém muito considerada. Sabia aproveitar das circunstâncias para se insinuar sob a proteção dos altos personagens e ali manter-se em boas graças. Traduzira outrora do alemão em versos russos a obra de um grande poeta germânico e dera a essa tradução uma dedicatória útil. Tinha a arte de fazer valerem suas relações de amizade com um célebre poeta russo hoje falecido (há toda uma categoria de escritores que gostam assim de exibir, sua intimidade com um autor ilustre, quando este já está morto). Fora recentemente introduzido em casa dos Iepántchini pela mulher do "alto dignitário". Essa dama passava por protetora dos homens de letras e dos sábios; e, de fato, arranjara uma pensão para um ou dois escritores por intermédio de pessoas altamente colocadas, sobre as quais exercia influência. Tinha, com efeito, em seu gênero, certo ascendente. De cerca de quarenta e cinco anos (jovem portanto em relação ao marido que era um velho); fora bela e gostava ainda, graças a um defeito comum a muitas mulheres de sua idade, de se vestir com afetação. Sua inteligência era medíocre e sua competência em literatura bastante discutível. Mas proteger os homens de letras era mania nela, tanto como trajar-se com rebuscamento. Dedicavam-lhe muitas obras e traduções; dois ou três autores tinham, com sua autorização, publicado cartas que lhe haviam dirigido sobre assuntos muito importantes…

Tal era a sociedade que o príncipe tomara por moeda do melhor quilate e por ouro sem liga. Além disso, estavam todas aquelas pessoas naquela noite, como se de propósito, cheias de otimismo e encantadas consigo mesmas, Cada qual estava persuadido de que sua visita fazia

grande honra aos Iepántchini. Mas ai! Míchkin nem chegava a suspeitar de tais sutilezas. Não lhe vinha ao espírito, por exemplo, que, tendo os Iepántchini tomado uma decisão tão grave quanto aquela de que dependia a felicidade de sua filha; não teriam ousado dispensar-se de apresentá-lo, ele, o Príncipe Liev Nikoláievitch, àquele velho dignitário, protetor titulado da família. E aquele velhinho, que teria recebido com a mais perfeita calma a notícia de que uma catástrofe se abatera sobre os Iepántchini, ficaria com certeza ofendido se estes tivessem casado a filha sem consultá-lo e, por assim dizer, sem seu consentimento. O Príncipe N***, aquele encantador rapaz, indiscutivelmente cheio de espírito e de coração nas mãos, tinha a convicção absoluta de que seu aparecimento naquela noite no salão dos Iepántchini era um acontecimento comparável ao nascer do sol. Punha-os a cem pés abaixo dele e era justamente dessa nobre e cândida ideia que extraía ele sua amável desenvoltura e sua afabilidade para com eles. Sabia muito bem que teria de contar naquela noite alguma coisa para encantar a sociedade e a isso se dispunha mesmo com certo ar de inspiração. Escutando um pouco mais tarde sua narrativa, o Príncipe Liev Nikoláievitch teve a impressão de que jamais ouvira nada de comparável àquela inspiração cintilante e àquele humor cuja ingenuidade tinha algo de comovedor na boca de um Dom João como o Príncipe N***. Não suspeitava de quão velha, murcha e repisada, era aquela história, que podia passar entre os ingênuos Iepántchini por novidade, por improvisação brilhante, espontânea e sincera de um conversador encantador e espirituoso, mas que, em qualquer outro salão, teria sido julgada supremamente enfadonha. O próprio rimador alemão, se bem que afetasse tanta amabilidade quanto modéstia, não estava menos inclinado a crer que sua presença honrava a casa.

Mas Míchkin não via o avesso nem as interioridades da situação. Aglaia não previra aquele erro de cálculo. Ela mesma brilhara em todo o esplendor de sua beleza durante aquele sarau. As três moças estavam em traje de gala, mas sua aparência não era muito berrante e seus penteados apresentavam um estilo próprio. Sentada ao lado de Ievguéni Pávlovitch, Aglaia falava e brincava com ele num tom de extrema intimidade. Mostrava-se ele um tanto mais grave que de costume, sem dúvida em atenção à importância dos dignitários

presentes. Aliás era desde muito tempo conhecido nas reuniões mundanas; se bem que jovem, era olhado como participante da sociedade. Viera naquela noite com um crepe no chapéu, o que lhe valera elogios da Princesa Bielokónskaia: em circunstâncias semelhantes outro homem do mundo não teria talvez feito tanto por causa da morte de um tio semelhante. Lisavieta Prokófievna manifestou igualmente sua satisfação, mas parecia sobretudo presa de uma excessiva preocupação.

Míchkin notou que Aglaia o havia olhado uma ou duas vezes com atenção e parecera contente com seu aspecto. Pouco a pouco sentiu seu coração dilatar-se de felicidade. Os pensamentos "fantásticos" e as apreensões que o tinham antes assaltado (após sua conversa com Liébiediev) pareciam-lhe agora, através de bruscas mas frequentes evocações, como sonhos sem ligação com a realidade, inverossímeis e mesmo ridículos! (Já durante todo o dia seu desejo mais caro, se bem que inconsciente, fora demonstrar a si mesmo que não devia crer naqueles sonhos.) Falava pouco e limitava-se a responder às perguntas. Por fim, guardou um silêncio completo e ficou a ouvir os outros com o ar de um homem que está no paraíso. Pouco a pouco uma espécie de inspiração apoderou-se dele, prestes a extravasar-se na primeira ocasião… Entretanto, se retomou a palavra foi por acaso, para responder a uma pergunta e, segundo todas as aparências, sem nenhuma intenção premeditada…

## Capítulo VII

Enquanto contemplava com ar de suprema satisfação Aglaia que continuava com Ievguéni Pávlovitch e o Príncipe N*** uma conversa alegre, o personagem idoso, de maneiras de anglômano, entretinha-se, na outra extremidade do salão, com o "dignitário". No correr duma narrativa animada, ele pronunciou de repente o nome de Nikolai Andriéievitch Pávlovitch. O príncipe voltou-se imediatamente para o lado deles e se pôs a acompanhar a conversa.

Tratava-se de novos regulamentos e de certas perturbações de posse que deles resultavam para os grandes proprietários da província de Z***. O relato do anglômano devia conter algo de divertido,

porque o velhinho acabou por se pôr a rir, ao ouvir seu interlocutor extravasar sua bílis. Este expunha com facilidade, com o tom arrastado de um homem rabugento e acentuando molemente as vogais, as razões pelas quais se vira obrigado, sob o novo regime, a vender pela metade uma esplêndida propriedade que possuía naquela província, embora não tivesse propriamente necessidade de dinheiro. Ao mesmo tempo, era-lhe preciso conservar-se de posse de outra em mau estado, que só lhe dava prejuízos e o obrigava além disso a sustentar um processo oneroso. “Para evitar ainda um processo por motivo dos bens provenientes da sucessão Pávlichtchev, preferi desinteressar-me. Ainda uma ou duas heranças como essa e estarei arruinado. Havia no entanto lá umas três mil *dimiatini* de excelente terra que davam lucro!”

Ivan Fiódorovitch notara a extrema atenção que o príncipe prestava àquela conversa. Tendo-se, de súbito, aproximado dele, dissera-lhe à meia voz:

— Escuta… Ivan Pietróvitch é aparentado com o falecido Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev… Procuravas, creio, parentes?

Ivan Fiódorovitch não tivera até então olhos senão para seu chefe, o general. Mas tendo percebido, desde alguns instantes, que Liev Nikoláievitch estava notadamente isolado, experimentara certa inquietação. Assim tentava introduzi-lo mais ou menos na conversa, apresentando-o de certa forma uma segunda vez e recomendando-o às “personalidades”.

— Liev Nikoláievitch foi educado por Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev após a morte de seus pais — deixou ele ouvir, depois de ter encontrado o olhar de Ivan Pietróvitch.

— En-can-tado — observou este, — e lembro-me mesmo muito bem do senhor. Desde o momento em que Ivan Fiódorovitch nos apresentou um ao outro, eu o reconheci imediatamente, até mesmo de rosto. O senhor não mudou muito na verdade, se bem que não tivesse senão dez ou onze anos, quando o vi. Suas feições têm qualquer coisa que me ficou na memória…

— O senhor me conheceu menino? — perguntou Míchkin, numa

espécie de estupor.

— Oh! há bem tempo! — continuou Ivan Pietróvitch. — Era em Zlatoviérkhovo, onde vivia então o senhor em casa de umas minhas primas. Eu ia lá outrora bastante frequentemente; não se lembra de mim? Isto nada tem de espantoso… O senhor se achava então… em não sei que estado de doença e lembro-me bem de ter ficado impressionado ao vê-lo…

— Não me lembro de nada! — afirmou o príncipe com calor.

Ivan Pietróvitch acrescentou muito gravemente algumas palavras de explicação que surpreenderam e comoveram o príncipe: as duas velhas senhoritas, parentas do falecido Pávlichtchev, que viviam na sua propriedade de Zlatoviérkhovo e às quais confiara a educação do príncipe, eram também primas dele. Como toda a gente, não sabia Ivan Pietróvitch quase nada dos motivos a que obedecera Pávlichtchev para interessar-se assim pelo principezinho, seu pupilo. "Não pensei então em informar-me lá a respeito", disse ele; todavia mostrou que tinha excelente memória, porque até se lembrava de que a mais velha das primas, Marfa Nikítichna, era muito severa com o principezinho que lhes fora confiado; "a ponto — acrescentou ele, — de ter eu discutido uma vez com ela a propósito do senhor, porque desaprovava seu sistema de educação que consistia em prodigar varadas sobre um menino doente, o que… convenha o senhor mesmo…". A mais moça, pelo contrário, Natália Nikítichna, mostrava-se cheia de ternura pelo pobre menino… Devem estar agora as duas na província de Z***, onde herdaram de Pávlichtchev uma propriedade bem bonitinha (mas estarão ainda vivas? Não sei de nada). Marfa Nikítichna tinha, eu creio, a intenção de entrar para um convento; aliás, não o afirmo: pode ser que tenha eu ouvido isto a propósito de outra pessoa… Ah! já sei: disseram isto a propósito da mulher de um médico…

Míchkin escutava aquelas palavras, com olhos brilhantes de alegria e de enternecimento. Declarou por sua vez, com uma vivacidade extraordinária, que não perdoaria jamais a si próprio ter viajado pelo interior do país, durante os seis últimos meses e não ter achado ocasião de ir ver suas antigas educadoras. Cada dia tivera intenção de fazê-lo, mas fora constantemente impedido disso pelas

circunstâncias… Desta vez, entretanto, estava bastante disposto a dirigir-se a qualquer custo à província de Z***.

— De modo que o senhor conhece Natália Nikítichna? Que admirável, que santa mulher! Marfa Nikítichna também… desculpe-me, mas parece-me que o senhor se engana a seu respeito. Ela era severa, mas… como não perder a paciência… com o idiota que era eu então? (Ih! ih! ih!) Na verdade, era eu completamente idiota naquele tempo, não o acredita? (Ah! ah! ah!) Aliás… aliás o senhor me viu naquela época e… Como se dá que não me lembre do senhor, diga-me só? De modo que o senhor… ah! meu Deus! será possível que o senhor seja realmente parente de Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev?

— Ga-ran-to-lhe — disse, com um sorriso, Ivan Pietróvitch, examinando o príncipe.

— Oh! não quis absolutamente dizer que… duvidava… e afinal pode-se duvidar disso (eh! eh! eh!)… um pouco mesmo que seja? Sim, um pouco mesmo que seja? (Eh! eh! eh!) Mas eu queria dizer que o falecido Nikolai Andriéievitch Pávlichtchev era um homem admirável! um homem tão generoso! Palavra de honra!

Míchkin não se sentia oprimido, mas de certa forma “agarrado pela garganta pelo excesso de ternura de seu coração”, segundo a expressão de que se serviu Adelaida, no dia seguinte, falando com seu noivo, o Príncipe Tsch***.

— Mas, meu bom Deus! — observou Ivan Pietróvitch, rindo, — por que não posso ser mesmo o parente de um homem tão ge-nero-so?

— Deus meu! — exclamou Míchkin, cuja confusão se manifestava por uma precipitação e uma animação crescentes, — eu… disse mais uma vez uma tolice, mas… isto devia acontecer, porque eu… eu… eu… minha palavra traiu de novo meu pensamento! Mas também que sou eu, afinal, pergunto-lhe, diante de coisas tão interessantes… de tão enormes interesses? E em comparação com um homem tão magnânimo? Porque Deus é testemunha de que era o mais magnânimo dos homens, não é? Não é?

O príncipe tremia da cabeça aos pés. Donde lhe vinha aquela

brusca emoção, por que se deixava dominar totalmente por semelhante enternecimento, aparentemente em desproporção com o assunto da conversa, é o que teria sido difícil explicar. Mas achava-se naquele momento em tal estado de emotividade que experimentava um sentimento de ardente gratidão, sem demasiado saber de que e para com quem; talvez fosse mesmo para Ivan Pietróvitch, talvez também para com todas as pessoas presentes. Transbordava de felicidade. Ivan Pietróvitch havia acabado de sondá-lo com um olhar mais esquadrinhador; o "dignitário" fixava-o também com muita atenção. A Princesa Bielokónskaia lançava-lhe olhares coléricos e apertava os lábios. O Príncipe N***, Ievguéni Pávlovitch, o Príncipe Tsch***, as senhoritas, todo mundo parara de falar e prestava atenção. Aglaia manifestava sinais de terror e Lisavieta Prokófievna estava positivamente também com medo. Eram estranhas a mãe e as filhas: depois de ter deliberado e chegado à conclusão de que o príncipe faria melhor mantendo-se em silêncio o sarau inteiro, haviam sentido apreensão, vendo-o completamente sozinho num canto do salão, encantado com sua sorte. Alieksandra já havia pensado em atravessar todo o salão para se aproximar dele com precaução e levá-lo para seu grupo onde se encontrava o Príncipe N***, ao lado da Princesa Bielokónskaia. E agora que o príncipe se lançara a conversar, a inquietação delas redobrava.

— O senhor tem razão de dizer que era um homem admirável — disse Ivan Pietróvitch, num tom sentencioso e deixando de sorrir. — Sim… era um homem excelente. Um homem excelente e digno — acrescentou depois de uma pausa. — Digno mesmo, pode-se dizer, de toda estima — insistiu, depois de nova pausa. — E… e é bastante agradável verificar que de sua parte…

— Não foi esse Pávlichtchev que teve uma história… estranha… com um padre… o padre… esqueci seu nome, mas isto causou na ocasião grande sensação! — declarou o "dignitário", esforçando-se por lembrar-se.

— O Padre Gouraud, um jesuíta — acudiu Ivan Pietróvitch. — Sim, tem aí o senhor o que são nossos homens admiráveis e dignos de estima! No entanto, Pávlichtchev era de boa família, tinha fortuna, era camareiro e… se houvesse permanecido no serviço público… mas eis

que de repente abandona suas funções e todas as suas relações para abraçar o Catolicismo e fazer-se jesuíta. Fez isto com uma espécie de entusiasmo e quase às escâncaras. Francamente, morreu a tempo… sim; toda a gente o disse então…

O príncipe não mais se conteve.

— Pávlichtchev… Pávlichtchev convertido ao Catolicismo? É impossível! — exclamou ele, num tom de assombro.

— Como “impossível”? — murmurou Ivan Pietróviteh, num tom grave. — É muito dizer, meu caro príncipe, e o senhor há de reconhecer… Aliás, tem o senhor o falecido em tão alta estima… era com efeito um homem de um grande coração e é a isto que atribuo sobretudo o êxito daquele intrigante do Gouraud. Mas pode o senhor indagar de mim os aborrecimentos e dissabores que tive depois por causa desse caso… e precisamente com esse mesmo Gouraud! Imagine — acrescentou ele, voltando-se para o velhote, — que queriam até mesmo impugnar a herança; tive de recorrer às medidas mais enérgicas… para levá-los a desistir… porque eles sabem o que fazem. São uma gente espantosa! Mas, graças a Deus, isto se passava em Moscou; dirigi-me imediatamente ao conde e fizemos… que ele voltasse à razão…

— Não acreditará o senhor quanto me entristeceu e impressionou! — exclamou de novo o príncipe.

— Lamento-o; mas no fundo tudo aquilo não era sério e teria acabado, como sempre, em fumaça. Estou convencido disto. No verão passado — continuou, dirigindo-se de novo ao velhote, — a condessa K*** recolheu-se igualmente, dizem, a um convento católico no estrangeiro; nossos compatriotas não têm força nenhuma de resistência, quando se acham às voltas com esses… ludibriadores… sobretudo no estrangeiro.

— Tudo isso, penso eu, provém de nossa lassidão — disse, sentenciosamente, o velhote. — E depois tem essa gente uma maneira de pregar com tanta… elegância, tanta personalidade… e sabem fazer medo à gente. Fizeram medo a mim mesmo, confesso-o. Foi em 1832, em Viena; somente não sucumbi, pus-me em fuga, ah! ah! ah! Palavra

de honra! tive de pôr-me em fuga!

— Ouvi dizer então, meu bom amigo, que fugiste naquela ocasião de Viena para Paris em companhia de uma bela mulher, a Condessa Lievítskaia. Foi por causa dela e não por causa de um jesuíta que abandonaste o serviço público — interveio, de súbito, a Bielokónskaia.

— Bem! Mas tudo isso não deixou de ocorrer por causa de um jesuíta — replicou o velhote, sorrindo, à evocação duma agradável recordação. — O senhor parece ter sentimentos muito religiosos, o que é agora bastante raro entre os jovens — acrescentou ele, num tom benevolente, endereçado ao Príncipe Liev Nikoláievitch, que escutava de boca aberta e parecia sempre aterrorizado.

Era claro que o velhote desejava conhecer melhor o príncipe e tinha suas razões para começar a interessar-se vivamente por ele.

— Pávlichtchev era um espírito lúcido e um cristão, um verdadeiro cristão — declarou subitamente o príncipe Míchkin. — Como teria ele podido adotar uma confissão… que não é cristã? Porque o Catolicismo é uma fé que nada tem de cristã!

Seus olhos fulguravam e olhava em redor de si, como para abarcar toda a assistência de um só golpe de vista.

— Ora, isto é ir um pouco longe! — resmungou o velhote, lançando a Ivan Pietróvitch um olhar de surpresa.

— Então o Catolicismo não é uma confissão cristã? — perguntou este último, voltando-se na sua cadeira. — Que é então?

— É antes de tudo uma religião que nada tem de cristã — replicou Míchkin, com viva emoção e num tom excessivamente cortante: — Eis o primeiro ponto. O segundo é que, na minha opinião, o Catolicismo romano é pior que o próprio ateísmo! Sim, é esta a minha opinião! O ateísmo se limita a proclamar o nada, mas o Catolicismo vai mais longe: prega um Cristo que ele desfigurou, caluniou, vilipendiou, um Cristo contrário à verdade. Prega o Anticristo, juro-lhes! É desde muito tempo minha convicção pessoal e me fez sofrer a mim mesmo… O Catolicismo romano crê que a Igreja

não se pode manter sobre a terra sem exercer um poder político universal e apregoa: *Non possumus*! Para mim não chega mesmo a constituir uma religião; é, para falar com propriedade, a continuação do Império Romano do Ocidente; tudo nele está subordinado a esta ideia, a começar pela fé. O Papa apropriou-se de um território, de uma soberania temporal e brandiu o gládio; desde então, nada mudou a não ser ter-se acrescentado ao gládio a mentira, a intriga, a impostura, o fanatismo, a superstição e a perversidade; zombou-se dos sentimentos populares mais sagrados, mais puros, mais cândidos, mais ardentes; tudo, tudo foi trocado por dinheiro, por um miserável poder temporal. E não será isto a doutrina do Anticristo? Como não haveria o Catolicismo de engendrar o ateísmo? O ateísmo saiu do próprio Catolicismo romano! Foi pelos seus adeptos que ele começou: poderiam acreditar em si mesmos? Fortificou-se com a aversão que inspiravam; é o produto da mentira deles e de sua impotência moral. O ateísmo! Entre nós a incredulidade não se encontra ainda senão em certas castas, entre os "desarraigados", segundo a felicíssima expressão de Ievguéni Pávlovitch; mas lá na Europa, são massas enormes de povo que começam a perder a fé; outrora sua irreligião provinha da ignorância e da mentira; hoje deriva do fanatismo e do ódio contra a Igreja e contra o Cristianismo!

Míchkin parou, ofegante. Falara com intensa pressa. Estava pálido e sufocado. Os assistentes trocavam olhares espantados; afinal o velhote se pôs francamente a rir. O Príncipe N*** pegou seu lornhão e examinou atentamente Liev Nikoláievitch. O poetastro alemão saiu do canto onde até então estivera e aproximou-se da mesa, com um sorriso hostil nos lábios.

— O senhor ex-a-ge-ra muito — disse Ivan Pietróvitch, com voz arrastada, com um ar de aborrecimento e até mesmo de constrangimento. — Essa Igreja conta também com representantes dignos de todo o respeito e que são pessoas virtuosas…

— Nunca falei dos representantes da Igreja enquanto indivíduos. Falei do Catolicismo romano em sua essência, de Roma. Será que a Igreja poderá desaparecer por completo? Jamais disse isto!

— De acordo, mas tudo isso é conhecido e é supérfluo a isso

voltar; além do mais… é do domínio da Teologia…

— Oh! não, não! Não é exclusivamente do domínio da Teologia, respondo-lhe eu! Isto nos toca de muito mais perto do que pensa o senhor. Todo o nosso erro está justamente aí: não podemos ainda afazer-nos à ideia de que esta questão não é simplesmente teológica! Não se esqueça de que o socialismo é, também ele, um produto do Catolicismo e de sua essência. Como seu irmão, o ateísmo, nasceu do desespero; representa uma reação moral contra o Catolicismo, visa a apropriar-se da autoridade espiritual que a religião perdeu, a estancar a sede ardente da alma humana e a procurar a salvação, não no Cristo, mas na violência! Aqui, como no Catolicismo, vemos pessoas que querem assegurar a liberdade pela violência, a união pelo gládio e pelo sangue! "É proibido crer em Deus, é proibido possuir, é proibido ter uma personalidade, fraternidade ou morte, ao preço de dois milhões de cabeças." Foi dito: "Vós os conhecereis pelas suas obras". E não queirais acreditar que tudo isto seja anódino e sem perigo para nós. Oh! é preciso reagirmos, e o mais depressa possível! É preciso que nosso Cristo, que guardamos e que eles nem mesmo conheceram, resplandeça e afaste o Ocidente! Devemos agora erguer-nos diante deles, não para morder o anzol do jesuitismo, mas para infundir-lhes nossa civilização russa. E que não nos venham contar que eles sabem pregar com elegância como alguém disse ainda há pouco…

— Mas permita, permita! — replicou Ivan Pietróvitch, com um ar muito inquieto, lançando olhares em redor de si e manifestando mesmo sinais de terror. — Suas ideias são certamente louváveis e cheias de patriotismo, mas tudo isso é exagerado ao mais alto ponto e… melhor seria ficar nisso…

— Não, não há nenhum exagero, estou antes abaixo da verdade, precisamente porque me sinto impotente para exprimir todo o meu pensamento, mas…

— Ah! per-mi-ta!

O príncipe calou-se. Imóvel sobre sua cadeira, a cabeça erguida, lançava sobre Ivan Pietróvitch um olhar inflamado.

— Parece-me que o senhor levou ao trágico a aventura de seu

benfeitor — observou o velhote, num tom afável e sem perder a calma. — O senhor está superexcitado… talvez por causa do isolamento em que vive. Se frequentasse mais os homens (e o mundo, espero, fará boa acolhida ao jovem notável que o senhor é), acalmaria seu ardor e veria que tudo isso é muito mais simples… Aliás, esses casos são tão raros… minha opinião é que uns provêm de nossa saciedade, os outros… do tédio…

— Sim, é exatamente isto — exclamou Míchkin. — Eis uma ideia magnífica! É "o tédio", é "nosso tédio" causa disso; não é a saciedade! Nesse ponto o senhor se engana; longe de estarmos repletos, estamos sedentos! Ou, para melhor dizer, somos devorados por uma sede febril! E… não creia que seja um fenômeno tão negligenciável que dele só devamos rir; desculpe-me, é preciso saber pressentir! Quando nossos compatriotas tocam ou creem ter tocado a margem, experimentam tal alegria que se transportam logo aos extremos; por que isso? O caso de Pávlichtchev o espanta; o senhor pensa que ele ficou louco ou que sucumbiu por excesso de bondade; ora, não é isso. Não é somente para nós, é para a Europa inteira que o arrebatamento da alma russa em semelhantes circunstâncias é assunto de espanto. Quando um russo passa para o Catolicismo, não deixa de fazer-se jesuíta e se enfileira entre os membros mais ocultos da ordem. Se se torna ateu, não hesita em pedir que se extirpe pela força, isto é, também pelo gládio, a crença em Deus! Donde vem esse súbito fanatismo? Não sabe? Vem de que o russo crê ter encontrado uma pátria nova, por falta de ter percebido que tinha uma aqui, e de que essa descoberta o cumula de alegria. Encontrou a margem, a terra; nela se precipita e cobre-a de beijos! Não é somente por vaidade, não é sob o império de um sentimento de mesquinha enfatuação que os russos se fazem ateus ou jesuítas; é por angústia moral, por sede da alma, por nostalgia de um mundo mais elevado, duma terra firme, duma pátria que substitua aquela na qual deixaram de crer porque jamais a conheceram! O russo passa muito facilmente ao ateísmo, mais facilmente do que não importa qual outro povo do mundo. E nossos compatriotas não se tornam simplesmente ateus, têm fé no ateísmo, como se fosse uma nova religião; não percebem que é no nada que colocam sua fé. Tanta sede de crer temos nós! "Quem terra não tem sob seus pés, também não tem Deus." Este pensamento não é

meu. Foi-me expresso por um comerciante que era velho-crente e que encontrei em viagem. Na verdade, não se exprimiu assim; disse: “Quem renegou sua pátria, também renegou seu Deus!”. Basta que imaginem que se encontraram na Rússia homens de alta cultura capazes de entrar na seita Khlistóvstvo…[63] E em que, pergunto a mim mesmo, em que são os *khlisti* piores que os niilistas, os jesuítas, os ateus? Talvez sua doutrina seja mais profunda. Mas eis ao que leva a angústia da alma!… Mostrem aos companheiros sedentos e inflamados de Colombo as margens do Novo Mundo; descubram ao homem russo o “Mundo” russo; permitam-lhe que encontre esse ouro, esse tesouro que a terra dissimula a seus olhos! Façam-lhe ver a renovação futura de toda a humanidade e sua ressurreição, que talvez só lhe possa sobrevir pelo pensamento russo, pelo Deus russo e pelo Cristo russo, e verão que gigante poderoso e justo, prudente e dócil, se erguerá diante do mundo estupefato e aterrorizado; porque não esperam eles de nós senão o gládio e a violência e, julgando por si mesmos, não podem imaginar nosso poder sob outros aspectos exteriores que não sejam os da barbárie. Tem sido sempre assim até o presente e este preconceito só fará crescer no futuro. E…

Mas neste momento produziu-se um acontecimento que interrompeu o discurso do orador da maneira mais inesperada.

Toda aquela tirada enfebrecida, todo aquele fluxo de palavras apaixonadas e tumultuosas, exprimindo um caos de pensamentos entusiastas e desordenados que se entrechocavam, era o índice de uma disposição mental particularmente perigosa no rapaz, cuja efervescência se declara de súbito e sem razão aparente. Entre as pessoas presentes, todas aquelas que conheciam o príncipe ficaram surpresas (e algumas mesmo envergonhadas) com a sua saída, tão pouco em harmonia com sua atitude habitualmente reservada se não tímida, marcada em qualquer outra circunstância por um tato incomum e por um sentimento instintivo das mais altas conveniências. Não se chegava a compreender a causa daquele destempero, que não era certamente a revelação referente a Pávlichtchev. No canto em que se encontravam as senhoras, achava-se que ele havia enlouquecido e a Princesa Bielokónskaia confessou mais tarde que “se aquela cena tivesse durado um momento mais, ela teria fugido”. Os “velhinhos”

tinham quase perdido o sangue-frio desde o primeiro instante de estupor. Sem mover-se de sua cadeira, o general alto funcionário havia mostrado semblante de descontentamento e de severidade. O coronel mantinha uma impassibilidade absoluta. O alemão empalidecera, mas continuava a sorrir com um ar falso, olhando em torno de si para ver como os outros reagiriam. Contudo, todo aquele "escândalo" teria podido terminar da maneira mais simples e mais natural, talvez mesmo em um minuto. Ivan Fiódorovitch, que fora tomado de assombro, mas se recuperara mais depressa que os outros, fizera já diversas tentativas para pôr um dique à facúndia do príncipe; não o tendo conseguido, aproximava-se agora dele com firmeza e decisão. Um minuto mais e, se isto fosse necessário, teria talvez resolvido fazê-lo retirar-se amigavelmente, sob pretexto de que estivesse doente, o que talvez fosse verdade e de que, em todo o caso, estava ele, Ivan Fiódorovitch, plenamente convencido… Mas as coisas tomaram outro rumo.

Desde sua entrada no salão, fora Míchkin sentar-se o mais longe possível do vaso chinês a propósito do qual Aglaia tanto o havia amedrontado. Coisa apenas crível: depois do que ele lhe havia dito na véspera, uma convicção indomável, um estranho, um inverossímil pressentimento tinham-no advertido de que não poderia evitar quebrar aquele vaso, quaisquer que fossem os esforços que fizesse para conjurar semelhante desgraça. Ora, eis o que aconteceu. No curso do sarau, outras impressões tão fortes quanto agradáveis haviam-lhe invadido a alma; já falamos delas; fizeram-no esquecer-se de seu pressentimento. Quando ouvira pronunciar o nome de Pávlichtchev e que Ivan Fiódorovitch o levara para onde se achava Ivan Pietróvitch, a fim de apresentá-lo de novo a este, aproximaram-se da mesa e sentara-se numa cadeira ao lado do enorme e magnífico vaso da China colocado sobre um pedestal, quase à altura de seu cotovelo e pouco atrás dele.

No momento em que pronunciava as derradeiras palavras de seu discurso, levantou-se bruscamente, fez com o braço um gesto amplo e imprudente, e um movimento de ombros involuntário e… um grito geral reboou! O vaso oscilou, pareceu a princípio indeciso e prestes a cair sobre a cabeça de um dos velhinhos; depois pendeu de súbito para

o lado oposto, onde se encontrava o alemão, o qual teve apenas tempo de dar um salto de terror, e tombou no chão. Exclamações responderam ao barulho; preciosos destroços juncavam o tapete! O terror e o medo apoderaram-se dos presentes. Quanto ao príncipe, seria difícil e quase supérfluo descrever seus sentimentos! Mas não podemos dispensar-nos de assinalar que uma impressão singular invadiu-o justamente naquele momento e se diferenciou logo de uma multidão de outras, penosas ou aterrorizantes: o que mais o impressionava, não era a vergonha, nem o escândalo, nem o medo, nem o imprevisto do acidente, era o cumprimento da profecia! Não teria podido explicar a si mesmo o que aquela comprovação tinha de tão impressionante; sentia somente que ela lhe atingia o coração e enchia-o dum pavor quase místico. Passou-se um instante: pareceu-lhe que tudo se alargava em redor dele e que o pavor se esvanecia diante de uma sensação de luz, de alegria, de êxtase; perdeu a respiração e… Mas esse fenômeno foi de curta duração. Graças a Deus, não era aquilo! Retomou fôlego e olhou em torno de si.

Esteve muito tempo como inconsciente da confusão que o cercava. Ou antes, compreendia e via bem tudo quanto se passava, mas se sentia como fora do acontecido, tal como um personagem invisível de conto de fadas, observando numa sala onde é introduzido pessoas estranhas mas que lhe despertam interesse. Viu apanharem os cacos, ouviu conversas rápidas e percebeu que Aglaia o fixava: estava pálida e tinha um ar estranho, muito estranho, mas sem nenhuma expressão de ódio e ainda menos de cólera; examinava-o com espanto, mas seus olhos estavam cheios de simpatia, enquanto lançava aos outros um olhar faiscante. Delicioso sofrimento invadiu de repente o coração de Míchkin.

Notou afinal com estupefação que todos os presentes haviam-se tornado a sentar e até mesmo riam como se de nada se tratasse! Outro minuto se passou: a hilaridade redobrou; divertiam-se agora com seu hipnotizado mutismo, mas com bom humor e num tom cordial. Várias pessoas lhe dirigiram a palavra nos termos mais afáveis, sobretudo Lisavieta Prokófievna, que ria ao falar e dizia algo de muito gentil. De repente, sentiu Ivan Fiódorovitch bater-lhe de leve e cordialmente no ombro. Ivan Pietróvitch ria igualmente. Mas o melhor, o mais

agradável e o mais simpático foi o velhote: pegou Míchkin pela mão e, apertando-a delicadamente e nela batendo de leve com a palma de sua outra mão, exortou-o a se tranquilizar, como o teria feito com uma criança apavorada, o que agradou extremamente ao príncipe; afinal, fez com que sentasse bem perto dele. Míchkin contemplava o rosto do velho com encantamento: tinha nisso tanto prazer que mal conseguia retomar o fôlego e não tinha força para pronunciar uma palavra.

— Como? — balbuciou ele afinal. — É bem verdade que me perdoa? E… a senhora também, Lisavieta Prokófievna?

Tornaram-se mais fortes as risadas; lágrimas encheram os olhos de Míchkin; não podia ele acreditar naquilo; estava encantado.

— Decerto era um magnífico vaso. Há bem uns quinze anos que o conhecia… sim, quinze anos… — insinuou Ivan Pietróvitch.

— Ora, que grande desgraça! Também o homem chega a seu fim. Haveremos de ficar desolados por causa de um pote de barro? — disse em voz alta Lisavieta Prokófievna. — Será que isto, na verdade, tanto te abalou, Liev Nikoláievitch? — acrescentou ela, com expressão de temor. — Vamos, meu amigo, basta! Na verdade, me dás medo.

— E me perdoam tudo? Não somente o vaso, mas tudo? — perguntou o príncipe. Fez menção de se levantar, mas o velhote tornou a pegar-lhe a mão. Recusava-se a largá-lo.

— *C'est très curieux et c'est très sérieux*! — cochichou ele por cima da mesa a Ivan Pietróvitch, bastante alto aliás para que o príncipe pudesse ouvi-lo.

— Com que então não ofendi nenhum de vós? Não podeis imaginar quanto este pensamento me torna feliz. Aliás, não podia ser de outro modo: poderia eu ofender aqui a quem quer que fosse? Fazer tal suposição já seria ofender-vos.

— Acalme-se, meu amigo, o senhor exagera. Não precisa mostrar-se tão reconhecido; o sentimento é belo, mas passa da medida.

— Não vos sou apenas reconhecido… adjuro-vos, sinto-me feliz

contemplando-vos. Talvez me exprima tolamente, mas é preciso que eu fale, é preciso que me explique… ainda que não fosse senão em respeito a mim mesmo.

Era alvo de movimentos impulsivos que denotavam a perturbação e a febre; muito provavelmente suas palavras não exprimiam sempre o que teria ele querido dizer. Tinha o ar de pedir permissão para falar. Seu olhar deu com a Princesa Bielokónskaia.

— Não te constranjas, meu caro, continua, continua, não te sufoques — observou ela. — O que te aconteceu ainda há pouco veio de te teres sufocado. Mas fala sem temor; esses cavalheiros já viram muitas outras coisas e mais estranhas do que tu, não lhes causarás espanto. Deus sabe que és difícil de compreender; mas quebraste aquele vaso e fizeste medo a todos.

O príncipe escutava-a, sorrindo.

— Foi mesmo o senhor — perguntou ele, de súbito, ao velhote, — quem salvou da deportação, há três meses, o estudante Podkhúmov e o empregado Chvábrin?

O velhote corou levemente e murmurou alguma coisa para convidá-lo a acalmar-se.

— Do senhor ouvi dizer — continuou ele, dirigindo-se a Ivan Pietróvitch, — que, na província de N***, concedeu gratuitamente madeira de construção a camponeses que moravam em suas terras e tinham sofrido um incêndio, se bem que após sua emancipação tivessem agido para com o senhor de uma maneira censurável.

— Oh! é exagero! — murmurou Ivan Pietróvitch, aliás com um ar agradavelmente lisonjeado; desta vez tinha razão em falar em exagero, porque não se tratava senão de um falso boato que chegara aos ouvidos do príncipe.

— E a senhora, princesa, — continuou Míchkin, voltando-se incontinenti para a princesa Bielokónskaia, com um sorriso radiante, — não me acolheu há seis meses em Moscou e tratou como a um filho em virtude de uma carta de recomendação de Lisavieta Prokófievna?

Como a um filho seu também deu-me então um conselho que não esquecerei jamais. Lembra-se?

— Que é que te dei? — proferiu a Princesa Bielokónskaia, de mau humor. — És um bom rapaz, mas ridículo; quando te dão dois níqueis, agradeces como se te tivessem salvo a vida. Acreditas que seja louvável isso? Na realidade, é desagradável.

Estava a ponto de zangar-se totalmente, mas se pôs bruscamente a rir e desta vez com uma expressão de benevolência. O rosto de Lisavieta Prokófiévna serenou-se igualmente e Ivan Fiódorovitch ficou radiante.

— Eu bem dizia que Liev Nikoláievitch era um homem tão… um homem que… em resumo, contanto que não te ponhas a ofegar, ao falar, como o observou a princesa… — balbuciou o general, num tom de jovial satisfação, repetindo as palavras da Princesa Bielokónskaia, que o haviam impressionado.

Somente Aglaia parecia triste; entretanto continuava corada, talvez por efeito da indignação.

— Ele é realmente muito gentil — repetiu o velhote a Ivan Pietróvitch.

O príncipe se achava num estado de agitação crescente. Com a fala cada vez mais precipitada, anormal, exaltada, continuou:

— Entrei aqui com o coração atormentado, eu… eu tinha medo de vós e tinha medo de mim. Tinha principalmente medo de mim. Quando regressei a Petersburgo, prometera a mim mesmo ver, custasse o que custasse, nossos homens de primeiro plano, aqueles que pertencem às famílias de velha fonte, das quais eu mesmo faço parte, sendo dos primeiros pelo nascimento. Porque estou agora com príncipes como eu, não é verdade? Desejava conhecer-vos, era necessário, completamente necessário!… Sempre ouvira dizer muito mal de vós, mais mal que bem: tinham-me falado de vossa estreiteza de espírito, do exclusivismo dos vossos interesses, de vossa mentalidade retrógrada, de vossa pouca instrução, de vossos hábitos ridículos; oh! escreveu-se tanta coisa a vosso respeito! De modo que

estava cheio de curiosidade e de perturbação ao vir aqui hoje. Era-me preciso ver por mim mesmo e criar para mim uma convicção pessoal sobre esta questão: é verdade que a camada superior da sociedade russa não vale mais nada; que passara de seu tempo, que sua vitalidade de outrora estava esgotada e que não é mais capaz senão de morrer, embora ainda teimando em lutar por mesquinha inveja contra os homens… do futuro e barrar-lhes a passagem, sem se dar conta de que está ela própria moribunda? Já antes, dava eu bastante crédito a esta maneira de ver, porque nunca tivemos verdadeira aristocracia, além de uma casta de cortesãos que se distinguia pelo seu uniforme ou… pelo acaso; mas agora essa nobreza desapareceu completamente, não é verdade?

— Ora essa! Não é totalmente assim — disse Ivan Pietróvitch, rindo com sarcasmo.

— Bem, ei-lo de novo arrebatado! — murmurou a Princesa Bielokónskaia, perdendo a paciência.

— *Laissez-le dire*![64] Está tremendo todo — disse, em voz baixa, o velhote.

O príncipe estava decididamente fora de si.

— E que foi que vi? Vi pessoas cheias de delicadeza, de franqueza e de inteligência. Vi um velho testemunhar afetuosa atenção a um garoto como eu e escutá-lo até o fim. Vejo pessoas capazes de compreender e de perdoar; são bem russos e homens bons, quase tão bons e cordiais como os que encontrei lá fora; não valem menos em todo o caso. Imaginai minha agradável surpresa! Oh! permiti que a exprima! Ouvira muitas vezes dizer e eu mesmo muitas vezes acreditei que, no mundo, tudo se reduzia a belas maneiras, a um formalismo fora de moda, mas que a seiva estava extinta. Ora, verifico por mim mesmo agora que tal não pode ser o caso entre nós. Pode-se acreditar que sejais agora todos jesuítas e impostores? Ouvi ainda há pouco o relato do Príncipe N***. Não é esse um humor cheio de sinceridade e de espontaneidade? Não é isso verdadeira bonomia? Será que semelhantes palavras possam sair da boca de um homem… morto, de um homem cujo coração e cujo talento estariam ressequidos? Será que

mortos poderiam ter-me acolhido como vós me acolhestes? Será que não há nisto um elemento… para o futuro, um elemento que justifique as esperanças? Será que pessoas semelhantes não possam compreender e ficar para trás?

— Rogo-lhe ainda uma vez mais, acalme-se, meu caro amigo; falaremos de tudo isto num outro dia e é com prazer que eu… — disse o “dignitário” com um sorriso levemente zombeteiro.

Ivan Pietróvitch pigarreou e voltou-se em sua cadeira; Ivan Fiódorovitch recomeçou a agitar-se; seu superior, o general, ocupado em conversar com a esposa do dignitário, deixou de prestar qualquer atenção ao príncipe; mas a dama escutava-o em parte e olhava-o frequentemente.

— Pois bem! Não! É melhor que eu fale! — continuou o príncipe num novo acesso febril, dirigindo-se ao velhote num tom de confiança, até mesmo confidencialmente. — Aglaia Ivânovna proibiu-me ontem de falar e indicou-me mesmo os assuntos que eu não devia abordar; sabe que sou ridículo quando me meto a tratá-los. Estou com vinte e sete anos e dou-me conta, entretanto, de que me porto como uma criança. Não tenho o direito de exprimir meu pensamento; há muito tempo que o disse; só foi em Moscou, com Rogójin que pude falar de coração aberto… Lemos juntos Púchkin, lemo-lo inteirinho; ele não o conhecia, nem mesmo de nome… Temo sempre que meu ar ridículo comprometa meu pensamento e desacredite a ideia principal. Não tenho gesticulação feliz. Os gestos que faço são sempre fora de tempo, o que provoca risadas e envilece a ideia. Falta-me também o senso da medida, e isto é grave, é mesmo o mais grave… Sei que o melhor que posso fazer é ficar quieto e calar-me. Quando me sinto tranquilo e guardo silêncio, pareço mesmo muito razoável e tenho, além disso, vagar para refletir. Mas agora é melhor que fale. Vós me olhais com tanta benevolência que me decidi a fazê-lo; há tanto encanto em vossas feições! Ontem dei minha palavra a Aglaia Ivânovna de que me calaria durante todo o sarau.

— *Vraiment*?[65] — disse o velhote, sorrindo.

— Mas há momentos em que digo a mim mesmo que não tenho

razão em pensar assim: a sinceridade é mais importante do que o gesto, não é mesmo?

— Às vezes.

— Quero explicar-vos tudo, tudo, tudo, tudo! Oh! sim! Achais que sou um utopista? Um ideólogo? Oh! não! Juro-vos que meus pensamentos são todos tão simples… Não me acreditais? Sorris? Escutai… sou por vezes covarde porque perco a fé em mim; ainda há pouco, ao vir aqui, pensava: "Como lhes dirigirei a palavra? Em que termos travarei a conversa para que me compreendam ainda que um pouco?" Sentia viva apreensão, mas éreis vós sobretudo o objeto de meu terror. E, contudo, que razão tinha eu para temer? Não era vergonhoso o meu medo? Que importa que para um só homem progressista haja tal multidão de retrógrados e de maus? Minha alegria provém de estar eu agora convencido de que, no fundo, essa multidão não existe e que só há elementos cheios de vida. A ideia de sermos ridículos não deve aliás perturbar-nos, não é mesmo? Decerto somos; somos frívolos, temos hábitos desagradáveis, aborrecemo-nos, não sabemos ver nem compreender; somos todos assim, todos, vós, eu, e eles também! Com que então, não se agastam por me ouvirem dizer-vos em rosto que sois ridículos? Se assim é, não se pode ver em vós artífices de progresso? Vou vos dizer mesmo que é por vezes bom e mesmo melhor ser ridículo: fica-se mais inclinado ao perdão mútuo e à humildade; não nos é dado compreender tudo duma vez e a perfeição não se atinge duna só golpe! Para chegar à perfeição é preciso começar por não compreender muitas coisas. Aquele que apreende demasiado depressa, apreende sem dúvida mal. Digo isso a vós que já soubestes compreender tantas coisas… sem compreendê-las. Não sinto agora mais medo de vós; escutais sem cólera um rapaz como eu falar-vos neste tom, não é? Decerto que sim! Oh! sabereis esquecer, sabereis perdoar aqueles que vos ofenderam e também aqueles que vos não ofenderam, porque é mais difícil perdoar aqueles que vos não ofenderam, justamente porque não têm eles nenhuma culpa e, por consequência, vosso ressentimento é destituído de fundamento. Eis o que eu espera das pessoas da alta sociedade, eis o que eu tinha pressa em dizer-vos ao chegar aqui, sem saber em que termos o faria… O senhor ri, Ivan Pietróvitch? Pensa que sou um democrata, um

apologista da igualdade, que sou aqui advogado deles e que é por eles que receio? — acrescentou Míchkin, com um riso convulsivo (soltava a cada instante uma risadinha curta e exaltada). — Não, é por vós que temo, por vós todos e por nós todos ao mesmo tempo. Eu mesmo sou um príncipe de antiga linhagem em meio de outros príncipes. Falo para nossa salvação comum, a fim de que nossa casta não desapareça sem proveito algum nas trevas, porque nada previu, porque só faz discutir e tudo perder. Por que desaparecer e ceder o lugar aos outros, quando podemos manter nossas posições de vanguarda e à frente da sociedade? Sejamos homens progressistas e permaneceremos os primeiros. Tornemo-nos servidores para ser superiores.

Teve uma brusca veleidade de levantar-se de sua cadeira, mas o velhote continuava a retê-lo e fixava nele olhos em que a inquietação crescia.

— Escutai! Sei que falar não significa nada; mais vale pregar com o exemplo e pôr-se simplesmente à obra… Já comecei… e… e será que realmente pode-se ser infeliz? Oh! que importam minha aflição e minha desgraça se sinto em mim a força de ser feliz? Não compreendo, sabei-o, que se possa passar ao lado de uma árvore sem experimentar ao vê-la um sentimento de felicidade, ou falar a um homem sem ser feliz por amá-lo… Oh! as palavras me faltam para exprimir isto… mas quantas belas coisas vemos a cada passo e cuja beleza o próprio homem mais degradado sente? Olhai a criança, olhai a aurora do Criador, olhai a erva que brota, olhai os olhos que vos contemplam e que vos amam…

No curso desta tirada e, enquanto falava, o príncipe se levantara. O velhote seguia-o já com olhar de susto. Lisavieta Prokófievna agitou os braços e exclamou: “Ah! meu Deus!”. Adivinhara antes de todos o que se passava. Aglaia precipitou-se para o príncipe e chegou justamente a tempo de recebê-lo em seus braços; aterrorizada, com as feições transtornadas pelo pesar, a moça ouviu o urro selvagem do “espírito que havia feito cambalear e vencera” o desgraçado! Este jazia agora sobre o tapete e alguém lhe havia à pressa posto uma almofada sob a cabeça.

Ninguém esperara tal desenlace. Ao fim de um quarto de hora, o

Príncipe N***, Ievguéni Pávlovitch e o velhote tentaram reanimar o sarau, mas uma meia hora depois todos os convidados se separaram, não sem exprimir muitas palavras de condolências e de pesar, entremeadas de comentários sobre o incidente. Ivan Pietróvitch emitiu, entre outras, a opinião de que "aquele rapaz era eslavônio ou algo de parecido, mas que seu caso não era perigoso". O velhote não disse nada. É verdade que, em todos, no dia seguinte e no outro, aquelas disposições deram lugar a um movimento de mau humor. Ivan Pietróvitch chegou a sentir-se ofendido, embora pouco gravemente. O superior de Ivan Fiódorovitch mostrou por este, durante algum tempo, certa frieza. O alto dignitário, "protetor" dos Iepántchini, fez também, de seu lado, algumas reflexões sentenciosas ao chefe da família, acrescentando todavia em termos lisonjeadores que se interessava enormemente pela sorte de Aglaia. Era um homem que, de fato, não carecia de bondade, mas um dos motivos da curiosidade que testemunhara naquela noite pelo príncipe era a história das relações anteriores dele com Nastássia Filípovna; a pouca coisa que ouvira contar havia-o vivamente intrigado e teria querido fazer perguntas àquele respeito.

Depois do sarau, no momento de partir, disse a Princesa Bielokónskaia a Lisavieta Prokófievna:

— Que te direi? Ele é ao mesmo tempo bom e mau; se queres minha opinião, mais mau do que bom. Tu mesma vês que espécie de homem é: um doente!

Lisavieta Prokófievna decidiu em seu foro íntimo que o príncipe era um noivo "impossível" e, durante a noite, jurou a si mesma "que enquanto viva fosse, jamais casaria ele com Aglaia". Levantou-se de manhã na mesma disposição. Mas um pouco depois do meio dia, à hora do almoço, caiu numa singular contradição consigo mesma.

A uma pergunta, aliás bastante discreta de sua irmã, Aglaia replicou, num tom frio mas arrogante:

— Nunca lhe dei minha palavra, jamais o olhei como meu noivo. É-me tão indiferente como o primeiro que aparecer.

Lisavieta Prokófievna imediatamente esquentou-se.

— Não esperava essa linguagem de tua parte — disse ela num tom pesaroso. — Que seja um partido impossível, sei de sobra, e louvado seja Deus que o caso só tenha terminado desta maneira! Mas não teria acreditado que te exprimirias assim! Tinha feito de ti ideia bem diversa. Eu teria posto para fora todos os convidados de ontem para só ficar com ele. Eis a opinião que tenho dele!…

Parou de súbito, espantada com o que acabava de dizer. Ah! se tivesse podido saber até que ponto estava sendo naquele momento injusta para com sua filha! Tudo já estava decidido no espírito de Aglaia; esta também esperava sua hora, a hora decisiva para ela, e toda alusão, toda aproximação imprudente causava-lhe no coração uma ferida profunda.

## Capítulo VIII

Para Míchkin também, aquela manhã começou sob a influência de penosos pressentimentos. Talvez pudesse explicá-los pelo seu estado mórbido, mas entrava na sua tristeza algo de tão mal definido que estava naquilo a causa principal de seu sofrimento. Sem dúvida achava-se diante de casos concretos duma precisão dolorosa e pungente, mas sua tristeza ia além de tudo o que ele evocava ou imaginava; compreendia que não conseguiria sozinho acalmar sua angústia. Pouco a pouco enraizou-se nele a expectativa de um acontecimento extraordinário e decisivo que lhe sobreviria naquele dia. O ataque que tivera na véspera fora um tanto benigno; dele não lhe restavam outras perturbações senão uma disposição à hipocondria, um peso na cabeça e dores nas pernas. Seu cérebro estava relativamente lúcido, se bem que tivesse a alma dolorida. Levantou-se bastante tarde e logo a recordação da noite precedente lhe voltou com nitidez; retomou mesmo, mais ou menos, consciência de que o tinham trazido para casa uma meia hora depois de seu ataque.

Soube que os Iepántchini já haviam mandado saber notícias de sua saúde. As onze e meia, vieram pedi-las pela segunda vez; isto causou-lhe prazer. Viera Liébiediev foi uma das primeiras pessoas a visitá-lo e a oferecer-lhe seus serviços. Assim que ela o viu, desatou subitamente a chorar; mas, quando o príncipe a tranquilizou, pôs-se a

rir. Emocionou-o a viva compaixão que a moça lhe testemunhava, tomou-lhe a mão e beijou-a, o que a fez corar.

— Ah! que está fazendo! que está fazendo! — exclamou ela, com medo, retirando rapidamente sua mão.

Não tardou em deixar o quarto presa duma perturbação singular, não sem ter tido tempo de contar que seu pai correra de manhã bem cedo à casa do "defunto" (como chamava o general), a fim de saber se ele não morrera durante a noite. Acrescentara que, segundo a opinião comum, o doente não duraria muito tempo.

Antes do meio dia o próprio Liébiediev, voltando para casa, apresentou-se ao príncipe, mas somente "por um minuto e a fim de saber notícias de sua preciosa saúde", etc. Além disso, queria fazer uma visita ao "pequeno armário". Não cessava de gemer e de lançar exclamações, tanto que o príncipe não demorou em despedi-lo, o que não o impediu de aventurar perguntas a respeito do acesso da véspera, se bem que fosse evidente que já conhecesse detalhadamente o caso.

Depois dele acorreu Kólia, que também só vinha por um minuto; mas este estava realmente com pressa; dominado por veemente e sombria inquietação. Começou por pedir francamente ao príncipe, e com insistência, que lhe explicasse tudo quanto lhe ocultavam e acrescentou que já lhe haviam contado quase tudo na véspera. Sua emoção era intensa e profunda.

O príncipe contou a ele a verdade com toda a simpatia de que era capaz; expôs os fatos com completa exatidão; foi um golpe tremendo para o pobre rapaz que não achava uma palavra para dizer e se pôs silenciosamente a chorar. Míchkin sentiu que era aquela uma das impressões que ficam para sempre e que marcam na vida de um adolescente uma solução de continuidade. Apressou-se em dar-lhe parte da maneira pela qual encarava o acontecimento, acrescentando que, na sua opinião, a morte do velho provinha talvez sobretudo do terror que a má ação cometida deixara em seu coração; era uma reação de que nem toda gente teria sido capaz. Os olhos de Kólia cintilavam quando o príncipe acabou de falar:

— Que canalhas Gânia, Vária e Ptítsin! Não discutirei com eles,

mas a partir de agora cada um de nós seguirá seu caminho! Ah! príncipe, experimentei desde ontem muitos sentimentos novos; é uma lição para mim! Considero agora meu dever sustentar minha mãe; embora esteja ela em casa de Vária ao abrigo de necessidades, não é isto…

Lembrou-se de que o esperavam e levantou-se precipitadamente; depois, tendo perguntado à pressa pela saúde do príncipe e recebido a resposta, acrescentou com vivacidade:

— Não há mais outra coisa? Ouvi dizer que ontem… (aliás nada tenho com isso), mas se algum dia tiver o senhor necessidade, para o que quer que seja, dum servidor fiel, estou à sua disposição. Parece-me que nenhum de nós é feliz, não é mesmo? Mas… não lhe faço perguntas, não lhe faço perguntas…

Quando ele se retirou, Míchkin mergulhou ainda mais profundamente em suas reflexões. Todos lhe profetizavam a desgraça, todos já haviam tirado suas conclusões, todos tinham o ar de saber uma coisa que ele ignorava, Liébiediev fazia perguntas insidiosas, Kólia fazia alusões diretas, Viera chorava. Acabou por fazer um gesto de despeito. “Maldita e doentia sensibilidade!”, disse para si mesmo.

Seu rosto asserenou-se cerca das duas horas, quando viu as senhoras Iepántchini virem fazer-lhe uma visita “por um minutinho”. Era bem com efeito uma visita de um minuto que as trazia. Lisavieta Prokófievna declarara logo, após o almoço, que iriam todas juntas dar um passeio. Dissera isto num tom de comando, cortante, seco e sem explicação. Todos saíram, isto é, a mamãe, as senhoritas e o Príncipe Tsch***. Lisavieta Prokófievna enveredou diretamente numa direção oposta à que se tomava cada dia. Todos compreenderam de que se tratava, mas guardaram silêncio por temor de irritar a mamãe, que marchava à frente sem se voltar, como para evitar as censuras ou as objeções. Por fim Adelaida fez-lhe notar que não era preciso andar tão depressa para passear e que não se conseguiria acompanhá-la.

— A propósito — disse de súbito Lisavieta Prokófievna, voltando-se de repente, — estamos passando agora perto da casa dele. Pense o que pensar Aglaia e aconteça o que acontecer em seguida, não é um

estranho para nós; ainda menos agora que se sente infeliz e está doente. No que a mim se refere pelo menos, vou fazer-lhe uma visita. Siga-me quem quiser; cada qual tem liberdade de continuar seu passeio.

Naturalmente, todos entraram. O príncipe, como convinha, apressou-se em pedir mais uma vez desculpa por causa do vaso que quebrara na véspera e… por causa do escândalo.

— Ora, não é nada! — respondeu Lisavieta Prokófievna. — Não é o vaso que me causa pena, és tu. De modo que reconheces agora tu mesmo que houve escândalo: é sempre no dia seguinte de manhã que a gente vem a perceber… mas isto tampouco tem consequências, porque todos veem atualmente que não és responsável. Enfim, adeus! Se tiveres força, dá um passeio e em seguida dorme de novo, é o conselho que te dou. Se te der na veneta, vem à nossa casa como dantes. Fica convencido de uma vez por todas que, aconteça o que acontecer, continuarás ainda assim como amigo da casa, ou pelo menos meu. Posso pelo menos responder por mim…

Ouvindo protestar assim seus sentimentos, todos apressaram-se em fazer-lhe eco. Retiraram-se. Mas na sua pressa ingênua de dizer algo amável e reconfortante, praticaram uma crueldade de que a própria Lisavieta Prokófievna não se dera conta. O convite a voltar "como dantes" e a restrição "ou pelo menos meu" soavam de novo como uma advertência. O príncipe relembrou a atitude de Aglaia; sem dúvida dirigira-lhe ao entrar e ao sair um sorriso encantador, mas não proferira uma palavra, mesmo quando todos os outros haviam protestado sua amizade; todavia por duas vezes fixara nele o olhar. Seu rosto estava mais pálido que de costume, como depois de uma noite em claro. O príncipe resolveu ir sem falta vê-las na mesma noite "como dantes" e consultou febrilmente seu relógio.

Três minutos após a partida das Iepántchini, entrou Viera.

— Liev Nikoláievitch, acabo de receber um recado confidencial de Aglaia Ivânovna para o senhor.

Míchkin ficou tão emocionado que se pôs a tremer. — Um bilhete?

— Não, um recado de viva voz. Mal teve tempo de falar-me. Roga-lhe insistentemente que não se ausente durante todo o dia, nem mesmo por um minuto, até as sete horas ou mesmo nove horas da noite. Não a ouvi precisar bem este ponto.

— Mas… por que isso? Que significa isso?

— Não sei de nada. Ela apenas me encarregou imperiosamente de dar-lhe este recado.

— Empregou ela esse termo: “imperiosamente”?

— Não, ela não se exprimiu com tanta nitidez; mal teve tempo de falar-me, voltando-se. Felizmente, aproximei-me dela. Mas pela sua fisionomia via-se que se tratava duma ordem, imperiosa ou não. Olhou-me duma maneira tal que o coração me desfaleceu…

Míchkin fez ainda uma ou duas perguntas, mas não conseguiu saber mais; em contraposição, sua inquietação aumentou. Ao ficar só, estirou-se sobre o divã e recaiu em suas conjeturas: “Estará talvez alguém em casa delas antes das nove horas e tem ainda medo de que não me entregue a alguma excentricidade na presença das visitas?”, disse a si mesmo afinal e pôs-se novamente a esperar a noite com impaciência, olhando seu relógio.

Mas a explicação do enigma foi-lhe dada bem antes da noite, sob a forma de uma nova visita e mesmo de um segundo e não menos angustiante enigma: justamente uma meia hora após a partida das Iepántchini, apresentou-se Ipolit; estava tão cansado e tão extenuado que entrou sem dizer uma palavra, caiu literalmente numa cadeira como que privado de conhecimento e foi abalado por intolerável acesso de tosse acompanhada de escarros sanguíneos. Seus olhos cintilavam e manchas vermelhas apareciam-lhe nas faces. O príncipe murmurou-lhe algumas palavras a que ele não respondeu, limitando-se durante um tempo bastante longo ainda a fazer um gesto com a mão para que não o incomodassem. Afinal recuperou-se.

— Vou-me embora! — proferiu com esforço e com uma voz rouca.

— Quer que o acompanhe?… — perguntou Míchkin, levantando-se. Mas parou ao lembrar-se que acabavam de proibir-lhe que saísse.

Ipolit se pôs a rir.

— Não é da casa do senhor que me vou embora — continuou ele, com a mesma voz estertorante e sem fôlego. — Muito pelo contrário, julguei necessário vir conversar com o senhor a respeito de um negócio… sem o que não o teria incomodado. Vou para lá e desta vez definitivamente, creio. Acabou-se! Não digo isto para solicitar-lhe comiseração, asseguro-lhe… meti-me mesmo na cama esta manhã, às dez horas, com a ideia de não mais me levantar até aquele momento. Mas mudei de opinião e levantei-me ainda vez para vir aqui… porque era necessário.

— Seu estado causa pena. Deveria ter-me chamado, em vez de dar-se esse incômodo.

— Bem, basta disso. O senhor lamentou-me, portanto satisfez as exigências da polidez mundana… Ah! esquecia-me: como vai passando?

— Estou bem. Ontem não estava… completamente.

— Sei, contaram-me. O vaso da China é que se ressentiu. Que pena eu não estar lá! Mas chego ao fato. Em primeiro lugar, tive hoje o prazer de ver Gavrila Ardaliónovitch comparecer a uma entrevista com Aglaia Ivânovna perto do banco verde. Admirei a que ponto pode um homem ter um ar de tolo. Mostrei isso à própria Aglaia Ivânovna após a partida de Gavrila Ardaliónovitch… Creio que nada lhe causa espanto, príncipe — acrescentou ele, olhando com ar céptico o plácido rosto de seu interlocutor. — Dizem que não se admirar de nada é a marca de um grande espírito: na minha opinião podia-se ver nisso também o índice de uma profunda toleima… Contudo, não é no senhor que penso ao dizer isto, desculpe-me… Sinto-me muito infeliz hoje na escolha de minhas expressões.

— Sabia desde ontem que Gavrila Ardaliónovitch… — começou Míchkin, que parou, de repente, visivelmente perturbado, se bem que a Ipolit não lhe agradasse que se mostrasse tão pouco emocionado.

— Sabia? Eis uma notícia! Aliás, não se dê ao trabalho de contar-me… E não assistiu hoje à entrevista?

— Você deve saber, uma vez que você mesmo lá esteve.

— O senhor poderia ter estado oculto por trás duma moita. Contudo sinto-me alegre por sua causa, porque já pensava que Gavrila Ardaliónovitch o passara para trás.

— Peço-lhe para não me falar disso, Ipolit, sobretudo nesse tom.

— Tanto mais quanto o senhor já sabe de tudo.

— Você se engana. Nada quase me contaram e Aglaia Ivânovna sabe com certeza que não estou ao corrente de nada. Ignorava mesmo tudo dessa entrevista… Diz você que houve uma entrevista? Pois bem! Está direito, deixemos isto…

— Mas como compreendê-lo? Ora diz que sabia, ora que não sabia. Acrescenta: "Está direito, deixemos isso". Ah! isso não! Não seja tão confiante! Sobretudo se não sabe de tudo. E é justamente porque não sabe nada que é confiante. Ou conhece o senhor os cálculos daqueles dois personagens, o irmão e a irmã? Talvez suspeite… Está bem, está bem, não falemos mais nisso — acrescentou, surpreendendo um gesto de impaciência do príncipe. — Vim aqui para um negócio pessoal a respeito do qual quero… explicar-me. O diabo me carregue, nem mesmo se pode morrer sem dar uma explicação! É terrível o número de explicações que tenho a dar! Quer ouvir-me?

— Fale, escuto-o.

— Não obstante, mudo ainda de ideia: começarei ainda assim pelo que diz respeito a Gânia. Imagina o senhor isto? Marcaram também para mim hoje uma entrevista no banco verde! Não quero aliás mentir: fui eu que insisti para obter essa entrevista, prometendo revelar um segredo. Não sei se cheguei demasiado cedo (creio com efeito que adiantei a hora), mas acabava apenas de tomar lugar ao lado de Aglaia Ivânovna, quando vi aparecer Gavrila Ardaliónovitch e Vária Ardaliónovna, de braços dados como em passeio. Mostraram-se estupefatos e até mesmo confusos por me verem ali, porque não

esperavam por isso. Aglaia Ivânovna corou, e acredite o senhor o que quiser, ela mesma perdeu um tanto a compostura, quer por causa de minha presença, quer simplesmente por ver Gavrila Ardaliónovitch que estava verdadeiramente bonito demais. Afinal o fato é que ela ficou toda vermelha e desatou a situação num piscar d'olhos da maneira mais cômica. Levantou-se a meio, respondeu ao cumprimento de Gavrila Árdaliónovitch e ao sorriso obsequioso de Vária Ardaliónovna, depois disse-lhes num tom brusco e decidido: "'Quis simplesmente exprimir-lhes em pessoa a satisfação que me inspiram a sinceridade e a cordialidade de seus sentimentos; podem acreditar que, no dia em que eu tiver necessidade de fazer apelo a eles, não deixarei de fazê-lo…". Nisto os despacha com um sinal de cabeça e eles se foram, desconcertados ou triunfantes, não o saberia dizer. Quanto a Gânia, nenhuma dúvida de que haja ficado com cara de bobo: nada compreendeu e ficou rubro como uma lagosta (sua fisionomia pode por vezes mostrar uma expressão espantosa!). Mas Vária Ardaliónovna compreendeu, creio, que era preciso desaparecer o mais depressa possível e que não se podia pedir mais a Aglaia Ivânovna; arrastou seu irmão. É mais sensata que ele e estou convencido de que agora ela triunfa. Quanto a mim, fora ali para entender-me com Aglaia Ivânovna a respeito da entrevista projetada com Nastássia Filípovna.

— Com Nastássia Filípovna?! — exclamou Míchkin.

— Ah! ah! ah! Parece-me que está perdendo sua fleugma e começa a espantar-se! Estou contentíssimo por ver que o senhor quer assemelhar-se a um homem. Em troca, vou diverti-lo. Veja o que se ganha, quando se quer mostrar serviçal às jovens senhoritas de alma nobre: recebi dela hoje uma bofetada.

— Moralmente falando, entende-se! — exclamou involuntariamente Míchkin.

— Sim, não fisicamente. Creio que não haveria mão para se levantar contra um homem no meu estado; mesmo uma mulher, mesmo Gânia não me bateria! Entretanto, ontem, houve um momento em que acreditei mesmo que ele ia atirar-se contra mim… Aposto que adivinho seu pensamento neste instante. O senhor diz a si mesmo:

“Pois seja, não é preciso bater-lhe; em compensação, é bem possível, mesmo necessário sufocá-lo devidamente durante seu sono, com um travesseiro ou um pano molhado…”. Leio neste momento este pensamento em seu rosto.

— Jamais tive semelhante ideia! — protestou Míchkin, com enfado.

— Não sei… esta noite sonhei que um indivíduo me sufocava com um pano molhado… Vamos, vou lhe dizer quem era: imagine que era Rogójin! Que pensa disso? Pode-se sufocar um homem por meio de um pano molhado?

— Ignoro-o…

— Ouvi dizer que a coisa era possível. Está bem, não falemos mais disso. Agora, vejamos: por que sou eu um mexeriqueiro? Por que hoje ela me chamou de mexeriqueiro? E note que ela só fez isso depois de ter-me escutado até a derradeira palavra e até mesmo me interrogou… Eis bem as mulheres! Por meio dela foi que entrei em relações com Rogójin, personagem aliás interessante; por meio dela que arranjei um encontro com Nastássia Filípovna. Talvez a haja eu ferido no seu amor-próprio, quando deixei entender que ela queria aproveitar os “restos” de Nastássia Filípovna. Não o nego; sempre lhe repeti isto, mas o fiz no seu interesse; escrevi-lhe duas cartas neste tom e exprimi-me da mesma maneira hoje, por ocasião de nossa entrevista… Bem intimamente ainda, tomei a peito dizer-lhe que era mortificante para ela… Além disso, essa palavra “restos” não é minha; tomei-a emprestada a outros; pelo menos toda a gente a empregava em casa de Gânia, ela mesma o confirmou. Então com que direito ela me trata de mexeriqueiro? Estou vendo, estou vendo: de certo tem o senhor neste momento uma furiosa vontade de rir às minhas custas e aposto que me aplica estes versos estúpidos:

> Pode bem ser que, no meu triste declínio,
> O amor venha a brilhar, num sorriso de adeus.[66]

Ah! ah! ah! — exclamou ele, de repente, num acesso de riso convulsivo, seguido dum ataque de tosse. — Note — acrescentou com uma voz estertorante, — como esse tal Gânia é inconsequente: fala de

“restos” e ele mesmo, não é de “restos” que procura aproveitar-se?

Míchkin permaneceu muito tempo em silêncio, aterrorizado.

— Você falou de uma entrevista com Nastássia Filípovna? — balbuciou enfim.

— Vamos, será possível que o senhor verdadeiramente ignore que haverá hoje uma entrevista entre Aglaia Ivânovna e Nastássia Filípovna? Graças aos passos que dei, foi esta última convidada por intermédio de Rogójin e por iniciativa de Aglaia Ivânovna a vir expressamente de Petersburgo; encontra-se neste momento bem perto de sua casa, em companhia de Rogójin, na casa em que morava anteriormente da mesma senhora, Dária Alieksiéievna… uma amiga dela, de reputação bastante duvidosa; é lá, naquela casa equívoca, que Aglaia Ivânovna irá hoje para ter uma entrevista cordial com Nastássia Filípovna e resolver diversos problemas. Vão tratar de aritmética. Não o sabia? Palavra de honra?

— É incrível!

— Tanto melhor se é incrível. Mas donde o sabe? Entretanto, num buraco como este em que vivemos, uma mosca não pode voar sem que todo o mundo seja informado. Afinal, eu o preveni e o senhor pode ficar-me grato. Bem, até a vista! No outro mundo, provavelmente. Ainda uma palavra: se agi de modo baixo para com o senhor, é que… não tenho razão para sacrificar-lhe meus interesses. Por favor, convenha: por que tomaria os seus? Foi a ela que dediquei minha “confissão” (não o sabia?). E com que prontidão aceitou minha homenagem! Ah! ah! ah! Mas para com ela, agi sem baixeza; nada tenho de que me culpar para com ela; foi ela quem me envergonhou e pôs numa situação falsa… Aliás, mesmo para com o senhor, não tenho culpa nenhuma; se me permiti para com ela esta alusão aos “restos” e outras do mesmo gênero, em compensação lhe indico o dia, a hora e o lugar da entrevista, revelo-lhe o avesso das cartas… É claro que o falo por despeito e não por grandeza de alma. Adeus, sou tagarela como um gago ou como um tísico; abra o olho, tome suas medidas e o mais depressa possível, se é digno que o chamem de homem. A entrevista vai se realizar esta noite, com certeza.

Ipolit dirigiu-se para a porta, mas, chamado pelo príncipe, deteve-se no limiar.

— De modo que, segundo você, Aglaia Ivânovna irá hoje em pessoa à casa de Nastassia Filípovna? — perguntou Míchkin. Manchas vermelhas coloriam suas faces e sua testa.

— Não sei com certeza, mas é provável — respondeu Ipolit, lançando um olhar para trás. — Aliás, não pode ser de outra maneira. Nastássia Filípovna não irá à casa dela, não é? A entrevista não pode tampouco realizar-se em casa dos pais de Gânia, onde há um moribundo. Que me diz do general?

— Veja, somente por esta razão é impossível! — objetou o príncipe. — Como sairia ela, a supor que o queira? Você não conhece… os hábitos daquela casa. Ela não pode ir sozinha à casa de Nastássia Filípovna; é uma pilhéria!

— Vou lhe dizer uma coisa, príncipe: ninguém salta pela janela; mas em caso de incêndio o cavalheiro mais correto e a dama mais distinta não hesitarão em fazer isso. Se a necessidade se mete, forçoso será que nossa senhorita passe por ela e vá ter à casa de Nastássia Filípovna. Mas será que em casa delas, não deixam essas senhoritas ir a parte alguma?

— Não, não é o que quero dizer…

— Pois bem! Se não é o caso, será suficiente descer o patamar e seguir sempre em frente, embora não volte mais para casa. Há circunstâncias em que a gente queima seus navios e em que nos proibimos até o retorno à casa paterna; a vida não se compõe apenas de almoços, de jantares, de príncipes Tsch***! Parece-me que o senhor toma Aglaia Ivânovna por uma menininha ou por uma colegial; disse-lhe isto e ela, creio, é de minha opinião. Espere seis ou sete horas… Se eu estivesse em seu lugar, poria lá alguém de vigia para saber o momento exato em que ela deixará a casa. O senhor poderia pelo menos mandar Kólia; ele se prestaria a fazer de espião de boa vontade, esteja certo disto, no seu interesse naturalmente… tudo isto é tão relativo… Ah! ah! ah!

Ipolit saiu. Não tinha Míchkin nenhuma razão para encarregar quem quer que fosse de espionar por sua conta, mesmo se ele fosse capaz de tal procedimento. Compreendia agora, mais ou menos, por que Aglaia lhe havia dado aquela ordem de ficar em casa; talvez tivesse a intenção de vir procurá-lo. Talvez também quisesse retê-lo em casa justamente para que ele não surgisse inesperadamente na hora da entrevista… Podia ser bem este o caso. A cabeça lhe girava e parecia-lhe ver todo o quarto dançar em torno dele. Estendeu-se no divã e fechou os olhos.

Duma maneira ou doutra, o caso tomava um rumo decisivo, definitivo. Não, não tomava Aglaia por uma menininha, nem por uma colegial. Dava-se conta disso agora: havia muito tempo já que tinha medo e era justamente alguma coisa desse gênero que temia. Mas por que queria ela vê-la? Um arrepio passou-lhe por todo o corpo; estava de novo todo febril.

Não, não a considerava como uma criança! Nos últimos tempos, algumas de suas maneiras de ver, algumas de suas palavras tinham-no enchido de susto. Doutras vezes parecera-lhe que ela fazia um esforço sobre-humano para se dominar, para se conter, e lembrava-se de ter experimentado um sentimento de medo. É verdade que todos aqueles dias cuidara de não evocar aquelas recordações e de afugentar as ideias negras. Mas que se ocultava no fundo daquela alma? A questão atormentava-o desde muito tempo, se bem que tivesse fé em Aglaia. E eis que tudo aquilo iria resolver-se e esclarecer-se naquele dia mesmo! Terrível pensamento! E de novo “aquela mulher”! Por que sempre lhe parecera que ela não deixaria de intervir no momento decisivo para partir seu destino como um fio apodrecido? Se bem que semi-delirante, estava pronto a jurar que esse pressentimento jamais o deixara. Se se esforçara por esquecê-lo, naqueles derradeiros tempos, era apenas porque tinha medo. Então? Amava-a ou odiava-a? Não fez a si mesmo a pergunta uma única vez no correr do dia; nisto seu coração era puro, sabia que amava… O que o aterrorizava, não era tanto o encontro das duas mulheres, nem a estranheza desse encontro, nem seu motivo que ele não conhecia ainda, nem a incerteza que sentia quanto ao resultado da aventura; era a própria Nastássia Filípovna. Lembrou-se alguns dias mais tarde de que, naquelas horas

de febre, quase continuamente acreditou ver seus olhos, seu olhar e ouvir sua voz, sua voz que proferia palavras estranhas ainda que não lhe tivesse ficado senão pouca coisa na memória após aqueles momentos de delírio e de angústia. Guardou a vaga impressão de que Viera lhe trouxera o jantar e que havia comido, mas não se lembrou de que tivesse em seguida dormido ou não. Sabia somente que a nitidez das percepções não lhe voltara naquela noite senão a partir do momento em que Aglaia surgira subitamente no terraço. Levantara-se sobressaltado de seu divã e fora a seu encontro até o meio da peça. Eram sete horas e um quarto. Aglaia estava só; vestida simplesmente e, como que à pressa, trazia um leve manto com capuz Seu rosto estava pálido como por ocasião da derradeira entrevista deles, mas seus olhos brilhavam com um clarão vivo e frio; jamais descobrira expressão semelhante em seu olhar. Ela encarou-o atentamente.

— Você está todo pronto — disse ela em voz baixa e num tom que parecia calmo, — vestido, com o chapéu na mão; concluo disso que o preveniram. Sei quem: foi Ipolit?

— Sim, ele me falou… — balbuciou Míchkin mais morto que vivo.

— Pois bem, partamos: você sabe que é preciso absolutamente que me acompanhe. Penso que está com forças para sair.

— Tenho forças, sim, mas… será possível?

Parou de súbito e não foi mais capaz de articular uma palavra. Foi sua única tentativa para reter aquela insensata; desde aquele momento seguiu-a como um escravo. Qualquer que fosse a confusão de seus pensamentos, nem por isso deixava de compreender de que ela iria lá mesmo sem ele e que assim era ele obrigado de qualquer maneira a acompanhá-la. Adivinhava a força de resolução da moça e não se sentia capaz de deter aquele impetuoso impulso.

Caminharam em silêncio e não trocaram quase palavra alguma durante o trajeto. Notou ele somente que ela conhecia bem o caminho; quando ele lhe propôs entrarem por um beco um pouco mais afastado, porém menos frequentado, ela escutou-o, pareceu pesar o pró e o contra e respondeu laconicamente: “Dá no mesmo!”.

Quando se acharam bem perto da casa de Dária Alieksiéievna (velha e vasta construção de madeira), uma senhora suntuosamente trajada saía acompanhada de uma moça: tomaram lugar numa soberba caleça que esperava diante do patamar; riam e conversavam barulhentamente e nem um olhar sequer lançaram aos que chegavam. Depois que a caleça afastou-se, abriu-se a porta de novo e Rogójin, que os esperava, fê-los entrar e depois fechou a porta.

— Além de nós quatro não há neste momento ninguém em toda a casa — disse ele em voz alta, lançando ao príncipe um olhar estranho.

Nastássia Filípovna esperava-os na primeira peça. Estava também trajada com a maior simplicidade, toda de preto. Levantou para vir ao encontro deles, mas não sorriu e nem mesmo estendeu a mão ao príncipe. Seu olhar inquieto fixou-se com impaciência em Aglaia. Sentaram distantes uma da outra: Aglaia no sofá, a um canto da peça, e Nastássia Filípovna perto da janela. O príncipe e Rogójin ficaram de pé; ninguém os convidou a sentar, aliás. O príncipe examinou de novo Rogójin com uma perplexidade à qual se misturava uma sensação de sofrimento, mas ele mantinha nos lábios o mesmo sorriso. O silêncio prolongou-se alguns instantes ainda.

Enfim uma nuvem sinistra passou pela fisionomia de Nastássia Filípovna: seu olhar, sempre fixo na visitante, tomou uma expressão de obstinação, de dureza, quase de ódio. Aglaia estava visivelmente perturbada, mas não intimidada. Ao entrar, mal lançara um olhar à sua rival e, de pálpebras baixas, numa atitude de espera, parecia refletir. Por uma ou duas vezes e por assim dizer inadvertidamente, percorreu a sala com o olhar; seu rosto refletiu a aversão, como se tivesse temido sujar-se em semelhante lugar. Ajeitou maquinalmente seu vestido e mudou mesmo uma vez de lugar, com um ar inquieto, para se aproximar. Era duvidoso que tivesse consciência de todos os seus movimentos, mas, embora instintivos, nem por isso deixavam de ser ofensivos. Por fim decidiu-se a enfrentar com firmeza o olhar fulgurante de Nastássia Filípovna, onde imediatamente leu com nitidez o ódio de uma rival. A mulher compreendeu a mulher. Estremeceu.

— A senhora conhece, sem dúvida, a razão pela qual a convoquei

— proferiu ela ao fim de um momento, mas em voz muito baixa e até fazendo pausas por duas vezes para acabar aquela curta frase.

— Não, não sei de nada — respondeu Nastássia Filípovna, num tom seco e cortante.

Aglaia corou. Talvez lhe parecesse de súbito espantoso, inverossímil, encontrar-se agora sentada ao lado daquela mulher, na casa "daquela criatura", e sentia a necessidade de ouvir a resposta de Nastássia Filípovna. Aos primeiros acentos da voz desta, uma espécie de arrepio correu-lhe pelo corpo. Naturalmente nada de tudo isto escapou à "outra".

— A senhora compreende tudo… mas de propósito faz que não compreende — disse quase em voz baixa Aglaia, fitando no chão um olhar triste.

— Por que faria isso? — replicou Nastássia Filípovna, com um sorriso mal perceptível.

— A senhora vai abusar de minha situação… do fato de me encontrar sob seu teto — replicou Aglaia, com uma inabilidade que frisava pela ridículo.

— A senhora é que é responsável por esta situação e não eu! — exclamou com vivacidade Nastássia Filípovna. — Não fui eu quem a fez vir aqui, foi a senhora quem me convidou para esta entrevista da qual, até agora, ignoro a razão.

Aglaia ergueu a cabeça com arrogância.

— Retenha a língua; não vim aqui para lutar por meio dessa arma, que é a sua…

— Ah! De modo que então veio aqui para "lutar"? Imagine que eu a acreditava… mais espiritual…

Trocaram um olhar cujo ódio não tentaram dissimular. No entanto, uma daquelas mulheres era a mesma que escrevera pouco antes à outra cartas bastante comovedoras. Toda a simpatia desaparecera desde o primeiro encontro, desde as primeiras palavras.

Como explicar isto? Parecia que naquele minuto nenhum dos quatro personagens presentes naquela sala pensava em admirar-se. O príncipe que, ainda na véspera, não acredita na possibilidade duma cena semelhante, mesmo em sonho, a ela assistia agora com o ar de tê-la pressentido desde muito tempo. O sonho mais extravagante assumira de repente a forma da realidade mais crua e mais concreta. Naquele momento, uma das duas mulheres experimentava tal desprezo pela sua rival e tão vivo desejo de manifestar-lhe esse desprezo (talvez mesmo não tivesse vindo senão para isto, como afirmou Rogójin no dia seguinte) que a outra não pôde resguardar-se em nenhuma atitude tomada de antemão, quaisquer que fossem o capricho de seu caráter, a desordem de seu espírito e a morbidez de sua alma; nada teria resistido ao desdém cheio de fel e bem feminino de Aglaia. O príncipe estava certo de que Nastássia Filípovna não falaria das cartas em primeiro lugar; vendo-se o cintilar dos olhos da jovem mulher, adivinhava-se quanto lhe custava tê-las escrito. Mas teria dado ele a metade de sua vida para que Aglaia tampouco delas falasse.

Esta última pareceu de repente recuperar o domínio de si mesma. — A senhora não me compreendeu — disse ela. — Não vim aqui para… discutir com a senhora, embora não a estime. Vim… vim… para lhe falar humanamente. Convidando-a para esta entrevista, tinha de antemão decidido qual o assunto, e não me afastarei de minha intenção, ainda que a senhora não fosse capaz de me compreender de todo. Tanto pior para a senhora e não para mim. Queria responder ao conteúdo de suas cartas e fazê-lo de viva voz, porque isto me parecia mais cômodo. Escute, pois, minha resposta a todas as suas cartas. Tive compaixão do Príncipe Liev Nikoláievitch desde o primeiro dia em que o conheci, e este sentimento fortificou-se em mim, quando soube tudo quanto se tinha passado no seu sarau. Tive piedade dele, porque é um homem de tal simplicidade de espírito que acreditou poder ser feliz… com uma mulher… dum caráter como o seu. O que temia por ele, aconteceu: a senhora não soube amá-lo, fez que sofresse, depois abandonou-o. Se não soube amá-lo, foi por causa de seu excesso de orgulho… não, engano-me, não é orgulho que é preciso dizer, mas vaidade… e mesmo não é isto ainda: a senhora é egoísta até… a loucura; as cartas que me dirigiu são a prova disso. A senhora não poderia amar um ser tão simples como ele; talvez mesmo, em seu foro

íntimo, o tenha desprezado e ridicularizado; a senhora não podia amar senão o seu opróbrio e essa ideia fixa de que a desonraram e ultrajaram. Se fosse menor a sua ignomínia ou se mesmo não existisse de todo, a senhora haveria de sentir-se desgraçada… (Aglaia pronunciou estas palavras com uma espécie de volúpia; sua elocução era precipitada, mas empregava expressões que premeditara no tempo em que não acreditava, mesmo em sonhos, na possibilidade da entrevista atual; seguia com um olhar cheio de ódio o efeito de suas palavras no rosto transtornado de Nastássia Filípovna.) — Lembra-se de certa carta que ele me escreveu? Nela dizia que a senhora a conhecia e até mesmo a lera. Foi lendo essa carta que compreendi tudo e compreendi bem; ele mesmo confirmou-me ultimamente, palavra por palavra, tudo quanto lhe digo neste momento. Depois dessa carta, esperei. Adivinhei que a senhora seria obrigada a vir aqui, porque não poderia passar sem Petersburgo: é ainda muito jovem e muito bela para viver na província… Estas palavras não são, aliás, tampouco minhas — acrescentou ela, enquanto seu rosto ficava carmesim; a vermelhidão não haveria mais de desaparecer de seu rosto durante todo o tempo que falou. — Quando tornei a ver o príncipe, senti por ele viva dor e ofensa. Não ria; se ri, é porque é indigna de compreender isto…

— A senhora bem vê que não rio — replicou Nastássia Filípovna, num tom triste e severo.

— Aliás, isto me é indiferente, ria tanto quanto queira. Quando eu mesma o interroguei, disse-me ele que não mais a amava desde muito tempo e até mesmo que sua lembrança lhe era penosa, mas que a lamentava e que pensando na senhora sentia o coração como “para sempre traspassado”. Devo acrescentar ainda que jamais encontrei no curso de minha vida um homem que o iguale pela simplicidade nobre da alma e pela confiança sem limites. Depois de ouvi-lo, compreendi que quem quisesse poderia enganá-lo e que aquele que o tivesse enganado poderia contar com seu perdão; eis por que o amei…

Aglaia parou um instante, aterrada, perguntando a si mesma como pudera proferir aquela palavra; mas ao mesmo tempo uma imensa altivez brilhou no seu olhar, parecia que tudo doravante se lhe tornara indiferente, ainda mesmo que “aquela mulher” se pusesse a rir

da confissão que acabava de escapar-lhe.

— Disse-lhe tudo e agora deve ter decerto compreendido o que espero da senhora.

— Talvez o haja compreendido, mas diga-o a senhora mesma — respondeu calmamente Nastássia Filípovna.

O rosto de Aglaia inflamou-se de cólera.

— Queria perguntar-lhe — articulou ela num tom firme o destacando as palavras, — com que direito se imiscui nos sentimentos dele para comigo? Com que direito ousou escrever-me aquelas cartas? Com que direito declara a todo momento, a mim e a ele, que o ama, depois de havê-lo a senhora mesma abandonado e fugido de maneira tão ofensiva e… tão ignominiosa?

— Não declarei nem à senhora, nem a ele que o amava, mas… — replicou Nastássia Filípovna com esforço, — mas… a senhora tem razão, fugi dele… — acrescentou com voz quase extinta.

— Como! Não declarou “nem a ele, nem a mim” que o amava? — exclamou Aglaia. — E suas cartas? Quem lhe pediu que bancasse de correio matrimonial e me cercasse para que eu me casasse com ele? Não será isto uma declaração? Por que se interpõe entre nós? Acreditava a princípio que a senhora queria, pelo contrário, provocar em mim aversão por ele, imiscuindo-se em nossas relações, a fim de que eu rompesse com ele. Somente mais tarde é que compreendi o íntimo de seu pensamento: a senhora imaginou simplesmente executar uma ação sublime praticando todos esses fingimentos… Vejamos, seria a senhora capaz de amá-lo, a senhora que tanto ama a sua vaidade? Por que não partiu bem simplesmente daqui, em lugar de me escrever aquelas cartas ridículas? Por que não se casa agora com esse homem de bem, que tanto a ama e que lhe fez a honra de oferecer-lhe sua mão? A razão é mais do que clara: se se casar com Rogójin, como poderá continuar seu papel de mulher ultrajada? Retiraria disso até mesmo um excesso de honra! Ievguéni Pávlovitch disse da senhora que leu poesia demais e que era demasiado instruída para sua… posição; que gostava mais de ler que de trabalhar; acrescente a isto vaidade e eis todos os seus objetivos…

— E a senhora, também não é uma ociosa?

O diálogo tomara demasiado depressa um tom de crueza inesperado. Inesperado, porque Nastássia Filipovna, ao partir para Pávlovsk, abrigara ainda algumas ilusões, embora augurando mais mal do que bem daquela entrevista. Mas Aglaia fora imediatamente arrastada como numa queda em montanha e não pudera resistir à terrível sedução da vingança. Nastássia Filípovna ficou mesmo surpresa ao vê-la naquele estado; confusa desde o primeiro instante, olhava-a sem acreditar em seus olhos. Era uma mulher saturada de leituras poéticas, como o supunha Ievguéni Pavlóvitch, ou perdera simplesmente a razão, como estava convencido o príncipe? O fato é que, a despeito do cinismo insolente que exibia por vezes, era muito mais pudica, mais terna, mais confiante do que se teria tentado crer. Na verdade, havia nela muito de romanesco e de quimérico, mas ao lado do capricho encontravam-se também sentimentos fortes e profundos. O príncipe dera-se conta disso: uma expressão de sofrimento pintou-se em seu rosto. Aglaia percebeu-o e fremiu de ódio.

— Como ousa falar-me nesse tom? — disse ela, com uma intraduzível arrogância para responder à observação de Nastássia Filípovna.

— A senhora provavelmente entendeu mal — replicou esta com surpresa. — Em que tom lhe falei?

— Se quisesse ser uma mulher honesta, por que não rompeu com seu sedutor Tótski, bem simplesmente… sem tomar atitude teatral? — ripostou Aglaia, a propósito de nada.

— Que sabe a senhora de minha situação para permitir-se julgar-me? — replicou Nastássia Filípovna, toda fremente e empalidecendo terrivelmente.

— Sei que em lugar de ir trabalhar, a senhora fugiu com Rogójin, o homem do dinheiro, para depois posar de anjo decaído. Não me admira que Tótski tenha estado a ponto de dar um tiro nos miolos por causa desse anjo decaído!

— Basta! — proferiu Nastássia Filípovna, num tom de repugnância e com expressão dolorosa. — A senhora me compreendeu tanto quanto… quanto a criada de quarto de Dária Alieksiéievna, que levou há pouco seu noivo aos tribunais. Essa a compreenderia melhor…

— Suponho que é uma moça honesta que vive de seu trabalho. Por que fala com tanto desprezo de uma criada de quarto?

— Não desprezo aqueles que trabalham, mas desprezo a senhora quando fala de trabalhar.

— Se tivesse querido ser honesta, teria se tornado lavadeira.

As duas mulheres levantaram-se, pálidas, e mediram-se com o olhar.

— Aglaia, acalme-se! Está sendo injusta! — exclamou o príncipe, aterrorizado.

Rogójin não sorria mais, escutava, porém, com os lábios cerrados e os braços cruzados.

— Ora só! Olhem-na! — disse Nastássia Filípovna, tremendo de raiva. — Veja, essa senhorita! E eu que a tomava por um anjo! Como veio aqui sem sua governanta, Aglaia Ivânovna Quer… quer que lhe diga imediatamente, bem na cara, sem disfarce, por que veio ver-me? Teve medo, eis por que veio!

— Medo de você? — perguntou Aglaia fora de si, no seu ingênuo e insolente assombro de ver sua rival ousar falar-lhe daquele modo.

— Sim, medo de mim! Se se decidiu a vir aqui, é que tinha medo de mim. Não se despreza a quem se teme. Quando penso que pude respeitá-la, mesmo até este momento! E quer que lhe diga a causa de suas apreensões a meu respeito e o fim principal de sua visita? Quis indagar por si mesma a qual de nós duas ele tem mais amor. Porque a senhora é terrivelmente ciumenta…

— Ele já me disse que a odiava… — balbuciou Aglaia, num fio de voz.

— Pode ser que sim; é possível que eu não seja digna dele… somente penso que a senhora mentiu! Ele não pode odiar-me e não pôde ter-lhe dito isso! Aliás estou disposta a perdoá-la… tendo em vista sua situação… se bem que tenha tido mais alta opinião a seu respeito. Acreditava-a mais inteligente e mais bela também, palavra!… Enfim, fique com seu tesouro… Veja, ele a olha, não está em si! Leve-o, mas com uma condição: saia daqui imediatamente! Saia neste mesmo instante!…

Deixou-se cair numa cadeira, a chorar convulsivamente. Mas de súbito seus olhos brilharam com novo clarão; olhou fixamente para Aglaia e levantou-se:

— E queres que agora mesmo… eu lhe dê uma ordem, uma ordem, entendes? Não será preciso mais para que ele te abandone imediatamente, a fim de ficar junto de mim para todo o sempre e casar-se comigo; quanto a ti, voltarás correndo sozinha para tua casa. Queres? Queres? — exclamou como louca e sem talvez acreditar-se capaz de usar de tal linguagem.

Amedrontada, lançara-se Aglaia para a porta, mas deteve-se no limiar, petrificada e escutou.

— Queres que afaste Rogójin? Pensavas que ia eu casar-me com Rogójin para dar-te prazer? Mas vou gritar diante de ti: “Vai-te embora, Rogójin!” e direi ao príncipe: “Lembras-te de tua promessa?”. Meu Deus! por que desci tanto aos olhos deles? Tu, príncipe, não me garantiste que, acontecesse o que me acontecesse, tu me seguirias e não me abandonarias nunca? Não me afirmaste que me amavas, que me perdoarias tudo e que me resp… Sim, disseste isto também! E fui eu que fugi de ti, unicamente para conceder-te tua liberdade? mas agora não quero! Por que me tratou ela como a uma desavergonhada? Pergunta a Rogójin se sou uma desavergonhada, ele dirá! Agora que ela me cobriu de vergonha, e ainda por cima sob teus olhos, vais afastar-te de mim e partir com ela, de braços dados? Sê então maldito após semelhante ação, porque és o único homem em quem tive confiança. Vai-te! Rogójin, não tenho mais necessidade de ti! — exclamou ela num movimento de demência.

As palavras escapavam penosamente de seu peito; suas feições estavam alteradas, seus lábios ressequidos. Evidentemente não acreditava uma palavra do que acabava de dizer num acesso de bravata, mas queria prolongar a ilusão durante um instante ainda. A crise era tão violenta que podia provocar a morte, pelo menos assim o pensava o príncipe.

— Aí o tens! Olha-o! — gritou ela afinal para Aglaia, apontando-lhe o príncipe. — Se ele não vier imediatamente a mim, se não te largar por mim, então toma-o, cedo-o, não o quero mais!…

As duas mulheres permaneceram imóveis, como na expectativa da resposta do príncipe a quem olhavam com um ar demente. Mas ele, talvez, não tivesse percebido toda a violência daquele apelo. Era mesmo certo. Não discernia diante de si senão aquele rosto em que se liam o desespero e a loucura e cuja vista "havia traspassado seu coração para sempre", como dissera um dia a Aglaia. Não pôde tolerar por mais tempo aquele espetáculo e, mostrando Nastássia Filípovna, voltou-se para Aglaia, num tom de prece e de censura:

— Será possível? Não vê… como é ela infeliz?

Não pôde dizer mais; um olhar terrível de Aglaia tirou-lhe o uso da palavra. Viu naquele olhar tanto sofrimento e ao mesmo tempo um ódio tão imenso que juntou as mãos, lançou um grito e precipitou-se para ela. Mas era demasiado tarde. Não suportara que ele houvesse hesitado até mesmo um segundo; com o rosto oculto nas mãos, lançara-se para fora da sala, exclamando: "Ah! meu Deus!". Rogójin havia-lhe seguido os passos para abrir-lhe a porta de saída.

O príncipe precipitou-se também atrás dela, mas no limiar, dois braços o apertaram. O rosto desfeito, transtornada, Nastássia Filípovna o olhava fixamente; seus lábios arroxeados balbuciaram: — Corres atrás dela? Atrás dela?…

Caiu desmaiada nos braços dele. Levantou-a e transportou-a para seu quarto onde a instalou numa cadeira. Depois ficou curvado sobre ela, numa expectativa perplexa. Um copo d'água estava em cima de uma mesinha. Rogójin, que havia voltado, lançou um pouco do conteúdo dele no rosto da moça. Ela abriu os olhos e ficou um minuto

sem compreender; mas tendo de súbito recuperado os sentidos, estremeceu e precipitou-se para o príncipe:

— És meu, és meu! — exclamou ela. — Ela partiu, a altiva senhorita? Ah! ah! ah! — exclamou ela, num acesso de riso convulsivo. — Ah! ah! ah! Eu o havia cedido àquela senhorita! Por que isto? Por quê? Estava louca! sim, louca!… Rogójin, vai-te embora! Ah! ah! ah!

Rogójin olhou-os atentamente, tomou seu chapéu sem dizer palavra e saiu. Dez minutos mais tarde estava o príncipe sentado ao lado de Nastássia Filípovna e a contemplava, acariciando-lhe suavemente o rosto e os cabelos com ambas as mãos, como se faz a uma criança. Ria às gargalhadas, ouvindo-a rir e estava pronto a desfazer-se em lágrimas, quando a via chorar. Não dizia nada, estava atento a seu balbucio exaltado e incoerente, do qual nada compreendia, mas que escutava com um doce sorriso. Assim que via surgir novo acesso de pesar e de lágrimas, de censuras e de queixas, recomeçava a acariciar-lhe a cabeça e a passar-lhe ternamente, as mãos sobre as faces, consolando-a e convencendo-a como a uma menina.

## Capítulo IX

Duas semanas se haviam passado desde o episódio relatado no capítulo anterior. A situação dos personagens de nossa narrativa modificara-se nesse intervalo a tal ponto que nos seria extremamente difícil ir mais longe, sem entrar em explicações particulares. E, entretanto, sentimos que nosso dever é limitar-nos a uma simples exposição dos fatos e abster-nos, tanto quanto possível, desse gênero de explicação. Isto pela razão muito simples de que nós mesmos tivemos em muitos casos dificuldade em esclarecer os acontecimentos.

Semelhante advertência parecerá sem dúvida ao leitor tão estranha quão pouco inteligível: como se pode contar acontecimentos a respeito dos quais não se obteve nem uma ideia nítida, nem uma opinião pessoal? Para não nos colocarmos numa posição ainda mais falsa, trataremos de aclarar nosso pensamento por um exemplo, na

esperança de fazer o leitor benevolente compreender o embaraço diante do qual nos encontramos, com esta vantagem de que o exemplo escolhido não constituirá uma digressão, mas, pelo contrário, a continuação direta e imediata da narrativa.

Assim, quinze dias mais tarde, isto é, no começo de julho (e mesmo no curso daquelas duas semanas) a história de nosso herói, e sobretudo sua última aventura, tomaram um rumo extravagante e completamente divertido. Quase incrível e entretanto quase fora de dúvida, esta história se espalhou progressivamente em todas as ruas vizinhas das casas de campo de Liébiediev, de Ptítsin, de Dária Alieksiéievna e dos Iepántchini; em suma, em quase toda a cidade e até mesmo nos arredores. Toda a sociedade, ou pouco faltou — gente da região, moradores das casas de campo ou citadinos vindos para ouvir a orquestra — fez circular a mesma anedota com mil variantes; resultava dela que um príncipe fizera um escândalo numa casa distinta e conhecida e abandonara uma senhorita de família da qual já era noivo para se afeiçoar a uma cortesã. Rompendo todas as suas relações, desafiando as ameaças e a indignação do público manifestara, contra todas as conveniências, a intenção de desposar proximamente aquela mulher perdida, em Pávlovsk mesmo, aberta e publicamente, de cabeça erguida e encarando a todos.

Esta anedota era embelezada por vários pormenores escandalosos e neles se misturavam numerosos nomes conhecidos e importantes; apresentavam-na sob cores fantásticas e misteriosas e, por outra parte, apoiavam-na sobre fatos irrefutáveis e evidentes; tanto que a curiosidade geral que despertava e os mexericos que fazia nascer eram decerto bastante desculpáveis.

A interpretação mais isenta, mais sutil e, ao mesmo tempo, mais plausível do acontecimento fora posta em circulação pelas compadrices de alguns daqueles indivíduos sérios e razoáveis que, em cada esfera da sociedade, descobrem sempre o meio de explicar um acontecimento aos outros e encontram neste exercício não somente sua vocação, mas muitas vezes também sua consolação.

Segundo a versão deles, tratava-se de um rapaz de boa família, de um príncipe, quase rico, pobre de espírito, mas democrata e imbuído

daquele niilismo contemporâneo que o Senhor Turguéniev focalizou. O rapaz em questão, que mal sabia falar o russo, apaixonara-se pela filha do General Iepántchin e conseguira fazer-se receber na casa como noivo. Mas havia enganado aquela família com um procedimento que lembrava aquele do seminarista francês cuja aventura foi recentemente publicada. Este último, ao sair do seminário, deixara intencionalmente que lhe fosse conferido o sacerdócio, prestara-se a todos os ritos, genuflexões, beijos litúrgicos, etc., e pronunciara todos os votos; depois, no dia seguinte, numa carta pública a seu bispo, declarara que não acreditava em Deus e considerava uma infâmia enganar o povo vivendo às suas custas; assim demitia-se de sua recente dignidade e fazia publicar sua carta nos jornais liberais.

A exemplo daquele ateu, o príncipe, diziam, comparecera a um sarau solene dado pelos pais da moça, no curso do qual haviam-no apresentado a numerosos e eminentes personagens, para fazer uma espetacular profissão de fé, insultar respeitáveis dignitários e repudiar sua noiva de uma maneira pública e ultrajante. Ao resistir aos criados encarregados de expulsá-lo, quebrara um magnífico vaso da China.

Acrescentava-se um traço característico dos costumes contemporâneos: aquele jovem desmiolado amava na realidade sua noiva, a filha do general, mas rompera com ela unicamente para fazer profissão de niilismo. E, para tornar o escândalo mais estrondoso, dera-se a satisfação de desposar perante todos uma mulher perdida, a fim de demonstrar com isso que, segundo sua convicção, não havia nem mulheres perdidas, nem mulheres virtuosas, mas unicamente a mulher livre. Não acreditava nas velhas classificações mundanas, mas somente na “questão feminina”. Enfim, pretendia ele que a mulher perdida tinha a seus olhos ainda mais mérito do que aquela que não o era.

Esta explicação pareceu bastante plausível e foi adotada pela maior parte das pessoas em vilegiatura em Pávlovsk, com tanto mais facilidade por ela encontrar sua confirmação em fatos cotidianos. É verdade que muitos detalhes permaneciam incompreensíveis. Contava-se que a pobre moça amava de tal modo seu noivo (alguns diziam seu “sedutor”) que fora procurá-lo no dia seguinte ao em que a

abandonara e isto se dera na casa de sua amante. Outros asseguravam, pelo contrário, que ele a havia atraído de propósito à casa daquela mulher, por puro niilismo, isto é, para cobri-la de vergonha e de opróbrio.

Seja como for, o interesse despertado por este incidente se avivava de dia para dia, tanto mais quanto nenhuma dúvida subsistia sobre a efetiva iminência daquele escandaloso casamento.

Agora, se nos pedissem esclarecimentos — não sobre a marca niilista do acontecimento, oh! não! — mas simplesmente sobre a medida em que o casamento projetado respondia aos votos do príncipe, sobre o objeto real dos desejos de nosso herói, sobre seu estado d'alma naquele momento e sobre outras questões do mesmo gênero, estaríamos, confessemo-lo, bastante embaraçado para responder. Sabemos somente que o casamento ficou com efeito decidido e que o príncipe encarregou Liébiediev, Keller e um amigo de Liébiediev, que lhe haviam apresentado na ocasião, de tomarem todas as disposições tanto na igreja como na casa. Ordem foi dada para não se olharem despesas. Nastássia Filípovna insistira em que a cerimônia se realizasse o mais depressa possível. A insistentes pedidos de Keller, o príncipe escolheu-o para cavalheiro de honra. A noiva, por seu lado, escolheu Burdóvski, que consentiu com entusiasmo. E o casamento foi marcado para o começo de julho.

Além dessas precisões da maior exatidão, conhecemos ainda certos detalhes que positivamente nos desconcertam, porque estão em contradição com o que precede. É assim que temos toda a razão de crer que o príncipe, depois de ter encarregado Liébiediev e colegas de fazer todos os preparativos, esqueceu-se quase imediatamente de mestre-de-cerimônia, cavalheiros de honra e casamento. Talvez se tivesse apressado em se livrar dessas preocupações sobre outros com o único fim de não mais pensar naquilo ele próprio, e mesmo apagá-las o mais depressa possível de sua memória.

Mas neste caso, em que pensava ele? De que queria guardar lembrança? Quais eram suas intenções? Não é duvidoso que não haja sofrido nenhum constrangimento (por exemplo da parte de Nastássia Filípovna). Fora bem esta última que quisera apressar o casamento;

fora ela e não o príncipe quem imaginara aquele casamento; mas dera ele seu livre consentimento e até mesmo o fizera com ar distraído, como se se tivesse tratado duma coisa bastante banal.

Conhecemos grande número de fatos tão estranhos quanto este, mas, na nossa opinião, longe de contribuir para esclarecer o acontecimento, não podem, acumulando-se, senão obscurecê-lo mais. Citemos entretanto ainda um exemplo.

Sabemos pertinentemente que, durante aquelas duas semanas, o príncipe passou dias e noites inteiras com Nastássia Filípovna, a quem acompanhava a passeio e ao coreto. Todos os dias saía com ela de caleça; se passava uma hora sem vê-la, começava a se inquietar por ela (havia, pois, todas as aparências de que ele a amava sinceramente). Durante longas horas, ouvia-a falar, com um sorriso doce e terno, qualquer que fosse o assunto com que ela o entretinha; ele próprio mantinha-se quase sempre calado.

Mas sabemos também que várias vezes, e mesmo muitas vezes, durante aqueles mesmos dias, ele se dirigia, de repente, à casa dos Iepántchini, sem fazer disso mistério a Nastássia Filípovna, a quem tais visitas punham em desespero. Sabemos que os Iepántchini recusaram recebê-lo até o fim da estada deles em Pávlovsk e opuseram-se constantemente a que houvesse uma entrevista com Aglaia. Ele se retirava sem dizer uma palavra e voltava no dia seguinte, como se se tivesse esquecido da desfeita da véspera, para sofrer naturalmente outra desfeita.

Sabemos ainda que uma hora, talvez mesmo menos, depois que Aglaia saíra precipitadamente da casa de Nastássia Filípovna, já estava o príncipe em casa dos Iepántchini, convencido de que encontraria ali a moça. Sua chegada lançou a casa em comoção e medo, porque Aglaia ainda não havia voltado e tinha-se por intermédio dele a primeira notícia da visita que ela vinha de fazer a Nastássia Filípovna em companhia dele. Contou-se depois que Lisavieta Prokófievna, suas filhas e até mesmo o Príncipe Tsch*** tinham-no tratado então com bastante dureza e inimizade, significando-lhe em termos encolerizados que não queriam mais suas visitas nem sua amizade, sobretudo quando Vária Ardaliónovna chegou inopinadamente para anunciar a

Lisavieta Prokófievna que Aglaia Ivânovna estava em casa dela havia uma hora, num estado horrível, e não queria mais, parecia, voltar à sua casa.

Esta última notícia, que abalou, mais do que a todos, Lisavieta Prokófievna, verificou-se perfeitamente verídica. Com efeito, ao sair da casa de Nastássia Filípovna, teria Aglaia preferido morrer a reaparecer aos olhos dos seus; de modo que se refugiara em casa de Nina Alieksándrovna. Vária Ardaliónovna achara, de seu lado, necessário, avisar sem demora Lisavieta Prokófievna de tudo quanto se passara. A mãe e suas filhas correram imediatamente à casa de Nina Alieksándrovna e o pai, Ivan Fiódorovitch, foi juntar-se a elas assim que chegou em casa. O Príncipe Liev Nikoláievitch seguiu atrás das senhoras Iepántchini, a despeito da despedida e das palavras magoantes que recebera; mas, por ordem de Vária Ardaliónovna, lá também foi impedido de chegar até Aglaia.

O caso terminou da maneira seguinte: quando Aglaia viu que sua mãe e suas irmãs choravam por causa dela, mas não lhe faziam censuras, lançou-se em seus braços e voltou logo com elas para casa.

Contou-se também — mas este boato permaneceu bastante impreciso — que Gavrila Ardaliónovitch mostrara-se mais uma vez um desastrado, pois tendo ficado a sós com Aglaia, enquanto Vária Ardaliónovna corria à casa de Lisavieta Prokófievna, achou dever aproveitar a ocasião para se pôr a fazer-lhe declarações de amor. Ouvindo-o, Aglaia esqueceu seu pesar e suas lágrimas e estourou em risadas; depois fez-lhe bruscamente uma pergunta estranha: estaria ele pronto, para provar seu amor, a queimar o dedo na chama de uma vela? Parece que Gavrila Ardaliónovitch ficou desconcertado e aturdido diante dessa proposta e que, vendo-lhe a cara perplexa, foi Aglaia tomada dum ataque de riso louco e fugiu para o andar de cima, onde estavam os aposentos de Nina Alieksándrovna e onde seus parentes a encontraram um momento depois. Este incidente foi narrado no dia seguinte ao príncipe por Ipolit, que, não podendo mais deixar seu leito, mandou chamá-lo de propósito para lhe comunicar. Ignoramos como estava ele próprio informado, mas o caso é que, quando Míchkin ouviu contar o episódio do dedo e da vela, foi sacudido por tamanha hilaridade que o próprio Ipolit ficou espantado.

Mas um instante depois pôs-se a tremer e a chorar perdidamente…

Em geral, durante aqueles dias, mostrou-se presa de viva inquietação, de uma perturbação insólita, de uma angústia mal definida. Ipolit declarou, com toda a crueza que ele lhe parecia um homem atacado de alienação mental; entretanto não se podia dar ainda a esta conjetura uma base positiva.

Ao expor todos estes fatos, que nos recusamos a explicar, nossa intenção não é absolutamente a de justificar a conduta de nosso herói aos olhos do leitor. Longe disto: estamos prontos a partilhar da indignação que esta conduta provocou mesmo entre seus amigos. A própria Viera Liébiediev ficou revoltada durante algum tempo; Kólia e Keller mostraram-se igualmente indignados; este último só veio a mudar de atitude quando foi convidado a ser cavalheiro de honra no casamento. Quanto a Liébiediev, sua indignação era tão sincera que o levou a urdir contra Míchkin uma intriga a que nos referiremos mais adiante.

Em princípio, subscrevemos sem reserva algumas palavras vigorosas, e mesmo marcadas de profunda psicologia, que Ievguéni Pavlovitch dirigiu sem rebuços ao príncipe, no decorrer de uma conversa íntima, seis ou sete dias após a cena em casa de Nastássia Filípovna. Notemos a este propósito que além dos Iepántchini, as pessoas que mantinham com eles laços diretos ou indiretos creram-se obrigadas a romper toda relação com o príncipe. O Príncipe Tsch***, por exemplo, voltou-se quando o encontrou e não lhe retribuiu o cumprimento. Todavia Ievguéni Pávlovitch não temeu comprometer-se fazendo-lhe uma visita, embora tivesse voltado a frequentar todos os dias a casa dos Iepántchini, onde era mesmo recebido com manifesta cordialidade.

Justamente no dia seguinte ao em que eles deixaram Pávlovsk, dirigiu-se à casa de Míchkin. Estava, ao entrar, ao corrente dos boatos que corriam na cidade; talvez mesmo houvesse contribuído por sua parte em propagá-los. Míchkin ficou encantado ao vê-lo e encaminhou toda a conversa para os Iepántchini. Esta entrada em assunto franca e direta desatou a língua de Ievguéni Pávlovitch e permitiu-lhe ir direto ao fato.

O príncipe ignorava ainda a partida dos Iepántchini. Esta notícia consternou-o e fez com que empalidecesse; mas ao fim de um minuto, abanou a cabeça com um ar confuso e sonhador e conveio que “era coisa inevitável”; depois apressou-se em indagar da “nova residência deles”.

Durante esse tempo, Ievguéni Pávlovitch observava-o com atenção; surpreendia-o bastante a pressa que punha seu interlocutor em interrogá-lo; a candura de suas perguntas, sua emoção, seu tom de estranha sinceridade, sua inquietação, seu nervosismo, tudo isto não podia deixar de impressioná-lo. Entretanto, informou o príncipe com afabilidade e duma maneira circunstanciada a respeito de todos os acontecimentos: tornou-o conhecedor de muitas coisas, porque era o primeiro informante que vinha da casa dos Iepántchini. Confirmou que Aglaia estivera realmente doente e que passara três noites com febre e insônia; estava melhor agora e fora de perigo, mas encontrava-se em estado de extrema supraexcitação… “Felizmente ainda reina paz completa na casa! Procura-se não falar do passado, não somente na presença de Aglaia, mas até mesmo quando ela não está. Os pais já conceberam o projeto de fazer no outono uma viagem ao estrangeiro, logo depois do casamento de Adelaida. Aglaia recebeu em silêncio as primeiras alusões a este projeto.”

Quanto a ele, Ievguéni Pávlovitch, iria talvez também ao estrangeiro. O próprio Príncipe Tsch*** poderia decidir a ausentar-se por um mês ou dois com Adelaida, se seus negócios o permitirem. Somente o general ficaria. Toda a família achava-se presentemente em Kólmino, a umas vinte verstas de Petersburgo, numa de suas propriedades em que havia espaçosa casa de campo. A Princesa Bielokónskaia não havia partido ainda para Moscou e parecia demorar de propósito. Lisavieta Prokófievna insistira vivamente na impossibilidade de permanecer em Pávlovsk depois de tudo quanto ali se passara; Ievguéni Pávlovitch lhe transmitia diariamente os rumores que corriam na cidade. Os Iepántchini não mais acreditavam ser possível ir à Ieláguinskaia Datcha.

— Bem — acrescentou Ievguéni Pávlovitch, — convirá, com efeito, o senhor mesmo, príncipe, que a situação era insustentável… sobretudo para quem sabia o que se passava a cada hora em casa do

senhor e após as visitas cotidianas que o senhor lá fazia, apesar da recusa em recebê-lo…

— Sim, sim, tem razão. Eu queria ver Aglaia Ivânovna… — respondeu o príncipe, que voltou a abanar a cabeça.

— Ah! meu caro príncipe — exclamou de repente Ievguéni Pávlovitch, num tom patético e triste, — como pôde o senhor permitir então… tudo quanto se passou? Certamente era por demais inesperado para o senhor… Admito, de boa vontade, que não tenha podido impedir-se de perder a cabeça… nem reter aquela moça no seu acesso de demência; estava acima de suas forças! Mas o senhor deveria compreender quão sério e poderoso era o sentimento que… levava aquela moça para o senhor. Ela não quis partilhar o senhor com uma outra… como pôde desleixar e partir semelhante tesouro?

— Sim, sim, tem razão; fui culpado — retomou Míchkin, angustiado de pesar. — Digo-lhe: somente Aglaia, somente ela considerava Nastássia Filípovna daquele modo… Ninguém, exceto ela, a julgava daquela maneira…

— Mas justamente o que é exasperante é que não havia em tudo isso nada de sério! — exclamou Ievguéni Pávlovitch, arrebatando-se. — Desculpe-me, príncipe, mas… eu… refleti no caso; meditei longamente; conheço todos os antecedentes do caso; sei o que se passou há seis meses, nada de tudo isso era sério. Não havia nisso senão um arrebatamento de espírito e da imaginação, uma quimera, uma fumaça; somente o ciúme apavorado duma mocinha sem experiência pôde tomar a coisa ao trágico!

E aqui, sentindo-se completamente à vontade, Ievguéni Pávlovitch deu livre curso à sua indignação. Em termos sensatos e claros e, repitamo-lo, com uma psicologia muito penetrante, retraçou nos olhos do príncipe o quadro das relações deste com Nastássia Filípovna. Sempre tivera o dom da palavra; desta vez elevou-se até a eloquência.

— Houve nisso, desde o começo — disse ele, — algo de falso. Ora, o que começa pela mentira deve acabar pela mentira; é uma lei natural. Não partilho da maneira de ver das pessoas que o tratam de idiota; fico mesmo indignado quando ouço isto; o senhor tem espírito

demais para merecer tal qualificativo; mas, convenha o senhor mesmo, que é duma estranheza que o diferencia de todos os homens. Cheguei à conclusão de que a causa de tudo quanto se passou reside antes de tudo no que chamarei sua inexperiência congênita (note, príncipe, esta expressão: "congênita") e na sua anormal ingenuidade. Acrescentarei a isto sua fenomenal ausência de senso da medida (defeito do qual o senhor muitas vezes se tem convencido) e enfim um enorme afluxo de ideias especulativas que sua extraordinária sinceridade tem tomado até aqui por convicções autênticas, naturais e imediatas! Confesse o senhor mesmo, príncipe, que suas relações com Nastássia Filípovna basearam-se desde o começo numa noção de democracia convencional (exprimo-me assim para abreviar) e por assim dizer sob o encanto da "questão feminina" (para abreviar ainda mais). Saiba que conheço em todos os seus detalhes a cena estranha e escandalosa que se desenrolou em casa de Nastássia Filípovna, quando Rogójin trouxe seu dinheiro. Se o senhor quiser, vou analisar o senhor mesmo e mostrar-lhe sua própria imagem como num espelho, tanto conheço eu o fundo do caso e a razão pela qual tomou tal rumo! Quando o senhor era jovem e vivia na Suíça, tinha a nostalgia de sua pátria e a Rússia o atraía como um país desconhecido, uma terra prometida. Leu então muitos livros sobre a Rússia; eram talvez obras excelentes, mas foram-lhe nocivas; voltou ao solo natal cheio de ardor e sedento de atividade; lançou-se por assim dizer à obra. E eis que, desde o primeiro dia de sua chegada, lhe contam a história triste e pungente duma criatura ultrajada, ao senhor que é cavalheiresco e casto, e trata-se de uma mulher! Naquele mesmo dia, o senhor a vê, fica enfeitiçado pela sua beleza, sua beleza fantástica e demoníaca (veja o senhor, reconheço que ela é bela). Acrescente a isto o estado de seus nervos, sua epilepsia, a influência deprimente de nosso degelo em Petersburgo; acrescente a circunstância que, durante aquele primeiro dia passado numa cidade desconhecida e quase fabulosa para o senhor, foi testemunha de numerosas cenas e encontrou muita gente; travou conhecimento duma maneira completamente inesperada com três belas pessoas, as senhoritas Iepánchini, e entre elas Aglaia; leve ainda em conta a fadiga, a vertigem, o salão de Nastássia Filípovna e o ambiente que ali reinava e… Vejamos, que poderia o senhor esperar de si mesmo naquele momento, diga-me?

— Sim, sim — disse o príncipe, abanando a cabeça e ficando corado. — Sim, o senhor está quase certo. Com efeito, não havia dormido na noite anterior, no vagão, nem na outra e não me sentia lá muito bem…

— Pois bem! sim, é a isto que quero chegar! — continuou Ievguéni Pávlovitch, que cada vez mais se acalorava. — É claro que, embriagado pelo entusiasmo, o senhor se precipitou sobre a oportunidade de exibir de público sua magnanimidade declarando que o senhor, príncipe de nascimento e homem puro, não considerava como desonrada uma mulher perdida não por sua culpa, mas pela de um odioso libertino do grande mundo. Meu Deus! é tão compreensível! Mas não está aí a questão, meu caro príncipe; o que se trata de saber é se seu sentimento era verdadeiro, sincero, natural, ou se procedia somente duma exaltação cerebral. Que pensa o senhor? Se no templo perdoou-se a uma mulher dessa espécie, nem por isso se lhe disse que ela agia direito, nem que era ela digna de todas as honras e de todo o respeito! Será que seu bom senso não pôs por si mesmo as coisas nos lugares três meses mais tarde? Admitamos que ela seja inocente — é uma questão a respeito da qual não quero insistir, — não é menos verdade que suas aventuras não justificam de modo algum seu intolerável e diabólico orgulho, sua impudência, seu insaciável egoísmo. Desculpe-me, príncipe, se me deixo arrebatar, mas…

— Sim, tudo isto é possível, pode dar-se que o senhor tenha razão… — balbuciou de novo o príncipe. — Ela é, com efeito, por demais superexcitada, e o senhor tem certamente razão, mas…

— O senhor quer dizer que ela é digna de piedade, meu bom príncipe? Mas tinha o senhor o direito, por piedade para com ela e para lhe comprazer, de cobrir de vergonha outra jovem bem nascida e pura, e humilhá-la sob aqueles olhos cheios de desprezo e de ódio? Onde se deterá a piedade, depois disto? Não é isto um incrível exagero? Quando se ama uma jovem, pode-se rebaixá-la assim diante de sua rival e abandoná-la por outra aos olhos desta última, depois de havê-la honestamente pedido em casamento?… Porque o senhor lhe pediu a mão, fez sua declaração em presença de seus pais e de suas irmãs! Depois disto, príncipe, permita que lhe pergunte, o senhor é um

homem de honra? E… o senhor não enganou uma jovem divina afirmando-lhe que a amava?

— Sim, sim, o senhor tem razão! Ah! sinto que sou culpado! — proferiu o príncipe com um acento de indizível pesar.

— Mas isto basta? — exclamou Ievguéni Pávlovitch com indignação. — Basta exclamar: “Ah! sou culpado!”? O senhor é culpado, mas persiste nos seus erros. Onde estava então seu coração, seu coração de “cristão”? O senhor viu naquele momento a expressão do rosto dela: refletia menos sofrimento que o da outra, da sua, daquela que os separava? Como, diante daquele espetáculo, o senhor permitiu o que se passou? Como?

— Mas… eu nada permiti absolutamente… — balbuciou o desgraçado príncipe.

— Como! Nada permitiu?

— Dou-lhe minha palavra. Não compreendo ainda, na hora atual, como tudo aquilo aconteceu… Eu… corri então atrás de Aglaia Ivânovna, mas Nastássia Filípovna desmaiou e depois não me deixam aproximar-me de Aglaia Ivânovna.

— Pouco importa! O senhor devia ter corrido atrás de Aglaia Ivânovna e deixado a outra desmaiada!

— Sim… sim, devia… teria morrido! Ela teria se matado, o senhor não a conhece, e… isto daria no mesmo, teria eu contado tudo depois a Aglaia Ivânovna e… Veja, Ievguéni Pávlovitch, noto que o senhor parece não saber de tudo. Diga-me, por que não me deixam aproximar-me de Aglaia Ivânovna? Eu lhe explicaria tudo. Compreenda isto: todas duas estiveram a falar então de fora, completamente de fora da questão; daí veio a desgraça… Não consigo explicar-lhe isto claramente, mas talvez consiga fazê-lo a Aglaia… Ah! meu Deus, meu Deus! O senhor me fala de seu rosto naquele minuto, quando ela se pôs em fuga… Oh! meu Deus, lembro-me dele!… Vamos, vamos lá!

O príncipe levantara-se de repente e procurava arrastar Ievguéni

Pávlovitch pela manga do paletó.

— Aonde?

— Vamos à casa de Aglaia Ivânovna, vamos lá agora mesmo!…

— Mas já lhe disse que ela não se encontra em Pávlovsk; e, aliás, que iríamos fazer à casa dela?

— Ela compreenderá, ela compreenderá! — murmurou o príncipe, juntando as mãos na atitude da prece. — Ela compreenderá que não é isto, que é coisa completamente diversa!

— Como coisa completamente diversa? Vocês vão mesmo casar, não é? Portanto o senhor persiste… Vão casar ou não?

— Sim!… vou casar, sim, vou casar!

— Então por que diz que não é isto?

— Não, não é isto, não é isto! Pouco importa que eu case, não é nada!

— Como pode dizer o senhor que isto importa pouco, que não é nada? Não se trata, no entanto, de uma bagatela! O senhor desposa uma mulher a quem ama para fazer-lhe a felicidade. Aglaia Ivânovna o vê e o sabe. Isto é coisa sem importância?

— Sua felicidade? Oh! não. Apenas caso, bem simplesmente; ela faz questão disso; e aliás que tem que me case? Eu… Vejamos, tudo isto é indiferente! Se tivesse agido de outra maneira, ela estaria certamente morta. Vejo agora que aquele casamento com Rogójin era uma loucura. Compreendi agora tudo quanto não compreendia antes. Eis o que lhe direi: quando elas se ergueram uma contra a outra, não pude suportar a vista do rosto de Nastássia Filípovna… O senhor não sabe, Ievguéni Pávlovitch — acrescentou ele, baixando misteriosamente a voz, — jamais o disse a quem quer que seja, jamais, nem mesmo a Aglaia, mas não posso suportar o rosto de Nastássia Filípovna… Ainda há pouco, o senhor descreveu bem o sarau em casa dela; mas há um pormenor que lhe escapou, porque o senhor o ignorava: é que eu contemplava seu rosto. Já pela manhã, vendo seu

retrato, não tinha podido tolerar-lhe a expressão… Veja o senhor: Viera, a filha de Liébiediev, tem olhos inteiramente diversos. Eu… eu tenho medo do rosto de Nastássia Filípovna! — acrescentou ele, num tom de extremo pavor.

— O senhor tem medo?

— Sim; ela é louca! — cochichou ele, empalidecendo.

— Está bem certo disso? — perguntou Ievguéni Pávlovitch, com um semblante extremamente intrigado.

— Sim, com certeza; agora tenho certeza; convenci-me totalmente disso nestes dias agora!

— Então que faz o senhor, infeliz? — exclamou Ievguéni Pávlovitch, com assombro. — O senhor casa então sob o império duma espécie de temor? Não se compreende isso… Talvez mesmo não a ame.

— Oh! sim, amo-a de toda a minha alma! Imagine, pois… é uma criança; está agora tal qual uma perfeita criança! Oh! o senhor não sabe de nada!

— E, ao mesmo tempo, garantiu a Aglaia Ivânovna que a amava?

— Oh! sim, sim!

— Como explica isso? Pretende então amar as duas?

— Oh! sim, sim!

— Vamos, príncipe, reflita no que diz!

— Sem Aglaia eu… é absolutamente preciso que a veja! Eu… eu morrerei em breve, dormindo, pensei que estava morrendo esta noite durante meu sono. Oh! se Aglaia soubesse, se ela soubesse tudo… quero dizer absolutamente tudo! Porque o essencial, aqui, é saber tudo! Por que não nos é dado nunca saber tudo a respeito de uma pessoa, quando é necessário, quando essa outra pessoa está em falta?… De resto, não sei mais o que digo; confundi-me; o senhor

lançou-me numa tremenda comoção… Será possível que ela esteja ainda com a mesma fisionomia que tinha quando fugiu? Oh! sim, sou culpado! O mais provável é que todos os erros estejam de meu lado. Não sei ainda com exatidão em que eles consistem, mas sou culpado… Há alguma coisa que não saberia explicar-lhe, Ievguéni Pávlovitch, por falta de palavras para exprimi-la, mas… Aglaia Ivânovna compreenderá! Oh! sempre pensei que ela compreenderia.

— Não, príncipe, ela não compreenderá! Aglaia Ivânovna amou-o humanamente, como uma mulher e não como… um puro espírito. Quer que lhe diga, meu pobre príncipe? O mais verossímil é que o senhor jamais amou nem uma nem outra!

— Não sei… talvez, talvez; o senhor tem razão a respeito de vários pontos, Ievguéni Pávlovitch. O senhor é superiormente inteligente, Ievguéni Pávlovitch. Ah! eis que a cabeça recomeça a doer-me. Vamos à casa dela! Vamos lá, pelo amor de Deus! pelo amor de Deus!

— Mas se lhe digo que ela não se acha mais em Pávlovsk! Está em Kólmino.

— Vamos a Kólmino! Partamos imediatamente!

— É im-pos-sí-vel — disse Ievguéni Pávlovitch, com voz arrastada. E ficou em pé.

— Escute: vou escrever uma carta; o senhor a levará!

— Não, príncipe, não! Dispense-me de semelhantes encargos. Não posso incumbir-me disso.

Separaram-se. Ievguéni Pávlovitch levava uma impressão estranha: chegara à convicção de que o príncipe estava de espírito um tanto desarranjado. “Que significa aquele rosto que ele teme e ama tanto? E ao mesmo tempo, não é impossível que, longe de Aglaia, morra com efeito, de modo que a jovem jamais saberia a que ponto ele a ama. Ah! ah! E como pode ele amar duas mulheres? E cada uma com um gênero de amor diferente? Eis o que é curioso… Pobre idiota! E que vai ele tornar-se agora?”

## Capítulo X

Entretanto o príncipe não morreu antes de seu casamento, nem no estado de vigília, nem “dormindo”, como o havia predito a Ievguéni Pávlovitch. Talvez dormisse mal e tivesse maus sonhos; mas durante o dia, no convívio com seus semelhantes, parecia bem disposto e até mesmo satisfeito; se por vezes mostrava o ar bastante absorvido, era quando estava só. Apressaram-se os preparativos do casamento, que deveria realizar-se oito dias após a visita de Ievguéni Pávlovitch. Diante de semelhante precipitação, os amigos mais íntimos do príncipe, se é que os tivera, deveriam ter eles próprios renunciado à esperança de ver seus esforços “salvarem” o pobre louco. Correu o boato de que a visita de Ievguéni Pávlovitch fora levada a efeito, em certa medida, por instigação do General Ivan Fiódorovitch e de sua mulher, Lisavieta Prokófievna. Mas se todos dois, por um excesso de sua bondade, tivessem podido desejar “salvar” do abismo o desgraçado demente, deviam limitar-se a esta única e tímida tentativa; nem sua situação, nem talvez mesmo seus sentimentos (coisa natural) permitiam-lhes um esforço mais sério. Já dissemos que até mesmo os mais íntimos do príncipe se haviam erguido contra ele. Viera Liébiediev limitava-se a derramar lágrimas, quando estava só; ficava, aliás, a maior parte do tempo em casa e vinha mais raramente do que outrora fazer-lhe visita.

Neste ínterim, havia Kólia enterrado seu pai. O velho morrera em consequência de um novo ataque sobrevindo cerca de oito dias após o primeiro. O príncipe tomou grande parte no luto da família; passou, durante os primeiros dias, horas inteiras junto de Nina Alieksándrovna; assistiu às exéquias e à cerimônia religiosa. Muitas pessoas notaram que sua chegada à igreja e sua partida provocaram na assistência cochichos involuntários. O mesmo se dera na rua e no parque; quando ele passava, a pé ou de carro, as conversas animavam-se, apontavam-no e pronunciavam-se seu nome, bem como o de Nastássia Filípovna. Ela foi procurada nas exéquias do general, mas lá não compareceu. A “capitoa” não compareceu também, tendo Liébiediev conseguido retê-la em casa. O serviço fúnebre causou no

príncipe uma impressão forte e dolorosa. A uma pergunta de Liébiediev, respondeu em voz baixa que era a primeira vez que assistia a um enterro de acordo com o rito grego, além de uma cerimônia semelhante que se lembrava de ter visto, quando criança, numa igreja de aldeia.

— Sim, como acreditar que o homem deitado naquele ataúde seja o mesmo a quem, há tão pouco tempo, demos a presidência de nossa reunião, lembra-se? — perguntou em voz baixa Liébiediev. — Mas a quem está procurando?

— Nada, parecera-me que…

— Não será Rogójin?

— Está aqui?

— Está na igreja.

— Bem me pareceu com efeito avistar seus olhos — murmurou o príncipe com o semblante perturbado, — mas que importa… Por que está ele aqui? Convidaram-no?

— Nem mesmo se pensou nisso. Aliás, a família não o conhece. Toda gente pode entrar na igreja. Por que está tão surpreso? Encontro-o agora muitas vezes. Na semana passada já o vi quatro vezes aqui, em Pávlovsk.

— Ainda não o vi uma vez sequer… desde então — balbuciou Míchkin.

Como Nastássia Filípovna não mais lhe tivesse dito tampouco que encontrara Rogójin uma única vez “desde aquele tempo”, concluiu daí o príncipe que ele tivesse suas razões para não se deixar ver. Durante todo aquele dia pareceu muito absorvido; em contraposição, Nastássia Filípovna mostrou-se duma jovialidade excepcional, jovialidade que se prolongou por toda a noite.

Kólia, que fizera as pazes com o príncipe antes da morte de seu pai, propôs-lhe (revestindo-se o caso de premente urgência) que convidasse para seus cavalheiros de honra Keller e Burdóvski.

Responsabilizou-se pela boa aparência do primeiro e acrescentou que ele seria talvez “útil”. Quanto a Burdóvski, toda recomendação era supérflua, visto como era um homem “tranquilo e modesto”. Nina Alieksándrovna e Liébiediev fizeram observar ao príncipe que se o casamento já estava decidido, pelo menos podia ele dispensar-se de celebrá-lo em Pávlovsk em uma época em que a temporada mundana se achava no apogeu. Por que tanta publicidade? Não seria melhor que a cerimônia se realizasse em Petersburgo e até mesmo em casa? O príncipe compreendeu perfeitamente bem a preocupação que refletiam aqueles temores, mas limitou-se a responder com laconismo e simplicidade que era o desejo formal de Nastássia Filípovna.

No dia seguinte, tendo Keller sabido que fora escolhido como cavalheiro de honra, veio por sua vez apresentar-se ao príncipe. Parou na soleira; assim que o viu, ergueu a mão direita e, com o indicador levantado no ar, exclamou no tom de um homem que profere um juramento.

— Não bebo mais!

Depois aproximou-se do príncipe, apertou-lhe as duas mãos, sacudindo-as com força e declarou que, na verdade, sentira a princípio despeito ao saber do que se tinha passado; manifestara mesmo este sentimento no curso de uma partida de bilhar; mas esse despeito provinha apenas do fato de que sua impaciente amizade teria querido ver o príncipe casar com uma Princesa de Rohan ou pelo menos de Chabot; mas agora se dava conta de que os pensamentos do príncipe eram pelo menos doze vezes mais nobres que os de todo o seu círculo “tomado em bloco”! Porque o que ele procurava não era o brilho, nem a riqueza nem mesmo a honra, mas apenas a verdade. As simpatias das altas personalidades são por demais conhecidas; mas o príncipe era ele próprio demasiado elevado pela sua educação para não ser, duma maneira geral, posto na mesma fila que elas! “Mas a canalha e a ralé são duma opinião bem diversa; na cidade, em casa de particulares, nas reuniões, nas casas de campo, no concerto, nos botequins, nas salas de bilhar, não se fala, não se tagarela senão a respeito do acontecimento próximo. Ouvi mesmo dizer que lhe preparam uma assuada debaixo de suas janelas, e isto, por assim dizer, na primeira noite! Se tiver necessidade, príncipe, da arma de um

homem de bem, estou pronto a trocar nobremente meia dúzia de tiros antes que o senhor deixe, no dia seguinte de manhã, seu leito nupcial.” Deu mesmo o conselho de dispor no pátio uma mangueira de incêndio como medida preventiva contra a multidão sedenta, ao voltar da igreja; mas Liébiediev se opôs a isso dizendo que, se se pusesse tal mangueira em ação, sua casa seria destruída de alto a baixo.

— Asseguro-lhe, príncipe, que esse Liébiediev urdiu intrigas contra o senhor. Querem pôr o senhor sob tutela; o senhor pode imaginar coisa igual? Querem privá-lo do exercício de sua vontade e do uso de seu dinheiro, isto é, dos dois bens que distinguem cada um de nós de um quadrúpede! Ouvi dizer isso, ouvi-o perfeitamente dizer! É a pura verdade.

O príncipe lembrou-se confusamente de já ter ouvido dizer alguma coisa desse gênero, mas não lhe havia prestado naturalmente atenção. Limitou-se a rir da reflexão de Keller e esqueceu-o também imediatamente. O fato é que Liébiediev andava muito atarefado desde certo tempo; aquele homem fabricava sempre planos sob o estímulo de uma inspiração, mas, no seu ardor em executá-los, dispersava seus esforços em todos os sentidos e se afastava do alvo que a princípio determinara para si; de modo que não fora por isso bem sucedido na vida. Mais tarde, quase no dia do casamento, veio confessar-se ao príncipe (era uma mania dele de sempre vir exprimir seu arrependimento àqueles contra os quais havia feito intrigas, sobretudo quando suas intrigas haviam fracassado). Declarou-lhe que nascera para ser um Talleyrand e que, por uma sorte inexplicável, ficara um simples Liébiediev. Nisto descobriu todo o seu jogo, que interessou vivamente o príncipe. A acreditar nele, começara por se meter em busca de altas proteções para ter um apoio em caso de necessidade, e fora para este efeito procurar o General Ivan Fiódorovitch. Este parecera embaraçado e, embora querendo muito bem ao “jovem”, declarara que, “por mais vivo que fosse seu desejo de salvá-lo, as conveniências não lhe permitiam intervir”. Lisavieta Prokófievna não quisera nem vê-lo, nem ouvi-lo. Ievguéni Pávlovitch e o Príncipe Tsch*** tinham-se recusado com um simples gesto. Entretanto ele, Liébiediev, não havia perdido a coragem: consultara experimentado homem de lei, um venerando ancião de que era amigo íntimo e quase

seu protetor; esse jurista concluíra que a interdição do príncipe era perfeitamente possível com a condição de que testemunhas qualificadas certificassem sua desordem mental e sua demência completa; o essencial era, aliás, dispor de altas influências. Liébiediev não perdera a paciência e fizera mesmo vir um dia um médico à casa do príncipe. Este médico era outro velho venerando em vilegiatura em Pávlovsk; trazia ao pescoço o colar da Ordem de Santa Ana; Liébiediev levara-o sob pretexto de mostrar-lhe sua propriedade e havia-o apresentado ao príncipe, estando entendido que suas conclusões lhe seriam comunicadas a título amigável, por assim dizer, e não sob uma forma oficial.

O príncipe lembrou-se dessa visita do doutor; lembrou-se de que, na véspera, Liébiediev insistira com ele para convencê-lo de que estava doente; depois de ter categoricamente recusado os socorros da medicina, achara-se de repente em presença daquele doutor; a crer em Liébiediev, acabavam de sair ambos da casa do Senhor Tieriêntiev, que estava muito mal, e o médico tinha a respeito dele uma comunicação a fazer-lhe. Aprovara Liébiediev e recebeu o doutor com muita afabilidade. A conversa encaminhou-se logo para o doente, Ipolit; desejando o doutor conhecer mais amplos detalhes sobre a cena do suicídio, o príncipe o havia encantado com sua narrativa e suas explicações do acontecimento. Falara-se do clima de Petersburgo, da doença do próprio príncipe, da Suíça, de Schneider. O príncipe havia de tal maneira interessado seu interlocutor pela exposição do sistema terapêutico de Schneider que o retivera durante duas horas. Fizera-o, além disso, fumar excelentes charutos e Liébiediev lhe servira um licor delicioso trazido por Viera. Mesmo sendo casado e pai de família o médico mostrara-se tão solícito com ela, que Viera se sentiu profundamente indignada. Separaram-se como amigos. Ao sair, o doutor declarara a Liébiediev: “Se se quisesse pôr sob tutela todas as pessoas que são como o príncipe, quem se deveria então tomar como tutores?”. Liébiediev replicara-lhe num tom trágico, invocando a proximidade do acontecimento, mas o doutor, depois de abanar a cabeça com ar malicioso e finório, concluíra: “É preciso deixar as pessoas casar como bem lhes parecer”. Além do mais, segundo ouvira dizer, a pessoa de que se tratava não era simplesmente de uma beleza incomparável, motivo já suficiente para fazer girar a cabeça de um

homem rico, mas possuía ainda capitais que lhe vinham de Tótski e de Rogójin, bem como pérolas, diamantes, xales e móveis. Em suma, essa escolha, longe de testemunhar a tolice e estranheza do príncipe, revelava pelo contrário naquele caro rapaz um espírito sagaz e uma inteligência de homem do mundo que sabe calcular. O doutor acreditara-se pois fundamentado para tirar dali um diagnóstico inteiramente favorável ao príncipe…

Esta conclusão causara em Liébiediev uma viva impressão; assim terminou ele suas confidências declarando ao príncipe:

— Doravante não encontrará mais em mim senão um homem devotado e prestes a derramar seu sangue pelo senhor; foi para dizer-lhe isto que vim cá.

Durante aqueles últimos dias, foi Míchkin também distraído por Ipolit, mas este o mandava muitas vezes chamar. Sua família ocupava não longe dali uma casinha. Os meninos, isto é, o irmão e a irmã de Ipolit, tinham pelo menos o recreio do campo; podiam escapar ao doente descendo ao jardim; mas a desgraçada "capitoa" ficava à sua mercê e era sua vítima. Míchkin passava seu tempo a reconciliá-los e a restabelecer a paz entre eles; o doente continuava a chamá-la sua "enfermeira", não se podendo conter, no entanto, no desprezá-lo pelo seu papel de mediador. Estava muito ressentido com Kólia, porque este quase não o visitava mais, pois tivera de ficar, primeiro, à cabeceira do leito de morte de seu pai, depois junto à sua mãe viúva. Por fim tomou como alvo de suas brincadeiras o próximo casamento do príncipe com Nastássia Filípovna; e tão bem andou que o príncipe, indignado e fora de si, cessou de ir vê-lo. Dois dias depois a "capitoa" chegou de manhã cedo e, com lágrimas nos olhos, suplicou-lhe que fosse à casa dela, sem o que ele a engoliria viva. Acrescentou que desejava ele revelar-lhe um grande segredo. O príncipe cedeu. Ipolit exprimiu o desejo de se reconciliar e, dizendo isto, pôs-se a chorar; mas, secadas suas lágrimas, tornou-se naturalmente ainda mais acerbo, sem todavia ousar dar livre curso à sua cólera. Sentia-se bastante mal e tudo indicava que não tardaria muito a morrer. Não tinha nenhum segredo a revelar, mas espalhava-se em objurgatórias extremadas e duma emoção talvez afetada para pôr o príncipe "em guarda contra Rogójin". "É um homem que não larga o que lhe

pertence; não está à nossa medida, príncipe; se quiser dizer alguma coisa, nenhum escrúpulo o reterá”… etc., etc. Míchkin pôs-se a interrogá-lo mais pormenorizadamente para dele arrancar fatos precisos. Mas Ipolit não invocou outro argumento senão sensações ou impressões pessoais. Por fim teve a imensa satisfação de lançar o terror na alma do príncipe. Este havia começado por evitar certas questões dum caráter especial e se limitara a sorrir, ouvindo darem-lhe um conselho como aquele: “Fuja, até mesmo para o estrangeiro; o senhor poderá casar-se lá, encontram-se em toda parte sacerdotes russos”. Mas ao fim dum instante concluiu Ipolit com esta ideia: “Temo sobretudo por Aglaia Ivânovna; Rogójin sabe bem quanto o senhor a ama; amor por amor; o senhor arrebatou-lhe Nastássia Filípovna; ele matará Aglaia Ivânovna; muito embora não seja ela mais nada para o senhor, nem por isto deixará o senhor de sofrer, não é verdade?”. Seu fim fora atingido: o príncipe saiu todo transtornado da casa dele.

Aquelas advertências a respeito de Rogójin sobrevieram na véspera do casamento. Naquela noite, o príncipe teve com Nastássia Filípovna a derradeira entrevista antes do casamento. A jovem mulher perdera o poder de acalmá-lo; naqueles últimos tempos até mesmo ela só conseguia aumentar-lhe a perturbação. Alguns dias antes, no decorrer de seus encontros íntimos, ficara ela apavorada pelo ar de tristeza de Míchkin. Fizera todos os esforços para alegrá-lo, tentara mesmo distraí-lo, cantando. Na maior parte das vezes procurava ela na sua memória tudo quanto pudesse diverti-lo. O príncipe fingia quase sempre divertir-se muito; por vezes ria francamente, arrastado pela vivacidade de espírito e pelo belo humor com que a jovem mulher contava alguma coisa, quando estava bem disposta, o que era muitas vezes o caso. Quando o via rir, ficava contentíssima e se sentia orgulhosa de si mesma ao verificar a impressão nele produzida. Mas agora se tornava quase de hora em hora mais triste e mais preocupada. O príncipe tinha sobre ela uma opinião já definida, sem o que tudo nela lhe teria naturalmente parecido enigmático e ininteligível. Nem por isso permanecia menos essencialmente convencido de que ela poderia ainda ressuscitar para a vida normal. Tivera razão em dizer a Ievguéni Pávlovitch que a amava com um amor profundo e sincero; nesse amor, com efeito, havia como um

ímpeto de ternura por uma criança raquítica e doente a quem teria sido difícil e mesmo impossível abandonar à sua própria vontade. Não se abria com ninguém a respeito dos sentimentos que ela lhe inspirava e repugnava-lhe abordar esse tema, quando o curso da conversa não permitia mais evitá-lo. Na intimidade, não diziam jamais a palavra "sentimento", como se tivessem concordado em assim fazer. Em sua conversa, habitualmente alegre e cheia de entusiasmo, toda gente podia tomar parte. Dária Alieksiéievna contou mais tarde que não sentira, durante todos aqueles dias, senão encantamento e alegria ao contemplá-los.

A opinião que tinha Míchkin do estado moral e mental de Nastássia Filípovna afastava de seu espírito, em certa medida, muitas outras incertezas. Era agora uma mulher completamente diferente daquela que ele conhecera três meses antes. Assim não experimentava mais surpresa ao vê-la insistir no apressamento da cerimônia, depois de ter outrora repelido a ideia do casamento com lágrimas, maldições e censuras. "Assim, dizia ele a si mesmo, não tem ela mais medo, como naquele tempo, de causar minha desgraça, casando-se comigo." Uma volta tão rápida à confiança em si mesma não lhe parecia natural. Aquela certeza Nastássia Filípovna não havia retirado somente de seu ódio contra Aglaia, porque era capaz de sentimentos mais profundos. Ela também não lhe vinha do temor de partilhar a existência de Rogójin. Sem dúvida, esses motivos e outros ainda podiam ter tido seu peso, mas, para o príncipe, a razão mais clara da reviravolta era justamente aquela de que ele suspeitava desde muito tempo: a pobre alma doente não pudera suportar aquela prova.

Se bem que ela pusesse fim às suas incertezas, pelo menos até certo ponto, esta explicação não lhe deixou, apesar disso, durante todo aquele tempo, nem trégua, nem repouso. Por vezes esforçava-se por não pensar em nada. Quanto ao casamento, parecia bem que naquele momento ele o tenha de fato encarado como uma formalidade insignificante; tinha em muito pouca conta seu próprio destino para julgar de outro modo. As objeções e alegações, do gênero daquelas que lhe fizera Ievguéni Pávlovitch, não teria encontrado absolutamente nada a responder, sentindo-se incompetente em semelhante matéria; assim fugia a qualquer conversa dessa natureza.

Notou, aliás, que Nastássia Filípovna não sabia e não compreendia senão demasiado bem o que era Aglaia para ele. Não falava nisso, mas ele lera no seu "rosto", quando por vezes ela o surpreendera (nos primeiros dias) preparando-se para ir à casa dos Iepántchini. Depois da partida destes, pareceu radiosa. Por mais medíocre observador e por menos perspicaz que ele fosse, atormentara-o a ideia de que Nastássia Filípovna pudesse tomar o partido de praticar qualquer escândalo, a fim de obrigar Aglaia a deixar Pávlovsk. O rumor e os boatos que corriam nas casas de campo a respeito do casamento eram certamente entretidos por uma parte por Nastássia Filipovna, com o objetivo de exasperar sua rival. Como era difícil encontrar os Iepántchini, ela fez o príncipe subir um dia em sua caleça e deu ordem de passar justamente sob as janelas da casa deles. Foi para Míchkin uma surpresa atroz; deu-se conta dela, como sempre, quando era demasiado tarde e o carro já ultrapassara a casa. Não disse nada, mas, após esse incidente, esteve doente durante dois dias. Nastássia Filípovna evitou renovar a experiência.

Durante os dias que precederam o casamento, ela se tornou bastante pensativa. Acabava sempre por afugentar sua tristeza e recuperar a alegria, mas essa alegria era mais calma, menos expansiva, menos radiante que outrora. O príncipe redobrava de atenções. Intrigava-o não ouvi-la referir-se nunca a Rogójin. Uma só vez, cerca de cinco dias antes do casamento, Dária Alieksiéievna mandou chamá-lo para que fosse imediatamente porque Nastássia Filípovna estava muito mal. Encontrou-a num estado vizinho da demência: gritava, tremia, clamava que Rogójin estava oculto no jardim contíguo à casa de campo, que ela acabava de vê-lo e que ele a mataria de noite… ia matá-la à faca! Durante o dia inteiro não recuperou a calma. Mas à noite, tendo ido passar um instante em casa de Ipolit, o príncipe soube da "capitoa", que regressava da cidade aonde a haviam chamado pequenos negócios, que Rogójin fora procurá-la, em Petersburgo, e havia-a interrogado sôbre Pávlovsk. Perguntou Míchkin a que horas se realizara essa visita; a "capitoa" indicou-lhe pouco mais ou menos a hora em que Nastásia Filípovna acreditara ter visto Rogójin no jardim. A coisa podia explicar-se como um simples caso de miragem. Tendo a própria Nastássia Filípovna ido pedir mais amplos detalhes à "capitoa", obteve desta as mais tranquilizadoras informações.

Na véspera do casamento, o príncipe deixou Nastássia Filípovna num estado de vivo entusiasmo: acabava de receber de sua costureira de Petersburgo o vestido que devia vestir no dia seguinte, vestido de noiva, toucado, etc. Míchkin não esperava vê-la apaixonar-se tanto por sua indumentária; gabou-lhe todos os detalhes e avivou assim a felicidade da jovem mulher. Mas ela não conseguia ocultar o íntimo de seu pensamento: ouvira já dizer que a população de Pávlovsk estava indignada e que alguns gaiatos preparavam uma assuada com acompanhamento de música e declamação de versos escritos de propósito para o caso; todos esses preparativos eram mais ou menos aprovados pelo resto da sociedade. Justamente por isso queria ela reerguer a cabeça e deslumbrar toda gente com o gosto e suntuosidade de seu traje. "Que gritem, que assobiem, se ousarem!" Só em pensar nisto seus olhos dardejavam faíscas. Nutria, além disso, uma secreta esperança que evitava formular em voz alta; imaginava que Aglaia, ou pelo menos uma pessoa por ela enviada, se encontraria incógnita na multidão na igreja, e a examinaria; daí todos os seus preparativos.

Tais eram os pensamentos em que ela estava mergulhada às onze horas da noite, quando o príncipe a deixou. Mas não havia ainda soado meia noite, quando chegou ao príncipe um chamado de Dária Alieksiéievna para que "fosse o mais depressa possível porque as coisas iam muito mal". Encontrou sua noiva em pranto; fechada em seu quarto, dominava-a um acesso de desespero, uma crise de nervos. Durante muito tempo não ouviu ela nada do que lhe diziam através da porta fechada; por fim abriu-a, deixou entrar apenas o príncipe, tornou a fechar logo a porta e caiu de joelhos diante dele. (Tal foi pelo menos a versão que deu mais tarde Dária Alieksiéievna, que conseguira entrever uma parte da cena.)

— Que é que estou fazendo? Que é que estou fazendo? Que é que estou fazendo de ti? — exclamava ela, abraçando convulsivamente os pés de Míchkin.

O príncipe ficou durante uma hora inteira junto dela; ignoramos o que disseram entre si. Dária Alieksiéievna contou que ao fim daquela hora separaram-se em termos afetuosos e com ar feliz. O príncipe mandou ainda uma vez, durante a noite, pedir notícias de sua noiva, mas esta já estava adormecida. De manhã, antes que ela acordasse,

dois enviados do príncipe se apresentaram ainda em casa de Dária Alieksiéievna; um terceiro lhes sucedeu, encarregado de transmitir de volta que “Nastássia Filípovna está cercada neste momento de um verdadeiro enxame de modistas e de cabeleireiros vindos de Petersburgo; não se ressente mais da crise de ontem; está ocupada com seus enfeites como pode estar semelhante beldade na preparação do casamento; neste instante precisamente, mantém um conselho extraordinário para combinar os diamantes com que deve ataviar-se e a maneira pela qual os disporá”. Míchkin ficou completamente tranquilo.

O curso dos incidentes provocados pelo casamento foi reconstituído mais tarde, como se segue, por pessoas informadas e cujo testemunho parece verídico.

A cerimônia nupcial devia realizar-se às oito horas da noite. Nastássia Filípovna estava pronta desde as sete horas. Desde as seis horas, grupos de ociosos começaram a reunir-se em torno da casa de campo de Liébiediev e, mais ainda, perto da casa de Dária Alieksiéievna. Cerca das sete horas, começou a igreja também a encher-se. Viera Liébiedieva e Kólia sentiam vivas apreensões por causa do príncipe; tinham entretanto muito que fazer em casa, estando encarregados de preparar os aposentos de Míchkin para a recepção e refeição. Na verdade, nenhuma reunião estava prevista após a cerimônia religiosa; além das pessoas cuja presença era exigida para a celebração do casamento, Liébiediev convidara Ptítsin, Gânia, o médico condecorado com o colar de Santa Ana e Dária Alieksiéievna. Quando o príncipe indagou da razão pela qual aquele médico “que mal se conhecia” fora convidado, Liébiediev respondeu-lhe com o ar de um homem contente consigo mesmo: “Uma condecoração no pescoço, um personagem considerado; é para a galeria”. Esta reflexão fez o príncipe rir.

Vestidos de fraque e com luvas, Keller e Burdóvski tinham um aspecto bastante conveniente; somente Keller inspirava ainda algum temor ao príncipe e a seu círculo por causa de seu gênio bem manifestamente batalhador; olhava com olhos bem hostis os basbaques aglomerados em torno da casa.

Enfim, às sete horas e meia, o príncipe dirigiu-se de carro à igreja. Notemos a este propósito que fizera questão de não negligenciar nenhum dos costumes tradicionais; tudo se passava publicamente, aos olhos de todos e "da maneira que convinha". Na igreja, rompeu caminho, como pôde, por entre a multidão, em meio de cochichos e de exclamações repetidas; estava precedido de Keller, que lançava à direita e à esquerda olhares ameaçadores. Retirou-se Míchkin momentaneamente para trás do altar, enquanto o boxeador ia buscar a noiva. Diante da casa de Dária Alieksiéievna viu ele uma multidão duas ou três vezes mais densa e talvez também duas ou três vezes mais insolente do que aquela que estacionava em redor da casa de campo do príncipe. Subindo o patamar, ouviu exclamações de tal natureza que não se conteve mais e esteve a ponto de dirigir ao público uma reprimenda apropriada; felizmente foi impedido de fazê-lo por Burdóvski e pela própria Dária Alieksiéievna que acorrera ao patamar; ambos apoderaram-se dele e levaram-no à força para o interior da casa. O boxeador, muito excitado, apressou a partida. Nastássia Filípovna levantou-se, lançou um derradeiro olhar para o espelho e notou com um riso forçado, como o contou mais tarde Keller, que estava "pálida como uma morta"; depois, tendo-se inclinado piedosamente diante do ícone, saiu para o patamar. Um rumor saudou seu aparecimento. Para falar a verdade, no primeiro momento, ouviram-se risadas, aplausos irônicos e talvez assobios; mas ao fim de um instante outras exclamações explodiram

— Que bela mulher!

— Não é a primeira nem a última!

— O casamento cobre tudo, imbecis!

— Não, vê se encontras uma beleza igual! Viva! — exclamavam os mais próximos.

— Uma princesa! Por uma princesa como essa venderia eu a alma! — exclamou um empregado de repartição. — Uma noite ao preço de minha vida![67]

Nastássia Filípovna avançou; seu rosto estava pálido como um lenço, mas seus grandes olhos negros lançavam sobre os curiosos

olhares ardentes como carvões acesos. A multidão não pôde suportar aqueles olhares; a indignação deu lugar aos clamores de entusiasmo. A portinhola do carro estava aberta e já Keller estendia a mão à noiva, quando esta lançou um grito e, deixando o patamar, avançou direta sobre a multidão. As pessoas do cortejo ficaram paralisadas de assombro; o público se afastou diante dela e a cinco ou seis passos do patamar apareceu de súbito Rogójin. Ela havia percebido seu olhar em meio de toda aquela multidão. Correu para ele como uma louca e lhe agarrou as duas mãos:

— Salva-me! Leva-me! Salva-me e leva-me para onde quiseres, agora mesmo!

Rogójin agarrou-a quase no ar e carregou-a por assim dizer para seu coche. Depois, num átimo, tirou uma cédula de cem rublos de seu porta-moedas e estendeu-a ao cocheiro.

— Para a estação! Se chegares antes da partida do trem, terás outros cem rublos!

Saltou para o coche ao lado de Nastássia Filípovna e fechou a portinhola. Sem um instante de hesitação, o cocheiro fustigou os cavalos. Mais tarde, Keller, contando o acontecido, desculpou-se de ter-se deixado apanhar desprevenido: “Um segundo mais e eu me teria recomposto; não teria deixado que tal acontecesse!” Burdóvski e ele estiveram a ponto de tomar outro carro que se encontrava ali para lançar-se em perseguição dos fugitivos, mas quase imediatamente reconsideraram, pretextando “que era demasiado tarde e que não a fariam voltar à força”.

— E depois o príncipe não quererá isso! — decidiu Burdóvski, todo transtornado.

Rogójin e Nastássia Filípovna chegaram à estação a tempo. Depois que desceram do coche e quase no momento de subirem ao vagão, Rogójin parou à pressa uma moça que passava, com um lenço na cabeça e envolta num mantôzinho escuro, velho, mas ainda conveniente.

— Queres aceitar cinquenta rublos pelo teu mantô? — perguntou-

lhe ele, estendendo-lhe bruscamente o dinheiro.

Antes que ela se recuperasse de seu assombro e compreendesse de que se tratava, havia-lhe ele introduzido na mão os cinquenta rublos, tirara-lhe o mantô e o lenço e lançara-os sobre os ombros e a cabeça de Nastássia Filípovna. O traje demasiado faustoso desta teria atraído os olhares e causado sensação no vagão. Somente em seguida é que a moça compreendeu a razão pela qual lhe haviam comprado por tal preço coisas sem valor.

A notícia da aventura chegou à igreja com uma rapidez incrível. Quando Keller abriu passagem até o príncipe, numerosas pessoas que ele não conhecia absolutamente precipitaram-se para ele, a fim de interrogá-lo. Falava-se bem alto, abanava-se a cabeça, havia mesmo risadas; ninguém quis sair da igreja: todos desejavam ver como o noivo acolheria a notícia.

Ele empalideceu, mas recebeu aquela notícia com calma, dizendo com uma voz apenas perceptível: “Eu tinha medo, mas não esperava ainda assim isto…” Depois, em seguida a um instante de silêncio, acrescentou: “De resto… dado seu estado… está totalmente na ordem das coisas”. Esta conclusão foi mesmo qualificada mais tarde por Keller de “filosofia sem exemplo”. O príncipe saiu da igreja sem perder sua calma e sua serenidade: pelo menos muitas das pessoas o notaram e comentaram depois essa atitude. Parecia ter um vivo desejo de regressar à sua casa e de isolar-se o mais cedo possível; mas não lhe facultaram isto. Vários de seus convidados seguiram-no ao seu quarto, entre outros Ptítsin, Gavrila Ardaliónovitch e o doutor, que não tinha tanto quanto os outros intenção de ir-se embora. Além disso, toda a casa estava literalmente assaltada pelos basbaques. O príncipe ouviu Keller e Liébiediev manterem violenta discussão com indivíduos perfeitamente desconhecidos que tinham o ar de funcionários e queriam a toda a força invadir o terraço. Aproximou-se e indagou de que se tratava. Depois, afastando polidamente Liébiediev e Keller, dirigiu-se num tom cheio de cortesia a um senhor corpulento que tinha cabelos grisalhos e que, trepado nos degraus do patamar, estava à frente dum grupo de invasores, convidou-o a fazer-lhe a honra de sua visita. O senhor ficou confuso, mas nem por isso deixou de aceitar; depois veio um segundo, depois um terceiro. Sete ou oito outros

indivíduos destacaram-se da multidão e entraram igualmente, dando-se ares da maior desenvoltura; seu exemplo não foi seguido e ouviu-se em breve os próprios basbaques a censurar aqueles intrusos.

Ofereceram-se cadeiras aos recém-vindos, travou-se a conversação e serviu-se o chá; tudo isso se fez com modéstia, mas muito convenientemente, o que não deixou de surpreender um pouco aqueles hóspedes inesperados. Houve sem dúvida certas tentativas para alegrar a conversa e dirigi-la para o assunto "querido"; arriscaram-se algumas questões indiscretas e algumas observações "maliciosas". O príncipe respondeu a todos com tanta simplicidade, bonomia e ao mesmo tempo dignidade e confiança no decoro de seus hóspedes que as questões extemporâneas cessaram por si mesmas. Pouco a pouco o rumo da conversa tornou-se quase sério. Um senhor, tomando a palavra, afirmou de repente, num tom indignado que não venderia terras, acontecesse o que acontecesse; esperaria, veria o que aconteceria; "as empresas valem mais do que o dinheiro"; "sim, meu caro senhor — ele concluiu, — eis em que consiste meu sistema econômico, fique sabendo!". Como se dirigia ao príncipe, este aprovou-o com calor, se bem que Liébiediev lhe tivesse cochichado ao ouvido que aquele senhor jamais tivera o menor pedaço de terra sob o sol.

Cerca de uma hora se passou. Acabaram de tomar chá. Os visitantes tiveram escrúpulo em ficar mais muito tempo. O doutor e o senhor de cabelos grisalhos despediram-se do príncipe de modo comovedor. Todos aliás despediram-se com barulhentas efusões. Acompanharam seus votos de pensamentos no gênero deste: "não há motivo para desolar-se, talvez o que se passou seja para o melhor", e assim por diante. Houve pessoas, é verdade, que se atreveram a pedir champanhe, mas os visitantes mais idosos fizeram-nos guardar as conveniências.

Quando toda aquela gente se retirou, Keller inclinou-se para Liébiediev e disse-lhe:

— Se nos tivessem deixado agir, tu e eu teríamos gritado, travado uma luta; nos teríamos coberto de vergonha e teríamos atraído a polícia. Mas ele conquistou de uma vez novos amigos e ainda por

cima, que amigos! Eu os conheço!

Liébiediev, que estava bastante embriagado, proferiu, com um suspiro:

— O que foi oculto aos sábios e aos prudentes, foi revelado às crianças. Há muito tempo que apliquei ao príncipe esta frase, mas agora acrescentarei que a própria criança foi preservada e salva do abismo por Deus e por todos os seus santos!

Cerca das dez horas e meia, deixaram enfim o príncipe só. Estava com dor de cabeça. Kólia foi o último a retirar-se, após tê-lo ajudado a tirar seu traje de noivo. Despediram-se com calorosos protestos de amizade. Kólia não insistiu a respeito do acontecimento do dia, mas prometeu voltar no dia seguinte bem cedo. Assegurou mais tarde que o príncipe não o havia prevenido de nada e tinha-o deixado na ignorância de suas intenções ao despedir-se dele. Em breve não ficou quase mais ninguém na casa. Burdóvski fora para a casa de Ipolit, Keller e Liébiediev partiram não se sabe para onde. Somente Viera Liébiedieva ficou ainda algum tempo para restituir ao apartamento seu aspecto habitual. No momento de retirar-se foi ver o que o príncipe fazia. Estava sentado à sua mesa, com os dois cotovelos apoiados e o rosto oculto nas mãos. Ela se aproximou de mansinho e lhe tocou o ombro. O príncipe olhou-a com surpresa e levou quase um minuto a reunir suas recordações; quando se dominou e compreendeu tudo, manifestou brusca e veemente emoção. Acabou por pedir-lhe, com viva insistência, que fosse bater-lhe à porta do quarto, no dia seguinte de manhã, à hora do primeiro trem, às sete horas. A moça prometeu; nisto conjurou-a a nada falar daquilo a pessoa alguma, o que ela prometeu igualmente. Enfim, quando, a porta já escancarada, estava Viera a ponto de ir-se, ele a reteve pela terceira vez, tomou-lhe as mãos, beijou-as, depois deu-lhe um beijo na testa e disse-lhe: “Até amanhã!”, com um acento “insólito”. Tal foi pelo menos a narrativa de Viera. Saiu presa de sérias apreensões a respeito dele. No dia seguinte tranquilizou-se mais ou menos quando bateu, como fora combinado, um pouco antes das sete horas para preveni-lo de que o trem de Petersburgo partia dentro de um quarto de hora. Ele lhe pareceu, quando abriu a porta, ter o aspecto perfeitamente bem disposto e até mesmo sorridente. Mal tirara a roupa para passar a noite, mas assim

mesmo dormira. Disse que pensava poder voltar durante o dia. Tudo levava a crer que Viera era a única pessoa à qual ele achou então possível e necessário anunciar sua intenção de ir a Petersburgo.

## Capítulo XI

Uma hora depois, ele já estava naquela cidade e, entre nove e dez horas, tocava a campainha da casa de Rogójin. Passara pela entrada principal e um longo momento se passou antes que lhe respondessem. Enfim a porta do apartamento da velha Rogójina se abriu e uma criada idosa e de aparência respeitável se mostrou.

— Parfien Siemiônovitch não está em casa — declarou ela sem abrir completamente a porta. — A quem procura?

— Parfien Siemiônovitch.

— Não está lá.

A criada examinou o príncipe com estranha curiosidade.

— Poderia pelo menos dizer-me se ele passou a noite aqui? E… ontem ele regressou só?

A criada continuou a fixá-lo e não respondeu.

— Nastássia Filípovna não esteve com ele aqui ontem… ontem de noite?…

— Mas permita-me pelo menos que lhe pergunte, quem é mesmo o senhor?

— O Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin; nós nos conhecemos bem, Parfien e eu.

— Ele não está em casa.

A criada baixou os olhos.

— E Nastássia Filípovna?

— Não sei de nada.

— Espere, escute-me! Quando ele voltará?

— Não sei tampouco.

A porta tornou a fechar-se. O príncipe decidiu voltar uma hora mais tarde. Lançou uma olhadela para o pátio e viu o porteiro.

— Parfien Siemiônovitch está em casa?

— Sim.

— Como puderam dizer-me há um instante que ele estava ausente?

— Disseram-lhe isso no apartamento dele?

— Não; foi a criada de sua mãe quem disse, mas toquei à porta de Parfien Siemiônovitch e ninguém me abriu.

— Pode ser que ele tenha saído — concluiu o porteiro, — porque ele não previne quando se ausenta. Por vezes mesmo leva a chave consigo e o apartamento fica fechado três dias seguidos.

— Estás bem certo de que ele estava em casa ontem?

— Sim. Acontece-lhe por vezes passar pela porta da frente; então não o vejo.

— E Nastássia Filípovna estava com ele ontem?

— Não sei de nada. Ela vem bastante raramente. Se tivesse vindo, creio que a teríamos visto.

Míchkin saiu e ficou a andar algum tempo pelo passeio, com ar perplexo. As janelas do apartamento de Rogójin estavam completamente fechadas e as do apartamento ocupado por sua mãe quase todas abertas. O dia estava claro e quente. O príncipe atravessou a rua e deteve-se no passeio oposto, para olhar ainda uma vez as vidraças; não somente estavam fechadas, mas as cortinas brancas quase todas baixadas.

Ficou ali cerca de um minuto e, coisa estranha, pareceu-lhe ver a fímbria de uma das cortinas levantar-se e a figura de Rogójin mostrar-se para desaparecer imediatamente. Esperou um pouco e esteve a ponto de subir e tocar de novo, mas mudou de ideia e resolveu voltar uma hora mais tarde. “Quem sabe? Talvez não tivesse passado de uma ilusão…”

O essencial para ele agora era dirigir-se a toda a pressa para o quarteirão do Regimento Ismáilovski, o derradeiro endereço de Nastássia Filípovna. Sabia que, três semanas antes, quando lhe havia pedido que abandonasse Pávlovsk ela se instalara naquele bairro em casa de uma de suas amigas, viúva de um professor; era uma respeitável mãe de família que alugava um belo apartamento mobiliado do qual lhe provinha a maior parte de seus recursos. Era de acreditar que, tendo ido residir em Pávlovsk, houvesse Nastássia Filípovna retido aquele apartamento. E era sobretudo provável que ela tivesse passado ali a noite depois de ter sido para lá levada sem dúvida na véspera por Rogójin. O príncipe tomou um fiacre. De caminho, refletiu que devia ter começado suas buscas por lá, diante da improbabilidade de ter-se a jovem dirigido diretamente, à noite, para a casa de Rogójin. Lembrou-se então de que o porteiro dissera que ela raramente ia lá. Se ela raramente ia lá, por que teria ido agora para a casa dele? Enquanto procurava animar-se com tais raciocínios consoladores, chegou o príncipe mais morto do que vivo ao quarteirão do Regimento Ismáilovski.

Ali, ficou estupefato ao saber que a viúva do professor não tivera notícias de Nastássia Filípovna, nem naquele dia, nem na véspera. Melhor ainda: toda a família acorreu para vê-lo como se fosse um fenômeno. Todas as crianças, meninas entre sete e quinze anos, separadas umas das outras por um ano de distância, vieram atrás de sua mãe e cercaram o príncipe, a quem fitavam de boca aberta. Depois delas chegou uma tia magra e amarela, com um lenço preto na cabeça, e por fim, a avó da família, uma senhora muito velha que usava óculos. A viúva do professor insistiu com o príncipe para que entrasse e sentasse, o que ele fez. Compreendeu logo que todas aquelas pessoas o conheciam perfeitamente e sabiam que ele deveria ter casado na véspera; adivinhou que ardiam de vontade de interrogá-lo a respeito

daquele casamento e de saber por qual milagre vinha indagar deles onde se achava uma mulher que deveria naquele momento estar com ele em Pávlovsk, mas que, por delicadeza, abstinham-se de interrogar.

Satisfez-lhes em poucas palavras a curiosidade referente ao casamento. As exclamações de surpresa foram tais que teve de contar, resumidamente, quase tudo quanto se tinha passado. Finalmente aquele conselho de senhoras cheias de sabedoria e de emoção decidiu que ele devia, custasse o que custasse e antes de tudo, ir de novo bater à casa de Rogójin, fazer-se introduzir e obter dele todos os esclarecimentos. Se ele estivesse realmente ausente (o que exigia ser tirado a claro) ou se recusasse falar, então o príncipe devia dirigir-se ao quarteirão do Regimento Siemiônovsk, à casa de uma senhora alemã, amiga de Nastássia Filípovna e que vivia com sua mãe; talvez, sob o efeito da emoção e no seu desejo de ocultar-se, tivesse ido a fugitiva passar a noite em casa daquelas pessoas.

Quando o príncipe se levantou estava muito abatido e, como as senhoras o disseram mais tarde, "terrivelmente pálido"; suas pernas dobravam-se literalmente sob ele. Através do palavrório, acabou por compreender que elas propunham agir de acordo com ele e lhe pediam seu endereço na cidade. Como não o tivesse, aconselharam-lhe que alugasse um quarto num hotel. Míchkin refletiu e deu o endereço do hotel onde precedentemente se hospedara e onde, cinco semanas antes, tivera um ataque. Depois disto, voltou à casa de Rogójin.

Desta vez, não somente não lhe abriram a porta do apartamento de Rogójin, mas até mesmo a da habitação da velha senhora permaneceu fechada. Desceu ao pátio e se pôs, não sem trabalho, à procura do porteiro; este que estava ocupado, olhou-o e mal lhe respondeu, mas lhe deu não obstante categoricamente a entender que Parfien Siemiônovitch "partira bem cedo para Pávlovsk e não regressaria durante o dia".

— Esperarei; talvez regresse à noite.

— Talvez não antes de uma semana; quem sabe?

— Em todo o caso passou a noite aqui?

— Quanto a isto, sim…

Tudo aquilo era suspeito e obscuro. O porteiro podia muito bem ter recebido no intervalo novas instruções. Ainda há pouco, estivera loquaz; agora mal descerrava os lábios. O príncipe mesmo assim decidiu voltar ainda uma vez duas horas mais tarde e mesmo, se fosse necessário, ficar de tocaia diante da casa. No momento, restava-lhe a esperança de ir buscar informações com a alemã. Dirigiu-se, pois, a toda a pressa ao quarteirão do Regimento Siemiônovski.

Mas nem mesmo conseguiu que a bela alemã lhe desse ouvidos. Por algumas palavras que ela deixou escapar, acreditou compreender que havia brigado quinze dias antes com Nastássia Filípovna, de modo que nada mais ouvira a seu respeito desde aquela época; agora proclamava bem alto que não tinha por ela mais interesse algum, "ainda mesmo que ela casasse com todos os príncipes do mundo". Míchkin apressou-se em despedir-se. Veio-lhe a ideia, entre outras, de que a jovem mulher houvesse talvez partido para Moscou, como outrora, e que Rogójin a havia sem dúvida seguido, supondo-se mesmo que não houvesse partido com ela. "Se pelo menos se pudesse encontrar um traço qualquer da passagem deles!"

Lembrou-se, entrementes, de que devia alugar um quarto no hotel. Correu a procurar uma Rua da Fundição, onde encontrou imediatamente o que precisava. O criado perguntou-lhe se não desejava comer alguma coisa; por distração respondeu que "sim" e ficou furioso contra si mesmo, porque a refeição o fez perder uma meia hora; só um pouco mais tarde concluiu que nada o obrigava a comer a refeição servida. No ar sufocante daquele corredor escuro, teve a impressão de ser invadido por uma sensação estranha, angustiante e que tendia, ao que parecia, a transformar-se num pensamento; mas este pensamento embrionário não chegava a definir-se. Saiu do hotel fora de si; a cabeça girava-lhe. Aonde devia, pois, ir? De novo correu para a casa de Rogójin.

Rogójin não havia regressado; o príncipe cansou-se de tocar a campainha de seu apartamento, ninguém deu sinal de vida; tocou então em casa da velha; abriram-lhe e declararam-lhe uma vez mais que Parfien Siemiônovitch estava ausente e só voltaria talvez dentro

de uns três dias. Sentiu um mal-estar ao verificar que o olhavam com expressão insólita de curiosidade. Desta vez não ouve jeito de encontrar o porteiro.

Como da vez anterior, passou Míchkin para o passeio oposto onde se pôs a andar para baixo e para cima, num calor acabrunhante, durante uma meia hora ou mais, mantendo os olhos fixos nas janelas. Desta vez nada se moveu: as janelas permaneceram fechadas e as cortinas brancas imóveis. Ficou decisivamente convicto de que se enganara da primeira vez; aliás, as vidraças estavam tão sujas e não haviam sido lavadas desde tanto tempo que teria sido difícil ver através delas, se é que se achasse alguém por trás.

Reconfortado por esta ideia, voltou ao quarteirão do Regimento Ismáilovski, à casa da viúva do professor. Já o esperavam ali. A senhora fora a três ou quatro lugares e até mesmo à casa de Rogójin, mas sem sombra de resultado. O príncipe escutou em silêncio, entrou no quarto, sentou-se no sofá e pôs-se a olhar os que o cercavam com o ar de um homem que não compreende o que lhe estão dizendo. Fenômeno singular: ora sua faculdade de observação parecia superaguda, ora tornava-se incrivelmente distraída. Toda a família declarou mais tarde ter ficado espantada naquele dia com a estranheza da atitude do príncipe; "talvez fosse já a manifestação de seu desarranjo mental". Por fim levantou-se e pediu para ver os aposentos ocupados por Nastássia Filípovna. Eram dois grandes quartos, altos, claros e belamente mobiliados, pelos quais ela devia ter pago bastante caro. Aquelas senhoras contaram depois que o príncipe havia examinado cada objeto daquele apartamento; tendo visto sobre um velador um romance francês, *Madame Bovary*, proveniente de um gabinete de leitura, dobrou o canto da página na qual o livro ficara aberto e pediu permissão para levá-lo. Depois, embora lhe tivessem observado que aquele volume era emprestado, guardou-o no bolso. Sentou-se perto de uma janela aberta e, vendo sobre uma mesa de jogo inscrições a giz, perguntou quem tinha jogado ali. Responderam-lhe que Nastássia Filípovna jogava todos os dias uma partida de cartas com Rogójin; jogavam "burro", "preferência", "moleiro", "uíste", "trunfo", em suma, todos os jogos, e tinham tomado tal hábito bem recentemente, depois que Nastássia Filípovna deixara Pávlovsk para

instalar-se em Petersburgo. Queixara-se um dia de aborrecer-se porque Rogójin passava noites inteiras sem dizer uma palavra e não tinham assunto nenhum de conversa; muitas vezes ela chorava. Na noite seguinte, Rogójin tirou de repente do bolso um baralho; imediatamente Nastássia Filípovna desatou a rir e puseram-se ambos a jogar. O príncipe perguntou onde estavam as cartas de que se haviam eles servido. Não puderam mostrar-lhe, porque Rogójin, ao retirar-se, metia no bolso o baralho que servira na noite e trazia sempre outro novo no dia seguinte.

As senhoras aconselharam o príncipe a voltar ainda uma vez à casa de Rogójin e bater com mais força à sua porta; mas "de noite; não agora; talvez então alguma coisa terá sido esclarecida". A viúva do professor ofereceu-se para ir ela própria durante o dia a Pávlovsk, à casa de Dária Alieksiéievna, para saber se lá não se soubera de nada. Convidaram o príncipe a voltar às dez horas da noite, quando menos para combinar um plano de ação para o dia seguinte. A despeito de todas as consolações e de todos os encorajamentos, um desespero total invadia a alma do príncipe. Acabrunhado por indizível pesar, voltou a pé ao seu hotel. Sentia-se como que esmagado num torno em Petersburgo, cuja atmosfera é sufocante e carregada de poeira durante o verão. Acotovelava pessoas grosseiras ou bêbados e encarava os transeuntes sem saber por que. Talvez tivesse dado muitos passos e voltas inúteis; a noite caía quase quando reentrou em seu quarto. Resolveu repousar um pouco e voltar em seguida à casa de Rogójin, como lhe tinham aconselhado. Tendo-se então sentado em seu divã, pôs os cotovelos sobre a mesa e mergulhou em suas reflexões.

Deus sabe quanto tempo ficou naquela posição e tudo quanto lhe passou pela cabeça. "Tinha medo de muitas coisas e sentia com dor e angústia os terríveis progressos daquele medo. Pensou em Viera Liébiedieva; depois perguntou a si mesmo se Liébiediev não teria conhecimento de tudo aquilo; disse a si mesmo que, mesmo se ele não soubesse de nada, poderia informar-se mais depressa e mais facilmente que ele, Míchkin. Em seguida evocou a lembrança de Ipolit e lembrou-se de que Rogójin ia vê-lo. Enfim lembrou-se do próprio Rogójin: vira-o recentemente no enterro, depois no parque, e também bastante perto de seu quarto, naquele corredor onde o havia tocaiado

com uma faca na mão e oculto num canto. Lembrou-se de seus olhos, de seus olhos que o fixavam então nas trevas. Estremeceu: o pensamento que se esboçava ainda há pouco em seu espírito ia-se destacando agora com nitidez.

Este pensamento era mais ou menos o seguinte: se Rogójin estivesse em Petersburgo, de nada valeria esconder-se mais ou menos tempo, acabaria sempre por voltar a encontrar o príncipe, com boas ou más intenções, provavelmente no mesmo estado de espírito da outra vez. Pelo menos, se Rogójin achasse necessário, por uma razão qualquer, vir encontrá-lo, seria naturalmente aqui, neste mesmo corredor. “Não conhecendo meu endereço, é provável que me suponha hospedado no mesmo hotel que antes; em todo o caso será aqui que me procurará… se tiver veemente necessidade de ver-me. E quem sabe? Talvez essa necessidade fosse mesmo imperiosa.”

Assim raciocinava e este raciocínio parecia-lhe perfeitamente plausível. Se começasse a analisá-lo, não teria podido explicar, por exemplo, porque de súbito ele se tornaria tão necessário a Ragójin, ou porque era impossível supor que não se encontrariam mais. Mas um pensamento era-lhe penoso: “se for feliz, não virá — dizia a si mesmo ainda, — mas virá, se for infeliz; ora, sente-se certamente infeliz…”.

Sendo está sua convicção, deveria ter esperado Rogójin no hotel, em seu quarto; mas, como se não pudesse suportar sua nova ideia, levantou-se dum salto, pegou seu chapéu e saiu precipitadamente. A escuridão era já quase completa no corredor. “Se ele surgisse subitamente daquele canto e me detivesse na escada?”, pensou ele, ao passar ao lado do lugar fatal. Mas ninguém apareceu. Transpôs a porta, passou para o passeio, olhou com surpresa o fervilhar da multidão nas ruas no momento do pôr do sol (espetáculo habitual em Petersburgo durante a canícula), depois dirigiu-se para a Rua das Ervilhas. A cinquenta passos do hotel, no primeiro cruzamento, alguém na multidão tocou-o com o cotovelo e lhe disse à meia voz, bem perto do ouvido:

— Liev Nikoláievitch, meu irmão, siga-me, é preciso.

Era Rogójin.

Coisa estranha: Míchkin pôs-se imediatamente a contar-lhe, com alegre volubilidade e mal tendo tempo de terminar as palavras, como o tinha esperado um instante antes no corredor do hotel.

— Estive ali — respondeu rápido Rogójin. — Vamos!

Míchkin ficou surpreendido com aquela resposta, mas dois minutos pelo menos decorreram entre o momento em que a compreendeu e aquele em que se admirou dela. Ficou então com medo e pôs-se a observar Rogójin. Este o precedia a cerca de meio passo; olhava fixo à sua frente e não prestava atenção alguma aos passantes, a cuja aproximação se acautelava maquinalmente.

— Por que não perguntaste por mim no hotel… já que lá foste? — perguntou de súbito o príncipe.

Rogójin parou, olhou-o, refletiu, depois disse, como se não tivesse percebido bem a pergunta.

— Escuta, Liev Nikoláievitch, caminha sempre em frente até a minha casa. Tu a conheces. Eu seguirei pelo outro lado da rua. Mas não me percas de vista, para chegarmos juntos.

Nisto, atravessou o calçamento e passou para o outro passeio, enquanto verificava se o príncipe se punha a caminho. Vendo que ele estava parado e o olhava de olhos arregalados, indicou-lhe com a mão a direção da Rua das Ervilhas, depois continuou a andar, voltando-se sem cessar para vigiar o príncipe e incentivá-lo a continuar. Recuperou confiança, quando verificou que Liev Nikoláievitch o havia compreendido e não atravessava a rua para alcançá-lo. Teve Míchkin a ideia de que Rogójin espreitava a passagem de alguém e que, temendo não conseguir, tomara o outro passeio. “Somente, por que não disse qual era a pessoa que era preciso espreitar?” Caminharam assim cerca de quinhentos passos. De repente, o príncipe começou a tremer sem saber por que. Rogójin continuava a voltar-se, mas a intervalos mais espaçados. Não se aguentando mais, o príncipe chamou-o com um gesto. Rogójin atravessou logo a rua.

— Nastássia Filípovna está em tua casa?

— Está lá.

— E ainda há pouco, eras tu que me olhavas à janela, por trás da cortina?

— Sim.

— Como, tu?…

Mas o príncipe não soube nem como acabar sua frase, nem que pergunta fazer. Além do mais seu coração batia tão violentamente que sentia dificuldade em falar. Rogójin também se calou e olhou com o mesmo olhar de antes, isto é, com uma expressão pensativa.

— Bem, já vou — disse ele, de súbito, preparando-se para atravessar a rua. — Tu, avança também. Caminhemos separadamente… é preferível… cada qual de seu lado… verás.

Quando, cada qual num passeio diferente, entraram por fim na Rua das Ervilhas e se aproximaram da casa de Rogójin, sentiu o príncipe de novo suas pernas dobrarem-se, a ponto de ter quase dificuldade de andar. Eram cerca de dez horas da noite. As janelas da ala habitada pela velha tinham permanecido abertas; em casa de Rogójin tudo estava fechado e, na sombra crepuscular, as cortinas baixadas pareciam dum branco ainda mais cru. Míchkin aproximou-se da casa e parou no passeio oposto; vendo Rogójin subir o patamar e fazer-lhe sinal, foi até ele.

— O porteiro nem sabe que voltei. Disse há pouco que ia a Pávlovsk e repeti a mesma coisa à criada de minha mãe — cochichou Rogójin, com um sorriso astuto e quase satisfeito. — Entraremos sem que ninguém nos ouça.

Estava já com a chave na mão. Ao subir a escada, voltou-se para o príncipe e fez-lhe sinal de pisar mais de leve. Abriu sem rumor a porta de seu apartamento, deixou Míchkin passar, avançou com circunspecção atrás dele, tornou a fechar a porta e meteu a chave no bolso.

— Vamos — disse, em voz baixa.

Cochichava desde que começara a falar ao príncipe na calçada da Rua da Fundição. A despeito de sua calma aparente, adivinhava-se nele uma profunda perturbação interior. Quando penetraram na sala que precedia o gabinete, ele se aproximou da janela e, com um ar de mistério, chamou o príncipe para junto de si.

— Estás vendo? Quando tocaste a campainha em minha casa esta manhã, eu estava aqui e imediatamente adivinhei que devias ser tu. Aproximei-me da porta na ponta dos pés e ouvi-te falar com a Pafnútievna. Ora, desde o romper do dia havia-lhe eu dado ordens para que, se tocassem a campainha de meu apartamento, e fosses tu, alguém de tua parte ou qualquer outra pessoa, não respondesse sob nenhum pretexto. Esta recomendação visava mais particularmente ao caso em que viesses tu mesmo indagar a meu respeito, e eu lhe havia dado o teu nome. Depois, quando saíste, veio-me a ideia de que talvez te tivesses posto de tocaia na rua ou mandado alguém espionar. Foi então que me aproximei desta janela e que afastei a cortina para lançar uma olhadela: estavas lá, de pé, a olhar-me… Eis como as coisas se passaram.

— Onde está então… Nastássia Filípovna? — perguntou o príncipe, com voz estrangulada.

— Ela está… aqui — articulou lentamente Rogójin, após breve hesitação.

— Mas onde?

Rogójin ergueu os olhos para o príncipe e fitou-o.

— Está bem; podes vir.

Exprimia-se sempre em voz baixa, lentamente e com o mesmo ar de estranha distração. Mesmo contando como havia erguido a cortina, parecia, a despeito de sua expansão, querer falar coisa bem diversa.

Entraram no gabinete. Tinham sido feitas ali certas mudanças desde a derradeira visita de Míchkin. Uma cortina de brocado dividia a peça em duas e separava, conservando duas passagens nas extremidades, o gabinete propriamente dito da alcova onde se

encontrava o leito de Rogójin. Aquela pesada cortina estava corrida e fechava as passagens. A peça estava muito escura; as noites “brancas” de Petersburgo estavam em declínio e, não fosse a lua cheia, seria difícil distinguir o que quer que fosse naquele apartamento, cujas cortinas baixadas aumentavam a escuridão. Na verdade podiam-se distinguir ainda as figuras, embora bastante confusamente. A de Rogójin estava pálida como de costume; seus olhos fixavam no príncipe um olhar cintilante, mas imóvel.

— Devias acender uma vela — disse Míchkin.

— Não, não é preciso — respondeu Rogójin que, tomando seu companheiro pela mão, obrigou-o a sentar.

Ele próprio sentou diante dele; sua cadeira estava tão próxima que seus joelhos quase se tocavam. Um velador encontrava-se entre eles, um pouco ao lado.

— Senta-te, repousemos um instante — disse ele, com ar convidativo.

Reinou um minuto de silêncio. Depois Rogójin prosseguiu no tom que se toma quando, para não abordar de frente a questão principal, trava-se a conversa sobre detalhes ociosos:

— Já sabia que te hospedarias no mesmo hotel; no momento em que entrei no corredor, disse a mim mesmo: quem sabe, talvez ele esteja lá, também, a esperar-me, neste instante, como eu mesmo o espero? Estiveste na casa da viúva do professor?

— Sim — pronunciou a custo o príncipe cujo coração batia violentamente.

— Também imaginei isso. Disse a mim mesmo que isto daria ainda que falar… Depois tive a ideia de trazer-te aqui para que passemos esta noite juntos…

— Rogójin, onde está Nastássia Filípovna? — murmurou de repente Míchkin, levantando. Tremia da cabeça aos pés.

Rogójin ficou em pé também.

— Está ali — disse em voz baixa, mostrando a cortina, com um movimento da cabeça.

— Dorme? — cochichou o príncipe.

De novo Rogójin olhou-o fixamente, como no começo.

— Pois bem! Então, vamos lá!… Tu somente… mas vamos!

Correu a cortina, parou e voltou-se para Míchkin.

— Entra! — disse ele, convidando-o com um gesto a avançar.

O príncipe passou adiante.

— Está escuro aqui — disse ele.

— Vê-se! — murmurou Rogójin.

— Distingo apenas… o leito.

— Aproxima-te mais — insinuou Rogójin em voz baixa.

O príncipe deu ainda um passo ou dois e parou. Permaneceu de pé, escrutando um ou dois minutos; entretanto, junto ao leito, os dois homens mantinham-se silenciosos. Na calma de morte que reinava naquele lugar, teve o príncipe a impressão de que se ouviam as batidas de seu coração tão violentas eram elas. Seus olhos acabaram por discernir o leito todo: alguém nele dormia numa imobilidade rígida; não se percebia o menor ruído, nem a mais leve respiração. Um lençol branco cobria o dormente da cabeça aos pés e mal desenhava a forma de seus membros; o relevo dos contornos revelava apenas a presença de um corpo humano. Em redor, em desordem, sobre a cama e a seus pés, junto da própria cama, em cima das cadeiras, inclusive no chão, jaziam vestes, um belo vestido de seda branca, flores, fitas. sobre uma mesinha de cabeceira cintilavam diamantes ali pousados negligentemente. Na extremidade do leito, um montão de rendas brancas deixava passar a ponta dum pé nu que parecia esculpido em mármore e mantinha uma imobilidade aterrorizante. Quanto mais o príncipe olhava, mais o silêncio daquele quarto lhe parecia profundo, mortal. De repente uma mosca despertou, pôs-se a zumbir, voou por

cima do leito e pousou sobre a cabeceira. Míchkin sentiu um arrepio.

— Saiamos — disse Rogójin, tocando-lhe no braço.

Deixaram a alcova e retomaram lugar em suas cadeiras, sempre defronte um do outro. O príncipe tremia cada vez mais e não desviava do rosto de Rogójin seu olhar interrogador.

— Tu vês, Liev Nikoláievitch? — disse por fim Rogójin. — Noto que tremes quase como quando tua doença se acerca de ti; lembras-te como era isso em Moscou? Ou então como ocorreu uma vez antes do teu ataque. Pergunto a mim mesmo o que farei agora de ti…

Míchkin escutava-o atentamente, esforçando-se por compreender e continuando a interrogar com os olhos.

— Foste tu? — perguntou por fim, mostrando a cortina com um aceno de cabeça.

— Fui eu… — cochichou Rogójin, baixando a fronte. Ficaram cinco minutos sem trocar palavra.

Rogójin voltou de súbito à sua ideia, como se a pergunta do príncipe não a tivesse distraído.

— Compreendes? Se tivesses agora um acesso de teu mal, teu grito poderia ser ouvido na rua ou no pátio e adivinhariam que há gente aqui; viriam bater à porta e entrariam… porque todos me

acreditam ausente. Se nem mesmo acendi uma vela, foi para que da rua ou do pátio nada se visse. Com efeito, quando me ausento, levo minhas chaves e ninguém entra aqui, mesmo para arrumar, durante três e até quatro dias. Foi a regra que estabeleci. Assim arranjemo-nos para que não se saiba que passamos a noite…

— Espera — disse o príncipe. — Perguntei há pouco ao porteiro e à velha criada se Nastássia Filípovna não viera passar a noite aqui… Estão já então ao corrente.

— Não o ignoro. Disse a Pafnútievna que Nastássia Filípovna viera aqui ontem e que regressara ao fim de uns dez minutos para Pávlovsk. Ninguém sabe que ela passou a noite aqui, ninguém. Entrei ontem com ela aqui tão furtivamente como hoje contigo. Pelo caminho, dizia a mim mesmo que ela não haveria de querer entrar às ocultas, mas calculara mal! Ela falava baixo, andava na ponta dos pés e arrepanhava o vestido em torno de si para que ele não grugrulejasse; a mim mesmo impôs silêncio com um gesto, na escada. Era sempre de ti que tinha medo. No trem seus terrores atingiam quase a loucura; foi ela mesma quem pediu para passar a noite aqui. Minha primeira ideia fora levá-la à casa da viúva do professor, mas não houve jeito de convencê-la. “Lá, me disse ela, o príncipe me encontrará ao romper do dia; esconde-me e amanhã, à primeira hora, fugirei para Moscou!” De Moscou, pensava seguir para Orel. Deitou-se na cama repetindo que iríamos para Orel…

— Espera: que contas tu fazer agora, Parfien?

— Olha: tu me inquietas com teu tremor que não para! Vamos passar a noite aqui, juntos. Não tenho outra cama senão aquela, mas combinei isto: pegaremos as almofadas dos dois divãs e faremos para ti e para mim um leito no chão, perto da cortina; dormiremos assim um perto do outro. Depois, quando entrarem, examinarão o quarto, procurarão, não tardarão a descobri-la e levá-la daqui. Vão me interrogar, confessarei que fui eu e me levarão logo. Pois bem! que ela repouse por agora perto de nós, perto de ti e de mim!…

— Sim, isto mesmo! — aprovou o príncipe com ardor.

— Portanto não vamos dizer nada e não deixaremos que a levem!

— Por coisa alguma do mundo! — disse resolutamente Míchkin. — Não, não e não, não deixaremos que a levem!

— É bem minha intenção, meu rapaz: não deixaremos que ninguém a arrebate de nós! Passaremos esta noite tranquilamente. Fiquei o dia inteiro ao lado dela, salvo uma ausência de uma hora esta manhã, depois à noite fui procurar-te. Tenho um temor, é que com este calor sufocante o corpo comece a feder. Sentes alguma coisa?

— Pode ser, não estou bem certo. Mas de manhã o fedor se acentuará, decerto.

— Cobri-a com um encerado um bom encerado americano e puxei o lençol por cima. Coloquei em redor quatro frascos destapados de água de Tchadanovski; estão lá ainda.

— Sim, como lá embaixo… em Moscou?

— Por causa do fedor, meu caro. Se soubesses como repousa… Amanhã de manhã, quando raiar o dia, olha-a. Pois bem! então? Nem podes mesmo mais te levantar? — disse Rogójin, com surpresa e apreensão, vendo que o príncipe tremia a ponto de não poder ficar de pé.

— Minhas pernas recusam-se — murmurou Míchkin. — É o efeito do terror… eu sei… Quando o terror passar, eu me levanto…

— Espera, vou fazer nossa cama e então te deitarás… eu me estenderei a teu lado… e escutaremos… porque, meu amigo, não sei, meu amigo, não sei ainda tudo agora, por isso é que te previno a fim de que tu, tu saibas de antemão…

Balbuciando estas frases incoerentes, Rogójin pusera-se a preparar a cama. Era visível que, desde a manhã talvez, tivesse pensado na maneira de dispô-la. Passara a noite precedente sobre o divã; mas sobre o divã não havia lugar para dois e ele fazia questão absoluta de que repousassem juntos; assim arrastou com grande dificuldade dum lado para outro do quarto as almofadas de todos os tamanhos tiradas dos dois divãs, a fim de arranjar uma cama diante da cortina. Conseguiu-o mais ou menos, depois, aproximando-se do príncipe com

uma expressão de ternura e exaltação, segurou-o por sob os braços, ergueu-o e ajudou-o a alcançar a cama. Percebeu então que o príncipe recuperara a força de andar sozinho; portanto “seu terror começava a passar”; e, no entanto, continuava a tremer. Cedeu-lhe a melhor almofada, a da esquerda, e estendeu-se todo vestido do lado direito, com as mãos cruzadas sob a nuca.

— Com efeito, meu amigo — continuou ele, de repente, — está fazendo calor e o fedor não deixará de se desprender… Receio abrir as janelas. Há, é verdade, em casa de minha mãe jarros de flores, muitas flores e de um perfume delicioso; tinha pensado em trazê-los para aqui, mas isto despertaria a atenção de Pafnútievna, porque ela é curiosa.

— Ela é curiosa — confirmou Míchkin.

— Poderíamos ter comprado ramalhetes… cercá-la completamente de flores. Mas refleti, meu amigo, que isto partia o coração: vê-la assim coberta de flores!

— Dize-me… — perguntou Míchkin, confundindo-se como um homem que procura em sua memória o que tem a perguntar, mas o esquece desde que se recordou, — dize-me, com que fizeste isso? Com uma faca? Com a faca que sabes?

— Sim, com aquela.

— Espera ainda! Quero também perguntar-te, Parfien… tenho muitas perguntas a fazer-te, sobre toda espécie de assuntos… mas dize-me em primeiro lugar para que eu saiba a que me ater: tinhas a intenção de matá-la antes de nosso casamento, com uma facada, na entrada da igreja? Sim ou não?

— Não sei se o queria ou não… — disse secamente Rogójin, surpreendido com a pergunta e até mesmo com ar de não a ter entendido.

— Nunca levaste a faca contigo, quando foste a Pávlovsk?

— Nunca a levei. A respeito dessa faca, eis tudo quanto posso

dizer-te, Liev Nikoláievitch — acrescentou ele, após uma pausa. — Tirei-a esta manhã de uma gaveta trancada a chave, porque tudo se passou entre três e quatro horas. Ficara sempre em minha casa entre as páginas de um livro… E… e… eis ainda uma coisa que me espantou: a faca penetrou sob o seio esquerdo, três ou quatro polegadas de profundidade… e o sangue mal jorrou: uma meia colher de sopa, não mais…

— Isto, sim, isto eu sei — disse o príncipe levantando-se sob o efeito de uma emoção terrível. — Li isto… é o que se chama uma hemorragia interna… Acontece mesma não correr uma gota sequer de sangue. É quando o golpe atinge diretamente o coração…

— Para, estás ouvindo? — interrompeu-o de súbito Rogójin, sentando, cheio de pavor, sobre sua almofada. — Estás ouvindo?

— Não! — respondeu, olhando-o, o príncipe com o mesmo acento de terror subitâneo.

— Andam! Estás ouvindo? Na sala…

Ambos prestaram ouvidos.

— Estou ouvindo — cochichou Míchkin, com segurança.

— Andam?

— Andam.

— Será preciso fechar a porta?

— Sim…

Correram o ferrolho e tornaram a deitar-se. Seguiu-se um longo silêncio.

De repente Míchkin se pôs de novo a cochichar no mesmo tom precipitado e confuso. Parecia que tendo retomado o fio de seu pensamento, temia vê-lo escapar-se de novo.

— Ah! sim — disse ele, sobressaltando-se em sua almofada, — sim, eu queria perguntar-te… aquelas cartas! As cartas… Disseram-me

que jogavas cartas com ela.

— Sim — respondeu Rogójin, ao fim dum momento.

— Onde estão… essas cartas?

— Ei-las… — disse Rogójin, depois de um silêncio mais prolongado. — Olha.

Tirou de seu bolso e estendeu a Míchkin um baralho enrolado em papel e que já servira. O príncipe tomou-o, mas dava a impressão de não saber o que fazia. Novo e pungente sentimento de tristeza apertou-lhe o coração; acabava de compreender que naquele momento e desde muito tempo já dizia e fazia coisa bem diversa da que teria devido dizer e fazer. Aquelas cartas, por exemplo, que tinha na mão e que tanta felicidade lhe causavam não serviriam mais de nada, de nada. Ficou em pé e juntou as mãos num gesto de aflição. Rogójin, estendido e imóvel, não pareceu notar aquele movimento, mas seus olhos fixos e escancarados flamejavam na escuridão. O príncipe sentou numa cadeira e contemplou seu companheiro com terror. Uma meia hora decorreu assim; bruscamente Rogójin, esquecendo-se de que era preciso falar baixo, exclamou num ruidoso ataque de riso:

— O oficial, lembras-te daquele oficial… como o chicoteou ela durante o concerto? Ah! ah! ah! Lembras-te? E o cadete… o cadete… o cadete que deu um salto…

Míchkin sobressaltou-se, presa dum novo terror. Como Rogójin tivesse de repente se acalmado, inclinando-se suavemente para ele, sentou a seu lado e se pôs a observá-lo. Seu coração batia com força e ele respirava penosamente. Rogójin não voltava mais a cabeça para ele e tinha mesmo ar de havê-lo esquecido. Mas Míchkin olhava-o sempre e esperava. O tempo passava, a aurora se aproximava.

Por instantes Rogójin começava subitamente a gaguejar, com voz aguda, palavras destituídas de sequência e a lançar gritos entrecortados de risadas; então o príncipe estendia sobre ele sua mão trêmula, tocava-lhe levemente a cabeça, acariciava-lhe os cabelos e as faces… era tudo quanto podia fazer! Seus arrepios haviam voltado e mais uma vez suas pernas fugiam-lhe ao controle. Uma sensação

inteiramente nova invadira seu coração e enchia-o de uma angústia infinita.

Era agora dia claro. Afinal estendeu-se na sua almofada, extenuado de fadiga e de desespero, e encostou seu rosto ao de Rogójin, lívido e imóvel. Lágrimas correram de seus olhos sobre as faces de Rogójin, mas talvez não as sentisse ele jorrar e nem mesmo delas tinha consciência…

O caso é que, várias horas mais tarde, quando a porta se abriu, encontrou-se o assassino em delírio e privado de consciência. O príncipe estava sentado ao lado dele, imóvel e silencioso sobre sua almofada: toda vez que o doente gritava ou delirava, apressava-se em passar sua mão trêmula sobre seus cabelos e suas faces, num gesto de carícia e de aquietação. Mas não compreendia mais nada já das perguntas que lhe faziam e não reconhecia mais as pessoas que entravam e o cercavam. Se o próprio Schneider tivesse chegado da Suíça naquele momento para ver seu antigo pensionista, teria lembrado do estado no qual este se encontrava por ocasião de seu primeiro ano de tratamento na Suíça, e com um gesto de desânimo teria dito como então: “Idiota!”.

## Capítulo XII / Conclusão

A viúva do professor correu a Pávlovsk e foi direta à casa de Dária Alieksiéievna, que desde a véspera estava consternada. Contou-lhe tudo quanto sabia lançando-a assim num estado de terror que nada pôde acalmar. As duas senhoras resolveram imediatamente entender-se com Liébiediev, transtornado também ele na sua dupla qualidade de amigo do príncipe e de proprietário do apartamento por ele alugado. Viera Liébiedieva comunicou tudo quanto sabia, Dária Alieksiéievna, Viera e Liébiediev concordaram, a conselho deste último, ir a Petersburgo para impedir o mais cedo possível “o que podia muito bem acontecer”. Foi assim que no dia seguinte de manhã, cerca das onze horas, o apartamento de Rogójin foi aberto pela polícia na presença de Liébiediev, das senhoras e do irmão de Rogójin, Siemion Siemiônovitch, que morava na outra ala da casa. A operação foi sobretudo facilitada pelo depoimento do porteiro; que declarou ter

visto na véspera à noite Parfien Siemiônovitch entrar cautelosamente pelo patamar com um companheiro. Depois deste testemunho não se hesitou mais em arrombar a porta de entrada na qual havia-se em vão tocado a campainha.

Rogójin ficou de cama dois meses com uma inflamação cerebral. Quando se restabeleceu, foi processado e julgado. Forneceu a respeito do crime os esclarecimentos mais sinceros, mais exatos e mais satisfatórios, à fé dos quais foi o príncipe posto fora de causa desde o começo do processo. No julgamento, manteve-se constantemente calado. Não contradisse o hábil e eloquente advogado encarregado de sua defesa, quando este demonstrou com tanta clareza quanto lógica que o crime fora cometido em consequência de um acesso de febre cerebral, cujos começos eram bem anteriores ao drama e nos quais se devia ver a consequência dos desgostos do acusado. Mas nada acrescentou em apoio desta tese e, como na instrução do processo, limitou-se a evocar, com lucidez e precisão, os menores detalhes do acontecimento. Beneficiou-se Rogójin com circunstâncias atenuantes e foi condenado a quinze anos de trabalhos forçados na Sibéria. Ouviu sem se mover o veredicto e com um ar "pensativo". Salvo uma parte relativamente insignificante, gasta nas orgias dos primeiros tempos, sua enorme fortuna passou para seu irmão, Siemion Siemiônovitch, que ficou radiante. Sua velha mãe vive ainda e parece por vezes lembrar-se, se bem que de maneira confusa, de seu bem-amado filho Parfien. Deus poupou a seu espírito e a seu coração a consciência da desgraça terrível que lhe visitou o lar.

Liébiediev, Keller, Gânia, Ptítsin e muitos outros personagens de nosso romance continuam a viver como no passado; nada mudaram e não temos quase nada a dizer deles. Ipolit morreu em meio de uma agitação tremenda, um pouco mais cedo do que o esperava, cerca de quinze dias depois da morte de Nastássia Filípovna. Kólia ficou profundamente abalado por causa daqueles acontecimentos; reaproximou-se de sua mãe duma maneira definitiva. Nina Alieksándrovna preocupa-se demais por ele e acha-o demasiado meditativo para sua idade; talvez venha a ser um homem de bem. Contribuiu pela sua parte para a adoção das medidas que decidiram da sorte posterior do príncipe. Desde muito tempo já destacara

Ievguéni Pávlovitch dentre todos os conhecidos que fizera naqueles últimos tempos. Foi o primeiro a ir vê-lo e contou-lhe tudo quanto sabia do que acontecera e da situação atual do príncipe. Não se havia enganado: Ievguéni Pávlovitch deu provas da mais calorosa solicitude pela sorte do desditoso "idiota" que, graças a seu esforços e providências, foi internado de novo no estabelecimento suíço de Schneider.

O próprio Ievguéni Pávlovitch partiu para o estrangeiro, na intenção de ficar bastante tempo na Europa; com toda a franqueza qualifica-se de "homem perfeitamente inútil na Rússia". Vai visitar bastantes vezes, pelo menos uma vez por mês, seu amigo doente em casa de Schneider, mas este se mostra cada vez mais preocupado; abana a cabeça e dá a entender que os órgãos do pensamento estão completamente alterados e, se não julga ainda o caso incurável, nem por isso deixa de entregar-se às conjeturas mais pessimistas. Ievguéni Pávlovitch parece ficar muito abalado com isso, porque é homem de coração; provou-o aceitando corresponder-se com Kólia e respondendo mesmo por vezes às cartas dele.

Uma singularidade de seu caráter revelou-se, além disso, naquela ocorrência; como é de todo crédito para ele, apressamo-nos em anotá-la. Após cada uma de suas visitas ao Instituto Schneider, além do que escreve a Kólia, envia Ievguéni Pávlovitch a outra pessoa de Petersburgo uma carta expondo-lhe em termos tão detalhados e tão simpáticos quanto possíveis o estado de saúde do príncipe. Ao lado das demonstrações da mais respeitosa deferência, exprime essa correspondência (com crescente liberdade) certas maneiras de ver expostas com a mais franca cordialidade, certas ideias, certos sentimentos; em uma palavra, é a primeira manifestação de alguma coisa que se assemelha a um sentimento de amizade e de intimidade… A pessoa que se encontra assim em correspondência (na verdade bastante espaçada) com Ievguéni Pávlovitch e merece de sua parte tantas atenções e respeito não é outra senão Viera Liébiedieva. Não pudemos saber com exatidão de que maneira se travaram estas relações; tiveram seguramente por origem a desgraça do príncipe, desgraça que tanto pesar causou a Viera que a fez adoecer; quanto às outras circunstâncias dessa ligação, elas nos são desconhecidas.

Se falamos dessa correspondência foi principalmente porque nela se encontraram por vezes informações a respeito dos Iepántchini e em particular de Aglaia Ivânovna. Numa carta datada de Paris e um pouco confusa, Ievguéni Pávlovitch anunciou que, dominada por uma paixão fulminante por um conde polonês emigrado, Aglaia casara-se com ele contra a vontade de seus pais que só haviam cedido afinal para evitar um escândalo enorme. Em seguida, após cerca de seis meses de silêncio, comunicou à sua correspondente, numa longa carta cheia de detalhes, que encontrara na Suíça, por ocasião de sua última visita ao Professor Schneider, toda a família Iepántchin (menos, naturalmente, Ivan Fiódorovitch retido por seus negócios em Petersburgo), bem como o Príncipe Tsch***. O encontro com eles fora incomum: todos acolheram Ievguéni Pávlovitch com grandes transportes de alegria; Adelaida e Aliéksandra tinham-lhe mesmo expressado sua gratidão por causa de sua "solicitude angélica para com o desgraçado príncipe". Ao verificar a doença e decadência de Míchkin, Lisavieta Prokófievna pusera-se a chorar de todo o coração. Evidentemente, seu rancor desaparecera. O Príncipe Tsch*** enunciara naquela ocasião verdades marcadas de oportunidade e de bom senso. Ievguéni Pávlovitch tivera a impressão de que a intimidade entre ele e Adelaida não era ainda completa; mas, com a ajuda do tempo, o caráter impetuoso da jovem mulher não deixaria de dobrar-se com afetuosa espontaneidade ao bom senso e à experiência do Príncipe Tsch***. Aliás fora a família terrivelmente afetada pelas lições que os acontecimentos lhe haviam infligido, sobretudo a derradeira aventura de Aglaia com o conde polonês. Em seis meses, não somente todos os temores que tinham sentido concedendo a mão de Aglaia tinham-se realizado, mas haviam sobrevindo dissabores que nem tinham imaginado. Descobriu-se que o conde polonês não era conde e que, se efetivamente era emigrado, seu passado era obscuro e duvidoso. Seduzira o coração de Aglaia pela extraordinária nobreza de alma com que sentia as torturas de sua pátria e a havia arrebatado a tal ponto que até mesmo antes de casar, filiara-se a um comitê de emigrados para a restauração da Polônia. Tornara-se, além disso, penitente assídua de um padre de renome, que lhe captara o espírito e dela fizera uma fanática. Quanto à fortuna colossal do conde, de que Lisavieta Prokófievna e o Príncipe Tsch*** tinham tido testemunhos quase irrecusáveis, passara ao estado de quimera. Bem melhor ainda:

cerca de seis meses após o casamento, o conde e seu amigo, o célebre confessor, tinham conseguido que Aglaia rompesse totalmente com sua família. Havia alguns meses já que a jovem não via os seus… Em suma, haveria bem muitas coisas a contar a este respeito se Lisavieta Prokófievna, suas filhas e até mesmo o Príncipe Tsch***, “aterrorizados” por causa de todos esses acontecimentos, não tivessem temido abordá-los em suas conversas com Ievguéni Pávlovitch, embora sabendo que este não tivera necessidade deles para conhecer a história dos derradeiros caprichos de Aglaia Ivânovna.

A pobre Lisavieta Prokófievna teria querido voltar à Rússia; no dizer de Ievguéni Pávlovitch, criticava tudo quanto era estrangeiro, com amargura e preconceito: “Não sabem em parte alguma cozer pão convenientemente e no inverno gelam como camundongos numa adega; enfim tive pelo menos a satisfação de chorar à russa por causa daquele desgraçado!”. Assim se exprimiu ela, mostrando com emoção o Príncipe Míchkin que não a reconhecia mais de modo algum.

E, despedindo-se de Ievguéni Pávlovitch, concluiu, quase num tom de cólera:

— Basta de manias! É tempo de voltar ao bom senso. Tudo isto, todos os países estrangeiros de vocês, toda a sua famosa Europa, não passa de fantasia, e nós todos, no estrangeiro, não somos senão fantasia… lembrem-se do que lhes digo, verão por si mesmos!

**1** De *mich*, camundongo.↩

**2** Nikolai Mikháilovitch Karamzin (1766-1826), historiador russo, autor de uma *História do Estado russo*, em doze volumes.↩

**3** Literalmente: arrogante, delicado, distinto. Derivado de *liebied*, cisne.↩

**4** Literalmente: cordeirinha.↩

**5** Literalmente: valente, audaz, ousado.↩

**6** Camarote que fica quase ao nível da plateia.↩

**7** Monge superior dum mosteiro.↩

**8** Mikhail Pietróvitch Pogódin (1800-1875), historiador russo, autor de numerosas obras sobre a Rússia medieval.↩

**9** De *ívolga*, pássaro da família dos pardais, de voz sonora.↩

**10** Nome forjado pelo autor, embora sem qualquer etimologia direta e sem significação concreta. O personagem, porém, é por demais significativo na obra e o agrupamento de letras formado pelo autor sugere ao leitor russo qualquer coisa de sensação desagradável e repulsiva, o que evidentemente tem relação com o caráter do personagem.↩

**11** Literalmente: Consolo. *Otrádnoie datcha*, Fazenda do Consolo.↩

**12** De *ptitsa*, *pássaro*.↩

**13** Citação de *O jornalista, o leitor e o escritor*, de Liérmontov.↩

**14** Todo este trecho é um episódio da própria vida de Dostoiévski.↩

**15** Leão vai-se embora, Leão vai-se embora para sempre!↩

**16** Sinônimo de *Kammer-pagen*, suboficial nobre destinado ao serviço direto dum membro da Coroa.↩

**17** Regimento de Infantaria de Nova Ziembla (Terra Nova), grande ilha quase ártica ao Norte da Sibéria, prolongamento emergente da cadeia montanhosa dos Urais.↩

**18** Meu marido se engana.↩

**19** Começo do conhecido provérbio italiano *se non è vero, è ben trovato* — se não é verdade, é pelo menos bem inventado.↩

**20** Cidade e forte da Armênia, distante uns cem quilômetros da atual fronteira e teatro de frequentes combates entre turcos e russos. Esteve sob domínio russo de 1878 até 1918, e foi devolvida à Turquia pelo tratado de Alexandrópolis (1920).↩

**21** É novidade.↩

**22** Rirá melhor quem rir por último.↩

**23** Para passar o tempo.↩

**24** Jogo de sociedade, que consiste, principalmente, de diálogos e adivinhações, em que é imposto um castigo aos que, cometendo uma falta, tiveram que dar uma prenda.↩

**25** O embaraço da abundância.↩

**26** Literalmente: sem dedos.↩

**27** De verdadeira linhagem.↩

**28** Pseudônimo de Alieksandr Biestujev (1795-1837), escritor russo, romântico ao extremo.↩

**29** Célebre cabaré de Paris.↩

**30** Um dos cárceres de São Petersburgo, a que se destinavam especialmente os condenados à perpétua, e assim chamada por ser Tarássov o nome do dono do imóvel.↩

**31** Lugar próximo a Petersburgo, onde a aristocracia costumava veranear.↩

**32** Nome próprio feminino, significa amor.↩

**33** Minha prima, fórmula de tratamento, que não envolve parentesco efetivo. Era, e é ainda hábito, entre os membros das Casas reinantes, utilizar como tratamento, na sua correspondência, os termos designativos dos graus de parentesco, em função da maior

ou menor simpatia e afeição. O Rei dos Belgas, por exemplo, dava à Rainha Vitória, da Inglaterra, o tratamento de *Madame ma Soeur et Cousine*, embora eles só fossem primos.↩

**34** "Acordar do Rei", aspecto do cerimonial cortesão, que conferia dignidade às pessoas da aristocracia escolhidas para executar atos comumente tidos por servis.↩

**35** Deturpação popular de Gorókhovaia Ulitsa, rua frequentemente mencionada na obra de Dostoiévski.↩

**36** Famoso editor russo, contemporâneo de Dostoiévski. Foi a esposa dele, uma das três mulheres de dezembristas, quem entregou um Evangelho a Dostoiévski em Tobolsk, quando ia ele, condenado, a caminho do exílio e da prisão.↩

**37** Literalmente: sem substância, insubstanciado.↩

**38** Para Rússia. Forma de indicar, em tabuletas afixadas na parte externa dos vagões, o destino de cada uma das unidades dos trens que, da Alemanha, partiam para o estrangeiro.↩

**39** Diminutivo, masculino, de Liev.↩

**40** Nomes de dois criminosos russos.↩

**41** Alusão à famosa comédia de Griboiédov, *A desgraça de ter talento*, em que Famússov, o protagonista, lamentando a desgraça a que se refere o título da obra e ao falatório a que dará lugar, exclama: "Meu Deus! que dirá agora a Princesa Mária Alieksiéievna?".↩

**42** Diminutivos depreciativos de Gavrila — que é nome de homem — e Varvara, respectivamente.↩

**43** Uma das personagens mais notáveis da Rússia do século XVIII, depois do reinado de Pedro, o Grande. Filho dum pescador, foi ao mesmo tempo poeta, historiador, gramático e físico. É sobretudo conhecido pelas suas odes à Imperatriz Catarina.↩

**44** Logradouro onde se apresentavam as bandas de música em Pávlovsk.↩

**45** Depois de mim, o dilúvio!↩

**46** Literalmente: oxigenado, aéreo. O nome tem intenção irônica, talvez alusiva ao ateísmo do personagem.↩

**47** Literalmente: leal, fiel.↩

**48** Os extremos se tocam.↩

**49** Diminutivo de Konstantin, enquanto que Kólia o é de Nikolai.↩

**50** Literalmente: Quinta Rua.↩

**51** Protagonista da comédia de Gógol, *O casamento*. Tipo de caráter fraco, com assomos de independência. Já maduro, é levado por conselhos de amigos a casar, mas foge pela janela no dia do casamento.↩

**52** Tu o quiseste, George Dandin.↩

**53** Eis um rapaz bem esperto!… Quem é teu pai?↩

**54** O filho de um boiardo e de um valente acima do comum! Gosto dos boiardos. Gostas de mim, menino?↩

**55** Conselho do leão. Alusão à famosa fábula de La Fontaine.↩

**56** Ora essa! Ele está ficando supersticioso!↩

**57** Uma menininha então… /Não minta nunca./Seu amigo sincero. Napoleão.↩

**58** Trocadilho intraduzível formado com os plurais dos têrmos *bobov* (fava) e *baba* (comadre).↩

**59** Paráfrase à estrofe XLVI do canto VIII do poema *Ievguéni Onéguin*, de Púchkin.↩

**60** Diminutivo de Aglaia.↩

**61** Stiepan Bogdánovitch Gliébov, amante da primeira esposa, repudiada, de Pedro, o Grande, levdókia Lopúkhova. Tomou parte na rebelião organizada pelo clero, em torno dessa princesa e de seu filho, o czaréviche Alieksiéi. Acusado no processo instaurado contra ele, em 1718, foi punido pelo czar e condenado à empalação.↩

**62** Andriéi lvânovitch Ostermann (1686-1747), filho de um pastor da Vestfália, foi para a Rússia aos 18 anos. Pedro, o Grande, colocou-o no Ministério dos Estrangeiros. Foi mais tarde deportado para a Sibéria.↩

**63** De *khlistat*, chicotear, fustigar. Seita de fanáticos que data de finais do século XVIII. Os seus adeptos, chamados *khlisti*, e também os *skóptsi* (adeptos da seita que tinha por base o voto de castidade), incluíram o chicoteamento no seu ritual, que se fazia dançando em torno da fogueira e fustigando-se a si próprios e aos outros.↩

**64** Deixem-no falar!↩

**65** Deveras?↩

**66** Versos do poema *A alegria extinta dos anos loucos*. de Púchkin.↩

**67** Verso do poema *As noites do Egito*, de Púchkin.↩

# O ETERNO MARIDO

# O eterno marido
(1870)

## Capítulo primeiro / *Vielhtcháninov*[1]

Começava o verão, e Vielhtcháninov, contra sua expectativa, achava-se retido em Petersburgo. Sua viagem ao sul da Rússia fora adiada; além disso, seu processo arrastava-se, não lhe vendo ele o fim. Esse processo — um pleito por motivo duma propriedade — estava tomando mau rumo. Três meses antes, parecia muito simples, quase indiscutível e, subitamente, tudo mudara. “De resto, acontece o mesmo com todas as coisas; tudo se estraga”, repetia sem cessar a si mesmo, de mau humor. Contratara um advogado hábil, caro e conhecido, não havia poupado dinheiro; mas, por impaciência e desconfiança, ele próprio se ocupara com seu processo: pusera-se a escrever relatos que o advogado se apressava em destruir; frequentava os tribunais, mandava fazer investigações e, na realidade, retardava tudo; por fim o advogado se queixara e fizera-o comprometer-se a partir para sua casa de campo. Mas ele não conseguia tomar essa decisão. A poeira, o calor sufocante, as noites brancas de Petersburgo, que superexcitam e enervam, de tudo isso gozava bem na cidade. Morava, lá para os lados do Bolchói Tieatr[2], em um apartamento que alugara havia pouco e que não lhe agradava. “Nada lhe agradava!” Sua hipocondria aumentava dia a dia; mas desde muito tempo era a ela inclinado.

Era um homem que vivera muito e largamente; com seus trinta e oito ou trinta e nove anos, estava longe de ser ainda jovem, e toda aquela “velhice”, como dizia ele, lhe chegara “quase que absolutamente de improviso”; ele mesmo compreendia que o que o havia tão cedo envelhecido não era a quantidade mas, por assim dizer, a qualidade dos anos, e que, se notava enfraquecer antes da idade, era mais depressa por dentro que por fora. Ao vê-lo, aparentava ser ainda um homem jovem. Era um latagão, forte e louro, com uma cabeleira espessa, sem um fio branco na cabeça, e uma grande barba loura, que lhe caía quase até o meio do peito. A princípio, achava-se que tivesse aspecto inculto e negligenciado; mas, examinando-se mais

atentamente, descobria-se logo um homem bastante bem educado, e afeiçoado às maneiras do melhor mundo. Conservara modos desembaraçados, altivos e até mesmo elegantes, a despeito do canhestrismo brusco que adquirira. E tinha ainda aquela afoiteza arrogante e aristocrática, de cujo grau ele mesmo não tivesse suspeita, se bem que seu espírito fosse não somente aberto, mas sutil e dotado de incontestáveis qualidades de inteligência.

A cor de seu rosto claro e rosado tivera outrora uma delicadeza toda feminina e atraíra para ele a atenção das mulheres; agora ainda dizia-se ao olhá-lo: "Que bela saúde! Sangue e leite!". Apenas, aquela "bela saúde" achava-se cruelmente atacada pela hipocondria. Seus grandes olhos azuis, há dez anos, haviam feito numerosas conquistas: eram olhos tão claros, tão alegres, tão descuidosos, que retinham malgrado seu o olhar que os encontrava. Hoje, nas proximidades dos quarenta anos, a clareza e a bondade tinham-se quase extinto naqueles olhos já cercados de leves rugas; o que exprimiam agora era, pelo contrário, o cinismo de um homem gasto pelos costumes libertinos, a astúcia, a maior parte das vezes o sarcasmo, ou ainda um matiz novo, que não se conhecia neles outrora, um matiz de tristeza e de sofrimento, duma tristeza distraída e como que sem objetivo, mas profunda. Essa tristeza manifestava-se sobretudo quando ele estava só. E o estranho é que esse homem, que, havia apenas dois anos, era jovial, alegre e dissipado, que com grande perfeição contava histórias muito agradáveis, tivesse chegado presentemente a preferir a todas as coisas a solidão completa. Rompera deliberadamente com seus numerosos amigos, dos quais talvez tivesse podido não se separar, mesmo depois da ruína total de sua fortuna. Para falar a verdade, o orgulho o havia ajudado nisso: seu orgulho suspeitoso tornava-lhe intolerável o convívio com seus antigos amigos; e, pouco a pouco, chegara ao isolamento. Nem por isso os sofrimentos de seu orgulho vieram a ser atenuados; bem pelo contrário. Mas, exasperando-se, tomaram uma forma particular, toda nova: veio a sofrer por vezes por motivos inesperados, que outrora não existiam para ele, nos quais outrora nem mesmo chegara a pensar, por motivos "superiores" aqueles aos quais até então dera atenção, — "supondo-se que seja exato exprimir-me assim e que haja verdadeiramente motivos superiores e motivos inferiores", acrescentava ele próprio.

Era verdade, chegara mesmo a ser obsedado por motivos “superiores”, nos quais antes nem teria pensado. O que, no íntimo de si mesmo, entendia como motivos superiores, eram os motivos de que (para grande espanto seu) ninguém pode verdadeiramente rir a sós; — a sós, entende-se, porque, diante dos outros, é coisa bem diversa! Sabia muito bem que, na primeira ocasião, e desde o dia seguinte, largaria as secretas e piedosas injunções de sua consciência, que mandaria passear bem tranquilamente todos aqueles “motivos superiores”, dos quais seria o primeiro a rir. E era assim que as coisas se passavam, exceto o ter ele conquistado bastante notável independência de espírito para com os “motivos inferiores”, que o tinham até então inteiramente governado. Acontecia mesmo por vezes que, ao se levantar, pela manhã, tivesse vergonha dos pensamentos e dos sentimentos que tivera durante sua insônia da noite. (E sofria, nos últimos tempos, frequentes insônias.) Notara, desde longa data, que era levado a um extremo de escrúpulo, quer se tratasse de coisas importantes ou de futilidades. Resolvera-se também a acreditar o menos possível em si mesmo. No entanto, ocorriam às vezes fatos dos quais não era possível contestar a realidade. Nos derradeiros tempos, por vezes, durante a noite, seus pensamentos e seus sentimentos se modificavam a ponto de se tornarem quase o oposto do que é normal, e muitas vezes não se assemelhavam mais em nada aos que tivera durante o dia. Isto muito o impressionou. Foi consultar um médico famoso, que conhecia muito bem. Naturalmente, falou-lhe num tom de brincadeira. O médico respondeu que o fato da alteração e mesmo do desdobramento dos pensamentos e das sensações à noite, em estado de insônia, é um caso muito comum nos homens “que pensam intensamente e que, sentem intensamente”; que por vezes as convicções de toda uma vida mudam subitamente, por completo, sob a ação deprimente da noite e da insônia; que se vê por vezes a tomada, sem mais nem menos, de resoluções totalmente fatais; que tudo isso aliás comporta bastante graus; — que, enfim, se acontece ressentir o indivíduo muito vivamente o desdobramento de sua personalidade, vindo por isso a sofrer, é sinal de uma verdadeira doença, sendo preciso, neste caso, agir sem demora. O melhor é modificar radicalmente seu gênero de vida, mudar de regime, ou mesmo viajar; um purgante, sem dúvida alguma, faria bom efeito.

Vielhtcháninov não quis ouvir mais; seu caso era perfeitamente claro: estava doente.

"É, pois, tudo quanto havia nessa obsessão que eu atribuía a algo de superior: uma doença e nada mais!", exclamava ele com amargura. Não se resignava a confessar-se isso.

Em breve, o que ele não tinha sentido senão de noite produziu-se igualmente durante o dia, mas com uma acuidade mais penetrante; e agora, sentia uma alegria maliciosa e sarcástica, em lugar do enternecimento cheio de saudades que experimentava outrora. Via surgir na sua memória, cada vez mais frequentemente, "subitamente e Deus sabe por que", certos acontecimentos de sua vida anterior, épocas antigas de sua vida, e esses acontecimentos apresentavam-se a ele de uma maneira estranha. Desde muito tempo queixava-se de ter perdido a memória: esquecera os rostos das pessoas que conhecera muito bem, e que, quando o encontravam, mostravam-se magoadas; acontecia-lhe esquecer inteiramente um livro que lera seis meses antes. E eis que, apesar dessa perda evidente da memória, fatos de um período muito antigo, fatos esquecidos desde doze ou quinze anos, apresentavam-se bruscamente à sua imaginação, com uma tão grande precisão de cada detalhe, com uma tão grande vivacidade de impressão, como se os revivesse. Algumas dessas coisas que lhe subiam à consciência tinham estado até então de tal modo completamente abolidas que o próprio fato de vê-las reaparecer parecia-lhe estranho. Tudo isto ainda não era nada: as ressurreições desse gênero produzem-se em todo homem que viveu muito. Mas o importante é que esses acontecimentos lhe voltavam à memória sob um aspecto modificado, inteiramente novo, inesperado, e lhe apareciam sob um ângulo no qual jamais havia sonhado. Por que tal ou tal ato de sua vida passada lhe causava hoje o efeito de um crime? Não lhe teria isto produzido grande preocupação, na verdade, se fosse simplesmente uma sentença abstrata proferida por seu espírito, porque conhecia demasiado bem a natureza sombria, singular e doentia de seu espírito para ligar alguma importância a essas decisões. Mas sua reprovações tinham uma repercussão mais profunda, chegava a ponto de maldizer-se, quase a explodir em lágrimas interiores. Que teria ele dito, não havia dois anos, se lhe tivessem predito que um dia haveria

de chorar?

O que lhe voltou a princípio à memória foram não estados de sensibilidade, mas coisas que outrora o haviam melindrado; lembrava-se de certos fracassos mundanos, de certas humilhações; recordava-se, por exemplo, das “calúnias de um intrigante”, em consequência das quais deixara de ser recebido numa casa, — ou ainda como, não havia muito tempo, sofrera uma ofensa premeditada e pública, sem disso pedir satisfação; — como um dia, numa sociedade de senhoras do melhor mundo, fora atingido por um epigrama bastante agudo, ao qual nada achara que responder. Lembrava-se ainda de duas ou três dívidas de honra, contraídas para com pessoas que ele não via mais e a respeito das quais acontecia-lhe dizer mal. Sofria também, mas somente em seus piores momentos, com a ideia de que havia esperdiçado da maneira mais tola duas fortunas, uma e outra importantes. Mas em breve foi a vez das lembranças e saudades de ordem “superior”.

De repente, por exemplo, “sem mais nem menos”, surgiam, do fundo dum esquecimento absoluto, a figura dum bom e velho funcionariozinho, grisalhante e cômico, a quem um dia, fazia muito tempo, muito tempo mesmo, havia ele ofendido, impunemente, por pura fanfarronada: fizera-o apenas para encaixar uma frase engraçada que se tornou famosa e que depois passou a espalhar-se. Esquecera tão completamente toda essa história que nem conseguia recordar o nome do velhinho; e no entanto revia todos os detalhes da cena com uma nitidez extraordinária. Lembrava-se muito bem de que o velho defendera a reputação de sua filha, uma filha já idosa e que vivia com ele, e a respeito da qual haviam espalhado na cidade boatos malévolos. O velhinho replicou e zangou-se, mas de súbito desatara a chorar diante de toda a sociedade, o que causou certa impressão. Acabaram enchendo-o de champanhe e zombando dele. E quando agora, “sem mais nem menos”, Vielhtcháninov revia o pobre velhinho soluçante, com as mãos no rosto, como uma criança, parecia-lhe que não era possível que o tivesse para sempre esquecido. E, coisa estranha, essa história, que outrora achara muito engraçada, causava-lhe agora a impressão oposta; sobretudo certos detalhes, sobretudo o rosto oculto nas mãos.

Recordava-se também como, para se divertir, difamara a honestíssima esposa de um professor e como a difamação chegara aos ouvidos do marido. Vielhtcháninov em breve deixara aquela cidadezinha e não soubera que consequências tivera sua difamação; mas, de súbito, agora, perguntou a si mesmo como tudo aquilo pudera ter acabado, e sabe Deus até onde suas conjeturas o teriam levado, se uma recordação muito mais recente não lhe houvesse voltado bruscamente ao espírito: o de uma moça de pequena família burguesa, que jamais lhe agradara, de quem mesmo se envergonhava, e da qual, sem saber demasiado como, tivera um filho; havia abandonado a mãe e o filho, sem mesmo um adeus (falta de tempo, é verdade), quando deixara Petersburgo. Mais tarde, durante um ano inteiro, procurara tornar a encontrar aquela moça, sem conseguir. As lembranças desse gênero se apresentavam às centenas, cada qual fazendo reviver dezenas de outras.

Já dissemos que seu orgulho havia tomado uma forma singular. Havia momentos, raros, é verdade, em que esquecia seu amor-próprio a ponto de ser indiferente para ele não ter mais carruagem própria, correr aos tribunais a pé, negligente no trajar; se acontecia que um ou outro de seus antigos amigos o mirava na rua com olhar zombeteiro, ou fingia não reconhecê-lo, seu orgulho era tal que ele nem mais se perturbava. E era muito sinceramente que não mais se perturbava. Era, para falar a verdade, coisa bastante rara: esses eram momentos passageiros em que se esquecia de si mesmo; mas, duma maneira geral, é certo que sua vaidade se desinteressava pouco a pouco de objetos que outrora o afetavam e concentrava-se num único objeto, sempre presente a seu espírito.

“Sim — pensava ele, com sarcasmo (era sempre sarcástico, quando pensava em si mesmo) — há alguém, sem dúvida, que se ocupa em tornar-me melhor e que me sugere todas essas recordações malditas, e todas essas lágrimas de arrependimento. Seja. E daí? Tudo isso é pólvora perdida. Estão muito bem as lágrimas de arrependimento, mas não estou certo de que, com meus quarenta anos, meus quarenta anos de uma existência estúpida, não tenho uma migalha de livre arbítrio? Que amanhã a mesma tentação se apresente, que, por exemplo, tenha de novo um interesse qualquer em

espalhar o boato de que a mulher do professor aceitava com prazer o que eu lhe oferecia, e vou recomeçar, bem sei, sem a menor hesitação, e serei tanto mais vil e mais pérfido que o farei pela segunda vez, e não mais pela primeira. Que amanhã aquele principezinho, a quem, há onze anos, quebrei uma perna com um tiro de pistola, venha a ofender-me de novo, vou me apressar em provocá-lo e isto lhe custará uma segunda perna de pau. Todos esses regressos ao passado, é pólvora perdida, e não há um tiro sequer que acerte. De que servem tais recordações, quando nem sei mesmo libertar-me suficientemente de mim no presente?”

Não encontrou professora a quem difamar, nem perna a quebrar, mas a simples ideia de que esses fatos podiam renovar-se na ocasião, esmagava-o quase… por vezes. — Não se pode estar sempre sob o domínio das recordações; é bem preciso que haja entreatos, em que se possa respirar e distrair.

É o que fazia Vielhtcháninov: estava totalmente disposto a aproveitar os entreatos para se distrair; mas, quanto mais o tempo marchava, mais a existência se tornava penosa para ele em Petersburgo. Aproximava-se julho. Vinha-lhe muitas vezes uma vontade súbita de largar tudo ali, seu processo e o resto, partir para alguma parte, não importa onde, imediatamente, para alguma parte da Crimeia, por exemplo. Uma hora depois, geralmente, ria de seu projeto: “Todos esses malditos pensamentos, não há clima, não há sul que possa acabar com eles; agora que estão aqui, não há meio de que, eu, um homem metódico, a eles escape; e depois não há razão…

“Por que partiria eu? — continuava ele a filosofar, com amargura. — Há por aqui tanta poeira e faz um calor tão sufocante! Esta casa é tão suja! Há naqueles tribunais em que passo meu tempo, entre todos os homens de negócios, tantas preocupações enervantes, tantos cuidados acabrunhantes! Há em todas essas pessoas que enchem a cidade, nesses rostos que desfilam da manhã à noite, um egoísmo tão ingênua e tão sinceramente exibido, uma audácia tão grosseira, uma covardia tão mesquinha, uma covardia tão baixa, que, para falar muito seriamente, isto aqui é o paraíso para um hipocondríaco. Tudo é franco, tudo se expõe, ninguém se dá ao trabalho de dissimular, como fazem nossas damas por toda parte, no campo, nas águas ou no

estrangeiro; sim, deveras, tudo merece aqui a mais completa estima, somente por sua franqueza e por sua simplicidade… Não partirei! Rebentarei aqui, mas não partirei!”

## Capítulo II / *O homem do crepe*

Era o dia 3 de julho. O ar estava pesado, o calor sufocante. Naquele dia, Vielhtcháninov teve uma enormidade de coisas a fazer. Andou para lá e para cá a manhã inteira: uma visita deveria tomar-lhe o serão, uma visita à casa de um conselheiro de Estado, homem competente, que lhe podia ser útil e que ele devia ir ver com urgência em sua casa de campo, muito longe, em alguma parte, à margem do Tchórnaia Riétchka.

À noite, pois, pelas seis horas, Vielhtcháninov entrou para jantar num restaurante de aparência duvidosa, mas francês, situado no Próspekt Niévski, perto da Politseiski Most.[3] Sentou-se no seu canto habitual, à mesinha que lhe era reservada, e ordenou seu jantar. Cada dia jantava por um rublo, não incluído o vinho, de que só extraordinariamente usava, visto o mau estado de seus negócios. Admirava-se muitas vezes de que se pudesse comer tão mal; e, no entanto, engolia até a derradeira migalha, e cada vez devorava com maior apetite, como se não comesse havia três dias. “Deve ser doença”, pensava ele, quando notava isso.

Naquela noite, tomou lugar à mesinha com as piores disposições de espírito; lançou violentamente seu chapéu num canto, pôs os cotovelos sobre a mesa e ficou pensativo. Se algum vizinho tivesse feito o mínimo ruído, ou se o garçom não o tivesse imediatamente compreendido, ele, que geralmente sempre se mostrava cortês e que sabia, quando preciso, permanecer impassível, teria feito, sem dúvida alguma, barulho e talvez um escândalo.

Servida a sopa, Vielhtcháninov pegou sua colher, mas, de repente, com um gesto brusco, lançou-a sobre a mesa e quase saltou de cima de sua cadeira. Um pensamento imprevisto apoderara-se dele, de súbito. Num instante, Deus sabe como, acabava de compreender o motivo de sua angústia, daquela angústia estranha que o torturava desde vários

dias, que o oprimia, Deus sabe como e Deus sabe por que, sem um momento de alívio. Eis que, de repente, compreendia-o e via esse motivo, tão distintamente como os cinco dedos de sua mão.

— O chapéu!… — murmurou ele, como iluminado. — Sim, esse maldito chapéu, com aquele abominável crepe: eis a causa de *tudo*!

Vielhtcháninov pôs-se a refletir; mas, quanto mais meditava, mais sombrio se tornava, mais "todo o acontecimento" lhe parecia estranho. "Mas… mas… há bem naquilo um acontecimento?", objetava ele, sempre desconfiado. "Que há em tudo aquilo que se assemelhe a um acontecimento?"

Eis o que se passara:

Cerca de quinze dias antes, — na verdade, ele não se lembrava com exatidão, mas devia ter sido isso mesmo, — encontrara, pela primeira vez, na rua, em alguma parte, sim, na esquina das ruas Podiatchiéskaia e Miechtchánskaia, um homem que trazia um crepe no chapéu. Aquele senhor era como toda a gente e nada tinha de particular; passou depressa, mas, ao passar, lançou a Vielhtcháninov um olhar extremamente direto e que atraiu extraordinariamente sua atenção. Teve no mesmo momento a impressão de que conhecia aquele rosto. Decerto, havia-o encontrado em alguma parte.

"Ora! — pensou ele, — não tenho encontrado, da mesma forma, em minha vida, milhares de rostos? Não podemos lembrar-nos de todos."

Vinte passos mais longe havia esquecido aquele encontro, malgrado a impressão que lhe causara. Não obstante, aquela impressão durou o dia inteiro, estranhamente: era como uma irritação, sem objeto, e muito particular.

Agora, quinze dias depois, lembrava-se de tudo aquilo claramente. Lembrava-se também de que não pudera compreender então donde lhe vinha aquela irritação, a ponto de não ter tido mesmo a ideia de uma aproximação possível entre seu mau humor de toda a noite e seu encontro da manhã. Mas o homem teve cuidado de não se deixar esquecer: no dia seguinte, ele surgiu diante de Vielhtcháninov,

no Próspekt Niévski e, como da primeira vez, fixou-o de uma maneira estranha. Vielhtcháninov cuspiu em sinal de desdém; depois, mal acabara de cuspir, espantou-se do que acabava de fazer. “Há, evidentemente, fisionomias que nos causam, não sabemos por que, uma aversão invencível.”

— Não há dúvida, já o encontrei em alguma parte — murmurou ele, com ar pensativo, uma meia hora ainda depois do encontro.

E, de novo, durante todo o serão, esteve dum humor desagradável. À noite, teve um sono muito agitado mas não lhe ocorreu a ideia de que o homem de luto pudesse ser a causa de seu mal-estar, se bem que naquela noite ele lhe voltasse frequentemente à memória. Até mesmo censurava a si próprio que “semelhante bobagem” tomasse tanto lugar em suas recordações, e decerto ficou bastante humilhado por ter de atribuir-lhe a inquietação que o agitava, se pudesse nisso pensar.

Dois dias mais tarde, tornou a encontrá-lo, desta vez numa multidão, num desembarcadouro do Nieva. Desta vez, Vielhtcháninov teria de boa vontade jurado que “o homem do crepe” o reconhecera e que a multidão logo os havia separado. Acreditava bastante que ele iniciara o gesto de estender-lhe a mão; talvez mesmo o tivesse chamado pelo nome. O resto, Vielhtcháninov não havia entendido distintamente; no entanto… “Mas quem é, pois, esse canalha? Por que não vem a mim, se com efeito me conhece e quer aproximar-se de mim?”, pensava ele com cólera, enquanto saltava em um fiacre para se fazer conduzir ao convento de Smólni.

Meia hora mais tarde, discutia calorosamente com seu advogado, mas o serão e a noite tornaram a causar nele a angústia mais fantástica.

“Será que eu tive um derrame de bílis?” — perguntou a si mesmo, com inquietude, olhando-se em um espelho.

Depois cinco dias se passaram sem que encontrasse “ninguém”, e sem que “o canalha” desse sinal de vida. E, no entanto, não era capaz de esquecer o homem do crepe!

“Mas por que hei de ocupar-me assim com ele? — pensava Vielhtcháninov. — Hum! Decerto, ele também tem muitos negócios em Petersburgo. Mas de quem está de luto?… Reconheceu-me, evidentemente… Eu não… E por que essa gente usa crepe?… Isso não lhes assenta… Creio bem que se o visse de mais perto, seria capaz de reconhecê-lo…”

E era como se alguma coisa começasse a agitar-se em suas recordações, era como uma palavra que se sabe bem, que foi esquecida, e que a gente se esforça o mais que pode por lembrar. Sabe-se perfeitamente essa palavra; sabe-se que se sabe; sabe-se o que ela quer dizer, gira-se em torno dela, e não se pode agarrá-la. “Era… era, há muito tempo… era em alguma parte… havia lá… havia lá… Que o diabo leve o que havia lá ou não! Vale a pena a gente se incomodar tanto por causa daquele canalha?” Pusera-se terrivelmente encolerizado.

Mas à noite, quando se lembrou de sua cólera “terrível”, experimentou grande confusão, como se alguém o tivesse surpreendido praticando um mal. Ficou inquieto com isso e espantado: “É preciso que haja uma razão para que eu me deixe assim arrebatar inconsideradamente… a propósito duma simples lembrança…” Não foi até o fim de seu pensamento.

No dia seguinte, sentiu uma cólera ainda mais violenta; mas, desta vez, pareceu-lhe que havia uma razão e que estava absolutamente no seu direito. “Jamais se viu insolência semelhante!” Tratava-se dum quarto encontro com o homem do crepe que, de novo, tinha como que surgido de debaixo da terra.

Eis a história.

Vielhtcháninov acabava de apanhar afinal, de passagem, na rua, aquele conselheiro de Estado, aquele homem importante a quem procurava desde tanto tempo. Aquele funcionário, que ele pouco conhecia, e que lhe podia ser útil no seu negócio, havia manifestamente tudo feito para não se deixar apanhar e para evitar encontrar-se com ele. Encantado por encontrá-lo, enfim, Vielhtcháninov caminhava ao lado dele, sondando-o com o olhar,

despendendo tesouros de habilidade para conduzir o velho matreiro a um tema de conversa que lhe permitisse arrancar-lhe a preciosa palavra, tão desejada; mas o finório estava precavido, respondia com pilhérias, ou calava-se. E eis que, de repente, naquele momento difícil e decisivo, o olhar de Vielhtcháninov deu, no passeio oposto, com o homem do crepe. Estava parado, olhava fixamente para eles; seguia-os, era claro, e, sem nenhuma dúvida, zombava deles!

— O diabo o carregue! — exclamou, cheio de furor, Vielhtcháninov, que logo se despedira do funcionário, e que atribuía todo o malogro de seus esforços à aparição súbita do "insolente". — O diabo o carregue! Creio deveras que ele me espione! Não há dúvida alguma, segue-me. É pago para isso, e… e… por Deus, zomba de mim! Por Deus, vai ter de entender-se comigo! Se tivesse uma bengala!… Vou comprar uma bengala! Não posso suportar isto! Quem é esse indivíduo? É preciso que eu saiba quem é.

Passaram-se três dias após esse quarto encontro, quando encontramos Vielhtcháninov em seu restaurante, fora de si, e como que desmoronado. A despeito de seu orgulho, era bem preciso que fizesse confissão disso, era bem o seu estado. Bem examinado tudo, era forçado a convir que seu ânimo e a angústia estranha que o sufocava, havia quinze dias, não tinham outra causa senão o homem de luto, aquele "coisa nenhuma".

"Estou hipocondríaco, é verdade; estou sempre pronto a fazer duma mosca um elefante, é ainda verdade; mas tudo isto seria menos penoso, se não passasse de mera imaginação? Se semelhante patife pode permitir-se transtornar completamente um homem, então… então…"

Desta vez, com efeito, ao quinto encontro, que tivera lugar naquele dia e que pusera Vielhtcháninov fora de si, o elefante não passava de uma mosca. O homem passara, mas, desta vez, não encarara Vielhtcháninov, não dera sinal de conhecê-lo: andava de olhos baixos e parecia muito desejoso de não ser notado. Vielhtcháninov dirigira-se para ele e lhe gritara a plenos pulmões:

— Diga duma vez, homem do crepe! Foge agora? Pare! Quem é o

senhor?

A pergunta, e toda essa interpelação, não tinham espécie alguma de sentido. Mas Vielhtcháninov só se deu conta disso depois de ter gritado. O homem assim interpelado voltou-se, detivera-se um instante, parecera hesitar, sorrira, parecera querer dizer ou fazer alguma coisa, ficara extremamente indeciso, depois afastara-se bruscamente sem olhar para trás. Vielhtcháninov acompanhava-o com o olhar, estupefato.

"Serei eu que o persigo — pensou ele, — e não ele a mim?…"

Quando acabou de jantar, correu Vielhtcháninov à casa de campo do funcionário. Não estava. Responderam-lhe "que ele não havia voltado desde manhã, que não voltaria sem dúvida antes das três ou quatro horas da madrugada, porque estava na cidade, em casa de seu sobrinho". Vielhtcháninov sentiu-se "ofendido" a ponto de ser seu primeiro movimento ir à casa do tal sobrinho. Mas de caminho refletiu que isto o levaria longe, saltou do fiacre a meio do caminho e dirigiu-se, a pé, para sua casa, perto do Bolchói Tieatr. Sentia necessidade de andar. Era-lhe preciso uma boa noite de sono para acalmar o abalo de seus nervos, e, para dormir, necessitava fatigar-se. Só chegou em casa, pois, às onze e meia, porque a distância era grande, e entrou derreado.

O apartamento que Vielhtcháninov havia alugado no mês de março, depois de ter tido um trabalhão para encontrá-lo — desculpando-se, depois, de que "não tinha residência fixa e só momentaneamente morava em Petersburgo… por causa daquele maldito processo", — estava longe de ser tão incômodo, tão pouco conveniente quanto ele próprio se comprazia em dizer. A entrada, é preciso reconhecê-lo, era um pouco sombria, suja mesmo. Não havia outra, aliás, senão o portão. Mas o apartamento, situado no segundo andar, compunha-se de duas peças muito claras, muito altas, e separadas por uma antecâmara semi-obscura. Uma dessas duas peças tinha vista para o pátio; a outra, para a rua. À primeira estava contíguo um gabinete que podia servir de quarto de dormir, mas onde Vielhtcháninov pusera livros e papéis. Escolhera a segunda para seu quarto, servindo de leito o divã. A mobília dessas peças oferecia ao olhar certo aspecto de conforto, se bem que, na realidade, se achasse

bastante gasta. Aqui e ali alguns objetos de valor, vestígios de tempos melhores: bibelôs de bronze, de porcelana; grandes e autênticas alcatifas; dois quadros de boa qualidade, tudo numa grande desordem, sob uma poeira acumulada desde a partida de Pielagueia, a moça que servia a Vielhtcháninov e que, repentinamente, deixara-o, para regressar à casa de seus pais, em Nóvgorod.

Quando ele pensava nesse fato estranho duma moça colocada assim em casa de um homem que, por coisa alguma do mundo, haveria de ter querido mentir à sua qualidade de cavalheiro, o rubor subia às faces de Vielhtcháninov. No entanto, nunca tivera de que se queixar daquela Pielagueia. Entrara para seu serviço no momento em que ele alugara seu apartamento, isto é, na primavera, vinda da casa de uma moça que ia morar no estrangeiro. Pielagueia era muito cuidadosa e não demorou a pôr em ordem tudo quanto lhe era confiado. Vielhtcháninov, após a partida da moça, não quis arranjar outra criada. “Não valia a pena, para tão pouco tempo, tratar um criado…” Aliás, detestava a criadagem. Ficou, pois, decidido que os quartos seriam arrumados todas as manhãs pela irmã da porteira, Mavra, a quem deixava, ao sair, a chave da porta que dava para o pátio. Na realidade, Mavra não fazia nada, ganhava seu salário e provavelmente furtava. Tudo isto tornara-se indiferente para ele e até mesmo lhe agradava que a casa ficasse vazia.

Mas, no entanto, seus nervos se revoltavam por vezes, nas horas de aborrecimento, diante de toda aquela “sujeira”, e acontecia-lhe muitas vezes, quando entrava em casa, só entrar para seu quarto com desgosto.

Naquela noite, Vielhtcháninov, mal se despiu, lançou-se sobre o leito, firmemente decidido a não pensar em nada, e, custasse o que custasse, dormir “no mesmo instante”. Coisa estranha: mal sua cabeça pousou no travesseiro, o sono dele se apoderou. Havia bem um mês que tal não lhe sucedia.

Vielhtcháninov dormiu assim três horas inteiras, três horas cheias daqueles pesadelos que se tem nas noites de febre. Sonhou que cometera um crime, um crime que ele negava e de que o acusavam, de comum acordo, pessoas que chegavam de toda parte. Uma multidão

enorme apinhara-se e entrava sempre gente pela porta escancarada. Depois toda a sua atenção se concentrava num homem estranho, que conhecera muito bem outrora, que morrera, e que agora se apresentava subitamente a ele. O mais penoso é que Vielhtcháninov não sabia quem era aquele homem, esquecera-se de seu nome e não podia recordá-lo; tudo quanto sabia é que havia outrora gostado muito dele. Todas as pessoas ali presentes esperavam daquele homem a palavra decisiva, uma acusação formal contra Vielhtcháninov ou sua justificação. Mas o homem permanecia sentado junto à mesa, imóvel, obstinadamente silencioso. O rumor não cessava, a irritação aumentava; de repente, Vielhtcháninov, exasperado pelo silêncio do homem, bateu nele: e logo sentiu um alívio estranho. Seu coração, apertado pelo terror e pelo sofrimento, recomeçou a bater tranquilamente. Uma espécie de raiva tomou-o, deu um segundo golpe, depois um terceiro, depois, como que embriagado de furor e de medo, numa embriaguez que atingia o desvario, bateu, acalmando-se ao mesmo tempo, bateu sem contar, sem parar. Queria aniquilar tudo, tudo aquilo. De repente, aconteceu o seguinte: todos lançaram um grande grito de terror e correram para a porta, e no mesmo instante três toques vigorosos de campainha fizeram-se ouvir tão fortemente que parecia quererem arrancá-la. Vielhtcháninov despertou, abriu os olhos, saltou de seu leito, correu para a porta; estava certo de que os toques de campainha eram reais, que não tinham sido coisa de sonho, que alguém estava ali e queria entrar. “Seria bastante estranho que um ruído tão nítido, tão real não passasse de um sonho!”

Com grande surpresa sua, o toque de campainha era mesmo um sonho. Abriu a porta, saiu para o patamar, lançou um olhar à escada: decididamente, ninguém. O cordão da campainha pendia imóvel. Surpreso, mas satisfeito, voltou para o quarto. Acendeu uma vela e lembrou-se de que a porta estava apenas encostada, que não estava fechada nem com chave nem com ferrolho. Acontecera-lhe muitas vezes tal esquecimento, sem que ligasse a isso a menor importância. Pielagueia várias vezes o advertira. Voltou à antecâmara, abriu ainda uma vez a porta, lançou ainda uma olhadela para fora, depois tornou a fechar e correu simplesmente os ferrolhos, sem tocar na chave. Nesse momento, o relógio bateu duas horas e meia: dormira três horas.

Seu sonho havia-o de tal modo posto nervoso que não quis voltar para a cama imediatamente e preferiu passear uma meia hora pelo quarto, “o tempo de fumar um charuto”. Vestiu-se sumariamente, aproximou-se da janela, ergueu a espessa cortina de seda e depois o estore branco. Já a aurora aclarava a rua. As claras noites de estio de Petersburgo tinham sempre abalado fortemente seus nervos. Nos derradeiros tempos, haviam tornado suas insónias tão frequentes, que tivera, duas semanas antes, de suspender em suas janelas espessas cortinas de seda que o defendiam perfeitamente da luz exterior. Deixando entrar a luz do dia e esquecendo a vela acesa em cima da mesa, pôs-se a passear de ponta a ponta, todo entregue a uma sensação de sofrimento pungente. Persistia a impressão que lhe deixara seu sonho. Experimentava sempre uma dor profunda à ideia de que pudera levantar a mão contra aquele homem e bater nele.

“Mas aquele homem não existe, nunca existiu! Toda essa história de que me aflijo não passa de um sonho!”

Resolutamente, como se nesse ponto se concentrassem todas as suas preocupações, pôs-se a pensar que decididamente estava doente, “um homem doente”.

Sempre lhe fora penoso reconhecer que envelhecia ou que sua saúde era má, e, nas suas horas negras, punha certo encarniçamento em exagerar um ou outro desses males, propositadamente, para zombar de si mesmo.

— É a velhice! Sim, envelheço terrivelmente — ele murmurou, andando para lá e para cá. — Perco a memória, tenho visões, sonhos, ouço toques de campainha… O diabo me leve! Sei por experiência que pesadelos desse gênero são em mim sinal de febre… Estou bem certo de que toda essa “história” de crepe não é talvez senão também um sonho. Decididamente, tinha razão ontem: sou eu que me encarniço em sua perseguição, e não ele. Fiz de mim mesmo um monstro e tenho medo, corro a salvar-me embaixo da mesa. E depois, por que é que o chamo de canalha? Talvez seja um homem muito de bem. Seu aspecto não é muito agradável, é verdade; mas afinal nada tem de particularmente feio. Traja como toda gente. Há somente o seu olhar… Vamos, eis-me ainda a preocupar-me com ele! Que diabo me

importa o seu olhar? Não posso então viver sem pensar nesse… nesse patife?

Entre todos esses pensamentos que se davam caça em sua cabeça, houve um que lhe apareceu claramente e que lhe causou dor: surgiu nele de súbito a convicção de que o homem do crepe fora outrora um de seus amigos íntimos e que agora, quando o encontrava, aquele homem zombava dele porque conhecia um grande segredo de seu passado, e o via agora tão decadente. Foi maquinalmente à janela para abri-la e respirar a frescura da noite, e… e, bruscamente, estremeceu todo: pareceu-lhe que diante dele se produzia algo de prodigioso, de inaudito.

Não chegou a abrir a janela; vivamente introduziu-se no ângulo do vão e ali se ocultou: — além, bem em frente da casa, no passeio deserto, acabava de ver o homem do crepe. O homem estava de pé, com o rosto voltado para a janela; não o havia certamente percebido, olhava para a casa, curiosamente, como se procurasse alguma coisa. Pareceu refletir: levantou a mão, tocou a fronte com o dedo. Por fim decidiu-se: lançou rapidamente um olhar em torno de si, depois, na ponta dos pés, a pequenos passos, atravessou a rua, muito depressa… Ei-lo que se aproxima da porta, da portinha de serviço, que no verão não se fecha muitas vezes antes das três horas da madrugada. “Ele vem à minha casa”, pensou repentinamente Vielhtcháninov, e o mais depressa possível, caminhando também nas pontas dos pés, atravessou a antecâmara, correu para a porta, e… parou diante, pregado pela expectativa, com a mão direita trêmula segurando o ferrolho da porta, toda a atenção tendida para o rumor dos passos na escada.

O coração batia-lhe tão forte que teve medo de não ouvir o desconhecido subir na ponta dos pés. Com efeito, não ouvia nada, mas sentia tudo com uma lucidez decuplicada. Era como se o sonho de ainda há pouco tivesse se fundido com a realidade. Vielhtcháninov era de natureza corajosa. Gostava por vezes de levar até a afetação o desprezo pelo perigo, mesmo quando ninguém o via, unicamente para agradar a si mesmo. Mas, hoje, era outra coisa. O hipocondríaco doentio de pouco antes estava transfigurado; era agora um homem totalmente diverso. Um riso nervoso, silencioso, sacudia-lhe o peito. Através da porta fechada, adivinhava cada movimento do

desconhecido.

“Ah! ei-lo que entra, sobe, olha em torno de si; escuta na escada, mal respira; caminha a passos de lobo… Ah!… pega a maçaneta da porta, puxa, tenta abrir. Imagina que não conservo a porta fechada. Sabia, pois, que, por vezes, esqueço-me de fechá-la?… De novo, puxa a maçaneta… Pensará ele que a fechadura vai ceder dessa maneira?… É pena, hem? ter de ir embora! É pena, voltar sem nada ter conseguido!”

E, com efeito, tudo devia ter-se passado assim como Vielhtcháninov havia adivinhado: alguém, com efeito, estava ali, atrás da porta, havia, suavemente e sem rumor, experimentado a fechadura e puxado a maçaneta; “e, sem nenhuma dúvida, tinha sua ideia”. Vielhtcháninov estava decidido a saber a explicação do enigma; esperava o momento com uma espécie de impaciência; ardia de vontade de puxar bruscamente o ferrolho, de escancarar a porta, de se encontrar face a face com seu espantalho e dizer baixinho: “Mas que faz aqui, meu caro senhor?”. Foi o que aconteceu: quando escolheu o momento, puxou bruscamente o ferrolho, escancarou a porta e quase dá um encontrão no homem do crepe.

## Capítulo III / *Páviel Pávlovitch Trusótski*[4]

O outro pareceu ficar cravado no chão, imóvel e mudo. Ficaram assim, um diante do outro, na soleira da porta, sem se mover, os olhos nos olhos. Isto durou alguns momentos, mas, de repente, Vielhtcháninov reconheceu seu visitante!

No mesmo momento, compreendeu o visitante manifestamente que Vielhtcháninov o havia reconhecido: isto passou como um clarão em seus olhos. Todo o seu rosto logo se dilatou num sorriso, todo repleto de afeição.

— É mesmo a Alieksiéi Ivânovitch que tenho o prazer de falar? — perguntou ele com voz tão suave que chegava a ser cômica, nas circunstâncias.

— Mas o senhor mesmo não é Páviel Pávlovitch Trusótski? — exclamou Vielhtcháninov, com o ar de um homem que adivinha.

— Conhecemo-nos, há nove anos, em T***, e, se me permite lembrá-lo, fomos bons amigos.

— Sim, sem dúvida… é possível… mas afinal são três da madrugada, e o senhor há uns dez minutos tenta verificar se minha porta estava fechada ou não.

— Três horas? — exclamou o outro, que consultou seu relógio, tomado de espanto. — É verdade, três horas! Perdoe-me, Alieksiéi Ivânovitch, deveria ter pensado nisto antes de ter vindo; estou completamente confuso. Vou-me embora; me explico em outra ocasião, mas agora…

— De jeito nenhum! Se tem algo a dizer, é melhor dizê-lo imediatamente! — interrompeu Vielhtcháninov. — Faça-me o prazer de entrar para cá, para o meu quarto. É isto que o senhor queria, imagino; não veio de noite unicamente para experimentar a fechadura…

Ele estava transtornado, espantado e sentia que não era mais senhor de si. Estava envergonhado: que havia, em suma, de misterioso e de inquietante em toda aquela fantasmagoria? Tanta emoção por ter visto surgir a tola figura dum Páviel Pávlovitch!… No entanto, no fundo, não achava aquilo tão simples; pressentia alguma coisa, confusamente, com terror. Ofereceu uma cadeira a seu visitante, sentou com um movimento brusco em seu leito, a um passo da cadeira, e, inclinado para diante, com as palmas das mãos abertas pousadas nos joelhos, esperou que o outro falasse. Olhava-o avidamente e fazia esforço para se recordar. Coisa estranha, o outro se calava, parecia não compreender que “era preciso” que se explicasse imediatamente; pelo contrário, fitava Vielhtcháninov com um ar de expectativa. Talvez tivesse medo, bem simplesmente, e sentia-se mal à vontade, como um camundongo numa ratoeira. Mas Vielhtcháninov explodiu:

— O que o senhor quer? — exclamou. — Não é, no entanto, um fantasma ou um sonho! Veio, então, aqui para fingir-se assombração?

É preciso que o senhor se explique, *bátiuchka*![5]

O visitante agitou-se e começou timidamente:

— Vejo que o senhor está sobretudo espantado pelo fato de eu aparecer a semelhante hora, e… em condições tão particulares… Quando penso em tudo quanto se passou outrora, e na maneira pela qual nos despedimos… sim, é bastante estranho… Aliás, eu não tinha, absolutamente, a intenção de entrar, e, se isto aconteceu, foi mesmo por acaso…

— Como, por acaso! Mas eu o vi, de minha janela, atravessar furtivamente a rua na ponta dos pés.

— Ah! o senhor me viu? Então, juro-lhe, sabe mais a este respeito do que eu próprio. Mas impaciento-o… Ora, eis o que é: cheguei a Petersburgo, há três semanas, para tratar de negócios… Sim, sou mesmo Páviel Pávlovitch Trusótski; o senhor me reconheceu perfeitamente. Eis qual é o meu negócio: trato de obter transferência de serviço para outra governadoria, com aumento de vencimentos… Não, não totalmente isto… Enfim, veja o senhor, o essencial é que ando por aqui há três semanas e que, palavra de honra, eu mesmo retardo o meu caso… sim, o caso de minha permuta… e que, se isto se arranjar, palavra, tanto pior, esquecerei que foi arranjado e não poderei sair de sua Petersburgo na minha situação. Arrasto-me por aí como se não tivesse mais objetivo, e como se estivesse contente de não mais o ter… na minha situação!…

— Mas afinal que “situação”? — interrompeu Vieltcháninov.

O visitante ergueu os olhos para ele, pegou seu chapéu e, com uma dignidade cheia de grandeza, mostrou o crepe.

— Pois bem, sim, que “situação”?

Vieltcháninov olhava com um olhar atônito o crepe e mais ainda o rosto de seu visitante. De repente um rubor cobriu-lhe as faces e ele sentiu uma emoção terrível:

— Com que então, Natália Vassílievna?

— Sim, Natália Vassílievna! Em março passado… A tísica… quase de repente, em dois ou três meses!… E eu fiquei, como o senhor vê!

Dizendo estas últimas palavras, o visitante, com uma expressão de tristeza, abriu seus braços estendidos, com a mão esquerda segurando o chapéu com o crepe, e deixou cair sua cabeça calva sobre o peito, durante quase dez segundos.

Esse ar e esse gesto restituíram de súbito a calma a Vielhtcháninov; um sorriso irônico, até mesmo agressivo, deslizou-lhe pelos lábios, mas apagou-se no mesmo instante: a notícia da morte daquela mulher, que ele conhecera e havia muito tempo, causava-lhe uma impressão inesperada, muito profunda.

— É possível — murmurou ele. — Mas por que não veio ter comigo franca e abertamente?

— Agradeço-lhe sua simpatia, vejo-a e sou a ela sensível… Embora…

— Embora…

— Embora estejamos separados desde muitos anos, o senhor tomou imediatamente pelo meu pesar, por mim mesmo, um interesse tão verdadeiro que tenho para com o senhor, não o duvide, um vivo reconhecimento. É tudo quanto queria dizer. Não me enganei nas minhas amizades, pois que aqui posso encontrar agora mesmo meus amigos mais sinceros (só lhe citarei Stiepan Mikháilovitch Bagaútov); mas, na verdade, Alieksiéi Ivânovitch, desde nossas relações de outrora, e, deixe-me dizê-lo, porque tenho memória fiel, desde nossa velha amizade, nove anos se passaram sem que o senhor tenha voltado a ver-nos; nem mesmo houve troca de cartas.

Parecia que ele cantava uma ária aprendida e todo o tempo que falou manteve os olhos fixos em terra, nada perdendo, entretanto, do que se passava. Vielhtcháninov tornara-se senhor de si. Ouvia e olhava Páviel Pávlovitch com impressões estranhas, cuja intensidade ia em crescendo e, de repente, quando ele se calou, as ideias mais singulares e mais imprevistas invadiram-lhe a cabeça.

— Mas como se dá que não o haja reconhecido até agora? — exclamou ele. — Encontramo-nos cinco vezes na rua.

— Com efeito, lembro-me; dava a cada instante com o senhor e, duas ou três vezes, pelo menos…

— Quer dizer que era eu quem dava a cada instante com o senhor e não o senhor comigo.

Vielhtcháninov levantou-se e, de repente, desatou em violenta gargalhada, inesperada. Páviel Pávlovitch permaneceu silencioso, olhou atentamente e logo prosseguiu:

— Se o senhor não me reconheceu é que, a princípio, tenha-se talvez esquecido de mim. E depois, aconteceu que tive varíola, da qual trago sinais no rosto.

— Varíola? Com efeito, é varíola. Mas como?…

— Como a peguei? Tudo acontece, Alieksiéi Ivânovitch. Pega-se.

— É bem engraçado. Mas continue, continue, caro amigo!

— Pois bem, embora já o tenha encontrado…

— Espere! Por que, pois, disse ainda há pouco “pega-se”? É preciso falar de maneira menos trivial. Mas continue, continue!

Sentia-se cada vez mais alegre. A opressão que o sufocava desaparecera completamente.

Marchava a grandes passos pelo quarto, de ponta a ponta.

— É verdade, já o encontrei, e estava resolvido, desde minha chegada a Petersburgo, a vir procurá-lo; mas, repito-lhe, acho-me, presentemente, em tal situação de espírito… acho-me de tal modo transtornado desde o mês de março…

— Transtornado desde o mês de março?… Ah! sim, perfeitamente!… Perdão, o senhor não fuma?

— Eu? O senhor sabe, desde o tempo de Natália Vassílievna…

— Ah! sim! Mas desde o mês de março?…

— Talvez um cigarrinho.

— Eis um cigarro. Acenda-o, e… prossiga! Prossiga; é excessivamente…

E Vielhtcháninov acendeu um charuto e tornou a sentar-se no leito, enquanto falava. Páviel Pávlovitch interrompeu-o:

— Mas o senhor mesmo não se acha um pouco agitado? Vai passando realmente bem?

— Ora! Ao diabo a minha saúde! — exclamou Vielhtcháninov de mau humor. — Continue, pois.

O visitante, por sua vez, vendo a agitação de Vielhtcháninov, sentiu-se mais seguro e mais senhor de si mesmo.

— Que quer que continue? — perguntou ele. — Imagine em primeiro lugar, Alieksiéi Ivânovitch, um homem morto, verdadeiramente morto; um homem que, após vinte anos de casamento, muda de vida, põe-se a vagar pelas ruas poeirentas, sem objetivo, como se andasse pela estepe, quase inconsciente, duma inconsciência que lhe proporciona ainda alguma calma. É verdade: encontro por vezes um conhecido, até mesmo um verdadeiro amigo, e sigo, de propósito, para não abordá-lo neste estado de inconsciência. Em outros momentos, pelo contrário, lembra-se a gente de tudo com intensidade, sente-se uma necessidade tão imperiosa de ver uma testemunha desse passado para sempre desaparecido, sente-se bater tão fortemente o coração que é preciso absolutamente, quer seja de dia, quer seja de noite, correr a lançar-se nos braços de um amigo, ainda mesmo quando fosse preciso para isso despertá-lo às quatro horas da madrugada. Pode ser que tenha escolhido mal minha hora, mas não me enganei a respeito do amigo, porque, agora, sinto-me plenamente reconfortado. Quanto à hora, acreditava, garanto-lhe, que era apenas meia-noite. A gente bebe o próprio pesar e fica-se de certo modo embriagado. E então, não é mais pesar, é como uma nova natureza que sinto bater em mim…

— Como se exprime! — disse com voz surda Vielhtcháninov, de súbito, voltando a ficar sombrio.

— É mesmo, tenho uma maneira estranha de exprimir-me.

— E… não está brincando?

— Brincando? — exclamou Páviel Pávlovitch, num tom de tristeza ansiosa. — Brincando? No momento em que lhe declaro…

— Ah! não diga mais nada, rogo-lhe.

Vielhtcháninov levantou-se e voltou a andar pelo quarto. Passaram-se cinco minutos assim. O visitante quis levantar, mas Vielhtcháninov gritou-lhe:

— Fique sentado! Fique sentado!

E o outro, docilmente, deixou-se cair de novo em sua cadeira.

— Meu Deus, como está mudado! — retomou Vielhtcháninov, plantando-se diante dele, como se acabasse apenas de reparar nisso. — Terrivelmente mudado! Extraordinariamente! É um homem totalmente diverso!

— Não é de surpreender: nove anos!

— Não, não, não é uma questão de idade. Não foi seu físico que mudou, mas o senhor tornou-se um outro homem!

— Ah! sim, é possível. Nove anos!

— Ou não seria antes a partir do mês de março?

— Ah! ah! — fez Páviel Pávlovitch, com um sorriso malicioso, — o senhor gosta de brincar… Mas, vejamos, já que faz questão, que mudança vê o senhor?

— Pois bem, eis aqui. O Páviel Pávlovitch de outrora era um homem completamente sério, decente e talentoso. O de agora não passa de um *vaurien*.[6]

Vielhtcháninov chegara àquele ponto de nervosismo em que os homens mais senhores de si vão por vezes mais longe do que querem em palavras.

— *Vaurien*! Acha?… Não tenho mais talento? Nada de talento — disse complacente Páviel Pávlovitch.

— Ao diabo o talento! Agora o senhor é inteligente, simplesmente isto.

“Estou sendo insolente — pensava Vielhtcháninov, — mas esse canalha é ainda mais insolente do que eu!… Enfim, que quer ele?”

— Ah! meu querido Alieksiéi Ivânovitch — exclamou, de repente, o visitante, agitando-se em sua cadeira. — Que fazer, agora? Nosso lugar não é mais no mundo, na brilhante sociedade do grande mundo! Somos dois velhos e verdadeiros amigos, e, agora que nossa intimidade se tornou mais completa, nós nos relembraremos um ao outro a preciosa união de nossos dois afetos, entre os quais a falecida era um elo mais precioso ainda!

E, como que transportado pelo ímpeto de seus sentimentos, deixou de novo cair a cabeça e ocultou o rosto por trás do chapéu. Vielhtcháninov fitava-o, com uma mistura de inquietação e de repugnância.

“Vejamos, não seria tudo isso senão uma farsa? — pensou ele. — Não, não, não! Não tem ar de embriagado… mas, afinal, pode ser que esteja bêbado: está com a cara bem vermelha. De resto, bêbado ou não, dá tudo no mesmo… Enfim, que me quer ele? Que quer de mim esse canalha?”

— Lembra-se, lembra-se? — exclamou Páviel Pávlovitch, afastando pouco a pouco seu chapéu, e cada vez mais exaltado pelas suas recordações. — Lembra-se de nossas excursões ao campo, de nossos serões, de nossos bailes e de nossos pequenos jogos na casa de Sua Excelência, o muito hospitaleiro Siemion Siemiônovitch? E nossas leituras, à noite, nós três? E nossa primeira entrevista, quando o senhor chegou uma manhã à minha casa para me consultar a respeito de seu caso? Lembra-se de que estava a ponto de impacientar-se,

quando Natália Vassílievna entrou, como, ao fim de dez minutos, o senhor já se tornara nosso melhor amigo, como assim o permaneceu um ano inteiro, inteiramente como em *A provinciana*, a peça do Senhor Turguiéniev…

Vielhtcháninov passeava lentamente, com os olhos no chão, escutava com impaciência, com repugnância, mas escutava atentamente.

— Nunca pensei em *A provinciana* — interrompeu ele, — e nunca lhe aconteceu outrora falar com essa voz de falsete, nesse estilo que não é o seu. Para que tudo isso?

— É verdade, outrora eu me mantinha mais calado — retomou a palavra, vivamente, Páviel Pávlovitch. — O senhor sabe, outrora preferia escutar, quando a falecida falava. O senhor se lembra como ela conversava, com que espírito… Quanto a *A provinciana* e em particular quanto a Stupiéndiev, o senhor tem razão: éramos nós, a querida falecida e eu, que, muitas vezes, pensando no senhor, assim que o senhor se retirava, comparávamos nosso primeiro encontro com aquela peça… e, com efeito, a analogia era impressionante. E em particular quanto a Stupiéndiev…

— Que o diabo leve esse seu Stupiéndiev! — exclamou Vielhietcháninov, batendo com o pé, deixando-se arrebatar ao ouvir aquele nome, que despertava em seu espírito uma lembrança inquietante.

— Stupiéndiev? Mas é o nome do marido em *A provinciana* — continuou Páviel Pávlovitch, com sua voz mais suave. — Mas tudo isto se refere a outra série de minhas caras recordações, à época que se seguiu à sua partida, quando Stiepan Mikháilovitch Bagaútov nos fazia o favor de sua amizade, absolutamente como o senhor, mas, durante cinco anos inteiros.

— Bagaútov? Qual Bagaútov? — replicou Vielhtcháninov, plantando-se em pé diante de Páviel Pávlovitch.

— Ora, Bagaútov, Stiepan Mikháilovitch Bagaútov, que nos concedeu sua amizade justamente um ano depois do senhor… e…

absolutamente como o senhor.

— Oh sim! Por Deus, sim… Mas eu o conheço — continuou Vielhtcháninov, — esse Bagaútov!… Ele estava, creio, exercendo alguma função na sua província?…

— Isso mesmo, exercia funções junto ao governador. Era de Petersburgo… Um rapaz elegante… da melhor sociedade! — exclamou Páviel Pávlovitch, num verdadeiro arrebatamento.

— Mas sim, mas perfeitamente! Onde tenho, pois, a cabeça? Então, ele também?…

— Ele também, sim, ele também — repetiu Páviel Pávlovitch, com o mesmo ímpeto, agarrando no voo a palavra imprudente de seu interlocutor, — ele também! Foi então que representamos *A provinciana*, num teatro de amadores, em casa de Sua Excelência, o muito hospitaleiro Siemion Siemiônovitch. Stiepan Mikháilovitch fazia o papel do conde, a falecida fazia "a provinciana", e eu… eu devia representar o papel do marido, mas tomaram-me esse papel, por desejo da falecida, que pretendia ser eu incapaz de desempenhá-lo.

— Mas que engraçado Stupiéndiev o senhor faz!… Em primeiro lugar, o senhor é Páviel Pávlovitch Trusótski, e não Stupiéndiev — interrompeu violentamente Vielhtcháninov, que não podia mais conter-se e tremia quase de irritação. — Vejamos, permita: Bagaútov está aqui, em Petersburgo. Eu mesmo o vi, vi-o na primavera. Por que não vai à casa dele?

— Mas vou todos os dias à casa dele, desde três semanas. Não me recebem. Está doente, não pode mais receber. Imagine que, com efeito, soube, de muito boa fonte, que está verdadeiramente muito doente. Eis um amigo esse! Um amigo de cinco anos! Ah! Alieksiéi Ivânovitch, disse e repito: há momentos em que a gente tem vontade de estar debaixo da terra, e em outros momentos, pelo contrário, gostaria de tornar a encontrar algum daqueles que viram e viveram nosso tempo passado, para chorar com ele, sim, unicamente para chorar!…

— Vejamos, chega por hoje, não é? — disse secamente

Vielhtcháninov.

— Oh! sim! mais do que chega! — disse Páviel Pávlovitch, levantando-se imediatamente. — Meu Deus! são quatro horas! Como egoisticamente o incomodei!

— Escute, irei vê-lo por minha vez e espero… Vejamos! Diga-me bem francamente… Não está bêbado hoje?

— Bêbado? Mas de jeito nenhum…

— Não bebeu ao vir para cá, ou antes?

— O senhor sabe, Alieksiéi Ivânovitch, o senhor está com febre.

— Amanhã irei vê-lo antes de uma hora.

— Sim — interrompeu, com insistência, Páviel Pávlovitch, — sim, o senhor fala como num delírio. Notei-o desde um momento. Estou verdadeiramente desgostoso… Sem dúvida, meu desajeito… sim, vou-me embora, vou-me embora. Mas o senhor, Alieksiéi Ivânovitch, deite e trate de dormir.

— Mas o senhor não me disse onde mora! — disse Vielhtcháninov por trás dele, enquanto ele saía.

— Não lhe disse? No Hotel Pokrov!

— Que é o Hotel Pokrov?

— É bem perto de Pokrov, no beco… Bom, eis que esqueci o nome do beco e o número. Enfim, é bem perto de Pokrov…[7]

— Haverei de achar.

— Adeus.

E já estava na escada.

— Espere! Espere! — gritou bruscamente Vielhtcháninov. — O senhor não irá escapar-se assim, sem mais!

— Como? Escapar-me? — exclamou o outro, arregalando os olhos e parando no terceiro degrau.

Por toda resposta Vielhtcháninov tornou a fechar vivamente a porta, deu uma volta à chave e correu o ferrolho; depois voltou a entrar no quarto e cuspiu com desgosto, como se acabasse de tocar em algo de sujo. Ficou de pé, no meio do quarto, imóvel, cinco grandes minutos e, de repente, sem se despir, lançou-se sobre seu leito e adormeceu instantaneamente. A vela esquecida em cima da mesa consumiu-se até o fim.

## CAPÍTULO IV / *A mulher, o marido e o amante*

Vielhtcháninov dormiu profundamente e só acordou às nove horas e meia. Levantou então, sentou em seu leito e pôs-se a pensar na morte "daquela mulher".

A impressão que sentira com a notícia daquela morte tinha algo de turvo e de doloroso. Havia dominado sua agitação diante de Páviel Pávlovitch; mas, agora que estava só, todo aquele passado velho de nove anos reviveu subitamente diante dele com uma nitidez extrema.

Aquela mulher, Natália Vassílievna, a mulher "daquele Trusótski", fora sua amada, ele fora seu amante, quando, a propósito dum caso de herança, permanecera um ano inteiro em T***, se bem que a regularização de seu caso não reclamasse permanência tão longa. A verdadeira causa fora aquela ligação. Aquela ligação e aquela paixão haviam-no dominado tão inteiramente que estivera como que escravizado a Natália Vassílievna e teria praticado sem hesitar a coisa mais louca e mais insensata para satisfazer o mínimo capricho daquela mulher. Jamais, nem antes, nem depois, semelhante aventura lhe acontecera. Pelo fim do ano, quando a separação se tornou inevitável, Vielhtcháninov, à aproximação da data fatal, sentira-se desesperado, se bem que aquela separação devesse ser de curta duração: perdera a cabeça a ponto de propor raptar Natália Vassílievna, de levá-la para sempre para o estrangeiro. Foi precisa toda a resistência tenaz e zombeteira daquela mulher que, a princípio, por tédio ou por brincadeira, parecera ter achado o projeto sedutor, para obrigá-lo a

partir sozinho. E depois? Menos de dois meses após a separação, Vielhtcháninov, em Petersburgo, estava a fazer a si mesmo esta pergunta para a qual não encontrava resposta: amara verdadeiramente aquela mulher, ou fora vítima de uma ilusão? E não era nem por volubilidade, nem porque começasse nova paixão que fazia a si mesmo esta pergunta. Naqueles dois primeiros meses que se seguiram ao seu regresso para Petersburgo, ficou tomado duma espécie de estupor que o impedia de notar qualquer mulher, embora houvesse retomado sua vida mundana e tivesse ocasião de ver muitas. E sabia bem, a despeito de todas as perguntas que fazia a si mesmo, que, se voltasse a T***, recairia imediatamente sob o encanto dominador daquela. Cinco anos mais tarde, estava ainda convencido disso como no primeiro dia, mas esta comprovação não lhe causava senão mau humor e só se recordava daquela mulher com antipatia. Tinha vergonha daquele ano passado em T***. Não podia compreender como pudera ter estado tão "estupidamente" amoroso, ele, Vielhtcháninov! Todas as suas recordações daquela paixão só lhe davam desgosto: corava de vergonha até quase chorar. Pouco a pouco, entretanto, reencontrou certa quietude; procurava esquecer e quase o havia conseguido. E eis que, de súbito, após nove anos, tudo aquilo ressuscitava duma maneira estranha diante dele, à notícia da morte de Natália Vassílievna.

Agora, sentado em seu leito, perseguido por ideias sombrias que se comprimiam em desordem na sua cabeça, não sentia, não via distintamente senão uma coisa: é que, apesar do abalo que lhe causara a notícia, se sentia perfeitamente calmo à ideia de sabê-la morta: "Não tenho, então, por ela mais nem mesmo uma saudade?", perguntou a si mesmo. A verdade é que toda aquela antipatia que tivera outrora por ela acabava de desfazer-se e podia, naquele momento, julgá-la sem preconceito. A opinião que dela formara, no curso dos nove anos de separação, é que Natália Vassílievna era o tipo da provinciana, da mulher da "boa sociedade" da província, e que talvez era ele o único que perdera a cabeça por causa dela. De resto, sempre duvidara de que essa opinião pudesse ser errônea e sentia isso agora. Os fatos a contradiziam evidentemente: aquele Bagaútov estivera, também ele, durante vários anos, a ela ligado e era claro que, também ele, fora "subjugado". Bagaútov era na verdade um rapaz do melhor mundo de

Petersburgo, “uma nulidade como nenhuma outra”, dizia Vielhtcháninov e que só podia mesmo abrir seu caminho em Petersburgo. E aquele homem havia sacrificado Petersburgo, isto é, todo o seu futuro, e ficara cinco anos em T***, unicamente por causa daquela mulher! Acabara por voltar a Petersburgo, mas é bem possível que tivesse sido unicamente porque o haviam mandado passear, “como um chinelo velho”. Era preciso, pois, que tivesse havido naquela mulher algo de extraordinário, o dom de cativar, de subjugar e de dominar!

No entanto, parecia-lhe bem que ela não possuía o que é preciso para cativar e subjugar. “Vejamos! Estava longe de ser bela; não sei mesmo se não era simplesmente feia.” Quando Vielhtcháninov a conheceu, tinha ela já vinte e oito anos. Seu rosto não era bonito; animava-se ela por vezes agradavelmente, mas seus olhos eram realmente feios; tinha o olhar excessivamente duro. Era muito magra. Sua instrução era muito medíocre; tinha o espírito bastante firme e penetrante, mas estreito. Suas maneiras eram as de uma dama da sociedade provinciana; com isto, é preciso dizê-lo, muito tato; tinha gosto excelente; sobretudo, trajava com perfeição. Seu caráter era decidido e dominador; impossível entender-se com ela pela metade: “tudo ou nada”. Tinha, nos negócios difíceis, uma firmeza e uma energia surpreendentes. Sua alma era generosa e, ao mesmo tempo, injusta sem limitação. Não era possível discutir com ela; para ela duas vezes dois não significava nada. Jamais, em nenhum caso, teria reconhecido sua injustiça ou seus erros. As infidelidades sem nome a seu marido jamais lhe pesaram na consciência. Era perfeitamente fiel a seu amante, mas somente enquanto ele não a aborrecesse. Gostava de fazer seus amantes sofrerem, mas gostava também de compensá-los. Era apaixonada, cruel e sensível.

Odiava a depravação nos outros, julgava-a com uma dureza implacável e era ela própria depravada. Teria sido absolutamente impossível levá-la a dar-se conta de sua própria depravação. “É muito sinceramente que ela ignora — julgava já Vielhtcháninov, quando ainda se achava em T***. — É uma dessas mulheres — pensava ele, — que nasceram para ser infiéis. Não há risco de que mulheres dessa espécie caiam enquanto são donzelas: é lei de sua natureza esperarem

para isso que estejam casadas. O marido é o primeiro amante delas, mas jamais antes do casamento. Não há mais honestas que elas para o casamento. Naturalmente, é sempre o marido o responsável pelo primeiro amante. E isto continua assim, com a mesma sinceridade: até o fim estão elas persuadidas de que são perfeitamente honestas, perfeitamente inocentes".

Estava Vielhtcháninov convencido de que existem mulheres desse gênero; e estava igualmente convencido de que existe um tipo de maridos correspondente a esse tipo de mulheres e não tendo outra razão de ser senão corresponder a isso. Para ele, a essência dos maridos desse gênero consiste em serem, por assim dizer "eternos maridos" ou, para melhor dizer, em serem toda a sua vida unicamente maridos, e nada mais. "O homem dessa espécie vem ao mundo e cresce unicamente para casar, e, logo que casa, torna-se, imediatamente, algo de complementar de sua mulher, ainda mesmo quando tenha um caráter pessoal e resistente. A marca distintiva de tal marido é o ornamento que se conhece. É-lhe tão impossível não usá-lo como ao sol não luzir, e não somente é-lhe interdito jamais saber disso, mas ainda é-lhe interdito jamais conhecer as leis de sua natureza." Vielhtcháninov acreditava firmemente na existência desses dois tipos, e Páviel Pávlovitch Trusótski, em T***, representava exatamente a seus olhos um desses tipos. O Páviel Pávlovitch que acabava de deixá-lo não era naturalmente mais aquele que conhecera em T***. Achara-o prodigiosamente mudado, mas sabia bem que não podia ele ter deixado de mudar e que era aquilo a coisa mais natural do mundo: o verdadeiro Senhor Trusótski, aquele que ele conhecera, só podia ter sua realidade completa enquanto vivesse sua mulher; o que restava agora era uma parte daquele todo e nada mais, alguma coisa que fora deixado à aventura, algo de surpreendente e que não se assemelhava a nada.

Quanto ao que fora o verdadeiro Páviel Pávlovitch, o de T***, eis a lembrança que dele guardara Vielhtcháninov e que lhe voltou ao espírito:

"Rigorosamente falando, o Páviel Pávlovitch de T*** era marido e nada mais." Assim, por exemplo, se era ao mesmo tempo funcionário, era unicamente porque se tornava preciso que cumprisse uma das

partes essenciais do papel de marido: tomara posição na hierarquia dos funcionários para garantir à sua mulher sua situação na sociedade de T***, sendo, por si mesmo, um funcionário muito zeloso. Tinha então trinta e cinco anos; possuía certa fortuna, bastante considerável mesmo. Não mostrava no seu serviço uma capacidade bastante notável, nem, aliás, uma incapacidade bastante notável. Era recebido na melhor sociedade oficial e bem acolhido em toda parte. Toda a gente, em T***, mostrava-se cheia de atenções para com Natália Vassílievna; a isso não ligava ela muita importância, recebendo todas as homenagens como coisas devidas; sabia receber com perfeição e educara tão bem Páviel Pávlovitch que ele igualava em distinção de maneiras às sumidades do governo. "Talvez mesmo — pensava Vielhtcháninov — ele tivesse espírito; mas como Natália Vassílievna não gostava que ele falasse muito, não tinha ele ocasião de mostrá-lo. Talvez mesmo tivesse, de nascença, qualidades e defeitos; mas estas qualidades estavam ocultas e seus defeitos eram mais ou menos sufocados logo que apontavam." Por exemplo, Vielhtcháninov lembrava-se de que Trusótski era naturalmente inclinado a zombar do próximo: via-se proibido formalmente de fazer isso. Gostava por vezes de contar alguma anedota: só lhe era permitido contar coisas muito insignificantes e muito brevemente. Gostava de sair, de ir ao clube, beber com amigos; tiraram-lhe bem depressa essas vontades. E o maravilhoso é que com tudo isto não se podia dizer que aquele marido vivesse sob o chinelo de sua esposa. Natália Vassílievna mostrava toda a aparência da mulher perfeitamente obediente e talvez ela própria estivesse convencida de sua obediência. Talvez Páviel Pávlovitch amasse Natália Vassílievna até a inteira abnegação de si mesmo; mas isso era impossível de saber, tendo-se em vista a maneira pela qual ela havia organizado a vida deles.

Durante seu ano de estada em T***, Vielhtcháninov, mais de uma vez, tinha perguntado a si mesmo se aquele marido nada havia notado da ligação deles. Havia mesmo interrogado, a este respeito, muito seriamente, Natália Vassílievna, que, de cada vez, se encolerizara, e, invariavelmente, respondera que um marido nada sabe dessas coisas, e não pode jamais saber, e que "tudo isso não lhe diz respeito de modo algum". Outro detalhe curioso: jamais zombava de Páviel Pávlovitch; não o achava nem feio, nem ridículo, teria-o mesmo defendido com

firmeza se alguém se tivesse permitido alguma impolidez a seu respeito. Não tendo tido filhos, tivera de consagrar-se exclusivamente à vida mundana; mas amava o seu lar. Os prazeres mundanos não a absorveram jamais completamente e gostava das ocupações domésticas, do trabalho de casa. Páviel Pávlovitch lembrava havia pouco seus serões de leituras comuns; era verdade: Vielhtcháninov lia, Páviel Pávlovitch lia também, e até mesmo lia muito bem em voz alta, para grande espanto de Vielhtcháninov. Natália Vassílievna, durante aquele tempo, bordava e escutava tranquilamente. Liam-se romances de Dickens, algum artigo de uma revista russa, por vezes algo de "sério". Natália Vassílievna apreciava bastante a cultura de Vielhtcháninov, mas em silêncio, como uma coisa concedida, da qual não havia mais razão para falar. Em geral, os livros e a ciência deixavam-na indiferente, como uma coisa útil, mas que lhe era estranha. Páviel Pávlovitch mostrava-se por vezes entusiasmado.

Aquela ligação rompeu-se subitamente, no momento em que a paixão de Vielhtcháninov, que só fizera crescer, quase lhe arrebatava o juízo. Expulsaram-no, bem simplesmente, de repente, e isso foi arranjado tão bem que ele partiu sem se dar conta de que o haviam posto fora "como um chinelo velho". Um mês e meio antes de sua partida, chegara a T*** um jovem oficial de artilharia, que acabava de sair da Escola. Foi recebido em casa dos Trusótski: em lugar de três, havia quatro agora. Natália Vassílievna acolheu o rapaz com muita benevolência, mas tratou-o como a um menino. Vielhtcháninov não duvidou de nada; não chegou mesmo a compreender, no dia em que foi informado que a separação se tornara necessária. Entre as cem razões por meio das quais Natália Vassílievna lhe demonstrou que ele devia partir, sem hesitação, de imediato, havia esta: estava grávida, era preciso, pois, que ele desaparecesse imediatamente; nem que fosse por três ou quatro meses, a fim de que, dentro de nove meses, fosse mais difícil a seu marido fazer a conta, se lhe ocorresse alguma suspeita. O argumento era de muita urgência. Vielhtcháninov suplicou-lhe com ardor que fugisse com ele para Paris ou para a América, depois partiu sozinho para Petersburgo, "sem a menor suspeita". Acreditava que iria por uns três meses, quando muito; de outro modo, nenhum argumento seria capaz de fazê-lo a partir, por preço algum. Dois meses mais tarde, recebia em Petersburgo uma

carta em que Natália Vassílievna lhe rogava que não voltasse mais, porque ela amava outro; quanto à gravidez, havia-se enganado. Esta derradeira explicação era supérflua; via claro agora: lembrou-se do jovem oficial. Ficou tudo terminado para sempre. Alguns anos mais tarde, soube que Bagaútov fora a T*** e ali permanecera cinco anos inteiros. Disse a si mesmo, para explicar-se a duração daquela ligação, que Natália Vassílievna devia ter envelhecido grandemente e tornara-se mais fiel.

Ficou ali, sentado em seu leito, perto de uma hora; por fim, voltou a si, chamou Mavra, pediu seu café, bebeu-o vivamente, vestiu-se e, justamente às onze horas, pôs-se à procura do Hotel Pokrov. Vieram-lhe alguns escrúpulos a respeito de toda a sua entrevista com Páviel Pávlovitch e era preciso que os esclarecesse.

Toda a fantasmagoria da noite, explicava-a a si mesmo pelo acaso, pela embriaguez manifesta de Páviel Pávlovitch, talvez por outra coisa ainda, mas o que no íntimo de si mesmo não chegava a compreender era o motivo pelo qual ia agora reatar relações com o marido de outrora, quando tudo estava definitivamente acabado entre eles. Alguma coisa o atraía: havia tornado a sentir uma impressão toda particular, e dessa impressão se destacava alguma coisa que o atraía.

## Capítulo V / *Lisa*

Páviel Pávlovitch não tinha absolutamente pensado em “escapar”, e Deus sabe por que Vielhtcháninov lhe havia feito aquela pergunta: provavelmente, porque ele próprio havia perdido a cabeça. À primeira pergunta que fez numa lojinha de Pokrov, indicaram-lhe o hotel, a dois passos, num beco. No hotel, disseram-lhe que o Senhor Trusótski ocupava um apartamento mobiliado em casa de Maria Sisoievna, no pavilhão, ao fundo do pátio. Enquanto subia a escada de pedra, estreita e suja, do pavilhão, até o segundo andar, ouviu choro. Era choro de criança, de uma criança de sete a oito anos; a voz era queixosa. Ouviam-se soluços abafados que rebentavam, e, ao mesmo tempo, ruído de passos, gritos que se procurava atenuar, sem conseguir, e a voz rouca de um homem. O homem esforçava-se, ao que parecia, por acalmar a criança, fazia tudo para que não a

ouvissem chorar, mas fazia ele mesmo mais barulho que ela; as explosões de sua voz eram rudes e a criança parecia pedir perdão. Vielhtcháninov meteu-se por um estreito corredor sobre o qual se abriam duas portas de cada lado; encontrou uma mulher muito grande, muito gorda, vestida desleixadamente, à qual perguntou por Páviel Pávlovitch. Ela apontou com o dedo a porta donde vinham os soluços. O rosto largo e vermelhaço daquela mulher de quarenta anos exprimia indignação.

— Isto o diverte! — resmungou ela, dirigindo-se para a escada.

Vielhtcháninov ia bater à porta, mas reconsiderou, abriu e entrou. O quarto era pequeno, entulhado de móveis simples, de madeira pintada; Páviel Pávlovitch estava de pé, no meio, semi-vestido, sem colete, sem paletó, o rosto vermelho e transtornado; por meio de gritos, de gestos, de golpes talvez mesmo, pareceu a Vielhtcháninov que ele procurava acalmar uma menina de oito anos, trajada pobremente, embora a modo duma senhorita, com um vestido curto de lã negra. A menina parecia estar em plena crise nervosa, soluçava convulsivamente, torcia as mãos para Páviel Pávlovitch como se quisesse abraçá-lo, suplicar-lhe, enternecê-lo. Num piscar de olhos a cena mudou: à vista do estranho, a menina lançou um grito e fugiu para um quartinho contíguo; Páviel Pávlovitch, acalmando-se de repente, expandiu-se todo num sorriso — exatamente o mesmo que mostrara na noite anterior, quando, sem aviso, Vielhtcháninov lhe havia aberto a porta.

— Alieksiéi Ivânovitch! — exclamou ele, no tom da mais profunda surpresa. — Como poderia eu esperar?… Entre, então, rogo-lhe! Aqui, no divã… ou antes, não, aqui, na cadeira… Mas como eu estou!…

E apressou-se em vestir o paletó, esquecendo-se de pôr o colete.

— Ora essa, nada de cerimônia; fique como estava.

E Vielhtcháninov sentou numa cadeira.

— Não, não, deixe-me fazer… Ora, assim estou mais apresentável. Mas por que se põe aí nesse canto? Ora! na cadeira, aqui, perto da

mesa… Não esperava…

Sentou numa cadeira de palha, bem perto de Vielhtcháninov, para vê-lo bem de face.

— Por que não me esperava? Não lhe disse, esta noite, que viria com certeza a esta hora?

— Sim, mas acreditava que o senhor não viesse. E depois, ao acordar, tanto mais me lembrava de tudo quanto se passara, tanto mais desesperava de torná-lo a ver ainda algum dia.

Vielhtcháninov lançou um olhar em torno de si. O quarto achava-se numa completa desordem, o leito desfeito, roupas lançadas ao acaso, em cima da mesa copos onde se havia bebido café, migalhas de pão, uma garrafa de champanhe aberta, cheia até a metade, com um copo ao lado. Lançou um olhar para o quartinho vizinho: tudo estava silencioso ali. A menina se calara, não se movia.

— Com que então, o senhor bebe, agora? — disse Vielhtcháninov, mostrando o champanhe.

— Oh! não bebi tudo… — murmurou Páviel Pávlovitch todo confuso.

— Vamos, o senhor mudou bastante!

— Sim, um hábito bem mau! Asseguro-lhe, foi desde aquele momento… Não minto… Não posso conter-me… Mas esteja tranquilo, Alieksiéi Ivânovitch, não estou embriagado neste momento, e não direi tolices, como esta noite, em sua casa… Juro-lhe, tudo isto foi a partir daquele momento… Ah! se alguém me tivesse dito, há apenas seis meses, que eu mudaria, e me tivesse mostrado, num espelho, aquele que sou agora, não teria acreditado nele, decerto!

— O senhor estava bêbado então, esta noite?

— Sim — confessou, em voz baixa, Páviel Pávlovitch, confuso, baixando os olhos. — Veja, não estava completamente bêbado, mas tinha estado. É preciso que lhe explique… porque, após a embriaguez, torno-me mau. Quando saio da embriaguez, sou mau, fico como louco

e sofro terrivelmente. É talvez o pesar que me faz beber. Pode então acontecer que diga muitas coisas estúpidas e ferinas. Devo ter parecido bastante estranho, esta noite.

— Não se lembra?

— Como! Não me lembro? Lembro-me muito bem.

— Veja, Páviel Pávlovitch, eu também refleti e é preciso que lhe diga… Mostrei-me para com o senhor, esta noite, um tanto vivo, um pouco impaciente demais, confesso-o. Acontece por vezes não me sentir muito bem e sua visita de todo inesperada, de noite…

— Sim, de noite, de noite! — disse Páviel Pávlovitch, abanando a cabeça, como condenando a si próprio. — Como pôde isso acontecer? Mas, decerto, não teria eu entrado em sua casa, por coisa alguma do mundo, se o senhor não me tivesse aberto a porta… teria partido… Já havia ido à sua casa, Alieksiéi Ivânovitch, há oito dias, e não o encontrei… Talvez não tivesse mais voltado lá! Sou um pouco orgulhoso, Alieksiéi Ivânovitch, se bem que saiba… de minha situação. Cruzamo-nos na rua e dizia a mim mesmo de cada vez: “Eis que ele não me reconhece, eis que ele volta o rosto”. Nove anos, é muita coisa, e eu não me decidia a abordá-lo. Quanto a esta noite… tinha esquecido a hora. E tudo é culpa disso (mostrava a garrafa) e de meus sentimentos… É idiota, é muito idiota! E se o senhor não fosse o homem que é — uma vez que, ainda assim, o senhor vem, depois de minha conduta desta noite, por atenção ao passado, — teria eu perdido toda a esperança de recuperar de novo algum dia a sua amizade.

Vielhtcháninov escutava com atenção: aquele homem falava com sinceridade, parecia-lhe, até mesmo com alguma dignidade. E, no entanto, não tinha nenhuma confiança.

— Diga-me, Páviel Pávlovitch, não está só então aqui? Quem é essa menina que estava aqui, quando entrei?

Páviel Pávlovitch ergueu as sobrancelhas com um ar de surpresa, depois, com um olhar franco e amável, disse, sorrindo:

— Como? Aquela menina? Mas é Lisa!

— Que Lisa? — balbuciou Vielhtcháninov.

E, de repente, algo nele se agitou. A impressão foi súbita. Ao entrar, ao ver a criança, ficara um tanto surpreso, mas não tivera nenhum pressentimento, nenhuma ideia.

— Mas a nossa Lisa, a nossa filha Lisa — insistiu Páviel Pávlovitch, sempre sorridente.

— Como, sua filha? Mas Natália… a falecida Natália Vassílievna teria tido filhos? — perguntou Vielhtcháninov com uma voz quase estrangulada, surda, mas calma.

— É claro que sim… Meu Deus! é verdade, o senhor não podia sabê-lo. Onde tenho eu então a cabeça? Foi depois de sua partida que o bom Deus nos favoreceu…

Páviel Pávlovitch agitou-se em sua cadeira, um pouco emocionado, mas sempre amável.

— Não soube de nada — disse Vielhtcháninov, ficando muito pálido.

— Com efeito, com efeito!… Como o teria sabido? — continuou Páviel Pávlovitch com voz enternecida. — Tínhamos perdido toda a esperança, a falecida e eu; o senhor lembra-se bem… E eis que, de repente, o bom Deus nos abençoou! O que senti, só Ele o sabe. Aconteceu, um ano, justamente, depois de sua partida. Não, não foi um ano exato… Espere!… Vejamos, se não me engano, o senhor partiu em outubro, ou talvez em novembro?

— Parti de T*** no começo de setembro, a 12 de setembro; lembro-me muito bem…

— Sim, deveras? Em setembro? Hum!… mas onde tenho eu então a cabeça? — disse Páviel Pávlovitch, muito surpreso. — Afinal, se é bem isto, vejamos: o senhor partiu a 12 de setembro e Lisa nasceu a 8 de maio; faz, pois… setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, oito meses depois de sua partida, mais ou

menos!… E se o senhor soubesse como a falecida…

— Quero vê-la, traga-a aqui… — interrompeu Vielhtcháninov, com voz abafada.

— Imediatamente, agora mesmo — disse com vivacidade Páviel Pávlovitch, sem acabar sua frase.

E logo passou para o quartinho onde se encontrava Lisa.

Três ou quatro minutos decorreram. No quartinho cochichava-se vivamente, bem baixo; depois ouviu-se a voz da menina: “Ela roga que a deixem tranquila”, pensou Vielhtcháninov. Afinal, apareceram.

— Está muito acanhada — disse Páviel Pávlovitch, — é tão tímida, tão orgulhosa… o retrato perfeito da falecida!

Lisa entrou, de olhos secos e baixos. Seu pai trouxe-a pela mão. Era uma menina esbelta, delgada e muito bonita. Ergueu vivamente seus grandes olhos azuis para o estranho, com curiosidade, olhou-o seriamente, depois, em seguida, baixou os olhos. Havia no seu olhar a gravidade que têm as crianças quando, sozinhas na presença de um desconhecido, se refugiam num canto e de lá observam, com ar desconfiado, o homem que nunca viram; mas talvez houvesse ainda naquele olhar outra expressão, outra coisa além desse pensamento de criança, — pelo menos era o que Vielhtcháninov acreditou ter percebido. O pai levou-a pela mão até ele.

— Olha, aqui está um amigo que conheceu a mamãe; gostava muito de nós; não deves ter medo dele. Dá-lhe a mão.

A criança inclinou-se um pouco e estendeu timidamente a mão.

— Natália Vassílievna não queria que ela aprendesse a fazer a reverência; ensinou-a a cumprimentar assim, à inglesa, inclinando-se ligeiramente e estendendo a mão — explicou ele a Vielhtcháninov, olhando-o fixamente.

Vielhtcháninov sentia-se vigiado; mas nem procurava mesmo dissimular mais sua perturbação. Mantinha-se sentado, imóvel, segurando em sua mão a mão de Lisa e fitando com atenção a criança.

Mas Lisa estava absorta, esquecia sua mão na mão do estranho e não tirava os olhos de seu pai. Escutava com ar receoso tudo quanto ele dizia. Vielhtcháninov reconheceu imediatamente aqueles grandes olhos azuis, mas o que mais o impressionava era a admirável e delicadíssima brancura de seu rosto e a cor de seus cabelos: era por estes indícios que se reconhecia nela. A forma do rosto e a linha dos lábios, pelo contrário, lembravam nitidamente Natália Vassílievna.

Entretanto, Páviel Pávlovitch pusera-se a contar alguma história com muito calor e sentimento; mas Vielhtcháninov não o escutava. Só pegou a derradeira frase:

—… De modo que, Alieksiéi Ivânovitch, o senhor não pode imaginar a nossa alegria, quando o bom Deus nos fez este presente. Desde o dia em que ela nasceu, tornou-se tudo para mim, e dizia a mim mesmo que se Deus me tomasse a minha felicidade, Lisa pelo menos me restaria. Disto, pelo menos, estava eu certo!

— E Natália Vassílievna? — perguntou Vielhtcháninov.

— Natália Vassílievna? — careteou Páviel Pávlovitch. — O senhor bem a conhecia. Lembra-se de que ela não gostava de falar; foi somente no seu leito de morte… mas então contou tudo! Sim, no dia que precedeu sua morte, eis que de repente fica nervosa, zanga-se: grita que com todos aqueles remédios querem matá-la, que não tem senão uma simples febre, que nossos dois médicos de nada entendem; que Koch (lembra-se? o médico militar, aquele velho) a deixaria de pé em quinze dias… Ainda cinco horas antes de morrer, lembrou-se de que dentro de três semanas era preciso ir felicitar, no campo, sua tia, a madrinha de Lisa, pelo seu aniversário…

Vielhtcháninov levantou-se bruscamente, sempre sem largar a mão de Lisa. Naquele olhar que a criança mantinha preso sobre seu pai, parecia-lhe ver uma espécie de censura.

— Ela não está doente? — perguntou ele, vivamente, com um ar estranho.

— Doente? Não creio, mas… o estado de nossos negócios… — disse Páviel Pávlovitch, com uma amargura inquieta, — e depois, a

criança é estranha, nervosa… depois da morte de sua mãe, esteve doente quinze dias… é histeria… Soluçava, quando o senhor chegou!… Ouves, Lisa, ouves?… E por quê? Sempre a mesma razão: porque eu saio, deixo-a sozinha, e não a amo mais como no tempo de sua mamãe; é sua grande censura. E é com esta ideia absurda que fica a imaginar coisas, quando só deveria pensar em seus brinquedos. É verdade que aqui ela não tem ninguém com quem brincar.

— Então estão sós aqui os dois?

— Absolutamente sós… Há uma mulher que vem fazer a arrumação, uma vez por dia.

— E o senhor sai e deixa-a assim, sozinha?

— Que quer que eu faça? Veja, ontem, saí, e fechei-a à chave ali naquele quartinho e foi por isto que tivemos hoje tantas lágrimas. Mas, vejamos, poderia eu fazer de outro modo? Julgue o senhor mesmo, há dois dias ela desceu sem mim ao pátio, e um garoto atirou-lhe uma pedra na cabeça; então, começou a chorar e a dirigir-se a todas as pessoas que estavam no pátio, para perguntar-lhes onde me encontrava. Reconheço que isto não está bem… Saio por uma hora e só volto no dia seguinte de manhã, como fiz esta noite!… E a proprietária foi obrigada a abrir a porta já que eu não estava aqui, tendo mandado chamar um serralheiro! Imagine o escândalo! Têm-me como um monstro. E tudo isto porque não estou com a cabeça no lugar…

— Papai! — disse a menina, com voz medrosa e inquieta.

— Ora, outra vez na mesma! Vais recomeçar? Que foi que te disse ainda há pouco?

— Não vou fazer mais, não vou fazer mais — gritou Lisa, aterrorizada, torcendo as mãos.

— Vejamos, não podem continuar a viver assim — interveio, de súbito, Vielhtcháninov, com impaciência e voz forte. — Vejamos… vejamos, o senhor tem fortuna; como mora então em semelhante pavilhão, em semelhante baiúca?

— Este pavilhão? Mas vamos partir talvez dentro de oito dias, e gastamos, mesmo assim, muito dinheiro, e não adianta ter alguma fortuna…

— Está bem, está bem — interrompeu Vielhtcháninov, com uma impaciência crescente e seu tom significava: “É inútil, sei de antemão tudo quanto vais dizer e sei tudo o que isto vale.” — Escute, vou propor-lhe uma coisa. O senhor acaba de dizer que conta partir dentro de oito dias, digamos quinze. Há aqui uma casa onde me acho como em família, onde me encontro completamente como em casa, desde vinte anos. São os Pogoriéltsevi. Sim, Alieksandr Pávlovitch Pogoriéltsev, o conselheiro secreto; poderá ser-lhe útil para o seu caso. Estão agora no campo. Têm uma casa de campo muito confortável. Klávdia Pietrovna Pogoriéltseva é para mim como uma irmã, como uma mãe. Tem oito filhos. Deixe-me levar-lhe Lisa; eu mesmo o farei, para não perder tempo. Eles a acolherão com alegria e a tratarão como filha, sua própria filha!

Mostrava-se espantosamente impaciente e não o dissimulava mais.

— Não é possível — disse Páviel Pávlovitch, com uma careta em que Vielhtcháninov percebeu malícia, mas olhando-o bem nos olhos, perguntou-lhe:

— Por quê? Impossível por quê?

— Por que não posso deixar a criança ir assim… Oh! sei bem que com um amigo tão sincero como o senhor… não é isto… mas afinal são pessoas da alta roda e não sei como lá ela será recebida.

— Acabo de dizer-lhe, no entanto, que sou recebido em casa deles como se fosse na de minha própria família! — exclamou Vielhtcháninov, quase com cólera. — Klávdia Pietrovna vai recebê-la tão bem quanto possível, com uma palavrinha minha… como se fosse minha filha… O diabo o carregue! O senhor mesmo bem sabe que diz tudo isto unicamente para falar!

Bateu com o pé.

— E depois — continuou o outro, — será que tudo isto não parecerá bastante singular? Será preciso sempre que vá vê-la, uma vez ou outra; não deve ela ficar absolutamente sem seu pai. E… como irei eu a uma casa de nobres?

— Digo-lhe que é uma família muito simples, sem pretensão! — gritou Vielhtcháninov. — Digo-lhe que há muitas crianças lá. Ela renascerá, lá naquela casa. Vou apresentá-lo já desde amanhã mesmo, se quiser. E o senhor vai precisar sem falta ir lá agradecer-lhes; iremos todos os dias, se quiser…

— Sim, mas…

— É absurdo! E o que é exasperante, é que o senhor mesmo sabe que suas objeções são absurdas! Vejamos, o senhor virá passar a noite em minha casa e depois, amanhã de manhã, partiremos de modo a estar lá ao meio dia.

— O senhor se excede em gentileza! Até passar uma noite em sua casa!… — assentiu Páviel Pávlovitch, enternecido. — É bondade demais!… E onde é a casa de campo deles?

— Em Liesnói.

— Mas com esse vestido? Em casa duma família tão distinta, mesmo no campo… Na verdade… O senhor compreende… O coração de um pai!

— Pouco importa o vestido: ela está de luto; não pode usar outro. O vestido com que está é perfeitamente conveniente. Apenas roupa de baixo um pouco mais limpa, um fichu.

Com efeito, o fichu e a roupa branca que se viam deixavam bastante a desejar.

— Imediatamente — disse Páviel Pávlovitch, solícito. — Vou dar-lhe imediatamente a roupa de baixo necessária. Está em casa de Mária Sisóievna.

— Então seria preciso arranjar um carro — disse Vielhtcháninov, — e muito depressa, se fôr possível.

Mas surgiu um obstáculo: Lisa resistiu com todas as suas forças. Escutara com terror e se Vielhtcháninov, enquanto procurava persuadir Páviel Pávlovitch, tivesse tido tempo de olhá-la com um pouco de atenção, teria visto em seu semblante a expressão do mais intenso desespero.

— Não irei — disse ela, enérgica e gravemente.

— Eis, está vendo?… tal qual a mãe!

— Não sou como mamãe! não sou como mamãe! — gritou Lisa, torcendo desesperadamente suas mãozinhas, como se se defendesse da censura de parecer-se com sua mãe. — Papai, papai, se o senhor me abandonar…

De repente, voltou-se para Vielhtcháninov, que ficou aterrorizado:

— E o senhor, se o senhor me levar, eu…

Não pôde dizer mais nada; Páviel Pávlovitch havia-a segurado pela mão, e, brutalmente, com cólera, arrastava-a para o quartinho. Vieram de lá, durante alguns minutos, cochichos e soluços abafados. O próprio Vielhtcháninov ia entrar ali, quando Páviel Pávlovitch voltou e lhe disse com um sorriso contrafeito que ela estaria imediatamente pronta para partir. Vielhtcháninov fez esforço para não olhá-lo e desviou a vista.

Mária Sisóievna entrou: era a mulher que ele havia encontrado no corredor. Trazia roupa branca que arrumou numa bonita sacola para Lisa.

— Ora, Mária Sisóievna! — resmungou Páviel Pávlovitch.

— Pois bem e então? Não será um inferno, isto aqui? Não será uma vergonha portar-se como o senhor faz diante de uma criança que está em idade de compreender?… Quer um carro, *bátiuchka*? Para Liesnói, não é?

— Sim, sim.

— Pois bem, então, boa viagem!

Lisa apareceu muito pálida, de olhos baixos e pegou a sacola. Não lançou um olhar sequer a Vielhtcháninov; continha-se; não se lançou, como ainda havia pouco, nos braços de seu pai, para dizer-lhe adeus: era claro que nem mesmo olhá-lo queria. O pai beijou-a formalmente na testa e acariciou-a; os lábios da criança cerraram-se, seu queixo tremeu, mas continuava a não erguer os olhos para seu pai. Páviel Pávlovitch estremeceu, suas mãos tremeram; Vielhtcháninov percebeu isto, se bem que se obrigou com todas as suas forças a não olhá-lo. Tinha apenas um desejo, partir o mais depressa possível. "Tudo isto não é culpa minha — pensava ele, — era bem preciso que isto acontecesse." Desceram. Mária Sisoievna beijou Lisa e foi então somente, quando já estava ela no carro, que Lisa ergueu os olhos para seu pai, juntou as mãos e lançou um grito.

Um momento ainda e teria se atirado para fora do carro, para correr para ele, mas já os cavalos tinham iniciado a marcha.

## CAPÍTULO VI / *Nova fantasia de um ocioso*

— Está-se sentindo mal? — perguntou Vielhtcháninov, espantado. — Vou mandar parar, mandar trazer um copo d'água…

Ela ergueu para ele um olhar violento, cheio de censuras.

— Para onde me leva? — disse, com voz seca e cortante.

— Para a casa de pessoas excelentes, Lisa. Estão agora no campo; a casa é muito agradável; há lá muitas crianças, que irão todas gostar de você; são muito gentis… Não fique zangada comigo, Lisa, só lhe quero bem…

Um amigo que o tivesse visto naquele momento acharia que ele estava estranhamente mudado.

— Como o senhor é… como é… Oh! como o senhor é mau! — exclamou Lisa, sufocada pelos soluços, olhando-o com seus belos olhos brilhantes de cólera.

— Mas, Lisa, eu…

— O senhor é mau, mau, mau!

Cerrava os punhos. Vielhtcháninov estava aniquilado.

— Lisa, minha Lísotchka, se você soubesse o pesar que me causa!

— É mesmo verdade que ele virá amanhã? É bem verdade? — perguntou ela, com voz imperiosa.

— Sim, sim, é mesmo verdade! Eu mesmo o trarei; irei buscá-lo e trazê-lo.

— O senhor não pode, ele não virá — murmurou Lisa, baixando os olhos.

— Por quê?… Será que ele não gosta de você, Lisa?

— Não, ele não gosta de mim.

— Diga-me, ele a tem feito sofrer?

Lisa olhou-o com olhar sombrio e não respondeu. Depois voltou-se e manteve os olhos baixos, obstinadamente. Ele tentou acalmá-la, falou-lhe com entusiasmo, numa espécie de febre. Lisa escutava com ar desafiante e hostil, mas escutava. Ele se sentia feliz por vê-la tão atenta; pôs-se a explicar-lhe o que é um homem que bebe. Dizia-lhe que gostava também do pai dela e que velaria por ele. Lisa ergueu por fim os olhos e olhou-o com firmeza. Ele lhe contou como conhecera a mamãe dela e notou que Lisa se interessava pelo seu relato. Pouco a pouco a criança começou a responder às suas perguntas, mas de má vontade, por monossílabos, com um ar suspeitoso. Às perguntas mais importantes, não respondia nada; mantinha um silêncio obstinado a respeito de tudo quanto se relacionava com suas relações com seu pai.

Enquanto lhe falava, Vielhtcháninov pegou-lhe a mão, como anteriormente e manteve-a entre as suas, não tendo a menina retirado a dela. Lisa não continuou silenciosa até o fim; acabou respondendo-lhe, em termos confusos, que amara mais seu pai que sua mãe, porque outrora ele a amava muito e sua mãe a amava menos; mas que a mamãe, no momento de morrer, havia-a beijado com muito ardor e chorado muito, quando todos tinham saído do quarto e elas haviam

ficado a sós… e que agora amava mais a sua mãe que a tudo no mundo e a amava cada dia mais.

Mas a criança era muito altiva: quando percebeu que se tinha posto a falar, deteve-se e calou-se. Agora era com uma expressão de ódio que olhava para Vielhtcháninov, que a havia levado a contar-lhe tanta coisa. Para o fim da viagem, seus nervos haviam-se acalmado, mas conservava-se pensativa, com ar sombrio, selvagem, duro. Parecia, entretanto, sofrer menos à ideia de que a conduziam à casa de desconhecidos, a uma casa onde nunca estivera. O que a obcecava era outra coisa e Vielhtcháninov adivinhava-o: tinha vergonha dele, tinha vergonha que seu pai a tivesse abandonado tão facilmente a um outro, que a tivesse como que lançado às mãos de outrem.

"Está doente — pensava ele, — muito doente talvez; fizeram-na sofrer demasiado… Ah! o bêbado, a abjeta criatura! Compreendo-te agora!…" Apressou o cocheiro. Contava para ela, com o campo, o ar livre, o jardim, as crianças, a mudança, uma vida nova; e, em seguida, após isto… Quanto ao que aconteceria, depois disto, não pensava absolutamente; estava todo entregue à esperança. Só via uma coisa: é que jamais havia sentido o que sentia agora e que jamais, em toda a sua vida, não o esqueceria! "Ei-lo, o verdadeiro fim da vida! Ei-la, a verdadeira vida!", pensava ele, todo arrebatado.

As ideias vinham-lhe à cabeça em multidão, mas não se detinha nelas, recusava-se a entrar nos detalhes. Tomadas em grosso, as coisas eram simples, seguiriam sem ser preciso pôr a mão nelas. O plano de conjunto desenhava-se por si mesmo: "Haverá meio — pensava ele, — reunindo todas as nossas forças, de despachar esse miserável. Não importa que nos tenha confiado Lisa senão por pouco tempo, será preciso que a deixe em Petersburgo, em casa dos Pogoriéltsevi, e que se vá embora sozinho: Lisa ficará para mim. Eis tudo: por que maiores preocupações? E depois… e depois, afinal de contas, é bem isso que ele mesmo deseja, de outro modo por que a atormentaria como faz?"

Chegaram afinal. A casa dos Pogoriéltsevi era, com efeito, um encantador ninhozinho. Uma turma barulhenta de crianças veio espalhar-se pelo patamar, para acolhê-los. Havia muito tempo que Vielhtcháninov não aparecia e a alegria das crianças foi extrema,

porque gostavam muito dele. Antes mesmo que ele se apeasse do carro, os maiores gritaram-lhe:

— Como é? E o seu processo? Como vai seu processo?

E todos os outros, até o menor, repetiram a pergunta, com risadas. Era um hábito mexer com ele a respeito de seu processo. Mas quando viram Lisa, cercaram-na logo, e puseram-se a examiná-la, com a curiosidade silenciosa e atenta das crianças. No mesmo instante, Klávdia Pietrovna saía da casa e, atrás dela, seu marido. Também eles, a primeira pergunta que fizeram foi indagar dele, rindo, em que pé estava o processo.

Klávdia Pietrovna era uma mulher de trinta e sete anos, morena, forte, ainda bonita, de tez viçosa, rosada. Seu marido era um homem de cinquenta e cinco anos, inteligente e fino, sobretudo muito bom. A casa deles era na verdade para Vielhtcháninov "um canto familiar", como ele dizia. Eis por que.

Vinte anos antes, Klávdia Pietrovna estivera a ponto de casar-se com Vielhtcháninov, quando era ele ainda estudante, quase um menino. Fora o primeiro amor, o amor ardente, o amor absurdo e admirável. Tudo isso acabara ao casar-se com Pogoriéltsev. Tornaram a encontrar-se, cinco anos mais tarde, e o amor deles de outrora tornou-se uma amizade franca e calma. Da antiga paixão não subsistia senão uma espécie de luz aquecedora, que coloria e aquecia suas relações de amizade. Nada havia que não fosse puro e inatacável na recordação que Vielhtcháninov conservava do passado e tanto mais a ela se apegava porque talvez fosse uma coisa única em sua vida. Aqui, nesta família, era simples, ingênuo e bom, dedicava-se a pequenos cuidados com as crianças, jamais se zangava, aquiescia a tudo, sem reserva. Mais de uma vez declarou aos Pogoriéltsevi que viveria ainda algum tempo no mundo e que em seguida viria instalar-se em casa deles definitivamente, para nunca mais abandoná-los. Consigo mesmo, pensava neste projeto com a maior seriedade.

Deu a respeito de Lisa todas as explicações necessárias; de resto, a expressão de seu desejo bastava, sem nenhuma explicação. Klávdia Pietrovna beijou "a órfã" e prometeu fazer tudo quanto dela

dependesse. As crianças pegaram Lisa e levaram-na para brincar no jardim. Depois de uma meia hora de conversa animada, Vielhtcháninov levantou-se e despediu-se. Estava tão impaciente por partir que todos se deram conta disso. Todo mundo ficou surpreso: ficara três semanas sem aparecer e eis que se ia embora ao fim duma meia hora. Jurou, rindo, que voltaria no dia seguinte. Notaram que ele estava bastante agitado; de repente, pegou a mão de Klávdia Pietrovna e, sob o pretexto de ter-se esquecido de dizer-lhe alguma coisa muito importante, levou-a a uma peça vizinha.

— Lembra-se do que lhe disse — a você só, porque seu próprio marido o ignora, — do ano que vivi em T***?

— Lembro-me muito bem; você me falou muitas vezes a respeito.

— Não diga que "falei"; diga que me confessei e somente a você! Jamais lhe disse o nome daquela mulher; era a mulher desse Trusótski. Ela morreu e Lisa é sua filha… e minha filha!

— Deveras? Não se engana? — perguntou Klávdia Pietrovna, um tanto perturbada.

— Estou certo, inteiramente certo de que não me engano — disse Vielhtcháninov, com ardor.

E contou-lhe tudo, tão brevemente quanto pôde, vivamente, com volubilidade. Klávdia Pietrovna, desde muito tempo, sabia de tudo, exceto o nome da mulher. Vielhtcháninov sempre estivera cheio de terror à ideia somente de que alguém pudesse encontrar a Senhora Trusótskaia e admirar-se de que ele pudesse ter sentido ter tanto amor por ela, a ponto de haver dissimulado até aquele dia o nome daquela mulher à própria Klávdia Pietrovna, sua amiga mais íntima.

— E o pai não sabe de nada? — perguntou ela, quando ele terminou a sua narrativa.

— Não… Sabe… Afinal, é precisamente isto que me atormenta: não consigo ver claro nisso — continuou Vielhtcháninov com calor. — Ele sabe, ele sabe… vi-o claramente hoje e esta noite. Mas até que ponto sabe, eis o que é preciso que eu tire a limpo e é por isto que

preciso partir imediatamente. Ele deve ir à minha casa esta noite. Não consigo saber donde ele poderia saber — quero dizer: saber *tudo*… A respeito de Bagaútov, não há dúvida, sabe de tudo. Mas quanto a mim?… Você conhece as mulheres! Em casos assim, não têm embaraço em dar confiança a seus maridos. De nada valeria um anjo descer do céu, é em sua mulher que o marido acreditaria, e não no anjo… Não abane a cabeça, não me condene; eu me condeno a mim mesmo, condenei-me há muito tempo, há bem muito tempo!… Veja, ainda há pouco, em casa dele, estava de tal modo convencido de que ele sabe tudo, que me traí, eu próprio, diante dele… Acredita? Estou envergonhado por havê-lo recebido esta noite com a mais baixa estupidez… Vou lhe contar isso tudo mais tarde, pormenorizadamente… É claro que ele foi à minha casa com a intenção de me dar a compreender que sabia da ofensa e conhecia o ofensor. Foi a única razão daquela visita estúpida, em estado de embriaguez… Mas, afinal, isto é bem natural da parte dele! Quis certamente encher-me de confusão. Eu, ainda há pouco, e esta noite, não pude conter-me. Procedi como um imbecil. Traí-me. Também, por que ele chegou num momento em que eu estava tão pouco senhor de meus nervos?… Afirmo-lhe que ele atormentava Lisa, a pobrezinha, unicamente para vingar-se!… Asseguro-lhe: é um pobre homem, mas não um mau homem. Agora tem o ar exato de um sujeito grotesco, ele que era outrora um homem tão perfeitamente colocado; mas, na verdade, é bem natural que tenha acabado por ficar perturbado. Veja, minha amiga, é preciso ser caridoso. Veja, minha caríssima amiga, quero mostrar-me bem outro para com ele; quero ser muito bondoso para com ele. Será uma boa obra. Porque, afinal, sou eu que tenho toda a culpa. Escute, é preciso que saiba: uma vez, em T***, tive de repente necessidade de quatro mil rublos e ele me arrumou no mesmo instante, sem querer recibo, com uma verdadeira alegria de me prestar serviço, e eu aceitei, recebi o dinheiro de suas mãos, você entende?, como das mãos de um amigo.

— Seja, sobretudo, mais prudente — respondeu Klávdia Pietrovna a este fluxo de palavras, um pouco inquieta. — Agitado como você está, tenho na verdade receio por você. Certamente, Lisa é no momento minha filha, mas há ainda em tudo isto tantas coisas indecisas!… O essencial é que doravante você seja mais circunspecto;

é preciso absolutamente ser mais circunspecto quando sente tanta felicidade e tanto entusiasmo. Você mostra-se demasiado generoso, quando se sente feliz — acrescentou ela com um sorriso.

Saíram todos para acompanhar Vielhtcháninov até seu carro; as crianças levaram Lisa, que brincava com elas no jardim. Olhavam-na agora com mais estupefação do que à chegada. Lisa tomou um ar totalmente esquivo, quando Vielhtcháninov a beijou, diante de toda gente, disse-lhe adeus e prometeu-lhe de novo, de uma maneira formal, voltar no dia seguinte com seu pai. Até o fim permaneceu ela silenciosa, sem fitá-lo, mas de repente tomou-lhe as mãos, levou-o de parte, fixou nele olhos suplicantes: queria dizer-lhe alguma coisa. Ele a levou para a peça vizinha.

— Que há, Lisa? — perguntou ele, com voz terna e persuasiva. Ela, porém, olhava-o sempre com um olhar receoso e levou-o para mais longe ainda, até um canto afastado; não queria que pudessem vê-los. — Diga, Lisa, que há?

Ela se calava, não ousava resolver-se a falar; seus olhos azuis permaneciam fixos nele e um terror desvairado pintava-se em suas feições de criança.

— Ele… ele se enforcará! — disse ela, baixinho, como em delírio.

— Quem se enforcará? — perguntou Vielhtcháninov, espantado.

— Ele, ele!… Já esta noite quis enforcar-se! — disse a criança, com uma voz precipitada, sem fôlego. — Sim, eu o vi! Antes queria também enforcar-se, contou-me, contou-me! Quer isso há muito tempo, sempre quis… Vi-o, esta noite…

— Não é possível! — murmurou Vielhtcháninov, totalmente perplexo.

De repente ela agarrou as mãos dele e beijou-as; chorava, sufocada pelos soluços, rogava-lhe, suplicava-lhe — e ele nada conseguia compreender daquela crise de nervos. E sempre, depois disso, em estado de vigília ou em sonho, reviu aqueles olhos enlouquecidos da criança desvairada que o olhava com terror e com

um derradeiro resto de esperança.

“Ela o ama então, na verdade, tanto assim? — pensou ele, com um sentimento de ciúme, enquanto voltava para a cidade, num estado de impaciência febril. — Ainda há pouco ela mesmo me disse que amava mais a sua mãe… Quem sabe? Talvez não o ame absolutamente, talvez o odeie!… Enforcar-se? Por que diz ela que ele quer enforcar-se? Aquele imbecil, enforcar-se!… É preciso que eu saiba e imediatamente! É preciso acabar com isso, o mais cedo possível, e definitivamente!”

## Capítulo VII / *O marido e o amante se beijam*

Tinha um desejo imperioso de *saber*, imediatamente. “Esta manhã, estava eu todo confuso; não consegui dominar-me — pensava ele, lembrando-se de seu primeiro encontro com Lisa, — mas agora é preciso que consiga saber.” Para apressar as coisas, esteve a ponto de fazer-se conduzir diretamente à casa de Trusótski, mas reconsiderou logo: “Não, é melhor que ele venha à minha casa; enquanto espero, é preciso que me ocupe em pôr um fim a esses meus malditos negócios”.

Correu aos seus negócios com uma pressa febril; mas ele próprio sentiu, desta vez, que estava bastante distraído e impossibilitado de reter a atenção. Às cinco horas, quando ia jantar, veio-lhe subitamente ao espírito uma ideia estranha que nunca tivera: talvez não fizesse, com efeito, senão retardar a solução de seu negócio, com sua mania de meter-se em tudo, de tudo baralhar, de correr aos tribunais, de importunar seu advogado que fugia dele. Esta hipótese divertia-o. “Dizer que se esta ideia me tivesse vindo ontem, eu ficaria desolado!”, notou ele. E sua alegria redobrou.

Com toda essa alegria, sua distração e sua impaciência aumentavam. Pouco a pouco foi ficando meditativo e seu pensamento inquieto flutuava dum assunto a outro, sem chegar a nenhuma decisão clara a respeito do que mais lhe importava.

“Preciso daquele homem — concluiu. — É preciso que leia até o íntimo dele; e depois, será preciso pôr um fim a tudo. Só há uma

solução: um duelo!”

Quando entrou em casa às sete horas, não encontrou lá Páviel Pávlovitch, o que lhe causou extrema surpresa. Depois passou da surpresa à cólera, da cólera à tristeza, e enfim, da tristeza ao medo. “Deus sabe como tudo isso acabará!”, repetia ele, ora caminhando a grandes passos pelo quarto, ora estirado sobre seu divã, sempre com o olho em seu relógio. Por fim, cerca das nove horas, Páviel Pávlovitch chegou. “Se esse homem quiser brincar comigo, nenhuma melhor ocasião do que agora, tão pouco senhor de mim me sinto”, ele pensava, aparentando seu ar mais alegre e mais acolhedor.

Perguntou-lhe vivamente, de bom humor, por que tardara tanto a vir. O outro sorriu com um olhar malicioso, sentou com grande desembaraço e atirou displicentemente sobre uma cadeira o chapéu de crepe. Vielhtcháninov percebeu logo aquela atitude e ficou de sobreaviso.

Tranquilamente, sem frases inúteis, sem agitação supérflua, deu-lhe conta de seu dia: contou-lhe como se passara a viagem, com que satisfação fora Lisa acolhida, o benefício para sua saúde; depois, insensivelmente, como se se esquecesse de Lisa, passou a não falar senão dos Pogoriéltsevi. Louvou-lhes a bondade, a velha amizade que o unia a eles, falou do homem excelente e distinto que era Pogoriéltsev e outras coisas semelhantes. Páviel Pávlovitch ouvia com ar distraído e lançava de vez em quando a seu interlocutor um sorriso incisivo e sarcástico.

— O senhor é um homem ardente — murmurou, por fim, com uma risadinha de escárnio.

— E o senhor, o senhor está hoje de muito mau humor — disse Vielhtcháninov, num tom zangado.

— E por que eu não seria mau como toda a gente? — exclamou Páviel Pávlovitch, saltando fora de seu canto.

Parecia não ter esperado senão uma ocasião para explodir.

— O senhor tem toda a liberdade! — disse Vielhtcháninov,

sorrindo. — Pensei que lhe havia acontecido alguma coisa.

— Sim, aconteceu-me alguma coisa — exclamou o outro, ruidosamente, como se se orgulhasse disso.

— Que foi então?

Páviel Pávlovitch tardou um pouco a responder:

— Sempre nosso amigo Stiepan Mikháilovitch que faz das suas!… Sim, perfeitamente, Bagaútov, o mais galante cavalheiro de Petersburgo, o jovem da melhor sociedade!

— Será que se recusou ainda uma vez recebê-lo?

— De jeito nenhum: desta vez recebeu-me, consentiu que o visse, que contemplasse seu semblante… Somente, não era mais senão o semblante de um morto.

— Como? O quê? Bagaútov morreu? — disse Vielhtcháninov, com uma estupefação intensa, se bem que não houvesse naquilo nada que devesse causar-lhe tamanho espanto.

— Perfeitamente! Ele mesmo!… Ah! o bravo, o único amigo de seis anos!… Foi ontem cerca do meio dia que ele morreu e eu nada soube!… Quem sabe? Talvez tenha morrido no instante mesmo em que ia eu saber notícias dele! Enterram-no amanhã; já está amortalhado. Acha-se num ataúde de veludo roxo, com galões dourados… Morreu dum ataque de febre nervosa… Deixaram-me entrar, pude rever-lhe as feições. Apresentei-me como seu amigo íntimo, foi por isso que me deixaram entrar… Veja um pouco, rogo-lhe, o que fez comigo, esse caro amigo de seis anos! Talvez só por causa dele é que vim a Petersburgo!

— Mas vejamos, não vai se zangar contra ele — disse Vielhtcháninov, sorrindo. — O senhor não vai pensar que ele morreu de propósito!

— Como então? Mas tenho muita pena dele, do caríssimo amigo!… Veja tudo quanto para mim ele significava.

E de repente, da maneira mais inesperada, Páviel Pávlovitch levou dois dedos à sua fronte calva, e, entesando-os, de ambos os lados, em forma de corno, pôs-se a rir, com um riso calmo, prolongado. Ficou assim durante todo um meio minuto, olhando com uma insolência maldosa bem dentro dos olhos de Vielhtcháninov. Este ficou estupefato, como se visse um espectro: mas sua estupefação só durou um instante; um sorriso zombeteiro, friamente provocante, desenhou-se lentamente em seus lábios.

— Que quer dizer tudo isso? — perguntou, displicentemente, arrastando as palavras.

— Isto quer dizer… o que o senhor bem sabe! — respondeu Páviel Pávlovitch tirando por fim os dedos da testa.

Ambos se calaram.

— O senhor é sem dúvida um homem de coração! — continuou Vielhtcháninov.

— Mas por quê? Porque lhe mostrei isto?… Sabe duma coisa? O senhor faria muito melhor, Alieksiéi Ivânovitch, se me oferecesse alguma coisa. Dei-lhe a beber em T***, durante um ano inteiro, sem faltar um dia… Mande, pois, trazer uma garrafa, estou com a garganta seca.

— Com prazer; deveria tê-lo dito antes… Que quer tomar?

— Não diga “quer”’ diga *queremos*. É preciso que bebamos juntos, não é?

E Páviel Pávlovitch olhava-o bem firme nos olhos, com um ar de desafio, com uma espécie de inquietação estranha.

— Champanhe?

— É claro. Ainda não chegamos à aguardente.

Vielhtcháninov levantou-se sem pressa, tocou chamando Mavra e deu-lhe a ordem.

— Beberemos à nossa feliz e alegre reunião, após nove anos de separação! — exclamou Páviel Pávlovitch, numa explosão de riso absurdo e que não foi adiante. — Agora, é a sua vez, é o senhor quem resta como meu único e verdadeiro amigo! Acabado, Stiepan Mikháilovitch Bagaútov! É como diz o poeta:

> Acabou-se o grande Pátroclo,
> O vil Tersite inda é vivo!

E, ao pronunciar o nome de Tersite, designava a si mesmo com o dedo.

"Vamos, pois, animal! explica-te mais depressa, porque não gosto de subentendidos", pensava Vielhtcháninov. A cólera fervia nele e fazia grande esforço por conter-se.

— Mas vejamos, diga-me — falou-lhe, zangado, — se tem queixas certas contra Stiepan Mikháilovitch (não o chamava mais bem simplesmente Bagaútov), deveria sentir uma alegria muito viva pela morte de seu ofensor; por que, então, parece estar zangado?

— Alegria? Que alegria? Por que alegria?

— Na verdade, julgo assim, pondo-me no seu lugar.

— Ah! ah! ah! neste caso engana-se o senhor bastante a respeito de meus sentimentos. O sábio disse: "Um inimigo morto, está bem; um inimigo vivo, é ainda melhor…". Ah! ah! ah!

— Mas enfim o senhor o viu vivo, todos os dias durante cinco anos, penso, e teve todo o tempo para contemplá-lo — disse Vielhtcháninov, duma maneira maligna e agressiva.

— Mas eu sabia então, eu sabia então? — exclamou vivamente Páviel Pávlovitch, saltando de novo de seu canto; e ele parecia sentir uma alegria em ver vir enfim a pergunta que esperava desde muito tempo. — Mas, vejamos, Alieksiéi Ivânovitch, por quem, pois, o senhor me toma?

E no seu olhar brilhou de súbito uma expressão toda nova, toda imprevista, que transfigurou repentinamente seu rosto até ali torcido

por um riso de escárnio mau e repugnante.

— Como! O senhor não sabia de nada? — disse Vielhtcháninov, cheio de estupefação.

— Ah! deveras! imaginava o senhor que eu sabia?! Ah! esses Joves! Para outros, um homem não passa de um cão, e acreditais que todo mundo é feito segundo o modelo de vossas miseráveis mediocridades!… Eis o que tenho para vós! Pegai!

Bateu violentamente com o punho sobre a mesa, mas logo depois ele próprio se assustou com tanto barulho, olhou em torno de si, com um olhar medroso.

Vielhtcháninov retomara toda a sua segurança.

— Escute, Páviel Pávlovitch, para mim é perfeitamente indiferente, convenha, que o senhor soubesse ou não. Se não soube, isto lhe faz honra, evidentemente, se bem que… De resto, não compreendo de jeito nenhum porque o senhor me tomou para seu confidente.

— Não me referia ao senhor… não se zangue… não me referia ao senhor… — gaguejou Páviel Pávlovitch, com os olhos baixos.

Mavra entrou, trazendo o champanhe.

— Ah! aqui está! — exclamou Páviel Pávlovitch, visivelmente encantado com a interrupção. — Taças, *mátuchka*,[8] taças! Perfeito!… Bem, é tudo de quanto precisamos. Está desarrolhado? Admirável, encantadora criatura! Muito bem, pode deixar-nos.

Havia retomado coragem; de novo olhou Vielhtcháninov bem de rosto, com ar audacioso.

— Confesse, pois — disse ele, rindo, escarninho, — que tudo isso o intriga tremendamente, que tudo isso está longe de ser para o senhor “perfeitamente indiferente”, como quis bem dizê-lo, e que ficaria logrado se eu me levantasse agora mesmo e me fosse embora, sem nada explicar.

— O senhor está completamente errado; não ficaria logrado de maneira nenhuma.

“Mentes!”, dizia o sorriso de Páviel Pávlovitch.

— Pois bem, então, bebamos! — E encheu os copos.

— Bebamos — continuou ele, erguendo sua taça, — à saúde póstuma daquele pobre amigo, Stiepan Mikháilovitch.

— Não beberei um brinde semelhante — disse Vielhtcháninov, que pousou sua taça.

— Mas por quê? É um brindezinho encantador.

— Então me diga, o senhor estava embriagado ao chegar?

— Ora! Bebi um pouco. Por que isso?

— Oh! nada de particular. Somente tinha acreditado ver, na noite passada, e sobretudo esta manhã, que o senhor tinha um pesar sincero pela morte de Natália Vassílievna.

— E quem lhe diz que meu pesar é menos sincero agora? — disse Páviel Pávlovitch, saltando de novo, como movido por uma mola.

— Não é isso que quero dizer; mas enfim o senhor mesmo reconhece que pode ter-se enganado a respeito de Stiepan Mikháilovitch, e isto tem importância.

Páviel Pávlovitch escarneceu e piscou o olho.

— Ah! como o senhor está ansioso para saber por qual meio vim a tomar conhecimento do que se refere a Stiepan Mikháilovitch!

Vielhtcháninov corou:

— Repito-lhe mais uma vez que isto é indiferente para mim. — “Se o pusesse para fora com sua garrafa!”, pensava ele. E sua cólera subia, e seu rosto se tornava cor de púrpura.

— Ora! Tudo isto não tem importância — disse Páviel Pávlovitch,

como se quisesse tornar a dar-lhe coragem. E encheu sua taça.

— Vou explicar-lhe em seguida como soube de tudo e satisfazer sua ardente curiosidade… porque o senhor é um homem ardente, Alieksiéi Ivânovitch, um homem terrivelmente ardente! Ah! ah! ah! Somente, dê-me um cigarro, pois que desde o mês de março…

— Aqui está.

— Ah! sim, foi a partir do mês de março que me estraguei, Alieksiéi Ivânovitch, e eis como tudo isso aconteceu. Escute. A tísica, você bem sabe, caro amigo — tornava-se ele cada vez mais familiar, — a tísica é uma doença curiosíssima. Na maior parte das vezes o tísico morre sem quase tomar conhecimento disso. Posso lhe dizer que, cinco horas antes do fim, Natália Vassílievna projetava ainda ir ver, quinze dias mais tarde, uma tia dela, que morava a quarenta verstas de lá. Por outra parte, você conhece certamente o hábito, ou, para melhor dizer, a mania que têm muitas mulheres, e talvez também muitos homens, a mania de conservar as velhas correspondências amorosas… O mais seguro é lançá-las ao fogo, não é? Pois bem! não, elas precisam fechar o menor farrapo de papel como preciosidade em cofrezinhos ou estojos; chegam a classificar tudo isso, bem numerado, por anos, por categorias, por séries. Não sei se acham nisso uma consolação; mas é certo que devem encontrar nisso agradáveis recordações… Quando Natália Vassílievna projetava ir visitar sua tia cinco horas antes do fim, é claro que, de modo algum, pensava que ia morrer; nem mesmo pensava uma hora antes, quando ainda chamava o Doutor Koch. Ele chegou assim que ela morreu e o cofrezinho de madeira negra, incrustado de nácar e de prata, ficou lá, em cima de sua escrivaninha. E era um cofrezinho encantador, com uma minúscula chavezinha, um cofrezinho de família, que lhe vinha de sua avó. Pois bem! naquele cofrezinho havia de tudo, mas tudo, o que se chama tudo: tudo sem exceção, tudo desde vinte anos, classificado por anos e por dias. E como Stiepan Mikháilovitch tinha um gosto muito acentuado pela literatura, havia na caixinha bem umas cem cartas escritas por ele, suficientes para fazer um romance bastante apaixonado, para uma revista. É verdade que aquilo durara cinco anos. Algumas cartas estavam anotadas pela mão de Natália Vassílievna… É agradável para um marido, não acha?

Vielhtcháninov refletiu um momento e lembrou-se que jamais havia escrito a Natália Vassílievna a menor carta ou o menor bilhete. De Petersburgo escrevera duas cartas, mas eram dirigidas aos dois esposos, como fora combinado. Nem mesmo respondera à derradeira carta de Natália Vassílievna, aquela com que o despedira.

Quando acabou sua narrativa, Páviel Pávlovitch calou-se por um minuto inteiro, com seu sorriso insolente e interrogativo.

— Por que não responde à minha pequena pergunta? — disse ele, com insistência.

— Que pequena pergunta?

— Relativamente aos sentimentos agradáveis que experimenta um marido descobrindo a caixinha.

— Ora! que me importa! — disse Vielhtcháninov, com ar agitado, ficando em pé e caminhando pelo quarto de ponta a ponta.

— Aposto que você está dizendo a si mesmo neste momento: “Que animal! fazendo ele próprio exibição de sua desonra!”. Ah! ah! ah! Você é um homem cheio de escrúpulo!

— Não penso em nada disso. Bem pelo contrário. O senhor está extremamente excitado por causa da morte do homem que o ofendeu, e depois, bebeu muito vinho. Nada vejo nisso de extraordinário; compreendo perfeitamente por que fazia o senhor questão de que Bagaútov vivesse e aprecio muito bem seu desaponto, mas…

— E por que, então, na sua opinião, eu fazia tanta questão de que Bagaútov vivesse?

— Isto é problema seu.

— Aposto que você pensava num duelo!

— O diabo o leve! — exclamou Vielhtcháninov, cada vez menos senhor de si. — O que eu pensava é que um homem direito… num caso dessa espécie, não se rebaixa ao falatório destemperado, às caretas estúpidas, aos gemidos ridículos e aos subentendidos

repugnantes que só fazem degradar aquele que os emprega, mas age franca e abertamente, sem reticências… um homem reto, é claro!

— Ah! ah! ah! E então não sou eu um homem direito?

— Isto, ainda uma vez, é problema seu… mas, afinal, por que diabo, depois disso, tinha o senhor tanta necessidade de que Bagaútov vivesse?

— Por quê? Ora, pelo menos para ver, o querido amigo! Teríamos mandado buscar uma garrafa e a beberíamos juntos.

— Ele teria recusado beber com o senhor.

— Mas por quê? *Noblesse oblige*! Você bebe comigo, ora esta! Por que teria sido ele mais delicado?

— Eu? Não bebi com o senhor.

— E por que, pois, de repente, tanto orgulho?

Vielhtcháninov desatou a rir, um riso nervoso e agitado.

— Oh! mas o senhor é com certeza verdadeiramente feroz! E eu que acreditava que o senhor apenas era um “eterno marido”!

— Como, um “eterno marido”? Que entende você por isso? — perguntou Páviel Pávlovitch, de orelha atenta.

— Oh! nada, um tipo de marido… Leva muito tempo a contar. E depois, vejamos, é preciso que o senhor se vá; já é hora. O senhor me aborrece!

— E por que “feroz”? Você disse “feroz”.

— Disse-lhe, em tom de brincadeira, que o senhor é verdadeiramente feroz.

— Que entende por isso? Rogo-lhe, Alieksiéi Ivânovitch, diga, pelo amor de Deus ou pelo amor do Cristo!

— Vamos, basta! — exclamou Vielhtcháninov, encolerizado. — Já

é hora, retire-se!

— Não, ainda não é bastante! — disse Páviel Pávlovitch, com voz vibrante. — É possível que o aborreça, mas não me irei embora assim, porque antes de ir quero beber com você, tocar os nossos copos. Bebamos, e depois irei, mas não antes!

— Vejamos, Páviel Pávlovitch, vai ou não para o diabo?

— Irei para o diabo, mas depois que tivermos bebido! Você disse que não queria beber comigo; pois bem! eu, eu quero que você beba comigo!

Não escarnecia mais, não dissimulava mais. Em todos os traços de seu rosto, operara-se uma transformação tão completa que Vielhtcháninov ficou estupefato.

— Ora, vamos, Alieksiéi Ivânovitch, bebamos; vamos, não haverá de recusar-me! — continuou Páviel Pávlovitch, agarrando-lhe fortemente a mão e fixando nele um olhar estranho.

Manifestamente, tratava-se agora de outra coisa que não um copo de vinho.

— Afinal, se quer assim, — murmurou o outro. — Mas, veja, já está no fundo…

— Restam justamente dois copos e o fundo não está turvo; vamos, bebamos e toquemos os copos! Tenha a bondade de pegar sua taça.

Tocaram as taças e beberam.

— Pois bem! agora… já que é assim…Ah!

Páviel Pávlovitch levou a mão à testa e ficou assim alguns instantes. Vielhtcháninov esperava; acreditava que, desta vez, o outro iria dizer tudo, até a derradeira palavra. Mas Páviel Pávlovitch não disse nada. Olhava Vielhtcháninov calmamente, a boca torcida num sorriso careteante e sarcástico.

— Afinal, que quer de mim, seu bêbado? Você zomba de mim! —

exclamou Vielhtcháninov com uma voz furiosa, batendo com o pé.

— Não grite, não grite, por que gritar? — disse o outro, muito depressa, acalmando-o com um gesto. — Não estou zombando!… Ah! você sabe o que é, o que presentemente é para mim?

E, com um movimento rápido, pegou-lhe a mão e beijou-a. Vielhtcháninov não teve tempo de retirá-la.

— Eis o que é você para mim, agora. E agora, vou-me para todos os diabos!

— Espere, fique! — exclamou Vielhtcháninov. — Esquecia-me de dizer-lhe…

Páviel Pávlovitch estava já perto da porta; voltou.

— Veja — disse Vielhtcháninov, com uma voz quase baixa, muito depressa, corando e desviando a vista; — é conveniente que você vá amanhã sem falta à casa dos Pogoriéltsevi, para conhecê-los e agradecer-lhes… mas sem falta!…

— Decerto, sem falta! É por demais natural — respondeu Páviel Pávlovitch, com uma solicitude insólita, fazendo sinal com a mão de que era supérfluo insistir.

— Tanto mais quanto Lisa está muito desejosa de vê-lo. Prometi-lhe…

— Lisa? — repetiu Páviel Pávlovitch, — Lisa? Você sabe o que ela foi para mim, Lisa, o que ela foi e o que ela é? (E ele gritava, como que arrebatado.) Mas tudo isso… tudo isso ficará para mais tarde… No momento, não basta que você tenha bebido comigo, Alieksiéi Ivânovitch, preciso absolutamente duma outra satisfação…

Pousou seu chapéu sobre uma cadeira e, de novo, como ainda havia pouco, um tanto ofegante, olhou Vielhtcháninov bem no rosto.

— Beije-me, Alieksiéi Ivânovitch — disse ele, bruscamente.

— Você está bêbado! — gritou o outro, recuando.

— Bêbado! Meu Deus, sim, mas isto não importa; beije-me, Alieksiéi Ivânovitch… Ah! é preciso que você me beije! Eu mesmo lhe beijei a mão, eu, há pouco!

Vielhtcháninov ficou um momento silencioso, como se tivesse recebido uma paulada na cabeça. Depois, com um gesto brusco, inclinou-se para Páviel Pávlovitch, que estava ali, bem junto dele, e beijou-o nos lábios que tresandavam horrivelmente a vinho. Tudo isso foi tão rápido, tão estranho, que ele não soube jamais se verdadeiramente o havia beijado.

— Ah! Agora… agora!… — exclamou Páviel Pávlovitch, num arrebatamento de ébrio, com os olhos brilhantes. — Ah! você vê? É o que dizia a mim mesmo: "Como? então ele também? Mas então, se é verdade, em quem, pois, acreditar?".

E começou a chorar.

— Então, você compreende que amigo é agora para mim!…

Pegou seu chapéu e saiu à pressa. Vielhtcháninov ficou alguns instantes de pé, cravado no lugar, como após a primeira visita de Páviel Pávlovitch.

"Ora! é um ébrio e um grotesco! nada mais!" e deu de ombros. "Nada mais, decerto!", acentuou energicamente, depois que se desvestiu e se meteu na cama.

## CAPÍTULO VIII / *Lisa está doente*

No dia seguinte, de manhã, enquanto esperava Páviel Pávlovitch, que prometera ser pontual, para ir à casa dos Pogoriéltsevi, Vielhtcháninov passeou pelo quarto, tomou seu café, fumou e meditou: a cada instante, tinha a impressão de ser um homem que, ao despertar, lembra de, na véspera, ter levado uma bofetada. "Hum!… ele sabe perfeitamente bem como foram as coisas e quer vingar-se de mim servindo-se de Lisa!", pensava ele e enchia-se de medo.

O vulto delicado e triste da criança surgiu diante dele. O coração

batia-lhe à ideia de que naquele mesmo dia, em breve, dentro de duas horas, veria *sua* Lisa. “Não há dúvida — concluiu ele com ardor, — nela está doravante toda a minha vida e meu único objetivo. Que me importam todas as bofetadas e todos os regressos ao passado?… Para que serviu minha vida até agora? Desordem e pesares… Mas, agora, tudo mudou: é outra coisa!”

A despeito de sua exaltação, as preocupações invadiam-no cada vez mais.

“Ele se vingará de mim por meio de Lisa, é claro! E vai se vingar em Lisa. Por meio dela é que me atingirá… Hum!… Decerto não tolerarei mais suas afrontas de ontem! — E corou ao recordá-las. — Mas ele não chega e já é meio dia!”

Esperou ainda, até meio dia e meia, e sua angústia aumentava. Páviel Pávlovitch não chegava. Por fim a ideia de que se ele não vinha, era unicamente para aumentar ainda mais suas afrontas da véspera, esta ideia, que voltava desde muito tempo ao fundo de sua alma, apoderou-se dele inteiramente e transtornou-o. “Ele sabe que me tem seguro: como posso agora apresentar-me diante de Lisa, sem ele?”

Por fim não pôde mais resistir: à uma hora, fez-se transportar à pressa a Pokrov. Disseram-lhe que Páviel Pávlovitch não havia dormido em casa, que regressara de manhã, às nove horas, que não se detivera mais de um quarto de hora e que tornara a partir. Vielhtcháninov escutava as explicações da criada, de pé, diante da porta de Páviel Pávlovitch. cuja maçaneta atormentava maquinalmente. Quando ela acabou, ele cuspiu, largou a porta e pediu que o conduzissem à presença de Mária Sisóievna. Esta, tendo sabido que ele estava ali, acorreu no mesmo instante.

Era uma excelente mulher, “uma mulher de sentimentos muito generosos”, como dela dizia Vielhtcháninov, quando contou em seguida a Klávdia Pietrovna sua conversa com ela… Imediatamente, depois de ter-lhe pedido notícias da menina, deixou-se ficar conversando a respeito de Páviel Pávlovitch. Como dizia ela, “não fosse a menina, já o teria mandado passear há muito tempo. Já o

haviam transferido do hotel para o pavilhão por causa da desordem de sua vida. Na verdade é um crime trazer mulheres para casa, quando se tem uma filha em idade de compreender!… E grita para ela então: “Olha, ela é que será tua mãe, quando eu quiser!”. Imagine o senhor que a mulher que ele trouxe cuspiu-lhe ela mesma na cara, cheia de nojo. E ele lhe disse ainda duma outra vez: “Tu não és minha filha, és uma bastarda”.

— Como! — exclamou Vielhtcháninov apavorado.

— Ouvi-o com meus próprios ouvidos. É um bêbado, que não sabe o que diz, é verdade: mas, afinal, tudo isso não se deve dizer diante de uma criança! Não importa que ela seja pequena, tudo isso entra-lhe no espírito e ali fica! A pequena chora; vejo-o bem, ela sofre extremamente. Há alguns dias, houve em nossa casa uma desgraça: alguém, um comissário, segundo diziam, veio alugar um quarto, uma noite; no dia seguinte, de manhã, tinha-se enforcado. Dizem que perdeu no jogo. Junta gente, Páviel Pávlovitch não estava em casa; a pequena, sem vigilância, sai; eu mesma entro no corredor, entre as pessoas, e vejo-a, do outro lado, olhando o enforcado, com um ar estranho. Levei-a dali o mais depressa. E, imagine o senhor, logo ela se põe a tremer de febre, fica toda escura e, mal entra no quarto, cai no chão, toda rígida. Fiz-lhe massagens, bati-lhe nas mãos, tive grande trabalho em fazê-la voltar a si. É epilepsia, não? Desde aquele momento começou ela a viver penosamente. Quando o pai entrou, ficou ciente de tudo; começou por beliscá-la fortemente, porque, veja o senhor, gosta de beliscá-la em lugar de bater-lhe. Depois serviu-se dum bom copo de vinho e, em seguida, ele se volta para ela e lhe diz, para amedrontá-la: “Eu também vou me enforcar e será por tua causa que me enforcarei. Olha, é com esta corda que me enforcarei”. E faz um nó na frente dela. E então a pequena perdeu a cabeça, lançou-se a ele, agarrando-o com suas mãozinhas e gritou-lhe: “Não o farei mais! Não faço mais!”. Ah! dá pena!

Vielhtcháninov esperava coisas bem estranhas, mas aquela narrativa consternou-o tão fortemente que não podia crer que fosse verdadeira. Mária Sisóievna contou-lhe ainda muitos outros fatos. Uma vez, por exemplo, se ela não tivesse estado lá, Lisa talvez tivesse se jogado pela janela. Quando se despediu de Mária Sisóievna, estava

como que embriagado: “Eu o matarei, como a um cão, com uma paulada na cabeça!”, repetia para si mesmo.

Pegou um carro para ir à casa dos Pogoriéltsevi. Antes de sair da cidade, o carro teve de parar numa encruzilhada, perto duma pequena ponte sobre a qual desfilava um longo enterro. As proximidades da ponte estavam atravancadas pelas carruagens estacionadas e uma multidão compacta via-se ali, a olhar. O enterro era rico, a fila dos carros longa. De repente, em um daqueles carros, viu Vielhtcháninov aparecer a figura de Páviel Pávlovitch. Não teria acreditado nos seus olhos, se o outro não se tivesse debruçado na portinhola e não o tivesse cumprimentado, com um aceno de mão e um sorriso. Evidentemente, estava encantado com o encontro. Vielhtcháninov pulou do carro e, a despeito da multidão e dos guardas, deslizou até a portinhola do carro, que já ia entrando pela ponte. Páviel Pávlovitch estava só.

— Por que não veio? — gritou Vielhtcháninov. — Como está aqui?

— Presto as derradeiras homenagens… não grite, não grite!… presto as derradeiras homenagens — disse Páviel Pávlovitch, com um piscar jovial de olhos. — Acompanho os despojos mortais de meu excelentíssimo amigo Stiepan Mikháilovitch.

— Tudo isso é absurdo, estúpido bêbado! — gritou ainda mais forte Vielhtcháninov, um momento confuso. — Vamos, desça imediatamente e venha comigo. Vamos, imediatamente!

— Não é possível… é um dever…

— Vou levá-lo à força — berrou Vielhtcháninov.

— E eu gritarei, eu gritarei! — disse Páviel Pávlovitch, com sua mesma explosão de riso jovial, como se a brincadeira o divertisse e encolhendo-se no fundo do carro.

— Atenção! atenção! O senhor vai ser atropelado! — gritou um guarda.

E, de fato, um carro chegava à ponte, com grande barulho, em sentido inverso ao do cortejo. Vielhtcháninov teve de saltar de lado; outras carruagens e a multidão atiraram-no mais longe. Cuspiu de despeito e voltou ao seu carro.

“Dá na mesma, de qualquer maneira não teria sido possível levá-lo naquele estado!”, ele pensava, inquieto e em plena confusão.

Quando contou a Klávdia Pietrovna as histórias de Mária Sisóievna e o estranho encontro naquele enterro, ela ficou pensativa:

— Tenho medo por você — disse-lhe. — Precisa romper todas as relações com esse homem e quanto mais depressa, melhor.

— Ora! É um ébrio e um grotesco, eis tudo! — exclamou Vielhtcháninov, com arrebatamento. — Vou ter medo dele? E como você quer que eu rompa todas as relações com ele, quando existe Lisa? Não se esqueça de Lisa!

Lisa estava deitada, muito doente. A febre apoderara-se dela na véspera, à noite, e esperava-se um médico de renome, que haviam mandado chamar na cidade desde manhã bem cedo. Vielhtcháninov ficou inteiramente transtornado. Klávdia Pietrovna levou-a à cabeceira da doente.

— Observei-a ontem com muita atenção — ela disse, antes de entrar. — É orgulhosa e triste. Tem vergonha de se encontrar aqui, abandonada por seu pai. Na minha opinião toda sua doença é esta.

— Como! Abandonada? Por que pensa que ele a abandonou?

— Oh! o simples fato de deixá-la vir para cá, para uma casa totalmente desconhecida, com um homem… quase igualmente desconhecido, ou quando menos…

— Mas fui eu mesmo que a tomei, que tive de tomá-la à força. Não vejo…

— Meu Deus, não é de mim que se trata, é de Lisa, que é uma criança, e que vê as coisas assim… Pela minha conta, estou certa de que ele não virá nunca.

Quando viu que Vielhtcháninov havia chegado sozinho, Lisa não se mostrou surpresa. Sorriu tristemente e virou para a parede sua cabecinha toda ardente de febre. Não respondeu nada às tímidas palavras de consolo, nem às quentes promessas de Vielhtcháninov, que se comprometeu a trazer-lhe seu pai no dia seguinte, sem falta. Ao afastar-se dela, ele começou a chorar.

O médico só chegou à noite. Depois que examinou a doente, amedrontou a todos desde a primeira palavra, dizendo que deveriam tê-lo chamado mais cedo. Quando lhe afirmaram que ela só começara a sofrer na véspera à noite, a princípio não quis acreditar.

— Tudo depende da maneira como vai passar a noite — concluiu ele.

Redigiu sua receita e partiu, prometendo estar lá no dia seguinte, logo que possível. Vielhtcháninov queria de todo jeito ficar em vigília durante a noite; mas Klávdia Pietrovna suplicou-lhe que fizesse ainda uma tentativa “para trazer aquela besta”.

— Desta vez — disse Vielhtcháninov, com exaltação, — desta vez ele virá, mesmo que seja preciso amarrá-lo e carregá-lo!

A ideia de amarrá-lo e de carregá-lo como a um embrulho apoderou-se dele, obcecando-o.

— Agora acabou, não me sinto de modo algum culpado para com ele! — disse a Klávdia Pietrovna, despedindo-se dela. — Renego todas as minhas tolices sentimentais e todas as minhas choradeiras de ontem — acrescentou, indignado.

Lisa estava estendida, de olhos fechados, e parecia dormir; parecia estar melhor. Quando Vielhtcháninov inclinou-se sobre ela, com precaução, para, antes de partir, beijar discretamente alguma coisa dela, nem que fosse apenas a orla de seu vestido, ela abriu de repente os olhos, como se o tivesse esperado e lhe disse em voz baixa:

— Leve-me daqui!

Era uma súplica doce e triste, em que nada restava da irritação

exaltada da véspera, mas na qual se sentia como que resignação, como que a certeza de que a súplica não seria atendida. Quando Vielhtcháninov, desesperado, tentou explicar-lhe que era impossível, fechou os olhos e não disse nada mais, como se não o ouvisse, nem o visse.

De volta à cidade, fez-se conduzir diretamente a Pokrov. Eram dez horas da noite; Páviel Pávlovitch não estava em casa. Vielhtcháninov esperou-o uma meia hora, indo e vindo pelo corredor, num estado de impaciência dolorosa. Mária Sisóievna acabou por fazer-lhe compreender que Páviel Pávlovitch não voltaria antes do amanhecer do dia seguinte.

— Virei, portanto, ao nascer do dia.

E partiu, regressando para casa.

Ficou estupefato quando, ao chegar, soube de Mavra que o estranho da véspera estava lá, à espera, desde as dez horas.

— Bebeu chá em nossa casa e depois mandou procurar vinho, da mesma forma que ontem, dando uma cédula de cinco rublos.

## Capítulo IX / *Visão*

Páviel Pávlovitch instalara-se confortavelmente. Estava sentado na mesma cadeira da véspera, fumava um cigarro e acabava de encher o quarto e último copo da garrafa. O bule de chá e a xícara ainda pela metade estavam ali perto dele, em cima da mesa. Seu rosto cor de púrpura irradiava satisfação. Tirara seu paletó e ficara de colete.

— Você me desculpe, caríssimo amigo — disse ele, percebendo Vielhtcháninov e levantou para vestir o paletó. — Tirei-o para estar mais à vontade…

Vielhtcháninov aproximou-se dele, com ar ameaçador:

— Está completamente bêbado? Pode-se ainda fazer que você compreenda?

Páviel Pávlovitch hesitou um instante.

— Meu Deus… não… não de todo… Prestei as derradeiras homenagens ao defunto e… não, não de todo.

— Está em condições de compreender-me?

— Mas foi precisamente para isto que estou aqui, para compreendê-lo…

— Neste caso — prosseguiu Vielhtcháninov, com uma voz estrangulada pela cólera, — neste caso começarei por dizer-lhe, sem mais nada, que você é um miserável.

— Se você começa por aí, aonde, com os diabos, irá acabar? — disse Páviel Pávlovitch, que, manifestamente, estava ficando com medo.

Mas Vielhtcháninov prosseguiu sem ouvi-lo:

— Sua filha está morrendo, está gravemente doente. Você abandonou-a, sim ou não?

— Moribunda?… Deveras?…

— Está doente, muito doente, perigosamente doente.

— Oh! uma simples crise, talvez…

— Ora! Não diga besteiras. Está perigosamente doente. Você já deveria ter ido lá, pelo menos para…

— Para agradecer a hospitalidade? Ah! sim! Sei muito bem! Alieksiéi Ivânovitch, meu caro, meu perfeito amigo — gaguejou ele, pegando-lhe a mão com as suas duas, com um enternecimento de bêbado, as lágrimas nos olhos, como se implorasse seu perdão, — Alieksiéi Ivânovitch, não grite, não grite… Que eu morra, que caia agora mesmo no Nieva… De que serve, nas circunstâncias atuais?… Quanto ao que se refere aos Pogoriéltsevi, sempre haverá tempo…

Vielhtcháninov conteve-se e conseguiu dominar-se.

— Você está bêbado e não compreendo o que quer dizer — disse ele duramente. — Estou sempre disposto a me entender com você e faço questão disso o mais breve possível… Ia precisamente… Mas, antes de tudo, eis a minha decisão: você vai passar a noite aqui. Amanhã de manhã vou levá-lo e iremos. Não o largarei — gritou com voz trovejante. — Vou amarrá-lo e carregá-lo até lá com minhas próprias mãos!… Vejamos, esse divã lhe servirá?

E designava um divã largo e fofo, que formava par, contra a parede de frente, com aquele sobre o qual ele próprio dormia.

— Mas, rogo-lhe, não importa onde…

— Não importa onde, não: aqui neste divã! Tome, aqui estão lençóis, um cobertor, um travesseiro… (Vielhtcháninov tirou tudo isto dum armário e lançou-o vivamente a Páviel Pávlovitch que estendia os braços, com ar resignado.) Vamos, faça sua cama, imediatamente!

Páviel Pávlovitch ali estava, de pé, no meio do quarto, os braços carregados, como que indeciso, com um largo sorriso de bêbado na cara de bêbado. A uma segunda injunção de Vielhtcháninov, que trovejava, pôs-se depressa em ação. Afastou a mesa e, resfolegante,

desdobrou e arrumou os lençóis. Vielhtcháninov foi ajudá-lo; estava satisfeito com a docilidade e a perturbação de seu hóspede.

— Acabe de esvaziar seu copo e deite-se — ordenou; sentia que era preciso comandar. — Foi você quem mandou buscar vinho?

— Ah! sim, fui eu… É que, Alieksiéi Ivânovitch, sabia bem que você não consentiria mais em mandá-lo buscar.

— Ainda bem que compreendeu isto, mas há outra coisa ainda que é preciso que você compreenda. Declaro-lhe que minha resolução está tomada: não vou suportar mais todas as suas caretas, nem todas as suas carícias de bêbado!

— Oh! mas pode com certeza acreditar, Alieksiéi Ivânovitch — disse o outro, sorrindo, — compreendo maravilhosamente que tudo isso não era possível senão uma vez.

Diante desta resposta, Vielhtcháninov, que caminhava pelo quarto, súbito parou diante de Páviel Pávlovitch, com ar solene.

— Páviel Pávlovitch, fale franco! Você é inteligente, repito, mas declaro que está indo pelo caminho errado. Fale franco, aja abertamente, e, dou minha palavra de honra, responderei a todas as suas perguntas.

Páviel Pávlovitch sorriu de novo com seu largo sorriso, que bastava para exasperar Vielhtcháninov.

— Vamos! Nada de segredinhos! Vejo claro até no seu íntimo. Repito, dou minha palavra de honra que responderei a tudo, e que você receberá de mim todas as satisfações possíveis… quero dizer todas as satisfações, possíveis ou não! Oh! como gostaria que você me compreendesse!

— Pois bem! Já que você se mostra tão bondoso — disse Páviel Pávlovitch, com ar circunspecto, — fiquei extremamente intrigado ontem, quando você se serviu da palavra “feroz”…

Vielhtcháninov cuspiu e pôs-se de novo a caminhar, mais vivamente, pelo quarto.

— Oh! não, Alieksiéi Ivânovitch, não cuspa porque estou curioso para saber isso. Vim de propósito para descobrir… Oh! sim, minha língua está mal dependurada hoje, mas você será muito indulgente. Li alguma coisa, numa revista, a propósito dos indivíduos do tipo “feroz” e do tipo “bonachão”. Veio-me isto à lembrança esta manhã… somente, não me recordo mais o que, e, na verdade, não compreendi bem… Ora, eis aqui, por exemplo, o que eu quero saber: Stiepan Mikháilovitch Bagaútov era do tipo “feroz” ou do tipo “bonachão”? De qual dos dois?

Vieltcháninov continuava calado e andando. Parou bruscamente e falou com raiva.

— O homem do tipo “feroz” é o homem que se teria apressado em derramar veneno no copo de Bagaútov, no momento de beber champanhe com ele em honra da amizade tão felizmente renovada, como você fez ontem comigo. Mas um homem desta espécie não teria ido conduzi-lo ao cemitério, como você fez não há muito, sabe o diabo por quais motivos secretos, baixos e vis, e teria evitado todas essas suas caretas sujas!

— É bem certo que não teria ido lá — disse Páviel Pávlovitch, — mas na verdade você me trata…

— O homem do tipo “feroz” — prosseguiu Vielhtcháninov, com ardor, sem nada ouvir, — não é homem para se fazer de Deus sabe lá o quê, para posar de justiceiro severo e escrupuloso, para estudar seu caso, como pedante, para dele tirar assunto para uma lição, para choramingar, caretear, lançar-se ao pescoço dos outros e sentir-se satisfeito com esse emprego de seu tempo!… Vamos, diga a verdade: é certo que você quis enforcar-se?

— Oh! você sabe, é bem possível, numa hora de embriaguez… não me recordo… Mas, vejamos, Alieksiéi Ivânovitch, gente como nós não pode, no entanto, usar veneno! Além do fato de eu ser um funcionário bem destacado, tenho algum dinheiro e é bem possível que pense em casar de novo.

— E depois, corre-se o risco dos trabalhos forçados.

— Perfeitamente! E é muito desagradável, se bem que, atualmente, o júri conceda, de boa vontade, as circunstâncias atenuantes. Olhe, Alieksiéi Ivânovitch, veio-me à memória esta manhã, enquanto me achava no carro, uma historinha muito engraçada, que preciso contar-lhe. Você falava ainda há pouco do homem "que se atira ao pescoço dos outros". Lembra-se talvez de Siemion Pietróvitch Livtsov, que chegou a T***, quando você lá esteve? Pois bem, ele tinha um irmão caçula, um bonitão de Petersburgo, como ele, que se achava em função junto ao governador de V*** e era muito apreciado. Aconteceu-lhe um dia brigar com Golubienko, o coronel, numa reunião; havia ali senhoras e, entre elas, a dama de seu coração. Sentiu-se muito humilhado, mas engoliu a ofensa e não disse palavra. Pouco depois, Golubienko tomou-lhe a dama de seu coração e pediu-a em casamento. Que você acha que fez Livtsov? Pois bem, tratou de tornar-se amigo íntimo de Golubienko; melhor ainda, pediu para ser o cavalheiro de honra; no dia do casamento, desempenhou sua função; depois, quando eles receberam a bênção nupcial, aproximou-se do noivo para felicitá-lo e beijá-lo, e então, diante da nobre sociedade em peso, diante do governador, eis que Livtsov assesta uma grande facada no ventre de Golubienko que tomba no chão!… Seu próprio cavalheiro de honra! É bem aborrecido! E depois não é tudo! O que há de bom é que, depois da facada, ele se vira para a direita e para a esquerda: "Ai! que fiz eu? ai! que fiz eu?", e soluça, e se agita, e se abraça ao pescoço de toda gente, até mesmo das damas: "Ai! que fiz eu?"… Ah! ah! ah! É de rebentar de rir. Só havia o pobre de Golubienko que fazia dó; mas afinal, salvou-se.

— Não entendo por que você me conta essa história — disse Vielhtcháninov, secamente, com os supercílios contraídos.

— Apenas por causa da facada — disse Páviel Pávlovitch, sempre rindo. — Aqui está um fedelho que, por terror, desrespeita todas as conveniências, atira-se ao pescoço das senhoras, na presença do governador… e tudo isso não impede que lhe tenha muito bem aplicado sua facada e feito o que queria fazer!… É só por isso que lhe conto.

— Vá para o diabo! — berrou Vielhtcháninov, com uma voz totalmente mudada, como se alguma coisa nele se tivesse quebrado. —

Vá para o diabo com seus subentendidos, seu velhaco! Você quer me deixar com medo, tratante, covarde… covarde… covarde! — gritou ele, fora de si, resfolegando após cada palavra.

Páviel Pávlovitch, de repente, ficou como transfigurado. Sua embriaguez desapareceu; seus lábios tremeram.

— Então, é você, Alieksiéi Ivânovitch, “você”, que me trata de covarde, a “mim”?

Vielhtcháninov voltava a si.

— Estou pronto a pedir-lhe desculpas — disse ele, após um momento de reflexão, que o encheu de terror, — mas com uma condição, é que você mesmo, imediatamente, se decida a agir francamente.

— No seu lugar, Alieksiéi Ivânovitch, teria pedido desculpas, sem condições.

— Pois bem, seja!… — (Houve um momento de silêncio.) — Peço-lhe desculpas; mas você mesmo há de convir, Páviel Pávlovitch, que, após tudo isso, posso considerar-me como estando quites para com você… não falo somente do caso presente!… quero dizer, no que se refere a todo o negócio.

— Mas… que espécie de contas pode haver entre nós? — disse Páviel Pávlovitch, sorrindo, de vista baixa.

— Pois bem, se é assim, tanto melhor, tanto melhor! Vamos, esvazie seu copo e deite-se, porque não quero deixá-lo partir…

— Ah! sim! o vinho… — disse Páviel Pávlovitch, um pouco perturbado.

Aproximou-se da mesa, para esvaziar seu copo. Talvez já tivesse bebido muito; mas o caso é que sua mão tremia e derramou ele uma parte do vinho no chão, em sua camisa e no seu colete. Contudo, bebeu até a última gota, como se tivesse pena de deixar alguma; depois pousou o copo em cima da mesa, com precaução, e foi docilmente para seu leito, para se desvestir.

— Mas não seria melhor… que eu não ficasse aqui esta noite? — disse ele, de repente. Já havia tirado uma de suas botas e conservava-a entre as mãos.

— De jeito nenhum, não seria melhor! — respondeu, violentamente, Vielhtcháninov, que andava para lá e para cá, sem olhá-lo.

O outro acabou de tirar a roupa e deitou. Um quarto de hora depois, Vielhtcháninov também deitou e apagou a vela.

Começou a adormecer, sem achar tranquilidade. Algo de novo, de mais confuso ainda que todo o resto, algo que ele não havia previsto, oprimia-o agora e, ao mesmo tempo, sentia-se como que envergonhado daquela angústia. Ia adormecendo quando um rumor despertou-o. Lançou logo a vista para o leito de Páviel Pávlovitch. O quarto estava escuro (as cortinas estavam fechadas), mas pensou ver que Páviel Pávlovitch não estava mais deitado, sentara no leito.

— Que tem? — perguntou Vielhtcháninov.

— A sombra! — disse Páviel Pávlovitch, depois de um silêncio, com uma voz surda, apenas perceptível.

— Que sombra?

— Lá, no outro quarto, perto da porta, acho que vi uma sombra.

— A sombra de quem? — perguntou Vielhtcháninov, após um silêncio.

— De Natália Vassílievna.

Vielhtcháninov saltou de seu leito, lançou uma olhadela para a antecâmara, depois para a peça vizinha, cuja porta continuava sempre aberta. Não havia cortinas nas janelas e os estores leves faziam entrar um pouco de luz.

— Não há nada naquele quarto; você está bêbado, volte a dormir! — disse Vielhtcháninov, que deitou e se cobriu com em seu cobertor.

Páviel Pávlovitch tornou também a deitar, sem dizer uma palavra.

— Já lhe aconteceu ver fantasmas? — perguntou de súbito Vielhtcháninov, dez minutos mais tarde.

— Uma vez só — disse Páviel Pávlovitch, com voz apagada. Depois o silêncio reinou de novo.

Vielhtcháninov não sabia com certeza se dormiu ou não. Uma hora se passou, depois, de repente, estremeceu: era ainda um rumor que o despertava, não sabia de nada, mas pareceu-lhe que havia lá, na noite negra, algo de branco, de pé, a alguma distância dele, no meio do quarto. Ergueu-se no seu leito e olhou por um minuto inteiro.

— É você, Páviel Pávlovitch? — perguntou, com voz fraca. Aquela voz alterada, no silêncio e nas trevas, causou nele mesmo estranha impressão.

Não obteve resposta, mas não havia mais a menor dúvida: havia alguém ali, de pé.

— É você, Páviel Pávlovitch? — repetiu mais forte, tão fortemente que Páviel Pávlovitch, se estivesse dormindo tranquilamente em seu leito, teria certamente despertado em sobressalto e respondido.

Não veio resposta, mas pareceu-lhe que a forma branca, agora quase distinta, movia-se, aproximava-se dele. Uma coisa estranha se passou: ele teve de súbito uma sensação que já sentira ainda há pouco, a sensação de algo que se rompia nele e gritou, com todas as suas forças, com uma voz rouca, estrangulada, sufocando-se quase a cada palavra:

— Bêbado grotesco, se você imagina que vai me fazer ficar com medo, fique sabendo que vou me virar para o lado da parede, vou me cobrir todo, até mesmo a cabeça, em meu cobertor, e não me mexerei, a noite inteira… para lhe mostrar quanto estou ligando para você… E não importa que fique você aí, de pé, até de manhã, prolongando essa farsa. Cuspo em você!…

E cuspiu com raiva na direção do que pensava ele que fosse Páviel Pávlovitch. Depois, virou-se, com um movimento brusco, para a parede, enrolou-se no seu cobertor, e ficou sem se mover, como morto. Fez-se um silêncio terrível. Não sabia, não podia saber se o fantasma avançava para ele, ou se se mantinha imóvel, e seu coração batia, batia, batia. Cinco minutos se passaram; depois, de repente, ouviu, a dois passos de si, a voz de Páviel Pávlovitch, fraca e toda queixosa.

— Sou eu, Alieksiéi Ivânovitch, levantei para procurar… (E nomeou um objeto indispensável.) Não encontrei um junto de minha cama… quis vir ver, muito devagarinho, perto da sua.

— Por que não disse nada… quando eu chamei? — perguntou Vielhtcháninov, com voz estrangulada, após um longo silêncio.

— Tive medo. Você gritou tão alto… tive medo.

— Ali, no canto, à esquerda… na mesinha… Acenda a vela…

— Oh! agora não vale a pena… — disse Páviel Pávlovitch, com voz muito mansa, — hei de achar, decerto… perdoe-me, Alieksiéi Ivânovitch, tê-lo incomodado… senti-me, de repente, completamente ébrio…

Vielhtcháninov não respondeu. Ficou deitado, com o rosto voltado para a parede, o resto da noite, sem se mexer. Queria manter seu compromisso e provar-lhe que o desprezava? — Ele mesmo não sabia o que tinha; o abalo fora tão violento que ficara como que perdido, e passou-se muito tempo antes que pudesse dormir. Quando despertou, no dia seguinte, às dez horas, teve um sobressalto, e encontrou-se sentado em seu leito, como movido por uma mola… Mas Páviel Pávlovitch não estava mais no quarto! O leito estava vazio, em desordem; fugira ao romper do dia.

— Eu bem sabia disso! — disse Vielhtcháninov, batendo na testa.

## CAPÍTULO X / *No cemitério*

O médico previra com justeza: o estado de Lisa piorou mais do

que Vielhtcháninov e Klávdia Pietrovna haviam imaginado na véspera. Quando Vielhtcháninov chegou, de manhã, a doente ainda se encontrava em pleno conhecimento, se bem que ardesse em febre; ele jurou mais tarde que ela lhe havia sorrido e que lhe havia mesmo estendido a mãozinha. Era verdade, ou não passava de uma ilusão consoladora que dava a si mesmo? Não era mais tempo de verificar. Ao cair da noite, ela perdeu o conhecimento e assim ficou até o fim. No décimo dia, após sua chegada à casa dos Pogoriéltsevi, morreu.

Os dias que precederam a morte foram terríveis para Vielhtcháninov. Os Pogoriéltsevi temeram por ele. Passou com eles a maior parte daquele período de angústias. Durante os derradeiros dias, ficou horas inteiras sozinho, não importava onde, num canto, sem pensar em nada; Klávdia Pietrovna vinha por vezes distraí-lo, mas ele mal respondia e por vezes deixava ver que aquelas conversas lhe eram penosas. Ela não era capaz de acreditar que ele sofresse tanto. Somente as crianças conseguiam distraí-lo; ria mesmo com elas às vezes; mas, a todo instante, levantava e ia nas pontas dos pés ver a doente. Pareceu-lhe várias vezes que ela o reconhecia. Não tinha esperança alguma de vê-la curar-se, como ninguém mais; não podia, porém, afastar-se do quarto em que ela morria, e mantinha-se habitualmente na peça vizinha.

Duas vezes, no curso daquele período, foi tomado duma necessidade extrema de agir. Partiu, correu a Petersburgo, foi ver os médicos mais reputados e reuniu-os em consultas: a derradeira realizou-se na véspera mesma da morte. Três dias antes, Klávdia Pietrovna lhe dissera que era indispensável encontrar, custasse o que custasse, o Senhor Trusótski: “Em caso de morte, seria mesmo impossível enterrá-la sem a presença de seu pai”. Vielhtcháninov respondera, com ar distraído, que lhe escreveria. O velho Pogoriéltsev declarara então que o faria procurar pela polícia. Vielhtcháninov acabara escrevendo uma carta muito lacônica e levara-a em pessoa ao hotel. Páviel Pávlovitch estava ausente, como de hábito, e teve de confiar a carta a Mária Sisóievna.

Lisa morreu por fim, numa admirável noite de verão, enquanto o sol se punha. Foi como se Vielhtcháninov saísse de um sonho. Quando a levaram, quando a vestiram com um vestidinho cor-de-rosa, o

vestido de festa de uma das meninas da casa, quando a deitaram, de mãos juntas, sobre a mesa do salão, coberta de flores, aproximou-se de Klávdia Pietrovna e, de olhos cintilantes, declarou-lhe que ia procurar "o assassino" e que o traria imediatamente. Não quis ouvir nenhum conselho, recusou adiar para o outro dia e partiu para a cidade.

Sabia onde encontrar Páviel Pávlovitch. Quando, durante aqueles derradeiros dias, fora a Petersburgo, não o fizera apenas para ver os médicos. Parecera-lhe, por vezes, que, se pudesse levar a Lisa seu pai, ela voltaria à vida ouvindo-lhe a voz; e depois, desencorajado, renunciara a procurá-lo. Páviel Pávlovitch morava ainda no mesmo lugar, mas era inútil pensar em encontrá-lo em casa. "Passa às vezes três dias sem dormir aqui, sem mesmo voltar para cá — contava Mária Sisóievna. — Quando por acaso volta, o bêbado, fica uma hora e torna a partir; nem mais a decência conserva." O garçom do hotel informou Vielhtcháninov que, desde muito tempo já, Páviel Pávlovitch ia estar com moças que moravam na Avenida Vosniessiénski. Vielhtcháninov não teve dificuldade em encontrar as moças. Depois dele lhes dar presentes e dinheiro, elas lembraram-se bem depressa de seu cliente — o chapéu com o crepe chamara-lhes a atenção — e se queixaram muito de não mais o ver. Uma delas, Kátia, declarou "que era muito fácil encontrar Páviel Pávlovitch", uma vez que ele não largava mais Machka Prokhvóstova.[9] Kátia não pensava poder encontrá-lo imediatamente; mas prometeu de modo formal que o faria no dia seguinte. E Vielhtcháninov teve de submeter-se a contar com a ajuda dela.

Voltou, pois, no dia seguinte, às dez horas, foi buscar Kátia e se pôs à procura com ela. Ele mesmo ainda não decidira o que faria com Páviel Pávlovitch, se o mataria no mesmo instante, ou não iria além de anunciar-lhe a morte de sua filha e explicar-lhe que sua presença no enterro era indispensável. As primeiras pesquisas não deram resultado: souberam que Machka Prostakova[10] brigara com Páviel Pávlovitch, havia três dias, e que um empregado de banco havia aberto a cabeça de Páviel Pávlovitch com um tamborete. Por fim, às duas horas da manhã, Vielhtcháninov, no momento em que saía de um cabaré que lhe haviam indicado, deu cara a cara com ele.

Páviel Pávlovitch estava completamente embriagado; duas

mulheres o arrastavam para o cabaré; uma delas sustentava-o pelo braço; um latagão seguia-as de perto, gritando em altos berros e fazendo a Páviel Pávlovitch furiosas ameaças. Gritava, entre outras coisas, “que ele o havia explorado e envenenado sua vida…”. Tratava-se visivelmente de dinheiro. As mulheres estavam com um medo terrível e apressavam-se o mais que podiam. Quando avistou Vielhtcháninov, Páviel Pávlovitch correu para ele, de mãos estendidas, e gritou, como se o estivessem estrangulando:

— Irmãozinho, socorra-me!

O latagão que os seguia assim que viu o vulto temível de Vielhtcháninov, desapareceu num piscar de olhos. Páviel Pávlovitch, orgulhoso com sua vitória, mostrava-lhe o punho, lançava gritos de triunfo; mas Vielhtcháninov agarrou-o violentamente pelos ombros e, sem saber ele próprio por que, pôs-se a sacudi-lo, com toda a força de seus braços de tal maneira que os dentes de Páviel Pávlovitch matraqueavam. Páviel Pávlovitch parou logo de gritar e olhou-o com uma estupefação imbecil de bêbado. Não sabendo sem dúvida que fazer, Vielhtcháninov fez força sobre ele e obrigou-o a sentar num marco de esquina.

— Lisa morreu! — disse-lhe.

Páviel Pávlovitch continuava a olhá-lo, sentado naquele marco, e mantido em equilíbrio por uma das mulheres. Acabou por compreender e seus traços se modificaram, num aspecto de tristeza.

— Ela morreu… — murmurou ele, com ar estranho.

Se simplesmente mostrou seu largo e ignóbil sorriso de bêbado, ou se passou por seus olhos algo de velhaco e de mau, Vielhtcháninov não soube dizer.

Um instante depois, Páviel Pávlovitch levantou com esforço sua mão direita, para fazer um sinal da cruz; mas a cruz ficou inacabada e a mão trêmula tornou a cair. Um pouco depois ainda, levantou-se penosamente do marco, agarrando-se à mulher, apoiou-se nela, e começou de novo a caminhar, como se não se tratasse de nada, sem mais se ocupar com Vielhtcháninov. Este agarrou-o de novo pelos

ombros.

— Compreenderás afinal, estúpido bêbado, que não se pode enterrá-la sem ti? — gritou-lhe, sufocando de cólera.

O outro voltou a cabeça para ele.

— O subtenente de artilharia… você sabe? — gaguejou ele, com a língua pesada.

— Quem? — exclamou Vielhtcháninov, todo trêmulo.

— É ele, o pai! Procura-o… para o enterro.

— Mentes! — berrou Vielhtcháninov, numa raiva louca. — Canalha!… Eu bem sabia que acabarias por impingir-me isto!

Fora de si, ergueu o punho sobre a cabeça de Páviel Pávlovitch. Ainda um instante e talvez o teria matado com um golpe; as mulheres lançaram gritos agudos e se afastaram, mas Páviel Pávlovitch não se moveu; todo o seu rosto se contraiu numa expressão de maldade selvagem e baixa.

— Tu sabes — disse ele, com uma voz firme, como se a embriaguez o tivesse deixado, — tu sabes o que dizemos em russo? (Pronunciou uma palavra que não se pode escrever.) — Eis o que te digo!… E agora, dá o fora, e depressa!

Desvencilhou-se das mãos de Vielhtcháninov tão violentamente que quase caiu ao comprido. As mulheres sustentaram-no e levaram-no bem depressa, arrastando-o quase. Vielhtcháninov não os seguiu.

No dia seguinte, à uma hora, chegou à casa dos Pogoriéltsevi um funcionário muito decente, de idade madura, em uniforme. Entregou muito polidamente a Klávdia Pietrovna um embrulho a ela endereçado, da parte de Páviel Pávlovitch Trusótski. O embrulho continha uma carta, trezentos rublos e os papéis necessários referentes a Lisa.

A carta era curta, muito reverente, perfeitamente correta… Exprimia toda a sua gratidão a Sua Excelência Klávdia Pietrovna pela

bondade e interesse que testemunhara para com a órfãzinha e acrescentava que somente Deus poderia pagar-lhe. Explicava vagamente que uma indisposição bastante grave não lhe permitia ir em pessoa assistir às exéquias de sua querida e desditosa filha e para tudo isso contava, em toda a confiança, com a bondade angélica de Sua Excelência. Os trezentos rublos, acrescentava ele, representavam as despesas com o enterro e as demais ocasionadas pela doença. Se a soma fosse demasiado grande, rogava-lhe, mui respeitosamente, de mandar celebrar, com o excedente, missas pelo repouso da alma de Lisa.

O funcionário que trouxe a carta nada pôde acrescentar; era claro, apenas, segundo as palavras que pronunciou, que Páviel Pávlovitch tivera de insistir fortemente para obter dele o desencargo daquela missão. Pogoriéltsev ficou exasperado com a expressão “e as demais ocasionadas pela doença”. Avaliou os gastos com o enterro em cinquenta rublos — não se podia impedir que um pai custeasse as exéquias de sua filha, — e quis devolver imediatamente ao Senhor Trusótski os duzentos e cinquenta rublos restantes. Finalmente, Klávdia Pietrovna decidiu que não os devolveriam, mas que lhe fariam chegar às mãos um recibo da igreja atestando que os duzentos e cinquenta rublos tinham sido consagrados a missas pelo repouso da alma da criança. Mais tarde, foi este recibo entregue a Vielhtcháninov que o remeteu pelo correio a Páviel Pávlovitch.

Após o enterro, Vielhtcháninov desapareceu. Durante duas semanas inteiras, vagou pela cidade, à toa, sozinho, absorvido a ponto de dar encontrões nos passantes. Por vezes ficava o dia inteiro estendido em seu divã, esquecendo tudo, até as coisas mais elementares. Os Pogoriéltsevi, por várias vezes, convidaram-no com insistência; prometia ir e depois não pensava mais nisso. Klávdia Pietrovna procurou-o um dia, pessoalmente, mas não o encontrou em casa. Seu advogado conseguiu encontrá-lo: um arranjo fácil apresentava-se por fim; a parte adversa consentia num acordo; bastava renunciar a uma parcela completamente insignificante da propriedade. Só faltava o consentimento de Vielhtcháninov. O advogado ficou estupefato por encontrar uma indiferença e uma displicência completas no cliente tão meticuloso e agitado de outrora.

Estava-se nos dias mais quentes de julho, mas Vielhtcháninov esquecia até mesmo o tempo. Sofria sem cessar uma dor aguda como a de um abcesso maduro; a cada instante, vinham-lhe pensamentos que o torturavam. Sua grande dor era que Lisa não tivesse tido tempo de conhecê-lo, tivesse morrido sem saber quanto era ardente sua ternura. O fim único de sua vida, aquele fim que ele havia entrevisto numa hora de alegria, desaparecera para sempre numa eterna noite. Aquele fim que sonhara e no qual agora pensava a cada minuto, era que todos os dias, a todas as horas de sua vida inteira, Lisa sentisse a ternura que ele sentia por ela. "Não — pensava por vezes, numa exaltação desesperada, — não, não há no mundo fim mais elevado para a existência! Se outros há, não há nenhum mais sagrado! Com a ajuda de meu amor por Lisa, teria eu purificado e resgatado todo o meu passado absurdo e inútil; teria afugentado de mim o homem vicioso e gasto que fui; teria educado para a vida uma criaturinha encantadora e, em nome dessa criaturinha, tudo me teria sido perdoado, eu mesmo teria me perdoado tudo…"

Estes pensamentos vinham-lhe sempre ao espírito acompanhados da visão clara muito próxima, emocionante, da criança morta. Revia o pobre corpinho todo branco, revia-lhe o semblante. Revia-a no caixão, entre as flores, revia-a sem conhecimento, queimada pela febre, os olhos fixos, escancarados. Lembrava-se da emoção intensa que tivera, quando a vira estendida sobre a mesa e notara que um de seus dedos tornara-se quase negro. A vista daquele pobre dedinho dera-lhe uma vontade violenta de tornar a encontrar Páviel Pávlovitch no mesmo instante e matá-lo sem demora. Fora de seu orgulho humilhado que morrera aquele coraçãozinho de criança, ou então os três meses de sofrimentos que seu pai lhe infligira, o amor mudado subitamente em ódio, as palavras de desprezo, o desdém pelas suas lágrimas, e, finalmente, seu abandono em mãos estranhas. — Tudo isto lhe voltava ao espírito, sem cessar, sob mil formas diversas… "Você sabe o que Lisa foi para mim?" Lembrou-se deste grito de Trusótski, e sentiu que não fora um fingimento, que o dilaceramento dele era sincero, era ternura. "Como pudera aquele monstro ter sido tão cruel para com a criança a quem adorava? Seria crível?" Mas sempre afastava essa questão e evitava-a; ela continha um elemento de incerteza terrível, algo de intolerável e de insolúvel.

Um dia, sem que ele mesmo soubesse como, chegou ao cemitério onde Lisa estava enterrada. Não tinha voltado ali desde o enterro. Parecia-lhe que a dor seria demasiado forte e não ousava. Coisa estranha, quando se inclinou sobre a pedra que a cobria e beijou-a, sentiu o coração menos opresso. Era uma tardinha cheia de claridade; o sol descia no horizonte; em redor do túmulo brotava uma relva densa e verde; bem perto, uma abelha besoava, voando duma roseira silvestre a outra; as flores e as coroas que os filhos de Klávdia Pietrovna tinham deixado sobre o túmulo ali ainda estavam, semi-desfolhadas. Pela primeira vez, desde muito tempo, uma espécie de esperança iluminou-lhe o coração. "Que alívio! — pensou e sentiu-se invadido pela paz do cemitério e contemplou o céu claro e tranquilo. Sentiu afluir-lhe uma espécie de alegria pura e forte, que lhe encheu a alma. "É Lisa quem me envia esta paz, é Lisa quem me fala", pensou ele.

Era já noite fechada, quando deixou o cemitério para voltar. Bem perto do portão do cemitério, à beira da estrada, viu uma casinha de madeira, uma espécie de botequim; as janelas estavam escancaradas; havia pessoas lá, em redor das mesas, bebendo. De repente, pareceu-lhe que uma dentre elas, que olhava pela janela, era Páviel Pávlovitch, que o havia percebido e o contemplava com curiosidade. Continuou seu caminho. Em breve, percebeu que procuravam alcançá-lo era, com efeito, Páviel Pávlovitch. Sem dúvida o ar calmo de Vielhtcháninov o havia encorajado. Abordou-o, com ar receoso, sorriu, mas não mais com aquele seu sorriso de outrora, seu sorriso de bêbado; não estava embriagado.

— Boa noite — disse.

— Boa noite — respondeu Vielhtcháninov.

## Capítulo XI / *Páviel Pávlovitch quer casar*

Ao mesmo tempo que respondia ao "boa noite", Vielhtcháninov ficou surpreendido com o que estava sentindo. Parecia-lhe estranho ver, agora, aquele homem sem a menor cólera, e experimentar a seu respeito algo de novo, como uma veleidade de outros sentimentos.

— Que bela noite! — disse Páviel Pávlovitch, olhando-o bem no fundo dos olhos.

— Você ainda não partiu? — disse por sua vez Vielhtcháninov, mais num tom de reflexão que de pergunta. E continuou a andar.

— Houve demora, mas obtive afinal um lugar com aumento. Partirei, com certeza, depois de amanhã.

— Obteve um lugar? — perguntou Vielhtcháninov e, desta vez, era bem uma pergunta.

— Mas por que não? — respondeu Páviel Pávlovitch, com uma careta.

— Meu Deus, dizia eu isto assim no ar… — desculpou-se ele, franzindo a testa. E lançou uma olhadela oblíqua para Páviel Pávlovitch.

Ficou vivamente surpreso ao notar que a roupa, o chapéu com crepe, e toda a aparência exterior do Senhor Trusótski estavam incomparavelmente mais convenientes do que duas semanas antes. “Mas por que diabos se encontrava ele naquele botequim?” — pensou.

— É preciso ainda, Alieksiéi Ivânovitch, que lhe comunique outra grande alegria — continuou Páviel Pávlovitch.

— Uma alegria?

— Vou casar-me.

— Como?

— Após a tristeza, a alegria… assim vai a vida! Teria bem querido, Alieksiéi Ivânovitch… Mas receio… você está apressado, tem o ar de…

— Sim, sim, estou com pressa, e depois… não me sinto muito bem.

Veio-lhe bruscamente um desejo violento de se livrar do outro: todas as suas disposições mais simpáticas se esvaneciam de repente.

— Ah! sim! teria bem querido…

Páviel Pávlovitch não disse o que teria bem querido. Vielhtcháninov calava-se.

— Mas, neste caso, será para outra vez, quando tiver a boa sorte de encontrá-lo…

— Sim, sim, outra vez — disse muito depressa Vielhtcháninov, sem olhá-lo e sem se deter.

Calaram-se um minuto; Páviel Pávlovitch continuava a caminhar a seu lado.

— Pois bem, portanto, adeus, — disse por fim.

— Adeus. Espero…

Vielhtcháninov voltou para casa, novamente transtornado. O contacto com "aquele homem" fora-lhe decididamente insuportável. Era mais forte que ele. Ao deitar-se, perguntava ainda a si mesmo: "Que fazia ele, contudo, perto do cemitério?"

No dia seguinte, de manhã, resolveu afinal ir ver os Pogoriéltsevi. Decidiu-se a isto sem prazer; toda simpatia lhe era agora pesada, inclusive a deles. Mas estavam tão inquietos por sua causa que era absolutamente preciso ir lá. Teve de súbito a ideia de que experimentaria grande embaraço ao revê-los. "Irei ou não irei?", pensava, acabando rapidamente de almoçar, quando, para grande espanto seu, Páviel Pávlovitch entrou.

Apesar do encontro da véspera, nem sonhava que aquele homem se apresentasse em sua casa a ficou tão desconcertado que o olhou sem encontrar uma palavra para dizer-lhe. Mas Páviel Pávlovitch não se mostrou absolutamente embaraçado; cumprimentou-o e sentou naquela mesma cadeira na qual sentara em sua última visita, havia três semanas. A lembrança daquela visita voltou logo ao espírito de Vielhtcháninov: olhou seu visitante com inquietação e repulsa.

— Está admirado? — começou Páviel Pávlovitch, que notou o olhar de Vielhtcháninov.

Sua atitude era mais desembaraçada do que na véspera e, ao mesmo tempo, era manifesto que se achava mais intimidado. Seu aspecto exterior era especialmente curioso. Trajava com extremo apuro: paletó de verão, calças claras, apertadas em baixo, colete claro; luvas, lornhão de ouro, camisa imaculada; até mesmo exalava perfume. Em toda a sua figura havia algo de ridículo e, ao mesmo tempo, de estranho e desagradável.

— Perfeitamente, Alieksiéi Ivânovitch — prosseguiu ele, inclinando-se, — minha vinda o surpreende e dou-me conta disto. Mas há pessoas entre as quais estimo que persista sempre alguma coisa… você não acha?, alguma coisa de superior a todas as eventualidades e a todas as desavenças que porventura possam ocorrer… você não acha?

— Vejamos, Páviel Pávlovitch, rogo-lhe que me diga muito depressa e sem frases o que tem a dizer-me — disse Vielhtcháninov, franzindo os supercílios.

— Ei-lo, em duas palavras: vou casar; vou agora mesmo à casa de minha noiva, no campo. Gostaria que você me concedesse a grandíssima honra de permitir-me apresentá-lo naquela casa e vim rogar-lhe, suplicar-lhe — e inclinou a cabeça, humildemente, — que me acompanhe…

— Acompanhá-lo aonde? — disse Vielhtcháninov, com os olhos escancarados.

— À casa deles, no campo. Desculpe-me, exprimo-me mal, com uma precipitação febril, canhestramente; mas tenho tanto medo que você recuse atender-me!

E olhava para Vielhtcháninov com um olhar lastimoso.

— Quer que o acompanhe imediatamente à casa de sua noiva? — perguntou Vielhtcháninov estupefato, não querendo crer em seus ouvidos e em seus olhos.

— Sim — disse Páviel Pávlovitch cheio de receio. — Rogo-lhe, Alieksiéi Ivânovitch, não se agaste; não veja nisso audácia, mas

simplesmente uma prece, se bem que humilde. Pensei que você talvez não opusesse uma recusa…

— Em primeiro lugar, é totalmente impossível — respondeu Vielhtcháninov, agitado.

— Contudo, é meu desejo mais vivo — continuou o outro, num tom suplicante. — e não lhe ocultarei o motivo. Não queria dizer-lhe senão mais tarde, mas rogo-lhe, muito humildemente…

E levantou, cheio de respeito.

— Mas de qualquer maneira é impossível, confesse!…

Vielhtcháninov havia levantado por sua vez.

— Mas sim, Alieksiéi Ivânovitch, é perfeitamente possível. Queria apresentá-lo como um amigo. E depois, já o conhecem lá. Trata-se do conselheiro de Estado, Senhor Zakhliébinin.

— Como!… — disse Vielhtcháninov, com surpresa.

Era o conselheiro de Estado que ele havia inutilmente procurado encontrar dois meses antes e que representava em seu processo a parte adversa.

— É sim, é sim! — disse Páviel Pávlovitch, sorrindo, como se a viva surpresa de Vielhtcháninov lhe desse coragem, — sim, é ele mesmo, você se lembra bem, aquele com quem você conversava quando eu o olhei e parei. Esperava para abordá-lo que você acabasse de falar-lhe. Fomos colegas, há doze anos, e, quando quis abordá-lo, depois de você, não tinha ainda nenhuma ideia… A ideia veio-me de repente, há oito dias.

— Mas, diga-me, então, parece que se trata de gente muito séria — disse Vielhtcháninov, com um espanto ingênuo.

— Sem dúvida, e com isso? — disse Páviel Pávlovitch, fazendo uma careta.

— Oh! nada! não é absolutamente que… é que somente

acreditava ter notado, quando estive em casa deles…

— Oh! eles se recordam muito bem que você foi à casa deles — interrompeu Páviel Pávlovitch, com uma solicitude jovial. — Somente, é que você não viu a família. O pai lembra-se de você e tem-no em grande conta. Falei-lhe de você nos termos mais calorosos.

— Mas como acontece que, viúvo há apenas três meses…

— Oh! o casamento não se realizará imediatamente; somente dentro de nove ou dez meses e então meu luto estará terminado. Fique certo de que tudo correrá muito bem. Em primeiro lugar Fiedossiéi Pietróvitch me conhece desde a infância, conheceu minha mulher, sabe como vivi, conhece toda a minha carreira; e depois, tenho alguma fortuna, e eis que obtenho um lugar com aumento. Tudo vai bem.

— E é sua filha…

— Vou lhe contar tudo isso e também os pormenores — disse Páviel Pávlovitch, com o tom mais amável. — Deixe-me acender um cigarro. E depois, você mesmo verá, hoje. Você sabe, aqui, em Petersburgo, acontece muitas vezes que se avalia a fortuna dos funcionários como Fiedossiéi Pietróvitch segundo a importância de suas funções. Pois bem! além de seus vencimentos e do resto — abonos de toda espécie, gratificações, custeio de alojamento e alimentação, e presentes — ele não tem o menor capital. Vivem muito à larga, não sendo possível economizar, com uma família tão numerosa. Imagine, pois: oito filhas e um filho ainda menino. Se viesse a morrer, não lhes restaria senão uma miserável pensão. E oito filhas! Imagine, pois! Quando é preciso apenas um par de botinas para cada uma, imagine o que isto significa! Cinco estão boas para casar: a mais velha tem vinte e quatro anos (uma encantadora moça, você verá); a sexta tem quinze anos, e está ainda no ginásio. Eis, pois, cinco filhas para as quais é preciso arranjar maridos e não muito tarde demais. O pai precisa levá-las à sociedade e imagine você por quanto sai isto! E depois, eis que, de repente, apresentei-me como pretendente; ele me conhecia desde muito tempo e sabia o estado de minha fortuna… E pronto!

Páviel Pávlovitch havia contado tudo isto com uma espécie de embriaguez.

— Foi a mais velha que você pediu?

— Não… a mais velha, não. Pedi a sexta, a que está ainda no ginásio.

— Como? — exclamou Vielhtcháninov, com um sorriso involuntário. — Mas você acaba de dizer que ela tem quinze anos!

— Quinze anos agora, mas dentro de dez meses terá dezesseis, dezesseis e três meses, e então!… Somente, como não seria conveniente, ela não sabe de nada e está tudo arranjado apenas com os pais… Não acha que tudo isto está muito bem?

— Então, não há nada de decidido?

— Decidido? Sim! Está tudo decidido! Não está bem?

— E ela de nada sabe?

— Quer dizer que, por conveniência, não se lhe fala disso; mas deve suspeitar — disse Páviel Pávlovitch, com um amável piscar de olhos. — Pois bem? Você me fará este favor, Alieksiéi Ivânovitch? — concluiu ele, muito humildemente.

— Mas que quer você que eu vá fazer lá? E depois — acrescentou, muito depressa, — como de toda maneira não irei, é inútil procurar razões que possam levar-me a decidir.

— Alieksiéi Ivânovitch…

— Vejamos, rogo-lhe, Alieksiéi Ivânovitch, sente aqui, perto. Reflita, pois!

Um momento distraído pela tagarelice de Páviel Pávlovitch, sentia-se retomado pela sua antipatia e sua aversão. Mais um pouco e o teria posto na rua. Estava descontente consigo mesmo.

— Vejamos, rogo-lhe, Alieksiéi Ivânovitch. Sente aqui, perto de mim, e não se agite — suplicou Páviel Pávlovitch, com voz

choramingante. — Não, não! — acrescentou, respondendo a um gesto resoluto de Vielhtcháninov. — Não, Alieksiéi Ivânovitch, não recuse assim, definitivamente!… Vejo que você deve ter-me compreendido mal. Sei muito bem que não podemos ser camaradas. Não sou bastante imbecil para não sentir isso. O serviço que lhe peço não o compromete absolutamente para o futuro. Partirei depois de amanhã, para sempre: será como se nada tivesse havido. Será um fato isolado, sem dia seguinte. Vim a você, confiando na nobreza de seus sentimentos que talvez os últimos acontecimentos tenham despertado em seu coração… Vê você com que sinceridade lhe falo? Vai se recusar ainda?

Páviel Pávlovitch estava extremamente agitado. Vielhtcháninov olhava-o com estupefação.

— Você me pede um serviço de tal natureza e insiste de maneira tão premente que me causa necessariamente desconfiança. Quero saber mais.

— O único serviço que lhe peço é que me acompanhe. Na volta vou lhe contar tudo, como a um confessor. Alieksiéi Ivânovitch, tenha confiança em mim!

Mas Vielhtcháninov teimava em recusar. Recusava com tanto mais obstinação quanto sentia subir dentro de si um pensamento penoso, maligno. Germinara subitamente nele, desde que Páviel Pávlovitch começara a falar-lhe de sua noiva: era simples curiosidade, ou algum outro impulso ainda obscuro? O certo era que sentia como que uma tentação de consentir. Quanto mais a tentação crescia, mais se obstinava em resistir-lhe. Mantinha-se sentado, com o rosto entre as mãos, a meditar, e Páviel Pávlovitch insistia, suplicava-lhe, importunava-o de lisonjas.

— Vamos, está bem, irei! — disse Vielhtcháninov, ficando em pé, com uma agitação quase ansiosa.

Páviel Pávlovitch transbordou de alegria.

— Depressa, Alieksiéi Ivânovitch, vista-se!

E girava em torno dele, exultante.

“E por que, afinal, faz ele tanta questão? Homem engraçado!”, pensava Vielhtcháninov.

— E depois, Alieksiéi Ivânovitch, é preciso que você me preste ainda outro serviço. Consinta em dar-me um bom conselho.

— A propósito de quê?

— Eis aqui: é uma grave questão: o meu crepe. Qual é mais conveniente, tirá-lo, ou conservá-lo?

— Como quiser.

— Não, é preciso que você decida. Que faria você no meu lugar? Minha opinião era que, conservando-o, dava prova de constância em minhas afeições e isto me conviria bem.

— É preciso evidentemente tirá-lo.

— É tão evidente assim?… (Páviel Pávlovitch ficou, um momento, pensativo.) — Pois bem! não, preferiria conservá-lo…

— Como quiser! — “Então, não tem ele confiança em mim, isto vai bem”, pensou Vielhtcháninov.

Saíram. Páviel Pávlovitch olhava com satisfação para Vielhtcháninov, que tinha bom aspecto; sentia-se cheio de consideração e respeito. Vielhtcháninov não compreendia nada de seu companheiro, menos ainda de si mesmo. Um carro elegante esperava-os à porta.

— Como, você alugou um carro de antemão? Estava, pois, certo de que eu iria com você?

— Oh! contratei o carro para mim mesmo, mas estava certo de que você consentiria — respondeu Páviel Pávlovitch, no tom de um homem inteiramente satisfeito.

— Diga, então, Páviel Pávlovitch — disse Vielhtcháninov, um pouco nervoso, ao se porem em marcha, — você não está um tanto certo demais a meu respeito?

— Ora, vejamos, Alieksiéi Ivânovitch, não será você que concluirá que sou um tolo — respondeu Páviel Pávlovitch, gravemente, com uma voz forte.

“E Lisa!” — pensou Vielhtcháninov. E logo repeliu esta ideia, como um sacrilégio. Pareceu-lhe, de repente, que se portava de uma maneira mesquinha e miserável; pareceu-lhe que o pensamento que o havia tentado era tão desprezível, tão baixo!… E teve um violento desejo de largar tudo, de saltar para fora do carro, ainda que tivesse de livrar-se de Páviel Pávlovitch à força. Mas este continuou a falar e de novo a tentação apoderou-se de seu coração.

— Alieksiéi Ivânovitch, você entende de joias?

— Que joias?

— Diamantes.

— Entendo.

— Gostaria bem de levar um presente. Aconselhe-me: é preciso ou não?

— Na minha opinião, não é necessário.

— É que eu desejaria tanto! Somente, eis, não sei que comprar. Será preciso comprar o conjunto todo, broche, brincos e pulseira, ou somente um pequeno objeto?

— Quanto você quer gastar?

— Quatrocentos ou quinhentos rublos.

— Diabos!

— Acha que é muito? — perguntou com inquietação Páviel Pávlovitch.

— Leve então uma pulseira de cem rublos.

Isto não satisfazia Páviel Pávlovitch. Queria pagar mais caro e comprar um adereço completo. Manteve-se firme. Pararam diante de

uma loja. Acabaram por comprar uma simples pulseira, não aquela que mais agradava a Páviel Pávlovitch, mas a que Vielhtcháninov escolheu. Páviel Pávlovitch ficou muito descontente quando o comerciante, que havia pedido cento e setenta e cinco rublos, deixou-lhe por cento e cinquenta. Teria de bom grado dado duzentos, se tivessem pedido, tanto desejava pagar caro.

— Não há nenhum inconveniente em que eu dê presentes desde agora — disse ele, solícito, quando se tornaram a pôr em caminho. — Não é gente do grande mundo, é gente muito simples… A idade inocente gosta dos presentes — acrescentou ele com um sorriso malicioso e alegre. — Ainda há pouco, você teve uma surpresa, Alieksiéi Ivânovitch, sou pela inocência. O importante para mim é mas é justamente isto o que me dá tratos à cabeça: essa menina que vai ao ginásio, de pasta debaixo do braço, com seus cadernos e suas penas, ah! ah! ah! Foi isto que me conquistou. Eu, veja você, Alieksiéi Ivânovitch, sou pela inocência. O importante para mim é menos a beleza do rosto que isto. Mocinhas que riem às gargalhadas, num canto, e por quê? Meu Deus! Porque o gatinho saltou da cômoda sobre a cama e rolou como uma bola… A infância cheira a maçã fresca!… Mas, vejamos, é preciso tirar o crepe?

— Como quiser.

— É isso, vou tirar!

Pegou o chapéu, arrancou o crepe e atirou-o na rua. Vielhtcháninov viu em seus olhos como que um claro raio de esperança no momento em que tornou a pôr o chapéu em sua cabeça calva.

“Mas, afinal — pensou ele, com mau humor, — que há de sincero nos ares que ele afeta? Que significa, no fundo, a insistência que pôs em levar-me? Tem verdadeiramente a confiança que diz na generosidade de meus sentimentos? (E esta hipótese causava-lhe quase o efeito de uma ofensa.) Afinal de contas, é um farsante, um imbecil, ou um “eterno marido”? Em todos os casos, é intolerável, afinal!”

## CAPÍTULO XII / *Em casa dos Zakhliébinini*

Os Zakhliébinini eram, com efeito, “gente muito de bem”, como dissera ainda há pouco Vielhtcháninov, e Zakhliébinin era um funcionário sério e respeitável. O que Páviel Pávlovitch contara de seus recursos era igualmente exato: “Vivem à larga, mas se o pai viesse a morrer, não lhes restaria nada”.

O velho Zakhliébinin recebeu Vielhtcháninov com perfeita cordialidade; o “adversário” de outrora logo se tornou excelente amigo.

— Todas as minhas felicitações pelo feliz êxito de seu processo — disse ele, desde as primeiras palavras, com o ar mais afável; — fui sempre por uma solução amigável e Piotr Kárlovitch (o advogado de Vielhtcháninov) é, deste ponto de vista, um homem precioso. Ele lhe fará chegar às mãos sessenta mil rublos, sem barulho, sem adiamentos, sem aborrecimentos. E o negócio poderia arrastar-se ainda por uns três anos!

Vielhtcháninov foi logo apresentado à Senhora Zakhliébinina: era uma mulher madura e gorda, de traços vulgares e fatigados. Depois foi a vez das moças, uma a uma, ou duas a duas. Havia uma turma inteira; Vielhtcháninov contou dez ou doze, depois desistiu. Umas entravam, outras saíam, vizinhas tinham-se juntado às moças da casa. A casa dos Zakhliébinini era um grande edifício de madeira, dum gosto medíocre e estranho, feito de corpos de prédios de diversas épocas. Estava cercada por um grande jardim, para o qual davam três ou quatro outras vilas: o jardim era comum e as moças viviam em vizinhança, em boa amizade.

Vielhtcháninov compreendeu, desde as primeiras palavras, que era esperado e que sua chegada, na qualidade de amigo de Páviel Pávlovitch desejoso de ser apresentado, era um acontecimento. Seu olhar, perito nesta espécie de negócios, percebeu logo em tudo aquilo uma intenção particular: a acolhida excessivamente cordial dos pais, certo ar das moças, e o modo apurado com que trajavam (é verdade que era dia de festa) deram-lhe imediatamente a pensar que Páviel Pávlovitch lhe havia pregado alguma peça e que havia feito ali, a seu

respeito, insinuações que podiam bem ter o ar de tentativas, anunciando-o como um homem “da melhor sociedade”, um solteirão rico, cansado do celibato, e talvez bastante disposto a pôr-lhe fim dum momento para outro e estabelecer-se “sobretudo agora que acabava de receber aquela herança”. Parecia bem que houvesse algo disto no que se referia à mais velha das moças, Katierina Fiedossiéievna, a que tinha vinte e quatro anos, e da qual Páviel Pávlovitch falava como sendo uma pessoa encantadora. Distinguia-se de suas irmãs, por mais apuro no trajar e pelo penteado original que fizera com seus soberbos cabelos. Suas irmãs e as outras moças tinham todas o ar de estar perfeitamente persuadidas de que Vielhtcháninov ali aparecera “por causa de Kátia”. Seus olhares, certas palavras, lançados furtivamente no curso do dia, convenceram-no de que sua hipótese era exata.

Katierina Fiedossiéievna era moça grande e loura, muito forte, de traços extraordinariamente suaves, de caráter manifestamente tranquilo, hesitante, um pouco sem firmeza. “É bem estranho que semelhante moça não se tenha ainda casado — pensou Vielhtcháninov contra sua vontade, olhando-a com verdadeiro prazer. — Não tem dote, é verdade, e engorda muito depressa, mas, no entanto, não faltam os que apreciam esse gênero de beleza…” As irmãs eram todas bastante gentis, e, entre as amigas, notou vários rostos agradáveis, ou até mesmo bem bonitos. Não deixava de sentir algum prazer naquilo; mas viera numa disposição de espírito muito especial.

Nádiejda Fiedossiéievna, a sexta, a ginasiana, a predileta de Páviel Pávlovitch, fazia-se esperar. Vielhtcháninov estava bastante impaciente por vê-la, o que lhe causou surpresa a si próprio e lhe pareceu bastante ridículo. Enfim, chegou ela e sua entrada causou efeito. Vinha acompanhada por uma amiga, uma moreninha nada bonita, de ar vivo e espevitado, Mária Nikítichna, que, manifestamente, causava grande medo a Páviel Pávlovitch. Essa Mária Nikítichna, moça de uns vinte e três anos, risonha e espirituosa, era professora numa casa vizinha. Desde muito tempo tratavam-na, em casa dos Zakhliébinini, como se fosse da família e as moças gostavam muito dela. Era claro que Nádia, sobretudo, não podia passar sem ela.

Vielhtcháninov percebera, desde o primeiro olhar, que as moças estavam todas contra Páviel Pávlovitch, inclusive as vizinhas; não

havia um minuto que Nádia estava presente, quando ficou ele perfeitamente certo de que ela o detestava. Convenceu-se igualmente de que Páviel Pávlovitch não suspeitava disso nem de longe ou não queria percebr. Nádia era incontestavelmente a mais bela de todas as irmãs: era uma moreninha, de ar um tanto selvagem, com uma segurança de niilista; um diabinho de olhar ardente, de sorriso delicado, muitas vezes malicioso, de lábios e dentes admiráveis; delgada e esbelta, com uma expressão altiva e resoluta e ao mesmo tempo com algo de infantil. Cada um de seus passos, cada uma de suas palavras dizia que tinha quinze anos.

A pulseira obteve pouco êxito; o efeito produzido foi até desagradável. Páviel Pávlovitch, assim que ela chegou, aproximara-se dela com o sorriso nos lábios. Deu como pretexto "o grandíssimo prazer que tivera, doutra vez, ouvindo-a cantar aquela encantadora romança ao piano…". Atrapalhou-se, não chegou a concluir sua frase, ficou parado no lugar, aturdido, estendendo o estojo, procurando metê-lo na mão de Nádia. Esta recusou aceitá-lo, corou, confusa, e colérica, retirou sua mão; voltou-se ousadamente para sua mãe, que parecia desconcertada e lhe disse bem alto:

— Não quero, mamãe!

— Aceite e agradeça — disse o pai, num tom calmo e severo, mas ele próprio estava bastante descontente. — Era inútil, verdadeiramente inútil! — disse ele, baixinho, a Páviel Pávlovitch, duma maneira significativa.

Nádia, resignada, tomou o estojo e, de olhos baixos, fez uma reverência infantil, inclinando-se vivamente para vivamente tornar a erguer-se, como movida por uma mola. Uma de suas irmãs aproximou-se para ver a joia; Nádia estendeu-lhe o estojo sem abri-lo, para mostrar que ela mesma não tinha desejo nenhum de olhá-lo. A pulseira passou de mão em mão; todas olharam sem dizer nada, algumas com um sorriso zombeteiro. Somente a mãe disse, com um ar constrangido, que a pulseira era muito bonita. Páviel Pávlovitch tinha vontade de afundar chão abaixo.

Vielhtcháninov tirou toda a gente do embaraço.

Agarrou a primeira ideia que lhe veio e falou, bem alto, com entusiasmo. Cinco minutos depois, todas as pessoas presentes no salão não tinham ouvidos senão para ele. Possuía, de modo admirável, a arte da conversação mundana, a arte de tomar um ar de convicção e de candura e de dar a seus ouvintes a impressão de que os considerava, também eles, como pessoas convencidas e cândidas. Sabia, quando era preciso, parecer o mais feliz e o mais alegre dos homens. Era bastante hábil em colocar no momento preciso uma frase espirituosa e mordaz, uma alusão engraçada, um trocadilho, da maneira mais natural do mundo, sem parecer prestar atenção, mesmo quando a pilhéria era preparada de longa data, sabida de cor e servida desta vez após cem outras. Mas naquele momento, não era mais somente arte; todo o seu natural participava daquilo. Sentia-se inspirado, muito excitado; sentia, com uma certeza plena e triunfante, que lhe bastariam alguns minutos para que todos os olhares estivessem focalizados nele, para que todos não ouvissem senão a ele, não risse mais senão do que ele dissesse. E, com efeito, pouco a pouco, toda a gente entrou na conversa, que ele dirigia com uma mestria perfeita. O rosto fatigado da Senhora Zakhliébinina iluminou-se de satisfação, quase de alegria, e Kátia se pôs a olhar e a escutar, fascinada. Nádia o observava dissimulada: era claro que estava prevenida contra ele, o que não fazia senão estimular a palavra de Vielhtcháninov. A malevolente Mária Nikítichna soubera fazer correr a respeito dele um boato que lhe prejudicava o prestígio: havia afirmado que Páviel Pávlovitch lhe falara na véspera a respeito de Vielhtcháninov como tendo sido seu amigo de infância, o que envelhecia este último de sete anos bem contados. Mas agora, a malevolente Maria também estava sob o fascínio. Páviel Pávlovitch acha-se totalmente aturdido. Dava-se conta do que constituía a superioridade de seu amigo; no começo, estivera encantado com o êxito dele, ele próprio deu risada com os outros e participou da conversação; mas, pouco a pouco, caiu num devaneio, e, finalmente, numa espécie de tristeza que traía claramente sua fisionomia.

— Então o senhor é um visitante com o qual a gente não precisa se preocupar em conseguir distração! — disse, alegremente, o velho Zakhliébinin, levantando para subir a seu quarto, onde o esperavam, se bem que fosse feriado, papéis a examinar. — E imagine que eu o

considerava como o rapaz mais hipocondríaco do mundo! Como a gente se engana!

Havia no salão um piano de cauda. Vielhtcháninov perguntou quem sabia tocar e voltou-se de súbito para Nádia.

— Mas a senhorita canta, creio?

— Quem lhe disse? — replicou ela, secamente.

— Foi Páviel Pávlovitch quem me disse ainda há pouco.

— Não é verdade. Canto por brincadeira. Não tenho nem sombra de voz.

— Mas eu também não tenho voz e canto assim mesmo.

— Então o senhor vai cantar alguma coisa para nós? E depois, por minha vez, eu cantarei alguma coisa para o senhor — disse Nádia, com um clarão nos olhos. — Somente não agora, mas depois do jantar… Não posso suportar a música — ajuntou ela. — Esse piano me aborrece; da manhã à noite só se faz aqui cantar e tocar; somente Kátia entende disso um pouco!

Vielhtcháninov imediatamente pegou-lhe a palavra e toda a gente conveio que Kátia era a única que se ocupava seriamente com música. Logo ele lhe rogou que tocasse alguma coisa. Todos ficaram manifestamente encantados por ele ter se dirigido a Kátia e a mãe corou de prazer. Kátia levantou, sorrindo, dirigiu-se para o piano; e lá, de repente, sem que ela mesma esperasse, sentiu-se corar, e ficou toda confusa por corar assim como uma menininha, ela a grande e forte moça de vinte e quatro anos. E tudo isso pintou-se em seu rosto, enquanto sentava para tocar. Tocou um pequeno trecho de Haydn, corretamente, sem expressão; mas estava intimidada. Quando terminou, Vielhtcháninov louvou, com entusiasmo, não sua maneira de tocar, mas Haydn e aquele pequeno trecho; o prazer que ela sentiu foi tão visível e escutou com um ar tão reconhecido e tão feliz o elogio que ele fazia, não dela, mas de Haydn, que Vielhtcháninov não pôde impedir-se de olhá-la com um olhar mais atento e mais cordial: “Na verdade, és uma excelente moça!”, dizia seu olhar, — e todos

compreenderam de repente seu olhar, mas sobretudo Katierina.

— Que magnífico jardim vocês têm! — disse, dirigindo-se a todas e lançando um olhar para as portas envidraçadas do terraço. — Sabem duma coisa? Vamos todos para o jardim.

— Sim, isto mesmo, para o jardim!

Foi um grito de alegria, como se ele tivesse respondido ao desejo de todos.

Desceu-se, pois, ao jardim, para esperar o jantar. A Senhora Zakhliébinina, que desde muito tempo só desejava uma coisa: fazer sua sesta, teve de sair com todos, mas parou prudente no terraço, onde sentou e adormeceu logo. No jardim, as relações entre Vielhtcháninov e as moças tornaram-se bem depressa completamente familiares e cordiais. Viu logo saírem das vilas vizinhas, para vir juntar-se a eles, dois ou três jovens: um era um estudante, o outro ainda um ginasiano; cada um deles juntou-se à moça por causa da qual viera. O terceiro era um rapaz de vinte anos, de ar sombrio, os cabelos emaranhados, com enormes óculos azuis; pôs-se a conversar em voz baixa, muito depressa, os supercílios franzidos, com Mária Nikítichna e Nádia. Lançou a Vielhtcháninov olhares duros e parecia tomar a respeito dele uma atitude extraordinariamente desdenhosa.

Algumas das moças propuseram jogar imediatamente. Vielhtcháninov perguntou o que elas costumavam jogar; responderam-lhe que jogavam toda espécie de jogos, mas a maior parte das vezes os provérbios. Explicaram-lhe: toda a gente senta, um só se afasta um momento; escolhe-se um provérbio qualquer, e depois, quando se mandou buscar aquele que deve adivinhar, é preciso que cada qual por sua vez lhe diga uma frase em que se encontre uma das palavras do provérbio; o outro deve adivinhar a frase inteira.

— Mas é muito divertido — disse Vielhtcháninov.

— Oh! não! é muito aborrecido — responderam ao mesmo tempo duas ou três vozes.

— E depois, jogamos ainda de teatro — disse Nádia, dirigindo-se

a ele. — Vê lá em baixo aquela grossa árvore cercada de bancos? Os atores estão por trás da árvore, como nos bastidores; cada um sai por sua vez, o rei, a rainha, a princesa, o jovem galã; cada um vem à sua vontade, diz o que lhe passa pela cabeça e sai.

— É encantador! — replicou Vielhtcháninov.

— Oh! não! é muito aborrecido! É sempre divertido no começo, e depois, ninguém sabe mais o que dizer, ninguém sabe acabar. Talvez com o senhor isto saia melhor… Nós havíamos acreditado que o senhor era o amigo de Páviel Pávlovitch, mas vemos bem agora que ele se andou vangloriando. Estou muito contente por ter o senhor vindo… por causa de um negócio… — disse ela, olhando Vielhtcháninov, com um ar sério, insistente. E logo depois correu a juntar-se a Mária Nikítichna.

— Jogaremos esta noite os provérbios — disse em voz baixa a Vielhtcháninov uma amiga que ele mal notara, e que ainda não dissera palavra. — O senhor verá, vamos zombar de Páviel Pávlovitch e o senhor conosco.

— Oh! sim, como fez bem em ter vindo. É sempre tão tedioso aqui em casa — disse outra amiga, que ele também não havia notado, uma ruivinha, toda ofegante por haver corrido.

Páviel Pávlovitch sentia-se cada vez menos à vontade. Vielhtcháninov dava-se o melhor possível com Nádia; ela não mais o olhava de revés, como ainda há pouco, ria com ele, saltava, tagarelava e duas vezes pegou na mão dele; sentia-se absolutamente feliz e prestava tanta atenção a Páviel Pávlovitch como se ele ali não estivesse. Vielhtcháninov estava certo agora de que havia uma conspiração organizada contra Páviel Pávlovitch. Nádia, com uma turma de moças, atraíra Vielhtcháninov para um canto; outro bando de amigas, sob diversos pretextos, arrastava Páviel Pávlovitch para outro, mas este livrava-se delas, corria direto ao grupo em que se encontrava Nádia e Vielhtcháninov, e avançava sua cabeça, calva e inquieta, para escutar o que se dizia. Em breve, nem mesmo compostura pôs nisso e seus gestos e sua agitação eram por vezes duma ingenuidade prodigiosa.

Vielhtcháninov não pôde deixar de observar atentamente Katierina Fiedossiéievna. Via ela agora, sem dúvida alguma, que ele ali comparecera não por causa dela e interessava-se intensamente por Nádia; mas seu rosto permanecia tão suave e tão calmo como antes. Sentia-se, ao que parecia, totalmente feliz por estar junto deles e por ouvir o que dizia o novo visitante; ela própria, a pobre moça, era incapaz de participar habilmente da conversação.

— Que moça excelente é sua irmã Kátia — disse Vielhtcháninov, baixinho, a Nádia.

— Kátia! Mas não é possível ser melhor do que ela! É o anjo entre todas nós e eu a adoro — respondeu ela com entusiasmo.

Às cinco horas, serviu-se o jantar. Evidentemente, tinham sido feitas despesas extraordinárias por causa do hóspede. Acrescentaram-se ao cardápio habitual, dois ou três pratos muito escolhidos; um deles era mesmo tão incomum que ninguém conseguiu comê-lo. Além dos vinhos habituais, serviu-se uma garrafa de Tokai;[11] à sobremesa, a um pretexto qualquer, bebeu-se champanhe.

Depois de ter bebido um pouco mais que de costume, o velho Zakhliébinin estava cheio de animação e ria de tudo quanto dizia Vielhtcháninov. No final, Páviel Pávlovitch não pôde mais conter-se: quis, também ele, produzir seu efeito e lançou um trocadilho. Rebentou logo uma explosão violenta de risadas na extremidade da mesa onde estava ele sentado, perto da Senhora Zakhliébinina.

— *Pápotchka! Pápotchka*!… Páviel Pávlovitch acaba de fazer um trocadilho — gritaram juntas duas mocinhas.

— Ah! ele também faz trocadilhos? Pois então vejamos esse trocadilho! — disse o velho, com sua voz grave, voltando-se para Páviel Pávlovitch e sorrindo complacente de antemão.

— Acaba de dizer que somos umas senhoritas que senhoreamos as almas.

— Ah! era isso então? — disse o velho, sem compreender e sorriu ainda mais afável, na expectativa da graça.

— Ah! papai! Mas então o senhor não compreende? A graça está em que somos umas *senhoritas* que *senhoreiam*!…

— Ah! — exclamou o velho, desconcertado. — Hum! Bem, doutra vez fará ele um melhor — e desatou em franca gargalhada.

— Que quer o senhor, Páviel Pávlovitch? Não se pode possuir todos os talentos ao mesmo tempo — disse bem alto, num tom zombeteiro, Mária Nikítichna. — Ah! meu Deus! Engoliu uma espinha! — exclamou ela, saltando de sua cadeira.

Houve um tumulto geral: era tudo o que ela queria. Páviel Pávlovitch, após o fracasso de seu trocadilho, quisera ocultar sua confusão, esvaziando seu copo e bebera à pressa, engasgando-se. Mas Mária Nikítichna gritava a plenos pulmões que "era mesmo uma espinha de peixe, que estava certa disso e que já se vira muita gente morrer disso".

— É preciso bater-lhe nas costas — disse alguém.

— Sim, sim, perfeitamente — aprovou Zakhliébinin.

E lançaram-se ao desgraçado: Mária Nikítichna, a ruivinha e até a mãe, toda assustada, porfiavam em bater-lhe nas costas.

Páviel Pávlovitch teve de levantar-se da mesa e fugir. Quando voltou, explicou longamente que apenas se engasgara com o vinho. Então, somente, compreendeu-se que tudo aquilo não passara de uma brincadeira de Mária Nikítichna.

— Ah! que travessa que és! — quis dizer severamente a Senhora Zakhliébinina, mas foi ela própria tomada duma risada louca, que nunca lhe tinham ouvido e que causou igualmente seu efeito.

Após a sobremesa saíram todos para tomar o café no terraço.

— Que belos dias! — disse, com efusão, o velho, contemplando o jardim com um olhar cheio de satisfação. — Agora, teríamos necessidade de um pouco de chuva… Bem, vou repousar um pouco. Quanto a vocês, divirtam-se! Vamos, é preciso que te divirtas! — acrescentou ele, batendo no ombro de Páviel Pávlovitch.

Quando tornaram todos a descer ao jardim, Páviel Pávlovitch alcançou Vielhtcháninov e puxou-o pelo braço.

— Um minutinho, rogo-lhe — disse-lhe, em voz baixa, com ar agitado.

Dirigiram-se para um atalho afastado do jardim.

— Não, aqui não o deixarei… ah! não lhe permitirei… — disse ele, sufocando de raiva, apertando-lhe o braço.

— Como? O quê? — perguntou Vielhtcháninov, escancarando os olhos.

Páviel Pávlovitch olhou, sem nada dizer, remexeu os lábios e teve um sorriso de cólera.

— Mas onde estão os senhores? Que fazem? Só estamos à espera dos senhores — gritavam as moças, impacientes.

Vielhtcháninov ergueu os ombros e dirigiu-se para elas. Páviel Pávlovitch seguiu-o.

— Aposto que ele lhe estava pedindo um lenço — disse Mária Nikítichna. — Já da outra vez ele esqueceu o lenço.

— Sempre esquece — disse uma outra.

— Ele esqueceu o lenço? Páviel Pávlovitch esqueceu seu lenço! *Mámienhka*, Páviel Pávlovitch esqueceu o lenço dele de novo! *Mámienhka*, Páviel Pávlovitch está de novo resfriado! — gritava-se de todos os lados.

— Mas por que não disse? Como o senhor é tímido, Páviel Pávlovitch! — suspirou a Senhora Zakhliébinina, com sua voz arrastada. — Não se deve brincar com resfriados… Vou mandar trazer-lhe agora mesmo um lenço… Mas como acontece que esteja sempre resfriado? — acrescentou ela, afastando-se, encantada com aquele pretexto que lhe permitia retirar-se.

— Mas tenho dois lenços e não estou absolutamente resfriado! —

gritou-lhe Páviel Pávlovitch.

Ela não ouviu e, um minuto mais tarde, Páviel Pávlovitch, que procurava acompanhar os outros e não perder de vista Nádia e Vielhtcháninov, viu chegar correndo uma criada, toda resfolegante, trazendo-lhe um lenço.

— Brinquemos, brinquemos, brinquemos de provérbios! — exclamava-se de todos os lados, como se esperassem, Deus sabe o que, com a brincadeira.

Escolheu-se um local e todos sentaram. Mária Nikítichna foi designada a ser a primeira a adivinhar; fizeram-na afastar-se bastante para que nada pudesse ouvir; escolheu-se o provérbio e distribuíram-se as palavras. O provérbio foi: "Um mau sonho roguemos a Deus", que Mária Nikítichna não demorou em adivinhar.

Depois foi a vez do rapaz dos cabelos revoltos e dos óculos azuis. Com ele tomaram maiores precauções, mandando-o para mais longe ainda, perto dum pavilhão, onde ficou de nariz voltado para a parede. O rapaz cumpria sua missão com um ar de altivo desdém; parecia sentir-se um tanto humilhado. Quando o chamaram, não adivinhou nada, fez repetir duas vezes, refletiu demoradamente, com ar sombrio, e não adivinhou mesmo nada. O provérbio a adivinhar era: "A prece feita a Deus, o serviço prestado ao czar, nunca são perdidos".

— Que provérbio estúpido! — murmurou o rapaz, despeitado e descontente, voltando ao seu lugar.

— Ah! como é aborrecido! — exclamaram vozes.

Chegou a vez de Vielhtcháninov; levaram-no mais longe ainda que os outros; também ele não adivinhou nada.

— Ah! que aborrecido isso! — exclamaram vozes, mais numerosas.

— Pois bem, agora é a minha vez — disse Nádia.

— Não, não, é a vez de Páviel Pávlovitch! — gritaram todas as vozes, muito vivamente.

Levaram-no até o fundo do jardim, plantaram-no num canto, de nariz contra a parede e, para que ele não pudesse voltar-se, puseram junto dele uma sentinela, a ruivinha. Tendo Páviel Pávlovitch recuperado um pouco de ânimo, quis cumprir seu dever com perfeita consciência e ficou ali, rígido como um poste, de olhos na parede. A ruivinha vigiava-o a vinte passos de distância e fazia sinais às moças, num estado de agitação extrema; era claro que aguardavam alguma coisa com impaciência. Bruscamente, a ruivinha fez um sinal com os braços. Num piscar de olhos, partiram todas a bom correr.

— Corra, corra também! — disseram a Vielhtcháninov dez vozes inquietas por verem-no permanecer no lugar.

— Mas que é que há? Que é que se passa? — perguntou ele, pondo-se a correr atrás delas.

— Não fale tão alto! Não grite! É preciso deixá-lo de pé, lá em baixo, a fitar sua parede, e fugirmos. Eis Nástia que também foge.

Nástia, a ruivinha, corria desabaladamente, agitando os braços. Em breve, haviam todas fugido até a outra extremidade do jardim, por trás do tanque. Quando Vielhtcháninov lá chegou por sua vez, viu que Katierina fazia vivas censuras às suas companheiras, sobretudo a Nádia e a Mária Nikítichna.

— Kátia, minha pombinha, não te zangues! — dizia Nádia, beijando-a.

— Bem, nada direi a mamãe, mas vou-me embora, porque isso não fica bem. Que haverá de pensar o pobre homem, lá em baixo, diante de sua parede!

Partiu, mas as outras não tiveram compaixão, nem pesar. Insistiram muito vivamente com Vielhtcháninov para que não desse demonstração de nada, quando Páviel Pávlovitch viesse juntar-se a eles.

— E agora, brinquemos todos de quatro cantos! — gritou a ruivinha, toda encantada.

Páviel Pávlovitch esteve lá pelo menos um quarto de hora antes de juntar-se de novo ao grupo; ficara efetivamente mais de dez minutos diante da parede, de pé. Quando chegou, o brinquedo ia em pleno entusiasmo, todas gritavam e riam. Louco de cólera, Páviel Pávlovitch correu direto a Vielhtcháninov e agarrou-lhe o braço.

— Um minutinho, rogo-lhe!

— Ora essa, lá vem ele de novo com seu minutinho!

— Está pedindo mais um lenço! — exclamaram vozes.

— Desta vez foi bem você… foi culpa sua…

Páviel Pávlovitch não pôde dizer mais nada: seus dentes matraqueavam.

Vielhtcháninov aconselhou-o, muito amigavelmente, a mostrar-se mais alegre:

— Se mexem com você, é porque você está de mau humor, quando toda a gente está alegre.

Para grande espanto seu, o conselho que deu levou Páviel Pávlovitch a uma mudança completa de atitude; tornou-se calmo imediatamente, voltou a misturar-se ao grupo, como se aquilo tivesse sido culpa sua e tomou parte em todos os jogos; ao fim de uma meia hora, havia recuperado sua alegria. Em todos os jogos fazia o par, quando tinha lugar, com a ruivinha, ou com uma das Zakhliébininas. O que levou ao cúmulo o espanto de Vielhtcháninov é que nem uma vez sequer dirigiu ele a palavra a Nádia, se bem que se tivesse mantido sempre perto dela. Parecia aceitar sua situação como coisa devida, natural. Mas, para o fim do dia, apresentou-se a ocasião de pregar-lhe uma peça.

Brincava-se de esconder. Era permitido ir esconder-se onde se quisesse. Páviel Pávlovitch, que conseguira dissimular-se numa moita espessa, teve de súbito a ideia de correr a esconder-se na casa. Foi visto e começaram a gritar. Ele subiu a escada, de quatro em quatro, até o sótão; conhecia ali um excelente esconderijo, por trás duma

cômoda. Mas a ruivinha subiu atrás dele, deslizou em pontas de pés até a porta do quarto onde ele estava refugiado e fechou-a à chave. Todos, como haviam feito ainda havia pouco, continuaram a brincar e correram para além do tanque, à outra extremidade do jardim. Ao fim de dez minutos, vendo que não o procuravam mais, Páviel Pávlovitch pôs a cabeça à janela. Ninguém mais! Não ousou chamar, com receio de perturbar os pais; e depois, tinham os criados recebido ordem formal de não aparecer e não responder ao apelo de Páviel Pávlovitch. Somente Katierina o poderia ter socorrido; mas havia entrado para seu quarto e ali adormecera. Assim ele ficou cerca de uma hora. Por fim as moças se mostraram, passaram às duas e às três, como por acaso.

— Páviel Pávlovitch, por que o senhor não veio juntar-se a nós? Se soubesse como é divertido! Brincamos de teatro; Alieksiéi Ivânovitch faz de galã.

— Páviel Pávlovitch, por que não desce? O senhor é muito espantoso! — disseram, passando, outras moças.

— Espantoso, por quê? — ouviu-se de repente a voz da Senhora Zakhliébinina, que acabava de despertar e decidia-se a dar uma volta pelo jardim, aguardando a hora do chá, para ver o brinquedo das "crianças".

— Mas está aí, Páviel Pávlovitch?

E elas lhe mostraram a janela pela qual Páviel Pávlovitch passava a cabeça, com um sorriso constrangido, lívido de raiva.

— Que prazer estranho esse de ficar fechado, sozinho, quando toda a gente se diverte! — disse a mãe, abanando a cabeça.

Durante aquele tempo, Vielhtcháninov vinha a saber de Nádia as razões pelas quais ela se sentira contente por vê-lo aparecer e o grande assunto que a preocupava. A explicação realizou-se numa alameda deserta. Mária Nikítichna fizera sinal a Vielhtcháninov, que tomava parte em todos os jogos e começava a entediar-se fortemente, e conduzira-o àquela alameda, onde o deixou a sós com Nádia.

— Estou inteiramente certa — disse-lhe ela, com voz forte e

precipitada, — de que o senhor não é amigo tão íntimo assim como Páviel Pávlovitch se gabou de ser. O senhor é o único homem que me poderia prestar um serviço de extraordinária importância: eis a odiosa pulseira dele — tirou o estojo do bolso, — peço-lhe da maneira mais insistente que a devolva a ele o mais rápido possível, porque, quanto a mim, não pretendo mais falar com ele, em toda a minha vida. Aliás, o senhor pode dizer-lhe que é da minha parte e rogo-lhe acrescentar que ele não repita a ousadia de se apresentar com presentes. Quanto ao resto, eu o farei saber por outras pessoas. Quer ter a bondade de fazer-me este grande prazer?

— Em nome de Deus, rogo-lhe, dispense-me disso! — respondeu Vielhtcháninov, num grito de aflição.

— Como? Como? Dispensá-lo? — replicou Nádia, toda desconcertada, escancarando os olhos.

Perdeu o aprumo, quase se pôs a chorar. Vielhtcháninov sorriu.

— Não creia que… Eu me sentiria feliz… Mas é que tenho a ajustar umas contas com ele…

— Sabia bem que o senhor não era seu amigo e que ele mentiu! — interrompeu-o Nádia, com vivacidade. — Jamais serei esposa dele, está ouvindo? Jamais! Não compreendo mesmo como ousou ele… Mas, de qualquer modo, é preciso que o senhor lhe devolva esta odiosa pulseira! Se não, que quer que eu faça?… Quero absolutamente que ela seja devolvida hoje mesmo. E depois, se ele vier denunciar-me a papai, verá o que lhe acontecerá!

Nesse momento, surgiu de repente de trás duma moita o rapaz de cabelos revoltos e óculos azuis.

— É preciso que o senhor devolva a pulseira — ele gritou a Vielhtcháninov, com uma espécie de raiva, — ainda que não fosse senão em nome do direito da mulher… se é que o senhor está à altura desse problema!

Não teve tempo de acabar. Nádia agarrou-o violentamente pelo braço e empurrou-o para longe de Vielhtcháninov.

— Meu Deus! Como você é idiota, Priedposílov! — exclamou ela. — Vá-se embora! Vá-se embora e não ouse mais ouvir o que se conversa. Já lhe dei ordem de ficar à distância!…

E bateu com o pé. O rapaz já havia voltado a meter-se atrás de sua moita mas ela continuava a andar para baixo e para cima, fora de si, os olhos cintilantes, os punhos crispados.

— O senhor não imagina a que ponto eles são idiotas! — disse ela, detendo-se, de repente, diante de Vielhtcháninov. — O senhor acha isto ridículo, mas não pode imaginar o que representa para mim!

— Então não é *ele*? — disse Vielhtcháninov, sorrindo.

— Evidentemente não. Como pôde o senhor pensar em tal coisa? — disse Nádia sorrindo, e toda enrubescida. — É apenas amigo dele. Mas como escolhe ele seus amigos! Não compreendo nada. Dizem todos que aquele tal é “um homem de futuro”. Eu não compreendo nada, absolutamente… Alieksiéi Ivânovitch, o senhor é o único homem a quem possa dirigir-me. Vejamos sua última palavra: devolve-lhe a pulseira ou não?

— Pois bem, sim, vou devolvê-la. Dê aqui.

— Ah! o senhor é gentil, o senhor é bom! — exclamou ela, radiante de alegria, entregando-lhe o estojo. — Cantarei para o senhor a noite toda, porque, deve saber, canto muito bem e menti-lhe quando disse que não gostava de música. Ah! se o senhor voltasse outra vez, como eu ficaria contente! Iria lhe contar tudo, tudo, tudo, e lhe diria ainda muitas coisas, porque o senhor é tão bom, tão bom!… tão bom… como Kátia!

Com efeito, quando reentraram para o chá, ela cantou duas romanças, com uma voz ainda pouco formada, mas agradável e já forte. Páviel Pávlovitch estava sentado com os pais junto à mesa de chá, sobre a qual haviam colocado um serviço de velho Sèvres, e onde já fervia um imenso samovar. Ele os entretinha, sem dúvida, com coisas extremamente sérias, pois deveria partir dois dias depois para uma ausência de nove meses. Não prestou nenhuma atenção aos jovens que voltavam do jardim; não lançou nem mesmo um olhar para

Vielhtcháninov. Tinha-se, evidentemente, acalmado e não sonhava mais em queixar-se de sua desdita.

Mas quando Nádia se pôs a cantar, aproximou-se logo. Cada vez que ele lhe dirigiu a palavra, ela fingiu não ouvi-lo; mas ele não se deixou perturbar. Ficou de pé, por trás dela, apoiado no espaldar da cadeira, e toda a sua atitude dizia que aquele lugar era dele e que não o cederia a ninguém.

— Chegou a vez de Alieksiéi Ivânovitch cantar, mamãe. Alieksiéi Ivânovitch vai cantar! — exclamaram em coro as moças, apertando-se em torno do piano, ao passo que Vielhtcháninov tomava lugar ali, muito seguro de si, para acompanhar a si próprio.

Os pais e Katierina Fiedossiéievna, que estava sentada junto deles e servia o chá, aproximaram-se.

Vielhtcháninov escolheu uma romança de Glinka, hoje quase esquecida:

> Quando à hora feliz, os teus lábios abrires
> E falares a mim, mais terna que uma pomba…

Cantava, voltado para Nádia, que se conservava de pé, ao lado dele. Desde muito tempo não tinha mais senão um resto de voz, mas este resto era bastante para provar que deveria ter cantado muito bem. Ouvira aquela romança, vinte anos antes, quando era ainda estudante, da boca do próprio Glinka, numa ceia artística e literária dada por um amigo do compositor. Glinka, naquela noite, cantou e tocou suas obras preferidas. Não tinha mais voz, mas Vielhtcháninov lembrava-se do efeito extraordinário que produzira em particular aquela romança. Um cantor profissional não teria jamais conseguido causar uma impressão tão poderosa. Naquela romança, a paixão cresce e se eleva a cada verso, a cada palavra; a gradação é nela tão forte e tão ligada que a menor nota falsa, a menor falha, que passa despercebida na ópera, rouba ao trecho todo o seu valor e todo o seu alcance. Para cantar aquela coisinha tão simples, mas tão extraordinária, era preciso absolutamente sinceridade, um ímpeto de inspiração, uma paixão verdadeira, ou perfeitamente simulada. De outro modo, não passaria de uma pequena romança qualquer, feia e

até mesmo inconveniente. Não é possível traduzir com tão grande força a tensão extrema da paixão sem provocar aversão, a menos que a sinceridade e a simplicidade de coração salvem tudo.

Vielhtcháninov recordava-se do êxito que lhe valera aquela romança. Imitara o mais que possível a maneira de Glinka e agora ainda, desde a primeira nota, desde o primeiro verso, uma inspiração verdadeira encheu sua alma e passou-lhe à voz. A cada palavra, o sentimento crescia em força e em audácia; para o fim, fez ouvir verdadeiros gritos de paixão; olhando para Nádia com seus olhos cheios de ardor, cantava os derradeiros versos da romança:

> Agora mais audaz, contemplo os olhos teus.
> Meus lábios aproximo e, sem força de ouvir-te,
> Quero os lábios beijar-te, os lábios teus beijar,
> Os lábios teus beijar, os lábios teus beijar!

Nádia tremeu de medo e recuou; um rubor cobriu-lhe as faces e houve como que um clarão que passou de Vielhtcháninov ao rosto dela todo transtornado de confusão e quase de vergonha. Os outros ouvinte ficaram ao mesmo tempo encantados e desconcertados: cada qual parecia dizer que era na verdade fora de lugar cantar daquela maneira e, ao mesmo tempo, todos aqueles jovens rostos e todos aqueles olhinhos brilhavam e cintilavam. O rosto de Katierina Fiedossiéievna estava tão radiante que Vielhtcháninov quase a achou bonita.

— Eis uma bela romança! — murmurou o velho Zakhliébinin, com um pouco de embaraço. — Mas… não será demasiado violenta? É bela… mas violenta…

— É violenta… — quis dizer, por sua vez, sua mulher.

Mas Páviel Pávlovitch não lhe deu tempo de acabar, saltou para a frente como um louco, agarrou Nádia pelo braço e empurrou-a para longe de Vielhtcháninov, plantou-se diante deste, olhou-o com um olhar desvairado, os lábios trêmulos.

— Um minutinho, rogo-lhe — pode dizer por fim.

Vielhtcháninov compreendeu logo que, se tardasse um instante

que fosse, aquele personagem praticaria coisas dez vezes mais absurdas; agarrou-o pelo braço e, sem prestar atenção à surpresa geral, levou-o para o terraço, desceu com ele ao jardim, onde já quase havia anoitecido de todo.

— Você não sabe que precisa partir agora mesmo comigo? — perguntou Páviel Pávlovitch.

— Não sei de nada disso…

— Lembre-se — prosseguiu Páviel Pávlovitch, com raiva, — lembre-se que você insistiu comigo para dizer-lhe *tudo*, sim, sinceramente, até o fim! Lembra-se? Pois bem, o momento chegou… Vamos!

Vielhtcháninov refletiu, olhou ainda uma vez Páviel Pávlovitch e consentiu em partir.

Essa partida imprevista desolou os pais e exasperou as moças.

— Pelo menos, aceitem ainda uma xícara de chá — suplicou a Senhora Zakhliébinina.

— Mas afinal, que tens para te mostrares tão agitado? — perguntou o velho, com um tom severo e descontente, a Páviel Pávlovitch, que sorria e se calava.

— Páviel Pávlovitch, por que leva Alieksiéi Ivânovitch? — gemeram as moças, olhando-o com olhares cheios de furor.

Nádia lançou-lhe um olhar tão duro que ele fez uma careta, mas não cedeu.

— É que, com efeito, Páviel Pávlovitch me prestou o serviço de lembrar-me um negócio extremamente importante, que eu ia esquecer — disse Vielhtcháninov, sorrindo.

Apertou a mão do pai, inclinou-se diante das moças e mais particularmente diante de Kátia, o que chamou ainda a atenção.

— Obrigado por ter vindo ver-nos. Vamos nos sentir sempre

encantados, todos — disse, com insistência, o velho Zakhliébinin.

— Oh! sim, estamos tão encantados… — repetiu a mãe, calorosamente.

— Volte, Alieksiéi Ivânovitch! Volte! — gritavam as moças do alto do patamar, enquanto ele subia no carro com Páviel Pávlovitch.

E uma vozinha acrescentava, mais baixo que as outras:

— Oh! sim, volte, querido, querido Alieksiéi Ivânovitch!

— Esta é a ruivinha — pensou Vielhtcháninov.

## CAPÍTULO XIII / *De que lado pende a balança*

Pensava ainda na lourinha e, no entanto, o pesar e o descontentamento de si mesmo queimavam-lhe o coração desde muito tempo. No curso daquele dia, que, aparentemente, fora tão alegre, a tristeza não o havia deixado. Antes que se pusesse a cantar, não sabia mais como se libertar dela; talvez fosse por esta razão que cantara com tanto entusiasmo.

“E pude abaixar-me a este ponto… a tudo esquecer!”, pensava ele.

Mas logo cortou rente seus remorsos. Parecia-lhe humilhante gemer a respeito de si mesmo; teria cem vezes preferido jogar de imediato sua cólera contra outrem.

— O imbecil! — resmungou ele, com cólera, lançando uma olhadela de viés para Páviel Pávlovitch, sentado, silencioso, a seu lado, no carro.

Páviel Pávlovitch mantinha-se em obstinado silêncio; parecia concentrar-se em si mesmo e preparar-se. De vez em quando, com um gesto impaciente, tirava o chapéu e enxugava a testa com seu lenço.

— Está alagado! — resmungou Vielhtcháninov.

Uma só vez, Páviel Pávlovitch abriu a boca para perguntar ao

cocheiro se a tempestade rebentaria ou não.

— Decerto! E ainda bem! Cozinhou-se o dia inteiro.

Com efeito, o céu ficava negro, raiado por vezes de relâmpagos ainda distantes. Eram dez horas e meia, quando entraram na cidade.

— Acompanho-o à sua casa — disse Páviel Pávlovitch, voltando-se para Vielhtcháninov, quando chegaram bastante perto de sua casa.

— Estou vendo; mas já o previno de que me sinto muito seriamente indisposto.

— Oh! e não me deterei muito tempo!

Quando passaram diante do saguão, Páviel Pávlovitch afastou-se um momento para falar com Mavra.

— Que foi dizer-lhe? — perguntou-lhe, severamente, Vielhtcháninov, quando ele o alcançou e entraram no seu quarto.

— Oh! nada… O cocheiro…

— Fique sabendo que não terá bebida!

O outro não respondeu. Vielhtcháninov acendeu uma vela, Páviel Pávlovitch instalou-se na poltrona. Vielhtcháninov plantou-se diante dele, de cenho franzido.

— Eu também lhe prometi minha derradeira palavra — disse ele, com uma agitação interior que conseguia ainda dominar. — Pois bem, aqui está: estimo que tudo esteja definitivamente regularizado entre nós a tal ponto que não tenhamos mais nada a dizer-nos… Entendeu? Nada mais. E, por conseguinte, o melhor é que você se retire imediatamente, para que eu feche minha porta às suas costas.

— Ajustemos nossas contas, Alieksiéi Ivânovitch! — disse Páviel Pávlovitch, olhando-o, no fundo dos olhos, com uma maneira extremamente suave.

— Como? “Ajustemos nossas contas”? — respondeu Vielhtcháninov, prodigiosamente surpreendido. — Que expressão

estranha!… E que contas?… Ah! é esta, pois, sua “derradeira palavra”, a revelação que você me prometia ainda há pouco?

— É isto mesmo.

— Não temos mais contas a ajustar, há muito tempo que tudo está ajustado! — replicou Vielhtcháninov, com ar altivo.

— Acha mesmo? Acredita nisso — replicou Páviel Pávlovitch, com voz penetrante.

E, ao mesmo tempo, fazia o gesto estranho de juntar as mãos e de levá-las ao peito.

Vielhtcháninov calou-se, e começou a andar para lá e para cá, no quarto. A lembrança de Lisa encheu-lhe o coração. Era como um apelo queixoso.

— Vamos, vejamos, quais são essas contas que você quer ajustar? — disse ele, após um longo silêncio, detendo-se diante dele, com os supercílios contraídos.

Páviel Pávlovitch não havia cessado de acompanhá-lo com o olhar, as mãos juntas contra o peito.

— Não vá mais lá! — disse, em voz quase baixa, suplicante; e levantou-se bruscamente de sua cadeira.

— Como! É isto apenas? — exclamou Vielhtcháninov, com um sorriso mau. — Pelo jeito você me faz caminhar de surpresa em surpresa, hoje! — continuou ele com voz mordaz; depois, bruscamente, mudou de atitude. — Escute — disse ele, com uma expressão de tristeza e de sinceridade profunda, — acho que nunca, em caso algum, me rebaixei como fiz hoje, primeiro, consentindo em acompanhá-lo, e depois comportando-me, ali, como fiz… Tudo isso foi tão mesquinho, tão lamentável… Sujei-me, envileci, deixando-me ir… esquecendo-me… Bem, outra coisa! — Dominou-se de repente. — Escute: hoje você me pegou desprevenido; estava superexcitado, doente… Não preciso na verdade me justificar! Não voltarei lá e, asseguro-lhe, nada tenho ali que me atraia — concluiu resolutamente.

— Sério? De verdade mesmo? — gritou Páviel Pávlovitch, transportado de alegria.

Vielhtcháninov olhou-o com desprezo e se pôs a andar pelo quarto.

— Vamos, você parece bem resolvido a fazer sua felicidade a qualquer preço! — não pôde impedir-se de dizer por fim.

— Oh! sim — disse Páviel Pávlovitch, suavemente, com um ímpeto ingênuo.

"É um grotesco — pensou Vielhtcháninov, — e só é mau à força de tolice; mas nada tenho com isso, e, de todas as maneiras, não posso deixar de odiá-lo… embora nem mesmo isto mereça!"

— Veja você, sou um "eterno marido"! — disse Páviel Pávlovitch, com um sorriso submisso e resignado. — Há muito tempo que conhecia sua expressão, Alieksiéi Ivânovitch; isto remonta à época em que vivemos juntos em T***. Retive muitas daquelas frases que você gostava de oferecer no decorrer daquele ano. Da outra vez, quando você falou aqui de "eterno marido", compreendi muito bem.

Mavra entrou, trazendo uma garrafa de champanhe e dois copos.

— Perdoe-me, Alieksiéi Ivânovitch! Você sabe que não posso passar sem isto. Não se zangue, se me permiti… Veja, estou muito abaixo de você, muito indigno de você.

— Está bem! — disse Vielhtcháninov, com desgosto. — Mas asseguro-lhe que me sinto muito doente.

— Oh! não demorará muito… é negócio de um minuto — respondeu o outro, prontamente. — Apenas um copo, um copinho, porque tenho a garganta…

Esvaziou seu copo dum trago, glutonamente, e tornou a sentar, contemplando Vielhtcháninov com uma espécie de ternura. Mavra saiu.

— Que asco! — murmurou Vielhtcháninov.

— Veja você, a culpa é de suas amigas — Páviel Pávlovitch começou a falar, de repente, com calor, completamente reanimado.

— Como? O quê? Ah! sim! Você sonha sempre com essa história…

— A culpa é de suas amigas! É ainda tão jovem! Só pensa em fazer loucuras, para divertir-se!… É mesmo muito gentil!… Mais tarde, será outra coisa. Estarei a seus pés, vou rodeá-la de pequeninos cuidados, vai se ver cercada de respeito. E depois, a sociedade… afinal, terá tempo de se transformar.

“Seria preciso, no entanto, entregar-lhe a pulseira!”, pensou Vielhtcháninov, bastante preocupado, tateando o estojo no fundo de seu bolso.

— Você dizia ainda há pouco que estou resolvido a fazer ainda uma vez a minha felicidade. Pois bem, sim, Alieksiéi Ivânovitch, preciso absolutamente casar — prosseguiu Páviel Pávlovitch, com uma voz comunicativa, um pouco perturbada, — senão, o que é que eu vou virar? Você mesmo bem vê!… — E mostrava a garrafa com o dedo. — E não é esta senão a menor de… minhas qualidades. Não posso, absolutamente, viver sem uma mulher, sem uma afeição, sem uma adoração. Adorarei e serei salvo.

“Mas por que diabo me comunicar tudo isso?”, esteve a ponto de gritar Vielhtcháninov, que tinha dificuldade em não estourar de rir; mas conteve-se: teria sido demasiado cruel.

— Mas afinal — exclamou ele, — diga-me por que me levou lá à força. Em que poderia servi-lo?

— Era para fazer uma prova — disse Páviel Pávlovitch, todo constrangido.

— Que prova?

— Para experimentar o efeito… Veja você, Alieksiéi Ivânovitch, — não faz uma semana que vou lá na qualidade de… (estava cada vez mais comovido). Ontem o encontrei e disse a mim mesmo: “Jamais a

vi numa reunião de estranhos, quero dizer, com outros homens que não eu…” Era uma ideia estúpida, vejo-o bem agora; era totalmente supérfluo. Mas o quis a qualquer preço. A culpa é do meu desgraçado caráter…

E, ao mesmo tempo, levantou a cabeça e corou.

“Seria verdade tudo isso?”, pensou Vielhtcháninov, espantado.

— Pois bem, e então? — disse, em voz alta.

Páviel Pávlovitch sorriu, suave e astutamente.

— Tudo isso são criancices, é uma criatura bem gentil! A culpa é toda das amigas!… É preciso que você me perdoe a conduta estúpida para com você, durante todo este dia. Isto não acontecerá mais, nunca mais.

— A mim também, isto não me acontecerá mais… Não irei mais lá — disse Vielhtcháninov, sorrindo.

— É também meu desejo.

Vielhtcháninov inclinou-se um pouco.

— Mas afinal, não sou eu só no mundo, há outros homens! — disse ele, vivamente.

Páviel Pávlovitch corou de novo.

— Você me causa pesar, Alieksiéi Ivânovitch, e tenho tanta estima, tanto respeito por Nádiejda Fiedossiéievna…

— Perdoe-me, perdoe-me, não tinha a intenção de nada insinuar… somente acho um pouco surpreendente que você tenha dado tanta importância aos meus meios de agradar… e… que tenha tão francamente confiado em mim…

— Sim, confiei. É porque isto acontecia após tudo quanto se havia passado outrora.

— Então você ainda me considera como um homem de honra? —

perguntou Vielhtcháninov, parando, de súbito, diante dele.

Num outro momento, ficaria aterrorizado por deixar escapar uma pergunta tão ingênua, tão imprudente.

— Jamais cessei de o considerar assim — respondeu Páviel Pávlovitch, baixando a vista.

— Sim, sem dúvida, certamente… não é isto que eu queria dizer… queria perguntar-lhe se você não tem mais a mínima… a mínima prevenção?

— Nenhuma.

— E quando chegou a Petersburgo?

Vielhtcháninov não pôde evitar fazer-lhe esta pergunta, mesmo sentindo ele próprio a que ponto sua curiosidade era prodigiosa.

— Quando cheguei a Petersburgo, tinha-o pelo homem mais honrado do mundo. Sempre o estimei, Alieksiéi Ivânovitch.

Páviel Pávlovitch ergueu a vista e fitou-o, francamente, sem a menor perturbação. Vielhtcháninov, de repente, teve medo: não queria por coisa alguma do mundo que surgisse qualquer desavença, por ele mesmo causada.

— Gostei muito de você, Alieksiéi Ivânovitch — disse Páviel Pávlovitch, como se, de repente, se decidisse, — sim, gostei muito de você, durante todo o nosso ano em T***. — Você não prestou atenção — continuou, com uma voz um pouco trêmula que aterrorizou Vielhtcháninov, — eu era muito pouca coisa junto de você, para que você me prestasse atenção. E depois, talvez fosse isso melhor. Durante todos esses nove anos, lembrei-me de você, porque jamais tive na minha vida outro ano como aquele. — Seus olhos brilhavam estranhamente. — Retive as expressões e as ideias que lhe eram familiares. Sempre me lembrei de você como de um homem dotado de bons sentimentos, dum homem culto, notavelmente culto e cheio de inteligência. “Os grandes sentimentos partem menos de um grande espírito que dum grande coração.” Era o que você dizia e talvez tenha

esquecido, mas eu, eu me lembro. Sempre o considerei um homem de um grande coração e acreditei… apesar de tudo…

Seu queixo tremia. Vielhtcháninov estava espantado. Era preciso, custasse o que custasse, pôr fim àquelas expansões inesperadas.

— Basta, rogo-lhe, Páviel Pávlovitch — disse ele, com uma voz surda e fremente, corando, — por que, por que — elevou, de súbito a voz até gritar, — por que ligar-se assim a um homem doente, abalado, a dois dedos do delírio, e arrastá-lo assim em todas essas trevas… quando tudo isso não é senão fantasma, ilusão, mentira, vergonha, falsidade… e sem nenhuma medida… sim, está nisso o essencial, e na verdade o mais vergonhoso é que em tudo isto somos, você e eu, homens, viciosos, dissimulados e vis… E quer que lhe prove imediatamente, não só que você não gosta de mim, mas que me odeia com todas as suas forças e que mente e que não se dá conta disso? Veio aqui buscar-me, levou-me lá, de modo algum para fazer o que diz, para experimentar sua noiva… Será que tal ideia possa ter entrado na cabeça de um homem? Não, a verdade é bem mais simples: você me viu ontem, e a cólera tornou a dominá-lo, e levou-me para que eu a visse e para dizer-me: "Tu a vês como ela é! Pois bem, será minha; vem, pois, aqui agora!…" Você me desafiou!… Quem sabe? Você mesmo talvez não o soubesse, mas é bem isto, porque foi isso que você sentiu… E para lançar um desafio semelhante, é preciso ódio: isto mesmo, você me odeia!

Corria pelo quarto, gritando tudo isto e sentia-se contrariado, ofendido, humilhado sobretudo à ideia de que assim se rebaixava até Páviel Pávlovitch.

— Queria fazer as pazes com você, Alieksiéi Ivânovitch! — disse ele, de repente, com uma voz decidida, mas curta e ofegante; e seu queixo recomeçou a tremer.

Um furor selvagem apoderou-se de Vielhtcháninov, como se acabasse ele de sofrer a mais terrível das injúrias.

— Repito-lhe ainda uma vez — urrou ele, — que você se agarrou a um homem doente, demolido, para arrancar-lhe, no delírio, não sei qual palavra que ele não quer dizer-lhe!… Vamos, pois!… não somos

pessoas do mesmo mundo, compreenda isso, e, em seguida… há, depois, entre nós, um túmulo! — ele acrescentou, gaguejando de raiva. Lembrava-se de repente.

— E como pode você saber… — O rosto de Páviel Pávlovitch decompôs-se subitamente e tornou-se palidíssimo, — como pode você saber o que representa para mim esse pequeno túmulo, aqui, aqui dentro! — gritou ele, caminhando para Vielhtcháninov e batendo com o punho no peito, num gesto ridículo, mas terrível. — Conheço esse pequeno túmulo e estamos nós, você e eu, de pé, dos dois lados; somente, de meu lado há mais do que do seu, sim, bem mais… — balbuciou ele, como em delírio, continuando a bater com o punho no peito, — sim, bem mais, bem mais…

Um toque de campainha violento chamou-os bruscamente a si. Soava tão forte que parecia quererem arrancar o cordão dum só golpe.

— Não se toca em minha casa de tal maneira — disse Vielhtcháninov, mal-humorado.

— Não é, no entanto, em minha casa — balbuciou Páviel Pávlovitch, que, num abrir e fechar de olhos, tornara a dominar-se e reassumira as atitudes anteriores.

Vielhtcháninov franziu o cenho e foi abrir.

— O Senhor Vielhtcháninov, se não me engano? — disse, no patamar, uma voz jovem, sonora e perfeitamente segura de si mesma.

— Que deseja?

— Sei de maneira positiva — prosseguiu a voz sonora, — que se acha em sua casa, no momento, um tal Trusótski. Tenho necessidade de vê-lo imediatamente.

Vielhtcháninov teria tido grande prazer em atirar pela escada, com um bom pontapé, o senhor tão seguro de si mesmo. Mas refletiu, afastou-se e deixou-o passar:

— Aí está o Senhor Trusótski. Entre.

Entrou no quarto. Era um rapaz bem novo, de dezenove anos, ou menos talvez, tão moço parecia seu rosto bonito, altivo e ousado. Estava muito bem trajado; pelo menos tudo quanto usava ia-lhe muito bem; estatura um pouco acima da média; cabelos negros em longos cachos espessos e grandes olhos atrevidos e escuros davam uma expressão singular à sua fisionomia. O nariz era um tanto largo e arrebitado; não fosse esse nariz, seria muito bonito. Entrou, com ar importante.

— É sem dúvida o Senhor Trusótski a quem tenho ocasião de falar — e apoiou com satisfação particular a palavra "ocasião", para dar a entender que não achava que aquela conversa lhe causasse honra ou prazer.

Vielhtcháninov começava a compreender e Páviel Pávlovitch parecia suspeitar de alguma coisa. Certa inquietação pintava-se em seu rosto; no mais, dominava-se.

— Como não tenho a honra de conhecê-lo — respondeu ele tranquilamente, — não suponho que possamos ter algo a resolver juntos.

— Comece por ouvir-me e depois dirá o que lhe agradar — disse o rapaz com prodigiosa segurança.

Em seguida pôs os óculos de ouro que pendiam dum fio de seda e olhou a garrafa de champanhe colocada em cima da mesa. Depois de haver suficientemente observado a garrafa, tirou os óculos e voltou-se de novo para Páviel Pávlovitch, dizendo:

— Alieksandr Lóbov.[12]

— Quem é que é Alieksandr Lóbov?

— Sou eu. Não conhece meu nome?

— Não.

— De fato, como o haveria de conhecer?! Venho para tratar dum

negócio importante, que lhe diz particularmente respeito; mas em primeiro lugar permita-me sentar. Estou fatigado…

— Então sente — disse Vielhtcháninov.

Mas o rapaz já estava sentado antes que o tivessem convidado a isso. Apesar do sofrimento que lhe dilacerava o peito, Vielhtcháninov tomava interesse por aquele jovem insolente. Naquele gracioso rosto de adolescente, havia como que um ar de semelhança longínqua com Nádia.

— Tome assento também — disse o rapaz a Páviel Pávlovitch, apontando-lhe, negligentemente, com uma inclinação de cabeça, uma cadeira à sua frente.

— Não, ficarei de pé.

— O senhor se cansará… E o senhor, Senhor Vielhtcháninov, poderá ficar.

— Não tenho motivo algum para retirar-me. Estou em minha casa.

— Como quiser. De resto, desejo que o senhor assista à explicação que vou ter com esse senhor. Nádiejda Fiedossiéievna falou-me do senhor em termos extremamente lisonjeiros.

— Deveras? E quando então?

— Logo depois de sua partida. Venho de lá agora. Eis o negócio, Senhor Trusótski — disse ele, voltando-se para Páviel Pávlovitch, que ficara de pé, e falava entre dentes, displicentemente, estendido em sua poltrona. — Há muito tempo que nos amamos, Nádiejda Fiedossiéievna e eu, e que demos nossa palavra um ao outro. O senhor meteu-se entre nós. Vim convidá-lo a dar o fora. Está disposto a retirar-se?

Páviel Pávlovitch estremeceu; empalideceu e um sorriso mau desenhou-se em seus lábios.

— Não estou absolutamente disposto a isto — respondeu ele,

nitidamente.

— Então, está bem! — disse o rapaz, refestelando-se na poltrona e cruzando as pernas.

— E depois, vejamos, nem sei mesmo a quem falo — disse Páviel Pávlovitch. — Acho que esta conversa durou demais.

Então, achou bom sentar, por sua vez.

— Bem lhe dizia que o senhor se fatigaria — notou negligentemente o rapaz. — Tive ocasião de dizer-lhe, há um momento apenas, que me chamo Lóbov e que Nádiejda Fiedossiéievna e eu demos nossa palavra um ao outro; por conseguinte, não pode o senhor pretender, como acaba de fazê-lo, não saber com quem trata; não pode, ainda mais, ser de opinião de que não temos mais nada a dizer-nos. Não se trata de mim; trata-se de Nádiejda Fiedossiéievna que o senhor importuna de uma maneira impudente. O senhor está vendo que há matéria para explicação.

Disse tudo isto entre dentes, como um jovem presunçoso, dignando-se apenas articular suas palavras; quando acabou de falar, tornou a pôr os óculos e fez semblante de olhar muito atentamente alguma coisa, não importava o quê.

— Perdão, rapaz… — exclamou Páviel Pávlovitch, todo agitado.

Mas o “rapaz” deteve-o imediatamente.

— Em qualquer outra circunstância, eu o teria absolutamente proibido de me chamar “rapaz”, mas no caso presente o senhor mesmo haverá de reconhecer que minha juventude constitui, precisamente, se me comparam com o senhor, minha principal superioridade; o senhor há de convir que hoje, por exemplo, quando o senhor ofereceu sua pulseira, teria dado muito para possuir uma migalha de mais juventude!

— Oh! que descaro! — murmurou Vielhtcháninov.

— Em todo o caso, senhor — continuou Páviel Pávlovitch, com dignidade, — os motivos que invoca, e que, pela minha parte, julgo

dum gosto duvidoso e perfeitamente inconvenientes, não me parecem de natureza a justificar uma conversa mais prolongada. Tudo isso não passa de criancice e de tolice. Amanhã irei ter com Fiedossiéi Siemiônovitch. Mas agora lhe rogo que me deixe em paz.

— Mas vejam só a dignidade desse homem! — gritou o rapaz para Vielhtcháninov, perdendo o seu belo sangue-frio. — Expulsam-no de lá, estirando-lhe a língua. Acredita o senhor que ele vai dar-se por satisfeito? Ah! isto é que não! Irá amanhã contar tudo ao pai. Não é isto a prova, homem desleal que o senhor é, de que quer obter a moça à força, que pretende comprá-la a pessoas a quem a idade privou do espírito, e que aproveitam da barbaria social para dispor dela à fantasia deles?… Ela, no entanto, já lhe testemunhou suficientemente o seu desprezo. Não lhe devolveu hoje mesmo seu estúpido presente, sua pulseira?… Que é que precisa mais?

— Ninguém me devolveu pulseira alguma… não é possível — disse Páviel Pávlovitch, estremecendo.

— Como não é possível? Será que o Senhor Vielhtcháninov não a devolveu ao senhor?

“Que o diabo o carregue!”, pensou Vielhtcháninov.

— Com efeito — disse ele, em voz alta, com ar sombrio, — Nádiejda Fiedossiéievna encarregou-me hoje de entregar-lhe este estojo, Páviel Pávlovitch. Não queria encarregar-me disso; ela, porém, insistiu… Aqui está… Lamento muito…

Tirou o estojo de seu bolso e estendeu-o, com ar embaraçado, a Páviel Pávlovitch, que permanecia estupefato.

— Por que ainda não o tinha devolvido? — disse severamente o rapaz, voltando-se para Vielhtcháninov.

— Não tinha tido, na verdade, ocasião — disse este, de mau humor.

— É estranho.

— O quê?

— É pelo menos estranho, convenha… Enfim, quero bem crer que não há em tudo isto senão um mal-entendido.

Sentiu Vielhtcháninov um desejo violento de levantar no mesmo instante e ir puxar as orelhas do rapazola; mas disparou, malgrado seu, numa estrondosa gargalhada. O rapaz pôs-se a rir imediatamente. Somente Páviel Pávlovitch não ria. Se Vielhtcháninov tivesse reparado no olhar que ele lhe deitou, enquanto estavam ali os dois a rir, teria compreendido que aquele homem se transformava naquele momento numa fera perigosa… Vielhtcháninov não viu aquele olhar, mas compreendeu que era preciso ir em socorro de Páviel Pávlovitch.

— Escute, Senhor Lóbov — disse ele, num tom cordial, — sem julgar o resto do negócio, com o qual não me quero meter, chamo sua atenção para o fato que Páviel Pávlovitch, procurando para si a mão de Nádiejda Fiedossiéievna, tem a seu favor, em primeiro lugar, o consentimento daquela honrada família; em segundo lugar, uma posição distinta e considerável, e por fim, uma bela fortuna; que, por conseguinte, está no direito de ficar surpreendido com a rivalidade de um homem tal como o senhor, de um homem admiravelmente dotado talvez, mas enfim de um homem tão jovem a ponto de ninguém poder tomá-lo por um rival sério… E, por conseguinte, tem razão para pedir-lhe que dê por terminado o assunto.

— Que entende o senhor com esse “tão jovem”? Tenho dezenove anos há um mês. Tenho desde muito tempo a idade legal para casamento. Eis tudo.

— Mas afinal que pai se decidiria a dar-lhe hoje sua filha, ainda mesmo quando estivesse o senhor destinado a ser mais tarde milionário, ou a tornar-se um benfeitor da humanidade? Um homem de dezenove pode apenas responder por si mesmo e o senhor quereria, de coração alegre, encarregar-se do futuro duma outra criatura, do futuro duma criança tão criança como o senhor?… Vejamos, pense nisso, não parece de todo nobre… Se me permito falar-lhe assim, é que o senhor mesmo, ainda há pouco, me invocou como árbitro entre Páviel Pávlovitch e o senhor.

— Ah! é então Páviel Pávlovitch que ele se chama? — disse o

rapaz. — Por que então imaginava eu que se tratava de Vassíli Pietróvitch?… Na verdade — e voltou-se para Vielhtcháninov, — suas palavras não me surpreendem absolutamente nada. Sabia bem que os senhores todos são os mesmos! É, no entanto, curioso, que me tenham falado do senhor como dum homem um tanto moderno… De resto, tudo isso não passa de tolices. A verdade é esta: bem longe de ter-me conduzido mal em todo este negócio, como o senhor se permitiu dizer, foi justamente o contrário, como espero fazer que o senhor compreenda. Em primeiro lugar, demo-nos nossa palavra um ao outro; além disso, prometi-lhe, formalmente, na presença de duas testemunhas, que se ela viesse a amar um outro, ou se ela se sentisse levada a romper comigo, eu me reconheceria sem hesitar culpado de adultério, para lhe fornecer um motivo de divórcio. Não é tudo: como é preciso prever o caso em que eu me desdiria e em que recusaria fornecer-lhe esse motivo, no dia mesmo do casamento, para assegurar seu futuro, lhe entregaria uma promissória de cem mil rublos, de maneira que, se eu teimasse e faltasse a meus compromissos, poderia ela protestar minha promissória, correndo eu o risco de ser preso! Assim tudo está previsto, não ficando comprometido o futuro de ninguém. É este o primeiro ponto.

— Aposto que foi Priedposílov que lhe sugeriu esta combinação — disse Vielhtcháninov.

— Ah! ah! ah! — riu sarcasticamente Páviel Pávlovitch.

— Que é que diverte tão grandemente esse senhor?… O senhor adivinhou certo, é uma ideia de Priedposílov, e reconheça que é bem achada. Desta maneira, nossa absurda legislação torna-se totalmente impotente contra nós. Naturalmente, estou bem decidido a amá-la para sempre e ela só faz rir dessas precauções. Mas, enfim, reconheça que tudo isto está hábil e generosamente combinado e que nem toda gente agiria de tal forma.

— Na minha opinião, não somente o processo carece de nobreza, mas é totalmente vil.

O rapaz ergueu os ombros.

— Seu sentimento não me surpreende absolutamente — disse ele,

após uma pausa. — Há muito tempo que deixei de me espantar de tudo isso. Priedposílov lhe diria sem mais que sua inteligência completa das coisas mais naturais provém do fato de terem sido seus sentimentos e suas ideias completamente pervertidos pela existência ociosa e estúpida que tem levado… De resto, é possível que não nos compreendamos mesmo um ao outro. No entanto, falaram-me do senhor em muito bons termos… Mas o senhor já passou dos cinquenta?

— Se quiser, voltemos ao nosso negócio.

— Desculpe minha indiscrição e não se ofenda… foi sem a menor intenção… Continuo… Não sou absolutamente o futuro milionário que o senhor teve o prazer de imaginar… o que é uma ideia bem singular!… Sou o que o senhor vê, mas tenho uma confiança absoluta no meu futuro. Não serei de forma alguma um herói, nem um benfeitor da humanidade, mas assegurarei a existência de minha mulher e a minha… Para ser exato, não tenho na hora presente um vintém sequer. Fui educado por eles desde minha infância…

— Como assim?

— Sou o filho dum parente longe da Senhora Zakhliébinina. Quando fiquei órfão, aos oito anos, recolheram-me em sua casa e, mais tarde, puseram-me no ginásio. O pai é um homem de bem, peço-lhe que acredite.

— Bem sei.

— Sim; apenas ficou velho, é retrógrado. Aliás, um homem de bem. Há muito tempo que me libertei de sua tutela, para ganhar eu mesmo minha vida e nada dever senão a mim.

— Desde quando? — perguntou, cheio de curiosidade, Vielhtcháninov.

— Vai fazer em breve quatro meses.

— Oh! agora se torna tudo claro: vocês são amigos de infância!… E está empregado?

— Sim, tenho um emprego provisório, em casa de um tabelião: vinte e cinco rublos por mês. Mas devo dizer-lhe que não ganhava nem mesmo isto, quando fiz meu pedido. Estava então na estrada de ferro, onde me pagavam dez rublos. Mas tudo isto é provisório.

— Então, o senhor fez seu pedido à família?

— Sim, com todas as formalidades, há muito tempo, há bem umas três semanas.

— E que lhe disseram?

— O pai começou rindo às gargalhadas, depois zangou-se, ficou vermelho de raiva. Fecharam Nádiejda num quarto do sótão. Ela, porém, não fraquejou, mostrou-se heroica. De resto, se não logrei êxito junto ao pai foi porque tem ele velha rixa comigo. Não me perdoa ter eu largado um lugar que me arranjou no ministério onde trabalha, isto há quatro meses, antes de minha entrada para a estrada de ferro. É um velho. Está de miolo mole. Oh! repito, na sua família é simples e encantador; mas no seu escritório, o senhor nem pode imaginar! Ali se assenta como um Júpiter! Dei-lhe a entender, muito claramente, que suas maneiras não me agradavam; mas o caso que pôs fogo à pólvora aconteceu por culpa de seu secretário. Esse senhor teve o atrevimento de ir queixar-se de que me mostrara grosseiro para com ele, quando me havia eu limitado a dizer que ele era um retrógrado. Mandei-os passear aos dois e agora me encontro na casa do tabelião.

— O senhor era bem pago no ministério?

— Oh! eu era supranumerário!… Era o velho quem me dava o de que eu necessitava. Repito, um homem decente… Mas eis aqui! não somos dos que cedem… Certamente, vinte e cinco rublos estão longe de ser suficientes; mas conto que em breve vão me empregar para pôr em ordem os negócios do Conde Zaviliéiski. Estão muito complicados. Então terei três mil rublos para começar; é mais do que ganha um homem de negócios matriculado. Estão tratando disso agora mesmo… Diabos! Que trovão! A tempestade se aproxima. Foi uma sorte ter chegado aqui antes que ela rebentasse. Vim de lá a pé, corri quase todo o tempo.

— Desculpe-me, mas então se não mais o recebem na família, como pôde o senhor encontrar-se e conversar com Nádiejda Fiedossiéievna?

— Ora essa! Pode-se conversar por cima do muro!… Notou a ruivinha? — disse ele, sorrindo. — Pois bem! está completamente de nosso lado. E Mária Nikítichna também. É uma verdadeira serpente aquela Mária Nikítichna… Para que faz essa careta? Tem medo do trovão?

— Não, estou doente, muito doente…

Vielhtcháninov acabava de sentir uma dor súbita no peito. Pôs-se em pé e caminhou pelo quarto.

— Neste caso, estou incomodando… Não se constranja, vou-me embora agora mesmo.

E o rapaz levantou-se de seu lugar.

— O senhor não me incomoda absolutamente, não é nada — disse, muito mansamente, Vielhtcháninov.

— Não é nada, não é nada, como diz Kobílhnikov, quando tem dor de barriga… Lembra-se, em Chtchedrin.[13] Gosta de Chtchedrin?

— Sem dúvida!

— Eu também… Pois bem! Vassíli… perdão! Páviel Pávlovitch, acabemos com isso! — retomou ele, voltando-se para Páviel Pávlovitch, muito amavelmente, com um sorriso. — Para que o senhor compreenda melhor, faço-lhe ainda uma vez a pergunta, muito nitidamente: consente em renunciar amanhã, oficialmente, na presença dos pais e na minha presença, a todas as suas pretensões a Nádiejda Fiedossiéievna?

— Não consinto em nada, absolutamente — disse Páviel Pávlovitch, levantando-se, com impaciência e cólera, — e rogo-lhe, ainda uma vez, que me deixe em paz… porque tudo isso não passa de uma infantilidade e de uma tolice.

— Tome cuidado! — respondeu o rapaz, com um sorriso arrogante, ameaçando-o com o dedo. — Não faça cálculos falsos!… O senhor sabe aonde pode levá-lo um erro semelhante em seus cálculos? Previno-o de que, dentro de nove meses, depois que o senhor tiver despendido muito dinheiro, que tiver passado por muitos incômodos, ao voltar, estará certamente obrigado a renunciar espontaneamente a Nádiejda Fiedossiéievna. E se então não renunciar a ela, as coisas ficarão más para o senhor… Eis o que o espera, se o senhor se obstinar!… Devo preveni-lo de que o senhor desempenha atualmente o papel do cão que defende o feno, perdoe, é apenas uma comparação — nem o come, nem deixa os outros comerem! Repito-lhe caridosamente: reflita, trate de refletir seriamente, pelo menos uma vez em sua vida.

— Rogo-lhe que me faça o obséquio de poupar-me sua lição de moral! — gritou Páviel Pávlovitch, furioso. — E quanto às suas confidências comprometedoras, desde amanhã tomarei medidas, e medidas radicais!

— Minhas confidências comprometedoras? Que quer dizer com isso? O senhor é que é um indecente, se semelhantes coisas lhe vêm à cabeça. De resto, aguardarei até amanhã; mas se… Bem! Ainda o trovão!… Adeus. Encantado por tê-lo conhecido — disse ele a Vielhtcháninov.

E tratou de sair, apressado em adiantar-se à tempestade e evitar a chuva.

## Capítulo XV / *Ajuste de contas*

— Você viu? Você viu? — exclamou Páviel Pávlovitch, saltando para o lado de Vielhtcháninov, assim que o rapaz saiu.

— Ah! sim! você não tem sorte! — disse Vielhtcháninov.

Não teria deixado escapar tal frase, se não o exasperasse a dor crescente que lhe torturava o peito. Páviel Pávlovitch estremeceu como se sentisse uma queimadura.

— Pois bem, e o seu papel em tudo isso? Foi sem dúvida por compaixão por mim que não me devolveu a pulseira, hem?

— Não tive tempo…

— Foi porque me lamentava de todo o coração, como um verdadeiro amigo lamenta um verdadeiro amigo?

— Pois bem, seja! Eu o lamentava — disse Vielhtcháninov, começando a zangar-se.

Entretanto, contou-lhe em algumas palavras como fora forçado a aceitar a pulseira, como Nádiejda Fiedossiéievna o havia constrangido a meter-se naquele negócio…

— Você há de bem compreender que eu não queria esse encargo de modo algum. Não me faltam aborrecimentos, para arranjar ainda outros!

— Você deixou-se enternecer e aceitou! — riu com escárnio Páviel Pávlovitch.

— Você bem sabe que o que está dizendo é estúpido; mas é preciso perdoá-lo… Viu ainda há pouco que não sou eu quem desempenha o papel principal neste negócio!

— Afinal, não se pode deixar de dizer, você deixou-se enternecer.

Páviel Pávlovitch sentou-se e encheu seu copo.

— Imagina você que vou ceder meu lugar àquele fedelho? Vou quebrá-lo como a uma palha, eis o que farei! Amanhã mesmo, irei lá e porei tudo em boa ordem. Varreremos todas essas puerilidades…

Bebeu seu copo quase dum trago e serviu-se de outro; agia com uma sem-cerimônia extraordinária.

— Ah! ah! Nádienhka e Sáchenhka, as encantadoras crianças! Ah! ah! ah!

Não se continha mais de raiva. Um violento trovão estrondou, enquanto luzia um relâmpago, e a chuva pôs-se a cair copiosamente,

torrencialmente. Páviel Pávlovitch levantou-se e foi fechar a janela.

— Ele lhe perguntava ainda há pouco se você tinha medo do trovão!… Ah! ah! Vielhtcháninov ter medo do trovão!… E depois seu Kobílhnikov! é mesmo isto, não? Sim, Kobílhnikov!… E depois os seus cinquenta anos! Ah! ah! Lembra-se? — perguntou Páviel Pávlovitch, com ar zombeteiro.

— Você fica instalado aqui — disse Vielhtcháninov, que mal podia falar, tanto sofria, — enquanto eu vou deitar… Fará o que lhe aprouver.

— Não se poria nem um cão para fora com um tempo desses! — resmungou Páviel Pávlovitch, ferido com a observação e quase encantado por encontrar um pretexto para mostrar-se ofendido.

— Está bem! Fique sentado, beba… passe a noite como quiser! — murmurou Vielhtcháninov. Estendeu-se no divã e gemeu fracamente.

— Passar a noite aqui?… Você não tem medo?

— Medo de quê? — perguntou Vielhtcháninov, erguendo bruscamente a cabeça.

— Mas que sei eu? Da outra vez você teve um medo tremendo, pelo menos foi o que me pareceu…

— Você é um imbecil! — exclamou Vielhtcháninov, fora de si; e voltou-se para a parede.

— Está bem, não falemos mais disso — disse Páviel Pávlovitch.

Mal o doente se estendeu no divã, adormeceu. Após a superexcitação fictícia que o havia mantido de pé o dia inteiro e naqueles derradeiros dias, estava fraco como uma criança. Mas o mal voltou a dominar e venceu a fadiga e o sono. Ao fim duma hora, Vielhtcháninov despertou e ergueu-se sobre o divã com gemidos de dor. A tempestade cessara; o quarto estava cheio de fumaça de tabaco, a garrafa estava vazia em cima da mesa e Páviel Pávlovitch dormia sobre o outro divã. Deitara-se bem ao comprido; conservara as roupas e as botas. Seu lornhão deslizara de seu bolso e pendia na extremidade

dum cordão de seda, quase ao rés do chão. Seu chapéu havia rolado no soalho, não longe dele.

Vielhtcháninov olhou mal-humorado e não o despertou. Levantou e andou pelo quarto. Não tinha mais força para ficar deitado; gemia e pensava em suas doença com angústia.

Tinha medo, não sem motivo. Havia muito tempo vinha sendo sujeito àquelas crises, mas, no começo, não voltavam senão a longos intervalos, ao fim de um ano, de dois anos. Sabia que aquilo provinha do fígado. Começava por uma dor na concavidade do estômago, ou um pouco mais alto, uma dor surda, bastante fraca, mas exasperante. Depois a dor crescia, pouco a pouco, sem descontinuar, por vezes durante dez horas, seguidas, e acabava por ter tal violência, por tornar-se tão intolerável, que o doente via a morte perto. Por ocasião da derradeira crise, um ano antes, depois daquela exacerbação progressiva da dor, achara-se tão esgotado que mal podia ainda mover a mão; o médico não lhe permitira, durante todo aquele dia, senão um pouco de chá fraco, um pouco de pão mergulhado num caldo. As crises sobrevinham por motivos muito diferentes, mas sempre apareciam em consequência de abalos nervosos excessivos. Não evoluíam sempre da mesma maneira. Por vezes conseguia sufocá-las desde o começo, desde a primeira meia hora, pela aplicação de simples compressas quentes; doutras vezes, todos os remédios verificavam-se impotentes, e só conseguia acalmar a dor depois de muito tempo à força de vomitivos; da derradeira vez, por exemplo, o médico declarou, depois de tudo passado, que acreditara num envenenamento.

Agora, ainda faltava muito para o amanhecer e ele não queria que lhe procurassem um médico enquanto fosse noite. De resto, não gostava de médicos. Por fim, não se conteve mais e gemeu bem alto. Suas queixas despertaram Páviel Pávlovitch que se levantou no seu divã e ficou sentado um momento, amedrontado, escutando e olhando Vielhtcháninov, que corria como um louco pelos quartos. O vinho que bebera produzira tão bem seu efeito que esteve por muito tempo sem atinar com o que se passava; por fim compreendeu, aproximou-se de Vielhtcháninov que balbuciou uma resposta.

— Isso provém do fígado. Oh! conheço bem isso! — disse Páviel Pávlovitch, com uma vivacidade surpreendente. — Piotr Kuzmitch e Polosúkhin tiveram todos a mesma coisa e era fígado… É preciso aplicar compressas bem quentes… Pode-se morrer disso! Quer que corra a chamar Mavra, diga?

— Não vale a pena, não vale a pena! — disse Vielhtcháninov sem forças. — Não necessito de nada.

Mas Páviel Pávlovitch estava, Deus sabe por que, totalmente fora de si, tão transtornado como se se tratasse de salvar seu próprio filho. Não queria nada ouvir e insistiu com ardor: era preciso absolutamente aplicar compressas quentes e depois, ainda por cima, engolir vivamente, dum trago, duas ou três xícaras de chá fraco, tão quente quanto possível, quase fervente. Correu à procura de Mavra, sem esperar que Vielhtcháninov lhe desse permissão, trouxe-a à cozinha, fez fogo, acendeu o samovar; ao mesmo tempo, obrigava o doente a deitar, tirava-lhe a roupa, enrolava-o num cobertor; e ao fim de vinte minutos, estava o chá pronto e a primeira compressa aquecida.

— Eis o que serve… pratos bem quentes, queimantes! — disse ele com uma solicitude apaixonada, aplicando sobre o peito de Vielhtcháninov um prato enrolado num guardanapo. — Não temos outras compressas e levaria muito tempo arranjá-las… E depois, pratos, posso garantir-lhe, é ainda o que há de melhor; eu mesmo já fiz a experiência em pessoa, em Piotr Kuzmitch… É que, você sabe, isso pode matar!… Tome, beba este chá, depressa. Tanto pior, se se queimar!… Trata-se de salvá-lo, não se trata de andar com cerimônias.

Encontrava Mavra, que estava ainda semi-adormecida; mudava os pratos todos os três ou quatro minutos. Após o terceiro prato e a segunda xícara de chá fervente, engolida dum trago, Vielhtcháninov sentiu-se de repente aliviado.

— Quando a gente consegue tornar-se senhor da doença, então, graças a Deus! é bom sinal! — exclamou Páviel Pávlovitch.

E correu todo alegre a procurar outro prato e outra xícara de chá.

— O essencial é dominar o mal! O essencial é que consigamos

fazê-lo ceder! — repetia ele a cada instante.

Ao final duma meia hora, a dor estava totalmente acalmada; mas o doente estava tão extenuado que, malgrado as súplicas de Páviel Pávlovitch, recusou obstinadamente deixar-se aplicar “ainda um pratinho”. Seus olhos fechavam-se, de fraqueza.

— Dormir! dormir! — murmurou ele, com voz extinta.

— Sim, sim! — disse Páviel Pávlovitch.

— Volte a deitar também… Que horas são?

— Vai ser um quarto para as duas.

— Vá deitar.

— Sim, sim, já vou.

Um minuto depois, o doente chamou de novo Páviel Pávlovitch, que acorreu e curvou-se sobre ele.

— Oh! você é… você é melhor do que eu!… Obrigado.

— Durma, durma! — disse, baixinho, Páviel Pávlovitch.

E voltou depressa para seu divã, na ponta dos pés.

O doente ouviu-o ainda arranjar com cuidado sua cama, tirar suas roupas, apagar a vela e deitar, por sua vez, retendo a respiração, para não perturbá-lo.

Vielhtcháninov deve ter adormecido, sem dúvida, logo que a luz se apagou; lembrou-se disso mais tarde muito nitidamente. Mas, durante todo o seu sono, até o momento em que despertou, pareceu-lhe, em sonho, que não dormia, e que não podia dormir, apesar de sua extrema fraqueza.

Sonhou que se sentia delirar, que não conseguia afugentar as imagens que se obstinavam em aglomerar-se no seu espírito, se bem que tivesse plenamente consciência de que eram visões e não realidades. Reconhecia toda a cena: seu quarto estava cheio de gente e

a porta, na sombra, permanecia aberta; as pessoas entravam em multidão, subiam a escada, em filas cerradas. No meio do quarto, perto da mesa, um homem estava sentado, exatamente como no seu sonho de um mês antes. Da mesma maneira que então, o homem permanecia sentado, de cotovelos sobre a mesa, sem falar; mas desta vez trazia um chapéu envolto em crepe. “Como? Era então Páviel Pávlovitch, também da outra vez?”, pensou Vielhtcháninov; mas ao observar as feições do homem silencioso, convenceu-se de que era outro. “Mas por que, então, traz um crepe?”, pensava ele. A multidão comprimida em torno da mesa falava, gritava e o tumulto era terrível. Aquelas pessoas pareciam mais irritadas contra Vielhtcháninov, mais ameaçadoras que no outro sonho; estendiam os punhos contra ele e gritavam de ensurdecer. O que elas gritavam, o que elas queriam, ele não era capaz de compreender.

“Mas vejamos! Tudo isso não passa de delírio! — pensou ele. — Sei muito bem que não consegui adormecer, que me levantei, que estou de pé, porque não podia ficar deitado, tal era a minha dor!…” E, no entanto, os gritos, as pessoas, os gestos, tudo lhe aparecia com tão perfeita nitidez, com tal ar de realidade, que por momentos lhe vinham dúvidas: “Será, deveras, apenas uma alucinação tudo isto? Que têm, pois, essas pessoas contra mim, meu Deus? Mas… se tudo isto não é delírio, como é possível que esses gritos não despertem Páviel Pávlovitch? Porque afinal ele está dormindo, está ali, no divã!”

Por fim, aconteceu o que acontecera no outro sonho: todos refluíram para a porta e correram para o patamar, mas foram repelidos para o quarto por uma nova multidão que subia. Os recém-chegados traziam alguma coisa, algo de grande e de pesado; ouviam-se ressoar na escada os passos pesados dos carregadores. Rumores subiam, vozes sem fôlego. No quarto, todos gritaram: “Estão trazendo! Estão trazendo!”. Os olhos cintilaram e cravaram-se, ameaçadores, sobre Vielhtcháninov; e, violentamente, com o gesto, apontaram-lhe a escada. Já não duvidava mais que tudo aquilo fosse, não uma alucinação, mas uma realidade; ergueu-se na ponta dos pés para perceber mais depressa, por cima das cabeças, o que traziam. Seu coração batia, batia, batia — e, de repente, exatamente como no outro sonho, três violentas campainhadas retiniram. E de novo eram tão

claras, tão precisas, tão distintas, que não era possível que não fossem reais!… Lançou um grito e despertou.

Mas não correu à porta, como da outra vez. Que ideia súbita dirigiu seu primeiro movimento?… Foi mesmo uma ideia qualquer que naquele momento o fez agir?… Era como se alguém lhe dissesse o que era preciso fazer; vestiu-se rapidamente em cima do leito, lançou-se para a frente, diretamente para o divã onde dormia Páviel Pávlovitch, com as mãos estendidas, como para prevenir, repelir um ataque. Suas mãos encontraram outras mãos, estendidas para ele; agarrou-as fortemente; alguém estava ali, de pé, inclinado para ele. As cortinas estavam fechadas, mas a escuridão não era completa; vinha uma fraca luz da peça vizinha, que não tinha cortinas opacas. De repente, uma dor terrível dilacerou-lhe a palma e os dedos da mão esquerda, e ele compreendeu que havia agarrado fortemente com aquela mão a lâmina duma faca ou duma navalha. No mesmo momento, ouviu o ruído seco de um objeto que caía no chão.

Vielhtcháninov era bem três vezes mais forte que Páviel Pávlovitch; no entanto, a luta foi longa, durou quatro ou cinco minutos. Por fim, subjugou-o, torceu-lhe as mãos para trás das costas, a fim de amarrá-las, imediatamente. Manteve firmemente o assassino com a mão esquerda e, com a outra, procurou alguma coisa que pudesse servir para amarrar, o cordão das cortinas da janela; tateou muito tempo, encontrou-o afinal, arrancou-o. Ficou ele próprio surpreendido, em seguida, com o vigor extraordinário que aquele esforço exigira dele.

Durante aqueles três minutos, nem ele, nem o outro disseram uma só palavra; nada se ouvia senão suas respirações ofegantes e o rumor surdo da luta. Quando conseguiu amarrar as mãos de Páviel Pávlovitch, deixou-o deitado no chão, levantou-se, foi à janela, afastou as cortinas. A rua estava deserta; o dia começava a branquear. Abriu a janela, ficou ali alguns instantes, respirando a plenos pulmões o ar fresco. Era cerca de cinco horas. Tornou a fechar a janela, foi ao armário, pegou um guardanapo e enrolou com ele firmemente a mão esquerda para deter o sangue. Viu a seus pés a navalha aberta, sobre o tapete; apanhou-a, enxugou-a, repô-la na sua bainha, que havia esquecido de manhã sobre uma mesinha colocada perto do divã onde

havia adormecido Páviel Pávlovitch, e colocou o estojo na sua escrivaninha, que fechou com chave. Depois aproximou-se de Páviel Pávlovitch e examinou-o.

Conseguira levantar-se com grande esforço e sentar-se numa cadeira. Não estava nem vestido, nem calçado. Sua camisa estava manchada de sangue, nas costas e nas mangas: era sangue de Vielhtcháninov.

Era certamente Páviel Pávlovitch, mas estava irreconhecível, tão descompostas se achavam suas feições. Estava sentado, com as mãos amarradas atrás das costas, fazendo esforço para manter-se erecto, o rosto devastado, convulso, verde à força de palidez; de tempos em tempos, tremia. Olhava Vielhtcháninov com um olhar fixo, mas extinto, com olhos que não viam. De repente, mostrou um sorriso estúpido e desvairado, designou com um movimento da cabeça a garrafa em cima da mesa e disse, gaguejando, baixinho:

— Água…

Vielhtcháninov encheu um copo d'água e deu-lhe de beber, com sua mão. Páviel Pávlovitch aspirava a água glutonamente; bebeu três goles, depois levantou a cabeça, olhou bem fixamente o rosto de Vielhtcháninov, que permanecia de pé, diante dele, com o copo na mão; não disse nada e recomeçou a beber. Quando acabou, respirou profundamente. Vielhtcháninov pegou seu travesseiro, suas roupas, passou para a peça vizinha e fechou Páviel Pávlovitch à chave no quarto onde se encontrava.

Suas dores noturnas haviam completamente cessado, mas sua fraqueza tornou-se extrema, depois do prodigioso esforço que acabava de exercitar. Tentou refletir no que se tinha passado; mas suas ideias não conseguiam coordenar-se. O abalo fora demasiado forte. Adormeceu, dormiu alguns minutos, depois, de súbito, tremeu da cabeça aos pés, despertou, lembrou-se de tudo; levantou com precaução sua mão esquerda, sempre enrolada no guardanapo úmido de sangue, e pôs-se a refletir, com uma agitação febril. Um só ponto estava perfeitamente claro para ele: é que Páviel Pávlovitch tinha querido efetivamente assassiná-lo, mas que talvez um quarto de hora

antes de dar o golpe ignorava ele próprio que o daria. Talvez a caixa das navalhas lhe tivesse saltado aos olhos, na véspera à noite, sem que tivesse ele nenhuma premeditação, e a lembrança daquelas navalhas havia agido em seguida, como uma obsessão. (As navalhas, comumente, estavam fechadas à chave, na escrivaninha; na véspera, Vielhtcháninov havia-se servido de uma delas e deixara-as de fora por esquecimento.)

"Se ele estivesse disposto a matar-me, teria arranjado um punhal ou uma pistola; não podia contar com minhas navalhas que ainda não tinha visto nunca", pensou ele.

Enfim, soaram as seis horas. Vielhtcháninov voltou a si, vestiu-se e voltou para onde estava Páviel Pávlovitch. Ao abrir a porta, não pôde explicar a si mesmo por que havia fechado Páviel Pávlovitch, porque não o havia posto imediatamente para fora de sua casa. Ficou surpreendido por encontrá-lo todo vestido. O prisioneiro conseguira desfazer seus liames. Estava sentado na poltrona; levantou, quando Vielhtcháninov entrou. Tinha o chapéu na mão. Seu olhar turvo dizia: "É inútil falar; não há nada a dizer; não adianta falar…".

— Vá! — disse Vielhtcháninov. — Pegue seu estojo — acrescentou.

Páviel Pávlovitch voltou até a mesa, pegou o estojo, meteu-o no bolso e dirigiu-se para a escada. Vielhtcháninov estava de pé, perto da porta, para fechá-la atrás dele. Seus olhares se encontraram uma derradeira vez. Páviel Pávlovitch parou de repente. Durante cinco segundos olharam-se face a face, olhos nos olhos, como indecisos. Por fim Vielhtcháninov fez-lhe sinal com a mão.

— Vá! — disse-lhe, à meia voz.

E fechou a porta à chave.

## Capítulo XVI / *Análise*

Um sentimento de alegria inaudita, imensa, encheu-o totalmente; alguma coisa acabava, esclarecia-se; um pesadume tremendo ia-se

embora, destacava-se dele. Tinha consciência disso. Durara cinco semanas. Ergueu a mão, olhou o guardanapo manchado de sangue e murmurou:

— Não, desta vez está tudo bem acabado!

E, durante toda aquela manhã, pela primeira vez desde três semanas, quase não pensou em Lisa, como se aquele sangue, que correra de seus dedos feridos, o tivesse ainda libertado daquela outra obsessão.

Compreendia claramente que um terrível perigo o havia ameaçado. “Aquelas pessoas — pensava ele, — no minuto anterior, não sabem se nos assassinarão ou não, e depois, uma vez que tenham uma faca nas mãos trêmulas, e sintam o primeiro jacto de sangue nos seus dedos, não lhes basta mais assassinar-nos, precisam cortar-nos a cabeça, simplesmente: “*rup*!”, como dizem os forçados. É bem isto!”

Não pôde ficar em casa. Era de todo necessário que tomasse já uma providência ou alguma coisa iria sem falta lhe acontecer. Saiu, andou pelas ruas e esperou. Tinha uma vontade extrema de encontrar alguém, de conversar com alguém, fosse mesmo um desconhecido, e esse desejo lhe deu a ideia de ver um médico e de fazer um curativo conveniente em sua mão. O médico, a quem conhecia desde muito tempo, examinou o ferimento e lhe perguntou, com curiosidade:

— Como pode acontecer-lhe isso?

Vielhtcháninov respondeu com uma pilhéria, desatou a rir e esteve a ponto de tudo contar, mas conteve-se. O médico tateou-lhe o pulso e, quando soube da crise que ele tivera na noite anterior, fê-lo tomar imediatamente uma poção calmante que tinha ali à mão. Quanto ao ferimento, tranquilizou-o:

— Isto, garanto-lhe com toda certeza, não haverá de ter consequências aborrecidas.

Vielhtcháninov voltou a rir e declarou que consequências excelentes já se tinham produzido.

Duas vezes ainda, naquela mesma manhã, foi tomado dum desejo irresistível de tudo contar. Uma vez, mesmo, foi na presença de um homem que lhe era totalmente desconhecido e ao qual dirigiu por primeiro a palavra numa pastelaria, ele, que, até aquele dia, jamais pudera tolerar conversar com desconhecidos em lugares públicos.

Entrou numa loja, comprou um jornal, foi à casa de seu alfaiate e encomendou roupas. A ideia de ir visitar os Pogoriéltsevi continuava a não lhe dar nenhum prazer; não pensava neles, e, aliás, não era possível que fosse à casa deles no campo; era preciso que esperasse aqui, na cidade, não sabia o quê.

Jantou com bom apetite, conversou com o garçom e com seu vizinho de mesa e esvaziou uma meia-garrafa de vinho. Nem mesmo pensava numa possível volta da crise da véspera; estava convencido de que seu mal havia completamente passado no momento mesmo em que, a despeito de seu estado de fraqueza, havia, após hora e meia de sono, saltado de seu leito e lançado tão vigorosamente no chão seu assassino.

Ao anoitecer, porém, a cabeça começou a girar-lhe e, por momentos, sentia subir alguma coisa que se assemelhava ao seu sonho delirante da noite. Voltou para casa assim que o crepúsculo caiu e seu quarto quase o encheu de terror, quando nele penetrou. Sentia-se agitado e opresso. Percorreu várias vezes seu apartamento; chegou mesmo a ir até sua cozinha onde jamais entrava. “Foi aqui que ontem eles aqueceram os pratos”, pensou ele. Fechou a porta com ferrolho e, mais cedo que de costume, acendeu as velas. Entretanto, lembrou-se de que, ainda há pouco, passando diante do saguão, chamara Mavra e lhe perguntara: “Páviel Pávlovitch não veio na minha ausência?”, como se, com efeito, pudesse ter vindo.

Uma vez trancado cuidadosamente, retirou de sua escrivaninha sua caixa de navalhas e abriu a navalha de “ontem”, para examiná-la. No cabo de marfim branco havia ainda algumas gotas de sangue. Repôs a navalha na caixa e tornou a guardá-la na escrivaninha. Desejava dormir: era de todo necessário que deitasse sem demora; de outro modo “amanhã não estaria bom para nada”. Aquele dia seguinte lhe aparecia como um dia destinado a ser de alguma maneira fatal e

“definitivo”. Mas os mesmos pensamentos que, durante todo o dia, enquanto andava pelas ruas, não o haviam deixado um só instante, invadiram em tumulto sua cabeça doente, sem que pudesse pôr neles ordem ou afastá-los, e pensou, pensou, pensou, e por muito tempo ainda foi-lhe impossível adormecer…

“Estando convencionado que ele se propôs a assassinar-me, sem premeditação nenhuma — pensou ele, — não teria tido jamais a ideia antes, nem uma só vez, não sonhou nunca com ela num de seus maus momentos?”

Encontrou uma resposta estranha: “Páviel Pávlovitch queria matá-lo, mas a ideia do assassinato não surgira uma vez sequer no espírito do futuro assassino”. Mais brevemente: “Páviel Pávlovitch queria matar, mas não sabia que queria matar”. É incompreensível, mas é assim mesmo — pensou Vielhtcháninov. — Não foi para arranjar um emprego, nem por causa de Bagaútov que veio a Petersburgo — se bem que, uma vez aqui, tenha procurado um emprego e andado à procura de Bagaútov e tenha ficado fora de si quando o outro morreu; a Bagaútov não ligava a mínima importância. Foi por mim que veio para cá e veio com Lisa… Eu mesmo esperava algo…

Respondeu a si mesmo que decididamente sim, que o havia esperado desde o dia em que o vira de carro, no enterro de Bagaútov:

“Esperava qualquer coisa, mas naturalmente, não isto… não, naturalmente, que me cortasse o pescoço!…”

“Mas, vejamos, era sincero — exclamou ele ainda, erguendo bruscamente a cabeça do travesseiro e abrindo os olhos, — era sincero tudo aquilo que… aquele louco me dizia ontem de sua ternura por mim, enquanto seu queixo tremia e dava murros no peito?

“Era perfeitamente sincero — respondeu ele, aprofundando a análise sem ordem. — Era perfeitamente bastante estúpido e bastante generoso para se tomar de estima pelo amante de sua mulher, de cuja conduta nada achou ele que dizer durante vinte anos! Gostou de mim durante nove anos, prestou homenagem à minha memória e guardou minhas ‘expressões’ em sua memória. Não é possível que haja mentido ontem! Será que não gostava de mim ontem, quando me dizia:

‘Ajustemos nossas contas’? Perfeitamente, gostava de mim, enquanto me odiava. Esse amor é de todos o mais forte…

“É possível — é mesmo certo — que lhe causei, em T***, uma impressão prodigiosa, sim, prodigiosa, e que o tenha subjugado. Sim, com uma criatura semelhante, isto pode muito bem ter acontecido. Fez de mim uma criatura cem vezes maior do que sou, porque se sentiu esmagado diante de mim… Teria bastante curiosidade de saber exatamente o que, em mim, lhe produzia tanto efeito… Afinal de contas, é bem possível que fossem minhas luvas novas e a maneira como as calçava. As luvas resultam bastante eficientes para certas almas nobres, sobretudo para almas de “eternos maridos”. O resto, exageram-no eles, multiplicam-no por mil e se baterão em defesa nossa, se isto nos causa prazer… Como ele admirava meus meios de sedução! É bem possível que seja precisamente isto que lhe tenha causado mais efeito… E seu grito, outro dia: “Também ele! mas então não é possível confiar em ninguém!”. Quando um homem chega a este ponto, está acabado, não é mais do que uma besta selvagem!…

“Hum! Veio aqui para “nos beijarmos e chorarmos juntos”, como o declarava com seu ar velhaco; o que quer dizer que vinha para cortar-me o pescoço, e que acreditava vir beijar-me e chorar… Trouxe Lisa consigo. Sim, é bem isto se eu tivesse chorado com ele, talvez, com efeito, me tivesse perdoado, porque tinha uma vontade tremenda de perdoar! Tudo isto se transformou, desde nosso primeiro encontro, em enternecimento de ébrio, em frioleiras grotescas e em ridículas choradeiras de mulher ofendida. Foi por isto que veio completamente bêbado, para estar, com todas as suas caretas, em condição de falar; não teria jamais podido, sem estar embriagado… E como gostava de caretas! Que alegria, quando me deixei levar àquela beijocaria!… Só que ele não sabia então se tudo isso acabaria por um beijo ou por uma facada. Pois bem, a solução chegou, a melhor, a verdadeira solução: o beijo e a facada, as duas coisas ao mesmo tempo. É a solução completamente lógica!…

“Foi bastante estúpido para me levar a ver sua noiva… Sua noiva! Senhor! Só mesmo uma criatura como ele poderia ter a ideia de ‘renascer para uma vida nova’ por esse meio. No entanto, teve dúvidas; precisou da alta sanção de Vielhtcháninov, do homem a

quem ele dava tanta importância. Era preciso que Vielhtcháninov lhe desse a certeza de que o sonho não era sonho, de que tudo aquilo era bem real… Levou-me porque me admirava infinitamente, porque tinha uma confiança sem limites na nobreza de meus sentimentos, — e quem sabe? porque esperava que lá, sob a verdura, nós nos beijaríamos e choraríamos, a dois passos de sua casta noiva. — Oh! sim! Era bem preciso que uma vez por todas aquele 'eterno marido' se vingasse de tudo, e, para se vingar, pegou da navalha… sem premeditação, é verdade, mas afinal pegou-a!… Será que ele tinha um pensamento oculto, quando me contou a história daquele cavalheiro de honra? 'Ainda assim, meteu-lhe a faca no ventre; ainda assim, acabou por dar-lhe uma facada, e na presença do governador!…' Será que ele tinha de fato uma intenção, na outra noite, quando se levantou e veio postar-se ali, no meio do quarto? Hum… Não, é evidente que aquilo era para representar uma farsa. Levantara-se sem má intenção e, depois, quando viu que eu estava com medo, ficou ali, sem me responder, durante dez minutos, porque o divertia bastante ver que eu tinha medo dele… É bem possível que naquele momento lhe tenha vindo a ideia pela primeira vez, enquanto estava ali, de pé, no escuro.

"Por outro lado, se eu não tivesse esquecido ontem minhas navalhas em cima da mesa… pois bem! Creio que nada teria acontecido absolutamente. É claro! É claro! Uma vez que me evitou todos estes tempos! Uma vez que não vinha mais, desde quinze dias, por compaixão de mim! Uma vez que era de Bagaútov e não de mim que se queria vingar!… Uma vez que se levantou, naquela noite, para fazer aquecer os pratos, esperando que o enternecimento afastaria a faca!… está bem claro, aquecia-os para si mesmo, tanto quanto para mim, aqueles seus pratos!…"

Muito tempo ainda sua cabeça doente trabalhou dessa maneira tecendo o vácuo até o momento em que adormeceu. Despertou, na manhã seguinte, com a cabeça sempre assim doente, mas sentiu-se presa dum terror novo, imprevisto…

Esse terror vinha da convicção súbita que nele ocorrera de que deveria, ele, Vielhtcháninov, naquele dia, espontaneamente, ir à casa de Páviel Pávlovitch. Por quê? Em vista de quê? Não sabia de nada, não queria saber de nada; o que ele sabia é que iria.

Sua loucura — não encontrava outro nome para aquilo — cresceu a tal ponto que acabou por encontrar para aquela resolução um ar razoável e um pretexto plausível. Já na véspera estivera obsedado pela ideia de que Páviel Pávlovitch, de volta à sua casa, deveria ter-se trancado e enforcado, justamente como o comissário de que lhe havia falado Mária Sisóievna. Aquela alucinação da véspera tornara-se pouco a pouco para ele uma certeza absurda, mas inarrancável. — "E por que diabo esse imbecil se enforcou?", perguntava a si mesmo a todo instante. Lembrava-se das palavras de Lisa… "Afinal de contas, no lugar dele, eu também teria me enforcado…", pensou ele uma vez.

Afinal não pôde mais se conter. Em lugar de ir jantar, dirigiu-se à casa de Páviel Pávlovitch. "Vou apenas perguntar a Mária Sisóievna", disse a si mesmo. Mas assim que chegou diante do portão, deteve-se.

"Espera aí! Espera aí! — exclamou ele, confuso e furioso. — Vou me arrastar até lá para 'nos beijarmos e chorar juntos'! Descerei a esse grau de vergonha, a essa baixeza insensata?"

Foi salvo dessa "baixeza insensata" pela Providência, que vela pelos homens decentes. Mal se encontrou na rua, deu com Alieksandr Lóbov. O rapaz estava ofegante, muito agitado.

— Ah! Ia precisamente à sua casa! Pois bem! E nosso amigo Páviel Pávlovitch!

— Enforcou-se! — murmurou Vielhtcháninov com ar desvairado.

— Como? Enforcou-se?… Mas por que então? — perguntou Lóbov, escancarando os olhos.

— Nada… não presta atenção… Acreditava… Continue…

— Mas que ideia singular!… Não se enforcou absolutamente! Por que ele teria se enforcado? Pelo contrário, partiu. Estava com ele, acabou de embarcar… Mas como bebe! como bebe! Cantava a plenos pulmões no vagão. Lembrou-se do senhor. Recomendou-me que o cumprimentasse… Então, é um canalha? Que pensa o senhor? Diga!

O rapaz estava superexcitado ao extremo: seu rosto iluminado,

seus olhos cintilantes, sua língua pastosa deixavam perceber isso. Vielhtcháninov rebentou a rir, desbragadamente.

— Então, também eles, acabaram por fraternizar! Ah! ah! ah! Beijaram-se e choraram juntos!

— Saiba que ele se despediu, lá em baixo, deveras. Foi lá ontem e hoje também… Denunciou-nos em termos terríveis. Fecharam Nádia no quarto do sótão. Gritos e choro, mas nós não cederemos!… Mas como ele bebe! Como ele bebe! Falava todo o tempo a respeito do senhor… mas que diferença para o senhor! O senhor, o senhor é deveras um homem muito decente, e depois, o senhor fez parte da boa sociedade, e, se hoje se vê forçado a manter-se de parte, é unicamente por pobreza, não é?

— Então foi ele quem lhe disse isto de mim?

— Foi ele, foi ele, mas não se zangue. Ser um bom cidadão vale mais que fazer parte da alta sociedade. Na minha opinião, não se sabe mais em nossa época, na Rússia, de quem gostar. E convenha que é uma terrível calamidade, para uma época, não saber mais de quem gostar… não é verdade?

— É bastante exato… Mas ele?

— Ele? Ele, quem?… Ah! perfeitamente!… Por que diabo dizia ele: “Vielhtcháninov tem cinquenta anos, mas está arruinado”? Por que “mas”, e não “e”? Ria cordialmente e repetiu isto mais de mil vezes. Subiu para o vagão, pôs-se a cantar, e chorou… Era simplesmente vergonhoso; era mesmo penoso, aquele homem embriagado!… Ah! não gosto dos imbecis!… E além disso, atirava dinheiro aos pobres pelo repouso da alma de Lisa… É a mulher dele, não é?

— Sua filha.

— O que o senhor tem na mão?

— Cortei-me.

— Não é nada, isto passará… Fez ele muito bem indo para o

diabo, mas aposto que lá, para onde vai, casará imediatamente… não acredita?

— Pois não, mas o senhor mesmo, o senhor mesmo, queria casar!

— Eu? Oh! mas é outra coisa!… O senhor é engraçado! Se tem cinquenta anos, ele tem uns bons sessenta! E, em semelhante matéria, é preciso lógica, meu *bátiuchka*!… E além disso, é preciso que lhe diga, já fui um pan-eslavista convicto, mas agora esperamos a aurora do Ocidente… Vamos, adeus; gostei muito de o ter conhecido sem o haver procurado. Não posso subir até sua casa; não me convide. É impossível para mim!

E retomou seu caminho.

— Ah! mas onde estou com a cabeça? — disse ele, voltando. — Ele me encarregou de lhe entregar uma carta! Aqui está. Por que não o acompanhou à estação?

Vielhtcháninov subiu ao seu apartamento e rasgou o envelope.

Dentro do envelope não havia sequer uma linha de Páviel Pávlovitch; nada senão uma carta de outro punho. Vielhtcháninov reconheceu a letra. A carta era antiga, o tempo havia amarelecido o papel, a tinta desbotara. Fora escrita para ele havia dez anos antes, dois meses após sua partida de T***. Mas não lhe chegara às mãos. Não fora enviada. Fora substituída pela outra, compreendeu-o logo.

Naquela carta, Natália Vassílievna lhe dizia adeus para sempre, — da mesma maneira como naquela que ele tinha recebido! — Declarava-lhe que amava um outro, a quem ela não havia revelado que estava grávida. Prometia-lhe, para consolá-lo, confiar-lhe a criança que iria nascer, lembrava-lhe que isso era para eles novos deveres, que por isso mesmo a amizade de ambos se achava selada para sempre… Numa palavra, a carta era muito pouco lógica, mas dizia bastante claramente que era preciso que ele a desembaraçasse de seu amor. Permitiria sua volta a T***, ao fim de um ano, para ver a criança. — Ela havia refletido, e, Deus sabe por que, substituído a outra carta por aquela.

Ao ler, tornou-se Vielhtcháninov muito pálida; mas imaginou Páviel Pávlovitch encontrando aquela carta e lendo-a pela primeira vez, diante daquele cofrezinho de família, o cofrezinho de ébano incrustado de nácar.

"Também ele deve ter ficado pálido como um morto — pensou, verificando sua própria palidez no espelho. — Sim, certamente, quando a leu, deve ter fechado os olhos e depois abriu-os de novo bruscamente, na esperança de que à carta teria se transformado num simples papel em branco… Sim, ele deve ter tentado isso pelo menos umas três vezes!…"

## CAPÍTULO XVII / *O eterno marido*

Dois anos depois, em um belo dia de verão, o Senhor Vielhtcháninov estava num vagão que ia para Odessa, a fim de visitar um amigo. Esperava, aliás, que esse amigo o apresentasse a uma mulher bastante interessante, que desde muito tempo ele desejava conhecer de mais perto. Estava muito modificado, ou, para melhor dizer, havia tido um ganho infinito no decorrer daqueles dois anos. Não lhe restava quase nada de sua antiga hipocondria.

De todas as "recordações" que o haviam torturado dois anos antes, em Petersburgo, durante seu interminável processo, não lhe restava mais senão um pouco de confusão, quando pensava naquele período de impotência e de pusilanimidade mórbida. Consolava-se, dizendo que aquele estado não se reproduziria mais, e que ninguém jamais saberia de nada.

Sem dúvida, naquela época, havia rompido completamente com o mundo, negligenciara-se, mantivera-se totalmente de parte, o que decerto todos haviam notado. Mas havia reentrado no mundo com uma contrição tão perfeita, e nele se mostrara tão renovado, tão seguro de si mesmo, que todos lhe haviam perdoado logo sua ausência momentânea. Aqueles mesmos a quem deixara de cumprimentar foram os primeiros a reconhecê-lo e a estender-lhe a mão, sem lhe fazer nenhuma pergunta aborrecida, como se ele tivesse precisado simplesmente consagrar-se algum tempo aos seus negócios pessoais,

que só a ele interessavam.

A causa principal de sua feliz transformação era, bem entendido, o resultado de seu processo. Tinham-lhe cabido sessenta mil rublos. Era pouca coisa, evidentemente, mas para ele era muito. Tornava a encontrar-se em terreno sólido; sabia que não iria gastar estupidamente aqueles derradeiros recursos como fizera com os outros, e que os pouparia pela duração de sua existência. “Eles podem revirar à vontade o edifício social e nos trombetear aos ouvidos tudo quanto quiserem — pensava ele por vezes, considerando as coisas belas e excelentes que se realizavam em redor dele e na Rússia inteira — os homens podem mudar, as ideias também, pouco me importa. Sei que terei sempre à minha disposição um jantarzinho cuidado, como o que saboreio neste momento, e, quanto ao resto, estou bem tranquilo.” Este estilo, de espírito burguês e volutuoso havia transformado pouco a pouco até mesmo sua pessoa física: o histérico agitado de outrora havia completamente desaparecido, e dera lugar a um novo homem, a um homem alegre, franco, ajuizado. Até mesmo as rugas inquietantes, que tinham aparecido um instante em redor de seus olhos e sobre sua testa, estavam quase apagadas, e sua tez se modificara, tornara-se branca e rosada.

Estava confortavelmente instalado num vagão de primeira classe e seu espírito fascinado acariciava um pensamento encantador. Havia uma baldeação na estação seguinte. “Tenho, pois, de escolher: se dentro em pouco deixo a linha direta para baldear à direita, poderei fazer uma visita, duas estações mais longe, a uma dama que conheço muito bem, que acaba de chegar do estrangeiro e lá se encontra numa solidão muito vantajosa para mim, mas bastante entediante para ela. Eis com que ocupar-me de maneira tão interessante como em Odessa, tanto mais quanto haverá sempre tempo de alcançar em seguida Odessa…” Hesitava ainda e não chegava a uma decisão; esperava a sacudidela súbita que o faria decidir-se. No entanto, a estação estava próxima e a sacudidela não vinha.

Havia naquela estação uma parada de quarenta minutos e o jantar era servido aos passageiros. Na porta da sala de espera das primeira e segunda classes havia uma aglomeração de pessoas que se acotovelavam para ver melhor. Sem dúvida ocorria ali algum

escândalo. Uma dama, que descera dum compartimento de segunda classe, muito bonita, mas trajava com demasiada elegância para uma viajante, arrastava quase à força um ulano, um oficial jovem e encantador, que procurava libertar-se de suas mãos. O jovem oficial estava completamente embriagado e a dama, provavelmente uma parenta, mais velha do que ele, impedia-o de correr ao botequim, para recomeçar a beber. O ulano deu um encontrão, no meio da turba, em um jovem comerciante, igualmente embriagado, a ponto de haver perdido a razão. Aquele jovem comerciante havia dois dias que estava na estação. Ficara lá a beber e a gastar seu dinheiro com camaradas, sem achar tempo de prosseguir sua viagem. Houve uma discussão, o oficial gritou, o comerciante zangou-se, a dama estava desesperada, procurava cortar logo a disputa, arrastar o ulano, gritando-lhe, com voz suplicante:

— Mítienhka! Mítienhka!

O jovem comerciante achou aquilo revoltante. Toda a gente ria às gargalhadas, mas ele, julgava-se profundamente ofendido na sua dignidade.

— Ora essa! “Mítienhka!” — disse ele macaqueando a vozinha aguda e suplicante da dama. — Não tem vergonha, diante do povo!

A dama deixara-se cair sobre uma cadeira e conseguira fazer o ulano sentar junto dela; o jovem comerciante aproximou-se, cambaleando, olhou-os com um ar de desprezo e berrou uma injúria.

A dama lançou gritos dilacerantes e olhou em torno de si, angustiada, a ver se alguém não iria em seu socorro. Estava envergonhada e aterrorizada. Para cúmulo, o oficial levantou de sua cadeira, vociferou ameaças, quis atirar-se ao comerciante, escorregou e tornou a cair para trás, sobre sua cadeira. As risadas aumentaram, mas ninguém acorreu em auxílio deles. O salvador foi Vielhtcháninov. Pegou o comerciante pela gola, fê-lo girar sobre si mesmo e atirou-o a rolar a dez passos da jovem mulher apavorada. Foi o fim do escândalo: o jovem comerciante, subitamente acalmado pela sacudidela e pela inquietante estatura de Vielhtcháninov, deixou-se levar pelos seus camaradas. O porte imponente daquele senhor tão

bem vestido fizera seu efeito sobre os que riam: cessaram as risadas. A dama, toda enrubescida, com lágrimas nos olhos, exprimiu-lhe com efusão seu reconhecimento. O ulano gaguejou: “Obrigado! Obrigado!” e quis estender a mão a Vielhtcháninov, mas mudou de ideia, deitou-se sobre duas cadeiras e estirou os pés para ele.

— Mítienhka! — gemeu a dama, com um gesto de horror.

Vielhtcháninov estava bastante satisfeito com a aventura e seu resultado. A dama interessava-o; era evidentemente uma provinciana abastada, trajada sem gosto, mas com galanteria, de maneiras um pouco ridículas — tudo quanto é preciso para dar boa esperança a um vaidoso da capital que tem uma mulher de olho. Conversaram. A dama contou-lhe a história com ardor, queixou-se de seu marido “que havia de repente desaparecido e que era a causa de tudo… Desaparecia sempre no momento em que se tinha necessidade dele…”

— Ele foi… — gaguejou o ulano.

— Oh! vamos, Mítienhka! — interrompeu ela, toda súplice.

“Bem! Cuidado com o marido!”, pensou Vielhtcháninov.

— Qual é o nome dele? — perguntou bem alto. — Irei procurá-lo.

— Pa…l Pá…litch — balbuciou o ulano.

— Seu marido se chama Páviel Pávlovitch? — perguntou curiosamente Vielhtcháninov.

No mesmo momento, a cabeça calva que ele conhecia muito bem surgiu entre ele e a dama. Num instante, reviu o jardim dos Zakhliébinini, os inocentes jogos, a insuportável cabeça calva que se interpunha sempre entre ele e Nádiejda Fiedossiéievna.

— Ah! enfim apareceu! — gritou a jovem senhora, num tom colérico.

Era Páviel Pávlovitch em pessoa. Olhou Vielhtcháninov com estupefação e com terror, e ficou petrificado como diante de um fantasma. Sua perturbação foi tal que, durante um bom momento, ele

não ouviu nada das censuras violentas que sua mulher lhe dirigia com extrema vivacidade. Por fim compreendeu, viu o que o ameaçava e tremeu.

— Sim, a culpa é sua e esse senhor — designava assim Vielhtcháninov — foi um verdadeiro anjo salvador para nós, e você… você está sempre ausente, quando se tem necessidade de você…

Vielhtcháninov disparou a rir.

— Mas nós somos velhos amigos, amigos de infância! — exclamou ele, olhando a dama estupefata e pousando, familiar, com um gesto protetor, sua mão direita sobre o ombro de Páviel Pávlovitch, que mostrava um vago sorriso, muito pálido. — Nunca lhe falou de Vielhtcháninov?

— Não, nunca — disse ela, depois de ter procurado lembrar-se.

— Neste caso, apresente-me à sua mulher, meu esquecido amigo!

— Com efeito, minha querida Lípotchka, o Senhor Vielhtcháninov, aqui presente…

Atrapalhou-se, perdeu-se, não pôde continuar. Sua mulher, toda rubra, olhava-o, furiosa, claro, porque ele a havia chamado de Lípotchka.

— E imagine a senhora que ele nem mesmo me participou seu casamento e nem me convidou para as bodas. Mas rogo-lhe, Olimpiada…

— Siemiônovna — terminou Páviel Pávlovitch.

— Siemiônovna — repetiu, de súbito, o ulano adormecido.

— Rogo-lhe, Olimpiada Siemiônovna, perdoe-o, faça-me este obséquio, em honra de nosso encontro… É um excelente marido!

E Vielhtcháninov bateu cordialmente no ombro de Páviel Pávlovitch.

— Afastei-me, queridinha, por um minutinho apenas — disse

Páviel Pávlovitch, para desculpar-se.

— E deixou que sua mulher fosse insultada! — interrompeu Lípotchka. — Quando se tem necessidade de você, você nunca está, e quando não se tem necessidade, você está…

— Sim! Sim! Quando não se tem necessidade dele, ele está, quando não se tem necessidade… — apoiou o ulano.

Lípotchka sufocava de raiva. Sentia que aquilo não estava bem diante de Vielhtcháninov e corava, mas não se podia conter.

— Quando não é preciso, você procede com demasiada cautela, com demasiada… — deixou ela escapar.

— Até debaixo da cama… procura ele amantes… até debaixo da cama… quando não é preciso, quando não é preciso — gritou Mítienhka, que se animava por sua vez.

Mas ninguém prestava atenção a Mítienhka.

Acabou tudo por acalmar-se. O conhecimento tornou-se mais completo. Mandaram Páviel Pávlovitch buscar café e caldo. Olimpiada Semiônovna explicou a Vielhtcháninov que eles estavam vindo de O***, onde seu marido era funcionário e iam passar dois meses no campo, não muito longe, a quarenta verstas daquela estação; tinham lá uma bela casa e um jardim, onde recebiam, tinham vizinhos e se Alieksiéi Ivânovitch fosse bastante amável para ir visitá-los “em sua solidão”, ela o acolheria “como seu anjo da guarda”, porque não podia pensar sem terror no que teria acontecido se… etc., etc., em uma palavra, “como seu anjo da guarda”…

— Sim, como um salvador — apoiou calorosamente o ulano.

Vielhtcháninov agradeceu, declarou que ficaria encantado, que, aliás, dispunha de seu tempo, não estando preso a nenhuma ocupação, e que o convite de Olimpiada Semiônovna seduzia-o infinitamente. Depois conversou com muita alegria e fez dois ou três cumprimentos muito a propósito. Lípotchka enrubesceu de prazer. Quando Páviel Pávlovitch voltou, ela lhe anunciou, com muito entusiasmo, que

Alieksiéi Ivânovitch tivera a amabilidade de aceitar seu convite, que iria passar com eles um mês inteiro no campo e prometera aparecer dentro de uma semana. Páviel Pávlovitch sorriu com ar desesperado e não disse nada. Olimpiada Semiônovna ergueu os ombros e olhou para o céu. Afinal, separaram-se: houve ainda agradecimentos, de novo “o anjo da guarda, o salvador”, de novo “Mítienhka”, depois Páviel Pávlovitch reconduziu a mulher e o ulano a seu vagão. Vielhtcháninov acendeu um charuto e ficou a passear pela plataforma, de um lado para outro, aguardando a partida. Pensava que Páviel Pávlovitch iria aparecer para conversar até o derradeiro momento. Foi o que aconteceu. Páviel Pávlovitch plantou-se diante dele, os olhos, a fisionomia toda cheia de perguntas ansiosas. Vielhtcháninov sorriu, tomou-lhe amigavelmente o braço, levou-o até um banco vizinho, sentou, fez o outro sentar a seu lado. Não disse nada. Queria que Páviel Pávlovitch começasse.

— Então, você virá visitar-nos? — perguntou ele, de repente, indo direto à questão.

— Tinha a certeza! Ah! você é sempre o mesmo! — disse Vielhtcháninov, sorrindo. — Vejamos — continuou, batendo-lhe no ombro, — você foi capaz de acreditar um só instante que eu iria, com efeito, pedir-lhe hospitalidade e por um mês inteiro? Ah! ah! ah!

Páviel Pávlovitch estava radiante de alegria.

— Então, você não irá? — exclamou ele.

— Não, não irei, não irei! — disse Vielhtcháninov, com um sorriso jovial.

Não compreendia por que tudo aquilo lhe parecia prodigiosamente cômico, e tanto mais o divertia quanto mais se prolongava.

— É verdade? Fala sério?

E Páviel Pávlovitch teve um sobressalto de impaciência e de inquietação.

— Já lhe disse que não irei. Que sujeito engraçado é você!

— Mas então, que direi?… Como explicarei a Olimpíada Semiônovna, no fim da semana, quando verificar que você não chega, quando estiver à sua espera?

— Ora a dificuldade! Diga-lhe que quebrei a perna, ou coisa que o valha!

— Ela não acreditará nisso! — disse Páviel Pávlovitch, com voz gemente.

— E ela brigará com você, não é? — continuou Vielhtcháninov, sempre sorridente. — Mas, na verdade, meu pobre amigo, parece-me que você treme diante de sua encantadora esposa, não é?

Páviel Pávlovitch fez o que pôde para sorrir, mas não conseguiu. Que Vielhtcháninov tivesse prometido não ir, estava muito bem, mas que se permitisse pilheriar tão familiarmente a respeito de sua mulher, era inadmissível. Páviel Pávlovitch fechou a cara. Vielhtcháninov notou. Entretanto, acabava de soar o segundo sinal do sino; uma vozinha aguda saiu dum vagão, chamando impacientemente Páviel Pávlovitch. Este agitou-se no lugar, mas não atendeu ainda ao chamado. Era claro que esperava ainda alguma coisa de Vielhtcháninov; sem dúvida alguma, uma nova promessa de que não iria.

— De que família é sua mulher? — perguntou Vielhtcháninov, como se não se desse conta da inquietação de Páviel Pávlovitch.

— É a filha do nosso pope — respondeu o outro, olhando com olhar inquieto, para seu vagão.

— Sim, vejo bem, foi por causa de sua beleza que você casou com ela.

Páviel Pávlovitch fechou a cara de novo.

— E quem é esse Mítienhka?

— É um parente longe, meu, o filho de uma prima-irmã que

morreu. Chama-se Golubtchíkov.[14] Expulsaram-no do Exército por causa de uma história; acaba de ser readmitido. Fomos nós que o equipamos… É um pobre rapaz que não teve sorte…

"É bem isto, totalmente isto; tudo aí está", pensou Vielhtcháninov.

— Páviel Pávlovitch! — chamou de novo a voz que vinha do vagão, mas desta vez num tom mais agudo.

— Pá…el Pá…litch! — repetiu outra vez, uma voz de ébrio.

Páviel Pávlovitch agitou-se, mexeu-se, mas Vielhtcháninov agarrou-o vivamente pelo braço e manteve-o imóvel.

— Quer que eu vá agora mesmo contar à sua mulher que você quis assassinar-me, hem?

— O quê? Como? — disse Páviel Pávlovitch todo apavorado. — Deus o guarde disso!

— Páviel Pávlovitch! Páviel Pávlovitch! — gritou de novo a voz.

— Pois bem, pode ir, agora! — disse Vielhtcháninov, largando-o; ria cordialmente.

— Então você não irá? — murmurou uma derradeira vez Páviel Pávlovitch, desesperado, as mãos juntas, como outrora.

— Juro-lhe que não! Vamos, corra, ou haverá trapalhada!

Estendeu-lhe cordialmente a mão, mas ele estremeceu: Páviel Pávlovitch não a tomava e retirava a sua.

O sino soou pela terceira vez.

Passou entre eles, de súbito, algo de estranho, estavam como que transformados. Vielhtcháninov não ria mais; sentia em si um frêmito, um dilaceramento brusco. Agarrou Páviel Pávlovitch pelos ombros, violentamente, brutalmente.

— E se *eu*, lhe estendo esta mão — mostrou-lhe a palma de sua

mão esquerda, onde se via ainda a comprida cicatriz do ferimento, — você talvez não a recuse talvez! — disse ele baixinho, com os lábios pálidos e trêmulos.

Páviel Pávlovitch ficou lívido e tremeu; suas feições convulsionaram-se.

— E Lisa? — disse ele, com uma voz surda, precipitadamente.

E de repente seus lábios tremeram, suas faces e seu queixo tremeram e lágrimas brotaram de seus olhos. Vielhtcháninov permanecia de pé, diante dele, como petrificado.

— Páviel Pávlovitch! Páviel Pávlovitch!

Desta vez era um urro, como se tivessem estrangulado alguém. Repercutiu um apito.

Páviel Pávlovitch voltou a si e correu desabaladamente. O trem punha-se em movimento. Conseguiu agarrar a portinhola e saltar para dentro do vagão.

Vielhtcháninov ficou ali até a noite, depois retomou sua viagem interrompida. Não baldeou para a direita, não foi ver a dama que conhecia; não tinha mais disposição para isso… E quanto lhe pesou isso depois!

**1** Literalmente: grandioso, opulento.↩

**2** Grande Teatro.↩

**3** Ponte da Polícia.↩

**4** Nome forjado. De *trus*, medroso.↩

**5** Sinônimo arcaico de pope. Utilizado também, na linguagem do povo, como sinônimo de pai, aplicado ao próprio pai ou a pessoas de respeito, às quais se quer tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo. Também exclamação: Ah, *bátiuchka*! Meu pai! Meu Deus!↩

**6** Velhaco, tratante, patife; era francês no original.↩

**7** Quarteirão de Petersburgo.↩

**8** A mulher do pope. Termo arcaico, utilizado também pelo povo ao se dirigir à mãe, ou a pessoas respeitosas, às quais se quer tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo.↩

**9** Literalmente: vigarista. Valendo-se da semelhança com o sobrenome da personagem, Prostakova, dão-lhe esta alcunha que melhor assenta com sua condição moral.↩

**10** Literalmente: simplória.↩

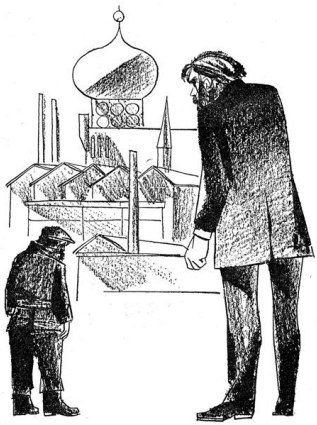
**11** O mais famoso dos vinhos húngaros.↩

**12** Nome forjado. De*lob*, fronte, testa.↩

**13** Mikhail Ievgráfovitch Saltikov-Chtchedrin (1826-1889). Célebre escritor satírico, deportado por Nikolai I e indultado por Alexandre II, quando da sua ascensão ao trono. Suas obras foram traduzidas a vários idiomas em todo o mundo.↩

**14** Nome forjado. De *golubtchik*: pombo.↩

# Os demônios



# Os demônios
# (1870)

Em meio às trevas, Senhor,
Do caminho nos perdemos.
Que faremos? O caminho
Não podemos encontrar.
Foram demônios sem dúvida
Que até cá nos atraíram…
Fazem-nos tontos girar
Com seu poder diabólico,
Ziguezagueando entre a noite
E de neve o temporal
Quantos são? Aonde vão
Esses bruxos e que cantam?
Será que boda festejam
Ou dançam em torno à cova
Que estão cavando eles mesmos
Para o dono desta casa?

A. Púchkin

Ora andava por ali pastando no monte uma grande vara de porcos; e rogavam-lhe que lhes permitisse entrar neles. E Jesus lhes permitiu. Saíram, pois, do homem os demônios e entraram nos porcos; e logo a vara se precipitou com ímpeto por um despenhadeiro no lago e se afogou. Quando os pastores viram isto, fugiram e foram contá-lo à cidade e pelas aldeias. E saíram a ver o que acontecera e foram ter com Jesus; e encontraram a seus pés, sentado, vestido e em seu juízo, o homem de quem tinham saído os demônios, e tiveram medo.

São Lucas, *Cap. VIII, vers. 32 e segs*.

## Primeira parte

## Capítulo primeiro / *À guisa de prólogo*

### Alguns pormenores da biografia do honorabilíssimo Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski

*I*

Ao empreender a descrição de acontecimentos recentes e algo estranhos ocorridos em nossa até aqui tranquila cidade, creio-me obrigado, diante de minha inexperiência, a remontar um pouco atrás e

a fornecer certos pormenores da biografia do talentoso e honorabilíssimo Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski. Esses pormenores servirão quando muito de introdução à presente crônica; quanto à história que me proponho contar, virá depois.

Confessarei, com toda a franqueza, que Stiepan Trofímovitch sempre desempenhou entre nós certo papel especial e, por assim dizer, cívico. Esse papel agradava-lhe apaixonadamente, tanto que não poderia, creio, a ele renunciar. Não que eu queira compará-lo a um comediante. Deus me guarde disso! Tanto mais quanto, pessoalmente, gosto muito dele. Talvez fosse nele questão de hábito, ou antes duma constante e generosa inclinação que o levara, desde os tenros anos, a acariciar para si uma bela carreira pública. Por exemplo, levava muito em conta sua situação de "perseguido" e "exilado". Há, nestas duas pequenas palavras, certo prestígio clássico que o seduzira duma vez por todas, e que, à força de elevá-lo a seus próprios olhos durante numerosos anos, induzira-o, com o tempo, a ver-se colocado numa espécie de pedestal bastante grato ao seu amor-próprio. Um romance satírico inglês do século passado fala-nos de um tal Gulliver que, de volta do país dos liliputianos, habitado por pessoas de estatura minúscula, acostumara-se de tal modo a tomar-se por um gigante que andando pelas ruas de Londres, involuntariamente gritava para os pedestres e cocheiros que se desviassem de seu caminho e tomassem cuidado para que ele não os esmagasse. Imaginava-se sempre um gigante e que ainda estava lidando com anões. De modo que toda a gente zombava dele, injuriava-o e os cocheiros chegavam a ponto de assestar-lhe chicotadas. Mas era justo? E não se conhece o poder do hábito? Tal era, mais ou menos, o caso de Stiepan Trofímovitch, ainda que sob uma forma mais pueril e mais inofensiva, porque era, no íntimo, um excelente homem.

Creio bem que toda a gente acabou por esquecê-lo, o que não nos autoriza a dizer que ele fora totalmente desconhecido em certa época anterior. Indiscutivelmente, houve um tempo em que pertenceu àquela famosa plêiade que brilhou na derradeira geração; durante um momento – um minutinho aliás, – seu nome fora posto, por uma multidão de gente um tanto apressada, mais ou menos no mesmo nível dos de Tchaadáiev, Bielínski, Granóvski e Herzen[1], que então vinha de

estrear no estrangeiro. Mas apenas se iniciara, encerrou-se a carreira de Stiepan Trofímovitch em consequência de um “turbilhão de circunstâncias” como ele apreciava dizer. Na realidade, não houve nem “turbilhão”, nem mesmo “circunstâncias”, pelo menos no caso de que nos ocupamos. Agora somente, nestes últimos dias, vim a saber, com a maior estupefação, mas de fonte absolutamente segura, que bem longe de ser exilado na nossa província, como o acreditavam comumente, Stiepan Trofímovitch nem mesmo fora alguma vez objeto de qualquer vigilância. O que é, no entanto, o poder da imaginação! Ele próprio, toda a sua vida, acreditou sinceramente que sempre o haviam temido nas altas esferas, que seus menores passos eram conhecidos e contados, e que cada um dos três governadores que se sucederam na nossa província, no curso dos vinte últimos anos, já chegava perfeitamente informado a seu respeito e munido de instruções especiais, desde sua entrada na função. Se alguém, naquela época, tivesse pensado, por meio de provas irrefutáveis, persuadir o bravo Stiepan Trofímovitch de que não tinha nada absolutamente a temer, este último teria decerto ficado ferido em seu amor-próprio. E, no entanto, era um homem dos mais inteligentes e dos mais bem dotados, e até mesmo, sob certos aspectos, um homem de ciência, se bem que a respeito de ciência… não haja produzido grande coisa. Parece mesmo que não produziu coisa nenhuma. Mas na Rússia este caso é frequente entre os homens de ciência.

De volta do estrangeiro, não deixou de lançar certo brilho aí por 1850, época em que ocupou uma cátedra na Universidade; mas não pronunciou senão algumas conferências e, ao que parece, a respeito dos árabes. Além disso, defendeu com brilho uma tese a respeito da importância comunal e hanseática que teria podido adquirir a pequena cidade alemã de Hanau, entre 1413 e 1428, e também sobre as causas particulares e aliás pouco claras que a tinham impedido de adquirir a referida importância. Esta dissertação conseguiu magoar vivamente os eslavófilos de então e valeu-lhe entre eles inimigos tão numerosos quanto encarniçados. Mais tarde – isto se passava, aliás, depois de ele ter abandonado sua cátedra, – para se vingar e para mostrar que homem haviam perdido com ele, publicou numa revista mensal e progressista, na qual se traduzia Dickens e George Sand pregava, o começo de um estudo muito aprofundado sobre as causas

da extraordinária nobreza moral de certos cavaleiros em certa época. As conjeturas a respeito falavam em pelo menos alguma coisa dessa espécie. Em todo caso, tratava-se ali de não sei qual alta ideia perfeitamente nobre e generosa. Correu mais tarde que a continuação dessa obra fora interdita e que a revista progressista teve aborrecimentos por haver inserido a primeira metade. É bastante possível; que é que não se via então? Mas no caso presente, é mais provável ainda que não se tivesse passado nada e que o próprio autor tivesse tido preguiça de terminar seu estudo. Quanto a seu curso sobre os árabes, a razão pela qual foi obrigado a suspendê-lo é a seguinte: não sei quem, nem como (provavelmente um de seus inimigos reacionários) interceptara certa carta de Stiepan Trofímovitch, dirigida a certa personalidade, e tratando de não sei qual assunto, em consequência do que um sujeito lhe exigiu não sei que explicações. Ignoro se o fato é exato, mas também afirmaram que, na mesma ocasião, tinha-se descoberto em Petersburgo uma vasta sociedade trabalhando por abolir as leis da Natureza e as do Estado. Esta sociedade, composta de trinta pessoas, estivera a ponto de convulsionar todo o regime. Acrescenta-se que ela se propunha traduzir até mesmo Fourier. Como fato expresso, deitou-se mão pelo mesmo tempo, em Moscou, a um poema que Stiepan Trofímovitch escrevera seis anos antes em Berlim, isto é, na época de sua primeira juventude, e cujas cópias se encontravam entre as mãos de dois amadores e de um estudante. Esse poema, também eu o conservo, na gaveta de minha mesa. Justamente no ano passado, o próprio Stiepan Trofímovitch me ofereceu um exemplar autografado, revisto e corrigido, ornado duma dedicatória e magnificamente encadernado em marroquim vermelho. Essa obra, aliás, não está desprovida de qualidades poéticas, nem de certo talento um tanto estranho; naquela época (isto é, entre 1830 e 1840) muitos eram os que escreviam segundo aquele gosto. Mas eu ficaria bem embaraçado se tivesse de contar-lhe o assunto, porque, na verdade, não compreendo dele patavina. Trata-se de uma espécie de alegoria tratada numa forma lírico-dramática, lembrando a segunda parte do *Fausto*. O pano levanta-se aos sons de um coro feminino, ao qual sucede o coro dos homens, depois o coro dos elementos, por fim o das almas que ainda não viveram, mas que experimentam vivo desejo de gozar da existência. Todos esses coros cantam alguma coisa bastante confusa;

na maior parte uma espécie de maldição, mas num tom irresistivelmente cômico. De repente, muda-se o cenário, para dar lugar a não se sabe qual “Festa da Vida”, da qual os próprios insetos participam com cantos. Aparece uma tartaruga que pronuncia fórmulas sacramentais em latim e, se bem me recordo, um mineral, coisa por definição absolutamente inanimada, que lança também a sua copla. Em geral, todos não fazem senão cantar e se lhes acontece alguma vez falar, é para brigar, sem motivo plausível, mas sempre, é claro, num tom dos mais solenes. Depois, nova mudança de cenário; o local é selvagem; um jovem civilizado vaga sozinho entre os rochedos, colhendo ervas que chupa. Uma fada lhe pergunta por que come aquelas ervas; responde ele que, sentindo em si excesso de forças vitais, procura o esquecimento e encontra-o no suco daquelas plantas, mas que seu principal desejo é perder o mais depressa possível a razão (desejo sem dúvida supérfluo). Entra em seguida, montando um cavalo negro, um rapaz de uma beleza inefável, seguido de um cortejo imenso de pessoas de todas as nacionalidades; o efebo personifica a morte à qual todos os povos aspiram! Por fim, na derradeira cena, aparece de súbito a torre de Babel que atletas acabam de construir, cantando o hino da nova esperança; e quando ela fica pronta até o alto, o soberano – digamos o Senhor do Olimpo –, foge com ar grotesco, e a humanidade, que sabe desde então o que tem a fazer, tomando o lugar dele, começa imediatamente uma era nova ao mesmo tempo que forma para si uma nova concepção do universo. Esse é o poema que se considerara então como perigoso. No ano passado, propus a Stiepan Trofímovitch publicá-lo, visto o caráter absolutamente inofensivo que ele tem em nossos dias. Declinou de minha proposta com um descontentamento visível. A ideia de que seu poema nada continha de perigoso desagradou-lhe e é mesmo a este fato que atribuo a espécie de frieza que me testemunhou durante dois longos meses. Ora, quase na ocasião em que lhe propunha publicar seu poema, ele foi incluído numa coletânea revolucionária lá fora, isto é, no estrangeiro, e naturalmente sem que Stiepan Trofímovitch o soubesse. Esta notícia, logo de início, causou-lhe medo. Correu à casa do Governador e escreveu a Petersburgo uma nobilíssima carta justificativa que me leu por duas vezes, mas que não enviou, não sabendo a quem endereçá-la. Em resumo, viveu um mês inteiro transido de temor, mas estou bem certo de que, no fundo de sua alma,

se sentia extremamente lisonjeado. Quando arranjou um exemplar dessa antologia, Stiepan Trofímovitch mal se separava dele para dormir; de dia, ocultava-o debaixo de seu colchão e não permitia que sua criada fizesse a cama. Se bem que esperasse cada dia a chegada de não sabia qual telegrama, afetava ares superiores. Mas nenhum telegrama chegou. Então reconciliou-se comigo, o que testemunha a extraordinária bondade de seu coração, manso e sem rancor.

## *II*

Não pretendo com isso afirmar que ele não tenha sofrido por causa de suas ideias. Todavia, estou perfeitamente convencido hoje de que ele teria podido prosseguir à vontade seu curso a respeito dos árabes; bastaria que tivesse fornecido os poucos esclarecimentos necessários. Mas era ambicioso e foi com uma ânsia particular que tomou o cuidado de se persuadir de uma vez por todas de que sua carreira estava definitivamente partida pelo "turbilhão das circunstâncias". No fundo, o verdadeiro motivo dessa mudança de carreira foi uma proposta que lhe fez por duas vezes, e da maneira mais delicada, Varvara Pietrovna Stavróguina, mulher do Tenente-General Stavróguin. Essa senhora, bastante rica, pediu-lhe que se encarregasse, na qualidade de pedagogo e amigo, da educação e do desenvolvimento intelectual de seu filho único. É inútil dizer que ele receberia brilhantes honorários. Esta proposta foi dirigida a Stiepan Trofímovitch pela primeira vez, quando ele ainda se encontrava em Berlim, no momento em que acabava de perder sua primeira esposa. Esta era uma senhorita de nossa província, de caráter bastante estouvado, que ele desposara no tempo de sua juventude irrefletida. Parece que com aquela criatura, aliás simpática, ele sofreu muitos aborrecimentos, por causa da impossibilidade de mantê-la e por outros motivos também, de ordem mais íntima e mais delicada. Separada de seu marido, ela morreu três anos após em Paris, deixando-lhe um filho de cinco anos "fruto do primeiro amor jovial e ainda sem nuvens", segundo a expressão que Stiepan Trofímovitch deixou escapar diante de mim, num acesso de melancolia. O rebento, logo enviado para a Rússia, foi educado por parentes afastados, em algum lugar, no fundo duma província. Stiepan Trofímovitch, naquela época, recusara as ofertas de Varvara Pietrovna e em breve, isto é, menos de um ano

após a morte de sua primeira esposa, tornara a casar com uma taciturna alemã de Berlim; casamento, além disso, que nada parecia tornar necessário. Outras razões ainda tinham-no levado a recusar o emprego de preceptor: o renome de um célebre professor da época impedia-o de dormir. Era preciso tomar voo para aquela cátedra à qual havia tanto tempo aspirava e ensaiar também ele suas asas de águia. E agora, de asas queimadas, era bastante natural que se lembrasse de uma proposta que, outrora, fizera-o hesitar. A morte súbita de sua segunda esposa – sua união não durara nem mesmo um ano – arranjou tudo definitivamente. Direi sem rodeios: a solução foi devida ao interesse afetuoso e à amizade preciosa e, se se pode dizer, toda clássica que lhe dedicava Varvara Pietrovna. Precipitou-se nos braços daquela amizade e sua situação achou-se fixada para mais de uma vintena de anos. Empreguei a expressão "precipitou-se nos braços", mas Deus preserve quem quer que seja de supor debaixo disso algo de inconveniente. Esta palavra "braços" deve ser tomada numa acepção estritamente moral. O elo que uniu aqueles dois seres tão notáveis não cessou jamais de ser da mais refinada delicadeza.

Outra razão ainda decidiu Stiepan Trofímovitch a aceitar o lugar de preceptor. A pequeníssima propriedade deixada por sua primeira mulher estava situada na vizinhança do soberbo domínio suburbano de Skvopiéchniki que os Stavróguini possuíam em nossa província. E depois, ele sempre poderia no recolhimento do gabinete, quando não tivesse mais de satisfazer a enorme carga das ocupações universitárias, consagrar-se à ciência e dotar a literatura nacional de profundos estudos. Estes estudos, aliás, jamais vieram à luz, mas em compensação ele pôde pelo resto de sua vida, isto é, durante mais de vinte anos, erguer-se tal como "uma censura em pessoa" diante da pátria, segundo a expressão do poeta popular:

> Como censura em pessoa
> .....
> De pé diante da pátria,
> Liberal-idealista.

É verdade que o indivíduo de que fala o poeta popular tinha talvez o direito, como bem lhe parecesse, de assim posar durante todo o curso de sua existência, embora certamente esse gênero de atitude

nada tenha de engraçado. No que se refere ao nosso Stiepan Trofímovitch, jamais foi, em comparação com tais pessoas, senão um pálido imitador. A posição vertical fatigava-o e muitas vezes preferiu "ficar sobre o flanco". Contudo, sejamos justos, se bem que estivesse sobre o flanco, continuava sendo a encarnação da censura, tanto mais quanto era isso o bastante para o regime. Ah! se o tivésseis visto sentar no clube diante de um jogo de cartas! Toda a sua atitude dizia: "Deem as cartas!… Pois bem, sim, jogo convosco! Mas que relação há entre nós? De quem a culpa? Quem, pois, rompeu minha carreira e reduziu-a a não ser mais do que uma partida de uíste?[2] Pereça a Rússia!". E, enchendo-se todo de si, cortava o baralho com entusiasmo.

No fundo, adorava as cartas, o que foi causa, nos derradeiros tempos, sobretudo, de frequentes bate-bocas bastante desagradáveis com Varvara Pietrovna e isto tanto mais quanto perdia duma maneira contínua. De resto, terei ocasião de voltar a isto mais adiante. Farei observar somente que era um homem consciencioso (pelo menos acontecia-lhe por vezes ser), e por isso viam-no muitas vezes melancólico. Durante os vinte anos de sua amizade com Varvara Pietrovna, sobrevinham-lhe, regularmente, três ou quatro vezes por ano, acessos de "tristeza cívica", como os chamávamos, isto é, muito simplesmente, de hipocondria, mas a honradíssima Varvara Pietrovna fazia muita questão desta palavrinha. Mais tarde, ele esteve também presa de acessos causados pelo champanhe, mas a sutil e delicada Varvara Pietrovna conseguiu sempre preservá-lo de baixas inclinações. De fato, ele tinha necessidade de uma babá, porque lhe acontecia por vezes mostrar-se bastante esquisito. Em pleno acesso de seu sublime pesar, punha-se de súbito a rir da maneira mais torpe. Em certas horas, começava a falar de si mesmo num tom humorístico. Ora, nada amedrontava tanto Varvara Pietrovna quanto o humorismo. Era uma mulher de princípios clássicos, a mulher-mecenas, e que agia unicamente em nome de motivos superiores. A influência que essa grande dama teve durante vinte anos sobre seu pobre amigo foi preponderante. Conviria falar dela em particular, o que me proponho fazer.

## *III*

Há amizades estranhas: dois amigos, sempre prontos a entredevorar-se, passam assim sua vida sem se poder separar. Seria impossível para eles romper um com o outro. Aquele dos dois que, por capricho, rompesse tal ligação seria o primeiro a cair doente por causa disso e talvez a morrer disso. Sei que várias vezes, e mesmo depois das efusões mais íntimas, a sós com Varvara Pietrovna, Stiepan Trofímovitch, ao ficar sozinho, saltou de repente de seu divã e se pôs a dar murros na parede.

Não estou inventando… Chegou mesmo uma vez a fazer cair o reboco. Vão me perguntar, talvez, como pude eu recolher detalhe tão íntimo. E se tivesse sido eu mesmo testemunha disso? Se Stiepan Trofímovitch, muitas vezes, houvesse soluçado em cima de meu ombro, enquanto me pintava da maneira mais viva os sentimentos que agitavam o mais íntimo do seu ser? (E que não confessava ele naqueles momentos!) Mas eis o que ocorria quase sempre, após aquelas crises de soluços: no dia seguinte, estava disposto a crucificar-se por causa de sua ingratidão; mandava chamar-me com toda a urgência, ou então acorria à minha casa, com o único fim de declarar-me que Varvara Pietrovna era "um anjo de honra e delicadeza e ele absolutamente o contrário". Longe de limitar-se a tomar-me por confidente, confessava-se a ela mesma em missivas das mais eloquentes e que assinava com todas as letras. Confessava-lhe, por exemplo, que, apenas na véspera, contara a um terceiro que ela o mantinha por vaidade, que ela estava com inveja de sua erudição e de seus talentos, que ela o odiava e que se ela não ousava muito simplesmente manifestar-lhe esse ódio, era de medo de que ele fosse embora – o que prejudicaria sua reputação de mulher dada às letras. Não deixava de acrescentar que desprezava a si mesmo e resolvera atentar contra seus dias; esperava dela uma derradeira palavra que decidiria de sua sorte etc., etc., e tudo mais nesse estilo. Pode-se imaginar após isto que grau deveriam atingir por vezes as explosões nervosas daquela criança, o mais inocente dos quinquagenários. Li eu mesmo, um dia, uma dessas cartas, escrita em seguida a uma querela sobrevinda por um motivo insignificante, querela que, não obstante, acabou por envenenar-se. Fiquei espantado e supliquei-lhe que não enviasse aquela carta. "Impossível… é mais honesto… de meu dever… morrerei, se não lhe confessar tudo, tudo!", respondeu ele, como que

presa de delírio; e enviou a carta.

A diferença entre Varvara Pietrovna e ele consistia precisamente no fato de que esta jamais teria enviado semelhante carta. É verdade que ele gostava apaixonadamente de escrever; mesmo quando moravam na mesma casa, ele lhe escrevia cartas, e, quando suas crises nervosas tomavam conta dele, até mesmo duas por dia. Sei, de boa fonte, que ela lia sempre aquela correspondência com a maior atenção, mesmo quando havia duas duma vez. Terminada a leitura, guardava aquelas cartas, depois de tê-las anotado e classificado, num cofrezinho especial; além disso, guardava-as também de memória. Em seguida, após deixar seu amigo um dia inteiro sem resposta, revia-o no dia seguinte, como se nada houvesse e como se nada se houvesse passado, absolutamente. Pouco a pouco, havia-o tão bem educado que ele próprio não ousava mais voltar aos incidentes da véspera, contentava-se com olhá-la furtivamente. Ela, porém, nada esquecera, enquanto que ele, encorajado por tanta calma, esquecia por vezes um pouco depressa demais, e muitas vezes, no mesmo dia, se chegavam amigos, ria e gracejava como um escolar, engolindo champanhe. Que venenosos olhares não haveria ela de lançar-lhe naqueles momentos? E dizer-se que ele nem mesmo percebia isso! Mas quando, ao fim de uns oito dias, de um mês ou mesmo de seis meses, involuntariamente, lhe voltava de repente à memória tal expressão de uma de suas cartas, depois a carta inteira em todos os seus detalhes, então corava de vergonha e aquele tormento tornava-se em breve tão agudo que tinha ele uma recaída de diarreia. Essas crises singulares, análogas à colerina, eram em certos casos o resultado ordinário de suas perturbações nervosas e representavam uma particularidade curiosa de sua constituição física.

Com efeito, Varvara Pietrovna odiava-o muitas vezes, sem dúvida; mas, coisa que escapou sempre até o derradeiro momento a Stiepan Trofímovitch, é que, com o tempo, ela acabara por considerá-lo como um filho, sua criação pessoal, e, seria possível dizer, sua invenção; que ele tivesse se tornado carne de sua carne e que se ela o mantinha e sustentava, não era somente por “inveja de seus talentos”. Oh! quanto ela não devia se sentir mortificada com tais suposições! Nutria por ele um amor intenso que se misturava a um ódio de todos os instantes, ao

mesmo tempo inveja e desprezo. Durante vinte e dois anos, velou por ele e o mimou como a seu próprio filho; teria passado noites sem dormir, quando se tratava, por pouco que fosse, de sua reputação de poeta, de sábio e de cidadão. Tinha-o inventado e ela mesma acreditava, em primeiro lugar, em sua invenção. Era para ela algo como o seu sonho… Mas, em compensação, exigia, verdadeiramente, muito dele, por vezes mesmo uma servidão absoluta. Era rancorosa num grau inaudito. A este propósito, tenho de relatar dois fatos autênticos.

## *IV*

Um dia, Varvara Pietrovna recebeu a visita de um barão de Petersburgo, que se achava de passagem pela nossa cidade. Contava esse personagem com as mais altas relações e achava-se em contato com os meios influentes. Estava-se na época em que os primeiros rumores relativos à emancipação do camponês começavam a circular e em que a Rússia inteira, numa explosão de entusiasmo, se preparava para renascer. Varvara Pietrovna estimava muito essa espécie de visitas, porque suas relações no grande mundo tinham vindo a diminuir desde a morte de seu marido. Para o fim, haviam mesmo cessado completamente. O barão passou uma hora em casa dela e tomou chá. Não havia outros visitantes, exceto Stiepan Trofímovitch, que Varvara Pietrovna convidara e tinha gosto em exibir. O barão, que já ouvira falar de Stiepan Trofímovitch, ou que fingia já ter ouvido falar, testemunhou-lhe, no entanto, muito pouca atenção no decurso daquela visita. Stiepan Trofímovitch era sem dúvida um homem incapaz da menor incorreção. Distinto de maneiras, se bem que fosse, ao que parecia, de origem bastante humilde, desde sua mocidade fora educado na casa de uma família nobre de Moscou (e por consequência bem educado). Além disso, falava francês como um parisiense. O barão deveria compreender muito bem de que espécie de pessoas se compunha o círculo de Varvara Pietrovna, no seio de seu retiro provinciano. Tal não se deu, no entanto. Quando o barão confirmou a autenticidade dos rumores que começavam a correr a respeito da grande reforma, Stiepan Trofímovitch não se pôde conter; exclamou, de repente: “Viva!” e esboçou mesmo um gesto para exprimir seu arrebatamento. Aquele “Viva!” lançara-o ele com voz pouco forte e

com distinção. Pode ser que seu arrebatamento tivesse sido estudado e aquele gesto repetido diante do espelho, durante a meia hora que precedeu o chá; mas houve sem dúvida qualquer tropeço; o barão permitiu-se um leve sorriso, não sem insinuar muito cortesmente uma frase a respeito da emoção geral, e de resto bem justificada, com a qual os corações de todos os russos acolheriam o grande acontecimento. Despedindo-se pouco depois, não se esqueceu de estender dois dedos a Stiepan Trofímovitch.

De volta ao salão, Varvara Pietrovna manteve-se em silêncio durante dois ou três minutos e pareceu procurar alguma coisa sobre a mesa. De repente, virou-se para Stiepan Trofímovitch e, lívida, de olhos fuzilantes, sussurrou, num tom ácido:

– Jamais lhe perdoarei!

No dia seguinte, revia seu amigo como se nada se tivesse passado; jamais viria a se referir novamente ao incidente. Mas, treze anos depois, num instante trágico, lembrou-se daquilo para lhe jogar no rosto. Empalideceu naquele momento, talqualmente o fizera treze anos antes quando, pela primeira vez, aquelas palavras saíram de seus lábios.

Somente duas vezes, durante toda a sua vida, é que lhe disse: “Jamais lhe perdoarei!”. O incidente ocorrido com o barão foi o segundo; mas o primeiro não foi menos característico e teve, ao que parece, tão grande influência sobre o destino de Stiepan Trofímovitch que me decido igualmente a relatá-lo.

Era em 1855, no mês de maio, depois que se soube em Skvopiéchniki da morte daquele velho libertino que era o Tenente-General Stavróguin, ocorrida em consequência de uma doença de estômago, quando se dirigia à Crimeia, chamado com urgência depois de nomeado para o serviço ativo do exército. Viúva, Varvara Pietrovna, pôs luto fechado. É verdade que não podia sofrer por muito tempo, porque, podia sofrer quatro anos, em virtude da incompatibilidade de gênios, vivia completamente separada do marido, a quem pagava uma pensão. Fora de seu título de nobreza e de suas relações (o tenente-general só possuía cento e cinquenta

almas[3] e seu soldo), a fortuna e o domínio de Skvopiéchniki pertenciam a Varvara Pietrovna, filha única de um riquíssimo fazendeiro de propriedades dominiais. Não obstante, ficou transtornada com a subitaneidade daquela notícia e retirou-se para uma solidão completa. Naturalmente, Stiepan Trofímovitch estava sempre a seu lado.

O mês de maio estava em plena florescência. As noites eram maravilhosas. As cerejeiras bravas começavam a florir. Todas as noites, os dois amigos encontravam-se no jardim e, até ao cair da noite, ficavam sentados sob um caramanchão, confiando um ao outro seus sentimentos e suas ideias. Viviam momentos de verdadeira poesia. Ainda sob a impressão de mudança que lhe sobreviera no destino, Varvara Pietrovna falava mais que de costume. Parecia se sentir atraída para o coração de seu amigo. Assim, vários serões se passaram. De repente, um pensamento estranho aflorou ao espírito de Stiepan Trofímovitch. "Aquela viúva inconsolável não estaria com segundas intenções a respeito dele? Não estaria esperando dele um pedido de casamento, assim que expirasse seu luto?" Ideia cínica; mas o refinamento da organização psíquica favorece por vezes certa inclinação às ideias cínicas, dando-se que, quanto mais desenvolvido é o indivíduo, tanto mais facilidade oferece à impudência da imaginação. Pôs-se a examinar aquela ideia a fundo e achou sua suposição verossímil. Isto lhe forneceu assunto para meditação: "É verdade que a fortuna é imensa, mas…". Varvara Pietrovna, efetivamente, nada tinha de bonita. Era uma mulher grande, ossuda, amarela, cujo rosto desmedidamente alongado tinha algo de cavalar. Stiepan Trofímovitch hesitava cada vez mais; era assaltado por dúvidas e até mesmo por duas vezes sua irresolução o fez derramar lágrimas (chorava com muita facilidade). Mas à tardinha, isto é, debaixo do caramanchão, contra sua vontade, sua fisionomia começava a tomar uma expressão caprichosa e esperta, com algo de presunçoso e de altivo. Esses jogos fisionômicos acontecem de maneira imprevista, involuntária, e quanto mais distinto é o homem, tanto mais se fazem notar. Deus sabe o que se deveria concluir disso, mas é provável que não nascesse no coração de Varvara Pietrovna nada que pudesse justificar completamente as conjeturas de Stiepan Trofímovitch. E, aliás, não teria trocado seu nome de Stavróguin pelo

de Stiepan Trofímovitch, por mais glorioso que este fosse. Talvez não fosse de sua parte senão uma brincadeira feminina, o efeito duma inconsciente necessidade, natural na mulher em certas circunstâncias excepcionais. Não saberia dizer. Até os dias de hoje insondável tem-se mantido o coração da mulher! Mas prossigamos nosso relato.

Podemos acreditar que Varvara Pietrovna não tardou em adivinhar o que significava aquela estranha expressão no rosto de seu amigo. Tinha faro e o dom da observação, ao passo que ele era, por vezes, um pouco ingênuo demais. Entretanto os serões se passavam como de costume; suas conversas continuavam sempre poéticas e interessantes. Uma vez, ao cair da noite, após uma conversação das mais animadas e das mais poéticas, enquanto trocavam um cordial aperto de mãos, separaram-se amigavelmente no limiar do pavilhão onde vivia Stiepan Trofímovitch. Cada verão, ele saía da vasta e confortável casa de Skvopiéchniki para se instalar naquela casinha que se encontrava quase em pleno jardim.

Ele tinha acabado de entrar em casa; pegara um charuto, com uma hesitação preocupada e ainda sem o ter acendido, parara, cansado e imóvel diante da janela aberta, fixando o olhar nas pequenas nuvens brancas, leves como plumas, que vogavam em torno da lua serena, quando um fraco rumor fez com que de súbito estremecesse e se virasse… Varvara Pietrovna, a quem deixara havia quatro minutos apenas, estava ali, de pé, diante dele. Seu rosto amarelo ficara quase arroxeado; seus lábios contraídos tremiam nas comissuras. Por espaço de dez segundos, fitou-o sem dizer uma palavra, diretamente nos olhos, com uma dureza implacável e, de repente, pressionando as palavras, murmurou:

– Jamais lhe perdoarei!

Quando dez anos mais tarde Stiepan Trofímovitch me contou esta penosa história, em voz baixa, e não sem ter de antemão fechado as portas, jurou-me que sua estupefação naquele momento fora tão grande que não ouviu, nem viu, como Varvara Pietrovna desaparecera. Como nunca, dali por diante, ela fizesse alusão ao que se passara e como tudo continuou na sua rotina habitual, foi a vida inteira levado a crer que fora simplesmente o joguete duma alucinação

que preludiasse alguma doença, tanto mais quanto naquela noite, de fato, caiu doente e ficou enfermo por quinze dias, o que, por consequência, pôs fim às entrevistas sob o caramanchão. Não obstante, qualquer que fosse seu desejo de não ver naquilo senão uma alucinação, durante toda a sua vida e todos os dias, pareceu esperar a continuação e, por assim dizer, o desfecho daquela aventura. Não podia acreditar que estivesse terminada! Mas então, se era assim mesmo, que olhadelas singulares ele não devia lançar por vezes à sua amiga!

## *V*

Ela chegara ao ponto de imaginar para ele um traje que ele usou toda a sua vida. Elegante e característico, aquele traje compreendia: uma sobrecasaca negra de longas abas, abotoada quase até em cima, mas que lhe sentava maravilhosamente; um chapéu mole de largas abas (no estio, era um chapéu de palha); uma gravata de batista branca de grande nó e de pontas flutuantes; uma bengala de castão de prata; e com isto uma cabeleira que lhe caía até os ombros. Seus cabelos, que eram castanhos, só começaram a embranquecer um pouco, nos derradeiros anos. Rapava o bigode e a barba. Dizem que fora extremamente belo na sua mocidade. Na minha opinião, mesmo velho, mantinha um aspecto bastante imponente. E afinal, já se é velho aos cinquenta e três anos? Mas por uma espécie de faceirice cívica, longe de procurar rejuvenescer, parecia tirar vaidosa vantagem de sua idade. Metido na sua roupa, com seu alto talhe magro, os cabelos a caírem-lhe sobre os ombros, assemelhava-se a um patriarca, ou antes ao retrato do poeta Kúkolhnik[4], tal como se vê gravado na edição de suas obras publicadas entre 1830 e 1840. Essa semelhança era sobretudo impressionante quando, no verão, estava sentado num banco de jardim, à sombra dos lilases em flor, com as duas mãos apoiadas em sua bengala, um livro aberto a seu lado, perdido em devaneios poéticos, inspirados pelo sol poente. A propósito de livros, farei notar que, por fim, acabara por desgostar-se da leitura; mas foi isto, aliás, já nos derradeiros tempos de sua vida. Quanto aos jornais e revistas que Varvara Pietrovna mandava vir em profusão, lia-os assiduamente. Não cessou também de interessar-se pelos triunfos da literatura russa, sem ceder, todavia, uma polegada sequer no capítulo

da dignidade. Num certo tempo, havia-o atraído o estudo da política contemporânea, interior e exterior; mas dentro em pouco renunciou à sua empresa. Acontecia-lhe ainda por vezes, quando se dirigia ao jardim, levar consigo Tocqueville[5], embora tivesse no bolso um volume de Paul de Kock[6]. De resto, tudo isso são detalhes bem fúteis.

A propósito do retrato de Kúkolhnik, mencionarei também, entre parênteses, que aquela pequena imagem caíra pela primeira vez entre as mãos de Varvara Pietrovna, quando ela era interna no Instituto para moças da nobreza, de Moscou. Enamorou-se logo do retrato, segundo o costume de todas as mocinhas educadas nos ginásios, que se apaixonam não importa por que, em particular pelos seus professores e acima de tudo professores de caligrafia e de desenho. Mas o mais curioso da história não é esse aspecto, apenas característico em uma mocinha, mas antes o fato de que na idade de cinquenta anos, Varvara Pietrovna conservava ainda aquela gravura entre suas mais íntimas recordações. Talvez fosse unicamente por causa disso que combinara para Stiepan Trofímovitch um traje análogo ao do poeta representado na gravura. Mas é igualmente este um detalhe ocioso.

Nos primeiros anos, ou antes, durante a primeira parte de sua estada em casa de Varvara Pietrovna, Stiepan Trofímovitch pensava ainda em escrever uma obra, e não se passava dia em que não se preparasse seriamente para isso. Mas durante a segunda parte, esse projeto parecia ter sido abandonado. Cada vez mais nós o surpreendíamos dizendo: “Parece-me sempre que vou começar minha à obra, os materiais estão reunidos, mas eis, não há meio, nada vem!” e baixava a cabeça com ar acabrunhado. Sem dúvida, esta atitude só fazia ressaltar ainda mais aos nossos olhos seu prestígio de mártir da ciência; mas ele próprio aspirava a algo mais. “Estou esquecido, ninguém tem necessidade de mim!”, escapou-lhe dizer muitas vezes. Mas foi cerca de 1860 que esse sentimento de intensa melancolia apoderou-se dele bem particularmente. Varvara Pietrovna compreendeu enfim que o caso desta vez era grave. Além disso, não podia admitir que seu amigo fosse esquecido e se tornasse um inútil. Para distraí-lo e restituir-lhe ao mesmo tempo um pouco de frescor ao seu renome, levou-o a Moscou, cidade onde contava relações ilustres

no mundo literário e científico. Mas Moscou revelou-se também insuficiente. Era com efeito uma época singular aquela. Algo de novo se preparava para nascer e que não se assemelhava em nada à antiga estagnação; algo de completamente estranho que se respirava em toda parte, até mesmo no domínio de Skvopiéchniki. Ecos lhe haviam chegado. Os fatos, conheciam-nos mais ou menos; mas os fatos arrastavam com eles grande número de ideias novas. Tudo isso lançava a confusão nos espíritos. Era impossível apreender o alcance exato dessas ideias. Assim Varvara Pietrovna foi levada, de acordo com sua natureza feminina, pelo desejo de penetrar-lhes o mistério. Tratou então de ler todos os jornais, todas as revistas e publicações estrangeiras, interditas na Rússia, que lhe faziam chegar às mãos; mas só conseguiu ficar com a cabeça transtornada. Empreendeu igualmente escrever cartas; responderam-lhe pouco e quanto mais a correspondência avançava, menos se tornava inteligível. Stiepan Trofímovitch foi então solenemente convidado a fazer-lhe a exposição dessas "ideias integrais" de uma vez por todas. Mas ela ficou visivelmente descontente com a explicação que ele lhe forneceu. O ponto de vista de Stiepan Trofímovitch sobre o movimento geral era dos menos benevolentes. Para ele, tudo se reduzia a este fato: estava esquecido e ninguém pensava mais nele. Enfim, dele também se lembraram; e, primeiríssimamente, nas revistas estrangeiras onde foi considerado como um mártir do exílio; quase imediatamente, puseram-se a falar dele também em Petersburgo, como de uma estrela que outrora fizera parte de uma constelação de primeira grandeza. Foi mesmo comparado, sem que se tenha bem sabido por que, a Radíchtchev[7]. Algum tempo depois, fizeram-no passar por morto e alguém anunciou que escreveria uma notícia a seu respeito. Desta feita, Stiepan Trofímovitch ressuscitou e tornou seu ar mais majestoso. Todo o desdém que exibia pelos seus contemporâneos esvaneceu-se de repente e uma chama nova apoderou-se dele: sonhava aderir ao movimento e mostrar a medida de suas capacidades. Varvara Pietrovna retomou fé e achou-se mergulhada num mundo de preocupações. Ficou decidido que partiriam imediatamente para Petersburgo, a fim de se informarem, de fazer indagações pessoais a respeito de todas as coisas e, se possível, lançaram-se de corpo e alma no novo movimento. A generala, entre outras coisas, declarou que estava pronta a fundar uma revista e a ela consagrar-se pelo resto de

seus dias. Vendo em que ponto estavam as coisas, Stiepan Trofímovitch afetou mais do que nunca ares superiores; no correr da viagem, teve para com Varvara Pietrovna uma atitude quase de proteção que ela não deixou de registrar imediatamente em sua memória. Aliás, outro motivo importante havia-a incitado a essa empresa: ela desejava renovar suas relações nas altas esferas da socidade. Era-lhe preciso, na medida do possível, fazer-se lembrar à memória do mundo, ou pelo menos tentar fazê-lo. Quanto ao pretexto oficial da viagem, era que desejava rever seu filho único que terminava então seus estudos no Liceu de Petersburgo.

## *VI*

Passaram em Petersburgo quase toda a estação de inverno. Desde a Quaresma, entretanto, tudo se esvanecera como uma bolha de sabão irisada. Os sonhos se dissiparam e a situação caótica, longe de esclarecer-se, tornou-se ainda mais intolerável. Em primeiro lugar, as relações com as altas esferas não puderam restabelecer-se, senão talvez numa medida extremamente restrita e ao preço de humilhantes diligências. Ferida em seu amor-próprio, Varvara Pietrovna lançou-se, pois, de corpo e alma, nas ideias novas e pôs-se a organizar serões literários. Enviou convites aos homens de letras e apresentaram-lhe em breve uma multidão deles. Mais tarde, apareceram por si mesmos, sem convite, um levando outro. Jamais vira literatos daquele gênero. Eram todos incrivelmente vãos, mas duma vaidade de tal modo ostensiva que pareciam, por aquilo mesmo, cumprir uma obrigação. Alguns (não todos) chegavam a ponto de apresentar-se embriagados, tendo o ar de ligar a isto um mérito particular que acabavam justamente de descobrir. Tinham uma maneira estranha de pavonear-se de seu talento. Cada um trazia escrito em seu rosto que acabava de revelar algum segredo da mais alta importância. Discutiam, em disputa. Decerto, teria sido bastante difícil saber exatamente o que tinham escrito; todavia, encontravam-se entre eles críticos, romancistas, dramaturgos, satiristas e panfletários. Stiepan Trofímovitch conseguiu penetrar até o coração mesmo desse círculo, isto é, lá donde emanava a direção do movimento. Fora-lhe preciso galgar uma infinidade de degraus para aproximar-se dos dirigentes; todavia, estes acolheram-no cordialmente, se bem que nenhum deles

jamais tivesse ouvido falar a seu respeito, nem dele conhecesse outra coisa senão que “encarnava a ideia”. Stiepan Trofímovitch soube manobrar tanto e tão bem junto a eles que conseguiu por duas vezes atraí-los à casa de Varvara Pietrovna, a despeito de sua olímpica majestade. Toda aquela gente era demasiado séria, polida e duma correção perfeita. Os outros pareciam ter medo deles; mas era evidente que não tinham tempo a desperdiçar. Apresentaram-se também duas ou três antigas celebridades literárias que se encontravam naquele momento em Petersburgo e com as quais Varvara Pietrovna entretinha, desde muito tempo já, as relações mais distintas. Mas para vivo espanto seu, aquelas celebridades, autênticas, no entanto, e completamente inegáveis, eram “mais tranquilas do que a água, mais humildes do que a relva”, e algumas nada acharam de melhor que se enganchar bem simplesmente àquela nova súcia, cujas boas graças solicitavam vergonhosamente. No começo, a sorte favoreceu um pouco Stiepan Trofímovitch. Agarravam-se a ele e puseram-se a exibi-lo nas reuniões literárias. Na primeira vez em que apareceu no tablado, por ocasião de uma conferência pública na qual devia tomar parte, foi acolhido com aplausos frenéticos que não cessaram durante uns bons cinco minutos. Dez anos mais tarde, lembrava-se ainda disso, com lágrimas nos olhos, de resto mais por sensibilice ingênua de artista que por gratidão: “Juro-lhe – confiava-me ele (a mim só e com grande segredo), – que ninguém na assistência jamais ouvira falar a meu respeito!”. Confissão digna de nota. Era, pois, dotado duma inteligência muito fina, se é verdade que naquele momento, em cima do tablado, no estado de superexcitação em que se encontrava, pudera entrever tão claramente sua posição; mas não era realmente dotado duma inteligência bem fina, pois que, nove anos mais tarde, não podia evocar aquela lembrança sem experimentar um sentimento de mortificação. Tinham-no convidado a assinar dois ou três protestos coletivos (contra quê? – ele mesmo não sabia): assinou tudo quanto quiseram. Varvara Pietrovna foi também obrigada a protestar contra certo “ato infame” e também assinou. Aliás, se bem que a maior parte daqueles “novos” frequentasse a casa de Varvara Pietrovna, acreditavam-se eles no dever (não se sabe por que) de considerá-la com desprezo e nem tinham o trabalho de dissimular sua ironia. Mais tarde, nas horas de amargura, Stiepan Trofímovitch confiou-me que foi a partir daquele instante que ele passara a invejá-

la. Decerto, compreendia que não podia entreter relações com aquela gente; todavia recebia a todos com avidez, movida por toda a impaciência histérica de seu sexo, e, além do mais, estava constantemente na expectativa de algum acontecimento. No decorrer daquelas recepções, conversava pouco, embora tivesse podido falar mais. Preferia escutar os outros. A conversava versava sobre a abolição da censura e da letra *ierr*[8]; a substituição dos caracteres russos pelo alfabeto latino; a deportação de alguém; o derradeiro escândalo ocorrido na Passagem, a utilidade de desmembrar a Rússia em nacionalidades reunidas em federação livre; a supressão do Exército e da Marinha; a restauração da Polônia até os confins do Dnieper; a reforma camponesa e os famosos manifestos revolucionários; a abolição da herança; a família, as crianças e o padre; o direito das mulheres; a casa de Kraiévski, – que ninguém jamais pudera perdoar a Kraiévski etc., etc. Era evidente que havia numerosos pulhas no meio daquela súcia de "gente nova", mas havia sem dúvida também gente honesta, até mesmo bastante simpática, apesar de certos aspectos que causavam espanto. Os "honestos" eram muito mais difíceis de decifrar que os desonestos e os rústicos, mas não se sabia quais dos dois manobravam os outros. Ao anunciar-se que Varvara Pietrovna tinha ideia de fundar uma revista correram à sua casa em maior número ainda, mas logo as acusações de capitalista e de exploradora do trabalho foram-lhe jogadas na cara. A violência dessas acusações corria parelha com sua subitaneidade. O velho General Ivan Ivânovitch Drózdov, antigo amigo e companheiro de armas do falecido General Stavróguin, personagem dos mais dignos (mas à sua maneira) e bem conhecido de toda a gente, extremamente teimoso e irascível, que comia espantosamente e tinha um medo desatinado do ateísmo, travou, no decurso dum serão em casa de Varvara Pietrovna, uma discussão com um jovem célebre. Desde as primeiras palavras este lhe replicou: "Só mesmo sendo general pode o senhor falar assim", dando a entender com isso que não saberia achar termo mais injurioso que a palavra "general". Ivan Ivânovitch foi tomado duma cólera terrível: "Perfeitamente, sou general, e até mesmo tenente-general, e servi ao meu czar, e quanto ao senhor, rapaz, não passa de um fedelho e de um ateu!". Seguiu-se espantoso escândalo. No dia seguinte, o incidente foi revelado na imprensa e tratou-se de assinar um protesto coletivo contra "a abominável

conduta” de Varvara Pietrovna, que se recusara a pôr para fora imediatamente de sua casa o general. Uma revista ilustrada publicou uma mordaz caricatura, representando Varvara Pietrovna, o general e Stiepan Trofímovitch como um trio de reacionários. Era essa caricatura acompanhada de alguns versos que um poeta popular escrevera especialmente nessa intenção. Farei notar pela minha parte que são numerosos aqueles que, chegados ao posto de general, têm o ridículo hábito de dizer: “Servi ao meu czar…”, como se não tivessem o mesmo czar que nós, seus simples e fiéis súditos, mas antes seu czar especial, feito unicamente para eles.

Era evidentemente impossível permanecer por mais tempo em Petersburgo, tanto mais quanto Stiepan Trofímovitch teve de sofrer também um fiasco definitivo. Não se pudera impedir de falar em nome da Arte, o que atraiu contra ele ainda maiores zombarias. No correr de sua derradeira conferência, imaginou causar impressão no auditório tangendo a corda cívica. Com isso esperava tocar-lhes os corações e contava com o respeito que devia inspirar-lhes seu “exílio”. Reconheceu, sem rodeios, a inutilidade e o absurdo da palavra “pátria”, deu também razão à ideia de que a religião exercia uma influência perniciosa; mas foi com voz alta e firme que declarou que muitos nem chegavam às botas de Púchkin. Foi nisto tão impiedosamente vaiado que se pôs a chorar em público, antes mesmo de descer do estrado. Varvara levou-o para casa mais morto do que vivo. “*On m´a traité comme un vieux bonnet de coton*”[9], balbuciava ele à maneira de um insensato. Ela o velou a noite inteira, fazendo-o tomar gotas de loureiro e repetindo até o amanhecer do dia: “Você é ainda útil. Você haverá de reaparecer ainda, será apreciado… noutro lugar!”.

No dia seguinte, bem cedo, cinco literatos, três dos quais completamente estranhos e que ela jamais vira, apresentaram-se em casa de Varvara Pietrovna. Com um ar severo, declaram-lhe que tinham estudado o caso da revista e tomado sua decisão a respeito. Ora, Varvara Pietrovna jamais encarregara alguém de examinar ou decidir o quer que fosse concernente à dita revista. Eis pois qual era a decisão deles: fundadora da revista, deveria ela logo cedê-la a eles com os capitais, a título de associação livre. Quanto a ela,

pessoalmente, não tinha senão que voltar para Skvopiéchniki, sem se esquecer de levar Stiepan Trofímovitch, doravante “passado de moda”. Por delicadeza, consentiam em reconhecer-lhe o direito de propriedade e enviar-lhe todos os anos um sexto dos lucros. O mais tocante em todo o negócio é que, dos cinco indivíduos, quatro, com certeza, não tinham em vista nenhum fim interesseiro e agiam unicamente em nome da “causa comum”.

– Partimos completamente aturdidos – contava Stiepan Trofímovitch. – Não conseguia associar duas ideias e não fazia senão balbuciar, lembro-me disso, ao barulho do trem:

> *Viek e Viek e Liev Kambiek,*
> *Liev Kambiek e Viek e Viek.*[10]

e Deus sabe que mais ainda, até Moscou. Somente ali é que voltei a mim mesmo – como se, efetivamente, tivesse podido encontrar algo diferente ali! Oh! meus amigos – dizia-nos ele por vezes, num tom inspirado, – vós não saberíeis imaginar que tristeza e que raiva invadem vossa alma quando uma grande ideia, que por muito tempo venerastes como uma coisa santa, é captada por ignorantes que a arrastam pela rua, para o meio de gente tão imbecil quanto eles próprios; e, de súbito, vós a tornais a encontrar no mercado, irreconhecível, atolada na lama, toda pisada e desconchavada, sem mais proporções nem harmonia, tal um brinquedo entre mãos de crianças… Não, não, não a isto, absolutamente. Não reconheço mais nada. Nosso tempo deverá tornar a voltar e repor no caminho direito tudo quanto vacila hoje em dia. Senão, que acontecerá?

## *VII*

De volta a Petersburgo, Varvara Pietrovna despachou logo seu amigo para o estrangeiro, a fim de “repousar”. Aliás, algum tempo de separação lhes era necessário: ela o sentia. Stiepan Trofímovitch partiu entusiasmado: “Lá, irei ressuscitar! – exclamava ele. – Lá voltarei a consagrar-me à ciência”.

Mas desde as primeiras cartas, retomou suas lamúrias: “Meu coração está despedaçado – escrevia a Varvara Pietrovna. – Não posso

esquecer nada! Aqui, em Berlim, tudo me recorda o meu velho passado, meus primeiros entusiasmos e meus primeiros sofrimentos. Onde está ela? Onde estão agora as duas? Onde estais, meus dois anjos, vós de quem jamais fui digno? Onde está meu filho, meu filho bem-amado? Onde estou eu, enfim, eu mesmo, o antigo eu, forte como o aço e inabalável como um rochedo, se hoje um Andriéiev qualquer, um palhaço ortodoxo barbado, *peut briser mon existence en deux*[11] etc., etc.”.

Pelo que se refere a seu filho, Stiepan Trofímovitch só o vira duas vezes em sua vida, a primeira no dia de seu nascimento, e a segunda, bem recentemente, em Petersburgo, onde o rapaz se preparava para entrar na Universidade. Durante toda a sua vida, o menino, como já disse, foi educado por suas tias, à custa de Varvara Pietrovna, na província de O***, a umas setecentas verstas de Skvopiéchniki. Quanto a Andriéiev, era muito simplesmente um comerciante de nossa cidade, uma espécie de arqueólogo excêntrico, um autodidata, apaixonado colecionador de antiguidades russas, que se comprazia por vezes em rivalizar em erudição com Stiepan Trofímovitch, principalmente a respeito de tendências progressistas. Esse digno comerciante de barba branca e grossas lentes em aro de prata devia ainda a Stiepan Trofímovitch quatrocentos rublos por conta de algumas *diesiatini* de lenha que lhe comprara nos arredores de Skvopiéchniki. Se bem que Varvara Pietrovna tivesse provido fartamente seu amigo de meios, ao enviá-lo a Berlim, Stiepan Trofímovitch contava bastante receber aqueles quatrocentos rublos antes de sua partida, provavelmente tendo em vista suas despesas secretas e quase chorou quando Andriéiev rogou-lhe que esperasse o pagamento para dali a um mês. Aliás, estava o comerciante com direito de obter essa mora, tendo sido efetuados por ele os primeiros pagamentos cerca de seis meses antes, em uma ocasião em que Stiepan Trofímovitch se encontrava em dificuldades financeiras. Varvara leu com curiosidade ávida essa primeira carta, e, sublinhando a lápis, a exclamação: “Onde estão agora as duas?”, pôs-lhe data e guardou-a no cofrezinho. Só podia ser às suas duas mulheres que ele fazia alusão. Na segunda carta recebida de Berlim, a canção era outra: “Trabalho doze horas por dia (onze já não seria mau, resmungou Varvara Pietrovna), garimpo as bibliotecas, compulso textos e tomo

notas, ando, tenho visitado professores. Renovei conhecimento com a excelente família Dundásov. Como é encantadora ainda hoje essa Nádiejda Nikoláievna! Ela lhe envia seus cumprimentos. Seu jovem marido e seus três sobrinhos encontram-se em Berlim. À noite conversamos com a gente moça até o romper do dia; são quase noites atenienses, mas atenienses unicamente no que se referem à fineza e à elegância. Tudo nelas é de uma grande nobreza de estilo: muita música, árias espanholas, sonhos de regeneração de toda a humanidade, a ideia da eterna beleza, a Madona da Sixtina, a luz que traspassa as trevas. Mas o próprio sol tem manchas! Oh! minha amiga, minha nobre e fiel amiga! Estou com você, com você de todo o coração, com você sozinha, *em tout pays et même dans le pays de Makar et de ses veaux*,[12] do qual, lembra-se você?, falávamos tantas vezes com um arrepio em Petersburgo, antes de nossa partida daquela cidade. Penso nisso com um sorriso. Transporta a fronteira, senti-me fora de perigo, sensação estranha, nova, experimentada pela primeira vez desde muitos anos"… etc., etc.

– Bem, tudo isso não passa de parolagem – decretou Varvara Pietrovna, guardando essa carta com as outras no cofrezinho. – Quem se entretém até o romper do dia nessas noites atenienses não pode estar preso aos livros doze horas por dia. Estaria embriagado, quando escreveu isto? E essa Dundásov, como ousa ela enviar-me seus cumprimentos? Afinal de contas, é bom que o distraia…

No que conceme à frase "no país de Makar e de seus bezerros", Stiepan Trofímovitch fazia questão de traduzir, estropiando-os, os adágios e provérbios russos, se bem que fosse capaz de interpretá-los de bem melhor maneira. Mas fazia-o por uma espécie de originalidade e achava isso muito espirituoso.

Todavia, não se divertiu por muito tempo. Ao fim de quatro meses, não aguentou mais e voltou precipitadamente a Skvopiéchniki. Suas derradeiras cartas, que só consistiam em efusões das mais sentimentais para com sua amiga ausente, eram literalmente banhadas de lágrimas por causa da separação. Existem criaturas que são assim tão agarradas à sua casa como cãezinhos mimados. A entrevista dos dois amigos foi entusiasta. No dia seguinte, tudo retomara o ramerrão habitual, até mesmo mais aborrecido. – "Meu amigo – dizia-me

Stiepan Trofímovitch, quinze dias depois, com o maior mistério –, meu amigo, descobri uma coisa… terrível para mim. Sou um simples *parasite et rien de plus! Mais r-r-ien de plus*![13]”

## *VIII*

Depois disto, entramos num período de estagnação que durou nove anos, durante os quais não ocorreu quase nenhuma mudança. As explosões nervosas e os soluços em cima do meu ombro repetiam-se a intervalos regulares e não comprometiam absolutamente nossa felicidade. Admiro-me de que não haja Stiepan Trofímovitch engordado durante aquele período. Somente seu nariz avermelhou-se um tanto e suas maneiras revestiram-se de maior unção e urbanidade. Pouco a pouco, formara-se em torno dele um círculo de amigos, círculo, na verdade, bastante restrito. Se bem que Varvara Pietrovna estivesse pouco em contato com esse círculo, todos nós a reconhecíamos como a nossa dama patrocinadora. Após a lição recebida em Petersburgo, instalara-se definitivamente em nossa cidade; no inverno, morava em sua casa; no verão, em sua casa de campo. Jamais gozou em nossa sociedade provinciana de tanto prestígio e influência como durante estes sete últimos anos, isto é, até a nomeação do governador atual. Nosso antigo governador, o manso, o inesquecível Ivan Óssipovitch, era parente próximo de Varvara Pietrovna que, outrora, havia sido sua protetora. A mulher do governador tremia somente ao pensar em incorrer em desagrado junto a Varvara Pietrovna, enquanto que as homenagens de que era esta objeto na sociedade provinciana faziam pensar numa espécie de idolatria. Naturalmente, Stiepan Trofímovitch também achava-se bem. Era membro do clube, perdia majestosamente no jogo de cartas e soubera conquistar a estima geral, muito embora numerosas pessoas o considerassem quando muito como um “erudito”. Mais tarde, quando Varvara Pietrovna lhe permitiu que morasse à parte, gozamos de mais liberdade ainda. Reuníamo-nos em casa dele duas vezes por semana; divertíamo-nos sobretudo quando ele não poupava o champanhe. O vinho provinha da venda daquele mesmo Andriéiev. Era Varvara Pietrovna quem pagava as contas todos os semestres e o dia do pagamento era quase sempre o da colerina.

O membro mais antigo daquele círculo era um tal de Lipútin, funcionário do governo, de certa idade, grande liberal e que era tido na cidade como ateu. Casara-se em segundas núpcias com uma jovem e bonita criatura, possuidora dum dote respeitável; era, além disso, pai de três filhas maiores, toda a sua família era por ele mantida no temor de Deus e enclausurada em casa. Extremamente avaro, conseguira, poupando seu ordenado, adquirir uma casinha e constituir para si um capital. De caráter pouco ameno, permanecera nos postos inferiores; não era estimado na cidade, onde a alta sociedade não o recebia. Além disso, era Lipútin bastante tagarela, de modo que mais de uma vez sofrera correções e até mesmo bastante rudemente, primeiro de um oficial, depois de um proprietário de terras, honesto pai de família. Mas nós gostávamos de seu espírito aguçado, de seu amor ao saber e de sua jovialidade particularmente cáustica. Varvara Pietrovna não gostava dele; contudo, ele conseguia sempre captar-lhe a benevolência.

A generala também não gostava de Chátov, que só fez parte do círculo no último ano. Chátov era um antigo estudante, expulso da Universidade em consequência de certo acontecimento desagradável na escola. Na sua infância, fora aluno de Stiepan Trofímovitch. Nascido servo de Varvara Pietrovna e filho dum criado de quarto desta, o falecido Páviel Fiodórovitch, era-lhe devedor de numerosos benefícios. Não gostava dele por causa de sua altivez e de sua ingratidão e não podia de modo algum perdoar-lhe não ter ido logo procurá-la, após sua expulsão da Universidade. Pelo contrário, deixou sem resposta a carta que ela lhe dirigira na época nesta intenção e preferiu submeter-se ao jugo do professorado numa vaga família de comerciantes “cultos”, com a qual partiu para o estrangeiro, mais na qualidade de criado de crianças que de preceptor. Chátov, naquela época, ardia de desejo de visitar o estrangeiro. Os meninos foram também acompanhados por uma govemanta, uma senhorita russa, de caráter vivo, que entrara igualmente para a casa na véspera da partida e que haviam contratado sobretudo por motivo do baixo custo de suas exigências. Ao fim de dois meses, o comerciante mandou-a para a na rua por causa de suas “ideias libertárias”. Chátov acompanhou-a e pouco depois casou-se com ela em Genebra. Viveram juntos cerca de três semanas, depois se separaram como pessoas independentes e que

nada poderia ligar, se bem que a pobreza tivesse também contribuído um tanto para essa separação. Mais tarde, Chátov vagou por muito tempo sozinho pela Europa, vivendo só Deus sabia de que expediente. Diziam que ele engraxou sapatos nas esquinas das ruas e foi estivador em um porto. Afinal, há um ano, voltava ao ninho natal, entre nós, e instalava-se com sua velha tia, a quem enterrou um mês depois. Sua irmã Dacha, educada também por Varvara Pietrovna, vivia com esta como favorita e gozava em sua casa de respeito e consideração. Ele e ela tinham relações muito distantes. Chátov, no nosso círculo, mostrava-se triste e tacitumo; mas, de vez em quando, ao tocar-se em suas convicções, tornava-se presa duma irritação doentia e não punha mais nenhum freio à sua linguagem. "Se se quiser discutir com Chátov, é preciso começar por amarrá-lo", dizia por vezes, brincando, Stiepan Trofímovitch que, contudo, gostava dele. No estrangeiro, Chátov havia modificado radicalmente algumas de suas antigas convicções socialistas e precipitara-se no excesso contrário. Era um desses russos idealistas que, quando uma ideia poderosa os fere, logo ficam subjugados, por vezes mesmo para sempre. Jamais conseguem dominar essa ideia, à qual aderem apaixonadamente e desde então toda a sua existência, podemos dizer, passa-se em convulsões supremas, sob o peso dessa pedra que, um dia, caiu sobre ele, deixando-os semiesmagados.

O exterior de Chátov correspondia perfeitamente às suas convicções: era canhestro, louro, cabeludo, de pequena estatura, ombros largos, lábios grossos, sobrancelhas muito louras, espessas e muito hirsutas, testa enrugada, com olhos obstinadamente baixos, cujo olhar impaciente parecia velar alguma vergonha secreta. Permanecia sempre em sua testa uma mecha rebelde de cabelos, que repontava duramente. Quanto à sua idade, podia ter uns vinte e sete ou vinte e oito anos. "Não me admiro mais de que sua mulher o tenha deixado" – observou um dia Varvara Pietrovna, depois de o haver esquadrinhado com atenção. Apesar de sua extrema pobreza, Chátov esforçava-se por andar decentemente trajado. Daquela vez tampouco quis recorrer a Varvara Pietrovna e viveu do que Deus lhe mandava. Aconteceu-lhe trabalhar até em casa de comerciantes. Empregado algum tempo em um armazém, esteve a ponto de embarcar na qualidade de comissário adjunto num navio de carga, mas caiu doente justamente na véspera

da viagem. Seria difícil imaginar que grau de miséria era Chátov capaz de suportar, sem mesmo dar-lhe importância. Quando se restabeleceu de sua doença, Varvara fez chegar-lhe às mãos cem rublos, tendo o cuidado de conservar o anonimato. Ainda assim ele soube a verdade; depois de refletir, ficou com o dinheiro e foi agradecer a Varvara Pietrovna. Esta o acolheu calorosamente, mas, uma vez mais, não correspondeu Chátov à sua expectativa. Ficou em casa dela apenas uns cinco minutos, silencioso, de olhos pregados no soalho, um sorriso estúpido nos lábios. Mas, de repente, sem mesmo ouvi-la até o fim, e no momento mais interessante da conversa, ficou em pé, cumprimentou com ar formal, dando todos os indícios de uma extrema canhestrice. Desastradamente, bateu de encontro a uma preciosa mesinha de costura, marchetada, que derrubou e que veio a quebrar-se com estrondo sobre o soalho. Saiu meio morto de vergonha. Mais tarde, Lipútin censurou-o por não haver rejeitado com desdém aqueles cem rublos, provindos daquele "tirano de saias", sua antiga proprietária, e, coisa mais grave ainda, ter ido agradecer-lhe.

Morando bem no extremo da cidade, Chátov vivia sozinho e não gostava de que o visitassem, fosse mesmo um de nós. Aparecia regularmente nos serões de Stiepan Trofímovitch e tomava-lhe emprestados jornais e livros. Participava também desses serões um jovem funcionário de nossa cidade, chamado Virguínski, o qual, embora oferecendo certos traços de semelhança com Chátov, devia provavelmente constituir a perfeita antítese dele sob todos os aspectos, se bem que fosse, também ele, "chefe de família". Era um homem jovem, de uns trinta anos de idade aliás, de aspecto lastimável, de caráter extremamente manso, muito instruído, mas um tanto à maneira dos autodidatas. Pobre e casado, exercia sua profissão e mantinha uma sua tia, bem como a irmã de sua mulher. Da mesma maneira que todas aquelas senhoras, sua esposa estava imbuída das ideias mais modernas, ideias que, entretanto, tomavam nela um jeito bastante vulgar. Era bem aquela "ideia caída no rio", segundo a expressão de Stiepan Trofímovitch, um dia, a propósito de outro assunto bem diverso. A bagagem intelectual delas era inteiramente livresca e bastava que circulasse um rumor qualquer nos meios mais adiantados da capital, para que elas estivessem prontas a mandar tudo pela janela fora à primeira sugestão. A Senhora Virguínskaia exercia

em nossa cidade a profissão de parteira; quando moça, morara muito tempo em Petersburgo. Quanto ao próprio Virguínski, era um homem duma candura pouco comum e raramente foi-me dado encontrar alma mais nobremente apaixonada. “Jamais, jamais, renunciarei a estas serenas esperanças”, falava ele em voz baixa, com mansidão, num meio murmúrio, como se estivesse a nos contar um segredo. Bastante alto, mas muito franzino, Virguínski tinha os ombros estreitos, os cabelos extremamente ralos e uma tez avermelhada. Acolhia com humildade todas as zombarias condescendentes que Stiepan Trofímovitch formulava a respeito de algumas de suas opiniões; entretanto, fazia a este último, por vezes, objeções muito sólidas, que o punham em aperto. Stiepan Trofímovitch, que se portava aliás para nós todos como um pai, tratava-o com afabilidade.

– Você e seus semelhantes sois todos “semichocados” – dizia ele, brincando, a Virguínski –, se bem que você, pessoalmente, Virguínski, esteja isento desse espírito limitado que encontrei em Petersburgo entre aquela espécie de seminaristas; mas nem por isso deixam de ser vocês “semichocados”. Chátov gostaria bem de ser totalmente chocado, mas ele próprio não o é senão pela metade.

– E eu? – perguntou Lipútin.

– Você é apenas o termo médio; aquele que sabe adaptar-se a todas as circunstâncias… a seu jeito.

Lipútin deu-se por ofendido.

A respeito de Virguínski contava-se na cidade, e infelizmente o boato parecia bastante fundamentado, que sua mulher, menos de um ano após seu casamento, havia-lhe dado a entender, “destituindo-o”, sua preferência por Liebiádkin. Este, que não fazia parte de nosso meio e que, posteriormente, se revelou um personagem suspeitíssimo, nem mesmo capitão reformado era, como falsamente se intitulava. Sabia quando muito retorcer os bigodes, beber e meter-se nas aventuras mais estúpidas que se possam imaginar. Satisfeito por viver à custa alheia, esse homem foi, sem mais cerimônias, instalar-se imediatamente em casa dos Virguínski, comendo e dormindo lá e acabou tratando de cima o dono da casa. Falava-se que, informado por

sua mulher de sua “destituição” lhe teria Virguínski dito: “Minha amiga, até o presente, não tinha por você senão amor, agora lhe tenho estima”. Mas é duvidoso que esta frase digna dum antigo romano tenha sido realmente pronunciada. Pelo contrário, outros asseguram que ele desatou então a chorar. Uma vez – isto se passava quinze dias após a “destituição” – todos partiram “em família” a tomar chá em casa de conhecidos, num bosque dos arredores da cidade. Virguínski manifestava uma espécie de alegria febril; houve danças nas quais tomou parte, mas, de repente, e sem nenhuma altercação prévia, no momento em que Liebiádkin executava um cancã sozinho, agarrou-o com as duas mãos pelos cabelos, dobrou-o em dois e pôs-se a sacudi-lo, enquanto chorava e lançava gritos agudos. O colosso teve tal medo que nem mesmo se defendeu, e, durante todo o tempo em que durou tal operação, não proferiu uma palavra sequer. Mas quando ela acabou, Liebiádkin deixou-se dominar por toda a indignação de que é susceptível um homem decente.

Virguínski passou a noite inteira, de joelhos, implorando perdão à sua mulher, perdão que não lhe foi, no entanto, concedido, porque ele não quis jamais consentir, apesar de tudo, em apresentar desculpas a Liebiádkin. Haveriam mais tarde de censurar-lhe a mornidão de sua convicções e a falta de inteligência de que dera prova pelo fato de, explicando-se com uma mulher, ter-se posto de joelhos. O capitão desapareceu pouco depois e só reapareceu em nossa cidade nos últimos tempos, acompanhado de sua irmã e vogando à procura de outros desígnios; mas terei ocasião de voltar a isto. Nada de admirar, pois, que o pobre “chefe de família” tivesse necessidade de nossa companhia, para nela aliviar seu coração. Jamais, aliás, nos entretinha com seus assuntos privados. Uma só vez, quando voltávamos juntos da casa de Stiepan Trofímovitch, começara vagamente a falar de sua situação, mas logo, tomando-me a mão, exclamou com calor:

– Não é nada… quando muito um caso individual; isto não criará nenhuma dificuldade à “causa comum”! Nenhuma!

Nosso pequeno clube recebia também hóspedes de ocasião, tais como o judeu Liámchin e o Capitão Kartúzov. Num certo tempo, a ele comparecia um velho homenzinho, desejoso de instruir-se. Um dia, Lipútin levou lá um padre polaco, condenado à deportação, chamado

Slonhtsévski, que recebemos por algum tempo por uma questão de princípio; foi também pelo mesmo motivo que mais tarde deixamos de recebê-lo.

## *IX*

Em certo momento, espalhou-se o boato na cidade de que nosso círculo era um foco de libertarismo, de depravação e de ateísmo, boato que não deixou de merecer sempre crédito. E, no entanto, não se tratava lá senão daquela boa tagarelice liberal, perfeitamente inofensiva, amável e totalmente à maneira russa. O "alto liberalismo" e o "alto liberal", isto é, o liberal sem nenhum objetivo, só são possíveis na Rússia. Stiepan Trofímovitch, como todo homem de espírito, sentia a necessidade de ter um auditório; mais ainda, era-lhe necessário sentir que assumia uma alta obrigação na qualidade de propagandista de ideias. Afinal, como não deixar de tomar champanhe em sociedade, enquanto se trocam certos pensamentos satisfeitos sobre a Rússia e o "espírito russo", sobre Deus em geral e o "deus russo" em particular, repetindo pela centésima vez escandalosas anedotas russas conhecidas e arquiconhecidas de toda a gente? Não deixávamos tampouco de interessar-nos pelos mexericos da cidade e acontecia-nos por vezes emitir a este respeito severas máximas, marcadas duma moralidade elevada. Aflorávamos também os problemas universais, discutindo gravemente a respeito da sorte futura da Europa e da humanidade, vaticinando que, logo após sua crise de imperialismo, passaria a França ao estado de potência secundária, e estávamos plenamente convencidos de que isto se operaria com toda a facilidade no mais curto prazo. Quanto ao papa, desde muito tempo predisséramos para ele um papel de simples metropolita no seio da Itália unificada, tão persuadidos estávamos de que na nossa época de indústria e de caminhos de ferro, essa questão milenar não tinha mais nenhuma espécie de interesse. Mas será de maneira diversa que o "alto liberalismo" concebe as coisas?

Stiepan Trofímovitch, de tempos em tempos, falava da arte, e em muito bons termos, se bem que duma maneira um tanto abstrata; recordava-se por vezes com enternecimento e admiração, mas não sem certa inveja, dos amigos de sua juventude, todos os quais se haviam

tomado personagens de relevo na história de nossa cultura. Quando o tédio se fazia demasiado, o judeu Liámchin, empregado subalterno dos Correios, excelente pianista, punha-se a tocar piano, imitando nos entreatos o grunhir do porco, a tempestade, as dores do parto e os primeiros vagidos do recém-nascido etc., etc. Só era convidado por causa disso. Se se bebia um pouco além da medida, o que não deixava de ocorrer, se bem que bastante raramente, chegava-se ao entusiasmo, e aconteceu-nos mesmo uma vez cantar em coro a "Marselhesa", acompanhados por Liámchin. Ignoro todavia se nos saímos bem…

O grande dia de 19 de fevereiro[14] era para nós ocasião duma solenidade particular e muito tempo antes fazíamos brindes em sua honra. Este costume remontava a uma época em que nem Chátov, nem Virguínski eram ainda dos nossos e em que Stiepan Trofímovitch morava na mesma casa de Varvara Pietrovna. Algum tempo antes do "grande dia", tomara Stiepan Trofímovitch o costume de cantarolar sozinho os versos famosos, se bem que um tanto artificiais, compostos provavelmente por um antigo senhor liberal:

> Vão os mujiques com seus machados,
> Algo de horrível ocorrerá.

Não me recordo do texto exato, mas creio que se trata duma ideia análoga. Varvara Pietrovna surpreendera uma vez esse motivo e gritara para Stiepan Trofímovitch: "É absurdo, absurdo", e saiu, encolerizada. Lipútin, que assistia a essa cena, fez observar, num tom ferino, a Stiepan Trofímovitch:

– Seria verdadeiramente deplorável que na sua alegria os antigos servos fossem causar alguma contrariedade aos senhores proprietários deles.

E com o índice esboçou um gesto em torno de seu pescoço.

– Caro amigo – respondeu-lhe Stiepan Trofímovitch, com bonomia –, acredite bem que isso (reproduziu o gesto em torno do pescoço) não seria de proveito algum, nem para nossos proprietários, nem para nós todos em geral. Mesmo sem cabeça, não conseguiremos jamais arranjar as coisas, se bem que sejam precisamente nossas cabeças que nos impedem de formar uma opinião justa.

Farei observar que muitos, entre nós, pensavam que no dia do manifesto se passaria alguma coisa de inaudito, alguma coisa de análogo às predições de Lipútin e de todos aqueles que pretendiam ser entendidos nos sentimentos do povo e nos negócios do Estado. Parece que Stiepan Trofímovitch partilhava igualmente dessa opinião, porque, na véspera do "grande dia", pediu bruscamente a Varvara Pietrovna que o deixasse partir para o estrangeiro; em suma, estava inquieto. Mas passado o grande dia, e algum tempo depois, exibiu de novo Stiepan Trofímovitch seu sorriso altivo. Expôs-nos muitas ideias dignas de consideração no referente ao caráter dos russos em geral e do mujique em particular:

– Como gente apressada que somos, demos prova de demasiada pressa a respeito dos nossos mujiques – declarou ele, à guisa de conclusão a toda uma série dessas notáveis ideias. – Nós os pusemos na moda e todo um domínio da literatura durante vários anos consecutivos foi-lhes consagrado, como se se tratasse de um objeto precioso que se acabasse de descobrir. Pusemos as coroas de louro sobre cabeças piolhentas. Desde um milhar de anos que ele existe, não nos deu o camponês russo senão a *kamárinskaia*, nossa dança aldeã. Um notável poeta russo e, o que é mais, não sem espírito, vendo pela primeira vez aparecer em cena a grande trágica Raquel[15], exclamou entusiasmado: "Não trocaria Raquel por um mujique!". Pois bem, quanto a mim, iria mais longe, e daria todos os mujiques por uma só Raquel. Já é tempo de mostrar mais bom senso e de não confundir nosso nacional e rústico cheiro de alcatrão com *bouquet et l´impératrice*.

Lipútin concordou logo, mas observou, no entanto, que se quisesse, em nossos dias, seguir a corrente, seria preciso tomar partido contra sua consciência e celebrar os mujiques. Acrescentou que damas da alta sociedade tinham chorado copiosamente ao ler *O romance de Anton Goriémika*[16] e que alguns haviam chegado ao ponto de mandar de Paris instruções a seus gerentes para que estes, de futuro, tratassem os camponeses o mais humanamente possível.

Como se de propósito, ocorreu então um acontecimento lastimável. Apenas os rumores referentes ao famoso Anton Pietrov[17] tinham começado a espalhar-se, um mal-entendido, ocorrido numa localidade situada a umas quinze verstas de Skvopiéchniki, exigiu o

envio urgente de um destacamento armado. Por aquela vez, Stiepan Trofímovitch foi dominado por uma agitação tão violenta que ficamos, por nossa vez, assustados. Vociferava no clube que era preciso enviar efetivos mais numerosos, pedir telegraficamente reforços de outro distrito; correu à casa do governador, a fim de afirmar-lhe que nada tinha com aquilo, suplicando-lhe que não o metesse, segundo o costume, naquele negócio, e propondo-lhe transmitir a quem de direito em Petersburgo sua declaração. Por felicidade, acabou tudo muito depressa e sem complicação nenhuma. Stiepan Trofímovitch, todavia, causou-me muito espanto naquela circunstância.

Cerca de três anos mais tarde, veio a moda, como se sabe, de falar do nacionalismo e a questão da "opinião pública" surgiu. Stiepan Trofímovitch ria a bom rir.

– Meus amigos – fazia-nos saber para edificação nossa –, ainda mesmo que nossa nacionalidade tivesse "nascido", como o asseguram hoje nos jomais, não deveria nem por isso deixar de ficar nos bancos da escola, numa *Peterschule* alemã qualquer, lendo um livro alemão, repetindo uma eterna lição de alemão, com, se preciso, o professor alemão pronto a fazê-la cair de joelhos. Quanto a este último, aprovo-o; mas o mais provável é que nada nasceu de semelhante e que tudo marcha como no passado; em outras palavras, com a graça de Deus. E se vocês desejam minha opinião, é bastante bom para a Rússia, *pour notre Sainte Russie*. Aliás, todos esses pan-eslavismos e nacionalismos, é por demais jogo velho para ser novidade. A ideia nacional, vejam vocês, jamais foi entre nós outra coisa senão uma fantasia de senhores, nascida nos clubes e, o que é mais, uma fantasia de Moscou. Decerto, não tenho de remontar ao tempo de Iegor[18] para afirmá-lo. Mas, afinal, tudo provém da ociosidade, tudo quanto há em nós de bom e de simpático, vem dali, daquela amável ociosidade senhorial, instruída e caprichosa. Há anos que não paro de dizer isso, não sabemos viver do fruto de nosso trabalho. E por que toda essa barulhada agora em torno de não sei qual opinião pública que "acabava de nascer" entre nós? Seria assim de repente que esta nos caiu do céu, sem mais nem menos? Como acontece que não se compreenda que para adquirir uma opinião, é necessário antes de tudo obtê-la pelo trabalho, por seu próprio trabalho, sua própria iniciativa, sua própria experiência? Sem

esforços não se alcança nada. Ponhamo-nos a trabalhar e acabaremos por ter uma opinião pessoal. Ora, como jamais trabalharemos, são esses mesmos que até o presente trabalharam por nós que terão igualmente por nós uma opinião, isto é, essa mesma Europa, sempre, e esses mesmos alemães, nossos mestres há dois séculos. Além do mais, a Rússia constitui um mal-entendido demasiado formidável para que possamos resolvê-lo sozinhos, sem a ajuda dos alemães e sem o trabalho. Desde vinte anos não cesso de tocar o alarme e de convidar ao trabalho. Passei minha vida lançando este apelo e – considerem qual é minha loucura – tive fé. Agora, se bem que haja perdido essa fé, nem por isso deixo de tocar o alarme e até o fim não cessarei de tocá-lo, até o túmulo; puxarei pela corda até que soe a hora de meu *De profundis*.

Ai! Não fazíamos senão concordar com essas opiniões. Aplaudíamos nosso mestre e com que ardor! No entanto, meus caros leitores, não se ouvem ainda hoje, e até com bastante frequência, discursos semelhantes, igualmente "liberais", boas e velhas frioleiras russas, "encantadoras" e "espirituosas"?

Nosso mestre acreditava na existência de Deus:

– Não compreendo por que toda gente aqui me toma por ateu – dizia ele, por vezes. – Creio em Deus, mas distingamos, creio n'Ele como num Ser que só se reconhece em mim mesmo. Naturalmente, não posso crer n'Ele da mesma maneira que minha criada Nastássia, ou qualquer simples senhor que crê "suceda o que suceder", ou bem ainda como o nosso amável Chátov; mas não, deixemos Chátov de lado; tem por força a fé dum eslavófilo de Moscou. Quanto ao Cristianismo, qualquer que seja o sincero respeito que tenho por ele, não sou cristão. Sou antes um pagão da antiguidade, à maneira do grande Goethe ou dos antigos gregos. Bastaria isto: o Cristianismo não soube compreender a mulher, foi o que tão brilhantemente demonstrou George Sand numa de suas obras de gênio. No que concerne às cerimônias, à Quaresma, ao jejum etc., etc., não consigo compreendê-las. Por mais que se agitem os espiões daqui, não quero fazer-me jesuíta. Foi em 1847, por ocasião de sua estada no estrangeiro, que Bielínski dirigiu a Gógol sua famosa carta em que tanto o censura por acreditar em "não sei que Deus". *Entre nous soit*

*dit*,[19] não posso imaginar nada de mais engraçado que o momento em que Gógol (o Gógol de então)[20] deu com os olhos nessa frase e… leu a carta inteira. Mas, de parte o ridículo, e já que minhas opiniões concordam com o essencial, direi, acentuando bem: que homens! Esses souberam amar seu povo, sofrer por ele e sacrificar-lhe tudo; e ao mesmo tempo souberam, também, quando era preciso, manter para com ele a independência de suas ideias e não ceder em certos princípios sob pretexto de lisonjear-lhe as paixões. No fundo, não era Bielínski, por certo, homem que procurasse a salvação da sua alma na água benta e no regime magro.

Mas Chátov então, lançando-se na discussão, resmungou, num tom aborrecido, olhando por baixo dos olhos e mexendo-se impaciente em sua cadeira!

– Esses homens, objeto de sua preferência, por mais que se comprazessem em imaginá-lo, jamais amaram o povo nem sofreram suas dores, jamais lhe sacrificaram coisa alguma!

– Não amavam o povo? Eles? – exclamou Stiepan Trofímovitch. – Oh! quanto amavam a Rússia!

– Nem a Rússia, nem o povo! – exclamou Chátov por sua vez, com o olhar faiscante. – Não se poderia amar aquilo que se não conhece e aqueles nada entendiam do povo russo! Todos e vós mesmos com eles, fechastes os olhos sobre o povo russo, Bielínski em particular; basta para prová-lo essa única carta a Gógol. Exatamente como na fábula do Liubopítni[21], de Krilov, Bielínski não percebeu o elefante que se encontrava no Museu das Curiosidades, mas concentrou toda a sua atenção em dois insetozinhos sociais vindos da França; limitou-se a isso. Tinha talvez mais espírito que os senhores. Não contentes de fechar os olhos sobre o povo, manifestais a respeito dele um abominável desprezo, por esta razão bem simples de que, como povo só considerais o povo francês e até mesmos unicamente os parisienses. Causa-vos vergonha que o povo russo não se assemelhe a eles. Tal é a verdade verdadeira! Ora, quem não tem povo, não tem Deus! Retende bem isto: quem quer que cesse de compreender seu povo, e perca contacto com ele, perde igualmente sua fé pouco a pouco e cai no ateísmo ou na indiferença. Digo bem, porque a coisa é fácil de

verificar; é porque vós todos, e nós também, não somos mais agora senão ignóbeis ateus ou miseráveis indiferentes, desviados, e nada mais! Vós mesmo, Stiepan Trofímovitch, não faço exceção para vós, sabei disso, foi mesmo a vosso respeito que falei!

Comumente, depois de ter lançado uma dessas tiradas (o que lhe ocorria frequentemente), Chátov pegava seu boné e corria para a porta, bem persuadido de que tudo estava acabado agora e que suas relações amigáveis com Stiepan Trofímovitch estavam definitivamente rompidas. Mas este conseguia sempre detê-lo a tempo.

– Ora essa! Chátov, será que não iremos reconciliar-nos depois de todas essas palavrinhas amáveis? – dizia ele, estendendo-lhe a mão, num gesto benévolo e sem deixar sua cadeira.

Desastrado, mas não despudorado, Chátov detestava as efusões sentimentais. A despeito de seu exterior tosco, era, no íntimo, uma alma de grande delicadeza. Capaz muitas vezes de perder toda a medida, era o primeiro a sofrer com isso. Depois de resmungar alguma coisa entre dentes em resposta à cortesia de Stiepan Trofímovitch, e haver sapateado no mesmo lugar à maneira dum urso, tornava a tirar o boné e retomava sua cadeira, com o olhar pregado no soalho. Serviam-se bebidas, bem entendido, e Stiepan Trofímovitch erguia um brinde de circunstância, por exemplo, à memória de algum personagem da geração precedente.

## Capítulo II / *O Príncipe Harry*

### Pedido de casamento

#### *I*

Havia ainda no mundo um ser a quem Varvara Pietrovna estava não menos ligada que a Stiepan Trofímovitch: seu único filho, Nikolai Vsiévolodovitch Stavróguin. Foi para encarregar-se de sua educação que Stiepan Trofímovitch tivera convite. Tinha o menino então oito anos. Quanto ao volúvel do pai, o General Stavróguin, já se separara de Varvara Pietrovna, de modo que o menino cresceu aos cuidados

unicamente de sua mãe. É preciso render esta justiça a Stiepan Trofímovitch: soube fazer-se amar pelo seu aluno. Todo o seu segredo consistia em ter-se ele próprio conservado uma criança. Não travara ainda conhecimento com ele naquela época, e como ele sempre sentiu a necessidade dum verdadeiro amigo, não hesitou em fazer amigo seu uma criatura tão pequenina, desde que esta saiu da primeira infância.

Aconteceu muito naturalmente que se encontraram os dois no mesmo pé de igualdade perfeita. Mais de uma vez Stiepan Trofímovitch acordou, durante a noite, aquele amigo de dez ou onze anos, com o único fim de confiar-lhe, em meio de lágrimas, seus sentimentos de amargura, ou então para revelar-lhe algum segredo doméstico, sem perceber que semelhante conduta era absolutamente fora de lugar. Atiravam-se nos braços um do outro e soluçavam. O menino sabia que sua mãe o amava muito, mas é duvidoso que lhe pagasse na mesma moeda. Ela lhe falava pouco e raramente, intimidava-o em tudo e ele sempre tinha a sensação mórbida de seu olhar fixo nele. Aliás, em tudo quanto dizia respeito à instrução e educação moral de seu filho, a mãe confiava em Stiepan Trofímovitch porque, naquela época, tinha neste último confiança absoluta. É de crer que o pedagogo não tenha deixado de estragar os nervos de seu aluno. Quando na idade de dezesseis anos foi este enviado ao liceu, era uma criatura débil e pálida, estranhamente mansa e sonhadora. (Mais tarde, distinguiu-se por uma força física extraordinária.) É de supor também que não eram somente as miúdas preocupações domésticas que levavam os dois amigos a se atirarem, à noite, nos braços um do outro, chorando. Stiepan Trofímovitch soubera comover no coração de seu amigo as fibras mais secretas e suscitar nele o primeiro sentimento, muito vago ainda, dessa eterna tristeza que as almas de elite, por pouco que a tenham provado ou conhecido uma vez, não saberão jamais, para diante, trocar por baixas satisfações. (Efetivamente, encontram-se amadores que apreciam mais essa tristeza que a mais completa satisfação, supondo-se que esta seja possível.) Em todo o caso, fizeram bem em separar, se bem que um tanto tardiamente, o discípulo do mestre.

Nos dois primeiros anos, o rapaz veio do liceu passar suas férias em casa. Por ocasião da estada de Varvara Pietrovna e de Stiepan

Trofímovitch em Petersburgo, por vezes ele assistia aos serões literários de sua mãe, limitando-se tão somente a escutar e observar. Pouco conversador, tinha maneiras tranquilas e tímidas, como no passado. Sua atitude para com Stiepan Trofímovitch, embora sempre tão cheia de atenções e de ternura, tornou-se de certo modo mais reservada: evitava abordar os altos temas e evocar diante dele as recordações do passado. Depois de ter terminado seus estudos, para satisfazer ao desejo de sua mãe, escolheu a carreira das armas e em breve fizeram-no entrar para um dos mais brilhantes regimentos da guarda de cavalaria. Não veio mostrar seu uniforme à sua mãe e suas cartas de Petersburgo começaram e tornar-se raras. Varvara Pietrovna não lhe poupava remessas de dinheiro, se bem que, em consequência da abolição da servidão, as rendas de seus bens tivessem diminuído a ponto de, nos primeiros tempos, ela não receber nem a metade das somas de outrora. De resto, graças a uma longa poupança, havia ajuntado um capital bem considerável. Os êxitos de seu filho na alta sociedade de Petersburgo não deixavam de interessá-la. Lá onde ela fracassara, o jovem oficial, rico e cheio de esperança, era bem-sucedido. Renovava relações com as quais ela não podia mais sonhar. Por toda parte recebiam-no com prazer. Mas em breve rumores bastante estranhos chegaram aos ouvidos de Varvara Pietrovna: o rapaz entregara-se de repente à mais desenfreada irresponsabilidade. Não que jogasse ou bebesse de maneira imoderada; tratava-se de seus atos de uma violência atroz, ou de pessoas esmagadas por seus cavalos; falava-se também de sua conduta brutal para com uma dama da melhor sociedade, a quem havia ele insultado publicamente, depois de ter mantido uma ligação com ela. Havia mesmo algo de particularmente ignóbil neste caso. Além disso, representavam-no como um brigão, a procurar contendas com o primeiro que aparecesse e insultando as pessoas pelo simples prazer de insultá-las. A inquietação e a tristeza apoderaram-se de Varvara Pietrovna. Stiepan Trofímovitch assegurou-lhe que aquilo tudo não passava dos ímpetos fogosos de uma natureza demasiado rica, que o mar voltaria a amainar e que no fundo tudo isso se assemelhava à juventude do Príncipe Harry que Shakespeare nos apresenta entregando-se à devassidão, na companhia de Falstaff, Poins e a Senhora Quickly. Desta vez, em lugar de gritar “absurdo, absurdo”, como tomara costume de replicar a Stiepan Trofímovitch nos últimos tempos,

Varvara Pietrovna ouviu-o, pelo contrário, com muito interesse; obteve explicações mais precisas e leu ela própria, com uma grande atenção, a peça imortal. Esta leitura, aliás, não a tranquilizou. Não achava a semelhança tão impressionante. Escreveu cartas e esperou febrilmente as respostas que não tardaram a chegar; em breve, receberam-se notícias funestas: o Príncipe Harry tivera, quase um após outro, dois duelos nos quais todos os agravos eram unicamente de sua parte. Deixara no campo um de seus adversários, mutilara outro e, em consequência desses fatos, estava sendo processado. O caso terminou para ele com a pena de degradação e rebaixamento como simples soldado, num regimento de infantaria. Assim mesmo dera-se prova de singular indulgência para com ele.

Em 1863, tendo conseguido distinguir-se, foi condecorado e promovido a suboficial, depois, com rapidez, reintegrado no seu posto de oficial. Durante esse período, expediu Varvara Pietrovna para a capital pelo menos uma centena de cartas, cheias de rogos e súplicas. Permitiu-se, valendo-se de circunstâncias tão excepcionais, dar certos passos humilhantes. Logo que foi promovido, o rapaz apresentou subitamente sua demissão, mas, ainda desta vez, não se recolheu a Skvopiéchniki e cessou até mesmo completamente de escrever à sua mãe. Por fim, soube-se indiretamente que se encontrava de novo em Petersburgo, mas que não frequentava mais a mesma sociedade; parecia ocultar-se. A força de pesquisas, descobriu-se que vivia num meio estranho, misturado à borra da populaça petersburguesa, a empregados sem eira nem beira, a militares reformados, praticando a mendicância mais ou menos franca e dados à embriaguez; que visitava as famílias deles, necessitadas, passava seus dias e suas noites em escuros pardieiros e sabe Deus quais outros lugares suspeitos; que ficara desleixado e não tomava mais cuidado algum com sua pessoa e ao que parecia, esse gênero de vida lhe agradava. No entanto, não fazia nenhum pedido de dinheiro à sua mãe. Tinha uma pequena propriedade – a que possuía outrora o General Stavróguin – que lhe proporcionava certa renda e que, dizia-se, arrendara a um alemão originário da Saxônia. Por fim, Varvara Pietrovna suplicou-lhe que voltasse para junto dela e o Príncipe Harry apareceu em nossa cidade. Foi então que o pude examinar pela primeira vez, porque nunca o havia visto antes.

Era um jovem homem belo, de vinte e cinco anos e confesso que, desde o começo, me causou certa impressão. Esperava ver uma espécie de esfarrapado sujo, de traços desfigurados pela devassidão e pelo abuso do álcool. Pelo contrário, era o mais elegante cavalheiro que já vira, extremamente bem trajado e cujas maneiras eram as de um senhor acostumado ao gênero de existência mais refinado. Não fui o único a ficar surpreendido; assombrou-se também a cidade inteira onde, naturalmente, a vida do Senhor Stavróguin já era conhecida nos seus detalhes mais íntimos e tais que dificilmente se podia imaginar em que fonte tinham sido colhidos. O mais surpreendente é que boa metade daquelas alegações correspondiam à realidade, como bem se viu posteriormente. Todas as damas de nossa cidade ficaram loucas pelo recém-chegado. Dividiram-se em dois campos bem definidos: dum lado, adoravam-no, do outro votavam-lhe ódio mortal. Mas em ambos os campos, eram loucas por ele. Algumas dessas senhoras sentiam-se particularmente fascinadas pela ideia de que um segredo fatal se ocultava talvez na alma dele; agradava às outras precisamente porque viam nele um assassino. Além disso, soube exibir excelente instrução, até mesmo certa erudição. Decerto, não havia necessidade absolutamente de conhecimentos profundos para nos deslumbrar, mas ele sabia tratar também das apaixonantes questões do momento e, o que convém apreciar, conversava a respeito delas com notável a propósito. Devo mencionar como um fato curioso que todos, quase a partir do primeiro dia, tiveram-no em conta de um homem extremamente sensato. Era pouco conversador, elegante sem afetação, extremamente modesto e, entretanto, mais ousado e mais seguro de si que qualquer de nós. Nossos jovens elegantes tinham inveja dele e em sua presença ficavam completamente apagados. Seu rosto também me impressionou; tinha cabelos muito negros, olhos de uma serenidade e de uma calma perfeitas, tez branca e delicada, pômulos dum rosado demasiado vivo e demasiado puro, dentes de pérola e lábios de coral. Teria passado certamente por belo, se este exterior não tivesse se revelado não sei que de repente. Dizia-se que seu rosto se assemelhava a uma máscara. Aliás, fazia-se alusão a muitas outras coisas ainda e notadamente à sua extraordinária força física. Era de estatura bastante elevada e, se bem que Varvara Pietrovna o considerasse com orgulho, não deixava de misturar-se a esse sentimento uma vaga inquietação. Nikolai Vsiévolodovitch passou entre nós cerca de um semestre,

levando uma vida de indolência, tranquila, sombria mesmo quando comparecia em sociedade, praticava estritamente as leis da etiqueta provinciana. O governador, que era seu parente pelo lado paterno, admitia-o na sua intimidade. Mas ao fim de alguns meses, subitamente, a fera mostrou suas garras.

Farei notar, de passagem, que nosso antigo governador, o caro e manso Ivan Óssipovitch, se parecia algo tanto com uma mulherzinha, todavia, como era de excelente família, relacionada com os meios influentes, explica-se que tenha ele podido, mesmo diante de uma completa indiferença pelos deveres de seu cargo, prolongar durante tantos anos sua estada em nossa cidade. Afável e hospitaleiro, teria sido antes um marechal de nobreza dos velhos bons tempos, em vez de um governador em uma época tão agitada como a nossa. Dizia-se comumente na cidade que não era ele quem governava a província, mas Varvara Pietrovna. Frase de evidente maldade, mas que nem por isso deixava de ser exata. E frases como esta, quantas não foram espalhadas entre nós a esse respeito! No entanto, no decorrer dos últimos anos, havia-se Varvara Pietrovna precisamente retirado, de propósito, de toda atividade de ordem superior, malgrado a extrema consideração que lhe testemunhava a sociedade inteira. Atualmente, e sempre por sua própria vontade, mantinha-se nos limites que a si mesma traçara. Em lugar de exercer alguma alta missão, empreendeu, bruscamente, gerir seus bens e, dentro de dois ou três anos, soube fazer suas propriedades renderem mais ou menos o que rendiam antes da emancipação dos camponeses. Abandonando suas antigas aspirações poéticas, tais como viagens a Petersburgo, projetos de revista etc., pôs-se a entesourar e a comprimir suas despesas. Afastou mesmo Stiepan Trofímovitch de sua pessoa, autorizando-o a alugar um apartamento numa outra casa (o que, ele próprio, pedia a Varvara Pietrovna sob diversos pretextos). Pouco a pouco Stiepan Trofímovitch pôs-se a tratá-la de mulher prosaica e, mais engraçadamente ainda, chamava-a de “minha prosaica amiga”. Naturalmente, ele não se permitia essas brincadeiras senão sob uma forma das mais respeitosas e depois de haver por muito tempo esperado a ocasião adequada.

Nós todos, que fazíamos parte do seu círculo, compreendíamos – e Stiepan Trofímovitch sentia-o melhor que qualquer de nós – que o

filho dela lhe aparecia agora como uma nova esperança e até mesmo como um novo sonho. Sua paixão por ele datava da época de seus êxitos no mundo petersburguês e tornara-se particularmente intensa a partir do dia em que ele fora reinvestido no seu posto. Todavia, visivelmente Varvara Pietrovna tinha medo dele e sua atitude na presença de seu filho parecia a de uma escrava. Sentia-se que temia algo de vago e de misterioso, que ela mesma não teria podido precisar; muitas vezes lançava às ocultas a Nikolai um olhar escrutador e penetrante. E eis que, de súbito, a fera mostrou suas garras.

## *II*

De repente, sem que nem para que, nosso príncipe cometeu, para com diversas pessoas, duas ou três insolências incríveis; o mais curioso do caso é que essas provocações revestiam-se dum caráter absolutamente inaudito, não se assemelhavam a nada do que se pode considerar como admissível e eram praticadas, o diabo sabe por que, sem motivo algum. Um dos decanos mais respeitáveis de nosso clube, Piotr Pávlovitch Gagânov, homem de certa idade e que gozava de merecida consideração, tomara o inocente hábito de acrescentar, a todo propósito, com um arrebatamento convicto: “Não, não me deixaria levar pela ponta do nariz!”. Um dia, entretanto, no clube, no decorrer duma viva discussão, acabava ele de pronunciar aquele aforismo diante de um grupo de frequentadores do nosso círculo e todos gente de distinção, quando Nikolai Vsiévolodovitch, que se mantinha à parte e a quem ninguém dirigira a palavra, aproximou-se de repente de Piotr Pávlovitch, agarrou-lhe fortemente com dois dedos a ponta do nariz e fê-lo dar assim atrás dele dois ou três passos pela sala. Nenhum sentimento de hostilidade poderia ter ele por Gagânov. Quando muito era possível ver nisso uma travessura de escolar, indesculpável decerto; e no entanto contou-se mais tarde que, no momento de praticar aquele ato, tinha Nikolai Vsiévolodovitch um ar quase sonhador, “como se tivesse perdido a razão”; mas só foi muito tempo depois que esse pormenor voltou à memória e deu lugar a muitas reflexões. Estupefatos, todos só retiveram a lembrança da atitude dele durante o instante que se seguiu ao incidente. Sem dúvida compreendia Nikolai Vsiévolodovitch muito bem então o que se

acabara de passar, mas longe de parecer confuso, sorria pelo contrário, com uma alegria maligna “sem manifestar o menor arrependimento”. O alvoroço foi terrível; cercaram-no. Nikolai Vsiévolodovitch olhava sem responder, observando com curiosidade os que lançavam exclamações. Por fim, pareceu sair do seu devaneio (foi pelo menos o que se contou), franziu os supercílios e, adiantando-se com passo firme para o ofendido Piotr Pávlovitch, balbuciou rapidamente e com ar visivelmente vexado:

– O senhor me desculpará, naturalmente… não sei na verdade como tive de repente vontade de… uma estupidez…

Esta maneira destacada de apresentar suas desculpas equivalia a nova afronta. As vociferações tornaram-se mais violentas; Nikolai Vsiévolodovitch ergueu os ombros e saiu.

Tudo isso era demasiado estúpido, sem falar de inconveniência do procedimento, inconveniência calculada e premeditada ao que parecia à primeira vista, e que, por consequência, constituía um ultraje intencional e duma impertinência extrema para com nossa sociedade inteira. Era assim que todos achavam. Por unanimidade começou-se riscando imediatamente o Senhor Stavróguin da lista dos membros do clube, em seguida foi decidido que se faria, em nome do clube inteiro, apelo ao Governador, rogando-lhe, sem esperar o momento em que um processo em regra seria debatido perante o tribunal, que “fizesse uso imediato dos poderes administrativos a ele delegados”, para chamar à ordem o perigoso agressor, o “valentão vindo da capital” e garantir contra qualquer agressão funesta a tranquilidade dos honestos habitantes da nossa cidade. Acrescentava-se, com ingênua malícia, que “haveria de encontrar-se bem uma lei a ser cumprida com rigor mesmo contra o Senhor Stavróguin”. A frase fora escrita expressamente para o Governador, na intenção de alfinetá-lo com aquela alusão a Varvara Pietrovna. Gozaram deliciadamente a coisa. Como de propósito, encontrava-se então o Governador ausente da cidade: fora a uma localidade pouco distante para levar à pia batismal o filho duma encantadora mulher, viúva recente, e que, após a morte do marido, ficara em estado interessante. Mas sabia-se que o Governador não tardaria a voltar. Enquanto se esperava, fizeram à vítima, o acatado Piotr Pávlovitch, verdadeira ovação. Houve muitos

abraços e beijos, toda a cidade desfilou pela sua casa; propunha-se mesmo oferecer-lhe um banquete por subscrição e somente graças a seus insistentes pedidos é que se abandonou tal projeto. Talvez tenha-se acabado por compreender que, afinal de contas, haviam arrastado o bom do homem pelo nariz e que não havia por conseguinte razão para festejar o acontecimento com tanta solenidade.

Como semelhante coisa pudera ocorrer? O que há de notável é que ninguém em nossa cidade atribuía essa ação bárbara à demência. O que quer dizer que se esperava tal maneira de agir, ainda mesmo que Nikolai Vsiévolodovitch estivesse na plena posse de sua razão. Quanto a mim, não sei ainda hoje como explicar esse fato, a despeito mesmo de certo acontecimento ocorrido pouco depois, que pareceu lançar luz sobre tudo isso e reunir em torno do assunto a opinião geral. Acrescentarei que, quatro anos mais tarde, conversando, de maneira discreta a respeito daquele incidente, Nikolai Vsiévolodovitch respondeu-me, franzindo o cenho: “Sim, não estava completamente normal naquela época”. Mas não antecipemos.

Não deixou tampouco minha curiosidade de ser espicaçada por aquela exploração de ódio que todos manifestaram então contra “o agressor e valentão vindo da capital”. Queria-se absolutamente ver no seu ato uma premeditação insolente e uma afronta intencional à sociedade inteira. Na verdade, aquele homem não atraíra as simpatias de ninguém; pelo contrário, conseguira levantar todos contra si. E como ocorrera isso? Até aquele recente incidente, não tivera briga com ninguém, não “insultara” quem quer que fosse e sempre se mostrara duma cortesia perfeita, “como o cavalheiro duma gravura de moda” (se, todavia, pudesse este último tomar a palavra). Quanto a mim, sou de opinião que o odiavam por causa de seu orgulho. Nossas próprias damas, que tinham começado por adorá-lo, gritavam agora contra ele ainda mais que os homens.

Varvara Pietrovna ficou dolorosamente impressionada. Confessou mais tarde a Stiepan Trofímovitch que previra tudo isso desde muito tempo; que, cada dia, durante os últimos seis meses, aguardava precisamente algo “daquele gênero”. Confissão notável de parte de uma mãe. “Isto está começando”, pensava ela, estremecendo. No dia seguinte ao incidente ocorrido no clube, teve com seu filho uma

explicação discreta, mas firme; todavia, apesar da sua resolução, a pobre mulher estava toda trêmula. Passou a noite sem dormir e, de manhã cedo, foi ter uma conferência com Stiepan Trofímovitch, em cuja casa se pôs a chorar, o que nunca lhe ocorrera ainda diante de testemunhas. Queria que Nikolai lhe dissesse pelo menos alguma coisa; que se dignasse explicar-se. Nikolai, sempre tão cortês e tão respeitoso para com sua mãe, ouviu-a por alguns instantes com um ar sonso, mas profundamente sério; de repente, levantou-se sem dizer palavra, beijou-lhe a mão e saiu. Na noite do mesmo dia, como de propósito, outro escândalo explodiu que, embora menos grave e menos extraordinário que o primeiro, não fez senão aumentar a emoção que se apoderara da cidade.

Foi agora a vez de nosso amigo Lipútin. Apareceu em casa de Nikolai Vsiévolodovitch, logo depois da explicação que este tivera com sua mãe, e rogou-lhe com insistência que honrasse com sua presença o sarau que dava naquele dia por ocasião do aniversário do nascimento de sua esposa. Desde muito tempo pensava Varvara Pietrovna, com um arrepio, nas baixas relações que entretinha Nikolai Vsiévolodovitch, mas jamais ousara fazer-lhe qualquer observação a respeito. Além disso, ele já havia estabelecido relações com o "terceiro degrau" de nossa sociedade, e até mesmo mais baixo ainda; mas, já que tal era sua inclinação… Quanto a Lipútin, ainda não se apresentara naquela casa até ali, embora frequentasse pessoalmente Nikolai Vsiévolodovitch. Este compreendeu que Lipútin o convidava agora por causa do escândalo que ocorrera na véspera no clube. Na qualidade de liberal, devia Lipútin sentir-se encantado, estimando sem dúvida que era assim que convinha tratar os decanos do clube e que tudo ia muito bem. Nikolai Vsiévolodovitch sorriu e prometeu fazer-lhe aquela visita.

Os convidados eram numerosos, a sociedade pouco escolhida, mas cheia de entusiasmo. Lipútin, homem cheio de si mesmo e invejoso, só recebia duas vezes por ano; mas, nessas ocasiões, não olhava as despesas. Stiepan Trofímovitch, o mais importante dos convidados, não pudera comparecer, por estar doente. Servia-se chá e havia em abundância aguardente e salgados. Três mesas foram reservados para os jogadores; a juventude pôs-se a dançar aos sons do piano, enquanto

se aguardava a ceia. Nikolai Vsiévolodovitch convidou a Senhora Lipútina, encantadora criaturinha a quem ele intimidava enormemente. Deram duas voltas; depois ele se sentou ao lado dela e travou uma conversa jocosa que divertiu a boa senhora. Foi então que, notando quanto era ela bonita quando ria, agarrou-a, de repente, pela cintura e, diante de toda a gente, beijou-lhe a boca duas ou três vezes volutuosamente. A pobre mulher desmaiou de pavor; Nikolai Vsiévolodovitch tomou seu chapéu e aproximou-se do marido que havia perdido a cabeça, no meio da confusão geral. Diante de Lipútin, perdeu também ele a compostura e balbuciou rapidamente: "Não se zangue", depois saiu. Lipútin correu atrás dele até a antecâmara, ajudou-o com as próprias mãos a vestir a peliça e reconduziu-o com muitos cumprimentos até o pé da escada. Mas esta história, no fundo bastante inocente, teve no dia seguinte um epílogo divertido que valeu mesmo, desde então, a Lipútin certa consideração da qual ele não deixou de tirar vantagem.

Cerca das dez horas da manhã, a criada de Lipútin, Agáfia, apresentou-se em casa da Senhora Stavróguina. Essa Agáfia era uma moça duns trinta anos, muito viva de maneiras, de rosto rubicundo. Como seu patrão a encarregara dum recado para Nikolai Vsiévolodovitch, fazia absoluta questão de vê-lo em pessoa. Nikolai recebeu-a, se bem que estivesse com violenta dor de cabeça. Quis o acaso que Varvara Pietrovna estivesse presente e assistisse a esse encontro:

– Meu amo, Sierguiéi Vassíliev – gaguejou ousadamente Agáfia –, ordenou-me que apresentasse ao senhor suas saudações e me informasse de sua saúde, se o senhor dormiu bem e como está passando depois do que se passou ontem.

Nikolai Vsiévolodovitch sorriu.

– Apresenta minhas saudações e meus agradecimentos a teu patrão e dize-lhe, da minha parte, Agáfia, que ele é o homem mais inteligente da cidade.

– Quanto a isto, meu amo me disse que lhe respondesse – replicou Agáfia, tornando-se cada vez mais ousada –, que ele sabe disso, sem

que seja necessário que o senhor lhe diga e que lhe deseja o mesmo.

– Ora essa! Como pôde ele saber o que eu te diria?

– Não sei por qual meio ele o adivinhou, mas, assim que eu saí e já havia atravessado toda a rua, correu atrás de mim sem chapéu: Agáfiuchka – disse-me –, se, por acaso, lhe ordenarem que diga a seu patrão que ele é o homem mais inteligente de toda a cidade, não deixe de responder-lhe logo: “Nós mesmo o sabíamos muito bem e lhe desejamos o mesmo”.

## *III*

Enfim, teve lugar uma explicação com o Governador. Logo que voltou, o nosso caro e manso Ivan Óssipovitch tomou imediato conhecimento da queixa veemente apresentada pelos sócios do clube. Era, sem dúvida, preciso fazer alguma coisa, mas Ivan Óssipovitch tinha grande embaraço em saber o quê. Nosso afável velhinho parecia, também ele, ter medo de seu jovem parente. Decidiu, não obstante, que o obrigaria a pedir desculpas ao clube, bem como ao ofendido, mas desta vez duma forma satisfatória e, se necessário fosse, por escrito. Em seguida, ia levá-lo, com toda a cautela, a deixar-nos e a empreender, por exemplo, uma viagem à Itália, onde refaria seus estudos; numa palavra, queria convencê-lo a ir passar algum tempo no estrangeiro. Na sala onde entrou para receber desta vez Nikolai Vsiévolodovitch – comumente este último circulava com toda a liberdade pela casa, como se fosse da família – achava-se um funcionário sentado diante de uma mesa, num canto, abrindo envelopes. Era Aliócha[22] Tieliátnikov, ligado à pessoa do Governador, um homem de educação perfeita. Na peça vizinha, perto da janela mais próxima da porta, outro personagem, um coronel gordo e robusto, amigo e antigo camarada de Ivan Óssipovitch, então de passagem pela nossa cidade, lia o jornal *Golos*[23], sem prestar, naturalmente, a menor atenção ao que se passava na sala; estava mesmo sentado de costas viradas. Ivan Óssipovitch abordou o assunto duma maneira indireta, quase em voz baixa e não sem alguma perturbação. Nikolai encarava-o com ar pouco ameno e sem o menor sinal de simpatia familiar; mantinha-se sentado, lívido, o olhar fugidio e escutava-o franzindo o cenho, como se tivesse de dominar uma dor aguda.

– Você tem, Nikolai, um coração sensível e generoso – disse entre outras palavras o velho –, é um homem instruído, frequentou pessoas da alta sociedade e aqui mesmo, até hoje, sua conduta exemplar não tem deixado de ser um consolo para sua mãe a quem nós todos queremos bem… E agora você aparece a uma luz terrivelmente enigmática e perigosa para todos! Falo-lhe como amigo da família, como parente e homem de experiência, que gosta sinceramente de

você e cujas palavras não poderiam ofendê-lo… Diga-me pois que é que o leva a cometer atos tão intempestivos, fora de todas as regras e de todas as conveniências? Que pode significar esse gênero de destemperos que se assemelhavam a crises de delírio?

Nikolai escutava com desgosto e impaciência. De repente, algo de astucioso e de trocista perpassou em seu olhar.

– Está bem, vou dizer-lhe – afirmou ele, com ar zangado e, depois de ter lançado um olhar circunspecto, inclinou-se para o ouvido de Ivan Óssipovitch. Aliócha Tieliátnikov, como homem bem-educado, afastou-se três passos na direção da janela e por trás de seu jomal o coronel tossiu. O pobre Ivan Óssipovitch apressou-se em prestar ouvidos com toda a confiança; aliás, estava cheio de curiosidade. Foi então que se produziu um fato incrível, mas profundamente significativo. O velho sentiu de súbito que, em lugar de fazer-lhe uma confidência, Nikolai agarrava com uma dentada, apertando-a bem fortemente, a parte superior de sua orelha. Estremeceu de alto a baixo e sua respiração parou.

– Nikolai, que farsa é essa? – gemeu ele, maquinalmente, com uma voz alterada.

Aliócha e o coronel não haviam percebido nada; aliás, não viam muito bem o que se passava, e até o fim pareceu-lhes que os dois interlocutores conversavam em voz baixa. Todavia, o rosto desesperado do velho inquietou-os. Olharam um para o outro de olhos arregalados, sem saber se deveriam ir em seu socorro, como fora combinado, ou então esperar ainda um pouco. Nikolai percebeu talvez essa hesitação e apertou ainda mais fortemente a orelha de Ivan Óssipovitch.

– Nikolai, Nikolai! – gemeu de novo a vítima –, vamos… basta de tais brincadeiras…

Um instante e, sem dúvida, o pobre homem morreria de medo; mas o monstro teve pena e largou-lhe a orelha. A angústia mortal que o velho havia sentido persistiu ainda por um bom minuto, em seguida ao qual sofreu ele uma espécie de ataque. Meia hora mais tarde era Nikolai detido, conduzido ao corpo da guarda e encerrado numa cela

especial com sentinela à porta. Decisão enérgica, mas o bonachão do Governador estava tão cheio de cólera que resolvera assumir perante Varvara Pietrovna em pessoa a responsabilidade do que fizera. Causou estupefação geral o saber-se que essa dama, tendo ido pedir imediatas explicações, encontrou fechada a porta do Governador e não pôde avistar-se com ele. Teve de voltar para sua casa, sem mesmo apear-se de sua carruagem, não querendo dar crédito ao que ocorria.

Por fim, tudo se explicou. Cerca das duas horas da manhã, o prisioneiro, que até então ficara bastante calmo e até mesmo dormira, começou de súbito a fazer barulho, assestando furiosos murros contra a porta. Com um esforço quase sobre-humano arrancou a grade de ferro da janelinha aberta da porta, quebrou o vidro e feriu as mãos. Quando o oficial da guarda, munido de suas chaves, acorreu, acompanhado de seus homens e abriu a cela para apoderar-se do prisioneiro e amarrá-lo, verificou que estava ele dominado por uma crise aguda de febre ardente; transportaram-no então para a casa de sua mãe. De repente, tudo se explicava. Os três médicos de nossa cidade emitiram a opinião de que o doente podia muito bem ter-se achado em estado de delírio desde três dias já e que, embora parecendo agir consciente e malignamente, talvez não fosse mais senhor de seu bom senso, nem de sua vontade; conjetura, de resto, que os fatos vinham confirmar. Por consequência, Lipútin fora o primeiro a acertar com a coisa; Ivan Óssipovitch, sensível e delicado, experimentou viva confusão; mas o mais curioso é que também ele acreditara Nikolai Vsiévolodovitch perfeitamente capaz de cometer as piores loucuras com toda a lucidez. O mesmo sentimento de vergonha era partilhado no clube, onde causava espanto não se terem apercebido duma coisa que saltava aos olhos e não terem pensado na única explicação plausível para todas aquelas extravagâncias. Naturalmente, houve também céticos, mas não puderam sustentar por muito tempo sua maneira de ver.

Nikolai ficou de cama durante mais de dois meses. Um especialista renomado de Moscou foi chamado para examiná-lo. A cidade inteira visitou Varvara Pietrovna. Esta perdoou. Na primavera, quando ficou completamente restabelecido, aceitou Nikolai, sem a menor objeção, a proposta que lhe fez sua mãe de partir para a Itália.

Ela levou-o além isso a despedir-se de seus conhecidos e aproveitar a ocasião para apresentar desculpas a quem de direito. Nikolai aquiesceu a isto com a maior cordura. Soube-se no clube que ele tivera com Piotr Pávlovitch Gagânov uma explicação das mais corteses e com a qual este último ficara plenamente satisfeito. No curso dessas visitas, manteve Nikolai a maior seriedade e até mesmo um ar um tanto sombrio. Por toda parte foi recebido com todas as aparências do mais vivo interesse, mas todos se mostravam de certo modo constrangidos: parecia que se mostravam aliviados por vê-lo partir para a Itália. Ivan Óssipovitch chegou a ponto de verter lágrimas, mas não se decidiu a beijá-lo, mesmo ao despedir-se dele. No íntimo, muitos, entre nós, continuavam persuadidos de que o mau rapaz havia simplesmente zombado de todos e que sua doença não fora senão um fingimento. Nikolai dirigiu-se também à casa de Lipútin.

– Diga-me – perguntou-lhe –, como pôde o senhor adivinhar o que eu diria de sua inteligência e encarregar Agáfia duma resposta tão apropriada?

– Porque o considero, também eu, como um homem inteligente – retorquiu, rindo, Lipútin –, é que me foi possível prever sua resposta.

– A coincidência nem por isto deixa de ser notável. No entanto, permita, considerava-me, pois, um homem inteligente, e não um louco, quando enviou Agáfia?

– Como muito inteligente e muito sensato. Todavia, fiz semblante de crer que o senhor não estava em sua razão total… Aliás, o senhor mesmo, então, adivinhou imediatamente meu pensamento e concedeu-me, por intermédio de Agáfia, atestado de homem de espírito.

– Pois bem, neste ponto, o senhor se engana um pouco; estive, com efeito, adoentado… – balbuciou Nikolai Vsiévolodovitch, franzindo o cenho. – Ora! – exclamou ele –, acredita de fato que eu seja capaz de me jogar assim sobre as pessoas, sem que estar tomado pela loucura?

Lipútin inclinou-se para a frente e não soube o que responder. Nikolai empalideceu um pouco, foi pelo menos o que pareceu a Lipútin.

– Em todo o caso, o senhor tem uma maneira de pensar muito divertida – prosseguiu Nikolai. – Quanto a Agáfia, dou-me conta que o senhor a enviou para fazer-me uma afronta.

– Seria melhor que o tivesse desafiado?

– Hem? Ouvi dizer que o senhor não liga para duelos…

– Eis uma tradução do francês – replicou Lipútin, inclinando-se de novo.

– Faz questão de nacionalidade? Ora, ora! Que vejo? – exclamou Nikolai, notando de repente uma obra de Victor Considérant[24], colocada, bem à vista, em cima da mesa. – Será o senhor fourierista? Não faltava mais nada! Pois bem, não é igualmente uma tradução do francês? – disse ele, rindo e dando palmadinhas com os dedos no livro.

– Não, não é uma tradução do francês – retorquiu Lipútin, numa espécie de raiva –, é uma tradução da língua universal e não somente do francês! Da língua da república universal e da harmonia social humanitária, eis tudo. Mas não somente do francês.

– Com os diabos! Mas essa língua não existe! – prosseguiu Nikolai, rindo.

Por vezes, certo detalhe, o mais insignificante mesmo, fere nossa atenção de maneira toda particular e a retém por muito tempo. Voltarei ao Senhor Stavróguin; no momento, faço questão de assinalar, fosse quando muito pela curiosidade do fato, que de todas as emoções que lhe proporcionou sua estada na nossa cidade, nenhuma lhe ficou tão profundamente gravada no espírito como a lembrança daquele insignificante e quase abjeto funcionariozinho provinciano, tirano doméstico, ciumento e brutal, ladrão e usurário, que trancava sob chaves as migalhas da mesa e os tocos de vela, e, ao mesmo tempo, era sectário encarniçado de Deus sabe qual “harmonia social” futura e que se exaltava de noite ao contemplar o espetáculo fantástico do falanstério futuro, em cuja realização, na Rússia e na província, acreditava como em sua própria existência. E isto se passava no lugar onde ele mesmo adquirira, à força de economia, uma “casinha”, onde desposara em segundas núpcias uma pessoa provida de um dote bem

bom, onde talvez, a cem verstas em redor, não se encontrava, a começar por ele, um único indivíduo que se assemelhasse, mesmo exteriormente, a um futuro membro da “república universal e da harmonia social”.

– Deus sabe o que fará essa gente! – pensava Nikolai, perplexo, lembrando-se, por vezes, daquele inesperado fourierista.

## *IV*

Nosso príncipe viajou durante mais de três anos, tanto que quase foi esquecido em nossa cidade. Soubemos por Stiepan Trofímovitch que ele havia percorrido toda a Europa, e até mesmo visitara o Egito e Jerusalém, que, em seguida, participara de uma expedição científica à Islândia, aonde realmente foi. Contava-se também que, durante todo um inverno, frequentara cursos numa universidade alemã. Não escrevia muitas vezes à sua mãe, uma vez por semestre e até mesmo mais raramente ainda; mas Varvara Pietrovna nem por isso lhe manifestava ressentimento. As relações entre mãe e filho estavam estabelecidas neste pé: ela as aceitava sem murmurar e submissamente, mas não cessava de se mortificar e de pensar no seu Nikolai, sem confiar seus sonhos e suas queixas a ninguém. Sua intimidade com o próprio Stiepan Trofímovitch pareceu ressentir-se. Nutria em segredo não se sabia quais projetos e parecia ter-se tornado mais avara ainda do que antes; e quanto mais se mostrava ávida de juntar dinheiro, mais descontente se manifestava, quando Stiepan Trofímovitch perdia no jogo.

Enfim, no mês de abril do ano corrente, recebeu de Paris uma carta de sua amiga de infância, a Generala Praskóvia Ivânovna Drózdova. Havia oito anos que Varvara Pietrovna não a revia, nem havia se correspondido com ela. Praskóvia Ivânovna mandava-lhe dizer que Nikolai Vsiévolodovitch frequentava muito sua casa e havia-se tornado amigo íntimo de Lisa, sua filha única, propondo-se acompanhá-las naquele verão à Suíça, a Verney-Montreux, embora na família do Conde K*** (personagem de grande influência em Petersburgo), que passava uma temporada em Paris, fosse recebido como um filho, a ponto de quase morar lá. A breve missiva revelava claramente seu fim, se bem que, além dos fatos mencionados, não

contivesse nenhuma conclusão. Varvara Pietrovna não refletiu muito tempo. Decidiu de repente, fez seus preparativos de viagem e, levando consigo sua pupila Dacha, a irmã de Chátov, partiu no mês de abril para Paris e de lá seguiu para a Suíça. Só regressou no mês de julho, deixando Dacha na casa das Senhoras Drózdovi que, como dizia Varvara Pietrovna, tinham prometido vir à nossa terra em fins de agosto.

As Senhoras Drózdovi também eram proprietárias em nossa província, mas as funções do General Ivan Ivânovitch (antigo amigo de Varvara Pietrovna e irmão de armas de seu marido) sempre as tinham impedido de visitar suas magníficas propriedades. Tendo o general morrido no ano anterior, a inconsolável Praskóvia Ivânovna partira para o estrangeiro com sua filha, especialmente com o objetivo de fazer, durante a segunda metade do verão, uma estação d'águas em Verney-Montreux. De volta à Rússia, tinha a intenção de fixar-se definitivamente em nossa província. Possuía na cidade uma grande casa, desabitada desde longos anos e cujos postigos permaneciam sempre fechados. Os Drózdovi eram gente rica. Praskóvia Ivânovna que, por um primeiro casamento, usara o nome da Senhora Túchina, era, da mesma maneira que sua amiga de colégio, Varvara Pietrovna, filha de um desses fazendeiros dos velhos tempos; também ela trouxera ao marido um dote respeitável. Túchin, capitão de cavalaria reformado, tinha ele próprio fortuna e não era destituído de certas capacidades. Ao morrer, deixava um capital bem bom à sua filha única Lisa, então com a idade de sete anos. Agora que Elisavieta Nikoláievna ia atingir os vinte e dois anos, podia-se dificilmente avaliar sua fortuna pessoal em duzentos mil rublos, sem contar a herança que devia caber-lhe por morte de sua mãe, uma vez que esta não tivera filho de seu segundo casamento. Varvara Pietrovna pareceu muito satisfeita com sua viagem. Acreditava ter sido muito bem-sucedida junto a Praskóvia Ivânovna. Logo que regressou, pôs Stiepan Trofímovitch ao corrente de tudo; mostrou-se mesmo bastante expansiva com ele, o que não lhe acontecia havia muito tempo.

– Viva! – exclamou Stiepan Trofímovitch, estalando os dedos.

Estava totalmente arrebatado, tanto mais quanto, durante a ausência de sua amiga, ficara extremamente abatido. Partindo para o

estrangeiro, despedira-se dele muito secamente, nada confiara de seus planos àquela espécie de mulherzinha, sem dúvida no receio de que ele os espalhasse nas suas comadrices. Estava então muito aborrecida com ele, porque havia perdido soma considerável no jogo. Mas já, antes mesmo de deixar a Suíça, sentira que devia, ao regressar, oferecer alguma compensação a seu amigo abandonado, ainda mais porque fazia muito tempo que ela o tratava com rigor. Essa repentina e misteriosa partida causou forte impressão no coração medroso de Stiepan Trofímovitch e, como que de propósito, outras dificuldades surgiram. Ele estava atormentado por um compromisso pecuniário importante e já antigo, ao qual não lhe seria possível fazer face, sem o concurso de Varvara Pietrovna. Além do mais, no mês de maio daquele ano, nosso governador, o bonachão Ivan Óssipovitch, abandonara o cargo, tendo sido dispensado de suas funções em circunstâncias bastante desagradáveis. Em consequência dessa mudança e na ausência de Varvara Pietrovna, realizou-se a posse de nosso novo Governador Andriéi Antônovitch von Lembke. Esta circunstância não tardou em modificar sensivelmente a atitude de quase toda a nossa sociedade provinciana para com Varvara Pietrovna e, por consequente, para com Stiepan Trofímovitch. Este já pudera ouvir pelo menos algumas observações desagradáveis, se bem que assaz edificantes e, na ausência de Varvara Pietrovna, pareceu desencorajado por se encontrar só. Na sua emoção, suspeitou de que já o houvessem denunciado ao novo Governador como um homem perigoso. Soubera de fonte certa que algumas de nossas damas planejavam abandonar suas visitas a Varvara Pietrovna. Quanto à futura Governadora (que só era esperada no outono), repetia-se que, malgrado sua reputação de orgulhosa, era pelo menos uma aristocrata verdadeira e não da “nobreza de ocasião, como nossa pobre Varvara Pietrovna”. Toda gente pretendia saber de maneira positiva e com detalhes em apoio, que a mulher do novo Governador e Varvara Pietrovna tinham-se outrora conhecido na sociedade e haviam-se separado como inimigas. Tanto que bastava que se pronunciasse na presença de Varvara Pietrovna o nome da Senhora von Lembke para que ela experimentasse uma sensação de mal-estar. O ar desafiador de Varvara Pietrovna, a indiferença desdenhosa com que tomou conhecimento das opiniões daquelas senhoras e da agitação da sociedade reanimaram logo o ânimo abatido de Stiepan Trofímovitch

e depressa lhe restituíram a serenidade. Com um humor especial, feito de alegria e prazer pessoal, pôs-se a descrever-lhe a chegada do novo Governador:

– Você sabe, sem dúvida alguma, *excellente amie* – dizia ele, arrastando as palavras com uma afetação de elegância e de galantaria –, o que é um administrador russo em geral e, em particular, um administrador russo novo, isto é, novo em folha, recentemente instalado… *Ces interminables mots russes*!!![25] Mas não creio que tenha podido aprender praticamente o que seja o estado de embriaguez administrativa.

– O estado de embriaguez administrativa? Não, não sei o que isso quer dizer.

– É… Você sabe, entre nós… numa palavra, encarregue a derradeira das nulidades de vender bilhetes comuns no guichê de não importa qual estação de estrada de ferro e logo essa nulidade, para lhe mostrar seu poder, vai olhar para você com ares de Júpiter, quando você for comprar uma passagem. "Pois bem, vou mostrar-lhe o meu poder", tem o ar de dizer esse empregado. Daí, o estado de embriaguez administrativa… *En un mot*[26], li que um *diákon*[27], numa de nossas igrejas no estrangeiro – *mais c´est très curieux*, – pôs literalmente para fora uma família inglesa distinta, *des dames charmantes*, justamente antes do começo do ofício da Quaresma. *Vous savez ces chants et le livre de Job*…[28] unicamente com o pretexto de que não convém que os estrangeiros andem à toa pelas igrejas russas e só devam chegar na hora marcada… Chegou mesmo a haver mais de um desmaio… Aquele sacristão teve também um acesso de embriaguez administrativa e *il a montré son pouvoir*.[29]

– Abrevie, se puder, Stiepan Trofímovitch!

– O Senhor von Lembke encontra-se agora em giro pela província. *En un mot*, esse Andriéi Antônovitch, embora alemão russificado, pertence à religião ortodoxa e é até mesmo – devo reconhecê-lo –, um homem bem bonito, duns quarenta anos.

– Onde você soube que é ele um homem bonito? Tem olhos de carneiro.

– Exatamente. Mas, seja, inclino-me diante da opinião das senhoras…

– Passemos a outro assunto, Stiepan Trofímovitch, rogo-lhe! A propósito, desde quando usa você gravatas vermelhas?

– Foi… foi hoje somente que eu…

– E está fazendo exercício? Tem passeado todos os dias, andando suas seis verstas, como lhe prescreveu o doutor?

– Não… nem sempre.

– Já suspeitava! Na Suíça já o pressentira! – exclamou ela, com irritação. – Agora não são seis verstas, mas dez que terá de andar! Você se relaxou terrivelmente, terrivelmente, ter-rivelmente!! Você, não direi que envelheceu, mas está decrépito… Ainda há pouco, quando o vi, seu aspecto chocou-me, a despeito de sua gravata vermelha… *quelle idée rouge*![30] Continue falando a respeito de von Lembke, se tem realmente alguma coisa a contar-me, e acabe afinal sua narrativa, rogo-lhe; estou cansada.

– *En un mot*, queria somente dizer que é um desses administradores que estrearam aos quarenta anos, depois de ter até então vegetado no nada e que, de repente, fazem carreira graças a um casamento inesperado ou a qualquer outro meio não menos desesperado… Ei-lo agora disparado… Quero dizer que se apressaram em sugerir-lhe que eu era um corruptor da mocidade e um propagandista de ateísmo em nossa província… Imediatamente, tratou de tirar informações.

– Mas é mesmo verdade?

– Eu mesmo tomei minhas precauções. Quando lhe foram dizer que você "governava a província", *vous savez*, permitiu-se usar esta expressão, "que doravante não mais se veria tal".

– Disse isso?

– Sim, "que não mais se veria tal", e com que arrogância!… Sua mulher Iúlia Mikháilovna, vamos vê-la aqui no fim de agosto; virá

diretamente de Petersburgo.

– Do estrangeiro. Encontramo-nos lá.

– Deveras?

– Em Paris e na Suíça. É parenta dos Drózdovi.

– Parenta? Que estranha coincidência! Dizem que é ambiciosa… e parece ter relações influentes.

– Que tolice! Relações de coisa nenhuma! Ficou solteirona, sem um vintém, até os quarenta e cinco anos; agora que deitou a mão no seu von Lembke, seu único objetivo é naturalmente fazê-lo subir. São dois intrigantes.

– E é, dizem, dois anos mais velha que ele.

– Cinco. Em Moscou, a mãe dela não deixava de varrer a soleira de minha porta com a cauda de seu vestido; solicitava como um favor os convites para meus bailes no tempo de Vsiévolod Nikoláievitch. Quanto àquela, sua filha, acontecia-lhe passar a noite inteira sozinha, sentada num canto, com sua mosca de turquesa na testa, sem dançar, se bem que, perto das três horas da madrugada, tomada de comiseração, eu lhe enviava um primeiro cavalheiro. Tinha então vinte e cinco anos e ainda a deixavam aparecer na sociedade de vestido curto, como uma meninota. Ia ficando impróprio receber aquela gente.

– Essa mosca, parece que a estou vendo.

– Vou contar-lhe. Ao chegar, deparei com uma bem tramada intriga. Você acaba de ler carta da Drózdova. Nada de mais claro. Pois bem, que verifico? Aquela imbecil da Drózdova – porque nunca deixou de ser uma imbecil – olha-me com um ar interrogativo, como se perguntasse o motivo de minha viagem. Você pode muito bem imaginar como isso me surpreendeu! Quem vejo diante de mim? A astuta da Lembke, tendo a seu lado o tal primo, o sobrinho do velho Drózdov. Tudo estava claro! Bem entendido, restabeleci tudo num piscar de olhos e Praskóvia Ivânovna pôs-se de novo de meu lado. Mas

que intriga, que intriga!

– Que você, no entanto, conseguiu desfazer. Oh! você é um Bismarck!

– Sem ser um Bismarck, sou, contudo, capaz de discernir a falsidade e a tolice, quando as encontro em meu caminho. Lembke representa a falsidade e Praskóvia a tolice. Raramente tenho encontrado mulher tão pateta. Sem contar que tem as pernas inchadas e que, além disso, é boa. Que pode haver de mais estúpido que uma boa mulher estúpida?

– Um tolo que fosse mau, *ma bonne amie*. Um imbecil mau é ainda mais estúpido – objetou, nobremente, Stiepan Trofímovitch.

– Você talvez tenha razão. Lembra-se da Lisa, não é?

– *Charmante enfant*!

– Hoje não é mais criança, mas uma mulher e uma mulher que tem caráter. Uma natureza nobre e ardente. E o que me agrada nela é que sabe resistir à crédula e imbecil da mãe. Por pouco não houve toda uma trapalhada por causa de seu primo.

– Ora! Mas na verdade não há nenhuma ligação de parentesco entre ele e Elisavieta Nikoláievna… Será que ele nutre intenções a seu respeito?

– Veja você, é um jovem oficial, pouco loquaz e até mesmo bastante modesto. Procuro ser sempre justa. Tenho a impressão de que ele próprio se opõe a essa intriga e não pretende nada, mas que foi somente a Lembke que tramou tudo. Ele estimava muito Nikolai. Você compreende, o negócio todo depende de Lisa, mas deixei-a nas melhores disposições para com Nikolai e ele mesmo prometeu-me vir cá, sem falta, em novembro. Portanto, só há a Lembke intrigando e Praskóvia não passa de uma mulher cega. Ela me declarou, descarada, que todas as minhas suspeitas eram mera fantasia; respondi-lhe chamando-a, cara a cara, de imbecil. Estou pronta a confirmá-lo no juízo final. E se Nikolai não me tivesse pedido que me mantivesse serena no momento, não teria partido sem ter desmascarado a

hipocrisia daquela mulher. Solicitava, por intermédio de Nikolai, as boas graças do Conde K***; queria separar da mãe o filho. Mas Lisa está de nosso lado e entendi-me com Praskóvia. Sabia você que Karmázinov é seu parente?

– Como! Parente da Senhora Lembke?

– Sim, parente longe.

– Karmázinov, o romancista?

– Isto mesmo, o escritor. Admira-se? Eis um que certamente se considera um grande homem. Uma criatura toda inchada de vaidade. Virão juntos. Agora, ela se encontra no estrangeiro, onde faz grande barulho em torno dele. Tem a intenção de organizar aqui não sei que tertúlias literárias. Ele virá passar um mês em nossa cidade e deseja vender os derradeiros bens que ainda possui aqui. Quase o encontrei na Suíça e certamente não tinha vontade de que isso acontecesse. De resto, espero que se dignará reconhecer-me. Outrora me escrevia e ia à minha casa. Gostaria que você se trajasse com mais cuidado, Stiepan Trofímovitch. De dia para dia se torna você mais negligente… Ah! quanto me desconsola. Que está lendo agora?

– Eu… eu…

– Compreendo, compreendo. Sempre os amigos, sempre a pândega, o clube, as cartas e essa reputação de ateu. Essa reputação me desagrada, Stiepan Trofímovitch. Não quereria que o chamassem de ateu, sobretudo agora. Decerto, não o desejava também antes, porque tudo isso não passa de vã tagarelice. É preciso dizê-lo, afinal…

– Mas minha querida…

– Escute, Stiepan Trofímovitch, no que se refere a conhecimentos científicos, sou sem dúvida a seu lado um pigmeu, entretanto, pensei muito em você ao regressar para cá. Adquiri uma convicção.

– Qual?

– É que não somos, nós dois, as criaturas mais inteligentes do mundo, mas há outras mais inteligentes do que nós.

– É um pensamento agudo e justo. Há gente mais inteligente do que nós, portanto há gente mais razoável do que nós e, por consequência, podemos enganar-nos, não é verdade? Mas, *ma bonne amie*, admitamos que eu me engane. Tenho bem o direito do livre exame, direito universal, eterno, supremo! Tenho bem o direito de não ser um beato e um fanático, se me agradar, e por isto serei, naturalmente, odiado por numerosas pessoas até a consumação dos séculos. *Et puis, comme on trouve toujours plus de moines que de raison*[31], e como sou totalmente dessa opinião…

– Como? Que disse você?

– Disse: *on trouve toujours plus de moines que de raison* e como sou totalmente…

– Essa frase não é certamente sua. Sem dúvida, empalmou-a em alguma parte.

– Foi Pascal quem disse isto!

– Bem imaginava que não era sua! Porque você mesmo jamais fala assim, de maneira tão condensada e tão justa, em lugar de lançar-se sempre num falatório complicado… É bem melhor do que o que você disse há pouco a respeito da embriaguez administrativa…

– Palavra, querida… por quê? Em primeiro lugar, é, afinal de contas, que não sou, provavelmente, um Pascal… Em segundo lugar, nós, russos, nada sabemos dizer na nossa língua… Em todo caso, até aqui, nada dissemos ainda…

– Hum! Talvez não seja verdade. Pelo menos, deveria você tomar nota dessas frases e decorá-las para metê-las na conversa… Ah! Stiepan Trofímovitch, preciso falar-lhe seriamente, muito seriamente!

– Querida, querida amiga!

– Agora que todos esses Lembke, todos esses Karmázinovi… Oh! meu Deus, como você ficou gagá. Ah! quanto martírio por sua causa!… Gostaria que todas essas pessoas gostassem de você, porque não chegam aos seus calcanhares e veja-se qual é sua conduta! O que

elas vão ver? O que vou lhes mostrar? Em lugar de ser vivo testemunho de nobreza, em lugar de perpetuar um exemplo com sua atitude, você reuniu um bando de tratantes, adquiriu hábitos impossíveis, tornou-se gagá, não pode mais passar sem baralho, sem vinho, só lê Paul de Kock, e não escreve nada, ao passo que eles escrevem; todo o seu tempo é gasto em falatório. Tem razão de ser, ligar-se a um canalha como esse seu inseparável Lipútin?

– Mas em que é ele *meu* e meu *inseparável*? – protestou timidamente Stiepan Trofímovitch.

– Onde está ele agora? – prosseguiu Varvara Pietrovna, num tom seco e cortante.

– Ele… ele a estima infinitamente e foi a S…k receber a herança deixada por sua mãe.

– Parece que ele não faz outra coisa senão receber dinheiro. E por onde anda Chátov? Sempre o mesmo?

– *Irascible, mais bon*.

– Não posso tolerar esse seu Chátov. É mau e presunçoso.

– Como vai Dária Pávlovna?

– Dacha, você quer dizer? Que ideia! – Varvara Pietrovna lançou-lhe um olhar intrigado. – Vai bem. Deixei-a em casa dos Drózdovi… Na Suíça, ouvi falar de seu filho. Nada de bom, pelo contrário.

– Oh! *c´est une histoire bien bête. Je vous attendais, ma bonne amie, pour vous raconter*…[32]

– Basta, Stiepan Trofímovitch, deixe-me em paz. Não posso mais. Teremos tempo de conversar à vontade, sobretudo a respeito de coisas desagradáveis. Você começa a soltar perdigotos quando ri. É sinal de decrepitude! E de que estranha maneira você ri agora!… Meu Deus, quantos maus hábitos você adquiriu! Karmázinov jamais consentirá em vê-lo! Sem contar que só se espera um pretexto… Você agora se revelou por completo. Vamos, basta, basta, estou cansada. Tenha pena afinal de uma criatura humana.

Stiepan Trofímovitch “teve piedade da criatura”, mas retirou-se bastante perturbado.

## *V*

Nosso amigo, com efeito, havia contraído não poucos hábitos deploráveis, durante os últimos tempos. Relaxava-se a olhos vistos e, na verdade, andava sujo. Bebia mais, andava mais lacrimejante e mais fraco de nervos; seu senso de melindre tomava proporções excessivas. Agora sua fisionomia adquirira a faculdade de transformar-se repentinamente, tanto que podia passar da expressão mais solene à mais grotesca e até mesmo à mais estúpida. Não suportava mais a solidão e era desejo seu que sem cessar fossem distraí-lo e o mais depressa possível. Por isso, era preciso atualizá-lo sempre sobre os derradeiros mexericos da cidade. Quando as visitas custavam a aparecer, errava de quarto em quarto como alma penada, olhava pela janela, mexia os lábios com ar preocupado, lançava fundos suspiros e acabava quase por choramingar. Estava sempre dominado por algum pressentimento, sempre a temer algo de inesperado, de iminente; tornou-se desconfiado; começou a prestar mais atenção a seus sonhos.

Passara todo aquele dia e todo o serão numa tristeza profunda, quando me mandou chamar. Muito agitado, falou muito, estendeu-se em narrativas prolixas, mas bastante desconchavadas. Desde muito tempo Varvara Pietrovna desconfiava que ele nada me escondia. Afinal, pareceu-me preocupado com alguma coisa de particular que ele próprio talvez não soubesse explicar. Antes, quando nos encontrávamos a sós e ele começava a me contar suas mágoas, quase sempre ao fim dum instante, tinha costume de mandar trazer uma boa garrafa, o que era um consolo. Desta vez, nada disso aconteceu e reprimiu, visivelmente, no íntimo de si mesmo, o desejo de mandar buscá-la.

– E por que ela está sempre zangada? – punha-se ele a gemer por momentos, como uma criança. – *Tous les hommes de génie et de progrès en Russie étaient, sont et seront toujours des forçats et des ivrognes, qui boivent*[33], como buracos… mas eu, eu não sou ainda esse forçado, nem esse bêbado… Ela me censura por não escrever nada. Estranha ideia!… ficar deitado. “Você deve servir de exemplo, diz ela, e erguer-

se como uma censura”. *Mais, entre nous soit dit*, que pode fazer um homem cujo destino é erguer-se “como uma censura”, senão ficar deitado? Não saberá ela bem disso?

Tive por fim a explicação para essa tristeza especial que, naquele dia, o torturava de maneira tão obsessiva. Várias vezes, no curso do serão, ele tinha ido à janela e ali ficara parado longamente. Por fim, voltou-se da vidraça para me dizer com singular tom de desespero:

– *Mon cher, je suis* um homem que decai.

Sim, de fato, até então, de uma só coisa ficara ele persuadido, a despeito de todos os “novos pontos de vista” e de todas as “mudanças de ideias” de Varvara Pietrovna e era de que, aos seus olhos de mulher, fazia ele sempre figura de encantador, isto é, não somente em sua qualidade de exilado ou de sábio de renome, mas também na de homem bonitão. Desde vinte anos esta convicção, tão lisonjeadora quanto tranquilizadora, havia-se arraigado nele, tanto que, de todas as suas convicções, era talvez a que mais dor lhe custava abandonar. Será que ele pressentia naquela noite que colossal provocação lhe estava reservada em futuro mais próximo?

## *VI*

E agora, chego ao acontecimento, já em parte esquecido, que constitui, propriamente falando, o começo de minha crônica.

Em fins do mês de agosto, as Senhoras Drózdovi regressaram, enfim, por sua vez. Sua aparição, que precedeu de pouco a de sua parenta, Iúlia Mikháilovna, a mulher de nosso Governador, esperada desde muito tempo pela cidade inteira, causou, em geral, sensação na sociedade. Mas voltarei depois a esses detalhes singulares; no momento, vou apenas mencionar que Praskóvia Ivânovna, esperada com tanta impaciência por Varvara Pietrovna, lhe trouxe uma notícia que apresentava um dos enigmas mais embaraçosos: Nikolai havia-as deixado desde julho; em seguida, tendo encontrado às margens do Reno o Conde K***, partira para Petersburgo com ele e sua família (*N.B.* – O conde tinha três filhas casadouras.)

– Nada pude tirar de Elisavieta por causa de seu orgulho e de sua

obstinação – concluiu Praskóvia Ivânovna –, mas vi com meus olhos que alguma coisa se passara entre ela e Nikolai Vsiévolodovitch. Não sei a razão disso, mas me parece, minha cara Varvara Pietrovna, que lhe caberia interrogar a respeito a sua Dária Pávlovna. Segundo penso, Elisavieta sente-se ofendida, tem algo de que se queixar dele. Estou mais do que encantada em trazer-lhe afinal sua favorita e entregá-la em suas mãos. Tiro um peso de cima de mim.

Foram estas palavras cheias de fel proferidas com singular acrimônia. Sentia-se que a "pateta" havia preparado boas coisas e lhes saboreava de antemão o efeito. Mas Varvara Pietrovna não era dessas que as efusões sentimentais e as alusões enigmáticas podiam desconcertar. Com um tom severo, exigiu as explicações mais precisas e mais completas. Praskóvia Ivânovna baixou logo de tom e acabou por derramar lágrimas, prelúdio às expansões mais afetuosas. Da mesma maneira que Stiepan Trofímovitch, aquela senhora irascível mas sentimental sempre tivera necessidade duma amizade verdadeira e sua principal queixa contra Elisavieta Nikoláievna era precisamente que "sua filha não fosse para ela uma amiga".

Mas de todas as suas explicações e de todas as suas expansões, uma só coisa ressaltava com nitidez: é que, com efeito, um desacordo qualquer sobreviera entre Lisa e Nikolai. Mas de que natureza? Sem dúvida, Praskóvia Ivânovna não pudera pudera saber com exatidão. Quanto às acusações lançadas contra Dária Pávlovna, não somente acabou retirando-as, mas rogou mesmo com insistência a Varvara Pietrovna que não ligasse nenhuma importância a palavras pronunciadas "num instante de enervamento". Afinal de contas, tudo parecia bastante obscuro e até mesmo bastante suspeito. Pelo que ela dizia, o desacordo deveu-se ao caráter "teimoso e zombeteiro" de Lisa e "o orgulhoso Nikolai Vsiévolodovitch, embora bastante apaixonado, não pudera suportar as zombarias e tomara ele próprio um tom de troça".

– Pouco depois – acrescentou Praskóvia Ivânovna –, viemos a conhecer um rapaz, o sobrinho de seu "professor", ao que parece e que, aliás, usa o mesmo nome…

– É filho dele e não sobrinho – retificou Varvara Pietrovna.

Praskóvia Ivânovna jamais conseguia reter o nome de Stiepan Trofímovitch e chamava-o sempre “o professor”.

– Filho dele? Pois bem, vá que seja filho, tanto melhor, para mim é o mesmo. É um jovem como tantos outros, muito vivo e muito livre de maneiras, mas nada mais. Então, neste caso Lisa não agiu bem; mostrou-se familiar com esse rapaz e isto com o fito de despertar o ciúme de Nikolai Vsiévolodovitch. Não a censuro muito por isso; é um processo corrente entre as moças, natural e aliás amável. Somente, em lugar de sentir ciúmes, Nikolai Vsiévolodovitch, pelo contrário, travou amizade com o rapaz. Era de dizer que ele nada via ou que aquilo lhe era indiferente. Foi o que indignou Lisa. O rapaz partiu pouco depois (tinha pressa de ir a alguma parte); quanto a Lisa, pôs-se a provocar Nikolai Vsiévolodovitch todas as vezes que se apresentava ocasião. Por vezes, notando que ele conversava com Dacha, ficava furiosa. Então minha vida tornou-se um inferno. Os médicos proibiram que eu me enervasse e, aliás, aquele lago tão elogiado acabara por tornar-se enfadonho; para mim, só ganhei lá dores de dentes e reumatismo. Assegura-se, com efeito, que o Lago de Genebra predispõe às dores de dentes e que é esta uma de suas particularidades. Entrementes, Nikolai Vsiévolodovitch recebe de repente uma carta da condessa e logo nos deixa, depois de ter feito seus preparativos de viagem no mesmo dia. Separaram-se bons amigos, aliás, e, levando-o à estação, mostrou-se Lisa muito alegre, muito divertida e deu prova de muita solicitude. Somente, era essa uma atitude forçada. Quanto ele partiu, ela ficou sonhadora, deixou totalmente de falar dele e não permitiu tampouco que se dissesse uma palavra a respeito. Gostaria de aconselhá-la também, minha cara Varvara Pietrovna, a não abordar, no momento, uma conversa sobre esse assunto com Lisa; não faria senão estragar tudo. Se você se calar, será ela a primeira a falar; e então você poderá saber mais. Na minha opinião, eles se reconciliarão, a menos que Nikolai Vsiévolodovitch tarde a voltar, ao contrário do que prometeu.

– Vou escrever-lhe imediatamente. Se tudo se passou mesmo assim, o arrufo não significa nada; no fundo, tudo isso é absurdo. E depois, conheço muito bem Dária. Absurdo, tudo isso!

– Errei, confesso, falando assim a respeito de Dáchenhka. Só houve entre ela e Nikolai Vsiévolodovitch conversas banais e assim

mesmo em voz alta. Mas naquela ocasião tudo isso me enervou. Aliás, a própria Lisa, pude verificar, voltou a tratá-la com o carinho de outrora…

Varvara Pietrovna escreveu no mesmo dia a Nikolai, suplicando-lhe que adiantasse seu regresso, nem que fosse um mês apenas. Entretanto, alguma coisa ainda lhe escapava naquele negócio. Passou todo o serão e a noite inteira a refletir. A opinião de Praskóvia parecia-lhe marcada por demasiada ingenuidade e sentimentalismo. "Praskóvia sempre pecou por excesso de sensibilice, mesmo no tempo em que era aluna interna – dizia a si mesma. – Nikolai não é homem para recuar diante das zombarias de uma garota. Deve haver aí outra causa, se realmente ocorreu um desacordo. Afinal de contas, o tal oficial se encontra aqui, trouxeram-no consigo e está instalado em casa delas como um parente. E depois, no que se refere a Dária, Praskóvia mostrou-se muito apressada em confessar sua falta. Tem ela certamente alguma ideia na cabeça que não quis confessar…"

Logo pela manhã, amadureceu no espírito de Varvara Pietrovna um projeto que devia permitir-lhe acabar com uma, pelo menos, das dificuldades que a tornavam perplexa, projeto notável pelo seu caráter inesperado. Sob o império de que sentimento o concebera? Seria difícil um pronunciamento a respeito; aliás, não me encarrego de interpretar de antemão todas as contradições que nele se possam descobrir. Na qualidade de cronista, limito-me a apresentar os fatos exatamente tais como ocorreram, e não é culpa minha se parecem inverossímeis. Devo, portanto, atestar, uma vez mais, que, pela manhã, não restava em Varvara Pietrovna nenhuma suspeita a respeito de Dacha; no íntimo, nunca concebera nenhuma, porque tinha nela muita confiança. E depois não podia mesmo admitir a ideia de que seu Nikolai se houvesse apaixonado pela sua… "Dária". De manhã, quando Dária se encontrava sentada diante de uma mesa, em ponto de servir o chá, Varvara Pietrovna fixou nela um longo olhar perscrutador e, pela vigésima vez talvez desde a véspera, disse consigo mesma: "Tudo isso é absurdo!".

Notou somente que Dacha tinha o ar fatigado e que estava mais plácida e apática ainda do que antes. Depois do chá, segundo seu hábito, ocuparam-se as duas com trabalhos manuais. Varvara

Pietrovna conseguiu que Dacha lhe fizesse um relato minucioso de suas impressões sobre sua estada no estrangeiro, principalmente sobre a natureza, as cidades, os habitantes, os costumes, as artes, a indústria, sobre tudo enfim quanto tinha ela podido observar. Nem uma palavra a respeito das Drózdovi, nem da vida que levara em casa delas. Sentada diante de uma mesa de costura, ao lado da Senhora Stavróguina e ajudando-a a bordar, Dacha, havia uma meia hora já, prosseguia sua narrativa numa voz igual, monótona, mas um pouco fraca.

– Dária – interrompeu bruscamente Varvara Pietrovna –, nada tens de particular a dizer-me?

– Não, nada – respondeu Dacha, depois de ter refletido um instante e ergueu para Varvara Pietrovna seus olhos límpidos.

– Nada no espírito e no coração, nem na consciência?

– Nada – repetiu Dacha, em sussurro, mas com uma voz de firmeza sombria.

– Tinha a certeza! Saiba, Dária, que jamais duvidaria de você. Agora, fique sentada e escute. Não, venha cá, nesta cadeira, sente-se diante de mim. Quero vê-la por completo. Assim mesmo, está bem. Escute, quer casar?

Dacha respondeu com um longo olhar interrogador, não demasiado espantado, afinal.

– Espere, cale-se. Em primeiro lugar, há uma diferença de idade, uma diferença muito grande; mas sabe você melhor que ninguém quanto isto é de pouca importância. É uma moça dotada de boa razão e não deve haver erros em sua vida. Aliás, é ainda um belo homem… Numa palavra, trata-se de Stiepan Trofímovitch, a quem sempre você estimou. Então?

O olhar de Dacha tornou-se mais interrogador ainda, e desta vez não era somente uma expressão de espanto; seu rosto havia enrubescido.

– Espere, cale-se, não se apresse. Está bem entendido que, pelo meu testamento, deixo-lhe uma pequena soma, mas se eu morrer, que se tomará você, mesmo possuindo dinheiro? Vão enganá-la, vão lhe tirar tudo tudo e você estará perdida. Ao passo que, casada com ele, será você a esposa de um homem estimado. Considere agora o outro lado da questão. Se eu vier a morrer, mesmo no caso de assegurar-lhe eu a existência, que será dele? Mas se estiver você presente, posso contar com você. Espere, não acabei: ele é leviano, indolente, seco, egoísta, tem hábitos grosseiros, mas saiba apreciá-lo mesmo assim, primeiro somente pela razão de que há piores do que ele. Não é a um tratante que quero entregá-la, é claro, seria você capaz de pensar isso? Mas saberá apreciá-lo sobretudo porque eu lhe peço – disse ela, mudando de tom, com uma impetuosidade súbita. – Está ouvindo? Bem, vejamos, continua obstinada em nada dizer?

Dacha continuava calada e escutava.

– Espere, espere ainda. Ele é feito uma velhota. É preferível para você, que seja assim, mas uma mulher não saberia sentir por ele senão piedade e não amor. Portanto, merece ele ser amado, porque não tem quem o defenda; ame-o por isso. Você me compreende, não é? Compreende-me?

Dacha fez com a cabeça um sinal afirmativo.

– Estava certa disso, não esperava menos de você. Ele a amará porque é seu dever, seu dever. É preciso que ele a adore! – gritou, num tom superagudo, Varvara Pietrovna, presa de singular exaltação. – De resto, ele ficará apaixonado por você espontaneamente, eu o conheço. E depois, eu mesma estarei presente. Não se inquiete, estarei sempre presente. Ele se queixará de você, vai caluniá-la, fará por trás, a quem primeiro encontrar, confidências a respeito de você, passará seu tempo a gemer e a queixar-se, vai lhe escrever cartas dum quarto para outro e até mesmo duas vezes por dia; mas não poderá passar sem você e é isto o essencial. Obrigue-o a obedecer. Se não conseguir impor-se a ele, você não passará de uma idiota. Ele ameaçará ir enforcar-se, não leve a sério. São frioleiras. Mas mesmo se recusando a dar-lhes crédito, nem por isso deixe de abrir o olho. Poderia mesmo acontecer que ele se enforcasse. É o que acontece a criaturas de sua

espécie; enforcam-se, não porque são fortes, mas por causa mesmo de sua fraqueza; também não o leve jamais aos extremos, tal é a primeira regra da vida conjugal. Lembre-se também de que ele é um poeta. Escute, Dária: não há felicidade maior que sacrificar-se. Aliás, vai me fazer com isso um grande prazer e é isto que importa. Não acredite que seja por tolice que acabo de pronunciar estas palavras. Sei o que digo. Sou egoísta, seja também. Não a forço absolutamente, tudo depende de você; será feito como você decidir. Pois bem, responda então, fale!

– Para mim, tanto faz, Varvara Pietrovna, se é absolutamente necessário casar – declarou com firmeza Dacha.

– Absolutamente? A que faz você alusão? – pergunta Varvara Pietrovna, fixando nela um olhar severo.

Dacha mantinha-se em silêncio, enquanto fazia desligar sua agulha de costura.

– Apesar de sua inteligência, você acaba de dizer uma tolice. É bem verdade, com efeito, que concebi o projeto de casá-la absolutamente e desde já, mas não por necessidade. É somente porque esta ideia me veio ao espírito, e só quero entregar você a Stiepan Trofímovitch. Se só houvesse Stiepan Trofímovitch, não teria eu jamais sonhado em casá-la imediatamente, embora tenha você vinte anos já… Então?

– Farei como a senhora quiser, Varvara Pietrovna.

– Então, consente! Pare, escute, não vá tão depressa, não acabei. De acordo com meu testamento, é você legatária de quinze mil rublos, que lhe entregarei desde agora, logo após a benção nupcial. Imediatamente, você lhe dará oito mil rublos, isto é, não a ele, mas a mim. Tem ele uma dívida de oito mil. É a mim que a pagará, mas não é preciso que ele saiba que é com o seu dinheiro. Ainda lhe ficam sete mil rublos, mas nunca lhe dê nem um sequer. Nunca pague suas dívidas. Se o fizer uma vez, você depois vai se ver em apuros. Aliás, estarei sempre presente. Vocês receberão de mim uma pensão anual de mil e duzentos rublos e, em caso de necessidades extraordinárias, de mil e quinhentos; casa e comida ficarão além disso por minha

conta, como já faço com ele. Somente a criadagem ficará por conta de vocês. É a você que entregarei o dinheiro que devem receber anualmente, e duma só vez. Portanto, seja boa e dê-lhe de vez em quando alguma coisa; permita-lhe também receber seus amigos uma vez por semana. Se aparecerem mais vezes, ponha-os para fora. Mas eu mesma estarei presente. Se eu vier a morrer, a pensão de vocês não deixará de lhes ser entregue até à morte dele, entende?, até a morte dele somente, porque não é a você que a concedo, mas a ele. Para você, além dos sete mil rublos vou lhe deixar ainda oito mil rublos em meu testamento. Não terá de mim nada mais, é preciso que o saiba. Pois bem, consente? Responderá ou não, afinal?

– Já respondi, Varvara Pietrovna.

– Lembre-se de que tem toda a liberdade de escolher; será feito como você quiser.

– Mas… permita, Varvara Pietrovna, será que Stiepan Trofímovitch já lhe disse alguma coisa?

– Não, não disse nada, não sabe de nada ainda, mas… vai falar imediatamente!

Levantou-se com um movimento brusco e lançou sobre os ombros seu xale negro. Dacha, que de novo corou levemente, seguiu-a com um olhar interrogador. Varvara Pietrovna voltou-se de repente para ela, com o rosto incendido de cólera.

– Você é uma tola – exclamou ela, avançando para Dacha como um gavião –, uma imbecil e uma ingrata. Que é que lhe passa pela cabeça? Pode acreditar que eu vá comprometê-la no que quer que seja, mesmo nas coisas mais insignificantes? Mas ele mesmo virá suplicar-lhe humildemente de joelhos, deve estar morrendo de felicidade, eis como será a coisa! Bem sabe você, vejamos, que não a exporei a uma afronta. Ou então imagina que é pelos seus oito mil rublos que ele casará e que eu vou dessa forma vendê-la? Tola, tola, todas vocês são tolas e ingratas! Dê-me um guarda-chuva!

E saiu à pressa, a pé, para a casa de Stiepan Trofímovitch, seguindo os passeios de tijolos e pelas passagens de madeira molhadas

pela chuva.

## *VII*

É verdade, ela não teria exposto Dária a sofrer uma afronta. Naquele mesmo momento considerava-se antes benfeitora dela. A indignação mais generosa e mais pura acendera-se em sua alma quando, pondo seu xale, surpreendera fixo nela o olhar inquieto e desconfiado de sua protegida. Varvara Pietrovna a amava sinceramente desde que a conhecera menina. Assim tinha Praskóvia Ivânovna bem razão de chamar Dária Pávlovna de favorita da Senhora Stavróguina. Desde muito tempo decidira a generala, de uma vez por todas, que o caráter de Dária não se assemelhava ao de seu irmão Ivan Chátov: era tranquila, dócil, capaz duma grande abnegação, distinguia-se pelo seu devotamento, sua modéstia extraordinária, seu raro bom senso e sobretudo pelo sentimento da gratidão. Até o presente, Dacha parecia ter plenamente justificado sua expectativa. "Não haverá erros nessa vida", decretou Varvara Pietrovna, quando a menina tinha apenas doze anos; e como estivesse no caráter da generala apegar-se com teimosia e paixão a todo sonho que a tivesse uma vez cativado, a todo projeto e plano novo, a cada um dos pensamentos que lhe ocorriam, tomou de repente a resolução de educar Dacha como sua própria filha. Imediatamente constituiu para ela um pequeno capital e tratou uma govemanta, *Miss* Creegs, que ficou na casa até que sua aluna tivesse atingido os dezesseis anos; depois, subitamente, foi a govemanta dispensada. Contrataram-se professores do ginásio, entre outros um autêntico francês, que ensinou a língua francesa a Dacha; também este último teve de deixar a casa como se o tivessem posto para fora. Uma pobre senhora viúva pertencente à nobreza e que se encontrava de passagem pela nossa cidade deu-lhe então aulas de piano. Todavia, seu professor principal foi Stiepan Trofímovitch. Na verdade, foi ele quem primeiro descobriu Dacha: pusera-se a instruir aquela menina ingênua, numa época em que Varvara Pietrovna nem mesmo pensava em ocupar-se com ela. Repito: era maravilhoso como as crianças se ligavam a Stiepan Trofímovitch. De oito a onze anos, Elisavieta Nikoláievna Túchina fizera seus estudos com ele; bem entendido, ele lhe dava instrução sem receber honorários, porque por coisa alguma no mundo teria

aceito dinheiro dos Drózdovi. Mas ele próprio deixara-se fascinar pela encantadora criança e lhe recitava toda espécie de poemas sobre a formação do universo, da terra e sobre a história da humanidade. As lições referentes aos povos antigos e ao homem primitivo eram mais cativantes que contos árabes. Lisa ficava enlevada com tais narrativas e, em casa, imitava Stiepan Trofímovitch com uma graça impagável. Ele soube disso e um dia surpreendeu-a de improviso. Lisa, toda confusa, atirou-se em seus braços, desfeita em lágrimas. Stiepan Trofímovitch também chorou, entusiasmado. Lisa, entretanto, partiu em breve, e Dacha ficou sozinha. Quando a educação da moça foi confiada a professores do Liceu, Stiepan Trofímovitch interrompeu suas lições e, pouco a pouco, cessou por completo de prestar-lhe atenção. As coisas ficaram por muito tempo assim. Um dia – Dacha tinha então dezessete anos – a agradável aparência exterior da moça impressionou-o de repente. Isto ocorreu quando se encontravam à mesa em casa de Varvara Pietrovna. Travou uma conversação com Dária, ficou muito satisfeito com suas respostas e acabou por propor dar-lhe um curso completo de história da literatura russa. Varvara Pietrovna agradeceu-lhe em termos lisonjeadores essa ideia que achava excelente. Quanto a Dacha, ficou encantada. Stiepan Trofímovitch pôs-se logo a preparar suas lições com um cuidado todo especial, tanto que afinal elas começaram. Começou-se pelo período mais afastado. A primeira lição, à qual Varvara Pietrovna se achava presente, suscitou vivo interesse. Quando ao retirar-se, ao fim da lição, Stiepan Trofímovitch anunciou à sua aluna que empreenderia na próxima vez a análise da “Canção de Iegor”, Varvara Pietrovna levantou-se bruscamente e declarou que não haveria mais lições no futuro. Stiepan Trofímovitch, se bem que melindrado, manteve-se em silêncio. Dacha ficou toda vermelha. E foi assim que terminou esse curso de literatura, justamente três anos antes da súbita mania que se apoderava atualmente do espírito de Varvara Pietrovna.

O pobre Stiepan Trofímovitch estava sozinho em casa e não suspeitava de nada. Presa de melancólicas reflexões, lançava de tempos em tempos um olhar pela janela, esperando ver chegar algum conhecido. Mas não aparecia ninguém. Chuviscava lá fora e, começando o frio, era necessário acender a estufa. Stiepan Trofímovitch suspirou. De repente uma visão aterrorizante ofereceu-se

a seus olhos: com um tempo daqueles, numa hora tão inconveniente, chegava Varvara Pietrovna à sua casa! E ainda mais, a pé! Tão prodigiosa foi sua estupefação que se esqueceu de trocar de roupa e recebeu-a tal como estava, com o colete cor de rosa algodoado que habitualmente usava.

– Minha boa amiga!… – exclamou com voz fraca, indo ao seu encontro.

– Você está sozinho, ainda bem, não posso tolerar seus amigos. Ah! quanto você fumou, como sempre! Senhor, que ar envenenado! Ainda não acabou de tomar seu chá e já são mais de onze horas! A desordem lhe causa felicidade e encontra você prazer na sujeira! Que fazem aqui esses pedaços de papel rasgado, espalhados pelo chão? Nastássia, Nastássia! Que faz, pois, a sua Nastássia? Vamos, abra as janelas, os postigos, as portas de par em par. Durante esse tempo passaremos para a sala. Vim à sua casa a negócio. Mas, vejamos, uma vez pelo menos em sua vida dê uma vassourada aqui, minha filha!

– O senhor suja tudo de tal maneira! – disse Nastássia, com voz esganiçada, em que se misturava uma expressão irritada e queixosa.

– Mas você varra, varra, se for preciso quinze vezes por dia! Como é feia esta sala! – disse Varvara Pietrovna, depois que nela entraram. – Feche bem a porta. Ela vai ficar à escuta e poderá ouvir-nos. É preciso mudar absolutamente esse forro de papel das paredes. Vejamos, mandei-lhe um tapeceiro com amostras, por que você não escolheu nenhuma? Sente aí e escute. Sente de uma vez, peço-lhe. Mas aonde vai você então? aonde vai você? aonde vai você?

– Eu… volto agora mesmo! – gritou do quarto vizinho Stiepan Trofímovitch. – Volto agora mesmo.

– Ah! mudou de roupa! – disse ela, revistando-o com um ar zombeteiro (ele acabava de vestir uma sobrecasaca por cima do colete). – Com efeito, essa roupa será mais de circunstância… para nossa conversa. Sente, pois, afinal, peço-lhe.

Ela lhe explicou o negócio duma assentada, redondamente, e de maneira própria a persuadi-lo. Fez alusão aos oito mil rublos de que

tinha ele necessidade urgente e expôs os pormenores concernentes ao dote. Stiepan Trofímovitch escancarava os olhos e tremia todo. Ouvia bem, mas sem poder ter daquilo uma ideia nítida. Queria falar, mas sua voz parava-lhe na garganta. Quando muito sabia de uma coisa: que tudo se faria como ela dizia, que suas réplicas, suas recusas de nada serviriam, mas que, desde o presente, era um homem irrevogavelmente casado.

– Mas, minha boa amiga… pela terceira vez, na minha idade, e com semelhante criança! – pronunciou ele por fim. – *Mais c´est une enfant*.

– Uma criança que já anda pelos seus vinte anos, graças a Deus! Não rebole assim suas pupilas, rogo-lhe, não está em cena. Você é muito inteligente e bastante instruído, mas não compreende nada da vida, tem necessidade de uma criada que se ocupe com você constantemente. Que vai ser de você, se eu morrer? Ao passo que ela será para você uma excelente governanta; é uma moça modesta, ajuizada, dum caráter firme; aliás, eu mesma estarei presente, não vou morrer tão depressa. É uma mulherzinha trabalhadora, é um anjo de doçura. Esta feliz ideia me ocorreu quando eu estava ainda na Suíça. Compreende? Estou-lhe dizendo que é um anjo de doçura! – exclamou de súbito Varvara Pietrovna com arrebatamento. – A sujeira reina em sua casa; ela vai substituí-la pela limpeza, pela ordem, tudo ficará polido como um espelho… Ah! você imagina talvez que ao propor-lhe tal tesouro eu ainda deveria fazer-lhe rapapés, enumerar todas as vantagens. Mas é de joelhos que você deveria… Oh! o homem vão, o homem vão e pusilânime!

– Mas… já sou um velho!

– Que significam seus cinquenta e três anos? Cinquenta anos não é o fim, mas o meio da vida. Você é um bonito homem e isto você mesmo não ignora. Sabe também quanto ela o estima. Que será dela, se eu vier a morrer? Com você, estará tranquila e eu estarei igualmente tranquila. Você é alguém, tem um nome, um coração amoroso, receberá uma pensão que será para mim um dever conceder-lhe. Será o salvador dela, sim, quem sabe? seu salvador! De qualquer modo, vai lhe dar um nome honrado. Você a formará para a vida,

desenvolverá seu coração, dirigirá seus pensamentos. Quantas se perdem hoje em consequência duma falsa direção de ideias. Daqui até lá sua obra estará acabada e, de repente, adquirirá uma nova autoridade?

– Justamente – balbuciou ele, já seduzido pela jeitosa lisonja de Varvara Pietrovna –, justamente dispunha-me a escrever meus *Contos da História da Espanha*.

– Pois bem, está vendo? Isto vem às mil maravilhas.

– Mas… e ela? Você lhe falou?

– Não se inquiete a seu respeito, e depois, seja menos curioso. Naturalmente, cabe a você rogar-lhe, suplicar-lhe que lhe faça essa honra, compreende? Mas não se inquiete, estarei presente, eu. Aliás, você a ama.

A vertigem apoderava-se de Stiepan Trofímovitch. As paredes dançavam em torno dele. Havia naquilo uma ideia terrível que ele não conseguia dominar.

– Excelente amiga – disse, com voz, de repente, trêmula –, eu… eu não teria jamais podido imaginar que você se decidisse a me casar… com outra… mulher!…

– Você não é uma senhorita, Stiepan Trofímovitch, só as senhoritas é que são levadas a casar, ao passo que você é quem casará – silvou Varvara Pietrovna, num tom venenoso.

– Sim, *j'ai pris un mot pour un autre… Mais… c´est égal*[34], disse ele, olhando-a com espanto.

– Estou bem vendo que dá no mesmo – murmurou ela com desprezo. – Meu Deus! ei-lo que desmaia! Nastássia, Nastássia! água!

Mas a água não foi necessária. Ele voltou a si; Varvara Pietrovna pegou seu guarda-chuva.

– Vejo que não vale a pena falar-lhe agora…

– Sim, sim, estou incapaz.

– Mas de hoje para amanhã, você repousará e refletirá. Fique em casa; se acontecer alguma coisa, mande-me dizer, mesmo durante a noite. Não me escreva cartas. Não as leria. Amanhã, a esta hora, virei eu mesma, sozinha, buscar sua resposta definitiva e espero que seja satisfatória. Faça de maneira que não esteja aqui ninguém e que não se veja mais sujeira aqui. De que tem isto o ar? Nastássia, Nastássia!

Naturalmente, no dia seguinte ele consentiu. Aliás, não teria podido agir de outra maneira. Havia ali uma circustância toda particular.

## *VIII*

O que se chama entre nós a propriedade de Stiepan Trofímovitch (cerca de cinquenta almas, segundo o antigo cadastro e confinando com as terras de Skvopiéchniki) não era de modo algum propriedade sua, mas de sua primeira mulher e revertia por consequência a seu filho Piotr Stiepânovitch Vierkhoviénski. Stiepan Trofímovitch só possuía a direção na qualidade de tutor do menino, o qual, ao tornar-se maior, lhe havia delegado poderes plenos para administrar seus bens. O arranjo era vantajoso para o rapaz: recebia de seu pai mil rublos de renda por ano de uma propriedade que, desde a promulgação das leis novas, não rendia quinhentos e menos ainda talvez. Deus sabe como semelhantes convenções tinham podido estabelecer-se! De resto, esses mil rublos era Varvara Pietrovna quem os enviava integralmente, sem que Stiepan Trofímovitch para tal contribuísse com a menor parcela. Mais ainda, não somente conservava para si a renda da propriedade, mas acabou por devastá-la, arrendando-a a um industrial e vendendo para corte, sem que Varvara Pietrovna o soubesse, uma mata que constituía seu principal valor. Desde muito tempo, aliás, aquela mata tinha desaparecido assim aos lotes. Stiepan Trofímovitch dela retirara quando muito cinco mil rublos, embora valesse pelo menos oito mil. Mas acontecia-lhe perder no clube somas tão consideráveis que não ousava recorrer a Varvara Pietrovna. Esta rangeu os dentes quando por fim foi posta ao corrente de tudo. E bruscamente eis que o filho de Stiepan Trofímovitch anunciava a seu pai que iria ele próprio vender seus bens e

encarregava-o de realizar sem demora essa operação! Evidentemente o nobre e desinteressado Stiepan Trofímovitch se sentia torturado de remorsos para com "*ce cher enfant*". (Revira-o pela última vez nove anos antes, quando o rapaz era estudante em Petersburgo.) A princípio a propriedade teria podido valer treze ou catorze mil rublos, mas atualmente era difícil encontrar comprador que desse cinco mil por ela. Sem dúvida tinha Stiepan Trofímovitch perfeitamente o direito, segundo o texto mesmo de seus compromissos, de vender a mata, e levando em conta aqueles mil rublos de renda jamais entrada em caixa e que, no entanto, enviava pontualmente todo ano a seu filho, pagar-se por ocasião da entrega geral de sua gestão. Mas Stiepan Trofímovitch era um homem generoso e cheio de aspirações elevadas. Uma ideia magnífica atravessou-lhe o espírito: era, quando o Pietruchka chegasse, depositar diante dele sobre a mesa o máximo do preço, isto é, quinze mil rublos, sem fazer a menor alusão às outras somas expedidas até então, e, com lágrimas nos olhos, apertar bem fortemente contra o peito "esse querido filho", a fim de regularizar assim as suas contas. Com prudência e precaução, tratou de desenrolar esse quadro aos olhos de Varvara Pietrovna. Fez-lhe entrever que isso daria certo matiz especial de nobreza à amizade deles… à "ideia" deles. Isso mostraria todo o desinteresse e grandeza dalma da geração precedente em comparação com a juventude moderna socializante e de espírito tão leviano. Falou de muitas outras coisas ainda, mas Varvara Pietrovna obstinava-se em seu mutismo. Por fim, declarou-lhe secamente que consentia em comprar-lhe a propriedade e que pagaria por ela o "máximo" de seu valor, isto é, seis ou sete mil rublos (e até mesmo seria possível consegui-la por cinco mil). A respeito dos oito mil rublos evaporados, graças à venda em lotes da mata, ela não disse uma palavra.

Ocorreu esta conversa um mês antes do pedido de casamento. Stiepan Trofímovitch ficou preocupado e pensativo. Antes, poderia ter havido ainda alguma esperança de que seu filho não viesse talvez – e quando falo de esperança, coloco-me unicamente do ponto de vista dum estranho, porque Stiepan Trofímovitch, como pai, teria repelido com indignação semelhante suposição. Seja como for, até então haviam chegado entre nós boatos estranhos referentes a Pietruchka. Seis anos depois de terminar seus estudos na Universidade, nada fizera

senão andar à toa em Petersburgo. De repente, soubemos que participara da redação duma proclamação sediciosa e vira-se participante da Causa; depois, que partira de súbito para o estrangeiro, para Genebra, na Suíça – em suma, achara bom fugir.

– Isto me espanta – vaticinava Stiepan Trofímovitch, todo confuso. – Pietruchka *c´est une si pauvre tête*![35] É bom, nobre, muito sensível, e outrora, em Petersburgo, fiquei muito contente ao compará-lo com a juventude atual, mas *c´est un si pauvre sire tout de même*…[36] E sabem que tudo isso provém dessa falta de maturidade, de seu sentimentalismo? O que o seduz não é o realismo, mas o lado sentimental, idealista e místico do socialismo, o que há de religioso e de poético nessa doutrina… tudo vestido à moda estrangeira, é claro. E que desassossego isto me causa! Tenho aqui tantos inimigos, mais ainda lá em baixo, que atribuirão isso à influência de seu pai!… Meu Deus! Pietruchka agitador! Em que tempo vivemos!

Pietruchka, aliás, não tardara em enviar da Suíça seu endereço exato, a fim de que se continuasse, como no passado, a fazer chegar-lhe o dinheiro às mãos: não era, pois, totalmente, um emigrado. E eis que agora, depois de haver permanecido quatro anos no estrangeiro, reaparecia em sua pátria e anunciava sua próxima chegada à nossa cidade: não fora, pois, acusado de nada. Mais ainda, parecia que alguém se interessava por ele e o tomava sob sua proteção. Escrevia do sul da Rússia, onde se encontrava, naquele momento, encarregado duma missão que, muito embora de caráter privado, não deixava de parecer importante e à qual consagrava seus cuidados. Tudo isso era belo e bom, mas onde arranjar os sete ou oito mil rublos que teriam constituído o máximo desejável da propriedade? E se o alarme fosse dado e se, em lugar dum majestoso quadro de família, fosse dar tudo num processo? Algo dizia a Stiepan Trofímovitch que o sensível Pietruchka não cederia no que dissesse respeito a seus interesses. “Donde vem – murmurou um dia Stiepan Trofímovitch –, que todos esses socialistas raivosos, todos esses comunistas sejam ao mesmo tempo os indivíduos mais ladravazes, os proprietários mais duros e mais egoístas, tanto que, quanto mais é um homem socialista, fascinado por ideias avançadas, tanto mais se apega ao que tem?… Sim, donde vem isso? Será possível que seja ainda uma consequência

do sentimentalismo?” Ignoro se esta observação de Stiepan Trofímovitch é fundamentada ou não. Só sei duma coisa, é que Pietruchka tivera conhecimento da venda da mata etc., etc… e que Stiepan Trofímovitch sabia que seu filho estava a par de tudo. Ocorreu-me também ler as cartas de Pietruchka a seu pai. Escrevia muito raramente, uma vez por ano, quando muito. Nos últimos tempos somente é que lhe enviou, quase uma após outra, duas cartas para informá-lo de sua próxima chegada. Todas essas cartas de Pietruchka eram breves, secas, limitavam-se a dar ordens e, como desde o encontro deles em Petersburgo o pai e o filho tinham adotado o tuteamento em moda, as cartas de Pietruchka assemelhavam-se em todos os pontos àquelas antigas missivas nas quais os proprietários de outrora mandavam sua instruções aos servos encarregados de administrar suas propriedades. E eis agora que os oito mil rublos destinados a salvar a situação dependiam da proposta de casamento feita por Varvara Pietrovna e mais ainda, pretendia esta que só podiam depender dessa proposição. Naturalmente Stiepan Trofímovitch deu seu consentimento.

Assim que a generala saiu, ele mandou me chamar e fechou sua porta para todos os outros o dia inteiro. Está bem entendido que choramingou, disse muita coisa bonita, outras tantas extravagantes. Fez por acaso um trocadilho, que lhe causou satisfação. Depois teve ligeira recaída de colerina – numa palavra, tudo se passou como devia passar-se. Depois do que, foi tirar da parede o retrato de sua alemã morta havia vinte anos e se pôs a interpelá-la num tom lastimoso: “Irás me perdoar?”. Em suma, não parecia estar completamente em seu estado normal. Bebemos um pouco, a fim de afogar o pesar. Ele não demorou, aliás, a pegar num sono tranquilo. No dia seguinte, de manhã, compôs um nó de gravata artístico, vestiu-se com esmero, não sem ir mirar-se várias vezes no espelho. Perfumara seu lenço, com discrição é verdade, mas, avistando pela janela Varvara Pietrovna, apressou-se em tomar outro e enfiar o primeiro debaixo duma almofada.

– Magnífico! – aplaudiu a generala, ao saber que ele consentia. – Em primeiro lugar, é esta uma nobre resolução, em seguida você ouviu a voz da razão que tão raramente consegue discernir nos seus

negócios pessoais. Aliás, não há pressa – acrescentou ela, examinando o nó da gravata branca –, cale-se no momento, que também eu me calarei. Breve será o dia de seu aniversário. Virei aqui com ela. Você dará um sarau, oferecendo chá, mas, rogo-lhe, sem vinho nem comedorias. Aliás, eu arranjarei tudo. Você convidará seus amigos. Faremos, porém, a escolha juntos. Na véspera, conferenciará você com ela, se houver possibilidade; aproveitaremos de seu sarau, não precisamente para fazer uma declaração pública, mas uma simples alusão a seu casamento, sem nenhuma solenidade. Quinze dias depois serão celebradas as núpcias com o mínimo de espavento possível… Vocês dois poderiam, logo depois da cerimônia, partir de viagem por algum tempo, ir por exemplo a Moscou. Talvez vá também com vocês… Mas o essencial daqui até lá é que você se conserve calado.

Stiepan Trofímovitch ficou espantado. Gaguejou que não era possível, que lhe era preciso antes entender-se com a noiva, mas Varvara Pietrovna replicou com voz irritada:

– Por que isso? Em primeiro lugar, pode ainda ocorrer que a coisa não se realize…

– Como, pode ocorrer que não se realize? – balbuciou o noivo, completamente transtornado.

– Perfeitamente, hei de ver… mas, aliás, tudo será feito como tenho dito, não se inquiete, vou prepará-la eu mesma. Não é de modo algum assunto seu. Todo o necessário será dito e feito sem que você tenha de meter-se nisso. E por que afinal? Qual seria seu papel? E não apareça, não escreva, Nem uma palavra a quem quer que seja, rogo-lhe. Também eu me calarei.

Recusava decididamente explicar-se e retirou-se presa duma visível agitação. Parecia que a excessiva solicitude de Stiepan Trofímovitch a havia chocado. Ai! ele não compreendia decididamente sua situação e o problema não lhe aparecia ainda sob todas as suas faces. Pelo contrário, achou que devia fingir um novo tom meio leve, meio altivo. Bancou o fanfarrão.

– Isto me agrada! – exclamou, parando diante de mim e brandindo os braços. – Ouviu-a? Ela fará tanto e tão bem que, afinal,

não quererei mais. É que, também eu, posso perder a paciência e… não querer mais. “Fique em casa, nada tem a fazer lá embaixo”, mas por que, afinal de contas, deveria eu casar-me? Cinicamente porque uma ideia estapafúrdia lhe passou pela cabeça? Afinal de contas sou um homem sério e posso não querer submeter-me às fantasias caprichosas de uma desmiolada! Tenho deveres para com meu filho… e para comigo mesmo! Faço um sacrifício. Compreende ela isso? Talvez tenha consentido porque a vida me entedia e nada me importa. Mas pode ela exasperar-me e então deixarei de não me importar. vou ficar ressentido da ofensa e recusarei. *Et enfin le ridicule*… Que haverão de dizer no clube?… Que dirá… Lipútin? “Pode ocorrer que não se realize.” Veja isso! Com efeito, é o cúmulo!… É… não sei o quê. *Je suis un forçat, un Badinguet*[37], um homem encostado à parede?…

Ao mesmo tempo, uma espécie de presunção caprichosa, um deleite leve apareciam através daquelas lamentações. À noite, voltamos a beber.

## Capítulo III / *Os pecados alheios*

### *I*

Oito dias transcorreram e a situação começou a complicar-se.

Seja dito de passagem que sofri muito durante aquela desgraçada semana, porque na qualidade de confidente mais íntimo dele era como que a sombra de meu amigo, o infeliz noivo. O que lhe pesava mais era um sentimento de vergonha, se bem que não tivéssemos visto ninguém durante toda aquela semana e ficado sozinhos na casa. Mas ele tinha vergonha, mesmo diante de mim, a tal ponto que, quanto mais a mim se confiava, mais me queria mal por isso. Na sua susceptibilidade mórbida, imaginava que todo mundo, toda a cidade já estava ao corrente; tinha medo de se mostrar não somente no clube, mas em casa de seus amigos. Nem mesmo consentia em dar o seu passeio higiênico de todos os dias, senão bem depois de haver anoitecido, quando já estava completamente escuro.

Passou-se uma semana. Ele continuava sem saber se era noivo ou não e não conseguia certificar-se disso duma maneira positiva, apesar de todos os seus esforços. Não havia visto ainda sua noiva e nem mesmo sabia se ela ia casar-se com ele; não sabia mesmo se havia naquilo algo de sério! Por uma razão ou outra, Varvara Pietrovna recusava-se absolutamente a recebê-lo. Em resposta a uma de suas primeiras cartas que lhe dirigiu, e lhe escreveu um grande número, rogou-lhe formalmente que lhe poupasse, durante algum tempo, qualquer relação com ele, porque estava muito ocupada; como tinha ela mesma de informá-lo de muitas coisas da mais alta importância, esperava ter alguns instantes de descanso para fazer isso e o avisaria, em tempo útil, do dia em que ele poderia ir vê-la. Significava-lhe afinal que lhe devolveria suas cartas sem abri-las, porque não eram para ele senão uma espécie de "prazer doentio". Esta carta, li-a eu mesmo e foi ele quem a mostrou.

Entretanto, todas essas grosserias e toda essa incerteza nada eram em comparação com sua principal ansiedade. Essa ansiedade atormentava-o no mais alto grau e sem deixar-lhe repouso. Emagrecia, perdia toda a coragem. Era alguma coisa da qual sentia ele mais vergonha do que de todo o resto e não queria falar de modo algum, nem mesmo a mim; pelo contrário, mentia-me quando era preciso e recorria a explicações ambíguas, como uma criança; por outra parte, ele mesmo mandava chamar-me todos os dias, não podia ficar duas horas sem me ver, tendo necessidade de mim tanto quanto de água ou de ar.

Tais processos não deixavam de ferir um tanto o meu amor-próprio. Não é preciso dizer que eu tinha adivinhado desde muito tempo, a sós, seu famoso segredo, que consegui completamente esclarecer. Tinha a convicção mais firme naquele momento de que a revelação desse segredo, dessa principal ansiedade de Stiepan Trofímovitch, não lhe teria feito honra e, por consequência, como eu tinha adivinhado jovem, indignava-me bastante com a grosseria de seus sentimentos e com a fealdade de certas de suas suspeitas. No meu ardor e também, devo confessá-lo, por cansaço de meu papel de confidente, acusava-o talvez mais do que merecia. Levei a crueldade a ponto de exigir dele confissões completas, embora admitindo que lhe

seria talvez difícil confessar certas coisas. Ele também me devassava, isto é, dava-se perfeitamente conta de que eu o desvendava e que por isso lhe tinha raiva deveras, e ele por seu lado tinha raiva de mim por eu ter raiva dele e devassá-lo. Minha irritação talvez fosse mesquinha, mas a solidão partilhada por dois amigos é por vezes extremamente prejudicial à verdadeira amizade. Dum certo ponto de vista, ele compreendia bastante bem mais de um aspecto de sua situação e a apreciava mesmo duma maneira muito sutil quanto aos pontos dos quais não se obrigava a fazer mistério.

– Ah! que diferença então! – dizia-me algumas vezes, falando de Varvara Pietrovna. – Como ela era diferente outrora, quando conversávamos a sós! Você sabe que ela ainda sabia conversar naquele tempo? Você poderia acreditar que ela expunha ideias, então, ideias originais? Hoje, tudo está mudado. Diz que tudo isso não passa de velhas bobagens. Despreza o passado… Hoje, é como um lojista ou um caixa, tem o coração duro, está sempre de mau humor.

– Por que ela está de mau humor agora, se o senhor lhe executou as ordens? – repliquei.

Olhou-me, maliciosamente.

– *Cher ami*, se eu não tivesse consentido, ela teria ficado terrivelmente zangada, terrivelmente… E todavia, menos do que está, agora que consenti.

Sentia-se feliz por ter dito esta sua frasezinha e naquela noite esvaziamos os dois a sós uma garrafa. Mas não foi senão coisa de momento; no dia seguinte, estava mais abatido e mais sombrio do que nunca.

Mas o que me irritava mais nele, é que não podia decidir-se a visitar as Senhoras Drózdovi, como deveria ter feito no momento da chegada delas, a fim de reatar relações que elas mesmas desejavam, como nos disseram, visto como se informavam dele a todo momento. Era isso para ele uma fonte de pesar cotidiano. Falava de Elisavieta Nikoláievna com um entusiasmo para mim incompreensível. Sem dúvida, evocava nela a criança que amara outrora. Mas, além disso, imaginava, não sei por qual motivo, que encontraria imediatamente

ao lado dela um alívio para sua aflição atual, até mesmo a solução para suas dúvidas mais graves. Esperava encontrar em Elisavieta Nikoláievna um ser extraordinário. E apesar de tudo, não ia vê-la, se bem que tivesse intenção disso todos os dias. O pior era que eu tinha mesmo o mais ardente desejo de ser-lhe apresentado e recomendado e não podia contar para isso senão com Stiepan Trofímovitch. Encontrava-a frequentemente, na rua, entenda-se, quando passeava a cavalo, trajada de amazona, montando um soberbo animal e acompanhada por um oficial, o suposto parente, sobrinho do falecido General Drózdov, e esses encontros causavam-me uma impressão extraordinária. Minha cegueira durou pouco e reconheci eu mesmo bem depressa o caráter realizável de meu sonho. Mas embora fosse uma impressão passageira, nem por isso era menos realíssima. Assim, pode-se imaginar a que ponto me indignava contra meu pobre amigo vendo-o manter-se tão obstinadamente encerrado em sua casa.

Todos os membros de nosso clube tinham sido avisados oficialmente, desde o começo, de que Stiepan Trofímovitch não queria receber ninguém durante algum tempo e rogava que não lhe perturbassem a solidão. Fez questão de enviar-lhes uma circular neste sentido, embora tivesse eu tentado dissuadi-lo de tal. Comecei a ir ver todos, a instâncias suas, e disse a todos que Varvara Pietrovna encarregara o nosso "velho" (era assim que todos chamávamos Stiepan Trofímovitch na intimidade) duma tarefa especial, de pôr em ordem uma correspondência que datava de vários anos; que ele proibira visitas, a fim de consagrar-se a esse trabalho no qual eu tomava parte. Lipútin foi o único que eu não achava tempo de ir ver e adiava constantemente essa visita para mais tarde. Na verdade, tinha medo de ir vê-lo. Sabia de antemão que ele não acreditaria numa palavra de tudo aquilo, que farejaria certamente ali algum engodo e, tão logo eu me retirasse, trataria de tomar informações e espalharia bisbilhotices pela cidade inteira. Enquanto eu imaginava tudo isso, encontrei-o por acaso na rua. Soube então que havia sabido de tudo pelos amigos, que eu mal acabara de prevenir. Coisa estranha, não só não demonstrou nenhuma curiosidade e não me fez perguntas a respeito de Stiepan Trofímovitch, mas interrompeu-me, quando comecei a desculpar-me por não ter ido vê-lo mais cedo, depois passou imediatamente a outro assunto. É verdade que ele tinha muito a

contar-me. Achava-se grandemente excitado e mostrou-se encantado por ter-me como ouvinte. Começou por me falar das novidades da cidade, da chegada da mulher do Governador “com novos assuntos de conversa”, de um partido oposicionista já formado no clube, de todo o barulho que provocavam as novas ideias e do prazer que sentia por esse fato, e assim por diante. Falou durante um quarto de hora e com tal ímpeto que não me pude desprender dele. Não podia tolerá-lo, mas devo reconhecer que ele tinha o dom de se fazer ouvir, sobretudo quando se arrebatava contra qualquer coisa. De parte sua natureza, era aquele homem, na minha opinião, um verdadeiro espião. Estava sempre a par dos derradeiros mexericos e de todos os miúdos incidentes da nossa cidade, sobretudo dos que eram dum caráter equívoco e não se podia deixar de ficar espantado ao ver até que ponto levava ele em consideração coisas que por vezes em nada com ele se relacionavam. Sempre me pareceu que a inveja era o traço dominante de seu caráter. Quando, na mesma noite, falei a Stiepan Trofímovitch de meu encontro, de manhã, com Lipútin e de nossa conversa, com minha grande surpresa mostrou-se ele muito agitado e me fez, com ar desvairado, esta pergunta: “Lipútin sabe ou não sabe?”. Comecei a demonstrar-lhe que não havia nenhuma possibilidade de ele ter descoberto tão depressa, que não havia ninguém de quem pudesse ele vir a saber; mas Stiepan Trofímovitch permaneceu inabalável:

– Afinal, acredite você ou não, como quiser, – disse ele, a modo de conclusão bastante inesperada, – mas pela minha parte, estou convencido não só de que ele conhece “nossa” situação em todos os seus detalhes, mas sabe alguma coisa mais, que nem você, nem eu, sabemos ainda, que não saberemos talvez nunca ou que só saberemos quando for demasiado tarde e não houver mais meio de remediá-la…

Guardei silêncio, mas essas palavras fizeram-me refletir bastante. Durante cinco dias, inteiros, não fizemos a mínima alusão a Lipútin. Era evidente para mim que Stiepan Trofímovitch lamentava muito ter-se deixado levar a falar demais e traído tais suspeitas em minha presença.

*II*

Uma manhã, sete ou oito dias depois que Stiepan Trofímovitch consentiu em ficar noivo, cerca das onze horas, como me apressasse, segundo meu costume, para encontrar meu melancólico amigo, pelo caminho me aconteceu uma aventura.

Encontrei Karmázinov, “o grande escritor”, como o chamava Lipútin. Eu lia Karmázinov desde minha infância. Seus romances e seus contos são familiares a toda a geração precedente e até mesmo à geração atual. Deleitava-me com eles; tinham sido a grande alegria de minha infância e de minha mocidade. Mais tarde, meu entusiasmo esfriou um pouco a respeito de sua pena. Os romances de tese que escrevia desde algum tempo já me agradavam menos que suas primeiras obras, suas obras da mocidade, todas transbordantes de poesia espontânea; quanto às suas derradeiras publicações, não me agradavam mais absolutamente.

Geralmente falando, se me posso permitir exprimir minha opinião sobre um assunto tão delicado, todos esses homens de talento de segunda mão que, durante sua vida, passam por ser quase gênios, desaparecem bruscamente e sem deixar traço, quando morrem e, o que é mais, acontece muitas vezes que mesmo vivos, logo que uma nova geração cresceu e vem substituir aquela na qual conheceram tanto êxito, são esquecidos e negligenciados por todos num espaço de tempo incrivelmente curto. Sem que seja possível dizer por que, isto se produz entre nós de uma maneira completamente súbita, como certas mudanças de cenário no teatro. Ah! decerto, a coisa é toda outra com Púchkin, Gógol, Molière, Voltaire, todos esses grandes homens que tinham verdadeiramente alguma coisa de novo e de original a dizer. Na verdade, aliás, esses homens dotados de um talento de ordem média, no declínio de seus dias venerandos sobrevivem habitualmente a si mesmos da maneira mais lastimável e sem que se deem conta disso. Acontece bastante frequentemente que um escritor, ao qual por muito tempo se atribuiu uma profundeza extraordinária e que se esperava ver exercer uma grande e séria influência sobre o progresso da sociedade, acabe por trair nas suas ideias fundamentais tal miséria, tal insipidez, que ninguém lamenta que ele tenha chegado tão depressa ao fim de seus recursos. Mas as velhas barbas grisalhas não prestam atenção a isso e se zangam. Por vezes, a vaidade desses

literatos, sobretudo para o fim de sua carreira, atinge proporções espantosas. Deus sabe por que, começam a tomar-se por deuses, pelo menos… Dizia-se de Karmázinov que suas relações com a sociedade aristocrática interessavam-no mais ainda que a salvação de sua alma. Quando ele encontra a gente, dizia-se, aperta-nos em seus braços, lisonjea-nos, encanta-nos pela sua bonomia, sobretudo se a gente pode ser de alguma utilidade para ele e se lhe foi previamente recomendado. Mas ao primeiro príncipe, à primeira condessa, à primeira pessoa chegada, acha que é de seu dever mais sagrado deixar-nos de mão com as marcas do desprezo mais ofensivo, como um grão de areia, como uma mosca, antes mesmo que tenhamos girado nos calcanhares. Imagina seriamente que é um ato de supremo bom tom. Apesar de toda a sua reserva e seu conhecimento perfeito dos usos, é, dizem, tão cheio de si que lhe é impossível dissimular sua susceptibilidade de autor, mesmo nos meios em que não há interesse pela literatura. Toda marca de indiferença fere-o profundamente e procura vingar-se dela por todos os meios.

Havia um ano eu tinha lido numa revista um artigo dele, escrito com umas pretensões ferozes à mais ingênua poesia e à psicologia ainda por cima. Descrevia a perda dum navio, lá em algum ponto do litoral inglês, da qual fora ele próprio testemunha e presenciado o salvamento dos náufragos e a emersão dos afogados. Todo esse artigo, bastante longo e repolhudo, tinha sido escrito unicamente com a intenção de exibir-se. Assim, lia-se nas linhas impressas: “Interessai-vos por mim, vede como me portei naquele instante. Que vos importam a vós o mar, a tormenta, os rochedos, as tábuas desprendidas do navio? Isto já foi descrito com minha pena poderosa. Para que olhar aquele afogado com um menino morto em seus mortos braços? Olhai melhor para mim, uma vez que não pude suportar aquele espetáculo e me afastei. Porque eu estava de costas, porque estava transido de horror e não tinha forças para voltar a vista; fugi e fechei os olhos… Não é verdade que é isto interessante?”. Ao exprimir a Stiepan Trofímovitch minha opinião sobre o artigo de Karmázinov, aquele me deu razão.

Desde que se espalhara entre nós a notícia da chegada de Karmázinov, não é preciso dizer que tive uma vontade louca de

encontrá-lo e, se possível, ser-lhe apresentado. Sabia que podia consegui-lo por intermédio de Stiepan Trofímovitch, porque tinham sido outrora amigos. E eis que, de repente, encontro-me cara a cara com ele numa encruzilhada. Reconheci-o logo: mostraram-no a mim alguns dias antes, quando passeava de carro com a mulher do Governador.

Era um homem de pequena estatura, uma espécie de velhinho, cheio de arrogância e afetação, que, aliás, não devia então ter ultrapassado os cinquenta anos, de rosto bastante colorido, com espessos cachos de cabelos brancos que escorriam por baixo de sua cartola e se enrolavam em torno de suas orelhas pequenas, bem limpas e bem rosadas. Aquele rosto tão bem cuidado não podia passar por absolutamente belo: tinha lábios compridos e estreitos que traíam a astúcia, o nariz um pouco grosso e olhinhos agudos e espirituosos. Trajava com certa negligência, os ombros cobertos por uma capa, como a que se usaria naquela estação na Suíça ou na Itália do norte. Mas, pelo menos, todos os miúdos acessórios de seu traje: os botões dos punhos, o colarinho postiço, os botões, a luneta de tartaruga na extremidade duma estreita fita negra, o anel, eram necessariamente semelhantes aos que se veem entre as pessoas de modo de trajar irretocável. Estou certo de que no verão ele deve andar com botinas cor de ameixa, de botões de nácar de lado. Quando nos encontramos, ele estava parado na esquina duma rua e examinava à sua volta com atenção. Notando que eu o olhava com curiosidade, perguntou-me com uma vozinha melíflua, embora um tanto estridente:

– Permita que lhe pergunte qual o caminho mais curto para a Rua dos Bois?

– Rua dos Bois? Mas é aqui… bem perto – exclamei, presa duma agitação extraordinária. – Siga essa rua em linha reta e depois dobre a segunda rua à esquerda.

– Fico-lhe muito grato.

Maldito seja tal minuto! Creio que estava intimidado e que assumi uma expressão servil. Ele notou tudo isso num abrir e fechar de olhos e, naturalmente, compreendeu tudo, isto é, compreendeu que eu já

sabia quem ele era, que eu o lia e admirava-o desde minha infância e que, agora, me sentia intimidado diante dele e o examinava com curiosidade. Sorriu, fez novo sinal com a cabeça e seguiu em frente, como eu lhe havia indicado. Ignoro o que me levou a voltar para segui-lo e a dar uma boa dezena de passos, caminhando a seu lado. De repente, ei-lo que para ainda uma vez.

– O senhor não poderia me indicar a estação de fiacres mais próxima? – ouvi-o gritar para mim.

Ah! O grito horrível, a desagradável voz…

Uma estação de fiacres? A mais próxima se encontra… perto da catedral, há sempre vários ali e, por pouco, estive a ponto de precipitar-me à procura de um cocheiro. Naturalmente, consegui dominar-me no mesmo instante e parei. Ele havia perfeitamente notado meu primeiro movimento e examinava-me com o mesmo sorriso antipático. Produziu-se aqui um fato que jamais esquecerei.

Deixou cair de repente uma sacola minúscula que segurava com a mão esquerda. Era, aliás, em vez de um saco, uma espécie de caixinha ou mesmo de pequena pasta, ou, para ser ainda mais preciso, de redezinha no gênero daquelas que as senhoras outrora usavam; em suma, não sei exatamente que objeto fosse, sei somente que creio ter-me precipitado a apanhá-lo.

Estou convencido de que não o apanhei na realidade, mas não havia engano possível a respeito de meu primeiro movimento; não pude dissimulá-lo e, como um tolo, fiquei rubro. O astuto personagem aproveitou logo da circunstância tudo quanto podia ser aproveitado.

– Não se dê ao trabalho, vou apanhá-lo – proferiu ele, com delicadeza; quer dizer que, quando se certificou totalmente de que não ia eu apanhar a sacola, apanhou-a ele mesmo, como se se tivesse adiantado a mim, fez-me novo sinal com a cabeça e pôs-se a andar, deixando-me ali plantado como um tolo. Era tudo como se eu mesmo a tivesse apanhado. Durante cinco minutos, acreditei-me para sempre desonrado, mas ao chegar à casa de Stiepan Trofímovitch, explodi de repente numa gargalhada. O encontro me pareceu tão divertido que resolvi logo descrevê-lo a Stiepan Trofímovitch para diverti-lo e até

mesmo fazer a mímica da cena inteirinha.

*III*

Mas desta vez, com minha grande surpresa, encontrei nele uma mudança extraordinária. Assim que entrei em sua casa, atirou-se sobre mim, é verdade, com uma espécie de avidez, e se pôs a escutar-me, mas com um ar tão distraído que não compreendeu evidentemente logo de começo o sentido de minhas palavras. Mas apenas pronunciei o nome de Karmázinov, saltou bruscamente dos gonzos.

– Não me fale dele! Não pronuncie esse nome! – exclamou, numa espécie de raiva. – Tome, veja, leia isto, leia!

Abriu uma gaveta e lançou sobre a mesa três pequenas folhas de papel, cobertas de palavras rabiscadas a lápis e todas três eram de Varvara Pietrovna. A primeira carta estava datada da ante-véspera; a segunda chegara na véspera e a terceira naquele mesmo dia, uma hora antes. Essas cartas nada continham que saísse do comum. Referiam-se todas a Karmázinov e revelavam umas e outras a fútil e meticulosa inquietação de Varvara Pietrovna e o temor de que Karmázinov se esquecesse de visitá-lo. Eis a primeira que datava da antevéspera (já houvera provavelmente um bilhete três dias antes e talvez mesmo um outro quatro dias mais cedo):

> Se ele se dignar visitá-lo hoje, nem uma palavra a meu respeito, rogo-lhe. Nem a mínima alusão. Não fale de mim, não pronuncie meu nome.
>
> V.P.

A carta da véspera:

> Se ele se decidir a visitá-lo esta manhã, creio que o que haveria de mais digno seria não recebê-lo. Eis minha maneira. de ver a respeito; ignoro qual é a sua.
>
> V.P.

A do mesmo dia, a última:

> Estou certa de que há uma carroçada de poeira em sua casa e de que você vive numa nuvem de fumaça de tabaco. Envio-lhe Maria e Fómuchka. Porão tudo em ordem em meia hora. Não as atrapalhe, mas vá sentar-se na cozinha,

enquanto elas limparem. Envio-lhe um tapete de Bucara e dois vasos da China. Tinha desde muito tempo a intenção de fazer-lhe presente deles; além do mais, confio-lhe o meu Teniers[38] por algum tempo. Você poderá pôr os vasos sobre a janela e pregar o Teniers à direita, debaixo do retrato de Goethe; estará ali mais em evidência e a luz ali é sempre boa pela manhã. Se ele acabar por apresentar-se, recebe-o com a maior cortesia, mas trate de falar de coisas insignificantes, de um tema intelectual qualquer e comporte-se como se se tivessem visto recentemente. Nem uma palavra a meu respeito. Talvez vá fazer-lhe uma curta visita à noite.

V.P.

P.S. – Se ele não for hoje, não irá absolutamente.

Li esses três bilhetes e fiquei estupefato ao vê-lo ficar naquele estado por causa de semelhantes bagatelas. Olhando-o com mais atenção, notei que ele tivera tempo, enquanto eu lia, de trocar sua eterna gravata branca por uma vermelha. Seu chapéu e sua bengala achavam-se sobre a mesa. Estava pálido e suas mãos tremiam convulsivamente.

– Pouco me importam as suas inquietações! – exclamou ele, com raiva, em resposta ao meu olhar interrogativo. *Je m'en fiche*! Ela tem o topete de se preocupar com Karmázinov e nem responde às minhas cartas! Eis aí uma carta que ela me devolveu ontem sem abrir; está aí em cima da mesa, debaixo desse volume *O homem que ri*. Pouco me importa que ela se atormente por causa de Ni-ko-lien-hka! *Je m'en fiche et je proclame ma liberté! Au diable le Karmázinov! Au diable la Lembke*![39] Escondi os vasos na antecâmara e o Teniers na cômoda e intimei-a a receber-me imediatamente. Compreende? Insisti. Enviei-lhe por Nastássia um bilhetinho semelhante a estes, um bilhete rabiscado a lápis, sem lacre, e espero. Quero que Dária Pávlovna me fale em pessoa, à face do céu, ou pelo menos diante de você. *Vous me seconderez, n'est-ce pas, comme ami et témoin*.[40] Não quero ter de corar, de mentir. Não quero segredos. Não admito que se façam mistérios neste caso. Que ela me confesse tudo, aberta, franca, honestamente, e então… então, talvez, causarei espanto a toda a nossa geração pela minha grandeza de alma… Sou um covarde, sim ou não, meu caro senhor? – concluiu ele, subitamente, olhando-me com um ar de ameaça, como se eu o tivesse chamado de tratante.

Ofereci-lhe um gole d'água. Jamais o vira assim desde que o conhecia. Enquanto falava, não cessava de correr duma extremidade a

outra do quarto, mas parou de repente diante de mim, numa atitude extraordinária.

– Pode você supor – prosseguiu, olhando-me de alto a baixo, com uma arrogância mórbida. – que eu, Stiepan Trofímovitch, não encontrarei em mim bastante força moral para pegar minha sacola, minha sacola de mendigo, e, lançando-a sobre minhas débeis costas, sair pela porta e desaparecer para sempre, quando a honra e o grande princípio da independência o exigirem? Não é a primeira vez que Stiepan Vierkhoviénski se verá forçado a opor a grandeza d'alma ao despotismo, ainda mesmo ao despotismo de uma mulher insensata, isto é, ao despotismo mais cruel e mais insultante que possa existir sobre a terra, se bem que, há um momento, ao que parece, meu caro senhor, tenha você duvidado a ponto de rir de minhas palavras! Ah! você não acredita que possa eu encontrar em mim bastante grandeza de alma para ir acabar meus dias como preceptor na família de um negociante ou morrer de fome num fosso! Responda-me, responda-me, imediatamente: acredita ou não acredita?

Mas calei-me de propósito. Fiz menção de hesitar em feri-lo, respondendo "não", conquanto não podendo responder "sim". Havia em toda aquela superexcitação nervosa manifestada por ele algo que me ofendia realmente e isto, não pessoalmente, oh! de modo algum!, mas… explicarei isto mais tarde.

Empalideceu.

– Talvez esteja você farto de mim, G… ov (é meu nome) e preferisse… não me vir mais ver – disse ele, com aquele tom de lívida serenidade que precede habitualmente alguma explosão extraordinária.

Levantei-me dum salto, assustado. No mesmo momento, Nastássia entrou e, sem dizer uma palavra, entregou a Stiepan Trofímovitch um pedaço de papel no qual tinham escrito alguma coisa a lápis. Lançou unia olhadela para ele e atirou-o para mim. Havia três palavras sobre o papel, escritas com a letra de Varvara Pietrovna: "Fique em casa".

Stiepan Trofímovitch pegou, sem dizer uma palavra, seu chapéu e sua bengala e saiu à pressa do quarto. Acompanhei-o, maquinalmente.

De repente, vozes e um rumor de passos precipitados ouviram-se no corredor. Ele parou como que fulminado.

– É Lipútin, estou perdido! – murmurou, agarrando-me pelo braço.

No mesmo instante entrou Lipútin no quarto.

## *IV*

Porque pudesse estar ele perdido por causa de Lipútin, ignorava-o e, para falar a verdade, não liguei importância às suas palavras. Atribuí tudo isso aos seus nervos. Entretanto seu terror era singular e resolvi vigiá-lo de perto.

Da maneira pela qual entrou no quarto, sentia-se que Lipútin naquela ocasião tinha o direito particular de infringir todas as proibições. Trazia consigo um senhor desconhecido, que devia ter chegado de pouco à nossa cidade. Em resposta ao olhar aturdido de meu amigo petrificado, exclamou logo com voz forte:

– Trago-lhe uma visita, uma visita especial! Permito-me perturbar sua solidão. Apresento-lhe o Senhor Kirílov, engenheiro civil dos mais distintos. Além do mais, conhece intimamente seu filho, o estimadíssimo Piotr Stiepânovitch e lhe traz uma mensagem de sua parte. Acaba de chegar.

– A mensagem é invenção sua – replicou secamente o visitante. – Não há mensagem nenhuma. Mas conheço, efetivamente, Vierkhoviénski. Deixei-o na província de X***, há uns três dias.

Stiepan Trofímovitch estendeu-lhe maquinalmente a mão e fez-lhe sinal para sentar. Olhou-me, olhou Lipútin, depois, como se se tivesse dominado de repente, apressou-se em sentar por sua vez, mantendo, sem disso aperceber-se, seu chapéu e sua bengala na mão.

– Mas então o senhor ia sair…? Disseram-me que o senhor estava doente e retido em casa por causa de suas muitas ocupações.

– Sim, estou doente e, como o senhor vê, dispunha-me a dar um

passeio. Eu…

Stiepan Trofímovitch interrompeu-se, atirou vivamente seu chapéu e sua bengala sobre o divã e… corou.

Durante esse tempo, examinava eu rapidamente o visitante. Era um homem jovem, de cerca de vinte e sete anos, decentemente trajado, benfeito de corpo, delgado e moreno, de rosto pálido e levemente cor de terra, com olhos negros sem brilho. Tinha o ar sonhador e distraído, falava aos sacalões e sem se preocupar com a gramática, alterando a ordem de colocação das palavras duma maneira bastante estranha e confundindo-se desde que tentava formar uma frase de certa extensão. Dava-se Lipútin perfeitamente conta do extremo terror de Stiepan Trofímovitch e regozijava-se visivelmente com isso. Sentou numa cadeira de vime que arrastou quase para o meio do quarto, a fim de ficar a igual distância do visitado e do visitante, que se haviam instalado, um diante do outro, sobre sofás, de cada lado do quarto. Seus olhos penetrantes iam esquadrinhando todos os cantos.

– Há… muito tempo que não vejo Pietruchka… Encontraram-se no estrangeiro? – conseguiu balbuciar Stiepan Trofímovitch para o visitante.

– Aqui e no estrangeiro.

– Alieksiéi Nílitch acaba apenas de chegar, depois de uma estada de quatro anos no estrangeiro – interveio Lipútin. – Viajou para aperfeiçoar-se na sua especialidade e veio para cá porque tem toda esperança de encontrar um emprego na construção de nossa ponte da estrada de ferro. Espera a cada momento uma resposta a respeito. Conhece os Drózdovi e Elisavieta Nikoláievna por intermédio de Piotr Stiepânovitch.

O engenheiro mantinha-se calado, com ar irritado, ao que parecia, e escutando com uma impaciência constrangida. Alguma coisa devia tê-lo aborrecido:

– Também é amigo de Nikolai Vsiévolodovitch. Conhece também Nikolai Vsiévolodovitch? – perguntou Stiepan Trofímovitch.

– Conheço-o também.

– Há… muito tempo que não vejo Pietruchka e… sinto que tenho tão pouco o direito ao título de pai… *C'est le mot*.[41] Eu… como o deixou?

– Ah! sim, deixei-o… mas ele mesmo vai chegar – replicou o Senhor Kirílov, apressado em acabar com aquele interrogatório. Decididamente, estava encolerizado.

– Vai chegar? Afinal, eu… veja o senhor, há muito tempo que não vejo Pietruchka! – repetiu Stiepan Trofímovitch, empenhado nesta frase. – Espero agora meu pobre filho para com o qual… para com o qual tenho tanta culpa! Pelo menos, quero dizer, quando o deixei em Petersburgo, eu… em suma, considerava-o uma nulidade, *quelque chose dans ce genre*.[42] Era um menino muito medroso, vê o senhor, muito sensível, e poltrão. Quando rezava sua oração ao deitar-se, ajoelhava-se e curvava-se até tocar o chão e fazia o sinal da cruz sobre seu travesseiro, a fim de não morrer durante a noite. *Je m'en souviens. Enfin*,[43] nenhum senso artístico, isto é, nada de elevado, nada de fundamental, nem o mínimo germe de um ideal futuro… *C'était comme un petit idiot*. Mas parece que estou falando demais; desculpe-me… o senhor me causou surpresa.

– O senhor fala sério, quando diz que ele fazia o sinal da cruz sobre o seu travesseiro? – indagou o engenheiro, com um ar de curiosidade interessada.

– Sim, fazia o sinal da cruz. Interessa-lhe isso?

– Não, perguntava somente… Continue.

Stiepan Trofímovitch escrutou com o olhar Lipútin.

– Sou-lhe muito grato pela sua visita, mas devo confessar que eu… não estou em condições… no momento… mas permita-me que lhe pergunte onde está hospedado.

– Na Rua da Epifania, em casa de Filípov.

– Ah! é lá que mora Chátov – observei eu, quase

involuntariamente.

– Precisamente, na mesma casa – exclamou Lipútin, – somente Chátov mora em cima, na mansarda, ao passo que ele está instalado embaixo; em casa do Capitão Liebiádkin.[44] Conhece também Chátov e a mulher de Chátov. Era muito íntimo dela no estrangeiro.

– *Comment*? Será o caso do senhor saber alguma coisa a respeito do nefasto casamento desse *pauvre ami* com aquela mulher? – exclamou Stiepan Trofímovitch, arrebatado por uma emoção súbita e premente. – E o senhor a primeira pessoa de meu conhecimento que a tenha conhecido pessoalmente e se…

– Que absurdo! – interrompeu o engenheiro, num tom cortante e todo vermelho de cólera. – Que coisas arranja o senhor, Lipútin! Jamais vi a mulher de Chátov; só a vi uma vez de longe e nunca lhe fui apresentado. Conheço Chátov, sim! Por que inventa essas coisas?

Voltou-se bruscamente no sofá, agarrou seu gorro, depois tornou a deixá-lo e, instalando-se de novo como antes, fixou com um ar de desafio seus olhos negros e irritados em Stiepan Trofímovitch. Eu nada entendia daquela irascibilidade estranha.

– Desculpe-me – disse Stiepan Trofímovitch, gravemente. – Compreendo que possa ser esse um assunto delicado…

– Não se trata absolutamente de assunto delicado e direi mesmo que é vergonhoso. Aliás, não se referia ao senhor aquele “que absurdo!” que proferi, mas a Lipútin, porque gosta de inventar coisas. Desculpe-me se pensou que me referia ao senhor. Conheço Chátov, mas não sua mulher… não a conheço absolutamente.

– Compreendi, compreendi. E se insisti, foi únicamente porque gosto muito de nosso pobre amigo, *notre irascible ami* e sempre me interessei por ele… Na minha opinião, esse homem mudou demasiado bruscamente suas antigas ideias, talvez um pouco juvenis, mas, não obstante, bem justas. E agora, anda ele a tal ponto gritando a respeito de *notre Sainte Russie*, que atribuo desde muito tempo todo esse transtorno de seu ser, é o único termo de que me posso servir, a um abalo súbito em sua vida de família, em suma, ao seu casamento

frustrado. Eu que conheço a minha pobre Rússia como os dez dedos de minha mão e que consagrei toda a minha vida ao povo russo, posso assegurar-lhe que ele não conhece o povo e mais ainda…

– Eu também ignoro completamente o povo russo e não tenho na verdade tempo para estudá-lo – disse de novo o engenheiro, num tom cortante e, desta vez ainda, voltou-se bruscamente no sofá. Stiepan Trofímovitch interrompeu-se bem no meio de seu discurso.

– Estuda-o, estuda-o – encareceu Lipútin. – Já começou o estudo e está escrevendo um artigo muito interessante sobre as causas do aumento do número de suicídios na Rússia e, em geral, sobre as causas que determinam o aumento ou, a diminuição dos suicídios na sociedade. Chegou aos resultados mais espantosos.

O engenheiro deixou-se arrebatar:

– O senhor não tem absolutamente o direito – gaguejou ele, com cólera. – Não estou escrevendo nenhum artigo. Não vou fazer tolices. Fiz ao senhor confidencialmente algumas perguntas, inteiramente casuais. Não há nenhum artigo. Não publico nada e o senhor não tem o direito…

Lipútin gozava com aquela irritação.

– Peço-lhe perdão, talvez me tenha enganado chamando sua obra literária de artigo. Recolhe ele simplesmente as observações e não toca o fundo da questão, seu aspecto moral, por assim dizer. Bem melhor, repudia inteiramente a própria moral e se atém ao novo princípio da destruição universal em vista do bem final. Já exige mais de cem milhões de cabeças para o estabelecimento do senso comum na Europa, bem mais do que se exigia no derradeiro congresso da paz. Neste sentido Alieksiéi Nílitch foi mais longe do que ninguém.

O engenheiro escutava essa parolagem com um pálido sorriso de desprezo. Durante um meio minuto, todos permaneceram em silêncio.

– Tudo isso é estúpido, Lipútin, – disse, por fim, o Senhor Kirílov, não sem dignidade. – Se, por acaso, lhe tivesse eu dito certas coisas e o senhor as tivesse retido de memória, isso é lá com o senhor. Mas o

senhor não tem o direito de repeti-las, porque não falo nunca a ninguém. Não faço questão de falar… Se tenho uma convicção, o que para mim é evidente… Mas o senhor, o senhor age tolamente. Não discuto a respeito daquilo que considero já estabelecido. Tenho horror à controvérsia. Abstenho-me de discussões…

– E talvez faça bem – não pôde impedir-se de dizer Stiepan Trofímovitch.

– Peço-lhe desculpas, mas não estou zangado com ninguém aqui – continuou o visitante com vivacidade. – Há quatro anos que frequento poucas pessoas. Durante quatro anos tenho falado muito pouco e, durante quatro anos, não tenho procurado conversar com ninguém a respeito de meus próprios desígnios, que só a mim interessam. Lipútin descobriu isso e faz zombaria a respeito. Compreendo-o, mas isto pouco me importa. Não sou suscetível, mas sua falta de cerimônia me desagrada. E, se não lhes exponho minhas ideias – concluiu ele, de improviso, fixando sobre nós todos um olhar seguro, – não é de modo algum por medo de ser denunciado pelos senhores ao governo; absolutamente, não vão imaginar, por favor, tolices desse gênero.

Ninguém respondeu a estas palavras. Contentamo-nos com olhar-nos mutuamente. O próprio Lipútin esqueceu-se de escarnecer.

– Senhores, lamento muito – disse Stiepan Trofímovitch, levantando do sofá, resolutamente, – mas sinto-me doente e abatido. Desculpem-me.

– Ah! é para que partamos – replicou o Senhor Kirílov, estremecendo e pegando seu gorro. – Fez bem em avisar; sou tão esquecido!

Levantou e com um ar de bom humor aproximou-se de Stiepan Trofímovitch, estendendo-lhe a mão.

– Lamento que o senhor esteja doente e ter eu vindo…

– Desejo-lhe entre nós todo o êxito possível – respondeu Stiepan Trofímovitch, apertando-lhe a mão com benevolência e sem se apressar. – Compreendo que, se o senhor viveu no estrangeiro tanto

tempo como diz, isolando-se por motivos conhecidos só do senhor e esquecendo a Rússia, deve olhar-nos com espanto a nós que somos russos até a medula, e devemos experimentar para com o senhor o mesmo sentimento. *Mais cela passera*. Só uma coisa me causa estranheza. O senhor deseja construir nossa ponte e declara ao mesmo tempo que é partidário do princípio da destruição universal. Não o deixarão construir nossa ponte!

– Como? Que diz o senhor? Ah!… com os diabos! – exclamou Kirílov, estupefato e, de súbito, desatou numa risada marcada do mais franco bom humor. Por um instante seu rosto assumiu uma expressão totalmente infantil que me pareceu convir-lhe maravilhosamente. Lipútin esfregava as mãos, regozijado com aquela observação espirituosa de Stiepan Trofímovitch. Quanto a mim, perguntava a mim mesmo todo o tempo por que Stiepan Trofímovitch tinha tão grande medo de Lipútin e por que gritara: "Estou perdido", ao ouvi-lo chegar.

## *V*

Mantinhamo-nos na soleira da porta. Era o momento em que anfitriões e convidados trocam precipitadamente as derradeiras e mais cordiais palavras, para se separar em seguida com satisfação mútua.

– Vou dizer-lhe por qual razão ele está de tão mau humor hoje – disse, de repente, Lipútin. – É porque teve ainda há pouco uma discussão com o Capitão Liebiádkin por causa da irmã deste último. O Capitão Liebiádkin fustiga todos os dias com uma chibata essa encantadora irmã, o senhor bem sabe, a louca, com uma verdadeira *nagaika* de cossaco, de manhã e de noite. Foi por isso que Alieksiéi Nílitch chegou a ponto de alugar o pavilhão, para não assistir àquelas cenas. Vamos, adeus.

– Uma irmã? Uma doente? Com uma *nagaika?* – exclamou Stiepan Trofímovitch, como se tivesse ele próprio, de repente, recebido um golpe de *nagaika.* – Que irmã? Que Liebiádkin?

Todo o seu primitivo terror reapoderou-se dele instantaneamente.

– Liebiádkin! Oh! é um capitão reformado; outrora, só se intitulava tenente…

– Ora! que me importa seu posto? Que irmã? Grande Deus!… Você disse mesmo Liebiádkin? Mas havia um Liebiádkin aqui outrora…

– É o mesmo, o “nosso” Liebiádkin da casa de Virguínski, não se lembra?

– Mas ele não foi preso por passar cédulas falsas?

– Em todo o caso, está de volta agora. Há cerca de três semanas que está aqui, graças a um concurso de circunstâncias especialíssimas.

– Mas é um velhaco!

– Como se não pudesse haver velhacos entre nós! – escarneceu de súbito Lipútin, cujos olhinhos maliciosos pareciam querer penetrar até o fundo a alma de Stiepan Trofímovitch.

– Ah! meu Deus, não é absolutamente o que eu queria dizer… Se bem que esteja completamente de acordo com o senhor a esse respeito, precisamente, com o senhor. Mas depois, depois? Que queria o senhor dizer com isso? O senhor entendia dizer certamente alguma coisa com isso.

– Não se incomode, tudo isso é tão banal… Segundo todas as aparências, o capitão nos deixou naquela ocasião, não por causa de cédulas falsas, mas unicamente para procurar sua irmã que se ocultava dele em alguma parte, ao que parece. Pois bem, ele acaba de trazê-la para cá, eis toda a história. Por que se mostra aterrorizado, Stiepan Trofímovitch? Não faço, contudo, senão repetir sua tagarelice de bêbado: quando está sóbrio, nem fala disso. É um homem irascível e, por assim dizer, estético do ponto de vista militar; mas de mau gosto e essa irmã não só é louca, mas coxa. Teria sido seduzida por alguém e o Senhor Liebiádkin recebe do sedutor, desde vários anos, uma quantia anual a título de compensação pelo ultraje à sua honra; é pelo menos o que parece, segundo seu palavrório, se bem que, na minha opinião, não passe tudo de conversa de bêbado. Gaba-se, eis tudo. Aliás, negócios que tais regulam-se bem mais barato. Mas é perfeitamente certo que ele dispõe de certa soma de dinheiro. Há dez dias, andava descalço e agora lhe vi centenas de rublos nas mãos. Sua

irmã sofre umas espécies de acessos todos os dias, lança gritos e ele a "faz entrar na ordem", graças à *nagaika*. "É preciso ensinar respeito às mulheres", diz ele. O que não chego a compreender é que Chátov continue morando por cima da casa dele. Alieksiéi Nílitch não ficou em casa deles senão três dias. Conheciam-se em Petersburgo; agora foi ocupar o pavilhão para não ser incomodado.

– Será verdade tudo isso? – perguntou Stiepan Trofímovitch, dirigindo-se ao engenheiro.

– O senhor fala demais, Lipútin – resmungou o engenheiro, de mau humor.

– Mistérios, segredos! Donde vem que haja de repente entre nós tantos mistérios e segredos? – não pôde impedir-se de exclamar Stiepan Trofímovitch. O engenheiro franziu o cenho, corou, ergueu os ombros e tratou de sair do quarto.

– Alieksiéi Nílitch até arrancou-lhe das mãos a *nagaika*, quebrou-a e atirou-a pela janela, tendo tido os dois violenta briga – acrescentou Lipútin.

– Por que tagarela tanto, Lipútin? Isso é estúpido… Que adianta? – disse logo Alieksiéi Nílitch, voltando-se.

– Por que mostrar-se tão modesto e ocultar os movimentos generosos de sua alma, isto é, do senhor? Não falo da minha.

– Como é estúpido… e completamente inútil… Liebiádkin é um idiota e um homem perfeitamente desprezível. Não tem utilidade nenhuma para a ação e… é absolutamente prejudicial. Por que persiste em tagarelar dessa forma? Vou-me embora.

– Ah! que pena! – exclamou Lipútin, com um sorriso cândido. – Se não fosse isso, poderia lhe contar uma outra historinha para diverti-lo, Stiepan Trofímovitch, e até mesmo vim de propósito para isso, se bem que, sem dúvida, já a tenha ouvido. Pois bem, ficará para outra vez, Alieksiéi Nílitch está com tanta pressa… Adeus, por enquanto. A história diz respeito a Varvara Pietrovna. Ela me divertiu bastante anteontem, pois mandou-me chamar expressamente para isso. É de

fazer morrer de rir. Adeus!

Mas, a estas palavras, Stiepan Trofímovitch não quis absolutamente deixá-lo partir. Agarrou-o pelos ombros, o fez dar bruscamente uma meia volta e, uma vez dentro do quarto, obrigou-o a sentar numa cadeira. Lipútin chegou mesmo a espantar-se.

– Mas, decerto, – começou ele, olhando prudentemente para Stiepan Trofímovitch, sem se levantar de sua cadeira, – ela mandou-me chamar imprevistamente para perguntar-me, confidencialmente, se, na minha opinião particular, Nikolai Vsiévolodovitch era louco ou são de espírito. Não é surpreendente?

– Você é quem está louco! – balbuciou Stiepan Trofímovitch e, de súbito, acrescentou, fora de si:

– Lipútin, você sabe perfeitamente que veio aqui para me contar alguma porcaria desse gênero e… algo de pior ainda!

Num relâmpago, lembrei-me de sua conjetura mediante a qual Lipútin sabia muito mais do que nós a respeito de nosso caso, mas ainda alguma coisa mais, que jamais haveríamos de saber.

– Por favor, Stiepan Trofímovitch! – gaguejou Lipútin, com ar alarmado. – Por favor…

– Cale-se e comece! Rogo-lhe, Senhor Kirílov, que volte também e seja testemunha. Rogo-lhe seriamente! Sente aqui e quanto a você, Lipútin, comece imediatamente e vá direto ao fim… sem procurar tergiversar.

– Se tivesse sabido que isso iria inquietá-lo tanto, nem teria mesmo começado… Mas pensava naturalmente que o senhor sabia de tudo da boca mesma de Varvara Pietrovna.

– Você não pensava nada disso! Comece, comece, digo-lhe!

– Tenha simplesmente a bondade do senhor mesmo sentar; senão, como poderei eu ficar parado, quando o senhor corre para lá e para cá, diante de mim, num tal estado de nervos? Perderei o fio de minhas ideias.

Stiepan Trofímovitch dominou-se e sentou com dignidade numa cadeira. O engenheiro fixou o soalho com ar sombrio. Lipútin olhava os dois com um prazer intenso.

– Por onde devo começar?… O senhor me desconcertou de tal modo…

## *VI*

– Anteontem, mandaram-me de repente um criado. “Pedem-lhe que o senhor vá lá na casa cerca do meio dia”, disse-me ele. Podem imaginar coisa semelhante? Larguei meu trabalho e ontem, precisamente ao meio dia, toquei a campainha. Introduziram-me no salão. Espero um minuto; ela entra; manda que me sente e ela própria se senta à minha frente. Sento-me; não podia acreditar nos meus olhos. Os senhores sabem como sempre tenho sido tratado por ela! Abordou a questão sem rodeios, segundo seu costume. “Lembra-se, disse-me ela, de que há quatro anos, por ocasião de sua doença, Nikolai Vsiévolodovitch praticou certos atos estranhos que causaram espanto à cidade inteira até que se tivesse deles explicação? Um de seus atos dizia respeito pessoalmente ao senhor. Quando se restabeleceu, Nikolai Vsiévolodovitch, a meu pedido, foi visitá-lo. Sei também que ele lhe falara várias vezes antes. Diga-me francamente e de todo o coração o que o senhor… (sua voz tremeu um pouco ao dizer isto) o que pensou então de Nikolai Vsiévolodovitch… qual era a seu respeito sua opinião duma maneira geral… que ideia havia o senhor podido formar naquela ocasião… e que ideia tem ainda?” Ao dizer estas palavras, perturbou-se completamente, de modo que se interrompeu durante um minuto inteiro e corou de repente. Fiquei muito alarmado. Ela continuou, duma maneira, não direi tocante, esta palavra não lhe convém, mas num tom que queria ser persuasivo: “Desejo, disse-me ela, que o senhor me entenda claramente e sem possibilidade de erro. Mandei chamá-lo hoje, porque o considero um homem perspicaz e inteligente, um homem capaz de fazer observações justas (quantos cumprimentos!). O senhor compreende também que é uma mãe que lhe fala… Nikolai Vsiévolodovitch sofreu, no decorrer de sua existência, certas calamidades e muitas reviravoltas de fortuna. Tudo isso, disse ela, terá podido influir em seu estado mental. Não falo

de loucura, bem entendido, não seria questão disso! (Foi isto dito num tom altivo e decidido.) Mas pode dar-se o caso de haver algo de insólito, algo de estranho, um jeito de espírito, uma tendência a encarar as coisas de uma maneira particular (são suas próprias palavras e admirei, Stiepan Trofímovitch, a precisão com a qual Varvara Pietrovna sabe apresentar as coisas. É uma mulher duma inteligência superior.) O caso é que sempre, prosseguiu ela, notei eu mesma nele uma agitação perpétua e uma tendência a ceder a certos impulsos. Mas sou sua mãe e o senhor um estranho e está, por conseguinte, em condições, com sua inteligência, de formar uma opinião mais imparcial. Em suma, suplico-lhe (sim, pronunciou esta palavra "suplico") que me diga toda a verdade sem atenuá-la em nada. E se, além disso, me der sua palavra de honra de jamais esquecer que lhe falei confidencialmente, poderá contar com que estarei sempre pronta a aproveitar todas as ocasiões de provar-lhe minha gratidão". Pois bem, que diz disso?

– Você me causou uma tal estupefação… – balbuciou Stiepan Trofímovitch, – que não acredito no que diz.

– Não, repare – exclamou Lipútin, como se não tivesse ouvido Stiepan Trofímovitch, – repare qual deve ser sua agitação e sua inquietação para que se rebaixe, do alto de sua grandeza, a ponto de apelar para um homem como eu e dignar-se rogar-me que lhe mantenha o segredo. Que diz disso? Não terá ela recebido de Nikolai Vsiévolodovitch notícias inesperadas?

– Notícias?… Ignoro-o… há vários dias que não a vejo, mas… mas lhe farei observar, – gaguejou Stiepan Trofímovitch, visivelmente apenas mal podendo formar uma ideia nítida, – chamo sua atenção, Lipútin, que se isso lhe foi dito confidencialmente você o conta aqui diante de toda a gente…

– Confidencialmente, de modo absoluto! Mas… que Deus me mate neste instante, se eu… Mas quanto a ter contado isso aqui… que importância pode haver? Somos estranhos, até mesmo Alieksiéi Nílitch?

– Não partilho dessa maneira de ver. Sem dúvida, nós três, que

estamos aqui, guardaremos o segredo, mas receio a quarta pessoa, isto é, você, e não acreditarei nunca na sua discrição…

– Que entende o senhor por isso? Pois se estou mais interessado do que ninguém, uma vez que me foi prometida uma gratidão eterna! O que eu queria era atrair a atenção do senhor a propósito de um incidente extremamente curioso e, propriamente falando, de ordem psicológica mais do que simplesmente curioso. Ontem de noite, ainda sob o choque de minha conversa com Varvara Pietrovna – o senhor pode imaginar que impressão causou em mim – sondei Alieksiéi Nílitch, perguntando-lhe discretamente: "O senhor conheceu Nikolai Vsiévolodovitch no estrangeiro – disse-lhe, – e o conhecia antes também em Petersburgo. Que pensa de seu espírito e de suas faculdades?". Respondeu-me laconicamente, segundo seu hábito, que era um homem de uma inteligência sutil e de um juízo são. "E jamais notou nele, no correr dos anos, –prossegui –, uma tendência de espirito, uma maneira particular de encarar as coisas ou antes uma espécie de alienação mental, se ouso dizer?" Em suma, repeti, com os próprios termos, a pergunta de Varvara Pietrovna. E, acreditará o senhor? Alieksiéi Nílitch assumiu de repente um ar sonhador, franziu os supercílios, como o faz neste momento. "Sim, disse ele, pensei algumas vezes que havia nele algo de estranho." E note bem que, se alguma coisa pôde parecer estranha a Alieksiéi Nílitch, é que deve bem realmente haver alguma coisa, não é?

– É verdade? – perguntou Stiepan Trofímovitch, voltando-se para Alieksiéi Nílitch.

– Preferiria não falar a respeito – respondeu Alieksiéi Nílitch, erguendo de súbito a cabeça, com o olhar centelhante. – Pretendo contestar-lhe o direito de agir como o faz, Lipútin. Não tem o direito de meter-me nisso. Não exprimi absolutamente toda a minha opinião. Se conheci Nikolai Stavróguin em Petersburgo, foi há muito tempo e se bem que nos tenhamos encontrado depois, conheço-o muito pouco. Rogo-lhe que me deixe fora de… Tudo isso se assemelha a maledicência.

Lipútin ergueu os braços ao céu, com ar de inocência ultrajada.

– Um maldizente! Por que não um espião, já que o disse? Fácil lhe é criticar, Alieksiéi Nílitch, quando o senhor se mantém de parte. O senhor não seria capaz de acreditar, Stiepan Trofímovitch, mas veja, o Capitão Liebiádkin é bastante estúpido, é um… não se ousa mesmo dizer o que ele é; há em russo uma comparação que indica o grau disso; pois bem, sabe que ele se considera lesado por Nikolai Vsiévolodovitch, se bem que lhe admire o espírito? "Estou estupefato, disse ele, por ver um tal homem: é uma serpente sutil." São estas suas próprias palavras. E eu lhe disse (sempre sob o império da conversa de ontem e depois de ter conversado com Alieksiéi Nílitch): "Qual é sua ideia, capitão, sua serpente sutil é louca, sim ou não?". O senhor acreditaria? Foi absolutamente como se eu lhe tivesse assestado, sem sua permissão, uma chibatada nas costas. Levantou-se simplesmente dum salto. "Sim, disse ele… sim. Somente isto não pode influir…" Influir em quê? Não terminou sua frase. Sim, e então mergulhou em reflexões tão profundas, tão absorventes, que sua embriaguez se dissipou. Estávamos sentados na sala do botequim de Filípov. E só foi ao fim de uma meia hora que ele bateu de repente com o punho na mesa: "Sim, disse ele, talvez seja louco, mas isto não pode influir…". Não mais do que da primeira vez, disse qual era a coisa que isto não podia afetar. Naturalmente, não lhe forneço senão um resumo da conversação, mas é possível compreender-lhe o sentido. Pergunte a quem quiser, todos têm a mesma ideia, se bem que não tivesse ocorrido ao espírito de ninguém antes. "Sim, dizem, ele é louco; é muito inteligente, mas pode acontecer também que seja louco."

Stiepan Trofímovitch permanecia mergulhado num profundo cismar.

– E como Liebiádkin sabe disso?

– Se deseja mesmo saber, informe-se com Alieksiéi Nílitch, que acaba de me chamar de espião. Sou um espião e contudo ignoro tudo desse caso. Mas Alieksiéi Nílitch conhece-o até nos seus mínimos pormenores, mas fica calado.

– Não sei de nada, ou, muito pouco – respondeu o engenheiro, com a mesma irritação. – O senhor fez Liebiádkin beber até embriagar-se para ficar sabendo. E me trouxe aqui para saber e para

me fazer falar. Por conseguinte, o senhor é um espião.

– Nunca o embriaguei e, aliás, isto custaria muito caro, quaisquer que sejam os segredos dele… Não valem “isto” para mim. Não sei o que possam valer para o senhor. Pelo contrário: atira dinheiro pelas janelas, ele que me mendigou quinze copeques, há doze dias, e é ele quem oferece champanhe e não eu. Mas o senhor me deu uma ideia e, se se apresentar a ocasião, vou fazê-lo beber, bem simplesmente para saber a chave do negócio e talvez descubra… todos os segredinhos do senhor – replicou Lipútin, num tom acre.

Stiepan Trofímovitch olhava com estupor os dois antagonistas. Traíam-se mutuamente e, o que é mais, não faziam cerimônias. Atravessou-me o espírito a ideia de que Lipútin nos havia trazido aquele Alieksiéi Nílitch muito simplestnente com o fito de fazê-lo falar, no momento preciso, em presença duma terceira pessoa –sua manobra predileta.

– Alieksiéi Nílitch conhece muito bem Nikolai Vsiévolodovitch – continuou ele com irritação, – somente faz disso mistério. E quanto à sua pergunta a respeito do Capitão Liebiádkin, este o conheceu antes de qualquer de nós, há seis anos, naquele período obscuro, se me posso exprimir assim, da vida de Nikolai Vsiévolodovitch, antes de sonhar em dar-nos a honra de sua vinda aqui. Deve-se concluir disso que nosso príncipe se cercava dum escol de conhecidos um tanto estranhos. Foi nessa ocasião, parece, que ele conheceu Alieksiéi Nílitch.

– Acautele-se, Lipútin. Previno-o de que Nikolai Vsiévolodovitch está para chegar breve e é homem para saber defender-se.

– Por que essa advertência? Sou o primeiro a gritar do alto dos telhados que é ele um homem de uma inteligência das mais sutis e das mais refinadas, e tranquilizei completamente Varvara Pietrovna ontem a esse respeito. “E pelo seu caráter, disse-lhe, não posso responder.” Liebiádkin era da mesma opinião ontem: “Sofri muito por causa do caráter dele”, disse-me. Escute, Stiepan Trofímovitch, não lhe fica bem gritar a respeito de maledicência e de espionagem, quando ao mesmo tempo me obriga a dizer-lhe tudo, e com que curiosidade insaciável!

Varvara Pietrovna, note bem, foi direta ao alvo ontem: “O senhor esteve pessoalmente interessado nesse caso, disse-me ela, por isso apelo para o senhor”. Acredito nisso, palavra de honra! Que necessidade há de procurar motivos, quando eu engoli um insulto pessoal da parte de Sua Excelência, diante de toda a sociedade local? Parece-me que tenho razões suficientes para estar interessado que não as de mera comadrice. Um dia, aperta ele a mão da gente e, no dia seguinte, sem razão alguma, agradece a nossa hospitalidade esbofeteando-nos, por mero capricho, diante de toda a honrada sociedade. E, bem melhor ainda, o belo sexo fica todo a favor deles, dessas borboletas, desses galos de aldeia! Grandes senhores com pequenas asas, como os cupidos antigos, como Petchórin,[45] devorador de corações. Isto assenta bem ao senhor, Stiepan Trofímovitch, solteirão empedemido, falar assim, tomando a defesa de Sua Excelência e a mim me chamando de mexeriqueiro. Mas se o senhor se casasse com uma mulher jovem e bonita – sendo ainda um guapo homem, acho que fecharia sua porta com ferrolho contra o príncipe e faria barricadas em sua casa! Pois é! Se pelo menos essa Senhorita Liebiádkina, que é chibateada todos os dias, não fosse louca e coxa, estaria eu disposto a crer, palavra de honra, que foi vítima das paixões de nosso general e que foi por causa dele que o Capitão Liebiádkin sofreu “em sua dignidade familiar”, para me servir de sua própria expressão. Somente, talvez seja incompatível com seu gesto refinado, ainda que isso mesmo não seja para ele obstáculo. Todas as bagas são boas para colher, contanto que ele esteja disposto a isso. O senhor fala de maledicência, mas eu não ando gritando isso, embora toda a cidade só fale disso: contento-me com escutar e dar meu assentimento. Não é proibido, que eu saiba.

– Toda a cidade só fala disso? De que é que se fala na cidade?

– Isto é, o Capitão Liebiádkin grita-o, quando está bêbado, para quem queira ouvir; não é o mesmo que dizer que só se trata disso na praça pública? Que culpa tenho eu? Só me interesso por isso entre amigos, porque, afinal, considero estar aqui entre amigos (olhou-nos com ar inocente). Passou-se alguma coisa. Deem-se ao trabalho de refletir: parece que Sua Excelência enviou da Suíça, por uma moça das mais honestas, e por assim dizer uma modesta órfã, que tenho a honra

de conhecer, trezentos rublos para serem entregues ao Capitão Liebiádkin. E eis que um pouco mais tarde, outra pessoa, muito honrada igualmente e digna de fé, cujo nome não citarei, foi dizer a Liebiádkin, como um dos fatos mais autênticos, que tinham sido enviados, não trezentos, mas mil rublos… De modo que Liebiádkin não cessa de gritar: “Essa moça apoderou-se de setecentos rublos que me pertencem”, e por um pouco chamaria a polícia; em todo o caso ameaça-a e faz barulho na cidade inteira.

– É ignóbil, ignóbil de sua parte! – exclamou o engenheiro, levantando bruscamente de sua cadeira.

– Mas, vejamos, é o senhor mesmo a tal pessoa honrada que foi avisar Liebiádkin, em nome de Nikolai Vsiévolodovitch, que foram enviados mil rublos e não trezentos. O capitão mesmo me contou isso, quando estava bêbado.

– É… é um lamentável mal-entendido. Alguém se enganou e resultou nisso… É um desatino e uma ignomínia de sua parte.

– Mas outra coisa não desejo senão que seja mesmo um desatino e estou desolado com essa história, porque, aceite-o como quiser, uma moça de reputação honesta está, em primeiro lugar, implicada nesse negócio dos setecentos rublos, e, em segundo lugar, em evidente intimidade, a respeito da qual não pode haver dúvida, com Nikolai Vsiévolodovitch. Que importa, com efeito, a Sua Excelência desonrar uma moça de boa reputação, ou cobrir de vergonha a mulher de outrem, como testemunha o incidente que ocorreu comigo? Se ele encontrar, por acaso, um homem de coração generoso, vai obrigá-lo a cobrir com seu nome honrado os pecados alheios. Eu também tive de suportar isso, falo por mim…

– Tome cuidado, Lipútin. – Stiepan Trofímovitch levantou de sua cadeira, empalidecendo.

– Não acreditem nele! Não acreditem nele! Alguém cometeu um engano e Liebiádkin é um bêbado! – exclamou o engenheiro, presa duma agitação inexprímivel. – Tudo se explicará, mas eu não posso mais… E acho que é desprezível… e basta, basta!

Saiu precipitadamente do quarto.

– Que faz o senhor? Espere, vou com o senhor! – exclamou Lipútin, muito espantado. Levantou e correu atrás de Alieksiéi Nílitch.

## *VII*

Stiepan Trofímovitch ficou um instante abstraído em suas reflexões. Olhou-me de certo modo sem me ver, pegou seu chapéu e sua bengala e saiu sem rumor do quarto. Acompanhei-o, como o havia feito antes. Ao transpormos o portão, ele disse ao perceber que o acompanhava:

– Na verdade, poderá você servir de testemunha… *de l'accident. Vous m'accompagnerez, n'est-ce pas*?[46]

– Stiepan Trofímovitch, é claro que o senhor não irá lá outra vez. Pense no que pode resultar disso.

Com um sorriso magoado – um sorriso de vergonha e de profundo desespero – ao mesmo tempo que numa espécie de êxtase estranho, disse-me, em voz baixa, parando alguns segundos:

– Não posso casar para cobrir "os pecados alheios".

Eram estas palavras precisamente as que eu esperava. Por fim, esta frase fatal que ele conservara oculta de mim era pronunciada em voz alta, após uma semana inteira de equívocos e fingimentos. Eu estava simplesmente fora de mim.

– E é o senhor, Stiepan Trofímovitch, com seu espírito lúcido, seu bom coração, quem dá acolhimento a uma ideia tão suja, tão desprezível… e pôde fazer isso mesmo antes da vinda de Lipútin?

Olhou-me, não respondeu nada e continuou caminhando na mesma direção. Eu não queria ficar para trás. Fazia questão de apresentar minha versão dos fatos a Varvara Pietrovna. Teria podido perdoar-lhe, se ele tivesse simplesmente, com sua pusilanimidade toda feminina, acreditado no que dissera Lipútin, mas agora era manifesto que ele mesmo pensava tudo aquilo desde muito tempo e que Lipútin

havia somente confirmado suas suspeitas e lançado azeite no fogo. Não hesitara em suspeitar da moça desde o primeiro dia, sem que tivesse para isso o mínimo motivo, nem mesmo as palavras de Lipútin. A atitude despótica de Varvara Pietrovna atribuira-a ele à pressa com que ela procurava cobrir os pecadilhos aristocráticos de seu "Nikolai" querido; casando a moça com um homem honrado! Desejava ardentemente que ele fosse castigado.

– *Oh! Dieu, qui est si grand et si bon*! Oh! quem me consolará? – exclamou ele, parando de novo, subitamente, depois de ter dado uma centena de passos.

– Voltemos imediatamente para casa e lhe explicarei tudo – exclamei, obrigando-o, à força, a arrepiar caminho.

– É ele! Stiepan Trofímovitch é o senhor mesmo?

Uma voz jovem, límpida e fresca, ressoou, melodiosa, atrás de nós.

Nada tínhamos visto, mas uma jovem amazona apareceu de súbito a nosso lado: Elisavieta Nikoláievna com seu inseparável companheiro. Parou seu cavalo.

– Venha cá, venha depressa – gritou-nos ela, com uma voz forte e alegre. – Há doze anos que não o via e o reconheço, ao passo que ele… Será possível que não me reconheça?

Stiepan Trofímovitch pegou a mão estendida para ele e beijou-a respeitosamente. Contemplava a moça como se estivesse em prece e não podia pronunciar uma só palavra.

– Ele me reconheceu e está contente! Mavríki Nikoláievitch, ele está encantado por ver-me! Como é que não foi o senhor visitar-nos durante todos estes quinze dias? Titia quis fazer-me crer que o senhor estava doente e que não se devia incomodá-lo; mas sei que titia prega mentiras. Eu não fazia senão bater com o pé, de impaciência e praguejar contra o senhor; mas estava decidida, bem decidida, a não dar o primeiro passo, por isso não mandei ninguém à sua casa. Meu Deus! mas ele não mudou nada absolutamente! – Examinou-o, curvada

sobre sua sela. – É engraçado não ter ele mudado nada! Oh! sim, tem rugas, muitas ruguinhas, em redor dos olhos e nas bochechas, alguns cabelos grisalhos também, mas seus olhos continuam os mesmos. E eu, mudei? Mudei? Por que não diz nada?

Lembrei-me naquele momento de tê-lo ouvido contar que ela quase adoecera, quando a levaram, na idade de onze anos, para Petersburgo, e que chorava durante sua doença e reclamava sem cessar a presença de Stiepan Trofímovitch.

– Você… eu… – balbuciou ele, com uma voz partida pela emoção. – Eu acabava de exclamar: "Quem me consolará", quando ouvi sua voz. Tomo isso por um milagre *et je commence à croire*[47].

– *En Dieu! En Dieu qui est là-haut et qui est si bon*[48]! Está vendo? Conheço todos os seus sermões de cor. Mavríki Nikoláievitch, que fé me pregava ele então *en Dieu qui est si grand et si bon*. E lembra-se de que me contava como Colombo descobriu a América e como todos gritaram: "Terra! Terra!"? Minha ama Aliona Frólovna contava que, de noite, eu tinha febre e só fazia gritar em sonho: "Terra! Terra!". E lembra-se de quando me contava a história do Príncipe Hamlet? E lembra-se de quando me explicava em que condições os pobres emigrantes são transportados da Europa para a América? E não havia uma palavra sequer de verdade em tudo aquilo; mais tarde, descobri como são transportados, mas que belas mentiras me contava ele naqueles tempos, Mavríki Nikoláievitch! Era quase melhor que a verdade. Por que olha o senhor assim o nosso Mavríki Nikoláievitch? É o homem melhor e mais nobre que há na superfície da terra e é preciso que goste tanto dele quanto gosta de mim! *Il fait tout ce que je veux*.[49] Mas, meu caro Stiepan Trofímovitch, o senhor deve sentir-se de novo infeliz, pois que, no meio da rua, pergunta, a grandes gritos, quem o consolará. Sente-se infeliz, não é? Não é?

– No momento sinto-me feliz.

– Minha tia fez misérias com o senhor? – prosseguiu ela sem ouvi-lo. – É sempre a mesma, intratável, injusta e sempre nossa querida tia! E lembra-se o senhor de como se atirava em meus braços, no jardim, e como eu o consolava, chorando? Não tenha medo de Mavríki

Nikoláievitch; sabe de tudo quanto se refere ao senhor, de tudo, desde muito tempo; pode chorar sobre seu ombro, tanto quanto queira, ficará sem se mexer tanto tempo quanto o senhor quiser!… Levante o chapéu, tire-o completamente um instante, levante a cabeça, erga-se na ponta dos pés, quero beijar-lhe a testa como o beijei na última vez, quando nos despedimos. Repare naquela moça que nos admira lá da janela. Aproxime-se, mais perto! Céus! Como está encanecido!

E curvando-se, do alto de sua sela, beijou-o na testa.

– Vamos, agora volte para casa! Sei onde o senhor mora. Estarei em sua casa imediatamente, dentro de um minuto. Será ao senhor que farei minha primeira visita, senhor teimoso. Depois, preciso do senhor um dia inteiro em nossa casa. Pode ir fazer os preparativos para receber-me.

Afastou-se a galope com seu cavaleiro. Voltamos para casa. Stiepan Trofímovitch sentou no sofá e pôs-se a chorar.

– *Dieu, Dieu!* – exclamou ele. – *Enfin une minute de bonheur*![50]

Dez minutos depois, apenas, reapareceu ela, como prometera, escoltada pelo seu fiel Mavríki Nikoláievitch.

– *Vous et le bonheur, vous arrivez en même temps*![51] – Ficou em pé para ir-lhe ao encontro.

– Eis aqui um ramalhete para o senhor. Passei há pouco em casa de Madame Chevalier; ela tem flores todo o inverno para os dias festivos. Trago-lhe Mavríki Nikoláievitch. Desejo que se tornem bons amigos. Queria trazer-lhe um bolo em vez dum ramalhete, mas Mavríki Nikoláievitch afirma que isto não está de acordo com as tradições russas.

Mavríki Nikoláievitch era capitão de artilharia, um belo e alto homem de trinta e três anos, duma aparência irretocavelmente correta, de rosto imponente e à primeira vista quase duro, apesar de sua bondade maravilhosa e delicada, que não se podia deixar de perceber quase desde o primeiro contato. Era taciturno, entretanto, muito senhor de si e não tinha dificuldade alguma em fazer amigos.

Disseram mais tarde entre nós que não era inteligente: isto era inteiramente injusto.

Não procurarei descrever a beleza de Elisavieta Nikoláievna. Toda a cidade a ela se referia, se bem que algumas das senhoras e senhoritas gritassem de indignação a esse propósito. Já havia algumas que a detestavam, sobretudo por causa do orgulho que lhe censuravam. As senhoras Drózdovi quase não haviam começado ainda a fazer suas visitas, o que ofendia a sociedade, se bem que a verdadeira razão dessa demora fosse a má saúde de Praskóvia Ivânovna. Detestavam-na, em segundo lugar, porque era aparentada com a mulher do Governador e em terceiro lugar porque passeava a cavalo todos os dias. Não tivéramos até então amazonas; era natural que a vista de Elisavieta Nikoláievna a cavalo e a pouca solicitude que mostrava em fazer suas visitas tivessem como efeito chocar a sociedade local. No entanto, todos sabiam que a equitação lhe fora prescrita pelo médico; falava-se também acremente de sua doença. Estava doente, com efeito. O que chamava em primeiro lugar a atenção nela, era sua agitação anormal, nervosa, incessante. Ai! a pobre moça sofria muito e tudo se explicou mais tarde. Hoje, evocando o passado, não penso que fosse tão bela quanto me parecia então. Talvez não fosse bela de todo. Grande, esbelta, mas forte e flexível, impressionava a irregularidade de suas feições. Tinha os olhos dispostos um pouco à maneira dos calmucos, ligeiramente de viés; era pálida, de rosto magro, com maçãs salientes, mas havia naquele rosto alguma coisa que subjugava a gente e fascinava. Uma força emanava do ardente olhar de seus olhos negros. Aparecia “como uma heroína vitoriosa, talhada para vencer”. Tinha o ar altivo e por vezes mesmo arrogante. Ignoro se na verdade ela conseguia, mas sei bem que desejava ser boa e fazia terríveis esforços para obrigar-se um pouco a isso. Havia incontestavelmente em sua natureza muitas aspirações elevadas, bem como os melhores elementos, no entanto, tudo nela parecia procurar constantemente o equilíbrio sem conseguir encontrá-lo; tudo estava no caos, na agitação, na inquietude. Talvez ela impusesse a si própria rigores excessivos, sem nunca encontrar em si mesma a força para satisfazer essas exigências.

Sentou no sofá e correu o olhar pelo quarto.

– Por que em semelhantes momentos começo sempre a sentir-me triste? Explique esse mistério, homem sábio! Pensei, durante minha vida, sabe Deus quanto encantamento sentiria ao revê-lo e rememorar tudo, e eis que, não sei por que, não me sinto absolutamente encantada, embora goste do senhor… Meu Deus! mas ele tem meu retrato na parede! Deixe-me vê-lo depressa. Lembro-me dele! Lembro-me dele!

Uma delicada miniatura à aquarela de Lisa, na idade de doze anos, fora enviada de Petersburgo a Stiepan Trofímovitch, nove anos antes, pelas Drózdovi. Depois, ficara constantemente pregada à parede de seu quarto.

– Era tão bonita assim quando menina? Será possível que seja meu rosto?

Levantou-se e, com o retrato na mão, olhou-se no espelho.

– Depressa, depressa, guarde-o! – exclamou ela, devolvendo o retrato. – Não o torne a pendurar agora, mais tarde. Não quero vê-lo. – Tornou a sentar no sofá. – Uma existência está encerrada, outra começou, depois acabou; uma terceira começa, e assim por diante, ao infinito. Todos os finais estão como que cortados a tesoura. Veja que velharias estou-lhe dizendo. E no entanto, quanto são verdadeiras!

Olhou-me, sorrindo; várias vezes já me havia lançado rápidos olhares, mas na sua emoção Stiepan Trofímovitch esquecia-se de que havia prometido apresentar-me.

– E por que meu retrato está suspenso acima daqueles punhais? E por que tem o senhor tantos punhais e sabres?

De fato, ele havia pendurado na parede, não sei por que, dois iatagãs cruzados, tendo por cima um autêntico sabre circassiano. Ao fazer esta pergunta, ela me olhava tão diretamente que fui tentado a responder, mas hesitava em tomar a palavra. Stiepan Trofímovitch percebeu, por fim, da situação e apresentou-me.

– Sei, sei – disse ela. – Tenho muito prazer em conhecê-lo. Mamãe ouviu falar muito do senhor também. Permita-me que lhe apresente

Mavríki Nikoláievitch. É um homem admirável. Já havia feito do senhor uma ideia engraçada. O senhor é, se não me engano, o confidente de Stiepan Trofímovitch?

Corei levemente.

– Oh! perdoe-me, rogo-lhe. Não é de todo a palavra de que deveria ter-me servido; não queria absolutamente dizer engraçada, mas somente… (perturbou-se e corou). Mas por que ter vergonha de ser um homem tão bom? Enfim, é tempo de partir, Mavríki Nikoláievitch! Stiepan Trofímovitch, o senhor precisa estar lá em casa dentro duma meia hora. Meu Deus! quantas coisas teremos a dizer-nos! Doravante, serei eu sua confidente e em tudo, em tudo, compreendeu?

Stiepan Trofímovitch ficou logo assustado.

– Oh! Mavríki Nikoláievitch está ao corrente de tudo, não se preocupe com ele!

– Que sabe ele?

– Mas o que o senhor quer dizer? – exclamou ela, espantada. –Ah! mas é então verdade o que estão contando? Não queria acreditar. E oculta-se também Dacha. Minha tia não me quis deixar entrar hoje no quarto de Dacha. Diz que Dacha está com enxaqueca.

– Mas… como pôde você saber?

– Ora, como toda a gente. Não é preciso ser muito esperto!

– Mas será que toda a gente…?

– É claro. É verdade que mamãe o soube por Mona Frólovna, minha ama. A sua Nastássia apressou-se em contar-lhe. Foi o senhor que contou a Nastássia, não foi? Diz ela que o senhor mesmo lhe contou.

– Eu… é verdade que falei uma vez – balbuciou Stiepan Trofímovitch, corando até a raiz dos cabelos, – mas… fiz apenas uma simples suposição, *j'étais si nerveux et malade, et puis*…[52]

Ela se pôs a rir.

– E depois, não tinha o senhor seu confidente à mão e Nastássia ali se achava. Pois bem, bastou isso! Ela é amiga de todas as comadres da cidade. Enfim, pouco importa que se saiba; e até mesmo é melhor assim. Apresse-se em ir à nossa casa, pois jantamos cedo… A propósito, esquecia-me – acrescentou ela, tornando a sentar. – Que espécie de homem é Chátov?

– Chátov? É o irmão de Dária Pávlovna.

– Sei bem que é irmão dela! Que homem é o senhor, deveras! – interrompeu ela, com impaciência. – Desejo saber como ele é, que espécie de homem…

– *C'est un pense-creux d'ici. C'est le meilleur et le plus irascible homme du monde*[53].

– Ouvi dizer que ele é um tanto estranho. Mas não é disso que se trata. Disseram-me que conhece três línguas, entre outras o inglês e que poderia encarregar-se de trabalhos literários. Neste caso, tenho muito trabalho para dar-lhe. Tenho necessidade de alguém para ajudar-me e quanto mais cedo melhor. Pensa que ele aceitará esse trabalho? Foi-me recomendado.

– Mas decerto. *Et vaus ferez un bienfait*.[54]

– Não é a titulo de *bienfait*. Tenho absolutamente *besoin de quelqu'un pour m'aider*.[55]

– Conheço bastante bem Chátov – eu disse – e se a senhorita quer encarregá-lo de alguma coisa, irei vê-lo imediatamente.

– Diga-lhe que passe em minha casa amanhã, ao meio dia. Perfeitamente! Obrigada. Mavríki Nikoláievitch, está pronto?

Partiram. Bem entendido, corri imediatamente à casa de Chátov.

– *Mon ami* – disse Stiepan Trofímovitch, alcançando-me nos degraus da entrada. – Não deixe de estar aqui em minha casa às dez ou onze horas, quando eu voltar. Oh! agi muito mal para com você

e… para com toda a gente.

## *VIII*

Não encontrei Chátov em sua casa. Voltei duas horas depois. Ainda não havia regressado. Finalmente, perto das oito horas, voltei à casa dele, contando deixar um bilhete se não o encontrasse, e de novo não o encontrei. Seu apartamento estava fechado e ele morava só, sem criado de espécie alguma. Atravessou-me o pensamento ir bater à porta do Capitão Liebiádkin, no andar inferior, para me informar a respeito de Chátov; mas lá estava também tudo fechado; não se ouvia rumor algum, não se via nenhuma luz, como se o apartamento estivesse vazio. Experimentei certa curiosidade ao passar diante da porta de Liebiádkin e ao lembrar-me das histórias que ouvira contar naquele dia. Por fim, resolvi voltar no dia seguinte bem cedo. Na verdade, não tinha confiança na eficácia do bilhete. Talvez Chátov não lhe prestasse atenção alguma. Era tão teimoso e tão tímido! Amaldiçoando meu fracasso, ia transpor o portão quando, de repente, encontrei-me, cara a cara, com o Senhor Kirílov. Entrava em casa e foi ele que primeiro me reconheceu. Como espontaneamente se pusesse a interrogar-me, disse-lhe o que se passava e que tinha um bilhete para Chátov.

– Entremos – disse ele. – Faremos o necessário.

Lembrei-me de que, segundo o que nos dissera Lipútin, Kirílov havia alugado pela manhã mesmo uma espécie de pavilhão de madeira que se elevava no pátio. Naquele pavilhão, que era demasiado grande para ele, morava também uma velha senhora surda que lhe servia de criada. O proprietário do imóvel havia-se mudado para ir morar numa casa nova situada numa outra rua, onde ele mantinha um restaurante, e aquela velha, parenta dele, creio, ficava para vigiar tudo na antiga casa. Os quartos do pavilhão eram bastante limpos, se bem que o forro de papel das paredes estivesse sujo. No quarto em que entramos, o mobiliário era heteróclito e formava um verdadeiro ferro-velho. Havia ali duas mesas de jogo, uma cômoda de madeira de amieiro, uma mesa grande de madeira branca que devia provir de alguma cabana de campônio ou de alguma cozinha, cadeiras com um sofá de espaldar de palhinha e guarnecido de duras almofadas

de couro. Num canto estava colocado um ícone antigo diante do qual a velha acendera uma lâmpada, antes de nossa chegada, e nas paredes estavam pendurados dois quadros a óleo, escurecidos pela fumaça, um dos quais era um retrato do Czar Nicolau I, pintado, ao que parecia, entre 1820 e 1830; o outro o retrato de não sei qual bispo.

O Senhor Kirílov acendeu uma vela e tirou de sua mala, que não havia sido ainda esvaziada e que se achava a um canto, um envelope, lacre e um sinete de cristal.

– Lacre seu bilhete e ponha o endereço no envelope.

Ia objetar que isso não era necessário mas ele insistiu. Depois que pus o endereço no envelope, peguei meu gorro.

– Pensei que o senhor aceitaria uma xícara de chá – disse ele. – Trouxe chá. Quer?

Não recusei. A velha trouxe logo o chá, isto é, uma grande chaleira d'água fervente, um pequeno bule cheio de chá muito forte, duas grandes xícaras de porcelana, grosseiramente decoradas, pão branco e um prato fundo com torrões de açúcar.

– Gosto de beber chá à noite – disse ele. – Ando muito e bebo chá até o amanhecer. No estrangeiro, torna-se difícil tomar chá à noite.

– O senhor se deita ao amanhecer?

– Sempre, desde muito tempo. Como pouco, só tomo chá. Lipútin é astuto, mas carece de paciência.

Vi com espanto que ele queria falar; resolvi aproveitar a ocasião.

– Ocorreram lamentáveis mal-entendidos esta manhã – observei.

Ele franziu a testa.

– Uma tolice, simples futilidades. Tudo isso não tem sentido nenhum, porque Liebiádkin é um bêbado. Nada disse a Lipútin, expliquei-lhe apenas que tudo isso carecia de significação, porque ele imaginava coisas completamente falsas. Lipútin é um imaginativo.

Edifica montanhas com coisa nenhuma. Tinha confiança em Lipútin ontem.

– E em mim hoje – disse, sorrindo.

– Mas é que o senhor já sabia de tudo esta manhã; Lipútin é fraco ou impaciente, ou malévolo… ou então… invejoso.

Esta última palavra chamou-me a atenção.

– O senhor se serviu de tantos qualificativos que seria bem estranho que um ou outro não lhe conviesse.

– Ou todos ao mesmo tempo.

– Sim, e Lipútin é bem assim na realidade: um caos. Mentia esta manhã, não é?, quando disse que o senhor estava escrevendo certa obra.

– E por que não? – disse ele, fechando de novo a cara e com o olhar fixo no soalho.

Desculpei-me e pus-me a assegurar-lhe que eu não era curioso. Ele corou.

– Ele disse a verdade. Estou escrevendo. Mas isso carece de de importância.

Calamo-nos durante um minuto. De repente, sorriu, aquele sorriso de criança que eu havia notado de manhã.

– Essa história de cabeças exigidas foi ele quem inventou, segundo um livro. Foi ele mesmo quem logo de início me disse. Aliás, ele compreende mal. Pela minha parte, procuro simplesmente as razões pelas quais os homens não ousam se matar; eis tudo. E tudo isso não tem nenhuma importância.

– Não ousam? Que quer o senhor dizer? Há pois tão poucos suicídios?

– Muito poucos.

– Acha assim deveras?

Não respondeu, levantou-se e, pensativo, pôs-se a andar para lá e para cá.

– Que é que impede as pessoas de se suicidarem? Que pensa o senhor? – perguntei.

Olhou-me com ar distraído, como se procurasse lembrar-se do assunto de nossa conversa.

– Eu… não sei ainda muito bem… Dois preconceitos os retêm, duas coisas; duas somente, uma muito pequena, a outra muito grande. Mas a pequena é igualmente muito grande.

– Qual é a pequena?

– O sofrimento.

– O sofrimento? Ele pode ter importância… em semelhante caso?

– Uma importância capital. Há duas categorias: os que se matam por causa duma grande dor, ou por despeito, ou porque perderam a razão, ou não importa por qual motivo… Esses agem bruscamente. Não pensam no sofrimento, mas se matam bruscamente. Além disso, há os que se matam em plena razão e estes pensam muito.

– Como há quem se mate estando em seu juízo?

– Muitos o fazem. Se não fossem os preconceitos, haveria mais ainda, um grande número, todos.

– Como?… Todos?

Não respondeu.

– Mas não há meios de morrer sem sofrimento?

– Imagine – parou diante de mim, – uma pedra tão grande como uma casa alta; está suspensa no ar e o senhor em baixo; se ela cair sobre o senhor, sobre sua cabeça, vai lhe causar mal?

– Uma pedra tão grande como uma casa? Mas está bem entendido que será apavorante.

– Não falo do pavor. Vai lhe fazer mal?

– Uma pedra grande como uma montanha, dum peso de vários milhões de toneladas? Naturalmente, não sentirei nada.

– Mas meta-se embaixo dela deveras; enquanto ela ficar assim suspensa, o senhor terá grande medo de que ela lhe faça mal. O homem mais sábio, o maior doutor, todos, todos, experimentarão um grande pavor. Todos sabem que não sentirão nada e todos terão medo de que a pedra lhes faça mal.

– Está bem. E a segunda razão, a grande?

– O outro mundo!

– O senhor quer dizer o castigo?

– O castigo importa pouco. O outro mundo; o outro mundo simplesmente.

– Não há ateus que não acreditam de modo algum no outro mundo?

Desta vez ainda não respondeu.

– O senhor julga segundo seu modo de pensar.

– Ninguém pode julgar senão segundo seu modo de pensar –disse ele, corando. – Haverá liberdade completa, quando for totalmente indiferente viver ou não viver. Tal é o fim universal.

– O fim? Mas talvez ninguém então se preocupasse com viver?

– Ninguém – declarou ele, com decisão.

– O homem teme a morte, porque ama a vida. Eis como compreendo a coisa – repliquei, – e assim quer a natureza.

– É uma covardia e aí está o nosso engano! – Seus olhos lançaram faíscas. – A vida é um sofrimento, a vida é um terror e o homem é infeliz. Hoje tudo é sofrimento e terror. Hoje o homem ama a vida, porque ama o sofrimento e o terror. E assim age. A vida se apresenta ao homem, hoje, como um sofrimento e um terror, e tudo isso é um engano. Hoje o homem não é ainda o que haverá de ser. Haverá um novo homem, feliz e orgulhoso. Aquele a quem será indiferente viver ou não viver. Será esse o novo homem! Aquele que vencer o sofrimento e o terror será ele próprio um deus. E o Deus de lá de cima deixará de existir.

– Então esse Deus existe, na sua opinião?

– Existe e não existe. Na pedra não há sofrimento, mas é no medo que se tem da pedra que jaz o sofrimento. Deus é o sofrimento que causa o medo da morte. Aquele que vencer o sofrimento e o terror vai se tornar ele próprio um deus. Então haverá uma vida nova, um homem novo; tudo será novo… Então a história vai se dividir em duas partes: do gorila ao aniquilamento de Deus, e do aniquilamento de Deus à…

– Ao gorila?

– À transformação da terra e do homem fisicamente. O homem será Deus e será transformado fisicamente, e o mundo será transformado e as coisas serão transformadas, bem como os pensamentos e todos os sentimentos. Acredita que o homem seja então mudado fisicamente?

– Se é indiferente viver ou não viver, todos se matarão e eis talvez em que consista a mudança.

– Isto não tem nenhuma importância. A mentira será morta. Quem quer que deseje a liberdade suprema deve ousar matar-se. Aquele que ousar matar-se descobriu o segredo da mentira. Fora disso, não há liberdade; nisso está tudo, e nada além disso. Quem ousar matar-se, será Deus. Agora, cada qual pode fazer que não haja Deus e que não haja nada. Mas ninguém ainda o fez.

– Tem havido milhões de suicídios.

– Mas jamais por isso; sempre com o temor e não tendo esse objetivo em vista. Não para matar o temor. Aquele que se matar unicamente para matar o temor, vai se tornar na mesma hora um Deus.

– Não terá talvez tempo – observei.

– Isto não importa – respondeu ele serenamente, com tranquilo orgulho, quase com desprezo. – Lamento que o senhor pareça zombar – acrescentou ele ao fim de um meio minuto.

– Parece-me estranho que o senhor tenha se mostrado tão irascível esta manhã e que esteja tão calmo, se bem que fale com calor…

– Esta manhã? Era ridículo esta manhã – respondeu, sorrindo. – Não gosto de discutir e nunca rio – acrescentou, num tom melancólico.

– Sim, o senhor não passa muito alegremente suas noites a beber chá.

Levantei-me e peguei meu gorro.

– Acha? – disse, sorrindo e com alguma surpresa. – Por quê? Não, eu… eu não sei. – Perturbou-se de repente. – Não sei como é com os outros e sinto que não posso fazer como toda a gente. Cada qual pensa, depois, imediatamente, pensa em outra coisa. Eu não posso pensar em nenhuma outra. Penso a vida inteira na mesma coisa. Deus

me tem atormentado a vida inteira – concluiu ele de repente, numa expansão surpreendente.

– E diga-me, se me é permitido perguntar-lhe, como é que o senhor fala o russo de maneira um tanto incorreta? Será possível que o tenha esquecido por ter passado cinco anos no estrangeiro?

– Não falo então corretamente? Não sei. Não, não é por causa de minha estada no estrangeiro. Sempre falei assim em toda a minha vida… não me importo.

– Outra pergunta, mais delicada. Creio perfeitamente no senhor, quando diz que não faz questão de travar novos conhecimentos e que fala muito pouco. Por que me falou esta noite?

– Ao senhor? Esta manhã, o senhor se conservava ali tão sensatamente e o senhor… mas tudo isso é indiferente… o senhor se parece com meu irmão, extremamente; não posso dizer-lhe a que ponto – acrescentou, corando. – Morreu há sete anos. Era mais velho, muito mais velho.

– Suponho que tenha exercido grande influência sobre seu modo de pensar.

– Não. Não falava; não dizia nada. Entregarei seu bilhete.

Acompanhou-me com uma lanterna até a porta para fechá-la à chave atrás de mim. “Ele é louco, com certeza”, decidi no meu íntimo. Na soleira da porta, tive novo encontro.

## *IX*

Mal acabava de pousar o pé no limiar, quando, de repente, uma mão vigorosa abateu-se sobre meu peito.

– Quem vem lá? – berrou uma voz. – Amigo ou inimigo? Confesse-o!

– É dos nossos, dos nossos! – clamou bem perto de mim a voz aguda de Lipútin. – É o Senhor G…ov, rapaz de educação clássica com acesso à mais alta sociedade.

– Gosto dele se frequenta a sociedade clássi… quer isto dizer de muito boa e-du-caa-ção. O capitão reformado Ignat Liebiádkin, a serviço do mundo inteiro e de seus amigos… se forem amigos fiéis, amigos fiéis, os canalhas!

O Capitão Liebiádkin, gordo homem, bem fornido, de mais de seis pés de altura, de cabelos crespos e tez vermelha, estava a tal ponto embriagado que mal se podia ter de pé diante de mim e articulava com dificuldade as palavras. Aliás, já o havia percebido de longe.

– E aquele ali! – gritou ainda, ao ver Kirílov que ainda ali estava com a lanterna; ergueu o punho, mas deixou-o tornar a cair logo.

– Perdoo, em atenção à sua cultura! Ignat Liebiádkin, de muito boa e-du-caa-ção…

Uma bomba de amor, com dor aguda,
No coração de Ignat explodiu.
Com amarga angústia choro ainda
O braço que em Sebastópol
Perdi com sofrimento atroz!

Não que tenha estado alguma vez em Sebastópol, nem que eu seja manco, mas o senhor sabe bem o que sejam versos – acrescentou, aproximando de meu rosto sua cara de bêbado.

– Ele está com pressa, precisa voltar para casa – disse-lhe Lipútin, em tom persuasivo. – Vai contar tudo amanhã a Elisavieta Nikoláievna.

– Elisavieta! – tornou ele a gritar. – Espere! Não parta! Eis aqui uma variante:

Estrela entre as amazonas,
Passa no seu corcel como um clarão,
E lá do alto me sorri
A filha da aristocracia!

“A uma amazona-estrela”.

– É um hino, sabem? É um hino, se não és um asno! Os imbecis! Não compreendem nada! Pare! – Agarrou-se a meu paletó, malgrado

os esforços que eu fazia para transpor o limiar. – Diga-lhe que sou um cavalheiro e a própria honra, e quanto a essa Dacha… vou agarrá-la pelas pontas dos dedos e atirá-la fora… Não passa de uma serva, não ousaria…

Ao dizer isto, caiu no chão, porque me desembaracei violentamente de suas mãos e alcancei a rua correndo. Lipútin foi atrás de mim.

– Alieksiéi Nílitch o levantará. Sabe o que acabo de saber dele? – disse o incorrigível tagarela, com uma volubilidade febril. – Ouviu aqueles versos? Pôs aqueles versos dedicados "a amazona-estrela" num envelope e vai enviá-los amanhã a Elisavieta Nikoláievna, assinando seu nome com todas as letras. Que lhe parece?

– Aposto que foi o senhor mesmo quem lhe sugeriu essa ideia.

– Perderia sua aposta – disse Lipútin, rindo. – Ele está apaixonado, apaixonado como um gatarrão, e, acredita o senhor?, começou isso pelo ódio. Odiava a tal ponto, nos primeiros tempos, Elisavieta Nikoláievna pelo fato dela montar a cavalo, que quase chegava a descompô-la em voz alta na rua. Sim, asseguro-lhe que a insultava! Ainda anteontem, lançou-lhe um palavrão, quando ela passava; por felicidade, ela não ouviu. E de repente, hoje, versos! Sabe que está ele com intenção de arriscar uma declaração? É sério! É sério!

– Lipútin, o senhor me causa espanto. Todas as vezes que se passa algo de sujo, o senhor está sempre metido, para desempenhar um papel importante! – disse, com raiva.

– Hem? O senhor vai um pouco longe demais, Senhor G…ov. Não seria o caso, talvez, de que seu pobre coraçãozinho tremesse de terror pensando num rival?

– Que… está dizendo? – exclamei, parando.

– Isto mesmo. Agora, para puni-lo, não direi mais nada. E, contudo, quanto o senhor gostaria de saber tudo! Saiba somente que aquele imbecil não é um simples capitão, mas um proprietário de terras de nossa província, e bastante importante, porque Nikolai

Vsiévolodovitch vendeu-lhe outro dia todos os seus bens, outrora de duzentas almas, e tão verdade como há um Deus lá em cima, não estou mentindo! Acabo de saber disso, mas de fonte absolutamente segura. E agora pode farejar o resto o senhor mesmo. Não direi mais nada. Adeus!

## *X*

Stiepan Trofímovitch esperava-me com uma espécie de impaciência histérica. Tinha regressado havia uma hora. Encontrei-o num estado vizinho da embriaguez; durante os cinco primeiros minutos pelo menos, acreditei que ele estivesse embriagado. Ai! sua visita à casa das Drózdovi fora para ele o golpe de misericórdia.

– *Mon ami*, perdi completamente o fio… Lisa… amo e respeito esse anjo como antes, completamente como antes; mas parece-me que as duas me convidaram somente para saber de mim alguma coisa, isto é, simplesmente para bisbilhotar e depois livrarem-se de mim… Isto mesmo.

– O senhor devia envergonhar-se! – gritei, não aguentando mais.

– Meu amigo, doravante estou absolutamente só. *Enfin c'est ridicule*. Você acredita? Também lá só há mistérios e mistérios. Logo caíram sobre mim a respeito dessas orelhas e desses narizes, bem como de certos segredos obscuros de Petersburgo. Foi aqui pela primeira vez que ouviram falar das peças que Nikolai pregou entre nós há quatro anos. "O senhor estava aqui, diziam-me elas, viu tudo. É verdade que ele esteja louco?" Não posso compreender como lhes ocorreu esta ideia. Por que Praskóvia quer a toda a força que Nikolai esteja louco? Essa mulher quer absolutamente que seja assim, faz questão. *Ce Maurice*, como o chamam, Mavríki Nikoláievitch, *brave homme tout de même*…[56] Mas pode ser que no seu interesse e isto depois de haver por primeiro escrito de Paris a *cette pauvre amie*… *Enfin*, essa Praskóvia, como a chama *cette chère amie*, é um tipo. É a imortal Senhora Koróbotchka, de Gógol, mas é uma Senhora Koróbotchka odienta, uma Senhora Koróbotchka cheia de fel e sob uma forma imensamente exagerada.

– Se de forma exagerada, deve ser uma verdadeira caixa de embalagem.[57]

– Afinal, talvez ela seja apenas exagerada na pequenez, mas dá na mesma. Apenas, não me interrompa, porque tenho a cabeça rodando. As duas estão completamente brigadas, exceto Lisa que não cessa de falar na "titia, titia!". Mas Lisa é astuta e há também alguma coisa embaixo disso. Mistério. Ela brigou com a velha. Essa pobre tia tiraniza toda a gente, na verdade, e depois há a mulher do Governador, a impolidez da sociedade local e a impolidez de Karmázinov; e depois essa ideia de loucura, *ce Lipoutine, ce que je ne comprends pas* e… dizem que ela pôs compressas de vinagre na testa e eis-nos aqui, nós, com nossas queixas e nossas cartas… Oh! quanto a atormentei e em semelhante ocasião! *Je suis un ingrat*! Imagine que volto para aqui e encontro uma carta dela; leia, leia! Oh! que ingratidão a minha!

Entregou-me uma carta que acabara de receber de Varvara Pietrovna. Esta parecia ter-se arrependido de seu "fique em casa". A carta era amável, mas de um tom resoluto e breve. Varvara Pietrovna convidava Stiepan Trofímovitch a ir vê-la dentro de dois dias, no domingo, ao meio-dia e aconselhava-o a levar um de seus amigos. (Meu nome estava mencionado entre parênteses.) Prometia, de sua parte, convidar Chátov, na qualidade de irmão de Dária Pávlovna. "Você poderá obter dela uma resposta definitiva, isso será suficiente? Será esta a formalidade a respeito da qual você tanto insiste?"

– Repare essa frase irritada em que ela fala de formalidade. Pobre, pobre amiga de toda a minha vida! Confesso que esta decisão súbita de minha sorte deixou-me quase aniquilado… Confesso que conservava ainda alguma esperança, mas agora *tout est dit*. Sei agora que tudo está acabado. *C´est terrible*! Oh! se ao menos esse domingo pudesse jamais chegar e tudo pudesse continuar como no passado? Você viria aqui e eu iria…

– O senhor ficou transtornado por causa de todas aquelas coisas vis que Lipútin vomitou, por causa de todas aquelas comadrices.

– Meu caro, é outro ponto sensível que você acaba de tocar com

seu dedo amigo. Esses dedos amigos são em geral impiedosos e por vezes absurdos. *Pardon*. Talvez não acredite, mas eu quase havia esquecido tudo isso, todas essas ignomínias, não que as tivesse esquecido na realidade, mas, na minha estupidez, esforçava-me por ser feliz, durante todo o tempo em que estava com Lisa e persuadia-me de que era feliz. Mas agora… Oh! agora penso naquela mulher generosa e compassiva, tão indulgente para com minhas desprezíveis faltas – não que ela tenha sido inteiramente indulgente, mas eu, que fui eu, com meu caráter horrível, detestável? Sou uma criança caprichosa, com todo o egoísmo de uma criança, sem ter desta a inocência. Há vinte anos que ela cuida de mim como uma ama, *cette pauvre* tia, como a chama Lisa de maneira tão graciosa… E eis que, ao fim de vinte anos, a criança pede a grandes gritos para se casar, enviando-lhe carta após carta, quando ela está com uma compressa de vinagre na testa, e… agora ele tem o que pedia. Domingo, serei um homem casado e não é divertido… E por que insisti tanto eu mesmo, por que escrevi aquelas cartas? A propósito, esquecia-me. Lisa adora Dária Pávlovna, pelo menos é o que diz. A ela se referindo, dizendo *c'est un ange*, mas um anjo um tanto reservado. Aconselharam-me ambas, até mesmo Praskóvia… Praskóvia, a bem dizer, não me aconselhou precisamente. Oh! quanto veneno oculto nessa Koróbotchka! E Lisa tampouco não me aconselhou precisamente: "Por que quer casar? – dizia ela. – Seus prazeres intelectuais deveriam bastar-lhe". Ria. Perdoo-lhe o ter rido, porque seu coração também conhece a dor. "Aliás, o senhor não pode passar sem uma mulher", diziam-me. "As enfermidades da velhice o aguardam e ela o tratará com muito mimo, como se diz…" *Ma foi*[58]. não parei de pensar, desde que estou sentado aqui diante de você, que é a Providência quem a envia para mim no declínio de meus anos tempestuosos e que ela me tratará com muito mimo, como se diz. Afinal, será útil para manter a casa. Veja que desordem há por aqui, como tudo está de pernas para o ar. Disse que era preciso pôr tudo em ordem esta manhã e lá está aquele livro no chão! *La pauvre amie* sempre se mostrou indignada com a sujeira que reina em minha casa. Oh! doravante não ouvirei mais sua voz! *Vingt ans*. E parece que elas receberam cartas anônimas. Imagine: dizem que Nikolai vendeu seus bens a Liebiádkin. *C'est un monstre*! E, afinal, quem é esse Liebiádkin? Lisa escuta escuta. Oh! como escuta! Perdoei-lhe ter rido. Vi seu rosto enquanto ela escutava, e aquele Mavríki… não queria estar no seu

lugar de agora em diante, *brave homme tout de même*, mas um pouco tímido; afinal, deixemos de ocupar-nos com ele.

Interrompeu-se. Estava cansado, enervado e ficou sentado, com a cabeça pendida, olhando fixamente o soalho com os olhos fatigados. Aproveitei o intervalo para lhe contar minha visita à casa de Filípov e exprimi-lhe breve e secamente aquela opinião de que a irmã de Liebiádkin (que eu nunca vira) podia bem ter sido, de uma maneira ou de outra, a vítima de Nikolai, num certo momento daquele período misterioso de sua vida, segundo a expressão de Lipútin e que era muito possível que Liebiádkin recebesse quantias de Nikolai por uma razão qualquer; mas tudo se limitava a isso. Quanto ao que se dizia de Dária Pávlovna, eram puras invenções, pelo menos assim o sustentava energicamente Alieksiéi Nílitch, e não tínhamos motivo algum para duvidar de sua palavra. Stiepan Trofímovitch escutava minhas afirmativas distraidamente, como se elas não tivessem nenhum interesse para ele. Mencionei, de passagem, minha conversa com Kirílov e acrescentei que Kirílov talvez fosse louco.

– Não é louco, mas um desses espíritos de ideias limitadas – murmurou ele, com indiferença. *Ces gens-là supposent la nature et la société humaines autres que Dieu ne les a faites et qu'elles ne sont réellement*[59]. Há pessoas que procuram ganhar-lhes as boas graças, mas não é sempre o caso de Stiepan Vierkhoviénski. Tratei com gente dessa qualidade em Petersburgo quando lá estava *avec cette chère amie* (oh! quanto a ofendi então!) e não tinha medo de suas injúrias, nem mesmo de seus louvores. Tampouco agora me assustam. *Mais parlons d'autre chose*… Creio que fiz coisas abomináveis Imagine que mandei ontem uma carta a Dária Pávlovna e… como me amaldiçoo por haver feito isso!

– A que propósito lhe escreveu?

– Oh! meu amigo, acredite-me, fiz tudo isso com a mais nobre intenção. Dizia-lhe que havia escrito a Nikolai cinco dias antes e também com uma nobre intenção.

– Compreendo tudo agora! – exclamei eu, com cólera. – E com que direito aproximava o senhor assim seus dois nomes?

– Mas, *mon cher*, não me esmague, não grite comigo; já estou esmagado como um… percevejo. E afinal de contas, creio que minha conduta foi muito direita. Admitamos que se haja realmente passado alguma coisa… *en Suisse*, ou que tenha havido um começo. Estava bem obrigado a interrogar-lhes com antecedência os sentimentos, no receio de… enfim… no receio de exercer constrangimento sobre seus corações e ser uma pedra no caminho deles. Agi movido apenas por um sentimento de nobreza.

– Grande Deus! Que coisa estúpida fez o senhor! – exclamei, involuntariamente.

– Sim, sim – aquiesceu ele, com verdadeira solicitude. – Você nunca disse nada mais justo, *c'était bête, mais que faire? Tout est dit*. Casarei com ela ainda assim, e mesmo se se tratar de encobrir "os pecados alheios". Minhas cartas não tinham então nenhuma razão de ser, não é?

– Insiste o senhor nessa ideia?

– Oh! você não me amedrontará mais agora com seus gritos. É um Stiepan Vierkhoviénski diferente que vê agora diante de você. O homem que eu era está enterrado. *Enfin, tout est dit*. E por que você grita? Muito simplesmente porque não é você quem vai casar e usar na testa certos ornamentos. Está de novo chocado? Meu pobre amigo você não conhece a mulher, ao passo que eu outra coisa não fiz senão estudá-la. "Se queres vencer o mundo, começa por vencer a ti mesmo", a única boa coisa que um outro romântico como você, o irmão de minha noiva, Chátov, conseguiu dizer. Tomo-lhe de boa vontade emprestada a frase. Em suma, eis-me prestes a vencer a mim mesmo, e caso. E no que se refere ao mundo, que é que vou conquistar? Oh! meu amigo, o casamento é a morte moral de toda alma altiva, de toda independência. O casamento me corromperá, minará minha energia, minha coragem ao serviço da causa. Virão filhos, que não serão provàvelmente meus, ou melhor, que não serão certamente meus: o sábio não teme encarar de face a verdade. Lipútin propunha-me esta manhã que pusesse barricadas na casa para impedir a entrada nela de Nikolai; Lipútin é um imbecil. A mulher enganaria até o filho que vê tudo. O *bon Dieu*, decerto, sabia o que o esperava,

quando criou a mulher; quanto a mim, estou bastante certo que ela mesma se meteu nisso e obrigou-o a criá-la tal qual é… e com seus atributos: quem, com efeito, ia dar a si mesmo tanto trabalho por coisa nenhuma? Sei que Nastássia se zangará comigo por causa de meu livre pensamento, mas… *Enfin, tout est dit*.

Não teria sido quem era, se não saísse a defender o mesquinho livre pensamento zombeteiro, que estava em moda. Pelo menos, agora se consolava com um trocadilho, ainda que por breve tempo.

– Oh! se esse depois de amanhã, se esse domingo jamais chegasse! – exclamou de repente, desta vez com um desespero infinito. – Por que essa semana apenas não poderia ser sem domingo, *si le miracle existe*? Que custaria à Providência riscar um domingo apenas do calendário? Nem que fosse para demonstrar seu poder aos ateus *et que tout soit dit*. Oh! quanto a amava! Vinte anos, durante vinte anos, e ela jamais me compreendeu!

– Mas de quem fala o senhor? Eu também não o compreendo! – disse eu, com surpresa.

– *Vingt ans*! E ela não me compreendeu uma só vez! Oh! é cruel! E pode ela crer, na verdade, que me caso por medo, por pobreza? Oh! que vergonha! Oh! tia, tia, é por você que o faço… Oh! que ela o saiba, essa tia, que ela é a única mulher que eu adoro há vinte anos! É preciso que ela o saiba, é preciso, senão deverão usar de força para me arrastar para debaixo de *ce qu'on appelle la*[60] "coroa" de casamento.

Era a primeira vez que ouvia eu tal confissão e em termos tão enérgicos. Não procurarei dissimulá-lo, senti uma vontade louca de estourar na gargalhada. Não tinha razão para isso.

– É a única que me resta no momento, a única, minha única esperança! – exclamou de repente, juntando as mãos como impressionado por uma ideia nova. – Somente, ele, meu pobre filho, poderá salvar-me doravante, e… oh! por que ele não chega? Oh! meu filho, oh! meu Pietruchka! E se bem que não mereça eu o nome de pai, mas antes o de tigre, entretanto… *Laissez-moi, mon ami*[61]. vou repousar um pouco, para coligir minhas ideias. Estou tão fatigado, tão fatigado… E parece-me que é tempo de você ir para casa. *Voyez-*

*vous*[62]. é meia-noite.

## Capítulo IV / *A coxa*

*I*

Chátov não se obstinou, mas agiu de acordo com minhas instruções e foi ver Elisavieta Nikoláievna ao meio-dia. Entramos quase juntos; eu também ia fazer minha primeira visita. Estavam todos lá, isto é, Lisa, a mãe desta e Mavríki Nikoláievitch, sentados no grande salão em ponto de brigar. A mãe pedira a Lisa que tocasse no piano não sei qual valsa, e assim que Lisa começou a tocar o trecho pedido, afirmara não ser aquele o trecho bom. Na sua ingenuidade, Mavríki Nikoláievitch tomara o partido de Lisa, sustentando que era aquela mesma a valsa pedida. A dama idosa chorou de raiva. Estava doente e só andava com dificuldade. Tinha as pernas inchadas e, desde alguns dias, não deixava de estar zangada, discutindo com toda a gente, embora sempre tivesse temido um pouco Lisa. Ficaram todos satisfeitos ao ver-nos, Lisa corou de prazer e, agradecendo-me, por causa de Chátov, naturalmente, foi ao encontro dele, olhando-o com curiosidade.

Chátov parou, acanhado, na soleira da porta. Depois de ter-lhe agradecido sua vinda, a moça levou-o para onde estava sua mãe.

– Este é o Senhor Chátov, de quem lhe falei, e este o Senhor G… ov, um de nossos grandes amigos, de Stiepan Trofímovitch e meu. Mavríki Nikoláievitch também ficou conhecendo-o ontem.

– Qual deles é o professor?

– Não há propriamente professor, mamãe.

– Tu mesma me disseste ontem que haveria um professor. É aquele provavelmente. – Indicava desdenhosamente Chátov.

– Não lhe disse que haveria um professor. O Senhor G… ov é empregado na administração e o Senhor Chátov é um ex-estudante.

– Estudante ou professor, nem por isso deixam de vir da

Universidade. Tu só procuras discutir, mas aquele da Suíça tinha bigode e barba de bode.

– É o filho de Stiepan Trofímovitch que mamãe sempre chama o professor – disse Lisa que levou Chátov até o sofá que se encontrava na outra extremidade do salão.

– Quando está com as pernas inchadas fica sempre assim. O senhor compreende, está doente – disse Lisa baixinho, dirigindo-se a Chátov a quem continuava a fitar com a mesma acentuada curiosidade, sobretudo seus cabelos revoltos.

– O senhor é militar? – perguntou-me a velha senhora a quem Lisa me abandonara sem piedade.

– Não, estou no serviço…

– O Senhor G… ov é um grande amigo de. Stiepan Trofímovitch – interrompeu logo Lisa.

– O senhor está a serviço de Stiepan Trofímovitch? Ainda um professor, não?

– Oh! mamãe, a senhora deve sonhar de noite com professores – exclamou Lisa, num tom de contrariedade.

– Basta os que já vejo, quando estou acordada, mas é sempre preciso que contradigas tua mãe. O senhor estava aqui, há quatro anos, quando Nikolai Vsiévolodovitch chegou?

Respondi que estava.

– Não havia um inglês com o senhor?

– Não, não havia.

Lisa sorriu.

– Bem vês que não havia inglês; era simples mexerico. Aliás, Varvara Pietrovna e Stiepan Trofímovitch são ambos mentirosos. Todos mentem.

– Minha tia e Stiepan Trofímovitch achavam ontem que havia certa semelhança entre Nikolai Vsiévolodovitch e o Príncipe Harry do *Henrique IV*, de Shakespeare, ao que mamãe responde que não havia inglês aqui – explicou-nos Lisa.

– Já que Harry não estava aqui, não havia inglês. Não havia senão aquele farsante do Nikolai Vsiévolodovitch.

– Asseguro-lhe que mamãe faz isso de propósito – sentiu-se obrigada a explicar Lisa para Chátov. – Ouviu deveras falar de Shakespeare. Eu mesma li para ela o primeiro ato de *Otelo*, mas neste momento está sofrendo muito. Escute, mamãe, está dando meio-dia, é o horário da senhora tomar seu remédio.

– O doutor está aí – anunciou uma criada, à porta.

A velha levantou-se e se pôs a chamar sua cadelinha:

– Zamirka, Zamirka, tu pelo menos hás de vir comigo.

Zamirka, uma velha cadelinha horrível, meteu-se, em lugar de obedecer, debaixo do sofá em que Lisa estava sentada.

– Não queres vir? Bem, passarei sem ti. Adeus, caro senhor, não sei seu nome, nem o nome de seu pai – disse ela, dirigindo-se a mim.

– Anton Lavriéntievitch…

– Afinal, pouco importa; comigo, isso entra por um ouvido e sai pelo outro. Não se dê ao trabalho de acompanhar-me, Mavríki Nikoláievitch, era Zamirka que eu estava chamando. Graças a Deus, posso ainda andar sem que me sustentem e amanhã irei dar um passeio de carro.

Saiu do salão encolerizada.

– Anton Lavriéntievitch, tenha a bondade de conversar, enquanto espera, com Mavríki Nikoláievitch. Asseguro-lhes que ganharão ambos em se conhecer melhor – disse Lisa, dirigindo um sorriso cordial a Mavriki Nikoláievitch, cujo rosto se iluminou sob o olhar da moça. Não havia jeito de agir diferentemente: fiquei a conversar com

Mavriki Nikoláievitch.

## *II*

Para minha grande surpresa, o negócio que Elisavieta Nikoláievna tinha a tratar com Chátov só se referia realmente à literatura. Imaginara, não sei bem por que, que Lisa tinha outra ideia pedindo-lhe que viesse cá. Quanto a Mavríki Nikoláievitch e a mim, como os outros falassem em voz alta, sem procurar dissimular coisa alguma, começamos a prestar atenção; em breve, eram eles que pediam nossa opinião. Soubemos assim que Elisavieta Nikoláievna pensava publicar um livro que acreditava seria útil, mas como lhe faltava totalmente experiência, tinha necessidade de um colaborador. A seriedade com que ela começou a desenvolver seu projeto a Chátov não deixou de causar-me espanto. "Ela deve pertencer à nova escola", disse a mim mesmo, "não é por coisa nenhuma que esteve na Suíça." Chátov escutava com atenção, os olhos pregados no chão, e sem parecer de modo algum surpreendido com o fato de uma jovem da sociedade, estouvada, propor-se empreender um trabalho que parecia tão pouco convir-lhe.

Eis qual o projeto literário de Lisa. Publicam-se na Rússia, na capital e na província, muitos jornais e periódicos em que são relatados, dia a dia, numerosos acontecimentos. Acabado o ano, empilham-se por toda parte os jornais em armários, ou então são deixados à toa, rasgam-nos, ou deles se servem para fazer embrulhos ou enrolar toda espécie de objetos. Muitos dos incidentes dados à publicidade produzem certa sensação, e o leitor guarda a lembrança deles, mas, com os anos, acabam por esquecê-los. Muitas pessoas gostariam de reportar-se a eles, mas seria uma trabalheira tremenda meter-se naquele oceano de papel, sem nada saber muitas vezes do dia, do lugar e até mesmo do ano em que o incidente ocorreu. Entretanto, se todos os fatos de um ano inteiro fossem reunidos numa só obra, segundo um método determinado e com uma ideia determinada, com títulos; referências, classificados por meses e dias, uma coletânea desse gênero poderia refletir os traços característicos da vida russa para o ano inteiro e isto se bem que os fatos relatados não constituam senão uma fraca parte de todos aqueles que ocorrem.

– Em lugar de um grande número de jomais, haveria algumas obras grandes, eis tudo – observou Chátov.

Mas Elisavieta Nikoláievna agarrava-se à sua ideia, apesar da dificuldade de a pôr em execução e sua impotência em exprimi-la. Deveria ser uma obra única, afirmava ela, e até mesmo um livro não muito grosso, Mas se, no entanto, fosse volumoso, pelo menos deveria ser claro, porque a grande questão seria o plano e a maneira de apresentar os fatos. Não é preciso dizer que não seria tudo recolhido e impresso. Os decretos e os atos do Governo, os regulamentos locais, as leis e todos esses fatos, por mais importantes que fossem, poderiam muito bem ser completamente excluídos da obra projetada. Muitas coisas poderiam ser omitidas, limitar-se a uma escolha de acontecimentos mais ou menos característicos da vida moral do povo, da mentalidade do povo russo na hora atual. Seria possível, bem entendido, pôr tudo no livro: curiosidades, incêndios, subscrições públicas, não importa o que de bom e de mau, todos os discursos ou todas as palavras, talvez mesmo as inundações, mesmo certos decretos do Governo, contanto que fossem escolhidos apenas os fatos que servissem para definir a época; tudo seria inserto segundo certo ponto de vista, com uma significação, uma intenção especial, com uma ideia que esclareceria os fatos considerados no conjunto como formando uma coletânea. Enfim, essa publicação deveria oferecer interesse, mesmo na qualidade de leitura agradável, além de seu valor documentário. Constituiria, de certa forma, um quadro da vida espiritual, moral, íntima, da Rússia, no correr dum ano. “Queremos que todos o comprem, queremos que seja um livro que se encontre em cima de todas as mesas, declarou Lisa. Fizeram-me compreender que tudo depende do plano e por isso me dirijo ao senhor”, disse ela a modo de conclusão. Punha nisso um grande entusiasmo e se bem que suas explicações fossem obscuras e incompletas, Chátov começou a compreender.

– Seria em suma uma obra de tendência política, uma escolha de fatos tendo uma tendência especial – murmurou ele, ainda sem levantar a cabeça.

– Absolutamente, não nos deveremos deixar guiar na nossa escolha por uma preferência particular, e não deveremos nela

introduzir nenhuma tendência política. A imparcialidade será nossa única tendência.

– Mas uma tendência não seria um mal – disse Chátov, fazendo um ligeiro movimento, – e desde que se exerça uma escolha, será difícil evitá-la. A simples escolha dos fatos indicará como será preciso compreendê-los. Sua ideia não é má.

– Então um livro desses é possível? – exclamou Lisa toda contente.

– É preciso examinar a questão e refletir. É um empreendimento enorme. Nada se cria de improviso. Temos necessidade de experiência e quando publicarmos o livro, duvido que saibamos ainda como fazê-lo. Talvez, depois de muitos tateios… mas a ideia é sedutora. É uma ideia útil.

Ergueu ele por fim seus olhos que resplandeciam de prazer, tal era o seu interesse.

– Foi a senhorita que imaginou isso? – perguntou ele a Lisa duma maneira cordial e não sem certa timidez.

– A ideia não é nada, como o senhor sabe, o plano é que é tudo – respondeu Lisa, sorrindo. – Só compreendo muito pouca coisa. Não sou muito inteligente e só persigo aquilo que é claro para mim…

– A senhorita persegue?

– Talvez não seja o termo próprio? – perguntou vivamente Lisa.

– O termo convém muito bem; não o disse por isso.

– Durante minha estada no estrangeiro, imaginei que também eu poderia tornar-me útil. Tenho dinheiro meu que não serve para nada. Por que não poderia trabalhar também pela causa comum? Aliás, a ideia surgiu-me por si mesma, de repente, não sei como. Não fui eu que a imaginei e estou encantada por tê-la tido. Mas logo me dei conta de que não poderia passar sem um colaborador, porque, por mim, não presto para nada. Esse colaborador seria, bem entendido, o coeditor da obra. Partilharíamos. O senhor forneceria o plano e o trabalho, e eu

a primeira ideia e os fundos necessários. Acha que o livro cobrirá as despesas com ele feitas?

– Se estabelecermos um bom plano, o livro se venderá.

– Advirto-o de que não faço isso tendo em vista lograr proveito; mas desejo vivamente que o livro passe por numerosas mãos e ficarei muito orgulhosa se ele acarretar dinheiro.

– Muito bem, mas qual é meu papel em tudo isso?

– Convido-o para ser meu colaborador, para partilhar comigo. Cabe-lhe elaborar o plano.

– Mas por que julga que seja eu capaz de elaborar um plano?

– Falaram-me do senhor e aqui soube… Sei que o senhor é muito inteligente e… que trabalha pela causa… e que pensa muito. Piotr Stiepânovitch Viérkhoviénski falou-me do senhor na Suíça – acrescentou precipitadamente a moça. – É um homem muito inteligente, não é?

Chátov lançou-lhe, às ocultas, uma olhadela rápida, depois baixou de novo os olhos.

– Nikolai Vsiévolodovitch também me falou muito do senhor.

Chátov corou subitamente.

– Mas eis os jomais. – Lisa pegou de cima de uma cadeira um maço de jomais que se encontravam ali, previamente amarrados. – Tentei anotar os fatos a escolher, classificá-los e pus números… o senhor verá.

Chátov pegou o maço de jomais.

– Leve-os para sua casa, a fim de examiná-los. Onde mora?

– Em casa de Filípov, na Rua da Epifania.

– Sei. Creio que é lá, também, pelo que me disseram, que mora certo capitão, no apartamento ao lado, um Senhor Liebiádkin – disse

Lisa, com a mesma precipitação.

Chátov ficou um bom minuto sentado, com o maço de jomais na mão, sem responder e com os olhos fixos no soalho.

– A senhorita faria melhor escolhendo algum outro para essa tarefa. Não lhe seria bom para nada – disse, por fim, baixando a voz duma maneira estranhamente lúgubre e quase num murmúrio.

As faces de Lisa ficaram vermelhas.

– De que tarefa fala o senhor? Mavríki Nikoláievitch – exclamou ela, – queira trazer a carta de inda há pouco.

Acompanhei Mavríki Nikoláievitch até a mesa.

– Olhe – disse ela, voltando-se subitamente para mim e desdobrando a carta com grande agitação. – Já viu alguma vez algo de semelhante? Leia bem alto, rogo-lhe; quero que o Senhor Chátov também a ouça.

Não sem espanto li a seguinte missiva:

À Perfeição da Senhorita Túchina.
Graciosa Dama, Elisavieta Nikoláievna!

Quando no seu silhão, ela passa a galope
E esvoaçam no ar as suas tranças louras,
Ou quando com a mãe, no templo se prosterna,
E que um vivo rubor colore os pios rostos,
Quero o prazer então, do legal casamento,
E sigo, filha e mãe, a chorar de desejo,
(*Composta por um homem ignorante em meio de uma discussão.*)

Graciosa dama:

Sou mais de lamentar que qualquer outro homem por não ter perdido um braço pela glória de Sebastópol, porque ali nunca estive, mas fiz toda a campanha no humilhante serviço de aprovisionamento, o que considero como uma baixeza. A senhora é uma deusa da antiguidade e eu não sou nada, mas entrevi o infinito. Olhe isto como um poema e nada mais, porque, afinal de contas, poesia é besteira e justifica o que seria considerado como impertinência se fosse em prosa. Poderia o sol zangar-se contra o infusório, se este escrevesse versos em sua honra, no fundo de uma gota d'água, onde os há em quantidade, se é ela olhada ao microscópio? Até mesmo a Sociedade Protetora dos Animais, na alta sociedade de Petersburgo, conquanto sentindo a justo título compaixão pelos cães e pelos cavalos, despreza o ínfimo infusório e a ele não faz nenhuma alusão, porque ele não é bastante grande. A ideia do casamento poderia parecer cômica, mas em breve possuirei bens dum valor de duzentas almas, por meio de um misantropo que a senhorita despreza. Poderia dizer muitas coisas e, apoiando-me em documentos, enfrentar até mesmo a Sibéria. Não despreze a

minha proposta. A carta do infusório é naturalmente em verso.

O Capitão Liebiádkin,
seu muito humilde amigo, e que tem seus momentos de lazer.

– Isto foi escrito por um homem em estado de embriaguez, por um imprestável – exclamei com indignação. – Conheço-o.

– Recebi ontem esta carta – pôs-se Lisa a explicar, corando e falando com volubilidade. – Compreendi eu mesma imediatamente que provinha ela de algum imbecil e ainda não a mostrei a mamãe, com medo de transtorná-la ainda mais. Se ele, porém, tiver de continuar assim, não sei que fazer. Mavríki Nikoláievitch tem vontade de ir impor silêncio. Considerando-o um colaborador – disse ela, voltando-se para Chátov, e já que o senhor mora lá, desejaria fazer-lhe umas perguntas, a fim de avaliar o que ainda se pode esperar da parte dele.

– É um bêbado e um velhaco – murmurou Chátov, como que a contragosto.

– É sempre assim estúpido?

– Não é estúpido de todo, quando não está bêbado.

– Conheci um general que escrevia versos absolutamente semelhantes a esses, – acrescentei, rindo.

– Esta mesma carta prova que ele não é um pateta – declarou inopinadamente Mavríki Nikoláievitch, que até então se mantivera em silêncio.

– Mora com uma irmã? – perguntou Lisa.

– Sim, com sua irmã.

– Dizem que a tiraniza, é verdade?

Chátov ergueu de novo os olhos para Lisa, franziu o cenho e dirigiu-se para a porta, resmungando: “Que tenho eu com isso?”.

– Espere! Espere! – exclamou Lisa, agitada. – Aonde vai? Temos

ainda tantas coisas a tratar…

– Que há a tratar? Amanhã lhe direi…

– Mas a coisa mais importante de todas, a impressão. Acredite mesmo que não estou brincando, que tenho verdadeiramente desejo de trabalhar com seriedade! – assegurou Lisa, com crescente agitação. – Se decidirmos publicar o livro, onde será preciso imprimi-lo? O senhor sabe que é uma das questões mais importantes, porque não iremos a Moscou para isso, e não se deve contar com as impressoras daqui para uma publicação dessa natureza. Decidi, há muito tempo, instalar uma impressora minha mesma, sob o seu nome talvez, e sei que mamãe o permitirá, contanto que seja sob o nome do senhor…

– Como sabe que eu poderia imprimir? – perguntou Chátov num tom aborrecido.

– Mas Piotr Stiepánovitch me falou justamente do senhor na Suíça e mandou que me dirigisse ao senhor como conhecedor do ofício e como sendo capaz de montar uma tipografia. Tinha mesmo a intenção de me dar uma apresentação para o senhor, mas não mais pensei nisso.

Lembro-me agora de que Chátov mudou de semblante. Ficou alguns minutos imóvel, depois saiu do salão.

Lisa zangou-se.

– É sempre assim que ele sai? – perguntou, voltando-se para mim.

Eu ainda não havia acabado de erguer os ombros, quando Chátov reapareceu de súbito. Dirigiu-se diretamente para a mesa e nela depositou o rolo de papel de que se havia encarregado.

– Não serei seu colaborador. Não tenho tempo…

– Mas por quê? Mas por quê? Parece-me que o senhor se zangou, não? – perguntou Lisa, com voz aflita e suplicante.

O tom de sua voz pareceu chocá-lo; olhou-a fixamente durante alguns instantes, como se tivesse querido mergulhar seu olhar até o

fundo da alma dela.

– Pouco importa – murmurou docemente. – Não quero…

E partiu deveras.

Lisa ficou completamente aterrorizada, direi mesmo aterrorizada mais do que era razoável, ao que me pareceu.

– Sujeito engraçado – disse em voz alta Mavríki Nikoláievitch.

*III*

Era, decerto, um original, mas havia em tudo aquilo muitas coisas que não estavam claras para mim. Havia ali como que um subentendido. Não acreditava verdadeiramente naquela história de publicação, depois aquela estúpida carta na qual se propunha claramente denunciar alguém, fornecer documentos, se bem que todos tivessem guardado silêncio a respeito e falado de outra coisa; enfim aquela história de tipografia e a partida súbita de Chátov, tão-somente porque se havia falado de uma impressora, tudo isso deu-me a pensar que se passara, antes de minha entrada, alguma coisa que eu ignorava e, por consequente, que aquilo não me dizia respeito e que eu era demais. Era, aliás, hora de partir. Ficara tempo bastante para uma primeira visita. Ia despedir-me de Lisavieta Nikoláievna.

Ela parecia ter esquecido minha presença e se mantinha ainda junto da mesa, mergulhada em seus pensamentos e olhando fixamente um ponto do tapete.

– Ah! também o senhor se retira? Adeus – murmurou, num tom afável que lhe era habitual. – Apresente minhas saudações a Stiepan Trofímovitch e exija dele que me venha ver o mais cedo que puder. Mavríki Nikoláievitch, Anton Lavriéntievitch vai-se embora. Desculpe mamãe, ela não pode vir despedir-se…

Saí e havia chegado ao sopé da escada, quando um criado me alcançou de repente no patamar.

– A senhora pede-lhe para voltar…

– A senhora ou Elisavieta Nikoláievna?

– A jovem senhora.

Encontrei Lisa, não no grande salão onde estivéramos, mas na sala de recepção vizinha. A porta entre esta e o salão, onde Mavríki ficou só, estava fechada.

Lisa dirigiu-me um sorriso, mas estava pálida. Mantinha-se de pé, no meio da sala, numa indecisão manifesta e visivelmente presa de uma luta interior; mas, de repente, tomou-me pela mão e puxou-me rapidamente para a janela.

– Quero vê-la imediatamente – disse-me, baixinho, fixando em mim um olhar ardente, apaixonado, impaciente, que não admitia nem sombra de oposição. – É preciso que a veja com meus próprios olhos e suplico-lhe que me ajude.

Estava absolutamente transtornada e em desespero.

– A quem, pois, deseja ver, Elisavieta Nikoláievna? – perguntei, consternado.

– A irmã desse Liebiádkin, essa coxa… É verdade que ela é coxa?

Eu estava estupefato.

– Nunca a vi, mas disseram-me que é coxa. Disseram-me ontem – respondi com solicitude e também à meia-voz.

– Preciso vê-la, preciso absolutamente. Poderia o senhor arranjar isso hoje?

Senti por ela profunda piedade.

– É absolutamente impossível e aliás não saberia de todo como arranjar-me – disse eu, num tom persuasivo. – Vou procurar Chátov…

– Se o senhor não arranjar a entrevista para amanhã, irei vê-la sozinha, porque Mavríki Nikoláievitch recusou-se a acompanhar-me. Toda minha esperança está no senhor, não tenho outra pessoa; falei estupidamente a Chátov… Estou certa de que o senhor é

perfeitamente leal e está disposto a fazer não importa o que por mim; de modo que, arranje isso.

Tinha o mais vivo desejo de ajudá-la em todas as coisas.

– Eis o que farei – disse-lhe, depois de um instante de reflexão. – Irei vê-la eu mesmo hoje, decerto, decerto. Arranjarei jeito de vê-la. Dou-lhe minha palavra de honra. Somente, deixe-me por Chátov no segredo.

– Diga-lhe que é bem este o meu desejo e que não posso aguardar mais tempo, mas que eu não lhe mentia ainda há pouco. Talvez tenha partido porque é muito leal e talvez lhe tenha desagradado que tivesse eu o ar de mentir-lhe. Não lhe estava mentindo, tenho verdadeiramente o desejo de editar livros e fundar uma impressora…

– Ele é leal, muito leal – aprovei, com calor.

– Enfim, se não se arranjar de hoje para amanhã, irei eu mesma, aconteça o que acontecer e ainda mesmo que toda a gente viesse a saber.

– Não poderei vir encontrá-la amanhã antes das três horas – repliquei, após um instante de hesitação.

– Então às três horas. Era então verdade o que imaginei ontem, em casa de Stiepan Trofímovitch, que o senhor me era um tanto dedicado? – disse ela com um sorriso, enquanto me apertava precipitadamente a mão em sinal de adeus e se apressava em voltar para junto de Mavríki Nikoláievitch, que ficara só.

Saí esmagado ao peso de minha promessa e incapaz de compreender o que se passara. Via uma mulher presa dum verdadeiro desespero, que não hesitava em se comprometer, confiando-se a um homem que mal conhecia. Seu sorriso feminino, num momento tão grave para ela e sua alusão ao fato de que havia notado meus sentimentos na véspera, tudo isso me dera um golpe no coração; mas eu a lastimava, lastimava-a infinitamente, e nada mais. Seus segredos tornaram-se logo algo de sagrado para mim e se alguém tivesse tentado revelá-los a mim naquele momento, creio que teria tapado as

orelhas e recusado ouvir uma palavra mais. Tinha simplesmente uma espécie de pressentimento… e, no entanto, não via de modo algum o que eu podia fazer. Além do mais, não compreendia mesmo ainda com certeza o que eu estava encarregado de arranjar; uma entrevista, mas que espécie de entrevista? E como deveria eu fazer para que se encontrassem em presença uma da outra? Minha única esperança estava em Chátov, se bem que estivesse certo de que ele não me ajudaria de maneira alguma. Mas, não obstante, corri à casa dele.

## *IV*

Só vim a encontrá-lo em casa depois das sete horas. Com minha grande surpresa, tinha visitas: Alieksiéi Nílitch e outro senhor que eu pouco conhecia, um tal Chigáliev, irmão da Senhora Virguínski. Esse senhor devia, creio, estar na cidade havia mais de dois meses; não sei donde ele vinha. Tudo quanto havia sabido a seu respeito, é que escrevera não sei que artigo numa revista de vanguarda de Petersburgo. Virguínski tinha me apresentado a ele por acaso na rua. Jamais, no curso de minha vida, vi num rosto humano tanta morosidade, tristeza, aborrecimento. Parecia que ele esperava o fim do mundo e isto, não numa data indeterminada, segundo profecias que poderiam jamais realizar-se, mas num momento completamente preciso, como, por exemplo, dois dias depois, às dez horas e vinte e cinco minutos. Tínhamos apenas trocado uma palavra naquela ocasião, mas nos limitamos a apertar-nos as mãos à maneira de dois conspiradores. O que me chamou a atenção, sobretudo em sua pessoa, foram suas orelhas que eram dum tamanho monstruoso, compridas, largas e espessas, e que se afastavam de sua cabeça duma maneira esquisita. Seus gestos eram lentos e canhestros. Se alguma vez Lipútin imaginasse ser possível estabelecer um falanstério em nossa província, decerto aquele homem seria o primeiro a conhecer o dia e a hora em que seria fundado. Causou-me uma impressão sinistra. Fiquei tanto mais surpreso em encontrá-lo ali quanto Chátov não era amante de visitas.

Já da escada entendi que eles falavam muito alto, todos três ao mesmo tempo, e creio bem que discutiam, mas à minha entrada todos se calaram. Tinham discutido de pé, mas agora sentaram todos

bruscamente, de modo que tive de sentar também, Houve um silêncio estúpido que só foi rompido três bons minutos depois. Se bem que Chigáliev me conhecesse, fingiu não me reconhecer, não possivelmente por hostilidade contra mim, mas simplesmente sem motivo de espécie alguma. Alieksiéi Nílitch e eu cumprimentamo-nos em silêncio e, não sei bem por que, sem nos apertarmos as mãos. Chigáliev pôs-se por fim a olhar-me severamente e franzindo as sobrancelhas, com a convicção mais ingênua de que logo eu iria levantar e retirar-me. Por fim Chátov levantou de sua cadeira e os outros se apressaram em fazer o mesmo. Saíram sem despedir-se de nós. Chigáliev disse simplesmente no limiar a Chátov que o acompanhava até a porta:

– Lembre-se de que se obrigou a fornecer uma explicação.

– O diabo leve sua explicação e a quem, com a breca, estou obrigado a dá-la? – perguntou Chátov. Acompanhou-os à saída e fechou a porta com o ferrolho.

– *Kulíki*![63] – disse, olhando-me com uma espécie de sorriso agridoce.

Seu rosto mostrava uma expressão de cólera e pareceu-me estranho que me tivesse falado em primeiro lugar. Antes, quando eu vinha vê-lo (pouco frequentemente aliás), acontecia em geral ele ficar sentado num canto, franzindo a testa, responder com mau humor e somente ao fim de certo tempo se decidia e começava falar voluntariamente. Nem por isso deixava de olhar a gente de través ao dizer-nos adeus e de abrir-nos a porta com o ar de um homem que se desembaraça de um inimigo pessoal.

– Tomei chá ontem com Alieksiéi Nílitch – observei. – A propósito, creio-o afeiçoado cegamente ao ateísmo.

– O ateísmo russo jamais passou de uma pilhéria – resmungou Chátov, pondo nova vela no lugar do toco que acabava de consumir-se.

– Não, esse não me parece ser amador de pilhérias. Acho que ele não sabe falar e com maior razão é hostil a toda pilhéria.

– Homens de papel! Tudo isso provém do servilismo do pensamento deles – disse tranquilamente Chátov que sentara numa cadeira, no canto, com as palmas das duas mãos apoiadas nos joelhos.

– Há também ódio em tudo isso – recomeçou ele, ao fim dum instante. – Seriam os primeiros a se sentir terrivelmente infelizes, se a Rússia pudesse ser reformada de repente, mesmo no sentido das próprias ideias deles, e se ela se tornasse extraordinariamente próspera e feliz. Não teriam mais ninguém a quem odiar, ninguém em cima de quem cuspir, nada sobre que exercer seus sarcasmos! Não há em tudo isso senão um imenso ódio animal contra a Rússia, um ódio que eles trazem no sangue… Não se trata de lágrimas ocultas aos olhos do mundo sob a máscara de um sorriso[64]. Jamais frase mais falsa foi pronunciada na Rússia do que essa em que se trata dessas lágrimas secretas – exclamou ele quase com furor.

– Só Deus pode saber o que o senhor diz – observei eu, rindo.

– É que o senhor é um "liberal moderado" – disse Chátov, sorrindo por sua vez. – Sabe duma coisa? – continuou ele de repente. Talvez tenha dito tolices ao falar de "servilismo de espírito". O senhor vai dizer-me sem dúvida: "O senhor é que é filho dum lacaio, mas eu não sou um lacaio".

– Não pensava em nada de semelhante… O que o senhor está dizendo?

– Não se desculpe. Não tenho medo do senhor. Houve um tempo em que eu não era senão o filho dum lacaio; mas atualmente tornei-me eu mesmo um lacaio bem como o senhor. Nosso liberal russo é antes de tudo um lacaio, sempre à procura de alguém cujas botas possa engraxar.

– Que botas? Que alegoria é essa?

– Uma alegoria, na verdade! O senhor quer rir… Stiepan Trofímovitch teve razão de dizer que estou jacente sob uma pedra, esmagado, mas não morto, presa de movimentos convulsivos. Encontrou nisso boa comparação.

– Stiepan Trofímovitch declara que os senhores têm a monomania dos alemães – respondi, rindo. – Em todo o caso, temos tirado deles alguma coisa.

– Tomamos vinte copeques, mas demos em troca cem rublos de nosso dinheiro.

Mantivemos silêncio durante um minuto.

– Contraiu isso na América.

– Quem? Contraiu o quê?

– É de Kirílov que falo. Passei quatro meses com ele, os dois deitados no soalho duma cabana.

– Como, o senhor estêve na América? – perguntei espantado. – Nunca me contou isso.

– Que há nisso a contar? Há dois anos, gastamos nosso derradeiro vintém, os três, para ir à América, num navio de emigrantes, “a fim de provarmos por nós mesmos da vida do operário americano e de nos darmos conta, por uma experiência pessoal, do estado de um homem colocado nas condições sociais mais duras”. Eis qual era nosso objetivo indo para lá.

– Senhor! – disse eu, rindo. – Teriam feito muito melhor indo a qualquer parte de nossas províncias por ocasião das colheitas, se

quisessem ter uma experiência pessoal, em lugar de fugirem para a América!

– Engajamo-nos como operários em casa de um empreiteiro. Éramos lá seis russos a trabalhar para ele, estudantes, até mesmo donos de terras vindos de suas propriedades, oficiais também, e todos com o mesmo desígnio grandioso. Em suma, trabalhamos, suamos, penamos, Kirílov e eu acabamos ficando esgotados, caindo doentes; partimos, não podíamos mais. Nosso explorador trapaceou com os nossos salários; em lugar de trinta dólares, como fora combinado, pagou-me oito e meio, e quinze a Kirílov; mais de uma vez nos bateu. Então ficamos sem trabalho, Kirílov e eu, e passamos quatro meses, deitados no soalho, naquela pequena cidade. Pensava ele numa coisa, eu noutra.

– Como? Seu empregador lhes batia? Na América? Como devem tê-lo amaldiçoado!

– Absolutamente. Pelo contrário, Kirílov e eu participamos imediatamente da opinião de "que nós russos" somos crianças junto dos americanos e que é preciso ter nascido na América ou pelo menos ter vivido durante longos anos com os americanos para ficar ao nível deles. E depois, sabe o senhor?, quando nos pediam um dólar por um objeto que valia um cêntimo, nós o pagávamos com prazer; direi mesmo com entusiasmo. Aprovávamos tudo: o espiritismo, os linchamentos, os revólveres, os mendigos. Um dia, em viagem, um indivíduo, enfiando a mão no meu bolso, apoderou-se de minha escova de cabelos da qual se serviu para pentear-se. Kirílov e eu limitamo-nos a trocar um olhar e dissemos um ao outro que aquilo estava muito bem assim e que nos agradava muito…

– O que há de estranho é que entre nós, isto não existe somente no cérebro, mas passa também à prática – observei.

– Homens de papel – repetiu Chátov.

– Mas, todavia, atravessar o oceano num navio de emigrantes, ir para um país desconhecido, mesmo "a fim de fazer uma experiência pessoal" e tudo quanto se segue, com a breca! é preciso verdadeira grandeza de alma, coragem… Mas como saíram de lá?

– Escrevi a alguém na Europa e essa pessoa me enviou cem rublos.

Enquanto falava, Chátov mantinha os olhos obstinadamente fixos no chão, como sempre fazia, mas quando estava exaltado. No entanto, desta vez, levantou bruscamente a cabeça.

– Quer que lhe diga o nome dessa pessoa?

– Quem era?

– Nikolai Stavróguin.

Levantou-se bruscamente, dirigiu-se para sua escrivaninha, uma mesa de madeira de tília, e pôs-se a procurar alguma coisa. Circulava entre nós um vago rumor, embora bem digno de fé, segundo o qual a mulher de Chátov tivera, durante algum tempo, uma ligação com Nikolai Stavróguin, e isto, pouco mais ou menos uns dois anos antes, isto é, na época em que Chátov estava na América. É verdade que fora bem depois que sua mulher o abandonara em Genebra. “Se é verdade, por que se empenha em evocar assim o nome dele e pôr-me a par desse caso?” perguntei a mim mesmo.

– Até agora não lhe devolvi o dinheiro – disse, voltando-se de novo bruscamente para mim e, olhando-me fixamente, voltou a sentar, como antes, no seu canto e perguntou-me com voz entrecortada, num tom bem diferente:

– O senhor deve ter vindo cá, sem dúvida, por algum motivo. Que quer?

Contei-lhe tudo, logo, na ordem cronológica exata e acrescentei que, embora tivesse tido tempo de pensar nisso friamente, desde que a primeira emoção se havia acalmado, sentia-me mais embaraçado do que nunca. Via que se tratava de algo muito importante para Elisavieta Nikoláievna. Estava muito desejoso de ir-lhe em auxílio, mas a desgraça estava em que não sabia eu como cumprir a promessa que lhe fizera e que, mesmo agora, não me dava bem conta do que lhe prometera. Em seguida, renovei-lhe, em termos decisivos, a certeza de que ela não tivera a intenção de enganá-lo e que nem mesmo pensara

nisso; houvera um mal-entendido e ela se sentira bastante desgostosa por causa da partida precipitada dele havia pouco…

Escutou-me com muita atenção.

– Talvez, com efeito, tenha eu cometido uma estupidez então, como é meu costume… Enfim, se ela não compreendeu por que saí de sua casa daquela maneira… tanto melhor para ela.

Levantou-se, aproximou-se da porta, abriu-a e se pôs a escutar na escada.

– O senhor mesmo deseja ver essa pessoa?

– É bem isso que queria, mas como fazer? – exclamei, alvoroçado.

– Desçamos simplesmente, enquanto ela está sozinha. Quando ele voltar, vai lhe bater com violência, se descobrir que estivemos com ela. Vou muitas vezes vê-la às ocultas. Eu mesmo dei-lhe uma coça, esta manhã, quando ele recomeçou a bater-lhe.

– Que quer dizer?

– Fiz com que ele a largasse, puxando-o pelos cabelos. Queria bater-me, mas fiz-lhe medo e isto acabou assim. Receio que ele volte bêbado e que não se tenha esquecido de nada. Baterá nela cruelmente por causa da cena de inda há pouco.

Descemos imediatamente.

## *V*

A porta de Liebiádkin estava fechada, mas não à chave e entramos livremente. Seu apartamento compunha-se de duas peças muito ruins e pequenas, de paredes enfumaçadas, cujo papel de forro, muito sujo, caía literalmente aos pedaços. Servira durante alguns anos de restaurante, até o dia em que Filípov, o taverneiro, arranjou outro lugar. As salas que compunham outrora o restaurante estavam fechadas agora e os Liebiádkini não tinham à sua disposição senão aquelas duas peças. Exceto uma velha poltrona que perdera os braços, consistia o mobiliário em simples bancos e mesas de pinho. No

segundo quarto, havia, num canto, o leito em que dormia a Senhorita Liebiádkina, coberto por uma colcha de chita da índia. Quanto ao capitão, dormia não importava onde, a maior parte das vezes vestido. Tudo estava em desordem, úmido, sujo; um grande trapo jazia no soalho, todo molhado, no meio do primeiro quarto, e um sapato velho cambado estava caído ao lado, bem no meio duma poça. Era evidente que ninguém cuidava de nada ali. A estufa estava apagada; não se cozinhava. Aquela gente nem mesmo samovar possuía, segundo os pormenores fornecidos por Chátov. O capitão chegara à nossa cidade com sua irmã num estado de miséria absoluto e, nos primeiros tempos, como dizia Lipútin, ia mendigar de porta em porta. Mas tendo recebido dinheiro, de repente, logo se pusera a beber e caíra em tal estado de embrutecimento que nem cuidava de seus negócios.

A Senhorita Liebiádkina, que eu tanto desejava ver, mantinha-se silenciosa e tranquilamente sentada num banco, diante de uma mesa de cozinha de madeira branca, colocada num canto do segundo quarto. Quando abrimos a porta, não nos dirigiu a palavra e nem mesmo fez sinal de levantar. Chátov me disse que a porta que dava para o corredor não se fechava à chave e que, uma vez, ficara escancarada a noite inteira. A fraca luz duma pequena vela, fincada num castiçal de ferro, distingui uma mulher duns trinta anos talvez, duma magreza doentia, com um velho vestido de algodão escuro; seu longo pescoço estava descoberto, seus raros cabelos negros torcidos na nuca num coque não mais grosso do que o punho de uma criança de dois anos. Olhou-nos com ar bastante alegre. Além do castiçal, tinha diante de si, em cima da mesa, um espelhinho rústico, um velho baralho, um livrinho de canções todo estragado e um pãozinho alemão bem branco, que já havia sofrido duas mordidelas. Podia-se verificar que a Senhorita Liebiádkina usava pó de arroz e carmim e pintava os lábios. Tingia também as sobrancelhas que já eram suficientemente finas, longas e negras. Três longas rugas cavavam-se profundamente na sua testa alta e estreita, a despeito da camada de pó de arroz que a cobria. Eu já sabia que ela era coxa, mas desta vez não levantou, nem caminhou em nossa presença. No tempo de sua juventude, em certo momento, aquele rosto fanado pudera ser bonito; hoje ainda seus olhos cinzentos, doces e acariciantes, permaneciam notáveis. Algo de sonhador e de franco brilhava no seu olhar tranquilo, quase alegre.

Aquela doce serenidade, que seu sorriso igualmente refletia, não deixava de me causar admiração depois de tudo quanto ouvira contar a respeito da chibata de cossaco e da violência de seu irmão. Coisa estranha, em lugar da sensação penosa de desgosto e mesmo de temor que se experimenta comumente diante dessas criaturas, castigadas pela mão de Deus, senti desde o começo quase prazer em olhá-la, e, mais tarde, o sentimento que se apoderou de mim foi decerto compaixão, mas de modo algum repulsa.

– Aí está como fica ela sentada e literalmente durante dias inteiros, sozinha, sem se mexer, jogando cartas ou olhando-se em seu espelho – disse Chátov, mostrando-a da soleira da porta. Ele não lhe dá de comer, compreende? Algumas vezes a velha que mora no pavilhão lhe traz alguma coisa por caridade. Como se pode deixá-la assim sozinha com uma vela?

Para minha grande surpresa, Chátov falava em voz bem alta, como se ela não estivesse ali presente.

– Bom-dia, Chátuchka![65] – disse a Senhorita Liebiádkina, num tom afável.

– Trago-te um visitante, Maria Timofiéievna – respondeu Chátov.

– Honra seja feita ao visitante. Não sei quem me anuncias; não me lembro quem seja. – Examinou-me atentamente por trás da vela; depois, voltou-se logo para Chátov (durante todo o resto da conversa não se ocupou mais comigo, como se não estivesse eu a seu lado).

– Ficaste cansado de andar sozinho de um lado para outro em teu quarto? – perguntou ela, sorrindo e descobrindo duas filas de dentes magníficos.

– Perfeitamente e além disso tinha vontade de vir ver-te.

Chátov aproximou um banco da mesa, sentou-se e fez-me sentar junto dele.

– Sinto-me sempre feliz em conversar contigo, se bem que me pareças engraçado, Chátuchka. És como um monge. Desde quando não

te penteias? Deixa-me pentear-te. – Tirou um pente de seu bolso. – Deves não ter tocado em teus cabelos, desde que te penteei pela última vez.

– Mas é que não tenho pente – respondeu Chátov, rindo também.

– Deveras? Então vou te dar o meu; não este, mas outro. Somente, lembra-me isso.

Com o ar mais sério do mundo, ela começou a penteá-lo. Fez mesmo uma risca de lado, recuou um pouco para julgar do efeito e repôs o pente no bolso.

– Queres que te diga, Chátuchka? – Ela abanou a cabeça. – És talvez um homem sensato e, no entanto, te aborreces. É para mim uma coisa estranha o que vocês todos parecem ser. Não compreendo como é que as pessoas se aborrecem. Ser triste não é aborrecer-se. Eu, divirto-me.

– Mesmo quando teu irmão está aqui, tu te divertes?

– Falas de Liebiádkin? É meu lacaio. É-me indiferente que ele esteja aqui ou não. Grito-lhe: "Liebiádkin, traga água!", ou então: "Liebiádkin, traga-me meus sapatos!" e ele corre a buscá-los. Às vezes faço mal em rir, olhando-o!

– É perfeitamente exato isto – disse Chátov, falando-me bem alto, sem se constranger. – Ela o trata absolutamente como a um lacaio. Eu mesmo ouvi-a gritar: "Liebiádkin, traga-me água!". E ela ria, ao dizê-lo. A única diferença é que, em lugar de ir buscar água, ele a surra; ela, porém, não tem medo nenhum dele. É sujeita a ataques nervosos que se reproduzem quase todos os dias e lhe roubam a memória, tanto que esquece ela tudo quanto acaba de passar-se e não tem mais nenhuma noção de tempo. O senhor imagina que ela se lembra como o senhor entrou? Talvez se lembre, com efeito, mas sem dúvida tudo arranjou já a seu modo e nos toma agora como outras pessoas, se bem que tenha lembrança de que sou "Chátuchka". Não importa que eu fale alto. Deixou de escutar as pessoas que lhe falam e mergulha nos seus devaneios. Sim, mergulha neles totalmente. Para devanear, não tem igual; ficará sentada durante oito horas, durante dias inteiros, no

mesmo lugar. Não está vendo um pãozinho em cima da mesa? Talvez dele não tenha comido, senão um pequeno pedaço desde a manhã e só virá a acabá-lo amanhã. Veja, ei-la que começa a botar cartas.

– Tento todo o tempo, Chátuchka, botar cartas, mas não dá certo –, disse de repente Maria Timofiéievna, ao ouvir a palavra cartas bruscamente. – Dizia a mesma coisa à Madre Praskóvia – (tinha muito provavelmente também ouvido que se falava do pãozinho). Acabou agarrando-o, mas depois de havê-lo conservado algum tempo em sua mão esquerda, e como sua atenção se voltasse para a conversa que prosseguia, pousou-o maquinalmente sobre a mesa sem ter dele provado.

– É sempre assim: uma viagem, um homem mau, uma traição, um leito de morte, uma carta, uma notícia inesperada. Mentiras, tudo isso, é a minha opinião. Que dizes, Chátuchka? Se as pessoas podem mentir, por que não as cartas? – disse ela, misturando as cartas bruscamente. – Dizia a mesma coisa à Madre Praskóvia que é uma mulher muito respeitável; ela corria à minha cela para que eu botasse as cartas, às escondidas da Madre Superiora. Sim, não era ela a única irmã que lá ia. Suspiram, escutam-me com meneios de cabeça, falam entre si enquanto eu rio: “Donde quer que lhe chegue uma carta, Madre Praskóvia? pergunto-lhe, – já que a senhora não recebe uma sequer há doze anos?”. Sua filha fora levada para a Turquia pelo marido e durante dez anos não dera sinal de vida. Mas eis que no dia seguinte, à noite, tomo chá com a Madre Superiora, que é princesa de nascimento; havia também uma senhora de visita, uma grande sonhadora, e um fradinho do Monte Atos, que lá se encontrava também, um homenzinho bastante engraçado, a meu ver. E acreditarias, Chátuchka, aquele monge do Monte Atos tinha, naquela manhã mesmo, trazido da Turquia para dita Praskóvia uma carta de sua filha – veja só, o valete de ouros – uma notícia inesperada! Bebemos nosso chá e o monge do Monte Atos disse à Madre Superiora: “Veneranda Madre Superiora, Deus abençoou vosso convento entre todos, pois que conservais dentro de suas paredes um tão grande tesouro”. – “De que tesouro se trata”, perguntou a Madre Superiora. – “A Madre Elisavieta, a Bem-Aventurada.” Essa Elisavieta, a Bem-Aventurada, está encerrada na parede do claustro, numa caixa de sete

pés de comprimento e de sete pés de altura. Permanece ali sentada, por trás de grades de ferro, desde dezesseis anos, sem outra roupa a não ser uma estamenha de cânhamo, verão e inverno, onde mete palha ou alguns raminhos; nada diz, não se penteia, não se lava há dezesseis anos. No invemo, põem dentro de sua caixa uma pele de carneiro e, todos os dias, um pedaço de pão e uma bilha d'água. Os peregrinos a contemplam com muitos suspiros e exclamações e fazem ofertas em dinheiro. "Eis um tesouro nada belo", responde a Madre Superiora (estava com raiva, porque detestava Elisavieta). "Elisavieta só fica ali por maldade, por teimosia, não passa de uma simuladora." Isto me desagradou; pensava naquele momento em também eu me enclausurar. "Parece-me, disse eu, que Deus e a Natureza são exatamente a mesma coisa." Voltaram-se todos para mim, exclamando: "Vejam só isso!". A Madre Superiora pôs-se a rir, disse alguma coisa em voz baixa à tal dama, chamou-me para junto dela e me acariciou, e a dama fez-me presente de uma fita cor-de-rosa. Queres vê-la? O monge se pôs a pregar-me um sermão. Mas falava tão delicadamente e com tanta sabedoria que fiquei sentada ali a escutá-lo. "Compreende?", perguntou-me. "Não, disse-lhe, não compreendi nada, deixe-me tranquila." Desde aquele tempo, sempre me deixaram em paz, Chátuchka. Enquanto isso, uma velha senhora, que morava no convento, onde fazia penitência por ter predito o futuro, cochichou-me ao sair da igreja: "Qual é na tua opinião a mãe de Deus?". – "A grande mãe, respondi-lhe, a esperança do gênero humano." – "Sim, continuou ela, a mãe de Deus é a grande mãe, a terra úmida, e nisto reside uma grande alegria para os homens. E cada sofrimento terrestre, cada lágrima terrestre é para nós uma alegria e quando tiveres empapado de lágrimas a terra, até a profundidade de um pé, então logo te rejubilarás com tudo, e não existirá mais tua dor, não existirá absolutamente segundo a profecia." Esta frase gravou-se então profundamente em meu coração. Depois, quando me prosterno, fazendo minha oração, tomei o hábito de beijar a terra. Beijo-a e choro. Sou eu quem diz, Chátuchka, não há nenhum mal nessas lágrimas; e mesmo se não se tem pesar, vertem-se lágrimas de alegria. As lágrimas correm por si, é a verdade. Por vezes vou à margem do lago; dum lado está nosso convento, do outro a montanha em ponta que se chama o Pico. Galgo por vezes essa montanha, volto meu rosto para o Oriente, caio no chão e, choro, choro, não sei quanto tempo

fico assim chorando, e não me lembro de nada e não sei mais nada de nada. Em seguida, levanto-me para voltar, e o sol se põe tão grande, tão belo, tão glorioso! Gostas de olhar o sol, Chátuchka? É belo, mas causa tristeza. Volto-me de novo para o Oriente e a sombra, a sombra de nossa montanha corre sobre nosso lago como uma flecha, longa, longa e estreita, estendendo-se a uma milha além, até a ilha que se encontra no lago, e ali, corta em dois pedaços essa ilha de pedra e, ao cortá-la, o sol acaba de deitar-se e de súbito tudo se extingue. Então, tudo ficou triste, a memória bruscamente volta, tenho medo da escuridão, Chátuchka. E o que choro sobretudo é meu filhinho…

– É mesmo verdade que tiveste um filho? – e Chátov, que tudo escutara com atenção, bateu-me com o cotovelo.

– Mas decerto. Um bebezinho rosado, todo pequenino com unhas muito pequeninas, e meu único pesar é não poder me lembrar se é um menino ou uma menina. E quando ele veio ao mundo, enrolei-o em cambraia e rendas, pus nele fitas cor-de-rosa, cobri-o de flores, preparei-o e rezei por ele. Levei-o sem ser batizado através da floresta. E tenho medo nos bosques e fico apavorada. O que me faz sobretudo chorar é que tive um filho sem ter marido.

– Talvez tivesses um, não? – perguntou Chátov, com circunspecção.

– Tu és ridículo, Chátuchka, com tuas reflexões. Tinha um talvez, mas de que serve ter um, uma vez que é como se não tivesse tido? Eis um enigma fácil, decifra-o – disse ela, rindo.

– Aonde, pois, levaste teu filho?

– Levei-o ao lago – respondeu ela, com um suspiro.

Chátov acotovelou-me de novo.

– E se nunca tivesses tido filho, se tudo isso não fosse senão delírio?

– Tu me fazes uma pergunta difícil, Chátuchka – respondeu ela, com um ar pensativo, sem parecer de modo algum surpreendida com

aquela pergunta. – Nada posso dizer-te a respeito; talvez nunca tenha tido, com efeito. Penso que é somente por curiosidade que me interrogas. Em todo o caso, não cessarei de chorá-lo. Não é possível que tenha sonhado. – E grossas lágrimas brilharam em seus olhos. – Chátuchka, Chátuchka, é verdade que tua mulher te deixou?

Colocou de súbito suas duas mãos sobre os ombros dele e fitou-o com um olhar compadecido.

– Não te zangues, também sinto meu coração dolorido. Sabes, Chátuchka, que tive um sonho? Ele voltou para meu lado, fez-me sinal, chamou-me: "Minha gatinha, gritou para mim, minha gatinha, vem comigo!". E fiquei mais encantada com esse "gatinha" do que com tudo mais. Ele me ama, pensei.

– Talvez ele venha realmente – murmurou Chátov à meia voz.

– Não, Chátuchka, isto não passa de um sonho… Ele não pode vir realmente. Tu conheces a canção:

> Dum palácio faustoso não preciso,
> A mim bastando ter humilde cela.
> Lá viverei para salvar minha alma
> E sempre a Deus por ti hei de rezar.

Oh! Chátuchka, Chátuchka, meu caro amigo, por que não me interrogas nunca sobre coisa alguma?

– Porque não dirias nada. Por isso não te faço perguntas.

– Não direi nada, não direi nada – retornou ela, vivamente. – Podem matar-me, não direi nada. Podem queimar-me, não direi nada. E seja o que for que tiver de sofrer, não direi nada, de mim jamais saberão coisa alguma.

– Bem vês. A cada qual, sua mania – disse Chátov num tom mais baixo ainda e com a cabeça cada vez mais pendida.

– No entanto, se me perguntasses, talvez te dissesse, sim, talvez… – repetiu ela com exaltação. – Por que não me perguntas? Pergunta, pergunta bem, Chátuchka, talvez eu diga. Suplica-me, Chátuchka, a

fim de que eu consinta em fazê-lo, espontaneamente, Chátuchka, Chátuchka!

Mas Chátuchka permanecia mudo. Durante um minuto o silêncio foi geral. Lágrimas corriam lentamente sobre as faces pintadas da coxa. Mantinha-se ali, com as duas mãos esquecidas sobre os ombros de Chátov, mas não o fitava mais.

– Afinal de contas, nada tenho com isso – disse Chátov, levantando de repente do banco.

– Vamos, levante! – Tirou o banco sobre o qual eu estava sentado e colocou-o no lugar onde ele estava antes.

– Ele vai voltar e não convém que duvide de nada. É tempo de partir.

– Ah! falas ainda de meu lacaio? – exclamou Maria Timofiéievna, disparando a rir. – Tens medo dele? Pois bem! Adeus, meus caros visitantes, mas escutem um instante, tenho alguma coisa a dizer-lhes. Esse Nílitch veio ainda há pouco aqui com Filípov, o proprietário, o ruivo barbudo, quando o meu latagão estava a bater-me. O proprietário agarrou-o e arrastou-o pelo quarto, enquanto ele gritava: “Não é culpa minha, sofro por causa do pecado alheio”. Então, acreditam vocês?, todos, todos nós, disparamos a rir…

– Ora, Maria Timofiéievna, fui eu e não o ruivo, fui eu que o arranquei de ti pela barba, esta manhã. Quanto ao proprietário, veio antes de ontem fazer barulho. Confundiste tudo.

– Espera! É verdade que confundi tudo. Talvez foste tu mesmo. Para que discutir bagatelas? Que adianta a ele que seja um ou outro que lhe dê uma surra? – Pôs-se a rir.

– Partamos! – disse de súbito Chátov, puxando-me pelo braço. – A porta está rangendo, ele vai encontrar-nos aqui e baterá nela.

Com efeito, não tivéramos ainda tempo de subir a escada, quando ouvimos na porta um grito de bêbado e uma saraivada de pragas. Chátov fez-me entrar em seu quarto, cuja porta fechou a duas voltas.

– Será preciso que o senhor fique aqui um instante, se não quiser complicações. Berra como um porco. Decerto deve ter tropeçado mais uma vez na soleira da porta. Todas as vezes cai de; barriga no chão.

No entanto, não pudemos evitar a complicação.

## *VI*

Chátov mantinha-se junto da porta fechada de seu quarto a escutar o que se passava na escada; de repente deu um salto para trás.

– Vem para cá, bem o sabia – murmurou ele, com raiva. – Não haverá meio de nos desembaraçarmos dele antes da meia-noite.

Vários murros caíram sobre a porta.

– Chátov! Chátov! Abre! – gritava o capitão: – Chátov, meu amigo…!

Vim aqui para dizer-te
Que o sol no céu já se ergueu,
Que a mata se abrasa e tr-r-r-eme[66]
Ao calor do beijo seu.
Dizer-te que já me ergui
(Que os diabos te levem!)
Bem desperto… sob os ramos.

Como quem diria debaixo da chibata, ah! ah! ah!

Os passarinhos… têm… sede.
Dizem que vou… beber um gole,
Beber… não… faço outra coisa…

O diabo o leve com sua curiosidade estúpida! Chátov, compreendes, quanto é bom viver neste mundo?

– Não responda! – repetiu-me Chátov, baixinho.

– Abre a porta! Compreendes que há algo de mais elevado do que brigar… entre criaturas humanas, há momentos em que um homem de hon… de hon… de honra… Chátov, sou um bom príncipe, perdoo-te… Chátov, o diabo leve as proclamações, não é?

Silêncio.

– Compreendes, asno que és, que estou apaixonado, que comprei uma casaca de gala? Repara só a casaca de amor, quinze rublos! O amor de um capitão exige os refinamentos da moda… Mas abre então a porta! – urrou ele de repente com furor e se pôs a esmurrar furiosamente a porta.

– Vai-te para o diabo! – berrou de repente Chátov.

– Es…cra…vo! Ser…vo! Tua irmã também é uma escrava e uma serva como tu… e uma ladra!

– E tu, tu vendeste tua irmã.

– Mentes. Sou vítima duma calúnia. Poderia com uma só palavra… Compreendes quem ela é?

– Quem é ela? – perguntou Chátov, aproximando-se logo da curiosidade.

– Mas não compreendes?

– Sim, compreenderei, fala.

– Não tenho medo de falar! Nunca tive medo de dizer o quer que seja em público.

– Não há perigo de ousares! – zombou Chátov, atiçando-o, enquanto fazia sinal para escutar.

– Eu não ousaria, eu?

– Então, conta depressa, se não tens medo das chibatadas de teu senhor. És um covarde, apesar de seres capitão!…

– Eu… eu… ela é… – gaguejou Liebiádkin, com voz trêmula.

– Então? – disse Chátov com a orelha colada à porta.

Fez-se um silêncio que durou pelo menos uns trinta segundos.

– Ca… na… lha – ouviu-se gritar, enfim, do outro lado da porta e o capitão bateu em retirada precipitadamente para o andar inferior, soprando como um samovar e tropeçando em cada degrau.

– Não é um velhaco. Não quer trair-se, mesmo em estado de embriaguez.

Chátov afastou-se da porta.

– De que se trata então? – perguntei.

Chátov evitou responder com um gesto e tornou a ir escutar na escada. Escutou por muito tempo e desceu mesmo alguns degraus a passos cautelosos. Por fim, voltou.

– Não se ouve nada. Não vai então bater-lhe; deve ter caído no chão como um cepo e adormecido. É hora do senhor ir embora.

– Escute, Chátov, que devo concluir de tudo isso?

– Ora! conclua o que quiser – respondeu ele com uma voz cansada e de mau humor e sentou-se à sua mesa de trabalho.

Retirei-me. Uma ideia inverossímil tomava corpo cada vez mais em meu espírito. Pensava com angústia no dia de amanhã.

## *VII*

O “amanhã”, isto é, o domingo mesmo em que devia decidir-se irrevogavelmente a sorte de Stiepan Trofímovitch, terá sido um dos dias mais memoráveis de minha crônica. Foi um dia de surpresas, um dia que forneceu a solução de certos enigmas e que propôs novos, um dia de revelações espantosas e de perplexidades ainda mais embaraçosas. Pela manhã, como já sabe o leitor, eu devia, a pedido particular de Varvara Pietrovna, acompanhar meu amigo na visita que ia fazer-lhe e, às três horas da tarde, devia encontrar-me em casa de Elisavieta Nikoláievna para dizer-lhe – não sabia bem que – e para ajudá-la – não sabia absolutamente como. E, enquanto esperava, tudo terminou como ninguém teria podido supor. Em suma, foi um dia de coincidências extraordinárias.

Para começar, quando chegamos, Stiepan Trofímovitch e eu, à casa de Varvara Pietrovna, precisamente ao meio dia, hora que ela havia marcado para nós, não a encontramos em casa; ainda não voltara da missa. Meu pobre amigo achava-se em tais condições, ou para falar mais exatamente, em tão más disposições, que aquela circunstância encheu-o de repente de terror; deixou-se cair quase desmaiado sobre uma poltrona do salão. Dei-lhe um copo d'água, mas, apesar de sua palidez e tremor das mãos, recusou com dignidade. Sua aparência, naquela ocasião, era, seja dito de passagem, das mais rebuscadas: sua camisa de cambraia bordada era quase uma camisa de baile, trazia uma gravata branca, um chapéu novinho que conservava na mão, luvas cor de palha e até um pouco de perfume. Mal acabávamos de sentar, quando foi Chátov introduzido pelo criado, manifestamente, também ele, com convite formal. Já Stiepan Trofímovitch se levantava para estender-lhe a mão, quando Chátov, depois de haver olhado atentamente para nós ambos, dirigiu-se para um canto da sala, onde se sentou sem mesmo fazer um gesto de cabeça para nós. Stiepan Trofímovitch de novo olhou-me com ar de espanto.

Ficamos assim alguns minutos ainda, num silêncio absoluto. Stiepan Trofimovitch pôs-se de repente a dizer-me alguma coisa em voz baixa e muito depressa, mas nada pude compreender e, aliás, estava ele próprio tão agitado que não chegou ao fim de sua frase e parou de falar. O criado voltou ainda para arranjar alguma coisa em cima da mesa, mas mais provavelmente para lançar uma olhadela a todos nós. Bruscamente Chátov interrogou-o com voz forte:

– Alieksiei Iegóritch, sabe se Dária Pavlovna foi com ela?

– Varvara Pietrovna decidiu ir sozinha à catedral e Dária Pávlovna resolveu ficar em cima em seu quarto, sentindo-se indisposta – anunciou Alieksiéi Iegóritch, cerimoniosamente, e num tom de censura.

Meu pobre amigo lançou-me de novo um olhar furtivo e inquieto, de modo que acabei por voltar-lhe as costas. De repente, ouviu-se o ruído de um carro diante da porta de entrada e um rumor distante no exterior da casa advertiu-nos de que a dona da casa estava de volta. À

pressa levantamo-nos de nossas poltronas, mas nova surpresa nos esperava; percebemos o tropel de passos de várias pessoas, o que significava que nossa anfitriã não havia entrado sozinha, e era decerto um tanto estranho, uma vez que ela havia marcado hora para a entrevista conosco. Por fim ouvimos alguém entrar com uma precipitação estranha, como que correndo, e como Varvara Pietrovna não seria capaz de fazer. E, de súbito, esta como que irrompeu por assim dizer no salão, toda ofegante e extraordinariamente agitada. Atrás dela, alguns instantes depois, e muito mais tranquilamente, entrou Elisavieta Nikoláievna, trazendo pela mão Maria Timofiéievna Liebiádkina! Se tivesse eu visto isto em sonho, não teria acreditado, mesmo naquele momento.

Para explicar um fato tão inesperado, é preciso que eu volte atrás uma hora e conte mais em detalhe a extraordinária aventura acontecida a Varvara Pietrovna, enquanto ela estava na igreja.

Em primeiro lugar, quase toda a cidade, isto é, bem entendido, o elemento superior da sociedade, encontrava-se reunido na catedral. Sabia-se que a mulher do Governador devia ali aparecer pela primeira vez, desde sua chegada à nossa cidade. Devo assinalar aqui que corria boato de que ela fosse livre-pensadora e toda dedicada aos “novos princípios”. Todas aquelas senhoras sabiam igualmente que ela estaria trajada com muito luxo e uma elegância extraordinária. De modo que aquelas senhoras exibiram, naquela ocasião, seus melhores adornos e seus mais ricos vestidos. Apenas Varvara Pietrovna estava modestamente trajada de preto, como era seu hábito havia quatro anos. Chegada à catedral, foi ocupar seu lugar habitual na primeira fila à esquerda e um lacaio de libré depôs diante dela um coxim de veludo sobre o qual devia ajoelhar-se; em suma, tudo se passara como de costume. Mas notou-se também que, do começo ao fim da cerimônia, rezou ela com fervor extremo. Mais tarde afirmou-se, ao repassar o que acontecera naquele dia, que ela estivera com lágrimas nos olhos. Terminada por fim a cerimônia, nosso *protoieiriéi*, o Padre Paulo, achou de seu dever pronunciar um sermão solene. Eram muito apreciados em nosso meio os seus sermões, tidos em grande estima e por vezes mesmo tratava-se de persuadi-lo a mandá-los imprimir, mas ele jamais podia resolver-se a isso. Todavia, naquela ocasião durou

demais o sermão.

E eis que, durante o sermão, chegou uma dama diante da catedral, num velho *drójki* de aluguel, um desses veículos nos quais as senhoras não se podiam assentar senão de lado, agarrando-se à cintura do cocheiro e sacudidas a cada solavanco como o é uma haste de erva pelo vento. Vê-se ainda hoje um desses *drójki* em nossa cidade. Parando na esquina da catedral – porque numerosas carruagens particulares e até mesmo policiais estacionavam diante das portas, – a senhora saltou do *drójki* e pagou ao cocheiro quatro copeques de prata.

– Então, não é bastante, Vânia?[67] – exclamou ela, vendo que ele fazia uma careta. – É tudo quanto tenho – acrescentou, queixosa.

– Vamos, está bem, Deus te abençoe! Tomei-te sem fixar preço – disse Vânia com um gesto resignado e olhando com ar de quem diz: "Seria pecado ofender-te". Nisto enfiou para dentro da blusa sua bolsa de couro, fustigou seu cavalo e afastou-se perseguido pelas risadas dos cocheiros que se encontravam em redor. Risadas também e exclamações de surpresa perseguiram a recém-chegada, enquanto ela abria caminho para as portas da catedral, entre as carruagens e os lacaios que aguardavam a próxima saída de seus senhores. E, na verdade, havia algo de insólito e de surpreendente para todos ver aparecer de repente tal pessoa entre os que se achavam na rua. Era duma magreza estranha e trazia o rosto escandalosamente empoado e pintado; seu comprido pescoço estava totalmente descoberto: não trazia nem fichu, nem peliça, todo o seu traje era um velho vestido de cor escura para aquele dia de setembro, frio e ventoso, embora cheio de sol. Estava sem chapéu e com os cabelos torcidos num coque minúsculo, à direita do qual estava fincada uma rosa artificial, como aquela com que se ornam os querubins na festa de Ramos. Na véspera, eu havia precisamente observado um desses querubins, coroados de rosas de papel, num canto, acima dos ícones, por ocasião de minha visita a Maria Timofiéievna. E para cúmulo, se bem que a senhora andasse de olhos baixos, modestamente, alegre e malicioso sorriso vagava-lhe pelo rosto. Se se tivesse retardado um pouco mais, não lhe teriam talvez permitido transpor a soleira da catedral. Mas conseguiu infiltrar-se até a porta e, penetrando no templo, foi avançando sem

chamar a atenção.

Se bem que se estivesse quase no meio do sermão e o auditório numeroso que enchia a catedral o escutasse com uma emoção recolhida e silenciosa, vários pares de olhos voltaram-se, não obstante, com uma curiosidade estupefata para a recém-chegada. Esta, ajoelhando-se, inclinou até o chão seu rosto pintado e ficou muito tempo assim, chorando, pelo que se podia julgar; mas, erguendo a cabeça, recompôs-se logo e recuperou seu bom humor. Com um prazer manifesto e intenso, passeou seu olhar pelos rostos em redor, bem como pelas paredes da catedral. Examinou algumas daquelas senhoras com uma curiosidade particular, erguendo-se mesmo na ponta dos pés para olhá-las, e rindo mesmo, com um riso estranho, uma ou duas vezes. Mas já o sermão chegara a seu termo e a cruz estava sendo apresentada aos fiéis. A mulher do Governador foi a primeira a se dirigir para a cruz, mas parou quando se achou a apenas dois passos, desejosa evidentemente de ceder o lugar a Varvara Pietrovna, que, do lado dela, se aproximava em linha reta, como se não tivesse notado ninguém à sua frente. Havia naquele gesto extraordinário de deferência da parte da mulher do Governador uma malícia evidente e a que não faltava habilidade; todos tiveram essa impressão; Varvara Pietrovna deve tê-la sentido também, mas seguiu seu caminho, não parecendo notar ninguém, e, com o mesmo ar de dignidade imperturbável, beijou a cruz e logo deu meia volta para sair da catedral. Um lacaio de libré abria a passagem diante dela, se bem que cada qual recuasse espontaneamente para deixá-la passar. Mas à saída, a multidão que se comprimia no adro barrou-lhe um instante o caminho. Varvara Pietrovna parou e de súbito uma criatura estranha, extraordinária, a mulher da cabeça ornada duma rosa de papel, abriu passagem através da multidão e caiu de joelhos diante dela. Varvara Pietrovna, que não se perturbava facilmente, sobretudo em público, olhou-a com ar severo e imponente.

Apresso-me em observá-lo aqui, tão brevemente quanto possível, que, se Varvara Pietrovna se tornara, diziam, parcimoniosa e até mesmo avarenta, por vezes, entretanto, não olhava a despesas, sobretudo quando se tratava de obras de caridade. Era sócia duma sociedade de beneficência da capital. Durante o último ano de

carestia, remetera quinhentos rublos à comissão central de socorros aos famintos, o que não passara despercebido na cidade. Além do mais, muito pouco tempo antes da nomeação do novo governador, estivera a ponto de fundar uma comissão regional de senhoras, a fim de ir em auxílio às mais pobres parturientes da cidade e da província. Censuravam-lhe severamente entre nós o ser ambiciosa, mas a energia bem conhecida de Varvara Pietrovna, bem como sua teimosia estiveram bem a ponto de sobrepujar vitoriosamente todos os obstáculos. A sociedade estava quase formada e a ideia primitiva tomava uma extensão cada vez maior no espírito entusiasta da fundadora: já sonhava com fundar uma sociedade análoga em Moscou e estender-lhe pouco a pouco o campo de ação a todas as províncias da Rússia. E eis que agora, em consequência da mudança súbita de governador, tudo parara; a mulher do novo governador, dizia-se, emitira em sociedade certas observações mordazes e, o que era ainda pior, sensatas e cheias de propósito sobre o caráter irrealizável da ideia fundamental de uma comissão desse gênero. Tudo isso foi repetido, com amplificação, bem entendido, a Varvara Pietrovna. Só Deus conhece o fundo dos corações, mas imagino que Varvara Pietrovna deve ter sentido um verdadeiro prazer ao parar naquele momento, às portas mesmas da catedral, sabendo que a mulher do Governador, seguida de todos os fiéis, iria passar por ali naquele instante e "pudesse ver com seus próprios olhos o pouco caso que faço do que ela pensa e de todas as maldades que espalha a respeito da vaidade que retiro de minhas beneficências. Eis o que tenho para todos, assim que estiverem presentes!".

– Que há, minha cara? Que é que pede? – disse Varvara Pietrovna, olhando com mais atenção a mulher ajoelhada a seus pés e que a contemplava com uma expressão tremendamente confusa, envergonhada, mas quase reverente, e que de súbito voltou a rir com o mesmo risinho estranho.

– Que é que ela quer comigo? Quem é ela?

Varvara Pietrovna correu um olhar imperioso e interrogador sobre todos aqueles que a cercavam. Todos se mantinham calados.

– Sente-se infeliz? Tem necessidade de que alguém a socorra?

– Tenho necessidade… Vim… – balbuciou a “infeliz” criatura com uma voz partida pela emoção. – Vim simplesmente para beijar-lhe a mão…

Pôs-se de novo a rir. Com o ar ingênuo com que as crianças acariciam a gente, quando pedem um favor, inclinou-se para pegar a mão de Varvara Pietrovna, mas como que tomada dum terror pânico, retirou o braço para trás.

– Só veio para isto? – disse Varvara Pietrovna, com um sorriso de compaixão, mas logo tirou do bolso seu porta-moedas de nácar e dele uma cédula de dez rublos que ofereceu à desconhecida. Esta recebeu-a. Varvara Pietrovna estava fortemente interessada e não a olhava evidentemente como a uma mendiga comum.

– Viste? Ela lhe deu dez rublos – disse uma voz na multidão.

– Permita-me que lhe beije a mão – balbuciou a desconhecida, conservando bem apertada, entre os dedos de sua mão esquerda, a ponta da cédula de dez rublos que esvoaçava ao vento. Varvara Pietrovna franziu levemente o cenho e com um ar grave, quase severo, estendeu sua mão que a estranha beijou com respeito. O olhar reconhecido desta brilhou numa espécie de êxtase. No mesmo momento a mulher do Governador aproximou-se, seguida de toda uma multidão de senhoras e de altos funcionários que se comprimiam atrás dela. A mulher do Governador viu-se obrigada a parar um instante por causa da aglomeração; muitas pessoas fizeram o mesmo.

– Está tremendo, sente frio? – perguntou de repente Varvara Pietrovna e lançando para trás sua peliça que um lacaio apanhou no ar, tirou de seus ombros um xale negro de grande preço e com suas próprias mãos enrolou o pescoço descoberto da solicitante ainda ajoelhada.

– Mas trate de levantar-se, não fique de joelhos, peço-lhe!

A mulher levantou-se.

– Onde mora? Será possível que ninguém saiba onde ela mora?

Varvara Pietrovna correu de novo em redor de si um olhar impaciente. Mas já não era a multidão de havia pouco; não percebeu senão rostos de conhecidos, de gente da sociedade que observava aquela cena, uns com um espanto severo, outros com uma curiosidade sarcástica, e ao mesmo tempo com o desejo ingênuo de ver ocorrer algum incidente sensacional; outros começavam mesmo a rir.

– Creio que ela se chama Liebiádkina – condescendeu em responder enfim um bom homem à pergunta de Varvara Pietrovna. Era o nosso bom e respeitável comerciante Andriéiev, que usava óculos e barba branca, trajava um terno russo e mantinha na mão um chapéu redondo de copa alta. – Moram na casa de Filípov, na Rua da Epifania.

– Liebiádkina? Em casa de Filípov? Já ouvi falar, com efeito… Obrigada, Nikon Siemiônitch. Mas quem é esse Liebiádkin?

– Faz-se passar por capitão; devo dizer-vos que é um homem desconsiderado. E sem dúvida essa é irmã dele. Deve-se crer que haja iludido a vigilância dele – prosseguiu Nikon Siemiônitch à meia voz, lançando para Varvara Pietrovna um olhar significativo.

– Compreendo. Obrigada, Nikon Siemiônitch. Minha cara, é a Senhora Liebiádkina?

– Não, não sou a Senhora Liebiádkina.

– Então, talvez seja seu irmão que se chama Liebiádkin?

– Meu irmão se chama Liebiádkin.

– Eis o que vou fazer. Vou levá-la comigo agora, minha cara, e de minha casa vão levá-la à sua família. Quer vir comigo?

– Oh! sim – exclamou a Senhorita Liebiádkina, batendo as mãos uma contra a outra.

– Minha tia, minha tia, leve-me também com a senhora! – disse de súbito a voz de Elisavieta Nikoláievna.

Convém dizer que Elisavieta Nikoláievna viera à missa com a

mulher do Governador, ao passo que Praskóvia Ivânovna sua mãe, dava, por ordem do médico, um passeio de carruagem, e levara consigo Mavríki Nikoláievitch para se distrair. Lisa deixou bruscamente a mulher do Governador e correu para Varvara Pietrovna.

– Tu sabes, minha querida, que sempre tenho prazer em ver-te, mas que dirá tua mãe? – começou Varvara Pietrovna, num tom majestoso, mas perturbou-se de repente, ao notar a extrema agitação de Lisa.

– Titia, titia, é preciso absolutamente que eu vá com a senhora! – insistiu Lisa, beijando Varvara Pietrovna.

– *Mais qu'avez-vous donc, Lise*?[68]. perguntou a mulher do governador com acentuado espanto.

– Oh! perdoe-me, *chère cousine*, vou à casa de minha tia. – Lisa voltou-se para sua "cara prima" desagradavelmente surpreendida e pespegou-lhe dois beijos nas faces.

– E diga também a mamãe que vá me buscar o mais rápido possível em casa de minha tia. Mamãe tinha toda a intenção de ir vê-la, ela mesma o dizia esta manhã, mas esqueci-me de informar à senhora – prosseguiu Lisa com volubilidade. – Peço-lhe perdão, não fique zangada, *Julie…, chère cousine*. Minha tia, estou às ordens!

"Se a senhora não me levar, minha tia, sairei correndo atrás de sua carruagem, gritando", murmurou ela, rápida e desesperadamente, ao ouvido de Varvara Pietrovna. Felizmente ninguém a ouviu. Varvara Pietrovna recuou um passo e fixou um olhar penetrante na louca moça. Este olhar bastou para decidir tudo: resolveu levar Lisa consigo.

– É preciso por fim a isso! – deixou ela escapar à meia voz.

– Muito bem, vou te levar com prazer, Lisa – acrescentou em voz alta, – com a condição, bem entendido, de que Iúlia Mikháilovna consinta em deixar que venhas. – Com um ar cândido e com franca dignidade, dirigiu-se diretamente à mulher do Governador:

– Oh! decerto, não desejo privá-la desse prazer, tanto mais quanto eu mesma… – balbuciou Iúlia Mikháilovna, com uma afabilidade estupefata. – Eu mesma… sei bem que cabecinha fantasista e voluntariosa temos sobre os ombros! (Iúlia Mikháilovna mostrou encantador sorriso.)

– Agradeço-lhe infinitamente – disse Varvara Pietrovna, com uma saudação cortês e cerimoniosa.

– E é-me tanto mais agradável – prosseguiu Iúlia Mikháilovna, continuando a balbuciar quase com encantamento e mesmo corando de prazer e de emoção, – quanto, além do prazer em estar com a senhora, seja Lisa arrebatada por um sentimento tão belo, direi mesmo tão elevado… de compaixão… (lançou um olhar sobre a "infeliz") e… no adro mesmo do templo…

– Esta maneira de ver faz-lhe honra – aprovou Varvara Pietrovna, com condescendência. Iúlia Mikháilovna estendeu a mão com efusão e Varvara Pietrovna tocou-a com as pontas dos dedos com uma solicitude perfeita. A impressão geral foi excelente, o rosto de alguns dos assistentes irradiava de prazer, alguns sorrisos dulçorosos e insinuantes se mostraram.

Numa palavra, ficou demonstrado a toda a cidade que não fora Iúlia Mikháilovna que havia desdenhado Varvara Pietrovna, não a visitando, mas, pelo contrário, que Varvara Pietrovna havia "mantido Iúlia Mikháilovna à distância, quando esta se teria apressado em visitá-la, talvez mesmo a pé, se preciso, se tivesse tido a certeza absoluta de que Varvara Pietrovna não lhe recusaria sua porta". O prestígio de Varvara Pietrovna achou-se enormemente acrescido.

– Suba, minha cara, – disse Varvara Pietrovna, convidando com um gesto a Senhorita Liebiádkina a dirigir-se para a carruagem que se aproximara. A "infeliz" avançou alegremente para a portinhola da carruagem e ali o lacaio levantou-a em seus braços para ajudá-la a subir.

– Como! Você é coxa? – exclamou Varvara Pietrovna, que pareceu completamente aterrorizada e foi empalidecendo. (Todos notaram este detalhe no momento, mas ninguém o compreendeu.)

A carruagem afastou-se. A casa de Varvara Pietrovna estava situada bem perto da catedral. Lisa contou-me mais tarde que a Senhorita Liebiádkina foi sacudida por um riso histérico durante os três minutos que durou o trajeto, enquanto Varvara Pietrovna permanecia imóvel "como num sono hipnótico", segundo a própria expressão de Lisa.

## CAPÍTULO V / *A serpente sutil*

### *I*

Varvara Pietrovna puxou o cordão da campainha e deixou-se cair numa poltrona perto da janela.

– Sente aqui, minha cara. – Designou com um gesto a Maria Timofiéievna um assento no meio da sala, junto duma grande, mesa redonda. – Stiepan Trofímovitch, que quer dizer isso? Veja, veja, olhe essa mulher, que quer isso dizer?

– Eu… eu… – gaguejou Stiepan Trofímovitch.

Mas um criado entrou.

– Uma xícara de café, imediatamente; precisamos dele o mais breve possível. Não desatrele os cavalos.

– *Mais, chère et excellente amie, dans quelle inquiétude…* – exclamou Stiepan Trofímovitch, com uma voz morrente.

– Ainda bem! Francês! Francês! Vê-se logo que estamos na mais alta sociedade! – exclamou Maria Timofiéievna, batendo palmas e preparando-se com encantamento para ouvir uma conversa mantida em francês. Varvara Pietrovna olhou-a quase com terror.

Ficamos todos silenciosos, esperando ver como aquilo acabaria. Chátov não levantou a cabeça; quanto a Stiepan Trofímovitch, estava numa confusão extrema, como se tudo aquilo fosse culpa sua; gotas de suor perolavam-lhe as têmporas. Lancei uma olhadela a Lisa – que estava sentada no canto quase ao lado de Chátov. Seus olhos iam

vivamente de Varvara Pietrovna para a coxa e vice-versa; seus lábios estavam contraídos num sorriso, mas um sorriso que não era agradável de ver. Varvara Pietrovna viu aquele sorriso. Entretanto Maria Timofiéievna estava absolutamente no cúmulo da satisfação. Com um prazer manifesto, e sem o menor sinal de embaraço, passeava seu olhar pelo belo salão de Varvara Pietrovna, pelos móveis, pelos tapetes, pelos quadros pendurados das paredes, pelo velho forro pintado, pelo grande crucifixo de bronze colocado a um canto, pela lâmpada de porcelana, pelos álbuns e bibelôs pousados sobre a mesa.

– E tu também estás aí, Chátuchka! – exclamou ela, de repente. – Imagina que estou vendo-te desde muito tempo, mas pensava: não é ele! Como teria ele podido vir?

E ria com alegria.

– Conhece essa mulher? – perguntou Varvara Pietrovna, voltando-se logo para ele.

– Conheço-a – murmurou Chátov. Pareceu estar a ponto de levantar de sua cadeira, mas ficou sentado.

– Que sabe dela? Um pouco mais depressa, por favor!

– Oh! bem… – gaguejou ele, careteando um sorriso, sem motivo. – A senhora mesma vê…

– Que é que eu vejo? Vamos, fale!

– Ela mora na mesma casa que eu… com seu irmão… um oficial…

– E então?

Chátov gaguejou de novo:

– Não vale a pena falar… – murmurou ele e recaiu num silêncio obstinado. Corou mesmo por causa de sua resolução.

– Nada se pode esperar de sua parte, evidentemente – exclamou, indignada, Varvara Pietrovna. Era manifesto para ela, doravante, que

todos sabiam alguma coisa e que, por outra parte, estavam todos amedrontados, procuravam evitar suas perguntas, enfim desejavam sobretudo ocultar-lhe alguma coisa.

O lacaio entrou e apresentou-lhe, numa bandejinha de prata, a xícara de café que ela havia pedido tão especialmente, mas, a um sinal dela, dirigiu-se logo com a xícara para Maria Timofiéievna.

– A senhora estava com muito frio ainda há pouco, minha cara menina; apresse-se em beber esse café para aquecer-se.

– *Merci.* – Maria Timofiéievna tomou a xícara e lançou logo um risinho nervoso ao pensar que dissera em francês "obrigado" a um criado. Mas reencontrando o olhar desaprovador de Varvara Pietrovna, foi tomada dum acesso de timidez e pousou a xícara sobre a mesa.

– Pelo menos, a senhora não está zangada, não é, tiazinha? – balbuciou ela com uma espécie de vivacidade divertida.

– O quê… – Varvara Pietrovna estremeceu e enrijou-se na cadeira. – Não sou sua tia. Em que está pensando?

Maria Timofiéievna, que não esperava tal explosão de cólera, pôs-se a tremer toda, com pequenos arrepios convulsivos, como se estivesse presa duma crise súbita e encolheu-se no fundo da poltrona.

– Eu… eu… acreditava… que era assim que se devia, chamá-la – balbuciou ela, olhando Varvara Pietrovna com grandes olhos aturdidos. – Foi assim que Lisa a chamou.

– Que Lisa?

– Mas essa senhorita aqui – disse Maria Timofiéievna, apontando-a com o dedo estendido.

– Ela então é já Lisa para você?

– A senhora mesma a chamou assim, ainda há pouco – disse Maria Timofiéievna, tomando um pouco mais de ousadia. – sonhei justamente com uma beleza como essa – acrescentou, rindo duma

maneira inesperada.

Varvara Pietrovna refletiu um instante, acalmou-se um pouco e sorriu mesmo levemente com as derradeiras palavras de Maria Timofiéievna; esta, percebendo que ela sorria, levantou de sua cadeira e, coxeando, aproximou-se dela timidamente.

— Tome, esqueci de devolver-lhe. Não precisa me querer mal pela minha falta de polidez. – E retirou dos ombros o xale negro com que Varvara Pietrovna a envolvera.

— Quer ter a bondade de retomá-lo imediatamente? Pode ficar com ele para sempre. Volte a sentar, beba seu café e, rogo-lhe, não tenha medo de mim, minha cara menina, fique tranquila. Começo a compreendê-la.

– *Chère amie* – atreveu-se ainda a dizer Stiepan Trofímovitch.

— Oh! Stiepan Trofímovitch, já está tudo muito complicado sem você. Poderia pelo menos poupar-nos… Tenha, pois, a bondade de puxar esse cordão de campainha, perto de você, para chamar a criada de quarto.

Fez-se um silêncio. Ela passeava sobre o rosto de todos nós um olhar irritado e suspeitoso. Agacha, sua criada de quarto preferida, entrou.

– Meu xale de quadrados, o que comprei em Genebra. Que está fazendo Dária Pávlovna?

– Não se sente muito bem, senhora.

– Vai dizer-lhe que venha cá. Acrescente que tenho necessidade absoluta dela, mesmo que não se sinta muito bem.

No mesmo instante, ouviu-se, como antes, um barulho insólito de passos e vozes na antecâmara vizinha e, de repente, Praskóvia Ivânovna, ofegante e “desvairada”, apareceu na soleira. Apoiava-se no braço de Mavríki Nikoláievitch.

– Ah! meu Deus, com que dificuldade consegui arrastar-me até

aqui! Lisa, menina, como tratas tua mãe! – disse ela com uma voz estridente, concentrando nesse grito, como o fazem habitualmente as pessoas fracas e irritáveis, toda a sua cólera acumulada. – Varvara Pietrovna, vim procurar minha filha!

Varvara Pietrovna lançou-lhe um olhar desdenhoso, levantou a meio à maneira de saudação e, mal dissimulando sua contrariedade, articulou:

– Bom-dia, Praskóvia Ivânovna. Faze-me a bondade de tomar assento. Sabia bem que virias.

## *II*

Para Praskóvia Ivânovna, nada podia haver de surpreendente naquela acolhida. Desde a infância, Varvara Pietrovna tratara sua antiga amiga de pensionato duma maneira tirânica e, sob uma aparência de amizade, quase com desprezo. Mas no caso presente as circunstâncias eram especiais. Desde alguns dias, como já o fiz compreender incidentemente, havia rompimento quase completo entre as duas casas. O motivo desse rompimento permanecera um mistério para Varvara Pietrovna, o que o tornava mais ofensivo ainda; mas o que lhe parecia mais chocante, é que Praskóvia havia conseguido tomar para com ela uma atitude extraordinariamente desdenhosa. Varvara Pietrovna estava por isso ulcerada, naturalmente, e, entrementes, boatos estranhos começavam a chegar a seus ouvidos, que a irritavam igualmente ao mais alto ponto, sobretudo em razão de sua imprecisão. Varvara Pietrovna era dum caráter reto e duma franqueza cheia de altivez, até mesmo um pouco sem cerimônia nas suas maneiras, se é permitido exprimi-lo assim. Não havia nada que ela detestasse tanto quanto as insinuações secretas e misteriosas; preferia a guerra aberta. Seja como for, havia cinco dias que aquelas senhoras não se viam. A derradeira visita fora feita por Varvara Pietrovna, que voltara da casa das Drózdovi em estado de irritação e perplexidade. Posso dizer, sem temor de enganar-me, que Praskóvia Ivânovna chegara naquela ocasião, ingenuamente persuadida de que Varvara Pietrovna não deixaria, por uma ou outra razão, de tremer diante dela. Isto demonstrava-o a expressão de seu rosto até a evidência. Mas não menos evidentemente estava Varvara Pietrovna

possuída do demônio do orgulho todas as vezes que tinha o menor motivo de suspeitar que, por uma razão ou por outra, queriam obrigá-la a sofrer uma humilhação. Como muitas pessoas fracas que se deixam insultar muito tempo sem erguer o mínimo protesto, Praskóvia Ivânovna, na primeira ocasião favorável, conduzia seu ataque com uma violência extraordinária. É verdade que ela não andava bem e que a doença a tornava sempre mais irritável. Devo acrescentar, enfim, que se uma discussão tivesse estourado entre elas, nossa presença no salão não podia absolutamente refrear aquelas duas senhoras, amigas de infância. Consideravam-nos pessoas da família, quase como súditos. Esta ideia não deixou de inquietar-me no momento. Stiepan Trofímovitch, que não havia tornado a sentar desde a entrada de Varvara Pietrovna, deixou-se cair sem forças numa poltrona, ao ouvir a voz esganiçada de Praskóvia Ivânovna e interrogou-a com uma olhadela desesperada. Chátov voltou-se bruscamente em sua cadeira e resmungou qualquer coisa entre dentes. Creio que tinha ele grande vontade de levantar e ir embora. Lisa ergueu-se a meio em sua cadeira, mas deixou-se recair logo, sem mesmo prestar toda a atenção conveniente aos gritos lançados por sua mãe. Não era de modo algum perversidade de sua parte, mas antes porque se encontrava presa de qualquer outra impressão absorvente. Olhava para o vácuo, com ar distraído, cessando mesmo de prestar atenção a Maria Timofiéievna.

## *III*

– Ah! Eis aqui! – exclamou Praskóvia Ivânovna, indicando, perto da mesa, uma poltrona na qual sentou pesadamente com a ajuda de Mavríki Nikoláievi. – Não me teria sentado sob seu teto, minha senhora, se outro fosse o estado de minhas pernas – acrescentou ela, com voz partida.

Varvara Pietrovna ergueu ligeiramente a cabeça e, com uma expressão de sofrimento, levou os dedos de sua mão direita a sua têmpora direita, manifestamente atingida por viva dor (*tic douloureux*).

– Mas que se passa contigo, Praskóvia Ivanovna? Por que não te assentarias debaixo de meu teto? Tive durante toda a sua vida a

amizade de teu falecido marido; e nós brincamos juntas de boneca, tu e eu, no pensionato, no tempo em que éramos meninas.

Praskóvia Ivânovna agitou suas mãos.

– Era isso mesmo que eu esperava! Você entra logo por esse assunto da escola, quando tem vontade de fazer-me censuras. Isso é bem de você. Mas na minha opinião, tudo isso não passa de bálsamo. Não posso tolerar esse pensionato do qual você sempre fala.

– Creio que tenhas vindo de muito mau humor; como vão as tuas pernas? Olha, trazem-te café, toma-o, rogo-te, bebe-o e deixa de zangas.

– Varvara Pietrovna, você me trata como se estivesse lidando com uma menina. Não quero seu café, pronto!

E afastou com um gesto furioso o criado que lhe apresentava café. Aliás, todos os outros recusaram também o café, exceto Mavríki e eu. Stiepan Trofímovitch tomou uma xícara, que deixou em cima da mesa. Se bem que tivesse grande vontade de beber uma segunda xícara e estendesse mesmo a mão para tomá-la, Maria Timofiéievna reconsiderou, recusou-a com um ar cerimonioso, visivelmente satisfeita com sua maneira de agir.

Varvara Pietrovna mostrou um sorriso agridoce.

– Vou dizer-te o que há, minha cara Praskóvia Ivânovna. Ainda uma vez terás imaginado alguma coisa e é por isto que vieste. Toda a tua vida, não fizeste senão nutrir imaginações. Ficaste cheia de raiva assim que ouviste falar em pensionato, mas lembras-te de como vieste a afirmar a toda a classe que um hussardo chamado Cháblikin te havia feito uma declaração, e como a Senhora Lefébure te fez confessar, imediatamente, que era mentira? E, no entanto, não mentias, tinhas simplesmente imaginado isso para distrair-te. Vejamos, fala, que há agora? Que é que estás imaginando hoje? Que é que te amofina?

– E você que se apaixonou pelo pope que nos ensinava o catecismo na escola? Decerto se lembra, já que tem tão boa memória rancorosa. Ah! ah! ah!

Prorrompeu num riso sarcástico a que se seguiu um acesso de tosse.

– Ah! com que então nunca te esqueceste do pope… – disse Varvara Pietrovna, dirigindo-lhe um olhar cheio de ódio.

Seu rosto enverdeceu. Praskóvia Ivânovna tomou de repente um ar digno.

– Não estou disposta a rir no momento, minha senhora. Por que meteu minha filha nos seus escândalos, conhecidos e sabidos de toda a cidade? É isso que vim saber.

– Meus escândalos? – Varvara Pietrovna ergueu-se com ar ameaçador.

– Mamãe, suplico-lhe, modere-se também a senhora! – exclamou, de repente, Elisavieta Nikoláievna.

– Como dizes? – A mamãe esteve a ponto de fazer ouvir outros guinchos, mas encontrando o olhar fulgurante de sua filha, acalmou-se subitamente.

– Como pôde a senhora falar de escândalos, mamãe? – disse Lisa, ficando carmesim. – Vim por minha própria vontade e com a permissão de Iúlia Mikháilovna, porque queria conhecer a história dessa infeliz para ser-lhe útil.

– A história dessa infeliz! – repetiu Praskóvia Ivânovna, com voz arrastada e riso malévolo. – Será conveniente misturares-te a “histórias” desse gênero? Ah! estamos fartas de seu despotismo! – Voltou-se furibunda para Varvara Pietrovna. – Dizem, não sei se é verdade ou não, que você governa a cidade inteira, mas parece que sua vez chegou por fim!

Varvara Pietrovna mantinha-se rígida como uma flecha prestes a voar do arco. Durante dez segundos fixou um olhar severo e imóvel em Praskóvia Ivânovna.

– Pois bem, Praskóvia, deves agradecer a Deus o serem todos os que aqui se encontram amigos nossos – disse ela por fim com uma

calma feroz. – Disseste muitas coisas que teria sido melhor não dizer.

– Mas não tenho tanto medo da opinião do mundo como certas pessoas, minha senhora. É a senhora quem, sob uma aparência de orgulho, treme diante do que se dirá. E se é verdade, como diz, que todos os que aqui se encontram são seus amigos, isto vale melhor para a senhora do que se estranhos tivessem escutado a conversa.

– Ficaste mais inteligente durante esta última semana?

– Não é que me tenha tornado mais inteligente, mas muito simplesmente que a verdade fez-se conhecer esta semana.

– Que verdade se fez então conhecer esta semana? Escuta, Praskóvia Ivânovna, não me enerves. Explica-me agora mesmo, suplico-te como um favor, que verdade se fez conhecer e que é que entendes por isso?

– Mas ei-la, toda a verdade! Está sentada diante da senhora! – exclamou, de repente, Praskóvia Ivânovna, com o dedo apontado para Maria Timofiéievna, com aquela resolução feroz que não tem mais nenhuma preocupação com as consequências, contanto que possa produzir uma impressão no momento. Maria Timofiéievna, que a observava desde o começo com uma curiosidade descuidada, disparou numa risada alegre à vista do dedo da visitante encolerizada, estendido impetuosamente para ela e agitou-se toda contente na cadeira.

– Senhor Deus, tende piedade de nós, perderam todos a razão! – exclamou Varvara Pietrovna, que, de súbito, empalidecendo, tornou a cair no fundo de sua poltrona.

Empalideceu mesmo a tal ponto que provocou isso certa agitação entre os presentes. Stiepan Trofímovitch foi o primeiro a precipitar-se para ela. Aproximei-me também; a própria Lisa levantou-se de sua cadeira, sem todavia adiantar-se. Mas a mais alarmada de todos foi a própria Praskóvia Ivânovna. Lançou um grito agudo, levantou tanto quanto lhe permitiam suas forças e gemeu por assim dizer com voz choraminguenta:

– Varvara Pietrovna, minha querida, perdoe-me minha culpada estupidez. Mas tragam-lhe pelo menos água, alguém!

– Não choramingues, por favor, Praskóvia Ivânovna, e deixem-me, senhores, rogo-lhes. Não tenho necessidade de água! – articulou Varvara Pietrovna, com uma voz firme, se bem que abafada e com os lábios descoloridos.

– Varvara Pietrovna, minha querida, – prosseguiu Praskóvia Ivânovna, um tanto tranquilizada, – embora seja eu digna de censura por causa de minhas palavras sem consideração, o que sobretudo me transtornou foram essas cartas anônimas com que alguns miseráveis não cessam de bombardear-me; se pelo menos se dirigissem a você, pois é a você que se referem… Mas eu, eu tenho uma filha!

Varvara Pietrovna olhava-a, sem dizer palavra, escancarando os olhos e escutava-a com surpresa. No mesmo instante uma porta oculta se abria silenciosamente num canto e Dária Pávlovna apareceu. Parou para olhar em torno de si, muito impressionada diante da perturbação que se tinha apoderado de nós. Não distinguiu provavelmente logo Maria Timofiéievna, cuja presença não lhe haviam anunciado. Stiepan Trofímovitch foi o primeiro a perceber-lhe a entrada. Fez um movimento brusco, corou e, por uma razão ou outra, proclamou com voz forte: “Dária Pávlovna!”, de tal modo que todos os olhares se voltaram para a recém-chegada.

– Ah! é então essa a vossa Dária Pávlovna! – exclamou Maria Timofiéievna. – Ora, Chátuchka, sua irmã não se parece com você. Como pôde o meu lacaio chamar a tal beleza Dacha, a serva?

Durante esse tempo, Dária Pávlovna havia-se dirigido para Varvara Pietrovna, mas, atingida pela exclamação de Maria Timofiéievna, voltou precipitadamente sobre seus passos e parou justamente diante de sua cadeira fixando na demente um demorado olhar.

– Senta, Dacha – disse Varvara Pietrovna, com uma calma terrível. – Mais perto, assim. Vês essa mulher sentada aí? Tu a conheces?

– Nunca a vi – respondeu docemente Dacha; depois, após uma pausa, acrescentou logo: – Deve ser a irmã doente do Capitão Liebiádkin.

– E é a primeira vez que a vejo, meu amor, se bem que desde muito tempo me interesse pela senhora, experimente o desejo de conhecê-la, porque cada um de seus gestos revela uma boa educação – exclamou Maria Timofiéievna, encantada. – E, embora meu lacaio a cumule de injúrias, seria possível que pessoa tão encantadora, tão bem educada como a senhora tenha roubado dinheiro? Porque a senhora é encantadora, encantadora, sou eu que lhe digo! – disse ela, à maneira de conclusão, agitando a mão com entusiasmo.

– E compreendes alguma coisa? – perguntou Varvara Pietrovna, com uma dignidade altiva.

– Compreendo tudo.

– Ouviste falar desse dinheiro?

– Trata-se, sem dúvida, do dinheiro de que me encarreguei, a pedido de Nikolai Vsiévolodovitch, de entregar ao irmão dela, o Capitão Liebiádkin, quando estávamos na Suíça.

Fez-se um silêncio.

– Foi o próprio Nikolai Vsiévolodovitch que te pediu para lhe entregar?

– Fazia muita questão de enviar esse dinheiro, trezentos rublos ao todo, ao Senhor Liebiádkin. E como não conhecesse o endereço deste último, mas sabia somente que ele deveria chegar à nossa cidade, encarregou-me de entregá-lo ao Senhor Liebiádkin, no caso de chegar este aqui.

– Que dinheiro é pois esse… que se teria perdido? Que quis dizer essa mulher ainda há pouco?

– A este respeito, nada sei; foi-me comunicado, com efeito, que o Senhor Liebiádkin teria me censurado em voz alta o não lhe ter entregue a soma completa; não tenho lembrança dessas palavras.

Havia trezentos rublos e enviei-lhe trezentos rublos.

Dária Pávlovna havia por assim dizer recuperado completamente seu sangue-frio. Era difícil, aliás, devo fazer esta observação, espantar aquela moça ou perturbar por muito tempo sua calma, pudesse ela sentir o que sentisse em seu foro íntimo. Formulou naquela ocasião todas as suas respostas sem pressa, respondendo imediatamente a todas as perguntas com precisão, tranquilamente, sem hesitar e sem nenhum traço da emoção súbita que a princípio havia manifestado, nem o menor sinal de embaraço que pudesse revelar um sentimento qualquer de culpabilidade. Os olhos de Varvara Pietrovna permaneceram fixos sobre a moça durante todo o tempo em que ela falou. Varvara Pietrovna refletiu um instante.

– Uma vez que – declarou ela enfim com voz firme, dirigindo-se a todas as pessoas presentes, embora só olhasse para Dacha, Nikolai Vsiévolodovitch nem mesmo se dirigiu a mim, mas te pediu que fizesses isso para ele, é que tinha suas razões. Não me creio com o direito de procurar penetrá-las, se me foram ocultas. Mas o simples fato de estares misturada com esse negócio me tranquiliza plenamente, fica sabendo bem, Dária, aconteça o que acontecer. Mas, vês tu, minha querida menina?, pode acontecer que por ignorância do mundo, tenhas feito, com toda a inocência, algo de imprudente e foi o que aconteceu, quando te encarregaste duma incumbência para um sujeito ignóbil. Os boatos espalhados por esse canalha fazem-te sentir qual foi a tua falta. Vou tomar informações a respeito dele e como tenho o dever de proteger-te, saberei agir em tua defesa. Mas trata-se agora de por um termo a tudo isso.

– O que haverá de melhor a fazer, quando ele chegar – declarou Maria Timofiéievna, levantando vivamente de sua cadeira, – é mandá-lo para o lugar dos criados. Que se sente em bancos e jogue cartas com eles, enquanto ficaremos aqui bebendo café. Poderíamos enviar-lhe, também para ele, uma xícara de café, mas tenho por ele profundo desprezo.

E abanou a cabeça duma maneira expressiva.

– É preciso acabar com isso – repetiu Varvara Pietrovna, que

havia escutado atentamente Maria Timofiéievna. – Toque, por favor, Stiepan Trofímovitch.

Stiepan Trofímovitch tocou a campainha e, de súbito, avançou, todo comovido:

– Sim… sim… – balbuciou, febrilmente, corando, interrompendo-se e gaguejando, – se eu também ouvi a mais revoltante história, ou antes, calúnia… é com uma indignação absoluta… *enfin c'est un homme perdu et quelque chose comme un forçat évadé*…[69]

Perturbou-se e não pôde continuar. Varvara Pietrovna olhou-o de alto a baixo, piscando os olhos. Alieksiéi Iegórovitch entrou, cerimonioso.

– A carruagem – ordenou Varvara Pietrovna. – E tu, Alieksiéi Iegórovitch, trata de levar de volta à sua casa a Senhorita Liebiádkina; ela mesma te indicará onde mora.

– O Senhor Liebiádkin a espera em baixo desde alguns instantes e pediu-me com insistência que o anunciasse.

– Mas é impossível, Varvara Pietrovna. – Mavríki Nikoláievitch, que se mantinha desde o começo num silêncio imperturbável, avançou, de repente, visivelmente alarmado. – Se me é permitido dizê-lo, não é homem que se possa admitir em sociedade… ele… é impossível, Varvara Pietrovna!

– Espera um instante – disse Varvara Pietrovna, dirigindo-se a Alieksiéi Iegórovitch, que desapareceu logo.

– *C'est un homme malhonnête et je crois même que c'est un forçat évadé ou quelque chose dans ce genre*![70] – resmungou ainda Stiepan Trofímovitch, que de novo se interrompeu, corando.

– Lisa, é tempo de partirmos – declarou Praskóvia Ivânovna, num tom desdenhoso, levantando de sua cadeira. Parecia lamentar ter-se deixado tratar de imbecil na sua emoção. Enquanto Dária Pávlovna falava, escutava, com os lábios cerrados e o ar arrogante. Mas o que me feriu mais a atenção, foi a expressão de Elisavieta Nikoláievna

desde o instante em que Dária Pávlovna entrara. Havia no seu olhar um clarão de ódio e de desprezo que não procurava absolutamente dissimular.

– Espera um minuto, Praskóvia Ivânovna, rogo-te. – Varvara Pietrovna reteve-a, sempre com a mesma calma exagerada. – Senta, se quiseres. Tenho a intenção de dizer tudo e sofres das pernas. Isto, obrigada. Deixei-me arrebatar ainda há pouco e pronunciei palavras impacientes. Tem a bondade de perdoar-me. Comportei-me tolamente e sou a primeira a lamentá-lo, porque amo a justiça em todas as coisas. Tu estavas fora de ti, bem entendido, também tu, quando me falaste de certa carta anônima. Toda comunicação anônima merece o desprezo, pelo fato mesmo de não ser assinada. Se pensas diferentemente, lamento-o por ti. Em todo o caso, se estivesse em teu lugar, não remexeria em recantos tão sujos, teria medo demais de sujar minhas mãos. Mas tu sujaste as tuas. Enfim, já que tu mesma foste a primeira a abordar este assunto, devo dizer-te que também eu recebi, há seis dias, uma carta anônima grotesca. Nessa carta, não sei que canalha me assegura que Nikolai Vsiévolodovitch perdeu a razão e que tenho eu todo motivo para temer uma coxa que "seria chamada a desempenhar um grande papel na minha existência". Lembro-me dessa expressão. Refletindo, e sabendo que Nikolai Vsiévolodovitch tem numerosos inimigos, mandei chamar logo um indivíduo que mora aqui, um de seus inimigos secretos, o mais vingativo e o mais desprezível deles, e, no decorrer da conversa que tive com ele, soube qual era a origem desprezível da carta anônima. Se tu também, minha pobre Praskóvia Ivânovna, foste incomodada por minha causa, e até mesmo bombardeada, como o dizes, por cartas análogas, sou a primeira a lamentá-lo, é claro, por ter sido a inocente causa disso. Eis tudo quanto fazia questão de dizer-te a modo de explicação. Lamento muito ver-te tão fatigada e tão transtornada. Aliás, estou completamente decidida a deixar entrar esse personagem suspeito a respeito de quem Mavríki Nikoláievitch disse ainda há pouco, em termos levemente impróprios, que era impossível receber. Lisa, de modo especial, não tem necessidade de estar metida nisso. Aproxima-te, minha querida Lisa, para que eu te beije ainda uma vez.

Lisa atravessou o salão e parou em silêncio diante de Varvara

Pietrovna. Esta beijou-a, pegou-lhe as mãos e, conservando-a a alguma distância de sua pessoa, fitou-a com emoção; depois traçou o sinal da cruz sabre a moça e beijou-a de novo.

– Vamos, adeus, Lisa (houve uma espécie de soluço na voz de Varvara Pietrovna), fica bem persuadida de que não cessarei jamais de amar-te, qualquer que seja o destino que te espera. Que Deus seja contigo. Sempre abençoei sua Santa Vontade…

Queria ainda acrescentar alguma coisa, mas conteve-se e interrompeu-se. Lisa voltava a seu lugar, mantendo sempre o mesmo silêncio e como que absorvida em seus pensamentos, mas parou de repente diante de sua mãe.

– Não partirei ainda, mamãe. Ficarei um instante em casa de titia – disse ela, em voz baixa, mas uma resolução dura como ferro transparecia no tom pacífico dessas palavras.

– Bom Deus! Que haverá ainda? – gemeu Praskóvia Ivânovna, juntando as mãos num gesto de impotência. Mas Lisa não respondeu nada e pareceu mesmo não havê-la ouvido; foi sentar no mesmo canto que antes e se pôs de novo a olhar no vazio.

Uma expressão de orgulho e de triunfo espalhou-se pelas feições de Varvara Pietrovna.

– Mavríki Nikoláievitch, tenho um grande serviço a pedir-lhe. Tenha a bondade de ir lançar uma olhadela a esse personagem que espera lá em baixo, e, se houver a mínima possibilidade de deixá-lo entrar, traga-o aqui.

Mavríki Nikoláievitch inclinou-se e saiu. Um instante depois, fez entrar o Senhor Liebiádkin.

## *IV*

Já falei da aparência exterior desse senhor. Era um latagão de cerca de quarenta anos, maciço, de cabelos crespos; tinha um rosto balofo e violáceo e bochechas moles que tremiam a cada movimento da cabeça, olhinhos injetados que por momentos denunciavam

malícia; usava bigode e suíças, com um começo de queixo duplo carnudo e dum aspecto pouco agradável. Mas o que havia nele de mais impressionante, é que aparecesse de fraque e com roupa branca limpa. “Há pessoas nas quais a roupa branca limpa é quase uma inconveniência”, dissera Lipútin, um dia em que Stiepan Trofímovitch lhe censurava por brincadeira o traje desleixado. O capitão trazia também luvas pretas novinhas; segurava na mão a luva direita, enquanto que a esquerda, estreitamente apertada e desabotoada, recobria uma parte de sua grossa pata carnuda, na qual mantinha uma cartola nova e reluzente, que servia provavelmente naquele dia pela primeira vez. Pareceu, por consequência, que aquele “fraque do amor”, de que falara tão ruidosamente a Chátov, na véspera, existia mesmo na realidade. Tudo aquilo, isto é, o fraque e a roupa branca limpa, havia-os arranjado a conselho de Lipútin, em vista de certos projetos misteriosos (como o soube mais tarde). Não havia dúvida de que viera então (numa carruagem de aluguel) por instigação e com a ajuda de alguém; ele seria incapaz de ter semelhante ideia e jamais teria conseguido, sozinho, vestir-se, preparar-se, tomar uma decisão e executá-la em três quartos de hora, mesmo se a cena que se tinha desenrolado sob o pórtico da catedral lhe tivesse chegado logo ao conhecimento. Não estava embriagado, mas encontrava-se naquele estado de depressão, de pesadume e de entorpecimento em que se encontra um homem despertado de repente após vários dias de bebedeira. Parecia que bastaria sacudi-lo pelos ombros para que no mesmo instante sua embriaguez voltasse.

Irrompendo no salão, tropeçou, logo na soleira, no tapete. Maria Timofiéievna disparou numa gargalhada louca. Ele lhe lançou um olhar feroz e de súbito deu alguns passos rápidos na direção de Varvara Pietrovna.

– Venho, minha senhora… – declarou ele numa voz clarinante.

– Tenha a bondade, senhor, de sentar ali, naquela cadeira – disse Varvara Pietrovna, erguendo-se em toda a sua altura. – Vou ouvi-lo muito bem de lá e para mim será mais cômodo olhá-lo daqui.

O capitão parou logo, olhando diante de si com um olhar estúpido. Girou, entretanto, nos calcanhares e sentou na cadeira que

lhe indicavam bem perto da porta. Uma falta absoluta de confiança em si, ao mesmo tempo que certa insolência, uma espécie de irritabilidade constante, manifestavam-se na expressão de seus traços. Estava terrivelmente intimidado, era evidente, mas sentindo-se ferido no seu amor-próprio, era de supor que sua vaidade mortificada poderia, no momento preciso, levá-lo a toda espécie de atrevimento, malgrado sua covardia. Temia visivelmente mover-se por causa de sua rusticidade. Como todos sabem, quando tais personagens se introduzem por milagre na boa sociedade, seu pior sofrimento está em suas mãos, com as quais não sabem o que fazer e que não podem esquecer um só instante. O capitão sentiu-se pregado em sua cadeira, com seu chapéu e suas luvas nas mãos, o olhar estúpido preso ao rosto severo de Varvara Pietrovna. Teria talvez tido bem vontade de olhar em redor de si mais livremente, mas não podia decidir-se a isso. Maria Timofiéievna, que achava sem dúvida o aspecto do capitão da maior comicidade, soltou nova gargalhada; mas ele não se moveu. Implacável, Varvara Pietrovna manteve-o naquela posição por muito tempo, um minuto inteiro, examinando-o sem compaixão.

– Antes de tudo, permita que saiba seu nome de sua própria boca – declarou Varvara Pietrovna, num tom medido e solene.

– Capitão Liebiádkin – tonitruou o capitão. – Vim, minha senhora… – Fez um novo movimento.

– Permita! – interrompeu ainda Varvara Pietrovna. – Essa infeliz criatura que tanto me interessou, é realmente sua irmã?

– Minha irmã, minha senhora, que escapou à minha vigilância, pois se encontra em certa situação.

Perturbou-se de repente e ficou escarlate.

– Não se engane a respeito do sentido de minhas palavras, minha senhora, – disse ele, tremendamente confuso. – Não será seu irmão quem lhe atirará a primeira pedra… numa certa situação não quer dizer na situação que a senhora sabe… no sentido de uma reputação manchada… no derradeiro grau…

Interrompeu-se bruscamente.

– Senhor! – disse Varvara Pietrovna, erguendo a cabeça.

– Eis a situação em que ela está! – terminou ele, de súbito, batendo com o dedo na testa. Seguiu-se uma pausa.

– Há muito tempo que ela está sofrendo disso? – perguntou Varvara Pietrovna, com uma voz ligeiramente arrastada.

– Minha senhora, vim agradecer-lhe a generosidade de que deu prova sob o pórtico, à moda russa, fraternalmente…

– Fraternalmente?

– Quero dizer, não fraternalmente, mas neste sentido apenas de que sou o irmão de minha irmã; e acredite-me, minha senhora – prosseguiu ele mais rapidamente e com o rosto carmesim, – não sou tão mal-educado como pareço à primeira vista, aqui, no seu salão. Minha irmã e eu, minha senhora, nada somos em comparação com o luxo que notamos aqui, tendo além disso caluniadores. Mas quanto ao que se refere à reputação, Liebiádkin tem sua altivez, minha senhora, e… e… e vim devolver com agradecimentos… Aqui está o dinheiro, senhora!

Ao dizer isto, tirou de seu bolso uma carteira, dela extraiu um maço de cédulas pequenas que se pôs a contar com uma impaciência febril que lhe fazia tremerem os dedos. Era claro que tinha pressa de explicar alguma coisa e na verdade era absolutamente urgente que o fizesse. Mas, dando-se conta, provavelmente, ele próprio de que sua agitação a respeito daquele dinheiro fazia-o parecer ainda mais estúpido, perdeu os derradeiros vestígios de seu domínio sobre si mesmo. O dinheiro recusava-se a deixar-se contar. Seus dedos se embaralharam e para levar ao cúmulo sua confusão, uma cédula verde escapou de sua carteira e voou em ziguezagues sobre o tapete.

– Vinte rublos, senhora. – Levantou-se bruscamente, com o maço de cédulas na mão, com o rosto a transpirar de causar dó. Avistando a cédula que caíra no chão, inclinou-se para apanhá-la, mas não se sabe por que, vencido pela vergonha, fez um gesto de indiferença.

– Para seus servidores, minha senhora, para o criado que a

apanhar. E que ele se lembre de minha irmã Liebiádkina!

– Não posso tolerar isso – exclamou Varvara Pietrovna com precipitação e até mesmo com certo temor.

– Neste caso…

Inclinou-se, apanhou a cédula, corando até a raiz dos cabelos e, aproximando-se, de repente, de Varvara Pietrovna, estendeu-lhe as cédulas que acabava de contar.

– Que quer dizer isso? – exclamou ela, completamente alarmada, enfim, chegando mesmo a recuar em sua poltrona.

Mavríki Nikoláievitch, Stiepan Trofímovitch e eu avançamos todos para ela.

– Acalme-se; acalme-se. Não sou louco, por Deus, não sou louco!

– Sim, o senhor perdeu o juízo…

– Minha senhora, tudo isso não é o que a senhora supõe! Sou um elo insignificante… Ah! minha senhora, opulentos são os seus aposentos, mas pobre é a morada de Mária Nieizviéstnaia,[71] minha irmã, nascida Liebiádkina, mas que chamaremos a "Desconhecida" no momento; somente no momento, porque o próprio Deus não permitirá que assim seja para sempre. Minha senhora, deu-lhe dez rublos e ela os aceitou, porque partia da senhora! Entende, minha senhora? De nenhuma outra pessoa no mundo os aceitaria essa Mária, a Desconhecida, de outro modo estremeceria no seu túmulo, seu avô, oficial do estado-maior, morto no Cáucaso, sob os próprios olhos de Iermólov. Mas da senhora, da senhora aceitará ela tudo, mas com uma ela aceita e com a outra mão ela lhe dá vinte rublos à guisa de subscrição para uma das comissões de beneficência de que a senhora é sócia… porque a senhora mesma publicou nas *Notícias de Moscou*, que está pronta a receber subscrições em nossa cidade e que não importa quem pode subscrever…

O capitão interrompeu-se de repente; ofegava como após um esforço penoso. Toda aquela tirada a respeito da obra de beneficência

fora provavelmente preparada de antemão, talvez sob redação de Lipútin. Transpirava mais abundantemente ainda; as gotas de suor manavam literalmente ao longo de suas têmporas. Varvara fixou nele um olhar penetrante.

– O livro de subscrição – disse ela, num tom severo, – está sempre lá em baixo com o meu porteiro. O senhor poderá inscrever lá sua oferta, se o desejar. Por isso é que lhe peço que arrume suas cédulas e não as branda no ar. Isto mesmo. Gostaria de lhe pedir também que voltasse a seu lugar. Isto mesmo. Lamento infinitamente, senhor, ter-me enganado a respeito de sua irmã e ter-lhe dado alguma coisa como se fosse uma pobre, quando é tão rica. Só há uma coisa que não compreendo: por que não pode ela aceitar nada senão de mim e de mais ninguém? O senhor insistiu de tal modo sobre este ponto que gostaria de ficar de coração tranquilo.

– Senhora, é este um segredo que só pode ser sepultado na tumba! – replicou o capitão.

– Por que isso? – perguntou Varvara Pietrovna, com uma voz um pouco menos segura.

– Senhora, senhora…

Recaiu no seu mutismo sombrio, olhando para o chão, com a mão direita apoiada no coração. Varvara Pietrovna esperava sem desfitar dele os olhos.

– Senhora – mugiu ele de súbito, – quer permitir que lhe faça uma pergunta? Uma só, mas, francamente, abertamente, à russa, do fundo do coração?

– Queira fazê-la.

– Já sofreu alguma vez, minha senhora, em sua existência?

– O que equivale a dizer que o senhor esteve ou que está atualmente às voltas com maus tratos de alguém.

– Senhora, senhora! – Levantou de novo, de um salto, provavelmente sem se dar conta disso e bateu nos peitos. – Neste peito

acumularam-se tantas coisas que o próprio Deus ficaria estupefato quando fossem reveladas no Julgamento Final.

– Hum! A expressão é forte!

– Senhora, falo talvez com irritação…

– Não se preocupe, saberei bem, quando for preciso, fazê-lo deter-se.

– Posso fazer-lhe nova pergunta, minha senhora?

– Faça, pois não.

– Pode-se morrer pelo simples fato da nobreza da própria alma?

– Não sei, nunca fiz esta pergunta a mim mesma.

– Não sabe? Nunca perguntou a si mesma? – disse ele com uma ironia patética. – Bem, se é assim, se é assim…

Cala-te, coração sem esperança!

Bateu violentamente no peito. Recomeçara a passear para lá e para cá na sala. É próprio das pessoas dessa espécie serem absolutamente incapazes de guardar para si mesmas seus desejos: têm, pelo contrário, uma tendência irresistível em manifestá-los, logo que nascem, em toda a sua impudência. Quando um personagem desse gênero logra introduzir-se em um meio em que se sente estranho, começa geralmente por mostrar constrangimento, mas deixai-o tomar pé em vossa casa, não demorará em passar à insolência. O capitão, que já estava bastante acalorado, caminhava para lá e para cá, agitando os braços, e, sem ouvir as perguntas que lhe faziam, falava de si com uma tal volubilidade que por vezes sua língua se recusava a obedecer-lhe e, sem acabar uma frase, começava outra. É verdade que tinha provavelmente bebido um pouco demais. Elisavieta Nikoláievna se encontrava também ali e muito embora evitasse olhar uma vez sequer para o lado dele, a presença da moça parecia superexcitá-lo terrivelmente; isto não é, aliás, senão uma simples suposição de minha parte. Devia haver uma razão para que Varvara Pietrovna, dominando

seu desgosto, se resolvesse a escutar semelhante indivíduo. Praskóvia Ivânovna tremia de terror; na verdade, creio que ela não compreendia muito bem de que se tratava. Stiepan Trofímovitch também tremia, mas, ao contrário, porque estava sempre inclinado a tudo compreender e tudo exagerar. Mavríki Nikoláievitch mantinha-se na atitude de um homem prestes a defender todas as pessoas presentes; Lisa estava palidíssima e seus olhos escancarados não podiam destacar-se daquele capitão fora de si; Chátov conservava a mesma atitude; mas o mais estranho é que Maria Timofiéievna havia não somente deixado de rir, mas tornara-se terrivelmente triste, com o cotovelo apoiado em cima da mesa, e acompanhava com um longo e melancólico olhar seu irmão que perorava. Somente Dária Pávlovna me pareceu calma.

– Tudo isso não passa de um montão de alegorias – disse Varvara Pietrovna, começando afinal a zangar-se. – O senhor não respondeu à minha pergunta. Por quê? Faço absoluta questão de que me responda.

– Não respondi ao "por quê?" Quer absolutamente que eu responda ao "por quê?" – prosseguiu o capitão, piscando o olho. – Esta pequenina palavra "por quê" está espalhada por todo o universo desde o primeiro dia da criação, minha senhora, e a cada instante a natureza inteira grita a seu Criador "por quê?". E há sete mil anos, não recebeu resposta alguma. Será preciso, pois, que o Capitão Liebiádkin, só ele, responda? É justo isto, minha senhora?

– Tudo isso é absurdo e nada tem que ver com a pergunta! – exclamou Varvara Pietrovna, irritada e impaciente. – São alegorias; aliás, o senhor se exprime de maneira demasiado pomposa e considero isto impertinência.

– Senhora – prosseguiu o capitão sem escutá-la, – teria talvez querido chamar-me Ernesto e, no entanto, sou condenado a carregar o nome vulgar de Ignat. Por que isso, segundo a senhora? Teria querido chamar-me o Príncipe de Montbard, e entretanto não sou senão Liebiádkin, derivado dum cisne. Por que isso? Sou poeta, minha senhora, poeta na alma, e poderia receber milhares de rublos duma só vez de um editor, e entretanto sou forçado a viver numa pocilga. Por quê? Por que, minha senhora? Na minha opinião, a Rússia é um

capricho da Natureza e nada mais.

– O senhor de fato não pode dizer algo de mais concreto?

– Posso ler-lhe um poema, *A barata*, minha senhora.

– Hem?

– Minha senhora, ainda não estou louco! Ficarei sem dúvida, mas não estou ainda. Minha senhora, um amigo meu, um homem dos mais distintos, escreveu uma fábula à moda de Krilov, intitulada *A barata*. Posso recitá-la?

– Quer recitar uma fábula de Krilov?

– Não, não é uma fábula de Krilov que quero recitar. É uma fábula minha, uma fábula de minha composição. Acredite-me, senhora, sem querer ofendê-la, não sou nem bastante inculto, nem bastante depravado, para não compreender que a Rússia possui um grande fabulista, Krilov, a quem o Ministro da Instrução Pública elevou um monumento no Jardim de Verão, em redor do qual brincam as crianças. Mas a senhora perguntava-me por quê? A resposta está no fundo dessa fábula, em letras de fogo.

– Recite sua fábula.

Por direito de nascença,
Uma barata vivia.
Mas num vaso destinado
Às moscas caiu ela um dia.

– Senhor! Que quer isto dizer? – exclamou Varvara Pietrovna.

– Quando no verão as moscas se metem em um vaso, – apressou-se em explicar o capitão, com a impaciência irritada de um autor interrompido em sua leitura, – é então a hora da perdição das moscas, o primeiro imbecil pode compreender isso. Não interrompa, não interrompa. Verá… (Não cessava de gesticular.)

Lugar tomou a barata,
Mas as moscas protestaram,
Gritando para o deus Júpiter:
– O vaso não cabe mais!

Ouvindo-lhe então os gritos
Logo correu Nikífor,
O bravo e nobre ancião…

Não a terminei de todo, mas tanto pior, vou contá-la em prosa – prosseguiu o capitão, sem tomar tempo de respirar. – Nikífor pega o vaso e, malgrado os gritos delas, derrama moscas, barata e o que se segue no caixão de lixo, o que deveria ter feito desde muito tempo. Mas note bem, minha senhora, note bem, a barata não se queixa. Eis a resposta ao seu "por quê?" – exclamou ele, triunfante. – A barata não se queixa! Quanto a Nikífor, representa a Natureza – acrescentou ele, rapidamente, e se pôs a passear pela sala com ar satisfeito. Varvara Pietrovna estava dominada por uma cólera terrível.

– E permita-me que lhe peça explicações a respeito desse dinheiro que teria recebido de Nikolai Vsiévolodovitch e que não lhe entregaram. O senhor ousou lançar uma acusação contra uma pessoa de minha família.

– Calúnia! – berrou Liebiádkin, levantando a mão direita num gesto trágico.

– Não, não é uma calúnia.

– Minha senhora, há circunstâncias que obrigam a suportar a desonra em sua própria família em lugar de proclamar-se em voz alta a verdade. Liebiádkin saberá calar-se, minha senhora!

Estava como que cego; arrebatado por uma espécie de inspiração, sentia sua importância: tinha certamente uma ideia sua. Chegara a um ponto em que teria querido insultar alguém, manchar alguma coisa para mostrar seu poder.

– Queira tocar a campainha, por favor, Stiepan Trofímovitch – pediu Varvara Pietrovna.

– Liebiádkin é astuto, minha senhora – prosseguiu o capitão, piscando o olho e com um sorriso maldoso, – é um sabidão, mas tem, também ele, seu ponto fraco; também ele se encontra, por vezes, no átrio das paixões e esse átrio é representado pelo velho cantil militar dos hussardos que Dienis Davídov cantou. Então estando nesse átrio,

minha senhora, pode acontecer que envie ele uma carta em versos, uma carta das mais admiráveis, minha senhora, mas uma carta que mais tarde quereria ele muito retirar à custa das lágrimas de toda a sua vida, porque o sentimento do belo foi destruído. Mas desde que o pássaro voou, impossível se torna agarrá-lo pela cauda. E sobre esse átrio, minha senhora, Liebiádkin pôde falar duma moça distinta, na nobre indignação de uma alma revoltada pela injustiça, e seus caluniadores terão se aproveitado disso. Mas Liebiádkin é astuto, minha senhora! E é em vão que o feroz o tocaia, não cessando de dar-lhe de beber e de esperar o fim. Liebiádkin retém sua língua. E no fundo da garrafa, encontra-se sempre, em lugar das palavras esperadas, a astúcia de Liebiádkin. Mas basta, oh! basta, minha senhora! Sua suntuosa moradia é digna de pertencer aos maiores senhores, mas a barata não se queixa. Note isto, note-o pois, afinal, não se queixa, e reconheça sua grandeza de alma!

Naquele instante, ouviu-se lá em baixo um toque de campainha, proveniente da portaria e quase imediatamente Alieksiéi Iegórovitch apareceu em resposta à campainhada dada por Stiepan Trofímovitch, à qual havia ele demorado um pouco em atender. O velho e digno servidor parecia achar-se num estado de agitação extraordinária.

– Nikolai Vsiévolodovitch dignou-se chegar há um instante e dirige-se para aqui – anunciou ele em resposta ao olhar interrogador de Varvara Pietrovna. Lembro-me muito particularmente da atitude desta naquele momento; a princípio empalideceu, mas de repente seus olhos cintilaram. Endireitou-se na poltrona com ar extraordinariamente resoluto. Todos estavam surpresos de verdade. A chegada totalmente inesperada de Nikolai Vsiévolodovitch, que não se esperava antes de um mês, não era somente estranha em razão de sua subitaneidade, mas também porque ocorria num momento tão fatídico. O próprio capitão ficou plantado como um poste bem no meio do salão, de boca aberta e fixando o olhar na porta com uma expressão tremendamente estúpida.

E eis que na sala vizinha – peça muito comprida e muito larga – ouviu-se um tropel de passos que se aproximavam rapidamente, de pequenos passos extremamente apressados: parecia que alguém chegava correndo e esse alguém irrompeu no salão: não era Nikolai

Vsiévolodovitch, mas um homem jovem, completamente desconhecido de todos.

## *V*

Vou me permitir parar aqui para esboçar rapidamente em grandes traços esse personagem que entrava em cena tão bruscamente.

Era um jovem de cerca de vinte e sete anos, de estatura acima da média, cabelos cor de estopa, longos e lisos, de bigode e barbicha flocosos e mal espontando. Estava decentemente trajado e segundo a moda em vigor, mas sem afetação. À primeira vista, parecia curvado e canhestro, mas, no entanto, não era curvado e seu aspecto era desenvolto. Tinha ar de um extravagante, e, contudo, achamos todos depois que tinha boas maneiras e que sua conversação nunca deixava de ser apropriada.

Ninguém o teria achado feio e, entretanto, seu rosto não agradava a ninguém. Sua cabeça alongava-se atrás e parecia achatada de lado, de modo que seu rosto tinha um formato anguloso. A testa era alta e estreita, mas as feições miúdas e o olhar agudo, o nariz pequeno e pontudo, os lábios longos e delgados. A expressão de seu rosto teria dado a crer que sua saúde não era boa, mas não era o caso. Tinha em cada face, perto dos pômulos, uma ruga seca que lhe dava o ar de um homem que convalesce duma doença grave. Entretanto gozava duma saúde rija e jamais estivera doente.

Andava e se movia rapidamente e, no entanto, nunca parecia apressado. Nada parecia poder desconcertá-lo; em qualquer circunstância e qualquer que fosse a sociedade, permanecia ele próprio. Possuía forte dose de fatuidade, mas sem que ele mesmo se desse conta absolutamente.

Falava com rapidez, precipitadamente, mas ao mesmo tempo com segurança e jamais se via obrigado a procurar as palavras a dizer. Malgrado sua precipitação aparente, suas ideias eram perfeitamente ordenadas, claras e precisas – detalhe que impressionava de modo especial. Sua dicção era de uma nitidez maravilhosa. Suas palavras caíam como grossos grãos uniformes, sempre bem escolhidas e ao

serviço do ouvinte. Isto era agradável a princípio, mas em seguida sentia a gente antipatia por aquela dicção demasiado nítida, aquele fluxo de palavras sempre prontas. Acabava-se por imaginar de certo modo que ele devia ter uma língua de conformação particular, excepcionalmente longa e delgada, com uma ponta aguda terrivelmente vermelha e afilada, sem cessar em movimento.

Em suma, tal era o jovem que entrou como uma rajada no salão e na verdade nada me tirará a ideia de que devia ter começado a falar na sala vizinha e entrado bem no meio de uma frase. Num abrir e fechar de olhos veio plantar-se diante de Varvara Pietrovna.

– Imagine, Varvara Pietrovna – disse ele, com volubilidade, – que entro, esperando encontrá-lo aqui há um bom quarto de hora; há uma hora e meia que ele chegou, encontramo-nos em casa de Kirílov. Partiu há uma meia hora na intenção de vir para aqui diretamente e me disse que eu mesmo viesse para cá um quarto de hora depois…

– Mas quem?… Quem lhe disse para vir cá? – perguntou Varvara Pietrovna.

– Ora, Nikolai Vsiévolodovitch! Será possível que não esteja ainda informado disso? Em todo o caso, suas bagagens deveriam estar aqui desde muito tempo. Como se dá que não lhe tenham dito? Sou então o primeiro a trazer-lhe a notícia? Poderíamos enviar alguém à sua procura; contudo estará certamente aqui, em pessoa, sem demora. E imagino que isto bate maravilhosamente com algumas de suas previsões e, tanto quanto posso julgar, com alguns de seus cálculos.

Ao dizer isto, corria seu olhar em redor da sala e detinha-o, com atenção particular, no capitão.

– Ah! Elisavieta Nikoláievna, como estou contente por encontrá-la logo de entrada; encantado por poder apertar-lhe a mão. –Lançou-se para Lisa, que sorria alegremente, a fim de pegar a mão que ela lhe estendia. – E vejo que a distintíssima Praskóvia Ivánovna não esqueceu seu “professor” e mesmo não está zangada com ele, como sempre ocorria na Suíça. Pois bem! Como vão as pernas, aqui, Praskóvia Ivânovna, e tiveram os doutores suíços razão de prescrever-lhe o ar do país natal? Como? Fumigações? Isto deveria fazer-lhe

muito bem. Mas quanto lamentei, Varvara Pietrovna – disse ele, voltando-se rapidamente para esta, – não ter chegado a tempo para vê-la no estrangeiro e para apresentar-lhe meu respeitos de viva voz; sem contar que tinha uma multidão de coisas a dizer-lhe… Bem prevenira meu "velho" aqui, mas sem dúvida fez ele como faz sempre…

– Pietruchka! – exclamou Stiepan Trofímovitch, saindo por um instante de seu estupor. Juntou as mãos e avançou para seu filho. – *Pierre, mon enfant*! E dizer que não te havia reconhecido! – Apertou-o de encontro ao peito e lágrimas correram de seus olhos.

– Vejamos, calma, calma, basta de efusões, basta, rogo-te – murmurou precipitadamente Pietruchka, procurando desvencilhar-se do abraço paterno.

– Sempre, sempre fui culpado para contigo.

– Basta, digo-te. Falaremos disto mais tarde. Sabia bem que farias cenas sentimentais. Vejamos, um pouco mais de discrição, peço-te.

– Mas há dez anos que não te via.

– Razão a mais para não fazer tantas demonstrações.

– *Mon enfant*!

– Pois bem, creio na tua afeição, creio nela, mas solta as mãos. Vês bem que constranges os outros… Ah! eis Nikolai Vsiévolodovitch; fica tranquilo, rogo-te.

Com efeito, Nikolai Vsiévolodovitch já estava na sala; entrou de mansinho e parou um instante na soleira, passeando um olhar tranquilo pelos presentes.

Como quatro anos antes, quando o vira pela primeira vez, fiquei impressionado naquele momento, desde o primeiro olhar que lhe lancei. Não o havia absolutamente esquecido, mas há, creio, certas fisionomias que a cada aparição parecem sempre revelar algo de novo que não se havia percebido até então, se bem que se tivesse podido vê-las uma centena de vezes já. Na aparência, era absolutamente o

mesmo de quatro anos antes. Era tão elegante, tão cheio de dignidade e movia-se com o mesmo ar de importância que então, e parecia mesmo quase tão jovem como antes. Seu leve sorriso, todo satisfeito de si mesmo, conservara a mesma afabilidade de encomenda. Seus olhos tinham o mesmo olhar severo, pensativo e de certo modo distraído. Em suma, parecia termo-nos deixado na véspera. Mas uma coisa feriu-me a atenção. Outrora, se bem que o achássemos belo, seu rosto, com efeito, "tinha o ar de uma máscara", para me servir da expressão de certas más línguas femininas de nossa sociedade. Hoje… hoje, não sei por que, apareceu-me à primeira vista, duma absoluta, duma incontestável beleza, de sorte que ninguém teria podido dizer que seu rosto tinha o ar de uma máscara. Seria, talvez, porque ele estivesse um pouco mais pálido que outrora e parecesse um pouco emagrecido? Ou então houvesse em seus olhos a luz de algum pensamento novo?

– Nikolai Vsiévolodovitch! – exclamou Varvara Pietrovna erguendo-se, mas sem levantar de sua poltrona e detendo-o com um gesto imperioso. – Espera um minuto.

Mas a fim de explicar a terrível pergunta que se seguiu, de repente, a esse gesto e a essa exclamação – pergunta que eu teria julgado impossível mesmo de parte de Varvara Pietrovna, – devo rogar ao leitor que se lembre do que sempre fora o temperamento dessa senhora e do caráter extraordinariamente impulsivo de que dava ela prova em certos momentos críticos. Rogo-lhe que tenha em conta igualmente o fato de que, apesar da sua força de alma excepcional, a soma considerabilíssima de razão e senso prático, para não dizer doméstico, que ela possuía, havia, não obstante, em sua existência, momentos em que ela se deixava arrebatar completamente, toda inteira e, se se pode dizer, sem nenhuma contenção. Rogo-lhe que pense ainda que o momento atual podia ser verdadeiramente para ela um daqueles em que se concentra, como em um foco único toda a essência da vida, de todo o passado e de todo o presente, talvez também de todo o futuro. Devo lembrar também, de passagem, a carta anônima de que falara com tanta irritação a Praskóvia Ivânovna, embora nada tivesse dito, me parece, a respeito da derradeira parte da carta. Entretanto, talvez esta contivesse a explicação da possibilidade

daquela terrível pergunta que ela fez, de súbito, a seu filho.

– Nikolai Vsiévolodovitch – repetiu ela, martelando suas palavras num tom resoluto em que transparecia uma intimação ameaçadora, – rogo-lhe que me diga imediatamente, sem sair de seu lugar: é verdade que essa infeliz enferma – ei-la, aí a tem, olhe-a – é verdade que ela seja… sua esposa legítima?

Lembro-me muito bem daquele momento: Nikolai Vsiévolodovitch nem sequer pestanejou, mas olhou fixamente sua mãe. Seu rosto não mostrou a menor mudança. Por fim, pôs-se a sorrir, uma espécie de sorriso indulgente e, sem responder uma só palavra, aproximou-se de sua mãe a passos tranquilos, tomou-lhe a mão, levou-a respeitosamente aos lábios e beijou-a. E tão grande era seu irresistível ascendente sobre a mãe que mesmo então não ousou ela retirar a mão. Contentou-se em olhá-lo longamente, todo o seu ser, concentrado naquela pergunta, parecendo indicar que não poderia suportar um instante mais aquela incerteza.

Mas ele continuava em silêncio. Depois de ter beijado a mão de sua mãe, passeou ainda uma vez seu olhar pela sala e andando, como antes, sem pressa, dirigiu-se para Maria Timofiéievna. Difícil seria descrever a fisionomia das pessoas em certos momentos. Lembro-me, por exemplo, que Maria Timofiéievna, a quem o medo cortava a respiração, levantou-se para ir ao encontro dele e juntou as mãos diante de si, numa atitude suplicante. E me lembro, por outra parte, do êxtase frenético que a desfigurava, por assim dizer, êxtase quase demasiado forte para que uma criatura humana pudesse suportá-lo. Talvez os dois sentimentos nela se encontrassem, o terror e o êxtase. Mas lembro-me de ter avançado precipitadamente para ela (não estava longe), porque imaginei que ela iria desmaiar.

– Seu lugar não é aqui – disse-lhe Nikolai Vsiévolodovitch com uma voz cariciosa e melodiosa; e havia em seus olhos um clarão de ternura extraordinária. Mantinha-se diante dela na atitude mais deferente e cada um de seus gestos testemunhava um respeito sincero. A pobre moça gaguejou surdamente algumas palavras entrecortadas.

– Será que posso… ajoelhar-me… agora diante de você?

– Não, não pode – respondeu-lhe ele com um sorriso magnífico, tanto que ela se pôs logo a rir alegremente. Com a mesma voz melodiosa e repreendendo-a com ternura, como se ela fosse uma criança, prosseguiu gravemente:

– Lembre-se de que é uma moça e de que, embora seja eu seu amigo devotado, não sou senão um estranho para você; não sou nem seu marido, nem seu pai, nem seu noivo. Dê-me o braço e partamos: vou pô-la no carro e, se o permitir, vou acompanhá-la até sua casa.

Ela o escutou e pendeu a cabeça com ar pensativo.

– Partamos – disse ela com um suspiro, dando-lhe a mão.

Mas no mesmo instante, aconteceu-lhe um leve contratempo. Teve de voltar-se sem precaução, apoiando-se na perna doente, que era mais curta que a outra. Caiu de lado sobre uma poltrona, e se a poltrona não se encontrasse ali, teria se estatelado no chão. Ele a agarrou logo e a susteve, depois mantendo-lhe o braço fortemente sob o seu, conduziu-a com um cuidado comovedor para a porta. Ela se mostrava claramente mortificada por causa de sua queda, corava, toda desconcertada e terrivelmente confusa. Com os olhos fixos no chão, sem dizer uma palavra e coxeando penosamente, seguia-o, capengando, quase suspensa do braço dele. Saíram assim. Vi Lisa levantar bruscamente de sua cadeira, por uma ou outra razão, quando eles saíram, e acompanhá-los com um olhar imóvel até que chegassem à porta. Então tornou a sentar em silêncio, mas suas feições contraíam-se convulsivamente, como se houvesse ela tocado em um réptil.

Enquanto se desenrolava esta cena entre Nikolai Vsiévolodovitch e Maria Timofiéievna, todos ficaram mudos de estupefação: seria possível ouvir voar uma mosca; mas assim que eles saíram, todos se puseram a falar ao mesmo tempo.

## *VI*

Aquilo parecia pouco com uma conversa, de qualquer modo; eram sobretudo exclamações. Esqueci-me um pouco a ordem em que se sucederam os acontecimentos, porque se seguiu uma cena de

confusão. Stiepan Trofímovitch, juntando as mãos, lançou não sei qual exclamação em francês, mas Varvara Pietrovna não lhe deu a menor atenção. O próprio Mavríki Nikoláievitch murmurou um comentário rápido e entrecortado. Mas o mais superexcitado de todos era Piotr Stiepânovitch. Fazia, com grandes gestos, esforços desesperados para persuadir Varvara Pietrovna de alguma coisa, mas levei muito tempo a compreender de que se tratava. Apelava para Praskóvia Ivânovna, bem como para Elisavieta Nikoláievna, e na sua agitação gritou mesmo, de passagem, não sei que a seu pai; em suma, não parava de mover-se dentro do salão. Varvara Pietrovna, completamente rubra, levantou-se de sua cadeira e gritou para Praskóvia Ivânovna: "Ouviste o que ele lhe disse aqui agora mesmo, ouviste-o?". Mas esta estava incapaz de responder-lhe. Só pôde murmurar algo com um gesto de mão. A pobre mulher já tinha o bastante que fazer pensando nos seus próprios aborrecimentos. Voltava a cada instante a cabeça para Lisa, a quem lançava olhares marcados de indizível terror, mas não ousou nem mesmo pensar em ficar em pé e retirar-se antes que sua filha o fizesse. Durante esse tempo, o capitão ia tratando de escapulir-se. Este detalhe me chamou a atenção. Incontestavelmente, ele estava tomado de grande pânico, desde o instante em que aparecera Nikolai Vsiévolodovitch. Mas Piotr Stiepânovitch agarrou-o pelo braço e impediu-o de sair.

– É necessário, absolutamente necessário – prosseguiu ele, com volubilidade, dirigindo-se a Varvara Pietrovna, a quem procurava sempre convencer. Mantinha-se diante dela, que já havia tornado a sentar em sua poltrona, escutando-o, lembro-me bem, avidamente. Conseguira reter-lhe a atenção.

– É necessário. A senhora mesma o vê, Varvara Pietrovna, que há um mal-entendido nisso e muitas coisas que parecem estranhas, e, contudo, o caso é claro como água de rocha e simples como um bom dia. Compreendo muito bem que ninguém me encarregou de contar essa história e sem dúvida pareço ridículo adiantando-me assim. Mas, em primeiro lugar, o próprio Nikolai Vsiévolodovitch não liga importância alguma à coisa, e, aliás, há casos em que o homem dificilmente se resolve a explicar ele mesmo a coisa. Eis por que é absolutamente necessário que esta explicação seja fornecida por um

terceiro, ao qual é mais fácil enunciar em palavras certos fatos delicados. Acredite-me, Varvara Pietrovna, Nikolai Vsiévolodovitch não é de modo algum digno de censura por não ter respondido ainda há pouco à sua pergunta com uma explicação completa; é um caso perfeitamente banal. Conheço-o desde a época de sua estada em Petersburgo. Aliás, toda essa história faz honra a Nikolai Vsiévolodovitch, se é preciso valer-nos dessa vaga palavra "honra".

– Quer dizer que o senhor foi testemunha dum incidente que ocasionou… esse mal-entendido? – perguntou Varvara Pietrovna.

– Fui testemunha dele e nele tomei parte – apressou-se em declarar Piotr Stiepânovitch.

– Se me dá sua palavra de que isso não ferirá a delicadeza de Nikolai Vsiévolodovitch nos seus sentimentos para comigo a quem jamais nada ocultou… e se está convencido também de lhe ser agradável agindo assim…

– Será com certeza agradável para ele e é porque considero isto também como um dever particularmente agradável. Estou convencido de que ele próprio me suplicaria que o fizesse.

O desejo indiscreto daquele senhor, que parecia ter caído do céu no meio de nós para contar os casos alheios, era bastante estranho e se adequava pouco aos usos correntes. Mas fisgara Varvara Pietrovna, tocando-a num lugar bastante sensível. Não conhecia eu ainda, naquele momento, o caráter daquele homem, ainda menos os desígnios que tinha em vista.

– Estamos à sua escuta – declarou Varvara Pietrovna, num tom prudente e reservado. Sofria um tanto por causa de sua condescendência.

– A história não é longa; não chega a ser mesmo uma história, se quiserem – prosseguiu ele com palavras apressadas, – muito embora um romancista achasse meio talvez de compor com ela, nos seus momentos de lazer, um romance. É um pequeno incidente bastante interessante, Praskóvia Ivânovna, e estou certo de que Elisavieta Nikoláievna o escutará com interesse, porque há nele muitas coisas

estranhas, senão maravilhosas. Há cinco anos, em Petersburgo, Nikolai Vsiédolovitch travou conhecimento com esse senhor, esse mesmo Senhor Liebiádkin que ali está, de boca aberta, e que estava com muita vontade, penso, de logo nos deixar sem despertar a atenção. Desculpe-me, Varvara Pietrovna. Não lhe aconselho, entretanto, que se vá embora, senhor ex-amanuense do antigo serviço de abastecimento. Vê que me lembro bem do senhor. Sabemos muito bem, Nikolai Vsiévolodovitch e eu, quais têm sido suas proezas aqui, e meta bem na cabeça que deve dar-nos delas contas. Peço-lhe perdão uma vez mais, Varvara Pietrovna. Naquela época, Nikolai Vsiévolodovitch chamava esse senhor de seu Falstaff, o que deve significar – explicou ele de repente, – um caráter "burlesco" de quem toda a gente zomba e que deixa que toda gente dele zombe, contanto que ele próprio tire proveito disso. Nikolai Vsiévolodovitch levava então em Petersburgo uma vida "de derrisão" por assim dizer. Não posso encontrar outro termo para qualificá-la, porque ele não é homem para abandonar-se à abjeção e cuidava mesmo então de ocupar-se com o que quer que fosse. Só falo daquela época, Varvara Pietrovna. Liebiádkin tinha uma irmã, essa mesma pessoa que se encontrava aqui há pouco. O irmão e a irmã não tinham um "cortiço" seu, mas moravam ora em casa de um, ora em casa de outro. O irmão vagava constantemente sob as arcadas do Gostíni Dvor,[72] sempre vestido com seu antigo uniforme e detinha por vezes os transeuntes bem vestidos e tudo quanto estes lhe davam gastava em bebida. Sua irmã vivia como os passarinhos do bom Deus. Ajudava as pessoas em seus "cortiços" e prestava-lhes, quando preciso, pequenos serviços. Era uma confusão espantosa. Não me estenderei a respeito dessa existência nos cortiços, existência à qual Nikolai Vsiévolodovitch se havia dedicado naquela ocasião por excentricidade. Só me refiro àquela época, Varvara Pietrovna; quanto à "excentricidade", é a própria expressão dele. Ele não me oculta muita coisa. A Senhorita Liebiádkin, que durante algum tempo teve muitas ocasiões de encontrar Nikolai Vsiévolodovitch, ficou fascinada pelo seu aspecto. Era uma espécie de diamante engastado no fundo sórdido de sua existência. Não tenciono descrever sentimentos, de modo que passarei isto por alto; mas pessoas vis puseram-se logo a zombar dela, causando-lhe vivo pesar. Em geral, tinha-se hábito de zombar dela, mas antes não se dera ela conta disso. Já estava naquela época de espírito transtornado, porém não tanto quanto hoje. Tem-se

toda razão de crer que na sua infância recebeu certa educação, graças a uma benfeitora. Nikolai Vsiévolodovitch jamais lhe prestava a mínima atenção. Passava a maior parte de seu tempo jogando preferência com um velho baralho sebento a um quarto de cêntimo a parada, em companhia de empregados do comércio. Mas num dia em que ofendiam a infeliz, agarrou pela gola um daqueles empregados (sem perguntar por que, nem como) e atirou-o pela janela do segundo andar. Não se deve ver nisso um movimento de indignação cavalheiresca à vista da inocência ultrajada; a operação realizou-se em meio de gargalhadas dos presentes e quem riu mais foi o próprio Nikolai Vsiévolodovitch. Como o caso não teve consequências desagradáveis, houve reconciliação e puseram-se a beber ponche. Mas a inocência ultrajada, esta não esqueceu a coisa. Bem entendido, isto acabou num abalo definitivo de suas faculdades mentais. Repito-o, não pretendo descrever seus sentimentos; mas trata-se sobretudo dum sonho neste caso particular. E Nikolai Vsiévolodovitch contribuiu ainda para excitar esse sonho como que de propósito. Em lugar de rir dela, pôs-se de repente a tratar a Senhorita Liebiádkina com um respeito inesperado. Kirílov, que se encontrava lá (um rapaz muito original, Varvara Pietrovna, e muito brusco; a senhora talvez o veja um desses dias, pois se encontra atualmente aqui); pois bem, esse Kirílov que, em regra geral, jamais abre a boca, zangou-se de repente e disse, lembro-me bem, a Nikolai Vsiévolodovitch, que ele tratava aquela moça como marquesa e que acabava assim de virar-lhe a cabeça. Acrescentarei que Nikolai Vsiévolodovitch tinha certa estima por esse Kirílov. Que pensam que ele lhe respondeu? “Você imagina, Kirílov, que eu zombo dela; desengane-se, respeito-a realmente, porque ela vale mais que todos nós.” E disse isso, notem-no bem, com o tom mais sério. No entanto, ele não lhe havia, por assim dizer, dirigido a palavra havia dois ou três meses, senão para dizer-lhe “bom dia” e “até logo”. Lembro-me, porque eu estava presente, de que ela veio a considerá-lo quase como um noivo que não ousava “raptá-la”, muito simplesmente porque tinha muitos inimigos e dificuldades de família, ou por qualquer outra razão do mesmo gênero. Quantas gargalhadas provocava isso! Enfim, Nikolai Vsiévolodovitch teve de voltar para aqui e creio que antes de sua partida tomou disposições para garantir-lhe o destino e, creio, pagar-lhe uma pensão anual de pelo menos trezentos rublos, senão mais. Em resumo, ponhamos que

se tratasse para ele apenas de um capricho, de uma fantasia de homem prematuramente gasto, talvez! Pode ter-se dado mesmo, como Kirílov disse a ele, que se tratasse de uma experiência nova para um homem desocupado, a fim de saber até onde se pode levar uma coxa de miolo mole. “Você escolheu de propósito – dizia-lhe ele, – a derradeira das criaturas, uma coxa, constantemente exposta à vergonha e aos maus tratos, sabendo, aliás, que essa criatura morria por você de um amor ridículo, e começou a mistificá-la deliberadamente, muito simplesmente para ver o que resultaria disso.” Não se vê, entretanto, muito bem por que um homem seria assim responsabilizado pelas manias de uma maluca a que, notem, havia dirigido nada mais que umas duas frases desde que a conhecia! Há dessas coisas, Varvara Pietrovna, das quais não só não é possível falar duma maneira sensata, mas das quais é mesmo ridículo tentar falar. Vamos, admitamos, se querem, que seja originalidade e não falemos mais disso. Em todo o caso, é tudo quanto de mal se possa dizer e, no entanto, eis que se forjou toda uma história em torno disso. Estou até certo ponto ao corrente, Varvara Pietrovna, do que se passa aqui.

O narrador interrompeu-se bruscamente e fez menção de voltar-se para Liebiádkin, mas Varvara Pietrovna deteve-o. Achava-se num estado de extrema exaltação.

– Acabou? – perguntou ela.

– Ainda não. Para completar meu relato, precisaria fazer uma ou duas perguntas àquele senhor, se a senhora assim permitir… verá imediatamente onde quero chegar.

– Basta, mais tarde, fique aí, no momento, rogo-lhe. Ah! como fiz bem em deixá-lo falar!

– E note isto, Varvara Pietrovna – acrescentou vivamente Piotr Stiepânovitch, – teria podido Nikolai Vsiévolodovitch dar todas estas explicações, ainda há pouco, em resposta à pergunta da senhora, talvez um pouco demais categórica?

– Oh! decerto, um pouco demais.

– E não tinha eu razão de dizer que em certos casos é muito mais

fácil a um terceiro fornecer explicações que ao principal interessado?

– Sim, sim… mas há um ponto a respeito do qual o senhor se enganou, e, verifico-o com pesar, continua a enganar-se.

– Deveras? E em que então?

– Veja… mas por que não senta, Piotr Stiepânovitch?

– Oh! como queira. Estou fatigado, com efeito. Obrigado.

Aproximou logo uma poltrona e voltou-a de maneira a ter de um lado Varvara Pietrovna e do outro Praskóvia Ivânovna, sentada à mesa, ao passo que em sua frente tinha Liebiádkin, do qual não desfitava um instante o olhar.

– O senhor se engana chamando isso de "originalidade"…

– Oh! se é apenas isso…

– Não, não, não, espere um pouco – disse Varvara Pietrovna, que se dispunha manifestamente a lançar-se com entusiasmo num longo discurso. Percebendo isto, Piotr Stiepânovitch prestou-lhe toda a atenção.

– Não, era algo de mais elevado que a originalidade e, asseguro-lhe, algo mesmo de sagrado! Um homem altivo, que bem cedo sofreu humilhações e que chegou a ponto de levar essa vida de "derrisão" segundo sua observação tão sutil, é, numa palavra, o Príncipe Harry, para me servir do excelente apelido que Stiepan Trofímovitch lhe concedeu outrora e que teria sido perfeitamente exato, se não se assemelhasse ele mais ainda a Hamlet, pelo menos na minha opinião.

– *Et vous avez raison* – apoiou Stiepan Trofímovitch com emoção.

– Obrigada, Stiepan Trofímovitch. Obrigada bem especialmente pela sua fé inabalável em Nikolai, na grandeza de sua alma e de sua missão. Esta fé, você chegou mesmo a reforçá-la em mim, nas horas de desfalecimento.

– *Chère, chère.* – Stiepan Trofímovitch fez menção de dirigir-se

para ela, mas parou, julgando que seria perigoso interromper.

– E se Nikolai tivesse tido sempre a seu lado – quase gritou Varvara Pietrovna – um pacífico Horácio, grande na sua humilde, outra bela expressão sua, Stiepan Trofímovitch, talvez tivesse sido ele salvo desde muito tempo do "triste e violento demônio da ironia", que toda a vida o tem dilacerado. (O demônio da ironia, ainda uma de suas maravilhosas expressões, Stiepan Trofímovitch.) Mas Nikolai nunca teve Horácio nem Ofélia. Só teve sua mãe e que pode uma mãe sozinha e em semelhantes condições? Sabe, Piotr Stiepânovitch, é-me perfeitamente compreensível agora que um ser como Nikolai tenha podido encontrar-se mesmo em alfurjas tão imundas como aquelas de que o senhor falou. Imagino bem claramente hoje essa existência de "derrisão" (uma de suas expressões espantosamente sutis!), essa sede insaciável dos contrastes, esse fundo tenebroso sobre o qual ele se destaca como um diamante, para me servir ainda de uma de suas comparações, Piotr Stiepânovitch. E eis que ele ali encontra uma criatura maltratada por todo mundo, enferma, semilouca e que, ao mesmo tempo, possui talvez os sentimentos mais nobres…

– Hum… Sim, admitamos…

– Depois disso o senhor não compreende que ele não se ria dela como todos os outros? Oh! as criaturas! O senhor não compreende que ele a defenda contra os insultantes, que a cerque de respeito "como uma marquesa" (esse Kirílov deve ter um conhecimento excepcionalmente aprofundado dos homens, se bem que não haja compreendido Nikolai). Se quiser, foi precisamente esse contraste que causou todo o mal. Se essa desgraçada criatura se tivesse encontrado em um meio diferente, não teria jamais talvez chegado a acariciar tão louca ilusão. Uma mulher, só uma mulher pode compreender essas coisas, Piotr Stiepânovitch, e que pena não ser o senhor uma mulher, pela menos dessa vez, a fim de poder compreender.

– A senhora quer dizer no sentido de que quanto pior vão as coisas, melhor. Compreendo, Varvara Pietrovna! O mesmo ocorre mais ou menos com a religião: quanto mais a vida é dura para o homem, quanto mais é um povo oprimido e miserável, tanto mais se obstina em sonhar compensações no paraíso; e se cem mil padres se põem a

encorajá-lo nas suas ilusões e a especular sobre elas, então… Compreendo-a, Varvara Pietrovna, fique tranquila.

– Não é, aliás, totalmente isso; mas, diga-me, devia Nikolai, para abafar o sonho naquele mísero organismo (porque Varvara Pietrovna se servia aqui da palavra "organismo", não conseguia eu compreender), zombar dela e tratá-la como faziam os outros empregados? É possível que o senhor se recuse verdadeiramente a reconhecer a alta compaixão, o nobre frêmito de todo o organismo com que Nikolai respondeu a Kirílov: "Não zombo dela"? Grande, santa resposta!

– Sublime – murmurou Stiepan Trofímovitch.

– E note bem, ainda uma vez, que não é ele assim tão rico como o senhor supõe. Sou eu que sou rica e não ele, que então não recebia quase nada de mim.

– Compreendo, compreendo tudo isso, Varvara Pietrovna – disse Piotr Stiepânovitch, com um sinal de leve impaciência.

– Oh! é meu gênio! Reconheço-me em Nikolai. Reconheço essa juventude, essa disposição para os transportes violentos, tempestuosos. E se algum dia nos tornarmos amigos, e pela minha parte, espero sinceramente que nos tornemos, sobretudo após as obrigações que contraí para com o senhor, então talvez compreenda…

– Oh! creia que o desejo também de minha parte – murmurou Piotr Stiepânovitch, com uma voz entrecortada.

– Compreenderá então o impulso que o impele, na cegueira de um sentimento generoso, a frequentar um homem indigno do senhor sob todos os aspectos, que o desconhece profundamente, que está pronto a torturá-lo todas as vezes que a ocasião se apresente e, apesar de tudo, a fazer dum homem semelhante a encarnação duma espécie de ideal, do seu sonho, a concentrar nele todas as suas esperanças, a inclinar-se diante dele, a amá-lo toda a sua vida, absolutamente sem saber por que – precisamente talvez porque seja ele indigno disso… Oh! como tenho sofrido toda a minha vida, Piotr Stiepânovitch!

Stiepan Trofímovitch, cujo rosto mostrava uma expressão dolorosa, tentou captar meu olhar, mas desviei-me a tempo.

–…bem ultimamente ainda, ultimamente, oh! quanto sou culpada para com Nikolai!… O senhor não me acreditaria, se lhe dissesse como me atormentaram de toda parte, todos, todos, inimigos, e tratantes, e amigos, os amigos talvez mesmo mais que os inimigos. Quando me trouxeram a primeira desprezível carta anônima, Piotr Stiepânovitch, o senhor não acreditaria, mas não tive a força, afinal, de responder pelo desprezo a todas essas vilanias… Jamais, jamais, perdoarei a mim mesma minha "pusilanimidade".

– Já ouvi um pouco falar aqui de cartas anônimas – disse Piotr Stiepânovitch, animando-se de súbito, – e saberei por certo descobrir seus autores, fique tranquila.

– Mas o senhor não pode imaginar as intrigas que foram urdidas aqui. Chegaram mesmo a atormentar a nossa pobre Praskóvia Ivânovna e que razão pode-se ter para atormentá-la? Tenho talvez sido bem culpada para contigo hoje, minha cara Praskóvia Ivânovna – acrescentou ela, num generoso impulso de benevolência, que todavia não excluía certa ironia triunfante.

– Pare com isso, mãezinha – resmungou a outra, mal-humorada. – Na minha opinião faríamos melhor pondo fim a tudo isso; já se falou demais. – E de novo lançou um olhar tímido para o lado de Lisa, mas esta olhava para Piotr Stiepânovitch.

– E essa desgraçada criatura, essa louca que tudo perdeu e que só conservou seu coração, é minha intenção agora adotá-la – exclamou de repente Varvara Pietrovna. – É um dever que estou disposta a cumprir santamente. A partir de hoje tomo-a sob minha proteção.

– E será mesmo muito bem em certo sentido – exclamou Piotr Stiepânovitch, com renovada animação. – Desculpe-me, não acabei ainda há pouco. É precisamente da proteção de que ela tem necessidade que desejo falar. Acredita a senhora? Logo que Nikolai Vsiévolodovitch partiu (retomo a narrativa no ponto em que parei, Varvara Pietrovna) aquele senhor ali, aquele Senhor Liebiádkin, imaginou imediatamente que tinha o direito de dispor da pensão

destinada à sua irmã. E dela dispôs com efeito. Não sei exatamente de que maneira Nikolai Vsiévolodovitch tinha então regulado as coisas, mas um ano mais tarde, quando ele soube no estrangeiro o que se tinha passado, foi obrigado a tomar outras disposições. Aqui ainda, não estou ao corrente dos detalhes; ele próprio lhe dirá. Sei somente que aquela interessante criatura foi colocada em alguma parte num convento afastado, em condições materiais bastante confortáveis, mas sob uma vigilância amigável, compreende o que quero dizer? Mas que pensa que o Senhor Liebiádkin tenha decidido então? Começou por fazer todo o possível para descobrir onde estava oculta a fonte de suas rendas, isto é, sua irmã. Só ultimamente atingiu seu objetivo; retirou sua irmã do convento, alegando não sei quais direitos sobre ela e trouxe-a para aqui, diretamente. Aqui, não a alimenta convenientemente, bate-lhe, tiraniza-a. Logo que de uma maneira ou de outra subtrai uma soma qualquer de Nikolai Vsiévolodovitch, embriaga-se da manhã à noite e, como prova de gratidão, acabou por desafiar descaradamente Nikolai Vsiévolodovitch, dirigindo-lhe pedidos insensatos, ameaçando-o de processos judiciários, se a pensão não lhe fosse paga diretamente a ele. De sorte que considera como um tributo o donativo voluntário de Nikolai Vsiévolodovitch. A senhora pode imaginar isso? Senhor Liebiádkin, tudo quanto acabo de dizer não é verdade?

O capitão que, até aquele momento, se conservara silencioso e de cabeça baixa, deu vivamente dois passos para diante e corou violentamente.

– Piotr Stiepânovitch, o senhor tratou-me com crueldade – articulou ele, com dificuldade.

– Por que com crueldade? E em quê? Mas permita que deixe para mais tarde esta questão de crueldade ou de doçura. Agora, peço-lhe que responda à minha primeira pergunta; tudo quanto disse é verdade, sim ou não? Se acha que é falso, tem liberdade de declará-lo agora mesmo.

– Eu… o senhor mesmo sabe, Piotr Stiepânovitch – balbuciou ele, mas não pôde continuar e recaiu no silêncio. É de notar que Piotr Stiepânovitch estava sentado numa poltrona, de pernas cruzadas, ao

passo que o capitão se mantinha de pé diante dele, na atitude mais atenciosa.

A hesitação de Liebiádkin pareceu desagradar profundamente a Piotr Stiepânovitch; um espasmo de cólera alterou-lhe o rosto.

– Vamos, não tem alguma declaração a fazer? – disse, olhando o capitão com ar maldoso. – Neste caso, tenha a bondade de falar. Estão à sua espera.

– O senhor mesmo sabe, Piotr Stiepânovitch, que nada posso dizer.

– Não, não sei. É mesmo a primeira vez que ouço falar disso. Por que não pode o senhor dizer nada?

O capitão guardou silêncio, os olhos fixos no chão.

– Permita que me retire, Piotr Stiepânovitch – disse ele, resolutamente.

– Não, não antes de ter respondido à minha pergunta; tudo quanto eu disse é verdade?

– É verdade – disse Liebiádkin, com voz surda, erguendo os olhos para seu carrasco, Gotas de suor perolavam-lhe a testa.

– É tudo verdade?

– Tudo é verdade.

– Nada tem a acrescentar ou a observar? Se pensa que tenhamos sido injustos, diga, proteste, confesse bem alto seu descontentamento.

– Não, não tenho nada.

– Tem ameaçado Nikolai Vsiévolodovitch nestes últimos tempos?

– Era… era antes a bebida que outra coisa, Piotr Stiepânovitch. – Ergueu sabiamente a cabeça. – Se a honra da família e a vergonha imerecida gritam entre os homens, então, então é-se culpado por causa disso? – rugiu ele, de repente, fora de si como antes.

– Está sóbrio agora, Senhor Liebiádkin? – E Piotr Stiepânovitch lançou-lhe um olhar penetrante.

– Estou… sóbrio.

– Que significam pois essas palavras de honra de família e de vergonha imerecida?

– Não falava de ninguém e não queria falar de ninguém; era de mim mesmo – disse o capitão, afundando-se de novo.

– O senhor parece ter ficado magoado com as expressões de que me servi falando do senhor e de sua conduta. O senhor é muito sensivel, Senhor Liebiádkin. Mas permita, ainda não comecei, até aqui, a revelar sua conduta no sentido real da palavra. Comecarei, pode isto muito bem acontecer, mas, até aqui, não comecei propriamente a falar.

Liebiádkin estremeceu e olhou Piotr Stiepânovitch com um ar de terror.

– Piotr Stiepânovitch, somente agora começo a despertar.

– Hum! E fui eu que o despertei?

– Sim, foi o senhor quem me despertou, Piotr Stiepânovitch, e há já quatro anos que durmo, com uma tempestade suspensa sobre mim. Posso retirar-me, afinal, Piotr Stiepânovitch?

– Agora, pode, a menos que Varvara Pietrovna não julgue necessário…

Mas esta teve um gesto de indiferença.

O capitão que, até aquele momento, se conservara silencioso, cumprimentou com um gesto, deu alguns passos, parou de repente e pousou a mão sobre o coração, tentou dizer alguma coisa, não disse e afastou-se a toda a pressa. Mas na soleira, esbarrou em Nikolai Vsiévolodovitch; este desviou-se para dar-lhe passagem. O capitão pareceu fazer-se todo pequenino diante dele e ficou como que plantado no lugar, os olhos fixos nele, como um coelho diante de uma

jiboia. Depois de uma curta pausa, Nikolai Vsiévolodovitch afastou-o com um leve movimento de mão e entrou no salão.

## *VII*

Estava alegre e sereno. Talvez acabasse de acontecer-lhe algo de muito agradável que ainda ignorávamos; fosse o que fosse, parecia estar particularmente satisfeito.

– Perdoas-me, Nikolai? – apressou-se em perguntar Varvara Pietrovna, que se levantara vivamente para ir-lhe ao encontro. Mas Nikolai se pôs a rir.

– É bem o que eu pensava! – disse ele, com uma cordialidade jovial. – Vejo que já está ao corrente de tudo. Depois de ter saído daqui, pensava no carro, que "teria sido preciso pelo menos contar-lhes uma história, não é assim que se sai". Mas quando me lembrei de que Piotr Stiepânovitch tinha ficado, desapareceu a preocupação.

Enquanto falava, lançava aos ouvintes um olhar furtivo.

– Piotr Stiepânovitch contou-nos um antigo episódio petersburguês da vida de um rapaz extravagante – retrucou Varvara Pietrovna com entusiasmo, – de um rapaz louco e caprichoso, embora sempre elevado em seus sentimentos, sempre cavalheiresco e nobre…

– Cavalheiresco? É ir muito longe! – disse Nikolai rindo. – Aliás, sou muito grato a Piotr Stiepânovitch pela sua precipitação desta vez. (Trocou com este último um rápido olhar.) A senhora ficará sabendo, mamãe, que Piotr Stiepânovitch é o reconciliador universal; é seu papel, sua doença, seu cavalo de batalha, e lhe recomendo de modo todo especial deste ponto de vista. Posso imaginar a história de fazer dormir de pé que ele deve ter-lhe contado. Tem um escritório de arquivos completo na cabeça. Note que na sua qualidade de realista, não pode mentir e a verdade lhe é mais querida que o êxito… salvo em certos casos especiais, bem entendido, em que o êxito lhe é mais querido que a verdade. (Enquanto falava, continuava a olhar em redor de si.) Assim, mamãe, bem vê a senhora que não lhe cabe pedir-me perdão e que se há algo de um pouco louco neste caso, a culpa é minha, e isto prova que, afinal de contas, sou verdadeiramente

louco… É bem preciso sustentar a reputação que se ganhou aqui…

E beijou ternamente sua mãe.

– Em todo o caso, o assunto está encerrado agora; foi contado, pode-se por conseguinte deixar de a ele voltar – acrescentou, e havia na sua voz, no seu tom, algo de seco e de resoluto. Varvara Pietrovna percebeu esse tom, mas sua exaltação não diminuiu por isso, bem pelo contrário.

– Não te esperava antes de um mês, Nikolai!

– Vou lhe explicar tudo, mamãe, é claro, mas agora…

E dirigiu-se para Praskóvia Ivânovna.

Mas esta muito mal voltou a cabeça para ele, se bem que meia hora antes tivesse ficado aturdida assim que o jovem apareceu. Tinha agora novas preocupações; no momento em que o capitão esbarrara, ao sair, em Nikolai Vsiévolodovitch, Lisa pusera-se a rir, de repente, a princípio de mansinho e por intervalos, mas seu riso se tornava cada vez mais violento e cada vez mais ruidoso. Ficou toda vermelha, contraste tanto mais chocante com a sombria expressão de ainda há pouco. Enquanto Nikolai Vsiévolodovitch falava com Varvara Pietrovna, fizera ela sinal por duas vezes a Mavríki Nikoláievitch, como se tivesse querido dizer-lhe qualquer coisa baixinho; mas logo que este se inclinava para ela, a moça disparava a rir; seria possível concluir que ela ria precisamente do pobre Mavríki Nikoláievitch. Aliás, era visível como ela procurava dominar-se e aplicava seu lenço aos lábios. Nikolai Vsiévolodovitch voltou-se para ela para cumprimentá-la com o ar mais inocente e mais franco.

– Queira desculpar-me – respondeu ela, falando depressa. –O senhor… o senhor viu Mavríki Nikoláievitch, decerto… Meu Deus! não é permitido ser grande como você é, Mavríki Nikoláievitch.

E a risada redobrava. Mavríki Nikoláievitch era grande, mas não ao ponto de merecer por isso censura.

– O senhor… o senhor chegou há muito tempo – gaguejou ela,

contendo-se de novo; parecia mesmo confusa, mas seus olhos cintilavam.

– Há mais de duas horas – respondeu Nikolai, olhando-a atentamente. Farei observar que ele se mostrava excepcionalmente reservado e cortês, mas fora dessa cortesia, sua expressão era absolutamente indiferente, até mesmo apática.

– E aonde vai morar?

– Aqui.

Varvara Pietrovna também observava Lisa, mas uma ideia assaltou-a de repente.

– Onde estiveste todo este tempo, Nikolai, estas duas horas? – perguntou, aproximando-se dele. – O trem chega às dez horas.

– A princípio levei Piotr Stiepânovitch à casa de Kirílov. Tinha-o encontrado em Matviéievo (a três estações de nossa cidade) e viajamos juntos.

– Eu estava à espera em Matviéievo desde o romper do dia – explicou Piotr Stiepânovitch. – Os últimos carros de nosso trem descarrilaram de noite e por pouco não ficamos com as pernas quebradas.

– Com as pernas quebradas! – exclamou Lisa. – Mamãe, e nós que quisemos ir a Matviéievo na última semana. Teríamos tido também as pernas quebradas.

– Tenha o céu piedade de nós! – exclamou Praskóvia Ivânovna, benzendo-se.

– Mamãe, mamãe, minha cara mamãe, não será preciso a senhora aterrorizar-se, se quebrar minhas duas pernas. Isto pode acontecer-me facilmente; a senhora mesma manda que eu monte a cavalo todos os dias com uma imprudência de peão. Mavríki Nikoláievitch, você vai me dar o braço, se eu coxear? – Pôs-se a rir nervosamente. – Se isto me acontecer algum dia, não permitirei a ninguém senão a você que me dê o braço; pode contar com isso… Mas admitamos que só quebre

uma perna. Vamos, seja amável, diga que achará isso uma felicidade.

– Uma felicidade ficar aleijada? – disse Mavríki Nikoláievitch, franzindo o cenho, com ar grave.

– Mas será você então que me levará a passeio, apenas você.

– Mesmo então, será você quem me conduzirá, Elisavieta Nikoláievna – murmurou Mavríki Nikoláievitch, com mais gravidade ainda.

– Senhor, mas ele quis fazer um jogo de palavras! – exclamou Lisa, manifestando quase terror. – Mavríki Nikoláievitch, não ouse nunca meter-se nesse jogo! Mas que egoísta me sai você! Estou certa de que, e é para toda sua honra, que você calunia a si mesmo. Antes, pelo contrário, você passaria, da manhã à noite, todo o santo dia assegurando-me de que sem pernas seria ainda encantadora. Resta, no entanto, uma dificuldade insuperável: você é alto como uma vara e quando eu tiver perdido minha perna ficarei pequenininha. Como poderá você dar-me o braço? Faremos um par engraçado!

Um riso convulsivo sacudiu-a. Suas brincadeiras e insinuações eram sem graça, mas sem dúvida não procurava ela brilhar.

– Um ataque de nervos – cochichou-me Piotr Stiepânovitch. – Depressa, um copo d'água.

Adivinhara. Um minuto mais tarde, todos corriam a auxiliá-la. Trouxeram água. Lisa apertou sua mãe em seus braços, beijou-a ardentemente, chorou sobre seu ombro, depois recuando e fitando-a bem em face, foi retomada duma risada louca. A mãe, de seu lado, pôs-se a choramingar. Varvara Pietrovna apressou-se em levar as duas para seus aposentos, saindo pela porta por onde Dária Pávlovna viera ter conosco. Mas não ficaram muito tempo ausentes, não mais de quatro minutos.

Procuro lembrar-me agora de todos os pormenores dos derradeiros momentos daquela manhã memorável. Lembro-me de que, quando ficamos sós, tendo-se retirado aquelas senhoras (exceto Dária Pávlovna, que não havia saído de seu lugar), Nikolai Vsiévolodovitch

deu volta ao salão, cumprimentando-nos a todos, com exclusão de Chátov, que se conservava sentado no mesmo canto, com a cabeça mais curvada do que nunca. Stiepan Trofímovitch começava a contar algo de muito espirituoso a Nikolai Vsiévolodovitch, quando este se voltou precipitadamente para Dária Pávlovna. Mas antes que ele chegasse até ela, Piotr Stiepânovitch agarrou-o e levou-o, quase à força, para a janela, onde, muito depressa, cochichou-lhe algo ao ouvido, algo aparentemente muito importante, a julgar pela expressão de seu rosto e pelos gestos que acompanhavam o cochicho. Nikolai Vsiévolodovitch escutava-o distraidamente e sem interesse, com seu sorriso de encomenda, e até mesmo, no fim, com impaciência, como se procurasse desembaraçar-se de seu interlocutor. Afastou-se da janela justamente no momento em que aquelas senhoras voltavam. Varvara Pietrovna fez Lisa tornar a sentar-se no mesmo lugar, declarando que ela devia esperar e descansar ainda uns dez minutos, e que o ar lá de fora talvez fosse demasiado vivo para seus nervos naquele momento. Ocupava-se com Lisa cheia de solicitude e sentou-se a seu lado. Piotr Stiepânovitch, que já se libertara, aproximou-se logo dela, num passo saltitante e lançou-se numa conversação rápida e animada. Entrementes, Nikolai Vsiévolodovitch aproximou-se por fim de Dária Pávlovna, lentamente, a passos calculados. Dacha começou a agitar-se com inquietação à sua aproximação e levantou-se vivamente, presa dum visível embaraço, com o rosto em fogo.

– Creio que é o caso de felicitá-la… ou será ainda demasiado cedo? – disse ele, enquanto uma ruga singular cavava-se em seu rosto.

Dacha respondeu-lhe alguma coisa, mas não era fácil captar o que ela dizia.

– Desculpe minha indiscrição – acrescentou ele, elevando a voz, – mas deve saber que fui avisado expressamente. Sabia?

– Sim, sei que foi avisado expressamente.

– Espero, entretanto, nada ter atrapalhado com minhas felicitações – declarou, rindo. – E se Stiepan Trofímovitch…

– Por que motivo, por que motivo essas felicitações? – perguntou de súbito Piotr Stiepânovitch, aproximando-se deles com seu passo

saltitante. – Por que felicitar Dária Pávlovna? Ah! sim! Por que haveria de ser? Seu rubor prova que adivinhei. Efetivamente, por qual outro motivo poderiam ser felicitadas nossas encantadoras e virtuosas donzelas? E que felicitações as fazem corar mais fàcilmente? Pois bem, aceite também as minhas, se adivinhei certo, e pague-me a aposta. Lembre-se de que, quando estávamos na Suíça, apostou que jamais se casaria… Ah! sim, a propósito da Suíça… onde tenho eu pois a cabeça? Imagine que foi em parte por isso que vim e que ia quase esquecê-lo. Diz-me – disse ele, voltando-se para Stiepan Trofímovitch, – quando partes para a Suíça?

– Eu… para a Suíça? – respondeu Stiepan Trofímovitch, surpreso e confuso.

– Como? Será que não partes? Mas tu também me escreveste dizendo que ias casar-te.

– Pierre! – exclamou Stiepan Trofímovitch.

– Ora, por que esse Pierre?… Está bem, se pode causar-te prazer, corri para vir anunciar-te que não me opunha absolutamente, já que fazias questão de conhecer minha opinião o mais cedo possível; e se, pelo contrário – prosseguiu ele sem retomar fôlego, – desejas "ser salvo", como me escrevias, suplicando-me na mesma carta que te socorresse, estou pronto a prestar-te serviço. É verdade que ele vai casar, Varvara Pietrovna – disse, voltando-se rapidamente para ela. – Espero que não tenha cometido uma indiscrição. Ele mesmo me escreveu que a cidade toda sabe e que toda gente o felicita, tanto que, para evitar esse gênero de manifestações, só sai à noite. Tenho suas cartas no meu bolso. Mas a senhora acreditaria, Varvara Pietrovna? Não compreendo absolutamente nada disso! Diz-me apenas uma coisa, Stiepan Trofímovitch, é preciso felicitar-te ou "salvar-te"? A senhora não acreditaria: aqui, está desesperado e na linha seguinte jubiloso; em primeiro lugar, pede-me perdão; enfim, bem entendido, é assim mesmo que são todos… E, aliás, é impossível calar: pense pois, não me viu senão duas vezes em toda a sua vida e assim mesmo por acaso. E eis que, de repente, no momento de casar pela terceira vez, imagina que seria faltar, não sei bem como, a não sei quais obrigações paternas para comigo. Escreve-me, a milhares de léguas de distância, para que

não me zangue e lhe conceda meu consentimento. Rogo-te, Stiepan Trofímovitch, não te formalizes. É esse um traço característico de vossa geração. Tenho ideias largas e não julgo ninguém. Admitamos mesmo que isso te faça honra e tudo mais que se segue. Mas o fato é que não compreendo aonde queres chegar. Trata-se de "pecados cometidos na Suíça". "Caso, ele me diz, por causa dos pecados", ou por causa dos "pecados" de outrem, ou algo nesse gênero. Trata-se, numa palavra, de "pecado". A moça, diz ele, "é uma pérola, um diamante", e depois, bem entendido, declara-se indigno dela, para empregar seu estilo; mas, em consequência de certos pecados ou de certas circunstâncias, sente-se obrigado a levá-la ao altar e partir para a Suíça; por consequência, "abandona tudo e vem salvar-me". Compreende alguma coisa disso? Entretanto… entretanto, vejo pela expressão de seus rostos – (girou sobre si mesmo, com a carta na mão e olhando com um sorriso cândido os rostos dos que o rodeavam) – que, segundo meu hábito, meti mais uma vez os pés no prato, sempre por causa de minha ridícula franqueza, ou então, como diz Nikolai Vsiévolodovitch, "de minha precipitação". Acreditava, bem entendido, que estivéssemos entre amigos, isto é, com teus amigos, Stiepan Trofímovitch, com teus amigos. Sou na realidade um estranho para vocês e vejo… vejo que todos sabem alguma coisa e que é precisamente essa alguma coisa que eu não sei.

Continuava olhando em redor de si.

– Com que então Stiepan Trofímovitch escreveu-lhe, deveras, dizendo que ia casar-se "por causa dos pecados alheios cometidos na Suíça" e que o senhor devia vir correndo "salvá-lo"? –perguntou Varvara Pietrovna, dirigindo-se, de repente, a ele. Seu rosto estava lívido e alterado; seus lábios tremiam.

– Afinal, veja, se há algo que eu não tenha compreendido – disse Piotr Stiepânovitch, com ar alarmado e falando ainda mais depressa, – a culpa é dele, naturalmente, por ter escrito dessa maneira. Eis a carta. Fique sabendo, Varvara Pietrovna, que as cartas dele são intermináveis e incessantes, e desde dois ou três meses houve carta após carta, tanto que, devo confessá-lo, acabei por vezes deixando de lê-las até o fim. Perdoa-me, Stiepan Trofímovitch, minha tola confissão, mas convirás mesmo que, se era a mim que endereçavas

tuas cartas, tu as escrevias sobretudo para a posteridade, de sorte que para ti é o mesmo… Vamos, vamos, não te zangues. Estamos em família. Mas quanto a esta carta, Varvara Pietrovna, esta carta, li-a bem até o fim. Esses "pecados" – esses "pecados de outrem" – são sem dúvida alguns pecadilhos cometidos por nós mesmos e apostaria que são dos mais veniais, embora nos tenham levado, de repente, a inventar, peça por peça, toda uma história terrível, com, de quebra, o atrativo do heroísmo; direi mesmo que foi esse atrativo do heroísmo que nos levou a inventá-la. Ora, há algo de um tanto capenga nas nossas contas. É preciso confessá-lo mesmo afinal. Temos um grande fraco pelas cartas, como sabe… Aliás, isto está fora de questão, fora mesmo. Peço desculpa, falo demais, mas, palavra de honra, Varvara Pietrovna, ele me causou medo e eu estava deveras quase disposto a salvá-lo. Tinha afinal vergonha por ele. Vejamos, será que lhe ponho a faca aos peitos? Sou um credor impiedoso? Fala ele também de um dote… Mas é verdade mesmo que casas, Stiepan Trofímovitch? Eis o que estaria perfeitamente nos teus moldes, parolagens e nada mais que parolagens, com olho no estilo… Ah! Varvara Pietrovna, estou certo de que agora a senhora me condena e justamente também por causa do estilo.

– Pelo contrário, pelo contrário, vejo que o senhor está no limite da paciência e sem dúvida teve, para isso, boas razões –respondeu, com acrimônia, Varvara Pietrovna. Escutara com prazer malicioso todas as cândidas expansões de Piotr Stiepânovitch, que representava manifestamente um papel. (Qual? Eu não sabia naquele momento, mas esse papel era evidente e era mesmo representado duma maneira exagerada.) – Pelo contrário – prosseguiu ela, – sou-lhe até demasiado grata por ter falado; sem o senhor, nada teria ficado sabendo, talvez. Pela primeira vez, desde vinte anos, abro os olhos. Nikolai Vsiévolodovitch, você disse ainda há pouco que tinha sido informado expressamente. Stiepan Trofímovitch também a você no mesmo gênero?

– Recebi dele uma carta muito inofensiva e… e… muito generosa.

– Você hesita, rebusca as palavras. É bastante! Stiepan Trofímovitch, espero de você um grande serviço – disse ela, voltando-se bruscamente para ele com os olhos cintilantes, – dê-me o prazer de

sair agora mesmo desta casa e de nunca mais nela pôr os pés.

Rogo ao leitor que se recorde da recente exaltação dela, que ainda não havia passado naquele momento. É verdade que Stiepan Trofímovitch era culpado. Mas o que levou minha estupefação ao cúmulo, foi a maravilhosa dignidade da atitude dele, tanto diante das "acusações" de seu filho, que não pensou um só instante em interromper, quanto diante da "maldição" de Varvara Pietrovna. Donde lhe vinha tal força de alma? Sabia somente que sem nenhuma dúvida possível, fora ele profundamente magoado, desde o primeiro instante de seu encontro com Pietruchka, sobretudo pela maneira pela qual ele o havia abraçado. Era uma dor profunda e real, pelo menos a seus olhos e para seu coração. Sentia ao mesmo tempo outra dor; a consciência pungente de ter-se mostrado covarde. Isto, ele me confessou mais tarde, com toda a sinceridade. Uma dor real, verdadeiramente sincera, torna por vezes sério e estoico até mesmo um homem dotado duma leviandade fenomenal, ainda que seja por algum tempo; mais ainda, sob o golpe duma dor sincera, perfeitos imbecis têm por vezes recuperado a inteligência, sempre, é claro, por algum tempo. É este um privilégio da dor. Se, pois, é assim, que não poderia acontecer no caso de um homem tal como Stiepan Trofímovitch? Foi uma transformação completa, por algum tempo também, entenda-se.

Inclinou-se com dignidade diante de Varvara Pietrovna sem proferir uma só palavra (é verdade que não lhe restava outra coisa a fazer). Queria retirar-se logo, mas não pôde impedir-se de se aproximar de Dária Pávlovna. Parecia que ela previra esse passo, porque ela mesma se pôs a falar, espantada, como se tivesse pressa em preveni-lo.

– Rogo-lhe, Stiepan Trofímovitch, pelo amor de Deus, não diga nada – começou ela, com voz precipitada, com uma expressão doentia nas feições, enquanto estendia a ele sua mão, rapidamente. – Fique certo de que continuo a respeitá-lo sempre da mesma forma… e que mantenho boa opinião a seu respeito, e… pense bem igualmente de mim. Stiepan Trofímovitch, será um grande, um grandíssimo conforto para mim…

Stiepan Trofímovitch inclinou-se profundamente diante dela.

– Cabe a ti decidir, Dária Pávlovna; sabes que és perfeitamente livre em todo esse negócio! Foste, és presentemente e serás sempre – concluiu Varvara Pietrovna, num tom grave.

– Ah! compreendo tudo agora – exclamou Piotr Stiepânovitch, batendo na testa. – Mas… em que posição me encontro colocado depois disto! Peço-lhe, Dária Pávlovna, perdoe-me! Eis, pois, o que me obrigas a fazer – acrescentou, dirigindo-se a seu pai.

– Pierre, poderia falar-me noutro tom, não é, meu amigo? – observou Stiepan Trofímovitch com grande doçura.

– Vamos, não grites, rogo-te – disse Piotr, com um gesto desdenhoso. – Acredita-me, tudo isso provém de teus velhos nervos doentes, e não te adiantará nada gritares. Farias melhor dizendo-me por que não me preveniste, já que podias bem supor que eu faria revelações na primeira ocasião.

Stiepan Trofímovitch fitou-o com um olhar penetrante.

– Pierre, tu que estás tão a par do que se passa aqui, é possível que nada tenhas sabido desse caso e nem dele ouvido falar?

– Co…o…mo? Eis o que são as pessoas! Não basta então que sejamos uns meninos velhos, é preciso ainda que sejamos um menino mau. Varvara Pietrovna, a senhora ouviu o que ele disse?

Todos se puseram a falar, mas, entrementes, ocorreu de repente um incidente que ninguém podia esperar.

## *VIII*

Antes de tudo, é preciso que eu mencione o fato de que, havia dois ou três minutos, Elisavieta Nikoláievna parecia presa de nova agitação: murmurava alguma coisa rapidamente à sua mãe e a Mavríki Nikoláievitch, curvado para ela, a fim de ouvi-la. Seu rosto estava inquieto, mas exprimia ao mesmo tempo resolução. Por fim, ela levantou de sua cadeira, visivelmente apressada em partir e

apressando sua mãe, que Mavríki Nikoláievitch ajudou a levantar de sua poltrona. Mas estava escrito que eles não se retirariam antes de ter visto tudo até o fim.

Chátov, que toda a gente havia esquecido no seu canto (não longe de Elisavieta Nikoláievna) e que parecia não saber ele próprio por que ficava ali sentado em vez de ir embora, levantou de sua cadeira e, atravessando todo o salão com um passo lento mas firme, dirigiu-se para Nikolai Vsiévolodovitch, fitando-o bem no rosto. Nikolai viu-o aproximar-se de longe e sorriu ligeiramente, mas quando Chátov chegou bem perto dele parou de sorrir.

Quando Chátov parou diante dele, silencioso e sem desfitar os olhos de seu rosto, todos se deram conta do que se passava e calaram-se; Piotr Stiepânovitch foi o último a parar de falar. Lisa e sua mãe haviam parado no meio do salão. Decorreram assim cinco segundos; ao ar de espanto altivo sucedeu uma expressão de cólera no rosto de Nikolai Vsiévolodovitch; franziu o cenho e de repente…

De repente, Chátov levantou seu braço longo e pesado e, com toda a sua força, descarregou-o contra o rosto de Nikolai, que estêve a ponto de cair à violência do golpe.

Chátov assestara seu golpe de uma maneira particular e não como é habitualmente admitido para esbofetear (se assim me posso exprimir). Não era uma bofetada dada com a palma da mão, mas um perfeito murro e murro com um grosso punho pesado e ossudo, coberto de pelos vermelhos e de sardas. Se o golpe tivesse atingido o nariz, o teria esmagado. Mas caiu sobre a face, roçando o canto esquerdo do lábio e dos dentes superiores, donde logo jorrou o sangue.

Creio que se ouviu um grito súbito, talvez lançado por Varvara Pietrovna, disto não me lembro bem, porque se fez de novo um silêncio de morte. Aliás, toda a cena não havia durado mais de dez segundos.

Apesar disso, passou-se uma porção de coisas durante aqueles poucos segundos.

Devo lembrar ainda ao leitor que Nikolai Vsiévolodovitch era uma dessas naturezas que não conhecem o medo. Num duelo podia afrontar de sangue-frio o tiro de seu adversário, ele próprio sabia visar e matar com uma tranquilidade cruel. No caso de o esbofetearem, teria eu esperado vê-lo, não provocar seu agressor a um duelo, mas matá-lo imediatamente. Era de tal feitio que teria matado aquele homem com a consciência perfeita de seu ato e sem perder o domínio de si mesmo. Creio mesmo que nunca era sujeito a esses acessos de furor cego que arrebatam aos que os sentem toda possibilidade de reflexão. Mesmo quando se deixava arrebatar por uma dessas cóleras intensas que se apoderavam dele algumas vezes, sabia sempre ficar senhor de si mesmo e dar-se conta, por consequência, de que seria certamente condenado a trabalhos forçados por ter matado um homem de outro modo que não em duelo; não obstante, teria matado todo homem que o houvesse insultado e isto sem a menor hesitação.

Estudei Nikolai Vsiévolodovitch nestes últimos tempos e, graças a um concurso de circunstâncias todo particular, estou ao corrente, na hora em que escrevo, dum grande número de fatos. Poderia compará-lo de boa vontade a certos personagens do passado, a respeito dos quais subsistem ainda entre nós tradições lendárias. Contou-se, por exemplo, do dezembrista L… n,[73] que estava sempre em busca do perigo, que adorava essa sensação e que se tornara nele uma

imperiosa necessidade; que na sua mocidade batia-se em duelo por coisa nenhuma; que na Sibéria caçava o urso, tendo como única arma uma faca; que nas florestas siberianas, gostava de encontrar forçados evadidos que são, seja dito de passagem, mais temíveis que os ursos. Sem dúvida alguma, esses personagens lendários eram susceptíveis de experimentar, talvez mesmo em grau extremo, o sentimento do medo, de outro modo teriam levado uma vida muito mais pacífica e não teriam convertido a sensação do perigo numa necessidade física. Mas vencer em si mesmos o medo fascinava-os. A embriaguez contínua da vitória e a consciência de serem eles mesmos invencíveis, eis o que os seduzia. Esse mesmo L… n, antes de ser enviado à Sibéria, estivera durante certo tempo às voltas com a fome e ganhara a vida graças a um duro labor cotidiano, unicamente porque não queria submeter-se às exigências de um pai rico, achando que elas eram injustas. Vê-se, pois, que sua concepção da luta tinha muitos aspectos diferentes e que não era somente na caça ao urso e nos duelos que apreciava em si o estoicismo e a força de caráter.

Mas decorreram muitos anos desde aquela época e o temperamento nervoso, esgotado, complexo dos homens de hoje não admite mesmo mais essa necessidade de sensações novas e sem mistura, tão procuradas por certos personagens agitados e ativos dos bons tempo. Talvez Nikolai Vsiévolodovitch não tivesse tido senão desprezo por L…n, que teria considerado como um gabola e um fanfarrão. É verdade que não teria exprimido este pensamento em voz alta. Teria matado seu adversário em duelo, teria enfrentado um urso, se preciso; defenderia-se de um salteador da floresta com o mesmo êxito, sem experimentar mais medo do que L…n, mas faria isso sem a menor sensação de prazer, com indolência, com indiferença, até mesmo com tédio, como se sofre uma necessidade desagradável. No que se refere à cólera, bem entendido, havia progresso em comparação com L…n, até mesmo em comparação com Liérmontov. Havia talvez em Nikolai Vsiévolodovitch mais cólera maligna que nos dois outros reunidos, mas era uma cólera calma, fria, por assim dizer “sensata” e, por consequência, a mais revoltante e a mais terrível que existe. Repito ainda uma vez, considerava-o então, e o considero sempre (agora que tudo acabou), um homem que, se tivesse recebido uma bofetada ou qualquer outra injúria equivalente, não teria deixado de

matar seu agressor no mesmo instante, imediatamente e sem provocá-lo a duelo.

Entretanto, naquela ocasião, o que aconteceu foi algo de diferente e de surpreendente.

Mal recuperara o equilíbrio, depois de quase ter sido lançado ao chão daquela maneira humilhante; o ruído ignóbil e por assim dizer pouco distinto da bofetada tinha, ao que parece, apenas cessado de fazer-se ouvir no salão, quando agarrou ele Chátov pelos ombros, mas logo, quase no mesmo instante, retirou as duas mãos e cruzou-as atrás das costas. Não falou, fitou Chátov e ficou branco como um pano. No entanto, fato estranho, seu olhar pareceu extinguir-se. Dez segundos mais tarde, seus olhos tinham um aspecto frio e – não minto, tenho certeza disso – calmo. Somente estava pálido, terrivelmente pálido. Ignoro, bem entendido, o que se passava no seu íntimo, não vi senão o seu exterior. Parece-me que se um homem pudesse empunhar uma barra de ferro em brasa e mantê-la segura em sua mão para pôr à prova sua força de alma e, depois de ter lutado durante dez segundos contra uma dor insuportável, conseguisse dominá-la, experimentaria, imagino, quase o que Nikolai Vsiévolodovitch suportou durante aqueles dez segundos.

Chátov foi o primeiro a baixar os olhos e isto evidentemente porque foi constrangido a baixá-los, depois girou lentamente nos calcanhares e saiu do salão, mas com um andar muito diferente daquele com o qual havia avançado. Retirou-se sem ruído, com os ombros curvados duma maneira particularmente desgraciosa, a cabeça baixa como se estivesse a meditar. Creio que murmurou qualquer coisa. Dirigiu-se para a porta com precaução, sem tropeçar em nada, sem nada derrubar; entreabriu a porta, introduziu-se pela fresta, quase de lado. Ao sair, sua espessa cabeleira eriçada na nuca atraía especialmente a atenção.

Depois ouviu-se em primeiro lugar um grito terrível que precedeu todos os outros. Vi Elisavieta Nikoláievna agarrar sua mãe pelo ombro e Mavríki Nikoláievitch pelo braço e fazer dois ou três esforços violentos para arrastá-los atrás de si para fora do salão, mas lançou de súbito um grande grito e caiu desmaiada, a todo comprimento, no

chão. Parece-me ouvir ainda hoje a pancada de sua nuca no tapete.

## Segunda parte

## Capítulo primeiro / *A noite*

### *I*

Decorreram oito dias. Agora que tudo isso passou e que escrevo esta crônica, sabemos em que consistia o caso; mas então ignorávamos tudo, de modo que é natural que certas coisas nos parecessem estranhas. Em primeiro lugar, Stiepan Trofímovitch e eu ficamos completamente encerrados e observávamos de longe – não sem pavor. – Saía uma vez ou outra e, como no passado, transmitia a meu amigo diferentes notícias sem as quais não teria ele podido viver.

Na cidade, não se falava, é claro, senão da bofetada, do desmaio de Lisa e dos outros acontecimentos daquele famoso domingo. Mas uma coisa nos espantava: como tudo quanto se passara tinha podido ser conhecido tão depressa e com tal precisão? Nenhum dos personagens presentes tinha, ao que parecia, necessidade ou interesse em espalhar o incidente. Somente Liebiádkin teria podido tagarelar. Não por maldade, – saíra presa dum terror extremo (o temor do inimigo tira até o desejo de prejudicá-lo), – mas muito simplesmente porque não podia guardar um segredo. Ora, Liebiádkin e sua irmã tinham desaparecido desde o dia seguinte, sem deixar traços; não estavam mais na casa de Filípov; tinham-se mudado não se sabia para onde e pareciam ter-se esvanecido. Chátov, com quem teria querido informar-me a respeito de Maria Timofiéievna, fechara-se em sua casa. Creio que não saiu a semana toda e interrompera mesmo suas ocupações na cidade. Não quis receber-me. Fui à sua casa na terça-feira e bati à sua porta. Não obtive resposta, mas, tendo plena certeza de que ele estava em casa, bati uma segunda vez. Então ele deu um salto, do leito para o chão provavelmente, aproximou-se a grandes passos da porta e gritou: “Chátov não está em casa”. Só me restava ir embora.

Stiepan Trofímovitch e eu fizemos uma suposição, que não deixou de nos espantar pela sua ousadia, mas à qual, no entanto, nos encorajávamos mutuamente e que acabamos por adotar: pensamos

que aquele que pusera aqueles boatos em circulação não podia ser senão Piotr Stiepânovitch, se bem que afirmasse ele um pouco mais tarde a seu pai que a história corria de boca em boca, que se falava sobretudo no clube e que a mulher do Governador e seu marido a conheciam nos seus mínimos detalhes. O mais notável é que, no dia seguinte, isto é, na segunda-feira à noite, encontrei Lipútin que sabia tim-tim por tim-tim de quase tudo quanto se passara e que, por consequência, devia ter sido um dos primeiros a ficar sabendo.

Numerosas eram as senhoras (e das mais mundanas) intrigadas com a "enigmática mulher coxa". Era assim que costumavam chamar Maria Timofiéievna. Havia mesmo algumas que faziam questão de vê-la e de conhecê-la. As pessoas que se apressaram em ocultar os Liebiádkini tinham, pois, agido muito a propósito. Mas o que suscitava mais interesse era o desmaio de Elisavieta Nikoláievna. O fato provocava a curiosidade por isso apenas: que dizia também respeito a Iúlia Mikháilovna, parenta e protetora de Elisavieta. E que não chegaram a dizer! O mistério que cercava aqueles acontecimentos favorecia os mexericos. As duas casas permaneciam hermeticamente fechadas. Elisavieta Nikoláievna, asseguravam, estava retida no leito com uma febre nervosa. Dizia-se outro tanto de Nikolai Stavróguin e ajuntavam-se numerosos detalhes repugnantes a respeito de seu dente quebrado e de sua inflamação. Dizia-se também pelos cantos que haveria em breve um assassinato, que Stavróguin não era homem para perdoar tal ofensa, que ele mataria Chátov, mas que o mataria misteriosamente, como numa "vendetta" corsa. A ideia era sedutora, mas a maior parte da juventude mundana escutava tudo isso com desprezo, afetando a mais desdenhosa indiferença. Em geral, o antigo ódio contra Nikolai Vsiévolodovitch se manifestava violentamente. As próprias pessoas sérias esforçavam-se por acusá-lo sem bem saber de quê. Em segredo, cochichava-se que ele havia desonrado Elisavieta Nikoláievna e que houvera uma relação amorosa entre eles na Suíça. As pessoas prudentes abstinham-se, sem dúvida, de tomar partido; mas todos prestavam ouvidos com avidez. Circulavam, aliás, outros rumores estranhos, extremamente estranhos; só se falava disso na intimidade e não em público, em raras ocasiões e quase em segredo. Não os menciono senão para advertir o leitor, cinicamente em vista dos fatos que contarei mais adiante. Eis de que se tratava: alguns

declaravam, franzindo o cenho – Deus sabe o que podia haver de bem fundado naquilo, – que Nikolai Vsiévolodovitch tinha em nossa província uma missão especial; que, por intermédio do Conde K***, travara em Petersburgo altas relações, que talvez tivesse entrado para o serviço do Estado e havia mesmo sido encarregado por alguém de executar certas ordens. Quando pessoas sérias e reservadas sorriam desses boatos, fazendo observar com bastante justeza que um homem que vive de escândalos e que estreia entre nós com uma inflamação não se assemelhava de modo algum a um funcionário, respondiam-lhe, cochichando, que a missão que Nikolai recebera não era oficial, mas de certa maneira confidencial e que neste caso fazia parte do interesse do serviço que o homem escolhido se assemelhasse o mínimo possível a um funcionário. Estas observações não deixavam de produzir seu efeito, porque não se ignorava que o *ziémstvo*[74] de nosso departamento era particularmente visado pela capital. Ora, repito-o, logo que nasceram, esvaneceram-se esses boatos muito a propósito desde a aparição de Nikolai Stavróguin. Mas faço questão de observar que na origem dessas insinuações encontravam-se alguns ditos breves e maldosos que deixara escapar no clube Artíomi Pávlovitch Gagânov, capitão reformado da Guarda. Tendo regressado havia pouco de Petersburgo, grande proprietário de terras de nosso distrito e de nossa província, homem do mundo que frequentava a sociedade petersburguesa, era filho do falecido Páviel Pávlovitch Gagânov, o digno ancião, membro honorário de nosso clube, com o qual, havia quatro anos, Nikolai Vsiévolodovitch tivera aquela altercação de tão espantosa grosseria, como relato no começo desta narrativa.

Ninguém ignorava que Iúlia Mikháilovna tentara fazer uma visita solene a Varvara Pietrovna e que lhe tinham mandado dizer, na soleira da porta, que estando a senhora indisposta, não podia recebê-la. Sabia-se também que, dois dias depois, Iúlia Mikháilovna mandara saber notícias de Varvara Pietrovna. Enfim, havia ela empreendido em toda parte a “defesa” de Varvara Pietrovna; isto, bem entendido, no sentido elevado da palavra, isto é, nos termos mais vagos. Todas as primeiras alusões, a princípio sucintas, aos acontecimentos do domingo, ouviu-as ela com ar severo e frio, de tal maneira que não se ousou em breve mais falar daquilo na sua presença. Assim, firmou-se em toda parte a convicção de que Iúlia Mikháilovna, perfeitamente a

par daquela misteriosa história, lhe conhecia o sentido mais oculto e os mínimos detalhes, que não se limitara ao papel de simples espectadora, mas havia ela própria dela participado. Notarei de passagem que ela começava a gozar entre nós daquela alta influência de que era ávida e a ver-se muito "cercada". Uma parte da sociedade reconhecia-lhe certa inteligência prática e tato… mas isto fica para mais tarde… Atribuía-se em grande parte à sua proteção a rapidez dos êxitos de Piotr Stiepânovitch em nossa sociedade, êxitos que então espantavam tanto seu pai, Stiepan Trofímovitch.

Talvez exageremos. Em todo o caso, nos quatro dias que se seguiram à sua chegada à nossa cidade, Piotr Stiepânovitch, como que num piscar de olhos, travara conhecimento com toda a gente. Chegara no domingo e já na terça-feira vi-o passar na caleça de Artíomi Pávlovitch Gagânov, homem orgulhoso, arrogante e irascível, apesar de seu verniz mundano, e com o qual, pelo fato de seu caráter, era muito difícil manter relações. Em casa do Governador, era também Piotr Stiepânovitch muito bem recebido; pode-se mesmo dizer que se tornou imediatamente um dos seus íntimos, desempenhando na casa o papel do jovem mimado. Jantava quase todos os dias em casa de Iúlia Mikháilovna. Conhecera outrora na Suíça aquela senhora e, contudo, aquela rápida intimidade em sua casa tinha qualquer coisa de estranho. Afinal, ele não tinha então fama de revolucionário? Pretendia-se, com ou sem razão, que colaborara em certas publicações estrangeiras e tomara parte em diversos congressos. "Podia-se mesmo encontrar a prova disso em certos jornais", afirmou um dia, diante de mim, Aliócha Tieliátnikov, hoje funcionário subalterno aposentado, mas que também fora o favorito na casa de Sua Excelência. O fato é que aquele ex-revolucionário regressara à sua pátria não apenas sem a menor dificuldade, mas pouco faltou que não com todas as honras: portanto, aquelas imputações podiam muito bem não ter nenhum fundamento. Lipútin cochichou-me uma vez ao ouvido que Piotr Stiepânovitch se havia confessado e recebera a absolvição, não sem revelar alguns nomes, e por este meio talvez já havia resgatado sua falta, pois prometera ser no futuro útil a seu país. Comuniquei a Stiepan Trofímovitch esta insinuação venenosa e este, se bem que incapaz então de conceber a menor ideia, ficou pensativo. Verificou-se mais tarde que Piotr Stiepânovitch chegara entre nós munido de

recomendações particularmente lisonjeiras; apresentara uma entre outras a Iúlia Mikháilovna da parte de uma velha dama, casada com um personagem dos mais importantes da capital. Essa velha dama, madrinha de Iúlia Mikháilovna, escrevia que o Conde K***, posto em relação com Piotr Stiepânovitch por intermédio de Nikolai Vsiévolodovitch, recebera-o com grande benevolência e tinha-o por "um bravo rapaz a despeito de seus erros passados". Iúlia Mikháilovna prezava ao extremo as boas relações que entretinha com tanto cuidado; de modo que a carta daquela velha senhora a encantara. Não obstante, havia nela algo surpreendente. Colocara seu marido em relações tão familiares com Piotr Stiepânovitch que von Lembke se queixava disso… Mas não antecipemos. Farei ainda notar que o ilustre escritor Karmázinov tratava Piotr Stiepânovitch com muita deferência e não tardou em convidá-lo a ir à sua casa. Tal solicitude da parte de um homem tão cheio de importância causou mais impressão a Stiepan Trofímovitch que tudo mais. Quanto a mim, expliquei a mim mesmo as coisas de outro modo: convidando aquele niilista, tinha Karmázinov certamente em vista entrar em relações com a juventude avançada das duas capitais. O grande escritor tremia nervosamente diante daquela juventude revolucionária e imaginava, na sua ignorância, que tinha ela entre suas mãos o futuro da Rússia. Lisonjeava-a duma maneira humilhante, tanto mais quanto ela não lhe prestava a menor atenção.

## *II*

Piotr Stiepânovitch esteve também duas vezes em casa de seu pai, mas, infelizmente para mim, todas duas vezes na minha ausência. Veio vê-lo pela primeira vez na quarta-feira, isto é, quatro dias após seu primeiro encontro em casa de Varvara Pietrovna e ainda para tratar de negócios. Aliás, as contas deles referentes à propriedade foram pagas sem que de nada se soubesse. Varvara Pietrovna encarregara-se de tudo e tudo pagara, comprando a fazenda, bem entendido. Contentou-se com informar Stiepan Trofímovitch, quando tudo foi liquidado. O homem de confiança de Varvara Pietrovna, o mordomo Alieksiéi Iegórovitch, levou-lhe um papel para assinar, o que ele fez em silêncio e com extrema dignidade. A propósito de dignidade, devo dizer que desde alguns dias eu quase não reconhecia mais nosso "velhinho". Conduzia-se como jamais se conduzira antes; tornara-se

espantosamente silencioso e desde o último domingo não escrevera uma carta sequer a Varvara Pietrovna, o que outrora me teria parecido coisa impossível. Estava sobretudo extremamente calmo. Evidentemente, provinha aquela calma do fato de ter tomado alguma decisão definitiva, extraordinária. Tinha sua ideia. Ficava nisso e esperava alguma coisa. Aliás, no começo, estivera doente, na segunda-feira sobretudo: recaída de colerina. Não podia tampouco passar sem notícias, mas desde que, deixando os fatos, eu chegava ao nó da questão e emitia alguma hipótese, logo agitava ele os braços para me pedir que me calasse. As duas entrevistas com seu filho não lhe causaram menos dolorosa impressão, sem conseguir todavia abalar-lhe a resolução. Naqueles dois dias, após a visita de Piotr Stiepânovitch, estendeu-se no sofá com a cabeça enrolada num lenço embebido de vinagre. No entanto, continuava calmo, no sentido mais elevado desta palavra.

Às vezes acontecia também que não procurava interromper-me; às vezes, parecia-me mesmo que sua misteriosa resolução começava a abandoná-lo e que lutava contra um fluxo de pensamentos novos e sedutores. Durava isto o espaço de um segundo, mas faço questão de assinalá-lo. Suspeitava que ele tivesse um grande desejo de mostrar-se, de sair de sua solidão, de atirar a luva, de travar a derradeira batalha.

– *Cher*, como os esmagaria de boa vontade! – exclamou, na quinta-feira, após a segunda visita de Piotr Stiepânovitch, enquanto se achava estendido no sofá, com a cabeça enrolada numa toalha de mãos. Até aquele minuto, não trocara uma única palavra comigo durante todo o dia.

– …*Fils, fils chéri* e assim por diante. Convenho que todas essas expressões são idiotas, pertencem ao vocabulário das cozinheiras. Pois bem, sim, agora percebo isso. Não lhe dei de beber, nem de comer, quando era ele ainda uma criança de peito, mas expedi-o pelo correio de Berlim para o departamento de***… estou de acordo… “Tu não me nutriste, não me vestiste, mandaste-me pelo correio e, ainda por cima, despojaste-me do que eu possuía.” – Mas, infeliz, gritei-lhe eu, não bateu e sangrou por ti meu coração durante toda a minha vida, ainda mesmo que pelo correio? Ele riu. Mas estou de acordo, estou de acordo… mesmo pelo correio – disse ele, ao terminar, como se

delirasse.

– Passemos – prosseguiu ele, cinco minutos depois. – Não compreendo Turguéniev. Seu Bassárov[75] é um personagem fictício, que não existe. Foram eles os primeiros a repudiá-lo, como não se assemelhando a nada. Esse Bassárov é uma mistura confusa de Nozdriev[76] e de Byron. Sim, *c'est le mot*…[77] Nozdriev e Byron. Examine-os com atenção: dão cambalhotas e lançam gritos de alegria como cãezinhos ao sol… São felizes, são os vencedores! Que vem Byron fazer aqui? E depois, que chateza! Que amor-próprio de cozinheira pronta a vexar-se, que miserável necessidade de *faire du bruit autour de son nom*,[78] sem notar que *son nom*… Oh! que caricaturas! Perdão, exclamei, será possível que queiras, tal como és, oferecer-te aos homens em lugar do Cristo? *Il rit, il rit beaucoup, il rit trop*.[79] Tem um sorriso tão estranho! Sua mãe não tinha esse sorriso. *Il rit toujours*.

De novo, um silêncio.

– São astutos; domingo agiram de acordo… – disse, de repente.

– Oh! sem dúvida! – exclamei, prestando atenção. – Aliás, a comédia inteira fora bem urdida, mas representaram-na mal.

– Não falo disso. Mas sabe você também que foi intencionalmente que o negócio foi bem urdido, a fim de que aqueles que devam ver, vejam? Compreende?

– Não, não compreendo.

– *Tant mieux. Passons*.[80] Estou muito irritado hoje.

– Por que discutiu com ele hoje, Stiepan Trofímovitch – perguntei, num tom de censura.

– *Je voulais convertir*. Você ri, naturalmente. Aquela pobre tia, *elle entendra de belles choses*. Oh! meu amigo, acreditaria se lhe disser que ainda há pouco me senti patriota? Aliás, senti-me russo… Um verdadeiro russo não pode ser senão você e eu, *il y a là dedans quelque chose d'aveugle et de louche*.[81]

– Perfeitamente – repliquei.

– Meu amigo, a verdade real é sempre inverossímil, sabia? Para tornar a verdade verossímil, é preciso cercá-la necessariamente dum pouco de mentira. Os homens sempre agiram assim. Talvez haja nisso algo que não possamos compreender. Que pensa você? Será que haverá algo que não compreendamos nessa gritaria triunfante? Desejaria que assim fosse… quanto o desejaria!

Fiquei calado. Ele conservou-se, também, em silêncio por muito tempo.

– Dizem que é o espírito francês – começou ele a balbuciar, como se tivesse febre. – E uma mentira. De que serve caluniar o espírito francês? Não há aqui, simplesmente, senão a nossa preguiça russa, a nossa debilidade, a nossa humilhante incapacidade de emitir uma ideia, nosso papel repugnante de "parasitas" dos outros povos. *Ils sont tous simplement de paresseux*,[82] o espírito francês nada tem que ver aqui. Oh! para bem da humanidade, deveriam ser os russos exterminados como parasitas nocivos! Na nossa mocidade tínhamos bem outras esperanças, Agora não compreendo mais nada, deixei de compreender. Sim, não vês, disse-lhe eu, não vês que se entre vocês a guilhotina é colocada em primeiro plano e com tal entusiasmo, é unicamente porque não há nada mais fácil que cortar cabeças, nada mais difícil que ter uma ideia? *Vous êtes des paresseux! Votre drapeau est une guenille, une impuissance*.[83] Essas *tieliegas*, ou como se diz lá fora, "esse rolar das *tieliegas* que levam pão à humanidade" seria mais útil que a Madona da Sistina, ou não sei como se diz lá fora entre eles… *une betise dans ce genre*.[84] Mas não compreendes, exclamei, não compreendes que tanto quanto de felicidade, tem o homem necessidade não menos indispensável, de desgraça? *Il rit*! Tu te habituaste, disse ele, a fazer belas frases repimpado num sofá de veludo. (Exprimiu-se em termos ainda mais grosseiros.) E note esse costume de tateamento entre pai e filho. Isto está bem, quando se está de acordo, mas quando se briga!…

Houve um momento de silêncio.

– *Cher* – disse ele, subitamente, erguendo-se com vivacidade, –

sabe que é preciso absolutamente que isso acabe duma maneira ou doutra?

– Decerto – respondi.

– *Vous ne comprenez pas*. Passemos adiante… Em geral, pelo mundo todo, não há nada que acabe. No entanto, aqui, haverá um fim, é certo, absolutamente certo.

Levantou e pôs-se a andar pelo quarto, presa de extrema agitação, até que por fim, encaminhando-se para seu sofá nele se deixou cair, esgotado.

Na sexta-feira de manhã, Piotr Stiepânovitch dirigiu-se a algum lugar nos arredores, onde ficou até segunda-feira. Foi por intermédio de Lipútin que o soube. Foi, igualmente Lipútin quem me contou que Liebiádkin e a irmã moravam na outra margem, no subúrbio da Olaria. "Fui eu que fiz a mudança deles", acrescentou. Depois, passando a outro assunto, anunciou-me que Elisavieta Nikoláievna ia casar com Mavríki Nikoláievitch e que, embora a notícia não fôsse oficial, o noivado já se efetuara e era negócio concluído. No dia seguinte encontrei Elisavieta Nikoláievna acompanhada de Mavríki Nikoláievitch. Era sua primeira saída a cavalo desde sua doença. Quando me avistou de longe, seus olhos brilharam, fez-me um sinal com a cabeça e sorriu-me muito cordialmente. Contei tudo isto a Stiepan Trofímovitch; ele só prestou atenção às notícias a respeito dos Liebiádkini.

Agora que descrevi a enigmática situação em que fomos mergulhados durante aqueles oito dias, quando ainda nada sabíamos, vou retomar o fio de minha crônica, doravante com pleno conhecimento de causa, isto é, sabendo de que maneira os acontecimentos se desenrolaram. Começarei a partir do oitavo dia que se seguiu ao domingo, isto é, da segunda-feira à noite, porque foi na realidade a partir daquela noite que se iniciou "uma nova história".

## *III*

Eram sete horas da noite. Nikolai Stavróguin encontrava-se sentado sozinho em seu gabinete – sua peça preferida – de teto alto,

coberto de tapetes, guarnecido de móveis um pouco pesados, de estilo antigo. Estava sentado a um canto do sofá, vestido como para sair e, no entanto, parecia não ter intenção de fazer isso. Diante dele uma lâmpada coberta por um quebra-luz estava colocada em cima da mesa. Os lados e os ângulos daquela vasta peça achavam-se mergulhados na sombra. Seu olhar mostrava-se preocupado e concentrado, mas não completamente calmo; seu rosto, fatigado e levemente emagrecido. Sofria na verdade de uma inflamação; no que se referia ao dente quebrado, tinham exagerado; o dente, depois de ter sido abalado, reafirmara-se. O lábio superior, que se cortara internamente, estava agora quase cicatrizado. Se a inflamação durava havia uma semana é porque o doente não quisera receber o médico que teria aberto a tempo o tumor. Stavróguin esperara que o abcesso rebentasse por si mesmo. Não somente ao médico interditara a entrada em seu quarto, mas até mesmo à sua mãe que só deixava entrar alguns minutos e apenas uma vez por dia, ao cair da noite, antes que se acendesse a lâmpada. Recusou igualmente receber Piotr Stiepânovitch que passava duas ou três vezes por dia em casa de Varvara Pietrovna, enquanto permaneceu na cidade. Piotr Stiepânovitch regressou na segunda-feira depois de uma ausência de três dias. Correra de uma extremidade à outra da cidade e jantara em casa de Iúlia Mikháilovna, de modo que somente à noite apareceu em casa de Varvara Pietrovna que o aguardava com impaciência. A proibição fora levantada, Nikolai Vsiévolodovitch recebia. A própria Varvara Pietrovna conduziu o visitante até a porta do gabinete de trabalho. Desde muito tempo ela desejava aquela entrevista e fizera Piotr Stiepânovitch prometer que passaria por seus aposentos ao sair dos de seu filho para lhe contar a conversa havida. Deu algumas pancadinhas tímidas à porta e, não recebendo resposta, permitiu-se entreabri-la um pouco.

– Nikolai, posso deixar entrar Piotr Stiepânovitch? – perguntou ela em voz baixa, enquanto se esforçava por examinar o rosto dele por trás da lâmpada.

– Decerto, decerto, é claro – gritou alegremente o próprio Piotr Stiepânovitch, que abriu a porta e entrou.

Nikolai Vsiévolodovitch não ouvira bater; só ouvira a pergunta tímida de sua mãe à qual não tivera ainda tempo de responder. Diante

dele, naquele momento, achava-se uma carta que acabara de ler e que o mergulhara em profundas reflexões. Estremeceu de súbito, ouvindo a voz de Piotr Stiepânovitch, tentou esconder a carta sob um pesa-papéis, o que não conseguiu inteiramente. Um canto da carta e o envelope todo ficaram descobertos.

– Foi de propósito que gritei tão alto, para dar-lhe tempo de preparar-se – murmurou vivamente Piotr Stiepânovitch, com uma candidez impressionante. Aproximando-se da mesa, olhava fixamente o pesa-papel e o canto da carta.

– Bem entendido, teve você tempo de notar que eu procurava ocultar uma carta sob o pesa-papéis – disse tranquilamente Nikolai Vsiévolodovitch, sem se mover do lugar.

– Uma carta? Deus o guarde e à sua carta! Que me importam suas cartas? – exclamou o visitante. – Mas o principal… – continuou ele mansamente, voltando-se para o lado da porta já tornada a fechar e indicando aquela direção.

– Ela nunca escuta às portas – observou friamente Nikolai Vsiévolodovotich.

– Foi para o caso em que ela escutasse! – replicou vivamente Piotr Stiepânovitch, elevando alegremente o tom de voz e sentando-se numa poltrona. – Não vejo nisso inconveniente. Apenas, desta vez, vim falar-lhe a sós. Enfim posso vê-lo. Antes de tudo, sua saúde. Como vai? Vejo que isso vai muito bem e que amanhã talvez você virá, hem?

– Talvez.

– Tranquilize-os! Tranquilize-me! – exclamou, com ar faceto, não parando de gesticular. – Se soubesse o que tive de contar-lhes! Aliás, você bem pode imaginar. – Começou a rir.

– Não sei de nada absolutamente. Minha mãe me disse somente que você se movimentou muito.

– Quer dizer, nada de concreto – exclamou de repente Piotr Stiepânovitch, como se tivesse querido aparar um golpe terrível. –Veja

você, somente falei da mulher de Chátov, isto é, das relações que você manteve com ela em Paris, o que bastaria para explicar o caso de domingo. Não está zangado?

– Estou persuadido de que você teve muito trabalho.

– Ah! eis certamente o que eu temia. Mas, aliás, que quer dizer "ter muito trabalho"? Isto soa como uma censura. Aliás, você planta a questão francamente. O que temia eu mais vindo aqui era que você se recusasse a ir diretamente ao fato.

– Não quero ir diretamente a nada – replicou Stavróguin com certa irritação; mas logo soltou uma risada de escárnio.

– Ah! não me refiro a isso! não a isso! Você se engana, não a isso – gritou Piotr Stiepânovitch, agitando os braços e debulhando suas palavras como ervilhas. Estava satisfeito com a irritação de Stavróguin. – Não o aborrecerei com o nosso negócio, sobretudo no estado em que você se encontra. Vim somente por causa dos acontecimentos de domingo; não se pode deixar as coisas assim, não é? Vim para trazer-lhe as explicações mais francas; são-me necessárias, a mim e não a você, seja isto dito para poupar-lhe o amor-próprio, e é, aliás, a verdade. Vim para ser doravante completamente sincero.

– Por consequência, isto significa que você não era sincero antes?

– Você mesmo sabe muito bem. Frequentes vezes usei de astúcia. Você sorri, fico contente com isso, terei assim um pretexto para uma explicação. Foi de propósito que provoquei esse sorriso servindo-me da palavra "astúcia", a fim de que você não se zangasse imediatamente. Como me veio a ideia de que poderia usar de astúcia? Quis também ter imediatamente uma ocasião de explicar-me. Veja, veja, como sou sincero. Pois bem! quer ouvir-me?

O rosto de Stavróguin, que exprimia uma ironia desdenhosa, ficara calmo até então, apesar da evidente intenção do visitante de irritar seu anfitrião com a desfaçatez de grosseiras ingenuidades calculadas de antemão. As derradeiras palavras de Piotr Stiepânovitch suscitaram em Nikolai Vsiévolodovitch uma curiosidade inquieta.

– Escute – começou Piotr Stiepânovitch, com mais vivacidade ainda. – Ao vir aqui, quero dizer, a esta cidade, há dez dias, estava decidido a representar um personagem. Seria melhor não representar nenhum personagem e ser eu mesmo, não é verdade? Nada de mais astuto que mostrar seu próprio rosto, porque ninguém nele acredita. Quis bancar o simplório, achando que era mais simples parecer pateta que autêntico. Mas sendo a patetice um excesso que provoca curiosidade, decidi-me ser eu mesmo. Vamos, que sou eu em definitivo? Uma "aúrea mediocridade"; um homem nem bobo, nem inteligente, bastante mal dotado, que caiu da lua, como diz a boa gente daqui. Não é?

– Talvez – observou Stavróguin com um sorriso imperceptível.

– Ah! está de acordo? Isto me causa prazer. Já sabia que você pensava assim. Não se inquiete, não se inquiete, é inútil, totalmente inútil, não estou zangado. Se me exprimi assim, não foi para provocar de sua parte elogios em retribuição. "Não, você não é mal dotado, você é inteligente, etc…" Ah! sorri de novo? Eis-me ainda uma vez na armadilha. Você não me teria dito: "você é inteligente"! Bem, aceito. *Passons*, como diz meu pai. Entre parênteses, não se aborreça por causa de minha verborragia. Eis um exemplo: falo sempre muito, muito demais, isto é, sirvo-me de demasiadas palavras e falo demasiado depressa, e entretanto não consigo… Por quê? Porque não sei falar. Os que sabem falar, falam com brevidade. Assim temos uma prova de minha falta de talento, não é? Mas como essa falta de talento é em mim um dom natural… por que não me serviria disso artificialmente? É, aliás, o que faço. Na verdade, e… Na verdade, quando me preparava para vir aqui, pensava em calar-me, mas ficar calado requer um grande talento. Portanto isso não me convinha. Além disso, calar-se apesar de tudo, é perigoso. Decidi, pois, que o melhor era falar muito, como homem desprovido de talento, falar muito, muito, muito, apressar-me em adiantar provas e sempre, afinal de contas, enredar-me nos meus próprios argumentos para o que o ouvinte deixe a gente sem escutar até o fim, erguendo os ombros, ou, melhor ainda, cuspindo de desprezo. Este processo oferece vantagens. Primeiro: todos ficam convencidos de nossa bonomia; segundo: fica-se cheio da gente até acima da cabeça; terceiro: você não foi

compreendido. Portanto, três vantagens duma assentada. Depois disto, quem poderia ainda pretender que tenho intenções misteriosas? Cada qual se sentiria pessoalmente ofendido, se lhe afirmassem que nutro semelhantes desígnios. E ainda algumas vezes faço-os rir, o que é precioso. Já me perdoam tudo, pelo simples fato de que o sábio que, lá fora, publicava proclamações, revelou-se aqui mais estúpido que eles próprios. Não é verdade? Pelo seu sorriso, já vejo que é dessa opinião.

Nikolai Vsiévolodovitch não sorria absolutamente; pelo contrário, escutava com impaciência, franzindo o cenho.

– Hem? O quê? Creio que você disse: dá no mesmo – continuou Piotr Stiepânovitch (Nikolai Vsiévolodovitch não havia dito nada). – Sem dúvida, sem dúvida, asseguro-lhe que não é absolutamente para comprometê-lo com a minha camaradagem… Ah! mas sabe de uma coisa? você está extremamente susceptível hoje. Vim à sua casa de coração contente e aberto, e sob cada uma de minhas palavras suspeita você intenções pérfidas. Asseguro-lhe que hoje não tratarei com você de nenhum assunto delicado. Dou-lhe minha palavra e subscrevo, de antemão, todas as suas condições.

Nikolai Vsiévolodovitch mantinha um silêncio obstinado.

– Ah! o quê? Disse alguma coisa? Vejo, vejo que cometi nova rata. Você não propôs nenhuma condição e não proporá nenhuma. Tenho certeza disso, tenho certeza disso. Vamos, acalme-se; eu mesmo sei que não vale a pena propô-las, não é? E naturalmente faço por falta de talento, por falta de talento apenas, nada mais senão por falta de talento, não é? Você ri. Hem? O quê?

– Nada – sorriu afinal Nikolai Vsiévolodovitch, – acabo de lembrar-me de que, uma vez, com efeito, eu disse que lhe faltava talento, mas como você não estava presente, devem ter decerto contado o fato a você. Além disso, peço-lhe que vamos depressa ao fato.

– Mas eis-me plenamente nele. Falo justamente do que se passou domingo – balbuciou Piotr Stiepânovitch. – Pois bem! Como me comportei no domingo na sua opinião? Foi precisamente essa incapacidade trapalhona que me fez logo, da maneira mais tola,

apoderar-me da conversa. Mas tudo me perdoaram: primeiro, porque caí da lua, toda a gente aqui está persuadida efetivamente disso; segundo, porque contei uma história tão bela e tirei a todos do embaraço, não é? Não é verdade?

– Quer dizer que você contou de maneira que a dúvida subsiste e que se possa acreditar num acordo entre nós, quando não havia nenhum acordo e eu não o encarreguei de nada.

– Justamente, justamente… – afirmou Piotr Stiepânovitch num transporte de entusiasmo: – Foi deliberadamente que agi assim, a fim de que você pudesse ver a mola. Foi por você que representei toda essa comédia, porque eu lhe preparava uma armadilha e queria comprometê-lo. E, sobretudo, queria saber até que ponto você tem medo.

– Seria curioso saber por que você se mostra tão franco agora?

– Oh! não se zangue, não se zangue. Que seus olhos não lancem relâmpagos!… Aliás, não lançam… Assim, seria curioso saber por que sou tão franco? Simplesmente porque agora tudo está mudado, acabado, passado, recoberto de areia: de repente mudei de opinião a seu respeito. Abandonei por completo meu antigo modo de proceder. Agora, não procurarei mais comprometê-lo à maneira antiga. Encontrei novo meio.

– Então a tática mudou?

– Não se trata aqui de tática. A partir de agora tudo depende de sua livre vontade. Se você quiser, diga sim, e diga não, se quiser. Eis toda minha nova tática. Não lhe direi uma palavra de nosso negócio até o momento em que você mesmo ordenará que eu fale. Ri? À vontade; também rio. Mas agora, estou sério, sério, sério, se bem que aquele que assim se despacha seja um homem sem talento, mas é seriamente, muito seriamente que falo.

Com efeito, falava seriamente, num tom bem diferente e com estranha excitação, tanto que Nikolai Vsiévolodovitch ergueu a vista para ele e fitou-o com curiosidade.

– Então você diz que mudou completamente de opinião a meu respeito?

– Sim, a partir do instante em que, após a bofetada de Chátov, cruzou as mãos atrás das costas. Mas basta, basta, por favor; trégua às perguntas. Não direi mais nada.

Fez menção de levantar precipitadamente, gesticulando com a mão como para se defender de outras perguntas; mas como não foi feita nenhuma e não havia razão para retirar-se, encolheu-se na sua poltrona, um pouco calmo.

– Entre parênteses – prosseguiu logo – alguns pretendem que você o matará. Isto é motivo de apostas. Lembke tinha mesmo a intenção de advertir a polícia, mas Iúlia Mikhaílovna proibiu. Mas basta, basta… estou lhe contando simplesmente a título de informação. Ah! uma coisa ainda: no mesmo dia fiz, como sabe, Liebiádkin mudar-se para o outro lado do rio. Recebeu minha carta com seu novo endereço?

– Sim, no mesmo dia.

– E não foi por "falta de talento", mas pelo desejo sincero de ser-lhe agradável. Se resulta parecer isso destituído de talento, a intenção era sincera.

– Sim, bem, talvez fosse preciso fazer isso – murmurou Nikolai Vsiévolodovitch pensativo. – Somente, não me dirija mais bilhetes, peço-lhe.

– Desta vez, era impossível fazer de outro modo, mas será a última.

– Portanto Lipútin está avisado?

– Impossível fazer de outro modo. Mas você mesmo sabe que Lipútin não ousará… Aliás, seria preciso ir uma vez à casa dos "nossos", isto é, à casa deles, não à casa dos "nossos", porque você irá mais vez fazer chicana comigo a respeito da palavra. Fique sem inquietude, não agora imediatamente, porém mais tarde. No

momento, está chovendo. Vou avisá-los, eles se reunirão e iremos vê-los uma noite. Esperam-nos, de bico aberto como uma ninhada de pequenos corvos que esperam o pasto. Estão entusiasmados. Assim que têm um livro na mão, é para discutir. Virguínski é "pela humanidade", Lipútin fourierista com forte inclinação pelos métodos policiais. Um homem precioso, em certo sentido, confesso, mas que por outra parte deve ser tratado com severidade. O terceiro, enfim, o homem das orelhas compridas, imaginou seu próprio sistema. Estão todos magoados porque os trato sem contemplação e quando preciso, lavo-lhes a cabeça. Mas, no entanto, será absolutamente preciso visitá-los.

– Você sem dúvida apresentou-me como uma espécie de chefe? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch do modo mais negligente do mundo.

Piotr Stiepânovitch lançou-lhe rápida olhadela. Em seguida passou muito depressa a outro assunto, fingindo não ter mesmo ouvido a pergunta.

– A propósito – disse ele, – passei duas ou três vezes pelos aposentos da estimadíssima Varvara Pietrovna e fui obrigado a falar muito.

– Imagino.

– Não imagine nada. Só fiz afirmar que você não mataria Chátov e outras coisas desse gênero. Mas imagine que no dia seguinte ela já sabia que eu fizera Maria Timofiéievna mudar-se para a outra margem. Foi você quem a informou?

– Nem mesmo pensei nisso.

– Sabia bem que não fora você. Mas quem pôde dizer-lhe, senão você? Eis o que é curioso.

– Foi sem dúvida Lipútin.

– Não, não foi Lipútin – murmurou Piotr Stiepânovitch, franzindo o cenho. – Mas saberei quem foi. Muito me parece que tenha sido

Chátov. Mas deixemos essas besteiras! Aliás, é extremamente importante… A propósito, sempre esperei que sua mãe me faria a pergunta capital… Sim, em todos estes últimos dias, estava ela dum humor negro. Hoje, chego e encontro-a radiante. Que é isso?

– Vem de que hoje lhe prometi que, num prazo de cinco dias, pediria a mão de Elisavieta Nikoláievna – respondeu, de repente, Nikolai Vsiévolodovitch, com uma franqueza inesperada.

– Ah! eis… eis… é então isso – balbuciou Piotr Stiepânovitch, com um ar constrangido. – Fala-se lá embaixo de noivado, como sabe. Mas você tem razão, mesmo sob uma coroa, ela não escaparia ao seu primeiro apelo. Não se zangue, se lhe falo assim.

– Não, não me zango absolutamente.

– Noto que é muito difícil hoje fazê-lo zangar-se e começo a ter medo de você. Estou muito curioso de saber em que estado aparecerá amanhã. Combinou decerto mais de uma pilhéria. Não está zangado comigo por ter-lhe…

Nikolai Vsiévolodovitch não respondeu, o que irritou extremamente seu interlocutor.

– O que você disse à sua mãe a respeito de Elisavieta Nikoláievna é sério? – perguntou ele.

Nikolai Vsiévolodovitch fitou-o fria e fixamente.

– Ah! compreendo, é apenas para acalmá-la. Sim, sim.

– E se tivesse sido seriamente que o disse? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch, num tom resoluto.

– Pois bem! Deus venha em seu auxílio, como se diz. Isto não prejudicará em nada o negócio (viu você? não disse nosso negócio; você não gosta da palavra “nosso” e quanto a mim…) pois bem! estou sempre pronto a prestar-lhe serviço, como sabe.

– Acredita?

– Não creio em nada, absolutamente em nada – apressou-se em responder Piotr Stiepânovitch, rindo. – Sei que no que se refere aos seus negócios você não deixa que coisa alguma corra ao acaso, mas que tudo seja previsto. Aliás, quereria somente dizer-lhe, e isto muito seriamente, que estou à sua disposição, sempre, em toda parte e em todas as circunstâncias… ao pé da letra, completamente a seu serviço. Compreende?

Nikolai Vsiévolodovitch bocejou.

– Aborreço-o pelo que vejo – disse Piotr Stiepânovitch, levantando bruscamente e agarrando sua cartola, novinha, como para sair. Mas não saiu e continuou a conversa. De tempos em tempos, dava alguns passos pelo quarto e nos momentos de animação batia com a cartola no joelho.

–Ah! sim, queria contar-lhe ainda alguma coisa a respeito dos Lembke para fazê-lo rir – exclamou ele, voltando à jovialidade.

– Não, doutra vez… Como vai Iúlia Mikháilovna?

– Como os hábitos mundanos são fortes em vocês todos! A saúde de Iúlia Mikháilovna interessa-o tão pouco quanto a saúde de quem quer que seja. E no entanto, informa-se dela. Acho isto meritório. Iúlia Mikháilovna está passando bem, tem por você um respeito que chega às raias da superstição. Acredita-o capaz de realizar grandes coisas. A respeito dos acontecimentos de domingo, guarda silêncio e continua persuadida de que bastará seu aparecimento para que tudo se arranje. Ela imagina, palavra de honra, que você pode Deus sabe o quê. Aliás, você se tornou um personagem ainda mais enigmático do que outrora… essa atmosfera de romantismo em torno de você é uma posição extremamente vantajosa. Todos o aguardam com impaciente curiosidade. No momento em que saí de viagem, estavam já muito exaltados, agora estão-no mais ainda. A propósito, agradeço-lhe muito ter-me arranjado a carta. O Conde K*** é aqui temido e respeitado. Quanto a você, consideram-no um espião. Encorajo-os nesta convicção, não me quer mal por isso?

– Não.

– Isto não tem importância e para o futuro será importante. As pessoas daqui têm suas pequenas manias, e, naturalmente, incito-as a perseverarem nelas. Iúlia Mikháilovna em primeiro lugar, Gagânov em seguida… Ri? Mas eu também tenho minha tática; minto, minto, e, de repente, largo uma palavra justa e isto no momento preciso em que é ela desejada e esperada. Sou logo cercado, interrogam-me, dão-me ouvidos… mas, de novo, nado já em plena mentira. Toda a gente desiste de compreender. "Ah! Aquele lá, dizem, não é bobo, mas caiu da lua." Lembke quer tomar-me a seu serviço para que me corrija. Oh! se você soubesse como eu o maltrato, quero dizer, como o comprometo! Ele está aturdido. Iúlia Mikháilovna corre em auxílio. Queria dizer ainda que Gagânov está grandemente encolerizado contra você. Ontem, em Dúchov, falou-me muito mal de você. Fiz com que compreendesse de imediato a verdade, não toda a verdade, é claro. Fiquei em casa dele, em Dúchov, ontem, o dia inteiro. Uma magnífica propriedade, uma bela casa.

– Como, ele está ainda agora em Dúchov? – exclamou vivamente Nikolai Vsiévolodovitch, levantando quase e dando um passo para diante.

– Não, trouxe-me para cá pela manhã, voltamos juntos – disse com calma Piotr Stiepânovitch, que fingia não notar a exaltação de Stavróguin. Ora essa, que livro foi que fiz cair? – Baixou-se para apanhar o *Keepsake*[85] – *As mulheres*, de Balzac, com gravuras. – Não li – disse ele, abrindo o livro. – Lembke também escreve romances.

– É mesmo? – perguntou Stavróguin, como se a coisa o interessasse realmente.

– Romances russos, naturalmente, e às ocultas. Iúlia Mikháilovna é a única a saber e autoriza-o a isso. Que gorro de dormir e que pretensões! Como tudo isso é trabalhado! Que rigorismo, que compostura! Se pelo menos tivéssemos isso, também nós!

– Você louva a administração?

– E por que não? É a única coisa que entre nós, na Rússia, anda por si e parece em boa forma… não, não, não direi… não direi; esteja tranquilo – interrompeu-se subitamente. – Não abordarei esses

assuntos delicados, fique tranquilo. E agora, adeus. Está com muito mau aspecto.

– Sim, estou com febre.

– Parece… é preciso metê-lo na cama. Ah! a propósito, há *skóptsi* no distrito, gente engraçada… mas deixemos isso. Ainda uma anedota. Há aqui na vizinhança um regimento de Infantaria. Na sexta-feira à noite, em B***, bebi um gole com os oficiais. Temos três de nossos amigos lá, compreende? Falou-se de ateísmo e naturalmente liquidou-se Deus. Eles urravam de alegria. Chátov entre outros afirmou que, se se quiser fazer a revolução na Rússia, é pelo ateísmo que se deve começar. Talvez tenha razão. Um velho capitão de cabelos grisalhos, que ficara muito tempo sem nada dizer, ergueu-se de repente, foi colocar-se no meio da sala, e, imagine você, disse em voz alta, como se falasse consigo mesmo: "Se não há Deus, como posso eu depois disso ser capitão?". Dizendo isto, pegou seu boné e saiu.

– Ele exprimiu uma ideia bastante consequente – observou Stavróguin, bocejando pela terceira vez.

– Deveras? Não a compreendera e queria interrogá-lo… Ah! sim, a fábrica dos Chpigúlini, muito interessante… Quinhentos operários, como você sabe. Um verdadeiro foco de cólera. Desde mais de quinze anos que não a limpam nem uma vez. Encontram-se sempre meios de diminuir os salários. Quanto aos patrões, são milionários. Garanto-lhe que entre os operários, há um bom número que tem alguma ideia da Internacional[86]. O quê? Sorri? Pois bem, verá, conceda-me apenas um pouco de tempo. Já lhe pedi um prazo. Peço-lhe mais outro. Oh! perdão, detenho-me. Não franza a testa, acabei. Adeus. Ah! mas… – voltou ainda uma vez, – tinha decididamente esquecido o principal. Acabam de dizer-me que nossa mala chegou de Petersburgo.

– Sim; e então? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch sem compreender.

– Quero dizer sua mala, com suas coisas, paletós, calças e roupa branca… É bem isto, não?

– Sim, com efeito, falaram-me.

– Não se poderia ter tudo isso imediatamente?…

– Pergunte a Alieksiéi.

– Pois seja, mas, amanhã de manhã? Deve lembrar-se de que com suas roupas encontra-se meu paletó, três calças… da Casa Charmeur, que você me havia recomendado. Lembra-se?

– Ouvi dizer que você representava o papel de um dândi… – disse, sorrindo, Nikolai Vsiévolodovitch. – É verdade que quer tomar lições de equitação?

Piotr Stiepânovitch mostrou um sorriso crispado.

– Sabe – começou ele de repente, muito depressa, com uma voz entrecortada e trêmula, – sabe, Nikolai Vsiévolodovitch, deixemos de lado as questões pessoais, de uma vez por todas, não é? Naturalmente, pode você desprezar-me quanto lhe aprouver, se alguma coisa em mim se prestar ao ridículo. Mas repito-o, façamos durante um momento abstração das questões pessoais, não é?

– Bem – murmurou Nikolai Vsiévolodovitch, – não o farei mais…

Piotr Stiepânovitch sorriu, bateu seu chapéu contra o joelho e suas feições retomaram sua expressão habitual.

– Algumas pessoas aqui pensam que sou seu rival junto a Elisavieta Nikoláievna. Como haveria você de querer que eu não tivesse cuidados com a minha aparência exterior? – perguntou ele, rindo. – Mas quem é então que o informa de tudo assim? Hum!… já são oito horas; preciso ir. Tinha prometido à sua mãe passar por seus aposentos, mas é impossível. Volte a dormir e amanhã estará melhor. Lá fora já é noite cerrada e chove… Aluguei um fiacre porque de noite as ruas não são seguras. Ah! a propósito, vagueia por aqui, nos arredores, um tal Fiedka, forçado evadido da Sibéria. Imagine que é um dos meus antigos servos que meu querido pai vendeu como soldado, há uns quinze anos, para embolsar o dinheiro, naturalmente. Personagem notabilíssirno esse Fiedka.

– Você… falou-lhe? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch,

erguendo de súbito a vista.

– Sim, não tem medo de mim. Está pronto a fazer não importa o que, não importa o que, por dinheiro, é claro… mas tem também convicções, à sua maneira, bem entendido… Sim… uma coisa ainda… se suas intenções de ainda há pouco, a respeito de Elisavieta Nikoláievna, são sérias, repito-lhe ainda uma vez que eu também sou um personagem pronto a tudo fazer para prestar-lhe serviço da maneira que você entender. Estou inteiramente às suas ordens. Como, procura sua bengala? Ah! não, não é sua bengala. Imagine que pensara que você procurasse uma bengala.

Stavróguin não procurava nada, não dizia nada. Todavia tinha-se realmente erguido e seu rosto tomara uma misteriosa expressão.

– Se você tem necessidade de alguma coisa no que se refere a Gagânov – acrescentou Piotr Stiepânovitch, apontando a carta e o envelope sob o pesa-papéis, – não é preciso dizer que posso arranjar tudo e, estou convencido, você não poderá me dispensar.

E sem esperar a resposta, deixou o quarto, mas passou ainda a cabeça uma derradeira vez pelo vão da porta.

– Digo isto porque Chátov, por exemplo – proferiu ele muito depressa, – não tinha tampouco o direito de arriscar sua vida, no domingo passado, atacando-o, não é? Gostaria que você pensasse nisso.

Eclipsou-se de novo, sem esperar resposta.

## *IV*

Talvez Piotr Stiepânovitch pensasse que Nikolai Vsiévolodovitch, uma vez sozinho, se pusesse a dar murros contra a parede. Teria bem querido sem dúvida poder assistir a essa cena. Neste caso enganava-se grandemente; Nikolai Vsiévolodovitch ficou perfeitamente calmo. Ficou, cerca de dois minutos, perto da mesa, na mesma atitude, mergulhado aparentemente em profundas reflexões; logo um sorriso frio e cansado aflorou-lhe aos lábios. Sentou de novo lentamente no grande sofá, no mesmo lugar, no ângulo, fechou os olhos, como que

tomado de fadiga. Um dos cantos da carta continuava à mostra sob o pesa-papéis; entretanto não fez um gesto para dissimulá-la.

Em breve esqueceu-se completamente no sono. Desde alguns dias Varvara Pietrovna estava presa de grandes inquietações; quando viu que Piotr Stiepânovitch ia-se embora sem cumprir sua promessa de ir falar-lhe, não se conteve mais e decidiu ir ela mesma aos aposentos de Nikolai, apesar da hora indevida. Não cessara de esperá-lo: não lhe diria enfim Piotr Stiepânovitch algo de definitivo? De mansinho, como antes, bateu à porta. Não recebendo nenhuma resposta, arriscou-se a abri-la. Quando o viu tão estranhamente imóvel e silencioso, avançou prudentemente para o sofá. Estava de certa forma estupefata por ele ter adormecido tão depressa e naquela posição, sentado e inerte; mal se percebia mesmo sua respiração. Seu rosto, que estava lívido e severo, parecia absolutamente imóvel e gelado; tinha o ar sombrio, os supercílios um pouco erguidos e contraídos e assemelhava-se em tudo a uma figura de cera inanimada. Varvara Pietrovna ficou assim dois ou três minutos diante dele, retendo sua respiração, e de repente foi tomada de terror. Afastou-se na ponta dos pés. Entretanto, na soleira da porta, parou um instante, voltou-se, fez sobre seu filho o sinal da cruz, com um gesto rápido e, sem ter sido notada, deixou o quarto, com o coração cheio duma nova angústia e dum sombrio pressentimento.

Ele dormiu muito tempo, mais de uma hora; e sempre no mesmo entorpecimento; nem um músculo de seu rosto estremeceu, nem o menor movimento se manifestou em seu corpo. Os supercílios continuaram contraídos. Se Varvara Pietrovna tivesse ficado mais alguns minutos perto dele, não teria decerto podido suportar a impressão esmagante daquela imobilidade letárgica e o teria acordado, sem dúvida. De súbito, reabriu ele os olhos, mas conservou durante dez minutos pelo menos a mesma imobilidade, os olhos fixos a um canto do quarto, como se contemplasse com atenção e curiosidade algum objeto espantoso, embora ali nada se encontrasse de novo, nem de singular.

Por fim ressoou o som suave e profundo do grande relógio; estava dando meia hora. Tomado de certa inquietude, Nikolai Vsiévolodovitch voltou a cabeça para ver a hora. Mas no mesmo

instante, a porta que dava para o corredor abriu-se e o mordomo Alieksiéi Iegórovitch apareceu. Trazia no braço uma capa espessa, um lenço de pescoço e um chapéu, e, na mão direita, segurava uma bandeja de prata sobre a qual se via uma carta.

– Nove horas e meia – anunciou ele em voz baixa, depois de ter colocado as roupas sobre uma cadeira e apresentado a Nikolai Vsiévolodovitch a carta, um pequeno pedaço de papel, não lacrado, sobre o qual estavam escritas algumas linhas a lápis. Stavróguin depois de lê-las, pegou de cima da mesa um lápis e rabiscou algumas palavras no mesmo papel que repôs, em seguida, não lacrado, sobre a bandeja.

– Para remeter imediatamente depois de minha saída – disse ele, levantando. – Ajuda-me a vestir.

Notando que trazia um leve jaquetão de veludo, refletiu um instante, depois pediu que lhe trouxesse a sobrecasaca de casimira que usava para fazer suas visitas de cerimônia. Depois que completou seu vestuário e pôs o chapéu na cabeça, fechou à chave a porta pela qual sua mãe entrara e, tirando de sob o pesa-papéis a carta que escondera, saiu para o corredor, seguido por Alieksiéi Iegórovitch. Do corredor, passaram por uma estreita escada escondida e chegaram a uma sala que dava diretamente para o jardim. Num canto da antecâmara encontravam-se, preparados de antemão, uma pequena lanterna e um grande guarda-chuva.

– Chove tanto nestes últimos dias que a lama na rua está insuportável – anunciou Alieksiéi Iegórovitch, tentando com esse tímido esforço, pela derradeira vez, desviar seu patrão da viagem que ia empreender. Mas Stavróguin abriu seu guarda-chuva e meteu-se em silêncio pelo velho parque, sombrio, úmido, como uma adega. O vento sussurrava e agitava os cimos das grandes árvores já meio despojadas de suas folhas. Os estreitos caminhos cobertos de areia estavam lamacentos e escorregadios. Alieksiéi Iegórovitch seguia tal como estava, de paletó, sem chapéu. Com sua lanterninha na mão, precedia de três passos seu patrão, alumiando o caminho,

– Será que não nos verão? – perguntou de repente Nikolai

Vsiévolodovitch.

– Das janelas não se verá nada e, aliás, todas as precauções foram tomadas – respondeu o criado num tom baixo e medido.

– Mamãe está deitada?

– Retirou-se às nove horas segundo o hábito que tomou nestes últimos dias. É impossível que ela saiba o que quer que seja. Quando o senhor ordena que venha esperá-lo? – acrescentou, atrevendo-se afinal a fazer uma pergunta.

– Daqui a uma hora, uma hora e meia, não mais tarde que duas horas.

– Às suas ordens.

Através das aleias sinuosas, percorrendo quase todo o parque que ambos conheciam de cor, chegaram até o muro e, no lugar onde este formava um ângulo, dirigiram-se para uma portinha que dava acesso a um beco sombrio e estreito. Aquela porta estava quase sempre fechada à chave, mas essa chave encontrava-se agora entre as mãos de Alieksiéi Iegórovitch.

– A porta não rangerá? – perguntou Stavróguin.

Alieksiéi Iegórovitch respondeu que a havia lubrificado na véspera, “bem como hoje”. Já estava molhado da cabeça aos pés. Depois de ter aberto a porta, entregou a chave a seu amo.

– Se o senhor tem a intenção de fazer uma longa caminhada, permita-me que lhe lembre que não nos podemos fiar nas pessoas daqui, sobretudo na populaça dessas ruas afastadas e, ainda menos, na da outra margem – não pôde ele evitar ainda acrescentar. Era um velho servidor que, outrora, ninara Nikolai Vsiévolodovitch, quando menino, em seus braços e brincara com ele. Um homem austero, dócil à palavra de Deus e que lia de boa vontade as Santas Escrituras.

– Fique tranquilo, Alieksiéi Iegórovitch.

– Que Deus o abençoe, patrão, mas para boas obras apenas.

– Como? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch, que parou na soleira da porta.

O velho servidor repetiu com voz firme seu voto. Nunca até então ousara exprimir-se naqueles termos diante de seu amo.

Stavróguin não respondeu nada, fechou a porta à chave, pôs a chave no bolso, seguiu pelo beco, atolando-se na lama cinco polegadas a cada passo. Alcançou por fim uma rua comprida e deserta, mas que, por sorte, estava calçada. Conhecia a cidade na ponta dos dedos; mas a Rua da Epifania estava ainda longe. Eram mais de dez horas, quando parou diante do portão da velha casa de Filípov. Desde a partida dos Liebiádkini, o rés do chão estava desabitado. As janelas estavam tapadas com pranchas pregadas à parede. Mas na mansarda, onde vivia Chátov, uma luz brilhava. Como não houvesse campainha, Stavróguin assestou grandes murros contra a porta. Uma janelinha abriu-se e Chátov mergulhou o olhar na rua. Era tão densa a escuridão reinante que teria sido difícil reconhecer alguém. Durante um longo minuto, Chátov explorou as trevas.

– É o senhor? – perguntou ele de repente.

– Sim – respondeu o visitante inesperado.

Chátov tornou a fechar a janela, desceu e abriu a porta.

Nikolai Vsiévolodovitch transpôs o limiar, sem pronunciar uma só palavra passou diante de Chátov e dirigiu-se diretamente para a casinha, no fundo do pátio, onde morava Kirílov.

## *V*

Ali, nada estava fechado à chave. A antecâmara e as duas primeiras peças estavam no escuro, mas a terceira, aquela onde vivia Kirílov e tomava chá, achava-se iluminada; dela provinham risadas e estranhos latidos. Nikolai Vsiévolodovitch dirigiu-se para a luz, mas antes de entrar deteve-se no limiar. O chá estava servido. No meio do quarto achava-se uma velha, uma parenta afastada que cuidava do serviço doméstico. De cabelos soltos, pés nus nos sapatos, estava simplesmente vestida com uma saia e uma camisola sem mangas, de

pele de coelho. No braço, carregava uma criança de cerca de um ano e meio, vestida com uma camisinha curta, os pezinhos descobertos, as bochechas rosadas, os cabelos louros em desordem, a quem acabavam de tirar do berço. Acabara de chorar, sem dúvida, pois lágrimas ainda rolavam de seus olhos; naquele momento agitava as mãozinhas, entrechocava-as e ria como riem as criancinhas, com ligeiros soluços. Diante da criança, Kirílov lançava contra o soalho uma grande bola vermelha de borracha; a bola pulava até o forro, depois tornava a cair, enquanto a criança encantada gritava: "Bo-bo!" Kirílov apanhava a "bo"… e dava-a à criança. A criança, com suas mãozinhas desajeitadas, atirava-a e Kirílov corria a apanhá-la. Por fim a "bo" rolou para baixo do armário. "Bo…bo", gritava a criança. Kirílov estirou-se no chão, de barriga para baixo, para tentar puxar a bola com a mão. Foi neste momento que Nikolai Vsiévolodovitch entrou no quarto. À sua vista, a criança encolheu-se amedrontada de encontro à velha e pôs-se a lançar um grande grito lamentoso. A velha levou-a sem demora.

– Stavróguin? – disse Kirílov, sem que aquela visita inesperada de modo algum o espantasse. Levantou-se, mantendo a bola na mão. – Deseja chá?

– Com grande prazer, se estiver quente. Estou todo molhado.

– Está não só quente mas fervente – respondeu Kirílov todo contente. – Sente aqui. Sujou-se todo. Mas isto não tem importância. Passarei depois no soalho um pano molhado.

Stavróguin sentou-se e bebeu quase dum só trago a xícara que lhe servira Kirílov.

– Mais? – perguntou este último.

– Não, obrigado.

Kirílov, que então ficara de pé, sentou-se em frente de seu hóspede e perguntou:

– Por que veio?

– Por causa de certo negócio. Leia esta carta, peço-lhe. É de Gagânov. Lembre-se, já lhe falara dele em Petersburgo.

Kirílov pegou a carta, leu-a, pousou-a sobre a mesa, olhou Stavróguin e esperou.

– Como você sabe – pôs-se a explicar Nikolai Vsiévolodovitch, – vi esse Gagânov pela primeira vez em Petersburgo, há um mês apenas. Encontramo-nos três ou quatro vezes em sociedade. Nunca fomos apresentados um ao outro, nunca nos falamos, e, no entanto, achou ele meio de mostrar-se insolente a meu respeito. Contei-lhe tudo então. Há, entretanto, uma coisa que você ignora. Quando ele deixou Petersburgo, algum tempo antes de mim, escreveu-me uma carta que, se não fôsse tão ofensiva como esta, nem por isso deixava de ter um tom inadmissível. E, o mais estranho, é que não me indicava de modo algum as razões pelas quais a escrevera. Respondi-lhe logo e afirmei-lhe com toda a sinceridade que "já que se tratava sem nenhuma dúvida do incidente que ocorrera no clube quatro anos antes com seu pai", estava eu pronto, pela minha parte, a dirigir-lhe todas as minhas desculpas, pela simples razão de ter cometido aquele ato sem premeditação, quando estava doente. Não me respondeu e foi-se embora. Chego aqui, onde o encontro presa dum verdadeiro acesso de raiva contra mim. Contaram-me as coisas que ele diz em público a meu respeito, coisas totalmente injuriosas e que contêm incríveis acusações. E eis que hoje me chega esta carta, tal que ninguém jamais recebeu igual. Expressões como esta "sua bochecha esbofeteada". Vim cá esperando que não me recusará servir-me de testemunha.

– O senhor diz que ninguém jamais recebeu carta igual – observou Kirílov. – Num acesso de raiva, é possível? isto se tem visto muitas vezes. Púchkin escreveu assim a Hekerne. Está bem, irei. Indique-me o que devo fazer.

Nikolai Vsiévolodovitch explicou a Kirílov que deveria passar no dia seguinte em casa de Gagânov. Devia renovar suas desculpas e até mesmo prometer uma segunda carta de desculpas, esta última somente com a condição de que Gagânov daria sua palavra de não mais escrever-lhe nenhuma carta ofensiva. Mediante o que, declarava-se Nikolai Vsiévolodovitch pronto a considerar como nula e não

escrita a última carta de Gagânov.

– Demasiadas concessões. Ele não aceitará… – replicou Kirílov.

– Antes de tudo, vim para perguntar-lhe se está disposto a transmitir-lhe estas condições.

– Transmitirei sim, o negócio é seu, mas ele não consentirá.

– Sei disso.

– Quer bater-se. Diga quais são suas condições.

– A principal é que quero que a questão seja resolvida amanhã. Às nove horas, você estará em casa dele. Vai ouvi-lo, mas rejeitará seu pedido e vai encaminhá-lo para a testemunha dele, digamos cerca das dez horas. Você arranjará as coisas com essa testemunha para que todos se encontrem a uma ou duas horas reunidos no terreno. Peço-lhe insistentemente que faça tudo quanto depender de você para que as coisas se passem como acabo de indicar-lhe. A arma será naturalmente a pistola. Quanto ao resto, eis o que lhe peço de modo todo particular: que as barreiras sejam distantes uma da outra dez passos. Coloquem cada um de nós igualmente a dez passos das barreiras. Ao sinal convencionado, avançaremos ao encontro um do outro. Cada qual deverá necessariamente ir até a barreira; todavia, ele poderá atirar antes, enquanto andar. É tudo, creio.

– Dez passos entre as barreiras – observou Kirílov, – é demasiado perto.

– Ah! bem, ponhamos doze, mas não mais. Você compreende que ele quer bater-se seriamente. Você sabe carregar uma pistola?

– Sim, eu mesmo tenho pistolas. Darei minha palavra de honra que o senhor ainda não atirou com minha pistola. A testemunha dele dará também sua palavra de honra pelas suas. Então tiraremos a sorte para saber quais delas empregar; as dele ou as suas.

– Perfeitamente.

– Quer ver minhas pistolas?

– Pois não.

Kirílov agachou-se diante de sua mala, que não havia ainda desarrumado e da qual ia tirando os objetos à medida que deles tinha necessidade. Tirou do fundo um cofrezinho de madeira de palmeira, forrado internamente de veludo vermelho e dele extraiu duas pistolas dum modelo excelente.

– Tenho tudo quanto é preciso, pólvora, balas, cartuchos. E ainda um revólver, espere.

De novo, rebuscou em sua mala e dela retirou um segundo estojo contendo um revólver americano de seis tiros.

– Você tem armas? E armas que custam caro.

– Extremamente caro.

Pobre, quase indigente, Kirílov que, aliás, jamais notara sua pobreza, mostrava agora com um orgulho evidente aqueles objetos de valor que devera ter adquirido ao preço de enormes sacrifícios.

– Persiste ainda na sua ideia? – interrogou Nikolai Vsiévolodovitch, não sem certa reserva e depois de um curto silêncio.

– Na mesma – respondeu brevemente Kirílov. Pelo tom com que a pergunta fora feita, compreendera imediatamente do que se tratava. Kirílov começou a arrumar as armas.

– E… quando… – prosseguiu Nikolai Vsiévolodovitch, com mais circunspecção ainda e depois de novo silêncio prolongado.

Kirílov tornara a colocar os dois estojos na sua mala e voltado a seu lugar.

– Isto não depende de mim, como o senhor sabe. Quando me ordenarem… – balbuciou, como que um pouco constrangido por aquela pergunta, mas visivelmente pronto a responder a outras. Contemplava Stavróguin com seus olhos negros, sem brilho, que conservavam uma expressão de calma e suave benevolência.

– Compreendo, certamente, suicidar-se… – prosseguiu Nikolai Vsiévolodovitch, após um longo silêncio e profunda meditação. Seu rosto ensombrecera-se. – Tenho muitas vezes pensado no suicídio. Mas sempre me vinha uma nova ideia: se por exemplo se cometesse um crime e algo de condenável, isto é, de vergonhoso, uma vilania, mas perfeitamente covarde e… ridícula; alguma coisa de que a humanidade conservaria a lembrança durante séculos, de que falaria, e sobre a qual escarraria ainda dentro de mil anos. E de repente este pensamento: uma bala na cabeça e nada mais restará. Que importa o mundo então? Que importa que ele conspurque o ato infame durante séculos, não é?

– E o senhor chama isto uma ideia nova? – interrogou Kirílov, após um instante de reflexão.

–… Não, isto é… quando esta ideia me veio pela primeira vez, pareceu-me totalmente nova.

– "Sentiu" essa ideia? – continuou Kirílov. – Então tudo está bem. Há muitas ideias que estão sempre latentes e que de repente se revelam. É um fato comprovado. Percebo muitas coisas que me parece ver hoje pela primeira vez.

– Admitamos que haja você vivido na lua – interrompeu Stavróguin, que não mais o escutava, mas abandonava-se ao correr de seu devaneio… – admitamos que você tenha cometido no estrangeiro toda espécie de covardias ridículas… Você sabe muito bem que o amaldiçoarão durante séculos, eternamente, na lua. Mas você se acha na terra agora e é daqui de baixo que observa a lua. Que lhe importa o que haja cometido lá em cima? Que lhe importa que as pessoas cuspam em você durante séculos?

– Não sei – respondeu Kirílov, – jamais estive na lua –acrescentou, sem a menor ironia, simplesmente para assinalar um fato.

– De quem é a criança que estava aqui inda há pouco?

– Foi a sogra da velha que chegou, ou antes sua nora… pouco importa. Há uns oito dias. Agora, está doente, de cama, com uma criança. Ela chora muito, durante a noite, por causa de cólicas

intestinais. A mãe adormece e a velha a traz para mim. Jogo bola com ela. Comprei essa bola em Hamburgo para atirá-la e pegá-la, porque isto fortifica muito as costas. É uma menina.

– Gosta de crianças?

– Amo-as – respondeu Kirílov, num tom bastante indiferente.

– Então ama também a vida?

– Sim, amo-a. E com isso?

– Mas se está decidido a estourar os miolos?

– Pois bem! Que relação tem uma coisa com outra? A vida é à parte e o resto à parte igualmente. A vida existe e a morte não existe.

– Acredita então numa vida futura e eterna?

– Não, não numa vida futura e eterna, mas numa vida terrestre eterna. Há instantes, a gente chega a instantes em que de súbito o tempo para e torna-se eternidade.

– Espera chegar a tal instante?

– Sim.

– Não é possível em nosso tempo – observou Nikolai Vsiévolodovitch, sem a menor ironia tampouco. Perdido em seus pensamentos, falava lentamente. – Foi no *Apocalipse* que o anjo jurou que não haverá mais tempo.

– Eu sei. Lá é muito verdadeiro, claro e preciso. “Quando a humanidade tiver atingido a felicidade, então não haverá mais tempo, porque não será mais necessário.” Esta ideia é muito justa.

– E onde o meterão?

– Não o meterão em parte alguma. O tempo não é um objeto, mas um conceito. Desaparecerá do entendimento.

– Velhas banalidades filosóficas, que se repisam desde o começo

dos séculos e jamais nada de novo! – resmungou Stavróguin, com uma compaixão desdenhosa.

– As mesmas, sempre as mesmas, desde o começo dos séculos e não haverá jamais outras – exclamou Kirílov, com o olhar iluminado e repetindo as expressões de Stavróguin, como se já aquela ideia mesma tivesse sido uma vitória.

– Você parece sentir-se muito feliz, Kirílov!

– Sim, muito feliz – respondeu este, como se desse uma resposta habitual.

– Mas há pouco tempo estava você muito triste e bastante irritado contra Lipútin.

– Hum! O fato é que agora não estou mais; não sabia então que era feliz. O senhor viu uma folha, uma simples folha de árvore?

– Sem dúvida.

– Há algum tempo, vi uma amarelecendo, ligeiramente verde ainda, um pouco apodrecida já nas bordas. Um sopro de vento havia-a arrancado. Quando tinha eu dez anos, no inverno, fechava os olhos e imaginava uma folha verde, brilhante, com finas nervuras, em um raio de sol. Quando abria os olhos, não podia crer na realidade, o sonho era demasiado belo. Fechava-os, de novo.

– Isso é uma alegoria?

– Não. Por quê? Não é uma alegoria. Uma folha, uma simples folha. A folha é bela. Tudo é belo.

– Tudo?

– Tudo. O homem é infeliz porque ignora que é feliz. Por causa disto somente. Tudo está nisto! Tudo está nisto, Aquele que o aprender será feliz imediatamente, neste mesmo instante. A nora vai morrer. A criança ficará. Tudo está bem. Descobri isto de repente.

– E se alguém morre de fome, se alguém faz mal a uma menina,

desonra-a, será que isto está bem igualmente?

– Sim, está bem. E se lhe racharem a cabeça por causa da pequena, estará bem igualmente. Tudo está bem, tudo. São felizes aqueles que sabem que tudo está bem. Se soubessem que são felizes, então seriam felizes. Mas enquanto ignorarem que são felizes, sempre serão infelizes. Eis a ideia, a ideia total. Fora dela, não há outra.

– Quando você soube que era tão feliz?

– Na última semana, na terça-feira, não, na quarta-feira, já era quarta-feira. Durante a noite.

– E em que ocasião?

– Não me lembro mais. Andava pelo meu quarto… Pouco importa. Parei meu relógio. Eram duas horas e trinta e sete minutos.

– Sinal emblemático para marcar que o tempo deve deter seu curso?

Kirílov deixou a pergunta sem resposta. Depois prosseguiu:

– Os homens não são bons porque não sabem que são bons. Quando o souberem, deixarão de violar as meninas. É preciso mostrar-lhes quanto são bons e então eles vão se tornar bons, todos, instantaneamente. Todos sem exceção.

– Pois bem, você, por exemplo, você que ficou sabendo, é bom agora?

– Sim, sou bom.

– A este respeito, sou de sua opinião – resmungou Stavróguin, franzindo a testa.

– Aquele que ensinar aos homens que são todos bons, acarretará o fim do mundo.

– Aquele que ensinou isso foi crucificado.

– Ele voltará e seu nome será o deus-Homem.

– O homem-Deus?

– Não, o deus-Homem. Nisto está a diferença.

– Foi você que acendeu a vela diante do ícone?

– Sim, fui eu.

– Voltou a ser crente?

– A velha gosta que a lâmpada… hoje ela não teve tempo… – balbuciou Kirílov.

– Mas você, você não reza?

– Rezo constantemente. Está vendo aquela aranha que sobe pela parede? Eu a contemplo e sou-lhe grato apenas por ela subir pela parede.

E de novo seus olhos cintilaram. Olhava fixamente para Stavróguin, com uma expressão dura e inflexível. Stavróguin observava-o com ar desdenhoso, franzindo a testa, mas não havia nenhuma espécie de ironia no seu olhar.

– Aposto que, quando eu voltar, você já acreditará em Deus – disse ele, levantando e pegando seu chapéu.

– Por que? – perguntou Kirílov, também levantando.

– Se você soubesse que acredita em Deus – disse Stavróguin, sorrindo, – então acreditaria nele, mas como não sabe ainda que acredita nele, não acredita nele.

– Não é isto absolutamente – replicou Kirílov depois de refletir. – O senhor disfarçou a ideia. Uma brincadeira de homem do mundo. Lembre-se, Stavróguin, do que foi para mim.

– Adeus, Kirílov.

– Volte de noite; quando voltará?

– Mas já se teria esquecido do que deve passar-se amanhã?

– Ah! é verdade, tinha esquecido… mas esteja tranquilo, despertarei a tempo. Posso despertar quando quero. Deito-me dizendo: às sete horas e às sete horas acordo; às dez horas, e acordo às dez.

– Você tem admiráveis qualidades – disse Stavróguin, observando o rosto pálido de Kirílov.

– Vou abrir o portão.

– Não se incomode, Chátov abrirá.

– Ah! sim, Chátov. Bem, adeus.

## *VI*

O patamar da casa deserta onde morava Chátov não era fechado à chave. A antecâmara estava escura, de modo que Stavróguin teve de procurar, tateando, a escada que conduzia à mansarda, De repente, uma porta se abriu no andar superior e uma luz apareceu. Chátov contentou-se em abrir a porta, sem sair de seu quarto. Quando Nikolai Vsiévolodovitch achou-se no alto, parou na soleira e avistou Chátov que o esperava, de pé num canto, perto da mesa.

– Quer receber-me para tratar de negócios?… – perguntou, sem entrar.

– Entre, sente – respondeu Chátov, – feche a porta, não, espere, eu mesmo fecho.

Deu uma volta à chave, voltou para a mesa e sentou-se em frente de Stavróguin. Emagrecera muito durante aquela semana e parecia febril.

– O senhor martirizou-me – disse ele, baixando os olhos e com uma voz surda. – Por que não veio mais cedo?

– Estava, pois, tão certo de que eu viria?

– Sim, espere, eu delirava, tinha febre… talvez delire ainda… Espere…

Ficou em pé e tomou um objeto na prateleira superior de sua estante de livros. Era um revólver.

– Uma noite, no meu delírio, sonhei que o senhor viria matar-me. No dia seguinte, empreguei minhas derradeiras moedas na compra de um revólver em casa desse preguiçoso que é Liámchin; não queria deixar que me matassem. Mais tarde, voltei a mim. Não tinha pólvora nem balas. Desde aquele momento, o revólver ficou ali em cima, na prateleira; espere…

Levantou e entreabriu o postigo.

– Não o atire fora, para quê? – disse Nikolai Vsiévolodovitch, detendo-o. – Custa caro. E amanhã as pessoas começariam a contar que foi encontrada uma arma sob as janelas de Chátov. Torne a colocá-lo onde estava. Isto mesmo. Sente. Diga-me por que fez questão de confessar-me que supunha que eu viria matá-lo? Nesta hora não vim para me reconciliar com você, mas para entreter-me com você a respeito de uma coisa muito importante. Explique-me, antes de tudo, isto: foi por causa de minha ligação com sua mulher que você me deu uma bofetada?

– O senhor mesmo bem sabe que não foi por causa disso. – Chátov baixou de novo os olhos.

– Não foi tampouco por acreditar nos boatos estúpidos a respeito de Dária Pávlovna?

– Não, não, decerto que não. Estupidezes… Minha irmã me disse imediatamente… – replicou Chátov com brusca impaciência, batendo o pé.

– Então bem adivinhei e você também adivinhou… – continuou Stavróguin com calma. – Você não se engana: Maria Timofiéievna é minha mulher legítima, casei com ela há quatro anos e meio em Petersburgo. Foi por causa dela que você me bateu?

Chátov, aturdido, escutava em silêncio.

– Eu o pressentia e, no entanto, não queria acreditar – murmurou

ele enfim, lançando sobre Stavróguin um olhar inquietante.

– E você me bateu!…

Chátov ficou rubro e murmurou palavras entrecortadas:

– Foi por causa de seu aviltamento… de sua mentira. Não me aproximei do senhor para puni-lo… quando avançava para o senhor, não sabia ainda se lhe bateria… Se o fiz… foi porque… o senhor desempenhou um papel muito grande em minha vida. Eu…

– Compreendo, compreendo, tome cuidado com suas palavras. Lamento que esteja com febre hoje, gostaria de falar-lhe de um negócio da mais alta importância.

– Esperei-o por muito tempo – disse Chátov, estremecendo, meio levantado em sua cadeira. – Fale-me de seu negócio; eu o entreterei… com os meus… em seguida. – Tornou a sentar.

– O negócio em questão nada tem de comum com tudo isso começou Stavróguin, olhando-o com curiosidade. – Certas circunstâncias forçaram-me a escolher esta hora tardia para preveni-lo, hoje mesmo, de que talvez o matem.

Chátov olhou-o com um ar ansioso.

– Sei que certos perigos sem dúvida me ameaçam – disse ele, lentamente, – mas como é que o senhor sabe?

– Porque, bem como você, faço parte daquela gente. Bem como você, sou membro da sociedade deles.

– O senhor, o senhor… membro dessa sociedade?

– Pela sua expressão, vejo que você esperava tudo de minha parte menos isso – disse Stavróguin, com um sorriso zombeteiro. – Mas permita: então já sabe que querem assassiná-lo?

– Jamais acreditei nisso e não acredito ainda agora, mesmo diante do que o senhor acaba de dizer-me… se bem que com imbecis… não se possa responder por coisa alguma – exclamou ele, tomado dum

furor súbito, batendo na mesa com o punho. – Não os temo. Rompi com eles. Um deles apresentou-se quatro vezes aqui em casa e me disse que se podia… – e olhando Stavróguin – mas que sabe o senhor disso com certeza?

– Tranquilize-se, não lhe estou mentindo – prosseguiu friamente Stavróguin, com o ar de um homem que se limita a cumprir uma obrigação. – Pergunta-me o que sei? Sei que você se filiou a essa sociedade, há dois anos, quando estava ainda no estrangeiro, e quando ela dependia ainda da antiga direção. Foi pouco tempo antes de sua partida para a América e, creio, imediatamente depois de nossa última conversa, de que tanto me falou na carta que me escreveu da América. A propósito, desculpe-me, peço-lhe, não lhe ter respondido então, limitando-me…

– A uma remessa de dinheiro… Espere – interrompeu Chátov; e, precipitadamente, abriu a gaveta de sua mesa e dela extraiu uma cédula de sob os papéis. – Eis os cem rublos que o senhor me enviou então. Tome-os. Sem o senhor teria me perdido lá. Não os teria devolvido ainda por muito tempo, se sua mãe não me tivesse enviado cem rublos há nove meses, depois de minha doença e em razão de minha pobreza. Mas continue, por favor.

Chátov estava de tal modo superexcitado que lhe faltava o fôlego.

– Na América você mudou de ideias e de volta à Suíça quis retirar-se da sociedade. Eles nada lhe responderam, mas ordenaram-lhe que tomasse a seu cargo, aqui mesmo, na Rússia, certa tipografia e a conservasse até que uma pessoa viesse reclamá-la. Não conheço todos os detalhes, mas creio que, no conjunto, é como disse. Quanto a você, aceitou, na esperança ou com a condição de que seria a derradeira exigência deles e que em seguida iam deixá-lo livre. Não é da parte deles que tenho estas informações, foi por acaso que vim a conhecê-las. Mas o que você parece não saber é que essas pessoas não têm de modo algum a intenção de se separar de você.

– É idiota! – berrou Chátov. – Declarei-lhes lealmente que nada mais tinha de comum com eles. É meu direito, o direito de minha consciência e de meu pensamento… Não suportarei isso. Não existe

nenhuma força que…

– Você sabe que seria melhor não gritar tão alto – interrompeu Stavróguin com um ar grave. – Esse Vierkhoviénski é homem de espionar ou mandar espionar neste momento tudo quanto dizemos e isto, mesmo em seu corredor, em pessoa ou por alguma orelha estrangeira. Até mesmo esse bêbado do Liebiádkin pode ter a seu cargo espioná-lo e você deve sem dúvida agir da mesma maneira para com ele, não é? Mas diga-me antes: Vierkhoviénski está ou não está agora de acordo com os seus argumentos?

– Está, sim… Disse-me que era possível e que tinha eu o direito…

– Neste caso, está enganando-o. Sei que até mesmo Kirílov, que só pertence a eles de longe, forneceu informações a seu respeito. Possuem numerosos agentes dos quais alguns mesmos ignoram que servem à sociedade. Você vem sendo constantemente vigiado. Piotr Vierkhoviénski, entre outros, veio aqui para examinar e resolver definitivamente o seu caso; como você sabe coisas demais e poderia talvez denunciá-los, ele recebeu plenos poderes para exterminá-lo no momento oportuno. Repito-lhe que isto é certo. Permita-me acrescentar que todos estão firmemente convencidos de que você é um espião, que, se até o presente não traiu, trairá sem dúvida alguma. É verdade?

Chátov contraiu a boca ao ouvir tal pergunta, proferida em tom tão indiferente.

– Se eu fosse um espião, a quem os denunciaria? – disse ele, com irritação e sem responder diretamente. – Não, deixemos isso, que o diabo me carregue! Mas o senhor – exclamou, voltando de súbito à sua primitiva ideia, que visivelmente o emocionara mais que o próprio perigo que corria, – mas o senhor, Stavróguin, como pôde meter-se nessa sociedade de lacaios, sociedade estúpida e vergonhosa? O senhor, membro desse bando… Que proeza essa para o Senhor Stavróguin! – exclamou ele desesperadamente, juntando as mãos como se não houvesse para ele nada de mais amargo e de mais desolador que essa descoberta.

– Permita – disse Nikolai Vsiévolodovitch, sinceramente

espantado. – Você tem ar de quem me considera um astro e de quem se considera a si mesmo, em comparação, um mísero inseto. Já reparara isto na carta que você me escreveu da América.

– O senhor, o senhor não sabe… mas é melhor que me deixe sozinho – interrompeu-se de repente Chátov. – Se o senhor puder esclarecer-me alguns pontos, a seu próprio respeito, faça-o… Responda à minha pergunta. Faça-o – repetiu, agitado.

– Com prazer. Pergunta você como pude meter-me em semelhante antro. Depois da comunicação que lhe fiz, estou obrigado neste ponto a certa sinceridade. Estritamente falando, não pertenço a esse bando, jamais pertenci e melhor que você teria direito de dele sair, já que oficialmente dele jamais fiz parte. Pelo contrário, desde o começo declarei a essas pessoas que não era para elas um camarada e se lhes fui em auxílio na ocasião, foi simplesmente porque nada de melhor tinha a fazer. Participei da reorganização de sua sociedade sobre novas bases, eis tudo. Mas agora, após reflexão, decidiram entre si que seria perigoso liberar-me. E creio que estou também condenado à morte.

– Oh… entre eles, chega-se logo à pena capital… e tudo isso com ordens em papel timbrado, assinadas por três homens e meio. E o senhor acredita que eles sejam capazes disso?

– Nisto você tem em parte razão e em parte não – prosseguiu Stavróguin com a mesma indiferença, ou se poderia dizer quase com a mesma apatia. – Sem dúvida, a imaginação desempenha um grande papel, como sempre, em semelhante caso; um grupinho exagera seu alcance e sua importância. Sim, se quer saber minha opinião, toda a sociedade se compõe dum só e único personagem, Piotr Vierkhoviénski, e ele é demasiado modesto, quando se considera como simples agente de sua sociedade; a ideia que lhes serve de base não é mais estúpida que tantas outras ideias do mesmo gênero. Estão em relação com a Internacional. Conseguiram arranjar agentes na Rússia e seu processo tem lá sua originalidade… teórica, é claro. No que se refere às suas intenções a nosso respeito, a organização russa é um negócio tão obscuro e tão cheio de imprevisto que é possível tentar tudo entre nós… E não se esqueça de que Vierkhoviénski é um homem

obstinado.

– É um percevejo, um ignorante, um imbecil que nada compreende da Rússia – gritou Chátov, em tom colérico.

– Você não o conhece bem. É verdade que todos conhecem muito pouco a Rússia, mas conhecem-na apenas um pouco menos do que você e eu. Aliás, Vierkhoviénski é um entusiasta.

– Vierkhoviénski, um entusiasta?

– Oh! sim. Há um momento em que ele deixa de ser um bufão para tornar-se… um semilouco. Lembre-se, peço-lhe, de uma de suas próprias expressões… Você sabe como um homem sozinho pode ser forte? Não ria, rogo-lhe, ele é muito capaz de puxar o gatilho. Essa gente está convencida de que sou também um espião. E como não sabe levar adiante o negócio, adoram acusar os outros de espionagem.

– Mas o senhor, o senhor não tem medo?

– Não… não os temo muito. No que lhe diz respeito, o caso é diferente. Preveni-o, está informado. Não há nada de vexatório, na minha opinião, em ser ameaçado por imbecis. Não é do espírito deles que se trata. Já levantaram a mão contra outros que não você e eu. Ah! são onze horas e um quarto – disse ele, olhando seu relógio e levantando de sua cadeira. – Gostaria de lhe fazer uma pergunta…

– Pelo amor de Deus! – exclamou Chátov, saltando de seu lugar.

– Que há? – perguntou Stavróguin, admirado.

– Faça sua pergunta, faça sua pergunta, pelo amor de Deus! – repetia Chátov, presa de indizível agitação. – Mas com a condição de que também possa fazer-lhe uma. Rogo-lhe, permita-me. Não suporto mais. Faça sua pergunta!

Após um instante, Stavróguin começou:

– Ouvi dizer que você possui alguma influência sobre Maria Timofiéievna, que esta gostava de vê-lo e escutá-lo. É verdade?

– Sim, tem-lhe acontecido escutar-me – balbuciou Chátov, perturbado.

– Tenho a intenção de declarar publicamente, nos próximos dias, meu casamento com ela.

– Será possível? – murmurou Chátov num tom quase de terror.

– Em que sentido o diz? Isto não oferece nenhuma dificuldade. As testemunhas estão aqui. Tudo se passou outrora em Petersburgo, muito tranquilamente e duma maneira perfeitamente legal, na presença de duas testemunhas, Kirílov e Piotr Vierkhoviénski e, ainda mais, de Liebiádkin, a quem tenho agora o prazer de contar entre meus parentes. Se a coisa ficou ignorada até hoje, é que todos três tinham dado sua palavra de que manteriam silêncio.

– Não é nisto que pensava… O senhor fala com tal calma… mas continue. Escute, não usaram da força para obrigá-lo a esse casamento?

– Não, ninguém a isso me obrigou – respondeu Nikolai Vsiévolodovitch sorrindo da precipitação nervosa de Chátov.

– E que há de verdade no que ela conta a respeito de seu filho? – interrogou febrilmente Chátov.

– Ela fala de seu filho? Ora! não sabia de nada a esse respeito. É a primeira vez que ouço isto. Ela nunca teve filho e não podia ter. Maria Timofiéievna é virgem.

– Ah! bem o pensava. Escute.

– Mas que tem você, Chátov?

Chátov cobriu o rosto com as mãos, voltou-se, depois, de súbito, agarrou Stavróguin pelos ombros.

– Sabe, sabe somente – exclamou, – por que o senhor fez tudo isso e por que agora se resolveu a tal penitência?

– Sua pergunta pérfida é inteligente, mas eu mesmo tenho

vontade de causar-lhe espanto. Sim, creio saber, mais ou menos, porque me casei outrora e porque agora me resolvi a semelhante “penitência”, como diz você.

– Deixemos isso… para mais tarde… Espere, falemos agora do principal, do principal. Esperei-o durante dois anos.

– Sim?

– Esperei-o muito tempo demais. Pensava no senhor continuamente. O senhor é o único homem que eu teria podido… Já lhe escrevi da América a este respeito.

– Não me lembro demasiado perfeitamente de sua longa carta.

– Demasiado longa para ser lida até o fim? Convenho, seis grandes folhas. Cale-se, cale-se!… Pode conceder-me ainda dez minutos, mas agora, imediatamente? Esperei-o tempo demais!

– Uma meia hora mesmo, se quiser, mas não mais. Se isto lhe basta…

– Mas com uma condição – interrompeu Chátov, irritado, – que o senhor mude de tom. Exijo-o, entende?, quando deveria rogar. Compreende o que quero dizer exigir, quando se deveria suplicar?

– Compreendo que desta maneira se coloca você acima dos usos tendo em vista um fim superior – disse Stavróguin, com um sorriso imperceptível. – Mas verifico com pesar que você está com febre.

– Peço respeito, exijo-o – gritou Chátov. – Não pela minha própria pessoa, que o diabo carregue! Mas por outra coisa, por este instante apenas, por estas poucas palavras… Somos dois seres que nos encontramos fora do espaço e do tempo… pela derradeira vez aqui embaixo. Deixe de lado seu tom para tomar outro que seja humano, pelo menos uma só vez. Não é por mim, mas pelo senhor mesmo que o peço. Não compreende que deve perdoar-me o golpe que lhe dei no rosto pelo simples fato de que, com isso, forneci-lhe a ocasião de conhecer sua força imensa? O senhor sorri de novo, com esse sorriso desdenhoso de homem do mundo. Oh! quando, pois, o senhor poderá

enfim me compreender? Que o grão-senhor que se oculta em seu ser vá para o diabo! Compreenda afinal que eu o exijo, de outro modo não lhe falarei, não o farei a preço algum, por coisa alguma do mundo.

Sua exaltação raiava pelo delírio. O rosto de Stavróguin ficou sombrio. Tornou-se mais prudente.

– Se consenti em ficar aqui ainda uma meia hora, se bem que meu tempo seja precioso – disse num tom grave, – é, acredite bem, porque estou decidido a escutá-lo com interesse, e certo de que você me dará conhecimento de muitas coisas curiosas.

E voltou a sentar em seu lugar.

– Então se acomode – exclamou de repente Chátov, sentando também,

– Permita-me ainda – continuou Stavróguin, – que lhe lembre que tinha um pedido a fazer-lhe a respeito de Maria Timofiéievna, um pedido que, para esta pelo menos, é da mais alta importância.

– E então? – replicou Chátov, franzindo a testa, como alguém a quem se interrompe no ponto mais importante de seu discurso e que, muito embora tenha os olhos fixos em seu interlocutor, não captou ainda o sentido da pergunta.

– Você não me deixou acabar – acrescentou, sorrindo, Nikolai Vsiévolodovitch.

– Ora essa! Tolices, mais tarde – replicou Chátov, com um gesto de desdém. Compreendera enfim o que se queria dele e imediatamente abordou o tema principal.

## *VII*

– Sabe de uma coisa? – começou ele, num tom quase ameaçador, com o busto inclinado para diante, o olhar cintilante, o índice da mão direita erguido (sem dúvida não se dava conta disso). – Sabe qual é atualmente na terra o único povo “portador de Deus”, aquele que virá

para salvar e renovar o universo em nome do Deus novo? O único povo que detém as fontes da vida e do novo verbo…? Sabe qual é esse povo e como se chama?

– Pela maneira pela qual você se exprime, devo necessariamente concluir e creio, sem tardar, que é o povo russo.

– E já está rindo! Oh! essa raça! – vociferou Chátov.

– Acalme-se, peço-lhe. Pelo contrário, esperava algo desse gênero.

– Esperava algo desse gênero? Mas o senhor mesmo não conhecia estas palavras?

– Conhecia-as perfeitamente. Vejo demasiado bem onde você quer chegar. Tudo quanto disse, até a expressão "povo portador de Deus", não é senão a conclusão do colóquio que tivemos, há dois anos, no estrangeiro, pouco tempo antes de sua viagem à América… É isto, pelo menos, tanto quanto me posso lembrar.

– Essa frase é integralmente sua e não minha. São suas próprias palavras e não apenas a conclusão de nosso colóquio. Como, aliás, pode o senhor dizer "nosso" colóquio? Havia um mestre de verbo forte e poderoso e um discípulo que ressuscitava dentre os mortos. O discípulo era eu, o senhor era o mestre.

– Se a memória me é fiel, foi justamente depois de minhas palavras que você entrou para a sociedade e somente mais tarde que partiu para a América.

– Sim, escrevi-lhe da América, escrevi-lhe tudo então. Sim, não podia assim arrancar-me dum só golpe de tudo quanto em mim sentia ligado pelos laços do sangue, desde meus primeiros dias, do que fora objeto de minhas esperanças e de meus arrebatamentos, do que me havia arrancado lágrimas de ódio. Não se mudam facilmente os deuses da gente. Não lhe dei crédito então, porque não queria crer e pela derradeira vez me precipitei na cloaca. Mas a semente ficou e deu frutos. Responda-me, pois, responda-me se leu até o fim minha carta da América? Talvez não a tenha lido absolutamente.

– Li três páginas, as duas primeiras e a última. Percorri rapidamente as outras… Mas sempre tive intenção de lê-la…

– Ora! tanto pior. Para o diabo essa carta! – disse Chátov, com um gesto da mão. – Se rejeita hoje suas palavras de outrora a respeito do povo, como pôde então pronunciá-las? Eis o que me atormenta nesta hora.

– Não brincava então; tentando persuadi-lo, pensava talvez mais em mim que em você – respondeu Stavróguin, num tom enigmático.

– Não estava brincando? Na América, vivi três meses em cima da palha, ao lado de um… desgraçado e dele soube que, no momento mesmo em que o senhor implantava em meu coração Deus e a Pátria, naquele instante mesmo, e talvez no mesmo dia, envenenou a alma daquele desgraçado, daquele maníaco, de Kirílov… Fortificou nele a mentira e a negação e levou-o ao limiar da loucura. Vá vê-lo, olhe-o agora: é sua obra! Aliás, o senhor viu-o.

– Em primeiro lugar, faço-o observar que Kirílov acaba de dizer-me ele próprio que se sente feliz e perfeito. Quando você supõe que tudo se passou simultaneamente, talvez tenha quase razão.

– Mas que importância tem isso? Repito, não enganei nem a um nem a outro.

– Você é ateu… você é ateu agora?

– Sim.

– E outrora?

– Exatamente como hoje.

– Não foi para mim que reclamei respeito no começo de nossa conversa. Você deveria ter bem compreendido isso, dotado que é de tanto espírito – murmurou Chátov, indignado.

– Não levantei às suas primeiras palavras; não cortei o colóquio pela raiz; não parti; estou ainda aqui, no meu lugar, respondendo docilmente às suas perguntas e aos seus gritos. Não lhe faltei, pois, ao

respeito.

Com um gesto, Chátov interrompeu-o.

– Lembra-se de sua expressão “um ateu não poderia ser russo; assim que é ateu, cessa imediatamente de ser russo”, lembra-se?

– Sim? – disse Stavróguin, como se fizesse a si mesmo a pergunta.

– Ainda pergunta? Esqueceu? No entanto, o que adivinhou com isso é um dos resumos mais finos a respeito de uma das principais faculdades da alma russa. É impossível que tenha esquecido. Vou lembrá-lo melhor ainda. O senhor acrescentou então: “Quem não é ortodoxo, não pode ser russo”.

– Suponho que esta é uma ideia eslavófila…

– Não, os eslavófilos atuais a renegariam. Hoje o povo tornou-se inteligente. Mas o senhor mesmo ia mais longe. Dizia que o Catolicismo romano não era mais o Cristianismo. Afirmava que o Cristo proclamado pela igreja de Roma sucumbiu à terceira tentação de Satã e que o Catolicismo, ensinando que o Cristo não pode passar sem o reino terrestre, proclamou por isso mesmo o antiCristo e perdeu assim o Ocidente inteiro. O senhor mostrou que, se a França sofre, é unicamente por culpa do catolicismo, porque se a França renegou o deus romano, foi impotente em descobrir um novo. Eis o que então o senhor podia dizer. Recordo muito bem nossos colóquios.

– Se tivesse fé, repetiria certamente essas mesmas coisas. Quando falava como crente, não mentia – disse muito seriamente Stavróguin, – mas asseguro-lhe que ouvir repetir meus pensamentos de outrora produz em mim uma impressão por demais desagradável. Você não poderia parar com isso?

– Se o senhor tivesse fé? – exclamou Chátov, sem prestar a mínima atenção ao pedido que acabava de fazer-lhe Stavróguin. – Não foi o senhor quem me disse um dia que se lhe pudessem provar por $a + b$ que a verdade está fora do Cristo, preferiria inda ficar com o Cristo a seguir a verdade? Não foi o senhor quem me disse isso? Disse?

– Mas afinal permita-me perguntar-lhe – disse Stavróguin, erguendo a voz, – a que quer você chegar com esse exame trepidante… e odioso?

– Este exame passará para sempre e o senhor nunca mais voltará a vê-lo relembrado.

– Você continua a pensar que estamos fora do espaço e do tempo.

– Silêncio! – exclamou de repente Chátov. – Sou estúpido e desastrado; que meu nome seja coberto de ridículo, pouco importa! Permita-me pelo menos que repita aqui, diante do senhor, suas grandes ideias de outrora… Oh! dez linhas somente, como derradeira conclusão.

– Repita-as, se se trata apenas da conclusão…

Stavróguin fez menção de olhar o relógio, mas conteve-se. Chátov voltou a inclinar-se de novo para a frente na cadeira e a erguer o índice.

– Nenhum povo – começou ele, fixando em Stavróguin um olhar severo e parecendo ler palavra a palavra em um livro, –nem um sequer pôde edificar-se e organizar-se sobre os únicos princípios da ciência e da razão. Este exemplo não foi dado por nenhum povo, salvo talvez pela duração dum instante e somente por estupidez. O socialismo, na sua própria essência, deve ser ateu, porque proclama como artigo primeiro que quer construir seu universo apenas baseado na razão e na ciência. Em todos os tempos, no curso da vida dos povos, a razão e a ciência só desempenharam funções secundárias e subalternas; e serão reduzidas a exercê-las até o fim dos séculos. Os povos se formam e se movem segundo uma força bem diversa, dominadora e soberana, mas cuja origem permanece desconhecida e inexplicável. Esta força é o desejo inextinguível de chegar a um fim e é ao mesmo tempo a constante negação desse fim. Esta força é a constante e infatigável afirmação da existência e a negação da morte: “o espírito de vida”, como diz a Santa Escritura, “os rios de águas vivas” de cujo esgotamento nos ameaça o *Apocalipse*; o princípio estético, como o chamam os filósofos, ou o princípio moral, como o chamam ainda estes mesmos. Direi simplesmente que é “a procura de

Deus”. O fim de todo movimento popular, em cada povo em particular, em cada período de sua história, é unicamente a procura de seu Deus, de seu Deus próprio, de seu Deus dele; e a fé nesse Deus, como no único e o único verdadeiro. Deus é a personalidade sintética do povo inteiro desde suas origens até o fim. Jamais se viu ainda que dois ou vários povos tenham tido o mesmo Deus; cada povo teve sempre seu Deus próprio. É o sinal da decadência para os povos, quando começam a ter deuses comuns. Quando os deuses se fazem comuns, morrem os deuses, ao mesmo tempo que a fé neles e que os próprios povos. Tanto mais forte é um povo, mais exclusivamente pessoal é-lhe o seu deus. Jamais houve povo sem religião, isto é, sem noção do bem e do mal. Cada povo forma para si mesmo uma noção particular do bem e do mal. Quando as noções do bem e do mal se tornam comuns a vários povos é então que a distinção entre o bem e o mal começa a apagar-se, a desaparecer e que os povos marcham para sua ruína. A razão somente jamais foi capaz de definir o bem e o mal, nem mesmo de distinguir o bem do mal, mesmo de maneira aproximada. Pelo contrário, para vergonha sua, sempre os confundiu lamentavelmente. Quanto à ciência, não pôde fornecer senão soluções brutais. Foi nisso sobretudo que se distinguiu a meia-ciência, o mais terrível dos flagelos que hajam afligido a humanidade, pior que a peste, a fome, a guerra, e que, aliás, era ignorada até este nosso século. A meia-ciência é um déspota, tal como jamais se viu até os nossos dias. Déspota que tem seus padres e seus escravos, déspota diante do qual todos se prosternam com amor e superstição, tal como jamais se teria podido imaginar, diante do qual a própria ciência treme toda, ao mesmo tempo que a encoraja duma maneira vergonhosa. Tudo isto são suas próprias palavras, Stavróguin. Somente, no que se refere à meia-ciência, usei de meus próprios termos, porque sou eu mesmo um meio-cientista; por isso é que a odeio com todas as minhas forças. Mas às suas ideias, às suas palavras mesmas, nada mudei, nem uma só sílaba.

– Não penso que você haja mudado nelas alguma coisa – observou com prudência Stavróguin. – Tudo recolheu apaixonadamente e por isso tudo alterou inconscientemente. Quando menos porque reduz Deus a não ser senão um simples atributo do povo.

Pôs-se de súbito a acompanhar Chátov com uma atenção toda especial, não tanto as palavras de Chátov quanto ele próprio.

– Reduzo Deus a ser apenas um atributo do povo? Pelo contrário, elevo o povo até Deus. E jamais foi diferente? O povo é o corpo de Deus. Um povo só permanece um povo enquanto tem seu deus próprio, seu deus particular, e reprova com selvagem energia todos os outros deuses do mundo; enquanto crê que com seu deus poderá vencer, submeter e afugentar do mundo todos os outros deuses. Assim acreditaram todos os grandes povos da terra, ou pelo menos todos aqueles que guardam um lugar na história e estiveram uma vez à frente da humanidade. Impossível ir contra os fatos. Os judeus viveram unicamente para esperar o verdadeiro Deus e deram ao mundo o verdadeiro Deus. Os gregos divinizaram a natureza e legaram ao mundo sua religião, isto é, sua filosofia e sua arte. Roma divinizou o povo sob a forma do Estado e foi o Estado que ela legou ao mundo. A França, no curso de sua longa história, foi apenas a encarnação e o desenvolvimento do catolicismo romano. Se acabou por lançar às gemônias o seu deus romano para cair no ateísmo, chamado provisoriamente na França socialismo, foi muito simplesmente porque, em definitivo, o ateísmo é ainda mais são que o catolicismo romano. Desde que um grande povo cessa de crer que é o único detentor da verdade (seu único e seu exclusivo detentor), desde que não crê mais que é o único chamado, o único capaz de ressuscitar e salvar o mundo por sua verdade, cessa imediatamente de ser um grande povo e não é mais que uma matéria etnográfica. Um povo verdadeiramente grande não pode contentar-se com assumir na humanidade um papel secundário, nem mesmo se se trata de um papel importante, é o primeiríssimo papel que lhe convém. Aquele que perdeu sua fé deixou de ser verdadeiramente um povo. Ora, como não há senão uma única verdade, não pode haver senão um povo único detentor do verdadeiro Deus, por maiores e mais poderosos que sejam os deuses dos outros povos. O único povo “portador de Deus” é o povo russo… e… é possível, Stavróguin, – exclamou de súbito Chátov, com furor, – que o senhor me tome por um imbecil que não sabe mais discernir se suas palavras são lugares-comuns cambados, uma moedura dos moinhos eslavófilos de Moscou, ou são antes palavras novas, inteiramente novas e puras, as derradeiras palavras, as únicas

palavras de salvação e redenção? Que me importa seu riso neste momento? Que me importa que o senhor não compreenda, nem uma palavra, nem uma sílaba? Oh! quanto desprezo neste momento seu riso orgulhoso! – Saltou de seu lugar, com os lábios espumantes.

– Pelo contrário, Chátov, pelo contrário – disse Stavróguin, com uma gravidade insólita, sem deixar seu lugar, – suas palavras ardentes despertaram em mim poderosas recordações. Reencontro meu estado de alma de há dois anos e, agora, já não lhe direi mais que você exagerou minhas ideias de outrora. Mais ainda, parece-me mesmo que era com mais intransigência, com mais autocratismo, que eu procurava outrora impô-las. E repito-lhe, pela terceira vez, que gostaria bem de poder afirmar ainda tudo quanto você acaba de dizer, até a última letra, mas…

– É a lebre que lhe falta?

– Que diz?

– Sirvo-me de sua expressão vulgar – disse Chátov com um riso irônico, voltando a sentar-se. – "Para fazer um guisado de lebre, é preciso uma lebre; para crer em Deus… é preciso antes de tudo um Deus." Foi em Petersburgo que o senhor disse isto, dizem, da mesma maneira que Nozdriev, o herói de Gógol, que queria agarrar uma lebre pelas patas traseiras.

– Não, Nozdriev gabava-se precisamente de tê-la agarrado. A este respeito, permita-me uma pergunta que me creio perfeitamente autorizado a fazer. Diga-me: sua lebre foi agarrada ou corre ainda?

– Como ousa o senhor interrogar-me nesses termos? Faça a pergunta de outro modo, de outro modo! – exclamou Chátov todo trêmulo.

– Se quiser, em outros termos – continuou Nikolai Vsiévolodovitch, olhando-o com dureza. – Queria somente saber isto: você mesmo, crê em Deus, sim ou não?

– Creio na Rússia, na sua ortodoxia… creio no corpo do Cristo. Creio que será na Rússia que ocorrerá o novo acontecimento… creio…

– balbuciou Chátov, como presa dum delírio.

– Mas em Deus, crê em Deus?

– Eu… acreditarei em Deus.

Nem um músculo do rosto de Stavróguin estremeceu. Chátov fixava nele seu olhar ardente, provocador, como se quisesse queimá-lo com aquele olhar.

– Mas eu não lhe disse que não acreditava! – exclamou por fim. – Confesso-lhe que, no momento, não sou senão um livro miserável e fastidioso, nada mais, pelo menos provisoriamente… Mas pereça o meu nome! Não se trata de mim, trata-se do senhor. Sou apenas um homem sem talento e só posso oferecer meu sangue e nada mais, como todo homem destituído de inteligência. Seja, pois, também derramado o meu sangue! É do senhor que falo. Esperei-o durante dois anos. É por causa do senhor que, há uma meia hora, danço aqui nuzinho. Só o senhor pode levantar o estandarte.

Parou e como que tomado de desespero, apoiou os cotovelos sobre a mesa e ocultou a cabeça entre as mãos.

– Já que você veio a falar disto – interrompeu, de repente, Stavróguin, – gostaria de perguntar-lhe por simples curiosidade: "Por que toda a gente quer forçar-me a 'levantar um estandarte'? Piotr Vierkhoviénski também está persuadido de que somente eu sou o único entre eles capaz de 'levantar o estandarte'". Pelo menos transmitiram-me esta opinião como dele. Ele enfiou na cabeça que eu poderia desempenhar o papel dum Stienhka Rázin,[87] graças à minha extraordinária "aptidão para o crime". São estas também suas próprias palavras.

– Como? – perguntou Chátov. – "Graças à sua extraordinária aptidão para o crime"?

– Perfeitamente.

– Hum! é verdade – perguntou Chátov, com um sorriso mau, – que em Petersburgo o senhor fez parte de uma sociedade secreta, cujo

fim era a sensualidade bestial? Que o senhor mesmo se gabava de poder remontar ao Marquês de Sade?[88] Que seduziu e corrompeu menores? Responda. E não procure mentir. Nikolai Stavróguin não pode mentir diante de Chátov que lhe bateu em pleno rosto. Diga tudo e, se for verdade, eu o matarei agora mesmo, neste instante…

– Disse essas palavras, mas não violentei menores – articulou por fim Stavróguin, após um silêncio bastante prolongado. Estava lívido, seus olhos cintilavam.

– Mas as disse – prosseguiu Chátov, num tom de comando e sem desviar de Stavróguin seu olhar chamejante. – É verdade também que o senhor afirmou não ver nenhuma diferença de beleza entre uma farsa qualquer cheia de sensualidade bestial e uma façanha tal como a que consiste em verter seu sangue pela humanidade? É verdade que nos dois polos o senhor encontrou o mesmo coeficiente de beleza, o mesmo prazer?

– É-me impossível responder… não quero responder – murmurou Stavróguin, que poderia já ter levantado pronto para sair e que, no entanto, não levantava, nem ia embora.

– Eu também não sei por que o mal é feio, porque o bem é belo. Mas sei porque entre senhores como Stavróguin e seus semelhantes, embota-se e perde-se o sentimento dessa distinção – insistiu Chátov cujo corpo todo tremia. – Sabe por que casou de maneira tão covarde e tão vergonhosa? Precisamente porque a covardia e a vergonha chegavam aqui até o gênio. Oh! o senhor não se contenta em vagar à beira do abismo, põe nele ousadamente a cabeça em primeiro lugar. O senhor se casou por paixão do martírio, por amor apaixonado ao remorso, por volúpia moral. Seus nervos estavam sobrecarregados. O desafio ao senso comum pareceu-lhe demasiado sedutor! Stavróguin e a mísera mendiga coxa semilouca! E quando mordeu a orelha do Governador, não experimentou o senhor uma sensação volutuosa? Experimentou-a, meu pequeno aristocrata, passeador e ocioso?

– Você é psicólogo – observou Stavróguin, empalidecendo cada vez mais, – muito embora, no que diz respeito às causas de meu casamento, tenha-se em parte enganado… Quem lhe forneceu todas

essas informações? – Em seus lábios apareceu um sorriso forçado. – Teria sido Kirílov? Mas ele não participou…

– Empalidece?

– Mas afinal, que quer de mim? – interrogou Stavróguin, erguendo a voz. – Há mais de meia hora que estou aqui sob seu chicote; poderia ter-me pelo menos despedido polidamente, se, com efeito, não tem nenhum motivo razoável de agir dessa maneira para comigo.

– Nenhum motivo razoável?

– Sem dúvida, seu mais elementar dever exige que você me diga afinal qual o seu objetivo. Acreditei todo o tempo que ia fazê-lo. Mas não encontrei em você senão uma maldade que confina com a loucura. Abra-me a porta, peço-lhe.

Levantou. Chátov, presa dum furor selvagem, precipitou-se para ele.

– Beije a terra, regue-a com suas lágrimas, implore misericórdia! – gritou ele, agarrando-o pelo ombro.

– Mas eu não o matei… no dia em questão… Cruzei minhas duas mãos atrás de minhas costas – replicou Stavróguin quase dolorosamente, de olhos baixos.

– Fale então, diga tudo! O senhor veio avisar-me dum perigo; autorizou-me a falar. Amanhã proclamará oficialmente seu casamento. Será que não vejo pela sua expressão que o senhor luta com alguma ideia nova e terrível…? Stavróguin, por que estou condenado a crer eternamente no senhor? Teria podido falar dessa maneira com um outro? Sou pudico, mas não tive vergonha de minha nudez, porque era com Stavróguin que falava! Não temi caricaturar uma grande ideia nela tocando, porque Stavróguin me escutava… Não haverei de beijar as marcas de seus pés, quando o senhor se for embora? Não posso arrancá-lo de meu coração, Nikolai Stavróguin.

– Lamento não poder amá-lo, Chátov – respondeu friamente

Stavróguin.

– Sei que o senhor não pode e sei também que não está mentindo. Escute, posso arranjar tudo; vou lhe arranjar a lebre.

Stavróguin mantinha-se em silêncio.

– O senhor é ateu porque é um gentil-homem, o derradeiro dos gentis-homens. Se não pode mais discernir entre o bem e o mal é porque cessou de compreender o seu povo. Uma nova geração vai chegar, saída do coração mesmo de nosso povo. O senhor não a reconhecerá, nem o senhor, nem os Vierkhoviénski pai e filho, nem eu, porque sou também um gentil-homem, eu, o filho de seu antigo servo Pachka. Escute-me, procure Deus pelo caminho do trabalho ou então desapareça como uma podridão hedionda e imunda. Procure Deus pelo trabalho.

– Deus pelo trabalho? Por qual trabalho?

– O do camponês. Vá, abandone suas riquezas. Ah! o senhor ri, teme que seja uma farsa?

Mas Stavróguin não ria.

– De modo que você acredita que se pode conquistar Deus pelo trabalho e precisamente pelo trabalho do mujique? – perguntou ele bastante pensativo, como se, na verdade, acabassem de exprimir uma ideia nova e séria que merecia reflexão. – Mas sabe também, porque acaba de me lembrar disso – disse ele, passando bruscamente a outro assunto, – que não sou rico de todo, não tenho riquezas a abandonar. Sou quase incapaz de assegurar a velhice de Maria Timofiéievna… Sim, e isto ainda: viera pedir-lhe que continuasse, se possível, a velar por Maria Timofiéievna, porque é o único que poderia ter certa influência sobre seu pobre espírito. Peço-lhe isso, haja o que houver.

– Está bem, está bem – disse Chátov, fazendo um sinal com a mão, enquanto segurava na outra uma vela. – O senhor fala de Maria Timofiéievna, está bem, eu… não resta dúvida. Escute, vá ver Tíkhon.

– Quem?

– Tíkhon. É um antigo bispo, atualmente aposentado por causa de sua saúde. Mora aqui na cidade, no mosteiro do bem-aventurado Eutímio.

– E que significa tudo isso?

– Nada. Vai-se muito visitá-lo. Vá o senhor lá também. Que é que isso poderá importar-lhe? Então?

– É a primeira vez que ouço falar dele… e nunca até agora frequentei indivíduos dessa espécie. Obrigado, irei.

– Por aqui – disse Chátov, iluminando a escada e acompanhando-o até embaixo. – Saia – disse, abrindo a porta que dava para a rua.

– Não voltarei mais à sua casa, Chátov – disse em voz baixa Stavróguin, transpondo o limiar.

A noite era trevosa e a chuva não diminuíra de violência.

## Capítulo II / *A noite* (continuação)

### *I*

Seguiu por toda a Rua da Epifania, atingindo por fim o sopé da encosta; seus pés afundavam-se na lama. De repente, encontrou-se diante de um espaço vasto e brumoso que parecia vazio: era o rio. As casas aqui não eram mais casas, mas casebres, e a rua perdia-se em ruelas, em becos sem saída, em betesgas. Nikolai Vsiévolodovitch caminhou muito tempo ao longo de cercas sem se afastar da margem; prosseguia resolutamente seu caminho sem lhe prestar grande atenção, preocupado com coisa bem diversa e foi com surpresa que olhou em redor de si quando, bruscamente arrancado de suas profundas reflexões, se viu quase no meio de nossa longa, chata e úmida ponte. Nem uma alma em redor. De modo que experimentou uma sensação estranha, quando se ouviu interpelar de repente, bem perto, por uma voz quase familiar, aliás bastante agradável, docemente escandida, semelhante à que afetam muitas vezes entre nós

os pequenos burgueses demasiado cultos ou os caixeirinhos de cabelos encaracolados.

– Meu príncipe, quer permitir que me abrigue sob seu guarda-chuva?

Com efeito um vulto deslizou ou fez menção de deslizar para debaixo de seu guarda-chuva. O vagabundo pôs-se a andar ao lado dele, quase acotovelando-o. Encurtando o passo, Nikolai Vsiévolodovitch curvou-se para examinar o rosto do desconhecido na medida que permitiam as trevas. Era um homem de estatura média, com aspecto de pequeno burguês bem humorado, nem quente, nem decentemente trajado. Sobre os cabelos crespos trazia um gorro de pano todo encharcado, com a pala meio arrancada. Devia ser moreno, magro, robusto e duma tez baça; os olhos grandes, negros, sem nenhuma dúvida, muito brilhantes com um reflexo amarelo, como entre os ciganos; era tudo quanto se percebia, ou antes o que se adivinhava na escuridão. Podia ter cerca de quarenta anos; não estava embriagado.

– Conheces-me? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch.

– Senhor Stavróguin, Nikolai Vsiévolodovitch. Mostraram-me o senhor no domingo passado na plataforma da estação, logo que o trem parou. Sem contar que já se ouviu falar do senhor.

– Por Piotr Stiepânovitch? Tu… és Fiedka, o Kátorjni?[89]

– Meu nome de batismo é Fiódor Fiódorovitch. Tenho até hoje minha mãe que mora nestas paragens, uma velhinha devota a Deus, que brotou da terra e que, dia e noite, roga incansável por nós ao Senhor, para não passar inutilmente sua velhice em cima da estufa.

– Evadiste-te do presídio?

– Mudei de sorte. Entreguei a outros os livros, os sinos e toda a aparelhagem da igreja. Fora condenado aos trabalhos forçados perpétuos, mas esperar a vida inteira lá embaixo, era demorado demais.

– E que fazes aqui?

– Oh! um dia se passa, uma noite se passa e isto faz vinte e quatro horas passadas. Nosso querido titio morreu a semana passada na prisão onde fora trancafiado por ter fabricado moeda falsa. Fui eu que celebrei em sua honra o ofício dos mortos, lançando duas dezenas de seixos a cães. Eis em que pé estão as coisas. Além disso, Piotr Stiepânovitch prometeu-me arranjar um passaporte para andar por toda a Rússia, um passaporte de comerciante, por exemplo. De modo que estou aguardando a boa vontade dele. Porque, diz ele, papai outrora te perdeu jogando baralho no Clube Inglês,[90] e então, me disse ele que isso é uma coisa contra a natureza, desumana. Não poderia o senhor príncipe dar-me uns três rublos para eu tomar um trago e esquentar-me?

– Queres dizer que me esperavas; não gosto disso. Por ordem de quem?

– A respeito de ordem, ninguém me deu ordem nenhuma. Os seus bons sentimentos não são ignorados, são conhecidos do mundo inteiro. Quais são os nossos pequenos recursos, Vossa Excelência bem sabe: um feixe de feno ou um forcado no lombo. Na sexta-feira fartei-me de empadas como um cônego; depois disso, no dia seguinte, nada provei; no segundo, esperei e no terceiro fiz jejum. Água no rio é o que não falta. Crio girinos na pança… Então, vejamos, se Vossa Excelência quisesse ter a bondade… tenho justamente uma comadre que me espera não longe daqui, mas estou sem jeito de apresentar-me em sua casa sem dinheiro.

– Que é que Piotr Stiepânovitch te prometeu de minha parte?

– Não foi ele quem me prometeu alguma coisa, mas, em conversa, disse-me ele assim que talvez Vossa Excelência tivesse necessidade de mim, que, por exemplo, podiam ocorrer certos acontecimentos, mas quais acontecimentos não me foi explicado. Piotr Stiepânovitch quer pôr à prova minha paciência de cossaco; não tem confiança nenhuma em mim.

– Por quê?

– Piotr Stiepânovitch é um *astrologue*, conhece todos os planetas de Deus; mas às vezes merece ser criticado. Estou diante do senhor, meu príncipe, como diante do Eterno, porque o seu renome é muito grande. Piotr Stiepânovitch é uma coisa, mas o senhor, há toda possibilidade de que seja outra. Quando ele diz de um homem: "é um canalha", disse tudo e é também tudo quanto sabe dele. Quando diz: "é um imbecil", então, para ele, o homem não tem outro nome. Quanto a mim, pode acontecer que nas terças e nas quartas-feiras não seja senão um imbecil e que nas quintas seja mais inteligente do que ele. Eis aí, ele sabe agora a meu respeito que estou precisando de um passaporte, porque na nossa Rússia nada se pode fazer sem papéis, então imagina ele que reduziu minha alma à escravidão. E depois, ele é também muito sovina. Digo-lhe, meu príncipe, é fácil para ele viver na terra. Imagina ele que um homem é tal ou tal e vive com esse homem como o imaginou. Crê que eu não ousaria importunar Vossa Excelência contra vontade dele, eu que estou diante de Vossa Excelência como diante do Pai Eterno. É esta a quarta noite que espero Vossa Graça nesta ponte, prova de que posso sem ele encontrar meu caminho com pé leve. Vale mais, disse a mim mesmo, inclinar-me diante da bota que diante do chinelo.

– E quem te disse que eu atravessaria a ponte esta noite?

– Ah! isto, é preciso confessar, soube-o indiretamente, graças sobretudo à estupidez do Capitão Liebiádkin, porque este nada sabe guardar para si mesmo. Então, com o devido respeito, cabem-me, suponhamos, três rublos pelas três noites e pelos três dias de espera. Quanto às roupas encharcadas, delas não falaremos, por discrição.

– Sigo pela esquerda e tu, pela direita. Eis-nos no fim da ponte. Escuta, Fiódor, gosto que me compreendam de uma vez por todas: não te darei um copeque. No futuro, não quero encontrar-te mais no meu caminho; nem nesta ponte, nem em parte alguma. Não tenho e não terei jamais necessidade de ti. E se te obstinares, vou te agarrar e te levar à polícia. Vai-te embora.

– Bem, obrigado. Pelo menos dê-me alguma coisa pela companhia que lhe fiz. A caminhada foi mais agradável, mais alegre.

– Vai-te embora.

– Mas será que Vossa Graça pode encontrar o caminho? Vai meter-se numa enfiada de ruelas… Se quiser, poderia conduzi-lo, porque esta cidade é como se o diabo a tivesse carregado num cesto e semeado tudo pelo caminho.

– Vou amarrar-te – disse Nikolai Vsiévolodovitch, voltando-se com ar de ameaça.

– Considere, meu príncipe, que é muito fácil humilhar uma criatura sem defesa.

– És na verdade muito seguro de ti mesmo.

– Eu, meu príncipe, só conto é com o senhor e não comigo.

– Não tenho absolutamente necessidade de ti, já te disse.

– Mas eu tenho necessidade do senhor, meu príncipe, e vou aguardá-lo à sua volta, custe o que custar.

– Dou-te minha palavra de honra que, se te encontrar, amarro-te.

– Pois bem, então vou lhe preparar uma corda para isso. Boa viagem, meu príncipe, ainda assim Vossa Graça reaqueceu um órfão debaixo de seu guarda-chuva e, só por isto, terá minha gratidão até morrer.

Ficou para trás. Nikolai Vsiévolodovitch chegou a seu destino bastante preocupado. Aquele homem caído do céu estava plenamente convencido de ser-lhe necessário e lhe oferecera seus serviços com uma estranha impudência. Em geral, agora, não se acanhavam mais com ele. Talvez o vagabundo não tivesse também mentido em todos os pontos e era por si mesmo e sem Piotr Stiepânovitch soubesse, que ele se oferecia. E eis, de fato, o mais curioso da história.

## *II*

A casa para a qual se dirigia Stavróguin estava situada numa ruela deserta, apertada entre duas cercas por trás das quais estendiam-

se hortas, bem na extremidade da cidade. Era uma casinha isolada, de madeira, recém-construída e cujas paredes ainda não estavam pintadas. Os postigos de uma janela, diante da qual ardia uma vela, ali posta visivelmente para servir de farol ao visitante tardio esperado naquela noite, estavam abertos de propósito. A uma distância duns trinta passos, distinguiu Stavróguin na soleira da porta um homem de elevada estatura, o dono da casa provavelmente, que perdera a paciência e saíra para sondar a rua. Stavróguin ouviu também a voz dele, ao mesmo tempo impaciente e tímida.

– É o senhor, é o senhor?

– Sou eu – respondeu Stavróguin, ao chegar ao limiar da porta e depois de ter fechado seu guarda-chuva.

– Enfim – disse o Capitão Liebiádkin – porque era ele, movendo-se com grande solicitude. – Seu guarda-chuva, por favor; um tempo péssimo hoje; vou abri-lo aqui, num canto, sobre o soalho. Por favor, faça-me a honra de entrar. Rogo-lhe.

A porta do quarto de dormir, iluminada por duas velas, estava escancarada.

– Se o senhor não me tivesse anunciado sua chegada duma maneira totalmente afirmativa, teria já renunciado a acreditar nisso.

– Meia-noite e três quartos – disse Stavróguin, enquanto entrava

no quarto e consultava seu relógio.

– E a chuva ainda por cima e uma distância tão considerável… Não tenho relógio e diante das janelas só se veem hortas; portanto, fica-se excluído dos acontecimentos. Não é uma censura, não ousaria fazê-la, não ousaria, foi somente isto mesmo, impaciência… depois que a gente se aborrece a semana inteira para afinal chegar a uma solução.

– Que quer você dizer?

– Conhecer o destino da gente, Nikolai Vsiévolodovitch. Sente, peço-lhe.

Inclinou-se, designando um lugar sobre o sofá junto da mesa.

Stavróguin lançou um olhar em redor de si. O quarto era pequeno, baixo. Os móveis achavam-se reduzidos ao necessário exclusivamente: duas cadeiras simples de madeira, um divã novo também de madeira, ainda não estofado, sem almofada; duas mesas de tília, uma diante do sofá, a outra num canto, atravancada de objetos cobertos por um guardanapo muito limpo. O quarto estava visivelmente muito bem conservado. Havia oito dias que o capitão não se embriagara uma só vez. Seu rosto parecia macilento e desfeito, o olhar estava inquieto, avidamente curioso, irresoluto. Via-se que não sabia em que tom falar e qual seria para ele o mais vantajoso.

– Eis – disse ele, com um gesto patético, – vivo como Zósima:[91] abstinência, castidade, pobreza, todos os votos dos antigos cavaleiros.

– Acha que os antigos cavaleiros pronunciavam tais votos?

– Talvez me tenha enganado. Ai de mim, lá se foi por água abaixo a cultura. Atrapalhei tudo. Pode acreditar, Nikolai Vsiévolodovitch. Pela primeira vez, desde que estou aqui, libertei-me de minhas paixões vergonhosas… nem um copo sequer, nem uma gota. Tenho agora um cantinho e há seis dias experimento o alívio dos remorsos de consciência. As próprias paredes cheiram à resina e me lembram a Natureza. Quem era eu, quem era eu pois?

De noite sem abrigo,
De dia estirando a língua,

segundo a genial expressão do poeta… Mas o senhor está todo molhado… Quer um copo de chá?

– Não se incomode.

– O samovar estava fervendo desde as oito horas da noite, mas, agora, extinguiu-se… como todas as coisas deste mundo. O sol também se extinguirá um dia, dizem, quando chegar a sua vez… Aliás, se o senhor quiser, vou dar um jeito a isso. Agáfia ainda não está dormindo.

– Diga-me, e Maria Timofiéievna…

– Está aqui – respondeu logo Liebiádkin, em voz baixa, – quer vê-la? – e indicou com o dedo a porta fechada que dava para o quarto vizinho.

– Não está dormindo?

– Oh! não, não, será possível?… Pelo contrário, espera-o desde o cair da noite e logo que soube que o senhor viria, tratou de preparar-se. – Já esboçava um sorriso facecioso, mas conteve-se.

– Como vai ela em geral? – perguntou Stavróguin, franzindo a testa.

– Em geral? É o que o senhor mesmo verá – respondeu ele, erguendo os ombros com compaixão. – Mas agora… está sentada, botando cartas.

– Bem, mais tarde. É preciso, em primeiro lugar, acertar contas com você.

Stavróguin sentou numa cadeira.

O capitão não ousou sentar no divã; puxou para si outra cadeira e inclinou-se para escutar melhor aquilo que esperava ansiosamente.

– Que é que você tem ali no canto, debaixo do guardanapo? –

perguntou Stavróguin, cuja atenção, de súbito, mudara-se para a mesa.

– Aquilo? – disse Liebiádkin, voltando-se, – são os efeitos de suas próprias liberalidades, sob as espécies, como se tem costume de exprimir, do pão e do sal, para celebrar a nova casa e também em consideração da longa caminhada e da fadiga natural… – Olhava Stavróguin com ar quase suplicante e esforçando-se por sorrir. Depois levantou-se, dirigiu-se na ponta dos pés para a mesa e ergueu o guardanapo com respeito e precaução. Uma ceia fria estava servida ali em baixo; presunto defumado, vitela, sardinhas, queijo, uma garrafinha verde e uma garrafa de bordéus de gargalo comprido, tudo extremamente limpo, arranjado com gosto e competência, quase com elegância.

– Foi você quem preparou tudo isso?

– Sim, fui eu. Desde ontem, está tudo pronto. Fiz tudo quanto era possível para homenageá-lo. No que se refere a essas coisas, o senhor mesmo sabe, Maria Timofiéievna fica indiferente. Mas o principal é que são suas próprias liberalidades… portanto, é o senhor o dono aqui e eu não passo de empregado seu, ainda que… ainda que, Nikolai Vsiévolodovitch, ainda que eu mantenha minha independência!… O senhor não me privará deste derradeiro bem – concluiu, com enternecimento.

– Hum… por que não senta?…

– Sou gra…a…to, grato e independente. (Sentou.) – Ah! Nikolai Vsiévolodovitch, há tantas coisas amontoadas neste coração, tantas coisas, que não sabia verdadeiramente mais como esperar com paciência sua chegada! Ei-lo aqui agora para decidir de minha sorte e também da… daquela infeliz, e depois, depois como antes! Vou lhe abrir minha alma como outrora, há quatro anos. O senhor deu-me a honra outrora de escutar-me, de ler comigo versos… Então o senhor me chamava de seu Falstaff, de Shakespeare. Mas o senhor desempenhou tão importante papel em meu destino!… Agora tenho temores e só do senhor espero conselho e socorro. Piotr Stiepânovitch trata-me de maneira abominável…

Stavróguin escutava-o com curiosidade e fixava nele um olhar

escrutador. Embora Liebiádkin tivesse ficado mais de uma semana sem se embriagar, não estava evidentemente num estado de perfeita harmonia, bem longe disto. Entre os beberrões inveterados como aquele, sobrevém afinal uma espécie de incoerência, de perturbação, um desarranjo que confina quase com a loucura, o que, afinal, não os impede de mentir, de usar de manha, de trapacear quase tanto quanto os outros, se preciso.

– Vejo, capitão, que você não mudou completamente nestes quatro anos – disse Stavróguin, num tom um pouco mais amável. – Em suma, está aí uma nova prova de que a segunda metade da vida humana se compõe na maior parte do tempo de hábitos contraídos durante a primeira.

– Ah! as belas palavras!… O senhor resolve o enigma do mundo! – exclamou o capitão num entusiasmo semi-fingido, semissincero, porque era ele grande amador das boas frases. – De tudo quanto o senhor disse, Nikolai Stavróguin, lembro-me particularmente de uma frase que pronunciou outrora em Petersburgo: “É preciso ser mesmo um grande homem para saber resistir ao bom senso”. Isto mesmo, justamente.

– Sim, ou um imbecil.

– Ah! pois bem! se o quer, um imbecil. Toda a sua vida lançou o senhor frases de espírito, mas os outros? Que Lipútin e Piotr Stiepânovitch tentem, pois, emitir coisas semelhantes! Oh! como Piotr Stiepânovitch agiu cruelmente para comigo!

– Mas o senhor mesmo, capitão, como se comportou o senhor?

– Ah! o estado de embriaguez e além disso a multidão de meus inimigos!… Mas, agora, está tudo definitivamente acabado, vou-me regenerar e mudar de pele como uma serpente. Sabe também, Nikolai Vsiévolodovitch, que estou escrevendo meu testamento, que já o escrevi mesmo?

– Curiosíssimo. Que é que você lega e a quem?

– À minha pátria, à humanidade e aos estudantes. Uma vez,

Nikolai Vsiévolodovitch, li nos jornais a biografia dum americano. Legava toda a sua imensa fortuna às fábricas e às ciências positivas. Seu esqueleto aos estudantes da Universidade de sua cidade e sua pele para dela fazer-se um tambor sobre o qual deveriam bater, dia e noite, o hino nacional americano. Ah! não passamos de pigmeus em comparação com essa envergadura do pensamento que se encontra entre os cidadãos dos Estados Unidos. A Rússia é um jogo da natureza e não do espírito. Se eu tentasse legar minha pele para que dela se fizesse um tambor destinado ao regimento de Infantaria de Akmolinsk, onde tive a honra de prestar meu serviço, com a condição de que nele se tocasse todos os dias o hino nacional russo, iam me acusar de liberalismo e confiscariam minha pele imediatamente… Por isso é que me limitei aos estudantes. Quero legar meu esqueleto à Academia de Medicina, mas com a condição de que colem na minha testa uma etiqueta que deveria nela ficar eternamente com esta menção: "Um livre-pensador arrependido". Eis aí.

O capitão falava com ardor e, bem entendido, acreditava sinceramente na beleza do testamento americano. Mas como era seu tanto malicioso, tinha também grande vontade de fazer Stavróguin rir, tendo desempenhado junto dele esse papel de bufão. Stavróguin, sem sorrir sequer, perguntou, pelo contrário, com suspeita:

– Tem sem dúvida a intenção de publicar ainda vivo esse testamento, a fim de receber uma recompensa?

– E se tal se desse, Nikolai Vsiévolodovitch, se tivesse eu essa intenção? – respondeu Liebiádkin, olhando com desconfiança para seu interlocutor. – Veja qual é agora o meu destino… Parei até de escrever versos. Lembra-se de que outrora o senhor mesmo achava prazer em meus versinhos, Nikolai Vsiévolodovitch? Lembra-se da garrafa? Ai de mim! minha veia se esgotou!… Não escrevi mais senão uma única poesia, como Gógol, no seu derradeiro canto. O senhor sabe, não é?, como Gógol anunciou à Rússia inteira que havia tirado essa poesia de seu coração? Eu também cantei o meu derradeiro canto. Mas basta…

– E qual é essa poesia?

– Intitula-se "No caso em que ela quebre a perna".

– Como?

Era justamente o que esperara o capitão. Levava em grande conta os seus versos, mas ao mesmo tempo, em virtude da manhosa duplicidade de sua alma, sempre gostara de que seus versos fizessem Stavróguin rir, o qual, efetivamente, outrora, quando os ouvia, torcia-se de tanto rir. De uma cajadada matava assim dois coelhos: um de seus objetivos era poético, o outro, servil. Desta vez eram não apenas dois, mas três objetivos que atingia dum só golpe, e o terceiro era particularmente delicado: mostrando seus versos, esperava o capitão poder mais facilmente justificar-se a respeito de um ponto que o atemorizava e a propósito do qual se sentia especialmente culpado.

– "No caso em que ela quebre a perna", isto é, montando a cavalo. Uma simples fantasia, Nikolai Vsiévolodovitch, uma alucinação, mas uma alucinação de poeta: um dia, ao passear, o poeta encontrou uma amazona, e, impressionado por uma ideia, fez textualmente a si mesmo a pergunta: que acontecerá?… isto é, no caso em que… A coisa é clara, não é? Todos os pretendentes desapareceriam "inclusive o alemão" e somente o poeta, de coração magoado, permaneceria fiel. Nikolai Vsiévolodovitch poderia apaixonar-se, uma vez que nenhuma lei proíbe isso. E no entanto a dama mostrou-se ofendida por causa de minha carta e de meus versos. Dizem também que o senhor mesmo está zangado. É verdade? Seria lamentável, de modo que não quis acreditar. Pois bem, diga-me, a quem poderia eu prejudicar com uma simples fantasia? Aliás, juro pela minha honra, Lipútin não é estranho à coisa: "Escreva, não tenha dúvida, escreva, todo homem tem direito de escrever cartas", disse-me ele. E foi por isso que enviei a carta e a poesia.

– Você apresentou-se como candidato à sua mão, não foi?

– Inimigos, inimigos, não tenho senão inimigos.

– Leia os versos – interrompeu com rudeza Stavróguin.

– Um delírio, um delírio, mais que qualquer coisa, afirmo-lhe.

Contudo, ergueu-se, estendeu o braço para a frente e começou:

Das belas a mais bela uma perna quebrou,
Duas vezes, porém, mais bela ela ficou,
E duas vezes mais o peito se acendeu
Daquele que por ela já antes sempre ardeu.

– Basta – disse Stavróguin, detendo-o com um gesto da mão.

– Tenho saudades de Petersburgo – continuou logo Liebiádkin, passando a outro assunto, como se não se tivesse tratado de poesia. – Sonho com uma ressurreição, sonho com regeneração. Meu benfeitor, posso contar com o senhor para que não me recuse o dinheiro necessário para a viagem? Eu, que o esperei a semana inteira como quem espera o sol.

– Não, não conte com ele, quase nada me resta de meu capital e, além disso, por que eu lhe daria dinheiro?

Stavróguin pareceu de repente irritado. Pôs-se a enumerar breve e secamente todos os delitos do capitão: bebedice, mentira, gasto do dinheiro pertencente a Maria Timofiéievna, o fato de ter retirado esta última do convento onde ele a havia colocado, as cartas impudentes com ameaças de revelar o casamento secreto, a história com Dária Pávlovna, etc., etc. O capitão movia-se, gesticulava, tentava replicar, mas Stavróguin de cada vez o detinha com um gesto imperioso.

– Permita-me que lhe observe – disse, em conclusão, – que você fala e escreve sem cessar a respeito de "uma desonra de família". Que desonra há para você no fato de ser sua irmã a esposa legítima de um Stavróguin?

– Mas esse casamento permanece secreto, Nikolai Stavróguin, todo mundo o ignora; um segredo funesto… Recebo dinheiro do senhor e de repente me perguntam: "Por que recebes esse dinheiro?". Estou preso por um segredo e não posso responder. Isto prejudica minha irmã e fere a honra da família.

O capitão elevou a voz; era um assunto de que ele gostava especialmente e cujos efeitos explorava. Como poderia prever o golpe que lhe iria ser dado? Com calma e segurança, como se se tratasse de resolver algum assunto doméstico, Stavróguin informou-o de que tinha intenção, nos próximos dias, amanhã ou depois de amanhã, de

anunciar publicamente seu casamento “tanto à polícia como à sociedade”, de modo que não haveria mais questão de “desonra de família”, nem mais subsídios. O capitão arregalou os olhos. Ainda não compreendia. Nikolai Vsiévolodovitch teve de explicar-lhe aquelas coisas.

– Mas, ela está… semilouca.

– Tomarei minhas disposições.

– Mas que dirá a mãe do senhor?

– Oh! dirá o que quiser, Liebiádkin.

– Introduzirá sua mulher em sua casa?

– Talvez, mas você nada tem com isso, absolutamente nada.

– Como, nada tenho com isso?… e eu?

– Não é preciso dizer que você não porá os pés em minha casa.

– No entanto, sou seu parente.

– De parentes dessa laia, foge-se. Pense você mesmo, desde já: por que haveria eu de continuar a dar-lhe dinheiro?

– Nikolai Vsiévolodovitch, Nikolai Vsiévolodovitch, é impossível, é preciso que o senhor reflita ainda. Não pode levantar a mão contra… que pensarão, que dirão do senhor na sociedade?

– Que me importa a sociedade? Casei-me com sua irmã quando bem me parecia, depois de copiosas libações, para ganhar uma aposta de algumas garrafas de vinho. Agora anunciarei publicamente esse casamento… se me der na veneta.

Pronunciou esta última frase com particular irritação. O capitão, atemorizado, começava a acreditar que ele falasse seriamente.

– Mas eu, eu, que será de mim? Isto é o principal… Quem sabe se isso não passa de uma brincadeira, Nikolai Vsiévolodovitch?

– Não, não estou brincando.

– Como queira, Nikolai Vsiévolodovitch, mas não acredito no senhor… faço-lhe uma súplica.

– Você é terrivelmente estúpido, capitão.

– Talvez, mas é a única coisa que me resta a fazer – replicou o capitão, atrapalhando-se cada vez mais. – Outrora, quando minha irmã servia em Petersburgo, deixavam-me pelo menos viver num cantinho, mas que me acontecerá se o senhor me abandona totalmente?

– Mas não queria você ir para Petersburgo, a fim de mudar de carreira? A propósito, é verdade que você pretendia denunciar todos os outros na esperança de obter seu perdão?

O capitão ficou boquiaberto, os olhos exorbitados e não disse palavra.

– Escute, capitão, – começou de repente Stavróguin, com uma gravidade singular, o busto ligeiramente inclinado para a mesa. Até agora falara de maneira um tanto ambígua. Por isso o capitão, esforçando-se por manter seu papel de bufão, mantivera uma vaga dúvida até o derradeiro segundo; seu senhor estava realmente zangado ou antes pilheriava somente, quando falava de tornar público o seu casamento? Mas o ar de Stavróguin tornara-se tão severo e tão persuasivo que o capitão sentiu frio nas costas. – Escute-me, Liebiádkin, e diga-me toda a verdade: já fez ou não fez a denúncia? Teve ocasião de fazê-la? Não terá cometido a tolice de haver enviado uma carta?

– Não, ainda não… nem mesmo pensei nisso algum dia – respondeu o capitão olhando fixamente para Stavróguin.

– Pois bem, está mentindo quando diz que nunca pensou nisso. É mesmo por isso que quer ir para Petersburgo. Mas se ainda não escreveu, não deu com a língua nos dentes? Diga a verdade. Ouvi contar alguma coisa a este respeito.

– A Lipútin, quando estava embriagado. Esse Lipútin é um traidor. Abri-lhe meu coração – balbuciou o infeliz capitão.

– Deixemos de lado o coração, mas não é preciso ser imbecil. Se teve essa ideia, era preciso guardá-la para você. Hoje as pessoas inteligentes se calam, não falam.

– Nikolai Vsiévolodovitch – replicou o capitão, todo trêmulo. – O senhor não tornou parte em nenhuma ação. Não é, pois, do senhor que se trata…

– Você teria tido o cuidado de não denunciar sua vaca de leite?

– Nikolai Vsiévolodovitch, julgue o senhor mesmo. Diga-me…

E num acesso de desespero, todo lacrimejante, o capitão começou a contar sua vida durante os quatro últimos anos. Era a tola história de um imbecil que metera o nariz em negócios que não lhe diziam respeito, e dos quais, até o derradeiro momento, ignorou a importância, em virtude de sua embriaguez e devassidão. Contou como, no começo, em Petersburgo, "tinha-se deixado levar por pura amizade, como um estudante, sem todavia ser ele próprio estudante". Ignorando tudo e "com toda a inocência", introduzia diversos papéis nas escadas, depositava-os às dezenas sob as portas, pregava-os às campainhas, metia-os, como se fôssem jornais, nas caixas de correio, em toda parte onde se lhe oferecesse ocasião, no teatro, nos chapéus, nos bolsos. Em seguida, aceitara dinheiro deles, "porque o senhor mesmo sabe o que possuo como renda, quais são meus recursos". Viera a espalhar toda espécie de sujeiras nos distritos de duas províncias. – Oh! Nikolai Vsiévolodovitch! – exclamou ele, – o que me indignava mais é que todos aqueles farrapos de papel eram contrários às leis civis e às de nossa pátria. Lá declarava-se por exemplo: "Deveis vir armados de forcados e lembrar-vos de que aqueles que saírem pobres de manhã voltarão ricos à noite". Pense, pois. Estou tomado de medo e, no entanto, continuo a propagar por toda parte essas espécies de folhetos. Ou então, uma outra vez, cinco a seis linhas dirigidas a toda a Rússia: "Fechai o mais cedo possível as igrejas, aniquilai Deus, anulai os casamentos, suprimi o direito de herança, armai-vos de facas". Ai está e o diabo sabe que mais ainda… Foi precisamente com

essa proclamação de cinco linhas que estive a ponto de me deixar agarrar; os oficiais de um regimento fustigaram-me, depois deixaram-me correr… Deus os abençoe!… O ano passado, por pouco não fui apanhado no momento em que remetia a Korováiev cédulas de cinquenta rublos, impressas na França. Mas, graças a Deus, estando Korováiev bêbado, afogou-se num tanque, e não se pôde empreender nenhum processo contra mim. Em casa de Virguínski, já eu proclamara a liberdade da mulher socialista… Em junho, distribui de novo toda espécie de manifestos no distrito de***. Querem me obrigar a fazer isso de novo… Piotr Stiepânovitch comunicou-me, de repente, que devo obedecer. Desde muito tempo já que ele me ameaça. De que maneira ele me tratou domingo passado! Nikolai Vsiévolodovitch, sou um escravo, um verme da terra, mas não um deus, é o que me distingue de Dierjávin.[92] Mas quais são os meus recursos, o senhor mesmo sabe.

Stavróguin escutara-o até o fim com curiosidade.

– Você me deu a conhecer muitas coisas que eu ignorava – disse. – Evidentemente, pode-se fazer tudo quanto se quer dum homem como você. Escute – acrescentou, após alguns instantes de reflexão, – se quiser, diga a quem você sabe que Lipútin andou mentindo e que você queria apenas amedrontar-me por meio de ameaças de denúncia, supondo que eu estava demasiado comprometido e que você obteria dessa forma mais dinheiro. Compreendeu?…

– Nikolai Vsiévolodovitch, meu caro, será possível que tal perigo me ameace? Esperei-o… somente para perguntar-lhe isto.

Stavróguin deu uma risada de escárnio.

– Mesmo se eu lhe der dinheiro, não o deixarão partir para Petersburgo… Aliás, já é tempo que vá ter com Maria Timofiéievna – disse ele, levantando-se.

– Mas Nikolai Vsiévolodovitch, que será de mim e de Maria Timofiéievna?

– Já lhe disse.

– É então verdade?

– Ainda não me acredita?

– Quer verdadeiramente abandonar-me, como a uma bota velha?

– Vou ver – disse Stavróguin, sorrindo. – No momento, deixe-me.

– Deseja que fique, durante esse tempo, na entrada, a fim de não me arriscar a ouvir sem querer… os quartos são pequenos…

– Tem razão, saia, vá para o portão. Tome meu guarda-chuva.

– Seu guarda-chuva… seu… não sou digno – replicou o capitão, com uma humildade exagerada.

– Seja lá quem for, vale bem um guarda-chuva.

– Com essas palavras apenas, o senhor determina o mínimo dos direitos humanos – observou Liebiádkin.

Mas disse isto quase maquinalmente, tão abatido estava pelo que acabava de ouvir. Quase perdera o senso da realidade. No entanto, assim que se viu no patamar e abriu o guarda-chuva, uma ideia surgiu em sua cabeça aturdida e manhosa, uma ideia já familiar, que sempre o havia tranquilizado: se só se tratasse de enganá-lo e mentir-lhe? Se assim fosse, é que o temiam, então, e ele nada tinha que temer.

Quando se usa de manha e quando se mente, não se faz isso sem motivo. Qual podia bem ser o motivo aqui? E quebrava a cabeça. A publicação do casamento parecia-lhe uma estupidez. Mas Deus sabia que, com aquele taumaturgo, nada era impossível. Só vive para fazer mal às pessoas. E se tem medo de mim, depois da afronta que sofreu no domingo? Hum, e mais medo do que nunca? Então, veio a toda a pressa assegurar-me que queria tornar público o seu casamento, no temor de que eu mesmo o faça. Atenção, Liebiádkin… não te deixes apanhar na armadilha… Por que veio ele aqui, à noite, escondendo-se, se faz questão de revelar ele próprio seu casamento a toda gente? E se tem medo, é então desde agora que tem medo, e precisamente pelos poucos dias que se vão seguir. Hum, toma cautela, Liebiádkin!…

– Ele quer aterrorizar-me com Piotr Stiepânovitch. Oh! é aterrorizador, completamente aterrorizador!… Que desgraça ter tagarelado diante de Lipútin! O diabo sabe o que aqueles demônios meditam… Nunca compreendi nada. Recomeçam a agitar-se como há cinco anos. A quem eu teria podido denunciá-los? “Não teria escrito a alguém por estupidez?” Hum, pode-se escrever então fingindo estupidez. Talvez seja um conselho que ele me dá… “É por isso que quer ir para Petersburgo.” Hipócrita! Mal pensei nisso e ele logo me adivinha o pensamento! Até parece que é ele mesmo quem me aconselha a viagem. Deve haver duas coisas em jogo aqui: ou ele tem medo porque se encontra em má situação… ou então nada tem a temer e me incita a denunciar a todos. Ah! Liebiádkin, é terrível, não te deixes apanhar na armadilha…

Estava de tal modo mergulhado em suas reflexões que se esquecera de prestar ouvidos. Aliás, teria sido difícil ouvir qualquer coisa: a porta era maciça e falava-se em voz baixa; uma vez ou outra, raros sons chegavam até ele. O capitão cuspiu, cheio de despeito, e pôs-se a assobiar na soleira da porta.

## *III*

O quarto de Maria Timofiéievna era duas vezes maior que o que o capitão ocupava. Os móveis eram nele igualmente simples e como que talhados a machado; mas a mesa diante do sofá estava coberta por uma toalha de vivas cores, sobre a qual pousava uma lâmpada acesa. Magnífico tapete cobria todo o soalho. Uma cortina verde, estendida em todo o comprimento do quarto, ocultava o leito. Havia além disso uma vasta poltrona estofada na qual, aliás, Maria Timofiéievna jamais se sentava. Como em sua antiga residência, pendurara a um canto um ícone diante do qual ardia uma lamparina. Sobre a mesa encontravam-se expostos todos os objetas que lhe eram necessários: um baralho, um espelhinho, um livro de canções e um pãozinho branco; dois livros com gravuras coloridas: um, destinado à juventude, continha diversas narrativas extraídas dum livro popular de viagens; o outro era uma coleção de romances, cavalheirescos na maior parte, fáceis, de tendências moralizantes, um livro para árvore de Natal ou pensionato de moças. Além disso, um álbum de fotografias. Maria Timofiéievna

aguardava naturalmente o visitante, como o anunciara o capitão. Mas quando Stavróguin entrou, ela dormia, semiestendida no divã; com a cabeça apoiada numa almofada. O visitante fechou sem ruído a porta atrás de si e, sem mover-se do lugar, pôs-se a contemplar a adormecida.

O capitão mentira ao dizer que Maria Timofiéievna se preparara. Usava o mesmo vestidinho escuro do domingo anterior com que apareceu em casa de Varvara Pietrovna. Como então, os cabelos estavam atados e formavam um pequeno coque na nuca; o pescoço longo e seco estava descoberto. O xale negro de que Varvara Pietrovna lhe fizera presente estava cuidadosamente dobrado ao lado dela, em cima do divã. Como no outro dia, mostrava-se grosseiramente pintada e empoada. Não havia um minuto que Nikolai Vsiévolodovitch entrara, quando ela despertou bruscamente, como se tivesse sentido sobre si o olhar dele. Abriu os olhos e ergueu-se sem demora. Mas parecia que algo de estranho se tivesse passado na alma do visitante; permanecia de pé junto da porta. Imóvel, sem dizer uma palavra, com um olhar penetrante, examinava com obstinação o rosto da moça. Talvez houvesse naquele olhar uma dureza excessiva, talvez exprimisse desgosto, talvez mesmo uma alegria maligna diante do medo que ela sentia, a menos que não fosse uma alucinação de Maria Timofiéievna, ainda sonolenta. Seja como for, ao fim de alguns instantes, o rosto da infeliz exprimiu o mais extremo terror; um tremor convulsivo abalou-a; para se proteger, ergueu as mãos e desfez-se em lágrimas como uma criança que está com medo; um instante mais e começaria a gritar. Entretanto, o visitante voltou a si, sua fisionomia mudou totalmente e foi com um sorriso doce e cordial que se aproximou da mesa.

– Perdoe-me tê-la amedrontado, Maria Timofiéievna. Você dormia e entrei de repente – disse ele, estendendo-lhe a mão.

Estas benévolas palavras produziram efeito; o rosto de Maria Timofiéievna serenou. No entanto, ela continuava a olhar para Stavróguin com olhos amedrontados e fazia visivelmente esforço para compreender. Medrosamente também, estendeu-lhe a mão. Afinal, um pálido sorriso aflorou-lhe os lábios.

– Bom-dia, príncipe – murmurou ela, olhando-o com estranha atenção.

– Teve sem dúvida um mau sonho – disse ele, sorrindo, ainda mais doce e amavelmente.

– Como pode saber que sonhei com “aquilo”?

E, de súbito, pôs-se a tremer; aterrorizada, recuou, ergueu as mãos num gesto de defesa. Todos os seus traços se contraíram, como se ela estivesse a ponto de chorar.

– Acalme-se! De que tem medo? Será que, na verdade, não me reconheceu? – perguntou Stavróguin, esforçando-se por tranquilizá-la. Mas desta vez, só com dificuldade o conseguiu. Sem dizer palavra, continuava ela a fitá-lo. E no seu olhar via-se sempre a mesma dúvida pungente, alguma ideia dolorosa que sua pobre cabeça não conseguia elucidar. Parecia fazer um esforço prodigioso para seguir seu pensamento. Ora baixava os olhos, ora os reabria de súbito e cercava Stavróguin com um rápido olhar. Por fim, sem chegar a acalmar-se totalmente, pareceu ter tomado uma decisão.

– Sente perto de mim, rogo-lhe, para que eu possa então olhá-lo – disse ela, num tom bastante firme. Evidentemente, tinha algum novo desígnio. – Fique tranquilo, não o fitarei, fitarei o chão. O senhor também, não me olhe senão quando eu pedir. Sente, pois – repetiu, quase com impaciência.

Uma sensação nova parecia invadi-la cada vez mais.

Stavróguin sentou e esperou. O silêncio durou bastante tempo.

– Tudo isso me parece estranho – murmurou ela, de repente, com um ar quase de desgosto. – Naturalmente, tive maus sonhos, mas por que o senhor precisamente é quem me aparece em sonho?

– Deixemos os sonhos agora – interrompeu bruscamente Stavróguin, voltando-se para ela, apesar dela o haver proibido e sem dúvida a mesma expressão de havia pouco desenhou-se em suas feições. Ele notara que por várias vezes Maria Timofiéievna tivera

vontade de erguer os olhos para ele, mas que se contivera e continuava a fitar obstinadamente o soalho.

– Escute, príncipe – disse ela, elevando a voz. – Escute…

– Por que desvia a vista de mim? Por que não me olha? Que significa toda essa comédia? – exclamou ele, perdendo a paciência.

– Escute, príncipe – continuou ela, pela terceira vez, com uma voz resoluta e fazendo cara preocupada e zangada, – quando o senhor me disse no carro que tornaria público nosso casamento, tive medo, porque então o mistério será desvendado. Não sei que dizer. Tenho pensado nisto todo o tempo e só faço ver que não lhe convenho absolutamente. Enfeitar-me, é verdade, até poderia… receber, talvez também, como se fôsse muito difícil convidar pessoas a tomar chá, sobretudo quando se tem lacaios de libré. Mas que dirão as pessoas? Dei-me conta de muitas coisas naquela casa, domingo último. Aquela encantadora senhorita não tirou os olhos de mim, sobretudo a partir do momento em que o senhor entrou. Foi o senhor mesmo que entrou então, não foi? Sua mãe não é senão uma velha senhora da sociedade bastante ridícula. O meu Liebiádkin também se distinguiu. Para não estourar na risada, fiquei todo o tempo olhando o teto. Há belas pinturas naquele forro, A mãe do senhor deve ter sido abadessa dum convento. Tenho medo dela, muito embora me tenha feito presente dum xale negro. Provavelmente elas todas me qualificaram duma maneira engraçada: isto não me aborrece. Fiquei sentada todo o tempo, perguntando a mim mesma: sou uma parenta que convenha a essa gente? Sei que duma condessa não se exigem senão qualidades morais. Quanto às qualidades domésticas, tem tantos criados… Quando muito um pouco de galantaria mundana, a fim de receber dignamente os viajantes estrangeiros. Mas, mesmo assim, domingo passado, examinavam-me com desespero. Somente Dacha é um anjo. Tenho muito medo de que o hajam afligido, a ele, fazendo a meu respeito alguma observação imprudente.

Stavróguin fez uma careta.

– Não tenha medo, não se preocupe – disse ele.

– Mas isto não quer dizer nada, mesmo que ele deva ter um pouco

de vergonha de mim, porque a vergonha estaria sem dúvida acompanhada de compaixão, pelo menos assim penso. Mas isto depende da natureza do indivíduo, naturalmente. Porque ele sabe que a mim é que cabe ter compaixão deles, em vez de terem eles compaixão de mim.

– Eles a magoaram profundamente, Maria Timofiéievna?

– A quem? A mim? Não – disse ela, com um riso ingênuo. – Absolutamente. Olhava-os a todos e pensava comigo mesma: estão todos zangados uns com os outros. Todos brigaram. Quando estão juntos, não sabem nem mesmo rir de todo o coração. Tanta riqueza e tão pouca alegria… Como tudo aquilo me pareceu horrível! Mas agora, não tenho mais compaixão de ninguém, salvo de mim mesma.

– Ouvi dizer que na minha ausência seu irmão vinha tratando-a duramente.

– Quem lhe disse isso? É absurdo… Agora é bem mais duro; agora tenho pesadelos e esses sonhos são maus porque o senhor chegou. Vamos ver: pergunto-lhe: por que veio? Diga-me, por favor.

– Não quer voltar para o convento?

– Bem pressentia que me proporiam de novo o convento… Como se o vosso convento fôsse uma coisa desconhecida… E por que deveria eu para lá voltar e com quem? Já vivo agora tão completamente só… É demasiado tarde para recomeçar uma terceira existência.

– Há uma coisa que parece inquietá-la muito. Tem medo de que não a ame mais?

– Oh! quanto ao senhor, não tenho preocupação nenhuma. É por mim só que temo. Se fosse acontecer que eu deixasse de amar certa pessoa?

Ela sorriu com ar desdenhoso.

– Aos olhos dele, sem dúvida, sou culpada – disse ela, de repente, como que falando a si mesma. – Ignoro, entretanto, em que sou culpada e este é o meu eterno tormento. Sempre, sempre, desde cinco

anos, de dia e de noite, tenho sido angustiada pelo pensamento de que podia ser culpada a seus olhos. Rezei, rezei muito tempo e não cessava de pensar na minha grande falta. E agora parece que meus pressentimentos tinham fundamento.

– Que é que parece?

– Temo que ele esteja metido em tudo isso – prosseguiu ela, sem responder à pergunta que, aliás, não tivesse talvez sido ouvida. – E no entanto, como pôde ele fazer amizade com aqueles miseráveis? A condessa me comeria de boa vontade, embora me tenha feito sentar na sua carruagem. Toda gente participa da conspiração. Seria possível que também ele fizesse parte dela? Seria um traidor? (Seu queixo e seus lábios foram tomados por um tremor.) Escute, leu coisas referentes a Grichka Otriópiev,[93] o falso Demétrio que foi amaldiçoado em sete concílios?

Nikolai Vsiévolodovitch permaneceu silencioso.

– Agora, vou voltar-me para o senhor e olhá-lo – decidiu ela, de repente. – Volte-se também para meu lado e olhe-me, mas com atenção. Pela derradeira vez, quero convencer-me.

– Há muito tempo já que a olho.

– Hum – disse Maria Timofiéievna, olhando-o com obstinação. – O senhor engordou muito.

Teria querido acrescentar ainda alguma coisa, mas de súbito e pela terceira vez o terror convulsionou suas feições. De novo, recuou, erguendo as mãos, como para se proteger.

– Que tem? – perguntou Nikolai Vsiévolodovitch, quase com raiva.

O terror só durou um instante: um sorriso estranho, suspeitoso, desagradável, desfigurou o rosto de Maria Timofiéievna.

– Rogo-lhe, príncipe, levante-se e entre – disse ela, de repente, com voz firme e imperiosa.

– Como entrar? Onde entrar?

– Durante cinco anos, imaginei como seria quando ele entrasse. Levante-se e vá ao quarto vizinho, lá atrás da porta. Ficarei sentada como se não esperasse nada, nem ninguém e pegarei um livro. De repente, o senhor entrará, após cinco anos de viagem. Gostaria de ver como será.

Stavróguin rangeu os dentes e resmungou algo de ininteligível.

– Basta – disse ele, batendo na mesa com a palma da mão. – Maria Timofiéievna, rogo-lhe que me escute. Faça-me o favor, se puder, de concentrar sua atenção. Vejamos, você não é completamente louca (na sua irritação, esta palavra escapou-lhe). Amanhã, declararei publicamente nosso casamento. Você não habitará jamais em palácios, perca esta ilusão. Quer viver toda a sua vida comigo, mas muito longe daqui? Na Suíça, nas montanhas, há lá um lugar… Não se inquiete… Não a abandonarei jamais, jamais a meterei num asilo de alienados. Terei sempre bastante dinheiro para não ser reduzido a mendigar nosso pão. Você terá uma criada de quarto e não será obrigada a fazer trabalho algum. Você vai ter tudo quanto desejar, na medida do possível. Poderá rezar, fazer o que lhe aprouver, ir aonde quiser. Não tocarei em você. Também eu passarei toda a minha vida nesse lugar. Se você o desejar, não trocarei com você nenhuma palavra, mas se isto lhe agradar, você me contará à noite suas pequenas histórias, como outrora em Petersburgo. Lerei livros para você, se a leitura lhe causar prazer. Mas em troca será você obrigada a ficar a vida toda no mesmo lugar, um lugar triste e deserto. Quer? Quer mesmo? Está decidida? Não se arrependerá de sua escolha e não me acabrunhará com suas lágrimas e com suas maldições?

Ela o escutara com uma atenção insólita. Por muito tempo ficou em silêncio, meditativa.

– Tudo isto me parece bastante inverossímil – observou ela por fim, com desdém e ironia. – Como poderia eu talvez viver quarenta anos entre montanhas? – E desatou a rir.

– Pois bem, não viveremos quarenta anos – disse Stavróguin, franzindo as sobrancelhas.

– Hum, por coisa alguma do mundo iria para lá.

– Nem mesmo comigo?

– Quem é, pois, o senhor para que eu parta em sua companhia? Quarenta anos seguidos com o senhor numa montanha até que ele chegue… vejam só isso!… Como se tornaram pacientes os homens de hoje! Mas não, é impossível que um falcão seja metamorfoseado em mocho. Meu príncipe não é assim. – E altiva e triunfante, ergueu a cabeça.

De repente um clarão atravessou o espírito de Stavróguin.

– Por que me chama sempre príncipe e por quem me toma? – perguntou rapidamente.

– Como? O senhor não é então um príncipe?

– Nunca fui príncipe.

– E é o senhor mesmo, o senhor que ousa confessar-me assim, muito simplesmente, em pleno rosto, que não é um príncipe?

– Só posso repetir-lhe que nunca o fui.

– Meu Deus! – exclamou ela, juntando as mãos. – Esperava tudo da parte dos inimigos dele. Mas tal impertinência, jamais… Ele ainda está vivo? – exclamou ela, precipitando-se sobre Nikolai Vsiévolodovitch. – Tu o assassinaste, sim ou não? Confessa…

– Por quem me tomas? – perguntou ele, saltando de seu lugar, com o rosto decomposto.

Mas era difícil amedrontá-la agora. Estava triunfante:

– Quem, pois, pode saber quem tu és e donde sais?… Meu coração, meu coração somente pressentiu toda a intriga desde cinco anos… Estou ali sentada e me espanto: qual é, pois, essa coruja cega que caiu hoje em minha casa? Mas, meu caro, és um mau comediante, pior ainda que o meu Liebiádkin. Saúda amavelmente a condessa de minha parte e avisa-a de que faria melhor enviando alguém mais hábil

do que tu. Será que ela te contratou, é isso? Talvez sirvas na sua cozinha e aceitou-te por caridade! Desvendei vossa impostura, conheço-vos a todos até o derradeiro!

Stavróguin agarrou-a com força pelo braço, acima do cotovelo. Ela rebentou a rir mesmo em seu rosto:

– Tu te pareces com ela, tu te pareces muito com ela. Talvez sejas seu parente. Ah! as pessoas astutas!… Somente o meu é um falcão radioso e um príncipe, tu não passas de uma coruja e de um comerciantezinho. Se lhe agradar, o meu se ajoelhará diante de Deus; se lhe desagradar, não o fará. E a ti, Chátuchka (o meu querido, o meu bom, o meu gentil Chátuchka!), esbofeteou em plena face, Liebiádkin me contou. De que tinhas medo, quando entraste? Que foi que te aterrorizou? Quando vi teu rosto vulgar, quando caí e tu me levantaste, era como se um verme tivesse penetrado em meu coração. “Não é ele, pensei eu, não, não é ele. Meu falcão jamais teria tido vergonha de mim diante de uma jovem do grande mundo.” Oh! meu Deus… o pensamento que me tornou feliz durante estes cinco anos é que meu falcão vive lá fora, além das montanhas, onde ele plaina e contempla o sol. Dize, impostor, pagaram-te caro? Foi por uma forte soma que consentiste?… Eu não te teria dado um vintém… Ah! ah! ah!

– Idiota! – rangeu os dentes Stavróguin, apertando cada vez mais fortemente o braço dela.

– Largue-me, impostor! – exclamou ela, imperiosamente. – Sou a mulher de meu príncipe e não temo tua faca.

– Minha faca?

– Sim, tua faca. Tens uma faca em teu bolso. Acreditavas-me adormecida, mas vi-a. Há pouco, quando entraste, puxaste uma.

– Infeliz, que disseste? Que sonhos tens! – exclamou Stavróguin, repelindo-a com todas as suas forças. Maria Timofiéievna bateu dolorosamente com a cabeça e os ombros contra o encosto do divã. Ele se precipitou para a saída; ela, porém, correu atrás dele, saltitando e coxeando. Já estava na soleira da porta, quando Liebiádkin,

espantado, a reteve com todas as suas forças. Então ela gritou nas trevas, guinchando e escarnecendo:

– Grichka Otriópiev… a-ná-tema!

## *IV*

“Uma faca… uma faca…”, repetia Stavróguin, presa duma raiva inextinguível, enquanto marchava a grandes passos, pisando nas poças d’água e na lama, sem conseguir tornar a encontrar seu caminho. Por momentos, contudo, era tomado duma atroz vontade de rir, de rir bem alto, como um louco, mas seja por uma razão ou por outra, continha-se. Só voltou a si na ponte, no lugar preciso em que Fiedka o havia interpelado. E agora aquele mesmo Fiedka ainda ali estava à sua espera. Assim que avistou Stavróguin, tirou seu gorro, sorriu alegremente, descobrindo seus dentes e começou a contar-lhe algo com desenvoltura. A princípio Stavróguin prosseguiu seu caminho, sem prestar a mínima atenção ao que dizia o vagabundo, que se pusera a andar a seu lado. Esquecera-o de tal modo, repetindo sem cessar, no seu íntimo, “uma faca, uma faca”, que a própria ideia daquele esquecimento feriu-lhe a atenção. Com um gesto rápido como um raio, agarrou com todas as suas forças o vagabundo pela gola e, com toda a cólera que nele se acumulara, atirou-o ao chão. O vagabundo pensou bem por um instante em defender-se, mas compreendeu logo que, diante de tal adversário que o atacara de repente, não pesaria mais do que uma palha. Ficou imóvel, sem falar, e não opôs a Stavróguin nenhuma resistência. De joelhos, com os cotovelos atrás das costas, o astuto mendigo esperava tranquilamente o resultado daquela aventura e não parecia crer que corresse perigo.

Não se enganava. Embora Stavróguin já tivesse com sua mão esquerda desatado seu lenço de pescoço para amarrar seu prisioneiro, largou-o de súbito, Deus sabe por que, e atirou-o para longe de si. Num abrir e fechar de olhos, Fiedka estava de pé, voltou-se e uma faca larga e curta, um trinchete de sapateiro, brilhou em sua mão.

— Larga a faca. Mete tua faca na bainha. E imediatamente — ordenou Stavróguin com impaciência. A faca desapareceu tão depressa como se tinha mostrado.

Nikolai Vsiévolodovitch, silencioso e sem olhar para trás, prosseguiu seu caminho. Mas o obstinado vagabundo seguiu-o, mantendo-se, é verdade, à distância respeitosa de um bom passo atrás dele e sem proferir uma palavra. Chegados ambos à extremidade da ponte, desceram na ribanceira. Desta vez, Stavróguin dobrou à esquerda em uma ruela comprida e deserta, o caminho por aquele lado era mais curto do que pela Rua da Epifania.

— É verdade, como dizem, que andaste roubando, nestes últimos dias, numa igreja deste distrito? — perguntou bruscamente Nikolai Vsiévolodovitch.

— Quer dizer… entrei lá para rezar — respondeu Fiedka lenta e cortesmente, como se, na verdade, nada tivesse acontecido. E não somente falava de uma maneira totalmente sossegada, mas quase com dignidade. O tom de familiaridade "amigável" de havia pouco desaparecera por completo. Quem dominava agora era o homem de negócios, sério, injustamente ferido, é verdade, mas que sabe esquecer as ofensas.

— Por que o Senhor nosso Deus me conduziu até lá? — continuou ele. — É a graça divina, dizia a mim mesmo… Mas isto só aconteceu porque sou órfão, dando-se o caso de que nesta vida não se pode passar sem o socorro alheio. Pois bem, veja, senhor, acredite-me, foi em seu prejuízo que Deus puniu os meus pecados. Só recolhi em tudo e por tudo doze rublos. Vendi quase por coisa nenhuma o colar de São Nicolau, porque se pretendeu que era uma imitação.

— O guarda, estrangulaste-o?

— Isto é, éramos dois pondo ordem naquela igreja. Quando a manhã chegou, perto do riacho, brigamos para saber quem carregaria o saco. Então pequei e aliviei um pouco o colega…

— Continua estrangulando, roubando.

— É também o que me aconselha Piotr Stiepânovitch, palavra por palavra, porque nunca quer me dar coisa alguma. É muito sovina e tem o coração duro. Aliás, não crê nem um tico no criador celeste que nos formou a todos com o limo da terra. Pretende que foi a Natureza

que tudo fez, até o mais ínfimo dos animais, e não compreende que se não temos qualquer sustentáculo benévolo, a vida para nós é coisa impossível. Assim que se começa a convencê-lo, abre olhos como um asno, de modo que a gente mesmo fica estupefato ao vê-lo. O senhor acredita em mim? Em casa do Capitão Liebiádkin, a quem Vossa Excelência acaba de honrar com sua visita, quando, antes de sua chegada, morava ele ainda na casa de Filípov, a porta ficava por vezes a noite inteira escancarada. Ele jazia completamente embriagado, no chão; o dinheiro derramava-se de seus bolsos. Isto eu vi com meus próprios olhos, porque, na minha opinião, nos é impossível viver sem apoio.

— Como? Com teus próprios olhos? Foste também à casa dele durante a noite?

— Talvez tenha ido lá, mas ninguém sabe de nada.

— Então, por que não o mataste?

— Comecei por fazer meus cálculos. Vi que só podia ganhar uns cento e cinquenta rublos no máximo; mas de que valia lançar-me em cima, quando posso ter pelo menos mil e quinhentos, esperando um pouco? Porque o Capitão Liebiádkin tem sempre contado muito com o senhor. Ouvi-o dizer isso com meus próprios ouvidos e não há um botequim, uma baiuca, em que ele não tenha contado a mesma coisa, quando estava embriagado. Ouvi afirmar isso também por outras testemunhas. Então, coloquei todas as minhas esperanças em Vossa Excelência. Digo-lhe, senhor, porque diante do senhor fico como diante de um pai ou um irmão, e Piotr Stiepânovitch, nem nenhum outro, jamais saberá de nada. Assim, penso que por isso poderia Vossa Excelência muito bem dar-me três rublos. Quer dizer-me com clareza, para que eu conheça a verdade, a verdade verdadeira, porque na nossa posição, sem apoio… é impossível.

Então Stavróguin disparou a rir e, tendo tirado do bolso seu porta-moedas, no qual havia uns cinquenta rublos em cédulas miúdas, atirou-lhe uma cédula, depois outra, depois uma terceira, uma quarta, uma quinta… Fiedka conseguia agarrá-las no ar, saltando para lá e para cá; as cédulas, depois de voltejar um instante no ar, caíram na

lama. Com uma avidez crescente, Fiedka as apanhava, soltando gritinhos: “Ah! ah!…” Afinal, Stavróguin atirou-lhe todo o maço e, sempre rindo, meteu-se por uma travessa, mas sozinho desta vez. O vagabundo, de joelhos, na lama, procurava as cédulas que o vento levara e que tinham caído nas poças. Durante uma hora procurou em meio das trevas e podiam ser ouvidos seus gritinhos entrecortados. “Ah! ah!…”

## Capítulo III / Um duelo

### *I*

Foi no dia seguinte, às duas horas da tarde, que o duelo projetado se realizou. O irreprimível desejo que tinha Artíomi Pávlovitch Gagânov de se bater, custasse o que custasse e o mais depressa possível, contribuiu muito para precipitar o acontecimento. Ele não compreendia a atitude de seu adversário e a raiva punha-o fora de si. Desde um mês, ofendia-o impunemente sem, no entanto, conseguir fazê-lo perder a paciência. Não tendo nenhum pretexto plausível para provocá-lo a duelo, achava necessário que a iniciativa partisse de Stavróguin. Gagânov tinha vergonha de confessar os motivos secretos do ódio mórbido que nutria contra Stavróguin, desde que este insultara a honra de sua família. Parecia-lhe impossível invocar semelhante pretexto, sobretudo depois de haver recebido por duas vezes as mais humildes desculpas de Nikolai Vsiévolodovitch. No seu foro íntimo, decidira Gagânov que seu adversário era o derradeiro dos covardes. Não conseguia tampouco compreender como pudera este suportar, sem nada fazer, a bofetada de Chátov. Foi assim que por fim resolvera escrever a seu inimigo aquela carta duma grosseria inaudita, que forçara por fim Stavróguin a provocá-lo a duelo. Depois de ter enviado aquela carta desde a véspera e enquanto aguardava a resposta com uma ansiedade febril, calculava doentiamente as possibilidades de êxito. Ora estava cheio de esperança, ora desesperava. Em todo caso, pedira Gagânov a seu velho camarada de infância, Mavríki Nikoláievitch Drózdov, a quem particularmente estimava, que lhe servisse de testemunha. De modo que Kirílov, indo à casa de Gagânov, no dia seguinte, de manhã, às nove horas, encontrou o terreno já todo

preparado. Todas as desculpas e todas as incríveis concessões de Stavróguin foram rejeitadas, desde as primeiras palavras, com extraordinária veemência. Mavríki Nikoláievitch, informado desde a véspera da marcha dos acontecimentos, ficou boquiaberto ao ouvir oferecimentos tão extraordinários e quis, a princípio, insistir em favor de uma solução pacífica; mas conteve-se, vendo que Gagânov, que adivinhara sua intenção, não dizia palavra e pusera-se a tremer em sua cadeira. Não fosse a palavra dada a seu amigo, teria partido imediatamente; todavia ficou, na esperança de intervir mais tarde duma maneira qualquer na solução do caso. Kirílov transmitiu a provocação a duelo; todas as condições do encontro formuladas por Stavróguin foram aceitas ao pé da letra e sem a menor objeção. Uma só cláusula foi acrescentada, aliás bastante feroz: se a primeira bala trocada não desse resultados decisivos, seria seguida duma segunda e esta, se necessário, de uma terceira. Kirílov franziu a testa e esforçou-se por obter que se suprimisse o terceiro encontro, mas, esgotadas as negociações, consentiu, declarando todavia "que se um terceiro encontro era possível, não se podia, em hipótese alguma, aceitar um quarto". Entrou-se em acordo sobre este ponto. O duelo realizou-se às duas horas, em Bíkovo, num pequeno bosque situado entre Skvopiéchniki e a fábrica dos irmãos Chpigúlini. A chuva que caía na véspera à noite havia agora cessado completamente, mas o ar estava úmido, a terra molhada, ventava. Nuvens baixas, cinzentas, esfarrapadas, fugiam rapidamente pelo céu frio. As árvores rumorejavam, balançando seus cimos e estalando em suas raízes; era um dia dos mais melancólicos.

Gagânov e Mavríki Nikoláievitch chegaram ao terreno num elegante *char à bancs*[94] puxado por dois cavalos que o próprio Gagânov dirigia; um criado acompanhava-os. Quase no mesmo instante apareceram Stavróguin e Kirílov; não estavam de carro, mas a cavalo e também acompanhados por um criado. Kirílov, que montava a cavalo pela primeira vez em sua vida, mantinha-se na sela, muito rígido e com muita arrogância. Na mão direita trazia a pesada caixa das pistolas que não quisera confiar ao criado e, com a esquerda, manobrava tão desajeitadamente puxando as rédeas do cavalo que este, sacudindo a cabeça, tentava empinar-se, o que não causava medo nenhum ao cavaleiro. O desconfiado e susceptível Gagânov considerou

como nova ofensa a chegada a cavalo de seus adversários. Não estavam estes persuadidos de antemão do feliz resultado do duelo, já que não tinham achado necessário trazer uma carruagem para o transporte eventual do ferido? Lívido de cólera, com as mãos trêmulas, ao fazer tal observação a seu padrinho, Gagânov desceu da carruagem e voltou as costas a Stavróguin, sem responder ao seu cumprimento. As testemunhas tiraram a sorte e esta designou as pistolas de Kirílov. Estabelecida a barreira, marcou-se o lugar dos adversários e carro, cavalos e criados foram afastados para uma distância de trezentos passos do local. Carregaram-se as armas e entregaram-nas aos adversários.

É lamentável que tenhamos de precipitar a narrativa sem ter tempo de nos determos nos pormenores. No entanto, certas observações não poderiam ser silenciadas. Mavríki Nikoláievitch estava triste e preocupado. Kirílov, pelo contrário, estava completamente calmo e indiferente; executava pontualmente as funções que assumira, mas sem a menor preocupação e como se estivesse pouco curioso do resultado iminente e fatal daquele caso. Stavróguin, um pouco mais pálido que de costume, trajava roupa leve: trazia um sobretudo e um chapéu de castor branco. Parecia muito fatigado, franzia de tanto em tanto as sobrancelhas, achando evidentemente inútil ocultar seu mau humor. Mas de todos o mais interessante de observar naquele momento era Artíomi Pávlovitch; de modo que me vejo na obrigação de dizer algumas palavras muito especialmente a seu respeito.

## *II*

Até agora não tivemos ocasião de descrever seu aspecto exterior. Artíomi Pávlovitch era um homem de elevada estatura, de tez branca, bem “nutrido”, como se diz entre o povo, e mais gordo que magro, com cabelos louros bastante raros. Podia ter cerca de trinta e três anos. Os traços do rosto eram até agradáveis. Reformara-se no posto de coronel; se tivesse chegado ao de general, teria tido o aspecto mais imponente e teria sido provavelmente um bom general no campo de batalha.

Para conhecimento de seu caráter, não é inútil notar que o

principal motivo que o havia determinado a reformar-se era a lembrança lancinante da vergonha infligida à sua família: a ofensa feita a seu pai por Nikolai Stavróguin, em nosso clube, quatro anos antes. Considerava em consciência que teria sido desonesto permanecer no Exército e que sua presença desonrava o regimento e seus camaradas, muito embora nenhum deles tivesse tido conhecimento daquele incidente. É verdade que outrora, bem antes do insulto de Stavróguin, ja tivera intenção de reformar-se e por uma razão bem diversa, mas não se havia ainda decidido a fazê-lo. Por estranho que isto possa parecer, o que o havia a princípio incitado a deixar o Exército, foi o manifesto de 19 de fevereiro, decretando a abolição da servidão. Por causa desse manifesto, Gagânov, um dos mais ricos proprietários de terras de nossa província, não perdia tudo em definitivo; e além do mais, era capaz de compreender o caráter humanitário e as vantagens econômicas daquela reforma, — não obstante, ressentiu-se com a publicação do manifesto, como se fosse aquilo uma espécie de injúria pessoal. Era nele apenas uma espécie de sentimento inconsciente, tanto mais forte quanto não se dava dele conta. Até a morte de seu pai, não pudera decidir-se a empreender qualquer coisa de decisivo, mas em consequência de suas ideias de "gentil-homem", era bastante conhecido em Petersburgo de certo número de personalidades destacadas, com as quais mantinha relações constantes. Era, aliás, homem de grande reserva e muito fechado. Notemos também este traço: pertencia àquela categoria de gentis-homens que se encontra ainda na Rússia, muito ciosos da antiguidade e da pureza de sua raça, à qual dedicam um interesse exagerado. Ao mesmo tempo, não podia tolerar a história russa, detestava-a e todos os usos e costumes do país lhe pareciam uma suja pilhéria. Desde sua primeira juventude, quando se encontrava naquela escola militar especial, exclusivamente reservada aos jovens da nobreza e abastados, onde teve a honra de ser educado, manifestara certas disposições poéticas; gostava dos castelos fortes e dos burgos, da vida da Idade Média e da cavalaria. Já naquela época, teria de boa vontade chorado de vergonha ao pensar que o czar do antigo império moscovita podia infligir aos boiardos russos castigos corporais e corava ao estabelecer uma comparação a esse respeito. Esse homem rígido, de aparência tão severa, que conhecia tão bem suas funções e as executava com tanta consciência, era, no íntimo de sua alma, um sonhador. Afirmava-se

que poderia ter sido um orador público e que possuía o dom da eloquência; no entanto, havia trinta e três anos se calava e, na alta sociedade que frequentava em Petersburgo, durante os últimos tempos, comportara-se duma maneira extremamente arrogante. Seu encontro, em Petersburgo, com Stavróguin, que acabava de voltar do estrangeiro, esteve a ponto de fazê-lo enlouquecer. No momento presente, de pé na barreira, dominava-o terrível inquietação. Parecia-lhe sem cessar que o duelo não se realizaria e a mais leve demora fazia-o fremir. Uma expressão dolorosa pintou-se em seu rosto, quando Kirílov, em lugar de dar o sinal do combate, tomou de repente a palavra, formalmente apenas é verdade, como ele próprio o confessou:

— Falo apenas para cumprir uma formalidade; agora que as pistolas estão em mão e que se vai dar o sinal, uma derradeira vez: não quereis reconciliar-vos? Tal é o meu dever de testemunha — acrescentou.

Como que expressamente, Mavríki Nikoláievitch, que até então não dissera palavra, mas que desde a véspera censurava a si mesmo amargamente sua moleza e sua condescendência, apoiou logo a proposta de Kirílov e disse:

— Associo-me completamente às palavras de Kirílov. A ideia de que não é mais possível uma reconciliação no terreno é um preconceito bom para os franceses. Aliás, não vejo aqui ofensa, digam os senhores o que quiserem, eis o que queria dizer-lhes desde muito tempo… e depois, não foram apresentadas todas as desculpas possíveis?

Ao dizer isto, ficara todo vermelho. Acontecia-lhe raramente falar assim tanto tempo e com tal agitação.

— Repito que estou pronto a apresentar todas as desculpas possíveis — declarou Nikolai Vsiévolodovitch com a mais viva solicitude.

— Como seria possível? — exclamou Gagânov, voltando-se para Mavríki Nikoláievitch e batendo com o pé, de raiva. — Explique afinal a esse homem, se é meu padrinho e não meu inimigo — apontara a

pistola na direção de Stavróguin, — que semelhantes concessões só fazem agravar a ofensa. Não considera como coisa possível sentir-se ofendido por mim… Não considera uma vergonha recuar diante de mim no terreno. Por quem, pois, me toma ele após isto, sob seus olhos? E o senhor é ainda por cima minha testemunha! O senhor procura irritar-me, a fim de que eu erre o alvo. — Bateu de novo com o pé; seus lábios espumavam.

— As tratativas estão encerradas. Rogo-vos que obedeçais ao meu comando — gritou Kirílov com todas as forças: — Um! dois! três! À palavra "três", os adversários dirigiram-se um para o outro; Gagânov levantou logo sua pistola no ar e, ao quinto ou sexto passo, atirou. Durante um segundo se deteve, depois, convencido de haver errado o alvo, marchou rapidamente para a barreira. Stavróguin avançou também, ergueu sua pistola, mas bastante alto, ao que parecia, e atirou quase sem visar. Em seguida pegou seu lenço e enrolou com ele seu dedo mínimo da mão direita. Então somente se percebeu que Artíomi Gagânov não havia errado inteiramente o alvo, mas a bala havia apenas roçado o dedo, escorregando pela parte mole das carnes sem atingir o osso. Kirílov declarou logo que se os adversários não se davam por satisfeitos o duelo continuaria.

— Declaro — roquejou Gagânov (estava com a garganta completamente seca) — novamente a Mavríki Nikoláievitch que esse homem — e designou desta vez ainda Stavróguin com o cano de sua pistola — atirou para o ar de propósito… É uma nova injúria. Quer tornar o duelo impossível.

— Tenho o direito de atirar como me agradar, contanto que me conforme com as regras — declarou em tom firme Nikolai Vsiévolodovitch.

— Não, não tem ele o direito! Explique-lhe, explique-lhe! — exclamou Gagânov.

— Partilho inteiramente do ponto de vista de Nikolai Vsiévolodovitch — proclamou Kirílov.

— Mas por que me poupa ele? — dizia Gagânov, colérico, sem escutar. — Desprezo sua clemência Cuspo nela… Eu…

— Dou-lhe minha palavra de que não quis absolutamente feri-lo — replicou Nikolai Vsiévolodovitch, não sem alguma impaciência. — Atirei para o ar porque não quero mais matar ninguém, nem ao senhor, nem a ninguém mais. Isto não lhe diz respeito. É bem verdade que não me considero ofendido e lamento que isto o irrite. Mas não autorizarei ninguém a imiscuir-se naquilo que é meu direito.

— Se tem ele tal medo de sangue, pergunte-lhe então por que me provocou… — berrou Gagânov, dirigindo-se sempre a Mavríki Nikoláievitch.

— Como se podia deixar de provocá-lo? — interveio Kirílov. — O senhor nada queria ouvir. Como teria ele podido desembaraçar-se do senhor?

— Gostaria apenas de assinalar — disse Mavríki Nikoláievitch com esforço, tanto a coisa era desagradável, — que se um dos adversários declara de antemão que atirará para o ar, o duelo, por este fato, não pode continuar… em virtude de razões delicadas… mas bastante claras.

— Não declarei absolutamente que atiraria todas as vezes para o ar — exclamou Stavróguin, já impaciente. — O senhor não pode saber o que tenho em mente e como atirarei desta vez… De nenhuma maneira impeço o duelo.

— Se é assim — concluiu Mavríki Nikoláievitch, voltando-se para Gagânov, — o duelo pode continuar.

— A vossos lugares, senhores — ordenou Kirílov.

De novo os adversários retomaram suas posições, de novo Gagânov errou o alvo e Stavróguin atirou para o ar. Mas esses tiros no ar eram duvidosos e podiam dar azo a discussões: Stavróguin teria muito bem podido afirmar que visara a Gagânov devidamente, se não tivesse revelado antes suas verdadeiras intenções. Com efeito, não apontara diretamente a arma para o céu ou para o cimo de uma árvore, mas antes como se visasse seu adversário, embora, na realidade, atirasse cerca de um archin acima do chapéu deste último. Desta segunda vez, havia mesmo visado um pouco mais baixo, de

sorte que era ainda mais difícil pôr em dúvida sua boa vontade; mas era impossível naquele momento dissuadir Gagânov.

— Outra vez! — exclamou ele, rangendo os dentes. — Pouco importa! Fui provocado, usarei de meu direito até o fim. Quero atirar uma terceira vez… a todo custo…

— O senhor tem pleno direito — declarou Kirílov, para abreviar a conversa.

Mavríki Nikoláievitch não disse nada. Pela terceira vez, puseram-se em posição; pela terceira vez, foi dado o sinal. Desta vez, Gagânov avançou até a barreira e dali, isto é, a doze passos, começou a visar.

Suas mãos tremiam demasiado para que pudesse atirar certo. Nikolai Vsiévolodovitch, com a pistola abaixada, esperava, impassível, o tiro de seu adversário.

— Tempo demais para visar, tempo demais! — gritou com veemência Kirílov. — Atire, atire, pois!

A detonação repercutiu. Desta vez, o chapéu de castor branco de Nikolai Vsiévolodovitch rolou no chão. O tiro quase acertara; a copa do chapéu foi atravessada bastante baixo; um centímetro menos de altura e era uma vez Stavróguin. Kirílov apanhou o chapéu e estendeu-o a Stavróguin.

— Atire, não faça seu adversário esperar — gritou Mavríki Nikoláievitch, dominado por extrema agitação, vendo que Stavróguin examinava seu chapéu com Kirílov e parecia ter-se esquecido de que tinha ainda de atirar.

Stavróguin estremeceu, lançou um olhar a Gagânov, voltou-se e, desta vez, sem nenhuma consideração para com ele, atirou muito simplesmente na direção da floresta. O duelo estava terminado. Gagânov permanecia como que aterrorizado. Mavríki Nikoláievitch dirigiu-se para ele e lhe disse algumas palavras que ele pareceu não compreender. Kirílov, ao partir, tirou seu chapéu e fez um aceno com a cabeça a Mavríki Nikoláievitch. Quanto a Stavróguin, afastou-se de sua habitual cortesia; depois de ter atirado na direção do bosque,

entregou sua pistola a Kirílov e, sem mesmo se voltar para o lado da barreira, dirigiu-se rapidamente para o local onde se achavam os cavalos. Sua fisionomia exprimia cólera; mantinha-se calado. Kirílov também conservava-se silencioso. Montaram a cavalo e partiram a galope.

*III*

— Por que se cala? — gritou ele, com impaciência, para Kirílov, um pouco antes de atingirem a casa.

— E o senhor, que quer? — respondeu este, a ponto de cair de seu cavalo que se havia empinado.

Stavróguin conteve-se.

— Não queria ofender aquele imbecil e no entanto… foi o que fiz uma vez mais — disse com calma.

— Sim, o senhor ofendeu-o mais uma vez — replicou Kirílov… — Além disso, não se trata de um imbecil…

— No entanto, fiz tudo quanto pude.

— Não.

— Que teria devido fazer ainda?

— Não provocá-lo a duelo.

— E suportar ainda que me esbofeteiem.

— Sim, suportar ainda que o esbofeteiem.

— Começo a não compreender mais nada — replicou, com cólera, Stavróguin. — Por que esperam de mim o que não se espera de nenhum outro? Por que devo eu suportar o que ninguém suporta e carregar nos meus ombros um fardo que ninguém poderia carregar?

— Pensava que o senhor procurava esse fardo.

— Sim.

— O senhor… o senhor deu-se conta disso?

— Sim.

— É coisa que dê na vista?

— Sim.

Calaram-se. Stavróguin tinha o ar preocupado, quase abatido.

— Se não atirei nele, foi simplesmente porque não queria matá-lo, asseguro-lhe — disse ele, com uma precipitação inquieta, como para justificar-se.

— Não era preciso ofendê-lo.

— Que devia fazer então?

— Devia matá-lo.

— Lamenta que eu não o tenha matado?

— Não lamento nada; pensava que o senhor queria verdadeiramente matá-lo. O senhor mesmo não sabe o que procura.

— Procuro um fardo — disse, rindo, Stavróguin.

— Já que não queria derramar sangue, por que lhe forneceu a ocasião de matar?

— Se eu não o tivesse provocado, ele me teria matado mesmo sem duelo.

— O problema não é seu. Talvez ele não o tivesse matado.

— Teria me batido, apenas?

— O problema não é seu. Carregue seu fardo. De outro modo, não há mérito.

— Cuspo no seu mérito! Não o procuro junto de ninguém.

— E eu pensava que o senhor o procurava — disse Kirílov, com

um sangue-frio espantoso.

Penetraram no pátio da casa.

— Quer entrar em minha casa? — propôs Stavróguin.

— Não, volto para minha casa. Adeus!

Kirílov desceu do cavalo e pôs debaixo do braço o estojo das pistolas.

— Pelo menos suponho que não esteja zangado comigo — disse Stavróguin, estendendo-lhe a mão.

— Absolutamente — respondeu Kirílov, voltando atrás para apertar-lhe a mão. — Meu fardo é leve, é um dom da natureza; se o seu é mais pesado é talvez também por causa de sua natureza. Não há motivo para sentir muita vergonha por causa disso, um pouco somente…

— Sei que sou de um caráter insignificante, mas não tenho a pretensão de parecer forte.

— E faz muito bem, porque o senhor não é forte. Venha tomar chá em minha casa.

Nikolai Vsiévolodovitch entrou em sua casa bastante perturbado.

## *IV*

Soube imediatamente por Alieksiéi Iegórovitch que Varvara Pietrovna, toda satisfeita por causa do passeio a cavalo de seu filho — o primeiro, após oito dias de doença — dera ordem de atrelar sua carruagem e partira como outrora, sozinha, “para respirar um pouco o ar fresco, porque desde oito dias tinha esquecido o que era respirar o ar fresco”.

— Saiu só ou com Dária Pávlovna? — interrompeu bruscamente Nikolai Vsiévolodovitch, que fechou a cara ao saber que “Daria Pávlovna, sentindo-se indisposta, recusara-se a acompanhar Varvara Pietrovna, e se encontrava no momento em seu quarto”.

— Escuta, meu velho — disse Stavróguin, como se acabasse de tomar uma resolução súbita, — vigia o dia inteiro e se perceberes que ela vem a meus aposentos, trata de impedi-la e diz-lhe que não posso recebê-la, nestes dias pelo menos, que sou eu que lhe peço… que eu mesmo a chamarei quando chegar o momento, entendes-me?

— Eu direi a ela — respondeu com voz angustiada Alieksiéi Iegórovitch, baixando os olhos.

— Mas não antes de estares seguro de que ela quer ir aos meus aposentos.

— Fique tranquilo. Não haverá engano. Foi graças a mim que as visitas precedentes puderam realizar-se; ela sempre se dirigiu a mim.

— Sei disso. Em todo caso, não antes que ela venha. E agora, me traz chá, se houver, e o mais depressa possível.

Mal o velho saíra do quarto, a porta pela qual acabava ele de sair tornou a abrir-se e Daria Pávlovna apareceu na soleira. Seu olhar estava tranquilo, mas seu rosto pálido.

— Donde vem? — perguntou Stavróguin.

— Estava aqui, diante da porta e esperava que ele saísse para vir

ter com você. Ouvi as ordens que lhe deu. Quando ele saiu, escondi-me em um canto e ele não me viu.

— Há muito tempo que queria romper com você, Dacha, enquanto… é tempo ainda. Não pude recebê-la a noite passada, apesar de sua carta. Queria escrever-lhe, mas não gosto de correspondência — acrescentou com despeito, quase com aversão.

— Eu, também. Pensei que era preciso romper. Varvara Pietrovna suspeita por demais de nossas relações.

— Pois bem, que suspeite!

— Não, não se deve inquietá-la. De modo que será assim agora até o fim?

— Você continua acreditando que haverá necessariamente um fim.

— Estou certa disso.

— Neste mundo, nada acaba.

— Aqui, haverá um fim. Então, chame-me, virei. Agora, adeus.

— E qual será esse fim? — sorriu ironicamente Stavróguin.

— Você não está ferido e tampouco não derramou sangue? — perguntou ela, sem responder à pergunta que lhe foi feita.

— Isto se passou estupidamente. Não matei ninguém, tranquilize-se. Aliás, hoje mesmo, você ouvirá todos os detalhes da boca de todos. Não me sinto muito bem.

— Vou-me embora. O casamento não será tornado público hoje? — acrescentou ela, com alguma hesitação.

— Nem hoje, nem amanhã, nem depois de amanhã… quem sabe não estaremos todos mortos talvez?… e tanto melhor seria isto… Mas deixe-me, deixe-me afinal…

— Você não perderá a outra… a demente…

— Não perderei nenhuma demente, nem uma, nem outra, mas creio que perderei aquela que está em seu bom juízo. Sou tão covarde, tão mau, Dacha, que talvez, com efeito, venha a chamá-la “no fim dos fins”, como diz você, e você, a despeito de todo o seu juízo, acorrerá. Por que você mesma se perde?

— Sei que afinal de contas ficarei sozinha com você e… espero isso.

— E se, no fim dos fins, eu não a chamar, se fugir?

— Isto é impossível, você me chamará.

— Há nesse fato muito desprezo por mim?

— Você sabe que não há somente desprezo por você.

— Mas então isto quer dizer que há mesmo desprezo?

— Não me exprimi bem. Deus é testemunha de que desejo de todo coração que você jamais tenha necessidade de mim.

— Esta frase vale a outra. Eu também quereria não perdê-la.

— Jamais e de nenhuma maneira você poderia me perder, sabe melhor que ninguém — replicou com firmeza e vivacidade Dária Pávlovna. — Se não vier ficar com você, serei irmã de caridade, enfermeira. Ou então irei como mascate vender Evangelhos. Estou bem decidida a isso. Não posso resignar-me a casar-me pobremente, não posso viver tampouco em casas como esta. Não é o que quero… Você sabe de tudo.

— Não, jamais pude compreender o que você queria. Parece-me que você se interessa por mim um pouco à maneira de certas velhas enfermeiras, que, não se sabe por que, se afeiçoam por um de seus doentes, ou antes à maneira de certas velhinhas que andam sempre rondando os enterros e preferem certos cadáveres a outros. Por que me olha com ar tão estranho?

— Está doente? — perguntou ela, com compaixão, olhando-o fixamente. — Meu Deus! e esse homem quereria passar sem mim!

— Escute, Dacha, agora, só vivo tendo aparições. Esta noite, na ponte, um diabinho se ofereceu para matar Liebiádkin e Maria Timofiéievna, a fim de acabar com meu casamento legítimo e sem deixar rastro. Pediu-me apenas três rublos por conta, mas deu-me claramente a entender que a operação completa ficaria pelo menos por mil e quinhentos rublos. É um diabo que sabe fazer suas contas! Um famoso contador, ah! ah!

— Mas está bem certo de que era apenas um fantasma?

— Oh! não! que fantasma que nada! Era bem simplesmente Fiedka, o forçado, um bandido evadido do presídio. Mas não é disto que se trata. Que você acha que fiz? Atirei-lhe todo o dinheiro que tinha no meu porta-moedas e agora está ele persuadido de que seja um adiantamento que lhe fiz.

— Você encontrou-o esta noite e ele lhe fez tal proposta? Mas será que você não vê que já está completamente preso nos fios de sua rede?

— Pois bem, que seja assim. Mas você sabe, há uma pergunta que arde em seus lábios e que leio em seus olhos — acrescentou ele com um sorriso mau e irritado.

Dacha teve medo.

— Não há pergunta nenhuma, nem nenhuma dúvida. Cale-se — exclamou ela, angustiada, como se tivesse querido evitar uma pergunta.

— Quer dizer que está segura de que não fecharei o trato com Fiedka?

— Oh! meu Deus! — implorou ela, juntando as mãos, — por que me martiriza você assim?

— Vamos, perdoe-me esta estúpida brincadeira. Deve-se crer que contraí os maus costumes dele. Sabe você? Desde a noite de ontem, tenho uma vontade louca de rir, rir sem parar, às gargalhadas. Estou ainda oprimido pelo riso… Psiu! mamãe chegou, ouço o barulho de

sua carruagem diante do patamar.

Dacha pegou-o pelo braço.

— Que Deus o proteja contra seu demônio! Chame-me, então, chame-me sem demora.

— Oh! meu demônio! Não passa de um diabinho sórdido, escrofuloso, encatarrado, um diabo fracassado. E você, Dacha, continua não ousando dizer alguma coisa?

Ela olhou-o com um ar de sofrimento e de censura e dirigiu-se para a porta.

— Escute — gritou-lhe ele, com um sorriso mau, um sorriso oblíquo. — Se… pois bem… eis aqui, em uma palavra, se… você já compreende, se mesmo fosse eu ter com Fiedka, em sua barraca… e em seguida lhe chamasse… será que você viria, ainda assim… mesmo depois de ter eu ido à barraca?

Ela saiu sem se voltar e sem responder, com o rosto oculto nas mãos.

— Ela voltará… mesmo depois da barraca — murmurou ele, após um minuto de reflexão e seu rosto tomou uma expressão de desgosto. — Uma enfermeira… hum… talvez seja disso que necessito!…

## Capítulo IV / Todos na expectativa

### *I*

A impressão causada em toda a nossa sociedade pela história do duelo, que não tardara a espalhar-se, foi caracterizada sobretudo pela unanimidade com que se apressou em tomar partido por Nikolai Vsiévolodovitch. Numerosos de seus antigos inimigos declararam-se seus amigos. A causa principal duma reviravolta tão imprevista da opinião pública era obra de uma pessoa que, até então, se mantinha em reserva, mas que, agora, duma maneira muito clara, pronunciara algumas palavras que deram logo àquele acontecimento uma

significação extremamente interessante para a maior parte das pessoas. Eis como isto ocorreu: no dia seguinte ao duelo, toda a cidade se encontrava reunida em casa da mulher do marechal da nobreza, cujo aniversário se celebrava. Iúlia Mikháilovna estava presente, ou antes presidia, acompanhada de Elisavieta Nikoláievna, resplendente duma beleza e duma alegria insólitas, o que, desde o começo, pareceu bastante suspeito a muitas de nossas damas. Devo mencionar a este propósito, que seu noivado com Mavríki Nikoláievitch era coisa decidida. A uma pergunta jovial de um general reformado, homem importante do qual falarei mais adiante, Elisavieta Nikoláievna respondeu com franqueza, naquela noite, que estava noiva. De modo que podeis bem pensar que nenhuma daquelas damas quis acreditar no caso. Todas persistiam em dar crédito a não sei qual romance, uma história de segredo fatal de família, que se teria passado na Suíça, e à qual estaria Iúlia Mikháilovna entrelaçada, não se sabe como. Seria difícil dizer por que esses boatos, ou antes essas invenções, tinham logrado tanto crédito, e por que Iúlia Mikháilovna nelas estivesse metida. Assim que ela entrou, todos se voltaram para ela, com estranhos olhares brilhantes de curiosidade. É bom observar que naquele sarau, em razão do pouco tempo que nos separava do acontecimento e de certas circunstâncias que o tinham acompanhado, as pessoas dele falavam com circunspecção e em voz baixa. Além disso, ignorava-se ainda a linha de conduta adotada pelas autoridades. Quando muito sabia-se que nenhum dos combatentes fora até ali inquietado pela polícia. Ninguém ignorava, por exemplo, que Gagânov partira de sua casa de manhã bem cedo para Dúchov, sem ter sido impedido de fazê-lo. Na expectativa, é claro que toda a gente estava impaciente de encontrar aquele que por primeiro falasse em voz alta daquele mistério e abrisse assim a porta à impaciência geral. Todas as esperanças repousavam no general mencionado acima, que não decepcionou.

Esse general, um dos personagens mais representativos de nosso clube, era um fidalgo provinciano, de muito pouca fortuna, mas homem de um modo de pensar originalíssimo. Lançava galanterias passadas de moda às senhoritas. Comprazia-se especialmente, nas grandes reuniões, em falar alto e claro, e com toda a autoridade de um general, a respeito de assuntos aos quais as outras pessoas não faziam

ainda senão discretas alusões. Era essa, na verdade, sua função especial na sociedade local. Falava, além disso, duma maneira arrastada, com um tom melífluo, hábito que havia provavelmente adquirido com russos que viajaram pelo estrangeiro ou com aqueles ricos proprietários de bens de raiz de outrora que mais haviam sofrido com a emancipação dos camponeses. Stiepan Trofímovitch observou um dia que quanto mais arruinado estava um proprietário, mais rolava os erres com compunção, pronunciando arrastadamente as palavras. Ele próprio, aliás, rolava os erres e falava duma maneira arrastada, mas sem se dar conta de que partilhava desse defeito.

O general falava como homem competente. Parente longe de Gagânov, embora estivesse brigado com ele e até mesmo processando-o, tivera outrora dois duelos e por causa de um deles fora rebaixado a soldado raso e enviado para o Cáucaso. Alguém fez menção do fato de ter Varvara Pietrovna, depois de haver ficado de cama dois dias, saído na véspera e no dia precedente; a alusão, aliás, não se dirigia diretamente a ela, mas à maravilhosa junta de seus quatro cavalos cinzentos, provenientes da coudelaria dos Stavróguini. O general observou de súbito que encontrara, naquele dia, “o jovem Stavróguin” a cavalo. Logo todos se calaram. O general lambeu os lábios e de repente proferiu, girando entre seus dedos a tabaqueira de ouro que lhe fora oferecida como presente:

— Lamento não me ter encontrado aqui há alguns anos… quero dizer que me encontrava então em Carlsbad… Hum! Tenho muito interesse por esse rapaz, a respeito do qual corriam então muitas histórias. Hum! Vejamos: é verdade que ele seja louco? Alguém disse isso na ocasião. Contaram-me que foi insultado por um estudante, aqui, na presença de suas primas, e que escapou, metendo-se debaixo da mesa. Pois bem, soube por Stiepan Vierkhoviénski que Stavróguin se bateu com esse… Gagânov. E isto com o objetivo cavalheiresco de se oferecer como alvo a um maluco, unicamente para se ver livre dele. Hum! Totalmente no estilo dos guardas de 1820. Frequenta aqui alguma casa?

O general se calou como à espera de uma resposta. Abrira a porta à impaciência pública.

— Nada de mais natural! — exclamou Iúlia Mikháilovna, elevando a voz, porque estava irritada por sentir todos os olhares voltados para ela, como se tivesse obedecido a uma palavra de ordem. — Pode-se achar espantoso que Stavróguin haja-se batido com Gagânov e não se tenha importado com o estudante? Não podia medir-se com um homem que fora seu servo!

Frase notável, na verdade. Era aquela uma ideia bem clara e bem simples. E contudo não surgira ainda no espírito de ninguém. Aquela frase iria ter extraordinárias consequências. Todo o escândalo, todos os mexericos, todas as mesquinhas comadrices passavam a segundo plano; tinha-se outra explicação. Novo personagem acabava de revelar-se, a respeito do qual houvera engano; uma figura cujos traços apareciam com uma idealidade quase austera. Mortalmente ofendido por um estudante que era um homem bem educado, desde muito tempo emancipado da servidão, desprezava a afronta porque seu agressor fora outrora um servo. O mundo falava mal dele e submetia-o a todos os mexericos; gente de espírito estreito tratava com desprezo um homem que fora esbofeteado. Mas ele desprezava a opinião duma sociedade que não se havia elevado ainda até a concepção real das coisas, muito embora se discutisse bastante a respeito.

— A propósito, Ivan Alieksándrovitch, se você e eu nos sentássemos um pouco para conversar sobre as coisas tais como devem ser — disse um velho sócio do clube a seu vizinho, com um tom de bonomia complacente.

— Sim, Piotr Mikháilovitch, sim — aquiesceu o outro com satisfação, — falemos um pouco da nova geração!

— Mas não se trata da nova geração, Ivan Alieksándrovitch — observou um terceiro, metendo-se na conversa. — Não se trata da nova geração; é um astro e não um produto qualquer da jovem geração; eis como se deve considerar a coisa…

— E são justamente os homens dessa espécie que nos faltam; são preciosos.

O que ressaltava sobretudo de tudo isso, — é que o “homem novo” não somente acabava de revelar-se um gentil-homem

irreprochável, mas era também o mais rico proprietário da província, e por consequência susceptível de tornar-se um homem de destaque e útil. Já tive ocasião de lembrar, de passagem, a mentalidade de nossos proprietários rurais.

A conversação iria aventurar-se mais longe.

– Não somente se absteve de medir-se com o estudante, cruzou suas mãos atrás das costas, notem bem esta particularidade, excelência — sublinhou alguém.

— E não o arrastou à presença dos novos tribunais — acrescentou outro.

— Sem contar que por causa de um insulto feito à pessoa de um gentil-homem, ele teria obtido muito bem dos novos tribunais quinze rublos de multa. Ih! ih! ih!

— Não! Preciso confiar-lhe um segredo a respeito dos novos tribunais — gritou um terceiro, em meio da superexcitação geral. — Quando um indivíduo vem a ser acusado de roubo ou de trapaça, o que tem de melhor a fazer é correr à sua casa, enquanto é tempo ainda, e assassinar sua mãe. Será absolvido de todos os seus crimes ao mesmo tempo; e as damas da tribuna agitarão seus lenços de cambraia. É absolutamente verdadeiro!…

— É verdade! É verdade!

As anedotas continuavam. Foram lembradas as relações de Nikolai Vsiévolodovitch com o Conde K***. A atitude hostil e a independência exibidas pelo Conde K*** para com as reformas recentes eram bem conhecidas. Conhecia-se também sua notável atividade pública, que todavia se tornara um pouco lenta nos últimos tempos. E eis que, de súbito, cada qual afirmava, duma maneira positiva, que Nikolai Vsiévolodovitch estava noivo de uma das filhas do conde, se bem que nada tivesse fornecido matéria para semelhante suposição. Quanto às maravilhosas aventuras de Elisavieta Nikoláievna na Suíça, as damas cessaram até mesmo de falar. Devemos mencionar a este propósito que as Drózdovas vinham precisamente de terminar todas as visitas que haviam adiado até

então. Agora, cada qual considerava sinceramente Elisavieta Nikoláievna como uma moça completamente comum, que se fingia de pessoa de nervos delicados. Seu desmaio, no dia da chegada de Nikolai Vsiévolodovitch, era atribuído muito simplesmente ao medo que lhe inspirara a conduta abominável do estudante. Chegava-se mesmo ao ponto de exagerar o caráter prosaico dos fatos que outrora se fazia esforço em pintar com cores fantásticas. Quanto à coxa, não se falou mais dela; semelhante lembrança era até incômoda. “Ainda que houvesse cem coxas! Quem é que não foi jovem?” Insistia-se a respeito dos sentimentos respeitosos de Nikolai Vsiévolodovitch para com sua mãe. Havia quem se engenhasse em encontrar nele diversas virtudes. Falava-se, em tom aprovador, dos conhecimentos que ele adquirira, no curso dos quatro anos passados nas universidades alemãs. A conduta de Gagánov era julgada, em compensação, de uma falta de tato absoluta: “sem nenhum discernimento entre o que era bem e o que era mal”. Mas compraziam-se em reconhecer definitivamente a profunda sagacidade de Iúlia Mikháilovna.

Assim, quando Nikolai Vsiévolodovitch apareceu por fim na sociedade, cada qual o acolheu com o ar mais ingenuamente sério e em todos os olhares pregados nele lia-se ardente curiosidade. Nikolai Vsiévolodovitch encerrou-se logo no mutismo mais completo, o que, naturalmente, mais satisfez a todos do que o teria feito um fluxo abundante de palavras. Numa palavra: tudo lhe foi bem sucedido. Era o homem do dia. Na província, desde o instante em que se compareceu na sociedade, não é mais possível manter-se de parte. Nikolai Vsiévolodovitch pôs-se, portanto, a cumprir todas as suas obrigações sociais tão pontualmente como dantes. Decerto, não achavam que ele fosse alegre. “É um homem que tem sofrido; um homem que não é como os outros; há motivos bastantes para preocupações.” Seu orgulho mesmo e aquela atitude altiva e distante que lhe haviam valido tantas antipatias, quatro anos antes, não deixavam agora de ser apreciados e respeitados.

A mais radiante de todos era Varvara Pietrovna. Não posso afirmar se ficou ela profundamente atingida pelo desabamento de seus sonhos referentes a Elisavieta Nikoláievna. O orgulho de família ajudou-a, evidentemente, a consolar-se. Coisa estranha: Varvara

Pietrovna acreditou de repente firmemente que Nikolai Vsiévolodovitch havia na realidade “feito sua escolha” na família do Conde K***. E o mais curioso de tudo é que também ela fora levada a esta convicção por boatos que lhe haviam chegado aos ouvidos. Não ousava interrogar diretamente Nikolai Vsiévolodovitch. Duas ou três vezes, entretanto, não pode impedir-se de censurar-lhe, com um ar ao mesmo tempo hábil e alegre, que não fosse mais tão franco com ela. Nikolai Vsiévolodovitch sorriu e ficou silencioso. Seu silêncio foi tomado como um sinal de assentimento. E entretanto, com tudo isso, não esquecia ela jamais “a coxa”. Este pensamento pesava-lhe no coração como uma pedra; era seu pesadelo; torturavam-na pressentimentos e suposições estranhos, ainda mesmo quando pensava nas filhas do Conde K***. Mas de tudo isto falaremos mais adiante. Naturalmente, Varvara Pietrovna voltou a ser objeto de todas as solicitudes da parte da sociedade, mas não tirava proveito dessa vantagem e saía muito raramente.

Fez, todavia, uma visita de cerimônia à mulher do Governador. É evidente que ninguém ficou mais encantado, nem mais arrebatado do que ela, ao saber do que Iúlia Mikháilovna dissera no sarau dado em casa da marechala da nobreza. Suas palavras aliviaram seu coração de um grande peso e adoçaram bastante o mal-estar de que sofria desde aquele mal-aventurado domingo. “Eu não compreendia essa mulher”, declarou ela; e, com sua impulsividade de costume, confessou francamente a Iúlia Mikháilovna que viera para agradecer-lhe. Iúlia Mikháilovna ficou lisonjeada, mas conservou uma atitude digna. Começava então a tomar completamente consciência de sua importância, talvez duma maneira exagerada. Anunciou, por exemplo, no curso da conversa, que jamais ouvira falar de Stiepan Trofímovitch, como homem atuante e sábio.

— Recebo, sem dúvida, o jovem Vierkhoviénski e tenho-o em grande conta. É estouvado, mas é a juventude que assim o requer. E depois tem uma instrução sólida. Não é pelo menos um crítico fora de moda e antiquado; bem longe disso.

Varvara Pietrovna apressou-se em fazer notar que Stiepan Trofímovitch jamais fora crítico, mas, pelo contrário, passara toda a sua vida em casa dela. Tornara-se célebre pelas peripécias do começo

de sua carreira “que eram conhecidíssimas de toda gente”, e, mais recentemente, pelas suas pesquisas sobre a história da Espanha. Tinha agora a intenção de escrever uma obra sobre as universidades alemãs modernas e escrever também alguma coisa, cria ela, a respeito da Madona de Dresden. Em uma palavra, Varvara Pietrovna recusava-se a abandonar Stiepan Trofímovitch a Iúlia Mikháilovna.

— A Madona de Dresden? Refere-se à Madona da Sistina? *Chère* Varvara Pietrovna, fiquei duas horas diante desse quadro e parti completamente desiludida. Nada compreendi dele e fiquei verdadeiramente aturdida. Karmázinov, aliás, declara que é uma obra muito difícil de compreender. Hoje não se encontra mais nada de admirável nela. Os russos estão de acordo neste ponto com os ingleses. Todo o seu renome não é mais que uma recordação da antiga geração.

— É uma nova moda, então?

— Creio que não devemos mostrar-nos desdenhosos para com a nossa gente moça. Gritam do alto dos telhados que são comunistas, mas, na minha opinião, devemos testemunhar simpatia pelos jovens e não acabrunhá-los. Presentemente, leio tudo quanto se escreveu nos jornais sobre o comunismo bem como sobre as ciências naturais, interesso-me por tudo, porque em suma é bem preciso que se saiba onde se vive e com quem se tem de tratar. Não se pode passar a vida inteira nas alturas apenas de sua própria fantasia. Cheguei a esta conclusão e faço dela minha regra de vida: devemos mostrar-nos amáveis para com os jovens, a fim de detê-los à beira do abismo. Acredite, Varvara Pietrovna, somos nós somente, os da sociedade, que, graças à nossa salutar influência e sobretudo à nossa amabilidade, podemos retê-los à beira do abismo em que os precipita a intolerância de todos esses velhos gaiteiros. Em todo caso, fico satisfeita por a senhora não ter dado sua opinião a respeito de Stiepan Trofímovitch. Acaba de sugerir-me uma ideia: ele poderá nos ser útil para nossa matinal literária. A senhora sabe que estou organizando toda uma grande festa em benefício das professoras pobres da província. Estão disseminadas por toda a Rússia. Somente em nosso distrito, contam-se seis. Além disso, há duas empregadas do telégrafo, duas estudantes e outras ainda que gostariam bem de frequentar a universidade, mas não têm meios para isso. Ah! terrível é a sorte das mulheres russas,

Varvara Pietrovna! Não há nenhuma dúvida de que a questão universitária surge agora; foi mesmo motivo de debate no Conselho do Império. Estranho país, essa nossa Rússia! Cada qual pode fazer o que lhe agrada. É por isso que, e insisto no assunto, somente por meio da benevolência e da cordialidade das classes privilegiadas será possível estimular para o bom caminho esse grande movimento social. Oh! meu Deus, será que nos falta o escol? Não, decerto que não, mas está dispersado. É preciso pois unir-nos para ser mais fortes. Numa palavra: terei a princípio uma matinal literária, depois um leve almoço, e após alguma pausa, à noite, um baile. Tínhamos a intenção de inaugurar o sarau com quadros vivos; mas isto acarretaria grandes despesas; assim vamos nos contentar, para distrair o público, com uma ou duas quadrilhas com mascarados e fantasias figurando as escolas literárias mais em voga. Esta ideia humorística foi-me sugerida por Karmázinov. Valeu-me de muito. Sabe a senhora que ele vai ler-nos sua derradeira obra ainda completamente inédita? Largará a pena e não escreverá mais doravante. Este derradeiro ensaio é seu adeus ao público. É uma pequena obra delicada com o título de: *Merci*. Um título em francês, mas ele acha isso mais divertido e mesmo mais delicado. Pensa da mesma maneira e, na verdade, fui eu quem o aconselhou. Mas agora estou pensando: Stiepan Trofímovitch poderia também ler-nos alguma coisa, com a condição de que seja curta… e não muito científica. Creio saber que Piotr Stiepânovitch, e ainda algum outro, farão leituras. Piotr Stiepânovitch passará na casa da senhora para comunicar-lhe o programa, ou antes, quer permitir que o leve eu mesma?

— Permita-me também que lhe peça que inscreva meu nome na sua lista de subscrições. Falarei a Stiepan Trofímovitch e procurarei decidi-lo.

Varvara Pietrovna voltou para casa completamente fascinada. Estava pronta a defender Iúlia Mikháilovna em qualquer terreno e, não se sabe por que, completamente zangada com Stiepan Trofímovitch que, coitado, ficara em casa sem suspeitar de nada.

— Estou fascinada por ela. Não compreendo como pude enganar-me a esse ponto a respeito dessa mulher — disse ela a Nikolai Vsiévolodovitch e a Piotr Stiepânovitch que fora visitá-la naquela noite.

— É preciso, contudo, que a senhora faça as pazes com o velho — sugeriu Piotr Stiepânovitch. — Ele está desesperado. A senhora o pôs em quarentena. Ontem, ele cruzou com a carruagem da senhora e cumprimentou-a, mas a senhora voltou-lhe o rosto. A senhora sabe que vamos exibi-lo? Tenho meus planos a respeito dele. Poderá ser-nos útil.

— Oh! ele lerá.

— Não se trata somente disto. Tinha intenção de passar em casa dele hoje. Devo comunicar-lhe?

— Se quiser. Não sei muito, aliás, como você arranjará isso — disse ela, hesitante. — Contava ter eu mesma uma explicação com ele e devia marcar-lhe uma entrevista. — Franziu a testa.

— Oh! não é necessário marcar-lhe uma entrevista. Vou lhe dar o recado da forma mais simples.

— Perfeitamente. Mas acrescente que com toda certeza marcarei uma entrevista para vê-lo eu mesma. Não deixe de dizer isso a ele.

Piotr Stiepânovitch saiu sorrindo. Em geral, segundo me recordo, achava-se então de um humor particularmente insuportável naquela época, permitindo-se violentas explosões de impaciência com quase toda a gente. O mais estranho é que, cada qual, apesar disso, não lhe negava perdão. Era ideia geralmente admitida que se devia considerá-lo como um indivíduo diferente. Devo notar que ele havia manifestado profundo descontentamento por ocasião do duelo de Nikolai Vsiévolodovitch. Esse acontecimento pegou-o desprevenido e ficou verde de raiva quando dele o informaram. Talvez tivesse sido ferido em seu amor-próprio: só soube da coisa no dia seguinte, quando já toda a gente estava ao corrente.

— Sabe que você não tinha o direito de bater-se? — cochichou ao ouvido de Stavróguin quando, cinco dias mais tarde, o encontrou no clube. Deve-se notar que não se tinham encontrado uma só vez, no decorrer daqueles cinco dias, se bem que Piotr Stiepânovitch tivesse ido quase diariamente à casa de Varvara Pietrovna.

Nikolai Vsiévolodovitch olhou-o em silêncio e com ar ausente, como se não tivesse compreendido de que se tratava, e passou sem deter-se. Atravessou a grande sala do clube para se dirigir ao bufê.

— Você esteve também em casa de Chátov… Quer então que se saiba do que há com Maria Timofiéievna? — resmungou Piotr Stiepânovitch, correndo atrás dele e, como por distração, agarrou-o pelo ombro.

Nikolai Vsiévolodovitch desvencilhou-se com um gesto brusco e voltou-se logo para ele, com o rosto ameaçador. Piotr Stiepânovitch olhou-o com um prolongado sorriso estranho. Tudo isto durara apenas um instante. Nikolai Vsiévolodovitch seguiu seu caminho.

## *II*

Saindo da casa de Varvara Pietrovna, Piotr Stiepânovitch seguiu diretamente para a casa do velho; e se tanto se apressava era simplesmente de raiva, para poder se vingar mais depressa de um insulto que eu então ignorava. De fato, no decorrer de sua derradeira entrevista, que remontava à quinta-feira da semana precedente, Stiepan Trofímovitch, depois de ter ele próprio caçado briga com Piotr Stiepânovitch, pusera-o afinal para fora a golpes de bengala. Tinha-me ocultado então esse incidente. Mas agora, assim que Piotr Stiepânovitch apareceu com seu eterno sarcasmo que tinha a ingenuidade de querer tornar condescendente, e com seus olhos desagradavelmente escrutadores que esquadrinhavam todos os cantos, Stiepan Trofímovitch fez-me logo sinal para que não saísse do quarto. Foi assim que fiquei conhecendo o estado de suas verdadeiras relações, porque me foi dado assistir a toda a conversa deles.

Stiepan Trofímovitch estava estendido em uma caminha. Desde a quinta-feira passada, havia emagrecido e ficado lívido. Piotr Stiepânovitch sentou ao lado dele da maneira mais familiar e cruzou as pernas sob as coxas, sem a menor cerimônia, tomando em cima da cama muito mais espaço do que permitia a deferência para com seu pai. Stiepan Trofímovitch encolheu-se para um lado, silencioso e com um ar digno.

Em cima da mesa, achava-se um livro aberto. Era um romance intitulado *Chtó dielat*?[95] Ai, devo confessar que meu amigo tinha uma estranha fraqueza. A ideia de que devia sair de sua solidão e travar uma derradeira batalha tomava cada vez mais a dianteira sobre sua imaginação deslumbrada. Adivinhava que ele havia procurado aquela obra, a fim de estudá-la e com este único objetivo, para que, quando chegasse o dia do inevitável conflito com os "vociferantes", retirasse do verdadeiro catecismo deles o conhecimento de seus métodos e de seus argumentos e estivesse em condições de confundi-los, sob os próprios olhos dela. Oh! como aquele livro o torturava!… Por vezes, atirava-o para um lado com desespero e, saltando da cama, punha-se a caminhar pelo quarto, como um demente:

— Concedo que o ponto de partida do autor é verdadeiro — disse-me ele, febrilmente, — mas por isso mesmo resulta mais terrível! Essa ideia é a nossa, a nossa precisamente; fomos nós que, por primeiro, espalhamos sua semente, fomos nós que a nutrimos, que lhe abrimos o caminho; pergunto a mim mesmo, na verdade, o que poderiam eles dizer de novo depois de nós; mas, justo céu! que expressão lhe deram! Como aparece ela deformada, mutilada! — exclamou ele, batendo no livro com os dedos. — São essas as conclusões que procurávamos atingir? Quem poderia reconhecer aqui a ideia original?

— Tu te instruis? — escarneceu Piotr Stiepânovitch, tomando o livro de cima da mesa e lendo o título. — Já era tempo. Se quiseres, trarei coisa melhor para ti.

Stiepan Trofímovitch conservou um silêncio digno. Eu me mantinha a um canto, sentado no divã.

Piotr Stiepânovitch explicou rapidamente o motivo de sua visita. Naturalmente, Stiepan Trofímovitch ficou estupefato além da conta e escutava-o dominado por uma inquietação a que se misturava a indignação mais viva.

— De modo que Iúlia Mikháilovna imagina que irei fazer uma conferência em casa dela?

— Oh! tu sabes, eles não têm lá tanta necessidade de tua presença. Pelo contrário, é para te ser agradável e por esse meio

darem uma lambidela em Varvara Pietrovna. Mas nem é preciso dizer que não ousarás recusar ler alguma coisa e estou certo, aliás, de que estás com vontade de fazer isso — acrescentou ele, com uma careta. — Vós outros, os velhos, sois devorados por uma ambição dos diabos. Mas previno-te que não deves ser muito maçante. Estás ocupado com a história da Espanha, não é? Vais me deixar dar uma olhadela três dias antes, sem o que te arriscas demasiado a fazer-nos dormir.

A precipitação e a impudência daquelas observações eram evidentemente premeditadas. Fingia comportar-se para com seu pai, como se fosse impossível ter linguagem diferente para Stiepan Trofímovitch. Mas este estava decidido a não fazer caso dos insultos. No entanto, as notícias que seu filho lhe trazia causavam-lhe uma impressão cada vez mais acabrunhante.

— E é ela mesma, é ela mesma quem me manda dizer isto por… você? — perguntou ele empalidecendo.

— Olha: ela quer marcar-te dia e lugar para uma explicação mútua; são os restos de vossas histórias românticas. Estiveste a galanteá-la durante vinte anos e a habituaste às maneiras mais ridículas. Mas fica tranquilo, agora não é mais assim. Ela mesma repete a cada instante que somente hoje começa “a abrir os olhos”. Não deixei de repetir-lhe que toda a amizade de vocês dois não era senão um mútuo derramamento de águas sujas. Contou-me ela bonitas coisas, meu rapaz! Puxa! Que funções de lacaio desempenhaste durante todo esse tempo! Cheguei mesmo a corar por ti.

— Desempenhei funções de lacaio? — gritou Stiepan Trofímovitch, incapaz de dominar-se por mais tempo.

— Pior ainda, foste um parasita, isto é, um lacaio acomodado. Somos demasiado preguiçosos para trabalhar, mas nem por isso deixamos de ter um apetite voraz de dinheiro. Ela se dá conta disso agora. É terrível tudo quanto ela me contou a teu respeito. Ah! meu rapaz, as cartas que tu lhe escrevias provocaram-me boas gargalhadas: vergonhosas e nojentas! Mas todos vós sois tão depravados, tão depravados! Há sempre algo de abjeto na caridade; tu és disso, palavra, um bom exemplo!

— Ela te mostrou minhas cartas?

— Todas, senão, como teria eu feito para lê-las? Na verdade, que quantidade de papel enegreceste! Tenho ideia de que há mais de duas mil cartas. Sabes bem, meu velho, que, em certo momento, ela não queria outra coisa senão casar contigo? Deixaste muito estupidamente passar a ocasião. Naturalmente, coloco-me em teu ponto de vista; aliás, de qualquer maneira, teria isto valido melhor que fazer agora quase figura de marido "para ocultar os pecados alheios", como um verdadeiro bufão, que faz rir, em troca de dinheiro!

— Em troca de dinheiro? E foi ela mesma quem disse que é por dinheiro? — gemeu dolorosamente Stiepan Trofímovitch.

— E por qual motivo, então? Mas, naturalmente, procurei justificar-te. Não tens outro meio de defesa, sabes. Ela mesma reconheceu que tinhas necessidade de dinheiro, como toda a gente aliás, e que, deste ponto de vista, tinhas provavelmente razão. Provei-lhe também tão claramente como dois e dois são quatro que vocês dois tinham tirado partido da situação. Ela era uma rica capitalista e tu eras um bufão sentimental a seu serviço. Ela não está zangada por causa do dinheiro, embora a tenhas ordenhado como a uma cabra. Mas o que a exaspera é ter-te dado crédito durante vinte anos, ter-se deixado prender por teus nobres sentimentos e ter escutado tanto tempo tuas mentiras. Ela jamais reconhecerá que também mentiu; mas não ganharás nada com isso, pelo contrário. Não posso compreender que não hajas previsto que seria preciso um dia prestares conta. Porque, tinhas outrora certo bom senso prático. Ontem, dei-lhe o conselho de colocar-te num hospício. Oh! tranquiliza-te, num estabelecimento conveniente; isto nada terá de humilhante para ti! Creio que ela o fará. Lembras-te da derradeira carta que me escreveste, há três semanas?

— Seria possível que lhe tenhas mostrado? — exclamou Stiepan Trofímovitch, num sobressalto de terror.

— E como não? Foi meu primeiro cuidado! É a carta em que me anuncias que ela te explora e que tem ciúmes de teu talento, mas onde há também uma alusão aos "pecados alheios". Seja como for, meu

rapaz, não te falta fatuidade… Ri bastante. Em geral, tuas cartas são de fazer morrer de tédio. Tens um estilo horrível. Abstive-me muitas vezes de lê-las e há uma que ainda espera, presentemente, sem ter sido aberta. Amanhã já posso devolvê-la. Mas aquela, a última, atinge o cúmulo da perfeição! Ah! quanto ri! Quanto ri!

— Monstro! Monstro! — urrou Stiepan Trofímovitch.

— Ah! com os diabos! Não há meio de conversar contigo. Creio que vás ficar ainda encolerizado como na quinta-feira passada.

Stiepan Trofímovitch levantou-se, ameaçador.

— Como ousas usar comigo de tal linguagem?

— Tal linguagem? Não falei clara e simplesmente?

— Mas queres dizer-me, monstro, se és, sim ou não, meu filho?

— Deves estar mais bem informado do que eu a este respeito, embora todos os pais sejam inclinados a certa cegueira neste ponto…

— Silêncio! Silêncio! — interrompeu Stiepan Trofímovitch, abalado por um tremor.

— Vês? Gritas e me insultas como na quinta-feira passada. Quiseste levantar tua bengala contra mim; mas foi então que descobri o documento. Por curiosidade, dei uma busca o serão inteiro em minha mala. Para dizer a verdade, não há nada de preciso, consola-te. É apenas uma carta de minha mãe dirigida àquele famoso polonês. Mas a julgar pelo seu caráter…

— Uma palavra mais e esbofeteio-te!

— Veja-se como são as pessoas! — disse bruscamente Piotr Stiepânovitch, voltando-se para meu lado. — O senhor vê quais são nossas relações desde quinta-feira passada? Sinto-me pelo menos feliz com sua presença hoje aqui, para que seja meu juiz. Em primeiro lugar, há um fato: ele me censura a maneira pela qual falo de minha mãe, mas não foi ele quem me levou a isso? Em Petersburgo, quando eu estava ainda no ginásio, não me despertava ele duas vezes na noite,

para beijar-me, chorando como uma mulher? E que supõe o senhor que ele me contava naquelas noites? Histórias pouco lisonjeiras a respeito de minha mãe. Foi de sua boca que primeiro as ouvi.

— Oh! Emprestava eu então a essas confidências uma significação elevada. Tu não me compreendeste absolutamente. Nada compreendeste daquilo, nada!

— Mas, em todo caso, era mais desprezível de tua parte que da minha, confessa! Vês tu? Se quiseres, isto não me diz respeito. Falo por ti. Quanto à minha maneira de ver, não te inquietes. Não censuro minha mãe; se és tu meu pai, tanto melhor! Se é o polonês, isto não me importa. Não é culpa minha se ela e tu vos desaviestes em Berlim. E teríeis sido jamais capazes de formar um lar harmônico?… Afinal de contas, não éreis um par ridículo? E que te importa afinal que seja eu, sim ou não, teu filho? Escute — prosseguiu ele, voltando-se de novo para mim. — Ele jamais gastou um vintém comigo em toda a sua vida. Até a idade de dezesseis anos, vivi sem conhecê-lo; mais tarde, aqui, despojou-me. Agora proclama que toda a sua vida seu coração sofreu por mim e representa diante de mim a comédia, como um ator. Mas eu não sou Varvara Pietrovna, fica bem certo disto!

Levantou e pegou seu chapéu.

— Eu te amaldiçoo! — gritou Stiepan Trofímovitch, pálido como a morte, estendendo a mão para seu filho.

— A que grau de estupidez pode um homem cair! — tornou Piotr Stiepânovitch, fingindo surpresa. — Vamos, adeus, velho da velha, não tornarei jamais a pôr os pés em tua casa. Não te esqueças de me enviar antes teu artigo e trata, se possível, de fazer que não esteja cheio demais de coisas absurdas. Fatos, fatos e mais fatos. Mas, sobretudo, brevidade. Adeus.

## *III*

Influências exteriores tinham, aliás, entrado em jogo neste negócio. Piotr Stiepânovitch tinha decerto intenções ocultas a respeito de seu pai. Na minha opinião, contava ele reduzir o velho ao desespero e levá-lo assim a praticar certo escândalo. Isto devia servi-lo

nos objetivos longínquos que tinha em vista e de que se falará mais adiante. Diversos planos e cálculos desse gênero agitavam-se ao mesmo tempo em seu espírito e quase todos dum caráter fantástico. Tinha assim em vista uma outra vítima que não Stiepan Trofímovitch. De fato, perseguia um número considerável de vítimas, como apareceu mais tarde, mas uma havia de que fazia questão especial e era nada menos que o próprio von Lembke.

Andriéi Antônovitch von Lembke pertencia a essa raça germânica favorecida pela natureza, que fornece centenas de milhares de funcionários à Rússia. Essa raça, sem que talvez se dê conta disso, acabou por formar neste país uma espécie de massa homogênea e de sociedade devidamente constituída, sociedade, aliás, nem deliberada, nem premeditada, mas que existe no interesse mesmo da raça, fora de todo contrato, criada para satisfazer obrigações puramente morais, tais como o auxílio mútuo e a defesa recíproca de todos os membros pertencentes a essa raça, em toda parte e sempre, quaisquer que fossem as circunstâncias. Andriéi Antônovitch tivera bastante sorte em fazer seus estudos numa dessas escolas aristocráticas que só se abrem aos jovens provenientes de famílias ricas ou influentes. Os alunos daquele estabelecimento, terminados seus estudos, eram quase logo designados para funções bastantes importantes nos serviços do Estado. Um dos tios de Andriéi Antônovitch era tenente-coronel de Engenharia; um outro, padeiro. Mas o ter frequentado a escola superior permitiu-lhe tirar a crosta e o fez conhecer um número bastante grande de indivíduos de sua raça.

Era um camarada bastante jovial; mau estudante, mas estimado por todos. Ao passo que nas classes superiores a maior parte de seus condiscípulos, principalmente os russos, aprendera a discutir as mais altas questões do dia, como se só esperassem sua saída para dar-lhe solução, Andriéi Antônovitch continuava ainda achando prazer nas pilhérias escolares mais inocentes. Divertia a todos, é verdade, com suas facécias, um tanto tolas talvez, mas escabrosas e das quais fizera uma espécie de especialidade. Na aula, quando o professor lhe fazia uma pergunta, tinha uma maneira extraordinária de assoar-se que provocava gargalhadas de todos os alunos e do próprio professor. No dormitório, suscitava os aplausos de todos representando algum

quadro vivo de caráter cínico. Outras vezes, executava no piano, tocando apenas com o nariz, e não sem habilidade, a abertura de Fra Diavolo. Durante seu último ano de ginásio, pôs-se a compor versos russos. Quanto à sua língua materna, von Lembke, da mesma maneira que muitos de seus conterrâneos, dela tinha apenas um conhecimento muito imperfeito. Essa tendência para versejar levou-o à amizade com um camarada de caráter bastante sombrio e que todos mantinham à parte. Era este o filho de um general russo bastante pobre e passava, aos olhos de todos os internos do estabelecimento, por ser uma das melhores esperanças de nossa literatura. Andriéi Antônovitch tornou-se seu protegido. Ora, aconteceu que, três anos depois de ter deixado a escola, aquele rapaz melancólico, que abandonara a carreira oficial para consagrar-se às letras e andava, em consequência, de sapatos cambados, batendo os dentes ao vento norte com um leve paletó de meia-estação, encontrou um dia, por acaso, na ponte Ânitchkov, seu ex-protegido, "Lembke", como o chamavam na escola. E que pensais que aconteceu? Em primeiro lugar, não o reconheceu e parou estupefato. Diante dele se encontrava um jovem impecavelmente trajado, de rosto ornado, de notáveis suíças, dum vermelho cor de fogo, o nariz cavalgado por um lornhão, sapatos de verniz nos pés, vestido com um largo sobretudo e apertando sob o braço uma pasta. Naquela ocasião, não era mais "Lembke" simplesmente, mas "von Lembke". O ex-colega, entretanto, foi visitá-lo, talvez somente por animosidade. Na escada, de bastante mau gosto e nada rica, embora coberta por um tapete vermelho, um suíço veio-lhe ao encontro e interrogou-o. Um toque de campainha retiniu no andar superior. Mas em lugar das riquezas que o visitante esperava ver, encontrou o seu "Lembke" alojado num quartinho exíguo, de aspecto sombrio e miserável, separado em dois por uma espessa cortina dum verde escuro, mobiliado de maneira antiquada mas confortável, com cortinados dum verde escuro nas janelas estreitas. Von Lembke morava em casa de um parente longe, um antigo general que o protegia. Recebeu cordialmente seu visitante, mostrou-se duma gravidade marcada de refinada polidez. Falaram também de literatura, mas tudo dentro dos limites da conveniência. Um lacaio de gravata branca serviu o chá que estava ralo e vinha acompanhado duns biscoitinhos redondos ressequidos. O camarada levou sua maldade a ponto de pedir água de Seltz.[96] Trouxeram, não sem tê-lo feito esperar

um pouco, e Lembke deixou transparecer certo embaraço chamando uma segunda vez o lacaio para dar-lhe suas ordens. Todavia, convidou espontaneamente o visitante para cear, mas ficou visivelmente satisfeito quando este recusou e despediu-se afinal. Em resumo, Lembke havia inaugurado sua carreira levando uma existência de parasita junto ao velho general, seu conterrâneo, que era um personagem de destaque.

Por aquela mesma época, suspirava Andriéi Antônovitch pela quinta filha do general e parecia-lhe que seus sentimentos eram retribuídos. Mas, não obstante, Amélia veio a casar, algum tempo depois, com um velho fazendeiro alemão, antigo camarada do velho general. Andriéi Antônovitch não chorou por muito tempo; pôs-se a recortar e a colar um teatro de papelão. O pano levantava-se, os atores andavam, gesticulavam. Os camarotes apareciam lotados de espectadores, um mecanismo fazia na orquestra o arco passar nas cordas dos violinos, o maestro marcar o compasso e na plateia oficiais e jovens peraltas bater as mãos, aplaudindo. Tudo, de papelão. Era de invenção do próprio von Lembke, que levou mais de um ano fabricando seu teatro. O general arranjou um serão íntimo, expressamente consagrado à exibição da obra-prima. As cinco filhas do general, inclusive Amélia, a recém-casada, bem como o fazendeiro seu marido, numerosas *frauen e fraulein*[97] vieram admirá-lo e expandiram-se em elogios, depois do que todos dançaram. Lembke estava bastante satisfeito consigo mesmo e não tardou em consolar-se.

Passavam-se os anos e sua carreira estava assegurada. Obtinha sempre excelentes lugares e sempre junto a chefes pertencentes à sua raça. Chegou por fim a uma situação importante para um homem de sua idade. Desde muito tempo já desejava casar-se e não cessava de examinar em torno de si. Enviara, sem que seus superiores soubessem, ao editor de uma revista uma novela que não foi publicada. Isto lhe valeu recortar e colar todo um trem de ferro e conseguir por este meio realizar uma obra acabada. Os viajantes saíam da plataforma com suas malas e sacos, com seus cães e suas crianças, e metiam-se nos vagões. Empregados e carregadores afastavam-se, a sineta retinia e, a um sinal, o trem punha-se em marcha. Dedicara um ano inteiro a esta inteligente ocupação. Mas, apesar disso, era preciso casar. O círculo de

suas relações era bastante vasto, sobretudo entre seus compatriotas, mas suas funções o chamavam, é claro, a meter-se também nos meios russos. Finalmente, cerca de seus trinta e oito anos, veio a receber uma herança. Morrera seu tio padeiro, deixando-lhe por testamento uma soma de treze mil rublos. Essa herança chegava na hora. A despeito da criadagem bem estilizada de que gostava de cercar-se, o Senhor von Lembke era homem bastante modesto. Para sua perfeita alegria bastava um pequeno posto oficial independente, com o direito para ele de cortar à vontade as florestas do Estado ou alguma sinecura desse gênero, que o satisfizesse para o resto de sua vida. Mas em lugar da Mina ou da Ernestina[98] com que contava, entrou de súbito em cena uma Iúlia Mikháilovna. Sua carreira, de repente, se transportava a um plano dum grau mais elevado. O modesto e pontual von Lembke sentiu que também ele tinha direito ao amor-próprio.

Iúlia Mikháilovna possuía uma fortuna de duzentas almas, avaliando-a de acordo com o antigo cadastro, e tinha além disso relações importantes. Por outra parte, Lembke era um belo homem, ao passo que ela contava quarenta anos bem completos. Notável é que Lembke se tornava cada vez mais apaixonado por ela à medida que se sentia mais noivo. Na manhã do casamento mandou-lhe versos. Tudo isso agradou muito a Iúlia Mikháilovna, até mesmo os versos: quarenta anos não são brincadeira. Pouco depois de seu casamento foi ele agraciado com novo título e nova distinção, depois nomeado governador de nossa província.

Desde sua chegada à nossa cidade, Iúlia Mikháilovna se esforçou por exercer sua influência sobre seu esposo. Não o considerava como homem destituído de capacidade; ele sabia apresentar-se e representar, escutar com ar entendido e guardar silêncio. Além disso, era capaz, nas grandes solenidades, de tomar a palavra em público. Possuía algumas migalhas de ideias e adquirira esse verniz de liberalismo moderno que se tornou indispensável hoje. Mas a mulher do Governador afligia-se com a sua falta de iniciativa e de firmeza. Desde que dera por terminada sua longa corrida aos empregos, parecia experimentar necessidade de repouso. Quando ela procurava infundir-lhe sua ambição, ele começou, de repente, a fabricar com papelão um templo protestante; o pastor estava no púlpito, pronunciando um

sermão, os fiéis escutavam piedosamente, de mãos juntas, uma dama enxugava os olhos com o lenço, um velho assoava-se. Por fim, repercutiam os sons de uma caixa de música que fora encomendada de propósito na Suíça, e chegara afinal a seu destino, malgrado certa demora. Iúlia Mikháilovna, quase apavorada, apressou-se em confiscar aquela obra-prima, logo que lhe soube da existência. Fechou-a em um móvel e, a título de compensação, permitiu que von Lembke escrevesse um romance, com a condição de que fosse às ocultas. A partir daquele momento, a mulher do Governador não contou mais senão consigo mesma. A desgraça é que ela punha nisso mais imaginação que medida. O destino havia-a por muito tempo confinado no celibato. As ideias agora se sucediam sem cessar no seu cérebro superaquecido pela ambição e levemente superexcitado. Nutria projetos, queria a qualquer preço governar a província e, sonhando ser imediatamente escutada e seguida, compunha para si um matiz político. Von Lembke, que se alarmara um tanto a princípio, não tardou em adivinhar, graças a seu faro de funcionário, que nada havia a temer pelo seu lugar de governador. Os dois ou três primeiros meses se escoaram, com efeito, sem o menor tropeço. Mas desde que Piotr Stiepânovitch aparecera, a situação começava a revestir-se dum caráter bastante estranho.

O fato é que, desde o princípio, o jovem Vierkhoviénski deu prova da mais completa sem-cerimônia para com Andriéi Antônovitch, arrogando-se a seu respeito os direitos mais singulares. Iúlia Mikháilovna, sempre tão ciosa do prestígio de seu esposo, não quis dar-se conta daquilo, ou pelo menos não pareceu ligar àquilo nenhuma importância. O rapaz tornara-se seu favorito, partilhava de suas refeições, bebia e, por assim dizer, dormia quase em casa dela. Von Lembke tentou defender-se; fingia chamá-lo em público “rapaz”, batia-lhe no ombro com ar de superioridade; foi em vão; Piotr Stiepânovitch tinha sempre ar de zombar dele, mesmo quando lhe falava do modo mais sério e de público dizia-lhe as coisas mais estapafúrdias. Um dia, ao entrar em seu gabinete, encontrou Von Lembke o rapaz adormecido em seu divã. Piotr Stiepânovitch, que não se dera ao trabalho de fazer-se anunciar, explicou que viera visitar o Governador e que, na sua ausência, permitira-se tirar uma soneca. Von Lembke, magoado, tornou a queixar-se à sua mulher, que criticou sua

susceptibilidade e censurou-lhe, maldosamente, não saber manter as distâncias. “Comigo, pelo menos, não se permite nunca esse rapaz semelhantes familiaridades; é, aliás, de um natural cândido e simples, se bem que lhe falte um tanto certo requinte social.” Von Lembke amuou-se. Daquela vez, Iúlia Mikháilovna reconciliou os dois homens. Piotr Stiepânovitch, longe de desculpar-se, recorreu a uma pilhéria de mau gosto, que teria podido passar por novo ultraje, mas foi considerada como demonstração de pesar. O ponto fraco consistia em que, desde o começo, Andriéi Antônovitch permitira que Piotr Stiepânovitch tomasse ascendente, ao confiar-lhe que estava escrevendo um romance. Pouco tempo depois de ter feito conhecimento com ele, o Governador, que imaginara estar tratando com um jovem devorado pelo fogo sagrado das letras, satisfez seu antigo desejo de encontrar um ouvinte, lendo-lhe, uma noite, dois capítulos de sua obra. O rapaz escutou sem dissimular seu tédio, bocejou francamente, não dirigiu o menor cumprimento ao autor, mas, no momento de retirar-se, pediu permissão para levar consigo o manuscrito, sob o pretexto de lê-lo em casa, com a cabeça repousada, para formar sobre o mesmo uma opinião. Von Lembke cedeu. Desde então, Piotr Stiepânovitch ainda não havia devolvido o manuscrito, se bem que fosse todos os dias à casa do Governador, e limitava-se a rir todas as vezes que este reclamava o manuscrito. Finalmente, declarou tê-lo perdido na rua, no mesmo dia em que o Governador o pusera em suas mãos. Sabendo disto, dirigiu Iúlia Mikháilovna vivas censuras a seu marido:

— Contanto que não lhe tenhas dado a conhecer a existência do templo de papelão — disse ela, numa espécie de pavor.

Von Lembke começou decididamente a parecer preocupado, o que nada adiantava para sua saúde e lhe era proibido pelos médicos. Além dos numerosos motivos de preocupação que lhe incumbiam como administrador, como veremos mais adiante, aquele era um fato novo que sofria no íntimo de seu coração, como um simples particular. Andriéi Antônovitch jamais teria suposto, ao desposar Iúlia Mikháilovna, que a discórdia pudesse um dia reinar no seu lar. Tal era seu ponto de vista, quando sonhava com suas Minas e Ernestinas. Sentia-se incapaz de enfrentar as tempestades domésticas. Iúlia

Mikháilovna teve afinal com ele uma explicação muito franca:

— Não podes zangar-te por tão pouco — declarou-lhe. — Tens três vezes mais bom senso do que ele e estás infinitamente mais altamente colocado na hierarquia social. Esse rapaz conservou certas modalidades de espírito forte que, na minha opinião, são muito simplesmente garotices; mas não é preciso precipitar nada, nós o corrigiremos pouco a pouco. Devemos dar provas de benevolência para com a mocidade, inspirar-lhe confiança à força de amabilidades para melhor retê-la à beira do precipício.

— Mas diz ele o diabo sabe o quê — replicou von Lembke. — Não posso me mostrar tolerante, quando em minha presença e em público, ele sustenta que o Governo encoraja a embriaguez para embrutecer o povo e impedi-lo de sublevar-se. Representa-te a minha situação quando devo, em público, escutar essa linguagem.

O Governador fazia assim alusão a uma de suas recentes conversas com Piotr Stiepânovitch. Na ingênua esperança de desarmar o rapaz com seu liberalismo, von Lembke havia-lhe mostrado a coleção que compusera, reunindo todas as proclamações aparecidas desde 1859, tanto no estrangeiro como na Rússia, e isto não a título de amador propriamente dito, mas com um objetivo de curiosidade utilitária. Mas adivinhando-lhe o pensamento, o rapaz afirmou logo que uma linha apenas de certas proclamações encerrava mais sabedoria que não importa qual gabinete de governo, inclusive o do Governador.

O rosto de von Lembke contraiu-se.

— Mas é demasiado cedo, entre nós — murmurou ele, com voz quase suplicante e apontando para as proclamações.

— Não, não é demasiado cedo; vós tendes medo, o que significa que não é demasiado cedo.

— Mas, não obstante, há aí, por exemplo, um apelo à destruição das igrejas…

— E por que não? O senhor, particularmente, é um homem

inteligente e, por consequência, não tem fé, mas compreende demasiado bem que a religião lhe é necessária para embrutecer o povo. A verdade é mais honesta que a mentira.

— Pois seja, admito, sou totalmente de sua opinião; mas é ainda demasiado cedo entre nós — repetiu o Governador, franzindo o cenho.

— Se só diferimos sobre uma questão de oportunidade, se o senhor acha que é preciso queimar nossas igrejas e marchar sobre Petersburgo com cacetes, que espécie de funcionário do governo é então o senhor?

Von Lembke ficou vivamente mortificado por se ter deixado prender numa armadilha tão grosseira.

— Absolutamente, absolutamente — respondeu, zangando-se. — Você se engana, em primeiro lugar porque é moço, e em seguida porque não tem conhecimento de nossos desígnios. Veja, você, meu caríssimo Piotr Stiepânovitch, diz que somos funcionários do Governo. É verdade. Funcionários independentes? É verdade. Mas permita, qual é nossa tarefa? Temos uma responsabilidade e, afinal de contas, servimos à coisa pública tanto quanto vocês. Somente, sustentamos o que vocês abalam e que sem nós desmoronaria por todos os lados. Não somos absolutamente inimigos de vocês. Nós lhes dizemos: "Sigam para a frente, progridam, destruam mesmo, isto é, tudo aquilo que é demasiado velho, tudo aquilo que deve ser reformado; mas, chegado o momento, saberemos mantê-los nos limites necessários, porque, sem nós, vocês não poderiam senão subverter a Rússia, despojando-a de seu aspecto decente, e nosso problema consiste precisamente em tomar cuidado com esse aspecto decente. Penetrem-se dessa verdade que vocês, tanto como nós, temos necessidade de nosso concurso recíproco. Na Inglaterra, os *whigs e os tories*[99] fazem-se contrapeso. Pois bem, eis como vejo as coisas: os *whigs* são vocês, os *tories* somos nós.

Andriéi Antônovitch tornava-se grandíloquo. Já, em Petersburgo, gostava de falar como homem inteligente e liberal, agora fazia-o tanto mais livremente quanto ninguém estava ali para espioná-lo. Piotr Stiepânovitch guardava silêncio e parecia mais sério que de costume.

Isto estimulou ainda mais o orador:

— Sabe que eu, “administrador da província” — continuou ele, passeando pelo seu gabinete de trabalho, — já tenho preocupações demais para poder cumprir uma só; por outra parte, é igualmente verdadeiro dizer que nada tenho a fazer. O segredo de tudo isto, no fundo, é que meus atos são inteiramente subordinados às diretrizes do Governo. Suponhamos que, por política ou tendo em vista apaziguar os espíritos, estabeleça o Governo a república, mas, que, paralelamente, aumente os poderes dos governadores; nós, governadores, engoliremos a república; não é bastante dizer, engoliremos o que quiserdes, eu pelo menos, sinto-me capaz disso… Em suma, se o Governo me telegrafa ordenando-me uma atividade devorante, dou prova de uma atividade devorante. Declarei aqui diante de todos: “Senhores, uma coisa é necessária para que as instituições encontrem seu equilíbrio e prosperem: reforçar os poderes dos governadores”. Veja você, é preciso que todas as instituições, tanto territoriais como jurídicas, tenham por assim dizer uma existência dupla, isto é, é preciso que elas existam (necessidade que admito), ainda que seja necessário que não existam. Sempre julgando do ponto de vista governamental. Produz-se um caso que reclama a existência das instituições; logo elas surgem na minha província. Deixam de ser necessárias? Escamoteio-as no mesmo instante e nem traço delas você achará. Eis o que entendo por “atividade devorante”. Mas ela necessita de extensão de nossos poderes. Conversamos aqui a quatro olhos. Saiba você que já assinalei em Petersburgo ser necessário que o Governador tenha uma sentinela à porta. Aguardo a resposta.

— O senhor precisa de dois.

— Por que dois? — perguntou von Lembke, plantando-se diante dele.

— Por que um só não é suficiente para fazê-lo respeitar. O senhor precisa absolutamente de dois.

Andriéi Antônovitch fez uma careta.

— Você… você. Deus sabe o que você se permite, Piotr

Stiepânovitch. Aproveita de minha benevolência para me lançar ditérios e toma ares de *bourrubienfaisant*.[100]

— Bem, como queira… — resmungou Piotr Stiepânovitch. — Mas afinal de contas, o senhor nos abre o caminho e prepara nosso êxito.

— Nosso, de quem? De que êxito fala você? — interrogou von Lembke, encarando com espanto seu interlocutor, do qual não obteve resposta alguma.

Quando Iúlia Mikháilovna foi posta a par dessa conversa, mostrou-se bastante descontente.

— Mas vejamos — esforçava-se por justificar-se Andriéi Antônovitch, — não posso tratar como amo ao teu favorito, sobretudo numa conversa íntima. Talvez tenha sido levado a falar demais… por bondade de alma.

— Bondade demais. Não sabia que possuías uma coleção de proclamações. Teria muito prazer em vê-la.

— Mas ele me pediu emprestada por vinte e quatro horas.

— E o senhor deixou que ele as levasse? — exclamou violentamente Iúlia Mikháilovna. — Que falta de tato!

— Vou imediatamente mandar buscá-la.

— Ele não a entregará.

— Exigirei! — declarou com um gesto brusco o Governador, levantando-se. — Quem é ele então para que assim o temam e quem sou eu para nada ousar fazer?

Iúlia Mikháilovna deteve-o:

— Sente e acalme-se. Respondo à sua primeira questão. Deram-me recomendações dele nos termos mais calorosos; tem capacidades e diz por vezes coisas muito sutis. Karmázinov assegura-me que ele tem relações um pouco por toda parte e que exerce uma influência considerável sobre a juventude da capital. Se, graças a ele, atraio e

reúno em torno de mim esses jovens, posso arrancá-los à sua perda, abrindo novas perspectivas às suas ambições. É devotado a mim de todo o coração e ouve-me.

— Mas — balbuciou von Lembke, — enquanto são lisonjeados, o diabo sabe de que são capazes! É sem dúvida uma ideia, mas… a propósito, acabo de saber que circulam proclamações no distrito de ***.

— Esse boato já correu no verão passado. Falava-se de cartazes sediciosos, de bilhetes falsos, etc. No entanto, até aqui nada foi encontrado. Quem lhe disse isso?

— Von Blümer.

— Ah! por favor, não me fale mais do seu von Blümer.

Iúlia Mikháilovna foi obrigada a calar-se um minuto, tanto a simples citação do nome desse von Blümer, empregado da chancelaria do Governador, e seu pesadelo, tinha o dom de excitar-lhe a cólera. Voltaremos mais adiante a este assunto.

— Rogo-te, não te inquietes com Vierkhoviénski — disse ela, como conclusão. — Se ele tomasse parte em manifestações desse gênero, não falaria como te fala e como fala a toda a gente aqui. Os fazedores de frases não são perigosos. Vou mais longe: seria eu a primeira a ser informada por ele, se alguma coisa sobreviesse, porque me é fanaticamente devotado, fanaticamente!

Que me permitam antecipar-me aos acontecimentos para observar que, sem a ambição e a presunçosa confiança de Iúlia Mikháilovna, aquela vil gentalha não teria podido fazer em nosso país tudo quanto nele fizeram. A mulher do Governador tem nisto uma grande parte de responsabilidade.

## Capítulo V / Antes da festa

### *I*

A festa imaginada por Iúlia Mikháilovna em benefício das professoras de nossa província foi anunciada muitas vezes para tal dia e em seguida adiada para mais tarde. Piotr Stiepânovitch não deixava por assim dizer Iúlia Mikháilovna, que tinha também sempre em redor de si o empregadinho Liámchin, muito solícito em torno de Stiepan Trofímovitch e pelo qual a Governadora se tomara de simpatia por causa de seu talento de pianista; Lipútin, designado por Iúlia Mikháilovna para redator-chefe do futuro jornal independente que ela se propunha fundar na nossa província; várias senhoras e senhoritas, enfim o próprio Karmázinov que, embora menos solícito que os outros, não deixava de declarar com ar bastante satisfeito que a quadrilha literária seria para todos uma agradável surpresa. Os subscritores e doadores apresentaram-se em número bastante grande; toda a boa sociedade da nossa cidade se inscrevia, mas aceitavam-se também as pessoas comuns, contanto que se apresentassem com dinheiro. Iúlia Mikháilovna deu a entender que se podia por vezes tolerar a mistura de classes: "Quem então, sem isto — dizia ela — poderia fornecer-lhes as luzes?". Formou-se em casa dela uma espécie de comissão oficiosa para decidir que a festa teria um caráter democrático. A lista prodigiosa das inscrições incitava à despesa; queria-se fazer um mundo de maravilhas, daí os contínuos adiamentos. Não se tinha ainda decidido onde se realizaria o baile. Seria na vasta residência da marechala da nobreza, ou em casa de Varvara Pietrovna, em Skvopiéchniki? Contudo Skvopiéchniki era um pouco longe, mas certos membros da comissão insistiam, declarando que se estaria ali mais à vontade. A própria Varvara Pietrovna nada teria desejado de melhor que ter a preferência. Seria difícil dizer por que aquela mulher orgulhosa buscava agora as boas graças de Iúlia Mikháilovna. O fato é que via ela com prazer a Governadora prosternar-se quase diante de Nikolai Vsiévolodovitch e tratá-lo com uma amabilidade excepcional. Repito ainda uma vez: Piotr Stiepânovitch, à força de cochichá-lo com palavras veladas, conseguira incutir na casa do Governador a ideia de que Nikolai Stavróguin estava ligado pelos laços mais íntimos ao mundo mais misterioso e estava provavelmente aqui encarregado de alguma missão.

O estado dos espíritos era então estranho. Na sociedade das senhoras, sobretudo, reinava então uma espécie de despreocupação

leviana, que não demorara em revelar-se. Parecia que uma rajada de vento havia trazido de repente todas aquelas ideias um tanto disparatadas. O fenômeno era divertido, mas não direi que causasse sempre uma impressão agradável. Certa libertinagem dos espíritos estava em moda. Mais tarde, quando tudo acabou, acusou-se Iúlia Mikháilovna, seu círculo de amigos e sua influência, mas é duvidoso que tudo isso fosse imputável apenas a Iúlia Mikháilovna. Pelo contrário, muitas pessoas no começo, competiam para louvar a nova governadora por ter sabido constituir um núcleo de sociedade e ter assim tornado a existência mais alegre. Ocorreram mesmo vários fatos escandalosos com os quais Iúlia Mikháilovna nada tinha que ver; toda gente então contentou-se em rir sem procurar evitá-los. No decorrer daquele período, é verdade que um número bastante respeitável de pessoas mantinha-se ainda de parte, mas cuidavam-se de emitir o menor protesto; algumas mesmo sorriam.

Lembro-me de que se constituíra uma espécie de círculo bastante amplo tendo por centro, é preciso dizer, o próprio salão de Iúlia Mikháilovna. Nesse meio íntimo que se reunia em torno dela, era a juventude naturalmente autorizada a praticar as garotices mais diversas — e algumas houve bastante atrevidas. Esse gênero de exercício era ali até mesmo de rigor. Senhoras tomavam também parte nas reuniões, encantadoras senhoras. Os jovens organizavam piqueniques, saraus, por vezes mesmo percorriam as ruas da cidade em longo cortejo formado de carros e cavaleiros. Andava-se em busca de aventuras, quando preciso ia-se ao ponto de provocá-las com o objetivo apenas de ter alguma boa história para contar. Essas pessoas tratavam nossa cidade como se tivesse sido habitada por hunos. À força de chacotear de toda a gente passaram a ser chamados de farsantes ou pândegos. Certa vez, num desses saraus, uma senhora casada com um oficial, uma morena muito bonita, perfeitamente ao corrente da conduta irregular de seu marido, cometeu a imprudência de sentar à mesa de jogo. Esperava ganhar o suficiente para comprar uma mantilha; ora, em lugar de ganhar, perdeu a soma de quinze rublos. Temendo ter de sofrer as censuras de seu marido e como não tivesse consigo dinheiro para pagar aquela soma, tomou-se de coragem e decidiu-se a pedir um empréstimo, ali mesmo, ao filho do prefeito de nossa cidade, um rapaz muito bonito, mas de um

comportamento censurável. Ele não somente lhe recusou o dinheiro, mas apressou-se mesmo em contar o caso ao marido da dama e espalhou a história entre boas gargalhadas… O tenente contava apenas com seu soldo como renda. Depois que levou a mulher para casa, moeu-a de pancadas, muito embora se arrastasse ela a seus pés, soluçando, a pedir-lhe perdão. Esta história revoltante, em lugar de provocar reprovação, forneceu quando muito pretexto para galhofa e se bem que a pobre mulher do tenente não fizesse parte do círculo de Iúlia Mikháilovna, uma das damas excêntricas que tomavam parte naquelas "cavalgadas" e que, por acaso, conhecia a dita senhora dirigiu-se à casa dela e conseguiu sem muita cerimônia recebê-la depois em visita. A esposa do tenente foi logo cercada pelos tais descarados, que a retiveram três dias afastada do marido. Passou ela todo esse tempo em casa da dama excêntrica, saindo com ela pela cidade o dia inteiro, assistindo a todas as diversões e bailes. Insistiam com ela para que denunciasse o marido e iniciasse contra ele um "processo". Prometiam-lhe ajuda e assistência e todas as testemunhas necessárias de que necessitasse. O marido se calava, não ousando engajar-se na luta. A pobrezinha deu-se conta por fim de que poderia sobrevir-lhe desgraça e na noite do quarto dia, semimorta de medo, abandonou seus protetores para voltar à casa de seu tenente. O que se passou entre os esposos, nunca se soube com exatidão. O certo é que os dois postigos do pavilhão de madeira em que morava o tenente não se abriram durante quinze dias. Quando Iúlia Mikháilovna tomou conhecimento desse caso, zangou-se contra os pândegos e mostrou-se muito descontente com a proeza da dama excêntrica, se bem que esta mesma lhe houvesse, desde o primeiro dia, apresentado a mulher do tenente. Tudo isto, aliás, foi em breve esquecido.

Doutra vez, novo incidente ocorreu em casa de um modesto funcionário, honrado pai de família. Um rapaz, igualmente funcionário modesto, pertencente a outro distrito, dirigira-se à casa daquele para desposar-lhe a filha, uma beldade de dezessete anos, bem conhecida em toda a cidade. De repente, soube-se que o recém-casado, na noite mesma do casamento, comportara-se para com sua cara-metade de maneira pouco correta, para vingar-se da má reputação de que ela gozava. Liámchin, que se embriagara na véspera e passara a noite em casa deles, foi, por assim dizer, testemunha do

caso. De modo que apressou-se em espalhar pela cidade inteira a notícia, assim que o dia nasceu. Num instante, um grupo de umas dez pessoas se reuniu, todas a cavalo, tendo mesmo algumas arranjado de empréstimo cavalos de cossaco, como por exemplo Piotr Stiepânovitch e Lipútin, o qual, a despeito de seus cabelos grisalhos, tomava parte em todas as pagodeiras organizadas pela nossa turbulenta juventude. Quando os recém-casados saíram pelas ruas em sua caleça puxada por dois cavalos, a fim de fazerem as visitas obrigatórias no dia seguinte à cerimônia nupcial, foi com risadas alegres que aquela cavalgada se pôs em movimento ao mesmo tempo que a caleça e acompanhou o casal a manhã inteira pela cidade. Devo acrescentar que não o seguiram à casa de particulares e contentaram-se em esperá-lo do lado de fora; abstiveram-se também de toda ofensa direta aos esposos, mas nem por isso deixou de ser escandalosa a conduta deles. A cidade inteira tagarelou sobre o caso e as pilhérias multiplicaram-se. No entanto, desta vez, von Lembke zangou-se e de novo teve com Iúlia Mikháilovna uma cena agitada. Também ela foi dominada de viva cólera e achou de seu dever fechar sua porta aos pelintras. Mas no dia seguinte tudo lhes foi perdoado, graças a uma intervenção de Piotr Stiepânovitch e de Karmázinov, o qual achava a pilhéria bastante espirituosa.

— Isto faz parte dos costumes do país — disse ele, — e afinal não lhe falta nem caráter nem ousadia. Note, aliás, que toda a gente ri do caso e que é a senhora a única que manifesta desagrado.

Mas houve outras farsas verdadeiramente intoleráveis e dum gosto suspeito.

Na cidade apareceu uma vendedora de bíblias; era uma mulher respeitável, embora de condição modesta. Falara-se dela a propósito de curiosas notas publicadas nos jornais de então a respeito de vendedoras. Foi ainda o pândego do Liámchin quem se lembrou de pregar-lhe uma peça. Ajudado por um seminarista que andava à toa à espera de um lugar de professor e sob pretexto de comprar livros em sua mão, introduziu às ocultas na sacola da vendedora uma coleção inteira de fotografias obscenas provenientes do estrangeiro, que lhes tinham sido fornecidas para esse fim, como se soube mais tarde, por um velho senhor muito considerado, cujo nome não revelarei,

condecorado com uma das ordens mais honoríficas e que gostava, segundo sua expressão, do “riso sadio e da boa pilhéria”. Quando, no bazar, a pobre mulher se pôs a retirar os livros santos, todas as fotografias caíram, espalhando-se pelo chão. Houve a princípio risadas, murmúrios; a multidão aglomerou-se, estouraram injúrias e teriam chegado às pancadas se a polícia não interviesse. Trancafiaram a vendedora no posto policial e somente à noite foi ela posta em liberdade e conduzida para fora da cidade, a instâncias de Mavríki Nikoláievitch, que soubera com indignação de todos os detalhes daquela ignóbil história. Iúlia Mikháilovna resolveu então expulsar Liámchin, mas na mesma noite todo o nosso bando levou-o à casa dela, rogando-lhe que se dispusesse a ouvir a nova fantasia para piano que ele acabava de compor. Essa farsa musical, engraçadamente intitulada *A guerra franco-prussiana*, era efetivamente bastante divertida. Começava pelos sons marciais de *La marseillaise*:

> *Qu’un sang impur abreuve nos sillons*![101]

Toda esta parte exalava a embriaguez das futuras vitórias. Mas eis que, de repente, através das notas do hino tão magistralmente arrebatado, em alguma parte, bem baixinho, ainda indistinto embora já bem próximo, fazia-se ouvir o motivo zombeteiro de *Mein lieber Augustin*.[102] *La marseillaise* não lhe presta atenção, *La marseillaise* acha-se no mais alto ponto de sua exaltação; mas *Augustin* avigora-se. *Augustin* torna-se cada vez mais atrevido e eis que as notas de *Augustin* coincidem de maneira imprevista com as de *La marseillaise*. Esta tem ar de revoltar-se; percebe afinal a presença de *Augustin*. desejaria libertar-se dele, afastá-lo como a uma mosca importuna, mas *Mein lieber Augustin* tomou decididamente pé na praça e *La marseillaise* comete a tremenda tolice de mostrar-se irritada e ofendida. Ouvem-se agora soluços de despeito, choro e maldições, braços levantados tomando a Deus como testemunha.

> *Pas un pouce de notre terrain, pas une de nos forteresses*.[103]

Nem por isso é menos constrangida a cantar em compasso com *Mein lieber Augustin*. Os acordes de *La marseillaise* confundem-se grotescamente com os de *Augustin*, ela baixa o tom cada vez mais e

acaba por extinguir-se. Aqui e ali entretanto, a intervalos, distingue-se *qu'un sang impur*…, mas é para recair logo na valsa galhofeira. Acaba fazendo a paz e temos Jules Favre[104] chorando em cima do plastrão de Bismarck e cedendo tudo, absolutamente tudo quanto se pode ceder… É então a vez de *Augustin* fazer das suas; sons agudos retinem, nos quais se sente a cerveja engolida a jorros, a gabolice exasperada do veterano, a exigência de milhões, as requisições de charutos de luxo, de champanhe, a entrega dos reféns; *Augustin* se transforma num rugido de fera desembestada… A guerra franco-prussiana acabou.

Os nossos aplaudem ruidosamente. Iúlia Mikháilovna convém, sorrindo: "Como pôr para fora semelhante farsista?". A paz está concluída, porque o maroto tinha decididamente talento. Não me afirmava um dia Stiepan Trofímovitch que os maiores artistas podem ser ao mesmo tempo horríveis tratantes e que uma coisa não impede a outra? Mais tarde, correu o boato de que Liámchin roubara aquela composição de um jovem de talento e muito modesto, que ele conhecera de passagem, e que deveu a esta circunstância ter ficado despercebido; mas isto nada tem que ver com nosso assunto. Aquele maroto de Liámchin, que foi visto muito tempo fazendo palhaçadas nos serões de Stiepan Trofímovitch, imitando, assim que lhe pediam, ora o sotaque de diversas personalidades judias locais, ora a confissão de uma velha beata atingida de surdez ou os gritos de uma mulher em trabalhos de parto, caricaturava por vezes, nas reuniões de Iúlia Mikháilovna, o próprio Stiepan Trofímovitch a quem qualificava entre outras coisas de "liberal dos anos 40". Todos riam com tal desenvoltura que era impossível no fim separar-se de tal homem, tanto soubera tornar-se necessário. Em consequência, não arredava passo de Piotr Stiepânovitch que, por sua vez, adquirira desde aquele momento estranha influência sobre Iúlia Mikháilovna.

Não me teria estendido a respeito desse maroto mais do que ele merece, se não tivesse ocorrido então um fato revoltante, no qual tomou ele parte, a dar-se crédito ao rumor público, e esse fato não posso de maneira alguma deixá-lo passar em silêncio.

Numa manhã, espalhou-se pela cidade a notícia de que uma abominável profanação acabava de ser cometida. Na entrada de nossa vasta Praça do Mercado, eleva-se a velha igreja da Natividade da

Virgem, monumento notavelmente antigo de nossa antiga cidade. Sob o pórtico do muro de circuito existia desde tempos remotos um grande ícone da Santa Virgem, embutido na parede, por trás de uma grade. Ora, eis que uma noite foi aquele ícone saqueado, quebrado o vidro do nicho, arrancada a grade e retiradas várias pérolas bem como pedras da coroa e do manto. Tinham essas joias grande valor? Ignoro. Mas o mais grave é que uma grosseira e absurda intenção blasfematória misturava-se aqui ao roubo: por trás da vidraça partida, encontrou-se, dizem, pela manhã, um rato vivo. Tem-se a certeza hoje, quatro meses após o acontecimento, que o autor daquele crime era Fiedka, o forçado, mas acrescenta-se que Liámchin também tomou parte. Ninguém então falou de Liámchin, de quem não se suspeitava absolutamente; agora toda a gente assegura que foi ele quem soltou o rato. Lembro-me de que todas as nossas autoridades ficaram um tanto fora de si. O povo reuniu-se desde manhã no local do crime, onde não cessou de estacionar uma multidão, não muito considerável sem dúvida, mas sempre composta de uma centena de indivíduos. Quando uns chegavam, outros se retiravam. Os recém-chegados faziam o sinal da cruz, beijavam o ícone; puseram-se a recolher oferendas, apareceu uma bandeja junto da qual se colocou um monge, e, somente pelas três horas da tarde, a Administração lembrou-se de que se poderia proibir o ajuntamento; ordenou, pois, que as pessoas circulassem depois de ter feito suas devoções e de ter oferecido seu óbolo. Esse lamentável acontecimento causou em von Lembke uma sombria impressão. Iúlia Mikháilovna, pelo que ouvi dizer, declarou mais tarde que foi a partir daquele nefasto dia que ela começou a perceber em seu esposo o estranho abatimento que não mais o deixou até sua partida e que, parece, o acompanha hoje na Suíça, onde continua sua cura após sua breve tentativa de residência em nossa província.

Cerca das duas horas da tarde, passei, lembro-me bem, pela Praça do Mercado; a multidão estava calada e os rostos mostravam uma expressão de gravidade preocupada. Chegou de *drójki* um comerciante gordo e amarelo, que, logo que desceu do carro, se prosternou até o chão, beijou o ícone e pôs um rublo na bandeja. Em seguida tornou a subir para o carro, lançando profundos suspiros. Chegou uma caleça em que se encontravam duas de nossas damas em companhia de dois de nossos pândegos. Os rapazes (dos quais um não estava mais na

primeira juventude) desceram também do carro e aproximaram-se do ícone, abrindo caminho bastante desastradamente através da multidão. Nem um nem outro se descobriu e um deles pôs seu pince-nez. Houve murmúrios, surdos é verdade, mas que nem por isso deixavam de manifestar desaprovação. O rapaz do *pince-nez* tirou de seu bolso uma carteira repleta de cédulas e dela escolheu um copeque que atirou sobre a bandeja, depois do que, ambos, rindo e falando bem alto, voltaram para a caleça. Nesse momento, Elisavieta Nikoláievna, escoltada por Mavríki Nikoláievitch, chegava a cavalo. Apeou-se, atirou as rédeas para seu companheiro, que ficou na sela por sua ordem, e dirigiu-se para o ícone no mesmo instante em que o copeque caía na bandeja. O rubor da indignação invadiu-lhe as faces, tirou sua cartola, suas luvas, caiu de joelhos diante da imagem bem no meio do passeio enlameado e por três vezes se prosternou devotamente até o chão. Em seguida tirou seu porta-moedas, mas verificando que só continha algumas moedinhas miúdas, retirou logo das orelhas seus brincos de brilhantes e depositou-os na bandeja.

— Pode-se, não é, pode-se? Para enfeitar o ícone? — perguntou ela ao monge, com voz emocionada.

— É permitido — respondeu ele. — Toda oferenda é bem recebida.

O povo mantinha-se silencioso, sem exprimir nem censura nem aprovação. Elisavieta Nikoláievna tornou a montar a cavalo, com sua saia manchada de lama e afastou-se a galope.

## *II*

Dois dias depois do acontecimento que acabo de relatar, encontrei-a em numerosa companhia que se dirigia em excursão em três carruagens, cercada de um grupo de cavaleiros. Fez-me um sinal com a mão, parou sua caleça e me pediu com insistência que me juntasse ao seu grupo. Deram-me lugar no carro e, depois de ter-me apresentado, rindo, às damas em traje de gala que a acompanhavam, explicou-me que a expedição projetada seria extremamente interessante. Ria às gargalhadas e sua felicidade parecia desmedida. Nos últimos tempos tornara-se duma alegria transbordante. Com

efeito, tratava-se de um empreendimento bastante excêntrico: toda aquela gente transportava-se para o outro lado do rio, à casa do comerciante Sievostiánov, que havia dez anos abrigava num pavilhão, longe do mundo e do tumulto, um santo personagem que possuía o dom da profecia e famoso não somente em nossa província, mas nos governos circunvizinhos e até nas duas capitais: o nosso bem-aventurado Siemion Iákovlievitch. Acorria gente de muito longe para visitá-lo e cada qual tratava de obter algumas palavras do "inocente", diante do qual se prosternava entregando sua oferenda. Quando Siemion Iákovlievitch não dispunha por si mesmo logo desses donativos por vezes consideráveis, eram convertidos em obras pias e iam de preferência para nosso mosteiro da Natividade; de modo que um monge, delegado pelo nosso mosteiro, conservava-se permanentemente ao lado de Siemion Iákovlievitch. Todos esperavam divertir-se muito. Ninguém do grupo vira ainda Siemion Iákovlievitch. Somente Liámchin viera já uma vez à casa de Siemion Iákovlievitch e afirmava agora que este o mandara expulsar a vassouradas, lançando contra ele, com sua própria mão, duas grandes batatas cozidas. Entre os cavaleiros, notei Piotr Stiepânovitch que montava desta vez ainda um cavalo de cossaco sobre o qual, aliás, se mantinha muito mal, e Nikolai Stavróguin, também a cavalo. Stavróguin não refugia às diversões gerais e sempre nessas ocasiões mantinha uma cara tão alegre quanto exigiam as conveniências, se bem que, segundo seu costume, falasse muito pouco e raramente. Quando, depois de ter passado a ponte, chegou a expedição à altura da hospedaria, alguém observou de súbito que se acabava de descobrir num quarto um viajante que se suicidara com um tiro de revólver e esperava-se a chegada da polícia. Surgiu logo a ideia de ir ver-se o suicida. Esta ideia encontrou aprovação: nossas damas nunca tinham visto suicidas. Lembro-me de que uma delas declarou em voz alta que "o tédio era tal que não havia verdadeiramente lugar para muita exigência no que se referia a distrações, contanto que aquilo fosse interessante". Alguns somente ficaram à espera diante do patamar; os outros meteram-se todos ao mesmo tempo por um corredor sujo e não foi sem estupefação que notei entre aquelas pessoas Elisavieta Nikoláievna. A porta do quarto em que jazia o cadáver estava aberta, e, naturalmente, não ousaram impedir-nos a entrada. Era um rapaz muito moço ainda, de dezenove anos no máximo, que devia ter sido muito bonito com

seus espessos cabelos louros, o oval regular de seu rosto e de sua fronte duma pureza admirável. Já estava rígido e sua face toda branca parecia de mármore. Sobre a mesa encontrava-se um bilhete escrito por ele, declarando que ninguém devia ser acusado pela sua morte e que ele mesmo se matava porque havia “engolido” quatrocentos rublos. A palavra “engolido” figurava com todas as letras bilhete, cujas quatro linhas continham três erros de ortografia. Um corpulento proprietário, provavelmente um de seus vizinhos, que se hospedara no mesmo hotel para tratar de negócios, curvava-se sobre o cadáver, lançando profundos suspiros. Segundo o que nos contou, aquele rapaz fora enviado de sua aldeia por sua família, isto é, por sua mãe viúva, suas irmãs e suas tias, para proceder, juntamente com uma parenta que morava na cidade, à compra do enxoval de sua irmã mais velha que ia casar-se dentro em breve. Para as compras que ele devia levar, tinham-lhe confiado quatrocentos rublos, penosamente economizados durante dez anos e só o tinham deixado partir após muitos suspiros e gemidos, acompanhados de infinitas recomendações, de preces e de objetos bentos. O rapaz fazia conceber até então as melhores esperanças. Tendo chegado à cidade três dias antes, em lugar de ir para a casa de sua parenta, hospedou-se no hotel, depois dirigiu-se diretamente ao clube, esperando descobrir em alguma sala isolada um estrangeiro de passagem que com ele quisesse montar uma banca, ou à falta de uma, ali encontrar algum outro parceiro. Mas não havia naquela noite ninguém desse gênero. De volta ao hotel cerca da meia noite, mandou buscar champanhe, charutos de Havana e ordenou um jantar de sete ou oito pratos. Mas o champanhe embriagou-o, o charuto deu-lhe náuseas, tanto que nem pode tocar nas comidas que lhe serviram e deitou-se quase sem conhecimento. No dia seguinte, acordou fresco como uma maçã e dirigiu-se para a outra margem do rio, à taverna dos ciganos, de que ouvira falar na véspera, no clube. Passou dois dias sem aparecer no hotel. Ontem, por fim, cerca das cinco horas da tarde, regressara bêbado, tendo-se deitado imediatamente e dormira até as dez horas da noite. Ao despertar pediu uma costeleta, uma garrafa de Château-Iquem e uvas, papel, tinta e sua conta. Ninguém notara nele nada de particular; estava calmo, manso e amável. Devia ter-se suicidado cerca da meia noite, se bem que, coisa estranha, ninguém tivesse ouvido a detonação. Somente hoje, a uma hora da tarde, não tendo o pessoal do hotel

obtido resposta, arrombou-se a porta. A garrafa de Château-Iquem estava ainda pela metade, restava também meio prato de uvas. A bala fora atirada direta ao coração com um revólver de três tiros, de pequeno calibre. Correra pouco sangue; o revólver caíra das mãos do rapaz sobre o tapete. O corpo jazia semiestendido sobre o divã colocado no canto do quarto. A morte devia ter sido instantânea; nenhum traço de sofrimento aparecia no rosto, cuja expressão era calma, quase feliz, e ao qual só faltava a vida. Todos os nossos contemplavam aquele espetáculo com ávida curiosidade. Em geral, há sempre em toda desgraça que atinge o próximo algo de alegre para qualquer outro que seja. Nossas damas olhavam em silêncio; seus companheiros procuravam mostrar-se por meio de alguma sutil observação que testemunhasse alta presença de espírito. Um deles observou que aquela era a melhor solução e que o rapaz não podia imaginar nada de mais inteligente; outro concluiu dizendo que pelo menos vivera bem, nem que tivesse sido apenas um instante. Um terceiro perguntou a si mesmo, de repente, entre dentes, por que os que se suicidavam enforcando-se ou a tiros de revólver estavam-se tornando cada vez mais numerosos "como se — acrescentava ele — de repente nos encontrássemos desarraigados e o solo nos faltasse sob os pés?". Esse raciocinador foi olhado sem amenidade. Em compensação, Liámchin, que fazia questão de desempenhar seu papel de bufão, pegou do prato um cacho de uvas; outro imitou-o, rindo e um terceiro já avançava o braço para a garrafa de Château-Iquem. Mas o chefe de Polícia, que chegava naquele momento, deteve-o no seu gesto e mandou "desocupar o quarto". Como toda a gente já vira, retiramo-nos logo sem a menor objeção, salvo da parte de Liámchin, que tentou parlamentar com o chefe de Polícia. A segunda metade do caminho foi seguida quase com duas vezes mais entusiasmo, risadas e galhofas.

Chegamos justamente a uma hora da tarde em casa de Siemion Iákovlievitch. A casa do comerciante estava com a porta escancarada e o acesso ao pavilhão era livre. Soubemos, no mesmo instante, que Siemion Iákovlievitch estava jantando, mas que haveria recepção. Com suas três janelas, a peça na qual o bem-aventurado recebia e fazia suas refeições era bastante espaçosa. Uma grade de madeira, elevando-se até meio corpo, separava-a de extremidade a extremidade em duas partes iguais. Os visitantes comuns mantinham-se aquém da

grade e somente os privilegiados, a convite do santo, tinham permissão de transpor a portinhola e penetrar no recinto que lhe era reservado; mandava-os sentar, se assim lhe aprazia, em velhas poltronas de couro ou sobre o divã; ele mesmo ocupava invariavelmente uma antiga poltrona Voltaire muito usada. Era um homem de uns cinquenta e cinco anos, de estatura bastante elevada, de rosto balofo e amarelo, louro e calvo, com raros cabelos, barba toda rapada, com a bochecha direita inchada, o que provocava ligeiro desvio da boca, uma grossa verruga perto da narina esquerda, olhos pequenos e uma expressão plácida na larga face sonolenta. Estava vestido com uma sobrecasaca preta, à moda dos pastores alemães, mas sem colete e gravata. Sob sua sobrecasaca podia-se ver que trazia uma camisa de pano bastante grosseiro, mas muito branca; como seus pés (ao que parecia) estivessem doentes, trazia-os em chinelos. Diziam-no funcionário e que ainda figurava no quadro. Acabava de tomar uma sopa leve de peixe e atacava o segundo prato: batatas cozidas com sal. Jamais comia coisa diferente, mas afeiçoado ao chá, bebia-o em quantidade. Em torno dele, pavoneavam-se três criados mantidos pelo comerciante. Um deles estava de fraque, o segundo parecia-se com um caixeiro e o terceiro com um sacristão. Havia ainda um rapaz de dezesseis anos que não esquentava lugar. Além dos criados, encontrava-se ali também um venerando monge de cabelos grisalhos, um pouco obeso demais talvez, tendo na mão um mealheiro. Sobre uma mesa fervia um enorme samovar ao lado duma bandeja contendo cerca de duas dúzias de copos. Sobre outra mesa em face, estavam dispostas as oferendas: vários pacotes e cones de açúcar, duas libras de chá, um par de chinelos bordados, um lenço de pescoço, um retalho de pano, uma peça de tecido de algodão, etc. Quase todas as oferendas em dinheiro caíam no cofre do monge.

Havia muita gente no quarto. Somente os visitantes eram em número de doze. Dois deles estavam sentados junto de Siemion Iákovlievitch, do outro lado da grade; um, velho de cabelos brancos, era um homem do povo que chegara em peregrinação; o outro, pequeno, magro, um monge de passagem e que se conservava sentado, de olhos baixos, com um ar de modéstia. O resto dos visitantes, de pé aquém da grade, era na maior parte gente vulgar, com exceção de uma velha senhora, nobre e pobre, de um proprietário e de um gordo

comerciante que morava na sede de distrito vizinho, usava longa barba e trajava à russa e cuja fortuna era avaliada em cem mil rublos. Todos aguardavam o instante feliz, sem ousar pronunciar a menor palavra. Quatro indivíduos tinham-se posto de joelhos, mas o que atraía particularmente a atenção era o proprietário, um gordo homem de uns quarenta e cinco anos, que ocupava um lugar mais em vista que os outros, ajoelhado bem contra a grade e esperando com compunção um olhar ou uma palavra benévola de Siemion Iákovlievitch. Estava ali desde mais de uma hora, sem que o bem-aventurado desse sinal de percebê-lo.

Nossas damas foram agrupar-se contra a grade, prosseguindo na sua amável e jovial tagarelice. Todos os que estavam de joelhos, da mesma maneira que os outros visitantes, tiveram de comprimir-se ou de abrir-lhes caminho, exceto o proprietário que conservou obstinadamente seu lugar, agarrando-se com as duas mãos à grade. Olhares insistentes e acesos pela curiosidade convergiram sobre Siemion Iákovlievitch, ao mesmo tempo que os lornhões, os *pince-nez* e até mesmo binóculos. Quanto a Liámchin usava mesmo um binóculo de teatro. Siemion Iákovlievitch, com uma tranquilidade preguiçosa, deixou flutuar por sobre todo aquele mundo o olhar de seus olhinhos penetrantes:

— Belo espetáculo! Belo espetáculo! — disse em voz baixa, um pouco rouca, não sem certa admiração.

Todo o nosso grupo desatou a rir. Que quereriam dizer aquelas palavras: “Belo espetáculo”? Mas Siemion Iákovlievitch abismou-se no seu mutismo e acabou de comer suas batatas. Quando acabou, limpou-se com o guardanapo e serviram-lhe o chá.

Comumente, não o tomava só e oferecia-o aos visitantes, não a todos, é verdade, mas àqueles a quem queria distinguir. Suas disposições impressionavam sempre pelo seu imprevisto. Ora não dando atenção às pessoas de destaque ou à gente rica, mandava servir um mujique ou alguma velhinha, ora deixando de lado os pobres, passava a designar algum gordo e abastado comerciante. A maneira de servir variava da mesma maneira que a quantidade; a um, oferecia-se chá com açúcar, a outro, chá com açúcar separado, ao terceiro sem

açúcar nenhum. Desta vez os favoritos foram o monge que estava de passagem e recebeu um copo de chá açucarado; o segundo, o velho peregrino ao qual se deu chá sem açúcar. Quanto ao monge gordo, vindo do mosteiro, o do cofre, naquele dia não lhe ofereceram nada, quando não tinha ele até então deixado de receber o seu copo.

— Siemion Iákovlievitch, dizei-me alguma coisa; desde muito tempo desejava conhecer-vos — esganiçou com muitas caretas e sorrisos a dama elegante de nossa carruagem, que ainda havia pouco observara que, em questão de distrações, não se devia ser muito exigente, contanto que fossem interessantes. Siemion Iákovlievitch nem mesmo a olhou. O proprietário ajoelhado lançou um profundo e ruidoso suspiro, como se levantassem de cima de si e tornassem a deixar cair um grande peso.

— Chá com açúcar! — disse de súbito Siemion Iákovlievitch, apontando para o comerciante dos cem mil rublos, que se aproximou e foi colocar-se ao lado do proprietário.

— Com mais açúcar! — ordenou Siemion Iákovlievitch, depois que lhe encheram o copo. A ração foi dobrada.

— Mais açúcar! A ele ainda!…

Deram-lhe terceira ração e em seguida uma quarta. O comerciante pôs-se a beber aquela xaropada sem murmurar.

— Senhor! — cochichou a assistência, benzendo-se. De novo o proprietário lançou um profundo e ruidoso suspiro.

— *Bátiuchka*, Siemion Iákovlievitch — exclamou, de repente, uma voz dolente, mas aguda, e tal que não se esperava da pobre mulher que as nossas damas haviam empurrado contra a parede. — Há uma boa hora, meu pai, que espero tua bênção. Fala-me, aconselha-me, sou uma pobre órfã.

— Interroga-a — disse Siemion Iákovlievitch, que a designou ao criado de cara de sacristão. Este se aproximou da grade.

— Cumpriu o que Siemion Iákovlievitch lhe ordenou da

derradeira vez? — perguntou ele à viúva de voz melíflua.

— Como fazê-lo, *bátiuchka* Siemion Iákovlievitch? — ganiu a viúva. — São uns antropófagos! Apresentaram queixa contra mim ao tribunal do distrito e ameaçam levar-me perante o Senado. É assim que tratam a própria mãe…

— Dai-lhe! — disse Siemion Iákovlievitch, indicando um torrão de açúcar. O menino adiantou-se, pegou o torrão e entregou-o à viúva.

— Oh! *bátiuchka*! — exclamou a viúva. — Que farei com tudo isto?

— Mais! Mais! — dizia Siemion Iákovlievitch, em veia de generosidade.

Trouxeram outro torrão de açúcar, "Mais, mais!" — ordenou o bem-aventurado. Um terceiro e por fim um quarto torrão foram oferecidos à viúva que se viu rodeada de açúcar por todos os lados. O monge do mosteiro suspirou; tudo aquilo teria podido ir parar em seu convento, como em outras ocasiões.

— Mas que farei com tudo isto? — gemeu a viúva, num tom abatido. — Vai-me fazer mal!… Ou seria isto por acaso alguma profecia, *bátiuchka*?

— Sim, é uma profecia — murmurou alguém em meio da multidão.

— Ainda uma libra! Ainda para ela! — continuou Siemion Iákovlievitch.

Restava ainda em cima da mesa um torrão inteiro, mas Siemion Iákovlievitch dissera uma libra e deram uma libra à viúva.

— Senhor! Senhor! — suspirava o povo, fazendo o sinal da cruz. — É evidentemente uma profecia.

— Adoçai primeiro vosso coração pela bondade e pela misericórdia e depois vinde queixar-vos de vossos filhos, os ossos de vossos ossos. Eis, segundo toda a probabilidade, o que significa esse

símbolo — murmurou, num tom satisfeito, o gordo monge, a quem tinham esquecido de oferecer chá e que, sentindo-se magoado em seu amor-próprio, acreditara dever tomar a palavra.

— Ah! que sabes tu disso, *bátiuchka*? — exclamou de repente a viúva, cheia de cólera. — Eles me passaram um nó no pescoço para arrastar-me à fogueira, quando ardeu a casa de Vierchinin. Meteram um gato morto no meu guarda-roupa. Quer dizer que estão prontos a todas as sujeiras…

— Ponham-na para fora! Ponham-na para fora! — gritou de repente Siemion Iákovlievitch, agitando o braço.

O sacristão e o rapazinho passaram para o outro lado da grade. O sacristão pegou pelo braço a viúva, que logo se acalmou e deixou-se levar para a porta, não sem deixar de olhar para os torrões de açúcar que o menino carregava atrás dela.

— Tirem-lhe um! Tirem-lhe um! — ordenou Siemion Iákovlievitch ao caixeiro que ficara junto dele. Este correu atrás dos que acabavam de sair e os três criados voltaram um instante mais tarde, trazendo o torrão de açúcar dado a princípio, e depois retomado da viúva, que, ainda assim, levou três.

— Siemion Iákovlievitch — disse uma voz lá atrás, perto da porta, — vi em sonho um pássaro, um corvo que saía voando da água e se dirigia para o fogo. Que significa esse sonho?

— Sinal de frio! — proferiu Siemion Iákovlievitch.

— Siemion Iákovlievitch, por que não me respondestes nada? Interesso-me por vós desde tanto tempo! — voltou a falar a dama de nossa sociedade.

— Interrogue-o — ordenou Siemion Iákovlievitch, sem escutá-la, apontando o proprietário ajoelhado.

O monge do mosteiro, a quem fora dada a ordem, avançou gravemente para o proprietário.

— Qual foi seu pecado? Não lhe ordenaram alguma coisa?

— Não brigar, não bater — respondeu o proprietário todo enleado.

— Obedeceu? — perguntou o monge.

— Não posso, é mais forte do que eu.

— Ponham-no para fora! Ponham-no para fora a vassouradas! — exclamou Siemion Iákovlievitch, com grandes gestos. O proprietário, sem esperar que a ordem fosse executada, fugiu o mais depressa possível.

— Deixou uma moeda de ouro — disse o monge, apanhando do soalho um meio-imperial.

— Para aquele — respondeu Siemion Iákovlievitch, apontando com o índice o rico comerciante. O ricaço não ousou recusar.

— O ouro atrai o ouro — não pode impedir-se de dizer o monge do mosteiro.

— E chá com açúcar àquele — ordenou de súbito o bem-aventurado, mostrando Mavríki Nikoláievitch. Um criado serviu o chá e apresentou-o por engano a um dos janotas de pince-nez.

— Ao grande, ao grande! — precisou Siemion Iákovlievitch.

Mavríki Nikoláievitch pegou o copo, esboçou uma vaga continência e pôs-se a beber. Todos os nossos, não sei por que, desataram a rir.

— Mavríki Nikoláievitch — disse de repente Lisa, — o homem que estava ajoelhado acaba de partir, ponha-se no lugar dele.

Mavríki Nikoláievitch olhou-a, espantado.

— Rogo-lhe, vai me dar grande prazer. Escute, Mavríki Nikoláievitch — prosseguiu ela, de repente, com um fervor apaixonado, obstinado. — É preciso absolutamente que se ponha de joelhos, quero ver de modo completo como ela queria. Se não o fizer, não venha mais à minha casa. Quero-o, quero-o absolutamente!

Ignoro o que ela queria dizer com aquilo, mas exigia de uma maneira insistente, implacável; parecia dominada por uma crise de nervos. Mavríki Nikoláievitch, como veremos mais adiante, atribuía aqueles acessos cada vez mais frequentes a explosões de um ódio cego que ela nutria contra ele, não por maldade, pelo contrário, tinha por ele respeito, afeto e estima, e ele não ignorava isso, mas por uma espécie de animosidade inconsciente de que por momentos não se conseguia libertar.

Sem dizer palavra, ele entregou o copo a uma velha que se achava de pé atrás dele, abriu a porta da grade, sem esperar autorização e penetrou na parte reservada a Siemion Iákovlievitch; depois, tendo chegado ao meio do quarto, pôs-se de joelhos à vista de todo mundo. Creio que se sentiu fortemente ferido na delicadeza e simplicidade de seu coração com tal capricho grosseiro de Lisa, na presença de toda a nossa sociedade. Talvez pensasse que, vendo a humilhação que ela o obrigava a suportar com tal insistência, experimentasse a moça algum sentimento de vergonha. Decerto, somente ele mesmo era capaz de tentar corrigir uma mulher usando de meios tão ingênuos e tão arriscados. Estava de joelhos, mantendo um ar de gravidade imperturbável, ridículo com seu corpanzil desengonçado. Mas os nossos não riam: aquele espetáculo insólito só podia causar uma sensação de mal-estar. Todos olhavam para Lisa.

— Espírito Santo! Espírito Santo! — murmurou Siemion Iákovlievitch.

Lisa ficou lívida, de súbito, lançou um grito e avançou para o outro lado da grade. Ali ocorreu curta cena de histeria. Com todas as suas forças pôs-se a levantar Mavríki Nikoláievitch, puxando-o com as duas mãos pelos cotovelos.

— Levante! Levante — exclamava ela, com um ar desvairado. — Imediatamente, levante, imediatamente! Como ousou pôr-se de joelhos?

Mavríki Nikoláievitch levantou. Ela lhe agarrou com as duas mãos os braços acima dos cotovelos e fitou-o diretamente nos olhos. Seu olhar exprimia terror.

— Belo espetáculo! Belo espetáculo! — repetiu mais uma vez Siemion Iákovlievitch.

Ela levou por fim Mavríki Nikoláievitch para o outro lado da grade. Toda a nossa sociedade estava dominada de viva agitação. A dama da carruagem, sem dúvida para dissipar aquela impressão, dirigiu-se pela terceira vez a Siemion Iákovlievitch, com afetado sorriso:

— Então, Siemion Iákovlievitch, será que não me vai dizer alguma coisa? Contava tanto com o senhor!

— Vá-se f…! — gritou, de repente, Siemion Iákovlievitch, voltando-se para o lado dela. A frase, pronunciada em voz alta, num tom de cólera, foi percebida com terrível nitidez. As damas saíram lançando gritinhos aterrorizados, enquanto os cavalheiros desataram em gargalhadas homéricas. Terminou dessa forma nossa visita a Siemion Iákovlievitch.

Todavia, dizem, ocorreu então um incidente dos mais enigmáticos, e confesso que foi sobretudo por causa disso que relatei com tantos pormenores a lembrança dessa excursão.

Pretende-se que, no momento em que todos se precipitavam para a saída, Lisa, que se apoiava no braço de Mavríki Nikoláievitch, bateu de repente de encontro a Nikolai Vsiévolodovitch no atropelo que ocorreu perto da porta. É preciso dizer que, desde o desmaio de Lisa, na manhã do domingo, se bem que se tivessem encontrado muitas vezes em sociedade, não se haviam mais aproximado, nem trocado palavras. Fui testemunha do encontro perto da porta: ao que me pareceu, durante um instante, pararam ambos e olharam-se duma maneira estranha. Mas eu não podia ver senão com dificuldade por causa da multidão. Assegurou-se, pelo contrário, e o mais seriamente possível, que, ao ver Nikolai Vsiévolodovitch, Lisa ergueu de repente a mão à altura do rosto do jovem homem e o teria decerto esbofeteado, se ele não se houvesse retirado a tempo. Talvez seu desprazer tivesse sido provocado por uma expressão de zombaria ou um sorriso, sobretudo após o episódio com Mavríki Nikoláievitch. Confesso que, pela minha parte, nada vi, mas em compensação todos pretenderam

ter visto, muito embora certamente esse espetáculo foi reservado apenas a um pequeno número em virtude da desordem e da confusão. Fui eu então o único que não acreditou em nada. Lembro-me, no entanto, de que, no regresso, Nikolai Vsiévolodovitch tinha o rosto um tanto pálido.

## *III*

No mesmo dia e quase à mesma hora, ocorreu afinal a entrevista que Varvara Pietrovna meditava ter desde muito tempo e que anunciara já muitas vezes a seu ex-amigo, com Stiepan Trofímovitch, mas que, por essa ou aquela razão, sempre retardara até então. Passava-se isto em Skvopiéchniki. A generala chegou muito atarefada à sua casa de campo; na véspera, fora definitivamente decidido que a festa em benefício das professoras se realizaria em casa da marechala da nobreza. Mas com sua prontidão de espírito habitual, Varvara Pietrovna determinara imediatamente que nada a impedia, após aquela festa, de dar uma por sua vez em sua casa, em Skvopiéchniki e a ela convidar toda a cidade. Seria possível então julgar, com conhecimento de causa, qual das duas casas era a melhor, aquela onde se sabia receber melhor e dar um baile com mais gosto. Em geral, Varvara Pietrovna estava irreconhecível. Havia nela como que um renascimento e a inacessível "dama altiva" (segundo a expressão de Stiepan Trofímovitch) transformara-se numa dama qualquer da sociedade, unicamente interessada por frivolidades. Aliás, podia ser apenas uma aparência. Tendo chegado a uma casa vazia, deu um giro pelos aposentos, acompanhada pelo velho e fiel Alieksiéi Iegórovitch e pelo importante Fómuchka, especialista em decoração. Começaram então os conciliábulos e os projetos: que móveis, que objetos e quadros deveriam ser trazidos da cidade. Onde os colocariam? Como tirar o melhor partido das plantas e das flores? Onde colocariam cortinas novas? Onde seria instalado o bufê; haveria um só ou dois?… etc., etc. E eis que, em meio de suas ocupações mais urgentes, veio-lhe de repente a ideia de mandar sua carruagem buscar Stiepan Trofímovitch.

Este estava desde tanto tempo avisado e à espera de um convite repentino, que se mantinha pronto a atender. Quando subiu na

carruagem, fez o sinal da cruz: sua sorte ia decidir-se. Encontrou sua amiga na grande sala, sentada num pequeno divã recuado, perto de uma mesinha de mármore, tendo na mão um lápis e um papel. Fómuchka, com uma fita métrica na mão, media a altura das tribunas e janelas, enquanto a própria Varvara Pietrovna anotava os números e fazia marcas no chão. Sem interromper sua tarefa, fez um aceno de cabeça para o lado de Stiepan Trofímovitch e quando este último, balbuciando, apresentou seus cumprimentos, estendeu-lhe ela rapidamente a mão e, sem olhá-lo, indicou-lhe um lugar a seu lado.

— Sentei e esperei cinco bons minutos, comprimindo meu coração — contou-me mais tarde Stiepan Trofímovitch. — Via diante de mim uma outra mulher, diferente daquela que conhecera durante vinte anos. A convicção absoluta de que tudo estava acabado deu-me tais forças que a ela mesma causaram surpresa. Juro-lhe, ficou ela maravilhada diante de meu estoicismo naquela hora derradeira.

Varvara Pietrovna pousou de súbito seu lápis em cima da mesinha e voltou-se bruscamente para Stiepan Trofímovitch.

— Stiepan Trofímovitch, temos de tratar de negócios. Estou certa de que você preparou belas frases e fez provisão de ditos de espírito. Mas vale mais a pena ir diretamente ao fato, não é?

Era revolver a faca na ferida. Apressava-se um pouco demais em revelar suas intenções. Que haveria em seguida?

— Espere, cale-se, deixe-me falar, depois será sua vez, se bem que não saiba quais objeções você poderia levantar — prosseguiu com volubilidade a generala. — Os mil e duzentos rublos de sua pensão anual considero como meu dever mais sagrado continuar pagando até o fim de seus dias, isto é, um convênio mais que um dever, o que estará muito mais conforme com a realidade, não é verdade? Se quiser, poremos a coisa por escrito. Foram tomadas disposições particulares para o caso em que eu venha a morrer. Mas você receberá de mim atualmente, além dessa pensão, o alojamento, o serviço e a manutenção. Convertamos isto em dinheiro: você terá mil e quinhentos rublos, não é mesmo? Acrescentarei ainda trezentos rublos a mais e eis em números redondos três mil. Isto será suficiente para

um ano? Parece-me que é bastante. Aliás, acrescentarei ainda alguma coisa nas ocasiões extraordinárias. De modo que, receba esse dinheiro, devolva-me meus criados e viva à sua vontade, onde quiser, em Petersburgo, em Moscou, no estrangeiro ou aqui, contanto que não seja em minha casa. Entendeu?

— Ultimamente a mesma boca comunicava-me outra exigência não menos formal e insistente — articulou com voz lenta e triste Stiepan Trofímovitch. — Submeti-me… e dancei a dança cossaca para causar-lhe prazer. *Oui, la comparaison peut être permise. C'était comme un petit cosaque du Don, qui sautait sur sa propre tombe*.[105] Agora…

— Alto lá, Stiepan Trofímovitch. Você gosta tremendamente de fazer frases. Você não dançou: você apareceu em minha casa com uma gravata nova, roupa branca limpa, luvas, empomadado e perfumado. Asseguro-lhe que ardia de vontade de casar; isto se lia no seu rosto e era mesmo a coisa mais ridícula do mundo. Se não lhe fiz esta observação então, foi simplesmente por delicadeza. Mas você desejava casar, desejava-o a despeito das ignomínias que escrevia confidencialmente a meu respeito e a respeito de sua noiva. Agora, é bem diferente. E que vem fazer aqui esse "cossaco do Don" sobre seu pretenso túmulo? Ignoro o que significa essa comparação. Pelo contrário, não morra, viva, viva o mais tempo possível, ficarei encantada.

— Num asilo?

— Num asilo? Não se vai para um asilo, quando se tem três mil rublos de renda. Ah! lembro-me — disse ela, com um sorriso, — com efeito, Piotr Stiepânovitch fez uma vez por brincadeira uma alusão ao asilo. Aliás, trata-se de um asilo particular e vale a pena refletir nisso. Só se admitem nele pessoas distintíssimas. Há ali coronéis e até mesmo neste momento um general solicita um lugar lá. Se você nele entrar com todo o seu dinheiro, ali encontrará o repouso, o conforto, criados para servi-lo. Poderá consagrar-se às ciências e sempre lhe será possível fazer seu joguinho de cartas…

— *Passons*.

— *Passons*? — disse, careteando, Varvara Pietrovna. — Mas neste

caso é tudo. Está avisado: doravante viveremos cada qual para seu lado.

— E é tudo? — Tudo quanto resta desses vinte anos? É o nosso derradeiro adeus?

— Você gosta demais de exclamações, Stiepan Trofímovitch. Hoje, não estão mais absolutamente em moda. Fala-se grosseiramente, mas simplesmente. Você sempre se refere aos nossos vinte anos. Vinte anos dum recíproco amor-próprio e nada mais. Cada uma das cartas que você me dirigia era escrita, não para mim, mas para a posteridade. Você é um estilista, não um amigo, porque a amizade não é senão a palavra lisonjeadora para designar na realidade um mútuo extravasamento de águas sujas…

— Meu Deus! que palavras estranhas em sua boca! Lições aprendidas de cor! Também já lhe vestiram seu uniforme! Também você está alegre, também você está ao sol! *Chère, chère* por que prato de lentilhas você trocou com eles a sua liberdade!

— Não sou nenhuma periquita para repetir as palavras alheias! — retorquiu Varvara Pietrovna, num tom colérico. — Esteja certo de que tenho vocabulário próprio. Que fez você por mim nestes vinte anos? Recusava-me até os livros que eu mandava vir para você e que nem mesmo teriam sido cortados sem a intervenção do encadernador. Que me deu você a ler quando, nos primeiros anos, lhe pedia que me orientasse? Capefigue e sempre Capefigue.[106] Você parecia ter inveja do meu desenvolvimento intelectual e tomava suas disposições a respeito. E entretanto todo mundo ri de você. Confesso-o, sempre o considerei como simples crítico; você é um crítico literário e nada mais. Quando viajávamos para Petersburgo, ao dar-lhe parte de meu projeto de fundar uma revista e de consagrar-lhe minha vida, você logo me olhou com um olhar irônico e tornou-se de súbito tremendamente arrogante…

— Não era isso, não era isso… temíamos então perseguições…

— Era isso; quanto às perseguições, você não tinha de temê-las em Petersburgo. Lembre-se de como mais tarde, em fevereiro, quando a notícia se espalhou, chegou você correndo à minha casa, suando de

medo e exigiu um certificado, sob forma de carta, declarando que a revista a aparecer nada tinha com você, que os jovens frequentavam minha casa e não a sua, e que não era você senão um mero preceptor, vivendo na minha casa pelo fato de não ter eu ainda acabado de pagar-lhe os seus honorários. Não é verdade? Lembra-se? Você se distinguiu toda a sua vida, Stiepan Trofímovitch, pela sua atitude.

— Não foi senão um minuto de pusilanimidade, um minuto, como agora, de íntima confiança — exclamou ele, dolorosamente. — Mas será possível, será possível que tudo esteja rompido por causa de impressões tão mesquinhas? Será possível que nada mais subsista entre nós depois de tantos anos que vivemos juntos?

— Você é tremendamente calculista; faz sempre de modo que eu fique sendo sua devedora. No seu regresso do estrangeiro, você olhava de alto e não me deixava dizer uma palavra. E quando eu mesma resolvi viajar e quis mais tarde trocar com você minhas impressões sobre a Madona da Sistina, você nem mesmo dignou-se ouvir-me; e contentou-se com sorrir para sua gravata, como se eu não fosse capaz, eu, de experimentar os mesmos sentimentos que você.

— Não foi assim, provavelmente, não foi assim… *j'ai oublié*.

— Sim, foi mesmo assim, e além disso não tinha você por que pavonear-se diante de meus olhos, uma vez que tudo não passa de puras tolices nascidas de sua imaginação. Ninguém hoje perde mais tempo em extasiar-se diante da Madona da Sistina, a não ser alguns velhos fósseis. É coisa provada.

— Que é que é coisa provada?

— Ela não serve para nada. Este jarro é útil, porque pode-se pôr água nele; este lápis é útil porque pode-se tomar toda espécie de notas com ele; mas aquilo é um rosto de mulher pior que os que são vistos ao natural. Tente então pintar uma batata e coloque ao lado uma batata verdadeira: qual das duas você escolheria? Estou bem certa de que você não se enganaria. Eis o que resta hoje de suas teorias, apenas o primeiro raio do livre exame as aflorou.

— Bem, bem.

— Você sorri ironicamente. E que me dizia, por exemplo, da esmola? No entanto, o prazer de dar esmola é um prazer vaidoso e imoral, um prazer de rico satisfeito com sua riqueza, seu poder é com a comparação que estabelece entre a sua importância e a do mendigo. A esmola deprava aquele que a dá e aquele que a recebe; além disso não atinge seu objetivo, porque só serve para aumentar a miséria. Os preguiçosos que não querem trabalhar reúnem-se em torno daqueles que dão, tais como jogadores em torno de uma mesa de jogo na esperança de ganhar. E entretanto os miseráveis cobres que lhes lançam não chegam para aliviar a centésima parte de seus males. Deu muito dinheiro em sua vida? Não mais de oitenta copeques, lembre-se disso. Tente, pois, lembrar-se um pouco de quando deu pela última vez; há pelo menos uns dois anos ou quem sabe mesmo uns quatro. Você grita e só faz atrapalhar as coisas. A esmola, na sociedade atual, deve ser legalmente abolida. Na nova organização não haverá absolutamente mais pobres.

— Oh! que lamentável interpretação das palavras alheias! Com que então está você ligada a essa nova organização! Desgraçada, que Deus a ajude!

— Sim, eis-me nela, Stiepan Trofímovitch. Você tomava cuidado de me ocultar todas as ideias novas agora ao alcance de todos, e o fazia unicamente por inveja, a fim de conservar seu império sobre mim. Eis por que uma Iúlia Mikháilovna está umas cem verstas à minha frente. Mas agora vejo claro, também eu. Eu o defendi, Stiepan Trofímovitch, enquanto esteve em meu alcance; decididamente, todo mundo o condena.

— Basta! — disse ele, levantando. — Basta! E que posso eu desejar-lhe ainda, senão o arrependimento?

— Sente-se um minuto, Stiepan Trofímovitch. Devo fazer-lhe ainda uma pergunta. Você foi convidado para fazer uma conferência na matinal literária. Fui eu que arranjei tudo. Diga-me, que é que vai ler?

— Ah! eis, precisamente, algo sobre aquela rainha das rainhas, sobre aquele ideal de humanidade, a Madona da Sistina, que não vale,

segunda a sua opinião, um jarro ou um lápis!

— Quer dizer que você não fará uma conferência sobre história? — disse Varvara Pietrovna dolorosamente desapontada. — Mas não o escutarão. Faz então muita questão dessa Madona? Estará bastante adiantado, quando tiver adormecido o auditório. Persuada-se, Stiepan Trofímovitch, de que é somente no seu interesse que falo. Que é que o impedia de extrair de sua História da Espanha um trecho curto, mas interessante, referente à Idade Média, ou melhor, uma anedota que teria você temperado com algumas palavras espirituosas de sua própria lavra? Haveria ali para você a pompa das cortes, tais e tais damas ilustres, envenenamentos. Karmázinov declara que seria bem estranho que a história da Espanha não fornecesse matéria para uma conferência interessante.

— Karmázinov, esse oco, esse cretino, procura temas para mim?

— Karmázinov tem quase a inteligência de um homem de Estado! Você não contém bastante sua língua, Stiepan Trofímovitch!

— O seu Karmázinov é uma velha comadre avinagrada e pateta! *Chère, chère* faz muito tempo que eles a transformaram dessa forma? Oh! meu Deus!

— Agora, não posso tampouco suportar-lhe a petulância, mas faço justiça ao espírito dele. Repito: defendi você com todas as minhas forças, o quanto pude. E de que serve passar por homem ridículo e aborrecido? Pelo contrário, suba ao estrado com um sorriso distinto, como o faria um representante do século passado, e conte-nos três anedotas, com todo o seu espírito jovial, como só você por vezes sabe fazer. Que importa que seja um velho, um sobrevivente do passado, que importa enfim que seja em comparação com eles um atrasado? Não deixará de reconhecer isto com bom humor no seu exórdio e todo mundo verá bem que você é um destroço encantador, amável e espirituoso… Em uma palavra, um homem de velha rocha e todavia suficientemente avançado para apreciar pelo seu justo valor o ferro-velho das doutrinas às quais até agora havia ficado apegado. Vamos, dê-me esse prazer, rogo-lhe.

— *Chère* basta! Não me peça isso, não posso. Falarei da Madona,

mas provocarei uma tempestade que os pulverizará a todos ou pela qual não serei o único a ser atingido.

— É bem provável que será só você, Stiepan Trofímovitch…

— Pois bem! que seja esse meu destino. Minha narrativa pregará no pelourinho o escravo covarde, o vil e sórdido lacaio depravado que por primeiro trepar numa escada, de tesoura na mão, para mutilar a face divina do grande ideal, em nome da igualdade, da inveja… e da digestão. Que minha maldição possa repercutir e então, então…

— Num hospício de loucos?

— Talvez. Mas, em todo caso, saia eu vencedor ou vencido, na mesma noite tomarei minha sacola, minha sacola de mendigo, abandonarei tudo quanto possuo, todos os seus presentes, todas as suas pensões, e suas promessas referentes a outros favores a vir, e irei a pé, para acabar minha vida como preceptor em casa de algum comerciante, ou morrer de fome, em algum lugar, ao pé de um muro. Tenho dito, *Alea jacta est*![107]

Levantou de novo.

— Tinha a certeza! — exclamou Varvara Pietrovna, levantando também, de olhos chamejantes de cólera. — Há anos que estava certa de que vivia você unicamente para me desonrar afinal, a mim e à minha casa, com suas calúnias! Que quer você significar com isso de pretender ir como “preceptor” para a casa de um comerciante ou morrer ao pé de um muro? Maldade, calúnia e nada mais!

— Você sempre me desprezou; mas eu acabarei como um cavalheiro fiel à sua dama, porque seu julgamento acima de tudo sempre me foi caro. A partir deste momento não aceitarei mais nada e a honrarei com todo o desinteresse.

— Como tudo isso é estúpido!

— Você nunca me estimou. Pude ter um número infinito de fraquezas. Sim, fui seu papa-jantares; falo a língua dos niilistas. Mas viver como papa-jantares jamais foi o supremo princípio de meus atos.

Isto ocorreu por si mesmo, não sei como… Sempre pensei que entre nós restaria algo de mais alto que o comer, e nunca, nunca, cometi uma vilania. É por isso que estou a caminho agora de reparar minha falta! Empreendo uma tardia viagem; o outono vai avançado no campo, a bruma pesa sobre os prados, a geada glacial da senilidade recobre meu futuro caminho e o vento geme sobre minha tumba prestes a abrir-se… Mas a caminho, a caminho, pela estrada nova:

> Cheio dum amor puro,
> Fiel ao doce sonho…

Oh! adeus, meus sonhos! Vinte anos! *Alea jacta est*!!

Seu rosto estava todo banhado de lágrimas, subitamente brotadas de seus olhos. Pegou seu chapéu.

— Não compreendo o latim — disse Varvara Pietrovna, enrijecendo-se com todas as forças contra si mesma.

Quem sabe? Talvez também ela tivesse vontade de chorar, mas o despeito e o capricho dominaram-na mais uma vez.

— Só sei de uma coisa, é que tudo isso não passa de brincadeira. Você jamais será capaz de pôr em execução suas ameaças, inspiradas pelo egoísmo. Você não irá a parte alguma, à casa de nenhum comerciante e continuará bem tranquilamente a descansar nos meus braços, recebendo sua pensão e todos as terças-feiras seus amigos com cuja cara não vou. Adeus, Stiepan Trofímovitch.

— *Alea jacta est*! — disse ele, inclinando-se profundamente diante dela, depois voltou para sua casa, mais morto do que vivo em consequência de todas aquelas emoções.

## Capítulo VI / Piotr Stiepânovitch em atividade

### *I*

O dia da festa fora definitivamente marcado, mas von Lembke tornava-se cada vez mais triste e preocupado. Era perseguido por

estranhos e sinistros pressentimentos que alarmavam Iúlia Mikháilovna. É verdade que nem tudo corria bem. Nosso antigo governador, homem dum caráter um tanto mole, não deixara sua administração em ordem perfeita; naquele momento a cólera-morbo ameaçava; em certas localidades verificava-se grande mortalidade no gado; durante todo o verão incêndios lavraram nas cidades e nas aldeias e o estúpido boato de que tinham sido ateados de propósito obtinha cada vez mais crédito entre a gente do povo. O roubo aumentara em proporções duas vezes maiores do que antes. Mas tudo isso, é claro, não teria sido senão habitual, se não se lhe tivessem acrescentado outras causas para perturbar a tranquilidade do feliz Andriéi Antônovitch.

O que sobretudo feriu a atenção de Iúlia Mikháilovna é que ele se tornava cada dia mais taciturno e, coisa estranha, cada vez mais misterioso. E, entretanto, que teria ele a esconder? Na verdade, raramente ele lhe respondia e a maior parte das vezes oferecia-lhe as desculpas mais completas. Aconteceu, por exemplo, que a instâncias de Iúlia Mikháilovna duas ou três providências muito arriscadas e quase ilegais foram aplicadas sob forma de decreto, destinado a reforçar o poder do Governador. Outras sinistras manigâncias foram perpetradas com o mesmo fim; foi assim que indivíduos passíveis de condenação e de Sibéria foram propostos a beneficiários de uma recompensa, graças à intervenção da Governadora. Decidiu-se sistematicamente não mais responder às queixas e pedidos. Tudo isto veio a ser descoberto mais tarde. Lembke, não somente subscrevia tudo, mas nem mesmo procurava ver a que ponto participava sua mulher das obrigações de seu cargo. Em compensação, acontecia-lhe por vezes insurgir-se de repente por “ninharias”, o que não deixava de causar espanto a Iúlia Mikháilovna. Experimentava ele naturalmente a necessidade de se recompensar daqueles dias de obediência com breves instantes de revolta. Por desgraça, Iúlia Mikháilovna, malgrado toda a sua penetração, não podia compreender aquele refinamento de galanteria num homem galante por natureza. Ah! não chegava a tanto, e disso resultavam numerosos mal-entendidos.

Não tenho a intenção de citar outros casos e teria, aliás dificuldade em fazê-lo. Não cabe a mim tampouco julgar as falhas de

administração nem, de resto, o que toca à própria administração; deixarei isto, portanto, de lado. Propus-me bem outros objetivos ao começar esta crônica. Além disso, o inquérito que acaba de iniciar-se em nossa província revelou muitos fatos; basta esperar um pouco. Era impossível, todavia, não dar certos esclarecimentos.

Mas continuo a tratar de Iúlia Mikháilovna, A pobre senhora (ela me inspira viva compaixão) teria perfeitamente podido obter tudo quanto desejava e a atraía (a glória e o resto), dispensando-se dessas manobras excêntricas às quais se deixou prender desde os primeiros passos. Mas, quer tenha sido excesso de romantismo, quer o resultado duma longa série de decepções experimentadas durante sua primeira juventude, sentiu-se de repente, graças àquela mudança de fortuna, levada um pouco demais a acreditar-se chamada a desempenhar um papel… e a língua era precisamente seu ponto fraco. Decerto, o mesmo penteado não convém a todas as cabeças, mas esta é uma verdade de que as mulheres dificilmente se convencem; pelo contrário, há sempre meio de fazê-las engolir cobras e ela engoliu tantas quantas quis. A pobre mulher viu-se de repente o joguete das intrigas mais diversas, acreditando-se uma criatura original. Numerosas pessoas hábeis aproveitaram-se de sua ingenuidade durante seu breve acesso ao posto de governador. E que intrigas não se tramavam sob disfarce de independência! Sentia-se satisfeita entre os grandes proprietários de terras, o elemento democrático, as organizações novas, a ordem, o libertarismo, as ideias sociais, a atitude compenetrada dos salões aristocráticos e a desenvoltura quase crapulosa dos jovens que a cercavam. Sonhava em distribuir a felicidade e conciliar os inconciliáveis, ou, para dizer melhor, reunir todos os seres e todas as coisas na adoração de sua própria pessoa. Tinha seus preferidos; Piotr Stiepânovitch, entre outros, que, usando da mais grosseira lisonja, agradava-lhe muito. Mas ele lhe agradava ainda por uma outra razão, da pior espécie, e que bastava para pintar o caráter da pobre dama; ela esperava sempre que ele lhe descobrisse o plano de uma conspiração contra o Estado. Por maior dificuldade que haja em apresentar a coisa, era entretanto assim. Parecia-lhe que uma conspiração contra o Estado devia absolutamente ser descoberta na Província: Piotr Stiepânovitch, pelo seu silêncio em certos casos e por suas alusões em outros, contribuía para lhe enfiar aquela estranha

ideia. Imaginava que ele estivesse em relações com tudo quanto a Rússia conta de revolucionário, mas que ao mesmo tempo lhe permanecia devotado até a adoração. A descoberta da conspiração, a gratidão obtida em Petersburgo, o avanço na carreira, sua ação benéfica sobre a juventude, retida graças a ela à beira do precipício, tudo isto fazia boa harmonia naquele cérebro fantasista. Ela não havia salvado e domesticado Piotr Stiepânovitch? (disto ela estava inabalavelmente convencida). Portanto salvaria outros. Ninguém, nem um só dentre eles pereceria, ia salvá-los a todos; saberia escolher cada um; concebia seu relatório sob tais formas; seu pedido seria ditado pela mais alta retidão e talvez mesmo a história, bem como o liberalismo russo por completo abençoaria o seu nome; o que, ao demais, não impediria que a conspiração fosse descoberta. Todas as vantagens de uma só vez!

Mas era necessário que, pelo menos na festa, Andriéi Antônovitch mostrasse uma fronte mais serena. Era preciso a todo o preço distraí-lo e tranquilizá-lo. Com este objetivo despachou-lhe Piotr Stiepânovitch, com a esperança de que ele encontraria um meio de fazê-lo sair de seu acabrunhamento. Talvez o conseguisse relatando-lhe algumas notícias bem frescas. Confiava na habilidade dele. Havia muito tempo que Piotr Stiepânovitch não punha os pés no gabinete do Senhor von Lembke. Surgiu ali justamente no momento em que o paciente se encontrava de um humor particularmente sombrio.

## *II*

Um concurso de circunstâncias havia surgido, as quais o Senhor von Lembke não conseguia destrinçar. Naquela mesma sede de distrito que Piotr Stiepânovitch visitara bem recentemente, um subtenente sofreu uma censura verbal de parte de seus superiores imediatos. Isto se passava em presença de toda a companhia. O subtenente era um rapaz muito jovem, recentemente chegado de Petersburgo, sempre taciturno e sombrio e com ar importante, apesar de ser de baixa estatura, gordo, de bochechas vermelhas. Não suportou a censura e de repente, de cabeça baixa como um selvagem, avançou sobre seu chefe, lançando uma espécie de grito feroz, inesperado, que mergulhou em estupefação toda a companhia; bateu-lhe e com todas as suas forças

mordeu-lhe o ombro a tal ponto que não foi fácil conseguir obrigá-lo a largar sua presa. Não havia dúvida de que houvesse perdido a razão; pelo menos verificou-se que se tinha notado nos últimos tempos o fato de ele se entregar às mais incríveis excentricidades. Atirara, por exemplo, para fora de seu alojamento dois ícones pertencentes ao proprietário e cortara um deles a golpes de machado; em seu próprio quarto havia, à guisa de estantes, alinhados sobre suportes as obras de Vogt, Maleschott e Büchner,[108] e diante de cada estante tinha o costume de manter velas acesas. De acordo com o grande número de livros descobertos em sua casa, chegaram à conclusão que se tratava de um homem erudito. Fosse ele possuidor de cinquenta mil francos, sem dúvida teria velejado para as Ilhas Marquesas, como aquele "cadete" ao qual Herzen faz alusão com tanto bom humor em um de seus escritos. Quando o detiveram, encontrou-se em seus bolsos e em seu alojamento um maço completo dos manifestos mais desesperados.

Os manifestos são decerto algo de bastante banal e na minha opinião não merecem que deles me ocupe. Já vimos tantos dessa espécie! Além do mais, não eram manifestos novos; eram, pelo que se soube mais tarde, os mesmos precisamente que haviam espalhado na província de X***, e Lipútin que viajara por aquele distrito e pela província vizinha, seis semanas antes, afirmou que vira outros deles absolutamente idênticos. Mas, o que sobretudo impressionou Andriéi Antônovitch foi que o gerente da fábrica dos Chpigúlin enviara, justamente ao mesmo tempo, dois ou três maços de folhas abandonadas à noite na fábrica, e todas semelhantes àquelas que tinham sido encontradas em casa do subtenente. Aqueles maços estavam ainda amarrados e nenhum dentre os operários tivera tempo de ler uma só das folhas. O incidente era banal, mas Andriéi Antônovitch mergulhou em profundas meditações. O negócio pareceu-lhe desagradavelmente complicado.

Naquela fábrica acabava justamente de rebentar "o escândalo dos Chpigúlin" que tanto rumor causou entre nós e se espalhou pelos jornais de Petersburgo e Moscou com tão numerosas versões. Três semanas antes um dos operários caiu doente e morreu de cólera-morbo asiática; outros operários em seguida contraíram a doença. Toda a cidade foi tomada de pânico, porque a cólera-morbo se

aproximava cada vez mais e alcançara as províncias vizinhas. Observarei que todas as medidas sanitárias satisfatórias tinham sido tomadas o mais depressa possível para enfrentar aquele hóspede indesejável. Mas a fábrica pertencente aos Chpigúlini, milionários muito bem relacionados, foi de certa forma negligenciada. De modo que todo mundo se pôs de repente a gritar que aquela fábrica era um foco de infecção, que na fábrica, e particularmente nos locais habitados pelos operários, reinava uma sujeira tão inveterada, que, mesmo se a cólera-morbo não estivesse na vizinhança, teria muito bem podido declarar-se ali. Está bem entendido que se tomaram imediatamente providências e Andriéi Antônovitch insistiu energicamente para que fossem aplicadas sem demora. Em três semanas a fábrica ficou limpa, mas os Chpigúlini, ignora-se por qual razão, fecharam-na. Um dos irmãos Chpigúlini vivia constantemente em Petersburgo e outro partira para Moscou, após ter chegado a ordem de desinfetar a fábrica. O gerente procedeu ao pagamento dos operários e, ao que parece, roubou-os nas contas de uma maneira vergonhosa. Os operários começaram a murmurar, exigindo que lhes pagassem de maneira equitativa, e cometeram a tolice de dirigir-se à Polícia, sem barulho, aliás, por que não estavam de modo algum excitados. Foi naquela ocasião que o gerente levou os manifestos a Andriéi Antônovitch.

Piotr Stiepânovitch penetrara no gabinete de trabalho, sem se fazer anunciar, como íntimo e como teria feito um membro da família; tinha aliás uma comunicação a fazer da parte de Iúlia Mikháilovna. Ao vê-lo, von Lembke franziu as sobrancelhas e, sem desejar-lhe as boas-vindas, ficou de pé diante de sua escrivaninha. Até ali, não fizera outra coisa senão ir e vir pelo seu gabinete e discutira na intimidade com seu escriturário Blümer, alemão bronco e sombrio, que trouxera consigo da capital, a despeito da vivíssima oposição de Iúlia Mikháilovna. Ao aparecer Piotr Stiepânovitch o escriturário dirigiu-se para a porta, mas sem sair; Piotr Stiepânovitch acreditou mesmo perceber que ele trocava um olhar de combinação com seu chefe.

— Ah! por fim o peguei, senhor governador escondido da cidade — exclamou, rindo, Piotr Stiepânovitch que deixou cair sua mão sobre um manifesto em cima da mesa. — Para aumentar sua coleção, hem?

Andriéiev Antônovitch ficou carmesim, como se uma onda de sangue lhe subisse ao rosto.

— Largue isto, largue isto imediatamente — gritou ele, todo trêmulo de cólera, — e não se atreva… cavalheiro…

— Que há? Está zangado?

— Permita-me que lhe dê a entender, caro senhor, que doravante não estou de modo algum disposto a suportar sua sem-cerimônia e rogo-lhe que se lembre…

— Puxa! Com os diabos, mas está zangado mesmo!

— Cale-se, cale-se! — von Lembke bateu com o tacão no soalho. — E não se atreva…

Deus sabe o que iria passar-se. Ai, além do resto, havia ainda uma circunstância particular que Piotr Stiepânovitch e até mesmo Iúlia Mikháilovna ignoravam. O infeliz Andriéi Antônovitch achava-se em tal estado de confusão que, durante os últimos dias, se tomara secretamente de ciúmes a respeito de sua mulher e de Piotr Stiepânovitch. Na solidão, à noite sobretudo, passava momentos assaz penosos.

— Ora vamos! E eu que pensava que se alguém nos lesse dois dias seguidos até depois da meia noite seu romance e desejasse conhecer nossa opinião a este respeito, ficávamos excluídos, de alguma sorte, desse gênero de relações oficiais… Iúlia Mikháilovna trata-me com familiaridade; como depois disto compreender a atitude do senhor? — declarou Piotr Stiepânovitch, com ar de dignidade. — Ei-lo, aliás, seu romance. — Pousou sobre a mesa um caderno volumoso, enrolado, de forma cilíndrica, num papel azul.

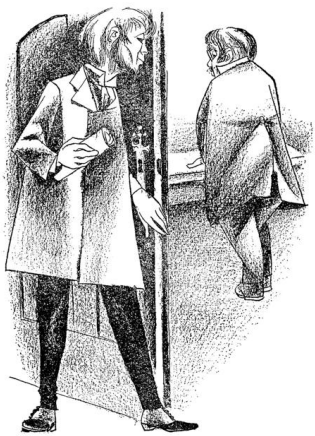
Lembke corou, todo confuso.

— Onde o encontrou? — perguntou, com prudência, inundado duma alegria que não podia conter, se bem que fizesse todos os esforços para reprimi-la.

— Imagine o senhor: como estivesse enrolado, deslizara para trás

da cômoda. Deve-se crer que, ao entrar, eu o teria lançado desastradamente sobre o móvel. Foi anteontem somente que o encontraram, ao lavar o chão. Quanta inquietação o senhor me causou!

Lembke baixou os olhos com um ar severo.



— Por sua causa não preguei olho duas noites seguidas. Foi anteontem que o acharam, mas eu fazia questão de lê-lo inteiramente e, como não tinha tempo durante o dia, passei as noites nisso. Pois bem, não estou satisfeito com ele; a ideia não me convém. Aliás, pouco me importa, nunca fui crítico; mas embora descontente, ah! *bátiuchka*, não me pude arrancar à sua leitura. Os capítulos quatro e cinco são… são… são… só o diabo sabe o quê! E com quanto humor o senhor encheu aquilo! Ri bastante. Como sabe o senhor no entanto prestar-se a risadas *sans que cela paraisse*![109] Nos capítulos nove e dez só se trata de amor: não é da minha especialidade; todavia, aquilo produz lá seu efeito; a carta de Igriéniev é de fazer chorar, se bem o senhor a tenha redigido com tanta delicadeza… Sabe que é sentimental, apesar de seu desejo de mostrá-lo a uma luz falsa? Será bem isto? Adivinhei, sim ou não? Quanto ao fim, dá vontade de bater-lhe. Vejamos as conclusões que o senhor tira. Ora! sempre os velhos estribilhos: a divinização da felicidade doméstica, a fecundidade, a economia e gente que vive bem realizando seus negócios, sim, senhor! Seus leitores ficam encantados já que eu mesmo fiquei e é por isto que a obra peca. O leitor é sempre estúpido, conviria que os homens de

talento o ilustrassem, enquanto que o senhor… Vamos, basta, adeus. Doutra vez não se zangue mais; vim para dizer umas duas palavrinhas úteis; mas o senhor é tão esquisito…

Andriéi Antônovitch, durante esse tempo, pegara seu romance e fechara-o à chave numa estante de carvalho, enquanto fazia sinal a Blümer para retirar-se. Este retirou-se, com ar pesaroso, e de cara comprida.

— Não estou esquisito É que muito simplesmente tenho… sem cessar contrariedades — resmungou ele, franzindo a testa; mas sua cólera já havia acalmado e ele sentou à mesa. — Sente e diga-me suas duas palavras. Há muito tempo que não o via, Piotr Stiepânovitch. Somente, abstenha-se dessa maneira de entrar como um pé de vento… por vezes, quando se está em pleno trabalho, ela…

— Minhas maneiras continuam as mesmas…

— Sei disso e creio que o faz sem má intenção, mas acontece que a gente tem suas preocupações… Sente, pois.

Piotr Stiepânovitch sentou e no divã, sobre as pernas cruzadas.

## *III*

— Com que então, o senhor tem preocupações? Será possível que sejam essas bobagens? — disse ele, designando uma proclamação. — Posso lhe trazer tantos desses papeizinhos quantos o senhor queira. Travei conhecimento com eles, quando me encontrava ainda na província de K***.

— Quer dizer, na época em que esteve lá?

— Claro que não havia de ser, quando estava de lá ausente. Um deles traz também uma vinheta, um machado desenhado no alto. Permita (pegou a proclamação), vamos, o machado está mesmo aqui; é o mesmo, exatamente.

— Sim, há um machado; o senhor vê, é um machado.

— E com isso? Os machados lhe fazem medo?

— Não é por causa do machado… e não tenho medo; mas esse caso… é um caso tal, há nele circunstâncias…

— Que circunstâncias? Porque foram os papéis trazidos da fábrica? Eh! eh! Mas o senhor sabe, aqui mesmo, em sua casa, os operários dessa fábrica redigirão em breve eles mesmos suas proclamações.

— Como assim? — interrogou severamente von Lembke.

— Como lhe digo. Tome cuidado. O senhor é um homem muito mole, Andriéi Antônovitch; escreve romances. Seria preciso aqui proceder à antiga.

— À antiga como? Que significam esses conselhos? Limpou-se a fábrica; dei a ordem para isso e ela foi limpa.

— Mas a revolta sopra entre os operários. Deveria mandar que os chicoteassem e tudo estará dito.

— Uma revolta? É estúpido; dei ordens e a limpeza foi realizada.

— Ah! Andriéi Antônovitch, que homem mole é o senhor!

— Em primeiro lugar, não sou tão mole assim; em seguida… — replicou von Lembke, num tom quase de zanga. Era com constrangimento que prosseguia a conversa com o rapaz e por curiosidade. Não lhe diria ele algo de novo?

— Ah! ah! eis ainda uma velha conhecida — interrompeu Piotr Stiepânovitch, apontando com o dedo para outra folha de papel colocada sob o pesa-papéis, — uma proclamação também, no seu gênero, evidentemente impressa no estrangeiro, mas em versos, esta. Sei-a de cor. “Personalidade Resplendente!” Vejamos um pouco; é bem isto. É a “Personalidade Resplendente.” Conheci essa Personalidade no estrangeiro. Onde a desenterrou o senhor?

— Diz que a conheceu no estrangeiro? — perguntou von Lembke, alarmado.

— Claro que sim. Há quatro meses ou mesmo cinco.

— Quantas coisas viu o senhor no estrangeiro! — observou von Lembke, olhando-o com um olhar malicioso. Piotr Stiepânovitch, sem escutá-lo, desdobrou a folha e leu, em voz alta, os versos seguintes:

PERSONALIDADE RESPLENDENTE
Não era de estirpe nobre,
Entre o povo ele cresceu:
Pelo czar perseguido,
Pelo ódio fero dos amos.
Mas contra toda ameaça,
Suplícios, forcas, sem medo,
Partiu a pregar ao povo.
O credo da liberdade.

Tendo o motim fracassado,
Seguiu para terra estranha,
Fugindo ao carrasco, ao *knut*,
Aos tormentos e tenazes.
Mas o povo a se erguer pronto
E a abater o cruel jugo,
De Smolensk até Tachkent
O estudante, ansioso, espera.
Cada qual, pois, o esperava
Para marchar sem temor,
Para abolir a nobreza,
Para o império acabar,
Para os bens tornar comuns
E proscrever para sempre,
Igreja, bodas, família,
Opróbrio do mundo antigo.

— Foi isto sem dúvida encontrado em casa do oficial, hem? — perguntou Piotr Stiepânovitch.

— E esse oficial, você também o conhece?

— Como não? Banqueteei-me lá em baixo durante dois dias. Deve ter ficado louco.

— Talvez não seja louco.

— Por que se pôs a morder?

— Mas, permita, se viu esses versos no estrangeiro e em seguida os descobre aqui, em casa desse oficial…

— O quê? Uma insinuação? Pelo que vejo, Andriéi Antônovitch, o senhor pretende submeter-me a um interrogatório! Fique sabendo — prosseguiu ele, com uma gravidade extraordinária, de súbito, — que o

que eu vi no estrangeiro, dei parte, logo que regressei, a alguém, e minhas explicações foram julgadas suficientes, de outro modo não teria esta cidade a felicidade de contar-me no número de seus habitantes. Acho que a esponja passou por cima de minha via anterior e que não tenho contas a dar a ninguém. Não é que me tenha feito denunciador, mas não podia agir diferentemente. Os que estavam a par de meus negócios recomendaram-me por cartas a Iúlia Mikháilovna, apresentaram-me como um homem… Aliás, para o diabo tudo isso! Vim cá para contar-lhe uma coisa séria e o senhor fez bem em mandar embora aquele mistificador. Trata-se de um assunto de suma gravidade para mim, Andriéi Antônovitch; tenho um pedido de caráter excepcional a fazer-lhe.

— Um pedido? Hum… fale; espero, e não sem curiosidade, confesso. Acrescentarei, em geral, que você me espanta não pouco, Piotr Stiepânovitch.

Von Lembke achava-se um tanto agitado. Piotr Stiepânovitch cruzou as pernas.

— Em Petersburgo — começou ele, — abri-me francamente a respeito de vários pontos, mas sobre alguns, e notadamente sobre este (bateu com o dedo na “Personalidade Resplendente”), calei-me, em primeiro lugar, porque não valia a pena falar, em seguida porque tinha de responder somente às perguntas que me eram feitas. Não gosto, em casos semelhantes, de adiantar coisas; nisto consiste, a meus olhos, a diferença entre o tratante e o homem de bem, pouco a pouco dominado pelas circunstâncias. Afinal, deixemos isso de lado. Mas agora… agora que esses imbecis, já que tudo veio a lume e o senhor os apanhou, tanto é verdade que nada se poderia ocultar-lhe, porque é o senhor um homem clarividente, a quem não se pode fazer que tome bexigas por lanternas, e já que aqueles imbecis continuam… eu… eu… pois bem, sim, em suma, vim pedir-lhe que salve um homem, um imbecil também, digamos melhor, um louco, em nome de sua mocidade, de suas desgraças, em nome do humanitarismo do senhor… Não é somente na composição de seus romances que o senhor sabe mostrar-se tão humano! — acabou ele, num tom grosseiramente sarcástico e como se estivesse impaciente para acabar com aquilo.

Em suma, tinha todo o ar de um homem sincero mas desastrado, destituído de senso político, em consequência de uma riqueza talvez excessiva de sentimentos e de delicadeza; parecia sobretudo ser um espírito pouco adiantado, como julgou logo von Lembke com notável penetração; e como, aliás, o supunha desde muito tempo, mais particularmente desde uma semana, quando, sozinho em seu gabinete, sobretudo à noite, punha-se de todo o coração a injuriá-lo a propósito de seus inexplicáveis êxitos junto a Iúlia Mikháilovna.

— Por quem intercede você então e que quer dizer tudo isso? — interrogou ele, num tom majestoso, esforçando-se por ocultar sua curiosidade.

— É… é… com os diabos!… Não é culpa minha, decerto, se tenho confiança no senhor! Em que seria eu culpado, se o considero um homem da mais refinada nobreza e sobretudo sensato… capaz, quero dizer, de compreender… com os diabos!

O coitado, pelo visto, não conseguia justificar-se.

— Compreenda, pois, afinal — prosseguiu, — que, dizendo o nome dele é o mesmo que entregá-lo ao senhor; porque eu o entrego, não é mesmo? não é mesmo?

— Mas como poderei eu adivinhar, se você não se decide a dizer o que sabe?

— Ah! é isto, o senhor ceifa todos os argumentos com sua lógica… com os diabos!… pois bem, com os diabos… essa "Personalidade Resplendente", esse estudante, é Chátov… O senhor sabe de tudo!

— Chátov? Mas quem é esse Chátov?

— Chátov é o estudante em questão. Mora aqui, é um antigo servo; o tal que deu a bofetada famosa.

— Sei, sei — disse von Lembke, piscando o olho, — mas, permita-me: de que precisamente é ele acusado e sobretudo qual é o fim de sua vinda aqui?

— Mas venho pedir que o salvem, compreenda-me! Há oito anos que o conheço, fui talvez mesmo seu amigo — retorquiu Piotr Stiepânovitch, perdendo a paciência. — E depois, não tenho de dar-lhe conta de minha vida passada — fez um gesto com a mão, — tudo isto carece de importância, tudo isto é negócio de três homens e meio; contando com os do estrangeiro, não se chegaria nem mesmo a uma dezena. Mas, sobretudo, pus toda a minha esperança na humanidade do senhor, na sua inteligência. O senhor compreende a coisa e vai mostrá-la sob seu verdadeiro aspecto, e não Deus sabe como, tal como o sonho de um insensato… o efeito de um longo infortúnio, note, da miséria e não, o diabo sabe como, de alguma conspiração inaudita contra a segurança do Estado!

Quase sufocava.

— Hum! Vejo que está ele implicado no caso das proclamações com o machado — concluiu von Lembke, com um ar quase sublime. — Permita, no entanto: se ele está só, como pode espalhá-las aqui mesmo e nas províncias, até na província de K*** e afinal, o que é o ponto capital, donde as tirou?

— Pois já não lhe disse que, segundo todas as aparências, são ao todo uns cinco, digamos mesmo seis indivíduos, sei lá?

— Você não sabe?

— Como eu saberia, diabos me levem!

— Mas você soube, no entanto, que Chátov é um dos cúmplices?

— Ora! — disse Piotr Stiepânovitch, com um gesto da mão, como se procurasse desfazer-se da perspicácia incômoda de seu interlocutor. — Vamos, escute, vou dizer-lhe toda a verdade; nada sei das proclamações, isto é, absolutamente nada, diabos me levem, compreende o que significa a palavra “nada”? Naturalmente, aquele subtenente, algum outro também, sem dúvida… talvez também Chátov e um outro, tudo isso é porcaria e nada… Mas foi por causa de Chátov que resolvi dar este passo, é preciso salvá-lo porque essa poesia é dele; é obra pessoal dele, impressa a seus cuidados no estrangeiro. Eis o que sei de certo; quanto às proclamações, ignoro

tudo!

— Se os versos são dele, as proclamações o são certamente também. Contudo, sobre que dados se baseia para suspeitar do Senhor Chátov?

Piotr Stiepânovitch, com o ar de um homem completamente fora de paciência, tirou de seu bolso sua carteira e dela um bilhete.

— Eis os meus dados — gritou ele, lançando-o sobre a mesa. Lembke desdobrou o papel que parecia ter sido escrito seis meses antes, aqui mesmo na Rússia, para ser enviado ao estrangeiro. Compunha-se de duas frases apenas:

> Não posso imprimir aqui a "Personalidade Resplendente", nem nenhuma outra coisa. Imprima no estrangeiro.
>
> Iv. Chátov.

Lembke olhou fixamente Piotr Stiepânovitch. Varvara Pietrovna tinha-o caracterizado bem: seu olhar era o de um carneiro, em certas circunstâncias muito particularmente.

— Como o senhor vê, isto quer dizer — apressou-se em acrescentar Piotr Stiepânovitch, — que ele efetivamente escreveu esses versos aqui, há seis meses, mas não pode fazê-los imprimir clandestinamente; por isso é que pede que os imprimam no estrangeiro… Parece claro isto?

— Sim, é claro, mas a quem o pede? Eis o que não está ainda esclarecido — observou com ironia maliciosa von Lembke.

— Pois a Kirílov, ora essa, afinal! Esse bilhete foi enviado a Kirílov no estrangeiro… O senhor não o sabia? No fundo, o que me contraria, é que talvez o senhor represente uma comédia comigo e esteja há muito tempo ciente desses versos e de tudo mais! Como se explica que o senhor os tenha em sua mesa? Soube muito bem procurá-los! Por que me faz então tantas perguntas, se assim é?

Enxugou convulsivamente com seu lenço o suor de sua testa.

— Sei talvez alguma coisa — conveio habilmente Lembke, — mas quem é esse Kirílov?

— Ora, mas é o engenheiro que chegou aqui bem recentemente; serviu de padrinho a Stavróguin, é um maníaco, um louco; seu subtenente talvez esteja apenas sob os efeitos de uma febre nervosa, mas aquele é mesmo um louco autêntico, garanto-lhe. Bem, Andriéi Antônovitch, se o Governo soubesse que espécie de gente é essa, evitaria pesar a mão sobre ela. Todos eles não passam de imbecis que não enxergam além da ponta do nariz; já na Suíça, tive ocasião de observá-los à vontade.

— É de lá que dirigem o movimento aqui?

— Mas quem o dirige? Três homens e meio. Mata de tédio ver o que eles fazem. E que movimento é esse daqui? As proclamações, quer o senhor dizer? Quem está metido nisso? Um subtenente atacado de febre nervosa e dois ou três estudantes! Ao senhor que é um homem inteligente permita que lhe faça uma pergunta: por que eles não recrutam personalidades mais significativas, por que são sempre estudantes ou rapazes abaixo de vinte e um anos? E depois são numerosos? Um milhão de sabujos atrás deles e quantos foram apanhados? Sete indivíduos! Repito-lhe: é de matar de tédio.

Lembke escutava-o atentamente, mas sua expressão dizia: “não se nutre um rouxinol com fábulas”.

— Permita, todavia. Você acaba de dar a entender que o bilhete foi dirigido ao estrangeiro; mas não há o endereço aqui. Como pode você saber que o bilhete era destinado ao Senhor Kirílov e afinal dirigido ao estrangeiro e… e… e que foi realmente escrito pelo Senhor Chátov?

— Ora essa! Procure qualquer escrito do punho de Chátov e faça a prova. Com certeza pode-se encontrar sua assinatura nos arquivos de sua chancelaria. Quanto ao fato de ser Kirílov mesmo o destinatário, foi ele mesmo quem me mostrou o bilhete…

— Você mesmo por consequência…

— Sim, eu mesmo, ora essa! Deixaram-me ver muitas coisas no estrangeiro. Quanto a esses versos, parece que o já falecido Herzen os teria enviado a Chátov, quando este ainda vagava pelo estrangeiro, quer como lembrança de seu encontro, quer à maneira de elogio, ou de recomendação, ou lá que diabo seja! Mas Chátov espalha-os entre a mocidade. “Tal é, diz ele, a opinião que de mim tinha Herzen.”

— Ta-ta-ta — disse Lembke, que por fim havia adivinhado tudo. — Também o pensava. As proclamações… compreende-se; mas os versos, por quê?

— E como não haveria o senhor de compreender? O diabo sabe por que motivo deixei-me levar a falar tanto. Escute, deixe-me Chátov e quanto aos outros, que o diabo os esfole a todos. Até mesmo Kirílov que agora se oculta na casa de Filípov, onde também está escondido Chátov. Não gostam de mim porque voltei… Mas prometa-me Chátov e eu sirvo os outros todos no mesmo prato. Vou lhe ser útil, Andriéi Antônovitch. Na minha opinião todo esse miserável grupelho de indivíduos reduz-se a uma dezena… a uma dezena. Posso enfileirá-los por minha própria conta. Já conhecemos três: Chátov, Kirílov e esse subtenente. Quanto aos outros, estou ainda a examiná-los… aliás, não sou absolutamente míope. É como na província de X***. Lá detiveram, como propagandistas de manifestos, dois estudantes, um colegial, dois gentis-homens de vinte anos, um professor primário e um major reformado, sexagenário embrutecido pelo álcool, eis tudo e tudo mesmo, pode acreditar. Causou até admiração que fosse somente isto. Mas necessito de seis dias, fiz minhas contas, seis dias, nada menos. Se o senhor quiser chegar a um resultado, não lhes ponha a pulga na orelha antes de seis dias e eu os entregarei dentro do mesmo saco. Se se mover antes, porém… a ninhada toda debandará. Mas dê-me Chátov. Insisto. O melhor seria mandar chamá-lo secreta e amigavelmente aqui mesmo em seu gabinete, e submetê-lo a um interrogatório, rasgando diante dele todos os véus… Com certeza, ele próprio vai se lançar a seus pés, a chorar. É um homem nervoso, infeliz; sua mulher andou com Stavróguin. Acaricie-o e ele lhe revelará tudo, mas são precisos seis dias… E sobretudo, sobretudo, nem uma palavra a Iúlia Mikháilovna. É segredo. Poderá o senhor guardar um segredo?

— Como? — disse Lembke, escancarando os olhos. — Será que você nada revelou… a Iúlia Mikháilovna?

— A ela? Deus me livre! Ora!… Andriéi Antônovitch! Veja bem, levo em grande conta a amizade dela e a respeito profundamente… e tudo quanto o senhor queira… mas não cometeria tal tolice. Não a contradigo, porque é perigoso contradizê-la. O senhor mesmo sabe. Talvez lhe tenha insinuado uma palavrinha, porque ela gosta disso, mas quanto a revelar-lhe nomes, como o faço agora ao senhor, nomes ou outra coisa, isso também não, meu *bátiuchka*! Por que, com efeito, dirigi-me ao senhor? Porque o senhor é, apesar de tudo, um homem, um homem sério, que tem uma longa e sólida experiência do ofício. O senhor já viu muito. A cada passo, imagino, nessas espécies de casos, o senhor reconhece algum aspecto familiar do que se vê em Petersburgo; mas, se eu pronunciasse diante dela esses dois nomes, por exemplo, ela os espalharia logo a todos os ventos… porque é daqui que ela pretende deslumbrar Petersburgo. Não, é por demais ardorosa para isso.

— Sim, há nela um pouco desse ardor — resmungou, não sem satisfação, Andriéi Antônovitch, que ao mesmo tempo deplorava que aquele malcriado ousasse, como parecia, exprimir-se um tanto livremente a respeito de Iúlia Mikháilovna. Entretanto Piotr Stiepânovitch devia achar que era ainda pouco demais e que seria preciso reforçar a coisa, para fazer a corte a Lembke e acabar de conquistá-lo.

— Ardor, precisamente — aprovou ele. — Concedo que seja uma mulher de gênio, talvez, uma intelectual… mas nem por isso deixa de ser um espantalho para os pardais. Não resistiria, não digo seis dias, mas seis horas. Eh! eh! Andriéi Antônovitch, não imponha a uma mulher uma demora de seis dias. Há de reconhecer em mim, não é verdade?, alguma experiência, pelo menos nessa espécie de negócios; conheço certas coisas e o senhor mesmo não ignora que posso saber certas coisas. Não é por capricho que lhe peço seis dias, mas antes porque o caso o exige.

— Ouvi dizer… — começou Lembke, hesitando em formular seu pensamento, — ouvi dizer que, por ocasião de seu regresso do

estrangeiro, você fizera revelações a quem de direito… para manifestar seu arrependimento…

— Ora! que importa o que foi feito!

— Decerto e não tenho, é claro, desejo de imiscuir-me… Mas sempre pareceu-me que aqui você falava até agora num estilo bem diverso, por exemplo, da religião cristã, das instituições sociais e enfim do Governo…

— E de muitas outras coisas falei! E continuo falando até hoje, somente, não se devem aplicar essas ideias da maneira pela qual o fazem os nossos imbecis. Que significa isso de morder as pessoas no ombro? O senhor mesmo me deu razão, convindo que o movimento era prematuro.

— Não foi absolutamente nesta circunstância que lhe dei razão e declarei que era demasiado cedo.

— Em suma, o senhor pesa cada uma de suas palavras, eh! eh! Que homem circunspecto! — observou jovialmente Piotr Stiepânovitch: — Escute, *bátiuchka*, era preciso que eu travasse conhecimento com o senhor e por isso lhe falei nesse estilo. Não é o senhor o único com quem travo conhecimento dessa maneira, há bem outros. Tinha talvez necessidade de conhecer o seu caráter.

— Que lhe pode interessar o meu caráter?

— Como posso responder a isso? — (Voltou a rir.) — Veja o senhor, meu caro e estimado Andriéi Antônovitch: o senhor é astuto, mas não ainda bastante e provavelmente não o será jamais bastante para adivinhar isso, compreende? Talvez compreenda. Se bem que, ao regressar do estrangeiro, tenha dado explicações a quem de direito — e não vejo por que, na verdade, um homem que tem convicções definidas não poderia agir no interesse de suas convicções, — todavia, ninguém lá embaixo me encarregou de estudar seu caráter e não recebi ainda de lá embaixo nenhuma ordem a este respeito. Veja o senhor mesmo! Podia eu muito bem não lhe revelar em primeiro lugar esses dois nomes em questão, mas dirigir-me diretamente a eles, isto é, àqueles a quem fiz em primeiro lugar as minhas declarações. Se

obedecesse a motivos interesseiros, tendo em vista alguma vantagem material, seria de minha parte um mau cálculo, pois que toda gratidão seria para o senhor e não para mim. Só me preocupo com Chátov — acrescentou nobremente Piotr Stiepânovitch, — somente com Chátov, por causa de nossa antiga amizade… E quando o senhor pegar da pena para escrever para lá, pois bem, louve-me e felicite-me, se quiser. Não o contradirei, eh! eh! Adeus. Fiquei tempo demais aqui e não deveria ter falado tanto! — acrescentou não sem prazer e levantando do divã.

— Pelo contrário, estou encantado por ver que o assunto esteja, por assim dizer, esclarecido — disse von Lembke, porque aquelas palavras que acabara de ouvir lhe haviam restituído o ar afável. — Aceito, agradecido, seus serviços e esteja certo de que tudo quanto depender de mim para assinalar a quem de direito o zelo de que você deu prova…

— Seis dias, sobretudo, uma espera de seis dias; durante esse tempo, evite qualquer movimentação, eis o que lhe peço.

— Está bem.

— Naturalmente, não lhe amarro as mãos, não me permitiria fazê-lo. O senhor não pode dispensar-se de proceder a um inquérito; somente, não espante a ninhada antes do momento devido. Confio na sua inteligência e na sua experiência. Mas o senhor deve ter uma bela coleção de sabujos e de beleguins de toda espécie, eh! eh! — soltou Piotr Stiepânovitch, num jeito alegre e estabanado de rapazola.

— Não é tanto assim — replicou Lembke num tom afável. — É um preconceito dos jovens pensar que temos tantos… Mas, a propósito, permita-me uma perguntinha: se esse Kirílov serviu de padrinho a Stavróguin, é que talvez o Senhor Stavróguin se encontre no mesmo caso…

— Por que Stavróguin?

— Já que são tão amigos!

— Ah! não, não, não! Aqui o senhor erra, por mais astuto que seja. E até mesmo me causa admiração. Acreditava que a respeito dele

não lhe faltassem informações. Hum!… Stavróguin é completamente o contrário, isto é completamente… *Avis au lecteur*.

— Será possível? Como é isso? — declarou Lembke, incrédulo. — Iúlia Mikháilovna declarou-me que, segundo as informações que recebeu de Petersburgo, seria ele um personagem encarregado, por assim dizer, de certa missão…

— Não sei de nada, não sei de nada, de nada absolutamente. *Adieu. Avis au lecteur*! — disse, de repente, Piotr Stiepânovitch, visivelmente preocupado em pôr fim à conversa e dito aquilo, correu para a porta.

— Permita-me, Piotr Stiepânovitch, permita — gritou-lhe o Governador, — ainda uma perguntinha e não mais o reterei.

Abriu uma gaveta de sua mesa e tirou dali um envelope.

— Eis uma pequena amostra da mesma categoria e por isso mesmo provo-lhe que tenho em você a mais absoluta confiança. Leia e diga-me sua opinião.

O envelope continha uma carta, uma estranha carta anônima dirigida a Lembke e por ele recebida na véspera. Com grande contrariedade, leu Piotr Stiepânovitch o seguinte:

Excelência:

Uma vez que pelo seu título o senhor o é. Pela presente informo-o de um atentado contra a vida de altos personagens e da pátria, pois uma coisa leva diretamente à outra. Eu mesmo estive comprometido nisso durante muitos anos. Trata-se também do ateísmo. Prepara-se uma revolta e há vários milhares de proclamações; cada uma delas será seguida de uma centena de indivíduos, estendendo a língua, se a autoridade não tomar suas precauções, porque lhe foi prometido um ror de recompensas e o povo é estúpido. E ainda por cima, há aguardente. O povo respeitará o culpado, arruinará uns e outros, e temendo os dois lados, acusará de malfeitos quem não os cometeu, porque tais são para mim as circunstâncias. Se o senhor quer uma denúncia em regra para salvação da pátria, bem como das igrejas e dos ícones, só eu posso fornecê-la. Mas com a condição de que a terceira seção[110] envie, sem demora, pelo telégrafo o meu perdão, só o meu, pois quanto aos outros, que respondam perante o tribunal. Como sinal, às oito horas, todas as noites, coloque na janela do porteiro uma vela. Vendo-a, terei confiança e virei beijar na testa a graça misericordiosa vinda da capital, mas contanto que haja uma pensão, porque, de outro modo, de que irei viver? O senhor não se arrependerá, porque obterá uma condecoração. Mas, silêncio, senão eles me torcerão o pescoço.

De Vossa Excelência, desesperado servidor que lhe beija a planta dos pés, o livre-pensador arrependido

Von Lembke explicou que a carta fora depositada na véspera na portaria, na ausência do porteiro.

— Pois bem! Que pensa o senhor? — perguntou Piotr Stiepânovitch, num tom que frisava pela grosseria.

— Seria levado a crer que é uma pasquinada anônima, para zombar de mim.

— Deve ser provavelmente isto. Não conseguem enganá-lo.

— Creio tanto mais que assim seja, por causa da estupidez da carta.

— Já recebeu outras pasquinadas desse gênero?

— Recebi duas, igualmente anônimas.

— É natural que não assinem. Diferiam de estilo, de letra?

— Diferiam de estilo e de letra.

— E cômicas como esta?

— Sim, cômicas… e saiba-o… ignóbeis.

— Então, já que há outras, provém esta, verossimilmente, da mesma fonte.

— Tanto mais quanto é tão estúpida. Aquela gente é instruída e certamente não escreve de modo tão estúpido.

— É claro, é claro.

— E, no entanto, se se tratasse verdadeiramente de um denunciante?

— É pouco provável — cortou Piotr Stiepânovitch, num tom seco. — Que significa esse telegrama proveniente da terceira seção? Que significa essa pensão? Uma pasquinada, evidentemente!

— Sim, sim — respondeu von Lembke, levemente envergonhado.

— Sabe o senhor que é preciso fazer? Dê-me isso. Descobrirei por certo quem é seu autor. E vou trazê-lo, antes mesmo dos outros.

— Tome — consentiu von Lembke, não sem certa hesitação.

— Mostrou-a a alguém?

— Como assim? A ninguém.

— Quero dizer a Iúlia Mikháilovna?

— Ah! Deus me livre e pelo amor de Deus, não vá mostrá-la você mesmo! — exclamou von Lembke amedrontado. — Isto lhe causaria tal comoção… e ela ficaria tremendamente zangada comigo.

— Sim, o senhor seria o primeiro a lhe sofrer as represálias. Diria que é bem feito que o senhor receba cartas assim. Conhecemos a lógica das mulheres. Bem, adeus. Talvez daqui a três dias lhe apresente o autor disto. Mas, sobretudo, não se esqueça do que ficou combinado entre nós.

## *IV*

É possível que Piotr Stiepânovitch não fosse nenhum tolo, mas Fiedka, o forçado, achara a frase justa ao dizer que ele "imaginava o homem de acordo com a ideia que dele fazia e depois não se arredava disso". Deixou von Lembke plenamente persuadido de ter adormecido as inquietações do Governador pelo menos por seis dias, prazo de que tinha absoluta necessidade. Mas sua opinião era falsa e não repousava sobre nenhuma outra coisa senão sobre a ideia que forjara para si, de uma vez por todas, a respeito da perfeita simploriedade de Andriéi Antônovitch.

Como todos os indivíduos roídos pela suspeita, Andriéi Antônovitch, no primeiro instante, acolhia sempre com o mais vivo prazer tudo quanto pudesse tirá-lo de sua incerteza. A nova feição que tomavam as coisas se ofereceu, a princípio, a seus olhos, sob um aspecto bastante agradável, a despeito de certas complicações que,

mais uma vez, lhe criavam muitos embaraços. Além do mais estava tão cansado desde alguns dias, sentia-se tão acabrunhado, tão abandonado, que sua alma aspirava, apesar de tudo, ao repouso. Mas, ai! eis que de novo se ia embora sua tranquilidade. Sua longa estada em Petersburgo deixara nele traços inapagáveis. A história oficial e mesmo secreta da "jovem geração" era-lhe assaz familiar — o homem era curioso e colecionava proclamações — mas não compreendeu jamais nem a primeira palavra delas. Agora estava como num mato: com todo o seu instinto farejava que as palavras de Piotr Stiepânovitch ocultavam algo de irregular, fora de todas as formas e de todas as convenções; "no entanto, o diabo sabe o que pode acontecer nessa nova geração e o diabo sabe como os assuntos são nela despachados!", pensava ele, perdido em suas suposições.

E eis que, naquele mesmo instante, como se de propósito, viu ali a seu lado a cara de Blümer. Durante toda a visita de Piotr Stiepânovitch, ficara à espera na peça ao lado. Aquele Blümer podia dizer-se mesmo parente de Andriéi Antônovitch, parente afastado, é verdade, mas a respeito de cujo parentesco, toda a vida, foi mantido silêncio com ansioso cuidado. Peço perdão ao leitor por ter de dedicar, nem que sejam umas poucas palavras, a esse insignificante personagem. Blümer pertencia à estranha família dos alemães sem sorte e não devia isso em nada à sua incrível incapacidade, mas antes a algum motivo perfeitamente desconhecido. "Os alemães sem sorte" não são um mito, existem realmente, e até mesmo na Rússia onde formam uma categoria à parte. Andriéi Antônovitch sempre tivera por Blümer um sentimento de compaixão comovedor, e, por toda parte, tanto quanto o pode, à medida que ele próprio avançava em sua carreira, esforçara-se por arranjar-lhe um pequeno emprego decente e de acordo com sua falta de aptidões; mas tudo isso não resultava em nada. Ora Blümer perdia seu emprego, ora o diretor era mudado; e certa vez chegou mesmo a ser processado com outros. Era pontual, mas por demais inútil e, para desgraça sua, triste e taciturno. Fisicamente, era ruivo, grande, curvado, mole, sensível mesmo e juntava à sua humildade uma teimosia de touro, ainda que sempre fora de tempo. Ele, sua mulher e numerosos filhos tinham por Andriéi Antônovitch uma afeição cheia de gratidão. A não ser Andriéi Antônovitch, ninguém jamais havia gostado dele. Iúlia Mikháilovna

desde o primeiro encontro passara a detestá-lo, sem conseguir vencer a resistência de seu esposo. Foi a primeira desavença doméstica e ocorreu quase logo depois de seu casamento, nos mais belos dias da lua de mel. A existência de Blümer, até então cuidadosamente mantido de parte, acabava de se revelar a ela ao mesmo tempo que o incômodo segredo do parentesco deles. Andriéi Antônovitch pediu perdão de mãos juntas, contou num tom sentimental a história de Blümer e de sua amizade de juventude, mas Iúlia Mikháilovna considerou-se desonrada para sempre e recorreu mesmo ao desmaio. Von Lembke não cedeu um passo, declarando que por coisa alguma do mundo abandonaria Blümer, nem o afastaria de sua pessoa, tanto que ela mesma, admirada, foi obrigada por fim a tolerar Blümer. Decidiu-se somente que o segredo do parentesco seria guardado mais ciosamente do que nunca, se todavia a coisa fosse possível, e que mesmo o nome de família e o nome próprio de Blümer seriam mudados, pois, por acaso, também ele se chamava Andriéi Antônovitch. Blümer, que era avarento, não frequentava ninguém entre nós, a não ser um farmacêutico alemão, e vivia muito retirado. Desde muito tempo estava ao corrente dos pecadilhos literários de Andriéi Antônovitch. Era ele de preferência convidado a ouvir a leitura de seu romance, no decorrer de certas reuniões íntimas, em que ele ficava sentado, duro como um poste, durante seis horas consecutivas, suando a grossas gotas, fazendo todos os seus esforços para não dormir e conservar o sorriso; depois, de regresso à casa, com sua mulher, grandalhona e de pés desmedidos, lamentava-se da infeliz fraqueza de seu benfeitor pela literatura russa.

Andriéi Antônovitch olhou para Blümer com uma expressão de sofrimento.

— Peço-te, Blümer, que me deixes tranquilo — apressou-se em dizer-lhe, querendo evidentemente impedi-lo de retomar a conversa interrompida pela chegada de Piotr Stiepânovitch.

— E, entretanto, isto podia ser feito da maneira mais delicada, sem dar-lhe publicidade; o senhor tem plenos poderes — insistiu Blümer, com uma respeitosa firmeza, fazendo alusão a alguma coisa e, de espinha curvada, avançava a pequenos passos para Andriéi Antônovitch.

— Blümer, tu és a tal ponto devotado à minha pessoa e pronto a prestar-me serviços que te encaro com um medo que me põe fora de mim.

— O senhor diz sempre coisas espirituosas e satisfeito com suas palavras adormece tranquilamente, mas por isso mesmo se prejudica.

— Blümer, acabo de me convencer de que não é isso, mas não é isso absolutamente.

— Não foi depois do que lhe disse aquele rapaz falso e depravado do qual o senhor mesmo suspeita? Conseguiu dominá-lo graças a louvores lisonjeadores a seu talento literário.

— Blümer, tu de nada sabes; teu projeto é um absurdo, digo-te eu. Não encontraremos nada, vamos provocar uma grita terrível, seguida de risos e depois Iúlia Mikháilovna…

— Encontraremos sem dúvida alguma o que procuramos — respondeu Blümer, com a mão sobre o coração e dando um passo seguro na direção de von Lembke. — Faremos a investigação de manhã bem cedo, de improviso; agiremos com a maior delicadeza para com a pessoa e aplicaremos a lei em todo o seu rigor. Jovens como Liámchin e Tielíatnikov asseguram que encontraremos tudo quanto procuramos. Fizeram lá frequentes visitas. Ninguém parece bem disposto para com o Senhor Vierkhoviénski. A Generala Stavróguina retirou-lhe abertamente seus favores e todo homem decente, se é que existe um só nesta cidade ordinária, está convencido de que lá sempre se ocultou a fonte da impiedade e da pregação social. Conserva ele em sua casa todos os livros proibidos: *Os pensamentos*, de Riliéiev,[111] as obras completas de Herzen… Por acaso possuo um catálogo aproximado.

— Oh! Meu Deus! Esses livros encontram-se em casa de todo mundo. És bastante simplório, meu pobre Blümer.

— E numerosas proclamações — prosseguiu Blümer, não dando atenção àquela observação. — Acabaremos infalivelmente por encontrar a pista das autênticas proclamações que circulam aqui. Esse jovem Vierkhoviénski parece-me bastante suspeito.

— Mas confundes o pai com o filho. Eles não estão de acordo; o filho zomba publicamente de seu pai.

— Não é senão uma máscara.

— Blümer, tu juraste torturar-me! Pensa bem, é mesmo assim um personagem importante aqui. Foi professor, é um homem conhecido; lançará altos protestos, as pilhérias choverão sobre nós de todos os lados e estragaremos o caso… Pensa também no que dirá Iúlia Mikháilovna.

Blümer adiantou-se mas tapou os ouvidos.

— Ele não foi senão docente, nada mais que docente e só tem o título de assessor aposentado de colégio — continuou ele batendo no peito. — Não possui nenhuma distinção honorífica; demitiram-no porque suspeitava-se de que ele nutrisse desígnios hostis ao Governo. Foi objeto de uma vigilância secreta da parte da Polícia e provavelmente está ainda vigiado. Dadas as desordens que acabam de explodir, o senhor tem sem contestação o direito de agir, do contrário o senhor trai as obrigações de seu cargo se fica de conivência com o verdadeiro culpado.

— Iúlia Mikháilovna! Vai-te embora, Blümer! — exclamou de repente Lembke, que ouvira a voz de sua mulher na peça vizinha.

Blümer estremeceu, mas não se rendeu.

— Autorize-me, autorize-me — insistiu ele apertando com mais força as duas mãos contra seu peito.

— Vai-te embora! — repetiu Andriéi Antônovitch, rangendo os dentes. — Faze o que quiseres… mais tarde… Ah! Meu Deus!

Ergueu-se a cortina e Iúlia Mikháilovna apareceu, parou majestosamente ao ver Blümer, que ela olhou de alto a baixo com um olhar desdenhoso e ofendido, como se a simples presença daquele homem tivesse sido para ela um insulto. Blümer, sem dizer palavra, dirigiu-lhe uma profunda reverência e, curvado em dois pelo respeito, encaminhou-se para a porta, andando na ponta dos pés com os braços

levemente afastados.

Ele tinha entendido bem o sentido da exclamação lançada por Andriéi Antônovitch, considerando-a uma ordem formal ou bem acreditou, forçando um pouco suas palavras, agir no interesse de seu benfeitor, persuadido de que os fins coroariam a obra? Seja como fôr, como o veremos mais adiante, dessa conversa do Governador com seu subordinado, resultou uma coisa completamente inesperada, que divertiu grande número de pessoas, suscitou muito falatório, exasperou Iúlia Mikháilovna e, o que é mais, acabou de desconcertar Andriéi Antônovitch, lançando-o, no momento mais crítico dos acontecimentos, na mais lamentável indecisão.

## *V*

Piotr Stiepânovitch esteve muito atarefado naquele dia. Ao sair da casa de Lembke, correu à Rua da Epifania, mas ao passar na Rua dos Bois, diante da casa em que estava hospedado Karmázinov, parou bruscamente, sorriu e entrou. Responderam-lhe que "o esperavam", o que o intrigou muito, porque não havia prevenido ninguém de sua chegada.

Mas o grande escritor esperava-o, com efeito, desde a véspera e até mesmo desde a antevéspera. Quatro dias antes, confiara-lhe o manuscrito de seu *Merci* (que se propunha ler na matinal literária da festa organizada por Iúlia Mikháilovna) e isto fazendo, agira por pura amabilidade, bem convencido de que lisonjearia agradavelmente o amor-próprio do homem ao qual permitia que conhecesse de antemão uma grande obra. Desde muito tempo, Piotr Stiepânovitch percebera que aquele senhor vaidoso, estragado pelos êxitos e ultrajantemente inacessível ao comum dos mortais, que aquele pretenso "espírito de homem de Estado", não deixava de solicitar muito simplesmente e até mesmo gulosamente seus favores. O rapaz acabara, creio, por adivinhar que, se Karmázinov não o considerava como o cabeça de todo o movimento revolucionário russo, pelo menos o tomava por um dos principais iniciados nos segredos da revolução russa e por um daqueles que exerciam uma influência incontestável sobre a mocidade.

Piotr Stiepânovitch tinha interesse em saber em que disposições

de espírito se encontrava “o homem mais inteligente da Rússia”, mas até então, por certos motivos, sempre fugira a qualquer explicação com ele.

O grande escritor morava em casa de sua irmã, casada com um camarista possuidor duma propriedade. O homem e a mulher viviam extasiados de veneração diante de seu ilustre parente, mas desta vez, à sua chegada à nossa cidade, ambos, com grande pesar, achavam-se em Moscou, de sorte que a honra de recebê-lo coube a uma pobre velha, parenta afastada do camarista, que vivia na casa e desde muito tempo nela exercia o ofício de ecônoma. Todo mundo aqui andava na ponta dos pés desde a chegada do Senhor Karmázinov. Quase diariamente escrevia a velha para Moscou, para informar como havia ele dormido e o que tinha querido mesmo comer; uma vez, enviou um telegrama anunciando que depois de um jantar de gala em casa do prefeito, fora ele obrigado a tomar uma colherada de remédio. Raramente ousava pôr os pés no quarto de seu hóspede, se bem que a tratasse ele com um tom polido, aliás bastante seco, e só lhe dirigisse a palavra em caso de extrema necessidade. Quando Piotr Stiepânovitch entrou, estava ele comendo sua costeleta da manhã, regada por meio copo de vinho tinto. Piotr Stiepânovitch já estivera ali mais de uma vez e sempre o encontrara amesendado diante de sua costeleta, que continuava a comer em presença do visitante e sem jamais convidá-lo a participar de sua refeição. Depois da costeleta, trouxeram uma pequena xícara de café. O lacaio que servia estava de fraque, com botas macias que não faziam nenhum rumor e usava luvas.

— Ah! ah! — exclamou Karmázinov, que levantou do sofá, limpou-se com seu guardanapo e, com ar do mais sincero júbilo, avançou para beijar o visitante, hábito característico entre os russos que gozam de certa notoriedade. Mas Piotr Stiepânovitch sabia por experiência que ele viria beijá-lo apresentando a face, motivo pelo qual fez o mesmo desta vez. As duas faces encontraram-se numa simples fricção. Karmázinov, sem deixar ver que havia notado aquilo, sentou no divã e indicou polidamente a Piotr Stiepânovitch uma poltrona à sua frente, na qual o rapaz deixou-se cair.

— O senhor… não quer almoçar? — perguntou o escritor, mudando por uma vez seus hábitos, mas com um ar que,

evidentemente, subentendia uma resposta negativa e polida. Piotr Stiepânovitch declarou logo que queria almoçar. A sombra duma estupefação ofendida deslizou pelo rosto de Karmázinov, mas desapareceu num instante; nervosamente chamou o criado e, a despeito de sua perfeita educação, ordenou num tom áspero que servisse um segundo almoço.

— Que quer o senhor, uma costeleta ou café? — perguntou ainda uma vez.

— Uma costeleta e café e ordene também que acrescentem vinho. Estou faminto — respondeu Piotr Stiepânovitch examinando com atenção o traje do romancista. O Senhor Karmázinov usava uma espécie de paletó forrado, com botões de nácar, parecido com uma jaqueta, mas demasiado curta, o que não convinha à sua volumosa pança e à parte carnuda que se arredondava abaixo de suas costas; mas todo mundo não tem os mesmos gostos. Sobre os joelhos uma manta de lã enxadrezada estava desdobrada até o chão. Muito embora estivesse fazendo calor dentro do quarto.

— Estaria o senhor doente? — observou Piotr Stiepânovitch.

— Não, não estou doente, mas tenho medo de ficar neste clima — respondeu o escritor com voz estridente, escandindo aliás cada palavra com delicadeza e ceceando à maneira dos aristocratas. — Esperei-o ontem.

— Mas por quê? Não lhe tinha prometido vir.

— Não, mas o senhor está com meu manuscrito. Será… que o leu?

— Um manuscrito? Qual?

Karmázinov mostrou-se extremamente admirado.

— Trouxe-o, contudo, com o senhor? — perguntou com tal inquietação que parou mesmo de engolir seu café e fitou Piotr Stiepânovitch com ar de espanto.

— Ah! trata-se sem dúvida desse tal “Bom-Dia”?

— *Merci.*

— Pouco importa. Tinha-o totalmente esquecido e não o li, não tive tempo. Na verdade, não sei o que foi feito dele, não está nos meus bolsos… devo tê-lo deixado em cima de minha mesa. Fique tranquilo, haverão de achá-lo.

— Não, prefiro mandar buscá-lo agora mesmo. Poderia perder-se e ser roubado afinal de contas.

— Ora, quem teria interesse nisso? E por que está tão amedrontado? Iúlia Mikháilovna diz que o senhor tem sempre, por precaução, várias cópias de seus manuscritos; uma é depositada em casa de seu tabelião, no estrangeiro, outra em Petersburgo, uma terceira em Moscou, em seguida o senhor envia também, ao que parece, um exemplar a um banco.

— Mas o senhor bem sabe que Moscou pode incendiar-se e com ela o meu manuscrito! Não, prefiro mandar buscá-lo imediatamente.

— Espere, ei-lo! — disse Piotr Stiepânovitch, extraindo dum bolso de trás um rolo de pequenas folhas de papel de cartas. — Está um pouco amarrotado. Imagine que desde que o senhor me deu, ficou todo esse tempo no meu bolso com meu lenço, tinha-o esquecido.

Karmázinov, com um gesto ávido, apoderou-se do manuscrito, examinou-o com solicitude, contou as folhas e o depôs religiosamente sobre uma mesinha à parte, mas de maneira que o tivesse constantemente à vista.

— Parece-me que o senhor não lê? — perguntou com voz sibilante, perdendo a paciência.

— Não muito, com efeito.

— E no que se refere à literatura russa, nada?

— No que se refere à literatura russa? Permita-me, li alguma coisa… *Ao longo do caminho*, ou antes *A caminho*, ou então *Caminhando*, não me lembro mais. Há muito tempo que li isso, há cinco anos. Não tenho tempo.

Sucedeu-se uma pausa.

— À minha chegada, assegurei a todo mundo que o senhor era um homem extremamente inteligente e parece-me que aqui agora andam loucos pelo senhor.

— Agradeço-lhe — respondeu tranquilamente Piotr Stiepânovitch.

Trouxeram o almoço. Piotr Stiepânovitch precipitou-se como um esfaimado sobre a costeleta e engoliu-a num piscar de olhos; depois engoliu vinho e café.

“Esse mal-educado — pensava Karmázinov, olhando-o de soslaio, enquanto engolia seu último bocado e seu último gole, — esse mal-educado provavelmente apreendeu o que a minha frase tinha de picante… e quanto a meu manuscrito, deve ter lido com avidez e mente sem dúvida. Mas talvez não minta e não passe de um chapado imbecil. Gosto de que o homem de gênio tenha algo de estúpido. E não será ele, com efeito, uma espécie de gênio entre eles? Afinal, que o diabo o leve!

Levantou-se e pôs-se a andar pelo quarto, para lá e para cá, como o fazia para movimentar-se todas as vezes após o almoço.

— Conta regressar em breve? — perguntou Piotr Stiepânovitch, que continuava sentado e acendia um cigarro.

— Vim sobretudo para vender uma propriedade e estou na dependência de meu intendente.

— O senhor veio, ao que parece, porque esperava ver epidemias sucederem-se à guerra?

— Não… não, não é absolutamente isto — respondeu, com mansuetude, Karmázinov, escandindo suas frases e, de cada vez, de um canto para outro, arrastando galhardamente seu pé direito, mas sem demasiada largura. — Proponho-me, com efeito, viver o mais tempo possível — acrescentou, com um sorriso sarcástico. — Na nobreza russa há algo que se gasta extraordinariamente depressa, sob todos os aspectos. Mas faço questão de gastar-me o mais tarde possível

e agora retorno ao estrangeiro para sempre; o clima lá é melhor e o edifício social lá é de pedra; tudo é mais sólido. A Europa durará tanto quanto eu, penso. E você, que pensa?

— Não sei de nada.

— Hum! Se lá, com efeito, Babilônia desmoronar, será uma grande catástrofe (nisto estou plenamente de acordo com o senhor, muito embora pense que ela durará tanto quanto eu), ao passo que, entre nós, na Rússia, não se vê que alguma coisa possa vir abaixo. O que cairá, não serão pedras, mas tudo se liquidificará na lama. Menos que todos os outros países do mundo, é a Santa Rússia capaz de oferecer uma resistência qualquer. A plebe continua ainda um tanto apegada ao deus russo; mas pelas últimas notícias o deus russo estava bem doente; mal pode resistir à derradeira reforma em favor dos camponeses; pelo menos ficou extremamente abalado. E depois há os caminhos de ferro, e depois o senhor… Não creio mais em absoluto no deus russo.

— E no deus europeu?

— Não creio em deus nenhum. Caluniaram-me junto à mocidade russa. Estive sempre de todo coração em todos os seus movimentos. Mostraram-me as proclamações que circulam por aí. Consideram-nas com perplexidade, sua forma amedronta os espíritos, mas todos estão convencidos, sem ousar demasiado confessá-lo a si mesmos, de que podem ser eficazes. Rola-se para o abismo e sabe-se desde muito tempo que não há a que apegar-se. Creio tanto mais no êxito dessa propaganda clandestina quanto a Rússia é, por excelência, o país do mundo em que pode acontecer tudo o que se quiser, sem que nada a isso se oponha. Compreendo demasiado bem porque os russos que têm fortuna fogem todos para o estrangeiro e em número mais considerável cada ano. É simplesmente por instinto. Quando o navio vai soçobrar, os ratos são os primeiros a abandoná-lo. A Santa Rússia é um país de casas de madeira, cheio de mendigos… e de perigos, um país populoso, em suas altas esferas, de mendigos vaidosos e onde a grande maioria vive em cabanas, dançando diante do bufê. Ela se regozijará com qualquer solução, contanto que lhe deem a explicação. Só o governo quer ainda resistir, mas brande seu cacete no escuro e

bate nos seus. Aqui tudo é julgado e condenado. A Rússia, tal como é, não tem futuro. Tornei-me alemão e orgulho-me disso.

— Não, o senhor tinha começado a falar a respeito das proclamações; diga-me tudo quanto pensa a respeito.

— Todo mundo tem medo delas, é que são então poderosas. Rasgam abertamente os véus e mostram que entre nós não há nada a que se apegar, sobre que se apoiar. Falam alto, quando todos se calam. O que proclama a vitória delas (não obstante a forma), é sobretudo a audácia inaudita e sem precedentes até aqui, com a qual ali se encara de face a verdade. Essa faculdade de poder olhar de face a verdade é um traço que só pertence à geração russa atual. Não, na Europa, não se é ainda tão ousado: o edifício social é ali de pedra, encontram-se ali ainda elementos de resistência. Tanto quanto posso julgar segundo o que vejo, a essência da ideia revolucionária russa consiste na negação da honra. Agrada-me ver isto tão ousada e tão arrogantemente expresso. Não, na Europa não se compreenderá ainda isto, mas é precisamente o que entre nós será captado mais depressa. Para o russo a honra não passa de um fardo enfadonho; sempre lhe foi um fardo, durante todo o curso de sua história. Por isso é tanto mais fácil seduzi-lo, se se proclama "o direito à desonra". Eu sou da antiga geração, confesso, faço ainda questão da honra, mas só por hábito. Tenho um fraco pelas velhas formas e admitamos que seja por pusilanimidade; é bem preciso ser de seu tempo.

Parou de repente.

"Enquanto isto, falo e torno a falar — pensou ele, — e esse aí cala-se e examina. Veio na expectativa de que eu lhe faça uma pergunta direta. Pois bem, vou fazer."

— Iúlia Mikháilovna pediu-me que o interrogasse, duma maneira discreta e hábil, a fim de saber qual é a surpresa que o senhor prepara para o baile de depois de amanhã — exclamou de súbito Piotr Stiepânovitch.

— Sim, será com efeito uma surpresa e decididamente causarei espanto… — disse Karmázinov, com ênfase, — mas não lhe direi em que consiste meu segredo.

Piotr Stiepânovbitch não insistiu.

— Há aqui um tal Chátov — prosseguiu o grande escritor com curiosidade, e, imagine, ainda não o vi.

— Uma personalidade notável. Mas o que quer saber?

— Muito bem, ele fala aqui de certas coisas. Não foi ele quem deu uma bofetada em Stavróguin?

— Foi ele.

— E Stavróguin, que pensa dele?

— Não sei. É um janota.

Karmázinov odiava Stavróguin porque este tomara o hábito de não lhe prestar nenhuma atenção.

— Aquele janota — disse, com sarcasmo, — se o que pregam vossas proclamações vier a realizar-se, será sem dúvida o primeiro a ser dependurado dum galho de árvore.

— Talvez mesmo antes disso — afirmou de repente Piotr Stiepânovitch.

— Será bem feito — aprovou Karmázinov, deixando de rir e num tom muito grave.

— O senhor já disse isso uma vez e eu contei a ele, saiba.

— Como? O senhor lhe contou? — perguntou Karmázinov, com novo riso.

— Ele disse que se o dependurarem de uma árvore, ao senhor bastará que lhe deem uma surra, não por pura forma, mas vigorosamente, como se surra um labrego.

Piotr Stiepânovitch pegou seu chapéu e levantou-se. Karmázinov estendeu suas duas mãos para despedir-se.

— Escute — ceceou ele, com voz melíflua e com uma entonação

particular, enquanto retinha as mãos do visitante nas suas, — se tudo quanto se projeta… está destinado a realizar-se, então… quando poderá isso ocorrer?

— Não sei — respondeu Piotr Stiepânovitch, num tom de certo modo grosseiro.

Ambos olharam-se fixamente.

— Por exemplo? Aproximadamente? — perguntou Karmázinov, com voz cada vez mais melíflua.

— O senhor terá tempo de vender sua propriedade e fugir — resmungou Piotr Stiepânovitch, com mais grosseria ainda. Ambos olharam-se cada vez com mais insistência.

O silêncio durou um minuto.

— Isto começará no princípio de maio e tudo estará acabado pela Festa da Intercessão — declarou de súbito Piotr Stiepânovitch.

— Agradeço-lhe sinceramente — disse num tom compenetrado Karmázinov, apertando-lhe as mãos.

“Terás tempo de abandonar o navio, rato! — pensava Piotr Stiepânovitch, saindo para a rua. — Vamos, já que esse quase ‘espírito de homem de Estado’ se informa tão minuciosamente do dia e da hora, e me agradece com tal efusão a informação que lhe dei, não podemos mais, depois disto, duvidar de nós. Hum! É um dos homens inteligentes de seu navio… mas não passa de um rato que se salva; não nos denunciará!”

Correu para a casa de Filípov, na Rua da Epifania.

## *VI*

Piotr Stiepânovitch passou em primeiro lugar pelos aposentos de Kirílov. Este, segundo seu hábito, estava sozinho e dedicava-se desta vez a exercícios de ginástica pelo quarto, isto é, afastava as pernas e girava de certa maneira os braços acima de sua cabeça. Uma bola de borracha pousava no soalho. Em cima da mesa via-se o chá da manhã,

que não havia sido retirado, já frio. Piotr Stiepânovitch parou um instante na soleira.

— Você cuida mesmo muito de sua saúde — disse, com voz sonora e alegre, entrando no quarto. — Oh! que bela bola! E como salta! É também para a ginástica?

Kirílov vestiu sua sobrecasaca.

— Sim; também para cuidar da saúde — murmurou secamente. — Sente.

— Um minuto apenas. Contudo, sentarei. A saúde é a saúde, mas vim cá para lembrar-lhe nosso pacto. Aproxima-se, em certo sentido, a data de sua execução — concluiu, com certo embaraço.

— Que pacto?

— Ainda pergunta? — disse Piotr Stiepânovitch, alarmado e até mesmo apavorado.

— Não é nem um pacto nem uma obrigação; não me comprometi. É um engano de sua parte.

— Escute, que pensa fazer? — perguntou Piotr Stiepânovitch, levantando bruscamente.

— Minha vontade.

— Qual?

— A antiga.

— Como devo entender isso? Quer dizer que você persiste nas suas primeiras ideias.

— Sim, somente não há pacto, jamais houve e não tenho compromisso nenhum. Era então apenas a minha vontade e é somente a minha vontade agora.

Kirílov explicava-se num tom cortante e desdenhoso.

— De acordo, de acordo, faça você sua vontade, se essa vontade não mudou. — Piotr Stiepânovitch tornou a sentar com ar satisfeito. — Você se zanga por uma palavra. Tornou-se bastante irascível nestes últimos tempos. Por isso tenho evitado vir vê-lo. Aliás, estava bem certo de que você não trairia.

— Não tenho nenhuma simpatia por você, mas pode ficar certo, se bem que não aceite os termos de traição ou não-traição.

— No entanto, você sabe — continuou Piotr Stiepânovitch, novamente inquieto, — seria preciso falar claramente para não haver confusão. O negócio exige exatidão e suas palavras me deixam terrivelmente perplexo. Permite que eu fale?

— Fale — disse Kirílov, olhando para um canto.

— Há muito tempo já que você decidiu suicidar-se… pelo menos era essa sua ideia. Exprimi-me bem? Não há engano?

— Esta ideia conservo-a sempre.

— Muito bem. Note além disso que ninguém o forçou a isso.

— Não faltaria mais nada! Que tolices diz você!

— Bem! bem! exprimi-me muito idiotamente. Sem dúvida, teria sido muito estúpido forçá-lo a isso. Continuo: você tem feito parte da Sociedade desde o primeiro momento de sua formação e confiou seus projetos de então a um dos membros da Sociedade.

— Não confiei nada, disse aquilo simplesmente.

— Pois seja, teria sido ridículo, com efeito, confiar-se como quem se confessa. Disse muito simplesmente e está muito bem.

— Não, não está muito bem, porque você mastiga suas palavras. Não tenho contas a dar-lhe e você não saberia compreender minhas ideias. Quero suicidar-me porque tal é meu pensamento, porque não quero terrores da morte, porque… porque você não tem de saber por que… Que lhe interessa isso? Quer chá? Está frio. Espere, vou buscar outro copo.

Piotr Stiepânovitch havia, com efeito, se apoderado do bule de chá e procurava algum copo limpo. Kirílov dirigiu-se para o armário e trouxe de lá um copo limpo.

— Acabo de almoçar em casa de Karmázinov — observou o visitante. — Ouvi-o falar, o que me provocou suores, em seguida corri para cá, o que me fez também suar e estou morto de sede.

— Beba. O chá frio é excelente.

Kirílov tornou a sentar-se sobre sua cadeira e de novo pôs-se a contemplar o canto fixamente.

— Imaginaram na sociedade — prosseguiu no mesmo tom, — que eu poderia ser-lhe útil com meu suicídio e que quando vocês tivessem cometido aqui alguma má brincadeira e se procurasse os culpados, eu rebentaria os miolos e deixaria uma carta declarando que fora eu quem dera o golpe, de modo a pôr vocês ao abrigo de qualquer suspeita, pelo menos durante um ano.

— Pelo menos durante alguns dias. Um só dia pode ser precioso.

— Bem. Por isso perguntaram-me se eu queria esperar algum tempo. Disse que esperaria o dia designado pela Sociedade, uma vez que isso pouco me importava.

— Sim, mas lembre-se de que assumiu o compromisso, quando redigisse essa carta, de só o fazer comigo e, desde que chegasse à Rússia, de pôr-se… em uma palavra, à minha disposição, isto é, para esse caso somente, porque para todo o resto, bem entendido, você é livre — acrescentou quase amavelmente Piotr Stiepânovitch.

— Não tomei compromisso nenhum, consenti, uma vez que isso pouco me importava.

— Muito bem, muito bem, não tinha absolutamente a intenção de magoar seu amor-próprio, mas…

— Não se trata aqui de amor-próprio.

— Mas lembre-se de que lhe deram cento e vinte táleres para sua

viagem, por consequência você recebeu dinheiro.

— Absolutamente — replicou Kirílov, corando, — o dinheiro não foi dado com esta intenção. Não se aceita dinheiro para isso.

— Algumas vezes aceita-se.

— Você mente. Mandei de Petersburgo uma carta na qual dei todas as explicações e entreguei-lhe em Petersburgo os cento e vinte táleres, a você, em suas próprias mãos… foram pois entregues, se contudo não os guardou você no seu bolso.

— Está bem, está bem, não contesto nada, o dinheiro foi enviado. O principal é que você esteja nas mesmas disposições de outrora.

— Estou nas mesmas disposições. Quando você vier dizer-me: “Chegou a hora”, eu me matarei. Será para breve?

— O dia não está longe… Mas lembre-se de que devemos redigir a carta juntos, na véspera à noite.

— No dia mesmo se for preciso. Disse você que eu deveria assumir a responsabilidade das proclamações?

— Sim e outra coisa ainda.

— Não assumirei a responsabilidade de tudo.

— Por que não de tudo? — perguntou Piotr Stiepânovitch, de novo alarmado.

— Porque não quero; basta! Não quero mais falar disso.

Piotr Stiepânovitch reprimiu sua cólera e mudou de conversa.

— Falemos de outra coisa — disse, num tom cortês. — Você virá esta noite à reunião dos “nossos”? Hoje é aniversário de Virguínski e com este pretexto nos reuniremos.

— Não quero.

— Dê-me o prazer de ir lá. É preciso. Devemos impor-nos pelo

número e pelo aspecto das pessoas… você tem um ar… em uma palavra, um ar fatal.

— Acha? — replicou, rindo, Kirílov. — Pois bem, irei; mas não será por causa de meu ar. Quando?

— Oh! bastante cedo, às seis e meia. E você sabe, pode entrar, sentar e não falar com ninguém, por mais numerosos que sejam os presentes. Somente não se esqueça de levar com você papel e lápis.

— Para fazer o quê?

— Isto pouco lhe importa e é um pedido que lhe faço. Contente-se em ficar sentado sem falar com ninguém, em escutar e por momentos fingir que toma notas; poderá mesmo desenhar.

— Que tolice! Para quê?

— Mas porque isto pouco lhe importa. Você repete sem cessar que isso pouco lhe importa.

— Não, diga-me, por quê?

— Pois bem, eis aqui: o inspetor, membro da Sociedade, ficou retido em Moscou e eu declarei a alguns que teríamos sem dúvida a visita de um inspetor; pensarão então que você é o inspetor e tanto mais se admirarão pelo fato de você achar-se aqui há já três semanas.

— Farsas. Vocês não têm nenhum inspetor em Moscou.

— Pois seja, não temos, que o diabo o leve! Mas que lhe importa isso e em que isto o constrange? Você mesmo é membro da Sociedade.

— Diga-lhes que sou o inspetor, ficarei sentado em silêncio, mas não quero papel nem lápis.

— Mas por quê?

— Não quero.

Piotr Stiepânovitch ficou lívido de cólera, mas soube de novo dominar-se. Levantou e pegou seu chapéu.

— Aquele homem está aqui? — perguntou de súbito à meia-voz.

— Está aqui, sim.

— Está bem. Em breve o livrarei dele, fique tranquilo.

— Estou tranquilo. Só está aqui à noite. A velha está no hospital, sua nora morreu; estou só há dois dias. Mostrei-lhe o lugar da cerca onde uma tábua se desloca; ele penetra por ali sem ser visto por ninguém.

— Em breve vou livrá-lo dele.

— Diz ele que há muitos lugares onde dormir.

— Mente, está sendo procurado, e aqui, no momento, está a salvo. Será que você chega ao ponto de conversar com ele?

— Sim, a noite inteira. Ele diz horrores de você. Li para ele o *Apocalipse* e ofereci-lhe chá. Escutou muito, muito atentamente mesmo, a noite inteira.

— Ah! com os diabos! Mas você acabará convertendo-o à fé cristã.

— Ele é cristão. Mas não se preocupe; ele matará. Quem você quer assassinar?

— Não, não é por isto que preciso dele; é por outra coisa… Chátov sabe que você hospeda Fiedka?

— Não dirijo a palavra a Chátov e não o vejo.

— Ele está zangado?

— Não, não estamos zangados. Amuos, apenas. Dormimos juntos muito tempo na neve.

— Irei vê-lo agora mesmo.

— Como quiser.

— Stavróguin e eu viremos talvez também à sua casa, ao sair do

serão, cerca das dez horas.

— Venham.

— Tenho de falar com ele algo importante… Escute aqui: dê-me sua bola; de que lhe serve ela agora? Também faço ginástica. Poderia comprá-la.

— Tome-a.

Piotr Stiepânovitch pôs a bola no bolso de trás de sua sobrecasaca.

— Mas não lhe fornecerei nenhuma arma contra Stavróguin — murmurou Kirílov, deixando sair o visitante a quem havia acompanhado até a porta. Piotr Stiepânovitch olhou-o estupefato e não disse nada.

As derradeiras palavras de Kirílov perturbaram extremamente Piotr Stiepânovitch. Estava ainda sob a impressão delas quando se deu conta, ao subir a escada de Chátov, de que devia dar a seu rosto descontente uma expressão mais amável. Chátov estava em casa, um tanto adoentado. Achava-se de cama, aliás, todo vestido.

— Que azar! — exclamou da soleira Piotr Stiepânovitch. — Está seriamente doente?

A expressão de afabilidade desapareceu de repente de seu rosto; um clarão sinistro passou em seus olhos.

— Um pouco — respondeu Chátov, saltando do leito. — Não estou doente, uma ligeira dor de cabeça…

Tinha o ar desvairado; a brusca aparição de semelhante visitante havia-o positivamente aterrorizado.

— Venho justamente tratar de um negócio em que não cabe doença — começou Piotr Stiepânovitch, num tom rápido e quase imperioso. — Permita que me sente (sentou), e você, volte a seu lugar na cama, sim, assim. Hoje, sob o pretexto de festejar o aniversário de Virguínski, os “nossos” vão reunir-se em casa dele; só estarão

presentes os camaradas autênticos; estão tomadas todas as medidas. Irei com Nikolai Vsiévolodovitch. Sem dúvida, não arrastarei você a essa reunião, sabendo quais são hoje suas opiniões… isto é, com o fim apenas de poupar-lhe esse tormento e não porque temamos uma denúncia de sua parte. Mas as circunstâncias exigem que você esteja presente. Encontrará lá aqueles com os quais decidiremos definitivamente de que maneira deverá deixar você a Sociedade e a quem remeterá o material depositado em sua casa. Faremos isso sem barulho; atrairei você para um canto; a assistência será numerosa e é inútil que todo mundo o saiba. Confesso que tive de gastar minha língua em seu favor; mas agora parecem consentir, sob a condição, bem entendido, de que você restitua o prelo tipográfico e os papéis. Então ficará livre de ir para qualquer dos quatro pontos cardeais.

Chátov escutara, franzindo as sobrancelhas com ar furioso. Seu terror nervoso de antes havia-o abandonado.

— Não me considero absolutamente obrigado a prestar contas, o diabo sabe a quem — declarou, num tom cortante. — Ninguém pode impedir-me de recuperar minha liberdade.

— Não é completamente exato. Confiaram-lhe muitas coisas. Você não tinha o direito de romper sem mais nem menos. E, afinal, você nunca manifestou claramente o desejo de fazê-lo, tanto que os colocou numa posição equívoca…

— Desde minha chegada aqui, declarei-o claramente.

— Não, claramente não — retorquiu Piotr Stiepânovitch com calma. — Enviei-lhe, por exemplo, a “Personalidade Resplendente”, a fim de imprimi-la aqui e de guardar em sua casa os exemplares até que fossem reclamados; juntavam-se a ela duas proclamações ainda. Você devolveu tudo com uma carta ambígua, sem dizer nada de definido.

— Recusei-me redondamente a imprimir.

— Sim, mas não redondamente. Você escreveu: “Não posso”, mas sem explicar por qual motivo. “Não posso” jamais significou “não quero”. Podia-se supor que você não podia unicamente em razão de

obstáculos materiais. Foi assim que se compreendeu, crendo-se que você continuava a fazer parte da Sociedade; desde então puderam confiar-lhe certos segredos e por consequência comprometer-se. Diz-se aqui que você quis simplesmente enganar com isso os associados para obter deles alguma comunicação importante e em seguida denunciá-los. Eu o defendi com todas as minhas forças e lhes mostrei suas duas linhas de resposta, documento que o favorece. Mas tive eu mesmo de reconhecer, depois de havê-las relido, que aquelas duas linhas não são claras e que induzem a erro.

— Com que então conservou aquele bilhete com tanto cuidado?

— Que tem de particular que o haja conservado? Tenho-o ainda em casa.

— Ora, pouco importa, que diabo! — exclamou Chátov, num tom raivoso. — Que me importa que esses imbecis pensem que eu queria denunciá-los? Gostaria bem de ver o que poderiam fazer comigo!

— Tomariam nota de você e o enforcariam à primeira vitória da revolução.

— Quando se tiverem apoderado do poder supremo e escravizado a Rússia?

— Não ria. Repito-lhe: eu o defendi. Seja como for, aconselho-o a comparecer hoje. De que servem vãs palavras inspiradas por um falso orgulho? Não seria melhor separar-se amigavelmente? Em todo o caso, é preciso que você devolva a máquina e os tipos bem como todos os velhos papéis. É a este respeito que temos de falar.

— Irei — disse Chátov, resmungando, de cabeça baixa, perdido em seus pensamentos.

Piotr Stiepânovitch, de seu lugar, olhava-o de soslaio.

— Stavróguin estará lá? — perguntou de súbito Chátov, erguendo a cabeça.

— Estará, decerto.

— Eh! eh!

Houve de novo um minuto de silêncio. Chátov mostrou um sorriso desdenhoso e irritado.

— E a sua ignóbil “Personalidade Resplendente” que eu não quis imprimir aqui, foi impressa?

— Foi, sim.

— Persuadem-se os colegiais de que tenha sido o próprio Herzen que a escreveu no álbum de você.

— Foi o próprio Herzen.

Calaram-se ainda durante uns três minutos. Por fim, Chátov levantou de seu leito.

— Saia de minha casa, não quero ficar com você.

— Vou-me embora — disse Piotr Stiepânovitch, levantando logo. — Uma derradeira palavra: Kirílov, ao que parece, está agora sozinho no pavilhão, sem criada?

— Sozinho. Vá-se embora, não posso ficar com você no mesmo quarto.

“Bem, estás no ponto! — pensou alegremente Piotr Stiepânovitch, quando se achou na rua. — Estarás no ponto também esta noite; tenho justamente necessidade de que estejas assim e nada de melhor podia desejar, nada de melhor! O próprio deus russo vem em meu auxílio!”

## *VII*

Movimentou-se sem dúvida muito naquele dia, tendo de regularizar uma porção de coisas e parece que não sem êxito, a julgar pela expressão de contentamento que se refletia em seu rosto quando, à tardinha, às seis horas precisamente, apresentou-se em casa de Nikolai Vsiévolodovitch. Mas não o introduziram imediatamente; Nikolai Vsiévolodovitch acabava de encerrar-se em seu escritório com Mavríki Nikoláievitch. Esta notícia logo lhe causou vivas

preocupações. Sentou-se bem perto da porta do gabinete para aguardar a saída do visitante. O rumor da conversa chegava até ali, mas não se podiam distinguir as palavras. A visita não durou muito tempo; em breve repercutiu uma voz forte e desabrida, em seguida ao que a porta abriu-se e Mavríki Nikoláievitch saiu, de rosto lívido. Não notou Piotr Stiepânovitch e passou rapidamente por junto dele. Piotr Stiepânovitch meteu-se imediatamente no gabinete.

Não posso dispensar-me de contar em detalhe a entrevista bastante curta dos dois "rivais", entrevista que parecia dever ser impossível em razão das circunstâncias e que, não obstante, se realizou.

As coisas se passaram da maneira seguinte: Nikolai Vsiévolodovitch, depois do jantar, cochilava num divã em seu gabinete, quando Alieksiéi Iegórovitch foi anunciar-lhe a chegada do visitante inesperado. Ao ouvir-lhe o nome, saltou ele de seu lugar, não dando crédito a seus ouvidos, mas em breve um sorriso aflorou-lhe os lábios, um sorriso de triunfo altivo ao mesmo tempo que de surpresa resoluta e desafiadora. Ao entrar, Mavríki Nikoláievitch ficou sem dúvida surpreendido com a expressão daquele sorriso, pelo menos parou de repente no meio do quarto como se perguntasse a si mesmo se iria mais adiante ou daria meia-volta. O dono da casa tratou logo de mudar de fisionomia e com um ar seriamente admirado caminhou ao encontro do visitante. Este último não pegou a mão que lhe era estendida, apoderou-se desajeitadamente de uma cadeira e, sem dizer uma palavra, sentou antes do dono da casa e sem esperar convite. Nikolai Vsiévolodovitch sentou de viés em seu divã e, com os olhos fixos em Mavríki Nikoláievitch, aguardou em silêncio.

— Se puder, case-se com Elisavieta Nikoláievna — disse, de súbito, Mavríki Nikoláievitch, e o mais curioso é que não se podia reconhecer, pela entonação de sua voz, se era aquilo um pedido, uma recomendação, uma concessão ou uma ordem.

Nikolai Vsiévolodovitch mantinha-se calado, mas tendo o visitante provavelmente dito tudo quanto tinha a dizer, olhava-o com insistência, à espera de uma resposta.

— Se não me engano (não é senão bem verdade, afinal), Elisavieta Nikoláievna é sua noiva — falou por fim Stavróguin.

— Sim, a cerimônia se realizou e ela é minha noiva — confirmou com voz clara e segura Mavríki Nikoláievitch.

— Vocês… vocês brigaram? Desculpe-me, Mavríki Nikoláievitch.

— Não, ela me ama e me estima, são suas próprias palavras. Suas palavras são mais preciosas que tudo.

— Não resta dúvida nenhuma.

— Mas, saiba, ainda que estivesse no altar e sob o véu, bastaria que o senhor a chamasse para que ela me plantasse lá, a mim e aos outros, para segui-lo.

— Mesmo sob a coroa?

— E após a coroa.

— Será que o senhor não se engana?

— Não. Sob o ódio incessante, sincero e dos mais profundos que tem ao senhor, resplendem a cada instante o amor e a loucura! O amor mais franco e mais excessivo e a loucura! Pelo contrário, sob o amor não menos sincero que sente por mim, fulgura a cada instante o ódio mais atroz! Jamais teria eu podido imaginar antes todas essas… metamorfoses.

— Mas o que me espanta é que o senhor ainda possa vir dispor da mão de Elisavieta Nikoláievna. Tem esse direito? Ela lhe deu sua autorização?

Mavríki Nikoláievitch franziu o cenho e baixou a cabeça.

— De sua parte, não são mais que palavras — disse ele, bruscamente, — palavras de vingança pelas quais passa o acento do triunfo; estou certo de que o senhor lê entre as linhas e será possível que haja lugar aqui para uma vaidade mesquinha? Não está satisfeito? Será preciso ainda que eu seja prolixo e ponha os pontos nos is? Pois

seja, porei os pontos, se minha humilhação lhe é a tal ponto necessária. Não tenho nenhum direito, toda autorização é impossível; Elisavieta Nikoláievna ignora tudo, mas seu noivo, que perdeu o resto de sua razão, merece ser encerrado num hospício de alienados, e para cúmulo, é ele próprio quem lhe vem declarar isto. Só o senhor entre todos pode fazê-la feliz, e só eu posso torná-la infeliz. O senhor a combate, o senhor a persegue, mas — não sei por que, não se casa com ela. Se é uma briga de namorados, ocorrida no estrangeiro, e para pôr fim à qual devo oferecer-me em holocausto, pois bem, imole-me. Minhas palavras não são nem uma autorização nem uma prescrição, seu amor-próprio não terá por que magoar-se. Se quisesse tomar meu lugar sob a coroa nupcial, poderia fazê-lo sem minha permissão e não teria eu vindo aqui bancando o insensato. Tanto mais quanto após o passo que acabo de dar, nosso casamento é impossível. Não posso, não é mesmo, levar minha covardia ao ponto de conduzi-la ao altar? O que faço agora e o fato de a entregar ao senhor, tudo isso constitui a meus olhos uma infâmia tal que certamente jamais a suportarei.

— Vai estourar os miolos, quando nos casarmos?

— Não, muito mais tarde. Que adianta manchar com meu sangue seu traje nupcial? Talvez mesmo não estoure os miolos, nem agora, nem mais tarde.

— Dizendo isto, procura provavelmente tranquilizar-me.

— Tranquilizá-lo? Que lhe importa um vão salpico de sangue?

Empalideceu e seus olhos lançaram um clarão. Sucedeu-se um silêncio dum minuto.

— Desculpe-me — continuou Stavróguin, — se lhe fiz várias perguntas e se não tinha direito algum de fazer-lhe algumas dentre elas, mas há uma, me parece, a respeito da qual tenho todos os direitos: diga-me, pois, em que dados se funda para deduzir meus sentimentos a respeito de Elisavieta Nikoláievna? Refiro-me ao grau desses sentimentos, capaz de inspirar-lhe bastante confiança para vir procurar-me… e arriscar semelhante proposta.

— Como? — disse Mavríki Nikoláievitch, com um leve arrepio. —

Será que não lhe pretendeu a mão? Será que não pretende e não quer pretender?

— Em geral, não posso falar a uma terceira pessoa, qualquer que ela seja, a respeito de meus sentimentos para com uma mulher. Desculpe-me, tal é a esquisitice de meu gênio. Mas em compensação, vou lhe dizer toda a verdade no que se refere ao resto: sou casado, não me é mais possível, pois, casar com outra mulher, nem "pretender sua mão".

Mavríki Nikoláievitch ficou de tal modo estupefato que se recostou no espaldar de sua poltrona e manteve seu olhar imóvel algum tempo sobre o rosto de Stavróguin.

— Imagine que não havia pensado absolutamente em tal coisa — murmurou ele. — O senhor disse outro dia que não era casado… por isso foi que acreditei que o senhor não era casado…

Empalideceu terrivelmente; de súbito seu punho abateu-se com toda a força sobre a mesa.

— Se, depois de tal confissão, não deixar em paz Elisavieta Nikoláievna, e se a tornar infeliz, vou matá-lo a pauladas, como a um cão, num canto de muro.

Levantou-se e saiu precipitadamente do quarto. Piotr Stiepânovitch, que acorreu imediatamente, encontrou o dono da casa numa disposição de espírito das mais inesperadas.

— Ah! é você? — disse Stavróguin, com uma risada; aquela risada ruidosa parecia não ter outra causa senão a fisionomia de Piotr Stiepânovitch, que acabava de entrar com uma curiosidade ansiosa.

— Estava escutando à porta? Espere, que notícia vinha trazer-me? Tinha-lhe prometido alguma coisa… ah! sim, lembro-me: ir "à casa dos nossos"! Partamos, estou encantado, e você nada podia imaginar de mais a propósito.

Pegou seu chapéu e ambos saíram imediatamente da casa.

— Você ri de antemão à ideia de ver "os nossos" — tagarelava

jovialmente Piotr Stiepânovitch, que ora se esforçava por andar ao lado de seu companheiro sobre o estreito passeio de tijolos, ora devia trotar em plena lama da rua, porque seu companheiro não percebia que, andando bem pelo meio do passeio, o ocupava por completo com apenas sua pessoa.

— Não estou rindo, não — respondeu Stavróguin, com voz sonora e alegre, — pelo contrário, estou convencido de que este mundo é dos mais sérios.

— “Imbecis melancólicos”, como quis chamá-los um dia.

— Nada de mais divertido por vezes do que um imbecil melancólico.

— Ah! você fala a propósito de Mavríki Nikoláievitch! Estou convencido de que ele veio ainda há pouco ceder-lhe sua noiva, não foi? Imagine que fui eu quem o impeliu a isso indiretamente. E se ele não a ceder, nós mesmos a tomaremos, não é?

Piotr Stiepânovitch sabia decerto o que arriscava enveredando por aquele gênero de conversa, mas quando estava demasiado excitado gostava mais de arriscar tudo por tudo do que ficar na incerteza. Nikolai Vsiévolodovitch contentou-se com rir.

— E você conta sempre ajudar-me? — perguntou.

— Ao primeiro apelo. Mas sabe você que só há um bom meio?

— Conheço o seu meio.

— Não, é um segredo por enquanto. Somente, lembre-se de que esse segredo vale dinheiro.

— Sei mesmo quanto vale — resmungou à parte Stavróguin que, não obstante, se conteve e guardou silêncio.

— Quanto? Que disse você? — disse Piotr Stiepânovitch, alarmado.

— Disse: vá para o diabo com seu segredo! Faria melhor se me

dissesse quem estará lá. Sei que se trata duma festa, mas quais são os convidados?

— Oh! haverá convidados de toda categoria. O próprio Kirílov lá estará.

— Todos membros de comitês?

— Com a breca! Está você muito apressado! Não existe ainda aqui um só comitê.

— Como fez para espalhar tantas proclamações?

— Lá aonde vamos, só estarão quatro membros de comitês. Os outros, enquanto aguardam, espionam-se reciprocamente e enviam-me relatórios. Pode-se contar com essa gente. São materiais que é preciso organizar e depois mandar passear. Aliás, você mesmo redigiu os estatutos, não há, pois, coisa alguma a explicar-lhe.

— Então, a coisa não marcha? Há frieza?

— Se a coisa marcha? Não pode andar melhor. Vou diverti-lo. O primeiro agente de ação e o mais terrível é o uniforme. Não há nada de mais forte que o uniforme. Invento de propósito títulos e funções; tenho secretários, conselheiros secretos, caixas, presidentes, registradores que têm assessores, tudo isso agradou muito e foi admiravelmente aprovado. A força seguinte é, bem entendido, a sentimentalidade. Mas aí é que está a desgraça. Há desses danados subtenentes que mordem. Em seguida, os puros canalhas; pode dar-se que sejam boa gente, por vezes são bastante úteis, mas perde-se com eles muito tempo, porque exigem uma vigilância contínua. Enfim, a força principal, o cimento que liga tudo, é a vergonha da opinião pública. Ah! é alguma coisa isto! E por pouco que se meta nisso a mão, não se encontra em breve mais ninguém que tenha a mínima ideia própria. Teriam vergonha disso.

— Já que é assim, por que se dá você tanto trabalho?

— Desde que é tão fácil, toda a gente fica ali de boca aberta; por que não aproveitar para enchê-las? Você não levaria a sério a

possibilidade do bom êxito? Ah! a fé ali está, mas é preciso o firme propósito. Sim, é justo com semelhante gente que o êxito se torna possível. Digo-lhe que se lançarão ao fogo por mim: bastará que lhes grite que não são suficientemente liberais. Imbecis censuram-me tê-los enganado, fazendo-lhes crer num comitê central e em "suas inúmeras ramificações". Você mesmo, uma vez, me censurou, mas onde está o engano? Esse comitê central é você, sou eu; quanto às ramificações, haverá tantas quantas se quiser.

— E sempre a mesma ralé?

— São os materiais. Poderão servir.

— E você conta sempre comigo?

— Você será o chefe, será a força; eu não serei senão seu ajudante, seu secretário. Você bem sabe que embarcamos num navio, os remos são de carvalho, as velas de seda, na popa estará sentada uma bela virgem, a resplendente Elisavieta Nikoláievna… não sei mais como diz a canção…

— Ei-lo solto! — disse, rindo, Stavróguin. — Não, primeiro vou lhe contar um episódio. Você acaba de enumerar nos dedos as forças de que se compõem os comitês. Tudo isso é funcionalismo e sentimentalidade, excelente como clister, mas há algo de melhor ainda; persuada quatro membros dum comitê a liquidarem o quinto, sob pretexto de que este espiona, e logo estarão ligados por um só nó por causa do sangue derramado. Vão se tornar seus escravos, não ousarão nem rebelar-se nem exigir-lhe contas. Ah! ah! ah!

"Tu, no entanto… tu, no entanto, hás de pagar-me isso — pensava intimamente Piotr Stiepânovitch, — e nesta mesma noite. Já te permitiste coisas demais."

Foi isso ou quase isso que deve ter pensado Piotr Stiepânovitch. Aliás, já estavam próximos da casa de Virguínski.

— Você me fez provavelmente passar lá por um membro da Internacional que acaba de chegar do estrangeiro, por algum inspetor, não foi? — perguntou Stavróguin.

— Não, por um inspetor não. Não será você o inspetor; mas é um dos membros fundadores, vindo do estrangeiro e tem em seu poder os segredos mais importantes. É este o seu papel. Pretende falar, sem dúvida?

— Donde tirou você isso?

— Agora está obrigado a falar.

No seu espanto, Stavróguin parou no meio da rua, não longe dum lampião. Piotr Stiepânovitch sustentou-lhe o olhar com tranquila segurança. Stavróguin cuspiu com desprezo e prosseguiu seu caminho.

— E você, será que falará? — perguntou de repente a Piotr Stiepânovitch.

— Não, vou me contentar com escutá-lo.

— Que o diabo o leve! Você me dá, de fato, uma ideia.

— Qual?

— Pois seja, falarei talvez lá, mas em seguida vou lhe dar uma surra e baterei com força.

— A propósito, acabo de falar a seu respeito com Karmázinov e lhe referi pretensas afirmações suas, isto é, que você dissera que era preciso dar-lhe uma sova, e não somente pro forma, mas com vigor, como se zurze um mujique.

— Mas eu nunca disse isso! Ah! ah! ah!

— Não importa. *Se non è vero*…

— Pois bem! Obrigado, fico-lhe muito grato.

— Fique também sabendo o que me disse Karmázinov; disse que, no fundo, nossa doutrina é a negação da honra e que o meio mais fácil de atrair para si os russos é pregar abertamente o direito à desonra.

— Palavras admiráveis, palavras de ouro! — exclamou Stavróguin. — Acertou em cheio no alvo! O direito à desonra! Mas

todos vão acorrer a nós, nem um quererá ficar para trás! Escute, pois, Vierkhoviénski, você não faz parte da alta polícia, hem?

— Aquele que faz girar em sua cabeça semelhantes perguntas, guarda-se em geral de exprimi-las.

— Compreendo, mas estamos a sós.

— Não, até o presente não pertenço à alta polícia. Basta, eis-nos chegados. Componha sua fisionomia, Stavróguin; eu tenho sempre cuidado de compor a minha, quando entro em casa deles. É preciso arranjar o ar mais tenebroso, eis tudo; não é lá muito astuto.

## Capítulo VII / Em casa dos nossos

## *I*

Virguínski morava na Rua da Formiga, em casa própria, ou antes, pertencente à sua mulher. Era uma casa de madeira de um só pavimento e onde não havia inquilinos. Sob pretexto de festejar o aniversário de Virguínski, cerca de quinze convidados se encontravam ali reunidos; mas a recepção não se assemelhava em nada às que se dão habitualmente na província por ocasião de um aniversário ou nascimento. Desde o princípio de sua residência ali, marido e mulher haviam concordado em declarar, duma vez por todas, que seria absolutamente estúpido convidar seus amigos para celebrar aniversários, visto como "na realidade não há nisso motivo para regozijos". Em poucos anos haviam conseguido isolar-se completamente de toda sociedade. Se bem que fosse homem dotado de aptidões e longe de ser pobre, dava a toda a gente a impressão de ser um original que amava a solidão e além do mais "pretensioso na sua conversa". A Senhora Virguínskaia exercia a profissão de parteira e se encontrava por consequência no grau mais baixo da escala social, abaixo mesmo da mulher do pope, apesar da posição que seu marido ocupava na administração. Mas carecia eminentemente da humildade que convinha à sua situação. Desde sua tola e imperdoável ligação às escâncaras com o Capitão Liebiádkin, um tratante notório, até mesmo as mais indulgentes de nossas damas voltavam-lhe as costas com um desprezo não dissimulado. Mas a Senhora Virguínskaia aceitava tudo aquilo como se fosse precisamente o que procurava. É de notar que a Arina Prókhorovna (Senhora Virguínskaia), é que aquelas mesmas damas tão virtuosas se dirigiam, quando se encontravam em estado interessante e isto de preferência a qualquer das três outras parteiras da cidade. Via-se chamada até mesmo por famílias do campo, que moravam nos arredores, tanto se acreditava na sua ciência, na sua sorte e na sua habilidade nos casos difíceis. Ávida de dinheiro, só praticava entre as damas ricas. Plenamente consciente de seu poder, acabou por se tornar prepotente. Talvez mesmo de propósito, quando servia nas melhores casas, tinha o costume de amedrontar as clientes tímidas, exibindo o desprezo mais incrível e mais niilista pelas boas maneiras, ou então zombando de "tudo quanto era sagrado", no momento mesmo em que "tudo quanto era sagrado" teria podido ser

de grande utilidade. O principal doutor de nossa cidade, Rosânov — parteiro também — declarava como fato autêntico que uma vez, achando-se uma paciente com dores, enquanto gritava e fazia apelo ao Todo-Poderoso, uma piada libertina de Arina Prókhorovna, partindo como um tiro de pistola, produzira na paciente efeito tão aterrorizador que seu parto foi grandemente acelerado. Mas embora niilista, a Senhora Virguínskaia não desdenhava, quando preciso, sacrificar às superstições e aos costumes sociais, mesmos antiquados, todas as vezes que estes pudessem trazer-lhe alguma vantagem pessoal. Não se dispensaria jamais, por exemplo, de assistir a um batizado e naquelas ocasiões não deixava de vestir um vestido de seda verde de longa cauda e de enfeitar seu penteado com cachos e caracóis, muito embora em outros momentos desse preferência a um modo de trajar desleixado. Durante toda a cerimônia religiosa, afetava sempre o ar mais insolente, a ponto de escandalizar o clero; mas uma vez terminada a cerimônia, nunca deixava de oferecer champanhe aos convidados (por isso é que comparecia e trajava-se bem) que dariam na vista se, aceitando o copo, se esquecessem de um presentinho à parteira…

Os convidados reunidos naquela noite em casa de Virguínski (homens na maior parte) tinham um aspecto fortuito e excepcional. Não havia nem ceia nem jogo de cartas. No meio do grande salão, tapeçado por um papel azul muito antigo, sobre duas mesas que tinham sido aproximadas e cobertas por uma toalha duma limpeza duvidosa, ferviam dois samovares. A extremidade da mesa estava ocupada por uma imensa bandeja sobre a qual arrumavam-se vinte e cinco copos e uma cesta contendo pão caseiro francês cortado em fatias, como se faz nos pensionatos de meninos ou meninas com certa pretensão a elegância. O chá era servido por uma solteirona duns trinta anos, a irmã de Arina Prókhorovna, criatura taciturna e rancorosa, de cabelos desbotados e desprovida de sobrancelhas, que partilhava as ideias avançadas de sua irmã e que, na vida privada, era objeto de terror para o próprio Virguínski. Só havia três mulheres na sala: a dona da casa, sua irmã sem sobrancelhas e a irmã de Virguínski, uma moça que acabara de chegar de Petersburgo. Refestelada na sua cadeira, Arina Prókhorovna, vistosa mulher de vinte e sete anos, bastante desalinhada e trazendo um vestido de lã

esverdeada, de uso diário, examinava atrevidamente os convidados e seu olhar parecia dizer: “Estão vendo, não tenho o menor medo do que quer que seja”. A Senhorita Virguínskaia, estudante niilista, de faces rosadas, que era bonita também, baixinha, gorducha e redondinha como uma bolinha, instalara-se ao lado de Arina Prókhorovna, quase que com seu traje de viagem. Trazia na mão um rolo de papel e passeava pelos convidados um olhar impaciente. O próprio Virguínski estava um tanto adoentado naquela noite, mas, não obstante, veio sentar-se numa poltrona colocada perto da mesa. Todos os convidados, aliás, estavam sentados, e a maneira metódica pela qual estavam colocadas as cadeiras fazia prever que se ia assistir a uma sessão. Evidentemente, estavam todos na expectativa de alguma coisa e travavam, para matar o tempo, uma conversa barulhenta mas sem ligação. Quando Stavróguin e Vierkhoviénski apareceram, fez-se súbito silêncio.

Mas vou me permitir fornecer alguns detalhes para mais precisão.

Creio que todos aqueles senhores se haviam reunido na esperança agradável de vir a conhecer alguma coisa especialmente curiosa e da qual tinham sido previamente avisados. Constituíam a fina flor do radicalismo mais vermelho de nossa velha cidade e tinham sido escolhidos a dedo por Virguínski em vista daquela “sessão”. Farei observar, além disso, que alguns dentre eles (mas em pequeno número) nunca lhe tinham feito uma visita. A maior parte dos convidados, sem dúvida, não sabia muito bem por que tinham sido convocados. É verdade que naquele momento tomavam todos Piotr Stiepânovitch por um emissário do estrangeiro, delegado com plenos poderes; desde o começo esta ideia havia-se arraigado neles, não se sabe bem como, e não é preciso dizer que os lisonjeava. No entanto, entre os cidadãos reunidos sob o pretexto de festejar um aniversário, havia alguns aos quais tinha sido feitas propostas precisas. Piotr Stiepânovich conseguira criar entre nós um quinquevirato, à maneira daquele que fundara em Moscou e mesmo, como se soube mais tarde, em nossa província, entre os oficiais. Dizia-se que havia outro na província de X***. Esse quinquevirato de eleitos tomara lugar à mesa geral e os que o compunham conseguiam mui habilmente fazer cara de pessoas completamente comuns, de modo que ninguém teria

podido suspeitar do que eram realmente. Estava ali — não é mais um segredo para ninguém — em primeiro lugar Lipútin, depois o próprio Virguínski, em seguida Chigáliev (um senhor de orelhas compridas, irmão da Senhora Virguínskaia), Liámchin e por fim um personagem estranho, chamado Tolkatchenko, homem duns quarenta anos, que se vangloriava de seu conhecimento profundo do povo, em particular de ladrões e bandidos, frequentava de propósito as tavernas (aliás não era só para estudar o povo) e envaidecia-se de suas roupas coçadas, de suas botas alcatroadas, de seu piscar de olhos maldoso e de sua notável facúndia de camponês. Liámchin levara-o uma ou duas vezes já às reuniões de Stiepan Trofímovitch, onde não tinha aliás produzido grande efeito. Aparecia uma vez ou outra na cidade, sobretudo quando se achava desempregado; era empregado da estrada de ferro. Todos aqueles intrépidos campeões tinham constituído esse primeiro grupo na firme convicção de que era apenas uma unidade entre centenas e milhares de grupos do mesmo gênero, disseminados por toda a Rússia e dependentes todos de um poder central imenso, mas secreto, que por sua vez estava estreitamente ligado ao movimento revolucionário de toda a Europa. Mas para meu vivo pesar, devo declarar que a cizânia começava a manifestar-se entre eles. Se bem que tivessem esperado desde a primavera a chegada de Piotr Stiepânovitch, anunciada a princípio por Tolkatchenko e em seguida pela chegada de Chigáliev, se bem que tivessem esperado dele milagres extraordinários e respondido a seu primeiro apelo sem suscitar a menor objeção, entretanto, mal constituíram o primeiro quinquevirato, começaram, não se sabe bem por que, a sentir-se todos injuriados; e suponho precisamente que era em razão do açodamento que mostraram em fazer parte dele. Tinham comparecido, é claro, impelidos por um sentimento de vergonha magnânima, temendo que não os acusassem mais tarde de não ter ousado dar sua adesão; ainda assim, Piotr Stiepânovitch deveria ter sabido reconhecer o heroísmo deles fazendo-os participar pelo menos de alguma confidência importante. Mas Vierkhoviénski não estava de modo algum disposto a satisfazer-lhes a legítima curiosidade e só lhes dizia o que achava indispensável; em geral, tratava-os com uma severidade notável e até mesmo com certa falta de consideração. Isto evidentemente os irritava e o camarada Chigáliev atiçava já os outros a “exigirem contas”, mas, não é preciso dizer, não naquele momento, em casa de Virguínski,

onde havia tantos não-iniciados entre os assistentes.

Tenho ideia de que os membros acima mencionados, como formando o primeiro quinquevirato, estavam inclinados a suspeitar naquela noite de que no número dos convidados de Virguínski alguns deviam fazer parte de outros grupos desconhecidos deles, pertencentes à mesma organização secreta, e fundados na cidade pelo mesmo Vierkhoviénski, tanto que, afinal de contas, todos os presentes suspeitavam uns dos outros e "faziam pose" de diversas maneiras uns para com os outros, o que dava a toda a sociedade um ar bastante desorientador e até mesmo romanesco. Aliás, havia ali também pessoas ao abrigo de toda suspeita. Por exemplo, um major da ativa, parente próximo de Virguínski, personagem perfeitamente inofensivo, que não fora convidado, que viera espontaneamente celebrar o aniversário, de modo que teria sido impossível não recebê-lo. Todavia, não causava isso inquietação alguma a Virguínski, sendo o major "incapaz de traí-los". Esse major, malgrado sua estupidez, sempre gostara de meter-se nas reuniões de radicais avançados. Pessoalmente, não lhes partilhava as ideias, mas sentia vivo prazer em ouvi-los. Mais ainda, ele próprio estivera comprometido; aconteceu que, na sua mocidade, pacotes inteiros de manifestos e de números de *O Sino* lhe tinham passado pelas mãos e embora temendo até mesmo abri-los, nem por isso deixava de considerar uma perfeita covardia recusar-se a espalhá-los. (Existe ainda na Rússia, mesmo em nossos dias, gente dessa espécie.) Os outros convidados ofereciam o tipo, ou do nobre amor-próprio ferido e irritado, ou então o tipo da generosidade ardente e impulsiva da mocidade. Havia ali dois ou três professores, dos quais um, coxo, de quarenta e cinco anos de idade, que ensinava no ginásio, era um personagem extremamente venenoso e de notável suficiência; e mais dois ou três oficiais. Entre estes últimos, um oficial de artilharia, muito moço, recém-saído duma escola militar, rapaz taciturno e que não se ligara ainda a ninguém, apresentava-se de repente naquele dia em casa de Virguínski, com um lápis na mão e mal se misturando à conversa, tomava a cada instante notas num caderninho. Todo mundo via aquilo, mas cada qual fingia não perceber. Estava também presente o seminarista ocioso que ajudara Liámchin a enfiar fotografias obscenas na sacola da vendedora de bíblias, rapaz gordo de maneiras muito desenvoltas embora

desconfiadas, de sorriso imutavelmente sarcástico e que, além do mais, exibia com ar de triunfo o sentimento de sua própria perfeição. Assistia também à reunião, não sei bem por que, o filho do prefeito, aquele mesmo rapazola vicioso e prematuramente gasto, do qual já falei a propósito da aventura da mulherzinha do tenente. Não abriu a boca durante o serão. Por fim mencionarei, em último lugar, um estudante de dezoito anos, muito exaltado, de cabelos desgrenhados, que se mantinha com o ar sombrio dum homem jovem cuja dignidade se sente ofendida, e manifestamente muito embaraçado por causa de seus dezoito anos. Aquele fedelho era já o chefe de um grupo independente de conspiradores recrutados na mais alta classe do ginásio, como veio a saber-se mais tarde, para espanto geral. Não falei de Chátov. Colocara-se ao outro canto da mesa, com sua cadeira empurrada um pouco para trás do alinhamento geral; tinha os olhos fitos no chão, guardando silêncio com ar sombrio; recusou o chá e o pão e não largou um instante sequer o gorro que tinha na mão, como para mostrar que não fora como convidado, mas para tratar de negócios e que, quando o julgasse a propósito, levantaria e se retiraria. Não longe dele encontrava-se Kirílov, também bastante calado, mas não baixava a vista; pelo contrário, examinava com atenção, com seus olhos fixos e baços, cada um dos que tomavam a palavra e escutava tudo sem testemunhar a menor emoção, nem a menor surpresa. Alguns dos convidados que nunca o tinham visto lançavam-lhe às furtadelas um olhar pensativo. Conhecia a Senhora Virguínskaia a existência do quinquevirato? Presumo que ela sabia de tudo e precisamente por intermédio de seu marido. A estudante estava naturalmente fora de tudo aquilo, mas tinha também sua tarefa: contava ficar apenas um dia ou dois e ir em seguida cada vez mais longe, duma cidade universitária à outra, “a fim de tomar parte nos sofrimentos dos estudantes pobres e suscitar neles o espírito de protesto”. Levava consigo várias centenas de exemplares dum manifesto litografado que ela própria, creio, havia redigido. É de notar que o escolar sentiu por ela desde o começo um ódio por assim dizer mortal, se bem que fosse a primeira vez em sua vida que a visse; e ela sentia por ele o mesmo. O major era tio da moça, a quem revia hoje pela primeira vez desde dez anos. Quando Stavróguin e Vierkhoviénski entraram, tinha ela as faces vermelhas como um tomate; acabava de discutir com seu tio a respeito do feminismo.

## *II*

Com acentuada displicência, Vierkhoviénski deixou-se cair na cadeira, na extremidade da mesa, quase sem cumprimentar ninguém. Sua expressão era desdenhosa, altiva mesma. Stavróguin inclinou-se polidamente, mas muito embora todos os assistentes só estivessem à espera de sua chegada, todos, como se o houvessem combinado, afetaram ter apenas notado sua presença. A dona da casa voltou-se para Stavróguin com ar severo, logo que ele sentou.

— Stavróguin, quer chá?

— Pois não — respondeu ele.

— Chá para Stavróguin — comandou ela à sua irmã, sentada junto do samovar. — E o senhor, quer? (estas palavras dirigiam-se a Vierkhoviénski).

— Decerto. Isto é pergunta que se faça a um convidado? E dê-me também creme; o que se serve em sua casa como se fosse chá é uma droga tão infecta! E ainda por cima num dia de aniversário!

— Como? Também é partidário o senhor da celebração de aniversários? — disse, de repente, a estudante, rindo. — Falava-se disso ainda há pouco.

— É velharia — resmungou o colegial, lá do outro extremo da mesa.

— Que é que é velharia? Desprezar preconceitos, mesmo os mais inocentes, não é velharia; pelo contrário, para vergonha nossa, é até aqui uma novidade — retorquiu logo a estudante, prestes a saltar para diante. — Aliás, não há preconceitos inocentes — acrescentou, com veemência.

— Eu queria dizer, simplesmente — exclamou o colegial, com violenta agitação, — que muito embora os preconceitos sejam naturalmente velharias e precisem ser extirpados, entretanto, no que se refere a aniversários, cada qual sabe que são estúpidos e coisa demasiado antiquada para que se gaste nisso um tempo precioso e já sem eles esperdiçado por todo mundo, de modo que valeria mais a

pena empregar o espírito em algo de mais útil…

— Fala você com tal prolixidade que não se compreende nada — disse a estudante, elevando a voz.

— Parece-me que cada qual tem igualmente direito de tomar a palavra e se tenho vontade de exprimir minha opinião contra não importa quem…

— Ninguém lhe retira o direito de exprimir sua opinião — interrompeu secamente a própria dona da casa. — Convida-se somente você a deixar de atropelar as palavras desse jeito porque ninguém pode compreendê-lo.

— Permita, contudo, que lhe faça observar que a senhora não me está tratando com a devida consideração. Se não pude exprimir inteiramente meu pensamento, não foi por falta de ideias, mas antes por superabundância de ideias — balbuciou o colegial quase desesperado e perdendo completamente a calma.

— Se não sabe falar, pois então cale-se — atirou-lhe a estudante.

O colegial levantou-se dum salto.

— Queria simplesmente dizer — exclamou ele, vermelho de vergonha e não ousando olhar em redor de si, — que você apenas procura exibir seu espírito porque o Senhor Stavróguin entrou… É isso!

— É essa uma ideia suja, imoral e que prova a nulidade de sua educação. Rogo-lhe que não me dirija mais a palavra — replicou violentamente a moça.

— Stavróguin — começou a dona da casa, — discutia-se, antes de sua chegada, direitos da família. Olhe esse oficial — disse ela, indicando com um sinal da cabeça o major, seu parente. — Não é preciso dizer que não lhe infligirei o aborrecimento de ouvir repetir bobagens tão rebatidas e que desde muito tempo foram julgadas. Mas donde puderam tomar os direitos e deveres da família, no sentido de “preconceito” com que agora os imaginem? Eis a questão. Que pensa o

senhor?

— Como? Que entende a senhora por “donde” puderam tomar? — perguntou Stavróguin, por sua vez.

— Sabemos, por exemplo, que o preconceito referente a Deus teve como origem o trovão e os raios — exclamou a estudante, precipitando-se de novo no debate, fixando em Stavróguin olhos que pareciam saltar-lhe das órbitas. — É fato bem conhecido que o homem primitivo, aterrorizado pelo trovão e pelos raios, divinizou o inimigo invisível, na presença do qual sentia sua fraqueza. Mas donde nasceu o preconceito da família? Donde nasceu a própria família?

— Não é de todo a mesma coisa… — disse a Senhora Virguínskaia, procurando contê-la.

— Presumo que a resposta a esta pergunta seria indecente — respondeu Stavróguin.

— Como assim? — perguntou a moça, avançando o busto para a frente.

Mas no grupo dos professores fizeram-se ouvir risadas abafadas que logo encontraram eco na outra extremidade da mesa, em Liámchin e no colegial, eco que veio a ser reforçado pela ruidosa gargalhada do major, parente da moça.

— O senhor deveria escrever *vaudevilles* — disse, com ar afetado, a Senhora Virguínskaia a Stavróguin.

— Isto não redunda em honra sua; não sei como o chamam — interrompeu a estudante, positivamente indignada.

— Mas mostra-te um pouco reservada — trovejou o major. — És uma moça e devias comportar-te com modéstia em lugar de te remexeres, como se estivesses sentada em cima de uma agulha.

— Faça-me o favor de calar-se e poupe-me suas familiaridades e suas ignóbeis comparações. Vejo-o pela primeira vez e nada quero saber de seu parentesco.

— Mas vejamos, sou teu tio! Carreguei-te em meus braços, quando não passavas de uma criancinha.

— Que me importa que me tenha carregado nos braços? Não lhe pedi que me carregasse, portanto devia ser um prazer para o senhor, oficial mal-educado que é. E permita-me que lhe observe que não deve tratar-me por “tu”, à moda da cidade. Proibo-lhe de uma vez por todas!

O major esmurrou a mesa.

— São todas assim! — exclamou ele, dirigindo-se a Stavróguin sentado à sua frente. — Mas, permita-me: gosto do liberalismo e das ideias modernas e sinto prazer em escutar uma conversa inteligente, uma conversa masculina, por exemplo, previno-o. Mas escutar essas mulheres, esses moinhos de palavras… não, é um suplício para mim. Não te retorças desse jeito! — gritou ele para a moça que saltava em sua cadeira. — Não, peço também a palavra, fui insultado.

— O senhor só faz incomodar os outros e nada sabe dizer — resmungou a dona da casa, indignada.

— Não, direi o que tenho de dizer — gritou o major muito exaltado, dirigindo-se a Stavróguin. — Conto com o senhor, Stavróguin, a título de recém-chegado, se bem que não tenha a honra de conhecê-lo. Sem os homens, morrerão elas como moscas, eis minha opinião. Toda essa questão delas de feminismo não passa de falta de originalidade. Asseguro-lhe que toda essa questão da mulher foi inventada para elas pelos homens, por pura bestice e em seu próprio detrimento. Graças a Deus, não sou casado. Não oferecem elas a menor variedade, não sabem mesmo inventar a menor bagatela, são os homens que as inventam para elas. Veja essa aí: ninei-a nos meus braços, dancei a mazurca com ela quando tinha ela dez anos; chega hoje aqui, precipito-me naturalmente para beijá-la e sua segunda palavra é para dizer-me que não há Deus. Teria podido esperar a terceira, mas não! Havia pressa disso! Vamos, ainda passa que as pessoas de espírito não sejam crentes, isto se deve sem dúvida a seu espírito. Mas tu, peruinha, que sabes de Deus? — disse-lhe eu. Foi algum estudante que te ensinou isso e se ele te tivesse ensinado a

acender lâmpadas diante dos ícones, tu as acenderias.

— O senhor só faz dizer mentiras, é um homem mau. Demonstrei-lhe ainda há pouco que sua tese é insustentável — respondeu a moça com desprezo, como desdenhando discutir mais com tal indivíduo. — Disse-lhe ainda há pouco que nos ensinaram a todos, de acordo com o catecismo, que se honrarmos pai e mãe, teremos vida longa e riqueza. Está nos dez mandamentos. Se Deus achou necessário oferecer recompensas pelo amor, então vosso Deus é imoral. Eis em que termos lhe fiz minha demonstração e não à segunda palavra, mas porque o senhor pretendia afirmar seus direitos. Não é culpa minha que o senhor seja tapado e se até agora não compreendeu. Isto lhe causa vexame e o senhor se encoleriza e por aí se explica todo o segredo de vossa geração.

— Estupidazinha! — proferiu o major.

— E o senhor é um imbecil!

— Isto mesmo, injurie-me!

— Mas permita-me, Capitão Maksímovitch, o senhor mesmo me disse que não acreditava em Deus — disse Lipútin, com voz aguda, lá da outra extremidade da mesa.

— E ainda mesmo que o tivesse dito, é outro negócio. Creio talvez, somente não de uma maneira plena e completa. Mesmo que não creia completamente, não digo, no entanto, que se deva fuzilar Deus. Já, quando servia ainda nos hussardos, pensava algumas vezes em Deus. Segundo todos os poemas, está admitido que o hussardo só faz beber e banquetear-se. Sim, com efeito, eu bebia, talvez, mas, acreditariam vocês?, saltava de meu leito durante a noite e, somente de meias, ficava a fazer o sinal da cruz diante dos ícones, rogando a Deus que me desse fé porque mesmo então não estava tranquilo a respeito da questão de saber se há ou não um deus. Eis até que ponto isso me atormentava! De manhã, naturalmente, a gente se divertia e parecia que a fé estivesse perdida, e, de fato, notei que, durante o dia, a fé parece sempre enfraquecer mais.

— Não tem baralho? — perguntou Vierkhoviénski, com um

bocejo sonoro, dirigindo-se à Senhora Virguínskaia.

— Aprovo sua pergunta, aprovo-a sem reservas — exclamou a estudante com calor, toda rubra de indignação que lhe causavam as palavras do major.

— Perde-se um tempo precioso escutando bobagens — disse a dona da casa, num tom seco, lançando a seu marido um olhar de censura.

A moça voltou à sua mania.

— Queria fazer uma declaração à assembleia a respeito dos sofrimentos dos estudantes e de seu protesto, mas já que perdemos nosso tempo sustentando uma conversa imoral…

— Nada é moral ou imoral! — exclamou o colegial, incapaz de conter-se, assim que a moça tomava a palavra.

— Já sabia disto, senhor colegial, bem antes de lhe haverem ensinado.

— E eu mantenho — replicou ele, num tom raivoso, — que você é uma garota vinda de Petersburgo para nos esclarecer a todos, se bem que conheçamos nós mesmos o mandamento “honrarás teu pai e tua mãe”, que você não soube repetir corretamente; e que seja ele imoral, todo mundo sabe na Rússia, desde Bielínski.

— Será que isso não vai acabar? — perguntou resolutamente a Senhora Virguínskaia a seu marido. Na sua qualidade de dona da casa, corava da inépcia da conversa, tanto mais quanto notava os sorrisos e até mesmo o espanto daqueles dentre os convidados que ali se encontravam pela primeira vez.

— Senhores — disse Virguínski, elevando de repente a voz, — se alguém deseja fazer uma comunicação referente de mais perto ao nosso caso, convido-o a começar, sem perda de tempo.

— Tomarei a liberdade de fazer apenas uma pergunta — disse com uma voz doce o professor coxo que se mantivera calado até então e conservava uma atitude de dignidade especial. — Desejaria saber se

constituímos aqui uma sessão qualquer ou se não somos senão uma reunião de simples mortais em visita? Pergunto isto mais no interesse da ordem e a fim de não ficar na incerteza.

Esta pergunta “maliciosa” causou certa impressão; todos se entrefitaram, cada qual esperando que o vizinho respondesse; e subitamente, como a uma palavra de ordem, todos os olhares se voltaram para Vierkhoviénski e Stavróguin.

— Proponho simplesmente que se ponha a votos a resposta a esta pergunta: constituímos, sim ou não, uma sessão? — declarou a Senhora Virguínskaia.

— Adiro inteiramente a essa proposta — acrescentou Lipútin, — se bem que seja ela um tanto vaga.

— E a ela adiro também, — e eu também — ouviu-se de vários lados.

— Parece-me, com efeito, que isto daria às nossas deliberações um caráter mais regular — aprovou Virguínski.

— Pois bem, votemos — declarou a dona da casa. — Liámchin, queira sentar ao piano, poderá você dar seu voto de lá, quando se proceder ao escrutínio.

— Ainda? — exclamou Liámchin. — Já toquei demais para você.

— Rogo-lhe instantemente, sente e comece a tocar. Não quer ser útil à causa?

— Mas asseguro-lhe, Arina Prókhorovna, que ninguém está por aí à escuta. É pura imaginação de sua parte. Aliás, as janelas são altas e as pessoas não compreenderiam, mesmo se ouvissem alguma coisa.

— Nós mesmos não compreendemos nada — resmungou alguém.

— Pois eu lhe digo que devemos sempre ser cautelosos, para o caso de haver espiões — explicou ela a Vierkhoviénski: — É bom que se ouça da rua que é dia de aniversário e que estamos tocando música.

— Com os diabos! — praguejou Liámchin, que se pôs ao piano e começou a tocar uma valsa a toda a força, batendo nas teclas por assim dizer a punhadas e a esmo.

— Proponho que aqueles que querem que seja uma sessão levantem a mão direita — propôs a Senhora Virguínskaia.

Uns levantaram a mão, outros abstiveram-se. Houve outros que levantaram a mão, depois a baixaram, para levantá-la de novo, ao fim dum instante.

— Com os diabos! Não compreendi nada! — gritou um dos oficiais.

— Nem eu! — gritou outro.

— Oh! eu compreendo — gritou um terceiro personagem. — Se é sim, levanta-se a mão.

— Mas que é que significa “sim”?

— “Sim” significa a sessão.

— Votei pela sessão — e o colegial, dirigindo-se à Senhora Virguínskaia.

— Então por que não levantou a mão?

— Olhei para a senhora, a senhora não levantou a mão, então eu não levantei a minha tampouco.

— Que estupidez! Não levantei a mão porque era eu que punha a questão em votação. Senhores, passemos agora à contraprova. Aqueles que querem uma sessão fiquem imóveis sem levantar a mão e os que não querem levantem a mão direita.

— Os que não querem? — perguntou o colegial.

— Será que você faz isso de propósito? — exclamou a Senhora Virguínskaia, furiosa.

— Não, permita, quem é que quer e quem é que não quer? Porque

é preciso que fiquemos certos sobre este ponto — exclamaram duas ou três vozes.

— Quem não quer, não quer.

— Sim, mas que é preciso fazer, levantar a mão ou não levantá-la, se não se quer? — exclamou um dos oficiais.

— Eh! eh! não temos ainda o hábito do regime constitucional — observou o major.

— Senhor Liámchin, desculpe-me, mas o senhor bate com tanta força que não se ouve — comentou o professor coxo.

— Mas, dou-lhe minha palavra, Arina Prókhorovna, ninguém ouve, garanto-lhe — exclamou Liámchin, levantando-se bruscamente. — E depois não posso tocar. Vim à sua casa a título de visita e não de batedor!

— Senhores — propôs Virguínski, — respondam de viva voz: estamos em sessão, sim ou não?

— Em sessão, em sessão. — gritou-se de todos os lados.

— Se é assim, não temos necessidade de votar, isto basta. Estão satisfeitos, senhores? É necessário proceder a uma votação?

— Não é necessário, não é necessário, compreendemos.

— Talvez alguém não deseje que haja uma reunião.

— Não, não, todos a queremos.

— Mas que entendem por sessão? — gritou uma voz. Ninguém lhe respondeu.

— É preciso eleger um presidente — exclamaram de vários lados.

— Nosso anfitrião, bem entendido, nosso anfitrião!

— Senhores, já que é assim — começou Virguínski, o presidente designado, — volto à minha proposta primitiva. Se alguém tem

alguma declaração a fazer, que a faça sem perda de tempo.

Silêncio geral. Todos os olhares voltaram-se de novo para Vierkhoviénski e Stavróguin.

— Vierkhoviénski, não tem nenhuma declaração a fazer? — perguntou-lhe diretamente a Senhora Virguínskaia.

— Nenhuma, absolutamente — respondeu ele, bocejando e estirando-se em sua cadeira. — Mas tomarei de boa vontade um copo de conhaque.

— E o senhor, Stavróguin?

— Obrigado, não bebo.

— Pergunto se o senhor não quer tomar a palavra e não se o senhor quer conhaque.

— Falar? A propósito de quê? Não, não quero.

— Vão trazer-lhe o conhaque — anunciou a dona da casa a Vierkhoviénski.

A jovem estudante ficou em pé. Tinha levantado bruscamente várias vezes já.

— Vim para falar dos sofrimentos dos estudantes pobres e dos meios de levá-los a protestar por toda parte e ao mesmo tempo.

Mas interrompeu-se. Na outra extremidade da mesa, um concorrente levantara e todos os olhares voltaram-se para ele. Chigáliev, o homem das orelhas compridas, levantou lentamente de sua cadeira, com ar sombrio e mal-humorado e depôs melancolicamente sobre a mesa um espesso caderno coberto duma letra miúda. Ficou de pé, em silêncio. Vários contemplavam o caderno com ar consternado, mas Lipútin, Virguínski e o professor coxo pareciam experimentar certa satisfação.

— Peço a palavra — declarou Chigáliev, com ar sombrio, mas resoluto.

— Tem a palavra — respondeu Virguínski.

O orador sentou-se, ficou silencioso um meio minuto, depois começou em tom solene:

— Senhores!…

— Eis o conhaque — interrompeu a irmã que servira o chá e fora buscar o conhaque, colocando com ar de desprezo e de desdém diante de Vierkhovienski a garrafa e o copo que trouxera na mão, sem bandeja, nem prato.

O orador, interrompido, fez uma pausa muito digna.

— Não é nada, continue, não estou ouvindo — gritou-lhe Vierkhoviénski, servindo-se um copo de conhaque.

— Senhores, ao reclamar vossa atenção e, como o vereis dentro em pouco, ao solicitar vosso concurso para um assunto duma importância primordial, é-me preciso, em primeiro lugar, proceder a algumas observações preliminares — continuou Chigáliev.

— Arina Prókhorovna, não terá você uma tesoura? — perguntou de repente Piotr Stiepânovitch.

— Uma tesoura? Para fazer o quê? — perguntou esta, arregalando os olhos.

— Esqueci-me de cortar as unhas; há três dias que quero fazê-lo — disse ele, examinando com ar tranquilo suas unhas compridas e sujas.

Arina Prókhorovna ficou rubra de cólera, mas havia naquilo alguma coisa que não desagradava à Senhorita Virguínskaia.

— Creio tê-la visto na janela há um instante — depois, levantando, foi procurá-la e trouxe-a logo. Piotr Stiepânovitch, sem mesmo olhá-la, pegou a tesoura e pôs-se a fazer uso dela imediatamente. Arina Prókhorovna compreendeu que era aquilo realismo eficaz e envergonhou-se de sua susceptibilidade. Os convidados entreolharam-se em silêncio. O professor coxo observava

Vierkhoviénski com ar malévolo e invejoso. Chigáliev prosseguiu seu discurso.

— Depois de ter-me consagrado inteiramente ao estudo da organização social que deve substituir no futuro o estado de coisas atual, cheguei à convicção de que todos os inventores de sistemas sociais, desde os tempos mais remotos até este ano de 187…, foram sonhadores, contadores de histórias de fadas, simplórios que se contradiziam a si mesmos e nada entendiam da ciência natural e desse estranho animal que se chama homem. Platão, Rousseau, Fourier são colunas de alumínio, boas quando muito para os pardais e não para a sociedade humana. Ora, como uma nova forma de organização social tornou-se agora necessária e já que estamos afinal decididos a passar à ação, para evitar mais longa hesitação diante do sistema a escolher, proponho o meu. Ei-lo (e bateu no seu caderno). Teria querido expor meus pontos de vista a esta assembleia sob a forma mais concisa possível, mas vejo que preciso acrescentar ainda grande número de explicações verbais, de modo que minha exposição exigirá pelo menos dez serões, de acordo com o número de capítulos de meu livro.) (Estouraram algumas risadas.) Além disso, devo declarar que meu sistema não está ainda completamente terminado. (Novas risadas.) Embaracei-me em meus próprios dados e minha conclusão acha-se em contradição direta com a ideia que me serviu de ponto de partida. Partindo da liberdade ilimitada, cheguei ao despotismo sem limites. Acrescento, entretanto, que não poderia haver solução do problema social diferente da minha.

As risadas aumentavam, mas provinham sobretudo dos membros do auditório mais jovens e menos iniciados. A Senhora Virguínskaia, Lipútin e o professor coxo não deixavam de manifestar algum desagrado.

— Se o senhor não conseguiu coordenar seu sistema e conduziu-o ele ao desespero, que quer o senhor que façamos? — atreveu-se a dizer um oficial.

— Tem razão, senhor oficial — replicou Chigáliev, num tom seco, — sobretudo quando fala o senhor em desespero. Entretanto, nada pode substituir o sistema exposto em meu livro e não haverá outra

solução; não se encontrará nada igual. É por isso que, sem perda de tempo, convido todos quantos aqui se acham que venham ouvir a leitura de meu livro durante dez serões e dizer-me depois o que pensam dele. Se os membros desta sociedade não estão dispostos a escutar-me, separemo-nos imediatamente, os homens para se porem a serviço do Governo, as mulheres para voltar à sua cozinha; porque se vós rejeitais minha solução, não encontrareis outra, nenhu…ma outra. Se se deixa escapar a ocasião, será tanto pior, porque sereis obrigados a ela voltar.

Houve um começo de agitação. “Estará louco?”, perguntaram algumas vozes.

— Assim, pois, toda a questão está no desespero de Chigáliev — disse Liámchin, à guisa de comentário, — e o ponto essencial é saber se ele deve ou não desesperar.

— Que Chigáliev esteja a ponto de cair no desespero, é isto uma questão pessoal — declarou o colegial.

— Proponho que se recorra ao voto para saber até que ponto o desespero de Chigáliev interessa à causa comum, e, ao mesmo tempo, se vale ou não a pena escutá-lo — sugeriu alegremente um oficial.

— Há aqui outra coisa — interveio o professor coxo. Tinha o hábito, ao falar, de exibir um sorriso bastante zombeteiro, de modo que era difícil saber se falava seriamente ou se brincava. — Há aqui outra coisa, senhores. O Senhor Chigáliev dedica-se por demais inteiramente à sua tarefa, e portanto é muito modesto. Conheço seu livro. Sugere como solução definitiva dividir a humanidade em duas partes desiguais. Um décimo dos homens gozaria duma liberdade absoluta e exerceria sobre os nove outros décimos uma autoridade sem limites. Os outros deveriam renunciar a todo individualismo, tornar-se por assim dizer um rebanho, e, por uma submissão sem limites, chegariam, por meio de uma série de regenerações, ao estado de inocência primitiva, algo como o Éden primitivo, se bem que, todavia, devam nele trabalhar. As medidas preconizadas pelo autor com o fim de arrancar aos nove décimos da humanidade seu livre-arbítrio e transformá-la em rebanho, graças à educação de gerações

inteiras, são muito notáveis, baseadas em exemplos tirados das ciências naturais, e de uma alta lógica. Pode-se não partilhar de sua maneira de ver a respeito de certos pontos, mas seria difícil duvidar da inteligência e do saber do autor. É lamentável que as circunstâncias não nos permitam consagrar-lhe os dez serões que ele reclama, porque seria para nós ocasião de. ouvir coisas bastante curiosas.

— É possível que o senhor fale seriamente? — perguntou a Senhora Virguínskaia ao coxo, com voz inquieta. — É possível que esse homem, não sabendo o que fazer das pessoas, queira reduzir à escravidão os nove décimos delas? Suspeitava disso desde muito tempo.

— Diz isso de seu próprio irmão? — perguntou o coxo.

— O quê? Ainda os laços do sangue? Zomba de mim?

— E depois, trabalhar para os aristocratas e obedecer-lhes como se fossem deuses, é uma covardia — declarou a jovem estudante, num tom feroz.

— O que proponho não é uma covardia; é um paraíso, um paraíso terrestre e não poderá existir outro sobre a terra! — disse Chigáliev, com autoridade.

— Quanto a mim — exclamou Liámchin, — se não soubesse o que fazer dos nove décimos da humanidade, faria com que fossem pelos ares em lugar de dar-lhes o paraíso. Só deixaria um punhado de pessoas instruídas que, organizando-se segundo os princípios científicos, viveriam para sempre felizes.

— Somente um bufão pode falar assim — exclamou a moça, encolerizada.

— É um bufão, mas é útil — cochichou-lhe a Senhora Virguínskaia ao ouvido.

— E talvez fosse essa a melhor solução do problema — retorquiu Chigáliev, voltando-se furioso para Liámchin. — Você não sabe seguramente quanto o que acaba de dizer é profundo, meu jovial

amigo. Mas como não é possível pôr sua ideia em prática, é preciso ater-nos àquela do paraíso terrestre, pois foi assim que o chamaram.

— Que amontoado de bobagens! — deixou escapar por descuido Vierkhoviénski. Aliás, nem levantou a vista e continuou cortando as unhas com uma perfeita displicência.

— Por que bobagens? — disse o coxo, como se tivesse tocaiado o momento de apanhar as primeiras palavras para a elas agarrar-se. — Por que seriam bobagens? O Senhor Chigáliev é um tanto fanático no seu amor pela humanidade, mas lembre-se de que Fourier, Cabet mais ainda e o próprio Proudhon recomendaram certo número de medidas das mais despóticas e até mesmo fantasistas. O Senhor Chigáliev é talvez muito mais sensato do que eles nas suas propostas. Asseguro-lhe que, lendo o seu livro, é impossível não partilhar de sua opinião sobre certos pontos. Afastou-se talvez menos do realismo que outros e seu paraíso terrestre é quase o verdadeiro, aquele mesmo cuja perda os homens lamentam, se é que ele algum dia existiu.

— Bem duvidava que iria perder o meu tempo — resmungou Vierkhoviénski.

— Permita — disse o coxo, cada vez mais excitado. — Em nossos dias, as conversas e discussões sobre a organização futura da sociedade são quase uma verdadeira necessidade para quem quer que medite. Herzen não se ocupou com outra coisa durante sua vida. Bielínski, sei de fonte muito segura, tinha o hábito de passar serões inteiros a discutir com seus amigos e regular de antemão, e por assim dizer até nos mínimos detalhes, a organização social do futuro.

— Há mesmo pessoas que ficam loucas por causa disso — disse de repente o major.

— Em todo o caso, somos mais susceptíveis de chegar a alguma coisa conversando do que nos mantendo em silêncio e com atitudes de ditadores — ganiu Lipútin, zombeteiro, como se se arriscasse por fim a começar o ataque.

— Não fazia alusão às ideias de Chigáliev quando falei de bobagens — sussurrou Vierkhoviénski. — Vede, senhores — ergueu

ligeiramente os olhos, — na minha opinião, todos esses livros, Fourier, Cabet, todos esses discursos e essas teorias sobre “o direito ao trabalho”, esse “chigalievismo”, são como os romances que se podem escrever à razão de cem mil: um passatempo estético. Compreendo que, aborrecendo-vos nesta cidadezinha, vós vos lanceis ao papel impresso.

— Perdão — disse o coxo, agitando-se na sua cadeira, — embora sejamos provincianos e, por conseguinte, seres dignos de compaixão, sabemos, no entanto, que até aqui nada se passou no mundo de bastante novo para que o pesar de ter perdido isso nos arranque lágrimas. Brochuras chegadas do estrangeiro, em que nos convidam que nos agrupemos com o único fim de provocar a destruição universal, são-nos distribuídas clandestinamente. Ali se declara que algo que se faça para melhorar o mundo, nada de bom será jamais, mas cortando-se cem milhões de cabeças, a tarefa ficará simplificada e seria então menos perigoso transpor o fosso. Bela ideia, decerto, mas tão impraticável quanto o “chigalievismo”, ao qual o senhor fazia tão desdenhosamente alusão há um instante.

— Bem, mas não vim aqui para discutir. — Vierkhoviénski deixou cair esta frase significativa e, como se não se desse conta da rata que acabava de cometer, puxou a vela para seu lado, a fim de ver melhor.

— É pena, é uma grande pena, que o senhor não tenha vindo para discutir e é grande pena que esteja neste momento tão absorvido em seu asseio pessoal.

— Que é que tem o senhor que ver com o meu asseio pessoal?

— Cortar cem milhões de cabeças é tão difícil quanto transformar o mundo pela propaganda. Talvez mesmo mais difícil ainda, na Rússia sobretudo, — arriscou ainda Lipútin.

— É sobre a Rússia que repousam agora as esperanças — replicou um oficial.

— Ouvimos também dizer que é com ela que se conta — prosseguiu o coxo. — Sabemos que um dedo misterioso, apontado para nosso delicioso país, indica-o como o terreno mais propício à

realização da grande obra. Mas há o seguinte: ganharei sempre alguma coisa com a solução gradual do problema pela propaganda; isto me valerá pelo menos o tagarelar com deleite e ver o Governo reconhecer, numa certa medida, os serviços que terei prestado à causa social. Ora, se se adota a outra maneira de fazer, o método rápido que consiste em cortar cem milhões de cabeças, que ganharei com isso, pessoalmente? Desde que se começa a fazer propaganda, já a língua é cortada.

— A sua cortarão, decerto — disse Vierkhoviénski.

— Estão vendo? E como, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, não poderíeis levar a efeito esse massacre em menos de cinquenta ou, no melhor dos casos, trinta anos, — porque não trataríeis com carneiros, sabeis bem, e talvez não se deixassem eles decapitar, — não seria preferível fazer bagagem e emigrar para alguma ilhota tranquila do Oceano Pacífico para ali acabar seus dias em paz? Acreditai-me — bateu com o dedo sobre a mesa, com ar significativo, — não fareis, por esse meio de propaganda, senão encorajar a emigração e nada mais.

Acabou estas palavras com uma expressão de triunfo. Era uma das cabeças fortes da província. Lipútin sorriu perfidamente; Virguínski escutara com ar abatido; os outros acompanhavam a discussão com grande interesse, sobretudo as senhoras e os oficiais. Todos se davam conta de que o partidário dos cem milhões de cabeças estava encostado ao muro e esperavam o que iria resultar disso.

— O senhor disse aí, no entanto, algo de bom — resmungou Vierkhoviénski, num tom ainda mais indiferente e até mesmo com tédio. — Emigrar é uma excelente ideia. No entanto, se a despeito de todas as desvantagens evidentes que o senhor prevê, o número dos soldados que se apresentam para defender a causa comum vai aumentando todos os dias, essa causa poderá prescindir do senhor. É uma religião nova, meu *bátiuchka*, que acaba de tomar o lugar da antiga e por isso tantos soldados levantam para defendê-la. Este fato tem grande importância. O senhor faria melhor emigrando. E, sabe o senhor, eu lhe aconselharia Dresden, e não a “ilhota tranquila”. Em primeiro lugar, é uma cidade onde nunca houve epidemia e, como é o

senhor um homem culto, teme sem dúvida a morte. Além disto, está situada perto da fronteira russa, de modo que o senhor poderia mais facilmente receber subsídios de sua bem amada pátria. Em terceiro lugar, contém o que se chama tesouros de arte e o senhor é um esteta; o senhor foi, anteriormente, creio, professor de literatura. E, por fim, encontra-se ali uma verdadeira Suíça em miniatura que lhe fornecerá inspirações poéticas, porque sem dúvida o senhor escreve versos. Em uma palavra, a marmita terá achado sua tampa.

Produziu-se um movimento geral, entre os oficiais sobretudo. Mais um momento e eles começariam todos a falar ao mesmo tempo. Mas o coxo replicou, num tom irritado:

— Não, talvez não vamos ainda abandonar a causa comum! O senhor deve compreender que…

— Como? Aceitaria o senhor entrar para o quinquevirato, se eu propusesse? — perguntou com súbita impetuosidade Vierkhoviénski, pousando a tesoura em cima da mesa.

Todos tiveram como que um arrepio. O homem enigmático desmascarava-se demasiado bruscamente. Falara mesmo abertamente do quinquevirato.

— Cada qual tem o sentimento de ser um homem de bem e quererá desempenhar honestamente seu papel na causa comum — disse o coxo, procurando sair-se o melhor possível. — Mas…

— Não, a questão não suporta “mas” — replicou Vierkhoviénski, interrompendo-o em tom severo e peremptório. — Digo-vos, senhores, preciso de uma resposta clara. Compreendo perfeitamente que, tendo vindo aqui e tendo-vos eu mesmo convocado para esta reunião, tenho obrigação de dar-vos explicações (ainda uma revelação inesperada), mas não posso dar-vos nenhuma, enquanto não souber qual o vosso modo de sentir a respeito da questão que nos ocupa. Para dizer a coisa em duas palavras, pois não podemos continuar a discorrer ainda trinta anos, e como se tem feito durante estes últimos trinta anos, pergunto-vos o que preferis: a maneira lenta, que consiste na composição de romances socialistas e na decisão acadêmica dos destinos da humanidade daqui a mil anos, enquanto o despotismo engolirá os

pedaços saborosos que voariam quase por si mesmos para vossas bocas, se vos quisesses dar esse trabalho; ou então preferis uma solução rápida que, não importa como, vos desatará afinal as mãos e permitirá que a humanidade crie sua própria organização social, realmente e não no papel? Grita-se: “um milhão de cabeças!”. Isto pode ser apenas uma metáfora. Mas por que ter medo, se, graças aos lentos devaneios no papel, o despotismo deve devorar numa centena de anos não cem, mas quinhentos milhões de cabeças? Notai também que um doente incurável não poderá jamais curar-se, quaisquer que sejam as receitas que lhe aviem. Pelo contrário, se seu fim é retardado, apodrecerá de tal maneira que nos infeccionará a todos também e contaminará todas as forças sadias com as quais se poderia ainda contar, de modo que afinal todos pereceremos. Sou completamente de opinião que é extremamente agradável tagarelar à vontade e com eloquência, mas agir… aí é que está! Aliás, não sou orador! Vim aqui para fazer comunicações, assim peço a toda a honrada assistência que não vote, mas diga simplesmente, indo direta ao fato, o que prefere: patinhar no lodaçal a passo de tartaruga ou atravessá-lo a todo vapor?

— Sou certamente de opinião que se deve atravessá-lo a todo vapor — disse o colegial, num transporte de entusiasmo.

— E eu também — disse Liámchin, fazendo eco.

— A escolha não poderia ser duvidosa — resmungou um oficial seguido por outro, depois por algum outro ainda. O que os havia impressionado a todos é que Vierkhoviénski viera fazer-lhes “comunicações” e acabava ele próprio de prometer falar.

— Senhores, estou vendo que quase todos se decidem no sentido das proclamações — disse ele, correndo um olhar por toda a assembleia.

— Todos, todos — gritou a maioria das vozes.

— Confesso que sou antes partidário duma solução mais humana — declarou o major, — mas como todos são de opinião contrária, coloco-me ao lado de todos.

— E por consequência, o senhor não faz oposição — disse

Vierkhoviénski, dirigindo-se ao coxo.

— Não, positivamente não… — respondeu esse último, corando, — mas se me alio agora à opinião de todos é unicamente para não perturbar…

— Sois todos assim! Prontos a discutir durante seis meses para exercitar vossa eloquência liberal e no fim votais como os outros! Senhores, refleti, entretanto, é verdade que estais todos prontos?

(Prontos a quê? A pergunta era vaga, mas bem sedutora.)

— Naturalmente, estamos todos prontos! — disseram algumas vozes. Aliás, não deixavam de olhar uns para os outros.

— Mas talvez lamenteis mais tarde ter dado tão depressa vosso consentimento. É quase sempre assim convosco.

O auditório mostrava-se bastante excitado. O coxo exclamou vivamente:

— Permita que lhe faça notar que as respostas a este gênero de pergunta não são jamais senão condicionais. Mesmo se tivéssemos dado a conhecer nossa decisão, deve o senhor considerar que perguntas feitas de tão estranha maneira…

— Onde está a estranheza dessa maneira?

— É estranha porque não se fazem assim perguntas como estas!

— Então ensine-me, por favor, a maneira de fazê-las. Mas, sabe de uma coisa? Estava certo de que o senhor seria o primeiro a tirar o corpo fora.

— O senhor arrancou-nos uma resposta de que estamos dispostos à ação imediata. Mas com que direito o fez? Onde estão os plenos poderes que o autorizavam a fazer semelhantes perguntas?

— Deveria ter pensado nisso mais cedo! O senhor consente, depois muda de opinião.

— Mas na minha opinião a franqueza estouvada de sua primeira

pergunta faz-me pensar que o senhor não tem nenhuma autoridade, nenhum direito, e que. sua pergunta não tinha outro fim senão satisfazer sua curiosidade pessoal.

— Que quer dizer? Que quer dizer? — exclamou Vierkhoviénski, começando a mostrar-se bastante alarmado.

— Isto: qualquer que seja a coisa à qual lhe agrada iniciar os novos aderentes, deve fazê-lo em entrevista pessoal e não na presença de vinte pessoas desconhecidas — exclamou o coxo, sem consideração. Ia às últimas, demasiado irritado para poder conter-se. Vierkhoviénski voltou-se para a assembleia, simulando um ar de profunda inquietação:

— Senhores, considero um dever declarar que isso são bobagens e nossa conversa foi longe demais. Jamais até aqui iniciei quem quer que seja e ninguém tem o direito de dizer de mim que inicio aderentes. Só fazíamos emitir opiniões. É bem isto, não é mesmo? Mas, seja assim ou não, nem por isso deixastes de causar-me alarme. — Voltou-se de novo para o coxo. — Não imaginava que seria perigoso entreter-nos aqui de coisas tão inocentes, se não o fizesse em particular. Temeis uma denúncia? Será possível que haja entre nós um espião?

A excitação atingiu o auge; todos puseram-se a falar.

— Senhores, se é assim — prosseguiu Vierkhoviénski, — comprometi-me mais que qualquer outro. De modo que vos pedirei que respondais a uma pergunta, se o quiserdes, todavia. Sois todos perfeitamente livres.

— Que pergunta? Que pergunta? — gritaram todos.

— Uma pergunta que estabelecerá claramente se devemos continuar reunidos, ou se devemos tomar nosso chapéu e dispersar-nos sem dizer uma palavra em direções diferentes.

— A pergunta! A pergunta!

— Se algum de nós estivesse ao corrente dum projeto de

assassinato político, iria, na previsão de todas as consequências, denunciá-lo, ou ficaria em casa à espera dos acontecimentos? As opiniões podem diferir neste ponto. A resposta a esta pergunta vai nos permitir ver claramente se devemos separar-nos ou ficar juntos, e não somente neste serão. Permita que me dirija em primeiro lugar ao senhor — disse ele ao coxo.

— Por que a mim em primeiro lugar?

— Porque foi o senhor que trouxe tudo isso à baila. Mas tome cuidado: nada de evasivas: a manha de nada lhe serviria. Faça como lhe agradar, entretanto, o senhor é perfeitamente livre.

— Perdão, mas semelhante pergunta é um insulto.

— Não. Não poderia o senhor ser mais preciso?

— Jamais fiz parte da polícia secreta — repontou o coxo, agitando-se cada vez mais em sua cadeira.

— Tenha a bondade de ser mais preciso, não se faça esperar.

O coxo estava tão furioso que deixou de responder. Silencioso, lançou por baixo de seus óculos um olhar de cólera ao seu inquisidor.

— Sim ou não? Denunciaria ou não denunciaria? — gritou Vierkhoviénski.

— Naturalmente não denunciaria — gritou duas vezes mais forte o coxo.

— E ninguém o faria, decerto — gritaram numerosas vozes.

— Permita-me que me dirija ao senhor, major: denunciaria ou não denunciaria? — prosseguiu Vierkhoviénski. — E note que é intencionalmente que me dirijo ao senhor.

— Não denunciaria.

— Mas se o senhor soubesse que alguém tinha a intenção de roubar e de assassinar alguma outra pessoa, um simples mortal, iria denunciá-lo?

— Sim, naturalmente, mas isto é uma questão de foro íntimo, ao passo que o outro caso seria uma traição política. Jamais fui agente da polícia secreta.

— E ninguém aqui nunca o foi — gritaram de novo as vozes. — É uma pergunta ociosa. Todos aqui darão a mesma resposta. Não há espiões aqui.

— Por que aquele senhor levanta? — exclamou a estudante.

— É Chátov. Por que levanta? — perguntou a dona da casa. Chátov estava, com efeito, de pé. Segurava seu gorro na mão e fitava Vierkhoviénski. Tinha evidentemente algo a dizer, mas hesitava. Estava pálido e irritado, contudo se dominou. Sem proferir uma única palavra, dirigiu-se para a porta.

— Chátov, você não ganharia nada com isso — gritou-lhe enigmaticamente Vierkhoviénski.

— Mas tu ganharás, tu! — replicou-lhe Chátov, da porta. — Porque és um espião e um canalha.

Depois saiu.

Gritos e exclamações elevaram-se de novo.

— Eis o resultado da prova! — gritou uma voz.

— Serviu para alguma coisa — disse outra.

— Será que isso serviu já demasiado tarde para alguma coisa? — observou uma terceira voz.

— Quem o convidou? Quem o introduziu aqui? Quem é ele? Chátov, quem é? Ele vai nos trair ou não? — Era uma chuva de perguntas.

— Se fosse um denunciante — observou alguém, — teria ficado até o fim e teria salvo as aparências, em lugar de cuspir sobre tudo isto e retirar-se.

— Vejam, Stavróguin também levanta. Stavróguin tampouco

respondeu — gritou a estudante.

Stavróguin tinha levantado, com efeito, e na outra extremidade da mesa Kirílov levantara ao mesmo tempo.

— Perdão, Senhor Stavróguin — disse-lhe duramente a Senhora Virguínskaia, — todos respondemos à pergunta, ao passo que o senhor se afasta sem dizer nada.

— Não vejo necessidade de responder à pergunta que vos interessa — murmurou Stavróguin.

— Mas nós nos comprometemos e o senhor não — gritaram várias vozes.

— Que tenho eu com isso: que vós vos tenhais comprometido? — escarneceu Stavróguin, mas seus olhos faiscavam.

— Como? Que tem com isso? Que tem com isso? — exclamaram várias vozes. Alguns levantaram precipitadamente.

— Permiti, senhores, permiti! — exclamou o coxo. — Mas o Senhor Vierkhoviénski tampouco respondeu à pergunta, apenas a fez.

A observação surtiu efeito surpreendente. Todos se entreolharam. Stavróguin pôs-se a gargalhar, mesmo diante da cara do coxo e saiu; Kirílov seguiu-o. Vierkhoviénski correu atrás dele pelo corredor.

— Que está fazendo? — balbuciou ele, agarrando a mão de Stavróguin, que apertou com todas as forças na sua. Stavróguin retirou a mão, em silêncio.

— Vá imediatamente à casa de Kirílov, irei ter lá com você. É preciso absolutamente que o veja, absolutamente.

— Não vejo necessidade disso para mim — interrompeu Stavróguin.

— Stavróguin lá estará — concluiu Kirílov. — Stavróguin, é necessário que o senhor lá esteja. Vou lhe demonstrar isso lá.

Saíram.

# Capítulo VIII / O Czaréviche Ivan

## *I*

Tinham saído. Piotr Stiepânovitch teve vontade de precipitar-se para a “sessão”, a fim de consertar a balbúrdia, mas tendo achado sem dúvida que não valia a pena meter-se naquilo, largou tudo e, dois minutos mais tarde, estava a correr no encalço dos dois. De caminho, lembrou-se de um beco que permitia chegar mais depressa à casa de Filípov. Tomou por esse beco e, atolando-se na lama até os joelhos, chegou com efeito no momento mesmo em que Stavróguin e Kirílov transpunham a porta.

— Ei-lo já? — observou Kirílov. — Está bem, entre!

— Você nos disse que vivia só? — perguntou Stavróguin, passando na antecâmara diante de um samovar preparado em que a água já fervia.

— Vai ver com quem vivo — resmungou Kirílov. — Entre.

Depois que entraram, Vierkhoviénski tirou de seu bolso imediatamente a carta anônima que trouxera da casa de Lembke e pô-la sob os olhos de Stavróguin. Todos três se sentaram. Stavróguin leu a carta em silêncio.

— Bem, e então? — perguntou.

— Esse biltre fará como escreveu — explicou Vierkhoviénski. — Uma vez que você o tem sob a mão, diga-me o que devo fazer. Asseguro-lhe que, desde amanhã talvez, irá ele à casa de Lembke.

— Pois bem, que vá.

— Como? Que vá? E sobretudo quando seria possível impedi-lo disso?

— Você se engana, isto não depende de mim. E aliás, pouco me importa; não pode prejudicar-me em nada. A ameaça é para vocês.

— E para você também.

— Não penso assim.

— Mas outros poderiam não poupá-lo. Será que não compreenda isso? Escute-me, Stavróguin, estamos a jogar com palavras. Você tem tanto apego ao dinheiro?

— Seria uma questão de dinheiro?

— Decerto, de dois mil ou de mil e quinhentos rublos no mínimo. Entregue-os a mim amanhã, ou hoje mesmo, e amanhã à noite já o terei despachado para Petersburgo. Não quer outra coisa. Se quiser, partirá com Maria Timofiéievna, note bem.

Havia nele uma espécie de desvario. Falava, parecia, sem refletir; escapavam-lhe palavras desconexas. Stavróguin observava-o com espanto.

— Não vejo motivo algum para fazer Maria Timofiéievna partir.

— Será possível que não o deseje? — observou, sorrindo, Piotr Stiepânovitch.

— Talvez.

— Em suma: haverá ou não dinheiro? — gritou ele para Stavróguin, com uma impaciência febril e num tom que não admitia réplica.

Stavróguin olhou-o de alto a baixo, severamente.

— Não haverá dinheiro.

— Vejamos, Stavróguin! Você sabe alguma coisa ou já fez alguma coisa! Você… está brincando!

Seu rosto estava crispado, os cantos de seus lábios tremiam e de repente disparou a rir, um riso sem razão e que se diria forçado.

— Mas você recebeu dinheiro de seu pai pela sua propriedade — observou tranquilamente Nikolai Vsiévolodovitch. — Minha mãe entregou-lhe seis ou oito mil rublos em nome de Stiepan Trofímovitch. Você poderia muito bem gastar mil e quinhentos da soma que lhe

pertence. Não me preocupo em pagar pelos outros, afinal; já gastei bastante até aqui, isto me aborrece. — E riu-se de suas próprias palavras.

— Ei-lo ainda a brincar…

Stavróguin levantou de sua cadeira. Vierkhoviénski saltou com a rapidez do relâmpago e maquinalmente encostou-se à porta como para barrar-lhe a passagem. Nikolai Vsiévolodovitch já esboçava um movimento para afastá-lo da porta e sair, quando de súbito parou.

— Não lhe abandonarei Chátov — disse ele. Piotr Stiepânovitch sentiu um arrepio; ambos se fitaram.

— Ainda há pouco lhe disse por que lhe era necessário o sangue de Chátov — prosseguiu Stavróguin, de olhos faiscantes. — É com isso que quer você cimentar sua união. Acaba você agora mesmo de afastar muito habilmente Chátov. Sabia muito bem que ele recusaria afirmar: “Não denunciarei”, e que julgaria uma baixeza mentir-lhe. Mas eu, que deseja você de mim agora? Você vive por assim dizer agarrado a meus calcanhares desde que nos encontramos no estrangeiro. As explicações que me tem dado você até aqui são das mais vagas. Todavia solicita que eu pague mil e quinhentos rublos a Liebiádkin para fornecer a Fiedka oportunidade de matá-lo. Sei o que você pensa: que faço questão ao mesmo tempo de mandar assassinar minha mulher. Pensa naturalmente que, tendo-me ligado a você por este crime, adquirirá certa autoridade sobre mim, não é verdade? De que lhe serviria isso? Que diabo deseja você de mim? Uma vez por todas, olhe-me bem: sou eu o seu homem? Deixe-me tranquilo.

— Fiedka esteve pessoalmente em sua casa? — perguntou Vierkhoviénski, ofegante.

— Sim, esteve. Sua tarifa também é de mil e quinhentos rublos… Mas ele próprio lhe confirmará isso… ei-lo… disse Stavróguin, estendendo o braço.

Piotr Stiepânovitch. voltou-se vivamente. Na soleira, novo personagem emergia da sombra: era Fiedka, com uma meia peliça, mas sem chapéu, como se estivesse em casa. Parou e sorriu,

descobrindo uma fileira de dentes brancos. Seus olhos negros de reflexos amarelos esquadrinharam com precaução o quarto antes de pousar-se nos presentes. Havia algo que ele não compreendia; acabava evidentemente de ser trazido por Kirílov e foi para este que se dirigiu seu olhar interrogador. Mantinha-se na soleira sem poder decidir-se a entrar no quarto.

— Você o trouxe aqui, suponho, para que assista ao nosso negócio e verifique que o dinheiro está em suas mãos, não é? — perguntou Stavróguin. E sem esperar a resposta, deixou o quarto e saiu. Vierkhoviénski, transtornado, alcançou-o no portão.

— Pare! Nem mais um passo! — gritou ele, retendo-o pelo cotovelo. Stavróguin tentou desvencilhar-se com um brusco puxão, mas sem conseguir. A raiva apoderou-se dele: com sua mão esquerda, agarrando Vierkhoviénski pelos cabelos, atirou-o com todas as suas forças no chão e transpôs o portão. Mas não dera ainda trinta passos e o outro já o alcançava.

— Façamos as pazes! Façamos as pazes! — murmurou ele com voz surda e convulsa.

Nikolai Vsiévolodovitch ergueu os ombros, mas sem se deter nem voltar-se.

— Escute, amanhã levarei Elisavieta Nikoláievna até você, quer? Por que não responde? Diga-me o que quer, que o farei. Escute: abandono-lhe Chátov, quer?

— É então verdade que tinha você intenção de matá-lo? — exclamou Nikolai Vsiévolodovitch.

— Mas que necessidade tem você de Chátov? Para fazer o quê? — continuou Vierkhoviénski, com voz rápida e entrecortada, enquanto, fora de si, puxava pela manga de Stavróguin que, verossimilmente, não se dava conta disso.

— Escute: abandono-o a você; façamos as pazes. O preço é caro… mas pelo menos fazemos as pazes!

Stavróguin lançou afinal um olhar para ele e ficou estupefato. O olhar, a voz tinham perdido sua expressão habitual e diferiam agora do que eram ainda há pouco. Diante dele se achava por assim dizer um personagem novo. O tom não era mais o mesmo: Vierkhoviénski rogava, suplicava. Era um homem totalmente abalado pelo fato de lhe roubarem ou lhe terem roubado aquilo que possuía de mais precioso.

— Mas que tem você? — exclamou Stavróguin. O outro não respondeu, mas correu atrás dele, fixando-o sempre com um olhar suplicante e inflexível ao mesmo tempo.

— Façamos as pazes! — murmurou ainda uma vez. — Escute, tenho como Fiedka uma faca oculta na bota, mas quero fazer as pazes com você.

— Mas que deseja você de mim afinal? Que o diabo o leve! — exclamou Stavróguin no auge da cólera e do espanto. — Trata-se então dum segredo? Sou então para você uma espécie de talismã?

— Escute. Estamos preparando uma revolução — cochichou ele, num tom rápido e como se estivesse presa de um delírio. — Não acredita que faremos a revolução? Faremos uma revolução tal que tudo será derrubado até em suas bases. Karmázinov tem razão de dizer que não há mais nada a que se agarrar. Muito inteligente esse Karmázinov! Bastariam para mim na Rússia dez seções como esta para que eu me tornasse indestrutível.

— Compostas de imbecis semelhantes àqueles? — ripostou contra sua vontade Stavróguin.

— Oh! quanto a você, seja somente um pouco mais estúpido, Stavróguin, mais estúpido você mesmo! Aliás, saiba, você não é bastante inteligente mesmo para desejá-lo. Você é medroso, não tem fé. A grandeza da tarefa o atemoriza. E por que seriam eles imbecis? Não tão imbecis assim; ninguém hoje pensa pelo próprio cérebro; os espíritos originais são muito raros na hora atual. Virguínski é um puro entre os puros, dez vezes mais puro que você e eu; mas que dizer de seu espírito? Lipútin é um hipócrita, mas conheço-lhe um lado bom. Não há hipócrita que não tenha seu lado bom. Liámchin é o único que não o possui, por isso mesmo tenho-o entre minhas mãos. Ainda

alguns núcleos semelhantes e terei por toda a parte à minha disposição dinheiro e passaportes. É já alguma coisa. E lugares seguros onde não adiantará vasculhar. Para um grupo descoberto, logo surgirá outro. Suscitaremos distúrbios… É possível que você não creia que nós dois sozinhos bastamos amplamente?

— Pegue Chigáliev e deixe-me tranquilo…

— Chigáliev é um homem de gênio! Sabe você que é ele um gênio no gênero de Fourier, mas mais ousado que Fourier, mais forte? Reservo-lhe um papel. Foi ele quem descobriu "a igualdade"!

"Está com febre e delira; aconteceu-lhe algo de extraordinário", pensou Stavróguin, olhando-o uma vez mais. Ambos caminhavam sem parar.

— Seu manuscrito contém coisas boas — continuou Vierkhoviénski. — Inventou novo sistema de espionagem. Na sua sociedade cada membro espiona o vizinho e é obrigado a denunciá-lo. Cada qual pertence a todos e todos são propriedade de cada qual. Todos escravos e todos iguais na calúnia e no assassínio, mas antes de tudo: a igualdade. Para começar, o nível da educação das ciências e dos talentos será rebaixado. Um nível elevado nas ciências e nas artes só é acessível aos espíritos superiores e nós nada temos que fazer com espíritos superiores! Os espíritos superiores são naturalmente despóticos e sempre causaram mais mal que bem. Será preciso bani-los ou condená-los à morte. Arrancar a língua a Cícero, furar os olhos de Copérnico, lapidar Shakespeare, eis o chigalievismo! Os escravos devem ser iguais: sem despotismo jamais houve algum dia nem liberdade, nem igualdade, mas a igualdade é boa para o rebanho, eis o chigalievismo! Ah! ah! ah! isto parece-lhe estranho? Eu sou pelo chigalievismo.

Stavróguin apressava o passo, querendo entrar em casa o mais cedo possível. "Se esse indivíduo está bêbado, onde teria podido embebedar-se?", veio-lhe ao espírito. "Teria sido com o conhaque de ainda há pouco?"

— Escute, Stavróguin: nivelar as montanhas é uma bela ideia, que não tem em si nada de ridículo. Sou por Chigáliev! Nenhuma

necessidade de educação, temos ciência de sobra! Mesmo sem ela temos para um milhar de anos, mas precisamos de docilidade. O que importa mais ao mundo, veja você, é a docilidade. A sede de instrução não é ainda senão uma sede aristocrática. Basta ter uma família ou alguma afeição, para que nasça na gente logo o desejo da propriedade. Destruiremos esse desejo: incitaremos à bebedice, à calúnia, à delação; autorizaremos uma licença desenfreada; sufocaremos no ovo todo gênio. Reduziremos tudo ao mesmo denominador: a igualdade absoluta. "Aprendemos um ofício, e somos homens de bem, não temos necessidade de nada mais." Eis o que responderam bem recentemente os proletários ingleses. Somente o necessário nos é necessário, — tal será doravante a divisa do gênero humano. — Mas precisamos de agitações, e nós, os chefes, as forneceremos. São precisos chefes para os escravos. Obediência completa, impersonalidade completa; mas uma vez todos os trinta anos um Chigáliev provocará agitações e todos começarão a entredevorar-se, até certo ponto, todavia, e com o único fim de evitar o tédio. O tédio é também uma sensação aristocrática; no chigalievismo não haverá mais desejos. Para nós o desejo e o sofrimento, para os escravos o chigalievismo…

— Você se coloca entre as exceções? — atirou-lhe Stavróguin de novo.

— E você também. Sabe você que pensei em entregar o mundo ao Papa? Bastava que ele saísse descalço, que se mostrasse à plebe, dizendo: "Eis a que me reduziram!" e todos se precipitariam atrás dele, até mesmo o Exército. O Papa no cume, nós sentados em redor e abaixo de nós o chigalievismo. Bastaria somente, para que assim seja, que a Internacional entrasse em acordo com o Papa. O bom do velho daria imediatamente seu consentimento. Não lhe resta outra saída; lembre-se de minhas palavras, ah! ah! ah! Diga: é estúpido? É estúpido: sim ou não?

— Basta — murmurou Stavróguin, com um pouco de desdém.

— Basta! Escute, renunciei ao Papa! Para o diabo o chigalievismo! Para o diabo o Papa! Precisamos de algo mais atual que o chigalievismo, porque o chigalievismo é um objeto de luxo. É um ideal, uma coisa do futuro. Chigáliev é ourives e idiota como todo

filantropo. Precisamos de trabalho de empreitada e a Chigáliev repugnam as tarefas grosseiras. Escute: no Ocidente haverá o Papa, e entre nós, haverá você!

— Deixe-me então tranquilo, você está bêbado! — replicou Stavróguin, apressando o passo.

— Stavróguin, você é belo! — exclamou Stiepânovitch, presa duma espécie de êxtase. — Sabe que é belo? O que há em você de mais precioso é que por vezes o ignora. Oh! estudei-o bastante! Observo-o bem muitas vezes às ocultas! Há até mesmo em você candura e ingenuidade, sabia? Há ainda, há sim! Talvez mesmo sofra você por causa dessa candura e sofra sinceramente. Amo a beleza. Sou niilista, mas amo a beleza. Seriam os niilistas incapazes de amar a beleza? Só os ídolos é que eles não amam. Pois bem, eu amo os ídolos! Você é meu ídolo! Você não ofende jamais ninguém e todos o detestam; trata a todos num pé de igualdade e todos têm medo de você — e está muito bem assim. Ninguém virá dar-lhe palmadinhas no ombro. Você é tremendamente aristocrata. Um aristocrata que se aproxima da democracia é irresistível. Você não leva em conta alguma o sacrifício de sua vida ou da de seu próximo. Você é precisamente o homem que faz falta. O de que preciso é precisamente de homens como você, e não conheço outro. Você é um impulsionador, você é o sol e eu sou seu verme da terra…

Beijou-lhe, de repente, a mão. Um arrepio glacial percorreu as costas de Stavróguin, que, espantado, retirou a mão. Ambos pararam.

— Louco! — murmurou Stavróguin.

— Deliro talvez, sim, deliro! — aquiesceu Piotr Stiepânovitch com precipitação. — Mas fui eu quem sonhou dar o primeiro passo. Jamais a ideia do primeiro passo teria vindo a Chigáliev. Numerosos são os Chigálievi! Mas um só homem, um só na Rússia, imaginou dar o primeiro passo e sabe como executá-lo. Esse homem sou eu. Por que me olha assim? Você me é indispensável; sem você sou um zero. Sem você não passo de uma mosca, uma ideia em estado de crisálida, um Colombo sem América.

Imóvel, Stavróguin fitava-o com atenção, direto nos olhos

alucinados.

— Escute, desencadearemos em primeiro lugar agitações — prosseguiu com uma precipitação desesperada Vierkhoviénski, puxando a todo instante Stavróguin pela manga esquerda de sua roupa. — Já lhe disse: penetraremos até o povo. Você sabe que já somos demasiado fortes? Nossos partidários não são somente aqueles que matam e incendeiam, os que atiram com pistolas segundo a maneira clássica ou então mordem seus oficiais. Esses quando muito nos incomodam. Não compreendo nada sem disciplina. Sou um tratante, eu, e não um socialista, ah! ah! ah! Escute: contei-os todos: o mestre-escola que se ri com seus alunos de seu deus e de sua pátria é dos nossos. O advogado que advoga a causa do assassino instruído, porque este tem cultura superior à de sua vítima e para arranjar dinheiro não podia deixar de matar, esse é dos nossos. Os escolares que assassinam um mujique para experimentar sensações são dos nossos. Os jurados que absolvem um criminoso confesso são dos nossos. O promotor que, no seu pretório, treme ao pensar que talvez não seja suficientemente liberal, esse é também dos nossos. Quanto aos administradores, aos homens de letras, contamos com muitos, enormemente, e sem que eles próprios suspeitem disso. Além disso, a docilidade dos escolares e dos tolos atingiu o derradeiro grau; os professores estão cheios de amargor e de bílis; por toda parte a vaidade se exibe sem limites, por toda parte apetites monstruosos, inauditos… Você sabia, você sabia por quantas pequeninas ideias já feitas somos conduzidos? Por ocasião da minha partida para o estrangeiro lavrava a tese de Littré,[112] que pretende que o crime não é senão uma anomalia do cérebro. Chego à Rússia e já o crime não é mais uma anomalia, mas precisamente uma ideia feita normal, um dever quase, ou pelo menos, um generoso protesto. “Como um assassino poderia deixar de matar, desde o instante em que tem necessidade de dinheiro?” Mas isto é apenas um primeiro fruto. Já o deus russo apagou-se diante da aguardente a bom preço. O povo se embriaga, as mães de família se embriagam, as crianças se embriagam, as igrejas estão desertas, e nos tribunais não se ouvem mais senão estas palavras: “duzentas varadas ou paga um canjirão de aguardente”. Oh! dai somente a esta geração o tempo de crescer. É pena todavia que não se possa mais esperar: teriam podido tornar-se

ainda mais bêbados! Ah! sim, que pena que não haja proletários! Mas haverá, haverá, é para isto que tendemos…

— É pena igualmente que nos tenhamos estupidificado — murmurou Stavróguin, retomando sua marcha.

— Escute. Vi um menino de seis anos que reconduzia para casa sua mãe completamente embriagada que o crivava das piores injúrias. Acredita você que aquilo me causou prazer? Quando o Governo estiver em nossas mãos, trataremos de remediar isso… se for preciso, vamos relegá-los para o deserto quarenta anos… Mas uma ou duas gerações de costumes corrompidos é coisa indispensável; corrupção desenfreada, monstruosa, em que o homem será transformado num réptil lamacento, abjeto, cruel, imundo! Eis o que nos falta! E além do mais um pouco de "bom sangue fresco", para que se tome gosto por ele. Não estou em contradição comigo mesmo. Só estou em contradição com os filantropos e o chigalievismo, não comigo mesmo! Sou um tratante, não um socialista. Ah! ah! ah! É pena que o tempo nos falte. Prometi a Karmázinov começar em maio e terminar em outubro. Será demasiado cedo? Ah! ah! Você sabia, Stavróguin, o que vou he dizer? O cinismo foi sempre até aqui estranho ao povo russo, a despeito de seu pendor pelas mais grosseiras blasfêmias. Você sabia, que os servos se respeitavam mais do que não se respeita a si mesmo um Karmázinov? Foram açoitados, mas eles conservaram seus deuses, o que não fez um Karmázinov.

— Bem, Vierkhoviénski, é a primeira vez que o ouço falar e não ouço sem espanto — murmurou Nikolai Vsiévolodovitch. — Você não é decididamente um socialista, mas um político qualquer… um ambicioso!

— Um tratante, digo-lhe, um tratante. Você se preocupa em saber quem eu sou? Vou dizer-lhe quem eu sou e ao que aspiro. Não foi sem razão que lhe beijei a mão. Mas é preciso que o povo creia no que sabemos, no que queremos, ao passo que os outros não sabem "senão brandir o cacete e surrar os seus". Ah! se tivéssemos mais tempo à nossa disposição!… O aborrecido é que não temos mais tempo. Proclamaremos a destruição. Por que, por que esta ideia é tão fascinante? Mas temos necessidade de distender nossos membros.

Acenderemos o incêndio… Criaremos lendas… Para isto os menores grupos terão utilidade. Descobrirei para você nesses mesmos grupos camaradas que não terão frio nos olhos e que ainda por cima vão se sentir muito honrados em marchar. Começará então a revolta! O mundo será revirado como ainda não foi… A noite descerá sobre a Rússia, a terra chorará seus antigos deuses… Será então que faremos apelo… A quem?

— A… quem?

— Ao Czaréviche Ivan.

— A qu…em?

— Ao Czaréviche Ivan: a você, a você!

Stavróguin refletiu um minuto.

— Um impostor? — perguntou ele, olhando para o alucinado com profunda estupefação. — Ah! eis enfim qual é o vosso plano!

— Diremos em primeiro lugar que ele se esconde — murmurou Vierkhoviénski, numa voz terna como para uma confissão de amor, na realidade, como se estivesse ébrio. — Sabe o que significa esta frasezinha: "ele se esconde"? Mas ele aparecerá, ele aparecerá. Criaremos a lenda melhor do que fizeram os *skóptsi*. Ele está ali, mas ninguém ainda o viu. Oh! que lenda se pode suscitar! E o principal é que surgirão novas forças. Elas nos são necessárias; são elas que as suas lágrimas invocam. Quanto ao socialismo, soube abater as antigas forças, sem criar novas. E que força haverá aqui, incrível! Para levantar o mundo, bastará que tenhamos uma só vez a alavanca na mão. E tudo será levantado!

— Contou seriamente comigo? — disse Stavróguin com um sorriso mau.

— Por que sorri e tão malevolamente? Não me assuste. Sou nesta hora como uma criança que pode amedrontar-se até a morte com tal sorriso. Escute: não deixarei que ninguém o veja, ninguém: assim deve ser. Ele está ali, mas ninguém o viu, porque ele se oculta. E sabe você

que bastaria, por exemplo, que se mostrasse a um só dentre cem mil, para que logo o rumor se espalhasse por toda a terra: “Nós o vimos, nós o vimos”? Viram com seus próprios olhos Ivan Filípovitch, o Deus-Sabaó, arrebatado ao céu num carro “à vista” de todos. E você não é Ivan Filípovitch; você é belo, orgulhoso como um deus; não procura nada para si mesmo, ornado como está de auréola do sacrifício “ocultando-se”. O importante é que haja uma lenda! Será você o vencedor deles, será suficiente olhá-los para vencê-los. Ele se oculta, mas traz uma verdade nova. Nesse momento formularemos dois ou três julgamentos de Salomão. Apenas grupos, você sabe, nada de jornais! Se dentre dez mil for atendida uma só petição, todos nos virão com demandas. Em cada distrito, o menor campônio saberá que haverá em alguma parte um tronco destinado a recolher as súplicas. Toda a terra será um só suspiro: “uma lei justa acaba de ser promulgada”; o mar será agitado até nas suas profundezas; a velha barraca de pranchas será demolida e será então que pensaremos em construir uma casa de pedras. Pela primeira vez, nós é que seremos chamados a construir, nós somente!

— Loucura! — declarou Stavróguin.

— Por que, por que não o quer você? Tem medo? Mas é precisamente porque você não tem nenhum temor que me agarrei a você. Será desarrazoado? Vê bem você que sou um Colombo sem América. Seria Colombo julgado sensato sem a América?

Stavróguin calava-se. Nisto, chegaram à casa. Pararam diante do patamar.

— Escute — disse Vierkhoviénski, inclinando-se para a orelha de seu companheiro. — Não tenho necessidade de dinheiro para agir. Amanhã será regularizado o negócio com Maria Timofiéievna… sem dinheiro, e amanhã vou lhe levar Lisa. Quer Lisa amanhã?

“Estaria ele realmente louco?”, pensou Stavróguin, sorrindo. A porta da entrada abriu-se.

— Stavróguin? A América é nossa? — repetiu uma última vez Vierkhoviénski, agarrando-lhe o braço.

— Para quê? — murmurou Nikolai Vsiévolodovitch, num tom severo e duro.

— É a última de suas preocupações, bem o sabia — exclamou o outro num arrebatamento de raiva. — Você mente, sujo e miserável aristocratazinho, não acredito em você, porque você tem um apetite de lobo!… Saiba bem que você me custa doravante demasiado caro para que renuncie a você! Não há ninguém que seja semelhante a você na terra. Inventei-o no estrangeiro; inventei-o olhando-o. Se não o tivesse observado de meu canto, jamais tal projeto me teria vindo ao espírito.

Stavróguin subiu os degraus da escada sem responder.

— Stavróguin! — gritou Vierkhoviénski seguindo-lhe os passos. — Dou-lhe um dia ou dois…digamos três; mas não mais de três dias. Preciso de sua resposta dentro desse prazo.

## Capítulo IX / Busca em casa de Stiepan Trofímovitch

### *I*

Enquanto isto, ocorreu um acontecimento que não deixou de causar-me espanto e de exasperar Stiepan Trofímovitch. Uma manhã, cerca das oito horas, Nastássia chegou correndo, da parte dele, para anunciar-me que “haviam dado uma busca em casa do senhor”. A princípio nada entendi; adivinhei somente que agentes tinham “dado busca” em casa de Stiepan Trofímovitch, haviam chegado e apreendido papéis; que um soldado fizera deles um pacote que amarrou e “levou num carrinho”. A informação era brutal. Precipitei-me sem demora para a casa de Stiepan Trofímovitch.

Encontrei-o num estado extraordinário. Estava transtornado, presa duma violenta agitação, mas ao mesmo tempo mantinha um ar de indubitável triunfo. No meio do quarto fervia em cima da mesa um samovar e havia ali, esquecida, uma xícara de chá, completamente cheia, na qual não haviam tocado. Stiepan Trofímovitch dava voltas

em redor da mesa e passava dum quarto para outro, sem se dar conta de seus movimentos. Trazia sua eterna camisa de tricô, mas, vendo-me, apressou-se em vestir seu colete e sua sobrecasaca, coisa que jamais fizera até então, quando um amigo o encontrava em camisa de tricô. Deu-me logo caloroso aperto de mão.

— *Enfin un ami*! — (suspirou profundamente). — *Cher*, fiz questão de avisá-lo, a você só, porque ninguém sabe de nada ainda. Vou pedir a Nastássia que feche a porta à chave e não deixe entrar ninguém, exceto "eles", é claro… Compreende?

Olhou-me, confuso, como se esperasse uma resposta. Apressei-me naturalmente em interrogá-lo e consegui destrinçar em meio de suas frases sem continuidade, cortadas de parênteses inúteis, que cerca das oito horas da manhã um funcionário do governo havia-se "subitamente" apresentado em casa dele…

— *Pardon, j'ai oublié son nom. Il n'est pas du pays*; mas creio que foi trazido por Lembke, quelque chose de bête et d'allemand dans la physionomie. Il s'appelle Rosenthal.[113]

— Não seria Blümer?

— Sim, Blümer. É mesmo o nome que me deu. *Vous le connaissez? Quelque chose d'hébété et de très content dans la figure, pourtant très sévère, raide et sérieux*.[114] Uma cara de policial subalterno, conheço bem. Dormia ainda e, é capaz de acreditar?, pediu-me para dar uma olhadela em meus livros e manuscritos, *oui, je m'en souviens*,[115] empregou essa palavra. Não me deteve, só pegou meus livros… *Il se tenait à distance*,[116] e quando começou a expor-me o motivo de sua visita, tinha o ar de… *enfin, il avait l'air de croire que je tomberai sur lui immédiatement et que je commencerai à le battre comme platrê. Tous ces gens de bas étage sont comme ça*,[117] quando têm de tratar com gente decente. Não é preciso dizer que compreendi logo do que se tratava. *Voilà vingt ans que je m'y prépare*.[118] Abri-lhe todas as gavetas e lhe entreguei todas as chaves; dei-lhas eu mesmo, entreguei-lhe tudo eu mesmo. *J'étais digne et calme*.[119] Entre os meus livros tomou as edições estrangeiras de Herzen, um exemplar encadernado de *O Sino*, quatro exemplares de meu poema e *enfin tout ça*.[120] Em seguida apoderou-se

de meus papéis e cartas e de *quelques-unes de mes ébauches historiques, critiques et politiques*. Levaram tudo. Conta Nastássia que um soldado levou tudo num carrinho de mão que cobriram com um avental; oui, c'est cela[121] um avental.

Aquilo era absurdo. Quem teria compreendido alguma coisa? De novo, pus-me a crivá-lo de perguntas. Blümer viera sozinho ou com algum outro? Em nome de quem? Com que direito? Como ousara ele? Que explicação dera?

— *Il était seul, bien-seul*, mas havia um outro *dans l'antichambre*, sim, recordo-me, e depois… Aliás, creio mesmo que se encontrava também um guarda na entrada. Será preciso perguntar a Nastássia; ela sabe tudo isso melhor do que eu. *J'étais surexcité, voyez-vous. Il parlait, il parlait… un tas de choses*;[122] aliás, falou pouco, eu é que falava… contei-lhe minha vida, simplesmente deste ponto de vista… *J'étais surexcité, mais digne, je vous l'assure*. Receio, entretanto, ter, creio, chorado. Tomaram emprestado o carrinho de mão do lojista ao lado.

— Mas, meu Deus, como aconteceu tudo isso? Rogo-lhe, fale duma maneira mais precisa, Stiepan Trofímovitch. O que o senhor me está contando parece um sonho!

— Meu caro, eu mesmo creio sonhar… Você sabia? Ele pronunciou o nome de Tieliátnikov e creio que era este que se ocultava na entrada. Sim, lembro-me, sugeriu que eu chamasse o procurador e até mesmo Dmítri Mítritch… *qui me doit encore quinze roubles que je lui ai gagnés aux cartes, soit dit en passant. Enfin, je n'ai pas trop compris*.[123] Mas fui mais astuto do que eles e pouco me importa Dmítri Mítritch. Creio que lhe pedi com insistência para que mantivesse este negócio oculto e tenho medo mesmo de ter-me um pouco rebaixado. *Comment, croyez-vous? Enfin, il a consenti*…[124] Sim, foi ele mesmo, lembro-me, quem me pediu para conservar a coisa oculta porque ele viera simplesmente "dar uma olhadela" e nada mais, isto mesmo, nada mais… e que se não se encontrasse nada, era como se nada tivesse havido. Tanto que nos separamos *en amis, je suis tout à fait content*.[125]

— Mas, diga-me, isto significa que ele lhe deixou todas as

garantias requeridas em casos tais e o senhor as recusou? — perguntei, num acesso de indignação amiga.

— Não, e melhor vale que seja sem garantias. E por que fazer escândalo? Que tudo se passe *en amis* e deixe-se o tempo correr… Você sabe, se se viesse a saber na cidade… meus inimigos… *et puis à quoi bon ce procureur, ce cochon de notre procureur, qui deux fois m'a manqué de politesse et qu'on a rossé à plaisir l'autre année chez cette charmant et belle*.[126] Nastássia Pávlovna, quando se escondeu no seu toucador? E depois, meu amigo, não me faça objeções e deixe de desencorajar-me, rogo-lhe, porque não há nada de mais insuportável para um homem infeliz do que ouvir dizer por uma centena de amigos que ele acaba de cometer uma besteira. Apesar de tudo, sente, e tome uma xícara de chá, porque, lhe confesso, estou muito fatigado… Não seria melhor que me deitasse e pusesse compressas de vinagre na cabeça, que pensa você?

— Decerto — exclamei; — e até mesmo gelo. O senhor está muito superexcitado. Está pálido e suas mãos tremem. Deite, repouse e deixe sua narrativa para mais tarde. Velarei à sua cabeceira.

Hesitou em deitar, mas insisti. Nastássia trouxe vinagre numa xícara, umedeci uma toalha de mãos e apliquei-a sobre a cabeça de Stiepan Trofímovitch. Nastássia subiu em seguida numa cadeira e acendeu a lâmpada diante do ícone, colocado na cantoneira. Observei isto com surpresa; até então, jamais houvera lâmpada e de repente, eis que aparecia uma.

— Fui eu que dei essa ordem, logo depois da partida deles — murmurou Stiepan Trofímovitch, olhando-me com ar malicioso. — *Quand on a de ces choses-là dans sa chambre et qu'on vient vous arrête*[127] isto causa impressão e é certo que eles relatarão o que viram.

Acesa a lâmpada, Nastássia ficou de pé no vão da porta, com a palma da mão direita contra a face, e pôs-se a contemplar seu amo com um ar lacrimoso.

— *Eloignez-la*,[128] sob um pretexto qualquer — disse-me ele, fazendo-me do divã um sinal com a mão. — Não posso suportar essas demonstrações de simpatia à russa *et puis ça m'embête*.[129]

Ela, porém saiu, voluntariamente. Notei que ele olhava, sem cessar, na direção da porta e prestava ouvido ao menor rumor que chegasse da antecâmara.

— *Il faut être prêt, voyez-vous*,[130] — disse ele, olhando-me com ar entendido — *chaque moment*… podem chegar, levam a gente, e pronto, desapareceu o homem!

— Senhor Deus! Quem é que vai vir? Quem o prenderá?

— *Voyez-vous, mon cher*, quando ele saiu, perguntei-lhe francamente o que iriam fazer de mim.

— Teria feito melhor se perguntasse para onde o exilarão! — exclamei, com o mesmo acento de indignação.

— Era isto mesmo que subentendia minha pergunta, mas ele partiu sem responder. *Voyez-vous*: quanto à roupa branca, aos ternos, sobretudo as roupas quentes, será como eles quiserem; se me permitirem levá-los, bem; senão terei de usar capote de soldado. Mas há trinta e cinco rublos (disse ele, baixando a voz de repente e olhando do lado da porta por onde Nastássia acabava de sair) que enfiei secretamente no forro de meu colete, veja aí, tateie-os… Suponho que não tomarão meu colete e para salvar as aparências, deixei no meu porta-moedas sete rublos… tudo quanto possuo. Veja você, deixei espalhadas algumas moedas e soldos em cima da mesa. Assim sendo, serão incapazes de adivinhar que escondi meu dinheiro, mas suporão que é mesmo tudo quanto possuo, porque Deus sabe onde deverei passar a noite.

Baixei a cabeça diante de semelhante loucura. Evidentemente era impossível deter alguém ou dar buscas em sua casa da maneira como era por ele relatada, e era provável que se embaralhasse no seu relato. É verdade que tudo aquilo se passava antes da entrada em vigor da legislação atual. É verdade também que lhe tinham proposto, se acreditarmos nele, um processo mais regular, mas “valera-se ele de astúcia” e recusara… Sem dúvida, todavia, isto é, há pouco tempo ainda, podia um governador em casos extremos… Mas ainda uma vez que caso extremo podia haver aqui? Eis o que me fugia ao alcance.

— Terá vindo provavelmente um telegrama de Petersburgo — disse, de repente, Stiepan Trofímovitch.

— Um telegrama a seu respeito? Sem dúvida por causa das obras de Herzen ou de seu poema? O senhor perdeu a cabeça. Será isto um motivo suficiente para detê-lo?

Decididamente, zangava-me. Esboçou ele uma careta e pareceu ofendido, não pela minha exclamação, mas por causa do pensamento de que não houvesse ali nenhum motivo suficiente para detê-lo.

— Pode-se lá saber em nossa época por qual motivo nos detêm? — murmurou ele, enigmático.

Uma ideia feroz e das mais absurdas atravessou inesperadamente meu espírito:

— Stiepan Trofímovitch, diga-me como amigo — exclamei, — como verdadeiro amigo. Eu não o denunciarei. Faz o senhor parte, sim ou não, de alguma sociedade secreta?

Mas eis que, com grande espanto meu, Stiepan Trofímovitch não pôde afirmar se pertencia ou não a alguma sociedade secreta.

— Isto depende de como se concebe a coisa, voyez-vous.

— Como isto depende de “como se concebe a coisa”?

— Quando a gente se dedicou de todo o seu coração ao progresso e… quem poderia afirmá-lo… acredita não fazer parte de nada, mas olhando de perto, descobre-se que se faz parte de alguma coisa.

— Como é possível? Neste caso, sim ou não.

— *Cela date de Pétersburgo*, quando queríamos, ela e eu, fundar ali uma revista. Está nisto a raiz de tudo. Demos então um passo em falso; esqueceram-nos, mas agora lembram-se de nós. *Cher, cher*, será que você não me conhece? — exclamou ele, dolorosamente. — Vão nos prender, vão nos enfiar dentro de uma carrocinha e a caminho para a Sibéria para sempre, ou então ficaremos esquecidos numa casamata.

E de súbito pôs-se a chorar, vertendo quentes lágrimas. Suas lágrimas rolavam-lhe pela face. Cobriu os olhos com seu lenço de seda vermelha e soluçou, soluçou convulsivamente durante cinco minutos. Eu estava aterrorizado de todo. Aquele homem que, havia vinte anos, era nosso profeta, nosso chefe, nosso patriarca, aquele Kúkolhnik, que planava tão alto e tão majestosamente acima de nós, que venerávamos com toda a nossa alma — achando que isso era uma honra, — ei-lo agora a soluçar, a soluçar, como um pobre garoto à espera das varas que o professor foi buscar. Senti por ele um intenso sentimento de compaixão. Não havia dúvida que acreditava na carrocinha tão firmemente como na minha presença a seu lado e a esperava precisamente para aquela manhã, para aquele instante mesmo, imediatamente, e tudo isso por causa das obras de Herzen e de algum vago poema! Tão completo desconhecimento do ramerrão da realidade tinha algo ao mesmo tempo de comovedor e de desagradável.

Parou por fim de chorar, levantou do divã e voltou a andar pelo quarto, enquanto continuava a conversa comigo, mas não sem olhar de vez em quando para a janela e prestar atenção para o lado da antecâmara. Continuamos a conversar continuadamente. Todas as palavras que lhe dizia para sossegá-lo e tranquilizá-lo saltavam como ervilhas contra uma parede. Escutava-me pouco; não obstante, tinha grande necessidade de ser consolado, por isso é que não parava de falar. Era evidente que ele não poderia passar sem mim em semelhante momento e que por coisa alguma do mundo me teria deixado partir. Fiquei, pois, e passamos juntos duas boas horas. Lembrou-se, no correr da conversa, de que Blümer tinha levado duas proclamações encontradas entre seus papéis.

— Como? Proclamações? — exclamei, tolamente espantado. — Será que o senhor por acaso…

— Ah! tinham-me deixado uma dezena — ele respondeu num tom de desagrado (falava, ora com despeito e altivez, ora num tom queixoso e humilde excessivo) — mas eu acabava de dispor de oito e Blümer só encontrou duas.

De súbito, corou de indignação.

— *Vous me mettez avec ces gens-là*![131] Será possível que suponha que poderia eu marchar com aqueles canalhas, aqueles panfletários, com meu filho Piotr Stiepânovitch, avec ces esprits forts de la lâcheté!…[132] Oh! Deus!

— Ora! Não se misturou o senhor outrora…? Aliás, é impossível, é uma pilhéria!… — observei.

Ele explodiu.

— *Savez-vous, je sens par moment que je ferai là-bas quelque esclandre*.[133] Oh! não se vá, não me deixe só! *Ma carrière est finie aujord'hui, je le sens*.[134] Sabe que sou capaz de lançar-me contra alguém e mordê-lo, tal como aquele subtenente…

Olhou-me com estranha expressão, em que se lia espanto e desejo de atemorizar. Decididamente tornava-se cada vez mais exasperado contra alguém ou alguma coisa à medida que o tempo passava e que a "carrocinha" não chegava; estava sem dúvida furioso. De repente, passando por uma razão ou outra da cozinha para a antecâmara, Nastássia derrubou um cabide; Stiepan Trofímovitch estremeceu e ficou lívido, mas quando teve explicação do barulho, por pouco não deu berros contra Nastássia, mas, batendo com o pé, despachou-a de volta à cozinha. Um minuto depois disse-me, olhando-me com desespero:

— Estou perdido! *Cher* — sentou-se de repente perto de mim e olhou-me fixamente, com profunda compaixão, — *cher*, a Sibéria não me faz medo, juro-lhe, *oh! je vous jure* (lágrimas brilharam em seus olhos), é outra coisa que temo…

Adivinhei-lhe pelo rosto que queria comunicar-me algo de particularmente grave que até então evitara revelar-me.

— Temo o opróbrio — murmurou misteriosamente.

— Que opróbrio? Mas pelo contrário! Acredite, Stiepan Trofímovitch, que o caso será esclarecido hoje mesmo e que tudo terminará a seu favor…

— Está bem certo de que me perdoarão?

— Perdoá-lo? Como? Que significam essas palavras? Que fez o senhor? Asseguro-lhe que o senhor nada fez!

— *Qu'en savez-vous*? Toda a minha vida foi… *cher*… Eles vão lembrar de tudo… e se… — acrescentou de repente, duma maneira totalmente inesperada, — se não encontrarem nada, será ainda pior.

— Pior como?

— Pior.

— Não compreendo.

— Meu amigo, meu amigo, que me levem para a Sibéria, para Arcângel, com supressão de meus direitos, morrer por morrer, ainda vai! Mas… temo outra coisa (de novo, murmúrio, rosto apavorado, mistério).

— Mas que "coisa"? que "coisa"?

— Que me açoitem — declarou ele, olhando-me com ar desvairado.

— Quem o açoitará? Onde? Por quê? — exclamei espantado, sentindo que a razão dele soçobrava.

— Onde? Mas lá… onde se faz isso.

— Onde se faz isso?

— *Ah! cher* — murmurou ele, falando-me quase ao ouvido, — de repente, o soalho cede sob os pés da gente e eis-nos tragados até meio-corpo… Todo mundo sabe disso.

— Fábulas! — exclamei, adivinhando de repente. — Será possível que o senhor ainda acredite nessas velhas fábulas? — Desatei a rir.

— Fábulas? Mas provêm mesmo de alguma parte essas fábulas. Jamais aquele que tiver sido açoitado haverá de querer contar isso. Representei essa coisa dez mil vezes em minha imaginação.

— Mas o senhor? Por que o senhor? já que nada fez?

— Tanto pior, vão ver que não fiz nada e por isso me açoitarão.

— E o senhor está convencido de que o levarão depois para Petersburgo?

— Meu amigo, já lhe disse que não lamento nada, *ma carrière est finie*. Desde a hora em que ela se despediu de mim em Skvopiéchniki, a vida cessou de ter todo valor a meus olhos… mas o opróbrio, o opróbrio, que, se vier a sabê-lo?

Olhou-me com desespero e de pálido que estava tornou-se carmesim. Também eu baixei os olhos.

— Ela nada saberá, porque nada se passará. Parece-me que é a primeira vez em minha vida que lhe falo, Stiepan Trofímovitch, tanto espanto me causou o senhor esta manhã!

— Mas, meu amigo, não é o medo. Suponha mesmo que me perdoem, suponha que me tragam de novo para cá sem nada me terem feito, nem por isso deixo de ser um homem perdido. *Elle me soupçonnera toute sa vie*…[135] de mim, de mim, o poeta, o pensador, um homem que ela adorou durante vinte e dois anos!

— Nem sequer lhe ocorrerá semelhante ideia.

— Sim — murmurou ele com um acento de profunda convicção. — Falamos mais de uma vez juntos em Petersburgo, durante a Quaresma, pouco antes de nossa partida, quando nós dois temíamos… *Elle me soupçonnera toute sa vie*. E como desenganá-la? Isto não seria fácil… E nesta maldita cidade, quem o acreditará?, *c'est invraisemblable… et puis les femmes*… Ela ficará encantada. Isto vai lhe causar muita pena, muito sinceramente, como verdadeira amiga, mas em segredo ficará encantada. Eu mesmo lhe forneci uma arma contra mim para o resto de meus dias! Ah! está arruinada a minha vida! Vinte anos de uma felicidade sem jaça com ela… e veja você!

Ocultou o rosto nas mãos.

— Stiepan Trofímovitch — propus eu, — não seria melhor que o

senhor prevenisse imediatamente Varvara Pietrovna do que está se passando?

— Deus me livre! — E todo tremente, saltou do divã. — Jamais, por coisa alguma do mundo, depois do que ela me disse, deixando-me em Skvopiéchniki, ja… mais!

Seus olhos cintilaram.

Ficamos juntos, penso, uma hora ou mesmo mais, sempre à espera de algum acontecimento, tanto esta ideia tinha-se firmado em nós. Ele tornou a deitar, fechou os olhos e manteve essa atitude durante uns vinte minutos, sem proferir uma só palavra, tanto que eu pensei que ele tivesse adormecido ou perdido os sentidos. De repente, ergueu-se com terror, arrancou da cabeça a compressa, saltou do divã, correu para o espelho, ajeitou sua gravata com mãos trêmulas e, numa voz de trovão, chamou Nastássia, ordenando-lhe que lhe trouxesse seu paletó, seu chapéu novo e sua bengala.

— Não posso aguentar mais, não posso, — disse ele, com voz entrecortada, — não posso mais, não posso mais… Irei eu mesmo.

— Aonde? — perguntei, levantando por minha vez.

— À casa de Lembke. *Cher*, devo fazê-lo, sou obrigado a fazê-lo. É meu dever. Sou cidadão e homem, não sou um boneco, tenho direitos, farei valer meus direitos… Durante vinte e cinco anos, não me preocupei com meus direitos, toda a minha vida os negligenciei criminosamente… agora os reivindico. Deve ele confessar-me tudo, tudo. Recebeu um telegrama. Que não intente submeter-me a torturas! Que me prenda antes, que me prenda, que me prenda!

Lançava estas exclamações urrando e batendo com o pé.

— Aprovo — disse eu, esforçando-me por parecer tão calmo quanto possível, embora seu estado me inspirasse vivas inquietações. — Isto com certeza valeria mais que ficar em semelhante angústia, mas o que não aprovo é sua superexcitação; veja o seu aspecto e veja em que estado irá apresentar-se lá. *Il faut être digne et calme avec* Lembke. Na realidade, o senhor é capaz de atirar-se contra ele e

mordê-lo.

— Eu mesmo me livrarei. Estou pronto a lançar-me na goela do leão.

— Pois bem! Eu o acompanharei.

— Não esperava menos de você; aceito seu sacrifício que é o sacrifício de um verdadeiro amigo, mas somente até sua residência. Não deve, não tem o direito de comprometer-se por mais tempo em minha companhia. *Oh! croyez-moi, je serai calme*! Tenho consciência de encontrar-me nesta hora *à la hauteur de tout ce qu'il y a de plus sacré*…

— Talvez entre mesmo com o senhor — disse, interrompendo-o. — Fui informado ontem, por uma mensagem emanada de seu estúpido comitê, graças a Visótski, que contam comigo e que estou convidado para a festa de amanhã no número dos comissários, ou então como um dos deles… como um dos seis jovens lá colocados para fiscalizar o serviço, solícitos junto às senhoras, mostrar os lugares aos convidados e levar um nó de fitas brancas e vermelhas no ombro esquerdo. Minha intenção era recusar, mas por que agora não entrar na casa, sob o pretexto de explicar-me com Iúlia Mikháilovna em pessoa? De modo que, iremos juntos.

Ele me escutava, abanando a cabeça, mas parecia não compreender. Tínhamos chegado à soleira.

— *Cher* — disse ele, estendendo o braço para a lamparina do ícone, — jamais acreditei naquilo, mas seja, seja! (Benzeu-se.) *Allons*!

— Pois bem! Tanto melhor — pensei, descendo com ele os degraus do patamar, — o ar vivo da marcha nos fará bem, e voltaremos em seguida bem tranquilamente para ir dormir.

Mas eu não contava com minha anfitrioa. No caminho, ocorreu um acontecimento que acabou de transtornar Stiepan Trofímovitch e decidi-lo totalmente… tanto que jamais teria esperado, confesso, que nosso amigo desse prova de tanta presença de espírito naquela manhã. O pobre, o querido amigo!

# Capítulo X / Flibusteiros — Uma manhã fatal

## *I*

A aventura que nos aconteceu em caminho teve também algo de assombroso. Mas é necessário pôr ordem na minha narrativa. Uma hora antes de Stiepan Trofímovitch e eu termos saído para a rua, um bando de operários que trabalhavam na fábrica dos Chpigúlini, setenta indivíduos, ou talvez mais, haviam desfilado pela cidade, provocando assim a curiosidade de grande número de espectadores. Fizeram questão de desfilar em boa ordem, quase em silêncio. Contou-se mais tarde que aqueles setenta indivíduos tinham sido designados entre os novecentos que possuía a fábrica Chpigúlin, a fim de se dirigirem à residência do Governador e pedir-lhe, na ausência dos patrões, que pusesse fim à dissidência entre os operários e o administrador, que, fechando a fábrica e despedindo os operários, havia afrontosamente lesado os interesses deles — fato que já não admitia mais nenhuma dúvida. Outros persistem em negar que tivesse havido eleição, pretendendo que semelhante número de delegados teria sido excessivo, e que aquele grupo se compunha bem simplesmente dos operários os mais lesados que vinham reclamar a título pessoal. De modo que não podia tratar-se de uma "revolta" geral de operários, como tanto repetiram depois. Os outros afirmam ousadamente que aqueles setenta indivíduos não eram simples amotinados, mas verdadeiros revolucionários, porque, contando-se entre os mais turbulentos, tinham além disso agido segundo o teor dos manifestos. Em suma, houve naquilo influência oculta ou incitação direta? O fato não foi ainda esclarecido até hoje. A minha opinião pessoal é que os operários não tinham lido nenhum daqueles manifestos, ou então se os leram, nem haviam compreendido uma palavra sequer, dando-se o caso que seus autores, além da pobreza de estilo, escreviam ainda por cima da maneira mais obscura. Mas como os operários se encontravam numa situação difícil e a polícia à qual haviam eles recorrido não queria entrar nas questões deles, que podia haver de mais natural que sua ideia de ir em grupo "à casa do próprio general", se possível, com o papel que levava sua petição na cabeça, agrupar-se em ordem diante do patamar e, desde que ele aparecesse, lançarem-se todos de joelhos, gritando, como se fosse ele a personificação da Providência? Não há

necessidade, na minha opinião, de ver naquilo nem revolta, nem deputados, porque é um meio de ação tradicional, histórico; o povo russo sempre gostou de falar “ao próprio general”, pela simples satisfação de fazê-lo e independente do que pudesse resultar da conversa.

Assim, estou absolutamente persuadido de que, muito embora Piotr Stiepânovitch, Lipútin e alguns outros, — talvez mesmo Fiedka — tivessem tratado de agitar previamente os trabalhadores (como indícios sérios dão a pensar na ocorrência) e se tenham entrevistado com eles, dificilmente se entretiveram com mais de dois ou três, digamos cinco, apenas a título de sondagem e essas conversas deram em nada. No que se refere ao motim, se os operários tivessem compreendido alguma coisa da propaganda deles, teriam de imediato deixado de dar-lhes ouvido, tanto a coisa lhes teria parecido estúpida e de pouco interesse. Bem outro era o caso de Fiedka: creio que teve ele mais sorte que Piotr Stiepânovitch. Sabe-se agora que dois operários tomaram parte, juntamente com Fiedka, no incêndio que rebentou na cidade três dias após, e que, um mês mais tarde, três indivíduos que haviam trabalhado outrora na fábrica foram detidos sob acusação de incêndio e de pilhagem. Mas se Fiedka conseguiu mesmo incitá-los a passar à ação imediata, é preciso crer que só houve realmente aqueles cinco, porque não ouvimos dizer nada de semelhante a respeito dos outros.

Seja como for, os operários chegaram todos em grupo à pequena praça diante da casa do Governador; enfileiraram-se em silêncio, depois esperaram de boca aberta, voltados para o lado do patamar. Disseram-me que apenas tomaram posição, tiraram seus bonés, isto é, uma boa meia hora antes que o Governador aparecesse, o qual, como que de propósito, não se encontrava em sua casa naquele momento. A polícia mostrou-se logo, a princípio em destacamentos, depois na sua totalidade. Começou naturalmente por intimar aos manifestantes que se dispersassem. Mas eles obstinaram-se em ficar ali, como um rebanho de carneiros amontoado contra uma cerca e responderam ironicamente que precisavam de falar “ao próprio general”; era claro que a resolução deles estava tomada. Aquelas intimações pouco naturais da parte da polícia cessaram e foram seguidas de um minuto

de reflexão, dum misterioso vocábulo referente às medidas a tomar e duma sombria perplexidade que fez o cenho da autoridade franzir-se. O chefe de polícia preferia esperar a chegada do "próprio" von Lembke. Não é verdade que este haja chegado de troica a toda a pressa e começado a esbravejar e a servir-se dos próprios punhos antes mesmo de apear-se. Corria é certo, gostava de correr a toda a velocidade na sua caleça de traseira pintada de amarelo e, enquanto seus corcéis, "que eram com certeza animais estragados de mimos", perdiam cada vez mais a cabeça, excitando o entusiasmo dos comerciantes do bazar, erguia-se ele de pé na caleça, pavoneando-se com todo o seu porte, agarrado a uma correia fixada de propósito num dos lados do veículo, e com o braço estendido no espaço, como fazem as estátuas, abarcava assim a cidade toda com o olhar. Mas no caso presente não se serviu de seus punhos e se bem que, ao descer do carro, não pode abster-se de pronunciar alguma palavrinha bem sonante, não o fez senão com o fim de conservar sua popularidade. É mais falso ainda pretender que tinham mandado buscar soldados armados de baionetas e pedido por telegrama o envio de artilharia e de cossacos: são balelas que não deixam hoje de surpreender aqueles mesmos que as lançaram. Não menos absurda a história de tonéis cheios d'água que os bombeiros teriam trazido para regar a multidão. Muito simplesmente Iliá Ilitch, entusiasmando-se, gritara-lhes que nem um dentre eles se retiraria seco da água, o que provavelmente deu origem à lenda dos tonéis que por muito tempo divertiu a crônica dos jornais de Petersburgo e de Moscou. A versão mais provável, na minha opinião, é que a multidão foi, desde o começo, cercada pelo cordão das forças de polícia, e que se despachou a Lembke um comissário que correu precipitadamente para Skvopiéchniki, no *drójki* do chefe de polícia, sabendo que von Lembke para ali seguira no seu próprio carro havia uma meia hora…

Mas, devo confessar que pergunto ainda a mim mesmo como se pôde, ao primeiro sinal, desde o primeiro instante, dum grupo insignificante, para não dizer habitual de peticionários, fazer uma revolta que ameaçava abalar as bases do Estado! Como o próprio Lembke abocanhou essa ideia quando chegou vinte minutos após o mensageiro? Seria levado a crer (mas não é isto ainda senão uma opinião pessoal) que Iliá Ilitch, que tinha suas grandes e pequenas

oportunidades de confabular com o gerente da fábrica, achava vantajoso apresentar o ajuntamento sob aquele aspecto a von Lembke, de modo a impedi-lo de ter verdadeira visão do assunto; aliás, fora o próprio von Lembke quem lhe sugerira aquela ideia. Tivera com ele, durante os dois últimos dias, duas misteriosas entrevistas dum caráter insólito, aliás bastante vagas, mas das quais Iliá Ilitch pode, não obstante, deduzir que o Governador se aferrava àquela ideia de que existiam manifestos e que os operários da fábrica Chpigúlin eram incitados por alguém para fomentar uma sublevação social, — e tão bem aferrado que teria sem dúvida lamentado ver sua história desmentida pelos fatos. "Ele deseja atrair para si alguma distinção honorífica de Petersburgo, — pensava nosso malicioso Iliá Ilitch, ao sair da casa de von Lembke, — pois bem, a coisa está em nossas mãos…"

Mas estou convencido de que o pobre Andriéi Antônovitch não teria desejado um movimento de revolta, mesmo com o objetivo de se distinguir. Era um funcionário extremamente consciencioso, que conservara sua inocência até o casamento. Era culpa dele, se em lugar de um inocente cargo oficial e de alguma não menos inocente "Mina", uma princesa de quarenta anos o tivesse elevado até a sua posição? Tenho como quase certo que foi a partir daquela manhã fatal que se manifestaram os primeiros sintomas irrecusáveis do mal que, dizem, conduziu o pobre Andriéi Antônovitch a um estabelecimento bem conhecido da Suíça, onde estaria a recuperar novas forças. Mas se se admite que índices patentes de alguma coisa se manifestaram precisamente naquela manhã, é possível, na minha opinião, admitir que fatos análogos tenham podido ocorrer na véspera, embora duma maneira menos aparente. Sei de fonte segura (podeis bem supor que Iúlia Mikháilovna me revelou mais tarde uma parte dessa história e sem a menor jactância, antes pelo contrário com um ar de meio-arrependimento — digo "meio" porque uma mulher não se arrepende jamais completamente), sei que na véspera, em plena noite, cerca das três horas da madrugada, Andriéi Antônovitch dirigiu-se aos aposentos de sua mulher, acordou-a, exigindo que ela ouvisse seu "ultimato". A ordem era tão imperiosa que ela se viu obrigada a levantar da cama, indignada sob seus papelotes e teve de, sentada num pequeno divã, a despeito de seu sorriso sarcástico, escutar, não obstante, a reprimenda.

Então, pela primeira vez, compreendeu a que ponto chegara Andriéi Antônovitch e atemorizou-se intimamente. Teria sido preferível que ela fizesse um exame de consciência e se abrandasse, mas ocultou seu temor e mostrou mais obstinação do que nunca. Tinha (como toda mulher casada, creio) sua maneira de comportar-se para com Andriéi Antônovitch. Essa maneira, que mais de uma vez conseguira mergulhá-lo em estupor, consistia num silêncio desdenhoso que Iúlia Mikháilovna mantinha durante uma hora, duas horas, vinte e quatro horas, por vezes durante três dias; um silêncio que nada conseguia romper, dissesse ou fizesse ele o que quer que fosse e até mesmo se atirasse do alto de um terceiro andar. Processo verdadeiramente insuportável para um homem sensível! Punia Iúlia Mikháilovna seu esposo por causa dos equívocos cometidos durante aqueles últimos dias e da inveja que lhe causavam, como governador, os talentos administrativos de sua cara metade? Ela se sentia ferida pelas censuras que ele lhe fizera a respeito de sua atitude para com a juventude e para com toda a nossa sociedade, sem compreender a sutileza e a profundeza dos fins políticos que ela tinha em vista? Estaria zangada por vê-lo tão estupidamente ciumento de Piotr Stiepânovitch? Fosse como fosse, estava bem decidida agora a não se deixar enternecer, a despeito da hora inconveniente e da agitação insólita de Andriéi Antônovitch. Fora de si, caminhando para lá e para cá, em todos os sentidos, pelo tapete do toucador, expôs-lhe tudo, tudo, duma maneira bastante incoerente na verdade, mas pelo menos tudo quanto lhe pesava no coração — porque "aquilo ultrapassava os limites". Começou por declarar que todo mundo zombava dele e "que não o levariam pelo nariz".

— Não me importo com a expressão! — vociferou ele, ao surpreender o sorriso de sua mulher. — Sim, pelo nariz, pois que é a verdade… Pois bem, não, minha senhora, chegou a hora; saiba que não é o momento de rir e de pôr em jogo a galanteria feminina. Não estamos aqui no toucador de uma *coquette*, mas somos de certo modo duas criaturas abstratas que se encontram num balão para dizer a verdade uma à outra. (Evidentemente gaguejava e não encontrava um molde adequado às suas ideias, que aliás se mostravam perfeitamente justas.) Foi a senhora quem me fez sair de minha antiga condição. Aceitei este posto unicamente por sua causa, para satisfazer suas

ambições… Sorri com ar sarcástico? Não se apresse em triunfar. Saiba, senhora, saiba que eu poderia, que eu saberia sair-me bem neste posto, e não somente neste posto, mas em dez outros semelhantes, porque tenho capacidade; mas com a senhora, na sua presença, é impossível ser bem sucedido; porque em sua presença perco todos os meus meios. Não poderia haver dois centros, e a senhora organizou dois: um, em minha casa; o outro, no seu toucador; dois centros de poder, minha senhora, que eu não posso tolerar, que eu não tolerarei, que eu não tolerarei! No serviço público como no estado matrimonial, o centro deve ser um, impossível haver dois… Que me deu a senhora em troca? — continuou ele a exclamar. — Nossa união consistiu em que a todo tempo, a toda hora, a senhora me demonstrava que eu era uma nulidade, um tolo, até mesmo um covarde, e a todo tempo, a toda hora, via-me na necessidade humilhante de provar-lhe que não era uma nulidade, de modo algum um tolo e que causava admiração a toda gente pela minha nobreza. Pois bem, não era isso tão humilhante de um lado quanto de outro?

Nisto pôs-se ele a espezinhar, cheio de raiva, o tapete, tanto que Iúlia Mikháilovna achou dever levantar com um ar de dignidade severa. Ele se acalmou rapidamente, mas em compensação caiu na sentimentalidade e soluçou (sim, soluçou) e bateu no peito durante quase cinco minutos, cada vez mais fora de si por causa do silêncio imperturbável de Iúlia Mikháilovna. Por fim cometeu o desazo de dar a entender que estava com ciúmes de Piotr Stiepânovitch. Adivinhando que acabara de cometer uma incomensurável besteira, sua raiva desencadeou-se e pôs-se ele a gritar “que não permitiria que se renegasse a Deus”; que fecharia “o imperdoável salão de impiedade” dela; que um governador é obrigado a crer em Deus, “e por consequência sua mulher também”; que ele não podia suportar a gente moça; que “caberia à senhora, por dever de dignidade pessoal, interessar-se pelo seu marido e sustentar que ele tem espírito, ainda que fosse destituído de capacidade (e capacidades não me faltam), ou, foi a senhora a causa de toda a gente me desprezar aqui, tendo sido a senhora quem deu o tom a isso!…”. Gritou que aniquilaria a questão feminista e isto dum trago só; que aquele serão idiota em favor das professoras (que o diabo as leve!) ele o proibiria e suprimiria logo amanhã; faria expulsar da província “e por um cossaco, a primeira

professora que encontrasse no dia seguinte de manhã". E de caso pensado, vou fazer isso de caso pensado! — vociferou ele. — Sabia a senhora, sabia, que esses seus fedelhos estão semeando a agitação entre os operários da fábrica e que eu não ignoro isso? Sabia que eles espalham de propósito proclamações, de propósito? Sabia que conheço o nome de quatro desses valdevinos e que estou perdendo a cabeça, perdendo-a definitivamente, definitivamente!!!..."

Mas ao chegar a este ponto, Iúlia Mikháilovna rompeu de repente o silêncio e declarou, gravemente, que estava avisada desde muito tempo de que tentativas criminosas estavam sendo preparadas, que tudo aquilo não passava de tolices, que ele ligava demasiada importância àquilo; quanto aos fedelhos, conhecia não somente aqueles quatro, mas todos os outros (e com isto mentia); aliás, não tinha de modo algum a intenção de perder o juízo a propósito disso, bem pelo contrário, tinha fé mais do que nunca em sua inteligência e esperava coroar sua obra de uma maneira harmoniosa: encorajar os jovens, torná-los razoáveis, mostrar-lhes, de repente, sem que o esperassem, que seus desígnios estavam descobertos; em seguida orientar para outro objetivo sua atividade tornada assim mais firme e mais razoável. Oh! que aconteceu naquele momento a Andriéi Antônovitch? Sabendo que Piotr Stiepânovitch havia-o ludibriado ainda e de maneira tão grosseira, que fizera à sua mulher as confidências mais detalhadas, antes mesmo de haver-lhe feito revelações e que afinal talvez o próprio Piotr Stiepânovitch fosse o principal instigador da conspiração criminosa, ficou todo confuso de espanto. "Saiba, mulher leviana mas venenosa — exclamou ele, de repente, largando todos os freios de sua cólera, — saiba que mandarei prender imediatamente seu indigno amante, pôr-lhe algemas e vou despachá-lo para uma fortaleza ou então — ou então eu mesmo, agora, à sua vista, vou me atirar pela janela!" A esta tirada, Iúlia Mikháilovna, verde de raiva, respondeu logo por uma explosão de riso prolongado, sonoro, entrecortado de modulações e de intervalos, como no Teatro Francês, quando a atriz parisiense, contratada com honorários de cem mil rublos para desempenhar o papel das grandes amorosas, ri na cara do marido que ousa mostrar-se ciumento. Von Lembke esteve a ponto de atirar-se pela janela, mas de repente parou como pregado no lugar, juntou as mãos, e, com o rosto coberto de

uma palidez cadavérica, olhou com ar sinistro a mulher que ria: “Sabes, Iúlia, sabes… — proferiu ele com uma voz abafada e suplicante, — sabes que sou capaz de fazer alguma coisa?”. Mas diante do redobramento de hilaridade que acolheu estas últimas palavras, von Lembke cerrou os dentes, lançou um suspiro e atirou-se, não para a janela, mas contra sua mulher, brandindo o punho! Não o deixou cair, — não, decerto, e três vezes não, — e foi o que o perdeu. Com as pernas fraquejantes, recolheu-se a seu gabinete, lançou-se todo vestido sobre o leito, meteu a cabeça sob as cobertas e ficou assim durante duas horas, sem dormir, sem pensar em nada, com uma pedra sobre o coração e na sua alma uma espécie de vago e inerte desespero. De vez em quando, a febre o abalava da cabeça aos pés, num doloroso arrepio. Imagens incoerentes, que não se ligavam a nada, passavam diante de seu espírito: ora se lembrava, por exemplo, de um velho relógio que tivera em Petersburgo quinze anos antes e ao qual faltava o ponteiro que marca os minutos; ora recordava-se do alegre funcionário Maillebois e do pardal que ambos haviam apanhado no parque Alieksándrovski; depois que o agarraram, ocorreu-lhes de súbito que um deles já tinha o título de assessor de colégio, o que os fez rirem durante todo o passeio. Creio que adormeceu às sete horas, sem o notar, dormiu com delícias e teve sonhos agradáveis. Despertado cerca das dez horas, saltou bruscamente do leito, lembrou-se de súbito do que se passara e bateu na testa com a palma da mão: não quis ouvir falar de almoço, nem de Blümer, nem do chefe de polícia, nem do empregado que se apresentou para lhe lembrar que os membros da assembleia provincial de X*** esperavam que ele lhes presidisse à reunião naquela manhã; não recebeu ninguém, não escutou nada e não quis nada ouvir, mas precipitou-se como um louco para os aposentos de Iúlia Mikháilovna. Ali, Sófia Antônovna, velha dama da nobreza que desde muito tempo morava em casa de Iúlia Mikháilovna, informou-o de que esta, desde as dez horas da manhã, partira com grande acompanhamento, em três carros, para Skvopiéchniki, para a casa de Varvara Pietrovna. Devia examinar lá os locais para uma segunda festa em perspectiva, a qual se realizaria dentro de quinze dias, como ficara combinado desde a antevéspera com a própria Varvara Pietrovna. Impressionado com esta notícia, Andriéi Antônovitch voltou a seu gabinete e mandou logo atrelar seus cavalos. Mal pôde esperar. Sua alma tinha sede de Iúlia Mikháilovna,

só aspirava a olhá-la, a ficar cinco minutos a seu lado; talvez que ela, dirigindo-lhe ainda um olhar, o notasse, lhe sorrisse como no passado, perdoasse, oh! oh! “Pois bem! E os cavalos?” Maquinalmente abriu um grosso livro pousado em cima da mesa (procurava por vezes normas de conduta em um livro, abrindo-o ao acaso e lendo as três primeiras linhas da página direita). Eis o que encontrou *Tout est pour le mieux dans le méilleur des mondes possibles*. (Voltaire, *Candide*.)[136] Despeitado, cuspiu e apressou-se em subir no carro: “Para Skvopiéchniki!”. O cocheiro contou que o amo fez os cavalos galoparem durante todo o trajeto, mas que assim que se viram diante da casa de Varvara Pietrovna, deu de repente ordem de arrepiar caminho e regressar à cidade: “Mais depressa, peço-te, mais depressa”. A pouca distância do baluarte, “mandou parar de novo, desceu do carro e tomou um atalho através dos campos. Supunha que tivesse ele alguma vontade a satisfazer; mas eis que para e se põe a examinar florinhas, isto mesmo, de pé e durante tanto tempo que eu não sabia mais o que pensar da coisa”. Tal foi o testemunho do cocheiro. Lembro-me do tempo que fazia naquele dia: era uma manhã de setembro fria e clara mas ventosa. Diante de Andriéi Antônovitch, que voltava as costas para a estrada, estendia-se a paisagem monótona dos campos desde muito tempo ceifados; o vento sacudia os derradeiros vestígios de algumas pobres flores amarelas ressequidas… Será que ele queria comparar sua sorte com a daquelas florinhas murchas pelo outono e pelo frio? Não creio. Suponho mesmo que seu pensamento estivesse naquele momento bem afastado das flores, a despeito das alegações do cocheiro e das do comissário de polícia que, passando por lá em *drójki*, pretendeu mais tarde ter encontrado Sua Excelência no momento em que tinha na mão um buquê de florinhas amarelas. Esse comissário, Vassíli Ivânovitch Flibustiérov, era uma personalidade dum zelo administrativo impetuoso. Chegado havia pouco à nossa cidade, já se havia feito notar por seu excessivo zelo, pela sua maneira de meter-se em tudo e pela sua intemperança de certo modo inata. Saltando do carro e não duvidando nem um instante, à vista da ocupação do Governador, que este não tivesse ficado louco, pôs-se a anunciar-lhe à queima-roupa que “a cidade não estava tranquila”.

— Hem? O quê? — disse, voltando-se para ele Andriéi Antônovitch, cuja fisionomia severa não manifestou, no entanto, o

menor espanto e não pareceu tampouco se lembrar do cocheiro e da carruagem, como se se encontrasse em sua casa, em seu gabinete.

— O comissário de polícia do primeiro distrito, Flibustiérov, excelência. Houve uma revolta na cidade.

— Flibusteiros?[137] — perguntou Andriéi Antônovitch, pensativo.

— Precisamente, Excelência. A revolta é organizada pelos operários de Chpigúlin.

— De Chpigúlin!…

O nome de Chpigúlin pareceu lembrar-lhe alguma coisa. Estremeceu e levou um dedo à fronte: “Os operários de Chpigúlin!”. Em silêncio, mas sempre mergulhado em suas reflexões, voltou sem se apressar para sua caleça, sentou e fez-se conduzir à cidade. O comissário seguia-o em *drójki*.

Imagino que tenha tido durante o trajeto a percepção confusa de numerosas coisas bastante interessantes sobre muitos assuntos; todavia, é pouco provável que se tenha detido em uma decisão qualquer antes de chegar à praça diante de sua residência. Mas assim que viu a multidão dos revoltosos que se havia aglomerado ali, firme e resolvida a ali permanecer, o cordão dos policiais, a impotência (talvez mais fingida que real) do chefe de polícia e a expectativa ansiosa de que ele mesmo era objeto, todo o seu sangue refluiu ao coração. Desceu do carro, de rosto lívido.

— Tirem os gorros! — exclamou com voz abafada. — De joelhos! — acrescentou com um urro que foi uma surpresa para todos e para ele mesmo em primeiro lugar. Ora, é precisamente no caráter insólito de tal apóstrofe que se deve ver sem dúvida o desenlace de todo o caso. Foi aquilo como nas montanhas russas em dia de feira. Seria possível que os trenós, lançados do alto, pudessem deter-se a meio da ladeira? Infelizmente para ele, Andriéi Antônovitch durante toda a sua vida fizera-se notar pela sua estabilidade de ânimo, jamais gritara, elevara a voz ou batera o pé, e gente dessa qualidade é a mais perigosa desde que seu trenó se põe em movimento. Tudo começava a girar em torno dele.

— Flibusteiros!… — gritou, numa voz ainda mais esganiçada e ao lançar esta estúpida exclamação calou-se, ficou ali interdito, na ignorância do que devia fazer, mas sabendo bem, sentindo em todo o seu ser que chegara o momento de fazer alguma coisa.

— Senhor!… — disse uma voz na multidão. Um rapaz benzeu-se, três ou quatro homens quiseram efetivamente ajoelhar-se, mas os outros moveram-se maciçamente e, dando três passos para diante, puseram-se a falar todos ao mesmo tempo: "Excelência… fomos contratados ao preço de quarenta… o intendente… tu não podes dizer…" etc., etc. Era impossível distinguir algo de inteligível.

Ai! Andriéi Antônovitch não podia entender: continuava com suas flores na mão. A revolta era para ele tão patente como ainda a *kibitka*[138] para Stiepan Trofímovitch. E eis que, entre a multidão dos revoltosos que o olhavam arregalando os olhos, entrevia diante de si num sonho o instigador deles, Piotr Stiepânovitch, aquele Piotr Stiepânovitch que ele execrava…

— Açoites! — exclamou de maneira ainda mais inopinada.

Sucedeu-se um silêncio de morte.

Tais são os fatos que acabo de reconstituir, de acordo cem as informações mais exatas e baseando-me em minhas próprias conjeturas. Pelo menos tais são os fatos que ocorreram no começo, porque no que se refere à continuação, nem as informações, nem minhas conjeturas são assim tão precisas. No entanto, conhecem-se alguns fatos…

Em primeiro lugar, os açoites apareceram com demasiada pressa; evidentemente, prevendo-os, o chefe de polícia tinha-os prontos em caso de necessidade. Aliás, dois operários somente foram açoitados, creio que nem mesmo três. Insisti neste ponto. É falso pretender que o castigo haja atingido, senão a totalidade, pelo menos a metade dos manifestantes. Pura invenção igualmente o fato referente a uma pretensa dama nobre, pensionista de um hospício, que, acontecendo passar por ali, teria sido detida, sob um pretexto qualquer, e açoitada sem mais aquela. Eu mesmo, mais tarde, li a relação deste fato num jornal de Petersburgo. Muitos falaram entre nós duma tal Avdótia

Pietrovna Tarapíguina que, voltando para sua casa após uma visita e passando então pela praça, teria se misturado aos espectadores. Levada por um movimento de curiosidade bastante natural, aquela senhora, à vista do espetáculo, teria gritado: “Que vergonha!”, cuspindo em sinal de desprezo. Por causa disto, teria sido detida e “obrigada a retirar suas palavras”. Não somente foi esta história objeto de artigos nos jornais, mas organizou-se mesmo entre nós uma subscrição em favor da dama. Eu mesmo subscrevi vinte copeques. Ora, está provado agora que jamais existiu entre nós dama alguma respondendo pelo nome de Tarapíguina! Fui pessoalmente informar-me no hospício em que se pretendia estar ela asilada: o nome de Tarapíguina era ali desconhecido e, o que é mais, o pessoal do estabelecimento mostrou-se descontente por ter eu ido transmitir-lhe o boato que corria. Se lembrei em particular este fato referente à pretensa Avdótia Pietrovna, foi porque quase aconteceu o mesmo a Stíepan Trofímovitch (sempre supondo-se que a história tenha sido verdadeira). Talvez mesmo tenha sido isso que deu origem à estúpida invenção da tal Tarapíguina, isto é, que, apoderando-se do herói autêntico, os mexericos o tenham transformado depois numa Tarapíguina qualquer. Não compreendo sobretudo de que maneira Stiepan Trofímovitch me escapou, assim que chegamos à praça. Não pressentindo nada de bom, queria conduzi-lo à casa do Governador, fazendo-o dar a volta da praça. Mas cedendo eu mesmo à curiosidade, parei um instante para interrogar o primeiro recém-vindo e quando olhei em redor não mais encontrei Stiepan Trofímovitch a meu lado. Instintivamente, pus-me logo a procurá-lo no lugar mais perigoso; tinha como um pressentimento de que seu trenó acabava de largar-se de montanha abaixo. Efetivamente, achava-se ele já em pleno centro da ação. Lembro-me de que o peguei pelo braço, mas olhou-me com ar tranquilo e altivo em que se lia uma majestade incomensurável.

— *Cher* — disse ele, com uma voz em que tremia não sei que corda partida, — se aqui, em plena praça, procedem tão sem-cerimônias, que se pode esperar de bom daquele… se acreditar que deve agir por sua própria iniciativa?

E tremendo de indignação, num gesto provocador, apontou seu índice ameaçador para Flibustiérov que se encontrava a dois passos

dali e nos olhava de olhos arregalados.

— Daquele? — exclamou ele, cego de cólera. — Daquele quem? E tu quem és? — disse ele, aproximando-se de nós, com os punhos cerrados. — Quem és? — repetiu num tom colérico, em que transparecia uma vaga confusão (notarei de passagem que ele conhecia muito bem e pessoalmente Stiepan Trofímovitch). Ainda um momento e sem dúvida o teria agarrado pela gola; mas por felicidade Lembke, ao ouvir aquele grito, voltou a cabeça. Pareceu indeciso, enquanto olhava com atenção para Stiepan Trofímovitch, como se procurasse reunir suas ideias, mas fez de repente com a mão um gesto de impaciência. Flibustiérov calou-se. Arrastei Stiepan Trofímovitch para fora da multidão. Aliás, ele mesmo talvez tivesse vontade de bater em retirada.

— Para casa, para casa — insisti. — Se não nos bateram, devemos isso sem dúvida a Lembke.

— Vá-se embora, meu amigo. A culpa é minha se o fiz correr um perigo. Você tem uma carreira aberta à sua frente, ao passo que eu, *mon heure a sonné*.

Subiu com passo firme o patamar da casa do Governador. O porteiro me conhecia. Anunciei-lhe que vínhamos visitar Iúlia Mikháilovna. Sentamo-nos no salão de recepção e ficamos à espera. Não queria abandonar meu amigo; todavia, achava supérfluo dirigir-lhe ainda a palavra. Tinha ele o ar de um homem que se prepara para sacrificar a vida à pátria. Estávamos sentados não um ao lado do outro, mas cada qual no seu canto, eu mais perto da porta de entrada, ele, na outra extremidade, em frente, com a cabeça pensativamente inclinada e as duas mãos levemente apoiadas sobre sua bengala. Na mão esquerda segurava seu grande chapéu. Ficamos assim uns dez minutos.

## *II*

Lembke entrou de repente, a passos rápidos, acompanhado pelo chefe de polícia; olhou-nos distraidamente e, sem nos prestar a menor atenção, dirigiu-se para seu gabinete de trabalho, mas Stiepan

Trofímovitch foi plantar-se diante dele para barrar-lhe o caminho. A alta figura de Stiepan Trofímovitch, diferente de qualquer outra, causou impressão; Lembke parou.

— Quem é? — murmurou, perplexo, como se aquela pergunta se dirigisse ao chefe de polícia para o qual, entretanto, não voltou a cabeça, ocupado como estava em examinar Stiepan Trofímovitch.

— O assessor de colégio, aposentado, Stiepan Trofímovitch Vierkhoviénski, excelência — respondeu Stiepan Trofímovitch, com uma inclinação de cabeça cheia de dignidade. Sua Excelência continuou a fitar nele um olhar aliás perfeitamente inexpressivo.

— A que vem? — perguntou ele, com um laconismo verdadeiramente digno dum chefe, ao mesmo tempo que atentava para Stiepan Trofímovitch o ouvido, com uma impaciência desdenhosa, pois acabava de tomá-lo por um vulgar solicitante munido duma petição escrita.

— Hoje, vi-me objeto duma busca domiciliar da parte dum funcionário que agia em nome de Vossa Excelência. De modo que desejaria…

— O nome? O nome? — perguntou impacientemente Lembke, como se um clarão se acendesse no seu cérebro. Stiepan Trofímovitch repetiu seu nome com um ar de dignidade ainda maior.

— Ah! ah! ah!… é esse propagandista… Meu caro senhor, mostrou-se a uma luz tal… É professor? Professor?

— Tive outrora a honra de dar alguns cursos à mocidade da Universidade de X***.

— À mocidade! — Lembke teve uma espécie de arrepio, embora, apostaria, não tivesse compreendido de que se tratava, nem mesmo, parece, com quem estava falando.

— Isto, caro senhor, não o admitirei jamais — continuou ele, pondo-se num furor súbito. — Não admito a mocidade. São sempre proclamações. É um assalto à sociedade, senhor, um ataque de piratas,

flibusteirismo… Que vem o senhor solicitar?

— Foi, ao contrário, sua esposa quem me solicitou a fazer uma conferência amanhã na sua festa. Não solicito nada, vim reclamar meus direitos.

— Na festa? Não haverá festa. Não autorizarei vossa festa! Uma conferência? Uma conferência? — vociferou ele, furioso.

— Desejaria, excelência, que me falasse mais polidamente sem bater o pé, nem gritar comigo, como se eu fosse um criado.

— Sabe bem com quem está falando? — perguntou von Lembke que ficou rubro.

— Perfeitamente, excelência.

— Sou eu que faço um baluarte à sociedade, quando vosso propósito é destruí-la… destruí-la!… O senhor… lembro-me do senhor, aliás! Esteve como preceptor em casa da Generala Stavróguina.

— Sim, desempenhei essa função… de preceptor em casa da Generala Stavróguina.

— E durante vinte anos fez-se o senhor o propagandista de tudo quanto se acumulou até estes dias… de todos os frutos… Parece-me que o vi ainda há pouco na praça. Tome, contudo, cuidado, senhor, tome cuidado; a orientação de suas ideias é conhecida. Fique persuadido que estarei de olho. Não posso, senhor, tolerar seus cursos, não posso. Não é a mim que deve dirigir semelhantes petições.

Quis de novo passar para o seu gabinete.

— Repito que Vossa Excelência se engana. Foi a sua esposa que me pediu que fizesse, não cursos, mas uma conferência literária na festa de amanhã. Mas agora, eu mesmo me recuso a fazê-la. Peço-lhe muito humildemente que queira ter a bondade de explicar-me, se possível, por que motivo fui objeto duma busca esta manhã? Levaram-me vários livros, papéis, cartas particulares de que faço muita questão. Foi tudo carregado num carrinho de mão…

— Quem fez a busca? — disse estremecendo Lembke, voltando à situação, e cujo rosto se tornou rubro de novo. Voltou-se vivamente para o chefe de polícia. No mesmo momento, apareceu na soleira da porta a figura comprida, curvada e desgraciosa de Blümer.

— Foi aquele funcionário ali — disse Stiepan Trofímovitch, designando-o. Blümer avançou com um ar que confessava sua culpabilidade, mas sem o menor arrependimento.

— *Vous ne faites que des bêtises* — atirou-lhe von Lembke, num tom de irritação e de raiva. Depois, como que de repente, operou-se nele uma reviravolta e completamente senhor de si, balbuciou, todo desconcertado e corando ao extremo:

— Desculpe-me… tudo isso… tudo isso não passa provavelmente de um desazo, de um mal-entendido… de um simples mal-entendido…

— Excelência — observou Stiepan Trofímovitch, — fui na minha mocidade testemunha de um fato característico. Um dia, no corredor de um teatro, um espectador avançou bruscamente contra alguém e deu-lhe, em público, uma bofetada ressonante. Tendo percebido logo que sua vítima não era a pessoa a quem estava destinada a bofetada, mas um desconhecido que tinha apenas com aquela uma vaga semelhança, rapidamente e num tom precipitado de quem não poderia perder um tempo precioso, pronunciou exatamente as mesmas palavras de Vossa Excelência: “Enganei-me… desculpe, foi um engano, um simples mal-entendido”. E como, não obstante, o ofendido continuasse a manifestar seu descontentamento, o agressor declarou-lhe num tom extremamente melindrado: “Mas se lhe estou dizendo que foi um mal-entendido, por que insiste o senhor então?”.

— É… é efetivamente bastante engraçado — disse Lembke, careteando um sorriso, — mas não vê o senhor quanto eu mesmo sou infeliz?

Quase gritara essa confissão e… creio bem que teve ele vontade de esconder o rosto nas mãos.

Aquela dolorosa exclamação lançada de improviso, aqueles meio-soluços eram intoleráveis. Provavelmente era a primeira vez desde a

véspera que o Governador tinha a consciência nítida do que se tinha passado, e logo imediatamente se misturava a isso um sentimento de desespero humilhante, esmagador, infinito; quem sabe? um momento ainda e talvez viesse a rebentar em soluços. Stiepan Trofímovitch olhou-o, a princípio com um ar aturdido, depois curvou a cabeça e proferiu com um acento profundamente compenetrado:

— Excelência, não se inquiete mais com a minha mesquinha queixa. Mande apenas devolverem-me meus livros e meus papéis.

Nesse momento, foi interrompido pela chegada ruidosa de Iúlia Mikháilovna, acompanhada de seus amigos. Mas desejaria, tanto quanto possível, descrever aqui a cena em todos os seus detalhes.

## *III*

Em primeiro lugar, quando desceram dos três carros, correram todos, em magote, irrompendo no salão. Os aposentos de Iúlia Mikháilovna tinham sua entrada particular justamente à esquerda do patamar, mas desta vez todos se dirigiram para lá atravessando a sala, e precisamente, eu presumo, porque Stiepan Trofímovitch se encontrava naquela peça. O relato de sua aventura e dos incidentes relativos aos Chpigúlin tinha já sido feito por Liámchin a Iúlia Mikháilovna durante o trajeto de volta. Liámchin, esquecido por inadvertência e não tendo tomado parte no passeio, soubera por consequência antes de todos o que se passara na cidade. Na sua alegria maldosa de anunciar tão agradáveis notícias, alugou um péssimo pangaré e precipitou-se pela estrada de Skvopiéchniki ao encontro da cavalgada que voltava. Penso que Iúlia Mikháilovna, apesar de seu soberbo entono, sentiu, não obstante, certa perturbação ao ouvir aquelas terríveis notícias. Mas foi provavelmente apenas a duração de um relâmpago. O lado político da questão, por exemplo, não podia preocupá-la. Piotr Stiepânovitch já lhe havia sugerido por umas quatro vezes que era preciso mandar açoitar todos os revoltosos da fábrica Chpigúlin e na verdade, desde algum tempo, Piotr Stiepânovitch havia-se tornado para ela um conselheiro infalível. “Mas ainda assim, ele vai me pagar”, pensava ela, provavelmente; aquele “ele” referia-se naturalmente a seu marido. Observarei de passagem que Piotr Stiepânovitch desta vez também não fazia parte da excursão

e ninguém o viu em parte alguma durante toda a manhã. Lembrarei ainda a este respeito que Varvara Pietrovna, depois de ter recebido seus visitantes, voltou com eles à cidade (no carro de Iúlia Mikháilovna), querendo absolutamente assistir à derradeira sessão do comitê encarregado de organizar a festa que devia realizar-se no dia seguinte. Não é preciso dizer que as notícias levadas por Liámchin não podiam deixar de interessá-la e talvez mesmo de agitá-la.

O castigo de Andriéi Antônovitch não tardou a ocorrer. Logo ao primeiro olhar que lançou à sua excelente esposa, sentiu o Governador, ai!, que aquilo viria. Iúlia Mikháilovna, com seu ar mais agradável e com um encantador sorriso, aproximou-se de Stiepan Trofímovitch, estendeu-lhe a mão deliciosamente enluvada e encheu-o dos cumprimentos mais lisonjeadores, como se, durante a manhã inteira, não tivesse tido outras preocupações senão tratar de obter de Stiepan Trofímovitch que lhe desse afinal a honra de ir à casa dela. Nem a menor alusão à busca da manhã, como se ignorasse tudo. Nem uma palavra, nem um olhar a seu marido, tudo como se ele não estivesse presente na sala. Bem mais ainda, confiscou imediatamente Stiepan Trofímovitch e levou-o quase à força para o salão, como se ele não tivesse explicações em curso com o Governador, ou como se não valesse a pena que isto continuasse no caso de estar ocorrendo. Repito, Iúlia Mikháilovna, a despeito de seus grandes ares, pareceu-me então carecer completamente de tato. Karmázinov contribuiu bem particularmente para isso (a pedido pessoal de Iúlia Mikháilovna tomara parte na excursão e, dessa maneira, visitara, embora indiretamente, Varvara Pietrovna, fato pelo qual teve esta a fraqueza de mostrar-se encantada). Desde a soleira da porta (entrara por último), lançou uma exclamação e correu a apertá-lo em seus braços, cortando assim a palavra a Iúlia Mikháilovna.

— Quantos verões, quantos invernos! Afinal… *excellent ami*.

Beijou-o, bem entendido, oferecendo ele próprio a face. Stiepan Trofímovitch, perdendo a cabeça, viu-se mesmo obrigado a beijá-la.

— *Cher* — dizia-me ele, naquela mesma noite, recapitulando os acontecimentos do dia, — perguntei a mim mesmo naquele momento qual dos dois era mais covarde, ele que me beijava, a fim de humilhar-

me, ou eu que o desprezava e lhe beijava a face, quando teria podido dispensar-me disso… Ufa!

— Pois bem, conte-me pois… conte-me tudo — sussurrava Karmázinov, com uma voz hipócrita, como se fosse possível em vinte minutos empreender a narrativa de toda uma vida desde vinte e cinco anos. Mas aquela proposta estúpida lhe parecia do melhor gosto.

— Lembra-se de que nos vimos pela última vez em Moscou, no banquete dado em honra de Granóvski, e que desde então vinte e cinco anos decorreram? — começou Stiepan Trofímovitch muito compenetradamente (isto é, num tom muito pouco saliente).

— Esse caro homem! — interrompeu Karmázinov, lançando gritinhos e agarrando Stiepan Trofímovitch pelo ombro com uma familiaridade um tanto excessiva. — Mas leve-nos então o mais cedo possível a seus aposentos, Iúlia Mikháilovna! Ele se sentará lá e nos contará tudo.

— E entretanto jamais fui íntimo daquela irritante comadre — disse-me naquela noite Stiepan Trofímovitch, tremendo de cólera. Já, quando éramos moços, aprendera a detestá-lo… coisa que ele retribuía, nem é preciso dizer.

O salão de Iúlia Mikháilovna encheu-se bem depressa. Varvara Pietrovna achava-se num estado de particular superexcitação, malgrado os esforços que fazia para parecer indiferente; mas a vi, por duas ou três vezes, lançar um olhar de ódio a Karmázinov e de cólera a Stiepan Trofímovitch, cólera antecipada, cólera proveniente de um velho fundo de ciúme e de amor. Se daquela vez Stiepan Trofímovitch tivesse feito má figura e deixado que Karmázinov o maltratasse, creio que ela teria saltado em cima dele, para bater-lhe. Esquecia-me de dizer que Lisa se encontrava entre os presentes; jamais a vira tão alegre, tão despreocupada, tão jovial e tão feliz. Estava também naturalmente presente Mavríki Nikoláievitch. Depois, na multidão das jovens senhoras e dos rapazes meio dissolutos que compunham a comitiva habitual de Iúlia Mikháilovna e entre os quais o descaramento passava por alegria e o cinismo vulgar por espírito, notei dois ou três rostos novos: um polonês de passagem, muito

solícito; um doutor alemão, velhote ainda verde, que rebentava numa risada enorme de satisfação com suas próprias frases de espírito e afinal um jovem príncipe, chegado de Petersburgo, figura de autômato, apertado num uniforme com um colarinho desmedidamente alto. Mas era visível que Iúlia Mikháilovna tratava aquele hóspede com grande deferência e até mesmo se inquietava com o que pudesse ele pensar de seu salão.

— *Cher Monsieur* Karmázinov — disse Stiepan Trofímovitch que sentou num divã, numa posição pitoresca e que de súbito se pôs a cecear tão bem quanto Karmázinov, — a vida de um homem de nosso tempo, por pouco que possua certas convicções, deve, mesmo durante um período de vinte e cinco anos, apresentar um caráter de uniformidade.

Supondo provavelmente que Stiepan Trofímovitch acabava de dizer algo de muito engraçado, o alemão rompeu numa brusca e sonora gargalhada. Stiepan Trofímovitch olhou-o, fingindo espantar-se, o que, aliás, não produziu no alemão nenhum efeito. O príncipe também voltou para o alemão sua cabeça enterrada no colarinho, e, pondo seu pince-nez, examinou o alemão sem a menor expressão de curiosidade.

—… deve apresentar um caráter de uniformidade — repetiu de propósito Stiepan Trofímovitch, calcando cada palavra com a maior sem-cerimônia. — Tal foi minha vida durante todo este quarto de século, *et comme on trouve partout plus de moines que de raison*,[139] e como partilho inteiramente dessa opinião, resultou para mim que durante este quarto de século…

— *C'est charmant, les moines* — cochichou Iúlia Mikháilovna, voltando-se para Varvara Pietrovna, sentada a seu lado.

Varvara Pietrovna respondeu com um ar cheio de orgulho. Mas Karmázinov não pode suportar o êxito obtido pela frase francesa e, com sua voz esganiçada, interrompeu Stiepan Trofímovitch.

— Quanto a mim, estou bem tranquilo a este respeito, porque há já sete anos que vivo em Karlsruhe. E quando no ano passado o Conselho Municipal decidiu estabelecer nova canalização d'água, senti

bem no fundo de meu coração que essa questão da canalização das águas de Karlsruhe me era ainda mais querida que todas as questões de minha cara pátria… que todas as pretensas reformas daqui.

— É-se forçado a tomar interesse por elas, ainda mesmo a contragosto — suspirou Stiepan Trofímovitch, inclinando a cabeça com ar significativo.

Iúlia Mikháilovna estava radiante: a conversa tornava-se profunda e acusava certa tendência,

— Um tubo de esgoto? — perguntou em voz alta o doutor, a título de informação.

— Não, uma canalização, doutor, uma canalização e eu mesmo ajudei-os a redigir o projeto.

O doutor pôs-se a rir ruidosamente. Muitos imitaram seu exemplo, mas era do doutor que riam desta vez. Aliás, ele não notou e grande foi seu contentamento ao ver que todos riam.

— Permita-me não ser de sua opinião, Karmázinov — apressou-se em protestar Iúlia Mikháilovna. — Karlsruhe deve ser posta no seu lugar, e o senhor gosta de mistificar seus ouvintes, mas desta vez não cremos no senhor. Qual dos escritores russos o que pôs em cena maior número de tipos contemporâneos e indicou de maneira precisa os traços atuais que servem para compor a fisionomia de um homem de ação moderno? O senhor e nenhum outro. E quer depois disto convencer-nos de sua indiferença para com a mãe-pátria, convencer-nos do interesse excepcional que tem o senhor pela canalização de Karlsruhe? Ah! ah! ah!

— Sim, é verdade — ceceou Karmázinov. — Representei no tipo de Pogóchev todos os defeitos dos eslavófilos, e no de Nikodímov todos os defeitos dos ocidentalistas…

— Se fossem pelo menos todos — disse baixinho Liámchin.

— Mas ocupo-me com isso de passagem, unicamente para matar o tempo e… satisfazer às exigências importunas de meus compatriotas.

— O senhor sabe provavelmente, Stiepan Trofímovitch — prosseguiu com entusiasmo Iúlia Mikháilovna, — que teremos amanhã o prazer de ouvir páginas deliciosas: uma das derradeiras e das mais delicadas produções de Siemion Iegórovitch? Chama-se *Merci*. Anuncia-nos nessa peça que não escreverá mais, por coisa alguma do mundo, ainda mesmo que um anjo do céu ou, para melhor dizer, toda a alta sociedade lhe suplicasse para mudar de decisão. Em uma palavra, depõe a pena para sempre, e esse gracioso *Merci* é dirigido ao público, em reconhecimento pelo entusiasmo que este jamais cessou de manifestar durante a longa carreira dum escritor que honra o pensamento russo.

Iúlia Mikháilovna achava-se no auge do encantamento.

— Sim, farei minhas despedidas; direi o meu *Merci* e me retiro… para lá… para Karlsruhe… lá fecharei os meus olhos — declarou Karmázinov, cuja vaidade se entufava pouco a pouco.

Da mesma maneira que muitos de nossos grandes escritores (e os grandes escritores entre nós não são raros), não suportava o elogio e logo mostrava seu ponto fraco, a despeito de todo o seu espírito. Mas creio que se deve perdoá-lo. Pretende-se que um de nossos modernos Shakespeare exclamou bem claramente em meio duma conversa íntima: “nós, grandes homens, não saberíamos agir de outra maneira, etc.”. E nem mesmo se deu conta do que dissera.

— Lá, em Karlsruhe, cerrarei meus olhos. A nós, grandes homens, uma vez cumprida nossa tarefa, não nos resta senão cerrar os olhos o mais depressa possível, sem procurar recompensa. Assim o farei.

— Deixe-me seu endereço, irei visitar o seu túmulo, em Karlsruhe — disse o alemão, rindo desbragadamente.

— Hoje, transportam-se os mortos por caminho de ferro — notou de súbito algum dos jovens insignificantes. Nisto Liámchin lançou verdadeiros gritos de entusiasmo. Iúlia Mikháilovna franziu as sobrancelhas. Entrou Nikolai Stavróguin.

— E disseram-me que o senhor tinha sido conduzido à delegacia — disse ele em voz alta, dirigindo-se em primeiro lugar a Stiepan

Trofímovitch.

— Não, foi quando muito um caso particular[140] — pilheriou Stiepan Trofímovitch.

— Mas espero que não terá a menor influência sobre o meu pedido — insistiu Iúlia Mikháilovna. — Espero que o senhor não leve a mal esse aborrecido contratempo, cujo sentido até hoje não alcanço. O senhor não haverá de decepcionar as mais caras esperanças de seus amigos e não os privará do prazer de ouvir sua conferência na matinal literária.

— Não sei, eu… agora…

— Na verdade, sou bem infeliz, Varvara Pietrovna… imagine a senhora, justamente no momento em que teria querido tanto conhecer pessoalmente um dos espíritos russos mais notáveis e mais independentes, eis que Stiepan Trofímovitch manifesta a intenção de esquivar-se.

— O elogio foi pronunciado em tão alta voz que estaria eu obrigado a não tê-lo ouvido — observou com finura Stiepan Trofímovitch, — mas não creio que minha humilde pessoa seja tão indispensável à vossa festa. Aliás, eu…

— Mas vocês o mimam por demais! — exclamou Piotr Stiepânovitch, irrompendo no salão. — Mal o havia largado das mãos e eis que de repente, na mesma manhã: busca, detenção, um policial que o agarra pela gola. E eis agora essas senhoras a afagá-lo no salão do governador da cidade! Estou certo de que o entusiasmo neste momento lhe paralisa todos os membros! Jamais sonhou semelhante farra, mesmo dormindo. E agora irá deblaterar contra os socialistas!

— É impossível, Piotr Stiepânovitch. O socialismo é uma ideia demasiado grande para que Stiepan Trofímovitch não a reconheça — sustentou com energia Iúlia Mikháilovna.

— A ideia é grande, mas aqueles que a professam não são sempre gigantes, *et brisons là, mon cher*,[141] — concluiu Stiepan Trofímovitch, voltando-se para seu filho e levantando com um ar cheio de

dignidade.

Mas aqui sobreveio a circunstância mais imprevista. Desde alguns instantes já, von Lembke encontrava-se no salão, mas ninguém parecia notar sua presença, se bem que todos o tivessem visto entrar. Fiel à sua primeira ideia, Iúlia Mikháilovna continuava a ignorar-lhe a presença. Ficara ele não longe da porta e com ar sombrio, rosto severo, escutava as conversas. Ouvindo certas alusões aos fatos da manhã, começou a manifestar inquietação; quis dirigir-se ao príncipe cujo enorme colarinho postiço engomado impressionava-o visivelmente; depois sentiu uma espécie de arrepio, ao reconhecer a voz de Piotr Stiepânovitch e avistando-o. Mal Stiepan Trofímovitch acabara de proferir sua frase a respeito dos socialistas, o Governador avançou de súbito para ele. Ao passar, deu um encontrão em Liámchin que recuou logo, afetando um ar de surpresa e esfregando o ombro, como se o tivesse machucado violentamente.

— Basta! — disse von Lembke e, agarrando com energia a mão de Stiepan Trofímovitch, espantado, apertou-a com todas as suas forças na sua. — Basta, os flibusteiros de nosso tempo estão identificados. Nem uma palavra a mais. Todas as medidas estão tomadas…

Pronunciou estas palavras numa voz forte que ecoou por todo o salão e terminou-as com um tom enérgico. A impressão causada foi penosa. Todo mundo sentiu que aconteceria alguma coisa desagradável. Vi Iúlia Mikháilovna ficar lívida. A cena terminou por um incidente grotesco. Depois de declarar que medidas tinham sido tomadas, Lembke voltou-se, rígido, e dirigiu-se rapidamente para a porta, mas ao segundo passo, tropeçou no tapete com a cabeça para a frente e quase esborracha o nariz no soalho… Parou um instante, olhou o lugar onde seu pé havia escorregado, disse bem alto “é preciso mudar isso” e saiu. Iúlia Mikháilovna correu atrás dele. Assim que ela saiu, a algazarra tornou-se geral. As palavras que se conseguia distinguir eram as de “miolo mole” e “maluco”. Outros levavam o dedo à testa; Liámchin, de seu canto, elevava dois dedos acima da cabeça. Fazia-se alusão, bem baixo, é claro, a um infortúnio conjugal. Ninguém todavia pegava seu chapéu, todos esperavam. Ignoro o que fazia durante esse tempo Iúlia Mikháilovna; mas voltou ao fim de dez minutos, tentando com todas as suas forças parecer calma. Respondeu

evasivamente que Andriéi Antônovitch estava um pouco agitado, que estava sujeito a isso desde a infância, que sabia ela perfeitamente do que se tratava e que a festa do dia seguinte seria para seu esposo naturalmente uma excelente distração. Em seguida, após ter dirigido, mas apenas por polidez, algumas palavras lisonjeadoras a Stiepan Trofímovitch, convidou em voz bem alta todos os membros do comitê para abrirem a sessão. Era para aqueles que dele não faziam parte o momento de retirar-se, mas estava escrito que as aventuras daquela manhã funesta não teriam fim tão cedo.

No mesmo instante em que entrara Nikolai Vsiévolodovitch, havia eu notado que Lisa tinha brusca e longamente fixado seu olhar sobre ele; em seguida, ficou tanto tempo a examiná-lo que aquilo acabou por chamar a atenção. Vi Mavríki Nikoláievitch, que se encontrava por trás da moça, inclinar-se para ela como se quisesse falar-lhe em voz baixa, depois, tendo, sem dúvida, mudado de intenção, reerguer-se de repente e passear seu olhar pelos presentes, como se se sentisse culpado. Nikolai Vsiévolodovitch suscitou também a atenção; seu rosto estava mais pálido que de costume, e seu olhar extraordinariamente distraído. Mal dirigira ao entrar sua pergunta a Stiepan Trofímovitch, pareceu esquecer-se dele e creio mesmo que deixou de cumprimentar a dona da casa. Nem uma vez sequer lançou o olhar para Lisa, não, sustento isto, por um ato de vontade refletida, mas porque nem mesmo a percebera. E de repente, após os poucos instantes de silêncio que se seguiram ao convite feito por Iúlia Mikháilovna, eis que se elevou a voz sonora de Lisa, interpelando distintamente Stavróguin.

— Nikolai Vsiévolodovitch, um capitão chamado Liebiádkin, que se diz seu parente, o irmão de sua mulher, não para de enviar-me cartas inconvenientes, nas quais se queixa do senhor e me propõe revelar certos segredos que dizem respeito ao senhor. Se é ele realmente seu parente, proiba-o então de insultar-me e livre-me desses aborrecimentos.

O terrível desafio contido nessas palavras foi percebido por todos. A acusação era formulada de maneira precisa, se bem que a moça a tivesse feito talvez inopinadamente. Parecia aquilo a resolução de um homem que, fechando os olhos, se precipita do alto dum telhado.

Mas a resposta de Nikolai Stavróguin foi ainda mais estupefaciente.

Em primeiro lugar, era já uma coisa razoavelmente estranha a calma imperturbável com que havia escutado Lisa. Nem perturbação, nem cólera se manifestaram no seu rosto. E foi da maneira mais simples, mais categórica, e mesmo com um ar solícito, que respondeu à fatal pergunta:

— Sim, tenho a desgraça de ser aparentado àquele homem. Casei-me com a Senhorita Liebiádkina vai fazer cinco anos. Esteja certa de que lhe darei parte de suas exigências no mais breve prazo possível e posso responder-lhe que aquele homem deixará de persegui-la.

Jamais esquecerei o espanto que se pintou no rosto de Varvara Pietrovna. Levantou de sua cadeira, com ar desvairado, estendendo o braço direito como para proteger-se. Nikolai Vsiévolodovitch fitou cada um por sua vez, sua mãe, Lisa, os espectadores, sorriu de repente com uma expressão de infinito desdém, depois, sem se apressar, deixou o salão. Todo mundo observou que no momento em que Nikolai Vsiévolodovitch se encaminhava para a porta, Lisa se levantara de súbito do divã, fizera menção de precipitar-se em seu encalço; mas, tendo reconsiderado, retirou-se tranquila sem nada dizer a ninguém, nem olhar para quem quer que fosse, sempre acompanhada, não é preciso dizer, por Mavríki Nikoláievitch que se lançara atrás dela…

Não direi nada do barulho e dos boatos que correram na cidade naquela noite. Varvara Pietrovna encerrou-se em sua casa e disseram que Nikolai Vsiévolodovitch partiu diretamente para Skvopiéchniki, sem mesmo ter visto sua mãe. Stiepan Trofímovitch mandou-me de noite pedir *à cette chère amie* autorização para ir vê-la, mas não me receberam. Ele ficou profundamente magoado: “Semelhante casamento! semelhante casamento! tal monstruosidade na família!”, repetia a todo instante, com lágrimas nos olhos. Todavia não perdia de vista Karmázinov a quem injuriava copiosamente. Não deixava tampouco de preparar-se com intensidade para a conferência do dia seguinte, e, — artista consumado! — de se preparar diante de um espelho. Repassando na memória todas as frases de espírito e todos os

trocadilhos que fizera durante toda a sua vida e que guardava anotados num caderninho especial, para servi-los ao público.

— Meu amigo, é para a grande ideia — disse-me, sem dúvida à maneira de justificação. — *Cher ami*, saio do meu retiro em que me confinava desde vinte e cinco anos e eis-me de partida. Para onde? Ignoro-o, mas eis-me de partida…

# Terceira parte

## Capítulo primeiro / Primeiro ato. A festa

### *I*

A festa realizou-se, a despeito de todas as perplexidades que o dia anterior podia ter feito nascer. Mesmo que Lembke tivesse morrido durante a noite, creio que a festa seria realizada no dia seguinte, tão grande era a importância que Iúlia Mikháilovna dava a ela. Ai! até o derradeiro minuto ela persistiu na sua cegueira e não se deu conta das disposições do público. Para o fim, todo mundo estava persuadido de que o solene dia não se passaria sem algum escândalo retumbante, o "desenlace", segundo a expressão de alguns que, de antemão, esfregavam as mãos. Vários, é verdade, esforçavam-se por aparentar um ar carrancudo e político além da conta, mas em geral não há nenhuma espécie de escândalo e de desordem que não cause um prazer infinito aos russos. Para dizer a verdade, havia algo de mais sério ainda que a sede do escândalo: era a irritação geral, uma espécie de ferocidade implacável. Todas aquelas histórias tinham acabado por saturar toda a gente. O cinismo estava na ordem do dia, cinismo que se impunha pela força e pela opressão. Somente as senhoras não se deixaram desconcertar e ainda assim unicamente a respeito de um ponto: no ódio impotente que votavam a Iúlia Mikháilovna. Para isso convergiam as preocupações de todas. E a coitada não suspeitava de nada; até a derradeira hora ficou persuadida de que tinha "um círculo" e que lhe era ainda "fanaticamente devotado".

Já fiz menção do aparecimento entre nós de gente ordinária. Nas

épocas de perturbação e de transição, sempre e em toda parte, vê-se emergir a gente ordinária. Não faço alusão aos pretensos homens avançados, que têm por principal cuidado sempre ultrapassar os outros; para esses, por mais idiota que seja seu objetivo, existe pelo menos um fim nitidamente definido. Não, falo unicamente da ralé. Nas épocas de transição, vê-se surgir essa ralé que se encontra no fundo de toda sociedade, a qual não somente não tem objetivo nenhum, mas nem mesmo possui uma sombra de ideia e só pode quando muito servir de expressão aos elementos de inquietação e de perturbação. Entretanto, essa mesma ralé se submete, quase sempre sem o saber, às ordens da pequena súcia dos "avançados" que agem para um fim determinado e a governam como querem, contanto que essa súcia não seja composta de perfeitos idiotas, o que, aliás, algumas vezes acontece. Agora que tudo passou, dizem entre nós que Piotr Stiepânovitch esteve às ordens da Internacional, que ele manejava Iúlia Mikháilovna e que esta distribuía os papéis à ralé, de acordo com as instruções dadas por Piotr Stiepânovitch. Nossas cabeças mais sólidas perguntam-se ainda agora como se podia admitir então semelhante estado de coisas. Em que consistia o mal-estar geral? Donde provinha aquela crise? Para que tendia ela? Ignoro e creio bem que ninguém sabe, exceto talvez os poucos estrangeiros que residiam em nossa cidade. Entrementes, os indivíduos mais abjetos haviam tomado conta da ribalta; puseram-se a criticar abertamente todas as coisas veneráveis, quando antes jamais teriam ousado abrir a boca; e outros que outrora ainda eram os mandões, de súbito passaram a ouvi-los em silêncio, alguns mesmos a aprová-los. Ria-se da maneira mais desavergonhada. Gente da qualidade de Liámchin, de Tieliátnikov, proprietários como os Tientiétnikovi, fedelhos como os Radíchtchevi, judeus de sorriso contrafeito, mas cheio de arrogância, caixeiros-viajantes, poetas "com tendências", vindos da capital e poetas outros que, à falta de tendências e de talento, exibiam sua blusa e suas botas untadas de sebo, majores e coronéis que zombavam da estupidez de sua profissão e que, para ganhar um rublo a mais, estavam prontos a vender sua espada e mendigar um emprego de escriturário num escritório de estrada de ferro; generais que se tornaram advogados; juízes-de-paz que haviam saído de apuros; comerciantes a ponto de escapar de apuros; inúmeros seminaristas; mulheres representativas de toda a questão feminina, eis a espécie de gente que, de súbito, se

alçara entre nós aos primeiros postos e primava sobre o quê? Sobre o clube, sobre inúmeros funcionários, sobre generais com perna de pau, sobre as damas mais dignas e mais empertigadas de nossa sociedade. Com efeito, se Varvara Pietrovna, até a perda de seu filho, entreteve com toda aquela ralé relações quase regulares, devemos desculpar as nossas outras Minervas[142] por terem um instante perdido a cabeça. Como disse, todo mundo agora atribui toda a culpa à Internacional. Esta ideia parece tão bem firmada que até mesmo os estrangeiros de passagem por nossa cidade opinam neste sentido. Bem recentemente ainda o Conselheiro Kúbrikov, homem de 62 anos de idade, que trazia ao pescoço a cruz de comendador de Santo Estanislau, veio a confessar, inconsideradamente, e num tom compenetrado que, durante um período de três meses, tinha certamente evoluído na órbita da Internacional. Como lhe rogassem, com todas as atenções devidas à sua idade e a seus méritos, que se expressasse com mais precisão, tudo quanto pode dizer foi que "tinha sentido isso". Contudo nem por isso deixou de manter sua primeira afirmação, tanto que deixaram de interrogá-lo.

Repito ainda uma vez. Restava um pequeno grupo de gente séria que, desde o começo, se havia mantido à parte e mesmo aferrolhado em suas casas. Mas que ferrolhos poderiam resistir a uma lei da natureza? Nas famílias mais reservadas, encontram-se também mocinhas para as quais a dança é indispensável. Assim, todas essas pessoas acabaram por fazer subscrição em favor da obra protetora das professoras. Anunciava-se que o baile seria excepcionalmente brilhante; diziam-se maravilhas dele; corria o boato de que príncipes estrangeiros com lornhões a ele assistiriam. Falava-se de dezenas de comissários, todos jovens, que trariam no ombro esquerdo um laço de fita; celebridades políticas de Petersburgo; de Karmázinov que, para aumentar a receita, consentira em ler seu *Merci*, disfarçado de professora da província; da quadrilha da literatura que se exibiria e na qual cada figurante representaria, fantasiado, uma tendência literária. Por fim, alguém, também fantasiado, dançaria figurando "o honrado pensamento russo", o que por si só constituía algo de absolutamente inédito. Como não se deixar seduzir por semelhante programa? Todo mundo subscreveu.

## *II*

O festival, de acordo com dito programa, estava dividido em duas partes: uma matinal literária, do meio-dia às quatro da tarde, e um baile que começaria às dez horas e deveria prolongar-se pela noite inteira. Mas estas mesmas disposições ocultavam já elementos de desordem. Em primeiro lugar, e isto desde o começo, espalhou-se pelo público o boato de que haveria um almoço logo depois da matinal literária ou mesmo durante esta, no momento do intervalo especialmente reservado para este fim — almoço, bem entendido, gratuito, fazendo parte do programa e comportando champanhe. O preço excessivo do bilhete (3 rublos) contribuía para que se desse crédito a esse boato! "Com que então iria eu subscrever, se não houvesse isso? Essa festa deve durar umas vinte e quatro horas. Pois bem, a assistência deve ser alimentada, senão morrerá de fome." Eis como se raciocinava entre nós. Devo confessar que a própria Iúlia Mikháilovna contribuiu com sua leviandade para arraigar essa opinião funesta. Um mês antes, enquanto se achava ainda sob a influência do entusiasmo, nela suscitado pelo seu grande projeto, ia repetindo ao primeiro que aparecia que estava organizada uma festa e mandou ela mesma anunciar num jornal da capital que seriam levantados brindes na ocasião. O mais interessante é que essa ideia dos brindes lhe agradava singularmente: queria ela mesma erguê-los e, enquanto esperava, passava o tempo a compô-los. Por eles é que deveria ser explicado o principal lema arvorado em nossa bandeira (que bandeira era essa? Apostaria que a pobre mulher não tinha disso a menor concepção), deveriam eles ser também insertos, sob forma de correspondência, nos jornais da capital; enterneceriam e encantariam a autoridade suprema; iam se espalhar em seguida por todas as províncias, onde suscitariam por toda parte a admiração e a emulação. Mas para os brindes, champanhe é indispensável e como não se pode beber champanhe em jejum, está mais que claro que o almoço se impunha. Mais tarde, quando, graças a seus esforços, o comitê foi afinal constituído e que se veio a estudar o programa de mais perto, apareceu-lhe em completa evidência que, se se desse um banquete, não sobraria grande coisa para as professoras, por mais frutuoso que fosse o resultado da coleta. A questão podia pois resolver-se de duas maneiras: um verdadeiro festim de Baltasar[143] com os famosos brindes

e noventa rublos a distribuir às professoras, ou então realizar uma receita vultosa com uma festa que, propriamente falando, só seria uma festa pro forma. Aliás, o comitê tencionava lançar apenas um grito de alarme, pois ele mesmo imaginara um meio-termo, ao mesmo tempo conciliador e razoável, isto é, seria uma festa bem apreciável sob todos os aspectos, mas sem champanhe, e assim sendo restaria um saldo bastante apreciável e muito superior a noventa rublos. Mas Iúlia Mikháilovna não concordou com esse projeto. Seu caráter inteiriço levava-a a desprezar as meias-medidas tão do agrado dos burgueses. Imediatamente, estabeleceu em princípio que, se a primeira ideia era irrealizável, era preciso sem tardar lançar-se no extremo oposto, isto é, realizar uma receita colossal capaz de encher de inveja todas as outras províncias. "O público deve compreender — acrescentou ela, numa peroração cheia de ardor, — que a solução dos grandes problemas humanitários supera infinitamente os breves gozos corporais, que esta festa não é afinal senão a proclamação de uma grande ideia; é preciso pois que nos contentemos com uma festa das mais econômicas, à alemã, ou então com um simulacro de festa, se não se pode prescindir definitivamente desse insuportável baile!" Tomara repentinamente horror ao baile. Conseguiu-se, entretanto, acalmá-la. Foi então que se imaginou e propôs "a quadrilha literária" e outras coisas estéticas para substituir os gozos corporais. Foi então também que Karmázinov, que até ali não deixara de fazer momices e de cecear, consentiu definitivamente em ler *Merci* e graças a isso extirpar até mesmo a ideia de comer no espírito de nosso público tão pouco inclinado à sobriedade. Desta maneira o baile voltava a ser o grande triunfo da festa, mas de um outro ponto de vista. Todavia, para não desaparecer completamente nas nuvens, decidiu-se que se poderia, no começo do baile, servir chá com uma rodela de limão e um biscoito, depois orchata com limonada e até mesmo gelados, no fim… porém nada mais. Quanto àqueles que estão sempre com fome e sobretudo com sede em todas as circunstâncias, seria possível preparar para eles do outro lado dos apartamentos um bufê especial, cuja direção seria confiada a Prókhoritch (o chefe de cozinha do clube) que, sob o controle rigoroso do comitê, venderia tudo quanto se desejasse, pagando a despesa o consumidor: um aviso colocado sobre a porta da sala informaria o público de que as consumações não estavam incluídas no programa. Mas para que a sessão literária se realizasse no

maior silêncio, decidiu-se que, durante a matinal, o bufê não seria aberto, muito embora devesse estar instalado na quinta sala, além da sala branca onde Karmázinov consentia em ler *Merci*. Era curioso ver que extraordinária importância o comitê, inclusive as pessoas mais práticas, dava àquele acontecimento, isto é, à leitura de *Merci*. Quanto às pessoas de gosto poético, bastará citar um exemplo. A marechala da nobreza declarou a Karmázinov que, logo depois da leitura, mandaria encaixar na parede da sala branca uma placa de mármore com a inscrição seguinte, gravada em letras douradas: em tal dia, em tal data, o grande escritor russo e europeu, ao depor a pena, leu neste lugar *Merci* e despediu-se assim pela primeira vez do público russo na pessoa dos representantes de nossa cidade. Essa placa comemorativa seria exposta a todos os olhares, já desde a abertura do baile, isto é, justamente cinco horas após a leitura de *Merci*. Sei de fonte autorizada que Karmázinov tinha insistido, mais que qualquer outra pessoa, para que o bufê fosse suprimido na sessão da manhã, isto é, no momento em que se realizaria sua leitura. Teve-se de aceitar isso, se bem que certos membros do comitê tivessem observado que não estava aquilo de acordo com os usos e costumes existentes entre nós.

Achavam-se as coisas neste ponto, quando na cidade acreditavam todos ainda num festim de Baltasar, isto é, no bufê gratuito oferecido pelo comitê. Acreditou-se nele até a última hora. Até mesmo as senhoritas sonhavam com uma profusão de bombons e de doces e de todas as espécies de guloseimas extraordinárias. Todo mundo sabia que a subscrição era das mais elevadas; que na cidade disputavam-se os ingressos e que seu número era insuficiente para atender aos pedidos que afluíam dos distritos. Não se ignorava tampouco que, independente do montante da subscrição, houvera donativos generosos. Varvara Pietrovna, por exemplo, pagara trezentos rublos pelo seu ingresso e dera quase todas as flores de sua estufa para a decoração da sala. A marechala da nobreza (membro do comitê) oferecia sua casa, inclusive a iluminação; o clube contribuiu com a música e criadagem, cedendo além disso Prókhoritch para o dia inteiro. Houve ainda outros donativos, embora menos consideráveis, tanto que se chegou a ter a ideia de baixar o preço dos ingressos de três para dois rublos. O comitê com efeito temia no começo que, se o preço ficasse fixado em três rublos, as senhoritas não comparecessem,

de modo que propôs estabelecer-se uma espécie de ingressos familiares, graças aos quais cada família pagaria por uma moça somente e todas as outras pertencentes à mesma família, mesmo que chegassem ao número de dez, entrariam gratuitamente. Mas todos esses temores verificaram-se mal fundados. As senhoritas compareceram ao baile. Até mesmo os funcionários mais pobres a ele levaram suas filhas e é bem evidente que, se não as tivessem, jamais lhes teria passado pela cabeça a ideia de subscrever. Um insignificante secretário levou suas sete filhas, além de sua mulher, bem entendido, e uma sobrinha ainda por cima. E cada uma dessas pessoas tinha na mão, ao entrar, seu bilhete de três rublos. Depois isto, pode-se imaginar a quantidade de trabalho que tiveram as costureiras! Tanto mais quanto a festa estava dividida em duas partes e portanto as senhoras se encontravam na obrigação de usar dois vestidos, um para a leitura, o outro para a dança. Muitas pessoas pertencentes à classe média, como se soube mais tarde, tiveram naquela ocasião de empenhar até mesmo a roupa branca de uso, seus lençóis, senão mesmo os colchões, a judeus que havia dois anos, como que de propósito, pululavam na nossa cidade e não cessavam de aumentar sua colônia graças a novas imigrações. Quase todos os funcionários obtiveram o pagamento adiantado de seus vencimentos e certos proprietários venderam gado que lhes era necessário, tudo isso para permitir-lhes transformar suas filhas em marquesas e para não ficarem em situação de inferioridade para com outros.

O luxo dos trajes foi algo de inaudito em nossa cidade. Durante quinze dias, as conversas na cidade foram recheadas de anedotas referentes à vida privada de nossos concidadãos, anedotas que, logo imediatamente, eram transmitidas por más línguas a Iúlia Mikháilovna e seu círculo. Circularam também caricaturas. Eu mesmo vi vários desses desenhos no álbum de Iúlia Mikháilovna. Tudo isso era mais que conhecido das pessoas que forneciam o assunto para as anedotas e daí, na minha opinião, provém o ódio que tantas famílias votaram a Iúlia Mikháilovna nos últimos tempos. Agora todos elevam a voz e rangem os dentes, quando se evocam tais lembranças. Mas era fácil de prever que, se o comitê se mostrasse abaixo de sua tarefa, se o baile revelasse a mínima negligência, a explosão de descontentamento seria inaudita. Era por isso que cada qual, no seu íntimo, aguardava um

escândalo; e, uma vez que tal esperavam, como não teria ele deixado de ocorrer?

Pontualmente, ao meio-dia, a orquestra fez-se ouvir. Fazendo parte do número dos comissários, ou, por outras palavras, do “número dos doze rapazes com direito ao laço de fita”, vi com meus próprios olhos como começou aquele dia de vergonhosa memória. Logo de começo uma espantosa confusão na entrada. Donde proveio todo aquele fracasso, desde o primeiro minuto, a começar pela polícia? Não acuso o verdadeiro público: os pais de família, qualquer que fosse sua posição social, nem procuraram dar cotoveladas, nem foram acotovelados; quando muito pretende-se, pelo contrário, que ficaram aflitos vendo de fora espetáculo incomum entre nós, aquela onda de gente que invadia o patamar e assaltava a casa, mais do que nela penetrava. Enquanto isso, sucediam-se os carros que acabaram por atravancar a rua. Na hora em que escrevo, tenho dados muito seguros que me permitem afirmar que Liámchin, Lipútin e talvez ainda alguma outra pessoa, todos comissários como eu, deixaram que entrassem sem ingresso pessoas pertencentes à mais baixa classe da população. Pelo menos notou-se a presença de indivíduos completamente desconhecidos e que tinham vindo dos distritos ou mesmo de outras partes. Essas pessoas, grosseiras como eram, assim que entraram na sala trataram de saber onde ficava o bufê; ao saber que não havia bufê, puseram-se a lançar injúrias grosseiras, sem a menor contenção e com uma insolência até então sem exemplo entre nós. É verdade que vários dentre eles já se encontravam embriagados. Alguns permaneciam aturdidos como selvagens, diante da magnificência da sala; jamais haviam visto nada de semelhante e ficaram um instante boquiabertos de admiração. Aquela grande sala branca, se bem que fosse de construção antiga, era com efeito magnífica, pelas suas dimensões espaçosas, sua dupla iluminação, seu forro pintado à antiga e ornado de douraduras, suas tribunas, seus tremós com espelhos, suas cortinas vermelhas sobre fundo branco, suas estátuas de mármore (qualquer que fosse seu valor artístico, nem por isso deixavam de ser estátuas), seu pesado mobiliário de estilo império, branco e ouro, acolchoado de veludo carmesim. Para aquela circunstância, elevava-se na extremidade da sala um estrado destinado aos literatos que deviam fazer-se ouvir, e toda a sala, à maneira de uma plateia de teatro,

estava guarnecida de cadeiras entre as quais haviam-se reservado largas passagens para o público. Mas passado o primeiro espanto, as perguntas e as declarações mais estúpidas começaram a repontar. “Talvez não queiramos mesmo a leitura deles… Pagamos… Burlaram descaradamente o público… Somos nós os donos e não os Lembke!” Em suma, ficava a impressão que aquelas pessoas tinham sido convocadas para isso. Lembro-me de uma circunstância, na qual se distinguiu o jovem príncipe, entalado em seu colarinho e de expressão fixa na cara, que comparecera na véspera à recepção de Iúlia Mikháilovna. Cedendo às instâncias da Governadora, consentira, também ele, em pregar em seu ombro esquerdo o laço de fita e tornar-se nosso colega na qualidade de comissário. Aconteceu que aquele personagem comprido e mudo, de articulações de mola, sabia, se não falar pelo menos agir à sua maneira. Quando um antigo capitão reformado, homem duma estatura gigantesca, de rosto picado de varíola, fortalecido pelo apoio de um bando de vadios que trazia a reboque, o intimou a indicar-lhe o caminho do bufê, o príncipe fez um sinal a um polícia de plantão. A ordem foi executada no mesmo instante; a despeito dos protestos furiosos do capitão, que estava bêbado, ele foi lançado para fora da sala. Entrementes, o verdadeiro público ia afinal entrando e se espalhava por três longas filas entre as três fileiras de cadeiras. Os elementos turbulentos acalmaram-se, mas o público, mesmo o mais distinto, mostrava-se descontente e surpreso; várias senhoras estavam muito simplesmente aterrorizadas. Por fim cada qual tomou seu lugar: a música cessou. Todo mundo começou a assoar-se e a olhar em redor. Havia naquela expectativa algo de demasiado solene, o que não pressagiava nada de bom. Os Lembke não chegavam. A seda, o veludo, os diamantes brilhavam e cintilavam por todos os lados; o ar estava embalsamado de perfumes delicados. Os homens exibiam todas as suas condecorações e os próprios velhos haviam envergado seus uniformes. A marechala da nobreza apareceu, enfim, acompanhada de Lisa. Jamais Lisa se mostrara com uma beleza mais deslumbrante do que naquela matinal, nem vestida com tão suntuoso traje. Seus cabelos cascateavam em cachos, seus olhos lançavam clarões, um sorriso brilhava em seus lábios. Causou evidente sensação: todo mundo olhou-a, cochichando. Dizia-se que procurava com os olhos Stavróguin, mas nem Stavróguin, nem Varvara Pietrovna encontravam-se na sala. Nada compreendi então da expressão da

fisionomia de Lisa: por que tanta felicidade, alegria, energia se liam no seu rosto? Rememorando os incidentes da véspera, ficava perplexo. Os Lembke continuavam ausentes. Já era uma falta. Soube mais tarde que até o derradeiro minuto Iúlia Mikháilovna havia esperado Piotr Stiepânovitch, sem o qual não podia mais passar desde algum tempo, se bem que evitasse admitir isso em seu íntimo; mencionarei entre parênteses que na véspera, na derradeira sessão do comitê, Piotr Stiepânovitch recusara a insígnia de comissário, o que causara tamanho pesar a Iúlia Mikháilovna que até lágrimas lhe vieram aos olhos. Com grande espanto da Governadora, espanto que deu lugar a verdadeiro estupor (como o declarei acima), eclipsou-se ele durante toda a manhã e não assistiu à sessão literária, tanto que ninguém o viu até a noite. Por fim o público começou a dar sinais manifestos de sua impaciência. Ninguém tampouco aparecia no tablado. Nas derradeiras filas, puseram-se a aplaudir como no teatro. Os velhos e as senhoras franziam o cenho dizendo que os Lembke estavam abusando demais. Mesmo entre o escol da assistência começavam a circular boatos absurdos. Cochichava-se que, sem dúvida, a festa não se realizaria, que podia bem dar-se o caso de que Lembke estivesse verdadeiramente muito doente, etc., etc. Mas graças a Deus, os Lembke chegaram: o marido dava o braço à sua mulher. Confesso que naquele momento eu começava a desesperar do aparecimento deles. É forçoso crer que a verdade daquela vez vencera ainda as fábulas. O público pareceu respirar mais à vontade. O próprio Lembke parecia estar com uma saúde viçosa; assim, lembro-me, foi declarado unanimemente, porque pode-se imaginar quantos olhares se fitaram nele. Observarei, para precisar este caso particular, que na alta sociedade poucas pessoas davam crédito àquela versão segundo a qual teria sido von Lembke atacado duma doença mental. Seus atos eram considerados perfeitamente normais e a história que ocorrera na véspera, na praça, merecia mesmo alguma aprovação. “Era assim que ele gostava de agir nos seus começos — declaravam personagens altamente colocados. — Mas chega-se com ideias de filantropia e acaba-se como os outros, sem reparar que é ainda a maneira mais filantrópica.” Eis pelo menos como se raciocinava no clube. Não o censuravam por ter-se deixado levar ao arrebatamento: “Deveria ter mostrado mais sangue-frio; mas que se há de esperar? O homem é novato nas suas funções”, diziam as pessoas entendidas. Não menor

era a curiosidade com que os olhares se dirigiam para Iúlia Mikháilovna. Ninguém tem o direito, decerto, de exigir de mim que lhe transmita detalhes demasiado precisos a respeito de certa ordem de fatos; deve-se levar em conta o mistério, o respeito devido à mulher. Sei somente que na véspera, à noite, Iúlia Mikháilovna fora encontrar Andriéi Antônovitch em seu gabinete e ali ficara até bem depois da meia-noite. Andriéi Antônovitch foi perdoado e consolado. Os esposos se puseram de acordo sobre todos os pontos, tudo foi esquecido e como, ao final da explicação, von Lembke chegou mesmo a cair de joelhos, ao recordar-se com terror da desgraçada cena final que marcara a penúltima noite, a encantadora mãozinha de sua mulher, depois os próprios lábios dela, vieram cortar rente as efusões de arrependimento do marido, homem seguramente de uma delicadeza rara, mas debilitado pela ternura de seu sentimento. A expressão de felicidade que irradiava do rosto de Iúlia Mikháilovna não escapou a ninguém. Andava de fronte erguida, trazendo um vestido magnífico. Parecia estar no apogeu de seus desejos. A festa, termo e coroamento de sua política, era agora uma realidade. Dirigindo-se a seus lugares em frente ao estrado, os Lembke distribuíam cumprimentos, retribuíam as reverências. Logo foram cercados. A marechala da nobreza levantou para ir-lhes ao encontro… Foi então que ocorreu um lamentável mal-entendido; a orquestra, sem que se soubesse por que, executou uma marcha, não uma marcha qualquer, mas uma dessas peças que são de uso entre nós no clube, nos banquetes oficiais, quando se bebe à saúde de alguém. Sei agora que foi aquilo um golpe de Liámchin que, na sua qualidade de comissário, assim dispusera para saudar a entrada dos Lembke. Sem dúvida poderia sempre desculpar-se, dizer que agira por tolice ou por excesso de zelo. Ai! ignorava eu ainda que as desculpas eram o seu menor cuidado e que a execução do plano deles fora marcada para aquele dia. Mas nem tudo se limitou à marcha. Enquanto o público manifestava sua surpresa e chegava a sorrir, de repente, do fundo da sala e das tribunas partiram vivas, sempre como se em homenagem aos Lembke. Esses gritos não eram numerosos, mas devo acrescentar que duraram certo tempo. Iúlia Mikháilovna ficou rubra de cólera; seus olhos faiscaram. Lembke parou no seu lugar, depois voltando-se para o lado dos vociferadores, passeou pela sala um olhar majestoso e severo. Apressaram-se em fazê-lo sentar. Notei de novo, não sem

terror, o sorriso inquietante que ele mostrara na véspera de manhã, no salão de sua mulher, quando observava Stiepan Trofímovitch, antes de avançar para ele. Parecia-me ver ainda agora em seu rosto uma expressão furiosa e, o que é pior, ligeiramente cômica, a expressão de um homem que se imola para satisfazer as superiores finalidades de sua esposa… Iúlia Mikháilovna imediatamente chamou-me com um gesto para junto dela e me disse em voz baixa que fosse buscar Karmázinov e lhe rogasse que começasse sua leitura. Mal voltara as costas e já nova infâmia ocorria, muito mais grave que a primeira. Sobre o estrado vazio, para onde se dirigiam naquele momento todos os olhares e todas as expectativas e onde não se via senão uma mesinha e uma cadeira e sobre a mesa um copo d'água numa bandeja de prata, apareceu de repente a colossal figura do Capitão Liebiádkin de fraque e gravata branca. Fiquei de tal modo estupefato que nem podia acreditar no que via. O capitão, que estava com ar intimidado, parou no fundo do estrado. De repente, dentre o público, repercutiu um grito: "És tu, Liebiádkin?…". A estas palavras a caraça estúpida e vermelha do capitão abriu-se num largo sorriso idiota. Levantou a mão, coçou a testa, abanou a cabeça cabeluda, depois, como decidido a tudo, deu dois passos para a frente e, de súbito, estourou numa risada seguida, pouco ruidosa mas prolongada, jovial, que sacudiu todo o seu maciço corpanzil e tornou ainda mais apertados seus olhinhos. A este espetáculo, cerca da metade da sala pôs-se também a rir e uns vinte sujeitos puseram-se a aplaudir. O público sério entreolhava-se com ar sombrio; toda aquela cena não durara, porém, mais de meio minuto. Lipútin, arvorando o laço de fita, acabava subitamente de precipitar-se para o tablado, acompanhado de dois criados; com precaução, estes últimos agarraram o capitão, cada um por um braço, enquanto Lipútin lhe cochichava algumas palavras ao ouvido. O capitão fechou a cara. "Já que é assim", resmungou ele, fazendo um gesto de indiferença, depois voltando para o público suas costas enormes, desapareceu com seus guardas. Mas um instante depois, tornava Lipútin a subir ao estrado. Tinha nos lábios seu mais melífluo sorriso, habitualmente açúcar e vinagre, e entre as mãos segurava uma folha de papel de cartas. A passos miúdos, avançou até a beira do estrado.

— Senhoras e senhores — começou, dirigindo-se ao público, —

ocorreu por inadvertência um mal-entendido cômico, aliás agora dissipado; mas tomei a meu cargo, na esperança de cumpri-la dignamente, a missão de comunicar-vos um pedido profundamente respeitoso, dirigido por um poeta aqui da terra… Penetrado do pensamento humanitário e elevado… a despeito de sua aparência exterior… do mesmo pensamento que ora nos reúne neste lugar… que é o de enxugar as lágrimas das jovens instruídas de nossa província… esse senhor, quero dizer antes, esse poeta de nossa terra… desejando manter o incógnito… ficaria muito feliz em ver sua poesia lida antes da abertura do baile… ou melhor antes da conferência, quero dizer. Embora esta poesia não figure no programa, porque a entregaram há uma meia hora, pareceu-nos (A quem se referia esse "nos"? Transcrevo palavra por palavra aquela alocução confusa e desarticulada) que pela admirável ingenuidade de seu sentimento, unida a uma jovialidade não menos admirável, essa peça poderia ser lida, não como um espécime do gênero sério, mas a título de peça de circunstância, convindo perfeitamente a esta solenidade… Numa palavra, a ideia… tanto mais quanto em alguns versos… e quis solicitar a autorização da benévola assistência.

— Leia — gritou uma voz do fundo da sala.

— Devo ler, então?

— Leia, leia — gritaram várias vozes.

— Pois bem, vou ler, com a permissão do público — continuou Lipútin, com seu sorriso meloso. Todavia, não parecia decidido e acreditei mesmo notar nele agitação. Qualquer que seja o topete de gente dessa laia acontece-lhe por vezes hesitar… Sem dúvida o seminarista não teria hesitado naquela circunstância, mas Lipútin era, apesar de tudo, um homem de outra época.

— Previno, ou antes tenho a honra de prevenir que não se trata no caso de uma ode, como se escrevia outrora por ocasião dos festins, é antes, por assim dizer, uma brincadeira, mas de um sentimento incontestável unido a uma jovialidade crepitante, o que é o mesmo que dizer que se trata de uma página do mais verdadeiro e do mais impressionante realismo.

— Leia, leia!

Desdobrou o papel. Não é preciso dizer que ninguém teria podido impedi-lo de fazer isso. Por isso é que tivera o cuidado de arvorar sua insígnia de comissário. Com voz sonora, declamou:

À Compatriota Professora de Nossa Província,
no Dia de seu Festival, o Poeta Dedica:
Salve, salve, professora,
Rejubila-te e triunfa,
Retrógrada ou George Sand,
Pouco importa, rejubila-te!

— Mas é de Liebiádkin! Sim, é de Liebiádkin! — cochicharam algumas vozes. Ouviu-se uma risada e até mesmo aplausos, pouco numeroso é verdade.

Tu ensinas a fedelhos
O bê-a-bá do francês.
Sempre pronta a piscar olho
A qualquer rato de igreja.

— Viva! Viva!

Mas nesta hora de reformas,
Exigente é o sacristão,
E "arame" precisas ter
Para deixar o alfabeto.

— Justamente, justamente, eis o realismo, sem "arame" não há meio…

Mas com esta patuscada
Um capital reunimos,
E um dote, com nossas danças.
Vamos tudo te mandar.
Retrógrada ou George Sand,
Pouco importa, rejubila-te!
Tens um dote, professora:
Cospe em todos, triunfal!

Confesso que não acreditei em meus ouvidos. A desfaçatez se exibia tão abertamente que não era possível desculpar Lipútin, mesmo alegando-se a estupidez. Aliás, Lipútin não era estúpido. A intenção era clara, pelo menos para mim: tinha-se pressa em provocar

desordem. Alguns versos daquela composição idiota, o derradeiro, por exemplo, eram de natureza tal que a pior tolice não teria podido admiti-los. Lipútin pareceu também sentir que havia ido demasiado longe. Depois de sua façanha, não deixou o estrado e lá ficou, confuso, diante de sua própria audácia, como se estivesse querendo acrescentar alguma coisa. Esperava outra espécie de acolhida, mas até mesmo o grupo de arruaceiros, que havia aplaudido durante a leitura, calou-se de repente e pareceu também ele ferido de estupor. O mais assombroso da história é que vários dentre eles não notaram que aquela peça não passava de uma "pasquinada"; tomaram-na como a expressão real da verdade referente às professoras, ou por outras palavras, uma poesia tendenciosa. Mas o excesso de mau gosto que revelavam aqueles versos acabou por impressioná-los também. Quanto ao verdadeiro público, a sala toda inteira não só ficou escandalizada, mas considerou-se insultada. Não creio enganar-me assinalando esta impressão. Iúlia Mikháilovna contou mais tarde que esteve a ponto de desmaiar. Um velho dos mais venerandos convidou sua mulher a levantar e ambos deixaram a sala sob os olhares inquietos do público. Seu exemplo, quem sabe?, teria sido contagioso, se naquele momento o próprio Karmázinov, de fraque e de gravata branca, e tendo um caderno na mão, não tivesse aparecido no estrado. Iúlia Mikháilovna dirigiu-lhe um olhar marcado por um solene reconhecimento, como a um salvador… Mas eu já alcançara os bastidores: queria falar com Lipútin.

— O senhor fez aquilo de propósito! — disse eu, agarrando-o pelo braço, em minha indignação.

— Pelo amor de Deus, foi sem pensar — respondeu ele, num tom hipócrita, fingindo mostrar-se profundamente consternado. — Os versos acabavam de ser-me entregues, pensava fazer uma alegre brincadeira…

— O senhor não pensava nada disso… Será possível que considerasse aquela miserável porcaria uma alegre brincadeira?

— Mas, sim, é assim que a considero.

— O senhor mente e aqueles versos não lhe foram entregues

ainda há pouco. Foi o senhor mesmo quem os compôs em colaboração com Liebiádkin, talvez prevendo mesmo o escândalo. O derradeiro verso é certamente seu, bem como as palavras referentes ao sacristão. Por que Liebiádkin se apresentou de fraque? Queria então que ele mesmo lesse, se não se achasse embriagado?

Lipútin lançou-me um olhar glacial e venenoso:

— Que lhe importa? — perguntou-me, de súbito, com uma calma estranha.

— Como, que me importa? O senhor também traz o laço de fita… Onde está Piotr Stiepânovitch?

— Não sei de nada; aqui, em alguma parte. Por quê?

— Porque vejo claro agora. Foi tudo simplesmente uma conjura tramada contra Iúlia Mikháilovna. Querem anarquizar a festa…

Lipútin lançou-me de novo um olhar dissimulado:

— Mas que lhe importa? — disse ele com um sorriso e retirou-se, erguendo os ombros.

Fiquei siderado. Todas as minhas suspeitas se achavam confirmadas. E no entanto esperava ainda enganar-me. Que fazer? Pensava a princípio em consultar Stiepan Trofímovitch, mas este estava plantado diante de seu espelho, ensaiando sorrisos, sem cessar de lançar os olhos sobre o papel em que se encontravam consignadas suas notas. Era ele quem devia suceder imediatamente a Karmázinov. De modo que não estaria em condições de conversar comigo. Correr para junto de Iúlia Mikháilovna? Para isso era ainda demasiado cedo: tinha ela necessidade de uma lição muito mais severa para curar-se da convicção de estar “cercada” e de ser objeto dum “devotamento fanático”. Não teria acreditado em mim e eu passaria a seus olhos por um psicopata. E depois que socorro poderia ela dar-me? Ah! pensei, em que isto me diz respeito efetivamente? Retirarei minha fita e voltarei para casa, “quando isso começar”. Tinha realmente dito “quando isso começar”. Lembro-me perfeitamente. Mas era preciso ouvir Karmázinov. Lançando um derradeiro olhar por trás dos

bastidores, notei ali certo número de pessoas, até mesmo mulheres que circulavam, indo e vindo, sem motivo plausível. Aqueles bastidores ocupavam um espaço bastante restrito, separado do público por uma espessa cortina e comunicando por um corredor com as outras salas. Era lá que nossos leitores aguardavam sua vez. Mas fiquei de súbito impressionado à vista do leitor que deveria seguir-se a Stiepan Trofímovitch. Era uma espécie de professor (até hoje ainda não tenho certeza de sua identidade) que abandonara o ensino em consequência de certas agitações ocorridas entre os estudantes e que chegara desde alguns dias à nossa cidade para onde o atraíra não sei qual negócio. Também ele fora recomendado a Iúlia Mikháilovna, que o acolheu com benevolência. Sei agora que só fora à casa dela uma vez antes da conferência e não descerrara os lábios a noite inteira. Contentara-se com sorrir de uma maneira ambígua, diante das pilhérias que passavam por ser de bom-tom no círculo de Iúlia Mikháilovna e sobretudo produzira uma impressão desagradável pelos seus ares de suficiência e sua susceptibilidade suspicaz. Foi Iúlia Mikháilovna quem o convidou a ler alguma coisa. Agora, ele andava de um canto a outro murmurando para si mesmo como Stiepan Trofímovitch, mas fitando o chão em lugar de olhar-se num espelho. Não estudara seu sorriso, se bem que sorrisse frequentemente com uma expressão venenosa. Evidentemente, não era possível tampouco dirigir-lhe a palavra. Era um homem de baixa estatura, parecendo ter uns quarenta anos, calvo, usando uma barba grisalhante, decentemente trajado. Mas o mais interessante nele é que a cada volta sobre si mesmo, erguia o punho direito no ar e depois de havê-lo brandido acima de sua cabeça, abatia-o bruscamente como se quisesse pulverizar algum adversário. Esse gesto de charlatão repetia-se a todo momento. Experimentava uma sensação de mal-estar e corri o mais depressa possível a escutar Karmázinov.

## *III*

De novo, na sala, não parecia tudo ir correndo bem. Declaro de antemão: inclino-me diante da majestade do gênio, mas por que então os senhores nossos homens de gênio, chegados ao ocaso de seus anos gloriosos, se comportam por vezes como verdadeiras crianças? Por que Karmázinov apareceu naquela circunstância com o pomposo

cerimonial de cinco chanceleres? É possível reter uma hora inteira um público como o nosso com a leitura de um simples artigo? Em geral, tenho observado que nas reuniões literárias públicas não se poderia impunemente, mesmo sendo um gênio, interessar os ouvintes por sua pessoa, durante mais de vinte minutos. Na verdade, desta vez, o aparecimento do dito gênio foi saudado da maneira mais respeitável; os velhos mais graves manifestaram sentimentos de aprovação e de curiosidade e as senhoras exprimiram certo entusiasmo. Todavia os aplausos foram breves, e de certo modo pouco calorosos. Em contraposição, nas derradeiras filas não ocorreu o menor tumulto até o momento em que Karmázinov tomou a palavra, e mesmo então nada se passou de particularmente grave, quando muito um mal-entendido. Já disse que o romancista tinha uma voz demasiado estridente, um pouco feminina mesmo, com a qual ceceava duma maneira toda aristocrática. Mal ele pronunciara algumas palavras, quando alguém se permitiu lançar uma risada — algum imbecil provavelmente que não tinha o mínimo traquejo social e que era sem dúvida também dotado dum gênio jovial. Mas não havia naquilo a sombra de ideia de menor manifestação de desagrado. Pelo contrário, foi imposto silêncio ao malcriado que teve vontade de afundar-se chão adentro. Mas eis que o Senhor Karmázinov declara, requebrando-se e retorcendo-se, que, em primeiro lugar, não tinha "por coisa alguma do mundo querido consentir em fazer aquela leitura (que necessidade tinha ele de confessar isso?). Há, vede, linhas que brotam tão diretamente do coração que é impossível proferi-las em voz alta e não se poderia, por consequência, sem profanação, levá-las ao conhecimento do público (pois bem, então por que as levava ele?). Mas como lhe haviam rogado, ali as trazia e, além disso, já que depôs a pena para sempre e jurou a si mesmo não escrever mais nada, escreveu então essa derradeira coisa, e já que jurou nunca mais ler em público, vem ler ao público este último artigo", etc., etc. O resto neste estilo.

Mas tudo isto nada teria sido; quem não conhece os prefácios de autor? Observarei, entretanto, que semelhante entrada em matéria podia ter alguma influência sobre as disposições duma assistência tão pouco cultivada quanto a nossa, e notadamente sobre o público turbulento do fundo da sala. Não teria melhor valido que Karmázinov se contentasse com ler uma pequena novela, uma narrativa bem

pequena, segundo a sua primitiva maneira, um pouco preciosa, marcada de afetação, mas por vezes não destituída de espírito? Com isso tudo teria sido salvo. Pois bem, não! nada houve de semelhante. Começou a ler-nos uma rapsódia! Meu Deus! quantas coisas havia ali dentro! Declaro sem rebuço: era de causar catalepsia ao público de Petersburgo e com mais forte razão ao nosso. Imaginai cerca de duas páginas impressas, cheias da parolagem mais especiosa e mais inútil; aquele senhor que lia, além disso, do alto de sua grandeza, e como que fazendo favor, conseguiu naturalmente melindrar nosso público. O tema… mas quem teria podido discutir esse tema? era o relato de certas impressões, de certas recordações. Mas a que respeito? A propósito de quê? Nossas testas de provincianos, por mais que formassem rugas durante toda a primeira parte da leitura, não conseguiram entender patavina, tanto que só se escutou a segunda por delicadeza. Na verdade, tratava-se por demais de amor, do amor do gênio por certa pessoa, mas confesso que isso destoava ligeiramente. Na minha opinião não quadrava isso com a figura atarracada e barriguda do genial escritor que nos falava ele próprio de seu primeiro beijo… E o que havia de mais desagradável para nós, é que aquela história de beijo não se passava, bem entendido, como no resto do universo. Era preciso absolutamente que em redor crescessem giestas (sim, giestas, a menos que não seja alguma outra planta que reclame consulta aos livros de Botânica). No céu, um tom violeta, que jamais olho humano pode discernir, isto é, se todos bem o viram, nenhum conseguiu discerni-lo, “pois bem, eu observei-o e o descrevo a vocês, imbecis, como se fosse a coisa mais comum”. A árvore sob a qual se sentou o interessante casal amoroso não pode deixar de ser cor de laranja. Encontram-se elas em qualquer parte da Alemanha. De repente, avistam Pompeu ou Cássio à véspera duma batalha e o frio do entusiasmo penetra os nossos dois amorosos. Alguma ondina lançou um gritinho nas moitas, Glück[144] acaba de tocar violino nos caniços. O trecho que ele tocou era designado *en toutes lettres*,[145] mas ninguém o conhecia, tanto que é preciso, se se quiser ter uma informação, recorrer a um dicionário de música. Entrementes o nevoeiro se tornou mais espesso, de tal modo espesso que mais se assemelhava a um milhão de edredões do que a um nevoeiro. E de súbito tudo desaparece e o grande gênio atravessa o Volga, no inverno, no momento de degelo. Duas páginas e meia de travessia, mas não

obstante o gelo cede sob seu passo. O Gênio é tragado — pensais que ele se afogou? Não pensou nisto um só instante. Tudo isso era para que no momento em que ele se engolfava e ia definitivamente afogar-se, viesse oferecer-se a ele um pequeno pedaço de gelo, um pequenino pedaço de gelo do tamanho de uma ervilha, mas puro e transparente, "como uma lágrima gelada", onde se teria refletido a Alemanha ou, para melhor dizer, o céu da Alemanha. Esse reflexo, pela sua irisação, lembrou-lhe aquela mesma lágrima que, "lembras-te, rolou de teus olhos, quando estávamos sentados sob a árvore esmeraldina e tu exclamavas alegremente: O crime não existe!… — Sim, digo eu, por entre minhas lágrimas, mas se é assim, não há tampouco justos. — Rebentamos em soluços e nos separamos para sempre". Ei-la à beira-mar, enquanto ele desce a cavernas; desce, desce e, após uma descida de três anos, chega a Moscou, sob a torre de Sukhárie v. De repente, no seio da terra em que se cava aquela caverna, ele descobre uma lâmpada, e diante daquela lâmpada, um asceta rezando. O Gênio se inclina para um estreito respiradouro gradeado e de repente ouve um suspiro. Acreditais que tenha sido o asceta quem suspirou? Que lhe importa aquele asceta? Não, não, aquele suspiro fazia-o evocar simplesmente o primeiro suspiro de sua bem-amada, trinta e sete anos antes, quando "lembras-te, na Alemanha, estávamos sentados sob a árvore de ágata e tu me dizias: De que serve amar? Olha, a sombra se estende em redor e eu amo; mas a sombra deixará de estender-se e eu não amarei mais". Aqui o nevoeiro se espessa de novo. Hoffmann acaba de aparecer; uma ninfa assobiou algum noturno de Chopin e de repente emerge do nevoeiro a fronte laureada de Anco Márcio,[146] de pé sobre as ameias de Roma. "Um arrepio de entusiasmo sacudiu nossas espinhas e demo-nos adeus para sempre", etc., etc… numa palavra, pode dar-se que eu não tenha reproduzido e seja mesmo incapaz de reproduzir integralmente aquele anfiguri, mas certifico que tal era o seu sentido, mais ou menos. E afinal, que vergonhosa paixão dos nossos grandes homens pelas graçolas, no sentido profundo da palavra! Os grandes filósofos europeus, os sábios, os inventores, os artistas, os mártires, todos esses homens de pensamento e de ação nada são para o nosso Gênio russo senão moços de sua cozinha. É ele o mestre e aqueles só se apresentam diante dele para receber suas ordens, de boné na mão. Não deixa, na verdade, de ridicularizar a Rússia e nada lhe é mais agradável que proclamar a bancarrota de seu

país sob todos os aspectos, diante dos grandes espíritos da Europa, mas no que a ele diz respeito pessoalmente — pois bem, não, plaina acima de todos aqueles grandes espíritos, os quais, quando muito, servem de material para suas graçolas. Toma uma ideia alheia, liga-a à sua antítese e está feito o trocadilho. O crime existe, o crime não existe; a verdade não existe, não há justos; o ateísmo, o darwinismo, os sinos de Moscou… Mas ai! desde muito cessou de crer neles, nos sinos de Moscou; Roma, os louros… mas não crê mais nem mesmo nos louros… Aqui, acesso obrigatório de *spleen* byroniano, ricto de Heine, alguma coisa de Petchórin, e a máquina marcha, marcha, trepidante e apitante… "Aliás, louvai-me, louvai-me, adoro isso. Se disse que depositava a pena, não passava de um fingimento. Esperai, ainda vou aborrecer-vos trezentas vezes, ficareis fatigados de ler-me…"

A leitura, bem entendido, não devia prolongar-se impunemente, mas o pior é que o próprio Karmázinov provocou a reação. Desde muito tempo já o público pusera-se a tossir, a assoar-se, a mexer os pés, como acontece quando, numa sessão literária, um escritor, qualquer que ele seja, pretende reter a atenção mais de vinte minutos. Mas o genial romancista não se apercebera de nada e continuava a cecear, sem a menor consideração pela assistência que começava a levar a mal o gracejo. De repente, vindo das derradeiras filas, uma voz isolada mas forte fez-se ouvir:

— Deus meu! que idiotices!

Foi uma exclamação involuntária e estou certo de que sem a menor intenção. O ouvinte havia-se simplesmente cansado. Mas Karmázinov parou, olhou a assistência com um olhar malicioso e, de súbito, pergunta com o tom majestoso de um chanceler que se sente ultrajado:

— Parece, senhoras e senhores, que vos aborreci bastante!

Seu erro foi ter falado em primeiro lugar; fazendo apelo a uma resposta, dava por isto mesmo a não importa qual pulha a possibilidade e, por assim dizer, o direito, de tomar a palavra, ao passo que, se se tivesse contido, o público teria se contentado com assoar-se, como precedentemente, e tudo teria acabado de qualquer

forma. Talvez ele esperasse receber aplausos em resposta à sua pergunta; mas não os houve; pelo contrário, todo mundo ficou quieto, tomado dum vago sentimento de medo.

— O senhor jamais viu Anco Márcio. Tudo isso são frases — lançou, de súbito, uma voz irritada em cujo tom se percebia certo mal-estar.

— Precisamente — apoiou logo outra voz. — O tempo das visões passou, estamos na era das ciências naturais. O senhor faria melhor referindo-se às ciências naturais.

— Senhores, estava longe de esperar tais críticas — exclamou Karmázinov, no auge do espanto. À força de viver em Karlsruhe, o grande gênio não reconhecia mais sua pátria.

— É uma vergonha em nossa época vir dizer-nos que o universo repousa em cima de três peixes[147] — disse de repente uma moça de voz de matraca. — O senhor, Karmázinov não pode descer àquelas cavernas onde diz que viu um asceta. E quem hoje fala ainda de ascetas?

— Senhores, estou sobretudo estupefato diante de tal seriedade… Aliás… tem plenamente razão. Ninguém mais do que eu respeita a verdade verdadeira.

Se bem que sorrisse ironicamente, estava bastante perturbado, sua fisionomia parecia dizer: “Não sou aquele que acreditais que eu seja. Estou convosco, mas contanto que me aplaudais; elogiai-me mais, o mais possível, adoro isso”…

— Senhores — gritou ele afinal totalmente irritado, — vejo que meu pobre e pequeno poema não atingiu seu alvo e eu mesmo, parece, não o atingi.

— Visava um corvo e atingiu uma vaca — gritou um imbecil, a plenos pulmões, bêbado provavelmente, ao qual, sem dúvida, teria sido melhor não prestar atenção. Na verdade, provocou ele uma risada das mais desrespeitosas.

— Uma vaca, diz o senhor? — replicou Karmázinov, taco a taco, com uma voz sempre mais estridente. — Em questão de corvos ou de vacas, senhores, creio dever abster-me. Respeito por demais o público para permitir-me comparações, mesmo as mais inocentes, mas teria acreditado…

— No entanto, meu caro senhor, não deveria demasiadamente… — interveio alguém do fundo da sala.

— Mas supunha eu que, depondo a pena e despedindo-me do leitor, seria escutado…

— Não, não, desejamos escutar, continue — atreveram-se por fim a pronunciar-se algumas vozes da primeira fila.

— Leia, leia — disseram algumas senhoras entusiastas e houve por fim aplausos, curtos, é verdade, e bastante fracos. Karmázinov sorriu amarelo e levantou-se para retirar-se.

— Creia, Karmázinov, que fazemos questão de honra… — não pode impedir-se de dizer a marechala da nobreza.

— Senhor Karmázinov — exclamou de repente, do fundo da sala, uma voz fresca e juvenil. Era a voz dum professor de colégio do distrito, belo rapaz, taciturno e distinto de maneiras que havia pouco tempo morava entre nós. Levara a polidez a ponto de levantar. — Senhor Karmázinov, se tivesse eu tido a felicidade de amar assim como o senhor acaba de descrever, não teria decerto jamais feito alusão a meu amor num artigo destinado a ser lido em público.

E ao dizer isto, tornara-se muito vermelho.

— Senhores — gritou Karmázinov, — terminei, abrevio o fim e retiro-me. Permiti-me, porém, ler as seis derradeiras linhas à guisa de conclusão: “Sim, amigo leitor, adeus! — continuou logo, baixando os olhos sobre seu manuscrito e sem tornar a sentar-se. — Adeus leitor, evitarei mesmo insistir demais para que nos separemos como amigos. De que serve com efeito importunar-te? Bem mais, injuria-me, oh! injuria-me tanto quanto queiras, se isto te proporciona o mínimo prazer. Mas o melhor seria que nos esquecêssemos um do outro para

sempre. E mesmo que vós todos, leitores, tivésseis a bondade de suplicar-me de joelhos, derramando lágrimas, de dizer-me: “Escreve, oh! escreve para nós, Karmázinov, para tua pátria, para a posteridade, para as coroas de louros”, pois bem, eu vos responderia, agradecendo-vos, é claro, com toda a polidez devida: “Não, por longo tempo seguimos um e outro o mesmo caminho, caros compatriotas, obrigado. É tempo de partir cada qual para o seu lado! Obrigado, obrigado, obrigado!”.

Karmázinov cumprimentou cerimonioso e vermelho, como se o tivessem assado, retirou-se para os bastidores.

— Que estranha mania! Ninguém irá pôr-se de joelhos.

— Que amor-próprio!

— Tudo não passa de humorismo — observou alguém mais avisado.

— Não, qual humorismo, qual nada.

— Mas isso o que é, é uma insolência, senhores.

— Seja como for, pelo menos já acabou.

— Mas que maçada!

Todas essas opiniões descorteses, que vinham do fundo da sala (e somente do fundo), foram, porém, abafadas pelos aplausos da outra parte do público. Algumas senhoras, com Iúlia Mikháilovna e a marechala da nobreza à frente, agruparam-se ao pé do estrado. A mulher do governador tinha nas mãos uma magnífica coroa de louros colocada sobre um coxim de veludo branco, cercado por outra coroa de rosas naturais.

— Louros! — proferiu Karmázinov, com um fino sorriso, marcado de leve amargura. — Estou comovido, sem dúvida, e aceito com viva emoção essa coroa preparada de antemão e que não teve ainda tempo para murchar; mas asseguro-vos, minhas senhoras, que me tornei de repente tão realista que acho que em nossa época os louros estão muito mais em seu lugar nas mãos de um cozinheiro do que entre as

minhas.

— Sim, porque um cozinheiro é mais útil — exclamou o seminarista que tomara parte na “sessão” em casa de Virguínski.

A ordem estava um tanto perturbada na sala. Muitas pessoas tinham deixado seus lugares para ver de mais perto a cerimônia da coroa de louros.

— Eu pagaria de boa vontade mais três rublos ainda, neste momento, pelo cozinheiro — disse outro elevando a voz, elevando-a bastante alto mesmo, muito de propósito.

— Eu também.

— Eu também.

— Mas não há então bufê aqui?

— Senhores, fomos simplesmente bigodeados!

É preciso, aliás, reconhecer que toda aquela gente ordinária estava ainda mantida em respeito pela presença das autoridades e do comissário de polícia. Ao fim de dez minutos todos haviam voltado a seus lugares, mas a ordem não foi restabelecida. E foi em meio dessa atmosfera de tempestade que caiu o pobre Stiepan Trofímovitch.

## *IV*

Corri, no entanto, a seu encontro nos bastidores e tive tempo de preveni-lo. Estava fora de mim. Fiz-lhe ver que, na minha opinião, devia ele abster-se, senão poria fogo à pólvora; que o melhor era recorrer ao pretexto da colerina e voltar para casa aonde o acompanharia, depois de ter-me livrado do laço de fita. Naquele momento, dirigia-se ele para o estrado; parou de súbito, olhou-me de alto a baixo e replicou num tom solene:

— Por que me considera o senhor capaz de semelhante baixeza?

Bati em retirada. Estava certo, como dois e dois são quatro, de que sua intervenção não ocorreria sem catástrofe. Enquanto ficava eu

assim num abatimento completo, avistei de repente o vulto do professor que devia suceder no estrado a Stiepan Trofímovitch e que continuava fazendo molinetes com seus braços e punhos. Passeava para lá e para cá, absorvido em si mesmo, e resmungava para dentro de sua barba coisas vagas, com venenoso sorriso de satisfação. Encaminhei-me para ele e disse-lhe irrefletidamente:

— O senhor deve saber, graças a numerosos exemplos, que se um orador procura reter a atenção do público além de vinte minutos, este não o escuta mais. Nem mesmo uma celebridade resiste à meia hora…

Ele parou bruscamente e como se tivesse estremecido ao toque da injúria. Uma arrogância desmedida pintou-se em suas feições.

— Não se preocupe — resmungou, num tom desdenhoso, e passou adiante. Neste momento repercutiu na sala a voz de Stiepan Trofímovitch.

"Pois que o diabo leve a todos!" pensei entre mim e corri para a sala.

Stiepan Trofímovitch tomara lugar na poltrona antes que a agitação estivesse de todo acalmada. Os ouvintes das primeiras filas acolheram-no com olhares visivelmente malévolos. (No clube, desde algum tempo já, tinham deixado de estimá-lo e não lhe testemunhavam mais tanto respeito como outrora.) Aliás, devia dar-se por feliz pelo fato de não lhe terem imposto silêncio. Desde a véspera, uma ideia estranha não deixava de perseguir-me: sempre me parecia que o receberiam com assobios, assim que ele se mostrasse. Todavia, em consequência da agitação que reinava ainda na sala, não se notou a princípio sua presença. E que bem podia esperar o bom do homem após o tratamento infligido a Karmázinov? Estava pálido. Havia dez anos que não aparecia em público. Pela sua emoção, por outros indícios que me eram bastante familiares, via claramente que considerava sua aparição no estrado como um acontecimento desejado pelo destino ou algo nesse gênero. Era justamente isto que eu temia. Gostava daquele homem. E que me tornei eu, quando ele abriu a boca e ouvi sua primeira frase!

— Senhores! — começou ele, de repente, como se estivesse

disposto a tudo e, apesar disso, com uma voz quase estrangulada. — Senhores! Ainda esta manhã tinha diante de mim uma dessas pequenas folhas clandestinas que vêm sendo espalhadas desde pouco tempo pelo país, e, pela centésima vez, fazia a mim mesmo esta pergunta: “Em que consiste seu segredo?”.

Toda a sala, instantaneamente, se calou, todos os olhares se dirigiram para ele, alguns cheios de inquietação. Não é preciso dizer que, desde a primeira frase, conseguira interessar o público. Viam-se mesmo cabeças emergirem dos bastidores: Lipútin e Liámchin prestavam ouvidos, com uma curiosidade ávida. Iúlia Mikháilovna fez-me de novo um sinal com a mão.

— Faça-o parar, custe o que custar, faça-o calar-se — murmurou ela, angustiada. Contentei-me com erguer os ombros; pode-se lá parar um homem decidido? Ai! eu compreendia Stiepan Trofímovitch.

— Ah! trata-se das proclamações! — murmurou alguém dentre o público; um marulho passou por sobre toda a sala.

— Senhores, descobri todo o segredo. Todo o segredo do efeito que elas produzem está na sua inépcia (seus olhos cintilavam). — Sim, senhores, se pelo menos aquela besteira fosse querida, simulada calculadamente, oh! seria quase genial! Mas ai! é preciso render-lhes plena justiça: nada simularam absolutamente. É a besteira mais aparente, mais ingênua, a besteira simplesmente, *c’est la bêtise dans son essence la plus pure, quelque chose comme un simples chimique*.[148] Se aquilo fosse formulado com um pouco mais de inteligência, cada qual logo reconheceria a profunda miséria que recobre aquela besteira. Mas agora todos hesitam em pronunciar-se: ninguém crê que uma coisa possa ser tão fundamentalmente besta. “É impossível que não haja aqui algo de mais”, diz a si mesmo cada um, e procura-se um segredo, entrevê-se um mistério, quer-se ler entre linhas, — o efeito foi atingido! Oh! nunca ainda foi a besteira consagrada por um triunfo tão solene, se bem que tenha merecido muitas vezes obtê-lo… Porque, entre parênteses, a besteira e o gênio mais sublime são igualmente úteis aos destinos da humanidade.

— Jogos de palavras de 1840! — lançou uma voz aliás mal

segura, mas que bastou para desencadear o tumulto.

— Senhores, viva! Proponho erguer-se um brinde à besteira! — exclamou, como para enfrentar o público, Stiepan Trofímovitch, já todo arrebatado.

Corri para ele, sob pretexto de servir-lhe um copo dágua.

— Stiepan Trofímovitch, retire-se, Iúlia Mikháilovna roga-lhe isso.

— Não, deixe-me, rapaz desocupado! — proferiu ele, com voz tonitruante. Tratei de fugir.

— Senhores! — continuou ele. — Por que essa agitação? Por que esses gritos de indignação que estou ouvindo? Vim com o ramo de oliveira. Trouxe-lhes a derradeira palavra, porque neste caso sou eu que terei a última palavra, e nós nos reconciliaremos.

— Abaixo! — gritaram uns.

— Silêncio! Deixem-no falar, que ele se explique — gritaram outros. O mais exaltado era o jovem professor que, tendo ousado tomar uma vez a palavra, parecia não poder mais parar.

— Senhores, a derradeira palavra deste caso é a anistia. Eu, velho que já vivi o meu tempo, declaro-vos solenemente que o espírito de vida sopra como no passado, que sua fresca seiva não se esgotou na nova geração. O entusiasmo da juventude contemporânea é tão puro, tão esplêndido quanto o de nosso tempo. Somente, produziu-se este fato: a inversão dos valores ideais, uma concepção nova da beleza que se substitui a uma outra! Todo o mal-entendido reside nisto: qual é mais belo. Shakespeare ou um par de botas, Rafael[149] ou petróleo?

— Isso é uma denúncia! — trovejaram vozes.

— Perguntas comprometedoras!

— *Agent provocateur*!

— Mas eu declaro — prosseguiu Stiepan Trofímovitch, cuja superexcitação atingia o paroxismo, — eu declaro que Shakespeare e

Rafael estão acima da alforria dos camponeses, acima da nacionalidade, acima do socialismo, acima da jovem geração, acima da química, quase acima da humanidade inteira, porque são já o fruto, o fruto presente e real de toda a humanidade, e talvez o mais sublime fruto que ela possa jamais ter produzido! A forma da beleza se encontra assim já realizada, sem a posse da qual, pela minha parte, não consentiria talvez em viver… Oh! Deus! — exclamou ele, juntando as mãos, — há dez anos que, em Petersburgo, do alto da tribuna, eu gritava exatamente as mesmas coisas nos mesmos termos. E da mesma maneira que hoje não me compreendiam então e zombaram de mim e tudo me conspurcaram como neste momento; homens de curta visão, que vos falta para compreender? Sabeis mesmo, sabeis, que a humanidade pode passar sem os ingleses, pode passar sem a Alemanha, que nada lhe é mais fácil do que passar sem os russos, que não tem necessidade para viver de ciência, nem de pão, mas que somente a beleza lhe é indispensável, porque sem a beleza nada haveria mais a fazer neste mundo! Nisto está todo o segredo, toda história está nisto! A própria ciência não subsistiria sem a beleza — sabei disto, vós, zombadores, — degeneraria em selvagem ignorância, viria a não poder ela própria inventar um prego!… Não cederei! — berrou à guisa de conclusão e assestou com todas as suas forças um murro em cima da mesa.

Mas enquanto prosseguia ele em suas pobres divagações, a desordem só fazia aumentar na sala. Grande número de pessoas deixou seus lugares precipitadamente; algumas, empurradas para a frente, vinham bater no pé do estrado. Aliás, tudo isto ocorreu em menos tempo do que é preciso para descrevê-lo e não houve possibilidade de tomarem-se providências. Talvez também não se quis tomá-las.

— É bom para você, seu descarado, seu inútil! — berrou o seminarista que, tendo chegado bem perto de Stiepan Trofímovitch, mostrava-lhe os dentes com uma expressão de alegria malvada. Stiepan Trofímovitch avistou-o e avançou vivamente até a beira do estrado.

— Não acabo de declarar neste mesmo instante que o entusiasmo da jovem geração é tão puro, tão esplêndido como o nosso e que só se

perde por causa de uma falsa interpretação das formas de beleza? Isto não lhe basta? E se se considera que aquele que acaba de proferir estas palavras é um pai assassinado, ultrajado, será possível, ó espíritos limitados, será possível dar prova de uma imparcialidade mais alta e de uma serenidade de olhar maior… homens ingratos, injustos… por que, por que, pois, não vos quereis reconciliar?

E de repente, desatou em soluços convulsivos. Enxugava com os dedos as lágrimas que corriam de seus olhos. Os soluços sacudiam suas espáduas e seu peito… Perdera toda noção de lugar e de tempo.

Verdadeiro espanto apossou-se do auditório; quase todos haviam levantado. A própria Iúlia Mikháilovna ergueu-se bruscamente, segurando o braço de seu marido e forçando-o a levantar-se… O escândalo foi indescritível.

— Stiepan Trofímovitch — exclamou alegremente o seminarista, — por aqui, na cidade e nos arredores, vaga o forçado Fiedka, evadido do presídio. Anda pilhando e ainda ultimamente cometeu novo assassinato. Permita-me que lhe pergunte: há quinze anos, se o senhor não o tivesse obrigado a sentar praça para pagar uma dívida de jogo, isto é, para falar claro, a jogar cartas e perdido, diga-me, teria ele ido parar no presídio? Estrangularia as pessoas como o faz hoje, na luta pela existência? Que me diz disso, senhor esteta?

Recuso-me a descrever a cena que se seguiu. Em primeiro lugar, foi um concerto formidável de aplausos. Nem toda a gente aplaudia, era apenas uma quinta parte da sala que batia palmas, mas fazia-o com vigor. O resto do auditório correu para a saída, mas como a parte do público donde partiam os aplausos se encontrava aglomerada diante do estrado, produziu-se uma confusão geral. As senhoras lançavam gritinhos, várias senhoritas puseram-se a chorar e pediram que as levassem para casa. De pé, perto de seu lugar, Lembke passeava frequentemente em redor de si um olhar desvairado. Pela primeira vez, desde sua chegada à nossa cidade, havia Iúlia Mikháilovna perdido completamente a cabeça. Quanto a Stiepan Trofímovitch, no primeiro momento, pareceu literalmente esmagado pelas palavras do seminarista; mas de repente ergueu os dois braços como se quisesse estendê-los sobre a cabeça do público e guinchou:

— Sacudo a cinza de meus pés e amaldiçoo… É o fim… é o fim…

E, voltando as costas, correu para os bastidores, mostrando o punho num gesto de ameaça.

— Ele insultou a sociedade! Vierkhoviénski! — urraram os desatinados. Queriam mesmo lançar-se em sua perseguição. A ordem não podia mais ser restabelecida, pelo menos naquele instante, quando, de súbito, uma catástrofe definitiva explodiu como uma bomba no meio da assembleia que ela acabava de deslocar: o terceiro leitor, aquele maníaco que brandia sempre o punho nos bastidores, irrompeu em cena.

Seu aspecto era absolutamente o de um louco. Com um largo sorriso de triunfo, cheio de um atrevimento desmedido, abrangia com o olhar a assistência tumultuosa e parecia não caber em si de contente com a desordem. Não só em nada o perturbava ter de tomar a palavra em meio de semelhante algazarra, mas, pelo contrário, regozijava-se visivelmente. Era isso tão manifesto que atraiu logo para si a atenção.

— Quem é esse? — perguntava-se. — Quem é? Silêncio! Que quer ele dizer?

— Senhores — gritou o maníaco a toda a força, de pé na beira do estrado e com uma voz feminina cujo timbre era quase tão agudo quanto o timbre da voz de Karmázinov, menos o ceceio aristocrático. — Senhores, há vinte anos, na véspera de entrar em guerra contra a metade da Europa, a Rússia se erguia como um ideal aos olhos de todos os conselheiros de Estado e conselheiros secretos. A literatura estava a serviço da censura; nas universidades ensinava-se a Passuística, isto é, a arte de andar a passo; o exército estava transformado em um corpo de *ballet* e o povo pagava as despesas e se calava sob o *knut* da servidão. A concussão, tanto sobre o morto quanto sobre o vivo, substituía o patriotismo. Os que recusavam os canecos de vinho eram considerados rebeldes, pois que turbavam a harmonia. As florestas de bétulas esgotavam-se no fornecimento de argumentos em favor da ordem… A Europa tremia… Mas nunca a Rússia, no curso dos mil anos de sua estúpida existência, havia atingido ainda semelhante grau de abjeção…

Brandiu seu punho com um ar de triunfo e de ameaça acima de sua cabeça e baixou-o de repente com raiva, como se pulverizasse um adversário. Um urro frenético elevou-se, bravos ensurdecedores crepitaram. Quase a metade dos presentes aplaudiu: o motivo era bem simples, arrastava-se a Rússia pela lama, publicamente. Seria possível, após isto, não gritar de entusiasmo?

— Isto sim! Isto sim! Viva! Ah! isto sim, isto não é mais estética!

O maníaco prosseguiu, encantado:

— Desde então, vinte anos se passaram. As universidades se abriram e multiplicaram-se. A Passuística não é mais que uma lenda; faltam milhares de oficiais para completar os quadros. Os caminhos de ferro devoraram todos os capitais e cobriram a Rússia como duma teia de aranha, tanto que dentro de uns quinze anos, vai se poder ir provavelmente para não importa que lugar. As pontes só se incendeiam de longe em longe, mas as cidades regularmente, cada uma por sua vez, segundo a ordem estabelecida, quando chega a estação dos incêndios. Os tribunais pronunciam verdadeiros julgamentos salomônicos e os advogados não aceitam dinheiro senão na medida em que este os impeça de morrer de fome e os ajude a levar adiante a luta pela vida. Os servos, agora livres, coçam-se as costas mutuamente em lugar de o fazerem seus antigos senhores. Mares, oceanos de vodca são absorvidos tendo em vista o equilíbrio do orçamento e, em Nóvgorod, para substituir a inútil e antiga Santa

Sófia, inaugurou-se triunfalmente um nabo de bronze em memória do milenário de nossas desordens e de nossa estupidez. A Europa franze o cenho e recomeça a ficar inquieta. Quinze anos de reforma! E entretanto jamais a Rússia, mesmo nas épocas mais grotescas de sua estúpida história, não chegara ainda…

Os clamores da multidão não permitiram que se ouvissem as derradeiras palavras. Viu-se ainda o maníaco erguer o braço e baixá-lo num gesto vitorioso. O entusiasmo ultrapassava todos os limites. Urrava-se, palmeava-se, algumas daquelas senhoras chegavam a gritar: "Basta! Basta! É melhor não dizer!". Estava-se como que embriagado. O orador abarcava o público com seu olhar e aspirava seu triunfo. Lembke que, via-o eu muito bem, se achava numa agitação indizível, deu uma ordem a alguém. Iúlia Mikháilovna, palidíssima, disse precipitadamente algumas palavras ao príncipe que correra para seu lado. Mas no mesmo instante, um grupo de homens, em número de dez, e que eram todos mais ou menos personagens oficiais, subiu ao estrado, apoderou-se do orador e arrastou-o para trás dos bastidores. Não compreendo como conseguiu ele escapar-lhes. O fato é que foi visto reaparecer ainda à beira do estrado e teve tempo de gritar ainda uma vez com todas as suas forças, brandindo o punho:

— Mas nunca a Rússia chegou…

Arrastaram-no de novo. Vi uns quinze indivíduos lançarem-se dos bastidores para libertá-lo, mas em lugar de invadir pela frente o estrado, contornaram-no, quebrando a fraca balaustrada, tanto que esta acabou caindo. Vi em seguida, sem acreditar em meus olhos, a estudante (irmã de Virguínski) saltar bruscamente para o estrado, sempre tendo debaixo do braço seu rolo de papelório, o mesmo vestido, bem vermelha e bem gordota, cercada de dois ou três homens, de duas ou três mulheres, e acompanhada de seu mortal inimigo o colegial. Tive tempo de apanhar de passagem esta frase:

"Senhores, vim para fazer conhecer os sofrimentos dos infelizes estudantes e levá-los a protestar de comum acordo."

Mas tratei de fugir dali. Meti meu laço de fita no bolso e, por uma porta traseira que conhecia, ganhei a rua. Meu primeiro cuidado foi

naturalmente seguir para a casa de Stiepan Trofímovitch.

## Capítulo II / O fim da festa

*I*

Não me recebeu. Trancara-se e estava escrevendo. Tendo reiterado meu apelo, respondeu ele através da porta:

— Meu amigo, cheguei ao fim, que pode exigir de mim ainda?

— O senhor não chegou a fim nenhum, só fez contribuir para o desastre total. Pelo amor de Deus, basta de jogos de palavras, Stiepan Trofímovitch; abra. Trata-se de tomar providências, podem vir ainda insultá-lo em sua casa…

Achava que era meu dever falar-lhe com severidade e mesmo exigir dele contas. Temia que empreendesse algo de mais louco ainda. Mas para minha grande surpresa, tropecei com uma firmeza insólita.

— Não me insulte você mesmo em primeiro lugar. Agradeço-lhe o que tem feito até aqui, mas repito-lhe, rompi com os homens, com os bons e com os maus. Estou escrevendo a Daria Pávlovna, a quem tão imperdoavelmente tenho esquecido até agora. Amanhã leve-lhe minha carta, se o quiser, mas agora, obrigado.

— Stiepan Trofímovitch, asseguro-lhe que o caso é mais sério do que o senhor pensa. Pensa ter esmagado alguém? Não esmagou ninguém e foi o senhor mesmo quem se quebrou como vidro. (Oh! fui impolido e grosseiro, lembro-me com pesar.) O senhor não tem decididamente nenhuma razão para escrever a Daria Pávlovna… E que seria do senhor sem mim, doravante? Entende alguma coisa da vida prática? Rumina sem dúvida ainda algum projeto? Se assim for, corre para outro fracasso…

Levantou-se e aproximou-se bem perto da porta.

— Embora tenha vivido pouco tempo com eles, você aprendeu sua linguagem e seu tom. *Dieu vous pardonne, mon ami, et dieu vous garde*. Mas sempre notei em você um fundo de honestidade e talvez você ainda volte a reconsiderar — demasiadamente tarde, afinal, como nós todos na Rússia. Quanto à sua observação concernente à minha falta de senso prático, vou lhe recordar uma observação que fiz

há muito tempo. Pululam entre nós, na Rússia, como moscas de verão, as pessoas que se encarniçam fastidiosamente em criticar a ausência de senso prático nos outros, não poupando tal censura a ninguém, exceto a elas mesmas. Meu caro, lembre-se de que me encontro num estado de superexcitação e não me atormente. Ainda uma vez obrigado por tudo; separemo-nos um do outro como Karmázinov se separou do público, isto é, esqueçamo-nos de comum acordo. Para ele, era um ardil de sua parte quando rogava tão instantemente que seus antigos leitores o esquecessem; *quant à moi*, não tenho tanto amor-próprio e acima de tudo conto com a mocidade de seu coração que as tentações ainda não atacaram. Por que você haveria de guardar a lembrança de um velho inútil? "Viva mais", meu amigo, como dizia Nastássia, dirigindo-me seus votos, na última vez, por ocasião de meu aniversário (*ces pauvres gens ont quelquefois des mots charmants et pleins de philosophie*).[150] Não lhe desejo muita felicidade — isto aborrece; não lhe desejo mal tampouco, mas, segundo a filosofia popular, limito-me a repetir: "Viva mais" e trate de não se aborrecer demais; este voto frívolo, sou eu que o acrescento. Vamos, adeus, e adeus mesmo. Não fique à minha porta, porque não abrirei.

Afastou-se e nada mais pude conseguir dele. Apesar de sua superexcitação, falara num tom igual, sem pressa, com ponderação e visivelmente como se se esforçasse por impor-se dessa forma. Sem dúvida, estava um tanto zangado comigo e me punia talvez disfarçadamente das alusões que me permitira na véspera. As lágrimas que ele vertera havia pouco em público, a despeito de sua aparência de vitória, tinham-no colocado numa situação burlesca e da qual se dava conta; ora, ninguém era mais cuidadoso que Stiepan Trofímovitch de manter a correção das formalidades nas suas relações com seus amigos. Oh! eu não o censuro! Mas aquela susceptilidade e o tom sarcástico que subsistiam nele, a despeito de todo o transtorno moral, tranquilizaram-me: um homem na aparência tão pouco diferente do que era de hábito não se dispunha certamente a tomar naquela hora qualquer resolução trágica e insólita. Assim pensava eu então, e sabe Deus, sim, quanto me enganava! Perdia de vista muitas coisas.

Antecipando-me aos acontecimentos, citarei aqui as primeiras

linhas de sua carta a Daria Pávlovna, que esta recebeu efetivamente no dia seguinte:

> Minha filha, minha mão treme, mas tudo terminei. Você não assistiu à minha derradeira escaramuça com os humanos: não compareceu àquela "leitura" e fez bem. Mas haverão de contar-lhe que na nossa Rússia, tão pobre de caracteres, um homem corajoso se levantou, o qual, sem levar em conta as ameaças de morte proferidas de todos os lados, disse sem rodeios àqueles imbecis que eles eram imbecis. *Oh! ce sont de pauvres petits vauriens et rien de plus, de petites imbéciles – voilá tout.*[151] A sorte está lançada; deixo esta cidade para sempre sem saber para onde irei. Todos aqueles a quem amava afastaram-se de mim, mas você, você, criatura pura e ingênua, você, doce criatura, cujo destino esteve a ponto de unir-se ao meu, pela vontade de um coração caprichoso e despótico, você que talvez me tenha visto, com desprezo, verter lágrimas covardes na véspera de nosso casamento malogrado, você que, seja como for, não me poderia ver senão como um personagem cômico; oh! para você, para você o derradeiro grito de meu coração, para você meus derradeiros deveres, para você somente! Não posso abandoná-la para sempre deixando-lhe a ideia de que sou um estúpido ingrato, um rústico e um egoísta, como provavelmente lhe afirma cada dia um coração ingrato e cruel que eu não posso, ai de mim! esquecer. Etc., etc.

E por aí ia em quatro páginas de grande formato.

Em resposta ao seu "não abrirei", esmurrei três vezes a porta, gritando-lhe que teria minha desforra, que naquele mesmo dia ele mandaria me procurar três vezes, mas que eu não viria. Dito isto, corri para a casa de Iúlia Mikháilovna.

## *II*

Ali fui testemunha duma cena revoltante: enganava-se afrontosamente a pobre mulher, mas eu nada podia fazer. Que teria eu podido dizer-lhe com efeito? Já havia conseguido acalmar-me um pouco e verificava que tudo se limitava para mim a impressões, a sinistros pressentimentos e nada mais. Encontrei-a lacrimosa, quase em ponto de crise, fazendo-se fricções de água-de-Colônia, tendo um copo d'água a seu lado. Piotr Stiepânovitch mantinha-se de pé diante de Iúlia Mikháilovna, falando sem cessar, o príncipe também, mas sem dizer palavra, como se tivesse os lábios lacrados. Chorando e lançando gritos, censurava a Piotr Stiepânovitch a sua "deserção". Fiquei estupefato ao verificar que ela atribuía seu fracasso e tudo quanto ocorrera no curso daquela ignominiosa matinal ao único fato da ausência de Piotr Stiepânovitch.

Notei nele impressionante mudança: parecia bastante preocupado, quase grave. De costume, jamais tinha o ar sério, ria sempre, mesmo quando se zangava, o que lhe acontecia muitas vezes. Oh! agora ainda estava zangado; falava num tom grosseiro, brutalmente, com enfado e impaciência. Afirmava que fora atacado por uma dor de cabeça e náuseas, no curso de uma visita que fizera a Gagânov bem cedo. Ai! a pobre mulher desejava tanto ser enganada ainda! A principal questão que estava sendo debatida à minha chegada era esta: haveria sim ou não um baile, isto é, uma segunda parte da festa? Iúlia Mikháilovna, por coisa alguma no mundo, consentiria em aparecer no baile depois das "afrontas de inda há pouco", ou por outras palavras, só desejava com todas as veras que a isso fosse obrigada e justamente por Piotr Stiepânovitch. Considerava-o um oráculo, e creio que se ele se tivesse retirado naquele momento, ela teria caído doente. Mas ele não tinha vontade de ir-se embora; desejava de todo o coração que o baile se realizasse naquele mesmo dia e que Iúlia Mikháilovna a ele assistisse.

— Vamos, que adianta chorar? Faz questão então absoluta de armar uma cena? É necessário que transfira sua cólera contra alguém? Pois bem, transfira-a contra mim, mas apresse-se, porque o tempo urge e é preciso decidir. O baile fará esquecer o fiasco de sua conferência. Veja, é também a opinião do príncipe. Ah! sim, se o príncipe não tivesse estado lá, como teria terminado a coisa?

O príncipe desde o começo se mostrara hostil àquele baile (quer dizer que não era de opinião que Iúlia Mikháilovna nele se mostrasse; quanto ao baile mesmo, devia, em todo caso, realizar-se), mas após dois ou três apelos à sua opinião, veio pouco a pouco a fazer um sinal de aquiescência.

Causava-me também espanto o tom extraordinariamente descortês de Piotr Stiepânovitch. Decerto, repilo com indignação as baixas calúnias que se espalharam mais tarde concernentes a pretensas relações que teriam havido entre Iúlia Mikháilovna e Piotr Stiepânovitch. Isto não era, não podia ser. O ascendente que ele tomara sobre ela, devia-se apenas ao fato de que, desde o começo, pusera-se ele a encorajar, com todas as suas forças, os sonhos ambiciosos de Iúlia Mikháilovna, desejosa de desempenhar um papel na sociedade e no Governo; aliara-se aos propósitos de Iúlia

Mikháilovna, ele próprio estabelecendo-lhe os planos, cumulando-a das baixas lisonjas e enredando-a tão bem dos pés à cabeça, que se tornara tão indispensável para ela quanto o ar. Lançou ela um grito ao ver-me e seus olhos acenderam-se:

— Aí o tem, interrogue-o, ele também ficou todo o tempo ao pé de mim, como o príncipe. Diga, não é evidente que tudo isso é uma conjura, uma baixa e pérfida conjura para me fazer todo o mal possível, a mim e a Andriéi Antônovitch? Oh! eles estavam combinados! Tinham seu plano. É uma cabala, uma verdadeira cabala!

— A senhora vai demasiado longe, como é de seu costume. Tem sempre um poema na cabeça. Aliás, tenho prazer em vê-lo… (fez menção de ter esquecido meu nome), ele lhe dará sua opinião.

— Minha opinião — apressei-me em acrescentar, — é inteiramente conforme com a de Iúlia Mikháilovna. A conjura é por demais evidente. Trago-lhe aquele laço de fita, Iúlia Mikháilovna. Que o baile se realize ou não, não é problema meu, porque não depende de mim, mas meu papel como organizador está terminado. Desculpe minha vivacidade: não posso agir com menoscabo do senso comum e de minhas convicções.

— Está ouvindo? Está ouvindo? —, disse ela, batendo as mãos uma contra a outra.

— Estou ouvindo e eis o que lhe direi — recomeçou Piotr Stiepânovitch, dirigindo-se a mim. — É minha opinião que todos vocês engoliram alguma coisa que lhes pôs a cabeça a girar. A meu ver, nada se passou, absolutamente nada que já não se tenha visto e que não se possa ver aqui em todos os tempos. De que conjura se trata? A coisa foi feia, foi vergonhosamente estúpida, mas onde há conjura? Seria contra Iúlia Mikháilovna, contra ela que os estraga de mimos, que os protege, que perdoa sem medida todas as suas tratantadas? Iúlia Mikháilovna! Mas que não tenho eu cessado de repetir durante todo um mês? De que a preveni? Que necessidade tinha a senhora de toda aquela gente? Tinha necessidade de frequentar aquela ralé? E por quê? Com que fim? Para coordenar os elementos sociais? Deu ótimo resultado a coordenação, palavra!

— Quando é que você me preveniu? Pelo contrário, você me aprovava, exigia mesmo… Você me causa admiração, confeso… Você mesmo trouxe à minha casa indivíduos bem estranhos.

— Pelo contrário, discutia com a senhora, longe de aprová-la. Quanto a isso de ter-lhe trazido — é exato, trouxe-lhe pessoas estranhas, mas foi bem recentemente e quando elas já se dirigiam por si mesmas à casa da senhora para constituir “a quadrilha literária”, para a qual teria sido difícil passar sem aqueles crápulas. Todavia, aposto que na sessão de hoje deixaram introduzir-se sem ingresso mais de uma dezena de crápulas desse gênero.

— Certamente — confirmei.

— Está vendo? O senhor concorda. Lembre-se do clima que reinava na cidade nestes últimos tempos. Já passava à impudência, ao cinismo. Quem encorajava isso? Quem o cobria com sua autoridade? Quem fez todo mundo sair fora dos trilhos? Quem desencadeou a cólera popular? Será que todos os segredos de família da cidade não estão consignados no seu álbum? A senhora não passava a mão nos cabelos de seus poetas e desenhistas? A senhora não dava sua mão a beijar a Liámchin? Na sua presença, um seminarista de dezessete anos não insultou um conselheiro de Estado em função e não sujou de alcatrão o vestido da filha desse conselheiro, nele limpando suas grossas botas? Por que espantar-se de que o público esteja revoltado contra a senhora?

— Mas isso é obra sua, sua, sua! Oh! meus Deus!

— Não, eu a havia advertido, discutíamos por causa desse assunto. Entende a senhora? Discutíamos.

— Você mente com desfaçatez.

— Vamos, vejo que é inútil falar-lhe disso. Está precisando no momento de uma vítima. Pois bem, passe sua cólera contra mim, já lhe disse. Será melhor dirigir-me ao senhor… (nunca conseguia lembrar-se do meu nome). Contemos nos nossos dedos: afirmo que, sem contar Lipútin, não houve nenhuma conjura, nenhuma! Vou provar o que digo, mas analisemos em primeiro lugar o caso de

Lipútin. Apareceu com os versos daquele imbecil do Liebiádkin. É isso que a senhora chama de conjura? Mas sabe que Lipútin podia muito bem achar a coisa espirituosa? Seriamente, seriamente espirituosa! Ele apareceu simplesmente com a intenção de distrair e divertir toda a gente, a começar por sua protetora Iúlia Mikháilovna, eis tudo. Não acredita? Não está isso no tom de tudo quanto se tem feito aqui há um mês? Quer que lhe exponha todo o meu pensamento? Estou certo de que, em outras circunstâncias, tudo se teria muito bem passado! A pilhéria é grosseira, digamos mesmo um pouco forte, mas ainda assim divertida, divertida.

— Como? Você acha espirituoso o ato de Lipútin? — exclamou Iúlia Mikháilovna, no auge da indignação. — Semelhante inépcia, semelhante falta de tato, um ato baixo e vil, aquela perfídia, oh! você diz isso intencionalmente! Depois disso estou vendo muito bem que você está metido com eles na conjura!

— Bem entendido, eu me conservava atrás deles, oculto, movimentando todos os fios. Mas se eu tomasse parte numa conjura, pelo menos acredite, ela não terminaria com um simples Lipútin! Então, na sua opinião, eu me teria também mancomunado com o *bátiuchka* para que ele armasse semelhante escândalo? De quem a culpa, se a senhora tolerou que o *bátiuchka* fizesse aquela conferência? Quem, pois, ainda ontem lhe desaconselhava isso?

— Oh! ontem *il avait tant d'esprit*! Contava tanto, além disso, com suas boas maneiras!… Pensava: ele e Karmázinov… e vejam só!

— Sim, aí está. Mas, apesar do *tant d'esprit, bátiuchka* cometeu uma vilania, e se tivesse eu podido adivinhar que ele a cometeria, pois que faço parte da cabala montada contra a festa da senhora, não a teria certamente exortado ontem a não largar o bode na horta, não é verdade? Pois bem, ontem, não obstante, eu a havia desaconselhado, pressentindo o que aconteceria. É evidente que eu não poderia prever tudo; ele mesmo ignorava provavelmente, no instante anterior, o incêndio que ia atear. Será que os velhos nervosos se assemelham a homens? Mas tudo não está irremediavelmente perdido. Para dar satisfação ao público, mande amanhã, ou mesmo hoje, como medida administrativa, dois médicos examiná-lo, e, depois, levem-no

diretamente para o hospital, em regime de ducha fria. Assim toda a gente rirá e verá que não há motivo para sentir-se ofendida. Na minha qualidade de filho, anunciaria isto, eu mesmo, no baile, nesta noite mesmo. Outro negócio: Karmázinov remoeu seu discurso durante uma hora inteira — mais um que, decerto, estava mancomunado comigo! Estava combinado que ele cometeria tolices para prejudicar Iúlia Mikháilovna.

— Oh! Karmázinov, *quelle honte*[152], corei, corei de vergonha pelo nosso público.

— Pois bem! Eu, decerto, não teria corado mas teria lhe dado uma boa surra. Porque afinal o público estava em seu direito. E ainda no caso de Karmázinov, de quem a culpa? Fui eu que o trouxe? Achava-me no número de seus adoradores? Ora, que o diabo o leve! Mas há o terceiro maníaco político e este é um outro caso. Aqui, todos se enganaram e não se poderia acusar no caso apenas as minhas artimanhas.

— Ah! cale-se, é horrível, horrível! Nisto fui eu a única culpada, eu só!

— Evidentemente, mas neste ponto, desculpo-a. E quem é que desconfia dessa gente de língua solta? Em Petersburgo mesmo não se toma cuidado com eles. Mas não lhe foi ele recomendado e de que maneira?! Assim, convenha que a senhora está agora de certa forma obrigada a comparecer ao baile. A coisa é grave porque foi a senhora mesma quem fez subir aquele homem ao estrado. Deve, pois, declarar publicamente que não está solidária com ele, que o atrevido já esta nas mãos da polícia e que a senhora foi enganada duma maneira inexplicável. Deve declarar com indignação que foi vítima de um louco, porque é um louco e nada mais. É assim que deve apresentar o fato. Eu não posso tolerar tais furiosos. Acontece que eu mesmo digo coisas piores, mas não do alto dum estrado. E fala-se justamente agora de um senador.

— De qual senador? Quem é que fala?

— Veja a senhora, eu mesmo não compreendo nada disso. Não está a par, Iúlia Mikháilovna, dum certo senador?

— De um senador?

— Veja só, estão convencidos de que um senador foi designado para vir aqui e que Petersburgo vai destituí-la. Ouvi dizer isto de várias pessoas.

— Também ouvi dizer isso — apoiei.

— Quem disse isso? — perguntou Iúlia Mikháilovna, ficando rubra.

— Quem falou primeiro? quer a senhora dizer. Como se há de saber? O certo é que se continua falando. O boato corre em meio da massa. Ontem, sobretudo, falava-se disso. Todos pareciam muito sérios, embora não seja fácil esclarecer a coisa. É certo que as pessoas mais inteligentes e mais competentes na matéria se calam, mas entre elas mesmas algumas prestam ouvidos.

— Que baixeza! E… que estupidez!

— Eis por que deve a senhora mostrar-se, a fim de se impor a esses imbecis.

— Confesso-o, eu mesma sinto que sou obrigada, mas… se me acontecer nova afronta? Se se abstiverem de vir ao baile? Porque ninguém virá, ninguém.

— Que exagero! Não irá ninguém ao baile? E os vestidos novos, as toaletes das moças? Na verdade, depois disto, nego sua qualidade de mulher. É esse todo o seu conhecimento do mundo?

— A marechala da nobreza lá não estará.

— Mas afinal, que se passou? Por que não irão ao baile? — gritou ele, impacientado e furioso.

— Uma ignomínia, uma vergonha, eis o que se passou! Ignoro qual seja o fundo de tudo isso, mas qualquer que ele seja, é-me proibido comparecer a esse baile.

— Por quê? Mas, afinal de contas, de que é a senhora culpada?

Por que assume a culpa? O culpado não foi antes o público, os seus velhos, os seus pais de família? Cabia a eles conter aqueles vadios, aqueles descarados, porque, afinal, não passam de descarados e de vadios, e por consequência de nada de sério. Em parte alguma existe sociedade cujo policiamento se faça por si mesmo. Entre nós, cada qual exige ao entrar que um comissário de polícia vele pela sua segurança pessoal. Não se compreende que a sociedade deve guardar a si mesma. E que fazem entre nós, em semelhantes circunstâncias, os pais de família, os altos funcionários, as mulheres e as moças? Todos se calam e fecham a cara. A tal ponto que o público nem mesmo toma a iniciativa necessária para chamar à ordem os descarados.

— Ah! é de ouro o que você diz! Eles se calam, ficam aborrecidos e olham de banda!

— Pois bem, já que é verdade, cabe à senhora dizê-lo em voz alta, altiva e, severamente. Trata-se de mostrar que a senhora não está de modo algum abatida. E de mostrá-lo precisamente àqueles velhos e àquelas mães de família. Ah! a senhora bem sabe que talento não lhe falta, quando está com a cabeça lúcida. A senhora os reunirá e ali mesmo, no buraco do ouvido… depois uma correspondência para *A Voz* e para *A Gazeta da Bolsa*. Espere, vou eu mesmo pôr mãos à obra e arranjarei tudo. Naturalmente, será preciso redobrar de atenção, vigiar o bufê, pedir ao príncipe, pedir aqui ao senhor… O senhor não poderá abandonar-nos, no momento em que se tem de recomeçar tudo. Enfim, a senhora aparecerá pelo braço de Andriéi Antônovitch. Como vai Andriéi Antônovitch?

— Oh! que julgamentos falsos, ultrajantes, injustos, você sempre tem feito a respeito desse homem angélico! — exclamou, de repente, Iúlia Mikháilovna, num transporte inesperado e, como que a ponto de chorar, levou seu lenço aos olhos.

Piotr Stiepânovitch, no primeiro momento, só pode balbuciar:

— Por favor… eu não… mas o quê? Eu sempre…

— Nunca, nunca! Você jamais lhe fez justiça!

— Impossível compreender a mulher! — resmungou Piotr

Stiepânovitch, com um sorriso contrafeito.

— É o homem mais direito, mais delicado, mais angélico! O melhor que existe!

— Mas, por favor… no que se refere à bondade dele… sempre reconheci-lhe a bondade…

— Nunca. Afinal, deixemos isso, — intervim duma maneira demasiado desastrada. — Ainda há pouco aquela jesuítica marechala da nobreza fez algumas alusões sarcásticas ao serão de ontem.

— Oh! agora ela não se preocupa mais com o serão de ontem, mas sim com o de hoje. E por que a senhora tanto se perturba com a ideia de que ela não comparecerá ao baile? Com certeza lá não irá depois de ter sido implicada em tal escândalo! Talvez não seja sua culpa, mas nem por isso sua reputação deixará de sofrer; ela não sai disso com as mãos limpas.

— Que você quer dizer? Não entendo. Que significa isso de “mãos limpas”? — perguntou com ar espantado Iúlia Mikháilovna.

— Quer dizer que eu não afirmo nada, mas corre o boato na cidade que ela serviu de alcoviteira.

— Como? A quem serviu ela de alcoviteira?

— Ora! Será possível que a senhora ainda não saiba? — exclamou ele com uma surpresa muito bem representada. — A Stavróguin e Elisavieta Nikoláievna!

— Como? Que diz? — gritamos todos.

— Ora, será possível que não o saibam ainda? Mas é uma verdadeira aventura trágico-romanesca. Elisavieta Nikoláievna, em pleno dia, permitiu-se deixar a carruagem da marechala para subir na de Stavróguin e voou “com este último” para Skvopiéchniki. Isto aconteceu há apenas uma hora.

Ficamos petrificados. Naturalmente, mostramos todo o interesse em conhecer o resto do acontecimento, mas para nossa estupefação

Piotr Stiepânovitch, se bem que tivesse sido por acaso testemunha do fato, não pode dar-nos nenhum detalhe circunstanciado. A coisa se passara da maneira seguinte: após a leitura, quando a marechala da nobreza conduziu Lisa e Mavríki Nikoláievitch para a casa da mãe de Lisa (que estava doente das pernas), não longe da entrada, a uns vinte e cinco passos, achava-se parado um carro. Saltando em terra, Lisa correra diretamente para aquele carro, cuja portinhola se abrira e depois se fechara. Lisa gritara para Mavríki Nikoláievitch: "Perdoe-me" e o carro partiu a toda velocidade para Skvopiéchniki. Em resposta às nossas febris perguntas, para saber se houvera acordo prévio e quem se encontrava no carro, respondeu Piotr Stiepânovitch que não sabia de nada, que certamente houvera combinação, mas que não avistara o próprio Stavróguin no carro, onde talvez se encontrasse o velho criado de quarto, Alieksiéi Iegórovitch.

— Mas como aconteceu que estivesse você lá? — perguntamos. — E como sabe de fonte certa que ela partiu para Skvopiéchniki?

— Passava por ali — respondeu ele, — e, avistando Lisa, precipitei-me para a carruagem (e todavia, apesar de sua curiosidade, não notara quem estava dentro dela). Quanto a Mavríki Nikoláievitch, não somente não se lançou no encalço de Lisa, mas nem mesmo procurou retê-la, e chegou mesmo a deter com um gesto a marechala que gritava a bom gritar: "Ela vai para a casa de Stavróguin, ela vai para a casa de Stavróguin!".

Naquele momento, saí de meus eixos e gritei para Piotr Stiepânovitch:

— Foste tu, velhaco, que arranjaste tudo! Eis no que empregaste tua manhã. Ajudaste Stavróguin, eras tu que estavas no carro, tu que fizeste Lisa subir para ele… tu, tu, tu! Iúlia Mikháilovna, esse homem é seu inimigo, ele também a perderá! Tome cuidado!

E saí precipitadamente da casa.

Hoje ainda não consigo compreender e me admiro de como pude atirar-lhe aquelas palavras. Mas havia adivinhado certo: viu-se mais tarde que tudo se passara mais ou menos como eu dissera. Em primeiro lugar, o pretexto de que se servira para anunciar a notícia

parecia-me duma falsidade evidente. Tivera muito pouca pressa em contar-nos aquela estupefaciente novidade desde sua chegada; pelo contrário, fingira crer que nós a sabíamos já por boca de outrem, o que era impossível num lapso de tempo tão curto. E se a tivéssemos sabido, não teríamos podido ficar calados, aguardando que lhe aprouvesse falar a respeito. Não podia tampouco saber que boatos corriam na cidade a respeito da marechala, sempre em razão do pouco tempo decorrido. Além disso, por duas vezes, durante o curso de seu relato, um sorriso de baixa zombaria aparecera em seus lábios, como se achasse que estava tratando com chapados simplórios. Mas não estava nisto a causa de minha queixa. Captara o fato principal, e, fora de mim, saí precipitadamente da casa de Iúlia Mikháilovna. Tal catástrofe atingia-me em pleno coração. Sentia uma dor que raiava pelo pranto, e talvez mesmo então tenha derramado lágrimas. Não sabia mais o que fazer. Corri à casa de Stiepan Trofímovitch, mas o velho, emburrado, recusou-se mais uma vez a abrir-me a porta. Nastássia procurou persuadir-me, cochichando, de que ele estava deitado; não acreditei em nada. Em casa de Lisa, consegui interrogar os criados. Confirmaram-me a fuga, mas eles mesmos nada mais sabiam. Reinava a consternação na casa; Praskóvia Ivânovna tivera síncopes e Mavríki Nikoláievitch mantinha-se à cabeceira dela. Pareceu-me impossível mandar chamá-lo. Em resposta às minhas perguntas, os criados fizeram-me saber que, ultimamente, Piotr Stiepânovitch estivera frequentes vezes em visita à casa; acontecia-lhe mesmo fazer duas visitas por dia. Todos estavam tristes e falavam de Lisa com um tom particular de respeito: todos a amavam. Que ela estivesse perdida, irremediavelmente perdida, não o duvidava; mas o lado psicológico do caso escapava-me, sobretudo após a cena que tivera ela na véspera com Stavróguin. Repugnava-me andar pela cidade a indagar de notícias junto de conhecidos malévolos a quem o incidente, sem dúvida já espalhado àquela hora, deveria regozijar e, aliás, tal passo teria sido humilhante para Lisa. Mas o que me espanta, é que corri à casa de Daria Pávlovna onde, de resto, não me quiseram receber (desde a véspera, a porta da casa de Stavróguin encontrava-se condenada às visitas). Não sei o que teria eu podido dizer-lhe, nem que motivo me levou àquele passo. Da casa dela parti para a casa de seu irmão. Chátov ouviu-me em silêncio, com ar sombrio. Notei que ele se encontrava numa disposição de ânimo particularmente

melancólica; escutou-me profundamente pensativo e como se fizesse esforço sobre si mesmo. Não disse quase uma palavra sequer e se pôs a andar, para lá e para cá, pelo quarto, batendo com os tacões com mais força ainda que de costume. Como eu já estivesse no pé da escada, gritou para mim: “Passe em casa de Lipútin, lá saberá tudo”. Mas não fui à casa de Lipútin e após uma boa caminhada, voltei à casa de Chátov. Contentei-me com entreabrir a porta sem entrar e perguntar-lhe, sem outro comentário, se ele não iria ver Maria Timofiéievna. Chátov respondeu-me com injúrias e eu saí. Noto, para não esquecer, que naquela noite mesma dirigiu-se expressamente ao outro extremo da cidade, à casa de Maria Timofiéievna a quem não via desde muito tempo. Encontrou-a num estado tão satisfatório quanto possível e de bastante bom humor; quanto a Liebiádkin, jazia, totalmente embriagado, sobre o divã do quarto vizinho. Eram nove horas em ponto. Chátov, em pessoa, comunicou-me esses detalhes no dia seguinte, ao encontrar-me por acaso na rua. Depois das nove horas, decidi ir ao baile, mas não mais na qualidade de comissário (meu laço de fita ficara em casa de Iúlia Mikháilovna), simplesmente por curiosidade de saber o que se dizia na cidade a respeito de todos aqueles acontecimentos. Além disso, queria ver, fosse mesmo de longe, Iúlia Mikháilovna. Censurava-me grandemente por havê-la deixado com tanta precipitação.

## *III*

Toda aquela noite, com seus incidentes, absurdos e o espantoso salve-se quem puder ocorrido pela manhã, causa-me ainda hoje o efeito dum terrível pesadelo e constitui, pelo menos no que a mim diz respeito, a parte mais penosa de minha crônica. Se bem que tivesse chegado atrasado ao baile, assisti, apesar disso, ao fim, tanto este acabou sendo precipitado. Já passava de dez horas, quando cheguei à soleira da casa da marechala. A mesma vasta sala branca em que se realizara a conferência encontrava-se já transformada em salão de dança e supunha-se bem que a cidade em peso assistiria ao sarau. No entanto, por mais mal disposto que estivesse desde de manhã para com aquele baile, estava ainda longe de suspeitar de toda a verdade. Nem uma só família da alta sociedade comparecera; até mesmo os funcionários de alguma importância não apareceram, o que

decididamente era mau sinal. Quanto às damas e senhoritas, os prognósticos de Piotr Stiepânovitch (prognósticos evidentemente pérfidos) mostraram-se da mais flagrante inexatidão: havia muito pouca gente, apenas uma dama para quatro cavalheiros e ainda assim que damas! Mulheres de oficiais subalternos, mulheres de empregados dos correios ou de burocratas, três enfermeiras com suas filhas, duas ou três pequenas proprietárias das mais modestas, as sete filhas e uma das sobrinhas daquele secretário já mencionado antes por mim, mulheres de negociantes — era isso que Iúlia Mikháilovna esperava? A metade mesma das esposas de comerciantes não comparecera. Quanto aos homens, se bem que o escol se fizesse notar pela sua ausência, formavam entretanto uma massa compacta, mas deixavam uma impressão de dúvida e de equívoco. Havia naturalmente alguns oficiais bastante tranquilos e bastante respeitáveis, vindos com suas esposas, alguns pais de família de ar dos mais mansos, tal, por exemplo, aquele mesmo secretário, pai daquelas sete filhas. Todo esse modesto mundozinho encontrava-se ali por assim dizer "porque não pudera dispensar-se de comparecer", como declarou algum daqueles senhores. Mas, em contraposição, o número de pessoas de cabeça agitada e o número das pessoas que Piotr Stiepânovitch e eu suspeitávamos de haverem entrado sem ingresso parecia mais considerável ainda que na sessão da manhã. Enquanto esperavam, ficavam todos acantonados no bufê, para onde se dirigiam logo que chegavam, como se aquele lugar tivesse sido designado de antemão. Pelo menos foi o que me pareceu. O bufê fora montado ao fim duma enfiada de salas, numa vasta sala onde pontificava Prókhoritch com todas as especialidades culinárias do clube e uma exibição impressionante de salgados e aperitivos. Notei ali vários indivíduos vestidos da maneira mais negligente e da menos conveniente a um baile, já visivelmente embriagados e outros que pareciam saídos Deus sabe donde, pessoas que não eram de nossa cidade. Decerto, eu sabia bem que Iúlia Mikháilovna metera na cabeça a ideia de organizar um baile dos mais democráticos "em que receberia até mesmo os pequenos burgueses, se se apresentassem a comprar ingressos". Não lhe custava falar assim no seu comitê, porque estava bem certa de que nenhum de nossos pequenos burgueses, tendo-se em vista sua miséria, pensaria em comprar um ingresso. Da mesma forma, não consegui compreender como se deixara entrar tal quantidade de sobrecasacas

sinistras e coçadas, por maior que fosse o democratismo exibido pelo comitê. Quem, pois, as deixara introduzir-se e com que objetivo? Lipútin e Liámchin já estavam privados de suas insígnias de comissários (encontravam-se, entretanto, no baile, devendo fazer parte da "quadrilha de literatura"); mas, para espanto meu, Lipútin fora substituído pelo seminarista de inda há pouco, aquele que, mais que ninguém, contribuíra para o escândalo da "Matinal", com sua altercação com Stiepan Trofímovitch, e Liámchin, substituído pelo próprio Piotr Stiepânovitch. Que não se poderia esperar em tais circunstâncias? Pus-me a escutar as conversas. Algumas ideias chocavam por causa de sua selvagem brutalidade. Em tal grupo, afirmava-se, por exemplo, que toda a história de Stavróguin e Lisa era um golpe forjado por Iúlia Mikháilovna e que para isso recebera dinheiro de Stavróguin. Citava-se mesmo a quantia. Assegurava-se que ela havia organizado a festa com essa intenção: assim era por causa disso que a metade da cidade se abstivera, sabendo do que se tratava, que o próprio Lembke ficara chocado a ponto de perder a razão e deixar-se conduzir por sua mulher como um insensato. A propósito disto, risadas estouravam, crepitavam, grosseiras ou sonsas. Todo mundo criticava o baile com veemência e ninguém se constrangia para deblaterar contra Iúlia Mikháilovna. Em geral, as conversas eram desordenadas, incoerentes, falhas de sobriedade e comedimento, tanto que era difícil tirar delas algo de claro. O bufê servia também de refúgio a alguns personagens simplesmente alegres, viam-se mesmo ali algumas senhoras, dessas que não se espantam, nem se atemorizam com coisa alguma, amáveis e joviais. Eram, na maior parte, mulheres de oficiais em companhia de seus maridos. Haviam-se sentado em mesinhas à parte e tomavam chá com extraordinária alegria. Foi o bufê transformado num calmo porto onde cerca da metade do público se encontrou reunida. Todavia, iria chegar um momento em que toda aquela gente desaguaria no salão. Não se podia pensar nisso sem pavor.

Durante aquele tempo, graças aos cuidados do príncipe, três tímidas quadrilhas tinham sido organizadas na sala branca. As senhoritas dançavam e seus pais as contemplavam com enternecimento. Mas muitas daquelas pessoas respeitáveis já procuravam o meio, uma vez que suas filhas se tivessem

suficientemente divertido, de se retirar a tempo, isto é, antes que “isso comece”. Todo mundo tinha, com efeito, a convicção de que “isso começaria” sem dúvida. Eu teria dificuldade em descrever o estado de espírito de Iúlia Mikháilovna. Não lhe dirigi a palavra, muito embora estivesse bem perto dela. À minha entrada, não respondera ao meu cumprimento, não me tendo notado (e de fato, não me notara). Seu rosto mostrava-se doentio; seu olhar desdenhoso e altivo, mas, ainda assim, móvel e inquieto. Com um ar de sofrimento visível, conseguia dominar-se — por que e para quem? Deveria ter se retirado, sobretudo levar seu marido, mas ficava! Bastava olhar seu rosto para notar que seus olhos “haviam-se aberto totalmente” e que nada mais lhe restava a esperar. Ela mesma não chamou para junto de si Piotr Stiepânovitch (também ele, aliás, parecia evitá-la; avistei-o no bufê, estava em extremo alegre). Não obstante, ela ficava no baile e nem uma vez sequer permitiu que Andriéi Antônovitch dela se afastasse. Oh! até o derradeiro momento, ainda naquela manhã mesma, com que indignação não teria ela refutado a menor alusão à saúde de seu esposo. Mas ainda sobre esse ponto seus olhos tiveram de abrir-se. Quanto a mim, percebi, à primeira olhadela, que Andriéi Antônovitch tinha uma aparência pior do que a exibida pela manhã. Parecia achar-se num estado de inconsciência e não se dar conta do lugar em que se encontrava. Acontecia-lhe de repente olhar em redor de si com uma severidade inesperada; foi assim que, por duas vezes, fitou seu olhar em mim. Uma vez, tentou dizer alguma coisa, começou com uma voz forte, e não acabou, tanto que um pobre e velho funcionário que se achava por acaso perto dele, quase teve medo. No entanto, mesmo aquela metade mais pacífica do público que compunha a assistência da sala branca afastava-se com ar sombrio e receoso de Iúlia Mikháilovna; ao mesmo tempo, lançavam-se olhares estranhos a seu esposo, olhares que, pela sua insistência e sua franqueza, contrastavam um pouco demais com a timidez habitual daquelas pessoas.

— Eis o que em primeiro lugar me impressionou; foi então que comecei a adivinhar o estado de espírito de Andriéi Antônovitch — confiou-me mais tarde Iúlia Mikháilovna.

Sim, a culpa era ainda dela! Inda há pouco, após minha partida,

quando ficou decidido com Piotr Stiepânovitch que ela iria ao baile e a ele assistiria, segundo toda probabilidade dirigira-se ao gabinete de Andriéi Antônovitch, já completamente "transtornado" por causa da sessão de leitura, e, fazendo uso de todas as suas seduções, conseguira levá-lo consigo. Mas quanto devia sofrer agora! E, no entanto, não se retirava! Era o orgulho que a fazia sofrer? Ou então tinha ela muito simplesmente perdido a cabeça? Não sei. A despeito de todo o seu orgulho, ia ao ponto de prodigalizar curvaturas e sorrisos, esforçando-se por dirigir a palavra a certas damas, as quais perdiam a cabeça, procuravam safar-se com um breve "sim" ou "não", cheias de hesitação, e visivelmente tinham pressa em afastar-se dela.

Entre as personalidades verdadeiramente representativas de nossa cidade, uma só assistia ao baile; era aquele mesmo general reformado de quem já falei e que, após o duelo de Gagânov, tinha, em casa da marechala da nobreza, "aberto a porta à impaciência". Passeava através das salas com ar importante, o olho e o ouvido de tocaia, procurando dar-se a aparência de ter aparecido ali mais para estudar os costumes do que para encontrar prazer. Acabou por tomar conta completa de Iúlia Mikháilovna e não a deixou mais um passo. Evidentemente, queria reconfortá-la e tranquilizá-la. Era, sem nenhuma dúvida, um homem boníssimo, muito decorativo e tão velho que se poderia mesmo tolerar sua compaixão. Mas nem por isso deixava de ser extremamente penoso para Iúlia Mikháilovna dizer a si mesma que aquele velho falastraz permitia-se ter compaixão dela e, consciente da honra que ele lhe dava com sua companhia, afetar para com ela ares protetores. Entretanto, o general tagarelava sem cessar.

— Uma cidade não pode, dizem, subsistir a menos que possua sete justos… parece-me que são bem sete, não me lembro po-si-ti-va-men-te do número. Entre os sete justos incontestáveis que habitam nossa cidade, ignoro quantos tiveram a honra de assistir ao seu baile, mas, malgrado a presença deles, começo a não mais acreditar-me totalmente em segu-ran-ça. *Vous me pardonnerez, charmante dame, n'est-ce pas*?[153] Falo a-le-go-ri-ca-men-te, mas fui ao bufê e, palavra, dou-me por feliz por ter voltado são e salvo. Não é o lugar para o nosso excelente Prókhoritch e parece-me que antes do amanhecer vão despojá-lo de tudo. Afinal, estou brincando. Só estou esperando a

“quadrilha literária” e em seguida irei deitar-me. Perdoe a um velho gotoso, deito-me cedo, sim, e lhe aconselharia também a ir “mi-mi”, como se diz *aux enfants*. Só vim por causa das jovens beldades… que naturalmente não poderia eu encontrar em parte alguma em tão grande número como em seu sarau. Moram todas do outro lado do rio e eu nunca vou para aquelas bandas. A mulher de um oficial… de caçadores, parece… não é má de todo e… ela sabe bem disso. Conversei com aquela brejeira; é muito viva… e depois aquelas moças são viçosas, mas só têm a seu favor esse viço. Aliás, experimentei certo prazer. São rosas em botão; mas têm lábios grossos. Em geral, nas mulheres russas, a beleza do rosto carece de regularidade e assemelha-se um tanto a uma bolacha… *Vous me pardonnerez, n’est-ce pas*?… têm, aliás, olhos muito bonitos, olhos risonhos. Durante a primeira juventude, que dura o espaço de dois anos, digamos três anos, esses botões de rosa são encantadores, em seguida murcham para sempre… donde vem, entre os maridos, esse profundo in-di-fe-ren-tis-mo que traz tamanha contribuição ao desenvolvimento da questão feminina… se todavia compreendo bem essa questão… Hum! a sala é bela; essas peças não estão mal mobiliadas, poderia ser pior. A música poderia ser muitíssimo pior… não digo que ela deveria ser. O pequeno número de senhoras produz um efeito deplorável. Quanto às toaletes, não digo nada. É desagradável ver aquele sujeito de calças cinzentas es-pi-no-tear daquele jeito. Perdoo-lhe, se é por excesso de alegria, e depois, como é farmacêutico… mas mesmo assim onze horas é um pouco cedo, até mesmo para um farmacêutico… Lá no bufê, dois homens se maltrataram e não os botaram para fora. Às onze horas, deve-se expulsar os que gostam de brigar, quaisquer que sejam os costumes do público… depois de duas horas, não digo; é bom fazer algumas concessões à opinião geral… admitindo-se que este baile possa durar além das duas horas. Varvara Pietrovna faltou à sua palavra e não mandou flores. Hum! não tem cabeça para isso, *la pauvre mère*. E a pobre Lisa, sabe do que aconteceu? Dizem que é uma história muito misteriosa… e eis mais uma vez Stavróguin em cena… Hum! iria de boa vontade deitar-me… Creio que já estou na hora… Quando se realizará afinal essa quadrilha li-te-rá-ria?

A quadrilha literária começou afinal. Quando, nos últimos tempos, conversava-se na cidade a respeito do baile que ia ser dado,

falava-se sempre nessa famosa quadrilha da literatura, e como ninguém podia imaginar em que consistia ela, suscitara extraordinária curiosidade. Nada de mais perigoso para seu bom êxito. E qual não foi a decepção!

A porta lateral da sala branca, que até então ficara fechada, abriu-se para dar passagem a alguns mascarados. O público, com ávida curiosidade, adiantou-se para cercá-los. O bufê inteiro, num só movimento, desaguou na sala até seu derradeiro homem. Os mascarados tomaram seu lugar para a dança. Consegui insinuar-me até a primeira fila e encontrei-me justamente atrás de Iúlia Mikháilovna, de von Lembke e do general. Foi então que Piotr Stiepânovitch, que desaparecera até aquele momento, se precipitou para Iúlia Mikháilovna.

— Tenho ficado permanentemente no bufê para vigiá-lo — murmurou ele com o olhar de um colegial apanhado em falta e que, aliás, ele simulava unicamente para exasperar ainda mais Iúlia Mikháilovna. Esta corou de raiva.

— Você poderia bem, pelo menos agora, abster-se de enganar-me, descarado que é! — replicou ela, bastante alto para que o público a ouvisse. Piotr Stiepânovicth esquivou-se, encantado consigo mesmo.

Seria difícil conceber uma alegoria mais lamentável, mais insulsa, mais vulgar do que aquela “quadrilha da literatura”. Nada teria podido imaginar-se de menos apropriado ao nosso público; e fora, no entanto, Karmázinov, dizem, quem a imaginara. Lipútin, é verdade, tinha-a organizado, valendo-se dos conselhos do professor coxo, que assistira ao serão dos Virguínski. Todavia a ideia provinha de Karmázinov e ele próprio, dizia-se, tivera a intenção de disfarçar-se e desempenhar um papel à sua maneira. A quadrilha compunha-se de seis pares de lamentáveis mascarados, se se podia chamá-los de mascarados, dado que não diferiam em nada uns dos outros com as suas fantasias. Assim, por exemplo, aquele senhor idoso, de baixa estatura, de fraque, em suma vestido como toda a gente, portador duma respeitável barba branca (barba postiça, porque era nisto que consistia seu disfarce), requebrava-se, mexendo os pés no lugar, tendo no rosto uma expressão de gravidade imperturbável. Proferia certos

sons com uma voz de baixo bastante medida, mas rouca e era justamente com essa rouquidão que devia representar um jornal conhecido. Diante desse mascarado dançavam duas espécies de gigantes X e Z, e essas letras viam-se pregadas nos fraques que usavam, mas quanto a saber o que significavam aquele X e aquele Z, era um enigma. “O honrado pensamento russo” era personificado sob o aspecto dum senhor de meia idade que trazia óculos, um fraque, luvas — e correntes (verdadeiras correntes). Aquele pensamento trazia debaixo do braço uma pasta contendo uma espécie de documentário. De seu bolso saía a meio uma carta aberta proveniente do estrangeiro: era um atestado destinado a convencer aqueles que tinham dúvidas sobre a honorabilidade do “honrado pensamento russo”. Tudo isso era explicado de viva voz pelos comissários, porque não era possível ler o conteúdo da carta que emergia do bolso. Na sua mão direita, o “honrado pensamento russo” brandia uma taça, como se quisesse elevar um brinde. À sua direita e à sua esquerda, aparecia flanqueado por duas moças niilistas, tosquiadas à moda de cachorro e em frente dançava um outro velhote, de fraque, com um grosso cacete na mão para figurar uma revista “não editada em Petersburgo”, mas temida. “Quando descarrego cacete… é para derrubar”, parecia dizer. Mas apesar daquele cacete, não podia suportar os óculos obstinadamente fixos nele do “honesto pensamento russo”; esforçava-se por desviar seu olhar, e quando esboçava um *pas de deux*, contorcia-se e não sabia onde meter-se, tanto sua consciência evidentemente o atormentava… Aliás, não me lembro de todas aquelas tolas facécias; era tudo da mesma laia, tanto que por fim senti uma espécie de vergonha penosa. E eis que essa mesma expressão de vergonha se refletia em todos os rostos, até mesmo as tristes caras que se tinham visto aglomeradas no bufê. Durante certo tempo toda a gente permaneceu em silêncio e olhou, perguntando a si mesma o que significava aquilo. Quando o indivíduo experimenta um movimento de vergonha é naturalmente inclinado ao cinismo e não tarda em enfadar-se. Pouco a pouco ergueu-se do público um vozerio:

— Que é que é aquilo? — murmurou num grupo um garçom do bufê.

— Uma idiotice qualquer.

— É literatura. Para criticar *A Voz*.

— Mas que tenho eu com isso?

Num outro grupo:

— São uns asnos!

— Não, não são eles, somos nós os asnos.

— Por que és um asno?

— Mas não sou asno.

— Pois bem, já que não és um asno, eu também não sou, há muito tempo.

Num terceiro grupo:

— Seria preciso mandá-los para o diabo, dando-lhes tamancadas no traseiro.

— Devastar a sala inteira!

Num quarto:

— Como não têm os Lembke vergonha de olhar para isso?

— Por que haveriam de ter vergonha? Será que isso te causa vergonha?

— Sim, perfeitamente; e ele é que é o Governador.

— E tu um porco.

— Jamais em minha vida vi baile tão vulgar — observou acremente uma senhora que se achava perto de Iúlia Mikháilovna e que evidentemente desejava ser ouvida. Era uma senhora duns quarenta anos, gorda, repleta, de rosto pintado, com um vestido de seda muito vistosa; quase todo mundo a conhecia na cidade, mas ninguém a recebia. Era viúva de um conselheiro de Estado que lhe havia deixado uma casa de madeira e uma magra pensão, mas vivia

bem e tinha cavalos e carro. Dois meses antes fora visitar Iúlia Mikháilovna que não a recebeu.

— Era bem fácil de prever o que iria acontecer — acrescentou ela, olhando afrontosamente para Iúlia Mikháilovna.

Esta não se aguentou:

— Se a senhora podia prevê-lo, por que veio?

— Foi a tolice que fiz — retorquiu a dama num tom que deixava ver que ardia de vontade de meter-se num barulho. Mas o general interpôs-se.

— *Chère dame* — disse ele, inclinando-se para o ouvido de Iúlia Mikháilovna, — seria bom retirar-se. Só fazemos constrangê-los, e sem nós vão se divertir melhor. A senhora já cumpriu todas as suas obrigações abrindo o baile, pois bem, deixe-os tranquilos agora… E depois Andriéi Antônovitch não parece achar-se num estado lá muito satisfatório… Contanto que não aconteça desgraça!

Mas era demasiado tarde.

Desde o começo da quadrilha, Andriéi Antônovitch observava os dançarinos com uma estupefação misturada de cólera, mas às primeiras chalaças lançadas pelo público, pôs-se a olhar em redor de si, com ar inquieto. Pela primeira vez então seus olhos deram com certos homens do bufê; seu olhar manifestou prodigioso espanto. De repente, uma ruidosa gargalhada partiu do lado em que estava formada a quadrilha: o editor da "terrível revista que não era editada em Petersburgo", o dançarino armado de cacete, sentindo que não lhe era possível suportar por mais tempo os óculos do "honrado pensamento russo" e não sabendo como fazer para ver-se livre deles, tinha, no derradeiro passo de dança, imaginado ir ao encontro dos óculos, caminhando de pés para o ar, alusão muito oportuna ao estado de espírito constantemente revirado da "terrível revista que não era editada em Petersburgo". Como somente Liámchin era o único que sabia caminhar sobre as mãos, fora ele que se encarregara de representar o jornalista armado de cacete. Iúlia Mikháilovna ignorava completamente que se devia andar de pés para o ar. "Tinham-me

ocultado isso, ocultado”, repetia ela, mais tarde, com indignação e desespero. As risadas da multidão, bem entendido, não se dirigiam absolutamente à alegoria, que ninguém entendia, mas muito simplesmente ao passeio, de pés no ar, daquele senhor em traje de gala. Lembke estremeceu, presa duma grande cólera:

— O tratante! — gritou ele, apontando para Liámchin. — Agarrem esse patife… revirem-no… ponham-no sobre seus pés… a cabeça… que a cabeça fique no alto… no alto…

Liámchin saltou sobre seus pés. As risadas redobraram.

— Ponham para fora todos os biltres que estão rindo — ordenou de repente Lembke. Ouviram-se murmúrios na multidão.

— Ora, isto não é permitido, excelência.

— Não é permitido insultar o público.

— É um idiota! — gritou uma voz dum canto da sala.

— Flibusteiros! — gritou alguém na outra extremidade.

A este grito, Lembke voltou-se por completo e ficou pálido. Um sorriso parvo apareceu-lhe nos lábios, como se alguma coisa se apresentasse à sua memória e a compreendesse imediatamente.

Procurando levar seu marido para fora, Iúlia Mikháilovna dirigiu-se à multidão que se aproximara:

— Senhores, senhores, desculpem Andriéi Antônovitch? Andriéi Antônovitch está doente… perdoem-no, senhores.

Ouvi-a distintamente dizer “perdoem-no”. A cena fora muito rápida. Mas lembro-me perfeitamente de que naquele momento uma parte do público, presa duma espécie de pânico, precipitou-se para fora da sala, logo depois das palavras de Iúlia Mikháilovna. Lembro-me mesmo daquele grito lançado por uma mulher que soluçava nervosamente:

— Ah! isto recomeça como hoje de manhã!

E eis que, de súbito, no momento em que a multidão se empurrava para a saída, uma bomba explodiu na sala “ainda como de manhã”:

— Fogo! O Zaríetchie[154] todo pegou fogo!

Todavia, não me lembro se aquele grito foi a princípio lançado nos salões, ou então se alguém, vindo da escada, lançou-o na antecâmara; o certo é que um pânico indescritível ocorreu então. Mais da metade dos assistentes morava no Zaríetchie, seja como locatários, seja como proprietários das casas de madeira que formavam o quarteirão. Correram imediatamente para as janelas, afastaram-se as cortinas, arrancaram-se os postigos. Todo o Zaríetchie ardia. O incêndio estava ainda em começo, é verdade; todavia estava aceso em três focos distintos, o que parecia ainda mais alarmante.

— O fogo foi ateado de propósito! Foram os operários de Chpigúlin que fizeram isso! — gritaram na multidão.

Lembro-me de algumas exclamações muito características.

— Meu coração pressentia que haveriam de provocar incêndios, vinha pressentindo todos estes dias! São os operários Chpigúlin e ninguém mais!

— Reuniram-nos aqui de propósito para atear o incêndio lá!

Este último grito, o mais estranho de todos, foi lançado de uma maneira involuntária e irrefletida de uma Koróbotchka qualquer cuja casa devia estar ardendo. Todos correram para a saída. Não tentarei descrever o atropelo que ocorreu na antecâmara enquanto eram retirados as peliças, os fichus e as capas, nem tampouco os gritos agudos das mulheres e os soluços das moças. É pouco provável que tivessem sido cometidos furtos, quaisquer que sejam as lendas que tiveram curso na cidade a este respeito; mas não é de espantar se, na confusão geral, algumas pessoas tiveram de ir-se embora sem ter encontrado sua peliça. Lembke e Iúlia Mikháilovna quase foram esmagados contra a porta.

— Prendam todos! Não deixem sair ninguém! — vociferava o

Governador, estendendo um braço ameaçador para a multidão que corria para diante. — Revistem-nos todos, um por um, imediatamente!

Violentos insultos partiam do salão.

— Andriéi Antônovitch! Andriéi Antônovitch! — exclamou Iúlia Mikháilovna no auge do desespero.

— Prendam-na em primeiro lugar! — gritou ele, apontando para sua mulher um dedo ameaçador. — Revistem-na em primeiro lugar! O baile foi organizado tendo em vista o incêndio!

Ela lançou um grito e caiu desmaiada (oh! desta vez era deveras). O príncipe, o general e eu corremos em seu socorro; outras pessoas, até mesmo senhoras, vieram ajudar-nos naquele transe difícil. Tiramos a infeliz para fora daquele inferno e transportamo-la para seu carro; mas só ao chegar à sua casa é que ela recuperou os sentidos e seu primeiro grito foi ainda para perguntar o que acontecera a Andriéi Antônovitch. Após a derrocada de todos os seus sonhos, restava diante dela apenas Andriéi Antônovitch. Mandaram buscar um doutor. Passei uma hora junto dela, bem como o príncipe; quanto ao general, tomado dum acesso de magnanimidade (se bem que seu medo fosse muito grande) declarara que não deixaria por toda a noite “a cabeceira da infortunada”; mas ao fim de dez minutos, enquanto esperávamos ainda o doutor, ele já dormia na sala, em cima duma poltrona, e assim o deixamos.

O chefe de polícia, que se apressara em deixar o baile para se dirigir ao local do sinistro, conseguiu fazer que Andriéi Antônovitch saísse depois de nós e quis fazê-lo tomar lugar no carro ao lado de Iúlia Mikháilovna, persuadindo-o por todos os meios de que "Sua Excelência tinha necessidade de repouso". Não compreendo por que ele não insistiu mais. Naturalmente, Lembke não queria ouvir falar de repouso e fazia questão de correr para o local do incêndio; mas isso não era uma razão. Por fim, o chefe de polícia deixou-o subir no seu *drójki* e conduziu-o. Contou mais tarde que, durante todo o trajeto, Lembke não cessou de gesticular "gritando ordens tais que teria sido difícil pôr em execução por causa de sua estranheza". Soube-se depois, e isto faz parte dos depoimentos, que já naquele momento o acesso de terror provocara em Sua Excelência febre cerebral.

É inútil contar como acabou o baile. Tinham ficado nas salas algumas dezenas de pândegos, tendo consigo várias damas. Polícia nenhuma. Não quiseram deixar a orquestra ir embora e surraram os músicos que teimavam em retirar-se. De madrugada, a "tasca de Prókhoritch" foi posta a saque; bebeu-se até enlouquecer; dançou-se uma jiga desenfreada, sujaram-se as paredes e foi somente ao alvorecer que uma parte dessa bacanal, completamente embriagada, se dirigiu para o quarteirão onde o incêndio acabava de extinguir-se, para ali se entregarem a novas desordens… Os outros ficaram deitados ali mesmo no soalho ou sobre os divãs de veludo, como mortos, de bêbados que estavam e sofrendo todas as consequências de seu estado. Pela manhã, retiraram-nos dos salões como foi possível, arrastando-os pelos pés e atirando-os à rua. Foi assim que terminou a festa em benefício das professoras de nossa província.

## *IV*

O incêndio havia apavorado nosso público que morava do outro lado do rio precisamente porque, segundo toda evidência, o fogo fora ateado de propósito. Coisa notável, desde o primeiro grito de "Fogo!", propagara-se o boato de que os incendiários eram os operários de Chpigúlin. Agora, é mais do que sabido que, com efeito, três operários de Chpigúlin tomaram parte no incêndio, porém não mais do que isso; todos os outros foram reconhecidos inocentes, tanto pela opinião

pública como pelos tribunais. Além desses três tratantes (dos quais um acaba de ser detido e fez confissão completa, achando-se os outros dois, até esta hora, fugitivos), a participação de Fiedka, o galé, no incêndio do Zaríetchie, não tem sombra de dúvida. Eis até agora o que se pode recolher de certo quanto à origem do incêndio; quanto às suposições, é outro negócio. Que se propunham aqueles três malandros? Eram ou não dirigidos por alguém? A tudo isto, é bastante difícil responder, mesmo agora.

O fogo que, atiçado por um vento violento, abrasava todo um quarteirão, propagara-se com uma rapidez extraordinária, tanto mais quanto todas as casas do Zaríetchie eram construídas de madeira e o incêndio rebentara em três pontos diferentes (deveria antes dizer em dois pontos, porque o terceiro foco foi quase logo apagado assim que começou, como se verá mais longe). Mesmo assim exagerou-se nosso desastre nas correspondências enviadas aos jornais da capital. Para dizer a verdade um quarto, quando muito do nosso Zaríetchie (talvez menos), foi presa das chamas. Nosso corpo de bombeiros, pouco numeroso relativamente à superfície de nossa cidade e à sua população, manobrou de maneira impecável e mostrou uma coragem a toda a prova. Mas sua ação não teria sido grande coisa, mesmo com o concurso benévolo dos habitantes, se o vento, que virara às primeiras horas da manhã, não houvesse amainado de repente ao romper da aurora. Quando, uma hora após minha fuga do baile, cheguei ao Zaríetchie, o incêndio estava no auge. Toda a rua paralela ao rio era um vasto braseiro. Estava claro como em pleno dia. Não me demorarei em traçar o quadro de um incêndio: quem não conhece isso na Rússia? Nos becos vizinhos da rua em chamas reinava uma confusão indescritível. Esperava-se ali evidentemente ver aparecer o fogo e os moradores retiravam suas mobílias, mas sem, todavia, afastar-se de suas residências; cada qual sob suas janelas, sentavam-se, à espera, sobre as arcas e edredões que haviam arrastado para a rua. Uma parte da população masculina estava ocupada nos trabalhos pesados; abatiam implacavelmente a machadadas as cercas de madeira e até mesmo cabanas inteiras, quando estas se encontravam ao alcance do fogo e na direção do vento. Somente choravam as crianças arrancadas de seu sono, e se lamentavam as mulheres, enquanto realizavam o arrolamento dos objetos que tinham

conseguido salvar. Os outros efetuavam, em silêncio, mas com energia, sua mudança. Faíscas e pequenas labaredas voavam ao longe; extinguiam-nas à medida do possível. Acorridos de todos os cantos da cidade, numerosos espectadores haviam-se aglomerado no local mesmo do incêndio, uns ajudando a extinguir o fogo, os outros contentando-se com gozar do espetáculo, como amadores. O espetáculo de um grande incêndio durante a noite não deixa nunca de produzir uma impressão ao mesmo tempo enervante e excitante; por esta razão é que se organizam fogos de artifício. Mas o fogo obedece nestes casos a intenções precisas de decoração e ornamentação, o que, junto com a segurança perfeita que o cerca, determina no espectador uma impressão leve e capitosa, análoga à que deixa uma taça de champanhe. Quando se trata dum verdadeiro incêndio, o caso é totalmente diverso: aqui, o espanto, da mesma maneira que certo sentimento de perigo pessoal, encontram-se misturados àquela impressão de prazer que se desprende dum fogo noturno; assim, tudo isso produz no espectador (com a condição, bem entendido, de que não seja ele próprio atingido pelo sinistro) certa comoção cerebral e como que um apelo àquele instinto primitivo, selvagem e destruidor que, ai! subsiste nas dobras mais ocultas de nossa alma, mesmo quando se é o mais sossegado e o mais assentado dos funcionários… Essa obscura sensação provoca sempre uma espécie de embriaguez. “Na verdade, não sei se se pode contemplar um incêndio sem experimentar com isso prazer.” Foi isto, palavra por palavra, o que me disse uma vez Stiepan Trofímovitch ao voltar dum incêndio noturno ao qual assistira por acaso e sob o efeito da primeira impressão que trazia daquele espetáculo. Sem dúvida, esse mesmo homem que consideramos aqui como um amador de incêndios noturnos, vai se precipitar, se preciso, nas chamas para salvar uma criança ou uma velha em perigo; mas isto é já toda uma outra história.

Abrindo caminho por entre a multidão curiosa, cheguei, sem perguntar a ninguém, até o ponto mais perigoso, e ali, avistei enfim Lembke que Iúlia Mikháilovna me pedira que procurasse. Encontrei-o na situação mais estranha. Estava de pé sobre os destroços duma cerca; à sua esquerda, a trinta passos mais ou menos, erguia-se o negro esqueleto duma casa de madeira de dois andares quase inteiramente consumida já; as janelas dos dois andares tinham sido

substituídas por buracos hiantes, o telhado desmoronava-se e labaredas serpenteavam ainda, aqui e ali, ao longo das traves carbonizadas. Ao fundo de um pátio, a vinte passos da casa incendiada, um pavilhão, igualmente de dois andares, começava a arder, enquanto os bombeiros lutavam com todas as suas forças contra as chamas. À direita, os bombeiros e gente do povo esforçavam-se por preservar um edifício de madeira bastante grande, ainda não atingido, mas destinado a arder inevitavelmente. Com o rosto voltado para o pavilhão, Lembke gesticulava e gritava dando ordens que ninguém executava. Inclinava-me a crer que o haviam relegado para ali e que todos se afastavam dele. Pelo menos, entre a multidão bastante heteróclita que o cercava e onde podiam ver-se senhores e até mesmo o arcipreste da catedral, ninguém lhe dirigia a palavra ou tentava levá-lo dali para outra parte, se bem que todos o escutassem tanto com surpresa quanto com curiosidade. Pálido, os olhos cintilantes, proferia Lembke as coisas mais estapafúrdias; para cúmulo, estava de cabeça descoberta, pois havia desde muito perdido o chapéu.

— Sempre os crimes dos incendiários! É o niilismo! Onde alguma coisa está-se queimando, está o niilismo! — eu ouvi, não sem algum espanto, e se bem que não houvesse mais na verdade razão para me espantar. Mas a realidade bem nua tem sempre em si algo de profundamente emocionante.

— Excelência — observou o comissário de polícia que se encontrava perto dele, — se o senhor se dignasse voltar para sua casa e ir repousar… Há mesmo perigo para Vossa Excelência ficando aqui.

Esse comissário, como o soube mais tarde, fora deixado de propósito pelo chefe de polícia junto a Andriéi Antônovitch, a fim de velar por ele e fazer o possível para levá-lo para casa, pronto a empregar até mesmo a força em caso de perigo. Missão que, segundo tudo provava, parecia acima dos meios do comissário.

— Eles enxugarão as lágrimas dos sinistrados, mas queimarão a cidade. São sempre aqueles quatro infames, aqueles quatro infames e meio. Prendam o tratante! Ele se insinua na honra das famílias. Serviram-se das professoras para queimar as casas. É covardia, é covardia. Ai, que faz ele? — gritou o Governador avistando, de

repente, sobre o teto do pavilhão, já em parte consumido, um bombeiro cercado pelas chamas. — Façam-no descer dali, façam-no descer! Ele vai cair, vai incendiar-se, apaguem-no… Que faz ele ali?

— Trabalha na extinção do incêndio, excelência.

— É pouco provável, o incêndio está nos espíritos e não nos telhados das casas. Arranquem-no dali e abandone-se tudo! É melhor tirá-lo dali! Que as coisas se arranjem por si mesmas! Ah! quem está ainda chorando? Uma velha! Está gritando essa velha! Por que esqueceram a velha?

Com efeito, no rés do chão do pavilhão uma velha de oitenta anos gritava, parenta do comerciante a quem pertencia a casa em fogo. Mas não a tinham esquecido, ela mesma voltara para lá enquanto era ainda possível, com a louca intenção de salvar seu edredão que se encontrava num quartinho do ângulo que o incêndio havia até ali deixado intacto. Sufocada pela fumaça, o calor fazia-a gritar, porque as chamas começavam a invadir o quarto; todavia, com suas mãos trêmulas, esforçava-se por fazer passar o edredão pela janela de vidraças partidas. Lembke voou em seu socorro. Todo mundo viu-o precipitar-se para a janela, pegar a ponta do edredão e puxá-lo para si com todas as suas forças. Por desgraça, no mesmo instante uma trave queimada destacou-se e veio na queda a atingir o pescoço do Governador. Não o matou, mas foi o fim, pelo menos entre nós, da carreira de Andriéi Antônovitch; a pancada fê-lo perder o equilíbrio e ele caiu sem sentidos.

A aurora enfim surgiu, triste e sombria. O incêndio decresceu; a acalmia sucedeu ao vento que não cessara de soprar até então, e a chuva pôs-se a cair, fina e como que passada numa peneira. Já me encontrava em outra parte do Zaríetchie, longe do local onde caíra o Governador, e ali ouvi singulares conversas. Um fato estranho acabava de ser descoberto: toda a extremidade do quarteirão, em plenos terrenos vagos, além das hortas, a uma distância de pelo menos cinquenta passos das outras habitações, encontrava-se uma casinha de madeira de construção recente. Ora, era aquela casa, afastada de todas as outras, que estivera a ponto de incendiar-se em primeiro lugar desde o começo do incêndio. Teria podido, em virtude da distância,

arder totalmente sem comunicar o fogo a nenhum dos edifícios da cidade e, inversamente, o quarteirão de Zaríetchie teria podido ser todo inteiro presa das chamas, mas nem por isso teria aquela casinha deixado de ser poupada a despeito do vento mais violento. Tratava-se pois dum caso isolado, dum incêndio singular, devido por consequência a alguma maldade. Mas o mais forte é que, tendo a casa podido ser salva, nela descobriram ao romper do dia uma cena das mais estupefacientes. O proprietário daquela casa nova, um comerciante que morava não longe do arrabalde, vendo que sua casa começava a arder, acorreu a toda a pressa e, com a ajuda de alguns vizinhos, conseguiu extinguir o incêndio, dispersando achas inflamadas que haviam amontoado contra a parede. Mas naquela casa moravam inquilinos, certo capitão bem conhecido na cidade, sua irmã e com eles uma velha criada; ora, todos três tinham sido assassinados e, segundo toda verossimilhança, roubados. (Foi precisamente para se dirigir ao local do crime que o chefe de polícia deixara von Lembke, no momento em que este procedia ao salvamento do edredão.) Pela manhã, a notícia espalhou-se e uma multidão de gente de todas as classes, entre a qual se encontravam até mesmo sinistrados, comprimia-se nos terrenos baldios que cercavam a casa nova. Era difícil abrir caminho através daquela multidão compacta. Contaram-me então que haviam encontrado o capitão de garganta cortada, deitado todo vestido sobre um banco; que verossimilmente haviam-no assassinado enquanto estava totalmente embriagado, de modo que nada sentira, mas havia sangrado “como um boi”. Acrescentou-se que sua irmã, Maria Timofiéievna, crivada de facadas, jazia no chão, o que provava que ela se debatera e lutara contra o assassino. A criada, que sem dúvida também fora surpreendida no seu sono, tivera a cabeça esmagada. No dizer do proprietário, na véspera de manhã, o capitão fora à casa dele, em estado de embriaguez e se gabara de possuir muito dinheiro, uma soma de duzentos rublos que lhe mostrou. A velha carteira verde de Liebiádkin foi encontrada vazia sobre o soalho; mas não haviam tocado na arca de Maria Timofiéievna, nem tampouco no revestimento de prata do ícone; da mesma forma estavam intactas as vestes do capitão. Evidentemente, o ladrão, que tivera de apressar-se, conhecia os negócios do capitão e só viera à busca do dinheiro, sabendo muito bem onde ele se encontrava. Se o proprietário não tivesse chegado naquele momento, o monte de lenha

ao consumir-se teria incendiado a casa e teria sido bem difícil descobrir a verdade diante de cadáveres calcinados.

Foi assim que os fatos vieram a meu conhecimento. Recolhi ainda a informação seguinte: a casa fora alugada para o capitão e sua irmã pelo Senhor Nikolái Vsiévolodovitch Stavróguin, o filho querido da Generala Stavróguina, o qual fora em pessoa tratar aquele negócio. Insistira muito com o proprietário que não desejava alugar sua casa e pensava em fazer um botequim, mas Nikolai Vsiévolodovitch não olhara a preço e pagara seis meses adiantados.

— O fogo não pegou aí sozinho — ouvia-se dizer na multidão.

No entanto, a maior parte ficava em silêncio. Os rostos estavam sombrios, mas eu não notava em parte alguma irritação anormal. Em redor de mim, continuava-se, entretanto, a falar coisas de Nikolai Vsiévolodovitch: a mulher assassinada era sua esposa; ainda na véspera atraíra à sua casa, "com o objetivo de desonrá-la", a filha da Generala Drózdova, duma das primeiras casas de nossa cidade; iam dar queixa contra ele em Petersburgo; e quanto à sua mulher, se fora assassinada, era evidentemente para que pudesse casar com a Drózdova. Como Skvopiéchniki não se encontrasse a mais de duas verstas e meia do local, perguntei a mim mesmo se não deveria ir lá para avisar; aliás, não vi sinal de que se procurasse excitar a multidão, muito embora, para ser exato, tivesse reconhecido duas ou três caras patibulares que já me tinham aparecido na véspera em redor do bufê e naquela manhã mesma no local do incêndio. Mas lembro-me em particular de um rapagão magro, desengonçado, de cabelos crespos, e rosto como que untado de fuligem: um burguês que exercia o ofício de serralheiro como vim a saber mais tarde. Estava, não embriagado, mas em contraste com a multidão mergulhada num sombrio silêncio, tinha o ar de quem estava fora de si. Não cessava de dirigir-se ao povo, se bem que não compreendesse eu suas palavras. Tudo quanto dizia de um modo pouco coerente reduzia-se a isto: "Meus amigos, que é isto? Será possível que isto se passe assim?" e ao mesmo tempo fazia grandes gestos.

## Capítulo III / O fim de um romance

## *I*

Da grande sala de Skvopiéchniki (aquela mesma onde ocorrera a derradeira entrevista de Varvara Pietrovna e Stiepan Trofímovitch) podia-se, com um só olhar, abranger todo o incêndio. Ao romper do dia, entre cinco e seis horas da manhã, Lisa, de pé, perto da última janela da sala, à direita, olhava fixamente o rubor decrescente do céu. Estava sozinha na peça. Trazia o mesmo vestido que usara na véspera na sessão literária, um vestido leve, dum verde tenro, coberto de rendas. Mas o vestido estava agora amarrotado, via-se que ela o vestira à pressa e descuidadamente. Percebendo de repente que seu corpete não estava bem cruzado sobre seu peito, apressou-se em prendê-lo, pegou um lenço vermelho que na véspera lançara, ao entrar, sobre uma poltrona e passou-o em redor do pescoço. Sua magnífica cabeleira escapava-se em cachos sobre seu ombro direito, por baixo do lenço. Seu rosto estava fatigado e preocupado, mas os olhos brilhavam sob as sobrancelhas contraídas. Voltou para perto da janela, apoiou a fronte ardente contra a vidraça fria. A porta abriu-se e Nikolai Vsiévolodovitch entrou:

— Mandei lá embaixo um criado a cavalo — disse ele. — Dentro de dez minutos saberemos de tudo. Dizem que todo o quarteirão do outro lado do rio, à direita da ponte, foi destruído. O fogo teria começado à meia-noite, agora está-se extinguindo.

Não foi até a janela, mas ficou de pé por trás da moça, a alguma distância; ela não se voltou.

— De acordo com a folhinha, deveria estar claro há já uma hora e entretanto ainda está escuro como em plena noite — disse ela com enfado.

— Todas as folhinhas mentem — observou Nikolai Vsiévolodovitch, com um sorriso irônico, mas envergonhado por haver feito uma observação tão banal, apressou-se em acrescentar: — É aborrecido viver de acordo com a folhinha, Lisa.

Depois, sentindo que acabava de proferir nova chatice, irritou-se contra si mesmo e guardou silêncio. Lisa sorriu amargamente.

— Você parece estar com tanto mau humor que nem encontra uma frase para dizer-me. Mas tranquilize-se. Disse isso muito a propósito: vivo sempre de acordo com a folhinha. Cada um de meus passos é regulado de acordo com a folhinha. Isto lhe causa admiração?

E com um movimento rápido, deixou a janela e foi sentar numa poltrona.

— Sente-se também, peço-lhe. Não temos mais muito tempo para estar juntos e quero dizer-lhe o que me agradar… Por que, também você, não me diria o que lhe agradar?

Nikolai Vsiévolodovitch sentou junto dela; mansamente, quase receoso, pegou-lhe a mão.

— Que significa essa linguagem, Lisa? Donde vem ela de repente? Que quer dizer: "Não temos muito tempo para estar juntos?". Já é esta a segunda frase enigmática que você diz meia hora apenas depois que acordou.

— Você está contando minhas frases enigmáticas? — continuou ela, rindo. — Mas lembre-se de que ontem, quando entrei aqui, me apresentei a você como uma morta. Está vendo? Achou bom esquecê-lo. Esquecer ou fingir não ter entendido.

— Não me lembro, Lisa. Por que como uma morta? É preciso viver.

— Cala-se? Sua eloquência então o abandonou completamente? Vivi minha hora nesta terra, é bastante. Lembra-se de Khristofor Ivânovitch?

— Não, não me lembro. — Seu rosto ensombreceu-se.

— Não se lembra de Khristofor Ivânovitch em Lausanne? Você o achava insuportável. Ao abrir a porta, ele nunca deixava de dizer: "venho só por um instante" e ficava o dia inteiro. Não quero assemelhar-me a Khristofor Ivânovitch e ficar o dia inteiro.

De novo, o rosto de Nikolai Vsiévolodovitch tomou uma expressão de sofrimento.

— Lisa, essa linguagem irônica me faz mal. Esse descontentamento custa-lhe demasiado a você mesma. Que adianta tudo isso? Por quê?

Os olhos do homem cintilaram.

— Lisa — exclamou ele, — juro, amo-te hoje mais do que ontem, quando entraste em minha casa.

— Que estranha confissão! Que significam esse “ontem” e esse “hoje”? E por que tomá-los como medida?

— Tu não me abandonarás — continuou ele, quase desesperado. — Partiremos juntos, hoje mesmo, não é?

— Ai, não aperte minha mão com tanta força. Está-me doendo. Aonde iríamos juntos hoje mesmo? Esta noite? De novo em alguma parte… “para ressuscitar”… Não, estou farta… aliás, para mim, isto vai demasiado devagar, não me sinto capaz. É demasiado sublime para mim. Se devemos partir, então vamos de imediato para Moscou fazer visitas e recebê-las. Tal é meu ideal, como sabe. Já na Suíça, não lhe dissimulei como era nem o que era. Mas como não nos é possível partir para Moscou, a fim de fazer ali visitas, uma vez que você é casado, então não falemos mais disso.

— Lisa, que aconteceu então ontem?

— Aconteceu o que aconteceu.

— É impossível! É cruel!

— Que importa que seja cruel? E ainda mesmo que seja cruel, é bem preciso que você o suporte.

— Você vinga-se em mim de seu capricho de ontem… — disse ele, à meia voz, tentando sorrir maldosamente.

Lisa ficou rubra.

— Que pensamento abjeto!

— Por que me deu então… tanta felicidade? Tenho direito de

saber?

— Não, é preciso que você saiba sair-se do apuro sem usar de seus direitos. Não coroe a baixeza de sua suposição com uma tolice. Hoje não lhe saem bem as coisas. Aliás, você não receia a opinião pública e que o condenem por essa “tanta felicidade?”. Oh! se é isto, tranquilize-se, pelo amor de Deus. Você não está em causa aqui e não tem contas a prestar a ninguém. Quando abri sua porta ontem, você nem mesmo sabia quem ia entrar. Tal era o meu capricho… para me servir de sua expressão, e nada mais. Pode você encarar todo mundo diretamente nos olhos e com a consciência de sua vitória.

— Tuas palavras, teu sarcasmo que dura há mais de uma hora, fazem-me estremecer de espanto. Essa “felicidade” de que falas com tanto ódio custa-me a mim… tudo… Posso perder-te agora? Juro-te, ontem amava-te menos. Por que queres pois tudo retomar-me hoje? Sabes também o que me custa esta nova esperança? Paguei-a com a vida.

— A sua ou duma outra?

Stavróguin de repente ficou em pé.

— Que quer dizer isso? — perguntou ele, olhando-a fixamente.

— É com a sua ou com a minha que você paga? Eis o que quis perguntar. Ou então você não compreende mais nada agora — replicou, corando, a moça. — Por que levantou desse jeito? Por que me olha fixamente e com tal expressão? Você me faz medo!… Que teme então? Há muito tempo que notei que você tinha medo de alguma coisa… agora sobretudo… neste momento. Meu Deus, como você está pálido!

— Se sabes alguma coisa, Lisa, juro, eu não sei de nada… e não foi disto que falei, quando disse que o havia pago com a vida…

— Não compreendo. — O medo fazia a voz tremer-lhe.

Nos lábios de Nikolai Vsiévolodovitch apareceu por fim um lento e pensativo sorriso. Tornou a sentar em silêncio, apoiou os cotovelos

nos joelhos e ocultou o rosto nas mãos.

— Um pesadelo… uma loucura… falávamos de coisas totalmente diferentes.

— Ignoro de que você falava… É possível que ontem você não soubesse que o deixaria hoje? Não sabia, deveras? Não está mentindo? Responda-me. Sabia, sim ou não?

— Sabia… — respondeu ele em voz baixa.

— Pois bem, que quer ainda? Sabia e aproveitou-se do “instante”. Que decepção há para você aqui?

— Diz-me toda a verdade — exclamou ele, presa dum sofrimento profundo. — Quando abriste minha porta ontem, sabias tu mesma que só a abrias por uma hora?

Ela olhou-o com ódio.

— É verdade então que o homem mais grave pode fazer as perguntas mais absurdas? Por que inquietar-se tanto com isso? Será por amor-próprio, porque uma mulher o abandona e não é você quem a despede por primeiro? Sabe, Nikolai Vsiévolodovitch, que desde que estou junto de você, noto, entre outras coisas, que você se mostra para comigo de uma magnanimidade extrema e é justamente isto que não posso tolerar de sua parte?

Ele se levantou e deu alguns passos pela sala.

— Bem… consinto em que isto acabe assim… Mas como pôde tudo isto acontecer?

— Que preocupação! E o principal é que você sabe tão bem ou melhor que ninguém, e até mesmo contou com isto. Sou uma senhorita, meu coração educou-se na ópera, nisto está a causa de tudo, a chave do enigma.

— Não.

— Não há nada nisso que possa ferir o seu amor-próprio. É a

simples verdade. Isto começou por um belo momento que eu não pude suportar. Quando, há três dias, eu o ofendi diante de toda a gente e você me respondeu duma maneira tão cavalheiresca, voltei para casa adivinhando que, se você me havia evitado, era porque era casado e não porque me desprezava — o que eu mais temia, sendo como sou uma moça da sociedade. Compreendi que, evitando-me, você me protegia contra minha própria imprudência. Veja quanto aprecio sua grandeza de alma. Então interveio Piotr Stiepânovitch que me explicou tudo. Revelou-me que você era dominado por uma grande ideia, uma ideia diante da qual ele e eu não somos nada, mas que no entanto, eu era um obstáculo no seu caminho. E ele se metia sempre na partida e queria absolutamente que formássemos um trio. Disse ainda as coisas mais fantásticas. Citou certa canção russa em que se fala dum navio com remos de bordo. Cumprimentei-o, louvei-lhe o talento poético. Aceitou tudo como moeda de lei. E como desde muito tempo sei que minhas resoluções não duram mais que um minuto, decidi-me naquele momento. E eis tudo. Agora basta, não mais explicações por favor. Fiquemos nisto, de outro modo poderíamos recomeçar a brigar. Repito, não deverá temer ninguém. Assumo toda a responsabilidade. Sou má, caprichosa, deixei-me seduzir por um navio de ópera… sou uma senhorita… Mas, saiba, eu acreditava que você me amasse perdidamente. Por mais tola que eu seja, não me despreze, não zombe desta lágrima que acaba de correr. Gosto tremendamente de chorar… de “ter pena de mim mesma”. Vamos, basta, basta. Não sou capaz de nada, você tampouco. Duas caretas um para o outro e seja isto nosso consolo. Pelo menos, o nosso amor-próprio não sofrerá.

— Um sonho, uma loucura — exclamou Nikolai Vsiévolodovitch. Torcia as mãos e andava pela sala a grandes passadas. — Lisa, pobrezinha… que fizeste?

— Queimei-me na vela e é tudo. Vamos, você não vai chorar, não é mesmo? Tenha mais decoro e mostre-se menos sentimental…

— Por que, por que vieste à minha casa?

— Mas afinal não compreende em que situação grotesca você se coloca aos olhos do mundo com semelhantes perguntas?

— Por que te perdeste a ti mesma, tão monstruosamente, tão estupidamente? E agora, que fazer?

— É esse Stavróguin, o Stavróguin “bebedor de sangue”, como o chama uma senhora daqui que está apaixonada por você? Escute, já lhe disse. Joguei toda a minha vida por uma hora e agora estou calma… Faça o mesmo com a sua… Aliás, de que lhe serviria isto? Você terá ainda muitas “horas” e “momentos” diversos.

— Justamente os mesmos que tu, dou-te minha palavra. Nem uma hora mais do que tu.

Continuava andando pela sala, sem ver o olhar rápido e escrutador de Lisa que de repente pareceu iluminar-se de esperança. Mas, no mesmo instante, o clarão se extinguiu.

— Se tu soubesses o preço de minha impossível sinceridade neste momento, Lisa, se somente eu pudesse revelar-te…

— Revelar-me? Quer revelar-me alguma coisa? Deus me livre de suas revelações! — interrompeu ela, com uma espécie de medo.

Ele parou e esperou, ansioso.

— Devo confessar-lhe que já outrora, na Suíça, fortificou-se em mim a ideia de que você devia ter na consciência algum crime espantoso, lama e sangue… e ao mesmo tempo alguma coisa que o torna tremendamente ridículo… Se assim é, não me diga: eu zombaria de você. Eu zombaria de você toda sua vida… Oh! eis que você empalidece de novo! Vamos, vamos, vou-me embora imediatamente.

Levantou, precipitada, e fez um gesto de desdém.

— Atormenta-me, tortura-me, derrama sobre mim tua cólera… — gritou ele, desesperado. — Tens plenamente o direito. Sabia que não te amava e perdi-te. Sim, “aproveitei o instante”; tinha uma esperança… desde muito tempo… uma derradeira esperança… Não pude resistir à luz que iluminou meu coração, quando vieste à minha casa espontaneamente, sozinha, em primeiro lugar… Acreditei de repente… Talvez ainda acredite agora…

— Uma tão nobre sinceridade será paga na mesma moeda: não quero ser para você uma irmã de caridade. Pode acontecer que venha a ser algum dia enfermeira, se hoje não sei morrer a tempo; mas mesmo se me tornasse enfermeira, não iria para seu lado, embora fosse você tão merecedor de cuidados como um perneta ou um maneta. Sempre me pareceu que você me levaria a um lugar onde haveria uma aranha gigantesca e má, do tamanho dum homem e que seríamos condenados durante toda a nossa vida a olhar aquela aranha e ter medo dela. Assim haveríamos de amar-nos constantemente. Dirija-se a Dáchenhka. Ela irá com você aonde você quiser.

— Você não podia nesta circunstância não falar nela…?

— A pobre cachorrinha! Cumprimente-a de minha parte. Ela já sabia na Suíça que você a reservava para a sua velhice? Que solicitude! Que previdência! Mas quem está aí?

No fundo da sala, a porta acabava de entreabrir-se. Uma cabeça apareceu, depois desapareceu no mesmo instante.

— És tu, Alieksiéi Iegórovitch? — perguntou Stavróguin.

— Não, sou eu — respondeu Piotr Stiepânovitch, que desta vez se havia introduzido a meio na porta entreaberta. — Bom dia, Elisavieta Nikoláievna. Em todo caso desejo-lhe bom dia. Sabia bem que encontraria os dois nesta sala. Vim só por um instante, Nikolai Vsiévolodovitch… preciso a todo custo dizer-lhe duas palavras… é de absoluta necessidade, duas palavras somente.

Stavróguin dirigiu-se para a porta. Mal dera três passos, voltou para Lisa.

— Se ouvires alguma coisa, Lisa, fica sabendo, sou eu o culpado.

Ela estremeceu e olhou-o com terror. Ele saiu à pressa.

## *II*

A peça cuja porta Piotr Stiepânovitch acabara de entreabrir era uma grande antecâmara de forma oval. O velho criado, Alieksiéi

Iegórovitch, ali estivera até a chegada do visitante, mas este mandara-o sair. Nikolai Vsiévolodovitch fechou a porta da sala atrás de si e esperou de pé. Piotr Stiepânovitch lançou-lhe uma olhadela rápida e esquadrinhadora.

— Então?

— Se já sabe — começou depressa Piotr Stiepânovitch. Parecia querer devorar Stavróguin com os olhos. — Naturalmente, nenhum dentre nós é culpado, sobretudo você… não foi senão uma coincidência fortuita… um concurso de circunstâncias… numa palavra, do ponto de vista jurídico não há nada contra você… e vim somente para informá-lo…

— Foram queimados?… Assassinados?…

— Assassinados mas não queimados e eis justamente o que há de desagradável. De resto, não tenho culpa nenhuma neste caso, quaisquer que sejam suas suspeitas a meu respeito. Por que você suspeita de mim, sem dúvida, não é? Quer saber toda a verdade?… veja você… uma vez, tive verdadeiramente a ideia… e foi você mesmo quem a sugeriu (não a sério, é claro; somente para mexer comigo, porque você não poderia ter dito semelhante coisa a sério), mas não me decidi a executá-la, e não me teria decidido a preço algum, nem mesmo por cem rublos… porque não podia tirar do caso nenhuma vantagem… quero dizer, eu mesmo, pessoalmente (falava com extrema volubilidade). Mas veja que concurso de circunstâncias: de meu bolso (você entende? de meu bolso, não havia nem um rublo do seu… aliás você não o ignorava) dei àquele bêbado e imbecil do Liebiádkin duzentos e trinta rublos, uma noite, há uns três dias… você entende? há três dias, e não ontem de noite, somente depois da matinal. Note bem isto: é uma coincidência muito importante… Porque então, eu ignorava se Elisavieta Nikoláievna viria ou não à sua casa; dei-lhe dinheiro meu pela única razão de você ter expresso a ideia de revelar a todo mundo seu segredo… Aliás, não tenho de imiscuir-me nisso, é problema seu… você é um cavalheiro… no entanto, confesso-lhe que uma marretada na cabeça não me teria aturdido mais… Como todas essas tragédias me aborrecem agora tremendamente… (rogo-lhe que repare que falo sério, mesmo quando

emprego expressões de língua eslava) e aquilo prejudicava os meus planos, então jurei a mim mesmo enviar Liebiádkin para Petersburgo, e isto sem que você soubesse e não importava a que preço, tanto mais quanto o capitão não queria outra coisa. No entanto, pode ser que eu tenha cometido um erro: dei-lhe dinheiro em seu nome! Era ou não um erro? Talvez não seja. Mas escute agora, escute como tudo se passou.

No ardor de seu discurso, aproximara-se de Stavróguin e estava a ponto de segurá-lo pela gola da sobrecasaca (talvez o fizesse de propósito). Mas com um gesto violento, Stavróguin deu-lhe uma pancada no braço.

— Hei! Que tem? Tome cuidado… poderia ter-me partido o braço. O principal aqui é a maneira pela qual as coisas se passaram — continuou Piotr Stiepânovitch, sem mais se espantar com o golpe que recebera. — Dou-lhe à noite o dinheiro, a fim de que no dia seguinte de manhã, ao romper do dia, ele se vá embora. Encarrego o tratante do Lipútin de ajudá-lo a fazer suas bagagens e de o acomodar no vagão. Mas aquele patife do Lipútin quis por força representar diante do público uma farsa de colegial… você já deve ter ouvido falar… penso… na matinal… Escute… mas escute, pois: os dois se embebedam e compõem versos. Lipútin, que escreveu a metade, obriga o outro a envergar um fraque (o que não o impede de afirmar-me que o acompanhou à plataforma da estação naquela manhã mesmo) e o oculta atrás dos bastidores para empurrá-lo para cima do estrado no momento desejado. Liebiádkin não perdera tempo em se embriagar mais uma vez. E logo sobreveio o escândalo que se sabe… Liebiádkin, completamente ébrio, é levado para casa; Lipútin surrupia-lhe da carteira os duzentos rublos e só lhe deixa o dinheiro miúdo… Por desgraça, naquela manhã mesmo, Liebiádkin, pelo que parece, já havia tirado os duzentos rublos do bolso, orgulhoso de mostrá-los onde não deveria tê-lo feito. Ora, Fiedka que só esperava isso — farejara a coisa em casa de Kirílov (lembra-se da alusão que você fez?) — decidiu aproveitar-se da ocasião. Eis toda a verdade. O que me causa satisfação é que Fiedka, pelo menos, não encontrou o dinheiro. O pândego contava com uma receita de mil rublos! Apressou-se então, mas o incêndio parece tê-lo amedrontado também… Acredite-me, esse

incêndio foi para mim como um golpe de maça… É… o diabo sabe o que é… É uma tal insubordinação… Veja, espero de você tão grandes coisas que não lhe ocultarei nada… nutri por muito tempo eu mesmo essa ideia de provocar o incêndio, porque é uma ideia tão nacional, tão popular… mas sempre a reservei para o instante crítico, para o momento decisivo em que todos nos sublevaremos e… E eis que agora eles o fizeram por iniciativa própria, sem ter recebido nenhuma ordem, e isto ainda num momento em que seria preciso calar-se e reter até mesmo sua respiração. Não… semelhante insubordinação!… Em uma palavra, não sei de nada ainda a esse respeito… fala-se aqui de dois operários da fábrica Chpigúlin… mas se algum dos nossos estivesse metido nisso, se algum deles tivesse tomado uma parte qualquer no incêndio, então ai dele! Vê você o que acontece quando se afrouxa a mão, por pouco que seja? Não, não há nada a fazer com essa piolheira democrática e seus quinqueviratos. É um mau apoio, pelo que vejo. O que é preciso é uma vontade única, poderosa, despótica, uma vontade que tenha seu ponto de apoio fora das seções e a quem estas obedeçam cegamente… Só então os quinqueviratos baixarão bandeira e talvez sejam ainda de alguma utilidade. Mas, em todo caso, ainda mesmo que todo mundo trombeteasse que Stavróguin quis desembaraçar-se de sua mulher e que foi por isso que a cidade deveria ser presa das chamas…

— Ah! já o trombeteiam?

— Isto é, não, ainda não, e devo confessar que até o presente nada ouvi de semelhante, mas que fazer com a gente do povo, sobretudo com sinistrados? *Vox populi vox dei*. Será preciso muito tempo para espalhar o boato mais estúpido? Mas repito, você nada tem a temer. Juridicamente, você é inocente e diante de sua consciência também é. Porque afinal você não queria isso. Não é verdade que não queria? Não há indícios. Tudo não passa de coincidências… A menos que Fiedka se lembre das suas palavras imprudentes em casa de Kirílov (também por que as proferiu então?), mas ainda assim, isso não prova nada e faremos Fiedka ficar calado. Encarrego-me hoje mesmo de cortar-lhe a língua…

— E os cadáveres não foram queimados?

— Absolutamente. Aquela canalha não soube fazer as coisas limpamente. Mas o que pelo menos me alegra é vê-lo tão calmo… porque ainda mesmo que não seja culpado de modo algum… nem mesmo em pensamento… não é menos verdade que… Em todo caso, confesso que isso arranja da melhor forma possível seus negócios… dum golpe fica viúvo e a esta hora pode casar-se com uma bela moça colossalmente rica, que ainda por cima já se encontra em suas mãos. Veja o que pode fazer um mero acaso, um simples concurso de circunstâncias, hem?

— Você me ameaça, seu imbecil?

— Ora essa, é assim? Trata-me logo de imbecil e ainda mais nesse tom? Quem pois deveria regozijar-se mais do que você?… Corri expressamente para o informar… Que razões teria eu para ameaçá-lo? Necessito de sua boa vontade e não procuro obtê-la por pressão. Você é a luz e o sol. Sou eu que o temo do fundo de minha alma e não você quem me teme. Não sou Mavríki Nikoláievitch… E a propósito, imagine… no momento em que meu carro chegava aqui, quem vejo? Mavríki Nikoláievitch perto da grade, na extremidade do jardim… de capa, encharcado até os ossos… deve ter passado a noite inteira ali à espera! É prodigioso! Até onde pode chegar a estupidez humana!

— Mavríki Nikoláievitch? É verdade?

— O que há de mais verdadeiro. Está diante da grade do jardim. A trezentos passos daqui, se não me engano… Apressei o carro ao cruzar com ele, mas mesmo assim viu-me. Não sabia? Neste caso, folgo muito em ter pensado em falar-lhe disso. Veja você, tal homem pode ser extremamente perigoso se tiver um revólver consigo! Porque afinal, a noite, o mau tempo, a agitação bem legítima… veja qual é a situação dele agora, ah! ah! ah! Que pensa disso, por que fica ele ali?

— Espera Elisavieta Nikoláievna.

— De…veras? E por que ela irá ao encontro dele? Com tal chuva… que imbecil!…

— Ela irá logo ter com ele.

— Eh! eh! Que notícia! Assim… Mas escute… agora sua situação mudou em tudo e por tudo: que necessidade ela tem de Mavríki? Hoje viúvo, você é livre e pode casar-se com ela. De nada sabe ainda, deixe-me o cuidado de arranjar tudo. Onde está ela? Precisamos dar-lhe esta alegria!

— Que alegria?

— É claro, vamos levar-lhe a notícia.

— E você pensa que diante desses cadáveres ela não adivinhará nada? — perguntou Stavróguin com um estranho piscar de olhos.

— Decerto que não — respondeu, fazendo-se de tolo Piotr Stiepânovitch. — Porque do ponto de vista jurídico… E você!… E mesmo se ela adivinhasse alguma coisa! Com as mulheres, é tão fácil… Você não conhece ainda as mulheres! Aliás, é absolutamente preciso que ela case, porque se comprometeu, sem contar que já lhe falei do navio e vi que por meio disso podia-se causar impressão sobre ela; assim, eis de que calibre é a senhorita. Fique tranquilo, ela passará por cima desses cadaverezinhos como se fossem um nada, tanto mais quanto você é totalmente, totalmente inocente, não é mesmo? Ela conservará esses cadaverezinhos para relembrá-los a você logo depois do segundo ano de seu casamento. Toda mulher, ao cingir a coroa nupcial, assegura-se direitos sobre o passado de seu esposo… mas… mas daqui até lá… que acontecerá em um ano? Ah! ah! ah!

— Se você veio de *drójki*, conduza-a imediatamente para junto de Mavríki Nikoláievitch… Ela acabou agora mesmo de me dizer que não podia tolerar-me e que ia embora. Bem entendido, não aceitaria meu carro.

— O… o quê? Será que tem ela verdadeira intenção de partir? Qual a causa de tudo isso? — perguntou Piotr Stiepânovitch, olhando Stavróguin com ar estúpido.

— Esta noite, deu-se conta de que eu não a amava… o que ela, aliás, sempre soube.

— Como? Você não a ama então? — perguntou Piotr

Stiepânovitch, com ar extremamente espantado. — Se é assim, por que então, quando ela entrou ontem, reteve-a você em sua casa, em vez de agir como homem decente e declarar-lhe francamente que não a amava? Você deu prova a seu respeito duma covardia espantosa, e que papel ignóbil desempenhei junto a ela por culpa sua!

Stavróguin pôs-se a rir subitamente.

— Rio de meu macaco — apressou-se em explicar.

— Ah! você adivinhou que eu bancava o palhaço — retorquiu Piotr Stiepânovitch, estourando também em alegre gargalhada. — Foi somente para alegrá-lo que o fiz. Imagine que no momento mesmo em que você saiu da sala, vi pelo seu rosto que lhe acontecera desgraça. Talvez mesmo um fracasso total, não é verdade?… Pois bem, aposto — gritou ele, num acesso de entusiasmo, — que durante toda a noite ficaram vocês um ao lado do outro, sentados em duas cadeiras, perdendo um tempo precioso em discutir coisas elevadas… Vamos, perdoe-me, perdoe-me… Isto não me diz respeito. Ontem eu sabia, sem dúvida alguma, que tudo terminaria estupidamente. Eu a trouxe unicamente para proporcionar-lhe algum prazer e provar-lhe que comigo você não haveria de aborrecer-se. A este respeito sou bastante útil! Em geral, gosto de proporcionar prazer às pessoas. E se agora você não tem mais necessidade dela, como já o esperava, pois bem, vim precisamente para…

— Com que então, foi para divertir-me que você a trouxe?

— E para que outra coisa?

— E não para decidir-me a matar minha mulher?

— Co…o…mo? Mas foi você quem a matou? Que homem trágico!

— Foi você quem a matou, tudo isso dá no mesmo.

— Eu? Fui eu que a matei? Já lhe disse que não tenho nada com isso. Contudo começa você a inquietar-me…

— Continue… dizia você: — “Se agora não tem mais você necessidade dela… pois bem…”

— Pois bem, torne a pô-la em minhas mãos, é muito simples! Arrumarei para ela um magnífico casamento com Mavríki Nikoláievitch que, seja dito de passagem, não postei ali perto da grade do jardim… não vá agora meter isso em sua cabeça. Asseguro-lhe que tenho medo dele neste momento. Você falava de *drójki*, mas embora eu corresse a toda velocidade, dizia a mim mesmo, ao passar ao lado dele: "e se ele tiver um revólver?". Felizmente trouxe o meu. Ei-lo… (tirou um revólver de seu bolso, mostrou-o a Stavróguin e logo o guardou no bolso). Foi por causa da lonjura do trajeto que me muni dele… No que se refere a Elisavieta Nikoláievna, vou lhe dizer em duas palavras: seu coraçãozinho sofre agora ao pensar em Mavríki… pelo menos deve sofrer. E você sabe… por Deus… ela causa pena também a mim! Assim que a tiver levado a Mavríki, ela não vai parar de pensar em você, de cobrir você de elogios diante dele e de insultá-lo cara a cara… eis o que é um coração de mulher! Sinto-me extremamente feliz por ver que você voltou a ficar alegre. Pois bem, vamos. Começo primeiro por Mavríki… quanto aos outros… os que foram mortos… você sabe… não seria melhor para o momento guardar silêncio a respeito. De qualquer modo, bem cedo ela o saberá.

Bruscamente Lisa entreabriu a porta:

— Que é que eu saberei? Quem foi morto? Que falava você de Mavríki Nikoláievitch?

— Ora essa! Estava então escutando?

— Que dizia você de Mavríki Nikoláievitch? Teria sido morto?

— Ah! então não entendeu bem. Acalme-se, Mavríki Nikoláievitch está vivo e de perfeita saúde, como poderá você mesma verificá-lo neste instante, porque ele está aqui embaixo, no caminho, perto da grade do jardim… deve ter passado ali a noite inteira, de capa, todo molhado… Passei diante dele ao chegar, ele me viu…

— Não é verdade. Você dizia… "morto". Quem está morto? — insistiu a moça, presa de dolorosa desconfiança.

— Os mortos são minha mulher, seu irmão Liebiádkin e a criada deles — respondeu Stavróguin com voz firme.

Lisa estremeceu e empalideceu espantosamente.

— Um monstruoso, um estranho acaso, Elisavieta Nikoláievna, um caso de assassinato dos mais estúpidos — apressou-se em explicar Piotr Stiepânovitch. — Um ladrão aproveitou-se do incêndio; é um golpe do galé Fiedka e daquele imbecil de Liebiádkin que mostrara seu dinheiro a quantos encontrava… Acorri imediatamente… um verdadeiro raio. Stavróguin sentiu-se abalado, quando lhe dei parte do acontecido. Estávamos justamente a perguntar-nos se devíamos adverti-la imediatamente…

— Nikolai Vsiévolodovitch, esse homem diz a verdade? — mal pode articular Lisa.

— Não, ele não diz a verdade.

— Como? Eu não digo a verdade? — exclamou Piotr Stiepânovitch, com um arrepio. — Que quer dizer isso ainda?

— Meu Deus, é de fazer a gente ficar louca! — exclamou Lisa.

— Mas compreenda afinal que esse homem está louco neste momento — gritou com todas as suas forças Piotr Stiepânovitch, — porque, afinal de contas, foi a mulher dele a quem assassinaram… Veja como está pálido… Passou a noite toda com você… não a deixou um segundo… como, pois, suspeitar dele?

— Nikolai Vsiévolodovitch, diga-me, como se o dissesse diante de Deus, se você é culpado, sim ou não. Juro-lhe que acreditarei na sua palavra como na palavra de Deus e vou segui-lo até o fim do mundo, sim, seguirei você… com um cão fiel…

— Por que então a atormenta? Que adianta isso, criatura fantástica? — exclamou com raiva Piotr Stiepânovitch. — Elisavieta Nikoláievna, escute-me, você pode me triturar num pilão: ele está inocente; pelo contrário, ele é que está morto, delira. Você mesma o está vendo. Não é culpado de nada, de nada, nem mesmo em pensamento. Foram ladrões e assassinos os culpados; daqui a oito dias provavelmente terão sido descobertos e serão açoitados. Foi Fiedka, o evadido do presídio, foram operários da fábrica Chpigúlin… toda a

cidade já fala disso… Foi por isso que vim…

— É verdade? é verdade? — Tremendo da cabeça aos pés, Lisa aguardava sua sentença de morte.

— Eu não matei, opus-me mesmo a esse projeto, mas sabia que os assassinariam e nada fiz para deter os assassinos. Vá embora, Lisa — murmurou Stavróguin que voltou para a sala.

Lisa cobriu o rosto com as mãos e saiu da casa. Piotr Stiepânovitch ia lançar-se em seu encalço, quando, de súbito, reconsiderou e voltou para a sala.

— De modo que você… de modo que você… de modo que você não tem medo de nada? — urrou ele, precipitando-se sobre Stavróguin. O furor impedia-o de falar, gaguejava palavras confusas, com espuma nos lábios.

Stavróguin ficou de pé no meio da sala e não respondeu nada. Segurava com a mão esquerda um tufo de cabelos e sorria com ar ausente. Piotr Stiepânovitch puxou-o violentamente pela manga.

— Está ficando louco, hem? Como? É esse, pois, o seu fim? Denunciará todo mundo, depois do que você mesmo entrará para um convento ou venderá sua alma ao diabo… Mas muito embora você não tenha medo de mim, saberei ainda assim degolá-lo…

Por fim Stavróguin notou a presença de Piotr Stiepânovitch.

— Ah! é você que está falando e fazendo essa algazarra?… — E de súbito, como se despertasse, exclamou: — Corra atrás dela, corra então; peça um carro, não a abandone. Corra, mas corra então… reconduza-a à casa dela, que ninguém saiba… e que ela não vá lá embaixo… perto dos cadáveres… dos cadáveres… Faça-a sentar à força na sua carruagem. Alieksiéi Iegórovitch, Alieksiéi Iegórovitch!

— Espere, não grite. Presentemente, já se acha ela nos braços de Mavríki… Mavríki vai levá-la no seu carro… Fique aqui, é mais importante que um carro.

Tirou de novo seu revólver. Stavróguin olhou-o com um olhar

grave.

— Pois bem? Então? Mate-me — disse ele, em voz baixa, quase resignada.

— Ufa! com quanta mentira pode um homem carregar sua consciência! — disse, como que tremendo, Piotr Stiepânovitch. — Por Deus, seria preciso matá-lo deveras. Ela deveria ter-lhe literalmente cuspido na cara… Você, um “navio”!… Não passa você de uma velha barca sem fundo, boa quando muito para lenha de aquecimento… Vamos, que a cólera pelo menos o desperte… Eh! eh! Isto deveria pouco importar-lhe, já que você mesmo pede que lhe metam uma bala no cérebro.

Stavróguin sorriu de uma maneira estranha.

— Se você não fosse um palhaço, diria talvez que sim… se você fosse somente um pouco mais inteligente…

— Sou um palhaço, mas não quero que você… a melhor metade de mim mesmo, seja um! Compreende-me?

Stavróguin compreendeu; talvez fosse o único a poder compreender. Chátov ficara muito espantado quando Stavróguin lhe disse que havia entusiasmo em Piotr Stiepânovitch.

— Por agora, deixe-me e vá para o diabo! De hoje para amanhã terei tomado uma resolução. Volte amanhã.

— Sim? É certo?

— Sei lá! Vá para o diabo, para o diabo…

E saiu da sala.

— Quem sabe? Talvez valha mais a pena ainda que seja assim — murmurou Piotr Stiepânovitch para si mesmo, repondo seu revólver no bolso.

*III*

Precipitou-se para alcançar Elisavieta Nikoláievna. Não estava esta ainda muito longe, a alguns passos somente da casa. Alieksiéi Iegórovitch, de libré mas sem chapéu, seguia-a numa atitude respeitosa, a um passo de distância. Suplicava-lhe insistentemente que esperasse pelo carro. No seu espanto, estava o velho a ponto de chorar.

— Vai-te, teu amo quer chá, não há ninguém para servi-lo — disse Piotr Stiepânovitch, mandando Alieksiéi Iegórovitch de volta e tomou sem cerimônia o braço de Elisavieta Nikoláievna.

Esta não o retirou; evidentemente ainda não voltara a si.

— Em primeiro lugar, não deve ir por ali — gaguejou Piotr Stiepânovitch, — mas por aqui, em lugar de passar perto do jardim. Em seguida, é-lhe impossível voltar para sua casa a pé; há três boas verstas até lá e você não está vestida para isso. Vim num carro que me espera lá fora, vou fazê-lo vir até cá, você vai entrar nele e eu a levarei sem que ninguém a veja.

— Como você é bom — disse Lisa, amavelmente.

— Como assim? Mas no meu lugar todo homem digno deste nome faria outro tanto.

Lisa olhou-o com espanto.

— Ah! meu Deus! e eu que pensava que o velho ainda me estivesse acompanhando…

— Escute, sinto-me satisfeito por ver que você toma a coisa dessa maneira, porque tudo isso não passa de um execrável preconceito. E já que é assim, não seria melhor que eu ordenasse ao velho que atrelasse imediatamente? É coisa para dez minutos e voltaríamos durante esse tempo para pôr-nos a abrigo sob o pórtico, hem?…

— Eu antes quereria… onde estão os assassinados?

— Ah! eis ainda esse capricho! É bem o que eu temia. Não, deixemos essa imundície, você não tem, na verdade, necessidade de ver isso.

— Sei onde estão, conheço aquela casa.

— Pois bem, que importa que a conheça? Agora, com esta chuva, este nevoeiro (de que encargo me incumbi!…). Escute, Elisavieta Nikoláievna, de duas coisas uma: ou você tomará lugar comigo no meu carro, e então fique sem se mover aqui, porque se der ainda uns vinte passos, Mavríki Nikoláievitch não deixará de descobrir-nos…

— Mavríki Nikoláievitch? Onde? Onde?

— Bem, se você faz questão de ir ter com ele, não me nego a acompanhá-la ainda um pouco e mostrar-lhe onde ele se encontra. Mas em seguida, vou lhe fazer minha reverência, porque não tenho a menor vontade de abordá-lo neste momento.

— Ele está me esperando, meu Deus? — E de repente parou e vivo rubor invadiu-lhe o rosto.

— Pois bem, que importa, se é um homem sem preconceitos? Você sabe, Elisavieta Nikoláievna, eu não tenho nada com isso, não estou metido em nada, você bem o sabe. Entretanto, quero o seu bem… Se criamos ilusões a respeito do nosso “navio”… se ele aparece agora apenas como uma velha barca apodrecida, boa para ser desmanchada…

— Ah! perfeito, perfeito! — gritou Lisa, sacudida por uma risada nervosa.

— Sim, perfeito. Mas isto lhe arranca lágrimas. É preciso aqui virilidade. Neste ponto, a mulher não deve ceder em nada ao homem. Em nossa época… se a mulher… ora!… para o diabo! (Piotr Stiepânovitch estava a ponto de escarrar) o principal é nada lamentar. Ainda é possível arranjar-se tudo do melhor modo possível. Mavríki Nikoláievitch é um homem… em suma… um homem sensível, embora um tanto taciturno, o que, aliás, nada impede, com a condição, bem entendido, de que não tenha preconceitos.

— Maravilhoso! Maravilhoso! — exclamou Lisa, ainda sacudida pela mesma risada nervosa.

— Mas que é que há? que diabo… Elisavieta Nikoláievna — continuou Piotr Stiepânovitch, de súbito irritado. — É no seu interesse que falo… porque no fundo nada tenho com isso. Ontem me pus a seu serviço, fiz o que você mesma tinha querido, e hoje… Ah! vê você? Já se avista daqui Mavríki Nikoláievitch. Está ali e não nos vê. Elisavieta Nikoláievna, leu você *Pólinka Saks*?[155]

— Que é isso?

— Um romance; eu li quando era ainda estudante… Há nele certo Saks, funcionário rico, que surpreende sua mulher, no campo, em flagrante delito de adultério… Bem, ao diabo, escarremos nisso. Verá você que antes de sua chegada a casa, Mavríki Nikoláievitch vai lhe fazer um pedido. Ele continua não nos vendo.

— Ah! Que não nos veja! — exclamou, de súbito, Elisavieta Nikoláievna, desvairada; — Fujamos, fujamos. Para a mata, pelos campos.

E arrepiou caminho, correndo.

Piotr Stiepânovitch lançou-se em seu encalço.

— Mas Elisavieta Nikoláievna, que fraqueza é essa? E por que não quer que ele nos veja? Pelo contrário, olhe-o altivamente e bem dentro dos olhos. Se é por causa de… quero dizer por causa de sua… virgindade… é este o maior de todos os preconceitos… é de tal modo atrasado… Mas aonde vai você, pois? Aonde? diga-me. Com os diabos, ei-la que se põe agora a correr… Voltemos antes para a casa de Stavróguin… Tomemos um carro… Para onde corre você? Por aí há os campos… Pronto… caiu!

Parou. Lisa voava como um pássaro, sem saber para onde. Piotr já estava cerca de uns cinquenta passos atrás dela, quando Lisa tropeçou num montículo de terra e caiu. No mesmo instante, ouviu-se um grito terrível: era Mavríki Nikoláievitch que afinal a avistara, vira-a cair e precipitava-se para ela através dos campos. Num relance, Piotr Stiepânovitch bateu em retirada para a casa de Stavróguin, para subir o mais depressa possível no seu carro.

Presa de terrível espanto, Mavríki Nikoláievitch já estava junto de Lisa que procurava ficar em pé; inclinado sobre ela, havia-lhe tomado a mão entre as suas. A inverossimilhança daquele encontro havia-lhe abalado a razão e lágrimas corriam pela sua face. Vira-a, ele que a amava com um amor tão respeitoso, correr através dos campos, como uma louca, naquela hora, por aquele tempo, com seu vestido, seu encantador vestido da véspera, que amarrotado agora e coberto de lama pendia dela como um trapo… Não podia proferir uma palavra. Com suas mãos trêmulas, tirou sua capa e cobriu com ela os ombros da moça. De repente, lançou um grito: acabava de sentir sobre sua mão os lábios de Elisavieta Nikoláievna.

— Lisa, não compreendo nada disso, mas por favor, não me afaste.

— Oh! sim! Vamo-nos bem depressa, não me abandone! — E tomando-o pela mão, arrastou-o atrás de si. — Mavríki Nikoláievitch — continuou ela, num tom receoso, baixando a voz, — lá, mostrei-me todo o tempo cheia de coragem, mas aqui tenho medo da morte. Morrerei em breve, vou morrer, mas tenho medo, tenho medo de morrer — murmurava ela, apertando fortemente, o braço de Mavríki Nikoláievitch.

— Oh! se ao menos houvesse por aqui alguém! — disse ele, olhando desesperadamente em redor de si. — Se passasse ao menos alguém! Seus pés estão molhados… você perde a razão…

— Isto não importa, isto não importa — disse ela para acalmá-lo. — Mesmo assim, perto de você, tenho menos medo. Aperte-me o braço, conduza-me… Aonde vamos agora? Para casa? Não, quero primeiro ir ver os cadáveres. Contam que mataram a mulher dele e ele pretende ser o autor dessa morte. Mas não é verdade… não é verdade, não é? Quero eu mesma ver os que foram mortos… por minha causa… foi pensando neles que, esta noite, ele cessou de amar-me… Verei e saberei de tudo. Mais depressa, mais depressa. Conheço aquela casa… Houve lá um incêndio… Mavríki Nikoláievitch, meu amigo, não me perdoe, estou desonrada! Por que perdoar-me? Por que chora você? Dê-me então uma bofetada; me cubra de pancadas, mate-me aqui mesmo em pleno campo, como a uma cadela!…

— Ninguém tem direito de julgá-la — declarou Mavríki Nikoláeivitch, num tom firme. — Que Deus a perdoe! Menos que qualquer outro, cabe a mim julgá-la.

A conversa deles pareceria por demais estranha se eu a relatasse. Durante esse tempo, caminhavam os dois de mãos dadas, num passo precipitado, como dois loucos. Dirigiam-se para o lado do incêndio. Mavríki Nikoláievitch não havia renunciado ainda à esperança de encontrar pelo menos alguma *tieliega*, mas ninguém aparecia. Uma chuvinha fina penetrava toda a paisagem, afogando os reflexos e os tons que ela confundia num mesmo matiz uniforme e plúmbeo em que não se distinguiam mais os objetos. O dia erguera-se desde muito tempo e a impressão era que a aurora ainda não tinha aparecido. De repente, sobre o fundo daquele nevoeiro fuliginoso e frio destacou-se um perfil estranho, grotesco, que marchava ao encontro dos dois jovens. Quando me represento esta cena, creio que mesmo se tivesse estado no lugar de Elisavieta Nikoláievna, não teria acreditado nos meus olhos. Ela, pelo contrário, lançou um grito de alegria e reconheceu imediatamente o homem que avançava ao encontro deles. Era Stiepan Trofímovitch. Como ele havia fugido? Por quais meios conseguira pôr em execução aquela louca ideia de fuga? Veremos mais adiante. Apenas direi que, desde aquela manhã, ele tinha febre, mas a doença fora impotente para retê-lo. Com um passo firme, pisava o solo encharcado pela chuva. Evidentemente, havia amadurecido o seu projeto o melhor que pudera, como homem isolado cuja inexperiência provinha de seus hábitos de gabinete. Estava com "costume de viagem", isto é, tinha uma capa com mangas, presa por um largo cinturão de couro envernizado, e botas altas nas quais havia enfiado suas calças. Provavelmente, devia bem muitas vezes ter-se imaginado naquele traje de viajante, e tudo aquilo, o cinturão e as botas altas envernizadas à hussarda que lhe atrapalhavam o andar, estava sem dúvida pronto desde vários dias. Um chapéu de abas largas e um cachecol de pelo de camelo enrolado no pescoço; na mão direita um bastão e na esquerda um saco de viagem, muito pequeno, mas excessivamente repleto. Além disso, segurava na mesma mão direita um guarda-chuva aberto. Aqueles três objetos, bengala, guarda-chuva e saco, tinham-se tornado, ao fim de uma versta, bastante incômodos para carregar; na segunda versta, tornaram-se pesados.

— É o senhor? É possível que seja o senhor? — exclamou Lisa. Olhava para o velho com um espanto penoso, que pouco a pouco se substituía à alegria irrefletida do primeiro momento.

— *Lise* — exclamou por sua vez Stiepan Trofímovitch que correu para ela, dominado por uma alegria delirante. — *Chère, chère*, é também você, num tal nevoeiro?… Veja: o incêndio resplandece. *Vous êtes malheureuse, n'est-ce pas*?[156] Bem vejo, bem vejo. Mas não me conte nada, nem me pergunte nada. *Nous sommes tous malheureux, mais il faut les pardonner tous. Pardonnons, Lise*[157] e seremos livres eternamente. Para se libertar do mundo e para tornar-se completamente livre, *il faut pardonner, pardonner, et pardonner*.

— Mas por que se põe o senhor de joelhos?

— Porque neste momento em que digo adeus ao mundo, quero dizer adeus a toda a minha vida passada que me aparece sob os seus traços. — Chorou e levou as duas mãos de Lisa aos seus olhos cheios de lágrimas. — Ajoelho-me agora diante de tudo o que na minha vida foi belo, beijo-a e lhe digo obrigado. Agora, quebrei-me em dois pedaços: lá um insensato que sonhou escalar o céu durante *vingt-deux ans*. Aqui o ancião, morto, gelado, um preceptor… *chez ce marchand, s'il existe pourtant ce marchand*…[158] Mas como está molhada, Lise! — exclamou ele, levantando-se, porque sentira que sobre a terra molhada seus joelhos tornavam-se úmidos. — E como é possível? Você, com esse vestido? E a pé, através dos campos?… Chora?… *Vous êtes malheureuse*?[159] Ah! sim, é verdade… ouvi dizer alguma coisa. Mas donde vem você então? — Olhando com espanto para Mavríki Nikoláievitch, redobrava suas perguntas. — *Mais savez-vous l'heure qu'il est*?…[160]

— Stiepan Trofímovitch, ouvi falar lá embaixo de pessoas assassinadas. É verdade? É verdade?

— Que gente! Vi a noite inteira o incêndio que eles atearam. Não podiam acabar de outro modo (de novo seus olhos faiscaram). Arranco-me de um sonho nascido dum delírio de febre, corro à procura da Rússia — *existe-t-elle, la Russie?… Bah, c'est vous, cher capitaine*.[161] Jamais duvidei de que o encontraria um dia em alguma

grande ocasião… Mas tome pelo menos meu guarda-chuva… E por que justamente a pé?… Pelo amor de Deus, aceitem pelo menos este guarda-chuva, porque alugarei em alguma parte um carro. Vejam, parti a pé porque de outro modo Stasie (isto é, Nastássia) teria gritado por toda a rua que eu estava partindo. Por isso fugi incógnito. Não sei, os jornais só falam de assassinatos nas grandes estradas, mas é impossível, na minha opinião, que apenas na estrada tropece com um bandido… *Chère Lise*, dizia você, parece-me, que mataram alguém? *Ô mon Dieu*! você vai sentir-se mal!

— Vamos, vamos — gritou Lisa, como num acesso de histeria, arrastando de novo Mavríki Nikoláievitch. — Espere, Stiepan Trofímovitch — disse ela, voltando, de repente, — espere, pobre e querido homem, deixe-me fazer sobre o senhor o sinal da cruz. Talvez fosse melhor amarrá-lo, mas prefiro abençoá-lo. Reze também por mim, pela "pobre Lisa", um pouquinho assim, sem se fatigar demais, sim? Mavríki Nikoláievitch, entregue a essa criança o seu guarda-chuva, entregue-o de qualquer jeito. Agora, vamo-nos, vamo-nos!

A chegada deles à casa fatal ocorreu justamente no momento em que a multidão, aglomerada naquele local, acabava de ouvir longamente falar das vantagens que Stavróguin retiraria do assassinato de sua mulher. Mas ainda, repito, a grande maioria continuava a escutar, silenciosa e calma. As pessoas mais agitadas eram as que se encontravam embriagadas ou espíritos muito impressionáveis, como o burguês de que falei acima. Todo mundo conhecia-o como homem até pacífico, mas bruscamente saía de seus eixos, bastando para isso que o dominasse qualquer viva emoção. Não vi chegarem Lisa e Mavríki Nikoláievitch. Avistei, em primeiro lugar, bastante longe de mim, Lisa, no meio do mais espesso da multidão e fiquei petrificado de assombro. Em contraposição, não notei Mavríki Nikoláievitch; é provável que naquele momento, por causa do aperto, ele estivesse a dois passos atrás de Lisa, ou que o tivessem dela separado. Lisa, que ia abrindo caminho através da multidão sem ver nem ouvir o que quer que fosse em torno dela, semelhante a uma louca escapada da cela, não tardou em chamar a atenção: elevaram-se rumores, em breve seguidos de vociferações: "É a amante de Stavróguin!". E mais longe: "Não se contentam com assassinar,

querem ainda contemplar o espetáculo". De repente, vi um braço elevar-se por trás de Lisa e abater-se sobre sua cabeça; Lisa caiu. Um grito terrível repercutiu, o de Mavríki Nikoláievitch, que se precipitou em socorro da moça e bateu com todas as suas forças num homem que o impedia de chegar até ela. Mas no mesmo instante o burguês que se encontrava atrás dele agarrou-o. Durante alguns minutos a confusão foi tão grande que não pude distinguir nada. Lisa, parecia, levantou-se, mas tombou de novo, atingida por um segundo golpe. A multidão de súbito se deslocou e formou-se um pequeno círculo em redor daquela que estava caída, enquanto Mavríki se mantinha curvado sobre ela, coberto de sangue, desvairado, torcendo as mãos. Não me lembro mais do que se passou em seguida. Lembro-me, no entanto, de que vi transportarem Lisa. Corri para ela; a moça respirava ainda e talvez não tivesse perdido os sentidos. O burguês, bem como três outros indivíduos, foram detidos. Todos três, até hoje, negam qualquer participação naquela execrável malvadez, sustentando com energia que sua detenção foi devida a um erro; talvez tenham razão. Quanto ao burguês, se bem que graves suspeitas pesem sobre ele, sua dificuldade em exprimir-se não lhe permitiu até o presente fornecer uma exposição circunstanciada do acontecimento. Eu também, embora testemunha indireta, fui chamado a depor. Declarei que, na minha opinião, tudo se passara de maneira puramente fortuita, que os indivíduos que haviam participado daquele crime, por mais mal-intencionados que fossem, eram antes de tudo inconscientes, que tinham agido sob o império da embriaguez e sem dar-se conta exata do que faziam. Tal é hoje ainda a minha opinião.

## Capítulo IV / Decisão suprema

### *I*

Naquela manhã, Piotr Stiepânovitch foi visto por muitas pessoas que afirmaram todas que ele estava num estado de extrema agitação. Às duas horas da tarde, passou em casa de Gagânov que, desde a véspera, voltara do campo. Uma multidão de visitantes achava-se reunida em casa deste e comentava com animação os recentes acontecimentos. Piotr Stiepânovitch falou mais ainda que os outros e

soube fazer-se escutar. Entre nós, sempre fora tido como um "estudante loquaz e meio aluado", mas desta vez falava a respeito de Iúlia Mikháilovna e em meio da algazarra geral era um assunto apaixonante. Na sua qualidade de confidente mais íntimo e mais recente, forneceu a seu respeito numerosos detalhes, bastante novos e inesperados; por inadvertência, e certamente sem querer, contou várias das opiniões que ela externara sobre certas personalidades em vista. Conseguiu assim picar o amor-próprio de várias das pessoas presentes. Tudo quanto ele dizia era obscuro e confuso. Até parecia que estavam tratando com um homem pouco malicioso, mas que, por honestidade, se sente obrigado a explicar muito de repente uma multidão de mal-entendidos e na sua desajeitada simplicidade não sabe nem por onde acabar, nem por onde começar. Bastante imprudentemente, insinuou que Iúlia Mikháilovna estava ao corrente do segredo de Stavróguin e que fora ela quem dirigira toda a intriga. Também ele, Piotr Stiepânovitch, fora atraído a uma armadilha, pois ele próprio estava apaixonado por aquela pobre Lisa e entretanto deixara-se de tal modo apanhar que a tinha "quase" levado em seu carro à casa de Stavróguin. "Sim, sim, senhores, podem rir à vontade, mas se pelo menos eu tivesse sabido como tudo isso acabaria", disse para encerrar a conversa. A certas perguntas ansiosas que lhe foram feitas a respeito de Stavróguin, declarou abertamente que, na sua opinião, a catástrofe de Liebiádkin era puro acaso e que Liebiádkin era o único responsável, porque havia exibido seu dinheiro. Explicou isto duma maneira particularmente nítida. Um dos ouvintes observou-lhe que era em vão que ele procurava enganá-los; ele que comera, bebera, para não dizer mesmo dormira na casa de Iúlia Mikháilovna, era o primeiro a renegá-la, o que não era lá tão bonito quanto ele supunha. Mas Piotr Stiepânovitch tomou incontinenti sua própria defesa:

— Se comi e bebi em casa dela, não foi porque não tivesse dinheiro e não é culpa minha se me convidavam sempre a ir lá. Aliás, permita-me que seja eu mesmo o juiz do reconhecimento que lhe devo por isso.

Em geral, a impressão definitiva foi-lhe favorável. "É sem dúvida um desmiolado, mas, em suma, não é responsável pelas tolices de Iúlia Mikháilovna. Pelo contrário, parece mesmo que tentou retê-la."

Pelas duas horas, espalhou-se de súbito o boato de que Stavróguin, de quem tanto se falara, partira de improviso para Petersburgo pelo trem de meio-dia. Esta notícia suscitou vivo interesse. Vários franziram o cenho. Piotr Stiepânovitch ficou de tal maneira abalado que o viram, dizem, mudar de rosto e exclamar duma maneira estranha: “Quem, pois, pode deixá-lo partir?”. Nisto, deixou imediatamente Gagânov. No entanto, viram-no ainda em duas ou três casas.

Ao cair da noite, achou meio de introduzir-se em casa de Iúlia Mikháilovna, mas não sem esforço, porque ela não queria recebê-lo. Somente três semanas mais tarde tive conhecimento desse pormenor e pela própria Iúlia Mikháilovna, pouco tempo antes de sua partida para Petersburgo. Sem entrar nos detalhes, observou ela, estremecendo, que ele a havia então “assombrado além de toda medida”. Suponho que a ameaçou muito simplesmente de denunciá-la como cúmplice, no caso de ela resolver “falar”. A necessidade de proceder à intimidação estava, naquele momento, estreitamente ligada a seus projetos, que, bem entendido, ela ignorava, e foi somente cinco dias mais tarde que compreendeu por que tivera ele tão pouca confiança em sua discrição e temido tanto novas explosões de sua indignação.

Cerca das oito horas da noite, quando a escuridão era já completa, os “nossos” reuniram-se num extremo da cidade, numa casinha suspeita, na Rua de S. Tomás, onde morava o Alferes Erkel. Essa assembleia dos Cinco fora convocada pelo próprio Piotr Stiepânovitch. Mas ele, que devia presidi-la, atrasou-se imperdoavelmente e os Cinco tiveram de esperá-lo mais de uma hora. O Alferes Erkel era aquele mesmo oficialzinho que, no serão dos Virguínski, ficara sentado, com um caderninho de notas e um lápis nas mãos. Chegara, havia pouco tempo, à nossa cidade e morava numa ruela silenciosa, em casa de duas irmãs, duas velhas burguesas; vivia ali muito retirado e deveria em breve partir. Reuniam-se em casa dele porque era ali que se corria menor risco de ser notado. Aquele estranho rapaz distinguia-se por uma extraordinária taciturnidade. Podia passar dez noites seguidas na sociedade mais barulhenta, assistir às conversas mais estranhas, sem proferir uma única palavra, contentando-se em observar atentamente com seus olhos de criança e

em escutar os interlocutores. Seu rosto era muito bonito e bastante inteligente. Não fazia parte do “quinquevirato”; os “nossos” supunham-no encarregado de alguma missão especial, decidida em certo lugar. Sabe-se agora que nenhuma missão lhe fora confiada e talvez ele próprio não compreendesse exatamente qual era sua posição. Admirava profundamente Piotr Stiepânovitch, com quem travara conhecimento havia pouco. Se tivesse encontrado não importa qual monstro prematuramente pervertido que, sob algum pretexto romântico-social e para submetê-lo a uma prova, lhe tivesse ordenado que organizasse um grupo de bandidos e assassinasse o primeiro mujique encontrado, faria isso sem pestanejar. Tinha ainda, não sei onde, sua velha mãe doente, à qual enviava a metade de seu magro soldo. E como devia ela beijar a cabeça loura de seu filho único! Como devia tremer e rezar por ele! Se falo tanto de Erkel, é que tenho pena dele.

Os “nossos” estavam bastante excitados. Os acontecimentos daquela derradeira noite haviam-nos abalado e pareciam estar um tanto atemorizados. O escândalo muito simples, mas organizado sistematicamente, da preparação do qual tinham participado com tanta boa vontade, acabava de ter um desenlace de uma maneira totalmente inesperada. O incêndio, o assassinato dos Liebiádkini, as violências cometidas pela multidão contra Lisa eram outras tantas surpresas que não tinham previsto no seu programa. Na sua superexcitação, acusavam a mão que os havia dirigido, de despotismo e de insinceridade. Em suma, enquanto aguardavam Piotr Stiepânovitch, acaloraram-se de tal modo, que resolveram afinal exigir dele explicações categóricas; se desta vez ainda se esquivasse a um esclarecimento, então seria simplesmente dissolvido o “quinquevirato”, com a condição de substituí-lo por nova associação “secreta” para a “propagação da ideia”, mas desta vez seria fundada por eles próprios, sobre bases igualitárias e democráticas. Lipútin, Chigáliev e aquele que conhecia bem o povo eram os mais fervorosos partidários dessa ideia. Liámchin calava-se, tendo o ar de quem aprovava. Virguínski ficava indeciso e queria em primeiro lugar ouvir as explicações de Piotr Stiepânovitch. Decidiu-se ouvir Piotr Stiepânovitch; este, no entanto, não chegava nunca. Semelhante sem-cerimônia não contribuía decerto para acalmar os espíritos. Erkel

mantinha-se em silêncio e ocupava-se em servir o chá que ele mesmo trouxe em uma bandeja da casa de suas locadoras, em vez de deixar entrar a criada para pôr o samovar no quarto.

Piotr Stiepânovitch só apareceu às oito e meia. Com um passo rápido avançou para a mesa redonda, diante do divã, em redor da qual a assembleia tomara lugar. Ficou com seu chapéu na mão e recusou o chá. Tinha um ar mau, severo e altivo. Provavelmente logo notara pela cara dos assistentes que eles estavam em "rebelião".

— Antes que eu abra a boca, ponham para fora o que têm a dizer. Estão com cara de quem premeditou alguma coisa — observou ele, com um sorriso sarcástico, passeando seu olhar pelos rostos que o cercavam.

Lipútin tomou a palavra "em nome de todos" e, com uma voz fremente de indignação, declarou que se as coisas continuassem daquela maneira, quebrariam a cabeça. Oh! isto decerto não lhes fazia medo, estavam mesmo dispostos a tudo, mas somente pela causa comum. (Movimentos e aprovações dos outros.) Por isso era preciso ser franco com eles e informá-los de tudo de antemão. "Senão aonde isso os levaria?" (Novos gestos aprovativos e alguns gritos guturais). Agir daquela maneira era humilhante e perigoso… Não que tivessem medo, ainda uma vez, mas se um só agia e todos os outros se contentavam com marchar, bastaria que esse tal mentisse para que todos os outros padecessem. (Exclamações: sim, sim. Aprovação geral.)

— O diabo me leve! Que é então que lhes falta?

— Que relação têm com a causa comum as intriguinhas do Senhor Stavróguin? — continuou Lipútin, fervente de cólera. — Que pertença ele duma maneira secreta à Central — se é que essa central fantástica existe realmente — nada disso queremos saber! Na expectativa, cometeu-se um assassinato, a polícia está alerta e seguindo o fio chegará ao novelo.

— Você vai arrumar de ser preso com esse Stavróguin e nós também — acrescentou o homem que conhecia o povo.

— E sem proveito para a causa comum — concluiu melancolicamente Virguínski.

— Que bobagem! Esse assassinato é obra do acaso. Foi Fiedka que o cometeu para roubar.

— Hum! Estranha coincidência, todavia! — careteou Lipútin.

— E depois, se fazem questão de saber, foi graças a vocês que a coisa ocorreu.

— Como? Graças a nós?

— Em primeiro lugar, você, Lipútin, você mesmo participou dessa intriga; em segundo lugar, e é isto o principal, vocês receberam ordem de expedir Liebiádkin, receberam mesmo dinheiro para esse fim. Em lugar disto, que fizeram? Se o tivessem expedido, nada disso teria acontecido.

— Mas você mesmo não sugeriu que seria bom fazer que ele lesse seus versos no estrado?

— Uma ideia não é uma ordem. A ordem era expedi-lo.

— A ordem! Eis uma palavra bastante estranha!… Não, pelo contrário, você ordenou precisamente que se retardasse a partida.

— Você se enganou e só deu prova de tolice e de indisciplina. Quanto ao assassinato, foi obra de Fiedka, que o cometeu sozinho com o fim de roubar. Ouviram outro toque de sino e já estão acreditando nele. Tiveram medo simplesmente! Stavróguin não é tão estúpido, e a prova é que acaba de partir pelo trem do meio-dia, depois de haver conversado com o vice-governador: se houvesse alguma coisa, não o teriam deixado partir dessa forma, em pleno dia, para Petersburgo.

— Mas nós não pretendemos de forma alguma que tenha o próprio Stavróguin sido assassino — replicou num tom cheio de fel Lipútin que já havia perdido todo o controle. — Talvez mesmo ignorasse a coisa, como eu. Em contraposição, você sabia muito bem que eu ignorava tudo, eu que me meti dentro disso como o carneiro na marmita.

— A quem você acusa? — perguntou Piotr Stiepânovitch, olhando-o com ar sombrio.

— Àqueles mesmos que têm necessidade de incendiar as cidades.

— O pior é que com isso você não quer falar francamente. Aliás, queira ler isto e mostrá-lo aos outros a simples título de informação.

Dizendo isto, tirou de seu bolso a carta anônima de Liebiádkin a Lembke e entregou-a a Lipútin. Este leu a carta com espanto manifesto e, pensativo, passou-a a seu vizinho. A carta em breve correu toda a assembleia.

— É mesmo a letra de Liebiádkin? — perguntou Chigáliev.

— Sim, a letra é dele — afirmaram Lipútin e Tolkatchenko (o que conhecia o povo).

— Eu a mostro a vocês simplesmente a título de informação e porque pressentia que vocês se interessariam pelo assassinato de Liebiádkin — disse Piotr Stiepânovitch, retomando a carta. — Desta maneira, senhores, um Fiedka, totalmente por acaso, nos desembaraça de um homem perigoso. Eis o que significa por vezes o acaso. Não é instrutivo?

Os presentes trocaram um rápido olhar.

— E agora, senhores, a minha vez de fazer perguntas — prosseguiu Piotr, expansivo. — Permitam-me que lhes pergunte por quais razões julgaram bem, sem autorização, pôr fogo à cidade?

— O quê? Que é isso? Nós, nós incendiamos a cidade? Está louco! — tais foram as exclamações de todos os lados.

— Compreendo que o jogo de vocês tenha ido demasiado longe — continuou Piotr, sem se deixar desconcertar, — mas isto não tem nada que haver com os pequenos escândalos de Iúlia MikháiIovna. Convoquei-os aqui, senhores, para mostrar-lhes a extensão do perigo que tão estupidamente atraíram sobre vocês mesmos e que, agora, os ameaça, a vocês e a tantos outros ao mesmo tempo.

— Permita, tínhamos, pelo contrário, a intenção de observar-lhe o grau de despotismo e de arbitrariedade que marca essa medida tomada, sem que os outros membros a conhecessem, medida ao mesmo tempo tão grave e tão estranha — disse com indignação Virguínski, que ficara até então silencioso.

— Com que então negam? Pois eu afirmo que foram vocês que puseram fogo à cidade. Vocês somente e ninguém mais. Não mintam, senhores, tenho informações precisas. Pelo seu ato de insubordinação, puseram em perigo a Causa Comum. Vocês não são mais do que a malha de uma imensa rede e estão obrigados a uma obediência cega em relação à Central. Entretanto, três de vocês, sem ter recebido as menores instruções, persuadiram os operários de Chpigúlin a pôr fogo e o incêndio rebentou.

— Quais são esses três? Onde estão esses três entre nós?

— Anteontem, às três horas da madrugada, você, Tolkatchenko, conversou a respeito do negócio com Fomka Zaviálov, no botequim *Niezabudka*.[162]

— Mas perdão — sobressaltou-se o interpelado. — Disse-lhe apenas uma palavra, sim, mesmo sem nenhuma intenção, assim, muito simplesmente, porque o haviam açoitado de manhã; logo em seguida deixei-o, vendo que ele estava bêbado demais. Se você não me tivesse lembrado esse fato, já estaria completamente esquecido. Mas não é com uma palavra que se põe fogo a uma cidade.

— Você é semelhante a um homem que se admiraria de que uma minúscula faísca possa fazer explodir todo um paiol de pólvora.

— Estávamos a um canto, disse-lhe aquilo ao ouvido… Como você pôde saber? — deu-se bruscamente conta Tolkatchenko.

— Estava lá, debaixo da mesa. Fiquem tranquilos, senhores, conheço cada um dos passos de vocês. Você sorri ironicamente, Senhor Lipútin, pois bem, já sei, por exemplo, que anteontem, à meia-noite, você bateu em sua mulher, em seu quarto de dormir, ao meter-se na cama.

Lipútin ficou boquiaberto e lívido.

(Soube-se mais tarde que Piotr Stiepânovitch fora informado dessa façanha noturna de Lipútin pela criada dele, Agáfia, a quem pagava desde o começo para fazer espionagem.)

— Posso fazer constar um fato? — perguntou de súbito Chigáliev, levantando.

— Faça-o constar.

Chigáliev tornou a sentar e coordenou suas ideias.

— Na medida em que tenho compreendido, e é impossível aqui compreender mal, o senhor mesmo, no começo, e uma vez ainda mais tarde, com grande eloquência, embora demasiado teoricamente, esboçou uma quadro da Rússia, segundo o qual seria esta coberta por uma imensa rede de grupos de malhas. Cada um desses grupos ativos, fazendo prosélitos e ramificando-se ao infinito, teria como dever, por meio de uma propaganda extensa e sistemática, minar sem cessar a autoridade local, fazer nascer a dúvida nas aldeias, semear o cinismo, o escândalo, a incredulidade absoluta em todas as coisas, provocar o ardente desejo dum estado melhor, recorrer afinal ao incêndio, como um processo eminentemente popular, e no momento oportuno levar, se for preciso, o país ao desespero. Não são estas suas próprias palavras que me esforcei em reter, uma por uma? Não é mesmo este o programa de ação que o senhor mesmo nos comunicou na qualidade de delegado do Comitê Central, munido de plenos poderes? Comitê central, aliás, totalmente desconhecido de nós até o presente e que nos parece quase lendário.

— Isto mesmo, somente que o senhor é por demais complicado!

— Cada qual tem o direito de falar a seu modo. Dado que o senhor nos deixa entender que já existem mais de cem elos iguais a este daqui e que a rede que eles formam cobre toda a Rússia, dado que o senhor nos tenha deixado supor, no caso em que cada grupo lograsse êxito na sua tarefa, que toda a Rússia no momento fixado e a um sinal…

— Ah! que o diabo os leve! Tenho outras coisas a fazer que não ocupar-me com vocês! — interrompeu com impaciência Piotr Stiepânovitch, voltando-se na sua cadeira.

— Está bem, serei mais breve, e terminarei por uma pergunta: já vimos aqui vários escândalos, vimos o descontentamento das populações, estivemos presentes e participamos da derrubada da administração local, enfim vimos com nossos próprios olhos o incêndio. De que pois se queixa o senhor? Não é esse o seu programa? De que pode acusar-nos?

— De indisciplina! — gritou furioso Piotr Stiepânovitch. — Enquanto eu estiver aqui, vocês não tem o direito de agir sem minha permissão. Basta. Prepara-se uma denúncia e, amanhã talvez ou esta noite mesmo, serão vocês detidos. Eis a notícia que lhes trago.

A estas palavras, escancararam eles a boca.

— Serão detidos não somente como incendiários, mas também como membros do grupo dos "Cinco". O denunciante conhece toda a trama secreta. Eis o resultado das trapalhadas de vocês.

— Foi certamente Stavróguin — exclamou Lipútin.

— Como? Por que Stavróguin?… — perguntou Piotr Stiepânovitch, como que desconcertado por aquela ideia. — Ah! com os diabos! — disse ele, depois de se ter logo dominado. — Foi Chátov. Todos vocês sabem, creio, que Chátov fez há tempos parte do grupo. Devo confessar-lhes, fazendo-o espionar por pessoas de quem ele não suspeitava, tive a surpresa de saber que toda a organização da rede não era mais um segredo para ele e que ele… Em suma, sabe tudo… Para se desculpar da acusação de ter feito outrora parte da Associação, prepara-se para denunciar todos vocês. Hesitou até o presente. Por isso o poupei. Mas agora, com esse incêndio, vocês o levaram à última extremidade: está muito impressionado, não hesitará mais. Amanhã, pois, seremos todos detidos como incendiários e criminosos políticos.

— É bem certo isso?… Como sabe Chátov de tudo?

A emoção era indescritível.

— É absolutamente verdadeiro. Não tenho o direito de revelar-lhes por que vias descobri tudo isso, mas eis o que pude fazer provisoriamente por vocês: por intermédio duma pessoa, posso exercer sobre Chátov certa pressão, a fim de que, sem despertar suas suspeitas, adie a denúncia… mas somente por vinte e quatro horas… mais tempo é impossível. Não poderia fazer mais. Por consequência, vocês podem considerar-se ainda em segurança até depois de amanhã de manhã.

Todos se mantinham silenciosos.

— É preciso mandá-lo ao diabo afinal! — gritou por primeiro Tolkatchenko.

— Sim, há muito tempo que se deveria ter feito! — secundou Liámchin, batendo com o punho sobre a mesa.

— Mas como? — gaguejou Lipútin.

Piotr Stiepânovitch captou imediatamente a pergunta e pôs-se a expor seu plano. Consistia nisto: atrair Chátov, no dia seguinte, ao cair da noite, ao lugar solitário onde ele havia enterrado o prelo tipográfico e isto sob o pretexto de o obrigar a entregá-lo; em seguida "seriam tomadas ali as medidas necessárias". Piotr Stiepânovitch entrou em inúmeros detalhes que passarei em silêncio e expôs ainda uma vez, duma maneira circunstanciada, as relações equívocas de Chátov com a Central, relações que já são conhecidas do leitor.

— Tudo isso — observou Lipútin incrédulo, — mais uma vez… uma nova aventura do mesmo gênero… vai causar demasiada impressão no povo…

— Sem dúvida alguma — confirmou Piotr Stiepânovitch, — mas isto também está previsto. Temos um meio de desviar qualquer suspeita.

E, com o mesmo luxo de detalhes, pôs-se a falar de Kirílov, da decisão que tomara de suicidar-se, e da promessa que lhe fizera de esperar para isso o momento que lhe fosse indicado e de deixar, ao morrer, uma carta na qual se acusaria de tudo quanto lhe fosse ditado. (Em suma, tudo quanto já sabe o leitor.)

— Sua firme resolução de matar-se é filosófica, mas uma pura tolice, a meu ver e já é conhecida “lá embaixo” — continuava Piotr Stiepânovitch a explicar. — Ora, lá embaixo, não se deixa perder nem um cabelo, nem um grão de pó. Tudo é utilizado para a causa comum. Prevendo o proveito que se podia tirar disso e convencido de que seu projeto era dos mais sérios, deu-se dinheiro a Kirílov para regressar à Rússia (não sei por qual razão ele teimava em morrer na Rússia), foi encarregado duma missão que aceitou (e que aliás cumpriu), e fizeram-no prometer que só se suicidaria, quando lhe fosse dada ordem. Prometeu tudo. Notem que ele pertence à Causa por motivos totalmente especiais e deseja ser-lhe útil. Não tenho o direito de dizer-lhes mais coisas. Amanhã, depois de Chátov, vou lhe ditar uma carta atestando que foi ele o autor da morte de Chátov. Isto parecerá perfeitamente verossímil; estiveram ligados por amizade, foram juntos para a América, lá brigaram — tudo isto será explicado na carta… e… eu creio… isto dependerá das circunstâncias… que se poderá ainda talvez ditar a Kirílov alguma coisa mais… por exemplo, no que se refere às proclamações e talvez também ao incêndio. Aliás, vou ainda pensar. Tranquilizem-se. Ele não tem preconceitos: assinará tudo.

Exprimiram-se contudo algumas dúvidas, a história parecia por demais fantástica. Todos tinham já ouvido mais ou menos falar de Kirílov. Lipútin mais que os outros, naturalmente.

— E se de repente ele resolvesse reconsiderar e não querer mais? — objetou Chigáliev. — Porque afinal ele é louco. Não nos podemos fiar inteiramente nele.

— Fiquem tranquilos, senhores. Ele haverá de querer — cortou, rápido, Piotr Stiepânovitch. — De acordo com nossas convenções, sou obrigado a preveni-lo de véspera, isto é, hoje mesmo. Convido Lipútin a acompanhar-me imediatamente à casa dele, a fim de que possa convencer-se e informá-los ao regressar se, sim ou não, eu disse a verdade. Aliás — interrompeu-se, de súbito, com uma irritação e um desdém extremos, como se já tivesse dado honra demais àquela gente, perdendo daquela maneira seu tempo com ela, — façam como entenderem. Se não se decidirem, a Associação fica dissolvida, mas pelo único fato da indisciplina e da traição de vocês. A partir deste momento, nós nos separamos. Contudo, não se esqueçam de que neste

caso não escaparão, nem à denúncia de Chátov com todas as consequências que ela implica, nem a certos outros pequenos dissabores de que já foram devidamente advertidos por ocasião da formação desse grupo de vocês. Quanto a mim, senhores, não os temo absolutamente… Sobretudo não pensem que esteja tão estreitamente ligado aos senhores… Aliás, tudo isso é indiferente.

— Não, estamos decididos — declarou Liámchin.

— Não há outra saída — murmurou Tolkatchenko, — e se Lipútin nos confirmar a coisa a respeito de Kirílov…

— Oponho-me a isso! Em nome de tudo quanto me é sagrado, protesto contra uma decisão tão sanguinária! — exclamou Virguínski, levantando bruscamente.

— Mas… ? — perguntou Piotr Stiepânovitch.

— Como “mas”?

— Você disse “mas”… e estou esperando.

— Creio que não disse “mas”… Queria simplesmente dizer que se se decidiam a isso… então…

— Então?

Virguínski calou-se.

— Penso que se deve olhar com indiferença e segurança pessoal — disse de súbito Erkel, que abria a boca pela primeira vez, — mas se isto pode prejudicar a causa comum, então penso que não se deve correr o risco de olhar com indiferença sua própria segurança.

Atrapalhou-se e corou. Por mais ocupado que cada qual estivesse consigo mesmo, todos no entanto o olharam com espanto; esperava-se tão pouco que ele também falasse…

— Sou pela causa comum — declarou de repente Virguínski.

Todos se levantaram. Decidiram comunicar-se qualquer novidade no dia seguinte ao meio-dia, sem que os membros precisassem reunir-

se e tomar então as derradeiras disposições. Todos foram informados do lugar onde estava enterrado o material tipográfico; os papéis e as tarefas foram distribuídas. Sem perda de tempo, Lipútin e Piotr Stiepânovitch seguiram juntos para a casa de Kirílov.

## *II*

Não havia nem sombra de dúvida entre os "nossos" a respeito da denúncia de Chátov. Mas acreditavam igualmente que Piotr Stiepânovitch jogava com eles como se fossem peões. Além disso, sabiam que no dia seguinte estariam todos no seu posto e que a sorte de Chátov estava decidida. Sentiam-se semelhantes a moscas que tivessem caído na teia de uma enorme aranha; estavam irritados, mas tremiam de pavor.

Piotr Stiepânovitch, incontestavelmente, era culpado aos olhos deles; tudo teria podido arranjar-se de maneira mais harmoniosa e fácil, se ele tivesse apenas tido o trabalho de matizar a verdade. Em lugar de mostrar o caso a uma luz mais conveniente, como uma façanha de civismo romano, ou algo semelhante, só invocara o vil motivo do medo e o temor pela própria pele, o que era muito simplesmente indelicado. Decerto, tudo não é senão luta pela vida e não há outro princípio, todo mundo sabe disso… mas ainda assim…

Piotr Stiepânovitch não tinha lazeres para invocar os antigos romanos. Ele próprio se sentia fora dos eixos. A fuga de Stavróguin havia-o abatido.[163] Mentira ao dizer que Stavróguin entrevistara-se com o vice-governador; a verdade é que ele tinha partido sem ver ninguém, nem mesmo sua mãe; e que não o hajam incomodado, parecia isso mesmo muito estranho (mais tarde tiveram as autoridades de responder por causa disso). Durante todo dia, andara Piotr Stiepânovitch a informar-se, sem nada conseguir e nunca estivera dominado por tão vivos alarmes. Como teria podido resignar-se a privar-se assim, de repente, de Stavróguin? Eis por que se mostrava tão pouco delicado para com os "nossos". E para cúmulo, eles lhe ligavam as mãos: teria querido partir imediatamente à procura de Stavróguin; em lugar disto, Chátov o retinha e era preciso cimentar definitivamente o bloco dos cinco, para qualquer eventualidade. "Por que largá-los? Podem ainda servir-me." Tal era, suponho, a natureza

de seus pensamentos.

Com efeito, Piotr Stiepânovitch estava profundamente convencido de que Chátov denunciaria. Tudo quanto dissera aos nossos a respeito da denúncia não passara de mentiras. Jamais vira aquela denúncia, jamais ouvira falar dela, mas estava certo dela como dois e dois são quatro. Acreditava que Chátov não poderia em caso algum deixar passar o minuto presente: a morte de Lisa, o assassinato de Maria Timofiéievna — e se decidiria precisamente agora a dar denúncia. Quem sabe? Talvez tivesse algumas razões de esperar isso. Sabe-se também que odiava pessoalmente Chátov. Ocorrera outrora uma desavença entre eles e Piotr Stiepânovitch não perdoava jamais uma ofensa. Estou mesmo persuadido de que foi isso o motivo capital.

Entre nós os passeios de tijolos são muito estreitos, da mesma maneira os passadiços de pranchas. Piotr Stiepânovitch caminhava bem pelo meio do passeio, ocupando-o totalmente, sem a menor atenção para com Lipútin, que devia, ou correr atrás dele, ou então, se queria falar-lhe, descer para o leito da rua e patinhar na lama. Piotr Stiepânovitch lembrou-se de repente de que também ele, bem recentemente, caminhara pela lama, a fim de poder andar de frente e conversar com Stavróguin que, como ele hoje, andava bem pelo meio do passeio, ocupando-o por completo. Lembrou-se de toda aquela cena e de súbito a raiva cortou-lhe a respiração.

A Lipútin também, a raiva cortava-lhe a respiração, tanto aquela falta de polidez o ofendia. Que Piotr Stiepânovitch assim agisse com os “nossos”, achava muito bom! Mas com ele? com ele? Sabia mais do que todos os outros “nossos” a respeito da Causa, estava-lhe mais próximo, era-lhe mais intimamente associado. Até agora participara constantemente dela, se bem que duma maneira indireta. Oh! sabia que Piotr Stiepânovitch, mesmo naquele momento, podia a rigor perdê-lo. Mas desde muito tempo já odiava Piotr Stiepânovitch, menos pelo perigo que corria com ele do que pela atitude soberba e desdenhosa deste último. Agora que era preciso resolver-se a semelhante coisa, ficava possuído de mais raiva do que todos os “nossos” juntos. Ai! apesar de tudo, sabia que no dia seguinte seria o primeiro no seu posto “como um escravo”, e até mesmo levaria para lá os outros! Contudo, se a esta hora, antes de amanhã, pudesse de

alguma maneira matar aquele Piotr Stiepânovitch, sem se perder ele próprio, é claro, com certeza o teria matado.

Absorto em suas cavilações, calava-se e trotava humildemente atrás de seu carrasco. Este parecia tê-lo esquecido; de vez em quando somente dava-lhe uma cotovelada sem-cerimônia e grosseiramente. De súbito Piotr Stiepânovitch parou na rua mais movimentada e entrou num restaurante.

— Aonde vai então? — perguntou Lipútin, furioso. — Não está vendo que é um restaurante?

— Ouero comer um bife.

— Por favor… Está sempre cheio de gente.

— Com isso?… Que me importa?

— Mas… chegaremos atrasados! São já dez horas.

— Lá nunca se chega tarde.

— Mas eu chegarei atrasado. Eles esperam meu regresso.

— Pois que esperem! Seria você muito estúpido se voltasse para lá. Graças às histórias de vocês hoje, ainda não pude almoçar. Em casa de Kirílov, quanto mais tarde, melhor.

Piotr Stiepânovitch tomou um reservado. Lipútin, furioso e zangado, sentou-se numa poltrona à parte e ficou a vê-lo comer. Meia hora e mesmo mais se passou. Piotr não se apressava, comia com bom apetite; chamou, exigiu outra qualidade de mostarda, depois pediu cerveja e sempre sem conversar com Lipútin. Estava mergulhado em profundas reflexões. Com efeito, podia ao mesmo tempo comer com bom apetite e estar mergulhado em profundas reflexões. O ódio de Lipútin atingiu tal paroxismo que lhe foi impossível desviar seu olhar de Piotr Stiepânovitch. Era uma espécie de cãibra nervosa. Contava cada um dos pedaços de carne que o outro engolia; odiava-o por causa da maneira como abria a boca, como mastigava, como saboreava com um prazer especial os pedaços gordos. Chegou a odiar o próprio bife. Por fim, tudo começou a confundir-se diante de seus olhos; a cabeça

parecia girar. Sentia alternadamente calor e frio nas costas.

— Você que não está fazendo nada, leia então isto — disse de repente Piotr Stiepânovitch, lançando-lhe uma folha de papel. Lipútin aproximou-se da vela. O papel estava coberto de uma letra miúda, feia, com rasuras a cada linha. Quando acabou de lê-lo, notou que Piotr Stiepânovitch já havia pago sua conta e estava a ponto de sair. Na rua, Lipútin restituiu-lhe o papel.

— Guarde-o — disse Piotr Stiepânovitch. — Mais tarde lhe explico por que. Pois bem, que diz? — Lipútin estremeceu dos pés à cabeça.

— Na minha opinião… semelhante proclamação… não passa de um absurdo ridículo…

Sua raiva extravasava. Sentia-se erguido e arrebatado.

— Se nos decidirmos — tremia todo, — a espalhar semelhante proclamação, seremos desprezados pela nossa estupidez e pela nossa ignorância da situação real.

— Hum! Penso de outro modo — disse Piotr, continuando a marchar com passo firme.

— E eu não. Será possível que tenha sido você mesmo que redigiu isso?

— Você não tem nada com isso.

— Creio também que os versos sobre “Personalidade Resplendente” são os piores que possam existir e jamais foram escritos por Herzen.

— Você mente, os versos são bons.

— Admira-me — continuou Lipútin, tremendo e sem fôlego, — que nos proponham que trabalhemos pela ruína universal. Na Europa, é natural desejar que tudo venha abaixo, porque existe um proletariado, mas nós, nós não somos senão amadores e, a meu ver, só fazemos poeira.

— Acreditava que você fosse fourierista.

— Mas em Fourier não há disso, não há disso.

— Sei que só há besteiras.

— Não, não em Fourier, não há besteiras. Desculpe-me, mas acho impossível acreditar numa insurreição para o mês de maio.

Lipútin sentia de tal modo calor que teve de desabotoar-se.

— Vamos, basta. Agora, para não esquecer — continuou Piotr Stiepânovitch, passando com espantoso sangue-frio dum assunto a outro, — comporá e imprimirá você mesmo essa folha. Vamos desenterrar a prensa tipográfica de Chátov e já amanhã será você quem a receberá. Comporá o mais rapidamente essa folha e a imprimirá em tantos exemplares quanto puder, a fim de que se consiga distribuí-los neste inverno. Indicarei onde procurar o que for necessário. O maior número de exemplares possível, porque vai receber pedidos de várias partes.

— Não, desculpe-me… Não posso encarregar-me de tal coisa… Recuso.

— E no entanto, vai se encarregar. Ajo de conformidade com as instruções da Central e você só tem de submeter-se.

— E eu acho que nossos Centros estrangeiros esqueceram as realidades russas, romperam todos os liames conosco e por isso só fazem divagar… Creio mesmo que em lugar desses inúmeros grupos de Cinco disseminados pela Rússia, somos os únicos e que a famosa rede não existe — disse por fim Lipútin todo sufocado de cólera.

— Tanto mais desprezível de sua parte, se, não tendo fé na causa, a seguiu… E agora ainda, corre atrás dela como um foguete…

— Não, não corro atrás dela. Temos o direito absoluto de retirar-nos e de fundar uma nova associação.

— Imbecil!… — fulminou-o de repente Piotr Stiepânovitch, com os olhos faiscantes.

Ambos ficaram algum tempo de pé, cara a cara. Piotr Stiepânovitch deu meia volta e, a passo firme, prosseguiu seu caminho.

Um clarão atravessou o espírito de Lipútin: “Vou dar meia volta e arrepiar caminho. Se não me for embora agora, jamais partirei”. Pensou assim o tempo de dar cerca de dez passos, depois, ao décimo primeiro, novo clarão atravessou-lhe o espírito. Não deu meia volta, nem arrepiou caminho.

Aproximavam-se do edifício Filípov, mas antes de atingi-lo, tomaram por uma ruela, ou mais exatamente por um estreito atalho que costeava uma cerca. Era preciso ir andando com cuidado ao longo do barranco sobre o qual o pé escorregava e agarrar-se à estacada. No ângulo mais sombrio daquela velha cerca, Piotr Stiepânovitch arrancou uma prancha e penetrou pela brecha. Lipútin espantou-se, mas ali penetrou atrás dele; depois do que, repuseram a prancha no lugar. Era a passagem secreta pela qual Fiedka se introduzia de noite em casa de Kirílov.

“Chátov deve ignorar que estamos aqui”, murmurou em tom grave Piotr Stiepânovitch a Lipútin.

## *III*

Como de hábito àquela hora, estava Kirílov sentado sobre seu divã de couro e tomava chá. Não levantou para ir ao encontro dos visitantes, mas teve uma espécie de estremecimento e olhou-os com ar alarmado.

— Você não se engana — disse Piotr Stiepânovitch. — É por causa daquilo que vim…

— Hoje?

— Não, não, amanhã… a esta hora, pouco mais ou menos.

E apressou-se em sentar perto da mesa, examinando Kirílov, não sem alguma inquietação. Kirílov, de resto, já havia retomado sua calma e sua expressão habitual.

— Você vê? Eles não querem crer em mim — disse Piotr Stiepânovitch. — Não vai achar ruim por ter trazido Lipútin?

— Hoje, não me incomodarei, mas amanhã quero estar só.

— Mas não antes que eu venha e, nesse caso, na minha presença.

— Preferiria que não fosse na sua presença.

— Lembre-se de que prometeu escrever e assinar tudo o que eu lhe ditaria.

— Isto pouco me importa. E agora, vão ficar muito tempo?

— Tenho de ver certa pessoa daqui a cerca de meia hora. De modo que fique à vontade, mas eu ficarei aqui essa meia hora.

Kirílov não respondeu. Lipútin sentara de parte, por baixo do retrato do bispo. A ideia ousada e desesperada de ainda há pouco apoderava-se cada vez mais de seu espírito. Kirílov mal lhe dera atenção. Lipútin conhecia já desde muito tempo a teoria de Kirílov da qual zombava, mas agora calava-se e olhava em redor de si com ar sombrio.

— Beberei chá de boa vontade — disse Piotr Stiepânovitch. — Acabo de comer um bife e contava tomar chá em sua casa.

— Beba, se quiser.

— Outrora era você mesmo que o oferecia — notou acremente Piotr Stiepânovitch.

— Pouco importa. Que Lipútin beba também.

— Não, obrigado, eu… eu não posso.

— Não quero ou não posso? — perguntou Piotr Stiepânovitch, numa brusca reviravolta.

— Não quero beber em casa dele — recusou Lipútin, num tom expressivo.

Piotr Stiepânovitch franziu a testa.

— Isto cheira a misticismo. O diabo sabe que espécie de gente são vocês todos!

Ninguém lhe deu resposta. O silêncio durou um bom minuto.

— Mas o que sei bem — acrescentou ele, de súbito, — é que nenhum preconceito impedirá um só dentre nós de cumprir seu dever.

— Stavróguin partiu? — perguntou Kirílov.

— Partiu.

— Fez bem.

Um clarão fugitivo passou pelos olhos de Piotr Stiepânovitch, mas ele se conteve.

— Pouco importa o que você pensa, contanto que cada um mantenha sua palavra.

— Manterei minha palavra.

— Aliás, jamais duvidei de que você cumpriria seu dever como um homem independente e de ideias avançadas.

— Mas o senhor, o senhor é ridículo.

— Tanto melhor. Encanta-me poder alegrá-lo. Sempre tenho prazer em prestar serviço a alguém.

— O senhor tem grande vontade de que eu meta uma bala na cabeça e ao mesmo tempo tem medo de que, de repente, eu não o queira mais.

— Isto é, como vê, você mesmo ligou seu plano à nossa atividade. Contando com o seu intento, empreendemos certas coisas, de modo que você não pode mais recuar.

— Aqui o senhor não tem nenhum direito.

— Compreendo, compreendo, é sua livre vontade, mas contanto que essa livre vontade se realize.

— E deverei assumir a responsabilidade de todas as vossas infâmias?

— Escute, Kirílov, ficou com medo, de repente? Se quiser recuar, peço que diga já.

— Não tenho medo.

— Acreditava… porque você faz perguntas demais…

— Vai-se embora logo?

— Ei-lo de novo a fazer perguntas!

Kirílov olhou-o com desprezo.

— Pois bem, veja você — continuou Piotr Stiepânovitch, cada vez mais irritado e inquieto e sem achar o tom conveniente, — você quer que me vá para ficar na solidão, para recolher-se, mas esses indícios são perigosos, para você, para você sobretudo. Você gosta muito de pensar. Na minha opinião, seria melhor não pensar, mas agir bem simplesmente. Na verdade, você me inquieta.

— O que me repugna neste momento é ter perto de mim um verme como você.

— Ora, pouco importa. Poderei muito bem sair e ficar lá fora no patamar durante este tempo. Se quer morrer e o fato de ser tão pouco indiferente, então… tudo isto é bem perigoso. Sairei e me conservarei no patamar e você poderá supor muito à sua vontade que não compreendo nada e que sou um homem infinitamente abaixo de você…

— Não, infinitamente não… Não lhe faltam qualidades, mas há muitas coisas que você não compreende, porque é um homem vil.

— Encantado, encantado. Repito-lhe, estou encantado por poder distraí-lo… em semelhante momento.

— Você não compreende nada.

— Isto é, eu… em todo caso, escuto com respeito.

— Você não pode nada. Mesmo neste momento é incapaz de dissimular sua mesquinha maldade, se bem que seja desvantajoso para você deixá-la aparecer. Vai acabar me irritando e de repente concederei a mim mesmo mais seis meses…

Piotr Stiepânovitch olhou seu relógio.

— Nunca compreendi sua teoria, mas sei que não foi para nós que a inventou, portanto vai aplicá-la mesmo sem nós. Sei também que não foi você que devorou a ideia, mas a ideia que o devorou, por conseguinte não recuará.

— Como? Foi a ideia que me devorou?

— Sim.

— E não eu a ideia? Muito bem. Você tem um espírito mesquinho. Só sabe fazer picuinhas, ao passo que eu conservo o meu orgulho.

— Muito bem! Muito bem! É preciso o que é preciso: que você conserve o seu orgulho.

— Basta! Acabou de beber. Vá-se embora.

— O diabo me leve, terei de partir — disse Piotr Stiepânovitch, levantando-se. — No entanto, é ainda cedo demais. Escute, Kirílov, encontrarei aquele homem na casa da açougueira? Você sabe a quem me refiro. Ou então também ela me mentiu?

— Não o encontrará lá, porque ele está aqui e não lá.

— Como aqui? O diabo me leve! Onde então?

— Está na cozinha comendo e bebendo.

— Como ele ousou? — disse Piotr Stiepânovitch, rubro de cólera. — Devia esperar… É estúpido. Não tem nem passaporte, nem

dinheiro.

— Não sei. Veio despedir-se. Está com roupa de viagem, prestes a partir. Vai-se para não voltar mais. Declarou que você é um canalha e não quer esperar seu dinheiro.

— Ah! ele tem medo de que eu… sim, posso agora… se… Onde está ele? Na cozinha?

Kirílov abriu uma porta lateral que dava para um quartinho escuro; daquele quartinho descia-se por uma escada de três degraus para a cozinha, mais precisamente para a parte que formava alcova e separada do resto por um tabique, onde se encontrava habitualmente a cama da cozinheira. Ali, num canto, sob os ícones, Fiedka estava sentado diante de uma mesa de madeira branca, sem toalha. Havia sobre a mesa diante dele uma meia garrafa de vodca, pão num prato e, numa terrina, um pedaço de carne fria de vaca e batatas. Comia com apetite e parecia semiembriagado. Entretanto, não havia deixado sua pele de carneiro e estava evidentemente pronto a pôr-se a caminho. Por trás do tabique, a água fervia já no samovar. No entanto, não era para Fiedka; pelo contrário, era o próprio Fiedka que, todas as noites, desde mais de uma semana, o preparava para "Alieksiéi Nílitch, porque este estava habituado a beber chá de noite". Uma vez que não havia criada na casa, tenho todo motivo para crer que a carne e as batatas tinham sido preparadas desde manhã para Kirílov pelo próprio Fiedka.

— Que é que te passa pela cabeça? — exclamou Piotr Stiepânovitch, irrompendo na cozinha. — Por que não me esperaste lá embaixo como te ordenara?

E, encolerizado, assestou violento murro sobre a mesa.

Fiedka empertigou-se.

— Espera, Piotr Stiepânovitch, espera um pouco — replicou ele, acentuando cada palavra com afetação, — deves em primeiro lugar compreender que te encontras numa educada visita à casa do Senhor Kirílov, de Alieksiéi Nílitch, a quem sempre poderás engraxar as botas, porque ao lado de ti é um espírito cultivado, ao passo que tu… hum!

E com ar de artista, voltando a cabeça, lançou de lado uma cuspidela sem saliva. Sentia-se nele arrogância, atrevimento e certo desejo muito perigoso de discutir com calma até a primeira explosão. Piotr Stiepânovitch não tinha mais tempo de notar o perigo e, aliás, teria sido incompatível com sua maneira de ver. Os fracassos e humilhações daquele último dia tinham-no feito perder a cabeça. Do alto dos três degraus, na soleira do quartinho escuro, Lipútin olhava com curiosidade.

— Queres ou não ter um passaporte regular e dinheiro para ir aonde te disseram? Sim ou não?

— Estás vendo, Piotr Stiepânovitch? Tu me enganaste desde o primeiro dia. Por isso é que para mim não passas de um chapado canalha. Igualzinho a um piolho humano, eis como te considero. Em troca de sangue humano, tu me prometeste gorda quantia e me fizeste um juramento em nome do Senhor Stavróguin, quando por trás disso havia apenas a tua desonestidade. Muito longe de ter deitado a mão aos mil e quinhentos rublos, só vi fogo e não faz muito o Senhor Stavróguin largou-te na cara duas bofetadas, o que já chegou ao nosso conhecimento. Agora recomeças a ameaçar-me e a prometer-me dinheiro, mas por que isso, não dizes. E eis o que penso: tu me envias a Petersburgo para te vingares de Nikolai Vsiévolodovitch Stavróguin, e contas com minha credulidade. De tudo isso ressalta claramente que és antes de tudo um assassino. E sabes o que já mereceste pelo simples fato de teres perdido, em razão de tua depravação, a fé no próprio Deus, no verdadeiro Criador? Como um pagão, tu te colocaste na mesma linha de um tártaro ou de um morduíno. Alieksiéi Nílitch, que é um grande filósofo, já te explicou muitas vezes o verdadeiro Deus, o santo criador de todas as coisas; falou-te da criação do mundo bem como dos destinos futuros e da transfiguração de todas as criaturas e de todos os animais segundo o *Apocalipse*. Mas tu, inerte como um ídolo, tu te obstinas em ficar surdo e mudo; tu corrompeste o Alferes Erkel, semelhantemente àquele sedutor perverso que se chama ateu…

— Ah! bêbado de boca suja! Saqueia os ícones e vem depois fazer sermão a respeito do verdadeiro Deus!

— Estás vendo, Piotr Stiepânovitch? Confesso-te, é bem verdade,

saqueei-os, mas só arranquei pérolas. E depois, que sabes tu? Talvez, naquele instante mesmo, no cadinho do Altíssimo, uma de minhas lágrimas se transfigurou por causa de certa ofensa que me foi feita, tão verdade é que sou um pobre órfão e não tenho onde repousar a cabeça. Sabes tu, também, como relatam os livros, que outrora vivia um comerciante que, bem como eu, rezando com muitas lágrimas e suspiros, roubou uma pérola do nimbo da Santíssima Mãe de Deus. Mais tarde, diante de todo o povo, caiu de joelhos e depositou toda a soma aos pés daquela que intercede por nós, e aos olhos de toda a multidão, nossa Santa Mãe cobriu-o com seu véu. No seu tempo, foi isto considerado um milagre, de modo que as autoridades deram ordem de inscrevê-lo com toda a exatidão nos livros do Estado. Mas tu, tu soltaste um rato e com isto fizeste injúria ao próprio dedo divino. E se não fosses meu senhor, a quem quando eras pequeno carreguei em meus braços, seria capaz de te matar ali mesmo, e naquela hora.

Indizível cólera apoderou-se de Piotr Stiepânovitch.

— Fala, viste Stavróguin hoje?

— Não te permitas nunca submeter-me a um interrogatório. Em todo esse negócio o Senhor Stavróguin vê espantado o que fazes; não participou dele, nem mesmo com um desejo, e por consequência não se trataria de sua ordem nem de seu dinheiro. Tu me embromaste.

— Receberás o dinheiro e os dois mil também os receberás em Petersburgo, no lugar indicado, tudo ao mesmo tempo e receberás ainda mais.

— Mentes, meu caríssimo, mentes ainda e quase me diverte ver como metes o dedo dentro do próprio olho. O Senhor Stavróguin em comparação contigo está no cimo de uma alta escada e tu ladras embaixo, como um cão estúpido, enquanto ele lá do alto considera… que te faria uma grande honra cuspindo em ti.

— Mas sabes, vagabundo — disse Piotr Stiepânovitch, arrebatado, — que não te deixarei sair daqui e que vou entregar-te imediatamente à polícia?

Com os olhos fuzilantes de raiva, Fiedka, dum salto, pôs-se de pé. Piotr Stiepânovitch sacou seu revólver. Então ocorreu uma cena tão rápida quão repugnante. Antes que Piotr Stiepânovitch tivesse podido servir-se de sua arma, Fiedka, com um gesto tão rápido quanto um relâmpago, assestou-lhe com todas as suas forças um golpe na face. No mesmo instante repercutiu outro golpe terrível, depois um terceiro, depois um quarto, sempre na face. Piotr Stiepânovitch teve uma vertigem, seus olhos escancararam-se, balbuciou algo indistinto, depois tombou ao comprido no chão.

— Aí está ele agora! Peguem-no! — exclamou Fiedka e, com um gesto de triunfo, pegou seu gorro, tirou de sob o banco uma trouxa e desapareceu. Piotr Stiepânovitch estertorando, jazia no chão sem sentidos. Lipútin chegou a pensar que ele estivesse morto. Kirílov precipitou-se, correndo, para a cozinha.

— Água! — exclamou ele e tirando água do balde com uma caneca de lata, derramou-a sobre a cabeça de Piotr Stiepânovitch. Este moveu-se, ergueu a cabeça, sentou-se e olhou diante de si com um ar desvairado.

— Então, como vai isso? — perguntou Kirílov.

O outro olhava-o fixamente, mas sempre sem reconhecê-lo. Depois tendo percebido Lipútin que o observava da soleira da cozinha, mostrou um venenoso sorriso e, de súbito, apanhando seu revólver do chão, pôs-se de pé.

— Se amanhã lhe vier a ideia de fugir… como esse canalha de Stavróguin — exclamou ele, lançando-se com uma raiva frenética sobre Kirílov (com o rosto lívido, balbuciava, as palavras detinham-se em sua garganta) — irei ao outro extremo da terra… vou agarrá-lo… vou esmagá-lo como a uma mosca… entendeu?

E apontou o revólver para a testa de Kirílov; mas quase imediatamente, recuperando afinal o domínio de si mesmo, baixou a mão, recolocou o revólver no bolso e, sem dizer uma palavra, saiu correndo da casa. Lipútin seguiu-lhe os passos. De novo, deslizaram pela brecha, costearam o barranco, agarrando-se à cerca. Piotr Stiepânovitch caminhava tão depressa que Lipútin mal podia segui-lo.

Na primeira encruzilhada, ele parou de repente:

— Então? — disse, olhando Lipútin com um ar de desafio.

À lembrança do revólver e do que acabava de passar-se, Lipútin estava todo trêmulo, mas de súbito e como por si mesma, a resposta brotou-lhe dos lábios sem que pudesse evitar:

— Acho… acho que "de Smolensk até Tachkent não se espera, com ânsia, o estudante".

— Viste o que Fiedka bebia na cozinha?

— O que ele bebia? Bebia vodca.

— Pois bem, fique sabendo que ele bebeu vodca pela derradeira vez em sua vida. Recomendo-lhe que se lembre disso para todos os fins úteis. E agora, vá para o diabo… Até amanhã não necessito de você… Somente, tenha cuidado: nada de besteiras!…

Lipútin deu às gâmbias toda a velocidade, correndo para casa.

## *IV*

Desde muito tempo ele já arranjara um passaporte com nome falso. É estranho pensar como aquele homenzinho tão ordenado, aquele tiranozinho doméstico, aquele funcionário (se bem que fourierista), enfim e acima de tudo aquele capitalista usurário, tivera desde muito tempo a ideia fantástica de arranjar, para qualquer eventualidade, aquele passaporte com nome falso, a fim de poder fugir para o estrangeiro se… Admitia a possibilidade daquele "se" muito embora, é claro, fosse incapaz de formular o que entendia precisamente por aquele "se".

Mas eis que agora tudo acabava de formular-se e da maneira mais inesperada. Um pensamento desesperado lhe viera ao entrar em casa de Kirílov, depois de ter-se deixado tratar de "imbecil" por Piotr Stiepânovitch. Consistia o tal pensamento no seguinte: amanhã, logo ao romper do dia, abandonar tudo, expatriar-se, indo para o estrangeiro. Quem não acredita que coisas assim extraordinárias

ocorram correntemente entre nós, basta consultar a biografia de todos os emigrados que se encontram atualmente no estrangeiro. Nem um tratou de fugir por um motivo mais razoável e mais real. Por toda parte o império despótico da fantasia e nada mais.

De volta à sua casa, começou por encerrar-se no seu quarto, pegou seu saco de viagem e pôs-se a empacotar coisas. Sua principal preocupação consistia no dinheiro: em que quantidade e como conseguiria salvá-lo? Salvá-lo, sim, porque não tinha mais, a seu ver, uma hora a perder e já deveria estar a caminho antes do romper do dia. Não sabia tampouco como tomaria o trem; pensava vagamente em dirigir-se à segunda ou terceira estação antes de nossa cidade, tivesse embora de fazer a pé o caminho até lá. Instintiva e maquinalmente, com um turbilhão de ideias na cabeça, aferventava-se em torno do saco de viagem; de súbito largou o que fazia e com um profundo suspiro foi deixar-se cair sobre seu divã.

Sentiu com clareza e compreendeu de súbito que, já que era preciso fugir, fugiria decerto, mas quanto à questão de saber se devia fugir antes ou depois do caso Chátov, achava-se totalmente incapaz de responder; compreendeu que não era agora mais nada senão um corpo privado de vontade, uma massa passiva, inerte, movida por uma força estranha e terrível; que, afinal, embora tendo um passaporte para o estrangeiro e embora em condições de fugir antes do caso Chátov — se assim não fosse, teria tido tanta pressa? — não fugiria antes do caso Chátov, mas seria depois do caso Chátov que fugiria, e isto estava já decidido, assinado, selado.

Tomado duma incontrolável angústia, tremendo a cada minuto, admirado de se ver assim, suspirando e gemendo, retendo o fôlego, passou a noite nem bem, nem mal, fechado no seu quarto, em seu divã, até às onze horas da manhã. Foi então que sentiu o choque decisivo que pôs fim às suas hesitações. Às onze horas, mal abrira a porta de seu quarto, a primeira coisa que os seus lhe contaram foi que Fiedka, o bandido, o forçado evadido, por todos temido, Fiedka, o saqueador de igrejas, o assassino, o incendiário, aquele que nossa polícia procurava desde muito tempo, sem conseguir agarrá-lo pela gola, fora encontrado assassinado naquela manhã, bem cedo, a sete verstas da cidade, na encruzilhada da grande estrada e do caminho

que conduzia à paróquia de Zakhárino. Era só do que se falava na cidade. Transtornado, precipitou-se Lipútin para fora de casa, a fim de conhecer os detalhes e eis o que o soube em primeiro lugar. Tinham encontrado Fiedka com o crânio esmagado; segundo todos os indícios fora roubado. Em segundo lugar, a polícia tinha suspeitas que pareciam fundadas, e até mesmo certos dados tendentes a estabelecer que o assassínio fora cometido por um operário da fábrica de Chpigúlin, um tal de Fomka, com o qual, não se podia duvidar, Fiedka havia assassinado os Liebiádkini e incendiado a casa deles; Fomka e Fiedka deviam ter brigado por causa da gorda quantia de dinheiro que Fiedka havia supostamente roubado da casa dos Liebiádkini e ainda não havia partilhado com seu cúmplice… Lipútin correu ainda à casa de Piotr Stiepânovitch. Lá, soube na escada de serviço "que Piotr Stiepânovitch, de volta para casa a uma hora da madrugada, dormira um sono muito calmo, a noite inteira, até às oito horas. Sem dúvida, não podia haver nada de extraordinário na morte inopinada de Fiedka, tal é a maior parte das vezes o desenlace dessas espécies de carreiras, mas a coincidência entre as palavras proféticas de Piotr Stiepânovitch declarando que Fiedka "bebera vodca pela derradeira vez" e o cumprimento da profecia, era bastante significativa para que Lipútin cessasse logo qualquer hesitação. O choque fora dado, como se uma pedra caindo sobre ele o tivesse esmagado para sempre. De volta à sua casa, empurrou com o pé seu saco de viagem para baixo da cama, em silêncio, e à noite, à hora marcada, era o primeiro a chegar ao encontro, no lugar indicado para a entrevista com Chátov, levando, é verdade, seu passaporte no bolso.

## Capítulo V / A viajante

### *I*

A catástrofe sobrevinda a Lisa e a morte de Maria Timofiéievna tinham abatido profundamente Chátov. Já disse que, quando o encontrei naquela manhã, pareceu-me transtornado. Contou-me entre outras coisas que fora à casa de Maria Timofiéievna na véspera, às nove horas da noite (isto é, três horas antes do incêndio). De manhã fora ver os cadáveres, mas tanto quanto eu saiba, não deu parte de

suas suspeitas a ninguém. Entretanto, à medida que o dia se aproximava de seu fim, uma verdadeira tempestade se desencadeava em sua alma. Posso mesmo afirmar que houve um momento, perto do cair da noite, em que ele esteve a ponto de levantar-se e ir revelar tudo. O que significava aquele "tudo", ele mesmo não sabia exatamente. Decerto, dando aquele passo, só faria denunciar-se. Não possuía prova nenhuma; somente vagas conjeturas que, apenas para ele, equivaliam a uma certeza. Mas estava pronto a perder-se contanto que pudesse esmagar também aqueles "infames", como os chamava.

Piotr Stiepânovitch previra bem aquela explosão de cólera de Chátov e sabia que se arriscava bastante adiando, um dia que fosse, a execução de seu projeto. Contudo, como sempre, a confiança presunçosa que tinha de si mesmo, seu desprezo por toda "aquela gentinha" e em particular por Chátov, levaram-no a uma decisão. Desde muito tempo já tinha apenas desprezo por aquele Chátov, com seu "idiotismo choramingas", como a ele se referia, quando estava ainda no estrangeiro. Dizia a si mesmo que venceria fácil um homem tão destituído de malícia; apenas cuidaria para que fosse vigiado o dia inteiro, e, se fosse necessário, interviria duma maneira decisiva. No entanto, "os infames" foram salvos no derradeiro momento, por uma circunstância totalmente inesperada e que nenhum dentre eles teria podido prever.

Cerca das oito horas — justamente no momento em que os "nossos", reunidos em casa de Erkel, esperavam Piotr Stiepânovitch, agitando-se e irritando-se, — Chátov, que tinha dor de cabeça e ligeira febre, estava estendido no seu leito, no escuro. Nem mesmo uma vela iluminava o quarto. Atormentava-se, não sabia que resolução tomar, arrebatava-se, tomava uma decisão que logo em seguida abandonava, e esta irresolução era para ele um suplício cruel. Pouco a pouco adormeceu. Durante seu curto sono, teve uma espécie de pesadelo. Sonhou que estava amarrado no seu leito sem poder fazer um movimento. Entretanto, ruídos terríveis repercutiam por toda a casa; pancadas violentas contra as paredes, contra a porta de entrada, contra a parede da ala em que morava Kirílov, de modo que a casa era sacudida até os alicerces. Ao mesmo tempo, uma voz longínqua, para ele familiar, queixosa, dolorida, chamava-o pelo nome. Despertou

sobressaltado e ergueu-se no leito. Para grande espanto seu continuava a bater na porta de entrada e, sem serem tão fortes como lhe tinham parecido em sonho, as pancadas nem por isso eram menos frequentes e obstinadas, enquanto que lá embaixo, diante da porta do pátio, a mesma voz estranha, “dolorida”, continuava a chamar seu nome. Mas deixara de ser queixosa e tornara-se impaciente e irritada. A intervalos, percebia ainda outra voz mais contida, mais ordinária. Chátov saltou da cama, abriu o postigo e passou a cabeça para fora.

— Quem está aí? — perguntou, gelado de pavor.

— Se você é Chátov — respondeu de baixo e num tom cortante uma voz orgulhosa de mulher, — tenha então a bondade de dizer-me honestamente se consente ou não em deixar-me entrar?

Era mesmo ela; reconhecera-lhe a voz!

— Mária… és tu?

— Sim, sim, sou eu. Mária Chátov. Asseguro-lhe que não posso deixar meu cocheiro esperar um minuto mais.

— Imediatamente… o tempo de acender uma vela — gritou fracamente Chátov. Em seguida pôs-se a procurar, a toda a pressa, os fósforos. Como acontece sempre em semelhante caso, não os encontrava. Derrubou o castiçal e a vela. Lá embaixo, a voz fazia-se ouvir sempre mais impaciente. Então largou tudo e desceu a escada, de quatro em quatro degraus, para abrir o portão.

— Faça o favor de segurar esta sacola, enquanto pago ao homem — disse Mária Chátov, estendendo-lhe uma pequena sacola de mão bastante leve. Era um desses objetos sem valor, que se fabricam em Dresden, de lona com tachas de cobre. Com voz furiosa interpelou o cocheiro.

— Tomo a liberdade de dizer-lhe que você está cobrando demais; se andou a passear-me durante uma hora através dessas ruas imundas, foi culpa sua, porque nem mesmo sabia onde se achava esta estúpida rua e esta estúpida casa. Queira aceitar estes trinta copeques e fique certo de que não receberá mais do que isto.

— Ah! minha senhora, foste tu mesma quem primeiro me indicou a Rua da Ascensão, quando querias vir para a Rua da Epifania. A Rua da Ascensão é muito longe daqui. Escangalhei meu cavalo sem necessidade.

— Ascensão, Epifania… Vocês, moradores daqui, deveriam conhecer melhor do que eu todos esses tolos nomes, e de resto você não tem razão. Indiquei-lhe em primeiro lugar o edifício Filípov e você pretendeu saber muito bem onde ele estava situado. Em todo o caso, pode intimar-me a comparecer perante o juiz de paz. Agora, peço-lhe que me deixe tranquila.

— Tome, eis aqui mais cinco copeques — apressou-se em intervir Chátov, entregando ao cocheiro uma moeda que acabava de tirar do bolso.

— Que significa isto, por favor? Você nada tem de pagar aqui — protestou Mária Chátov. Mas o cocheiro já havia fustigado seu cavalo. Chátov pegou sua mulher pela mão e conduziu-a para a porta.

— Depressa, Mária, mais depressa… tudo isto não é nada… Como estás molhada! Devagar, há aqui uma escada… que pena que não haja luz… a escada é íngreme; segura-te ao corrimão… Agora eis aqui o meu pequeno quarto… Desculpa-me, não tenho fogo… Agora mesmo!…

Tateou, apanhou o castiçal, mas os fósforos continuavam desaparecidos. Mária Chátov conservava-se de pé no meio do quarto sem fazer um movimento, nem proferir uma palavra.

— Enfim, graças a Deus — exclamou ele, com voz alegre, acendendo a vela. Numa rápida olhadela, Mária Chátov abarcou todo o quarto.

— Bem me disseram que você estava abominavelmente alojado, mas nunca teria imaginado que fosse assim — disse ela, mal-humorada, dirigindo-se para o leito.

— Oh! estou fatigada! — continuou, deixando-se cair sobre o duro catre. — Por favor, ponha meu saco de viagem em cima da

cadeira. Enfim, faça como quiser, contanto que não ande assim em redor de mim… Vim ter com você só por pouco tempo… somente até que haja encontrado trabalho, porque não conheço ninguém aqui e estou sem dinheiro… Mas se lhe for pesada, diga sem demora, rogo-lhe, e assim deve ser feito, se é um homem de bem. Amanhã posso ainda vender alguns objetos e alugar um quarto no hotel. Você terá a bondade de levar-me lá… Oh! como estou fatigada agora!

Chátov tremia totalmente.

— Para que, Mária? Não tens necessidade de ir para o hotel. Aliás, para qual hotel? Por quê? Que adianta? — E com um gesto de súplica, juntou as mãos.

— Bem, se podemos arranjar-nos sem eu ir para o hotel, nem por isso podemos deixar de pôr as coisas em ordem. Lembra-se, sem dúvida, Chátov, de que vivemos em Genebra um pouco mais de quinze dias como marido e mulher, há uns três anos; que, em seguida, nos separamos, aliás sem nenhuma questão particular. Mas não pense que voltei para recomeçar as tolices de outrora. Só vim para procurar trabalho e se escolhi esta cidade, de preferência a qualquer outra, foi muito simplesmente porque hoje tudo me é indiferente. Não vim com a intenção de me arrepender, peço-lhe que não vá meter de novo esta besteira na cabeça.

— Oh! Mária, tudo isto é inútil, completamente inútil… — murmurou Chátov duma maneira quase ininteligível.

— Bem, se é assim e se você for bastante inteligente para compreender, então tomarei a liberdade de acrescentar que, se me dirigi diretamente a você e se estou em seu quarto, é em parte porque jamais o considerei um velhaco, mas talvez como um homem bem melhor que todos… todos esses outros canalhas.

Seus olhos faiscavam… Sem dúvida, algum daqueles canalhas deveria tê-la feito sofrer muito.

— E fique certo de que não é absolutamente para zombar de você que lhe disse que você é bom. Disse simplesmente, sem pretender fazer frases; aliás não posso tolerá-las. Mas tudo isto é estúpido.

Sempre esperei que você tivesse bastante espírito para não se impor… Ah! basta… estou tão cansada…

Ela olhou-o longamente, com um olhar cansado e torturado. Chátov estava diante dela, do outro lado do quarto. Havia-a escutado timidamente, mas estava como que remoçado, seu rosto mostrava uma irradiação insólita. Aquele homem forte, aquele rústico sempre eriçado, mostrava-se de repente de uma doçura enorme e como que inundado de uma luz interior. Sua alma vibrava ao toque duma impressão súbita, extraordinária. Três anos de separação, três anos de uma união rompida nada tinham apagado de seu coração. Talvez, durante aqueles três anos, tivesse pensado nela todos os dias, naquela criatura querida que um dia lhe dissera "Eu te amo". Conhecendo como conheço Chátov, acrescentarei sem risco de enganar-me que ele nem mesmo se permitira sonhar que algum dia uma mulher poderia dizer-lhe "eu te amo". Era casto e pudico até a selvageria; considerava-se um horrendo fracassado, detestava seu rosto, seu caráter, e comparava-se por vezes a um desses monstros, bons para serem exibidos nas feiras. Em consequência, nada de mais sagrado a seus olhos que a honra; era sombrio, altivo, taciturno, mas devotado até o fanatismo às suas convicções. E eis que, diante dele, se encontrava agora aquele ser único que o amara durante duas semanas (sua vida inteira, ele acreditou!), aquele ser que ele colocava infinitamente acima dele mesmo, muito embora lhe conhecesse as fraquezas e o julgasse com toda a serenidade, imparcialmente, aquele ser a quem havia tudo perdoado e tudo perdoando (isto não tinha para ele sombra de dúvida, pelo contrário parecia-lhe mesmo que todas as culpas estavam de seu lado), aquela mulher, aquela Mária Chátov voltara de súbito para sua casa, para junto dele… era coisa quase impossível de compreender! Seu espanto era tão grande, havia para ele naquele acontecimento tanto terror indizível e também tal felicidade, que ele não podia, ou talvez não queria voltar a si. Ficava de pé, caminhava através do quarto, como que perdido num sonho, e foi somente, quando Mária Chátov o olhou com um ar doloroso, que ele compreendeu de súbito quanto aquela criatura tão querida deveria ter sofrido. Ao pensar nisto, sentiu seu coração desfalecer. Cheio de dor e compaixão, contemplou-lhe as feições. Desde muito tempo já, naquele rosto fatigado, o brilho da primeira juventude se extinguira.

Sem dúvida, ainda continuava bela… seus olhos haviam conservado a beleza primitiva. (Na realidade, aquela mulher de vinte e cinco anos era de estatura bastante robusta, dum talhe acima da média, maior mesmo que Chátov. Tinha magníficos cabelos castanhos, o rosto delgado e pálido e grandes olhos sombrios de brilho febril.) Mas a energia fácil, ingênua, cordial, que era outrora seu maior encanto, dera lugar hoje a uma irritabilidade rabugenta, a uma decepção que raiava pelo cinismo, cinismo de que ela não tinha ainda o hábito e que lhe pesava. Mas Chátov não viu senão uma coisa: que ela estava doente e, malgrado todo o temor que lhe inspirava, precipitou-se de súbito para ela e lhe agarrou as duas mãos.

— Tu sabes… Mária… talvez estejas muito fatigada… oh! meu Deus, não te zangues… Se quiseres consentir em tomar um pouco de chá, por exemplo… não é? O chá fortifica muito, bem sabes. Hem? Queres?

— Por que não havia de querer? É claro que quero. Você é sempre tão infantil! Se puder me dar chá, então dê. Como é pequeno isto aqui! Como faz frio!

— Oh! vou imediatamente procurar lenha… sim… tenho lenha… — continuou Chátov atarefado. — Lenha… sim, mas… isto é… chá imediatamente.

E fazendo com a mão um gesto, como se acabasse de tomar uma solução desesperada, pegou seu gorro…

— Aonde vai você? Não tem chá então?

— Haverá, haverá imediatamente, tudo estará aqui agora mesmo… eu…

Pegou seu revólver de cima do consolo.

— Vou agora mesmo vender este revólver… ou empenhá-lo…

— Que tolice! E quanto tempo levará isso! Tome meu dinheiro, se não o tem você… tenho aqui oitenta copeques, creio… é tudo, tudo quanto possuo. Aqui em sua casa é como num asilo de alienados.

— Não preciso… não preciso de teu dinheiro. Imediatamente, agora mesmo… posso mesmo sem o revólver…

E correu diretamente para a casa de Kirílov. Ocorreu esta visita cerca de duas horas antes da de Piotr Stiepânovitch e de Lipútin. Se bem que Chátov e Kirílov morassem no mesmo edifício, não se viam quase nunca e no caso de se encontrarem por acaso, não trocavam um cumprimento, uma palavra. “Tinham dormido muito tempo no chão”, um ao lado do outro na América.

Kirílov, que andava de um lado para outro do quarto (era assim em geral que passava todas as suas noites), parou de repente e olhou para Chátov com uma atenção aliás isenta de espanto, mesmo ele tendo irrompido pelo quarto inesperadamente.

— Há chá… açúcar também… Um samovar igualmente. Mas não há necessidade de samovar, o chá está fervente. Sente-se e beba muito simplesmente.

— Kirílov, dormimos juntos na América… minha mulher chegou à minha casa… Eu… Dê-me chá, tenho necessidade também do samovar.

— Se é para sua mulher… então precisa do samovar. Mas você o terá mais tarde. Tenho dois. Agora, tome o bule que está em cima da mesa. Está quente, muito quente. Leve tudo, tome açúcar, tudo. Pão… muito pão, leve o pão todo. Tenho também carne assada. E um rublo.

— Dá-mo, meu amigo. Eu o restituirei amanhã. Ah! Kirílov!

— É a sua mulher que estava na Suíça? Está bem. E também está bem que você tenha vindo à minha casa.

— Kirílov — exclamou Chátov, segurando o bule sob o braço e nas duas mãos o açúcar e o pão. — Se você… se você pudesse renunciar às espantosas fantasias e desfazer-se de seu louco ateísmo… Ah! que homem você seria, Kirílov.

— Vê-se que você ama sua mulher depois do que se passou na Suíça. Está bem que a ame depois da Suíça… Se tiver necessidade de

chá, venha buscar. Pode vir a noite inteira, não me deitarei. O samovar será aceso. Tome este rublo, volte para o lado de sua mulher, eu ficarei aqui e pensarei em você e na sua mulher.

Mária Chátov pareceu contente vendo o chá chegar tão depressa e lançou-se a ele avidamente. Mas não houve necessidade de recorrer ao samovar, ela só bebeu meia xícara e só comeu um pedacinho de pão. Recusou a carne assada com uma aversão misturada de cólera.

— Tu estás doente, Mária… tudo em ti é doentio — notou tímido Chátov e com timidez movimentava-se, solícito, em torno dela.

— Sem dúvida estou doente… sente-se por favor. Onde arranjou esse chá, uma vez que não o tinha inda há pouco?

Chátov deu umas breves informações a respeito de Kirílov. Ela já ouvira falar dele.

— Sei que é um louco; por favor, falemos de outra coisa. São os imbecis assim tão raros? Com que então você esteve na América? Ouvi dizer que você havia escrito.

— Sim… escrevi para Paris.

— Basta, por favor, falemos de outra coisa. Foi por convicção que você se tornou eslavófilo?

— Eu… não é que… Na impossibilidade de ser russo, tornei-me eslavófilo — respondeu ele, sorrindo com ar contrafeito e com a candura de alguém que diz com grande esforço uma pilhéria fora de propósito.

— Você não é russo?

— Não, não sou russo.

— Ora, bobagem. Sente-se, pois, afinal, rogo-lhe. Por que corre assim para todos os lados? Pensa que estou com delírio? Talvez esteja com efeito delirando. Diz você que só moram você e ele aqui nesta casa?

— Sim, nós dois sozinhos… embaixo…

— E tão inteligente um quanto o outro! Quem então morava embaixo? Você disse que embaixo…

— Agora não mais.

— O que, “agora não mais”? Quero saber.

— Queria somente dizer que só nós dois moramos agora aqui, mas antes, os Liebiádkini habitavam embaixo…

— Os que foram assassinados a noite passada? — perguntou ela com um gesto brusco. — Ouvi falar disso. Ao vir para cá, ouvi falar disso. Houve também um incêndio?…

— Sim, Mária, sim, e pode acontecer que neste momento eu cometa uma tremenda covardia perdoando esses infames…

Levantara-se. Brandindo os braços num gesto de desespero, percorria o quarto de lado a lado.

Mas Mária não o compreendeu totalmente. Estava distraída. Interrogava sem prestar muita atenção às respostas…

— Bonitas coisas praticam-se aqui! Oh! que infâmias! Que bando de patifes! Mas sente, então, rogo-lhe, sente de uma vez por todas. Oh! como você me enerva… — E vencida pela fadiga, deixou cair a cabeça sobre o travesseiro.

— Mária, não farei mais… Queres deitar, Mária?

Sem responder e, esgotada, ela fechou os olhos. Adormeceu quase imediatamente. Seu rosto pálido estava naquele momento semelhante ao de uma morta. Chátov lançou uma olhadela pelo quarto, firmou a vela no castiçal e depois de ter lançado ainda uma vez um olhar inquieto para o rosto de sua mulher, juntou as mãos diante dela, depois saiu do quarto na ponta dos pés. Quando se achou no patamar, encolheu-se a um canto, com o rosto voltado para a parede. Ficou assim uns dez minutos, silencioso e imóvel. E ali teria ficado mais tempo ainda, se não tivesse de súbito ouvido no pé da escada um

ruído de passos leves e discretos. Alguém subia. Chátov lembrou-se de que se havia esquecido de fechar à chave o portão.

— Quem está aí? — perguntou em voz baixa.

O desconhecido continuou subindo os degraus sem responder. Chegado ao alto, parou. Nas trevas era impossível distinguir quem era. De repente, pronunciou com voz abafada:

— Ivan Chátov?

Chátov deu seu nome e estendeu imediatamente o braço para a frente, a fim de barrar o caminho ao intruso, mas este pegou-lhe a mão. Chátov estremeceu como ao contato de um repelente réptil.

— Fique aqui — murmurou ele, rapidamente, — não entre, não posso recebê-lo agora. Minha mulher acaba de chegar. Vou buscar luz…

Quando voltou com a vela, viu um jovem oficial, cujo nome não conhecia, mas lembrava-se de tê-lo visto em alguma parte.

O jovem apresentou-se:

— Erkel, o senhor me viu em casa de Virguínski.

— Lembro-me; o senhor estava sentado e escrevia. Escute — disse Chátov, avançando para o rapaz. Uma cólera selvagem tinha-se subitamente apoderado dele, no entanto forçava-se a não elevar a voz. — Escute, dando-me a mão, o senhor fez um sinal. Saiba que cuspo muito simplesmente sobre todos esses sinais… Não os reconheço… não quero saber deles… Posso neste instante atirá-lo pela escada abaixo, sabe disto?

— Não, não sei de nada e não compreendo absolutamente por que o senhor fica tão encolerizado — replicou o visitante com calma, quase com afabilidade. — Tenho somente alguma coisa a comunicar-lhe e por isso foi que vim hoje para não perder tempo. O senhor tem uma prensa de imprimir que não lhe pertence e da qual é obrigado a dar conta, como o senhor mesmo sabe. De conformidade com as ordens, devo exigir que o senhor entregue essa máquina a Lipútin

amanhã às sete horas em ponto. Além disso, encarregaram-me de declarar-lhe que depois disso não se exigirá mais nada do senhor.

— Mais nada? Disseram isto textualmente?

— Nada, absolutamente. Seu pedido foi atendido, o senhor não faz mais doravante parte da sociedade. Eis exatamente, repito, o que me encarregaram de comunicar-lhe.

— Quem encarregou?

— Aqueles que me revelaram o sinal.

— O senhor chega do estrangeiro?

— Isto… isto deve ser-lhe indiferente, suponho.

— Ah! diabo! Mas por que não veio mais cedo, se recebeu a ordem?

— Conformava-me com as instruções e não estava só.

— Compreendo, compreendo bem que o senhor não estivesse sozinho… Ah! diabo!… Mas por que não veio o próprio Lipútin?

— De modo que, amanhã às seis horas da tarde, virei buscá-lo e iremos a pé até lá. Só haverá nós três e ninguém mais.

— Nem tampouco Vierkhoviénski?

— Não… Vierkhoviénski parte amanhã pelo trem das onze horas.

— Já imaginava isto — murmurou Chátov, rilhando os dentes e batendo na coxa com o punho. — Põe-se a salvo, o canalha!

Muito agitado, refletiu um instante. Erkel, que o observava com atenção, mantinha-se calado e esperava.

— Como farão para carregar a prensa? Uma prensa não se carrega, nem se deixa transportar tão facilmente.

— Não será necessário carregá-la. O senhor se limitará a nos

indicar o local, a fim de que nos asseguremos de que está bem enterrada lá. Sabemos mais ou menos, mas não exatamente, o lugar em que ela se encontra. Já mostrou o lugar a alguém?

Chátov fitou-o.

— Com que então, você, um garoto, um garoto bobo… você também se deixou prender nessa armadilha, como um cordeiro? Ah! sim, eles precisam de gente assim. Pois bem, vá-se embora! Eh! eh! Aquele biltre enganou a vocês todos e tratou de fugir.

Erkel examinava-o com calma, não tendo ar de compreender.

— Vierkhoviénski fugiu, por fim — prosseguiu Chátov, rilhando os dentes.

— Mas não, está ainda aqui, ainda não partiu. Somente amanhã partirá — observou Erkel com doçura e persuasão. — Convidei-o formalmente a servir de testemunha como o exigem minhas instruções (falava como um garoto sem experiência). Mas para meu grande pesar, recusou-se, pretextando sua partida. E com efeito está com muita pressa de partir.

Chátov olhou ainda uma vez o simplório com compaixão e fez um gesto com a mão, como para dizer: “Valerá mesmo a pena que se tenha pena de você?”.

— Bem, irei — declarou ele, bruscamente, — e agora, vá-se embora.

— Virei, pois, amanhã buscá-lo às seis horas em ponto — repetiu ainda uma vez Erkel. Cumprimentou polidamente e, sem se apressar, desceu a escada.

— Imbecilzinho — não pôde impedir-se de gritar-lhe Chátov, do alto da escada.

— Como? — perguntou o outro que já estava embaixo.

— Nada, vá-se embora.

— Pensei que o senhor tinha dito alguma coisa…

## *II*

Erkel era um “imbecilzinho”, no sentido de faltar-lhe a inteligência de um chefe; quanto à inteligência de um subordinado, essa não lhe faltava e podia mesmo passar por astucioso. Fanático, com dedicação pueril à Causa Comum, mas no fundo devotado apenas a Piotr Stiepânovitch, Erkel agia de acordo com as instruções que recebera dele e que lhe tinham sido comunicadas em casa dos “nossos”, por ocasião da distribuição dos papéis para o dia seguinte. Piotr Stiepânovitch, depois de lhe ter confiado o papel de embaixador, teve tempo de entreter-se com ele em particular, durante uns dez minutos. A ambição do pequeno Erkel era tomar parte na execução do projeto, porque desde que se tratava da Causa Comum ou da “Grande Ideia”, submetia-se cegamente a não importa qual vontade estrangeira. Mas qualquer que seja o objetivo, os jovens fanáticos da espécie de Erkel não podem imaginar o devotamento a uma causa, sem que esta se encarne numa pessoa determinada, que para eles representa essa ideia. Erkel, o sensível, o amável, o bom Erkel, era talvez o mais frio, o mais impassível de todos os assassinos reunidos em torno de Chátov e seria sem o menor ódio pessoal, mas também sem mesmo pestanejar, que tomaria parte no assassinato deste último. Tinham-lhe ordenado por exemplo, ao realizar sua missão junto a Chátov, que observasse bem a instalação dele; assim, quando Chátov o recebeu na escada e na sua agitação deixou-lhe entender (involuntariamente, sem dúvida) que sua mulher regressara, a astúcia instintiva de Erkel advertiu-o de imediato que não devia manifestar a esse respeito a menor curiosidade, mas nem por isso deixou de compreender que imensa importância tinha para o bom êxito do empreendimento deles a volta inopinada daquela mulher…

Foi isso mesmo o que ocorreu: somente o regresso de Mária Ignátievna “salvou aqueles patifes”, porque desviou Chátov de seu propósito de pôr seus projetos em execução e ajudou os “patifes” a se “desembaraçarem” dele. Em primeiro lugar, a súbita chegada de sua mulher agitou-o acima de toda medida, arrancou-o de seu ramerrão cotidiano e o fez perder sua habitual sagacidade e sua prudência.

Agora que tinha bem outras preocupações, a ideia de seu próprio perigo era a última coisa que podia ocorrer-lhe ao espírito. Pelo contrário, achava prazer em crer que Vierkhoviénski fugiria no dia seguinte: aquela notícia confirmava tão bem suas suspeitas! De volta ao quarto, sentou de mansinho num canto, apoiou seus cotovelos nos joelhos e ocultou o rosto nas mãos. Amargos pensamentos o torturavam…

De repente, ergueu a cabeça, levantou e, na ponta dos pés, dirigiu-se para o leito, a fim de contemplá-la: — Senhor Deus, ela cairá decerto doente amanhã e mesmo isto já começou!… Resfriou-se; como poderia ser de outro modo?… Não está mais habituada ao nosso rude clima. E depois o vagão, e ainda por cima de terceira classe… lá fora é a chuva e a tempestade. Não tem senão uma capa tão leve!… e roupas tão pobres! E eu deveria abandoná-la, deixá-la aqui sozinha, sem ajuda? Seu saco de viagem, como ele é pequeno e leve, pesa apenas dez libras. A pobrezinha, como está fatigada, quantos sofrimentos teve de suportar! É altiva, por isso não se queixa. Mas é irritável, irritável!… É por causa da doença. Até mesmo um anjo, se cai doente, fica irascível. Como sua testa está seca, ardente! Como seus olhos estão orlados de olheiras… e no entanto como é belo o oval de seu rosto e que magnífica cabeleira!… que…

Mas desviou bem depressa a vista, voltou para seu canto, como aterrorizado ao simples pensamento de ver nela outra coisa que não um ser infeliz, torturado, a quem era preciso socorrer. “Que esperanças são, pois, essas? Oh! quanto o homem é baixo e vulgar!” Sentou-se, tapou o rosto com as mãos e deixou que os sonhos, as recordações desfilassem em seu espírito… e de novo esperanças nasciam nele.

“Ah! estou fatigada, fatigada”, lembrava a exclamação dela, seu fraco resfolegar de doente. “Senhor Deus, como poderei eu abandoná-la agora? Oitenta copeques por toda fortuna! Entregou-me imediatamente seu porta-moedas. Como é pequeno e velho!… Veio para cá procurar um emprego… que sabe ela de empregos, que sabem eles da Rússia? São, na verdade, como criancinhas… tudo imaginações e fantasias! E agora ela se irrita, a pobrezinha, porque a Rússia não se assemelha à ideia que dela se faz no estrangeiro. Oh! vós, infelizes,

vós, inocentes!… Mas faz frio deveras aqui…”

E lembrou-se, de repente, de que ela se havia queixado de frio e que ele lhe prometera acender fogo.

“Há lenha aqui, poderia bem ir buscá-la, mas não deveria acordá-la. De resto, é impossível ir lá. Que fazer dessa carne assada? Talvez queira comer, quando se levantar… Bem, veremos mais tarde… Kirílov não dormirá a noite toda. Mas com que poderei mesmo cobri-la? Dorme tão profundamente! Vai com certeza resfriar-se, com certeza…”

E ainda uma vez aproximou-se dela; seu vestido havia subido um pouco, sua perna direita estava descoberta quase até o joelho. Chátov voltou-se bruscamente, como tomado de pavor, apressou-se em tirar seu quente paletó e, esforçando-se para não olhar, estendeu-o sobre o local descoberto e não ficou senão com sua velha sobrecasaca.

O acender a estufa, o ligeiro vaivém na ponta dos pés, a contemplação da adormecida, o devaneio no canto do quarto… tudo isso tomou muito tempo. Duas ou três horas haviam transcorrido. Vierkhoviénski e Lipútin tinham tido tempo de vir às ocultas à casa de Kirílov e haviam-se retirado da mesma maneira. Por fim Chátov adormeceu também no seu canto. Ela lançou um gemido; despertava e chamava-o. Ele teve um sobressalto, como um criminoso.

— Mária, eu tinha adormecido… Mária… ah! que tratante eu sou! Mária!

Ela se ergueu um pouco; semiadormecida, espantada, olhava em redor de si, parecendo não compreender onde se encontrava. De repente, a indignação, a cólera, apoderara-se dela.

— Ocupei sua cama, estava tão fatigada, que adormeci sem mais nem menos, muito simplesmente… Por que não me acordou logo? Como ousou crer que tenho intenção de ser uma carga para você?

— Como podia eu despertar-te, Mária?

— Podia, sim, e era seu dever! Não há outra cama para você aqui

e eu tomei conta da sua. Você não deveria ter-me posto nessa falsa situação. Ou então você pensa talvez que vim aqui para aproveitar-me de seus benefícios? Vai tomar conta de sua cama imediatamente… quanto a mim, vou me estender num canto, em cima de cadeiras.

— Mas não tenho tantas cadeiras, Mária, e aliás nada tenho para pôr em cima delas.

— Bem, vou me deitar no chão, muito simplesmente. De outro modo, você é que teria de deitar-se nele. Vou deitar-me no chão imediatamente, imediatamente.

Levantou, quis andar, mas de súbito uma dor espasmódica das mais agudas tirou-lhe toda força, toda resolução e, lançando um gemido profundo, deixou-se cair de novo sobre o leito. Chátov precipitou-se para ela; então Mária, com o rosto enfiado no travesseiro, pegou a mão de seu marido, apertando-a quase a quebrá-la entre as suas.

Um minuto assim decorreu.

— Mária, minha querida, há aqui o Doutor Frenzel, eu o conheço, conheço-o mesmo muito bem… Vou correndo à casa dele.

— É estúpido.

— Estúpido? Por quê? Me diz, Mária, onde sentes dor? Poderíamos talvez aplicar-te uma compressa quente… sobre o ventre talvez?… Não tenho necessidade de doutor para isso… ou talvez sinapismos.

— Que é isso? — perguntou ela com espanto, erguendo a cabeça e olhando-o com ar atemorizado.

— A que te referes, Mária? — perguntou Chátov, sem compreender. — A propósito de que perguntas isso? Oh! meu Deus! perco-me completamente… Mária, perdoa-me, porque não compreendo o que queres dizer.

— Deixe-me, isto também não tem a ver com você… O mais engraçado, aliás, seria que você compreendesse… — Abalou-a um riso

amargo. — Conte-me então alguma coisa. Ande pelo quarto e fale. Não fique de pé, perto de mim e não me olhe, peço-lhe, sobretudo não me olhe, estou-lhe pedindo pelo menos pela milésima vez.

Chátov pôs-se a percorrer o quarto, conservando os olhos baixos e fazendo todos os esforços para não olhar sua mulher.

— Há aqui… não te zangues, Mária, suplico-te… há aqui carne assada, aí bem perto, e chá… Comeste tão pouco ainda agora.

Fez ela com a mão um gesto violento de desgosto.

Chátov mordeu os lábios com desespero.

— Escute, tenho intenção de abrir aqui uma oficina de encadernação, segundo os princípios racionais da associação. Você que vive aqui, diga-me o que pensa. Tenho possibilidades de ser bem sucedida, sim ou não?

— Mas, Mária, entre nós não se leem livros. Aliás, não os há. Como poderia ele pensar em mandar encadernar livros?

— Ele quem?

— O leitor, o habitante daqui, em geral… Mária.

— Mas afinal, fale pois mais claramente. Que quer dizer esse “ele”? Quem é esse “ele”? Não se sabe de nada. Ignora você a gramática?

— Isso é do gênio da língua, Mária — balbuciou Chátov.

— Ah! deixe-me tranquila com seu espírito! Estou mais do que farta. Por que o leitor ou o habitante daqui não mandaria encadernar seus livros?

— Porque ler um livro e depois mandar encaderná-lo representam dois estágios da civilização e bastante diversos. Em primeiro lugar, o homem aprende progressivamente a ler e isto exige, bem entendido, alguns séculos; mas ele não toma nenhum cuidado com o livro que não considera como coisa séria. Mandar encadernar um livro implica

já o respeito ao livro e supõe que não somente o homem aprendeu a amar a leitura, mas, além disso, reconheceu-lhe a importância. A Rússia não se encontra ainda neste período. Há já muito tempo que a Europa encaderna os livros.

— Pedantismo de parte, pelo menos não foi dito estupidamente e isto me transporta a três anos atrás. Você era por vezes bastante espirituoso, há três anos passados.

Disse tudo isto com o mesmo tom irritado e desdenhoso de suas precedentes frases.

— Mária, Mária — continuou Chátov, com emoção, voltando-se para ela. — Oh! Mária, se soubesses tudo quanto se passou durante esses três anos, tudo quanto desapareceu! Ouvi dizer que me havias desprezado por causa da mudança que sofreram minhas convicções. Mas que foi afinal que rejeitei? Os inimigos da vida viva, os liberalhões atrasados que temem sua própria independência, os lacaios do pensamento, os inimigos de toda liberdade e de toda personalidade, os decrépitos pregadores da carcaça e da podridão. Que há pois neles? A senilidade, a mediocridade dourada, a incapacidade mais burguesa e mais chata, a igualdade invejosa, a igualdade sem dignidade pessoal, uma igualdade como a entende um lacaio, ou como a concebia um francês de 93…[164] Mas o pior é que não há por toda parte senão canalhas, canalhas e canalhas!…

— Sim, há muitos canalhas — murmurou ela, com uma voz entrecortada e febril.

Jazia, deitada um pouco de lado, imóvel como se temesse mover-se; com a cabeça pousada no travesseiro, contemplava o forro do teto com seu olhar cansado mas ardente. Seu rosto estava pálido, seus lábios secos e ardentes.

— Concordas, Mária, concordas — exclamou Chátov.

Ela queria fazer com a cabeça um sinal negativo, mas de súbito foi de novo agitada por aquela mesma dor espasmódica. De novo ocultou o rosto no travesseiro, agarrou-se com todas as suas forças à mão de Chátov, que, louco de terror, havia-se precipitado para ela.

— Mária, Mária… mas talvez seja alguma coisa muito grave… Mária…

— Cale-se… não quero, não quero! — exclamou ela num acesso de cólera, deixando ver seu rosto. — Não se permita olhar-me com seu ar de compaixão! Passeie pelo quarto e fale, fale.

Chátov, que quase havia perdido a cabeça, começou a murmurar alguma coisa.

— Qual é sua ocupação aqui? — perguntou ela, interrompendo-o com uma impaciência exacerbada.

— Trabalho num escritório, em casa dum comerciante. Se eu quisesse, Mária, poderia ganhar aqui muito dinheiro.

— Tanto melhor para você…

— Ah! não vá supor, Mária… eu… disse simplesmente, isto…

— E de parte isso, que faz ainda? Que prega agora? Você não pode fazer outra coisa senão pregar. Está no seu caráter.

— Prego Deus, Mária.

— No qual você mesmo não acreditava. Jamais pude compreender essa ideia…

— Deixemos isso, Mária, tornaremos a falar a respeito mais tarde.

— Quem era essa Maria Timofiéievna?

— Disto também falaremos mais tarde, Mária.

— Não se atreva a fazer-me essas observações. É verdade que se deve atribuir sua morte à maldade daquela gente?

— Sem dúvida nenhuma — respondeu Chátov, com um rangido de dentes.

Mária ergueu a cabeça e numa agitação febril exclamou:

— Não se atreva nunca mais a falar-me disso… nunca… nunca…

E de novo deixou-se cair sobre o travesseiro, presa de violentas dores. Era seu terceiro acesso. Mas desta vez os gemidos tornavam-se mais fortes, eram quase gritos.

— Oh! homem insuportável! homem insuportável! — Agitava-se dum lado para outro e repelia implacavelmente Chátov que se curvara sobre ela.

— Mária, farei tudo quanto queiras… andarei… falarei…

— Mas não vê você que isso começou?

— Que é que começou, Mária?

— Ah! que sei eu? Como poderei sabê-lo? Oh! maldita… oh!… maldito sejas desde agora!

— Mária, se ao menos pudesses dizer-me o que foi que começou… senão, como posso compreender?

— Você é um espírito abstrato, um tagarela inútil. Oh!… maldito seja o mundo inteiro!

— Mária, Mária!

Acreditava seriamente que sua mulher estava ficando louca.

— Mas não percebe você afinal que estou com dores de parto? — vociferou ela, erguendo-se a meio, com o rosto desfigurado e lívida de cólera. — Oh! maldita seja essa criança, mesmo antes de nascida!

— Mária! — exclamou Chátov, que lograva afinal compreender de que se tratava. — Mária… por que não o disseste antes? — acrescentou e, de súbito, com um gesto resoluto, pegou seu gorro.

— Eu lá sabia ao entrar aqui? Teria vindo para sua casa? Disseram-me que seria para daqui a uns dez dias. Aonde vai? aonde vai? Não saia…

— Vou à casa da parteira… venderei o revólver. É de dinheiro

que se precisa antes de tudo.

— Não faça isso, não saia, não vá à casa da parteira… uma boa mulher, muito simplesmente, não importa que velha. Tenho ainda oitenta copeques no meu porta-moedas. As camponesas bem que parem sem auxílio de ninguém… E se eu rebentar… pois bem, tanto melhor!

— Terás uma parteira e terás… uma velha. Somente como… como, meu Deus, como deixar-te sozinha, Mária?

Contudo achou que melhor valia deixá-la sozinha agora, qualquer que fosse sua agitação, do que sem ajuda mais tarde, e, surdo aos gemidos como aos gritos de cólera de Mária, desceu correndo a escada com risco de quebrar o pescoço.

## *III*

Em primeiro lugar, passou em casa de Kirílov. Podia já ser uma hora da manhã. Kirílov estava de pé no meio do quarto.

— Kirílov, minha mulher vai dar à luz!

— Que está dizendo? O quê?

— Vai dar à luz, vai dar à luz…

— Ela? Você não estará enganado?

— Oh! não, não. Já está com dores… Preciso de uma mulher, de alguma velha, agora mesmo, imediatamente… pode-se encontrar uma agora? Você teve aqui várias velhas…

— É pena que não saiba ajudar uma parturiente — disse Kirílov preocupado e grave, — isto é, não lamento não saber ajudar uma parturiente… mas não saber como se faz para… ou antes… Não, não sei como é preciso dizer…

— Você quer dizer sem dúvida que não saberia ajudar uma mulher a parir. Mas não é isto que peço. Uma velha, uma mulher velha, só lhe peço uma mulher velha, uma enfermeira, uma

enfermeira…

— Arranjarei a velha, mas talvez não imediatamente… se quiser, em seu lugar, eu…

— Oh! é impossível, corro à casa da Virguínskaia, a parteira.

— Uma debochada!

— Oh! sim, Kirílov, mas é a melhor. Oh sim, tudo se passará sem comiseração, sem alegria, com murmúrios, protestos, blasfêmias… quando o nascimento de uma criança é um mistério tão grande e tão santo!… Oh! e ela, ela já amaldiçoou a criança…

— Se quiser, eu…

— Não, não, mas enquanto eu corro à casa da Virguínskaia, oh! hei de trazê-la de bom grado ou à força, venha de vez em quando ao meu patamar e preste atenção. Mas não pense em entrar, poderia aterrorizá-la, cuide bem de não fazê-lo, faça apenas escutar… no caso de um acidente. Contudo, se ocorrer algo de extraordinário, então entre.

— Entendido. Tenho ainda um rublo. Tome. Queria comprar amanhã uma galinha, mas agora não quero mais. Corra depressa, o mais depressa que puder. O samovar ficará aqui a noite inteira.

Kirílov não suspeitava nada do que se tramava contra Chátov. Jamais duvidara, aliás, do perigo que ele corria. Quando muito, sabia que Chátov tinha velhas contas a regular. Ele próprio, entretanto, achava-se em parte implicado naquele negócio, em consequência das instruções que lhe tinham sido dadas no estrangeiro, instruções de resto muito superficiais, porque ele não aderia diretamente à sociedade. Por fim, entretanto, tudo abandonara, mantivera-se afastado de tudo, a começar pelo que interessava à Causa Comum, para se dedicar a uma vida contemplativa. Piotr Stiepánovitch não havia convidado Lipútin a ir com ele à casa de Kirílov senão para se convencer de que Kirílov assumiria a responsabilidade de tudo, no momento marcado, de todo o caso Chátov. No entanto, na sua conversa com Kirílov, não disse palavra a respeito de Chátov, nem

mesmo o mencionou, achando que seria isso de má política. Kirílov não lhe parecia muito seguro e melhor valia deixar a execução para o dia seguinte. Na presença do fato consumado, Kirílov reencontraria toda sua indiferença. Lipútin também não deixou de notar que, apesar de sua promessa, nem uma palavra fora pronunciada por Piotr Steipânovitch a respeito de Chátov, mas ele próprio estava por demais excitado para erguer o menor protesto.

Chátov precipitou-se como um furacão para a Rua da Formiga; amaldiçoava a distância e acreditava que ela não tinha fim.

Teve de bater muito tempo à porta dos Virguínski; todo mundo dormia já desde duas horas. Mas Chátov nem por isso deixou de assestar redobrados murros contra o postigo.

O cão de guarda pôs-se a latir, uivando e puxando pela corrente. Todos os cães da vizinhança fizeram-lhe eco. Uma barulhada canina.

— Quem está batendo? Que quer? — perguntou enfim pela janela Virguínski, com uma voz cuja doçura e fraqueza contrastavam estranhamente com a maneira barulhenta pela qual Chátov o havia despertado.

O postigo abriu-se e pouco depois a vigia.

— Quem está aí? Quem é esse engraçadinho? — perguntou com voz rangente e raivosa uma solteirona, a cunhada de Virguínski. Desta vez o tom estava mais em harmonia com as circunstâncias.

— Sou eu, Chátov, minha mulher voltou para casa e está a ponto de dar à luz…

— Pois então, que dê à luz. Trate de dar o fora!

— Vim procurar Arina Prókhorovna, não partirei sem ela.

— Ela não pode ir à casa de todo mundo. De noite, é outro negócio. Dirija-se à Makchéieva e pare de fazer tanto barulho — gritou uma rabugenta voz de mulher.

Contudo, ouvia Chátov ao mesmo tempo Virguínski que tratava

de interrompê-la. Mas a solteirona não o deixava dizer uma palavra e recusava-se a ceder.

— Não me irei embora! — gritou de novo Chátov.

— Espere, espere — replicou Virguínski e conseguiu por fim fazer a solteirona recuar. — Chátov, peço-lhe, espere ainda uns cinco minutos, vou acordar Arina Prókhorovna. Mas rogo-lhe, que pare de bater e de gritar… Oh! como tudo isso é terrível!…

Ao fim de cinco minutos, que pareceram séculos a Chátov, Arina Prókhorovna apareceu afinal.

— Sua mulher voltou para sua casa? — gritou ela pela vigia e, com grande espanto de Chátov, sua voz não revelava cólera alguma, era simplesmente imperiosa, como de costume. Arina Prókhorovna não podia falar de outro modo.

— Sim, minha mulher, ela vai ter um filho…

— Mária Ignátievna?

— Sim, Mária Ignátievna. Trata-se, bem entendido, de Mária Ignátievna. — Houve um silêncio. Chátov esperava. Ouviu cochicharem por trás da janela.

— Faz muito tempo que ela chegou? — perguntou de novo a Virguínskaia.

— Esta noite, às oito horas. Rogo-lhe, venha depressa…

Recomeçou-se a cochichar; de novo pareciam confabular.

— Escute, será que você não está enganado? Foi ela mesma quem o mandou aqui?

— Não, não foi ela quem me mandou à sua casa, queria somente uma velha, uma simples velha para não me obrigar a despesas, mas fique tranquila, pagarei tudo.

— Está bem, irei, quer você pague, quer não. Sempre tive respeito pelos sentimentos independentes de Mária Ignátievna, se bem que

talvez ela não se lembre de mim. Tem as coisas necessárias?

— Não tenho nada, mas tudo se arranjará… tudo… tudo…

“Há então generosidade mesmo entre essa gente!”, pensava Chátov, dirigindo-se para a casa de Liámchin. — “Creio que entre muitos as convicções e o homem são coisas muito diferentes. Talvez tenha minhas culpas para com eles em certos pontos… todos os homens têm defeitos… todos têm defeitos… mas se ao menos estivessem convencidos disto!…”

Em casa de Liámchin não foi ele obrigado a bater muito tempo; a vigia se abriu com uma rapidez surpreendente. À primeira pancada, Liámchin saltara da cama em camisa, os pés descalços, com risco de resfriar-se; em geral, no entanto, era bastante prudente e tomava muito cuidado com sua saúde. Mas sua vigilância e sua pressa tinham uma razão especial: Liámchin tremera toda a noite sem poder dormir, em consequência da agitação em que o mergulhara a sessão em casa dos “nossos”. Parecia-lhe todo o tempo que certos visitantes indesejáveis e que ele não convidara iriam aparecer em sua casa. O que mais atormentava Liámchin era a notícia da denúncia de Chátov. E eis que, de repente, acabavam de bater tão violentamente e como de propósito na janela!

Ficou tão aterrorizado ao ver Chátov que fechou logo a vigia e correu a meter-se de novo na cama. Chátov recomeçou a bater e a gritar com todas as suas forças.

— Como ousa você gritar e bater assim em plena noite? — exclamou o judeu Liámchin num tom ameaçador, mas na realidade morrendo de medo, porque somente ao fim de dois minutos de hesitação reabriu a vigia e depois de ter-se convencido bem de que Chátov vinha só.

— Eis seu revólver, torne a aceitá-lo e dê-me quinze rublos…

— O quê? Está bêbado? Isto é banditismo. Vou apanhar um resfriado. Espere, vou embrulhar-me numa manta.

— Dê-me imediatamente quinze rublos. Senão, gritarei e baterei

até o romper do dia. Quebrarei a ombreira da janela.

— Mas chamarei a polícia e o prenderão.

— E eu, eu ficarei mudo, hem? Não chamarei eu mesmo a polícia? Quem deve temê-la mais, tu ou eu?

— E você pode ter tão covardes convicções? Sei ao que faz você alusão… Espere, espere, pelo amor de Deus, não bata mais! Tenha piedade de mim, vejamos, quem é que tem dinheiro à noite? E por que tem você necessidade de dinheiro, se não está embriagado?

— Minha mulher acaba de chegar à minha casa. Faço-lhe um abatimento de dez rublos, não atirei uma vez sequer com seu revólver… Fique com ele de novo, fique com ele de novo imediatamente…

Liámchin estendeu maquinal a mão pela vigia e tomou o revólver. Esperou um instante, depois passou de repente a cabeça pela vigia, gaguejou sem saber bem o que dizia, com um arrepio nas costas:

— Você está mentindo… sua mulher não voltou para sua casa… é… é… Você quer simplesmente pôr-se ao fresco.

— Imbecil, para onde quer que eu vá? Isto de pôr-se em fuga é bom para o Piotr Stiepânovitch de vocês, mas não para mim. Estou vindo da casa da Virguínskaia, a parteira, e ela imediatamente consentiu em vir à minha casa. Minha mulher está com dores de parto, preciso de dinheiro… Dê-me dinheiro!

Todo um fogo de artifício de ideias brotou no cérebro engenhoso de Liámchin. A seus olhos tudo tomou de súbito outro aspecto, contudo seu medo era ainda demasiado vivo para permitir-lhe raciocinar…

— Sim, mas… como é isso?… Você não vive com sua mulher.

— Corto-lhe a garganta, se me vem com tais perguntas!

— Ah! meu Deus, perdoe-me, compreendo, estava tão aturdido! Mas compreendo, compreendo… contudo… será que Arina

Prókhorovna irá mesmo?… Você disse que ela já tinha ido? Sabe? Não é verdade. Você bem vê que está mentindo a cada instante…

— Ela está com toda a certeza ao lado de minha mulher… Não me retenha, não é culpa minha que seja você tão estúpido.

— Não é verdade, não sou estúpido. Peço-lhe perdão, mas não posso absolutamente…

E perdendo completamente a cabeça queria, pela terceira vez, tornar a fechar a vigia. Mas Chátov lançou um berro tal que ele mostrou de novo o nariz à janela.

— Mas é simplesmente… um atentado contra a pessoa… Que é que tem contra mim, vamos, que é, diga pois? E note, note que é em plena noite.

— Exijo quinze rublos, seu biltre!

— Mas eu, talvez, não possa aceitar de volta o revólver! Você não tem o direito. Você comprou o objeto… e está acabado… você não tem o direito… Aliás, semelhante soma não a tenho, assim em plena noite. E onde poderia ir eu procurar essa soma?

— Tens sempre dinheiro em tua casa. Paguei por esse revólver vinte e cinco rublos e o revendo por quinze. Mas és bem conhecido como judeu.

— Volte depois de amanhã… escute depois de amanhã de manhã, ao meio dia em ponto, vou lhe dar tudo, tudo… serve-lhe assim?

Chátov, pela terceira vez, bateu com todas as suas forças contra o caixilho da janela.

— Dez rublos imediatamente e cinco amanhã de manhã.

— Não, depois de amanhã, porque amanhã, por Deus, é impossível. Ou antes não volte, não volte.

— Dez rublos, digo-te eu, miserável!

— Por que injuriar-me dessa maneira? Espere, preciso acender

luz; veja, você partiu uma vidraça… Como se pode injuriar assim uma pessoa em plena noite? Tome — e, pela janela, estendeu a Chátov uma cédula.

Chátov apoderou-se dela. Era uma nota de cinco rublos.

— Por Deus, não posso, mesmo que você me pusesse a faca na garganta, não posso. Depois de amanhã, vou lhe dar tudo, mas agora não posso…

— Não partirei! — berrou Chátov.

— Pois bem, tome mais isto. Eis mais… veja, mas não darei mais. Pode berrar tanto quanto queira, não darei nada, e aconteça o que acontecer, não darei nada, nada, nada.

Estava fora de si, molhado de suor, desesperado. As duas cédulas que dava a Chátov eram notas de um rublo. Ao todo, Chátov só recebera sete rublos.

— Pois bem, que o diabo te leve… voltarei amanhã… vou te matar Liámchin, se não tiveres os outros oito rublos…

“Amanhã, não estarei em casa, imbecil” — pensava consigo mesmo Liámchin.

— Pare! Pare! — gritou ele para Chátov, que se afastava. — Pare, volte. Diga-me, por favor, se o que você disse é verdade, se sua mulher voltou mesmo.

— Idiota! — respondeu Chátov, cuspindo. E correu a todo o fôlego para casa.

## *IV*

Arina Prókhorovna nada sabia dos desígnios que tinham sido decididos na véspera, na sessão. De volta à casa, num estado de completo abatimento, Virguínski não ousou comunicar-lhe a resolução que acabava de ser tomada; apesar de não poder impedir-se de revelar uma parte, isto é, o relato de Vierkhoviénski referente à iminente denúncia de Chátov, na qual de resto Virguínski acrescentou que não

acreditava. Grande fora o temor de Arina Prókhorovna. Por isso quando Chátov foi chamá-la, malgrado sua fadiga (tivera de atender a um parto na noite anterior), resolveu ir à casa dele sem demora. Sempre estivera convencida de que “aquela porcaria do Chátov” era capaz de cometer “uma vilania por civismo”. Mas a chegada de Mária Ignátievna apresentava o caso sob novo aspecto: o medo de Chátov, o tom suplicante de seu pedido fizeram-na acreditar numa certa reviravolta nos sentimentos do traidor. Um homem, pensava ela, um homem que resolveu entregar a si mesmo unicamente para perder os outros teria outro aspecto e falaria em outro tom. Numa palavra: Arina Prókhorovna estava bem decidida a observar com seus próprios olhos. Virguínski ficou muito satisfeito com a resolução de Arina Prókhorovna. Parecia que lhe tinham tirado de cima da consciência um peso de cinco libras. E até mesmo nova esperança nascia nele: a atitude de Chátov parecia reduzir a nada as suspeitas de Vierkhoviénski.

Chátov não se enganara; ao entrar, encontrou Arina Prókhorovna já no quarto de Mária. Chegara alguns minutos antes, despachara com desdém Kirílov que continuava de vigia no pé da escada. Logo se dera a conhecer a Mária, que não quis ver nela uma conhecida do passado. Encontrara a doente na mais “precária disposição”, isto é, zangada, irritada e presa da “mais estúpida pusilanimidade”. Mas, com algumas palavras, conseguiu dominar todas as repugnâncias de Mária.

— Por que insiste em afirmar que não quer uma parteira cara? — estava ela dizendo no momento em que Chátov entrou. — Pura tolice, ideias falsas, devidas ao seu estado anormal. Com a ajuda de uma simples velha, você teria cinquenta oportunidades sobre cem de que isso acabasse mal… mas sim… e aliás neste caso, haveria ainda mais complicações e despesas do que chamando uma parteira cara. E depois, como sabe você que sou uma parteira que cobra caro? Pagará mais tarde e não lhe cobrarei mais do que é justo, sem contar que lhe garanto um bom parto. Quanto ao menino, logo amanhã o levarei a um asilo, em seguida ao campo, e tudo estará arranjado. Você estará em breve curada, poderá trabalhar sem excesso e poderá dentro em pouco indenizar Chátov pelo quarto e pelas despesas, que aliás não serão tão terríveis…

— Não se trata disto… não tenho o direito de ser uma carga para ele.

— São sentimentos racionais e cívicos, mas repito-lhe que Chátov não despenderá quase nada, se quiser mesmo deixar de ser senhor fantástico e tornar-se um tantinho razoável. É preciso em primeiro lugar impedi-lo de fazer besteiras, de correr pela cidade estirando a língua, de tamborilar nas portas das casas. Se você não usar de violência para retê-lo, de agora até amanhã de manhã, trará aqui todos os médicos; no meu quarteirão, alvoroçou todos os cachorros. Não temos necessidade de médicos, já lhe disse que assumo a responsabilidade de tudo. Depois, você poderá tomar uma velha a seu serviço, a preço baratinho. De resto, poderá ele mesmo tornar-se útil de outro modo que não esse de fazer besteiras. Tem braços e pernas, correrá à farmácia sem que fira com essa boa ação os sentimentos de você. Que diabo de boa ação! Talvez não tenha sido ele que a conduziu a esta situação? Não foi ele quem a fez desentender-se com aquela família em cuja casa era você preceptora e isto com o fim egoísta de poder casar com você? Ouvimos falar a este respeito… De resto, correu à nossa casa ainda há pouco, gritou, fez barulho na rua, um verdadeiro louco! Não me imponho a ninguém, vim simplesmente por sua causa e também por princípio, porque estamos obrigados a uma solidariedade mútua. Aliás foi o que disse a ele, antes de sair de minha casa. Se, na sua opinião, minha presença aqui é supérflua, então, adeus. Só peço que não aconteça desgraça, quando é tão fácil evitá-la. — E já se dispunha a partir.

Mas Mária achava-se tão desamparada, sofria de tal maneira e na verdade tinha tal medo do que pudesse acontecer, que não ousou deixar a parteira ir embora. Mas de repente começou a sentir ódio por aquela mulher; sua tagarelice inconveniente não correspondia em nada ao que se passava na alma de Mária. Foi tão-somente o temor de morrer nas mãos de uma parteira inexperiente que triunfou de sua aversão. Em contraposição, tornou-se para com Chátov mais caprichosa e mais impiedosa. Chegou não só a proibir-lhe que a olhasse, mas que tivesse o rosto voltado para seu lado. Seus sofrimentos iam em crescendo. Proferia maldições e injúrias cada vez mais violentas.

— Ah! vamos muito simplesmente botá-lo para fora — interrompeu Arina Prókhorovna. — Ele tem um ar desfigurado, só pode mesmo fazer-lhe medo, está pálido como um morto! Mas que tem você, pois, diga-me, seu pândego? Que comédia!

Chátov não respondeu nada, resolvera manter-se em silêncio.

— Tenho visto pais estúpidos nestes casos; perdem sempre a cabeça. Mas esses pelo menos…

— Cale-se, ou então deixe-me rebentar. Nem mais uma palavra. Não quero, não quero… — urrava Mária.

— É impossível deixar de falar. Vejo que você perdeu a razão. Voltemos ao fato. Diga-me, já preparou alguma coisa? Chátov, responda-me, porque agora não tem ela cabeça para isso.

— Que é preciso, diga-me?

— Com que então não há nada pronto?

Ela enumerou o que era preciso, limitando-se, é preciso fazer-lhe esta justiça, ao estritamente necessário.

Certas coisas encontravam-se em casa de Chátov. Mária tirou uma chavezinha que lhe entregou para que ele procurasse em sua sacola de viagem. Como suas mãos tremiam, foram precisos alguns minutos de espera até que conseguiu ele abrir a fechadura que não lhe era familiar. Para Mária foi isso nova ocasião para se exaltar. Mas quando Arina Prókhorovna se precipitou para ajudá-lo, Mária não quis, por coisa alguma do mundo, consentir em que ela rebuscasse em seu saco de viagem; com choros e gritos, obstinava-se em querer que fosse Chátov quem o abrisse.

Teve ele de ir procurar as outras coisas em casa de Kirílov. Mas apenas deixara o quarto, Mária chamou-o, desesperada. Só se acalmou quando Chátov, que voltara precipitadamente, explicou-lhe que saía só por um instante para buscar o necessário e que voltaria logo.

— Bem, você é difícil de contentar — disse Arina Prókhorovna, com sarcasmo. — Ora é: “Volta-te para o lado da parede e não te

atrevas a olhar-me”; ora: “Não te atrevas a ausentar-te um minuto sequer”, e põe-se a chorar. Decerto vai ele pensar alguma coisa no fim. Vamos, não se zangue e não se esmurre… é por brinquedo que digo isto.

— Ele não ousará pensar nada.

— Ora, ora, ora! Se não estivesse apaixonado por você como um carneiro, não teria alvorotado todos os cachorros da cidade, nem corrido pelas ruas como um louco. Na minha casa, quebrou-me o caixilho da janela.

## *V*

Chátov encontrou Kirílov andando em seu quarto dum lado a outro, e tão absorvido que até mesmo esquecera a chegada da mulher de Chátov. Escutava sem compreender.

— Ah! sim! — lembrou-se de repente, como se se tivesse arrancado com esforço e por um instante somente, a uma ideia que o preocupava… sim… a velha… sua mulher… sua mulher ou a velha? Espere… sua mulher e a velha, não é? Lembro-me: a velha virá, mas não imediatamente. Leve a almofada. E que mais? Sim… espere… Chátov, será que lhe acontece também ter minutos de harmonia eterna?

— Sabe duma coisa, Kirílov? Você não deve passar as noites sem dormir.

Kirílov voltou a si e, coisa estranha, pôs-se a falar com muito mais facilidade do que costumava fazer; via-se que havia formulado aquelas coisas desde muito tempo, talvez mesmo as houvesse escrito.

— Há segundos — e só sobrevêm aos cinco e aos seis por vez — em que a gente sente, de súbito, de uma maneira absoluta, a presença da eterna harmonia. Não é algo de terrestre, não digo tampouco que seja celeste, mas digo que o homem, sob sua forma terrestre, não pode suportá-la. É preciso transformar-se fisicamente ou morrer. É um sentimento claro e indiscutível. Parece que a gente sente de súbito a natureza na sua plenitude e diz a si mesmo: sim, isto é verdade. Quando Deus criou o mundo, no fim de cada dia da criação, disse: “Sim, isto é verdade, isto é bom”. Isto… não é enternecimento, não é senão… alegria. Você não perdoa nada, porque não há mais nada a perdoar. Não quer dizer tampouco que você ame — oh! trata-se ali de algo de superior ao amor. O mais terrível é que seja tudo tão nítido e que você experimente tal alegria. Se isso ultrapassa de cinco segundos, a alma não pode resistir, deve desaparecer. Durante esses cinco segundos, vivo toda uma existência e daria por eles minha vida inteira, porque o merecem. Para suportar isso dez segundos, precisa a gente transformar-se fisicamente. Creio que o homem deve cessar de

engendrar. De que servem as crianças, de que serve a evolução, se o fim está atingido? No Evangelho, está dito que não se engendrarão filhos mais depois da ressurreição, mas que seremos semelhantes aos anjos de Deus. É uma imagem. Sua mulher está dando à luz?

— Kirílov, acontece-lhe isso muitas vezes?

— Uma vez todos os três dias, uma vez por semana.

— Será que você não é epiléptico?

— Não.

— Então, ainda vai ser. Tome cuidado, Kirílov, ouvi dizer que a epilepsia começava precisamente assim. Um epiléptico descreveu-me sua crise, exatamente como você o seu estado, palavra por palavra; dizia também que isso durava cinco segundos e que era impossível suportá-lo por mais tempo. Lembre-se do cântaro de Maomé. Mal tivera tempo de esvaziar-se e já Maomé cavalgava em redor do paraíso. O cântaro são esses mesmos cinco segundos, isso é muito semelhante à sua harmonia, e Maomé era epiléptico. Tome cuidado com os acessos, Kirílov.

— Não terei tempo — respondeu Kirílov, com um sorriso tranquilo.

## *VI*

A noite se passou. Mandava-se Chátov embora, injuriavam-no, chamavam-no de novo. Mária chegou ao último extremo de pânico pela sua vida; gritava que queria viver, absolutamente, absolutamente, e que tinha medo de morrer: “Não há razão, não há razão!”, repetia ela. Sem Arina Prókhorovna, as coisas teriam tomado mau rumo. Pouco a pouco, sentiu-se completamente senhora de sua paciente que acabou por obedecer às suas menores ordens, aos seus menores sinais, como uma criança. Arina Prókhorovna agia por meio da severidade e não pelas carícias; em compensação, conhecia admiravelmente seu ofício. A aurora começava a surgir. Arina Prókhorovna pensou, de súbito, que Chátov, um instante antes tinha saído para o patamar, a fim de rogar a Deus, e pôs-se a rir. Mária mostrou também um riso

mau e amargo que pareceu aliviá-la. Por fim, expulsaram Chátov definitivamente. A manhã se erguia cinzenta e fria. Chátov de novo apoiou sua fronte contra o muro, de pé no ângulo do patamar, como na véspera, quando Erkel viera surpreendê-lo. Tremia como uma folha e tinha medo de pensar, mas seu espírito se agarrava então à primeira ideia, vinda como acontece no sono. Sonhos incoerentes apoderavam-se dele e rasgavam-se de repente como fios podres. Do quarto chegaram por fim não mais gemidos, mas urros horríveis, verdadeiros gritos de animal, intoleráveis, impossíveis. Teria querido tapar os ouvidos, mas não o podia. Inconscientemente, caiu de joelhos repetindo apenas esta palavra: "Mária, Mária!" E eis que de súbito ecoou um grito novo que o agitou até as entranhas e o fez levantar, um grito fraco, inarticulado, o vagido duma criança… Benzeu-se e precipitou-se para dentro do quarto. Entre as mãos de Arina Prókhorovna gritava, debatendo-se com seus braços e pernas minúsculos, um pequenino ser, todo vermelho, todo enrugado, sem defesa, à mercê do menor sopro, mas que gritava para atestar seu direito à vida… Mária jazia como que privada de sentidos, mas ao fim de um minuto reabriu os olhos e lançou para Chátov um olhar estranho, um olhar todo novo, tal que ele ainda não podia compreender, mas que não se recordava de lhe ter jamais visto antes.

— Um menino, um menino? — perguntou ela, com um tom doloroso a Arina Prókhorovna.

— Sim — gritou-lhe esta, enquanto enfaixava o bebê. Quando terminou, entregou-o por um instante a Chátov, enquanto se dispunha a colocá-lo na cama entre dois travesseiros. Mária fez a Chátov um pequeno sinal às ocultas, como se temesse ser vista por Arina Prókhorovna.

— Como é pequeno! — murmurou ela debilmente, com um sorriso.

A triunfante Arina Prókhorovna percebeu por fim a expressão que tinha o rosto de Chátov e disparou a rir.

— Puxa! que cara que ele tem! Jamais vi coisa igual…

— Regozije-se, Arina Prókhorovna… É uma grande alegria… —

balbuciou ele, com uma expressão de idiota beatitude. Estava radiante desde as poucas palavras que Mária pronunciara a propósito da criança.

— Ah! onde está essa grande alegria para você? — perguntou alegremente Arina Prókhorovna, que ia e vinha, trabalhando como um escravo.

— O mistério do aparecimento dum novo ser na terra é um grande e inexplicável mistério, Arina Prókhorovna… que pena que você não compreenda isso!

Na sua exaltação, Chátov gaguejava palavras confusas. Parecia que alguma coisa se desarranjara em seu cérebro e que as palavras jorravam de sua alma a despeito dele mesmo.

— Havia dois seres humanos e, de repente, há um terceiro… um novo espírito, completo, acabado, tal que mão humana nenhuma jamais criou… um novo pensamento e um novo amor… é mesmo terrível… E não há nada de maior no mundo.

— Que é que ele tagarela? É apenas o desenvolvimento consequente do organismo. Não há mistério nisso — disse Arina Prókhorovna, explodindo numa franca risada. — Se pensássemos assim, cada mosca seria um mistério. Apenas, veja você, seria melhor não pôr no mundo seres inúteis. Comece por arranjar maneira de eles não serem inúteis, em seguida engendre-os. De outro modo… será preciso no dia seguinte levá-los à Casa dos Expostos. De resto, é bem feito…

— Jamais tolerarei que seja levado para um asilo — declarou com tom firme Chátov que olhava fixamente o soalho.

— Você o adotará?

— Já é meu filho.

— Naturalmente, chama-se Chátov; aos olhos da lei, é um Chátov e você não precisa exibir-se como benfeitor do gênero humano. Não podem deixar de fazer frases… Vamos, vamos, está bem, senhores,

mas já é tempo que me vá embora — disse a Virguínskaia, acabando de pôr tudo em ordem. — Voltarei ainda esta manhã, se for preciso e também esta noite, mas já que tudo correu bem, preciso correr à casa de minhas outras clientes que me esperam desde muito tempo. Ponha aí em sua casa, Chátov, uma velha… uma velha qualquer; mas não deixe a doente, bravo marido, você pode ainda tornar-se útil. Mária Ignátievna não o expulsará agora, penso… vamos, vamos, estou brincando…

Na soleira da porta aonde Chátov fora acompanhá-la, acrescentou ainda:

— Você me divertiu para o resto da vida. Não lhe cobrarei dinheiro… hei de rir-me até em sonho. Em toda a minha existência nada vi de mais engraçado como você esta noite…

E lá se foi toda contente. Pelo ar e pelas palavras de Chátov, era claro como o dia que aquele homem, “aquele farrapo”, ia agora desempenhar o papel de pai. Assim, se bem que passasse diante da casa de uma paciente, seguiu em primeiro lugar para sua casa, a fim de comunicar a seu marido aquelas tranquilizadoras verificações.

— Mária, ela ordenou-te que não adormecesses imediatamente, mesmo se, como o receio, seja isso muito difícil para ti — começou timidamente Chátov. — Vou sentar-me aqui perto da janela e velar por ti, não é?

Sentou-se atrás do divã, perto da janela, de maneira que ela não pudesse vê-lo. Mas não decorreu um minuto sem que ela o chamasse e lhe pedisse, num tom desdenhoso, que arranjasse os travesseiros. Ela estava olhando para o lado da parede.

— Assim não, mas assim não. Oh! que falta de jeito!

Chátov pôs-se à obra.

— Incline-se para mim — disse ela, de repente, com uma voz selvagem, procurando não olhar para ele.

Ele fremiu e, não obstante, inclinou-se para ela.

— Mais, assim não, mais de perto. — De repente, passou ela com esforço seu braço esquerdo em redor do pescoço de Chátov e na sua fronte sentiu ele um beijo violento e úmido.

— Mária…

Os lábios de Mária Ignátievna tremiam, ela se enrijecia contra si mesma, mas de repente ergueu-se um pouco e com os olhos a cintilar, disse:

— Nikolai Stavróguin é um miserável!

Esgotada, como se acabasse de perder de súbito todo apoio, deixou afundar a cabeça no travesseiro e se pôs a soluçar, apertando bem fortemente a mão de Chátov na sua.

A partir daquele momento, não o deixou mais afastar-se, quis que ele ficasse sentado à sua cabeceira. Ela mal podia falar, mas não cessava de contemplá-lo e de sorrir-lhe tal como uma bem-aventurada. Parecia que se havia tornado de repente uma idiotazinha. Era como um renascimento. Quanto a Chátov, ora chorava como uma criança, ora falava, Deus sabe de que, numa espécie de entusiasmo e de êxtase; beijava-lhe as mãos e ela se inebriava com as palavras dele, sem talvez compreendê-las, mas com sua mão enfraquecida ela lhe acariciava os cabelos, alisava-os e arranjava-os amorosamente. Ele lhe falou de Kirílov, da vida nova que ia agora começar para eles “de novo e para sempre”, da existência de Deus e da bondade de todos os homens. E com arrebatamento, tomaram a criança de novo nos braços para contemplá-la ainda.

— Mária! — exclamou ele, tendo a criança em seus braços. — Acabou-se o antigo delírio, a vergonha e a morte. Vamos pôr-nos à obra todos três, sim, sim, não é? Ah! sim, mas como o chamaremos, Mária?

— Como o chamaremos? — repetiu ela admirada e de súbito uma dor indizível pintou-se em seu rosto.

Ela juntou as mãos, lançou a Chátov um olhar cheio de censuras e caiu chorando, com o rosto de encontro ao travesseiro.

— Mária, que tens? — exclamou ele, espantado.

— E você pode, você pode… oh! ingrato!

— Mária, perdoe-me… Mária… eu somente te perguntei como o chamaríamos. Não sei…

— Ivan, Ivan — replicou ela, descobrindo seu rosto ardente e banhado de lágrimas. — Pode você pensar em algum outro nome horrível?

— Mária, pelo amor de Deus, acalma-te. Oh! como és nervosa!

— Ainda uma grosseria. Por que atribuí-lo a meus nervos?… Aposto que se tivesse proposto chamá-lo por aquele nome horrível, você teria imediatamente consentido e não o teria nem mesmo notado. Oh! como vocês são ingratos!… como vocês são vis… todos, todos…

Não é preciso dizer que um minuto depois estavam reconciliados. Chátov aconselhou-lhe que dormisse. Ela adormeceu, mas sempre sem largar a mão que mantinha na sua: despertava muitas vezes e olhava-o, como se tivesse medo de que ele se fosse, depois fechava de novo os olhos.

Kirílov mandou a velha “apresentar suas felicitações” e ao mesmo tempo levar chá quente, costeletas assadas, pão branco e caldo para Mária Ignátievna. A doente bebeu o caldo com avidez, a velha enfaixou o bebê, Mária obrigou Chátov a comer também uma costeleta.

O tempo escoava-se. Chátov adormeceu de fadiga em sua cadeira, com a cabeça apoiada no travesseiro de Mária. Foi assim que Arina Prókhorovna os encontrou, quando voltou segundo prometera.

Ela os despertou alegremente, fez a Mária as recomendações necessárias, examinou o menino e proibiu ainda que Chátov deixasse sua mulher. Em seguida, depois de ter lançado aos “dois esposos” uma pilhéria, marcada de desdém e de condescendência, retirou-se tão satisfeita quanto pela manhã.

Era já completamente noite, quando Chátov acordou. Apressou-se

em acender uma vela e correu a procurar a velha, mas ao descer a escada, ouviu com estupor o passo leve e prudente de alguém que subia ao seu encontro. Era Erkel.

— Não entre! — murmurou Chátov, agarrando vivamente a mão dele e fazendo-o arrepiar caminho até o portão. — Espere aqui, volto imediatamente, havia-me esquecido completamente de você! Oh! como você soube fazer-se lembrado!

Apressou-se tanto que nem mesmo foi até a casa de Kirílov, limitando-se a chamar a velha. Mária teve uma crise de desespero vendo "que ele pudera até mesmo apenas pensar" em deixá-la sozinha.

— Mas é pela derradeira vez! — exclamou ele, com exaltação. Em seguida, vai abrir-se a nova vida e então, jamais, jamais pensaremos nos horrores passados!

Conseguiu mais ou menos persuadi-la, prometendo-lhe estar de volta às nove horas precisas; nisto, beijou-a com ardor, beijou o menino e saiu correndo ao encontro de Erkel.

Juntos se dirigiram para o parque dos Stavróguini em Skvopiéchniki, lá onde Chátov havia uns dezoito meses antes enterrado, num lugar solitário, na extremidade do parque e à borda do bosque de pinheiros, a máquina de imprimir que lhe fora confiada. Era um lugar selvagem, isolado, completamente deserto e situado bastante longe da casa de Stavróguin. Do edifício Filípov havia até ali três verstas e meia, talvez quatro.

— Será possível que tenhamos de fazer todo o trajeto a pé? Vou tomar um carro.

— Rogo-lhe instantemente que não faça nada disso… — replicou Erkel. — Insistiram precisamente neste ponto. Um cocheiro é uma testemunha.

— Ora… com os diabos! Pouco importa! contanto que se acabe com isso.

E a passos rápidos puseram-se em marcha.

— Erkel, você não passa de um rapazola… — exclamou Chátov, parando. — Você foi feliz alguma vez em sua vida?

— O senhor é que, pelo visto, parece muito feliz neste momento — observou Erkel com curiosidade.

## Capítulo VI / Noite trabalhosa

*I*

Virguínski levou duas horas para ir às casas de todos os "nossos" e notificá-los de que Chátov não os denunciaria certamente, porque sua mulher voltara para sua casa, nascera-lhe um filho e, "conhecedor do coração humano", era impossível supor que ele pudesse ser perigoso naquele momento. Mas para seu grande espanto, não encontrou Virguínski ninguém em casa, a não ser Erkel e Liámchin. Erkel escutou-o em silêncio, olhando-o bem dentro dos olhos. À pergunta que lhe foi feita: "Você irá às seis horas?", respondeu com um claro sorriso, "que iria, era evidente".

Liámchin estava de cama, com a cabeça metida debaixo da coberta. Parecia estar verdadeiramente doente. Vendo entrar Virguínski, teve um medo terrível e assim que ele começou a falar, agitou as mãos sob a coberta, suplicando-lhe que o deixasse em paz. Escutou, no entanto, de ouvido atento, tudo quanto se referia a Chátov. À notícia de que em parte alguma Virguínski havia encontrado qualquer deles, Liámchin ficou estupefato. Pareceu que já conhecesse por Lipútin a morte de Fiedka. Fez a Virguínski um relato febril e desordenado, causando-lhe profunda impressão. Quando Virguínski lhe fez diretamente a pergunta: "É preciso ou não é preciso ir lá?", recomeçou suas súplicas, agitando os braços, protestando que não sabia de mais nada e que se devia deixá-lo em repouso. Acabrunhado de inquietações, Virguínski voltou para casa. Era penoso também dever manter o segredo para sua família; tinha costume de nada ocultar à sua mulher e se, naquele momento, uma nova ideia, um novo meio de arranjar as coisas à maneira amigável não tivesse germinado no seu cérebro em fogo, talvez se tivesse metido no leito como Liámchin. Mas esse novo plano restituiu-lhe forças e esperou

mesmo com impaciência a hora marcada, depois se dirigiu para o lugar do encontro mais cedo que era necessário.

Era um lugar muito sombrio, na extremidade do imenso parque dos Stavróguini. Fui ali mais tarde expressamente para vê-lo. Quanto aqueles lugares deveriam parecer sinistros naquela macabra noite de outono! Ali começava uma velha floresta reservada; enormes pinheiros seculares formavam nas trevas manchas negras e indistintas. A obscuridade era tal que mal se podia ver a dois passos. Mas Piotr Stiepânovitch e Lipútin, bem como mais tarde Erkel, tinham tido cuidado de levar lanternas. Numa época muito distante, tinham fabricado ali, não se sabe por que, uma gruta bastante ridícula, construída de pedras brutas. A mesa, os bancos no interior da gruta estavam desde muito tempo bichados e desfaziam-se em pó. A cerca de duzentos passos, à direita, acabava o terceiro tanque. Os três tanques se sucediam a partir da casa de moradia até a extremidade do parque numa distância de mais de uma versta. Era difícil supor que um ruído qualquer, um grito, ou mesmo um tiro pudessem chegar até os ouvidos de alguns moradores da casa dos Stavróguini, abandonada pelos seus donos. Desde a partida de Nikolai Stavróguin, na véspera, e na ausência de Alieksiéi Iegórovitch, restavam apenas em toda a casa cinco ou seis pessoas e todas por assim dizer inválidas. Em todo caso, podia-se conjeturar com toda a certeza que, se gritos de socorro ou lamentações chegassem até a casa, só provocariam em seus moradores terror, mas nenhum deles deixaria seu leito bem quente ou seu lugar junto à estufa para ir levar socorro.

Às seis horas e vinte todos se encontraram reunidos, menos Erkel, que se encarregara de ir buscar Chátov. Desta vez Piotr Stiepânovitch não se atrasou; chegou em companhia de Tolkatchenko. Este estava sombrio e preocupado; sua gabolice e sua jactância tinham desaparecido. Quase não arredava pé de junto de Piotr Stiepânovitch e parecia ter-se tornado, de súbito, extremamente devotado a ele; a cada instante, tinha alguma coisa a comunicar-lhe em voz baixa, com um ar muito atarefado. O outro respondia-lhe apenas ou então resmungava alguma coisa, num tom desdenhoso para se livrar dele.

Chigáliev e Virguínski tinham chegado um pouco antes de Piotr Stiepânovitch e assim que este apareceu, retiraram-se para um lado,

mantendo um silêncio visivelmente premeditado. Piotr Stiepânovitch levantou sua lanterna e se pôs a examinar-lhes as caras sem o menor constrangimento, com uma atenção insultuosa. “Eles querem falar”, disse consigo mesmo.

— Liámchin não compareceu? — perguntou ele a Virguínski. — Quem foi que disse que ele estava doente?

— Eis-me aqui — replicou Liámchin, saindo, de repente, de trás de uma árvore. Vestira um grosso sobretudo e estava tão bem embrulhado numa manta que dificilmente se distinguia seu rosto, mesmo com uma lanterna.

— Então só falta Lipútin?

Lipútin saiu, em silêncio, da gruta. Piotr Stiepânovitch levantou de novo sua lanterna.

— Por que se meteu lá dentro e por que não saiu imediatamente?

— Penso que conservamos todos o direito à liberdade… de nossos movimentos — murmurou Lipútin sem bem saber provavelmente o que entendia por aquilo.

— Senhores — começou Piotr Stiepânovitch, elevando a voz e rompendo com o cochicho de antes, o que causou certo efeito. — Os senhores compreendem bem, eu espero, que não temos tempo a perder com discursos. Tudo foi dito e remoído ontem, nítida e claramente. Mas parece-me, ao examinar os rostos dos senhores, que alguns dentre vocês ainda têm alguma coisa a declarar. Rogo-lhes por conseguinte que se apressem. O diabo me carregue! Não temos muito tempo e Erkel pode trazê-lo de um momento para outro.

— Vai trazê-lo, com certeza — disse, não se sabe por que, Tolkatchenko.

— Se não me engano, deverá em primeiro lugar realizar-se a entrega da tipografia? — perguntou Lipútin, sempre sem bem compreender por que fazia tal pergunta.

— É claro. Naturalmente não vamos perder também as coisas. —

De novo Piotr Stiepânovitch levantou sua lanterna para o rosto de Lipútin. — Mas ficou decidido ontem por unanimidade que essa entrega seria apenas um disfarce. Basta que ele indique o lugar onde a enterrou; mas tarde nós mesmos saberemos bem desenterrá-la. Sei que está aqui em alguma parte a dez passos de um dos cantos dessa gruta. Mas, diabos me levem, como pode você, Lipútin, esquecer isso? Ficou combinado que você iria sozinho a seu encontro e que nós só nos mostraríamos mais tarde… É estranho que você faça semelhantes perguntas… ou será que as faz assim, sem pensar?

Com ar sombrio, Lipútin calava-se. Todos ficaram silenciosos. O vento balançava os cimos dos pinheiros.

— Em todo caso espero que todo mundo cumpra seu dever — cortou Piotr Stiepânovitch, impaciente.

— Sei que a mulher de Chátov voltou a noite passada e deu à luz um menino — pôs-se de súbito a contar Virguínski, com uma voz emocionada. Falava depressa, mal pronunciava as palavras e gesticulava muito. — “Para quem conhece o coração humano”… há certeza de que agora ele não denunciará… porque nada em plena felicidade… Fui à casa de todos os “nossos” mas não encontrei ninguém… de modo que agora talvez não haja necessidade de nada…

Parou. Faltava-lhe a respiração.

— Com que então, Senhor Virguínski — disse Piotr Stiepânovitch, dando um passo para a frente, — se o senhor se tornasse feliz de repente, atrasaria o cumprimento de um ato de civismo que comporta riscos, cuja ideia o senhor concebeu e que considerava como um dever e uma obrigação para o senhor, não obstante esses riscos e a perda de sua felicidade?

— Não, por coisa alguma do mundo, não atrasaria — afirmou Virguínski, com um ardor fora de lugar.

— Preferiria tornar-se infeliz a ser um covarde?

— Sim, sim… pelo contrário, preferiria ser um covarde provado… isto é, não… completamente um covarde, mas antes completamente

infeliz em lugar de covarde…

— Pois bem, fique pois sabendo que Chátov considera essa denúncia como uma façanha cívica, uma ação a que é obrigado em virtude mesmo de seus princípios. A prova está em que, com essa denúncia, compromete-se ele mesmo aos olhos do Governo, se bem que muito lhe seja perdoado por causa de sua denúncia. Um homem dessa têmpera não voltará nunca atrás depois de uma decisão. Não há felicidade que possa vencê-lo; desde amanhã a memória lhe voltará, vai se arrepender e irá cumprir o que decidiu. E depois, não vejo nenhuma felicidade no fato de ter sua mulher, após três anos de ausência, voltado para a casa dele, a fim da parir um filho de Stavróguin.

— Mas ninguém viu a denúncia — insistiu de súbito Chigáliev, com energia.

— A denúncia eu mesmo a vi — gritou Piotr Stiepânovitch. — Ela existe e tudo isso é de uma terrível estupidez, senhores…

— E eu — exclamou Virguínski, — protesto, protesto com todas as minhas forças… quero… Eis o que quero: quero que, quando ele chegar, vamos todos ao seu encontro e lhe perguntemos, se é verdade. Se for, então exigiremos que se arrependa e nos dê sua palavra de honra, depois vamos deixá-lo partir. Em todo caso, um tribunal que decida depois de tê-lo ouvido, em lugar de nos escondermos todos e lançar-nos sobre ele.

— Arriscar a causa comum contra a fé de uma palavra é o cúmulo da estupidez! Com os diabos, é estúpido! Que atitude tem você então no momento do perigo?

— Protesto, protesto — não cessava de dizer Virguínski.

— Em todo caso não berre, não berre, de outro modo não poderemos ouvir o sinal. Chátov (que estupidez agora… diabos me levem!), meus senhores, já lhes disse que Chátov é um eslavófilo, isto é, um dos homens mais estúpidos que existem… e depois, aliás… que o diabo me leve, pouco me importa tudo… Chátov, meus senhores, era um homem amargurado, e como fazia, mesmo assim, parte da

sociedade, de bom ou de malgrado, quis eu esperar até o derradeiro minuto que se pudesse um dia servir dele para a causa comum, precisamente por ser um homem ressentido. Poupei-o e mantive-o a despeito das ordens formais e precisas… Poupei-o cem vezes mais do que ele o merecia!… Mas acabou redigindo uma denúncia e agora… que diabo!… que se dane! E agora trate algum de vocês de salvá-lo! Ninguém tem direito de abandonar a causa. Poderão, se fizerem absolutamente questão, beijar Chátov, mas entregar a causa comum a uma palavra de honra, isto, senhores, é um direito que vocês não têm! Só porcos agem assim, ou então gente comprada pelo governo.

— Quem então aqui está comprado pelo Governo? — rebateu Lipútin.

— Você, talvez. Faria melhor calar-se, Lipútin, você fala por falar, por simples hábito. Senhores, declaro-lhes, são comprados todos aqueles que têm medo no momento do perigo. Sempre se encontrará um imbecil que, no derradeiro minuto, será dominado pelo terror e fugirá gritando: “Ah! perdoem-me, vou entregar todos”. Mas saibam, senhores, que nenhuma espécie de denúncia lhes valerá o perdão. Mesmo abaixando de dois graus a sanção jurídica, seria ainda a Sibéria para cada um de vocês. Sem contar que não escaparão a uma outra sanção, a uma outra espada. E esta é bem mais amolada que a do Governo.

Piotr Stiepânovitch, que estava fora de si, falara demais. Chigáliev deu resolutamente três passos para a frente na direção dele.

— Desde ontem a noite, refleti no caso — começou ele, com segurança e método, segundo seu costume. (Creio que se naquele instante a terra se tivesse aberto sob seus pés, não teria mudado nem um tantinho a ordem de seu discurso.) — Depois de ter maduramente refletido no caso, decidi que esse assassinato premeditado constitui não somente a perda de um tempo precioso que teria podido ser empregado mais substancial e mais diretamente em coisas mais urgentes, mas constitui ainda um funesto desvio da via normal, desvio que sempre causou muito mal à causa e retardou seu êxito por dezenas de anos, submetendo-a à influência de pessoas levianas antes de tudo, de políticos, em vez da de socialistas puros. Vim aqui

exclusivamente para protestar contra o empreendimento projetado, para que meu ato sirva à edificação geral e para me retirar neste momento preciso em que, não sei por que, chama você de momento de seu perigo. Vou-me embora, não por temor do perigo, não por simpatia por Chátov, a quem não quero beijar, mas porque esse empreendimento está, de ponta a ponta, literalmente em contradição com meu programa. Quanto a ser um delator, um homem comprado pelo Governo, podem ficar vocês completamente tranquilos no que a mim se refere: não os denunciarei.

Voltou as costas e retirou-se.

— Diabos me levem! Ele vai encontrá-los e advertir Chátov! — exclamou Piotr Stiepânovitch, agarrando seu revólver. Ouviu-se o ranger do gatilho que ele levantava.

— Podem estar seguros — acrescentou Chigáliev, voltando-se, — de que se encontrar Chátov no caminho, pode acontecer que o cumprimente, mas não o advertirei.

— Sabe, Senhor Fourier, que isso lhe poderá custar caro?

— Peço-lhe levar em conta que não sou absolutamente Fourier. Confundindo-me com esse repisador aborrecido e abstrato, você apenas prova que, embora tenha tido meu manuscrito em mãos, não o conhece absolutamente. Quanto à sua vingança, digo-lhe que foi em vão que você levantou o gatilho de seu revólver; neste momento, só poderá colher disso desvantagens. Se sua ameaça é para amanhã ou para depois de amanhã, só recolherá, estourando-me a cabeça, inúteis preocupações. Você me matará, mas, cedo ou tarde, aderirá ao meu sistema. Adeus.

No mesmo instante, a duzentos passos dali, no parque, do lado do tanque, ouviu-se um assobio. Lipútin respondeu imediatamente com outro assobio, como fora convencionado na véspera. (Não se fiando em sua boca desdentada, comprara naquela manhã mesma no bazar um daqueles assobios de barro de um copeque que servem de brinquedo às crianças.) Erkel tivera tempo, durante o trajeto, de avisar Chátov que haveria troca de assobios, de modo que este não concebeu nenhuma suspeita.

— Não se inquietem, vou me afastar do caminho deles e nem mesmo me notarão — advertiu em voz baixa, mas firme, Chigáliev que, sem acelerar o passo, voltou definitivamente para sua casa, através do parque escuro.

Sabe-se agora, até nos seus mínimos detalhes, como se desenrolou aquele horrível drama. Em primeiro lugar Lipútin encontrou Erkel e Chátov a alguns passos da gruta. Sem o cumprimentar, nem mesmo estender-lhe a mão, Chátov disse bruscamente com voz bem forte:

— Bem, onde está a enxada? Não têm outra lanterna? Mas não tenham medo! Não há viva alma nas redondezas; mesmo se se desse um tiro de canhão aqui, ninguém o ouviria em Skvopiéchniki! Vejam: é aqui, justamente neste lugar…

E bateu no chão com o pé, com efeito, a dez passos perto do canto mais recuado da gruta, do lado da floresta. Naquele instante Tolkatchenko, que estava escondido atrás de uma árvore, lançou-se sobre Chátov e Erkel segurou-lhe os cotovelos por trás. Lipútin precipitou-se sobre ele, mas pela frente. Bem depressa os três conseguiram fazê-lo perder o equilíbrio e subjugaram-no. Então surgiu Piotr Stiepânovitch com o revólver na mão. Conta-se que Chátov teve ainda tempo de voltar a cabeça para o lado dele, de olhá-lo e de reconhecê-lo. Três lanternas iluminavam a cena. Chátov lançou de súbito um grito breve e desesperado, mas não lhe deixaram tempo para gritar: Piotr Stiepânovitch, com mão firme e segura, apoiou diretamente seu revólver na testa de Chátov e premiu o gatilho. A detonação, parece, não foi muito forte, pelo menos em Skvopiéchniki ninguém a ouviu. Como bem se pensa, Chigáliev, que apenas dera uns trezentos passos, ouviu os gritos e o tiro, mas como afirmou ele mesmo mais tarde em seu depoimento, não se voltou e nem mesmo se deteve. A morte foi quase instantânea. Piotr Stiepânovitch foi o único a conservar senão, penso, seu sangue-frio, pelo menos sua presença de espírito. Acocorado sobre os calcanhares, rebuscou com mão apressada, mas firme, os bolsos da vítima. Dinheiro não encontrou (o porta-moedas de Chátov ficara debaixo do travesseiro de Mária Ignátievna). Nada, senão a descoberta de dois ou três pedaços de papel: uma nota de contabilidade, o título de um livro e uma antiga conta de restaurante, trazida do estrangeiro e que ele conservava

consigo, havia dois anos, sabe Deus por que. Piotr Stiepânovitch guardou cuidadosamente esses papéis em seu bolso e, notando de súbito que todos se haviam reunido em torno do cadáver e o observavam sem fazer nada, pôs-se a injuriá-los, grosseira, malvadamente e a dar-lhes ordens. Tolkatchenko e Erkel, voltados a si, correram para a gruta e logo dali trouxeram duas pedras, pesando cada qual vinte libras, que para lá haviam levado naquela manhã e preparado — isto é, tinham-nas forte e solidamente cercado de cordas. Como o cadáver deveria ser levado para o tanque mais próximo (o terceiro tanque), para nele ser afundado, amarraram-se as cordas em redor dos pés e do corpo. Foi Piotr Stiepânovitch quem as amarrou, quanto a Tolkatchenko e Erkel, limitaram-se a segurar as pedras e passá-las para ele. Erkel entregou a sua primeiro. E enquanto Piotr Stiepânovitch, resmungando, amarrava com a corda os pés do cadáver e a eles ligava a primeira pedra, durante todo o tempo que durou essa operação bem longa, Tolkatchenko inclinado todo o corpo para a frente, numa atitude quase respeitosa, segurou a pedra, entre suas mãos estendidas, a fim de poder passá-la a Piotr Stiepânovitch ao primeiro sinal e sem a menor demora. Não teve mesmo a ideia de depositar no chão o seu fardo. Quando Piotr Stiepânovitch, tendo afinal terminado sua tarefa, levantou-se para escrutar com o olhar a fisionomia dos assistentes, ocorreu de súbito um acontecimento bastante estranho e de tal modo inesperado que todos ficaram estupefatos.

Como já disse, quase todos tinham ficado sem nada fazer, exceto Tolkatchenko e Erkel, em certa medida. Embora Virguínski se tivesse lançado para diante, quando todos se precipitaram contra Chátov, nem por isso chegou a tocar em Chátov e nem ajudara a amarrá-lo. Liámchin só entrou no grupo depois do tiro. Todos, durante os quase dez minutos que durou a tarefa em torno do cadáver, tinham quase perdido totalmente a consciência. Em círculo, em redor de Piotr Stiepânovitch, experimentaram em primeiro lugar mais espanto que inquietação ou angústia. Lipútin mantinha-se à frente, bem perto do cadáver; atrás dele, Virguínski, erguido na ponta dos pés, olhava com uma espécie de curiosidade basbaque por cima de seu ombro, a fim de melhor ver o cadáver. Liámchin, dissimulado por trás de Virguínski, lançava de vez em quando um olhar furtivo para a cena, depois

ocultava-se de novo. Mas quando as pedras foram ligadas e Piotr Stiepânovitch se levantou, Virguínski foi tomado dum tremor convulsivo, juntou as mãos e gritou com todas as suas forças, com amargura:

— Não é isto, não é isto! Não, não é absolutamente isto!

Teria talvez ainda acrescentado alguma coisa à sua exclamação tardia, se o próprio Liámchin lhe tivesse permitido. De repente, este último agarrou-o pelas costas, com todas as suas forças, e se pôs a lançar urros inauditos. Há momentos de pavor tão intenso que um homem começa a gritar com uma voz que não é mais de todo a sua e que não teriam jamais suposto antes que fosse a dele; isto pode tornar-se mesmo por vezes aterrorizador. Liámchin gritava com uma voz não mais humana, mas bestial. Agarrava cada vez mais fortemente Virguínski em seus braços, e gritava sem parar, sem tomar fôlego, um grito sempre o mesmo, as pupilas dilatadas, a boca desmedidamente aberta, e batendo no chão, com o pé, pequenas pancadas repetidas, como se tocasse tambor. Virguínski ficou de tal modo espantado que se pôs também a gritar como um demente e, num acesso de raiva tal que jamais se teria podido esperar dele, tentou arrancar-se do aperto de Liámchin, arranhando-o e batendo-lhe como podia, por trás. Por fim, Erkel ajudou-o a desembaraçar-se de Liámchin. Mas quando Virguínski, ainda sob o impacto do terror, se afastou uma dezena de passos, Liámchin, ao avistar Piotr Stiepânovitch, recomeçou a urrar e lançou-se contra ele. Tendo tropeçado no cadáver, caiu por cima dele, arrastando Piotr Stiepânovitch em sua queda. Apertava-o tão fortemente, comprimia tão nervosamente sua cabeça contra o peito dele que, no primeiro momento, nem Piotr Stiepânovitch, nem Tolkatchenko, nem Lipútin puderam fazer nada. Piotr Stiepânovitch gritava e praguejava, dando-lhe murros na cabeça. Tendo por fim, conseguido, bem ou mal, libertar-se, pegou seu revólver e assestou-o diretamente na boca escancarada de Liámchin, que urrava sem parar, mas cujos braços Tolkatchenko, Erkel e Lipútin seguravam fortemente; malgrado o revólver, continuou Liámchin a gritar. Por fim fez Erkel uma bola com seu lenço de pescoço e tapou-lhe a boca com ela. Desta maneira, cessaram os gritos. Durante esse tempo Tolkatchenko lhe amarrava as mãos atrás das costas com um pedaço de corda que

restava.

— É bastante estranho — disse Piotr Stiepânovitch, examinando o insensato, com um espanto cheio de inquietação.

Estava evidentemente estupefato.

— Tinha dele uma opinião bem diversa — acrescentou pensativo. No momento, deixaram Erkel ao lado de Liámchin. Era preciso acabar o mais depressa possível com o morto; os gritos lançados foram tais que podiam muito bem ter sido ouvidos.

Tolkatchenko e Piotr Stiepânovitch ergueram suas lanternas e pegaram o cadáver por baixo da cabeça. Lipútin e Virguínski pegaram-no pelos pés e carregaram-no. Com as duas pedras, o fardo pesava demais e a distância a transpor era de mais de duzentos passos. O mais forte de todos era Tolkatchenko. Dera aos outros o conselho de andarem a passo, mas ninguém lhe obedeceu e caminhava-se de qualquer forma. Piotr Stiepânovitch ia à direita; completamente curvado, levava no ombro a cabeça do morto e com a mão esquerda sustentava a pedra por baixo. Como durante mais da metade do trajeto Tolkatchenko não teve a ideia de ajudá-lo a carregá-la, pôs-se Piotr Stiepânovitch a praguejar contra ele. Eram gritos inesperados e soltos. Sem dizer palavra, prosseguiram seu caminho e chegaram à beira do tanque e foi então somente que Virguínski, dobrando-se sob seu fardo, cujo peso parecia esmagá-lo, exclamou de novo com força e com a mesma voz soluçante:

— Não é isto! Não, não, não é absolutamente isto!

O lugar onde terminava aquele terceiro tanque bastante vasto, no qual iam lançar o cadáver, era o mais afastado e o mais solitário do parque de Skvopiéchniki, sobretudo naquela época avançada do ano. A margem estava naquele lado invadida pelas ervas. Pousaram suas lanternas e depois de ter dado algumas oscilações ao cadáver, lançaram-no dentro d'água. Ouviu-se um rumor surdo e prolongado. Piotr Stiepânovitch ergueu a lanterna e por trás dele, todos, cheios de curiosidade, esforçaram-se por ver o cadáver afundar na água. Mas já mais nada se via. Arrastado pelas duas pedras, o corpo logo fora ao fundo; já se desfaziam as longas rugas aparecidas na superfície do

tanque. A tarefa estava terminada.

— Senhores — disse Piotr Stiepânovitch, dirigindo-se a todos, — vamos separar-nos. Sem dúvida, hão de experimentar essa livre altivez que acompanha o livre cumprimento do dever. Se todavia, com grande pesar meu, estiverem neste momento demasiado agitados para experimentar semelhante sentimento, com certeza o haverão de experimentar amanhã, porque seria uma vergonha não experimentá-lo. Quero mesmo considerar como um acesso de delírio a imperdoável e vergonhosa conduta de Liámchin, ainda mais porque ele está, dizem, realmente doente, desde esta manhã. Você, Virguínski, num momento de calma reflexão, vai se convencer que, tendo em vista os interesses da causa comum, era impossível confiar numa palavra de honra e que era preciso agir como nós agimos. O futuro lhe demonstrará que Chátov tinha sua denúncia toda pronta. Hei de naturalmente esquecer suas exclamações. No que se refere a um perigo que nos ameaçaria, não há nenhum a prever. Ninguém terá ideia de suspeitar de nenhum de nós, sobretudo se vocês souberem bem comportar-se. O principal depende de vocês e da plena convicção de que agiram bem, convicção que, espero, estará já ancorada dentro de vocês amanhã. Por isso é que, entre outras coisas, reuniram-se numa associação à parte, em uma sociedade livre cujos membros estão imbuídos dos mesmos princípios, a fim de que, no momento oportuno, consagrem suas energias ao serviço da causa comum e se houver necessidade exerçam vigilância uns sobre os outros. Sobre cada um de vocês pesa a responsabilidade mais grave. Foram chamados a renovar um Estado que cai de decrépito e sobre o qual pairam os fétidos da decomposição. Tenham sempre isto diante dos olhos para estimular sua coragem. Na expectativa, o único dever de vocês é destruir tudo: o Estado e sua moral. Ficaremos sozinhos, nós que estamos resolvidos e preparados para apossar-nos do poder. Teremos como aliados os que são inteligentes; quanto aos imbecis, faremos deles bestas de carga. Isto não deve chocá-los. Aliás, será preciso refazer a educação da geração atual para torná-la digna da liberdade. Restam ainda milhares de Chátov. Nós nos organizamos para tomar em mãos toda a direção. Seria vergonhoso não estendê-las para tomá-la e ficar de boca aberta. Vou agora mesmo à casa de Kirílov e amanhã de manhã obterei dele o documento mediante o qual declarará assumir a responsabilidade de

tudo. Nada parecerá mais verossímil que esta combinação. Em primeiro lugar, estava inimizado com Chátov: tendo vivido juntos na América, tiveram ocasião de desavir-se. Sabe-se que Chátov mudou de convicções; em consequência a inimizade entre eles nasceu dessa conversão e do temor de uma denúncia, isto é, daquilo que há de mais imperdoável. Tudo será escrito como lhes estou dizendo. Por fim será mencionado que Fiedka esteve abrigado em seus aposentos no edifício Filípov. Isto bastará para afastar de vocês qualquer suspeita, atrapalhar e lançar numa falsa pista todos aqueles espíritos rotineiros. Amanhã, senhores, não nos veremos, porque parto para o distrito por pouco tempo. Terão, desde depois de amanhã, notícias minhas. No que a mim se refere, devo aconselhá-los de boa vontade a passar o dia de amanhã em suas casas. Agora partiremos, tomando duas estradas diferentes. Você, Tolkatchenko, peço-lhe que tome conta de Liámchin e reconduza-o à sua casa. Pode ter sobre ele alguma influência e sobretudo explicar-lhe até que ponto pode prejudicar-se a si mesmo com sua pusilanimidade. Quanto a seu cunhado Chigáliev, Senhor Virguínski, bem como ao senhor mesmo, não desejo duvidar de nenhum; ele não nos denunciará. Resta-me a deplorar sua atitude; em todo caso, não declarou ele que deixaria a sociedade e, por consequência, é demasiado cedo para enterrá-lo. E agora, senhores, despachem-se; se bem sejam espíritos de rotina aqueles sujeitos, não obstante a prudência nunca é demais…

Virguínski pôs-se a caminho com Erkel. Antes de confiar Liámchin a Tolkatchenko, teve Erkel tempo de levá-lo até junto de Piotr Stiepânovitch e de anunciar-lhe que Liámchin recuperara seu bom senso, arrependia-se, rogava que lhe perdoassem e até mesmo mal se lembrava do que lhe acontecera. Piotr Stiepânovitch partiu sozinho e deu uma volta pelo outro lado dos tanques. Era o caminho mais longo. Com vivo espanto seu, Lipútin alcançou-o a meio caminho.

— Piotr Stiepânovitch — disse ele, — Liámchin vai denunciar.

— Não, voltará a si e compreenderá que, se denunciar, será o primeiro a partir para a Sibéria. Agora ninguém denunciará. E você tampouco denunciará.

— E você?

— É claro que farei meter vocês todos na cadeia, se se atrevessem a trair. Vocês não ignoram isso. Mas vocês não trairão. Foi para me dizer isso que você caminhou duas verstas para me alcançar?

— Piotr Stiepânovitch, Piotr Stiepânovitch, talvez não nos vejamos nunca mais.

— Donde tirou isso?

— Diga-me somente uma coisa.

— Pois bem, que é? Quanto a mim, faço questão de ver você dar o fora.

— Uma resposta, mas verídica: somos nós um único quinquevirato no mundo ou é verdade que existem várias centenas? Pergunto-lhe com uma alta intenção, Piotr Stiepânovitch.

— Vejo-o pelo seu afobamento. Mas sabe que é você mais perigoso que Liámchin, Lipútin?

— Sei, sei. Mas uma resposta, sua resposta!

— Seu imbecil! Mas parece-me que agora isto deveria ser-lhe perfeitamente indiferente, que haja um ou mil.

— Então só há um! Eu sabia — exclamou Lipútin. — Soube-o desde o começo que só havia um, até tempos bem recentes…

E sem esperar outra resposta, voltou-se e desapareceu prontamente na escuridão.

Piotr Stiepânovitch ficou pensativo um instante.

“Não, ninguém denunciará — declarou com convicção, — mas o grupo deve permanecer um grupo e obedecer ou eu os… Não obstante, que gente imunda!”

## *II*

Passou primeiro em sua casa e cuidadosamente, sem se apressar, fez sua mala: um expresso partia às seis horas da manhã. Esse trem,

inaugurado havia pouco, só funcionava a título de experiência e apenas uma vez por semana. Embora Piotr Stiepânovitch tivesse advertido os “nossos” de que só se afastaria por pouco tempo indo ao distrito, verificou-se mais tarde que suas intenções eram bem outras. Quando acabou de arrumar sua mala, pagou à sua hospedeira a quem tivera a precaução de prevenir, tomou um fiacre e dirigiu-se à casa de Erkel, cuja habitação se encontrava não longe da estação. Foi somente mais tarde, cerca de uma hora da manhã, que se dirigiu à casa de Kirílov. Desta vez ainda, ali se introduziu pela passagem oculta utilizada por Fiedka.

Piotr Stiepânovitch estava pessimamente humorado. Além de graves contrariedades (continuava a não poder obter a menor informação a respeito de Stavróguin), é provável, se bem que eu não possa afirmar com certeza, que no correr do dia fora secretamente avisado de Petersburgo ou doutra parte de que um perigo o esperava a breve prazo.

Circulam, sem dúvida, em nossa cidade, muitas lendas relativas àquele período. Até que ponto eram verdadeiras? Só o sabem com precisão aqueles que têm por missão saber. Segundo minha opinião pessoal, penso que Piotr Stiepânovitch tinha ainda outros negócios fora de nossa cidade, de modo que é bem possível que tenha recebido de lá alguns avisos. Estou mesmo persuadido, apesar da dúvida cínica expressa por Lipútin no seu desespero, de que Piotr Stiepânovitch tinha ainda fundado dois ou três outros “grupos de cinco” e que havia em todas as grandes cidades, senão verdadeiros quinqueviratos, pelo menos grupos de filiados. Não mais de três dias depois de sua partida, as autoridades de nossa cidade receberam da capital ordem de prendê-lo. (Por causa de quais negócios precisamente, por causa dos “nossos” ou por causa de outros? Ignoro-o.) Esta ordem, em todo caso, chegou a propósito para fortificar a impressão de terror quase místico que, de repente, se apoderou de nossas autoridades e de nossa sociedade (até ali tão obstinadamente leviana e doidivanas) quando se descobriu o assassinato misterioso do estudante Chátov, assassinato que elevara ao cúmulo os nossos absurdos, bem como as circunstâncias misteriosas que acompanhavam o crime. Mas a ordem chegou demasiado tarde: Piotr Stiepânovitch naquele momento se encontrava já em

Petersburgo, vivendo sob um falso nome, e assim que farejou de que se tratava, apressou-se em fugir para o estrangeiro… Mas estou antecipando demais os acontecimentos.

Quando Piotr Stiepânovitch entrou em casa de Kirílov, tinha um ar malvado e impertinente. Dava a impressão que além da coisa essencial, detestava pessoalmente Kirílov e procurava exercer contra ele alguma vingança. Kirílov pareceu satisfeito ao revê-lo, evidentemente esperava-o desde muito tempo e com uma impaciência que chegava a causar-lhe mal-estar. Seu rosto estava mais pálido que de costume, o olhar de seus olhos negros mais pesado e imóvel.

— Pensei que você não viria — disse ele, pesadamente, do ângulo do divã, onde aliás ficou sentado em vez de ir receber o visitante. Piotr Stiepânovicth ficou de pé diante dele e, antes de pronunciar uma só palavra, esquadrinhou atentamente o rosto de seu interlocutor.

— Então quer dizer que vai tudo muito bem, não recuamos e executamos nosso plano. Na verdade, é extraordinário — sorriu ele, com ar de proteção ofensiva, e imediatamente, com uma alegria malvada, acrescentou: — Pois bem então: se me atrasei, não tem você motivo de queixar-se, fiz-lhe presente de três horas.

— Não faço questão de receber de você horas suplementares… e, aliás, tu não saberias dar-me presente nenhum, imbecil…

— Como? — agitou-se Piotr, mas conteve-se logo. — Que homem susceptível! Com que então, estamos encolerizados? — perguntou ele com aquele mesmo ar de proteção altiva e ultrajante. — Neste momento melhor seria que reinasse a calma. Seria melhor para você crer-se Cristóvão Colombo e olhar-me como se eu fosse um ratinho incapaz de ofendê-lo. Já lhe havia recomendado ontem.

— Não quero considerar-te como um ratinho.

— Que é isso? Um cumprimento? Olha, o chá está frio. Tudo está revolucionado aqui. Passa-se algo de suspeito. Ah! mas que é que avisto ali em cima da janela, sobre um prato? (Aproximou-se da janela.) Oh! oh! galinha com arroz!… Mas por que está ela ainda intacta? Achavamo-nos pois num tal estado de alma que nem mesmo

uma galinha… ?

— Já comi e você nada tem com isso. Cale-se!

— Oh! sem dúvida e de resto pouco importa. Mas para mim, a esta hora, isto não deixa de ter importância. Imagine que quase não jantei; se pois essa galinha, como o suponho, não é mais necessária.

— Coma, se puder.

— Obrigado, e em seguida chá.

Num instante, instalou-se à mesa, sentou-se na outra extremidade do divã e atirou-se à comida com extrema avidez, o que não o impedia de espiar constantemente sua vítima. Kirílov, com irritação e desgosto, fixava nele um olhar imóvel, que não conseguia mais desviar.

— Contudo — exclamou Piotr Stiepânovitch, sem parar de comer, — que há a respeito do nosso assunto? Não recuaremos, não é mesmo? E o bilhete?

— Decidi esta noite que isto me era indiferente. Escreverei. A respeito das proclamações?

— Sim, também a este respeito. De resto, ditarei. Isto pouco lhe importa. Será possível que o conteúdo possa inquietá-lo em semelhante momento?

— Nada tens com isto.

— Não tenho, é certo… aliás, algumas linhas quando muito para dizer que você e Chátov espalharam proclamações, com a ajuda, entre outros, de Fiedka que se refugiara em seu apartamento. Este último ponto, relativo a Fiedka e ao apartamento, é muito importante, o mais importante mesmo. Vê? Sou completamente sincero com você.

— Chátov? E por que Chátov então? Não direi nada de Chátov.

— Que é que lhe importa isso? Você não poderá mais prejudicá-lo.

— Sua mulher voltou para junto dele. Acaba de despertar e

mandou-me perguntar onde ele estava.

— Mandou perguntar em sua casa onde ele estava?… Hum… isto é mau. Mandará talvez alguém ainda. Ora, ninguém deve saber que estou aqui.

Piotr Stiepânovitch sentiu-se inquieto.

— Ela não saberá de nada; tornou a adormecer. Arina Virguínskaia, a parteira, está em casa dela.

— Justamente e… ela não ouvirá nada, penso. Sabe duma coisa? Seria melhor fechar com ferrolho a porta de entrada.

— Ela não ouvirá nada. E se Chátov vier, eu ocultarei você no outro quarto.

— Chátov não virá e você escreverá que, em virtude de traição e de denúncia, você brigou com ele… esta noite… e foi causa de sua morte.

— Ele morreu? — exclamou Kirílov, saltando do divã.

— Esta noite às oito horas, ou mais exatamente ontem à noite às oito horas, porque já é uma hora da manhã.

— Foste tu que o mataste!… Ontem eu já o previa!

— Como teria você podido não prevê-lo? Com este revólver, está vendo? (e ao dizer isto, tirou seu revólver do bolso, aparentemente para mostrá-lo, mas não tornou a guardá-lo e continuou com ele na mão direita, para qualquer eventualidade). Que homem estranho é você, Kirílov! Você mesmo sabia muito bem que era preciso acabar dessa maneira com aquele idiota. Por que havia de prevê-lo? Repisei isto a você muitas vezes. Chátov meditava uma traição, eu o espionava, era impossível deixá-lo agir. Você mesmo tinha recebido instruções para vigiá-lo; você mesmo me comunicou isso há umas três semanas.

— Cala-te! Se o mataste, foi porque ele te cuspiu na cara em Genebra.

— Por isto também. E por bem outras coisas. Aliás, sem nenhum ressentimento de minha parte. Que tem você de sobressaltar-se? Por que tomar atitudes? Oh! oh! é assim então…?

Saltou de pé num instante e brandiu seu revólver. Com efeito, Kirílov, de sua parte, havia de repente apanhado o seu, que ele tinha pronto e carregado desde manhã. Piotr Stiepânovitch pôs-se em guarda e apontou seu revólver para Kirílov. Este disparou uma risada amarga.

— Confessa, covarde, que se tomaste teu revólver foi porque eu ia matar-te… mas não te matarei… não te matarei… embora… embora…

E de novo, brandiu sua arma, como se visasse Piotr Stispânovitch, incapaz como estava de renunciar àquele prazer: imaginar como seria se ele o matasse. Piotr Stiepânovitch mantinha-se sempre em posição. Esperou até o derradeiro minuto, sem puxar o gatilho de seu revólver, arriscando-se assim a receber uma bala na testa: da parte "de um maníaco", podia-se esperar tudo. Era assim que ele chamava Kirílov. Mas "o maníaco" deixou por fim cair sua mão. Trêmulo, sem fôlego, não podia falar.

— Você divertiu-se, mas isto basta — disse Piotr Stiepânovitch, abaixando também sua arma. — Sabia que era para você divertir-se. Mas arriscava-se muito. Teria podido puxar o gatilho.

Bastante calmo, sentou no divã e serviu-se de chá, com a mão aliás um pouco trêmula. Kirílov pousou sua arma em cima da mesa e se pôs a atravessar o quarto de lado a lado.

— Não escreverei que matei Chátov e… agora, não escreverei mais nada. Não haverá documento.

— Não haverá?

— Não.

— Que covardia é essa? Que estupidez é essa? — O rosto de Piotr Stiepânovitch ficou verde de raiva. — Aliás, eu o pressentira. Saiba

que não me deixo apanhar desprevenido. Enfim, seja como você quiser. Se pudesse obrigá-lo pela força, faria. Mas você é um covarde… — perdia cada vez mais o domínio de si mesmo. — Você nos tomou dinheiro emprestado outrora e nos prometeu uma porção de coisas… Há, porém, isto: não sairei de sua casa sem ter obtido um resultado: verei pelo menos com meus próprios olhos como meterá você uma bala nos miolos.

— Quero que saias imediatamente — disse, resoluto, Kirílov, plantado diante dele.

— Não, é o que nunca farei — retorquiu Piotr Stiepânovitch, brandindo de novo seu revólver. — Agora, talvez por raiva e por covardia, você quer voltar atrás e amanhã correrá a denunciar para receber ainda uma maçaroca de dinheiro. É coisa muito bem paga… que o diabo o leve! Canalhas como você são capazes de tudo! Fique, porém, tranquilo, previ tudo: não partirei antes de ter-lhe aberto o crânio com este revólver, como fiz àquele canalha de Chátov. Já que se mostra covarde a ponto de adiar a execução de seu projeto, que o diabo o carregue!

— Queres assim ver, custe o que custar, a cor de meu sangue?

— Não é por maldade, compreenda-o bem: pessoalmente, isso pouco me importa. Se o quero, é somente para ficar tranquilo a respeito de nossa causa. Não se pode confiar no homem, você mesmo está vendo. Não compreendo nada dessa fantasia de matar-se que o dominou. Não fui eu que a sugeri, foi você que a proclamou, não a mim, em primeiro lugar, mas aos membros que estavam no estrangeiro. E note bem que não foram eles que o obrigaram a dizer. Como fariam isso? Ninguém o conhecia então; foi você mesmo quem veio derramar-se em confidências, por sentimentalidade sem dúvida. De quem a culpa se, de acordo com você e por proposta sua — note-o bem, por proposta sua, — elaborou-se todo um plano de ação ao qual nada se poderia modificar hoje? Você se comportou de tal maneira que sabe agora demais. Se você se deixasse dominar pelo medo e fosse amanhã denunciar-nos, isso não seria vantajoso para nós. Que pensa? Não, você engajou-se, deu-me sua palavra, recebeu dinheiro. Não poderá negar tudo isso…

Piotr Stiepânovitch estava bastante excitado. Mas desde muito tempo já, Kirílov não o escutava mais; pensativo, retomara seu passeio pelo quarto.

— Lamento Chátov — disse afinal, parando de novo, diante de Piotr Stiepânovitch.

— Mas eu também o lamento. É possível que…

— Cala-te, covarde! — urrou Kirílov, fazendo um gesto de ameaça não equívoco. — Cala-te ou mato-te…

— Vamos, vamos, está bem, menti, convenho. Não experimento por ele o menor pesar. Basta, basta… — Levantou com um movimento brusco e avançou o braço num gesto de defesa.

Kirílov acalmou-se de súbito e continuou a marchar dum lado a outro do quarto.

— Não recuarei. É precisamente agora que quero suicidar-me. Todos uns canalhas!

— Ah! eis, é uma ideia: todos, sem dúvida, são canalhas. E como é isto que provoca o desgosto de um homem de bem, então…

— Imbecil, sou também um canalha, como tu, como eles todos, e não um homem de bem. Em nenhuma parte jamais houve homem de bem.

— Ah! enfim, ele adivinhou. Será que de verdade você não tinha compreendido até o presente, você, Kirílov, com seu espírito, que todos os homens são os mesmos, que nenhum é melhor nem pior, mas somente mais inteligente ou mais estúpido, e que se todos são canalhas (o que aliás é um absurdo) é impossível não ser um canalha?

— Ah! será que na verdade não estejas pilheriando? — perguntou Kirílov, olhando-o com certo espanto. — Tu falas com ardor e simplicidade… Será possível que pessoas como tu possuam convicções?

— Kirílov, jamais pude compreender por que você quer matar-se.

Sei somente que você o quer por convicção muito decidida. No entanto, se experimenta você a necessidade, por assim dizer, de desafogar-se, estou à sua disposição. Somente é preciso considerar que o tempo está passando…

— Que horas são?

— Oh! oh! duas horas em ponto — disse Piotr olhando seu relógio e acendendo um cigarro.

“Parece-me que nos podemos ainda entender”, pensou ele consigo.

— Nada tenho a dizer-te — resmungou Kirílov.

— Lembro-me de que Deus está um tanto metido nisso… Você já me explicou uma vez… talvez duas… Se você estourar os miolos, vai se tornar deus, é isto, creio…

— Sim, vou me tornar deus.

Sem mesmo sorrir, Piotr Stiepânovitch esperava. Kirílov fitou-o com ar malicioso.

— Você é um político velhaco e um intrigante. Quer arrastar-me para a filosofia, levar-me ao entusiasmo, a fim de que me reconcilie com você, que meu furor se dissipe, e então, quando estiver acalmado, você me arrancará, à força de rogos, o papel atestando que matei Chátov.

Piotr Stiepânovitch respondeu com uma bonomia quase natural.

— Pois bem, admitamos que eu seja canalha para pensar assim, isto não lhe é indiferente neste derradeiro minuto, Kirílov? Mas diga-me, peço-lhe, qual o tema de nossa discussão? Você é como é, e eu sou como sou e depois? Além do mais somos dois…

— Canalhas.

— Sim, sem dúvida, canalhas… Mas você sabe bem que são apenas palavras.

— Quis toda a minha vida que fosse outra coisa que não só palavras. E vivi por isso, porque sempre o quis. E agora ainda, cada dia, quero que seja outra coisa que não só palavras.

— Pois bem então? Cada qual procura o que lhe convém melhor. O peixe… isto é, cada qual procura seu conforto… à sua maneira… eis tudo. É conhecido desde muito tempo…

— O conforto, dizes?

— Ora, vale a pena chicanar a respeito duma palavra?

— Não, disseste bem: o conforto, seja. Deus é necessário, portanto deve existir.

— Vamos, é bastante bem.

— Mas, sei que ele não existe e não pode existir.

— É ainda mais verdadeiro.

— Não compreendes que um homem com ideias semelhantes não pode continuar vivendo?

— E deve estourar os miolos, não é?

— Como não compreendes que é essa uma razão suficiente para o suicídio? Não compreendes que possa existir tal homem, o único indivíduo entre os vossos milhões e vossos milhões, que não o quererá e não o suportará?

— Compreendo somente que você hesita; pelo menos me parece isso… Isto está muito mal.

— A ideia também devorou Stavróguin — disse Kirílov, sem prestar atenção à observação de Piotr Stiepânovitch. E sombrio, voltou a percorrer o quarto de ponta a ponta.

— Como? — disse Piotr Stiepânovitch, erguendo a cabeça. — Que ideia? Será que ele mesmo lhe disse alguma coisa?

— Não; adivinhei-o. Stavróguin, quando crê, não crê que crê. Mas

quando não crê, não crê que não crê.

— Oh! Stavróguin tem ainda outra coisa, outra coisa mais inteligente do que isso… — resmungou Piotr Stiepânovitch, que acompanhava ansiosamente a feição nova que a conversa tomara e observava a palidez de Kirílov.

“Diabos me levem! Ele não se matará — pensava Piotr Stiepânovitch. — Sempre o pressentira; passou-lhe uma mania pela cabeça e nada mais. Gente canalha!”

— És o último a ficar comigo! Não quereria que nos separássemos brigados — disse de súbito Kirílov.

Piotr Stiepânovitch não respondeu imediatamente. “Diabos me levem, que será ainda?”, pensou ele de novo.

— Acredite-me, Kirílov, não tenho nada contra você pessoalmente e sempre…

— És um canalha e um espírito falso. Mas sou como tu e me matarei, ao passo que tu ficarás vivo.

— Quer você dizer que sou bastante vil para querer ficar entre os vivos?

Não podia decidir ainda se era vantajoso ou não prosseguir com semelhante conversa, de modo que resolveu “abandonar-se às circunstâncias”. No entanto, o tom de superioridade e o desprezo não dissimulado com que Kirílov afetava tratá-lo irritavam-no hoje mais ainda que de costume, talvez porque Kirílov que devia morrer dentro de uma hora (o que Piotr malgrado tudo não perdia de vista) não fosse mais a seus olhos senão um meio-homem, isto é, alguém cujo tom de orgulhosa condescendência ele não podia de modo algum tolerar.

— Parece-me que você se envaidece diante de mim do fato de ir matar-se.

— Sempre me causou espanto que todos continuem vivendo — disse Kirílov que mais uma vez parecia não ter ouvido a observação do outro.

— Hum! admitamos, é uma ideia, mas…

— Macaco! aquiesces para dobrar-me. Cala-te, não compreenderás nada. Se Deus não existe, sou deus.

— Está aí, é justamente este ponto que jamais pude compreender em você: por que então é você deus?

— Se Deus existe, tudo é Sua vontade e fora de Sua vontade, nada posso. Se ele não existe, tudo é minha vontade e sou obrigado a manifestar minha própria vontade.

— Sua própria vontade? E por que você é obrigado a isso?

— Porque então toda vontade tornou-se a minha. Não há ninguém neste planeta que, tendo liquidado Deus e crendo na sua própria vontade, não ouse manifestar essa vontade da maneira mais radical. É como se um pobre, que recebeu uma herança, se amedrontasse e não ousasse aproximar-se do saco de dinheiro, porque se julga demasiado fraco para possuir. Quero dar testemunho de minha própria vontade. E se não há outro que não eu, serei o único, mas o farei.

— Pois bem, faça.

— Estou obrigado a estourar os miolos porque o ponto supremo, o mais completo de minha própria vontade é: meu suicídio.

— Mas não é você o único que se mata. Há muitos outros que o fizeram.

— Tinham sua razão para isso. Mas sem nenhum motivo, somente em nome da vontade individual, sou eu o único.

“Ele não se suicidará”, pensou de novo Piotr Stiepânovitch.

— Sabe você de uma coisa? — observou ele com irritação. — No seu lugar, para manifestar minha própria vontade, eu mataria algum outro e não a mim mesmo. Poderia assim tornar-se útil. Se não tem medo, eu lhe digo quem. Então, neste caso, não estoure os miolos hoje. Há meio de nos entendermos.

— Matar outro é o ponto mais baixo de minha vontade individual e nisto reencontro-te todo inteiro. Mas não sou tu, quero o ponto culminante e me matarei.

— Eis a sua ideia genial — resmungou maldosamente Piotr Stiepânovitch.

— Sou obrigado a proclamar minha incredulidade — continuou Kirílov, andando pelo quarto. — Para mim, não há nada de mais elevado do que a ideia da inexistência de Deus. A história da humanidade toda inteira está comigo. O homem só inventou Deus, a fim de poder viver sem se matar. É nisto que consiste a história do mundo desde sua origem até nossos dias. Em toda a história do mundo, eu só, pela primeira vez, não quis inventar Deus. Que se fique sabendo de uma vez por todas.

“Ele não se suicidará”, inquietava-se Piotr Stiepânovitch.

— Quem o saberá? — disse, para instigá-lo. — Só estamos aqui você e eu. Lipútin talvez?

— Todo mundo saberá. Todos saberão… Não há no mundo nenhum segredo que não seja revelado. Eis o que Ele disse.

E num entusiasmo febril, designou a imagem do Salvador diante da qual ardia a lamparina.

Piotr Stiepânovitch sentiu-se dominado por um acesso de raiva.

— Então você crê ainda nEle?! Você mesmo acendeu a lamparina! Teria sido por puro acaso?

O outro não respondeu.

— Quer minha opinião? você é ainda mais crente que um pope.

— Crer em quem? Nele? Escuta — disse Kirílov. Tinha parado e olhava diretamente à sua frente com um olhar delirante e imóvel. — Escuta, uma grande ideia: houve um dia na terra em que três cruzes se ergueram no centro dela. Um daqueles que estavam crucificados tinha uma fé tão forte que disse ao outro: “Em verdade te digo que hoje

mesmo estarás comigo no paraíso”. Ao fim do dia, morreram. Os dois se foram, mas não encontraram nem paraíso, nem ressurreição. A profecia não se realizou. Escuta; aquele homem era o mais sublime de toda a terra: constituía para ela uma razão de existir. O planeta inteiro, com tudo quanto tem em cima, sem aquele homem, não é senão loucura. Nem antes dele, nem depois, não houve e não haverá jamais homem semelhante a Ele, nem mesmo por milagre. O milagre consiste justamente neste fato de que jamais houve e jamais haverá alguém semelhante a Ele. Se assim é e se as leis da natureza não pouparam Aquele, não pouparam “seu milagre” e forçaram-no a viver no meio da mentira e a morrer pela mentira, então o planeta inteiro não é senão mentira, repousa sobre a mentira e não passa de uma estúpida irrisão. Por consequência, as leis do planeta não são senão uma mentira e um “*vaudeville* do diabo”. De que serve viver, responde, se és um homem?

— Aqui a conversa muda de aspecto. Parece-me que você confundiu duas causas diferentes e isto não indica nada de bom. Entretanto, permita: se você fosse deus? Se a mentira estivesse acabada e se você tivesse adivinhado que toda a mentira vinha do antigo Deus?

— Enfim compreendeste! — exclamou Kirílov entusiasmado. — Se um homem tal como tu foste capaz de compreender, então isto mostra que a compreensão é possível. Compreenderás que para salvar todos os homens, é preciso provar a todos este pensamento. Quem o provará? Eu. Não compreendo como até o presente um ateu pudesse saber que Deus não existia e não se matar em seguida. Reconhecer que não há Deus e não reconhecer ao mesmo tempo que ele próprio se tornou deus é um absurdo e uma inconsequência, porque de outro modo não deixaria de matar-se. Se tu reconheces isso, és um rei e não tens necessidade de matar-te, mas vives no cúmulo da glória. Somente aquele que é o primeiro deve absolutamente matar-se, senão quem começaria e quem provaria? Vou me aniquilar completamente, para começar e para provar. Não sou ainda deus senão contra minha vontade e sou infeliz porque sou obrigado a manifestar minha própria vontade. Todos são infelizes porque todos temem afirmar sua vontade. Se o homem foi até aqui tão miserável e tão pobre é porque tinha

medo de proclamar o ponto capital de sua vontade individual, só a usava às ocultas e um pouco à maneira de um colegial. Sou terrivelmente infeliz porque sou terrivelmente medroso. O temor é a maldição do homem. Mas manifestarei minha vontade; sou obrigado a crer firmemente que não creio. Começarei, acabarei e abrirei a porta. E salvarei. É isto somente que salvará todos os homens e os transformará fisicamente desde a próxima geração; porque no seu estado físico atual parece-me que é impossível ao homem passar sem o antigo Deus. Procurei durante três anos o atributo de minha divindade e encontrei-o: o atributo de minha divindade é minha própria vontade. É tudo isso pelo qual posso mostrar em seu ponto capital minha insubordinação e minha nova e terrível liberdade.

Seu rosto estava extremamente pálido e seu olhar intoleravelmente fixo. Parecia presa dum acesso de febre cerebral. Piotr Stiepânovitch receava que ele fosse tombar dum momento para outro.

— Dá-me a pena — exclamou, de súbito, Kirílov, numa inspiração inesperada, — dita, assinarei tudo. Que matei Chátov, também. Assinarei tudo. Dita enquanto isto me diverte. Não temo as ideias de escravos arrogantes. Verás tu mesmo que todos os mistérios serão explicados. E tu, tu serás esmagado… Mas eu creio, eu creio!…

Piotr Stiepânovitch saltou de seu lugar e num instante deu-lhe um tinteiro e papel, ansioso de aproveitar o momento e tremendo pelo êxito obtido. Depois começou a ditar:

— Eu, Alieksiéi Kirílov, declaro…

— Espera! Não quero isso! A quem é que declaro?

Kirílov tremia como se tivesse febre. Aquela declaração e uma ideia súbita, vinda a propósito, pareciam absorvê-lo totalmente; era como uma escapada para onde se lançava, por um instante pelo menos, seu espírito esgotado…

— A quem é que declaro? Quero saber a quem.

— A ninguém, a todos, ao que primeiro ler! De que serve

precisar? Ao mundo inteiro.

— Ao mundo inteiro? Bravo! E que não haja lugar para o arrependimento. Não quero arrepender-me. E não quero tampouco autoridades!

— Mas não, isto não é necessário tampouco… Para o diabo as autoridades! Mas escreva então, se tudo isso é sério! — exclamou Piotr Stiepânovitch com um nervosismo que raiava pela histeria.

— Para! Quero primeiro desenhar no alto da folha uma boca estirando a língua.

— Ora essa! Isso é estúpido! — disse Piotr Stiepânovitch irritado. — Não há necessidade de fazer desenho, pode-se tudo exprimir pelo tom.

— Pelo tom? Está bem. Sim, pelo tom, pelo tom! Dita segundo o tom!

— "Eu, Alieksiéi Kirílov, — ditou com voz firme e imperiosa Piotr Stiepânovitch, curvado sobre o ombro de Kirílov e acompanhando com os olhos cada uma das letras que este traçava com uma mão que a emoção fazia tremer, — declaro que hoje… de outubro, cerca das oito horas da noite, matei no parque o estudante Chátov por traição e denúncia, relativamente às proclamações, e a Fiedka, que morou e dormiu em nossa casa, no edifício Filípov, durante dez dias. Mato-me hoje com um tiro de revólver, não que tenha remorsos ou medo de vocês, mas porque já formara no estrangeiro o desígnio de pôr fim a meus dias."

— Nada mais? — exclamou Kirílov, com espanto e indignação.

— Nem uma palavra mais — disse Piotr, com um gesto da mão, tentando arrancar-lhe o documento.

— Para! — disse Kirílov, abatendo com força a mão sobre o papel. — Para! É estúpido. Quero dizer com quem matei. Por que Fiedka? E o incêndio? Quero tudo e quero ainda insultá-los pelo tom, pelo tom…

— Basta, Kirílov, asseguro-lhe que isso basta — disse Piotr Stiepânovitch com uma voz quase suplicante, temendo que o outro rasgasse o papel. — Para que eles acreditem, é preciso que seja o mais obscuro possível, somente alusões, tal qual como aí está. Basta mostrar um cantinho apenas da verdade, o suficiente para estimulá-los. Eles mesmos mentirão muito melhor do que nós seríamos capazes e naturalmente crerão muito mais no que eles próprios terão inventado. De modo que tudo está ótimo, está ótimo. Dê-me, está perfeito assim; dê-me, dê-me!

E esforçou-se uma vez mais por arrancar-lhe o documento. Kirílov, de olhos escancarados, escutava e parecia procurar compreender, mas parecia que toda compreensão tinha lhe escapado.

— Ah! com os diabos! — exclamou Piotr Stiepânovitch, num acesso de furor. — Ele ainda não assinou! Para que revirar os olhos dessa maneira? Assine então.

— Quero injuriá-los! — trovejou Kirílov. Contudo pegou a pena e assinou. — Quero injuriá-los…

— Acrescente: *Vive la Republique* e isto bastará.

— Bravo! — quase urrou Kirílov, arrebatado de alegria. — *Vive la Republique démocratique, sociale et universelle ou la mort*. Não, não, não é isso. *Liberté, Egalité, Fraternité ou la mort*. Assim está melhor, assim está melhor. — E com evidente satisfação, escreveu esta fórmula sob sua assinatura.

— Chega, chega — repetia Piotr Stiepânovitch.

— Espera, ainda um instante… Eu… sabes? vou pôr ainda alguma coisa em francês: De Kirílov, *gentilhomme russe et citoyen du monde*. Ah! ah! ah! ah! — explodiu ele a rir. Não, não, não, espera, encontrei melhor ainda. Eureka! *Gentilhomme, séminariste russe et citoyen du monde civilisé*. Isto é melhor, o melhor de tudo.

Saltou do divã, agarrou com um gesto rápido seu revólver que estava posto em cima da janela e correu para o quarto vizinho cuja porta fechou cuidadosamente atrás de si.

Piotr Stiepânovitch ficou um instante pensativo, com o olhar fixo na porta.

“Se o fizer imediatamente, então é possível que se mate, mas se se puser a refletir, então nada feito.”

Enquanto esperava, pegou o bilhete, sentou-se e tornou a lê-lo. A declaração agradou-lhe.

“Que é preciso para o momento? Não temos necessidade de mais nada. Basta fazê-los perderem a cabeça e lançá-los a uma falsa pista. O parque? Não há parque na cidade. Acabarão compreendendo que se trata do parque de Skvopiéchniki. Mas antes que o compreendam, passará tempo; enquanto procurarem, passar-se-á ainda mais tempo, e quando descobrirem o cadáver, terão assim a confirmação do bilhete e concluirão que tudo é verdade. Também verdade o que se referia a Fiedka. Mas o que é Fiedka? Fiedka é o incêndio. Fiedka são os Liebiádkini. Portanto tudo saiu daqui, do edifício Filípov. Eles nada teriam visto, de nada teriam suspeitado. Sentirão vertigem. Nem mesmo pensarão nos “nossos”. Só pensarão em Chátov, em Kirílov, em Fiedka e em Liebiádkin. E por que se mataram uns aos outros? Eis um pequeno problema que lhes servirá de passatempo. Mas, com os diabos, ele não atira!…”

Enquanto lia e admirava o texto da declaração, mantinha o ouvido atento, presa de uma inquietação torturante. De súbito, foi tomado de raiva. Tirou o relógio; a hora ia adiantada e Kirílov saíra do quarto havia já dez minutos… Apoderou-se da vela e dirigiu-se para a porta do quarto onde Kirílov se fechara. Mas, de repente, notou que a vela estava quase inteiramente consumida, que se apagaria dentro duns vinte minutos apenas e que não havia outra. Com prudência pôs a mão na maçaneta e atentou o ouvido. Nenhum ruído se ouvia do outro lado. Empurrou a porta bruscamente e ergueu a vela; alguma coisa pôs-se a urrar e precipitou-se para ele. Bateu a porta com todas as suas forças e plantou-se diante dela. Mas já tudo voltara à calma. De novo reinava um silêncio de morte.

Ficou muito tempo de pé, indeciso, com a vela na mão. Durante o curto instante em que a porta ficara aberta, pudera entrever o rosto de

Kirílov que se mantinha no fundo do quarto, de pé perto da janela, da mesma maneira como tinha podido notar a espécie de raiva bestial com a qual o engenheiro saltara sobre ele. Piotr Stiepânovitch sentiu um arrepio; apressou-se em colocar a vela em cima da mesa, preparou seu revólver e, caminhando na ponta dos pés, foi postar-se no canto oposto. Desta maneira, no caso de Kirílov abrir a porta e, de arma em punho, avançar para a mesa, teria ele ainda tempo de apontar e de atirar antes dele.

Quanto ao suicídio, Piotr Stiepânovitch já não acreditava mais nele. “Ele estava de pé no meio do quarto e refletia”, disse a si mesmo Piotr Stiepânovitch, cujas ideias turbilhonavam. “E além disso, que quarto escuro, aterrorizante!… Lançou um rugido e precipitou-se contra mim… De duas coisas uma: ou eu o atrapalhei, justamente no momento em que ia puxar o gatilho ou então… ou então estava ali a meditar em que maneira poderia matar-me. Sim, é isto, pensava nisto. Sabe que não me irei embora antes de matá-lo, que o matarei se for demasiado covarde para fazê-lo ele próprio, portanto tem de matar-me para que eu não o mate… E sempre, sempre o silêncio lá… é mesmo aterrorizador… e se ele abrisse a porta de repente?… A pulhice consiste no fato de ele acreditar em Deus mais firmemente do que um pope… Por coisa alguma do mundo se suicidará… Oh! eis aí o que são essas pessoas “cujo pensamento avançou tanto”; são legião hoje. Uma piolheira!… Diabos, a vela, a vela… Dentro de um quarto de hora, quando muito, estará consumida. É preciso acabar, custe o que custar, acabar… Pois bem então, pode-se matá-lo agora… Depois desta declaração, ninguém pensará que fui eu quem o matou. Pode-se estendê-lo no chão, dispô-lo de certa maneira, tendo na mão o revólver descarregado, de modo que não se deixará de supor que foi ele mesmo… Ah! com os diabos, como matá-lo? Quando eu abrir a porta, vai se lançar sobre mim de novo e atirará primeiro. Mas não, que diabo, errará o tiro, é claro!”

Tais eram os terrores em que se debatia. Sua inquietação crescia à medida que sentia mais próximo o momento de agir e em razão mesmo de sua irresolução. Por fim, pegou o castiçal, aproximou-se devagarinho da porta, mantendo erguido seu revólver, pronto a fazer fogo. Com a mesma mão que segurava o castiçal, tentou pegar a

maçaneta e abrir a porta; mas não conseguiu, a fechadura rangeu, áspera. “Ele vai atirar diretamente em mim”, pensou Piotr Stiepânovitch, e com todas as suas forças empurrou a porta com um pontapé, levantou a vela e apontou o revólver… mas nenhuma detonação ressoou… nem nenhum grito… No quarto não havia ninguém.

Estremeceu. O quarto não tinha outra saída e era impossível uma evasão. Levantou a vela ainda mais alto e esquadrinhou a peça atentamente: não, ninguém. Chamou Kirílov uma primeira vez em voz baixa, depois uma segunda vez um pouco mais forte. Ninguém respondeu! Teria ele saltado pela janela?

Com efeito, o postigo estava aberto. “É estúpido. Ele não pode saltar pelo postigo”. Piotr Stiepânovitch atravessou todo o quarto e foi direto à janela. “Impossível; não pode passar por ali.” De repente, voltou-se vivamente e percebeu algo de extraordinário que lhe causou fortíssima impressão.

Contra a parede oposta à janela, à direita da porta, encontrava-se um armário. À direita desse armário, no ângulo que ele formava com a parede, mantinha-se Kirílov, de pé, numa atitude estranha e terrificante, imóvel, rígido, as mãos pendentes ao longo dos quadris, a cabeça erguida, as costas apoiadas à parede, incrustado no canto, parecia querer ocultar-se. Segundo todas as aparências, ocultava-se, se bem que fosse, contudo, difícil admiti-lo. Piotr Stiepânovitch, que se encontrava levemente de viés em relação ao ângulo, só percebia as partes salientes da figura. Não podia decidir-se a dar um passo para a esquerda, a fim de resolver o enigma. Seu coração batia com violência. De repente, uma cólera selvagem apoderou-se dele. Gritando e batendo os pés, precipitou-se, furioso, para o canto temível.

Mas quando se achou bem perto, parou como que aturdido, ainda mais aterrorizado que inda há pouco. O que o impressionou, sobretudo, é que malgrado seus gritos, seus gestos violentos, o vulto não tinha feito o menor movimento, não tinha mexido um só membro; era de dizer que estivesse petrificado ou que se tornara de cera. A palidez extrema do rosto não era natural; os olhos negros absolutamente imóveis permaneciam fixos em algum ponto do espaço.

Piotr Stiepânovitch passeou a luz de alto a baixo, depois de baixo ao alto, examinando atentamente todas as partes do rosto. E de súbito, percebeu que Kirílov, olhando para alguma parte diante de si, nem por isso deixava de vê-lo com o canto do olho e talvez mesmo o observasse. Veio-lhe então a ideia de levar a vela bem contra o rosto "daquele canalha" para queimá-lo e ver o que ele faria. De súbito, acreditou ver mover-se o queixo de Kirílov e aparecer em seus lábios um sorriso sarcástico, como se ele lhe houvesse adivinhado a ideia. Pôs-se a tremer e, perdendo toda a consciência do que fazia, agarrou com força Kirílov pelo ombro.

Então, com a rapidez do raio, passou-se uma coisa de tal modo incrível que o próprio Piotr Stiepânovitch mais tarde não foi capaz de recordar exatamente. Mal tocou Kirílov, este, inclinando bruscamente a cabeça, com uma cabeçada fez-lhe cair a vela das mãos; o castiçal rolou no chão com estrépito e a vela apagou-se. No mesmo instante, sentiu ele uma dor terrível no dedo mínimo de sua mão direita. Lançou um grito. Mais tarde lembrou-se somente de que, no seu furor, assestara com todas as suas forças três grandes golpes com a coronha de seu revólver na cabeça de Kirílov que lhe mordia o dedo e não queria largar a presa. Por fim conseguiu libertar seu dedo e precipitou-se para fora do quarto, para fora da casa, procurando seu caminho a tatear nas trevas. Gritos terríveis perseguiam-no.

— Agora, agora, agora, agora!…

Este grito foi repetido mais de dez vezes. Mas Piotr Stiepânovitch corria sempre e já estava no vestíbulo quando, de súbito, ressoou uma ruidosa detonação. Parou no escuro do vestíbulo, hesitou alguns minutos. Por fim, voltou sobre seus passos e tornou a entrar no aposento. Era preciso primeiro luz. Para isto teve de procurar a vela que Kirílov lhe fizera cair das mãos e que devia estar por terra à direita do armário. Mas com que acendê-la? Vaga lembrança veio-lhe de súbito ao espírito: na véspera, quando correra à cozinha para se precipitar sobre Fiedka, notara num canto, sobre uma prateleira, uma grande caixa de fósforos… Tateando, dirigiu-se primeiro à esquerda, para a porta da cozinha, achou-a, atravessou o corredorzinho e desceu a escada. Na prateleira, no mesmo lugar, descobriu a caixa de fósforos não aberta. Sem pensar em acender um, apressou-se em tornar a subir.

E foi somente quando se achou perto do armário, no lugar preciso em que havia batido na cabeça de Kirílov que o mordia, que se lembrou de seu dedo mordido e no mesmo instante sentiu uma dor quase intolerável. Cerrando os dentes, acendeu com grande trabalho o toco de vela, repô-lo no castiçal e olhou em redor de si. Perto da janela cujo postigo estava aberto, com os pés voltados para o ângulo direito, jazia o cadáver de Kirílov. O tiro fora disparado na fronte direita. A bala saíra à esquerda para o alto, depois de ter varado o crânio lado a lado. Viam-se aqui e ali salpicos de sangue e de miolos. A arma ficara na mão do suicida. A morte devia ter sido instantânea. Depois de ter examinado tudo com o maior cuidado, Piotr Stiepânovitch ergueu-se e saiu na ponta dos pés. Fechou a porta atrás de si e pousou a vela sobre a mesa do primeiro quarto. Refletiu um instante e decidiu não apagá-la, pensando que ela não podia provocar incêndio. Depois, tendo lançado um derradeiro olhar ao documento que estava sobre a mesa, sorriu maquinalmente e, não se sabe por que, saiu desta vez ainda na ponta dos pés. De novo, deslizou pela passagem secreta de Fiedka que tornou a fechar com cuidado atrás de si.

## *III*

Às seis horas menos dez, Piotr Stiepânovitch e Erkel iam e vinham pela plataforma da estação, perto do trem composto naquele dia duma bem comprida fila de vagões. Piotr Stiepânovitch partia, Erkel viera despedir-se dele. As bagagens já estavam registradas e o saco colocado num vagão de segunda classe para marcar o lugar reservado. Já soara o primeiro toque da sineta, esperava-se o segundo. Piotr Stiepânovitch, segundo seu hábito, olhava para todos os lados e observava com curiosidade os viajantes que entravam nos carros. Não avistou nenhum de seus íntimos; duas vezes, somente, teve de fazer um cumprimento com a cabeça: um negociante a quem conhecia vagamente e um jovem padre de aldeia que se dirigia à sua paróquia, situada a duas estações da cidade. Erkel tinha visivelmente naquele derradeiro minuto vontade de falar de alguma coisa importante, se bem que ele mesmo talvez não soubesse com certeza o que fosse, mas não ousava travar a conversa. Parecia-lhe mesmo que Piotr Stiepânovitch tinha vontade de desembaraçar-se dele e aguardava com impaciência o segundo toque da sineta.

— O senhor olha todo mundo com um ar tão despreocupado! — observou ele, timidamente, como que para adverti-lo.

— Por que não? Não tenho ainda razão para me esconder. É demasiado cedo. Não se inquiete. Temo somente que o diabo me envie Lipútin; se este farejar alguma coisa, é capaz de aparecer.

— Piotr Stiepânovitch, não se pode confiar neles — disse por fim Erkel, num tom decidido.

— Em Lipútin?

— Em todos, Piotr Stiepânovitch.

— Que bobagem! Estão agora atados pelo que se passou ontem. Nem um sequer trairá. Qual o que quereria perder-se a si mesmo, a menos que haja perdido a razão?

— Piotr Stiepânovitch, mas é que eles perderão a razão.

Evidentemente essa ideia já surgira no espírito de Piotr Stiepânovitch. Por isso a observação de Erkel não fez senão irritá-lo mais.

— Você está com medo também, Erkel? Conto mais com você do que com eles todos. Agora já estou seguro a respeito do valor de cada um. Informe-os de tudo hoje verbalmente. Confio-os a você. Passe em casa de todos esta manhã mesmo. Quanto às minhas instruções escritas você as lerá para eles amanhã ou depois de amanhã, quando estiverem reunidos e em estado de compreendê-las… mas acredite-me, estarão nestas condições desde amanhã, porque têm agora um medo terrível e estarão maleáveis como cera… O principal é que você não se deixe abater.

— Ah! Piotr Stiepânovitch, seria melhor que o senhor não partisse!

— Mas parto apenas apenas por alguns dias. Voltarei dentro em pouco.

— Piotr Stiepânovitch — continuou Erkel, num tom prudente,

mas firme, — mesmo que o senhor vá a Petersburgo… compreendo, sei que só faz o que é necessário pela causa comum.

— Não esperava menos de você, Erkel. Se adivinhou que parto para Petersburgo, terá compreendido também que ontem, num momento semelhante, não podia eu dizer-lhes que partia para tão longe. Isto os teria aterrorizado. Você mesmo verificou em que estado eles se encontravam. Mas você compreende que faço isso por uma causa grande e importante, pela causa comum, e não para tirar o corpo fora, como o supõe um Lipútin.

— Compreendo-o, Piotr Stiepânovitch, e mesmo se o senhor partisse para o estrangeiro, também compreenderia. Sei que não deve pôr assim em jogo sua pessoa. Porque o senhor é tudo e nós não somos nada. Oh! compreendo, Piotr Stiepânovitch…

A voz do pobre rapaz tremia.

— Agradeço-lhe, Erkel… Ai, você tocou no meu dedo doente (Erkel acabava de apertar-lhe a mão duma maneira desastrada; o dedo do ferido estava meticulosamente enfaixado em tafetá preto). Não posso senão repetir-lhe que vou a Petersburgo somente para farejar o vento; talvez mesmo não fique lá senão vinte e quatro horas. De volta para cá, irei, pro forma, viver no campo, em casa de Gagânov… Se supuserem que um perigo os ameaça, serei o primeiro a partilhá-lo. Se todavia for obrigado a prolongar minha estada em Petersburgo, mando avisá-lo de imediato… pelo meio que você conhece e você comunicará aos outros.

Retiniu o segundo toque da sineta.

— Ah! faltam apenas cinco minutos para a partida. Você sabe, não quereria que o grupo daqui se dissolvesse. Não que eu tenha medo… Não, não se inquiete comigo. Tenho em mãos um grande número de malhas da grande rede para que me ligue especialmente a alguma. Mas esse grupo forma sempre um grupo a mais e, por conseguinte, não se deve desdenhá-lo. De resto, não temo nada por você, muito embora o deixe aqui quase só com esses fracassados. Não se inquiete. Eles não trairão, não ousarão… O quê? Você também hoje? — gritou ele, de repente, com uma voz alegre e bem diferente

para um jovem que, com ar todo prazeiroso, se aproximava dele para cumprimentá-lo. — Também toma o expresso? Aonde vai então? Ver a “mamãe”?

A mamãe do rapazinho era uma rica proprietária da província vizinha e o moço, parente longe de Iúlia Mikháilovna, acabava de passar uns quinze dias em nossa cidade.

— Não, vou mais longe, a K***, oito horas de estrada de ferro. E o senhor, a Petersburgo? — perguntou o jovem, rindo.

— Por que supõe que vou a Petersburgo? — replicou Piotr Stiepânovitch, rindo mais ainda e olhando-o bem de frente.

O rapaz ameaçou-o com o dedo mínimo de sua mão enluvada.

— Pois bem, adivinhou — murmurou, de súbito, Piotr Stiepânovitch, com um ar misterioso. — Vou lá levando cartas de Iúlia Mikháilovna e devo encontrar-me com três ou quatro personalidades… e que personalidades!… Você já está adivinhando. Possa o diabo levá-las todas, para falar franco. Seja dito entre nós, é um ofício de condenado.

— Mas diga-me, então, por que ela ficou com medo de repente? — murmurou o jovem. — Ela nem mesmo quis receber-me ontem. Penso que não tem nenhuma razão de temer que aconteça algo de desagradável a seu marido. Pelo contrário, caiu ele tão a propósito no teatro do incêndio; arriscou, por assim dizer, a vida.

— Naturalmente — disse Piotr Stiepânovitch, rindo. — Mas veja você, ela receia que já hajam escrito alguma coisa daqui… isto é, que certas pessoas… Em suma, trata-se sobretudo aqui de Stavróguin, ou mais exatamente do Príncipe K***. Ah! em uma palavra… é uma história completa… talvez possa lhe contar durante a viagem… na medida em que meus sentimentos cavalheirescos assim permitam… Meu parente, o Alferes Erkel, do distrito.

O rapaz lançou uma rápida olhadela para Erkel e levou a mão ao chapéu. Erkel fez-lhe continência.

— Ah! o senhor sabe, Vierkhoviénski, que oito horas de trem é uma sorte bem triste. Temos conosco, em primeira classe, um coronel muito divertido, Bieriéstov, nosso vizinho no campo, casado com uma Gárina (*née* de Garine), e muito correto sob todos os aspectos. Tem até mesmo ideias. Sabe duma coisa? Não passou aqui senão dois dias. Jogador danado; seu jogo preferido é o *whist*. Se organizássemos uma partidinha, hem? Já encontrei o quarto parceiro: Pripúkhlov, um negociante de T***, milionário, mas um milionário verdadeiro, é só o que lhe digo… Vou apresentá-lo ao senhor. Interessantíssimo saco de dinheiro. Vai ser um regalo!

— Jogo *whist* com o maior prazer, sobretudo no trem, mas estou em segunda.

— Não seja esta a dificuldade. Venha sentar-se conosco. Vou dizer imediatamente ao chefe do trem que troque seu bilhete. Ele me obedece a dedo e a olho. Que é que tem o senhor, um saco de viagem? Uma manta?

— Admirável! Vamos.

Piotr Stiepânovitch pegou ele próprio a mala de viagem, sua manta, seu livro e foi logo instalar-se na primeira classe. Erkel ajudou-o a carregar suas coisas. A sineta soou pela terceira vez.

— Está bem, Erkel — disse Piotr Stiepânovitch, estendendo-lhe a mão pela portinhola (tinha agora outros interesses), — como vê, vou pôr-me a jogar cartas com eles.

— Mas por que explicar-me ainda isso, Piotr Stiepânovitch? Compreendo, compreendo tudo!

— Então, adeus… — E chamado pelo rapaz que queria apresentá-lo a seus parceiros, voltou-se bruscamente. E Erkel não tornou a ver mais o seu Piotr Stiepânovitch.

Voltou para casa bastante triste. Não que a brusca partida de Piotr Stiepânovitch o inquietasse, mas… desviara-se tão depressa dele ao chamado daquele jovem peralta… teria podido dizer-lhe outra coisa que não aquele “até a vista”, ou então teria podido pelo menos

apertar-lhe a mão com mais força.

Esta última circunstância era a que mais pesar lhe causava. Já alguma coisa começava a roer seu pobre coraçãozinho, alguma coisa que ele mesmo não compreendia, mas que se ligava à noite da véspera.

## Capítulo VII / A derradeira viagem de Stiepan Trofímovitch

### *I*

Estou convencido de que Stiepan Trofímovitch teve grande medo, quando sentiu chegar a hora de sua louca empresa. Estou convencido de que sofreu sobretudo durante aquela noite, aquela noite horrível que precedeu sua partida. Nastássia lembrou-se mais tarde de que ele se deitara muito tarde e que adormecera. Mas isto não prova grande coisa; pretende-se que os condenados à morte durmam um sono profundo na véspera de sua execução. Se bem que Stiepan Trofímovitch se tivesse posto a caminho ao romper da aurora, instante em que o homem nervoso retoma sempre um pouco de coragem (o major, parente de Virguínski, deixava de crer em Deus assim que o dia amanhecia), estou convencido de que nunca antes ele poderia imaginar sem terror como iria assim sozinho pela estrada-mor e naquele estado. Era preciso que houvesse em sua alma algum pensamento desesperado que, em primeiro lugar, tivesse amenizado pela primeira vez aquela intensa e terrível sensação de solidão súbita que deve ter ele experimentado depois de haver deixado Stasie e o cantinho bem quente no qual vivera durante vinte anos. Mas que importa! Mesmo se tivesse previsto distintamente todos os horrores que o esperavam, nem por isso teria deixado de partir pela grande estrada, nem por isso teria deixado de prosseguir o seu caminho. Havia naquela resolução algo de soberbo que o entusiasmava apesar de tudo. Decerto teria podido aceitar as vantajosas condições que Varvara Pietrovna lhe oferecia, e permanecer nas suas boas graças, *comme un vulgaire parasite*… Mas não aceitara a esmola e não ficara. E eis que agora é ele quem a abandona, quem brande “o estandarte da

grande ideia” e vai morrer por ela na grande estrada. É bem precisamente assim que ele devia sentir-se; é precisamente assim que devia aparecer sua empresa.

Mais de uma vez fiz a mim mesmo esta pergunta: por que ele parte a pé, literalmente a pé, em lugar de tomar um carro? Em primeiro lugar, digo a mim mesmo que era preciso atribuí-lo àquela falta de senso prático de que ele não cessara de dar provas desde cinquenta anos e ao fato de que suas ideias eram perturbadas pela influência de um sentimento poderoso. Parecia-me que o pensamento de pegar um mapa de viagem e alugar um carro (mesmo que este tivesse campainhas) deveria ter parecido demasiado simples e demasiado prosaico. Pelo contrário, uma peregrinação, mesmo com um guarda-chuva na mão, era muito mais bela e comportava em si uma intenção de vingança acariciada com amor. Hoje que tudo passou, penso que aquilo se produziu de maneira muito mais simples. Se receara alugar cavalos, foi em primeiro lugar apenas porque Varvara Pietrovna poderia ficar sabendo de suas intenções, retê-lo à força — o que ela não teria deixado de fazer — e ele por certo teria se rendido. Então adeus à Grande Ideia! Em seguida, para arranjar um mapa de viagem e alugar cavalos, seria preciso saber para onde ir. E era justamente isso o que, naquela hora, fazia-o mais sofrer; fora-lhe totalmente impossível escolher e indicar um lugar. Se escolhesse uma cidade determinada, logo sua empresa lhe pareceria estúpida e impossível, pressentia-o demais! Por que tal cidade em lugar de outra? Que iria fazer lá? *Chercher ce marchand*?[165] Mas que comerciante? Tratava então de evitar aquela terrível pergunta. Na realidade, nada era mais aterrorizador para ele que aquele comerciante que ele se tinha posto de repente a procurar com encarniçamento e de cuja descoberta tinha um medo atroz. Não, melhor valia a grande estrada. Era tão simples pôr-se em marcha, ir sem pensar em nada… A grande estrada é algo de tão longo, de tão longo, que não dá para ver o fim, como a vida humana, como o sonho humano. Na grande estrada, há uma ideia. Mas no mapa de viagem, que ideia existe? O mapa de viagem exclui toda ideia. Então, *vive la grande route*! e seja o que Deus quiser!

Depois de seu encontro súbito e inesperado com Lisa, encontro

que já descrevi, prosseguiu sua marcha num esquecimento sempre cada vez maior de si mesmo. A grande estrada passava a cerca de meia versta de Skvopiéchniki e, coisa estranha, nem mesmo notou a princípio que se metera por aquele caminho. Raciocinar logicamente ou dar-se conta das coisas era insuportável naquele momento. Uma chuva fina ora cessava, ora recomeçava a cair. Mas ele não prestava atenção à chuva. Não reparara tampouco que lançara o saco de viagem para as costas, o que lhe tornava a marcha bem mais fácil. Já havia caminhado cerca de uma versta ou de uma versta e meia, quando parou subitamente e olhou em torno de si. Uma velha estrada negra, cavada de trilhos, alongava-se diante dele, como uma longa fita sem fim, toda orlada de seus salgueiros brancos; à direita, uma superfície nua, os campos desde muito tempo ceifados; à esquerda, uma mata de corte, e além dela um pequeno bosque. E lá embaixo, bem ao longe, apenas visível, estava a linha da estrada de ferro que desenhava uma curva naquele lugar, com por cima, a fumaça de um trem cujo barulho não se ouvia. Stiepan Trofímovitch sentiu como que um desfalecimento, mas só por um instante. Suspirou sem motivo, depôs o saco ao pé dum salgueiro e sentou-se para descansar. Ao sentar-se, sentiu um calafrio e aconchegou-se na sua manta; percebendo então que chovia, abriu seu guarda-chuva. Ficou bastante tempo sentado, movendo de tempos em tempos os lábios e crispando sua mão sobre o cabo do guarda-chuva. Diversas imagens desfilavam diante dele, substituindo-se febrilmente umas às outras. “Lisa, Lisa — pensava ele, — e com ela aquele Mavríki… Que gente estranha! Mas que incêndio tão estranho havia sido aquele de que se falava e… quem fora assassinado? Creio que Stasie ainda não se deu conta de nada e que me espera ainda para tomar o café… No baralho? Será que tenho o hábito de perder as pessoas no baralho? Hum! Entre nós, na Rússia, no tempo da servidão… Ah! meu Deus, e Fiedka?”

Estremeceu todo, presa de pavor, e olhou em redor de si. “Se esse Fiedka estivesse escondido ali, atrás de alguma sebe? Conta-se que ele anda vagando pelos caminhos, à frente de uma malta completa de bandidos… Oh! meu Deus!… Então eu… Então, vou lhe dizer toda a verdade, que sou culpado… e que durante dez anos, sofri por causa dele, muito mais que ele, lá entre os soldados e… lhe darei meu porta-moedas. Hum! *J’ai en tout quarente roubles; il prendera les roubles et il*

*me tuera tout de même*."[166]

No seu terror, sem saber por que, fechou seu guarda-chuva, que colocou a seu lado. Ao longe, pela estrada que vinha da cidade, apareceu de súbito uma *tieliega*. Stiepan Trofímovitch pôs-se a examiná-la com inquietação, procurando distinguir o que fosse.

"*Grâce à Dieu*, é uma *tieliega* e… vai a passo; isso não pode ser perigoso… Verdadeiros pangarés esses pobres cavalos daqui… Sempre disse que a raça… Aliás, não, foi Piotr Ilitch quem no clube falou da raça… *et puis*… Mas que há pois lá embaixo por trás… parece-me que uma camponesa está sentada na *tieliega*. Uma camponesa e um camponês. *Cela commence à être rassurant*[167]. A mulher está sentada atrás e o homem na frente, *c'est très rassurant*. Por trás da *tieliega*, têm uma vaca amarrada pelos chifres. *C'est rassurant au plus haut degré*."

A *tieliega* aproximava-se… uma *tieliega* de camponês, sólida e de muito bom aspecto. A mulher estava sentada sobre um saco cheio a ponto de rebentar e o mujique na frente, sobre o rebordo, com as pernas pendentes para o lado de Stiepan Trofímovitch. Por trás da *tieliega*, com efeito, arrastava-se uma vaca amarrada pelos chifres. O homem e a mulher olharam de olhos arregalados para Stiepan Trofímovitch que os olhou da mesma maneira. Mas assim que o ultrapassaram uns vinte passos, ele ficou em pé precipitadamente e foi-lhes atrás. Parecia-lhe sem dúvida mais tranquilizador estar em companhia de uma *tieliega*; mas assim que a alcançou, esqueceu de novo tudo e remergulhou nos seus pensamentos e devaneios. Seguia, sem se dar conta evidentemente de que constituía para o mujique e sua mulher o objeto mais enigmático e mais curioso que se possa encontrar numa estrada real.

— Mas quem é o senhor? Qual a sua condição, se não é indelicadeza perguntar-lhe? — interrogou afinal a mulher que não podia mais conter sua curiosidade, no momento em que Stiepan Trofímovitch a fitava por distração. Era uma robusta camponesa de vinte e sete anos, de sobrancelhas negras, tez rosada, lábios vermelhos que sorriam amavelmente e deixavam brilhar por trás deles uma fileira de dentes brancos.

— Você… é a mim que se dirige? — balbuciou Stiepan Trofímovitch, com um doloroso espanto.

— Deve ser um comerciante — observou o mujique com segurança. Era um homem robusto, duns quarenta anos, o rosto largo e nada estúpido, e que trazia uma bela barba loura tirando a vermelho.

— Não, não sou precisamente um comerciante, eu… eu *c'est autre chose* — murmurou Stiepan Trofímovitch e, por via das dúvidas, ficou ligeiramente para trás, de tal maneira que se encontrou bem ao lado da vaca.

— Então é provavelmente um senhor — concluiu o mujique, ouvindo palavras que não eram russas, e puxou as rédeas para estimular seu cavalo.

— Sim, sim, é o que penso, vê-se logo. Como que, o senhor anda passeando? — continuou a mulher, cheia de curiosidade.

— É… é a mim que pergunta?

— Os estrangeiros que passam por aqui vêm pela maior parte em caminho de ferro e o senhor traz botas que não se parecem em nada com as daqui.

— Botas de militar — declarou o mujique com jactância.

— Não, não sou precisamente um militar, eu…

"É bastante curiosa essa comadre — murmurou Stiepan Trofímovitch, — e de que maneira me encaram… *mais enfin*… Numa palavra, é estranho, parece-me que sou culpado para com eles, e no entanto não sou de modo algum culpado para com eles."

A mulher cochichou algo ao ouvido do mujique.

— Se isto não o ofende, poderíamos levá-lo conosco… somente para ser lhe agradável.

Stiepan Trofímovitch voltou de súbito a si.

— Sim, sim, meus amigos, com grande prazer, porque já caminhei muito e estou fatigado. Mas como poderei subir até aí em cima?

”Como é estranho — pensou ele para si, — caminhei tanto tempo lado a lado com aquela vaca e não me veio à cabeça a ideia de pedir-lhes um lugar na *tieliega*. Esta ‘vida real’ tem verdadeiramente alguma coisa de muito característico.”

Entretanto o mujique não detinha o cavalo.

— Mas aonde vai o senhor? — informou-se ele com certa desconfiança.

Stiepan Trofímovitch não compreendeu logo.

— A Khátovo talvez?

— À casa de Khátovo?… Não precisamente à casa de Khátovo, não o conheço muito bem, embora já tenha ouvido falar dele…

— Não é isso, é a aldeia de Khátovo, a nove boas verstas daqui…

— Ah!… uma aldeia… *c’est charmant*, sim, sim, parece-me que já ouvi falar.

Stiepan Trofímovitch continuava a caminhar, porque continuavam a não dar demonstração de querer deixá-lo subir. De súbito uma ideia genial atravessou-lhe a mente.

— Talvez acreditem que… tenho um passaporte e sou professor… isto é, se quiserem um mestre, mas um mestre superior. *Oui, c’est comme ça qu’on peut le traduire*… Vou lhes comprar, como compensação, uma meia garrafa de aguardente.

— Se o senhor quiser pagar meio rublo, a estrada é difícil.

— Senão, seremos demasiado prejudicados — ajuntou a mulher.

— Meio rublo?… Está bem, vá o meio rublo. *C’est encore mieux, j’ai en tout quarante roubles, mais*…

O mujique parou; sua mulher e ele uniram seus esforços para içar

Stiepan Trofímovitch para a *tieliega* e sentá-lo sobre o saco, ao lado da camponesa. Um turbilhão de ideias continuava a persegui-lo. De vez em vez ele próprio sentia que se mostrava particularmente distraído e pensava em tudo menos naquilo em que era preciso pensar; e admirava-se disso. Essa consciência de sua mórbida fraqueza de espírito era-lhe, por momentos, bastante penosa e até mesmo aborrecia-o.

— Aquilo… lá atrás, que é?… uma vaca?… — perguntou ele de súbito à mulher.

— Ah!… parece que o senhor jamais viu uma — respondeu a mulher, pondo-se a rir.

— Compramo-la na cidade — replicou o mujique. — Por desgraça, todo o nosso gado morreu, na primavera passada… de tifo. Em torno de nós, por toda parte, os animais morreram, nem a metade restou.

E de novo fustigou o cavalo, atolado num sulco.

— Sim, isto acontece entre nós, na Rússia… e em geral, nós, russos… sim, isto acontece — disse Stiepan Trofímovitch, não chegando a terminar a frase.

— Se o senhor é professor, que vai fazer em Khátovo?… Ou quem sabe se não vai mais longe?

— Eu… isto é… não precisamente… não é que eu vá mais longe… isto é, vou à casa de um comerciante.

— Ah!… a Spásovo, sem dúvida?

— Sim, sim, justamente a Spásovo, a Spásovo… aliás pouco importa!

— Se quisesse ir a Spásovo, a pé, com essas botas, levaria uma semana para lá chegar — observou, rindo, a mulher.

— Sem dúvida, sim, mas pouco importa *mes amis*, pouco importa — interrompeu Stiepan Trofímovitch com impaciência.

“Essa gente do povo é terrivelmente curiosa; a boa mulher fala melhor que seu marido; aliás, notei que o estilo deles mudou um pouco depois da abolição da servidão… E que têm eles que ver se vou ou não vou a Spásovo? Vou lhes pagar; que querem eles pois comigo?”

— Se o senhor vai a Spásovo, é preciso tomar o barco a vapor — notou o mujique, que decididamente não queria deixá-lo em paz.

— Isto é contudo verdadeiro — apressou-se em acrescentar a mulher, — porque tomando um carro e seguindo a margem, isto o obriga a dar um rodeio de trinta verstas.

— Quarenta… — retificou o homem.

— Amanhã… às duas horas, o senhor encontrará o barco em Ústievo — afirmou a mulher.

Mas Stiepan Trofímovitch manteve um silêncio obstinado.

Os perguntadores calaram-se. O mujique sacudia as rédeas. De vez em quando a mulher trocava com ele algumas breves observações. Pouco a pouco, Stiepan Trofímovitch adormeceu. Ficou muito surpreendido, quando a mulher se pôs de súbito a sacudi-lo, rindo, e se viu numa aldeia bastante grande, diante do patamar duma isbá de três janelas.

— O senhor dormiu um bocado.

— Que é? O quê? Onde estou? Ah! bem, pouco importa — suspirou Stiepan Trofímovitch, e desceu da *tieliega*.

Lançou um olhar melancólico em torno de si. O aspecto daquela aldeia lhe pareceu esquisito e tão terrivelmente estranho…

— Ah! e os cinquenta copeques, tinha-os totalmente esquecido — disse ele, dirigindo-se ao mujique, com um gesto que poderia parecer um pouco precipitado demais.

Evidentemente temia já dever separar-se deles.

— Lá dentro da isbá liquidaremos… entre, pois, por favor —

convidou o mujique.

— É bom aqui — disse a mulher como para encorajá-lo.

Stiepan Trofímovitch galgou a escada de madeira de degraus oscilantes.

— Como é possível isto? — murmurou, presa duma perplexidade profundamente inquieta. Não obstante entrou na isbá. "*Elle l'a voulu*",[168] e sentiu uma pontada no coração. Depois de novo esqueceu tudo, até mesmo que acabava de entrar na isbá.

Era uma isbá de camponeses, clara, bastante limpa, com três janelas e dois quartos, não precisamente um albergue, mas uma casa onde se detinham os viajantes e hóspedes conhecidos. Stiepan Trofímovitch, sem se sentir de modo algum intimidado, dirigiu-se para o canto da primeira peça, esqueceu-se de cumprimentar, sentou e se abismou de novo em seus pensamentos. Todavia uma extraordinária impressão de bem-estar e de calor, sucedendo-se àquelas três horas de fria umidade na estrada, espalhava-se de súbito pelo seu corpo. Até mesmo aquele leve arrepio ao longo da espinha, que sentem as pessoas um pouco nervosas demais, quando têm febre e que passam demasiado brutalmente do frio ao calor, de repente tornou-se para ele estranhamente agradável. Levantou a cabeça e o cheiro delicioso de umas panquecas que a hospedeira atarefada estava assando afagou-lhe o olfato. Com um sorriso infantil nos lábios, aproximou-se da hospedeira e se pôs de repente a balbuciar:

— Que é?… Panquecas, não? *Mais, c'est charmant*.

— O senhor quer? — propôs logo a dona da casa polidamente.

— Naturalmente, é claro que quero… e lhe pedirei também um pouco de chá.

— Ah! preparar o samovar… mas com prazer.

Num grande prato de grandes flores azuis apareceram as panquecas, os famosos *blini* que somente as camponesas sabem fazer, delgados, regados de manteiga fresca e quente, suculentos *blini* de

farinha de trigo. Stiepan Trofímovitch saboreou-os com delícia.

— Como estão bem amanteigados! Como são bons! Se houvesse alguma possibilidade de ter *un doigt d'eau-de-vie*.[169]

— Será talvez vodca que o senhor deseja?

— Justamente, justamente, um pouquinho de nada, um *tout petit peu*.[170]

— Por cinco copeques então?

— Sim, por cinco copeques, por cinco, por cinco, um pouquinho de nada — aquiesceu Stiepan Trofímovitch, com um sorriso de beatitude.

Se você pedir a um homem do povo que faça alguma coisa por você, se ele puder e quiser, irá servi-lo com cuidado e bonomia. Mas se você lhe pedir que vá arranjar-lhe vodca, então a tranquila e costumeira bonomia cederá, de súbito, lugar a um serviçalismo obsequioso, para não dizer a uma solicitude afetuosa. Aquele que vai buscar o vodca sabe muito bem de antemão que você a beberá sozinho e que não restará uma gota, não obstante parece experimentar uma parte do seu prazer futuro… Três ou quatro minutos mais tarde (o botequim estava a dois passos da isbá) Stiepan Trofímovitch tinha diante de si uma garrafa e um grande copo de cor esverdeada.

— Tudo isso para mim? — perguntou ele muito admirado. — Sempre tive vodca em minha casa, mas jamais soube que se comprava tanta por cinco copeques.

Encheu o copo até a borda, levantou-se, e, com certa solenidade, atravessou a peça e dirigiu-se para o canto oposto onde estava sentada sua companheira de viagem, a camponesa de sobrancelhas negras que tanto o havia importunado com suas perguntas. Toda confusa, a boa mulher começou recusando, depois, já quites com as conveniências, levantou-se, pegou o copo e esvaziou-o com compunção em três goles, como bebem as mulheres, e enquanto seu rosto mostrava uma grande expressão de sofrimento, devolveu o copo, fazendo uma reverência a Stiepan Trofímovitch. Este retribuiu-lhe a saudação com dignidade e

com ar altivo voltou ao seu lugar perto da mesa.

Agiu nisso como se tivesse obedecido a alguma inspiração súbita: um segundo antes, não sabia ainda ele próprio que iria oferecer aquele copo de aguardente à boa mulher.

“Sei perfeitamente, sim, perfeitamente, qual a maneira de nos dirigirmos à gente do povo, sempre lhes disse”, pensou ele, com fatuidade, servindo-se do resto da aguardente. Se bem que houvesse menos de um copo, a aguardente o aqueceu e lhe subiu mesmo um pouco à cabeça.

— *Je suis malade tout à fait, mais ce n’est pas trop mauvais d’être malade.*[171]

— Não quer comprar?… — Estas palavras foram ditas junto dele por uma doce voz de mulher.

Ergueu a vista e, para grande espanto seu, viu diante de si uma dama — *une dame et elle en avait l’air*[172] — que podia ter um pouco mais de trinta anos, de ar muito modesto, vestida como uma senhora da cidade, com um vestido escuro e um grande lenço cinzento sobre os ombros. Seu rosto tinha algo de muito simpático que logo agradou a Stiepan Trofímovitch. Acabava de reentrar na isbá, onde deixara suas coisas sobre um banco perto do lugar ocupado por Stiepan Trofímovitch, entre elas uma pasta que ele se lembrou de ter, ao entrar, observado com curiosidade, e um saco de lona encerada não muito grande. Daquele saco tirou ela dois livrinhos, lindamente encadernados com cruzes gravadas na capa. Ofereceu-os a Stiepan Trofímovitch.

— Eh!… *mais je crois que c’est l’Evangile*… com o maior prazer. Agora compreendo… *Vous êtes ce qu’on appelle*[173] uma vendedora ambulante… tenho lido muitas vezes… São cinquenta copeques?

— Trinta e cinco — respondeu a vendedora ambulante.

— Com o maior prazer. *Je n’ai rien contre l’Evangile* e… Desde muito tempo estava com vontade de relê-lo…

E no mesmo instante, pensou que desde trinta anos pelo menos não lera o *Evangelho*, e que sete anos antes recordara-se de alguns trechos por ocasião da *Vida de Jesus*, de Renan.[174] Como não tivesse moedas, tirou suas quatro cédulas de dez rublos, tudo quanto possuía. A hospedeira ofereceu-se para trocar uma das cédulas, então somente deu-se ele conta, lançando uma olhada em redor, que se encontrava muita gente reunida na isbá e que o observavam desde muito tempo já e pareciam falar a seu respeito. Falavam também do incêndio; o proprietário da carroça e da vaca, que chegava da cidade, mostrava-se como o mais falador. Dizia-se que o incêndio era devido à malvadez e apontavam-se os operários de Chpigúlin: os chpigulianos.

"Vejam só, mas a mim, pelo caminho, não disse uma palavra a propósito do incêndio e, no entanto, falou de tudo", pensou Stiepan Trofímovitch.

— Meu *bátiuchka*, Stiepan Trofímovitch, caro senhor, será mesmo o senhor que estou vendo? Por exemplo, eis o que eu não teria jamais ousado esperar! O senhor não me reconhece, sem dúvida? — exclamou um homem bastante idoso, de rosto inteiramente raspado, ar de antigo criado, vestido com um capote de larga gola dobrada. Stiepan Trofímovitch teve medo ao ouvir pronunciarem-lhe o nome.

— Desculpe-me — murmurou ele, — mas não me recordo…

— O senhor me esqueceu? Sou Aníssim Ivânovitch. Servi em casa do falecido Senhor Gagânov e quantas vezes o vi com Varvara Pietrovna em casa da falecida Avdótia Sierguiéievna. Ia muitas vezes levar-lhe livros de sua parte e duas vezes levei-lhe mesmo bombons de Petersburgo.

— Ah! sim, lembro-me de ti, Aníssim — disse, sorrindo, Stiepan Trofímovitch. — E agora vives aqui?

— Perto de Spásovo, no mosteiro de V***, em casa de Marfa Sierguiéievna, a irmã da falecida Avdótia Sierguiéievna. Talvez o senhor se lembre de que ela quebrou a perna, saltando do carro, quando se dirigia a um baile. Agora mora perto do convento e eu continuo em sua casa. E hoje, como vê, queria eu ir à sede de nossa província para ver os meus.

— Sim, sim, é claro.

— Ah! que alegria tive ao vê-lo, o senhor foi sempre tão gentil comigo — sorria em triunfo Aníssim. — Mas aonde vai o senhor? Pôs-se a caminho sozinho, pelo que vejo, sozinho… Outrora, o senhor jamais viajava só, parece-me…

Stiepan Trofímovitch olhou, aterrorizado.

— Será que o senhor não irá à nossa casa em Spásovo?

— Sim, sim, vou a Spásovo. *Il me semble que tout le monde va à* Spásovo.[175]

— À casa de Fiódor Matviéievitch talvez? Ah! como ele ficará contente! Ele gostou tanto do senhor e estimou tanto o senhor que ainda agora fala muitas vezes a seu respeito.

— Sim, sim, também à casa de Fiódor Matviéievitch.

— É isto, é isto. Os mujiques daqui se admiram e contam que encontraram o senhor a pé, sozinho na grande estrada. A gente do povo é estúpida.

— Eu, eu… eu… tu sabes, Aníssim, apostei, como muitas vezes fazem os ingleses, que iria a pé e eu… e eu…

Gotas de suor começavam a perolar-lhe as frontes e toda a sua testa.

— É isto, é isto — observou Aníssim, que escutava com impiedosa curiosidade. Stiepan Trofímovitch não podia mais. Sua perturbação era tão grande que quis ele se levantar e abandonar a isbá. Mas nesse momento trouxeram o samovar e a vendedora, que havia saído, voltou. Com o gesto de um homem que se dirige a um salvador, convidou esta última a aceitar uma xícara de chá. Aníssim bateu em retirada e saiu.

Na realidade, sua presença despertara entre os mujiques uma curiosidade levemente inquieta: “Quem é esse homem? Encontraram-no a pé pela grande estrada; pretende ser professor; está vestido como

um estrangeiro; seu espírito assemelha-se ao dum menino; por vezes, responde como se seu pensamento estivesse alhures; parece que fugiu da casa de alguém e tem dinheiro!”. Pensava-se já em prevenir à polícia “tendo em vista que na cidade não corriam bem as coisas”. Mas Aníssim, voltando a tempo, acalmou os espíritos. No vestíbulo, comunicou a quem quis ouvi-lo que Stiepan Trofímovitch não era um professor, mas “um grande sábio” que se ocupava com altos estudos: um antigo proprietário que havia já vinte e dois anos morava em casa da Generala Stavróguina, da qual era o homem de confiança, e que na cidade gozava da estima e do respeito de todos. No clube da nobreza, acontecia-lhe perder em uma só noite cédulas cinzentas e de todas as cores. Tinha o título de conselheiro, equivalente ao de tenente-coronel. Quanto a dinheiro, tinha tanto quanto quisesse, pois a Generala Stavróguina nada lhe regateava… etc… etc…

“*Mais c’est une dame très comme il faut*”, dizia Stiepan Trofímovitch a si mesmo, dando um suspiro de alívio após a ofensiva de Aníssim, e com uma agradável curiosidade examinava sua vizinha, a vendedora ambulante, que no entanto bebia seu chá no pires e mordiscava seu torrão de açúcar… “*Ce petit morceau de sucre, ce n’est rien*.[176] Há nela alguma coisa de nobre, de independente e de calmo. *Le comme il faut tout pur*,[177] apenas de uma maneira um pouco diferente.”

Não tardou a saber dela própria que se chamava Sófia Matviéievna Ulítina, morava em K***, onde tinha uma irmã viúva pertencente à pequena burguesia. Ela também era viúva; seu marido, antigo sargento-mor promovido a subtenente em virtude de seus serviços, fora morto em Sebastopol.

— Mas a senhora é tão moça ainda, *vous n’avez certainemente pas trente ans*.

— Trinta e quatro — sorriu Sófia Matviéievna.

— Como? Compreende também o francês?

— Um pouco, somente; vivi quatro anos em casa duma família da nobreza e aprendi um pouco com as crianças.

Contou que depois da morte de seu marido, quando tinha ela apenas dezoito anos, ficara algum tempo em Sebastopol como “irmã de caridade”, em seguida servira em vários lugares e agora andava vendendo *Evangelhos*.

— *Mais, mon Dieu*, não teria sido à senhora que aconteceu entre nós aquela estranha história, estranhíssima mesmo?

Ela corou. Efetivamente, fora a ela.

— *Ces vauriens, ces malheureux*!…[178] — começou Stiepan Trofímovitch, com uma voz trêmula de indignação. Aquela recordação penosa e odiosa apertou-lhe o coração. Um minuto ficou perdido nos seus pensamentos.

— Ah! ora essa! ela saiu ainda uma vez! — exclamou ele, percebendo que ela não se achava mais junto dele. — Ausenta-se muitas vezes e parece estar bastante ocupada; creio que está mesmo inquieta. *Bah, je deviens égoiste*!

Ergueu a vista, viu de novo Aníssim, mas acompanhado desta vez por um séquito ameaçador. A casa estava sitiada por mujiques, evidentemente trazidos todos por Aníssim. Estavam ali o proprietário da isbá, o mujique da vaca e ainda dois outros camponeses (carroceiros ao que parecia) e um homenzinho meio ébrio, vestido de camponês, mas barbeado, parecendo um burguês arruinado pela bebida e o mais loquaz de todos. E toda aquela gente falava a respeito de Stiepan Trofímovitch. O homem da vaca continuava a sustentar que de carro, pela beira do lago, era preciso dar uma volta de pelo menos quarenta verstas e era necessário tomar o barco. O burguesinho tonto e o proprietário da isbá replicavam acaloradamente:

— Se dizes a Sua Senhoria que é mais depressa atravessar o lago de barco, é como dizes; mas neste momento o barco não pode atracar.

— Atraca, atraca, atracará ainda por toda uma semana — replicou Aníssim, mais acalorado que qualquer outro.

— Bom, é possível, é como dizes, mas ele não vem mais com regularidade porque a estação já está avançada e por vezes a gente é

obrigada a esperar em Ústievo durante três dias.

— Chegará amanhã, amanhã às duas horas em ponto. O senhor chegará certamente a Spásovo antes do cair da noite — vociferou Aníssim.

— *Mais qu'est-ce qu'il a cet homme*?[179] — perguntou a si mesmo, tremendo, Stiepan Trofímovitch, que esperava que decidissem a sua sorte.

Em seguida os carroceiros aproximaram-se dele e fizeram-lhe ofertas; até Ústievo, pediam três rublos. Os outros gritavam que não era verdadeiramente muito e era o preço que se tinha pedido durante todo o verão.

— Mas aqui… está-se tão bem… e eu não quero — balbuciou Stiepan Trofímovitch.

— Está-se bem aqui, senhor, tem razão, mas lá em Spásovo é muito melhor e Fiódor Matviéievitch vai se sentir tão feliz!…

— *Mon Dieu, mons amis*, tudo isto é para mim tão inesperado…

Sófia Matviéievna voltou; triste e abatida, sentou-se no banco.

— Não poderei ir até Spásovo! — disse ela à hospedeira.

— Como? A senhora também vai a Spásovo? — exclamou Stiepan Trofímovitch.

Uma proprietária chamada Nádiejda Iegórovna Svietlítsina[180] tinha, ainda ontem, pedido à vendedora que a esperasse em Khátovo e prometera conduzi-la até Spásovo e eis que agora não viera!

— Que vou fazer agora? — repetia Sófia Matviéievna.

— *Mais ma chère et nouvelle amie*, penso, como pensou a proprietária, levá-la a essa… como se chama ela?… a essa aldeia, e já aluguei… e amanhã, pois bem, amanhã partiremos juntos para Spásovo…

— O senhor também vai a Spásovo?

— *Mais que faire et je suis enchanté*.[181] É com o maior prazer que a levarei para lá. Veja, querem todos que eu vá para lá e já aluguei… qual dentre vocês contratei? — perguntou Stiepan Trofímovitch que, de repente, quis absolutamente partir para Spásovo.

Um quarto de hora mais tarde, já estavam instalados em um breque coberto; ele, muito animado e cheio de contentamento, ela, ao lado dele, com seu saco de lona encerada, o rosto iluminado por um sorriso de gratidão. Aníssim tinha-os ajudado a subir no carro.

— Boa viagem, senhor. Como fomos felizes revendo-o!

— Adeus, adeus, meu amigo, adeus.

— O senhor vai também rever Fiódor Matviéievitch.

— Sim, meu amigo, sim, Fiódor Matviéievitch também… mas adeus.

## *II*

— Veja a senhora, minha amiga… Permite, não é, que a chame de minha amiga? — começou apressadamente Stiepan Trofímovitch, assim que o carro se pôs em marcha. — Veja a senhora, eu… *j'aime le peuple, c'est indispensable, mais il me semble que je ne l'avais jamais vu de prés. Stasie… cela va sans dire qu'elle est aussi du peuple… mais le vrai peuple*,[182] isto é, o verdadeiro, aquele que se encontra pela estradas, aquele, parece-me, não tem outra preocupação senão a de saber para onde vou… Mas perdoemos as ofensas… Acho que hoje estou divagando um pouco. Creio que é por causa da pressa com que falo.

— Receio que o senhor não esteja bem de saúde — observou Sófia Matviéievna, lançando-lhe um olhar penetrante, mas respeitoso.

— Não, não, basta que me abrigue em geral… o vento está bastante fresco… demasiado fresco, mas… deixemos isso. Sim, o principal… não é o que quis dizer. *Chère et incomparable amie*, creio que me sinto quase feliz e isto graças à senhora. A felicidade não me vale de nada, porque em geral sinto imediatamente a necessidade de perdoar a todos os meus inimigos…

— Mas deve saber que isso é uma bela coisa!

— Nem sempre *chère innocente. L'Evangile… voyez-vous, désormais, nous le prêcherons ensemble*[183] e de bom grado venderei seus belos livros. Sim, sinto que é uma boa ideia… *quelque chose de très nouveau dans ce genre*.[184] O povo é religioso, *c'est admis*,[185] mas não conhece o *Evangelho*. Eu lhe explicarei… Por meio de comentários feitos de viva voz pode-se facilmente corrigir os erros desse livro notável, para com o qual estou disposto a comportar-me com o maior respeito. Assim, serei útil, mesmo vagando pela estrada real. Sempre fui útil, sempre disse a eles, àquela *chère ingrate*… Oh! perdoemos, perdoemos, antes de tudo perdoemos a todos e sempre. Poderemos esperar que nos perdoem a nós também. Sim, porque somos todos culpados uns para com os outros. Todos culpados!…

— O senhor fala muito bem!

— Sim, sim, sinto que falo muito bem. Vou lhes falar muito bem, mas que queria eu dizer de importante? Atrapalho-me sempre e não posso lembrar-me… Sim, quer permitir que não mais me separe da senhora? Sinto que seu olhar… e admiro-me mesmo de sua maneira de ser. A senhora é simples, não fala completamente com distinção e bebe o chá pelo pires… com aquele plebeu torrãozinho de açúcar; mas há na senhora algo de encantador e nas suas feições, vejo… oh! não core e não tenha medo de mim como de um homem. *Chère et incomparable amie, pour moi, une femme, c'est tout*. Não posso viver sem ter uma mulher ao lado, mas somente ao lado… Isto é, queria dizer… Oh! creio que de novo me atrapalhei todo; não consigo de jeito nenhum me lembrar do que queria dizer. Oh! bem-aventurado aquele a quem Deus envia sempre uma mulher… e creio mesmo que não me falta certo entusiasmo. Na grande estrada também, há uma grande ideia. Sim, sim, é o que eu queria dizer a propósito das ideias, agora me lembrei, ainda há pouco tinha esquecido por completo. Mas por que nos obrigaram eles a partir para tão longe? Estava-se tão bem lá, e aqui, *cela devient trop froid. À propos, j'ai en tout quarente roubles et voilá cet argent*,[186] tome-o, tome-o, nada entendo de dinheiro e vou perdê-lo ou vão tirá-lo de mim. Creio que dormiria, a cabeça gira. Sim, gira, gira, gira. Oh! como a senhora é boa. Com que me cobre?

— O senhor está certamente com uma febre forte e pus em cima do senhor minha manta. Quanto ao dinheiro…

— Oh! pelo amor de Deus, *n'en parlons plus, parce que cela me fait mal.*[187] Oh! como a senhora é boa!

Parou de repente de falar e adormeceu muito depressa com um sono febril entrecortado de arrepios.

O caminho de atalho que deviam seguir para chegar a Ústievo não era dos mais lisos e o breque sofria terríveis solavancos. Stiepan Trofímovitch despertava muitas vezes, erguia bruscamente a cabeça de sobre a pequena almofada que Sófia Matviéievna lhe emprestara, segurava a mão desta e perguntava: "Está aí, não é?", como se temesse que ela o tivesse deixado. Afirmava-lhe que via em sonho uma espécie de mandíbula toda escancarada, com dentes, que lhe causava intenso nojo. Sófia Matviéievna estava muito inquieta a seu respeito.

Os carroceiros levaram-nos sem acidente até uma grande isbá, de quatro janelas, com quartos habitáveis no pátio. Tendo despertado, Stiepan Trofímovitch apressou-se em entrar e penetrou diretamente na segunda peça, a melhor e mais vasta da casa. Seu rosto sonolento assumiu uma expressão das mais preocupadas. Explicou à hospedeira, uma mulher grande e forte, de cabelos muito negros, de uns quarenta anos de idade, com uma sombra de bigode no lábio superior, que queria um quarto só para ele, que era preciso fechar a porta e não deixar entrar ninguém, porque "temos de conversar. *Oui, j'ai beaucoup à vos dire, chére amie*. Vou lhe pagar, pagarei", gritou ele para a hospedeira.

Embora falasse muito depressa, sua língua parecia mover-se com dificuldade. A hospedeira escutou-o de má vontade e calou-se em sinal de assentimento, no qual de resto podia-se pressentir uma ameaça. Naturalmente Stiepan Trofímovitch não notou isso e no tom mais insistente (mostrava-se muito apressado) exigiu que ela saísse imediatamente do quarto e lhe servisse o jantar sem demora.

Desta vez a mulher de bigodes não pode conter-se:

— Isto aqui não é estalagem e não servimos jantar a passantes.

Posso mandar ferver-lhe uns caranguejos ou preparar-lhe o samovar. É tudo. Só haverá peixe fresco amanhã.

Stiepan Trofímovitch agitou as mãos e exclamou com impaciência e cólera:

— Pagarei, pagarei tudo, mas depressa.

Pediu uma sopa de peixe e uma galinha assada. Se bem que a camponesa tivesse declarado desde logo que era impossível encontrar uma galinha em toda a aldeia, acabou por dizer que iria procurar uma, mas não sem se dar o ar de estar prestando um serviço excepcional.

Assim que ela saiu, Stiepan Trofímovitch sentou no sofá e fez Sófia Matviéievna sentar a seu lado. Havia naquele quarto um sofá e duas velhas poltronas num estado lastimável. De resto, era a peça bastante espaçosa. Com sua alcova formada por um tabique, por trás do qual se encontrava o leito, suas paredes cobertas por uma velha tapeçaria amarelecida, caindo aos pedaços, suas ignóbeis litografias representando assuntos mitológicos, sua longa fileira de ícones de cobre e de trípticos no canto, à entrada, seus móveis esquisitamente heteróclitos, o quarto oferecia um caráter compósito e desagradável de cidade e de campo. Stiepan Trofímovitch não viu nada de tudo aquilo, não lançou mesmo uma olhadela pela janela para o imenso lago que começava a trinta passos da isbá.

— Enfim, estamos sós! Não deixaremos entrar ninguém. Vou contar-lhe tudo, tudo, desde o começo.

Tomada de viva inquietação, Sófia Matviéievna interrompeu.

— O senhor deve saber, Stiepan Trofímovitch…

— Como? *Vous savez déjà mon nom*? — disse ele, sorrindo de prazer.

— Soube há pouco por Aníssim Ivânovitch, quando o senhor estava falando com ele. De minha parte, queria chamar-lhe a atenção…

E com precipitação, pôs-se a cochichar-lhe, olhando ansiosamente para o lado da porta fechada, no temor de que alguém a escutasse, que ali, naquela aldeia, as coisas eram abomináveis. “Os camponeses, não obstante serem pescadores, só vivem da exploração dos estrangeiros que esperam o barco no verão e dos quais cobram o que lhes dá na veneta. Esta aldeia não se encontra na grande estrada e só se vem a ela porque o barco aqui para. Mas quando faz mau tempo e o barco não pode atracar, então os viajantes se reúnem aqui em grande número. Agora, por exemplo, todas as casas estão cheias. E é com isto que contam os proprietários, aproveitando-se para triplicar seus preços; o dono desta casa é arrogante e altivo porque é o mais rico do lugar e uma só de suas redes custa mil rublos, etc…”

Stiepan Trofímovitch olhava quase com um ar de censura o rosto extraordinariamente animado de Sófia Matviéievna; em vão, várias vezes, fez um gesto para detê-la. Mas sem se deixar interromper, quis ela confirmar o que havia adiantado e prosseguir no seu relato: a dar-se crédito, já viera ali no verão, “com uma dama da alta nobreza” que chegava da cidade e tivera de passar a noite e até mesmo quarenta e oito horas esperando a chegada do barco. E quanta coisa tiveram de suportar! Só a lembrança ainda lhe causava terror. “E o senhor, Stiepan Trofímovitch, exigiu este quarto só para o senhor!… É só para preveni-lo… No outro há já muitos viajantes: um homem idoso e um rapaz; e ainda uma senhora com meninos. De hoje até amanhã às duas horas, a casa estará repleta até o telhado, porque fazem já dois dias que o barco não chega, não poderá deixar de chegar amanhã. Mas pelo quarto separado, pelo jantar que o senhor encomendou e pela ofensa feita a todos os viajantes, essa gente vai exigir do senhor somas inauditas mesmo nas capitais.”

Entretanto Stiepan Trofímovitch sofria e sofria realmente.

— *Assez, mon enfant*! Rogo-lhe, *nous avons notre argent et aprés, aprés le bon Dieu*. Admiro-me mesmo, dada a elevação de suas ideias… *Assez, assez, vous me tourmentez*![188] — exclamou ele, histericamente. Temos todo o nosso futuro diante de nós e a senhora… a senhora me faz temer esse futuro…

Pôs-se então a contar toda a sua história com tal precipitação que

no começo era até mesmo difícil compreendê-lo. A narrativa durou muito tempo. Serviu-se a sopa de peixe, serviu-se a galinha, trouxeram enfim o samovar e ele continuava a falar… Tudo quanto ele dizia parecia estranho como o delírio de quem estivesse com febre, porque ele estava doente com efeito. Era o resultado duma súbita tensão de suas forças intelectuais que, evidentemente, — e é o que previa Sófia Matviéievna durante todo o curso da narração — devia ser imediatamente seguida da reação, isto é, do esgotamento completo de suas forças em seu organismo quebrantado. Começou pela sua infância quando, "de peito ao ar, corria através dos campos"; somente ao fim de uma hora chegou aos seus dois casamentos e em seguida ao relato de sua vida em Berlim. Não ousaria eu, aliás, rir disso. Havia naquilo para ele algo de "superior" e para servir-me duma expressão contemporânea, uma espécie de luta pela vida. Via diante de si aquela que escolhera para acompanhá-lo na sua rota futura e apressava-se por assim dizer, em iniciá-la. O gênio de Stiepan Trofímovitch não devia ser mais um mistério para ela. Talvez se enganasse demais a respeito de Sófia Matviéievna, mas que importa? Havia-a escolhido! Não podia passar sem uma mulher. E entretanto, via pelo ar da vendedora, que ela não o compreendia, mesmo no ponto mais importante.

"*Ce n'est rien, nous attendrons*,[189] no momento pode compreender-me por intuição."

— Minha amiga, só tenho necessidade de seu coração! — exclamou ele, interrompendo sua narrativa. — E desse querido e encantador olhar com que me contempla agora! Oh! não core. Já não lhe disse… ?

O que pareceu sobretudo incompreensível à pobre Sófia Matviéievna, apanhada na armadilha, foi a dissertação de Stiepan Trofímovitch, quando veio a declarar que ninguém jamais pudera compreendê-lo e explicar como "os talentos perecem entre nós, na Rússia". "Tudo aquilo era demasiado inteligente para mim", confessou ela mais tarde, com melancolia. Escutava-o com visível sofrimento, os olhos levemente escancarados. Quando Stiepan Trofímovitch lançou-se ao humorismo e atirou algumas piadas espirituosas contra nossos "dirigentes e progressistas", tentou ela por duas vezes sorrir para responder ao riso dele, mas isto saiu-lhe pior do que as lágrimas, de

modo que não sabendo onde se achava, Stiepan Trofímovitch pôs-se a sovar os “niilistas” e os “homens novos”. Ficou ela então completamente amedrontada e só teve um pouco de alívio — dos mais enganadores de resto — quando ele se pôs a contar seu romance propriamente dito. Uma mulher, ainda que freira, é sempre uma mulher. Ela sorria, abanava a cabeça, corava baixando os olhos, o que lançou Stiepan Trofímovitch num transporte de encantamento e tão bem o inspirou que se pôs logo a pregar mentiras. Na sua narrativa, Varvara Pietrovna transformou-se numa adorável moreninha “que fazia as delícias de Petersburgo e de numerosas capitais da Europa”. Seu marido morrera em Sebastópol, traspassado por uma bala, unicamente porque não se sentia digno de tal amor e queria deixar o campo livre a seu rival, isto é, a ele mesmo, Stiepan Trofímovitch… “Oh! não se perturbe, minha doce cristã! — exclamou ele, acreditando no que dizia. — Foi algo de tão sublime, de tão delicado, que jamais consentimos em confessar esse sentimento um ao outro.” A causa dessa situação, como apareceu na continuação da narrativa, fora certa loura (se não se tratava de Daria Pávlovna, não sei na verdade de quem queria falar Stiepan Trofímovitch). Essa lourinha devia tudo à moreninha que a havia educado em sua casa a título de parenta longe. A moreninha não tardou em perceber o amor da lourinha por Stiepan Trofímovitch, mas fechou-se em si mesma. De sua parte, tendo também a loura notado o amor da morena por Stiepan Trofímovitch fechou-se igualmente em si mesma. E todos três, fechados em si mesmos sucumbindo cada qual ao peso de sua magnanimidade, calaram-se assim por vinte anos. “Oh! que amor foi esse, que paixão!”, — exclamou ele, soluçando, presa do entusiasmo mais sincero. — Eu a vi no pleno esplendor de sua beleza (a moreninha), eu a vi “com sua ferida no coração”; quando ela passava diante de mim, sentia-se confusa por causa de sua beleza (Disse uma vez: por causa de sua gordura.) Afinal, fugira, abandonando atrás de si aquele sonho ardente de vinte anos. Vinte anos! E agora, ei-lo pela grande estrada. Em seguida, quase num acesso de febre cerebral, pôs-se a explicar a Sófia Matviéievna “o sentido do encontro deles todo fortuito e entretanto fatal, do encontro deles para os séculos dos séculos”. Sófia Matviéievna, cada vez mais constrangida, acabou por levantar do sofá; ele chegou a tentar ajoelhar-se diante dela, o que a fez desfazer-se em lágrimas. As trevas adensavam-se. Tinham passado mais de duas horas

juntos num quarto fechado.

— Não, é melhor que o senhor me deixe passar para o quarto vizinho — repetia ela. — Que vai pensar toda essa gente?

Escapou por fim; ele deixou-a partir e prometeu-lhe deitar imediatamente. Dizendo-lhe adeus, queixou-se duma violenta dor de cabeça. Sófia Matviéievna deixara, ao chegar, seu saco de viagem e suas coisas no primeiro quarto, onde tinha a intenção de passar a noite com os donos da casa; mas foi-lhe impossível repousar.

Durante a noite, Stiepan Trofímovitch teve seu famoso acesso de colerina, que seus amigos e eu conhecemos tão bem, resultado ordinário de todas as suas excitações nervosas e de todas as suas comoções morais. A pobre Sófia Matviéievna passou a noite inteira em claro. Como, para cuidar do doente, tinha de sair da casa e de nela tornar a entrar, passando pela primeira peça onde dormiam a hospedeira e os viajantes, estes resmungavam; no seu descontentamento acabaram por insultá-la quando, ao amanhecer, quis ela acender o samovar. Durante todo o tempo que durou o acesso, achava-se Stiepan Trofímovitch semi-inconsciente; parecia-lhe por vezes que acendiam o samovar, que lhe davam de beber alguma coisa (infusão de framboesas), que lhe punham compressas quentes no ventre e no peito. Mas a cada instante sentia que ela estava ali, perto dele; que ela entrava e saía, erguia-o no leito e tornava a deitá-lo. Pelas três horas da manhã, sentiu-se melhor, sentou-se, tirou os pés de sob as cobertas e, sem pensar em nada, ajoelhou-se no soalho diante dela. Não era mais a genuflexão de antes, caíra-lhe simplesmente aos pés e beijava-lhe a fímbria do vestido…

— Acabe com isso, não mereço absolutamente isso — balbuciava ela, esforçando-se para recolocá-lo no leito.

— A senhora é minha salvação — disse ele, juntando as mãos num gesto de adoração. — *Vous êtes noble comme une marquise*. E eu, sou um canalha. Oh! toda a minha vida fui um homem sem honra…

— Acalme-se — suplicava Sófia Matviéievna.

— Ainda há pouco menti-lhe, por vaidade, por gabolice, por

ociosidade, em tudo, desde a primeira palavra até a última. Ah! canalha, canalha!

Ao acesso de colerina sucedeu um acesso de humildade histérica. Já fiz alusão a essas espécies de crises, citando as cartas de Stiepan Trofímovitch a Varvara Pietrovna. Lembrou-se subitamente de Lisa e de seu encontro da véspera. “Era tão terrível. Acontecera de certo uma desgraça e eu nada perguntei, nada soube; não pensei senão em mim. Que lhe aconteceu? Não sabe a senhora o que lhe aconteceu?”, suplicou ele a Sófia Matviéievna.

Logo depois jurava “que não a trairia”, que voltaria para ela (tratava-se de Varvara Pietrovna). “Caminharemos até a soleira de sua casa (com Sófia Matviéievna) todos os dias, quando ela subir a seu carro para dar seu passeio e olharemos para ela em silêncio… oh! quero que ela me bata também na outra face, quero-o com delícia. Oferecerei também minha outra face, *comme dans votre livre*. Somente agora compreendi o que isso queria dizer: oferecer a outra face. Jamais o havia compreendido até aquele momento.”

Para Sófia Matviéievna começaram dois dias terríveis de sua vida, hoje ainda não os recorda, sem que trema. Stiepan Trofímovitch estava tão doente que não pode tomar o barco, o qual desta vez chegou pontualmente às duas horas da tarde; ela não teve coragem de deixá-lo sozinho e não foi também para Spásovo. Segundo o que ela contou, o doente se regozijou grandemente, quando soube que o barco partira.

— Muito bem, admirável — murmurou ele, deitado no seu leito, – muito bem; temi todo o tempo que fossemos obrigados a partir. Mas está-se tão bem aqui, bem melhor que em outro lugar. A senhora não me deixará? Oh! não, a senhora não me deixou…

No entanto, não se estava tão bem “aqui”. Stiepan Trofímovitch nada queria saber dos embaraços que ela encontrava; na sua cabeça, não havia lugar senão para suas múltiplas fantasias. Considerava sua doença como uma coisa passageira, uma ninharia, e nem mesmo nela pensava. Um só pensamento o ocupava: como iriam os dois vender “aqueles livrinhos”. Pediu-lhe que lhe lesse o Evangelho:

— Há tanto tempo que não o leio… no original. Se alguém me interrogasse, poderia enganar-me; é preciso de toda maneira estar-se preparado…

Ela sentou-se perto dele e abriu o livro.

— A senhora lê admiravelmente — interrompeu-a desde a primeira linha. — Vejo bem que não me enganara — acrescentou ele; esta observação pouco clara foi proferida num tom entusiasta. Aliás, ele se encontrava num estado constante de exaltação. Ela leu o sermão da montanha.

— *Assez, assez, mon enfant*, isto basta. Pode pensar que isto não seja suficiente?

Esgotado, fechou os olhos. Estava muito fraco, mas não havia perdido ainda o conhecimento. Sófia Matviéievna levantou-se, supondo que ele queria dormir. Mas ele a reteve.

— Minha amiga, menti minha vida inteira. Mesmo quando dizia a verdade, jamais falei por amor à verdade, mas a mim mesmo. Já o sabia antes, mas só agora somente vejo claro… Oh! onde estão aqueles amigos que ultrajei durante toda a minha vida com a minha amizade? Oh! vós todos, vós todos!… *Savez vous*? Talvez minta neste momento mesmo… o essencial é que acredito em mim mesmo quando minto. O que há de mais difícil na vida, é viver sem mentir… e não acreditar nas suas próprias mentiras! Mas espere, para mais tarde tudo isso… Estamos juntos, juntos — acrescentou com entusiasmo.

— Stiepan Trofímovitch — perguntou timidamente Sófia Matviéievna, — não seria preciso mandar procurar um médico na sede?

Pareceu profundamente admirado.

— Para fazer o quê? *Est-ce que je suis si malade? Mais rien de sérieux*.[190] Que necessidade temos de estranhos? Poderiam ainda reconhecer-me e… que aconteceria então? Não, não, nada de estranhos; estamos juntos, juntos!…

— Sabe? — continuou ele, depois de um silêncio. — Leia-me ainda alguma coisa, não importa onde, o que lhe cair sob os olhos.

Sófia Matviéievna abriu o livro e leu.

— Ao acaso, abra o livro, não importa onde — repetia ele.

— "E ao anjo da Igreja de Laodiceia escreve."

— O quê? Que é? Donde é tirado?

— Do *Apocalipse*.

— *Oh! je m'en souviens, oui, l'Apocalypse*. Leia, leia. Queria saber alguma coisa de nosso futuro, quero saber o que acontecerá, leia, leia, a partir do anjo, do anjo…

— "E ao anjo da Igreja de Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o que é princípio das criaturas de Deus. Conheço as tuas obras, que não és nem frio nem quente; oxalá foras frio ou quente; mas porque és morno, e nem frio nem quente, começo a vomitar-te de minha boca, porque dizes: sou rico e cheio de bens, e de nada tenho falta; e não sabes que és um infeliz, e miserável, e pobre, e cego, e nu."

— Está… e está em seu livro? — exclamou ele, o olhar iluminado, erguendo sua cabeça. — Nunca conheci essa admirável passagem. Escute: antes frio, frio que morno, que somente morno… Oh! vou lhes provar isso!… Somente não me deixe só, não me abandone… Nós lhes provaremos, nós lhes demonstraremos…

— Mas eu não o abandonarei, Stiepan Trofímovitch, eu não o abandonarei. — Agarrou a mão do doente, apertou-a entre as suas que levou para sobre o coração, olhando-o com os olhos cheios de lágrimas. (Tinha muita pena dele naquele momento, contou ela mais tarde.)

Os lábios de Stiepan Trofímovitch puseram-se a tremer.

— Ainda assim, Stiepan Trofímovitch, como vamos fazer? Não se poderia prevenir algum de seus amigos, de seus parentes, talvez?…

Mas ele manifestou tamanho terror que Sófia Matviéivna lamentou ter-lhe tornado a falar disso. Transido e tremente, suplicou-lhe que não chamasse ninguém, que nada empreendesse, que lhe prometesse. E tratou de persuadi-la:

— Ninguém, ninguém, apenas nós dois, e *nous partirons ensemble*.[191]

Para cúmulo de desgraça, os donos da casa começavam também a inquietar-se. Resmungavam contra Sófia Matviéievna e a atormentavam. Esta pagou-lhes. A cor do dinheiro abrandou-os por um instante. Mas o hospedeiro reclamou os papéis de identidade de Stiepan Trofímovitch. Este, com um sorriso altivo, indicou sua maleta. Sófia Matviéievna encontrou nela o decreto da aposentadoria dele ou alguma peça desse gênero. Sem se acalmar, o hospedeiro não cessava de repetir que era preciso levá-lo para outro lugar, porque a casa dele não era hospital. "Se ele vier a morrer, isto nos acarretará incômodos." Com ele também tentou Sófia Matviéievna falar de médico, mas ele afirmou que custaria tão caro fazê-lo vir "da sede do distrito", que ela teve de renunciar a seu projeto. Angustiada, voltou para junto de seu doente. Stiepan Trofímovitch ia enfraquecendo cada vez mais…

— Agora, leia-me ainda a passagem… a propósito dos porcos — pediu ele, de repente.

— O quê? — exclamou com espanto Sófia Matviéievna.

— A propósito dos porcos… está também nesse livro… *ces cochons*.[192] Lembro-me de que os demônios tinham entrado em porcos e que os porcos se afogaram todos. Leia-me isso, absolutamente, vou lhe dizer em seguida por que… Quero lembrar-me do próprio texto. Quero ouvi-lo palavra por palavra…

Sófia Matviéievna, que conhecia bem os Evangelhos, não teve dificuldade de encontrar em São Lucas aquela mesma passagem que pus como epígrafe em minha crônica:

— "Ora, andava por ali pastando no monte uma grande vara de porcos: e rogavam-lhe que lhes permitisse entrar neles. E Jesus o permitiu. Saíram, pois, do homem os demônios e entraram nos porcos:

e logo a vara se precipitou com ímpeto por um despenhadeiro impetuosamente no lago, e se afogou. Quando os guardas viram isto, fugiram e foram contá-lo à cidade e pelas aldeias. E saíram a ver o que acontecera e foram ter com Jesus; e encontraram a seus pés sentado, vestido e em seu juízo, o homem de quem tinham saído os demônios, e tiveram medo. E os que tinham presenciado contaram-lhes como o possesso tinha sido livrado da legião."

— Minha amiga — disse Stiepan Trofímovitch, presa de uma profunda agitação, — *savez-vous*, essa passagem maravilhosa e… extraordinária foi para mim, toda a minha vida, uma pedra de escândalo… *dans ce livre*. De modo que retive de cor essa passagem desde minha infância. Mas agora, vem-me uma ideia, *une comparaison*. Ocorrem-me agora muitas ideias. Veja, é justamente como a nossa Rússia. Esses demônios saindo dum doente e entrando em porcos, são todas as chagas, miasmas, impurezas, os grandes e pequenos demônios que, durante séculos e séculos, acumularam-se na nossa querida e grande doente, na nossa Rússia. *Oui, cette Russie que j'aimais toujours*. Mas uma grande ideia e uma vontade poderosa velam por ela do alto como sobre aquele desgraçado demoníaco; por isso serão expulsos dela todos esses demônios, toda essa impureza, toda essa torpeza que supura à superfície… eles mesmos pediram para entrar em porcos. Talvez mesmo já tenham neles entrado. Somos nós e eles e Pietruchka… *et les autres avec lui*,[193] e eu talvez por primeiro. Enlouquecidos e furiosos, nos atiraremos do alto do rochedo no mar e nos afogaremos todos, e será bem feito porque não merecemos senão isso. Mas o doente vai se curar e "se assentará aos pés de Jesus" e nós o contemplaremos com espanto. Querida, *vous comprendrez après*, agora isto me agita demais. *Vous comprendrez après*… compreenderemos juntos.

O delírio apoderou-se dele e por fim perdeu o conhecimento. O dia seguinte não trouxe nenhuma mudança. Sófia Matviéievna ficava sentada ao lado dele e chorava. Havia três noites que quase não dormia e evitava mostrar-se aos hospedeiros, que, pressentia-o ela, tinham já começado a tramar alguma coisa. A libertação só ocorreu no terceiro dia. Pela manhã, Stiepan Trofímovitch voltou a si, reconheceu-a, estendeu-lhe a mão. Recobrando esperança, ela se

benzeu.

Ele teve vontade de olhar pela janela:

— Olhe, *un lac* — murmurou. — Meu Deus! não o havia visto ainda!

Naquele momento, repercutiu o barulho duma carruagem que parava diante do patamar e um grande rebuliço produziu-se em toda a casa.

## *III*

Era Varvara Pietrovna em pessoa que chegava numa grande carruagem de quatro lugares, atrelada a duas parelhas de cavalos. Vinha acompanhada por Daria Pávlovna e dois lacaios. Aquele milagre ocorrera muito simplesmente. Morrendo de curiosidade, Aníssim partira para a cidade, e desde o dia seguinte dirigira-se à casa de Varvara Pietrovna. Contou aos criados que encontrara Stiepan Trofímovitch sozinho numa aldeia, que mujiques tinham-no visto caminhando sozinho pela grande estrada e que ele partira para Spásovo, passando por Ústievo, e acompanhado então de Sófia Matviéievna. Como de sua parte estivesse Varvara Pietrovna terrivelmente inquieta e fizesse todos os esforços para encontrar seu amigo fugitivo, informaram-na logo da chegada de Aníssim. Depois de ter ouvido contar com todos os detalhes a partida de Stiepan Trofímovitch para Ústievo, no mesmo carro que uma tal Sófia Matviéievna, Varvara Pietrovna aprontou-se num instante e, lançando-se na trilha ainda fresca do fugitivo, chegara a Ústievo. Ignorava ainda tudo da doença de Stiepan Trofímovitch.

Sua voz rude e imperiosa causou medo aos hospedeiros. Só se detivera para tomar informações, convencida de que Stiepan Trofímovitch já estava desde muito tempo em Spásovo. Mas ao saber que seu amigo estava ainda ali e doente, penetrou muito agitada na isbá.

— Pois bem, onde está ele? Ah! és tu — gritou ela, deparando Sófia Matviéievna, justamente no momento em que esta se achava na soleira do segundo quarto. — Adivinhei pelo teu ar desavergonhado que eras tu. Sai daqui, velhaca! Que ela desapareça daqui, ponham-na para fora, senão, minha velha, faço com que te metam na prisão para sempre. Mandem-na para outra casa e vigiem-na. Uma vez já esteve ela metida na prisão da cidade. Que volte para lá! Hospedeiro, peço-lhe, não deixe entrar ninguém enquanto eu estiver aqui. Sou a Generala Stavróguina, alugo-te a casa para mim. E tu, minha cara, vais me dar conta de tudo.

Aquela voz bem conhecida transtornou Stiepan Trofímovitch. Pôs-

se a tremer. Mas ela já havia entrado na alcova. Seus olhos cintilavam. Com o pé, puxou uma cadeira, sentou e apoiando-se no espaldar, gritou para Dacha:

— Sai daqui um instante. Vai ter com os hospedeiros, enquanto esperas. Que curiosidade! E fecha bem a porta atrás de ti. — Durante alguns instantes, manteve-se calada, olhando com um olhar de ave de rapina o rosto aterrorizado de Stiepan Trofímovitch.

— Bem, Stiepan Trofímovitch, como vai? Deu um bom passeio? — perguntou ela com uma ironia feroz.

— *Chère* — balbuciou ele, inconscientemente, — aprendi a conhecer a verdadeira vida russa… *Et je prêcherai l'Evangile*.

— Oh! homem sem vergonha e sem nobreza, — lamentou-se ela de repente, juntando as mãos. — Não lhe bastou desonrar-me, ainda arranjou uma ligação amorosa… velho debochado, velho impudente.

— *Chère*…

Sua voz partiu-se, não pode dizer mais nada e fitou-a, com os olhos dilatados de espanto.

— Quem é ela?

— *C'est un ange… C'etait plus qu'un ange pour moi*… a noite inteira ela… oh! não grite… não lhe faça medo, querida, querida…

Varvara Pietrovna saltou, de súbito, de sua cadeira com estrondo; lançou um grito de terror: "água! água!". Embora já tivesse ele voltado a si, continuava ela toda trêmula, muito pálida, olhava-lhe o rosto decomposto; então, somente, suspeitou da gravidade do mal que o atingia.

— Daria — disse ela baixinho a Daria Pávlovna, — vão imediatamente à casa do Doutor Salzfisch. Que Iegórovitch parta imediatamente, alugue cavalos aqui, tome na cidade outro carro e esteja de volta aqui com Salzfisch antes da noite.

Dacha precipitou-se para executar a ordem. Stiepan Trofímovitch

conservava o mesmo olhar fixo e amedrontado; seus lábios que se haviam tornado brancos, fremiam.

— Espere, Stiepan Trofímovitch, espere meu querido, um momento — dizia-lhe ela para acalmá-lo, como se fala a uma criança. — Vamos, Daria, vamos, Daria não tardará a voltar. Oh! Meu Deus, patroa, patroa, mas venha aqui pelo menos, minha cara!

E na sua impaciência correu ela própria a procurar a dona da casa.

— Que tragam "a outra", imediatamente, neste minuto. Tragam-na, tragam-na.

Por felicidade Sófia Matviéievna mal tivera tempo de sair da casa; estava ainda diante do portão com seu saco e seu pequeno pacote. Fizeram-na voltar. Estava tão apavorada que suas mãos tremiam e suas pernas oscilavam. Como um gavião pega um pinto, Varvara Pietrovna agarrou-a pelo braço e arrastou-a a toda a pressa para onde estava Stiepan Trofímovitch.

— Olhe, ei-la… não a comi… você pensava deveras que eu a tinha comido?

Stiepan Trofímovitch tomou a mão de Varvara Pietrovna, levou-a a seus olhos e se pôs a soluçar num acesos de ternura dolorosa.

— Vamos, acalma-te, acalma-te, meu querido, meu *bátiuchka*. Ah! Meu Deus, mas trate de acalmar-se! — gritou ela com todas as suas forças. — Oh! Que carrasco, meu eterno carrasco!…

— Querida — balbuciou por fim Stiepan Trofímovitch, voltando-se para Sófia Matviéievna, — espere um pouco lá embaixo no outro quarto, quero dizer alguma coisa aqui…

Sófia Matviéievna apressou-se em sair.

— *Chérie, chérie* — disse ele sufocando-se.

— Não fale ainda, Stiepan Trofímovitch, espere estar um pouco repousado. Eis aqui água. Mas es-pe-re pois.

Ela tornou a sentar na cadeira. Stiepan Trofímovitch apertava-lhe a mão bem fortemente. Por muito tempo não permitiu ela que ele falasse. Ele levou-lhe as mãos aos lábios e pôs-se a beijá-la. Ela trincou os dentes e olhou para um canto do quarto…

— *Je vous amais* — escapou-lhe por fim. Ela nunca ouvira dele tais palavras e pronunciadas daquela maneira…

— Hum! — assentiu ela por toda resposta.

— *Je vous aimais tout ma vie… vingt ans*.

Ela continuava calada. Isto durou dois, três minutos…

— E dizer-se que para ir à casa de Dacha ele se havia perfumado! — trovejou ela de repente, com uma voz ameaçadora. Stiepan Trofímovitch ficou aturdido.

— E chegou a pôr uma gravata nova!…

Ainda um silêncio de dois minutos.

— E o charuto? Lembra-se?

— Minha amiga… — gaguejou ele, aterrorizado.

— O charuto, à noite, perto da janela, em Skvopiéchniki… fazia luar… após nossa conversa no caramanchão. Lembras-te? — E, saltando de sua cadeira, ela agarrou os dois cantos do travesseiro e se pôs a sacudi-lo, ao mesmo tempo que a cabeça que nele repousava. — Lembras-te, homem leviano, sem fé nem lei, homem pusilânime e eternamente leviano? — Ela sibilava no seu murmúrio exasperado, contendo-se para não chorar. Por fim largou o travesseiro, tornou a cair sobre sua cadeira e ocultou o rosto nas mãos. — Basta — cortou ela, depressa, erguendo-se. — Passaram-se vinte anos que não voltarão mais. Não passo de uma tola…

— *Je vous amais* — disse ele ainda, juntando as mãos.

— Mas por que me repete sempre, *je vous aimais, je vous aimais*? Isto basta. — De novo levantou. — E se você não adormece

imediatamente, então eu… Você tem necessidade de repouso… Durma, durma imediatamente, feche os olhos. Ah! Meu Deus, talvez queira almoçar. Que come você? Que come ele? Ah! Meu Deus, onde está a outra, onde está ela?

O rebuliço recomeçou. Mas Stiepan Trofímovitch murmurou com voz fraca que no momento preferia dormir *une heure* e em seguida *un bouillon, un thé… enfin il est si hereux*.[194] — Estirou-se e pareceu adormecer (fingiu provavelmente). Varvara Pietrovna esperou alguns minutos, depois saiu na ponta dos pés. Instalou-se no quarto dos donos da casa, pediu a estes que se retirassem e a Dacha que lhe trouxesse "a outra".

Começou então um interrogatório cerrado.

— Agora, conta-me, *mámienhka*, todos os pormenores. Senta aqui, a meu lado. Então?

— Encontrei Stiepan Trofímovitch…

— Espera, cala-te. Previno-te de que se mentires ou se me ocultares alguma coisa, saberei, se for preciso, desenterrar-te de tua tumba. Então?

— Encontrei Stiepan Trofímovitch… assim que cheguei a Khátovo — começou Sofia Matviéievna, quase sufocada de emoção.

— Para, cala-te. Espera. Eis-te exaltada. Em primeiro lugar: que espécie de pássaro és tu?

A outra contou como pôde, em poucas palavras, de resto, sua vida desde Sebastópol. Varvara Pietrovna escutou-a em silêncio. Rígida, sobre a cadeira, severa, fitava obstinadamente a narradora diretamente nos olhos.

— Por que estás tão amedrontada? Por que olhas para o chão? Gosto dos que me olham de frente e me contradizem. Continua.

Sófia falou do encontro deles, da história dos livros, como Stiepan Trofímovitch tinha presenteado a camponesa com vodca.

— Isto mesmo, isto mesmo, não omitas nenhum detalhe — dizia para encorajá-la Varvara Pietrovna. Sófia Matviéievna contou em seguida como se tinham posto a caminho. Stiepan Trofímovitch falara sem cessar, “já completamente doente”. Fizera-lhe o relato de toda a sua vida desde a sua infância. E isto durara várias horas.

— Conta o que ele te disse de sua vida.

Não sabendo mais como continuar, Sófia Matviéievna guardava silêncio.

— Não saberia dizer nada — murmurou ela quase chorando. — De resto, não compreendi nada.

— Mentes, não é possível que não tenhas compreendido nada.

— Ele falou de uma dama da nobreza, de cabelos negros — disse, corando até a raiz dos cabelos Sófia Matviéievna, que havia notado que os cabelos de Varvara Pietrovna eram louros e que ela não apresentava a menor semelhança com a “moreninha”.

— Uma dama de cabelos negros? Que é isto? Vamos, fala!

— Que essa dama da nobreza estivera muito apaixonada por ele, durante vinte anos, mas não ousava declarar-se a ele, tendo vergonha de fazê-lo porque era demasiado gorda…

— O imbecil! — exclamou, toda pensativa, mas em tom firme, Varvara Pietrovna.

Sófia Matviéievna chorava já então torrencialmente.

— Não posso contar nada de tudo isso porque estava eu mesma muito amedrontada a respeito dele; não podia compreender nada, é um homem tão inteligente!

— Não é a uma gralha como tu que cabe julgar sua inteligência. Ele pediu tua mão?

A narradora estremeceu.

— Apaixonou-se por ti? Fala. Pediu tua mão? — gritou Varvara

Pietrovna.

— Foi pouco mais ou menos isto — respondeu ela, toda lacrimosa. — Somente não o levei em conta por causa de sua doença — acrescentou ela com firmeza, erguendo a vista.

— Como te chamas?

— Sófia Matviéievna.

— Pois bem, fica sabendo, Sófia Matviéievna, é ele o homem mais asqueroso, mais leviano. Meu Deus, meu Deus, vais tu tomar-me por uma velhaca?

A outra arregalou os olhos.

— Por uma velhaca, por uma tirana, acreditar que eu lhe estraguei a vida?

— Mas como seria possível, já que a senhora mesma chora?

Efetivamente, Varvara Pietrovna tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Vamos, senta, senta não tenhas medo. Olha-me ainda uma vez diretamente nos olhos. Por que coras? Dacha, vem cá, olha-a. Que pensas dela? Seu coração é puro…

E com estupefação e talvez mais ainda com terror de Sófia Matviéievna, Varvara Pietrovna lhe deu palmadinhas nas faces.

— E pena que ela seja uma tola, demasiado tola para a sua idade. Vamos, minha cara, está bem, cuidarei de ti. Vejo que tudo isto não passa de ninharias. Enquanto esperas, vais viver aqui ao lado, vamos alugar um quarto para ti e serás mantida à minha custa e tudo mais… até que eu te mande chamar.

No seu terror, Sófia Matviéievna tentou objetar que devia partir, que estava com pressa.

— Para onde queres ir? Por que estás tão apressada? Compro todos os teus livros e ficas aqui. Cala-te, nada de objeções. Se eu não

tivesse chegado, tu não o terias deixado.

— Por coisa alguma do mundo eu o teria abandonado — murmurou com firmeza Sófia Matviéievna, enxugando os olhos.

O Doutor Salzfisch só chegou tarde da noite. Era um velhinho muito respeitado e um prático bastante experiente que acabava de perder seu lugar em seguida a uma controvérsia bastante imoderada com as autoridades. Varvara Pietrovna tomara-o logo sob sua proteção. Examinou o doente com atenção, interrogou-o e declarou não sem cuidados a Varvara Pietrovna que o estado daquele era bastante inquietador para que se devesse esperar tudo, "até mesmo o pior". Varvara Pietrovna que, havia vinte anos, se habituara à ideia de que nada de sério e decisivo podia provir de Stiepan Trofímovitch, ficou toda transtornada e muito pálida.

— Então não há mais nenhuma esperança?

Não deitou durante toda a noite e esperou a manhã com impaciência. Assim que o doente abriu os olhos e voltou a si (não tinha ainda perdido consciência; mas enfraquecia de hora em hora), aproximou-se dele e disse-lhe com o ar mais resoluto:

— Stiepan Trofímovitch, é preciso prever tudo. Mandei chamar o padre. Você deve cumprir o seu dever.

Conhecendo suas convicções, tinha grande medo de que ele recusasse. Ele olhou-a com espanto.

— É absurdo, é absurdo! — exclamou ela, crendo já na recusa dele — Não se trata mais de garotices agora. Você já fez bastantes tolices…

— Mas… será que estou tão mal?

Ficou pensativo e consentiu. Foi com grande espanto que eu soube mais tarde por Varvara Pietrovna que a morte não o havia de modo algum amedrontado. Talvez não acreditasse nela muito simplesmente e continuasse a considerar sua doença uma coisa de nada. Confessou-se e comungou de muito boa vontade. Todos, Sófia

Matviéievna e até mesmo os criados, foram felicitá-lo depois que recebeu os sacramentos. Todos sem exceção retinham suas lágrimas vendo-lhe o rosto emagrecido, esgotado, e seus lábios lívidos e trêmulos.

— Sim, *mes amis*. Admiro-me somente de que tenham tanto trabalho comigo. Vou me levantar provavelmente amanhã e nós… partiremos… *Toute cette cérémonie*… à qual rendo homenagem, sem dúvida… era…

— Rogo-lhe, *bátiuchka*, fique perto do doente — disse Varvara Pietrovna, detendo vivamente o padre no momento em que ele tirava seus hábitos sacerdotais. — Assim que se tiver servido o chá, rogo-lhe que trave um assunto religioso para sustentar nele a fé…

O padre começou a falar. Todo mundo conservava-se em redor do leito, sentado ou de pé.

— Na nossa época fértil em pecados — começou o padre com desembaraço, tendo uma xícara de chá na mão, — a fé no Altíssimo é o único refúgio dos homens contra as provações e as dores da vida. A única consolação é a esperança na felicidade eterna prometida aos justos…

Stiepan Trofímovitch pareceu reviver. Um sorriso leve e fino deslizou-lhe nos lábios.

— *Mon père, je vous remercie et vous êtes bien bon, mais*…[195]

— Não há mas! Não há absolutamente mas! — exclamou Varvara Pietrovna, levantando de sua cadeira. — *Bátiuchka*, — disse ela, dirigindo-se ao padre. — Que homem, que homem!… Será preciso confessá-lo de novo dentro de uma hora. Eis que espécie de homem é…

Stiepan Trofímovitch sorriu discretamente.

— Meus amigos — murmurou ele, — Deus me é já necessário porque é o único ser que se possa amar eternamente.

Ele acreditava realmente ou então a majestade daquela cerimônia

havia-o comovido e despertava a sensibilidade artística de sua natureza? O fato é que ele pronunciou, dizem, com emoção e firmeza, algumas palavras que estavam em contradição flagrante com suas ideias anteriores.

— Minha imortalidade é necessária pelo simples fato de que Deus não quererá ser injusto, extinguir para todo o sempre a chama de amor que por ele se acendeu no meu coração. Que há de mais precioso que o amor? O amor está acima da existência, o amor é o seu coroamento. Daí, como poderia ocorrer que a existência não lhe fosse submetida? Se amei a Deus, se me regozijei com meu amor, pode dar-se que ele nos extinga a mim e à minha alegria e nos reduza à nada? Se Deus existe sou imortal. *Voilá ma profession de foi*![196]

— Deus existe, Stiepan Trofímovitch, asseguro-lhe que ele existe, — suplicava Varvara Pietrovna. — Renegue suas tolices, deixe-as pelo menos uma vez em sua vida. (Creio que ela não tinha absolutamente compreendido "a profissão de fé" do doente.)

— Minha amiga — disse ele com uma animação crescente, se bem que muitas vezes a voz lhe faltasse, — minha amiga… quando compreendi a frase… apresente a outra face… compreendi ainda outra coisa… *J'ai menti tout ma vie*! Teria querido, aliás, amanhã… Amanhã, vamos nos pôr todos a caminho.

Varvara Pietrovna pôs-se a chorar. Stiepan Trofímovitch procurou alguém com os olhos.

— Ei-la, ela está aqui — exclamou a generala tomando pela mão Sófia Matviéievna e levando-a para junto dele. Ele sorriu enternecidamente.

— Teria querido muito viver ainda — exclamou ele num sobressalto de energia. — Cada instante, cada minuto deve ser para o homem uma felicidade… deve ser, de um modo absoluto. É o dever do homem para consigo mesmo fazer de maneira que isto se dê; é sua lei, secreta, mas que nem por isso deixa de existir… Oh! desejaria ver Pietruchka e eles todos… e Chátov.

Farei notar que nenhuma das pessoas presentes tinha

conhecimento do assassinato de Chátov, nem Daria Pávlovna, nem Varvara Pietrovna, nem mesmo Salzfisch que, no entanto, deixara a cidade por último.

Stiepan Trofímovitch agitava-se cada vez mais febrilmente além de suas forças.

— A simples ideia constante de que existe alguma coisa infinitamente mais justa e infinitamente mais feliz que eu, já me enche por completo dum enternecimento sem limites e de glória… apesar do que fui e do que fiz. Bem mais do que ser feliz, tem o homem necessidade de saber e de crer a cada instante que existe em alguma parte uma felicidade perfeita e calma para todos e para tudo… Toda a lei da existência humana consiste em que o homem pode sempre inclinar-se diante de alguma coisa infinitamente grande. Se os humanos se vissem privados desse infinitamente grande, eles não quereriam mais viver e morreriam de desespero. O incomensurável e o infinito são tão necessários ao homem quanto o pequeno planeta sobre o qual ele se move… Meus amigos, todos, todos, viva o grande Pensamento, o Pensamento eterno, infinito! Todo homem, qualquer que ele seja, tem necessidade de inclinar-se diante dele. Até mesmo o homem mais estúpido tem necessidade de alguma coisa de grande. Pietruchka! Oh! como desejaria revê-los todos… Eles ignoram, sim, eles ignoram, que também eles encerram em si aquele mesmo grande Pensamento eterno.

O Doutor Salzfisch não havia assistido à cerimônia. Voltando, inesperadamente, ficou espantado e dispersou a reunião, insistindo para que se poupasse toda agitação ao doente.

Stiepan Trofímovitch expirou três dias mais tarde, mas já havia perdido totalmente o conhecimento. Extinguiu-se, mansamente, como uma vela que acaba de consumir-se. Varvara Pietrovna mandou celebrar o serviço fúnebre no lugar onde ele tinha morrido, depois levou o corpo de seu pobre amigo para Skvopiéchniki. O túmulo se encontra no recinto da igreja; já está coberto por uma lápide de mármore. Na primavera vão colocar nela uma inscrição e uma grade.

A ausência de Varvara Pietrovna durou ao todo uns oito dias. De volta, levava consigo, em seu carro, Sófia Matviéievna, que, creio, se instalou definitivamente em casa dela. Farei somente observar que logo que Stiepan Trofímovitch perdeu o conhecimento (o que aconteceu naquela manhã mesma), Varvara Pietrovna afastou de novo a vendedora ambulante e lhe proibiu o acesso à isbá. Ela mesma tratou do doente até o fim. Assim que ele expirou, mandou chamá-la sem demora. Não quis ceder a nenhuma das objeções de Sófia Matviéievna, espantada com a proposta, ou antes com a intimação da generala que a convidava para ir viver para sempre em Skvopiéchniki.

— É estúpido. Irei eu mesma contigo vender Evangelhos. Agora não tenho mais ninguém no mundo.

— A senhora tem um filho — observou Salzfisch.

— Não tenho filho — retorquiu Varvara Pietrovna e estas palavras deviam ser proféticas.

# Capítulo VIII / Conclusão

## *I*

Todas essas infâmias e todos esses crimes foram conhecidos duma maneira extremamente rápida, muito mais depressa do que o tinha suposto Piotr Stiepânovitch. Em primeiro lugar, a infeliz Mária Ignátievna, na noite em que seu marido foi assassinado, acordou antes do romper do dia, procurou-o e tomou-se duma inquietação indescritível, não o vendo ao lado dela. A enfermeira arranjada por Arina Prókhorovna estava deitada no quarto. Não conseguiu acalmar a doente e, assim que amanheceu, correu à casa de Arina Prókhorovna, depois de ter assegurado à parturiente que a Senhora Virguínskaia sabia decerto onde estava Chátov e quando voltaria. Entretanto, a própria Arina Prókhorovna estava cheia de inquietude; já soubera pelo seu marido o que se tinha passado no parque de Skvopiéchniki. Virguínski só regressara à casa às onze horas da noite e num terrível estado; torcendo as mãos, deixara-se cair de bruços sobre seu leito e não cessava de repetir, sacudido por soluços convulsivos: "Não é isto, não é isto, não é absolutamente isto!". Naturalmente acabou por confessar tudo à sua mulher que o acossava de perguntas, mas somente à sua mulher. Arina Prókhorovna decidiu-o a ficar deitado e intimou-o com um tom severo que, se ele quisesse choramingar, então urrasse no seu travesseiro, a fim de que ninguém o ouvisse. Acrescentou que seria ele um asno se deixasse transparecer alguma coisa no dia seguinte. Depois de pensar, ela se apressou em tomar certas precauções para enfrentar qualquer eventualidade: teve tempo para pôr em segurança ou mesmo destruir todos os papéis, todos os livros duvidosos, talvez mesmo as proclamações. Disse a si mesma em seguida que nem ela, nem sua irmã, nem a estudante nada tinham a temer e talvez tampouco seu irmãozinho de orelhas compridas, Chigáliev. De manhã, quando a enfermeira foi procurá-la, dirigiu-se sem perda de um instante para a cabeceira de sua doente. De resto, ardia de vontade de averiguar ela própria e queria saber o mais depressa possível das garantias de Piotr Stiepânovitch, que lhe tinham sido comunicadas naquela noite por seu marido, em meio de um murmúrio de pavor e de loucura e que diziam respeito aos desígnios de Kirílov em proveito da causa comum.

Mas chegou demasiado tarde à casa de Mária Ignátievna. Depois de ter mandado a enfermeira e ficado sozinha, não pode mais conter-se, levantou-se, e lançando aos ombros o que lhe caiu sob a mão — bem parece que fossem roupas pouco próprias para a estação — dirigira-se para o pavilhão em que morava Kirílov, pensando que fosse ele quem melhor pudesse informá-la a respeito de seu marido. Pode-se imaginar a impressão causada na parturiente pelo que viu lá. É de notar que não leu a carta deixada por Kirílov, bem em evidência em cima da mesa; provavelmente seu terror a impediu de notá-la. Voltou correndo para a mansarda, agarrou o menino em seus braços e deixou a casa. A manhã estava úmida e brumosa; havia nevoeiro, não se encontrava um transeunte. Correu de perder fôlego, cada vez mais longe, através das ruas frias e lamacentas; por fim, pôs-se a bater às portas das casas. A primeira casa não se abriu; na segunda, fizeram-na esperar muito tempo, tanto que perdendo a paciência pôs-se a bater a uma terceira porta. Era a casa do nosso negociante Títov, ali provocou ela grande comoção. Gritava e afirmava com incoerência que "tinham matado" seu marido Chátov. Os Títovi sabiam quem era Chátov e conheciam em parte sua história. Ficaram impressionadíssimos diante daquela mulher, parturiente dizia ela havia vinte e quatro horas apenas e que corria as ruas semi-vestida, com um frio daqueles, carregando em seus braços um menino quase nu. Pensou-se a princípio que ela estivesse delirando, tanto mais quanto, segundo suas palavras, não se via claramente quem tinha sido assassinado, se Kirílov ou seu marido. Percebendo que não acreditavam nela, queria já fugir para mais longe, mas retiveram-na à força e dizem que ela gritou e se debateu terrivelmente. Dirigiram-se logo ao edifício Filípov e, ao fim de uma hora, toda a cidade estava ciente da morte de Kirílov e da carta que ele tinha escrito antes de suicidar-se. A polícia interrogou Mária Ignátievna, que estava ainda de posse de sua plena consciência e foi naquele momento que se viu bem que ela não tinha lido a declaração de Kirílov. Como concluía ela que seu marido também estava morto? A este respeito não se pode obter dela nenhuma declaração sensata. Gritava somente: "Já que Kirílov foi assassinado, meu marido também foi assassinado; eles estavam juntos". Cerca do meio-dia perdeu o conhecimento; morreu dois dias depois sem voltar a si. O menino, que se resfriara, morrera antes da mãe. Arina Prókhorovna, que não encontrara mais nem Mária

Ignátievna nem o menino, farejando nisso alguma coisa de desagradável, queria voltar para casa, mas na soleira da porta reconsiderou e mandou a enfermeira "perguntar ao senhor do pavilhão se Mária Ignátievna não estava em casa dele e se não sabia o que era feito dela". A mulher voltou dando gritos espantosos. Depois de tê-la persuadido a calar-se, invocando o famoso argumento de que "vão te intimar a comparecer ao tribunal", tratou de retirar-se cautelosamente.

Não é preciso dizer que a polícia foi inquietá-la na mesma manhã, sabendo que ela partejara a mulher de Chátov. Mas não se soube grande coisa: ela relatou com precisão e sangue-frio tudo quanto vira e ouvira em casa de Chátov. Quanto ao que se referia aos derradeiros acontecimentos respondeu que não sabia de nada e que nada compreendia daquilo.

Pode-se imaginar o rebuliço que isto causou na cidade. Ainda "uma história", ainda um assassinato! Mas alguma coisa acrescentava-se àquele acontecimento; era claro doravante que existia realmente uma sociedade secreta de assassinos, de revolucionários, de incendiários e de agitadores. A morte atroz de Lisa, o assassinato da mulher de Stavróguin, a atitude do próprio Stavróguin; o incêndio, o baile em favor das professoras, a imoralidade entre os que cercavam Iúlia Mikháilovna… tudo isto se combinava. Até mesmo no desaparecimento súbito de Piotr Stiepânovitch empenhavam-se em ver algum enigma. Murmúrios maldosos, muito maldosos mesmo, circulavam a respeito de Stavróguin. Na noite do mesmo dia, soube-se da ausência de Piotr Stiepânovitch, mas, coisa estranha, foi dele que se falou menos. Em contraposição falava-se do "senador". Durante quase toda a manhã uma multidão numerosa estacionou diante do edifício Filípov. A polícia a princípio ficou desorientada pela carta de Kirílov dirigida "ao mundo inteiro". Acreditou-se no assassinato de Chátov por Kirílov e no suicídio do "assassino". No entanto, se as autoridades tomaram caminho errado, não tardaram em mudar de rumo. A palavra "parque", por exemplo, que se encontrava tão vagamente mencionada no bilhete de Kirílov, não despistou ninguém, contrariamente ao que tinha esperado Piotr Stiepânovitch. A polícia transportou-se imediatamente a Skvopiéchniki, e isto não somente

porque não havia outro parque, nem na cidade, nem no distrito, mas também por uma espécie de instinto, porque todos os acontecimentos terríveis daqueles derradeiros dias estavam ligados diretamente, ou em parte, a Skvopiéchniki (farei notar aqui que, desde manhã, Varvara Pietrovna deixara sua casa da cidade para se lançar à procura de Stiepan Trofímovitch). O cadáver de Chátov foi encontrado no tanque, na noite daquele mesmo dia, graças a certos indícios: com uma incrível leviandade os assassinos tinham deixado o gorro de Chátov perto da gruta. Esta circunstância, bem como o exame médico da vítima e certas deduções fizeram suspeitar que Kirílov não podia ter agido sem cúmplices. Supôs-se, a princípio, uma "Sociedade Secreta — Chátov — Kirílov", que devia ter alguma relação com as proclamações. Mas quem eram esses cúmplices? Naquele momento ninguém tinha ainda a menor suspeita a respeito dos "nossos". Sabia-se que Kirílov vivia muito retirado e a tal ponto isolado que Fiedka, como se soube pela carta, tinha podido alojar-se vários dias em casa de Kirílov, quando o procuravam por todos os lados… O que sobretudo inquietava a opinião pública, era que de todo aquele embrulho nada se pudesse tirar de consequente e de coerente. É difícil imaginar a que conclusões fantásticas e a que ideias absurdas teria sido possível chegar, se tudo não se tivesse bruscamente explicado desde o dia seguinte graças a Liámchin.

Não pôde aguentar-se. Aconteceu com ele o que o próprio Piotr Stiepânovitch acabara por pressentir. Confiado a princípio a Tolkatchenko, depois a Erkel, passara Liámchin todo o dia no seu leito, aparentemente bastante calmo; com o rosto voltado para a parede, não dizia uma palavra e não respondia, mesmo quando lhe dirigiam alguma pergunta. Desta maneira, nada soube do que se passara na cidade. Mas Tolkatchenko, de quem naturalmente nada era ignorado, teve a ideia, ao chegar a noite, de se libertar muito simplesmente da missão que lhe fora imposta por Piotr Stiepânovitch — isto é, a vigilância de Liámchin — e de abandonar a cidade para se dirigir ao distrito, em outras palavras, de fugir. Na verdade, Erkel não se enganara ao pretender que tinham todos perdido a cabeça. Notarei também a este propósito que, no mesmo dia, pela manhã, Lipútin desapareceu da cidade, todavia, foi somente no dia seguinte que se tornou conhecida sua partida, quando a polícia se dirigiu à casa de

Lipútin e encontrou sua família aterrorizada por causa de sua ausência, mas que, mesmo assim, não tinha ousado falar. Mas voltemos a Liámchin. Mal ficou só (Erkel retirara-se, crendo poder fiar-se na palavra de Tolkatchenko), lançou-se para fora da casa e naturalmente não tardou em ficar sabedor da situação. Sem mesmo regressar à sua casa, procurou fugir para mais longe, cada vez para mais longe. Mas a noite estava tão escura e seu projeto era tão difícil e tão perigoso que acabou por isso mesmo por voltar para casa, onde se encerrou para passar o resto da noite. Parece que pela manhã, tentou suicidar-se, mas não conseguiu. Ficou assim fechado em seu quarto até o dia seguinte ao meio-dia, e então, de repente, correu à polícia. Conta-se que lá se arrastou de joelhos, urrou, soluçou, beijou a terra, exclamando que nem mesmo digno era de beijar as botas dos "altos funcionários" que tinha diante de si. Tranquilizaram-no e até mesmo testemunharam-lhe muita amabilidade. O interrogatório durou mais de três horas inteiras. Confessou tudo, tudo, contou por miúdo tudo quanto sabia, com os mínimos detalhes, antecipando-se às perguntas, apressando-se em tudo revelar e relatando toda espécie de coisas inúteis e que não lhe eram perguntadas. Parece que sabia o suficiente para mostrar o caso à sua verdadeira luz; a tragédia de Chátov e de Kirílov, o incêndio, o assassinato dos Liebiádkini, etc, passaram para trás, como acontecimentos secundários. No primeiro plano apareceram Piotr Stiepânovitch, a associação secreta, sua organização, a rede. À pergunta: "Por que ter cometido tantos assassinatos, escândalos e vilanias?", Liámchin apressou-se em responder: "Para o abalo sistemático das bases da sociedade, para a decomposição sistemática da sociedade e de tudo quanto tem subsistido até o presente para desencorajar todo mundo, semear a perturbação por toda parte e, bruscamente, apossar-se dessa massa abalada, doente, cínica e incrédula que, no entanto, deseja ardorosa descobrir uma ideia diretora e manter-se, erguer o estandarte da revolta, apoiar-se na rede inteira das seções que, por seu lado, não teriam ficado inativas, mas conheceriam as possibilidades práticas e os pontos fracos do adversário contra os quais convinha dirigir o ataque". Concluiu dizendo que Piotr Stiepânovitch não fizera em nossa cidade senão um primeiro ensaio dessa desordem sistemática, se se pode dizer, uma espécie de ensaio do programa segundo o qual devia exercer-se não somente a atividade posterior desse grupo, mas de todos os outros

quinqueviratos. Tal era pelo menos a opinião pessoal dele, Liámchin, e rogava à polícia que nada esquecesse do que ele havia relatado, mas pelo contrário levasse em conta a sinceridade e a clareza com as quais havia exposto o negócio, e os serviços que podia prestar no futuro, se a polícia quisesse consultá-lo. Quando lhe perguntaram se havia na Rússia muitos daqueles grupos de cinco, respondeu que eram inúmeros e constituíam uma verdadeira rede estendida sobre toda a Rússia. Se bem que não avançasse nenhuma prova em apoio creio que neste ponto sua declaração era sincera. Não pode mostrar senão o programa da sociedade, impresso no estrangeiro e um projeto de "desenvolvimento do sistema para toda ação posterior", este, embora no estado de rascunho, escrito com a letra de Piotr Stiepânovitch. Pareceu que Liámchin citara toda uma longa frase daquele projeto ao falar do "abalo das bases" e palavra por palavra, sem omitir um ponto nem um vírgula, embora pretendesse ater-se a considerações a respeito de Iúlia Mikháilovna, apressou-se em declarar, de uma maneira extremamente cômica, e sem que o tivessem interrogado, que ela "estava completamente inocente" e que tinham zombado dela. Mas, o que é digno de nota, é que ele exculpou completamente Nikolai Stavróguin de toda participação na sociedade secreta e de toda ligação com Piotr Stiepânovitch (naturalmente Liámchin nada suspeitava das misteriosas e ridículas esperanças que Piotr Stiepânovitch depositava em Stavróguin). Pelo que ele pretendeu, os Liebiádkini tinham sido assassinados por Piotr Stiepânovitch sozinho, sem que Stavróguin tivesse nisto tomado parte, com o objetivo astucioso de comprometê-lo por meio de um crime e consequentemente colocá-lo sob o domínio de Piotr Stiepânovitch. Mas em lugar do reconhecimento com o qual contava, Piotr Stiepânovitch só provocara na alma do nobre Nikolai Stavróguin uma violenta indignação e até mesmo desespero. Para coroar seus depoimentos a respeito de Stavróguin, acrescentou, desta vez ainda sem ser interrogado e antecedendo intencionalmente todas as perguntas que "Stavróguin era um pássaro de muito alto voo, mas que havia nisso um segredo; que tinha vivido entre nós, por assim dizer incógnito, encarregado de missões importantes… e que provavelmente não tardaria em regressar de Petersburgo" (estava Liámchin convencido de que Stavróguin estivesse em Petersburgo), mas desta vez em bem diversas condições, seguido duma série de personalidades das quais sem dúvida ia se ouvir falar em breve entre

nós. Acrescentou que soubera de tudo isto por Piotr Stiepânovitch, “o inimigo secreto de Nikolai Stavróguin”.

Aqui um *nota bene*. Dois meses depois, Liámchin confessou que fora intencionalmente que tivera todo o cuidado em exculpar Stavróguin e isto na esperança de obter sua proteção; acreditara que Stavróguin poderia obter em Petersburgo uma importante comutação de sua pena e que talvez lhe enviasse dinheiro e recomendações. Vê-se, por esta confissão que ele fazia verdadeiramente uma ideia por demais exagerada a respeito de Nikolai Stavróguin.

No mesmo dia, prendeu-se naturalmente Virguínski, e, no seu zelo, a polícia deitou a mão a toda a sua família. (Hoje, Arina Prókhorovna, sua irmã, sua tia, bem como a estudante foram postas em liberdade desde muito tempo, diz-se mesmo que Chigáliev não tardará a ser também posto em liberdade, atendendo-se a que não se enquadra em nenhuma das categorias de acusados; aliás, não passa isso ainda de um boato.) Virguínski fez imediatamente as confissões mais completas; quando foram prendê-lo, estava doente, de cama, e tinha febre alta. Conta-se que experimentou uma espécie de satisfação; “agora, não tenho mais isso pesando-me no coração”, teria ele dito. Parece que prestou seus depoimentos com muita franqueza e não sem certa dignidade. Não abandona nenhuma de suas “luminosas esperanças”, maldizendo a política (que seria o oposto do socialismo) à qual se deixou arrastar tão imprudentemente, apanhado “no turbilhão de um concurso de circunstâncias”. Creio que sua atitude no parque durante a realização do crime será tomada em consideração e que pode ele contar com um abrandamento de sua sorte. Pelo menos é o que se afirma entre nós.

Mas é pouco provável que o mesmo ocorra com Erkel. Desde sua prisão persiste este num mutismo absoluto ou então altera a verdade tanto quanto pode. Não se pôde ainda arrancar-lhe uma só palavra de arrependimento. E no entanto mesmo entre os juízes mais austeros e mais rigorosos suscitou ele certa simpatia, por causa de sua juventude, de seu infortúnio, do fato, hoje verificado, de que não foi senão a vítima fanatizada de um subornador político; mas sobretudo por causa de sua conduta doravante conhecida para com sua mãe, a quem ele enviava todos os meses quase a metade de seu magro soldo. Sua mãe

está aqui neste momento: é uma mulher fraca, doente, precocemente envelhecida. Chora e arrasta-se literalmente aos pés dos juízes, implorando o perdão de seu filho. Ninguém sabe o que resultará disto, mas entre nós muitas pessoas lamentam Erkel.

Lipútin foi detido em Petersburgo onde se encontrava havia já quinze dias. Aconteceu-lhe algo de totalmente inverossímil, difícil mesmo de explicar. Ele que se munira, dizem, de um passaporte sob nome falso e possuía uma soma de dinheiro bastante considerável, ficou entretanto em Petersburgo e dali não se moveu. Durante algum tempo, procurou Piotr Stiepânovitch e Nikolai Stavróguin, depois entregou-se de súbito à bebida e à devassidão mais desenfreada, como se tivesse perdido totalmente seu bom senso e toda a ideia de sua situação. Detiveram-no numa casa de tolerância e em estado de embriaguez. Agora corre o boato de que ele voltou à razão, que não perdeu absolutamente a coragem, presta depoimentos mentirosos e se prepara com certa solenidade, não privada de toda esperança (?), para comparecer perante a Justiça. Teria mesmo a intenção de pronunciar nessa ocasião um discurso. Tolkatchenko, pelo contrário, que foi detido no distrito vizinho, dez dias após sua fuga, portou-se de uma maneira muito mais decente; não mente, não dissimula, diz o que sabe sem procurar desculpar-se, reconhece suas culpas com toda humildade, somente teria também alguma tentação de tomar a palavra perante os juízes. Perora muito e de boa vontade. Quando se trata do povo e dos elementos revolucionários, gosta de ouvir-se a si mesmo falar e procura produzir efeito. Lipútin e ele parecem esperar uma absolvição e isto não deixa de parecer estranho.

Repito, este caso ainda não terminou. Agora que três meses se passaram, nossa sociedade respira, reposta de seus alarmes e formou sua opinião a tal ponto que muitas pessoas hoje consideram Piotr Stiepânovitch senão como um gênio, pelo menos como um homem dotado de “qualidades geniais”.

“Vê-se por aí o que significa a organização”, dizem no clube, levantando um dedo no ar. Aliás, tudo isto é bem inocente e os que assim falam são em pequeno número. Em contraposição, alguns julgam-no de maneira muito menos favorável. Sem lhe negar todo talento, censuram, contudo, sua completa ignorância da realidade, sua

terrível mania de abstração, desenvolvida em excesso e num sentido exclusivo, e por consequência sua extraordinária leviandade. Quanto a seus costumes, são todos unânimes; não há a menor contestação a este respeito.

Não sei verdadeiramente mais a quem devo ainda mencionar para ser completo. Mavríki Nikoláievitch deixou-nos definitivamente para ir não sei para onde. A velha Generala Drózdova ficou caduca. Resta-me ainda, no entanto, uma sombria história a contar. Vou me limitar aos fatos.

De seu regresso de Ústievo, Varvara Pietrovna foi para a sua casa da cidade. Todas as notícias que se tinham acumulado aqui durante sua ausência assaltaram-na ao mesmo tempo e a emocionaram extremamente. Fechou-se sozinha em sua casa. Era noite; todo o mundo estava fatigado, ela se deitou cedo.

Na manhã do dia seguinte, a criada de quarto, com um ar misterioso, entregou uma carta a Daria Pávlovna. Esta carta, segundo ela afirmou, fora-lhe entregue na véspera à noite, muito tarde, quando todos dormiam, de modo que ela não tinha ousado despertar Daria Pávlovna. E a carta não tinha vindo pelo correio, mas levada a Skvopiéchniki por um desconhecido a Alieksiéi Iegórovitch. Este a havia logo entregue às mãos da criada de quarto e regressara a Skvopiéchniki.

Com violentas batidas de coração, Daria Pávlovna olhou muito tempo a carta sem ousar abri-la. Sabia de quem vinha: era Nikolai Stavróguin que lhe escrevia. Leu em primeiro lugar o endereço no envelope: “A Alieksiéi Iegórovitch, para entregar a Daria Pávlovna. Segredo”.

Eis aqui a carta, palavra por palavra, sem que a menor correção tenha sido feita ao estilo desse gentil-homem russo, que não conhecia perfeitamente a gramática de sua língua materna, a despeito de sua cultura europeia:

> Querida Daria Pávlovna:
>
> Você quis um dia ir para junto de mim na qualidade de enfermeira e me fez prometer que a chamasse quando fosse necessário. Parto dentro de dois dias e não voltarei mais. Quer você vir comigo?

No ano passado, como Herzen, fiz-me naturalizar cidadão do cantão de Uri e ninguém o sabe. Já comprei lá uma casinha. Tenho ainda doze mil rublos. Partiremos para lá, a fim de ali viver eternamente. Não quero mais ir a parte alguma, aliás.

O lugar é muito aborrecido: uma garganta; montanhas constrangem o olhar e o pensamento. É muito escuro ali. Comprei essa casa porque estava à venda. Se ela lhe desagradar, tornarei a vendê-la e adquirirei uma outra, em outro lugar.

Não estou passando bem, mas espero que o ar daquele país me aliviará de minhas alucinações. Isto quanto ao físico, quanto ao moral, você sabe de tudo. Somente será tudo?

Contei-lhe muitas coisas de minha vida. Mas não tudo. Não tudo mesmo a você. A propósito afirmo que, em consciência, sou culpado pela morte de minha mulher. Não tornei a vê-la depois daquilo, por isso é que lhe afirmo. Sou também culpado para com Elisavieta Nikoláievna, mas neste caso você nada ignora. De certo modo tudo previu.

Seria melhor que você não viesse. Cometo uma odiosa baixeza, chamando-a. Sim, por que enterrar-se viva comigo? Quero-lhe bem e no meu desgosto era-me doce estar junto de você; diante de você somente é que eu podia falar bem alto de mim mesmo. Mas isto não prova nada. Você mesma se definiu como uma "enfermeira", foi sua própria expressão; por que sacrificar tanto? Compreenda também que não tenho compaixão de você, se a chamo e que não tenho respeito para com você se a espero. E, entretanto, chamo-a e espero-a. Em todo o caso, tenho necessidade de sua resposta, porque é preciso partir muito depressa. Neste caso partirei sozinho.

Nada espero de Uri, parto simplesmente. Não escolhi de propósito aquele sombrio lugar. Nada me liga à Rússia. Da mesma maneira que em toda parte, aqui tudo me é estranho. É verdade que é na Rússia que menos tenho gostado de viver; mas mesmo aqui nada tenho podido odiar.

Quis por toda parte experimentar minha força. Você me aconselhou uma vez "que me conhecesse a mim mesmo". Nessas experiências, para mim mesmo ou para exibir minhas forças, agora como antes, revelou-se ela sem limites. Diante de você, recebi uma bofetada de seu irmão. Confessei publicamente meu casamento. Mas de que serve aplicar essa força? Eis o que eu nunca vi, o que hoje ainda não vejo, apesar dos encorajamentos que você me prodigou na Suíça e aos quais dei fé. Posso, tão bem quanto outrora, ter o desejo de praticar uma boa ação e sinto com isto prazer; ao lado disso, quero também o mal e também sinto prazer com ele. Mas um e outro sentimentos, como sempre, têm qualquer coisa de mesquinho e jamais de forte. Meus desejos são demasiado fracos; não podem dirigir-me. É possível atravessar um rio sobre uma prancha, mas não sobre um cavaco. Isto somente para que você não acredite que parto para Uri sem quaisquer esperanças.

Como sempre, não acuso ninguém. Tentei levar uma vida de estranha devassidão e nisso esgotei minhas forças. Mas não amo a devassidão e não a queria. Você observou-me nestes últimos tempos. Sabe que olhei nossos negadores com ódio e isto porque invejava suas esperanças? Mas foi em vão que você teve medo: não podia ser camarada deles uma vez que não partilhava de nenhuma de suas ideias. Não pude além disso fazê-lo por derrisão ou por maldade, não que eu tema o ridículo — o ridículo não pode aterrorizar-me — mas porque tenho apesar de tudo os hábitos de um homem bem nascido e aquilo me repugnava. Contudo, se tivesse sentido contra eles mais ódio e mais inveja teria talvez ido com eles. Julgue você mesma qual era meu estado de espírito e como oscilei entre os partidos.

Querida amiga, criatura terna e generosa, que eu adivinhei! Talvez sonhe você dar-me tanto amor e espalhar sobre mim os tesouros de sua alma magnífica, esperando assim marcar na minha existência, afinal, um objetivo. Não, seja mais prudente. Meu amor será tão sem relevo como eu próprio o sou e você será infeliz. Seu irmão me disse um dia que aquele que rompe os elos com sua terra perde por isso mesmo os seus deuses, isto é, todos os seus objetivos. A

respeito de qualquer assunto pode-se discutir indefinidamente, mas de mim nunca saiu senão a negação e uma negação sem grandeza e sem força. Ainda assim não foi negação que saiu. Tudo foi sempre chato e mole. O magnânimo Kirílov não pode suportar a ideia e estourou os miolos, mas eu vejo que ele era magnânimo precisamente porque não era mais senhor de sua sã razão. Eu não poderei jamais perder minha razão e não poderei crer numa ideia ao ponto em que ele acreditou. Jamais, jamais poderei estourar os miolos.

Sei que devia me matar, fazer-me desaparecer da superfície da terra como um vil inseto, mas tenho medo do suicídio, porque tenho medo de mostrar grandeza de alma. Sei que seria ainda um engano, o derradeiro na série ilimitada dos enganos. Que vantagem há em enganar-se a si mesmo apenas para representar de magnânimo? A indignação e a vergonha serão sempre estranhas para mim; por consequência o desespero também.

Perdoe-me escrever-lhe tão longamente. Volto a mim. É um erro de minha parte. Cem páginas seriam ainda demasiado pouco e dez linhas bastariam. Dez linhas bastam, quando se quer chamar para junto de si uma "enfermeira".

Desde minha partida, estou vivendo na sexta estação em casa do chefe da mesma. Conheci-o, há cinco anos, em Petersburgo, no tempo de minhas loucuras. Ninguém sabe que estou em casa dele. Escreva-me para o seu nome. Junto aqui o endereço.

Nikolai Stavróguin

Daria Pávlovna foi logo mostrar a carta a Varvara Pietrovna, que a leu e rogou a Daria Pávlovna que se retirasse porque queria relê-la a sós. Mas não tardou em tornar a chamá-la.

— Partes? — perguntou ela quase timidamente.

— Sim, parto — resmungou Dacha.

— Então prepara-te. Iremos juntas.

Dacha interrogou-a com um olhar.

— Que farei eu aqui agora? Que me importa tudo? Eu também vou me fazer cidadã de Uri e viverei no meio daquelas montanhas… Fique tranquila, não os incomodarei em nada.

Prepararam suas bagagens a toda a pressa, a fim de estarem prontas para o trem do meio-dia. Ao fim de uma meia hora, Alieksiéi Iegórovitch apareceu vindo de Skvopiéchniki. Anunciou que Nikolai Vsiévolodovitch chegara repentinamente à Skvopiéchniki, de manhã cedo e que ali se encontrava, mas "com um ar de não querer responder às perguntas", atravessara todos os quartos e se trancara em seu apartamento.

— Resolvi vir sem sua ordem dar-lhe parte — acrescentou

Alieksiéi Iegórovitch, com um ar muito grave.

Varvara Pietrovna fitou-o com um olhar escrutador, mas não o interrogou tampouco. Num instante, a carruagem foi atrelada. Ela partiu com Dacha. Durante o trajeto muitas vezes, dizem, fez ela o sinal da cruz.

No apartamento de Nikolai Vsiévolodovitch, todas as portas estavam abertas, mas foi impossível encontrá-lo em qualquer parte.

— Não estaria no mezanino? — observou Fómuchka, com reserva.

É de notar que vários criados penetraram atrás de Varvara Pietrovna no apartamento de seu filho, enquanto os outros aguardavam na sala grande. Jamais antes seriam admitidas tais derrogações da lei da etiqueta. Varvara Pietrovna observou isto, mas se calou.

Subiu-se ao mezanino. Ali havia três quartos; ele não foi encontrado em nenhum.

— Será que o senhor não teria ido por ali? — perguntou alguém, designando a porta da mansarda.

Com efeito, aquela portinha, ordinariamente sempre fechada, estava agora escancarada. Para lá entrar era preciso deslizar quase sob o teto por uma escada de madeira comprida, muito estreita e extremamente íngreme. Havia ainda, lá em cima, uma espécie de quarto.

— Não irei lá. Por que razão teria ele subido lá em cima? — perguntou Varvara Pietrovna que se tornou terrivelmente pálida e pareceu interrogar os criados com os olhos. Aqueles a olhavam em silêncio. Dacha tremia.

Então Varvara Pietrovna precipitou-se para a escada, Dacha seguiu-a; mas apenas ela entrara no quarto, lançou um grito e caiu sem sentidos.

O cidadão do cantão de Uri ali estava pendurado, atrás da porta.

Sobre a mesa encontrava-se uma folha de papel com algumas palavras rabiscadas a lápis:

"Não acusem ninguém. Fui eu mesmo." Em cima da mesma mesa, ao lado, havia um martelo, um pedaço de sabão e um grande prego, tudo evidentemente ali colocado por precaução. O sólido cordão de seda, com o qual se havia enforcado Nikolai Stavróguin, tinha sido certamente escolhido de antemão e untado de sabão com cuidado. Tudo testemunhava premeditação completa e uma consciência que persistiu até o derradeiro minuto.

Nossos médicos, depois da autópsia do cadáver, rejeitaram formalmente a hipótese da alienação mental.

## [Apêndice][197]

## [A confissão de Stavróguin] / Em casa de Tíkhon

### *I*

Nikolai Vsiévolodovitch não dormiu naquela noite. Passou-a toda inteira sentado em seu divã. Seu olhar imóvel fixava-se frequentemente num ponto, sobre a cômoda colocada no canto do quarto. A lâmpada esteve acesa a noite inteira. Cerca das sete horas adormeceu, sentado, e quando Alieksiéi Iegórovitch, segundo seu invariável costume, foi às nove horas e meia em ponto levar-lhe sua xícara de café da manhã e acordou-o ao aparecer, Stavróguin, abrindo os olhos, pareceu desagradavelmente surpreendido por ter podido dormir tanto tempo e por ser já tão tarde. Bebeu à pressa seu café, vestiu-se e deixou precipitadamente a casa. Nada respondeu a Alieksiéi Iegórovitch que se atrevera a perguntar se "o senhor não tinha ordens a dar-lhe". Seguindo pela rua, caminhava de olhos fitos no chão, absorvido em profundas reflexões, e só por instantes erguendo, de repente, a cabeça. Numa encruzilhada, não longe de sua casa, uma turma de operários, em número de cinquenta ou mais, que desfilavam em boa ordem e em silêncio, barrou-lhe o caminho. Perto

de uma loja, onde teve de esperar um minuto, alguém dizia que eram os operários de Chpigúlin. Mal lhes prestou atenção. Afinal, cerca das dez e meia, chegava às portas do mosteiro de Santo Eutímio, situado, na extremidade da cidade, à margem do rio. Ali, de repente, pareceu preocupado por uma recordação lancinante, parou, com um gesto rápido palpou seu bolso do lado esquerdo e sorriu. Transpondo então a entrada, perguntou ao primeiro noviço que apareceu como devia fazer para ser introduzido à presença do Bispo Tíkhon, que ali terminava seus dias em retiro. O servidor acolheu-o com numerosas reverências e conduziu-o logo aos aposentos de Tíkhon. Ao chegarem diante do patamar, bem ao fundo dum longo corpo de edifícios de dois andares, um gordo monge, de cabelos grisalhos, veio-lhes ao encontro e, tendo despedido o servidor com um gesto breve e autoritário, acompanhou Stavróguin. Enquanto seguiam ao longo do estreito corredor, o monge também se desfazia em gentilezas (se bem que sua corpulência o impedisse de inclinar-se muito baixo, supria isso por um movimento de cabeça frequente e brusco) e não cessava de convidar Stavróguin a segui-lo. Este, de resto, seguia-o sem se fazer rogar. O monge fez-lhe certas perguntas e se pôs a falar do padre arquimandrita; não obtendo resposta, tomou uma atitude cada vez mais deferente. Stavróguin notou que toda a gente ali o conhecia, se bem que, por mais que forçasse sua memória, não se lembrasse de ter ali posto os pés desde sua infância. Quando chegaram diante da porta que se encontrava na extremidade do corredor, o monge empurrou-a com um gesto autoritário, perguntou familiarmente ao guardião, que acorreu, se se podia entrar e, sem esperar a resposta, escancarou a porta, depois, tendo-se inclinado, deu passagem ao “amável” visitante; depois de haver recebido agradecimentos, afastou-se a passos precipitados. Nikolai Vsiévolodovitch penetrou numa peça exígua. Quase no mesmo instante apareceu na soleira do quarto vizinho um homem grande e descarnado, de cinquenta e cinco anos, vestido com uma simples sotaina caseira: de aspecto um tanto doentio, mostrava nos lábios um sorriso indefinível e no olhar uma estranha expressão de timidez. Era aquele mesmo Tíkhon de cuja existência Nikolai Vsiévolodovitch viera a ter conhecimento por meio de Chátov e a respeito do qual tivera tempo desde então de recolher certas informações.

Essas informações eram de ordem diversa e por vezes contraditórias, mas possuíam um traço comum. Os que amavam Tíkhon, bem como os que não o amavam (porque havia desses), todos se mantinham numa espécie de reserva ao falar dele; os que o detestavam, provavelmente por desdém, e mesmo seus partidários mais entusiastas, por uma espécie de discrição e como se tivessem desejado ocultar certa fraqueza, talvez mesmo uma tara de caráter místico. Nikolai Vsiévolodovitch soube que ele se achava no mosteiro havia já seis anos e que os seus visitantes eram ora gente do povo, ora personalidades eminentes; que contava até na longínqua Petersburgo com ardentes admiradores e sobretudo admiradores. Em contraposição, havia ouvido dizer por um dos decanos de nosso clube, pessoa de destaque e muito devota, que aquele "Tíkhon" era quase louco e que sem dúvida "dava-se à bebida". Acrescento que esta última insinuação era falsa e que não se tratava senão de um reumatismo inveterado nas pernas e de convulsões nervosas que se haviam tornado crônicas. Nikolai Vsiévolodovitch soube também que o prelado aposentado, seja por fraqueza de caráter, seja "pelo fato de uma distração imperdoável e incompatível com a dignidade episcopal", não conseguira inspirar no mosteiro mesmo o respeito devido à sua pessoa. Dizia-se que o padre arquimandrita, homem austero e estrito quanto às obrigações de seu cargo, famoso ainda pela sua ciência, não deixava de nutrir contra Tíkhon certo sentimento de hostilidade, censurando-lhe, não abertamente é verdade, o levar uma existência pouco regular e acusando-o quase de heresia. Toda a comunidade parecia também tratar a pobre eminência doente, senão com um grande desdém, pelo menos familiarmente. As duas peças que formavam a cela de Tíkhon estavam mobiliadas também de maneira um tanto estranha. Ao lado dum antigo mobiliário de carvalho, coberto por um couro gasto, havia três ou quatro belos objetos: uma luxuosa poltrona de descanso, uma grande mesa de escrever, de excelente talha, uma elegante estante esculpida, consolos, mesinhas de centro, tudo, era evidente, coisa presenteada, um rico tapete de Bukara combinava-se com esteiras. Havia gravuras de assuntos "mundanos" ou mitológicos, e, no mesmo canto, uma grande vitrina cheia de ícones de ouro e de prata, um dos quais, muito antigo, continha relíquias. A biblioteca também, dizia-se, era composta com um gosto por demais disparatado e contraditório: ao lado de obras dos

Padres da Igreja e dos Confessores da fé encontravam-se obras “de teatro e talvez piores ainda”.

Depois das primeiras saudações trocadas, não se sabe por que, de parte e outra num tom de constrangimento evidente, Tíkhon apressou-se em introduzir seu visitante em seu gabinete de trabalho e o fez sentar no divã, em frente de sua mesa, enquanto ele próprio tomava lugar ao lado, numa cadeira de vime. Fato estranho, aqui se achava Nikolai Vsiévolodovitch na mais completa confusão. Parecia ter tomado uma resolução extraordinária e inelutável, mas ao mesmo tempo quase impossível de executar. Por um instante, correu o olhar pela peça, mas, sem dúvida alguma, sem nada notar do que via; pensava, mas não sabia talvez em que. O silêncio despertou-o e pareceu-lhe, de repente, que Tíkhon baixara timidamente os olhos, não sem deixar transparecer um sorriso totalmente desnecessário. Isto logo suscitou nele desagrado; teve vontade de levantar e sair. Na sua opinião, Tíkhon estava indubitavelmente bêbado. Mas este ergueu de repente a vista e fitou-o com um olhar tão firme, tão carregado de pensamentos e, ao mesmo tempo, com uma expressão tão enigmática e tão inesperada, que ele sentiu correr-lhe pelo corpo uma espécie de arrepio. Pareceu-lhe, a despeito de suas primeiras suspeitas, que Tíkhon já sabia por que ele viera, já estava prevenido (embora ninguém no mundo pudesse conhecer esse motivo) e que, se não tomava por primeiro a palavra, era porque o poupava e temia humilhá-lo.

— O senhor me conhece? — perguntou, com voz brusca. — Apresentei-me ou não, ao entrar? Desculpe-me, sou tão distraído…

— O senhor não se apresentou, mas tive o prazer de vê-lo uma vez, há quatro anos, aqui, no mosteiro… por acaso.

Tíkhon falava lenta, placidamente, com uma voz doce, pronunciando em tom claro todas as palavras.

— Eu não estava aqui há quatro anos — replicou Nikolai Vsiévolodovitch, com uma grosseria fora de lugar. — Só vim aqui, quando era menino ainda, quando o senhor não se encontrava ainda aqui.

— Talvez se haja esquecido — observou Tíkhon, com prudência e sem insistir.

— Não, não me esqueci; e seria ridículo que não pudesse mais lembrar-me — apoiou Stavróguin, com uma espécie de exagero. — Talvez o senhor tenha ouvido falar de mim, formando de mim certa ideia e imaginando agora ter-me visto.

Tíkhon calou-se. Nikolai Vsiévolodovitch notou então que pelo rosto dele passava por instantes uma espécie de arrepio nervoso, sinal de uma antiga neurastenia.

— Vejo somente que o senhor hoje não está passando bem e sem dúvida valeria mais a pena que eu me retirasse — disse Stavróguin.

Fez mesmo menção de levantar de seu lugar.

— Sim, hoje e ontem senti fortes dores nas pernas e dormi pouco esta noite.

Tíkhon parou. Seu visitante retombou subitamente no seu vago devaneio anterior. O silêncio prolongou-se por dois longos minutos.

— O senhor examinava-me? — perguntou ele, de repente, com ansiedade e ar suspeitoso.

— Olhando-o, lembrei-me das feições de sua mãe. Malgrado a falta de semelhança exterior, há uma semelhança interior, espiritual.

— Nenhuma semelhança, sobretudo espiritual. Não há mesmo abso-lu-ta-mente nenhuma — replicou Nikolai Vsiévolodovitch, novamente alarmado sem razão e insistindo, duma maneira exagerada, sem saber ele mesmo por que. — O senhor diz isto assim… por compaixão pela minha situação, e… bobagens! — exclamou, de súbito. — Mas, a propósito, minha mãe vem visitá-lo?

— Vem, sim.

— Ignorava-o. Ela jamais me disse. Muitas vezes?

— Quase todos os meses e algumas vezes mais frequentemente.

— Nunca, nunca, ouvi-a dizer isto. E, naturalmente, foi ela quem lhe disse que sou louco, não? — acrescentou ele, bruscamente.

— Não, ela nunca me falou a seu respeito dando-o como louco. De resto, também ouvi dizer isso, mas foi por outras pessoas.

— O senhor tem boa memória, pois pode lembrar-se de semelhantes frioleiras. E da bofetada, também ouviu falar?

— Sim, um pouco.

— Quer dizer então que o senhor não ignora nada. Tem bastante tempo para perder. E do duelo?

— Do duelo também.

— Eis onde não se precisa de jornais. Chátov preveniu-o a meu respeito?

— Não. Conheço, aliás, o Senhor Chátov, mas já faz muito tempo que não o vejo.

— Hum!… Que mapa é esse que tem aí? Ah! é o mapa da derradeira guerra. De que lhe serve?

— Comparei o mapa com o texto. É uma descrição muito interessante.

— Mostre-me; sim, a descrição não é má. Estranha leitura, todavia, para o senhor.

Pegou o livro e folheou-o. Era uma obra volumosa em que estavam expostos com talento os acontecimentos da derradeira guerra russo-turca, e de resto, dum ponto de vista mais literário que técnico. Depois de folhear o livro, tornou a pô-lo sobre a mesa, num gesto de impaciência.

— Ignoro decididamente por que vim aqui — declarou ele, num tom desdenhoso, fitando diretamente os olhos de Tíkhon, como se esperasse dele uma resposta.

— O senhor também não parece estar de boa saúde.

— Não, não estou de boa saúde.

E de súbito, em termos concisos, incoerentes, tanto que era difícil por vezes compreendê-lo, contou que era sujeito, principalmente à noite, a espécies de alucinações; acontecia-lhe ver e sentir junto de si a presença de um ser mau, grotesco e “astuto”; “apresenta-se sob aspectos e caracteres diversos — acrescentou ele, — mas é sempre o mesmo e de todas as vezes encho-me de furor”.

Aquelas revelações estranhas e confusas pareciam verdadeiramente coisa de um insensato. Mas fora disso, falava Nikolai Vsiévolodovitch com tão esquisita franqueza, tão pouco habitual nele, com uma ingenuidade tão completamente oposta a seu caráter, que o homem antigo parecia nele ter-se eclipsado de repente e duma maneira inesperada. Não sentia mais a menor vergonha em deixar ver o terror com que falava de sua visão. Mas tudo isso só durou um instante e desapareceu tão depressa como surgira.

— Tudo isso é absurdo — proferiu ele, um tanto exasperado, dominando-se. — Irei consultar um médico.

— Vá sem falta — aprovou Tíkhon.

— O senhor me diz isso com tanta certeza… Tem-lhe acontecido encontrar pessoas como eu, que têm semelhantes visões?

— Tenho visto, mas muito raramente. Lembro-me de um só encontro desse gênero no curso de minha existência: o de um oficial que perdera sua esposa, companheira que não lhe parecia possível substituir jamais. O outro caso foi-me simplesmente contado. Ambos curaram-se no estrangeiro… E há muito tempo que o senhor é sujeito a isso?

— Cerca de um ano, mas não é nada. Irei consultar um médico. Porque é absurdo, absurdo, no supremo grau. Trata-se de meu eu, sob diversos aspectos e de nada mais. Como acabo de acrescentar esta… frase, pensa o senhor naturalmente que duvido ainda e não estou convencido de que sou eu realmente, eu mesmo, e não o diabo.

Tíkhon interrogou-o com o olhar.

— E… o senhor o vê realmente? — perguntou ele. — Isto é, afastando a mínima suspeita de que possa tratar-se duma alucinação enganadora e mórbida… o senhor vê na realidade uma figura?

— Essa insistência é estranha de sua parte, pois que já lhe disse que a vejo — replicou Stavróguin, cuja cólera ia aumentando a cada palavra. — Decerto que a vejo, como estou vendo o senhor… Mas por vezes não estou totalmente certo de vê-la, e não sei onde está a verdade, não sei realmente se sou eu ou ele… Absurdo tudo isso! Mas será que não poderia o senhor adiantar que se trata realmente do diabo? — acrescentou ele, com sarcasmo e passando um pouco depressa demais a um tom zombeteiro. — Estaria pelo menos mais conforme com sua profissão.

— É mais provável que seja a doença, muito embora…

— Muito embora o quê?

— Os diabos existam sem dúvida alguma. Mas a concepção que se faz deles é das mais diversas.

— O senhor acaba mais uma vez de baixar os olhos — retorquiu Stavróguin, com uma zombaria feroz. — O senhor envergonha-se por mim de que acredite eu no diabo. Pois bem, para fingir que não acredito nele, vou lhe fazer pérfida esta pergunta: ele existe realmente, sim ou não?

Tíkhon esboçou um vago sorriso.

— E além disso saiba o senhor que não lhe fica bem absolutamente baixar os olhos: não é natural, é ridículo e amaneirado; mas faço questão de dar-lhe satisfação pela minha grosseria. Então vou lhe dizer a sério e com impudência: creio no diabo, creio nele no sentido canônico, no diabo como indivíduo e não como alegoria, e nada tenho a aprender de ninguém, eis o que tenho a dizer-lhe. O senhor deveria estar bastante satisfeito agora…

Sua risada era nervosa, forçada. Tikhon examinava-o com curiosidade, com um olhar manso, quase tímido.

— Crê em Deus? — disparou de repente Stavróguin.

— Creio, sim.

— Pois bem, está dito: “Se crês e ordenares que uma montanha se desloque, ela se deslocará”, o que de resto é absurdo. Entretanto estou mesmo assim curioso por saber: o senhor deslocará a montanha ou não?

— Se Deus assim quiser, eu a deslocarei — proferiu Tíkhon, com calma e perfeitamente senhor de si, baixando de novo os olhos.

— O que é o mesmo que dizer que é o próprio Deus quem a desloca. Não o senhor, mas em recompensa pela sua fé em Deus.

— Talvez não a desloque eu.

— “Talvez”? Já não está mal. Por que duvida?

— Por causa da imperfeição de minha fé é que duvido.

— Como, o senhor tampouco não acredita perfeitamente?

— Talvez, e não duma maneira perfeita.

— Eis o que não teria eu suposto ao vê-lo! — disse Stavróguin, cercando-o de um olhar espantado e cândido que nada mais tinha de comum com o tom zombeteiro das perguntas precedentes.

— Mas, entretanto — prosseguiu, — acredita o senhor mesmo assim que, com a ajuda de Deus, poderia deslocar montanhas, o que já não é pouco. Pelo menos quer o senhor crer. E toma o senhor montanha no sentido literal. Princípio excelente. Tenho notado que nossos levitas mais adiantados pendem fortemente para o luteranismo. É já um pouco mais que o *très peu* dum outro arcebispo, sob a ameaça dos sabres, é verdade.

Stavróguin dissera isto num tom precipitado, meio sério, meio zombeteiro.

— Senhor, não terei vergonha de tua cruz — declarou Tíkhon, numa espécie de murmúrio apaixonado e inclinando mais ainda sua

cabeça. As comissuras de seus lábios mostravam-se agitadas por um movimento nervoso e rápido.

— E pode-se acreditar no diabo, sem crer em Deus? — disse, rindo, Stavróguin.

— Oh! é perfeitamente possível, podem andar as duas coisas juntas — declarou, erguendo os olhos, Tíkhon que também sorriu.

— E eu estou bem certo de que o senhor considera semelhante fé mais estimável que a completa incredulidade… Oh! pope! — rebentou em risada Stavróguin.

Tíkhon dirigiu-lhe de novo um sorriso.

— Pelo contrário, o perfeito ateísmo é mais estimável que a indiferença mundana — respondeu Tíkhon com jovialidade e bonomia.

— Oh! oh! tal é sua opinião…?

— O perfeito ateísmo situa-se no alto da escada, no antepenúltimo degrau que leva à fé perfeita (toda a questão está em saber se o galgará ou não), ao passo que o indiferente não tem fé nenhuma, a não ser o medo vil, e somente por vezes, se é homem pecador.

— Hum!… o senhor… o senhor leu o *Apocalipse*?

— Li, sim.

— Lembra-se da passagem: “E ao anjo da Igreja de Laodiceia escreve…”?

— Lembro-me, aquelas palavras são admiráveis.

— Admiráveis? Estranha expressão na boca de um bispo, aliás, o senhor é um original… Onde está o livro? — perguntou Stavróguin, com uma espécie de pressa febril, procurando com os olhos o livro em cima da mesa. — Quero relê-la para o senhor… há a tradução russa?

— Sei, sei onde ela se encontra, lembro-me perfeitamente — disse

Tíkhon.

— Sabe-a de cor? Recite-a!…

Baixou os olhos com um movimento rápido, alongou as mãos sobre os joelhos e se pôs logo disposto a escutar. Tíkhon recitou a passagem, palavra por palavra:

— E ao anjo da Igreja de Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o que é princípio das criaturas de Deus: Conheço as tuas obras, que não és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente; mas, porque és morno, e nem frio, nem quente, começarei a vomitar-te de minha boca, porque dizes: sou rico e cheio de bens, e de nada tenho falta; e não sabes que és um infeliz, e miserável, e pobre, e cego, e nu.

— Basta — interrompeu Stavróguin, — isto se aplica ao justo meio, aos indiferentes, não é? O senhor sabe que o amo muito?

— E eu também o amo — replicou Tíkhon, à meia voz.

Stavróguin calou-se e de súbito recaiu no seu devaneio. Aquilo apoderava-se dele como uma crise e era já o terceiro acesso que sofria. Não teria sido num desses acessos que dissera a Tíkhon um “eu o amo”, para ele próprio inesperado? Mais de um minuto decorreu.

— Não te irrites — murmurou Tíkhon, roçando apenas o dedo no cotovelo dele e como se estivesse dominado pela timidez.

Stavróguin estremeceu e franziu o cenho, encolerizado.

— Por que soube que eu ia zangar-me? — proferiu ele, vivamente. Tíkhon quis responder, mas ele interrompeu-o de repente, presa duma inexplicável agitação.

— Por que supôs justamente que não podia eu deixar de encolerizar-me? Sim, estava zangado, o senhor tem razão, e precisamente porque eu lhe tinha dito: “eu o amo”. O senhor tem razão, mas é um abominável cínico, tem uma concepção baixa da natureza humana. A cólera poderia não surgir, se se tratasse de outro homem que não eu… De resto, não se trata desse homem, trata-se de

mim. Ainda assim é o senhor um original e um pobre louco místico…

Irritava-se cada vez mais e, fato estranho, perdia toda a compostura.

— Escute, não gosto dos espiões nem dos psicólogos, pelo menos dos que tentam introduzir-se na minha alma. Não chamo ninguém para a minha alma, não tenho necessidade de quem quer que seja, e saberei arranjar-me sozinho. O senhor crê que o temo? — disse ele, elevando a voz e erguendo a cabeça num ar de desafio. — O senhor está plenamente persuadido de que vim revelar-lhe "um terrível segredo" e espera com toda a curiosidade monástica de que é capaz! Pois bem, saiba que não lhe revelarei nada, nenhum segredo, porque não tenho absolutamente necessidade do senhor.

Tíkhon ergueu para ele um olhar marcado de firmeza.

— O senhor está impressionado pelo fato de preferir o Cordeiro o que é frio ao que é somente morno — disse ele. — O senhor não quer ser somente morno. Pressinto que o senhor é assaltado por um desígnio extremo e talvez terrível. Se assim for, suplico-lhe, cesse de torturar-se e diga o que o trouxe aqui.

— E o senhor sabia verdadeiramente que eu viera por causa de alguma coisa?

— Eu… adivinhei pelo seu rosto — murmurou Tíkhon, baixando os olhos.

Nikolai Vsiévolodovitch estava um pouco pálido, suas mãos tremiam levemente. Durante alguns segundos, imóvel e silencioso, fitou Tíkhon, como para se decidir definitivamente. Por fim, tirou dum dos bolsos de sua sobrecasaca uma série de páginas impressas e colocou-as sobre a mesa.

— Eis aqui páginas destinadas à publicidade. — declarou ele, com voz brusca. — Basta que uma pessoa as leia e não as ocultarei mais, saiba, todo mundo as lerá. Assim decidi. Não tenho absolutamente necessidade do senhor, pois que tudo resolvi. Mas leia… Durante sua leitura nada me diga, mas depois que as tiver lido, diga-me tudo…

— É preciso ler? — perguntou Tíkhon, hesitante.

— Leia, estou tranquilo desde muito tempo.

— Não, não conseguirei ler sem óculos, os caracteres são pequenos, a impressão foi feita no estrangeiro.

— Eis aqui os óculos — disse-lhe Stavróguin, tomando-os de cima da mesa e entregando-os a Tíkhon; depois recostou-se no espaldar do divã. Tíkhon, sem olhá-lo, mergulhou em sua leitura.

## *II*

Os caracteres eram bem decididamente estrangeiros. Havia três folhas impressas e brochadas, tudo em papel de carta ordinário, de pequeno formato. Aquilo devia ter sido impresso clandestinamente em alguma tipografia russa no estrangeiro, porque as folhas à primeira vista lembravam muito as proclamações. No cabeçalho lia-se: "Da parte de Stavróguin".

Insiro na minha crônica este documento textual. Tomei, porém, a liberdade de corrigir erros de ortografia, bastante numerosos, e que não deixaram de causar-me espanto, sendo o autor afinal de contas um homem instruído, de muitas leituras (sem dúvida relativamente). Quanto ao estilo, malgrado sua incorreção, não lhe fiz nenhuma mudança. É em todo caso evidente que o autor não era um homem de letras.

Permito-me ainda um parênteses, se bem que me antecipe aos acontecimentos. Esse documento é, na minha opinião, um produto da doença, uma obra dominada pelo demônio que possuía aquele homem. O caso não deixa de ter analogia com o do paciente que se revolve no leito, esperando que a mudança de posição lhe traga algum alívio a seu mal. Que digo? esperando somente, por um minuto, substituir seu mal por outro. E sem dúvida a beleza ou a normalidade da posição nada tem que fazer aqui. A ideia fundamental dessa confissão é uma necessidade sincera e terrível de penitência, a necessidade da cruz, do castigo público. E entretanto, essa necessidade da cruz não se encontra menos num homem que não tem fé na cruz e é apenas isto que constitui "a Ideia", como se exprimia uma vez

Stiepan Trofímovitch, aliás em ocasião bem diversa. Este documento tem ao mesmo tempo não sei que de fervente e de contrastante, se bem que, é provável, tenha sido escrito com bem outras finalidades. O autor anuncia que foi "obrigado" a escrevê-lo, e é bastante provável que tenha sido feliz se tivesse podido afastar esse cálice, mas não podia certamente e só esperava a ocasião de novas violências. Sim, é bem um doente que se revolve no seu leito e procura substituir seu sofrimento por outro, e eis por que a luta contra a sociedade pareceu-lhe uma posição melhor e por que lhe lança ele seu desafio.

Na verdade, o fato mesmo de semelhante documento deixa pressentir novo desafio injurioso e inesperado à sociedade. Valeria mais a pena aqui ter trato com algum inimigo.

E quem sabe, talvez tudo isso — falo destas páginas — destinado à divulgação, poderia também não ser senão uma maneira "de morder a orelha do Governador"? Por que me vem isto à cabeça, depois que tantos pontos estão agora esclarecidos? É o que não consigo compreender. Não tenho nenhuma prova em apoio do que insinuo e evitarei pretender que este documento seja falso, isto é, inventado e forjado de ponta a ponta. É mais provável que seja preciso procurar a verdade no meio termo. Deixo-me aliás levar demasiado longe. Voltemos, pois, ao nosso documento. Eis o que leu Tíkhon:

"Eu, Nikolai Stavróguin, oficial reformado, em 186…, vivia em Petersburgo e dava-me à devassidão, na qual nenhum prazer encontrava. Durante certo tempo, tive então três domicílios. Morava num, mobiliado, com pensão e criadagem incluídas; naquela época, Maria Liebiádkina, hoje minha esposa legítima, também ali morava. Quanto aos meus outros domicílios, alugava-os então por mês, para minhas ligações amorosas. Num, recebia uma dama que me amava, no outro, sua criada de quarto e durante certo tempo estive muito absorvido pelo projeto de fazer as duas, patroa e empregada, encontrarem-se em minha casa. Conhecendo os dois caracteres, contava tirar dessa farsa um grande divertimento.

"Preparando desde muito esse encontro, tinha de ir com mais frequência a um daqueles domicílios, situado num casarão da Rua Gorókhovaia, pois era ali que comparecia a tal criada de quarto.

Ocupava nele apenas uma dependência, no quarto andar, que eu alugava de pessoas de condição humilde, russos, que moravam na peça vizinha, onde se encontravam tão apertados que a porta de comunicação estava sempre entreaberta e era, aliás, o que eu queria. O marido trabalhava num escritório e partia desde manhã para só entrar à noite. A esposa, uma mulher duns quarenta anos, cuja ocupação era cortar e costurar não sei que vestidos que conseguia renovar, saía frequentemente também para recolher seu trabalho. Eu ficava sozinho com a filha deles, que tinha o ar duma criança. Chamavam-na Matrióchka. Sua mãe amava-a, contudo batia-lhe muitas vezes e, segundo o hábito daquela gente, passavam-lhe tremendas descomposturas. Aquela menina cuidava da arrumação e limpeza de meu quarto. Declaro que esqueci o número da casa. Sei agora, após informações, que o velho edifício foi demolido e que no lugar dele e de dois ou três outros eleva-se hoje um vasto imóvel novinho. Esqueci também o nome de meus locadores (talvez o ignorasse mesmo então). Lembro-me de que chamavam a mulher de Stiepanida, segundo creio, Mikháilovna. Ele, não sei mais como se chamava. Tenho ideia de que, se fossem feitas pacientes pesquisas junto à polícia de Petersburgo, seria possível encontrar-lhes a pista. A casa ficava no ângulo de um pátio. Tudo isto se passava em junho. A casa estava pintada de azul claro.

"Um dia, desapareceu um canivete que eu tinha em cima da mesa. Não precisava dele e vivia ali solto por acaso. Disse-o à minha locadora, não pensando que ela fosse surrar a filha. Mas acabava precisamente de bater-lhe por causa dum retalho perdido, supondo que a menina o tivesse roubado. Havia-lhe mesmo, por causa disso, puxado os cabelos. Quando se encontrou o retalho debaixo da toalha, a menina não proferiu uma palavra de censura e olhou em silêncio. Notei isto e, pela primeira vez, então, examinei atentamente o rosto da mocinha, que até aquele momento só havia feito aparecer e desaparecer a meus olhos. Era dum louro desbotado e cheia de sardas, com um ar vulgar, mas com um rosto infantil extraordinariamente doce. Desagradou à mãe ver que sua filha não lhe censurasse os golpes recebidos injustamente e ameaçou-a com o punho, mas sem bater-lhe. Minha história do canivete chegou, pois, muito a propósito. Com efeito, exceto nós três, não havia ninguém, e somente a menina

penetrava em meu quarto por trás do tabique. A dona, enraivecida porque havia batido nela da primeira vez, injustamente, pegou da vassoura e pôs-se com ela a bater na petiza até tirar-lhe sangue, à minha vista, embora tivesse ela já doze anos. Matrióchka não gritou, provavelmente porque eu estava ali, mas a cada pancada soluçava duma maneira estranha. E soluçou em seguida durante uma hora inteira.

"Mas antes disso, eis o que se passara: no instante mesmo em que a locadora se lançara a pegar a vassoura, encontrei o canivete em cima de minha cama, onde devia ter caído de cima da mesa. Logo me veio a ideia de nada dizer, precisamente para que batessem na menina. Minha decisão foi instantânea; em momentos assim, mostro-me excitado. Mas tenho intenção de contar tudo nos termos mais nítidos, para que nada fique oculto.

"Todas as vezes que, no curso de minha existência, encontrei-me numa situação vergonhosa em particular, humilhante em excesso, vil, e por cima de tudo ridícula, isto sempre excitou em mim, ao mesmo tempo que uma cólera sem limites, uma incrível volúpia. O mesmo me tem ocorrido no momento de cometer uma ação criminosa ou de expor-me a um perigo de morte. Se tivesse roubado alguma coisa, teria experimentado durante a realização do roubo, e até a embriaguez, a consciência da profundeza de minha ignomínia. Não era a ignomínia que eu amava (neste ponto minha razão era absolutamente saudável), mas eu saboreava a embriaguez que provém duma consciência torturada pela sua baixeza. Cada vez que, de pé, no terreno, esperei o tiro do adversário, senti a mesma sensação violenta de vergonha e de furor e certo dia muito fortemente. Confesso que, muitas vezes, procurei essa sensação, porque ela é para mim a mais viva de todas as desse gênero. Quando recebi uma bofetada (e recebi duas em minha vida), era ainda essa sensação, apesar de minha terrível cólera. Mas se com isso, se retém a cólera, o prazer então ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Jamais falei destas coisas a ninguém, nem mesmo por alusão, e as mantive ocultas como uma vergonha, uma infâmia. Ora, uma vez, numa taberna de Petersburgo, bateram-me muito fortemente e arrastaram-me pelos cabelos; não experimentei essa sensação, mas apenas uma cólera espantosa, porque

não estava embriagado e batia-me somente por bater-me. Mas se aquele visconde francês que me deu uma bofetada e cuja mandíbula inferior rebentei com um tiro, se aquele mesmo visconde me tivesse arrastado pelos cabelos e dobrado até o chão, talvez tivesse eu experimentado prazer em vez de cólera. Era pelo menos o que me parecia então.

"Tudo isto é para que todo mundo saiba que esse sentimento jamais me dominou completamente e que sempre me ficou a consciência integral (era mesmo sobre a consciência que tudo se baseava). E se bem que esse sentimento me possuísse até a loucura, ou por assim dizer até a obsessão, jamais o fez até o esquecimento de mim mesmo. Quando chegava ele a ponto de me abrasar totalmente, podia eu ainda dominá-lo, detê-lo mesmo no seu ponto culminante; somente jamais o queria. Estou convencido de que poderia viver toda a minha vida como um monge, a despeito da sensualidade bestial que me devora e que sempre provoquei. Sou sempre senhor de mim, quando quero. De modo que, fique-se bem sabendo que não invocarei nem o meio, nem a doença, como pretexto para a irresponsabilidade de meus crimes.

"Terminada a surra, meti o canivete no bolso de meu colete e, sem dizer uma palavra, saí da casa. Fui atirá-lo na rua, bastante longe para que ninguém jamais soubesse de nada. Em seguida esperei dois dias. A menina, depois de ter chorado muito, tornou-se ainda mais taciturna; não tinha, estou convencido disto, nenhum sentimento de cólera contra mim. De resto, com toda a certeza, experimentava certa vergonha por lhe terem infligido tal gênero de punição na minha presença. Mas, sendo uma criança, desta vergonha só acusava seguramente a si mesma.

"E durante aqueles dois dias, fiz a mim mesmo a seguinte pergunta: 'Posso abandonar tudo e renunciar ao plano que projetei?' E senti imediatamente que o podia a qualquer momento e naquele instante mesmo. Pouco mais ou menos naquela época, queria suicidar-me por indiferença; de resto, ignoro por que. Portanto, durante aqueles dois dias (porque era bem preciso esperar que a menina tivesse esquecido tudo), para me distrair de meu sonho obsessivo, ou para rir muito simplesmente, cometi um roubo, num dos quartos da

pensão. Foi o único roubo de minha vida.

“Havia muitos locatários naquela pensão. Entre outros, morava em dois quartos mobiliados um funcionário com sua família. Tinha quarenta anos, não era totalmente tolo e mantinha um ar de decência, mas era pobre. Não o frequentava e ele tinha medo da companhia que formava o meu círculo. Acabava de receber seus trinta e cinco rublos de ordenado. O principal móvel que me impeliu foi que, com efeito, naquele momento, tinha eu necessidade de dinheiro (e, no entanto, quatro dias depois recebi dinheiro pelo correio), tanto que roubei, de certo modo, por necessidade e não por brincadeira. Foi feito duma maneira insolente e quase ostensiva; muito simplesmente penetrei no quarto dele, enquanto sua mulher, seus filhos e ele tomavam sua refeição noutro cômodo. Em cima de uma cadeira, perto da porta, estava o uniforme dobrado. Aquela ideia viera-me quando ainda estava no corredor. Meti minha mão no bolso e tirei o porta-moedas. Ouvindo rumor, o empregado lançou um olhar para o outro quarto. Parece-me mesmo que ele viu alguma coisa, mas como não vira tudo, naturalmente, não quis dar crédito a seus olhos. Disse-lhe que, atravessando o corredor, entrara para ver que horas eram no relógio dele. ‘Está parado’, respondeu e eu saí.

“Eu bebia muito então e vinha à minha casa uma porção de amigos, no número dos quais, Liebiádkin. Atirei fora o porta-moedas e o dinheiro miúdo e fiquei com as cédulas. Havia trinta e dois rublos; três cédulas vermelhas e duas amarelas. Troquei logo a vermelha e mandei buscar champanhe, depois expedi outra cédula vermelha e por fim a terceira. Quatro horas mais tarde, já de noite, o empregado esperava-me no corredor.

“— Nikolai Vsiévolodovitch, quando o senhor entrou ainda há pouco, por acaso não teria feito cair da cadeira meu uniforme?… Estava perto da porta.

“— Não, não me lembro, seu uniforme estava lá?

“— Sim, estava lá.

“— No chão?

“— Primeiro, em cima da cadeira, em seguida no chão.

“— Mas então, você apanhou-o?

“— Apanhei-o.

“— Então, que quer mais?

“— Já que é assim, então nada.

“Não ousou acabar, nem dizer nada aos outros locatários, tão tímida é essa gente. Aliás, todos naquela casa tinham um terrível medo de mim e me respeitavam. Divertia-me depois trocar olhares com ele, quando nos encontrávamos duas vezes por dia no corredor. Mas bem depressa cansei-me.

“Três dias depois voltei à Rua Gorókhovaia. A mãe se preparava para sair com um embrulho; o marido, bem entendido, não estava em casa; ficamos sós, Matrióchka e eu. As janelas estavam abertas. A casa era habitada por artesãos e durante todo o dia, em todos os andares, ouvia-se o barulho de martelo ou de canções. Estávamos ali havia uma hora já; Matrióchka, sentada no seu quartinho, sobre um banco, de costas para mim, costurava alguma coisa. Por fim, pôs-se, de súbito, a cantarolar, baixinho; isto lhe acontecia por vezes. Tirei meu relógio e olhei a hora: eram duas horas. Meu coração se pôs a bater. Levantei-me e aproximei-me dela a passos abafados. Em casa deles, havia sobre a janela uma quantidade enorme de gerânios, e o sol rutilava com um brilho terrível. Sentei em silêncio a seu lado, no chão. Ela estremeceu e a princípio teve medo e levantou dum salto. Peguei sua mão e beijei-a docemente; forcei-a a sentar de novo no banco e me pus a olhá-la bem nos olhos. O fato de ter-lhe eu beijado a mão a fez rir como uma criança, mas por um segundo somente, porque levantou pela segunda vez impetuosamente e tomada de tal pavor que um espasmo percorreu-lhe o rosto. Olhava-me com olhos imóveis de pavor e seus lábios começavam a contrair-se para chorar, mas todavia não gritou. Beijei-lhe ainda a mão e coloquei-a em meus joelhos. Então voltou-se, de repente, e sorriu, como se tivesse sentido vergonha, um sorriso crispado. Seu rosto estava todo vermelho de pudor. Cochichei-lhe alguma coisa, tal como um homem embriagado. Por fim, aconteceu uma coisa tão estranha que jamais a esquecerei e que me mergulhou

em estupor; a menina cerrou meu pescoço com seus braços e se pôs, de súbito, a beijar-me perdidamente. Seu rosto exprimia um êxtase absoluto. Estive a ponto de levantar-me e partir, tanto aquilo me desagradava naquela criaturinha, por causa da compaixão que senti de repente.

"Quando tudo acabou, ficou ela confusa. Não tentei enganá-la e já não a acariciava mais. Ela me olhava, sorrindo timidamente. Sua fisionomia, de súbito, pareceu-me tola. Sua perturbação aumentava depressa, de minuto a minuto. Por fim, cobriu seu rosto com as mãos e virou-se para a parede, onde ficou, no canto, imóvel. Temia que ela ficasse de novo com medo, como ainda há pouco e, sem dizer uma palavra, saí da casa.

"Presumo que tudo quanto se passara deve ter se apresentado a ela, uma vez por todas, como uma monstruosidade sem limites, e daquilo concebeu um terror mortal. A despeito dos palavrões que não podia ter deixado de ouvir desde o berço e das conversas de toda espécie, tenho a convicção absoluta de que não compreendia nada ainda. Por fim, pareceu-lhe com certeza ter cometido um crime abominável e ser irremediavelmente culpada: 'Ela havia matado Deus'.

"Foi durante aquela noite que tive a rixa no botequim, de que falei, de passagem. Mas pela manhã, acordei em minha casa, no outro domicílio para onde me levara Liebiádkin. Meu primeiro pensamento ao despertar foi este: 'ela disse aquilo ou não?'. Foi um minuto de verdadeiro pavor, embora ainda não muito forte. Estive muito alegre naquela manhã e particularmente bondoso para com todos, de modo que todo o bando se mostrava bastante satisfeito comigo. Mas escapuli-me dele e dirigi-me à Rua Gorókhovaia. Encontrei-a embaixo, no vestíbulo. Voltava da mercearia, aonde a tinham enviado para comprar chicória. Ao ver-me, correu como uma flecha e galgou a escada, presa dum medo tremendo. Quando entrei, a mãe já a havia esbofeteado por ter corrido com risco de "partir o pescoço", pretexto que lhe serviu para ocultar a causa real de seu medo. De modo que, no momento, tudo estava tranquilo. Ela se meteu em qualquer parte e não se mostrou durante todo o tempo em que fiquei lá. Ao fim duma hora, retirei-me.

“De noite, senti de novo o medo, mas incomparavelmente mais forte. Sem dúvida, podia negar, mas podiam fazer-me cair em contradições. Antevia o presídio. Jamais conheci o sentimento do medo, e, exceto essa vez, nem antes nem depois, jamais tive medo de nada. Sobretudo medo da Sibéria, para onde, em mais de uma circunstância, arrisquei-me a ser deportado. Mas desta vez, estava aterrorizado, não sei por que, pela primeira vez em minha vida, sentia medo — sensação demasiado penosa. Além disso, à noite, em casa, em meu quarto, senti por ela tal ódio que resolvi matá-la. Era sobretudo por causa de seu sorriso que eu a odiava. Um desprezo misturado a uma extrema aversão nasceu em mim, do fato de ter-se ela precipitado depois no canto e coberto o rosto com as mãos. Uma raiva inconcebível apoderava-se de mim, à qual se seguiu um arrepio. Quando de manhã a febre se abateu sobre mim, o medo me retomou e desta vez tão forte que jamais experimentei semelhante tortura. Mas já não odiava a menina, pelo menos isso não atingia mais o paroxismo da véspera. Notei que um grande medo afugenta completamente o ódio e o sentimento de vingança.

“Despertei cerca do meio-dia, sentia-me bem e admirei-me mesmo da intensidade de minhas sensações da véspera. Entretanto, estava de mau humor e de novo vi-me obrigado a ir à Rua Gorókhovaia, a despeito de todo o meu desgosto. Lembro-me de que naquele momento, bem teria querido arrumar briga com alguém no caminho, uma briga séria. Mas ao chegar à Rua Gorókhovaia, encontrei em meu aposento Nina Saviélievna, aquela criada de quarto de quem falei, que me esperava em meu quarto havia uma hora. Não amava absolutamente aquela moça, de modo que ao vir, ela sempre tinha um pouco de medo de que não me zangasse com sua visita inesperada. Mas desta vez alegrei-me ao vê-la. Não era feia, mas modesta, com aquele gênero de maneiras que agrada à classe média, tanto que minha boa locadora desde muito tempo me louvava os seus méritos. Encontrei as duas tomando café e minha locadora parecia encantada com aquela agradável intimidade. Num canto do cômodo, avistei Matríochka. Estava de pé e imóvel, olhando sua mãe e a visitante. Quando entrei, não se escondeu como da outra vez e não saiu. Pareceu-me somente que estava muito emagrecida e tinha febre. Acariciei Nina e fechei a porta de comunicação, o que não havia feito

desde muito tempo, de modo que Nina partiu totalmente encantada. Eu mesmo a levei e durante dois dias não pus pé na Rua Gorókhovaia. Estava farto. Estava decidido a pôr fim àquilo, a dispensar aquele quarto e deixar Petersburgo.

"Mas quando voltei para mudar-me de meu apartamento, encontrei minha proprietária muito inquieta e triste: havia três dias Matrióchka estava doente, tinha febre todas as noites e delirava. Naturalmente, perguntei de que natureza era aquele delírio (falávamos à meia voz no meu quarto). Ela me respondeu, cochichando que a menina sonhava 'horrores'. 'Ela havia matado Deus.' Propus mandar chamar o doutor à minha custa, mas recusou: 'Se prouver a Deus, isso passará; não fica deitada todo o tempo, durante o dia se levanta, foi neste momento à mercearia'. Resolvi encontrar-me a sós com Matríochka e como a locadora dava a entender que às cinco horas devia ir à cidade, decidi voltar à noite.

"Jantei num pequeno restaurante. Às cinco horas e um quarto em ponto, eu estava de volta. Entrei ainda com minha chave. Não havia ninguém a não ser Matrióchka. Estava deitada no quarto, por trás de um tabique, na cama de sua mãe, e vi que ela me olhava, mas fingi não perceber isto. As janelas estavam abertas. O ar era ameno, fazia até mesmo calor. Fui sentar no divã. Lembro-me de tudo até o derradeiro minuto. Experimentava realmente prazer em não dirigir a palavra a Matrióchka, mas em fazê-la penar, não sei por que. Esperei uma hora inteira e, de súbito, ela mesma saiu de trás do tabique. Ouvi seus dois pés baterem no soalho, quando ela desceu da cama; depois um ruído de passos bastante rápidos e ela apareceu, de pé, na soleira de meu quarto. Ali estava, olhando-me sem dizer nada. Era eu tão vil que meu coração estremeceu de alegria pelo fato de ter-me contido e esperado que ela mesma levantasse por primeira. Durante aqueles dias, em que não a havia visto de perto uma só vez, emagrecera, com efeito, terrivelmente. Seu rosto descarnara-se e sua cabeça decerto ardia de febre.

"Seus olhos que se haviam tornado muito grandes olhavam-me imóveis, com uma curiosidade estúpida, pelo que me pareceu a princípio. Eu estava sentado, olhava-a e não me movia. De súbito, de novo, senti ódio. Mas não tardei em notar que ela não tinha mais

absolutamente medo de mim e que talvez delirasse. Mas não, não delirava. Pôs-se de repente a menear a cabeça várias vezes na minha direção, como as pessoas ingênuas e sem educação, quando querem fazer grandes censuras, mas bruscamente levantou contra mim seu pequeno punho e ameaçou-me do lugar onde se encontrava. No primeiro momento, aquele gesto me pareceu ridículo, mas em breve não pude suportá-lo. Havia em seu rosto tal desespero que não era possível contemplar-lhe a expressão num rosto de criança. Brandia sempre seu pequeno punho, ameaçando-me e continuava a menear a cabeça em sinal de censura. Levantei e avancei para ela com medo. Esforcei-me por falar-lhe bem baixinho e com uma voz acariciante, mas via muito bem que ela não compreendia. De súbito, ocultou seu rosto em suas duas mãos como da outra vez, afastou-se e ficou de pé, perto da janela, voltando-me as costas. Voltei para meu quarto e sentei-me também perto da janela. Não chego a compreender por que não parti então, por que fiquei ali, como se aguardasse alguma coisa. Em breve, ouvi de novo seus passos rápidos. Ela saiu do quarto e meteu-se pela galeria de madeira que tinha acesso embaixo da escada. Quanto a mim, corri imediatamente para a porta, abri-a e tive tempo de ver Matrióchka entrar num quartinho ao lado da privada. Singular pensamento atravessou meu espírito. Até o presente, não compreendo ainda por que foi ele precisamente que me passou por primeiro pela cabeça. De modo que tudo ia findar ali. Fechei a porta e retomei meu lugar perto da janela. Sem dúvida, não era preciso crer ainda naquele pensamento fugitivo e no entanto… (Lembro-me de tudo; o coração batia-me violentamente.)

“Ao fim de um minuto, olhei meu relógio e notei a hora tão exatamente quanto possível. Por que tinha eu necessidade de tanta exatidão? — Ignoro-o, mas tive a força de fazê-lo e, em geral, naquele momento, queria observar tudo minuciosamente. De modo que, de tudo quanto notei, me recordo e revejo-o como se fosse neste momento. Caía a noite. Acima de mim zumbia uma mosca que se obstinava em pousar no meu rosto. Agarrei-a, segurei-a um instante entre meus dedos e atirei-a pela janela. Uma carroça entrava com barulho embaixo, no pátio. Num canto do pátio um alfaiate, sentado à sua janela, cantava bem alto sua canção e já desde muito tempo. Veio-me ao espírito que já que ninguém me vira transpor a porta e subir a

escada, não era tampouco necessário que me vissem, dali a pouco, quando descesse. Com precaução, recuei minha cadeira de junto da janela para não ser percebido pelos locatários. Peguei um livro, que rejeitei, e pus-me a examinar uma minúscula aranha vermelha sobre uma folha de gerânio. Absorvi-me nessa contemplação. Lembro-me de tudo até o derradeiro momento.

"De súbito, tirei meu relógio. Tinham-se passado vinte minutos desde o instante em que ela saíra. Minha suposição tomava o aspecto duma verossimilhança. Mas resolvi esperar ainda um quarto de hora exatamente. Veio-me à cabeça também que ela talvez tivesse voltado para dentro de casa sem que eu o tivesse notado, mas isto não era possível; reinava um silêncio de morte e podia eu ouvir uma mosca voar. De repente, meu coração se pôs de novo a bater com violência. Tirei meu relógio: faltavam três minutos; esperei que eles passassem, muito embora meu coração estivesse a ponto de rebentar. Levantei-me então. Pus o chapéu na cabeça, abotoei meu sobretudo e lancei um olhar pelo quarto para ver se não restavam traços de minha presença. Recoloquei a cadeira perto da janela, no lugar onde se encontrava antes. Por fim abri bem devagarinho a porta, tornei a fechá-la com uma volta de chave e dirigi-me para o quartinho. A porta estava encostada, mas não fechada. Sabia que ela não se fechava à chave, mas não quis abri-la. Levantei-me na ponta dos pés e olhei através duma frincha. No mesmo instante em que me levantava na ponta dos pés, lembrei-me de que, quando estava sentado à janela e observava a aranha vermelha, perdido no meu devaneio, pensava precisamente na maneira como me levantaria na ponta dos pés para aplicar meu olho àquela frincha. Se consigno este pormenor, é que faço questão de provar até que ponto ficara de posse de todas as minhas faculdades e que sou perfeitamente responsável. Por muito tempo olhei pela frincha, porque estava escuro lá dentro, mas não totalmente, de modo que, afinal, vi o que precisava ver…

"Por fim, decidi partir. Não encontrei ninguém na escada. Três horas mais tarde, estávamos todos em mangas de camisa no meu quarto, tomando chá e jogando com velhas cartas. Liebiádkin recitava seus versos. Contaram-se muitas estórias bastante divertidas e não estúpidas como sempre ocorrera até então. Kirílov também estava

presente. Ninguém bebia, embora houvesse uma garrafa de rum. Somente Liebiádkin tomava seus goles.

“Prókhor Malov observou que ‘quando Nikolai Vsiévolodovitch estava de bom humor e não fazia aquela sua cara de enterro, todo o bando ficava alegre e falava com espírito’. Lembrei-me disso. Era sinal de que estava alegre, contente, e não tinha cara de enterro. Isto quanto à aparência. Mas lembro-me que sabia não ser senão um poltrão covarde e vil, por causa daquela alegria de sentir-me libertado e de que jamais seria um homem de bem, nem aqui embaixo, nem após a morte, nem em tempo algum. E havia o seguinte além disso: era, de certa forma, um exemplar vivo do provérbio judeu: ‘a gente não sente seus maus odores’. Porque muito embora sentisse comigo mesmo que era ignóbil, não sentia vergonha disso e isso, em geral, não me preocupava. Foi então, enquanto tomava meu chá e tagarelava com os companheiros, que pela primeira vez na minha vida formulei a mim mesmo esta reflexão: que eu não sabia, que eu não sentia o que é o bem e o mal, que não somente havia perdido a sensação disso, mas que não havia nem bem, nem mal e que (verificação para mim muito agradável) tudo não passava dum preconceito; que podia ficar livre de todo preconceito, mas que se atingisse esse grau de liberdade, estaria perdido. Foi isto pela primeira vez percebido em estado de fórmula, enquanto tomávamos chá e eu lhes mentia e ria sem saber por que. Mas, em contraposição, lembro-me de tudo. Muitas vezes, há desses velhos pensamentos, mais que conhecidos de todos, que se apresentam de súbito à gente como se fossem novos por completo, mesmo se tivermos passado dos cinquenta anos.

“Mas durante todo o tempo aguardava alguma coisa. E foi o que aconteceu. Às onze horas da noite, a filha do porteiro da casa da Rua Gorókhovaia chegou correndo, de parte da locadora, para anunciar-me que Matrióchka se enforcara. Segui com a menina e verifiquei que a locadora não sabia ela mesma por que me mandara chamar. Dava urros, batendo no peito. Havia muita gente. A polícia estava lá. Fiquei um momento e retirei-me.

“Quase não me inquietaram durante todo esse tempo. De resto, interrogaram-me como era natural. Mas meu depoimento resumiu-se em dizer que a menina estava doente e delirava, de modo que tinha eu

proposto mandar buscar um médico à minha custa. Interrogaram-me a respeito do canivete; disse que a locadora havia surrado a menina, mas que fora pouca coisa. Quanto à minha vinda à casa, de noite, todos a ignoravam.

"Durante uma semana, deixei de ir lá. Voltei quando já se passara muito tempo após o enterro, para abandonar meu quarto. A locadora sempre chorava, se bem que já tivesse retomado seus vestidos e sua costura como no passado. 'Foi por causa de seu canivete, que lhe causei tanto pesar', disse-me ela, mas sem grande censura. Paguei a conta, sob pretexto de que não podia ficar aqui e continuar recebendo Nina Saviélievna. Fez-me mais uma vez elogios a Nina Saviélievna no momento das despedidas. Ao partir, dei-lhe cinco rublos a mais do que lhe devia pelo meu aluguel.

"O principal é que estava eu farto de viver até mais não poder. Uma vez passado o perigo, teria perfeitamente esquecido o incidente da Rua Gorókhovaia como todos os outros que ocorreram, se durante certo tempo não me tivesse lembrado com cólera do medo que havia sentido.

"Derramava meu furor sobre qualquer um. Foi então, e sem nenhum motivo, que me veio a ideia de pôr termo à minha vida duma maneira qualquer, mas tão repugnante quanto possível. Um ano antes projetara dar um tiro na cabeça. Entrevi algo de melhor.

"Um dia, olhando Maria Timofiéievna Liebiádkina, uma coxa que passava em parte seu tempo fazendo arrumações de casas, que não perdera ainda a razão, mas não passava de uma idiota entusiasmada, apaixonada por mim em segredo (pelo que os nossos tinham podido descobrir), resolvi de repente casar com ela. O pensamento do casamento de um Stavróguin com uma criatura tão apoucada titilava-me os nervos. Nada se podia imaginar de mais monstruoso. Mas em todo caso, não a desposei unicamente por causa 'duma aposta após uma bebedeira'. As testemunhas do casamento foram Kirílov e Piotr Vierkhoviénski, que se encontrava então em Petersburgo; por fim, o próprio Liebiádkin e Prókhor Malov (hoje falecido). Ninguém mais soube e aqueles deram sua palavra de que se calariam. Este segredo sempre me pareceu uma ignomínia, mas até o presente não foi

violado, muito embora eu mesmo tenha tido intenção de espalhá-lo. Torno-o público hoje.

“Uma vez casado, fui à província, à casa de minha mãe. Parti para distrair-me. Na nossa cidade deixei a reputação de um louco, reputação hoje ainda inextirpável e que me terá certamente sido bastante prejudicial, como o explicarei mais adiante. Em seguida, parti para o estrangeiro onde passei quatro anos.

“Fui ao Oriente, ao Monte Atos, onde ouvi as vésperas, de pé, durante oito horas, fui ao Egito, vivi na Suíça, fui mesmo à Islândia; segui cursos durante um ano em Gotinga. No último ano liguei-me intimamente com uma família russa muito conhecida em Paris e com duas moças, na Suíça. Há dois anos, em Frankfurt, ao passar diante de uma papelaria, entre as fotografias à venda, notei a de uma menina, elegantemente vestida, mas que se parecia bastante com Matrióchka. Comprei logo a fotografia e, de volta ao hotel, coloquei-a sobre a chaminé. Ali ficou uma semana inteira sem que ninguém nela tocasse e nem uma só vez a olhei. Quando deixei Frankfurt, esqueci-me de levá-la.

“Noto isto precisamente para mostrar a que ponto eu podia me tornar senhor de minhas recordações, quanto me tornara insensível a seu respeito. Rejeitava-as em bloco duma só vez e todo o bloco desaparecia cada vez que eu queria. A lembrança do passado sempre me pareceu enfadonha e jamais pude a ele referir-me como fazem quase todas as pessoas, tanto mais que era para mim um passado odioso. Quanto a Matrióchka, esqueci até mesmo sua fotografia em cima da chaminé. Ao atravessar a Alemanha, há um ano, na primavera, deixei passar, por distração, a estação em que devia baldear de trem para prosseguir minha viagem, e segui para diante. Tive de descer na estação próxima. Eram três horas da tarde. O dia estava claro. Era uma cidadezinha alemã. Indicaram-me um hotel. Era preciso esperar; o primeiro trem passaria às onze horas da noite. Fiquei mesmo satisfeito com o incidente, porque não estava com pressa. O hotel era miserável, pequeno, mas erguido sob o arvoredo e cercado de moitas de flores. Deram-me um quarto estreito. Jantei bem e como tinha passado uma noite inteira no trem, adormeci profundamente às quatro horas da tarde.

“Tive um sonho totalmente inesperado para mim, porque jamais vira nada de semelhante. Em Dresden, há no Museu um quadro de Claude Lorrain[198] que está, creio eu, classificado no catálogo, sob o título de *Acis e Galateia*. Eu o chamava sempre ‘*A Idade de Ouro*’, sem bem saber por que. Já o vira outrora e acabava de notá-lo ainda, de passagem. Tinha mesmo entrado expressamente para vê-lo e talvez mesmo tivesse ido a Dresden com este único motivo. Foi esse quadro que vi em sonho, não como quadro, mas antes como coisa real.

Ê um pequeno canto do arquipélago grego, ondas azuis caridosas, ilhas e rochedos, o rio em flor, ao longe uma visão encantadora, a atração do sol no ocaso, tudo duma beleza impossível de reproduzir com palavras. A humanidade europeia lembra-se de que ali foi seu berço, ali se desenrolaram as primeiras cenas da mitologia, ali foi seu paraíso terrestre… Os homens que viveram naquela terra eram belos. Levantavam e deitavam felizes e inocentes; os bosquezinhos repercutiam seus cantos de alegria, expandia-se em amor e em prazeres ingênuos o excesso de suas forças intactas. O sol banhava com seus raios aquelas ilhas e aquele mar, todo contente de seus belos filhos. Sonho maravilhoso, ilusão sublime! O sonho mais incrível do que todos os havidos, mas ao qual a humanidade, durante todo o curso de sua existência, consagrou todas as suas forças, tudo sacrificou, por causa do qual os profetas morreram na cruz e sem o qual os povos não quereriam viver e não podem mesmo morrer. Era como se eu tivesse vivido todas essas sensações em meu sonho; não sei exatamente o que foi que sonhei, mas os rochedos e o mar, os raios oblíquos do sol poente, tudo isso acreditei rever quando despertei e, pela primeira vez em minha vida, reabri olhos molhados de lágrimas. A sensação duma felicidade ainda desconhecida para mim atravessou meu coração até doer-me. A noite caíra de todo; pela janela de meu quartinho, através das plantas que ali floresciam, todo um feixe de raios cintilantes, projetados de viés pelo sol poente, inundava-me com sua luz. Apressei-me em tornar a fechar os olhos, como que ávido de reaver o sonho esvanecido. Mas, de súbito, no centro da luz deslumbrante, percebi um ponto minúsculo. Esse ponto pôs-se a tomar forma e, de repente, apareceu-me distintamente uma aranhazinha vermelha. Recordou-me logo aquela que eu vira sobre a folha de gerânio, quando então também se espalhavam os raios do sol poente.

Alguma coisa pareceu cravar-se em mim, ergui-me e sentei na cama. Eis, pois, como tudo isso acontecera outrora!

"Vi diante de mim (Oh! não na realidade! Oh! se tivesse sido pelo menos uma visão verdadeira!), vi Matrióchka emagrecida, os olhos febris, absolutamente como era, quando ficava de pé na minha soleira, abanando a cabeça e levantando contra mim seu pequeno punho. Jamais nada de tão atroz me havia aparecido! O desespero lamentável daquela criaturinha sem defesa, cuja razão ainda não estava formada, que me ameaçava (e com que, grande Deus? Que podia ela fazer-me?) mas que não acusava sem dúvida senão a si mesma! Jamais nada de semelhante me ocorrera. Fiquei até a noite sem mover-me, esquecido do tempo. Será preciso chamar a isso de remorso de consciência ou arrependimento? Não sei e não poderei ainda hoje dizê-lo. Mas aquela imagem é-me insuportável, e precisamente na soleira, com seu pequeno punho erguido a ameaçar-me, com seu aspecto único naquele momento, naquele único minuto, com aquele menear da cabeça. Eis justamente o que não posso suportar, porque, desde então, ela me aparece quase todos os dias. Essa visão não se apresenta por si mesma, sou eu quem a provoca e não posso deixar de provocá-la, muito embora me seja impossível viver com ela. Oh! se pelo menos a tivesse visto realmente, mesmo que numa alucinação! Por que não despertará em mim uma dessas recordações de minha vida algo de análogo, quando muitas dessas recordações são talvez ainda mais ignóbeis aos olhos dos homens? Somente essa imagem de ódio e é ainda preciso que seja evocada pelas circunstâncias presentes. Outrora eu podia esquecer e repelir tudo com absoluto sangue-frio.

"Depois disso, viajei o ano inteiro e tratei de arranjar alguma ocupação. Sei que, mesmo agora, poderia afastar de mim Matrióchka, se quisesse. Estou sempre senhor de minha vontade, como outrora. Mas o fato é que precisamente jamais quis, não quero e não vou querer nunca. E isto durará assim até que fique louco.

"Na Suíça, dois meses mais tarde, tornei a sentir um daqueles acessos de paixão duma acuidade inaudita e tal que não existiu senão no começo de minha vida. Fui seduzido pela tentação terrível de cometer nova vilania, isto é, a bigamia (uma vez que já era casado); mas desisti, graças ao conselho duma outra moça a quem confessei

quase tudo, dizendo-lhe que não amava aquela a quem desejava e que não poderia jamais amar. Ninguém. Ademais aquele novo crime não me teria desembaraçado absolutamente de Matrióchka.

"Eis por que resolvi imprimir estas páginas e trazer para a Rússia trezentos exemplares. Quando chegar o momento, vou enviá-las à polícia e às autoridades locais; ao mesmo tempo as farei chegar a todas as redações de jornais com pedido de publicação e a numerosas pessoas que me conhecem, em Petersburgo e no resto da Rússia. Aparecerão simultaneamente em tradução no estrangeiro. Sei que, do ponto de vista jurídico, jamais serei incomodado, pelo menos não de uma maneira séria; denuncio-me eu mesmo e não tenho acusadores; além disso, não existem provas ou muito poucas. Enfim, a ideia tão bem acreditada de que minha razão sucumbiu e provavelmente também os esforços de minha família para tirar proveito dessa ideia, conseguirão pôr-me ao abrigo de toda perseguição judiciária perigosa para mim. Declaro isto, entre outras coisas, a fim de provar que gozo neste momento da plena posse de minhas faculdades mentais e que compreendo minha situação. Mas restarão para mim aqueles que saberão de tudo, que me olharão e a quem olharei. Quero que todos tenham os olhos cravados em mim. Não sei se isto pode aliviar-me a dor. A isto recorro como a um meio supremo.

"Ainda uma vez: se procurarem nos arquivos da polícia encontrarão. Meus locadores acham-se talvez ainda em Petersburgo. Com certeza vão se lembrar da casa. Estava pintada de azul-claro. Não partirei e me encontrarei durante algum tempo (um ano ou dois) em Skvopiéchniki, propriedade de minha mãe. Ao primeiro chamado, vou me apresentar onde se quiser.

*Nikolai Stravóguin*."

## *III*

A leitura durou cerca de uma hora. Tíkhon lia lentamente e talvez relesse certas passagens. Durante todo aquele tempo, Stavróguin mantivera-se sentado, imóvel e silencioso. Coisa estranha, aquela expressão de impaciência, de distração e mesmo de delírio, que seu rosto mostrara durante toda a manhã, quase desaparecera, dando

lugar à calma e até mesmo a certa franqueza, o que lhe dava um ar de dignidade.

Tíkhon tirou seus óculos, esperou um momento e ergueu enfim para ele a vista; depois começou a falar, não sem alguma circunspecção:

— Não se poderiam fazer certas correções a este manuscrito?

— Por quê? Escrevi com toda a sinceridade — respondeu Stavróguin

— Algumas modificações no estilo…

— Esqueci-me de preveni-lo — declarou ele, num tom breve e cortante, com todo o corpo projetado para a frente, — que todas as palavras do senhor serão vãs. Não desistirei de meu intento. Notará todavia que, bem ou mal redigido — julgue o estilo como entender — não estou disposto de modo algum a ceder às suas objeções, nem a deixar-me persuadir.

— Não lhe poderia fazer objeção alguma, nem sobretudo dissuadi-lo a abandonar seu intento. Essa ideia é uma grande ideia e o pensamento cristão não se pode exprimir de maneira mais completa. O arrependimento não poderia ir mais longe do que vai a espantosa façanha que o senhor medita, contanto todavia…

— Contanto o quê?

— Contanto que seja realmente arrependimento e realmente um pensamento cristão.

— Escrevi com sinceridade.

— O senhor parece querer fazer-se passar de propósito como mais hediondo do que seu coração desejaria… — declarou Tíkhon, tornando-se cada vez mais ousado. Era evidente, aquele documento lhe causara profunda impressão.

— Fazer-me passar? Repito-lhe, não procurei, não tive como intenção o efeito.

Tíkhon baixou a vista.

— Este documento brota direto das necessidades de um coração mortalmente ferido. Compreendi bem? — proferiu ele, num tom de insistência e com um ardor extraordinário. — Sim, foi o arrependimento e sua necessidade natural que o venceram e o senhor meteu-se pela grande estrada, por uma estrada inaudita. Mas parece que o senhor odeia e despreza de antemão todos aqueles que lerão o que está aqui escrito e que lhes lança um desafio. Não tendo vergonha de confessar um crime, por que tem vergonha de arrepender-se?

— Tenho vergonha?

— O senhor tem vergonha e tem medo.

— Tenho medo?

— Um medo mortal. Que importa que me olhem, diz o senhor, mas o senhor mesmo como os olhará? Certas passagens de seu memorial são dum estilo forçado; o senhor tem o ar de admirar sua psicologia e se detém no menor detalhe, somente para causar espanto ao leitor pela exibição duma insensibilidade que não é autêntica. Que é isto senão o orgulhoso desafio lançado pelo culpado ao seu juiz?

— Onde está o desafio? Submeti minha pessoa a todos os julgamentos.

Tíkhon calou-se. Um rubor invadiu-lhe as faces pálidas.

— Deixemos isto — interrompeu Stavróguin, num tom cortante. — Permita-me, por minha vez, que lhe faça uma pergunta: há já cinco minutos que falamos disso (indicou as páginas com um aceno da cabeça) e não vejo no senhor a menor expressão de desgosto ou de vergonha… O senhor não se mostra repugnado, ao que parece…

Não terminou.

— Não lhe ocultarei nada: fiquei espantado ao ver uma grande força ociosa encaminhar-se de propósito para a ignomínia. Quanto ao que se refere ao próprio crime, muitos pecam da mesma maneira, mas vivem com a consciência em paz e em repouso, ou então põem isso à

conta dos inevitáveis pecados da mocidade. Há também velhos que cometem essa falta e se consolam bastante bem, acrescentando-lhe mesmo um toquezinho de bom humor. O mundo está cheio desses horrores. O senhor sondou-lhe toda a profundeza, o que não se vê muitas vezes a tal grau.

— Será que vai o senhor pôr-se a estimar-me após a leitura dessas páginas? — disse Stavróguin, com uma espécie de careta de sarcasmo.

— Não lhe responderei diretamente a esta pergunta. Sem dúvida não há, não pode haver maior crime que o seu para com aquela adolescente.

— Não meçamos isto a palmo. Não sofro talvez tanto quanto o descrevi e talvez tenha mentido muito a meu respeito — acrescentou ele, de maneira inesperada.

Tíkhon ainda uma vez manteve-se calado.

— E essa moça — continuou Tíkhon, — com a qual o senhor rompeu na Suíça, ousaria eu perguntar-lhe… onde se encontra neste momento?

— Aqui.

De novo, o silêncio.

— Talvez tenha mentido muito a meu respeito — insistiu mais uma vez Stavróguin. — De resto, que importa que lance a eles o desafio insultante desta confissão, se o senhor já percebeu esse desafio? Eu os forçarei a odiar-me ainda mais. Assim, vou me sentir mais aliviado.

— Quer dizer que a cólera suscita no senhor outra cólera e lhe será mais fácil odiar que ser objeto da compaixão alheia.

— O senhor tem razão. Quer saber? — disse ele, de súbito, rindo. — Vão me chamar talvez de jesuíta e de beato depois de lerem esse documento… Ah! ah! ah! Não é verdade?

— Sem dúvida. É o que decerto dirão. Conta pôr em breve seu

projeto em execução?

— Hoje, amanhã, depois de amanhã, que sei eu? Em todo caso, breve. O senhor tem razão: penso que será preciso que isso se passe precisamente assim. Publicarei isso sem aviso, numa hora de vingança e de ódio, no momento em que os odiarei mais.

— Responda a uma pergunta, mas com franqueza, a mim só, somente a mim — disse Tíkhon, com uma voz totalmente alterada. — Se alguém lhe perdoasse isto (Tíkhon designou as páginas), não um desses a quem o senhor estima ou teme, mas um desconhecido, um homem que o senhor não tornará a ver jamais, o qual, ficando em silêncio, teria lido sua terrível confissão, será que se sentiria o senhor aliviado ao pensar nisso ou isso lhe seria indiferente?

— Aliviado? — respondeu Stavróguin à meia voz. — Se o senhor me perdoasse, eu me sentiria muito melhor — acrescentou ele, baixando de tom.

— Com a condição de que o senhor faça o mesmo comigo — murmurou Tíkhon, num tom convicto.

— Falsa humildade! O senhor sabe, todas essas fórmulas monásticas carecem totalmente de distinção. Vou lhe dizer toda a verdade… Desejo que o senhor me perdoe. Com o senhor um segundo, um terceiro, mas os outros, melhor valeria que me odiassem. Desejo-o, para suportar com humildade…

— E a compaixão universal, não poderia o senhor suportá-la com essa humildade?

— Talvez não o pudesse. Porque o senhor…

— Sinto a profundeza de sua sinceridade e sou decerto bem culpado de não saber aproximar-me dos homens. Sempre senti que nisso estava meu grande defeito — declarou Tíkhon sinceramente e com uma voz emocionada, fitando Stavróguin diretamente nos olhos. — Digo isto somente porque tenho medo pelo senhor — acrescentou ele. — Diante do senhor há um abismo quase intransponível.

— Não resistirei a isso? Não suportarei o ódio deles? — exclamou Stavróguin, agitado.

— Não há apenas o ódio.

— Que mais ainda?

— O riso deles — disse Tíkhon, quase a contragosto e numa espécie de murmúrio.

Stavróguin perturbou-se. A inquietação pintou-se em suas feições.

— Tinha-o pressentido — disse ele. — De modo que, à leitura de meu documento, devo ter-lhe parecido um personagem bastante cômico. Fique tranquilo, não se perturbe, esperava precisamente por isso.

— O horror será geral e sem dúvida mais falso que sincero. Os homens só temem aquilo que ameaça diretamente os seus interesses. Não falo das almas puras; estas terão horror de si mesmas e e se denunciarão, mas não as notarão, pois que se hão de calar; mas o riso será geral.

— Admira-me ver quão mal pensa o senhor dos homens, com quanta aversão os olha — afirmou Stavróguin, com um ar levemente irritado.

— Mas, creia-me, julgo por mim, não pelos homens! — exclamou Tíkhon.

— Deveras? Poderá então haver em sua alma algo que se regozije com minha miséria?

— Quem sabe? talvez… Sim, talvez haja!

— Basta. Indique-me em que sou ridículo em meu manuscrito. Sei eu mesmo bem por que, mas quero que o senhor o aponte com o dedo. E diga-o de maneira mais cínica, diga-o com toda a franqueza de que é capaz. E torno a repetir-lhe que o senhor é um fabuloso original.

— Até mesmo a forma desse imenso arrependimento não deixa de

conter algo de ridículo. Oh! não creia que não vencerá! — exclamou, de súbito, quase entusiasmado. — Essa mesma forma vencerá (disse ele, indicando as páginas), contanto somente que o senhor aceite sinceramente a bofetada e o escarro. Sempre foi assim no final: a cruz mais ignominiosa tornou-se a grande glória e a grande força quando o ato foi consumado com uma humildade sincera. Talvez o senhor seja consolado ainda aqui na terra!…

— De modo que é talvez apenas na forma que o senhor encontra ridículo — insistiu Stavróguin.

— E no fundo. A feiura matará — murmurou Tíkhon, baixando os olhos.

— A feiura? Que feiura?

— A do crime. Há crimes que, na verdade, não são belos; quaisquer que sejam os crimes, quanto mais sangue há, mais horror, mais sugestivos são e, por assim dizer, pitorescos; mas há crimes vergonhosos, infames, fora de todo horror, por serem por demais deselegantes…

Tíkhon não terminou.

— Quer dizer que — continuou Stavróguin, agitado, — o senhor acha que fiz uma figura ridícula beijando a mão daquela meninota suja… Compreendo-o muito bem: o senhor desespera de mim precisamente porque tudo isso não é belo, mas vil; não vil, mas vergonhoso, ridículo, e o senhor pensa que é isso sobretudo que eu não suportarei.

Tíkhon mantinha-se calado.

— Compreendo por que o senhor me perguntou se a senhorita da Suíça estava aqui.

— O senhor não está preparado, temperado — murmurou com timidez Tíkhon, baixando os olhos. — O senhor é um desarraigado, um descrente.

— Escute, Padre Tíkhon: quero perdoar a mim mesmo, tal é meu

fim principal, meu único fim! — disse, de repente, Stavróguin, com um sombrio entusiasmo no olhar. — Sei que somente então a visão desaparecerá. Eis por que procuro um sofrimento imenso, porque eu mesmo procuro. Não me dissuada disso, porque então afundarei na minha maldade.

Tíkhon levantou, tão inesperada era aquela sinceridade.

— Se o senhor acredita poder perdoar a si próprio e espera esse perdão neste mundo pelo sofrimento, se se impõe semelhante objetivo em sua fé, já acredita em tudo! — exclamou Tíkhon, com um acento solene. — Como o senhor poderia dizer que não acredita em Deus?

Stavróguin não respondeu.

— Deus lhe perdoará o não haver acreditado, porque o senhor reverencia o Espírito Santo, embora não o conhecendo.

— A propósito, o Cristo perdoará? — perguntou Stavróguin com um sorriso crispado, mudando bruscamente de tom. E o tom de sua pergunta traía um leve matiz de ironia. — Está dito na Sagrada Escritura: "se escandalizardes um só desses pequeninos", lembre-se. Segundo o *Evangelho*, não há crime maior. De toda esta longa conversa, a única coisa que tiro em claro é que o senhor não quer simplesmente que haja escândalo e me estende uma armadilha, meu bom Padre Tíkhon — replicou Stavróguin com desdém e mal-humorado, fazendo menção de ficar em pé. — Em suma, o senhor quer que eu me ponha na ordem, que me case, sem dúvida, e que termine minha existência como membro do clube de nossa cidade, vindo visitar seu mosteiro nos dias de festa. A penitência, afinal! Não é? De resto, o senhor, que lê nos corações, pressente talvez que será sem dúvida assim e que toda questão, para manter as conveniências, é bem me exortar, uma vez que eu mesmo não peço outra coisa, não é mesmo?

Sua risada soou falsa.

— Não, não é esta penitência. Preparo-lhe outra! — prosseguiu com ardor Tíkhon, sem prestar a mínima atenção à risada e à observação de Stavróguin. — Conheço um velho que vive por aqui,

não longe, um eremita, um asceta e duma sabedoria cristã tão profunda que nem o senhor nem eu podemos concebê-la. Vá pôr-se sob sua direção durante cinco, sete anos, tanto tempo quanto o senhor achar necessário. Imponha-se esse voto e graças a esta grande imolação adquirirá tudo aquilo de que tem sede agora e mesmo aquilo que não espera, porque não pode compreender agora o que receberá.

Stavróguin escutava, cheio de gravidade.

— O senhor me propõe que me faça monge nesse convento?

— O senhor não tem necessidade de estar no convento. Seja simplesmente oblato, secretamente e não publicamente. Pode-se tudo, ficando no mundo.

— Deixe-me, Padre Tíkhon! — interrompeu com desdém Stavróguin, que levantou de sua cadeira. Tíkhon também levantou.

— Que se passa com o senhor? — perguntou ele, de repente, quase com terror, olhando para Tíkhon. Este estava de pé, diante dele, de mãos juntas, um arrepio convulsivo, que parecia provocado por um extremo terror, percorria por instantes seu rosto.

— Que tem? que tem? — repetiu Stavróguin, precipitando-se para ele, a fim de ampará-lo. Parecia-lhe que ele ia cair.

— Vejo… vejo, como se fosse a realidade — exclamou Tíkhon, com uma voz que traspassava a alma e com uma expressão de dor intensa, — vejo que jamais, pobre moço perdido, esteve o senhor tão perto, quanto neste momento, de cometer um novo crime maior…

— Acalme-se! — suplicou Stavróguin, realmente alarmado por causa dele. — Talvez o adie ainda… O senhor tem razão…

— Não, não é depois da publicação, mas antes. Um dia, uma hora talvez antes de dar o grande passo, o senhor se lançará num novo crime, como uma saída, e o cometerá unicamente para evitar a publicação destas páginas.

Stavróguin tremeu de cólera e quase de terror.

— Maldito psicólogo! — exclamou, de repente, furioso e, sem mais dizer, sem se voltar, saiu da cela.

**1** Literatos russos de renome internacional e contemporâneos de Dostoiévski; o último participou do movimento revolucionário da época e foi o fundador do jomal *Kolokol* (*O Sino*).↩

**2** Do inglês *whist*, silencioso. Jogo de cartas em que entra como fator principal, não a sorte, e sim a habilidade do jogador.↩

**3** Na antiga Rússia era expressão comum essa de "almas" para designar os servos da gleba. A riqueza dos grandes latifundiários era, frequentemente, calculada pelo número de "almas" que eles possuíam.↩

**4** Escritor medíocre, autor de pequenos romances que alcançaram certa popularidade.↩

**5** Alexis-Charles-Henri de Tocqueville (1805-1859), publicista e político francês, autor do famoso livro *A Democracia na América*.↩

**6** Charles-Paul de Kock (1794-1871), romancista francês, autor de numerosos romances humorísticos, algo fesceninos.↩

**7** Autor de um livro sobre os horrores da escravidão, intitulado *Uma viagem de Petersburgo a Moscou*. Condenado por isso à morte, teve a pena comutada e foi deportado para a Sibéria. Anistiado pelo Czar Paulo I, envolveu-se de novo em complicações políticas e acabou suicidando-se.↩

**8** Vigésima sétima letra do alfabeto russo, com o valor de *e* mudo. A supressão dessa letra só veio a realizar-se sob o regime comunista.↩

**9** Trataram-me como a um velho boné de algodão.↩

**10** *Viek* (*O Século*), título pensado para a revista. Liev Kambiek, nome de um crítico.↩

**11** Pode cortar minha existência em dois pedaços.↩

**12** "Em qualquer país e até mesmo no país de Makar e de seus bezerros". Expressão que significa "até o fim do mundo".↩

**13** Parasita e nada mais! Mas n-nada mais!↩

**14** De 1861, data da abolição da escravatura.↩

**15** Elisa Félix Raquel (1820-1858), célebre trágica francesa, de origem judia. Mulher de rara beleza, com uma voz profunda e penetrante, obteve grande sucesso, conseguindo reviver, no palco, a tragédia clássica.↩

**16** Título do romance de D. V. Grigórovitch (1822-1899), de ambiente rústico, publicado em 1847, no qual faz-se ressaltar a tese de que o mujique é também um homem.↩

**17** Chefe de um grupo de camponeses sublevados.↩

**18** Iegor Sviatóslavitch (1151-1202), príncipe de Nóvgorod. Herói do *Poema de Iegor*, epopeia da Idade Média, cuja autenticidade é discutida.↩

**19** Seja dito entre nós.↩

**20** Desde 1846, Gógol professava a ortodoxia oficial.↩

**21** Literalmente: curioso. Personagem duma fábula de Krilov, afamado escritor e fabulista russo.↩

**22** Diminutivo carinhoso de Alieksiéi.↩

**23** Literalmente: *A Voz*.↩

**24** Victor Considérant (1808-1893), filósofo fourierista e economista francês, membro da Assembleia Constituinte e Legislativa, exilado em 1849. Sua principal obra foi a *Théorie du droit de propriété et du droit au travail*.↩

**25** Essas intermináveis palavras russas!↩

**26** Em uma palavra.↩

**27** Literalmente: coadjutor. Na Igreja Ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.↩

**28** Você sabe esses hinos e o livro de Jó.↩

**29** E mostrou seu poder.↩

**30** Que ideia vermelha!↩

**31** E depois, como se encontram sempre mais monges do que convém…↩

**32** É uma história bem estúpida. Esperava-a, minha boa amiga, para contar-lhe…↩

**33** Todos os homens de gênio e progressistas na Rússia eram, são e serão sempre forçados e bêbados, que bebem…↩

**34** Tomei uma palavra por outra… Mas… dá no mesmo.↩

**35** É um desmiolado.↩

**36** Mas ainda assim é um bobalhão.↩

**37** Sou um forçado, un Badinguet. (Badinguet era o nome do suposto operário que havia emprestado sua roupa e suas ferramentas para Napoleão III disfarçar-se e fugir da prisão.)↩

**38** David Teniers (1582-1649), pintor flamengo que se destacou na pintura de cenas populares flamengas, interiores de cabarés, quermesses etc., de um realismo intenso.↩

**39** Não ligo e proclamo minha liberdade! Ao diabo o Karmázinov! Ao diabo a Lembke! ↩

**40** Você haverá de secundar-me, não é?, como amigo e testemunha.↩

**41** É a palavra.↩

**42** Algo neste gênero.↩

**43** Lembro-me disso. Afinal…↩

**44** Literalmente: arrogante, delicado, distinto. De *liébied*, cisne. Constitui mais um sobrenome forjado por Dostoiévski.↩

**45** Personagem principal do romance *Um herói de nosso tempo*, de Mikhail I. Liérmontov

(1814-1841), poeta lírico russo morto em duelo.↩

**46** Do incidente. Você me acompanhará, não é?↩

**47** E eu começo a crer.↩

**48** Em Deus! Em Deus que está lá em cima e que é tão bom!↩

**49** Faz tudo quanto eu quero.↩

**50** Deus, ó Deus! Enfim um minuto de felicidade!↩

**51** Você e a felicidade chegam ao mesmo tempo!↩

**52** Estava tão nervoso e doente, e depois…↩

**53** É um cabeça-oca daqui. É o melhor e o mais irascíveI homem do mundo.↩

**54** E fará você um benefício.↩

**55** Necessidade de alguém para ajudar-me.↩

**56** Esse Maurício… bom homem ainda assim…↩

**57** Trocadilho a propósito do vocábulo "Koróbotchka", nome duma das personagens da obra de Gógol, *Almas mortas*, que nas suas presunções chega a extremos imprevisíveis. Tipo de velha beata, avarenta e tola. *Koróbotchka* significa caixinha.↩

**58** Palavra de honra.↩

**59** Essa gente supõe que a natureza e a sociedade humana sejam diferentes do que Deus as fez e do que são realmente.↩

**60** O que se chamara.↩

**61** Deixe-me, meu amigo.↩

**62** Veja você.↩

**63** Literalmente: galinholas. Imbecis.↩

**64** Referência de Gógol a si mesmo.↩

**65** Diminutivo de Chátov.↩

**66** Os primeiros versos pertencem a um poema do poeta Feth.↩

**67** Diminutivo de Ivan. Era apelido comum dos cocheiros.↩

**68** Mas que tem você, Lisa?↩

**69** Afinal é um homem perdido e algo assim como um forçado evadido.↩

**70** É um homem desonesto e creio mesmo que é um forçado evadido ou algo nesse gênero.↩

**71** Literalmente: desconhecida. Enjeitada, exposta. Nome com que eram inscritos comumente no Registro Civil os filhos de pais desconhecidos, quando abandonados, recém-nascidos, às portas das instituições de caridade e orfanatos.↩

**72** Mercado de São Petersburgo, conjunto heterogêneo de hospedagem e comércio, construído em forma de galeria abobadada, com as suas lojas baixas, sob as arcadas.↩

**73** Diz-se dos que tomaram parte na revolta de dezembro de 1825, contra a autocracia

russa.↩

**74** Antes da revolução, poder autônomo local nas regiões rurais, cujos representantes, em sua maioria, eram grandes latifundiários e nobres.↩

**75** Herói do romance *Pais e filhos*, de Turguéniev.↩

**76** Personagem do romance *Almas mortas*, de Gógol.↩

**77** É a palavra.↩

**78** Fazer barulho em torno de seu nome.↩

**79** Ele ri, ri muito, ri demais.↩

**80** Tanto melhor. Deixemos passar.↩

**81** Há dentro disso algo de cego e vesgo.↩

**82** São simplesmente uns preguiçosos.↩

**83** Sois preguiçosos! Vossa bandeira é um trapo, uma inutilidade.↩

**84** Uma besteira nesse gênero.↩

**85** Literalmente: lembrança, presente. Peça ou objeto que se oferece como recordação; também livro ou álbum, ilustrados, muito em voga no fim do século XIX.↩

**86** Associação internacional das organizações socialistas operárias de diversos países, fundada em 1866 e cujos chefes e principais teóricos foram Karl Marx, Engels e Bakunin. Posteriormente chamada de Primeira Internacional, foi substituída (1904) pela II Internacional. Mais tarde, desdobrou-se na III Internacional (1920) Comunista, e na IV Internacional (1922) Socialista.↩

**87** Famoso bandido, conhecido na época pela sua ousadia e destemor, tido como herói.↩

**88** Donatien-Alphonse-François, Marquês de Sade, escritor francês (1740-1814). Autor de *Justine, Juliette, Aline et Valcourt* etc.; os seus romances, conhecidos mundialmente, são tão célebres pela perversidade que contêm, que deram origem às palavras “sadismo” e “sádico”.↩

**89** Literalmente: forçado. De *kátorga*, galé, trabalhos forçados. Trata-se aqui dum apelido inventado pelo Autor para caracterizar, como quase sempre costumava fazer, a personagem.↩

**90** Fundado no tempo de Catarina II, tornou-se muito conhecido durante o século XIX. Era o ponto de reunião da aristocracia russa e dos altos funcionários de Petersburgo.↩

**91** O *stáriets* Zóssim, tipo de monge asceta, que Dostoiévski transformou numa das figuras principais do seu romance *Os irmãos Karamázovi*.↩

**92** G. Românovitch Dierjávin (1743-1816), poeta oficial da corte de Catarina II, tendo alcançado, inclusive, o posto de Ministro da Justiça.↩

**93** Este é mais um sobrenome engendrado por Dostoiévski, valendo-se do vocábulo *otrióp*: esfarrapado.↩

**94** Carruagem com assentos laterais para mais de quatro pessoas, comumente aberta pelos lados e coberta de toldo.↩

**95** Literalmente: *O que fazer*?, título do livro de Nikolai Gavrílovitch Tchiernichiévski (1828-1889), romancista, crítico e historiador russo. De espírito liberal, foi deportado e

passou muitos anos na Sibéria. *O que fazer*? causou profunda impressão em sua época.↩

**96** Seltz ou Selters, localidade da Prússia (Baixo Reno), célebre pelas suas águas gasosas, de fama universal.↩

**97** Senhoras e senhoritas, em alemão.↩

**98** Nomes alemães com que, na época, se designavam, em geral, as cortesãs.↩

**99** Liberais e conservadores. Membros dos respectivos partidos políticos ingleses, em luta permanente, e o primeiro dos quais visava cercear o poder da Coroa.↩

**100** Benfeitor de aparência rude.↩

**101** Que o sangue impuro banhe nossos campos. Último verso da primeira estrofe de *A marselhesa*, hino nacional francês, composto em 1792 por um oficial francês de engenharia, Rouge de I'Isle, da guarnição sediada em Estrasburgo.↩

**102** *Meu querido Agostinho*, título duma alegre canção popular bávara.↩

**103** Nem uma polegada de nosso terreno, nem uma pedra de nossas fortalezas. Outro verso de "*A marselhesa*".↩

**104** Jules Favre (1809-1880), advogado e político francês, deputado liberal do Corpo Legislativo, e secretário de Ledru-Rollin. Em 1870 intentou a derrubada do Império. Membro do Governo da Defesa Nacional, negociou com Bismarck o Tratado de Francfort.↩

**105** Sim, pode permitir-se a comparação. Era como um pequeno cossaco do Don, que pulava sobre seu próprio túmulo.↩

**106** Raymond Capefigue (1802-1872), historiador francês, muito erudito mas medíocre.↩

**107** A sorte está lançada. Expressão atribuída a Júlio César, que a teria pronunciado momentos antes de atravessar o Rubicão seguido de suas tropas, desobedecendo assim as ordens de Roma.↩

**108** Jacob Moleschott (1822-1893), Karl Vogt (1817-1895) e Ludwig Buchner (1824-1899). O primeiro, naturalista alemão, um dos maiores e mais ardentes defensores do transformismo e autor de *Leçons sur l'homme* e *Les dogmes dans la science*; naturalista holandês, o segundo, defensor do materialismo no seu célebre livro *La circulation de la vie*; e finalmente, o médico e filósofo alemão materialista, autor de *Force et matière*.↩

**109** Sem que isto pareça.↩

**110** Nome com que era conhecida a polícia secreta.↩

**111** Poeta e escritor, implicado no movimento revolucionário de 14 de dezembro de 1825, foi condenado e executado.↩

**112** Maximilien-Paul-Emile Littré (1801-1881), filólogo e filósofo positivista francês, membro da Academia. Seus estudos filosóficos causaram polêmicas passionais. Foi eleito senador em 1875. Embora discípulo de Comte, rejeitava a política e a religião positivistas.↩

**113** Perdão, esqueci-lhe o nome. Não é do país… Algo de estúpido e de alemão na fisionomia, chama-se Rosenthal.↩

**114** Você o conhece? Algo de imbecil e de muito contente na cara, contudo muito

severo, rígido e sério.↩

**115** Sim, lembro-me.↩

**116** Conservava-se à distância.↩

**117** Enfim, o ar de crer que eu cairia sobre ele imediatamente e que começaria a surrá-lo. Toda essa gente de baixa escala é assim.↩

**118** Há vinte anos que me preparo para isso.↩

**119** Mostrava-me digno e calmo.↩

**120** Enfim, tudo isso.↩

**121** Sim, é isto.↩

**122** Eu estaria superexcitado, veja você. Ele falava, falava… uma porção de coisas.↩

**123** … que me deve ainda quinze rublos que lhe ganhei no baralho, seja dito de passagem. Enfim, não compreendi muito bem.↩

**124** Como, acredita você? Afinal, consentiu…↩

**125** Como amigos, estou completamente satisfeito.↩

**126** e depois para que esse procurador, esse porco do nosso procurador que por duas vezes me faltou com a polidez e que surraram a valer o ano passado em casa daquela encantadora e bela…↩

**127** Quando se tem dessas coisas em seu quarto e vêm prender a gente.↩

**128** Afaste-a.↩

**129** E depois isto me aborrece.↩

**130** É preciso estar pronto, veja você.↩

**131** Mistura-me com aquela gente!↩

**132** Com aqueles espíritos fortes da covardia!…↩

**133** Sabe de uma coisa? Sinto por momentos que farei lá um escândalo.↩

**134** Sinto que minha carreira chega hoje ao fim.↩

**135** Ela suspeitará de mim toda a sua vida.↩

**136** Personagem e título dum romance filosófico (1759) em que Voltaire zomba da famosa máxima do otimista Leibniz: *tout est pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles*, tudo está muito bem no melhor dos mundos possíveis.↩

**137** Trocadilho com o sobrenome do policial Flibustiérov.↩

**138** Carrocinha de ciganos.↩

**139** E como se encontram por toda parte mais monges do que é preciso…↩

**140** Trocadilho intraduzível com a palavra tchast (distrito) e íchástni (particular).↩

**141** E fiquemos nisso, meu caro.↩

**142** Minerva simbolizava, entre os romanos, a austeridade e a castidade.↩

**143** Último rei da Babilônia. Quando Ciro, rei dos Persas, cercava a cidade, Baltasar ria dos esforços do inimigo e esquecia, em festins suntuosos, o tédio desse longo cerco.↩

**144** Christoph Willibald Glück (1714-1787), célebre compositor alemão, autor das óperas *Orfeu, Alceste, Ifigênia em Aulide, Ifigênia em Tauride, Armida*. Viveu em Londres, Viena e Paris, onde, sob a proteção de Maria Antonieta, reformou a ópera francesa.↩

**145** Com todas as letras.↩

**146** Neto de Numa (640-616 a.C), quarto rei lendário de Roma. Fundou o porto de Óstia.↩

**147** Alusão teosófica.↩

**148** é a besteira na sua essência mais pura, algo como um simples produto químico.↩

**149** Raffaello Sanzio (1483-1520), célebre pintor, escultor e arquiteto. Ele, Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo constituem a mais alta expressão do gênio artístico da Renascença italiana.↩

**150** Essas criaturas têm às vezes frases encantadoras e cheias de filosofia.↩

**151** Oh! são pobres tratantezinhos e nada mais, uns imbecizinhos — eis tudo.↩

**152** Que vergonha!↩

**153** A senhora há de perdoar-me, encantadora senhora, não é?↩

**154** Arrabalde do outro lado do rio.↩

**155** Sic no original. Título duma novela de Drujínin, escritor e crítico russo. A grafia correta seria Pólienhka.↩

**156** Sente-se infeliz, não é?↩

**157** Somos todos infelizes, mas é preciso perdoar a todos. Perdoemos, Lisa.↩

**158** Em casa daquele comerciante, se existe, no entanto, aquele comerciante…↩

**159** Sente-se infeliz?↩

**160** Mas sabe que horas são?…↩

**161** Existe a Rússia?… Ora, é o senhor, caro capitão.↩

**162** Literalmente: sempre-viva. Designação duma planta da família das boaragíneas conhecida em vernáculo pelo nome de não-te-esqueças-de-mim.↩

**163** O leitor há de lembrar-se que Chátov sugere a Stavróguin a visita ao Bispo Tíkhon. Pode-se conjeturar que é neste momento que se coloca o importante episódio da visita ao Bispo Tíkhon a quem Stavróguin fêz, na oportunidade, a sua impressionante confissão. Dostoiévski suprimiu este capítul da obra, por conselho de seus amigos, mas ele foi incluído nesta edição e se encontra, como apêndice, no fim de *Os demônios*.↩

**164** Alusão à Constituição Francesa de 1793 que, como decorrência da Convenção Nacional revolucionária instalada no ano anterior, proclamou a República e instituiu o chamado Governo do Terror.↩

**165** Procurar aquele comerciante?↩

**166** Tenho ao todo quarenta rublos; ele se apoderará dos rublos e me matará mesmo assim.↩

**167** Isto começa a ser tranquilizador.↩

**168** Ela o quis.↩

**169** Um dedo de aguardente.↩

**170** Um pouquinho.↩

**171** Estou absolutamente doente, mas não é tão mau assim estar doente.↩

**172** Uma dama e tinha o ar de ser.↩

**173** A senhora é o que se chama.↩

**174** Ernest Renan (1823-1892), acadêmico, sábio filósofo e historiador francês, incomparável estilista, exegeta erudito, mas audacioso nas suas hipóteses, apaixonado por um ideal científico racionalista.↩

**175** Parece-me que todo mundo vai a Spásovo.↩

**176** Esse pedacinho de açúcar não é nada.↩

**177** A distinção totalmente pura.↩

**178** Aqueles patifes, aqueles desgraçados!…↩

**179** Mas que é que tem aquele homem?↩

**180** Literalmente: aranha. Título da obra da personagem Liebiádkin.↩

**181** Mas que fazer se estou encantado.↩

**182** Amo o povo, é indispensável, mas parece-me que nunca o havia visto de perto. Stasie… é claro que é também do povo… mas o verdadeiro povo.↩

**183** Querida inocente. O *Evangelho*… veja a senhora, doravante, nós o pregaremos juntos.↩

**184** Algo de muito novo neste gênero.↩

**185** Está admitido.↩

**186** Está ficando frio demais. A propósito, tenho ao todo quarenta rublos e aqui está este dinheiro.↩

**187** Não falemos mais porque isto me faz mal.↩

**188** Basta, basta, não me atormente.↩

**189** Não é nada, esperemos.↩

**190** Será que estou tão doente? mas não é nada sério.↩

**191** Nós partiremos juntos.↩

**192** Aqueles porcos.↩

**193** E os outros com ele.↩

**194** Um caldo, um chá… enfim ele é tão feliz.↩

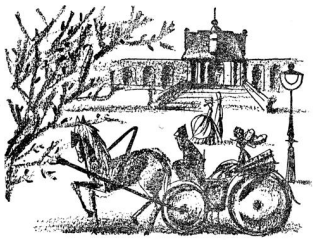
**195** Meu pai, agradeço-lhe a sua grande bondade, mas…↩

**196** Eis minha profissão de fé.↩

**197** O episódio da *Confissão de Stavróguin* só veio a ser publicado em 1906, e assim mesmo a viúva de Dostoiévski, Anna Grigórievna, só apresentou trechos do manuscrito encontrado entre os papéis de seu marido. Quando o romance *Os demônios* estava sendo publicado parceladamente na revista *Ruskii Veslnik* (Mensageiro da Rússia) leu Dostoiévski esse capítulo do livro (que deveria provavelmente ser incluído após a primeira parte do capítulo IV do terceiro volume) a várias pessoas, inclusive sua esposa e o editor. Dado o horror do que nele se contava e para evitar que os inimigos de Dostoiévski se valessem disso para atacá-lo, aconselharam-no a não incluir tal episódio no livro. O romancista guardou-o entre seus papéis. As edições posteriores o incluem como apêndice ao romance (como fizemos aqui), pois tem ele valor inestimável para melhor esclarecer a figura e o caráter do personagem Stavróguin. Seu diálogo com o bispo Tíkhon impressiona pela sua franqueza e pela visão que nos revela dos recessos de uma alma humana devastada pela negação e pela falta de amor.
Como temiam a esposa e os amigos de Dostoiévski, seus inimigos não hesitaram em dar como elemento autobiográfico o episódio da violação da menina Matrióchka, episódio que tem seu igual em *Crime e castigo* e como autor o personagem Svidrigáilov, e cuja reiteração em dois livros fazia induzir que se tratava de uma obsessão em Dostoiévski de crime idêntico por ele cometido. Sem provas positivas, a não ser acusações de ex-amigos e uma tradição oral na qual se atribui uma confissão sua da prática de um ato infame a seu próprio rival Turguéniev, o que se pode pensar é que um crime dessa natureza chocava tanto a sensibilidade de Dostoiévski que ele o utilizou mais de uma vez para salientar a hediondez de um personagem. E essa hediondez ressalta bem dos dois episódios, cujo horror fere a sensibilidade do leitor, por mais conhecedor que seja este da capacidade de mal que um homem possa praticar.↩

**198** Claude Gelée, denominado “Le Lorrain”, pintor e gravador francês (1600-1682). Viveu em Roma. Foi um dos maiores paisagistas da época, precursor do impressionismo.↩

# Apêndice



# Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução[1]

ARCHIN. Medida de comprimento equivalente a 0,71 m.

ARKHIEPÍSKOP. Grau hierárquico no clero ortodoxo, intermediário entre bispo e metropolita.

ARKHIMANDRIT. Grau superior do padre-monge, geralmente prelado do mosteiro.

ÁRTIEL. Associação de trabalho comunitário.

AÚL. Povoado no Cáucaso e na Ásia Central.

BABA. Mulher casada na linguagem popular; mulher — em sentido pejorativo, aplicado às mulheres vulgares.

BÁBUCHK. Vovó.

BABÚLINHKA. Vovózinha.

BAIGNOIRE, *fr*. Camarote que fica ao nível da plateia.

BALALAICA (*balalaika*). Instrumento musical, popular, de três cordas.

BÁRIN, BÁRINHA, BARÍTCHNIA. Senhor, senhora, senhorita. Tratamentos de respeito dados outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente empregam-se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.

BÁTIUCHKA. Paizinho. Sinônimo arcaico de pope. Utilizado também na linguagem do povo, como sinônimo de papai, aplicado ao próprio pai ou a pessoas respeitosas, às quais se quer tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo.

BIECHMIET. Casaco curto pespontado, usado pelos tártaros e povos do Cáucaso.

BIEKIECHA. Casaco de homem ajustado na cintura.

BIELKA. Esquilo.

BLIN. Panqueca. Prato típico da quaresma.

BOGOMÓLIETS. Crente, peregrino.

BOIARDO (*boiárin*). Na Rússia moscovita, senhor, grande latifundiário pertencente à classe reinante.

BOLVAN. Bobo.

BONHOME, *fr*. Bondade de caráter, unida à elegância nas maneiras.

BORCHTCH, Sopa de beterraba e outros legumes.

BOUDOIR, *fr*. Pequena sala de estar, geralmente de senhora.

BRAT. Irmão.

BRÁTIETS. Irmão. Forma arcaica usada em sentido figurado: irmão de armas, de religião, etc.

BRIOCHE, *fr*. Pequeno bolo macio, de farinha, manteiga, leite e ovos.

BRUDERSCHAFT, *al*. Fraternidade; irmandade. Costume dos estudantes alemães de beberem em conjunto, entrelaçando os braços, para em seguida usar, entre eles, a forma de tratamento tu.

BURKA. Capa de pele de carneiro, muito usada nas montanhas do Cáucaso.

BURLAK. Homem que puxava outrora as cordas com que eram arrastados os barcos contra a corrente.

CAFTÃ (*kaftan*). Antigo traje masculino; casaco comprido.

CHACHKA. Arma branca, do tipo do sabre, de curva pequena.

CHÁRIK. Bolinha.

CHARMANT, *fr*. Encantador, agradável, gentil.

CHIBUK. Cachimbo turco.

CHLIÚPKA. Barco largo e resistente.

CHTCHERBATI. Diz-se das pessoas que têm marcas de varíola no rosto, ou às que faltam dentes.

CHTCHI. Sopa de couves.

COCHON, *fr*. Porco, porcalhão.

COMPTOIR, *fr*. Balcão, caixa.

COPEQUE (*kopiéika*). Moeda divisionária, centésima parte do rublo.

COTTAGE, *in*. Casinha de campo.

CRÊPE, *fr*. Bolo folhado.

CZAR (*tsar*). Título do monarca na Rússia imperial.

DATCHA. Casa de veraneio fora da cidade.

DÉBAT, *fr*. Conferência, palestra debate.

DIÁDUCHKA. Tio. Em sentido figurado de afeto e respeito.

DIÁKON. Na igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

DIESIATINA. Medida de superfície da terra, equivalente a um hectare e nove centímetros.

DINER, *in*. Jantar; convidado para jantar; comensal.

DJIGUITOVKA. Conjunto de arriscados exercícios equestres, de que eram exímios os cossacos.

DOROGA. Estrada.

DRÓJKI. Carruagem leve.

DUGÁ. Parte dos arreios dos cavalos, um arco de madeira.

DVÓRNIK. Porteiro.

DVORÓVI. Servo do serviço doméstico do latifundiário.

EPARQUIA (*epárkhia*). Diocese ortodoxa administrada por um bispo ou arcebispo ou metropolita.

EPÍSKOP. Grau hierárquico superior a bispo ortodoxo.

FELDSCHER, *al.* Cirurgião militar.

FELDWEBEL, *al.* Primeiro-sargento ou sargento-ajudante.

FEUERBACH, *al.* Riacho de fogo.

FRAU, FRAULEIN, *al.* Senhora, senhorita.

FRAUENMILCH, *al.* Literalmente: leite de mulher.

FRÜH, *al.* Cedo, cedinho.

FRÜSHTÜCK, *al.* Pequeno almoço, café da manhã.

GLÁSNI. Representante eleito nas assembleias administrativas públicas.

GNIEDÓI. Cavalo baio.

GOLUBTCHIK. Pombinho, querido.

GELD, *al.* Dinheiro.

GORIÉLKI. Jogo popular russo semelhante à cabra-cega.

GÓROD. Cidade.

GORÓDSKAIA DUMA. Conselho Municipal ao qual estava confiada a administração da cidade, antes da revolução.

GOR. Montanha.

GOSPODIN, GOSPOJÁ, GOSPODÁ. Senhor, senhora, senhores.

GÓSPOD. Senhor! Meu Deus!

GRÍVIEN. Moeda equivalente a dez copeques.

GROCH. Antiga moeda russa equivalente a meio copeque.

GRUCHA. Pera.

GÚSLI. Antigo instrumento musical de cordas.

GVOSD. Prego, cravo.

HOFSKRIEGSRAT, *al.* Conselho militar da Corte.

IÁ. Pronome russo da primeira pessoa, singular.

IAMAN, *ta.* Mal! Exclamação tártara.

IGÚMIEN, IGÚMIENHA. Monge, freira superior dum mosteiro.

ÍCONE (*ikona*). Imagem de Deus, de um santo ou santos em forma de estampas.

IERARKH. Denominação oficial dos bispos.

IEROMONAKH. Padre-monge.

IKONOSTÁS. Parede enfeitada de ícones, a qual separa o altar da nave, na igreja ortodoxa.

INTIELIGÉNTSIA. Camada social composta dos intelectuais.

ISBÁ (*isbá*). Casa camponesa de madeira.

ISPRÁVNIK. Chefe de polícia de distrito na Rússia czarista.

ISVÓSTCHIK. Cocheiro de carro de aluguel.

JÁVORONOK. Calhandra. Fazem-se pãezinhos em forma de calhandras, quando elas regressam da migração às regiões quentes, simbolizando a chegada da primavera.

JORUNTCHIN. Tenente.

JUNKER, *al.* Suboficial nobre do Exército imperial russo.

KACHA. Mingau.

KALÁTCHI. Pães de trigo em forma de trança, os de Moscou são os mais famosos.

KAMÁRINSKAIA. Dança popular russa.

KAPITANCHKA. Capitoa, mulher do capitão.

KASATCHOK. Dança popular russa, em que o dançarino se mantém de cócoras e vai lançando as pernas para a frente.

KÁTORGA. Galé, trabalhos forçados.

KATSAVIÉIKA. Casaco curto, sem botões.

KAVÁRDAK. Confusão.

KAZÁRM. Quartel.

KEEPSAKE, *in*. Literalmente: lembrança, presente. Peça ou objeto que se oferece como recordação; também livro ou álbum, ilustrados, muito em voga no fim do século XIX.

KHLIST. Adepto da seita *khlistóvstvo*. De *khlistat*: chicotear, fustigar.

KHUTOROK. Povoado.

KIBITKA. Carrocinha de ciganos.

KNUT. Chicote de cordas, ou tiras de couro, presas a um cabo de madeira que servem para fustigar os cavalos.

KOCHKILDI, *ta*. Saudação tártara.

KOPIT. Reunir.

KORÓBOTCHKA. Caixinha.

KRAKOVIAK. Bailado polonês, um tanto agitado, da região de Cracóvia.

KRIEPOSTNÓI. Servo da gleba.

KULIEBIAKA. Empada recheada de carne, peixe, etc.

KULIK. Galinhola.

KULITCH. Pão doce em forma cilíndrica, típico, para festejos da Páscoa.

KUMATCH. Tecido de algodão de cor vermelho vivo.

KUNAK, *ta*. Amigo.

KUTIÁ. Arroz doce com passas e mel. Prato típico no dia de finados.

KVAS. Bebida feita de pão de centeio e de lúpulo ou de frutas.

LAIDAK, *po*. Canalha, alcoviteiro.

LANDAU, *fr*. Carruagem de quatro rodas e capota dupla que abre e fecha.

LÁPOT. Espécie de alpargatas feitas da entrecasca de tília.

LAVA. Arremesso. Ataque da cavalaria cossaca.

LIKHATCH. Cocheiro de cavalo veloz e carruagem elegante; hoje, chofer que despreza as regras de trânsito.

LINIÉIKA. Carruagem de vários lugares, dispostos lateralmente.

LUJA. Poça d'água.

LUTCHINA. Lasca de madeira comprida e fina, usada antigamente para acender luzes ou fogo.

MADONNA, *it*. Gênero de quadro clássico reproduzindo o rosto da Virgem Maria.

MAIDAN. No sul da Rússia, feira, praça da feira.

MAMACHA, (*mamienhka, mamassia*) Mãezinha.

MARMIELAD. Marmelada, doce feito de marmelo, e, por extensão, doutras frutas.

MÁTUCHKA. Mãezinha; diminutivo arcaico, utilizado especialmente

pelo povo para designar a mulher do pope.

MITKI. Irrequieto.

MIR OU SKHOD. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

MITROPOLIT. Grau hierárquico superior dos bispos ortodoxos.

MONAKH. Monge.

MONASTIR. Mosteiro.

MONPLAISIR, *fr*. Recanto de jardim, preparado para repouso e diversão nos parques das grandes mansões.

MORGEN, *al*. Amanhã.

MORS. Mar.

MOST. Ponte.

MUJIQUE (*mujik*). Camponês.

NAGAIKA. Chicote usado pelos cossacos, curto e de couro.

NARÓDNIK. Movimento político russo da segunda metade do século XIX, conhecido como populista, que considerava os camponeses, e não o proletariado como a classe revolucionária.

NA TCHAI. Para o chá. Gorjeta.

NEVÁLID. Inválido. Deturpação de *invalid*. Termo incorporado do francês por ocasião das guerras napoleônicas.

NHANHA. Babá.

NIET. Não.

OFITSIÁNSKAIA. Recinto destinado aos criados nas antigas mansões.

OKHRANA. Polícia secreta, especial e de segurança política do Estado imperial russo.

OKROCHKA. Sopa fria de *kvas*, legumes e carne ou peixe cortados em pedacinhos.

ONUTCHA. Faixa de pano grosseiro para enrolar as pernas antes de calçar as botas ou os *lápti*.

OSMÍNIK. Antiga unidade de peso, variável conforme o local. Oitava parte de um total.

ÓSTROV. Ilha.

OTIETS. Pai.

PAN, PANI, *po*. Senhor, Senhora.

PAPACHA. Pai, paizinho. Em sentido figurado, de respeito e afeto. Também boné de peles usado pelos cossacos.

PÁPOTCHKA. Paizinho, este é o verdadeiro diminutivo, quando se trata do próprio pai.

PARÁCHNIK. Preso escolhido para serviços leves.

PERSPECTIVA (*próspekt*). Avenida, rua larga e reta.

PFEFFERKUCHEN, *al*. Torta de pimenta.

PHRASEUR, *fr*. Fraseador, falador, tagarela.

PIATAK. PIATATCHOK (dimin.). Moeda de cinco copeques.

PICHKA. Pãozinho redondo e fofo, doce ou salgado.

PIELHMIÉNI. Prato típico siberiano, semelhante ao ravióli, recheado de carne.

PIKA. Arma branca, do tipo da lança longa, muito usada pelos cossacos.

PLHASSAT. Dançar.

PLÓCHTCHAD. Praça.

PODIOVKA. Casaco de homem comprido e justo na cintura.

PODPOLKÓVNIK. Tenente-coronel.

POLK. Regimento.

POLKÓVNIK. Coronel.

POLTÍNIN. Moeda que vale meio rublo, isto é: cinquenta copeques.

PONOMAR. Sacristão ortodoxo.

POPE (*pop*). Padre, sacerdote da hierarquia inferior na igreja ortodoxa.

PÓROKH. Pólvora.

PORÚTCHIK. Tenente, no Exército czarista.

PÓSLUCHNIK. Irmão converso ou noviço, que jurou obediência, no clero monástico ortodoxo.

PRÁPORCHTCHIK. Alferes.

PRIÁNIK. Biscoito de mel.

PROTODIÁKON. Diácono superior.

PROTOIEIRIÉI. Padre superior.

PROTOPOPE (*protopop*). Sinônimo de *protoieriéi*.

PSALOMCHTCHIK. Servidor da igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

PUD. Unidade de peso equivalente a dezesseis quilos e quatrocentas gramas.

PUSTINHA. Deserto.

QUADRILLE, *fr*. Contradança de salão, em que tomam parte vários pares em número par.

RASKOL. Cisão.

RASKÓLHNIK. Sectário da agrupação religiosa dos “velhos crentes”.

RAZUM. Inteligência, juízo, bom senso.

RUBLO (*rubl*). Unidade monetária russa.

RUCHE, *fr*. Folho, franzido, pregueado.

SAD. Jardim.

SAJENH. Medida russa de comprimento equivalente a dois metros e treze centímetros.

SAMOVAR (*samovar*). Aparelho de metal, com aquecimento interno em forma de um tubo comprido, que se enche de carvão, destinado a ferver água.

SARAFAN. Vestimenta das camponesas russas, sem mangas.

SAUBUL, *ta*. Saudação tártara.

SELIM ALÊIKUM, *ta*. Louvado seja Alá! Fórmula de saudação nos países islâmicos.

SIROTÁ. Órfão.

SKHOD OU MIR. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

SKÓPIETS. Adepto da seita religiosa que tinha por base o voto de castidade. Castrado.

SKVIÉRNI. Ruim.

SOBOR. Catedral.

SPLEEN, *in*. Mau humor.

STABSKAPITAN, *al*. Capitão de Estado-Maior.

STANOVÓI. Chefe da polícia rural na Rússia czarista.

STARCHINÁ. Antes da revolução, representante eleito de uma das camadas sociais para administrar negócios públicos.

STÁRIETS. Homem idoso, mendigo, monge de grande reputação por sua sabedoria, meditação, etc.

STÁROSTA. Chefe eleito ou designado de uma entidade. Antes da revolução, chefe eleito da aldeia.

STAROVIER. Adepto de um movimento religioso composto de várias seitas, surgido na Rússia no século XVII como resultado da cisão da igreja. Os *staroviéri* procuravam conservar os velhos ritos da igreja e seu modo de vida.

STORONÁ. Bairro.

SÚDAR, SÚDARINHA, SÚDARI. Senhor, Senhora, Senhores. Termos arcaicos.

SUKHAR. Pão ressequido e grosseiro; espécie de pão de munição constante da ração dos soldados.

SVAKHA. Casamenteira; mulher que tinha por incumbência fazer a ligação entre as famílias dos noivos e combinar o casamento e o dote.

TARANTÁS. Carroça de quatro rodas, coberta ou descoberta.

TARATAIKA. Carro leve, de duas rodas, tipo *charrete*.

TCHAST. Distrito.

TCHÁSTNI. Particular.

TCHERKESKA. Casaco comprido e estreito, dos caucasianos e cossacos, justo na cintura, sem gola e decote em forma de V.

TCHERNOSIOM. Terras férteis, negras, ricas em substâncias orgânicas.

TCHERVÓNIETS. Nota de dez rublos, usada antigamente.

TCHÉTVIERT. Quartilho, antiga medida equivalente a um quarto de um total, aproximadamente dois litros.

TCHETVIERTAK. Moeda no valor de um quarto de rublo, 25 copeques.

TCHIEKMIEN. Vestimenta de homem, espécie de capa muito usada pelos cossacos.

TCHIN. Grau hierárquico dos militares e funcionários civis.

TCHIKIR, *ta*. Vinho do Cáucaso, pouco fermentado.

TCHINÓVNIK. Funcionário do Estado.

TIELIEGA. Carroça de quatro rodas para transporte de cargas.

TIERGARTEN, *al*. Jardim das feras, parque zoológico.

TIÚRIA. Prato de pão esmigalhado e *kvas*.

TRIEPAK. Dança popular russa, muito animada.

TROICA (*tróika*). Trenó ou carro puxado por três cavalos.

TULUP. Casaco comprido de peles de carneiro com o pelo para dentro.

TUNGUS. Antiga denominação dos evenos, habitantes do norte e leste da Sibéria.

UCASSE (*ukás*). Decreto de uma instância superior do regime, equivalente a uma lei.

UGLOV. Esquina, canto.

UIESD. Na Rússia antiga, distrito ou cantão administrativo.

ÚLITSA. Rua.

UNIAT. Adepto da *unia*. Eclesiástico e crente da igreja greco-católica.

UNTEROFFIZIER, *al*. Suboficial.

UTCHÍTEL. Professor, preceptor.

VATER, *al*. Pai.

VATRUCHKA. Pãozinho com requeijão.

VAURIEN, *fr*. Velhaco, tratante, patife.

VAUXHALL, *in*. Lugar ao ar livre onde se davam concertos e bailes; cassino.

VERSTA (*vierstá*). Medida russa de comprimento, equivalente a um quilômetro e sessenta metros.

VIÉRCHOK. Antiga medida russa de comprimento, equivalente a 4,4 centímetros.

VIÉRNI. Leal, fiel.

VODCA (*vodka*). Bebida alcoólica russa do tipo de aguardente de trigo.

VOIEVODA. Na antiga Rússia, chefe de exército ou distrito.

VÓLOST. Na Rússia antes da revolução, unidade administrativo-territorial, subdivisão de distrito nas regiões rurais.

VOROTÁ. Portão.

YÁKCHI, *ta*. Está bem!

YOK, *ta*. Não.

ZAKÚSKI. Frios para acompanhar o aperitivo.

ZÁVTRAK. Pequeno almoço, café da manhã.

ZIÉMSKI NATCHÁLHNIK. Na Rússia czarista, chefe de distrito com poderes administrativos, jurídicos e policiais.

ZIÉMSTVO. Antes da revolução, poder autônomo local nas regiões rurais, cujos representantes, em sua maioria, eram grandes latifundiários e nobres.

ZVIER. Besta, fera, alimária.

**1** Constam, também, deste vocabulário os termos comuns russos já aportuguesados e registrados nos dicionários, tais como czar, rublo, vodca, etc., seguidos, porém, da transliteração fonética, entre parêntesis. O mesmo não sucede com os vocábulos doutras línguas, que, por corriqueiros demais, faziam supérflua a sua inclusão, p.e. *adieu* do francês, e *pudding* do inglês.↩

*al*. alemão *fr*. francês *in*. inglês *it*. italiano *la*. latim *po*. polonês *ta*. tartaro.

**Copyright © 2018 by Global Editora**

1a Edição Digital, Nova Aguilar, 2022

**Jefferson L. Alves** – diretor editorial
**Jiro Takahashi** – editor executivo
**Sebastião Lacerda** – consultoria
**Flávio Samuel** – gerente de produção
**Booknando e Taís do Lago** – produção digital
**Jefferson Campos** – assistente de produção
**Luiz Maria Veiga, Eunice Nunes de Freitas e Márcia Benjamim** – revisão
**Homem de Melo & Troia Design** – projeto de design

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881
Fiódor Dostoiévski [livro eletrônico] : obra completa / versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes ; acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben. – 1. ed. – São Paulo : Editora Nova Aguilar, 2022.
ePub

Título original: Fiódor Dostoiévski
Conteúdo: Romances da maturidade.

ISBN 978-65-89645-25-2 (v. 3)

1. Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881 2. Ficção russa I. Nunes, Natália. II. Mendes, Oscar. III. Ben, Luis de. IV. Título.

22-116114CDD-891.73

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura russa891.73

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

EDITORA
NOVA AGUILAR

**Editora Nova Aguilar**
Rua Pirapitingui, 111 — Liberdade
CEP 01508-020 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 3277-7999
e-mail: novaaguilar@novaaguilar.com.br

Direitos reservados.
Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

No de Catálogo: **10046.EB**

# Fiódor Dostoiévski

# *Obra completa*

VOLUME 4

Romances da maturidade
Outros escritos

# Fiódor Dostoiévski
# *Obra completa*

## volume 4
## Romances da maturidade
## Outros escritos

Versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes

Acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben

***

1a edição digital

São Paulo

2022

Editora Nova Aguilar

BIBLIOTECA
UNIVERSAL

# FIÓDOR DOSTOIÉVSKI
# Obra completa em quatro volumes

## VOLUME 1

## Introdução geral

## Novelas da juventude

Pobre gente / O duplo / O senhor Prokhártchin / A dona da casa / Um romance em nove cartas / Polzunkov / Coração frágil / O ladrão honrado / A mulher alheia e o homem debaixo da cama / Uma árvore de Natal e um casamento / Noites brancas / Niétotchka Niezvânova / O pequeno herói / O sonho do tio / A granja de Stiepântchikovo e os seus moradores

## VOLUME 2

## Obras de transição

Humilhados e ofendidos / Memórias da casa dos mortos / Uma história aborrecida / Notas de inverno sobre impressões de verão / Memórias do subterrâneo

## Romances da maturidade

Crime e castigo

## VOLUME 3

O jogador / O idiota / O eterno marido / Os demônios

## VOLUME 4

O adolescente / Os irmãos Karamázovi

## Outros escritos

Esquema para o grande pecador / O crocodilo / O Mujique Márei / Uma doce criatura / O sonho de um homem ridículo / Excertos do diário de um escritor

## Romances da maturidade (continuação)

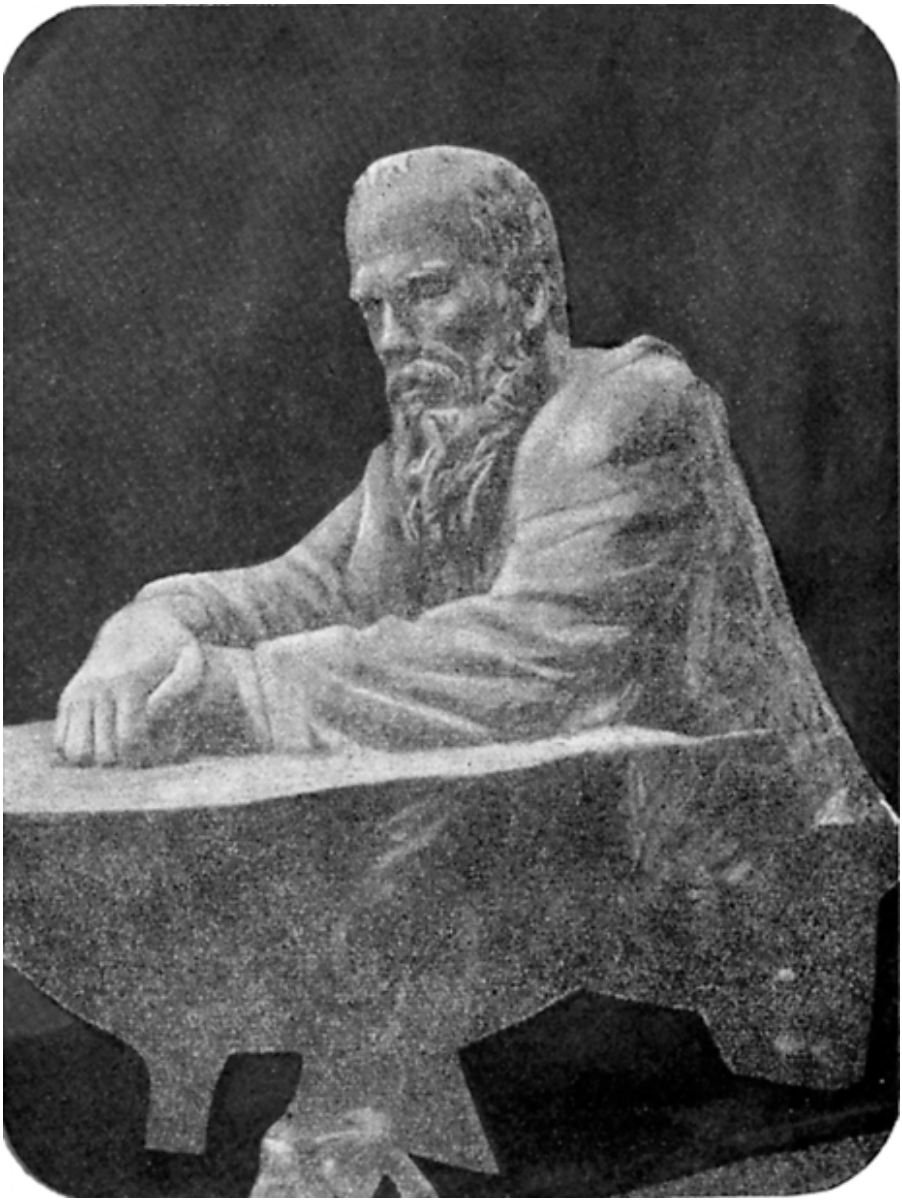
O adolescente
Os irmãos Karamázovi

## Outros escritos

Prólogo geral
Esquema para o grande pecador
O crocodilo
O Mujique Márei
Uma doce criatura
O sonho de um homem ridículo
Excertos do “Diário de um escritor”

## Apêndice

Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução



Escultura em madeira, de S. Konenkov (1956). Moscou, Museu Dostoiévski.

# O adolescente

# O adolescente
(1876)

## Primeira parte

### Capítulo primeiro

I

Sem poder conter-me, começo a escrever esta história de meus primeiros passos na carreira da vida. E, no entanto, poderia muito bem não fazer isso. Só uma coisa é certa: nunca mais me porei a escrever minha autobiografia, ainda que tivesse de viver cem anos. É preciso estar por demais vilmente enamorado de si mesmo, para falar a respeito sem pudor. A única desculpa que encontro para mim é que não escrevo pelo mesmo motivo que toda gente, isto é, para obter louvores do leitor. Se, de repente, meti na cabeça anotar, palavra por palavra, tudo quanto me aconteceu desde o ano passado, foi por uma necessidade interior: tão impressionado fiquei pelos fatos ocorridos! Limito-me a registrar os acontecimentos, evitando com todas as minhas forças o que lhes é estranho e sobretudo os artifícios literários; um literato escreve durante trinta anos e finalmente ignora por que escreveu por tantos anos. Não sou e nem quero ser literato. Arrastar a intimidade de minha alma e uma bela descrição de meus sentimentos pelo seu mercado literário seria a meus olhos uma inconveniência e uma baixeza. Prevejo entretanto, não sem desgosto, que será provavelmente impossível evitar por completo as descrições de sentimentos e as reflexões (talvez mesmo vulgares), tanto desmoraliza o homem todo trabalho literário, mesmo empreendido unicamente para si! E essas reflexões podem ser mesmo muito vulgares, porque o que estimais pode muito bem não ter nenhum valor para um estranho. Mas tudo isto seja dito entre parênteses. Está feito o meu prefácio: não haverá mais nada desse gênero. À obra! se bem que nada haja de mais difícil que empreender uma obra, e talvez mesmo pôr-se à obra em geral.

## II

Começo, isto é, quereria começar minhas memórias na data de 19 de setembro do ano passado, ou seja, precisamente no dia em que pela primeira vez encontrei…

Mas explicar quem foi que encontrei, assim, de antemão, quando ninguém sabe de nada, será vulgar; este tom mesmo, creio, é vulgar. Depois de ter jurado a mim mesmo evitar os ornatos literários, eis que caio nisso desde a primeira linha. Além disso, para escrever de maneira discreta, não basta querer. Farei também notar que não há, creio bem, uma única língua europeia que seja tão difícil de escrever como a russa. Acabo de reler o que escrevi agora mesmo e vejo que sou muito mais inteligente do que o que está escrito aí. Como se dá, pois, que as coisas enunciadas por um homem inteligente sejam infinitamente mais tolas que o que fica em seu cérebro? Notei-o mais de uma vez em mim e nas minhas relações orais com os outros homens, durante todo aquele último ano fatal, e isso bastante me mortificou.

Muito embora comece na data de dezenove de setembro, direi entretanto em duas palavras quem sou, onde estive antes dessa data e, por conseguinte, o que podia ter na cabeça, pelo menos parcialmente, naquela manhã de dezenove de setembro, para que seja mais inteligível ao leitor e a mim também talvez.

## III

Sou um antigo ginasiano e eis-me agora com vinte e um anos de idade. Meu nome é Dolgorúki e meu pai perante a lei Makar Ivânov Dolgorúki, ex-servo doméstico dos senhores Viersílovi. De modo que sou filho legítimo, embora no mais alto grau ilegítimo e não haja a menor dúvida sobre minha origem. Eis como: há vinte e dois anos, o proprietário Viersílov (é ele o meu pai), aos vinte e cinco anos, visitou seu domínio na província de Tula. Suponho que naquela época era ainda uma criatura muito impessoal. É curioso como esse homem, que tanto me impressionou desde minha infância, que teve uma influência tão capital sobre a formação de minha alma e, por muito tempo talvez, contaminou todo o meu futuro, permanece para mim, ainda

hoje e numa infinidade de pontos, um verdadeiro enigma. Mas voltaremos a isso mais tarde. Não é tão fácil de contar. Esse homem, de qualquer maneira, estará presente sempre neste meu caderno.

Naquela época, aos vinte e cinco anos, acabava de perder sua mulher. Era uma senhora da alta sociedade, mas não muito rica, chamada Fanariótova, e dela lhe vieram um filho e uma filha. Minhas informações a respeito dessa esposa tão cedo desaparecida são bastante incompletas e perdem-se no conjunto de meus materiais; aliás, numerosas circunstâncias da vida de Viersílov escaparam-me, tanto se mostrou ele sempre comigo altivo, orgulhoso, reservado e negligente, a despeito duma espécie de humildade, por vezes assombrosa, diante de mim. Menciono, entretanto, a título de indicação, que esbanjou ao curso de sua existência três fortunas, até mesmo bastante copiosas, num total de mais de quatrocentos mil rublos e talvez mais. Agora, naturalmente, não tem mais um copeque…

Foi então ao seu domínio "Deus sabe por quê"; pelo menos foi assim que se explicou mais tarde comigo. Seus filhos não estavam com ele, mas em casa de parentes, segundo seu hábito: foi assim que sempre agiu com sua progênie, legítima ou ilegítima, durante toda a sua vida. Havia naquela propriedade certa quantidade de criados: entre eles, o jardineiro Makar Ivânov Dolgorúki. Acrescentarei aqui, para não ter de voltar mais a isso: poucas pessoas tiveram na vida de amaldiçoar tanto o seu nome quanto eu. Era sem dúvida estúpido, mas era assim. Cada vez que eu entrava numa escola, ou que encontrava pessoas às quais minha idade obrigava-me a prestar contas, em suma, cada professor, preceptor, censor, vigário, não importa quem, depois de ter perguntado meu nome e sabido que era Dolgorúki, experimentava a necessidade de perguntar:

— Príncipe Dolgorúki?

E cada vez era eu obrigado a explicar a todos esses desocupados:

— Não, Dolgorúki, simplesmente.

Esse "simplesmente" acabou por me pôr louco. Notarei como uma espécie de fenômeno que não me lembro de uma só exceção: todos me

faziam a pergunta. Alguns, decerto, faziam-na sem o menor interesse; não sei, aliás, em que podia isso interessar a quem quer que fosse. Mas todos a faziam, até o último. Sabendo que eu era Dolgorúki, simplesmente, o interrogador olhava-me de alto a baixo, em geral com um olhar obtuso e tolamente indiferente, testemunhando que não sabia ele mesmo por que me havia interrogado, e ia-se embora. Mas os mais ferinos eram os colegas de escola. Como um novato é interrogado por um veterano! O novato, transtornado e confuso, no primeiro dia de sua entrada na escola (não importa em qual escola) é o arre-burrinho geral, dão-lhe ordens, irritam-no, tratam-no como criado. Um gorducho, cheio de saúde, planta-se de repente diante de sua vítima, bem em frente, e observa-a alguns instantes com um olho severo e insolente. O novato mantém-se diante dele em silêncio, olha-o de través se não é um covarde e aguarda os acontecimentos.

— Como te chamas?

— Dolgorúki.

— Príncipe Dolgorúki?

— Não, Dolgorúki, simplesmente.

— Ah!… simplesmente! Idiota!

E tem razão: nada de mais bobo que se chamar Dolgorúki, quando não se é príncipe. Essa bobice, arrasto-a comigo sem nenhuma culpa minha. Mais tarde, quando comecei a zangar-me seriamente, ao me perguntarem: “Tu és príncipe?”, respondia sempre:

— Não, sou filho dum criado, antigo servo.

Mais tarde ainda, quando passei a ficar furioso, ao me perguntarem: “Você é príncipe?”, respondi firmemente um dia:

— Não; Dolgorúki simplesmente, filho natural de meu antigo amo, o Senhor Viersílov.

Foi quando estava na classe de retórica que fiz este achado e, muito embora me convencesse dentro em pouco que era uma tolice, não renunciei a isso imediatamente. Lembro-me de que um dos

professores — era aliás o único — descobriu que eu estava “cheio de ideias de vingança e de civismo”. Duma maneira geral, acolheram essa minha saída com uma seriedade um tanto ofensiva para mim. Afinal, um de meus camaradas, um pequeno muito mordaz e com o qual eu só conversava uma vez no ano, disse-me com ar profundo, mas olhando ligeiramente para o lado:

— Esses sentimentos o honram, decerto, e, sem nenhuma dúvida, você tem de que mostrar-se orgulhoso. No entanto, no seu lugar, não bancaria tanto de glorioso por ser filho natural… Podem achar, na verdade, que você está zombando!

Desde então cessei de “gabar-me” de minha ilegitimidade.

Repito, é muito difícil escrever em russo: já enegreci três folhas para explicar como praguejei toda minha vida contra meu nome, e o leitor já concluiu certamente que fico simplesmente com raiva por não ser príncipe, mas Dolgorúki simplesmente. Não me rebaixarei a explicar-me e a justificar-me uma vez mais.

## IV

Assim, pois, entre a criadagem que formava legião, além de Makar Ivânov, encontrava-se uma moça, e que já andava pelos seus dezoito anos quando Makar Dolgorúki, aos cinquenta, manifestou de repente intenção de desposá-la. No regime da servidão, os casamentos entre servos domésticos concluíam-se, como se sabe, com a autorização dos amos, por vezes mesmo por sua ordem. No domínio morava então uma tia; para falar a verdade, não era minha tia, mas a dama do castelo; somente, não sei por que toda gente a chamava de tia, tia em geral, e era a mesma coisa em casa dos Viersílovi, com os quais, aliás, ela bem podia ser aparentada. Era Tatiana Pávlovna Prutkova. Possuía ainda naquela época, na mesma província e no mesmo distrito, trinta e cinco “almas” de sua propriedade. Administrava, ou antes, fiscalizava, a título de vizinha, a propriedade de Viersílov (quinhentas almas), e essa fiscalização, segundo o que ouvi dizer, valia a de não importa qual administrador especialmente instruído. Aliás, seus conhecimentos não me interessam absolutamente; quero somente acrescentar, rejeitando qualquer

pensamento de louvor e de lisonja, que essa Tatiana Pávlovna é uma criatura nobre e até mesmo original.

Foi, pois, ela quem, longe de contrariar os pendores matrimoniais do sombrio Makar Dolgorúki (parece que ele era muito sombrio), os encorajou ao mais alto ponto. Sófia Andriéievna (a tal serva de dezoito anos, minha mãe) era órfã havia já muitos anos; seu pai, que tinha por Makar Dolgorúki um respeito extraordinário e lhe era não sei por que muito grato, servo também ele, ao morrer seis anos antes, em seu leito de morte, e pretende-se mesmo que um quarto de hora antes de lançar o último suspiro, e era mesmo possível ver nisso, em caso de necessidade, um efeito do delírio, se já não estivesse incapaz como servo, mandara chamar Makar Dolgorúki e, diante de todo o pessoal e na presença do padre, exprimira-lhe em voz alta e insistente essa derradeira vontade, designando-lhe sua filha: "Educa-a e toma-a por esposa!". Estas palavras foram ouvidas por todo mundo. No que concerne a Makar Ivânov, ignoro com quais sentimentos casou-se em seguida, se com grande prazer ou somente para cumprir um dever. O mais provável é que manifestasse exteriormente perfeita indiferença. Era um homem que, já então, sabia fazer-se valer. Sem ser versado nas escrituras ou culto (sabia de cor todos os ofícios e sobretudo algumas vidas de santos, mas apenas de ouvir contar), sem ser uma espécie de argumentador profissional, tinha muito simplesmente um caráter decidido, por vezes mesmo audacioso; falava com firmeza, tinha opiniões categóricas e, em uma palavra, "vivia honradamente", segundo sua admirável expressão. Eis que homem era então. Gozava naturalmente do respeito de todos, mas, dizem, tornava-se insuportável para todos. Tudo mudou, quando deixou a casa: só se falou dele como de um santo e de um mártir. Tudo isso sei de boa fonte.

Pelo que se refere ao caráter de minha mãe, Tatiana Pávlovna manteve-a até os dezoito anos a seu lado, a despeito do administrador, que queria mandá-la como aprendiz para Moscou, e deu-lhe alguma educação, isto é, ensinou-lhe corte e costura, boas maneiras e até mesmo ensinou-a um pouco a ler. A escrever, minha mãe nunca conseguiu direito. A seus olhos, aquele casamento com Makar Ivânov era desde muito tempo coisa resolvida e tudo quanto lhe adveio então

pareceu-lhe excelente e perfeito; deixou-se conduzir ao altar com a fisionomia mais calma que se possa ter em semelhante caso, se bem que a própria Tatiana Pávlovna a tratasse então de “peixe”. Foi de parte dessa mesma Tatiana Pávlovna que vim a saber do que se refere ao caráter de minha mãe naquela época. Viersílov chegou às suas terras exatamente seis meses após esse casamento.

## V

Quero simplesmente indicar que jamais pude saber ou adivinhar de maneira satisfatória como se iniciaram as coisas entre ele e minha mãe. Estou completamente disposto a crer, como ele me assegurou o ano passado, ruborizado, muito embora me tivesse feito todo esse relato com o ar mais desprendido e mais espiritual, que não houve naquilo nada de novelesco e que tudo se passou assim. Creio que é verdade e esse “assim” é encantador. Apesar de tudo, sempre tive vontade de saber como pôde aquilo começar. Sempre tive e tenho ainda horror a essas sujeiras. Não, decerto, não é curiosidade malsã de minha parte. Farei notar que até o ano passado não conheci, por assim dizer, minha mãe; desde a infância, fui confiado a estranhos, para maior conforto de Viersílov (vou tratar disto mais tarde), e por conseguinte sou incapaz de imaginar como era sua fisionomia então. Se não era bela, que havia nela que pudesse seduzir um homem como Viersílov? Esta pergunta é importante para mim porque esse homem desenha-se aqui sob um aspecto extremamente curioso. Eis por que a faço a mim mesmo e não por perversão. Ele mesmo, aquele homem sombrio e reservado, me dizia — com aquela amável ingenuidade que o diabo tirava sabe donde (como se tira um lenço do bolso) quando tinha disso necessidade — que era então “um cachorrinho estúpido” e, sem ser sentimental, acabara de ler “à toa”, *Antônio, o sofredor* e *Pólinhka Saks*,[1] duas produções literárias que exerceram influência civilizadora inapreciável sobre a jovem geração da época. Acrescentava que fora talvez por causa de *Antônio, o sofredor* que voltara ao campo e dizia isto com toda a seriedade. Sob que forma pôde aquele “cachorrinho estúpido” entrar em relações com minha mãe? Acabo de imaginar que, se tivesse eu apenas um leitor, não deixaria ele de rir desbragadamente de mim, ridículo adolescente que, conservando sua tola inocência, pretende raciocinar a respeito de

coisas de que não entende um xis! Não, decerto, nada entendo disso ainda, e confesso-o sem o menor orgulho, porque sei quanto essa inexperiência é ridícula em um grande pateta de vinte anos; somente direi a esse senhor que ele tampouco entende nada disso e lhe provarei isso. É verdade que, no que se refere a mulheres, nada conheço, e nada quero conhecer, porque jurei bem a mim mesmo zombar delas toda a minha vida. Mas sei, no entanto, que uma mulher pode encantar a gente com sua beleza, ou sabe o diabo com que mais ainda, num piscar de olhos; outra, é preciso remoê-la seis meses antes que se compreenda o que lhe vai pelo íntimo; algumas, para vê-las inteiramente e amá-las, não basta contemplá-las, não basta estar pronto para tudo, é preciso, além disso, possuir algum dom. Disto estou convencido, se bem que de nada saiba; se não, seria necessário rebaixar duma vez todas as mulheres à categoria de simples animais domésticos e só conservá-las ao lado da gente como tais. É o que quereriam talvez muitas pessoas.

Sei positivamente de várias fontes que minha mãe não era uma beleza, muito embora nunca tivesse visto retrato seu daquela época, se é que existe algum. Apaixonar-se por ela, à primeira vista, era, pois, impossível. Para uma simples "distração", Viersílov podia escolher outra, havia uma com efeito, e ainda virgem, Anfissa Konstantínovna Sapojkova, jovem criada de quarto. Além disso, para um homem que chegava ali com *Antônio, o sofredor* atentar, em virtude do direito senhorial, contra a felicidade conjugal de seu servo, teria sido bastante vergonhoso a seus próprios olhos, porque, repito, não há mais de alguns meses, isto é, após decorridos vinte anos, falava ele ainda daquele *Antônio, o sofredor* com uma seriedade extraordinária. Ora a Antônio só lhe haviam tomado o cavalo e não a mulher! Passou-se, pois, algo de particular, em detrimento da Senhorita Sapojkova (na minha opinião, para vantagem dela). Uma ou duas vezes, no ano passado, nos momentos em que se podia conversar com ele (não era todos os dias que se podia conversar com ele), fiz-lhe todas estas perguntas e notei que, malgrado toda a sua polidez e a vinte anos de distância, fazia-se rogar por muito tempo. Mas consegui os meus objetivos. Pelo menos, com aquela desenvoltura mundana que ele se permitia muitas vezes comigo, gaguejou um dia coisas estranhas: minha mãe era uma dessas criaturas "sem defesa" a quem não se pode

amar — decerto que não! — mas que, de repente, não se sabe por que, despertam a compaixão, por causa de sua doçura, por causa de quê, afinal? Nunca se sabe nada. Mas a compaixão dura; à força de compaixão, a gente se sente preso… “Em uma palavra, meu menino, acontece mesmo que não se possa a gente mais libertar.” Eis o que ele me disse. E se as coisas se passaram realmente dessa maneira, sou obrigado a ver nele bem outra coisa que não um cachorrinho estúpido, como se qualifica a si mesmo naquela época. É tudo o que queria eu fazer notar.

Aliás, pôs-se logo a assegurar-me que minha mãe o havia amado por “humildade”; um pouco mais, ia inventar que “por obediência servil”! Mentia por “bom-tom”, mentia contra sua consciência, contra a honra e a generosidade!

Tudo isto, é bem certo, escrevi, poderia dizer, em louvor de minha mãe, e, no entanto, como já declarei, ignoro absolutamente o que era ela então. Mais ainda, conheço bastante bem a impermeabilidade do meio e das miseráveis noções entre as quais criou ranço desde sua infância e entre as quais passou em seguida toda a sua existência. Apesar de tudo, a desgraça consumou-se. A propósito, uma retificação: perdi-me nas nuvens e esqueci-me de um fato que seria, pelo contrário, necessário pôr em destaque: foi pela “desgraça” que tudo começou entre eles. (Espero que o leitor não fingirá não compreender imediatamente de que é que quero falar.) Em uma palavra, esses começos foram senhoriais, se bem que a Senhorita Sapojkova tivesse sido deixada de parte. Mas aqui intervenho e declaro de antemão que não me contradigo absolutamente. De que, grande Deus, de que podia então falar um homem como Viersílov a uma pessoa como minha mãe, mesmo no caso de amor irresistível? Ouvi dizer de boca de debochados que muitas vezes o homem, ao abordar a mulher, começa sem pronunciar uma palavra, o que é evidentemente o cúmulo da monstruosidade e do nojo; Viersílov, mesmo que quisesse, não poderia, creio, começar de maneira diferente com minha mãe. Poderia começar por explicar-lhe *Pólinhka Saks*? Sem contar que não se preocupavam nada com a literatura russa; segundo suas próprias palavras (num dia em que se abriu comigo), ocultavam-se nos cantos, tocaiavam um ao outro nas escadas, saltavam bem

longe, como bolas, com as faces vermelhas, se alguém passava e o "proprietário tirano" tremia diante da derradeira das varredoras, a despeito de todos os seus direitos feudais. Se as coisas começaram à moda senhorial, continuaram assim, mas não completamente, e no fundo não há explicações a procurar. Só poderiam tornar mais espessas as trevas. As que que tomou o amor entre eles já são um enigma, pois a primeira condição de indivíduos como Viersílov é largar tudo ali, assim que o objetivo é atingido. Deu-se entretanto o contrário. Pecar com uma bonita serva desmiolada (minha mãe não era, aliás, desmiolada), para um "cachorrinho" devasso (eram todos devassos, todos até o último, progressistas e retrógrados), é coisa não somente possível, mas até mesmo inevitável, sobretudo se se pensa em sua situação romanesca de jovem viúvo e na sua ociosidade. Mas amar para toda a vida, é demais. Não garanto que ele a haja amado; mas que a tenha arrastado atrás de si toda a sua vida, é um fato.

Fiz bastantes perguntas, mas há uma, a mais importante, que não ousei formular francamente à minha mãe, se bem que me tenha aproximado muito dela o ano passado, e, na qualidade de filho grosseiro e ingrato que julga os outros "culpados", não me tenha mostrado absolutamente constrangido com ela. Eis a tal pergunta: como pôde ela, casada havia seis meses e sob o peso de todas as ideias sobre a santidade do matrimônio, esmagada como uma mosca sem defesa, ela que respeitava seu Makar Ivânovitch como a uma espécie de Deus, como pôde ela, em uns quinze dias apenas, cair em semelhante pecado? Não era, no entanto, uma mulher transviada. Pelo contrário, digo isso já antecipadamente, seria difícil imaginar alma mais pura, durante toda sua vida. A única explicação é que ela agiu sem ter consciência, não no sentido em que os advogados de hoje o dizem a respeito de seus assassinos ou de seus ladrões, mas sob uma dessas impressões fortes que, numa vítima um tanto simples, a arrebatam fatal e tragicamente. Quem sabe? Talvez ela amou perdidamente… o corte de suas roupas, a risca à parisiense de seus cabelos, sua pronúncia francesa, sim francesa, da qual não compreendia nada, a romança que ele cantara ao piano. Amou alguma coisa que jamais havia visto ou ouvido (era ele um homem muito bonito) e de repente amou-o totalmente, a ponto de desmaiar, com suas roupas e suas romanças. Ouvi dizer que isto acontecia por vezes

às jovens servas na época da servidão, e até mesmo às mais honestas. Até compreendo. E vil será quem o explique unicamente pela servidão e pela "humildade". Assim, pois, pôde aquele jovem ter bastante força e sedução para atrair uma criatura até ali tão pura e sobretudo uma criatura tão perfeitamente estranha à sua natureza, vinda dum mundo bem diverso e duma outra terra, para um abismo tão manifesto. Que tenha sido um abismo, minha mãe, espero, sempre compreendeu; somente, enquanto para ele caminhava, não pensava nele; essas criaturas "indefesas" são sempre as mesmas: sabem que o abismo está ali, mas correm para ele.

Praticado o pecado, logo se arrependeram. Contou-me ele, com gracejo, como soluçou no ombro de Makar Ivânovitch, convocado expressamente para isto ao seu gabinete, enquanto ela, durante esse tempo… estava deitada em alguma parte, inconsciente, no seu quartinho de serva…

## VI

Mas basta de falar dessas perguntas e desses detalhes escandalosos. Viersílov comprou a alforria de minha mãe a Makar Ivânov, partiu precipitadamente e desde então, como escrevi acima, arrastou-a atrás de si quase por toda parte, salvo quando se ausentava por muito tempo. Deixava-a então, na maior parte das vezes, aos bons cuidados da tia, isto é, de Tatiana Pávlovna Prutkova, que naquelas ocasiões acontecia sempre estar presente. Passavam temporadas em Moscou, em todas as outras espécies de domínios ou cidades, e até mesmo no estrangeiro, e por fim em Petersburgo. Falarei disso, mais tarde ou então de modo algum. Direi somente que um ano depois Arkádi Ivânovitch veio ao mundo; um ano ainda depois, minha irmã; depois, dez ou onze anos mais tarde, meu irmão caçula, um menino doentio que morreu ao fim de alguns meses. Esses partos dolorosos acabaram com a beleza de minha mãe. Foi pelo menos o que me disseram. Começou a envelhecer e a enfraquecer-se rapidamente.

Mas com Makar Ivânovitch as relações não cessaram nunca. Onde quer que estivessem residindo os Viersílovi, quer vivessem vários anos em seguida no mesmo local, quer viajassem, não deixava Makar

Ivânovitch de enviar notícias suas “à família”. Constituíram-se assim relações singulares, um pouco solenes e quase sérias. Entre senhores, era fatal que se tivesse misturado a isso algo de cômico, muito bem; mas ali, nada de semelhante. As cartas chegavam duas vezes por ano, nem mais nem menos, espantosamente semelhantes umas às outras. Vi-as; quase nada contém de pessoal; pelo contrário, tanto quanto possível, unicamente informações cerimoniosas a respeito dos acontecimentos mais gerais e dos sentimentos mais gerais, se assim podemos exprimir-nos a propósito de sentimentos: notícias de sua saúde, depois perguntas a respeito da saúde do destinatário, depois votos, saudações e bênçãos cerimoniosas e é tudo. Essa generalidade e essa impessoalidade são, creio, o bom-tom e a civilidade desse meio. “À nossa amada e respeitada esposa Sófia Andriéievna dirijo nossa mais humilde saudação…” “A nossos queridos filhos envio nossa bênção paternal para sempre inalterável.” Seguiam-se todos os nomes dos meninos, na ordem de sua saudação, eu inclusive. Notarei aqui que Makar Ivânovitch era senhor de bastante espírito para nunca chamar “Sua nobreza o respeitadíssimo Senhor Andriéi Pietróvitch”, de “benfeitor”, mas em cada carta dirigia-lhe, invariavelmente, suas mais humildes saudações, pedindo-lhe a bênção e para ele a graça de Deus. As respostas a Makar Ivânovitch eram prontamente enviadas por minha mãe e sempre redigidas no mesmo estilo. Viersílov não participava da correspondência. Makar Ivânovitch escrevia de todos os cantos da Rússia, das cidades e dos mosteiros onde permanecia, por vezes longamente. Tornou-se um errante. Jamais pedia coisa alguma; em contraposição, três vezes por ano vinha sem falta à casa e parava em casa de minha mãe, acontecendo então ter ela sempre um apartamento seu próprio, distinto do de Viersílov. Terei de voltar a isto mais tarde, mas anotarei somente aqui que Makar Ivânovitch não se refestelava nos divãs do salão, mas instalava-se modestamente em alguma parte, por trás de um biombo. Não demorava por muito tempo: cinco dias, uma semana.

Esqueci-me de dizer que ele amava e respeitava muito seu nome de Dolgorúki. Naturalmente, é uma tolice ridícula. O mais bobo é que esse nome lhe agradava justamente porque há príncipes Dolgorúki. Estranha concepção, o inverso do bom senso!

Disse que a família estava sempre reunida evidentemente sem mim. Fora como que lançado por cima da amurada e quase logo depois de meu nascimento colocado em casa de estranhos. Não havia nisso a menor intenção; ocorria muito simplesmente. Quando me pôs no mundo, era minha mãe ainda jovem e bela; era portanto boa para ele em alguma coisa e um menino chorão era bem aborrecido, sobretudo em viagem. Eis como se deu que, até os meus vinte anos, não vi, por assim dizer, minha mãe, exceto em duas ou três ocasiões passageiras. A culpa não cabia aos sentimentos de minha mãe, mas à atitude orgulhosa de Viersílov para com as pessoas.

## VII

Agora, uma coisa bem diferente.

Há um mês, isto é, um mês antes de dezenove de setembro, em Moscou, resolvi renunciar a todos eles e realizar decididamente minha ideia. Emprego esta frase "realizar minha ideia" porque esta expressão pode significar quase todo o meu pensamento essencial… aquilo mesmo pelo qual vim ao mundo. Que é a "minha ideia"? Dela terei de falar muito longamente mais adiante. Na solidão sonhadora de meus longos anos de Moscou, formou-se em mim desde a classe de retórica e desde então não me abandonou um instante sequer. Devorou toda a minha existência. Antes dela também, vivia eu no sonho, vivi desde minha infância num reino encantado dum certo matiz, mas com o aparecimento dessa ideia essencial e devoradora meus sonhos consolidaram-se e revestiram-se de vez de uma forma determinada: de absurdos, tornaram-se sensatos. O ginásio não impedia os sonhos; não impediu tampouco minha ideia. Acrescentarei, entretanto, que meu derradeiro ano foi ruim, ao passo que em todas as minhas classes até então achava-me nos primeiros lugares. Foi isto devido a essa mesma ideia, a consequência talvez falsa que dela tirei. De modo que o ginásio não estorvava a ideia, a ideia estorvou o ginásio. Estorvou também a Universidade. Ao sair do ginásio, tive logo a intenção de romper radicalmente não só com todos os meus, mas, se fosse preciso, com o mundo inteiro, se bem que me encontrasse ainda nos meus vinte anos. Escrevi a quem de direito, e por quem de direito, em Petersburgo, que me deixassem definitivamente tranquilo, que não

remetessem mais dinheiro para minha manutenção, e, se possível, que me esquecessem totalmente (no caso, é evidente, de se lembrarem um pouco de mim), e afinal que, “por coisa alguma do mundo”, entraria para a Universidade. O dilema que se punha diante de mim era inelutável: ou bem a Universidade e a continuação de meus estudos, ou bem adiar quatro anos ainda a realização de minha “ideia”. Tomei sem hesitar o partido de minha ideia, porque estava matematicamente convencido. Viersílov, meu pai, que vira uma vez somente em minha vida, no espaço dum instante, quando tinha dez anos (e que naquele instante tivera tempo de me causar estupefação), Viersílov, em resposta à minha carta, que, aliás, não lhe era dirigida, chamou-me a Petersburgo por um bilhete de seu próprio punho, prometendo-me um lugar em casa de um particular. Esse convite de um homem seco e orgulhoso, cheio de altivez e de negligência para comigo e que até então, depois de me ter gerado e abandonado a estranhos, não somente não mais me conhecera, mas nem mesmo disso jamais se arrependera (quem sabe? talvez não tivesse de minha existência mesma senão uma noção vaga e imprecisa, porque, como se soube mais tarde, não era ele quem fornecia o dinheiro de minha manutenção em Moscou, mas outras pessoas) — o convite desse homem, digo, lembrando-se de repente de mim e honrando-me com uma carta de seu próprio punho, esse convite, lisonjeando-me, decidiu minha sorte. Coisa singular, o que me agradou entre coisas em seu bilhete (uma pequena página de pequeno formato) foi que não dizia uma palavra a respeito da Universidade, não me pedia que mudasse de opinião, não me censurava por não querer prosseguir meus estudos, em uma palavra: não usava de nenhum desses sermões paternais habituais em tais casos. E, no entanto, foi isto precisamente o pior da parte dele, testemunhando ainda mais a sua indiferença a meu respeito. Resolvi partir por uma outra razão ainda: é que isto não entravava em nada meu sonho principal. “Veremos bem o que acontecerá. Em todo o caso, ligo-me a eles por algum tempo somente, e talvez muito breve. Assim que perceber que esse passo, embora condicional e insignificante, me afasta entretanto do ‘essencial’, romperei imediatamente, abandonarei tudo e voltarei para dentro de minha concha.” De minha concha, é bem isto! “Escondo-me nela, como a tartaruga.” A comparação agradava-me enormemente. “Não estarei mais sozinho — continuava eu meus cálculos, correndo

desatinadamente dum extremo a outro de Moscou, naqueles derradeiros dias —, não estarei sozinho mais nunca, como tenho estado até aqui, durante tantos anos terríveis. Terei comigo minha ideia, que não trairei jamais, mesmo se todos eles me agradassem lá, mesmo se me proporcionassem a felicidade e se vivesse com eles dez anos!" Eis a impressão, digo-o antecipadamente, eis a dualidade de planos e de alvos que, já esboçada em Moscou, não me deixou mais um só instante, em Petersburgo (não sei se houve em Petersburgo um só dia em que não me tenha fixado de antemão como o do fim definitivo de minha ruptura com eles e de minha partida) — essa dualidade, digo, foi, creio, uma das principais causas de muitas de minhas imprudências no curso daquele ano, de muitas de minhas infâmias, de minhas baixezas mesmo, sem falar naturalmente de minhas tolices.

De repente, irrompia em minha vida um pai que antes não existia. Esta ideia embriagava-me durante meus preparativos em Moscou e no trem. Um pai, não era ainda nada, não gostava eu de ternuras, mas aquele homem não quisera conhecer-me e havia-me humilhado, enquanto que, todos aqueles anos, não pensava eu senão nele até a saciedade (se o termo pode aplicar-se a um sonho). Cada um de meus sonhos, desde minha infância, relacionava-se com ele, flutuava em torno dele, voltava finalmente a ele. Não sei se o odiava ou se o amava, mas enchia ele todo o meu futuro, todas as minhas previsões sobre a vida — e isto viera por si mesmo, à medida que eu crescia.

O que influiu para minha partida de Moscou foi também uma circunstância poderosa, uma tentação que, três meses ainda antes de minha partida (num momento em que, por consequência, não se cogitava de Petersburgo), já fazia fremir e bater meu coração! O que me atraía naquele oceano desconhecido era que eu podia entrar nele como senhor e dono da sorte alheia, e de quem! Mas sentimentos magnânimos, e não despóticos, ferviam em mim. Previno de antemão, para que minhas palavras não induzam a erro. Viersílov podia pensar (caso se dignasse em geral a de pensar em mim) receber um menino, saído de pouco do ginásio, um adolescente, escancarando seus olhos à luz. Ora, eu sabia tudo quanto lhe ia pelo íntimo e tinha comigo um documento de primeira importância, em troca do qual (hoje sei com

toda a certeza) teria ele dado vários anos de sua vida, se eu lhe tivesse então descoberto o segredo. Mas dou-me conta de que estou falando por enigmas. É impossível descrever sentimentos sem fatos. Aliás, vou falar suficientemente de tudo isso a seu tempo e foi por isso que tomei da pena. Escrever desta maneira é quase o mesmo que estar delirando ou nas nuvens.

## VIII

Afinal, para chegar definitivamente à data de dezenove, direi com brevidade, e, por assim dizer, de passagem, que encontrei a todos, Viersílov, minha mãe e minha irmã (via esta pela primeira vez em minha vida), num estado digno de pena, quase na miséria ou à véspera da miséria. Soubera-o já em Moscou, mas estava longe de supor a que ponto. Desde minha infância, tomara o hábito de imaginar aquele homem, "meu futuro pai", numa espécie de auréola; não podia imaginá-lo de outra forma senão ocupando em toda parte o primeiro lugar. Viersílov jamais morara com minha mãe, alugava-lhe sempre um apartamento particular. Agia assim, bem decerto, por causa de suas ignóbeis "conveniências". Agora, pelo contrário, viviam todos juntos, num pavilhão de madeira dum beco do Siemiônovski Polk. Todo o mobiliário já se achava no montepio, de sorte que tive de entregar mesmo à minha mãe, às ocultas de Viersílov, meus misteriosos sessenta rublos. Misteriosos porque se tinham acumulado com o dinheiro miúdo que me davam à razão de cinco rublos por mês, durante dois anos. A acumulação começara desde o primeiro dia de minha "ideia" e por isso era que Viersílov nada devia saber desse dinheiro. Tremia com receio disso.

Esse auxílio não foi senão uma gota dágua no oceano. Minha mãe trabalhava, minha irmã também arranjava trabalhos de costura; Viersílov vivia na ociosidade, permitia-se caprichos e conservava uma multidão de velhos hábitos bastante dispendiosos. Era extremamente irritadiço, sobretudo à mesa, e todos os seus modos eram os de um verdadeiro déspota. Mas minha mãe, minha irmã, Tatiana Pávlovna e toda a família do falecido Andrónikov (um chefe de repartição, morto três meses antes, e que tratava também dos negócios de Viersílov), compreendendo uma infinidade de mulheres, viviam de joelhos diante

dele como diante de um ídolo. Não podia imaginar semelhante espetáculo. Devo dizer que, nove anos antes, era ele infinitamente mais sedutor. Já disse que aparecia nos meus sonhos numa espécie de auréola, e por consequência tinha dificuldade em crer que ele pudesse envelhecer e gastar-se àquele ponto em uns poucos nove anos. Sentia também pesar, compaixão e vergonha. Vê-lo assim foi, entre minhas primeiras impressões de chegada, uma das mais penosas. Estava longe de ser um velho, não tinha senão quarenta e cinco anos. Examinando-o de mais perto, descobri em sua beleza alguma coisa de mais impressionante mesmo do que o que dela se havia conservado em minha memória. Menos brilho, menos aparência, menos rebuscamento, mas a vida marcara aquele rosto com não sei que de muito mais curioso do que outrora.

Entretanto a miséria não era senão a décima ou a vigésima parte de suas desgraças, eu sabia muito bem. Fora da miséria, havia alguma coisa de infinitamente mais sério, sem falar da esperança que ele ainda mantinha de ganhar um processo que vinha sustentando havia um ano contra os príncipes Sokólhski, a propósito de uma herança e que lhe podia valer dentro em breve uma propriedade de setenta mil rublos e talvez mais. Já disse acima que esse Viersílov devorara em sua vida três heranças. Ia ser salvo mais uma vez por uma herança! O caso devia decidir-se muito proximamente. Eu chegara em meio dessa esperança. Somente ninguém emprestava dinheiro por conta de uma esperança, não havia ninguém a quem pedir emprestado e, enquanto se esperava, sofria-se.

Viersílov, aliás, não se dirigia a ninguém, muito embora por vezes estivesse o dia inteiro fora. Havia mais de um ano que fora “expulso” da boa sociedade. Essa história, apesar de todos os meus esforços, permanecia inexplicada para mim, apesar de um mês inteiro já passado em Petersburgo. Era Viersílov culpado ou não? Eis o que me importava e o motivo de minha presença! Todo mundo lhe voltara as costas — e no número delas todos os personagens influentes com os quais ele soubera sempre manter relações — por causa de certos rumores referentes à conduta extremamente baixa e, o que é pior aos olhos do mundo, extremamente escandalosa de que se tornara ele culpado um pouco mais de um ano antes na Alemanha, e mesmo uma

bofetada que teria então recebido muito publicamente, justamente dum Príncipe Sokólhski, e à qual não respondera com o desafio a duelo. Mesmo seus filhos (legítimos), seu filho e sua filha, lhe haviam voltado as costas e viviam separadamente. É verdade que esse filho e essa filha frequentavam as rodas mais elevadas, graças aos Fanariótovi e ao velho Príncipe Sokólhski (ex-amigo de Viersílov). Na realidade, observando-o no decorrer daquele mês, vi um homem altivo que a sociedade não havia excluído de seu seio, mas que, em vez disso, havia ele próprio expulso a sociedade de sua casa — tão independente era o ar que exibia! Mas tinha ele o direito de exibir esse ar? Eis o que me perturbava! Era indispensável saber toda a verdade no mais curto prazo, porque eu tinha vindo julgar aquele homem. Dissimulava-lhe ainda minhas forças, mas era-me preciso ou adotá-lo ou então repeli-lo inteiramente. A segunda solução para mim teria sido demasiado penosa e eu me afligia. Farei enfim uma confissão: eu queria bem àquele homem!

Na ocasião, morava com eles, no mesmo apartamento, trabalhava e tinha dificuldade em abster-me de grosserias. Não me abstinha delas inteiramente. Decorrido um mês, convencia-me cada dia mais de que a explicação definitiva não seria a ele que eu pediria. Aquele homem orgulhoso erguia-se diante de mim como um enigma, profundamente chocante. Comigo mostrava-se até mesmo amável e agradável, mas eu antes preferia disputas que essas brincadeiras. Todas as minhas conversas com ele comportavam sempre não sei que ambiguidade, ou bem simplesmente não sei que ironia singular de sua parte. Desde o começo, desde minha chegada de Moscou, ele não me levava a sério. Eu não chegava a compreender por que ele agia assim. Sem dúvida obtivera esse resultado de permanecer impenetrável para mim; mas de minha parte, jamais me teria rebaixado a pedir-lhe que me tratasse com mais seriedade. Além disso, tinha processos pasmosos e imperiosos diante dos quais eu não sabia o que fazer. Em uma palavra, tratava-me como o derradeiro dos fedelhos, o que eu dificilmente suportava, embora sabendo que assim deveria ser. Em consequência, cessei mesmo quase inteiramente de falar. Esperava uma pessoa cuja chegada de Petersburgo podia revelar-me definitivamente a verdade. Nisto se cifrava minha derradeira esperança. Em todo caso, preparei-me para romper definitivamente e tomei todas as minhas medidas

para isso. Minha mãe causava-me compaixão, mas… “ou sim, ou não”: eis o que eu queria propor-lhes, a ela e à minha irmã. O próprio dia estava marcado; enquanto esperava, ia para meu emprego.

## Capítulo II

### I

Naquele dia dezenove devia também receber meu primeiro mês de ordenado em casa do “particular” em questão. Não haviam pedido minha opinião a respeito desse emprego, muito simplesmente me entregaram ao patrão, creio, no primeiro dia de minha chegada. Era uma grosseria e sentia-me quase obrigado a protestar. O emprego era em casa do velho Príncipe Sokólhski. Mas protestar imediatamente significaria romper logo com eles, o que de modo algum me atemorizava, mas era contrário aos meus objetivos essenciais. Assim, aceitei o lugar, aguardando, calado, defendendo minha dignidade pelo meu silêncio. Direi desde logo que esse Príncipe Sokólhski, rico e conselheiro privado, não era absolutamente parente dos príncipes Sokólhski de Moscou (na miséria desde muitas gerações) contra os quais estava Viersílov em litígio. Só havia de semelhança o nome. No entanto, o velho príncipe interessava-se muito por eles e gostava bem particularmente de um deles, o chefe por assim dizer da família, um jovem oficial. Viersílov, outrora ainda, exercera imensa influência nos negócios daquele velho e era seu amigo, amigo singular, porque aquele pobre príncipe, pude disso dar-me conta, tinha um medo terrível dele, não somente na época em que entrei para seu serviço, mas também, creio, todo o tempo, durante toda sua amizade. Aliás, desde muito tempo, não mais se viam; o ato desonesto de que se acusava Viersílov relacionava-se justamente com a família do príncipe; mas Tatiana Pávlovna encontrou-se lá bastante a propósito e graças a seu intermédio é que fui colocado em casa do velho, que desejava ter “um rapaz” junto de si no seu escritório. Verificou-se também que ele tinha grande vontade de ser agradável a Viersílov, de dar, em suma, um primeiro passo para ele, e que Viersílov queria-o bem. O velho príncipe assim decidira na ausência de sua filha, viúva dum general, a qual certamente não lhe teria permitido dar aquele passo. Tratarei

disto mais tarde, mas anotarei imediatamente que essas estranhas relações com Viersílov me impressionaram em seu favor. Pensei que, se o chefe duma família ofendida continuava assim a ter respeito a Viersílov, os rumores espalhados a propósito de sua imoralidade deviam ser falsos ou pelo menos sujeitos a interpretação. Foi em parte o que me impediu de protestar: esperava, entrando para o serviço do príncipe, verificar tudo isso.

Essa Tatiana Pávlovna desempenhava um papel singular na época em que a encontrei em Petersburgo. Tinha-me quase esquecido de sua existência e não esperava absolutamente encontrá-la tão importante. Havia-a encontrado até então três ou quatro vezes em Moscou; surgia, não se sabia donde, nem por ordem de quem, cada vez que era preciso instalar-me em alguma parte, fazer-me entrar para o triste pensionato Touchard ou então, dois anos e meio mais tarde, transferir-me para o ginásio, ou ainda alojar-me em casa do inesquecível Nikolai Siemiônovitch. Uma vez surgida, ficava comigo o dia inteiro, passava em revista toda minha roupa branca, meus ternos, ia comigo ao Kuzniétski Most[2] e à cidade, comprava para mim todos os objetos necessários, reconstituía, numa palavra, todo meu enxoval, até a derradeira maleta e o derradeiro canivete; e ao fazê-lo, não cessava de resmungar, de censurar-me, de crivar-me de ralhos, de submeter-me a exames, de me apontar como exemplo não sei quais outros rapazinhos imaginários, dentre os seus conhecidos ou seus parentes, todos melhores do que eu, segundo ela, e até mesmo, não estou mentindo, beliscava-me, dava-me verdadeiras pancadas, dolorosas e frequentes. Depois de haver-me instalado e colocado, desaparecia por vários anos sem deixar traços. Pois bem, foi ela quem, logo depois de minha chegada, se apresentou para me colocar. Era uma mulherzinha seca, com um narizinho pontudo de passarinho e olhinhos penetrantes, também de passarinho. Para Viersílov, era uma verdadeira escrava: vivia em adoração diante dele como diante de um papa, mas por convicção. Entretanto, observei em breve, com espanto, que todo mundo, sem exceção, e por toda parte, — a respeitava e sobretudo que todo mundo, sem exceção, e por toda parte, a conhecia. O velho Príncipe Sokólhski tinha por ela extraordinária veneração; na sua família, era a mesma coisa; os orgulhosos filhos de Viersílov também; em casa dos Fanariótovi também. E, no entanto, ela vivia de costura,

de lavagem de não sei que rendas, e trabalhava para uma loja. Discutimos, desde a primeira palavra, porque ela pretendeu me dar broncas como seis anos antes; em seguida, continuamos a descompor-nos todos os dias; mas isto não nos impedia de conversar por vezes e confesso que, ao fim do mês, ela começava a agradar-me; era, penso, por causa da independência de seu caráter. Aliás, tinha todo o cuidado em nada lhe falar sobre isso.

Compreendi logo que me haviam colocado junto daquele velho doente unicamente para distraí-lo e que nisto consistia todo o meu trabalho. Naturalmente, isto me humilhou e tomei logo providências; mas em breve o velho original causou em mim uma impressão inesperada, como uma espécie de compaixão, e para o fim do mês sentia por ele um estranho apego. Em todo caso, abandonei minha intenção de tratá-lo com maus modos. Aliás, ele não tinha mais de sessenta anos. Houvera com ele uma complicação. Dezoito meses antes, sofrera um ataque. Tendo partido não sei mais para onde, perdeu o juízo no caminho, o que deu lugar a uma espécie de escândalo, muito falado em Petersburgo. Como convém em semelhante caso, levaram-no sem demora para o estrangeiro, mas cinco meses depois reapareceu, com perfeita saúde, mas aposentado. Viersílov afirmava com seriedade (e com visível ardor) que o que lhe acontecera não fora absolutamente loucura, mas simples ataque de nervos. Esse ardor de Viersílov, notei-o logo. Direi, aliás, que quase partilhava de sua opinião. O velho parecia apenas por vezes duma extrema leviandade, não condizente com sua idade, o que, dizem, antes nunca lhe acontecia. Dizia-se que outrora fora assessor em não sei mais que parte, e cumprira com muita distinção um encargo que lhe fora confiado. Conhecendo-o havia apenas um mês, não lhe teria jamais suposto capacidades particulares para ser conselheiro. Tinha-se notado (se bem que eu mesmo não o tivesse feito) que depois de seu ataque fora tomado duma singular vontade de se casar o mais depressa possível e que, mais de uma vez no curso daqueles dezoito meses, pensara em realizar tal ideia. Sabia-se disso, ao que parece, na sociedade e havia interesse em torno do caso. Mas como essa inclinação não correspondia aos interesses de certas pessoas de seu círculo, de todos os lados montava-se guarda ao velho. Sua família não era numerosa; havia vinte anos que era viúvo e tinha uma filha única,

essa viúva de general que era esperada agora de Moscou dum dia para outro, uma mulher jovem de cujo caráter se tinha visivelmente receio. Mas ele possuía uma multidão de parentes afastados, sobretudo do lado de sua defunta mulher e que se achavam todos, por assim dizer, na miséria; além disso, havia a multidão de seus pupilos, machos e fêmeas, objetos de seus benefícios, esperando todos uma pequena parte no seu testamento e, por conseguinte, ajudando a generala a vigiar o velho. Tinha ele, além do mais, desde sua mocidade, uma singularidade da qual não se saberia dizer se era ridícula ou não: a de casar as moças pobres. Casava-as desde os vinte e cinco anos: parentas distantes, enteadas de primos germanos de sua mulher, afilhadas, e até a filha de seu porteiro. Recolhia-as em primeiro lugar em sua casa, ainda bem meninas, mandava-as educar por governantas e criadas francesas, depois mandava-as para os melhores estabelecimentos de instrução e por fim dava-lhes um dote. Todo esse mundo girava perpetuamente em torno dele. E era natural, as pupilas, uma vez casadas, tinham ainda filhas, todas essas filhas eram também pretendentes à sua proteção, era ele padrinho por toda parte, todo mundo vinha felicitá-lo no seu aniversário, tudo isso era para ele extremamente agradável.

Uma vez em sua casa, notei logo que no cérebro do velho aninhava-se uma convicção penosa — era impossível não notar — a saber, que as pessoas o examinavam agora com um ar esquisito, que não o tratavam mais como outrora, quando estava em plena saúde; esta impressão não o abandonava nunca, mesmo nas reuniões mundanas mais alegres. O velho tornou-se suscetível; notava alguma coisa em todos os olhares. A ideia de que suspeitavam ainda de sua loucura atormentava-o visivelmente; a mim mesmo, olhava-me por vezes com desconfiança. E se alguma vez viesse a saber que alguém espalhava ou confirmava esse boato a seu respeito, creio que aquele homem absolutamente sem rancor viraria seu inimigo mortal. É isto que vos peço que anoteis. Acrescentarei que foi também o que me decidiu desde o primeiro dia a não tratá-lo com maus modos; sentia-me mesmo feliz, quando tinha por acaso ocasião de alegrá-lo ou distraí-lo; não creio que esta confissão possa lançar alguma sombra sobre minha dignidade.

Grande parte de sua fortuna estava empregada em negócios.

Passara, após sua doença, a fazer parte duma grande sociedade anônima, aliás bastante sólida. E se bem que a empresa fosse dirigida por outros, interessava-se por ela também, frequentava as reuniões de acionistas, fez-se eleger membro-fundador, participava das reuniões do Conselho, pronunciava longos discursos, refutava, fazia barulho, com um contentamento manifesto. Adorava pronunciar discursos: pelo menos assim toda gente podia tomar conhecimento de seu espírito. E duma maneira geral, mesmo na sua vida privada mais íntima, gostava enormemente de incluir na conversa algumas frases profundas ou espirituosas; e compreendo-o. Havia no edifício em que morava, no andar inferior, uma espécie de escritório doméstico em que um empregado cuidava dos negócios, fazia a contabilidade e escriturava os livros, dirigindo a casa. Esse empregado, que tinha, além disso, um cargo oficial, dava conta de tudo, mas, a desejo do príncipe, fiquei a ele adido, isto é, para ajudá-lo. Somente, fui logo transferido para o gabinete do príncipe e bem muitas vezes não tinha diante de mim, mesmo pró-forma, nem trabalho, nem papéis, nem livros.

Escrevo hoje como homem desde muito desembriagado e desiludido de muitas coisas; mas como representarei o pesar (do qual me recordo ainda tão vivamente) que invadiu então meu coração e sobretudo minha angústia do momento, que me conduziu a tal estado de inquietude e de agitação que não dormia mais à noite, por efeito da impaciência e dos enigmas que a mim mesmo propunha?

## II

Pedir dinheiro é uma história muito suja; mesmo um salário, se a gente sente, em alguma parte, nos refolhos de sua consciência, que ele não foi devidamente ganho. Ora, na véspera, minha mãe, cochichando com minha irmã, às ocultas de Viersílov ("para não causar pesar a Andriéi Pietróvitch"), manifestara a intenção de levar à loja de penhores um ícone a que tinha grande estimação. Meu salário era de cinquenta rublos por mês, mas eu não tinha ideia de como o receberia; ao me colocarem, nada ficara estabelecido. Três dias antes, encontrando embaixo o empregado, informara-me com ele: onde seria

eu pago? O outro olhou-me com um sorriso de homem pasmado (não gostava de mim):

— O senhor tem de receber alguma coisa?

Esperava que ele acrescentasse imediatamente após minha resposta:

— E por que afinal?

Mas limitou-se a responder secamente: “Não sei”, e mergulhou no seu livro quadriculado, onde copiava contas escritas em pedaços de papel.

Não ignorava, aliás, que eu fazia, no entanto, alguma coisa. Quinze dias antes, passara exatamente quatro dias num trabalho que ele mesmo me havia entregue: recopiar um borrão. Ele teve quase de redigir tudo de novo. Era um amontoado de “ideias” do príncipe, que este se preparava para submeter à comissão dos acionistas. De tudo aquilo era preciso compor um todo e arranjar o estilo. Passamos em seguida, o príncipe e eu, um dia inteiro trabalhando naquele papel e ele discutiu muito acaloradamente comigo; entretanto ficou satisfeito. Ignoro somente se o papel foi entregue ou não. Não mencionarei duas ou três cartas de negócios que escrevi também a seu pedido.

Se me sentia acanhado em pedir meu salário é que tinha resolvido deixar o lugar, pressentindo que seria também obrigado a sair dali, por causa de certas circunstâncias inevitáveis. Naquela manhã, assim que despertei e me vestia lá em cima em meu quartinho, senti o coração bater e por mais que procurasse manter-me indiferente senti, ao entrar nos aposentos do príncipe, ainda a mesma perturbação. Naquela manhã, devia chegar a pessoa, a mulher, da qual eu esperava a explicação para tudo quanto me atormentava! Era a filha do príncipe, a Generala Akhmákova, aquela jovem viúva de quem já falei e que estava em guerra aberta contra Viersílov. Por fim escrevi este nome! Nunca a havia, naturalmente, visto e não podia imaginar como lhe falaria, nem se lhe falaria; mas parecia-me (talvez com razões suficientes) que com sua vinda se dissipariam as trevas que, a meus olhos, cercavam Viersílov. Não podia ficar firme: era um terrível despeito encontrar-se a gente desde os primeiros passos tão covarde e

tão desajeitado; era terrivelmente curioso e sobretudo odioso: três impressões ao mesmo tempo. Lembro-me de cor de tudo quanto se passou naquele dia!

Da chegada provável de sua filha, não sabia o meu príncipe nada ainda. Não a esperava antes de uma semana. Eu tinha ficado sabendo na véspera e totalmente por acaso: Tatiana Pávlovna, que havia recebido uma carta da generala, deixara escapar o segredo em minha presença, ao conversar com minha mãe. Por mais que falassem baixo e em termos vagos, adivinhara tudo. Não estava à escuta, é evidente, mas não pude deixar de prestar ouvidos, quando vi de repente, à notícia da chegada daquela mulher, minha mãe ficar completamente perturbada. Viersílov não estava em casa.

Não quis prevenir o velho, porque pudera notar, durante todo aquele tempo, quanto ele temia a chegada dela. E até mesmo, três dias antes, chegara a ponto de dizer, tímida e vagamente, que, com sua chegada, temia por mim, ou antes, que, por minha causa, iria haver barulho. Devo, entretanto, acrescentar que, a respeito de sua família, ele conservava sua independência e sua superioridade, sobretudo em matéria de dinheiro. Minha primeira conclusão a seu respeito foi que ele não passava de uma mulher; mas tive em seguida de modificá-la no sentido de que, se era uma mulher, restava-lhe entretanto por vezes certa teimosia, em falta de verdadeira virilidade. Havia instantes em que, com seu caráter aparentemente covarde e maleável, era quase intratável. Viersílov explicou-me a coisa mais tarde com maiores detalhes. Noto agora, com curiosidade, que não falávamos quase nunca juntos da generala, evitávamos por assim dizer falar dela. Era eu sobretudo quem o evitava e ele, por sua vez, evitava falar de Viersílov e adivinhei que não me responderia se eu lhe fizesse uma daquelas perguntas delicadas que tanto me intrigavam.

Se se quiser saber a respeito de que falamos durante todo aquele mês, responderei: de tudo, em suma, mas sempre de coisas estranhas. O que me agradava muito era a extrema bonomia com que me tratava. Por vezes considerava aquele homem com um espanto extremo e perguntava a mim mesmo: “Onde terá estado antes? No ginásio, na quarta série, por exemplo, teria sido um camarada encantador”. Muitas vezes causava-me também impressão o seu rosto: parecia

extraordinariamente sério (e quase belo), seco, cabelos frisados, brancos, espessos, olhos abertos; era seco em toda a sua pessoa e de boa estatura; mas seu rosto tinha a particularidade um tanto desagradável, quase inconveniente, de passar de súbito duma seriedade extrema a uma alegria excessiva, que aquele que o via pela primeira vez jamais teria podido prever. Disse isto a Viersílov, que me ouviu com curiosidade; ele, sem dúvida, não me achava capaz de fazer semelhantes observações; mas deu a perceber, como que de passagem, que isso sobreviera ao príncipe desde sua doença e bem nos últimos tempos.

Falávamos por vezes de dois assuntos abstratos: Deus e sua existência — existe Ele ou não? — e das mulheres. O príncipe era muito religioso e sensível. Tinha em seu gabinete um imenso armário de ícones com uma lâmpada. Mas em certos momentos dava-lhe uma mania, punha-se de repente a duvidar da existência de Deus e dizia coisas espantosas, para provocar minha réplica. Eu era bastante indiferente a essa ideia, duma maneira geral, mas isto não impedia que nos entusiasmássemos ambos e sempre sinceramente. Aliás, todas aquelas conversações deixaram-me, até hoje, uma agradável recordação. Entretanto o mais agradável para ele era tagarelar a respeito das mulheres, mas como, não sendo eu muito amante desse gênero de conversa, não podia ser um bom interlocutor, ele se sentia por vezes mortificado.

Foi justamente esse tema que ele abordou assim que cheguei a seus aposentos naquela manhã. Encontrei-o de alegre humor, apesar de havê-lo deixado na véspera extremamente triste. Ora, era-me absolutamente preciso regularizar naquele mesmo dia a questão de meu salário, antes da chegada de certas pessoas. Previa que seríamos naquele dia certamente interrompidos (não era por coisa nenhuma que o coração me palpitava); e então não teria talvez a coragem de falar de dinheiro. Mas como a conversa não recaía sobre o dinheiro, enchia-me naturalmente de raiva contra minha tolice e, lembro-me muito bem, por despeito de alguma pergunta dele na verdade demasiado alegre, expus-lhe dum jacto minhas ideias a respeito das mulheres e com uma vivacidade extraordinária. Resultou disso que ele se entusiasmou ainda mais às minhas custas.

— …Não gosto das mulheres, porque são grosseiras, porque são desastradas, porque não têm iniciativa e porque usam um traje inconveniente!

Tal foi a conclusão desordenada de minha longa tirada.

— Piedade para elas, meu caro! — exclamou ele, tremendamente divertido, o que me encheu ainda mais de raiva.

Sou conciliante e minucioso somente no que se refere às pequenas coisas; a respeito das grandes nunca cedo. Nas pequenas coisas, em vagas atitudes mundanas, pode-se fazer de mim tudo quanto se quiser, e sempre maldigo esse traço de meu caráter. Graças a não sei que nojenta bonomia, tenho estado por vezes pronto a aprovar até mesmo um presunçoso mundano, unicamente porque estava fascinado pela sua polidez, ou começar uma discussão com um imbecil, o que é bem mais imperdoável. Tudo isso por defeito de saber conter-me e porque cresci no meu canto. A gente se retira, furioso, e jura não recomeçar, mas já no dia seguinte é a mesma história. Eis por que tenho sido algumas vezes tratado como garoto de dezesseis anos. Mas em lugar de adquirir domínio de mim mesmo, prefiro, ainda hoje, encerrar-me cada vez mais no meu canto, ainda que seja sob a forma mais misantrópica. “Desastrado, se quiserdes, mas digo-vos adeus!” E digo-o seriamente e para sempre. Aliás, não é de todo a propósito do príncipe que escrevo isto, nem a propósito da conversa em questão.

— Não falo para diverti-lo — exclamei, quase contra ele. — Exprimo muito simplesmente minha opinião.

— Mas como são as mulheres grosseiras e se vestem de maneira inconveniente? Eis uma novidade.

— São grosseiras. Vá ao teatro, vá ao passeio. Cada homem conhece sua direita, cruzam-se e dão-se passagem, tomo pela direita e o outro também. A mulher, quero dizer a dama, porque é das damas que falo, avança para nosso lado sem nem mesmo notar-nos, como se estivéssemos obrigados a desviar-nos para lhe ceder lugar. Estou pronto a ceder a uma criatura mais fraca, mas não é questão aqui de

direito. Por que está ela tão segura de que tenho obrigação de fazer isso? Eis o que é vexatório! Cuspo sempre cheio de desgosto por ocasião desses encontros. Depois disso, gritam que são humilhadas, reclamam a igualdade. A igualdade! Quando me pisam ou me enchem a boca de poeira!

— De poeira?

— Sim. Porque estão vestidas de maneira inconveniente. Só um depravado não o nota. Nos tribunais fecham-se as portas, quando se vai tratar de um assunto escabroso. Por que ele é permitido na rua, onde o público é ainda mais numeroso? Penduram ostensivamente atrás uns chumaços, para mostrar que são belas mulheres. Ostensivamente! Não posso deixar de reparar nisso, os jovens também reparam, o menino, o garoto estreante também o repara. É uma infâmia. Que os velhos devassos as admirem e corram atrás delas, de língua estirada, compreende-se! Mas há uma juventude pura, que é preciso preservar. Só resta cuspir de desgosto. Percorrem o bulevar e atrás dela uma cauda de um *archin* varre a poeira. A gente que vai andando atrás precisa correr para passar-lhe adiante ou então dar um salto de lado, senão ela nos entupirá a boca e o nariz com duas libras de poeira. Ademais, passeia sobre os seixos essa seda por umas três verstas, simplesmente para obedecer à moda, e seu marido ganha quinhentos rublos por ano no Senado. Eis a causa de tanta maroteira! Cuspo em cima, cuspo ruidosamente em cima e praguejo.

Anoto esta conversa de maneira um tanto humorística e com minha vivacidade de então, mas as ideias permanecem ainda as mesmas.

— E nada te aconteceu? — interessa-se o príncipe.

— Cuspo e prossigo meu caminho. Naturalmente, ela compreende, mas não dá nenhuma demonstração, avança majestosamente sem voltar a cabeça. Uma só vez discuti muito seriamente com duas mulheres, todas duas com caudas, no bulevar, sem palavrões, é claro, somente observei em voz alta que aquelas caudas eram uma vergonha.

— Disseste-o assim?

— Decerto. Em primeiro lugar, aquela mulher espezinha as regras da boa sociedade. Em seguida levanta poeira, e o bulevar é de todo mundo; nele passeio, outro passeia, um terceiro… Fiódor, Ivan, pouco importa. Eis o que disse. E, em geral, não gosto do andar das mulheres, visto de trás. Disse-o também, mas apenas por alusão.

— Mas, meu amigo, podes atrair para ti algo de desagradável. Elas teriam podido intimar-te a comparecer perante o juiz de paz.

— Impossível! De que poderiam elas queixar-se? Um homem passa ao lado e fala sozinho. Cada qual tem o direito de exprimir sua opinião no ar. Falava em abstrato, sem me dirigir a elas. Elas é que me atacaram; puseram-se a dizer palavrões, muito mais vis que os meus; que eu era um fedelho, que era preciso privar-me de sobremesa, que eu era um niilista, que iam levar-me ao policial, que me havia colado a elas porque estavam sós e eram fracas e que, se estivessem com um homem, eu me teria posto a salvo bem depressa. Declarei friamente que me deixassem em paz e que iria passar para o outro lado; mas para provar-lhes que não tinha medo de seus homens e que estava pronto a aceitar o desafio, iria segui-las a vinte passos até sua casa, depois me postaria diante de sua porta e esperaria seus homens. Foi o que fiz.

— Será possível?

— Decerto era uma tolice, mas eu estava em brasas. Arrastaram-me assim mais de três verstas, em meio dum calor tórrido, até os institutos para moças. Em seguida entraram numa casa de madeira sem andares, muito decente, devo reconhecê-lo, às janelas da qual viam-se muitas flores, dois canários, três cães mimados e gravuras emolduradas. Fiquei uma meia hora diante da casa, em plena rua. Elas olharam três vezes às escondidas, depois baixaram todos os estores. Afinal, por um portãozinho saiu um funcionário de idade madura; a julgar-lhe pela cara, devia estar dormindo e tinham-no despertado de propósito; vestia roupão de quarto ou em todo o caso estava em trajes menores; postou-se diante do portãozinho, com as mãos atrás das costas, fitando-me; fitei-o. Depois ele desviou os olhos. Depois olhou ainda uma vez e, de repente, sorriu para mim. Voltei-lhe as costas e fui-me embora.

— Mas meu amigo isso é puro Schiller! Uma coisa sempre me causou espanto: tens as faces vermelhas, teu rosto esplende de saúde, e… semelhante… sim, pode-se dizê-lo, semelhante aversão às mulheres! Será possível que a mulher não produza em ti, na tua idade, certa impressão? Eu, *mon cher*, tinha apenas onze anos, quando meu preceptor já me chamava a atenção pelo fato de eu olhar de muito perto as estátuas do Jardim de Verão.

— O senhor quer absolutamente que eu vá visitar alguma Josefina[3] destas paragens e lhe traga notícias. É inútil! Eu mesmo aos treze anos vi uma mulher completamente nua. Foi a partir desse momento que tomei aversão por elas.

— Deveras? Mas, *cher enfant*, uma bela e viçosa mulher tem cheiro de maçã. Que há nisso que assim tanto te desgoste?

— No meu antigo pensionato, no de Touchard, antes de eu ir para o ginásio, tinha um camarada chamado Lambert. Batia-me sempre, porque era três anos mais velho do que eu. Eu o servia e tirava-lhe as botas. No dia do seu crisma, o Padre Rigaud veio visitá-lo por ocasião de sua primeira comunhão. Ambos lançaram-se aos braços um do outro, a chorar, e o padre apertou-o de encontro ao coração com toda espécie de gestos. Eu também chorava e invejava-o muito. Quando o pai dele morreu, abandonou o pensionato. Não o vi mais durante uns dois anos, mas depois encontrei-o na rua. Disse que viria ver-me. Estava eu então no ginásio e morava em casa de Nikolai Siemiônovitch. Certa manhã ele apareceu, mostrou-me quinhentos rublos e convidou-me a acompanhá-lo. Embora dois anos antes me batesse, continuava a ter necessidade de mim e não somente por causa de suas botas; contava-me tudo quanto lhe acontecia. Disse-me que havia roubado, naquele mesmo dia, aquele dinheiro, de sua mãe, com uma chave falsa de seu cofrezinho, que mandara fazer, porque o dinheiro de seu pai lhe cabia por força da lei e ela não tinha o direito de recusar-lhe a entrega. O Padre Rigaud, na noite anterior, fora pregar-lhe um sermão. Entrou, plantou-se diante dele e se pôs a gemer, fingindo horror, e levantando os braços para o céu. “Tirei minha faca e disse que ia degolá-lo!” (Ele pronunciava “desgolá-lo”.) Fomos juntos ao Kuzniétski. Confiou-me, pelo caminho, que sua mãe mantinha relações com o Padre Rigaud, e que ele o havia notado;

zombava de tudo e tudo quanto eles diziam da comunhão eram tolices. Falou ainda muito tempo e fui ficando com medo. No Kuzniétski, comprou um fuzil de dois canos, uma bolsa de caçador, cartuchos, uma chibata e uma libra de bombons. Fomos caçar nos arrabaldes e, no caminho, encontramos um vendedor de pássaros com gaiolas. Lambert comprou-lhe um canário. Num bosquezinho, soltou o canário, que não podia voar muito longe, ao sair da gaiola, e atirou nele, mas sem acertar. Era a primeira vez em sua vida que atirava, mas desde muito tempo já queria comprar um fuzil, ainda quando estava na pensão de Touchar: era desde muito tempo o sonho de nós ambos. Estava ele como que sufocado pela emoção. Seus cabelos eram dum negro espantoso; seu rosto, branco e vermelho, como uma máscara; seu nariz, comprido e arqueado como o têm os franceses; seus dentes, alvos; seus olhos, negros. Amarrou o canário por um cordão a um ramo e, com os dois canos, à queima-roupa, a um *viérchok* de distância, descarregou dois tiros que o esparramaram em mil peninhas. Voltamos em seguida pelo mesmo caminho, entramos num hotel, alugamos um quarto, comemos e bebemos champanhe. Chegou uma dama… lembro-me de que me impressionou muito o luxo de suas roupas, de seu vestido de seda verde. Foi então quando vi tudo… aquilo de que lhe falei… Depois, pusemo-nos de novo a beber e ele a mexer com ela e a injuriá-la. Estava completamente nua. Ele escondeu suas roupas e, quando ela esbravejou e reclamou seu vestido para vesti-lo, descarregou-lhe, com toda a força, nas espáduas nuas, golpes com sua chibata. Levantei-me, agarrei-o pelos cabelos tão destramente que, ao primeiro golpe, o derrubei no chão. Apoderou-se ele dum garfo e fincou-mo na coxa. Aos meus gritos, acudiu gente, e pude escapar. Desde então, a nudez me causa horror. E acredite, ela era uma beleza.

À medida que eu falava, via a fisionomia do príncipe passar do bom humor à tristeza.

— *Mon pauvre enfant!* Sempre estive convencido de que conheceste dias infelizes na tua infância.

— Não se inquiete por minha causa, peço-lhe.

— Mas estavas só. Tu mesmo o disseste. Quanto a esse Lambert,

fazes-me dele um retrato… aquele canário, aquele crisma com choro sobre o peito, e, em seguida, um ano depois, essa história da mãe dele com o padre… Oh! *mon cher!* Essa questão da infância, em nosso tempo, é simplesmente terrível: enquanto essas cabecinhas douradas, com seus cachos e sua inocência, na sua primeira infância, agitam-se diante de nós e nos olham, com seu riso claro e seus olhos luminosos, levam a pensar em anjos do bom Deus ou em encantadores passarinhos. Porém, mais tarde… mais tarde, acontece que teria sido melhor se eles não tivessem crescido!

— Oh! príncipe, como o senhor está desalentado! Parece até que o senhor tem filhos. No entanto, não tem e não terá nunca.

— Ora vejam! — E todo o seu rosto mudou bruscamente. — Justamente, anteontem, Alieksandra Pietrovna, ah! ah! Alieksandra Pietrovna Sinítskaia — deves tê-la encontrado aqui há três semanas —, imagina que anteontem, a propósito de minha observação galhofeira de que, se me casasse agora, podia pelo menos estar certo de que não teria filhos, replicou-me ela, de súbito e até mesmo com uma espécie de raiva: “Pelo contrário, o senhor os terá, são pessoas como o senhor que os têm ‘obrigatoriamente’, e eles surgirão, desde o primeiro ano, o senhor verá.” Ah! ah! ah! Toda gente imagina, não sei por quê, que vou casar. Enfim, se bem que seja dito por maldade, confesso que é engraçado.

— Engraçado, mas vexatório!

— Oh! *cher enfant*, há pessoas que não nos causam vexame. O que aprecio mais nas pessoas é o chiste, que está, visivelmente, em vias de desaparecer. Mas deve-se levar em conta o que possa dizer Alieksandra Pietrovna?

— Como, que disse o senhor? Há pessoas que não… É bem isto! Nem todo homem merece que se lhe preste atenção. Regra admirável! E justamente a de que necessito. Vou tomar nota dela. Príncipe, o senhor diz por vezes coisas maravilhosas.

Todo o seu rosto iluminou-se.

— *N’est-ce pas, cher enfant*, que o verdadeiro chiste está

desaparecendo cada vez mais? *Eh mais… C'est moi qui connais les femmes!*[4] Acredita-me, a vida de toda mulher, quaisquer que sejam suas palavras, não é senão a eterna procura de um senhor… Uma sede de obediência, por assim dizer. E, nota bem, sem a menor exceção.

— Absolutamente justo, admirável! — exclamei, entusiasmado. Num outro momento, começaríamos logo a fazer considerações filosóficas sobre esse tema, por uma boa hora pelo menos, mas de repente senti-me como que picado e corei totalmente. Pareceu-me que, elogiando-lhe a frase espirituosa, lisonjeava-o por causa de seu dinheiro e que, em todo o caso, ficaria ele persuadido disso, quando formulasse meu pedido. É por isso que menciono aqui o fato.

— Príncipe, ficaria muito grato, se me mandasse pagar hoje mesmo os cinquenta rublos que me deve por este mês! — atirei-lhe dum jacto e com uma irritação que orçava pela grosseria.

Lembro-me (porque me lembro de toda aquela manhã até nos mínimos detalhes) de que ocorreu então entre nós uma cena odiosa, pelo seu realismo. A princípio, ele não me compreendeu, olhou-me longamente, sem perceber de que dinheiro queria eu falar. Era claro que nem mesmo tinha a ideia de que eu ganhava um salário. E por quê, aliás? É verdade que, em seguida, me assegurou que se havia esquecido e logo depois de ter compreendido, tirou instantaneamente cinquenta rublos, à pressa e até mesmo corando. Vendo isso, levantei-me e declarei categoricamente que não podia mais agora aceitar dinheiro, que, se me tinham falado dum ordenado, fora sem dúvida por engano ou erro, para que eu não rejeitasse o lugar, e que compreendia demasiado agora que nada tinha a receber, uma vez que nada tinha a fazer. O príncipe espantou-se e esforçou-se por persuadir-me de que lhe prestava imensos serviços, que eu lhe prestaria ainda mais e que cinquenta rublos eram uma soma tão ínfima que, pelo contrário, ele me aumentaria, porque era seu dever, e que se entendera ele próprio com Tatiana Pávlovna, mas que cometera um esquecimento imperdoável. Explodi e declarei definitivamente que me desonraria aceitando dinheiro por conta de narrativas escandalosas a respeito da maneira pela qual havia eu acompanhado duas caudas até os institutos, que não estava a seu serviço para diverti-lo, mas para trabalhar seriamente, que, se não havia trabalho, era preciso acabar

com aquilo, etc. etc. Não tinha ideia de que alguém pudesse espantar-se tanto quanto ele se espantou, após essas poucas palavras. Evidentemente, o caso terminou desta maneira: deixei de protestar e ele meteu-me, apesar de tudo, aqueles cinquenta rublos nas mãos. Lembro-me ainda, com rubor na fronte, de que os aceitei! Tudo aqui embaixo termina sempre por uma baixeza. E, o que é pior, ele chegou quase a provar-me que eu tinha sem nenhuma dúvida ganho aquele dinheiro, e cometi a tolice de acreditar nele. Parecia-me absolutamente impossível não aceitá-lo.

— *Cher, cher enfant* — exclamou ele, abraçando-me e cobrindo-me de beijos (confesso-o, estava a ponto de chorar, o diabo sabe por quê, mas contive-me e até mesmo hoje, ao escrever, sobe-me o rubor ao rosto). — Caro amigo, és para mim quase um filho, tornaste-te durante este mês um pedaço de meu coração! No "mundo", não há senão o "mundo", e nada mais. Katierina Nikoláievna (a filha dele) é uma mulher brilhante e orgulho-me dela, mas bem muitas vezes, meu caro, magoa-me… Quanto a essas moças (*elles sont charmantes*) e suas mães, que vêm cumprimentar-me pelo aniversário, trazem seus bordados e são incapazes de dizer uma palavra. Já tenho umas sessenta almofadas, bordadas por elas, e sempre com cães e veados. Gosto muito delas, mas contigo sinto-me quase como com um filho meu, ou antes com um irmão, e gosto sobretudo quando me retrucas… Tens conhecimentos, tens leituras, és capaz de entusiasmo…

— Nada li e não tenho conhecimentos absolutamente. Li o que me caiu nas mãos e nestes dois últimos anos nada li absolutamente e não lerei mais nada.

— E por que então?

— Tenho outros objetivos.

— *Cher*… será uma pena se, no fim de tua vida, disseres a ti mesmo como eu: *Je sais tout, mais je ne sais rien de bon*.[5] Não sei verdadeiramente por que tenho vivido! Mas… devo-te tanto… queria mesmo…

Interrompeu-se, de repente, ensombreceu-se e ficou pensativo. Após qualquer abalo (e esses abalos podiam ocorrer-lhe a todo

instante, sabe Deus por qual causa) perdia em geral, por certo tempo, a faculdade de raciocinar e de dominar-se; aliás, recuperava-se bem depressa, tanto que tudo isso não lhe causava muito mal. Ficamos assim por espaço de um minuto. Seu lábio inferior, muito grosso, pendia completamente… O que me admirava mais era que houvesse citado sua filha e, sobretudo, com tanta franqueza. Atribuí-o à sua perturbação mental.

— *Cher enfant*, não me levas a mal, não é, que te trate por "tu"? — disse ele, de súbito.

— Absolutamente. Confesso, no começo, nas primeiras vezes, fiquei um tanto chocado e queria também tratá-lo por "tu". Mas vi que era idiota, uma vez que não era para humilhar-me que o senhor me tratava por "tu".

Ele já não me escutava e esquecera sua pergunta.

— Pois bem! e "teu pai"? — Ergueu bruscamente para mim seu olhar pensativo.

Estremeci. A princípio, ele chamava Viersílov "meu pai", o que jamais se permitia comigo; em seguida, fora o primeiro a falar de Viersílov, o que nunca acontecia.

— Está sem dinheiro e amargurado! — respondi secamente, embora ardendo de curiosidade.

— Sim, sem dinheiro. É hoje que o processo deles se resolve na Corte de Apelação, e espero o Príncipe Sierguiéi, para ver que notícias me traz. Prometeu-me vir diretamente do tribunal para aqui. É o destino deles que se decide: trata-se de sessenta ou de oitenta mil. Evidentemente, sempre quis bem a Andriéi Pietróvitch (isto é, Viersílov), e creio que será ele o vencedor, mas os príncipes nada terão. É a lei!

— Hoje? — exclamei, estupefato.

A ideia de que Viersílov nem se dignara comunicar-me essa notícia causava-me estupefação. "Portanto nada disse à minha mãe,

nem a ninguém talvez — pensei logo. — Que caráter!”

— E o Príncipe Sokólhski está em Petersburgo? (Viera-me de súbito outra ideia.)

— Desde ontem. Diretamente de Berlim e especialmente para o dia de hoje.

Outra notícia extremamente importante para mim essa. “E virá hoje aqui, esse homem que deu ‘nele’ uma bofetada!”

— Pois bem! — a fisionomia do príncipe mudou subitamente. — Continua ele a pregar, e sem dúvida… e atrás das moças, das mocinhas inexperientes! Ah! ah! ah! A propósito, tenho uma anedota muito engraçada… Ah! ah! ah!

— Quem é que prega? Quem anda atrás das moças?

— Andriéi Pietróvitch! Podes acreditar? Agarrava-se então a nós todos: que é que comemos? em que pensamos? Ou coisas neste gênero. Causava-nos medo: “Se és religioso, por que não entras para um convento?”. Nem mais, nem menos! *Mais quelle idée!* Talvez tivesse razão, mas não era levar longe o rigor? Acima de tudo gostava de amedrontar-me com o juízo final, a mim especialmente.

— Nada notei de semelhante e já faz, no entanto, um mês que vivemos juntos — respondi com impaciência.

Aborrecia-me vê-lo divagar e falar com tanta incoerência.

— Então é que ele não o diz mais. Acredite; porém, é bem verdade. É um homem engenhoso, incontestavelmente, e de intensa cultura. Mas terá o cérebro funcionando bem? Tudo isso lhe aconteceu após sua estada de três anos no estrangeiro. E confesso-o, fiquei transtornado… como toda gente aliás… *Cher enfant, j’aime le bon Dieu*… creio, creio tanto quanto posso, mas naquele momento… ele me fez sair dos eixos. Admitamos que tenha eu empregado um processo pouco cavalheiresco, mas fiz isso de propósito, por despeito, e aliás, no fundo, minha objeção era tão séria quanto sempre foi desde o começo do mundo: “Se existe um ser supremo — dizia-lhe eu —, e

se existe ‘pessoalmente’, e não sob a forma dum espírito espalhado na criação, sob a forma de um líquido, por exemplo (porque é ainda mais difícil de compreender), onde então se encontra ele? Meu amigo, *c’était bête*[6], sem dúvida alguma, mas será que todas as objeções não se condensam nesta?” “*Un domicile*…”, isso é coisa grave. Ele ficou tremendamente zangado. É que se havia convertido ao catolicismo, lá no estrangeiro.

— Também ouvi dizer isso. É certamente uma mentira.

— Garanto-te, por tudo quanto tenho de mais sagrado. Olha-o bem… Aliás, tu mesmo dizes que ele mudou. Pois bem, no momento em que tanto nos atormentava, acreditarás?, dava-se ares de santo. Só faltavam os milagres! Pedia-nos conta de nossa conduta, juro-te! Milagres! *En voilà un autre!*[7] Monge ou eremita, ainda bem, mas anda por aí de fraque e tudo mais… e depois disso, milagres! Singular desejo para um homem do mundo e, confesso, estranho gosto. Não digo que… decerto, são coisas sagradas, e tudo pode acontecer… Além do mais, tudo isso é *de l’inconnu*, mas para um homem do mundo é até indecoroso. Se me ocorresse algo nesse estilo ou alguém tal me propusesse, recusaria, juro. Admitamos, por exemplo, que jante hoje no clube e em seguida, de repente, “faça milagres”! Mas rirão de mim! Fui o que lhe expus então… Usava cilícios.

Corei de cólera.

— O senhor viu os cilícios?

— Não os vi, mas…

— Então, declaro-lhe: são mentiras, não passa tudo de um amontoado de vis mexericos, uma calúnia de inimigos, ou antes dum inimigo, principal e inumano, porque ele não tem senão um inimigo: a filha do senhor!

O príncipe, por sua vez, explodiu.

— *Mon cher*, rogo-te, e insisto mesmo, que a partir de hoje o nome de minha filha jamais seja pronunciado diante de mim a propósito dessa história infame!

Fiz menção de levantar-me. Ele estava fora de si; seu queixo tremia.

— *Cette histoire infâme!* Não acreditava nisso, jamais quis crer nisso… Mas… disseram-me, acredita, acredita eu…

Nesse momento, entrou um criado e anunciou uma visita. Tornei a sentar-me.

## IV

Duas senhoras entraram, ou antes duas moças solteiras. Uma era a nora de um primo-irmão da defunta mulher do príncipe, ou qualquer coisa nesse gênero, sua protegida, à qual já havia concedido um dote e que (noto para o futuro) já tinha fortuna. A segunda era Anna Andriéievna Viersílova, filha de Viersílov, mais velha do que eu três anos, que vivia com seu irmão na casa Fanariótova, e a quem eu vira apenas uma vez, de passagem, na rua, se bem que tivesse tido uma altercação com seu irmão, também de passagem, em Moscou (é bem possível que mencione mais tarde essa escaramuça, se tiver lugar, porque no fundo não vale a pena). Essa Anna Andriéievna era desde sua infância a grande favorita do príncipe (as relações de Viersílov com o príncipe tinham começado havia muito tempo). Estava tão perturbado pelo que acabara de passar-se que, à entrada delas, nem sequer me levantei, muito embora o príncipe se tivesse levantado para recebê-las; depois, achei que seria agora vergonhoso levantar-me e fiquei no meu lugar. Estava sobretudo desorientado pelo fato de ter o príncipe gritado contra mim três minutos antes, e eu continuava sem saber se devia retirar-me ou não. Mas o meu bom velho já se havia esquecido de tudo, como de costume, e ficou todo animado, bastante agradavelmente, à vista das moças. Conseguiu mesmo, com uma fisionomia rapidamente mudada e uma piscadela de olhos misteriosa, cochichar-me à pressa, justamente antes da entrada delas:

— Olha bem para Olimpiada, olha atentamente para ela, bem atentamente… vou te contar depois…

Olhei-a bastante atentamente e nada achei nela de particular: uma moça de estatura média, forte, com faces extraordinariamente

vermelhas. Um rosto, aliás, bastante agradável, dos que agradam aos materialistas. Talvez uma expressão de bondade, mas com reservas. Não era pela inteligência que poderia brilhar, pelo menos no sentido superior da palavra, porque a astúcia se lia em seus olhos. Não mais de dezenove anos. Em suma, nada de notável. No ginásio teríamos dito: um travesseiro mole! (Se a descrevo de maneira tão detalhada é unicamente porque isto me servirá mais tarde.)

Aliás, tudo quanto descrevi até agora, com tantos detalhes na aparência inúteis, tudo isso prepara a continuação e será necessário mais adiante. Tudo isso reaparecerá a seu tempo; não encontrei meio de evitá-lo; se sou tedioso, não me leiais.

A filha de Viersílov era uma criatura completamente diversa. Grande, talvez mesmo um pouco magra; um rosto oval e notavelmente pálido, mas cabelos negros e abundantes; olhos sombrios e grandes, olhar profundo; lábios pequenos e vermelhos, uma boca fresca. A primeira mulher cujo andar não me causava aversão; aliás, era fina e um pouco seca. Uma expressão que não era totalmente boa, mas séria; vinte e dois anos. Quase nenhuma semelhança exterior com Viersílov e, no entanto, não sei por qual milagre, uma semelhança extraordinária na expressão, na fisionomia. Não sei se era bela; é questão de gosto. Ambas estavam muito modestamente vestidas: nada a descrever. Esperava ser imediatamente magoado por algum olhar ou algum gesto de Viersílova e estava pronto para isso; fora mesmo ofendido por seu irmão; em Moscou, desde nosso primeiro encontro na vida. Ela não podia conhecer-me de vista, mas tinha certamente ouvido dizer que eu estava em casa do príncipe. Tudo quanto projetava ou fazia o príncipe despertava logo interesse e parecia um acontecimento para todo aquele bando de parentes e de “postulantes”. Com mais forte razão seu súbito afeto por mim. Sabia devidamente que o príncipe se interessava bastante pela sorte de Anna Andriéievna e procurava um noivo para ela. Mas encontrar esse noivo era mais difícil para Viersílova do que para aquelas que bordavam almofadas.

Ora, contra toda expectativa, Viersílova, depois de ter apertado a mão do príncipe e trocado com ele alguns alegres cumprimentos mundanos, olhou-me com extrema curiosidade e, vendo que eu a olhava também, inclinou-se vivamente com um sorriso. Em suma,

cumprimentara ao entrar e inclinava-se de novo, como se acabasse de chegar, mas aquele sorriso mostrava tal bondade que era visivelmente sincero. Lembro-me de que experimentei uma sensação espantosamente agradável.

— E aqui… aqui, é meu caro e jovem amigo Arkádi Andriéievitch Dol… — balbuciou o príncipe, ao notar que ela me havia cumprimentado e que eu continuava sentado. De repente, interrompeu-se. Talvez ficasse confuso por me apresentar a ela (isto é, apresentar, afinal, o irmão à irmã). O "travesseiro mole" também me cumprimentou; mas de repente e muito tolamente fervi e saltei de minha cadeira: uma lufada de orgulho falso, absolutamente insensato. Sempre o meu amor-próprio!

— Desculpe-me, príncipe, não sou Arkádi Andriéievitch, mas Arkádi Makárovitch! — cortei eu, violentamente, esquecendo-me por completo de que era preciso responder às senhoras com uma saudação. Para o diabo esse minuto inconveniente!

— *Mais… tiens!*[8] — já exclamava o príncipe, batendo na testa com o dedo.

— Onde fez seus estudos? — soou junto a mim a pergunta um tanto tola e arrastada do "travesseiro mole" que se tinha aproximado à queima-roupa.

— Ora, em Moscou, no Ginásio.

— Ah! tinham-me dito. Pois bem, o ensino lá é bom?

— Muito bom.

Continuava de pé e respondia como um soldado a seu chefe.

As perguntas daquela moça não denotavam decerto muita imaginação, mas nem por isso ela deixava de conseguir fazer esquecer minha absurda réplica e acalmar a perturbação do príncipe, que já escutava com um sorriso jovial as coisas alegres que lhe cochichava ao ouvido a Viersílova — via-se que não era a meu respeito. Mas por que então aquela moça, que me era totalmente desconhecida, achara útil

fazer esquecer minha absurda réplica e tudo mais? Era, no entanto, impossível admitir que ela assim agisse comigo sem razão: tinha uma intenção. Examinava-me com bastante curiosidade; era de pensar que queria que eu também a examinasse o mais possível. Tudo isso, disse-o a mim mesmo depois… e não me enganei.

— Como, hoje? — exclamou, de repente, o príncipe, saltando de sua cadeira.

— Então, o senhor não sabia? — admirou-se a Viersílova. — Olimpiada! o príncipe não sabia que Katierina Nikoláievna chega hoje. Fomos à casa dela, pensávamos que tivesse tomado o trem da manhã e que já se achasse em casa desde muito tempo. Mas acabamos de encontrar-nos no patamar; ela chegava diretamente da estação e nos disse que viéssemos para a casa do senhor. Vai chegar aqui também agora mesmo… Aliás, já está aqui!

A porta lateral se abriu e — aquela mulher apareceu!

Já a conhecia de rosto, por um retrato surpreendente, pendurado no gabinete do príncipe. Havia estudado aquele retrato durante todo um mês. Na presença dela, passei naquele gabinete três minutos, sem desviar os olhos de seu rosto um só segundo. Pois bem! se não tivesse conhecido o retrato e se me tivessem perguntado após aqueles três minutos: “Como a acha?”, nada teria respondido, porque minha visão era turva.

Só me restou daqueles três minutos a lembrança de uma mulher verdadeiramente bela, que o príncipe beijava e benzia com a mão e que, de repente, dirigiu uma olhadela rápida — imediatamente, mal entrou — para mim. Distingui, nitidamente, que o príncipe, sem dúvida mostrando-me, murmurava alguma coisa, com uma risadinha, a propósito de seu novo secretário, e pronunciava meu nome. Ela fez um trejeito, lançou-me um olhar cheio de antipatia e sorriu tão insolentemente que eu dei um passo, aproximei-me do príncipe e balbuciei, tremendo como um louco, sem acabar uma só palavra e, creio, batendo os dentes:

— Desde agora, eu… tenho agora o que fazer… vou-me embora.

Voltei as costas e saí. Ninguém me disse nada, nem mesmo o príncipe; todos se limitavam a olhar. O príncipe confiou-me depois que estava eu tão pálido que ele “tivera medo”.

Não havia de quê!

## Capítulo III

### I

Não havia de que ter medo: uma consideração superior absorvia todos os detalhes, um sentimento poderoso compensava para mim tudo mais. Saí, numa espécie de entusiasmo. Pousando o pé na rua, estava quase a cantar. Como que de propósito, a manhã estava esplêndida: sol, passantes, barulho, movimento, alegria, multidão. — Como? Aquela mulher não me havia ofendido? De quem, pois, teria eu suportado aquele olhar e aquele sorriso insolente sem um protesto imediato, por mais tolo que fosse? Pouco importa, de minha parte. E notai, ela viera justamente com a ideia de me ofender sem demora, antes de ter me visto: eu era, a seus olhos, “o emissário de Viersílov” e já estava persuadida naquele momento — e continuou por muito tempo ainda — de que Viersílov tinha entre suas mãos todo o seu destino e o meio de perdê-la imediatamente, se o quisesse, graças a certo documento; pelo menos, ela o suspeitava. Era um duelo de morte. Pois bem, eu não me sentia, contudo, ofendido! Havia ofensa, mas eu não a sentia! Que digo? Estava até alegre; vindo para odiar, sentia mesmo que começava a amá-la. “Pergunto a mim mesmo se a aranha pode odiar a mosca que ela tocaia e que agarra. Querida mosca! Parece-me que se ama sua vítima; pelo menos pode-se amá-la. Assim, eu amo minha inimiga: sinto-me tremendamente contente por serdes tão bela. Sinto-me tremendamente contente, minha senhora, por serdes tão arrogante e tão altiva: se fosseis mais modesta, eu teria menos prazer. A senhora cuspiu em mim, e eu triunfo; se me tivésseis efetivamente cuspido no rosto, não me teria talvez zangado, porque sois minha vítima, a ‘minha’ e não a ‘sua’. Como é sedutora esta ideia! Não, a consciência secreta que se tem do poder próprio é infinitamente mais agradável que um domínio manifesto. Se fosse um

milionário, creio que acharia prazer em usar roupas coçadas e em fazer-me passar pelo mais miserável dos homens, quase por um mendigo, em fazer-me empurrar e desprezar: a consciência de minha riqueza me bastaria.”

Eis como poderia traduzir meus pensamentos de então e minha alegria, e muito do que eu sentia. Acrescentarei apenas que o que acabo de escrever é mais superficial: na realidade, eu era mais profundo e mais pudibundo. Ainda agora, sou mais pudibundo intimamente do que em minhas palavras e em meus atos, graças a Deus!

Talvez haja feito mal em meter-me a escrever: restam dentro de mim infinitamente mais coisas do que aparecem nas palavras. Vosso pensamento, por pior que seja, enquanto está dentro de vós, é sempre mais profundo; uma vez expresso, é sempre mais ridículo e mais desleal. Viersílov me disse que o contrário só acontece às pessoas ruins. Essas não fazem senão mentir, isto lhes é fácil; eu me esforço por escrever toda a verdade: é terrivelmente difícil!

## II

Naquele dia dezenove, dei ainda outro passo.

Pela primeira vez, desde minha chegada, acontecia ter dinheiro no bolso, uma vez que os sessenta rublos acumulados em dois anos, tinha-os dado à minha mãe, como o disse mais acima; desde alguns dias, decidira fazer, no dia em que recebesse meu ordenado, uma “experiência” com a qual sonhava havia muito tempo. Na véspera, recortara dum jornal um anúncio de “O funcionário ministerial junto ao Conselho dos juízes de paz de Petersburgo”, etc. etc., dizendo que “no dia dezenove de setembro, ao meio-dia, no quarteirão de Kazan, comissariado número xis, etc. etc., no imóvel número xis, seriam vendidas os bens móveis da Senhora Lebrecht”, e que “o inventário, a nota de preços e os objetos à venda podiam ser vistos no dia da venda”, etc. etc.

Passava pouco de duas horas. Dirigi-me a pé para o endereço indicado. Havia três anos que não tomava fiacres; fizera juramento (de

outro modo não teria jamais economizado sessenta rublos). Nunca ia aos leilões públicos, ainda não me “permitia” isso, e embora o passo que dava agora não passasse de uma “experiência”, só decidira dá-lo depois de haver saído do ginásio, depois de ter rompido com todo mundo, quando houvesse voltado a entrar na minha concha e completamente livre. Na realidade, estava longe de encontrar-me na minha concha e longe de ser livre; mas aquele passo, decidira dá-lo somente a título de experiência, para ver, quase para sonhar um pouco e não mais repeti-lo em seguida por muito tempo talvez, até o dia em que me meteria nisso seriamente. Para os outros, tratava-se apenas de um leilãozinho sem importância; para mim, era a primeira prancha do navio sobre o qual Cristóvão Colombo partiu à descoberta da América. Eis quais eram então meus sentimentos.

Assim que cheguei, meti-me pelo fundo do pátio do edifício designado no anúncio e entrei no apartamento da Senhora Lebrecht. Compunha-se de uma antecâmara e de quatro quartos pequenos e baixos. No primeiro, a partir da entrada, apertava-se uma multidão de umas trinta pessoas; a metade eram arrematantes, os outros, à primeira vista, ou curiosos, ou amadores, ou pessoas agindo em favor da Senhora Lebrecht. Havia comerciantes, judeus que tocaiavam os objetos dourados, e algumas pessoas bem vestidas. As fisionomias de alguns daqueles senhores ficaram gravadas em minha memória. Na porta escancarada da peça da direita, justamente entre os dois batentes, tinham colocado uma mesa, de sorte que era impossível entrar naquela peça. Ali se encontravam os objetos inventariados e destinados à venda. À esquerda havia outra peça, mas a porta estava fechada, se bem que se entreabrisse de vez em quando, deixando uma pequena fresta pela qual se via alguém olhando; sem dúvida algum membro da numerosa família da Senhora Lebrecht, presa naturalmente duma grande vergonha. Por trás da mesa, de frente para o público, o Senhor Funcionário Ministerial presidia, revestido de suas insígnias, encarregado de proceder ao leilão. Quando cheguei, já estava quase na metade; imediatamente abri passagem até a mesa. Vendiam-se candelabros de bronze. Olhei.

Olhei e disse logo entre mim: que posso mesmo comprar aqui? E onde colocar esses candelabros de bronze? Meu alvo terá sido

atingido? É assim que se fazem negócios? Estará certo o meu cálculo? Não seria um cálculo infantil? Agitava tais pensamentos e esperava. Era quase o sentimento que se experimenta diante de uma mesa de jogo no momento em que ainda não se fez a parada, mas em que a gente se aproxima com sua carta: “Posso apostar, posso ir-me embora, tudo depende de mim”. O coração não nos palpita ainda, mas começa a faltar-nos, bate levemente — sensação que não deixa de ter seu encanto. Mas em breve a indecisão se torna pesada e sentimo-nos como cegos: estendemos a mão, pegamos uma carta, mas maquinalmente, quase contra nossa vontade, como se nossa mão fosse dirigida por outrem; enfim, estamos decididos, apostamos — e a sensação é bem outra, imensa. Não falo do leilão, falo de mim: qual o outro que sentiria o coração bater-lhe num leilão?

Havia quem se acalorasse. Havia quem se calasse e esperasse. Havia quem comprasse e se lamentasse. Nem sequer me apiedei dum senhor que, por engano, por ter ouvido mal, comprara uma leiteira de metal, pensando que era de prata, por cinco rublos em lugar de dois; cheguei mesmo a divertir-me muito com isso. O leiloeiro variava os objetos: depois dos candelabros foram brincos de orelha, uma almofada de marroquim bordado, depois um cofrezinho — sem dúvida para variar ou então para atender às exigências do público. Não pude conter-me nem dez minutos; aproximei-me a princípio da almofada, depois do cofrezinho, mas de cada vez, no instante decisivo, parava de súbito: aqueles objetos pareciam-me verdadeiramente impossíveis. Enfim, entre as mãos do leiloeiro apareceu um álbum.

“Um álbum, encadernado em couro vermelho, usado, com desenhos de aquarela e de nanquim, num estojo de marfim esculpido, com fechos de prata: dois rublos!”

Adiantei-me: o objeto parecia elegante, mas havia um defeito no trabalho de marfim. Fui o único a ir olhá-lo, todo mundo se calava, não havia concorrente. Podia desfazer os atilhos e tirar o álbum de seu estojo para examiná-lo, mas não usei de meu direito e fiz sinal, com uma mão que tremia: “Pouco importa!”.

— Dois rublos e cinco copeques! — disse eu, batendo os dentes, creio.

O álbum ficou para mim. Tirei logo o dinheiro, paguei, agarrei o álbum e retirei-me para um canto da peça. Ali, tirei-o do estojo e, febrilmente, apressadamente, pus-me a examiná-lo: abstração feita do estojo, era mesmo a coisa mais miserável do mundo, um albunzinho não maior que uma folha de papel de cartas de pequeno formato, fino, com as bordas das folhas meio desdouradas, igualzinho àqueles que se encontravam outrora em mãos de moças que saiam do internato. A cores e a nanquim, estavam desenhados templos sobre montanhas, cupidos, um tanque onde nadavam cisnes. Havia também versos:

> Por muito tempo me vou,
> Deixo pra sempre Moscou.
> Adeus, minha Dulcineia,
> Vou, por correio, à Crimeia.

(Ficaram-me na memória!) Concluí que havia dado um fiasco; se havia um objeto inútil para todo mundo, era aquele.

“Não importa — disse a mim mesmo. — A primeira aposta é sempre perdida. É mesmo um excelente sinal.”

Estava positivamente alegre.

— Ah! chego demasiado tarde! Foi o senhor que ficou com ele? Comprou-o? — repercutiu, de repente, perto de mim, a voz de um senhor de sobretudo azul, de belo porte e bem trajado. Estava atrasado.

— Demasiado tarde! Ah! que desgraça! E por quanto?

— Dois rublos e cinco copeques.

— Ah! que pena! E o senhor não quereria ceder-mo?

— Saiamos — cochichei-lhe ao ouvido, com o coração batendo.

Saímos para o patamar.

— Posso cedê-lo por dez rublos — disse eu, com um frio nas costas.

— Dez rublos! Com licença, que foi que disse?

— Como quiser.

Olhou-me, de olhos arregalados; eu estava bem vestido, não me me assemelhava de modo algum a um judeu ou a um revendedor.

— Mas, por favor, é um velho álbum sem valia. De que lhe serve? O próprio estojo não vale nada. Não conseguirá vendê-lo.

— No entanto, o senhor quer comprá-lo.

— Eu tenho uma razão particular para isso. Só ontem o soube. Sou o único da minha espécie.

— Deveria pedir-lhe vinte e cinco rublos; mas como há, apesar de tudo, o risco do senhor desistir da compra, pedi-lhe somente dez, para maior segurança. Não abaterei um copeque.

Voltei as costas e fui andando.

— Aceite quatro rublos! — disse ele, alcançando-me no pátio. — Vamos, cinco!

Continuei a andar, sem responder.

— Vamos, tome! — Tirou dez rublos, entreguei-lhe o álbum.

— Confesse que não é honesto! Dois rublos e dez rublos!

— E por que não honesto? É o comércio!

— Que comércio? (Começava a zangar-se.)

— Sim, há procura, há comércio. Se o senhor não tivesse interesse, eu não o teria vendido nem por quarenta copeques.

Fazia esforço para não disparar na gargalhada e guardar o sério, mas ria interiormente — ria não de entusiasmo, mas sem saber por quê. Sufocava um pouco.

— Escute-me — murmurei completamente a contragosto, mas amigavelmente e com grande afeto por ele — escute-me. Quando o falecido James Rothschild de Paris, o que deixou um bilhão e

setecentos milhões de francos (ele abanou a cabeça), soube por acaso, na sua mocidade, algumas horas antes dos outros, do assassinato do Duque de Berry,[9] apressou-se a avisar a quem de direito, e graças a isso, num piscar dolhos, ganhou vários milhões. Eis como se faz!

— Então, o senhor é Rothschild? — exclamou ele, indignado, como se falasse a um imbecil.

Saí à pressa da casa. Um único passo e sete rublos e noventa e cinco copeques de lucro! O passo era insensato, era um brinquedo de criança, convenho, mas não coincidia menos com minha ideia e não podia deixar de agitar-me profundamente… Aliás, não havia ali sentimento a descrever. A cédula de dez rublos estava no bolso de meu colete, meti dois dedos nele para tateá-la e fui andando assim sem retirar a mão. A cem passos da casa, peguei a cédula para vê-la, examinei-a e tive vontade de beijá-la. De repente, um carro parou diante de uma casa; o suíço abriu a porta e uma dama subiu no carro, vistosa, jovem, bela, rica, toda seda e veludo, com uma cauda de dois *archini*. De súbito, um lindo porta-moedas pequenino escapou-lhe das mãos e caiu no chão; ela instalou-se no carro; o criado curvou-se para apanhar o objeto, mas dei um salto, agarrei-o e estendi-o à dama, levantando meu chapéu (uma cartola; estava trajado de rapaz e não de todo mal). A dama me disse, com reserva, mas com um agradabilíssimo sorriso: "*Merci*, senhor". O carro partiu. Beijei a cédula de dez rublos.

## III

Devia visitar naquele mesmo dia Iefim Zviériev, um de meus antigos colegas de ginásio, que dele saíra para entrar numa escola especial de Petersburgo. Não merece ser descrito e eu não tinha em suma nenhum laço de amizade com ele; mas pusera-me à sua procura; podia ele (em virtude de certas circunstâncias que não merecem tampouco menção) dar-me o endereço dum tal Kraft, de que tinha eu extrema necessidade, assim que esse Kraft regressasse de Vilna. Zviériev esperava-o justamente naquele dia ou no dia seguinte e dera-me ciência disso na antevéspera. Era preciso ir a Pietierbúrgskaia Storoná[10], mas não sentia fadiga.

Encontrei Zviériev (tinha também dezenove anos) no pátio da casa de sua tia, onde estava provisoriamente alojado. Acabara de almoçar e passeava no pátio trepado em pernas de pau; informou desde logo que Kraft chegara na véspera e recolhera-se a seu antigo apartamento, também em Pietierbúrgskaia Storoná, e que também ele desejava ver-me o mais breve possível, para me comunicar imediatamente uma notícia urgente.

— Ele vai tornar a partir não sei para onde — acrescentou Iefim.

Como fosse de importância capital para mim, nas circunstâncias presentes, encontrar Kraft, pedi a Iefim que me conduzisse imediatamente à sua casa, uma vez que ele morava num beco vizinho, a dois passos dali. Mas Zviériev declarou-me que o havia encontrado uma hora antes, dirigindo-se para a casa de Diergatchov.

— Então vamos à casa de Diergatchov! Por que sempre te recusas? Tens medo?

Kraft podia, com efeito, demorar-se em casa de Diergatchov, e então onde o encontraria eu? Não tinha medo de Diergatchov, mas não tinha vontade de ir à casa dele, se bem que fosse aquela a terceira vez que Iefim me queria levar lá. Pronunciava sempre aquele “tens medo?” com um sorriso muito maldoso para meu lado. Não era, contudo, questão de medo, declaro-o de antemão, e, se receava, era por outro motivo bem diverso. Desta vez resolvi ir lá; também ficava a dois passos. De caminho, perguntei a Iefim se ele continuava na intenção de partir para a América.

— Talvez espere ainda — respondeu com um ligeiro riso.

Não gostava muito dele, não gostava mesmo absolutamente. Tinha os cabelos quase brancos, um rosto redondo, demasiado branco, branco até a inconveniência, quase infantil; era maior do que eu, mas impossível dar-lhe mais de dezessete anos. Com ele, nenhuma conversação possível.

— E que se passa lá embaixo? Há sempre multidão? — informei-me, para dizer alguma coisa.

— Mas por que tens sempre medo? — disse ele, de novo, rindo.

— Vai para o diabo! — respondi, furioso.

— Não há a menor multidão. Só conhecidos, nem um estranho, fica tranquilo.

— Estranhos ou não, que tenho eu com isso? E eu não serei por acaso um estranho, lá? Por que queres que tenham confiança em mim?

— Sou eu quem te leva e basta. Ouviram falar de ti. Kraft pode também dizer o que pensa de ti.

— Escuta, Vássin estará lá?

— Não sei.

— Se estiver, assim que entrarmos, acotovela-me e indica-o; assim que entrarmos, entendes bem?

Já ouvira falar muito de Vássin e havia muito tempo que me interessava por ele.

Diergatchov morava num pequeno pavilhão, no pátio da casa de madeira duma mulher de negociante, mas ocupava o pavilhão todo. Havia três belas salas. As quatro janelas estavam com seus estores baixados. Ele era quase engenheiro e ocupava um posto em Petersburgo; soubera incidentemente que lhe ofereciam um lugar muito vantajoso na província e que ele iria para lá.

Acabávamos de entrar numa minúscula antecâmara, quando vozes ressoaram; parecia um debate animado e alguém gritava: "*Quae medicamenta non sanant, ferrum sanat; quere ferrum non sanat, ignis sanat!*".[11]

Eu estava realmente inquieto. Não estava, decerto, acostumado à sociedade, qualquer que ela fosse. No ginásio, nós nos tuteávamos todos, mas eu não tinha por assim dizer um camarada, fizera um cantinho para mim e nele me mantinha. Mas não era isso que me perturbava. Prometera a mim mesmo, em todo caso, não participar de

discussão alguma e de só pronunciar as palavras indispensáveis, para que ninguém pudesse formular uma opinião a meu respeito; sobretudo, não discutir.

Havia na peça, bastante exígua, sete pessoas, e dez com as damas. Diergatchov tinha vinte e cinco anos e era casado. Sua mulher tinha unia irmã e outra parenta que moravam também em casa dele. A sala estava mobiliada de uma maneira qualquer, suficientemente e até mesmo com decência. Via-se na parede um retrato litografado, mas sem valor, e no canto, um ícone sem ornamentos de metal, mas com uma lâmpada acesa. Diergatchov adiantou-se ao meu encontro, apertou-me a mão e ofereceu-me uma cadeira.

— Sente-se, estamos aqui entre amigos.

— Dê-nos este prazer! — acrescentou logo uma jovem senhora, de rosto bastante agradável, modestissimamente trajada, e no mesmo instante, depois de ter-me dirigido ligeira saudação, saiu. Era a mulher dele e parecia ter tomado parte na discussão. Ia agora amamentar seu filho. Mas restavam ainda duas damas, uma muito baixinha, duns vinte anos, de vestido preto e não feia tampouco, a outra, duns trinta anos, seca e de olhos penetrantes. Estavam sentadas, muito atentas, mas não intervinham na conversa.

Quanto aos homens, estavam todos de pé, exceto Kraft, Vássin e eu. Iefim logo os indicou, porque eu via Kraft também pela primeira vez. Levantei-me e aproximei-me deles para travar conhecimento. Não esquecerei jamais o rosto de Kraft: nenhuma beleza particular, mas algo de delicado e desprovido de malícia, com uma dignidade pessoal que punha sua marca em tudo. Vinte e seis anos, certa magreza, estatura superior à média, louro, fisionomia séria, mas suave; uma espécie de tranquilidade em toda a sua pessoa. E, contudo, se quereis sabê-lo, não trocaria jamais meu rosto tão vulgar pelo dele, que me parecia tão sedutor. Havia em sua fisionomia um não sei quê que eu não teria querido na minha, uma espécie de tranquilidade excessiva no sentido moral da palavra, uma espécie de altivez secreta, ignorando-se a si mesma. Aliás, não podia julgar isso exatamente dessa maneira na época; agora é que me parece ter assim julgado, depois do fato consumado.

— Muito prazer em vê-lo! — disse Kraft. — Tenho uma carta em que se faz referência ao senhor. Ficaremos um momento aqui e em seguida iremos à minha casa.

Diergatchov era de estatura mediana, um moreno robusto, de largos ombros, com uma grande barba. Via-se no seu olhar a inteligência prática e a reserva em tudo, certa prudência sempre presente; muito embora se calasse a maior parte do tempo, era ele quem manifestamente dirigia a conversação. A fisionomia de Vássin não me causou impressão, se bem que tivesse ouvido elogiar sua rara inteligência: louro, de grandes olhos dum cinzento claro, o rosto muito franco, mas ao mesmo tempo com algo de um tanto demasiado firme; pressentia-se que fosse pouco sociável, mas o olhar era realmente inteligente, mais que o de Diergatchov, mais profundo, mais inteligente que o de todos os presentes. Pode dar-se, aliás, que exagere agora. De todos os outros, só me lembro de duas pessoas entre todos aqueles jovens: um homem grande, moreno, com suíças negras, falando muito, com cerca de vinte e sete anos, professor ou qualquer coisa de análogo, e um jovem de minha idade, com jaqueta de camponês, o rosto enrugado, taciturno e todo ouvidos. Aconteceu que era mesmo de origem camponesa.

— Não, não é assim que deve ser posta a questão! — começou, retomando visivelmente a discussão de ainda há pouco, o professor de suíças negras, mais acalorado do que todos os outros. — No que se refere às provas matemáticas, nada tenho a dizer, mas essa ideia, que estou pronto a aceitar mesmo sem provas matemáticas…

— Espera, Tikhomírov — interrompeu, ruidosamente, Diergatchov —, os recém-chegados não compreendem nada. É que, vejam — e voltou-se bruscamente só para o meu lado (confesso que, se ele tinha a intenção de submeter o “novato” a um exame ou obrigar-me a falar, era o processo, de sua parte, bastante habilidoso; senti-o imediatamente e preparei-me) —, o Senhor Kraft, por exemplo, bem conhecido de todos nós pelo seu caráter e pela firmeza de suas convicções, foi levado por um fato muito comum a uma conclusão completamente extraordinária e que nos causou espanto. Chegou à conclusão de que o povo russo é um povo de segunda ordem…

— De terceira ordem! — gritou alguém.

— …De segunda ordem, destinado a servir de matéria a uma raça mais nobre, sem jamais desempenhar papel independente nos destinos da humanidade. Em razão desta conclusão, talvez justa, chegou o Senhor Kraft a admitir que toda a atividade do russo, qualquer que ele seja, deve ser doravante paralisada por essa ideia, que, por assim dizer, os braços de todos nós devem cair e…

— Permite, Diergatchov! Não é assim que a questão deve ser posta! — tornou Tikhomírov, impaciente (Diergatchov cedeu-lhe a palavra imediatamente). — Dado que Kraft fez estudos sérios, tirou da fisiologia deduções que estima matemáticas e consagrou talvez dois anos à sua ideia (que estou disposto a adotar bem tranquilamente *a priori*), dado isto, quero dizer, os escrúpulos e a seriedade de Kraft, a coisa me aparece como um fenômeno. Tudo nos conduz à pergunta que Kraft não pode compreender e é disso que precisamos ocupar-nos, quero dizer da incompreensão de Kraft, porque é um fenômeno. É preciso decidir se esse fenômeno pertence à clínica na qualidade de caso isolado, ou então se é uma propriedade que se pode reproduzir normalmente em outros casos; é interessante para a causa comum. Quanto à Rússia, creio em Kraft e direi mesmo que me regozijo com isso; se essa ideia fosse aceita por todos, desligaria nossas mãos e nos desembaraçaria bem das pessoas que têm o preconceito patriótico…

— Não me referia ao patriotismo — disse Kraft, numa espécie de esforço. Todos aqueles debates pareciam desagradar-lhe.

— Patriotismo ou não, deixemos isso de lado! — declarou Vássin, desde muito silencioso.

— Mas como, dize-me, poderia a conclusão de Kraft enfraquecer as aspirações para a obra comum da humanidade? — gritou o professor (era o único que gritava, todos os outros falavam baixo). — Concedamos que a Rússia esteja condenada ao segundo lugar; mas pode-se trabalhar por outros que não a Rússia. Além do mais, como pode Kraft ser patriota, se deixou de crer na Rússia?

— Aliás, ele é alemão! — lançou de novo uma voz.

— Sou russo! — declarou Kraft.

— É esta uma questão que não toca o fundo das coisas — fez notar Diergatchov ao interruptor.

— Reparem na estreiteza de sua ideia — continuou Tikhomírov, sem fazer caso. — Se a Rússia é apenas material para raças mais nobres, por que ela não aceitará esse papel de material? É ainda bastante brilhante. Por que não repousar sobre essa ideia, a fim de alargar em seguida suas vistas? A humanidade encontra-se às vésperas de sua regeneração, que já começou. Só um cego pode negar as tarefas que vão surgir. Deixai a Rússia, se não tendes mais fé nela, e trabalhai para o futuro, para o futuro de um povo ainda desconhecido, mas que se comporá de toda a humanidade, sem distinção de raças. De qualquer maneira, a Rússia estará morta um dia; os povos, até mesmo os mais bem dotados, vivem mil e quinhentos anos, dois mil anos no máximo; dois mil anos ou duzentos anos, não é mais ou menos a mesma coisa? Os romanos não viveram nem mil e quinhentos com ar de vida e também se transformaram em material. Há muito tempo não existem mais, deixaram porém uma ideia e essa ideia foi um elemento de progresso na evolução da humanidade. Como se pode dizer a um homem que ele nada tem a fazer? Trabalhai pela humanidade e não vos inquieteis com o resto. Há tanto a fazer que a vida não bastará, se bem se repara.

— É preciso viver segundo a lei da Natureza e da Verdade! — declarou, por trás da porta, a Senhora Diergatchova. A porta estava entreaberta e podia-se vê-la de pé, com o menino ao seio, o peito semicoberto, prestando ardentemente ouvidos.

Kraft escutava sorrindo ligeiramente. Enfim, proferiu, com ar um tanto cansado e, aliás, com enérgica sinceridade:

— Não compreendo que se possa, se se está sob a influência de alguma ideia dominante à qual se subordinam inteiramente o espírito e o coração da gente, ter uma razão de viver qualquer fora dessa ideia.

— Mas se lhe disseram logicamente, matematicamente, que sua conclusão é errônea, que sua ideia é totalmente falsa, que você não tem o menor direito de excluir-se da atividade útil comum, pela

simples razão de que a Rússia seria irrevogàvelmente um valor de segunda ordem; se lhe mostraram em lugar de um horizonte estreito um infinito à sua disposição, em lugar de sua estreita ideia de patriotismo…

— Oh! — disse Kraft, com um gesto da mão — já lhe disse que não se trata de patriotismo.

— Há aqui um mal-entendido evidente — interveio, de repente, Vássin. — O erro consiste no fato de não termos em Kraft uma simples dedução lógica, mas, por assim dizer, uma dedução degenerando em sentimento. Todas as naturezas não são idênticas; há muitas nas quais a dedução lógica se transforma por vezes num sentimento violento que se apodera de todo o ser e que é muito difícil de expulsar ou de modificar. Para curar o homem assim atingido, é preciso mudar esse sentimento, e a coisa só é possível substituindo-o por outra força igual. É sempre difícil e em muitos casos impossível.

— Engano! — clamou o disputante. — A conclusão lógica dissolve por si mesma os preconceitos. A convicção razoável engendra um sentimento apropriado. O pensamento emana do sentimento e por sua vez, instalando-se em nós, formula um novo!

— Os homens são bastante diferentes. Uns mudam facilmente de sentimento; outros, com dificuldade — respondeu Vássin, com ar de não querer prolongar a discussão. — Quanto a mim, estava encantado com a ideia dele.

— O mesmo direi eu! — exclamei, bruscamente, quebrando o gelo e começando, de súbito, a falar. — Com efeito, em lugar do sentimento é preciso pôr outro capaz de substituí-lo. Em Moscou, há uns quatro anos, um general… É que, vejam os senhores, eu não o conhecia, mas… Pode dar-se que, no fundo, não fosse ele, por si mesmo, digno de inspirar respeito… Além disso, o próprio fato podia parecer irracional, mas… Enfim, vejam, perdeu um filho, ou antes duas filhinhas, uma após outra, de escarlatina… Pois bem, ficou de súbito tão abatido que não esquecia jamais seu luto, causava pena vê-lo, e finalmente morreu apenas seis meses mais tarde. Que haja morrido por causa desse luto, é um fato. Pois bem, como se teria

podido ressuscitá-lo? Resposta: por um sentimento de força equivalente! Era preciso retirar-lhe do túmulo aquelas duas meninas e as restituir a ele, eis tudo, quero dizer… algo nesse gênero. Morreu. E, no entanto, teria sido possível oferecer-lhe admiráveis deduções: que a vida é curta, que somos todos mortais; seria possível tirar do almanaque a estatística das crianças mortas de escarlatina… Ele estava reformado…

Parei, opresso, e olhei em redor de mim.

— Não é de todo a mesma coisa! — disse alguém.

— O fato que o senhor nos traz, sem ser da mesma natureza do caso presente, é entretanto análogo e o esclarece — disse Vássin, voltando-se para mim.

## IV

Devo confessar aqui por que fiquei entusiasmado com o argumento de Vássin sobre “a ideia-sentimento” e ao mesmo tempo devo confessar uma vergonha infernal. Sim, tinha medo de ir à casa de Diergatchov, mas por uma outra razão que não aquela que Iefim supunha. Tinha medo, porque já os temia em Moscou. Sabia que aquelas pessoas (elas ou outras do mesmo estilo, pouco importa) são dialetas e muito provavelmente reduziriam minha “ideia” a pedaços. Estava bem certo de que essa ideia, não lhe entregaria eu, nada diria; mas podiam elas (ainda uma vez, elas ou pessoas do mesmo estilo) dizer-me coisas que me fariam perder confiança em minha ideia, mesmo que não fizessem a ela alusão. Havia na “minha ideia” problemas não resolvidos, mas eu não queria que outrem os resolvesse em meu lugar. Nestes dois últimos anos tinha mesmo deixado de ler, temendo dar com alguma passagem que não fosse a favor de minha “ideia” e que teria podido transtornar-me E eis que Vássin, de repente, resolve o problema e me acalma supremamente. De fato: de que, pois, tinha eu medo e que eles podiam me fazer, com toda a sua dialética? Fui talvez o único a compreender o que Vássin queria dizer com sua “ideia-sentimento”. Não basta refutar uma bela ideia, é preciso substituí-la por outra não menos bela; de outro modo, não querendo, a preço algum, separar-me de meu sentimento, refutarei no meu coração a refutação, mesmo violentando-me, apesar do que possam eles dizer. E eles, que podiam eles dar-me em troca? De modo que deveria ter sido mais corajoso; tinha o dever de ser mais valente. Entusiasmado por Vássin, senti certa vergonha, achei que era uma criança indigna!

Outro motivo de vergonha ainda. Não foi o desprezível sentimento de fazer valer meu espírito que me levou a quebrar o gelo e falar, mas também uma vontade de “saltar ao pescoço” das pessoas. Essa ideia de saltar ao pescoço, para que me achem bondoso, para que se ponham a beijar-me ou não sei o que nesse estilo (uma pulhice, em uma palavra), considero-a eu como o mais infame de meus motivos de vergonha. Desde muito tempo, suspeitava-lhe da existência em mim, e precisamente daquele canto em que me mantive tantos anos, se bem que não tenha de arrepender-me disso. Sabia que devia ser o mais

reservado possível no mundo. A única coisa que me consolava, após cada uma daquelas vergonhas, era que apesar de tudo a minha “ideia” me restava, sempre no seu esconderijo e que eu não a revelara. Com um aperto de coração, imaginava por vezes que, no dia em que eu tivesse comunicado a alguém minha ideia, de súbito nada mais me restaria, de modo que seria semelhante a todo mundo e talvez abandonasse minha ideia; assim, guardava-a, conservava-a e temia as falações. E eis que em casa de Diergatchov, quase desde o primeiro encontro, não me contivera: nada revelara, sem dúvida, mas tagarelara de maneira imperdoável; cobrira-me de vergonha. Triste recordação! Não, não posso viver com os homens; ainda hoje estou persuadido disto; e falo por quarenta anos antecipados. Minha ideia é meu refúgio.

## V

Assim que Vássin aprovou-me, fui tomado duma vontade indomável de falar.

— Na minha opinião, cada qual tem o direito de ter seus sentimentos… contanto que seja por convicção… E ninguém pode arrogar-se o direito de censurá-lo — disse eu, dirigindo-me a Vássin. A frase fora pronunciada redondamente, mas parecia-me que nada tinha eu com aquilo, como se fosse a língua de outrem que se houvesse mexido na minha boca.

— Não é pos-sí-vel? — voltou com ironia e destacando as sílabas a mesma voz que interrompera Diergatchov e gritara a Kraft que ele era alemão. Julgando-o uma perfeita nulidade, voltei-me para o professor, como se fosse ele que houvesse gritado:

— Minha convicção é que não tenho o direito de julgar ninguém.

Tremia já, sabendo de antemão que não me deteria mais.

— E por que tanto segredo? — repercutiu de novo a voz da nulidade.

— Cada qual tem sua ideia! — disse eu, olhando fixamente o professor que, pelo contrário, se calava e me examinava com um

sorriso.

— E qual é a sua? — gritou a nulidade.

— É demasiado longa para ser contada… Consiste em parte nisto: que os outros me deixem em paz! Enquanto tiver dois rublos, quero viver só, não depender de ninguém (fiquem tranquilos, conheço as objeções) e nada fazer — mesmo pela grande humanidade por vir, ao serviço da qual queriam que o Senhor Kraft trabalhasse. A liberdade individual, isto é, a minha liberdade, antes de tudo, nada quero conhecer além disso.

Meu erro foi zangar-me.

— Quer dizer que o senhor prega a tranquilidade da vaca de barriga cheia?

— Admito. Uma vaca nada tem de ofensivo. Não devo nada a ninguém, pago o que devo à sociedade sob a forma de impostos, para que não me roubem, não me batam e não me matem, e ninguém tem o direito de exigir mais de mim. Talvez tenha pessoalmente outras ideias, talvez quisesse servir à humanidade e vou servi-la talvez mesmo dez vezes mais que todos os pregadores. Somente não quero que ninguém "exija de mim" esse serviço, que ninguém a ele me obrigue, como se quer agora obrigar o Senhor Kraft. Quero que minha liberdade permaneça íntegra, mesmo que não mexa nem dedo mindinho. Quanto a correr e agarrar-se ao pescoço de todo mundo por amor à humanidade e derramar lágrimas de enternecimento, não passa de uma moda. E por que então deveria eu amar meu próximo ou então vossa humanidade futura, que não verei nunca, que não me conhecerá, e que por sua vez desaparecerá sem deixar traços, nem lembranças (o tempo nada faz no caso), quando a terra se transformará por sua vez num bloco de gelo e voará no espaço sem ar com uma multidão infinita de outros blocos semelhantes, o que é bem a mais absurda das coisas que se possa imaginar? Eis vossa doutrina! Dizei-me, por que deveria eu absolutamente ser generoso? Sobretudo se tudo não dura senão um instante.

— Ora! ora! — gritou uma voz. Eu havia pronunciado essa tirada, nervosa e maquinalmente, queimando todos os meus navios. Sabia que

voava para o abismo, mas me apressava, temendo as abjeções. Sentia bem que derramava minhas palavras ao acaso, sem seguimento, sem ordem, mas apressava-me em convencê-los e em esmagá-los. Era para mim tão importante! Preparara-me para isso três anos! O notável é que se calaram de repente, como se não tivessem jamais dito nada, limitando-se a escutar. Continuava a dirigir-me ao professor:

— Perfeitamente. Um homem extremamente inteligente disse entre outras coisas que não há nada de mais difícil do que responder à pergunta: "Por que é absolutamente preciso ser virtuoso?". Existem aqui na terra, vejam os senhores, três espécies de tratantes: os tratantes ingênuos, convencidos de que sua tratantice é a suprema virtude; os tratantes envergonhados, os que coram de sua própria tratantice, muito embora tenham a firme intenção de levá-la até o fim; e afinal os tratantes sem mais nada, os tratantes puros-sangues. Permitam: tive como colega um tal Lambert, que me dizia já aos dezesseis anos que, quando fosse rico, seu maior gozo seria nutrir cães a pão e carne, enquanto os filhos dos pobres morreriam de fome e que, quando eles não tivessem mais com que aquecer-se, compraria todo um depósito de madeira, o transportaria para pleno campo e aqueceria o ar, sem dar aos pobres uma só acha. Eis seus sentimentos! Pois bem! Dizei-me que deveria eu responder a esse tratante puro-sangue, se ele me perguntasse: "Por que tenho obrigação de ser virtuoso?". E sobretudo em nossa época, assim feita por vós. Porque as coisas jamais estiveram tão ruins como hoje, senhores! A situação não está de todo clara na nossa sociedade. Negais Deus, negais a santidade, qual é pois a rotina, surda, cega e obtusa, que pode obrigar-me a agir duma maneira, se me é mais vantajoso agir doutra? Vós dizeis: "Agir razoadamente para com a humanidade está também dentro do meu interesse". Mas se acho todas essas coisas razoáveis desrazoáveis, todas essas casernas, essas falanges? Que tenho a fazer com tudo isso, com o vosso futuro, se tenho apenas uma vida para viver? Deixai que eu mesmo conheça o meu interesse: tirarei disso maior prazer. Como haverei de interessar-me pelo que se passará na vossa humanidade daqui a mil anos, se vosso código não me concede em troca nem amor, nem vida futura, nem certificado de virtude? Não, senhores, se assim é, viverei da maneira mais insolente, para mim mesmo. Para o diabo todos os outros!

— Gentil desejo!

— Estou pronto a segui-lo!

— Melhor ainda! (Era sempre a mesma voz.)

Todos os outros continuavam calados, a olhar e a observar-me; mas, pouco a pouco, de diversos cantos da sala, elevou-se uma risada escarninha, a princípio discreta. Depois riram todos escancaradamente. Somente Vássin e Kraft não riam. O homem das suíças negras sorria também; fitava-me e escutava.

— Senhores — tremia todo —, não vos direi qual é minha ideia, a nenhum preço. Perguntarei a vós, pelo contrário, qual é o vosso próprio ponto de vista — não o meu, porque amo talvez mil vezes mais a humanidade que vós todos juntos! — dizei-me — e estais obrigados a responder-me imediatamente, estais obrigados a isso porque dais risada —, dizei-me pois: que tendes a oferecer-me para que vos siga? Dizei-me, como me provareis que será melhor usar o vosso sistema? Que fareis do protesto de minha individualidade, contra vossa caserna, os alojamentos em comum, o "estritamente necessário", o ateísmo e a comunidade de mulheres sem filhos? — Eis a que chegareis afinal, bem o sei. E em troca de tudo isso, dessa ínfima porção de interesse médio que a vossa nacionalidade me oferecerá, em troca de um pedaço de pão e de um pouco de calor, tomareis toda a minha pessoa! Esperai um pouco! Arrebatam-me a mulher; conseguireis domesticar-me a ponto de impedir-me que mate meu rival? Ides me dizer que, naquele momento, eu terei me tornado mesmo mais razoável; mas que pensará minha mulher de um marido tão razoável, se se respeita a si mesmo inda que seja um tantinho; confessai que isso é contra a natureza. Não tendes vergonha?

— O senhor é especialista… em questão de mulheres? — zombou a voz da nulidade.

Tive um instante vontade de precipitar-me e cobri-lo de pancadas. Era um homenzinho ruivo e coberto de sardas… afinal, diabos levem sua aparência!

— Tranquilize-se, ainda não conheci a mulher — atirei-lhe,

voltando-me pela primeira vez para seu lado.

— Preciosa comunicação, que teria podido ser feita de uma forma mais polida, aqui na presença das senhoras!

Mas todo mundo começou a agitar-se. Pegavam os chapéus e faziam menção de retirar-se — não por causa de mim, mas porque estava na hora. Mas aquela maneira tácita de tratar-me encheu-me de vergonha. Levantei-me também.

— Quer, apesar de tudo, dizer-me o seu nome? O senhor esteve todo o tempo a olhar-me! — disse o professor, dando um passo para mim, com um sorriso ignóbil.

— Dolgorúki.

— Príncipe Dolgorúki?

— Não, Dolgorúki simplesmente, filho do ex-servo Makar Dolgorúki e filho natural de meu ex-amo o Senhor Viersílov. Acalmai-vos, senhores: não digo isto para que vos lanceis ao meu pescoço e choreis de enternecimento como bezerros.

Estalou de repente uma rajada de gargalhadas sonoras e sem cerimônia, tanto que a criança que dormia do outro lado acordou e rompeu a chorar. Eu tremia de furor. Todos apertavam a mão de Diergatchov e se retiravam sem dar a menor atenção a mim.

— Vamo-nos! — Era Kraft que me empurrava com o cotovelo. Fui ter com Diergatchov, apertei-lhe a mão com todas as minhas forças e sacudi-a várias vezes, igualmente com todas as minhas forças.

— Desculpe-me, se Kudriúmov (o personagem ruivo) chegou a ofendê-lo — disse ele.

Segui Kraft. Não me envergonhava de nada.

## VI

Evidentemente, entre meu eu atual e meu eu de então há uma distância infinita.

Persistindo em “não envergonhar-me de nada”, alcancei Vássin na escada, abandonando Kraft, personagem de segunda ordem, e com o ar mais natural, como se nada se tivesse passado, perguntei-lhe:

— Creio que o senhor conhece meu pai, quero dizer, Viersílov.

— Não o conheço, precisamente — respondeu ele logo (sem menor matiz dessa polidez refinada, mas ofensiva, de que usam as pessoas delicadas para com aqueles que acabam de cobrir-se de vergonha) —, mas conheço-o um pouco. Já o encontrei e ouvi-o falar.

— Se o ouviu, então o conhece, porque o senhor é quem é! Pois bem, que pensa dele? Perdoe-me esta pergunta à queima-roupa, mas tenho necessidade de sua resposta. Tenho necessidade de saber que pensa o senhor, qual é sua opinião.

— É pedir muito. Parece-me que esse homem é capaz de formular a si mesmo enormes exigências e talvez pô-las em prática, mas sem dar contas a ninguém.

— É exato, é totalmente exato, ele é muito orgulhoso! Mas é bem autêntico. Escute um pouco. Que pensa de seu catolicismo? Mas esqueci-me de que o senhor talvez não saiba…

Se não tivesse estado tão perturbado, não teria evidentemente feito à queima-roupa perguntas semelhantes a um homem ao qual jamais havia falado e que só conhecia de reputação. Admirava-me ver que Vássin não parecia notar minha loucura.

— Ouvi falar de algo nesse gênero, mas ignoro até que ponto pode ser verdade — respondeu ele num tom sempre equilibrado e calmo.

— Não há nada de verdade nisso! É tudo mentira! Imagina o senhor que ele possa acreditar em Deus?

— É um homem muito orgulhoso, como o senhor mesmo disse, e muitos homens muito orgulhosos gostam de crer em Deus, sobretudo aqueles que desprezam um tanto os homens. Muitos homens fortes experimentam uma espécie de necessidade natural de encontrar

alguém ou alguma coisa para adorar. O homem forte tem por vezes muita dificuldade em suportar sua força.

— Escute pois, eis uma coisa que deve ser terrivelmente verdadeira! — exclamei. — Somente, gostaria de compreender…

— Oh! a causa é clara: escolhem Deus, para não adorar os homens, naturalmente sem se darem conta eles mesmos do que neles se passa. Adorar a Deus nada tem de vexatório. Eis como se recrutam os crentes mais apaixonados, ou mais exatamente aqueles que desejam apaixonadamente crer; mas tomam por fé seu desejo. E são esses também que, no final, perdem na maior parte das vezes suas ilusões. Quanto ao Senhor Viersílov, creio que tem ele traços de caráter extremamente sinceros. De maneira geral, interessa-me.

— Vássin — exclamei —, o senhor causa-me prazer! Não é sua inteligência que me causa admiração: é que o senhor, um homem tão puro e tão incomensuravelmente superior a mim, possa marchar a meu lado e falar tão simplesmente e tão polidamente como se nada se tivesse passado!

Vássin sorriu:

— O senhor me lisonjeia. O que se passou lá é unicamente o fato do senhor gostar demasiado das conversas abstratas. Sem dúvida até aqui o senhor conservou-se muito tempo em silêncio.

— Calei-me por três anos, levei três anos preparando-me para falar… É claro, não lhe pareci idiota porque o senhor mesmo é extremamente inteligente, se bem que me tenha sido impossível portar-me de maneira mais idiota. Devo ter-lhe parecido um sujeito vil.

— Um sujeito vil?

— Sim, sem dúvida alguma! Diga-me pelo menos que não me despreza, secretamente, por ter eu dito que era filho natural de Viersílov… por ter-me gabado de ser o filho de um servo.

— O senhor atormenta-se demais. Se acha que falou como não

devia, basta que não fale assim da próxima vez; tem ainda cinquenta anos à sua frente.

— Oh! sei que preciso manter-me em silêncio para com as pessoas. A mais ignóbil de todas as perversões é pendurar-se ao pescoço alheio. Acabo de dizer-lhes isto. E eis que me penduro ao do senhor! Mas há uma diferença, não é verdade? Se o senhor compreendeu essa diferença, se foi capaz de compreendê-la, abençoo este minuto!

Vássin sorriu de novo:

— Venha ver-me, se quiser. Agora tenho de trabalhar e estou ocupado, mas me dará prazer.

— Acabo de concluir, pela sua fisionomia, que o senhor é muito inflexível e pouco comunicativo.

— É, talvez bem verdade. Conheci sua irmã, Elisavieta Makárovna, o ano passado em Luga… Kraft parou e o espera, creio. Precisará arrepiar caminho.

Apertei com força a mão de Vássin e alcancei Kraft, que se havia adiantado, enquanto eu conversava com Vássin. Seguimos em silêncio até seu alojamento; não queria ainda e não podia falar-lhe. Um dos traços mais salientes do caráter de Kraft era a delicadeza.

## Capítulo IV

### I

Kraft ocupara outrora um lugar oficial e além disso ajudava o falecido Andrónikov (mediante remuneração) a tratar de certos negócios privados de que este último se ocupava constantemente fora de seu serviço. O que me importava a mim era que Kraft, em virtude de sua intimidade com Andrónikov, podia conhecer certas coisas de natureza a interessar-me. Mas eu sabia, por Maria Ivânovna, mulher de Nikolai Siemiônovitch, em casa de quem eu vivera tantos anos enquanto estava no ginásio — e que era a própria sobrinha, a pupila e

a favorita de Andrónikov — que Kraft havia mesmo recebido a “missão” de me entregar alguma coisa. Havia bem um mês que o esperava.

Ele morava num pequeno apartamento de duas peças, completamente isolado, e no momento, uma vez que vinha de regressar, estava mesmo sem criado. Sua valise estava aberta, mas os objetos não arrumados achavam-se ainda espalhados pelas cadeiras. Uma mesa, diante do divã, suportava um saco de viagem, um cofrezinho, um revólver, etc… Quando entramos, estava Kraft mergulhado em seus pensamentos, como se me tivesse totalmente esquecido; talvez ele não tivesse mesmo notado que eu não lhe dirigira uma palavra sequer durante o trajeto. Pôs-se logo a procurar alguma coisa, mas, avistando, de repente, um espelho, parou e mirou-se fixamente um bom minuto. Notei essa singularidade (lembrei-me grandemente de tudo isso, mais tarde), mas eu estava triste e bastante perturbado. Não tinha força de concentrar-me. Um instante, tive uma vontade súbita de ir-me embora e de deixar tudo ali, para sempre. De que se tratava, no fundo? Não seria uma preocupação fictícia que eu me impunha? Desesperava-me por esbanjar minha energia em indignas futilidades, por pura sensibilidade, quando tinha diante de mim um objetivo enérgico. Ora, minha inaptidão para qualquer ação séria era evidente, diante do que se passara em casa de Diergatchov.

— Kraft, o senhor irá ainda à casa deles? — perguntei, de repente. Ele voltou-se lentamente para o meu lado, como se me compreendesse mal. Sentei-me.

— Perdoe-lhes! — disse, de súbito, Kraft.

Pareceu-me naturalmente que ele estava zombando; mas, fixando-o, vi em seu rosto uma bonomia tão singular e até mesmo tão espantosa que eu mesmo me espantei da seriedade com que me pedia que lhes perdoasse. Pegou uma cadeira e sentou-se perto de mim.

— Sei bem que sou talvez um amontoado de todos os amores próprios e nada mais — comecei —, mas não peço perdão nenhum.

— E a quem o pediria? — disse ele, doce e sério. Falava sempre doce e muito devagar.

— Admitamos que eu seja culpado perante mim mesmo… Gosto de ser culpado perante mim mesmo… Kraft, perdoe-me se digo tolices, neste momento. Diga-me: o senhor faz parte também daquele círculo? Eis o que queria perguntar-lhe.

— Eles não são mais tolos, nem mais sensatos que os outros; estão malucos, como todo mundo.

— Será que todo mundo está maluco? — Voltei-me para ele, com uma curiosidade involuntária.

— Entre as pessoas de bem, todo mundo hoje está maluco. Somente os medíocres e os incapazes se divertem… Mas de que serve tudo isso?

Enquanto falava, olhando para o ar, começava frases e interrompia-as. Fui sobretudo surpreendido por certo tédio em sua voz.

— E Vássin também está com eles? Vássin tem por si a inteligência, a ideia moral! — exclamei.

— Não há hoje ideias morais. Desapareceram, subitamente, todas até a derradeira. É possível crer que jamais existiram.

— Outrora não as havia?

— Deixemos este assunto! — disse ele, com evidente lassitude. Impressionou-me sua amarga seriedade. Corando pelo meu egoísmo, procurei adaptar-me a seu estado.

— A época presente — continuou ele, após dois minutos de silêncio e olhando sempre para o ar — é a época do equilíbrio e da insensibilidade: paixão pela ignorância, preguiça, incapacidade de agir, necessidade do já pronto. Ninguém reflete mais; bem poucos poderiam forjar uma ideia.

Interrompeu-se ainda e calou-se um instante. Eu escutava.

— Desflorestam agora a Rússia, esgota-se seu solo, transformam-no em estepe e preparam-no parece, para os calmucos. Se aparecer um

homem com esperança e plantar uma árvore, todo mundo disparará a rir: “Esperas viver para vê-la crescida?”. Doutra parte, os que desejam o bem discutem a respeito do que se passará dentro de mil anos. A ideia estabilizadora desapareceu. Estamos todos como na hospedaria, prestes a deixar amanhã a Rússia. Cada qual vive como para se livrar…

— Permita, Kraft! O senhor disse: “ocupam-se com o que se passará daqui a mil anos”. Mas, o seu desespero… quanto à sorte da Rússia… não será uma preocupação da mesma ordem?

— É… é a questão mais essencial que possa existir! — declarou ele, com irritação, levantando-se rapidamente.

— Ah! sim! Ia esquecer-me! — disse, de repente, num outro tom de voz, olhando-me com embaraço. — Trouxe-o até aqui por causa de um negócio, e… Perdoe-me, pelo amor de Deus!

Ele parecia sair de um sonho. Estava quase confuso. Tirou uma carta de dentro de uma pasta colocada em cima da mesa e a passou para mim.

— Eis o que tinha a entregar-lhe. É um documento de alguma importância — começou ele, com precaução e com ar de homem de negócios. Admirei-me, muito tempo depois, refletindo nisso, daquela faculdade que possuía (em horas tão graves para ele!) de tratar com tanta cordialidade os negócios alheios, contá-los com tanta calma e firmeza.

— É uma carta desse mesmo Stolbiéiev cujo testamento deu lugar, após sua morte, ao processo de Viersílov contra os Príncipes Sokólhski. Esse processo está sendo julgado atualmente e terminará sem dúvida em favor de Viersílov: a lei está favorável a ele. Ora, nesta carta particular, escrita há dois anos, o testador enuncia ele próprio sua vontade autêntica, ou antes, seu desejo, e enuncia-o antes em favor dos príncipes do que de Viersílov. Pelo menos, os pontos sobre os quais se apoiam os Príncipes Sokólhski para contestar o testamento encontram nesta carta uma poderosa confirmação. Os adversários de Viersílov dariam muito por este documento, que, aliás, não tem valor jurídico absoluto. Alieksiéi Nikándrovitch (Andrónikov), que se

ocupou com o caso Viersílov, conservava esta carta em sua casa. Pouco antes de sua morte, confiou-ma com a missão de “guardá-la preciosamente”; talvez temesse pelos seus papéis, vendo aproximar-se a morte. Não me cabe julgar as intenções de Alieksiéi Nikándrovitch no caso e confesso que, morto ele, encontrei-me numa indecisão penosa: que fazer deste documento? Sobretudo diante dum julgamento próximo? Mas Ivânovna, em quem Alieksiéi Nikándrovitch parecia ter muita confiança enquanto vivo, tirou-me de embaraço: escreveu-me categoricamente, há três semanas, dizendo-me que lhe entregasse o documento, o que, “acredita ela” (é sua expressão), atende à intenção de Andrónikov. Ei-lo, pois, e sinto-me muito feliz em poder afinal entregá-lo.

— Escute-me — disse eu, intrigado diante de uma notícia tão inesperada. — Que vou fazer agora com esta carta? Que conduta seguir?

— Isto depende inteiramente do senhor.

— É impossível. Não sou livre de todo, convenha o senhor mesmo. Viersílov aguardava tão interessadamente essa herança… o senhor sabe que, sem ela, ele está perdido. E, assim de repente, existe semelhante documento!

— Só existe aqui, neste quarto.

— É bem assim? — disse, olhando-o atentamente.

— Se o senhor não acha por si mesmo o caminho a seguir, que conselho eu posso dar-lhe?

— Não quero, contudo, remetê-lo ao Príncipe Sokólhski: mataria todas as esperanças de Viersílov e além disso que parecerei a seus olhos? Um traidor… Por outra parte, entregando-o a Viersílov, mergulho inocente na miséria, e Viersílov não se encontra menos em uma situação sem saída: renunciar à herança, ou então tornar-se um ladrão.

— O senhor exagera a importância da coisa.

— Diga-me ainda: este documento tem caráter decisivo, definitivo?

— Não. Não sou jurista. O advogado da parte adversa encontraria naturalmente meio de utilizar o documento e de extrair dele todo proveito. Mas Alieksiéi Nikándrovitch achava verdadeiramente que essa carta, se fosse exibida, não teria grande valor jurídico, e que Viersílov poderia ainda assim ganhar sua causa. É antes, por assim dizer, um caso de consciência…

— Mas eis bem o que importa sobretudo — interrompi. — É justamente porque Viersílov se encontrará numa situação sem saída.

— Ele pode, no entanto, destruir o documento, e então ficará premunido, pelo contrário, contra todo perigo.

— O senhor tem razões especiais para julgá-lo assim, Kraft? Eis o que eu queria saber. Por isto é que estou em sua casa!

— Creio que todo homem no lugar dele agiria assim.

— E o senhor também agiria assim?

— Eu não tenho herança a receber e por isto não sei o que faria.

— Bom! — disse eu, metendo a carta em meu bolso. — É coisa decidida. Escute, Kraft! Maria Ivânovna que, asseguro-lhe, me revelou muitas coisas, disse-me que o senhor, e só o senhor, poderia dizer-me a verdade sobre o que se passou em Ems, há dezoito meses, entre Viersílov e os Akhmákovi. Eu o esperava como a um sol que me esclareceria. O senhor não conhece minha situação, Kraft. Suplico-lhe que me diga toda a verdade. Quero saber que homem ele é, e agora, agora é mais necessário do que nunca!

— Causa-me admiração não ter Maria Ivânovna, em pessoa, contado tudo. Pode ter sido informada de tudo pelo falecido Andrónikov e certamente ela soube e sabe muito mais do que eu.

— O próprio Andrónikov embaraçou-se nesse negócio: eis o que diz Maria Ivânovna. É um negócio que, creio, ninguém conseguira destrinçar. O próprio diabo quebraria nele o pescoço. Sei que o senhor

se achava então em Ems…

— Não assisti a tudo, mas o que sei, faço questão de contá-lo ao senhor. Só não sei se o senhor ficará satisfeito.

## II

Não transcreverei literalmente seu relato, mas me limitarei a reproduzir brevemente o essencial.

Dezoito meses antes, Viersílov, que se tornara, por intermédio do velho Príncipe Sokólhski, amigo da família Akhmákov (então no estrangeiro, em Ems), causara forte impressão a princípio em Akhmákov em pessoa, o general, não muito idoso ainda, mas que perdera no jogo o rico dote de sua esposa, Katierina Nikoláievna, em três anos de casamento, tendo sofrido já um ataque em consequência de seus excessos. Recuperara-se e partira para o estrangeiro. Morava em Ems por causa de sua filha, filha dum primeiro casamento. Era esta uma mocinha doentia, de dezessete anos mais ou menos, fraca dos pulmões, extremamente bela, dizem, e também extremamente caprichosa. Não tinha dote; contava-se, por hábito, com o velho príncipe. Katierina Nikoláievna era, dizem, uma boa madrasta. Mas a moça, não se sabe por quê, tomou-se de grande apego por Viersílov. Pregava ele então "algo de apaixonante", para empregar a expressão de Kraft, algo de uma vida nova, "presa que estava ele de uma exaltação religiosa em alto grau", segundo a expressão estranha, e talvez zombeteira, de Andrónikov, que me foi transmitida. Fato digno de nota: tornou-se em breve detestado por todos. O próprio general o temia; Kraft não desmente absolutamente o boato segundo o qual teria Viersílov conseguido implantar no cérebro de seu marido doente a ideia de que Katierina Nikoláievna não era indiferente ao jovem Príncipe Sokólhski (que havia então partido de Ems para Paris). Não o fez diretamente, mas, "segundo seu costume", por alusões, insinuações e com todas as espécies de rodeios, "em que é mestre", declarou Kraft. Em geral, devo dizer que Kraft o julgava e queria julgá-lo, mais como um intrujão e intrigante nato do que como um homem realmente penetrado por uma ideia superior ou mesmo apenas original. Sabia eu, aliás, sem ser por Kraft, que Viersílov, que exercera a princípio grande

influência sobre Katierina Nikoláievna, viera pouco a pouco a romper com ela. Em que consistia todo esse jogo, jamais pude conseguir que Kraft explicasse, mas o ódio mútuo sobrevindo aos dois, após sua amizade, me foi confirmado de todas as partes. Produziu-se em seguida um fato singular: a enteada, doente, de Katierina Nikoláievna apaixonou-se sem dúvida por Viersílov, ou então ficou impressionada por algum aspecto de sua personalidade, ou se deixou arrebatar pelos seus discursos; em suma, nada sei de certo a respeito. Mas é coisa conhecida que, durante algum tempo, Viersílov quase não passava dia sem visitar a moça. Finalmente, declarou ela, de súbito, a seu pai que queria casar-se com Viersílov. O fato é real, está confirmado por todos, Kraft, Andrónikov, Maria Ivânovna e até mesmo Tatiana Pávlovna a ele fez alusão um dia, em minha presença. Assegurava-se também que Viersílov não somente desejava esse casamento, mas até mesmo insistia, e que o acordo entre essas duas criaturas heterogêneas, um velho e uma criança, fosse mútuo. Mas essa ideia amedrontava o pai; à medida que ele se desgostava de Katierina Nikoláievna, a quem, outrora, muito amava, pusera-se a adorar sua filha, sobretudo depois do ataque que sofreu. Mas o adversário mais encarniçado de semelhante casamento foi Katierina Nikoláievna. Houve uma quantidade enorme de conflitos domésticos, secretos e extremamente desagradáveis, de disputas, pesares, em uma palavra, sujeiras de toda espécie. O pai por fim começou a ceder, vendo a teimosia da filha, enamorada de Viersílov e "fanatizada" por ele, a expressão é de Kraft. Mas Katierina Nikoláievna continuava a revoltar-se, com um ódio implacável. É aqui que começa a trapalhada da qual ninguém compreende nada. Eis entretanto a hipótese construída por Kraft, de acordo com certos dados, mas não passa de uma hipótese.

Viersílov teria conseguido sugerir, à sua maneira, delicada e irresistível, à moça que, se Katierina Nikoláievna recusava seu consentimento, é que estava apaixonada por ele e já desde muito tempo atormentada pelo ciúme: perseguia-o, intrigava, já lhe havia feito uma declaração, e estava pronta agora a queimá-lo vivo porque ele amava uma outra. Em suma, algo neste estilo. O pior era ele ter a esse respeito "lançado indiretas" ao pai, ao marido da mulher "infiel", explicando que o príncipe não passava de uma distração. Segundo outras variantes, Katierina Nikoláievna gostava loucamente de sua

enteada e agora, caluniada diante dela, estava desesperada, sem falar de suas relações com seu marido doente. Enfim, existe ainda outra variante na qual, com grande pesar meu, acreditava plenamente Kraft, e na qual eu mesmo acreditava (porque já tivera conhecimento disso). Assegurava-se (Andrónikov, dizem, soubera-o de Katierina Nikoláievna em pessoa) que Viersílov, pelo contrário, já antes, isto é, antes que a moça houvesse concebido aqueles sentimentos, oferecera seu amor a Katierina Nikoláievna; que esta, que era sua amiga e fora mesmo exaltada por ele algum tempo, mas não acreditava nunca nele e o contradizia sempre, acolhera aquela declaração com um ódio extraordinário e havia-o cumulado de zombarias venenosas. Havia-o posto formalmente para fora de sua casa, porque ele lhe propunha simplesmente que ela se tornasse sua mulher, na previsão de um segundo ataque iminente, que seu marido sofreria. De modo que Katierina Nikoláievna deve ter sentido uma aversão especial por Viersílov, quando o viu em seguida procurar tão ostensivamente a mão de sua enteada. Ao contar tudo isso em Moscou, Maria Ivânovna acreditava tanto numa quanto na outra variante, isto é, tudo ao mesmo tempo. Assegurava que tudo isso podia conciliar-se, que era *la haine dans l'amour*,[12] uma espécie de orgulho amoroso ferido, de uma e de outra parte, etc. etc., em uma palavra, uma espécie de complicação romântica, indigna de um homem sério e de juízo, e misturada além disso com infâmia. Mas Maria Ivânovna vivia saturada de romances desde sua infância, lia-os de dia e de noite, malgrado um excelente caráter. O que ressaltava de tudo era a evidente ignomínia de Viersílov, a mentira e a intriga, algo de negro e de repugnante, tanto mais quanto o fim foi trágico: a pobre moça, louca de amor, envenenou-se, dizem, com cabeças de fósforos. Não sei, aliás, ainda hoje, se este último boato é verdadeiro; em todo o caso, procurou-se abafá-lo de todo jeito. A moça esteve doente apenas quinze dias e morreu. De modo que havia dúvidas a respeito das cabeças de fósforos, mas Kraft acreditava nisso firmemente. Em seguida, muito depressa, morreu o pai da moça, de pesar, dizem, que suscitou um segundo ataque. Contudo, não antes de três meses.

Mas depois do enterro da moça, o jovem Príncipe Sokólhski, que voltara de Paris a Ems, esbofeteou publicamente Viersílov em pleno jardim, e o outro não respondeu a isso com um desafio a duelo; pelo

contrário, logo no dia seguinte, mostrou-se no passeio público, como se nada tivesse acontecido. Foi então que todo mundo lhe voltou as costas, em Petersburgo também; Viersílov conservava, é certo, algumas relações, mas em outro meio bem diferente. Seus amigos da alta sociedade tornaram-se todos seus acusadores, se bem que muito poucos conhecessem todos os detalhes; só se sabia da morte romanesca da moça e da bofetada que ele recebera. Somente dois ou três indivíduos possuíam informações tão completas quanto possível. Quem mais sabia de tudo era o falecido Andrónikov, que já desde muito tempo se achava em relações de negócios com os Akhmákovi e, em particular, com Katierina Nikoláievna por causa de certa ocasião. Mas guardava segredo, mesmo na sua família; só se abrira um pouco com Kraft e com Maria Ivânovna, e ainda assim por necessidade.

— O essencial — concluiu Kraft — é que há agora aqui um documento que a Senhora Akhmákova receia terrivelmente.

E eis o que me comunicou a esse propósito.

Katierina Nikoláievna tivera a imprudência, no momento em que o velho príncipe, seu pai, partia para o estrangeiro por causa do ataque sofrido, de escrever a Andrónikov, com grande segredo (Katierina Nikoláievna tinha nele inteira confiança), uma carta extremamente comprometedora. Naquele momento, o príncipe em convalescença manifestara, dizem, certo pendor em esbanjar seu dinheiro, em lançá-lo quase pelas janelas. Pusera-se a comprar no estrangeiro objetos perfeitamente inúteis, mas caros, quadros, vasos; a fazer presentes e donativos, de grossas somas, até mesmo a diversos estabelecimentos do país. Estivera a ponto de comprar de um nobre russo arruinado, a preço bastante alto e sem visitá-la, uma propriedade devastada e sobrecarregada de processos; por fim pensava realmente em casar-se. Pois bem, por todas estas razões, Katierina Nikoláievna, que não se afastara um passo de seu pai durante sua doença, fez a Andrónikov, na qualidade de jurista e de “velho amigo”, esta pergunta: “Será possível, pela lei, pôr o príncipe sob tutela ou dar-lhe um conselho judiciário? Se afirmativamente, qual o melhor meio de consegui-lo sem escândalo, para que ninguém nada tivesse que dizer, para poupar também os sentimentos do pai? etc. etc.”. Andrónikov, dizem, chamou-a à ordem e desaconselhou-lhe essa

empresa; mais tarde, quando o príncipe ficou completamente curado, não houve mais motivo para voltar ao assunto; mas a carta ficou em casa de Andrónikov. Agora morre Andrónikov; Katierina Nikoláievna pensa logo em sua carta: se algum dia a descobrissem entre os papéis do defunto e viesse ela a cair nas mãos do velho príncipe, decerto ele a expulsaria de casa para sempre, iria deserdá-la e não lhe daria mais um copeque enquanto vivesse. A ideia de que sua própria filha não acreditava que ele estivesse de juízo perfeito e até mesmo quisesse declará-lo louco faria daquele cordeiro um animal feroz. Ora, após sua viuvez, ficara ela, graças ao jogador do seu marido, sem a menor fortuna e contava apenas com seu pai; tinha a firme esperança de obter novo dote, tão rico quanto o primeiro.

Da sorte daquela carta sabia Kraft muito pouco. Tinha, no entanto, notado que Andrónikov "não rasgava nunca os papéis que pudessem servir" e além de ter o espírito largo, a consciência era também "larga". (Admirei-me então dessa extraordinária independência de Kraft, que estimava e respeitava muito Andrónikov.) Mas Kraft tinha, no entanto, a convicção de que o documento comprometedor deveria ter caído nas mãos de Viersílov, dada a sua intimidade com a viúva e as filhas de Andrónikov: sabia-se já que elas haviam imediatamente, e de maneira bastante amável, posto à disposição dele todos os papéis do defunto. Kraft sabia ainda que Katierina Nikoláievna não ignorava que a carta estava em casa de Viersílov e que era bem o que ela temia, pensando que este iria logo mostrá-la ao velho príncipe; que, ao regressar do estrangeiro, ela havia procurado a carta em Petersburgo, fora à casa dos Andrónikovi e continuava ainda a procurá-la, porque conservava apesar de tudo uma esperança de que ela não estivesse talvez em poder de Viersílov; enfim, fizera a viagem de Moscou unicamente com essa intenção e havia suplicado lá a Maria Ivânovna que fizesse pesquisas nos papéis que haviam ficado em sua casa. Quanto à existência de Maria Ivânovna e suas relações com o falecido Andrónikov, viera a conhecê-las bem recentemente, uma vez de volta a Petersburgo.

— E o senhor acredita que ela nada encontrou em casa de Maria Ivânovna? — perguntei, tendo uma ideia minha.

— Se Maria Ivânovna nada lhe revelou, nem mesmo ao senhor, é

talvez porque nada tem.

— Então, o senhor pensa que o documento esteja em casa de Viersílov.

— É o mais verossímil. Aliás, não sei de nada, tudo é possível — declarou ele, com evidente cansaço.

Deixei de fazer-lhe perguntas. Aliás, para quê? Todo o essencial estava claro, apesar daquela abominável complicação. Tudo quanto eu temia confirmava-se.

— Tudo isso me causa o efeito de um sonho ou de um delírio! — disse eu, com um pesar profundo, pegando meu chapéu.

— Esse homem lhe é muito querido? — perguntou Kraft, com grande e manifesta simpatia, que li naquele instante no seu rosto.

— É bem o que eu pressentia — disse eu —, que não saberia de tudo em sua casa. Resta uma esperança, com Akhmákova. Contava bem com ela. Irei talvez vê-la. Talvez também não.

Kraft olhou-me, um tanto perplexo.

— Adeus, Kraft! De que serve agarrar-se a gente às pessoas que não querem saber de nós? Não é melhor romper?

— E depois? — perguntou ele, com ar sombrio e olhando para o chão.

— Voltar para sua casa, para sua casa! Romper com tudo e voltar para sua casa!

— Na América?

— Na América! Para sua casa, para sua casa e sozinho! Eis em que consiste toda a minha “ideia”, Kraft! — disse eu, excitado.

Olhou-me cheio de curiosidade.

— E tem o senhor um lugar assim: “sua casa”?

— Sim. Até a vista, Kraft! Agradeço-lhe e lamento tê-lo importunado. No seu lugar, com semelhante Rússia na frente, mandaria eu todo mundo para o diabo: ide-vos embora, intrigai, devorai-vos uns aos outros; que me importa isso?

— Fique ainda um momento — disse ele, de repente, depois de ter-me acompanhado já até a porta.

Ligeiramente espantado, voltei e sentei-me de novo. Kraft sentou-se em frente. Trocamos alguns sorrisos. Revejo tudo isso, como se estivesse de novo ali. Lembro-me de que estava um tanto surpreso.

— O que me agrada no senhor, Kraft, é sua polidez — disse eu, de súbito.

— Não diga!

— É que eu raramente consigo ser polido, se bem que me esforce por isso… Aliás, talvez valha melhor magoar as pessoas: pelo menos, fica-se desembaraçado da desgraça de amá-las.

— Qual a hora do dia que prefere? — perguntou ele, não me escutando mais, evidentemente.

— Que hora? Não sei. Não gosto do pôr do sol.

— Deveras? — exclamou ele, com uma curiosidade singular. E logo recaiu no seu devaneio.

— Torna a partir para alguma parte?

— Sim… parto…

— Em breve?

— Em breve.

— Será que, para ir até Vilna, tem-se necessidade de um revólver? — perguntei sem o menor subentendido, mesmo sem nenhum pensamento definido. A pergunta me viera porque avistara um revólver e não sabia o que dizer.

Ele voltou-se e olhou fixamente o revólver.

— Não, é à toa, por costume.

— Se eu tivesse um revólver, ia metê-lo em alguma parte, debaixo de chave. O senhor sabe por quê? É terrivelmente tentador. Não creio nas epidemias de suicídios; mas quando se tem sempre esse objeto sob os olhos, há instantes em que se fica tentado.

— Não diga isso! — disse ele, levantando-se bruscamente.

— Não falo por mim — acrescentei, também me levantando. — Não usarei dele. Dê-me três vidas, se quiser. Ainda não acharei bastante.

— Viva muito tempo!

Estas palavras pareceram escapar-lhe.

Sorriu com ar distraído e estranhamente dirigiu-se diretamente para a antecâmara, como para levar-me para fora, sem notar bem de certo o que fazia.

— Desejo-lhe todas as felicidades, Kraft! — disse eu, pondo o pé no patamar.

— Assim seja — respondeu ele firmemente.

— Adeus!

— E isto também assim seja.

Lembro-me do derradeiro olhar que ele me lançou.

## III

De modo que, eis o homem pelo qual meu coração bateu tantos anos! E que esperava eu de Kraft, que revelações?

Ao sair da casa de Kraft, estava com uma fome tremenda. Caía a noite e eu não havia almoçado. Em breve fui parar na Grande Perspectiva, no lado Petersburguês, e entrei num modesto restaurante

com a intenção de gastar vinte copeques e, em todo caso, não mais de vinte e cinco — por coisa alguma do mundo iria me permitir mais naquele momento. Pedi uma sopa e, lembro-me, depois de havê-la engolido, olhei pela janela. No interior, havia multidão; um cheiro de gordura queimada, de guardanapos de hospedaria e de fumo. Era infecto. Acima de minha cabeça, um rouxinol sem voz, sombrio e pensativo, batia no fundo da gaiola com o bico. Na sala de bilhar, fazia-se muito barulho, mas fiquei sentado em minha cadeira a refletir. O pôr do sol (por que Kraft admirou-se ao saber que eu não gostava de pôr do sol?) proporcionou-me sensações novas e inesperadas, totalmente fora de lugar. Entrevia sempre o doce olhar de minha mãe, seus belos olhos, que havia um mês pousavam-se tão timidamente em mim. Naqueles últimos dias mostrava-me muito grosseiro em casa, sobretudo com ela; era a Viersílov que detestava, mas não ousando dizer-lhe grosserias, segundo meu ignóbil costume, era a ela que eu atormentava. Tinha mesmo medo de mim. Muitas vezes olhava-me com um olhar suplicante, quando entrava Andriéi Pietróvitch, temendo alguma explosão de minha parte… Coisa estranha, era agora, naquele restaurante, que me dava conta pela primeira vez de que Viersílov me tratava por "tu" e ela por "vós". Admirara-me disso antes e não em favor dela, mas agora percebia isso duma maneira particular, e ideias esquisitas, umas após outras, atravessaram minha mente. Fiquei muito tempo imóvel, até que escureceu de todo. Pensava também em minha irmã…

Instante fatal! Seria preciso uma decisão qualquer que fosse? Estou então incapaz de tomar uma decisão? Que dificuldade há em romper, sobretudo se os outros não gostam de mim? Minha mãe e minha irmã? A elas, porém, de maneira alguma abandonarei, aconteça o que acontecer.

É verdade que o aparecimento daquele homem na minha existência, no espaço dum relâmpago, na minha primeira infância foi o choque fatal que deu impulso à minha consciência. Se não o tivesse encontrado então, meu espírito, minha maneira de pensar, meu destino teriam certamente sido outros, a despeito do caráter que me estava reservado pela sorte e que eu não teria, portanto, evitado.

Ora, acontece que aquele homem não é senão um sonho, um

sonho de meus anos de infância. Fui eu que o imaginei dessa maneira; na realidade, ele é bem diferente, bem abaixo de minha fantasia. Foi um homem honrado que vim procurar e não este. Mas por que me deixei fascinar por ele, de uma vez para sempre, naquele curto instante em que o vi outrora, ainda menino? Este "para sempre" deve desaparecer. Um dia, se se apresentar a ocasião, contarei esse primeiro encontro; é uma mera anedota da qual nenhuma consequência há a tirar. Mas em minha vida toda uma pirâmide se formou disso. Comecei essa pirâmide sob minha coberta de menino, no momento em que, antes de adormecer, podia chorar e pensar, em quê?, ignoro-o eu mesmo. No abandono em que me deixaram? Nos tormentos que me causavam? Mas não me havia atormentado, com dois anos apenas, no pensionato Touchard, onde ele me pusera, antes de ir-se embora para sempre. Depois, ninguém mais me atormentou; pelo contrário, era eu que olhava de alto os meus colegas. Aliás, não posso tolerar esses órfãos que lamentam sua própria sorte. Nenhum espetáculo mais repugnante que esses órfãos, Esses bastardos, todo esse rebotalho da sociedade e em geral toda essa canalha pela qual não sinto a menor compaixão, que de repente se levanta solenemente diante do público se põe a clamar lamurientamente e, ao mesmo tempo, com o fim de dar uma lição: "Eis como nos trataram!". Eu os chicotearia, a esses órfãos. Não há um só, no meio dessa turba vil, que compreenda que é dez vezes mais nobre calar-se, em lugar de gemer de "julgar-se digno" de compaixão. Se tu mesmo te julgas digno, filho do amor, não tens senão aquilo que mereces. Eis o que penso!

Mas o engraçado não são os sonhos que eu tinha outrora, "debaixo de minha coberta", mas antes o fato de que vim aqui por causa dele, sempre por causa desse homem imaginário, esquecendo quase meus alvos essenciais. Vim ajudá-lo a vencer a calúnia, a esmagar seus inimigos. O documento de que falava Kraft, a carta daquela mulher a Andrónikov, que ela teme tanto, que pode destruir sua felicidade e mergulhá-la na miséria e que ela acredita que se acha em mãos de Viersílov, essa carta não estava em casa de Viersílov, mas em meu poder, costurada no meu bolso do lado! Eu mesmo a havia costurado ali e ninguém no mundo sabia disso. Se a romanesca Maria Ivânovna, que tinha consigo o documento "sob sua guarda", achara necessário entregá-lo a mim, e não a um outro, era isso um efeito de

suas ideias e de sua vontade, e não tenho obrigação de explicá-lo; talvez um dia tenha necessidade de contar isso; mas assim armado, de improviso, não podia deixar de experimentar o desejo de vir a Petersburgo. Naturalmente, contava ajudar aquele homem em segredo, sem me pôr em destaque sem apaixonar-me, sem esperar nem louvores nem beijos de sua parte. E nunca, nunca teria me "achado digno" de dirigir-lhe uma censura! Era culpa sua ter-me deixado fascinar por ele e forjado um ideal fantástico? Talvez mesmo não o amasse! Seu espírito original, seu caráter curioso, suas intrigas e suas aventuras, sua presença ao lado de minha mãe, tudo isso, parecia, não podia mais deter-me; era bastante que minha boneca fantástica estivesse quebrada e fosse eu incapaz de amá-lo doravante. Portanto, que era que me detinha ainda, que era que me retinha? Eis a questão. Afinal de contas, eu é que era tolo e ninguém mais.

Mas, exigindo dos outros a franqueza, serei franco também eu: devo confessá-lo, o documento costurado em meu bolso não despertava em mim somente um desejo apaixonado de correr em socorro de Viersílov. É demasiado claro agora para mim, embora eu corasse então a essa ideia. Entrevia uma mulher, uma orgulhosa criatura da alta sociedade que eu encontraria face a face; ela me desprezaria, riria de mim como dum ratinho, sem mesmo suspeitar de que sou senhor de seu destino. Esta ideia já me embriagava em Moscou, e mais ainda no caminho de ferro, no momento em que vinha para cá; já confessei isto acima. Sim, detestava aquela mulher, mas já a amava como minha vítima e tudo isso era verdadeiro, tudo isso era real. Mas era uma criancice como jamais teria esperado mesmo de uma criatura como eu. Descrevo meus sentimentos de então, isto é, o que me passava pela cabeça no momento em que estava sentado na bodega, por baixo do rouxinol, e em que decidi romper com eles, naquela mesma noite, irrevogavelmente. A ideia de meu recente encontro com aquela mulher fez bruscamente subir a meu rosto o rubor da vergonha. Vergonhoso encontro! Vergonhosa e estúpida impressão e que sobretudo provava, de nenhuma melhor maneira, minha inaptidão para a ação! Provava somente, pensava eu então, que era incapaz de resistir até mesmo às mais tolas seduções, justamente quando acabava de declarar a Kraft que tinha meu lugar ao sol, minha obra própria, e que, se me dessem três vidas, seria ainda demasiado

pouco para mim. Dissera isto orgulhosamente. O fato de ter abandonado minha ideia para imiscuir-me nos negócios de Viersílov ainda era perdoável; mas lançar-me para um lado e outro, como uma lebre espantada, e misturar-me com toda espécie de tolices era evidentemente pura estupidez de minha parte. Que necessidade tinha eu de ir à casa de Diergatchov recitar minhas bobagens, quando estava desde muito tempo convencido de que era incapaz de contar o que quer que fosse com ordem e bom senso e de que tinha todo interesse em calar-me? E um Vássin dava-me uma lição sob o pretexto de que tinha eu ainda "cinquenta anos de vida à minha frente e que, por consequência, não precisava inquietar-me". Objeção excelente, concordo, e que faz honra à sua inteligência indiscutível; excelente porque a mais simples, e as coisas simples jamais são compreendidas senão no fim, quando se entrou em contato com todas as complicações e com todas as tolices; mas essa objeção, conhecia-a eu, sem Vássin; essa ideia, tivera-a mais de três anos antes; mais ainda, era em parte "minha ideia". Eis o que dizia a mim mesmo então na bodega.

Sentia-me bastante mal à vontade quando, cansado de andar e de pensar, cheguei à noite, depois das sete horas, ao Siemiônovski Polk. A escuridão era completa; o tempo havia mudado; estava agora seco, mas um vento áspero começara a soprar, o vento de Petersburgo, açoitante e picante; tinha-o às costas e ele redemoinhava em redor de mim a areia e o pó. Quantas caras carrancudas em meio do povinho que se apressava em recolher-se, vindo do trabalho ou do escritório, a seu cantinho! Cada qual trazia estampado no rosto sua dura preocupação e nem um só pensamento comum unia toda aquela multidão! Kraft tem razão; cada qual anda para seu lado. Encontrei um menino, tão pequenino que causava espanto vê-lo a semelhante hora sozinho na rua; devia ter-se perdido; uma boa mulher parou um instante para interrogá-lo, mas, não compreendendo, fez um sinal de que nada podia fazer e continuou seu caminho, abandonando-o sozinho na escuridão. Aproximei-me, mas ele teve medo de mim e fugiu. Chegando em casa, decidi nunca mais ir à casa de Vássin. Ao subir a escada, fui tomado duma vontade louca de encontrar os nossos sozinhos em casa, sem Viersílov, para ter tempo de dizer, antes de sua chegada, algumas boas palavras à minha mãe ou à minha querida irmã, à qual não havia eu, por assim dizer, dirigido em todo aquele

mês, uma só palavra de afeto. Foi o que aconteceu: ele não estava em casa…

## IV

A propósito: ao introduzir em minhas “memórias” este “novo personagem” (quero dizer Viersílov), devo traçar-lhe uma breve biografia, aliás nada notável. Faço-o para que o leitor me compreenda melhor, e porque não vejo onde poderia eu encaixar sua biografia na continuação desta narrativa.

Estudara na Universidade, mas entrara depois para um regimento da Guarda de Cavalaria. Casou-se com uma Fanariótova e reformou-se do Exército. Fez várias viagens ao estrangeiro. Nos intervalos, vivia em Moscou em prazeres mundanos. Após a morte de sua mulher, retirou-se para o campo; é então que ocorre o episódio de minha mãe. Em seguida, morou muito tempo em alguma parte no sul. Quando surgiu a guerra com a Europa, voltou ao serviço militar, mas não foi enviado à Crimeia e não participou de nenhuma ação de guerra. Terminada esta, reformou-se de novo, viajou pelo estrangeiro, e até mesmo com minha mãe, que abandonou em Kónigsberg.[13] A infeliz contou-me várias vezes, com uma espécie de terror e abanando a cabeça, como passara seis meses absolutamente só, com sua filhinha, sem saber a língua, como em plena mata, e, no final, sem dinheiro. Tatiana Pávlovna foi então buscá-la e trouxe-a para algum lugar na província Nijegoródskaia.[14] Em seguida, Viersílov fez parte da primeira turma dos juízes chamados “mediadores da paz” e dizem que desempenhou maravilhosamente suas funções. Mas abandonou-as em breve e ocupou-se, em Petersburgo, no trato de diversos negócios cíveis particulares. Andrónikov sempre teve em alta conta sua capacidade. Respeitava-o grandemente, acrescentando apenas que não lhe compreendia o caráter. Depois Viersílov abandonou também essa ocupação e voltou ao estrangeiro, desta vez por muito tempo, por vários anos. Depois disto, iniciaram-se relações muito íntimas com o velho Príncipe Sokólhski. Durante todo esse tempo, sua situação de fortuna mudou radicalmente duas ou três vezes; ora caía na miséria, ora enriquecia de novo e subia à superfície.

Aliás, hoje, chegando a este ponto de minhas memórias, resolvo-me a falar de “minha ideia”. Pela primeira vez, vou descrevê-la, começando pelo seu nascimento. Decido-me, por assim dizer, a revelá-la ao leitor e também para dar mais clareza à continuação de meu relato. Não é somente o leitor, mas eu também, o autor, quem começa a emaranhar-se em dificuldades, tentando explicar minha conduta sem explicar antes o que me conduziu e impeliu a isso. Com esta “figura de preterição”, eis-me de novo caído, por inabilidade, nos “artifícios” de romancista, de que zombei mais acima. Ao entrar no meu romance de Petersburgo, com todas as suas aventuras vergonhosas para mim, acho indispensável este prefácio. Não foram os “artifícios” que me fizeram guardar silêncio até aqui, mas a natureza das coisas, isto é, a dificuldade da narrativa. Mesmo hoje, após tudo o que se passou, experimento intransponível dificuldade em contar essa “ideia”. Além disso, devo evidentemente expô-la sob a forma que tinha então, tal como estava formada e concebida em mim naquela época, e não tal como está hoje, o que é nova dificuldade. Há certas coisas quase impossíveis de contar. São precisamente as ideias mais simples e mais claras as mais difíceis de compreender. Se, antes de descobrir a América, tivesse Colombo querido contar suas ideias aos outros, estou convencido de que teriam levado muito tempo a compreendê-lo. De fato, não o compreendiam. Falando assim, não pretendo absolutamente igualar-me a Colombo, e se alguém tirar esta conclusão, deve envergonhar-se disso e nada mais.

# Capítulo V

## I

Minha ideia é ser Rothschild. Convido o leitor à calma e à seriedade.

Repito-o: minha ideia é ser Rothschild, ser tão rico quanto Rothschild; não simplesmente rico, mas precisamente como Rothschild. Com que intenção, por qual razão, que fins persigo, de tudo isso vai se tratar mais tarde. No momento, provarei somente que a obtenção de meu fim está matematicamente garantida.

A coisa é infinitamente simples, todo o segredo consiste em duas palavras: "tenacidade" e "perseverança".

— Conhecemos isto — vão me dizer —, não é novidade. Na Alemanha, cada *Vater* repete-o a seus filhos. E, no entanto, o vosso Rothschild (o falecido James Rothschild, de Paris, de quem falo) foi sempre único, ao passo que há milhões de *Vater*.

Responderei:

— Vós afirmais que já o conheceis, mas o certo é que não conheceis nada absolutamente. Há um ponto, no entanto, a respeito do qual tendes razão: se digo que é uma coisa "infinitamente simples", esqueci de acrescentar que é também a mais difícil. Todas as religiões e todas as morais do mundo conduzem ao mesmo: "É preciso amar a virtude e fugir dos vícios". Que de *mais* simples, ao que parece? Pois bem, praticai então algo de virtuoso, fugi a um só de vossos vícios, tentai um pouco! Tudo está nisso.

Eis por que vossos inúmeros *Vater*, durante uma infinidade de séculos, podem repetir aquelas duas palavras admiráveis nas quais consiste todo o segredo, ao passo que, entretanto, Rothschild permanece único. Portanto: não é absolutamente isso e os *Vater* não repetem absolutamente o pensamento que seria necessário repetir.

Quanto à tenacidade e à perseverança, sem nenhuma dúvida, ouviram falar delas também; mas, para atingir o meu objetivo, não são

precisas nem a tenacidade dos *Vater* nem a perseverança dos *Vater*.

Esta única palavra *Vater* — e não falo somente dos alemães —, o fato de ter-se família, de viver-se como todo mundo, de ter as mesmas despesas que os outros, as mesmas obrigações, tudo isto vos impede de tornar-vos Rothschild e vos obriga a permanecerdes um homem moderado. Eu por mim compreendo demasiado bem que uma vez tornado um Rothschild ou mesmo apenas desejando tornar-me, não à maneira dos *Vater*, mas seriamente, no mesmo momento saio da sociedade.

Há alguns anos, li nos jornais que morrera num vapor do Volga um mendigo maltrapilho, pedindo esmola e conhecido de todos na região. Após sua morte, encontraram, costurados nos seus trapos, três mil rublos em cédulas. Há poucos dias, li nova história de mendigo: um antigo nobre que andava de hospedaria em hospedaria, estendendo a mão. Prenderam-no e encontraram em seu poder cerca de cinco mil rublos. Daí duas conclusões: a primeira é que a "tenacidade" na acumulação, mesmo que se trate de meros copeques, conduz a resultados enormes com o tempo (o tempo não significa aqui coisa alguma); a segunda é que a forma mais simples de enriquecimento, contanto que seja "perseverante", está matematicamente com o êxito garantido.

Existem talvez numerosos homens honrados, inteligentes e modestos que não têm (por maiores esforços que façam) nem três mil, nem cinco mil rublos, e que, no entanto, queriam tremendamente tê-los. Por que isso? A resposta é clara: é que nem um só dentre eles, malgrado todo seu desejo, não "quer" a ponto de, se não há outro meio, fazer-se mendigo; nenhum é bastante tenaz para, uma vez tornado mendigo, não gastar os primeiros copeques recebidos na aquisição de um pedaço a mais para si mesmo ou para sua família. Ora, com esse processo de acumulação, quero dizer, a mendicidade, é preciso nutrir-se, para acumular semelhantes somas, de pão e sal sem mais; pelo menos é assim que o compreendo. Foi certamente assim que fizeram os dois mendigos acima mencionados; comiam pão seco e dormiam ao ar livre. muito certo que não tinham intenção de tornar-se Rothschild não passavam de Harpagões ou de Pliútchkini[15] em estado puro nada mais; a acumulação consciente, porém, sob uma

forma totalmente diversa, com o fito de tornar-se Rothschild, não exigirá menos desejo e força de vontade do que exigiu daqueles dois mendigos. Nenhum *Vater* terá aquela força. Neste mundo, as forças são bem variadas, as forças de vontade e de desejo em particular. Há a temperatura de ebulição da água e há a temperatura em que o ferro se torna incandescente.

É um verdadeiro mosteiro, são verdadeiras proezas de santos. É um sentimento e não uma ideia. Por quê? Em vista de quê? É moral, não será uma monstruosidade andar esfarrapado e comer pão preto a vida inteira, quando se arrasta consigo tamanha fortuna? Estas perguntas virão mais tarde; no momento trata-se somente da possibilidade de atingir o alvo.

Quando imaginei "minha ideia" (é precisamente na incandescência que ela consiste), quis experimentar a mim mesmo: estava eu apto para o mosteiro e para a santidade? Com este fim, durante todo o primeiro mês, só comi pão e água. Bastavam-me umas duas libras e meia de pão preto por dia. Para chegar a isto, tive de enganar o astuto Nikolai Siemiônovitch e Maria Ivânovna, que me queria bem. Insisti, com grande pesar dela e não sem perplexidade do delicadíssimo Nikolai Siemiônovitch, para que me levassem minha comida ao meu quarto. Ali, eu a destruía pura e simplesmente. Atirava a sopa pela janela sobre as urtigas ou em qualquer outro lugar; a carne, ou atirava-a ao cão pela janela, ou então, enrolada em papel, metia-a no bolso e levava-a para fora, e o resto da mesma forma. Uma vez que me davam muito menos de duas libras e meia de pão, comprava o resto em segredo. Aguentei-me naquele mês, talvez estragasse somente um pouco o estômago; mas logo no mês seguinte, acrescentei ao pão uma sopa e de manhã e à noite um copo de chá. E, asseguro-vos, passei assim um ano de perfeita saúde e satisfação perfeitas e, moralmente, num estado de encantamento e numa perpétua exaltação secreta. Longe de lamentar a comida perdida, estava em pleno entusiasmo. Terminado o ano, convencido de que estava em condições de suportar não importa qual jejum, pus-me de novo a comer como todo mundo, e ia jantar com eles. Não contente com esta prova; fiz uma segunda: para gastar, tinha direito, além da pensão paga a Nikolai Siemiônovitch, a cinco rublos por mês. Resolvi

só gastar a metade. Foi uma prova muito difícil, mas ao fim de pouco mais de dois anos, ao chegar a Petersburgo, tinha no bolso, entre outro dinheiro, setenta rublos, produto exclusivo daquelas economias. O resultado dessas duas experiências foi para mim colossal: fiquei sabendo positivamente que podia "querer" o bastante para atingir meu objetivo e é nisto, repito, em que consiste "minha ideia", o resto não é senão futilidade.

## II

No entanto, vejamos também essas futilidades!

Descrevi minhas duas experiências em Petersburgo, como já se sabe, fiz uma terceira: fui a um leilão e, duma só vez, ganhei sete rublos e noventa e cinco copeques de lucro. Naturalmente, não era uma verdadeira experiência, mas uma espécie de jogo, de recreação: tivera a fantasia de roubar ao futuro um pequeno minuto e ver como me portaria e como agiria. Duma maneira geral, desde o começo, em Moscou, havia adiado a verdadeira realização até o momento em que estivesse inteiramente livre; compreendia demasiado bem que precisava em primeiro lugar, por exemplo, terminar meus estudos no ginásio (havia sacrificado, como se sabe, a Universidade). Incontestavelmente, partia para Petersburgo com uma cólera secreta: logo depois de sair do ginásio e livre pela primeira vez, vira de repente que os negócios de Viersílov iam de novo distrair-me de meu empreendimento até uma data desconhecida! Embora cheio de cólera, partia absolutamente tranquilo para o meu objetivo.

Sem dúvida ignorava a prática; mas refletira nisso três anos em seguida e não podia ter nenhuma dúvida. Imaginara mil vezes a maneira como me arranjaria: encontro-me de repente, como que caindo das nuvens, numa de nossas duas capitais (escolhera para começo as capitais e, em particular, Petersburgo, à qual dava a preferência em virtude de certo cálculo), e, assim caído das nuvens, mas inteiramente livre, não dependo de ninguém, tenho saúde e cem rublos metidos no meu bolso para primeiro fundo de capital. Impossível começar com menos de cem rublos, porque seria isto fazer recuar por tempo demais mesmo o primeiro período de êxito. Além

destes cem rublos, tenho, como se sabe, coragem, tenacidade, perseverança, isolamento perfeito e segredo. O isolamento sobretudo: detestei terrivelmente até o derradeiro instante as relações e ligações com as pessoas; duma maneira geral, estava decidido a realizar "minha ideia" absolutamente só, condição *sine qua non*. As pessoas são-me insuportáveis, ficaria com o espírito perturbado, essa perturbação prejudicaria meu objetivo. Aliás, até hoje, durante toda a minha vida, em todos os meus sonhos a respeito de minhas relações futuras com os homens, sempre me tirei de apuros muito inteligentemente; mas apenas passava à realidade, agia bastante tolamente. Reconheço isto com indignação e sinceridade. Sempre me traí pelas minhas falas, sempre demasiado apressado e foi por isso que resolvi suprimir os homens. Benefício: independência, tranquilidade de espírito, nitidez de alvo.

Apesar dos preços caríssimos de Petersburgo, decidi, de uma vez por todas, que não gastaria mais de quinze copeques para minha nutrição, e me sabia capaz de manter minha palavra. Havia examinado longamente e com detalhes essa questão da alimentação; resolvi, por exemplo, comer por vezes dois dias seguidos pão com sal, gastando assim a terça parte das economias realizadas: achava que seria mais vantajoso para minha saúde do que um jejum igual e perpétuo com um mínimo de quinze copeques. Em seguida, para alojar-me, precisava um canto, literalmente um canto, unicamente onde passar a noite ou abrigar-me nos dias de tempo demasiado mau. Resolvi viver na rua e estava pronto, em caso de necessidade, a dormir nos albergues notumos onde dão, além do cobertor, um pedaço de pão e um copo de chá. Oh! saberia bem ocultar meu dinheiro, para não ser roubado no meu canto ou no albergue; não o adivinhariam, garanto-vos! "Roubarem a mim? quando eu mesmo tenho medo de querer roubar os outros?" Ouvi certa vez esta frase na rua, na boca dum sujeito astuto. Dela só retenho naturalmente a prudência e a astúcia, não tenho intenção alguma de roubar. Mais ainda, já em Moscou, e talvez desde o primeiro dia de minha "ideia", decidi que não seria nem emprestador sob penhor, nem usurário; há para isso os judeus e aqueles russos que não têm nem inteligência nem caráter. O empréstimo e a usura são efeito da mediocridade.

Quanto às roupas, resolvi ter dois ternos: um mais decente e outro para uso diário. Uma vez comprado, estava certo de que o usaria por muito tempo; passara dois anos e meio a aprender a usar minhas roupas e mesmo descobrira este segredo: para que uma roupa esteja sempre nova e não se gaste, é preciso escová-la tantas vezes quantas possível, cinco a seis vezes por dia. O pano nada tem a temer da escova, digo-o de ciência certa; seus inimigos são a poeira e o sujo. A poeira, se olhada ao microscópio, são pequeninos seixos, ao passo que a escova, por mais dura que seja, nunca está bem longe da lã. Aprendi da mesma maneira a usar as botas; eis o segredo: é preciso pousar o pé com precaução, toda a sola duma vez, apoiando nos lados tão raramente quanto possível. É uma ciência que se pode adquirir em quinze dias, em seguida tudo andará por si mesmo. Com este processo, as botas duram em média um terço mais. É minha experiência de dois anos.

Em seguida vinha a própria ação.

Partia desta consideração: possuo cem rublos. Há em Petersburgo tantos leilões, liquidações, pequenas lojas e indigentes que é impossível, depois de ter comprado um objeto por certo preço, não revendê-lo um pouco mais caro. Sobre um álbum, havia eu ganho sete rublos e noventa e cinco copeques de lucro, por dois rublos e cinco copeques de capital empregado. Esse benefício colossal fora obtido sem risco: via pelos seus olhos que o comprador não deixaria de comprar. Compreendo bem que foi um acaso, mas são os acasos que procuro e foi por isso que resolvi viver na rua. Esses acasos podem ser muito raros, convenho; minha regra essencial nem por isso deixará de ser a de não correr nenhum risco, e minha segunda regra, ganhar cada dia alguma coisa além do mínimo gasto para meu sustento, a fim de que a acumulação não se interrompa um dia sequer.

Vão dizer: são sonhos, o senhor não conhece a rua, vão explorá-lo desde o primeiro passo. Mas possuo vontade e caráter e a ciência da rua é uma ciência como as outras, aprende-se com tenacidade, atenção e capacidade. No ginásio fui sempre dos primeiros, até mesmo em filosofia, e era bastante forte em matemáticas. Será preciso elevar a tal ponto em idolatria a experiência e a ciência da rua, para que me predigam obrigatoriamente o fracasso? As pessoas que falam assim são

sempre aquelas que não têm nenhuma experiência, jamais fizeram alguma coisa, começaram alguma vida e emboloraram no já feito. “Aquele quebrou o nariz, logo, outro o quebrará fatalmente.” Não, não quebrarei o meu. Tenho caráter e com um pouco de atenção aprenderei não importa o quê. Pode-se imaginar que com uma tenacidade incessante, uma penetração incessante, reflexões e cálculos incessantes, uma atividade e diligência incessantes, não possais chegar a adquirir a ciência de ganhar cada dia vinte copeques a mais? E sobretudo estava eu decidido a nunca procurar o máximo de lucro, mas conservar sempre meu sangue-frio. Mais tarde, quando eu possuísse mil ou dois mil rublos, abandonaria muito naturalmente a comissão e a pequena revenda. Conhecia ainda mal a bolsa, as ações, o banco e o resto. Mas, em contraposição, sabia, como dois e dois são quatro, que todas aquelas bolsas e aqueles bancos, eu os conheceria e os estudaria a seu tempo, tanto quanto não importa quem e que essa ciência me viria bem simplesmente, unicamente porque seria o momento. Seria preciso para isso muita inteligência? Seria preciso ser um Salomão? Bastava ter caráter; o saber, a habilidade, a ciência viriam por si mesmos. Era preciso somente não cessar de “querer”.

E, sobretudo, não correr risco, o que só é possível com caráter. Bem recentemente ainda, desde minha chegada, houvera em Petersburgo uma subscrição de ações de estrada de ferro; os que tinham podido subscrever haviam ganho muito dinheiro. Durante certo tempo, as ações subiram. De repente, um retardatário ou um avaro, vendo ações em minhas mãos, me proporia comprá-las, com certa porcentagem de lucro. Pois bem, eu as venderia de imediato. Zombariam de mim, naturalmente: esperando, seria possível ganhar dez vezes mais! Sim, mas meu lucro é mais seguro, porque o tenho no bolso, e o vosso está ainda no ar. Vão dizer que não é esse o meio de ganhar muito; perdão, nisso está vosso erro, o erro de todos os nossos Kókorievi, Poliákovi, Gubónini.[16] Aprendi esta verdade: a tenacidade e a perseverança no ganho, e sobretudo na acumulação, são mais fortes que lucros instantâneos, mesmo de cem por cento!

Pouco antes da Revolução Francesa, houve em Paris um tal Law[17] que imaginou um projeto, verdadeiramente genial no seu princípio (e que em seguida, na realidade, fez tremendo fiasco). Toda Paris estava

agitada; disputavam-se as ações de Law. Havia atropelos. O edifício onde se recebiam as subscrições engolia dinheiro de Paris inteira; aquele edifício não foi afinal bastante: o público aglomerava-se na rua, todas as profissões, todas as condições, todas as idades, burgueses, nobres e seus filhos, condessas marquesas, mulheres perdidas; tudo isso não formava mais senão uma massa furiosa, semilouca, como que mordida por um cão raivoso; os títulos, os preconceitos do sangue e da vaidade, até mesmo a honra e o renome, tudo era espezinhado; sacrificava-se tudo (até mesmo as mulheres) para obterem-se algumas ações. A subscrição transportou-se por fim para a rua, mas não havia lugar onde escrever. Foi então que se propôs a um corcunda que cedesse um momento sua bossa para servir de mesa. O corcunda consentiu, pode-se imaginar a que preço! Pouco depois (muito pouco depois), foi a bancarrota: tudo rebentou. A ideia inteira foi levada ao diabo e as ações perderam todo o valor. Quem, então, ganhou com o negócio? O corcunda, e só ele, porque fazia-se pagar, não em ações, mas em verdadeiros luíses de ouro. Pois bem, eu sou esse corcunda! Tive a força de vontade para não comer e para economizar em copeques setenta e dois rublos; terei também a de manter-me firme no meio da febre que se apoderou de todos os outros e de preferir uma soma segura a outra mais considerável. Sou mesquinho apenas nas pequeninas coisas; nas grandes, não. Para a pouca paciência tem-me faltado muitas vezes a força de caráter, mesmo depois do nascimento de minha "ideia"; mas para uma grande, sempre a tive bastante. Quando minha mãe me servia, de manhã antes de ir para o trabalho, um café frio, zangava-me, dizia-lhe grosserias e, no entanto, era o mesmo homem que tinha vivido um mês inteiro a pão e água.

Em uma palavra, não ganhar, não conseguir saber ganhar seria contra a natureza. Não seria natural tampouco, com uma acumulação igual e ininterrupta, com uma atenção e um sangue-frio incessantes, com contenção e economia, com uma energia sempre crescente, não seria natural, digo, não ficar milionário. Como ganhou o mendigo sua fortuna, senão por meio de um caráter e dum encarniçamento fanáticos? Será que não valho tanto quanto ele? "Enfim, talvez não obtenha nada, talvez meu cálculo não seja justo, talvez abra falência e me desmorone, pouco importa, caminho para a frente. Caminho, porque assim quero." Eis o que dizia a mim mesmo já em Moscou.

Podem objetar que não há nisso a sombra de “ideia”, nem nada e novo. Direi, e pela derradeira vez, que há nisso uma infinidade de ideias e uma infinidade de coisas novas.

Oh! eu pressentia a trivialidade de todas as objeções e quão trivial serei eu mesmo expondo minha “ideia”. Pois bem, que disse eu? Não disse a centésima parte; sinto que tudo isso é mesquinho, grosseiro, superficial e mesmo talvez abaixo de minha idade.

## III

Restam as respostas aos “para quê?”, “por quê?”, “é moral ou não?”, etc. etc., a que prometi responder.

Estou desolado por ter de desiludir o leitor desde o começo, desolado e também encantado. Fique-se sabendo bem: não há nos objetivos de minha “ideia” nenhum sentimento de “vingança”, nada de byroniano, nem maldição, nem queixas de órfãos, nem lágrimas de bastardo, nada, nada. Em uma palavra, se minhas memórias caíssem nas mãos de uma dama romântica, ela faria logo uma carranca. O objetivo total de minha “ideia” é o isolamento.

— Mas esse isolamento pode ser obtido sem se esfalfar para tornar-se Rothschild. Que tem Rothschild que fazer no meio disso?

— É que além do isolamento quero também o poder.

Aqui um preâmbulo: o leitor talvez se espante com a franqueza de minha confissão e perguntará a si mesmo ingenuamente: como se dá que o autor não haja corado? Responderei que não escrevo para ser publicado; terei um leitor talvez daqui a dez anos, quando tudo estará tão bem determinado, cumprido e provado, que não haverá mais motivo para corar de nada. Portanto, se me dirijo por vezes ao leitor nestas memórias, é apenas um processo. Meu leitor é um personagem de fantasia.

Não, não é meu nascimento ilegítimo, por causa do qual mexiam comigo tanto no internato de Touchard; não são meus tristes anos de infância, não é a vingança nem um justo protesto o ponto de partida de minha “ideia”; a causa de tudo está no meu caráter. Aos doze anos,

creio, isto é, quase no começo de minha vida consciente, comecei a detestar os homens. Detestar não é o termo, mas eram insuportáveis. Era-me por vezes penoso, nos meus momentos de pureza, não poder dizer tudo mesmo a meus parentes, ou antes, poderia ter dito, mas não queria, algo me retinha; era desconfiado, rabujento e insociável. Além disso, tenho notado desde muito tempo em mim mesmo, quase desde minha infância, certa propensão que me leva frequentemente a acusar os outros; mas após isto vinha-me muitas vezes e imediatamente outro pensamento muito penoso para mim: “Não estarei eu errado, em lugar deles?”

Quantas vezes me acusei sem razão! Para não ter de resolver semelhantes questões, procurava naturalmente a solidão. Além disso, nada encontrava na sociedade dos homens, apesar de todos os meus esforços, e que esforços fazia! Pelo menos, todos os de minha idade, todos os meus camaradas, todos sem exceção, eram menos inteligentes do que eu; não me lembro de uma só exceção.

Sim, sou carrancudo, sem cessar encerro-me dentro de mim mesmo. Muitas vezes tenho vontade de retirar-me da sociedade. Talvez faça bem aos homens, mas muitas vezes não vejo a menor razão de fazer-lhes bem. Não são os homens verdadeiramente tão belos que devamos ocupar-nos tanto com eles. Por que não nos abordam eles nítida e francamente, por que devo eu absolutamente colar-me a eles em primeiro lugar? Eis as questões que fazia a mim mesmo. Sou uma criatura reconhecida e provei-o por uma centena de loucuras. Responderia instantaneamente à franqueza com a franqueza e depressa passaria a amá-los. Foi bem o que fiz; mas todos logo me enganaram e fecharam-se contra mim, com zombarias. O mais franco de todos era Lambert, que me batia tanto na minha infância; mas também ele não passa de um velhaco cabal e de um bandido; e sua franqueza só lhe vem da estupidez. Eis quais eram meus pensamentos ao chegar a Petersburgo.

Ao sair da casa de Diergatchov (que demônio me impelira até lá?), aproximei-me de Vássin e, num ímpeto de entusiasmo, pus-me a entoar-lhe louvores. Pois bem, na mesma noite, senti que o amava já muito menos. Por quê? Justamente porque, ao cobri-lo de louvores, rebaixara-me ao mesmo tempo diante dele. Parece que devia ter sido o

contrário: um homem bastante equitativo e generoso para admirar outro, mesmo em seu próprio detrimento, não é, por sua dignidade própria, superior a qualquer outro? Compreendia-o sem dúvida, e, apesar de tudo, amava menos Vássin, e até mesmo muito menos: tomo intencionalmente um exemplo já conhecido do leitor. Mesmo Kraft, lembrava-me dele com certo sentimento de amargor e de azedume, porque me mostrara o caminho de sua antecâmara, e isto durou até o dia seguinte, em que tudo se esclareceu e quando não houve mais meio de querer-lhe mal. Desde as primeiras classes do ginásio, assim que um camarada me ultrapassava, quer em conhecimentos, quer pela rapidez de suas respostas, quer em força física, cessava logo de frequentá-lo e de falar-lhe. Não que o detestasse, ou que lhe desejasse mal; afastava-me muito simplesmente dele, porque tal é o meu caráter.

Sim, toda a minha vida tive sede de poder, de poder e de isolamento. Sonhava com isso mesmo na idade em que não importa quem teria rido na minha cara, se tivesse podido ver o que tinha eu dentro do crânio. Eis por que amo tanto o mistério. Sim, sonhava com todas as minhas forças e a tal ponto que não tinha mais tempo para conversar; deduziu-se daí que eu era selvagem, e de minha distração tiravam-se conclusões ainda mais desfavoráveis a meu respeito, mas minhas faces rosadas provavam o contrário.

Era sobretudo feliz quando, no leito e cobrindo-me com meu cobertor, empreendia sozinho, no isolamento mais perfeito, sem ninguém perto de mim e sem um único som de voz humana, reconstruir o mundo à minha maneira. Esse estado de devaneio alucinado acompanhou-me até a descoberta de minha “ideia”: então todos os sonhos, de absurdos que eram, tornaram-se de repente sensatos e, da forma imaginativa do romance, passaram para a forma razoável da realidade.

Tudo se fundiu num só objetivo. No fundo, mesmo antes, não eram tão tolos, se bem que fossem legião e legião. Mas havia alguns que eram preferidos… Aliás, é inútil citá-los aqui.

O poder! Estou persuadido de que muitos ririam enormemente, se soubessem que semelhante “nulidade” visa ao poder. Mas vou espantá-

los ainda mais: desde meus primeiros sonhos talvez, isto é, desde minha infância ou quase, jamais pude ver-me de outra maneira que não no primeiro lugar, em toda parte e em todas as circunstâncias. Acrescentarei uma confissão singular: talvez isto dure ainda. E notarei além disso que não peço perdão.

Está justamente aí minha "ideia", está aí sua força: que o dinheiro é a única via capaz de conduzir "ao primeiro lugar" uma nulidade. Não sou talvez uma nulidade, mas sei, por exemplo, pelos espelhos, que meu exterior me prejudica, porque tenho um rosto vulgar. Mas se eu fosse rico como Rothschild, quem, afinal, se inquietaria com meu rosto? Bastaria assobiar e milhares de mulheres correriam para mim com suas "belezas". Estou mesmo convencido de que, muito sinceramente, acabariam por crer-me belo. Sou talvez mesmo inteligente. Mas mesmo se tivesse uma testa de três polegadas, encontrariam uma de oito e eu estaria perdido. Ao passo que, se fosse Rothschild, teria aquele sábio de oito polegadas algum valor junto de mim? Nem mesmo lhe permitiriam abrir a boca! Sou talvez espirituoso; sim, mas a meu lado há Talleyrand,[18] Piron e eis-me eclipsado; ao passo que, se eu fosse Rothschild, onde estariam os Piron e talvez mesmo os Talleyrand? O dinheiro, sem dúvida, é uma potência despótica, mas é ao mesmo tempo a suprema igualdade e nisso está sua grande força. O dinheiro nivela todas as desigualdades. Eis o que tinha decidido, já em Moscou.

Vós não vereis decerto neste pensamento senão insolência, violência, triunfo da nulidade sobre o talento. De acordo, este pensamento é audacioso (e por consequência volutuoso). Pois seja! Mas acreditais que eu quisesse o poder então forçosamente para oprimir? Para vingar-me? Seria assim que agiria fatalmente a mediocridade. Bem melhor, estou convencido de que há milhares desses talentos e dessas inteligências tão orgulhosas de si mesmas, que, se as encarregassem de repente de todos os milhões de Rothschild, não se aguentariam e viriam a se portar como vis mediocridades e seriam os piores dos opressores. Minha ideia é outra. O dinheiro não me faz medo; não me oprimirá e não me fará oprimir os outros.

Não tenho necessidade do dinheiro, ou antes, não é do dinheiro

que tenho necessidade; não é mesmo do poder; tenho necessidade somente daquilo que se adquire pelo poder e não se pode adquirir sem ele: a consciência calma e solitária de sua força! Eis a mais perfeita definição da liberdade, pela qual tanto se bate o mundo! A liberdade! Tracei afinal esta grande palavra… Sim, a consciência solitária de sua força é coisa bela e embriagante. Tenho a força, e estou calmo. Os raios estão entre as mãos de Júpiter e ele mostra-se calmo; vós o ouvis tonitruar frequentemente? O imbecil pode crer que ele cochila. Ponde agora em lugar de Júpiter um literato vulgar ou uma boa mulher do campo e ouvireis a trovoada!

Se eu tivesse apenas o poder, raciocinava, não me faria mais falta; estou certo de que, por mim mesmo, por minha franca vontade, ocuparia em toda parte o último lugar. Se fosse Rothschild, passearia de sobretudo puído e com um guarda-chuva na mão. Que me importaria ser empurrado na rua ou obrigado a correr na lama, para não ser esmagado pelos fiacres? A consciência de que sou eu que sou Rothschild bastaria para constituir minha alegria naquele momento. Sei que poderei ter um banquete como ninguém terá e o primeiro cozinheiro do mundo: basta-me sabê-lo. Comerei uma fatia de pão e de presunto e ficarei saciado com meu próprio conhecimento. Ainda hoje é assim que penso.

Não quero tampouco impor-me à aristocracia. Ela é que terá de vir a mim. Não serei eu que hei de correr atrás das mulheres, serão elas que acorrerão como as moscas, oferecendo-me tudo quanto pode oferecer-me uma mulher. As mais “vulgares” serão atraídas pelo dinheiro, as mais sensatas pela curiosidade por uma criatura esquisita, orgulhosa, fechada e indiferente a tudo. Serei afável com umas e com outras. Talvez lhes dê dinheiro, mas nada aceitarei delas. A curiosidade engendra a paixão: talvez também eu inspire a paixão. Elas regressarão sem nada, asseguro-vos. Talvez somente com presentes. E com isso vou me tornar duplamente curioso para elas.

> … a mim me basta
> a consciência disto.[19]

O que é singular é que este quadro (aliás exato) me seduziu desde meus dezessete anos.

Não tenho a intenção de oprimir nem de atormentar ninguém; mas sei que, se quisesse perder tal homem, meu inimigo, nada poderia impedir-me disso, e todo mundo me ajudaria; e aqui ainda, é bastante. Não me vingaria mesmo de ninguém. Sempre me causou surpresa que James Rothschild tivesse consentido em ser barão! Para quê, por quê, quando era sem isto superior a todos aqui embaixo? "Oh! que me insulte esse general insolente na posta onde esperamos os dois a troca de cavalos; se soubesse ele quem sou, correria ele próprio a atrelá-los e me ajudaria a sentar no meu modesto *tarantás*. Publicou-se que um conde ou barão estrangeiro, numa estrada de ferro de Viena, havia, em público, metido em chinelos os pés de um banqueiro daquela cidade, e que este havia sido suficientemente ordinário para aceitar isso. Oh! que essa temível beldade (temível, que as há que são temíveis!), que essa filha duma aristocrata suntuosa e cheia de títulos, ao encontrar-me por acaso em barco ou outra parte, olhe-me de través e, arrebitando o nariz, espante-se com desprezo ao ver aquele homenzinho modesto, insignificante, com um livro ou um jornal na mão, ter a ousadia de sentar-se em primeira classe; ao lado dela! Mas se ela ao menos soubesse junto de quem está sentada! Há de sabê-lo, há de sabê-lo e virá por si mesma sentar-se ao lado dele, submissa, tímida, afável, rogando-me um olhar, alegrando-se com um sorriso meu." É de propósito que insiro estas pequenas cenas prematuras, para melhor exprimir meu pensamento; mas são pálidas e talvez vulgares. Somente a realidade justifica tudo.

Vão dizer que é absurdo viver assim: por que não ter edifício, de casa aberta a todos, por que não reunir numerosas pessoas da sociedade, não ter influência, não se casar? A que se reduzirá então Rothschild? Será como todo mundo. Todo o encanto da "ideia" desaparecerá, com toda a sua força moral. Aprendi de cor em minha infância o monólogo de *O cavaleiro avaro*, de Púchkin. Como reflexão, Púchkin nada produziu de superior! Mantenho-me fiel até hoje a essas ideias.

— Mas seu ideal é bem baixo — dirão com desprezo. — O dinheiro! A riqueza! E o interesse social, e os feitos humanitários?

Mas sabeis em que empregarei minha riqueza? Que imoralidade e que baixeza há nisto de passarem esses milhões duma multidão de

patas judias e malfazejas para as mãos dum solitário severo e ajuizado que lança sobre o mundo um olhar percuciente? Duma maneira geral, todos esses sonhos de futuro, todas essas previsões…, não são ainda senão uma espécie de romance e talvez cometa erro anotando-os; melhor teria sido que ficassem no meu cérebro. Sei também que ninguém talvez venha a ler estas linhas; mas se alguém as lesse, acreditaria que eu não suportaria talvez os milhões de Rothschild? Não que eles possam esmagar-me, mas num outro sentido, absolutamente oposto. Mais de uma vez, em meus sonhos, apreendi o momento vindouro em que minha consciência estará inteiramente satisfeita e em que o poder me parecerá insuficiente. Então, não por enfado, nem por um tédio sem objetivo, mas pela razão de eu vir a querer infinitamente mais, darei todos os meus milhões aos homens: que a sociedade reparta à sua vontade toda a minha riqueza e eu, eu, tornarei a cair no nada! Talvez mesmo me metamorfoseie naquele mendigo que morreu no barco, com a diferença de não se encontrar nada costurado em meus farrapos. A mera consciência de que tive milhões entre as mãos e que os atirei à lama vai me nutrir no meu deserto. Ainda hoje, estou disposto a pensar assim. Sim, minha "ideia" é a fortaleza onde, a qualquer tempo, em qualquer ocasião, posso fugir de todos os homens, ainda que fosse como o mendigo morto no barco. Eis meu poema! E sabei, tenho necessidade de minha "completa" vontade depra-, vada, unicamente para provar a "mim mesmo" que tenho a força de renunciar a ela.

Poderão objetar, sem nenhuma dúvida, que é poesia e que não abrirei jamais mão de meus milhões se algum dia os possuir e não me transformarei jamais em mendigo de Saratov. Talvez, com efeito, não abra mão deles; só fiz esboçar o ideal de meu pensamento. Mas acrescentarei agora seriamente: se atingisse, na minha acumulação de riqueza, a mesma quantia de Rothschild, poderia efetivamente acabar por atirá-la à cara da sociedade. (Antes de atingir a quantia de Rothschild, seria difícil realizar isso.) E não seria a metade que daria, porque então não passaria de vulgaridade: seria duas vezes mais pobre e nada mais; mas tudo, até o derradeiro copeque, porque, tornando-me pobre, iria me encontrar de repente duas vezes mais rico que Rothschild! Se não se compreende isso, a culpa não é minha; não entrarei em explicações.

“Isso é faquirismo, é a poesia da nulidade e da impotência! — decidirão as pessoas. — É o triunfo da incapacidade e da mediocridade!” Sim, confesso, é, em parte, o triunfo da incapacidade e da mediocridade, mas não da impotência. Senti uma alegria louca em imaginar uma criatura, precisamente incapaz e medíocre, de pé, diante do mundo e dizendo-lhe, com um sorriso: vós sois os Galileu e os Copérnico, os Carlos Magno e os Napoleão, os Púchkini e os Shakespeare, os marechais-de-campo e de Corte, ao passo que, eis-me aqui, eu, sem talento e sem nascimento e, no entanto, acima de vós, pois que vos submetestes por vós mesmos a isso. Confesso que levei esta fantasia ao extremo, a ponto de suprimir a cultura. Pareceu-me que seria mais belo se esse homem fosse mesmo porcamente inculto. Este sonho exagerado exerceu sua influência sobre mim desde a derradeira classe do ginásio; deixei de estudar, por fanatismo: sem instrução, o ideal aumentava de beleza. Agora, mudei de opinião a este respeito; a instrução não prejudicará.

Senhores, será possível que a independência de pensamento, mesmo a mais reduzida, vos seja tão penosa? Feliz aquele que possui um ideal de beleza, ainda que errôneo! Mas creio no meu. Apenas expus inabilmente, elementarmente. Dentro de dez anos, bem decerto, serei capaz de o expor melhor. Enquanto espero, guardarei tudo isso como lembrança.

## IV

Terminei com minha “ideia”. Se a descrevi de maneira vulgar e superficial, a culpa é minha e não dela. Já preveni que as ideias mais simples são as mais difíceis de compreender; acrescento agora que são também as mais difíceis de expor; tanto mais quanto contei minha “ideia” sob sua forma primitiva.

O inverso é também justo: as ideias chatas e rápidas são compreendidas extraordinariamente depressa e precisamente pela multidão, pela rua; mais ainda, são julgadas como as maiores e as mais geniais, mas tão só no dia de sua aparição. O bom mercado dura pouco. A compreensão rápida é o indício da vulgaridade da coisa a compreender. A ideia de Bismarck[20] tornou-se instantaneamente

genial, e o próprio Bismarck é um gênio, mas é uma rapidez suspeita: espero Bismarck daqui a dez anos e veremos então o que restará de sua ideia e talvez do Senhor Chanceler em pessoa.

Esta é uma observação completamente incidental e que nada tem a ver com o assunto. Insiro-a evidentemente não a título de comparação, mas também para ser recordada. (Explicação destinada ao leitor verdadeiramente demasiado obtuso.)

Vou agora contar duas anedotas, para dar fim à "ideia", seja lá como for e para que ela não nos embarace mais no futuro.

Num verão, em julho, dois meses antes de minha partida para Petersburgo, estando eu já inteiramente livre, Maria Ivânovna me pediu para ir a Tróitski Posad, para levar uma encomenda a uma solteirona que lá morava, demasiado pouco interessante para que me demore em mencioná-la. Regressando no mesmo dia, notei no vagão um rapaz macilento, não mal trajado, mas sujo, de cara espinhenta, um desses morenos de tez bronzeada suja. Distinguia-se pelo fato de descer obrigatoriamente, a cada estação ou parada, para beber vodca. No final do trajeto, formou-se em redor dele alegre companhia, aliás bastante vulgar. O mais entusiasta era um comerciante, também ligeiramente ébrio, que admirava a faculdade que possuía o jovem de beber sem cessar e sem se embriagar. Não menos satisfeito se mostrava um rapaz tremendamente estúpido e que falava muito, trajado à europeia e que tresandava terrivelmente: um lacaio, como o soube mais tarde. Este fez até mesmo amizade com o jovem amador de vodca e a cada parada era ele quem o convidava a descer: "Está na hora, vamos beber!". Após o quê, desciam todos dois abraçados. Depois de ter bebido, o rapaz não dizia quase mais uma palavra, mas um número cada vez maior de interlocutores instalava-se em redor dele. Limitava-se a ouvi-los, sem deixar de escarnecer e de babar e, de tempos em tempos, mas sempre inesperadamente, emitia alguns sons neste estilo: "Tur-lur-lu!", levando, num gesto caricatural, um dedo na direção do nariz. Era o que divertia mais o comerciante, o lacaio e todo mundo, que riam em gargalhadas extraordinariamente sonoras e sem cerimônia. É por vezes impossível ficar sabendo por que as pessoas riem. Aproximei-me também; e não compreendo por que aquele rapaz me agradou; talvez fosse por causa daquela manifesta

violação das conveniências oficiais e admitidas; numa palavra, não distinguia sua idiotice; logo começamos a tutear-nos e, ao sair do trem, soube que viria ele à noite, após as oito horas, ao Tvierskói Boulevard. Era um ex-estudante. Fui ao encontro marcado e eis a pilhéria que ele me ensinou: estivemos a passear juntos pelo bulevar e, um pouco mais tarde, assim que notávamos uma mulher atraente, desacompanhada, aproximávamo-nos dela. Sem dizer-lhe uma palavra, plantávamo-nos ele dum lado, eu do outro, e com o ar mais tranquilo do mundo, como se nem mesmo a víssemos, travávamos uma conversa escabrosíssima. Chamávamos as coisas pelos nomes, com uma seriedade imperturbável e como se fosse a mais natural das coisas, e, para explicar toda espécie de porcarias e de infâmias, entrávamos em detalhes que a imaginação mais suja do mais sujo desavergonhado não teria jamais imaginado. (Eu tinha naturalmente adquirido todos esses conhecimentos nas escolas, antes mesmo do ginásio, mas somente em palavras e não em ação.) A mulher ficava com medo, apressava o passo, mas nós fazíamos o mesmo e continuávamos no mesmo tom. Nossa vítima nada podia evidentemente fazer, nem mesmo podia dar gritos: não havia testemunhas e depois seria esquisito dar queixa. Passamos uns oito dias nessa brincadeira; não compreendo como pude ter prazer nisso; não me agradava aliás, mas era… assim. Pareceu-me a princípio original, fora do comum, das convenções admitidas; além disso, eu não podia suportar as mulheres. Confiei certa vez ao estudante que Jean-Jacques Rousseau, nas suas *Confissões*, reconhecia ter gostado, quando rapaz, de exibir em segredo, completamente nuas, as partes do corpo que, habitualmente, ficam ocultas, e esperar nessa posição as mulheres que passavam. O estudante respondeu-me com seu “tur-lur-lu”. Notei que ele era tremendamente ignorante e que não se interessava por coisa alguma. Nem uma dessas ideias ocultas que esperava encontrar nele. Em lugar de originalidade, só descobri uma esmagadora monotonia. Cada vez gostava menos dele. Tudo acabou de maneira inesperada: um dia, em plenas trevas, demos com uma moça, bem novinha, que passava rápida e timidamente pelo bulevar; teria talvez uns dezesseis anos ou menos ainda, trajava muito limpa e modestamente; viveria talvez de seu trabalho e estava de volta para casa, para junto de sua velha mãe, uma viúva carregada de filhos; mas é inútil fazer sentimentalismo. A moça escutou por algum tempo,

depois apressou o passo, inclinou a cabeça e cobriu-se com seu véu, amedrontada e trêmula. De repente, parou, descobriu um rosto não de todo feio, pelo que me lembro, mas magrinho, e gritou para nós com olhos faiscantes:

— Vocês são uns miseráveis!

Estava talvez prestes a chorar, mas produziu-se outra coisa: ergueu o braço e, com sua mãozinha magra, descarregou no estudante a mais certeira das bofetadas que algum dia já foi dada. Ouviu-se o estalo! Ele lançou uma praga e fez menção de avançar contra ela, mas retive-o e a moça teve tempo de fugir. Ficando sós, discutimos: disse-lhe tudo quanto acumulara contra ele dentro de mim, durante aquele tempo; disse-lhe que ele não passava de um incapaz, de uma nulidade, que nunca tivera nem traço duma ideia. Respondeu-me com injúrias… (falara-lhe eu certa vez de meu nascimento ilegítimo), depois nos separamos com cuspidelas de desprezo e nunca mais nos tornamos a ver. Naquela noite, senti imenso mau humor; no dia seguinte, um pouco menos, dois dias depois tinha esquecido tudo. Mais tarde, de vez em quando, vinha-me à memória aquela moça, mas somente por acaso e de passagem. Foi só quinze dias depois de minha chegada a Petersburgo que me lembrei de repente da cena. Lembrei-me e logo fui invadido por tal vergonha que lágrimas me correram literalmente pelas faces. Fui martirizado a tarde toda, a noite toda e assim continuo ainda agora um pouco. Fui a princípio incapaz de compreender como havia podido cair tão baixo, e sobretudo esquecer aquele incidente, não corar dele, não ser devorado pelo arrependimento. Somente agora é que me dou conta da causa de tudo: a culpa era da “ideia”. Em suma, chego a esta conclusão de que, quando se tem no espírito algo de fixo, de perpétuo, de poderoso, com que se está totalmente ocupado, afasta-se a gente ao mesmo tempo para a solidão e tudo quanto acontece não faz senão deslizar, sem tocar no essencial. Até mesmo as impressões são percebidas inexatamente. Além disso e sobretudo tem-se sempre uma desculpa. Quanto pude atormentar minha mãe naquela época! Como abandonava vergonhosamente minha irmã! “Ora! tenho minha ideia, tudo mais não conta.” Eis o que dizia a mim mesmo. Podia-se ofender-me, até mesmo cruelmente: afastava-me sem mais e dizia a mim mesmo em seguida: “Ora! sou vil,

mas tenho minha ideia e eles nada sabem disso.” A “ideia” me consolava na ignomínia e na nulidade; mas todas as minhas infâmias pareciam refugiar-se sob a “ideia”; ela facilitava tudo, mas velava tudo diante de mim; entretanto, uma compreensão tão confusa das circunstâncias e das coisas só pode prejudicar a própria “ideia”, sem falar do resto.

Agora, a segunda anedota.

Maria Ivânovna, a primeiro de abril do ano passado, celebrava seu aniversário. À noite, apareceram alguns convidados, muito poucos, aliás. De repente, entra Agrafiena, ofegante, e declara que há no vestíbulo, em frente da cozinha, um recém-nascido abandonado a choramingar… e que ela não sabe o que fazer. A notícia abalou a todos, correram e acharam uma cesta de cortiça contendo uma menininha de três ou quatro semanas que lançava gritos. Peguei a cesta e levei-a para a cozinha. Encontrei dentro da cesta o seguinte bilhete, dobrado em dois: “Queridos benfeitores, concedei vossa benévola assistência a essa menina, batizada com o nome de Arina. Ela e nós elevaremos eternamente nossas lágrimas ao céu por vós. Desejamo-vos uma boa festa. Pessoas que não conheceis”. Foi então que Nikolai Siemiônovitch, tão respeitado por mim, me magoou muito: fechou a cara muito gravemente e decidiu enviar imediatamente a criança para a Assistência Pública. Fiquei muito penalizado. Viviam eles muito economicamente, mas não tinham filhos, e Nikolai Siemiônovitch felicitava-se sempre por isso. Tirei com precaução Arina de sua cesta, segurando-a pelos ombros; desprendia-se dela um cheiro acre e forte, como o exalam os recém-nascidos muito tempo negligenciados. Depois de ter discutido um momento com Nikolai Siemiônovitch, declarei-lhe bruscamente que ficava com a criança a meu cargo. Pôs-se ele a levantar abjeções, com alguma severidade, malgrado sua doçura de caráter, e terminou com uma brincadeira, mas sua intenção referente à Assistência Pública continuava de pleno vigor. Entretanto tudo se passou como eu queria. Havia no mesmo edifício, mas num outro pavilhão, um marceneiro muito pobre, já velho e bebedor; sua mulher, ainda bastante jovem e muito sadia, acabava de perder uma criança de peito, e sobretudo única, nascida após oito anos de casamento infecundo, igualmente

uma menina e, por esquisita felicidade, igualmente Arina. Disse por felicidade, porque, no momento em que discutíamos na cozinha, aquela mulher, informada do incidente, acorreu para ver e, ao saber que se tratava duma pequena Arina, sentiu-se toda enternecida. Ainda tinha leite: descobriu o seio e estendeu-o à criança. Caí a seus pés e supliquei-lhe que ficasse com a menina: lhe pagaria a pensão todos os meses. Perguntava ela a si mesma se seu marido lhe permitiria; entretanto levou-a, a princípio, para passar a noite. De manhã, o marido permitiu, mediante oito rublos por mês, e lhe paguei adiantado imediatamente o primeiro mês; saiu dali e foi beber sem demora com aquele dinheiro. Nikolai Siemiônovitch, sempre sorrindo esquisitamente, consentiu em ficar como meu fiador, garantindo ao marceneiro que a soma, isto é, oito rublos mensais, seria regularmente paga. Oferecia Nikolai Siemiônovitch remeter-lhe como penhor meus sessenta rublos mas não os aceitou; aliás, sabia que eu tinha dinheiro e tinha confiança em mim. Essa delicadeza fez desaparecer nossa dissenção de havia pouco. Maria Ivânovna não disse nada, mas admirou-se de ver-me aceitar semelhante encargo. Apreciei muito a delicadeza de que ambos haviam dado prova, não se permitindo a menor brincadeira a meu respeito e considerando, pelo contrário, a coisa, com toda a seriedade que convinha. Cada dia, por três vezes, dava eu um pulo à casa de Dária Rodiónovna, e ao fim duma semana, dei-lhe pessoalmente, em mão própria, às ocultas de seu marido, três rublos a mais. Mediante três outros rublos, arranjei um cobertorzinho e cueiros. Mas ao fim de dez dias a pequena Arina caiu doente. Chamei logo o médico que prescreveu não sei mais que remédio e passamos a noite a atormentar a criaturinha com aquela droga ruim. No dia seguinte, declarou ele que era demasiado tarde e, em resposta aos meus rogos — também creio que às minhas censuras —, declarou com nobre discrição: “Não sou o bom Deus!”. A linguinha, os labiozinhos e toda a boca estavam cobertos por uma erupção branca e miúda, e à noite ela morreu, fixando em mim seus grandes olhos negros, como se já tivesse compreensão. Não sei por quê, não me viera a ideia de tirar a fotografia da pequena morta. Pois bem, acreditarão que não chorei naquela noite, mas dei gritos, o que não me permitira até então, e Maria Ivânovna viu-se obrigada a consolar-me e isto, ainda uma vez, sem nenhuma zombaria, nem de sua parte, nem da parte dele. O próprio marceneiro fez o caixãozinho; Maria Ivânovna

enfeitou-o de rendas e colocou nele um leve travesseirinho; eu comprei flores e esparzi-as sobre a criança: foi assim que levaram a minha pobre florzinha dos campos, que ainda não consigo esquecer, acreditai ou não. Mas um pouco mais tarde aquele acontecimento quase súbito fez-me refletir e até mesmo muito seriamente. Sem dúvida Arina não me havia custado caro: com o caixão, o enterro, o doutor, as flores e o salário de Dária Rodiónovna, não mais de trinta rublos. Quando parti para Petersburgo, tornei a ganhar aquele dinheiro dentre os quarenta rublos enviados por Viersílov para a viagem e pela venda de alguns objetos miúdos, tanto que todo o meu "capital" permaneceu intato. "Mas, digo a mim mesmo, se praticar de novo desvios desse gênero, não irei longe." A história do estudante mostrou que a "ideia" pode lançar a perturbação nas impressões e distrair da atividade real. Com a história de Arina é o contrário: nenhuma "ideia" é capaz de seduzir (pelo menos no que me concerne) a ponto de impedir que paremos de repente diante dum fato esmagador e lhe sacrifiquemos logo tudo quanto se fez durante anos de labor pela "ideia". As duas conclusões eram igualmente justas.

## Capítulo VI

### I

Minhas esperanças não se realizaram completamente: não os encontrei sós. Viersílov não estava lá, mas Tatiana Pávlovna achava-se instalada em casa de minha mãe e era, apesar de tudo, uma estranha. A metade de minhas disposições generosas esvaneceu-se de repente. É espantosa a minha rapidez e mutabilidade nessas ocasiões: basta uma poeira ou um cabelo para dissipar meu bom humor e substituí-lo pelo mau. E por desgraça minhas más impressões custam mais a dispersar-se, se bem que não seja eu rancoroso. Quando entrei, percebi que minha mãe acabava de romper no mesmo instante e à pressa o fio da conversa, visivelmente muito animada, com Tatiana Pávlovna. Minha irmã voltara do trabalho um minuto apenas antes de mim e não saíra ainda do seu quarto.

Aquele apartamento compreendia três peças: a em que todo

mundo se conservava segundo o costume, a peça do meio ou salão, bastante espaçosa e quase decente. Viam-se nela divãs vermelhos bem fofos, aliás já bem gastos (Viersílov não tolerava capas de móveis), alguns tapetes, várias mesas e inúteis jardineiras. Em seguida, à direita, abria-se o quarto de Viersílov, estreito e exíguo, com uma única janela; havia ali uma miserável escrivaninha sobre a qual se viam vários livros abandonados e papéis esquecidos e diante da mesa uma não menos lamentável poltrona mole, cuja mola partida espontava no ar, o que fazia Viersílov muitas vezes gemer e praguejar. Era nesse mesmo gabinete que se fazia sua cama em cima de um divã mole e igualmente gasto; ele detestava tal gabinete e, creio, nunca dele se servia, preferindo ficar sem nada fazer no salão, durante horas inteiras. A esquerda do salão, encontrava-se um quartinho exatamente idêntico, onde dormiam minha mãe e minha irmã. Tinha-se acesso ao salão por um corredor que ia dar à cozinha, onde se alojava a cozinheira Lukiéria. Quando esta trabalhava, um cheiro de gordura queimada espalhava-se implacavelmente por todo o apartamento. Havia momentos em que Viersílov amaldiçoava em voz alta sua sorte e toda a sua existência por causa daqueles odores de cozinha e nisto, pelo menos, estava eu de acordo com ele; detesto também esses odores, se bem que então não chegassem eles até mim: eu morava no alto, numa mansarda sob o teto, para onde subia por uma escada rangente e terrivelmente íngreme. As curiosidades do lugar eram uma clarabóia oval, um forro horrivelmente baixo, um divã coberto de oleado, sobre o qual Lukiéria estendia de noite um lençol e colocava um travesseiro; o resto do mobiliário compunha-se de dois objetos: uma mesa de pranchas simples e uma cadeira de vime furada.

Na verdade, subsistiam, entretanto, em nossa casa restos de certo conforto hoje desaparecido: havia, por exemplo, no salão uma lâmpada de porcelana bastante boa e, pendurada na parede, uma admirável gravura da Madona de Dresden, e bem em frente, na outra parede, uma preciosa fotografia, de formato muito grande, representando as portas de bronze da catedral de Florença. Nessa mesma peça, estava pregada a um canto uma grande prateleira com velhos ícones de família: um deles (o ícone de Todos os Santos) estava revestido de prata dourada — era o que queriam empenhar — e o outro (o ícone da Santa Virgem) de veludo bordado de pérolas. Diante

dessas imagens havia uma lâmpada que se acendia nas vésperas dos dias santos. Viersílov mostrava-se manifestamente indiferente àqueles ícones, pelo que eles significavam: limitava-se a franzir os supercílios, num visível esforço para conter-se, diante da luz da lâmpada refletida pelos ornamentos dourados, queixando-se mansamente de que aquilo prejudicava sua vista, mas não impedia que minha mãe a acendesse.

Eu entrava geralmente em silêncio e com ar sombrio, olhando um dos cantos; por vezes mesmo sem cumprimentar. Regressava sempre mais cedo que desta vez e levavam-me a comida lá em cima. Desta vez, ao entrar, disse de repente: "Boa-noite, mamãe!", que nunca me acontecia antes, se bem que, por uma espécie de falsa vergonha, não pudesse desta vez fingir não olhar para ela, sentei-me no canto oposto da sala. Estava muito fatigado, mas não ligava a isso.

— Esse malcriado continua a entrar em sua sala tão insolentemente como outrora — sussurrou Tatiana Pávlovna. Outrora, também, permitia-se ela palavras insultuosas, e já era, entre ela e mim, uma espécie de hábito.

— Boa noite!… — respondeu minha mãe, como que espantada por ter-lhe dado boa noite. — O jantar está pronto desde muito tempo — acrescentou, quase confusa. — Contanto que a sopa não esteja fria… As costeletas, vou mandá-las levar imediatamente… — Fez menção de se levantar precipitadamente para ir à cozinha, e, pela primeira vez, talvez desde um mês, tive vergonha, de súbito, de vê-la tão solícita em servir-me, enquanto que até aquele dia era eu mesmo quem o exigia.

— Obrigado, mamãe, já jantei. Se não a incomodo, descansarei aqui mesmo.

— Ah!… Como não?… Mas decerto, ficai…

— Não se inquiete, mamãe, não direi mais grosserias a Andriéi Pietróvitch — declarei bruscamente.

— Senhor! Que grandeza de alma! — exclamou Tatiana Pávlovna. — Minha cara Sônia, será possível que continues a tratá-lo por "vós"? Quem é ele, pois, para merecer semelhante honra e ainda por cima da

parte de sua mãe? Olhem só! Estás confusa diante dele! É uma vergonha!

— Acharia muito agradável que a senhora me tratasse por “tu”, mamãe.

— Ah!… bem, está entendido — apressou-se em dizer minha mãe. — É que… não é todas as vezes… A partir de hoje, está combinado.

Corou inteiramente. Seu rosto era por vezes extremamente sedutor… Bondoso, mas de modo algum ingênuo, um pouco pálido, anêmico. Suas faces eram magras, até mesmo cavadas, e na sua fronte as rugas começavam seriamente a acumular-se, mas não as havia ainda em redor dos olhos, e aqueles olhos, bastante grandes e bastante abertos, brilhavam sempre com um clarão doce tranquilo, que me havia atraído desde o primeiro dia. O que me agradava também era não mostrar o seu rosto nada de pesaroso ou humilhado; pelo contrário, sua expressão teria sido mesmo alegre, se ela não se tivesse tantas vezes alarmado, por vezes absolutamente sem razão, espantando-se, estremecendo às vezes por um nada ou escutando com medo alguma nova conversa, até o momento de ficar bem convencida de que tudo continuava a correr bem como de hábito. “Tudo vai bem” era para ela sinônimo de “tudo continua como de costume”. Contanto somente que não houvesse mudança, contanto que não sobreviesse nada de novo, mesmo que fosse uma felicidade!… Era de crer que lhe haviam causado na infância algum medo horrível. Além dos olhos, amava nela o oval de seu rosto e creio que se ela tivesse as maçãs do rosto um pouco menos largas seria possível não somente na sua juventude, mas ainda hoje, dizer que ela era bela. Agora, não tinha mais de trinta e nove anos, mas seus cabelos castanhos já estavam grandemente encanecidos.

Tatiana Pávlovna olhou-me com decidida indignação.

— Um fedelho desses! Tremer assim diante dele! Mas tu és ridícula, Sófia. És de causar raiva!

— Ah! Tatiana Pávlovna, por que o trata assim? Mas talvez você esteja brincando, não? — acrescentou minha mãe, notando na fisionomia de Tatiana Pávlovna uma espécie de sorriso. De fato, os

ralhos de Tatiana Pávlovna não podiam ser tomados a sério, mas ela sorria desta vez (se havia sorriso) só por minha mãe, porque amava loucamente sua bondade e havia certamente notado a felicidade que minha submissão lhe proporcionava naquele instante.

— Eu, sem dúvida, não posso deixar de ressentir-me, quando a senhora arremete dessa maneira contra a gente, Tatiana Pávlovna, e isto justamente no momento em que disse ao entrar: “boa noite, mamãe!”, o que eu não fazia nunca outrora — o que achei por fim necessário fazer-lhe notar.

— Vejam só isso! — explodiu ela logo. — Ele vê nisso uma façanha! Então seria preciso ajoelhar-se a gente diante de ti, porque te mostraste polido uma vez em tua vida? E depois, será mesmo polidez? Por que olhas para o canto ao entrar? Crês que não saiba quanto a fazes sofrer e como a tratas? Poderias também ter-me dado “boa noite”. Amarrei-te os cueiros, sou tua madrinha.

Desdenhei responder, naturalmente. Naquele instante entrou minha irmã e dirigi-me logo a ela:

— Lisa, vi hoje Vássin, que me pediu notícias tuas. Tu o conheces?

— Sim, desde Luga, no ano passado — respondeu ela, muito simplesmente, sentando-se perto de mim e lançando-me um olhar amável. Não sei por quê, mas parecia-me que ela iria explodir no momento em que lhe falaria de Vássin. Minha irmã era uma loura, uma loura de tonalidade clara; não tinha os cabelos nem de meu pai nem de minha mãe, mas os olhos e o oval do rosto eram quase os de minha mãe. O nariz muito reto, pequeno e regular; uma particularidade ainda: pequenas sardas no rosto, o que minha mãe não tinha absolutamente. De Viersílov, não tinha ela grande coisa, senão talvez a esbeltez de porte, uma boa estatura e não sei quê de encantador no andar. Comigo, nem a mínima semelhança: dois polos opostos.

— Conheci “ele” há três meses — acrescentou Lisa.

— Por que dizes conheci “ele”? Deves dizer conheci-“o” e não

conheci “ele”. Desculpa-me corrigir-te, mas é-me penoso ver que tua educação foi bastante descuidada.

— É uma indignidade de tua parte fazer semelhante observação na presença de tua mãe — explodiu Tatiana Pávlovna. — Aliás, não é verdade. Não foi ela absolutamente descuidada.

— Não falo aqui de minha mãe — intervim, resolutamente. — Saiba, mamãe, que considero Lisa uma segunda mãe; a senhora fez dela uma tal delícia de bondade e de caráter que lembra certamente o que era a senhora, o que é ainda, e o que será eternamente… Queria falar apenas desse lustre exterior, de todas essas tolices mundanas, que são, no entanto, indispensáveis. Indigna-me que Viersílov, ouvindo-te dizer conheci “ele” e não conheci-“o”, jamais te haja corrigido, tão orgulhoso se mostra e indiferente para conosco. Eis o que me causa raiva!

— Vejam só esse ursinho metido a ensinar boas maneiras! Proíbo-o, senhor, de dizer doravante “Viersílov”, na presença de sua mãe, bem como na minha presença. Não o toleraria! — gritou Tatiana Pávlovna, de olhos fuzilantes.

— Mamãe, recebi hoje meu ordenado, cinquenta rublos. Tome-os, rogo-lhe. Ei-los.

Aproximei-me e estendi-lhe o dinheiro; logo ficou alarmada.

— Mas, não sei… como ficar com esse dinheiro! — disse ela, como se temesse mesmo pôr-lhe a mão.

Eu não compreendia.

— Mas, mamãe, se ambas me consideram como um filho e um irmão, então…

— Ah! estou em culpa contigo, Arkádi. Tenho coisas a confessar-te, mas tenho muito medo de ti.

Disse isso com um sorriso tímido e suplicante; de novo não compreendi e interrompi-a:

— A propósito, sabe, minha mãe, que foi julgado hoje o processo de Andriéi Pietróvitch e dos Sokólhski?

— Sei, sim! — exclamou ela, espantada, cruzando as mãos sobre o peito (era seu gesto).

— Hoje? — Tatiana Pávlovna estremeceu da cabeça aos pés. — Mas é impossível! Ele me teria dito. Ele te disse isso, a ti? — acrescentou ela, voltando-se para minha mãe.

— Não, não me falou hoje. Mas estou com tanto medo há uma semana… Que ele perca, contanto que fiquemos livres e tudo corra como de costume.

— Então ele também não lhe disse! — exclamei. — Que homem! Eis uma bela amostra de sua indiferença e de seu orgulho! Que lhe dizia eu ainda há pouco?

— E qual foi o resultado, o resultado? E quem te disse? — gritava Tatiana Pávlovna. — Fala, afinal!

— Mas ei-lo em pessoa! Talvez ele nos diga — anunciei eu, ouvindo-lhe os passos no corredor, e tornei a sentar-me bem depressa ao lado de Lisa.

— Mano, pelo amor de Deus, poupa mamãe, mostra-te paciente com Andriéi Pietróvitch — cochichou-me ela.

— Serei paciente. Foi com esta intenção que voltei. — E apertei-lhe a mão.

Lisa lançou-me um olhar cheio de desconfiança e tinha razão.

## II

Ele entrou, muito contente consigo mesmo, tão contente que não achou mesmo necessário ocultar suas disposições. Tinha, aliás, o hábito, nestes últimos tempos, de desabafar-se diante de nós sem a menor cerimônia, não só nos seus maus momentos, mas até mesmo nos seus acessos de alegria, o que todo homem teme mais; e, no

entanto, sabia bem que compreenderíamos tudo até o derradeiro detalhe. Desde o ano passado, descuidava-se enormemente no trajar, como o havia notado Tatiana Pávlovna: andava vestido sempre convenientemente, mas com roupas velhas e sem elegância. Não se incomodava em usar a mesma camisa dois dias seguidos, o que causava pesar à minha mãe; em casa, isso passava por um sacrifício e todo aquele grupo de mulheres devotadas via naquilo uma verdadeira façanha. Usava sempre chapéus moles, negros, de abas largas; quando tirava seu chapéu ao entrar, toda uma mecha de seus cabelos, muito espessos, mas com muitos pelos brancos, caía sobre sua testa. Eu gostava de olhar-lhe os cabelos, quando ele tirava o chapéu.

— Boa-noite! Todos, sem faltar um. E até mesmo aquele ali, também? Ouvi-lhe a voz na antecâmara. Falava mal de mim, creio?

Quando fazia espírito à minha custa era sinal de bom humor. Não repliquei, naturalmente. Lukiéria voltou com um cesto cheio de compras e depositou-o em cima da mesa.

— Vitória, Tatiana Pávlovna! Ganhei meu processo e os príncipes não ousarão decerto apelar. O negócio está no saco! Consegui logo um empréstimo de mil rublos. Sófia, larga essa costura, não fatigues os olhos. Lisa, estás de volta do trabalho?

— Sim, papai — respondeu ela, com ar terno. Chamava-o de pai; eu é que nunca consegui habituar-me a isso.

— Fatigada?

— Sim.

— Deixa lá esse trabalho, não vás lá amanhã e abandona-o por completo.

— Mas, papai, será pior para mim.

— Rogo-te… Detesto as mulheres que trabalham, Tatiana Pávlovna.

— E como viver sem trabalhar? Uma mulher que não trabalhasse!

— Sei, sei… tudo isso é muito bom e muito bonito, concordo de antemão; mas o que digo refere-se sobretudo aos trabalhos femininos. É que se trata, vejam bem, duma das minhas impressões de infância mais penosas ou, melhor dito, mais falsas. Nas minhas vagas recordações do tempo em que tinha cinco ou seis anos, vejo, na maioria das vezes, naturalmente com aversão, em redor de uma mesa redonda, um conclave de mulheres inteligentes, severas e carrancudas, tesouras, panos, padrões e figurinos. Todo aquele mundo discute e arrazoa abanando grave e lentamente a cabeça, medindo, calculando e preparando-se para cortar. Todos aqueles rostos ternos, que tanto me amam, tornaram-se de repente inabordáveis. Se cometer eu a menor travessura, serei logo expulso. Até mesmo a minha pobre ama, que me segura a mão e deixou de responder a meus gritos e puxavantes, é toda olhos e ouvidos, como diante de uma ave-do-paraíso. Pois bem, aquela severidade em rostos inteligentes, aquele ar grave antes de começar o corte, ao pensar neles sinto até hoje uma espécie de sofrimento. Tatiana Pávlovna, a senhora gosta apaixonadamente de cortar! Por mais aristocrático que isto seja, prefiro, no entanto, uma mulher que não faz nada absolutamente. Não tomes isto para ti, Sófia… Mas de que serve? A mulher não tem necessidade disso para ser uma grande força. Aliás, tu bem o sabes igualmente Sônia. Que pensa você, Arkádi Makárovitch? Decerto é contra.

— Não, absolutamente — respondi. — É uma excelente expressão: a mulher é uma grande força, embora não veja bem por que o senhor liga isso aos trabalhos de costura. E que seja impossível não trabalhar, quando não se tem dinheiro, o senhor mesmo o sabe.

— Agora basta! — Voltou-se para minha mãe, que estava toda radiante (quando ele se dirigiu a mim, ela havia estremecido). — Nos primeiros tempos, pelo menos, não quero ver mais costuras aqui! Façam isso por mim, peço-lhes. Tu, Arkádi, como autêntico jovem de nosso tempo, deves ser um pouco socialista. Pois bem, acreditarás, meu amigo, que aqueles que mais amam a ociosidade são as pessoas do povo, esse povo eternamente a trabalhar?

— Talvez amem o repouso e não a ociosidade.

— Não, é a ociosidade mesmo, a indolência absoluta. Eis o seu

ideal! Conheci um desses eternos trabalhadores, que aliás não era do povo; era um homem bastante culto, capaz de raciocinar. Toda a sua vida, cada dia talvez, sonhava com gozo e deleite na perfeita ociosidade. Levava por assim dizer esse ideal até o absoluto, até a independência ilimitada, a liberdade perpétua do sonho e da contemplação ociosa. Isto durou até o dia em que completamente se rebentou à força de trabalhar: impossível fazê-lo levantar; morreu no hospital. Estava eu então seriamente disposto a concluir que os gozos do trabalho tinham sido inventados por homens desocupados, naturalmente homens virtuosos. É esta uma das "ideias genovesas" do fim do século passado. Ah! Tatiana Pávlovna, recortei anteontem um anúncio de jornal. Está aqui (tirou do bolso do colete um pedaço de papel): é um desses perpétuos "estudantes" que sabem as línguas antigas e as matemáticas e estão prontos a partir para a província, para um celeiro qualquer, não importa onde. Escutem-me isto: "Professora prepara para todos os estabelecimentos de instrução (estão ouvindo? para todos!) e dá lições de Aritmética". Uma linha somente, mas clássica! Prepara para os estabelecimentos de instrução: pareceria que a Aritmética devesse estar incluída. Pois bem, não! Põe a Aritmética de parte. Isto é a fome autêntica, o derradeiro grau da miséria. É esta inépcia que me comove. Decerto, jamais foi professora, é incapaz de ensinar o que quer que seja. Mas que se há de fazer? É preciso levar seu derradeiro rublo ao jornal e anunciar que se prepara para todos os estabelecimentos de instrução e ainda por cima que se dão lições de Aritmética. *Per tutto mundo è in altri siti*.[21]

— Ah! Andriéi Pietróvitch, será preciso ir-lhe em auxílio. Onde ela mora? — exclamou Tatiana Pávlovna.

— Ora! Há tantas! — E meteu no bolso o endereço. — Neste pacote há presentes para ti, Lisa, e para você, Tatiana Pávlovna. Sófia e eu não gostamos de doces. Para ti também, rapaz! Escolhi tudo eu mesmo em casa de Elissiéiev e de Ballet. Por muito tempo "rebentamos de fome", como diz Lukiéria (notai bem: nunca havíamos rebentado de fome em nossa casa). Há aí uvas, bombons, peras e uma torta de morangos. Eu mesmo comprei um maravilhoso licor. E também avelãs. É curioso como desde minha infância continuo a gostar de avelãs, Tatiana Pávlovna, e, você sabe, as mais comuns de

todas. Lisa é como eu, adora também quebrar avelãs, como um esquilinho. Nada de mais encantador, Tatiana Pávlovna, que imaginar alguma vez, por acaso, que se é criança na floresta, colhendo avelãs… É quase o outono, mas os dias são claros, faz frio por vezes, a gente se esconde na espessura da mata, nos lugares perdidos, as folhas têm bom cheiro… Vejo algo de simpatia no seu olhar, Arkádi Makárovitch!

— Eu também passei no campo meus primeiros anos de infância.

— Como? Parece-me, pelo contrário, que viveste em Moscou… a menos que esteja enganado.

— Vivia com os Andrónikovi, em Moscou, quando você ali esteve. Mas até então estava em casa de sua falecida tia, Varvara Stiepânovna, no campo — confirmou Tatiana Pávlovna.

— Olha, Sófia, aqui está dinheiro, guarda-o! Prometeram-me para os próximos dias cinco cédulas de mil.

— Então os príncipes não têm mais nenhuma esperança?

— Absolutamente nenhuma, Tatiana Pávlovna.

— Sempre tive simpatia por você, Andriéi Pietróvitch, e por todos os seus, e sempre fui amiga da casa. Apesar de não conhecer os príncipes, tenho pena deles, juro-lhe. Mas não me leve a mal, Andriéi Pietróvitch.

— Não tenho intenção de partilhar, Tatiana Pávlovna.

— Você conhece meu pensamento, Andriéi Pietróvitch. Eles teriam abandonado a questão, se você lhes tivesse oferecido a partilha desde o começo; hoje, naturalmente, é demasiado tarde. Aliás, não tenho nada com isso… Digo isso porque penso que o defunto não os teria certamente esquecido em seu testamento.

— Não somente não os teria esquecido, mas certamente teria deixado tudo para eles. Só teria esquecido a mim, se tivesse feito as coisas dentro das regras e redigido seu testamento da maneira devida. Mas agora tenho a lei a meu favor. Está acabado. Não posso nem quero partilhar, Tatiana Pávlovna. É coisa liquidada.

Pronunciou estas palavras com irritação, o que ele raramente permitia-se fazer. Tatiana Pávlovna calou-se. Minha mãe baixou os olhos um tanto tristemente. Viersílov sabia que ela aprovava Tatiana Pávlovna.

“Eis a bofetada de Ems!”, pensei comigo mesmo. O documento dado por Kraft e que eu tinha ali no bolso teria tido uma triste sorte, se tivesse caído nas mãos dele. Senti de repente que tinha ainda todo aquele caso nas minhas costas; este pensamento, em ligação com todo o resto, contribuiu para irritar-me.

— Arkádi, gostaria que te vestisses melhor, meu amigo. Não estás mal vestido, mas, de futuro, poderia recomendar-te um excelente francês, extremamente consciencioso, e que tem bom gosto.

— Quero lhe rogar que nunca me faça semelhante proposta — soltei, bruscamente.

— Como assim?

— Oh! não vejo nisso nada de humilhante, mas não estamos absolutamente de acordo a este respeito, muito pelo contrário, estamos antes em desacordo, porque dentro de alguns dias, desde amanhã mesmo, deixarei de ir à casa do príncipe, porque não tenho nada a fazer ali…

— Mas ir lá, ficar ao lado dele, não é uma ocupação?

— Semelhantes pensamentos são humilhantes.

— Não compreendo. E depois, se és tão suscetível, basta que não aceites o dinheiro dele, embora fazendo ato de presença. Ele vai sentir grande pesar; já se sente muito preso a ti, acredita-me… Afinal, seja como quiseres…

Estava visivelmente descontente.

— O senhor diz para não receber seu dinheiro. E justamente, por causa do senhor, cometi hoje uma infâmia: o senhor não me havia prevenido e eu reclamei-lhe hoje meu ordenado do mês.

— Mas foi porque assim o quiseste. Confesso que não acreditava que reclamasses. Vocês todos são mesmo espertos, ainda assim, hoje! Não há mais juventude, Tatiana Pávlovna.

Estava terrivelmente amargo. Eu também.

— Eu precisava, no entanto, regularizar minhas contas com o senhor… Foi o senhor que me fez o favor e agora não sei como fazer.

— A propósito, Sófia, entrega imediatamente a Arkádi seus sessenta rublos. E tu, meu amigo, não te zangues com este pagamento precipitado. Adivinho pela tua cara que tens algum empreendimento em vista e que necessitas… de capitais, ou de algo nesse gênero.

— Ignoro o que exprime minha cara, mas não esperava que mamãe lhe tivesse falado desse dinheiro, quando lhe havia eu pedido que não o fizesse.

Olhava para minha mãe e meus olhos lançavam faíscas. Não saberia dizer a que ponto estava ofendido.

— Arkacha, meu menino, perdoa-me, pelo amor de Deus, não pude impedir-me de dizer-lhe…

— Meu amigo, não lhe queiras mal por me ter descoberto teus segredos — disse ele, dirigindo-se a mim. — E depois, a intenção era boa: a mãe quis muito simplesmente gabar-se dos sentimentos de seu filho. Mas, acredita, eu teria adivinhado sem isto que eras capitalista. Todos os teus segredos estão escritos em teu rosto leal. Ele tem “sua ideia”, Tatiana Pávlovna, já lhe disse.

— Deixemos esse meu rosto leal — continuei eu, enraivecido. — Sei que muitas vezes o senhor lê os pensamentos das pessoas, se bem que em outros casos não veja mais além da ponta de seu nariz. Sempre me causou espanto a sua perspicácia. Pois bem, seja! Tenho “minha ideia”. Foi por acaso, evidentemente, que o senhor empregou essa expressão, mas não temo confessá-la; tenho “minha ideia”. Dela não tenho medo, nem vergonha.

— Sobretudo não tenhas vergonha dela!

— E, no entanto, não a revelarei nunca ao senhor.

— Quer dizer que não me julgarás digno dela. É inútil, meu amigo, conheço já a substância de tua ideia. Em todo o caso, é:

Retiro-me para o deserto.[22]

Tatiana Pávlovna! na minha opinião, o que ele quer é ser Rothschild, ou algo de semelhante, e recolher-se na sua grandeza. Naturalmente, vai nos conceder, com magnanimidade, a você e a mim, uma pequena pensão, a mim talvez não, mas o que é certo é que passará por nossa casa como um meteoro. Como a lua nova: tão logo surge, logo desaparece.

Fremia interiormente. Bem decerto, tratava-se de uma coincidência: ele não sabia de nada, falava de coisa diversa, se bem que tivesse feito menção a Rothschild; mas como podia ele definir tão exatamente meus sentimentos: romper com eles e afastar-me? Adivinhara tudo. E queria, de antemão, temperar com seu cinismo o trágico da coisa. Estava furioso, não podia haver dúvida alguma.

— Mamãe, perdoe-me minha exclamação, tanto mais quanto, de qualquer maneira, era impossível ocultar-me de Andriéi Pietróvitch.

Fingi rir e esforcei-me, pelo menos por um instante, por transformar tudo em brincadeira.

— O que há de melhor, meu caro, é que deste risada. É difícil imaginar-se a que ponto se ganha com isso, mesmo exteriormente. Digo com toda seriedade. Tatiana Pávlovna, ele tem sempre o ar de ter na cabeça algo de tão grave que o enche de vergonha a ele mesmo.

— Queria rogar-lhe seriamente que tivesse um pouco mais de discrição, Andriéi Pietróvitch.

— Tens razão, meu amigo; seria preciso, no entanto, dizê-lo duma vez por todas, para não ter de voltar a isso mais. Só voltaste de Moscou para te revoltares. Eis o que sabemos até aqui do motivo de tua chegada. Que tenhas vindo para causar-nos espanto, é coisa de que não falarei naturalmente. Em seguida, há um mês que estás aqui e não

fazes senão mangar de nós. És, no entanto, homem de espírito, pelo que parece, e nesta qualidade poderias deixar esses escárnios para pessoas que não têm senão esse meio de vingar-se de sua nulidade. Fechas-te sempre, quando teu aspecto leal e tuas faces vermelhas testemunham que poderiam olhar de face todo mundo com perfeita inocência. Ele é hipocondríaco, Tatiana Pávlovna; não consigo compreender por que são todos hipocondríacos hoje.

— Se o senhor nem mesmo sabe onde fui criado, como poderia saber por que sou hipocondríaco?

— Eis todo o mistério: ficaste ofendido porque pude esquecer onde foste criado!

— Absolutamente, nada disso, não me atribua semelhante tolice. Mamãe, Andriéi Pietróvitch felicitou-me ainda há pouco por eu ter rido; então vamos dar risada. Por que ficar tristes? Quer que lhe conte histórias divertidas a meu respeito? Tanto mais quanto Andriéi Pietróvitch nada sabe de minhas aventuras.

Eu estava fervendo. Sabia que não haveríamos de encontrar-nos nunca mais juntos como hoje e que, uma vez saído daquela casa, eu não voltaria a ela mais nunca. Foi por isso que, na véspera de tudo isto, não pude mais conter-me. Ele mesmo provocou esse desenlace.

— Isto é gentil, contanto que seja realmente divertido! — observou ele, fitando-me com olhar penetrante. — Tu te tornaste um tanto selvagem, meu amigo, no lugar onde foste educado. Aliás, apesar de tudo, és ainda bastante apresentável. Ele está muito tratável hoje, Tatiana Pávlovna, e você fez muito bem abrindo afinal esses embrulhos.

Mas Tatiana Pávlovna franziu o cenho; nem mesmo se voltou e continuou a abrir os embrulhos e a colocar os presentes em pratos. Minha mãe também ficou perplexa, ao compreender e ao pressentir que iria acontecer algo de desastroso. Minha irmã, ainda uma vez, acotovelou-me.

— Quero muito simplesmente contar-lhes — comecei, com o ar mais displicente — como um pai encontrou pela primeira vez seu filho querido. Isto ocorreu precisamente “lá onde foste educado”.

— Mas, meu amigo, não será… fastidioso? Bem sabes: *tous les genres*…[23]

— Não franza os supercílios, Andriéi Pietróvitch, não é absolutamente o que o senhor pensa. Quero fazer todos rirem.

— Que Deus te ouça, meu caro! Sei que nos amas a todos e que… não haverás de querer perturbar nosso serão — sussurrou ele, com ar falsamente desprendido.

— Foi por certo pela minha cara que o senhor adivinhou que o amo?

— Sim, em parte pela tua cara.

— Pois bem, adivinhei, desde muito tempo, pela cara de Tatiana Pávlovna que ela está apaixonada por mim. Não me lance olhares tão ferozes, Tatiana Pávlovna, vale mais a pena rir! Vale mais a pena rir!

Ela voltou-se bruscamente para mim e durante um meio minuto examinou-me com olhar penetrante:

— Cuidado! — E ameaçava-me com o dedo, tão seriamente que aquilo não podia referir-se à minha tola brincadeira, mas assemelhava-se antes a uma advertência: “Será que pensarias em começar?”.

— Então, Andriéi Pietróvitch, não se lembra como nos encontramos na vida pela primeira vez?

— Esqueci, juro, e peço sinceramente perdão. Lembro-me somente de que foi há muito tempo… e não sei mais onde…

— E a senhora, mamãe, não se lembra, quando estava no campo, na aldeia em que fui educado, até os seis ou sete anos, creio? A senhora de fato morou naquela aldeia, ou bem foi em sonho que me pareceu tê-la visto lá pela primeira vez? Há muito tempo que lhe

queria fazer esta pergunta e sempre recuava; agora chegou o momento.

— Como não, meu Arkáchenhka? Mas, decerto, fui visitar três vezes Varvara Stiepânovna; a primeira vez, quando tinhas apenas um ano, a segunda, quando andavas pelos quatro anos e depois, quando tinhas mais de dez anos.

— Ah! afinal! Estive querendo perguntar-lhe este mês inteiro!

Minha mãe corou completamente a esse brusco afluxo de recordações e perguntou-me, emocionada:

— Será possível, meu Arkáchenhka, que te lembrasses de mim?

— Não me lembro de nada e não sei de nada, somente restou algo do rosto da senhora no fundo de meu coração e para toda a minha vida, e mais ainda, restou-me o saber que a senhora é minha mãe. Toda aquela aldeia, vejo-a hoje como num sonho. Esqueci-me mesmo de minha ama. Aquela Varvara Stiepânovna, dela me lembro um pouco, somente porque tinha as bochechas perpetuamente enfaixadas. Revejo ainda, em redor da casa, árvores imensas, tílias, creio; em seguida, em certos dias, um sol intenso entrando pelas janelas abertas, platibandas de flores, uma aleia, e a senhora, mamãe, não a revejo claramente senão um só instante, aquele em que fui comungar na igreja da aldeia e em que a senhora me carregou nos braços para me fazer receber a hóstia e beijar o cálice; era no estio, um pombo atravessou a cúpula, duma janela à outra…

— Meu Deus! É bem verdade isso! — Minha mãe cruzou as mãos. — Lembro-me desse pombo. No momento mesmo de comungar, tu te agitaste e gritaste: “O pombo, o pombo!”.

— O seu rosto, ou então qualquer outra coisa dele, uma expressão, ficou tão gravado em minha memória, que há cinco anos, em Moscou, logo a reconheci como minha mãe, muito embora ninguém me tivesse dito. Em seguida, depois de meu primeiro encontro com Andriéi Pietróvitch, retiraram-me da casa dos Andrónikovi; mofara em casa deles, mansa e alegremente, cinco anos seguidos. Lembro-me, nos seus mínimos detalhes, do apartamento

deles num edifício do Estado e de todas aquelas senhoras e senhoritas que hoje estão bastante envelhecidas, e da casa cheia, e do próprio Andrónikov, que trazia pessoalmente da cidade as provisões, as aves, os peixes, os leitões e nos servia ele próprio a sopa na mesa, em lugar de sua esposa, que sempre bancava a orgulhosa; sempre ríamos disso e ele era o primeiro a rir. Foi lá que as moças me ensinaram o francês, mas eu gostava sobretudo das fábulas de Krilov; aprendi uma quantidade delas de cor e cada dia declamava uma para Andrónikov: entrava diretamente no seu minúsculo escritório, estivesse ou não ocupado. Pois bem, foi por causa de uma dessas fábulas que travei conhecimento com o senhor, Andriéi Pietróvitch… Vejo que o senhor começa a recordar-se.

— Lembro-me com efeito um pouco, meu caro… Que me contaste então?… uma fábula, ou então uma passagem de *A desgraça de ter talento*?[24] Mas que memória a tua!

— Memória? É o menos! Foi a única recordação que guardei toda a minha vida.

— Excelente, excelente, meu amigo! Tu me interessas.

Sorriu mesmo e depois dele sorriram minha mãe e minha irmã. A confiança voltava; somente Tatiana Pávlovna, que sentara a um canto depois de ter arrumado os presentes em cima da mesa, continuava a fixar-me penetrantemente com um olhar maligno.

— Eis a história — prossegui. — Uma bela manhã, minha amiga de infância, Tatiana Pávlovna, que sempre surgia de improviso em minha existência, como no teatro, foi buscar-me, levou-me de carro e deixou-me numa mansão senhorial, num luxuoso apartamento. O senhor estava então hospedado na casa da Fanariótova, Andriéi Pietróvitch, na casa desocupada naquele momento que ela outrora havia comprado para o senhor; achava-se no estrangeiro. Eu andava sempre de blusas; lá, vestiram-me uma linda roupa azul e camisa fina. Tatiana Pávlovna passou o dia inteiro comigo e comprou para mim toda sorte de coisas; eu andava pelas salas vazias e olhava-me em todos os espelhos. Pois bem, não sei como, mas na manhã seguinte, pelas dez horas, vagando pelo apartamento, entrei de repente, bem

por acaso, no escritório do senhor. Já na véspera, havia-o visto no momento em que acabavam de trazer-me, mas só de passagem, na escada. O senhor descia para ir tomar um carro e partir não sei para onde. O senhor se achava então sozinho em Moscou, após uma longa ausência e por pouco tempo, de modo que o reclamavam em toda parte e o senhor quase nunca estava em casa. Encontrando-nos, a Tatiana Pávlovna e a mim, o senhor disse apenas: “Ah!”, sem mesmo parar.

— Com que amor ele descreve! — observou Viersílov, dirigindo-se a Tatiana Pávlovna. Ela voltou-se, sem responder.

— Vejo-o, como se ainda lá estivesse, tal como era então, florescente e belo. É espantoso como o senhor pôde envelhecer e ficar feio durante esses nove anos, perdoe-me a franqueza. Aliás, mesmo naquela ocasião, o senhor já tinha trinta e sete anos, mas não me cansava de olhá-lo. Que cabelos admiráveis, quase inteiramente negros, brilhantes, sem um fio branco! Bigodes e suíças dum acabamento de joalheiro, não encontro outra expressão; um rosto pálido e fosco, duma palidez doentia como hoje, mas, veja… como o de sua filha Anna Andriéievna, que tive a honra de ver ainda há pouco; olhos ardentes e sombrios, dentes cintilantes, sobretudo quando o senhor ria. O senhor acaba justamente de rir ao olhar-me, quando entrei em seu escritório; eu não sabia então distinguir as coisas e seu sorriso alegrou-me o coração. O senhor vestia naquela manhã uma jaqueta de veludo azul-marinho, um cachecol de tonalidade solferino, uma maravilhosa camisa guarnecida de rendas de Alençon. Estava diante do espelho, com um caderno na mão, estudando a declamação do último monólogo de Tchátski[25] e, em particular, seu derradeiro grito:

> Meu carro, meu carro!

— Ah! meu Deus! — exclamou Viersílov. — É a pura verdade! Tinha então aceitado, apesar do pouco tempo de que dispunha em Moscou, desempenhar o papel de Tchátski em casa de Alieksandra Pietrovna Vitóvtova, no seu palco particular, substituindo o ator Jiliéiko que estava doente.

— Tinha-se esquecido disso? — perguntou Tatiana Pávlovna, rindo-se.

— Ele fez-me lembrar! E confesso, aqueles poucos dias de Moscou foram talvez os melhores de minha vida! Éramos todos tão jovens então… esperávamos tudo com tanto ardor… Encontrei então em Moscou tantos… Mas continua, meu filho, fizeste muito bem, desta vez, entrando em detalhes…

— Estava parado ali, a fitá-lo. De repente, gritei: “Ah! como está bem! Eis o verdadeiro Tchátski!”. O senhor voltou-se logo para me perguntar: “Já conheces Tchátski?”. Depois o senhor sentou-se no divã e com o mais alegre humor pôs-se a tomar seu café. Tive até vontade de beijá-lo. Então confiei-lhe que em casa de Andrónikov todo mundo lia muito, que as senhoritas sabiam muitos versos de cor, que representavam entre si cenas de Griboiédov e que, durante toda a última semana, tinha-se lido em conjunto e em voz alta o livro *Memórias de um caçador*,[26] e afinal que gostava sobretudo das fábulas de Krilov e sabia-as de cor. O senhor convidou-me a recitar alguma coisa e eu declamei-lhe *A noiva difícil*:

> Pensava uma noiva em seu noivo.

— Isto mesmo, isto mesmo, agora me lembro de tudo! — exclamou de novo Viersílov. — Mas, meu amigo, lembro-me também de ti. Eras então um menino tão simpático, um rapazinho muito gentil e juro-te, perdeste muito durante esses nove anos.

Neste momento, a própria Tatiana Pávlovna soltou uma gargalhada. Era claro que Andriéi Pietróvitch permitia-se brincar e pagar-me na mesma moeda. Todos acharam graça; e fora mesmo uma boa réplica.

— À medida que eu recitava, o senhor sorria, mas não havia ainda chegado à metade e já o senhor me fazia parar, tocava a campainha e dava ordem ao criado que entrara naquele momento para chamar Tatiana Pávlovna, que logo acorreu com ar tão alegre que, depois de tê-la visto na véspera, quase não a reconheci mais. Na presença de Tatiana Pávlovna, recomecei A *noiva difícil* e acabei

brilhantemente. Tatiana Pávlovna sorriu para mim e o senhor, Andriéi Pietróvitch, o senhor mesmo gritou para mim: “Bravo!” e fez notar com ardor que, se se tivesse tratado de A *cigarra e a formiga*, nada teria havido de tão admirável pelo fato de que um menino inteligente, na minha idade, a recitasse com inteligência, mas que… aquela fábula:

> Pensava uma noiva em seu noivo.
> Nisto pecado não há…

Escute bem como ele diz isto: “Nisto pecado não há!”. Em uma palavra, o senhor estava entusiasmado. Então, o senhor começou a falar em francês com Tatiana Pávlovna. Repentinamente, franziu ela o cenho e opôs-lhe objeções, até mesmo bastante calorosamente; mas como é impossível contradizer Andriéi Pietróvitch, quando ele tem vontade de alguma coisa, Tatiana Pávlovna depressa me levou para sua casa: lá, lavaram-me ainda uma vez o rosto e as mãos, mudaram-me a camisa, empomadaram-me e até mesmo frisaram-me os cabelos. Em seguida, ao anoitecer, Tatiana Pávlovna vestiu-se ela mesma muito suntuosamente, mais ainda do que eu poderia acreditar e levou-me de carro. Pela primeira vez na minha vida, ia ao teatro, a um espetáculo de amadores em casa de Vitóvtova: velas, bustos, damas, militares, generais, senhoritas, o pano, as filas de cadeiras — nada vira até então de semelhante. Tatiana Pávlovna escolheu um lugar discreto numa das derradeiras filas e fez-me sentar junto dela. Havia naturalmente outros meninos como eu, mas eu não olhava mais nada, esperava com uma palpitação de coração o espetáculo. Quando o senhor entrou em cena, Andriéi Pietróvitch, fiquei entusiasmado, entusiasmado a ponto de chorar. Por quê? Ignoro-o. Por que aquelas lágrimas de entusiasmo?… Eis o que sempre me pareceu esquisito, quando me lembrava disso durante estes nove anos! Acompanhava a comédia e sentia o coração faltar-me; tudo quanto eu compreendia era, evidentemente, que “ela” o traíra, e que pessoas estúpidas e indignas de tocar um dedo de seu pé zombavam dele. Enquanto declamava no baile, eu compreendia que o humilhavam e ofendiam, que ele dirigia censuras a todos aqueles indivíduos desprezíveis, mas que era grande, muito grande! Sem dúvida, o preparo que tivera em casa de Andrónikov ajudou-me a compreender, mas igualmente a sua maneira de representar, Andriéi Pietróvitch! Pela primeira vez, via eu uma cena! No momento da

partida, quando Tchátski grita: “Meu carro, meu carro!” (o senhor lançava um grito admirável!), saltei de minha cadeira e, com toda a sala, numa tempestade de aplausos, bati palmas e gritei com todas as minhas forças: “Bravo!”. Lembro-me também de que no mesmo instante senti um alfinete fincar-se nas minhas costas “um pouco abaixo da cintura”; era Tatiana Pávlovna que me beliscava furiosamente, mas não lhe dei atenção! Como era natural, logo após a representação, Tatiana Pávlovna levou-me de volta para casa: “Não poderás ficar para dançar e por tua causa é que não posso eu ficar”. E resmungaste contra mim, Tatiana Pávlovna, durante todo o trajeto, no carro. Delirei a noite inteira e no dia seguinte, às dez horas, já estava diante de seu escritório; mas a porta estava fechada: o senhor recebia, tratava de negócios; em seguida desapareceu de repente por um dia inteiro até a noite e não o vi mais! O que eu queria dizer-lhe? Esqueci, não sabia mesmo então, mas queria apaixonadamente vê-lo o mais depressa possível. No dia seguinte de manhã, já às oito horas, o senhor partiu para Sierpúkhov: o senhor acabava de vender sua propriedade de Tula para pagar suas dívidas, mas ainda lhe restava um bom pedaço e por isso tinha ido a Moscou, onde o senhor não podia até então mostrar-se com medo de seus credores; e somente, entre todos, aquele grosseiro sujeito de Sierpúkhov se recusava a aceitar a metade pelo todo. Tatiana Pávlovna nem mesmo respondia às minhas perguntas: “Fica tranquilo, amanhã te conduzirei ao internato, prepara-te, pega teus cadernos, arruma teus livros e aprende a fazer tu mesmo tua mala. Não estás destinado a viver como príncipe, meu senhorzinho”, etc. etc. Ah! quanto você me encheu os ouvidos naqueles três dias, Tatiana Pávlovna! E com efeito, você me conduziu ao pensionato Touchard, a mim, inocente e fascinado pelo senhor, Andriéi Pietróvitch! Não era, quero bem crer, senão um acaso absurdo aquele encontro, mas, o senhor será capaz de acreditar?, seis meses mais tarde, era ainda minha vontade fugir do pensionato Touchard para ir encontrá-lo!

— Contaste admiravelmente, despertaste todas as minhas recordações! — martelou Viersílov. — Mas o que me chama sobretudo a atenção na tua história é a riqueza de certos detalhes singulares, a propósito de minhas dívidas, por exemplo. Sem falar de certa inconveniência própria de semelhantes detalhes, não vejo onde

pudeste sabê-los.

— Esses detalhes? Onde os soube? Mas, repito-lhe, durante estes nove anos, não tive outra preocupação senão recolher detalhes a respeito do senhor.

— Singular confissão, singular ocupação!

Voltou-me as costas, meio deitado na sua poltrona e esboçou um leve bocejo, voluntário ou não, ignoro-o.

— Devo continuar a contar-lhe como pude escapar do pensionato Touchard?

— Proiba-o disso, Andriéi Pietróvitch! Faço-a calar, ponha-o para fora daqui! — gritou Tatiana Pávlovna.

— Não, Tatiana Pávlovna! — respondeu Viersílov, com autoridade. — Arkádi tem sem dúvida algum projeto. É absolutamente necessário deixá-lo terminar. Que continue! Que faça sua narrativa e fique livre dela! E, aliás, tudo quanto ele quer: ficar livre para sempre. Vamos, meu caro, começa tua nova história: nova, é uma maneira de falar, porque, fica tranquilo, conheço-lhe o fim.

## IV

— Eu queria escapar, fugir para junto do senhor, bem simplesmente. Tatiana Pávlovna, você deve lembrar-se de que, quinze dias depois de minha entrada para o pensionato, Touchard lhe enviou uma carta. Não? Maria Ivânovna mostrou-me essa carta tempos depois; achava-se também entre os papéis de Andrónikov. Touchard tinha-se súbitamente dado conta de que pedira demasiado pouco e anunciava-lhe “dignamente” que educava em seu estabelecimento príncipes e filhos de senadores, e que achava indigno desse estabelecimento conservar um pensionista que tinha uma origem como aquela minha, a menos que recebesse um pagamento suplementar.

— *Mon cher*, tu poderias…

— Não é nada, não é nada! — interrompi. — Tenho apenas uma palavra a dizer a respeito de Touchard. Você lhe respondeu, Tatiana Pávlovna, lá do campo, quinze dias mais tarde, com uma recusa categórica. Vejo-o ainda, todo vermelho, entrar na minha classe. Era um francesinho, baixote e redondinho, de cerca de quarenta e cinco anos e vindo realmente de Paris, antigo sapateiro-remendão, na verdade, mas instalado desde tempos imemoriais em Moscou, como professor de francês diplomado, e possuía mesmo diplomas de que se orgulhava extremamente. Homem profundamente inculto. Éramos apenas seis pensionistas no seu internato; havia efetivamente entre eles um sobrinho dum senador de Moscou. Vivíamos todos em casa dele absolutamente em família, a maior parte das vezes sob a vigilância de sua esposa, uma senhora muito cheia de afetações, filha dum vago funcionário russo. Durante aqueles quinze dias, banquei tremendamente de orgulhoso diante de meus camaradas, gabava-me de meu paletó azul e de meu papai Andriéi Pietróvitch e, quando me perguntavam por que era eu Dolgorúki e não Viersílov, a pergunta não me perturbava absolutamente, porque eu mesmo ignorava o porquê.

— Andriéi Pietróvitch! — gritou Tatiana Pávlovna, num tom quase ameaçador. Em contraposição, minha mãe escutava-me sem perder uma só palavra e desejava visivelmente ver-me continuar.

— Aquele Touchard… lembro-me efetivamente, aquele homenzinho espertinho — disse Viersílov entre dentes —, tinham-me dado dele as melhores informações…

— Aquele Touchard entrou, pois, com a carta na mão, aproximou-se de nossa grande mesa de carvalho, diante da qual todos nós seis estudávamos não sei mais qual lição, agarrou-me fortemente pelo ombro, obrigou-me a levantar-me e ordenou-me que pegasse meus cadernos.

“Teu lugar não é aqui, mas ali.” E mostrou-me um quartinho minúsculo, à esquerda da antecâmara, onde havia uma mesa vulgar, uma cadeira de vime e um divã coberto de oleado, exatamente como agora em minha mansarda. Fui para ali, cheio de espanto e corando bastante; nunca me havia tratado com semelhante grosseria. Meia hora depois, quando Touchard saiu da classe, fui trocar olhares e

risadas com os camaradas; é claro que eles zombavam de mim, mas eu de nada suspeitava e acreditava que ríamos juntos porque estávamos alegres. Naquele momento, apareceu Touchard. Agarrou-me por uma mecha de cabelo e arrastou-me.

"Não tenhas o atrevimento de andar com os meninos de boa família. És de baixa extração, não passas duma espécie de lacaio!"

E bateu na minha face redondinha e vermelha, causando-me bastante dor. A coisa lhe agradou, recomeçou uma segunda vez, depois uma terceira. Pus-me a chorar. Estava terrivelmente surpreendido. Fiquei uma boa hora com a cabeça oculta entre as mãos, a chorar perdidamente. Passava-se algo que eu não lograva compreender. Não compreendia como um homem sem maldade como Touchard, um estrangeiro, que até mesmo se regozijava tanto com a emancipação dos camponeses russos, pudesse bater num menino ingênuo como eu. No fundo, estava apenas espantado, e nada ofendido; não sabia ainda ficar ofendido. Parecia-me que tinha cometido alguma travessura, que depois de castigado iam me perdoar e que de novo estaríamos todos contentes, iríamos brincar no pátio e retomaríamos a boa vida.

— Meu amigo, se ao menos tivesse sabido… — disse Viersílov, com o sorriso negligente dum homem um pouco cansado — que celerado era aquele Touchard! Enfim, não perco ainda a esperança de que agarrarás tua coragem com as duas mãos, afinal vais nos perdoar tudo isso e retomaremos a boa vida.

Seguiu-se um enérgico bocejo.

— Mas não acuso ninguém, absolutamente ninguém, não me queixo mesmo de Touchard, acredite! — exclamei, um tanto desconcertado. — Aliás, ele só me bateu por espaço de dois meses. Lembro-me de que desejava sempre desarmá-lo, atirava-me a beijar-lhe as mãos e beijava, chorando todas as lágrimas de meu corpo, os colegas zombavam de mim e desprezavam-me, porque Touchard me utilizava por vezes como criado seu, mandava-me buscar-lhe as roupas quando se vestia. Aqui meu servilismo achou instintivamente em que se ocupar: fazia todos os esforços para agradar-lhe, sem me ofender

em nada absolutamente, porque não compreendia ainda nada e admiro-me mesmo de que até aquele dia tenha sido bastante estúpido para não compreender quanto estava eu abaixo deles todos. Sem dúvida meus colegas já me ensinavam muitas coisas, estava em boa escola. Touchard acabou por preferir os pontapés no traseiro às bofetadas na cara; seis meses mais tarde, começou mesmo a acariciar-me de tempo em tempo; estou apenas certo de que me batia uma vez por mês para me fazer lembrar que ficasse no meu lugar. Em breve, puseram-me de novo com os outros meninos, deixaram-me brincar com eles, mas nem uma só vez, no decorrer daqueles dois anos e meio, esqueceu-se Touchard da diferença de nossas condições sociais e, muito embora sem exagerar, não deixava de empregar-me constantemente a seu serviço, e creio que isso era também a título de lembrete.

Fugi, isto é, pensei em fugir, cerca de cinco meses depois daqueles dois primeiros meses. Em geral, sempre fui lento em tomar decisões. Quando me deitava, puxando meu cobertor, punha-me logo a pensar no senhor, Andriéi Pietróvitch, tão só no senhor; ignoro de todo por que era assim. Via-o mesmo em sonho. E sobretudo pensava sempre com ardor que o senhor ia de repente aparecer, que me lançaria em seus braços, que o senhor me retiraria daquele lugar e me levaria para sua casa, para seu escritório, que iríamos ainda ao teatro, e assim por diante. Sobretudo, que não nos separaríamos mais: era o principal! Quando despertava pela manhã, surgiam logo as zombarias e o desdém dos garotos; um deles imaginou bater-me e obrigar-me a calçar-lhe os sapatos; chamava-me todos os nomes, procurando sobretudo fazer-me compreender minha origem, para maior alegria de todos os ouvintes. Quando enfim chegava Touchard, sentia dentro de mim algo de intolerável. Sentia que ali não me perdoariam nunca. Oh! começava já a compreender pouco a pouco o que era que não me perdoariam e qual era o meu crime! Foi assim que resolvi fugir. Passei dois meses a pensar nisso. Por fim tomei a decisão; era em setembro. Esperei, um sábado, que todos os meus colegas se tivessem dispersado para o domingo, e preparei cuidadosamente um embrulho dos objetos mais indispensáveis; por todo dinheiro, tinha dois rublos. Queria esperar o crepúsculo: “então descerei a escada, dizia a mim mesmo, sairei e seguirei para diante”. Para onde? Sabia que Andrónikov havia

partido para Petersburgo e resolvi descobrir a casa da Fanariótova, no Arbat.[27] “Passarei a noite não importa onde, a passear ou sentado em um banco e de manhã perguntarei a alguém no pátio: onde se acha agora Andriéi Pietróvitch e se não está em Moscou, em que cidade ou em que país? Haverão de dizer-me. Irei adiante, em seguida, perguntarei em outra parte e a alguma outra pessoa: por qual barreira sair para dirigir-me a tal ou qual cidade? Sairei e irei, irei pela estrada principal. Caminharei, sem parar; passarei a noite não importa onde, sob as moitas, só comerei pão, com dois rublos terei pão para muito tempo.” No sábado, entretanto, foi-me impossível escapar; tive de esperar até o dia seguinte, domingo; como que de propósito, Touchard e sua mulher ausentaram-se; ficamos em toda a casa apenas Agáfia e eu. Esperei que anoitecesse num estado de tremenda emoção. Estava sentado, lembro-me, diante da janela de nossa classe, a olhar a rua poeirenta com suas casinhas de madeira e seus raros transeuntes. Touchard morava no extremo da cidade e de nossas janelas via-se a barreira: se fosse a barreira certa!, dizia a mim mesmo. O sol se punha, esplendidamente vermelho, o céu estava gelado, um vento cortante, tal como hoje, levantava a poeira. Enfim a escuridão caiu por completo; pus-me diante do ícone e rezei, porém rápido, rápido, porque estava com pressa; peguei meu embrulho e desci na ponta dos pés nossa escada rangente, com um medo terrível de ser ouvido da cozinha por Agáfia. A chave estava na porta. Abri e de repente a noite negra envolveu-me, como um perigo desconhecido sem limites, e o vento arrebatou meu boné. Estava do lado de fora. No passeio fronteiro, repercutiu o grito rouco dum bêbedo que praguejava; parei, olhei e tornei a entrar bem devagarinho. Bem devagarinho subi a escada, bem devagarinho tirei minha roupa, larguei meu embrulho e deitei-me sobre o ventre, sem lágrimas nem pensamento. Pois bem, foi desde aquele momento que me pus a pensar, Andriéi Pietróvitch! Sim, desde o instante em que tomei consciência de que não era apenas um criado, mas também um covarde! Foi então que começou meu desenvolvimento verdadeiro regular!

— E foi, naquele momento também que eu comecei a compreender quem és na realidade! — Era Tatiana Pávlovna que saltava de súbito e de maneira tão inesperada que eu não estava de jeito nenhum preparado para aquilo. — Não foi somente naquele

momento que eras um criado, tu o és, sempre, tens uma alma de criado! Quem teria impedido que Andriéi Pietróvitch fizesse de ti um aprendiz de sapateiro-remendão? Teria mesmo te prestado serviço se te ensinasse um ofício! Quem, pois, teria exigido mais dele, quem, pois, exigia mais? Teu pai, Makar Ivânovitch, não pedia somente, mas exigia quase que não te tirassem de tua situação. Não, tu não aprecias bastante o que ele fez por ti, conduzindo-te até a Universidade. Graças a ele é que gozas dos direitos das classes superiores. Os garotos zombavam dele, vejam só isto, então jurou vingar-se da humanidade… Não passas de um canalha!

Confesso, fiquei esmagado com tal saída. Levantei-me e fiquei olhando um instante sem nada encontrar para responder.

— O que Tatiana Pávlovna acaba de dizer-me é, deveras, novidade — disse eu, voltando-me, afinal, deliberadamente, para Viersílov. — Sou com efeito bastante lacaio para não me contentar com fato de não ter-me Viersílov feito um sapateiro-remendão. Mesmo os direitos das classes superiores não me enterneceram, reclamo Viersílov todo, reclamo um pai… eis o que eu preciso. Como não ser um lacaio? Mamãe, tenho sempre na consciência, desde os oito anos, aquele momento em que a senhora veio ver-me, sozinha, em casa de Touchard e a maneira pela qual a recebi. Mas não é o momento de falar disso, Tatiana Pávlovna não o permitirá. Amanhã, mamãe, talvez nos veremos ainda. Tatiana Pávlovna, que diria a senhora se eu for ainda uma vez bastante lacaio para não poder admitir que alguém se torne a casar, estando viva sua mulher? Foi, no entanto, o que quase aconteceu a Andriéi Pietróvitch em Ems! Mamãe, se não quiser ficar com um marido que se casará amanhã com uma outra, lembre-se de que tem um filho que promete ser um filho eternamente respeitoso, lembre-se e partamos, com uma condição somente: “Ou ele, ou eu”. Quer? Não peço resposta imediata: sei que são perguntas essas às quais não se pode responder imediatamente…

Não pude acabar, primeiro porque me havia acalorado e perdia a cabeça. Minha mãe ficou lívida, a voz faltou-lhe: não podia dizer mais uma palavra. Tatiana Pávlovna falou barulhentamente e muito, mas eu não pude distinguir mesmo o que ela dizia, e por duas vezes meteu-me o punho nas costas. Lembro-me somente de que berrava que

minhas palavras eram “calculadas, longamente acariciadas por uma alma mesquinha, embrulhadas”. Viersílov permanecia sentado, imóvel e muito sério, sem sorrir. Subi para meu quarto. O derradeiro olhar que me acompanhou foi o olhar censurador de minha irmã; abanava a cabeça com ar severo.

## Capítulo VII

### I

Descrevo todas essas cenas sem poupar-me, a fim de que tudo fique bem nítido, recordações e impressões. De volta ao meu quarto, ignorava absolutamente se devia corar ou triunfar, por ter cumprido meu dever. Se tivesse sido um tantinho mais experimentado, teria adivinhado que a menor dúvida em semelhante matéria deve ser interpretada no mau sentido. Mas estava desorientado por outra circunstância: não percebi de que pudesse eu regozijar-me, mas sentia uma alegria louca, a despeito de minhas dúvidas e da clara consciência que tinha de haver sofrido um malogro ainda há pouco, lá embaixo. Até mesmo as injúrias raivosas de Tatiana Pávlovna pareciam-me engraçadas e divertidas e não me causavam absolutamente raiva. Era sem dúvida porque havia eu, apesar de tudo, rompido minha corrente e pela primeira vez sentia-me em liberdade.

Sentia também que havia estragado meus negócios: como agir agora com a carta referente à herança? A questão ficara ainda mais tenebrosa. Ia-se seguramente acreditar que eu queria vingar-me de Viersílov. Mas já lá embaixo, durante todos aqueles debates, eu resolvera submeter a questão a uma arbitragem e escolher como árbitro Vássin ou, se não houvesse meio, algum outro, e já sabia quem. “Um dia, e por essa única vez, irei à casa de Vássin pensava comigo mesmo —, e em seguida… em seguida desaparecerei para todo mundo e por muito tempo, por vários meses, desaparecerei mesmo e sobretudo para Vássin; verei talvez somente, de tempos em tempos, minha mãe e minha irmã.” Tudo isso era bem desordenado; sentia que havia alguma coisa de fato, mas não como era preciso, e… e estava contente; repito, apesar de tudo sentia-me feliz.

Então decidi deitar-me mais cedo, prevendo uma longa caminhada no dia seguinte. Além do aluguel dum quarto e da mudança, tomei certas decisões que resolvi executar duma maneira ou doutra. Mas a noite não iria terminar sem imprevisto e Viersílov conseguiu surpreender-me espantosamente. Nunca vinha, absolutamente nunca, à minha mansarda. Ora, ainda não se passara uma hora, desde que subira, quando ouvi seus passos na escada: chamou-me para alumiar-lhe o caminho. Peguei uma vela e, estendendo para baixo uma das mãos, que ele agarrou, ajudei-o a subir até em cima.

— *Merci*, meu amigo, ainda não subira aqui nem uma vez, mesmo quando aluguei o apartamento. Suspeitava bem o que devia ser; no entanto, não previa semelhante canil. — Parou no meio de minha mansarda, olhando tudo em redor, com curiosidade: — Mas é um ataúde, um verdadeiro ataúde!

Havia de fato certa semelhança com o interior de um ataúde e admirei mesmo a exatidão de sua definição. O quartinho era estreito e comprido; ao nível de meu ombro, não mais alto, começava o ângulo da parede e do teto, cuja extremidade podia eu tocar com a palma da mão. Viersílov, no primeiro instante, manteve-se instintivamente curvado, com medo de bater com a cabeça no telhado. Mas tal não se deu e acabou sentando-se bastante tranquilamente em meu divã, onde minha cama já estava feita. Quanto a mim, não me sentei, olhava-o com o mais intenso espanto.

— Tua mãe diz que não sabia se devia aceitar o dinheiro que lhe propuseste para pagar tua pensão deste mês. Levando em consideração semelhante ataúde, não somente nada tens a pagar, mas somos nós, pelo contrário, que te estamos devendo! Jamais estive aqui, e… mal consigo imaginar como se possa viver aqui.

— Estou habituado. Mas vê-lo em meu quarto, eis ao que não me posso habituar, depois do que se passou lá embaixo.

— Oh! sim, tu te mostraste bastante grosseiro lá embaixo. Mas… eu também tenho meus objetivos particulares, que te explicarei, embora, no fundo, minha presença nada tenha de extraordinária; e

mesmo o que se passou lá embaixo está também na ordem das coisas; mas explica-me um detalhe, rogo-te: o que nos contaste lá embaixo e para que nos preparaste tão solenemente, seria bem tudo quanto tinhas intenção de revelar-nos ou de confiar-nos? Não tens mais outra coisa?

— Era tudo. Ou antes admitamos que seja tudo.

— Então é pouco, meu amigo. A julgar pelo teu exórdio e pela maneira pela qual nos convidavas a rir, em uma palavra, ao ver quanta vontade tinhas de contar… esperava mais.

— Mas que tem o senhor com isso?

— Eu, em suma, é por um sentimento de medida… Para que tanto barulho? Não há mais medida. Um mês de silêncio e de preparativos para parir nada!

— Tinha a intenção de fazer uma longa narrativa, mas envergonho-me desde já do que disse. Não se pode contar tudo com palavras, há coisas que vale mais nunca relembrar. Falei demais e aliás o senhor me compreendeu.

— Ah! e sofres por vezes pelo fato de não se acomodar teu pensamento ao molde das palavras? Esse nobre sofrimento, meu amigo, só é dado aos eleitos; o imbecil está sempre satisfeito com o que diz e além disso diz sempre mais do que é preciso; essas pessoas amam o supérfluo.

— Como eu, ainda há pouco, lá embaixo, por exemplo? Eu também disse mais do que era preciso. Reclamei “Viersílov inteiro”, o que é infinitamente mais do que o necessário; não tenho necessidade nenhuma de Viersílov.

— Vejo, meu amigo, que queres recuperar o tempo perdido. Arrependes-te e, como arrepender-se significa entre nós cair imediatamente sobre alguém, estás bem decidido a não errar outra vez o golpe contra mim. Vim cedo demais, teu fogo ainda não se extinguiu e além disso suportas mal a crítica. Mas, senta, rogo-te, tenho algo a comunicar-te. Obrigado, assim mesmo. Do que disseste à tua mãe, ao

sair, ressalta claramente que vale mais, em todo o caso, separar-nos. Vim aconselhar-te a fazê-lo tão docemente quanto possível e sem escândalo, para não causar pesar e perturbar ainda mais tua mãe. O simples fato de ver-me subir para aqui já lhe fez bem: está convencida de que poderemos ainda fazer as pazes e que tudo continuará como no passado. Creio que se pudéssemos ambos rir ruidosamente uma ou duas vezes, semearíamos alegria nos corações tímidos delas. Aqueles corações são simples, mas amorosos, sinceros e ingênuos. Por que não acalentá-los um pouco, se pudermos? Bem, este é o primeiro ponto. Eis o segundo: por que deveríamos absolutamente separar-nos com sede de vingança, ranger de dentes, maldições e todo o resto? Sem dúvida alguma, não vamos engalfinhar-nos, mas há meio de separar-nos, respeitando-nos, por assim dizer, mutuamente. Não é?

— Tudo isso são tolices! Prometo-lhe ir-me sem escândalo e é bastante. Atormenta-se por conta de minha mãe? Parece-me, no entanto, que a tranquilidade de minha mãe lhe importa pouco. São apenas palavras.

— Não acreditas em mim?

— O senhor me fala na verdade como se o fizesse a um menino.

— Meu amigo, estou pronto a pedir-te mil perdões, bem como de todas as coisas que me imputas, de todos os teus anos de infância e assim por diante. Mas, *cher enfant*, que resultará disso? És bastante inteligente para não desejar meter-te em tão tola posição. Sem acrescentar que não compreendo mesmo muito bem o caráter de tuas censuras: de que, no fundo, me acusas? De não teres nascido Viersílov? Não é isto? Ris com ar desdenhoso e defendes-te com a mão. Então, não é isto?

— Não, acredite-o bem. Acredite que não acho honra nenhuma chamar-me Viersílov.

— Deixemos de parte a honra. E depois, tua resposta não tinha outro jeito senão ser democrático. Mas então de que me acusas?

— Tatiana Pávlovna acaba de dizer tudo quanto eu queria saber (e de que não tinha entendimento até agora: é que o senhor não fez de

mim um sapateiro-remendão e, por consequência, devo-lhe ser grato. Não consigo compreender em que é que sou ingrato, mesmo agora que me explicaram. Não será o seu sangue orgulhoso que fala, Andriéi Pietróvitch?

— Não creio. Deves admitir, além disso, que todas as tuas tiradas de há poucos em lugar de caírem sobre mim, e era a mim que as destinavas, só fizeram atormentar e martirizar a ela. Parece-me, no entanto, que não cabe a ti julgá-la. E qual a sua culpa para contigo? A propósito, explica-me ainda isto, meu amigo: por qual razão e com que intenção espalhaste, na escola e no ginásio e durante toda a tua vida, e até aos ouvidos do primeiro a quem encontravas, porque contaram isto, que eras filho natural? Soube que o fazias com certo prazer. Ora, não passa de uma tolice e de uma ignóbil calúnia: tu és Dolgorúki, filho legítimo de Makar Ivânovitch Dolgorúki pessoa respeitável, notável pela inteligência e pelo caráter. Se recebeste uma instrução superior, foi com efeito graças ao teu ex-senhor Viersílov, mas que resulta disso? Em primeiro lugar, proclamando tua ilegitimidade, o que é uma calúnia, revelaste ao mesmo tempo o segredo de tua mãe, graças a não sei que falso orgulho arrastaste tua mãe pela lama, no julgamento de qualquer um. Pois bem, meu amigo, eis o que não é nobre, tanto mais que tua mãe não é pessoalmente culpada de nada: é um caráter duma pureza perfeita, e se não é Viersílova, deve-se isto unicamente ao fato de ainda ter seu marido.

— Basta! Estou inteiramente de acordo com o senhor e creio de tal modo na sua inteligência que espero que o senhor vá acabar com essas censuras que já duraram tempo demais. O senhor que tanto gosta da medida… Há uma medida para tudo, mesmo para esse amor súbito por minha mãe. Pois bem, diga-me antes: se decidiu vir ver-me e passar em meu quarto um quarto de hora ou uma meia hora (continuo a não saber por quê, mas admitamos que seja por causa da tranquilidade de minha mãe) e se ainda por cima encontra tanto prazer em conversar comigo, apesar do que se passou lá embaixo, então, fale-me antes de meu pai, desse Makar Ivânov, o peregrino. É precisamente de seus lábios que quero ouvir falar dele; desde muito tempo estava com intenção de interrogá-lo a respeito. Ao separar-nos, talvez por muito tempo, quereria também muito obter do senhor uma

resposta a esta outra pergunta: será possível que nestes vinte anos não tenha o senhor podido agir sobre os preconceitos de minha mãe, e agora também sobre os de minha irmã, o suficiente para dissipar por meio de sua influência civilizadora as trevas primitivas do antigo meio em que viveram? Oh! não é da pureza delas que quero falar! Ela foi sempre infinitamente superior ao senhor no que se refere à moral, peço-lhe que me perdoe, mas… mas não é senão um cadáver infinitamente superior. Ela só tem vida para Viersílov; todo o resto, em redor dele, tudo quanto a ele se refere vegeta, com a condição absoluta de ter a honra de nutri-lo com suas energias, com seus sucos vitais. E, no entanto, ela foi viva, também ela, outrora! Encontrou nela alguma coisa para amar? Ela foi alguma vez mulher?

— Meu amigo, se queres saber, ela jamais foi — respondeu-me ele, fazendo uma careta à sua maneira de outrora, da qual guardara tão bem a lembrança e que tanta raiva me causava; quer dizer que se acreditava estar diante da mais sincera bonomia, quando não havia nele senão um intenso deboche, a ponto de, por vezes, não poder eu nada compreender de sua fisionomia. — Não, ela jamais foi! Uma mulher russa jamais é mulher.

— A polonesa, a francesa, essas sim? Ou então a italiana, uma italiana cheia de ardor? Eis o que é preciso para cativar um russo civilizado da alta sociedade como Viersílov!

— Ora essa! Não podia imaginar que iria ter diante de mim um eslavófilo! — E Viersílov desatou a rir.

Lembro-me, palavra por palavra, do que ele me contou; falava mesmo de muito boa vontade e com visível prazer. Era demasiado claro para mim que viera ver-me não para tagarelar, nem para acalmar minha mãe, mas com intenções bem diversas.

## II

— Tua mãe e eu vivemos todos estes vinte anos no silêncio — foi assim que ele começou sua oratória (extremamente fictícia e pouco natural) — e tudo quanto houve entre nós se passou também no silêncio. O principal traço dessa ligação de vinte anos foi o silêncio.

Creio mesmo que nunca discutimos uma vez sequer. Sem dúvida, ausentei-me muitas vezes, deixando-a só, mas sempre acabei por voltar. *Nous revenons toujours*,[28] está nisso o grande caráter dos homens; e provém de sua magnanimidade. Se o casamento fosse uma coisa que dependesse cinicamente das mulheres, nem um casamento se manteria. Humildade, submissão, timidez e, ao mesmo tempo, firmeza, força, força verdadeira, eis o caráter de tua mãe. E nota-o, é a melhor de todas as mulheres que algum dia encontrei. Tem força, dou testemunho disso: vi quanto essa força a sustentava. Desde que se trata, não direi de convicções (convicções verdadeiras estão fora de questão), mas do que se chama nelas convicções e do que, por consequência, é para elas sagrado, estão prontas a enfrentar todos os tormentos… Pois bem, tu mesmo podes concluir: pareço-me com um carrasco? Eis por que preferi calar-me quase sempre e não somente porque é mais fácil. E não me arrependo, confesso. Dessa maneira tudo se arranjou por si mesmo, humana e largamente, tanto que não atribuo a mim mesmo nenhum mérito nisso. Direi a este propósito, entre parênteses, que suspeito um pouco que ela jamais acreditou na minha humanidade e por conseguinte sempre tremeu. Mas, mesmo tremendo, jamais se submeteu a nenhuma cultura. Pessoas assim sabem arranjar-se e não vemos nelas senão ardor. Em geral, sabem bem melhor que nós arranjar seus pequeninos negócios. Podem continuar a viver à sua vontade nas situações mais contrárias à sua natureza e permanecer elas mesmas naquelas situações. Nós não somos tão hábeis.

— Elas, quem? Não o compreendo bem.

— O povo, meu amigo, falo do povo. Provou ele sua grande força tão vivaz e sua largueza histórica e isto, ao mesmo tempo, moral e politicamente. Mas, voltando a nós, direi de tua mãe que não está sempre silenciosa; fala por vezes, e fala de maneira a mostrar-nos bem claramente que perdemos o tempo em fazer-lhe discursos, ainda mesmo que tenhamos empregado antes cinco anos a prepará-la pouco a pouco. E depois, as objeções mais inesperadas! Nota ainda uma vez, não digo que ela seja tola de todo; pelo contrário, há nela uma espécie de inteligência, e mesmo bastante notável; mas talvez não acredites nessa inteligência…

— Por que não? O que eu não acreditaria é que o senhor acreditasse realmente na sua inteligência, em lugar de fingir que acredita.

— Sim? Tomas-me por um camaleão? Meu amigo, sou demasiado complacente contigo… como a meu filho mimado… Mas fiquemos nisto ainda desta vez.

— Fale-me de meu pai; diga-me a verdade, se puder.

— Makar Ivânovitch? Pois bem, Makar Ivânovitch, Como sabes, é um servo doméstico que teve vontade, como se diz, de gozar de certo renome…

— Aposto que neste momento o senhor tem inveja dele!

— Pelo contrário, meu amigo, pelo contrário. E, se queres saber, alegra-me ver-te dum humor tão complicado. Juro-te que me encontro neste momento em disposições altamente arrependitivas que, precisamente hoje, neste instante, pela milésima vez talvez, lamento inutilmente o que se passou há vinte anos. Deus é-me testemunha de que tudo isso se passou completamente por acaso… além disso, tanto quanto de mim dependeu, humanamente; pelo menos, segundo a ideia que então eu fazia da virtude de humanidade. Oh! é que todos ardíamos de vontade de praticar o bem, de servir à sociedade e à ideia, condenávamos os títulos, nossos direitos hereditários, as propriedades e até mesmo, pelo menos para alguns dentre nós, o montepio… Juro-te. Éramos poucos, mas falávamos bem e, asseguro-te, por vezes mesmo agíamos bem.

— Por exemplo, quando soluçava sobre seu ombro?

— Meu amigo, estou de antemão de acordo com tudo; a propósito, a história do ombro, foi de mim que a soubeste, e por conseguinte abusas neste momento de minha sinceridade e de minha confiança; hás de convir que aquele ombro não era tão mau como parece à primeira vista, sobretudo para aquela época; éramos então estreantes. Era tudo fingimento, bem decerto, mas ignorava-o então. Tu, por exemplo, será que nunca fingiste na vida prática?

— Ainda há pouco, lá embaixo, mostrei alguma afetação, e muito me envergonhei, uma vez de volta para aqui, à ideia de que o senhor pensasse que o fazia de propósito. É bem verdade que, em certos casos, por mais sincero que sejamos, não deixamos de dar-nos em espetáculo; mas hoje, lá embaixo, juro, era absolutamente natural.

— É bem isso. Bem o definiste com uma frase: “por mais sinceros que sejamos, não deixamos de dar-nos em espetáculo”. Pois bem, foi exatamente o que se passou comigo: por mais que me desse em espetáculo, soluçava com uma sinceridade absoluta. Não discuto que Makar Ivânovitch pudesse tomar aquilo de deitar-me a chorar em seus braços por uma burla extrema, se fosse dotado de um pouco mais de espírito; mas sua lealdade prejudicava então sua perspicácia. O que ignoro é se ele teve pena de mim ou não; lembro-me de que eu tinha grande vontade de ser lastimado.

— O senhor bem sabe — interrompi-o — que, agora mesmo, ao dizer essas palavras, o senhor está zombando. Duma maneira geral, todo o tempo em que me falou, durante todo este mês, o senhor esteve zombando. Por que sempre tem agido assim ao me falar?

— Acreditas nisso? — respondeu docemente. — És muito suscetível. Se dou risada não é de ti, ou pelo menos não de ti somente, fica tranquilo. Mas neste momento não estou rindo e então… em uma palavra, fiz tudo quanto pude e, acredita não em meu proveito. Nós, quero dizer, as pessoas de prol, por oposição ao povo, éramos então incapazes de agir em proveito próprio. Pelo contrário, sempre nos prejudicávamos o mais possível e suspeito de que era justamente em que consistia, entre nós, “o interesse superior que é também o nosso”, num sentido mais elevado, entende-se. A geração avançada de hoje é infinitamente mais interesseira do que nós; portanto, expliquei tudo a Makar Ivânovitch, com uma extraordinária franqueza, antes mesmo do pecado. Admito hoje que muitas daquelas coisas não precisavam ser explicadas, com mais forte razão com semelhante franqueza; sem falar de humanidade, teria sido aquilo mais polido; mas vá a gente conter-se quando, ébrio de danças, tem vontade de dar um belo passo! Tais eram talvez as exigências do belo e do bem: não pude resolver ainda a questão. Enfim, é um tema demasiado profundo para uma conversa superficial como a nossa. Juro-te, em todo o caso, que agora morro

por vezes de vergonha ao lembrar-me daquilo. Ofereci-lhe três mil rublos. Ele mantinha-se calado, só eu falava. Pensei que ele tivesse medo de mim, isto é, de meu direito senhorial, e fiz todos os esforços para encorajá-lo, lembro-me. Exortei-o a exprimir-me, sem nada temer, todos os seus desejos, e até mesmo com todas as críticas possíveis. A título de garantia, dei-lhe minha palavra de que, se ele recusasse minhas condições, isto é, os três mil rublos, a emancipação (para ele e sua mulher, naturalmente), e uma viagem para onde o diabo quisesse (sem sua mulher, naturalmente), bastava dizer francamente e eu o emanciparia imediatamente, devolveria sua mulher, presentearia os dois com aqueles mesmos três mil rublos, creio, e então não seriam mais eles que iriam para o diabo, mas eu que partiria, por uns três anos, para a Itália, sozinho. *Mon ami*, eu não teria levado para a Itália a *Mademoiselle* Sapojkova, fica certo disso; era demasiado puro naquele instante. Pois bem, aquele Makar compreendia bastante bem que eu ia fazer o que estava dizendo; mas continuou a guardar silêncio e foi somente, quando quis pela terceira vez lançar-me a seus pés, que recuou, fez um gesto de desinteresse e saiu, até mesmo com certa sem-cerimônia, que não deixou de causar-me espanto, asseguro-te. Vi-me então por acaso num espelho e não o esquecerei jamais. Em geral, quando eles não dizem nada, é que a coisa é mais temível. E aquele era de um caráter sombrio e, confesso, não somente não me inspirava confiança quando entrava em meus aposentos, mas tinha dele um medo horrível: há caracteres, nesse meio, e em quantidade, que encerram em si mesmos, por assim dizer, a personificação da inconveniência e isto é mais de temer que as pancadas. (Sic.) E quanto eu me arriscava, quanto me arriscava! Por exemplo, se ele tivesse começado a gritar a plenos pulmões, a lançar berros, aquele Urias de aldeia, que teria sido de mim, pequeno Davi, e que eu poderia fazer? Eis por que lhe fui logo oferecendo, antes de tudo, os três mil rublos, era instintivo, mas, por felicidade, enganei-me: aquele Makar Ivânovitch era algo de bem diferente…

— Diga-me: houve pecado? O senhor acaba de dizer que chamou o marido antes mesmo do pecado.

— É que, hás de ver, isto depende…

— Portanto, houve pecado. O senhor acaba de dizer que se

enganou a respeito dele, que ele era bem diferente… Que era ele pois?

— Que era ele? Ah! ignoro-o ainda. Mas algo de bem diferente e, fica sabendo, de muito decente; chego a esta conclusão porque depois senti-me três vezes mais culpado perante ele. Logo no dia seguinte, consentiu na viagem, sem dizer palavra, entende-se, e sem esquecer uma só das compensações oferecidas.

— Aceitou o dinheiro?

— Ora se aceitou! Sabes, meu amigo, de que neste particular chegou mesmo a espantar-me? Não tinha comigo os três mil rublos, naturalmente. Tirei de meu bolso setecentos rublos e entreguei-os a ele, de antemão. Que acreditas? Exigiu de mim os dois mil e trezentos rublos restantes sob forma de promissória e, para mais segurança, à ordem de um comerciante. Em seguida, dois anos mais tarde, munido dessa promissória, reclamou seu dinheiro por via legal e com os juros, de sorte que me causou espanto ainda uma vez, tanto mais quanto andava em giro de esmolas para a construção de uma igreja do bom Deus e desde então, há agora vinte anos, que anda nisso. Não compreendo por que tem um peregrino necessidade de levar consigo tanto dinheiro… o dinheiro é coisa tão do mundo… Naturalmente, oferecia-lhos naquele momento sinceramente e, por assim dizer, no primeiro entusiasmo, porém mais tarde, após tantos minutos passados, poderia naturalmente mudar de opinião… pensava que pelo menos. ele me pouparia… ou antes “nos” pouparia, a ela e a mim, e que esperaria pelo menos um pouco. Pois bem, nem mesmo esperou…

(Farei aqui uma observação indispensável: se acontecesse minha mãe sobreviver ao Senhor Viersílov, ficaria ela literalmente sem um vintém para o fim de seus dias, não fossem aqueles três mil rublos de Makar Ivânovitch, desde muito tempo duplicados pelos juros e que ele lhe deixou integralmente, até o derradeiro rublo, por testamento, o ano passado. Já naquela época havia adivinhado quem fosse Viersílov.)

— O senhor disse um dia que Makar Ivânovitch havia por várias vezes ido passar temporadas em casa do senhor e sempre se alojava no apartamento de minha mãe?

— Sim, meu amigo, e, confesso-o, no começo temia terrivelmente aquelas visitas. Durante todo esse tempo, esses vinte anos, apareceu ele ao todo seis ou sete vezes: nas primeiras vezes, se estava em casa, escondia-me. Mesmo, no começo, não compreendia: que quer isso dizer? por que vem ele? Mais tarde, porém, graças a certos sinais, pareceu-me que não era tão tolo assim. Em seguida, por acaso, tive a curiosidade de ir vê-lo e, asseguro-te, disso colhi uma impressão bastante original. Era já a sua terceira ou quarta visita, na época em que eu acabava de ser nomeado juiz de paz e em que, como era justo, me punha na obrigação de estudar a Rússia. Soube dele uma infinidade de coisas. Além disso, encontrei nele o que não esperava absolutamente encontrar: uma bondade de alma, uma igualdade de caráter e, o que é mais de admirar, quase alegria. Nem a menor alusão *à la chose* (*tu comprends?*),[29] uma arte perfeita de falar concretamente e em termos admiráveis, isto é, sem aqueles ares profundos de servos domésticos que, confesso-te, apesar de todas as minhas ideias democráticas, não posso tolerar, e sem todos aqueles russismos tão afetados que empregam nos romances e no palco os "verdadeiros russos". Com isto, poucas falas sobre religião, a menos que a gente tocasse no assunto, e até mesmo narrativas bem divertidas no seu gênero a respeito dos mosteiros e da vida monacal, se demonstrássemos curiosidade pela mesma. E sobretudo respeito, esse respeito modesto, esse respeito que é indispensável à suprema igualdade, sem a qual, na minha opinião, é impossível chegar até mesmo à supremacia. É assim, por essa ausência de toda suscetibilidade, que se obtém o supremo bom-tom e que se manifesta o homem que se respeita verdadeiramente na sua posição, qualquer que ela seja e qualquer que possa ser seu destino. Essa faculdade de respeitar a si mesmo na sua posição é extremamente rara aqui embaixo, pelo menos tão rara quanto a verdadeira dignidade pessoal… Tu mesmo o verás, depois de teres vivido um pouco. Mas o que mais me impressionou depois, precisamente depois e não no começo — acrescentou Viersílov — é que esse Makar é pessoalmente de extrema imponência e, asseguro-te, extraordinariamente belo. É velho, sem dúvida, mas

alto, ereto, bronzeado[30]

simples e grave; eu mesmo fiquei surpreendido por ter a minha pobre Sófia podido dar preferência a mim “então”; ele estava com cinquenta anos na ocasião, mas conservava-se bem vigoroso e diante dele eu parecia um tipinho. Aliás, recordo-me, já estava ele encanecido por demais e encanecido mesmo quando se casou com ela… Talvez isto tenha influído.

Aquele Viersílov tinha as maneiras mais repugnantes da alta roda: depois de haver pronunciado (quando não havia outro jeito) algumas palavras muito inteligentes e muito belas, acabava de repente e propositadamente com uma tolice no gênero daquela sobre os cabelos brancos de Makar Ivânovitch e sua influência sobre minha mãe. Fazia-o de propósito e, sem dúvida, sem saber ele mesmo por que, por um tolo hábito mundano. Ouvindo-se o que dizia, tinha-se a impressão de que ele falava muito seriamente, quando no seu íntimo zombava ou ria.

## III

Não compreendo por que, mas fui tomado subitamente duma terrível irritação. Em geral, lembro-me, com grande desprazer, de alguns de meus rompantes naquele momento. De repente, levantei-me da cadeira:

— Olhe aqui. O senhor diz que veio aqui, sobretudo, para que minha mãe acredite que fizemos as pazes. Já se passou bastante tempo para que ela acredite; não quereria fazer o favor de deixar-me só?

Ele corou levemente e levantou-se:

— Meu caro, ages comigo sem a mínima cerimônia. Enfim, adeus! A amizade não se impõe. Gostaria de fazer apenas uma pergunta: queres realmente deixar o príncipe?

— Ah! ah! sabia bem que o senhor tinha intenções…

— Então suspeitas de ter eu vindo para dissuadir-te de abandonar o príncipe, porque teria nisso interesse. Mas, meu amigo, não acreditas também que te tenha feito vir de Moscou porque teria em vista algum proveito particular? Oh! como és suscetível! Pelo contrário, tudo isto é para teu bem. E mesmo hoje, quando vejo minha fortuna restabelecida, gostaria que permitisses, por vezes, que tua mãe e eu te ajudássemos…

— Não gosto do senhor, Viersílov.

— E até mesmo “Viersílov”! A propósito, lamento muito não ter podido deixar-te este nome, porque é nisto em suma que consiste toda a minha falta, se falta há. Não é? Mas, ainda uma vez, não podia eu casar-me com uma mulher casada, reflete tu mesmo.

— Eis por que, sem dúvida, quis o senhor casar-se com uma mulher solteira.

Ligeira convulsão agitou-lhe o rosto.

— Queres falar do que aconteceu em Ems. Escuta, Arkádi, permitiste a ti mesmo, ainda há pouco, uma tirada desse gênero, apontando-me com o dedo na presença de tua mãe. Pois bem, fica sabendo que está aí o teu erro mais grosseiro. Dessa história com a falecida Lídia Akhmávoka, não conheces nem a primeira palavra. Não sabes tampouco a que ponto tua mãe participou disso. Sim, muito embora ela não estivesse lá comigo. E se alguma vez vi uma mulher virtuosa, foi bem então contemplando tua mãe. Mas basta, tudo isso permanece ainda secreto e tu falas do que não sabes e por ouvir dizer.

— O príncipe dizia, precisamente hoje, que o senhor gostava de mocinhas inexperientes.

— Foi o príncipe quem disse isso?

— Sim. Escute, quer que lhe diga exatamente por que veio o senhor ver-me? Tenho estado todo este tempo a perguntar a mim mesmo qual era o segredo desta visita e creio tê-lo por fim descoberto.

Fazia menção de retirar-se, mas detive-o e ele voltou a cabeça para mim, na expectativa.

— Ainda há pouco disse, de passagem, que a carta de Touchard a Tatiana Pávlovna, caída entre os papéis de Andrónikov, fora reencontrada após sua morte em casa de Maria Ivânovna, em Moscou. Vi então que seu rosto se crispou, mas só agora, há um momento, adivinhei, notando ainda uma vez essa mesma crispação em seu rosto, que uma ideia lhe ocorrera naquele momento, lá embaixo: se uma carta de Andrónikov já foi descoberta em casa de Maria Ivânovna, por que não estaria a outra lá? Andrónikov pode deixar cartas extremamente graves e necessárias, não é?

— E eu vim ver-te para fazer-te falar?

— O senhor mesmo o diz.

Ele empalideceu bastante.

— Essa ideia não te ocorreu sem mais nem menos; vejo aí a influência de uma mulher. E quanto ódio em tuas palavras, nessa

grosseira suposição!

— De uma mulher? Mas essa mulher via-a hoje pela primeira vez! Será talvez para espioná-la que o senhor quer conservar-me em casa do príncipe?

— Vejo que irás extremamente longe nesse teu novo caminho. Não seria isso a tua “ideia”? Continua, meu amigo, tens incontestáveis talentos de detetive. Quando se tem talento, deve-se aperfeiçoá-lo.

Interrompeu-se para tomar fôlego.

— Cuidado, Viersílov! Não faça de mim um inimigo!

— Meu amigo, em semelhante caso, ninguém exprime seus derradeiros pensamentos. Guarda-os para si. Bem, alumia-me, rogo-te. Podes ser meu inimigo, mas não a ponto de querer que eu quebre meu pescoço. *Tiens! mon ami!*, imagina — continuou ele enquanto descia —, e eu que durante todo este mês considerei-te um bom rapaz! Tens tal vontade de viver, tal sede de viver, que se te dessem três vidas, creio que ainda não acharias bastante. Está escrito na tua cara. Pois bem, na maior parte do tempo, pessoas assim são bons rapazes. Enganei-me redondamente!

## IV

Não saberei dizer quanto meu coração se fechou, quando tornei a ver-me só: era como se eu tivesse cortado, em pessoa, um pedaço de minha própria carne. Por que me havia eu de repente arrebatado, por que o ofendera a tal ponto, com tanta força, tão intencionalmente? Seria incapaz de dizê-lo, agora, é claro, e também então. Como ele havia empalidecido! Não seria aquela palidez a expressão do sentimento mais puro e mais sincero, do pesar mais profundo, em vez da cólera e da ofensa? Sempre me parecera que havia instantes em que ele me amava muito. Por que, por que não acreditaria eu nisso, hoje? Tanto mais quanto tantas coisas ficaram completamente explicadas depois…

Mas eu me deixara arrebatar de repente e pusera-o para fora talvez em consequência daquela suposição súbita de que viera ele

procurar-me na esperança de saber se não restavam em casa de Maria Ivânovna outras cartas de Andrónikov. Que se vira ele obrigado a procurar aquelas cartas e as procurasse, eu sabia; talvez me tivesse, bem naquele minuto, cometido um terrível engano! E quem sabe, talvez fosse eu que, com aquele erro, o tivesse levado a pensar mais tarde em Maria Ivânovna e lhe tenha inspirado a ideia de que ela conservasse em seu poder alguma carta!

Enfim, outra esquisitice: uma vez mais repetira ele, palavra por palavra, meu pensamento (a respeito das três vidas) que antes exprimira a Kraft e nos mesmos termos. Uma coincidência de palavras não passa de um acaso, mas apesar de tudo, como ele conhecia o íntimo de minha natureza! Que dupla visão! Que sentido divinatório! Mas, se ele compreende tão bem uma coisa, por que não compreende absolutamente a outra? Pode-se crer que ele não fingisse, mas que era realmente incapaz de adivinhar que não era da nobreza de Viersílov que eu tinha necessidade, que não era meu nascimento que não lhe podia perdoar, mas que me era preciso Viersílov em pessoa, toda a minha vida, o homem todo inteiro, o pai, e que tal pensamento havia-me penetrado no sangue? Um homem tão fino pode ser obtuso e tão grosseiro? E se não fosse, de que servia fazer-me raiva, de que servia fingir?

## Capítulo VIII

### I

Na manhã seguinte, tratei de levantar-me o mais cedo possível. Levantávamo-nos, geralmente, em nossa casa, às oito horas, quero dizer minha mãe, minha irmã e eu; Viersílov ficava na cama até as nove e meia. Às oito e meia em ponto, minha mãe trazia-me o café. Mas desta vez sem esperar o café, saí de casa exatamente às oito horas. Havia traçado desde a véspera à noite um plano de ação para o dia inteiro. Sentia já nesse plano, a despeito duma vontade ardente de passar imediatamente à execução, uma quantidade enorme de hesitações e de incertezas a respeito dos pontos mais importantes; por causa disso passara quase a noite toda num estado de sonolência,

quase de delírio, tivera uma multidão de sonhos e não havia, por assim dizer, nem uma só vez dormido como era preciso. Apesar disso, levantei-me mais vivo e bem disposto do que nunca. Era minha mãe, principalmente, que eu não queria encontrar, com ela só podia falar de certo assunto e receava deixar-me desviar de meus objetivos por efeito de qualquer impressão nova e imprevista.

A manhã estava fria e sobre toda a natureza pairava um nevoeiro úmido e leitoso. Não sei por quê, mas a laboriosa manhã petersburguesa, apesar de seu repelente aspecto, me agrada sempre e toda aquela multidão egoísta e perpetuamente preocupada, atarefada em seus negócios, tem para mim, às sete horas da manhã, algo de bem sedutor. Gosto, sobretudo, em trânsito, com pressa, de pedir uma informação, ou melhor ainda se alguém me interroga: pergunta e resposta são sempre breves, claras, nítidas, pronunciadas sem parar e sempre quase cordiais. É o momento do dia em que se está mais bem disposto para responder. O petersburguês, para o meio do dia ou à tarde, torna-se menos comunicativo. Está pronto, pela menor das coisas, a insultar ou a zombar. Bem diferente é pela manhã cedo, antes do trabalho, no momento mais sóbrio e mais sério. Observei isso.

Dirigi-me de novo para Pietersbúrgskaia Storoná. Como devesse estar sem falta de volta à Fontanka,[31] ao meio-dia, à casa de Vássin (que era encontrado a maior parte das vezes em sua casa ao meio-dia), apressei o passo, sem me deter em parte alguma, apesar de uma vontade extraordinária de engolir aqui ou ali um café. E depois havia também Iefim Zviériev, que eu também precisava surpreender em casa; ia, uma vez mais fazer-lhe visita. Quase cheguei tarde demais; ele acabava de tomar seu café e preparava-se para sair.

— Que é que te traz aqui tantas vezes? — Foi assim que me acolheu, sem mover-se do lugar.

— Vou-te explicar.

Todos os começos de manhã, inclusive os de Petersburgo, exercem uma ação desembriagadora sobre a natureza humana. Há sonhos noturnos ardentes que, com a luz e o frescor, se evaporam inteiramente e aconteceu por vezes a mim mesmo lembrar pela manhã

de certos sonhos meus noturnos, apenas terminados, e por vezes de certos atos, com censura e desgosto. Mas notarei entretanto, de passagem, que as manhãs de Petersburgo, as mais prosaicas, pareceria, de todo o globo terrestre, são para mim as mais fantásticas do mundo. É uma ideia minha ou, para melhor dizer, minha impressão, mas conservo-a. Por uma dessas manhãs de Petersburgo, pútrida, úmida e brumosa, o sonho selvagem de um Guérman, de *A dama de espadas*, de Púchkin (personagem colossal, fora do comum, um verdadeiro tipo de Petersburgo e do período petersburguês!) deve, ao que me parece, fortificar-se ainda mais. Cem vezes, através daquele nevoeiro, tive aquela visão estranha, mas tenaz: "Quando aquele nevoeiro se dissipar e se elevar, não levará ele consigo toda aquela cidade apodrecida e viscosa, ela não se elevará com o nevoeiro para desaparecer em fumaça, deixando em seu lugar o velho pântano finlandês e no meio, se se quiser, para efeito de beleza, o cavaleiro de bronze sobre seu corcel lustroso, de hálito ardente?".[32] Em uma palavra: não saberia exprimir minhas impressões, uma vez que tudo isso é fantasia, poesia, afinal, e por conseguinte, tolices. No entanto, fiz a mim mesmo muitas vezes a pergunta e ainda a faço, absolutamente insensata. Ei-los todos a correr, pressurosos, e quem sabe se tudo isso não seja senão um sonho. Talvez não haja aqui um só homem verdadeiro, autêntico, um só ato real. Alguém vai de repente despertar, o que tem esse sonho… e tudo se esvanecerá. Mas afastei-me de meu assunto.

Vou dizê-lo previamente: há em cada existência desígnios e sonhos tão excêntricos, parece, que se poderia à primeira vista e sem risco de errar tomá-los como loucura. Era uma dessas fantasias que eu levava naquela manhã à casa de Zviériev, porque não tinha em Petersburgo nenhuma outra pessoa a quem pudesse dirigir-me dessa vez. Ora, Iefim era a derradeira pessoa a quem, se tivesse de escolher, deveria enunciar semelhante proposta. Quando me achei instalado diante dele, pareceu-me que estava ali, eu, o delírio e a febre encarnados, sentado diante do equilíbrio e da prosa encarnados. Mas havia do meu lado a ideia e o sentimento justo; do dele, esta única conclusão prática: isto não se faz! Em resumo, expliquei-lhe, nítida e sumariamente, que não tinha em Petersburgo ninguém senão ele a quem pudesse tomar como testemunha, num caso de honra extremamente grave; ele era um antigo colega e não tinha o direito de

recusar; era minha intenção provocar um tenente da Guarda, o Príncipe Sokólhski, porque ele tinha, havia mais de um ano, em Ems, esbofeteado meu pai Viersílov. Farei notar que Iefim conhecia pormenorizadamente meus negócios de família, minhas relações com Viersílov e quase tudo quanto sabia eu mesmo de sua história; havia-lhe confiado por várias vezes, salvo evidentemente certos segredos. Ele escutava, sentado, como de costume, eriçado como um pardal na sua gaiola, silencioso e grave, balofo, com seus cabelos louros hirsutos. Um sorriso parado, zombeteiro, não lhe abandonava os lábios. Aquele sorriso era tanto mais antipático quanto não era absolutamente voluntário, mas antes involuntário; via-se que ele se julgava naquele momento real e verdadeiramente muito superior a mim pelo espírito e pelo caráter. Suspeitava também que ele me desprezasse por causa da cena da véspera em casa de Diergatchov. Isto era fatal: Iefim é a multidão, Iefim é a rua, e a rua só se inclina diante do êxito.

— E Viersílov não sabe? — perguntou ele.

— Decerto que não.

— Então que direito tens tu de meter-te nos seus negócios? Depois, que queres provar com isso?

Conhecia essas objeções e expliquei-lhe imediatamente que não era tão estúpido quanto ele pensava. Em primeiro lugar, provarei ao insolente daquele príncipe que há ainda homens que compreendem a honra, mesmo em nossa classe; em segundo lugar, farei vergonha a Viersílov e lhe darei uma lição. Em terceiro lugar, e é o essencial, mesmo se Viersílov teve razão, em virtude de não sei quais convicções, de não provocar o príncipe e de aguentar a bofetada, verá ele ao menos que existe uma criatura capaz de sentir com bastante força sua ofensa para tomá-la a si, e prestes a sacrificar sua vida para defender os interesses dele… embora separando-se dele para sempre.

— Espera um pouco, não grites, minha tia não gosta disso. Dize-me: Viersílov não está demandando contra esse mesmo Príncipe Sokólhski por causa de uma herança? Em semelhante caso, será um meio totalmente original e novo de ganhar processos, matando em

duelo seu adversário.

Expliquei-lhe *en toutes lettres* que ele não passava de um imbecil de um insolente e que, se seu sorriso zombeteiro se alargasse cada vez mais, era somente um sinal de orgulho e de mediocridade, que ele não podia, no entanto, supor que aquelas considerações sobre o processo não me haviam sobrevindo, e mesmo, desde o começo, e não podiam honrar com sua presença senão o seu cérebro profundo. Expus-lhe, em seguida, que o processo já estava ganho, que não visava ao Príncipe Sokólhski, mas aos príncipes Sokólhski de sorte que, se um deles fosse morto, os outros ficariam, mas que era preciso sem dúvida adiar o desafio até terminar o prazo legal de apelação (se bem que os príncipes não tencionassem apelar), unicamente por causa das conveniências. Passado o prazo, teria lugar o duelo; viera sabendo bem que o duelo não seria para hoje, mas tinha necessidade de tomar minhas precauções porque não tinha testemunha e não conhecia ninguém, para ter pelo menos tempo de descobrir alguma se ele, Iefim, se recusasse. Eis por que viera.

— Então, volta a falar-me disso naquela ocasião! Em vez de andares dez verstas sem necessidade!

Levantou-se e pegou seu gorro.

— Então virás?

— Não, decerto que não.

— Por quê?

— Pela seguinte razão, em primeiro lugar: se consentisse hoje, para mais tarde, virás amolar-me a paciência todos os dias, durante esse prazo de apelação. E depois, são tolices, e nada mais. Imaginas que vou romper minha carreira por tua causa? E se o príncipe me perguntar: “Quem o enviou?” — “Dolgorúki.” — “E que relação há entre Dolgorúki e Viersílov?”. Então terei de explicar-lhe tua genealogia, talvez. Mas ele morrerá de rir!

— Então, quebra-lhe a cara!

— Não é sério.

— Tens medo? Tu, tão grande. Eras o mais forte de todos nós no ginásio.

— Tenho medo, naturalmente, tenho medo. E depois, o príncipe recusará bater-se: só se bate com seu igual.

— Eu também sou um cavalheiro pela minha educação, tenho privilégios, sou seu igual… Ele é que não é meu igual.

— Não, és demasiado pequeno.

— Pequeno, como?

— Assim mesmo; nós dois somos pequenos e ele é grande.

— Imbecil! Mas há já um ano que posso casar, de acordo com a lei.

— Pois bem, casa. Apesar de tudo, não passas de um fedelho: ainda não acabaste de crescer!

Compreendi bem que ele queria zombar de mim. Evidentemente, teria podido dispensar-me de contar aquele tolo episódio e teria mesmo valido que ele desaparecesse no desconhecido. Além do mais, é repelente pela sua mesquinharia e inutilidade, se bem que tenha tido consequências bastante sérias.

Mas, para punir-me ainda mais, direi o final. Depois de ter percebido que Iefim zombava de mim, tomei a liberdade de bater-lhe na omoplata com minha mão direita ou, para melhor dizer, com meu punho direito. Então, agarrou-me pelos ombros, virou-me para a rua e mostrou-me efetivamente que era o mais forte de todos nós no ginásio.

## II

O leitor imaginará decerto que me achava eu de um humor execrável ao deixar Iefim e, no entanto, estará errado. Compreendia muito bem que era um incidente entre colegiais, entre ginasianos, e que o sério da coisa permanecia intato. Bebi meu café assim que me encontrei na Vassílievski Cistrov,[33] evitando de propósito minha bodega da véspera, no Lado Petersburguês. Aquela bodega e seu rouxinol tinham-se tornado para mim agora duplamente odiosos. Qualidade estranha: sou capaz de detestar os lugares e as coisas exatamente como detesto as pessoas. Conheço, em contraposição, em Petersburgo, certos lugares felizes, isto é, onde fui feliz um dia. Pois bem, esses lugares, eu os poupo, fico o mais tempo possível sem ir a eles, de propósito, para lá ir mais tarde, quando estiver completamente só e infeliz, para sofrer e lembrar-me. Enquanto tomava meu café, fiz plena justiça a Iefim e ao seu bom senso. Sim, era mais prático do que eu, mas seria mais realista? O realismo que não vê mais longe que a ponta de seu nariz é mais perigoso que a mais louca das fantasias, porque é cego. Mas, embora fazendo justiça a Iefim (que, naquele momento, estava sem dúvida persuadido de que eu o cumulava de injúrias enquanto percorria as ruas), nada abandonei de minhas convicções, como nada abandonei até hoje. Vi pessoas que, ao primeiro balde de água fria, renegam não somente

seus atos, mas até mesmo sua ideia e se põem a rir daquilo que consideravam uma hora antes como sagrado. Oh! como isto lhes é fácil! No âmago da coisa, talvez Iefim tivesse mais razão que eu, talvez fosse eu o último dos imbecis, talvez fosse insincero mas havia no fundo da questão um ponto a respeito do qual eu também tinha razão, havia em mim também algo de justo e que, sobretudo, as pessoas jamais puderam compreender.

Cheguei à casa de Vássin, na esquina da Fontanka e da Siemiônovski Most,[34] quase ao soar o meio-dia, mas ele não estava em casa. Trabalhava na Vassílievski Ostrov e só voltava a certas horas precisas, entre outras quase sempre ao meio-dia. Como além disso era não sei mais que feriado, contava encontrá-lo com certeza; não o encontrando, dispunha-me a esperá-lo, se bem que se tratasse de minha primeira visita à sua casa.

Eis como eu raciocinava: a questão da carta a respeito da herança é um caso de consciência. Tomando Vássin como árbitro, manifesto-lhe por isso mesmo toda a profundeza de meu respeito, o que deverá necessariamente lisonjeá-lo. Estava realmente preocupado com aquela carta e bem convencido da necessidade de uma arbitragem. Suspeito, no entanto, que teria podido, já naquele momento, sair daquela dificuldade sem nenhuma ajuda estranha. E sobretudo eu mesmo sabia: bastava entregar pessoalmente a carta a Viersílov; que fizesse dela o que quisesse! Eis qual era a solução. Colocar-se como juiz supremo num caso daquela espécie era perfeitamente inconveniente. Entregando a carta pessoalmente, sem nada dizer, e pondo-me assim fora de causa, tinha tudo a ganhar, colocava-me de repente acima de Viersílov, porque, pelo fato de renunciar, no que a mim se referia, a todos os benefícios da herança (como filho de Viersílov, uma parte daquele dinheiro viria cair no meu bolso, senão imediatamente, pelo menos mais tarde), reservava-me para sempre um direito moral de apreciar a futura conduta de Viersílov. Ninguém poderia censurar-me por haver arruinado os príncipes, uma vez que o documento não tinha nenhum valor jurídico decisivo. Tudo isso, eu pensava e dizia a mim mesmo claramente, no quarto vazio de Vássin, e até mesmo sobreveio-me de súbito a ideia de que viera procurar Vássin, com tal desejo de saber dele a conduta a seguir, unicamente para fazer-lhe ver naquela

ocasião que era eu o mais nobre e o mais desinteressado dos homens, e por conseguinte para me vingar de minha humilhação da véspera.

Tudo isto comprovado, senti grande despeito; não me retirei, no entanto, mas fiquei, muito embora sabendo bastante bem que meu despeito só faria crescer todos os cinco minutos.

Antes de tudo, o quarto de Vássin desagradou-me enormemente. “Mostra-me teu quarto e te direi quem és!”, era possível dizer com toda justiça. Vássin sublocava um quarto mobiliado a locadores evidentemente pobres e que faziam disso profissão, tendo além dele outros inquilinos. Conheço muito bem esses quartinhos estreitos, de reduzida mobília, mas com pretensões a confortáveis; há sempre um divã estofado, comprado numa feira de móveis velhos, que a gente tem medo de remover, um lavatório e uma cama de ferro por trás de um biombo. Vássin devia ser o melhor inquilino e o mais seguro: cada locadora tem necessariamente seu melhor locatário e lhe dedica particular gratidão; arruma-se, varre-se com mais cuidado seu quarto, pendura-se acima de seu divã alguma litografia, estende-se sob a mesa um tapete passado. As pessoas que gostam dessa limpeza que cheira a mofo e sobretudo dessa solicitude respeitosa dos locadores são eles próprios suspeitos. Estava convencido de que o título de melhor inquilino lisonjeava Vássin. Não sei por quê, mas à vista daquelas duas mesas repletas de livros causava-me raiva pouco a pouco. Livros, papéis, tinteiro, tudo se achava na ordem mais antipática, essa ordem cujo ideal coincide com a filosofia de uma hospedeira alemã e de sua criada. Os livros eram numerosos, verdadeiros livros, não jornais ou revistas, e ele devia lê-los. Sem dúvida tomava, para ler ou para escrever, um rosto extremamente grave e preocupado. Não sei por quê, mas prefiro os livros em desordem, pelo menos é sinal de que se trabalha sem pontificar. Decerto Vássin é extremamente delicado com os visitantes, mas cada um de seus gestos deve dizer: “Quero muito bem passar uma horinha contigo, mas em seguida, quando tiveres partido, voltarei às coisas sérias”. Sem dúvida podemos entreter com ele uma conversação muito interessante e aprender coisas novas, mas “vamos conversar juntos e eu te interessarei muito, e depois, quando tiveres partido, voltarei a cuidar daquilo que é verdadeiramente interessante”… E no entanto, não me retirava, continuava ali. Estava

agora completamente persuadido de que não tinha necessidade nenhuma de seus conselhos.

Estava ali desde uma boa hora ou mais, sentado diante da janela, sobre uma das duas cadeiras de vime que ali se encontravam. O que me causava também raiva, era que o tempo passava e era-me preciso antes da noite encontrar alojamento. Tive vontade de pegar algum dos livros para dissipar o tédio, mas nada fiz; o simples pensamento de distrair-me redobrava meu desgosto. Havia mais de uma hora que reinava um silêncio extraordinário, quando, de repente, muito perto, por trás da porta que um divã condenava, distingui contra minha vontade e aumentando um cochicho sempre mais forte. Havia ali duas vozes, vozes femininas, ouviam-se bem, mas era impossível perceber as palavras; entretanto, para matar o tédio, esforçava-me por fazê-lo. Era claro que se falava com animação, com ardor, e que não se tratava de falar mal de patrões. Procurava-se entrar em acordo ou então discutia-se, ou ainda uma voz se tornava convincente e suplicante ao passo que a outra recusava e objetava. Eram sem dúvida outros locatários. Em breve a coisa entediou-me e meu ouvido habituou-se: continuava a escutar, mas maquinalmente e por vezes mesmo esquecendo completamente o que escutava, quando, de repente, produziu-se um acontecimento extraordinário: parecia que alguém havia saltado de sua cadeira com as duas pernas para a frente ou havia-se bruscamente atirado e batia com o pé; em seguida, ouviu-se um gemido, depois um grito, ou — antes um urro de animal, furioso e forte, pouco inquieto em saber se estranhos ouviam ou não. Pulei para a porta e abri-a; ao mesmo tempo abriu-se outra porta, ao fim do corredor — soube mais tarde que era a da locadora —, donde surgiram duas cabeças cheias de curiosidade. Os gritos cessaram logo, mas de repente abriu-se a porta vizinha daquele onde eu estava e uma jovem mulher, pelo que me pareceu, saiu correndo e desceu a escada. Outra mulher, idosa, queria retê-la, mas não o conseguiu e limitou-se a gemer atrás da outra:

— Ólia! Ólia! Para onde corres? Oh!

Mas, vendo nossas duas portas abertas, tratou de fechar a sua à pressa, deixando uma fresta para ouvir o que se passava na escada, até o momento em que os passos de Ólia em fuga cessaram por completo.

Voltei à minha janela. O silêncio restabelecera-se. Incidente sem importância, talvez mesmo ridículo! E deixei de pensar naquilo.

Cerca de um quarto de hora depois, repercutiu no corredor, diante da porta de Vássin, uma voz de homem sonora e desembaraçada. Uma mão segurou a maçaneta da porta e entreabriu-a o suficiente para que se pudesse distinguir no corredor um homem de alta estatura, que, sem dúvida, me vira também e até mesmo me olhava, mas ainda não entrava e continuava a conversar com a locadora duma ponta a outra do corredor, com a mão na maçaneta. A mulher fazia eco, com uma vozinha fina e alegre, e podia-se compreender apenas por aquela voz que o visitante era bem conhecido dela, respeitado e apreciado como hóspede de confiança e alegre personagem. O jovial personagem gritava e pilheriava, mas tudo se referia a não estar Vássin em casa, que nunca podia encontrá-lo, que eram coisas que só a ele aconteciam, que esperaria como da vez anterior, e tudo isso, sem dúvida alguma, parecia à locadora o cúmulo do espírito. Por fim o visitante entrou, escancarando a porta.

Era um senhor muito bem vestido, com roupas do bom alfaiate, “fidalgamente!”, como se diz e, no entanto, nada tinha ele de fidalgo, malgrado seu desejo manifesto. Não tinha cerimônia ou era antes naturalmente impudente, o que é, contudo, menos odioso que um impudente que se ensaiou diante do espelho. Seus cabelos, castanhos com alguns fios brancos, seus supercílios negros, sua grande barba e seus olhos grandes, longe de lhe darem caráter, comunicavam-lhe pelo contrário não sei que de comum, de semelhante a todo mundo. Essas pessoas riem e estão dispostas a rir, mas a gente nunca compartilha da alegria delas. Do engraçado passam rapidamente ao grave, do grave ao jovial ou às piscadelas insinuantes, mas tudo isso em ordem dispersa e sem motivação. Aliás, é inútil descrevê-lo de antemão. Conheci mais tarde esse senhor de maneira mais completa e mais íntima, de modo que o apresentei aqui, malgrado meu, com traços muito mais precisos do que teria podido fazer no momento em que abriu a porta e entrou no quarto. Entretanto, mesmo hoje, teria dificuldade em dizer o que quer que seja de determinado e de preciso, porque o principal caráter dessas pessoas é precisamente sua inconclusão, sua dispersão e sua indeterminação.

Ele ainda não tinha sentado e já me viera a ideia, de repente, de que deveria ser o padrasto de Vássin, um tal Senhor Stiebielhkov, do qual já ouvira contar alguma coisa, mas tão de passagem, que me teria sido impossível dizer o quê: lembrava-me somente de que não era nada de bom. Sabia que Vássin estivera muito tempo sob sua guarda na qualidade de órfão, mas que escapara à sua influência desde muitos anos, que seus objetivos e seus interesses eram divergentes e que viviam, a todos os respeitos, separados. Lembrei-me também que aquele Stiebielhkov possuía certo capital, que era mesmo um especulador e um negocista, em uma palavra, eu talvez já soubesse alguma coisa de mais detalhado a seu respeito, mas tinha esquecido. Olhou-me de alto a baixo, sem me cumprimentar. Colocou sua cartola em cima da mesa diante do divã, empurrou imperiosamente a mesa com o pé e sentou-se, ou antes, deixou-se cair sobre o divã onde eu não havia ousado sentar, tão pesadamente que se ouviu um estalido, deixou penderem as pernas e, levantando o bico de seu pé direito calçado com um sapato de verniz, pôs-se a contemplá-lo. Aliás, voltou-se logo para mim e mediu-me com seus grandes olhos um pouco imóveis.

— Nunca o hei de achar, pois! — disse ele, com um ligeiro aceno de cabeça para meu lado.

Não disse nada.

— Não é pontual! Tem suas ideias a respeito de tudo. Vir de Pietersbúrgskaia Storoná!

— O senhor vem de Pietersbúrgskaia Storoná? — perguntei-lhe.

— Não, sou eu que lhe faço a pergunta.

— Eu… com efeito, mas como o sabe?

— Como? Hum… — Piscou o olho, mas não se dignou explicar.

— Isto é, não moro em Pietersbúrgskaia Storoná, mas estava lá e de lá vim para aqui.

Continuou a sorrir em silêncio, um sorriso importante que me

desagradou tremendamente: havia nele algo de idiota.

— Da casa do Senhor Diergatchov — pronunciou ele por fim.

— O quê, da casa de Diergatchov? — E escancarei os olhos.

Ele olhou-me com um ar vitorioso.

— Nem mesmo o conheço.

— Hum…

— Como quiser! — respondi-lhe. Agora tornara-se odioso para mim.

— Hum… Sim… não… permita. O senhor compra um objeto numa loja, numa outra loja ao lado outro comprador compra outro objeto, qual na sua opinião? Dinheiro, em casa de um comerciante que se chama usurário… Porque o dinheiro é também um objeto, e o usurário é também um comerciante… Está-me acompanhando?

— Creio que sim.

— Passa um terceiro comprador que diz, mostrando uma das lojas: “É sério”, e mostrando a outra: “Não é sério”. Que posso concluir desse comprador?

— Sei lá!

— Não, permita. Era um exemplo. O homem vive de bons exemplos. Passeio pelo Niévski e noto que, do outro lado da rua, na calçada, passeia um senhor cujo caráter eu queria determinar. Chegamos, cada qual de seu lado, até à Morskaia Ülitsa, lá onde se encontra o Magazine Inglês, e notamos um terceiro transeunte que acaba de ser esmagado por um carro. Agora, preste bem atenção: passa um quarto senhor, que quer determinar o caráter de nós três, inclusive o do esmagado, quanto ao espírito prático e à seriedade… Está-me acompanhando?

— Perdoe-me, com muita dificuldade.

— Bem, é mesmo o que eu pensava. Vou mudar de assunto. Estou

nas águas, na Alemanha, numa estação de águas, como já o fiz muitas vezes, pouco importa o lugar. Passeio e vejo ingleses. É difícil, como o senhor sabe, travar conhecimento com um inglês; mas, ao fim de dois meses, terminado o tratamento, eis-nos todos nas montanhas, fazemos ascensões juntos, com bengalas de extremidade pontuda, ora a uma montanha, ora a outra, pouco importa. A uma volta, isto é, numa parada lá onde os monges fabricam o *chartreuse* — note bem —, encontro um natural do país, plantado ali, solitário, a olhar silenciosamente. Quero ter uma ideia de sua seriedade: que acredita o senhor, poderei dirigir-me para isso à multidão dos ingleses com os quais caminho, unicamente porque fui incapaz de travar conversa com eles no balneário?

— Sei lá! Perdoe-me, tenho muita dificuldade em acompanhá-lo.

— Muita?

— Sim, o senhor me fatiga.

— Hum… — Piscou o olho e fez com a mão um gesto que devia sem dúvida significar alguma coisa de muito vitorioso e de muito triunfante; em seguida, muito gravemente e muito calmamente, tirou de seu bolso um jornal que acabara certamente de comprar, desdobrou-o e se pôs a ler a derradeira página, como para me deixar completamente à vontade. Durante cinco minutos, não pousou os olhos em mim.

— As Brest-Graev não caíram? Não, vão bem, sobem sempre! Conheço muitas que caíram.

Olhou-me com toda a sua alma.

— Não compreendo ainda grande coisa da Bolsa — respondi.

— Condena-o?

— Quem?

— O dinheiro, com a breca!

— Não condeno o dinheiro, mas… me parece que a ideia está em

primeiro lugar, depois vem o dinheiro.

— Isto é, permita… eis um homem que tem, como se diz, fortuna…

— Em primeiro lugar a ideia, depois o dinheiro. Sem ideia superior, a sociedade, apesar de todo o seu dinheiro, virá abaixo.

Não sei, na verdade, por que me acalorava. Olhou-me um pouco tolamente, como homem que não sabe mais como sair dum embaraço, depois, de repente, seu rosto desabrochou num sorriso jovial e astuto:

— E Viersílov, hem? Apanhou o bocado! Deram-lhe razão ontem, hem?

Vi de súbito e com espanto que ele sabia desde muito tempo quem eu era e que sabia ainda de muito mais coisas. Somente não compreendo por que corei de repente e fitei-o da maneira mais estúpida sem desviar dele os olhos. Triunfava visivelmente, olhava-me com alegria, como se me tivesse surpreendido graças a alguma fina astúcia e apanhado na armadilha.

— Não! — exclamou, arqueando as sobrancelhas. — Pergunte-me o que sei do Senhor Viersílov! Que lhe dizia eu ainda há pouco a propósito da seriedade? Há dezoito meses, por causa daquela criança, teria ele podido concluir um negocinho bem bom, meu caro, mas foi tudo por água abaixo. Perfeitamente!

— Que criança?

— Ora, a criança de peito que mandou ele criar agora em segredo; somente não ganhará nada com isso… porque…

— Que criança de peito? De que se trata?

— A dele, bem decerto, sua própria filha, que ele teve de *Mademoiselle* Lídia Akhmákova… “Uma moça encantadora me acariciava…” Paus de fósforo, hem?

— Que tolices são essas? Jamais ele teve filha de Akhmákova!

— E essa! E eu, onde eu estava então? Parece-me, no entanto, que sou doutor e parteiro! Meu nome é Stiebielhkov. Não me conhece? É verdade que naquela época não praticava desde muito tempo a profissão, mas podia dar um conselho prático num caso prático.

— O senhor é parteiro?… Fez o parto de Akhmákova?

— Não, não lhe fiz o parto, absolutamente. Havia lá, no subúrbio, um Doutor Granz, carregado de família, pagaram-lhe um meio táler, o que se paga ali aos doutores, e aliás, ainda por cima, ninguém o chamara. Afina, estava lá, no meu lugar… Fora eu quem o recomendara, para tornar mais espessas as trevas. Está-me acompanhando? Quanto a mim, só dei um conselho prático, à pergunta de Andriéi Pietróvitch Viersílov, pergunta totalmente secreta, feita de ouvido a ouvido. Mas Andriéi Pietróvitch preferiu perseguir duas lebres.

Eu escutava, presa do espanto mais profundo.

— "Quem caça duas lebres não pega nenhuma!", diz-se entre nós, ou antes, entre o povo. Eu digo: as exceções constantemente repetidas tornam-se a regra geral. Ele caçou uma segunda lebre, isto é, em bom russo, uma segunda dama, e o resultado foi nulo! Um "toma" vale mais do que dois "te darei!". Onde é preciso resolver depressa, ele remancha. Viersílov… "um profeta para mulheres", como o jovem Príncipe Sokólhski tão acertadamente o qualificou, na minha presença. Não, o senhor me agrada! Se quer saber muitas coisas sobre Viersílov, venha ver-me.

Admirava visivelmente minha boca, redonda de espanto: até então nunca ouvira falar de criança de peito. Naquele instante a porta das vizinhas bateu e um indivíduo entrou rapidamente no quarto delas.

— Viersílov mora em Siemiônovski Polk,[35] Mojáiskaia Úlitsa, edifício Litvinovna, número dezessete. Venho da Repartição de Endereços! — gritou uma voz de mulher irritada. Ouvia-se cada palavra. Stiebielhkov franziu o cenho e ergueu o dedo mais alto que sua cabeça.

— Falamos dele aqui, e já está lá… Eis bem as exceções constantemente repetidas! *Quand on parle d'une corde…*[36]

Rapidamente, dum salto, sentou-se sobre o divã e colou a orelha à porta contra a qual aquele móvel estava empurrado.

Fiquei terrivelmente surpreso. Compreendi que aquele grito devia provir da moça que fugira ainda há pouco, numa extrema emoção. Mas que tinha Viersílov a ver com tudo aquilo? Bruscamente, repercutiu de novo o grito de ainda há pouco, histérico, grito duma criatura louca de cólera a quem se recusa alguma coisa ou se impede de fazer alguma coisa. A única diferença foi que os gritos e os urros duraram ainda mais tempo. Era uma luta, palavras precipitadas, rápidas: "Não quero, não quero", "me devolvam, me devolvam logo!", ou então algo neste gênero, não consigo lembrar-me exatamente. Em seguida, como ainda há pouco, alguém pulou bruscamente para a porta e abriu-a. As duas vizinhas lançaram-se para o corredor, uma, como ainda há pouco, retendo manifestamente a outra. Stiebielhkov, que desde muito tempo já havia saltado para baixo do divã e prestava atenção com prazer, deu apenas um salto até à porta e muito francamente correu diretamente para o apartamento das vizinhas. Eu também, naturalmente, aproximei-me da porta. Mas a aparição dele no corredor produziu o efeito dum balde d'água gelada: as vizinhas eclipsaram-se lestamente, batendo a porta com estrondo. Stiebielhkov fez menção de correr atrás delas, mas parou, com o dedo levantado, sorrindo e refletindo; desta vez, distingui no seu sorriso algo de extremamente mau, sombrio e sinistro. Vendo a locadora plantada de

novo diante de sua porta, correu para o lado dela na ponta dos pés. Depois de ter cochichado dois minutos com ela e obtido evidentemente algumas informações, voltou com um passo majestoso e decidido para o quarto, pegou em cima da mesa sua cartola e dirigiu-se para o apartamento das vizinhas. Um instante escutou à porta, colando nela a orelha e lançando para a outra extremidade do corredor uma piscadela vitoriosa à locadora, que o ameaçava e abanava a cabeça como para dizer: “Oh? que descarado! que descarado!”. Por fim, com um ar decidido, mas infinitamente delicado, curvando-se quase por delicadeza, bateu com as falanges na casa das vizinhas. Ouviu-se uma voz:

— Quem é?

— Não me quererão conceder a permissão de entrar, para um negócio da mais alta importância? — proferiu Stiebielhkov, em voz alta e digna.

Não se apressaram, mas abriram ainda assim, primeiro aos poucos, depois pela metade; mas Stiebielhkov já havia agarrado fortemente a maçaneta e não deixaria mais que tornassem a fechar a porta. Travou-se a conversa: Stiebielhkov falava alto, procurando sempre penetrar no quarto; não me lembro das palavras, mas tratava-se de Viersílov, podia dar notícias, explicações. — “Não, perguntem a mim”, e “Não, venha pois ver-me!”, e assim por diante. Bem depressa, fizeram-no entrar. Voltei ao meu divã e me dispus a escutar, mas não consegui distinguir tudo: ouvia apenas que se nomeava frequentemente Viersílov. Pela entonação da voz, adivinhava que Stiebielhkov dirigia já a conversa, falava não mais como um conspirador, mas com domínio e num tom desembaraçado, como ainda há pouco comigo: “Está-me acompanhando?”, “Deixem-me agora penetrar mais adiante, etc. etc.”. Aliás, devia ser extremamente amável para com as senhoras. Já, por duas vezes, havia repercutido seu riso sonoro, e certamente deslocado, porque, ao lado de sua voz, e por vezes dominando-a, ouviam-se as vozes das duas mulheres que estavam longe de exprimir a alegria, sobretudo a da mais jovem, a que havia lançado os gritos; falava muito, nervosamente, depressa, sem dúvida para acusar e queixar-se e reclamar justiça. Mas Stiebielhkov não ficava atrás; elevava o tom cada vez mais e escarnecia cada vez

com mais frequência; as pessoas dessa espécie não sabem escutar os outros. Desci em breve do divã, porque me pareceu vergonhoso estar escutando, e retomei meu lugar anterior diante da janela, na cadeira de vime. Estava persuadido de que Vássin não tinha nenhuma estima por aquele senhor, mas que, se eu lhe exprimisse minha opinião, tomaria logo sua defesa com uma dignidade grave e ia me fazer um sermão: "É um homem prático, um desses homens de negócios, modernos, que é impossível julgar do nosso ponto de vista geral e abstrato". Naquele instante, aliás, lembro-me, eu me achava moralmente abatido, meu coração batia e eu aguardava qualquer acontecimento. Uma dezena de minutos se passou e, de repente, em pleno meio de uma explosão de riso tonitruante, alguém, exatamente como ainda há pouco, saltou de sua cadeira, depois ouviram-se os gritos das duas mulheres, percebeu-se que Stiebielhkov também havia saltado, que falava num tom bem diferente, como para se justificar, para rogar que tivessem a bondade de ouvi-lo até o fim… Mas não lhe deram ouvidos. Gritos furiosos repercutiram: "Fora daqui! O senhor não passa de um celerado, de um descarado!". Era claro, em suma, que o punham para fora. Abri a nossa porta no instante preciso em que ele saía do apartamento das vizinhas para o corredor, literalmente empurrado para fora pelas próprias mãos delas. Vendo-me, pôs-se a gritar para mim, mostrando-me com o dedo:

— Eis o filho de Viersílov! Se não acreditam em mim, pois bem, eis o filho dele, seu próprio filho! — E agarrou-me ferreamente pela mão.

— É filho dele, seu filho verdadeiro! — repetia, levando-me para junto das damas e sem acrescentar nenhuma outra explicação.

A moça estava no corredor; a mais idosa, a um passo dela, no vão da porta. Lembro-me somente de que aquela pobre moça não era feia: uns vinte anos, porém magra e de aspecto doentio, arruivada e parecendo, de rosto, um pouco com minha irmã; esta característica atravessou-me o espírito e ficou-me na memória. Somente Lisa jamais se encontrara — e não tinha naturalmente jamais podido encontrar-se — num acesso de cólera comparável ao em que se achava aquela pessoa ali à minha frente: seus lábios estavam brancos, seus olhos dum cinzento claro faiscavam, tremia toda de indignação. Lembro-me

também de que me encontrava eu mesmo numa posição extremamente tola e vergonhosa, porque não achava nada para dizer, tudo por culpa daquele grosseiro sujeito.

— Filho dele? E daí? Se está com o senhor, é um canalha. — Voltou-se de repente para mim: — Se o senhor é o filho de Viersílov, pois bem, diga de minha parte a seu pai que ele é um canalha, um miserável descarado, que não preciso do dinheiro dele… Tome, tome… entregue-lhe imediatamente este dinheiro!

Tirou bruscamente de seu bolso várias cédulas. Mas a mulher idosa (sua mãe, como o soube mais tarde) pegou-lhe o braço:

— Ólia, mas talvez não seja verdade, talvez não seja filho dele!

Ólia lançou-lhe um olhar rápido, compreendeu, encarou-me com desprezo, e tornou a entrar no quarto, mas antes de bater a porta, na soleira, gritou ainda uma vez para Stiebielhkov:

— Fora daqui!

E chegou mesmo a bater com o pé. Em seguida a porta bateu e foi fechada a chave. Stiebielhkov, continuando a segurar-me pelo ombro, ergueu o dedo e, com a boca dilatada num sorriso longo e pensativo, fixou em mim um olhar interrogativo.

— Acho sua conduta para comigo ridícula e indigna! — balbuciei, na minha indignação.

Mas ele não me escutava, se bem que não desviasse os olhos de mim.

— É o que seria preciso exa-mi-nar! — proferiu ele, com ar pensativo.

— Mas como ousou o senhor implicar-me nisso? Quem é? Quem é aquela mulher? O senhor agarrou-me pelo ombro e arrastou-me. Que significa isso?

— Ah! diabos! Uma mulher que perdeu a inocência… “A exceção muitas vezes repetida.” Está me acompanhando?

E tocou-me o peito com o dedo.

— Vá para o inferno! — gritei-lhe, repelindo-lhe o dedo.

Mas de repente, e completamente de improviso, pôs-se ele a rir mansa, longa, alegremente. Por fim pôs o chapéu na cabeça e, com uma fisionomia já mudada e sombria, observou, franzindo o cenho:

— Seria preciso dar uma lição à locadora… Seria preciso expulsá-las do apartamento, eis aí! E o mais cedo possível, de outro modo… Verá! Lembre-se do que digo, verá! Com os diabos! — alegrou-se ele de repente. — Vai esperar Gricha?

— Não, não o esperarei — respondi, bem decidido.

— Vamos, não importa…

Sem acrescentar uma sílaba, voltou-se, saiu e meteu-se pela escada, sem honrar, nem mesmo com um olhar, a locadora que parecia esperar explicações e notícias. Eu também peguei meu chapéu e, depois de ter pedido à locadora que dissesse que Dolgorúki tinha vindo, desci correndo.

## III

Perdera meu tempo. Assim que me vi fora, pus-me à procura dum alojamento. Estava distraído; vagueei várias horas pelas ruas, entrei nuns cinco ou seis imóveis, mas estou certo de que deixei passar uns vinte sem notar. Para meu grande desaponto, jamais teria pensado que fosse tão difícil encontrar um alojamento: por toda parte quartos como o de Vássin, e bem piores ainda, e a preços impossíveis, pelo menos para meu orçamento. Pedia simplesmente um canto, onde pudesse pelo menos estender-me, e respondiam-me com desprezo que, nesse caso, era preciso dirigir-me aos “locadores de cantos”. Além disso, por toda parte uma multidão de locatários isolados, com os quais, a julgar-lhes pela cara, eu jamais poderia viver; teria mesmo pago para não viver ao lado deles. Senhores sem paletó, de colete, a barba hirsuta, curiosos e sem-cerimônia. Eram uns dez, num quarto microscópico, jogando cartas e bebendo cerveja: ofereciam-me um quarto contíguo. Em outros lugares, era eu quem, às perguntas dos locadores, respondia

tão estupidamente, que me olhavam com espanto; num lugar mesmo, zanguei-me. Aliás, é inútil descrever todos esses detalhes ínfimos; queria somente dizer que, terrivelmente cansado, comi alguma coisa num albergue, quando já era quase noite. Voltei à decisão definitiva de que iria imediatamente entregar, só e em pessoa, a Viersílov a carta referente à herança (sem a menor explicação), apanharia lá em cima minhas coisas, encheria minha mala e um embrulho e iria passar a noite num hotel. Havia, era do meu conhecimento, ao fim da Obúkhovski Prospekt,[37] perto do Arco do Triunfo, albergues onde se podia obter um quarto isolado, mediante trinta copeques; decidi, por uma noite, fazer esse sacrifício, a fim de não ficar por mais tempo em casa de Viersílov. Ora, ao passar diante do Instituto Tecnológico, deu-me de súbito a fantasia de entrar em casa de Tatiana Pávlovna, que morava em frente. Como pretexto, tinha aquela mesma carta referente à herança, mas minha vontade indomável tinha naturalmente outras causas, que sou, aliás, incapaz de explicar hoje: fazia-se no meu espírito terrível confusão entre "a criança de peito", "as exceções que se tornam a regra geral" e o resto. Eu queria contar, ou antes dar-me ares, ou então discutir, ou mesmo chorar, ignoro-o, mas o fato é que subi a escada de Tatiana Pávlovna. Só estivera em casa dela uma vez, no começo de minha estada em Moscou, para lhe dar não sei mais que recado de parte de minha mãe e me lembro de que entrei, dei o recado e retirei-me um minuto depois, sem me sentar e ela não me reteve.

Toquei a campainha. A cozinheira abriu logo a porta e introduziu-me silenciosamente. Todos estes detalhes são necessários para fazer compreender como pôde produzir-se um acontecimento tão louco, que teve também colossal importância sobre tudo quanto se seguiu. Em primeiro lugar, a cozinheira. Era uma finlandesa rabugenta e de nariz chato que, creio, detestava sua patroa, Tatiana Pávlovna, que, pelo contrário, não podia separar-se dela, por motivo duma dessas paixões que têm as solteironas pelos velhos totós sempre de nariz úmido ou pelos gatos perpetuamente adormecidos. A finlandesa, ou se amuava e resmungava, ou então, após alguma discussão, não abria a boca semanas inteiras, para punir sua patroa. Sem dúvida, eu apareci num desses dias de silêncio, porque, à minha pergunta: "A senhora está?", que me lembro positivamente ter-lhe feito, ela não respondeu e

voltou, sem abrir a boca, para sua cozinha. Depois disso, persuadido naturalmente de que a senhora estava em casa, entrei e, não encontrando ninguém, esperei, pensando que Tatiana Pávlovna ia sair de seu quarto; se não fosse assim, por que a cozinheira teria me deixado entrar? Fiquei de pé dois ou três minutos; caía a noite e o apartamento já sombrio de Tatiana Pávlovna tornara-se ainda menos aprazível com aquelas ondas de chita da Índia pendendo por toda parte. Duas palavras a respeito daquele feio apartamento, para dar a compreender o lugar em que a coisa se passou. Por conta de seu caráter autoritário e teimoso e de suas velhas fantasias senhoriais, Tatiana Pávlovna não podia acomodar-se à vida em hotéis: alugara aquela paródia de apartamento tão só para viver sozinha e ser dona em sua casa. Aqueles dois quartos eram literalmente duas gaiolas de canários, coladas uma à outra, uma menor que outra, no segundo andar e dando para o pátio. Ao entrar, encontrava a gente, em primeiro lugar um pequeno corredor muito estreito, dum *archin* e meio de largura; à esquerda, as duas gaiolas de canários já mencionadas; e bem em frente, ao fundo do corredor, a entrada duma minúscula cozinha. O *sajenh* e meio cúbico de ar, indispensável ao homem para uma duração de doze horas, existiam talvez, mas decerto não mais. As peças eram tremendamente baixas e, para cúmulo de estupidez, as janelas, as portas, os móveis, tudo, tudo estava atapetado ou coberto de chita da Índia, de bela chita, francesa, com florões; mas o quarto parecia duas vezes mais sombrio ainda e assemelhava-se ao interior duma diligência. Na peça onde eu esperava, a gente podia, rigorosamente falando, mover-se, se bem que estivesse toda ela atravancada de móveis e, aliás, não feios de todo: havia ali toda espécie de mesinhas com incrustações, ornadas de bronze, caixas, uma penteadeira elegante e até mesmo rica. Mas o quartinho seguinte, donde esperava vê-la sair, seu quarto de dormir, separado do em que me achava por uma cortina, não continha, literalmente, como o soube depois, senão um leito. Todos estes detalhes são indispensáveis para compreender a tolice que cometi.

De modo que esperava sem experimentar a menor dúvida, quando a sineta tocou. Ouvi a cozinheira percorrer o corredor sem se apressar e introduzir em silêncio, exatamente como fizera comigo ainda há pouco, vários visitantes. Eram duas senhoras e ambas falavam em voz

alta, mas qual não foi meu espanto quando, pela voz, reconheci numa delas Tatiana Pávlovna, e na outra a mulher que eu estava bem menos preparado para encontrar agora, sobretudo naquele lugar! Não havia erro possível, ouvira aquela voz sonora, forte e metálica, ontem, três minutos somente, é verdade, mas ficara no meu coração. Sim, era bem "a mulher de ontem". Que fazer? Não dirijo, de modo algum, esta pergunta ao leitor. Limito-me a evocar aquele minuto e estou ainda hoje absolutamente fora de condições de explicar como ocorreu que me lançasse para trás da cortina e me encontrasse no quarto de Tatiana Pávlovna. Em suma, ocultei-me e mal tivera tempo de dar aquele salto, quando elas entraram. Por que não fui ao encontro delas, em vez de esconder-me? Ignoro-o; tudo isso aconteceu por acaso, sem que me desse conta.

No quarto, tropecei no leito e verifiquei imediatamente que havia uma porta que dava para a cozinha, portanto uma saída possível em caso de desgraça, pela qual se podia escapar perfeitamente. Mas, horror!, a porta estava fechada a chave e esta não se achava na fechadura. Desesperado, deixei-me cair sobre o leito; era claro para mim que ia agora escutar a conversa e, desde as primeiras frases, desde os primeiros sons, adivinhei que a conversa delas era secreta e muito delicada. Oh! é bem certo que um homem nobre e leal deveria ter-se levantado, mesmo naquele momento, saído e dito em voz alta: "Estou aqui, esperem!", e, apesar do ridículo de sua situação, retirar-se; mas não me levantei e não saí; da mais ignóbil das maneiras, tive medo.

— Katierina Nikoláievna, minha cara, você me magoa profundamente — suplicava Tatiana Pávlovna —, acalme-se duma vez por todas, isto não convém ao seu caráter. Por toda parte onde você se encontra, há felicidade, e ei-la de repente… Mas eu, pelo menos, espero que continue a crer em mim, você sabe a que ponto lhe sou devotada. Pelo menos tanto quanto a Andriéi Pietróvitch, a quem não oculto, no entanto, minha eterna fidelidade… Pois bem então! Acredite-me, juro-lhe pela minha honra que ele não possui aquele documento, e talvez ninguém o tenha; aliás, ele não é capaz de semelhantes intrigas, você faz mal em suspeitar. Vocês dois é que imaginaram essa hostilidade…

— O documento existe e ele é capaz de tudo. Ontem, entro, e meu primeiro encontro é com *ce petit espion*, que ele impôs ao príncipe.

— Ora vamos! *Ce petit espion?* Em primeiro lugar, ele não é *espion* absolutamente. Fui eu que insisti para que o colocassem em casa do príncipe, de outro modo teria perdido a cabeça em Moscou ou morrido de fome. Tais são, pelo menos, as informações recebidas de lá; e sobretudo aquele garoto ainda tosco não passa de um imbecil. Como haveria de ser espião?

— Sim, um imbecil, o que não o impede, aliás, de ser um tratante. Se eu não tivesse aquele desgosto, teria morrido de rir, ontem: ele ficou lívido, aproximou-se, quis fazer bonito, pôs-se a falar francês. E dizer-se que, em Moscou, Maria Ivânovna me falava dele como de um gênio! Essa condenada carta existe e se encontra em alguma parte, no lugar mais perigoso, foi a conclusão a que cheguei pela fisionomia daquela Maria Ivânovna.

— Mas, meu bem, você mesma diz que não há nada em casa dela!

— Pelo contrário, há alguma coisa, ela mente. E, pode-se dizer, ela sabe mentir! Antes de Moscou, eu ainda tinha uma esperança de que não restasse mais nenhum papel, mas aqui, aqui…

— Oh! minha cara, dizem, pelo contrário, que é uma criatura excelente e muito sensata. Seu defunto marido estimava-a mais do que a todas as suas sobrinhas. É verdade que não a conheço bem, mas você deveria tratar de agradar-lhe um pouco, meu bem! Não terá dificuldade em vencer. Eu mesma, que sou velha, pois bem, estou encantada com você, pronta a beijá-la… Pois bem, que lhe custaria seduzi-la?

— Procurei seduzi-la, Tatiana Pávlovna, ensaiei, ela mesma ficou encantada. Mas o caso é que é muito ladina, sim, muito ladina… Não, é um caráter inteiriço, e original, um caráter moscovita… Imagine que ela me aconselhou a dirigir-me aqui a um tal de Kraft, que foi auxiliar de Andrónikov. Talvez saiba ele alguma coisa! Tenho já alguma ideia desse Kraft e até mesmo me lembro dele um pouco. Mas no momento em que ela me falou desse Kraft, tive imediatamente a convicção de que, longe de ignorar, ela mente, sabe de tudo.

— Mas por que então, por que isso? Em todo caso, pode-se colher informação com esse Kraft! É um alemão, nada falador e muito honesto, lembro-me. É verdade que seria preciso interrogá-lo! Mas acho que ele não se encontra mais em Petersburgo…

— Voltou ontem, estou vindo da casa dele… Justamente por isso é que me vê você tão alarmada, toda trêmula, braços e pernas. Queria saber de você, Tatiana Pávlovna, meu anjo, já que conhece todo mundo, se não haveria meio de dar uma busca nos papéis dele. Deve ter certamente deixado papéis. Para quem irão eles? Talvez venham a cair ainda em mãos perigosas. Vim pedir-lhe um conselho.

— Mas de que papéis fala você afinal? — interrogou Tatiana Pávlovna, que não estava compreendendo nada. — Você acaba de dizer que vem da casa de Kraft.

— Sim, sim, estou vindo de lá, mas o caso é que ele se suicidou! Ontem de noite.

Saltei de cima do leito. Pudera manter-me calado enquanto ouvia tratarem-me de espião e de idiota; quanto mais avançavam elas na sua conversa, menos me parecia possível mostrar-me, era inconcebível! Resolvi comigo mesmo esperar, o coração deixando de palpitar, até o momento em que Tatiana Pávlovna fosse levar à porta a visitante (se, para felicidade minha, não tivesse necessidade de entrar antes no seu quarto), e em seguida, uma vez que Akhmákova saísse, estava pronto a brigar com Tatiana Pávlovna!… Mas agora que, ao saber da morte de Kraft, tinha saltado de cima do leito, fui tomado duma espécie de convulsão. Sem mais pensar em nada, sem raciocinar, sem dar-me conta de nada, dei um passo, ergui a cortina e achei-me diante delas. Estava ainda bastante claro para que pudessem enxergar-me, pálido e trêmulo… Lançaram um grito. Como não gritar?

— Kraft? — balbuciei eu, voltando-me para Akhmákova. — Suicidou-se? Ontem? Ao pôr do sol?

— Onde estavas? Donde sais? — guinchou Tatiana Pávlovna, que me fincou literalmente as unhas nas costas. — Tu nos espionavas? Tu nos escutavas?

— Que é que eu lhe dizia? — disse Katierina Nikoláievna, erguendo-se do divã e apontando para mim com o dedo. Saí dos eixos.

— Mentiras! Tolices! — interrompi, furioso. — Ainda há pouco a senhora chamou-me de espião! Meu Deus! Vale a pena não já espionar, mas viver aqui embaixo, ao lado de gente como a senhora? Os homens generosos acabam suicidando-se: Kraft matou-se por causa da ideia, por causa de Hécuba!… Mas como saberia a senhora quem é Hécuba?… Aqui, somos obrigados a viver no meio das intrigas de vocês, a patinhar entre suas mentiras, seus disfarces, seus manejos subterrâneos… Basta!

— Dê-lhe uma bofetada! Dê-lhe uma bofetada! — gritou Tatiana Pávlovna. E como Katierina Nikoláievna continuasse a fitar-me (lembro-me de tudo, até o mínimo detalhe) sem desviar a vista, mas sem se mexer, Tatiana Pávlovna veio no mesmo instante executar seu conselho em pessoa… tanto que ergui, por instinto, a mão para proteger meu rosto. Por causa deste gesto, pareceu-lhe que eu a ameaçava.

— Vamos, bate, bate então! Prova que sempre foste um malandro… És o mais forte. Por que haverás de constranger-te diante de pobres mulheres?

— Basta de calúnia, basta! — gritei. — Jamais erguerei a mão contra uma mulher! A senhora é uma descarada, Tatiana Pávlovna, sempre me desprezou. De que serve respeitar as pessoas? A senhora ri, Katierina Nikoláievna? Deve ser sem dúvida de minha cara. Sim, Deus não me deu uma cara como a dos ajudantes de campo da senhora. E, no entanto, diante da senhora, não me sinto humilhado, mas, pelo contrário, superior… Enfim, pouco importam as expressões, mas não sou culpado! Entrei aqui por acaso, Tatiana Pávlovna. A única culpada é a sua finlandesa, ou, para melhor dizer, sua paixão por ela. Por que ela não me respondeu, quando lhe perguntei se a senhora estava em casa, e por que me conduziu diretamente para aqui? Em seguida, hão de convir, pareceu-me tão monstruoso surgir do quarto duma mulher que decidi suportar em silêncio todos os insultos de vocês a ter de mostrar-me… Continua a rir, Katierina Nikoláievna?

— Vai-te, vai-te, fora daqui! — gritou Tatiana Pávlovna, quase me empurrando. — Não leve em conta suas mentiras, Katierina Nikoláievna, já lhe disse que lá fora o tinham em conta de louco!

— Um louco? Lá fora? Quem e donde saiu isso? Mas pouco importa, já chega! Katierina Nikoláievna, juro-lhe por tudo quanto há de mais sagrado, essa conversa e tudo quanto eu vi ficarão entre nós… É culpa minha se descobri seus segredos? Tanto mais quanto, já amanhã mesmo, deixo meu emprego em casa de seu pai. De modo que pode a senhora ficar tranquila a respeito da sorte do documento que está procurando.

— Como?… De que documento fala o senhor? — Katierina Nikoláievna ficou de tal modo perturbada, que empalideceu totalmente. Talvez tenha sido mera impressão minha. Compreendi que havia falado demais.

Saí rapidamente. Acompanharam-me com os olhos, em silêncio, e lia-se em seu olhar um espanto extremo. Em suma, havia-lhes proposto um enigma…

## Capítulo IX

### I

Apressei-me em voltar para casa e, oh! maravilha!, estava muito contente comigo mesmo. Sem dúvida, não se deve falar daquela maneira a mulheres, e sobretudo a mulheres como aquelas, ou mais exatamente a uma tal mulher, porque não levava em conta Tatiana Pávlovna. Talvez não seja permitido dizer diante de uma mulher daquela qualidade: “Cuspo em suas intrigas!”, mas eu havia dito e era disso que estava contente. Sem falar do resto, estava pelo menos certo de que, tomando aquele tom, apagara tudo quanto havia de ridículo na minha posição. Mas não tive tempo de pensar longamente em tudo isso: meu cérebro estava ocupado por Kraft. Não que ele me atormentasse muito, mas, apesar de tudo, estava abalado até o fundo da alma; e mesmo a tal ponto que o sentimento comum de prazer que experimentam os homens na presença da desgraça alheia, por

exemplo, quando alguém quebra uma perna, perde a honra, é privado dum ser querido, etc., até mesmo esse sentimento comum de ignóbil satisfação cedia inteiramente em mim a outro, a uma sensação extremamente imperiosa, ao pesar, à pena… seria mesmo à pena? Ignoro… em todo o caso a um sentimento extremamente poderoso e bom. E disto eu também colhia satisfação. É espantosa a multidão de ideias estranhas que nos pode atravessar o espírito, justamente quando somos abalados por alguma notícia colossal que deveria, parece, abafar os outros sentimentos e dispersar todas as ideias estranhas, sobretudo as ideias sem importância; ora, são elas, pelo contrário, que se apresentam. Lembro-me ainda de que fui tomado pouco a pouco dum tremor nervoso bastante sensível, que durou vários minutos e até mesmo todo o tempo em que fiquei em casa para ter uma explicação com Viersílov.

Essa explicação realizou-se em circunstâncias singulares e inusitadas. Já disse que morávamos num pavilhão no pátio; esse apartamento tinha o número treze. Antes mesmo de transpor o portão, ouvi uma voz de mulher, que perguntava em voz alta, com impaciência e irritação: “Onde é o apartamento número treze?”. Era uma senhora que acabava de abrir a porta duma lojinha contígua. Mas sem dúvida não lhe responderam nada ou mesmo mandaram-na passear, porque ela tornou a descer os degraus, cheia de cólera e desespero:

— Onde está afinal o porteiro? — gritou ela, batendo com o pé.

Desde muito havia-lhe reconhecido a voz.

— Vou ao apartamento número treze — disse, aproximando-me dela. — A quem procura?

— Há uma hora que procuro o porteiro, perguntei a todo mundo, subi todas as escadas.

— É no pátio. Não está me reconhecendo?

Ela, porém, já me havia reconhecido.

— A senhora quer ver Viersílov? Tem algum negócio com ele? Eu

também — continuei. — Vim despedir-me dele para sempre. Vamos lá!

— É filho dele?

— Isto nada significa. Admitamos, se quiser, que seja eu filho dele. Muito embora me chamo Dolgorúki. Sou filho ilegítimo. Esse senhor tem uma multidão de filhos ilegítimos. Quando a consciência e a honra o exigem, até mesmo um filho ilegítimo abandona a casa paterna. Já está na *Bíblia*. Além disso, ele recebeu uma herança de que não quero partilhar. Contento-me com o trabalho de minhas mãos. Quando preciso, um coração generoso sacrifica até mesmo a vida. Kraft suicidou-se, por causa da ideia, imagine, Kraft, um rapaz tão cheio de promessas… Por aqui, por aqui! Moramos num pavilhão isolado. Lê-se já na *Bíblia* que os filhos deixem seus pais e fundem seu ninho… Quando a ideia nos arrasta… quando existe uma ideia!… A ideia é tudo, tudo está na ideia…

Continuei algum tempo este falatório, até o momento em que chegamos à nossa casa. O leitor deve sem dúvida ter notado que não me poupo e trato-me como é devido. Quero aprender a dizer a verdade. Viersílov estava em casa. Entrei sem tirar meu capote; ela também. Estava levemente vestida; sobre um vestido escuro agitava-se no alto um pedaço de não sei quê, destinado a figurar uma gola ou mantilha; trazia na cabeça um velho gorro pelado que em nada concorria para embelezá-la. Quando entramos na sala, minha mãe ocupava seu lugar habitual diante de sua costura, minha irmã saiu de seu quarto para ver quem era e parou na soleira. Viersílov, como de costume, nada fazia e levantou-se para receber-nos… Fixou em mim um olhar severo e interrogativo.

— Nada tenho a ver com isso — apressei-me em tranquilizá-lo, afastando-me. — Encontrei esta senhora diante da porta; procurava o senhor e não achava ninguém que a encaminhasse. Mas tenho também um assunto especial a tratar com o senhor, o que farei com prazer depois…

Nem por isso deixou Viersílov de examinar-me curiosamente.

— Com licença! — começou a moça, impaciente. Viersílov voltou-

se para ela.

— Refleti longamente no motivo que o fez deixar ontem este dinheiro… Eu… em resumo, eis seu dinheiro! — Lançou quase um grito, como anteriormente, e atirou sobre a mesa um maço de cédulas. — Fui obrigada a ir à Repartição de Endereços para saber onde o senhor morava, senão teria vindo mais cedo. Escute, a senhora! — disse ela, voltando-se de repente para minha mãe, que ficou totalmente branca. — Não quero ofendê-la, a senhora tem cara de honesta e talvez também sua filha. Ignoro que a senhora seja sua esposa, mas saiba que esse senhor recorta dos jornais os anúncios que, com seus derradeiros copeques, publicam as governantas e as professoras, para depois procurar essas infelizes, em busca de vantagens desonestas, engodando-as com dinheiro. Não compreendo como pude ontem aceitar o dinheiro dele! Tinha um ar tão leal! Alto lá! Nem uma palavra! O senhor é um velhaco! Mesmo que o senhor tivesse intenções honestas, não quero suas esmolas. Nem uma palavra! Nem uma palavra! Oh! Como me satisfaz denunciá-lo perante as senhoras de sua casa! Maldito seja!

E foi saindo à pressa, mas na soleira voltou-se um instante, somente para gritar:

— Dizem que o senhor recebeu uma herança!

Em seguida desapareceu como uma sombra. Lembro ainda uma vez: parecia uma fúria. Viersílov estava profundamente impressionado; ficou pensativo, como se refletisse em alguma coisa; por fim, dirigiu-se bruscamente a mim:

— Não a conheces absolutamente?

— Vi-a esta manhã, por acaso, em casa de Vássin. Agitava-se no corredor, lançava gritos e amaldiçoava o senhor. Mas não chegamos a conversar e não sei nada a seu respeito. Agora, acabo de encontrá-la à porta. É sem dúvida a professora de ontem, a que “dá lições de aritmética”.

— É ela. Uma vez em minha vida, pratiquei uma boa ação, e… tu, que é que te traz aqui?

— Eis uma carta! — respondi. — É inútil dar-lhe explicações: vem de Kraft, que a recebeu do falecido Andrónikov. O conteúdo vai esclarecê-lo. Acrescento que ninguém no mundo conhece agora a existência desta carta além de mim, uma vez que Kraft, que a entregou a mim ontem, suicidou-se logo após minha visita…

Enquanto eu falava, resfolegante e apressado, ele pegou a carta e, mantendo-a em suspenso sobre sua mão esquerda, continuou a fitar-me atentamente. Quando lhe anunciei o suicídio de Kraft, observei bem o seu rosto para ver o efeito produzido. Pois bem, que acreditais? A notícia não produziu nele nenhuma impressão… Nem mesmo ergueu as sobrancelhas! Pelo contrário, vendo que eu me havia detido, tirou seu *pince-nez*, que não o abandonava nunca e que pendia duma fita negra, aproximou a carta de uma vela e, após uma olhadela para a assinatura, começou a lê-la. Não saberei dizer quanto me magoou aquela orgulhosa insensibilidade. Devia conhecer muito bem Kraft. Uma notícia, apesar de tudo, tão extraordinária! Enfim, eu teria naturalmente querido produzir certo efeito. Após meio minuto de espera, sabendo que a carta era longa, voltei as costas e retirei-me. Minha mala estava pronta desde muito tempo, só restava fazer um embrulho de alguns objetos. Pensei em minha mãe: não me havia aproximado dela. Dez minutos mais tarde, quando eu estava pronto e disposto a ir procurar um fiacre, entrou minha irmã em minha mansarda.

— Toma, mamãe envia-te teus sessenta rublos e roga-te ainda uma vez mais que desculpes haver ela falado a Andriéi Pietróvitch. E depois, eis ainda vinte rublos. Deste ontem para tua pensão cinquenta rublos; mamãe diz que não tem o direito de cobrar-te mais de trinta, porque não gastou mais do que isso para ti e envia-te os vinte rublos restantes.

— Obrigado, se é verdade o que ela diz. Adeus, minha irmã, vou-me embora.

— Para onde vais?

— Para o albergue, enquanto espero, unicamente para não passar uma noite mais nesta casa. Dize a mamãe que a amo.

— Ela sabe. Sabe que amas também Andriéi Pietrôvitch. Como não te envergonhaste de haver trazido aquela infeliz?

— Não a trouxe, juro. Encontrei-a em frente à porta.

— Não, foste tu que a trouxeste.

— Garanto-te…

— Reflete bem, interroga-te, e verás que és tu também que és causa…

— Fiquei apenas muito contente por ter envergonhado Viersílov. Imagina que ele tem de Lídia Akhmákova uma criança de peito… Mas que é que te digo…

— Ele? Uma criança de peito? Mas não é dele! Onde ouviste contar semelhante mentira?

— Que sabes disso?

— Como não haveria de saber? Pois eu mesma embalei nos braços, em Luga, essa menina! Escuta, irmão: vejo, desde muito tempo que, sem nada saber, ofendes Andriéi Pietróvitch e mamãe ao mesmo tempo.

— Pois bem, se ele tem razão, eu é que estou errado, eis tudo. Mas a vocês, não as amo menos. Por que coraste, minha irmã? Ora! coras ainda mais agora. Bem, apesar de tudo, provocarei em duelo aquele principezinho, por causa da bofetada que deu em Viersílov em Ems. Se Viersílov nada tem que ver com o caso de Akhmákova, tanto melhor.

— Que dizes, meu irmão? Reflete um pouco!

— Por felicidade o processo acabou… Ora, eis que agora empalideceste.

— Mas o príncipe não se baterá contigo — sorriu Lisa, um pálido sorriso em meio de seu medo.

— Então vou ofendê-lo em público. Que tens, Lisa?

Ela havia empalidecido a ponto de não mais poder continuar em pé e deixara-se cair sobre o divã.

— Lisa!

Era sua mãe que a chamava lá embaixo.

Ela se recompôs e levantou, sorriu-me ternamente.

— Meu irmão, põe de parte essas tolices ou espera saberes mais, o que sabes é muito pouco.

— Vou me lembrar, Lisa, de que empalideceste ao saber que me bateria em duelo.

— Sim, sim, lembra-te disso! — Sorriu ainda uma vez em sinal de adeus e desceu.

Chamei um cocheiro e, com sua ajuda, transportei minhas coisas. Ninguém em casa fez obstáculo, nem me deteve. Não fui dizer adeus à minha mãe para não encontrar Viersílov. Quando já estava instalado no fiacre, uma ideia atravessou-me o espírito:

— Fontanka, Siemiônovski Most! — ordenei, inopinadamente. E voltei à casa de Vássin.

## II

Pensara de súbito que Vássin já sabia da notícia e talvez soubesse cem vezes mais do que eu. Foi o que aconteceu. Vássin comunicou-me logo e com solicitude todos os detalhes, aliás sem grande entusiasmo. Conclui que ele estava fatigado e era verdade. Estivera de manhã em casa de Kraft. Kraft dera em si mesmo um tiro de revólver (aquele mesmo revólver!) na véspera, logo que a noite caiu por completo, como se depreendia de seu diário. A derradeira anotação fora feita justamente antes do suicídio: escrevia que estava quase em trevas e mal distinguia as letras; mas não queria acender a vela, com receio de provocar depois um incêndio. “Quanto a acender para apagá-la, antes de dar o tiro, com a minha vida, não quero”, acrescentava estranhamente na derradeira linha. Ele começara esse diário na

antevéspera, assim que regressara a Petersburgo, antes da visita à casa de Diergatchov. Depois de minha partida, havia anotações a todos os quartos de hora; as três ou quatro últimas tinham sido feitas a cada cinco minutos. Admirei-me bastante por Vássin, que tivera o diário tanto tempo sob sua vista (tinham-no dado para ler), não ter tirado cópia, tanto mais quanto não ocupava ele mais de uma folha e todas as anotações eram curtas: "pelo menos a última página!". Vássin fez-me notar com um sorriso que se lembrava de tudo, que as anotações não obedeciam a uma ordem e eram a propósito de tudo quanto passava pela cabeça de Kraft. Ia responder-lhe que era justamente o que lhes dava valor, mas desisti e insisti em que se recordasse ele de alguma frase. Lembrou-se com efeito de algumas linhas, cerca de uma hora antes do tiro de revólver, em que se dizia que "sentia arrepio"; "para aquecer-me, tivera vontade de beber um gole, mas a ideia de que a efusão de sangue seria talvez mais abundante havia-o detido". E tudo é nesse gênero, mais ou menos, concluiu Vássin.

— E eis o que vocês chamam de tolices! — exclamei.

— Quando falei eu de tolices, afinal? Limitei-me a não tirar cópia. Mas, embora não sejam tolices, é esse diário, na verdade, bastante vulgar, ou antes, natural, isto é, precisamente aquilo que deveria ser em semelhante caso…

— Mas os derradeiros pensamentos, os derradeiros pensamentos!

— Os derradeiros pensamentos são por vezes espantosamente nulos. Conheço um suicida que se queixa em seu diário de não ser visitado, numa hora tão grave, por nenhum "pensamento superior": nada senão pensamentos vazios e fúteis.

— E o arrepio, é também um pensamento vazio?

— Você quer falar do arrepio, ou então da efusão de sangue? É fato conhecido que muitos daqueles que têm a força de pensar na sua morte iminente, voluntária ou não, são muitas vezes levados a preocupar-se com o estado no qual encontrarão seu corpo. É dentro desse espírito que Kraft temia uma efusão de sangue demasiado forte.

— Ignoro se o fato é conhecido… e se é bem exato — murmurei

—, mas causa-me admiração que o senhor ache isso tudo tão natural. Não há, no entanto, muito tempo, Kraft conversava, comovia-se, estava sentado entre nós! Será possível que o senhor não tenha a menor compaixão por ele?

— Oh! decerto, tenho compaixão, mas é outro negócio. Em todo o caso, o próprio Kraft apresentou sua morte sob o aspecto duma dedução lógica. Acontece que tudo quanto se disse a respeito dele ontem em casa de Diergatchov é exato; deixou um caderno desta grossura de conclusões científicas, segundo as quais os russos são uma raça de segunda ordem, tudo isso baseado na frenologia e até mesmo nas matemáticas, e, em consequência, não vale a pena viver quando se é russo. Se quiser, o que há aqui de mais característico é que se podem tirar todas as conclusões à vontade, mas queimar os miolos por causa dessas conclusões, eis o que não acontece todos os dias.

— É preciso pelo menos fazer justiça a seu caráter.

— E talvez a outra coisa também — observou Vássin, evasivo. Mas era claro que ele tinha em vista a tolice ou a fraqueza do cérebro. Tudo aquilo me irritava.

— Foi o senhor mesmo quem falou ontem de sentimentos, Vássin.

— Não os nego hoje tampouco. Mas, na presença do fato consumado, encontro nele algo de tão grosseiramente errôneo que meu julgamento severo exclui, malgrado meu, até a piedade.

— Sabe que eu já tinha adivinhado pelos seus olhos que o senhor iria falar mal de Kraft e, para não ouvi-lo assim falar, resolvera não pedir sua opinião? Mas o senhor a expôs por si mesmo e sou obrigado, a contragosto, a estar de acordo; e, no entanto, não estou satisfeito com o senhor! Tenho pena de Kraft.

— Veja: creio que estamos nos afastando…

— Sim, sim… — interrompi. — Mas o que é pelo menos tranquilizador é que sempre, em semelhantes casos, os sobreviventes, juízes do defunto, podem dizer a si mesmos: “Por mais que o suicida seja um homem digno de compaixão e de indulgência, nós

permanecemos, nós, e por conseguinte não há motivo para nos afligirmos além da conta”.

— Sim, é justo, se tomamos a coisa desse ponto de vista. Ah!, mas creio que o senhor está brincando. É muito espirituoso. Tenho hábito de tomar chá a esta hora. Vou pedir. O senhor irá decerto fazer-me companhia.

E saiu, medindo com os olhos minha mala e meu embrulho.

Tivera vontade de soltar alguma maldade, para vingar Kraft. Dissera-a como pudera, mas o mais curioso é que ele tinha a princípio tomado a sério minha frase “Nós permanecemos, nós”. Entretanto, fosse como fosse, ele tinha mais razão do que eu, mesmo no que se referia a sentimentos. No íntimo reconhecia isso sem o menor desprazer, mas sentia positivamente que não gostava dele.

Quando trouxeram o chá, expliquei-lhe que lhe pedia hospitalidade por uma noite somente e que, se não fosse possível. bastava dizer: iria para o albergue. Em seguida, expus-lhe brevemente minhas razões, invocando bem simplesmente o fato de ter rompido para sempre com Viersílov, sem entrar em detalhes. Vássin escutou-me com atenção, mas sem nenhuma emoção. Em geral, limitava-se a responder às perguntas, aliás amavelmente e de modo bastante completo. A respeito da carta, a propósito da qual viera pela manhã pedir-lhe conselho, não disse uma palavra; expliquei-lhe minha visita precedente como uma simples visita. Depois da palavra dada a Viersílov, de que aquela carta não seria conhecida de ninguém a não ser eu, não achava mais que tivesse o direito de falar a seu respeito a quem quer que fosse. Era-me, aliás, particularmente desagradável falar de certas coisas a Vássin. De certas, mas não de outras: consegui interessá-lo contando-lhe as cenas ocorridas no corredor e na casa das vizinhas, as quais tiveram seu epílogo em casa de Viersílov. Escutou-me com extrema atenção, sobretudo quando se tratou de Stiebielhkov. No momento em que Stiebielhkov fazia perguntas a respeito de Diergatchov, fez-me repetir duas vezes e ficou mesmo pensativo; aliás, por fim desatou a rir. Pareceu-me, de repente, naquele instante que nada, nem ninguém, poderia jamais embaraçar Vássin; esta ideia apresentou-se a mim, se bem me lembro, sob uma forma muito

lisonjeira para ele.

— Não pude aproveitar grande coisa do que me disse o Senhor Stiebielhkov — conclui eu a respeito. — Fala evasivamente… há sempre nele algo de tão leviano…

Vássin fez logo uma cara séria.

— É verdade que não possui ele o dom da palavra, mas é somente à primeira vista; acontece-lhe fazer observações de extraordinária justeza; pessoas assim são, aliás, homens práticos, homens de negócios, mais do que de pensamento; é preciso aceitá-los como são…

Era exatamente o que tinha eu adivinhado havia pouco.

— No entanto, causou em casa de suas vizinhas um tremendo escândalo e quem sabe como tudo aquilo poderia ter terminado?

A propósito daquelas vizinhas confiou-me Vássin que elas estavam aqui havia cerca de três semanas e tinham vindo da província. Moravam num quartinho e, segundo todas as aparências, eram muito pobres; estavam ali à espera de alguma coisa. Não sabia que a moça tinha posto um anúncio nos jornais como professora, mas soubera que Viersílov as havia visitado; fora na sua ausência, mas sua locadora lhe contara. As vizinhas, pelo contrário, não se davam com ninguém, nem mesmo com a locadora. Notara nos últimos dias que, com efeito, alguma coisa não andava bem, em casa delas, mas nunca houvera cenas como as de hoje. Lembro-me de nossa conversa a propósito das vizinhas por causa das consequências; reinava em casa delas naquele momento um silêncio de morte. Vássin soube com muito interesse que Stiebielhkov julgara necessário falar das vizinhas com a locadora e que repetira por duas vezes: “Você verá! Você verá!”.

— E o senhor verá que essa ideia — acrescentou Vássin — não lhe veio sem razão; ele tem, a este respeito, uma visão bem penetrante.

— Então, na sua opinião, seria preciso aconselhar à locadora que as pusesse para fora?

— Não, não se trata de pô-las para fora, mas tenho medo de que

aconteça alguma complicação… Aliás, todas essas complicações, duma maneira ou doutra, acabam sempre… Deixemos isso.

A respeito da visita de Viersílov às vizinhas, recusou-se categoricamente a dar sua opinião.

— Tudo é possível. O bom homem sentiu o dinheiro no bolso… Aliás, é possível também que tenha querido muito simplesmente dar esmola; está nas suas tradições e talvez nos seus pendores.

Contei-lhe as referências de Stiebielhkov a uma criança de peito.

— Nisso Stiebielhkov está completamente errado — declarou Vássin, com uma seriedade e um tom particulares (ouço-o ainda). — Stiebielhkov fia-se por vezes exageradamente no seu senso prático e apressa-se em concluir de acordo com a sua lógica, muitas vezes bastante penetrante. Entretanto, o acontecimento pode tomar uma cor infinitamente mais fantástica e por completo inesperada se se levam em conta as pessoas em causa. Foi o que aconteceu no caso: conhecendo uma parte do negócio, concluiu ele que a criança pertence a Viersílov; e, no entanto, não é dele.

Insisti, e eis o que soube, para grande espanto meu: a menina era do Príncipe Sierguiéi Sokólhski. Lídia Akhmákova, por causa de sua doença ou bem simplesmente por causa de seu caráter caprichoso, agia por vezes como verdadeira louca. Apaixonara-se pelo príncipe antes da chegada de Viersílov, e o príncipe “não se constrangera em aceitar seu amor”, segundo a expressão de Vássin. A ligação durou o espaço dum instante. Brigaram, como já se sabe, e Lídia pôs o príncipe para fora, “com o que, ao que parece, ele se regozijou”. Era uma moça bem estranha, acrescentou Vássin: é muito possível que jamais tivesse tido juízo perfeito. Mas, ao partir para Paris, o príncipe ignorava completamente em que estado deixava sua vítima, ignorou-o até o fim, até sua volta. Tendo-se tornado amigo da moça, ofereceu-lhe casamento, precisamente em razão de seu estado já visível (e de que, parece, os parentes não suspeitaram, quase até o fim). A moça apaixonada estava no paraíso e, na proposta de Viersílov, “viu outra coisa mais do que um sacrifício”, e, aliás, ela também o apreciava. “Ele também, diga-se a propósito, soube arranjar bem as coisas”,

acrescentou Vássin. A criança (uma menina) nasceu um mês ou seis semanas antes do termo, puseram-na com uma ama-de-leite em alguma parte na Alemanha, depois Viersílov retomou-a e se acha agora na Rússia, em Petersburgo talvez.

— E as cabeças de fósforo?

— Nada sei absolutamente — disse Vássin. Lídia Akhmákova morreu quinze dias após o parto; o que se passou, ignoro. O príncipe soube, logo que voltou de Paris, da existência da criança e, parece, não acreditou a princípio que fosse sua… Por fim, de todos os lados, conserva-se esta história secreta até agora.

— Mas quem é, pois, esse príncipe? — exclamei, indignado. — É maneira essa de agir para com uma jovem doente?

— Ela não estava no momento tão doente… e depois foi ela mesma quem o mandou embora… É verdade que ele se aproveitou um pouco depressa demais dessa despedida.

— Justifica semelhante celerado?

— Não, somente não o chamo de celerado. Há nisso bem outra coisa que perversidade. Aliás, é um negócio bem ordinário.

— Diga-me, Vássin, conheceu-o de perto? Gostaria muito de fiar-me na sua opinião, por causa de uma circunstância que me toca muito de perto.

Mas aqui Vássin respondeu com extrema reserva. Conhecia o príncipe, mas a respeito das circunstâncias em que fizera esse conhecimento, guardava um silêncio intencional. Confiou-me em seguida que seu caráter lhe dava direito a certa indulgência. “Está cheio de bons pendores, é influenciável, mas não tem bastante razão, nem bastante vontade para dominar seus desejos. É um homem sem cultura, há uma massa de ideias e de coisas que o ultrapassam; e, malgrado isso, atira-se sobre elas. Por exemplo, lhe azucrinará os ouvidos com declarações deste gênero: ‘Sou príncipe e descendo de Rurik. Mas por que não seria eu ajudante de sapateiro, se tenho necessidade de ganhar minha vida e se sou incapaz de fazer outra

coisa? Teria como tabuleta: *Príncipe Fulano, sapateiro*… Que de mais nobre?' Diz isto e é capaz de fazê-lo…, eis o que é grave — acrescentou Vássin. — Ora, não é isto absolutamente por convicção, mas simplesmente por leviandade de espírito e impressionabilidade. Em seguida virá fatalmente o arrependimento e então está sempre pronto a algum extremo absolutamente oposto. E eis toda a sua vida. Na nossa época, há muitos homens que se encontram assim acuados em um beco sem saída — concluiu Vássin — unicamente porque nasceram em nossa época."

Isto me pôs pensativo.

— É verdade que foi ele expulso outrora de seu regimento? — informei-me.

— Ignoro se foi expulso, mas o fato é que deixou seu regimento após certos desgostos. o senhor não ignora que, no outono passado, estando reformado, passou dois ou três meses em Luga?

— Eu… Sei que o senhor estava então em Luga.

— Sim, encontrei-me também ali um certo tempo. O príncipe conhecia igualmente Elisavieta Makárovna.

— Sim? Ignorava-o. É verdade que tenho conversado tão pouco com minha irmã… Mas ele teria sido recebido em casa de minha mãe? — exclamei.

— Oh! não! Era um conhecimento demasiado distante, por intermédio duma terceira casa.

— Sim, mas minha irmã falou-me daquela criança. Estava também em Luga?

— Durante algum tempo.

— E onde está agora?

— Decerto em Petersburgo.

— Não acreditaria nunca — exclamei, numa extrema perturbação

— que minha mãe pudesse estar mergulhada no que quer que seja nesta história, com aquela Lídia!

— Nesta história, fora de todas essas intrigas, que não tento analisar, o papel de Viersílov nada teve, no fundo, de tão condenável assim — observou Vássin, com um sorriso indulgente. Creio que já estava farto de conversar comigo, mas não queria demonstrar.

— Jamais, jamais acreditarei que uma mulher — exclamei de novo — tenha podido ceder seu marido a outra mulher! Não, é uma coisa em que não acreditarei nunca!… Juro! minha mãe não se meteu nessa história!

— Parece-me, no entanto, que ela não se opôs.

— No seu lugar, por simples orgulho, eu teria feito o mesmo.

— Pela minha parte, recuso-me completamente a fazer qualquer julgamento — concluiu Vássin.

Com efeito, Vássin, com toda a sua inteligência, não compreendia nada das mulheres, tanto que todo um ciclo de ideias e de fenômenos lhe era desconhecido. Calei-me. Vássin trabalhava provisoriamente numa sociedade anônima e eu sabia que ele levava trabalho para fazer em casa. Em resposta às minhas instantes perguntas, confessou que tinha com efeito contabilidades a fazer e roguei-lhe calorosamente que não se constrangesse por minha causa. Isto, creio, causou-lhe prazer; mas, antes de ocupar sua escrivaninha, quis fazer minha cama no divã. Pretendia primeiro ceder-me a dele, mas como me recusei a aceitar, ficou, creio, também satisfeito. Procurou-se em casa da locadora um travesseiro e um cobertor; Vássin mostrou-se extremamente polido e amável, mas eu sentia certo desprazer em vê-lo incomodar-se por minha causa. Encontrara-me mais à vontade, três semanas antes, quando passara a noite por acaso em casa de Iefim, no lado petersburguês. Também ele fizera minha cama em cima do divã e às ocultas de sua tia, supondo, não sei por quê, que ela ficaria descontente se soubesse que camaradas vinham dormir em casa dele. Tínhamos rido muito, estendido uma camisa fazendo de lençol e enrolado um capote feito um travesseiro. Lembro-me de que Zviériev, uma vez tudo terminado, deu no divã um tapa afetuoso e disse:

— *Vous dormirez comme un petit roi.*[38]

E aquela alegria boba e aquela frase francesa que lhe sentava bem, como um avental numa vaca, tiveram como resultado eu passar em casa daquele palhaço uma noite excelente. Quanto a Vássin, fiquei encantado quando, por fim, sentou-se à mesa e voltou-me as costas. Estendi-me sobre o divã e, olhando-lhe o dorso, refleti longamente em muitas coisas.

## III

E não faltava em quê. Minha alma achava-se perturbada, sem nada de completo nela. Mas certas sensações se salientavam, se bem que nenhuma me arrastasse completamente atrás de si, tal era a quantidade delas. Tudo cintilava por assim dizer sem nexo, nem continuidade, e eu mesmo não queria deter-me em coisa alguma, nem estabelecer nenhuma ordem. Até mesmo a lembrança de Kraft recuou insensivelmente para o segundo plano. O que mais me perturbava era minha própria situação, o fato de haver agora "rompido", de ter ali minha mala, de não estar em casa, de começar uma vida toda nova. Era como se até aquele dia todas as minhas intenções e meus preparativos tivessem sido uma pilhéria e como se agora de repente, e sobretudo subitamente, tudo começasse na realidade. Esta ideia encorajava-me e, a despeito da perturbação que sentia por muitos motivos, regozijava-me. Mas… mas havia outras sensações; uma delas em particular tinha grande vontade de pôr-se à frente e conquistar minha alma e, coisa estranha, essa sensação também me encorajava, me impelia, parecia, para algo de loucamente alegre. No entanto, aquilo começara pelo medo: eu tinha medo desde muito tempo, de haver, no meu ardor e na minha surpresa, falado demais a Akhmákova, a propósito do documento. "Sim, falei demais — pensava. — Elas com certeza terão adivinhado alguma coisa… Que desgraça! Certamente não me deixarão em repouso, se lhes ocorrer uma suspeita. Afinal, talvez não me descubram. Vou me esconder! Mas se se puserem em minha perseguição?" Então tornei a ver-me, até nos mínimos detalhes e com um prazer crescente, diante de Katierina Nikoláievna, tornei a ver seus olhos atrevidos, mas terrivelmente espantados, olhando-me à queima-roupa. Deixara-a, ao partir, naquele

espanto; “seus olhos, no entanto, não são totalmente negros… só os cílios são muito negros, e é isso que torna os olhos tão sombrios…”

E, de repente, lembro-me, aquela recordação causou-me um tremendo desagrado… despeito, náusea, por ela e por mim. Fazia a mim mesmo não sei que censuras, procurava pensar em outra coisa. “Por que não tenho a menor indignação contra Viersílov por causa daquela história com a vizinha?”, pensei, de repente. Quanto a mim, estava firmemente persuadido de que ele havia bancado de amoroso e que fora ali apenas para divertir-se, mas no fundo isso não me revoltava. Parecia-me mesmo que era impossível imaginá-lo de outro modo e por mais que me sentisse contente por terem-no coberto de vergonha, não o acusava. Não era isso que me importava; era ele ter me olhado com enorme ódio, quando eu entrei com a vizinha; ele jamais mostrara tal olhar. “Enfim, também ele me levou a sério”, pensei com uma palpitação do coração. Oh, se não o amasse, não me regozijaria tanto com o seu ódio!

Por fim, o sono apoderou-se de mim e adormeci completamente. É como através de um sonho que revejo Vássin, depois que acabou seu trabalho, repondo tudo cuidadosamente em ordem e, após ter olhado fixamente para meu divã, tirar a roupa e apagar a vela. Era mais de meia-noite.

## IV

Duas horas mais tarde, quase em ponto, despertei em sobressalto e sentei-me no divã. Por trás da porta, na casa das vizinhas, ouviam-se gritos horríveis, prantos e gemidos. Nossa porta estava escancarada e, no corredor, já iluminado, pessoas gritavam e corriam. Quis chamar Vássin, mas adivinhei logo que não estava mais no seu leito. Não sabendo onde encontrar os fósforos, peguei, tateando, minhas roupas e vesti-me à pressa, no escuro. A locadora e todos os locatários pareciam talvez ter marcado encontro na casa das vizinhas. Os gritos provinham em suma de uma só voz, a da vizinha idosa, e a jovem voz de ontem, de que me lembrava muito bem, estava completamente silenciosa. Foi a primeira observação que me atravessou o espírito. Não estava ainda completamente vestido, quando Vássin entrou precipitadamente. Num

instante, com mão familiarizada, achou os fósforos e alumiou o quarto. Estava em camisa, com roupão de quarto e de chinelos, começando logo a vestir-se.

— Que se passou? — gritei-lhe.

— Uma história bem desagradável e bem aborrecida! — respondeu, quase com cólera. — Aquela jovem vizinha, de que o senhor me falou, enforcou-se em seu quarto.

Lancei um grito. Não saberia dizer a que ponto minha alma foi ferida pela dor. Saímos para o corredor. Não ousava, confesso, entrar no quarto das vizinhas. Foi somente depois que vi a desgraçada, já dependurada, e ainda assim a certa distância. Estava coberta por um lençol, por baixo do qual apontavam as duas solas estreitas de seus sapatos. Não olhei seu rosto. A mãe achava-se num estado espantoso; nossa locadora estava a seu lado, bem pouco espantada aliás. Todos os locatários achavam-se aglomerados. Não eram numerosos; somente um velho marinheiro, sempre resmungão e exigente e que, no entanto, hoje se conservava perfeitamente tranquilo, alguns recém-chegados da província de Tver, um velho e uma velha, marido e mulher, pessoas bastante venerandas e da classe burocrática. Não descreverei o resto daquela noite, o vaivém, as visitas das autoridades. Até o nascer do dia fui literalmente agitado por um pequeno tremor rápido e julguei de meu dever não me deitar, se bem que nada tivesse a fazer. Todo mundo, aliás, mostrava uma fisionomia desperta, e até mesmo divertida. Vássin saiu não sei para onde. A locadora mostrou-se uma mulher bastante estimável, até mesmo mais do que eu pensava. Convenci-a (e honro-me disso) de que não era bom deixar a mãe assim sozinha com o cadáver de sua filha e que ela devia, pelo menos até o dia seguinte, transportá-la para seu quarto. Consentiu logo e por mais que a mãe se debatesse e chorasse, recusando-se a abandonar o cadáver, foi mesmo assim levada para o quarto da locadora, que imediatamente acendeu o samovar. Depois disso, os locatários dispersaram-se para seus quartos e fecharam-se a chave. Mas eu não quis, de modo algum, tornar a deitar-me e fiquei muito tempo no quarto da locadora, contente por ter ali um estranho, capaz, quanto ao mais, de contar-lhe coisas a propósito do caso. O samovar foi bem recebido e duma maneira geral o samovar é a coisa mais indispensável

na Rússia em todas as catástrofes e todas as desgraças, sobretudo nas mais horríveis, nas mais súbitas e nas mais excêntricas; a própria mãe bebeu duas chávenas de chá, naturalmente após toda espécie de súplicas e quase à força. E no entanto, para falar com sinceridade, jamais vi desespero mais cruel e mais sincero. Após os primeiros soluços e os gritos histéricos, começou a falar mesmo muito voluntariamente e escutei com avidez o seu relato. Há desgraçadas, sobretudo mulheres, a quem se deve, em semelhantes casos, deixar falar o mais possível. Há além disso caracteres tão perseguidos, por assim dizer, pela desgraça, tão crivados de provações ao longo de sua vida, tão acabrunhados pelos pesares de toda espécie, grandes e pequenos, que nada os espanta mais, até mesmo as catástrofes súbitas, e que, mesmo diante do cadáver do ser mais querido, não esquecerão jamais uma só das regras, tão caramente adquiridas, da arte de conquistar a benevolência alheia. Não condeno; não é nem egoísmo vulgar, nem grosseria de educação; talvez seja possível encontrar nesses corações mais ouro que nas heroínas de muito nobre aparência, mas o longo hábito da humilhação, o instinto da conservação, transes perpétuos, uma longa opressão dominam por fim. Nisto, a pobre suicida não se assemelhava à sua mãe. Mas de rosto eram completamente parecidas, se bem que a morta fosse positivamente bela. A mãe ainda não era velha, andava pelos cinquenta, era loura também, mas com os olhos fundos e as faces cavadas e com grandes dentes amarelos e desiguais. Tudo nela era amarelo: a pele do rosto e das mãos lembrava o pergaminho; o vestido, de cor escura, havia também amarelecido de velhice e a unha do índice de sua mão direita, não sei por quê, estava cuidadosamente coberta de cera amarela.

A narrativa da pobre mulher carecia por vezes de nexo. Contarei o que compreendi e aquilo de que me lembro.

## V

Tinham vindo de Moscou. Era viúva desde muito tempo, “mas viúva de conselheiro palaciano”. Seu marido era funcionário e quase nada lhe deixara “salvo duzentos rublos de pensão, mas que são duzentos rublos?”. Tinha, no entanto, educado Ólia, mandara-a para o ginásio… “E como aprendia bem, como aprendia! Recebera ao sair do

ginásio a medalha de prata…” (Aqui, naturalmente, longas lágrimas.) Seu marido perdera com um comerciante de Petersburgo um pequeno capital de quase quatro mil rublos. De repente, esse comerciante refizera fortuna, “tenho documentos, procurei advogados, disseram-me: reclame, e certamente receberá a soma inteira”… Foi o que fiz, o comerciante mostrou-se tratável. “Vão vocês mesmas”, disseram-me. Fizemos nossas malas, Ólia e eu, e eis-nos aqui há já um mês. Temos alguns recursos; alugamos esse quarto porque é o menor de todos, mas numa casa decente, nós mesmas o vimos, e para nós isto é que conta em primeiro lugar: a mulheres como nós, sem experiência, todo mundo poderia causar-nos mal. Pois bem, pagamos um mês adiantado, como pudemos. Tudo em Petersburgo custa caro. Mas o nosso comerciante recusa-se a pagar: “Não as conheço e nem quero conhecê-las”. E meus documentos que não estão em ordem, eu mesma bem vejo isso! Aconselham-me a consultar um advogado famoso: foi professor, não é um simples advogado, mas um jurista, de sorte que deve dizer com segurança o que é preciso fazer. Fui levar-lhe os nossos quinze últimos rublos. Pois bem: mostrou-se tal qual é e não me escutou nem três minutos: “Vejo de que se trata — diz ele —, sei. Se ele quiser, pagará; se não quiser, não pagará. Se a senhora intentar um processo, terá talvez de pagar as custas, o melhor é agir amigavelmente”. Chegou mesmo a brincar com o *Evangelho*: “Fazei a paz enquanto estiverdes em caminho, antes de pagardes o vosso último cêntimo”. Conduziu-me à saida, rindo. Quinze rublos perdidos! Torno a encontrar Ólia, ficamos uma diante da outra, e eu choro… Ela não chora, fica assim mesmo, orgulhosa, indignada. E assim é que ela sempre foi toda a sua vida, mesmo quando pequenina, jamais “oh!”, nem “ah!”, jamais lágrimas, ficava de olhos severos, eu chegava a sentir um arrepio nas costas, só de olhá-la. Acreditem, se quiserem: tinha medo dela, medo deveras, desde muito tempo; por vezes tinha vontade de queixar-me, mas não ousava em sua frente. Voltei à casa do comerciante uma derradeira vez, desfiz-me em lágrimas em casa dele: “Bem” — disse ele, sem ouvir mais nada. Devo dizer-lhes que, como não contássemos demorar tanto tempo, estamos sem dinheiro. Vendi algumas roupas. Levamo-las à casa de penhores e estamos vivendo disso. Tudo já fora parar ali. Então, deu-me ela sua última camisa e verti lágrimas amargas. Ela bateu com o pé e correu em pessoa à casa do comerciante. É um viúvo. Falou-lhe assim: “Venha

depois de amanhã às cinco horas. Terei talvez alguma coisa a dizer-lhe". Ela voltou alegre: "Eis o que ele disse: terei alguma coisa a dizer-lhe". Também eu estava contente, mas sentia um peso no coração: vai-se passar alguma coisa!, dizia a mim mesma, mas o quê, não tinha eu coragem de fazê-la falar. No dia marcado, voltou ela da casa do comerciante, pálida, toda trêmula e atirou-se sobre o leito: compreendera tudo, não ousei nem mesmo perguntar-lhe. Pois bem: que pensam que ele fez? Ofereceu-lhe quinze rublos, o bandido, e disse: "Se fores donzela, acrescentarei mais quarenta." Disse-lhe isto, cara a cara, sem vergonha. Então ela se lançou contra ele, pelo que me contou, mas ele repeliu-a a pontapés e trancou-se a chave num outro quarto. No entanto, confesso-lhes, em toda a consciência, não tínhamos quase nada para comer. Pegamos um bolero, forrado de pele de lebre, e vendemo-lo. Em seguida foi ela ao jornal e pôs um anúncio: "Preparo para todas as ciências e para Aritmética". "Hão de pagar-me bem uns trinta copeques", dizia-me. E ao vê-la, assim nas últimas, eu, sua mãe, eu mesma me aterrorizava. Ela não me dizia nada, ficava sentada horas inteiras à janela, a olhar o telhado da casa fronteira e em seguida lançava um grito: "Mas irei lavar roupa, esfregar soalhos, se for preciso". Frases assim e batia com o pé. É que não tínhamos amigos aqui, ninguém a quem pudéssemos ir procurar. Que iríamos tornar-nos? E sempre tinha medo de falar com ela. Dormia certa vez em pleno dia quando, de repente, desperta, abre os olhos e fita-me. Eu estava sentada sobre a mala e olhei-a também. Levanta-se sem dizer nada, aproxima-se de mim, abraça-me com força, com muita força e ambas não nos contemos mais, choramos perdidamente, sem nos desprendermos dos braços uma da outra. Era a primeira vez que lhe acontecia isso em sua vida. Estávamos assim abraçadas, quando eis que chega a Nastássia da senhora e diz: "Está aí uma senhora à sua procura". Foi há quatro dias. Entra a tal senhora, muito bem vestida, falando russo, mas com uma espécie de sotaque alemão: "Publicou um anúncio no jornal? Dá lições?". Acolhemo-la com alegria, fizemo-la sentar e ela ria amavelmente: "Não é para mim, é para minha sobrinha, que tem filhos pequenos; venha ver-nos, se quiser, e haveremos de entender-nos". Deu seu endereço: Vosniessiénski Most, número tal, apartamento número tal. E depois partiu. Minha querida Ólia lá foi, correu lá naquele mesmo dia. Pois bem, voltou duas horas depois num completo estado de histeria.

Contou-me imediatamente: “Pergunto ao porteiro: onde é o apartamento número tal?”, o porteiro olha-me: “E de que tem a senhora necessidade nesse apartamento?”. Diz isso dum modo estranho, tanto que já se podia desconfiar de alguma coisa. Mas ela era tão orgulhosa, tão impaciente, que não tolerava perguntas nem grosserias. “Pois então, pode ir!”, disse o porteiro, mostrando-lhe com o dedo a escada. Volta-lhe as costas e volta para seu cubículo. Pois bem, imaginem o que se passou! Ela entra, indaga, e logo mulheres acorrem de todos os lados: “Entre! Entre!”. Todas se precipitam, rindo, pintadas, mulheres sujas, toca-se piano, arrastam-na. “Eu queria fugir, elas, porém, não me largavam.” Teve medo, suas pernas bambeavam-lhe, continuavam as mulheres a segurá-la, mas falavam-lhe docemente, ternamente, encorajavam-na, abriu-se uma garrafa de vinho do Porto, queriam que ela bebesse. Ela então sobressaltou-se, gritou injúrias, toda trêmula: “Larguem-me! Larguem-me!”. Lançou-se para a porta, seguravam-na, ela gritava. Então saltou a outra, a tal que viera à nossa casa. deu duas bofetadas em Ólia e empurrou-a para fora: “Não vales a pena, porcaria, não mereces morar numa casa decente!”. E outra grita-lhe na escada: “Tu mesma vieste oferecer-te, porque nada tens para comer em casa, de outro modo com semelhante cara, nem mesmo te teríamos olhado!”. Toda aquela noite passou-a ela com febre e delirando. De manhã, seus olhos brilhavam. Levanta-se: “Vou dar queixa!”. Eu, não digo nada, mas penso comigo mesma: “Dar queixa como? Não se têm provas”. Ela passeia para lá e para cá, torce as mãos, correm-lhe as lágrimas; mas aperta os lábios, fica imóvel. Desde aquele momento todo o seu rosto enegreceu, até o derradeiro instante. Dois dias depois, achava-se melhor, não dizia mais nada, até dava para acreditar que estivesse calma. Foi então que veio, às quatro horas da tarde, o Senhor Viersílov. Pois bem, vou lhes dizer francamente: não posso ainda compreender como Ólia, tão desconfiada, tenha podido escutá-lo, desde a primeira palavra. O que nos atraía a ambas era o ar sério dele, até mesmo severo, sua maneira suave de falar, tão polida, e não somente polida, respeitosa mesmo, e, no entanto, não se via nele adulação: via-se que aquilo partia de seu bom coração:

— Li seu anúncio no jornal. Não o redigiu totalmente como deveria ter sido redigido e isso poderia até mesmo prejudicá-la.

Em seguida explicou alguma coisa, que eu não compreendi bem, a propósito de Aritmética. Vi somente Ólia corar (e deve ser um homem muito inteligente!). Ouço-a mesmo agradecer-lhe. Ele fez lhe perguntas, via-se que morava em Moscou desde muito tempo, conhecia pessoalmente uma diretora de ginásio.

— Vou lhe arranjar aulas — disse ele — porque conheço muita gente aqui, posso mesmo pedir a pessoas muito influentes, e até, se quiser, um lugar permanente, pode-se arranjar… Enquanto se espera, perdoe-me uma pergunta direta: em que posso agora ser-lhe útil? Não sou eu que lhe faço um obséquio, mas a senhorita, pelo contrário, que me causará, se me permitir que lhe preste um pequeno serviço. Poderá me restituir, se quiser, logo que tiver obtido seu lugar. Quanto a mim, creia-me pela minha honra, se caísse um dia na situação em que a senhorita se encontra e se, pelo contrário, a senhorita se tornasse rica, pois bem, não teria vergonha em pedir seu auxílio, havia de lhe enviar minha mulher e minha filha…”

Não tornarei a dizer-lhes todas as suas palavras, decerto, somente, derramei lágrimas vendo os lábios de Ólia tremerem de gratidão. Respondeu-lhe desta forma:

— Aceito porque tenho confiança em um homem leal e humano que poderia ser meu pai…

Disse-lhe isto tão bem, tão breve, tão nobremente: “um homem humano”! Ele se levanta imediatamente:

— Com certeza, com toda certeza, vou lhe arranjar aulas e um lugar, hoje mesmo cuidarei disso, tanto mais quanto a senhorita tem títulos perfeitamente suficientes…

Esqueci de dizer-lhes que, logo, ao entrar, ele havia examinado os diplomas do ginásio, porque ela os havia mostrado, e interrogara-a a respeito de toda espécie de assuntos…

— Viu como ele me interrogou? — disse-me depois Ólia. — Como é inteligente! Como é agradável conversar com um homem tão culto, tão instruído!…

Estava resplandecente de alegria. Havia sessenta rublos em cima da mesa:

— Tome-os — disse-me. — Terei um emprego. Esta será a primeira dívida que pagaremos, para que ele veja que somos honradas, porque delicadas ele já viu que somos.

Em seguida calou-se. Via que ela respirava profundamente:

— Sabe de uma coisa, mamãe? Se fossemos gente grosseira, não teríamos aceitado, por orgulho, mas aceitando, mostramos com isso nossa delicadeza, mostramos que temos confiança nele, um homem respeitável de cabelos brancos, não é verdade?

A princípio não compreendi bem e disse:

— E por quê, Ólia, não aceitar um benefício de um homem nobre e rico, se além do mais tem bom coração?

Ela franziu o cenho:

— Não, mamãe, não é isto, não é de benefício que se trata, mas de humanidade. Quanto ao dinheiro, talvez tivesse sido melhor não aceitá-lo. Uma vez que ele prometeu arranjar-me um emprego, isto bastaria… embora tenhamos muita necessidade de dinheiro.

E eu:

— Ora, Ólia, estamos numa situação que nada podemos recusar.

E cheguei mesmo a rir ao dizer isto. Estava no íntimo contente. Mas uma hora depois, voltou ela à carga; num tom categórico:

— Espere um pouco, mamãe, antes de gastar esse dinheiro.

— Como? — perguntei.

— Sim, espere! — E não disse mais nada.

Ficou a noite toda, silenciosa. Mas às duas horas da madrugada, acordo e ouço Ólia a revolver-se na cama:

— Mamãe, não está dormindo?

— Não.

— A senhora sabe? Ele quis ofender-me.

— Que é que estás dizendo?

— Decerto, decerto. É um homem vil e sobretudo não gaste um só copeque do dinheiro dele.

Ia responder-lhe, comecei mesmo a chorar em minha cama; ela, porém, voltou-se para o lado da parede, dizendo:

— Não me responda, deixe-me dormir!

De manhã, olho-a e não a reconheço mais. Acreditem-me ou não, mas juro-lhes, perante Deus, que não estava mais no seu juízo!

Desde que a haviam tratado daquela maneira naquela casa infame, seu coração não estava mais em seu lugar e sua razão também… Olho-a naquela manhã e não sei que pensar; tenho medo; digo a mim mesma: não devo contradizê-la. Ela me pergunta:

— Mamãe, ele não deixou seu endereço?

— Não tens razão, Ólia; tu o ouviste falar ontem, elogiaste-o, em seguida estavas prestes a chorar lágrimas de gratidão.

Não lhe disse mais nada. Ela, porém, lança gritos, bate com o pé:

— A senhora só tem sentimentos baixos. Vê-se bem isso: a velha educação do tempo da servidão!…

Ah! o que não me disse ela!… Pega seu chapéu, sai, grito por ela na escada. Digo a mim mesma: que tem ela? para onde foi? Partira para a Repartição de Endereços, a fim de saber onde morava o Senhor Viersílov. Ao voltar, disse-me:

— Não passará de hoje; vou devolver-lhe seu dinheiro, vou atirá-lo em seu rosto; quis ofender-me da mesma maneira que Safrónov (era o nosso comerciante), mas Safrónov agiu como mujique grosseiro e

esse como um hipócrita astuto.

Justamente naquele momento, bate à porta aquele senhor de ontem:

— Ouvi falarem de Viersílov. Posso dar-lhe informações.

Ouvindo o nome de Viersílov, ela se joga contra ele, toda furiosa, pondo-se a falar. Eu a olhava e não acreditava nos meus olhos: ela que é tão calada! Jamais falara daquela maneira e, com mais forte razão, a um desconhecido. Suas faces estavam rubras, seus olhos cintilavam… E ele disse:

— A senhorita tem razão. Viersílov é justamente como aqueles generais que os jornais descrevem; o general põe no peito todas as suas condecorações e passa pela casa de todas as governantas que inserem anúncios nos jornais, passa e encontra o que quer; se não o encontra, fica conversando, promete mundos e fundos e retira-se. É quando menos uma distração que arranjou.

A própria Ólia desata a rir, mas uma espécie de riso mau. Aquele senhor pega-lhe a mão e coloca-a sobre seu coração:

— Eu mesmo possuo certo capital, que poderia sempre propor a uma beldade, mas começo por beijar esta gentil mãozinha…

E vejo que ele a puxa para si, a fim de beijá-la. Ela salta e eu com ela, desta vez, e juntas o pomos para fora. À noite, Ólia toma de mim o dinheiro, sai correndo e volta dizendo:

— Mamãe, vinguei-me daquele patife!

— Ah! minha Ólia, foi talvez nossa felicidade que afugentamos, talvez tenhas ofendido um homem nobre e benfeitor!

Choro de desgosto; não podia mais conter-me. Então grita ela para mim:

— Não quero, não quero! Mesmo se fosse o homem mais honesto do mundo, não quero suas esmolas! Não quero que tenham piedade de mim!

Deito-me, sem uma ideia no cérebro. Quantas vezes olhei aquele prego que existe lá na parede, no lugar onde deve ter havido um espelho! Pois bem, não suspeitava de nada, nem ontem, nem antes, não adivinhava nada e, sobretudo, não esperava isso de minha Ólia. Durmo, como de costume, pesadamente, ronco, é o sangue que me sobe à cabeça. Doutras vezes, desce-me ao coração e grito quando durmo, fazendo que Ólia me acorde durante a noite: "Que quer dizer isso, mamãe? A senhora tem um sono tão pesado que a gente não consegue acordá-la, quando preciso." — "Ah! sim, minha querida Ólia, tenho sono pesado, muito pesado". Portanto, deve-se crer que eu roncava assim ontem. Era o que ela esperava: então levantou-se sem temor. Havia lá uma correia de mala, uma correia comprida, solta por ali durante todo aquele mês, bem em evidência. Ontem de manhã ainda dizia a mim mesma: "É preciso guardá-la afinal, para não ficar solta assim." Em seguida, sem dúvida, ela empurrou a cadeira com o pé; para que não fizesse barulho, pusera sua saia por baixo. E sem dúvida foi muito tempo depois, uma boa hora ou mais, que eu acordei. Chamo: "Ólia, Ólia!". Tive imediatamente uma espécie de visão, por assim dizer. Ou era porque não ouvia sua respiração no leito, ou porque distinguia na escuridão que seu leito parecia estar vazio. O certo é que me levanto de repente e alongo o braço: ninguém no leito, o travesseiro está frio! Então meu coração desanda, estou como que inconsciente, minha razão se perturba: "Deve ter saído", digo a mim mesma. Dou um passo, e depois, perto do leito, no ângulo, diante da porta, parece-me vê-la de pé. Olho-a sem nada dizer e ela também no escuro me olha, sem fazer um movimento… Mas por que subiu ela na cadeira? Digo baixinho: "Ólia, estou com medo, Ólia, tu me ouves?". Então, de súbito, tudo se esclarece, dou um passo, lanço meus dois braços para a frente, sobre ela, abraço-a, e ela, ela se balança entre minhas mãos, agarro-a, e ela continua a balançar-se. Então compreendo tudo e não quero compreender… Quero gritar, o grito não me sai da garganta… Ah! penso eu. Caio por terra, com todo o meu peso, e foi então que gritei…

— Vássin — digo-lhe pela manhã, entre cinco e seis horas —, se não fosse esse seu Stiebielhkov, tudo isso não teria talvez acontecido.

— Quem sabe? Teria certamente acontecido. Não é permitido

julgar assim. Tudo já estava pronto… verdade que por vezes esse Stiebielhkov…

Não terminou e franziu mui desagradavelmente a testa. Pelas seis horas, saiu; estava sempre muito atarefado. Por fim, fiquei só. Era já dia. A cabeça girava-me ligeiramente. A imagem de Viersílov veio-me ao espírito: o relato daquela senhora o mostrava a uma outra luz. Para refletir mais à minha vontade, estirei-me sobre o leito de Vássin, tal como estava, vestido e calçado, por um pequeno instante, sem a menor intenção de dormir, e de repente adormeci, não me lembro mesmo como tal aconteceu. Dormi perto de quatro horas; ninguém me acordou.

## Capítulo X

### I

Acordei ali pelas dez e meia e por muito tempo não quis acreditar nos meus olhos: sobre o divã onde dormira na véspera estava sentada minha mãe e, ao lado dela, a infeliz vizinha, a mãe da suicida. Todas duas estavam de mãos dadas e conversavam em voz baixa, sem dúvida para não me despertar e ambas choravam. Levantei-me e adiantei-me para beijar minha mãe. Toda radiante, beijou-me e benzeu-me três vezes com a mão direita. Não tínhamos pronunciado uma palavra ainda, quando a porta se abriu: Viersílov e Vássin entraram. Minha mãe logo se levantou, levando a vizinha. Vássin estendeu-me a mão; Viersílov não me disse uma palavra e deixou-se cair na poltrona. Minha mãe e ele estavam ali provavelmente desde algum tempo. Seu rosto mostrava-se tenso e preocupado.

— O que lamento mais — explicava ele lentamente a Vássin, continuando sem dúvida a conversa começada — é não poder ter arranjado tudo isso ontem de noite. Essa terrível desgraça não teria decerto ocorrido! Havia tempo, não eram ainda oito horas. Assim que ela saiu de minha casa, decidi-me intimamente segui-la até aqui e convencê-la de seu erro, mas aquele negócio imprevisto e urgente, que aliás eu teria podido muito bem adiar para hoje… e mesmo por uma

semana, aquele lamentável negócio tudo impediu e tudo estragou. São coisas que acontecem!

— Talvez o senhor não tivesse conseguido convencê-la. Além do senhor, havia já excesso de rancor acumulado — observou incidentemente Vássin.

— Não, teria sido bem-sucedido. Teria sido por certo bem sucedido. Tinha ainda uma ideia na cabeça, pedir a Sófia Andriéievna que viesse em meu lugar. Atravessou-me o espírito, mas só fez atravessar. Sófia Andriéievna teria tido êxito e a desgraçada estaria ainda viva. Não, jamais me meterei… a praticar "boas ações"… Na primeira vez que o fiz… E eu que pensava que ainda era de meu tempo e compreendia a juventude moderna! Sim, nossos velhos cérebros já estão envelhecidos antes mesmo de ter amadurecido. A propósito há uma quantidade tremenda de homens que, por hábito, continuam a considerar-se da jovem geração porque ontem ainda dela faziam parte e não se dão conta de que já estão para trás.

— Houve nisso um mal-entendido, um mal-entendido demasiado evidente — notou Vássin, com sensatez. — A mãe dela diz que, após a terrível vergonha pela qual ela passou na pensão alegre, ficara como que fora do juízo. Acrescente as circunstâncias, a primeira ofensa do comerciante… tudo isso teria podido ocorrer outra vez, exatamente da mesma maneira e não caracteriza, de modo algum, na minha opinião, a juventude de hoje.

— Ela se mostra ligeiramente impaciente, a juventude de hoje, sem falar, é natural, dessa medíocre compreensão da realidade que é própria, sem dúvida, da juventude de todos os tempos, mas ainda mais desta de hoje… Diga-me, que arranjou aqui o Senhor Stiebielhkov?

— O Senhor Stiebielhkov é o causador de tudo. — Era eu que intervinha na conversa. — Sem ele, nada teria acontecido; atirou azeite na fogueira.

Viersílov escutou, mas sem olhar-me. Vássin fechou a cara.

— Censuro-me também uma circunstância ridícula — continuava Viersílov, sem se apressar e arrastando as palavras. — Parece-me que,

segundo meu mau hábito, permiti-me com ela uma espécie de jovialidade, uma risadinha leve, em uma palavra, não fui suficientemente cortante, seco e sombrio, três qualidades que, creio, são também muito apreciadas pela nossa jovem geração… Em uma palavra, dei-lhe oportunidade de que me tomasse por um Céladon[39] ambulante.

— Pelo contrário — interrompi, de novo, com violência —, a mãe assegura que o senhor produziu uma excelente impressão, justamente pela sua seriedade, pela sua severidade mesmo, pela sua sinceridade. São suas próprias palavras. A defunta, logo depois que o senhor se retirou, fez-lhe o elogio precisamente neste sentido.

— S…sim? — balbuciou Viersílov, lançando afinal um olhar furtivo para mim. — Tome, pois, este papel, é indispensável para o caso — disse ele, estendendo para Vássin um pedaço de papel minúsculo. Vássin tomou-o e, vendo que eu olhava curiosamente, passou-o a mim. Era um bilhete, duas linhas irregulares, rascunhadas a lápis, e provavelmente no escuro:

> Mamãe, minha querida mamãe, perdoe-me ter falhado o começo de minha vida. Sua Ólia que tanto desgosto lhe causou.

— Encontraram-no somente esta manhã — explicou Vássin.

— Que bilhete singular! — exclamei, admirado.

— Singular em quê? — perguntou Vássin.

— Será que se pode, em semelhante momento, escrever nesse estilo humorístico?

Vássin olhou-me com um ar interrogativo.

— Esse mesmo humor é singular — continuei. — É gíria de colégio… Pois bem, quem, pois, em semelhante momento e num bilhete à sua infeliz mãe, sua mãe a quem ela amava, vê-se bem, pode escrever: “Falhei meu começo na vida”?

— E por que não se pode? — Vássin continuava sem compreender.

— Não há aí o menor humor — observou afinal Viersílov. — A expressão sem dúvida é imprópria, destoa, pode nascer com efeito em algum jargão de ginasianos ou em alguma gíria, como o disseste, ou então ainda pode provir de algum romance-folhetim, mas ao empregá-la a defunta certamente não notou que ela destoava e, crê-me, empregou-a nesse terrível bilhete de um modo perfeitamente ingênuo e sério.

— É impossível, ela terminou seus estudos e tirou medalha de prata.

— A medalha de prata nada tem a ver com isso. Em nossos dias, há muitos que terminam seus estudos dessa maneira.

— Ainda a juventude? — sorriu Vássin.

— De modo algum — respondeu-lhe Viersílov, ficando em pé e tomando seu chapéu. — Se a geração atual é menos literária, possui sem nenhuma dúvida… outros méritos — acrescentou ele, com uma seriedade insólita. — E depois, "muitos" não são "todos". O senhor, por exemplo, não o acusarei de ter uma bagagem literária insuficiente e, no entanto, é ainda um homem jovem.

— Mas Vássin não achou nada de mau nesse "começo falhado"! — não pude impedir-me de observar.

Viersílov estendeu silenciosamente a mão a Vássin. Este pegou também seu gorro para sair com ele e gritou para mim: "Até logo!". Viersílov saiu sem me prestar atenção. Eu também não tinha tempo a perder: era preciso a todo preço correr à procura dum alojamento, agora mais do que nunca! Minha mãe não estava mais ali, partira, levando a vizinha. Encontrei-me na rua cheio de excelente humor… Uma sensação nova e imensa nascia em minha alma. Além disso, como por acaso, tudo me saiu a contento: dei extraordinariamente depressa com um alojamento perfeitamente conveniente; voltarei a isto mais tarde; no momento, liquidemos com o essencial.

Ainda não passava de uma hora, quando voltei à casa de Vássin para pegar minha mala. Encontrei-o justamente em casa. Vendo-me, exclamou com ar jovial e sincero:

— Quanto me alegra que me tenha encontrado em casa! Ia sair. Tenho a comunicar-lhe um fato que, estou certo, lhe interessará bastante.

— Tenho de antemão certeza! — exclamei.

— Oh! que ar alegre o seu! Diga-me: tinha conhecimento de certa carta que estava em casa de Kraft e que caiu ontem em mãos de Viersílov, a propósito da herança que lhe foi adjudicada? O testador nela explica sua vontade num sentido oposto à decisão do tribunal. Essa carta data de muito tempo. Em uma palavra, não sei exatamente qual o seu conteúdo, mas o senhor mesmo de nada sabe?

— Decerto que sim! Kraft levou-me anteontem à sua casa de parte daqueles senhores, para me entregar aquela carta e fui eu quem a entregou ontem a Viersílov.

— Sim? É bem o que eu pensava. Imagine que o negócio de que falava ainda há pouco aqui Viersílov, e que o impediu de vir ontem à noite convencer aquela senhorita, pois bem, o tal negócio foi suscitado por aquela carta. Viersílov foi diretamente, ontem à noite, à casa do advogado do Príncipe Sokólhski, entregou-lhe aquela carta e renunciou a toda a herança. Na hora atual, essa renúncia já se revestiu de forma legal. Viersílov não faz uma doação, reconhece com esse ato o direito legal dos príncipes.

Fiquei atônito, mas encantado. Para falar a verdade, estava absolutamente convencido de que Viersílov destruiria a carta. Melhor ainda: dissera mesmo a Kraft que seria uma desonestidade e havia-o repetido ainda a mim mesmo no restaurante, dissera mesmo comigo que “contava tratar com um homem puro e não com aquele”, mas entre mim, isto é, no mais profundo de meu coração, achava que era impossível agir de outro modo que não fosse suprimindo radicalmente o documento. Quer dizer que eu via naquilo a coisa mais ordinária do mundo. Se, em seguida, tivesse acusado Viersílov, teria sido de propósito, por fórmula, isto é, para conservar minha superioridade sobre ele. Mas agora, ao saber da façanha de Viersílov, sentia um entusiasmo sincero e completo; lamentava e condenava meu cinismo e minha indiferença pela virtude e elevava instantaneamente Viersílov a

uma altura infinita acima de mim. Quase beijei Vássin.

— Que homem! Que homem! Quem seria capaz de fazer tanto? — exclamei, no meu embriagamento.

— Reconheço, com o senhor, que muitos homens não o teriam feito… e que esse passo é, sem contestação, altamente desinteressado…

— “Mas”?… Acabe, Vássin, há um “mas”?…

— Decerto, há um “mas”. O passo dado por Viersílov foi, na minha opinião, um pouco precipitado e um pouco menos franco — disse Vássin, sorrindo.

— Menos franco?

— Sim. Ele quer oferecer-se algo assim como um “pedestal”. Porque, em todo o caso, teria sido possível fazer a mesma coisa sem prejuízo a si mesmo. Senão a metade, pelo menos certa parte da herança poderia agora voltar a Viersílov, mesmo com a lealdade mais suscetível, tanto mais quanto o documento não tinha valor decisório e a causa já estava ganha. É a opinião do advogado da parte contrária; acabo de conversar com ele. A decisão não teria sido menos bela e foi unicamente pelo desejo da vaidade que se deu o contrário. O Senhor Viersílov acalorou-se demais, principalmente e apressou-se além da conta. Ele mesmo não dizia ainda há pouco que teria podido adiar por uma semana…

— Sabe de uma coisa, Vássin? Não posso impedir-me de estar de acordo com o senhor, mas… prefiro ver as coisas à minha maneira! Isto me agrada mais!

— É questão de gosto. Foi o senhor quem me provocou. Eu não pedia outra coisa melhor senão calar-me.

— E mesmo que haja nisso um “pedestal”, é melhor que assim seja! — continuei. — Por mais que um pedestal seja um pedestal, nem por isso deixa de ser uma coisa muito estimável. É apesar de tudo um “ideal” e, se certas almas de hoje não o têm, não é um progresso; com

uma pequena deformação, se quiser, mas prefiro que ele exista! E certamente outro tanto pensa o senhor, Vássin, meu amigo Vássin, meu caro Vássin! Em uma palavra, entusiasmei-me, naturalmente, mas o senhor me compreende bem. De outro modo, não seria Vássin. Em todo o caso, abraço-o e beijo-o, Vássin!

— Com alegria?

— Com imensa alegria! Porque aquele homem "estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi achado"! Vássin, sou um mau rapaz e não valho o que o senhor vale. É bem por isso que tenho consciência de ser em certos momentos completamente outro, mais elevado e mais profundo. Por ter-lhe feito anteontem o elogio em pleno rosto (fiz isso unicamente porque o senhor me havia humilhado e abatido) detestei-o durante dois bons dias! Prometi a mim mesmo, esta noite, não mais vir vê-lo e, se vim ontem de manhã, foi unicamente de raiva, compreenda bem, "de raiva". Sentado nesta cadeira, sozinho, criticava seu quarto e o senhor mesmo e cada um de seus livros e sua locadora, esforçava-me em rebaixá-lo e em zombar do senhor…

— Não haveria necessidade de contar-me isso…

— Ontem de noite, tendo concluído de uma de suas frases que o senhor não compreendia a mulher, senti-me feliz por poder apanhá-lo nesse ponto fraco. Ainda há pouco, a propósito do "começo falhado", sentia-me ainda uma vez loucamente feliz por apanhá-lo em falta e tudo isso porque fizera o seu elogio naquela ocasião…

— Mas isto se compreende muito bem! — exclamou afinal Vássin (continuava a sorrir, sem demonstrar o menor espanto). — Mas é o que acontece sempre, mais ou menos a todo mundo, e até mesmo é o primeiro movimento. Mas ninguém o confessa e aliás não se deve confessá-lo, uma vez que isso passa e não acarreta nenhuma consequência.

— A todo mundo? Será possível? Todos os homens são assim? E o senhor, ao dizer isso, sente-se tranquilo? Mas, com semelhantes ideias, a vida é impossível.

— Então, segundo sua opinião:

Mais cara é-me a ilusão que nos eleva
Que mil baixas verdades![40]

— É bem verdade! — exclamei. — Esses dois versos encerram um axioma sagrado!

— Não sei de nada: não pretendo de nenhum modo decidir se esses versos são verdadeiros ou não. A verdade, como sempre, deve estar em alguma parte no meio: isto é, num caso uma santa verdade e no outro uma mentira. Só há uma coisa que sei muito bem: é que muito tempo ainda ficará essa ideia como um dos grandes pontos em litígio entre os homens. Noto, em todo o caso, que o senhor tem agora vontade de dançar. Pois bem, dance! O exercício é bom e estou justamente esta manhã esmagado de trabalho… Aliás, já nos atrasamos!

— Vou-me embora, vou-me embora! Uma palavra somente — gritei, já pegando minha mala. — Se mais uma vez "atirei-me ao pescoço de alguém", foi unicamente porque o senhor me comunicou a notícia; assim que cheguei, com uma alegria muito sincera e porque o senhor se sentiu "feliz" por eu o ter encontrado em casa, e isto depois da história do "começo falhado". Esse contentamento sincero revirou meu "jovem coração" a seu favor. Pois bem, adeus, adeus, tratarei de não vir mais aqui durante o maior tempo possível e sei que isto lhe será extremamente agradável. Leio em seus olhos. E aliás será uma excelente coisa para nós dois…

Sempre parolando assim e quase sufocando-me com semelhante parolagem, peguei minha mala e saí com ela para meu novo alojamento. O que me agradava sobretudo era que Viersílov estivera ainda há pouco muito zangado comigo, recusara-se a falar-me e olhar-me. Guardada minha mala, corri à casa de meu velho príncipe. Aqueles dois dias sem ele tinham sido para mim, confesso-o, um pouco penosos. Aliás, ele já devia ter tido conhecimento da conduta de Viersílov.

## II

Bem sabia que ele se regozijaria intensamente por ver-me e, juro-

o, mesmo sem Viersílov, teria ido à sua casa hoje. Estava simplesmente amedrontado, ontem e ainda há pouco, com a ideia de que talvez encontrasse Katierina Nikoláievna. Mas agora não tinha mais medo de nada.

Abraçou-me, cheio de alegria.

— Aquele Viersílov! Soube o essencial.

— *Cher enfant*, meu caro amigo, que coisa nobre, elevada! Até mesmo Kilian (o funcionário lá de baixo) ficou transtornado. É uma loucura da parte dele, mas é deslumbrante, uma verdadeira proeza! É preciso saber apreciar o ideal!

— Não é mesmo? Não é mesmo? Temos estado sempre de acordo a este respeito.

— Meu caro, estamos sempre de acordo. Onde estavas? Queria decididamente ir ver-te, mas não sabia onde encontrar-te… Não podia, contudo, ir à casa de Viersílov… embora hoje, depois de tudo isso… Sabes, meu amigo? Foi isso que lhe permitiu triunfar sobre as mulheres, são rasgos desse gênero, tenho certeza…

— A propósito, para não esquecer… reservei-o justamente para o senhor. Ontem, um descarado muito indigno, injuriando Viersílov, na minha presença, tratou-o de "profeta para mulheres". Que expressão esquisita! Retive essa expressão para lhe contar…

— "Profeta para mulheres!" *Mais… c'est charmant!* Hah! hah! hah! Mas isso assenta-lhe muito bem!… ou antes, não lhe assenta absolutamente! Ora! Mas atingiu bem o alvo… ou antes não atingiu de todo, mas…

— Não tem importância, não tem importância, não se perturbe. Leve em consideração apenas a frase de espírito!

— A expressão é admirável e, fica sabendo, tem um sentido muito profundo… A ideia é completamente justa! Quero dizer, tu acreditarás talvez. Em suma, vou te confiar um pequeno segredo. Notaste outro dia aquela Olimpiada? Acreditarias que ela tem um fraco por Andriéi

Pietróvitch, a ponto mesmo, creio, de alimentar alguma esperança…

— De alimentar?… Que tome cuidado! — exclamei, fazendo um gesto de punho fechado, na minha indignação.

— *Mon cher*, não grites. É sempre assim, aliás tens sempre razão de teu ponto de vista. A propósito, meu amigo, que te aconteceu da outra vez, na presença de Katierina Nikoláievna? Cambaleaste… pensei que ias cair e cheguei quase a adiantar-me para segurar-te.

— Não é o momento para falar disso. Pois bem, em uma palavra, fiquei simplesmente confuso, por certo motivo…

— E acabas ainda agora de corar.

— Que necessidade tem o senhor de insistir nisso ainda? O senhor sabe que ela não gosta de Viersílov… e depois, todos esses negócios, pois bem, fiquei perturbado. Vamos, deixemos isto para mais tarde!

— Deixemos, deixemos, também acho… Em suma, tenho muita culpa para contigo e até mesmo, deves lembrar-te, censurei então… Esquece isto, meu amigo! Ela mudara também de opinião a teu respeito, pressinto… Mas eis o Príncipe Sierioja!

Vi entrar um jovem e belo oficial. Examinei-o com um olhar ávido, porque jamais o havia visto. Digo belo, porque era o que toda gente dizia dele, mas havia, naquele rosto belo e jovem, não sei que de muito pouco sedutor. Noto-o aqui como a impressão do primeiro momento, da primeira olhadela lançada a ele, impressão que sempre guardei. Era magro, de boa estatura, castanho. Tinha a tez viçosa mas um tanto amarelada, e o olhar decidido. Seus belos olhos escuros pareciam levemente severos, mesmo quando ele estava perfeitamente calmo. Mas seu olhar decidido era justamente desagradável porque se sentia que sua decisão lhe custava bastante barato. Enfim, não sei como exprimir-me… Sem dúvida, sua fisionomia era capaz de passar bruscamente do severo ao amável, a uma expressão espantosamente doce e terna e isso com indiscutível sinceridade. Essa sinceridade atraía. Ainda um traço: malgrado sua amabilidade e sua sinceridade, aquela fisionomia jamais estava alegre; mesmo quando o príncipe ria de boa vontade, sentia-se apesar de tudo que não devia haver nele

verdadeira alegria, leve e luminosa… Mas é extremamente difícil descrever um rosto. Sou absolutamente incapaz disso. O velho príncipe apressou-se logo em apresentar-nos, segundo seu tolo hábito.

— Meu jovem amigo, Arkádi Andriéievitch (ainda Andriéievitch!) Dolgorúki.

O jovem príncipe voltou-se para meu lado com uma expressão duplamente respeitosa, mas via-se que meu nome era-lhe totalmente desconhecido.

— É parente… de Andriéi Pietrovitch — murmurou meu insuportável príncipe! (Como são por vezes insuportáveis, esses velhinhos, com seus hábitos!) 0 jovem príncipe logo adivinhou.

— Ouvi falar há muito tempo… — disse ele, rapidamente. — Tive o grande prazer de conhecer, o ano passado em Luga, sua irmã, Elisavieta Makárovna… Ela também me falou a seu respeito…

Cheguei mesmo a ficar surpreso: um contentamento sincero brilhava no seu rosto.

— Permita, príncipe — balbuciei, levando para trás meus dois braços —, devo dizer-lhe sinceramente e regozija-me que seja na presenca de nosso caro príncipe que desejava bastante encontrá-lo e bem recentemente, ainda ontem, tinha esse desejo, mas com uma intenção bem diferente. Digo-o francamente, embora lhe possa causar espanto. Em suma, queria provocá-lo, por causa da injúria que fez a Viersílov em Ems, há dezoito meses. E até mesmo que devesse o senhor recusar meu desafio porque não passo de um ginasiano e de um adolescente ainda melhor, nem por isso deixaria de fazê-lo, qualquer que pudesse ser sua resposta e fizesse o senhor o que fizesse… E tenho ainda hoje, confesso, a mesma intenção…

O velho príncipe me disse mais tarde que eu havia proferido esta frase com bastante nobreza.

Sincero desprazer marcou-se no rosto do príncipe.

— O senhor não me deixou terminar — respondeu ele com ar

importante. — Se lhe dirigi estas poucas palavras de todo o meu coração, a razão disto consiste nos sentimentos verdadeiros que tenho agora por Andriéi Pietróvitch. Lamento não poder comunicar-lhe imediatamente todas as circunstâncias, mas, asseguro-lhe, sob palavra de honra, que desde muito tempo já considero meu desgraçado gesto de Ems com o mais profundo pesar. Vindo a Petersburgo, resolvi conceder todas as satisfações possiveis a Andriéi Pietróvitch, isto é, pedir-lhe perdão, bem francamente, literalmente, na forma que ele próprio fixará. Influências muito altas e muito poderosas foram causa dessa mudança de opinião. O fato de termos estado em litígio em nada influiu na minha decisão. Sua maneira de agir ontem comigo transtornou-me por assim dizer, e mesmo neste instante, acredite-me, não consegui ainda voltar a mim. Pois bem, devo preveni-lo de que vim à casa do príncipe para comunicar-lhe um fato duma extrema importância: há três horas, isto é, exatamente no momento em que se redigia aquele ato com o advogado, o homem de confiança de Andriéi Pietróvitch veio procurar-me e transmitiu-me de sua parte um desafio… um desafio em regra por causa do caso de Ems…

— Ele o desafiou? — exclamei e senti meus olhos faiscarem e o sangue subir-me ao rosto.

— Sim, desafiou-me. Logo aceitei o desafio, mas resolvi, antes do encontro, dirigir-lhe uma carta expondo-lhe meu modo de julgar o ato que pratiquei e meu arrependimento por aquele tremendo erro… porque não foi senão um erro, um erro infeliz e fatal! Quero lembrá-lo que minha posição no regimento fazia-me correr um grande risco: uma carta como aquela na véspera de um encontro tornava-me passivel de um julgamento público desfavorável… compreende? Mas apesar disto, estava decidido. E só me faltou o tempo para enviar-lhe a carta, porque, uma hora após o desafio, recebi dele novo bilhete rogando-me que o desculpasse por haver-me importunado, que esquecesse seu desafio e acrescentando que lamentava “esse acesso passageiro de covardia e egoísmo”, são seus próprios termos. Facilita-me assim consideravelmente o passo dado… a carta. Ainda não a enviei, mas vim justamente falar a este respeito com o príncipe. E acredite, eu próprio sofri as censuras de minha consciência infinitamente mais que qualquer outra pessoa… Esta explicação o

satisfaz, Arkádi Andriéievitch,[41] pelo menos agora, neste momento? Quer dar-me a honra de acreditar na minha perfeita sinceridade?

Estava completamente vencido. Via uma indiscutível franqueza, que não esperava de modo algum. Não esperava, aliás, nada de semelhante. Balbuciei não sei mais o que em resposta e estendi-lhe francamente as duas mãos; ele as apertou alegremente entre as suas. Depois levou o príncipe de parte e conversou cinco minutos com ele em seu quarto.

— Se o senhor quiser fazer-me um grandíssimo prazer — disse-me ele, com voz alta e franca, ao sair do quarto do príncipe — vamos sair juntos e lhe mostrarei a carta que vou mandar a Andriéi Pietróvitch e na mesma ocasião a que recebi dele.

Consenti com extremo prazer. Meu príncipe apressou-se em levar-me à porta e me chamou, também, por um minutinho, ao seu quarto.

— *Mon ami*, como me sinto feliz, como me sinto feliz… Falaremos de tudo isso mais tarde. A propósito, tenho aqui na minha pasta duas cartas, uma que é preciso levar e explicar pessoalmente, a outra para o banco, e lá também…

E encarregou-me de duas missões supostamente urgentes e exigindo, segundo ele, muito esforço e atenção. Tratava-se de ir lá, de entregar uma carta, de assinar, etc.

— Ah! quão astuto é o senhor! — exclamei, recebendo as cartas. — Juro-lhe que tudo é só para salvar as aparências e que não há nada absolutamente a fazer. O senhor imaginou esses dois encargos expressamente para me fazer crer que lhe sou útil e que não ganho o seu dinheiro à toa!

— *Mon enfant*, juro-te que te enganas. São dois encargos perfeitamente urgentes… *Cher enfant!* — exclamou, de repente, enternecendo-se ao extremo — meu caro rapaz! (Pôs suas duas mãos sobre minha cabeça.) Eu te abençoo, bem como ao teu destino… Sejamos sempre tão puros de coração como hoje… Sejamos bons e belos o mais possível… Amemos tudo quanto é belo… sob os aspectos mais variados… Vamos, *enfin, enfin, rendons grâce… et je te benis*![42]

Não chegou a terminar e pôs-se a soluçar sobre minha cabeça. Confesso que estive a ponto de chorar também; pelo menos, beijei sinceramente e com prazer o original velhinho. Trocamos mil beijos.

## III

O Príncipe Sierioja (quero dizer Sierguiéi Pietróvitch e assim o chamarei doravante) levou-me a sua casa, num carro elegante, e comecei por admirar a magnificência de seu apartamento. Ou antes, sem falar de magnificência, era um apartamento próprio de "gente da alta": peças vastas e elevadas, luminosas (vi duas, as outras estavam fechadas), móveis que, sem lembrar absolutamente Versalhes ou a Renascença, eram fofos, confortáveis, abundantes, do mais alto chique; tapetes, madeiras esculpidas e estatuetas. Entretanto toda gente dizia que eles eram paupérrimos, que não tinham mais nada. Eu tinha ouvido dizer, apesar de tudo, que aquele príncipe atirava areia nos olhos das pessoas onde quer que pudesse, aqui, em Moscou, no seu antigo regimento, em Paris, dizendo-se jogador e estar endividado. Quanto a mim, estava com uma sobrecasaca enrugada e ainda por cima coberta de pelos, porque tinha eu dormido vestido, e trazia a minha camisa há quatro dias no corpo. Aliás, aquela sobrecasaca ainda estava mais ou menos suportável, mas, uma vez em casa do príncipe, lembrei-me da recomendação de Viersílov de mandar fazer novo terno.

— Imagine o senhor que passei a noite sem tirar a roupa, por ocasião de um suicídio — disse eu, com ar distraído. Mas como ele manifestou logo atenção, contei-lhe em poucas palavras a história. O que mais o preocupava, no entanto, era sua carta. Eu achava singular que ele não houvesse sorrido ao menos, nem mesmo esboçado o menor gesto nesse sentido, quando lhe anunciara ainda há pouco, sem mais nem menos, que pretendia provocá-lo em duelo. Sem dúvida eu tinha sabido obrigá-lo a não rir, mas nem por isso deixava de ser estranho da parte de semelhante homem. Sentamos um em face do outro, no meio da sala, diante de uma imensa escrivaninha e ele me mostrou sua carta a Viersílov, já pronta e passada a limpo. Aquele documento assemelhava-se muito a tudo quanto ele acabava de me dizer em casa do meu príncipe; estava mesmo escrito com certo calor.

Eu não sabia ainda, é verdade, o que pensar definitivamente daquela franqueza aparente e daquelas disposições para o bem, mas começava já a deixar-me seduzir, porque, em suma, que razão eu tinha para não acreditar naquilo? Qualquer que fosse o homem e quaisquer que fossem os boatos que corriam a seu respeito, nem por isso podia deixar de ter boas inclinações. Li também o derradeiro bilhete de Viersílov sete linhas, no qual renunciava a seu desafio. Muito embora nele falasse, com efeito, com todas as letras, na sua "covardia" e no seu "egoísmo", aquele bilhete distinguia-se no seu conjunto por certa altivez… ou antes, sentia-se em toda aquela atitude não sei qual desdém. Mas evitei fazê-lo notar.

— E o senhor, que pensa dessa renúncia? — perguntei. — Acredita que ele tenha tido medo?

— Decerto que não — sorriu o príncipe, mas seu sorriso era sério. Tornava-se, aliás, cada vez mais preocupado. — Conheço por demais a coragem desse homem. Trata-se sem dúvida de um critério pessoal… de seu próprio modo de pensar…

— Sem dúvida alguma — interrompi, calorosamente. — Um tal Vássin diz que há nessa história da carta e da renúncia à herança um "pedestal"… propositado. Na minha opinião essas coisas não se fazem para exibição, mas correspondem a um sentimento profundo, íntimo.

— Conheço muito bem o Senhor Vássin — disse o príncipe.

— Ah! sim. Deve tê-lo vista em Luga.

Olhamo-nos, de repente, e lembro-me de ter corado um pouco. Em todo caso, ele interrompeu a conversa. Eu, pelo menos, estava com muita vontade de continuar a falar. A ideia de um encontro que tivera na véspera incitava-me a fazer-lhe certas perguntas, mas não sabia como iniciá-las. E em geral não me sentia totalmente à vontade. O que me impressionava também era sua boa educação, sua polidez, a desenvoltura de seus modos, em uma palavra, todo aquele brilho que tais pessoas adquirem quase que desde o berço. Notara em sua carta dois grosseiros erros de gramática. Em geral, em encontros semelhantes, jamais me rebaixo, torno-me pelo contrário insolente, o que por vezes pode ser mau. Mas no caso presente, era a isso impelido

ainda mais pela ideia de que estava coberto de pelos, tanto que exagerei mesmo um pouco e caí na familiaridade… Havia notado, disfarçadamente, que o príncipe me examinava por vezes com toda atenção.

— Diga, príncipe — interpelei-o de repente —, o senhor não acha ridículo, no seu foro íntimo, que um fedelho como eu tenha querido provocá-lo em duelo e sobretudo por causa duma ofensa feita a terceiro?

— Quando se trata dum pai, é permitido que a gente se sinta ofendido. Não, não vejo nada de ridículo nisso.

— E a mim parece que é tremendamente ridículo… do ponto de vista de um outro… isto é, naturalmente não do meu. Tanta mais quanto sou Dolgorúki e não Viersílov. E se o senhor não diz a verdade, ou se adoça as coisas por conveniência mundana, então o senhor me engana em tudo mais?

— Não, não vejo nisso nada de ridículo — repetiu ele, com grande seriedade. — O senhor não pode, no entanto, deixar de sentir em si mesmo o sangue de seu pai!… Sem dúvida, é ainda jovem e… não sei… mas parece-me que um menor não tem o direito de bater-se e não se tem o direito de aceitar-lhe o desafio… de acordo com os regulamentos… Mas, se o senhor quer, só pode haver aí uma objeção séria: se dirige seu desafio sem que o ofendido o saiba, esse ofendido cuja injúria o senhor pretende vingar, manifesta por isso mesmo certa falta de respeito para com ele. Não é verdade?

Nossa conversa foi bruscamente interrompida por um criado que entrou para anunciar alguém. Vendo-o, o príncipe, que sem dúvida o esperava, levantou sem terminar o que dizia e avançou rapidamente ao encontro dele, tanto que o outro falou a meia voz, não tendo eu ouvido nada.

— Desculpe-me — disse o príncipe —, volto dentro dum minuto.

E saiu. Fiquei só. Pus-me a andar na sala, para lá e para cá refletindo. Coisa estranha, ele me agradava e não me desagradava de todo. Havia algo que não teria sabido explicar, mas que me causava

repulsa. “Se não está de modo algum zombando de mim, então, sem dúvida, é tremendamente franco; mas, se estivesse zombando de mim, então… eu o acharia mais inteligente…” Esta ideia estranha atravessou-me o espírito. Aproximei-me da mesa e reli a carta a Viersílov. Assim distraído, não senti o tempo passar e, quando voltei a mim, notei secretamente que o minuto do príncipe durava já um bom quarto de hora. Fiquei um pouco perturbado; pus-me outra vez a andar para lá e para cá, por fim peguei meu chapéu e, lembro-me, decidi ir-me embora: se viesse alguém, mandaria chamar o príncipe, e, quando ele chegasse, me despediria, assegurando-lhe que tinha um negócio urgente e não podia mais esperar. Achava que seria isso o mais digno, porque estava um tanto atormentado pela ideia de que, deixando-me assim por tanto tempo, demonstrava desdém para comigo.

As duas portas fechadas daquela sala encontravam-se nas duas extremidades duma mesma parede. Como tivesse esquecido por qual das duas havíamos entrado, ou antes por distração, abri uma delas e, de repente, vi, numa sala longa e estreita, sentada num divã, minha irmã Lisa. Não havia outra pessoa e ela parecia estar esperando alguém. Mas mal tivera tempo de admirar-me, quando ouvi a voz do príncipe, que falava em voz alta e voltava a seu gabinete. Tornei a fechar depressa a porta e o príncipe que entrava pela outra não notou nada. Lembro-me de que ele se confundia em desculpas, falou de não sei qual Anna Fiódorovna… Mas eu estava tão surpreso e perturbado que não compreendi quase nada e balbuciei que tinha necessidade absoluta de voltar para casa, depois do que saí a passos precipitados. Aquele príncipe tão bem-educado deve ter evidentemente reparado em minha conduta com curiosidade. Acompanhou-me até a antecâmara sempre falando, enquanto eu nada respondia e nem o fitava.

## IV

Uma vez na rua, dobrei à esquerda e caminhei ao acaso. Tudo se confundia na minha cabeça. Caminhava lentamente e creio bem que andara ainda muito pouco, uns quinhentos passos, quando senti, de repente, que me tocavam levemente no ombro. Voltei-me e vi Lisa:

havia-me alcançado e dava-me uma ligeira pancada com a sombrinha. Havia no seu olhar radiante uma alegria louca e um toque de malícia.

— Como estou contente por ver que te dirigiste para este lado! De outro modo não te teria encontrado hoje!

Estava um pouco ofegante por causa da marcha rápida.

— Como estás fatigada!

— Corri tanto para alcançar-te!

— Lisa, foste tu mesma que vi ainda há pouco?

— Onde afinal?

— Em casa do príncipe… do Príncipe Sokólhski…

— Não, não era eu, não pudeste ver-me…

Calei-me e demos uma dezena de passos. Lisa desatou a rir:

— Era eu, era eu decerto! Escuta uma coisa! Mas tu me viste, olhaste-me bem nos olhos e eu também te olhei. Por que me perguntas se era eu mesma? Caráter engraçado! Sabes que estava com uma vontade enorme de rir, quando me fitaste bem no rosto? Tinhas uma cara tão engraçada!

Ria sem parar. Senti todo o meu aborrecimento abandonar-me.

— Mas, com os diabos, como te achaste ali?

— Em casa de Anna Fiódorovna.

— Que Anna Fiódorovna?

— Stolbiéieva. Quando morávamos em Luga, passava em casa dela dias inteiros. Recebia-nos, a mamãe e a mim, e vinha também à nossa casa. Não ia, por assim dizer, à casa de ninguém. Era uma parenta afastada de Andriéi Pietróvitch e também dos Príncipes Sokólhski. Deve ser mais ou menos tia-avó, do príncipe.

— E então ela mora em casa do príncipe?

— Não, é o príncipe que mora em casa dela.

— Então de quem é o apartamento?

— Dela. Há já um ano que todo o apartamento é dela. O príncipe acaba de chegar e hospedou-se lá. Ela mesma chegou a Petersburgo há uns quatro dias.

— Está bem… sabes duma coisa, minha irmã? Para o inferno o apartamento e a dona dele…

— Não digas isso, ela é boa…

— Admito, aliás tem meios para isso. Nós também somos bons! Olha um pouco: que dia! Que bom dia! Como estás bonita hoje, Lisa! Mas, no íntimo, não passas duma menina travessa.

— Dize-me, Arkádi, aquela moça de ontem…

— Ah! que lástima, Lisa! Ah! que lástima!

— Ah! que lástima! Que destino! Sabes, fazemos mal em estar tão alegres, enquanto sua alma voa agora nas trevas, numa escuridão sem fundo, com seu pecado e seu ressentimento… Arkádi, mas quem é culpado de seu pecado? Ah! Como é terrível! Pensas algumas vezes nessas trevas? ah! como tenho medo da morte! E que pecado é isso! Não gosto da escuridão; ah! esse sol, quanto é bem melhor! Mamãe diz que é pecado ter medo… Arkádi, conheces bem a mamãe?

— Ainda muito pouco, Lisa, conheço-a muito pouco.

— Ah! que criatura é ela! Deves, deves conhecê-la! É preciso sobretudo compreendê-la…

— Mas tu mesma, eu não te conhecia, e agora conheço-te totalmente. Em um minuto penetrei o teu íntimo inteiramente, Lisa. Muito embora tenhas medo da morte, deves ser altiva, ousada, corajosa. Vales mais do que eu, infinitamente mais! Amo-te loucamente, Lisa. Ah! Lisa! A morte pode vir quando quiser, mas no

momento, vivamos, vivamos! Lastimemos aquela infeliz, mas abençoemos a vida. Não tenho razão? Tenho minha “ideia”, Lisa. Lisa, sabes que Viersílov renunciou à herança?

— Como não haveria de saber? Mamãe e eu nos beijamos.

— Não conheces minha alma, Lisa, não sabes o que era para mim aquele homem…

— Ora, sei de tudo!

— Sabes de tudo? Ah! decerto! Tens espírito; até mesmo mais que Vássin. Mamãe e tu tendes olhos penetrantes, humanos, quero dizer o olhar, não os olhos, engano-me… Sou muitas vezes um bom imbecil, Lisa…

— É preciso ter-te nas mãos, eis tudo!

— Pois bem! toma-me, Lisa. Como é bom olhar-te hoje! Mas sabes que és adoravel? Jamais vira teus olhos… Acabo de vê-los pela primeira vez… Onde os apanhaste hoje, Lisa? Onde os compraste? Quanto pagaste por eles? Lisa, eu não tinha amigo e depois considero essa “ideia” como uma tolice mas contigo não é uma tolice… Queres que sejamos amigos? Compreendes bem o que quero dizer?

— Compreendo muito bem.

— E, sabes, sem contrato, sem condições, seremos amigos bem simplesmente!

— Sim, bem simplesmente, bem simplesmente. Mas há uma condição: se um dia nos acusarmos um ao outro, se ficarmos descontentes por alguma coisa, se estivermos de mau humor, se mesmo esquecermos tudo, pois bem, não esqueceremos jamais nem este dia, nem esta hora! Vamos dar nossa palavra. Prometamos lembrar eternamente deste dia em que passeamos juntos, de mãos dadas e em que tanto rimos e em que tivemos tanta felicidade… Sim? É sim?

— Sim, Lisa, sim, juro. Mas, Lisa, parece que te ouço pela primeira vez… Lisa, leste muito?

— Ainda não me havias feito esta pergunta! Foi ontem pela primeira vez, quando me enganei a respeito duma palavra, que você se dignou prestar atenção a isso, caro senhor, senhor filósofo.

— E por que não começaste tu a falar comigo, se me mostrava tão bobo?

— Esperava sempre que te tornasses mais inteligente. Eu o entendi desde o começo, Arkádi Makárovitch. E logo disse a mim mesma: ele virá, acabará seguramente por vir. E preferi deixar-lhe a honra de dar o primeiro passo: "Não — dizia a mim mesma — cabe a ti agora correr atrás de mim!".

— Ah! é assim, sua coquetinha? Pois bem, Lisa, confessa-o francamente, andaste a zombar de mim durante todo este mês?

— Oh! és bem ridículo, és abominavelmente ridículo, Arkádi! E sabes? Talvez tenha sido justamente por isso que gostei de ti este mês, porque és tão original. Mas és muitas vezes um mau original, digo isto para que não te orgulhes. Mas sabes quem ainda riu de ti? Mamãe riu, rimos juntas: "Que original! — cochichávamos as duas. — Que original, ainda assim!". E tu, imaginavas durante esse tempo que estávamos ali a tremer diante de ti.

— Lisa, que pensas de Viersílov?

— Muitas coisas. Mas sabes? Não vamos falar dele agora. Não é o dia para isso, não é mesmo?

— Tens razão. Não, és tremendamente inteligente, Lisa! És seguramente mais inteligente do que eu. Pois bem? Espera um pouco e acabarei com tudo isso e então te direi talvez alguma coisa…

— Por que franziste o cenho?

— Não franzi nada absolutamente, Lisa, não é nada… Vês, Lisa, vale mais a pena dizer francamente: não gosto quando se toca com o dedo certos lugares melindrosos de minha alma… ou antes quando se faz alarde de certos sentimentos para que toda gente os admire. É vergonhoso, não é? Por isso é que prefiro por vezes franzir o cenho e

nada dizer. És inteligente, deves compreender.

— Mas eu também sou assim. Compreendo-te perfeitamente e, fica sabendo, mamãe também é assim.

— Ohl Lisa! Se ao menos pudéssemos viver muito tempo aqui embaixo! Hem? Que disseste?

— Mas eu não disse nada.

— Olhas para mim?

— Mas também me olhas. Olho-te e amo-te.

Reconduzi-a quase até em casa e dei-lhe meu endereço. Ao deixá-la, beijei-a pela primeira vez em minha vida…

## V

E tudo isso teria sido bem, se não houvesse uma sombra: uma ideia triste agitava-se em mim desde a noite e não me saía do espírito. Era que, quando na véspera à noite encontrara diante de nossa porta aquela infeliz, eu lhe havia dito que eu mesmo ia retirar-me da casa, do ninho, que se deixava os maus para formar seu ninho próprio, e que Viersílov tinha muitos bastardos. Estas palavras, de um filho sobre seu pai, tinham certamente confirmado todas as suas suspeitas a respeito de Viersílov e a impressão de que tinha ele querido ofendê-la. Acusava Stiebielhkov e talvez fosse eu quem havia derramado azeite na fogueira. Terrível pensamento, terrível ainda hoje… Mas então, naquela manhã, por mais que começasse a atormentar-me, parecia-me que não era senão uma tolice: “Ora vamos, havia já em mim excesso de rancor acumulado — repetia a mim mesmo, de tempo em tempo. — Ora, isto passará! Vou me recuperar! Resgatarei isso duma maneira ou doutra… por meio de alguma boa ação… Tenho ainda cinquenta anos diante de mim!”.

Mas a ideia continuava a agitar-se.

# Segunda parte

# Capítulo primeiro

## I

Salto um intervalo de cerca de dois meses. Não fique o leitor inquieto: tudo se esclarecerá com a continuação. Anoto o dia quinze de novembro, dia por demais memorável para mim, por muitas razões. Em primeiro lugar, ninguém daqueles que me tenham visto dois meses antes teria podido reconhecer-me; pelo menos exteriormente, isto é, teria me reconhecido, é certo, mas sem compreender bem as coisas. Estou trajado como um elegante: é o primeiro ponto. O "francês consciencioso e cheio de gosto", que certo dia me recomendava Viersílov, fez-me um terno completo, mas mesmo ele já foi posto de lado: tenho agora outros alfaiates, de grau superior, de primeiríssima classe e até mesmo conta em suas alfaiatarias. Tenho também conta num restaurante seleto, mas ali sinto ainda um pouco de medo e, sempre que tenho dinheiro, pago imediatamente, embora saiba que é de mau gosto e que assim me comprometo. No Niévski, mantenho as melhores relações com um cabeleireiro francês e quando vou lá refrescar a cabeça, conta-me até anedotas. E, confesso, exercito-me com ele em falar francês. Conheço a língua e até mesmo bastante convenientemente, mas na alta sociedade tenho sempre alguma timidez em arriscar-me a falá-la; acresce que meu sotaque deve estar bastante longe do sotaque parisiense. Tenho também Matviéi, o cocheiro, o bom trotador, que está às minhas ordens, quando o chamo. Ele tem um potro baio, claro (não gosto dos cavalos cinzentos). Há, no entanto, certas coisas que não vão bem… É quinze de novembro. Há três dias instalou-se o inverno e conservo ainda minha peliça velha, de pelo de toupeira, presente de Viersílov. Se a vendesse, teria bem uns vinte e cinco rublos. É preciso encomendar uma nova e meus bolsos estão vazios. Além disso, preciso, desde hoje, reunir dinheiro para esta noite e isto a todo preço, de outro modo sou um desgraçado, estou perdido; são minhas próprias expressões de então. Oh! que miséria! E donde provieram de repente essas cédulas de mil, esses trotadores e os Borel? Como pude esquecer assim tudo, mudar a este ponto? Oh! vergonha! Leitor, empreendo agora a história de minha vergonha e de minha desonra e nada pode ser para mim mais infamante que essas recordações.

Falo como juiz e sei que sou culpado. No turbilhão que me arrebatava então, embora estivesse só, sem guia nem conselheiro, tinha já consciência de minha queda, juro, e por conseguinte não tenho desculpa. E, no entanto, durante aqueles dois meses, fui quase feliz. Por que quase? Fui demasiado feliz! E mesmo a tal ponto que a consciência de minha desonra, que me aparecia por instantes (instantes frequentes!) e que fazia minha alma fremir, aquela consciência, seria possível acreditar?, embriagava-me ainda mais: "Se tenho de cair, caiamos completamente. Aliás, não cairei, vou me livrar de apuros! Tenho minha estrela!". Avançava por uma frágil passarela de lascas de madeira, sem parapeito, por cima do precipício e sentia-me alegre por avançar assim; gostava de olhar o precipício. O perigo ali estava e sentia-me alegre. "E a ideia? A ideia viria depois, a ideia podia esperar; tudo aquilo não era senão um desvio. Por que não me conceder um pouco de prazer?" Eis bem em que minha ideia é má, repito ainda uma vez: é que ela tolera absolutamente todos os desvios. Se fosse menos firme e menos radical, talvez temesse dela desviar-me.

No momento, conservava meu pequeno alojamento; conservava, mas não morava nele. Tinha lá minha mala, meu saco de viagem e outros objetos. Minha residência principal era em casa do Príncipe Sierguiéi Sokólhski. Ali passava os dias, dormia, às vezes durante semanas inteiras… Como veio isso a acontecer, será visto agora mesmo: no momento, falemos de meu pequeno quarto. Já lhe queria bem: fora lá que Viersílov em pessoa me procurara pela primeira vez depois de nossa discussão, repetindo depois com frequência suas visitas. Repito, aquele tempo foi para mim de terrível vergonha, mas também duma imensa felicidade… Tudo então me saía bem, tudo me sorria! "Para que aquelas caras tristes de outrora — dizia a mim mesmo, naqueles instantes de embriaguez —, para que aqueles constrangimentos dolorosos, minha infância isolada e triste, meus sonhos absurdos debaixo das cobertas, meus juramentos, meus cálculos, e até mesmo minha ideia?" Tudo isso, eu tinha figurado e imaginado e resultava que o mundo era bem outro; tudo me era tão alegre e fácil: tinha ainda… mas deixemos isso… Ai! tudo se fazia em nome do amor, da grandeza da alma, da honra, e tudo resultou em seguida monstruoso, insolente, desonroso.

Basta!

## II

Veio ver-me pela primeira vez, dois dias depois de nossa ruptura. Eu não estava em casa. Esperou-me. Quando entrei no meu minúsculo quartinho, não obstante ter estado à sua espera durante todos aqueles três dias, meus olhos se velaram e meu coração bateu com tanta força que parei no limiar. Por felicidade, ele estava com meu locador que, para evitar que o visitante se aborrecesse, achara útil travar depressa conhecimento com ele e estava a fazer-lhe uma narrativa entusiasmada. Era um conselheiro titular, de uns quarenta anos, muito marcado de varíolas, muito pobre, tendo a seu cargo uma mulher tísica e um filho doente; de caráter extremamente comunicativo e pacífico, aliás bastante delicado. Regozijei-me com a presença dele; e até mesmo tirava-me de embaraço, porque, de outro modo, que teria eu dito a Viersílov? Sabia, sabia seriamente, durante aqueles três dias, que Viersílov seria o primeiro a procurar-me, tal como eu o primeiro a ir a casa dele, não por obstinação, mas justamente por afeição por ele, por não sei qual inveja amorosa, não consigo exprimir esse sentimento. Aliás, em geral, o leitor não encontrará em mim eloquência. Mas não obstante ter esperado por ele todos aqueles três dias e imaginá-lo quase constantemente a entrar, era incapaz de representar-me de antemão, apesar de todos os meus esforços, a respeito de que falaríamos juntos, de repente, depois de tudo quanto se havia passado.

— Ah! aqui estás, afinal! — E estendeu-me cordialmente a mão, sem se levantar. — Senta-te aí, ao nosso lado. Piotr Ipolítovitch estava-me contando uma história bem interessante a respeito daquela pedra, perto das casernas de Paulo… ou naquelas paragens…

— Sim, conheço aquela pedra — respondi, o mais depressa possível, sentando-me numa cadeira ao lado deles. Estavam diante da mesa. Todo o quarto formava um quadrado de exatamente quatro metros de lado. Eu respirava penosamente.

Um clarão de contentamento brilhou nos olhos de Viersílov: sem dúvida, não estava tranquilo, sem dúvida pensava que eu quereria

fazer gestos. Agora estava tranquilizado.

— Recomece do princípio, Piotr Ipolítovitch.

Tratavam-se já pelos prenomes e patronímicos.

— Pois bem. Foi ao tempo do defunto imperador que a coisa aconteceu — disse Piotr Ipolítovitch, voltando-se para mim. Falava nervosamente e com uma espécie de sofrimento, como se estivesse atormentado de antemão pelo êxito de seus efeitos. — O senhor conhece então aquela pedra, uma enorme pedra em plena rua e que só faz atrapalhar. O imperador passou por lá bastantes vezes e aquela pedra sempre ali estava. Por fim aquilo lhe desagradou e com razão: uma verdadeira montanha, uma montanha em plena rua, que estragava a paisagem. "Tirem aquela pedra dali!" Dissera: "Tirem a pedra!". O senhor compreende bem o que isso significava: "Tirem a pedra!". Lembra-se do defunto imperador? Que fazer com aquela pedra? Todo mundo perdia a cabeça. Havia o Conselho Municipal e depois não me lembro mais quem precisamente, mas um dos mais altos personagens daquela época, encarregado daquela missão. Eis o que vem a saber aquele personagem: dizem-lhe que aquilo custará quinze mil rublos, nada menos, e ainda por cima rublos de prata (porque acabava-se de trocar as cédulas por prata, sob o defunto imperador). "Quinze mil rublos? Será possível?" A princípio os ingleses queriam colocar trilhos, pô-la em cima e depois transportá-la a vapor; mas quanto isso não iria custar? Não havia ainda estrada de ferro, a não ser a Tsarskosiélhskaia em funcionamento…

— Bem, mas não podiam serrá-la? — Eu começava a franzir os supercílios; estava cheio de desgosto e de vergonha diante de Viersílov; mas ele escutava com visível prazer. Compreendia que o locador lhe era bem-vindo, porque também ele sentia vergonha, diante de mim, via isso bem; era até mesmo tocante de sua parte.

— Serrá-la? Foi justamente a ideia que surgiu então, a de Monferrand, o senhor bem sabe, o que estava construindo naquele momento Isaakiévski Sobor.[43] Vão serrá-la, dizia ele, e então será transportada. Sim, mas a que preço?

— Não era lá tão caro assim, bastava serrá-la e transportá-la.

— Não, permita, era preciso instalar uma máquina, uma máquina a vapor e depois, para onde transportá-la? Uma montanha daquele tamanho! Dizia-se que não custaria menos de dez mil rublos, dez ou doze mil.

— Escute, Piotr Ipolítovitch, são tolices, tudo isso não se passou assim… — Mas naquele momento Viersílov lançou-me uma piscadela imperceptível e entrevi nela uma compaixão tão delicada pelo meu locador, até mesmo tal sofrimento por ele, que aquilo me agradou enormemente e disparei a rir.

— Pois bem! Pois bem! — disse o outro, alegre, que nada tinha notado e que temia terrivelmente, como todos esses contadores, ser interrompido por perguntas. — Então chegou um burguês, jovem ainda, o senhor sabe, um verdadeiro russo, de barbicha em ponta, cafetã caindo até os calcanhares, talvez um tanto alegre… aliás, não, não bebera. Ei-lo que chega justamente no momento em que eles estavam em conferência, os ingleses e Monferrand. E o personagem encarregado do caso, que acaba de chegar de carro, ouve e zanga-se: como é que se discutia tanto tempo e não se resolvia nada? De repente, nota a uma boa distância aquele burguês ali plantado e que sorri com certa malícia, ou antes sem malícia, não é isto, mas…

— Com ironia — propôs Viersílov com prudência.

— Com ironia, isto é, um pouco irônico, aquele bom sorriso russo, que os senhores conhecem. Pois bem, o personagem, sob o efeito do descontentamento, os senhores sabem, grita-lhe: “E tu aí, barbudo, que é que esperas? Quem és?”

— Ora, alteza — disse ele —, estou olhando para a pedra. — Era mesmo alteza; talvez fosse o Príncipe Suvórov, o italiano, o descendente do general… Na verdade, não, não era Suvórov, é pena. Esqueci quem era, mas os senhores sabem, muito embora fosse uma alteza, era um puro russo, um verdadeiro tipo russo, um patriota, um largo coração russo; portanto, adivinhou tudo.

— Vamos, será que poderás transportar a pedra? Por que ris?

— É por causa dos ingleses, alteza. Pedem decididamente muito

caro, porque a bolsa russa está bem provida e eles não têm o que comer em sua terra. Dai-me cem rublos, alteza, e já amanhã à noite a pedra terá sido removida.

Os senhores podem imaginar a cena. Os ingleses, naturalmente, querem devorá-lo mesmo cru; Monferrand ri: somente aquele príncipe, aquele bom coração russo, diz:

— Deem-lhe cem rublos! E então, tu a removerás?

— Logo amanhã à noite, nós a removeremos, alteza.

— E como te arranjarás para isso?

— Isto, seja dito sem ofensa a vossa alteza, é nosso segredo — respondeu ele e os senhores sabem, em boa língua russa. Isso agradou ao príncipe.

— Está bem, deem-lhe tudo quanto ele quiser!

E deixaram-no ali. Pois bem, que esperam os senhores? Que fez ele como dizia?

O narrador parou e passeou por nós um olhar enternecido.

— Não sei — sorriu Viersílov. (Eu estava de cara fechada.)

— Pois bem, fez, e como? — exclamou o locador, tão triunfante como se tivesse sido ele mesmo o autor da proeza. — Alugou mujiques com enxadas, alguns bons russos muito simplesmente, e cavou um fosso em redor da pedra. Ficaram cavando a noite inteira, fizeram um enorme buraco, exatamente do tamanho da pedra e um dedo talvez mais profundo, e quando tudo terminou, ordenou ele que cavassem pouco a pouco e prudentemente por baixo da pedra. Naturalmente, dentro em pouco não teve a pedra mais terra para sustentá-la e perdeu seu equilíbrio; uma vez vacilante, empurraram-na do outro lado à força de braços, à russa, e puft! Eis a pedra no buraco! Tapou-se o resto à pá, bateu-se a terra com um maço e refez-se o calçamento por cima. A pedra tinha desaparecido! Tudo estava limpo!

— Vejam só isso! — disse Viersílov.

— Juntou-se uma multidão, o povo acorreu! Os tais ingleses, que tinham tudo adivinhado desde muito tempo, ficam fulos de raiva. Chega Monferrand: “É trabalho à maneira de mujique — diz ele, — era demasiado simples!”. “Mas nisto estava o segredo: em ser simples demais, mas os senhores não pensaram nisso, seus imbecis!” E ainda vou lhes dizer isto: o chefão, o personagem do Governo, abraçou-o e beijou-o: “Mas donde és?” — “Eu? Da província de Jaroslávskaia, alteza. Somos canteiros, é o nosso ofício e no verão vimos à capital vender frutas”. Pois bem, a coisa chegou aos ouvidos das autoridades, que ordenaram lhe pendurassem uma medalha no pescoço; ele andava por ali assim, com a medalha no pescoço, depois foi beber. Os senhores sabem disso: nós, russos, não nos podemos conter! É por isso que agora nos deixamos devorar pelos estrangeiros, não é?

— Decerto, o espírito russo… — começou Viersílov.

Mas aqui o narrador, para felicidade sua, foi chamado por sua mulher doente e saiu correndo para atendê-la. De outro modo, eu não teria podido conter-me. Viersílov ria.

— Mas, meu caro, ele me divertiu uma boa hora antes de tua chegada. Essa pedra… é o que há de mais ignobilmente patriota entre todas as narrativas desse gênero. Mas como interrompê-lo? Bem viste, espasmava-se de prazer. Na verdade, creio bem que a tal pedra ainda está no mesmo lugar, se não me engano, e de modo nenhum dentro do buraco…

— Ah! meu Deus! — exclamei. — Mas se é verdade! Como ousou ele…

— Que dizes? Mas parece que estás mesmo indignado. Ele deve ter feito confusão. Ouvi na minha infância uma história desse gênero, a propósito duma pedra, mas, com certeza, não essa. “A coisa chegou aos ouvidos das autoridades.” Mas toda a sua alma cantava naquele momento: “chegou aos ouvidos das autoridades!”. Nesse meio lamentável, anedotas dessa qualidade são necessárias. Há uma infinidade delas, sobretudo por causa da intemperança deles. Nada aprenderam, nada sabem exatamente. Pois bem, fora das cartas e de seu ofício, tem vontade de falar de algo de humano, de poético… Que

é, afinal, esse Piotr Ipolítovitch?

— A mais pobre das criaturas, um infeliz.

— Pois bem, vês, talvez, nem mesmo jogue cartas. Repito-te, ao contar essas patranhas, ele satisfaz seu amor pelo próximo: quis causar-nos prazer. Seu sentimento patriótico também está satisfeito; por exemplo, há ainda aquela anedota de que Zaviálov[44] recebeu dos ingleses a oferta de um milhão, com a condição apenas de não por sua marca em seus produtos…

— Ah! meu Deus! essa anedota eu conheço.

— E quem não a conhece? Ele também sabe, ao contar sua história, que tu decerto já ouviste, mas apesar de tudo conta-a, imaginando voluntariamente que não a conheces. A visão do rei da Suécia parece já fora de moda, mas, na minha juventude, repetiam-na com delícia e com cochichos misteriosos,[45] da mesma maneira que aquela outra história segundo a qual, no começo do século, certo personagem teria ficado de joelhos em pleno senado diante dos senadores.[46] Havia também muitas anedotas a propósito do Comandante Bachútski[47] e do rapto dum monumento. Adoram as anedotas a respeito da corte: por exemplo, as histórias a respeito de Tchernichov, um ministro do último reinado que, com setenta anos de idade, modificara de tal maneira sua fisionomia que não lhe davam mais de trinta e o próprio imperador defunto não dava crédito a seus olhos, quando o via nas paradas militares…[48]

— Também conheço isso.

— E quem não conhece? Todas essas anedotas são o cúmulo do mau-gosto. Mas fica sabendo que essa categoria de mau-gosto é muito mais larga e mais profundamente espalhada do que acreditamos. O desejo de mentir para dar prazer a seu próximo, irás encontrá-lo até mesmo na melhor sociedade, porque sofremos todos dessa intemperança de nossos corações. Somente, entre nós, são histórias dum outro gênero: que não se conta entre nós da América, por exemplo? É espantoso! E dos homens de Estado, ainda por cima! Pertenço eu mesmo, confesso, àquela categoria e toda a vida sofri por causa disso…

— Eu mesmo contei várias vezes a história de Tchernichov.

— Tu também, já?

— Há aqui, além de mim, outro locatário, um funcionário, também com marcas de varíola, e já velho, mas tremendamente realista, e assim que Piotr Ipolítovitch abre a boca, põe-se a interrompê-lo e a contradizê-lo. E a tal ponto chega a coisa que o outro o lisonjeia como um escravo e só procura ser-lhe agradável, apenas para fazer-se escutar.

— Isto é outro gênero de mau-gosto e até mesmo mais repugnante talvez que o primeiro. O primeiro é todo entusiasmo! "Deixa-me somente mentir, e verás como é bonito!" O segundo é apenas prosa e melancolia: "Não me contes patranhas: onde foi? quando? em que ano?". Numa palavra: um homem sem coração. Meu amigo, permite sempre aos homens que mintam um pouco, é bem inocente. Deixa-os mentir até mesmo muito. Em primeiro lugar, provarás com isso tua delicadeza; em segundo lugar, em troca, vão te deixar mentir também: duas enormes vantagens de uma vez. Que diabo! É preciso amar seu próximo. Mas estou com pressa. Estás maravilhosamente instalado — acrescentou ele, levantando-se da cadeira. — Contarei a Sófia Andriéievna e à tua irmã que te visitei e encontrei-te de boa saúde. Até logo, meu caro.

Como? Mas era tudo? Não tinha absolutamente necessidade disso; esperava outra coisa, o "essencial", se bem que compreendesse perfeitamente que não podia ser de outro modo. Acompanhei-o, com uma vela na mão, até a escada; o locador fez menção de sair de seu quarto, mas sem ruído, e sem que Viersílov o visse, agarrei-o pelo braço e empurrei-o brutalmente. Arregalou os olhos, espantado, mas desapareceu instantaneamente.

— Essas escadas… — resmungava Viersílov, arrastando as palavras, para dizer alguma coisa e temendo sem dúvida que eu mesmo dissesse alguma coisa — essas escadas, já me desacostumei delas, e tu estás no segundo andar. Basta, encontrei meu caminho agora… Não te inquietes, meu caro, arriscas-te a um resfriado.

Mas não o deixei. Descemos juntos até o primeiro andar.

— Esperei-o todos estes três dias.

Esta frase escapou-me como que contra minha vontade. Engasguei-me.

— Obrigado, meu caro.

— Sabia com certeza que o senhor viria.

— E eu sabia que sabias que eu viria. Obrigado, meu caro.

Calou-se. Estávamos diante da porta e eu continuava a segui-lo. Abriu; o vento que irrompeu bruscamente apagou minha vela. Então, peguei-o pelo braço; estávamos completamente às escuras. Ele estremeceu, mas não disse nada. Agarrei-lhe a mão e me pus a beijá-la ansiosamente, várias vezes, uma multidão de vezes.

— Meu caro filho, por que me amas tanto? — disse ele, mas noutro tom. Sua voz tremia e soava de maneira toda nova. Parecia que não era ele quem falava.

Eu queria responder, mas fui incapaz disso e tornei a subir, correndo. Ele ficou esperando no mesmo lugar e foi somente quando cheguei em meu andar que ouvi a porta da rua abrir e tornar a fechar com ruído. Escapando do locador, que se encontrava ainda uma vez à minha passagem, introduzi-me no meu quarto, corri precipitadamente o ferrolho e, sem acender a vela, lancei-me em cima de minha cama, com o rosto contra o travesseiro e chorei, chorei, chorei. Era a primeira vez que chorava desde o pensionato Touchard! Aqueles soluços escapavam-me com tanta força e sentia-me tão feliz… Mas como descrevê-lo?

Acabo de traçar estas palavras sem corar, porque tudo aquilo estava bem talvez, apesar de todo o seu absurdo.

## III

Mas quanto teve de sofrer! Mostrei-me um terrível déspota. Naturalmente, jamais voltamos a tratar daquela cena. Pelo contrário, tornamos a encontrar-nos dois dias depois, como se nada tivesse

acontecido. Mais ainda: fui quase grosseiro, naquela segunda noite e também ele me pareceu seco. Foi novamente em meu quarto; não sei por que, não fora ainda à casa dele, malgrado meu desejo de ver minha mãe.

Não falamos, durante todo aquele tempo, isto é, durante aqueles dois meses, senão dos assuntos mais abstratos. E disso é que me admiro: não fazíamos senão tratar de questões abstratas, as mais humanas e as mais indispensáveis sem dúvida, mas sem tocar absolutamente no essencial. Ora, no essencial muitas e muitas coisas tinham necessidade de ser determinadas e esclarecidas, e até mesmo uma necessidade urgente, mas era justamente disso que não falávamos. Nada digo mesmo de minha mãe, nem de Lisa… nem, afinal, de mim mesmo, de toda a minha história. Se era vergonha, ou então alguma infantilidade de juventude, ignoro. Suponho que era por infantilidade, porque a vergonha podia apesar de tudo ser superada. Eu o tiranizei tremendamente e até mesmo caí por várias vezes na insolência e contra meu coração: aquilo ocorria por si, irresistivelmente, não conseguia impedir. No tom de sua voz havia, como outrora, ligeira ironia, embora sempre extremamente acariciante, a despeito de tudo. O que me impressionava, também, era que ele preferisse vir ao meu quarto, tanto que acabei por ir muito raramente à casa de minha mãe, uma vez por semana, não mais, sobretudo nos últimos tempos, quando me deixei arrastar pelo torvelinho. Vinha sempre à noite e ficava a conversar; gostava também de prosar com meu locador; isto me causava raiva, da parte de um homem como ele. Uma ideia atravessou-me o espírito; não haveria outra pessoa a cuja casa ele pudesse ir? Mas sabia com certeza que ele tinha amizades; nos últimos tempos, reatara mesmo muitas das antigas relações mundanas, negligenciadas no ano anterior; mas ele não parecia atraído mais da conta por isso e não havia renovado bom número delas senão oficialmente; preferia vir ao meu quarto. Sentia-me por vezes bastante emocionado ao ver que, apresentando-se à noite, quase de todas as vezes ele mostrava uma espécie de timidez no momento de abrir a porta e, no primeiro instante, olhava-me sempre tendo nos olhos uma singular inquietação: “Será que não te incomodo? Diz com franqueza e vou embora”. Chegava mesmo a dizer isso algumas vezes. Numa delas, por exemplo, justamente naqueles

últimos tempos, entrou no momento em que eu já estava todo vestido com um terno que acabava de vir do alfaiate e me preparava para ir à casa do Príncipe Sierioja, a fim de dirigir-me com ele aonde tínhamos de ir. (Aonde, explicarei mais tarde.) Entrou e sentou-se, sem notar provavelmente que eu me preparava para sair; tinha por momentos extraordinárias distrações. Como por acaso, pôs-se a falar do locador. Fiquei com raiva.

— Para o diabo o locador!

— Ah! meu caro! — E de repente, levantou-se. — Mas creio que te preparas para sair e eu te incomodo… Perdoa-me, rogo-te.

E apressou-se humildemente em sair. Era aquela humilhação diante de mim, da parte de tal homem, tão mundano e tão independente, e dotado de tanta originalidade, que ressuscitava, de chofre, em meu coração toda a minha ternura por ele, toda a minha confiança nele. Mas se me amava de tal modo, por que então não me detivera, ao tempo de minha infâmia? Bastaria que dissesse uma palavra e eu teria talvez me contido. Talvez também não. Mas via, no entanto, aquela minha elegância, aquelas fanfarronadas, aquele Matviéi (quis mesmo uma vez levá-lo para casa no meu trenó, mas sempre se recusara e isto reproduzira-se mesmo várias vezes e ele sempre recusara). Via, no entanto, que eu gastava somas loucas, e nem uma palavra, nem uma palavra, nem a menor curiosidade! Isto ainda me acanhava diante dele; exibia tudo, sem lhe dizer naturalmente uma palavra de explicação. Ele não me interrogava e eu tampouco falava.

Entretanto, duas ou três vezes, estivemos a ponto de falar do essencial. Uma vez, no começo, após a renúncia da herança, perguntei-lhe de que ele ia viver agora.

— Sempre vou dar um jeito, meu amigo — declarou, com uma calma extraordinária.

Sei hoje que até mesmo o pequeníssimo capital de Tatiana Pávlovna, cinco mil rublos, foi gasto pela metade por Viersílov, naqueles dois últimos anos.

Outra vez, viemos a falar de minha mãe:

— Meu amigo — disse ele, de repente, com tristeza —, disse muitas vezes a Sófia Andriéievna, nos começos de nossa união, ou antes, nos começos, no meio e no fim: “Minha querida, eu te atormento e te atormentarei sempre, e não o lamento, enquanto estiveres diante de mim; mas se morreres, sei que me deixarei morrer como castigo”.

Lembro-me, aliás, de que se mostrou naquele noite particularmente franco:

— Se eu ainda fosse uma nulidade sem caráter e se sofresse por ter consciência disso! Mas não, sei bem que sou infinitamente forte. Forte de que, a teu ver? Pois bem, justamente dessa força imediata de poder adaptar-me ao que quer que seja, que é tão característica dos russos inteligentes de nossa geração. Nada pode demolir-me, nada pode destruir-me e nada me espanta. Sou tão vigoroso como um cão de pastor. Posso experimentar do modo mais cômodo do mundo dois sentimentos opostos no mesmo instante, sem que minha vontade disso participe. Mas sei, no entanto, que é desleal, sobretudo porque é por demais sensato. Vivi até os cinquenta anos e até hoje ignoro se é um bem ou um mal ter chegado a esta idade. Amo, sem dúvida, a vida, e isto ressalta diretamente dos fatos; mas para um homem como eu, amar a vida é uma covardia. Há algo de novo nestes últimos tempos: os Kraft não se adaptam e rebentam os miolos. É demasiado claro que os Kraft são imbecis; enquanto que nós, sim, nós somos inteligentes, de modo que não há paralelo a fazer e a questão permanece aberta. Será possível que a terra só exista para gente como nós? É provável que sim. Mas esta ideia é por demais desoladora. Enfim… enfim a questão permanece aberta.

Falava com tristeza e, entretanto, eu não sabia se ele estava sendo sincero ou não. Havia sempre nele não sei que dobra da qual não queria a preço algum desfazer-se.

## IV

Crivei-o então de perguntas. Lancei-me a ele como um esfaimado

a um pedaço de pão. Respondia-me sempre com amabilidade e simplicidade, mas ao fim ia parar sempre em aforismos gerais, tanto que, em suma, era impossível arrancar qualquer coisa dele. Ora, todas aquelas questões haviam-me perturbado a vida inteira e, reconheço francamente, já em Moscou adiava-lhes a solução para nosso encontro em Petersburgo. Declarei-lhe mesmo isso e ele não zombou de mim: pelo contrário, lembro-me, apertou-me a mão. Sobre a política geral e os problemas sociais, quase nada pude arrancar dele e, no entanto, essas questões, tendo-se em conta minha ideia, eram as que mais me perturbavam. A respeito de pessoas como Diergatchov, arranquei-lhe uma vez esta observação: "Estão abaixo de toda crítica", mas logo acrescentou, esquisitamente, que se reservava o direito de não ligar à sua opinião "nenhuma importância". Como acabarão os Estados contemporâneos e o universo? Como se restabelecerá a paz social? A tudo isso fez ouvidos moucos durante muito tempo; por fim obtive penosamente dele estas poucas palavras:

— Penso que tudo isso se passará da maneira mais ordinária. Muito simplesmente, todos os Estados, apesar do equilíbrio dos orçamentos e da ausência de déficit, estarão *un beau matin* definitivamente encalacrados e todos, até o derradeiro, vão recusar fazer o pagamento, para se renovar em seguida, todos, até o derradeiro, numa bancarrota universal. Entretanto, todos os elementos conservadores do mundo inteiro vão se opor a isso, porque são eles que hão de ser acionistas e credores e não quererão admitir a falência. Então vai se produzir naturalmente uma espécie de oxidação geral; em seguida, todos aqueles que nunca tiveram ações e que nunca tiveram nada em geral, isto é, todos os mendigos, recusarão naturalmente participar da oxidação… Será a batalha e, após setenta e sete derrotas, os mendigos aniquilarão os acionistas, vão arrebatar suas ações e tomarão seu lugar, como acionistas também, entende-se. Talvez digam algo de novo, talvez não. O mais provável é que abram também falência. Em seguida, meu amigo, sou incapaz de ler mais longe nos destinos que transformarão a face deste mundo. Aliás, consulta o *Apocalipse*…

— Mas serão as coisas tão materiais? Será unicamente pelas finanças que acabará o mundo presente?

— Oh! é bem certo que só apanhei um canto do quadro, mas esse canto liga-se a todo o resto por laços indissolúveis.

— E então que fazer?

— Ah! meu Deus, não te apresses por demais: tudo isso não está perto de acontecer. Duma maneira geral, o melhor é nada fazer absolutamente. Vocês têm pelo menos a consciência tranquila, uma vez que não participaram de nada.

— Ah! basta! Falemos seriamente. Quero saber o que tenho de fazer e como devo viver.

— O que tens a fazer, meu caro? Sê honesto, não mintas nunca, não desejes a casa de teu próximo, em suma, relê os Dez Mandamentos: tudo isso está ali escrito para toda a eternidade.

— Basta, basta, tudo isso é tão velho, e depois não são senão palavras, quando é preciso agir.

— Pois bem, se estás presa de um tédio demasiado intenso, trata de amar alguém ou alguma coisa ou mesmo muito simplesmente de ligar-te a alguma coisa.

— O senhor ri sempre! Depois, que farei sozinho, com seus Dez Mandamentos?

— Trata de praticá-los, a despeito de tuas perguntas e de tuas dúvidas e serás um grande homem.

— Ignorado de todos.

— Nada de oculto existe que um dia não se descubra.

— O senhor está sempre brincando!

— Pois bem, se levas tudo tão a sério, o melhor é tratares de especializar-te o mais depressa possível. Torna-te arquiteto ou advogado. Terás então uma ocupação verdadeira e séria, aplaudirás a ti mesmo e vais te esquecer de todas essas infantilidades.

Calei-me. Que poderia eu tirar dele mais? E no entanto, após cada

uma de suas conversas, eu ficava mais perturbado do que antes. Além disso, via claramente que ele permanecia sempre em sua casa como um mistério; era bem isso que me atraía para ele cada vez mais.

— Escute — interrompi-o um dia —, sempre suspeitei de que o senhor falava assim unicamente por despeito e por sofrimento, ao passo que no fundo de si mesmo é fanático por não sei qual ideia superior que oculta ou que tem vergonha de confessar.

— Agradeço-te, meu caro.

— Escute! Nada de mais sublime do que tornar-se útil. Diga-me em que, no momento dado, posso ser mais útil. Sei que o senhor não resolverá a questão. Mas tenho necessidade somente de sua opinião: diga-me e farei o que o senhor disser, juro! Pois bem, em que consiste esse grande pensamento?

— Trocar as pedras em pão, eis o grande pensamento.

— É o maior? Não, na verdade, o senhor indicou toda uma via a seguir. No entanto vai me dizer: é a maior?

— É muito grande, meu amigo, é muito grande. Mas não é a maior; é grande, mas de segunda ordem, e grande somente no momento presente; uma vez saciado o homem perderá a lembrança; pelo contrário, dirá logo: “Bom, eis-me saciado. E agora, que vou fazer?”. A questão permanece eternamente em aberto.

— O senhor gostaria sempre de calar-se!

— Lembra-te, meu amigo, de que o silêncio é coisa sem perigo, boa e bela.

— Bela?

— Decerto. O silêncio é sempre belo e o silencioso é sempre mais belo que o falador.

— Mas falar como fazemos, o senhor e eu, equivale de todo modo a ficar calado. Para o diabo essa beleza, para o diabo semelhante vantagem!

— Meu caro — disse-me ele, de repente, mudando ligeiramente de tom, até mesmo com sentimento e certa insistência particular —, meu caro, não quero absolutamente seduzir-te com alguma boa virtude burguesa em troca de teus ideais. Não te digo que a felicidade vale mais que o heroísmo. Pelo contrário, o heroísmo é superior a não importa que felicidade e basta a disposição ao heroísmo para constituir a felicidade. Assim, é coisa bem resolvida entre nós. Se tenho respeito por ti, é porque soubeste, na nossa época apodrecida, criar para ti, em teu coração, uma ideia tua (fica tranquilo, lembro-me bem disso). No entanto, é possível não sonhar também com o equilíbrio, pois que desejas agora uma vida estrondosa, incendiar não sei o que, despedaçar não sei o que, elevar-te acima de toda a Rússia, passar como uma nuvem fulgurante, deixar todo mundo cheio de espanto e de admiração e desaparecer tu mesmo nos Estados Unidos. Há seguramente algo assim em teu coração e é por isso que acho inútil prevenir-te, porque tomei por ti uma afeição sincera.

Disto também que podia eu tirar? Não havia nisto senão inquietação a meu respeito, a propósito de minha sorte material. Era o pai com seus sentimentos prosaicos, embora bons, mas era isto o que me era preciso, em presença de ideias pelas quais todo pai leal deveria enviar seu filho à morte, como o velho Horácio os seus pela ideia Romana?

Interrogava-o muitas vezes sobre a religião, mas era aí que o nevoeiro se mostrava mais denso. Se eu perguntava: “que devo fazer nesse sentido?”, respondia-me da maneira mais tola, como a uma criancinha: é preciso crer em Deus, meu caro.

— Mas se não creio em tudo isso? — exclamei uma vez, em minha irritação.

— Então, está muito bem, meu caro.

— Muito bem, como assim?

— É um excelente sinal, meu amigo; é mesmo o mais seguro de todos, porque o nosso ateu russo, se apenas é verdadeiramente ateu e tem ainda que seja um tantinho de espírito, é o melhor homem do mundo, sempre pronto a acariciar Deus, porque é bom, e bom porque

vive com imensa satisfação pelo fato de ser ateu. Nossos ateus são pessoas respeitáveis e completamente seguras, são por assim dizer o sustentáculo da pátria…

Era por certo alguma coisa, mas não era o que eu queria. Uma vez somente, enunciou seu pensamento, mas com tanta estranheza que fiquei ainda mais espantado, sobretudo levando-se em conta todos aqueles catolicismos e todos aqueles cilícios de que eu ouvira falar.

— Meu caro — disse-me ele um dia, não em casa, mas na rua, após uma longa conversa, quando o levava de volta. — Meu amigo, amar os homens como eles são é quase impossível. E, no entanto, é preciso. Por isso deves fazer-lhes bem, refreando teus sentimentos, tapando o nariz e fechando os olhos (esta derradeira condição é indispensável). Suporta o mal que eles te fazem, sem querer-lhes mal por isso, se possível, lembrando-te de que és homem também. Naturalmente, tens o direito de ser severo com eles, se te foi dado ser, um pouco que seja, mais inteligente que a média. Os homens são por natureza baixos e gostam de amar por medo; não te deixes prender a esse amor e não deixes de desprezá-los. Em alguma parte, no *Corão*, Alá ordena a seu profeta que olhasse os recalcitrantes como camundongos, que lhes faça bem e siga seu caminho. É um pouco orgulhoso, mas é justo. Sabe desprezá-los, mesmo quando são bons, porque é então sobretudo que se mostram infectos. Oh! meu amigo, é porque me conheço bem que falo assim! Quem quer que não seja demasiado estúpido não pode viver sem se desprezar, honesto ou desonesto, pouco importa. Amar seu próximo e não desprezá-lo é impossível. Na minha opinião, o homem foi criado fisicamente incapaz de amar seu próximo. Há nisso um erro de linguagem desde o começo, e o amor à humanidade deve ser compreendido unicamente à humanidade que tu crias para ti mesmo em teu coração (em outros termos, eu me crio a mim mesmo bem como o amor por mim), e que por consequência não existirá jamais realmente.

— Ela não existirá nunca?

— Reconheço, meu amigo, que isso seria um pouco estúpido, mas não é culpa minha. E como não me pediram minha opinião no momento da criação do mundo, reservo-me o direito de ter minha

opinião própria.

— Como se pode, depois disto, chamá-lo de cristão — exclamei —, monge carregado de cilícios, pregador? Não compreendo!

— E quem, pois, me chama assim?

Contei-lhe. Escutou-me muito atentamente, mas deixou morrer a conversa…

Não consigo lembrar-me a que propósito tivemos essa conversa memorável. Mas chegou mesmo a zangar-se, o que não lhe acontecia quase nunca. Falava com ardor e sem ironia, como se se dirigisse a um outro. Mas ainda aí não lhe dei crédito: ele não podia, no entanto, com um garoto como eu, tratar, seriamente, de assuntos semelhantes!

## Capítulo II

### I

Naquela manhã, quinze de novembro, encontrei-o em casa do Príncipe Sierioja. Fora eu quem o apresentara ao príncipe, mas já tinham tido, sem mim, numerosos pontos de contato (quero referir-me aquelas velhas histórias no estrangeiro, etc.). Além disso, o príncipe havia prometido destinar-lhe pelo menos um terço da herança, o que daria uns vinte mil rublos. Lembro-me de que achei bastante singular que só lhe destinasse um terço e não a metade: mas não disse nada. Essa promessa o príncipe a fizera por iniciativa própria; Viersílov não pronunciara sequer uma palavra, nem fizera a mínima alusão a isso; o próprio príncipe espontaneamente fez a proposta e Viersílov admitiu a coisa em silêncio e não a relembrou nunca mais, nem mesmo jamais fez menção de se lembrar de modo algum da promessa. Notarei, de passagem, que o príncipe, no começo, mostrou-se absolutamente encantado com ele e em particular com as suas preleções, ficou mesmo entusiasmado e me disse isso por mais de uma vez. Exclamava por vezes, a sós comigo e quase com desespero, que era tão inculto que havia seguido um caminho falso!… Éramos então amigos!… Esforçava-me, de meu lado, por inspirar a Viersílov uma boa opinião a

respeito do príncipe, defendia seus defeitos, embora os enxergasse bem; mas Viersílov ficava silencioso ou sorria.

— Se tem ele defeitos, tem pelo menos tantas qualidades quantos defeitos! — exclamei um dia, a sós com Viersílov.

— Como o tratas bem, grande Deus! — zombou ele.

— Em quê? Não compreendo.

— Tantas qualidades! Mas ele fará milagres, se tem tantas qualidades quanto defeitos!

Não era evidentemente uma opinião. Em suma, evitava então falar do príncipe, como em geral de todas as coisas essenciais; mas do príncipe ainda mais. Já suspeitava de que ia ver o príncipe sem mim e com ele entreter relações particulares, mas admitia a coisa. Não tinha ciúme tampouco de que lhe falasse mais seriamente do que a mim, de maneira mais positiva, por assim dizer, com menos ironia; mas tão feliz me sentia então que isso mesmo me causava prazer. Desculpava-o ainda pelo fato do príncipe ser um tanto limitado e, por conseguinte, gostava da precisão nos termos, era incapaz mesmo de compreender certas brincadeiras. Pois bem, nos últimos tempos começava a emancipar-se. Seus sentimentos para com Viersílov pareciam mesmo modificar-se. Viersílov, sempre sensível, notou. Prevenirei também que o príncipe mudou no mesmo momento a meu respeito, de maneira demasiado visível; de nossa anterior amizade, quase dolorosa, não restavam mais senão algumas formas mortas. Entretanto, continuava a ir à sua casa; aliás, como teria agido de outro modo, uma vez metido em tudo isso? Oh! como era eu então um novato! A simplicidade do coração pode conduzir um homem a semelhante grau de inabilidade e de rebaixamento? Aceitava dinheiro dele e acreditava que era a coisa sem consequência, na ordem das coisas. Ou antes, não é isto: sabia já que não ficava bem aceitar, mas não pensava nisso. Não era por causa do dinheiro que ia à casa dele, se bem que tivesse tremenda necessidade de dinheiro. Sabia que não ia lá por causa do dinheiro, mas compreendia que ia todos os dias buscar dinheiro. Mas encontrava-me no turbilhão e além disso minha alma achava-se então ocupada com coisa bem diversa; cantava em minha alma!

Ao entrar, pela onze horas da manhã, encontrei Viersílov ao fim duma longa tirada; o príncipe escutava, andando para lá e para cá e Viersílov estava sentado. O príncipe parecia uma tanto perturbado. Viersílov possuía quase o dom de perturbá-lo. O príncipe era uma criatura extremamente receptiva, até à ingenuidade, o que me levava bem muitas vezes a olhá-lo com certo desdém. Mas, repito, naqueles últimos dias aparecera nele uma espécie de manifesta maldade. Interrompeu-se ao ver-me e seu rosto como que se contraiu. Sabia que o assaltava toda espécie de inquietações acumuladas, mas era pena que eu só conhecesse delas a décima parte; o resto era então para mim segredo absoluto. Era estúpido e desagradável, porque eu me punha muitas vezes a consolá-lo e a dar-lhe conselhos, zombando com desdém de sua franqueza; pelo fato de deixar-se dominar por "semelhantes tolices"! Mantinha-se em silêncio; mas era impossível que não me odiasse terrivelmente naqueles momentos; eu estava numa situação demasiado falsa, sem mesmo suspeitar disso. Oh!, Deus é minha testemunha, eu não suspeitava do essencial!

Entretanto, estendeu-me com polidez a mão. Viersílov abanou a cabeça, sem interromper o que dizia. Instalei-me no divã. Que modo de falar eu tinha então e que maneiras! Bancava o importante, tratava os amigos dele como se fossem meus… Oh! se houvesse meio agora de apagar tudo isso, quão diferente seria meu procedimento.

Duas palavras, para não me esquecer: o príncipe morava então no mesmo apartamento, mas ocupava-o agora quase inteiramente; sua proprietária, a Stolbiéieva, só havia passado ali um mês e tornara a partir não sei para onde.

## II

Falavam a respeito da nobreza. Notarei que essa ideia atormentava muito o príncipe, malgrado seus ares de progressista, e suponho mesmo que não poucos lados maus de sua vida provieram disso, começaram por isso: estimando seu título de príncipe e privado de fortuna, passou toda a sua existência a gastar dinheiro por falso orgulho e afundou-se em dívidas. Viersílov insinuou-lhe bastantes vezes que não era nisso que residia a nobreza e esforçou-se por fazer

penetrar-lhe no coração uma concepção mais elevada; mas o príncipe acabou por levar a mal que quisessem dar-lhe lições. Era evidentemente alguma cena desse gênero que se passava naquela manhã, mas eu não assistira ao começo. As palavras de Viersílov pareceram-me a princípio retrógradas, mas corrigiu-se em seguida.

— A palavra honra significa dever — dizia ele (reproduzo somente o sentido pelo que dele me recordo). — Quando num Estado domina uma classe privilegiada, o país é forte. A classe dominante tem sempre sua honra e sua religião da honra, que pode aliás ser falsa, mas serve de cimento e consolida a nação; é útil moral e mais ainda politicamente. Mas os escravos padecem, quero dizer, todos aqueles que não pertencem àquela casta. Para que eles não padeçam, concedem-lhes a igualdade de direitos. Foi o que se fez entre nós e está muito bem. Mas todas as experiências que se realizaram até aqui e em toda parte (isto é, na Europa) mostram que a igualdade de direitos acarreta um rebaixamento do sentimento da honra e, por consequência, do dever. O egoísmo substituiu a antiga ideia que cimentava o país e tudo se dissolveu em liberdade dos indivíduos. Libertados, os homens que ficaram sem ideia para cimentá-los acabaram por perder de tal maneira toda ligação superior que cessaram mesmo de defender sua liberdade. Mas a nobreza russa jamais se assemelhou à do Ocidente. Ainda hoje, depois de ter perdido seus direitos, nossa nobreza poderia continuar como uma ordem superior, conservadora da honra, das luzes, da ciência e das ideias superiores, sobretudo ao deixar de ser uma casta fechada, o que seria a morte da ideia. Pelo contrário, as portas da nobreza estão entreabertas entre nós desde muito tempo; hoje, chegou o momento de abri-las definitivamente. Que cada façanha da honra, da ciência e da coragem confira a cada um de nós o direito de aderir a essa categoria superior. Assim, a classe degenera por si mesma numa reunião dos melhores, no sentido literal e verdadeiro, e não no sentido antigo de casta privilegiada. Sob essa forma nova, ou, para melhor dizer, renovada, essa classe poderia se manter.

O príncipe disse, agressivo:

— Que restaria então da nobreza? É uma espécie de loja maçônica que o senhor projeta, não é mais a nobreza.

Repito, o príncipe era incrivelmente inculto. Cheguei a mexer-me no divã, com desgosto, muito embora não estivesse tampouco de acordo com Viersílov. Este compreendeu muito bem que o príncipe estava irritado.

— Ignoro em que sentido o senhor fala de maçonaria — respondeu. — Mas mesmo se um príncipe russo repele semelhante ideia, pois bem, é que o momento ainda não chegou. A ideia da honra e da instrução como regra de conduta de quem quer que queira ligar-se a uma corporação não fechada e renovada sem cessar é por certo uma utopia, mas por que seria impossível? Se essa ideia está viva, ainda que seja apenas em alguns cérebros, não está perdida, brilha como um ponto luminoso em trevas profundas.

— O senhor gosta de empregar as palavras, ideia superior, grande ideia, ideia que cimenta, e tudo mais. Gostaria de saber o que entende o senhor precisamente por grande ideia.

— Não sei bem o que responder-lhe, meu caro príncipe — disse Viersílov, com fina zombaria. — se lhe confesso que sou incapaz de responder, será ainda mais verdadeiro. Uma grande ideia é, comumente, um sentimento que por vezes fica muito tempo sem definição. Sei somente que foi sempre isso que deu nascimento à vida viva, isto é, não livresca e factícia, mas pelo contrário alegre e sem aborrecimento. Assim a ideia superior, donde ela emana, é em absoluto indispensável, a despeito de todos, naturalmente.

— Por que a despeito de todos?

— Porque é aborrecido viver com ideias. Sem ideias, estamos sempre alegres.

O príncipe engoliu a pílula.

— E que é afinal, na sua opinião, essa vida viva? — (Estava claramente furioso.)

— Não sei tampouco, príncipe; sei somente que deve ser alguma coisa infinitamente simples, totalmente comum, que salta aos olhos todos os dias e todos os minutos, tão simples que temos dificuldade

em crer que seja tão simples e que passamos naturalmente diante dela, há bem milhares de anos, sem notá-la, nem reconhecê-la.

— Queria dizer simplesmente que sua ideia da nobreza é ao mesmo tempo a negação da nobreza — disse o príncipe.

— Pois bem então, já que faz questão disso, a nobreza talvez jamais existiu entre nós.

— Tudo isso é terrivelmente sombrio e obscuro. Quando se fala, creio que se deve explicar…

A fronte do príncipe enrugou-se. Lançou uma olhadela para o relógio da parede. Viersílov levantou-se e pegou seu chapéu:

— Explicar? — disse. — Não, vale mais a pena não explicar e aliás é meu fraco, falar sem explicações. Sim, é assim. Outra esquisitice ainda: se me acontece meter-me a explicar uma ideia na qual acredito, quase sempre no final de minha exposição, deixo eu mesmo de crer nela. Receio que o mesmo aconteça hoje. Até logo, meu caro príncipe. Sempre sou levado a tagarelar em sua casa. Sou imperdoável.

Saiu. O príncipe acompanhou-o polidamente, mas eu me sentia ofendido.

— Por que você se aborreceu? — largou ele, de repente, sem me olhar e passando sem parar.

— Estou aborrecido — comecei com um tremor na voz — porque encontrei no senhor tamanha mudança de tom a meu respeito e mesmo a respeito de Viersílov que… Sem dúvida Viersílov começou talvez de maneira um tanto retrógrada, mas em seguida conteve-se, e… havia talvez em suas palavras um pensamento profundo, mas o senhor não o compreendeu e…

— Não gosto que me deem lições e que me tratem como a um menino! — cortou ele, quase encolerizado.

— Príncipe, eis palavra que…

— Nada de gestos dramáticos, por favor! Dê-me esse prazer! Eu sei, o que faço é indigno, sou um pródigo, um jogador, um ladrão talvez… Sim, um ladrão, pois que perco o dinheiro de minha família, mas não quero que ninguém se erija em meu juiz. Não quero, não tolerarei. Sou o meu próprio juiz. E com que rimam tais ambiguidades? Se há algo a dizer-me, que o diga francamente, em lugar de se perder em profecias nebulosas. Mas para me dizer isso, é preciso que tenha o direito de o fazer, é preciso ele próprio ser honesto…

— Em primeiro lugar, não assisti ao começo e ignoro a respeito de que falavam; em seguida, em que Viersílov não é honesto? Permita-me que lhe faça esta pergunta…

— Basta, rogo-lhe, basta! Você pediu-me ontem trezentos rublos: ei-los! — Depositou o dinheiro em cima da mesa, sentou-se numa poltrona, encostou-se nervosamente no espaldar e cruzou as pernas. Parei, perturbado:

— Não sei… — balbuciei. — É verdade que pedi… e esse dinheiro é-me bastante necessário, mas, diante desse tom…

— Deixe de lado o tom. Se pronunciei alguma palavra ferina, desculpe-me. Asseguro-lhe que tenho outras preocupações. Escute uma coisa séria: recebi uma carta de Moscou. Meu irmão Sacha, ainda menino, como sabe, morreu há três dias. Meu pai, como também você sabe, está há dois anos paralítico e escreveram-me que ele vai mal, que não pode mais articular uma palavra e não reconhece mais ninguém. Lá regozijam-se de antemão, por causa da herança, e querem levá-lo ao estrangeiro; mas o médico me escreveu dizendo que só restam ao velho uns quinze dias de vida. Portanto ficamos minha mãe, minha irmã e eu, e assim encontro-me quase sozinho… Em uma palavra, eis-me só… Essa herança… essa herança, oh!, talvez tivesse valido mais que não tivesse vindo! Mas eis o que tinha a comunicar-lhe: dessa herança prometi a Andriéi Pietróvitch um mínimo de vinte mil… Ora, imagine você que as formalidades impediram-me até hoje de fazer alguma coisa. E mesmo eu… isto é, nós… isto é, meu pai ainda não entrou na posse desses bens. Contudo, perdi tanto dinheiro nestas três últimas semanas, e aquele tratante do Stiebielhkov cobra

tais juros… Acabo de dar-lhe pouco mais ou menos meus derradeiros…

— Oh! príncipe, se é assim…

— Não é por isso. Absolutamente! Stiebielhkov me trará dinheiro certamente hoje e será o bastante para o momento, mas que homem dos diabos esse Stiebielhkov! Roguei-lhe que me arranjasse dez mil rublos para poder ao menos dar dez mil a Andriéi Pietróvitch. Minha promessa de repartir com ele essa terça parte atormenta-me, martiriza-me. Dei minha palavra e tenho de cumpri-la. E, juro-lhe, estou louco por libertar-me de meus compromissos, pelo menos desse lado. São pesados, bem pesados, insuportáveis! É uma relação que me pesa… Não posso ver Andriéi Pietróvitch porque não posso encará-lo… Por que ele abusa?

— Em que é que ele abusa, príncipe? — Parei diante dele, espantado. — Ele terá feito alguma vez alusões?

— Oh! não! E estimo que seja assim. Mas eu mesmo as faço. Afinal, cada vez mais me afundo… esse Stiebielhkov…

— Escute, príncipe, acalme-se, rogo-lhe. Vejo que quanto mais o senhor insiste, mais transtornado fica. E, no entanto, tudo isso não passa talvez duma miragem. Oh! eu também me afundei de modo imperdoável e baixo; mas sei que é coisa passageira… Seria suficiente tornar a ganhar certa soma e então… diga-me, com esses trezentos vão se completar dois mil e quinhentos que lhe devo, não é?

— Não os estou reclamando, parece-me. — O príncipe mostrou-se de súbito zangado.

— O senhor diz que deve dez mil a Viersílov. Se aceitar agora seu dinheiro, entrará ele na conta dos vinte mil de Viersílov. Não o aceitarei de outro modo. Mas… mas eu mesmo lhe pagarei decerto… O senhor acreditaria por acaso que Viersílov venha à sua casa por causa de seu dinheiro?

— Ia me sentir melhor, se ele viesse por causa de seu dinheiro — declarou o príncipe, enigmático.

— O senhor falou em uma relação que lhe pesa… Se se trata de Viersílov e de mim, é ofensivo. Afinal, o senhor diz: “Por que ele próprio não é o que quer que os outros sejam?”. Eis sua lógica! Em primeiro lugar, não é lógica, permita que lhe diga, porque, mesmo que ele não fosse o que exige, isto não o impediria de pregar a verdade… Enfim, por que essa expressão “ele prega”? O senhor o chama ainda de profeta. Diga-me, foi o senhor que o chamou de profeta para mulheres simplórias, na Alemanha?

— Não, não fui eu.

— Stiebielhkov me disse que foi.

— Mentiu. Não sou capaz de descobrir apelidos ridículos. Mas se alguém se mete a pregar a virtude, que seja ele próprio virtuoso: eis minha lógica, e se ela é falsa, pouco importa. Quero que seja assim, e será assim. E que ninguém ouse vir julgar-me em minha casa e tratar-me como a um menino! Basta! — exclamou ele, fazendo-me sinal com a mão para não continuar. — Ah! afinal!

A porta abriu-se e Stiebielhkov entrou.

## III

Era o mesmo de sempre, sempre elegantemente vestido, de peito proeminente, com o mesmo costume de fitar a gente tolamente bem nos olhos, crendo-se mais astuto que os outros e muito satisfeito consigo mesmo. Mas desta vez, ao entrar, lançou um curioso olhar em derredor; havia no seu olhar não sei que de particularmente prudente e penetrante; parecia que procurava adivinhar alguma coisa em nossas fisionomias. Aliás, acalmou-se num instante e um sorriso cheio de presunção iluminou seus lábios, aquele sorriso de pedinchão insolente que tanto desagrado me causava.

Sabia desde muito tempo que ele atormentava muito o príncipe. Já viera ali uma ou duas vezes, quando eu estava presente. Eu… também tivera negócios com ele naquele último mês, mas agora, por certo motivo, fiquei um tanto surpreendido com sua visita.

— Imediatamente — disse-lhe o príncipe, sem mesmo

cumprimentá-lo e, voltando-nos as costas, tirou de sua escrivaninha papéis e contas. Quanto a mim, estava seriamente magoado com aquelas derradeiras palavras do príncipe; a alusão à desonestidade de Viersílov era tão clara (e tão surpreendente!) que era impossível deixá-la sem uma explicação radical. Mas diante de Stiebielhkov nem se devia pensar nisso. Estendi-me de novo sobre o divã e abri um livro que estava diante de mim:

— Bielínski,[49] segunda parte! É uma novidade. Está querendo instruir-se? — gritei para o príncipe, num tom provavelmente muito falso.

Ele estava muito preocupado e apressado, mas às minhas palavras voltou-se vivamente:

— Rogo-lhe, deixe esse livro tranquilo — disse, cortante.

Isto ultrapassava os limites. Sobretudo na presença de Stiebielhkov! Como que de propósito, fez Stiebielhkov uma careta ignóbil e astuta e, com uma piscadela de olhos, indicou-me o príncipe à sorrelfa. Virei a cara àquele cretino.

— Não se zangue, príncipe. Cedo-o ao homem mais essencial e me eclipso…

Tinha resolvido não me constranger.

— Eu sou o homem mais essencial? — perguntou Stiebielhkov, apontando-se alegremente com o dedo.

— Sim, é o senhor. O senhor é o homem mais essencial, e, aliás, sabe bem disso.

— Mas não, permita. Há em toda parte aqui embaixo um segundo. Eu sou esse segundo. O primeiro faz e o segundo toma. Assim, o segundo torna-se primeiro e o primeiro segundo. É verdade ou não?

— É possível, somente não compreendo, como de costume.

— Permita. Houve na França a revolução e guilhotinaram todo

mundo. Napoleão chegou e tomou tudo. A revolução é o primeiro e Napoleão é o segundo. Pois bem, Napoleão tornou-se o primeiro e a revolução a segunda. É verdade ou não?

Direi de passagem que, quando ele se pôs a falar da Revolução Francesa, reencontrei nele sua malícia da vez anterior, que me divertia bastante: continuava a ver em mim um revolucionário e todas as vezes que me encontrava achava necessário lançar-me algumas frases desse gênero.

Ficaram uns dez minutos sem que se ouvisse nada e de repente recomeçaram a falar em voz alta. Falavam ambos, mas o príncipe se pôs em breve a gritar: parecia uma violenta irritação, que atingia quase a raiva. Ele era por vezes bastante arrebatado e por isso relevava-lhe muitas coisas. Mas naquele mesmo instante entrou um criado; mostrei-lhe a peça onde ele se encontrava e tudo se acalmou lá dentro, instantaneamente. Em breve o príncipe reapareceu, de rosto preocupado, mas com um sorriso. O criado voltou correndo e meio minuto depois aparecia um visitante.

Era um personagem imponente, com agulhetas e condecorações imperiais, um senhor duns trinta anos no máximo, da alta sociedade e de aparência severa. Devo prevenir o leitor de que o Príncipe Sierguiéi Pietróvitch não pertencia verdadeiramente à alta sociedade petersburguesa, malgrado a vontade ardente que tinha disso (conhecia essa vontade), e por consequência devia apreciar altamente semelhante visita. Era um conhecimento que, eu sabia, acabava de se travar, após grandes esforços do príncipe; o visitante pagava agora uma visita, mas, por desgraça, apanhava o dono da casa de surpresa. Vi com que sofrimento e com que olhar desvairado o príncipe se voltou um instante para Stiebielhkov; mas este sustentou aquele olhar como se de nada se tratasse e, sem nem sonhar em retirar-se, sentou com ar desprendido sobre o divã e se pôs a assanhar os cabelos com a mão, sem dúvida em sinal de independência. Tomou mesmo um aspecto grave. Em uma palavra, estava impossível! Quanto a mim, já sabia naquela época manter-me e não teria feito mais ninguém se envergonhar por minha causa, mas qual não foi meu espanto, quando percebi também posto em mim aquele mesmo olhar desvairado, lamentável e odiento, do príncipe: tinha, portanto, vergonha de nós

dois, punha-me no mesmo plano que Stiebielhkov! Esta ideia encheu-me de raiva; instalei-me ainda mais confortavelmente e folheei o livro com o ar de alguém a quem nada importa. Stiebielhkov, pelo contrário, revirou muito os olhos, curvou-se para diante e prestou ouvidos à conversa, julgando sem dúvida que isso era polido e amável. O visitante lançou-lhe uma ou duas olhadelas; para mim também, aliás.

Comunicaram-se notícias de família; aquele senhor conhecera a mãe do príncipe, que provinha duma família conhecida. Tanto quanto pude compreendê-lo, o visitante, apesar de sua amabilidade e simplicidade aparente de tom, era por demais guindado e julgava-se tão superior que uma visita dele devia ser, na sua opinião, uma honra extrema para quem quer que fosse. Se o príncipe tivesse estado sozinho, isto é, sem nós, estou convencido de que ele se teria mostrado mais digno e mais recatado; mas algo de trêmulo em seu sorriso, talvez afável em excesso e não sei que distração estranha o atraiçoavam.

Não havia cinco minutos que estavam sentados, quando foi anunciado outro visitante e, como por acaso, elegantemente comprometedor. Conhecia-o bem e ouvira falar muito dele, se bem que ele absolutamente não me conhecesse. Era um homem muito jovem, aliás já de vinte e três anos, trajado admiravelmente, de boa família e bonito de cara, mas que não pertencia certamente à boa sociedade. No ano precedente, servia ainda num dos mais célebres regimentos de cavalaria da Guarda, mas fora obrigado a reformar-se e todo mundo sabia por quê. Seus pais tinham mesmo anunciado nos jornais que não se responsabilizavam pelas suas dívidas, mas nem por isso ele deixava de fazer farras, arranjando dinheiro a dez por cento ao mês, jogando forte nas sociedades de jogo e arruinando-se por uma francesa famosa. Havia ganho, mais ou menos a uma semana, numa noite uma dúzia de mil rublos e sentia-se triunfante. Mantinha as melhores relações com o príncipe: jogavam muitas vezes juntos e com despesas comuns; o príncipe chegou mesmo a estremecer vendo-o, notei do lugar onde estava. Aquele rapaz sentia-se em toda parte como em sua casa, falava alto sem se constranger diante de qualquer pessoa e dizia alegremente tudo quanto lhe vinha ao espírito e, como é

natural, não podia vir-lhe ao espírito que nosso anfitrião tremesse de tal maneira pela sua posição social, diante de seu elevado visitante.

Assim que entrou, interrompeu a conversa e começou de imediato a contar o jogo da véspera, antes mesmo de sentar.

— O senhor estava lá também, creio — disse, após sua terceira frase, voltando-se para o visitante importante, que tomava por algum dos seus conhecidos. Mas logo depois, tendo-o examinado, gritou:

— Ah! perdão! Tomei-o também por um dos de ontem.

— Alieksiéi Vladímirovitch Darzan, Ipolit Alieksándrovitch Nachtchókin — disse o príncipe, apressando-se em apresentá-los. Aquele rapaz era apesar de tudo apresentável: o nome era bom e conhecido; mas para nós, não o havia apresentado e ficamos nos nossos cantos. Recusei-me absolutamente a voltar a cabeça para o lado deles. Mas Stiebielhkov, à vista do rapaz, exibiu um ricto alegre e fez menção de abrir a boca. Tudo aquilo começava a divertir-me.

— Encontrei-o muitas vezes, no ano passado, em casa da Princesa Vieríguina — disse Darzan.

— Lembro-me disso, mas o senhor andava então de uniforme, creio — respondeu amavelmente Nachtchókin.

— Sim, andava de uniforme, mas graças a… olhem quem está aqui: Stiebielhkov! A que acaso se deve sua presença? Foi justamente graças a senhores como esse que deixei de andar de uniforme. — Apontou francamente Stiebielhkov e desatou a rir. Stiebielhkov também riu jovial, tomando sem dúvida aquela frase por uma amabilidade. O príncipe corou e apressou-se em fazer alguma pergunta a Nachtchókin enquanto Darzan, aproximando-se de Stiebielhkov, travava com ele uma conversação muito animada, mas à meia voz.

— O senhor deve ter conhecido muito bem no estrangeiro Katierina Nikoláievna Akhmákova, não? — perguntou o visitante ao príncipe.

— Oh! sim, muito bem…

— Creio que surgirá em breve aqui uma notícia. Dizem que ela vai casar-se com o Barão Bioring.

— É verdade! — exclamou Darzan.

— O senhor o sabe… de maneira certa? — perguntou o príncipe a Nachtchókin, com uma perturbação visível e imprimindo à sua pergunta um acento particular.

— Disseram-me. E creio bem que já se fala disso. Mas não sei com certeza.

— Oh! é certo! — afirmou Darzan, aproximando-se deles. — Dubássov me disse ontem: é sempre o primeiro a saber dessas notícias. Aliás, o príncipe deveria saber…

Nachtchókin esperou que Darzan terminasse e voltou-se de novo para o príncipe:

— Ela só muito raramente aparece em sociedade.

— Seu pai estava doente no mês passado — observou, seco, o príncipe.

— É uma senhorita que teve aventuras, parece-me! — largou de chofre Darzan.

Ergui a cabeça e levantei-me.

— Tenho o prazer de conhecer pessoalmente Katierina Nikoláievna e creio dever assegurar-lhe que todos esses boatos escandalosos não passam de mentiras e de infâmia… foram inventados por aqueles… que giravam em torno dela, mas fracassaram.

Após esta tola interrupção, calei-me, continuando a fitar os circunstantes, com o rosto aceso e o busto erguido. Todo mundo voltou-se para meu lado, mas de súbito Stiebielhkov deu uma risadinha; Darzan, surpreso, sorriu também.

— Arkádi Makárovitch Dolgorúki! — disse o príncipe a Darzan,

apontando para mim.

— Ah! acredite-me, príncipe — disse Darzan, voltando-se para mim, com ar franco e benevolente. — Não sou eu quem o diz; se houve boatos, não fui eu quem os espalhou.

— Oh! não o acuso! — respondi, rápido. Mas já Stiebielhkov dava gargalhadas, como não é admissível e era — a coisa esclareceu-se mais tarde — porque Darzan me chamara príncipe. Ainda uma peça que me pregava aquele nome infernal! Agora ainda, coro à ideia de que não tenha sabido, por falsa vergonha, naturalmente, desfazer no mesmo instante aquela tolice e declarar, alto e bom som, que era Dolgorúki simplesmente. Era a primeira vez que aquilo me ocorria. Darzan olhou perplexo para Stiebielhkov todo risos e para mim.

— Ah! sim! quem é essa linda mulher que acabo de encontrar na sua escada, elegante e viva? — perguntou de súbito Darzan ao príncipe.

— Não sei quem seja — respondeu este rapidamente, corando.

— Quem o saberá então? — perguntou Darzan, risonho.

— Na verdade… é bem talvez… — e o príncipe interrompeu-se.

— É… mas é a irmãzinha dele… Elisavieta Makárovna! — largou Stiebielhkov, apontando para mim. — Eu também acabo de encontrá-la…

— Ah! efetivamente! — concordou o príncipe, desta vez com uma fisionomia bastante grave e séria. — Deve ser Elisavieta Makárovna, grande amiga de Anna Fiódorovna Stolbiéieva; em cuja casa moro neste momento. Decerto veio ver Dária Onísimovna, outra boa amiga de Anna Fiódorovna, que lhe confiou sua casa ao partir…

Era bem isso. Essa Dária Onísimovna era a mãe da pobre Ólia, de quem já falei e que Tatiana Pávlovna havia afinal colocado em casa de Stolbiéievna. Sabia perfeitamente que Lisa ia à casa da Stolbiéieva e por vezes via em seguida a pobre Dária Onísimovna, pela qual todo mundo entre entre nós havia tomado amizade; mas, naquele

momento, após aquela declaração muito precisa do príncipe e sobretudo após a absurda saída de Stiebielhkov e talvez também porque acabavam de me chamar príncipe, senti-me corar da cabeça aos pés. Por felicidade, naquele mesmo instante, Nachtchókin levantou para despedir-se; estendeu a mão também a Darzan. Durante o instante em que ficamos sós com Stiebielhkov, este apontou-me Darzan, que estava de costas para nós, na soleira; mostrei o punho a Stiebielhkov.

Um minuto depois, Darzan também se retirou, depois de ter combinado com o príncipe um encontro para o dia seguinte, numa casa de jogo, é claro. Ao sair, gritou alguma coisa a Stiebielhkov e inclinou-se ligeiramente diante de mim. Mal ele partiu, saltou Stiebielhkov de seu lugar e plantou-se no meio da sala, com um dedo no ar:

— Aquele senhorzinho deu na semana passada o seguinte golpe: assinou uma letra, com falso endosso, em nome da Avieriánov. Essa encantadora letra ainda existe. Não é permitido! É do direito comum! Oito mil rublos!

— E o senhor é quem está de posse dessa letra? — perguntei-lhe com um olhar feroz.

— O que tenho é um banco, um *mont-de-piété*,[50] e não uma letra. Sabe o senhor o que é o *mont-de-piété* de Paris? É pão e felicidade para os pobres. Pois bem, tenho um *mont-de-piété* meu…

O príncipe deteve-o, brutal e malignamente:

— E o senhor, que faz aqui? Por que ficou?

— O que? — disse Stiebielhkov, piscando os olhos. — E a coisa?

— Não, não e não! — gritou o príncipe, batendo os pés. — Já disse!

— Vamos, se é assim… está bem. Apenas, não é tudo isso…

Deu meia volta e saiu brusco, baixando a cabeça e curvando o dorso. O príncipe gritou-lhe na soleira:

— E saiba que não tenho medo do senhor!

Estava irritadíssimo. Teve vontade de sentar-se, mas vendo-me, não o fez. Seu olhar parecia dizer-me também: “E tu, que fazes aqui?”.

— Príncipe… — comecei.

— Não tenho tempo, na verdade. Arkádi Makárovitch. Preciso sair.

— Um instantinho, príncipe, é muito importante. E, em primeiro lugar, torne a aceitar seus trezentos rublos.

— Que é que isso quer dizer ainda?

Andava, mas parou.

— É que depois do que se passou… e do que o senhor disse de Viersílov, que ele é desonesto, e enfim seu tom durante todo este tempo… Em uma palavra, não posso aceitar.

— No entanto, aceitou um mês inteiro.

Sentou bruscamente. Eu estava de pé, diante da mesa; com uma das mãos comprimia o livro de Bielínski e com a outra segurava meu chapéu.

— Os sentimentos eram outros, príncipe… E, afinal, jamais teria chegado a certa soma… Aquele jogo… Em suma, não posso.

— Você não se distinguiu de maneira alguma e por isso se enche de raiva. Peço-lhe que deixe esse livro sossegado.

— Que quer dizer com isso de “não se distinguiu de maneira alguma”? Afinal, colocou-me o senhor na presença de seus convidados, quase no mesmo nível de Stiebielhkov.

— Eis, pois, a chave do enigma! — disse ele, com um sorriso mordaz. — Além do mais, você ficou confuso por ter-se ouvido chamar príncipe.

Soltou uma risada maligna. Explodi:

— Não compreendo mesmo… Príncipe, eis um título que nem de graça eu quereria.

— Conheço seu caráter. Como gritou duma maneira engraçada para defender Akhmákova… Largue esse livro!

— Que significa isso? — exclamei também.

— Lar-gue-es-se-li-vro! — berrou ele, erguendo-se furioso em sua poltrona, como prestes a lançar-se contra mim.

— Eis o que ultrapassa afinal todos os limites! — disse eu, saindo depressa da sala. Mas ainda não chegara à sua extremidade, quando ele gritou para mim da soleira de seu gabinete:

— Volte. Arkádi Makárovitch! Vo-o-ol-te! Volte imediatamente!

Não lhe dava mais ouvidos e ia saindo. Alcançou-me a passos rápidos, agarrou-me pelo braço e arrastou-me para seu gabinete. Não opus resistência.

— Tome! — disse ele, pálido de emoção, estendendo-me os trezentos rublos abandonados por mim. — Tome-os, eu o quero… de outro modo nós… eu o quero!

— Mas, príncipe, como poderia eu aceitá-los?

— Pois bem, peço-lhe perdão, se quiser. Vamos, perdoe-me.

— Príncipe, sempre gostei do senhor, e se o senhor também…

— Eu também. Tome…

Aceitei. Seus lábios tremiam.

— Compreendo, príncipe, o senhor está com raiva daquele velhaco… Mas não aceitarei, apesar de tudo, senão nos beijarmos, como depois de nossas anteriores zangas…

Ao dizer estas palavras também eu tremia.

— Temos ternuras — resmungou o príncipe, sorrindo

timidamente. Mas inclinou-se e beijou-me. Estremeci: no instante mesmo daquele beijo, li no seu rosto uma aversão decidida.

— Ele lhe trouxe o dinheiro, pelo menos?…

— Ora, pouco importa.

— É pelo senhor que…

— Trouxe-o, trouxe-o…

— Príncipe, éramos amigos… e, afinal, Viersílov…

— Sim, sim. Está bem!

— Afinal, não sei verdadeiramente se trezentos rublos…

Tinha-os entre as mãos.

— Aceite, aceite! — E riu de novo, mas havia no seu sorriso algo de mau.

Aceitei.

## Capítulo III

### I

Aceitei, porque gostava dele. Àquele que não me acreditar responderei que, pelo menos no instante em que aceitei aquele dinheiro, estava firmemente convencido de que podia, se quisesse, arranjá-lo em outra parte. Portanto, aceitei-o, não por necessidade, mas por delicadeza, para não magoá-lo. Ai!, eis como eu raciocinava naquela ocasião! Mas achava-me, apesar de tudo, muito mal à vontade de deixá-lo. Verificava a meu respeito uma enorme mudança naquela manhã. Ele não havia usado jamais semelhante tom e contra Viersílov era uma revolta declarada. Sem dúvida, Stiebielhkov pusera-o de mau humor; mas aquilo havia começado antes de Stiebielhkov. Repito: a mudança podia notar-se já nos dias anteriores, mas não daquela maneira, não a tal ponto e isso era o importante.

O que talvez o tivesse levado a agir assim fora a tola notícia a respeito daquele ajudante de campo de Sua Majestade, o Barão Bioring… Eu também tinha saído perturbado, mas… O fato é que eu tinha no momento outro clarão diante dos olhos e deixava passar muita coisa sem lhe prestar atenção: apressava-me em deixá-las passar, punha em fuga tudo quanto era sombrio e dirigia-me para o que brilhava…

Não era ainda uma hora da tarde. Da casa do príncipe, dirigi-me com meu Matviéi, acreditem-no ou não, diretamente à casa de Stiebielhkov. Ele acabava de surpreender-me, menos pela sua visita ao príncipe (prometera-lhe ir) do que pelas piscadelas de olhos que me dirigira de acordo com seu tolo costume, mas por um tema bem diferente daquele que eu esperava. Recebera dele, na véspera à noite e pelo correio, um bilhete bastante enigmático no qual me suplicava que fosse vê-lo hoje entre uma e duas horas: “tinha de comunicar-me certas coisas inesperadas”. E a respeito desse bilhete, nada dissera ainda há pouco, em casa do príncipe. Que segredos poderia haver entre Stiebielhkov e mim? A simples ideia disso era ridícula. Mas, com tudo o que se passara, não deixava eu de sentir um pequeno tremor ao dirigir-me à casa dele. Sem dúvida, fora procurá-lo uma vez, havia quinze dias, por uma questão de dinheiro, e ele me dispusera a quantia, mas não nos havíamos entendido e eu não tinha aceitado. Ele então resmungara algo de obscuro, como de seu hábito, e havia-me parecido que queria fazer-me uma proposta, condições especiais… E, como eu o havia tratado com desdém todas as vezes que o encontrara em casa do príncipe, repeli altivamente toda ideia de condições especiais e saí, muito embora ele me tivesse seguido correndo até a porta; tinha então pedido emprestado ao príncipe.

Stiebielhkov vivia totalmente à parte e ricamente: um apartamento de quatro belas peças, um belo mobiliário, dois criados, homem e mulher, mais um ecônomo, aliás de idade madura. Entrei cheio de cólera.

— Escute, meu caro — fui dizendo, desde a porta —, antes de tudo, que significa este bilhete? Não admito correspondência entre o senhor e mim. E por que não me disse o que queria dizer-me, ainda há pouco em casa do príncipe? Estava às suas ordens.

— E o senhor, também, por que não falava ainda há pouco? Por que não me perguntou? — E abriu a boca num sorriso de perfeito contentamento.

— Muito simplesmente porque não sou eu que tenho necessidade do senhor, mas o senhor de mim! — exclamei, com furor.

— E então por que veio ver-me, se é assim? — Saltou quase de seu lugar, cheio de prazer. Dei imediatamente meia volta, para retirar-me, mas ele me agarrou pelo ombro.

— Não, não. Estava brincando. O negócio é sério, vai ver.

Sentei. Confesso: a curiosidade venceu. Instalamo-nos na extremidade duma vasta escrivaninha, um diante do outro. Ele sorriu com malícia e levantou o dedo.

— Por favor, sem malícias e sem levantar o dedo! E sobretudo sem alegorias, Ao fato, imediatamente, ou então vou-me embora! — gritei-lhe, de novo enraivecido.

— O senhor é… orgulhoso! — declarou ele, com uma censura idiota, balançando-se na sua poltrona e elevando todas as rugas de sua testa.

— É assim que é preciso agir com o senhor.

— O senhor… recebeu hoje dinheiro em casa do príncipe. Trezentos rublos. Tenho dinheiro, eu. O meu vale mais.

— E donde soube o senhor que eu aceitei? — Estava tremendamente surpreendido. — Foi ele quem lhe disse?

— Foi, sim, quem me disse. Acalme-se, foi incidentemente, de passagem, não de propósito. Disse. O senhor podia, no entanto, não aceitar. É verdade ou não?

— Mas ouvi dizer que o senhor escorchava as pessoas com seus juros.

— Tenho meu *mont-de-piéte*, não escorcho. Dou somente aos

amigos, não aos outros; para os outros há o *mont-de-piéte*…

Esse *mont-de-piéte* era muito simplesmente juro sobre penhores, sob um nome de empréstimo, num outro apartamento e a empresa andava muito bem.

— Aos amigos forneço gordas somas.

— E o príncipe é um desses amigos?

— É, sim. Mas… conta pataratas. Que tome cuidado!

— Estará ele a tal ponto em suas mãos? Deve-lhe muito?

— Ele?… Muito.

— Vai lhe pagar. Tem uma herança…

— Essa herança não é dele. Deve-me dinheiro e outra coisa também. A herança não basta. Eu lhe emprestarei sem juros.

— Também a título de amigo? Que fiz para merecer isso? — perguntei, rindo.

— Vai merecer. — Avançou para mim com todo o seu corpo e fez menção de erguer o dedo.

— Stiebielhkov, sem dedo! Ou então vou-me embora.

— Escute… ele pode casar com Anna Andriéievna! — E deu uma piscadela infernal.

— Escute, Stiebielhkov, a conversa está tomando um caráter tão escandaloso… Como ousa o senhor mencionar o nome de Anna Andriéievna?

— Não se zangue.

— Estou-me violentando para ouvi-lo, porque vejo dentro disso alguma maquinação e quero saber… Mas posso deixar de conter-me, Stiebielhkov!

— Não se zangue, não banque o orgulhoso. Não banque o orgulhoso um instantinho. Sabe da história de Anna Andriéievna? Sabe que o príncipe pode casar-se?

— Naturalmente, ouvi falar desse projeto, sei de tudo. Mas jamais falei disso ao Príncipe Sokólhski, que até hoje está doente. Mas nunca disse nada e não participei disso. Declaro unicamente a título de explicação e permito-me perguntar-lhe em primeiro lugar: por que tratou desse assunto comigo? E em segundo lugar: como acontece que fale o príncipe dessas coisas com o senhor?

— Não é ele que fala disso comigo; não quer falar-me, sou eu que lhe falo e ele não quer me escutar. Pôs-se a gritar ainda há pouco.

— Compreendo-o! Aprovo-o!

— O velho, o Príncipe Sokólhski, dotará ricamente Anna Andriéievna. Gosta dela. Então o noivo, o Príncipe Sokólhski, devolverá meu dinheiro. E vai me pagar também a outra dívida. Pagará, com certeza! Ao passo que agora, não tem meios.

— Mas eu, em que lhe posso ser útil?

— Para uma questão essencial: o senhor os conhece. O senhor é conhecido em toda parte. Pode saber de tudo.

— Com os diabos… saber o quê?

— Se o príncipe quer, se Anna Andriéievna quer, se o velho príncipe quer. O senhor pode saber a verdade.

— E o senhor ousa propor-me ser seu espião e ainda por dinheiro?! — agitei-me, indignado.

— Não banque o orgulhoso, não banque o orgulhoso. Não banque o orgulhoso ainda um pouquinho, por não mais de cinco minutos.

Obrigou-me a sentar de novo. Via-se que não tinha medo nem de meus gestos nem de minhas explosões de voz. Decidi escutá-lo até o fim.

— Preciso somente saber, saber depressa, porque… porque em breve será talvez demasiado tarde. O senhor viu ainda há pouco como ele engoliu a pílula, quando o oficial falou do barão e de Akhmákova?

Rebaixava-me, decididamente, escutando por mais tempo, mas minha curiosidade estava interessada de maneira irresistível.

— Escute o senhor… o senhor é um patife — disse eu, num tom categórico. — se ficar aqui ouvindo e se lhe permitir que fale dessas pessoas… e se mesmo lhe responder, não é absolutamente que lhe reconheça esse direito. Vejo somente nisso não sei que maquinação. E em primeiro lugar, que esperança pode fundamentar o príncipe sobre Katierina Nikoláievna?

— Nenhuma, mas está furioso.

— É falso.

— Está furioso. Agora, pois, no que se refere à Akhmákova… passo! Adeus, aí perdeu a partida. Resta Andriéievna. Darei ao senhor dois mil… sem juros nem promissória.

Dito isto, encostou-se, decidido e grave, no espaldar de sua cadeira e fitou-me de olhos bem abertos. Olhei-o também da mesma forma.

— O senhor se veste em um alfaiate da rua Bolchaia Millionaia. Precisa de dinheiro para isso, precisa. Meu dinheiro vale mais do que o dele. Darei mais de dois mil…

— Mas por quê? Por que, pois, com os diabos?

Bati com o pé. Ele se curvou para mim e declarou de maneira expressiva:

— Para que o senhor não me estorve.

— Mas, mesmo sem isso, não me meto em tal! — gritei.

— Sei que o senhor não diz nada. É bom.

— Não tenho necessidade de sua aprovação. Desejaria muito, de

minha parte, que tal se desse, mas acho que nada tenho com isso e para mim seria até mesmo inconveniente.

— Está vendo, está vendo? Inconveniente! — E levantou o dedo.

— Que quer dizer esse “está vendo”?

— Inconveniente… Ah! ah! ah! — E desatou a rir. — Compreendo, compreendo que seria inconveniente para o senhor, mas… não me estorvará?

Piscou o olho, mas havia naquela piscadela algo de horrivelmente atrevido, até mesmo zombador, baixo! Supunha ele em mim alguma baixeza e contava com essa baixeza. Era claro, mas continuava a não compreender onde queria ele chegar.

— Anna Andriéievna também é sua irmã — declarou ele, intencionalmente.

— Proíbo-lhe que fale disso. E, qualquer modo, o senhor não tem o direito de falar de Anna Andriéievna.

— Não banque o orgulhoso, ainda um minutinho! Escute-me: ele receberá dinheiro e vai distribuí-lo a todo mundo — disse Stiebielhkov, com ponderação —, todo mundo, está-me acompanhando?

— Então o senhor acredita que aceitarei o dinheiro dele?

— O senhor o aceita bem agora.

— Recebo o dinheiro que me pertence.

— Que lhe pertence?

— É o dinheiro de Viersílov. Ele deve vinte mil rublos a Viersílov.

— Deve a Viersílov e não ao senhor.

— Viersílov… é meu pai.

— Não. O senhor… é Dolgorúki e não Viersílov.

— Pouco importa! — Pude com efeito raciocinar assim! Sabia que isso importava muito: não era tão estúpido. Mas ainda uma vez era por delicadeza que raciocinava assim. — Basta — gritei. — Não compreendo nada de nada. Como ousou o senhor fazer-me vir aqui para semelhantes bobagens?

— Será possível que o senhor não compreenda mesmo? Faz de propósito — declarou lentamente Stiebielhkov, lançando-me um olhar penetrante acompanhado dum sorriso de desconfiança.

— Juro-lhe que não compreendo.

— Digo que ele poderá dar dinheiro a todo mundo, todo mundo, basta que o senhor não atrapalhe, não o dissuada…

— O senhor perdeu a cabeça! A quem alude com esse “todo mundo”? Sustentará Viersílov?

— O senhor não é o único, nem tampouco Viersílov… Há outras pessoas. Anna Andriéievna é tão sua irmã quanto Elisavieta Makárovna!

Eu olhava, de olhos escancarados. De repente, surgiu no ignóbil olhar dele uma espécie de compaixão por mim:

— O senhor não compreende, ora, tanto melhor! Está bem, está muito bem que o senhor não compreenda. É louvável… se é bem verdade mesmo que não compreenda.

Estava eu completamente furioso.

— Vá para o diabo com suas tolices! O senhor está maluco! — gritei, pegando meu chapéu.

— Não são tolices! Vai-se embora? O senhor sabe que voltará.

— Não! — disse eu, categoricamente, já na soleira.

— O senhor voltará e então… então falaremos de outro modo. Falaremos de coisas sérias. Dois mil, lembre-se bem!

Causara em mim uma impressão tão perturbadora e tão suja que, ao sair, esforcei-me em não pensar mais naquilo e limitei-me a cuspir, cheio de desgosto. A ideia do príncipe ter sido capaz de falar-lhe a meu respeito e daquele dinheiro causava-me o efeito duma picada de agulha. “Tornarei a ganhá-lo e o devolverei hoje mesmo”, pensei decididamente.

Por mais estúpido e confuso que fosse Stiebielhkov, via agora o patife em todo o seu esplendor e sobretudo não podia deixar de haver naquilo alguma intriga. Eu só não tinha tempo então para ocupar-me em destrinçar intrigas e nisso estava a principal causa de minha cegueira momentânea! Olhei meu relógio com inquietação, mas não eram ainda duas horas; portanto, podia fazer ainda uma visita, de outro modo até às três horas estaria morto de emoção. Dirigi-me à casa de Anna Andriéievna Viersílova, minha irmã. Fazia muito tempo que tornara a vê-la, em casa de meu velho príncipe, durante a doença deste. Atormentava-me a consciência a ideia de que não me encontrava com ela havia três ou quatro dias. Mas foi Anna Andriéievna quem me tirou de dificuldades: o príncipe tinha por ela verdadeira paixão e havia-a mesmo chamado, em minha presença, de seu anjo da guarda. A propósito, a ideia de casá-la com o Príncipe Sierguiéi Pietróvitch nascera com efeito na cabeça de meu bom velho e exprimira-me mesmo isso mais de uma vez, em segredo, naturalmente. Dera parte disso a Viersílov, tendo notado já antes que, se ele se mostrava indiferente a todas as coisas essenciais, interessava-se entretanto sempre pelas notícias que lhe dava de meus encontros com Anna Andriéievna. Viersílov murmurara então que Anna Andriéievna era bastante inteligente e podia dispensar, num assunto tão delicado, conselhos estranhos. Stiebielhkov estava evidentemente certo ao supor que o velho lhe daria um dote, mas como ele tinha se atrevido a contar assim com alguma coisa? O príncipe acabava de gritar-lhe que não tinha medo dele, mas, de fato, não teria sido a respeito de Anna Andriéievna que Stiebielhkov lhe falara em seu gabinete? Imagino a que ponto eu teria ficado furioso, se estivesse em lugar dele.

Nos últimos tempos, ia bastantes vezes à casa de Anna

Andriéievna. Mas ocorria sempre uma coisa estranha: era sempre ela quem me marcava encontro e me esperava decerto, mas assim que eu entrava ela me dava a impressão de que minha chegada era totalmente inoportuna; observara esse traço nela, mas nem por isso deixava de lhe ser afeiçoado. Morava em casa de sua avó, Fanariótova, naturalmente a título de pupila (Viersílov em nada contribuía para sua manutenção), mas desempenhando um papel bem diferente do que se atribui comumente às pupilas das senhoras nobres: como por exemplo, a da velha condessa, em *A dama de espadas*, de Púchkin. A própria Anna Andriéievna era uma espécie de condessa. Tinha na casa aposentos próprios, completamente à parte, embora no mesmo andar e no mesmo apartamento que a Fanariótova, mas constituídos por duas peças isoladas, de modo que, nem ao entrar, nem ao sair, eu encontrava algum dos Fanariótovi. Tinha ela o direito de receber quem quisesse e de empregar seu tempo como entendesse. É verdade que já estava com vinte e três anos. No ano passado, quase cessara de aparecer na sociedade, muito embora Fanariótova não poupasse despesas para sua neta, a quem amava muito, segundo ouvi dizer. Pelo contrário, o que me agradava em casa de Anna Andriéievna era encontrá-la sempre em trajes muito modestos, sempre ocupada, com uma costura ou um livro na mão. Havia no seu aspecto algo de monástico, de quase monacal, que também me agradava. Não era loquaz, mas falava sempre com ponderação e gostava muito de ouvir, coisa de que sempre tenho sido incapaz. Quando lhe dizia que, sem ter nenhum traço comum, me fazia ela lembrar enormemente Viersílov, não deixava de corar um tantinho. Corava muitas vezes, e sempre com rapidez, mas de leve, e esta particularidade de seu rosto me agradava bastante. Em casa dela, jamais chamava Viersílov por seu sobrenome: era sempre Andriéi Pietróvitch e isto parecia surgir naturalmente. Tinha mesmo notado que, em casa dos Fanariótovi, em geral, devia-se ter um pouco de vergonha de Viersílov; quanto a mim, notara isso somente em Anna Andriéievna, se bem que ainda não sabia se "vergonha" é, no caso, o termo próprio; mas havia algo disso. Falava também com ela a respeito do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch e ela prestava muita atenção, parecia interessar-se por aquelas informações; mas acontecia sempre que era eu quem as comunicava e ela jamais me interrogava. Jamais ousei entretê-la sobre a possibilidade de um casamento entre eles, muito embora tivesse vontade disso muitas

vezes, porque a mim mesmo essa ideia era bastante agradável. Mas no seu quarto havia uma multidão de assuntos que eu não ousava tentar abordar e, no entanto, achava-me infinitamente bem no seu quarto. O que eu amava também muito era o fato de ela ser muito culta e de ler enormemente, mesmo os livros sérios; lia muito mais que eu.

Da primeira vez foi ela quem me convidou a ir à sua casa. Compreendia já que ela talvez contava colher de mim alguma notícia. Oh! naquela época muitas pessoas podiam colher de mim muitas coisas! "Mas que importa — dizia a mim mesmo —, não é somente por isso que ela me recebe." Em suma, sentia-me mesmo feliz por poder ser-lhe útil e… quando me achava sentado perto dela, parecia-me sempre que era minha irmã que estava a meu lado, se bem que nunca tivéssemos falado, quando juntos, de nosso parentesco, nem com palavras, nem por alusão; era de dizer que jamais existira. Em visita à sua casa, parecia-me totalmente impossível abordar tal assunto e, olhando-a, uma ideia absurda atravessava-me por vezes o espírito: que ela talvez ignorasse tal parentesco, visto aquela maneira de portar-se comigo!

## III

Ao entrar, encontrei Lisa em casa dela. Fiquei quase aturdido. Sabia muito bem que elas já se tinham visto; o fato ocorrera em casa da criança de peito. Falarei talvez mais tarde, se a ocasião apresentar-se, dessa fantasia que tivera a orgulhosa e pudica Anna Andriéievna de ver aquela criança, bem como de seu encontro lá com Lisa; mas não esperava absolutamente que Anna Andriéivna convidasse Lisa a frequentar-lhe a casa. Fiquei portanto agradavelmente surpreendido. Sem dar nenhuma demonstração, naturalmente, cumprimentei Anna Andriéievna, apertei calorosamente a mão de Lisa e sentei-me ao lado dela. Estavam ambas ocupadas com negócios "sérios": sobre a mesa e sobre seus joelhos achava-se estendido um vestido de gala de Anna Andriéievna, rico mas antigo, isto é, já usado três vezes, e que ela queria transformar. Lisa era uma grande artista na matéria e tinha gosto: realizava-se, pois, um conselho de guerra entre aquelas "mulheres sábias". Lembrei-me de Viersílov e desatei a rir; estava, aliás, de um humor radiante.

— Você está bem alegre hoje e isto me agrada muito! — disse Anna Andriéievna, destacando gravemente cada palavra. Tinha uma voz de contralto quente e vibrante, mas pronunciava sempre calmamente, tranquilamente, baixando um pouco seus longos cílios, com um sorriso fugitivo no seu rosto pálido.

— Lisa sabe quanto sou desagradável quando não estou alegre — respondi, com jovialidade.

— Anna Andriéievna talvez também o saiba! — Era uma farpa daquela marota da Lisa contra mim. Queridinha! Se eu tivesse sabido o que então lhe pesava no coração!

— Que você está fazendo agora? — perguntou Anna Andriéievna. (Notem que era ela quem me tinha pedido para vir vê-la naquele dia.)

— Agora, estou aqui e pergunto a mim mesmo por que tenho sempre mais prazer em encontrá-la diante de um livro do que diante dum bordado. Não, na verdade, os trabalhos de senhora não vão bem com vocês. A este respeito, sou da opinião de Andriéi Pietróvitch.

— Ainda não se decidiu a entrar para a Universidade?

— Sou-lhe infinitamente reconhecido pelo fato de não ter esquecido nossas conversas anteriores. É sinal de que pensa algumas vezes em mim. Mas… no que concerne à Universidade, ainda não tomei decisão e depois tenho meus objetivos.

— Quer dizer que tem ele seu segredo — observou Lisa.

— Não venha com brincadeiras, Lisa. Um homem inteligente disse, não faz muito, que todo nosso movimento progressista destes últimos vinte anos revelou antes de tudo quanto somos grosseiramente incultos. E, como é natural, não esqueceu nossas Universidades.

— Ora, papai disse a verdade; muitas vezes repetes suas ideias — observou Lisa.

— Lisa, até parece, na tua opinião, que eu não tenho cérebro.

— É inútil em nossa época ouvir os discursos das pessoas

inteligentes e retê-los — replicou Anna Andriéievna, intercedendo ligeiramente em meu favor.

— Justamente, Anna Andriéievna — prossegui, com ardor. — Quem na hora presente não pensar na Rússia não é um cidadão! Considero a Rússia dum ponto de vista talvez singular: atravessamos a invasão tártara, depois dois séculos de escravidão, sem dúvida porque um e outro foram de nosso gosto. Agora, deram-nos a liberdade e trata-se de suportá-la: seremos capazes disso? Será a liberdade igualmente de nosso gosto? Eis a questão.

Lisa lançou um rápido olhar a Anna Andriéievna; esta baixou logo a cabeça e fez menção de procurar alguma coisa; vi que Lisa se continha com todas as suas forças, mas de repente nossos olhares se encontraram por acaso e ela disparou a rir. Explodi:

— Lisa, és inconcebível!

— Perdão! — disse ela, bruscamente, deixando de rir e quase pesarosa —, não sei o que tenho na cabeça…

E lágrimas tremeram de repente na sua voz. Tive tremenda vergonha. Peguei-lhe a mão e beijei-a com força.

— Você é bom — disse-me docemente Anna Andriéievna, vendo-me beijar a mão de Lisa.

— Sinto-me sobretudo feliz, Lisa, por encontrar-te uma vez a rir. Você acreditaria, Anna Andriéievna, que em todos estes últimos dias ela me acolheu com um olhar singular e com uma espécie de pergunta em seu olhar? “Pois bem, soubeste de alguma coisa? Vai tudo bem?” Na verdade, há nela algo nesse gênero.

Anna Andriéievna olhou-o lenta e fixamente. Lisa baixou os olhos. Via, aliás, muito bem que eram as duas infinitamente mais íntimas do que eu teria suposto ao entrar; agradou-me bastante tal ideia.

— Você acaba de dizer que sou bom; não saberia crer quanto me torno melhor em sua casa e como nela me sinto bem, Anna Andriéievna! — disse, com emoção.

— E eu estou encantada por ouvi-lo falar assim neste momento — ela me respondeu com gravidade. Devo dizer que ela nunca me falava de minha vida desordenada, nem do turbilhão em que eu estava mergulhando, muito embora, eu o sabia, estivesse informada de tudo e até mesmo interrogasse os outros a meu respeito. Assim, era em suma a primeira alusão, e meu coração sentiu-se mais inclinado por ela.

— E nosso doente? — perguntei.

— Oh! vai indo muito melhor: já sai. Ontem e hoje foi dar um passeio. Mas você mesmo não foi vê-lo hoje? Está à sua espera.

— Sou bem culpado para com ele, mas é você quem o visita agora e me substituiu perfeitamente. É um grande volúvel e trocou-me por você.

Ela mostrou um rosto muito sério, porque minha brincadeira podia muito bem passar por vulgar.

— Estou vindo da casa do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch e eu… A propósito, Lisa, estiveste em casa de Dária Onísimovna?

— Sim! — respondeu, brevemente, sem erguer a cabeça. — Mas parece-me que vais todos os dias à casa do príncipe doente? — perguntou, de repente, talvez para dizer alguma coisa.

— Sim, vou lá, mas não vou até o fim — respondi, rindo. — Entro e dobro à esquerda.

— Até mesmo o príncipe notou que você vai muitas vezes aos aposentos de Katierina Nikoláievna. Falava disso ontem e riu muito — disse Anna Andriéievna.

— E de que afinal ria ele?

— Brincava, você bem sabe. Dizia que, ao contrário, uma mulher jovem e bela sempre produz num rapaz da sua idade uma impressão de indignação e de cólera… — disse, rindo, Anna Andriéievna.

— Escute… Sabe que é uma frase muito feliz? — exclamei. — Decerto não é dele, foi você que lhe soprou!

— E por que? Não, é dele.

— E se aquela beldade lhe presta atenção, ainda que ele seja tão ínfimo, que ele se conserve no seu canto e fique furioso por ser “seu petiz” e se de repente ela o prefere à turba dos adoradores que a cercam, que acontecerá então? — perguntei bruscamente, com uma fisionomia atrevida e provocante. Meu coração batia.

— Então estás perdido diante dela. — Lisa desatou a rir.

— Perdido? — exclamei. — Não, não estou perdido. Creio bem que jamais estarei perdido. Se uma mulher se atravessar no meu caminho, será obrigada a acompanhar-me. Não me barram a estrada impunemente…

Lisa disse-me um dia, incidentemente, muito tempo depois, que eu havia pronunciado essa frase de um modo estranho, com uma terrível seriedade e como que mergulhado de repente em minhas reflexões; mas naquele momento era tão engraçado que ela não teve meio de conter-se. Efetivamente, Anna Andriéievna desatou ainda uma vez a rir.

— Riam, zombem de mim! — Exclamei, numa espécie de embriaguez, porque toda aquela conversa e sua tendência agradavam-me enormemente. — De parte de você, é para mim um prazer. Gosto de seu riso, Anna Andriéievna. É sua característica: fica silenciosa e depois, de repente, desata a rir, num instante, quando, um segundo antes, nada em seu rosto teria tal prenunciado. Conheci, de longe, uma senhora em Moscou, porque a observava de meu canto: era quase tão bonita como você, mas não sabia rir e seu rosto, tão sedutor quanto o seu, perdia sua sedução; o que me atrai tanto em você é essa faculdade… Há muito tempo queria dizer-lhe isso.

Quando pronunciei a frase a respeito da senhora “tão bonita como você”, estava valendo-me dum ardil: fingi que essa frase escapara-me sem que a tivesse podido conter, sem mesmo tê-la notado; sabia que esse louvor escapado seria mais apreciado que não importa qual cumprimento alambicado. E muito embora Anna Andriéievna tivesse corado, estava eu certo de que ficara satisfeita. A própria senhora era imaginária: jamais conhecera semelhante senhora em Moscou: era

unicamente para lisonjear Anna Andriéievna e causar-lhe prazer.

— Seria mesmo possível acreditar — mostrava um sorriso encantador — que você andou estes dias sob a influência de alguma beldade.

Tinha a impressão de quem ia voar… Tinha mesmo vontade de fazer-lhe uma confidência… mas contive-me.

— A propósito, você teve ainda há pouco, a respeito da Katierina Nikoláievna, uma expressão totalmente hostil.

— Se me exprimi mal — meus olhos lançaram um clarão —, a culpa cabe àquela monstruosa calúnia, segundo a qual ela seria inimiga de Andriéi Pietróvitch; caluniam-no, também, dizendo que a teria amado, que lhe teria feito propostas de casamento e outras tolices. Essa ideia não é menos monstruosa do que aquela outra calúnia de ela haver proposto ao Príncipe Sierguiéi Pietróvitch, quando seu marido ainda estava vivo, desposá-lo quando ficasse viúva, mas depois não manteve a promessa. Sei de primeira mão que tudo isso é falso e que não houve senão uma simples brincadeira. Sei de primeira mão. Uma vez, lá no estrangeiro, num momento de alegria, ela disse, com efeito, ao príncipe: “talvez no futuro”… Mas seria outra coisa que não uma frase no ar? Sei muito bem que o príncipe, pela sua parte, não pode dar nenhum valor a uma promessa desse gênero, e nem tem tampouco intenção disso — acrescentei, acautelando-me. — Tem ideias bem diferentes — insinuei, com astúcia. — Nachtchókin dizia ainda há pouco em casa dele que Katierina Nikoláievna casaria com o Barão Bioring. Pois bem, acreditem-me, suportou esta notícia admiravelmente, fiquem certas disto.

— Nachtchókin estava em casa dele? — perguntou Anna Andriéievna, com gravidade e como que espantada.

— Estava; creio que é dessas pessoas da alta que…

— E Nachtchókin falou-lhe desse casamento com Bioring? — continuou Anna Andriéievna, subitamente interessada.

— Do casamento, não, mas de sua possibilidade, dum boato. Disse que tal boato corre na sociedade. Quanto a mim, estou convencido de que é uma tolice.

Anna Andriéievna refletiu e curvou-se sobre seu bordado.

— Gosto do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch — acrescentei, de repente, com entusiasmo. — Tem seus defeitos, é incontestável, já lhes falei disso, certa estreiteza de ideias… mas esses defeitos mesmos dão testemunho da nobreza de sua alma, não é verdade? Por exemplo, hoje mesmo, estivemos a ponto de brigar por causa de uma ideia: está convencido de que, para falar de nobreza, deve-se ser nobre obrigatoriamente, ou tudo quanto se diz não passa de mentira. Pois bem, é lógico isso? Testemunha, porém, suas altas exigências em questão de honra, de dever, de justiça… não tenho razão? Ah! meu Deus, que horas são? — exclamei, tendo meu olhar caído por acaso no quadrante do relógio colocado em cima da lareira.

— Três menos dez — declarou ela, tranquilamente, depois de ter olhado o relógio. Durante todo o tempo em que estive falando do príncipe, escutava-me, de olhos baixos, com certa ironia astuta, mas gentil: sabia por que eu o louvava tanto. Lisa escutava, com a cabeça inclinada sobre seu bordado, e desde muito tempo não tomava mais parte na conversa.

Tive um sobressalto, como sob o efeito duma queimadura.

— Está com pressa?

— Sim… não… Estou com pressa, é verdade. Mas um instante… Uma palavra apenas, Anna Andriéievna — comecei, todo emocionado —, não posso deixar de a dizer hoje! Quero confessar-lhe que já abençoei frequentes vezes sua bondade e a delicadeza com que me convidou a visitá-la… Nossas relações produziram em mim a mais forte impressão… Em sua casa, purifico-me; saio de sua casa melhor do que era. É verdade. Quando estou a seu lado, não só não posso dizer nada de mal, como não posso mesmo ter maus pensamentos; eles desaparecem em sua presença. Se uma má lembrança me atravessa a mente, a seu lado, logo coro disso e me envergonho. E fique sabendo que foi para mim particularmente agradável encontrar minha irmã

hoje em sua casa… Testemunha isto tamanha nobreza de sua parte… um sentimento tão belo… Em uma palavra, você me disse algo de tão fraternal, se me permite afinal quebrar o gelo, que eu…

Enquanto eu falava, ela havia levantado e corava cada vez mais. De repente, amedrontou-se, como se houvesse certo limite que não se devesse ultrapassar, e interrompeu-me rapidamente.

— Acredite, saberei apreciar de todo o meu coração seus sentimentos… Sem palavras, já tinha compreendido… desde muito tempo já…

Interrompeu-se, perturbada, apertando-me a mão. De repente, Lisa puxou-me, às escondidas, pela manga. Despedi-me e saí; mas, ao chegar à outra sala, Lisa alcançou-me.

## IV

— Lisa, por que me puxaste pela manga? — perguntei.

— Ela é má, astuta, não merece… Recebe-te para saber coisas — confiou-me ela, num cochicho rápido e cheio de ódio. Jamais lhe vira semelhante fisionomia.

— Que estás dizendo, Lisa? Uma moça tão deliciosa!

— Então sou eu que sou má.

— Que tens?

— Sou muito má. Talvez seja ela a mais deliciosa das moças, sou eu que sou má. Vai, deixa-me. Escuta bem: mamãe te pede “o que ela mesma não ousa dizer”. São sua próprias palavras. Meu caro Arkádi! Deixa de jogar, meu caro, suplico-te… mamãe também…

— Lisa, eu também penso nisso, mas… Sei que é covardia, mas… são tolices e nada mais! Vês bem que me endividei como um imbecil e quero tornar a ganhar para libertar-me. Há meio de ganhar, porque até agora tenho jogado sem cálculo, ao acaso, como um imbecil, ao passo que agora tremerei por causa de cada rublo… Não serei eu, se

não ganhar! Não é em mim uma paixão; não é a coisa essencial, é apenas passageiro, asseguro-te! Sou demasiado forte para deixar quando quiser… Restituirei o dinheiro e então serei de vocês integralmente, sem partilha, e não te esqueças de dizer a mamãe que não as abandonarei…

— Aqueles trezentos rublos de ainda há pouco custaram-te muito!

— E donde soubeste isso? — Estremeci.

— Dária Onísimovna ouviu tudo…

Mas naquele momento, Lisa, de repente, empurrou-me para trás do reposteiro e encontramo-nos ambos no “farol”, salinha redonda toda cercada de janelas. Ainda não me recobrara de minha surpresa, quando ouvi uma voz conhecida, um barulho de esporas e adivinhei uns passos familiares.

— O Príncipe Sierioja? — cochichei.

— Ele mesmo — cochichou ela.

— Por que tiveste tanto medo?

— À toa. Não quero, por coisa alguma deste mundo, que ele me veja aqui…

— Ora! Mas será que ele anda atrás de ti, por acaso? — disse eu, rindo. — Terá de avir-se comigo… Aonde vais?

— Saiamos. Vou contigo.

— Já te despediste lá dentro?

— Sim. Minha capa está na antecâmara…

Saímos. Na escada, veio-me uma ideia:

— Sabes? Talvez ele tenha vindo fazer-lhe uma proposta.

— N-ã-o… não fará proposta — foi ela dizendo, lenta e firmemente, em voz baixa.

— Sabes de uma coisa, minha irmã? Muito embora tenha acabado de zangar-me com ele, pois já te contaram… juro-te, gosto dele sinceramente e desejo-lhe todos os êxitos. Fizemos as pazes. Somos tão bons, quando nos sentimos felizes… Vês? Ele possui tendências muito boas… e humanidade… pelo menos os germes… e, entre as mãos de uma moça firme e inteligente como a Viersílov, vai ficar totalmente ao nível e se tornará feliz. É pena que, num certo momento… Mas vamos andar um bocado juntos, gostaria de contar-te…

— Não, vai só, vou para outro lado. Virás almoçar?

— Virei, virei, prometo. Escuta, Lisa: há um individuo ignóbil, em suma, a mais infame das criaturas, Stiebielhkov, se o conheces, que exerce sobre os negócios dele uma terrível influência… Tem promissórias… em suma, tem-no entre suas patas e tem-no bem e o outro já caiu tão baixo que ambos não veem mais outra saída senão numa proposta de casamento a Anna Andriéievna. Seria preciso preveni-la seriamente; aliás, são bobagens ela mesma arranjará tudo isso mais tarde. E como é, acreditas que ela o recusará?

— Adeus. Não tenho tempo! — interrompeu Lisa, e vi, de repente, no seu olhar fugitivo tanto ódio que exclamei imediatamente, espantado:

— Lisa, minha querida, por que…?

— Não é contra ti. Somente, não jogues mais…

— Ah! é por causa do jogo? Não jogarei mais, está acabado.

— Disseste ainda há pouco: “quando estamos felizes”. Pois bem, tu te sentes muito feliz?

— Tremendamente feliz!, Lisa, tremendamente! Meu Deus, mas já são três horas, até mesmo mais!… Adeus, minha Lisotchka, dize-me, minha querida, pode-se fazer uma mulher esperar? É permitido?

— Num encontro marcado? — Lisa sorriu apenas, um sorriso natimorto, trêmulo.

— Dá-me tua mão, para me trazer felicidade.

— Trazer-te felicidade? Minha mão? Por coisa alguma do mundo.

E ela afastou-se rapidamente. Lançara aquele grito com tal seriedade! Corri para meu trenó.

Sim, sim, era aquela felicidade a causa principal de eu não compreender, toupeira cega, nem ver nada fora de mim!

## Capítulo IV

### I

Até mesmo hoje tenho medo de contar. Tudo isso é antigo. Mas tudo isso, ainda agora, é para mim como uma miragem. Como semelhante mulher pudera marcar um encontro a um fedelho tão ignóbil como eu, naquela época? Eis o que havia à primeira vista! Quando, depois de ter deixado Lisa, afastei-me rapidamente, o coração bateu-me, imaginei mesmo ter perdido a razão: a ideia de um encontro marcado pareceu-me de súbito um absurdo tão evidente que não havia meio de acreditar nele. E, no entanto, não tinha a menor dúvida; melhor ainda: quanto mais o absurdo me parecia evidente, mais acreditava nele.

Já havia soado as três horas e era isso que me inquietava: “Uma vez que há encontro marcado, como posso me atrasar?”. Apresentavam-se também a meu espírito perguntas bobas do gênero desta: “Que é que vale mais agora: a audácia ou a timidez?”. Mas tudo isso só fazia passar, porque em meu coração estava o essencial, um essencial que eu não podia determinar. Fora dito na véspera: “Estarei amanhã, às três horas, em casa de Tatiana Pávlovna”. Era tudo. Mas, em primeiro lugar, em casa dela, no seu quarto, eu era sempre recebido em particular e ela podia me dizer tudo quanto quisesse, sem precisar de transportar-se à casa de Tatiana Pávlovna. Então que adiantava marcar outro lugar, em casa de Tatiana Pávlovna? Ainda uma pergunta: estará Tatiana Pávlovna em casa ou não? Se se trata dum encontro marcado, Tatiana Pávlovna não vai estar lá. E como fazer para que ela não esteja, sem lhe explicar tudo de antemão? Então Tatiana Pávlovna participa também do segredo? Esta ideia

parecia-me horrível, inconveniente, quase grosseira.

Afinal, ela podia ter tido muito simplesmente a intenção de visitar Tatiana Pávlovna: comunicara-me isso ontem, sem nenhum outro fim e eu é que imaginara coisas. Aquilo fora dito de passagem, tão negligente, tão tranquilamente, e depois de uma reunião bem aborrecida, porque durante todo o tempo que estive em casa dela ficara como que desorientado: permanecia no lugar, murmurando e não sabendo o que dizer, furioso e tímido, enquanto ela se preparava para sair, como viera a verificar-se em seguida, e mostrara-se contente ao me ver partir. Todas estas reflexões turbilhonavam-me no cérebro. Resolvi afinal: "Irei, tocarei a campainha, a cozinheira abrirá e perguntarei: Tatiana Pávlovna está em casa?" Se não estiver, será mesmo um "encontro marcado". Mas não tinha a menor dúvida, a menor mesmo!

Subi correndo e lá, no patamar, diante da porta, todo o meu terror desapareceu: "Vamos — disse a mim mesmo —, contanto que tudo se passe depressa, pelo menos!". A cozinheira abriu e fanhoseou com sua fleuma repugnante que Tatiana Pávlovna não estava em casa. "Mas não há ninguém mais? Ninguém está esperando Tatiana Pávlovna?" Queria fazer esta pergunta, mas não a fiz. "Eu mesmo verificarei." Murmurando para a cozinheira que esperaria, tirei minha peliça e abri a porta…

Katierina Nikoláievna estava sentada diante da janela e esperava Tatiana Pávlovna.

— Ela não está aí? — perguntou-me com precaução e inquietude, assim que me viu. Sua voz e seu rosto correspondiam tão pouco à minha expectativa que parei na soleira.

— Ela quem? — balbuciei.

— Tatiana Pávlovna! Eu lhe havia, no entanto, pedido, ontem, que o senhor lhe dissesse que eu estaria em casa dela às três horas.

— Eu… mas não a vi.

— Esqueceu-se?

Sentei, como que fulminado. Eis, pois, do que se tratava: era claro como o dia! E eu, eu que me encarniçava ainda em crer!

— Não me lembro da senhora ter pedido que lhe desse esse recado. A senhora não pediu nada: disse-me somente que estaria aqui às três horas — interrompi, impaciente. Não olhava para ela.

— Ah! — exclamou, de repente. — Então, se esqueceu de dizer-lhe e se o senhor mesmo sabia que eu estaria aqui, por que veio?

Ergui a cabeça: nem zombaria, nem cólera no seu rosto, mas um sorriso luminoso e alegre, uma malícia redobrada na sua expressão — sua expressão de sempre, aliás —, uma malícia quase infantil: "Pois bem, estás vendo? Apanhei-te! Que é que vais dizer, agora?", parecia exprimir todo o seu rosto.

Não quis responder e baixei os olhos. Esse silêncio durou um meio minuto.

— Vem de casa do papai? — perguntou ela bruscamente.

— Estou vinda da casa de Anna Andriéievna. Não estive em casa do Príncipe Nikolai Ivânovitch… e a senhora bem sabia disso — acrescentei.

— Não lhe aconteceu nada em casa de Anna Andriéievna?

— Quer dizer que estou com cara de louco? Não, já estava com esta cara antes de ver Anna Andriéievna.

— E não ficou mais inteligente em casa dela?

— Não. Soube lá que a senhora ia casar-se com o Barão Bioring.

— Foi ela quem disse? — interessou-se ela, de súbito.

— Não, fui eu que lhe dei a notícia, por tê-la ouvido dizer por Nachtchókin ao Príncipe Sierguiéi Pietróvitch.

Continuava a não erguer os olhos para ela; olhá-la era ficar banhado de luz, de alegria e de felicidade, e eu não queria ser ditoso. O ferro da indignação estava fincado no meu peito e num instante

havia tomado uma decisão colossal. Em seguida, pus-me a falar, não sei mais de que. Sufocava e balbuciava, mas agora olhava-a ousadamente. Meu coração batia. Disse não sei que frase, que nada tinha de ver com o momento, aliás bastante bem torneada. Escutou-me a princípio com um sorriso sereno e paciente, que não lhe abandonava o rosto; mas, pouco a pouco, o espanto, depois o terror, atravessaram seu olhar imóvel. Seu sorriso não a abandonava, no entanto, mas aquele mesmo sorriso estremecia por vezes.

— Que tem? — perguntei de chofre, notando que ela havia tremido da cabeça aos pés.

— Tenho medo do senhor — respondeu-me, quase alarmada.

— Por que não vai embora? Agora que Tatiana Pávlovna não está e sabe bem que ela não virá, não é sua obrigação levantar e sair?

— Queria esperar por ela, mas agora… com efeito…

Levantara a meio.

— Não, não, fique sentada! — disse, detendo-a. — A senhora acaba de estremecer de novo, mas no seu terror ainda sorri… Mantém sempre seu sorriso… Veja, agora, sorriu completamente…

— Está delirando?

— Estou delirando.

— Tenho medo… — cochichou ela, ainda.

— De quê?

— Tenho medo de que o senhor… de que o senhor dê murros na parede… — sorriu de novo, mas com um medo verdadeiro.

— Não posso suportar seu sorriso!…

E de novo rompi a falar. Voava quase. Alguma coisa me impelia. Nunca, jamais, havia-lhe falado daquela maneira: houvera sempre uma timidez. E agora também, mas falava, entretanto; lembro-me de que falei a respeito de seu rosto: “Não posso suportar mais seu sorriso!

— exclamei de repente. — E eu que a via, já em Moscou, temível, magnífica, deixando cair pérfidas palavras mundanas! Sim, em Moscou; falávamos já a seu respeito lá com Maria Ivânovna, procurávamos vê-la tal como a senhora devia ser… Lembra-se de Maria Ivânovna? Esteve em casa dela. Durante a viagem, via a senhora em sonho, a noite inteira, no meu vagão. Aqui, antes de sua chegada, observei um mês inteiro seu retrato no escritório de seu pai e nada adivinhei. A expressão de seu rosto é duma malícia infantil e duma simplicidade infinita: eis aí! Sempre a admirei, vendo-a. Oh! a senhora sabe também assumir uma fisionomia orgulhosa e esmagar com um olhar: lembro-me de como me olhou em casa de seu pai, quando chegou de Moscou… Vi-a então, e, no entanto, se me tivessem perguntado logo depois como a senhora era, não seria capaz de dizer. Nem mesmo seu tamanho! Logo depois de tê-la visto, fiquei cego. Seu retrato em nada se parece com a senhora: não tem os olhos escuros, mas claros, são seus longos cílios que os fazem parecer escuros. É gorda, de estatura mediana, mas leve, uma gordura camponesa jovem e sadia. Seu rosto também é completamente rústico, um rosto de beldade de aldeia. Não se ofenda, é uma excelente coisa um rosto redondo, vermelho, claro, ousado, risonho e… tímido! Sim, tímido. Tímida, Katierina Nikoláievna Akhmákova! Tímida e casta, juro-o! Mais do que casta, infantil: eis o seu rosto! Sempre me impressionou e sempre perguntei a mim mesmo: é mesmo aquela mulher? Agora sei, a senhora é muito inteligente, mas no começo acreditava que a senhora fosse um tanto simplória. Tem o espírito alegre, mas sem belezas fictícias… o que amo ainda é o seu eterno sorriso: isso é o meu paraíso! Amo ainda a sua calma, a sua doçura, a sua maneira de falar, serena, tranquila e quase preguiçosa. É dessa preguiça que gosto. Creio que, se uma ponte desabasse sob seus pés, a senhora continuaria falando nesse tom sereno e medido… Acreditava que a senhora fosse o cúmulo do orgulho e das paixões, e há dois meses que a senhora conversa comigo como uma estudante com um estudante… Jamais imaginava uma fronte como essa: um pouco baixa, como uma estátua, mas macia e branca como mármore, sob uma cabeleira suntuosa. Tem o busto alto, o passo leve, uma beleza extraordinária e nem o menor orgulho. Somente agora é que creio, recusava-me sempre a crer nisso!

Ela ouviu, de olhos escancarados, essa tirada bárbara. Via que eu

estava tremendo. Por várias vezes, ergueu num gesto gracioso e prudente sua mãozinha enluvada, para me deter, mas de cada vez retirava-a, perplexa e medrosa. Por vezes mesmo, recuava rapidamente, por completo. Duas ou três vezes, um sorriso iluminou de novo seu rosto; num momento, corou muito, mas no final, ficou realmente com medo e empalideceu. Mal eu me havia calado, estendeu a mão e disse, com uma voz suplicante, mas sempre serena:

— Não deve dizer isso… Não é permitido falar assim…

E, súbito, levantou pegou sem pressa sua echarpe e seu regalo de zibelina.

— Vai embora? — perguntei.

— Decididamente. Tenho medo do senhor… O senhor abusa… — disse ela, como com pesar e censura.

— Escute-me, não vou derrubar paredes, juro.

— Mas já começou! — Não se conteve mais e sorriu. — Não estou nem mesmo certa de que o senhor me deixe passar. — E creio que ela temia realmente que eu lhe barrasse a passagem.

— Eu mesmo lhe abrirei a porta, vá embora, mas fique bem sabendo que tomei uma imensa decisão; e se quer dar luz à minha alma, volte, sente e escute apenas duas palavras. Se não, vá-se embora, e eu mesmo lhe abrirei a porta!

Ela me olhou e tornou a tomar assento.

— Com que indignação uma outra teria saído e a senhora volta a sentar! — exclamei no meu embriagamento.

— O senhor nunca havia tomado a liberdade de falar assim.

— Era tímido então. Agora também: não sabia o que diria, quando cheguei. Imagina que não sou mais tímido? Sempre sou. Mas tomei de repente uma imensa decisão e senti que a poria em prática. Tendo-a tomado, perdi a cabeça e pus-me a falar… Escuta-me, eis minhas duas palavras: sou seu espião, sim ou não? Responda-me. Eis

uma pergunta!

O rubor subiu-lhe bruscamente ao rosto.

— Não responda ainda, Katierina Nikoláievna, continue a ouvir e, em seguida, diga-me toda a verdade.

Havia derrubado dum golpe todas as barreiras e voava no espaço.

## II

— Há dois meses, eu estava aqui, por trás do reposteiro… a senhora sabe… e a senhora conversava com Tatiana Pávlovna a respeito da carta. Surgi, fora de mim, e falei demais. A senhora compreendeu imediatamente que eu sabia de alguma coisa… não podia deixar de compreender… a senhora procurava um documento importante e receava por ele… Espere, Katierina Nikoláievna, não fale ainda. Declaro-lhe que suas suspeitas eram fundadas: esse documento existe… isto é, existia… vi-o; é sua carta a Andrónikov, não é?

— Viu essa carta? — perguntou ela rapidamente, cheia de perturbação e de emoção. — Onde a viu?

— Vi-a… via-a em casa de Kraft… o que se suicidou…

— Deveras? Viu-a com seus olhos? E que é feito dela?

— Kraft rasgou-a.

— Na sua frente? O senhor viu isso?

— Na minha frente. Rasgou-a, na previsão de sua morte, sem dúvida… Eu não sabia que ele ia dar um tiro em si mesmo…

— De modo que foi destruída. Deus seja louvado! — declarou, lentamente, depois de um suspiro e benzeu-se.

Não lhe mentira. Ou antes, mentira, sim, porque o documento estava em minha casa e jamais estivera em casa de Kraft, mas isso não passava de um detalhe. Sobre o essencial, não mentira, porque, no instante mesmo em que mentia, prometia a mim mesmo queimar

aquela carta na mesma noite. E juro, se a tivesse no bolso naquele instante, a teria tirado e devolvido; mas não a tinha comigo, estava em casa. Aliás, talvez não a houvesse restituído, porque me teria sido muito difícil confessar-lhe que a carta estava em minha casa e que a havia conservado por tanto tempo sem a entregar. Pouco importa: teria queimado-a em casa, em todo o caso, e não menti! Era puro naquele instante, posso jurar.

— Nesse caso — continuei, quase fora de mim —, diga-me uma coisa: por que me atraiu, mimou-me e recebeu em sua casa, senão porque suspeitava de que eu conhecesse o documento? Espere — continuei —, Katierina Nikoláievna, ainda um minutinho, não fale e deixe-me terminar: durante todo o tempo em que vim vê-la, durante todo esse tempo suspeitava de que a senhora me mimava unicamente para me fazer falar dessa carta, para obrigar-me a confessar… Espere ainda um minuto; suspeitava, mas sofria. Sua duplicidade era-me insuportável porque… porque eu havia descoberto na senhora a mais nobre das criaturas! Digo, francamente, sim, digo francamente: era seu inimigo, mas tinha descoberto na senhora a mais nobre das criaturas! Tudo foi vencido duma vez. Mas a duplicidade, quero dizer, a suspeita de duplicidade, esmagava-me… Agora deve decidir-se tudo, tudo explicar-se, chegou o momento; mas espere ainda um pouco, não fale, fique sabendo de que maneira considero tudo isso agora, no momento presente; digo francamente: se tudo se passou mesmo assim, não me zangarei… queria dizer antes: não me ofenderei, porque é tão natural, compreendo bem. Que pode haver aqui de contrário à natureza e de mau? A senhora vive atormentada por causa desse documento, suspeita de que alguém sabe de tudo, pois bem, a senhora podia muito bem desejar que aquele indivíduo falasse… Não há nisso nada de mal, absolutamente nada. Falo sinceramente. Mas, no entanto, é preciso que me diga agora uma coisa… que confesse (perdoe esta palavra). Tenho necessidade de saber a verdade. Tenho tanta necessidade! De modo que, diga-me: foi para fazer-me falar do documento que me mimou… Katierina Nikoláievna?

Falava sem poder parar e minha testa estava ardente. Escuta-me agora sem inquietação; pelo contrário, sua fisionomia traía emoção; mas mostrava um rosto um pouco tímido, talvez por vergonha.

— Foi por isso — pronunciou com lentidão e à meia voz. — Perdoe-me, errei — acrescentou, de repente, estendendo ligeiramente as mãos para mim.

Não esperava por isso. Esperava tudo menos aquelas três palavras; mesmo da parte dela, que eu agora conhecia.

— E a senhora me diz: “Errei!”, muito tranquilamente: “Errei!” — exclamei.

— Oh! há muito tempo já que me sinto culpada para com o senhor… E sinto-me feliz hoje por ver tudo esclarecido…

— Há muito tempo? E por que não o disse há mais tempo?

— É que não sabia como dizê-lo — sorriu ela. — Ou antes, teria bem sabido — sorriu ainda —, mas tinha remorsos… porque é bem verdade que no começo eu o atraí, como diz o senhor, unicamente por isso, mas em seguida eu mesma me senti desgostosa… e toda essa falsidade me aborreceu, asseguro-lhe! — acrescentou com amargor —, e depois todos esses embaraços também!

— E por que, por que não fazer francamente a pergunta? A senhora teria dito: “O senhor conhece a carta, por que finge?”. E imediatamente eu lhe teria dito tudo, teria confessado tudo imediatamente.

— É que eu tinha um pouco de… medo do senhor. Confesso, também não tinha confiança no senhor. E depois, na verdade, se usei de manha, o senhor também fez a mesma coisa — acrescentou, com uma risada.

— Sim, sim, eu era indigno! — exclamei, desconcertado! — Oh! a senhora não conhece ainda todo o abismo de minha queda!

— Ora vamos, eis agora os abismos! Reconheço seu estilo. — Sorriu com doçura. — Aquela carta — acrescentou, pesarosa — foi o ato mais triste e mais inconsiderado de minha vida. Minha consciência sempre me censurou. Sob a influência das circunstâncias e dos meus temores, duvidei do meu querido e magnânimo pai. Sabendo que

aquela carta poderia cair… entre as mãos de pessoas más… tendo todo fundamento para pensar assim (disse isto com ardor), tremia com receio de que se servissem dela, de que a mostrassem a papai… E isto poderia produzir nele uma impressão demasiado forte… no seu estado… sobre sua saúde… e teria me detestado… Sim — acrescentou, olhando-me bem nos olhos e depois de ter surpreendido sem dúvida algum clarão no meu olhar —, sim, temia também por mim mesma: temia que… sob a influência de sua doença… ele me privasse de sua proteção… este sentimento estava também presente, mas nisso certamente pecava contra ele: é tão bom e tão magnânimo que decerto me haveria perdoado. Eis tudo quanto se passou. E quanto à minha conduta para com o senhor, pois bem, não deveria ter agido como agi! — terminou ela, com uma súbita vergonha. — O senhor me fez sentir envergonhada.

— Não, a senhora não tem de que envergonhar-se! — exclamei.

— Contava realmente… com sua veemência… e confesso — disse, baixando os olhos.

— Katierina Nikoláievna! Quem, quem pois, diga-me, a obriga a fazer-me semelhantes confissões? — exclamei como que embriagado. — Que lhe custava levantar e, com expressões escolhidas, da maneira mais delicada, provar-me, como dois e dois são quatro, que tudo isso ocorreu mesmo, mas que, apesar de tudo, nada houve: a senhora compreende, como se sabe comumente tratar a verdade entre vós, na vossa alta sociedade? Sou estúpido e grosseiro, teria acreditado imediatamente na senhora, teria acreditado em tudo quanto partisse de seus lábios! Que lhe custava agir desse modo? A senhora não tinha medo de mim, não é mesmo? Como pôde abaixar-se voluntariamente diante dum intrigantezinho, de um miserável adolescente?

— Nisto, pelo menos, não me abaixei diante do senhor — declarou ela, com infinita dignidade, nem tendo compreendido, sem dúvida, minha exclamação.

— Pelo contrário, pelo contrário! É o que morro de gritar!

— Ai de mim! Era tão mau e tão inconsiderado de minha parte! — exclamou ela, levando sua mão ao rosto, como para se ocultar atrás

dela. — Já ontem me sentia envergonhada e por isso não me sentia à vontade quando o senhor foi ver-me… A verdade é — acrescentou ela — que agora as circunstâncias eram tais que me era preciso absolutamente saber enfim toda a verdade a respeito da sorte daquela desgraçada carta, que eu já começava a esquecer… porque não era somente por causa dela que eu o recebia em minha casa — acrescentou bruscamente.

Meu coração tremeu.

— Decerto que não — e sorriu delicadamente —, decerto que não! Eu… O senhor observou muito bem ainda há pouco, Arkádi Makárovitch, que muitas vezes conversávamos juntos como um estudante com uma estudante. Asseguro-lhe que me entedio frequentemente muito na sociedade; sobretudo desde minha estada no estrangeiro e após todas essas desgraças de família… Saio mesmo muito raramente e não é só por preguiça. Tenho muitas vezes vontade de retirar-me para o campo. Lá releria meus livros preferidos, desde muito tempo abandonados e que não consigo reler. Mas já lhe falei de tudo isso. Lembra-se de que riu porque leio os jornais russos na razão de dois por dia?

— Não ri…

— Foi sem dúvida porque também estava emocionado. Confessei isso ao senhor há muito tempo: sou russa e amo a Rússia. Lembra-se de que líamos juntos os fatos, como o senhor os chamava (sorriu)? Apesar do senhor parecer bem muitas vezes um tanto… singular, animava-se por vezes a ponto de dizer a frase justa e interessava-se justamente pelas coisas que a mim interessavam. Quando o senhor se mostra estudante, é verdadeiramente gentil e original. Os outros papéis lhe ficam menos bem — acrescentou, com um sorriso delicioso e astuto. Lembra-se de que passamos algumas vezes horas inteiras ocupados com números, contávamos e medíamos, procurávamos quantas escolas há em nosso país, e qual o rumo que a cultura seguia? Contávamos os assassinatos e os casos criminais, comparávamos com as boas notícias… Queríamos saber para onde tudo isso tendia e o que nos ocorrerá finalmente. Encontrei entre nós sinceridade. Na sociedade, não é assim que falam a nós, a nós, mulheres. Na semana

passada, falava ao Príncipe N***, a respeito de Bismarck, porque me interessava muito por este e não sabia o que pensar. Imagine que ele sentou ao meu lado e se pôs a me contar histórias, com muitos detalhes, mas sempre com uma espécie de ironia e com aquela condescendência, insuportável para mim, de que fazem uso comumente os “grandes homens” para conosco, mulheres, se nos metemos “naquilo que não é de nossa conta”… Lembra-se de como estivemos a ponto de brigar por causa de Bismarck? O senhor queria provar-me que a sua ideia era infinitamente superior à de Bismarck. — Riu de repente. — Só encontrei em minha vida duas pessoas que me tenham falado com verdadeira seriedade: meu defunto marido, um homem muito, muitíssimo inteligente e… cheio de nobreza — pronunciou esta palavra num tom compenetrado — e depois, mas o senhor sabe quem…

— Viersílov? — exclamei. Estava ofegante.

— Sim. Gostava muito de ouvi-lo, tornara-me no final completamente… talvez mesmo demasiado franca com ele, mas naquele momento não me acreditou.

— Não acreditou na senhora?

— Aliás, ninguém jamais acreditou em mim.

— Mas Viersílov, Viersílov!

— Não se contentou em não acreditar em mim — disse ela, baixando os olhos e sorrindo estranhamente —, achou que eu tinha “todos os vícios”.

— A senhora não tem um sequer!

— Não, tenho alguns também eu.

— Viersílov não gostava da senhora, de modo que não a compreendeu — exclamei, de olhos brilhantes.

Alguma coisa mudou em seu rosto.

— Deixe isso e não me fale nunca de… desse homem… —

acrescentou, com ardor e forte insistência. — Mas basta. Está na hora. (Levantou para sair.) — Pois bem, perdoa-me, sim ou não? — perguntou, olhando-me claramente.

— Eu… perdoá-la? Escute, Katierina Nikoláievna, e não se zangue! É verdade que vai casar?

— Não está de todo decidido — disse ela, como que espantada, perturbada.

— É boa pessoa? Perdão, perdoe-me esta pergunta.

— Sim, muito boa…

— Não me responda mais, não me conceda mais uma resposta! Sei bem, essas perguntas são impossíveis, partidas de mim! Queria somente saber se é digno ou não, mas eu mesmo tirarei informações.

— Ah! escute então! — disse ela, com medo.

— Não, não quero, não quero. Passarei de largo… Mas eis o que lhe direi: que Deus lhe conceda todas as felicidades, todas quantas a senhora desejar… em troca de toda felicidade que a senhora acaba de dar-me, numa pequena hora! Está agora gravada para sempre na minha memória. Adquiri um tesouro: o pensamento de sua perfeição. Supunha perfídia, uma galantaria grosseira, e sentia-me infeliz… porque não podia ligar essa ideia à sua pessoa… Nestes últimos dias, pensava nisso noite e dia; e agora tudo está claro como o dia! Ao vir aqui, pensava que levaria de volta hipocrisia, astúcia, inquisidor sinuoso e encontrei honra, glória, estudante!… A senhora ri? Pois seja, pois seja! É que a senhora é uma santa, não pode rir do que é sagrado…

— Oh! não, rio somente porque o senhor usa palavras tão terríveis… Que é por exemplo um “inquisidor sinuoso”? — E desatou a rir.

— Escapou-lhe hoje uma frase preciosa — continuei, entusiasmado. — Como pode dizer em minha frente que contava com minha veemência? Acho mesmo que a senhora é uma santa e a

senhora mesma o reconhece, pois que se imagina culpada de não sei qual falta e quer castigar-se… muito embora, na realidade, não haja falta absolutamente, pois que, mesmo se houvesse qualquer coisa, tudo quanto vem da senhora é santo! Mas, no entanto, teria podido não pronunciar essa palavra, essa expressão!… Uma franqueza tão pouco natural prova somente sua suprema candura, seu respeito por mim, sua fé em mim — exclamei, incoerentemente. — Oh! não core, não core… E quem, pois, quem pode caluniá-la e dizer que a senhora é uma mulher apaixonada? Oh! perdoe-me: vejo uma expressão de dor no seu rosto, perdoe a um adolescente exaltado suas frases desajeitadas! Mas trata-se agora de frases, de expressões? A senhora não está acima de todas as expressões?… Viersílov disse um dia que se Otelo matou Desdêmona e se matou em seguida, não foi por ciúme, mas porque lhe haviam roubado o seu ideal… Compreendi-o bem, porque me restituíram hoje meu ideal!

— O senhor me louva demasiado: não o mereço! — declarou ela, com sentimento. — Lembra-se do que lhe dizia de seus olhos? — acrescentou, tranquilamente.

— Que não são olhos, mas dois microscópios, e que faço de cada mosca um camelo! Não, não, não há camelo no saco!… Como, retira-se?

Ela estava no meio da sala, com o regalo e o xale na mão.

— Não, esperarei que o senhor se vá, irei depois. Tenho de escrever umas duas linhas a Tatiana Pávlovna.

— Vou-me embora, vou-me embora, mas ainda uma vez: seja feliz, só ou com aquele a quem escolher! Quanto a mim, só tenho necessidade de meu ideal.

— Meu caro, meu bom Arkádi Makárovitch, acredite-me, pensarei no senhor… Meu pai sempre se refere assim ao senhor: o gentil, o bom rapaz. Acredite-me, vou me lembrar sempre de suas histórias a respeito do pobre rapazinho abandonado em casa de estranhos, de seus sonhos solitários… Compreendo muito bem como se formou sua alma… Mas agora, por mais estudantes que sejamos — acrescentou com um sorriso suplicante e pudico, apertando-me a mão —, não

temos mais o direito de ver-nos como outrora e… mas está-me compreendendo?

— Não temos mais o direito?

— Não, e desde muito tempo… E a culpa é minha… Vejo que é agora completamente impossível… Vamos nos encontrar algumas vezes em casa do papai…

— A senhora teme a veemência de meus sentimentos. Não tem confiança em mim? — queria eu exclamar, mas, de repente, ela teve tal vergonha diante de mim que as palavras não me saíam mais da garganta.

— Diga-me — deteve-me de repente, bem perto da porta —, viu com seus olhos que… aquela carta… foi rasgada? Lembra-se bem? E como soube que era mesmo a carta a Andrónikov?

— Kraft contou-me qual o seu conteúdo, cheguei mesmo a vê-la… Adeus! Quando estava em sua casa, mostrava-me tímido em sua presença, mas, quando a senhora saía, eu estava pronto a me jogar no chão e beijar o pedaço do soalho onde estivera pousado seu pé… — disse eu, de súbito, sem saber como nem por que, e, sem olhá-la, saí rapidamente.

Corri para minha casa; minha alma estava toda tomada de entusiasmo. Tudo me atravessava o espírito como um turbilhão e meu coração estava repleno. Ao aproximar-me da casa de minha mãe, lembrei-me, de repente, da ingratidão de Lisa para com Anna Andriéievna, de sua frase cruel, monstruosa, de ainda há pouco, e senti de chofre o coração cheio de dor por elas duas! “Como tem todas o coração duro! Mas Lisa, que tem ela então?”, pensei, pisando o patamar.

Mandei Matviéi embora e ordenei-lhe que fosse apanhar-me em casa às nove horas.

## Capítulo V

Cheguei atrasado para o jantar, mas não estavam ainda à mesa: esperavam-me. Talvez porque comesse raramente em casa deles, fizeram algo de fora do comum: sardinhas,[51] como entradas, etc. Mas, para grande espanto meu e meu grande pesar, encontrei todos preocupados, carrancudos. Lisa mal sorriu ao ver-me e mamãe estava visivelmente inquieta; Viersílov sorria, mas com esforço. “Não teriam discutido?”, pensei. No começo, tudo correu bem. Viersílov torceu a cara um pouco diante de sopa de aletria fresca e fez uma verdadeira careta quando foram servidas as almôndegas.

— Basta-me prevenir que meu estômago não suporta um prato para que, logo no dia seguinte, apareça ele! — deixou escapar, com aborrecimento.

— Mas, Andriéi Pietróvitch, que quer você? Não se pode inventar cada dia um prato novo — respondeu timidamente minha mãe.

— Tua mãe é completamente o oposto de certos jornais nossos para os quais tudo quanto é novo é bom.

Viersílov queria pilheriar, dizer algo de engraçado e de cordial, mas não conseguiu; só fez amedrontar ainda mais minha mãe que, naturalmente, nada compreendeu da comparação com os jornais e lançou olhares desvairados. Nesse instante, entrou Tatiana Pávlovna, que declarou já ter comido e sentou no divã ao lado de minha mãe.

Ainda não conseguira ganhar as boas graças daquela pessoa; pelo contrário, atacava-me cada vez mais, a propósito de tudo e de nada. Seu descontentamento aumentara ainda mais nos últimos tempos. Não podia ver meu terno elegante e Lisa confiara-me que ela tivera quase um ataque ao saber que eu tinha um cocheiro às minhas ordens. Acabara por evitá-la tanto quanto possível. Havia dois meses, após a restituição da herança, correra à casa dela para contar-lhe a conduta de Viersílov, mas não encontrara a menor simpatia; pelo contrário, ficara terrivelmente descontente: desagradava-lhe bastante que se tivesse entregado tudo e não apenas a metade; quanto a mim, fez-me a seguinte observação virulenta:

— Aposto que estás certo de que ele entregou o dinheiro e provocou o outro a duelo unicamente para elevar-se na estima de Arkádi Makárovitch.

É que ela havia quase adivinhado! Eu tinha então uma espécie de sentimento dessa natureza.

Assim que ela entrou, compreendi logo que iria fatalmente cair-me em cima; estava mesmo bastante convencido que era esse o motivo de sua vinda. Por isso tomei imediatamente um tom por demais displicente, o que aliás nada me custava, uma vez que continuava radiante de alegria. Notarei, uma vez por todas, que esse tom displicente não me ia nunca bem, não convinha à minha fisionomia e, pelo contrário, cobria-me sempre de vergonha. Foi o que aconteceu: fui em breve apanhado em flagrante delito de mentira. Sem nenhum mau sentimento, por pura leviandade, tendo notado que Lisa estava tremendamente triste, larguei, de repente, sem refletir no que dizia:

— Há um século que não como aqui e eis-te, como por acaso, toda tristonha, Lisa!

— Estou com dor de cabeça — disse ela.

— Ah! meu Deus — atacou Tatiana Pávlovna —, ela está doente. Mas que importa isso? Arkádi Makárovitch dignou-se vir jantar: é preciso dançar e regozijar-se.

— A senhora é decididamente o flagelo de minha existência, Tatiana Pávlovna! Não virei mais aqui, quando a senhora cá estiver!

E com sincero aborrecimento, bati na mesa. Minha mãe sobressaltou-se e Viersílov fitou-me com um ar estranho. Disparei na risada e pedi perdão.

— Tatiana Pávlovna, retiro o “flagelo” — disse eu, voltando-me para ela, no mesmo tom displicente.

— Não, não — cortou ela —, estou infinitamente mais lisonjeada por ser teu flagelo em vez de outra coisa, fica certo disto.

— Meu caro, é preciso saber suportar os pequenos flagelos da

existência — sussurrou Viersílov, sorridente. — sem flagelos, a vida não tem encanto.

— Sabe duma coisa? O senhor é por vezes um retrógrado terrível — exclamei, rindo nervoso.

— Meu amigo, isso é para mim o mesmo!

— Não, absolutamente o mesmo! Por que não dizer francamente a um asno que ele é um asno?

— É a teu respeito que queres falar? Em primeiro lugar, não quero nem posso julgar ninguém.

— Por que não quer? Por que não pode?

— Preguiça e aversão. Uma mulher inteligente dizia-me um dia: não tenho o direito de julgar os outros porque não sei sofrer; ora, para erigir-se em juiz, é preciso ganhar pelos sofrimentos próprios o direito de julgar. É um pouco grandiloquente, mas, aplicado a mim, é talvez verdade, e submeti-me por vontade própria a este julgamento.

— Será possível que tenha sido Tatiana Pávlovna quem lhe haja dito isso? — exclamei.

— Como o adivinhaste? — Viersílov lançou-me uma olhadela ligeiramente espantada.

— Li-o na fisionomia dela: contraiu-a.

Adivinhara por acaso. Aquela frase, como o soube mais tarde, fora dita na véspera a Viersílov por Tatiana Pávlovna, no curso duma conversa animada. (Em geral, repito, com minhas alegrias e minha expansividade, surgira ali muito fora de propósito: cada um deles tinha sua preocupação e muito penosa.)

— Não compreendo nada disso, tudo é por demais abstrato. Eis um traço de seu caráter: é de aterrorizar esse seu gosto de falar de coisas abstratas, Andriéi Pietróvitch. É sinal de egoísmo: somente os egoístas gostam de falar de coisas abstratas.

— Boa frase, mas não insistas.

— Não, permita! — insisti, com minha natural expansividade. — Que significa isso de ganhar pelos sofrimentos próprios o direito de julgar? Todo homem de bem pode ser juiz, eis o que penso.

— Se assim for, não encontrarás juízes.

— Conheço um.

— Quem, então?

— Está aqui conversando comigo.

Viersílov deu uma risada engraçada, curvou-se bem contra a minha orelha e, pegando-me pelo ombro, cochichou: “Ele está mentindo para ti”.

Não compreendi ainda qual era então seu pensamento, mas ele sem dúvida se encontrava naquele instante numa perturbação extrema (em consequência de certa notícia, como o conjeturei mais tarde). Mas aquela frase: “ele está mentindo para ti” era tão inesperada, fora dita tão seriamente e com uma expressão tão singular, de modo algum pilhérica, que estremeci, nervoso, senti-me quase amedrontado e lancei-lhe um olhar selvagem; mas Viersílov apressou-se em rir.

— Vamos, Deus seja louvado! — disse minha mãe, que ficara com medo, vendo-o cochichar-me ao ouvido. — De outro modo iria crer… Quanto a ti, meu caro Arkádi, não nos querias mal; pessoas inteligentes, sempre as encontrarás, mas quem te amará, se não estivermos presentes?

— Justamente por isto é que o amor dos pais é imoral, mamãe: não é merecido. E o amor deve ser merecido.

— Tu o merecerás mais tarde. Enquanto esperamos, amamos-te de graça.

Todos dispararam a rir.

— Pois bem, mamãe, a senhora talvez não tenha feito de

propósito, mas acertou direitinho! — exclamei, rindo também.

— E imaginavas talvez que há razões para amar-te? — Era Tatiana Pávlovna que se lançava de novo contra mim. — Sim, amam-te de graça, ou antes, amam-te, apesar de sua aversão!

— Ah! não, absolutamente! — exclamei num tom alegre. — Sabe quem me disse hoje que gosta de mim?

— Se alguém o disse, foi para zombar de ti! — continuou de repente Tatiana Pávlovna, com uma malícia pouco natural, como se tivesse esperado de mim precisamente aquela frase. — Sim, um homem delicado, e mais ainda uma mulher, deve sentir aversão pelo negror de tua alma, tens uma risca entre os cabelos, camisa fina, roupas da casa de bom alfaiate francês, mas tudo isso não passa de lama! Quem te vestiu, quem te nutriu, quem te dá dinheiro para jogar na roleta? Estás lembrado daquele a quem não tens vergonha de pedir esse dinheiro?

Minha mãe corou completamente. Jamais vira tamanha vergonha em seu rosto. A raiva tomou conta de mim:

— Se gasto é meu dinheiro e não tenho contas a dar a ninguém — declarei, escarlate.

— Teu dinheiro? Como assim, teu dinheiro?

— Se não é o meu, é o de Andriéi Pietróvitch. Não me recusará… Tomei-o emprestado do príncipe, por conta de sua dívida a Andriéi Pietróvitch…

— Meu amigo — declarou firmemente Viersílov —, não tem ele um só copeque meu.

A frase era terrível. Fiquei pregado no lugar. Sem dúvida, lembrando-me de meu completo estado de alma de então, paradoxal e desordenado, teria devido livrar-me daquele apuro graças a algum ímpeto de nobreza, a alguma frase retumbante ou alguma outra coisa neste gênero; mas, de repente, notei no rosto ensombrecido de Lisa uma expressão má, acusadora, uma expressão injusta, quase uma

zombaria, e um demônio empurrou-me:

— Parece-me, senhorita — voltei-me totalmente para ela, de repente —, que frequenta demasiado Dária Onísimovna, em casa do príncipe. Posso pedir-lhe que remeta ao príncipe estes trezentos rublos, por causa dos quais me atormentou bastante hoje?

Tirei o dinheiro do bolso e o estendi para ela. Pois bem, seria crível? Essas vis palavras foram ditas sem nenhum objetivo, isto é, sem a menor alusão ao que quer que fosse. Alusão não podia haver, aliás, porque naquele momento não sabia eu de nada absolutamente. Talvez tivesse somente o desejo de atirar-lhe uma indireta, relativamente muito inocente, mais ou menos como isto: a senhorita, que se mete no que não é de sua conta, talvez a consentisse, uma vez que faz absoluta questão de meter seu nariz em toda parte, em ir ver o príncipe, esse jovem, esse oficial petersburguês, e entregar-lhe isto, já que aprecia tanto meter-se em assuntos de rapazes. Mas qual não foi minha estupefação, quando minha mãe se levantou bruscamente e, erguendo o dedo para ameaçar-me, lançou este grito:

— Cala-te! Cala-te!

Nada podia esperar de semelhante de sua parte e eu mesmo sobressaltei-me, não de medo, mas com uma espécie de sofrimento, uma ferida torturante no coração, adivinhando, de chofre, que acabara de produzir-se algo de terrível. Mas mamãe não resistiu muito tempo: ocultando o rosto nas mãos, saiu rapidamente da sala. Lisa seguiu-a, sem olhar para meu lado. Tatiana Pávlovna fitou-me um meio minuto em silêncio:

— Será possível que tenhas querido dizer uma sujeira? — exclamou ela, enigmaticamente, olhando-me com profundo espanto. Mas, sem esperar minha resposta, saiu correndo também. Viersílov levantou-se da mesa com uma fisionomia hostil, quase má, e pegou a um canto o seu chapéu.

— Estimo que não sejas tão imbecil… mas simplesmente um simplório — murmurou, zombeteiro. — Se elas voltarem, dize-lhes que não me esperem para a sobremesa: vou dar uma volta.

Fiquei só. A princípio achei aquilo estranho, depois ofensivo, por fim vi claramente que estava errado. Não sabia, aliás, em que, mas pressentia alguma coisa. Sentei-me em frente da janela e esperei. Ao fim duma dezena de minutos, peguei também meu chapéu e subi para minha antiga mansarda. Sabia que elas estavam lá, isto é, mamãe e Lisa, e que Tatiana partira mesmo. Encontrei, com efeito, ambas juntas em meu divã, conversando em voz baixa. Quando apareci, o cochicho cessou de imediato. Para grande espanto meu, não se mostraram zangadas; pelo menos mamãe me sorriu.

— Perdão, mamãe — comecei.

— Ora, ora, não é nada — interrompeu ela. — Basta que se amem mutuamente e nunca briguem. Deus lhes enviará a felicidade.

— Ele, mamãe, nunca me fará mal algum, sou eu que digo! — afirmou Lisa, com convicção e sentimento.

— Se não fosse aquela Tatiana Pávlovna, nada de tudo isso teria acontecido! — exclamei. — É uma criatura daninha.

— Está vendo, mamãe? Está ouvindo? — disse Lisa, apontando para mim.

— E eis o que vou dizer a ambas — declarei. — Se há algo de mau aqui na terra, sou eu só, tudo mais é encantador!

— Meu pequeno Arkádi, não te zangues, meu querido. Se pelo menos pudesses deixar de…

— De jogar? De jogar? Deixarei, mamãe. Irei hoje pela derradeira vez, sobretudo depois do que Andriéi Pietróvitch acaba de declarar bem alto, que não tem em mãos do príncipe nem um copeque sequer. Vocês não poderiam crer no quanto corei de vergonha… Mas devo explicar-lhes… Minha querida mamãe, pronunciei aqui, da última vez… uma frase desastrada… Mamãe, menti: quero crer sinceramente, fiz-me de fanfarrão, mas amo muito o Cristo…

Tivéramos, com efeito, na vez anterior, uma conversa desse gênero. Minha mães ficara muito pesarosa e muito alarmada. Depois

de me ter ouvido agora, sorriu para mim como para uma criança:

— O Cristo, meu pequeno Arkádi, perdoará tudo: tuas blasfêmias e pior ainda. O Cristo é um pai, o Cristo não tem necessidade de nada e resplandecerá até nas trevas mais profundas…

Despedi-me delas e saí pensando na possibilidade que tinha de ver naquele mesmo dia Viersílov; tinha muito que conversar com ele e ainda há pouco fora isso impossível. Tinha grande suspeita de que estivesse a esperar-me em minha casa. Para lá me dirigi a pé; começava a gelar um pouco e o passeio tornava-se muito agradável.

## II

Eu morava perto da Vosniessiénsk Most, num vasto edifício, dando para o pátio. Ao entrar no portal, dei com Viersílov, que vinha de meus aposentos.

— Segundo meu costume, vim, passeando, até tua casa e cheguei mesmo a esperar no quarto de Piotr Ipolítovitch, mas acabei aborrecendo-me. Estão sempre discutindo aqui em tua casa e até mesmo hoje a mulher dele está de cama, a chorar. Lancei uma olhadela e vim-me embora.

Experimentei certo descontentamento.

— Creio bem que sou a única pessoa a quem o senhor visita e que fora de mim e de Piotr Ipolítovitch não visita ninguém em Petersburgo.

— Meu amigo… que te importa isso?

— E agora, aonde vai?

— Não, não tornarei a subir a teu quarto. Se queres, passeemos, a tardinha está esplêndida.

— Se, em lugar de considerações abstratas, o senhor me tivesse falada humanamente, se, por exemplo, me tivesse feito uma simples alusão àquele jogo maldito, talvez eu não me tivesse deixado levar

como um imbecil — disse, de repente.

— Estás arrependido? Está bem — respondeu, pesando suas palavras. — sempre suspeitei que o jogo em ti não era o essencial, mas um simples desvio pas-sa-gei-ro… Tens razão, meu amigo, o jogo é uma porcaria e depois pode-se perder.

— E perder também o dinheiro dos outros.

— Perdeste o dinheiro dos outros?

— O do senhor. Pedi emprestado ao príncipe por conta do dinheiro do senhor. Era sem dúvida um absurdo e uma tolice de minha parte… considerar seu dinheiro como meu, mas queria sempre jogar para tornar a ganhar.

— Previno-te ainda uma vez, meu caro, de que o príncipe não tem dinheiro meu. Sei que aquele rapaz se encontra, ele próprio, em grande aperto e acho que não me deve nada, apesar de suas promessas.

— Neste caso, minha situação é duas vezes pior… É cômica! E a que título me dará ele dinheiro e eu aceitarei, depois disso?

— É problema teu… Na verdade, não tens direito algum ao dinheiro dele, sabes?

— Fora da camaradagem…

— Nenhum fora da camaradagem? Não haveria alguma outra razão que te permitisse tomar-lhe dinheiro emprestado? Vejamos, em virtude de certas considerações?…

— Que considerações? Não compreendo.

— Tanto melhor, se não compreenderes. Confesso, meu amigo, que estava persuadido disso. *Brisons là, mon cher*.[52] E trata apesar de tudo de não mais jogar.

— Se pelo menos o senhor tivesse me dito isso mais cedo! E ainda agora, o senhor não diz, sussurra.

— Se tivesse dito mais cedo, só teríamos feito zangar-nos e não terias tanto prazer em receber-me em tua casa, à noite. Fica sabendo, meu amigo, de que todos esses conselhos salutares não são, de antemão, senão intrusões na consciência alheia. Já fiz suficientes intrusões dessa natureza e, afinal de contas, isto só me trouxe troças e zombarias. As troças e as zombarias pouco me importam, mas o importante é que tais manobras não conduzem a nada: por mais que você se meta, ninguém lhe dará ouvidos… e todo mundo o detesta.

— Folgo de ver que o senhor começa a falar-me de outras coisas que não as abstratas. Tenho ainda uma coisa a pedir-lhe, desde muito tempo, mas nunca o pude até hoje. É bom que estejamos na rua. O senhor se lembra daquela noite, em sua casa, a última noite, há dois meses, em que estava o senhor sentado em meu quarto, no meu "ataúde", e em que eu o interrogava a respeito de mamãe e de Makar Ivânovitch? Lembra-se de quanto me mostrava então sem cerimônia com o senhor? É possível permitir a um filho ainda fedelho falar naqueles termos a respeito de sua mãe? Pois bem, o senhor não pronunciou uma só palavra: pelo contrário, o senhor mesmo "desabotoou-se" e com isso fez aumentar a minha desenvoltura.

— Meu amigo, folgo muito por ouvir-te exprimir… semelhantes sentimentos… Sim, lembro-me bem, esperava, com efeito, naquele momento, o aparecimento dum rubor no teu rosto e se te deixava expandir era talvez para impelir-te até o limite…

— E não fez então senão enganar-me e turvar ainda mais a fonte pura que havia na minha alma! Sim, sou um miserável adolescente e ignoro por vezes o que é bem e o que é mal. Se o senhor me tivesse mostrado o caminho, um pouco que fosse, eu teria compreendido e teria logo enveredado pelo caminho direito. Mas o senhor só fez irritar-me.

— *Cher enfant*, sempre pressenti que, duma maneira ou doutra, chegaríamos a um acordo: esse rubor no teu rosto surgiu agora por si mesmo, sem indicação de minha parte, e, juro, vale isto melhor para ti… Noto, meu caro, que ganhaste muito nestes últimos tempos… Não teria sido pelo convívio com aquele jovem príncipe?

— Não me elogie, não gosto disso. Não me deixe no coração essa penosa suspeita de que me elogia por hipocrisia, às custas da verdade, para não cessar de agradar-me. Nestes últimos tempos… veja o senhor… frequentei mulheres. Sou muito bem recebido, por exemplo, em casa de Anna Andriéievna, sabia?

— Sei disso por ela mesma, meu amigo. Sim, ela é encantadora e inteligente. *Mais brisons là, mon cher*. É engraçado, sinto-me mal hoje, talvez seja o tédio. Atribuo-o às hemorroidas. Que se passou lá em casa? Nada? Fizeste as pazes, houve troca de beijos, naturalmente? *Cela va sans dire*.[53] É triste algumas vezes ser obrigado a ir tornar a vê-las, mesmo depois do pior passeio. Asseguro-te, há vezes em que dou um largo rodeio sob a chuva, para retardar o momento de voltar para casa… Que tédio, que tédio, meu Deus!

— Mamãe…

— Tua mãe é a mais perfeita e a mais deliciosa das criaturas, mas… Em suma, não as valho, muito provavelmente. As propósito, que tem elas hoje? Todos estes últimos dias tem elas todas, como dizer… É que sabes?, procuro sempre ignorar, mas parece-me que se atou entre elas hoje… Não notaste nada?

— Não sei absolutamente de nada e até mesmo nada teria notado, sem aquela maldita Tatiana Pávlovna, que não pode impedir-se de morder. O senhor tem razão: há qualquer coisa. Encontrei Lisa em casa de Anna Andriéievna; estava um pouco… causou-me mesmo espanto. O senhor sabe, sem dúvida, que é ela recebida em casa de Anna Andriéievna?

— Sei, meu amigo, e tu… quando estiveste em casa de Anna Andriéievna? A que horas, exatamente? Tenho necessidade de saber por causa de certo fato.

— Entre duas e três. E imagine o senhor que, no momento em que eu saía, chegava o príncipe…

Contei-lhe toda a minha visita até nos mínimos detalhes. Ele escutou sem dizer uma palavra; a respeito do casamento possível do príncipe com Anna Andriéievna, não pronunciou uma palavra; aos

meus elogios entusiastas a Anna Andriéievna, sussurrou de novo que era encantadora.

— Causei-lhe tremendo espanto hoje, comunicando-lhe a notícia bem fresca de que Katierina Nikoláievna Akhmákova vai casar com o Barão Bioring — disse eu bruscamente, como se a frase me houvesse escapado.

— Sim? Pois bem, imagina que ela me comunicou essa mesma notícia esta manhã, antes do meio-dia, isto é, bem antes de teres podido causar-lhe espanto.

— Que está dizendo? — Estava pregado no lugar. — E donde pôde saber? Mas que digo? Decerto pôde saber antes de mim, mas imagine o senhor que ela a ouviu de minha boca como uma verdadeira novidade! Enfim… enfim! Viva a largueza de ideias! É preciso admitir largamente todos os caracteres, não é? Eu, por exemplo, teria imediatamente divulgado tudo, enquanto que ela a oculta na sua caixinha de rapé… De acordo, de acordo… E, no entanto, é a mais encantadora das criaturas e o mais admirável dos caracteres!

— Sem dúvida, cada qual tem sua maneira própria! Mas o mais original é que esses caracteres admiráveis excelem por vezes em apresentar singulares enigmas. Imagina que Anna Andriéievna, hoje mesmo, lança-me à queima-roupas esta pergunta: “O senhor ama Katierina Nikoláievna Akhmákova, sim ou não?”.

— Que pergunta inverossímil e absurda! — exclamei, mais uma vez confuso. Sentia a vista turva. Jamais tratara aquele assunto com ele e era ele mesmo quem agora…

— E como ela a formulou?

— Mas de maneira alguma, meu amigo. A caixinha de rapé fechou-se logo, mais hermética do que antes. E nota bem, jamais admitira a possibilidade de tais conversas entre nós, ela tampouco, aliás… Mas tu mesmo dizes que a conheces, podes, pois, imaginar até que ponto semelhante pergunta lhe assenta… Não saberias de alguma coisa?

— O enigma é para mim o mesmo que é para o senhor. Uma curiosidade talvez, uma brincadeira.

— Pelo contrário, a pergunta era muito séria. Não era uma pergunta, mas quase um interrogatório, e visivelmente por motivos extraordinários e categóricos. Vais vê-la? Podes saber de alguma coisa? É mesmo um pedido, porque, vês…

— Mas a possibilidade, o meio somente de supor que o senhor amasse Katierina Nikoláievna! Perdoe-me, não consigo sair de minha estupefação. Jamais, jamais permiti a mim mesmo falar-lhe desse assunto, nem de nada semelhante…

— E agiste sabiamente, meu caro.

— Suas antigas complicações e suas antigas relações seriam naturalmente entre nós um assunto inconveniente. Teria sido mesmo tolo de minha parte. Mas, justamente nestes últimos tempos, nestes últimos dias, exclamei mais de uma vez para mim mesmo: pois bem, se ele amasse um dia aquela mulher, fosse apenas um instante? — Oh! o senhor jamais haveria de cometer a respeito dela erro tão terrível como o que ocorreu depois! O que ocorreu, eu sei: conheço a hostilidade e a aversão mútuas, por assim dizer, de um pelo outro, ouvi falar, até mesmo demais, a esse respeito, já em Moscou, e justamente o que ressalta antes de tudo, aqui, é esse fato de uma aversão louca, de uma hostilidade encarniçada, exatamente o contrário do amor. E eis que Anna Andriéievna lhe pergunta de chofre se o senhor ama aquela mulher! É possível que esteja tão mal informada? É bem estranho! Queria rir, garanto-lhe, queria rir.

— Mas noto, meu caro — percebi na sua voz não sei que de nervoso e de íntimo, penetrando até o coração, o que lhe acontecia bem raramente —, que tu mesmo falas disso com muito ardor. Acabas de dizer que visitas senhoras… Naturalmente, tenho acanhamento em interrogar-te… sobre semelhante assunto, como acabas de dizer… Mas aquela mulher não se encontra na lista de teus novos amigos?

— Aquela mulher… — minha voz tremeu de repente. — Escute, Andriéi Pietróvitch, escute: aquela mulher é o que o senhor ainda há pouco disse na casa desse príncipe, a respeito da vida viva, lembra-se?

O senhor disse que essa vida verdadeira é algo de tão franco e de tão simples, tão nítida a nossos olhos, que precisamente por causa dessa retitude e dessa nitidez é impossível acreditar que seja aquilo que procuramos toda a nossa vida com tanta dificuldade… Pois bem, com este critério foi que o senhor acolheu a mulher ideal, mas reconheceu na perfeição, no ideal, todos os vícios! Eis aí!

O leitor pode julgar até que ponto estava fora de mim.

— "Todos os vícios!" Oh! oh! Eis uma frase que conheço! — exclamou Viersílov. — Se já chegamos ao ponto de ter sido essa frase comunicada a ti, conviria talvez que te felicitasse. Isto supõe entre vocês dois tal intimidade que seria preciso talvez louvar-te por uma modéstia e por uma discrição de que são capazes bem poucos jovens…

— Modéstia, discrição! Oh! não, não! — exclamei, corando e apertando-lhe ao mesmo tempo a mão, que já havia segurado e que, sem que me desse conta disso, não havia largado. — Não, por coisa alguma do mundo!… Não há lugar para felicitações a mim e nada de semelhante poderá jamais ocorrer, jamais! — Sufocava e voava, tinha tanta vontade de voar! Encontrava nisso tantos encantos! — O senhor sabe… oh! se isso acontecesse um dia, uma só pequenina vez! Veja o senhor, meu caro, meu gentil *bátiuchka* — permite-me que o chame de *bátiuchka*? —, não é somente um pai a seu filho, mas não importa quem deve proibir-se de falar a uma terceira pessoa de suas relações com uma mulher, por mais puras que sejam! E até mesmo, quanto mais puras sejam, mais devem permanecer secretas! É repugnante, é grosseiro, em suma, não há confidente possível aqui! Mas se não há nada, absolutamente nada, pode-se falar então, é permitido?

— Se teu coração diz.

— Uma pergunta indiscreta, muito indiscreta: o senhor, na sua vida, conheceu mulheres, teve ligações?… Pergunto em geral, em geral, não em particular! — Eu corava, sufocava-me de entusiasmo.

— Pois bem, admitamos que sim.

— Então, eis um caso que o senhor vai explicar-me, pois que tem mais experiência: uma mulher lhe diz, de repente, ao deixá-lo, à toa,

subitamente, olhando de lado: “Estarei amanhã às três horas em tal lugar”… em casa de Tatiana Pávlovna, por exemplo. — Tinha avançado e iria até o fim. O coração palpitava-me, cessou mesmo de bater. Queria parar de falar: impossível! Ele era todo ouvidos.

— Portanto, no dia seguinte às três horas, estou em casa de Tatiana Pávlovna, entro e raciocino assim: “A cozinheira vai abrir-me a porta — o senhor conhece a cozinheira? — e vou lhe perguntar imediatamente: Tatiana Pávlovna está em casa? E se ela me disser que Tatiana Pávlovna não está em casa, mas que há uma senhora à espera dela”, então que devo concluir, diga, se o senhor… Em uma palavra, se o senhor…

— Muito simplesmente, que te marcaram um encontro. Mas o caso ocorreu? E era hoje? Sim?

— Oh! não! não! não! de jeito nenhum, de jeito nenhum! Ocorreu, mas não assim! Um encontro, mas não para isso, e declaro antes de tudo, para não ser desonesto, ocorreu, mas…

— Meu amigo, tudo isso começa a tornar-se tão curioso que te proponho…

— Dê dez e até cinco copeques aos pobres… Só para um trago! Só uns copeques, é um tenente quem pede, um antigo tenente!

O alto vulto de um pedinte, talvez mesmo um tenente reformado, barrava-nos de súbito o caminho. O mais curioso era que estava muito bem vestido para seu ofício; o que não o impedia de estirar a mão.

## III

É de propósito que menciono esse miserável episódio do miserável tenente, porque Viersílov se apresenta sempre à minha memória acompanhado de todos os detalhes, mesmo os mais miúdos, daquela circunstância para mim fatal. Fatal, mas eu não sabia!

— Deixe-me, ou chamo imediatamente a polícia! — Viersílov havia elevado a voz de repente e de maneira pouco natural, parando diante do tenente. Jamais teria esperado semelhante cólera da parte

de semelhante filósofo e por um motivo tão ínfimo. E notai, interrompíamos nossa palestra no ponto mais interessante para ele, como acabava de declarar.

— Então, não tem o senhor nem uma moedinha? — gritou grosseiramente o tenente, com um gesto do braço. — Qual o canalha que não tem hoje dinheiro a rodo! Ralé! Velhaco! Traz gola de castor e faz do dar uma moedinha um caso de Estado!

— Polícia! — gritou Viersílov.

Mas não precisava de gritar: o polícia estava justamente ali, na esquina, e ouvira as injúrias do tenente.

— Peço-lhe que seja testemunha do insulto. Quanto a você, acompanhe-nos ao posto!

— Ora! ora! Que me importa. Você não pode provar nada! Sobretudo não provará que é inteligente!

— Não o solte, guarda e conduza-nos! — concluiu imperiosamente Viersílov.

— Ao posto? Para que? — cochichei-lhe.

— Não há remédio, meu caro. Essa desordem nas ruas começa a aborrecer-me e, se cada qual cumprisse seu dever, toda gente ia sentir-se melhor. *C'est comique, mais c'est ce que nous ferons*.[54]

Durante uns cem passos, o tenente mostrou-se muito acalorado; bancava de corajoso e orgulhoso; assegurava que "era impossível", que… "por causa de uma moedinha", etc. Por fim, começou a cochichar ao ouvido do polícia. Este, homem, discreto e inimigo visivelmente de agitações na rua, parecia ser-lhe favorável, mas só em certo sentido. Murmurava-lhe à meia voz que "agora não havia mais meio", que "o caso estava iniciado", e que "se, por exemplo, ele se desculpasse e o cavalheiro consentisse em aceitar suas desculpas, então talvez…".

— Vamos, es-cu-te, meu bom senhor, aonde vamos? Pergunto-lhe: para onde corremos? Que há de sensato nisso? — gritou o tenente. —

Se um desgraçado, no meio de seus fracassos, consente em oferecer suas desculpas… se afinal tem o senhor necessidade de humilhá-lo… Não estamos num salão, que diabo! Estamos na rua! Para a rua, isto basta como pedido de desculpas…

Viersílov parou e desatou a rir. Eu estava pronto a pensar que ele começara toda aquela história para divertir-se; mas não havia nada disso.

— Desculpo-o inteiramente, senhor oficial, e asseguro-lhe que não é o senhor destituído de inteligência. Aja assim, mesmo num salão; em breve, também para os salões, será isto perfeitamente suficiente; enquanto espera, eis aqui duas moedas, vá beber e comer. Desculpe-me, senhor agente, o incômodo. Queria agradecer-lhe o trabalho que tomou, mas colocou-se o senhor agora em tal pé de nobreza… Meu caro — dirigiu-se a mim —, há por ali um botequim; não passa, aliás, de uma horrenda cloaca, mas pode-se tomar chá ali e convido-te… Estamos bem perto, vamos lá.

Repito: jamais o vira em semelhante agitação. No entanto, seu rosto mostrava-se alegre e radiante. Mas notei que, quando tirou de seu porta-moedas duas moedas para dá-las ao oficial, suas mãos tremiam e seus dedos não lhe obedeciam mais, tanto que acabou por pedir-me que tirasse as moedas e desse-as ao tenente; não posso esquecer isso.

Conduziu-me a um boteco, abaixo do nível da rua. Não havia lá muita gente. Um realejo rouco e desafinado fazia-se ouvir; tresandava a guardanapos sujos; instalamo-nos num canto.

— Talvez não saibas, mas gosto por vezes, por tédio… por terrível tédio de coração… de descer a estas cloacas. Este cenário, esta ária saltitante da Lúcia,[55] estes garçons trajados à russa até a inconveniência, esta fumaça de tabaco, estes gritos de jogadores de bilhar, tudo é tão vulgar e tão prosaico que chega a ser quase fantástico. Pois bem, meu caro, onde estávamos? Aquele filho de Marte interrompeu-nos no ponto mais interessante, creio… Mas eis o chá; adoro o chá, aqui… Imagina que Piotr Ipolítovitch afirmava ainda há pouco àquele outro locatário bexigoso que o Parlamento

inglês formara, no século passado, uma comissão de juristas para examinar todo o processo de Cristo perante o sumo-sacerdote e Pilatos, unicamente para saber como a coisa se passaria hoje segundo nossas leis, e que o negócio foi todo montado com toda a solenidade requerida, com advogados, promotores e tudo mais… e que os jurados foram obrigados a dar um veredicto de culpabilidade… É espantoso! O imbecil do locatário pôs-se a discutir, zangou-se e declarou que se mudaria logo amanhã… a locadora desfez-se em lágrimas, porque perde uma renda… *Mais passons!*[56] Há por vezes nestes botecos rouxinóis. Conheces aquela velha anedota moscovita à Piotr Ipolítovitch? Um rouxinol canta num botequim de Moscou; entra um desses negociantes de maus bofes: — "Quanto custa o rouxinol?" — "Cem rublos!" — "Mandem assá-lo e sirvam-no!" Assim se fez. "Cortem-me dele um pedaço de dois cêntimos!" Contei isto um dia a Piotr Ipolítovitch, mas não quis acreditar, chegou mesmo a indignar-se…

Falou ainda muito. Cito estes fragmentos a título de amostra. Interrompia-me sem cessar, desde que eu abria a boca para começar uma história minha e largava qualquer tolice completamente original e sem nenhuma relação com ela; falava exaltado, alegre; ria de tudo e até mesmo escarnecia; o que jamais o vira fazer. Engoliu dum trago um copo de chá e serviu-se dum segundo. Agora compreendo: assemelhava-se a um homem que recebeu uma carta querida, curiosa e há muito esperada, que colocou diante de si e que, de propósito, não abre. Pelo contrário, revira-a longamente entre os dedos, examina o envelope, o selo, vai a uma outra sala dar ordens, recua, em uma palavra, o minuto mais interessante, sabendo bem que ela não lhe escapará e tudo isso para aumentar seu prazer.

Naturalmente, contei-lhe tudo, tudo desde o começo, e minha narrativa durou talvez uma hora. Como poderia ser de outro modo? Já ainda há pouco eu tinha sede de falar. Comecei pelo nosso primeiro encontro em casa do príncipe, após a chegada dela; depois contei como tudo se sucedera pouco a pouco. Não saltei nada, e nada podia saltar, ele mesmo me punha no caminho, adivinhava, soprava-me. Parecia-me, por instantes, que eu vivia um conto fantástico, que ele sempre estivera ali, sentado ou de pé em alguma parte, por trás da

porta, todas as vezes, durante todos aqueles dois meses: sabia de antemão cada um dos meus gestos, cada um de meus sentimentos. Eu sentia um gosto infinito em fazer-lhe esta confissão, porque via nele tanta doçura cordial, tanta finura psicológica, tão espantosa aptidão para adivinhar tudo com apenas meias palavras… Escutava-me, ternamente, como uma mulher. Portou-se sobretudo tão bem que eu não experimentava vergonha nenhuma; por vezes fazia-me parar bruscamente para algum detalhe; muitas vezes interrompia-me e repetia nervosamente: “Não esqueças os detalhes, não esqueças sobretudo os detalhes; quanto mais miúdo é um traço, mais importante é por vezes”. Repetiu isso várias vezes. Oh! sem dúvida, ao começar, eu a havia tratado com arrogância, mas bem depressa recaí na verdade. Contei sinceramente que estava pronto a beijar o lugar do soalho onde pousara seu pé. O mais belo, o mais esplêndido era que ele compreendia perfeitamente que se podia sofrer de medo por causa do documento e ao mesmo tempo permanecer uma criatura pura e sem mancha, tal como ela se havia revelado naquele mesmo dia a mim. Compreendera perfeitamente a palavra “estudante”. Mas como eu já estivesse no fim, notei que seu bondoso sorriso era atravessado de tempo em tempo por uma impaciência demasiado visível, algo de brusco e de distraído. Quando cheguei ao documento, pensei entre mim: “Digo-lhe a verdade verdadeira ou não?” e não disse, apesar de todo o meu entusiasmo. Noto-o aqui para lembrar-me disso toda a minha vida. Expliquei-lhe a coisa da mesma maneira que a ela, isto é, invocando o nome de Kraft. Seus olhos iluminaram-se. Uma ruga estranha formou-se na sua testa, uma ruga muito sombria.

— E lembras-te bem de que Kraft haja queimado aquela carta na luz da vela? Não te enganas?

— Não, não me engano — confirmei.

— É que essa carta é de extrema importância para ela e, se a tivesses hoje nas mãos, poderias hoje mesmo… — Mas o que eu poderia, não disse. — Então, é bem verdade, não a tens mais entre as mãos?

Estremeci por dentro, mas não exteriormente. Exteriormente, não me traí de forma alguma: nem um piscar de olhos. Nem mesmo queria

acreditar na pergunta.

— Como, entre as mãos? Que eu a tenha agora entre as mãos? Mas uma vez que Kraft a queimou!

— Sim? — Fixou em mim um olhar de fogo, imóvel, de que ainda me lembro. Aliás, estava sorridente, mas toda a sua bonomia, toda a feminilidade de sua expressão tinham subitamente desaparecido. Tomou um ar indeterminado e desorientado; mostrava-se cada vez mais distraído. Se tivesse sido mais senhor de si, tão senhor como fora até então, não me teria feito aquela pergunta sobre o documento; se a fizera é que com certeza estava fora de si. Mas é hoje que falo assim; na época, não penetrei tão depressa a mudança que lhe sobreviera; eu continuava a voar e minha alma estava cheia da mesma música. Mas minha narrativa terminara; fitei-o.

— Espantoso! — declarou ele, de chofre quando lhe contei até a derradeira vírgula. — Espantoso, meu amigo: dizes que estiveste lá de três às quatro e que Tatiana Pávlovna não estava em casa?

— Exatamente, de três às quatro e meia.

— Pois bem, imagina que fui à casa da Tatiana Pávlovna às três e meia bem exatas e recebeu-me ela na cozinha; passo quase sempre pela escada de serviço.

— Como, recebeu-o na cozinha? — exclamei, recuando, cheio de espanto.

— Sim, e ela declarou-me que não podia receber-me; fiquei uns dois minutos. Aliás fora apenas convidá-la para jantar.

— Talvez estivesse acabando de chegar.

— Não sei. Decerto que não. Estava de roupão. Eram exatamente três horas e meia.

— Mas… Tatiana Pávlovna não lhe disse que eu estava lá?

— Não, não me disse que estavas lá… De outro modo, eu o teria sabido e nada te teria perguntado.

— Escute, é muito importante…

— Sim… depende do ponto de vista. Empalideceste, meu caro. Mas que há de tão importante?

— Enganaram-me como a uma criança!

— Muito simplesmente ela teve medo de tua veemência, como disse. E ocultou-se por trás de Tatiana Pávlovna.

— Meu Deus, que história! Escute, deixou-me dizer tudo aquilo na presença duma terceira pessoa, diante de Tatiana Pávlovna! A outra ouviu então tudo o que eu dizia! É… é mesmo terrível pensar nisso!

— *C'est selon. mon cher!*[57] Além disso, tu mesmo falaste ainda há pouco da largueza de vistas a respeito da mulher em geral e exclamaste: "Viva a largueza de vistas!".

— Se eu fosse Otelo e o senhor Iago, não poderia o senhor dizer melhor… Mas estou brincando! Não pode haver Otelo, pois que não há relações desse gênero. E como não rir? Pois seja! Creio, apesar de tudo, no que está infinitamente acima de mim e não perco meu ideal!… Se é uma brincadeira da parte dela, perdoo. Brincar com um miserável adolescente, admito! Jamais assumi disfarce algum, e o estudante… o estudante estava ali, estava na sua alma, estava no seu coração, existe e existirá! Basta! Escute, o que o senhor acha: é preciso ir imediatamente à casa dela, para saber toda a verdade, ou não?

Disse: "como não rir?", mas tinha as lágrimas nos olhos.

— Pois bem: vai, meu amigo, se tens vontade.

— Sinto-me como que emporcalhado por ter-lhe contado tudo isso. Não se zangue, mas não é permitido, repito-lhe, não é permitido falar de uma mulher a uma terceira pessoa. O confidente nunca compreenderá. Um anjo mesmo não compreenderia. Quando o senhor respeitar uma mulher, não tome confidente; se o senhor se respeita a si mesmo, não tome confidente! Neste momento, não me respeito. Até à vista, não perdoarei jamais a mim mesmo…

— Vamos, meu amigo, exageras. Tu mesmo dizes, nada se passou.

Saímos e despedimo-nos.

— Mas não me beijarás então nunca de todo o teu coração, como criança, como um filho beija seu pai? — disse-me ele, com um tremor singular na voz. Beijei-o com fervor.

— Meu caro… sê sempre tão puro quanto és neste momento.

Jamais o beijara e jamais teria imaginado que ele próprio reclamasse isso.

## Capítulo VI

# I

“Está claro, é preciso ir lá!”, decidi, apressando-me em voltar para casa. “É preciso ir lá de imediato. É bem provável que a encontre sozinha. Sozinha ou com alguém, pouco importa: pode-se chamá-la. Vai me receber; ficará admirada, mas me receberá. Se não me receber, insistirei para que me receba, mandarei dizer-lhe que é absolutamente necessário. Vai pensar que se trata do documento e me receberá. E saberei tudo, a respeito de Tatiana. Em seguida… está bem, em seguida, o quê? Se não tiver razão, vou compensá-la; se tiver eu razão e ela não, então será o fim de tudo! De toda maneira, é o fim de tudo! Que tenho a perder? Nada. Vamos, vamos lá!”

Ora, não esquecerei jamais e vou lembrar disso com orgulho, não fui lá! Ninguém saberá, isto vai ficar ignorado, mas basta que eu saiba, eu, e que tenha sido capaz naquele momento de um instante de infinita nobreza! “É uma tentação e passarei adiante” — decidi por fim, depois de ter refletido. Quiseram amedrontar-me, mas não acreditei, não perdi minha fé na sua pureza! De que serve ir lá e informar-me de quê? Por que ela deveria absolutamente crer em mim como creio nela, crer na minha pureza, não temer minha veemência e não se ocultar atrás de Tatiana? Não mereci ainda nada de tudo isso a seus olhos. Que ela ignore pois que o mereço, que não me deixo seduzir pelas tentações, que não creio nas más línguas, seja! Pelo contrário, eu sei tudo e me respeitarei ainda mais. Respeitarei meu sentimento. Oh! sim, ela deixou que eu falasse diante de Tatiana, admitiu Tatiana, sabia que Tatiana estava lá e escutava (porque ela não podia deixar de escutar), sabia que Tatiana zomba de mim, é espantoso, é espantoso! Mas… se era impossível evitar? Que poderia ela fazer na sua situação e como acusá-la disso? Eu não menti a propósito de Kraft? Não a enganei, também eu, porque também era impossível evitar? Menti também eu, porque era também impossível evitar? Também eu menti, involuntária, inocentemente. Ah! meu Deus! — exclamei, de repente, corando, cheio de dor: eu mesmo, eu mesmo que é que acabo de fazer? Não fui eu que a atraí diante daquela mesma Tatiana, não sou eu que acabo de contar tudo a Viersílov? Mas por que falar de mim? Há uma grande diferença.

Tratava-se somente do documento; no fundo, não falei a Viersílov senão a respeito do documento, porque não havia nenhuma outra coisa a contar-lhe e nada podia haver. Não fui eu que o preveni primeiro e que gritei que não podia haver nenhuma outra coisa no caso? É um homem que compreende as coisas. Hum… Mas, no entanto, que ódio no seu coração, ainda agora, contra aquela mulher! Que drama deve ter ocorrido outrora entre eles e por quê? Naturalmente por amor-próprio! "Viersílov não é capaz de nenhum sentimento, exceto um amor-próprio ilimitado!"

Sim, este derradeiro pensamento escapou-me e nem mesmo notei. Eis, pois, as ideias que, sucessivamente, uma após outra, atravessaram meu cérebro e eu era então sincero comigo mesmo: não trapaceava, não enganava a mim mesmo; e se há alguma coisa que não tenha compreendido naquele instante, é apenas porque a compreensão me faltou, e não por hipocrisia diante de mim mesmo.

Voltei para casa numa tremenda excitação e, não sei por que, de humor muito jovial, embora bastante confuso. Mas temia analisar-me e esforçava-me com todas as minhas forças por distrair-me. Fui logo procurar a locadora: houvera, de fato, entre ela e seu marido uma terrível disputa. Era uma mulher de funcionário, completamente tuberculosa e bondosa, mas, como todas as tuberculosas, caprichosa ao extremo. Tratei logo de reconciliá-los, procurei o locatário, um imbecil muito grosseiro, marcado de varíola, vaidoso em excesso, que trabalhava num banco, um tal Tcherviákov, de quem eu não gostava, mas com o qual entretinha, entretanto, relações pacíficas, porque tinha a fraqueza de zombar com ele de Piotr Ipolítovitch. Depressa o convenci de que não se mudasse, aliás ele não estava de modo algum decidido a isso. Afinal, acalmei definitivamente a locadora e, além disso, soube arranjar-lhe muito bem o travesseiro: "Eis de que jamais seria capaz Piotr Ipolítovitch!", concluiu ela, maliciosamente. Em seguida, ocupei-me em preparar-lhe as cataplasmas e com minhas próprias mãos arranjei-lhe duas perfeitamente notáveis. O pobre Piotr Ipolítovitch olhava-me com inveja, mas nem mesmo lhe permiti que tocasse nelas e fui recompensado, literalmente, com lágrimas de reconhecimento. Depois, lembro-me, de repente, tudo aquilo me aborreceu e adivinhei súbito que não era de modo algum por bondade

de alma que cuidava da doente, mas à toa, não sabia por que, ou por alguma razão totalmente diversa.

Esperava, nervoso, Matviéi. Naquela noite decidira tentar uma derradeira vez a sorte e… e, fora da sorte, experimentava terrível necessidade de jogar; de outro modo aquilo teria sido insuportável. Se não tivesse ido a alguma parte, não teria talvez suportado, e teria partido para a casa dela. Matviéi devia chegar dentro em pouco, mas de repente a porta abriu-se e vi entrar uma visitante inesperada. Dária Onísimovna. Franzi o cenho e demonstrei espanto. Ela sabia onde eu morava porque viera uma vez trazer-me um recado de minha mãe. Mandei que se sentasse e olhei-a com um olhar interrogativo.

Ela não disse nada, limitando-se a olhar-me fixamente e a sorrir com humildade.

— Não foi Lisa que a mandou? — perguntei, de súbito.

— Não, vim à toa.

Preveni-a de que ia sair; respondeu de novo que viera à toa e que ia também sair. Senti, de súbito, não sei que compaixão. Devo notar que, de nós todos, de minha mãe e, em particular, de Tatiana Pávlovna, ela recebera muitas demonstrações de simpatia, mas que depois de havê-la colocado na casa de Stolbiéieva todos os nossos haviam-na quase esquecido, exceto talvez Lisa, que a visitava muitas vezes. A causa, creio bem, provinha dela mesma, porque tinha a particularidade de afastar-se e de ocultar-se, apesar de toda a sua humildade e de seus sorrisos implorativos. Quanto a mim, aqueles sorrisos não me agradavam: via-a sempre contrafazer seu rosto e vim a pensar um dia que ela não havia chorado Ólia por muito tempo. Mas daquela vez, não sei por que, tive piedade dela.

Ora, sem dizer uma palavra, curvou-se de súbito, baixou os olhos, e, lançando os dois braços para a frente, pegou-me pela cintura, enquanto seu rosto inclinava-se sobre meus joelhos. Agarrou minha mão, imaginava já que era para beijá-la, mas levou-a a seus olhos e lágrimas quentes correram sobre ela, em torrentes. Os soluços sacudiam-na toda, mas chorava sem ruído. Senti-me mal, se bem que experimentasse um começo de irritação. Mas abraçava-me com inteira

confiança, sem temer zangar-me, ao passo que ainda há pouco me sorria tímida e servilmente. Roguei-lhe que se acalmasse.

— Meu bom senhor, não sei mais que fazer de mim mesma. Assim que escurece, não me suporto mais; quando cai a noite, não posso mais aguentar-me, é preciso sair para a rua, para o escuro. É o sonho sobretudo que me atrai. Um sonho que nasceu no meu cérebro, de que, quando sair à rua, a encontrarei. Ando e parece-me vê-la. Quer dizer que são os outros que andam e eu ando atrás, de propósito, e digo a mim mesma: não será ela? Sim, sim, ei-la, é bem ela, a minha Ólia! E reflito, reflito. Tornei-me louca afinal, à força de correr em meio da multidão, sinto-me nauseada. Dou encontrão nas pessoas, como se estivesse bêbeda, algumas atiram-me injúrias. Mas guardo tudo isso para mim e não vou mais à casa de ninguém. Aliás, aonde quer que eu vá, encontro-me ainda pior. Ainda há pouco passei diante de sua casa e disse a mim mesma: "Se eu entrasse? Ele é melhor que os outros e depois assistiu à coisa". Meu bom senhor, perdoe-me; vou-me embora imediatamente e irei…

Levantou-se de súbito e fez menção de retirar-se. Nesse momento chegou Matviéi; a fiz sentar a meu lado no trenó e, de passagem, deixei-a em casa, na casa da Stolbiéieva.

## II

Eu frequentava nos derradeiros tempos a roleta de Ziérchtchikov. Até então eu ia a três casas, sempre com o príncipe, que me introduzia naqueles lugares. Em uma dessas três casas, entregavam-se sobretudo ao bacará e o jogo era alto. Mas não me dava bem ali: via que teria sido preciso muito dinheiro e além disso compareciam ali muitos indivíduos insolentes e muitos rapazes da alta sociedade com os bolsos bem repletos. Era justamente do que gostava o príncipe; gostava de jogar, mas gostava também de andar metido com aqueles desmiolados. Notei que, se entrava por vezes lado a lado comigo, no correr da noite afastava-se de mim e não me apresentava a nenhum dos seus. Eu tinha o ar de um perfeito selvagem, a ponto de atrair por vezes a atenção. Na mesa de jogo, acontecia-me algumas vezes conversar com um ou com outro; mas uma vez tentei, no dia seguinte,

naquele mesmo salão, cumprimentar um jovem cavalheiro com o qual não somente falara, mas até mesmo rira na véspera, sentado a seu lado (e até mesmo lhe adivinhara duas cartas). Pois bem: não me reconheceu. Ou antes, pior ainda: olhou-me com um espanto fingido e passou adiante com um sorriso. De modo que abandonei em breve aquela casa e preferi frequentar uma cloaca — não saberia dar-lhe outro nome. Era uma roleta assaz miserável, minúscula, mantida por uma prostituta, que entretanto jamais se mostrava na sala. Ali, estava-se à vontade e, muito embora aparecessem oficiais e comerciantes ricos, tudo se passava em família, o que atraía, aliás, muitas pessoas. Além disso, a sorte me sorria ali muitas vezes. Mas deixei de lá ir após uma nojenta história ocorrida um belo dia em pleno jogo e que acabou por uma rixa entre dois jogadores. Foi então que comecei a frequentar Ziérchtchikov, a cuja casa, ainda uma vez, me conduzira o príncipe. Era um capitão de Artilharia reformado, e o tom de seus serões era bastante suportável, um pouco militar, muito exigente no cumprimento das formalidades, rápido e prático. Por exemplo, nunca tinham ali entrada baderneiros e grandes farristas. Além disso, o jogo estava mesmo muito longe da baderna. Jogava-se no bacará e na roleta. Até aquela noite de quinze de novembro, eu estivera lá ao todo umas duas vezes e Ziérchtchikov, creio, conhecia-me de vista; mas eu ainda não tinha nenhum conhecido. Como de propósito, o príncipe apareceu naquela noite com Darzan, já perto da meia-noite, de volta do bacará daqueles desmiolados da alta sociedade que eu tinha abandonado; de modo que naquela noite me achava como um desconhecido numa multidão estrangeira.

Se tivesse um leitor que houvesse lido tudo quanto já escrevi de minhas aventuras, não teria mais, bem decerto, de explicar-lhe que não nasci verdadeiramente para a sociedade, qualquer que ela seja. Em primeiro lugar, não sei portar-me na sociedade. Quando vou a um lugar onde há muita gente, parece-me sempre que todos os olhares me eletrizam. Sinto-me nervoso, acho-me fisicamente pouco à vontade, até mesmo em lugares como um teatro, sem falar das residências particulares. Em todas aquelas roletas e aquelas reuniões, era absolutamente incapaz de assumir uma atitude: ora, sentado, censurava-me o excesso de mansidão e de polidez, ora me levantava e cometia alguma grosseria. E, no entanto, não importa qual patife, em

comparação comigo, sabia portar-se com um desembaraço admirável, e era isso que mais raiva me causava, tanto que perdia cada vez mais o sangue-frio. Direi francamente, não só hoje, mas mesmo então, toda aquela sociedade e até mesmo os ganhos no jogo, se devo tudo dizer, acabaram por parecer-me repugnantes e aborrecidos. Isto mesmo: aborrecidos. Experimentava sem dúvida um prazer extremo, mas esse prazer vinha através do sofrimento; tudo aquilo, quero dizer, as pessoas, o jogo e eu mesmo sobretudo com eles, parecia-me espantosamente sujo. "Basta que eu ganhe e mandarei tudo para o diabo!", dizia a mim mesmo todas as vezes, ao acordar ao romper do dia, após o jogo da noite. O ganho, por exemplo: não amava absolutamente o dinheiro. Não vou repetir a frase banal, comum em tal caso, que jogava pelo prazer de jogar, pelas sensações, pelo gozo do risco, do acaso e do resto e de modo algum pelo ganho. Tinha tremenda necessidade de dinheiro e sem dúvida não era meu caminho, não era minha ideia, mas de uma maneira ou de outra não estava menos decidido então a tentar também, a título de experiência, aquele caminho. Havia uma ideia potente que me perturbava sempre: "Chegaste à conclusão de que podes tornar-te milionário com certeza, sob a condição de ter um caráter suficientemente forte! Já deste prova de teu caráter; pois bem, mostra, aqui também, o que vales: a roleta exigiria mais caráter que tua ideia?". Eis o que repetia a mim mesmo. E como estou ainda hoje convencido de que, nos jogos de azar, com uma calma perfeita, permitindo conservar toda a finura da razão, é impossível não suplantar a grosseria do acaso cego e deixar de ganhar, devia fatalmente, naquela época, irritar-me cada vez mais vendo que por vezes perdia meu sangue-frio e me exaltava como um rapazinho. "Eu, que pude suportar a fome, não poderia suportar a mim mesmo, em semelhante imbecilidade?!" Eis o que me enfezava. Além disso, a consciência que possuía, por mais ridículo e rebaixado que parecesse, um tesouro de força que os obrigaria a todos a mudar um dia de opinião a meu respeito, essa consciência — desde os meus anos de infância humilhada — era então a única fonte da minha vida, minha luz e meu patrimônio, minha arma e meu consolo, de outro modo teria talvez me matado ainda menino. Assim, poderia deixar de zangar-me contra mim mesmo, vendo a lastimável criatura em que me tornava diante de uma mesa de jogo? Eis por que não podia abandonar mais o jogo: vejo claramente hoje. Fora dessa razão

principal, o amor-próprio mesquinho sofria também: a perda no jogo rebaixava-me aos olhos do príncipe, aos olhos de Viersílov, se bem que este nada se dignasse dizer, aos olhos de todos e até mesmo de Tatiana — era pelo menos o que me parecia, o que eu sentia. Enfim, farei ainda uma confissão: já estava corrompido; já me era difícil renunciar ao meu jantar de sete pratos no restaurante, a Matviéi, ao magazine inglês, à opinião de meu perfumista, a tudo isso afinal. Já tinha então consciência disso, mas fechava os olhos; hoje, ao escrever, é que me ruborizo.

## III

Tendo entrado sozinho e encontrando-me em meio duma multidão desconhecida, instalei-me a princípio a um canto da mesa e comecei a jogar pequenas somas. Fiquei assim duas horas sem mover-me. Foram duas horas dum terrível marasmo: nem sorte, nem má sorte. Deixava passar oportunidade espantosas, procurando não me zangar, vencer pelo meu sangue-frio e pela minha firmeza. Afinal de contas, deu-se que, durante aquelas duas horas, eu não tinha nem ganho nem perdido: de trezentos rublos havia perdido dez a quinze. Esse miserável resultado encheu-me de raiva. Além disso, ocorreu uma história das mais desagradáveis. Sei que se encontram por vezes em torno dessas roletas ladrões, não vindos da rua, mas entre os jogadores conhecidos. Por exemplo, estou persuadido de que o famoso jogador Afiérdov é um ladrão; exibe-se hoje na cidade; encontrei-o bem recentemente com seus dois pôneis, mas nem por isso deixa de ser um ladrão e roubou-me. Mas esta história fica para mais tarde; naquela noite era apenas o prelúdio: ficara sentado aquelas duas horas no canto da mesa e à minha esquerda se encontrava, durante todo o tempo, um janota muito elegante, um judeuzinho, creio; faz parte de não sei mais o que e até mesmo escreve e consegue imprimir-se. No derradeiro minuto, ganhei de repente vinte rublos. Duas cédulas vermelhas estavam ali à minha frente, quando de chofre vi aquele judeuzinho estender a mão e puxar para si, o mais tranquilamente possível, uma de minhas cédulas. Ia detê-lo, mas, com o ar mais insolente e sem elevar a voz, não é que ele me declara que aquele ganho é dele, que acabara de fazer uma parada e que ganhara? Nem mesmo quis continuar a conversa e virou as costas. Como de

propósito, estava eu naquele segundo num estado de espírito muito idiota: imaginara uma grande ideia. Cuspi, levantei-me rapidamente e retirei-me, sem querer discutir, fazendo-lhe presente de minha cédula vermelha. Teria sido, aliás, penoso ajustar contas com semelhante patife, porque já se passara tempo; o jogo continuara. Pois bem, foi isso de minha parte um erro imenso, que iria ter consequências: três ou quatro jogadores em redor de nós tinham notado nossa discussão e, vendo-me recuar tão facilmente, deviam ter pensado de mim: é um deles! Era exatamente meia-noite; passei para a sala vizinha, refleti, tracei novo plano, voltei e troquei na banca minhas cédulas por moedas de ouro. Achei-me possuidor de mais de quarenta moedas. Separei-as em dez partes e resolvi fazer paradas dez vezes em seguida no zero, quatro meias imperiais, de cada vez, uma após outra: "Se ganhar, será sorte minha; se perder, tanto melhor: não jogarei mais". Notarei que em todas aquelas duas horas o zero não saíra uma vez sequer, tanto que no final ninguém jogava nele.

Eu jogava de pé, silencioso, franzindo os supercílios e apertando os dentes. Na terceira vez, Ziérchtchikov anunciou em voz alta o zero, que não saíra toda a noite. Contaram-me cento e quarenta meias imperiais de ouro. Restavam-me ainda sete paradas. Continuei, e, entretanto, tudo, em redor de mim, se agitava e dançava.

— Venha para cá! — gritei, do outro lado da mesa, para um jogador junto do qual me encontrava um instante antes, um sujeito de fartos bigodes brancos, de rosto escarlate e de casaca, que, desde várias horas já, arriscava com uma paciência inexprimível pequeníssimas somas, perdendo de todas a vezes. — Venha para cá! É aqui que está a sorte!

— É a mim que o senhor se dirige? — gritou o bigodudo lá da ponta da mesa, com um espanto ameaçador.

— Ao senhor, sim! Aí onde está perde tudo!

— O senhor não tem nada com isto. Rogo-lhe que me deixe tranquilo.

Mas não podia mais conter-me. Diante de mim, do outro lado da mesa, estava sentado um oficial idoso. Olhando minha parada,

murmurou a seu vizinho:

— É estranho: o zero. Não me decidirei jamais pelo zero.

— Ouse, pois, coronel! — gritei eu, jogando nele de novo.

— Rogo-lhe também que me deixe tranquilo. Não tenho necessidade de seus conselhos — retrucou-me, violentamente. — O senhor faz barulho demais aqui.

— Dou-lhe um bom conselho. Pois bem, quer apostar comigo que o zero vai dar de novo? Dez moedas de ouro: quer?

E avancei dez meias imperiais.

— Dez moedas? Uma aposta? Aceito — declarou ele, seco e severo. — Aposto contra o senhor que o zero não sairá mais.

— Dez luíses de ouro, coronel.

— Quais dez luíses de ouro?

— Dez meias imperiais, coronel. Em estilo nobre: dez luíses de ouro.

— Diga então: meias imperiais e não brinque comigo.

Não tinha naturalmente a esperança de ganhar minha aposta: havia trinta e seis possibilidades contra uma de que o zero não desse: mas fizera a proposta em primeiro lugar para chamar a atenção, e em seguida porque queria atrair todo mundo para mim. Via por demais que ninguém ali me estimava e que me faziam sentir isso com um prazer particular. A roleta pôs-se a girar e qual não foi a estupefação geral quando o zero saiu uma vez mais! Houve mesmo uma exclamação geral. Então a glória do ganho nublou-me o cérebro. Imediatamente contaram-me cento e quarenta meias imperiais. Ziérchtchikov perguntou-me se eu não queria receber uma parte em cédulas, mas respondi-lhe com um resmungo, porque me achava literalmente incapaz de explicar-me calma e claramente. A cabeça girava-me, minhas pernas fraquejavam. Senti, de repente, que ia agora correr um risco terrível; além disso, tinha vontade de empreender

ainda alguma coisa, de propor ainda alguma aposta, de contar para não importa quem alguns milhares de rublos. Juntei maquinalmente com a palma da mão meu monte de cédulas e de moedas de ouro e não pude decidir-me a contá-las. Naquele momento, notei de súbito por trás de mim o príncipe e Darzan; acabavam de voltar de seu bacará onde, como o soube mais tarde, tinham perdido tudo.

— Hei, Darzan — gritei-lhe —, eis onde está a sorte! Aposte no zero.

— Perdi tudo, não tenho mais dinheiro! — respondeu ele, secamente. O príncipe tinha o ar de nada notar e de não me conhecer.

— Dinheiro? Aqui está! — gritei, mostrando-lhe meu monte de ouro. — Quanto quer?

— Com os diabos! — gritou Darzan todo vermelho. — Não lhe pedi nada, parece-me.

— Chamam-no! — Era Ziérchtchikov quem me puxava pela manga.

O coronel já me chamava várias vezes e quase com injúrias, depois que perdera sua aposta de dez imperiais.

— Tome! — gritou-me, ele, escarlate de cólera. — Não sou obrigado a esperá-lo. Diria depois que nada recebeu. Conte!

— Acredito no senhor, coronel, acredito no senhor, acredito no senhor sem precisar de contar. Somente, peço-lhe, não grite contra mim, não se zangue. — E raspei com a mão o seu monte de ouro.

— Meu caro senhor, rogo-lhe que dirija seus entusiasmos a algum outro e não a mim — gritou violentamente o coronel. — Não guardamos os porcos juntos.

— É estranho que deixem entrar aqui indivíduos dessa qualidade! Quem é? Um rapazola qualquer! — exclamaram à meia voz.

Mas eu não escutava, fazia paradas ao acaso e mais sobre o zero. Coloquei todo um maço de cédulas irisadas sobre os dezoito primeiros

números.

— Vamos embora, Darzan! — disse o príncipe, atrás de mim.

— Para casa? — E voltei-me para eles. — Esperem-me, iremos juntos. Acabei.

Meu número ganhou; era um ganho enorme. “Basta!”, exclamei e, com mãos trêmulas, juntei o ouro e derramei-o nos meus bolsos sem contar, amarfanhando desajeitamente em meus dedos os maços de cédulas, pois queria meter todos de uma vez, num bolso de lado. De repente, uma mão rechonchuda com um anel, a de Afiérdov, que estava agora à minha direito e tinha também apostado fortes somas, pousou-se sobre três de minhas cédulas irisadas e cobriu-as com a palma de sua mão.

— Permita, estas não são suas! — disse ele, severamente e destacando as sílabas, com uma voz aliás bastante doce.

Era aquilo o prelúdio que, em seguida, alguns dias mais tarde, deveria ter sérias consequências. Hoje, juro-o pela minha honra, aquelas três cédulas de cem rublos eram bem minhas, mas, para desgraça minha, por mais que estivesse persuadido disso então, restava um décimo de dúvida e, para um homem honesto, nisto está tudo; ora, sou um homem honesto. Sobretudo, não sabia então com certeza que Afiérdov era um ladrão; ignorava então até seu nome, de modo que podia crer verdadeiramente que me enganara e que aquelas três cédulas não estavam no número das que acabavam de contar para mim. Durante toda a noite, não contara uma vez sequer meu monte de dinheiro e contentava-me com juntá-lo com minhas mãos, enquanto Afiérdov tinha diante de si seu dinheiro, ao lado do meu, mas em boa ordem e bem contado. Enfim, Afiérdov era conhecido na casa, consideravam-no um ricaço, tratavam-no com respeito: tudo isso se impunha a mim e, uma vez mais, não protestei. Terrível erro! O pior de tudo era que me encontrava em pleno entusiasmo.

— É pena que não me lembre exatamente; mas parece-me bem que essas cédulas são minhas — disse eu, com os lábios tremendo de indignação. Estas palavras suscitaram logo um murmúrio.

— Para dizer semelhantes coisas é preciso que se tenha certeza e o senhor acaba de proclamar que não se lembra exatamente — disse Afiérdov, num tom insuportavelmente superior.

— Mas quem é esse afinal? Como se permitem coisas assim? — fizeram-se ouvir várias exclamações.

— Não é a primeira vez. Ainda há pouco houve a mesma história com Rechberg por causa de uma cédula de dez rublos — disse perto de mim uma voz canalha.

— Pois bem, basta, basta! — exclamei. — Não protesto. Tome-as! Príncipe… mas onde estão o príncipe e Darzan? Partiram? Senhores, não viram para que lado foram o príncipe e Darzan?

Juntei finalmente todo o meu dinheiro e, sem ter tempo de meter num bolso algumas imperiais que tinha ainda na mão, atirei-me no encalço do príncipe e de Darzan. O leitor vê bem que não me poupo e que me rememoro inteirinho, talvez como era naquele minuto, até a derradeira tolice, para que se compreenda bem o que se passou em seguida.

O príncipe e Darzan já estavam no pé da escada, não tinham prestado a mínima atenção ao meu apelo e aos meus gritos. Alcancei-os, mas parei um segundo diante do suíço e meti-lhe na mão três meias imperiais, sabe o diabo por que. Olhou-me, intrigado, sem mesmo agradecer-me. Mas isso me importava pouco, e, se Matviéi se tivesse encontrado ali, teria lhe posto na mão com certeza um punhado cheio de moedas de ouro, tinha, creio eu, a firme intenção disso, mas, ao pôr pé no patamar, lembrei-me de repente de que o havia mandado embora. Naquele momento, fizeram avançar o trenó do príncipe que subiu nele.

— Vou com o senhor, príncipe, à sua casa! — gritei, segurando a cobertura do trenó e erguendo-a para sentar-me; mas bruscamente, passando diante de mim, Darzan deu um salto e o cocheiro, arrancando-me da mão a cobertura, recobriu com ela seus senhores.

— Com os diabos! — gritei, fora de mim. Tudo se passava como se tivesse eu erguido a cobertura para Darzan, como um lacaio.

— Para casa! — gritou o príncipe.

— Pare! — berrei, agarrando-me ao trenó. Mas o cavalo partiu e eu rolei na neve. Acreditei mesmo tê-los ouvido rir. Levantei-me, saltei instantaneamente para o primeiro fiacre que se apresentou e voei à casa do príncipe, fustigando a cada instante meu pobre pangaré.

## IV

Como por acaso, o pangaré avançava com uma lentidão que não era natural; tinha, no entanto, prometido um rublo. O cocheiro não cessava de fustigá-lo e, como era justo, fustigava-o por um rublo. Meu coração palpitava. Pus-me a falar ao cocheiro, mas as palavras não me saíam da boca, balbuciava não sei que tolices. Eis em que estado cheguei à casa do príncipe. Ele tinha deixado Darzan em casa deste e estava só. Pálido e carrancudo, andava para lá e para cá, no seu gabinete. Repito-o uma vez mais: perdera muito. Olhou-me com uma perplexidade distraída.

— Você ainda? — exclamou, fechando mais a cara.

— É para romper de uma vez, senhor! — disse eu, sufocando-me. — Como ousou agir daquela forma comigo?

Lançou-me uma olhadela interrogativa.

— Se ia levar Darzan, bastava que me dissesse que iria levá-lo, quando, no entanto, fez o cavalo partir e eu…

— Ah! sim, você caiu na neve, creio. — E riu-me, na cara.

— A coisas assim responde-se por um desafio e por isso vamos primeiro regularizar nossas contas…

Com mão trêmula, tirei meu dinheiro; pousei-o sobre o divã, sobre o consolo de mármore e até mesmo sobre um livro aberto, aos pacotes, às mãos cheias, aos montes. Várias moedas rolaram sobre o tapete.

— Ah! sim, você ganhou, creio?… Percebe-se pelo seu tom.

Nunca me falara com tanta insolência. Eu estava muito pálido.

— Há aqui… não sei quanto. Seria preciso contar… Devo-lhe uns três mil… ou então quanto?… Mais, ou menos?

— Parece-me que não o estou obrigando a pagar-me.

— Não, sou eu mesmo quem quer e o senhor deve saber por quê. Sei que nesse pacote irisado[58] há mil rublos. Tome! — Pus-me a contar com mão trêmula, mas desisti. — Não adianta, sei que tem mil rublos. Pois bem, fico com estes mil para mim, e todo o resto, todos esses montes, tome-os em pagamento de minha dívida, de uma parte de minha dívida: penso que anda por uns dois mil ou talvez mais!

— E esses mil, guarda-os você ainda assim para si mesmo? — disse o príncipe, sorrindo.

— Tem necessidade deles? Neste caso… eu lhe… pensava que o senhor não quereria… mas, se for preciso… eis…

— Não, não os quero. — Afastou-se de mim com desprezo e voltou a palmilhar o quarto. — E por que, com os diabos, teve você essa ideia de pagar sua dívidas? — Voltou-se de chofre para mim, com um semblante provocativo.

— Pago-lhe esse dinheiro para exigir contas do senhor! — berrei, de minha parte.

— Vá para o diabo com suas bravatas e seus gestos sempiternos! — E bateu com os pés, como fora de si. — Há muito tempo que eu queria pô-los para fora de minha casa, a todos dois, a você e a Viersílov.

— O senhor perdeu a cabeça! — gritei. E era como se fosse verdade.

— Vocês dois puseram-me em tortura, com suas frases bombásticas. Sempre frases, frases, frases! Sobre a honra, por exemplo! Ufa! Há muito tempo que queria romper… Estou contente, contentíssimo por ter chegado a ocasião. Acreditava-me amarrado e corava por ser obrigado a recebê-los… aos dois! Pois bem, agora não me considero mais ligado por coisa alguma, por coisa alguma, fique sabendo bem! E o seu Viersílov que me estimulava a atacar Akhmákova e difamá-la… Depois disso, não se arrisquem a falar mais de honra em minha casa! Vocês são uns desonestos… todos dois, todos dois. E você, você não tinha vergonha de receber meu dinheiro?

Eu tinha a vista turva.

— Tomava-o emprestado como a um amigo — comecei, bem de manso. — Foi o senhor que o ofereceu e acreditei em suas boas disposições.

— Não sou seu amigo! Dei-lhe o dinheiro, mas não por isso. Você sabe bem por quê.

— Era por conta do dinheiro de Viersílov. Era decerto estúpido, mas…

— Você não podia tomá-lo por conta do dinheiro de Viersílov sem autorização dele e eu não podia dar-lhe seu dinheiro sem sua permissão… Dava-lhe, pois, dinheiro meu e você sabia; você sabia e aceitava; e eu suportei em minha casa essa odiosa comédia!

— Que é que eu sabia? Que comédia? E por que então o senhor me dava dinheiro?

— *Pour vos beaux yeux, mon cousin!*[59] — E gargalhou em minha

cara.

— Com os diabos! — rugi eu. — Tome tudo! Aqui estão estes mil rublos também. Agora, estamos quites, e amanhã…

Atirei o maço de cédulas que havia reservado para mim. Bateu-lhe no colete e rolou no chão. Deu o príncipe três passos rápidos, imensos, e declarou-me à queima-roupa:

— Ousaria você dizer — falava furioso e destacando cada sílaba — que, aceitando meu dinheiro durante todo este mês, não sabia que sua irmã estava grávida de mim?

— O quê? Como? — exclamei. Minhas pernas fraquejaram-me e deixei-me cair sem forças no divã.

Disse-me ele mesmo depois que eu me tornara literalmente branco como um lenço. Meu espírito perturbou-se. Lembro-me de que nos olhamos em silêncio bem nos olhos. Uma espécie de terror percorreu-lhe o rosto; ele inclinou-se bruscamente, agarrou-me pelos ombros e amparou-me. Lembro-me muito bem de seu sorriso imóvel; liam-se nele a desconfiança e o espanto. Sim! Não esperava de sua palavras semelhante efeito, porque estava convencido de minha culpabilidade.

Aquilo acabou por uma vertigem que me tomou, por um minuto apenas; recuperei os sentidos, pus-me de pé, olhei-o e compreendi. A verdade revelou-se de repente ao meu espírito, por tanto tempo adormecido! Se me tivessem dito de antemão e se me tivessem perguntado: “Que faria você dele naquele momento?”, teria certamente respondido que o faria em pedaços. Mas sucedeu justamente o contrário e de modo algum por minha vontade: de repente ocultei meu rosto em minhas duas mãos e derramei lágrimas amargas. Eis o que aconteceu! O menino voltava a aparecer no rapaz. Quero dizer que o menino estava ainda vivo em minha alma, ocupando toda uma metade dela. Caí sobre o divã e solucei: “Lisa! Lisa! Infeliz!”. O príncipe então acreditou em mim completamente.

— Meu Deus! quanto sou culpado para com você! — exclamou ele, com um pesar profundo. — Oh! quantas coisas vis pensei a seu

respeito, com minhas suspeitas… Perdoe-me, Arkádi Makárovitch!

Estremeci, quis dizer-lhe alguma coisa, plantei-me diante dele, mas sem nada dizer fugi do quarto e do apartamento. Voltei para casa a pé e mal me lembro como. Lancei-me sobre minha cama, com o rosto no travesseiro, no escuro, e pensei, pensei. Em tais momentos, os pensamentos jamais se seguem com coerência. O espírito e a imaginação estavam como que suspensos a um fio e lembro-me de que me pus a pensar em coisas absolutamente estranhas e até mesmo em só Deus sabe o quê. Mas meu pesar e minha desgraça voltaram a fazer-se sentir de súbito com dor e sofrimento e recomecei a torcer as mãos, gritando: "Lisa! Lisa!". Depois do que chorei de novo. Não sei mais como foi que adormeci. Mas dormi um sono profundo e delicioso.

## Capítulo VII

### I

Despertei pelas oito horas da manhã, fechei no mesmo momento minha porta a chave, sentei-me diante da janela e recomecei a pensar. Fiquei assim até as dez horas. A criada bateu duas vezes, mas mandei-a para o diabo. Por fim, depois das dez horas, bateram de novo. Estava prestes a gritar ainda, mas era Lisa. A criada entrou com ela, trouxe meu café e dispôs-se a acender a lareira. Pô-la para fora era impossível. Durante todo o tempo que Fiokla levou a arrumar a lenha e a acendê-la, eu caminhava para lá e para cá a grandes passadas no meu quartinho, sem travar a conversa e evitando mesmo fitar Lisa. A criada agia com uma lentidão inexprimível, de propósito, como fazem todas as criadas em semelhantes casos, quando notam que os patrões tem constrangimento em falar diante delas. Lisa estava sentada numa cadeira ao pé da janela e acompanhava-me com o olhar.

— Teu café vai esfriar — disse, de repente.

Olhei-a: sem a menor perturbação, uma calma perfeita, até mesmo um sorriso nos lábios.

— Eis como são as mulheres — pensei, erguendo os ombros. Por

fim a criada acabou de acender a lareira e começou a arrumar o quarto, mas mandei-a embora com energia e tornei a fechar a porta a chave.

— Dize-me, se te convém, por que fechaste a porta? — perguntou Lisa.

Plantei-me diante dela.

— Lisa, como pudeste crer que me enganarias de semelhante maneira? — exclamei de repente, sem ter de modo algum refletido em que começaria assim. Desta vez não foram as lágrimas, mas um sentimento quase mau que me atravessou subitamente o coração, tanto que eu mesmo não esperava por isso. Lisa corou, mas não respondeu, continuando somente a olhar-me bem fixamente os olhos.

— Um momento, Lisa, um momento. Oh! como sou estúpido! Mas sou mesmo tão estúpido? Todas as alusões reuniram-se num só feixe, somente ontem, mas até então, como eu poderia adivinhar? Por que ias à casa da Stolbiéieva e à casa dessa… Dária Onísimovna? Mas considerava-te como um sol, Lisa, de modo que como poderia ter-me vindo ao espírito?… Lembras-te de como te encontrei, há dois meses, em casa dele e de como saímos juntos a passear ao sol e de quanto nos rejubilamos… Já estava então ocorrendo? Sim?

Respondeu inclinado afirmativamente a cabeça.

— Então tu me enganavas já naquele momento! Não, Lisa, não era tolice, era antes egoísmo de minha parte. Não se trata da tolice, mas do egoísmo de meu coração e… e talvez de minha fé na tua santidade. Oh! sempre estive convencido de que vocês todos eram infinitamente superiores a mim, e… eis aí! Ontem afinal, num mesmo dia, não pude compreender, apesar de todos os indícios… E depois, ontem, estava preocupado com coisa bem diversa!

Então, lembrei-me de repente de Katierina Nikoláievna. E tornei a sentir mais uma vez uma dor semelhante a uma picada de agulha no coração e corei completamente. Naquele instante, é claro, não se podia esperar bondade de minha parte.

— Mas de que te justificas? Parece-me, Arkádi, que tens pressa em justificar-te, mas de quê? — perguntou mansamente Lisa, mas com voz firme e convicta.

— Como, de quê? Mas que devo fazer agora? Ainda que fosse somente esta pergunta! E perguntas: “de quê?” Não sei como conduzir-me! Não sei como agem os irmãos em semelhantes casos… Sei que obrigam de pistola em punho o sedutor a casar-se… Agirei como deve fazer um, homem de bem! Mas justamente ignoro como deve agir um homem de bem! Por quê? Porque não somos nobres, nós; ele é príncipe e está fazendo carreira; não haverá de querer dar-nos ouvidos, a nós, as pessoas de bem. Nem mesmo somos irmão e irmã, mas bastardos sem nome, filhos de servos; será que os príncipes casam-se com servas? Oh! que infâmia! E tu ficas aí a olhar-me, pasmada!

— Creio que estás sofrendo muito! — Lisa corou de novo. — Mas precipitas-te demais e te atormentas.

— Precipitas-te? Mas será que ainda não esperei demais, na tua opinião? É a ti que cabe, Lisa, falar-me assim? (Deixara-me por fim arrebatar-me pela minha indignação.) Quanta vergonha, no entanto, sofri e quanto deve ter-me desprezado aquele príncipe! Oh! agora tudo está claro, todo o quadro está diante de meus olhos: imaginou ele que me calava ou mesmo arrebitava o nariz e gabava-me da “honra” enorme — eis o que ele pode pensar de mim! E que era por causa de minha irmã, pelo preço da vergonha de minha irmã que eu tomava dinheiro dele! Eis o que lhe era odioso ver e eu o justifico. Justifico-o totalmente: ver e receber todos os dias um indivíduo infame porque é o irmão, e ainda por cima ouvi-lo falar de honra… Eis o que seca um coração, mesmo um coração como o dele! E tu toleraste tudo isso, não me preveniste! Ele me desprezava tanto que falava de mim a Stiebielhkov e me disse mesmo ontem que queria pôr-nos para fora de sua casa, a Viersílov e a mim. E Stiebielhkov que me dizia: “Anna Andriéievna não é menos irmã sua que Elisavieta Makárovna!”. E eu, eu que me estendia insolentemente em casa dele em cima de seus divãs, que me colava como um igual aos seus amigos! Para o diabo todos! E tu, tu permitiste tudo isso! Decerto o próprio Darzan está prevenido agora, a julgar pelo seu tom ontem à noite… Todo mundo,

todo mundo sabe, exceto eu!

— Ninguém sabe de nada. Ele não falou a nenhum de seus amigos e não pode falar-lhes — interrompeu Lisa. — Quanto a esse Stiebielhkov, bem sei somente que Stiebielhkov o atormenta e que esse Stiebielhkov pode, quando muito, ter apenas uma suspeita… Quanto a ti, falei-lhe várias vezes de ti e acreditou inteiramente no que lhe dizia, que ignoravas tudo, somente não sei por que nem como veio essa história a surgir entre vocês.

— Ah! ainda bem que ontem lhe paguei minha dívida. Há isso sempre a menos sobre o coração! Lisa, mamãe tem conhecimento disso? Mas como não haveria de saber: foi ontem, ontem que ela se insurgiu contra mim!… Oh! Lisa! Mas será que te julgas verdadeiramente inocente, que não te acusas de nada absolutamente? Ignoro como se julgam essas coisas hoje e quais são tuas ideias, quero dizer a meu respeito, de mamãe, de teu irmão, de teu pai… Viersílov o sabe?

— Mamãe nada lhe disse; ele nada pergunta; decerto não quer perguntar.

— Sabe, mas não quer saber. É bem isto. Eis o que está bem de acordo com ele! Pois bem, podes zombar de teu irmão, do idiota do teu irmão, quando fala ele de pistolas, mas tua mãe, tua mãe? Jamais disseste a ti mesma, Lisa, que isso é uma afronta para mamãe? Esta ideia atormentou-me a noite inteira; eis o primeiro pensamento de mamãe hoje: “Foi porque eu também pequei; tal mãe, tal filha!”.

— Oh! que coisas más e cruéis acabas de dizer! — exclamou Lisa com lágrimas a correrem-lhe dos olhos. Ficou em pé e caminhou apressada para a porta.

— Para! Para! — Agarrei-a e a fiz sentar de novo, sentando-me a seu lado, mas sem retirar a mão.

— Pensava bem, ao vir aqui, que tudo isso iria acontecer e que terias absolutamente necessidade de que eu mesma me acusasse. Fica contente: acuso-me. Era somente por orgulho que me conservava calada ainda há pouco, que não dizia nada, mas tenho muito mais

compaixão de ti e de mamãe que de mim mesma… — Não pôde concluir, desatando a chorar.

— Basta, Lisa! Não, não tenho necessidade de nada. Não sou teu juiz, Lisa. E mamãe? Dize-me, há muito tempo que ela sabe?

— Creio que sim. mas não faz muito tempo que lhe contei, quando isso aconteceu — declarou ela, baixinho, baixando os olhos.

— E então?

— Ela disse: “Fica com ele!” — afirmou Lisa ainda mais baixinho.

— Oh! Lisa, sim, fica com ele! Nada faças para impedi-lo de nascer, Deus te livre!

— Nada farei — respondeu ela firmemente e ergueu de novo os olhos para mim. — Fica tranquilo — acrescentou —, não se trata disso absolutamente.

— Lisa, minha querida, vejo somente que não sei de nada; em contraposição, acabo de saber quanto te amo. Só há uma coisa que não compreendo, Lisa: tudo está claro agora, mas não compreenderei jamais absolutamente por que te apaixonaste por ele! Como pudeste amar semelhante homem? Eis a questão!

— E certamente esta ideia também te atormentou durante a noite? — Lisa sorriu mansamente.

— Para, Lisa, é uma pergunta estúpida, e tu zombas de mim. Zomba, mas apesar de tudo é impossível não ficar espantado: tu e ele, dois opostos! A ele, estudei: sombrio, suspeitoso, talvez muito bom, admito, mas em contraposição extremamente levado a ver em toda parte o mal (nisso, pelo menos, é completamente igual a mim!). Respeita apaixonadamente a aristocracia, admito ainda, vejo, mas, creio bem, somente como ideal. É levado a arrepender-se toda a sua vida, sem cessar, amaldiçoa-se e arrepende-se, mas jamais se corrige, aliás, nisto também, é talvez igual a mim. Mil preconceitos, mil ideias falsas, e nem uma ideia! Procura as grandes façanhas e acumula as pequenas patifarias. Perdão, Lisa! De fato, sou um imbecil: falando

assim, ofendo-te, sei, compreendo…

— O retrato seria verdadeiro — Lisa sorriu —, somente tens demasiada raiva contra ele por minha causa e por isso nada é exato. Desde o começo, desconfiou de ti e não pudeste vê-lo por completo, enquanto que comigo, já em Luga… Não tem visto senão a mim, desde Luga… Sim, é suspeitoso e doentio, e sem mim teria já perdido o juízo; e, se me abandonar, vai perdê-lo ou então estourará os miolos; creio que compreende e sabe isso — acrescentou Lisa, como para si, pensativa. — Sim, é sempre fraco, mas esses fracos são capazes por vezes de coisas extremamente fortes… Como falaste esquisitamente da pistola. Arkádi: não é preciso nada disso e sei o que se passará. Não sou eu que o persigo, mas ele que corre atrás de mim. Mamãe chora e diz: "Se casares com ele, serás infeliz, ele deixará de amar-te". Não creio em nada disso; infeliz, talvez venha a ser, mas ele não deixará de amar-me. Não é por isso que retardava sempre meu consentimento, é por outra razão. Há já dois meses que nego meu consentimento, mas hoje disse-lhe: "Sim, caso-me contigo". Arkádi, sabes que ontem (seus olhos brilhavam e deitou de súbito seus dois braços em redor de meu pescoço) ele foi à casa de Anna Andriéievna e lhe disse, com toda a clareza, com toda a franqueza, que não pode amá-la?… Sim, explicou-se completamente e por essa parte tudo acabou agora! Aliás, jamais teve essa ideia, foi tudo um sonho forjado pelo Príncipe Nikolai Ivânovitch e esses carrascos faziam pressão sobre ele, Stiebielhkov e um outro ainda… Em recompensa, disse-lhe hoje: "Sim". Meu caro Arkádi, ele insiste para que voltes, não te ofendas com a história de ontem. Hoje não está bem e ficará o dia inteiro em casa. Na verdade, não está passando bem de saúde, Arkádi; não creio que seja um pretexto. Enviou-me muito especialmente e pediu-me que te dissesse que tem necessidade de ti, que tem muitas coisas a dizer-te e que aqui, em tua casa, neste quarto, seria fora de lugar. Então, até a vista! Ah! Arkádi, é vergonhoso dizer isso, mas, ao vir para aqui, tinha um medo terrível de que não me ames mais. Fiz sinais-da-cruz durante todo o trajeto. E tu és tão bom, tão gentil! Não esquecerei jamais disso! Vou à casa de mamãe. E tu, ama-o ao menos um pouco, sim?

Beijei-a com fervor e disse-lhe:

— Creio, Lisa, que és um caráter enérgico. Sim, creio, não és tu

que corres atrás dele, mas antes ele que corre atrás de ti, somente, apesar de tudo…

— Somente apesar de tudo “por que te apaixonaste por ele? Eis a questão”! — insistiu Lisa, com uma risada maligna, como outrora, e pronunciou totalmente igual a mim: “Eis a questão!”. E, exatamente, como eu faço, pronunciando essa frase, ergueu o índice à altura dos olhos. Beijamo-nos, mas, quando ela partiu, meu coração fechou-se de novo.

## II

Vou anotar aqui para mim: houve, por exemplo, instantes, após a partida de Lisa, em que os pensamentos mais inesperados me atravessavam em multidão o cérebro e estava até mesmo bem satisfeito com isso. “Vamos, para que me meto nisso? — dizia a mim mesmo. — Que tenho a ver com isso? Coisas que tais acontecem a todo mundo ou quase. Aconteceu a Lisa, e depois? Será que estou obrigado a salvar a honra da família?” Anoto todas essas covardias para mostrar a que ponto estava ainda vacilante, na compreensão do bem e do mal. Só o sentimento me salvava: sabia que Lisa era infeliz, que mamãe era infeliz, sabia pelo sentimento, quando pensava nelas e por consequência sentia também que tudo quanto ocorrera não devia ser coisa boa.

Agora previno que, a partir daquele dia até a catástrofe de minha doença, os acontecimentos se sucederam com tal rapidez que eu mesmo me espanto, pensando nisso hoje, ter podido suportar tudo, não ter sido esmagado pelo destino. Enervaram minha inteligência e até mesmo meus sentimentos e se, finalmente, não suportando mais, tivesse cometido um crime (crime que esteve a ponto de efetuar-se), os jurados teriam podido muito bem absolver-me. Mas tratarei de contar tudo numa ordem rigorosa, se bem que, previno de antemão, tenha havido muito pouca ordem então em meus sentimentos. Os acontecimentos assaltaram-me como uma tempestade, e as ideias turbilhonaram na minha cabeça como as folhas secas de outono. Estando, como estava, todo forjado de ideias alheias, onde encontrar as minhas quando me eram necessárias para uma decisão

independente? Não tinha absolutamente quem me guiasse.

Decidi ir à noite à casa do príncipe, para conversar a respeito de tudo com toda a liberdade e fiquei em casa até o anoitecer. Mas ao crepúsculo recebi pelo correio novo bilhete de Stiebielhkov, três linhas, pedindo e insistindo e da maneira mais convincente que fosse vê-lo no dia seguinte às onze horas da manhã, “para negócios da mais alta importância, verá o senhor mesmo quais”. Depois de refletir, decidi agir de acordo com as circunstâncias, visto como o dia seguinte ainda estava longe.

Já eram oito horas; teria me posto a caminho desde muito tempo, mas continuava a esperar Viersílov: tinha tanta coisa a expor-lhe e meu coração ardia. Mas Viersílov não vinha e não veio absolutamente. Não podia mais, no momento, mostrar-me em casa de mamãe e de Lisa e aliás pressentia que Viersílov ali não estivera o dia inteiro. Fui a pé e, de caminho, tive a ideia de dar uma olhada no botequim da véspera, abaixo do nível da rua. Viersílov estava lá, no seu lugar da véspera.

— Bem imaginava que virias — disse ele com um sorriso esquisito e um olhar estranho. Seu sorriso não tinha sinal nenhum de bondade. Havia muito tempo que não via sorriso semelhante em seu rosto.

Sentei-me à sua mesa e contei-lhe, desde o começo, todos os fatos concernentes ao príncipe e a Lisa e minha cena da véspera na casa do príncipe, depois da roleta; não esqueci tampouco o que ganhei na roleta. Escutou-me muito atentamente e interrogou-me a respeito da decisão tomada pelo príncipe de casar-se com Lisa.

— *Pauvre enfant!* Talvez não ganhe nada com isso. Mas sem dúvida ele não cumprirá sua palavra… muito embora seja capaz disso…

— Diga-me, como amigo, o senhor sabia, o senhor pressentia?

— Meu amigo, que eu podia fazer? Tudo isso é negócio de sentimento e de consciência, ainda só do lado dessa infeliz menina. Repito: já me meti bastante, há tempos, com a consciência dos outros, o que é a mais inepta das pretensões! Não recusarei jamais ajudar

alguém na desgraça, na medida das minhas forças e se entendo do caso alguma coisa. Mas tu, meu caro, de nada suspeitaste durante todo esse tempo?

— Mas como o senhor pôde — exclamei todo exaltado —, como pôde, suspeitando ainda que um pouco somente de que eu conhecia a ligação de Lisa com o príncipe, e vendo que, ao mesmo tempo, aceitava eu dinheiro do príncipe, como pode o senhor conversar comigo, ficar sentado a meu lado, estender-me a mão, a mim, a quem o senhor devia no entanto considerar como um miserável? Porque, poderia apostar, o senhor suspeitava certamente de que eu soubesse de tudo e aceitasse o dinheiro do príncipe em troca de minha irmã, com conhecimento de causa!

— Ainda uma vez, é caso de consciência — sorriu ele. — E sabes — acrescentou distintamente, com não sei qual sentimento enigmático —, sabes se eu não temia, como tu ontem numa outra ocasião, perder meu ideal e encontrar em lugar do meu rapaz leal e arrebatado um canalha? Com medo disso, fui adiando o momento. Por que não supor em mim, em lugar de preguiça ou de perfídia, algo de mais inocente, de estúpido, se quiseres, mas de um pouco mais nobre? *Que diable!* Sou entretanto muito frequentemente estúpido sem nobreza. Que proveito tiraria de ti, se já tivesses tais inclinações? Aconselhar e corrigir em casos tais é velhacaria; terias perdido todo o valor a meus olhos, mesmo uma vez emendado…

— E de Lisa, tem o senhor compaixão? Tem compaixão?

— Tenho grande compaixão, meu caro. E donde tiraste que sou tão insensível?… Pelo contrário, procuro por todos os meios… Pois bem, e tu? Como vão teus negócios?

— Deixemos os meus negócios; não tenho mais negócios meus. Escute, por que duvida o senhor de que ele se case com ela? Esteve ontem em casa de Anna Andriéievna e renunciou positivamente… quero dizer, àquela tola ideia… que nasceu no espírito do Príncipe Nikolai Ivânovitch, de casá-los. Renunciou positivamente a isso.

— Sim? e quando isso? E de quem o soubeste? — informou-se, cheio de curiosidade. Contei-lhe tudo quanto sabia.

— Hum… — ele disse, pensativo e como que refletindo consigo mesmo. — Então, isso se passou uma hora exatamente antes… da outra explicação. Hum… sim, sem dúvida, semelhante explicação pôde ter lugar entre eles… se bem que, entretanto, eu sei, nada jamais tenha sido dito nem feito lá, até este dia, nem dum lado, nem do outro… Sim, decerto, bastam-me duas palavras para uma explicação. Mas eis — de repente soltou uma risada estranha —, vou dar-te uma notícia extraordinária e que te interessará certamente: se teu príncipe tivesse feito ontem seu pedido a Anna Andriéievna — o que, tendo suspeitas a respeito de Lisa, teria eu posto em jogo todas as minhas forças para não aceitar, *entre nous soit dit* —, Anna Andriéievna lhe teria logo e em qualquer caso dito não. Creio que gostas muito de Anna Andriéievna, tu a respeitas, tu a aprecias. É muito gentil de tua parte e, por consequência, haverás de ficar contente por ela: pois bem, meu caro, ela vai casar e, a julgar pelo seu caráter, casará com certeza e eu, como é natural, dou-lhe minha benção.

— Ela vai casar? Com quem então? — exclamei, com tremendo espanto.

— Adivinha. Vamos, não quero atormentar-te: com o Príncipe Nikolai Ivânovitch, o teu caro velhote.

Escancarei os olhos.

— Deve-se crer que desde muito tempo ela já nutria essa ideia e por certo a trabalhou com arte em todas as facetas — continuou ele, lenta e distintamente. — Acho que isso deve ter-se passado exatamente uma hora após a visita do Príncipe Sierioja. (Eis bem um exemplo de suas incursões intempestivas!) Ela mesma foi muito simplesmente à casa do Príncipe Nikolai Ivânovitch e lhe propôs casamento.

— Como? Ela lhe propôs casamento? O senhor quer dizer que ele lhe fez seu pedido?

— Ele nada, ora essa! Foi ela, ela própria! O fato é que ele está em pleno entusiasmo. Parece que está agora a admirar-se de que a ideia não tenha partido dele próprio. Ouvi mesmo dizer que está doente… de entusiasmo também, sem dúvida.

— Mas escute, o senhor fala tão ironicamente… Mal posso acreditar; e como ela pôde fazer-lhe essa proposta? Que disse?

— Fica persuadido, meu amigo, de que me regozijo sinceramente — respondeu ele, mostrando de repente uma fisionomia espantosamente séria. — Ele é velho, sem dúvida, mas pode casar-se, em virtude de todas as leis e costumes. Quanto a ela, ainda uma vez estamos aqui no domínio da consciência alheia, como já te repeti, meu amigo. Aliás, ela é bastante competente para ter sua opinião própria e sua decisão. Quanto aos detalhes, de que palavras se serviu, não sou capaz de te dizer, meu amigo. Em todo o caso, soube sair-se bem e talvez como nós não seríamos capazes de fazer, nem tu, nem eu. O melhor é que, em tudo isso, não há o menor escândalo, tudo ocorreu *très comme il faut*[60] aos olhos do mundo. É demasiado claro que ela quis criar uma posição para si na sociedade, mas merece isto. Todas estas, meu amigo, são coisas completamente mundanas. Seu pedido deve ter sido feito em termos admiráveis e refinados. Ela é um caráter severo, meu amigo, uma monja, como tu a definiste um dia; "uma moça de sangue-frio", como a chamo desde muito tempo. É que ela é quase pupila dele, sabes, e mais de uma vez foi por ele beneficiada. Há muito tempo já, assegurava-me que tinha por ele tanto respeito e tanta estima, tanta piedade e tanta simpatia!, e o resto, tanto que estava eu mais ou menos preparado. Tudo isso foi-me comunicado esta manhã, em seu nome e a pedido seu, por meu filho e seu irmão, Andriéi Andriéivitch, que não conheces, creio, e que vejo exatamente uma vez cada semestre. Aprova respeitosamente o passo que ela deu.

— Então é já coisa pública? Meu Deus! Como me espanta tudo isso!

— Não, não está de todo público, por algum tempo ainda… quanto, não sei. Em geral, estou completamente de fora. Mas tudo isso é verdade.

— Mas agora, Katierina Nikoláievna… Que acha o senhor? Será do gosto de Bioring esse prelúdio?

— Eis o que ignoro… No fundo, que é que não será do gosto dele? Mas, acredita-me, Anna Andriéievna, a este respeito também, é uma

pessoa de grande tato. Essa Anna Andriéievna! Justamente me perguntava ontem de manhã se gosto da senhora viúva Akhmákova. Lembras-te do que te dizia ontem com espanto: não poderia ela casar com o pai, se eu me casava com a filha? Compreendes agora?

— Ah! com efeito! — exclamei. — Mas Anna Andriéievna podia supor deveras que o senhor… poderia querer casar com Katierina Nikoláievna?

— Pelo visto, assim é, meu amigo. Enfim… enfim, creio que é tempo de ires para onde ias. Vês, estou sempre com dor de cabeça. Vou pedir que toquem a *Lúcia*. Gosto da solenidade do tédio, creio que já te disse isto… Vivo imperdoavelmente a repetir-me… Talvez, ainda assim, vá-me embora daqui. Amo-te, meu caro, mas adeus! Quando tenho dor de cabeça ou de dentes, sinto sempre sede de solidão.

Uma prega dolorosa apareceu em seu rosto; creio agora, estava com dor de cabeça, de cabeça principalmente…

— Até amanhã — disse eu.

— Que quer dizer: amanhã? E que se passará amanhã? — E sorriu, convulsivamente.

— Irei à sua casa, ou o senhor virá cá.

— Não, não virei aqui, mas tu é que irás à minha…

Havia no seu rosto algo de mau, mas não prestei atenção a isso. Era um tamanho acontecimento!

## III

O príncipe estava com efeito doente: ficara em casa, com a cabeça enfaixada em um pano molhado. Esperava-me com impaciência; mas não era somente a cabeça que lhe doía, era toda a sua pessoa que sofria moralmente. Ainda uma advertência: naqueles derradeiros tempos e até a catástrofe, só encontrei pessoas superexcitadas quase até a loucura, tanto que, contra minha vontade, viria a sofrer o contágio. Cheguei, confesso-o, com maus sentimentos e depois tinha

grande vergonha por haver chorado em casa dele na véspera. Tinham-me tão habilmente iludido, Lisa e ele, que eu não podia deixar de julgar-me um imbecil. Em suma, no momento em que entrei em casa dele, meu coração batia descompassado. Mas tudo isso era superficial e aquele descompasso logo desapareceu. Devo fazer-lhe esta justiça: assim que sua susceptibilidade morria ou se partia, entregava-se ele por completo; descobriram-se nele traços quase infantis de ternura, de confiança e de amor. Beijou-me com lágrimas nos olhos e começou logo a falar do assunto… Sim, tinha na verdade grande necessidade de mim: havia muita desordem nas suas palavras e na sequência de suas ideias.

Declarou-me com muita firmeza sua intenção de casar com Lisa e o mais cedo possível.

— O fato de ela não ser nobre, acredite-me, não me perturbou um só instante — disse-me. — Meu avô era casado com uma serva, que cantava num palco particular de uma propriedade vizinha. Sem dúvida, minha família nutria a meu respeito esperanças *sui generis*, mas será obrigada agora a ceder e isto sem luta. Quero romper, romper definitivamente com todo esse mundo de agora! Algo de diferente, de novo! Não compreendo por que sua irmã se apaixonou por mim; mas pode muito bem ser que, sem ela, eu já não estaria mais neste mundo. Juro-lhe, de todo o meu coração, que vejo agora no meu encontro com ela em Luga o dedo da Providência. Creio que ela me amou por causa da imensidão de minha queda… Mas você compreende isto, Arkádi Makárovitch?

— Perfeitamente! — declarei, com uma voz cheia de convicção. Estava sentado na poltrona diante da mesa e ele andava para lá e para cá.

— Devo contar-lhe toda essa história de nosso encontro, sem nada dissimular. Tudo começou por um segredo íntimo que ela soube, porque não o confiei senão a ela. E ninguém até hoje o sabe. Chegara a Luga com o desespero na alma, e morava em casa da Stolbiéieva, não sei mais por quê, talvez porque procurasse o isolamento mais completo. Acabava de deixar o Exército. Entrara para meu regimento ao regressar do estrangeiro com Andriéi Pietróvitch. Tinha então

fortuna, atirei o dinheiro pelas janelas, vivia à grande; mas meus camaradas oficiais não gostavam de mim e, no entanto, esforçava-me para não ofendê-los. Devo confessar-lhe, ninguém jamais gostou de mim. Havia lá um corneteiro, um tal Stiepânov, é preciso dizer-lhe, extremamente oco, nulo e até mesmo mais ou menos embrutecido, em suma, sem nada de notável. Aliás, incontestavelmente honesto. Agarrou-se a mim. Não me constrangia com ele, passava em minha casa, sentado a um canto, dias inteiros, sem abrir a boca, mas com dignidade e não me incomodava em nada. Contei-lhe um dia uma anedota em voga, a respeito da qual inventei não sei quantas tolices: a filha do coronel não era indiferente a meu respeito, o coronel, contando comigo, faria tudo o que eu quisesse… Em resumo, omito os detalhes, mas resultaram disso mais tarde mexericos extremamente complicados e extremamente sujos. Vieram não de Stiepânov, mas de meu ordenança, interrogado pelo oficiais no momento em que a história estourou, citou Stiepânov, ou antes, disse que fora eu que contara a coisa a Stiepânov. Stiepânov achou-se na impossibilidade de negar que a tinha ouvido; era uma questão de honra. E como a essa história eu havia ajuntado dois bons terços de coisas inventadas, os oficiais ficaram indignados e o coronel teve de reunir-nos em sua casa e dar explicações. Foi então que se fez a Stiepânov, na presença de todos, a pergunta: “Ouviu, sim ou não?”. Ele diz a verdade completa. Pois bem, como me portei, eu, príncipe desde mil anos? Neguei e disse em face de Stiepânov que ele havia mentido, oh! polidamente, isto é, que ele não havia compreendido bem, etc. Aqui ainda omito os detalhes, mas a vantagem de minha posição era que, pelo fato de estar Stiepânov todo o tempo em minha casa, eu podia, não sem alguma verossimilhança, apresentar a coisa como se ele tivesse se entendido com meu ordenança em vista de certos proveitos. Stiepânov limitou-se a olhar-me, sem dizer palavra, e a erguer os ombros. Lembro-me de seu olhar, não o esquecerei jamais. Em seguida, apresentou imediatamente seu pedido de demissão. Mas você jamais adivinhará o que aconteceu. Os oficiais, todos, até o último, visitaram-no e insistiram com ele para que não se fosse embora. Quinze dias mais tarde era eu quem deixava o regimento: ninguém me punha para fora, ninguém me convidava a sair, pretextei um motivo de família para demitir-me. Eis como acabou o caso. A princípio fiquei indiferente, zangara-me mesmo com eles; morava em Luga, travei conhecimento

com Elisavieta Makárovna, mas em seguida, um mês mais tarde, comecei a olhar para meu revólver e a pensar na morte. Vejo sempre as coisas em tom negro, Arkádi Makárovitch. Preparei uma carta para o coronel e para os camaradas do regimento, a fim de confessar minha mentira e reabilitar Stiepânov. Escrita a carta, apresentei a mim mesmo este problema: enviá-la e viver, ou então enviá-la e morrer? Teria sido incapaz de encontrar a solução. O acaso, o acaso cego, após uma conversa rápida e singular com Elisavieta Makárovna, aproximou-me de repente dela. Até então ela frequentava a casa da Stolbiéieva; encontrávamos-nos, trocávamos cumprimentos e nos falávamos raramente. De súbito, contei-lhe tudo. Foi então que ela me estendeu a mão.

— E como ela resolveu o problema?

— Não enviei a carta. Foi ela quem assim decidiu. Motivava-o assim: se eu enviasse a carta, agiria sem dúvida nobremente, bastante nobremente, para lavar minha vergonha e mais ainda, mas eu mesmo suportaria dar tal passo? Sua opinião era que ninguém o teria suportado, porque então todo o futuro estaria perdido e toda ressurreição para uma nova vida seria impossível. E depois, podia admitir-se, se Stiepânov tivesse sofrido; mas ele não fora reabilitado pelo corpo de oficiais? Em suma, um paradoxo; mas conteve-me e entreguei-me inteiramente a ela.

— Ela decidiu jesuiticamente e como mulher! — exclamei. — Já o amava!

— E foi o que me fez renascer para uma vida nova. Jurei a mim mesmo transformar-me, mudar de vida, adquirir mérito a meus próprios olhos e aos olhos dela. E eis em que veio tudo a dar! Corremos, você e eu, as espeluncas, jogamos bacará; não pude refrear-me diante de uma herança, só vi meu prazer diante de minha carreira, deixei-me seduzir por toda aquela gente, pelas carruagens… Atormentei Lisa. Oh! vergonha!

Esfregou a testa com a mão e pôs-se a andar pelo quarto.

— É o destino geral dos russos que nos espera a você e a mim, Arkádi Makárovitch: você não sabe o que fazer e eu não sei o que

fazer. Desde que um russo tenha saído por pouco que seja da fronteira oficialmente traçada para ele pelo costume, ei-lo logo sem saber mais o que fazer. Na fronteira, tudo é claro: ordenado, posto, situação na sociedade, equipagem, visitas, função, mulher. Ao menor obstáculo, que resta de mim? Uma folha sacudida pelo vento. Não sei mais que fazer! Nestes dois meses, tenho procurado manter-me na fronteira, tenho querido amar minha fronteira, tenho-me afundado na minha fronteira. Você não sabe ainda a profundidade de minha nova queda: amava Lisa, amava-a sinceramente, e ao mesmo tempo pensava na Akhmákova!

— Será possível? — exclamei, cheio de dor. — A propósito, príncipe, que me dizia o senhor ontem a respeito de Viersílov: que ele o incitava a não sei que infâmia contra Katierina Nikoláievna?

— Tenha talvez exagerado. Sou talvez tão culpado contra ele, pelo fato de minha suscetibilidade, como contra você. Deixe isso. Pois bem, imagina você que, durante todo aquele tempo, desde Luga talvez, não acarinhei nenhum ideal elevado de vida? Juro-lhe que esse ideal jamais me deixou, estava diante de mim constantemente, sem perder nada de sua beleza em minha alma. Lembrava-me do juramento feito a Elisavieta Makárovna de me regenerar. Falando-me aqui ontem de nobreza, Andriéi Pietróvitch nada de novo me disse, fique certo. Meu ideal está solidamente assentado: várias dezenas de hectares (somente várias dezenas, porque não me resta, por assim dizer, mais nada de minha herança); depois uma ruptura completa, absolutamente completa, com a sociedade e a carreira; uma morada rústica, minha família, eu mesmo lavrador ou algo no gênero. Oh!, na nossa família não é novidade: o irmão de meu pai empurrava a charrua, meu avô também. Somos príncipes desde mil anos e nobres como os Rohan,[61] mas somos pobres. E eis o que ensinarei a meus filhos: “Lembra-te toda a tua vida de que és nobre, de que o sangue sagrado dos príncipes russos corre nas tuas veias, mas não cores porque teu pai haja empurrado a charrua: ele o fez como príncipe”. Não lhes deixarei outra fortuna senão esse pedaço de terra, mas em contraposição vou lhes dar uma instrução superior, farei disso um dever. Lisa me ajudará: Lisa, filhos, o trabalho, oh! quanto sonhamos com tudo isso, ela e eu, aqui mesmo, neste apartamento! Pois bem, ao

mesmo tempo, sonhava com a Akhmákova, sem amar absolutamente aquela criatura, diante da possibilidade de um casamento mundano e rico! E foi somente depois da notícia, trazida ontem por Nachtchókin, a respeito desse Bioring, que resolvi ir à casa de Anna Andriéievna.

— Mas o senhor foi lá para desistir, não é isso? Eis uma atitude leal, creio!

— Crê? — Plantou-se diante de mim. — Não, você não conhece ainda a minha natureza! Ou então… ou então há alguma coisa que eu mesmo não conheço: porque não deve ser isso somente a natureza. Gosto sinceramente de você, Arkádi Makárovitch, e além disso tenho sido profundamente culpado para com você durante estes dois meses, e é por isso que quero que, como irmão de Lisa, saiba de tudo: fui à casa de Anna Andriéievna para lhe fazer meu pedido de casamento e não para desistir.

— Será possível? Mas Lisa dizia…

— Enganei Lisa.

— Permita: o senhor fez um pedido em regra e Anna Andriéievna recusou? Sim? Foi bem isso? Os detalhes são muito importantes para mim, príncipe.

— Não, não fiz pedido absolutamente, mas apenas porque não tive tempo. Foi ela que me advertiu, não com as palavras próprias, evidentemente, mas em termos claros e bastante transparentes, com delicadeza, deu-me a entender que essa ideia era doravante impossível.

— Assim, tudo se passa como se o senhor não tivesse feito pedido, e seu orgulho está salvo!

— Você pode raciocinar assim? E o julgamento de minha própria consciência, e Lisa a quem enganei… e quis abandonar, por consequência? E a palavra que dera a mim mesmo e a toda a linhagem de meus ancestrais, de me regenerar e de resgatar minhas infâmias passadas? Suplico-lhe, não lhe fale disso. Seria talvez a única coisa que ela não pudesse perdoar-me! Desde ontem estou doente. E sobretudo,

parece-me que agora tudo está acabado e que o derradeiro dos príncipes Sokólhski vai partir para o presídio. Pobre Lisa! Eu o esperava com impaciência, Arkádi Makárovitch, para revelar-lhe, na qualidade de irmão de Lisa, o que ela não sabe ainda. Sou um criminoso de direito comum e participo da fabricação de falsas ações de uma companhia de estrada de ferro.

— Ainda mais isso? Como? Para o presídio? — Sobressaltei-me e fitei-o com terror. Seu rosto exprimia uma amargura profunda, sombria e sem remédio.

— Sente — disse ele, sentando por sua vez numa poltrona diante de mim. — Em primeiro lugar, fique sabendo isto: há mais de um ano, naquele mesmo verão em Sem, de Lisa e Katierina Nikoláievna e em seguida de Paris, precisamente no momento em que ia passar dois meses na capital francesa, quando já estava lá faltou-me dinheiro. Foi então que se apresentou Stiebielhkov que, aliás, já conhecia. Deu-me dinheiro e prometeu dar-me mais ainda, mas pediu-me por seu lado que o ajudasse: tinha necessidade de alguém, artista desenhista, gravador, litógrafo e o resto… químico e técnico, tudo isso para certos fins. Esse fins deixou que eu os adivinhasse desde a primeira vez de modo bastante claro. Pois bem, conhecia meu caráter, tudo aquilo me divertiu, sem mais. É que eu tinha conhecido, ainda nos bancos escolares, um indivíduo que é atualmente um emigrante russo, aliás não russo de origem, e que mora em alguma parte de Hamburgo. Já estivera metido na Rússia numa história de papéis falsos. Era com esse indivíduo que contava Stiebielhkov, mas tinha necessidade de uma recomendação para ele e se dirigiu a mim. Dei-lhe umas duas linhas de meu próprio punho e não pensei mais nisso. Mais tarde, ele me viu ainda várias vezes e recebi dele ao todo cerca de três mil rublos. Tinha-me literalmente esquecido de todo aquele negócio. Aqui, pedia-lhe sempre emprestado sobre penhores e promissórias e ele se arrastava diante de mim como um escravo. Subitamente, venho a saber dele, ontem, pela primeira vez, que sou um criminoso de direito comum.

— Quando, ontem?

— Ontem, sim, no momento em que gritávamos com ele no meu

gabinete, justamente antes da chegada de Nachtchókin. Pela primeira vez, e agora em termos muito claros, ousou falar-me de Anna Andriéievna. Levantei a mão para bater-lhe, mas de repente se levantou e declarou-me que era eu solidário com ele e devia lembrar-me de que era seu cúmplice, que eu era um celerado como ele. Em suma, se não são essas suas expressões, o sentido é o mesmo.

— Ora, bobagens. Deve ser um sonho.

— Não, não é um sonho. Esteve aqui em casa hoje e explicou-se mais detalhadamente. Essas ações estão desde muito tempo em circulação e outras serão postas. Parece que começaram aqui e ali a descobrir a fraude. Naturalmente, estou por completo fora disso, mas "o senhor dignou-se dar-me na época aquele pequeno bilhete". Eis o que me disse Stiebielhkov.

— Mas o senhor não sabia mesmo para que era, ou sabia?

— Sabia — respondeu o príncipe, em voz baixa e baixou também os olhos. — Ou antes, veja você, sabia sem saber. Ria, a coisa me divertia. Não pensava em nada no momento, tanto mais quanto não tinha nenhuma necessidade de falsas ações e não me preparava absolutamente para fabricá-las. Apesar de tudo, aqueles três mil rublos que ele me deu então, não os inscreveu na minha conta e aceitei isso. E depois, que sabe você? Talvez tenha sido eu mesmo falso moedeiro! Não podia deixar de saber, não era uma criança; sabia, somente aquilo me divertia e ajudei criminosos… ajudei-os em troca de dinheiro! Portanto, sou também falso moedeiro!

— Oh! o senhor está exagerando! É culpado, mas está exagerando!

— O que há de grave é que há nisso um tal Jibiélski, jovem ainda, que trabalha na justiça, algo assim como secretário de advogado fraudulento. Participou também dessa história das ações, em seguida veio-me várias vezes procurar da parte daquele senhor de Hamburgo, por causa de tolices naturalmente, não sabia eu mesmo com exatidão por quê, e nunca se referia às tais ações… Somente, conservou em seu poder dois documentos de meu punho, sempre bilhetes de duas linhas e também esses servem como testemunho; compreendi bem, hoje.

Stiebielhkov explica que esse Jibiélski é incômodo: roubou não sei o quê, o dinheiro de não sei mais quem, do Tesouro creio, e tem a intenção de roubar ainda e de emigrar em seguida; pois bem, ele precisa de não menos de oito mil rublos, a título de ajuda, para emigrar. Minha parte da herança satisfaz a Stiebielhkov, mas este diz que é preciso satisfazer também Jibiélski… Numa palavra: que eu renuncie à minha parte da herança e, mais ainda, que eu entre com dez mil rublos, eis a última intimação deles. Com esta condição, entregam meus dois bilhetes. Estão de acordo, não resta dúvida.

— Que absurdo! Mas, se o denunciarem, entregam-se também! Não farão isso.

— Compreendo bem. Aliás, não ameaçam denunciar-me; dizem somente: "Não vamos denunciá-lo, mas, se o negócio for descoberto…". Eis o que dizem; é tudo, mas parece-me que é bastante! Não é disto que se trata: aconteça o que acontecer e mesmo se tivesse eu esses bilhetes agora em meu bolso… mas e ser solidário com esses canalhas, ser companheiro deles eternamente, eternamente? Mentir à Rússia, mentir aos filhos, mentir a Lisa, mentir à própria consciência?…

— Lisa sabe?

— Não, não sabe de nada. Na sua posição, não sobreviveria a isso. Visto agora o uniforme e cada vez que cruzo com um soldado de meu regimento, a cada segundo, tenho a consciência de ser indigno de vesti-lo.

— Escute! — exclamei de repente. — Não há necessidade de muita palavra. O senhor só tem uma única via de salvação. Vá procurar o Príncipe Nikolai Ivânovitch, peça-lhe dez mil rublos, peça sem nada revelar-lhe, chame em seguida esses dois canalhas, regularize definitivamente suas contas e resgate os bilhetes… E tudo está acabado! Tudo está acabado, vá lavrar a terra! Abaixo as fantasias, confie-se à vida!

— Tinha pensado nisso — disse ele, com firmeza. — Durante todo o dia de hoje, refleti e por fim decidi. Só esperava por você. Irei. Sabe que em toda a minha vida nunca tomei um copeque sequer do

Príncipe Nikolai Ivânovitch? Ele se tem mostrado bom para com nossa família e até mesmo… testemunhou interesse por nós, mas em suma, eu pessoalmente jamais lhe pedi dinheiro. Mas agora estou decidido… Note bem que nosso ramo é mais antigo que o do Príncipe Nikolai Ivânovitch. Eles pertencem ao ramo mais recente, até mesmo colateral, quase contestado… Nossos antepassados eram inimigos. No começo da reforma de Pedro, o Grande, meu tataravô, também Pedro, era e permaneceu dissidente e andou vagando pelos bosques de Kostromskaia. Esse Príncipe Pedro casou-se, em segundas núpcias, com uma mulher que não era nobre e foi então que surgiram esses outros Sokólhski; mas… de que falava eu?

Estava muito cansado, como que fatigado de falar.

— Acalme-se — eu disse, levantando e pegando meu chapéu —, vá deitar-se, antes de qualquer outra coisa. Quanto ao Príncipe Nikolai Ivânovitch, não recusará decerto, principalmente agora, na alegria em que se encontra. Sabe da história? Não? Não é possível! Soube duma coisa absurda: vai casar. É segredo, mas não para o senhor, naturalmente.

E contei-lhe tudo, já de pé, com o chapéu na mão. Não sabia de nada. Indagou rapidamente dos detalhes, sobretudo da época, do lugar e do grau de verossimilhança. Não lhe ocultei, naturalmente, o que ocorrera, pelo que se dizia, logo após a visita dele na véspera à casa de Anna Andriéievna. Não saberia descrever a impressão penosa que esta notícia causou nele; seu rosto deformou-se, ficou como que arado de rugas, um sorriso torvo contraiu convulsivamente seus lábios; acabou por ficar lívido e mergulhar num profundo devaneio, baixando os olhos. Via demasiado claramente que seu amor-próprio fora tremendamente ferido, ontem, pela recusa de Anna Andriéievna. Talvez, no seu estado mórbido, imaginasse demasiado vivamente naquele instante o papel ridículo e humilhante que desempenhara na véspera, diante daquela moça de quem esperava o consentimento com tanta certeza, via-se bem agora. Enfim, foi talvez o pensamento da infâmia que cometera para com Lisa, infâmia gratuita! É curioso ver o que os homens da sociedade pensam uns dos outros e a que título podem respeitar-se mutuamente: aquele príncipe podia, no entanto, supor que Anna Andriéievna conhecesse já sua ligação com Lisa, irmã

dela em suma, e que, se não sabia, ia saber certamente um dia; pois bem, apesar disso, não duvidava da decisão dela!

— Como então pode você crer — fitou bruscamente em mim olhos cheios de orgulho e de insolência — que eu seria capaz, eu, de ir agora, depois de semelhante notícia, pedir dinheiro ao Príncipe Nikolai Ivânovitch? Ele, o noivo da noiva que acaba de me recusar sua mão! Mas seria mendicidade, servilidade! Não, tudo está perdido agora e, se a ajuda daquele velho era minha derradeira esperança, deixemos perecer também esta esperança!

Estava de acordo com ele no íntimo de mim mesmo; mas era preciso entretanto considerar as coisas mais largamente: o velho príncipe era um homem, um noivo? Várias ideias agitavam-se no meu cérebro. Já havia resolvido ir visitá-lo no dia seguinte. Enquanto esperava, esforcei-me por amenizar a impressão causada e mandar para a cama o pobre príncipe:

— O senhor passará uma boa noite e suas ideias ficarão mais nítidas, há de ver!

Apertou-me calorosamente a mão, mas sem beijar-me. Dei-lhe minha palavra de que viria vê-lo no dia seguinte:

— Conversaremos, conversaremos: temos muito que falar.

A estas palavras sorriu com um jeito fatalista.

## Capítulo VIII

### I

Durante toda aquela noite sonhei com a roleta, o jogo, os ajustes de conta. Calculava, como diante de uma mesa de jogo, paradas, oportunidades, e foi a noite inteira uma espécie de pesadelo esmagador. Direi a verdade: durante todo o dia anterior, apesar de todas as minha impressões extraordinárias, havia relembrado por instantes o que ganhara em casa de Ziérchtchikov. Afugentava a ideia, mas não podia repelir a impressão e estremecia a cada lembrança.

Aquele ganho mordera-me o coração. Teria nascido jogador? Em todo caso, certamente com as qualidades de um jogador. Mesmo hoje, ao escrever estas linhas, gosto por vezes de pensar no jogo! Acontece-me passar horas inteiras, em silêncio, fazendo cálculos de jogo e ver-me em sonho apostando e ganhando. Sim, tenho qualidades bem diversas e minha alma não está tranquila.

Às dez horas, contava ir à casa de Stiebielhkov e a pé. Mandei embora Matviéi assim que ele apareceu. Enquanto tomava café, tratei de examinar as coisas. Estava contente; entrando um instante em mim mesmo, adivinhei que estava contente sobretudo porque estaria hoje na casa do Príncipe Nikolai Ivânovitch. Mas aquele dia de minha vida foi fatal e inesperado e começou por uma surpresa.

Às dez horas em ponto, minha porta escancarou-se e vi entrar, como uma rajada, Tatiana Pávlovna. Podia esperar tudo menos sua visita e saltei espantado. Seu rosto estava carrancudo, seus gestos desordenados e, se lhe tivesse perguntado, talvez ela tivesse sido incapaz de dizer por que irrompera assim pela minha casa adentro. Devo prevenir de antemão que ela acabava de receber uma notícia extraordinária, esmagadora, e estava ainda sob sua primeira impressão. Ora, a notícia dizia-me também respeito. Aliás, passou ela em minha casa um meio minuto, um minuto se quiserdes, certamente não mais. E caiu-me em cima:

— Aqui estás! — plantou-se diante de mim, toda inclinada para a frente. — Aqui estás, canalha! Que fizeste? Como? Não sabes? Bebe seu chá! Ah! meu tagarela, meu moinho de palavras, namorado de papelão… Mas precisavas apanhar de chicote, de chicote, de chicote!

— Tatiana Pávlovna, que aconteceu? Que se passou? Mamãe?

— Vais saber! — ameaçou ela, saindo. Já havia desaparecido. Lancei-me naturalmente em sua perseguição, mas uma ideia deteve-me, ou antes, não uma ideia, mas uma vaga inquietação: sentia que nos seus gritos “o namorado de papelão” estava a frase essencial. Sem dúvida, nada teria adivinhado por mim mesmo, mas saí rapidamente, para acabar o mais cedo possível a conversa com Stiebielhkov e ir em seguida à casa do Príncipe Nikolai Ivânovitch. “Lá é que está a chave

de tudo!”, pensava, instintivamente.

Coisa de admirar: Stiebielhkov já sabia toda a história de Anna Andriéievna e até mesmo em seus detalhes; não contarei sua conversa e seus gestos, mas estava encantado, arrebatado de entusiasmo, diante do valor artístico daquela façanha.

— Aí tem o senhor uma verdadeira personalidade! Não, veja, uma personalidade! — exclamava ele. — Não, não é como nós; nós ficamos tranquilos aqui, ela, porém, ela tem vontade de beber a água na sua própria fonte e bebeu-a. É… é uma estátua antiga de Minerva, mas que anda e usa vestidos modernos!

Roguei-lhe que passasse ao assunto; todo ele, como o tinha perfeitamente adivinhado, consistia em persuadir e convencer o príncipe a ir pedir um socorro definitivo ao Príncipe Nikolai Ivânovitch.

— De outro modo, poderá isso resultar muito, muito mal para ele e não por culpa minha. É ou não bem verdade?

Fitava-me bem nos olhos, mas não supunha, sem dúvida, que eu soubesse alguma coisa mais do que na véspera. Não podia supor. Naturalmente, não deixei adivinhar, nem por palavra, nem por alusão, o que sabia das ações. Nossa explicação não foi longa; quase imediatamente prometeu-me dinheiro, “e uma soma gordinha, gordinha, sabe o senhor? Somente, faça tudo quanto puder para que o príncipe vá lá. É urgente, urgentíssimo. Tudo está aí: é tremendamente urgente!”.

Não quis entrar em discussões com ele como na véspera, e fiz menção de retirar-me, dizendo-lhe, ao acaso, que trataria de… Mas de repente ele me causou um espanto inexprimível: já me dirigia para a porta quando, de súbito, abraçou-me afetuosamente a cintura e começou a dizer-me… as coisas mais incompreensíveis.

Omito os detalhes e não transcreverei todo o teor da conversa, para não fatigar. Mas eis o sentido: propôs-me apresentá-lo ao Senhor Diergatchov, “uma vez que o senhor frequenta aquela casa”!

Prestei instantaneamente atenção, procurando com todas as minhas forças não me trair por nenhum gesto. Respondi de pronto que não conhecia lá ninguém e que, se lá estivera, fora apenas uma vez por acaso.

— Mas se foi o senhor admitido uma vez, poderá ir lá uma segunda, não é verdade?

Perguntei-lhe franca, mas muito friamente, em que isso o interessava. E até hoje não consigo compreender como se pode encontrar tanta ingenuidade em certas pessoas que, pelo visto, não são tolas e são mesmo práticas; assim o definira Vássin. Explicou-me com absoluta franqueza que, segundo suas suspeitas, se passava em casa de Diergatchov certamente algo de proibido, de severamente proibido, que me bastaria estudar para poder tirar disso vantagem. E, todo sorridente, piscou o olho esquerdo.

Nada respondi de afirmativo, mas fingi refletir e prometi pensar no caso, após o que apressei-me em retirar-me. As coisas complicavam-se. Voei à casa de Vássin e encontrei-o justamente em casa.

— Ah! você também! — Assim que me viu, acolheu-me com esta frase enigmática.

Sem dar-lhe atenção, fui diretamente ao assunto e contei-lhe tudo. Ficou visivelmente impressionado, mas sem perder absolutamente o seu sangue-frio. Pediu-me todos os detalhes.

— É bem possível que você não tenha compreendido bem.

— Não, compreendi bem, o sentido era absolutamente claro.

— Em todo caso, sou-lhe infinitamente reconhecido — acrescentou com sinceridade. — Sim, deveras, se tudo se passou mesmo assim, é que ele supunha que você não poderia resistir a certa soma.

— E além do mais conhece bem minha situação; não fazia senão jogar, procedia mal, Vássin.

— Ouvi dizer isso.

— O mais enigmático para mim é que ele sabe que você também frequenta aquela casa — arrisquei.

— Sabe perfeitamente — respondeu Vássin, de modo muito simples — que nada tenho a ver ali. Todos aqueles rapazes são sobretudo tagarelas, nada mais; você se recorda disso, aliás, melhor do que ninguém.

Pareceu-me que tinha certa desconfiança de mim.

— Em todo caso, sou-lhe infinitamente reconhecido.

— Ouvi dizer que os negócios do Senhor Stiebielhkov não iam muito bem — aventurei-me a indagar —, pelo menos ouvi falar de certas ações…

— E de que ações você ouviu falar?

Havia citado expressamente as ações, mas de modo algum para contar-lhe o segredo do príncipe. Queria somente fazer uma alusão e julgar, pelo seu rosto, pelos seus olhos, se ele sabia alguma coisa. Atingira o meu alvo: por um movimento imperceptível e instantâneo de seu rosto, adivinhei que ele sabia talvez alguma coisa. Não respondi à sua pergunta e calei-me; quanto a ele, coisa curiosa, não insistiu.

— Como vai Elisavieta Makárovna? — informou-se, com interesse.

— Vai bem. Minha irmã sempre o estimou…

Um contentamento brilhou-lhe nos olhos: tinha adivinhado desde muito tempo que Lisa não lhe era indiferente.

— Recebi nestes últimos dias a visita do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch — confiou-me ele, de chofre.

— Quando? — exclamei.

— Há exatamente quatro dias.

— Ontem não?

— Não, não ontem. — Lançou-me um olhar interrogador. — Mais tarde, vou lhe falar talvez com mais detalhes dessa visita, mas no momento creio necessário preveni-lo — disse Vássin misteriosamente — de que ele me pareceu achar-se num estado anormal de ânimo… e mesmo de espírito. E depois, tive ainda outra visita — sorriu de repente —, agora mesmo justamente antes de você, e fui obrigado a concluir também que não era normal o estado do visitante.

— O príncipe estava aqui ainda há pouco?

— Não, não o príncipe, agora não estou mais falando do príncipe. Tive aqui ainda há pouco Andriéi Pietróvitch Viersílov… você de nada sabe? Nada aconteceu a ele?

— Pode bem ser que lhe haja acontecido alguma coisa, mas… poderia dizer-me o que se passou aqui, em sua casa? — perguntei, precipitadamente.

— Deveria é claro guardar segredo… Eis uma conversa engraçada essa entre nós: sempre segredos — sorriu de novo. — Aliás, Andriéi Pietróvitch não me pediu segredo. Mas você é seu filho e, conhecendo seus sentimentos para com ele, parece-me que farei bem por esta vez em preveni-lo. Imagine que veio ele fazer-me esta pergunta: “Se por acaso um desses dias, muito proximamente, fosse eu obrigado a bater-me em duelo, consentiria em ser minha testemunha?”. Naturalmente, recusei-me de maneira peremptória.

Eu estava infinitamente admirado; aquela notícia era a mais inquietante de todas; acontecera alguma coisa, ocorrera necessariamente algum acontecimento que não sabia eu ainda qual fosse! Lembrei-me de repente de que Viersílov me havia dito na véspera: “Não sou eu que irei à tua casa, mas tu que correrás à minha”. Voei para a casa do Príncipe Nikolai Ivânovitch, pressentindo ainda mais que lá estaria a chave do enigma. Vássin, ao deixar-me, agradeceu-me ainda uma vez.

O velho príncipe estava sentado diante de sua lareira, com as pernas enroladas numa manta. Acolheu-me com um olhar ligeiramente interrogativo, como que surpreso pela minha visita, e, no entanto, quase todos os dias, mandava chamar-me. Aliás, cumprimentou-me amável, mas respondeu às minhas primeiras perguntas com uma espécie de desdém e com um ar terrivelmente distraído. Por instantes, parecia refletir e olhava-me fixo, como se tivesse esquecido de alguma coisa que lhe voltava agora e que com certeza devia referir-se a mim. Disse francamente que sabia de tudo e que me sentia feliz. Um bom sorriso afável estampou-se logo em seus lábios. Animou-se. Sua prudência e sua desconfiança desapareceram; parecia tê-las esquecido. E decerto tinha-as esquecido.

— Meu caro amigo, sabia bem que serias o primeiro a vir e, sabes, ainda ontem, disse a mim mesmo: "Quem irá mesmo ficar contente? Ele". Nenhuma outra pessoa, bem decerto. Mas isto não importa. As pessoas são más línguas… mas pouco importa… *Cher enfant*, tudo isso é tão elevado e tão delicioso… Mas tu a conheces muito bem. De resto, Anna Andriéievna tem a teu respeito a melhor opinião. Tem um rosto severo e encantador, um rosto de álbum inglês. É a mais deliciosa das gravuras inglesas… Há dois anos, eu tinha toda uma coleção dessas gravuras… Sempre tive essa intenção, sempre; admira-me somente jamais ter pensado nisso.

— Mas, pelo que me lembro, o senhor sempre amou e distinguiu Anna Andriéievna.

— Meu amigo, não queremos prejudicar ninguém. Viver com amigos, parentes, pessoas queridas é o paraíso. Somos todos poetas… Em suma, é coisa conhecida desde os tempos pré-históricos. Sabes? Passaremos o verão primeiro em Soden, depois em Badgastein.[62] Mas quanto tempo faz que não vens aqui! Por onde andaste? Esperava-te. Quantos, quantos acontecimentos desde então, não é verdade? Lamento somente não estar tranquilo: assim que fico só, fico inquieto. Eis por que não devo ficar só, não é? É claro como o dia. Acabo de compreendê-lo desde sua primeiras palavras. Oh! meu amigo, ela disse apenas duas palavras, mas… eram como a mais maravilhosa das poesias. Mas é irmão dela, quase irmão, não é? Meu caro, não era isso por coisa nenhuma que gostava tanto de ti! Pressentia tudo isso, juro-

te. Beijei-lhe a mão e chorei.

Tirou seu lenço, como se fosse chorar de novo. Estava fortemente abalado e, creio, num dos mais tristes estados em que pude vê-lo durante todo o tempo que o conheci. Comumente, e mesmo quase sempre, mostrava-se incomparavelmente mais esperto e mais jovial.

— Perdoarei a todos, meu amigo — balbuciou em seguida. — Tenho vontade de perdoar a todo mundo e há muito tempo que não me zango com ninguém. A arte, *la poésie dans la vie*,[63] o auxílio aos infelizes e ela, a beldade bíblica! *Quelle charmante personne*,[64] hem? *Les chants de Salomon… non, ce n'est pas Salomon, c'est David qui mettai une jeune belle dans son lit pour se chauffer dans sa vieillesse. Enfin David, Salomon*,[65] tudo isso gira-me na cabeça, um verdadeiro turbilhão. Toda coisa, *cher enfant*, pode ser ao mesmo tempo majestosa e ridícula. *Cette jeune belle de la vieillesse de David, c'est tout un poème*,[66] ao passo que Paul de Kock[67] não tem gosto, nem medida, se bem que tenha talento… Katierina Nikoláievna sorriu… Disse-lhe que não a incomodaríamos. Começamos nosso romance, deixassem que o terminássemos. É um sonho, se quiserem, mas não nos arrebatem nosso sonho.

— Como assim, um sonho, príncipe?

— Um sonho? Como assim, um sonho? Sonho embora, mas deixem-nos morrer com ele.

— Oh! príncipe, por que morrer? Agora o que é preciso é viver!

— E que dizia eu então? Não digo outra coisa. Não sei verdadeiramente por que a vida é tão curta. Para que não nos entediemos, sem dúvida, porque a vida também é uma obra de arte do Criador, sob a forma definitiva e impecável de uma poesia de Púchkin. A brevidade é a primeira condição da arte. Mas os que não se entediam deveriam ter permissão para viver mais tempo.

— Diga-me, príncipe, já se tornou público?

— Não, meu caro, absolutamente. Entendemo-nos apenas entre nós. Em família, em família, apenas em família. No momento. Só me

abri inteiramente com Katierina Nikoláievna, porque me sinto culpado para com ela. É que Katierina Nikoláievna é um anjo, um anjo!

— Sim, sim!

— Sim? E tu também dizes sim? E eu que te acreditava inimigo dela. Ah! a propósito, pediu-me que não mais te recebesse. Imagina que, quando entraste, esqueci-me completamente disso.

— Que diz o senhor? — estremeci. — E por quê? Quando?

(Meu pressentimento não me havia enganado; era bem alguma coisa neste gênero que eu pressentia desde a visita de Tatiana!)

— Ontem, meu amigo, ontem. Não compreendo mesmo como pudeste entrar, porque foram tomadas medidas para evitar isso. Como entraste?

— Muito simplesmente.

— É o mais provável. Se entrasses por meio de astúcia, teriam certamente impedido, mas como entraste muito simplesmente, deixaram-te passar. A simplicidade, *mon cher*, é em suma a melhor das astúcias.

— Não compreendo nada. Então, o senhor também decidiu não mais me receber?

— Não, meu amigo, disse que nada tinha com isso… Isto é, dei meu pleno consentimento. E, fica bem convencido, meu caro rapaz, gosto imensamente de ti. Mas Katierina Nikoláievna exigiu-o com demasiada insistência… Ah! ei-la!

Naquele instante surgiu na soleira Katierina Nikoláievna. Estava vestida para sair e, como sempre antes, vinha beijar seu pai. Vendo-me, parou, perturbou-se, voltou as costas e saiu.

— *Voilà!* — exclamou o príncipe, estupefato e terrivelmente emocionado.

— É um mal-entendido! — exclamei. — Um minuto só… eu… eu

voltarei imediatamente, príncipe!

E corri no encalço de Katierina Nikoláievna.

Tudo quanto se passou em seguida ocorreu tão rapidamente que, longe de poder refletir, não pude mesmo preparar um pouco que fosse minha conduta. Se tivesse podido preparar-me, com certeza teria me conduzido doutra maneira! Mas estava perdido como uma criancinha. Precipitei-me para os aposentos dela, mas um criado me disse que Katierina Nikoláievna tinha saído naquele instante, estava tomando um carro. Lancei-me às cegas para a escadaria. Katierina Nikoláievna ia descendo, envolta numa peliça, e a seu lado caminhava, ou, para melhor dizer, conduzia-a um oficial alto e bem feito, de uniforme, sem capote, sabre ao lado; um criado carregava atrás seu capote. Era o barão, coronel, de trinta e cinco anos, o tipo do oficial elegante, seco, o rosto um pouco demasiado oval, os bigodes ruivos e até mesmo os cílios. Seu rosto não era nada belo, mas mostrava uma expressão dura e desafiadora. Descrevo-o às pressas, tal como o vi naquele momento. Até ali, jamais o havia encontrado. Corri atrás deles sem chapéu e sem peliça. Katierina Nikoláievna foi a primeira a notar-me e cochichou-lhe algo ao ouvido. Ele voltou a cabeça e logo fez um sinal ao criado e ao suíço. O criado deu um passo para mim, diante da porta, mas empurrei-o com a mão e, atrás dos dois, saltei para o patamar. Bioring fez Katierina Nikoláievna sentar-se no carro.

— Katierina Nikoláievna! Katierina Nikoláievna! — exclamei estupidamente (como um imbecil! como um imbecil! Oh! lembro-me de tudo. Eu estava sem chapéu!).

Bioring, furioso, voltou-se ainda uma vez e gritou em voz alta ao criado uma ou duas palavras que não distingui. Senti que me agarravam pelo cotovelo. Naquele instante, o carro partiu; lancei um grito e atirei-me atrás. Katierina Nikoláievna, eu bem via, olhava pela janela do carro e parecia estar muito inquieta. Mas no meu gesto rápido, no momento em que me lancei, dei um forte encontrão, sem pensar nisso de modo algum, em Bioring e creio que lhe pisei o pé. Ele lançou um pequeno grito, trincou os dentes e, agarrando-me pelo ombro com uma mão vigorosa, empurrou-me tão raivosamente que recuei uns três bons passos. Naquele momento, estenderam-lhe o

capote, que ele vestiu, subiu ao seu trenó e de lá ainda lançou um grito de ameaça, apontando-me aos criados e ao suíço. Agarraram-me e seguraram-me: um criado atirou-me minha peliça, outro estendeu-me meu chapéu e não me lembro mais do que me disseram: falavam e estava eu ali a ouvi-los sem nada compreender. Mas de repente larguei-os ali e saí correndo.

## III

Sem nada distinguir, dando encontrões nos passantes, sempre correndo, cheguei por fim à casa de Tatiana Pávlovna, sem ter mesmo pensado em tomar um fiacre no caminho. Bioring tinha-me empurrado em sua presença! Sem dúvida, tinha-lhe pisado o pé e ele me empurrava instintivamente, como um homem a quem esmagaram um calo (talvez, de fato, lhe tivesse eu esmagado um calo!). Ela, porém, vira e vira que os criados me agarravam, tudo isso em sua presença, diante dela! Quando entrei intempestivamente em casa de Tatiana Pávlovna, não pude a princípio dizer uma palavra, meu maxilar inferior estava como que sacudido por febre. Estava efetivamente com febre e além do mais chorava… Estava realmente ofendido!

— Oh! Com que então, puseram-no para fora? Bem feito! — disse Tatiana Pávlovna.

Deixei-me cair, sem nada dizer, sobre o divã e fitei-a.

— Mas que tem ele afinal? — disse ela, olhando-me com atenção. — Vamos, toma este copo, bebe um pouco dágua, bebe! E conta-me que tolice nova fizeste.

Balbuciei que me haviam posto para fora e que Bioring me havia empurrado na rua.

— És capaz de compreender alguma coisa, sim ou não? Pois bem, lê, deleita-te! — E, pegando de cima da mesa um bilhete, entregou-o a mim, e plantou-se à minha frente. Reconheci logo a letra de Viersílov. Havia apenas algumas linhas; era um bilhete dirigido a Katierina Nikoláievna. Estremeci; instantaneamente, a faculdade de compreender voltou-me em todo o seu vigor. Eis o conteúdo daquele

terrível bilhete, escandaloso, absurdo, criminoso, palavra por palavra:

> Senhora Katierina Nikoláievna,
>
> Por mais perversa que seja a senhora, por natureza e por habilidade, pensava, não obstante, que a senhora dominaria suas paixões e que, pelo menos, não atentaria contra crianças. Mas mesmo isto não a amedrontou. Informo-a de que o documento que conhece não foi certamente queimado numa vela e nunca esteve em casa de Kraft, de sorte que não tem a senhora nada a ganhar com isso. Assim não corrompa inutilmente um rapaz. Poupe-o, é ainda menor, quase uma criança, e não atingiu ainda seu completo desenvolvimento intelectual e físico: de que lhe serve ele? Interesso-me por ele e foi por isso que me arrisquei a escrever-lhe, se bem que nenhum êxito espere. Tenho a honra de preveni-la de que estou enviando cópia deste bilhete ao Barão Bioring.
>
> A. Viersílov

Fiquei totalmente pálido ao ler, depois explodi de repente e meus lábios tremeram de indignação.

— É de mim que se trata? Foi a propósito do que lhe revelei anteontem! — exclamei, furioso.

— Foi justamente o que lhe revelaste! — E Tatiana arrancou-me o bilhete da mão.

— Mas… não é, não é absolutamente o que eu dizia! Oh! meu Deus! Que poderá ela pensar de mim agora? Mas está louco ele? É um louco… Vi-o ontem. Quando foi enviada a carta?

— Ontem, durante o dia; chegou à tarde e hoje ela me entregou pessoalmente.

— Mas eu o vi ontem, ele está louco! Viersílov não pode ter escrito isto, é obra de um louco! Quem pode escrever assim a uma mulher?

— Justamente os loucos furiosos do gênero dele, quando a inveja e a cólera os tornam cegos e surdos e o sangue se muda em suas veias em vitríolo… E tu não sabias ainda o que ele vale! Ele agora vai ver o que lhe acontece! Será reduzido a cozido. Oferece-se ele próprio à guilhotina! Teria feito melhor se se dirigisse uma noite à linha Nikoláievskaia, pusesse a cabeça sobre os trilhos para que a decepassem certamente, se a acha demasiado pesada para carregar! E que é que te impelia a falar-lhe? Que necessidade tinhas de excitá-lo?

Quiseste gabar-te?

— Mas que ódio! Que ódio! — Bati com a mão na cabeça. — E por quê? Por quê? Contra uma mulher! Que é que ela lhe fez? Que relações tiveram eles, para que possam ser escritas cartas assim?

— O ódio! — repetiu Tatiana Pávlovna, macaqueando-me com uma ironia furiosa.

O sangue subiu-me de novo ao rosto: pareceu-me de súbito compreender alguma coisa de completamente novo; olhei-a com um olhar interrogador, com todas as minhas forças.

— Vai-te daqui! — guinchou ela, dando-me as costas e ameaçando-me com a mão. — Já chega de tanta complicação com vocês todos! Acabou agora! Poderão todos ser tragados pela terra… Só de tua mãe é que tenho ainda compaixão…

Corri, como era natural, à casa de Viersílov. Mas que perfídia, que perfídia!

## IV

Viersílov não estava só. Direi de antemão: depois de ter enviado na véspera aquela carta a Katierina Nikoláievna e despachado com efeito uma cópia (Deus sabe por quê!) ao Barão Bioring, devia naturalmente esperar no correr do dia certas consequências do passo que dera, e portanto tomara certas medidas: desde a manhã transportara mamãe e Lisa (que, soube-o mais tarde, tendo voltado pela manhã, caíra doente e estava de cama) para cima, para o "ataúde", enquanto os quartos e sobretudo nosso salão tinham sido cuidadosamente varridos e arrumados. E, com efeito, às duas horas da tarde, apresentou-se um Barão R***, militar, coronel, um senhor duns quarenta anos, de origem alemã, grande, seco e parecendo fisicamente muito forte, ruivo, também, como Bioring, somente um pouco calvo. Era um desses Barões R***, tão numerosos no Exército russo, todos gente muito susceptível em questões de honra, sem nenhuma fortuna, vivendo de seu soldo, grandes militares e grandes batalhadores. Não assistira ao começo da explicação entre eles; estavam todos dois muito

animados, e como poderia ter sido de outro modo? Viersílov achava-se no divã diante da mesa, o barão numa poltrona de lado. Viersílov estava pálido, mas falava comedidamente e pesando suas palavras; o barão elevava a voz e parecia levado aos gestos bruscos, mas retinha-se, tinha um olhar severo, altivo e até mesmo desdenhoso, embora não sem algum espanto. Vendo-me, franziu o cenho, mas Viersílov regozijou-se quase ao ver-me:

— Boa tarde, meu caro. Barão, eis justamente o rapaz de que se fala no bilhete. Acredite-me, longe de nos incomodar, pode mesmo ser-nos útil. (O barão olhou-me de alto e baixo com desprezo.) Meu caro — acrescentou Viersílov —, alegra-me tua vinda. Fica a um canto, rogo-te, enquanto esperas que acabemos. Fique tranquilo, barão, ele se conservará no seu canto…

Isso me era indiferente, pois que estava decidido e, além disso, tudo me causava estupefação; sentei-me sem dizer palavra, o mais possível no canto e ali fiquei sem um piscar de olhos e sem mover-me até o fim da explicação…

— Repito-lhe ainda uma vez, barão — disse Viersílov, destacando fortemente todas as palavras —, que considero Katierina Nikoláievna Akhmákova, a quem escrevi aquela carta indigna e malsã, não somente como a mais nobre das criaturas, mas também como o cúmulo de todas as perfeições!

— Semelhante refutação de suas próprias palavras, como já disse, assemelha-se bastante à sua confirmação — rugiu o barão. — Suas expressões são positivamente desrespeitosas.

— E, no entanto, o mais seguro será tomá-las o senhor no sentido literal. É que, veja o senhor, sofro de ataques… e de diversas desordens, sou mesmo obrigado a tratar-me e aconteceu-me num desses momentos…

— Essas explicações não poderiam ser admitidas. Repito-lhe ainda uma vez que o senhor continua a perseverar no seu erro. Talvez queria propositalmente enganar a si mesmo. Preveni-o, desde o começo, de que a questão referente aquela senhora, isto é, sua carta à Generala Akhmákova, deve ser definitivamente afastada da explicação presente;

e o senhor sempre a voltar a ela. O Barão Bioring pediu-me e encarregou-me de esclarecer unicamente o que a ele concerne, isto é, sua insolente remessa daquela cópia e em seguida e pós-escrito, em que o senhor se confessa pronto a responder a não importa quem e não importa como.

— Mas parece-me que este último ponto é claro sem mais ampla explicação.

— Compreendo, sei. O senhor nem mesmo se desculpa, continuou a afirmar que está pronto a responder a não importa quem e não importa como. Mas seria escapulir-se sem mais tropeços. Por isso considero-me no direito, visto o aspecto que o senhor quer absolutamente dar à explicação, de exprimir-lhe minha opinião sem constrangimento: cheguei a esta conclusão de que o Barão Bioring não poderia de maneira alguma entender-se com o senhor… num pé de igualdade.

— Esta solução é naturalmente das mais vantajosas para seu amigo o Barão Bioring e, confesso o senhor não me causa espanto nenhum: esperava por isso.

Vou anotar entre parênteses: vira bem, desde as primeiras palavras, desde a primeira olhadela, que Viersílov procurava uma explosão, provocava e atiçava aquele barão irritável e punha talvez sua paciência a uma prova demasiado rude. O barão estava sobre brasas.

— Sabia que o senhor podia mostrar-se espirituoso, mas espírito não é inteligência.

— Observação extraordinariamente profunda, coronel!

— Não tenho necessidade de seus elogios — gritou o barão —, e não vim aqui falar à toa. Digne-se escutar-me: o Barão Bioring, ao receber sua carta, achou-se em extrema perplexidade porque ela tresandava a asilo de alienados. E sem dúvida teria sido possível encontrar logo meios para… acalmar o senhor. Mas, por certas razões particulares, teve-se certa consideração pelo senhor e tomaram-se informações: verificou-se que o senhor pertenceu à boa sociedade e

que serviu outrora na Guarda, mas foi excluído dessa sociedade e sua reputação é mais que duvidosa. Não obstante, apesar disso, vim até aqui para dar-me conta pessoalmente e eis que, por acréscimo, o senhor se permite ainda brincar com as palavras e deu o senhor mesmo testemunho de que está sujeito a ataques… Basta! A situação do Barão Bioring e sua reputação não podem acomodar-se a isso… Em suma, senhor, estou encarregado de declarar-lhe que, se esse ato ou qualquer ato da mesma natureza se repetir, serão encontrados meios de acalmá-lo imediatamente, meios muito seguros e muito rápidos, asseguro-lhe. Não vivemos nas matas, mas num Estado policiado!

— Está bem certo disso, meu bom Barão R***?

— Com os demônios! — O barão levantou-se de chofre. — O senhor me tenta a provar-lhe aqui mesmo que não sou seu bom barão.

— Ainda uma vez, previno-o — Viersílov também se levantou, — de que minha mulher e minha filha não estão longe… também lhe rogarei que não fale tão alto, porque seus gritos chegam até elas.

— Sua mulher… Com os diabos!… Se fiquei assim a conversar com o senhor foi unicamente com a intenção de tirar a limpo esse sujo negócio — continuou o barão sempre encolerizado e sem baixar a voz absolutamente. — Basta! — gritou, enfurecido. — O senhor está não somente excluído do rol das pessoas decentes, mas é um maníaco, um verdadeiro maníaco, um maluco, e foi mesmo isso que me disseram que o senhor era! O senhor é indigno de indulgência e declaro-lhe que hoje mesmo serão tomadas medidas e o senhor será chamado a um lugar onde saberão chamá-lo à razão… e será expulso da cidade!

Saiu da sala rapidamente e a grandes passadas. Viersílov não o reconduziu. Permanecia de pé, olhando-me distraidamente e como sem ver-me; de repente, sorriu, agitou sua cabeleira e, pegando seu chapéu, dirigiu-se também para a porta. Peguei-lhe a mão.

— Ah! é verdade, estavas aí! Ouviste? — Parou diante de mim.

— Como o senhor pôde agir assim? Como o senhor pôde deformar assim, desonrar… com tanta perfídia?

Olhava-me fixamente, mas seu sorriso expandia-se cada vez mais e transformava-se verdadeiramente em risada.

— Mas foi a mim que desonraram… diante dela! Diante dela! Achincalharam-me diante de seus olhos; e ele… empurrou-me — exclamei, fora de mim.

— É possível? Ah! meu pobre filho, como tenho compaixão de ti… Achincalharam-te!

— O senhor ri, o senhor ri de mim! Acha isso engraçado!

Libertou rapidamente sua mão da minha, pegou seu chapéu e, rindo, rindo agora uma franca risada, saiu da sala. Ir atrás dele? Para quê? Compreendera tudo e tudo perdera num minuto! De repente, vi mamãe; tinha descido e olhava timidamente.

— Ele saiu?

Beijei-a em silêncio e ela me beijou com força, com muita força, colando-se a mim.

— Mamãe querida, pode ficar aqui ainda? Vamo-nos imediatamente, eu a abrigarei, trabalharei pela senhora como um danado, pela senhora e por Lisa… Abandonemo-los a todos, todos e vamo-nos embora. Ficaremos sozinhos. Mamãe, a senhora se lembra de quando foi visitar-me no pensionato Touchard e eu recusei reconhecê-la?

— Lembro-me, meu filho. Toda a minha existência tenho sido culpada para contigo; pus-te no mundo e não te conhecia.

— Foi ele o culpado, mamãe; foi ele a causa de tudo. Jamais nos amou.

— Sim, amou-nos.

— Vamos embora, mamãe.

— Como haveria de deixá-lo? Ele será feliz?

— Onde está Lisa?

— Na cama. Assim que voltou, caiu doente. Tenho medo. Por que estão tão furiosos contra ele? Que irão fazer-lhe? Aonde ele foi? Por que aquele oficial faz ameaças?

— Não lhe acontecerá nada, mamãe, nunca lhe acontece nada. Nunca, jamais lhe acontecerá nada. Nada pode acontecer-lhe. É um homem feito assim! Mas eis Tatiana Pávlovna. Pergunte-lhe se não acredita em mim. (Tatiana Pávlovna acabava de entrar.) Até a vista, mamãe. Volto em seguida e vou lhe fazer ainda uma vez o mesmo pedido…

Escapuli-me. Não podia ver ninguém, ainda menos. Tatiana Pávlovna. A própria mamãe me torturava. Queria estar só, sozinho.

## V

Mas não chegara ainda à rua seguinte e já me sentia incapaz de andar; dava absurdos encontrões às pessoas, estranhas e indiferentes; mas onde meter-me? A quem eu era útil e de que precisava agora? Arrastei-me maquinalmente até a casa do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch, sem pensar de modo algum nele. Não estava em casa. Disse a Piotr (seu criado) que esperaria no gabinete dele (como o fizera tantas vezes). Era uma vasta peça de teto altíssimo, atravancada de móveis. Meti-me no canto mais escuro, sentei-me num divã e, com os cotovelos apoiados na mesa, pus a cabeça entre as mãos. Sim, a questão era: de que precisava agora? Se era capaz de formular a pergunta, não conseguia, porém, dar-lhe uma resposta.

Mas não podia raciocinar, nem interrogar. Já preveni acima que, ao final daquele período, me achava esmagado pelos acontecimentos. Agora, sentado, era como um caos que turbilhonava no meu cérebro. “Sim, nada vi, nada compreendi daquele homem”: tal era a ideia que, por momentos, me atravessava a mente. “ainda há pouco riu em minha cara: não, não era de mim; era sempre de Bioring e não de mim. Anteontem ao jantar, sabia já de tudo e estava sombrio. Recolheu minha tola confissão no botequim e tudo deformou à custa da verdade. Que necessidade tinha ele da verdade? Não crê nem uma meia palavra do que lhe escreveu. Precisava apenas ferir, ferir sem razão, sem mesmo saber por quê, agarrando-se a um pretexto e o

pretexto fui eu que o forneci… Gesto de cão raivoso! Vai agora matar Bioring? E por quê? Seu coração sabe por quê! Mas eu ignoro o que ele tem no coração… Não, não, ainda agora ignoro. Ele a ama com tanta paixão? Ou bem a odeia com tanta paixão? Ignoro e ele mesmo será que sabe? Por que eu disse a mamãe, que nada pode acontecer a ele? E que eu queria dizer com isso? Perdi-o ou não o perdi?

"… Ela viu como me empurravam… Riu também, ou não? Eu teria rido! Era o espião que recebia uma tunda, o espião!…

"E que significa (esta ideia veio-me de repente), que significa isso que ele pôs naquela carta infame: que o documento não fora queimado, mas existia ainda?…

"Ele não matará Bioring, está certamente neste momento no botequim, escutando a *Lúcia*! Mas talvez depois da *Lúcia* vá matar Bioring. Bioring empurrou-me, quase me bateu. Bateu-me? Bioring desdenha até bater-se com Viersílov: irá bater-se comigo? eu devesse tocaiá-lo amanhã na rua e matá-lo com um tiro de revólver…" Esta ideia concebi-a de modo totalmente maquinal, sem nela me deter de maneira alguma.

Por instantes, imaginava que a porta ia abrir-se, dando passagem a Katierina Nikoláievna: entraria e me estenderia a mão e dispararíamos a rir os dois… Ah! o estudante, meu caro! Esta ideia apresentou-se, ou antes este desejo, quando a peça ficou totalmente escura. "Mas já faz muito tempo que estava eu diante dela e lhe dizia adeus, enquanto ela me estendia a mão e ria? Como pode isto acontecer: em tão pouco tempo uma distância tão tremenda?! Ir vê-la muito simplesmente e explicar-me com ela, imediatamente, simplesmente, simplesmente! Senhor, mas é um mundo todo novo que acaba de começar! Sim, um mundo novo, completamente, completamente novo… Lisa, o príncipe, é ainda o tempo antigo… Agora, estou em casa do príncipe. E mamãe, como tem podido viver com ele, se é verdade? Eu teria podido, posso tudo, ela, porém? Que irá acontecer agora?" E, como num turbilhão, as silhuetas de Lisa, Anna Andriéievna, Stiebielhkov, do príncipe, de Afiérdov, de todos, desfilaram sem deixar traços no meu cérebro doente. As ideias tornavam-se cada vez mais informes e intangíveis; ficava contente

quando podia compreender uma e agarrá-la.

“Tenho minha ideia! — pensei de repente —, mas é bem verdade? Não será uma frase aprendida de cor? Minha ideia, aquela escuridão e solidão, mas agora posso encolher-me na escuridão anterior? Ah! meu Deus, mas o caso é que não queimei o documento! Esqueci-me de queimá-lo anteontem. Vou voltar para casa e o queimarei na vela, sim, na vela; somente não sei se é mesmo o que penso agora…”

Estava escuro desde muito tempo. Piotr trouxe velas. Parou em minha frente e perguntou-me se havia comido. Limitei-me a fazer um gesto com a mão. Entretanto, uma hora depois, trouxe-me chá de que bebi com avidez uma xícara. Em seguida perguntei-lhe a hora. Eram oito e meia e nem mesmo me espantei de estar ali desde as cinco horas.

— Vim três vezes — disse Piotr —, mas creio que o senhor dormia.

Não me lembrava de tê-lo visto entrar. Não sei por quê, mas de súbito bastante aterrorizado por ter dormido, levantei-me e pus-me a andar para lá e para cá, para não mais adormecer. Por fim, a cabeça começou a doer-me. Às dez horas em ponto, o príncipe entrou e espantei-me por havê-lo esperado. Tinha me esquecido completamente dele, completamente.

— Você estava aqui e fui procurá-lo em sua casa! — disse-me. Seu rosto estava sombrio e severo, sem o menor sorrido. Nos seus olhos, uma ideia fixa.

— Andei para lá e para cá o dia inteiro e empreguei todos os meios — continuou com um ar concentrado. — Tudo fracassou e agora é horrível… (N.B.: não estivera em casa do Príncipe Nikolai Ivânovitch.) Vi Jibiélsk, é um homem impossível. Veja você: é preciso primeiro ter o dinheiro, em seguida veremos. Se é impossível com dinheiro, então… Mas decidi hoje não pensar nisso… Hoje tratemos apenas de arranjar o dinheiro, amanhã veremos. O dinheiro que você ganhou anteontem ainda está intacto, até o último copeque. São três mil rublos, menos três rublos. Descontada sua dívida, restam a entregar-lhe trezentos rublos. Tome-os e acrescente-lhes setecentos

para completar mil e eu ficarei com os dois mil restantes. Em seguida iremos à casa de Ziérchtchikov, vamos nos instalar nas duas extremidades opostas e trataremos de ganhar dez mil rublos, talvez consigamos alguma coisa, se não… É a única saída que me resta.

Mirou-me com ar fatal.

— Sim, sim — exclamei de repente, como ressuscitando. — Vamos lá! Só esperava pelo senhor…

Notai bem que, em todas aquelas horas, não tinha pensado um só instante na roleta.

— E a infâmia? A baixeza do ato? — perguntou de súbito o príncipe.

— O quê? O fato de irmos à roleta? Mas tudo depende dela! — exclamei. — O dinheiro é tudo! Nós é que somos santos, o senhor e eu, ao passo que Bioring se vendeu, Anna Andriéievna se vendeu, e Viersílov, sabe o senhor que Viersílov é um maníaco? Um maníaco! Um maníaco!

— Está passando bem, Arkádi Makárovitch? Está com uns olhos estranhos.

— O senhor diz isto para ir lá sem mim. Agora, não o deixo mais. Não é por coisa nenhuma que sonhei a noite inteira com o jogo. Vamos lá! Vamos lá! — gritei, como se tivesse de repente encontrado a solução do enigma.

— Pois bem, vamos, se bem que você esteja febril e lá…

Não terminou. Havia no seu rosto algo de doloroso, de espantoso. Já íamos saindo.

— Sabe — disse-me de repente, parando na soleira — que há ainda uma saída além do jogo?

— Qual?

— Uma saída principesca!

— Qual então? Qual?

— Vai conhecê-la mais tarde. Saiba somente que agora sou indigno dela, porque é demasiado tarde. Vamos e lembre-se de minhas palavras. Tentemos a saída plebeia… Será que, por acaso, eu não saberei, conscientemente, de minha plenas vontade, que vou agir como um lacaio?

## VI

Voei para a roleta como se lá estivessem concentradas a salvação, a saída, e, no entanto, como já disse, antes da chegada do príncipe não pensava nisso. Aliás, ia jogar não por mim, mas com o dinheiro do príncipe e para o príncipe. Não chego a compreender o que me atraía, mas era atraído irresistivelmente. Não, nunca aquelas pessoas, aqueles rostos, aqueles crupiês, aqueles gritos de jogadores, toda aquela sala ignóbil de Ziérchtchikov me pareceram tão repugnantes, tão sombrios, tão grosseiros, nem tão tristes como daquela vez! Lembro-me muito bem do luto e do pesar que por momentos me dominavam o coração durante todas aquelas horas passadas ali, diante da mesa. Mas por que não me ia embora? Por que suportava, como se me tivesse imposto uma faxina, um sacrifício, uma proeza? Direi somente isto: não saberia afirmar verdadeiramente que estivesse então no pleno uso de minha razão. E, no entanto, jamais joguei tão sensatamente como naquela noite. Estava silencioso e concentrado, atento e calculador de fazer tremer; estava paciente e avaro, e ao mesmo tempo decidido, nos momentos decisivos. Instalei-me de novo diante do zero, isto é, ainda uma vez entre Ziérchtchikov e Afiérdov, que se sentava sempre à direita de Ziérchtchikov. Detestava aquele lugar, mas queria absolutamente apostar no zero e todos os outros lugares em torno do zero estavam tomados. Jogávamos havia mais de uma hora; por fim, vi do meu lugar que o príncipe acabava de levantar-se e, pálido, avançara para nossa extremidade e parara diante de mim, do outro lado da mesa: perdera tudo e observava meu jogo em silêncio, provavelmente sem nada compreender dele e sem mesmo pensar no jogo. Eu começava justamente a ganhar e Ziérchtchikov contara para mim certa quantia. De repente Afiérdov, sem dizer palavra, à minha vista, com a maior insolência, pegou uma das minha cédulas de cem

rublos e juntou-a ao monte que tinha diante de si. Lancei um grito e agarrei-lhe a mão. Então aconteceu-me algo de inesperado para mim mesmo: senti-me como que desenfreado; todos os horrores e todas as ofensas do dia encontravam-se subitamente concentrados naquele único instante, naquele desaparecimento da cédula. Era de dizer que tudo o que se acumulara e comprimira em mim só esperava aquele instante para explodir.

— É um ladrão! Acaba de roubar-me uma cédula de cem! — gritei, fora de mim, olhando a todos em redor.

Não descreverei todo o tumulto que estas palavras produziram. Semelhante caso era naquele local absolutamente novo. Portavam-se decentemente em casa de Ziérchtchikov e ela gozava de renome por isso. Mas eu estava fora de mim. No meio do tumulto e dos gritos, ouviu-se de repente a voz de Ziérchtchikov:

— Desapareceram mesmo, não há que dizer. Estavam aqui! Quatrocentos rublos!

Foi outro negócio: um maço de quatrocentos rublos desaparecera da banca, diante do nariz do próprio Ziérchtchikov. Este mostrava o lugar onde estava: ele estava aqui agora mesmo, e aquele lugar era bem perto de mim, junto de mim, tocava o lugar onde estava meu dinheiro, em suma estava infinitamente mais perto de mim do que de Afiérdov.

— O ladrão está aqui! Foi ele de novo quem roubou, revistem-no! — exclamei, mostrando Afiérdov.

— Tudo isso provém — começou uma voz imponente e tonitruante no meio dos gritos — do fato de deixarem penetrar aqui não importa quem. Pessoas sem recomendação! Quem o trouxe? Quem é?

— Um tal Dolgorúki.

— Príncipe Dolgorúki?

— Foi o Príncipe Sokólhski quem o trouxe — gritou alguém.

— Escute, príncipe — gritei-lhe eu, fora de mim, do outro lado da mesa —, eles acreditam que eu sou o ladrão, quando acabam de roubar-me agora mesmo! Diga-lhes, diga-lhes quem eu sou!

Então se produziu a coisa mais espantosa de todas aquelas que se tinham produzido naquele dia… e mesmo em toda a minha vida: o príncipe renegou-me. Vi-o erguer os ombros e, em resposta às perguntas que caíam sobre ele, declarou com voz nítida e cortante:

— Não respondo por ninguém. Rogo-lhes que me deixem em paz.

Entretanto, Afiérdov erguia-se entre a multidão, reclamando em voz alta que o revistassem. Já estava revirando seus bolsos. Mas às suas reclamações respondia-se com gritos: “Não! não! conhece-se o ladrão!” Dois criados, já chamados, agarraram-me dos braços pelas costas.

— Não me deixarei revistar, não o permitirei! — Gritei, procurando libertar-me.

Mas levaram-me para uma sala vizinha e ali, em meio da multidão, revistaram-me por completo até a derradeira dobra. Eu gritava e debatia-me.

— Sem dúvida atirou-o no chão, procure-se um pouco! — decidiu alguém.

— Mas onde procurar agora, no chão?

— Debaixo da mesa. Sem dúvida teve tempo de atirá-los lá.

— Decerto não resta mais sinal…

Levaram-me, mas pude entretanto deter-me na soleira e gritar, com uma raiva louca:

— A roleta é proibida pela polícia. Hoje mesmo denunciarei a todos!

Fizeram-me descer a escada, puseram-me meu capote e… abriram diante de mim a porta da rua.

# Capítulo IX

## I

O dia terminara com uma catástrofe, mas restava a noite. Eis o que me lembro daquela noite.

Creio que era um pouco mais de meia-noite quando me encontrei na rua. A noite estava clara, calma e fria. Corri quase, numa pressa febril, mas não para casa. “Por que voltar para casa? Pensava-se lá em casa, agora? Numa casa se vive, amanhã despertarei para viver: será possível agora?” Vagueei pois pelas ruas, sem distinguir para onde ia, e ignoro, aliás, se queria ir para alguma parte. Sentia muito calor e abria por momentos minha pesada peliça. “Doravante nenhuma ação — parecia-me naquele momento — pode ter mais objetivo algum.” Coisa estranha: parecia-me sem cessar que tudo, em redor de mim, até mesmo o ar que respirava, pertencesse a outro planeta, como se me tivesse de súbito encontrado na lua. Tudo, a cidade, os transeuntes, o passeio sobre o qual eu corria, tudo aquilo não me pertencia mais. “Isto é a Praça dos Palácios; isto é a catedral de Santo Isaac — dizia a mim mesmo —, mas agora nada mais tenho com isto.” Tudo se tornara estranho, tudo havia cessado bruscamente de me pertencer. “Tinha mamãe, Lisa; pois bem, agora que tenho que ver com Lisa e mamãe? Tudo está acabado, tudo chegou ao fim de repente, exceto uma coisa: que sou por toda a eternidade um ladrão.”

Como provar que não sou um ladrão? Será possível, agora? Partir para a América? Pois bem! Que é que provarei com isso? Viersílov será o primeiro a acreditar que roubei! A ideia? Que ideia? Que é agora a ideia? Dentro de cinquenta anos, de cem anos, quando eu passar, sempre se achará alguém para dizer, mostrando-me com o dedo: “Aquele é um ladrão. Inaugurou sua ideia roubando dinheiro na roleta…”.

Tinha rancor? Não sei de nada. Talvez sim. É singular, mas sempre tive, talvez desde minha mais tenra infância, essa característica: se me causam mal, se levaram esse mal ao cúmulo, se me ofenderam até o derradeiro limite, sempre tive um desejo insaciável de submeter-me passivamente ao ultraje e até mesmo ir ao

encontro dos desejos do ofensor: “Veja, o senhor me humilhou, pois bem, eu mesmo vou me humilhar ainda mais. Olhe, admire!”. Touchard me batia e queria mostrar que eu era um criado e não um filho de senador: pois bem, eu entrava logo no meu papel de criado, não me limitava a entregar-lhe suas roupas, pegava eu mesmo a escova e me punha na obrigação de retirar delas a menor poeira, sem que ele houvesse pedido ou ordenado, perseguia-o por vezes, de escova na mão, no ardor de meu zelo de criado, para tirar a derradeira sujeirinha de seu paletó, a ponto de ele próprio deter-me algumas vezes: “Basta, basta, Arkádi, é bastante!”. Quando voltava e tirava seu sobretudo, eu o escovava, dobrava-o cuidadosamente e cobria-o com um pano de seda de quadradinhos. Sabia que os camaradas zombavam de mim e me desprezavam, sabia muito bem, mas era isso que me agradava: “Quiseram que eu fosse criado, pois bem, sou! Se temos de ser lacaio, sejamos lacaio completo”. Esse ódio passivo e esse rancor secreto pude conservá-los durante anos. Em casa de Ziérchtchikov, tinha gritado, completamente fora de mim, para toda a sala: “Eu os denunciarei, a roleta está proibida pela polícia”. Pois bem, juro, havia nisso um sentimento do mesmo gênero: tinham-me humilhado, revistado, tratado publicamente de ladrão, matado, em uma palavra, “pois bem, saibam todos, vocês adivinharam, não sou somente um ladrão, sou também um delator!”. Lembrando-me disso hoje, é assim que explico e resumo tudo isso; mas então não se tratava de analisar; lancei aquele grito sem intenção, um segundo antes ignorava que o lançaria; saiu de mim, mas porque tinha essa característica em mim.

No momento em que corria, o delírio por certo havia começado, mas me recordo muito bem de que agia conscientemente. Mas, digo com toda segurança, todo um ciclo de ideias e de conclusões estava já fechado para mim mesmo naquele momento, sentia no meu íntimo que podia ter certos pensamentos e que não podia absolutamente ter alguns outros. Da mesma maneira, algumas de minhas decisões, embora tomadas com uma consciência lúcida, podiam então não ter a menor lógica interna. Mais ainda, lembro-me muito bem de que podia em certos momentos ter perfeita consciência do absurdo de uma decisão e, ao mesmo tempo, empreender de imediato e muito conscientemente sua execução. Sim, o crime tocaiava-me naquela noite e foi somente por acaso que não ocorreu.

Subitamente veio-me ao espírito a frase de Tatiana Pávlovna e respeito de Viersílov: “Que ele vá à linha Nikoláievskaia e ponha a cabeça em cima dos trilhos: será devidamente cortada”. Este pensamento dominou por um instante todos os meus sentimentos, mas expulsei-o imediatamente e com pesar: “Colocar a cabeça sobre os trilhos e morrer? Mas amanhã se dirá: se fez isso, é porque roubou, teve vergonha. Não, nunca!”. Pois bem, naquele instante, lembro-me, tive de repente um raio de ódio terrível. “E então? — dizia a mim mesmo. — É impossível doravante justificar-me, é impossível começar uma vida nova. É preciso, pois, que me submeta, que seja o lacaio, o cão, a mosca, o delator, o verdadeiro delator agora, e durante esse tempo preparar-me bem mansamente e, um belo dia, fazer saltar tudo pelos ares, tudo aniquilar, o mundo inteiro, os culpados e os inocentes. Então, todo mundo ficará sabendo bruscamente que foi aquele a quem trataram como ladrão… E somente então matar-me.”

Não sei mais como fui dar a um beco perto do bulevar dos Cavaleiros da Guarda. Estava orlado dos dois lados, por cerca de uma centena de passos, por altos muros servindo de tapume a quintais. Por trás de um deles, à esquerda, vi um imenso monte de lenha, um verdadeiro estaleiro que ultrapassava o muro em mais de dois metros. Parei de súbito e pus-me a refletir. Tinha no bolso fósforos de cera numa caixinha de prata. Repito, tinha então uma consciência nítida do que meditava e queria fazer e é assim que me lembro daquilo ainda hoje, mas por qual razão queria fazer, ignoro absolutamente. Lembro-me somente de que fui tomado de chofre por aquele desejo. “Subir ao muro é perfeitamente possível”, eu raciocinava, havia justamente, a dois passos dali, um portão fechado sem dúvida desde longos meses. “Pousando o pé sobre o rebordo da base — continuei a refletir —, seria possível, agarrando-se ao dintel da porta, subir ao muro e ninguém verá nada; ninguém! Silêncio completo! Lá em cima do muro, vou me instalar comodamente e porei fogo na lenha. É fácil, mesmo sem tornar a descer, pois que a lenha quase toca o muro. Com frio, o fogo pegará magnificamente; basta estender a mão para alcançar uma acha de bétula… e até mesmo por que uma acha? Pode-se diretamente, sentado no muro, arrancar com a mão um pouco de cortiça e acendê-la com o fósforo, acendê-la e metê-la em seguida no meio da lenha e está pronto o incêndio. Saltaria para baixo do muro e

iria embora, nem precisaria mesmo correr, porque demorarão a perceber o incêndio.” Calculava assim tudo e bruscamente decidi-me por completo. Sentia um prazer extremo, um gozo, e trepei no muro. Sabia subir muito bem: já no ginásio, era a ginástica o meu forte; mas estava com galochas e isto foi uma dificuldade. Consegui, no entanto, agarrar com uma das mãos um rebordo apenas perceptível e içar-me; ia lançar a outra mão para me agarrar ao alto do muro, quando, de repente, perdi pé e caí de costas. Suponho que minha nuca bateu no chão e fiquei sem dúvida um ou dois minutos sem sentidos. Voltando a mim, fechei maquinalmente minha peliça, tendo sofrido um frio insuportável, e, sabendo ainda mais o que fazia, arrastei-me para um canto do portão e ali me encolhi, agachado, enroscado em mim mesmo, num vão entre o portal e a saliência do muro. Minhas ideias estavam em desordem, e, sem dúvida, adormeci muito depressa. Lembro-me agora como num sonho que, de repente, repercutiu em meus ouvidos um som de sinos, profundo e pesado, e que o escutei, deliciado…

## II

O sino soava precisamente uma vez a cada dois ou mesmo três segundos, entretanto não era um toque de rebate, mas um som agradável e largo e eu o distingui de súbito: mas é um som bem conhecido, o de São Nikolai, a igreja vermelha diante da casa de Touchard! — antiga igreja moscovita, de que me recordo tão bem, construída no tempo de Alieksiéi Mikháilovitch, com seus dentilhões, suas múltiplas cúpulas, suas colunas. A semana de Páscoa vem de terminar. Sobre as esqueléticas bétulas do jardim dos Touchard já tremem as folhas verdes recém-brotadas. O sol vivo do fim da tarde lança seus raios oblíquos na nossa sala de aula e eu, no meu quartinho à esquerda, para onde Touchard me relegara havia já um ano, separado dos filhos de condes e senadores, recebo uma visita. Sim, filho sem família, tenho pela primeira vez uma visita, desde que estou em casa de Touchard. E reconheci-a assim que entrou: era mamãe. Se bem que, desde o tempo em que me fazia comungar na igreja da aldeia e onde o pombo atravessava a cúpula, não a vira mais uma única vez. Estávamos ali os dois e eu a contemplava estranhamente. Mais tarde, muitos anos depois, soube que, naquela ocasião, tendo

ficado sozinha sem Viersílov, que partira para o estrangeiro de repente, ela viera a Moscou, por sua própria iniciativa, com seu minguado dinheiro, quase às ocultas daqueles que deviam cuidar dela, e isto apenas para me ver. Era estranho também: ao entrar, conversara com Touchard, mas a mim não dissera que era minha mãe. Estava ali perto de mim, e, lembro-me, causou-me mesmo espanto ouvi-la falar tão pouco. Trazia uma trouxa que abriu: havia ali dentro seis laranjas, alguns bolos de centeio e mel e dois pãezinhos e respondi com ar afetado que éramos muito bem nutridos e que nos davam todos os dias com o chá um pão inteiro.

— Não importa, meu filho, eu dissera a mim mesma ingenuamente: "Talvez não o alimentem bem na tal escola". Não me queiras mal, meu bem.

— E Antonina Vassílievna (a mulher de Touchard) ficará magoada. Os camaradas também vão zombar de mim…

— Então não os queres? Mas talvez queiras comê-los, assim mesmo.

— Deixe-os, se faz questão…

Nem mesmo toquei naqueles presentes; as laranjas e os bolos estavam em cima da mesa diante de mim, enquanto eu permanecia sentado, de olhos baixos, mas com um grande ar de dignidade. Quem sabe, talvez tivesse também vontade de não lhe ocultar que sua visita me causava vergonha diante dos colegas; de lhe mostrar um tantinho, para que ela compreendesse: "Estás vendo? Causas-me vergonha e não compreendes isto por ti mesma?". Eu que, já naquele tempo, corria atrás de Touchard, com a escova na mão para tirar dele o mínimo grão de pó! Imaginava também quantas zombarias teria de suportar da parte dos outros meninos assim que ela partisse, e talvez também de Touchard em pessoa. Por isso não havia em meu coração um único bom sentimento para com ela. Olhava de través seu vestido escuro e velho, suas mãos bastante grosseiras, quase de trabalhadora, seus sapatos totalmente toscos e seu rosto grandemente emagrecido; sua fronte já estava sulcada de pequenas rugas, muito embora Antonina Vassílievna me tenha dito mais tarde, naquela noite, após a partida

dela: “Sua mamãe deve ter sido bonita outrora”.

Estávamos, pois, assim, quando Agáfia entrou com uma bandeja, sobre a qual havia uma xícara de café. Era de tarde, e os Touchard, aquela hora, tomavam sempre café em seus aposentos, no salão. Mas mamãe agradeceu e não aceitou a xícara: soube mais tarde que ela nunca bebia café, porque lhe provocava palpitações do coração. Os Touchard, dentro de si mesmos, consideravam a visita e a autorização que lhe fora dada de me ver como uma condescendência extrema de sua parte, de modo que a xícara de café enviada à minha mãe era, por assim dizer, o cúmulo da humanidade, uma façanha que, dada a relatividade de todas as coisas, fazia uma honra extrema a seus sentimentos civilizados e às suas concepções europeias. Mas, como que de propósito, minha mãe recusou-a.

Chamaram-me aos aposentos de Touchard. Disse-me que pegasse todos os meus cadernos e todos os meus livros e os mostrasse à minha mãe: “Para que ela veja quanto você já aproveitou no meu estabelecimento”. Então Antonina Vassílievna, de lábios franzidos, sussurrou-me de sua parte, num tom zombeteiro:

— Creio que nosso café não agradou à sua mamãe.

Peguei meus cadernos e levei-os à minha mãe, que esperava. Passei diante dos filhos de condes e de senadores, aglomerados na sala de aula, à espera de nós dois. Achei mesmo certo prazer em executar a ordem de Touchard com uma exatidão literal. Abria metodicamente

meus cadernos e explicava: “Eis as lições de Gramática francesa. Aqui, são os ditados. Aqui, a conjugação dos verbos auxiliares *avoir* e *être*.[68] Aqui, a Geografia, a descrição das principais cidades da Europa e de todas as partes do mundo, etc.”. Durante uma boa meia hora, ou mais, expliquei tudo isso com uma vozinha regular, baixando os olhos como um menino bem-educado. Sabia que mamãe não entendia nada de ciências, que talvez não soubesse escrever, mas era nisso que meu papel me agradava. Não consegui, no entanto, fatigá-la; escutava tudo sem me interromper, com uma atenção extrema e até mesmo com pena, tanto que no final fiquei farto e eu mesmo dei a coisa por terminada. Aliás, seu olhar era triste e não sei que digno de dó se lia no seu rosto.

Levantou, por fim, para ir embora. De repente, entrou Touchard em pessoa. Com uma gravidade imbecil, perguntou-lhe se estava satisfeita com os êxitos de seu filho. Mamãe balbuciou agradecimentos sem nexo. Chegou então Antonina Vassílievna. Minha mãe rogou a ambos que não abandonassem o órfão, “porque é quase um órfão agora, continuem com seus benefícios…”. E, com lágrimas nos olhos, cumprimentou a ambos, a cada um separadamente, a cada um com uma profunda vênia, como fazem as pessoas do povo, quando vêm pedir alguma coisa a gente importante. Os Touchard não esperavam tanto, e Antonina Vassílievna ficou visivelmente amansada; sem dúvida mudou logo de conclusão quanto à xícara de café. Redobrando de gravidade, Touchard respondeu com humanidade, dizendo que não fazia distinção entre os meninos, que todos ali eram seus filhos e ele o pai de todos, que eu estava quase no mesmo nível que os filhos de senadores e de condes, e que era mister apreciar isso, etc., etc. Minha mãe confundia-se em cumprimentos, mas, por fim, voltou-se para mim e disse com lágrimas nos olhos: “Adeus, meu filho”.

Beijou-me, ou antes, eu permiti que ela me beijasse. Teria querido manifestamente beijar-me mais, apertar-me contra ela, mas teve vergonha diante das pessoas, foi invadida por algum pesar, ou bem ainda adivinhou que eu tinha vergonha dela, em todo o caso apressou-se, depois de um derradeiro cumprimento aos Touchard, em dirigir-se para a saída. Fiquei plantando ali.

— *Mais suivez donc votre mère* — disse Antonina Vassílievna. — *Il*

*n'a pas de coeur, cet enfant!*[69]

Em resposta, Touchard ergueu os ombros, o que queria dizer: "Não é por coisa nenhuma que eu o trato como criado".

Docilmente, desci atrás de mamãe; saímos para o patamar. Sabia que os outros me olhavam agora pela janela. Minha mãe voltou-se para a igreja e fez profundos sinais-da-cruz; seus lábios tremiam; um sino tangia gravemente, sonoro e pausado, no alto da torre. Ela se voltou para mim e não se conteve mais: pousou as duas mãos sobre minha cabeça e desfez-se em lágrimas.

— *Mámienhka*, basta… tenho vergonha… eles nos veem pela janela…

Ela recuou e apressou-se:

— Está bem! O Senhor… o Senhor seja contigo!… Que os anjos do céu te guardem e a Santa Virgem e São Nikolai… Meu Deus! meu Deus! — repetia ela, com palavras apressadas, sempre a benzer-me, tratando de depositar sobre mim cada vez mais cruzes e cada vez mais depressa. — Meu bem, meu bem! Mas espera um pouco…

Meteu rapidamente a mão em seu bolso e dele tirou um lenço, um lenço azul de quadrados, com uma ponta fortemente amarrada, cujo nó se pôs a desmanchar… Mas não o conseguia…

— Vamos, não tem importância, fica com este lenço, está limpo, poderás usá-lo talvez. Há nele uma quatro moedas de centavos, creio, talvez possas comprar alguma coisa com elas. Não me queiras mal, meu filho, não tenho mais… não me queiras mal, meu bem.

Peguei o lenço; tinha bem vontade de fazer-lhe notar que éramos muito bem tratados pelo Senhor Touchard e por Antonina Vassílievna e não tínhamos necessidade de nada, mas contive-me e aceitei o lenço.

Ela me benzeu uma vez mais, cochichou ainda uma vez não sei que oração e de repente — exatamente como lá em cima aos Touchard — fez para mim uma vênia profunda, lenta e demorada; não o esquecerei jamais! Estremeci da cabeça aos pés, sem saber mesmo por

quê. Que queria ela dizer com aquela vênia? Seria sua falta que reconhecia diante de mim, como imaginei muito mais tarde? Ignoro. Mas então, tive ainda mais vergonha, porque eles estavam lá em cima a olhar, e Lambert iria talvez bater-me.

Por fim ela se foi. As laranjas e os bolos já tinham sido comidos antes de minha volta pelos filhos de condes e senadores, e as quatro moedas me foram logo arrebatadas por Lambert. Compraram com elas na pastelaria chocolate e bolos e não me deram nem um pedacinho para provar.

Passaram-se seis meses. Estamos agora em outubro; vento e intempéries. Esqueci completamente minha mãe. O ódio, um ódio surdo contra tudo, já penetrou no meu coração, impregnou-o completamente; embora continuasse como dantes a escovar as roupas de Touchard, detesto-o agora com todas as forças e cada dia mais. Ora, um dia, à hora triste do crepúsculo, quando remexia em minha gaveta encontrei de repente num canto o lenço de cambraia azul de minha mãe; estava ali desde o dia em que lá o metera. Tirei-o e examinei-o com certa curiosidade mesmo; a extremidade conservava ainda o traço visível do nó e até mesmo a marca redonda duma moeda; alias recoloquei o lenço no lugar e tornei a fechar a gaveta. Era véspera de festa e os sinos começaram a tocar chamando para o ofício da noite. Logo depois do jantar, os meninos tinham ido para casa de sua famílias, mas desta vez Lambert ficara, porque não o tinham mandado buscar. Continuava a bater-me como dantes, mas agora confiava-me muitas coisas e tinha necessidade de mim. Falamos a noite toda das pistolas de Lepage,[70] que nenhum de nós dois tinha visto, dos sabres tchecos e dos golpes dados com eles, do bom negócio que seria formar um bando de assaltantes, e por fim Lambert chegou ao seu passatempo favorito, referente a certo assunto infame, e, muito embora me enchesse de espanto no íntimo, gostava muito de ouvi-lo. Mas dessa vez achei-o de repente insuportável e lhe disse que estava com dor de cabeça. Às dez horas fomos deitar-nos; meti a cabeça debaixo da coberta e de sob o travesseiro tirei o lenço azul: tinha voltado uma hora antes a tirá-lo de minha gaveta e, assim que fizemos nossas camas, depositara-o debaixo do travesseiro. Apertei-o contra meu rosto e pus-me a beijá-lo: *Mámienhka*, *Mámienhka* — murmurava

para aquela lembrança, e todo o meu peito estava apertado como num torno. Ao fechar os olhos, revi seu rosto de lábios trêmulos no momento em que ela se benzia diante da igreja e benzia em seguida a mim mesmo, enquanto eu lhe dizia: “Tenho vergonha, estão nos olhando”. “*Mámienhka*, minha *mámienhka*, pelo menos uma vez em minha vida tive-te ao meu lado… Onde estás agora, minha visitante longínqua? Lembras-te agora de teu pobre rapazinho a quem vieste visitar?… Mostra-te agora uma só vez ainda, vem ver-me ao menos em sonho, para que eu te diga quanto te amo, para que possa abraçar-te e beijar teus olhos azuis, dizer-te que não tenho mais absolutamente vergonha de ti agora, que te amava então também e que meu coração sofria, enquanto permanecia ali como um lacaio. Não saberás nunca, mamãe, quanto te amava então! Minha *mámienhka*, onde estás agora? ouves-me? *Mámienhka*, *mámienhka*, lembras-te do pombo, na aldeia?…”

— Ah! Com os diabos!… mas que tem ele? — resmunga Lambert do fundo de seu leito. — Espera um pouco! Impede que a gente durma…

Salta afinal de seu leito, corre até o meu e arranca a coberta, mas agarro-me a ela com força, aquela coberta na qual, minha cabeça está envolta.

— Estás chorando? Por que gemes, idiota? Eis o que mereces! Toma! — E bate-me, dá-me murros nas costas, nas costelas, cada vez com mais força, machucando-me e… de repente abro os olhos…

Já amanhecera completamente, a geada brilha sobre a neve, sobre o muro… Estou sentado, encolhido, semimorto, entorpecido dentro de minha peliça, e alguém se conserva diante de mim, acorda-me, com muitas injúrias, batendo-me nas costelas com a ponta de seu pé direito. Levanto-me e olho: um homem com uma rica peliça de pele de urso, gorro de zibelina, olhos negros, dentes brancos a descoberto, branco, vermelho, um rosto semelhante a uma máscara… Inclinou-se bem perto de mim e a cada sopro de sua boca escapa-se um vapor gelado:

— Estás gelado, pedaço de bêbedo, idiota! Vais ficar gelado como

um cão! De pé, de pé!

— Lambert! — gritei.

— Quem és?

— Dolgorúki.

— Que Dolgorúki?

— Dolgorúki simplesmente!… Touchard… Aquele em quem fincaste um garfo na costela, no botequim…

— Ah! ah! ah! — exclama ele, mostrando um longo sorriso de homem que se recorda. (Tinha-se esquecido de mim, talvez!) Ah! então és tu?

Levanta-me, põe-me de pé; mal me posso manter, mal me posso mover; ele me conduz, segurando-me pela mão. Olha-me bem nos olhos, como para se lembrar e compreender e escuta-me com a máxima atenção. Eu balbucio também com todas as minhas forças sem descanso e sem demora, e sinto-me contente, contente por falar e contente por ver Lambert. Será porque me apareceu ele como a "salvação"? ou bem então porque me lancei nos seus braços naquele momento pelo fato de tê-lo tomado como um homem do outro mundo, ignoro-o — não raciocinava então; mas lancei-me em seus braços sem raciocinar. Que disse eu? Não me lembro mais absolutamente e não era sem dúvida nada de muito coerente; não devo ter nem mesmo articulado as palavras claramente; mas ele me prestava muita atenção. Parou o primeiro fiacre que apareceu e alguns minutos mais tarde eu estava no quente, em seu quarto.

## III

Todo homem, qualquer que ele seja, conserva certamente a lembrança de algum incidente pessoal que considera ou é levado a considerar como fantástico, fora de costume, incomum, quase maravilhoso: sonho, encontro, predição, pressentimento ou alguma outra coisa neste gênero. Sou até o presente levado a ver nesse encontro com Lambert algo de profético mesmo… a julgar pelo menos

por suas circunstâncias e suas consequências. Tudo isso ocorreu, por certo lado, da maneira mais natural do mundo; muito simplesmente ele regressava de uma de suas ocupações noturnas (qual fosse, vai se ver mais tarde) meio ébrio, e, ao parar por um instante diante de um portão, avistou-me. Estava em Petersburgo desde alguns dias apenas.

A peça na qual me encontrava era um quartinho, mobiliado de forma muito simples, desses vulgares prédios petersburgueses de aluguel, de segunda ordem. Lambert, aliás, estava admirável e ricamente trajado. Duas malas de viagem estavam no chão, esvaziadas só pela metade. Um canto do quarto era isolado por um biombo, que ocultava o leito.

— *Alphonsine!* — gritou Lambert.

— *Présente!* — respondeu de trás do biombo uma voz feminina trêmula, com sotaque parisiense, e dois minutos mais tarde no máximo saltou *Mademoiselle* Alfonsina, ligeiramente vestida, de roupão, pois estava levantando da cama. Uma estranha criatura, alta e seca como um cavaco, jovem, morena, cintura alta, rosto longo, olhos saltitantes e faces cavadas, uma criatura tremendamente gasta!

— Depressa! (Traduzo porque ele lhe falava em francês) Deve haver em casa deles um samovar pronto. Depressa, água fervente, vinho tinto e açúcar, um copo e depressa, ele está gelado. É meu amigo… Passou a noite na neve.

— *Malheureux!*[71] — exclamou ela, torcendo as mãos, num gesto teatral.

— Vamos! Fora! — gritou Lambert, como se falasse a um cão e ameaçando-a com o dedo; ela parou logo seus gestos e correu a executar a ordem.

Ele me examinou e apalpou, tomou meu pulso, tocou-me a testa, as têmporas.

— É estranho — resmungava — que não estejas completamente gelado… É verdade que estavas metido na tua peliça, inclusive a cabeça, como numa toca forrada…

O copo de água quente apareceu, engoli-o com avidez e me reanimou logo; voltei a balbuciar; estava meio deitado no canto, sobre o divã e não parava mais de falar — aturdia-me com palavras —, mas que contava eu assim? Não me lembro mais de nada absolutamente. Há momentos e mesmo episódios inteiros que esqueci totalmente. Repito: será que ele compreendeu alguma coisa do que eu contava? Ignoro. Mas em seguida adivinhei bem uma coisa: é que ele me havia compreendido muito bem a ponto de concluir que aquele encontro comigo não devia ser negligenciado… Explicarei depois, a tempo devido, em que podia consistir o seu cálculo.

Eu não estava somente bastante animado, estava mesmo, creio, alegre por instantes. Lembro-me do sol que, de repente, iluminou o quarto quando foram levantadas as cortinas e a estufa que crepitou quando a acenderam — quem e como, não me lembro. Lembro-me também do minúsculo cachorrinho preto que *Mademoiselle* Alfonsina segurava entre as mãos, apertando-o galantemente contra o coração. Aquele cãozinho me distraía muito, tanto que cessei até de falar e estendi as mãos para ele umas duas vezes, mas Lambert fez um sinal e Alfonsina com seu cão desapareceu instantaneamente atrás do biombo.

Ele mesmo estava muito silencioso, sentado diante de mim e escutava atento, inclinado para mim, sem se afastar; por vezes abria um sorriso longo e lento, mostrava os dentes e piscava os olhos, como num esforço para compreender e adivinhar. Conservei a lembrança nítida de que, quando lhe contei a história do documento, não conseguia exprimir-me claramente e fazer um relato coerente: via demasiado bem no seu rosto que não conseguia compreender-me; arriscou mesmo uma pergunta, o que era perigoso, porque assim que me interrompiam, eu mudava de assunto e esquecia do que estava falando. Quanto tempo ficamos assim a conversar, não sei e sou mesmo incapaz de dar-me conta. Levantou-se de repente e chamou Alfonsina:

— Ele tem necessidade de calma. Será preciso talvez chamar o doutor. Faça-se tudo quanto ele pedir, isto é… *vous comprenez, ma fille. Vous avez de l'argent?* Não? Aqui tem! — E tirou uma nota de dez rublos, depois cochichou-lhe alguma coisa: *vous comprenez! vous*

*comprenez!*, dizia, ameaçando-a com o dedo e franzindo severamente o cenho. Vi que ela tremia muito diante dele.

— Vou voltar. Quanto a ti, dorme, é o que tens de melhor a fazer — disse-me, sorrindo. Pegou seu chapéu.

— *Mais vous n'avez pas dormi du tout, Maurice!* — gritou Alfonsina, patética.

— *Taisez-vous, je dormirai après*[72] — e saiu.

— *Sauvée!*[73] — murmurou ela, pateticamente, mostrando-me as costas de sua mão.

— *Monsieur, Monsieur!* — Pôs-se imediatamente a declamar, plantando-se no meio do quarto. — *Jamais homme ne fut si cruel, si Bismarck, que cet être, qui regarde une femme comme une saleté de hasard. Une femme, qu'est-ce que ça dans notre époque? "Tue la!" voilà le dernier mot de l'Académie Francaise!…*[74]

Arregalei os olhos. Estava vendo duplo, percebia agora duas Alfonsinas… De repente notei que ela chorava, estremeci e dei-me conta de que ela me falava já desde muito tempo e que, por consequência, durante todo aquele tempo eu dormira ou estivera sem sentidos.

— *… Hélas! de quoi m'aurait servi de le découvrir plus tôt* — exclamou ela — *et n'aurais-je pas autant gagné à tenir ma honte cachée toute ma vie? Peut-être n'est-il pas honnête à une demoiselle de s'expliquer si librement devant Monsieur, mais enfin, je vous avoue que, s'il m'était permis de vouloir quelque chose, oh! ce serait de lui plonger au coeur mon couteau, mais en détournant les yeux, de peur que son regard exécrable ne fit trembler mon bras et ne glaçât mon courage! Il a assassiné ce pope russe, Monsieur, il lui arracha sa barbe rousse, pour la vendre à un artiste en cheveux au pont des Maréchaux, tout près de la maison de Monsieur Andrieux — hautes nouveautés, articles de Paris, linge, chemises, vous savez, n'est-ce pas… Oh! Monsieur, quand l'amitié rassemble à table épouse, enfants, soeurs, amis, quand une vive allégresse enflamme mon coeur, je vous le demande, Monsieur: est-il bonheur préférable à celui dont tout jouit! Mais il rit, Monsieur, ce monstre exécrable et inconcevable, et si*

*ce n'était pas par l'entremise de Monsieur Andrieux jamais, oh! jamais je ne serais… Mais quoi, Monsieur, qu'avez-vous, Monsieur?*[75]

Lançou-se para mim: eu sentia um arrepio, creio, talvez mesmo tivesse desmaiado. Não saberia dizer que impressão penosa e dolorosa produzia em mim aquela criatura semilouca. Talvez ela imaginasse que devia distrair-me, em todo caso não me deixava um instante. Talvez tivesse representado outrora; declamava, girava, falava sem descanso, enquanto que já desde muito tempo eu me conservava calado. Tudo quanto pude compreender do que ela falava foi que mantivera relações íntimas com *la maison de Monsieur Andrieux, hautes nouveautés, articles de Paris*, etc., e até mesmo que saía talvez de *la maison de Monsieur Andrieux*, mas que fora arrancada para sempre a *Monsieur Andrieux, par ce monstre furieux et inconcévable*,[76] e nisso é que consistia sua tragédia… Soluçava, mas parecia-me que era simplesmente *pro forma* e que não chorava absolutamente; tinha por vezes a impressão de que ela ia cair desfeita totalmente em pó, como um esqueleto; falava com uma voz abafada, trêmula; a palavra *préférable* pronunciava-a ela "préféaable" e sobre a sílaba "a" fazia ouvir um balido de ovelha. Quando recuperei os sentidos, a vi fazendo piruetas no meio do quarto, mas sem dançar, porque aquela pirueta se reportava à sua narrativa, que ela assim completava pela mímica. De repente, correu a abrir um pequeno piano, já velho e desafinado, que estava no quarto, bateu nas teclas e cantou… Creio que durante uma dezena de minutos ou mais perdi os sentidos e adormeci, mas o cãozinho latiu e eu abri os olhos: a consciência voltara-me por um instante completamente e iluminava-me com toda a sua luz, sobressaltei-me, espantado: "Lambert, estou em casa de Lambert!" — disse a mim mesmo e, pegando meu chapéu, atirei-me para minha peliça.

— *Où allez-vous, Monsieur?*[77] — gritou-me a vigilante Alfonsina.

— Quero ir-me embora, quero partir! Deixe-me, não me retenha…

— *Oui, Monsieur!* — confirmou com todas as sua forças Alfonsina, que correu a abrir-me a porta do corredor. — *Mais ce n'est pas loin, Monsieur, du tout, ça ne vaut pas la peine de mettre votre chouba, c'est ici*

*près, Monsieur!*[78] — exclamou ela, para que todo o corredor ouvisse. Assim que saí do quarto, dobrei à direita.

— *Par ici, Monsieur, c'est par ici!* — gritava ela a plenos pulmões, agarrando-se à minha peliça com seus dedos longos e ossudos, enquanto com a outra mão me mostrava à esquerda, no corredor, um lugar aonde eu não tinha nenhuma intenção de ir. Escapei-me e corri para a porta de saída para a escada.

— *Il s'en va, il s'en va!*[79] — gritava Alfonsina com sua voz rachada, correndo atrás de mim. — *Mais il me tuera, Monsieur, il me tuera!*[80]

Mas eu já estava na escada e, se bem que ela continuasse no meu encalço até nos degraus, consegui abrir a porta de baixo, saltar para a rua e lançar-me no primeiro fiacre. Dei o endereço de minha mãe…

## IV

Mas a consciência, depois de haver luzido um instante, extinguiu-se rapidamente. Lembro-me somente de como me transportaram e conduziram à casa de mamãe, mas lá caí quase imediatamente sem sentidos. No dia seguinte, como me contaram mais tarde (e de resto eu mesmo me lembrava), minha razão aclarou-se ainda por um instante. Revejo-me no quarto de Viersílov, em cima de seu divã; lembro-me de ter visto em redor de mim os rostos de Viersílov, de mamãe, de Lisa; lembro-me muito bem de como Viersílov me falou de Ziérchtchikov e do príncipe, mostrou-me certa carta, procurou acalmar-me. Contavam mais tarde que eu fazia sempre perguntas aterrorizadas a respeito dum tal Lambert e que ouvia sempre os latidos de um cãozinho. Mas esta fraca luz de consciência logo ensombreceu-se. Ao anoitecer daquele segundo dia, eu já estava em plena febre. Mas vou me adiantar aos acontecimentos para explicar o que se segue.

Quando naquela noite escapei de casa de Ziérchtchikov e tudo se acalmou um pouco na sala, Ziérchtchikov, continuando de novo o jogo, declarou de repente, com voz retumbante, que ocorrera deplorável erro: o dinheiro perdido, os quatrocentos rublos, tinha sido encontrado num monte de outro dinheiro e as contas da banca

estavam perfeitamente certas. Então o príncipe, que ficara na sala, abordou Ziérchtchikov e insistiu para que ele proclamasse publicamente a minha inocência e, além disso, me exprimisse por escrito suas desculpas. Ziérchtchikov achou esta última exigência legítima e deu sua palavra, diante de todo mundo, de que me dirigiria, desde o dia seguinte, uma carta de explicação e desculpas. O príncipe comunicou-lhe o endereço de Viersílov e, com efeito, logo no dia seguinte, Viersílov recebeu de Ziérchtchikov uma carta a mim endereçada, com mais de mil e trezentos rublos, que me pertenciam e que eu tinha esquecido na roleta. Assim, o caso ocorrido em casa de Ziérchtchikov estava terminado; esta alegre notícia contribuiu muito para minha volta à saúde, quando recuperei os sentidos.

O príncipe, de volta do jogo, escreveu naquela noite duas cartas, uma a mim, a outra ao seu antigo regimento, onde tivera aquele caso com o corneteiro Stiepânov. Enviou-as ambas no dia seguinte de manhã. Depois do quê, escreveu um relatório a seus chefes e bem cedo apresentou-se em pessoa, com esse relatório em mãos, ao coronel e declarou-lhe que, "criminoso de direito comum, cúmplice num negócio de fabricação de ações falsas, entregava-se à justiça e pedia para ser julgado". Ao mesmo tempo, entregou-lhe o relatório em que estava tudo exposto por escrito. Prenderem-no.

Eis a carta que me escreveu naquela noite, palavra por palavra:

Inestimável Arkádi Makárovitch:

Depois de ter tentado a saída plebeia, perdi ao mesmo tempo o direito de consolar-me, um tantinho que fosse, de ter sabido enfim decidir-me a um ato corajoso e justo. Sou culpado perante a pátria e perante minha raça por esse crime, eu, derradeiro de minha raça, castigo-me a mim mesmo. Não compreendo como pude agarrar-me a um baixo instinto de conservação e pensar um momento em me resgatar a preço de dinheiro. Apesar de tudo, diante de minha consciência, teria permanecido sempre um criminoso. Aquelas pessoas, mesmo se me tivessem restituído os bilhetes que me comprometem, não me teriam jamais deixado em repouso durante toda a minha vida! Que restava fazer? Viver com eles, estar com eles ao longo de toda a minha existência: eis a sorte que me esperava! Não podia aceitá-la e por fim encontrei em mim mesmo bastante firmeza ou talvez desespero para agir como faço agora.

Escrevi ao meu antigo regimento, a meus antigos camaradas para justificar Stiepânov. Não há e não poderia haver neste ato nenhuma proeza redentora, não é senão o testamento de um homem que será amanhã um morto. Eis como é preciso compreendê-lo.

Perdoe-me ter-me afastado de você na sala de jogo; é que naquele momento não estava seguro de você. Agora que sou já um homem morto, posso fazer semelhantes confissões… do outro mundo.

Pobre Lisa! Não sabia nada desta decisão; que ela não me amaldiçoe, mas

que raciocine. Não posso justificar-me, não encontro mesmo palavras para explicar o que quer que seja. Saiba também, Arkádi Makárovitch, que ontem de manhã, quando ela veio ver-me pela derradeira vez, revelei-lhe meu embuste, confessei-lhe que fora à casa de Anna Andriéievna com a intenção de lhe pedir a mão. Não podia guardar isso na consciência antes de minha derradeira decisão, já tomada, à vista de seu amor, e tudo revelei. Ela perdoou, perdoou tudo, mas não acreditei nela; não é um perdão; em seu lugar, eu não teria podido perdoar.

Lembre-se de mim.

Seu desgraçado e último príncipe

Sokhólhski

Estive de cama sem conhecimento exatamente nove dias.

# Terceira parte

# Capítulo primeiro

## I

Agora falemos de coisa inteiramente diversa.

Sempre digo: “de outra coisa, falemos de outra coisa”, e volto sempre a mim. Tenho, no entanto, declarado mil vezes que não tinha a menor intenção de contar minha vida e estava firmemente decidido a não fazer isso, ao começar estas notas; compreendo demasiado bem que não ofereço nenhum interesse ao leitor. Descrevo e quero descrever os outros, e não a mim, e se é sempre minha pessoa que volta à minha pena, isso não passa dum deplorável erro; impossível escapar-lhe, apesar de todo o meu desejo. O que mais me penaliza é que, ao contar com tanto ardor minhas próprias aventuras, ao mesmo tempo dou lugar a crer que sou ainda o que era então. O leitor deve, aliás, lembrar-se de que tenho exclamado mais de uma vez: “Ah! se fosse possível mudar o passado e recomeçar tudo de novo!”. Não teria podido lançar esta exclamação, se não estivesse agora radicalmente mudado, se não me tivesse tornado um homem bem diferente. É por demais evidente; se fosse possível somente imaginar a que ponto me aborrecem todas essas desculpas e prefácios que sou obrigado a inserir a todo instante, em pleno meio de minhas notas!

Mas vamos ao fato!

Após nove dias de inconsciência, voltei a mim, ressuscitado, mas não corrigido; minha renascença era aliás estúpida, se a tomarmos no sentido lato, e talvez que, se fosse hoje, se passasse isso de outra maneira. A ideia, isto é, o sentimento, consistia, ainda uma vez, unicamente (como mil vezes antes) em abandoná-los totalmente, mas de maneira absoluta e não como antes, quando eu me havia proposto mil vezes este tema sem chegar jamais à execução. Não queria vingar-me de ninguém, dou minha palavra de honra, muito embora tivesse queixa de todos. Preparava-me para partir sem desgosto, sem maldições, mas queria minha própria força, verdadeira desta vez,

independente deles todos e do mundo inteiro; eu que estivera a ponto de fazer as pazes com o mundo! Anoto meu sonho de então, não como uma ideia, mas como minha sensação irresistível do momento. Não queria ainda formulá-la, enquanto estava de cama. Doente e sem forças, deitado no quarto de Viersílov, que eles tinham deixado para mim, sentia dolorosamente a que grau de impotência havia caído: uma palhinha estendida na cama e não um homem! E não era a doença a causa única disso e quanto eu sofria! Assim, do mais profundo de meu ser, de todas as minhas forças, começou a elevar-se um protesto, e sufocava de não sei qual sentimento de insolência infinitamente exagerada e de desafio. Não me recordo de nenhuma época de toda a minha vida em que tenha estado mais repleto de sensações orgulhosas, do que naqueles primeiros dias de minha convalescença, isto é, quando a palhinha estava caída no leito.

Mas, enquanto esperava, calava-me e tinha mesmo resolvido não refletir em nada! Sondava os rostos deles, para procurar ali adivinhar tudo aquilo de que tinha necessidade. Via-se que eles tampouco mostravam vontade de interrogar-me, de demonstrar curiosidade, mas conversavam comigo a respeito de coisas indiferentes. Isto me agradava e ao mesmo tempo me causava pesar; não explicarei esta contradição. Via Lisa mais raramente do que minha mãe, muito embora aparecesse todos os dias e até mesmo duas vezes por dia. De certos fragmentos de conversas e pelo semblante de todos concluí que Lisa tinha uma infinidade de preocupações e que muitas vezes estava ausente de casa, por causa de seus negócios. Esta simples ideia de que ela pudesse ter “seus negócios” encerrava algo de chocante para mim; aliás, tudo isso não passava de sensações mórbidas, puramente fisiológicas, que é inútil descrever. Tatiana Pávlovna vinha também ver-me todos os dias e, sem mostrar-se absolutamente terna, não me injuriava como outrora, o que me causou muito vexame, como lhe declarei ingenuamente:

— A senhora, Tatiana Pávlovna, quando não diz injúrias, é bastante aborrecida!

— Está bem, não virei mais ver-te — interrompia ela e retirava-se. Eu ficava contente por haver expulsado pelo menos uma.

Mas atormentava sobretudo mamãe, era ela quem principalmente me irritava. Fora tomado dum apetite feroz e resmungava muito porque minha comida estava sempre em atraso (o que não acontecia nunca). Mamãe não sabia o que imaginar para agradar-me. Uma vez, trouxe-me sopa e, segundo seu hábito, ela mesma me dava as colheradas. Eu resmungava, enquanto engolia. De repente, fiquei com vergonha de resmungar: "Ela é talvez a única a quem amo e é a ela que atormento!". Mas minha maldade não desaparecia e de repente essa maldade me fez derramar lágrimas. A coitada imaginou que eu chorava de enternecimento; e curvou-se sobre mim e beijou-me longamente. Fiquei rígido, deixei passar a tempestade, mas na realidade, naquele minuto, eu a detestava. No entanto, sempre amei mamãe, então também a amava, não é verdade que a detestava, somente ocorria o que ocorre sempre: o mais amado é aquele a quem primeiro se ofende.

Aquele a quem odiava bastante naqueles primeiros dias era um doutor. Esse doutor era um jovem de porte orgulhoso, que falava brutalmente e até mesmo com grosseria. Era caso de dizer que todos eles, esses homens de ciência, tivessem ficado sabendo na véspera de uma descoberta extraordinária e súbita, quando na verdade ontem nada aconteceu de particular; mas tais são sempre a mediocridade e a rua. Aguentei por muito tempo, mas por fim explodi brutalmente e declarei-lhe, diante de todos os nossos, que ele fazia mal em incomodar-se, que me curaria muito bem sem ele, que com seu ar de realista estava cheio demais de preconceitos e não compreendia ainda que a medicina jamais curara alguém; que afinal, segundo toda verossimilhança, devia ser grosseiramente inculto, "como todos os nossos técnicos e especialistas de hoje, que nestes últimos tempos levantam tão alto o nariz". O doutor ofendeu-se grandemente (com o que provou o que era), mas continuou suas visitas. Declarei por fim a Viersílov que, se o doutor não deixasse de vir, ia lhe dizer coisas dez vezes mais desagradáveis ainda. Viersílov obervou apenas que coisas duas vezes mais desagradáveis do que aquelas que eu já dissera eram perfeitamente impossíveis, quanto mais dez vezes. Fiquei satisfeito com a observação dele.

Que homem, no entanto! É de Viersílov que falo. Era ele, ele só, a

causa de tudo — pois bem somente a ele é que não queria mal. Não era apenas sua maneira de agir para comigo que me seduzira. Creio que tínhamos então sentido os dois que devíamos muitas explicações um ao outro… e que por esta razão o melhor era jamais nos explicarmos. É infinitamente agradável, em semelhantes situações, avir-se com um homem inteligente! Já disse na segunda parte de minha narrativa, antecipadamente, que ele me havia falado de maneira muito breve e muito clara da carta que o príncipe detido me dirigira, de Ziérchtchikov, de sua explicação em meu favor, etc. Como houvesse resolvido calar-me, fiz-lhe também, tão brevemente quanto possível, duas ou três perguntas muito curtas; a elas respondeu de modo nítido e preciso, mas sem palavras supérfluas e, o que vale mais, sem sentimentos supérfluos. Os sentimentos supérfluos eram aquilo que eu mais temia então.

De Lambert, não digo nada, mas o leitor certamente adivinhou que eu pensava muito nele. No delírio, havia várias vezes falado de Lambert; mas, uma vez de volta à consciência, ao lançar algumas olhadelas em torno de mim, bem depressa dei-me conta de que toda a história de Lambert permanecia um mistério e que eles não sabiam de nada, inclusive Viersílov. Então rejubilei-me e meu medo passou. Mas enganava-me, como o soube mais tarde, para grande espanto meu: aparecera já durante a minha doença, mas Viersílov nada me dissera e concluí que, para Lambert, eu já estava no outro mundo. Não obstante, pensava muitas vezes nele; mais ainda, pensava não somente sem desgosto, não somente com curiosidade, mas até mesmo com simpatia, como se tivesse pressentido algo de novo, respondendo aos novos sentimentos e aos novos planos que iam nascendo em mim. Em suma, decidi pensar em Lambert antes de tudo, quando me resolvesse a começar a pensar. Uma coisa estranha: esquecera-me completamente do lugar onde ele morava e em que rua tudo aquilo se passara. O quarto, Alfonsina, o cãozinho, o corredor, de tudo me lembrava; teria podido desenhá-lo imediatamente; mas onde tudo isso se passara, em qual rua e em qual casa, tinha esquecido completamente. E, o que é mais singular ainda, só me dei conta disso no terceiro ou quarto dia de minha plena consciência, quando já havia muito tempo que eu começara a me inquietar a respeito de Lambert.

Assim, eis quais foram minhas primeiras sensações, após minha ressurreição. Só anotei o mais superficial e é provável que não tenha sabido anotar o essencial. Com efeito, foi talvez o essencial que naquele momento justamente se determinou e formulou em meu coração; não passava, no entanto, todo o tempo a zangar-me e a enraivecer-me porque não me traziam meu caldo. Oh! lembro-me de quão triste estava, de quanto me aborrecia por vezes, sobretudo quando ficava muito tempo sozinho! Quanto a eles, como que de propósito, tinham bem depressa compreendido que me sentia pouco à vontade em seu convívio e que sua compaixão me irritava, por isso deixavam-me só cada vez mais: excesso de delicadeza!

## II

No quarto dia de minha plena consciência, estava em meu leito, cerca de duas horas da tarde, sem ninguém a meu lado. O tempo estava claro e eu sabia que, depois das três horas, quando o sol declinasse, um raio vermelho e oblíquo atingiria o ângulo de minha parede e iluminaria aquele lugar com uma mancha deslumbrante. Sabia por causa dos dias precedentes, sabia também que seria obrigatoriamente dentro de uma hora e esse fato de saber de antemão, como dois e dois são quatro, irritou-me até o furor. Revirei-me convulsivamente e por inteiro e, de repente, no silêncio profundo, ouvi nitidamente estas palavras: “Senhor Jesus Cristo, Deus nosso, tende piedade de nós.” Tinham sido pronunciadas num meio murmúrio, depois seguiu-se um profundo suspiro do fundo do peito, depois de novo tudo recaiu no silêncio. Ergui rapidamente a cabeça.

Já antes, isto é, na véspera, e mesmo na antevéspera, notara algo de particular nos nossos três quartos de baixo. No quartinho onde viviam outrora mamãe e Lisa, do outro lado da sala grande, devia estar alojada agora alguma outra pessoa. Já ouvira várias vezes certos ruídos, de dia e de noite, mas sempre durante muito curtos instantes, e logo o silêncio voltava a reinar, absoluto, por várias horas, de sorte que não havia prestado atenção àquilo. Viera-me na véspera a ideia de que era Viersílov, tanto mais quanto um momento depois aparecera para ver-me; no entanto, sabia, de maneira certa, pela conversa deles, que Viersílov mudara-se, durante minha doença, para outro

apartamento, onde passava a noite. Quanto a mamãe e Lisa, sabia eu desde muito tempo que se haviam mudado ambas (para minha tranquilidade, penso) para o andar superior, para o meu antigo "ataúde", e chegara mesmo a dizer a mim próprio um dia: "Como puderam elas duas caber ali?". E, de repente, ocorria agora que o antigo quarto delas estava ocupado por outra pessoa e que esse alguém não era absolutamente Viersílov. Com uma ligeireza de que não me teria suposto capaz (imaginando até então que estava absolutamente sem forças), tirei as pernas para fora do leito, calcei chinelos, lancei sobre meus ombros um roupão cinzento, de pele de cordeiro, que estava ali à mão (sacrificado por Viersílov) e me pus a caminho, atravessando nosso salão, para o antigo quarto de minha mãe. O que lá vi deixou-me inteiramente desconcertado; não supunha nada de semelhante e detive-me, como que pregado no lugar, na soleira.

Ali se achava um velho de cabelos brancos, com uma grande barba tremendamente branca. Era claro que ali se achava desde muito tempo. Estava sentado, não sobre o leito, mas sobre a arca de mamãe, com as costas somente apoiadas no leito. Aliás, mantinha-se tão ereto que parecia não ter necessidade nenhuma de sustentáculo, se bem que estivesse manifestamente doente. Trazia, sobre a camisa, um paletó forrado de pelo de carneiro, cobria seus joelhos a manta de mamãe e os pés estavam metidos em chinelos. Devia ter alta estatura, os ombros eram largos, o semblante alegre apesar da doença, de certa palidez e de um pouco de magreza, o rosto oval, com cabelos muitos espessos, mas não muito compridos, e parecia ter mais de setenta anos. Perto dele, numa mesinha ao alcance de sua mão, viam-se três ou quatro livros e óculos de prata. Embora não tivesse a menor ideia de tê-lo visto alguma vez, adivinhei instantaneamente quem fosse, somente não conseguia compreender de que maneira passara tanto tempo, quase lado a lado comigo, tão silenciosamente que eu nada suspeitara até então.

Não se moveu ao ver-me, mas observou-me fixamente e em silêncio e o mesmo fiz eu, com a diferença, porém, de que mostrava imenso espanto e ele nenhum absolutamente. Pelo contrário, depois de ter-me examinado da cabeça aos pés, até o derradeiro traço,

durante aqueles cinco ou dez segundos de silêncio, sorriu de repente e deu mesmo uma risadinha apenas perceptível, que logo se extinguiu, mas cujo traço luminoso e alegre permaneceu no seu rosto e sobretudo no seus olhos, muito azuis, radiosos, grandes, mas de pálpebras opadas e caídas pela velhice e cercados duma infinidade de pequeninas rugas. Foi sobretudo seu riso que agiu sobre mim.

Tenho esta ideia de que, quando um homem ri, é, na maior parte do tempo, repugnante de ver. O riso manifesta comumente nas pessoas não sei que de vulgar e de envilecedor, muito embora quem ri quase sempre nada saiba da impressão que causa. Ignora-a, da mesma maneira que se ignora em geral o aspecto que se tem, quando se dorme. Há adormecidos cujo rosto permanece inteligente, e outros, inteligentes aliás, cujo rosto, quando dormem, torna-se quase estúpido e portanto ridículo. Ignoro donde provém isso: quero dizer apenas que tanto o que ri como o que dorme, na maior parte das vezes, nada sabem de seus rostos. Há uma multidão extraordinária de homens que não sabem absolutamente rir. De fato, não se tem de saber: é um dom que não se adquire. Ou então, para adquiri-lo, é preciso refazer sua educação, tornar-se melhor e triunfar de seus maus instintos: então o riso de semelhante homem poderia muito provavelmente melhorar. Há pessoas traídas pelo riso: sabe-se logo o que elas têm nas entranhas. Mesmo um riso incontestavelmente inteligente é por vezes repulsivo. O riso exige antes de tudo a franqueza: onde encontrar a franqueza entre os homens? O riso exige a bondade e as pessoas riem a maior parte do tempo por maldade. O riso franco e sem maldade é a alegria: onde encontrar a alegria em nossa época e as pessoas sabem ser alegres? (Pelo que diz respeito à alegria em nossa época, a observação é de Viersílov, que eu guardei de memória.) A alegria do homem é seu traço mais revelador, com os pés e as mãos. Há caracteres que não conseguis devassar: mas um dia esse homem explode numa risada bem franca e eis de repente todo o seu caráter exposto diante de vós. Somente as pessoas que gozam do desenvolvimento mais elevado e mais feliz podem ter uma alegria comunicativa, isto é, irresistível e boa. Não quero falar do desenvolvimento intelectual, mas do caráter, do conjunto do homem. Assim: se quiserdes estudar um homem e conhecer sua alma, não presteis atenção à maneira pela qual ele se cala, ou pela qual fala, ou

pela qual chora, ou mesmo pela qual se emociona com as mais nobres ideias. Olhai antes quando ri. Se ri bem, é que é bom. E notai bem todos os matizes: é preciso, por exemplo, que seu riso não vos pareça estúpido em nenhum caso, por mais alegre e ingênuo que seja. Assim que notardes o menor traço de estupidez no seu riso é certo ser esse homem de espírito limitado, ainda mesmo que nele pululem as ideias. Se seu rosto não é estúpido, mas se o homem, ao rir, vos pareceu de repente ridículo nem que seja um tantinho, sabei então que esse homem não possui o verdadeiro respeito de si mesmo, ou pelo menos não o possui perfeitamente. Enfim, se esse riso, embora comunicativo, vos parece entretanto vulgar, que tudo quanto havíeis notado nele de nobre e de elevado era ou deliberadamente rebuscado e fictício, ou então inconscientemente imitado e que fatalmente acabará mal mais tarde, vai se ocupar com coisas proveitosas e rejeitará sem piedade suas ideias generosas como erros e arrebatamentos de mocidade.

Não é sem intenção que insiro aqui esta longa tirada a respeito do riso, sacrificando-lhe a continuação da narrativa; considero-a como uma das mais sérias conclusões que tirei da vida. E recomendo-a muito particularmente às jovens noivas em vésperas de casar com o homem escolhido, mas que ainda o encaram com desconfiança e perplexidade e não estão definitivamente decididas. Não zombeis de um pobre adolescente que se mete a dar lições em matéria nupcial, de que não entende patavina. Só compreendo uma coisa; é que o riso é a mais segura prova da alma. Olhai uma criança: certas crianças sabem rir com perfeição e por isso são irresistíveis. Uma criança que chora é-me odiosa, mas a que ri e se rejubila é um raio do paraíso, uma revelação do futuro, em que o homem se tornará, por fim, tão puro e ingênuo como uma criança. Pois bem, não sei que de infantil e de incrivelmente sedutor passou pelo riso efêmero daquele ancião. Logo me aproximei dele.

## III

— Senta-te, senta-te um instante, tuas pernas ainda não estão sólidas — diz-me ele, amavelmente, indicando-me um lugar a seu lado e continuando a olhar-me de frente, com o mesmo olhar radioso. Sentei-me junto dele e disse-lhe:

— Conheço-o. O senhor é Makar Ivânovitch.

— Sim, meu caro. É bom que estejas agora de pé. És jovem, é bom para ti. Ao velho, o túmulo; ao jovem, a vida.

— O senhor está doente?

— Sim, meu amigo, das pernas sobretudo; ainda me trouxeram até aqui, as pobrezinhas, mas, assim que me sentei, incharam. Começou isto na quinta-feira passada, quando o termômetro parou (N.B.: isto é, gelou). Antes, untava-as com uma pomada, já vês. Foi o Doutor Lichten Edmond Kárlovitch quem a recomendou em Moscou, há três anos, e fazia-me bem essa pomada, muito bem. E depois, desde ontem, as costas também; podia dizer que cães me comem… Não durmo mais à noite.

— E como se dá que não se ouça o senhor absolutamente, aqui? — interrompi-o. Olhou-me e pareceu refletir:

— Contanto que não acordes tua mãe — acrescentou, como a uma súbita lembrança. — Ela agitou-se a noite inteira, ao lado, mas sem rumor, parecia uma mosca; agora repousa; eu sei. Oh! é triste ser um pobre velho! — suspirou. — Pergunta-se a que está vossa alma agarrada, e no entanto, ela se aguenta firme, está contente por ver o dia; mesmo se fosse preciso recomeçar a sua vida, creio bem que minha alma não teria medo disso; mas talvez seja um pecado pensar assim.

— E por que um pecado?

— É um sonho, esta ideia, e um velho deve ir deste mundo em beleza. Sim, acolher a morte com murmúrios ou descontentamento é um grande pecado. Enfim, se é por alegria espiritual que se ama a vida, creio que Deus lhe perdoará, mesmo a um velho. É difícil para o homem saber o que é pecado e o que não é; é um mistério que ultrapassa o entendimento humano. Um velho, este deve estar sempre contente, deve morrer na plena luz de seu espírito, bem-aventuradamente e em beleza, saturado de dias, aspirando após a sua derradeira hora e contente por ir-se como uma espiga para o feixe, cumprido o seu mistério.

— O senhor fala sempre de mistério; que quer dizer “cumprido o seu mistério”? — perguntei, lançando um olhar para a porta. Sentia-me contente por estarmos sós e nos cercar um silêncio imperturbável. O sol brilhava vivamente na janela, antes de seu declínio. Ele falava com um pouco de ênfase e sem precisão, mas com muita sinceridade e numa forte excitação, como se estivesse verdadeiramente alegre com a minha presença. Mas notei nele um estado febril indubitável e até mesmo bastante perceptível. Eu estava doente também, tinha igualmente febre, desde o instante em que entrara ali.

— Que é um mistério? Tudo é mistério, meu amigo, o mistério de Deus está em toda parte. Em cada árvore, em cada talo de erva, esse mistério está encerrado. Um passarinho que canta, as estrelas todas que brilham na noite, tudo é mistério, o mesmo mistério. Mas o maior de todos os mistérios é o que espera a alma do homem no outro mundo. É isso, meu amigo!

— Não sei em que sentido o senhor… Não é, decerto, para irritá-lo, e esteja persuadido de que creio em Deus, mas todos esses mistérios foram desde muito tempo explicados pela razão e o que ainda não foi vai ser, é absolutamente certo, e talvez no menor prazo possível. A Botânica sabe perfeitamente como brota a árvore, o fisiologista e o anatomista sabem mesmo por que o pássaro canta, ou vão saber em breve, e quanto às estrelas, não somente foram contadas, mas cada um de seus movimentos foi calculado com erro de um minuto quase, tanto que se pode predizer com mil anos de antecipação, e com a mesma exatidão, o aparecimento de não importa qual cometa… E agora é-nos revelada a própria composição das constelações mais longínquas. Tome um microscópio — é um vidro de aumento que faz ver os objetos um milhão de vezes maiores — e olhe nele uma gota dágua; verá ali todo um mundo novo, toda uma vida de criaturas vivas e, no entanto, isso também era um mistério que, como vê, nós descobrimos.

— Já ouvi falar disso, meu filho, e muitas vezes, por várias pessoas. Não o nego: é coisa grande e famosa; tudo foi entregue ao homem pela vontade de Deus; não é por nenhum motivo que Deus lhe deu o sopro da vida: “Vive e conhece”.

— Ora, são lugares-comuns isso. O senhor não é, no entanto, um inimigo da ciência, um clerical, não é mesmo? Quero dizer que não sei se o senhor compreende…

— Não, meu filho, desde minha tenra idade respeitei a ciência e, sem que dela entenda, não murmuro contra ela; o que não me foi dado, a outros o foi. E talvez seja melhor assim: a cada qual o seu dom. É que, meu caro amigo, a ciência não aproveita a todos. As pessoas são intemperantes, cada qual quer assombrar o universo, e eu também talvez, e mais ainda que os outros, se fosse instruído. Enquanto que, ignorante como sou agora, como posso gloriar-me, quando nada sei? Tu és jovem e inteligente, é teu destino, estuda, pois. Procura conhecer tudo a fim de que, quando encontrares um ímpio ou um insolente, saibas responder-lhe e não possa ele inundar-te de vãs palavras e perturbar teu cérebro sem maturidade. Quando ao tal vidro, não faz muito tempo que o vi.

Retomou fôlego e suspirou. Decididamente, minha chegada lhe proporcionava um prazer extremo. Tinha uma sede mórbida de comunicação. Além disso, não me enganarei decerto ao afirmar que ele me olhava, por instantes, com um afeto extraordinário: pousava ternamente a mão sobre a minha, acariciava meu ombro… mas também, por instantes, é preciso confessá-lo, parecia ter-me, por completo esquecido. Parecia que estava só e, se continuava a falar com ardor, era, parece, no vácuo.

— Há, meu amigo — continuou —, no eremitério de Guennádieva Pustinha, um homem de grande senso. É de raça nobre, tenente-coronel e possui grande fortuna. Quando estava no século, não quis casar-se; vai fazer em breve dez anos que está separado do mundo, por amor ao silêncio e à solidão, dando repouso aos seus sentidos das vaidades mundanas. Cumpre toda a regra monástica, mas não quer professar. E, meu amigo, há tantos livros em seu quarto que jamais vi tantos em parte alguma; ele mesmo me disse que valem uns oito mil rublos. Chama-se Piotr Valieriánovitch. Em diversas épocas ensinou-me muitas coisas e sempre gostei muito de ouvi-lo. Uma vez lhe disse: “Como pois, com um espírito tão vasto quanto o seu e levando há já dez anos uma vida de monge que realizou o completo abandono de sua vontade, como pois não deseja receber o hábito para ser ainda

mais perfeito?”. E ele: “Como, velho, ousas falar de meu espírito? Talvez que, justamente, seja prisioneiro de meu espírito, em lugar de domá-lo. E quanto à minha obediência, talvez que desde muito tempo já tenha eu perdido a justa estima de minha pessoa. E falas também do abandono de minha vontade? Pois bem, abandonarei imediatamente meu dinheiro, renunciarei a todos os meus títulos, depositarei sobre esta mesa todas estas condecorações, mas meu cachimbo… há já dez anos que creio bem jamais poder a ele renunciar! Que monge seria eu depois disso, de que abandono de minha vontade posso louvar-me?”. Espantei-me então diante daquela humildade. Pois bem, no verão passado, aí pelo São Pedro, voltei àquele eremitério — foi Deus quem o quis — e que é que vejo na sua cela? Justamente aquele objeto: um microscópio, que ele mandara buscar no estrangeiro, a alto preço. “Espera um pouco — disse-me —, vou mostrar-te uma coisa maravilhosa e que jamais viste até agora. Estás vendo esta gota d'água límpida como uma lágrima, pois bem, olha o que tem ela dentro e verificarás que a mecânica descobrirá em breve todos os segredos do bom Deus… não nos deixará nem um sequer.” Eis o que ele disse e que eu retive. Eu já havia olhado num microscópio trinta e cinco anos antes, em casa de Alieksandr Vladímirovitch Malgassov, nosso amo, o tio de Andriéi Pietróvitch, pelo lado materno, cujos bens passaram em seguida, após sua morte, para Andriéi Pietróvitch. Era um senhor importante, um grande general, mantinha uma matilha numerosa e vivi muitos anos ao lado dele na qualidade de monteiro. Instalara, também ele, um microscópio, que trouxera também consigo, e mandou chamar todo o seu pessoal, uns após outros, homens e mulheres, para olharem e mostrava-se ali também uma pulga e um piolho, uma ponta de agulha, um cabelo e uma gota d'água. Como nos divertimos! A gente tinha medo de aproximar-se, mas tinha-se medo também do senhor; não era de brincadeiras. Uns não sabiam olhar, fechavam os olhos e não viam nada; os outros gritavam de medo e o *stárosta* Savin Makárov fechou os olhos com as duas mãos, gritando: “Fazei de mim o que quiserdes, mas não irei!”. Quanta risada então! No entanto, não confessei a Piotr Valieriánovitch que, havia muito tempo antes, mais de trinta e cinco anos, vira aquela mesma maravilha; ele tinha muito prazer em mostrá-la. Pelo contrário, fingi admirar-me e espantar-me. Deixa-me ele um momento e depois me pergunta: “Pois bem, velho, que dizes disso?”. Levanto-me e digo-lhe:

“O Senhor disse: faça-se a luz e a luz foi feita”. E ele, bruscamente: “Não teriam sido as trevas?”. Disse isto gaiatamente, mas sem rir. Fiquei surpreso naquele momento e ele quase se zangou e não disse mais nada.

— É muito simples: o seu Piotr Valieriánovitch está no mosteiro para comer *kutiá* e fazer reverências, mas não crê em Deus e o senhor surgiu ali num daqueles momentos, eis tudo — digo-lhe eu. — Além do mais, é um homem bastante estranho: decerto vira aquele microscópio uma dezena de vezes, mas por que somente na décima primeira ficar louco por ele? É uma impressionabilidade um tanto nervosa… Efeito do mosteiro sem dúvida.

— É um homem puro e de espírito elevado — declarou o velho com convicção —, não é um ímpio. Tem inteligência para vender, mas seu coração está inquieto. Pessoas dessa espécie vêm-nos agora das massas, dentre os senhores sábios. E eis ainda o que te vou dizer: o homem castiga-se a si mesmo. Evita-os, não os atormentes e antes de adormeceres menciona-os em tuas preces, porque esses homens buscam Deus. Fazes tua oração antes de dormir?

— Não. Acho que é um rito inútil. Mas devo confessar-lhe que Piotr Valeriánovitch me agrada: ele pelo menos não é um trapo, mas um homem, e se assemelha um pouco a um outro que nos está próximo e que nós dois conhecemos.

O velho não prestou atenção senão à primeira frase de minha resposta:

— Não tens razão, meu amigo, não fazendo tua oração. É uma boa coisa, que rejubila o coração, e antes do sono e do sonho, e quando a gente acorda à noite. Eu assim te digo. Num verão, no mês de julho, dirigíamo-nos, apressados, para o mosteiro da Virgem por motivo de uma festa. Quanto mais nos aproximávamos, mais gente se juntava a nós, e chegamos por fim a ser uns duzentos, todos com pressa de beijar as santas e veneráveis relíquias dos dois grandes taumaturgos Aníki e Grigóri. Tinha-se passado a noite num campo e abri os olhos bem cedo, quando toda a gente ainda dormia e o próprio sol ainda não nascera da mata. Pois bem, meu filho, ergui a cabeça,

abarquei com uma olhadela o horizonte e suspirei: por toda parte uma beleza inefável! Tudo está calmo, o ar ligeiro, a erva brota — brota, ervinha do bom Deus! O passarinho canta — canta, pois, passarinho do bom Deus! a criancinha pipila nos braços de sua mãe — Deus te guarde, homenzinho, cresce e sê feliz! E, pela primeira vez talvez em toda a minha vida, senti que tudo isso se continha dentro em mim… Voltei a deitar-me e adormeci com um sono tão leve! Belo é o mundo, meu caro! Se estivesse melhor, ia seguir caminho logo na primavera. Haja mistérios! Tanto melhor. É terrível para o coração e maravilhoso, mas esse medo rejubila o coração: "Tudo está em ti, Senhor, eu mesmo estou em ti, recebe-me!". Não murmures, rapaz: tanto mais beleza quanto mais mistério — acrescentou com enternecimento.

— "Tanto mais beleza quanto mais mistério…" Vou me lembrar destas palavras. É terrível, como se exprimia o senhor inexatamente, mas compreendo… O que me impressiona é que o senhor saiba e compreenda muito mais coisas do que possa exprimir; até parece que o senhor fala como em delírio… — Esta frase escapou-me, ao ver seus olhos febris e seu rosto pálido. Mas ele, creio, não me ouviu.

— Sabes, meu caro rapazinho — continuou ele, como que prosseguindo seu discurso interrompido —, sabes que há um limite à lembrança do homem na Terra? Esse limite à lembrança do homem foi fixado em cem anos somente. Cem anos após sua morte, sua lembrança pode ainda subsistir entre seus filhos ou seus netos, que ainda viram o seu rosto; mais tarde, se sua lembrança dura ainda, é apenas oral, mental, porque todos aqueles que viram seu rosto vivo passarão. E seu túmulo no cemitério será oculto pela relva, sua lousa vai se quebrar, todos os homens o esquecerão e até mesmo sua posteridade, em seguida até seu nome será esquecido, porque muito poucos restam na lembrança dos homens — pois bem, seja! Que meus amigos me esqueçam, mas eu os amo do fundo do túmulo. Ouço-vos, criancinhas, vossas vozes alegres, ouço vossos passos sobre os túmulos de vossos pais no dia dos mortos. Enquanto esperais, vivei ao sol, regozijai-vos, e eu rezarei a Deus por vós, descerei em vós em vossos sonhos… O amor subsiste após a morte!…

Estava com a mesma febre que ele; em lugar de retirar-me ou de pedir-lhe que se acalmasse, ou talvez colocá-lo no leito, porque

parecia estar ele em pleno delírio, peguei-lhe de repente a mão e, inclinando-me para ele e apertando-lhe a mão, disse num murmúrio comovido e com lágrimas no coração.

— Sinto-me feliz por vê-lo. Esperava-o talvez desde muito tempo. Não amo a ninguém entre eles: não tem beleza… Não os seguirei, não sei para onde ir. Irei com o senhor…

Mas, por felicidade, minha mãe entrou naquele momento; de outro modo, não sei como teria aquilo acabado. Ela entrou com o semblante de uma pessoa que acaba de despertar e que está alarmada. Trazia na mão um frasco e uma colher de sopa. Vendo-nos exclamou:

— Bem o sabia! Não lhe dei seu quinino a tempo e ei-lo todo febril! Dormi demais, Makar Ivânovitch, meu caro!

Levantei-me e saí. Ela lhe deu ainda assim sua porção e deitou-o. Eu também meti-me no meu leito, mas extremamente perturbado. Voltara com uma grande curiosidade e refletia com todos os meus sentidos naquele encontro. Que eu esperava disso então? Ignoro. Sem dúvida, raciocinava sem nexo e o que se sucedia no meu espírito não eram ideias, mas pedaços de ideias. Estava deitado com o rosto voltado para a parede; de repente, vi no canto a mancha escarlate e luminosa do sol poente, aquela mesma mancha que esperava outrora com tantas maldições, e lembro-me de que toda a minha alma se exaltou, como se um clarão novo penetrasse no meu coração. Lembro-me daquele minuto delicioso, não quero esquecê-lo. Foi apenas um instante de esperança nova e de força nova… Já estava convalescente e por conseguinte aqueles acessos podiam ser a consequência inevitável do estado de meus nervos, mas aquela esperança luminosa, creio ainda nela hoje — eis o que quis hoje anotar e reter. Evidentemente, sabia já muito bem que não iria sair a peregrinar com Makar Ivânovitch e ignorava eu mesmo em que consistia a aspiração nova que apoderara de mim, mas já havia pronunciado aquela frase, embora no delírio: “Eles não tem beleza!”. “Está acabado — pensei no meu arrebatamento —, a partir deste momento procuro a beleza, eles não a tem, e por isso os deixo.” Houve como um frufrulhar de roupas atrás de mim. Voltei-me: era mamãe que se curvava sobre mim e fitava-me nos olhos com uma curiosidade tímida. Peguei-lhe de chofre

na mão:

— Por que pois, mamãe, nunca me disseram nada a respeito de nosso caro hóspede? — perguntei-lhe bruscamente, sem mesmo esperar que fosse dizer isso. Toda a sua inquietação desapareceu logo e a alegria iluminou seu rosto, mas não me respondeu, exceto dizendo estas poucas palavras:

— Não te esqueças tampouco de Lisa; tu esqueceste Lisa.

Disse isto rapidamente, corando, e fez menção de retirar-se depressa, porque tinha horror, também ela, de exibir seus sentimentos; a este respeito assemelhava-se a mim, isto é, era reservada e casta: além disso, naturalmente, não teria querido tratar comigo aquele assunto: Makar Ivânovitch; o que tínhamos podido dizer-nos por aquela troca de olhares bastava. Mas fui eu, que detesto toda exibição de sentimentos, que a retive à força pela mão: olhava-lhe docemente os olhos, ria doce e ternamente, e com a outra mão acariciava seu querido rosto, sua faces cavadas. Ela se curvou e apoiou sua fronte contra a minha:

— Bem, o Cristo seja contigo! — disse, de repente, reerguendo-se e toda radiante. — Trata de ficar bom. Ficarei agradecida. Ele está doente, bem doente… Nossa vida está nas mãos de Deus… Ah! mas que disse eu? Isto não pode ser!…

Retirou-se. Sempre honrara muito durante toda a sua vida, no medo e no tremor e no respeito, seu legítimo esposo, o peregrino Makar Ivânovitch, que a havia magnanimamente e de uma vez por todas perdoado.

## Capítulo II

### I

Eu não havia esquecido Lisa. Mamãe se enganava. Aquela mãe sensível via que havia uma espécie de frieza entre o irmão e a irmã, mas não se tratava de desafeição e bem antes de ciúme. Vou-me

explicar, dada a continuação, em duas palavras.

A pobre Lisa, depois da detenção do príncipe, fora tomada de não sei que orgulho arrogante, e altivez inabordável, quase insuportável; mas todo mundo na casa adivinhou a verdade, isto é, que ela sofria e, quanto a mim, se a princípio mostrei-me amuado e fechei a cara diante daquelas maneiras, foi unicamente por causa de minha susceptibilidade mesquinha, decuplicada ainda pela doença — é pelo menos o que penso hoje. Mas jamais cessei de amar Lisa. Muito pelo contrário, amava-a ainda mais. Somente não queria dar o primeiro passo, embora compreendendo que ela tampouco não o daria, a preço nenhum.

Assim que se tornou conhecido o caso do príncipe, logo depois de sua detenção, Lisa tratou imediatamente de tomar a nosso respeito e a respeito de todo mundo a atitude de uma pessoa que não poderia nem mesmo admitir a ideia de que se pudesse lamentá-la ou consolá-la, justificando o príncipe. Pelo contrário, enquanto cuidava de não se explicar e de nunca discutir, tinha sempre o ar de se gloriar da conduta de seu desgraçado noivo, como dum supremo heroísmo. Parecia dizer-nos a todos e a todo instante (sem pronunciar uma palavra, repito): “Nenhum de vocês fará coisa igual. Não seria você que iria entregar-se por motivos de honra e de dever. É que nenhum de vocês tem a consciência tão delicada e tão pura. Quanto a seus atos, quem é que não tem alguma má ação na consciência? Somente, os outros se ocultam, ao passo que ele preferiu perder-se a permanecer indigno a seus próprios olhos”. Eis o que significava visivelmente cada um de seus gestos. Não sei, mas me parece que teria agido exatamente da mesma maneira no lugar dela. Não sei tampouco se são bem essas ideias que ela trazia no íntimo de seu coração, no íntimo de si mesma: suspeito que não. Pela outra metade de sua razão, a metade clara, devia fatalmente discernir toda a nulidade de seu herói; porque quem recusara reconhecer hoje que aquele homem infeliz e até mesmo magnânimo em seu gênero era ao mesmo tempo uma perfeita nulidade? Essa susceptibilidade mesma, essa disposição para se atirar contra nós todos, essas eternas suspeitas de que pudéssemos pensar dele outra coisa, tudo isso deixava adivinhar que se formara nos arcanos de seu coração uma opinião bem diferente a respeito de seu

desventurado amigo. Apresso-me, no entanto, a acrescentar que, a meu ver, tinha ela razão pelo menos na metade; era mais perdoável do que nós todos a respeito da conclusão definitiva. Eu mesmo, confesso de todo coração, agora que tudo isso passou, não sei absolutamente como julgar, como apreciar definitivamente aquele infeliz, que propôs a todos nós semelhante enigma.

Não obstante, por causa dela, transformava-se a casa num pequeno inferno. Lisa, que tanto amara, devia sofrer muito. Com seu caráter, preferiu sofrer em silêncio. Seu caráter era semelhante ao meu, isto é, autoritário e orgulhoso, e sempre acreditei, creio ainda hoje, que havia amado o príncipe por autoritarismo, porque ele era sem caráter e, desde a primeira palavra e a primeira hora, havia-se inteiramente submetido a ela. Tudo isso se passa por si mesmo no coração, sem nenhum cálculo prévio; mas esse amor do mais forte pelo fraco é por vezes infinitamente mais violento malgrado seu, assume-se a responsabilidade pelo seu amigo fraco. Pelo menos, é o que creio. Todos os nossos, desde o começo, cercaram-na da mais terna solicitude, mamãe sobretudo; ela, porém, não se enterneceu, não correspondeu àquela simpatia e pareceu repelir toda ajuda. Com mamãe, conversava ainda, no começo, mas de dia para dia fazia-se mais avara de palavras, mais desabrida e mesmo mais cruel. Consultava a princípio Viersílov, mas em breve tomou para conselheiro e adjunto Vássin, o que soube mais tarde com espanto… Ia diariamente à casa de Vássin, percorria também os tribunais, via os chefes do príncipe, os advogados, o promotor; para o final, passava dias inteiros sem quase ser vista em casa. Naturalmente, duas vezes por dia, visitava o príncipe, que estava na prisão, na divisão dos nobres, mas aquelas entrevistas, como me dei conta mais tarde, eram muito penosas para Lisa. Evidentemente, qual a terceira pessoa que pode conhecer perfeitamente os assuntos de dois amorosos? Sei, no entanto, que o príncipe a ofendia profundamente, por momentos, e como? Coisa curiosa: por um ciúme incessante. Mas voltaremos a isso mais tarde. Acrescentarei somente uma ideia: é difícil decidir qual dos dois atormentava mais o outro. Lisa, que, entre nós, se gloriava de seu herói, comportava-se talvez de maneira bem diversa diante dele, como tenho motivo para suspeitar, segundo certos dados de que tratarei também mais tarde.

Assim, no que concerne a meus sentimentos e minhas relações com Lisa, tudo quanto se via não era senão uma mentira propositada e ciumenta de uma parte e de outra, mas jamais nos amamos mais do que naquele momento. Acrescentarei ainda que, desde o aparecimento em nossa casa de Makar Ivânovitch, após o primeiro movimento de espanto e de curiosidade, Lisa comportou-se para com ele com uma espécie de desdém, até mesmo de altivez. Parecia fazer de propósito, não lhe concedendo a menor atenção.

Tendo jurado a mim mesmo guardar silêncio, como expliquei no capítulo precedente, pensava, como era natural, em teoria, isto é, nos meus sonhos, manter minha palavra. Oh! com Viersílov, por exemplo, teria antes falado de zoologia ou dos imperadores romanos que dela ou, por exemplo, daquela linha essencial de sua carta em que a informava de que o documento não fora queimado, mas existia e aparecia em público — naquela linha na qual me pus imediatamente a pensar comigo mesmo, desde que recuperei a consciência e a razão me voltou após a febre. Mas ai! desde os primeiros passos práticos, e quase antes deles, adivinhei a que ponto era difícil e impossível persistir em semelhantes decisões preconcebidas. Desde o dia seguinte ao meu primeiro encontro com Makar Ivânovitch, fiquei tremendamente emocionado por uma circunstância inesperada.

## II

Foi essa emoção causada pela visita imprevista de Dária Onísimovna, a mãe da pobre Ólia. Já havia sabido por minha mãe que ela viera duas vezes durante minha doença e se interessava muito pela minha saúde. Fora efetivamente por minha causa que viera aquela “excelente mulher”, como a chamava sempre minha mãe, ou antes, muito simplesmente, vinha ver minha mãe, segundo o costume estabelecido? Não pergunto a mim mesmo. Minha mãe contava-me sempre os acontecimentos da casa, comumente no momento em que vinha fazer-me tomar minha sopa (na época em que não podia ainda eu mesmo alimentar-me) para me distrair; esforçava-me todas as vezes por mostrar que me interessava muito pouco por aquelas informações, de modo que não lhe fiz mais perguntas a respeito de Dária Onísimovna. Não disse mesmo nada.

Eram cerca de onze horas: ia levantar-me para transportar-me para a poltrona perto da mesa, quando ela entrou. Fiquei de propósito na cama. Mamãe estava muito ocupada lá em cima e não desceu para vê-la, de modo que encontramo-nos a sós. Ela instalou-se diante de mim, numa cadeira perto da parede, sorrindo e sem pronunciar uma palavra. Eu pressentia um longo silêncio; aliás, em geral sua chegada produzia em mim uma impressão das mais irritantes. Não lhe dirigi nem mesmo um aceno de cabeça e olhei-a fixamente bem nos olhos; mas ela também me fitava o rosto.

— Aborrece-se agora sozinha, sem o príncipe? — perguntei-lhe, de repente, perdendo a paciência.

— Não, não mora mais lá. Graças a Anna Andriéievna, tomo conta agora de seu filhinho.

— Que filhinho?

— O de Andriéi Pietróvitch — declarou ela, num murmúrio confidencial, olhando para a porta.

— Mas se está lá Tatiana Pávlovna…

— E Tatiana Pávlovna, e Anna Andriéievna, e também Elisavieta Makárovna, e sua mamãe… todas. Todas se interessam. Tatiana Pávlovna e Anna Andriéievna estão muito amigas agora.

Era uma novidade. Animava-se bastante ao falar. Olhei-a com ódio.

— A senhora está bastante excitada, desde a derradeira vez que veio.

— Ah! é mesmo!

— Engordou, creio?

Olhou-me duma maneira engraçada.

— Ama-a muito agora, muito.

— A quem?

— Mas a Anna Andriéievna. Muito! Uma pessoa tão nobre e tão sensata…

— Bem! E como ela está agora?

— Muito calma, muito calma.

— Sempre foi calma.

— Decerto, sempre.

— Se veio contar-me mexericos — exclamei, de repente, não me contendo mais —, saiba que não me meto em nada e que decidi largar aí… tudo e todos… não me importo com coisa nenhuma. Vou-me embora!

Calei-me, porque a razão me voltou. Não queria rebaixar-me a explicar-lhe meus novos objetivos. Escutou-me sem espanto e sem perturbação, mas seguiu-se novo silêncio. De súbito ela se levantou, dirigiu-se para a porta e lançou uma olhadela para o quarto vizinho. Depois de haver-se certificado de que não havia ninguém e estávamos sós, voltou a mais tranquilamente possível e tornou a sentar no mesmo lugar.

— Eis o que está bem! — E desatei a rir.

— E seu quarto na casa dos funcionários, vai conservá-lo? — perguntou, de repente, inclinando-se ligeiramente para mim e baixando a voz, como se fosse a questão essencial motivadora de sua vinda.

— Meu quarto? Não sei. Talvez o deixe… Sei lá!

— É que os locadores o esperam com muito interesse. O funcionário está muito impaciente, sua esposa também. Andriéi Pietróvitch assegurou-lhes que o senhor voltaria com certeza.

— Mas que tem a senhora com isso?

— Anna Andriéievna também queria saber; ficou muito contente ao saber que o senhor ficaria lá.

— E por que está tão certa de que ficarei naquele quarto?

Queria acrescentar: “e que tem ele com isso?”, mas evitei fazer a pergunta, por orgulho.

— É que o Senhor Lambert lhe confirmou isso.

— O quê-ê-ê?

— O Senhor Lambert. Também ele confirmou com toda a certeza a Andriéi Pietróvitch que o senhor ficaria e garantiu também a Anna Andriéievna.

Fiquei totalmente abalado. Que história mais? De modo que Lambert já conhecia Viersílov, Lambert penetrou até junto de Viersílov! Lambert e Anna Andriéievna! Chegou também até ela! Uma febre apoderou-se de mim, mas calei-me. Terrível afluxo de orgulho inundou minha alma, de orgulho ou de outra coisa. Mas foi como se eu dissesse a mim mesmo naquele momento: “Se pedir uma única palavra de explicação, vou me meter de novo nesse mundo e não o deixarei nunca mais”. O ódio inflamou-se dentro de meu coração. Resolvi com todas as minhas forças calar-me e fiquei imóvel no meu leito. Ela também ficou silenciosa um bom minuto.

— E o Príncipe Nikolai Ivânovitch? — perguntei, de repente, como que perdendo a cabeça. Fizera a pergunta num tom decidido, para mudar de assunto; e, de novo, contra minha vontade, fiz a pergunta essencial, voltava por mim mesmo, como um louco, ao mundo de que tão convulsivamente acabara de decidir fugir.

— Está em Tsárskoie Sieló. Um tanto doente. A cidade está cheia agora dessa febre. Toda gente aconselhou-o a retirar-se para Tsárskoie, para sua casa ali, por causa do bom ar.

Não respondi.

— Anna Andriéievna e a generala vão vê-lo de três em três dias. Viajam juntas.

Anna Andriéievna e a generala (quer dizer, ela), amigas! Viajam juntas! Não digo nada.

— É que se tornaram muito amigas e Anna Andriéievna diz tanto bem de Katierina Nikoláievna…

Conservava-me silencioso.

— Katierina Nikoláievna está de novo vivamente interessada pela sociedade. Sempre festas, em que refulge; dizem que a corte inteira está fascinada por ela… Quanto ao Senhor Bioring, foi tudo abandonado, não se fará mais o casamento; é o que todo mundo afirma… desde a ocasião em que…

Queria dizer: desde a carta de Viersílov. Senti um tremor, mas não disse uma palavra.

— Quanto Anna Andriéievna lamenta o Príncipe Sierguiéi Pietróvitch! E Katierina Nikoláeivna também! Não cessam de falar dele, dizem que será absolvido, e o outro condenado, o tal Stiebielhkov…

Olhei-a com ódio. Ela levantou-se e, de repente, curvou-e para mim.

— Anna Andriéievna recomendou-me muito que me informasse da saúde do senhor — declarou ela, mal cochichando —, e ordenou-me mesmo que lhe pedisse para ir vê-la assim que o senhor saísse de casa. Até a vista! Trate de sarar e direi que…

Saiu. Sentei-me em minha cama. Um suor frio correu-me pela testa, mas o que eu sentia não era medo: a notícia, incompreensível para mim e monstruosa, referente a Lambert e suas intrigas, não havia de modo algum me apavorado, relativamente ao pavor talvez irrefletido que se apoderara de mim durante minha doença e nos primeiros dias de minha convalescença à lembrança de meu encontro com ele, naquela noite. Pelo contrário, naquele primeiro instante de perturbação, em meu leito, logo após a partida de Dária Onísimovna, nem sequer pensei em Lambert, mas… o que tomou logo conta de mim foi a notícia da ruptura dela com Bioring, de sua felicidade na alta-roda, de suas festas, de seus êxitos, de seu esplendor. “Ela refulge”, dissera Dária Onísimovna. E senti de repente que não tinha a força de arrancar-me daquele turbilhão, se bem que tivesse

encontrado a de enrijecer-me, de calar-me, de não interrogar Dária Onísimovna, depois de suas estupefacientes novidades! Uma sede desmedida daquela vida, deles, apoderou-se de mim e… também não sei que outra sede deliciosa que sentia até a felicidade e até um sofrimento torturante. Meus pensamentos turbilhonavam, mas deixava-os turbilhonar. “De que serve raciocinar?”, dizia a mim mesmo. “No entanto, a própria mamãe ocultou-me a visita de Lambert”, pensei, a espaços, sem continuidade: “É que Viersílov lhe mandou que se calasse… Morrerei, mas não interrogarei Viersílov a respeito de Lambert!” “Viersílov — voltava eu a pensar — Viersílov e Lambert, oh! quantas novidades entre eles! Que ardiloso esse Viersílov! Fez medo ao alemão, a Bioring, com aquela carta; caluniou-a; *la calomnie… il en reste toujours quelque chose*,[81] e aquele mundano alemão teve medo do escândalo — ah! ah! boa lição para ela!” “Lambert… mas não teria Lambert chegado também até ela? Mas decerto! E por que ela recusaria ligar-se a ele?”

Aqui, cessei de chofre de agitar esses pensamentos incoerentes e, em desespero, caí com a cabeça sobre o travesseiro. “Ah! não, não!” — exclamei, numa decisão súbita. Saltei do leito, calcei meus chinelos, vesti meu roupão e segui direto para o quarto de Makar Ivânovitch, como se lá estivesse o remédio para as obsessões, a salvação, a âncora a que me agarraria.

Com efeito, poderia dar-se que sentisse então aquela ideia com todas as forças de minha alma; de outro modo, por que pois teria dado aquele salto irresistível e súbito e corrido, em semelhante estado moral ao quarto de Makar Ivânovitch?

## III

Mas no quarto de Makar Ivânovitch, encontrei visitantes inesperados, mamãe e o doutor. Como imaginara, ao seguir para lá, que encontraria o velho sozinho, como na véspera, parei na soleira, num estado de estúpida perplexidade. Mas nem tivera tempo de franzir o cenho e logo chegou também Viersílov e atrás dele, de súbito, Lisa… Estavam, pois, todos reunidos no quarto de Makar Ivânovitch e justamente quando não era preciso estar!

— Vim informar-me de sua saúde — disse eu, indo diretamente a Makar Ivânovitch.

— Obrigado, meu filho, sabia que virias! Ainda esta noite pensava em ti.

Olhava-me ternamente bem nos olhos e eu via que ele me amava talvez mais do que todos os outros. Mas notei instantaneamente e malgrado meu que, se seu rosto estava alegre, a doença nem por isso deixara de fazer progressos durante a noite. O doutor acabava de examiná-lo muito seriamente. Soube mais tarde que o doutor (o rapaz com o qual discutira e que tratava de Makar Ivânovitch desde a chegada deste) cuidava de seu paciente com muita atenção e — não sou capaz de dizê-lo na língua médica — supunha ele estivesse com uma complicação de várias doenças. Como me dei conta à primeira vista, Makar Ivânovitch já havia travado com ele as relações mais cordiais; isto não me agradou no momento; aliás, achava-me de muito mau-humor naquele instante.

— Pois bem, Alieksandr Siemiônovitch, como vai passando hoje o nosso caro doente? — informou-se Viersílov. Se não estivesse tão abalado, meu primeiro cuidado teria sido estudar curiosamente as relações de Viersílov com aquele velho e já havia pensado nisso na véspera. O que me impressionou, sobretudo agora, foi a expressão extremamente doce e afável de seu rosto; havia nele algo de absolutamente sincero. Já fiz notar, creio, que a fisionomia de Viersílov tornava-se duma beleza admirável logo que ele se mostrava um pouco simples.

— Mas só fazemos discutir — respondeu o doutor.

— Com Makar Ivânovitch? Não creio absolutamente: com ele, não se pode discutir.

— Mas não quer dar-me ouvidos: não dorme de noite…

— Ora, pare com isso, Alieksandr Siemiônovitch, basta de carões! — disse, rindo, Makar Ivânovitch. — Então, meu caro Andriéi Pietróvitch, que aconteceu com a nossa senhorita? Ela está por aí a manhã inteira a agitar-se, a inquietar-se — acrescentou ele, mostrando

minha mãe.

— Ah! Andriéi Pietróvitch! — exclamou minha mãe com, efetivamente, uma extrema inquietação. — Conta-nos depressa, não nos deixe nesta ansiedade: que fizeram com a nossa desventurada?

— Condenaram a nossa senhorita!

— Oh! — exclamou minha mãe.

— Acalma-te. Ela não será deportada para a Sibéria: quinze rublos de multa apenas. É uma comédia!

Sentou-se, o doutor também. Falavam de Tatiana Pávlovna e eu não sabia ainda de nada daquela história. Estava à esquerda de Makar Ivânovitch e Lisa sentou-se diante de mim, à direita; mostrava-se visivelmente pesarosa, era o seu pesar cotidiano que viera contar a mamãe; de perturbação e descontentamento era a expressão de seu rosto. Naquele momento, trocamos um olhar e disse a mim mesmo de repente: "Estamos ambos desorientados e cabe-me dar o primeiro passo para ela". Meu coração adoçou-se de repente para com ela. Entretanto Viersílov começava a contar a aventura da manhã.

Tatiana Pávlovna comparecera de manhã com sua cozinheira perante o juiz de paz. O caso era perfeitamente ridículo; já disse que a finlandesa intratável, quando estava furiosa, mantinha-se calada por vezes durante semanas, sem responder uma palavra sequer às perguntas de sua patroa; mencionei também o fraco que tinha por ela Tatiana Pávlovna, que dela tudo suportava e não a teria por coisa alguma posto para fora. Todos esses caprichos psicológicos de solteironas e de patroas são a meus olhos totalmente dignos de desprezo e de modo algum de atenção, e, se me resolvo a mencionar aqui essa história, é unicamente porque aquela cozinheira desempenhará mais tarde em minha narrativa certo papel nada negligenciável e fatal. Portanto, perdendo paciência por fim com aquela finlandesa teimosa, que nada lhe respondia havia já várias semanas, Tatiana Pávlovna de súbito batera nela, o que jamais acontecera. A finlandesa, na ocasião, não proferiu o menor som, mas pôs-se em contato no mesmo dia com um locatário que morava num quarto dando para a mesma escada de serviço, em algum canto,

embaixo, um alferes reformado, Osietrov, que exercia a profissão de solicitador para toda espécie de negócios e, naturalmente, encaminhava queixas desse gênero aos tribunais, na sua luta pela existência. O resultado foi citarem Tatiana Pávlovna perante o juiz de paz e arrolarem Viersílov como testemunha.

Viersílov fez toda a sua narrativa com muita alacridade e num tom divertido, tanto que chegou a provocar risos em mamãe; imitou os vários personagens: Tatiana, o alferes e a cozinheira. A cozinheira começara por declarar ao juiz que reclamava uma indenização em dinheiro, "de outro modo, se meterem a madama na prisão, para quem prepararei eu o jantar"? Às perguntas do juiz, respondia Tatiana Pávlovna com muita altivez, sem se dignar mesmo justificar-se; concluiu, pelo contrário, com estas palavras: "Bati nela e tornarei a bater", o que lhe acarretou a condenação imediata a três rublos de multa por insultar o juiz. O alferes, rapaz desengonçado e magro, pôs-se a fazer um longo discurso a favor de sua cliente, mas atrapalhou-se vergonhosamente, causando riso à sala inteira. Os debates não tardaram a encerrar-se e Tatiana Pávlovna foi condenada a pagar a Mária, a ofendida, quinze rublos. Sem esperar, tirou imediatamente seu porta-moedas e contou a quantia. Sem demora, surgiu o alferes e estendeu a mão, mas Tatiana Pávlovna afastou aquela mão, quase nela batendo, e voltou-se para Mária: "Está bem, não se inquiete minha senhora, pode juntá-los à minha conta. Quanto a este, eu lhe pagarei. Estás vendo, Mária, que bobalhão foste buscar?", disse Tatiana Pávlovna, mostrando o alferes e grandemente alegre pelo fato de Mária ter afinal aberto a boca. — "Bobalhão ele é, senhora — respondeu Mária, com um olhar malicioso. — Costeletas com ervilhas foi o que a senhora encomendou para hoje? Não entendi bem ainda há pouco. Estava com pressa de vir para cá." — "Não, não, com couve, Mária, e sobretudo não as deixe tostar, como ontem." — "Terei todo cuidado, sobretudo hoje, minha senhora. Dê-me sua mão", e, em sinal de reconciliação, beijou a mão de sua patroa. Em suma, causou hilaridade a todos.

— Que mulher esquisita! — disse minha mãe, abanando a cabeça, muito satisfeita, aliás, com a informação, bem como com a narrativa de Andriéi Pietróvitch, mas olhando às furtadelas e com a inquietação

para Lisa.

— A senhorita sempre teve caráter, desde sua infância — disse Makar Ivânovitch, rindo.

— Bílis e ociosidade! — declarou o médico.

— Sou eu que tenho caráter, sou eu a bílis e a ociosidade? — Era Tatiana Pávlovna que irrompia de súbito, visivelmente muito satisfeita consigo mesma. — Farias melhor, Alieksandr Siemiônovitch, não dizendo besteira; conheceste-me quando não tinhas ainda dez anos e sabes se sou ociosa ou não e, quanto à bílis, há um ano já que me tratas e não consegues curar-me. Deverias ter vergonha! Bem, vocês zombaram bastante de mim; obrigado, Andriéi Pietróvitch, por ter ido depor. Pois bem, meu caro Makar Ivânovitch, minha visita é somente para ti e não para aquele (apontou para mim, mas logo depois deu-me uma palmadinha cordial no ombro; jamais a vira de um humor tão alegre).

— Então? — concluiu, voltando-se de repente para o doutor e franzindo o cenho com ar preocupado.

— Ora, ele não quer ficar deitado e, sentado, só faz fatigar-se.

— Mas só ficarei um momento, com nosso amigos — murmurou Makar Ivânovitch, com um rosto suplicante, como uma criança.

— Eh! Sim, gostamos disso, gostamos de tagarelar em público, quando se forma uma roda em torno da gente. Conheço nosso Makar — disse Tatiana Pávlovna.

— E é desembaraçada, oh! quanto! — sorriu ainda o velho, voltando-se para o médico. Espera um pouco, deixa-me dizer: vou me meter na cama, sei, mas entre nós se diz: “Quem na cama se meter, talvez não mais se possa erguer”. Eis aqui minha opinião, meu amigo.

— Ah! já esperava, sempre os preconceitos populares: “Se na cama me meter, talvez não mais me possa erguer”, sei o que se teme por demais muitas vezes entre o povo e prefere-se mesmo mais passar a doença, de pé, a ir para um hospital. Mas para o senhor, Makar

Ivânovitch, é muito simplesmente o tédio, a saudade da liberdade e da estrada real. Eis toda a sua doença: perdeu o hábito de ficar parado num lugar. O senhor não é o que se chama um peregrino? É sim, a vagabundagem é uma espécie de paixão em nosso povo. Notei mais de uma vez. Nosso povo é o vagabundo por excelência.

— Então na tua opinião Makar Ivânovitch é um vagabundo? — perguntou Tatiana Pávlovitch.

— Oh! não neste sentido. Empregava a palavra no seu sentido geral. O vagabundo religioso, piedoso, mas vagabundo ainda assim. No bom sentido, no sentido honroso, mas um vagabundo… Do ponto de vista médico…

Voltei-me de chofre para o médico:

— Asseguro-lhe que os vagabundos são antes o senhor, eu e todas as pessoas aqui presentes, e não esse velho, que teria ainda tantas lições a dar-nos, porque tem um princípio firme na vida, ao passo que nós todos, tais como somos, nada temos de sólido… De fato, o senhor não pode compreender.

Falara com brutalidade, mas era para isso que viera. No fundo, não sei por que continuava ali e sentia-me numa espécie de loucura.

— O quê? — Tatiana Pávlovna olhou-me com um olhar suspeitoso. — Pois bem, como o achaste, Makar Ivânovitch? — disse ela, apontando-me com o dedo.

— Que Deus o abençoe! Tem o espírito vivo — disse o velho com seriedade, mas à palavra “vivo” quase todos desataram a rir. Fiquei teso; quem mais ria era o doutor. O desagradável é que então ignorava eu a combinação prévia deles. Viersílov, o doutor e Tatiana Pávlovna tinham combinado, desde já três dias, tudo fazer para desviar mamãe de seus maus pressentimentos e de seus temores por Makar Ivânovitch, que estava infinitamente mais doente e mais incurável do que suspeitava eu então. Eis por que todos brincavam e esforçavam-se por rir. Somente, o doutor era um bobo e, por natureza, não sabia brincar: foi a causa de tudo quanto se seguiu. Se tivesse sabido da combinação deles, teria agido doutra forma; Lisa tampouco o sabia.

Fiquei a escutar atentamente. Falavam e riam, enquanto eu tinha na cabeça Dária Onísimovna com suas novidades, e não podia livrar-me delas. Parecia-me vê-la ali, sentada, olhando, levantando prudentemente e lançando uma olhadela para o quarto contíguo. Por fim, de repente, dispararam a rir: Tatiana Pávlovna, não sei a que propósito, chamara de chofre o doutor de ateu. “Mas é coisa sabida que os senhores todos, doutores de desgraças, não passam de ateus!”

— Makar Ivânovitch! — exclamou o doutor, fingindo, da maneira mais tola possível, estar ofendido e reclamar justiça. — Sou ateu, sim ou não?

— Tu, ateu? Não, não és ateu — respondeu gravemente o velho, olhando-o fixamente —, não, graças a Deus! — Abanou a cabeça. — És demasiado alegre.

— Então quando se é alegre, não se pode ser ateu? — observou com ironia o médico.

— É, no seu gênero, um pensamento! — disse Viersílov, mas sem rir.

— É um forte pensamento! — exclamei, malgrado meu, impressionado por aquela ideia. O doutor olhava em redor de si, com ar interrogador.

— Essas pessoas instruídas, esses professores (sem dúvida tinha-se dito antes alguma coisa a respeito de professores) — começou Makar Ivânovitch, baixando ligeiramente os olhos —, causavam-me a princípio um medo terrível; sentia-me tímido diante deles, porque temia mais do que tudo os ateus. Dizia a mim mesmo: “Só tenho uma alma; se a perder, não tornarei a encontrar outra”. Mais tarde, porém, retomei coragem: “Ora pois, não são, no entanto, deuses, são homens como nós, sujeitos às mesmas paixões”. E depois a curiosidade era forte: “Quero saber enfim o que é o ateísmo”. Somente, meu amigo, depois essa curiosidade também passou.

Calou-se um momento, mas bem decidido a continuar, com o mesmo sorriso digno e grave. Existe uma ingenuidade que se fia em todos e em cada um, sem suspeitar da zombaria. Essas pessoas são

sempre limitadas, porque estão prestes a desabafar diante do primeiro que chega aquilo que tem de mais precioso no coração. Mas me parecia que havia em Makar Ivânovitch algo de diferente e que não era apenas a inocência de sua simplicidade que o impelia a falar: adivinhava-se um propagandista. Eu havia captado com satisfação certa ironia, até mesmo um pouco maldosa, para com o doutor e talvez também para com Viersílov. Aquela conversa era visivelmente a continuação de suas precedentes discussões da semana; mas, por desgraça, tinham ainda uma vez deixado escapar a mesma frase fatal que tanto me eletrizara na véspera e me levou a uma saída que ainda hoje lamento.

— O homem ateu — continuou o velho, com um ar concentrado —, talvez que ainda o receie. Somente, eis aqui, meu caro Alieksandr Siemiônovitch, esse ateu jamais o encontrei, nem uma só vez, e em seu lugar encontrei o ateu trapalhão, eis como é preciso chamá-lo. São gente de toda espécie; não se pode nem mesmo distinguir quais; grandes e pequenos, tolos e sábios, e até mesmo gente do povo, e todos trapalhões. Passam toda a sua vida a ler e a raciocinar, estão saturados do encanto dos livros, mas permanecem sempre na dúvida, sem nada poder decidir. Há-os de tal modo dispersivos que nem de si mesmos mais se apercebem; outros são mais endurecidos do que pedra e seu coração é percorrido por sonhos; outros são insensíveis e levianos, contanto que larguem suas pilhérias. Outros só tiraram de seus livros a flor e ainda assim de acordo com a sua ideia própria; mas são sempre trapalhões e indecisos. Eis o que lhes direi ainda: há muito tédio. O homenzinho está passando necessidades, não tem pão, nada para dar aos filhos, dorme em palha picante, mas conserva o coração sempre alegre e leve; pratica pecados e diz grosserias, mas o coração permanece leve. O grande homem enfarta-se de bebida e de comida, está sentado em cima dum monte de ouro, mas seu coração está sempre cheio de tédio. Há-os que atravessaram todas as ciências, mas o tédio está sempre ali. Creio bem que, quanto mais espírito se tem, maior é o tédio. Tomem simplesmente uma coisa: ensina-se desde que o mundo é mundo. Pois bem, que é que se aprendeu de bom, para que o mundo seja uma morada bela e alegre o mais possível e transbordante de todas as alegrias? E lhes direi ainda: não tem beleza, não querem mesmo saber dela; são todos mortos, somente cada qual

gaba sua morte e não sonha com voltar-se para a única Verdade; viver Deus não passa de tormento. Acontece assim que amaldiçoamos aquilo que nos alumia e isto sem mesmo saber. E que bom-senso há nisso? O homem não pode viver sem se ajoelhar; não se suportaria, nenhum homem seria capaz. Se rejeita Deus, ajoelha-se diante de um ídolo, de madeira, ou de ouro, ou imaginário. São todos idólatras, e não ateus, eis como é preciso chamá-los. E como não ser ateu? Há-os que são verdadeiramente ateus, somente esses são muito mais terríveis que os outros, porque se apresentam com o nome de Deus na boca. Ouvi falar muitas vezes deles, mas nunca os encontrei. Mas existem, meu amigo, e creio que devem existir.

— Há-os, Makar Ivânovitch — confirmou de repente Viersílov, — há-os e devem existir.

— Bem decerto que os há e devem existir! — esta frase escapou-me irresistivelmente e com ardor, não sei por quê; mas o tom de Viersílov havia-me arrebatado e uma ideia me seduzia na expressão: "devem existir". Aquela conversa era para mim completamente inesperada. Mas naquele momento ocorreu de súbito qualquer coisa de completamente inesperado também.

## IV

O dia estava notavelmente luminoso. Habitualmente, no quarto de Makar Ivânovitch não se erguia o estore durante todo o dia, por ordem do doutor; somente o que havia sobre a janela não era um estore, mas uma cortina, de modo que o alto da janela não ficava por isso mesmo coberto; na verdade, o velho se sentia mal, quando não via absolutamente o sol, com o antigo estore. Ora, nós ficamos justamente até o momento em que um raio de sol veio cair em pleno rosto de Makar Ivânovitch. Ocupado com a conversa, a princípio ele não deu atenção àquilo, mas desviou várias vezes a cabeça maquinalmente, enquanto falava, porque aquele raio cintilante o incomodava e irritava seus olhos doentes. Mamãe, de pé junto dele, já havia olhado várias vezes para a janela com inquietação; teria sido preciso bem simplesmente tapá-la por completo, mas, para não perturbar a conversa, imaginou tentar puxar para a direita o

tamborete sobre o qual estava sentado Makar Ivânovitch; bastava empurrá-lo uns três *viérchoki*, oito no máximo. Já se curvara várias vezes para pôr a mão em cima, mas não pudera descolá-lo; o tamborete, com Makar Ivânovitch sentado em cima, não se movia. Percebendo os esforços dela, mas de todo inconscientemente, no ardor da conversa, Makar Ivânovitch tentara várias vezes levantar-se, mas suas pernas não lhe obedeciam. Mamãe continuava, no entanto, a fazer todos os seus esforços e a puxar e por fim tudo isso impacientou Lisa. Lembro-me de certos olhares brilhantes, irritados; somente, no primeiro instante, não sabia a que atribuí-los e além disso estava distraído pela conversa. De repente, retumbou aquele convite violento, quase um grito, dirigido a Makar Ivânovitch:

— Mas levante, pois, um pouco, não está vendo o trabalho que mamãe faz?

O velho olhou-a rapidamente, compreendeu logo e tratou imediatamente de obedecer, mas sem êxito; mal se erguera uns dois *viérchok*, recaiu sobre o tamborete.

— Não posso, minha filha — respondeu ele, lamentosamente, a Lisa, olhando-a cheio de humildade.

— Contar histórias capazes de encher um livro o senhor pode, mas para fazer um movimento não tem força!

— Lisa! — gritou Tatiana Pávlovna. Makar Ivânovitch fez de novo um esforço extraordinário.

— Agarre sua muleta, está no chão e ajude-se! — gritou ainda uma vez Lisa.

— É verdade! — disse o velho, que se apressou a agarrar sua muleta.

— É preciso muito simplesmente levantá-lo! — disse Viersílov, erguendo-se. O doutor pôs-se em movimento. Tatiana Pávlovna correu, mas não chegaram a tempo: Makar Ivânovitch, apoiado com todas as suas forças na muleta, erguera-se de repente e mantinha-se de pé, olhando em torno de si, alegre e triunfante:

— Consegui, vejam só! — exclamou ele, quase com orgulho, rindo alegremente. — Obrigado, minha filha, fizeste-me crer em mim, quando eu acreditava que minha pernas não prestavam mais para nada…

Mas não ficou muito tempo de pé. Não havia ainda terminado sua frase, quando a muleta, sobre a qual se apoiava com todo o seu peso, escorregou de repente sobre o tapete, e, como suas pernas quase não o sustentavam mais completamente, desabou com todo o corpo sobre o soalho. Foi quase horrível de ver-se, lembro-me. Ouviu-se um "Oh!" geral, correram para levantá-lo, mas, graças a Deus, nada dele quebrara; seus dois joelhos haviam batido no soalho pesadamente, com barulho, mas ele tivera tempo de estender a mão direita e manter-se sobre ela. Levantaram-no e puseram-no na cama. Estava muito pálido, não de medo, mas por causa do abalo. (O doutor encontrara nele, além do mais, uma doença de coração.) Mamãe estava fora de si, de susto. De repente, Makar Ivânovitch, sempre pálido, com o corpo todo sacudido e parecendo mal ter voltado a si, virou-se para Lisa e, com uma voz mansa, quase terna, disse-lhe:

— Não, minha filha, vês? Minhas pernas não me aguentam mais!

Não saberia transmitir a impressão que senti. As palavras do pobre velho não revelavam o menor acento de queixa ou de censura; pelo contrário, era visível que não havia notado, desde o começo, a menor maldade nas palavras de Lisa e que tomara seus gritos a ele dirigidos como uma coisa devida, isto é, como uma reprimenda merecida pela sua falta. Tudo isso agiu terrivelmente sobre Lisa também. No momento da queda, ela havia saltado como todos e mantinha-se, como morta, sofrendo naturalmente porque tinha sido causa de tudo. Mas, ouvindo aquelas palavras, quase instantaneamente corou por completo de vergonha e de arrependimento.

— Basta! — comandou, de súbito, Tatiana Pávlovna. — Tudo isso provém dessas conversas! Que cada qual volte para seus aposentos. Mas que se há de fazer quando o próprio doutor começa a tagarelar?

— É mesmo assim — replicou Alieksandr Siemiônovitch,

azafamado em torno do doente. — Perdão, Tatiana Pávlovna, ele tem necessidade de repouso!

Mas Tatiana Pávlovna não escutava mais: havia um meio minuto que observava Lisa silenciosamente bem de perto.

— Vem cá, Lisa, e beija-me, velha tola que sou; se quiseres, é claro! — declarou ela, subitamente.

E ela beijou-a, ignoro por quê, mas era bem isso que era preciso fazer; a tal ponto que eu mesmo estive prestes a correr para beijar Tatiana Pávlovna. Com efeito, não se devia esmagar Lisa sob censuras, mas acolher com alegria e felicitações o novo e bom sentimento que iria certamente nascer nela. No entanto, em lugar de todos esses sentimentos, levantei de repente e, martelando as palavras, comecei:

— Makar Ivânovitch, o senhor empregou mais uma vez a palavra "beleza" e justamente ontem e todos estes dias essa palavra tem me atormentado… Toda a minha vida, aliás, me atormentou, somente outrora eu não sabia o que era. Considero esta coincidência como fatal, quase maravilhosa… Declaro na sua presença…

Mas me detiveram. Repito: ignorava a combinação entre eles referente a mamãe e Makar Ivânovitch; e, de acordo com meus atos passados, eles me julgavam naturalmente capaz de um escândalo daquele gênero.

— Acalme-o, acalme-o! — Tatiana Pávlovna estava totalmente encolerizada. Mamãe se pôs a tremer. Vendo o espanto geral, Makar Ivânovitch amedrontou-se também.

— Arkádi, cala-te! — gritou severamente Viersílov.

— Ver todos vocês em volta desse recém-nascido — elevei a voz ainda mais e mostrei Makar — é para mim uma monstruosidade. Só há aqui uma santa, é mamãe, e ainda…

— O senhor vai causar-lhe medo! — insistiu o doutor.

— Sei que sou inimigo de todo mundo — balbuciei (ou algo neste gosto), mas depois de novo olhar circular, lancei uma olhadela

provocante a Viersílov.

— Arkádi! — gritou ele de novo. — Já se passou aqui entre nós uma cena análoga. Rogo-te, contém-te agora!

Não saberei exprimir o sentimento poderoso com que pronunciou estas palavras. Havia em suas feições um pesar extraordinário, sincero, completo. O mais espantoso era que tinha uma fisionomia contrita: era eu o juiz e ele o criminoso. Tudo isso me levou ao extremo.

— Sim! — exclamei, em resposta —, essa cena ocorreu já no dia em que enterrei Viersílov, em que o arranquei de meu coração… Em seguida, houve a ressurreição dos mortos, mas agora… agora está tudo liquidado! Mas… ides ver, vós todos, de que sou capaz! Não esperais o que posso provar!

Dito isto, corri para meu quarto. Viersílov correu atrás de mim.

## V

Tive uma recaída: um acesso fortíssimo de febre, e à noite, delírio. Mas nem tudo era delírio: havia inúmeros sonhos, toda uma procissão sem medida, dos quais retive um, ou o fragmento de um, toda a minha vida. Reproduzo-o sem nenhuma explicação; esse sonho era profético e não posso passar por cima dele.

Encontrei-me de repente, tendo no coração uma intenção grande e altiva, num quarto vasto e alto; somente não era em casa de Tatiana Pávlovna: lembro-me muito bem desse quarto; faço esta observação antecipadamente. Mas embora esteja só, sinto sempre, com inquietação e sofrimento, que não estou totalmente só, que esperam de mim alguma coisa. Em alguma parte, atrás da porta, há pessoas que esperam o que vou fazer. Uma sensação insuportável: “Ah! se estivesse só!”. E, de repente, ela entra. Tem o ar tímido, está com um medo terrível, procura meus olhos. Tenho entre as mãos o documento. Ela sorri para seduzir-me, cola-se a mim; tenho compaixão, mas começo a sentir aversão. De repente ela cobre meu rosto, com suas mãos. Lanço o documento sobre a mesa com inexprimível desprezo: “Não me pergunte nada, tome, não lhe exijo nada! Vingo-me pelo desprezo de

todas as injúrias sofridas!”.

Saio do quarto, cheio dum imenso orgulho. Mas na soleira, na escuridão, Lambert me detém: “Imbecil! Idiota!”, cochicha ele com todas as suas forças, segurando-me pelo braço: “Ela vai abrir em Vassílievski Óstrov um pensionato para mocinhas da nobreza” (N.B., isto é, para ganhar sua vida, se seu pai, informado por mim da existência do documento, a deserdar e puser para fora de sua casa. Anoto as expressões de Lambert literalmente, tais como as ouvi em sonho).

— Arkádi Makárovitch busca “a beleza” — é a vozinha de Anna Andriéievna que ouço ali bem perto; mas não era o louvor, era pelo contrário uma zombaria insuportável que vibrava naquelas palavras. Volto para o quarto com Lambert. Mas à vista dele, ela se põe de súbito a rir escarninhamente. Minha primeira impressão é um tremendo espanto, um espanto tal que paro e me recuso a avançar. Olho-a e não creio nos meus olhos; era como se ela tivesse de repente arrancado uma máscara de seu rosto: as feições são as mesmas, mas cada uma delas deformada por uma desmedida insolência. “O resgate, senhora, o resgate!”, grita Lambert e os dois riem escarninhamente às escâncaras e meu coração para de bater: “Será possível que essa mulher desavergonhada seja a mesma da qual bastava um único olhar para inflamar de virtude o meu coração?”.

— Eis de que são eles capazes por dinheiro, esses orgulhosos, na alta sociedade! — exclama Lambert.

Mas a impudente não se perturba com tão pouco; escarnece precisamente por me ver tão espantado. Ah!, está pronta ao resgate, vejo-o, e… que se passa em mim? Não experimento mais nem compaixão nem aversão. Tremo como nunca… Novo sentimento apodera-se de mim, inexprimível, que jamais conheci e poderoso como o universo inteiro… Não tenho mais força para retirar-me, por coisa alguma do mundo! Oh! como me agrada que se mostre tão descarada! Pego-a pelas mãos, cujo contato me abala dolorosamente e aproximo meus lábios de seus lábios insolentes, vermelhos, trêmulos de risos e que me chamam.

Longe de mim essa recordação humilhante! Maldito sonho! Juro, antes desse sonho infame não havia nada no meu espírito que tivesse qualquer semelhança com esse pensamento vergonhoso! Não, nem mesmo um devaneio involuntário nesse gênero (entretanto, guardava o documento costurado no meu bolso e por vezes levava a mão ao meu bolso com um sorriso estranho). Donde viera tudo de repente? É que eu tinha uma alma de aranha! Quero dizer que tudo estava desde muito tempo em germe e repousava no meu coração perverso, no meu desejo, mas o coração era ainda retido pela vergonha, em estado de vigília, e o espírito não ousava ainda imaginar conscientemente nada de semelhante. Em sonho, pelo contrário, a alma havia apresentado e exibido ela mesma tudo quanto havia no coração, com uma precisão perfeita e num quadro muito completo, e sob forma profética. Era bem isso que eu queria provar-lhes, fugindo naquela manhã do quarto de Makar Ivânovitch? Mas basta, nem mais uma palavra a este respeito antes do momento! Esse sonho que tive é uma das mais singulares aventuras de minha vida.

## Capítulo III

### I

Três dias mais tarde, levantei-me pela manhã e senti, de repente, uma vez de pé, que não voltaria mais ao leito. Experimentei em todo o meu ser a aproximação da cura. Não valeria talvez a pena anotar todos estes detalhes miúdos mas então sobreveio uma série de dias nos quais nada ocorreu de particular, e que, apesar disso ficaram todos na minha memória como alguma coisa de tranquilo e de alegre: é uma raridade nas minhas recordações. No momento, não formularei meu estado mental; se o leitor soubesse em que ele consistia, não ia querer acreditar. Vale mais a pena que isso ressalte mais tarde dos fatos. Na expectativa, direi somente isto: que o leitor se lembre de “uma alma de aranha”. E isto, naquele que queria abandoná-los e com eles ao mundo inteiro, em nome da beleza! A sede da beleza estava no seu auge, era bem verdade, mas como ela pode aliar-se a outras sedes, e quais!, é para mim um mistério. Foi isso sempre um mistério e mil vezes me admirei dessa faculdade que tem o homem (e, creio, o

homem russo por excelência) de acalentar no seu coração o mais sublime ideal ao lado da pior baixeza, e sempre com uma absoluta sinceridade. Será essa famosa largueza de espírito do russo que o conduzirá longe, ou muito simplesmente baixeza? Eis a questão.

Mas deixemos isso. Duma maneira ou de outra, houve uma acalmia. Compreendera que era preciso a qualquer preço recuperar a saúde, e o mais breve possível, para começar o mais cedo a agir, e por isso decidi viver higienicamente e obedecer ao doutor (qualquer que ele fosse), adiando as intenções belicosas, com uma extrema sensatez (fruto da largueza de espírito), até o dia de minha saída, isto é, até a cura. Como todas as impressões pacíficas e os gozos da acalmia podiam conciliar-se com as palpitações alarmadas e agradavelmente dolorosas de meu coração, ao pressentimento das borrascosas decisões próximas, ignoro, mas atribuo sempre à largueza de espírito. No entanto, não sentia mais a inquietação de outrora; tinha adiado tudo para a data fixada, sem tremer diante do futuro como ainda outrora, mas como homem rico, seguro de seus recursos e de suas forças. A arrogância e o desafio diante do destino que me esperava iam em crescendo, um pouco, creio, por causa de minha cura já real e da volta rápida das energias vitais. Aqueles poucos dias de cura definitiva e mesmo efetiva, lembro-me ainda deles com grande satisfação.

Tinham-me perdoado tudo, quero dizer, meu rompante, aquelas mesmas pessoas a quem tratara cara a cara como monstros! É isso que amo nas pessoas: o que chamo de inteligência do coração; pelo menos, isso me seduziu logo, até certo ponto evidentemente. Com Viersílov, por exemplo, continuávamos a frequentar-nos como bons velhos amigos, mas até certo ponto: assim que ele manifestava excessiva expansão (e isto acontecia), nós nos contínhamos logo, os dois, com um tantinho de vergonha. Há casos em que o vencedor não pode impedir-se de corar de seu vencido, justamente porque o venceu. O vencedor era eu, evidentemente; mas corava por causa disso.

Naquela manhã, isto é, no dia em que levantei do leito após minha recaída, ele veio visitar-me e foi então que soube de sua parte, pela primeira vez, a combinação que haviam concluído juntos a propósito de mamãe e de Makar Ivânovitch; acrescentou que o velho ia melhor, mas que, apesar de tudo, o doutor não respondia por ele.

Fiz-lhe, de todo o coração, a promessa de ser mais prudente no futuro. No momento em que Viersílov me contava tudo isso, notei de repente, pela primeira vez, que estava ele próprio muito sinceramente preocupado com aquele velho, isto é, infinitamente mais do que eu teria podido esperar dum homem como ele, e que o considerava como uma criatura particularmente querida para ele e não somente por causa de mamãe. A coisa interessou-me, espantou-me quase, e, reconheço-o, sem Viersílov havia muitas coisas que me teriam escapado e que eu não teria suficientemente apreciado naquele velho, que me deixou uma das lembranças mais sólidas e mais originais de meu coração.

Viersílov parecia temer pelas minhas relações com Makar Ivânovitch, ou antes não se fiava nem na minha inteligência, nem no meu tato, e por isso ficou extremamente satisfeito mais tarde, quando percebeu que também eu era por vezes capaz de compreender como era preciso comportar-se com um homem de ideias e de concepções totalmente diversas, em uma palavra, que eu sabia ser, quando era preciso, conciliante e aberto. Reconheço também (sem me rebaixar, creio) que encontrei naquela criatura vinda do povo algo de absolutamente novo para mim quanto aos sentimentos e ideias, algo de desconhecido para mim, de infinitamente mais nítido e mais consolador do que a maneira pela qual eu compreendia aquelas coisas antes. Apesar de tudo, não havia meio de deixar de sair dos eixos por vezes, diante de certos preconceitos categóricos nos quais ele acreditava com uma calma e uma certeza imperturbáveis. Mas nisso, naturalmente, a causa única acabava-se na sua falta de instrução e sua alma era bastante bem organizada, tão bem mesmo que jamais encontrei em alguém nada de superior nesse gênero.

## II

Antes de tudo, o que me atraía nele, como já o fiz ver mais acima, era sua extrema candura e uma ausência total de amor-próprio; pressentia-se um coração quase sem pecado. Tinha a alegria do coração e, por consequência, também a beleza. Dessa palavrinha “alegria” ele gostava muito e empregava-a com frequência. Sem dúvida, ele era por vezes tomado duma espécie de excitação mórbida,

duma doença do enternecimento, um pouco, aliás, suponho, porque a febre, para falar com propriedade, não o largou durante todo aquele tempo; mas isto não impediu a beleza. Havia também contrastes: ao lado duma maravilhosa ingenuidade, que por vezes não notava em nada a ironia (muitas vezes com grande despeito meu), havia também não sei que fina astúcia, sobretudo nas escaramuças polêmicas. Gostava da polêmica, mas somente uma vez ou outra e à sua maneira. Via-se que vagara muito pela Rússia, muito ouvira, mas repito, gostava acima de tudo do patético e por conseguinte de tudo quanto a ele levava, gostando ele próprio de contar coisas patéticas. Em geral, gostava muito de contar. Ouvi de sua boca uma porção de narrativas a respeito de suas próprias viagens, toda espécie de lendas sobre a vida oculta dos ascetas mais antigos. Esses assuntos não me são absolutamente familiares, mas creio que ele acrescentava a essas lendas muitas mentiras, provindas, na maior parte, da tradição oral de nosso povo. Havia coisas verdadeiramente impossíveis de admitir. Mas ao lado das deformações evidentes ou das puras mentiras, resplandecia sempre não sei que de maravilhosamente sólido, cheio de sentimento popular e sempre patético… Retive, por exemplo, dentre todas aquelas narrativas, a longa história chamada *Vida de Maria Egipcíaca*.[82] Dessa *Vida* e de quase todas as outras análogas, eu não tinha até então a menor ideia. Digo francamente: era impossível ouvi-las sem chorar, não de enternecimento, mas por uma espécie de entusiasmo estranho: sentia-se naquilo algo de extraordinário e de ardente, como a areia aquecida ao rubro do deserto habitado por leões, através do qual vagava a santa. Mas não é disso que quero falar e além disso falta-me a competência para fazê-lo.

Além de patético, o que me agradava nele eram certas opiniões originais ao extremo a respeito de algumas questões excessivamente litigiosas ainda em nossa época. Um dia, por exemplo, contava a história recente dum soldado que dera baixa. Quase fora testemunha do acontecimento. O tal soldado voltara para sua terrinha e, tornando a ver-se entre os mujiques, não se dera bem entre eles e por sua vez não lhes caíra no agrado. Nosso homem perdeu o tino, pôs-se a beber e cometeu não sei mais que ato de pilhagem; não havia provas certas; prenderam-no, no entanto, e julgaram-no. O advogado já o havia quase inocentado: não havia provas!, quando de repente o seu cliente,

que escutava, levantou-se de chofre e interrompeu seu defensor: “Não, espera um pouco”. E contou tudo até o derradeiro grãozinho de trigo. Reconheceu-se culpado de tudo, com lágrimas e arrependimento. Os jurados retiraram-se, fecharam-se numa sala, para depois dela saírem, sentenciando: “Não, ele não é culpado”. Gritos de alegria de toda parte. Mas o soldado ficou pregado no lugar, como se o tivessem transformado numa coluna, não empreendendo nada; não compreendeu nada tampouco do que o presidente do tribunal lhe disse para seu governo, ao pô-lo em liberdade. Foi-se embora, não acreditando em seu próprios olhos. Ficou acabrunhado, pôs-se a pensar coisas, sem comer nem beber, não falando mais com as pessoas. Cinco dias depois, enforcou-se. “Eis o que é viver com um pecado na consciência!”, concluiu Makar Ivânovitch. Esse relato carece evidentemente de valor e histórias dessa espécie encontram-se agora em quantidade em todos os jornais, mas o que me agradou foi o tom, e, mais ainda, certas palavras exprimindo verdadeiramente uma ideia nova. Contando, por exemplo, como o soldado, de regresso à aldeia, não agradou mais aos camponeses, exprimiu-se desta maneira Makar Ivânovitch: “Sabe-se o que é um soldado: um soldado é mujique estragado”. Falando em seguida do advogado que estivera a ponto de ganhar a causa, disse também: “Sabe-se o que é um advogado: um advogado é uma consciência de aluguel”. Estas duas frases disse-as ele sem o menor esforço e sem prestar-lhes atenção e, no entanto, elas continham toda uma concepção própria a respeito das duas coisas, concepção que, se não é a de todo povo, é bem a de Makar Ivânovitch, propriamente e não tomada de empréstimo a alguém! Essas opiniões já feitas do povo a respeito desse ou daquele assunto são por vezes de uma originalidade verdadeiramente maravilhosa.

— Makar Ivânovitch, que pensa o senhor do pecado do suicídio? — perguntei-lhe a esse mesmo respeito.

— O suicídio é o maior pecado do homem — respondeu ele, com um suspiro —, mas só Deus é o juiz, porque somente Ele conhece tudo, as medidas e os limites. Nosso dever é rezar por tão grandes pecadores. Cada vez que ouvires falar de um pecado como esse, reza, antes de adormecer, uma oração contrita por esse pecador; pelo menos

suspira por ele junto a Deus; mesmo que não o hajas conhecido absolutamente, nem por isso tua oração deixará de ser eficaz.

— Mas de que lhe servirá minha oração, se já está condenado?

— E que sabes tu? Muitos, oh!, muitos não creem e confundem assim as pessoas mal informadas; não lhes dês ouvidos, porque eles não sabem aonde vão. A prece de um homem ainda vivo por um condenado chega verdadeiramente a Deus. Mas que acontecerá àquele que não tem ninguém que reze por ele? De modo que, quando rezares, antes de deitar-te, acrescenta ao terminar: "Senhor Jesus, tende piedade também de todos aqueles que não tem ninguém que reze por eles". Esta oração é muito eficaz e muito agradável. Da mesma maneira para todos os pecadores ainda vivos: "Senhor, pelos meios que sabeis, salvai todos os impenitentes!". Esta oração também é boa.

Prometi-lhe fazer essas orações, sentindo que tal promessa lhe causaria um prazer extremo. E, de fato, a alegria brilhou no seu rosto; mas apresso-me em acrescentar que, em semelhante caso, não me olhava jamais com sobranceria, como certa espécie de eremita poderia tratar um vulgar adolescente; pelo contrário, gostava bem de me ouvir muitas vezes e até mesmo sem dar mostras de cansaço, a respeito de diferentes assuntos, achando que tratava sem dúvida com um rapaz, mas também que esse rapaz era infinitamente mais instruído do que ele. Gostava, por exemplo, muito frequentemente de falar dos eremitas e colocava o deserto imensamente acima da vida errante. Eu lhe fazia ardentes objeções, insistindo no egoísmo daquelas pessoas que abandonam o mundo e o bem que poderiam fazer à humanidade, tendo apenas em vista a ideia egoística de sua salvação. A princípio não compreendia, suponho mesmo que jamais me compreendeu, mas defendia muito o deserto. "Em primeiro lugar, a pessoa tem piedade de si mesma, naturalmente (isto é, no momento em que se instala no deserto), em seguida se rejubila cada dia mais e depois, afinal, vê Deus." Desenrolei então diante dele um quadro completo da atividade útil do sábio, do médico, do amigo, em geral, da humanidade no mundo, e elevei-o a um verdadeiro entusiasmo, pois que ele próprio falava disso com ardor; por momentos aprovava-me: "Sim, meu filho, sim, Deus te abençoe, tens razão". Mas quando acabei, não estava, no entanto, completamente de acordo comigo: "É bem isto — suspirou

profundamente —, mas há muitos que se mantém firmes e não se deixam distrair. O dinheiro não é Deus, mas é um semideus, é uma grande tentação; e depois, há também a mulher, e depois a dúvida, e depois a inveja. Esquecem-se do principal e vão dedicar-se ao detalhe. Bem diferentemente ocorre no deserto. No deserto, o homem se fortifica para todas as façanhas. Meu amigo! Mas que se passa no mundo?". E exclamou, com um sentimento extraordinário: "Não é apenas um sonho? Toma areia e semeia-a sobre seixos; quando essa areia amarela brotar sobre teus seixos, então teu sonho se realizará no mundo, como se diz entre nós. Mas diz o Cristo: 'Vai, distribui tua riqueza e faze-te o servidor de todos.' E serás mais rico do que antes, uma infinidade de vezes; porque não é o alimento apenas, nem as roupas luxuosas, nem o orgulho, nem a inveja que dão a felicidade, mas o amor infinitamente multiplicado. Não é uma pequena riqueza, nem cem mil, nem um milhão, mas o universo inteiro que ganharás! Agora, amealhamos sem saciar-nos e dissipamos loucamente: mas então não haverá órfãos nem pobres, porque todos me pertencem, todos são meus parentes, ganhei-os todos, comprei-os todos até o derradeiro! Hoje, não é raro que até mesmo o grande e o rico fiquem indiferentes ao número de seus dias, e não saibam eles próprios que distração inventar; mas então teus dias e tuas horas serão multiplicados mil vezes, porque, não quererás mais perder um só minutinho e de cada um tomarás consciência na alegria de teu coração. Então, adquirirás a sabedoria não somente por meio dos livros, porque estarás com o próprio Deus face a face; e a terra resplandecerá mais do que o sol, e não haverá nem pesar, nem suspiro, mas somente um único paraíso sem preço…"

Eis os acessos de entusiasmo que Viersílov amava, creio, enormemente. Daquela vez, achava-se ele justamente no quarto.

— Makar Ivânovitch! — interrompi-o, de repente, acalorado eu mesmo além da conta (lembro-me daquela noite). — Mas é o comunismo, um verdadeiro comunismo que o senhor está pregando!

E, como ele não soubesse absolutamente nada da doutrina comunista e ouvisse mesmo a palavra pela primeira vez, pus-me logo a explicar-lhe tudo quanto a respeito sabia. Confesso que sabia pouco e mal, e agora ainda não tenho nenhuma competência na matéria, mas

o que eu sabia, expus, apesar de tudo, com muito ardor. Lembro-me ainda com prazer da impressão extraordinária que causei no velho. Não era mesmo uma impressão, mas quase um abalo. Interessava-se enormemente pelos detalhes históricos: Onde? Como? Quem o fez? Quem o disse? notei, aliás, que era isso, em geral, uma particularmente do povo: não se contenta com a ideia geral; desde que se interessa muito por ela, reclama de modo absoluto detalhes firmes e precisos. Eu me perdia nos detalhes e, como Viersílov estava presente, sentia um pouco de vergonha diante dele e acalorava-me além da conta. Afinal, Makar Ivânovitch, todo enternecido, não fazia senão repetir após cada frase: "Sim, sim!", mas visivelmente sem compreender e sem seguir o fio da conversa. Aquilo me aborreceu, mas de repente Viersílov interrompeu a conversa, levantou-se e declarou que era hora de ir dormir. Estávamos todos ali, sem faltar um, e já era tarde. Quando, alguns minutos mais tarde, ele deu uma olhadela ao meu quarto, perguntei-lhe logo como achava Makar Ivânovitch em geral e o que pensava dele. Soltou uma risada alegre (não era de todo por causa de meus erros a respeito do comunismo; pelo contrário, não falou disso). Repito mais uma vez: estava literalmente preso a Makar Ivânovitch e surpreendia muitas vezes em seu rosto um sorriso extraordinariamente sedutor, quando escutava o ancião. Aquele sorriso não lhe impedia, aliás, a crítica.

— Makar Ivânovitch, antes de tudo, não é um mujique, mas um servo doméstico — declarou com muita solicitude —, um antigo servo doméstico e um antigo servidor, nascido servidor e de um servidor. Esses servos e esses domésticos partilhavam bem muitas vezes dos interesses da vida privada, intelectual e espiritual de seus amos, no tempo antigo. Nota bem que Makar Ivânovitch, ainda hoje, se interessa sobretudo pelos acontecimentos da vida senhorial e aristocrática. Não sabes ainda a que ponto ele tem curiosidade por certos acontecimentos que se desenrolaram em nosso país nestes últimos tempos. Sabes que é um grande político? Eis um que não se leva pela ponta do nariz, é preciso contar-lhe tudo, quem faz a guerra e onde e se nós também a faremos… Outrora, com conversas desse gênero, proporcionei-lhe verdadeira beatitude. Respeita muito a ciência e entre todas as ciências prefere a Astronomia. Com tudo isso, criou em si mesmo algo de tão independente que é impossível mudá-

lo. Há nele convicções, firmes, bastante nítidas… e sinceras. Apesar de sua completa ignorância, é capaz de causar-nos admiração de repente com um conhecimento inesperado de certas noções que jamais se teria suposto existirem nele. Louva o deserto com entusiasmo, mas não irá por coisa alguma do mundo nem para o deserto, nem para o convento, porque é sobretudo um vagabundo, como gentilmente o chamou Alieksandr Siemiônovitch, a quem, seja dito de passagem, fazes mal em detestar. Que mais? Ele é um tanto artista, tem uma quantidade de frases suas próprias e outras também que não são suas. Sua lógica claudica um pouco. Mostra-se algumas vezes muito abstrato, com acessos de sentimentalismo, mas de sentimentalismo puramente popular, ou, para dizer melhor, acessos desse patético nacional que nosso povo introduziu tão largamente no seu sentimento religioso. Deixo de lado sua pureza de coração e sua bondade: não nos cabe abordar esse assunto…

## III

Para dar por terminado o retrato de Makar Ivânovitch, reproduzirei uma de sua narrativas, tirada de sua vida privada. O caráter dessas narrativas era singular, ou antes, não tinha nenhum caráter comum; era impossível colher delas alguma moral, ou alguma tendência geral, exceto serem todas mais ou menos patéticas. Mas havia-as também que não eram, havia-as mesmo muito divertidas, havia mesmo zombarias dirigidas a certos monges desviados, tanto que prejudicava ele sua ideia contando-as, para o que cheguei a chamar-lhe a atenção; mas não compreendeu o que eu queria dizer. Era por vezes difícil adivinhar o que o levava assim a contar, de modo que eu mesmo me admirava de semelhante loquacidade, atribuída por mim em parte à senilidade e a um estado mórbido.

— Não é mais o que era — cochichou-me um dia Viersílov. — Antes não era de todo assim. Morrerá em breve, muito mais cedo do que pensamos, e é preciso estarmos prontos.

Esqueci-me de dizer que se haviam estabelecido em nossa casa como que serões regulares. Exceto mamãe, que não deixava Makar Ivânovitch, encontrava-se todas as noites em seu quarto Viersílov; eu

também lá comparecia e, aliás, não tinha outro lugar aonde ir. Nos derradeiros dias, Lisa aparecia comumente, embora mais tarde que os outros, e ficava quase sempre silenciosa. Havia também Tatiana Pávlovna e, se bem que raramente, o doutor. Não sei como tal se deu, mas me aproximara bruscamente do doutor; não em grande escala, mas em todo caso, não mais rompantes como outrora. O que me agradava nele era certa simplicidade que por fim viera a notar e certo apego à nossa família, tanto que decidi por fim perdoar-lhe seu orgulho médico e além disso ensinei-lhe a lavar as mãos e limpar as unhas, uma vez que decididamente ele não podia andar com roupa branca limpa. Fiz-lhe compreender que não era absolutamente por causa da elegância, nem por causa das belas-artes, mas que a limpeza entrava naturalmente nas funções de um doutor e provei-lhe. Por fim, Lukiéria vinha muitas vezes de sua cozinha até a porta e escutava por trás dela o que contava Makar Ivânovitch. Um dia, Viersílov convidou-a a entrar e sentar-se conosco. Isso me agradou; mas desde aquele dia ela parou de vir. Cada qual com seu caráter!

Insiro aqui uma dessas narrativas, ao acaso, apenas porque foi a que melhor retive. É a história de um negociante, e creio que histórias como essa ocorrem aos milhares, em nossas cidades, grandes e pequenas, bastando apenas saber olhá-las. O leitor tem liberdade de saltar a narrativa, tanto mais quanto a narro em seu estilo.

## IV

Houve uma vez entre nós, na cidade de Afímievsk, o milagre que agora vou contar-vos. Vivia ali certa vez um negociante chamado Skotobóinikov, Maksim Ivânovitch. Não havia homem mais rico em toda a região. Construíra uma fábrica de chita e dava emprego a várias centenas de operários. Acabou por se julgar importante demais. E, é bem preciso dizê-lo, todo mundo estava às suas ordens. As autoridades não lhe criavam dificuldades e o *arkhimandrit* agradecia-lhe o seu zelo: dava muita esmola ao convento e, quando lhe vinha a veneta, suspirava grandemente pela sua alma e preocupava-se bastante com sua vida futura. Era viúvo sem filhos; a respeito de sua esposa corria boato de que a havia mimado muito no primeiro ano e que, na sua mocidade, fora ele um estroina; somente tudo isso se

passara havia bastante tempo antes; quanto a casar de novo, não queria nem ouvir falar disso. Tinha um fraco também pela bebida e quando lhe vinha a vontade, viam-no correr bêbedo pela cidade, nu e lançando gritos; a cidade não é grande e tudo se sabe. Passado aquilo, voltava ao sério e tudo quanto julgava era bem julgado, tudo quanto ordenava, bem ordenado. Com as pessoas regularizava suas contas, fantasiosamente. Pegava seu ábaco e montava os óculos no nariz: "E tu, Fomá, quanto te devo?" — "Nada recebi desde o Natal, Maksim Ivânovitch. São trinta e nove rublos que me deves." — "O quê? Tanto dinheiro? É demais para ti; não os vales; não te convém absolutamente; vamos, dez rublos de menos, e aqui estão vinte e nove! Toma". O outro nada diz; ninguém pia uma palavra, silêncio geral.

— Bem sei quanto é preciso dar-lhes. Com essa gente é impossível agir de outra maneira. Essa gente daqui está pobre. Sem mim, há muito tempo que estariam todos mortos de fome, todos, tantos quantos sejam. Repito-vos, são todos uns ladrões; tem os olhos maiores que a barriga e nenhum empenho põem no trabalho que fazem. Acrescentai ainda que são beberrões: dai-lhes o seu salário e eles o levarão ao botequim, donde regressam sem um pelo na pele, nus como vermes. E depois, são velhacos; vão sentar-se numa pedra diante do botequim e é de vê-los a gemer: "*Mámienhka* querida, por que me puseste no mundo, pobre bêbedo que sou? Semelhante bêbedo! Ah! melhor teria sido que o tivesses estrangulado quando nasceu!". Pode dizer-se que isso é um homem? Uma besta e não um homem. É preciso antes de tudo educá-lo e em seguida dar-lhe dinheiro. Eu sei quando é preciso dar.

Pois bem, eis como Maksim Ivânovitch falava do povo de Afímievsk. Era mau de sua parte, mas era verdade; nossa gente era fraca, sem firmeza.

Havia naquela mesma cidade outro comerciante, mas morreu; era um homem jovem e leviano, falira e perdera todo o seu capital. No derradeiro ano, debatia-se como um peixe em cima da areia, mas sua hora tinha chegado. Com Maksim Ivânovitch discutia todo o tempo e devia-lhe dinheiro a rodo. Ainda no seu derradeiro suspiro, amaldiçoava Maksim Ivânovitch. Deixou viúva ainda jovem com cinco filhos. Uma viúva é como uma andorinha sem refúgio, é uma dura

provação e sobretudo com cinco filhinhos, quando nada se tem para dar-lhes de comer: o único bem que lhes restava era uma casa de madeira que Maksim Ivânovitch lhes arrebatou para pagar-se. Então plantou os filhos todos em fileira diante da porta da igreja: o maior tinha bem uns oito anos, um menino, os outros eram meninas, todas menores uma que as outras; a mais velha tinha quatro anos e a mais moça ainda mamava. Acabada a missa, sai Maksim Ivânovitch e todos os menininhos, em fila, se ajoelham diante dele (ela lhes ensinara antes) e cruzam diante dele suas mãozinhas juntas, enquanto que atrás deles, com o quinto no braço, ela o cumprimenta até o chão, diante de todo mundo:

— Meu bom Senhor Maksim Ivânovitch, tenha piedade de pobres órfãos, não lhes arrebate o derradeiro pedaço de pão, nem os expulse do ninho paterno!

Todos os menininhos derramaram lágrimas: ela lhes ensinara bem a lição! Dizia a si mesma: diante do povo, ele terá vergonha e perdoará, restituirá a casa aos órfãos. Somente aconteceu o contrário. Maksim Ivânovitch para e diz:

— Tu, jovem viúva, o que queres é um marido e não é pelos órfãos que choras. Teu defunto marido amaldiçoou-me no seu leito de morte.

E prosseguiu caminho, sem restituir a casa. “Por que deixa-se comover por tais sandices? Dai o dedo ao vilão, e ele vos tomará a mão! Tudo isso não conduz a nada e só causa desassossego.” Já corria o boato de que, quando aquela viúva ainda era solteira, dez anos antes, ele lhe oferecera gorda soma (ela era muito bonita), esquecendo-se de que aquele pecado é o mesmo que arruinar uma igreja do bom Deus: mas a coisa dera em nada. Sujeiras dessa laia, praticara-as não poucas na cidade e até mesmo em toda a província. Mas naquele caso, ultrapassou todas as medidas.

A mãe lançou urros com seus filhotinhos. Ele pôs os órfãos para fora da casa, não somente por maldade, mas porque por vezes o próprio indivíduo não sabe por qual razão teima em sua ideia. O caso é que a ajudaram a princípio, depois ela tratou de alugar seus serviços.

Somente, que se pode ganhar entre nós, além do emprego na fábrica? Lavar um soalho aqui, capinar um jardim ali, esquentar um banho e ainda por cima com uma criancinha nos braços a choramingar e as quatro outras a correr na rua sem camisa! Quando as pusera de joelhos diante da igreja, traziam ainda seus sapatinhos e suas capinhas, como filhos de negociante, apesar de tudo; ao passo que, agora, corriam descalços. Sabeis bem que as roupas não duram nas crianças. No fundo, de que precisam esses petizes? Basta que faça sol para estarem contentes, não sentem a desgraça, são como passarinhos, sua vozinhas ressoam como guizos. A viúva dizia a si mesma: "Vai chegar o inverno. Que farei de vocês? Se ao menos o bom Deus quisesse levar vocês naquela ocasião!". Mas não teve de esperar até o inverno. Há nas nossas regiões um tosse infantil, a coqueluche, que passa de um para o outro. A princípio, a pequenina ainda de peito, morreu. Em seguida as outras caíram doentes, e as quatro filhas, no mesmo outono, foram levadas, uma após outra. É verdade que uma delas foi esmagada na rua. Pois bem, que é que crês? Ela as enterrou e lançou gritos; antes, amaldiçoava-as, e quando Deus as levou, chorou-as. Eis bem aqui o coração materno!

Restava-lhe vivo o mais velho, o menininho, e tremia por ele, já nem respirava. Era magrinho e débil, uma coisinha delicada como uma menina. Ela levou-o à fábrica, à casa de seu padrinho que era o diretor e depois alugou-se como criada em casa de um funcionário. Um dia em que o menino corria pelo pátio, chega Maksim Ivânovitch no seu carro, bêbedo. No pé da escada, o menino vai ao seu encontro, escorrega e choca-se contra ele no momento em que descia do carro, batendo-lhe com as duas mãos na barriga. Maksim Ivânovitch agarra o menino pelos cabelos: "De quem é este menino? Uma vara! Açoitem-no agora mesmo, na minha presença!". O menino está morto de medo, açoitam-no, ele dá gritos. "E ainda gritas? Açoitem-no até que deixe de gritar!". Açoitaram-no mais, ele não parava, porém, de gritar, até o momento em que desmaiou por completo. Então pararam, tiveram medo: o menino não mais respira, permanece deitado no chão, sem sentidos. Contaram depois que não lhe haviam batido muito, mas que ele era muito medroso. Maksim Ivânovitch também se amedrontou! "De quem é esse menino?", pergunta. Dizem-lhe. "Vejam só isso! Levem-no à casa de sua mãe. Que tinha ele de andar solto aqui pela

fábrica?” Dois dias mais tarde, pergunta: “E o menino?”. As notícias eram más: estava doente, deitado num canto em casa de sua mãe, porque naquela ocasião havia ela abandonado seu emprego em casa dos funcionários e o menino estava com congestão pulmonar. “Vejam só isso. E por quê, em suma? Se o tivessem açoitado seriamente… mas o que lhe fizeram foi medo principalmente. Já bati em muitos outros da mesma maneira e jamais tive complicações.” Esperava que a mãe fosse queixar-se e bancava o orgulhoso. Somente, como haveria ela de queixar-se? Não ousou. Então, enviou-lhe quinze rublos e um médico, de sua parte. Não porque tivesse medo, mas à toa, depois de pensar. Em seguida sobreveio-lhe a sede de álcool e passou mais de três semanas em bebedeiras.

Passou-se o inverno. No dia de Páscoa, em plena festa, Maksim Ivânovitch pergunta ainda: “Então, e o menino?”. Durante todo o inverno mantivera-se calado, nada perguntava. Responderam-lhe: “Está curado, em casa de sua mãe, que trabalha fora, em serviços diários.” No mesmo dia, foi Maksim Ivânovitch procurar a viúva, sem entrar em casa, mas mandou-a chamar à entrada, enquanto ele permanecia no carro: “Escuta, digna viúva, quero bem a teu filho, quero ser seu verdadeiro benfeitor e fazer-lhe benefícios sem limites: levo-o comigo, para minha casa, a partir de hoje. E se me agradar um pouco, vou lhe deixar um capital suficiente; e se me agradar completamente, posso fazê-lo, após minha morte, herdeiro de toda a nossa fortuna, como se fosse meu filho, com a condição somente de que não venhas nunca à minha casa, exceto no dia das grandes festas. Se te convém assim, então amanhã de manhã leva-me o menino, que não há de viver sempre a brincar pelas ruas.” Dito isto, vai-se embora de volta e a mãe fica como louca. Pessoas que ouviram aquilo, dizem-lhe: “Quando o menino crescer, vai te censurar porque o privaste de semelhante sorte”. A noite inteira, chorou por ele, mas depois, de manhã, levou-o. O menino estava mais morto do que vivo.

Maksim Ivânovitch vestiu-o como se fosse um senhorzinho e contratou um professor, pondo-o desde logo a estudar. Não lhe tirava a vista de cima, tinha-o sempre a seu lado. Assim que o menino começava a bocejar, gritava-lhe: “Pega teu livro! Estuda: quero fazer-te um homem”. Mas o menino era fraquinho, desde aquela vez, depois

dos açoites. Tossia. “Então a vida não é boa em minha casa?”, admira-se Maksim Ivânovitch. “Em casa de sua mãe, andava descalço, roía crostas de pão e aqui está ele agora mais raquítico do que antes.” Então o professor lhe disse: “As crianças têm necessidade de correr, não podem estar a estudar o tempo inteiro, precisam de movimento…”. E explicou-lhe tudo isso com razões. Maksim Ivânovitch pensou: “Dizes a verdade”. Esse professor era Piotr Stiepânovitch — que Deus o tenha em sua guarda! —, uma espécie de santo. Bebia, e até mesmo um pouco demais, de modo que o tinham despedido de todos os empregos, vivendo, em suma, de esmolas, e, no entanto, era um cérebro potente, forte em ciências. “Meu lugar não é aqui — dizia a si mesmo —, deveria ser professor de Universidade, ao passo que estou aqui na lama e “até mesmo minhas roupas tem nojo de mim.” Então Maksim Ivânovitch grita para o menino: “Vai correr!” e o menino mal respira diante dele. Chegou mesmo a não suportar-lhe mais a voz: era tomado de temores. Maksim Ivânovitch admira-se cada vez mais: “Não se sabe o que tem ele na barriga. Tiro-o da lama, visto-o com roupas finas, tem botinas de bom couro, uma camisa bordada, trato-o como filho de general e ainda assim não gosta de mim? Por que me olha como um lobinho?”. Desde muito tempo, nada mais que fizesse Maksim Ivânovitch causava espanto, mas a partir daquele momento recomeçou o povo a espantar-se: ele não sabia o que mais imaginar, estava ligado àquele menino, não podia mais deixá-lo. “Enforcado seja, mas vou lhe mudar o caráter. Seu pai amaldiçoou-me no seu leito de morte, depois de ter recebido a santa comunhão. É o pai escrito e escarrado.” Nem uma vez sequer bati-lhe com varas (tinha muito medo de fazer isso, desde a outra vez). O menino já vivia apavorado. Não houve necessidade de varas.

Então ocorreu a coisa. Um dia em que ele acabava de sair da sala, o menino largou seu livro para subir a uma cadeira: sua bola tinha caído em cima de um guarda-roupa. Queria apanhá-la, mas sua manga prendeu-se a uma lâmpada de porcelana que estava ali em cima; a lâmpada cai por terra e quebra-se em mil pedaços, com um barulho que repercutiu na casa inteira. Era um objeto de preço, uma porcelana de Saxe. Lá da terceira sala ouve Maksim Ivânovitch o barulho e põe-se a gritar. O menino foge em disparada, apavorado, escapa pelo terraço, atravessa o jardim e, pela porta de trás, vai dar diretamente

no cais. Há ali um bulevar, com velhos cítisos, em suma, um lugar ameno. O menino correu para a água, as pessoas o viram, abriu os braços, justamente no lugar onde a barca atraca e depois teve medo talvez diante da água, ficando pregado no lugar. O local é largo, o rio rápido, passam barcaças; do outro lado, lojas, uma praça, uma igreja, com cúpulas de ouro que brilham. Justamente a Coronela Ferzing descia para a barca com sua filha — tínhamos na cidade um regimento de infantaria. A filha, uma menina também de oito anos, com seu vestido branco, olha o menino e ri; tinha na mão uma gaiolinha de madeira e dentro um ouriço. "Veja, mamãe, como o menino está olhando para o meu ouriço!" — "Não — diz a coronela —, está simplesmente com medo de alguma coisa." — "Por que você teve tanto medo, gentil menino?" (Foi assim que contaram depois.) "E quem é esse gentil menino? Como está bem vestido! Quem é você, meu menino?" Ele nunca vira um ouriço: aproxima-se e olha. Já se esquecera: ah! as crianças! — "Que é isso aí?" — "Isto — diz a menina — é um ouriço. Compramo-lo ainda há pouco de um mujique que o encontrou na mata." — "E que é um ouriço?" Riu, quer tocá-lo com o dedo, o ouriço se eriça e a menina acha graça: "Vamos levá-lo para casa e dar-lhe de comer". — "Oh! dê-me seu ouriço!" Pedia assim, bem gentilmente! Mal acabara de falar, ouve-se a voz de Maksim Ivânovitch que grita do alto: "Ah! está ali! Pegai-o!". (Estava tão furioso que correra atrás do menino sem trazer o chapéu.) O menino lembra-se de tudo, lança um grito, avança para a água, cerrando os punhozinhos sobre o peito, olha para o céu (viu-se isso, viu-se isso!) e pafe! Cai dentro d'água! Gritos, pessoas que se lançam da barca, pensaram agarrá-lo, mas a água havia-o arrebatado, o rio tem forte corrente e quando o retiraram, estava morto. Era fraco do peito e não pudera suportar a água. Não era preciso muito para isso, não é mesmo? E nas nossas terras, que se saiba, nunca se ouviu dizer que uma criança de tão tenra idade tenha atentado contra a vida! Esse tão grande pecado! E que é que aquela alminha poderia dizer lá em cima ao bom Deus?

Maksim Ivânovitch passou desde aquele dia a refletir no caso. E transformou-se a ponto de tornar-se irreconhecível. Sua tristeza foi enorme naquela ocasião. Pôs-se a beber, bebeu muito, depois parou: não lhe serviu de nada. Cessou também de ir à fábrica, a ninguém

dava ouvidos. Quando lhe falavam, não respondia, ou então fazia sinal com a mão como se dissesse que o estavam aborrecendo. Assim se passaram uns dois meses, em seguida pôs-se a falar sozinho. Andava falando a si mesmo. Perto da cidade, a pequena aldeia de Vaskova ardeu, nove casas incendiadas: Maksim Ivânovitch foi ver. Os incendiados cercaram-no, lançaram gritos: prometeu ajudá-los e deu ordens, em seguida chamou o intendente e anulou tudo: "Não se deve dar-lhes coisa alguma!", sem dizer por quê. "O Senhor fez de mim uma espécie de flagelo para todos os homens, uma espécie de monstro. Pois assim seja! Minha fama espalhou-se como o vento." O *arkhimandrit* em pessoa foi vê-lo: era um velho monge severo, que introduzira o regime de comunidade no mosteiro. "Que se passa contigo?", perguntou-lhe severamente. — "É isto." E Maksim Ivânovitch abriu-lhe um livro e indicou-lhe a passagem:

> Porém o que escandalizar um destes pequeninos, que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço a mó que um asno faz girar, e que o lançassem no fundo do mar.[83]

— Sim — disse o *arkhimandrit* —, ainda que não se diga isso diretamente; mas há ainda assim uma relação. É uma desgraça, quando um homem perde a medida: está liquidado. Tu te elevaste demais.

Maksim Ivânovitch estava rígido: parecia tomado de tétano. O *arkhimandrit* olha-o:

— Escuta — diz-lhe — grava bem. Foi dito: "As palavras do desesperado são levadas pelo vento". E lembra-te ainda disto: que os anjos do bom Deus são eles próprios imperfeitos, e que o único perfeito e sem pecado é Deus, Jesus Cristo, a Quem os anjos servem. Aliás, tu não quiseste a morte daquele menino, foste somente imprudente. Eis, porém, o que acho mesmo admirável: cometeste tantos outros pecados mais graves, reduziste tanta gente à mendicidade, corrompeste tantas pessoas, impeliste tantas à morte, tudo como se as tivesses matado! E as irmãs dele não morreram antes, todas quatro em tenra idade, quase sob teus olhos? Por que somente esse é que te perturba? Será que por acaso hajas esquecido todos os precedentes, sem falar mesmo de lamentá-los? Por que te apavoraste

tanto por causa daquele menino, da morte do qual não és totalmente culpado?

— É que o vejo em sonho — declarou Maksim Ivânovitch.

— E com isso?

Mas não lhe revelou mais nada e ficou silencioso. O *arkhimandrit* admirou-se e retirou-se: nada a fazer!

Então Maksim Ivânovitch mandou chamar o professor, Piotr Stiepânovitch; não se viam desde o acidente.

— Lembras-te? — perguntou-lhe.

— Lembro-me, sim

— Dizem que pintaste quadros a óleo para o botequim e fizeste uma cópia do retrato do bispo. Será que me podes fazer um quadro a cores?

— Sim, posso; tenho todo o talento para isso e posso fazer tudo.

— Então, faze-me um quadro, o maior possível, que tome toda a parede, e nele porás primeiro o rio, a rampa e a barca, fazendo que todas as pessoas que lá estavam naquele dia, nele apareçam. E que haja a coronela e sua filhinha, bem como o ouriço. E faze-me a outra margem completa, que se veja como ela é, a igreja, a praça, as lojas e o ponto em que as carruagens estacionam, tudo como na realidade. E diante da barca, o menino, justamente à beira do rio, naquele lugar lá, e que esteja absolutamente com seus dois pequenos punhos apertados assim sobre o peito, sobre os seus dois pequenos peitos. Absolutamente! E depois, diante dele, do outro lado, acima da igreja, abrirás o céu, e que todos os anjos no esplendor celeste voem ao encontro dele. Podes fazer isto ou não?

— Posso tudo.

— É que eu poderia, em lugar de um pinta-monos como tu, mandar vir de Moscou o melhor pintor, ou mesmo de Londres, mas somente tu é que te lembras de como era o rosto dele. Se não ficar

parecido, ou não muito, vou te dar cinquenta rublos, mas se o fizeres perfeitamente parecido, te darei duzentos. Lembra-te, os olhinhos azuis… E que o quadro seja o maior possível, o maior possível.

Tomaram suas disposições; Piotr Stiepânovitch pôs-se à obra, mas logo procura o comerciante:

— Não, não há meio de fazer como queres.

— Por quê?

— É que esse pecado, o suicídio, é o maior de todos os pecados. Como podem os anjos acolhê-lo, depois de semelhante pecado?

— Mas é uma criança, não é responsável.

— Não, não era mais uma criancinha, já tinha a idade da razão. Tinha oito anos, quando a coisa aconteceu. É, apesar de tudo, um pouco responsável.

Maksim Ivânovitch espantou-se sobremaneira.

— Então — disse Piotr Stiepânovitch —, eis o que imaginei: inútil abrir o céu e pintar anjos. Farei somente cair do céu, ao encontro dele, um clarão; um simples raio de luz: será ainda assim alguma coisa.

Fizeram o clarão cair. E eu mesmo vi, mais tarde, aquele quadro e aquele raio de luz, e o rio, todo azul, costeando a parede; havia ali o menino, suas duas mãozinhas cerradas sobre o peito, e a menininha e o ouriço; tudo estava no quadro. Somente Maksim Ivânovitch não mostrou o quadro a ninguém: fechou-o a chave no seu gabinete. E, no entanto, todo mundo na cidade correu a vê-lo; mandou pôr a todos para fora. Falou-se muito disso. Mas Piotr Stiepânovitch parecia não ser mais o mesmo homem: “Posso tudo agora. Meu verdadeiro lugar é em Petersburgo, na corte”. Era o mais amável dos homens, somente gostava de engrandecer-se desmedidamente. E seu destino em breve o atingiu: tendo recebido seus duzentos rublos, pôs-se logo a beber e a mostrar seu dinheiro a todo mundo, para se gabar; foi morto uma noite, em estado de embriaguez, por um de nossos operários com o qual estava bebendo e que lhe arrebatou o dinheiro; tudo isso foi

descoberto pela manhã.

E o fim de tudo foi tal que ainda hoje está na memória de todos lá. Um belo dia, Maksim Ivânovitch chega de carro em casa da viúva, que morava numa pequena isbá no fim da cidade. Desta vez entrou no pátio; plantou-se diante dela e fez-lhe uma saudação até o chão. A mulher, depois de todas aquelas desgraças, estava doente, mal se arrastava. “Minha cara, minha digna viúva, vem, casa comigo, monstro que sou, restitui-me a força de viver!” A mulher olha-o, nem viva, nem morta. “Quero — diz-lhe ele — que tenhamos ainda um menininho, e, se o tivermos, será sinal de que o outro nos perdoou a nós dois, a ti e a mim. Foi ele quem ordenou.” Ela vê que ele não está mais em seu pleno juízo, que está fora de si e, no entanto, não se contém:

— Besteiras, tudo isso — responde-lhe —, e covardia. Por causa dessa covardia, perdi todos os meus filhos. Não posso nem mesmo vê-lo diante de mim e como haveria de poder condenar-me para sempre a semelhante martírio?

Maksim Ivânovitch foi-se embora, mas não desistiu. Comoveu-se toda a cidade com semelhante milagre. Maksim Ivânovitch arranjou medianeiras. Fez vir da província duas de sua tias, que eram burguesas. Tias ou não tias, em todo o caso parentas, portanto em todo bem, toda honra; puseram-se a exortar a viúva, a lisonjeá-la, não saíam mais de sua casa. Ele enviou também gente da cidade, negociantes, a mulher do arcipreste, esposas de funcionários; toda a cidade fez-lhe a corte, ela porém tudo desdenhava: “Se ainda meus órfãos ressuscitassem, mas agora, de que serve? Seria um pecado diante de meus orfãozinhos!”. Ele conseguiu dobrar até mesmo o *arkhimandrit*, que também foi soprar-lhe ao ouvido: “Podes bem fazer nascer nele um novo homem”. Ela tomou medo. As pessoas admiravam-se de sua conduta: “Como se pode recusar semelhante felicidade?”. E eis de que maneira ele a conquistou afinal: “Ele se suicidou, apesar de tudo; não era mais uma criancinha, já estava na idade da razão, somente a idade o impedia de receber a santa comunhão sem confissão, por consequência já era um pouco responsável. Se te casas comigo, faço uma grande promessa: mandarei construir uma nova igreja unicamente para o repouso eterno de sua

alma”. A este argumento, ela se rendeu, consentiu. E o casamento efetuou-se.

O resultado causou espanto a todo mundo. Viveram, desde o primeiro dia, em acordo perfeito e sincero, mantendo inviolável fidelidade mútua, como uma só alma em dois corpos. Concebeu ela no mesmo inverno e puseram-se a visitar igrejas e a temer a cólera do Senhor. Estiveram em três mosteiros e escutaram as profecias. Ele ergueu o templo prometido e construiu na cidade um hospital e um asilo. Deu uma parte de seu capital para as viúvas e os órfãos. Recordou-se de todos aqueles a quem fizera algum mal e desejou fazer restituições; mas pôs-se a espalhar dinheiro sem medida, de sorte que sua esposa e o *arkhimandrit* lhe contiveram a mão: “Basta! Basta assim”. Maksim Ivânovitch obedeceu. “Uma vez enganei Fomá.” Restitui-se então o devido a Fomá. Fomá derramou lágrimas: “Era inútil… Já recebemos muito do senhor, somos-lhe eternamente gratos”. Todo mundo, pois, estava edificado, o que prova que o homem vive de bons exemplos. A nossa gente tem bom coração.

Foi a própria esposa quem passou a gerir a fábrica e de tal maneira que ainda hoje é lembrada. Ele não cessou de beber, ela porém o vigiara naqueles dias e tentou curá-lo. Seus discursos tornaram-se graves e até mesmo sua voz mudou. Tornou-se infinitamente compassivo, até mesmo para com os animais. Um dia, em que viu de sua janela um homem dar em seu cavalo chicotadas na cabeça, mandou comprar o animal por duas vezes mais caro que valia. E recebeu o dom das lágrimas: quando conversava com alguém, viam-no subitamente inundado de lágrimas. Quando chegou o tempo, o Senhor ouviu-lhes afinal as preces e enviou-lhes um filho. E, pela primeira vez desde sua desgraça, Maksim Ivânovitch apareceu radiante; distribuiu muitas esmolas, remiu muitas dívidas e convidou toda a cidade para o batizado. Convidou, mas no dia seguinte, assim que a noite caiu, saiu de casa. Sua esposa viu que algo não ia bem e levou-lhe o recém-nascido: “Nosso filho nos perdoou, escutou nossos lamentos e nossas preces”. É preciso dizer que jamais tinham abordado este assunto durante todo o ano: guardavam-no os dois para si. E Maksim Ivânovitch olhou-a, sombrio como a noite: “Espera, ele não viera mais durante todo o ano, pois bem, esta noite revi-o em

sonho”. — “Foi então que o horror penetrou também no coração, após aquelas palavras singulares”, lembrava ela depois.

Não fora por coisa alguma que o menino voltara. Apenas Maksim Ivânovitch pronunciara aquelas palavras, no mesmo instante ocorreu alguma coisa ao recém-nascido: caiu bruscamente doente. Esteve oito dias doente, rezava-se sem cessar e chamavam-se médicos. Mandou-se buscar em Moscou, pela estrada de ferro, o primeiro entre todos os doutores. Chegou e zangou-se: “Sou o primeiro de todos os doutores, toda Moscou me aguarda”. Receitou gotas e apressou-se em partir. Levava oitocentos rublos e ao entardecer a criança morreu.

Que aconteceu em seguida? Maksim Ivânovitch abandonou toda a sua fortuna à sua cara esposa, entregou-lhe todos os seus capitais e todos os seus papéis, executou tudo isso segundo as regras e formas legais, em seguida plantou-se diante dela e cumprimentou-a até o chão: “Deixa-me, minha esposa inestimável, ir salvar minha alma enquanto tenho meios de fazê-lo. Se passar este tempo sem resultado para minha alma, não voltarei mais. Tenho sido duro e cruel, tenho feito os outros sofrerem, mas penso que minhas dores por vir e minha vida errante me valerão a misericórdia de Deus, porque abandonar tudo isso não é uma pequena cruz, nem uma pequena dor”. Sua esposa tentou acalmá-lo à força de lágrimas: “Só tenho a ti agora na terra. Quem tomará conta de mim? Durante este ano meu coração abriu-se para a ternura”. E toda a cidade exortou-o um mês inteiro, suplicou-lhe, decidiu-se retê-lo à força. Mas não quis escutar ninguém, foi-se embora secretamente uma noite e não voltou mais. Dizem que anda ainda agora a vagar e a sofrer e cada ano faz uma visita a sua esposa querida.

## Capítulo IV

### I

Chego agora à catástrofe definitiva que termina estas notas. Mas, antes de continuar, sou obrigado a antecipar os acontecimentos e explicar uma coisa da qual nada sabia na época, mas que vim a

conhecer e a explicar-me perfeitamente muito mais tarde, quando tudo estava terminado. De outro modo não poderia ser claro, seria preciso que eu me exprimisse por enigmas. Assim darei esta explicação franca e simples, sacrificando o pretenso lado artístico, e o farei como se não fosse eu quem escrevesse, sem que meu coração mostrasse interesse, sob a forma duma espécie de notícia local de jornal.

Lambert, meu colega de infância, teria muito bem podido, e mesmo literalmente, estar filiado àqueles ignóbeis bandos de pequenos intrigantes que se associam para o que hoje se chama chantagem e sobre os quais recaem agora certas definições e penas do Código. O bando do qual participava Lambert formara-se em Moscou e ali já havia cometido não pequeno número de falcatruas (foi mais tarde descoberto em parte). Soube depois que tinham tido, em Moscou, durante certo tempo, um dirigente extraordinariamente experimentado e não tolo de todo, um homem já maduro. Executavam suas façanhas, ora o bando todo, ora pequenos grupos. Ao lado de coisas extremamente sujas e inomináveis (de que trataram os jornais), entregavam-se também a casos bastante complicados e até mesmo astutos, sob a direção de seu chefe. Conheci alguns desses casos mais tarde, mas não entrarei em detalhes. Mencionarei somente que o traço mais característico da ação deles consistia em descobrir os segredos de homens por vezes muito honestos e altamente colocados; após o que iam procurar essas pessoas e as ameaçavam de publicar certos documentos (que por vezes não possuíam absolutamente), exigindo delas dinheiro para permanecer em silêncio. Há coisas que não são repreensíveis e não são absolutamente criminosas, mas de que o homem mais honesto e mais firme teme a publicação. Exploravam na maior parte do tempo os segredos de família. Para mostrar com que habilidade operava por vezes seu chefe, contarei, sem nenhum detalhe, em três linhas, uma de suas façanhas. Ocorrera numa casa bastante honrada um ato realmente lamentável e até mesmo criminoso; a mulher de um homem conhecido e respeitado tinha uma ligação secreta com um jovem e rico oficial. Farejaram o caso e eis o que fizeram: informaram o rapaz de que iriam avisar o marido. Não tinham a menor prova e o rapaz sabia perfeitamente, coisa que eles aliás não ocultavam; mas toda a habilidade do processo e toda a

astúcia de seu cálculo consistiam, naquela circunstância, na consideração de que o marido, prevenido, agiria, mesmo sem provas, exatamente da mesma maneira e executaria exatamente as mesmas gestões que poria em prática se tivesse recebido as provas mais matemáticas. Especulavam aqui sobre o conhecimento do caráter daquele homem e da sua situação familiar. Havia no bando um rapaz da melhor sociedade e que conseguira previamente obter as informações úteis. Extorquiram do amoroso uma elevadíssima soma e sem o menor perigo para eles, uma vez que a própria vítima não desejava senão o silêncio.

Embora participando daquilo, Lambert não pertencia completamente àquele bando moscovita. Mas, tendo tomado gosto pela coisa, começou pouco a pouco e a título de ensaio a operar por sua conta. Vou dizer logo: não tinha de todo aptidões para aquilo. Era astuto e calculista, mas demasiado ardoroso e além disso demasiado simples ou, para melhor dizer, demasiado ingênuo: não conhecia nem os homens nem a sociedade. Creio, por exemplo, que não compreendia totalmente o papel daquele chefe de Moscou e que dirigir e organizar semelhantes empreitadas parecia-lhe muito fácil. Enfim, acreditava que quase todo mundo fosse tão velhaco quanto ele. Ou bem, por exemplo, tendo uma vez imaginado que alguém tinha medo ou devia ter medo por essa ou aquela razão, não duvidava mais doravante de que o outro tivesse realmente medo: era um axioma. Não me exprimo bem; mais tarde tudo isso será esclarecido pelos fatos, mas, a meu ver, era de educação bastante grosseira e havia certos sentimentos bons e nobres nos quais não somente não acreditava, mas de que nem mesmo tinha ideia.

Dirigiu-se a Petersburgo porque, desde muito tempo já, sonhava com a capital como um campo de ação mais vasto do que Moscou, e também porque já dera com os burros n'água em Moscou e era procurado ali por certa pessoa animada das piores intenções a seu respeito. Uma vez em Petersburgo, pôs-se logo em relações com um antigo camarada. Mas achou o campo reduzido, os negócios mesquinhos. As amizades aumentaram depois, sem grandes resultados: "As pessoas daqui são bichinhos meninotes e nada mais", disse-me mais tarde. Ora, numa bela manhã, ao romper do dia, eis que ele dá

comigo, gelado, ao pé dum muro e vem assim a encontrar a pista dum riquíssimo negócio. Tal era pelo menos sua opinião.

Todo esse negócio decorria das coisas que contei então em casa dele, quando me degelava. Eu estava, sem dúvida, por assim dizer, delirando. Mas nem por isso deixava de depreender-se do que eu dizia, que, de todas as minhas amarguras daquele dia fatal, a que me voltava mais à memória e me pesava unicamente no coração era a injúria recebida de Bioring e dela, de outro modo não teria sido ela o único assunto de meu delírio em casa de Lambert: eu teria delirado, por exemplo, a propósito de Ziérchtchikov; ora, só me referia àquilo, como o soube mais tarde do próprio Lambert. Além disso, estava entusiasmado e considerava, naquela terrível manhã, Lambert e Alfonsina como espécies de libertadores e de salvadores. Quando mais tarde, durante minha convalescença, perguntava a mim mesmo ainda no meu leito: "Que pode Lambert saber pelo que eu dizia e até que ponto me entreguei a ele?", não me ocorria jamais a menor suspeita de que ele pudesse ter sabido tanta coisa! Bem decerto, a julgar pelos meus remorsos, então eu já supunha que devia ter falado demais; repito, porém, jamais teria suposto que chegara a tal ponto! Esperava também, e contava com isso, que não tinha força naquele momento de pronunciar palavras articuladas, disso me restando uma lembrança bem nítida; e, no entanto, verificou-se na realidade que então eu pronunciava muito mais claramente do que o supunha e esperava. Mas o importante é que tudo isso só se descobriu mais tarde e muito tempo depois: e nisso consistia a minha desgraça.

Pelo meu delírio, pelo meu falatório, balbucios, entusiasmos e tudo mais, soube ele primeiramente: quase todos os nomes, com exatidão, e até mesmo certos endereços. Em segundo lugar, formou uma ideia bastante aproximada do papel daqueles personagens (o velho príncipe, ela, Bioring, Anna Andriéievna e até mesmo Viersílov). Em terceiro lugar, soube que eu me considerava ofendido e ameaçava vingar-me; enfim, e em quarto lugar e sobretudo, soube que existia certo documento misterioso e oculto, uma carta que bastaria mostrar a um velho príncipe semilouco para que, ao lê-la e saber que sua própria filha o julgava louco e consultava juristas, para mandá-lo internar, ficasse definitivamente louco, ou então a expulsasse de sua

casa e a deserdasse, ou então se casasse com uma *Mademoiselle* Viersílov com a qual já pretendia casar-se apesar da oposição que se fazia a isso. Em resumo, Lambert soube duma porção de coisas; sem dúvida, muitas outras permaneciam obscuras, mas nem por isso o chantagista deixava de estar no rastro. Quando, mais tarde, fugi da casa de Alfonsina, ele descobriu imediatamente meu endereço (da maneira mais simples do mundo: no Registro de Endereços);[84] em seguida, tomou imediatamente as informações necessárias que lhe deram a conhecer que todos os indivíduos por mim citados existiam realmente. Então deu o primeiro passo.

O essencial era existir um documento e ser eu o seu detentor. Esse documento possuía alto valor; Lambert não duvidava disso. Omito aqui uma circunstância que será preferível mencionar mais tarde no lugar devido; direi apenas que essa circunstância confirmou Lambert poderosamente na sua convicção quanto à existência real e sobretudo o valor do documento. (Circunstância fatal, previno logo, e que eu não podia de modo algum imaginar na época, nem mesmo até o fim de toda a história, até o momento em que tudo desmoronou de repente e se esclareceu por si mesmo.) Assim, bem convencido desse ponto essencial, foi ter, antes de tudo, com Anna Andriéievna.

É ainda para mim um enigma: como pôde aquele Lambert insinuar-se e penetrar até junto de uma pessoa tão inabordável e sublime como Anna Andriéievna? Tomara suas informações, sem dúvida, mas que adiantava isso? Estava bem vestido, sem dúvida, tinha sotaque parisiense e usava um nome francês; mas como Anna Andriéievna não descobriu imediatamente o intrujão? Ou então seria preciso supor que tinha ela necessidade daquele intrujão, precisamente naquele momento? Seria possível?

Jamais pude conhecer os pormenores da entrevista deles, mas muitas vezes, mais tarde, imaginei a cena. O mais provável é que Lambert, desde as primeiras palavras e os primeiros gestos, desempenhou perante ela o papel do amigo de infância que treme por causa de um camarada amado e querido. Em todo caso, desde essa primeira entrevista, ele soube lançar uma alusão muito clara ao documento de que era eu detentor, dar-lhe a entender que era um segredo, que era, ele, Lambert, o único a possuí-lo e que eu contava

com esse documento para vingar-me da Generala Akhmákova, e assim por diante. Sobretudo, pôde explicar-lhe, com toda a precisão desejável, a importância e o valor daquele papel. Quanto a Anna Andriéievna, estava justamente numa situação de não poder deixar de agarrar-se a uma notícia daquele gênero, nem ouvi-la com extrema atenção e… não se deixar prender ao anzol — por causa da luta pela existência.

Justamente naquela ocasião acabavam de separá-la de seu noivo e de levá-lo, sob tutela, a Tsárskoie Sieló, tendo sido ela também posta sob vigilância. Ora, apresenta-se uma verdadeira boa fortuna: não são mais cochichos de comadres, nem queixas lacrimejantes, nem falinhas e mexericos, há agora uma carta, um manuscrito, isto é, uma prova matemática das intenções pérfidas da filha do príncipe e de todos aqueles que o arrebatam dela, a prova, por consequência, de que ele precisa salvar-se, mesmo pela fuga, salvar-se correndo para junto dela, para junto dela, Anna Andriéievna, e casar-se com ela em vinte e quatro horas; senão será internado num asilo de loucos.

Talvez tenha sido o próprio Lambert que não andou com ardis absolutamente, nem um só minuto, com aquela senhorita, mas foi-lhe logo dizendo, brutalmente, sem mais aquela: "*Mademoiselle*, ou ficará solteirona, ou então será princesa e milionária: eis o documento, vou subtraí-lo daquele rapaz e passá-lo às suas mãos… em troca duma cédula de trinta mil". Creio mesmo que foi o que aconteceu. Sim, julgava todo mundo tão velhaco quanto ele próprio; repito: tinha a ingenuidade do velhaco, a inocência do velhaco… Duma maneira ou doutra, é muito possível que Anna Andriéievna também, em face de semelhante ataque, não se tenha perturbado um só instante, tenha sabido perfeitamente conter-se e escutar o chantagista que lhe falava no seu estilo próprio — tudo por "largueza de espírito". Sem dúvida, no começo, corou um pouco, mas enrijeceu-se e escutou até o fim. Como imagino bem aquela mulher inabordável, altiva, verdadeiramente digna e dotada de tal espírito, às voltas com Lambert! Sim… justamente dotada de um tal espírito! Um espírito russo, de semelhantes envergadura, amoroso da largueza; e, além do mais, um espírito de mulher e em semelhantes circunstâncias!

Agora vou resumir: no dia e na hora de minha saída, após minha

doença, ocupava Lambert as duas posições seguintes (agora é que sei com certeza): em primeiro lugar, exigir de Anna Andriéievna, em troca do documento, uma cédula de pelo menos trinta mil; em seguida, ajudá-la a fazer medo ao príncipe, a raptá-lo e a casá-lo com ela bruscamente — em suma, algo neste gênero. Houve mesmo todo um plano estabelecido; esperava-se somente meu concurso, isto é, o documento.

Segundo projeto: trair Anna Andriéievna, abandoná-la e vender o documento à Generala Akhmákova, se houvesse mais vantagens. Neste caso, contava-se também com Bioring. Mas Lambert ainda não estivera com a generala. Havia-a simplesmente seguido. Também nisso, contava comigo.

Oh! eu era bastante necessário para ele, não eu propriamente, mas o documento. A meu respeito, tinha também dois planos. O primeiro consistia, se não houvesse nenhum outro meio, em agir de acordo comigo e pôr-me a meias no negócio, depois de se ter previamente apoderado de mim moral e fisicamente. Mas o segundo plano lhe sorria bem mais: consistia em enganar-me como a um rapazinho e roubar-me o documento ou mesmo tirá-lo de mim à força. Ele estimava e acarinhava este plano nos seus sonhos. Repito: havia certa circunstância por causa da qual ele não duvidava, por assim dizer, do êxito de seu segundo plano, mas já disse que a explicarei mais tarde. Em todo caso, esperava-me com uma impaciência convulsiva: tudo dependia de mim, todos os passos e a escolha do plano.

É preciso fazer-lhe justiça: dominou-se até o momento querido, apesar da sua febre. Não veio ver-me durante minha doença — uma vez somente passou em minha casa e falou a Viersílov; não me atormentou, não me fez medo, conservou a meu respeito, até o dia e hora de minha saída, um ar de completa independência. Quanto ao fato de eu poder comunicar, ou remeter, ou destruir o documento, estava tranquilo a respeito. Pudera concluir de minhas palavras em sua casa que eu mesmo levava em muita conta esse segredo e temia que o documento fosse conhecido. Que eu iria primeiro à casa dele e à de ninguém mais, desde o primeiro dia de minha cura, não duvidava tampouco: Dária Onísimovna viera ver-me, em parte por ordem dele e

sabia que minha curiosidade e meu temor já estavam despertados e que eu não me conteria… Além disso, tomara todas as medidas, pudera saber até o dia de minha saída, tanto que eu não podia de modo algum escapar-lhe, ainda mesmo que o tivesse querido.

Mas, se Lambert me esperava, Anna Andriéievna me esperava talvez ainda mais. Direi francamente: Lambert podia ter razão preparando-se para traí-la e a culpa estava da parte dela. Apesar do seu acordo certo (ignoro a forma, mas não duvido do fato), Anna Andriéievna, até o derradeiro minuto, não foi inteiramente franca com ele. Não se abandonou. Fizera alusão a toda espécie de consentimento de sua parte e a toda espécie de promessas, mas somente alusão; escutara, talvez, todo o seu plano nos detalhes, mas havia-o aprovado apenas com seu silêncio. Tenho sólidas razões para acreditar que assim seja e a causa disso está no fato de que ela me esperava. Preferia tratar comigo a fazê-lo com um velhaco como Lambert: é para mim um fato evidente! E compreendo-a: mas o erro estava em que Lambert também compreendeu isso por fim. Teria sido demasiado desvantajoso para ele, se ela me subtraísse o documento sem o auxilio dele, entrasse em acordo comigo, excluindo-o. Além disso, naquele momento, estava já convencido da gravidade do “negócio”. Outro no seu lugar teria tremido, teria continuado a alimentar dúvidas; mas Lambert era jovem, audacioso, sedento de ganho imediato, conhecia pouco os homens e supunha-os todos desonestos; um homem como ele não podia duvidar mais, tanto mais quanto já obtivera de Anna Andriéievna todas as confirmações essenciais.

Uma palavra ainda e a mais importante: sabia Viersílov, naquele dia, de alguma coisa? Participava já de certos planos, ao menos afastados, em comum com Lambert? Não, não, e não, naquele momento não participava ainda, se bem que talvez uma palavra fatal tivesse já sido arriscada… Mas basta, basta: estou-me antecipando verdadeiramente demais.

Pois bem, e eu? Eu sabia de alguma coisa? Que sabia eu no dia de minha saída? Ao começar esta notícia, preveni que de nada sabia no dia de minha saída, que soube de tudo muito mais tarde e até mesmo quando estava tudo concluído. É verdade, mas é toda a verdade? Não, toda não. Eu já sabia de algumas coisa, é certo, sabia mesmo muito,

mas como? Que o leitor se lembre do sonho! Se semelhante sonho pode existir, se pode arrancar-se de meu coração e formular-se daquela maneira, é que eu ignorava ainda aquela massa de coisas, mas as pressentia de acordo com o que acabo de explicar aqui e que só soube com efeito no momento em que tudo já estava acabado. Saber, não sabia, mas meu coração batia por força dos pressentimentos e os maus espíritos haviam-se apoderado de meus sonhos. Eis pois para a casa de que homem eu corria, sabendo perfeitamente quem ele era e pressentindo mesmo os detalhes! E por que corria assim? Imaginai uma coisa: agora, neste instante mesmo em que escrevo, parece-me que já sabia naquele momento, nos mínimos detalhes, por que ia ao encontro dele, quando, na realidade, ainda uma vez, não sabia de nada. O leitor compreenderá talvez. Agora, ao fato, e todos os fatos uns após outros.

## II

Tudo começou assim: dois dias antes de minha primeira saída, Lisa chegou em casa, à tarde, toda alarmada. Estava terrivelmente envergonhada; e acontecera-lhe com efeito algo de intolerável.

Já mencionei suas relações com Vássin. Fora encontrá-lo não somente para nos mostrar que não tinha necessidade de nós, mas também porque o estimava realmente. Tinham-se conhecido em Luga e sempre me parecera que Vássin não era indiferente a Lisa. Na desgraça que a atingia, ela podia, é claro, desejar os conselhos de um espírito firme, calmo, sempre elevado, como o supunha em Vássin. Além disso, as mulheres não são peritas na apreciação dos espíritos masculinos, desde que um homem lhes agrade. Aceitam de boa-vontade paradoxos como conclusões estritas, uma vez que esses paradoxos coincidam com os desejos delas. O que Lisa apreciava em Vássin era o interesse que ele mostrava pela sua situação presente e, como lhe parecera desde as primeiras vezes, sua simpatia pelo príncipe. Suspeitando, aliás dos sentimentos dele para com ela, não podia deixar de levar em boa conta aquela simpatia dele pelo seu rival. O príncipe, a quem confiara que ia por vezes consultar Vássin, acolheu essa notícia, desde a primeira vez, com extrema inquietação; ficou com ciúme dela. Lisa sentiu-se magoada e continuou,

intencionalmente doravante, a ver Vássin. O príncipe calou-se, mas ficou sombrio. Lisa confessou-me mais tarde (muito tempo depois) que Vássin cessou bem depressa de agradar-lhe; era tranquilo e aquela tranquilidade perpétua e regular que lhe havia de tal modo agradado no começo pareceu-lhe em seguida bastante desagradável. Era, sem dúvida, um homem prático, e lhe havia realmente dado vários conselhos excelentes ao que parecia, mas todos esses conselhos, como por acaso, tinham-se mostrado inexequíveis. Formulava às vezes opiniões demasiado arrogantes e sem a menor timidez diante dela; cada vez com menos timidez — o que ela atribuiu a certo desinteresse involuntário e crescente pela sua situação. Uma vez, agradeceu-lhe por continuar a tratar-me com benevolência e, sendo tão intelectualmente superior a mim, conversar comigo como um igual (quer dizer que ela lhe transmitiu minhas próprias palavras). Ele respondeu-lhe:

— Não é isso e não é por isso. É que entre ele e os outros, não vejo a menor diferença. Não o julgo nem mais tolo que as pessoas inteligentes, nem pior que os bons. Sou o mesmo para todos, porque a meus olhos todos são idênticos.

— Como? O senhor não vê diferenças?

— Oh! bem decerto as pessoas diferem umas das outras em tal ou qual ponto, mas a meus olhos essas diferenças não existem porque não me afetam; para mim, todos são iguais e tudo me é igual, e por isso é que sou igualmente bom com todo mundo.

— E não se aborrece?

— Não; estou sempre contente comigo mesmo.

— E não tem desejos?

— É claro. Mas não muitos. Não tenho necessidade de nada, ou de quase nada, nem mesmo de um rublo a mais. Eu vestido de ouro, ou eu tal como sou, é tudo uma coisa só; os trajes de ouro nada acrescentarão a Vássin. Os bons pedaços não me seduzem: existem lugares ou honrarias que valham o lugar que valho?

Lisa assegurou-me, pela sua honra, que ele lhe declarou um dia tudo isso textualmente. De fato, antes de julgar, seria preciso saber as circunstâncias em que foram pronunciadas aquelas palavras.

Lisa chegou pouco a pouco a esta conclusão de que, para com o príncipe também, ele tinha indulgência, talvez somente porque todo mundo era igual a seus olhos e as diferenças não existiam e de modo algum por simpatia por ela; mas, pelo fim, ele perdeu visivelmente sua indiferença e passou a julgar o príncipe não só com desaprovação, mas até mesmo com uma ironia desdenhosa. Isto enervou Lisa, mas nem por isso Vássin mudou de parecer. Principalmente, usava sempre de expressões delicadas, mesmo condenado mostrava-se sem indignação, limitando-se a tirar as conclusões lógicas da nulidade do herói de Lisa; nesta lógica consistia a ironia. Enfim, deduziu-lhe frontalmente todo o irracional de seu amor, toda a natureza constrangida desse amor. “Você errou nos seus sentimentos e os erros, uma vez reconhecidos, devem ser necessariamente reparados.”

Isso mesmo havia ocorrido naquele dia. Lisa, indignada, levanta para retirar-se, mas que fez então e que concluiu aquele homem sensato? Com o ar mais nobre e até mesmo com sentimento, pediu-a em casamento. Lisa tratou-o, ali mesmo e bem na cara, de idiota e saiu.

Propor-lhe trair um desgraçado porque esse desgraçado não a vale e sobretudo fazer essa proposta a uma mulher grávida desse desgraçado, eis a inteligência dessa gente! Chamo a isso de tremenda limitação nas teorias e de ignorância absoluta da vida, proveniente dum imenso orgulho. Ainda por cima, Lisa percebeu com clareza que ele estava orgulhoso de sua conduta, ainda que fosse somente porque a sabia grávida. Com lágrimas de indignação, correu a ter com o príncipe, mas este — este chegou mesmo a ultrapassar Vássin. Parece que teria podido convencer-se, após o relato dela, de que não havia mais motivo para ter ciúme; ora, foi então que ele perdeu a cabeça. Aliás, todos os ciumentos são assim! Fez-lhe uma cena terrível e ofendeu-a tanto que ela esteve a dois dedos de romper imediatamente todas as relações com ele.

Voltou entretanto para casa, dominando-se ainda, mas não pode

deixar de confiar tudo à minha mãe. Naquela tarde, tornaram a estar de perfeito acordo exatamente como outrora: o gelo se partira; ambas, naturalmente, choraram a mais não poder, abraçadas, segundo seu costume, e Lisa pareceu acalmar-se, embora ficando muito sombria. À noite, permaneceu no quarto de Makar Ivânovitch, sem pronunciar uma palavra, mas sem sair do quarto. Escutou com muita atenção o que ele dizia. Depois do dia do tamborete tinha por ele um respeito extraordinário e um pouco tímido, mantendo-se além disso pouco loquaz.

Mas dessa vez, Makar Ivânovitch, de maneira um tanto inesperada e surpreendente, mudou de conversa; anotarei que Viersílov e o doutor tinham confabulado pela manhã a respeito da saúde dele, com ar bastante preocupado. Anotarei também que, desde vários dias já, se preparava em nossa casa a festa de aniversário de mamãe, a ocorrer exatamente dentro de cinco dias, falando-se disso muitas vezes. A este propósito, Makar Ivânovitch lançou-se de repente a evocar recordações e relembrou a infância de mamãe, na época em que "ela não se mantinha ainda nas suas perninhas".

— Eu não a deixava — lembrava o ancião. — Ensinava-lhe a andar, punha-a num canto, a três passos de mim, e depois chamava-a e ela atravessava o quarto toda cambaleante, sem medo, rindo, e corria até mim, lançava-se em meus braços e abraçava-me o pescoço. Em seguida, eu te contava histórias, Sófia Andriéievna, eras doida por histórias; ficavas duas horas seguidas, sentada em meus joelhos a ouvir-me. Todo mundo se admirava na isbá: "Olhem como ela é agarrada a Makar". Ou então, levava-te para a floresta, descobria um framboeseiro, sentava-te ali e fazia para ti um assobio de madeira. Depois de ter passeado bastante, voltávamos para casa: a criança dormia nos meus braços. Um dia, ela teve medo do lobo, lançou-se contra mim toda trêmula, mas não havia lobo nenhum.

— Disso eu me lembro — disse mamãe.

— Lembras-te? Não é possível!

— Lembro-me de muitas coisas. Até onde posso remontar nas minhas recordações, sempre encontro seu amor e sua ternura por mim

— disse ela com voz compenetrada, corando toda.

Makar Ivânovitch esperou um instante:

— Adeus, meus filhos, vou-me. Agora, chegou o fim de minha vida. Na minha velhice, encontrei a consolação de todas as minhas penas; obrigado, meus amigos.

— Não diga isso, meu caro Makar Ivânovitch — exclamou Viersílov, um tanto comovido. — Dizia-me o doutor ainda há pouco que você está incomparavelmente melhor…

Mamãe escutava com a maior atenção, mas amedrontada.

— Que sabe ele, o teu Alieksandr Siemiônovitch? — sorriu Makar Ivânovitch. — É muito delicado, mas é tudo. Basta, meus amigos, ou será que pensais que tenho medo de morrer? Esta manhã, após minhas orações, veio-me ao coração uma espécie de pressentimento de que não sairei mais daqui: alguém me disse. Pois bem, vamos, bendito seja o nome do Senhor! Somente, gostaria de contemplar-vos a todos ainda. Jó, o Sofredor, ao olhar seus novos netos, consolava-se, mas ele se esquecia dos precedentes, e poderia esquecê-los? Não, é impossível! Somente com os anos, o pesar se mistura à alegria, transforma-se num suspiro feliz. É assim no mundo: cada alma é ao mesmo tempo experimentada e consolada. Decidi, meus filhos, dizer-vos uma palavra, não mais do que isso — continuou ele, com um doce e belo sorriso, que jamais esquecerei; depois, voltando-se de repente para mim: — Tu, meu querido, enche-te de zelo pela Santa Igreja, e, quando chegar o momento, morre por ela, se preciso; mas espera, não te espantes, não é para agora logo — acrescentou, rindo. — Agora, não pensa nisso, mais tarde, talvez, venhas a pensar. Somente uma coisa ainda: se projetas fazer algum bem, faze-o por Deus e não por gosto. Mantém-te firmemente no teu propósito e não cedas a qualquer espécie de covardia; mas age pouco a pouco, sem te precipitares, nem te arrojares impetuosamente; pois bem, eis tudo de quanto precisas. Ainda isto: habitua-te a fazer tuas orações todos os dias sem falta. Digo-te isto mesmo, talvez o recordes algum dia. Ao senhor também, Andriéi Pietróvitch, meu caro, queria dizer algumas palavras, mas Deus haverá bem de encontrar seu coração sem mim. Há muito tempo

que deixamos de falar dessa coisa, desde que aquela flecha traspassou meu coração. Mas agora, ao ir-me, relembrarei somente… a promessa que o senhor me fez então…

Pronunciou estas derradeiras palavras num murmúrio, de cabeça baixa.

— Makar Ivânovitch! — disse Viersílov, com emoção e levantando.

— Bem, bem, não se perturbe, meu caro, é uma simples lembrança… O mais culpado para com Deus naquele caso fui eu! Muito embora fosse o senhor meu amo, eu não devia ceder àquela fraqueza. Assim, tu também, Sófia, não perturbes excessivamente tua alma, uma vez que todo o teu pecado é o meu e creio bem que naquele momento não estavas em tua razão, e o senhor tampouco, meu caro, não mais do que ela — sorriu, com os lábios trêmulos por causa de alguma dor. — Teria podido dar-te um ensino, naquela ocasião, minha esposa, mesmo a pauladas, e teria sido mesmo meu dever agir assim, mas tive compaixão, quando caíste diante de mim, em lágrimas e me revelaste… Beijavas meus pés… Não é uma censura, minha bem-amada, é apenas para lembrar a Andriéi Pietróvitch… pois que o senhor mesmo, meu caro, se lembra de sua promessa de gentil-homem, e de que o casamento cobre tudo… Falo diante de meus filhinhos…

Estava extremamente comovido e olhava Viersílov como se esperasse dele uma palavra de confirmação. Repito, tudo isso era tão inesperado que fiquei pregado na minha cadeira, sem um movimento. Viersílov estava pelo menos tão emocionado quanto ele. Aproximou-se em silêncio de mamãe e abraçou-a fortemente; mamãe em seguida aproximou-se, sem nada dizer tampouco, na direção de Makar Ivânovitch e fez-lhe uma profunda reverência.

Em uma palavra, a cena era patética. Daquela vez não havia nenhuma pessoa estranha no quarto, nem mesmo Tatiana Pávlovna. Lisa havia-se erguido toda na sua cadeira e escutava em silêncio; de repente levantou e disse com firmeza a Makar Ivânovitch:

— Abençoe-me também, Makar Ivânovitch, por causa da grande

provação que me espera. Amanhã decide-se todo o meu destino… Reze hoje por mim.

E saiu. Sei que Makar Ivânovitch estava já informado a respeito dela por mamãe. Mas era a primeira vez naquela noite que eu via Viersílov e mamãe juntos; até então, só vira junto dele uma escrava. Havia uma enormidade de coisas que eu não sabia ainda e que jamais notara naquele homem que eu já havia condenado e foi por isso que voltei para o quarto perturbado. É preciso dizer que justamente naquele momento todas as minhas dúvidas a seu respeito se haviam tornado mais densas; nunca como agora me parecera tão misterioso, tão enigmático; mas isto é toda a história que estou escrevendo; tudo virá a seu tempo.

"No entanto — pensava eu comigo mesmo, pondo-me na cama —, deu ele a Makar Ivânovitch sua palavra de gentil-homem, de casar com minha mãe no caso em que ela ficasse viúva. Nada me dissera outrora disso, ao falar-me de Makar Ivânovitch."

No dia seguinte, Lisa não esteve em casa o dia todo e quando regressou, era já bastante tarde, dirigindo-se imediatamente ao quarto de Makar Ivânovitch. Eu não queria incomodá-los, mas tendo notado que lá já estavam mamãe e Viersílov, entrei no entanto. Lisa estava sentada ao lado do ancião e chorava sobre seu ombro; o velho, com um semblante triste, acariciava-lhe a cabeça em silêncio.

Viersílov explicou-me (em meu quarto, depois) que o príncipe mantinha-se firme e estava decidido a casar com Lisa na primeira oportunidade, mesmo antes da decisão do tribunal. Lisa tinha dificuldade em decidir, se bem que não tivesse já quase mais o direito de não decidir. Makar Ivânovitch também lhe ordenava que casasse. Naturalmente, tudo isso teria se arranjado por si mesmo depois e ela o teria certamente desposado espontaneamente, sem ordem nem hesitação, mas no momento estava tão cruelmente ofendida por aquele a quem amava e tão humilhada por aquele amor, mesmo a seus próprios olhos, que lhe era difícil decidir. Além da ofensa, misturava-se àquilo ainda uma nova circunstância de que eu não podia suspeitar.

— Ouviste falar de toda aquela mocidade presa ontem na

Pietersbúrgskaia Storoná? — acrescentou de repente Viersílov.

— O que? Diergatchov? — exclamei.

— Sim. E Vássin também.

Fiquei estupefato, sobretudo por causa de Vássin.

— Será que ele se meteu em alguma coisa? Que irão fazer deles, meu Deus? e justamente no momento em que Lisa tanto o acusou!… Que poderá acontecer-lhes, na sua opinião? Stiebielhkov deve estar metido nisso! Juro-lhe, Stiebielhkov deve estar metido nisso!

— Deixemos isso — disse Viersílov, lançando-me um olhar singular (como se olha um homem que não compreende nada e não adivinha nada) —, quem sabe o que há nesse caso? Quem pode saber o que farão deles? Não era o que eu queria dizer: soube que querias sair amanhã. Não irás ver o Príncipe Sierguiéi Pietróvitch?

— Irei, sem dúvida, muito embora, confesso, essa visita me seja muito penosa. Tem alguma coisa a mandar dizer-lhe?

— Não, nada. Eu mesmo irei vê-lo. Tenho compaixão de Lisa. Que conselho pode dar-lhe Makar Ivânovitch? Ele mesmo não entende nada, nem dos homens, nem da vida. Ainda uma coisa, meu caro (havia muito tempo que ele não me chamava mais “meu caro”), há nisso… alguns jovens… dos quais um é teu antigo camarada Lambert… Causam-me todos o efeito de horrendos velhacos… Queria simplesmente prevenir-te… Mas tudo isso é negócio teu e compreendo que não tenho o direito…

— Andriéi Pietróvitch — agarrei-lhe a mão, sem pensar e quase com entusiasmo, como me acontece muitas vezes (isto se passava na escuridão quase completa) —, Andriéi Pietróvitch, não disse nada, o senhor bem viu, não disse nada até agora e sabe por quê? Para evitar os seus segredos. Estou bem resolvido a jamais conhecê-los. Sou covarde, tenho medo de que seus segredos venham a me arrancar o senhor do coração e para sempre desta vez, o que não desejo. Então, por que o senhor haveria de conhecer os meus? Fique indiferente a qualquer destino que eu tome! Não é assim?

— Tens razão, mas nem mais uma palavra, suplico-te! — declarou ele, deixando-me. Assim, por acaso, tivemos essa pequena explicação. Mas ele só fizera aumentar minha perturbação antes do novo passo do dia seguinte, de sorte que passei a noite inteira acordando vezes seguidas. Mas achava-me bem.

## III

No dia seguinte, quando saí de casa, já eram dez horas; mas fiz todos os esforços para sair às ocultas, sem despedida, sem uma palavra, ou melhor dizendo, esquivei-me. Por que agia dessa maneira? Ignoro mas, mesmo se mamãe me tivesse visto sair e tivesse travado conversa, eu teria respondido com maus modos. Uma vez na rua, quando respirei o ar fresco, estremeci com uma sensação muito forte, quase animal e que chamarei de carnívora. Por que e aonde eu ia? Era totalmente indeterminado e ao mesmo tempo carnívoro. Tinha medo e alegria ao mesmo tempo.

“Vou ou não vou embora, hoje?”, pensava eu então, animado comigo mesmo, sabendo muito bem que aquele passo daquela manhã, uma vez dado, seria definitivo e irreparável para toda a minha vida. Mas de que serve falar por enigmas?

Fui diretamente à prisão do príncipe. Havia três dias já, Tatiana Pávlovna me dera um cartão para o diretor, o qual me recebeu muito bem. Não sei se era um homem bom e creio que isso é supérfluo; mas autorizou minha entrevista com o príncipe e arranjou-a no seu quarto, que nos cedeu amavelmente. O quarto era, como todos os quartos, vulgar, de funcionário médio alojado pelo Estado. É supérfluo também, creio, descrevê-lo. De modo que fiquei a sós com o príncipe.

Recebeu-me com um traje de casa meio militar, mas com roupa interior muito limpa, uma gravata elegante, lavado e penteado, e, com tudo isso, terrivelmente emagrecido e amarelado. Notei aquele amarelão até nos seus olhos. Em suma, estava tão mudado que me detive estupefato.

— Como o senhor está mudado! — exclamei.

— Não é nada! Sente-se, meu caro — com um ar um tanto pretensioso mostrou-me uma poltrona e sentou-se diante de mim. — Abordemos o ponto essencial: você vê, meu caro Alieksiéi Makárovitch…

— Arkádi! — retifiquei.

— Como? Ah! sim; bem, bem, pouco importa. Ah! sim! — acabava de compreender. — Perdão, meu caro, cheguemos ao ponto essencial…

Em uma palavra, estava furiosamente apressado para chegar ao seu objetivo. Penetrava-o, da cabeça aos pés, não sei que ideia essencial, que desejava formular e expor-me. Falava muito e depressa, explicando-se com esforço e sofrimento, e gesticulando, mas a princípio eu não compreendia absolutamente nada.

— Em suma (já empregara esta palavra uma boa dezena de vezes), em suma — concluiu ele —, se o importunei, Arkádi Makárovitch, se tanto insisti ontem, por intermédio de Lisa, para que você viesse, é que é urgente, mas, como a decisão deve ser excepcional e definitiva, nós…

— Permita, príncipe — interrompi-o —, o senhor mandou chamar-me ontem? Lisa não me transmitiu absolutamente nenhum recado.

— Como? — exclamou ele, parando bruscamente, numa admiração extrema, quase apavorado.

— Ela não me transmitiu absolutamente nada. Voltou ontem de tarde tão transtornada que não pôde dizer-me uma palavra sequer.

O príncipe estremeceu.

— Está dizendo mesmo a verdade, Arkádi Makárovitch? Neste caso, é…

— Mas que há nisso de tão…? Por que está tão inquieto? Ela esqueceu, muito simplesmente, ou então alguma coisa…

Sentou, mas como que estupidificado. Parecia que a notícia de que Lisa nada me transmitira o havia esmagado. Continuou bem depressa a falar e agitou os braços, mas era sempre terrivelmente difícil de compreender.

— Espere! — declarou de repente, calando-se e erguendo o dedo no ar. — Espere: são… são… se não me engano… são aquelas histórias — murmurou, com um sorriso de maníaco —, e por consequência…

— Isto não tem absolutamente importância alguma! — interrompi-o. — E não compreendo por que uma circunstância tão fútil atormenta-o tão intensamente… Ah! príncipe, desde aquele momento, desde aquela noite, lembra-se…

— Que noite e o quê? — gritou ele, de mau-humor, visivelmente descontente por ter sido interrompido.

— Na casa de Ziérchtchikov, onde nos vimos na última vez, o senhor sabe, antes de sua carta. O senhor estava também espantosamente transtornado. Mas entre então e agora há tal diferença que me espanto de vê-lo… Ou será que o senhor não se recorda?

— Ah! sim! — declarou ele, com uma voz de homem do mundo e como que se recordando de repente —, ah! sim! Naquela noite… Ouvi dizer… Pois bem, como está passando? E como se encontra agora depois de todas aquelas histórias, Arkádi Makárovitch?… Mas vamos ao ponto essencial. É que você veja, persigo três objetivos, tenho três alvos diante de mim e…

Pôs-se de novo a falar de seu ponto essencial. Compreendi por fim que estava às voltas com um homem em cuja cabeça teria sido preciso imediatamente aplicar pelo menos um pano embebido de vinagre, ou então dar-lhe uma sangria. Toda a sua conversa sem nexo girava, como era justo, em torno do processo, em torno do resultado possível; em torno da visita que lhe fizera o comandante do regimento em pessoa, que o havia longamente desviado de certo passo, mas a quem não dera ouvidos; em torno de um bilhete que acabara de enviar a alguma parte; em torno de um promotor; em torno da ideia de que o exilariam certamente para algum lugar, destituído de seus direitos, no

norte da Rússia; em torno da possibilidade de fazer-se colono e de reabilitar-se em Tachkent; em torno das lições que daria a seu filho (a nascer, de Lisa), que levaria consigo para o deserto, em Arkangelsk, em Kholmogóri. “Se quis saber sua opinião, Arkádi Makárovitch, creia bem que é porque aprecio de tal modo… Se você soubesse, se você soubesse, Arkádi Makárovitch, meu caro, meu caro irmão, o que é para mim Lisa, o que ela tem sido para mim aqui, agora, todo este tempo!” — exclamou de repente, segurando a cabeça entre as mãos.

— Sierguiéi Pietróvitch, será possível que queira o senhor sua morte, levando-a com o senhor para Kholmogóri?! — Esta frase escapou-me contra a vontade. A sorte de Lisa, ligada àquele maníaco por toda a sua vida, aparecia-me bruscamente em toda a sua clareza e como que pela primeira vez. Olhou-me, levantou de novo, deu um passo, voltou as costas e tornou a sentar, conservando sempre a cabeça entre as mãos.

— Sonho sempre com aranhas! — disse ele, de súbito.

— O senhor acha-se numa perturbação tremenda. Eu lhe aconselharia príncipe, a meter-se na cama e chamar depressa o doutor.

— Não, permita, mais tarde. Sobretudo, mandei chamá-lo para explicar-lhe… a propósito do casamento. O casamento, como você sabe, vai se realizar aqui mesmo, já disse. A autorização está dada, e até mesmo encorajam-me… Quanto a Lisa…

— Príncipe, tenha piedade de Lisa, meu caro! — exclamei. — Não a atormente, agora pelo menos, não seja ciumento.

— Como? — exclamou ele, olhando-me com seus olhos exorbitados e cortando todo o seu rosto com um sorriso demorado, absurdamente interrogador. Via-se que a palavra ciumento havia-o chocado tremendamente.

— Perdão, príncipe, foi contra minha vontade. É que conheci nestes últimos dias um velho, meu pai legal… Oh!, se o senhor o visse, ficaria mais tranquilo… Lisa também aprecia-o tanto…

— Ah! sim, Lisa… Ah! sim, é seu pai? Sim… *pardon, mon cher*, há alguma coisa… Lembro-me… ela contou-me… um velhinho… Creio, creio. Conheci também um velhinho… *Mais passons*, o essencial é esclarecer o fundo da coisa, é preciso…

Levantei-me para retirar-me. Causava-me dó vê-lo.

— Não compreendo! — declarou ele, severo e grave, vendo que eu me retirava.

— Causa-me mal, vê-lo — disse eu.

— Arkádi Makárovitch, uma palavra ainda, uma palavra só! — E segurou-me pelos ombros, com um ar e um gesto completamente diferentes, e fez-me sentar na cadeira. — Ouviu falar daquela gente, sabe quem são, não é? — E inclinou-se para mim.

— Ah! sim! Diergatchov. Stiebielhkov deve estar metido nisso! — exclamei, sem poder conter-me.

— Sim, Stiebielhkov e… você não sabia?

Parou e fixou-me de novo com os mesmos olhos esbugalhados e o mesmo sorriso demorado, convulsivo, estupidamente interrogador, cada vez mais largo. Seu rosto empalidecia pouco a pouco. De repente fui tomado dum tremor: lembrei-me do olhar de Viersílov, quando me anunciara na véspera a detenção de Vássin.

— Oh! será possível? — exclamei, espantado.

— Você vê, Arkádi Makárovitch, mandei chamá-lo justamente para explicar-lhe… Queria… — cochichou ele rapidamente.

— Foi o senhor quem denunciou Vássin? — exclamei.

— Não, é que, vê você, havia lá um manuscrito. Vássin entregara-o a Lisa antes do derradeiro dia… para que o guardasse. E ela o deixou aqui para que eu desse uma olhadela, depois do que, aconteceu terem-se zangado no dia seguinte…

— E o senhor enviou o manuscrito às autoridades?

— Arkádi Makárovitch! Arkádi Makárovitch!

— E assim — exclamei, saltando e martelando minhas palavras, —, sem outro motivo, sem outro fim, apenas porque o infeliz Vássin é seu rival, apenas por ciúme, o senhor remeteu o manuscrito confiado a Lisa… a quem o remeteu? A quem? Ao promotor?

Mas ele não teve tempo de responder; e que teria podido responder? Estava plantado diante de mim como uma estátua, sempre o mesmo sorriso doentio e o mesmo olhar imóvel; mas de súbito a porta abriu-se e Lisa entrou. Caiu quase desmaiada, vendo-nos juntos.

— Tu, aqui? Como estás aqui? — gritava ela, com um rosto bruscamente mudado e tomando-me as mãos. — Então… sabes?

Já lera no meu rosto que eu sabia. Abracei-a rapidamente, sem que ela pudesse a isso opor-se, com força, com muita força. E pela primeira vez compreendi, naquele instante, em toda a sua intensidade, que pesar sem remédio, sem limites e sem aurora pesava para sempre sobre todo o destino daquela… buscadora benévola de tormentos!

— Mas pode-se falar com ele agora? — perguntou ela, arrancando-se de chofre de mim. — Pode-se ficar com ele? Por que estás aqui? Olha, olha! Será possível julgá-lo?

Havia no seu rosto um sofrimento e uma compaixão infinitos, no momento em que, assim exclamando, mostrava-me o infeliz. Ele estava sobre a cadeira, com o rosto oculto nas mãos. E tinha ela razão: era um homem presa de febre ardente, irresponsável; três dias antes, talvez já estivesse irresponsável. Naquela mesma manhã, puseram-no na enfermaria e à noite o delírio já se havia declarado.

## IV

Depois de ter estado com o príncipe, que deixei com Lisa, cerca de uma hora da tarde, dirigi-me ao meu antigo alojamento. Esqueci-me de dizer que o tempo estava úmido, nublado, com um começo de degelo e um vento tépido capaz de causar nervoso até em um elefante. O locador acolheu-me com alegria, todo solícito e agitado, o que detesto em momentos semelhantes. Mostrei-me seco e fui direto a meu

quarto, mas ele seguiu-me. Não ousava interrogar-me, mas a curiosidade brilhava nos seus olhos e tinha o ar de alguém que já tem o direito de ser curioso. Deveria ter sido polido, para meu próprio bem; mas muito embora tivesse a maior necessidade de saber alguma coisa (e sabia que o saberia), era-me odioso lançar-me num interrogatório. Informei-me da saúde de sua mulher e fomos ao quarto dela. Ela me acolheu com atenção, mas com ar extremamente sério e pouco loquaz; isso me acalmou um pouco. Em suma, vim a saber daquela vez coisas bem espantosas.

Naturalmente, Lambert aparecera e após ter vindo ainda duas vezes visitara todas as peças, dizendo que talvez alugasse. Dária Onísimovna viera várias vezes, e sua vinda causara estranheza: "Ela também se mostrou muito curiosa" — acrescentou o locador, — mas não lhe dei o prazer de perguntar-lhe em que consistia sua curiosidade. Em geral, não interrogava, ele era o único a falar e eu fingia remexer na minha mala (onde não restava quase mais nada). Mas o mais irritante é que ele também teve a fantasia de bancar de misterioso e, notando que eu me abstinha de interrogar, achou necessário fazer-se mais fragmentário, quase enigmático.

— Veio também uma senhorita — acrescentou ele, olhando-me com estranheza.

— Que senhorita?

— Anna Andriéievna. Veio duas vezes. Travou conhecimento com minha mulher. Uma pessoa muito gentil, muito agradável. Semelhante conhecimento é bem apreciável, Arkádi Makárovitch… — Ao dizer isto, deu mesmo um passo para mim: queria tanto fazer-me compreender alguma coisa!

— Duas vezes? Não é possível! — mostrei-me espantado.

— Da segunda vez, estava com seu irmão.

"Era Lambert", pensei, para meu desgosto.

— Não, não veio com o Senhor Lambert — adivinhara de súbito, como se seus olhos tivessem saltado dentro de minha alma —, com

seu irmão, um jovem Senhor Viersílov. É camarista, creio eu.

Eu estava muito perturbado. Ele me olhava, com um sorriso horrivelmente acariciante.

— Ah! mais alguém veio perguntar pelo senhor: aquela senhorita, a francesa, Senhorita Alfonsina de Verdun. Ah! como canta bem! Como declama belamente versos! Foi às ocultas a Tsárskoie Sieló ver o Príncipe Nikolai Ivânovitch, para vender-lhe um cãozinho raro, todo negro, não maior do que o punho…

Roguei-lhe que me deixasse só, pretextando uma dor de cabeça. Satisfez-me instantaneamente, sem mesmo acabar sua frase, não somente sem o menor desgosto, mas quase com prazer, fazendo com a mão um gesto misterioso que queria dizer: compreendo, compreendo. Não disse nada, mas saiu na ponta dos pés, proporcionando-se esse prazer. Há pessoas bem desagradáveis neste mundo.

Fiquei só, a refletir, uma hora e meia. Aliás, não refleti em nada, limitei-me a sonhar. Estava perturbado, mas de modo algum espantado. Esperava mesmo mais, maravilhas maiores. “Já devem tê-las realizado!”, pensei. Estava desde muito tempo bem convencido, já em casa, de que a máquina deles estava de novo montada e em plena marcha. “Só estou faltando eu a eles, eis tudo”, disse ainda a mim mesmo, com um contentamento nervoso e agradável. Esperavam-me com todas as suas forças, queriam tramar alguma coisa no meu quarto, era claro como o dia. “E se fosse o casamento do velho príncipe? Todo mundo lhe cai em cima. Eu apenas estarei de acordo? Eis, senhores, a questão”, conclui ainda com uma altivez satisfeita.

“Se me envolver nisso, serei arrebatado logo no turbilhão, como uma palhinha. Estou livre agora, neste momento, ou já não estou mais? Posso ainda, ao voltar esta noite à casa de mamãe, dizer a mim mesmo como todos os dias: sou eu mesmo?” Eis a substância de minhas perguntas ou, para melhor dizer, das batidas de meu coração, durante aquela hora e meia que passei num canto, em cima da cama, com os cotovelos fincados sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos. Sabia bem, sabia já que todas essas perguntas não passavam de futilidades e que o que me atraía era ela e somente ela! Enfim, posso

dizer com toda a nitidez e escrever com todas as letras sobre o papel, porque mesmo hoje, no momento em que escrevo, após um ano decorrido, não sei ainda o nome que é preciso dar ao sentimento que experimentava então!

Decerto, tinha eu pena de Lisa e meu coração era presa da menos hipócrita das dores! Este sentimento somente de dor por ela teria podido, parece, acalmar ou apagar em mim, não fosse senão por algum tempo, o sentimento carnívoro (torno a empregar esta palavra). Mas arrebatava-me uma curiosidade sem limites e uma espécie de medo, e ainda um sentimento, não sei qual, sei somente e sabia já naquele momento que não era bom. Talvez eu aspirasse cair aos pés dela, talvez também tivesse querido entregá-la a todos os tormentos e provar-lhe alguma coisa depressa, depressa. Nenhuma dor, nenhuma compaixão por Lisa podia mais deter-me. Vamos, eu podia sair dali e voltar para casa… para ver Makar Ivânovitch?

“Mas será verdadeiramente uma coisa impossível: ir à casa deles, saber deles tudo quanto há e deixá-los bruscamente e para sempre, passando ileso diante das maravilhas e dos monstros?”

Às três horas, depois de dominar-me e dando-me conta de que estava quase atrasado, saí rapidamente, tomei um coche e voei à casa de Anna Andriéievna.

# Capítulo V

## I

Assim que me anunciaram, Anna Andriéievna abandonou seu bordado e apressou-se em vir receber-me na sua primeira sala, o que jamais acontecera até então. Estendeu-me as mãos e corou rapidamente. Em silêncio, conduziu-me a seu quarto, pegou de novo seu bordado e mandou-me sentar a seu lado; mas não bordava mais, continuava a encarar-me com um interesse caloroso, calada.

— Você mandou-me Dária Onísimovna — comecei eu, à queima-roupa, um pouco constrangido ainda assim por aquele interesse demasiado acentuado, que me era, aliás, agradável.

Ela tomou de repente a palavra, sem responder à minha pergunta:

— Contaram-me, sei tudo. Aquela noite terrível… Quanto você deve ter sofrido! É verdade, é bem verdade que o encontraram desfalecido, exposto à geada?

— Contaram-lhe… Lambert?… — balbuciei, corando.

— Ele me contou tudo naquela ocasião; mas eu esperava você. Veio à minha casa espantado! Na sua casa… lá, onde você estava de cama, doente, não quiseram deixá-lo entrar para uma visita… receberam-no de um modo estranho… Não sei verdadeiramente como se passou isso, mas ele me falou muito daquela noite; disse-me que, ao abrir os olhos, você imediatamente citou meu nome… falou de seu carinho por mim. Fiquei comovida até as lágrimas, Arkádi Makárovitch, e ignoro mesmo por que tenho merecido tanta simpatia de sua parte, sobretudo no estado em que você se achava! Diga-me, o Senhor Lambert é seu amigo de infância?

— Sim, somente naquele caso… confesso que fui imprudente, talvez lhe haja falado demais.

— Oh! eu já teria sabido daquela negra e terrível intriga, mesmo sem ele. Sempre, sempre pressenti que eles o impeliriam a tal extremo. Diga-me, é verdade que Bioring ousou levantar a mão contra você?

Falava como se fosse unicamente por causa de Bioring e por causa dela que eu tinha ido parar ao pé do muro. “Mas tem ela razão!” — disse a mim mesmo. Entretanto, explodi:

— Se tivesse levantado a mão contra mim, não teria saído disso impune e eu não estaria aqui, diante de você, sem haver tirado vingança — respondi, com ardor.

Parecia-me sobretudo que, por alguma razão, queria espicaçar-me, excitar-me contra alguém (sabia bem contra quem); e, no entanto, rendia-me a isso.

— Se você me diz haver previsto que me impeliriam a isso, da parte da Katierina Nikoláievna houve somente um mal-entendido… se bem que, é verdade, ela tenha mudado bem depressa seus bons sentimentos para comigo por causa do tal mal-entendido…

— É bem isto, mudou bem depressa! — continuou Anna Andriéievna, com uma espécie de ímpeto de simpatia. — Oh! se você soubesse que intriga se trama agora! Decerto, Arkádi Makárovitch, agora você tem muita dificuldade em compreender toda a delicadeza de minha posição — declarou ela, corando e baixando as pálpebras. — Desde então, na manhã mesmo em que nos vimos pela última vez, dei um passo que todo mundo não é capaz de compreender e de estimar como o compreenderia um homem tendo sua inteligência ainda intacta, seu coração amoroso, puro e não corrompido. Esteja certo, meu amigo, de que sou capaz de apreciar seu carinho e retribuí-lo com uma gratidão eterna. No mundo, sem dúvida, vão me atirar pedras, já me atiraram. Mas mesmo que eles tivessem razão no seu ignóbil ponto de vista, quem pois poderia, quem pois ousaria entre eles condenar-me? Fui abandonada por meu pai desde a minha infância; nós, os Viersílov, uma velha e nobre família russa, somos aventureiros, e eu como o pão alheio, por caridade. Não seria natural que me dirigisse àquele que, desde minha infância, me servia de pai e que me cumulou de benefícios durante tantos anos? Só Deus vê e julga meus

sentimentos a seu respeito, não admito o julgamento dos homens sobre o passo que dei! E quando, além disso, se trama a mais pérfida e a mais negra das intrigas, quando um pai magnânimo e confiante vai ser vítima de sua própria filha, isso é suportável? Não, perderei nisso minha reputação, mas vou salvá-lo! Estou pronta a desempenhar em casa dele o papel de criada, de guarda, de enfermeira, mas não deixarei que triunfe um cálculo frio, mundano, odioso!

Falava com uma animação extraordinária, talvez meio afetada, mas apesar de tudo sincera, porque se via a que ponto estava interessada naquele negócio. Sentia bem que ela mentia (sinceramente, aliás, porque pode-se mentir sinceramente) e que se mostrava falsa; mas é espantoso o que se passa com as mulheres: aquela espécie de bom-tom, aquelas fórmulas superiores, aquela altivez mundana e aquela orgulhosa castidade, tudo aquilo me desorientava e eu ficava de acordo com ela em todos os pontos, isto é, enquanto estava em casa dela; pelo menos, não ousei contradizê-la. Oh! o homem vive decididamente como escravo moral da mulher, sobretudo se é magnânimo! Uma mulher como aquela pode convencer de não importa que um homem generoso. “Ela e Lambert, meu Deus!”, pensava eu, olhando-a, perplexo. Aliás direi tudo: sou, ainda hoje, incapaz de julgá-la. É bem verdade que só Deus podia ver seus sentimentos e além disso o homem é uma máquina tão complicada que por vezes nada se compreende dele, sobretudo se esse homem… é uma mulher.

— Anna Andriéievna, que espera então de mim? — perguntei, com ar bastante decidido.

— Como? Que significa sua pergunta, Arkádi Makárovitch?

— Parece-me, depois de tudo isso… e de acordo com certas outras considerações… — expliquei, atrapalhando-me —, que você mandou-me chamar porque esperava alguma coisa de mim. Mas o quê, precisamente?

Sem responder à pergunta, ela se pôs de novo a falar, bastante depressa e com igual animação:

— Mas não posso, sou demasiado orgulhosa para entrar em

explicações e regateações com desconhecidos como o Senhor Lambert. Era você que eu esperava e não o Senhor Lambert. Minha situação é crítica, tremenda, Arkádi Makárovitch! Sou obrigada a usar de astúcia, cercada que estou pelas intrigas daquela mulher, e é insuportável. Rebaixo-me quase até a intriga e esperava-o como a um salvador. Não devo ser acusada porque olho avidamente em redor de mim para descobrir pelo menos um amigo e é por isso que não posso deixar de acolher com alegria esse amigo; aquele que pôde, mesmo naquela noite, quase morrendo gelado, lembrar-se de mim e repetir somente o meu nome, é-me certamente devotado. É o que tenho dito a mim mesma durante todo este tempo e por isso contava com você.

Olhava-me bem nos olhos, com uma interrogação impaciente. E eis que de novo me faltou a coragem de desiludi-la e explicar-lhe francamente que Lambert a havia enganado e que eu nunca lhe havia dito que era tão devotado a ela e que não havia nunca repetido somente o seu nome. Assim, com meu silêncio, confirmei a mentira de Lambert. Sei bem que ela mesma compreendia perfeitamente que Lambert havia exagerado ou mesmo lhe mentira, apenas para ter um pretexto honroso de apresentar-se em casa dela e de entrar em relações com ela; se me fitava bem nos olhos, como que convencida da sinceridade de minhas palavras e de meu devotamento, era naturalmente porque sabia bem que eu não ousaria desmenti-las, por delicadeza e, por assim dizer, por causa de minha juventude. Aliás, ignoro se esta hipótese é justa ou não. Talvez eu seja tremendamente perverso.

— Meu irmão tomará minha defesa — declarou ela, de repente, com ardor, vendo que eu não queria responder.

— Disseram-me que você foi visitar-me, em companhia dele — balbuciei, confuso.

— Mas aquele infeliz Príncipe Nikolai Ivânovitch, não tem quase mais refúgio contra toda essa intriga ou, para melhor dizer, contra sua própria filha, a não ser o quarto de você, isto é, o quarto de um amigo; ele não tem o direito, deveras, de considerá-lo, a você pelo menos, como um amigo? Assim, se você quer fazer alguma coisa por ele, faça, somente se puder, somente se tiver o coração nobre e ousado… e,

enfim, se verdadeiramente pode fazer alguma coisa. Oh! não é por mim, não, não é por mim, é por um infeliz velho que é o único que o estima sinceramente, que se ligou a você como a seu próprio filho e ainda hoje sente sua falta. Para mim, não espero nada, nem mesmo de você, pois que meu próprio pai representou comigo uma comédia pérfida e má!

— Parece-me que Andriéi Pietróvitch… — comecei.

— Andriéi Pietróvitch — interrompeu-me ela, com um sorriso amargo —, Andriéi Pietróvitch respondeu à minha pergunta direta dando-me sua palavra de honra de que jamais teve a menor intenção a respeito da Katierina Nikoláievna, no que acreditei piamente, dando o passo que dei; e, no entanto, só se manteve ele tranquilo até o momento em que recebeu a primeira notícia de um tal Senhor Bioring.

— Não é verdade! — exclamei. — Houve um instante em que, também eu, acreditei no seu amor por aquela mulher, mas não é verdade… Sim, mesmo que assim fosse, parece-me que agora ele poderia estar absolutamente tranquilo… desde a retirada daquele senhor.

— Que senhor?

— Bioring.

— E quem lhe falou da retirada dele? Esse senhor jamais teve talvez tanta força como agora — disse ela, rindo maldosamente; pareceu-me mesmo que me olhava também com ironia.

— Dária Onísimovna me contou — balbuciei numa perturbação que não tive força de dissimular e que ela percebeu muito bem.

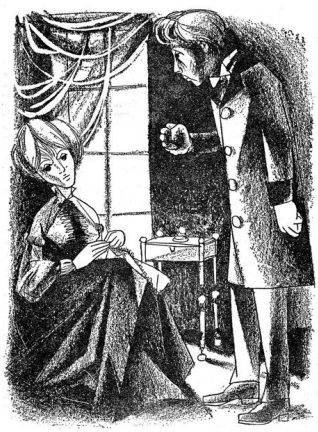
— Dária Onísimovna é uma encantadora pessoa e não posso decerto impedir que ela me ame, mas não tem possibilidade nenhuma de saber aquilo que não lhe diz respeito.

Meu coração sentiu um choque; e, como contasse ela justamente despertar minha indignação, a indignação ferveu em mim, não contra aquela mulher, mas contra a própria Anna Andriéievna. Levantei-me:

— Como homem honrado, devo preveni-la, Anna Andriéievna, de que sua expectativa… a meu respeito… poderia bem ser vã…

— Espero que você tome minha defesa. — Olhou-me firmemente. — A defesa de uma pessoa abandonada de todos… de sua irmã, se assim prefere, Arkádi Makárovitch!

Um instante mais e desataria a chorar.



— Então melhor será que não espere, porque talvez não aconteça nada — balbuciei com um sentimento infinitamente penoso.

— Como devo compreender suas palavras? — perguntou ela, com muita precaução.

— Apenas assim: abandonarei todos e basta! — exclamei, bruscamente, quase furioso. — Rasgarei o documento. Adeus!

Cumprimentei-a e saí em silêncio, sem ousar quase olhá-la. Mas não chegara ainda ao pé da escada, quando Dária Onísimovna me alcançava com uma folha de papel de carta dobrada em duas. Donde vinha Dária Onísimovna, onde estava instalada enquanto eu falava com Anna Andriéievna, é o que não consigo compreender. Sem dizer palavra, entregou-me o papel e fugiu. Desdobrei a folha: trazia, em caracteres nítidos e precisos, o endereço de Lambert e visivelmente tudo estava preparado desde alguns dias. Lembrei-me de repente de que, no dia em que Dária Onísimovna fora à minha casa, eu deixara

escapar que não sabia onde morava Lambert, mas era no sentido de que não sabia mesmo e não querendo saber. O endereço de Lambert consegui por Lisa, a quem pedira que se informasse no Registro de Endereços. A saída de Anna Andriéievna pareceu-me demasiado decidida, até mesmo cínica: desconsiderando minha recusa em colaborar, enviava-me diretamente à casa de Lambert, maneira de me dar a entender que não acreditava absolutamente em mim. Era demasiado claro que sabia já toda a história do documento; e por quem, senão Lambert, à casa de quem me enviava, justamente para que nos entendêssemos?

"Decididamente, tomam-me todos, até o último, por um rapazola sem vontade e sem caráter, com o qual se pode fazer tudo quanto se quiser!" — pensei, com indignação.

## II

Não obstante, fui à casa de Lambert. Onde mais poderia satisfazer minha curiosidade? Lambert morava muito longe, na travessa Pieriulok, perto do Jardim de Verão,[85] sempre no mesmo apartamento; mas quando fugira de casa dele, reparara tão pouco no caminho e na distância que, ao receber de Lisa, quatro dias antes, o seu endereço, espantara-me e quase recusara acreditar que ele morasse ali. Diante da porta do apartamento, no terceiro andar, notei, ao subir a escada, dois jovens e pensei que haviam tocado a campainha antes de mim e esperaram que lhe abrissem. Enquanto eu subia, ambos, de costas para a porta, encaravam-me cuidadosamente. "É uma casa de apartamento. Vão sem dúvida aos aposentos de outros locatários", disse a mim mesmo, ao chegar junto deles. Seria muito desagradável encontrar alguém em casa de Lambert. Procurando não olhar para eles, estendi a mão para a campainha.

— Espere! — gritou-me um deles.

— Espere, por obséquio, antes de tocar — disse o outro, com uma vozinha sonora e terna, ligeiramente arrastada. — Vamos acabar agora mesmo e depois tocaremos juntos, se o senhor quiser.

Parei. Eram ainda muito jovens, de vinte a vinte e dois anos.

Faziam ali, diante da porta, algo de estranho e esforcei-me por compreender tudo, não sem certo espanto. O que tinha gritado “Espere!” era muito alto, com uns dez *viérchoki* pelo menos, magro e anêmico, mas muito musculoso, com uma cabeça muito pequena para seu tamanho e uma expressão singular, comicamente sombria, num rosto levemente picado de varíola, mas bastante inteligente e até mesmo agradável. Seus olhos fitavam com fixidez e com uma firmeza inútil e até mesmo supérflua. Estava muito mal trajado, com um velho capote estofado com uma golinha de pelo de gineta já puída, demasiado curto para seu tamanho — visivelmente emprestado de alguém —, botas ordinárias quase de camponês, e na cabeça uma cartola já ruça e tremendamente amassada. No conjunto, um sujeito sujo: sua mãos, sem luvas, estavam sujas e as unhas grandes, de luto. Seu companheiro, pelo contrário, trajava-se elegantemente: uma leve peliça de marta, um chapéu elegante, luvas novas e claras cobrindo dedos finos; era de minha altura, mas com uma expressão extremamente agradável no rosto fresco e juvenil.

O compridão tirava a gravata, uma fita já gasta e engordurada, reduzida quase a cordão, enquanto seu gentil camarada, tirando do bolso outra gravata preta, novinha, saída da loja, atava-lhe ao pescoço. Estendia docilmente e com uma terrível seriedade o pescoço, muito comprido, deixando cair seu capote.

— Não, é impossível, com uma camisa tão suja; não só não fará nenhum efeito, mas parecerás ainda mais sujo. Bem te disse que pusesses um colarinho postiço. Não sei… E o senhor, não saberia? — disse ele, voltando-se para mim.

— O quê? — perguntei.

— Pôr-lhe a gravata. Veja o senhor: é preciso fazer de maneira que não se veja sua camisa suja, de outro modo todo o efeito será perdido. Acabo de comprar expressamente para ele uma gravata na loja Filip, o cabeleireiro, por um rublo.

— Era teu aquele rublo? — balbuciou o compridão.

— Sim. Agora, não tenho nem mais um copeque. Então, o senhor não sabe? Será preciso pedir a Alfonsina.

— O senhor vai ao quarto de Lambert? — perguntou-me bruscamente o compridão.

— Sim, ao quarto de Lambert — respondi, não menos decididamente, encarando-o.

— Dolgorúki? — tornou a perguntar no mesmo tom e com a mesma voz.

— Não, não é Koróvkin — respondi, da mesma maneira brutal, porque tinha ouvido mal.

— Dolgorúki? — gritou quase o compridão, repetindo-se e avançando para mim, quase ameaçador. Seu companheiro desatou então a rir.

— Ele diz "Dolgorowky" e não Koróvkin — explicou-me. — Como o senhor deve saber, os franceses, do *Journal des Débats*,[86] estropiam muitas vezes os nomes russos…

— De *L'Indépendance*[87] — resmungou o compridão.

— Pouco importa. De *L'Indépendance* também. Escrevem, por exemplo, Dolgorowky em vez de Dolgorúki, eu mesmo li, e a V…ov chamam sempre de *Comte Wallonieff*.

— Dobovny! — gritou o compridão.

— Sim, há também um tal "Dobovny"; eu mesmo o li, e rimos ambos: uma tal *Madame Dobovny*, russa, no estrangeiro… Mas, vês, para que citar todos? — disse ele, voltando-se para o compridão.

— Perdão, o senhor é mesmo Dolgorúki?

— Sim, Dolgorúki. Mas como sabe?

O compridão cochichou alguma coisa ao ouvido do jovenzinho simpático, que franziu o cenho e fez um gesto de negação; mas o compridão voltou-se de chofre para mim:

— *Monsieur le prince, vous n'avez pas de rouble d'argent pour nous, pas deux, mais un seul, voulez-vous?*[88]

— Ah! como te mostras odioso! — gritou o baixinho.

— *Nous vous rendons*,[89] concluiu o compridão, pronunciando grosseira e pessimamente as palavras francesas.

— Não repare, é um cínico, sabe? — e o baixinho desatou a rir. — O senhor pensa que ele não sabe falar francês? Fala como um parisiense, apenas arremeda os russos, que sempre tem em sociedade uma vontade louca de falar francês entre si, quando não sabem…

— *Dans les wagons* — explicou o compridão.

— Pois bem, sim, nos vagões também. Como és aborrecido! De que serve explicar-se? Que vontade doida de fazer-se passar por imbecil!

Entretanto, eu tirara do bolso um rublo e oferecera-o ao compridão.

— *Nous vous rendons* — disse ele, embolsando o rublo. Depois, voltando-se de repente para a porta, com uma fisionomia absolutamente imóvel e séria, pôs-se a bater nela com a ponta de sua enorme bota, aliás sem a mínima irritação.

— Ah! queres arranjar mais outra briga com Lambert? — observou o baixote, com inquietação. — Muito melhor será que o senhor toque.

Toquei, mas nem por isso deixou o compridão os seus pontapés.

— *Ah! sacré*…[90]

Era a voz de Lambert que se fazia ouvir por trás da porta. Abriu rapidamente.

— *Dites donc, voulez-vous que je vous casse la tête, mon ami?*[91] — gritou ele para o compridão.

— *Mon ami, voilà Dolgorowky, l'autre mon ami*,[92] — declarou o compridão, séria e gravemente, encarando Lambert, rubro de cólera. Mas este, vendo-me, mudou por completo.

— És tu, Arkádi? Afinal! Bem, como vais, ficaste bom?

Pegou-me as mãos e apertou-as fortemente. Em suma, mostrava um entusiasmo tão sincero que na mesma hora fiquei encantado e até mesmo enternecido para com ele.

— É a minha primeira visita!

— Alphonsine! — gritou Lambert.

Ela saltou instantaneamente de trás do biombo.

— *Le voilà!*[93]

— *C'est lui!*[94] — exclamou Alfonsina, batendo palmas. Depois, abrindo as mãos, atirou-se para me abraçar, mas Lambert me defendeu.

— Não… não… puxa fora! — gritou-lhe ele, como a um cãozinho. — Estás vendo, Arkádi: combinamos hoje com alguns amigos ir jantar juntos nos Tártaros. Não te largo mais. Virás conosco. Jantaremos juntos. Vou me livrar sem demora deles e depois conversaremos. Entra, pois! Vamos sair agora mesmo, um minuto só…

Entrei e parei no meio do quarto olhando em redor de mim e evocando minhas lembranças. Lambert vestia-se às pressas por trás do biombo. O compridão e seu camarada entraram também atrás de nós, apesar do que dissera Lambert. Estávamos todos de pé.

— *Mademoiselle Alphonsine, voulez-vous me baiser?*[95] — berrou o compridão.

— *Mademoiselle Alphonsine* — disse o baixinho, avançando e mostrando-lhe a gravata. Ela, porém, atirou-se furiosamente contra eles:

— *Ah! le petit vilain!* — era contra o baixinho que gritava —, *ne m'approchez pas, ne me salissez pas. Et vous, le grand dadais, je vous flanque à la porte tous les deux, savez-vous cela?*[96]

O jovenzinho, muito embora ela se desviasse dele com desdém e

desprezo, como se tivesse temido deveras sujar-se (o que eu não compreendia bem, porque ele estava muito limpinho e apareceu muito bem vestido, depois que se desembaraçou de sua peliça), o jovenzinho rogou-lhe com insistência que desse o nó da gravata do bestalhão e lhe emprestasse, previamente, um dos colarinhos postiços e limpos de Lambert. Ela quase bateu neles, cheia de indignação, diante de tal proposta, mas Lambert, que ouvira, gritou-lhe de trás do biombo que não os retivesse e fizesse o que eles pediam — "de outro modo não nos deixarão tranquilos" —, e Alfonsina pegou logo um colarinho postiço e se pôs a enfeitar com ele o compridão sem a menor aversão. E ele, como na escada, estendeu o pescoço, enquanto ela lhe amarrava a gravata.

— *Mademoiselle Alphonsine, avez-vous vendu votre bologne?* — perguntou.

— *Qu'est-ce que ça, ma bologne?*[97]

O pequenote explicou que *ma bologne* significava apenas um cãozinho.

— *Tiens, quel est ce baragouin?*[98]

— *Je parle comme une dame russe sur les eaux minérales*[99] — observou *le grand dadais*, continuando de pescoço estendido.

— *Qu'est-ce que ça qu'une dame russe sur les eaux minérales? Et… où est donc votre jolie montre que Lambert vous a donnée?*[100] — disse ela, voltando-se bruscamente para o mais jovem.

— Como? De novo sem relógio? — fez-se ouvir Lambert, furioso, por trás do biombo.

— Comemo-lo! — rosnou *le grand dadais*.

— Vendi-o por oito rublos: era de prata dourada e você dizia que era de ouro. Esse relógios agora valem dezesseis rublos nas lojas — respondeu o jovem a Lambert, justificando-se sem entusiasmo.

— É preciso acabar com isso! — continuou Lambert, ainda mais furioso. — Meu jovem amigo, se compro para você roupas e lhe dou

coisas delicadas, não é para que as gaste por causa do bestalhão do seu amigo… Que gravata é essa que você ainda foi comprar para ele?

— Isto? Custa apenas um rublo. E não foi dinheiro seu. Não tinha gravata nenhuma. Agora é preciso comprar-lhe um chapéu.

— Besteiras! — disse Lambert, totalmente encolerizado desta vez. — Dei-lhe o bastante para comprar também um chapéu, mas ele, ele trata logo de ir comer ostras regadas a champanhe. Fede. É um porcalhão. Não se pode levá-lo a parte alguma. Como o levarei para jantar?

— De carro! — rosnou o bestalhão. — *nous avons un rouble d'argent que nous avons prêté chez notre nouvel ami*.[101]

— Não lhe dês nada, Arkádi, nada! — gritou ainda Lambert.

— Permita, Lambert. Exijo de você dez rublos imediatamente — disse de súbito o pequeno, tão furioso que ficou todo vermelho e pareceu quase duas vezes mais bonito. — E não diga mais tolices como aquela que acaba de dizer a Dolgorúki. Reclamo dez rublos para devolver imediatamente seu rublo a Dolgorúki, e com o restante comprarei um chapéu para Andriéi, vai ver.

Lambert saiu de trás do biombo:

— Aqui estão três cédulas amarelas, três rublos, e mais nada até terça-feira, e não me apareçam mais… do contrário…

*Le grand dadais* arrancou-lhe o dinheiro das mãos.

— Dolgorowky, aqui está um rublo, *nous vous rendons avec beaucoup de grace*.[102] Piétia, vamos! — gritou para seu companheiro. Depois, de repente, erguendo no ar e brandindo as duas cédulas, encarando Lambert, clamou com todas as suas forças:

— *Ohé, Lambert! ou est Lambert? as-tu vu Lambert?*[103]

— Cale-se! Cale-se! — berrou Lambert, com uma cólera espantosa. Vi que havia em tudo aquilo alguma velha história que eu ignorava completamente e olhava com espanto. Mas o compridão não

se atemorizou absolutamente com a cólera de Lambert. Pelo contrário, berrou ainda mais forte: *Ohé Lambert!* e o resto. Saíram e alcançaram a escada. Lambert saiu correndo atrás deles, mas voltou.

— Ah! vou mandá-los embora! Custam-me mais caro do que me trazem… Vamos, Arkádi! Estou atrasado. Estou sendo esperado lá embaixo por um… por uma pessoa útil… Um velhaco também… São todos uns velhacos! Os canalhas! Canalhas! — exclamou ainda, quase rangendo os dentes. Mas de chofre conteve-se definitivamente.

— Estou muito contente com tua vinda. Alphonsine! Não penses em sair! Vamos!

Diante da porta um carro de luxo esperava. Instalamo-nos nele, mas durante todo o trajeto ele não conseguiu acalmar-se por completo de não sei que furor contra aqueles rapazes. Espantava-me vê-lo tomar as coisas tão seriamente e também que eles se tivessem mostrado tão desrespeitosos para com Lambert, e que Lambert tivesse quase tremido diante deles. Sempre me parecia, segundo uma velha impressão de infância, que todo mundo devia ter medo de Lambert, tanto que, apesar de toda a minha independência, eu mesmo tinha medo dele naquele instante.

— Digo-te que são uns horrendos canalhas — continuava a extravasar sua cólera. — Acredita-me: aquele grandalhão submeteu-me a um verdadeiro martírio, há três dias, na alta sociedade. Estava diante de mim a gritar: *Ohé, Lambert!* Na alta sociedade! Todo mundo ria. Sabia-se que era para que eu lhe desse dinheiro. Vês daqui a cena. Tive que dar. Oh! são uns patifes! Foi oficial-aluno e expulsaram-no da escola, podes imaginar; é instruído; foi educado numa boa casa; numa boa casa, podes acreditar! Tem ideias, teria podido… Diabos! é forte como um Hércules. Presta serviços, mas não muitos. E tu podes verificá-lo: não lava as mãos. Recomendei-o a uma senhora, uma velha aristocrata, como um arrependido que queria matar-se de remorsos. Foi vê-la, sentou-se e pôs-se a assobiar! O outro é um bom rapaz, filho dum general; sua família envergonha-se dele, arranquei-o do tribunal, salvei-o, e eis como ele me paga. Não há homem aqui! Mas vou botá-los para fora, pelo pescoço!

— Conhecem meu nome. Foste tu que lhes falaste de mim?

— Cometi esta tolice. No jantar, rogo-te, domina-te, mantém-te em teu lugar… Aparecerá lá outro horrendo canalha. Esse é um canalha hediondo e terrivelmente astuto. Aliás, por aqui só existe a ralé; nem um só homem honesto! Mas acabaremos com isso, e depois… Que te apetece comer? Na verdade, não importa, os jantares são bons. Sou eu quem paga, não te inquietes. Alegra-me ver-te tão bem vestido. Posso dar-te dinheiro. Vem sempre a mim. Imagina que sempre lhes dei de beber e de comer, todos os dias pasteizinhos; aquele relógio, que ele vendeu, é já a segunda vez que faz isso. O pequenote, Trichátov… viste como Alfonsina tem horror até mesmo de olhá-lo e como lhe proíbe que se aproxime dela? — pois não é que, em pleno restaurante, na presença de oficiais, põe-se a gritar: "Quero galinholas"? E deram-lhe as galinholas! Mas ele vai levar o troco.

— Lembras-te, Lambert, do dia em que fomos contigo ao botequim, em Moscou, e me deste uma garfada? Tinhas quinhentos rublos contigo naquele dia.

— Sim, lembro-me. Com os diabos, como não haveria de lembrar-me?! Gosto de ti… Acredita-me. Ninguém gosta de ti, mas eu gosto. Só eu, lembra-te bem… O tal, que vai aparecer lá, o picado de varíola, é o mais astuto dos canalhas; não lhe respondas, se te falar, e, se começar a te fazer perguntas, responde-lhe tolices, não digas nada…

Pelo menos, sua perturbação impediu-o de me fazer perguntas durante o trajeto. Fiquei mesmo magoado por vê-lo tão seguro a meu respeito, sem suspeitar em mim a menor desconfiança. Pareceu-me que imaginava tolamente poder ainda dar-me ordens como outrora. "E ainda por cima é tremendamente inculto", pensei, entrando no restaurante.

## III

Esse restaurante, na Morskaia,[104] já fora por mim frequentado na época de minha queda vergonhosa e de minha devassidão, e por consequência a vista daquelas salas, daqueles garçons que me viam e encaravam como a um visitante conhecido, a impressão, enfim,

produzida por aqueles misteriosos amigos de Lambert, por aquela companhia em cujo meio me encontrava de repente e à qual tinha o ar de pertencer, e sobretudo um vago pressentimento de que ia voluntariamente ao encontro de certas sujeiras e que acabaria sem dúvida por uma má ação, tudo isso pareceu de repente me atravessar. Houve um instante em que estive a ponto de retirar-me; mas esse instante passou e fiquei.

O bexiguento, que Lambert tanto temia, já estava lá à nossa espera. Era um desses indivíduos de aparência estupidamente atenta e prática que tanto detesto desde a infância. Cerca de quarenta e cinco anos, estatura média, alguns cabelos brancos, um rosto glabro até a obscenidade e pequenas suíças grisalhantes, cortadas rentes, como duas salsichas sobre as duas faces duma cara extraordinariamente chata e má. Como não podia deixar de ser, era fastidioso, sério, pouco loquaz e até mesmo, segundo o costume de todos os indivíduos de sua igualha, orgulhoso. Observou-me dos pés à cabeça, muito atentamente, mas não disse palavra, e Lambert teve a inabilidade de, fazendo-nos sentar à mesma mesa, não achar necessário apresentar-nos. De modo que o sujeito pode tomar-me por um dos chantagistas que acompanhavam Lambert. A estes jovens (chegados quase ao mesmo tempo que nós) não disse nada, tampouco, durante toda a refeição, mas via-se, entretanto, que os conhecia intimamente. Só falava com Lambert e ainda assim cochichando quase e, aliás, era Lambert mais ou menos o único a falar, contentando-se o bexiguento com responder uma vez ou outra, com palavras zangadas e provocativas. Mantinha uma atitude altiva, mostrava-se mordaz e zombeteiro, ao passo que Lambert, pelo contrário, estava muito excitado e parecia todo tempo insistir sem dúvida com ele para participar de certa empreitada. Uma vez, estendi a mão para uma garrafa de vinho tinto; o bexiguento pegou uma garrafa de xerez e a passou para mim; ainda não me dirigira a palavra:

— Experimente deste — disse, entregando-me a garrafa.

Então adivinhei que ele também devia saber tudo quanto se podia humanamente saber a meu respeito, e minha história, e meu nome, e talvez o que Lambert achava que eu ia fazer. A ideia de que ele me tomava por um empregado de Lambert encheu-me de raiva ainda uma

vez e li no rosto de Lambert uma inquietação muito intensa e muito tola, assim que o outro me dirigiu a palavra. O bexiguento notou isso e desatou a rir. “Decididamente, Lambert depende deles todos”, disse a mim mesmo, detestando-o naquele momento de todo o meu coração. De modo que, sentados embora à mesma mesa, estávamos divididos em dois grupos: o bexiguento com Lambert, perto da janela, um em face do outro; eu ao lado do sebento Andriéiev e, diante de mim. Trichátov. Lambert estava com pressa de acabar e insistia continuamente com o garçom. Quando serviram o champanhe, estendeu de repente sua taça para mim:

— À tua saúde, brindemos! — disse, interrompendo sua conversa com o bexiguento.

— Permita que beba também à sua saúde! — interveio o gentil Trichátov, estendendo para mim sua taça, do outro lado da mesa. Até a champanhe, estivera pensativo e silencioso. O *dadais* não dizia absolutamente nada, mas comia em silêncio e muito.

— De boa vontade! — respondi a Trichátov.

Tocamos as taças e bebemos.

— E eu não beberei à sua saúde — disse de repente o *dadais*, voltando-se para mim. — Não que deseje sua morte, mas para que o senhor não beba mais hoje. — Pronunciou estas palavras sombria e sentenciosamente.

— Para o senhor, três taças chegam perfeitamente. Estou vendo que o senhor põe reparo no meu punho sujo — continuou ele, expondo sua mão fechada sobre a mesa. — Não o lavo e alugo-o tal como está, não lavado, a Lambert, para partir as cabeças dos outros nos negócios para ele delicados.

Dito isto, assestou sobre a mesa um murro tão violento que os pratos e copos saltaram. Alem de nós, havia naquela sala quatro outras mesas com pessoas jantando: oficiais e senhores distintos. Era um restaurante da moda; instantaneamente todas as conversas interromperam-se e todos os olhares se voltaram para nosso canto. Desde muito tempo, aliás, despertávamos certa curiosidade. Lambert

corou da cabeça aos pés.

— Ah! ei-lo que recomeça! Parece-me, Nikolai Siemiônovitch, que lhe pedi para conter-se! — declarou ele, num cochicho furioso, dirigido a Andriéiev. Este mirou-o com um olhar prolongado e lento:

— Não quero que meu novo amigo Dolgorowky beba hoje vinho demais.

Lambert corou ainda mais. O bexiguento escutava em silêncio, mas com visível satisfação. A saída de Andriéiev agradava-lhe. Somente eu não compreendia por que não devia beber.

— Faz isso simplesmente para extorquir dinheiro! Você receberá ainda sete rublos, compreendeu? depois do jantar, com a condição de deixar-nos terminar. Não nos comprometa! — disse Lambert, rangendo os dentes.

— Ah! ah! — mugiu vitoriosamente o *dadais*. Isto encantou decididamente o bexiguento, que deu uma risadinha.

— Escuta, tu exageras… — disse Trichátov a seu amigo com inquietude e quase com dor, querendo visivelmente contê-lo. Andriéiev calou-se, mas não por muito tempo; não entrava isso nos seus cálculos. A cinco passos de nós, na segunda mesa, jantavam dois senhores, conversando animadamente. Eram já maduros e de aspecto extremamente susceptível. Um, grande e gordíssimo, o outro igualmente muito gordo, porém baixo. Falavam em polonês a respeito dos últimos acontecimentos de Paris. Desde muito tempo já, o *dadais* olhava-os curiosamente, prestando ouvidos. O polonesinho causou-lhe sem dúvida a impressão dum personagem cômico, e logo tomou-lhe ódio, a exemplo de todos os indivíduos biliosos e doentes do fígado, nos quais isso ocorre sempre bruscamente, até mesmo sem motivo algum. De repente, o polonesinho pronunciou o nome do Deputado Madier de Montjau, mas, segundo o costume de muitos poloneses, fê-lo à polonesa, acentuando a penúltima sílaba, o que dava Mádier de Móntjau. Não era preciso mais para o *dadais*… Voltou-se para os poloneses e, erguendo-se gravemente, em alta e distinta voz, pronunciou, como se fizesse uma pergunta:

— Mádier de Móntjau?

Os poloneses voltaram-se furiosos.

— Que deseja? — gritou em russo o polonês grande e gordo, ameaçador. O *dadais* esperava-o justamente aí:

— Mádier de Móntjau? — repetiu, de maneira a ser ouvido por toda a sala, sem dar mais amplas explicações, exatamente como ainda há pouco diante da porta repetia-me estupidamente, avançando para mim: Dolgorowky? Os poloneses sobressaltaram-se. Lambert levantou-se e fez menção de atirar-se contra Andriéiev. Mas, abandonando-o, adiantou-se para os poloneses e confundiu-se em desculpas.

— São palhaços, *pan*, palhaços! — repetia, desdenhoso, o polonês baixinho, todo vermelho como uma cenoura, indignado. — Breve não se poderá mais vir aqui!

Toda a sala agitava-se, ouviam-se murmúrios por toda parte, risadas mais ainda, porém.

— Saia… peço-lhe… vamo-nos embora! — balbuciava Lambert, totalmente transtornado, procurando empurrar Andriéiev para fora da sala. Depois de ter lançado a Lambert um olhar inquisitivo e adivinhado que agora ele lhe daria dinheiro, Andriéiev consentiu em acompanhá-lo. Havia-lhe sem dúvida mais de uma vez extorquido dinheiro desta maneira cínica. Trichátov queria também correr atrás deles, mas olhou-me e deteve-se.

— Ah! que coisa suja! — disse ele, ocultando os olhos com seus dedos delicados.

— Bem suja, com efeito! — cochichou o bexiguento, desta vez com fisionomia descontente. Entretanto, Lambert voltara, quase branco, e, com gestos animados, cochichava alguma coisa ao bexiguento, que já ordenara que lhe trouxessem depressa o café. Escutava com ar desdenhoso. Via-se que sua vontade era retirar-se. E, no entanto, toda aquela história não passava de uma infantilidade. Trichátov, com sua xícara de café, passou para meu lado e sentou-se junto de mim.

— Gosto muito daquele Andriéiev — disse-me com uma fisionomia tão franca como se sempre tivéssemos tratado desse assunto. — O senhor não pode imaginar quanto é ele infeliz. Bebeu e comeu o dote de sua irmã; em geral bebeu-lhes e comeu-lhes tudo durante o ano em que estava de serviço militar e vejo que agora se atormenta por isso. Se não toma banho, é de desespero. Vêm-lhe ideias loucas: diz-me de repente que ser velhaco ou homem honesto é tudo uma coisa só, não há diferença; que nada se deve fazer, nem de bom, nem de mau; é possível praticar indiferentemente o bem e o mal, mas o melhor é ficar deitado sem tirar a roupa um mês inteiro, beber, comer e dormir… e nada mais. Mas, acredite-me, tudo isso, ele diz assim à toa. E saiba, penso mesmo que o golpe que ele acaba de dar é para romper definitivamente com Lambert. Ainda ontem me dizia isto. Acredita que, por vezes, de noite ou quando fica muito tempo sozinho, se põe a chorar? E fique sabendo que, quando ele chora, é à sua maneira, como nenhuma outra pessoa chora: urra, lança urros horríveis e torna-se ainda mais lamentável… Um homem tão grande, tão forte, pondo-se assim a berrar… Que infeliz, não é mesmo? Quero salvá-lo, mas eu mesmo sou um tipo tão sujo, um rapaz perdido, que o senhor não poderia acreditar! Deixaria que eu entrasse em sua casa, Dolgorúki, se eu fosse alguma vez visitá-lo?

— Decerto, gosto muito de você.

— E por que afinal? Enfim, obrigado. Escute, bebamos ainda uma taça. Mas que digo? Não beba. Ele lhe disse a verdade: não deve beber mais — lançou-me uma olhadela expressiva —, mas eu beberei ainda assim. Isto não adianta mais nada e não posso mais me conter em nada. Diga-me que não devo mais jantar nos restaurantes: pois bem, estou disposto a tudo para neles jantar ainda. Oh! queremos sinceramente ser honestos, asseguro-lhe, somente adiamos sempre para mais tarde,

> E os anos passam, os melhores anos![105]

Mas ele, tenho bastante medo de que acabe enforcando-se. Irá enforcar-se sem dizer nada a ninguém. É desse feitio. Hoje todo mundo se enforca. Quem sabe? Haverá talvez muitos como nós? Eu, por exemplo, não posso absolutamente viver sem dinheiro demais. O

dinheiro supérfluo é-me muito mais necessário do que o dinheiro indispensável. Escute, gosta de música? Sou louco por música. Tocarei alguma coisa, quando for visitá-lo. Toco muito bem piano e estudei durante muito tempo. Estudei seriamente. Se compusesse uma ópera, sabe?, tiraria um tema do *Fausto*. Gosto muito desse tema. Construo sempre uma cena numa catedral, à toa, somente na minha cabeça, imagino-a. Uma catedral gótica, o interior, os coros, os hinos, Margarida entra e, o senhor sabe, coros medievais, que neles se sinta o século XV. Margarida está melancólica: primeiro um recitativo em voz baixa, mas terrível, torturante. E os coros repercutem um canto sombrio, severo, indiferente:

*Dies irae, dies illa!*[106]

E de repente, a voz do diabo, o canto do diabo. Está invisível, só se ouve o seu canto, ao lado dos hinos, com os hinos, coincidindo quase com eles e, no entanto, completamente diferente, eis ao que é preciso chegar! O canto é longo, infatigável, é um tenor, um tenor absoluto. Começa docemente, ternamente? "Lembras-te, Margarida, quando, ainda inocente, ainda criança, vinhas com tua mamãe e esta catedral e balbuciavas orações dum velho livro?" Mas o canto torna-se cada vez mais forte, cada vez mais apaixonado, mais ardente. As notas são mais altas: sentem-se nelas lágrimas, um tédio, incansável, sem remédio e enfim o desespero: "Nada de perdão, Margarida! Nada de perdão aqui para ti!". Margarida quer rezar, mas de seu peito só se escapam gritos, o senhor sabe, quando a gente tem convulsões à força de lágrimas no peito, e o canto de Satã não se cala mais, penetra cada vez mais profundamente na alma como uma ponta de espada, sempre mais alto e de repente interrompe-se com este grito: "Tudo está acabado, maldita!". Margarida cai de joelhos, junta as mãos diante de si e então é a sua prece, algo de muito curto, um meio recitativo, mas ingênuo, sem arte, algo de poderosamente medieval, quatro versos, quatro versos somente — Stradella[107] tem dessas notas — e, com a derradeira nota, o espasmo! Um desmaio. Levantam-na, carregam-na: então, de repente, o trovão do coro. Um raio, um coro inspirado, triunfante, esmagador, alguma coisa no gênero de nosso hino dos Querubins.[108] Tudo é abalado até suas bases e tudo vai dar no Hosana! Parecia o grito de todo o universo, enquanto a levam. Levam-

na e o pano cai! Não, o senhor sabe, se eu fosse capaz, faria alguma coisa! Apenas não sirvo mais para nada. Contento-me com sonhar. Sonho com isso todo o tempo, sonho! Toda a minha vida não é mais do que um sonho, à noite também sonho. Ah! Dolgorúki, já leu *O bazar de antiguidades*, de Dickens?

— Sim, por quê?

— Lembra-se…? Espere, beberei mais uma taça. Lembra-se daquela passagem, lá para o fim, em que os dois, aquele velho maluco e aquela encantadora menina de treze anos, sua neta, encontraram um abrigo, depois de sua fuga fantástica e de suas peregrinações, em alguma parte lá bem no interior da Inglaterra, perto duma velha catedral gótica e a mocinha obtém ali um emprego de guia, para mostrar a catedral aos visitantes? Um dia, o sol se põe e aquela criança, de pé, no adro da catedral, inundada por seus derradeiros raios, olha o poente, numa doce e pensativa contemplação em sua alma infantil, em sua alma admirada, como se se encontrasse diante de um enigma, porque uma e outra não são senão enigmas: o sol, pensamento de Deus, e a catedral, pensamento dos homens!… Não é verdade?… Oh! não sei bem exprimir-me, mas Deus ama esses primeiros pensamentos das crianças… E ali, perto dela, sobre os degraus, aquele velho maluco, seu avô, observa-a com um olhar fixo… O senhor sabe, não há nisso nada de extraordinário, nessa cena de Dickens, apenas a gente não a esquecerá nunca mais, e ficou na memória da Europa inteira. Por quê? Eis o que é belo! É que há ali a inocência! Ah! não sei, o que há ali é somente a beleza. No ginásio, lia sempre romances. Sabe que tenho uma irmã no campo, um ano apenas mais velha do que eu? Agora foi tudo vendido lá e não temos mais campo! Estávamos juntos no terraço, debaixo de nossas velhas tílias, lendo aquele romance, e o sol também se punha: de repente deixamos de ler e dissemo-nos um ao outro que nós também seríamos bons, seríamos belos… Preparava-me então para entrar na Universidade… É que, como o senhor sabe, Dolgorúki, cada qual tem suas recordações!…

E de repente inclinou sua bela cabeça sobre meu ombro e desfez-se em lágrimas. Tive pena, muita pena dele. Sem dúvida bebera muito vinho, mas falava-me tão sinceramente, tão fraternalmente, com tanto

sentimento… E, naquele instante, ouviu-se na rua um grito e grandes pancadas na janela (as janelas eram duma só peça, grandes e ao rés-do-chão, de sorte que podia-se da rua bater nelas). Era Andriéiev, que tinham posto para fora.

— *Ohé, Lambert! Où est Lambert? As-tu vu Lambert?*

Irrompeu lá da rua esse grito selvagem.

— Ah! mas está ele ainda aqui? Não partiu? — exclamou o pequenote, saltando de seu lugar.

— A conta! — gritou Lambert ao garçom. Suas mãos tremiam de cólera quando pagou a conta, mas o bexiguento não lhe permitiu que pagasse sua despesa.

— E por que não? Fui eu que o convidei e o senhor aceitou o convite.

— Não, permita. — O bexiguento tirou seu porta-moedas e, depois de ter feito o cálculo, pagou sua parte.

— O senhor me ofende, Siemion Sídoritch.

— Acho melhor assim! — cortou Siemion Sídoritch. Pegou seu chapéu e, sem se despedir de ninguém, saiu sozinho da sala. Lambert atirou seu dinheiro ao garçom e apressou-se em correr atrás dele, a ponto de esquecer-me na sua perturbação. Trichátov e eu saímos por último. Andriéiev estava plantado diante da porta como um marco, esperando Trichátov.

— Bandido! — gritou Lambert, que não podia mais conter-se.

— Ora essa! — rugiu Andriéiev e, com as costas da mão, bateu-lhe na cartola que rolou para o leito da rua. Lambert correu humildemente para apanhá-la.

— *Vingt-cinq roubles!* — Andriéiev mostrou a Trichátov a cédula que acabava de arrancar de Lambert.

— Basta! — gritou-lhe Trichátov. — Por que sempre tais

escândalos?… E por que o escorchaste em vinte e cinco rublos? Deviate apenas sete.

— Por quê? Prometeu-me fazer-nos jantar à parte, com mulheres, e em lugar de mulheres serviu-nos aquele bexiguento. Além disso, não acabei de comer e tive de ficar de fora, enregelando-me, justamente por dezoito rublos. Com os sete rublos que nos devia, somam vinte e cinco.

— Vão para o diabo todos dois! — berrou Lambert. — Expulso-os a ambos e lhes mostrarei…

— Lambert, sou eu que o expulso, serei eu que lhe mostrarei! — gritou Andriéiev. — *Adieu, mon prince!* Não beba mais vinho! Piétia, em frente, marche! *Ohé, Lambert! Où est Lambert? As-tu vu Lambert?* — soltou ele uma derradeira vez, afastando-se a passos gigantescos.

— Então, permite que vá visitá-lo? — balbuciou-me às pressas Trichátov, apressando-se no encalço de seu amigo.

Fiquei a sós com Lambert.

— Pois bem… vamos! — disse ele, como se tivesse dificuldade em retomar fôlego e até mesmo como que transtornado.

— Ir aonde? Não irei contigo a parte nenhuma! — apressei-me em gritar, num tom provocante.

— Como assim? — perguntou ele, medrosamente, voltando de súbito a si. — Mas esperava justamente ficarmos sós!

— Mas ir aonde?

Confesso-o, estava com a cabeça um tanto tonta também, depois de três taças de champanhe e dois pequenos copos de xerez.

— Aqui, aqui, estás vendo?

— Mas ali há ostras frescas, estás vendo? Está escrito. Cheira mal…

— Isto é porque acabas de jantar, mas essa casa aí é o restaurante

de Miliutin. Não comeremos as ostras, mas vou te pagar champanhe.

— Não quero! Tu queres obrigar-me a beber.

— Foram eles que te disseram isto. Zombaram de ti. Acreditas neles, naqueles canalhas?

— Não, Trichátov não é um canalha. Aliás, saberei eu mesmo ser prudente. Aí está!

— Então, tens caráter tu mesmo?

— Sim, tenho caráter, um pouco mais que tu, uma vez que és escravo do primeiro que aparece. Cobriste-nos de vergonha, pediste perdão, como um lacaio, àqueles poloneses. É verdade então que recebeste muitas vezes pancadas nos botequins?

— Mas temos que conversar, imbecil! — gritou ele, com uma impaciência desdenhosa que parecia dizer: "E tu também?". — Então tens medo ou o quê? És meu amigo, sim ou não?

— Não sou teu amigo e tu não passas de um trapaceiro. Pois bem, vamos! Quero somente mostrar-te que não tenho medo de ti. Ah! como isto cheira mal, como cheira a queijo! Que porcaria!

## Capítulo VI

### I

Rogo mais uma vez ao leitor que se lembre de que restava eu com a cabeça um pouco tonta, sem o que teria falado e agido de outro modo. Naquele boteco, numa sala de trás, podia-se com efeito comer ostras e nós nos instalamos numa mesa coberta por uma toalha ordinária e suja. Lambert pediu champanhe; uma taça cheia dum vinho frio cor de ouro apareceu diante de mim, olhando-me com um ar sedutor; mas eu estava descontente.

— Vês tu, Lambert, o que me fere sobretudo é que imaginas poder, agora ainda, dar-me ordens como no pensionato Touchard,

quando tu é que és escravo deles todos aqui.

— Imbecil! Vamos, toquemos as taças!

— Nem mesmo te dignas dissimular diante de mim; se, pelo menos, me ocultasses que queres obrigar-me a beber!

— Contas lorotas e estás bêbedo. É preciso beber mais, ficarás mais alegre. Vamos, toma tua taça, toma-a pois!

— Como assim: “Toma-a, pois!”. Vou-me embora, eis tudo.

E com efeito ia-me retirar. Ficou furioso:

— Foi Trichátov quem te contou histórias contra mim; vi vocês dois cochichando juntos. Pois bem, não passas dum imbecil. Alfonsina passa mal do coração, quando ele se aproxima dela… É repugnante. Vou te dizer o que ele vale.

— Já disseste. Só tens Alfonsina na boca. És tremendamente ordinário.

— Ordinário? — Não compreendia. — Ei-lo agora com o bexiguento. Por isso é que os expulsei. São desonestos. Aquele bexiguento é um celerado, vai pervertê-los. Eu, pelo contrário, exigia que sempre se portassem com nobreza.

Sentei-me, peguei maquinalmente a taça e bebi um gole.

— Estou infinitamente acima de ti pela minha instrução — disse. Mas ele já estava por demais contente pelo fato de ter-me sentado de novo. Imediatamente encheu mais uma vez minha taça.

— Mas tu tens medo deles, não é? — continuei a inferná-lo (e certamente mostrava-me mais irritante do que ele próprio). — Andriéiev derrubou teu chapéu e tu lhe deste vinte e cinco rublos de recompensa.

— Sim, mas ele vai me pagar. Revoltam-se, mas vou domá-los…

— O bexiguento traz-te num aperto. Sabes? parece-me que não te resta mais ninguém agora senão eu. Todas as tuas esperanças agora

repousam apenas em mim. Hem?

— Sim, meu pequeno Arkádi, é bem verdade: és o único amigo que me resta. Bem o disseste! — E deu-me um tapinha no ombro.

Que fazer com um homem tão grosseiro? Era totalmente inculto e tomava uma zombaria por um elogio.

— Poderias evitar-me complicações, se fosses um bom camarada, Arkádi! — prosseguiu, olhando-me com ternura.

— E como assim?

— Bem o sabes. Sem mim, não passas dum imbecil e ficarás assim sempre, enquanto que eu posso dar-te trinta cédulas de mil e combinando tudo pela metade, sabes bem que isso renderia. Repara um pouco o que és: não tens nada, nem nome, nem família. E ali, dum golpe, será uma fortuna. Com semelhante soma, podes começar uma carreira!

Fiquei estupefato com tal proceder. Supunha que ele ia valer-se de ardis e eis que abordava o assunto diretamente, puerilmente. Resolvi escutá-lo, por largueza de espírito e… por causa duma louca curiosidade.

— Olha, Lambert: não compreenderás talvez isto, mas consinto em escutar-te porque tenho largueza de espírito — declarei com firmeza e bebi outro gole. Lambert logo encheu a taça.

— Pois bem, eis do que se trata, Arkádi: se um indivíduo como Bioring se tivesse permitido dizer-me injúrias e bater-me diante de uma dama a quem adoro, pois bem, não sei o que teria feito! Tu suportaste isso e enches-me de desgosto. Não passas de um trapo.

— Ousas dizer que Bioring me bateu? — exclamei, corando. — Eu é que bati nele e não ele em mim.

— Não, foi ele que bateu em ti e não tu nele.

— Mentes, cheguei mesmo a esmagar-lhe o pé!

— Mas ele empurrou-te e ordenou aos lacaios que te levassem… E ela, que estava na carruagem, ficou a olhar-te e a rir de ti! Sabe que não tens pai e que se pode fazer-te tudo engolir.

— Não sei, Lambert, mas conversamos neste momento como colegiais e tenho vergonha de ti. Queres simplesmente azucrinar-me e tão grosseiramente, tão abertamente, que se diria que estás tratando com um garoto de dezesseis anos. Puseste-te em acordo com Anna Andriéievna! — exclamei, tremendo de cólera e sempre bebendo maquinalmente, aos goles.

— Anna Andriéievna é uma velhaca! É capaz de enganar a ti, a mim, ao mundo inteiro. Eu te esperava, porque é mais capaz de te arranjar com a outra.

— Que outra?

— A Senhora Akhmákova. Sei de tudo. Tu mesmo me disseste que ela receia a carta que tens em tua casa…

— Que carta?… Mentes… Viste-a? — balbuciei todo comovido.

— Vi-a. É bela. *Très belle*, tens gosto.

— Sei que a viste. Mas não tiveste a ousadia de falar-lhe e não quero tampouco que tomes a liberdade de falar-lhe.

— És ainda jovem e ela zomba de ti, eis tudo. Havia lá em Moscou uma dessas virtuosas. Ah! como arrebitava o nariz! Pois bem, quando a ameaçaram de contar tudo, pôs-se a tremer e ficou imediatamente obediente. E ganhamos as duas coisas: o dinheiro e o resto; compreende? Agora está de novo na sociedade, inabordável, voa alto, com os diabos, e que carruagem! E se visses em que espelunca a coisa se passou! Ainda não viveste. Se soubesses que elas não têm medo de certas espeluncas…

— Bem o imaginava — balbuciei sem poder conter-me.

— São corruptas até a medula dos ossos. Não sabes de que elas são capazes! Alfonsina viveu numa dessas casas de tolerância. Pois bem, causava-lhe asco!

— Também imaginava isso — confirmei ainda uma vez.

— Batem-te e tens pena…

— Lambert, és um canalha, és um maldito! — exclamei, compreendendo tudo e tremendo. — Vi tudo isso em sonho. Estavas lá com Anna Andriéievna… Oh! és um amaldiçoado! Será que imaginavas que fosse um canalha até esse ponto? Vi isso em sonho e portanto sabia o que me virias dizer. E afinal as coisas não podem ser tão simples, para que me fales tão francamente, tão simplesmente!

— Vejam só, ele fica com raiva! Tá, tá, tá! — exclamou Lambert, rindo e triunfante. — Pois bem, Arkacha, sei agora de tudo quanto precisava. Por isso é que te esperava. Escuta-me: tu a amas e queres vingar-te de Bioring. Eis o que queria saber. Já o suspeitava, ao esperar-te aqui. *Ceci posé, cela change la question*.[109] E tanto melhor, porque ela também te ama. Casa-te sem demora, é o melhor. Aliás, não podes fazer de outro modo, escolheste a coisa mais segura. Em seguida, fica sabendo, Arkádi, que tens um amigo: sou eu, de quem podes fazer o que quiseres. Esse amigo te ajudará e te casará. Tudo arranjarei, nem que tenha de tirar de debaixo da terra, meu Arkacha. Em troca, darás em seguida a teu velho camarada trinta cédulazinhas pelo seu trabalho. Hem? Vou te ajudar, não te preocupes. Nestas espécies de negócios, conheço todos os pormenores. Vão te dar o dote completo, e eis-te rico, com uma bela carreira diante de ti!

A cabeça girava-me, mas não deixava contudo de olhar para Lambert com espanto. Estava sério, ou antes via claramente que ele próprio acreditava na possibilidade de casar-me, que adotava mesmo essa ideia com entusiasmo. Além disso, via também que me apanhava na armadilha como uma criança (já via, com certeza, naquela ocasião); mas a ideia desse casamento com ela havia penetrado em mim tão completamente que, embora admirando-me de que pudesse Lambert acreditar em semelhante fantasia, eu mesmo lhe havia de modo irresistível dado fé, sem perder um só instante a consciência de que era coisa manifestamente irrealizável. Não sei como tudo isso se conciliava.

— Mas será possível? — balbuciei.

— E por que não? Tu lhe mostras o documento, ela ficará com medo e casará contigo, para não perder o dinheiro.

Resolvi não deter Lambert nas suas canalhices, porque ele as expunha tão ingenuamente diante de mim que nem sequer suspeitava de que pudesse eu de repente indignar-me. Entretanto, murmurei que não ia querer casar apenas pela força:

— Por preço algum casaria à força. Como podes ser bastante vil para acreditar-me capaz disso?

— Ah! eis aí! Mas será ela mesma que se oferecerá: não tu, porém ela. Terá medo e casará contigo. E casará contigo também porque te ama — acrescentou Lambert, reanimando-se.

— Estás inventando. Zombas de mim. E como sabes que ela me ama?

— Decerto que sei. Anna Andriéievna também o supõe. Sou sério e digo-te a verdade: Anna Andriéievna pensa assim. Mais tarde te contarei ainda alguma coisa, quando vieres ver-me e verás que ela te ama. Alfonsina esteve em Tsárskoie Sieló; tomou suas informações…

— E que ela pôde saber lá?

— Vamos à minha casa. Ela mesma te contará, será mais agradável para ti. E depois? Será que não vales como qualquer outro? És belo, bem-educado…

— Sim, sou bem-educado — murmurei, mal respirando. Meu coração batia prestes a romper-se e naturalmente não era o vinho a única causa disso.

— És belo, trajas bem.

— Sim, trajo bem.

— E és bom…

— Sim, sou bom.

— Por que, pois, não consentiria ela? Bioring, apesar de tudo, não

a quererá sem dinheiro, e tu podes privá-la de seu dinheiro. Ela terá medo então. Casas-te com ela e num golpe vingas-te de Bioring. Bem me disseste, naquela noite, quando estavas gelado, que ela estava enamorada de ti.

— Como, disse-te isto? Decerto não falei assim.

— Não, não, disseste.

— Foi no delírio. Então devo ter-te falado também do documento.

— Sim, disseste que tinhas essa famosa carta. E eu disse a mim mesmo: como se dá que, tendo essa carta, ele perca seu tempo?

— Fantasia tudo isso! Não sou bastante tolo para acreditar nelas — balbuciei. — Em primeiro lugar, a diferença de idade. Em seguida, não tenho nome.

— Digo-te que ela casará contigo. É impossível que tal não ocorra, quando há tanto dinheiro a perder. Arranjarei isso. Além do mais, ela te ama. Bem sabes que aquele velho príncipe está em muito boas disposições para contigo. Sabes que relações podes ter graças à sua proteção. Quanto a isso do nome, não se tem necessidade dele hoje em dia: desde que tenhas dinheiro, só tens de andar para a frente e irás longe, e daqui a dez anos terás tantos milhões que toda a Rússia tremerá: que necessidade terás de nome? Pode-se comprar na Áustria um título de barão. Uma vez casado, a tens na mão. É preciso saber manejar as mulheres. Uma mulher amorosa gosta que a tratem com energia. A mulher gosta da força de caráter no homem. Quando lhes fizeres medo com a carta, terás ocasião de mostrar tua força de caráter. “Tão jovem — dirá ela —, e já com tal força de caráter!”

Permaneci na minha cadeira como que aturdido. Com nenhuma outra pessoa chegaria a ponto de manter conversação tão tola. Mas não sei que sede deliciosa me levava a prolongá-la. Além do mais, Lambert era demasiado estúpido e demasiado vil para que a gente se visse obrigado a corar diante dele.

— Não; olha Lambert — disse eu, de repente —, como queiras, mas há muitos absurdos. Se te falo, é porque somos camaradas e não

temos que corar um do outro. Mas com outro não teria me rebaixado a tal ponto. E sobretudo, por que afirmas com tanta convicção que ela me ama? Está certo isso que disseste ainda há pouco a respeito da fortuna. Mas, fica sabendo, Lambert, que não conheces a alta sociedade: tudo se passa dentro dela no regime mais patriarcal, isto é, no regime dos clãs, por assim dizer, e agora que ela não conhece ainda minhas capacidades, nem até onde posso chegar na vida, terá, apesar de tudo, vergonha de mim. Mas não te ocultarei, Lambert, que há no caso, com efeito, um ponto que pode causar esperança. Escuta: ela pode casar comigo por gratidão, porque posso livrá-la do ódio de um homem. E ela tem medo desse homem.

— Ah! queres falar de teu pai? Então ele a ama muito? — E Lambert estremeceu, de repente, com uma extraordinária curiosidade.

— Oh! não! — exclamei. — Como és terrível e estúpido ao mesmo tempo, Lambert! Eu poderia querer casar com ela, se ele a amasse? O filho e o pai! Seria vergonhoso, ainda assim. Ele ama mamãe; vi-o beijando mamãe, eu, que outrora imaginava que ele amasse Katierina Nikoláievna! Agora vejo bem que ele pôde amá-la outrora, mas desde muito tempo a detesta… Quer vingar-se e ela tem medo disso porque, vou te dizer, Lambert, ele é terrível quando começa a vingar-se. Torna-se quase louco. Quando quer, é capaz de tudo. São ódios de velhas famílias, por motivo de altas razões de princípios. Na nossa época, cospe-se sobre todos os princípios; na nossa época, não há mais princípios, mas somente casos particulares. Ah! Lambert, não compreendes nada: és estúpido como teus pés; falo-te agora desses princípios e certamente não compreendes nada. És tremendamente inculto. Lembras-te de como me batias? Agora, sou mais forte do que tu, sabes disto?

— Meu Arkacha, vamos à minha casa! Passaremos a noite juntos, beberemos mais uma garrafa e Alfonsina cantará, acompanhando-se à guitarra.

— Não, não irei. Escute, Lambert, tenho minha ideia. Se isso não der certo e eu não me casar, vou me recolher à minha ideia. Tu não tens ideia.

— Bem, bem, depois me contarás, vamos!

— Não irei! — E fiquei em pé. — Não quero e não irei. Irei à tua casa, mas não passas de um canalha. Vou te dar trinta mil rublos, pois seja, mas sou mais puro do que tu e mais nobre… Vejo bem que queres enganar-me. Mas quanto a ela, proíbo-te mesmo que penses: está acima de nós todos, e teus planos são uma tamanha sujeira que até me causas espanto, Lambert. Quero casar, é outro negócio, mas não tenho necessidade de capital, desprezo o capital. Não aceitarei, ainda mesmo que ela me oferecesse sua fortuna de joelhos… Casar, casar-me, isto é outra coisa. E tu sabes, disseste bem a respeito de mantê-la com mão firme. Amar, amar apaixonadamente com toda a grandeza d'alma de que o homem é capaz e que uma mulher não poderá jamais ter, mas ser também déspota, eis o que é bem bom. Porque, como sabes, Lambert, a mulher ama o despotismo. Tu, Lambert, conheces as mulheres, mas quanto ao mais, és espantosamente estúpido. E sabes, Lambert, que não és tão totalmente repugnante como pareces, és simplório. Gosto de ti. Ah! Lambert, por que és tão intrujão? Seria tão alegre viver contigo! Vê Trichátov como é gentil.

Estas derradeiras frases sem nexo foram balbuciadas já na rua. Oh! lembro-me dos menores detalhes: é preciso que o leitor veja como, com todos os meus entusiasmos, todos os meus juramentos e meus propósitos de reverter ao bem e de buscar a beleza, pude então cair tão facilmente e em semelhante lama! E, juro, se não estivesse perfeita e inteiramente convencido de que sou agora outro homem e adquiri o hábito da vida prática, por preço algum faria semelhantes confissões.

Tínhamos saído do estabelecimento e Lambert me sustentava, cercando-me levemente a cintura. De repente voltei os olhos para ele e vi no seu olhar fixo, perscrutador, terrivelmente atento e perfeitamente sóbrio, quase a mesma expressão que nele havia naquela manhã em que estava eu ficando gelado e em que ele me conduziu, cercando-me com seu braço exatamente da mesma maneira, até um carro, ouvindo de orelhas e olhos atentos meus balbucios desconexos. As pessoas meio embriagadas, mas ainda não completamente bêbedas, tem de repente instantes de inteira lucidez.

— Não irei à tua casa por preço algum! — disse eu, firme e categórico, olhando-o com um ar zombeteiro e repelindo seu braço.

— Bem, basta. Mandarei Alfonsina fazer chá para ti.

Ele estava profundamente convicto de que eu não lhe escaparia. Cercava-me e sustentava-me com prazer, como sua vítima, e era bem certo que lhe era necessário, precisamente naquela noite e naquele estado. Mais tarde se verá por quê.

— Não irei! — repetia. — Cocheiro!

Um trenó passava justamente na ocasião. Pulei para dentro dele.

— Aonde vais? Que fazes? — berrou Lambert, com um medo tremendo, retendo-me pela minha peliça.

— E não tentes seguir-me! — exclamei. — não corras atrás de mim.

Naquele momento o cocheiro chicoteou seu cavalo e minha peliça escapou das mãos de Lambert.

— Não importa, haverás de vir! — gritou ele de longe, com uma voz iracunda.

— Irei, se quiser. Sou livre! — gritei-lhe do trenó, voltando-me.

## II

Não me perseguiu, sem dúvida porque não encontrou outro carro à mão e pude escapar-lhe. Mas fiz-me conduzir somente até a Sienaia Plóchtchad;[110] ali, levantei-me e dispensei o trenó. Tinha uma vontade louca de andar a pé. Não sentia nem fadiga nem grande embriaguez. Tinha somente uma espécie de atrevimento, de afluxo de força, uma aptidão extraordinária para qualquer empreendimento, uma infinidade de ideias agradáveis na cabeça.

Meu coração batia e bastante intensamente: ouvia cada batida. E tudo me era agradável, tão fácil! Ao passar diante do posto de Sienaia, tive uma vontade louca de abordar a sentinela e de abraçá-la. Era o

degelo, a praça estava negra e tresandava, mas tudo me agradava, até mesmo a praça.

"Vou entrar agora pela Obúkhovski Próspekt[111] — dizia a mim mesmo. — Em seguida, voltarei à esquerda e irei sair no Siemiónovski Polk,[112] darei uma volta, é delicioso, tudo é delicioso. Estou com minha peliça desabotoada: ninguém tenta agarrá-la, onde estão, pois, os ladrões? Talvez lhes dê minha peliça. Que necessidade tenho dela? Uma peliça é uma propriedade. *La propriété, c'est le vol*.[113] Mas é idiota. Como tudo é belo! Não faz mal que haja degelo. De que serve a geada? Não seria preciso absolutamente geada. Faz bem dizer bobagens. Ora, que foi que eu disse, pois, a Lambert a respeito dos princípios? Dizia que não há princípios, mas simplesmente casos particulares. Menti, foi uma supermentira! De propósito, para dar-me importância. É um tanto vergonhoso, mas não importa, repararei isso. Não tenhas vergonha, não te atormentes, Arkádi Makárovitch! Arkádi Makárovitch, você me agrada. Você me agrada mesmo muito, meu jovem amigo. É pena que seja você um… um trapaceirinho… e… e… ah!… ah!…

Parei de súbito e todo o meu coração foi novamente invadido pela embriaguez.

"Senhor! Que foi que ele disse? disse que ela me ama. Oh! o canalha mentiu! Disse para que eu fosse passar a noite em casa dele. De fato, talvez não. Disse que Anna Andriéievna também acredita nisso… Ah! ah! Talvez Dária Onísimovna possa ter sabido alguma coisa: mete o nariz em toda parte, aquela! E por que, afinal, não fui à casa dele? Teria me contado tudo. Hum! tem seu plano. Pressentia tudo isso até nos mínimos recantos. Um sonho. Está bem concebido, Senhor Lambert, apenas, o senhor mente, isto não se passará assim. Mas talvez sim! Talvez sim! Ele não será capaz de casar-me? É bem capaz disso. É ingênuo e crédulo. É estúpido e audacioso, como todos os homens de negócios. A bestice e a audácia reunidas são uma grande força. Confesso que você teve medo de Lambert, Arkádi Makárovitch! E que necessidade ele tem de gente honesta? Fala assim, com toda a seriedade: não há um só homem honesto aqui! Mas, e tu então? Ora! Que digo eu? Será que as pessoas honestas não são necessárias aos canalhas? Na trapaçaria, as pessoas honestas são ainda mais

necessárias que alhures. Ah! ah! ah! não sabia ainda disso, Arkádi Makárovitch, na sua completa inocência? Senhor! E se na verdade ele conseguir casar-me?”

Parei de novo. Devo confessar aqui uma tolice (já que se passou há muito tempo), devo confessar que desejava desde muito tempo casar, antes não queria e isso jamais teria acontecido (e não acontecerá jamais, dou minha palavra), porém mais de uma vez e muito tempo ainda antes tinha sonhado como seria bom casar, um número incalculável de vezes, sobretudo ao adormecer cada noite. Isso começara quanto tinha eu dezesseis anos. Havia no ginásio um camarada de minha idade, Lavróvski, um rapazinho tão gentil, tranquilo e bonito, que só tinha, aliás, isso de notável. Quase nunca falava com ele. De repente, encontramo-nos a sós um dia, sentados um ao lado do outro. Ele estava muito pensativo e disse-me de repente: “ah! Dolgorúki, que lhe pareceria, se casássemos agora? E quando casar então, a não ser agora? É a melhor época e, no entanto, é impossível!”. Disse isto sinceramente. E de repente senti-me de acordo com sua opinião de toda a minha alma, porque então já sonhava a mesma coisa. Em seguida, tornamos a encontrar-nos vários dias em seguida e falávamos daquilo sempre, às ocultas, por assim dizer. Mais tarde, não sei como aconteceu, mas separamo-nos e deixamos de falar-nos. Pois bem, foi então que me pus a sonhar. Era inútil sem dúvida mencioná-lo, mas quis somente indicar quanto algumas vezes as coisas remontam a muito longe…

“Só há uma objeção séria — sonhava eu, continuando a caminhar. — Oh! sem dúvida, uma miserável diferença de idade não é um obstáculo, mas eis aqui: ela é tão aristocrática e eu sou Dolgorúki tão-somente! Sujo negócio! Hum! Viersílov poderia bem, casando-se com mamãe, pedir ao governo a permissão de adotar-me… em recompensa aos serviços prestados pelo pai… Serviu no Exército, portanto prestou serviços. Era conselheiro de paz… Ora, diabos me levem! Que ignomínia!”

Lancei esta exclamação e, bruscamente, pela terceira vez, parei, mas como que esmagado ali mesmo. Um sentimento doloroso de humilhação à ideia de que tivesse podido formular um desejo tão vergonhoso como esse de mudar de nome por adoção, essa traição a

toda a minha infância, tudo isso aniquilou num instante todas as minhas disposições precedentes, toda a minha alegria evaporou-se em fumaça. “Não, não o direi a ninguém — pensei, corando terrivelmente. — Se me rebaixei a tal ponto, é que… estou apaixonado e sou um idiota. Não, se há um ponto a respeito do qual Lambert tem razão, é quando diz que agora não se tem mais necessidade de toda essas tolices e que na nossa época o essencial é o homem e, em seguida, seu dinheiro. Ou antes, não o dinheiro, mas seu poder. Com esta fortuna, lanço-me na minha ideia, e daqui a dez anos toda a Rússia tremeria diante de mim e eu me vingaria de todo mundo. De que servem tantas cerimônias com ela? Nisto Lambert também tem razão. Ela terá medo e casará comigo muito simplesmente. Dará seu consentimento, da maneira mais simples e mais banal do mundo e ela casará comigo. ‘Não sabes, não sabes em que espelunca isso se passava!’ Era a frase de Lambert que me voltava à memória.” E é verdade — eu confirmava. Lambert tem razão em todos os pontos. Tem mil vezes mais razão do que eu e Viersílov e todos esses idealistas! É um realista, ele. Ela verá que tenho força de caráter e dirá: “Tem mesmo caráter!”. Lambert é um canalha e só pensa em arrancar de mim os trinta mil, mas apesar de tudo é meu único amigo. Nenhuma outra amizade possível, foram pessoas práticas que imaginaram tudo isso. E a ela, nem mesmo a humilho. Será que a humilho? Absolutamente. Todas as mulheres são semelhantes! Existe uma só mulher sem baixeza? Por isso tem necessidade do homem. Foram criadas para a submissão. A mulher é vício e escândalo, o homem, nobreza e generosidade. Será assim até a consumação dos séculos. Proponho-me utilizar o documento: pois bem, isso não tem importância. Isso não impedirá nem a nobreza nem a generosidade. Não existe Schiller em estado puro; inventaram-nos. Pouco importa que haja lixo, se o alvo é magnífico! Depois tudo será lavado, repassado. Mas agora isso… é tão-somente largueza de espírito, é a verdade prática. Eis como se chama isso hoje!

Oh! repito-o ainda: que me perdoem reproduzir aqui todo esse delírio de bêbedo, sem omitir uma linha. Não é senão a quinta-essência de minhas ideias do momento, mas me parece, no entanto, que são as próprias palavras que empreguei. Devia reproduzi-las, pois que escrevo para julgar-me. Que haverá para julgar, senão isso? Pode haver na vida nada de mais sério? O vinho não me justificava. *In vino veritas*.[114]

Assim pensando, e todo mergulhado em minhas imaginações, não notei que chegara afinal à casa, quero dizer ao apartamento de mamãe. Nem mesmo notara como tinha entrado; mas acabava de pôr o pé na nossa minúscula antecâmara, quando compreendi de súbito que se passara em nossa casa algo de extraordinário. Falava-se em voz alta nos quartos, lançavam-se gritos e ouvia-se o choro de mamãe. No limiar, estive a ponto de ser derrubado por Lukiéria, que passava como um turbilhão do quarto de Makar Ivânovitch, porque estavam todos ali reunidos.

Estavam ali Viersílov e mamãe. Mamãe estava deitada nos braços dele que a apertava fortemente contra seu coração. Makar Ivânovitch estava sentado, segundo seu costume, sobre seu tamborete, mas como que sem forças, enquanto que Lisa lhe sustentava com dificuldade o ombro para impedi-lo de cair; era claro que sua tendência era sempre para cair. Dei vivamente um passo para ele, estremeci e adivinhei: o velho estava morto.

Acabava de morrer, um minuto talvez antes de minha chegada. Dez minutos antes, sentia-se ainda como sempre. Lisa estava só com ele; sentada a seu lado, contava-lhe seus pesares, enquanto ele, como na véspera, lhe acariciava a cabeça. De repente, foi ele tomado dum tremor (contava Lisa), quis erguer-se, quis gritar, mas recaiu em silêncio sobre o lado esquerdo. “Foi o coração!”, disse Viersílov. Lisa lançou um grito que pôs em sobressalto a casa inteira, todos acorreram — e tudo isso acabava de se passar um minuto talvez antes de minha chegada!

— Arkádi! — gritou-me Viersílov —, corre imediatamente à casa de Tatiana Pávlovna. Deve certamente estar em casa. Que ela venha imediatamente. Toma um carro. Vai depressa, suplico-te!

Seus olhos brilhavam, lembro-me bem. Em seu rosto, nada notei que se assemelhasse a um puro pesar, a lágrimas: somente choravam mamãe, Lisa e Lukiéria. Pelo contrário, retive-o perfeitamente, o que me chamava a atenção em seu rosto, era uma excitação extraordinária, uma espécie de entusiasmo. Corri à casa de Tatiana Pávlovna. O caminho, como se sabe pelo que precede, não ela longo. Não tomei carro, mas fiz todo o trajeto a trote, sem parar. Estava com o espírito turvo e, mesmo assim, quase entusiasta. Compreendia que acabava de ocorrer um acontecimento radical. Minha embriaguez havia completamente desaparecido, até a derradeira gota, e com ela todas as ideias ignóbeis, quando toquei a campainha da casa de Tatiana Pávlovna.

A finlandesa abriu: “A senhora saiu!” — e quis logo tornar a fechar.

— Saiu como? — disse eu, introduzindo-me à força na antecâmara. — Mas é impossível! Makar Ivânovitch morreu!

— O qu-ê-ê? — repercutiu bruscamente o grito de Tatiana Pávlovna, através da porta fechada de seu salão.

— Morreu! Makar Ivânovitch morreu! Andriéi Pietróvitch roga-lhe que vá imediatamente.

— Mentes!…

O ferrolho rangeu, mas a porta não se abriu senão uma polegada:

— Que é que há! Conta!

— Não sei. Acabo de chegar: ele estava morto. Andriéi Pietróvitch disse: foi o coração!

— Imediatamente! Imediatamente! Corre, dize que já vou. Mas vai depressa, depressa! Pois bem, para que ficas aí parado?

Via nitidamente, através da porta entreaberta, que alguém acabava de sair de trás do reposteiro que dissimulava o leito de Tatiana Pávlovna. Maquinalmente, instintivamente, pusera a mão no ferrolho e não deixei que a porta se tornasse a fechar.

— Arkádi Makárovitch! É verdade que ele morreu? — Era uma voz conhecida, doce, igual, metálica, que fez tremer tudo instantaneamente na minha alma: na sua pergunta, sentia-se um tom compenetrado, comovido.

— Se é assim — Tatiana Pávlovna abandonou de repente a porta —, se é assim, arranje-se você mesma como quiser. Você foi quem quis!

Saiu precipitadamente do quarto, agarrando de passagem um xale e uma curta peliça e correu para a escada. Ficamos sós. Tirei a peliça, dei um passo e tornei a fechar a porta.

Ela estava ali diante de mim, como da outra vez, como no dia da entrevista, o rosto claro, o olhar claro e como da outra vez estendeu-me as duas mãos. Fui como que ceifado ali mesmo e caí literalmente a seus pés.

## III

Ia eu chorar, não sei por quê. Não sei mais como ela me fez sentar a seu lado. Lembro-me somente de que, numa recordação inapreciável, estávamos sentados lado a lado, mão na mão, e conversávamos precipitadamente: ela me interrogava a respeito do velho e de sua morte e eu lhe contava, de modo que se teria podido

crer que eu chorava por Makar Ivânovitch, quando teria sido isto o cúmulo do absurdo; e sei que ela jamais teria podido supor em mim uma vulgaridade tão infantil. Afinal, dominei-me de repente e tive vergonha. Suponho agora que chorava então unicamente de entusiasmo e creio que ela o compreendeu muito bem, de sorte que, quanto a esta lembrança, estou tranquilo.

Pareceu-me, de repente, muito estranho que ela me interrogasse de tal maneira a respeito de Makar Ivânovitch.

— Mas você o conhecia? — perguntei, cheio de espanto.

— Desde muito tempo. Jamais o vi, mas desempenhou um papel na minha vida. Ouvi dizer, outrora, muitas coisas dele, pelo homem a quem temo. Você sabe o que quero dizer.

— Sei somente que aquele homem estava infinitamente mais perto de seu coração do que você me confessou — disse eu, sem saber o que queria exprimir com isto, mas em tom de censura e de cenho franzido.

— Você diz que ele beijou ainda há pouco sua mãe? Beijou-a? Você viu com seus próprios olhos? — continuou ela a interrogar-me, sem me escutar.

— Sim, vi. E acredite que tudo aquilo era perfeitamente sincero e generoso! — apressei-me em confirmar, vendo sua alegria.

— Graças a Deus! — Benzeu-se. — Agora, ei-lo livre! Aquele admirável ancião acorrentava-lhe a existência. Com sua morte, veremos ressurgir nele o dever e… a dignidade, como já aconteceu uma vez. É que ele é antes de tudo generoso, acalmará o coração de sua mãe, a quem ama mais que tudo no mundo, e ele próprio por fim se acalmará e, graças a Deus, já era tempo.

— Ele lhe é assim tão querido?

— Sim, muito querido, embora não no sentido em que ele o quereria e no qual você o entende.

— Mas agora é por ele ou por você que você teme? — perguntei

de chofre.

— Oh! são perguntas difíceis, deixemo-las.

— Deixemo-las, está entendido; somente, eu não sabia nada de tudo isso, e de muitas coisas talvez. Enfim, você tem razão, agora tudo está mudado e, se alguém ressuscitou, fui o primeiro. Pensei mal de você, Katierina Nikoláievna, e, talvez não haja uma hora, cometi uma baixeza para com você, em ato também, mas saiba que, sentado agora junto de você, não experimento o mínimo remorso. É que agora tudo desapareceu, tudo mudou, e o homem que, há uma hora, meditava contra você uma baixeza, não mais o conheço e não quero conhecê-lo!

— Acalme-se! — sorriu ela. — Parece que você delira um pouco.

— Será que a gente pode julgar a si mesmo, ao lado de você? — continuei. — Seja leal, seja baixo, é o mesmo: você é inacessível como o sol… Diga-me, como você pode vir ao meu encontro depois de tudo quanto se passou? Mas se soubesse o que se passou há uma hora, não mais que uma hora! Que sonho se realizou!

— Sei tudo, creio — disse ela, com um manso sorriso. — Você quis ainda há pouco vingar-se de mim, jurou a si mesmo perder-me, e decerto teria matado ou posto mal aquele que tivesse ousado pronunciar uma só palavra contra mim em sua presença.

Sem dúvida sorria e brincava; mas era unicamente um efeito de sua extrema bondade, porque naquele momento toda a sua alma estava plena, dei-me conta disso depois, duma imensa preocupação pessoal e de um sentimento tão forte e tão poderoso que não podia conversar comigo e responder às minhas perguntas vazias e irritantes, senão da maneira pela qual se responde por vezes às perguntas pueris e teimosas dum menino, para ver-se livre dele. Compreendi isso de repente e tive vergonha, mas não podia mais deter-me.

— Não — exclamei, já não me contendo mais —, não, não matei aquele que dizia mal de você; pelo contrário, apoiei-o até.

— Oh! pelo amor de Deus, não me conte nada, é inútil, não é preciso — e estendeu a mão para deter-me, até mesmo com certo

sofrimento no rosto. Mas eu já havia saltado e estava de pé diante dela para declarar-lhe tudo e, se o tivesse feito, o que aconteceu em seguida não teria acontecido, porque certamente eu teria acabado por confessar tudo e por entregar-lhe o documento. Mas de repente, ela desatou a rir:

— Inútil, não tenho necessidade de nada, de nenhum detalhe! Todos os seus crimes, eu os conheço. Aposto que quis casar comigo ou algo de parecido e que acabava de entender-se a respeito com um de seus auxiliares, um de seus antigos companheiros de escola… Ah! creio que adivinhei! — exclamou, olhando-me com seriedade.

— Como… como pôde adivinhar? — balbuciei como um imbecil, estuporado.

— Ora, não faltava mais nada! Mas basta, basta! Perdoo-lhe, contanto que não fale mais disso. — Fez ainda um gesto com a mão, com manifesta impaciência. — Eu também gosto de sonhar e se você soubesse a que processos recorro em meus sonhos, quando nada me retém mais! Basta, você só faz me perturbar. Estou muito contente por Tatiana Pávlovna ter saído; queria muito vê-lo, e, na presença dela, não poderíamos falar como estamos fazendo. Parece-me que sou culpada para com você pelo que aconteceu então. Sim? Não é isto mesmo?

— Você, culpada? Mas então fui eu que a entreguei a ele. O que será que você pôde pensar de mim? Refleti nisso todo este tempo, todos estes dias, refleti nisso a cada instante e sentia isso. (Não lhe mentia.)

— Fez mal em atormentar-se assim. Compreendi demasiado bem no momento como tudo se passara. Você confessou-lhe muito simplesmente na sua alegria que estava apaixonado por mim e que eu… não o desiludia. Não é em vão que você tem vinte anos. É que você o ama mais que a tudo no mundo, procura nele um amigo, um ideal. Compreendi bem, mas era já demasiado tarde. Sim, decerto, fiz mal, também eu. Deveria ter chamado você imediatamente para acalmá-lo, mas estava de mau-humor e dei ordem para não recebê-lo mais em minha casa. Foi então que ocorreu a cena diante da porta e

depois aquela noite. E saiba você que, durante todo aquele tempo, da mesma maneira que você, acariciei o sonho de vê-lo às ocultas, somente não sabia como levar isso a efeito. E que você acha que eu temia mais que tudo? Pois bem, era que você acreditasse em calúnias a meu respeito.

— Jamais! — exclamei.

— Estimo suas anteriores entrevistas. O que amo em você é o jovem e até mesmo talvez essa sinceridade… É que tenho um gênio extremamente sério. Sou a mais séria e a mais triste das mulheres de hoje, fique sabendo… Ah! ah! ah! Haveremos ainda de conversar a sós; agora não estou completamente no meu juízo, estou demasiado comovida e… creio que até mesmo histérica. Mas afinal, afinal, ele me deixará viver em paz!

Esta exclamação escapou-lhe de improviso; compreendi-a logo e não quis dar-me por entendido, mas estava todo trêmulo.

— Ele sabe que lhe perdoei! — exclamou ela, de novo, como se falasse a si mesma.

— Como você pôde lhe perdoar aquela carta? E como ele poderia saber que você lhe perdoou? — perguntei, não me contendo mais.

— Como? Oh! ele bem sabe! — ela continuou a responder, mas com ar de esquecer-se de minha presença e de falar a si mesma. — Agora ele recuperou seus sentidos. E como não haveria de saber que o perdoei, quando conhece de cor toda a minha alma? Bem sabe que sou um tanto do mesmo gênero que ele.

— Você?

— Sim e ele sabe. Oh! não sou apaixonado, sou calma, mas também eu quereria, como ele, que todo mundo fosse bom… Não foi sem razão que se apaixonou por mim.

— Então por que ele dizia que você possuía todos os vícios?

— Dizia-o à toa; no seu íntimo, tem um segredo bem diferente. Mas a carta dele não é mesmo bem engraçada?

— Engraçada? (Escutava-a com toda a atenção; suponho que ela estivesse mesmo numa crise de histeria e… que não falasse talvez de todo para mim; mas não podia impedir-me de interrogá-la!)

— Engraçada, decerto, e quanto eu riria bem, se… se não tivesse tanto medo. Não sou, no entanto, tão covarde, não acredite nisto! Mas aquela carta impediu-me de dormir naquela noite; estava escrita com sangue, sangue de doente… Depois de semelhante carta, que restava fazer? Amo a vida, temo enormemente pela minha vida, neste ponto sou horrivelmente covarde… Ah! escute! — exclamou de repente —, vá procurá-lo! Ele está só, não está sem dúvida mais lá, terá certamente partido para algum lugar, descubra-o depressa, imediatamente, corra atrás dele, mostre-lhe que é um filho amoroso, prove-lhe, que é um rapaz bondoso e gentil, meu estudante, que eu… Oh! Deus o faça feliz! Não amo ninguém, e isto é melhor, mas desejo a todos a felicidade, a todos, e a ele em primeiro lugar, que ele fique bem ciente disto… e mesmo imediatamente, isto seria para mim tão agradável…

Levantou e desapareceu de repente por trás do reposteiro; naquele momento lágrimas brilhavam no seu rosto (lágrimas histéricas, após a risada). Fiquei sozinho, comovido e perturbado. Ignorava deveras a que atribuir semelhante emoção que jamais teria suposto nela. Algo parecia contrair-se em meu coração.

Esperei cinco minutos, depois dez; um profundo silêncio impressionou-me de repente e decidi olhar pela porta e chamar. Ao meu apelo, mostrou-se Mária, que me declarou com o tom mais calmo que a senhora se tinha desde muito tempo vestido e saíra pela escada de serviço.

## Capítulo VII

### I

Só me faltava isso. Peguei minha peliça e, vestindo-a às pressas, saí dali, pensando: “Ela quer que eu vá à casa dele, mas onde o encontrarei?”.

Além de tudo mais, impressionava-me esta pergunta: “Por que ela pensa que agora os tempos mudaram e ele a deixará tranquila? Decerto porque vai casar com mamãe, mas que tem ela a ver com isso? Alegra-se pelo fato dele casar com mamãe, ou bem pelo contrário sente-se infeliz por isso? Não virá daí sua histeria? Por que não sou capaz de resolver tal problema?”.

Anoto esta segunda ideia, que me atravessou então o espírito, para recordá-la, literalmente: é importante. Aquela noite foi fatal. A gente acaba, mesmo contra a vontade, a crer na predestinação: não dera ainda cem passos na direção do apartamento de mamãe, quando dei com aquele a quem procurava. Segurou-me pelo ombro e fez-me parar.

— És tu? — exclamou alegremente e, ao mesmo tempo, com o maior espanto. — Imagina que passei por tua casa — disse ele, depressa —, procurei-te, perguntei por ti. É de ti somente que tenho necessidade agora em todo o universo! Teu burocrata contou-me não sei que histórias; mas não estavas em casa e parti, esquecendo mesmo de mandar dizer-te que fosses imediatamente à minha casa. Pois bem, enquanto caminhava, tinha a convicção inabalável de que a sorte não podia deixar de pôr-te no meu caminho, no momento em que me eras tão necessário. E tu és a primeira pessoa que encontro! Vamos à minha casa. Jamais vieste à minha casa…

Em suma, nós nos procurávamos mutuamente e acontecera a cada um de nós uma aventura idêntica. Apressamos o passo.

Em caminho, não me dirigiu senão curtas frases: deixara mamãe com Tatiana Pávlovna, etc., etc. Conduzia-me, segurando-me pela mão. Sua casa não era longe dali e em breve chegamos. Com efeito, nunca fora à casa dele. Era um pequeno alojamento de três peças, alugado por ele (ou mais exatamente alugado por Tatiana Pávlovna) unicamente para a “criança de peito”. Aquele apartamento estivera sempre sob a vigilância de Tatiana Pávlovna e nela havia uma criada com o menino (agora Dária Onísimovna); mas sempre havia também um quarto para Viersílov, o primeiro ao entrar, bastante espaçoso e bastante bem mobiliado, uma espécie de gabinete de leitura e de trabalho. Havia, com efeito, sobre a mesa, num armário e sobre várias

prateleiras, uma multidão de livros (no apartamento de mamãe quase não os havia): viam-se papéis todos escritos, maços de cartas: em suma, tudo isso assemelhava-se a um canto desde muito tempo habitado e sei que Viersílov, já outrora (embora bastante raramente), transportava-se para aquele apartamento, a fim de nele ficar até semanas inteiras. O primeiro objeto que me prendeu a atenção foi um retrato de mamãe, pendurado por cima da escrivaninha, numa magnífica moldura de madeira esculpida; uma fotografia, tirada, evidentemente, no estrangeiro, objeto de alto preço, a julgar pelas suas dimensões inusitadas. Não conhecia aquele retrato, e jamais ouvira falar dele até então, mas o que me impressionou sobretudo foi sua extraordinária semelhança, semelhança espiritual, por assim dizer: parecia um verdadeiro retrato de mão dum artista e não uma prova mecânica. Assim que entrei, fiquei, malgrado meu, estupefato diante dele.

— Não é verdade? Não é verdade? — repetiu Viersílov.

Queria dizer: "Não está parecido?". Voltei-me para ele e fiquei impressionado com a expressão de seu rosto. Estava um pouco pálido, mas seu olhar ardente e quente brilhava de felicidade e de energia: ainda não lhe conhecia semelhante expressão.

— Não sabia que o senhor amava tanto a mamãe! — cortei de repente, cheio de entusiasmo.

Sorriu, beatificamente, refletindo aliás também um sofrimento, ou, para melhor dizer, um sentimento humano, superior… não sei como explicar-me. Mas as pessoas de alta cultura, parece-me, não podem ter o rosto triunfal e vitoriosamente feliz. Sem responder, arrancou da parede com as duas mãos o retrato, aproximou-o de si e beijou-o. depois tornou tranquilamente a colocá-lo na parede.

— Observa — disse ele. — As fotografias são muito raramente parecidas e isto se compreende: o original, isto é, cada um de nós, é tão raramente semelhante a si mesmo… Há somente raros instantes em que o rosto reflete o traço essencial do homem, seu pensamento mais característico. O artista estuda o rosto e adivinha esse pensamento essencial, mesmo se no momento em que pinta, ele não

está marcado com rosto. A fotografia surpreende o homem tal como é, e é bastante possível que em certos momentos Napoleão tivesse sido surpreendido com expressão de estúpido e Bismarck com expressão de ternura. Mas aqui, neste retrato, o sol apanhou como por acaso Sônia no seu instante essencial, pudica, docemente amorosa, com sua castidade um pouco selvagem, medrosa. Como ela era feliz então, uma vez convencida de que eu desejava tanto ter seu retrato! Essa fotografia não data de muito tempo, mas era ela ainda assim então mais jovem e mais bonita; e, no entanto, tinha já aquelas faces cavadas, aquelas rugas na testa, aquela timidez medrosa no olhar, que só fazem crescer com os anos, cada vez mais acentuadas. Acreditarias, meu filho? Sou quase incapaz agora de imaginá-la com outro rosto. E, no entanto, foi ela também jovem e encantadora! As mulheres russas envelhecem depressa, sua beleza é passageira e decerto isto não provém somente de certas particularidades etnográficas, mas também do fato de saberem amar sem reservas. De chofre, a mulher russa dá tudo, se ama, o instante e o destino, o presente e o futuro: não sabem economizar, não fazem reservas e sua beleza passa depressa para aqueles a quem elas amam. Aquelas faces cavadas são ainda o resto de beleza que sacrificou a mim, para meu gozo passageiro. Mostras-te contente porque tenho amado tua mãe; não acreditavas talvez que a tivesse amado? Sim, meu amigo, amei-a muito, mas nunca lhe fiz senão mal. Há ali outro retrato. Vê, olha-o também.

Tomou-o de cima da mesa e me passou. Era também uma fotografia, de formato infinitamente mais reduzido, numa pequena moldura de madeira oval e delicada: um rosto de moça, magra e tísica, e apesar de tudo bonito; pensativo, e ao mesmo tempo estranhamente destituído de pensamento. Os traços regulares, de um tipo refinado pelas gerações, mas causando uma impressão mórbida: seria possível acreditar que aquela criatura fora bruscamente dominada por alguma ideia fixa, dolorosa porque acima de suas forças.

— Essa… é a moça com a qual o senhor queria casar lá e que morreu tuberculosa?… A enteada dela? — perguntei um tanto timidamente.

— Sim, queria casar com ela. Morreu tuberculosa, a enteada dela.

Sabia que sabias… São mexericos. Aliás, fora de mexericos, nada podias saber aqui. Deixa aí este retrato, meu amigo. Trata-se de uma pobre louca e nada mais.

— Completamente louca?

— Ou idiota. Mas louca também, creio. Teve um filho do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch (por loucura e não por amor; foi um dos atos mais ignóbeis do Príncipe Sierguiéi Pietróvitch). Essa criança está agora aqui, neste quarto, e desde muito tempo queria mostra-lá a ti. O Príncipe Sierguiéi Pietróvitch não ousou vir aqui ver seu filho: foi a convenção que concluímos juntos no estrangeiro. Tomei a criança para mim, com permissão de tua mãe. Com a permissão de tua mãe, queria também desposar aquela… desgraçada…

— Serão possíveis permissões tais? — perguntei com calor.

— Por certo! ela as deu: tem-se ciúme duma mulher, mas aquela não era uma mulher.

— Não era uma mulher para todos os outros; mas para mamãe? Não acreditarei jamais que mamãe não tenho tido ciúmes! — exclamei.

— E tens razão. Dei-me conta disso quando tudo já estava acabado, isto é, uma vez dada a permissão. Mas deixemos isso. A coisa não se realizou, por causa da morte de Lídia e talvez não se tivesse realizado tampouco, se tivesse vivido. Em todo o caso, mesmo agora, não deixo que tua mãe venha ver a criança. Não é senão um episódio. Meu caro, há muito tempo que te esperava aqui. Desde muito tempo, sonhava com um encontro nosso aqui. Sabes há quanto tempo? Dois anos.

Olhou-me, com um olhar sincero e autêntico, com um caloroso impulso de coração. Peguei-lhe a mão:

— Por que tardou em fazê-lo, por que não me chamava? Se soubesse o que aconteceu… e não teria acontecido, se o senhor me tivesse feito um sinal…

Nesse instante trouxeram o samovar e Dária Onísimovna, de repente, trouxe a criança adormecida.

— Olha-a — disse Viersílov. — Amo-a e dei ordem para trazerem-na expressamente para que a vejas. Agora, leva-a, Dária Onísimovna. Senta-te ao lado do samovar. Imaginarei que sempre vivemos assim, tu e eu, e que todas as noites nos reuníamos assim, sem nos separarmos jamais. Deixa-me olhar-te: põe-te assim, para que veja teu rosto. Como gosto de teu rosto! Como já o imaginava, quando esperava que viesses de Moscou! Perguntas-me por que não te mandei procurar desde muito tempo. Espera, vais talvez compreender agora.

— Foi somente a morte do velho que lhe libertou a língua? É singular…

Pronunciei esta frase, mas nem por isso deixava de olhá-lo com amor. Conversávamos como dois amigos, no sentido superior e integral da palavra. Trouxera-me aqui para explicar-se, contar-me alguma coisa, justificar-se… Ora, antes de qualquer palavra, já estava tudo claro e justificado. O que quer que pudesse agora saber dele, não afetava o resultado: este já fora atingido. Nós ambos o sabíamos, cheios de felicidade e nos olhávamos.

— Não, não foi a morte daquele ancião — respondeu ele —, não foi somente a sua morte; há outra coisa também que agiu no mesmo sentido… Deus abençoa este instante e a nossa vida, doravante e por muito tempo! Conversemos, meu caro. Desvio-me sempre, deixo-me distrair, quero falar de uma coisa e perco-me em mil detalhes à margem. É sempre o que acontece, quando o coração está repleto… Mas conversemos; é chegado o momento e há muito tempo que estou fascinado por ti, meu menino.

Recostou-se no espaldar de sua cadeira e observou-me ainda uma vez da cabeça aos pés.

— Como é estranho! Como é engraçado ouvir! — repetia eu, mergulhado no meu arrebatamento.

Mas eis que de repente, lembro-me, reapareceu em seu rosto sua habitual ruga de pesar e de zombaria juntos, tão conhecida minha.

Enrijeceu-se e começou com certo esforço.

## II

— Pois bem, eis aqui, Arkádi, se te tivesse chamado mais cedo, que te teria dito? Esta pergunta é toda a minha resposta.

— Quer dizer que hoje é o senhor o marido de mamãe e meu pai, ao passo que então… não teria sabido o que dizer-me a respeito de minha posição social. É bem isto?

— Não isso somente. Há muitas coisas que eu teria sido obrigado a calar. Há muitas coisas ridículas, humilhantes mesmo, porque se assemelham a passes de mágica, sim, a truques de truões. Como teríamos podido compreender-nos mutuamente, quando só me compreendi a mim mesmo hoje, à cinco horas da tarde, exatamente duas horas antes da morte de Makar Ivânovitch? Olhas-me com uma perplexidade penosa. Não te inquietes: explicarei o fato. Mas o que disse é perfeitamente justo: toda uma vida passada nas peregrinações e nas dúvidas, e de repente sua solução, em tal dia, às cinco horas da tarde. É mesmo vexatório, não? Não há ainda muito tempo, teria ficado verdadeiramente ofendido com isso.

Escutava, com efeito, com uma perplexidade dolorosa; via, fortemente marcada, a velha ruga de Viersílov, que não teria querido tornar a encontrar naquela noite, depois das palavras já ditas. De repente exclamei:

— Meu Deus! O senhor recebeu alguma coisa dela… hoje, às cinco horas?

Olhou-me fixamente e, impressionado, de modo visível, pela minha exclamação e talvez também pela minha expressão: “dela”, disse, com um sorriso pensativo:

— Saberás tudo. E naturalmente não te ocultarei nada do que for preciso, pois foi para isso que te trouxe aqui. Mas trataremos disso mais tarde. Vês, meu amigo, desde muito tempo eu já sabia que temos filhos que, desde sua infância, fazem a si mesmos perguntas a respeito de sua família, ficam magoados por causa da fealdade de seu pai e do

meio em que vivem. Notei tais crianças inquietas desde os meus tempos de escola e concluí então que isso provinha do fato de terem conhecido muito cedo a inveja. Somente em seguida fiz parte eu mesmo do número dessas crianças, mas… perdão, meu caro, sou tremendamente distraído. Queria somente dizer quanto tenho temido constantemente aqui por ti, quase todo este tempo. Sempre te vi como uma dessas criaturinhas, mas conscientes de seu talento e refugiando-se na solidão. Eu também, como tu, jamais gostei de meus camaradas. Desgraçadas criaturas essas, abandonadas às suas próprias forças e a seus sonhos e dotadas duma sede apaixonada, demasiado precoce e quase vindicativa, de beleza; sim, vindicativa. Mas basta, meu caro, ainda uma vez desviei-me… Antes de começar a amar-te, já te via, com teus sonhos de solitário, de selvagem… Mas basta; esqueci-me verdadeiramente do que queria falar… Aliás, tudo isso também tinha de ser dito. Antes, antes, que poderia eu ter-te dito? Agora, vejo teu olhar fixo em mim e sei que é meu filho quem me fita. Ontem ainda, não podia crer que me surpreenderia uma ocasião, como hoje, conversando com meu filho.

Tornava-se com efeito distraído ao extremo e ao mesmo tempo parecia profundamente emocionado.

— Agora não tenho mais necessidade de pensar nem de sonhar, agora basta-me tê-lo. Eu o seguirei! — disse eu, a ele me entregando de toda a minha alma.

— Seguir-me, a mim? Mas justamente minhas peregrinações terminaram, precisamente hoje: chegas atrasado, meu caro. Hoje é o fim do derradeiro ato, cai o pano. Este derradeiro ato durou muito tempo. Começou há muitos anos, quando me refugiei pela última vez no estrangeiro. Tudo abandonei então e, fica sabendo, meu amigo, deixei então tua mãe e declarei-lhe isso. Deves saber. Expliquei-lhe que partia para sempre, que ela não me veria nunca mais. O pior é que me esqueci até mesmo de deixar-lhe dinheiro. Não pensei tampouco um só instante em ti. Fui-me com a intenção de permanecer na Europa, meu caro, e nunca mais voltar para casa. Emigrei.

— Para unir-se a Herzen?[115] Para fazer propaganda no estrangeiro? Decerto o senhor participou toda a sua vida de alguma

conspiração — exclamei, incapaz de conter-me.

— Não, meu amigo, não participei de nenhuma conspiração. Vi teus olhos cintilarem; gosto de tuas exclamações, meu caro. Não, parti simplesmente por tédio. Em consequência de um tédio súbito. Era o tédio do gentil-homem russo, não encontro expressão melhor para isso. Um tédio de gentil-homem russo, e nada mais.

— A servidão… a libertação do povo? — murmurei, ofegante.

— A servidão? Crês que eu lamentava a servidão? Que não podia suportar a libertação do povo? Nada disso, meu amigo, aliás, fomos nós que o libertamos. Emigrei sem o menor ressentimento. Acabava de ser conselheiro de paz e fizera tudo quanto pudera; encarniçara-me com desinteresse e, se parti, não foi nem mesmo por ter sido mal recompensado pelo meu liberalismo. Ninguém então foi recompensado entre nós, quero dizer as pessoas como eu. Parti antes por orgulho que por arrependimento, e, acredita, estou bem longe de crer que haja chegado para mim o momento de acabar minha vida como modesto sapateiro. *Je suis gentilhomme avant tout et je mourrai gentilhomme!* Mas nem por isso deixava de sentir-me triste. Há, na Rússia, talvez um milhar de pessoas como eu; não mais, é bem suficiente, porém, para que a ideia não morra. Somos os portadores da ideia, meu caro! Meu amigo, falo-te com a esperança estranha de que compreenderás este mistifório. Fiz-te vir aqui não por um capricho de meu coração: havia muito tempo que pensava no que te diria… a ti, sim, a ti! Aliás… aliás…

— Não, não, fale — exclamei. — Leio em seu rosto a sinceridade… E então, a Europa não o ressuscitou?… Que era esse seu "tédio de gentil-homem"? Perdoe-me, mas não compreendo ainda.

— Se a Europa me ressuscitou? Mas eu mesmo partia para enterrá-la!

— Enterrá-la? — repeti, atônito.

Sorriu.

— Arkádi, meu amigo, agora minha alma enterneceu-se e meu

espírito perturbou-se. Não esquecerei jamais meus primeiros instantes de Europa. Já havia vivido na Europa, mas então estava-se numa época especial e jamais ali havia posto o pé com um pesar tão desesperado, nem… com tanto amor. Vou te contar uma de minhas primeiras impressões de então, um sonho que tive, um verdadeiro sonho.

"Era ainda da Alemanha. Acabava de deixar Dresden, ultrapassara por distração uma estação onde precisava mudar de trem e fora dar em outro ramal. Obrigaram-me logo a descer; era um pouco mais de duas horas da tarde; o tempo estava claro. Era uma cidadezinha da Alemanha. Indicaram-me um hotel. Era preciso esperar: o próximo trem passaria às onze horas da noite. Estava até mesmo encantado com a aventura, porque nada exigia pressa de mim. Vagabundeava, meu amigo, era um vagabundo. O hotel era pequeno e ruim, mas afogado em meio da verdura e das platibandas floridas, como sempre ocorre entre eles. Deram-me um quarto estreito e, como eu tivesse passado a noite inteira viajando, adormeci após o almoço, pelas quatro horas da tarde.

"E tive um sonho absolutamente inesperado, porque jamais vira coisas semelhantes. Há em Dresden, no Museu, um quadro de Claude Lorrain[116] que o catálogo intitula *Acis e Galatéia*. Sempre o chamei *A idade de ouro*, ignoro, aliás, por quê. Vira-o precedentemente e agora, três dias antes, ainda o notara de passagem. Vi, pois, em sonho, aquele quadro, mas não em pintura e, sim, como uma coisa real. Não sei, aliás, exatamente o que vi assim; como no quadro, um canto do Arquipélago, há mais de três mil anos. Vagas azuis e cariciosas, ilhas e rochedos, uma praia florida, no horizonte um panorama deslumbrante, um pôr-de-sol arrebatador… impossível descrever isso com palavras. É a humanidade europeia em seu berço: esta ideia encheu minha alma dum amor filial. Era aquele o paraíso terreal da humanidade: os deuses descendo do céu e aparentando-se com os homens… Oh! como eram belos aqueles homens! Levantavam-se e deitavam-se felizes e inocentes; os prados e bosques enchiam-se de seus cantos e de seus gritos de alegria; um imenso excesso de energias virgens difundia-se em amor e em alegria ingênua. O sol inundava-os de calor e de luz, admirando tão maravilhosas crianças… Sonho

maravilhoso, sublime aberração de humanidade! A idade de ouro é o sonho mais inverossímil de todos quantos já existiram, mas homens deram por ele toda a sua vida e todas as suas forças, por ele morreram e foram mortos os profetas, sem ele não querem os povos viver e nem mesmo podem morrer! E toda aquela sensação vivi-a naquele sonho;os rochedos e o mar, os raios oblíquos do sol poente, tudo isso parecia-me vê-lo ainda, quando acordei e abri os olhos, literalmente banhados de lágrimas. Sentia-me feliz, lembro-me. Uma sensação de felicidade ainda não experimentada atravessou-me o coração, até a dor; era um amor por toda a humanidade. Estava agora totalmente escuro. Através da verdura das flores colocadas sobre a janela, um feixe de raios oblíquos varava a vidraça de meu quartinho e inundava-me de luz. Pois bem, meu amigo, pois bem, aquele sol poente do primeiro dia da humanidade europeia, que eu via no meu sonho, transformou-se de repente para mim, assim que despertei, em uma realidade, em sol poente do derradeiro dia da humanidade europeia! Naquele momento, sobretudo, ouvia-se tanger sobre a Europa um dobre de enterro. Não quero falar apenas da guerra, nem das Tulherias; sabia bem que isso tudo passaria, toda a figura do velho mundo europeu, cedo ou tarde; mas eu, como russo europeu, não podia admitir. Sim, acabavam então de incendiar as Tulherias… Oh! fica tranquilo, sei que era lógico. E compreendo bem o poder irresistível da ideia corrente, mas, como representante do alto pensamento russo, não podia admiti-lo, porque o alto pensamento russo é a conciliação universal das ideias. E quem teria podido compreender então esse pensamento, no mundo inteiro? Eu vagava somente. Não falo de mim pessoalmente, mas do pensamento russo. Lá fora, havia combate e lógica; lá fora, o francês não era senão francês, o alemão, alemão, e isto com uma intensidade mais forte que nunca no curso de toda a sua historia; por consequência, jamais o francês fez tanto mal à França, nem o alemão à sua Alemanha do que naquela época! Em toda a Europa, não havia então um só europeu! Eu somente, entre todos os revolucionários, podia dizer-lhes em rosto que suas Tulherias eram um erro. Eu somente, entre todos os conservadores-vingadores, podia dizer aos vingadores que as Tulherias eram um crime sem dúvida, mas nem por isso deixavam de ser lógicas. E isto, meu menino, porque sozinho, na qualidade de russo, era então na Europa, ‘o único europeu’. Não falo de mim, falo de todo o pensamento russo. Vagabundeava, meu amigo,

vagabundeava e sabia muito bem que só me restava calar-me e vagabundear… Mas apesar de tudo estava triste. É que, meu filho, não posso deixar de respeitar minha nobreza. Ris, creio?”

— Não, não rio — declarei com voz compenetrada. — Não estou rindo, absolutamente. O senhor transtornou-me o coração com sua visão da Idade de Ouro e fique bem certo de que começo a compreendê-lo. Mas o que me torna mais feliz é ver que o senhor se respeita tanto. Apresso-me em declarar-lhe. Jamais teria esperado isso do senhor!

— Já te disse que gosto de tuas exclamações, meu caro! — Sorriu de novo, diante de minha observação ingênua, e, erguendo-se da cadeira, começou, sem dar-se disso conta, a percorrer o quarto para lá e para cá. Levantei-me também. Ele continuou a falar na sua língua estranha, mas com extrema penetração de pensamento.

## III

— Sim, meu filho, repito-te, não posso deixar de respeitar minha nobreza. Criou-se entre nós, no curso dos séculos, um tipo superior de civilização desconhecido em outra parte, que não se encontra mesmo em todo o universo: o de sofrer pelo mundo. É esse um tipo russo, mas, como nasce da categoria mais cultivada do povo russo, tenho, pois, a honra de a ele pertencer. Encerra o futuro da Rússia, não somos talvez senão uns mil indivíduos, talvez mais, talvez menos, mas toda a Rússia não viveu até agora senão para produzir esse milhar. É pouco, dirão, haverá escândalo pelo fato de por causa de um milhar de homens terem sido gastos tantos séculos e tantos milhões de indivíduos. Na minha opinião, não é pouco.

Escutava com dificuldade. Via aparecer a convicção, a tendência de toda uma vida. Aquele milhar de homens traía-o inteiramente! Sentia que aquele excesso de expansão comigo provinha dum abalo interior. Dizia-me todas aquelas palavras calorosas porque me amava; mas a causa pela qual se pusera de repente a falar e pela qual quisera falar-me, precisamente a mim, continuava sempre desconhecida para mim.

— Emigrei — prosseguiu ele —, e nada do que deixava atrás de mim causava-me saudade. Tudo quanto possuía de forças, pusera-o ao serviço da Rússia enquanto nela vivera; uma vez partido, continuei a servi-la, apenas alargando minha ideia. Mas, servindo-a assim, servia-a infinitamente melhor do que se tivesse sido muito simplesmente russo, como o francês de então não era senão francês, e o alemão senão alemão. Na Europa, ainda não compreendem isso. A Europa criou os nobres tipos de francês, do inglês, do alemão, mas de seu homem futuro não sabe ainda quase nada. E creio bem que não quer ainda nada saber. É compreensível: não são livres, ao passo que nós somos livres. Eu somente na Europa, com meu tédio russo, era então livre.

"Presta bem atenção, meu amigo, numa esquisitice: cada francês pode servir, não só a sua França, mas a humanidade, com a condição de apenas de ficar sobretudo francês; o mesmo para o inglês e para o alemão. Somente o russo, mesmo em nossa época, isto é, bem antes de que seja traçado o balanço geral, recebeu a faculdade de ser o mais russo precisamente quando é o mais europeu. É a diferença nacional mais essencial que nos separa de todos os outros e, a este respeito, não somos iguais a ninguém. Na França, sou francês, sou alemão com o alemão, grego com o grego da antiguidade e, por isso mesmo, sempre russo no máximo. Por isso mesmo, sou verdadeiramente russo e presto o máximo de serviços à Rússia, porque dou valor ao seu pensamento principal. Sou o pioneiro desse pensamento. Emigrei, mas deixei a Rússia? Não, continuei a servi-la. Mesmo que nada tenha feito na Europa, mesmo que tenha lá ido simplesmente para andar à toa (e sabia que ia lá unicamente para isso) era bastante para que eu lá fosse com meu pensamento e com minha consciência. Transportei para lá o meu tédio russo. Oh! não era somente o sangue que corria então que tanto me espantou, não foram mesmo as Tulherias, mas tudo quanto se devia seguir. Estavam condenados a bater-se ainda por muito tempo, porque são ainda demasiado alemães e demasiado franceses e não acabaram sua atuação nesses papéis. Até então, eu tinha pena das destruições. Para o russo a Europa é tão preciosa quanto a Rússia; cada pedra dali é doce e querida ao seu coração. A Europa não era menos nossa pátria quanto a Rússia. Mais mesmo! É impossível amar a Rússia mais do que eu amo, mas nunca me censurei por achar Veneza, Roma, Paris, seus tesouros de ciência e de arte, toda sua história, mais

amáveis que a Rússia. Oh! os russos têm amor àquelas velhas pedras estrangeiras, àquelas maravilhas do velho mundo, àqueles restos de milagres sagrados; e até mesmo tudo isso nos é mais querido que a eles! Têm agora outros pensamentos e outros sentimentos, deixaram de apreciar as velhas pedras… Lá, o conservador não luta mais senão pela existência; o extremista só age para reclamar seu direito a um pedaço de pão. Somente a Rússia não vive só para si mesma, mas para o pensamento, e, reconhece isto, meu amigo, é um fato notável que, há quase perto de um século, a Rússia não vive decididamente mais para si mesma, mas unicamente para a Europa! Quanto a eles, estão destinados a terríveis sofrimentos, antes de alcançar o reino de Deus.”

Eu o escutava, confesso, numa perturbação extrema; até mesmo o tom de seu discurso me espantava, se bem que não pudesse impedir-me de ficar impressionado pelas sua ideias. Tinha um medo doentio da mentira. Bruscamente aparteei-o com voz severa:

— O senhor acaba de dizer: “o reino de Deus”. Soube que lá fora o senhor fazia-se pregador, usava cilícios…

— Quanto aos meus cilícios, deixa-os de parte — sorriu ele. — É negócio todo diferente. Naquela época não pregava ainda nada, mas o Deus deles causava-me dó, é verdade. Acabavam de proclamar o ateísmo… um punhado dentre eles, mas pouco importa; eram apenas os primeiros precursores, mas era o primeiro passo na execução, eis o que era grave. Sempre a sua lógica. Ora, a lógica comporta sempre o tédio. Eu pertencia a outra civilização e meu coração não admitia aquilo. Aquela ingratidão com que eles se separavam de uma ideia, aqueles assobios, aqueles arremessos de lama eram-me insuportáveis. Aqueles processos de sapateiro remendão causavam-me medo. Aliás, a realidade sempre cheira à bota, mesmo quando se tende de maneira esplendente para o ideal, e eu devia sem dúvida saber; entretanto eu era outro tipo de homem: tinha liberdade de escolha e eles não. Chorava, chorava por eles, chorava por causa da velha ideia e eram talvez lágrimas verdadeiras que eu chorava, sem belas palavras.

— O senhor acreditava com tanta firmeza em Deus? — perguntei, incrédulo.

— Meu amigo, eis uma pergunta talvez supérflua. Suponhamos mesmo que eu não acreditasse tanto; não podia entretanto impedir-me de lamentar uma ideia. Por momentos, não conseguia imaginar como o homem poderia viver sem Deus, nem se seria jamais possível isso. Meu coração respondia sempre que era impossível; mas talvez em algum período fosse possível… Para mim, não há dúvida alguma de que esse período chegará; mas então eu imaginava quadro bem diverso…

— Qual?

Sem dúvida ele já me declarara que se sentia feliz; havia evidentemente em suas palavras muito entusiasmo; é assim que recordo muito do que me disse então. Respeitando aquele homem, não ousarei certamente trasladar agora para o papel tudo quanto nos dissemos então; mas certos traços do quadro singular que consegui obter dele devem ser aqui mencionados. Sobretudo, eu sempre fora atormentado por aqueles cilícios e queria tirar isso a limpo: por isso insistia. Várias ideias fantásticas e extremamente singulares expressas por ele naquele dia ficaram gravadas no meu coração para todo o sempre.

— Imagino, meu caro — começou ele, com um sorriso meditativo —, o combate agora terminado e a luta acalmada. Após as maldições, os arremessos de lama e os assobios, a acalmia veio e os homens ficaram sós, como queriam: a grande ideia de outrora deixou-os; a grande fonte de energia que até aqui os alimentou e aqueceu retirou-se, como o sol majestoso e sedutor do quadro de Claude Lorrain, mas agora era o derradeiro dia da humanidade. E de repente os homens compreenderam que tinham ficado completamente sós, sentiram bruscamente um grande abandono de órfãos. Meu caro filho, jamais pude imaginar os homens ingratos e embrutecidos. Tornados órfãos, os homens procurariam logo apertar-se uns contra os outros, mais estreitamente e mais afetuosamente; dariam as mãos, compreendendo que doravante são todos uns pelos outros. Então desapareceria a grande ideia da imortalidade e seria preciso substituí-la; todo esse grande excesso de amor para com Aquele que era também a imortalidade seria desviado para a natureza, para o mundo, para os homens, para cada haste de erva. Cairiam de amores pela terra e pela

vida irresistivelmente e na medida mesma em que tomassem progressiva consciência de seu estado passageiro e limitado, de um amor particular que não seria mais o de outrora. Notariam e descobririam na natureza fenômenos e mistérios até agora insuspeitados, porque a olhariam com um olho novo, com um olhar de amoroso para sua bem-amada. Despertariam e teriam pressa em abraçar-se mutuamente, ávidos de amar-se, sabendo que seus dias são efêmeros e que é tudo o que lhes resta. Trabalhariam uns para os outros e cada qual daria tudo a todos e com isso se sentiria feliz. Cada criança saberia e sentiria que todo homem na terra é para ele um pai e uma mãe. "Que seja amanhã meu derradeiro dia, — diria cada qual a si mesmo, olhando o sol poente — morrerei, mas pouco importa: eles ficarão, todos, e após eles, seus filhos." — E este pensamento de que eles ficarão, continuando a amar-se e a tremer uns pelos outros, substituiria a ideia do reencontro além-túmulo. Oh! quanto se apressariam em amar, para afogar o grande pesar de seus corações! Seriam orgulhosos e atrevidos para si mesmos, mas tímidos para os outros; cada qual tremeria pela vida e pela felicidade de cada um. Seriam ternos uns para com os outros e não teriam vergonha, como hoje, trocariam mútuas carícias como crianças. Ao encontrar-se, compartilhariam um olhar profundo e cheio de inteligência e nos seus olhares haveria amor e pesar.

"Meu caro — interrompeu-se ele, de repente, com um sorriso —, tudo isso não passa de uma fantasia e até mesmo das mais inverossímeis; mas imaginei–a bem muitas vezes porque jamais pude viver sem ela, nem impedir-me de nela pensar. Não falo de minha fé: minha fé não é grande: sou deísta, deísta filósofo, como todo esse milhar de homens, pelo menos suponho, mas… mas o que é notável, é que sempre terminei meu quadro por uma visão, como em Heine,[117] "do Cristo sobre o Báltico". Jamais pude passar sem Ele. Não podia deixar de vê-lo afinal, entre os homens tornados órfãos. Vinha a eles, estendia para eles os braços e dizia: "Como pudestes esquecer-me?" Então uma espécie de véu cairia de todos os olhos e ecoaria o hino entusiasta da nova e derradeira ressurreição…

"Deixemos isto, meu amigo; quanto aos meus cilícios é uma tolice: não te inquietes. Uma coisa ainda: sabes que sou pudico e

sóbrio na minha linguagem; se me deixei levar a falar tanto foi… por causa de diversos sentimentos e porque estou contigo; a nenhuma pessoa direi jamais nada. Acrescento isto para tranquilizar-te.”

Mas eu estava realmente comovido; a mentira que eu temia não estava ali e sentia-me particularmente feliz por ver doravante com clareza que ele vivia de fato presa do tédio, que sofria, e que certamente amava muito: e era o que me comovia mais. Falei-lhe nisso com arrebatamento.

— Mas o senhor sabe — acrescentei de repente — que me parece que, apesar do todo o seu tédio, o senhor devia ser mesmo muito feliz naquela época?

Desatou alegremente a rir.

— Tuas observações hoje acertam bem no alvo — disse ele. — Sim, era feliz, e poderia eu ser infeliz, com semelhante tédio? Não há criatura mais livre e mais feliz do que o vagabundo russo e europeu que pertence ao nosso milhar de indivíduos. Falo seriamente, pois há nisso muito de sério. Sim, meu tédio, eu não o teria trocado por não importa qual felicidade. Neste sentido, sempre fui feliz, meu caro, toda a minha vida. E foi por pura felicidade que amei então tua mãe pela primeira vez em minha vida.

— Como pela primeira vez em sua vida?

— É isso. Vagando e em meu tédio, de repente amei-a como jamais a amara antes e logo mandei chamá-la.

— Oh! conte-me isso, fale-me de mamãe.

— Mas foi para isso que te chamei e, bem sabes — sorriu alegremente —, já temia que me dispensasses de falar de mamãe, em troca de Herzen ou de alguma conspiraçãozinha…

## Capítulo VIII

### I

Uma vez que passamos todo o serão a conversar e entramos noite adentro, não reproduzirei tudo quanto foi dito, mas somente o que me explicou afinal um ponto enigmático de sua vida.

Começarei por isto: não constitui mais nenhuma dúvida para mim que tenha amado mamãe e que, se a abandonou e se separou dela, partindo para o estrangeiro, foi pelo fato de estar por demais acabrunhado de tédio ou qualquer outra razão deste gênero, o que acontece aliás a todo mundo aqui na terra, mas é sempre difícil de explicar. No estrangeiro, aliás, após muito tempo decorrido, voltou de súbito a sentir de novo amor por mamãe, de longe, em pensamento, e mandou buscá-la. Um capricho, alguém poderia dizer, mas eu direi de outro modo: na minha opinião, havia ali tudo quanto pode haver de sério na vida de um homem, apesar de todas as misturas cuja presença admito em parte. Mas juro, seu tédio europeu está fora de dúvida, e não está somente no nível, mas infinitamente acima de não importa qual dessas atividades práticas de hoje, a construção de estradas de ferro por exemplo. No seu amor à humanidade, vejo um sentimento extremamente sincero e profundo, sem a menor falsidade; e no seu amor por mamãe, algo de absolutamente indiscutível, embora talvez também um tanto fantástico. No estrangeiro, no tédio e felicidade, e, acrescentarei ainda, no isolamento mais estritamente monacal (esta informação particular foi-me fornecida mais tarde por Tatiana Pávlovna), lembrou-se de súbito de mamãe, lembrou-se precisamente de suas faces cavadas e imediatamente mandou buscá-la.

— Meu amigo — esta frase escapou-lhe entre outras —, senti de chofre que servir a ideia não me libertava absolutamente, como criatura moral e sensata, do dever de me tornar, no curso de minha vida, uma pessoa ao menos praticamente feliz.

— Então, foi um pensamento tão livresco a causa de tudo? — perguntei, perplexo.

— Não é um pensamento livresco. De fato, talvez sim. Tudo se confunde: amava tua mãe realmente, sinceramente, não absolutamente de maneira livresca. Se não a tivesse amado daquela maneira, não a teria mandado buscar, teria feito a felicidade do primeiro alemão ou da primeira alemã que aparecesse, uma vez

descoberta essa ideia. Quanto a fazer obrigatoriamente a felicidade duma criatura pelo menos no curso de sua vida, mas praticamente, isto é, efetivamente, tornada mandamento para todo homem culto, exatamente como poderia fazer uma lei ou uma obrigação para todo camponês de plantar pelo menos uma árvore em sua vida, dado o desflorestamento da Rússia; aliás, uma árvore seria pouco, seria possível ordenar que plantasse uma cada ano. Um homem superior e culto que persegue um elevado pensamento, volta por vezes as costas à vida cotidiana, torna-se ridículo, caprichoso e frio e até mesmo, direi francamente, estúpido, na vida prática, entende-se, mas também, afinal, até nas suas teorias. Assim, o dever de se ocupar com a prática e de fazer a felicidade verdadeira de pelo menos uma criatura real curaria e rejuvenesceria em primeiro lugar o benfeitor. Como teoria é muito ridícula, mas, se isso entrasse na prática e se transformasse em costume, não seria tão estúpido. Experimentei-o por mim mesmo: desde que comecei a desenvolver essa ideia dum novo mandamento — no começo, à maneira de brincadeira, naturalmente —, comecei a compreender quanto era grande o amor que se aninhava em mim por tua mãe. Até então não havia absolutamente compreendido que a amava. Enquanto vivia com ela, contentava-me em encontrar nisso o meu prazer no período de sua beleza; mais tarde tornei-me caprichoso. Foi somente na Alemanha que compreendi que a amava. Isso começou pelas sua faces cavadas, que eu não podia jamais rememorar, que eu via mesmo por vezes com uma dor no coração, literalmente uma dor, verdadeira, física. Há lembranças dolorosas, meu caro, que causam um mal real; existem em cada um de nós, ou pouco falta, mas são esquecidas; acontece, porém, que, de repente, a gente relembra logo, por vezes um simples traço e não se pode mais destacar daquilo. Pus-me, pois, a recordar mil detalhes de minha vida com Sônia; no final, eles voltavam por si mesmos e sitiavam-me em massa; estiveram a ponto de me matar de tormentos, enquanto a esperava. Mas atormentava-me sobretudo a lembrança de seu eterno rebaixamento diante de mim, a ideia de que ela sempre se considerara como infinitamente abaixo de mim sob todos os aspectos e — imagina — até mesmo fisicamente. Sofria rajadas de vergonha e de rubor, quando, por vezes, olhava suas mãos e seus dedos, que nada tinham de aristocráticos. Não era somente de seus dedos, mas de toda a sua pessoa que ela se envergonhava, se bem que eu amasse sua beleza.

Mostrava-se sempre para comigo pudica até a selvageria. E o que era mau era que, nesse pudor, se sentia sempre uma espécie de medo. Em suma, considerava-se diante de mim, como não sei que de inexistente, ou de quase inconveniente. Por vezes, sem dúvida, no começo, acreditava que ela via em mim sempre seu amo e tinha medo de mim, mas não era isso de modo nenhum. E, no entanto, juro, era ela mais que qualquer outro capaz de compreender meus defeitos e jamais encontrei em toda a minha vida coração de mulher tão delicado e tão perspicaz. Como se sentia infeliz quando, no começo, quando ela era ainda tão bela, eu a obrigava a se enfeitar. Havia naquilo amor-próprio e também outro sentimento pronto a magoar-se: compreendia que não seria jamais uma dama e que com um traje estrangeiro seria muito simplesmente ridícula. Como mulher, não queria ser ridícula na sua indumentária e compreendia que cada mulher deve ter seu traje próprio, o que milhares e centenas de milhares de mulheres não compreenderão jamais; que estejam na moda e é bastante! Tinha ela medo de meu olhar zombeteiro, aí está! Mas era-me sobretudo penoso lembrar-me de seus olhares profundamente espantadiços, que muitas vezes surpreendia pousados em mim, durante toda a nossa união: sentia-se neles uma perfeita compreensão de sua sorte e do futuro que a esperava, a ponto de sentir-me eu mesmo constrangido, se bem que, confesso, não entrasse em conversa com ela e tratasse-a sempre com certo desdém. E, sabes, ela não foi sempre medrosa e arisca como hoje; agora ainda, acontece-lhe alegrar-se de chofre, e ficar bonita como uma mulher de vinte anos; mas então, na sua juventude, adorava por vezes tagarelar e rir, naturalmente na sua sociedade, com as arrumadeiras, com nossos familiares; e quanto estremecia quando, subitamente, eu a surpreendia rindo! Como corava depressa e me olhava com medo! Um dia, já bem perto da véspera do dia em que me separaria dela, entrei em seu quarto e encontrei-a sozinha, sem trabalho de costura, de cotovelos sobre a mesa e numa profunda meditação. Não lhe acontecia quase nunca estar assim desocupada. Naquele momento, já havia deixado de acariciá-la desde muito tempo. Pude aproximar-me dela muito de mansinho, na ponta dos pés e de repente agarrá-la e beijá-la… Estremeceu: não esquecerei jamais aquele enlevo, aquela felicidade que se pintou em seu rosto, e de repente tudo aquilo deu lugar a um rápido rubor e seus olhos lançaram um clarão. Sabes o que li naquele clarão? “Deste-me uma

esmola, eis o que é isto!” Soluçou como uma histérica, sob o pretexto de que eu a havia assustado; mas eu mesmo fiquei pensativo. Em geral, todas essas recordações são uma coisa bem penosa, meu amigo. É como entre os grandes artistas: há por vezes nos seus poemas cenas tão dolorosas, que nos fazem mal em seguida a vida inteira quando recordadas, por exemplo o último monólogo de Otelo, Ievguéni aos pés de Tatiana,[118] ou então o encontro do forçado evadido com a criança, a menina, na noite fria, junto dum poço, em *Os miseráveis*, de Victor Hugo; isso atravessa o coração da gente uma vez e depois a ferida permanece para sempre. Oh! como eu esperava Sônia e como queria beijá-la o mais cedo possível! Sonhava, com uma impaciência convulsa, com todo um programa de vida nova; sonhava com destruir pouco a pouco em sua alma, graças a um esforço metódico, seu eterno medo diante de mim, com fazer-lhe compreender o que ela valia, quanto mesmo estava ela acima de mim. Oh! eu bem sabia, já naquele momento, que sempre começava a amar tua mãe desde que estávamos separados e que me arrefecia sempre, quando estávamos de novo reunidos. Mas naquele momento havia outra coisa, não era isso.

Estava admirado; uma pergunta atravessou-me a mente: “E ela?”.

— E então, como se deu o encontro? — perguntei, prudentemente.

— Naquela ocasião? Mas não ocorreu nunca. Ela chegou com dificuldade até Königsberg e ali ficou, enquanto eu me encontrava à margem do Reno. Não fui encontrá-la, mandei-lhe dizer que me esperasse. Vimo-nos muito mais tarde, oh! muito tempo depois, quando fui pedir-lhe permissão para me casar.

## II

Não reproduzirei aqui o essencial do assunto, isto é, o que pude dele reter. Aliás, ele próprio pôs-se a falar sem nexo. O que dizia tornou-se de súbito dez vezes mais incoerente e mais desordenado, assim que chegou a esse ponto.

Encontrou Katierina Nikoláievna por acaso, precisamente quando esperava mamãe, no minuto mais impaciente daquela espera. Estavam

todos então veraneando, à margem do Reno, numa estação de águas. O marido de Katierina Nikoláievna achava-se já quase moribundo ou, pelo menos, condenado pelos médicos. Ela o impressionou desde o primeiro encontro: parecia ter sido enfeitiçado. Era uma fatalidade. Reparei que anotando e recordando agora tudo isso, não tenho lembrança de que ele tenha alguma vez empregado no seu relato a palavra "amor" nem que haja dito ter sido fascinado. Quanto à palavras "fatalidade" essa retive-a.

E foi de fato uma fatalidade. Ele não quis aquilo, não quis amar. Não sei se sou capaz de explicar claramente; mas toda a sua alma estava indignada por ter tal coisa podido acontecer-lhe. Tudo quanto havia nele de livre fora bruscamente aniquilado diante daquele encontro e o homem viu-se para sempre ligado a uma mulher que nada tinha em comum com ele. Não desejara aquela escravidão da paixão. Direi hoje com franqueza: Katierina Nikoláievna é um tipo raro de mulher do mundo, tipo que, talvez, não se encontre naqueles meios. É um tipo de mulher simples e franca no mais alto ponto. Ouvi dizer, ou antes sei de fonte certa, que era por isso que se tornava irresistível na sociedade quando nela se mostrava (muitas vezes dela se afastava completamente). Viersílov, naturalmente, por ocasião daquele primeiro encontro, não acreditou que ela fosse senhora dessas qualidades e acreditou justamente o contrário, isto é, que era afetada e hipócrita. Reproduzirei aqui, antecipando, o julgamento que ela proferiu a respeito dele: assegurava que ele não pudera ter dela outra opinião, "porque um idealista, entrechocando-se com a realidade, é sempre mais levado que os outros a supor toda espécie de sujeiras". Ignoro se isto é verdade em geral no que se refere aos idealistas, mas era perfeitamente verdadeiro a respeito dele. Acrescentarei talvez aqui meu próprio julgamento, que se formou no meu espírito enquanto o escutava: disse a mim mesmo que ele amava mamãe com um amor por assim dizer humanitário e universal em vez de com o simples amor com que amamos em geral as mulheres e que, ao primeiro encontro com uma mulher a quem amou com esse amor simples, repeliu logo esse amor, sem dúvida por falta de hábito. Mas talvez seja uma ideia falsa: aliás, não a expus a ele. Teria sido uma falta de tato; juro que ele se achava num estado em que devia ser poupado: estava transtornado. Em certos trechos de seu relato, interrompia-se por

vezes e ficava em silêncio por vários minutos, andando pelo quarto com um rosto carrancudo…

Ela não tardou em penetrar-lhe o segredo. Oh! talvez tivesse coqueteado com ele de propósito. Até mesmo as mulheres mais puras são vulgares em casos assim, é nelas um instinto irresistível. Tudo acabou por um rompimento violento e creio mesmo que ele quis matá-la; causou-lhe medo e teria talvez matado mesmo; mas tudo isso transformou-se bruscamente em ódio. Em seguida, sobreveio um período singular: dominou-o de súbito uma ideia estranha: matar-se por meio da disciplina, essa mesma disciplina que os monges empregam. Por meio de uma prática progressiva e metódica, a gente domina a própria vontade, começando pelas coisas mais ridículas e mais miúdas, para acabar por conquistar triunfo completo sobre a vontade, tornando-se livre. Acrescentou que nos monges era coisa séria, pois que erigida em ciência graças a mil anos de experiência. Mas o mais notável é que essa ideia de disciplina veio-lhe então não para se desembaraçar de Katierina Nikoláievna, mas graças a uma convicção integral de que, longe de amá-la doravante, odiava-a ao derradeiro ponto. Acreditou de tal forma em seu ódio por ela que imaginou de repente enamorar-se de sua enteada, enganada pelo príncipe, e casar-se com ela, persuadindo-se de seu novo amor e atraindo irresistivelmente o amor da pobre idiota, amor que lhe proporcionou, nos derradeiros meses de sua vida, felicidade perfeita. Por que, em lugar dela, não se lembrou ele de mamãe, que continuava a esperá-lo em Königsberg? Resta isto para mim inexplicado… Pelo contrário, esqueceu mamãe súbita e completamente, a ponto de deixar de mandar-lhe dinheiro para manter-se, tanto que deu ela então sua salvação a Tatiana Pávlovna. Entretanto, de repente, foi ao seu encontro para lhe pedir a permissão de casar-se com aquela moça; sob o pretexto de que semelhante noiva não era uma mulher. Oh! talvez isso tudo seja o retrato de um homem livresco, como o qualificou mais tarde Katierina Nikoláievna. Mas por que esses homens livrescos (se são verdadeiramente livrescos) são capazes apesar de tudo de atormentar-se tão verdadeiramente e de chegar a semelhantes tragédias? Aliás, naquela noite, pensei um pouco de outra maneira e fui abalado por uma ideia:

— Toda a sua cultura, toda a sua alma, deve-as o senhor ao sofrimento e aos combates de toda a sua vida, ao passo que ela recebeu a perfeição gratuitamente. É uma desigualdade… Nisso é que se torna revoltante a mulher. — Disse não para ficar bem visto aos olhos dele, mas com ardor e até mesmo indignação.

— A perfeição? Sua perfeição? Mas ela não possui a mínima perfeição! — declarou ele, quase espantado com as minhas palavras. — É a mais ordinária das mulheres, até mesmo uma mulher sem valor nenhum… Mas é obrigada a ter todas as perfeições!

— Por que isso, obrigada?

— Porque tendo semelhante poder, é obrigada a ter todas as perfeições! — exclamou, encolerizado.

— O mais triste é que o senhor se vê agora todo atormentado! — Esta frase escapara-me a contragosto meu.

— Agora? Atormentado? — repetiu, parando diante de mim, numa espécie de perplexidade. De súbito, um sorriso tranquilo, pensativo e prolongado, iluminou-lhe o rosto e ele ergueu o dedo, como se lembrando de alguma coisa. Em seguida, completamente de volta a si, pegou de cima da mesa uma carta aberta e atirou-a à minha frente:

— Toma, lê! Deves saber tudo absolutamente… Por que me deixaste durante tanto tempo mexer nessas velhas patranhas? Não faço senão sujar e irritar meu coração!…

Não saberia exprimir meu espanto! Aquela carta era-lhe dirigida por ela, naquele mesmo dia e chegara às cinco horas da tarde. Li-a, tremendo quase de emoção. Não era longa, mas escrita com tanta franqueza e sinceridade que, ao lê-la, parecia-me vê-la diante de mim e ouvir suas palavras. De maneira perfeitamente verídica (e por consequência quase tocante), confessava-lhe seu temor e em seguida suplicava-lhe que a deixasse em paz. Ao terminar, informava-o de que agora casaria decididamente com Bioring. Até então ela nunca lhe havia escrito.

E eis o que compreendi das explicações dele.

Acabara apenas de ler aquela carta, quando sentiu de chofre em si um fenômeno totalmente inesperado: pela primeira vez naqueles dois anos fatais, não sentia o menor ódio contra ela, nem o menor abalo, como no momento em que, ainda outrora, perdera a cabeça ao simples nome de Bioring. “Pelo contrário, dirigi-lhe minha benção de todo o meu coração”, disse-me com profundo sentimento. Escutei estas palavras com admiração. Assim, tudo quanto havia nele de paixão, de sofrimento, desaparecera de repente, por si mesmo, como um sonho, como uma obsessão de dois anos. Admirado de si mesmo, apressara-se em ir à casa de mamãe e entrara no momento preciso em que ela se tornara “livre” e em que o ancião, que na véspera a legara a ele, acabava de morrer. Essas duas coincidências haviam-no transtornado. Um momento depois, pusera-se à minha procura e não esquecerei jamais que tenha tão depressa pensado em mim.

Não esquecerei tampouco o fim daquele serão. Aquele homem achou-se ainda uma vez e de súbito totalmente transformado. Ficamos juntos até alta noite. Que efeito produziu em nós aquela notícia, direi mais tarde, no tempo devido; no momento, vou me limitar a algumas palavras de conclusão a respeito dele. Ao refletir hoje, compreendo que o que me seduziu mais então, foi aquela espécie de humildade diante de mim, aquela sinceridade tão verdadeira diante de um rapazola de minha espécie! “Era cegueira, mas abençoada seja! — exclamou. — Sem essa cegueira, eu não teria talvez jamais tornado a encontrar em meu coração, tão completamente e para sempre, minha única rainha, minha mártir, tua mãe.” Estas palavras entusiastas que lhe escaparam irresistivelmente, anoto-as de modo bem particular, na previsão do que virá depois. Mas então ele se apoderou de minha alma e dominou-a.

Lembro-me de que ao final estávamos numa alegria louca. Mandou buscar champanhe e bebemos à saúde de mamãe e ao futuro. Estava tão cheio de vida, tão disposto a viver! Mas se estávamos loucamente alegres, não era por efeito do vinho: não tínhamos bebido senão duas taças cada um. Não sei por quê, mas no fim ríamos sem poder conter-nos. Pusemo-nos a falar de coisas indiferentes; contou anedotas, eu também. Aquelas risadas e aquelas anedotas eram

perfeitamente inocentes, de modo algum zombeteiras, mas nos alegravam. Não queria deixar-me ir: “Fica, fica, fica ainda!” — repetia e eu ficava. Chegou a sair para acompanhar-me; a noite estava esplêndida, geava levemente.

— Diga-me: o senhor já lhe respondeu? — perguntei de repente, completamente de improviso, apertando-lhe uma última vez a mão, numa encruzilhada.

— Não, ainda não. Mas não tem importância. Volta amanhã, vem mais cedo… Ah! uma coisa ainda: abandona completamente Lambert e rasga o “documento” o mais depressa possível. Adeus!

Dito isto, foi-se embora de súbito; fiquei plantado no lugar e tão perturbado que não ousei chamá-lo. A palavra documento havia-me sobretudo abalado. De quem teria ele sabido, e em termos tão precisos, senão de Lambert? Voltei para casa numa perturbação extrema. Uma ideia atravessou-me o cérebro: como pôde acontecer que uma obsessão de dois anos tenha desaparecido como um sonho, como uma fumaça, como uma visão.

## Capítulo IX

### I

Acordei de manhã mais animado e bem disposto. Censurei-me mesmo, involuntária e cordialmente, certa ligeireza e uma espécie de desdém com que, lembrava-me, escutara na véspera certas passagens da confissão dele. Era por vezes desordenada, certas revelações eram um pouco nebulosas e mesmo incoerentes; mas preparara-se ele para um discurso de orador quando me convidara a ir à sua casa? Tinha-me simplesmente feito uma grande honra dirigindo-se a mim como a seu único amigo, numa ocasião como aquela e jamais me esquecerei disto. Pelo contrário, sua confissão era comovedora, muito embora possa-se zombar de mim por causa desta expressão, e se por vezes continha elementos cínicos ou mesmo um pouco ridículos, eu era demasiado liberal para não compreender ou não admitir o realismo — sem macular aliás o ideal. Sobretudo, havia afinal compreendido aquele

homem e estava um pouco zangado e despeitado por ter sido tão simples: sempre colocara aquele homem em meu coração a uma altura extrema, nas nuvens; era-me absolutamente necessário vestir de mistério o seu destino e desejava naturalmente que esse mistério não fosse descoberto com tanta facilidade. Aliás, no seu encontro com ela e nos seus dois anos de sofrimentos, houvera também muita coisa complicada: "Não tinha desejado a fatalidade; tinha necessidade de ser livre e não da servidão do destino; fora essa servidão do destino que o obrigara a magoar a mamãe que o esperava em Königsberg…". Além disso, aquele homem era, em todo o caso, para mim um pregador; trazia em seu coração a idade de ouro e conhecia o futuro do ateísmo. Pois bem, seu encontro com ela havia quebrado tudo, tudo deformara! Oh! decerto não a traí, mas, no entanto, tomei o partido dele. Mamãe, por exemplo, raciocinava eu, nada teria perturbado no destino dele, mesmo que o desposasse. Compreendia-o; era tudo diferente de seu encontro com a outra. Mamãe, sem dúvida, não lhe teria ainda assim dado a calma, mas era mesmo melhor assim: homens como esses devem ser julgados de outro modo, sua vida será sempre assim: não há nada nisso de monstruoso; pelo contrário, a monstruosidade seria se encontrassem a calma ou, em geral, se se tornassem semelhantes a todos os homens médios… Seu elogio da nobreza e sua frase: "Morrerei gentil-homem" não me perturbavam absolutamente: compreendia de que espécie de gentil-homem se tratava; o que dá tudo e se faz o núncio do cidadão do universo e da grande ideia russa da reunião universal das ideias. Tudo isso eram talvez tolices, quero dizer "a reunião universal das ideias" (que é evidentemente indispensável), mas ainda assim era já bastante bom que ele dedicasse todas a sua vida à ideia e não ao estúpido bezerro de ouro. Meu Deus! mas que, depois que concebi a minha ideia, será que me curvei diante do bezerro de ouro, será do dinheiro que eu tinha necessidade? Juro: não necessitava senão da ideia! Juro, não teria forrado de veludo para mim uma cadeira sequer, nem um único divã e teria comido, com cem milhões, o mesmo prato de sopa de hoje!

Vesti-me e senti-me irresistivelmente impelido para ele. Acrescentarei: por conta de sua alusão da véspera ao documento, estava também cinco vezes mais tranquilo do que na véspera. Primeiro, esperava explicar-me com ele; depois, se Lambert se tivesse

insinuado também em casa dele e lhe houvesse falado de alguma coisa, sensação extraordinária; era a ideia de que agora ele não a amava mais; tinha disso uma persuasão absoluta e sentia que era um peso tremendo de que se libertara meu coração. Lembro-me mesmo duma suposição que me atravessou então o cérebro: a monstruosidade e o absurdo de sua derradeira e furiosa rebentina ao saber notícia de Bioring e o envio de sua carta injuriosa; esse excesso tinha podido ser o anúncio e a previsão duma mudança radical nos seus sentimentos e de uma pronta volta ao bom-senso; devia ser, dizia eu a mim mesmo, pouco mais ou menos, como numa doença e devia chegar ao ponto oposto: um episódio médico e nada mais! Esta ideia enchia-me de felicidade.

"E agora, que ela disponha de seu destino como o entender, que se case com seu Bioring como lhe agradar, mas pelo menos que ele, meu pai, meu amigo, não a ame mais!", exclamei. Aliás, havia certo mistério nos meus próprios sentimentos, mas aqui, nestas memórias, não tenho vontade de insistir no assunto.

Chega. Agora, relatarei todos os horrores que se seguiram e toda a maquinação dos fatos, desta vez sem quaisquer considerações.

## II

Às dez horas, como me preparasse para sair (para ir à casa dele, naturalmente), apareceu Dária Onísimovna. Perguntei-lhe alegremente se não vinha da parte dele e tive o pesar de saber que não era absolutamente da parte dele, mas da de Anna Andriéievna e que ela, Dária Onísimovna, "saíra do apartamento ao nascer do dia".

— De que apartamento?

— Mas daquele, o de ontem. O apartamento de ontem, com a criancinha, está alugado em meu nome, mas é Tatiana Pávlovna quem paga…

— Que me importa isso! — interrompi-a, zangado. — Mas ele, pelo menos, está em casa? Vou encontrá-lo lá?

Fiquei espantado ao saber que ele saíra ainda mais cedo do que

ela; portanto, ela saíra ao nascer do dia e ele ainda antes.

— E agora, já terá voltado?

— Não, não voltou decerto e talvez mesmo não volte, absolutamente — declarou ela, olhando-me com seu olhar agudo e velhaco, que não desviava de mim, justamente como por ocasião da visita já contada, quando eu estava de cama, doente. O que me enraivecia sobretudo eram aqueles mistérios e aquelas bobagens que reapareciam: aquela gente, decididamente, não podia passar sem mistério e ardil.

— Por que disse que ele certamente não voltará? Que quer dizer com isso? Foi à casa de mamãe, eis tudo!

— Não sei.

— Mas a senhora, por que veio?

Declarou-me que, no momento, vinha da casa de Anna Andriéievna e que esta me convidava e me esperava urgentemente agora, senão "será demasiado tarde". De novo, esta palavra enigmática fez-me sair dos eixos:

— Por que demasiado tarde? Não quero ir lá e não irei! Não me deixarei dominar uma vez mais! Diga-lhe que mando ao diabo Lambert e acrescente que se ela me enviar o seu Lambert, será posto de porta afora aos empurrões. Diga-lhe assim mesmo!

Dária Onísimovna, ficou apavorada.

— Há! Não, não! — deu um passo para mim, juntando as mãos e quase a suplicar-me — não se impaciente assim. A coisa é grave, mesmo muito grave para o senhor, para eles também, para Andriéi Pietróvitch, para sua mamãe, para todo mundo… Vá ver imediatamente Anna Andriéievna, porque ela não pode esperá-lo mais muito tempo… Asseguro-lhe sobre minha honra… Depois, o senhor tomará uma decisão.

Olhei-a com surpresa e aversão.

— Bobagens! Não se passará nada absolutamente, não irei! — exclamei com teimosia e maldade. — Agora, tudo está mudado! Será a senhora capaz de compreender? Adeus, Dária Onísimovna, não irei, de propósito, e de propósito não quero perguntar-lhe nada. Vocês me fariam perder a cabeça. Não quero meter-me nas complicações de vocês.

Mas, uma vez que ela não se retirava e continuava plantada ali, peguei minha peliça e meu gorro e saí, deixando-a no meio do quarto. Não havia no meu quarto nem cartas, nem papéis, e quase nunca o fechava a chave ao sair. Mas não chegara ainda à porta da rua, quando meu locador, Piotr Ipolítovitch, sem chapéu e de jaquetão, correu atrás de mim:

— Arkádi Makárovitch! Arkádi Makárovitch!

— Que é que quer ainda o senhor?

— Não tem ordens a dar ao sair?

— Não.

Olhou-me com um olhar penetrante e visivelmente inquieto:

— A respeito do alojamento, por exemplo?

— Como? A respeito do alojamento? Mandei-lhe o dinheiro do trimestre!

— Mas não, não se trata de dinheiro — disse ele, sorrindo de repente e demoradamente e continuando a devassar-me com o olhar.

— Afinal, que tem vocês todos? — gritei, quase com raiva. — Que lhe é preciso ainda?

Esperou alguns segundos, como se esperasse sempre alguma coisa de mim.

— Então, vai me dizer mais tarde… já que agora não está disposto — resmungou ele, com um sorriso ainda mais demorado. — Pois bem, vá, é preciso que eu vá também ao meu emprego.

Tornou a subir a escada correndo. Naturalmente, tudo aquilo fazia pensar. Faço propósito de não negligenciar detalhe algum de todos aqueles pequenos absurdos do momento, porque cada qual entrou mais tarde para o buquê definitivo e nele encontrou seu lugar, como poderá o leitor ficar persuadido, pois que é a pura verdade. Se eu estava tão transtornado e tão irritado era que acabara de reencontrar nas palavras deles aquele tom de intriga e de enigma de que tinha náusea e que me relembrava o passado. Mas prossegui.

Viersílov não estava em casa; partira, com efeito, ao nascer do dia; "Estará certamente em casa de mamãe", pensei, teimando. Nada perguntei à ama da criança, uma boa mulher bastante tola; não havia na casa nenhuma outra pessoa. Corria à casa de mamãe e, confesso, numa tal inquietação que a meio do caminho tomei um carro. Não aparecia em casa de mamãe desde a véspera à noite. Só estavam com ela Tatiana Pávlovna e Lisa. Assim que entrei, Lisa preparou-se para sair.

Continuavam lá em cima, no meu "ataúde". No salão, embaixo, estava Makar Ivânovitch estendido sobre a mesa e um velho desconhecido lia lentamente salmos. Não descreverei mais nada do que não tiver ligação direta com o assunto. Anotarei somente que o caixão, já feito e já ali, na sala, não era ordinário: embora preto, estava forrado de veludo e a mortalha que cobria o corpo era cara, luxo que não convinha ao ancião, nem às suas convicções; mas tal fora o desejo imperioso de mamãe e de Tatiana Pávlovna.

Não esperava naturalmente encontrá-las alegres; mas de súbito o pesar esmagador, a inquietação e a preocupação que li em seus olhos impressionaram-me, e concluí ali mesmo que havia certamente outra coisa que não só o defunto. De tudo isso, repito, me lembro perfeitamente.

Apesar de tudo, beijei ternamente mamãe e logo interroguei-a a respeito dele. No mesmo instante, acendeu-se em seu olhar uma curiosidade alarmada. Acrescentei apressadamente que tínhamos passado o serão juntos até alta noite, mas que hoje ele não estava em casa, desde o nascer do dia, quando ele próprio me convidara na véspera, ao separar-nos, para ir lá o mais cedo possível. Mamãe não

respondeu nada, mas Tatiana Pávlovna, aproveitando uma ocasião, ameaçou-me com o dedo.

— Até a vista, mano! — cortou, de repente, Lisa, saindo rapidamente do quarto. Naturalmente, alcancei-a, mas estava parada diante da porta de saída.

— Já imaginava que terias a ideia de seguir-me — disse ela, num cochicho rápido.

— Que se passa, Lisa?

— Eu mesma não sei de nada; mas, muitas coisas. É certamente o desfecho daquela "eterna história". Ele não veio, mas tem informações a seu respeito. Não te contarão nada, fica tranquilo, e não lhes perguntes tampouco, se tens um tantinho de miolo; mamãe está mais morta que viva. Eu tampouco nada perguntei. Até a vista!

Abriu a porta.

— Lisa, e tu não sabes de nada? — E saltei atrás dela pelo vestíbulo. Sua fisionomia tremendamente fatigada, desesperada, varava-me o coração. Olhou-me, não com cólera, mas quase com crueldade, sorriu com amargura e fez um sinal de desespero:

— E mesmo se ele estivesse morto, seria muito melhor! — gritou-me da escada enquanto descia. Referia-se ao Príncipe Sierguiéi Pietróvitch, que estava então de cama com febre e sem conhecimento. "A eterna história! Que eterna história?", pensei com irritação e tive logo vontade de contar-lhes pelo menos uma parte de minhas impressões da véspera, após sua confissão noturna e essa mesma confissão. "Fazem a respeito dele não sei que más ideias;pois bem, que fiquem sabendo tudo!" Eis o pensamento que me atravessou a mente.

Lembro-me de que comecei meu relato muito habilmente. No mesmo instante, uma curiosidade louca estampou-se em seus rostos. Por uma vez ao menos, a própria Tatiana Pávlovna bebia minhas palavras; mamãe mostrava-se mais reservada; grande gravidade na fisionomia, mas um sorriso leve, admirável, embora absolutamente desesperado, iluminou seu rosto e nele perdurou quase até o fim da

narrativa. Eu falava, naturalmente bem, sabendo embora que me tornava para elas quase ininteligível. Para grande espanto meu, Tatiana Pávlovna não me fez chicanas, nem pediu detalhes precisos, não me aprontou armadilhas, como fazia sempre, quando eu me punha a falar. Limitava-se, de tempos em tempos, a cerrar os lábios e a semicerrar os olhos, como num esforço para compreender. Por instantes, parecia-me mesmo que elas apreendiam tudo, mas era quase impossível. Por exemplo, falei das convicções dele, sobretudo de seu entusiasmo por mamãe, de seu amor por mamãe, contei como havia beijado o retrato dela… Ao escutar-me, trocavam em silêncio olhares rápidos; mamãe ficou toda corada; aliás continuaram as duas sem nada dizer. Em seguida… em seguida não pude naturalmente, diante de mamãe, tocar no ponto essencial, isto é, no encontro dele com a outra e sua "ressurreição" moral após aquela carta; ora, o essencial estava ali, de sorte que todos os seus sentimentos da véspera, com os quais esperava alegrar tanto mamãe, permaneceram naturalmente incompreendidos, e não por culpa minha, pois que tudo quanto era possível contar, contei muito bem. Quando terminei, estava absolutamente atrapalhado; o silêncio delas não cessara e sentia-me muito pouco à vontade ali entre elas.

— Decerto, já voltou. Talvez esteja em minha casa, à minha espera — disse, levantando-me para retirar-me.

— Pois bem, vá lá, vá lá! — confirmou Tatiana Pávlovna, categórica.

— Estiveste embaixo? — perguntou-me mamãe, num murmúrio.

— Sim, ajoelhei-me e rezei com ele. Que belo rosto calmo tem ele, mamãe! Obrigado por não ter nada poupado para dar-lhe um belo caixão. A princípio isso me pareceu estranho, mas logo imediatamente pensei que teria feito outro tanto.

— Virás amanhã à igreja? — perguntou ela e seus lábios tremeram.

— Que tem a senhora, mamãe? — perguntei, admirado. — Hoje também irei assistir ao ofício e voltarei ainda; e depois… amanhã é seu aniversário, mamãe, minha querida amiga! Se ele tivesse vivido

mais três dias apenas!

Retirei-me tomado dum doloroso espanto: que pergunta engraçada! Perguntar-me se irei ou não à igreja! E se estão tão preocupadas por minha causa, que pensam então dele?

Sabia que Tatiana Pávlovna correria atrás de mim e por isso parei de propósito na soleira. Ela me alcançou com efeito, empurrou-me com a mão até a escada, passou à minha frente e fechou a porta.

— Tatiana Pávlovna! Então não espera a senhora Andriéi Pietróvitch nem hoje, nem mesmo amanhã? Estou aterrorizado…

— Cala-te. É muito importante estares aterrorizado! Fala: não disseste tudo, ao contares aquelas histórias de ontem.

Não achei necessário dissimular e, quase zangado com Viersílov, contei-lhe toda a história da carta de Katierina Nikoláievna e do efeito produzido, isto é, sua ressurreição para uma nova vida. Com grande surpresa minha, o fato daquela carta não lhe causou o mínimo espanto e compreendi que ela já estava prevenida.

— Estás mentindo?

— Não, não estou mentindo.

— E achas — sorriu perfidamente, como se refletindo — que ele ressuscitou? Só faltava isto! É verdade que ele beijou o retrato?

— É verdade, Tatiana Pávlovna.

— Beijou-o com sentimento, não fingiu?

— Fingiu? Será que ele finge algumas vezes? A senhora deveria envergonhar-se, Tatiana Pávlovna. Tem alma grosseira, alma de mulher.

Disse isto com ardor, ela, porém, fingiu não ter entendido. Estava de novo mergulhada em seus pensamentos, a despeito do frio que reinava na escada. Eu estava de peliça, ao passo que ela trazia apenas o vestido.

— Vou te confiar mesmo assim uma coisa, mas é uma pena que sejas tão bobo — afirmou com desprezo e como que aborrecida. — Escuta, pois: vai então à casa de Anna Andriéievna e olha o que lá se passa, em casa dela… Ou antes, não vás lá; nunca passarás de um imbecil! Vamos, anda, que fazes aí, plantado como um marco?

— Ah! não! Não irei à casa de Anna Andriéievna. E, no entanto, a própria Anna Andriéievna mandou chamar-me.

— Ela própria? Por Dária Onísimovna? — E voltou-se bruscamente para mim; já se ia retirando e abria a porta, mas tornou a fechá-la.

— Por coisa alguma do mundo irei à casa de Anna Andriéievna! — repeti com prazer. — E não irei, porque acabam de tratar-me de imbecil, justamente quando nunca fui tão penetrante como hoje. Desvendo todas as histórias de vocês. Em todo o caso, não irei à casa de Anna Andriéievna.

— Bem o sabia! — exclamou ela, mas sem responder ao que eu havia dito, prosseguindo nas suas reflexões. — Vão agora amarrá-la e metê-la no saco.

— A quem? A Anna Andriéievna?

— Idiota!

— Então a respeito de quem está falando? De Katierina Nikoláievna? Que saco? — Eu estava tremendamente aterrorizado. Uma ideia vaga, mas horrível, atravessou-me toda a alma. Tatiana lançou-me um olhar percuciente:

— E tu, que tens com isso? — perguntou ela, de chofre. — Que papel desempenhas nisso? Ouvi falar de ti também. Toma cuidado!

— Escute, Tatiana Pávlovna. Vou lhe contar um segredo terrível, mas não agora, não tenho tempo: amanhã, em particular. Somente, diga-me agora mesmo toda a verdade e de que saco se trata… porque estou tremendo todo…

— Pouco me importa que tremas todo! — exclamou ela. — Qual é

ainda esse mistério que queres contar-me amanhã? Vamos, diz francamente, não sabes de nada? — E fixou em mim um olhar interrogador. — Será que não lhe juraste então que havias queimado a carta de Kraft?

— Tatiana Pávlovna, repito-lhe, não me atormente — continuei, por minha vez, sem responder à sua pergunta, porque estava fora de mim —, preste atenção, Tatiana Pávlovna: o fato de a senhora me esconder alguma coisa poderá dar causa a algo de pior… Ontem à noite ele estava em plena ressurreição!

— Vai-te para o diabo, farsante! Estás apaixonado, tu também, como um fedelho. O pai e o filho enamorados da mesma mulher! Puxa! Que nojentos!

Desapareceu, batendo a porta com indignação. Furioso diante do cinismo descarado, impudente, de suas derradeiras palavras, esse cinismo de que só uma mulher é capaz, saí dali correndo, profundamente magoado. Mas não reproduzirei minhas impressões perturbadas: dei minha palavra; contarei somente os fatos, que, agora, darão a chave de tudo. Naturalmente, dei novo pulo à casa dele e de novo soube pela ama que ele não voltara.

— E não voltará?

— Só Deus sabe!

## III

Os fatos, os fatos!… Mas compreende o leitor alguma coisa? Lembro-me até que ponto, eu mesmo, fui então esmagado por esses mesmos fatos, que não conseguia compreender, tanto que no fim do dia tinha a cabeça literalmente revirada. Por isso, em duas ou três palavras, anteciparei os acontecimentos.

Eis em que consistiam todos os meus tormentos: se na véspera ele ressuscitara e deixara de amá-la, neste caso onde devia estar hoje? Resposta: antes de tudo, em minha casa, comigo, a quem ontem abraçou, e logo depois em casa de mamãe, cujo retrato beijou. Pois bem, em lugar dessas duas visitas naturais, acontecia que deixava sua

casa ao nascer do dia e desaparecera não se sabia onde, e Dária Onísimovna contava que sem dúvida ele não voltaria. Mais ainda: Lisa falava do desfecho duma "eterna história", assegurava que mamãe tinha certas informações a respeito dele, mais recentes ainda; além disso, conhecia-se certamente a carta de Katierina Nikoláievna (havia-o notado), e apesar de tudo não se acreditava na sua ressurreição para uma nova vida, se bem que me tivessem ouvido atentamente. Mamãe estava mais morta do que viva e Tatiana Pávlovna sorria perfidamente àquela palavra "ressurreição". Mas então seria o caso de ter-lhe ocorrido, durante a noite, outra revolução, nova crise, e isto depois do seu entusiasmo de ontem, de seu enternecimento, de todo aquele patético? De modo que, toda aquela ressurreição rebentara como uma bolha de sabão. E talvez agora estivesse ele presa da mesma raiva que tomara depois do caso de Bioring! Então que seria de mamãe, de mim, de nós todos e… que seria afinal dela? De que saco falava Tatiana, enviando-me à casa de Anna Andriéievna? Era então ali que se encontrava aquele saco, em casa de Anna Andriéievna? E por que em casa de Anna Andriéievna? Corri, decerto, à casa de Anna Andriéievna. Foi de propósito, por despeito, que disse que não iria; agora corria para lá. Mas que disse Tatiana do documento? Não foi ele quem me disse ontem: "Queima o documento"?

Tais eram meus pensamentos. Eis o que me estrangulava. Mas tinha sobretudo necessidade dele. Com ele, sentia isso, num piscar de olhos teria resolvido tudo; teríamos nos compreendido por meias palavras. Teria segurado suas mãos, as teria apertado; teria encontrado em meu coração palavras calorosas, pensava eu a contragosto. Teria triunfado de sua loucura!… Mas onde estava ele? Onde estava ele? Só me faltava, em semelhante ocasião, encontrar Lambert, quando eu estava tão exaltado! Ainda alguns passos e cheguei à casa, quando, de repente, dei com Lambert. Lançou gritos de alegria ao ver-me e pegou-me pela mão.

— É a terceira vez que venho à tua casa… *Enfin!* Vamos almoçar.

— Para! Vens de minha casa?… Andriéi Pietróvitch não estava lá?

— Não. Não há ninguém. Deixa-os a todos! Imbecil! Tu te zangaste ontem; estavas bêbedo e preciso falar-te seriamente. Soube

hoje de excelentes notícias a respeito do que dizíamos ontem…

— Lambert — interrompi-o, ofegante e apressado, declamando ligeiramente, malgrado meu —, se parei, foi unicamente para romper de uma vez para sempre contigo. Já te disse isso ontem, mas obstinas-te em não me compreender. Lambert és uma criança e bobo como um francês. Imaginas sempre que estás no Pensionato Touchard e que continuo tão bobo como era ali… Mas não sou mais tão bobo quanto era no Pensionato Touchard… Ontem estava bêbedo, não de vinho, mas porque já estava excitado; se aprovei o que contavas foi porque fingia, para conhecer teu pensamento. Enganava-te e tu te rejubilaste, e acreditaste em mim e continuaste a tagarelar. Fica sabendo: casar-me com ela é uma tolice em que até mesmo um aluno da classe preparatória jamais acreditaria. Pode-se imaginar que eu haja acreditado? No entanto, tu o imaginaste! É que não és recebido na boa sociedade e não sabes o que ali acontece. As coisas não se passam tão facilmente entre eles, na alta-roda. Que ela venha a decidir subitamente casar comigo, não é coisa tão simples… agora vou te dizer claramente o que queres: queres atrair-me para fazer-me beber, para que eu entregue o documento e participe contigo de alguma tratantada contra Katierina Nikoláievna! Pois bem, enganas-te, jamais irei à tua casa e hás de saber também que, já amanhã, ou em todo o caso, depois de amanhã, estará aquele papel nas mãos dela, porque aquele documento lhe pertence, porque foi ela quem o escreveu, e eu vou entregá-lo pessoalmente e, se queres saber onde, pois bem, fica sabendo que o remeterei por intermédio de Tatiana Pávlovna e que, em troca, nada reclamarei dela… E agora: em frente, marcha! De outro modo, de outro modo, Lambert, serei menos delicado…

Terminado isto, fui tomado dum tremor. A pior coisa, o pior hábito, um hábito que prejudica todo homem e em qualquer circunstância, é querer mostrar-se. Que diabo me levou a acalorar-me diante dele a ponto de contar-lhe, ao acabar o que dizia e martelando com prazer as palavras e elevando cada vez mais a voz, aquele detalhe completamente supérfluo que entregaria a ela o documento por intermédio de Tatiana Pávlovna e em casa desta? Tivera uma vontade brusca de fulminá-lo de estupor! Quando lhe falei tão cruamente do documento e percebi de súbito seu espanto imbecil, veio-me a vontade

de esmagá-lo ainda mais com a precisão dos detalhes. Pois bem, aquela tagarelice vaidosa de comadre foi mais tarde causa de horríveis desgraças, porque aquele detalhe referente a Tatiana Pávlovna e seu alojamento gravou-se logo no seu espírito de canalha e de homem prático nos negócios escusos; nos grandes e nos sérios era uma nulidade e nada compreendia, mas para detalhes como aquele tinha sempre faro. Se eu não houvesse nomeado Tatiana Pávlovna, muitas desgraças não teriam acontecido. Entretanto, depois de ter me escutado, ele se achou a princípio completamente desconcertado.

— Escuta — gaguejou —, Alfonsina… Alfonsina cantará… Alfonsina esteve em casa dela; escuta: tenho uma carta, quase uma carta, em que Akhmákova fala de ti, foi o bexiguento que a arranjou. Lembras-te do bexiguento? Verás, verás, vamos lá!

— Mentes! Mostra a carta!

— Está em casa, em casa de Alfonsina, vamos lá!

Mentia, naturalmente, delirava, no seu medo de que lhe escapasse; mas larguei-o de repente no meio da rua e, quando ele fez menção de seguir-me, parei e ameacei-o com o punho. Hesitou um momento, o que me permitiu fugir. Talvez novo plano já lhe germinasse na cabeça. Mas para mim as surpresas e os encontros inopinados não estavam terminados. Quando me lembro daquele dia de desgraças, parece-me sempre que aquelas surpresas e aqueles encontros inopinados combinaram-se para chover sobre mim de não sei qual cornucópia. Mal abrira a porta do apartamento, encontrei, já na antecâmara, um rapaz de elevada estatura, de rosto oval e pálido, porte majestoso e distinto, trazendo uma maravilhosa peliça. Usava um *pince-nez*; mas, logo depois que me viu, retirou-o (sem dúvida por cortesia) e, tirando polidamente com a mão sua cartola, sem parar de resto, disse-me com um sorriso delicado: *Ah! bonsoir!* Depois desceu a escada. Logo nos reconhecemos, se bem que só o tivesse visto uma vez, de passagem, em Moscou. Era o irmão de Anna Andriéievna, o camareiro, o jovem Viersílov, filho de Viersílov, e por consequência, quase meu irmão. Estava acompanhado pela locadora (seu marido ainda não voltara da repartição). Depois que ele saiu, atirei-me a ela:

— Que faz ele aqui? Estava no meu quarto?

— Oh não, no seu quarto, não. Foi a mim que veio ver… — cortou ela, rápida e secamente, voltando-me as costas.

— Não, isto não ficará assim! — exclamei. — Queira responder-me: que veio ele fazer?

— Ah! meu Deus! Então é preciso contar-lhe por que as pessoas vem cá? Creio que nós também podemos ter os nossos negócios. Aquele jovem talvez tenha vindo pedir dinheiro emprestado, perguntar-me um endereço. Talvez já lhe houvesse prometido da última vez…

— Como? Da última vez?

— Ah! meu Deus! Mas não é a primeira vez que ele vem cá!

Foi-se embora. Compreendera que o tom mudava na casa: metiam-se a dizer-me grosseiras! Outro segredo! Os segredos acumulavam-se a cada passo, a cada hora. Da primeira vez o jovem Viersílov viera com sua irmã, Anna Andriéievna, enquanto eu estava doente; lembrava-me muito bem disso e também de que Anna Andriéievna deixara escapar na véspera uma pequena frase espantosa: que talvez o velho príncipe se refugiasse em minha casa… mas tudo aquilo era tão confuso e tão anormal que não podia compreender quase nada. Bati na testa e, sem mesmo sentar-me para repousar, corri à casa de Anna Andriéievna. Não estava em casa, mas o suíço respondeu-me que ela partira para Tsárskoie Sieló; só voltaria no dia seguinte, mais ou menos àquela mesma hora.

— Para Tsárskoie Sieló? Decerto para a casa do velho príncipe e seu irmão inspeciona o meu alojamento! Não, é impossível!

Rangia os dentes. “E se há nisso com efeito uma ameaça, defenderei a pobre mulher!”.

De volta da casa de Anna Andriéievna, não entrei na minha, porque de repente no meu cérebro inflamado surgiu a lembrança do botequim, junto ao canal, aonde Andriéi Pietróvitch tinha o costume

de ir em suas horas de tristeza. Cheio de regozijo a esta ideia, corri para lá no mesmo momento; já eram mais de três horas e a tarde caía. No botequim, disseram-me que ele tinha estado lá: “Ficou um momento e depois partiu. Talvez volte”. Decidi de súbito, com toda a minha energia, esperá-lo e mandei que me servissem jantar; havia pelo menos uma esperança.

Jantei, comi até mesmo demais, para ter o direito de ficar o maior tempo possível, creio bem que fiquei ali umas quatro horas. Não descrevo meu pesar e minha impaciência febril. Tudo em mim era abalado e tremia. Aquele realejo, aqueles bebedores, todo aquele tédio gravaram-se em minha alma, talvez por toda a vida! Não descrevo tampouco os pensamentos que se elevavam em minha cabeça como uma nuvem de folhas secas, no outono, após um furacão; era na verdade algo nesse gênero e, confesso, sentia por momentos faltar-me a razão.

Mas o que me atormentava até o sofrimento (deixando, naturalmente, de lado o sofrimento principal), era uma impressão tenaz, venenosa, tenaz como uma mosca de outono, na qual a gente não pensa, mas gira em torno de nós, importuna-nos e de chofre nos pica dolorosamente. Não era senão uma lembrança, um acontecimento a respeito do qual ainda não falei a ninguém no mundo. Eis de que se trata, porque é preciso ainda assim contá-lo em alguma parte.

## IV

No momento em que, em Moscou, já estava decidido que eu partiria para Petersburgo, fizeram-me saber por Nikolai Siemiônovitch que eu esperasse o dinheiro que me enviariam para a viagem. Da parte de quem viria esse dinheiro foi coisa de que não indaguei; sabia que era de Viersílov e como naquela época, noite e dia, eu sonhava, com um bater de coração e com planos audaciosos, no meu encontro com Viersílov, cessei completamente de falar disso em voz alta, até mesmo com Mária Ivânovna. Lembro, aliás, que tinha meu dinheiro próprio para a viagem; mas decidi, apesar de tudo, esperar! Supunha que o dinheiro viria pelo correio.

Ora, um belo dia, Nikolai Siemiónovitch, regressando à casa,

declarou-me (brevemente, segundo seu costume, e sem insistir) que eu deveria ir no dia seguinte à Mojáiskaia Úlitsa, às onze horas da manhã, à casa e apartamento do príncipe V…ski e que ali o camareiro Viersílov, filho de Andriéi Pietróvitch, que havia chegado de Petersburgo e se hospedara em casa de seu colega de ginásio, o Príncipe V…ski, me entregaria a soma enviada para a viagem. A coisa parecia muito simples: Andriéi Pietróvitch teria podido muito bem confiar aquele encargo a seu filho, em lugar de enviar a soma pelo Correio; apesar disso, essa notícia abafou-me e amedrontou-me de maneira pouco natural. Não havia dúvida alguma de que Viersílov queria que eu travasse conhecimento com seu filho, meu irmão; assim desenhavam-se as intenções e os sentimentos do homem com quem eu sonhava. Mas uma questão colossal se apresentava: como eu iria e como deveria conduzir-me, naquele encontro totalmente inesperado e não teria minha dignidade de sofrer com isso?

No dia seguinte, às onze horas em ponto, apresentei-me no apartamento do Príncipe V…ski, uma instalação de solteirão, mas, pelo que me pareceu, luxuosamente mobiliada, com criados de libré. Parei na antecâmara. Do interior chegavam rumores de conversação animada e de risada: além do camareiro tinha o príncipe outros convidados. Fiz-me anunciar, e sem dúvida em termos bastante altivos, pelo menos, ao retirar-se, o lacaio olhou-me com estranheza e até mesmo, ao que me pareceu, menos respeitosamente do que teria convindo. Para meu grande espanto, ficou bastante tempo ausente, cerca de cinco minutos, e durante aquele tempo ouviam-se sempre as mesmas risadas e os mesmos ecos de conversação.

Eu esperava, naturalmente, de pé, sabendo muito bem que sendo um senhor como ele, era inconveniente, impossível, sentar-me na antecâmara, onde se conservavam os lacaios. Por outra parte, não queria, a preço algum, por minha própria autoridade e sem convite particular, pôr o pé no salão, isso por orgulho; por orgulho refinado, é possível, mas era preciso agir assim. Fiquei admirado ao ver os lacaios que ficavam (dois) permitir-se sentarem-se na minha presença. Voltei o rosto para não notar isso e não obstante pus-me a tremer da cabeça aos pés. De repente, dando meia volta e abordando um dos lacaios ordenei-lhes que fosse imediatamente anunciar-me ainda uma vez.

Apesar do meu olhar severo e minha extrema excitação, o lacaio olhou-me, cheio de preguiça, sem se levantar e foi o outro quem respondeu em lugar dele:

— Já foi anunciado, fique tranquilo!

Resolvi esperar ainda um minuto somente eu mesmo, se possível, menos de um minuto, e depois ir-me embora. Estava corretamente trajado; meu terno e meus sobretudos eram novos, minha roupa branca absolutamente limpa, tendo Maria Ivânovna tomado com ela um cuidado todo especial para a ocasião. Mas, no que se refere aos lacaios, soube de fonte certa, muito mais tarde e já em Petersburgo, que eles tinham sido informados na véspera, por um criado vindo com Viersílov, que ia chegar um sujeito, irmão natural e estudante. Agora, sei disso com toda a certeza.

Passou-se o minuto. Aquela sensação singular que a gente experimenta quando quer tomar uma decisão e não consegue: partir, ou não, ir-se embora, ou não?, sentia-a eu a cada segundo, quase estremecendo; de repente apareceu o lacaio que fora anunciar-me. Tinha na mão, entre os dedos, quatro cédulas vermelhas, quarenta rublos.

— Tome, queira receber estes quarenta rublos!

Fervi. Que injúria! Durante toda a noite precedente, sonhara com o encontro organizado por Viersílov entre os dois irmãos; toda a noite perguntara a mim mesmo febrilmente como iria conduzir-me para não deixar que me rebaixassem — não deixar diminuir todo o ciclo de ideias que forjara no meu isolamento e do qual podia orgulhar-me em não importa que meio. Pensava em quanto me mostraria nobre, orgulhoso e triste talvez, mesmo na presença do Príncipe V…ski e em como seria dessa maneira introduzido diretamente naquele mundo. Oh! não me poupo; é bem assim que deve ser registrado o fato, em seus menores detalhes! E bruscamente, aqueles quarenta rublos, enviados por meio de um lacaio, na antecâmara, após dez minutos de espera, e diretamente da mão, dos dedos do lacaio, e não sobre uma bandeja ou num envelope!

Gritei com tanta força para o lacaio que ele tremeu e recuou;

ordenei-lhe imediatamente que tornasse a levar o dinheiro: “Que seu amo me entregue em pessoa!” — em suma, minha exigência era naturalmente incoerente e decerto incompreensível para o lacaio. Entretanto, gritei tão alto que ele me obedeceu. Além disso, meus gritos foram ouvidos no salão e as conversas e risadas cessaram logo.

Quase imediatamente, ouvi passos, importantes, medidos, macios, e a elevada estatura dum jovem belo e altivo (pareceu-me então ainda mais pálido e mais magro do que por ocasião desse segundo encontro) mostrou-se na soleira, ou antes parou a menos de um *archin* antes da soleira. Trazia um maravilhoso roupão de quarto de seda vermelha e chinelos, um lornhão. Sem dizer uma palavra, assestou seu lornhão para meu lado e pôs-se a examinar-me. Como um animal selvagem, dei um passo para ele e plantei-me numa atitude de desafio, olhando-o fixamente. Mas ele só me examinou assim um instante, não mais de dez segundos; de repente, surgiu-lhe nos lábios um sorriso de escárnio imperceptível e, no entanto, infinitamente ferino, ferino justamente porque quase imperceptível; girou nos calcanhares em silêncio e voltou para o apartamento, sem mais se apressar, tão mansa e regularmente como tinha vindo. Oh! esses insolentes aprendem desde a infância, em sua família, com suas mães, a ofender os outros! Naturalmente, perdi a presença de espírito… Oh! por que a perdi?

Quase no mesmo instante, o mesmo lacaio voltou com mesmas cédulas nas mãos:

— Queira aceitar. É uma remessa de Petersburgo. Não se pode receber o senhor. Numa outra ocasião, talvez, quando meu senhor estiver mais livre. — Senti que aquelas últimas palavras foram por ele acrescentadas por conta própria. Mas minha confusão continuava; peguei o dinheiro e dirigi-me para a porta; foi mesmo em consequência da confusão que o aceitei, pois que era preciso recusá-lo; mas desejando o lacaio naturalmente ofender-me, permitiu-se uma verdadeira saída de lacaio: bruscamente escancarou a porta à minha frente e, conservando-a escancarada, pronunciou com voz grave e enfática, quando passei diante dele:

— Faça o favor!

— Canalha! — berrei, erguendo o braço, mas sem deixá-lo recair. — E teu amo é outro! Vá dizer-lhe imediatamente! — acrescentei, alcançando rapidamente a escada.

— O senhor não tem o direito! Se dissesse isso imediatamente ao meu senhor, ele poderia mandá-lo conduzir neste momento à delegacia com um bilhete seu. Quanto a ameaçar-me, não tem o senhor o direito…

Desci a escada. A escada era luxuosa, a descoberto e do alto podia-se ver-me completamente, enquanto eu desci pisando o tapete vermelho. Os três lacaios surgiram e postaram-se no alto da rampa. Naturalmente, decidi manter-me em silêncio: como haveria de discutir com lacaios? Cheguei embaixo sem apressar o passo e creio mesmo que retardando-o.

Oh! haverá talvez filósofos (vergonha para eles!) que dirão que isto são tolices, irritação de fedelho;pois seja! Mas para mim era uma ferida, uma ferida que ainda não cicatrizou, mesmo no minuto presente em que escrevo e em que tudo já está acabado e até mesmo vingado. Oh! juro, juro! Não sou rancoroso nem vingativo. Sem dúvida, tenho sempre vontade, até o sofrimento, de vingar-me quando me ofendem, mas, juro, é somente por generosidade. Vou lhe retribuir generosamente, mas de maneira que ele o sinta, que o compreenda e eis-me vingado! A este propósito, acrescentarei: não sou vingativo, mas rancoroso, embora generoso: será o mesmo com os outros? Naquele momento, pois, chegara com sentimentos generosos, talvez ridículos, pois seja! porém vale mais ser ridículo e magnânimo que não ser ridículo, mas baixo, vulgar, medíocre! Daquele encontro com meu “irmão” não falei a ninguém, nem mesmo a Maria Ivânovna, nem mesmo a Lisa, em Petersburgo: aquele encontro equivalia a uma bofetada vergonhosamente recebida. E eis que, de repente, dava com aquele senhor no momento em que menos o esperava. Sorri para mim, tira o chapéu e diz-me de chofre, cordialmente: *Bonsoir*. Naturalmente, era caso para ficar-se pensativo… Mas a ferida se reabrira!

## V

Após mais de quatro horas passadas no botequim, saí de lá, de

repente, correndo, como que dominado por um ataque, para ir, como era natural, à casa de Viersílov, e mais uma vez não o encontrei em casa: não voltara absolutamente; a ama estava preocupada e rogou-me de súbito que lhe mandasse de volta Dária Onísimovna. Como se fosse bem nisso que eu pensasse! Corri também à casa de mamãe, mas não entrei, e chamei Lukiéria no vestíbulo. Disse-me que ele não estava lá e que Lisa tampouco havia regressado. Vi que Lukiéria teria querido também fazer uma pergunta e, talvez também, encarregar-me de um recado; mas era lá nisso que eu pensava?! Restava uma derradeira esperança: teria ele ido à minha casa? Mas não acreditava mais nisso.

Já preveni que quase perdera a razão. Ora, eis que de repente encontro em meu quarto Alfonsina e meu locador. Saíam naquele momento, é verdade, e Piotr Ipolítovitch trazia uma vela na mão.

— Que significa isso? — gritei quase absurdamente para o locador. — Como ousou o senhor introduzir essa criatura em meu quarto?

— Ah! — exclamou Alfonsina. — *Et les amis?*

— Fora daqui! — berrei.

— *Mais c'est un ours!*[119] — e voou para o corredor, fazendo uma cara de susto e desaparecendo logo no quarto da locadora. Piotr Ipolítovitch, sempre com a vela na mão, aproximou-se de mim, com fisionomia severa:

— Permita-me que lhe faça observar, Arkádi Makárovitch, que o senhor se acalora por demais. Por mais que o respeitemos, devemos dizer que a Senhorita Alfonsina não é uma criatura e mesmo muito pelo contrário. Veio visitar não o senhor, mas minha mulher. São conhecidas desde algum tempo.

— E como tomou o senhor a liberdade de introduzi-la no meu quarto? — repeti, segurando a cabeça que quase de súbito me estava doendo tremendamente.

— Ora, por acaso. Entrei para fechar o postigo que eu havia aberto para arejar e, como prosseguíssemos com Alfonsina Kárlovna

nossa conversa anterior, entrou ela, conversando, no seu quarto, unicamente para acompanhar-me.

— É falso. Alfonsina é uma espiã, Lambert é um espião! Talvez o senhor mesmo seja outro! E Alfonsina entrou no meu quarto para roubar alguma coisa.

— Como queira. Hoje o senhor diz uma coisa, amanhã outra. Mas aluguei meu apartamento por algum tempo. Minha mulher e eu vamos nos mudar para o gabinete; de modo que Alfonsina Kárlovna é agora locatária aqui, tão locatária quanto o senhor.

— Foi a Lambert que o senhor alugou o apartamento? — gritei, espantado.

— Não, a Lambert não — sorriu com a habitual lentidão, sorriso em que se lia, aliás, certa firmeza que sucedia ao embaraço da manhã —, e suponho que o senhor saiba mesmo a quem; somente finge não saber, apenas para se divertir e é por isso que se zanga. Boa noite!

— Sim, sim, deixe-me tranquilo, deixe-me tranquilo! — E fiz um gesto com a mão, chorando quase, de modo que ele me fitou, espantado; não obstante, saiu. Corri o ferrolho da porta e estendi-me sobre a cama, com a cabeça no travesseiro. Eis como se passou para mim aquele primeiro e terrível dia dos três últimos dias fatais que terminam minhas memórias.

# Capítulo X

## I

Mas, ainda uma vez, anteciparei os acontecimentos: julgo necessário dar desde agora alguns esclarecimentos ao leitor, porque se misturaram ao curso lógico desta história tantos incidentes fortuitos que, sem explicações prévias, seria impossível achar caminho. Tratava-se daquele saco de que falara Tatiana Pávlovna. Consistia em que Anna Andriéievna havia arriscado, afinal, o passo mais ousado que se podia imaginar na sua situação. Eis na verdade uma mulher de caráter! Se bem que o velho príncipe, sob o pretexto de saúde, se tivesse confinado em Tsárkoie Sieló, de modo que a notícia de seu casamento com Anna Andriéievna não pudera espalhar-se na sociedade e fora por um momento afogada por assim dizer em germe, apesar disso, o fraco ancião, do qual se podia fazer tudo quanto se quisesse, não teria jamais consentido, por preço algum, em abandonar sua ideia e trair Anna Andriéievna, que o havia pedido em casamento. A este respeito era um cavalheiro; cedo ou tarde, podia de repente erguer-se e pôr em execução seu intento com uma energia indomável, o que acontece tantas vezes, justamente aos caracteres fracos, porque há um limite além do qual não se deve impeli-los. Além disso, ele se dava perfeita conta da situação delicada de Anna Andriéievna, a quem respeitava infinitamente, bem como da possibilidade de falatórios, de zombarias, de boatos maldosos a seu respeito. O que o acalmava e detinha no momento era apenas o fato de Katierina Nikoláievna nunca ter-se permitido, nem por palavras, nem por alusões, emitir na sua presença uma opinião desabonadora sobre Anna Andriéievna, nem nada manifestar contra sua intenção de desposá-la. Pelo contrário, testemunhava uma alegria extrema, uma extrema atenção pela noiva de seu pai. Achava-se assim Anna Andriéievna numa situação extremamente delicada, compreendendo bem, com seu faro de mulher, que, arriscando o menor ataque contra Katierina Nikoláievna, diante da qual o príncipe vivia também em adoração, hoje mesmo mais do que nunca e justamente porque ela havia tão generosa e tão

respeitosamente concordado em que se casasse, ofenderia seus sentimentos mais delicados e despertaria nele uma desconfiança a seu respeito e talvez mesmo indignação. Era, pois, sobre esse campo que se travava no momento a batalha: as duas rivais pareciam competir em delicadeza e paciência, e o príncipe, finalmente, não sabia mais qual das duas era mais admirável. Segundo o costume de todos os homens fracos, mas de coração terno, acabou por sofrer e por acusar-se a si mesmo de tudo. Sua melancolia, dizem, chegou a ser doença; seus nervos, destrambelhavam-se, e, em lugar de se restabelecer em Tsárskoie, esteve, assegurava-se, a ponto de ir para a cama.

Anotarei aqui entre parênteses uma coisa que só vim a saber muito tempo depois: Bioring teria proposto muito simplesmente a Katierina Nikoláievna levar o velho para o estrangeiro, preparando-o para isso por meio de alguma astúcia, fazendo correr secretamente a razão; após o que, no estrangeiro, fácil seria obter um atestado dos médicos. Mas era o que Katierina Nikoláievna não teria aceitado por coisa alguma no mundo; pelo menos afirmava-se assim mais tarde. Teria, pois, repelido esse projeto com indignação. Tudo isso não passa de um boato muito remoto, mas creio nele.

Ora, estando o caso, por assim dizer, metido num beco sem saída, eis que Anna Andriéievna sabe por Lambert que existe uma carta na qual a filha consulta um jurista a respeito do meio de fazer declarar louco seu pai. Seu espírito orgulhoso e vingativo ficou excitado ao extremo ponto. Lembrando-se de suas anteriores conversações comigo e reaproximando uma multidão de circunstâncias ínfimas, não pôde duvidar da exatidão da notícia. Então, naquele coração de mulher, firme e inflexível, amadureceu irresistivelmente um plano de ataque. Consistia em revelar bruscamente ao príncipe, sem rodeios nem frases de espécie alguma, toda a história, em amedrontá-lo, em abalá-lo, em mostrar-lhe que o asilo de alienados o esperava fatalmente e, no momento em que ele se obstinasse, se indignasse, se recusasse a crer, mostrar-lhe a carta de sua filha: “Essa intenção de declará-lo louco já existiu: portanto, hoje, para impedir seu casamento, com mais forte razão”. Em seguida, pegar o velho apavorado, siderado, e transportá-lo para Petersburgo, diretamente para minha casa.

Era um risco terrível, mas ela contava firmemente com seu poder.

Direi aqui, afastando-me um instante de meu assunto e antecipando de muito os acontecimentos, que não se enganava a respeito do efeito do golpe; pelo contrário, ultrapassou sua expectativa. A notícia daquela carta agiu sobre o velho príncipe ainda mais fortemente do que ela mesma e nós todos o supúnhamos. Jamais soubera, até então, que o príncipe já conhecesse alguma coisa daquela carta; mas segundo o costume de todos os homens fracos e tímidos, não acreditara naquele boato e defendera-se com todas as suas forças, para conservar sua tranquilidade; mais ainda, acusava-se de ingratidão e leviandade. Acrescentarei também que o fato da existência da carta agiu do mesmo modo sobre Katierina Nikoláievna de maneira infinitamente mais forte do que o esperava eu então… Em suma, aquele papel revelou-se muito mais importante do que eu supunha, eu que o trazia no meu bolso. Mas estou antecipando demais.

Mas por que, alguém poderia perguntar, trazê-lo para minha casa? Por que trazer o príncipe para nossos miseráveis quartinhos e apavorá-lo talvez com tão miserável quadro? Se era impossível mantê-lo em sua casa (porque podia-se ali impedir de súbito todo o empreendimento), por que não lhe dar um alojamento rico, como o propunha Lambert? Mas nisso consistia todo o risco do passo extraordinário de Anna Andriéievna.

O essencial era, logo depois da chegada do príncipe, apresentar-lhe o documento; mas eu não queria entregá-lo por coisa alguma no mundo. Como não houvesse tempo a perder, contando sempre Anna Andriéievna com seu poder, decidiu-se empreender a coisa sem o documento, mas conduzindo o príncipe diretamente para minha casa. E por quê? Justamente para me comprometer em primeiro lugar e, como diz o provérbio, de uma cajadada matar dois coelhos. Contava agir também sobre mim pelo choque, pelo abalo, pela surpresa. Refletia que, vendo em minha casa o velho, vendo seu pavor, sua fraqueza e dando ouvidos à prece comum deles dois, eu me renderia e apresentaria o documento! Confesso, o cálculo era hábil e inteligente, psicológico e esteve mesmo a ponto de ser bem sucedido. Quanto ao velho, Anna Andriéievna o enganou, obrigou-o a crer mesmo apenas em palavras, declarando-lhe muito simplesmente que o conduzia para minha casa. Tudo isso vim a saber mais tarde. Bastou-lhe a notícia de

que o documento estava em minha casa para liquidar em seu coração tímido as derradeiras dúvidas sobre a realidade do fato, tanto gostava de mim e me respeitava!

Anotarei ainda que a própria Anna Andriéievna não duvidou um só instante de que o documento estivesse ainda em minha casa e não o tivesse entregue ainda. Sobretudo, compreendia mal meu caráter, contava cinicamente com minha inocência, minha simplicidade, até mesmo minha sensibilidade; por outra parte, achava que, mesmo se eu me decidisse a remeter a carta a Katierina Nikoláievna por exemplo, seria necessariamente em certas circunstâncias especiais: essas circunstâncias, apressava-se em preveni-las, em preveni-las pela surpresa, pelo ataque brusco, pelo choque.

Enfim, fora assegurada de tudo isso por Lambert. Já disse que a situação de Lambert era naquele momento extremamente crítica: ele, o traidor, queria, com todas as suas forças, afastar-me de Anna Andriéievna, para que, de acordo com ele, vendesse o documento a Akhmákova, o que ele achava mais vantajoso. Mas, como, por coisa alguma no mundo, eu não consentia em entregar o documento até o derradeiro instante, resolveu, no caso mais desfavorável, ajudar mesmo a Anna Andriéievna, para não perder todo o lucro, e era por isso que se encarniçava em oferecer-lhe seus serviços, até a derradeira hora, e sei que propôs mesmo arranjar-lhe, se preciso, um padre… Mas Anna Andriéievna rogou-lhe, com um sorriso de desprezo, que se calasse. Lambert parecia-lhe horrivelmente grosseiro e só despertava nela uma aversão completa; por prudência, aceitava entretanto seus serviços, que consistiam, por exemplo, em espionagem. A propósito, ignoro até hoje se haviam comprado Piotr Ipolítovitch, meu locador, ou não, e se ele havia recebido alguma coisa deles pelos seus serviços, ou então se se metera muito simplesmente na sociedade deles, por gosto da intriga; mas também ele me espionava e, quanto à sua mulher, fazia isso com certeza.

Compreenderá agora o leitor que, estando em parte prevenido, eu não podia, entretanto, adivinhar que, no dia seguinte, ou dois dias depois encontraria o velho príncipe em minha casa. Não teria jamais podido supor semelhante audácia da parte de Anna Andriéievna! Em palavras, podia-se dizer tudo quanto se quisesse, fazer alusão a não

importa o quê; mas decidir-se, empreender e realizar! — não, eu vos digo, era uma mulher de caráter!

## II

Prossigo.

Acordei de manhã bastante tarde. Tivera um sono extraordinariamente pesado e sem sonhos, lembro-me com espanto, de modo que, assim que despertei, senti de novo em mim uma extraordinária coragem moral, como se o dia da véspera não tivesse existido. Decidi não ir à casa de mamãe e seguir diretamente para a capela do cemitério. Após a cerimônia, iria à casa de mamãe para não mais deixá-la o dia inteiro. Estava firmemente convencido de que o encontraria, em todo o caso, em casa de mamãe, cedo ou tarde, no correr do dia, mas que o encontraria.

Nem Alfonsina, nem o locador estavam mais ali, desde muito tempo. Não queria pedir nada à locadora e decidira em geral cessar todas as relações com eles e até mesmo deixar a casa o mais cedo possível; foi por isso que, assim que me trouxeram o café, encerrei-me de novo. Mas logo bateram à minha porta; fiquei admirado: era Trichátov.

Abri-lhe logo e, alegre, convidei-o a entrar. Mas ele recusou-se:

— Tenho apenas duas palavras a dizer-lhe, na soleira… Ou então talvez seja melhor entrar. Creio que aqui seja preciso falar ao pé do ouvido. Mas não sentarei. Está reparando no meu sobretudo ordinário? Lambert tomou-me a peliça.

Com efeito, trazia uma velha capa, em mau estado e demasiado longa para sua altura. Estava ali, plantado diante de mim, sombrio e preocupado, com as mãos nos bolsos e sem tirar o chapéu:

— Não sentarei, não sentarei. Escute, Dolgorúki, não conheço nenhum detalhe, mas sei que Lambert maquina contra o senhor alguma traição, pronta e inevitável, sei com toda certeza. De modo que tome cuidado. Foi o bexiguento quem me revelou a coisa. Lembra-se do bexiguento? Mas não me disse do que se trata, de sorte que não

posso dizer-lhe muita coisa. Vim somente preveni-lo. Até à vista!

— Mas sente então, meu caro Trichátov! Apesar de estar com pressa, sinto-me feliz em vê-lo… — exclamei.

— Não, não, não sentarei. Mas vou lembrar que me recebeu bem. Ah! Dolgorúki, de que serve enganar os outros? Conscientemente, de minha plena vontade, consenti em todas as espécies de sujeiras, em tais ignomínias que tenho até vergonha de nomeá-las em sua casa. Agora mesmo, em casa do bexiguento… Adeus! Não mereço sentar em sua casa.

— Pare com isso, Trichátov, meu caro…

— Não, veja só, Dolgorúki, sou descarado diante de todo mundo e vou agora meter-me na farra. Em breve terei uma peliça ainda mais bela e passearei de caleça. Mas saberei, apesar de tudo, no meu íntimo, que não sentei em sua casa, porque não me achei digno disso; porque, diante do senhor, sou vil. Terei ainda assim o prazer de me recordar disso, no momento em que me encontrar numa farra crapulosa. Adeus, vamos, adeus! Não lhe dou a mão tampouco. A própria Alfonsina não me toma a mão. E rogo-lhe, não corra atrás de mim e não venha ver-me. Fizemos um trato.

O estranho rapaz girou nos calcanhares e retirou-se. Não tinha tempo, mas prometi a mim mesmo descobri-lo a qualquer preço, em curto prazo, assim que nossos negócios se arranjassem.

Em seguida, não descreverei toda aquela manhã e, no entanto, teria havido muitas lembranças a conservar. Viersílov não estava na cerimônia e, creio mesmo que, pela atitude deles, seria possível concluir, já antes da encomendação do corpo, que não o esperavam na igreja. Mamãe rezava com fervor, estava toda entregue à sua oração. Junto do corpo, só estavam Tatiana Pávlovna e Lisa. Mas não descrevo, não descrevo nada. Após o enterro, todos voltaram para casa e puseram-se à mesa. E uma vez mais concluí pelas suas fisionomias que não o esperavam tampouco à mesa. Quando nos levantamos aproximei-me de mamãe, beijei-a com calor e desejei-lhe um feliz aniversário; Lisa, depois de mim, fez o mesmo.

— Escuta, meu irmão — cochichou-me, às ocultas —, esperam-no.

— Adivinho, Lisa, vejo.

— Ele virá decerto.

Devem, disse a mim mesmo, ter informações precisas. Mas não fiz perguntas. Se bem não descreva meus sentimentos, todo aquele enigma, apesar do meu bom-humor, pesava-me sobre o coração. Instalamo-nos todos no salão, à mesa redonda, em torno de mamãe. Oh! como me sentia feliz por estar com ela e olhá-la! Mamãe pediu-me de repente que lhe lesse uma mensagem do *Evangelho*. Li-lhe um capítulo de São Lucas. Ela não chorava, não estava mesmo demasiado triste, mas nunca seu rosto me parecera tão impregnado de espiritualidade. No seu olhar brilhava uma ideia, mas não cheguei a notar que ela esperasse alguma coisa com impaciência. A conversa não se esgotava; recordou-se bastante o defunto, Tatiana Pávlovna também contou muitas coisas dele que eu de todo ignorava até ali. E, em geral, se quisessem tomar apontamentos, muito assunto haveria para isso. A própria Tatiana Pávlovna parecia ter mudado de atitude por completo: estava muito calma, muito acariciante e sobretudo, também ela, muito tranquila, se bem que falasse muito, para distrair mamãe. Mas lembro-me direitinho de um detalhe: mamãe estava no divã e à esquerda, sobre uma mesinha, via-se pousada uma imagem que parecia posta ali de propósito, um velho ícone, sem camada de metal, com simples auréolas sobre as cabeças dos dois santos que ali estavam representados. Aquela imagem pertencia a Makar Ivânovitch. Eu sabia disso e sabia também que o defunto nunca se separava dela e considerava-a miraculosa. Tatiana Pávlovna olhou-a várias vezes.

— Escuta, Sófia — disse ela, de repente, mudando de conversa —, não seria melhor colocar esse ícone de pé sobre a mesa, apoiando-o contra a parede e acender uma lâmpada em frente?

— Não, fica melhor colocado como está — disse mamãe.

— É verdade. De outro modo, parecerá bem solene…

No momento não compreendi nada, mas o fato era que aquela imagem fora legada desde muito tempo já por Makar Ivânovitch, de

viva voz, a Andriéi Pietróvitch, e que mamãe se preparava para a entregar a ele.

Eram já cinco horas da tarde; nossa conversa prolongava-se e de repente notei no rosto de mamãe uma espécie de estremecimento: endireitou-se depressa e prestou ouvidos, ao passo que Tatiana Pávlovitch, que falava naquele momento, continuava sem nada notar. Voltei-me logo para a porta e um instante depois avistei na soleira Andriéi Pietróvitch. Não passara pelo patamar, mas pela escada de serviço, pela cozinha e pelo corredor e somente mamãe, dentre nós todos, ouvira-lhe os passos. Vou agora descrever toda a cena insensata que se seguiu, gesto por gesto, palavra por palavra; foi curta.

A princípio não notei no seu rosto, à primeira vista pelo menos, a menor mudança. Estava trajado como sempre, isto é, quase elegantemente. Tinha um pequeno buquê, porém caro, de flores frescas. Aproximou-se e entregou-o a mamãe, com um sorriso. Ela olhou-o com um espanto assustado, mas aceitou o buquê, e, de repente, um rubor animou levemente sua faces pálidas e a alegria brilhou nos seus olhos.

— Já imaginava que me receberias assim, Sônia — declarou ele. Como nos tivéssemos todos levantado à sua entrada, aproximou-se da mesa e ocupou a cadeira de Lisa, que estava à esquerda perto de mamãe, e sentou-se sem perceber que tomava o lugar de outra pessoa. Assim achou-se justamente ao lado da mesinha sobre a qual estava pousada a imagem.

— Boa tarde a todos. Sônia, quis absolutamente trazer-te hoje esse buquê para teu aniversário; se não vim ao enterro, foi para não me apresentar diante de um morto com um buquê. Mas não me esperavas para o enterro, bem sei. O velho não se zangará por causa dessas flores, pois que ele próprio nos ordenou a alegria, não é? Creio que está aqui, em alguma parte, neste quarto.

Mamãe fitou-o com estranheza; Tatiana Pávlovna ficou um tanto transtornada.

— Quem está aqui no quarto? — perguntou ela.

— O defunto. Mas deixemos isso. Vocês sabem que o homem que não crê inteiramente em todos esses milagres é sempre o mais levado aos preconceitos… Mas falemos antes do buquê: não compreendo como o trouxe até aqui. Por três vezes tive vontade de atirá-lo na neve e espezinhá-lo.

Mamãe estremeceu.

— Tinha uma vontade louca disso. Tem piedade de mim, Sônia, e de minha pobre cabeça. Tive essa vontade porque ele era demasiado belo. Que há no mundo de mais belo que uma flor? Trago-o e por toda parte é neve e geada. Nossa geada e as flores: que contraste! Mas não é isso que me interessa: tinha vontade de espezinhá-lo simplesmente porque era belo. Sônia, vou desaparecer de novo, mas voltarei bem depressa, porque me parece que terei medo. Terei medo. Quem, pois, me curará do medo, onde encontrar um anjo como Sônia? Mas que imagem é essa que tem aí? Ah! é a do defunto, lembro-me. Vinha-lhe de sua família, de seu avô; em toda a sua vida, nunca se separou dela, sei, lembro-me, ele a legou a mim; lembro-me bem… e creio que é um ícone de velhos-crentes…[120] deixa-me ver.

Pegou o ícone, aproximou-o da vela e observou-o fixamente. Mas, depois de tê-lo nas mãos alguns segundos apenas, depositou-o em cima da mesa, desta vez à sua frente. Admirava-me, mas todas aquelas frases estranhas tinham sido pronunciadas tão inopinadamente que eu não podia ainda reunir minhas ideias. Lembro-me somente de que um pavor mórbido penetrou-me o coração. O terror de mamãe mudava-se em perplexidade e em compaixão; via nele antes de tudo um infeliz; já antes lhe acontecera falar quase tão estranhamente. Lisa ficou de repente pálida ao extremo e fez-me um sinal com a cabeça, designando-o. Mas a mais aterrorizada de todas era Tatiana Pávlovna.

— Mas que tem você, meu caro Andriéi Pietróvitch? — perguntou ela, com precaução.

— Não sei verdadeiramente o que tenho, minha cara Tatiana Pávlovna. Fique tranquila, lembro-me ainda de que é Tatiana Pávlovna e que é encantadora. Mas vim cá apenas por um minuto; desejaria dizer a Sônia algo de bom e procuro uma palavra, muito

embora meu coração esteja cheio de palavras, que não sei pronunciar e que são, na verdade, palavras estranhas. Sabem que me parece que me desdobro? — Olhou-nos a todos com uma fisionomia terrivelmente séria e com a mais sincera vontade de comunicar-se. — Na verdade, desdobro-me pelo pensamento e é o que tanto temo. Parece que a gente tem junto de si o seu duplo; a gente é sensata e razoável, mas o outro quer absolutamente fazer ao nosso lado um absurdo ou por vezes uma coisa muito engraçada, e de repente a gente percebe que somos nós mesmos que queremos fazer essa coisa engraçada, e Deus sabe por quê; a gente o quer como que a contragosto, a gente o quer em si mesmo, mas a isso opondo-se com todas as forças. Conheci uma vez um doutor que, nas exéquias de seu pai, em plena igreja, pôs-se de chofre a assobiar. Na verdade, tinha medo hoje de vir ao enterro, porque metera na cabeça essa certeza absoluta de que, de repente, me poria a assobiar ou a estourar de rir, como aquele infeliz doutor, que acabou bastante mal… E na verdade não sei por que a lembrança daquele doutor me volta todo o tempo hoje; volta-me tanto que não consigo livrar-me dela. Sabes, Sônia? Eis que retomo a imagem (pegara-a e girava-a entre as mãos) e, sabes?, tenho uma vontade louca, neste segundo mesmo, de atirá-la contra a estufa, naquele canto. Estou certo de que se quebrará com o golpe em duas metades, nem mais nem menos.

Dizia tudo isto sem a menor afetação, sem a menor vontade de dizer alguma expressão sutil; falava de maneira totalmente simples e mais horrível era, portanto; Parecia temer efetivamente alguma coisa; notei de súbito que suas mãos tremiam ligeiramente.

— Andriéi Pietróvitch! — exclamou mamãe, juntando as mãos.

— Larga, larga a imagem, Andriéi Pietróvitch! Larga-a, põe-na aí! — disse Tatiana Pávlovna, num sobressalto. — Tira a roupa e deita-te. Arkádi, vai chamar o médico!

— No entanto… no entanto, como vocês estão agitados! — disse ele, docemente, abarcando-nos a todos com um olhar fixo. Em seguida, pousou os dois cotovelos sobre a mesa e pegou a cabeça entre as mãos:

— Faço-lhes medo, mas eis, meus amigos: causem-me um pouquinho de prazer, tornem a sentar-se e acalmem-se todos, por um minuto apenas! Sônia, não foi nada disto que vim dizer; vim comunicar alguma coisa, mas muitíssimo diversa. Adeus, Sônia, parto de novo em viagem, como parti já várias vezes… Certamente voltarei para ti um dia: neste sentido, és inevitável. Para quem, pois, voltaria, quando tudo estiver acabado? Acredita, Sônia, vim para ti hoje como para um anjo, e não para um inimigo: que inimigo podes ser para mim, como haverias de ser meu inimigo? Não creias que quero quebrar essa imagem, porque, sabes, Sônia, tenho apesar de tudo vontade de quebrá-la…

Quando Tatiana Pávlovna havia gritado ainda há pouco: "Larga a imagem!", arrancara-a das mãos dele. Segurava-a agora nas suas. De repente, ao pronunciar suas derradeiras palavras, deu um salto, arrancou instantaneamente a imagem das mãos de Tatiana e, brandindo-a selvagemente, bateu com ela e com toda a força no canto da estufa de ladrilhos de louça. O ícone partiu-se exatamente em duas metades… Voltou-se bruscamente para nós, seu rosto pálido tornou-se de repente rubro, quase vermelho e todas as suas feições tremiam:

— Não tomes isso como uma alegoria, Sônia, não foi a herança de Makar que eu parti, foi somente à toa, para quebrar, sem mais nada… Mas, apesar de tudo, voltarei para ti, voltarei para o derradeiro anjo! Afinal de contas, toma isso, se quiseres, por uma alegoria, porque era também!…

E saiu do quarto a passos precipitados, desta vez ainda pela cozinha (onde tinham ficado sua peliça e seu gorro). Não contarei com detalhes o que aconteceu a mamãe: mortalmente aterrorizada, estava de pé, com os braços erguidos e cruzados sobre a cabeça e de súbito gritou:

— Andriéi Pietróvitch! Volta ao menos para dizer adeus, meu querido!

— Ele voltará, Sófia, ele voltará! Não te inquietes! — gritou Tatiana, toda trêmula, num terrível acesso de raiva, de raiva animal. — Não ouviste? Prometeu voltar! Deixa aquele pobre louco passear

ainda uma derradeira vez. Quando estiver velho, paralítico, quem, então, irá amimá-lo, não é, senão tu, sua velha criada? Ele o proclama bem alto, não tem vergonha…

Quanto a nós, Lisa desmaiara. Eu quis correr atrás dele, mas lancei-me para mamãe. Abracei-a e mantive-a em meus braços. Likiéria correu com um copo dágua para Lisa. Mas mamãe logo de refez; deixou-se cair sobre o divã, cobriu o rosto com as mãos e chorou.

— Apesar de tudo, apesar de tudo… corre atrás dele! — gritou de súbito Tatiana Pávlovna, com todas as suas forças, como voltando a si. — Vai… vai… corre atrás dele, não o deixes um passo sequer, vai depressa! — E fazia todos os esforços para separar-me de mamãe. — Então serei eu que corro atrás dele!

— Arkacha, vai, corre depressa atrás dele! — gritou de chofre mamãe também.

Saí a correr, também pela cozinha e pelo pátio; mas ele já não era visto em parte alguma. Ao longe, no passeio, avistavam-se nas trevas as manchas negras dos transeuntes; corri a alcançá-los e, ao chegar perto de cada um, encarava-o, depois passava adiante. Cheguei assim até uma encruzilhada.

“Ninguém deve zangar-se contra um louco; ora Tatiana está cheia de cólera contra ele; portanto, ele não está louco de todo…” Tal foi a ideia que me atravessou a mente. Parecia-me que tudo aquilo era alegoria e que ele quis acabar definitivamente com alguma coisa, como com aquele ícone, e queria que mamãe e nós todos compreendêssemos isso. Mas seu duplo estava certamente também a seu lado; disso não havia dúvida alguma…

## III

Entretanto ele não estava em parte alguma e não adiantava correr à casa dele: era difícil imaginar que houvesse regressado muito simplesmente para casa. De repente tive uma ideia e corri à casa de Anna Andriéievna.

Anna Andriéievna já havia voltado e introduziram-me imediatamente. Entrei, dominando-me tanto quanto possível. Permanecendo em pé, contei-lhe desde logo a cena que acabava de passar-se, isto é, a história do “duplo”. Não esquecerei jamais e não lhe perdoarei jamais a curiosidade ávida, mas implacavelmente tranquila e segura, com que me escutava, igualmente em pé.

— Onde está ele? Talvez você saiba — concluí, com insistência. — Tatiana Pávlovna queria enviar-me ontem à sua casa…

— É que eu queria vê-lo ontem. Ele esteve ontem em Tsárkoie, esteve também em minha casa. Mas agora (olhou o relógio) são sete horas… Deve estar certamente em sua casa.

— Vejo que você sabe de tudo. Então, fale, fale! — exclamei.

— Sei de muito, mas não de tudo. Naturalmente, não há nada a ocultar-lhe… — Olhou-me de um modo estranho, sorrindo e parecendo refletir. — Ontem de manhã, enviou a Katierina Nikoléievna, em resposta à sua carta, um pedido formal de casamento.

— Não é verdade! — escancarava os olhos.

— A carta passou por minhas mãos; fui eu quem a levei, fechada. Desta vez, agiu cavalheirescamente e nada me dissimulou.

— Anna Andriéievna, não compreendo nada.

— É, sem dúvida, difícil de compreender. Mas é como quando um jogador lança sobre a mesa seu derradeiro *tchervóniets*, e tem no bolso um revólver embalado. Eis o sentido de sua proposta de casamento. Tem nove probabilidades sobre dez de que ela não o aceite; mas contava pelo menos com a décima e confesso que é muito curioso para mim… Aliás, talvez estivesse fora de si… o duplo de que você acaba de falar tão justamente.

— E você ri? Posso crer que a carta tenha sido transmitida por seu intermédio? Você não é a noiva do pai dela? Poupe-me, Anna Andriéievna.

— Rogou-me que sacrificasse meu destino à sua felicidade. Ou

antes, na verdade, não rogou: tudo se fez sem palavras, mas li tudo nos seus olhos. Ah! meu Deus, mas que é preciso mais? Ele foi a Königsberg, à casa de sua mãe, pedir-lhe permissão para casar-se com a enteada de Madame Akhmákova, não foi mesmo? Eis o que se assemelha bastante à sua conduta de ontem, quando me escolheu para sua delegada e sua confidente.

Estava um pouco pálida. Mas sua calma não era senão um sarcasmo reforçado. Oh! muito lhe perdoei naquele momento, compreendo pouco a pouco as coisas. Refleti, no espaço de um minuto; ela se mantinha calada e esperava.

— Sabe — eu disse, rindo de repente —, que você remeteu a carta porque não havia risco algum para você, porque de toda maneira o casamento não se realizará? Mas ele? E ela, afinal? Naturalmente, voltará costas à proposta dele, e então… então que poderá acontecer? Onde está ele agora, Anna Andriéievna? — exclamei. — Cada minuto é precioso, a cada instante uma desgraça poderá ocorrer!

— Ele está em casa, já lhe disse. Na sua carta a Katierina Nikoláievna, que entreguei ontem, pedia-lhe, em todo caso, um encontro em casa dele, hoje às sete horas precisas da noite. E ela prometeu ir.

— Ela, em casa dele? Como é possível?

— E por que não? O apartamento pertence a Dária Onísimovna: terão podido muito bem encontrar-se lá como visitas a ela…

— Mas ela tem medo dele… Pode matá-la!

Anna Andriéievna limitou-se a sorrir:

— Katierina Nikoláievna, apesar de todo o seu medo, que eu mesma notei muito bem, sempre nutriu, já outrora, certa admiração ou certo espanto pela nobreza de princípios e elevação de espírito de Andriéi Pietróvitch. Desta vez, confiou nele, a fim de dar tudo por terminado para sempre. E ele, na sua carta, deu-lhe sua palavra mais solene, mais cavalheiresca, de que ela nada tem a temer… Em suma, não me recordo das expressões da carta, ela, porém, confiou nele…

pela derradeira vez, por assim dizer… e, por assim dizer, respondeu por meio dos sentimentos mais heroicos. É possível que haja aqui um torneio de cavalheirismo de uma parte e doutra.

— E o duplo, o duplo! — exclamei. — Ele terá perdido o juízo?

— Dando ontem sua palavra de ir à entrevista, Katierina Nikoláievna não previa, sem dúvida, a possibilidade de semelhante acidente.

Voltei costas de repente e saí correndo… para a casa dele, para vê-los, naturalmente! Mas voltei da antecâmara ainda por um segundo:

— Mas talvez seja o que você quer: que ele a mate!

Lançando este grito, saí correndo da casa.

Se bem que tremesse todo, como num acesso febril, entrei no apartamento sem fazer rumor, pela cozinha e mandei em voz baixa chamar Dária Onísimovna; ela mesma apareceu logo e lançou-me em silêncio um olhar tremendamente interrogador.

— O senhor? Não está em casa.

Mas expus redondamente e com precisão, num cochicho rápido, que sabia de tudo por intermédio de Anna Andriéievna e que vinha da casa dela.

— Dária Onísimovna, onde estão eles?

— No salão, lá onde estava o senhor anteontem, à mesa…

— Dária Onísimovna, deixe-me ir lá!

— Como o poderei?

— Lá não, mas no quarto ao lado, Dária Onísimovna. Anna Andriéievna talvez o queira também. Se não o quisesse, não me teria dito que eles estavam aqui. Não me ouvirão… É ela mesma quem o quer…

— E se ela não o quiser? — disse Dária Onísimovna, sem deixar de olhar-me.

— Dária Onísimovna, lembro-me de sua Ólia… Deixe-me passar.

De repente seu lábios e seu queixo tremeram:

— Meu caro, é bem por Ólia… pelos teus sentimentos… Não abandones Anna Andriéievna, meu caro! Não a abandonarás? Não a abandonarás?

— Não, não a abandonarei.

— Dá-me tua palavra de honra de que não entrarás no salão e não gritarás, se te introduzir no quarto vizinho!

— Juro-o pela minha honra, Dária Onísimovna!

Ela tomou-me pela minha sobrecasaca, conduziu-me a um quarto sombrio, contíguo à sala em que eles se encontravam. Levou-me sem rumor, por um tapete macio, até a porta, colocou-me diante do reposteiro corrido e, erguendo um cantinho dele, mostrou-me os dois.

Fiquei ali e ela se retirou. Fiquei, naturalmente. Compreendia que estava escutando indevidamente, que surpreendia o segredo alheio, mas fiquei. Como não ficar? E o duplo? Ele já não havia quebrado o ícone à minha vista?

## IV

Estavam sentados um diante do outro, à mesma mesa onde na véspera tínhamos bebido juntos à sua ressurreição. Podia distinguir perfeitamente suas fisionomias. Ela trajava um vestido preto, bela e calma na aparência, como sempre. Ele falava e ela escutava-o com uma atenção extraordinária e cortês. Talvez tivesse sido possível adivinhar nela certa timidez. Ele, pelo contrário, estava bastante excitado. Eu chegara em plena conversa e por isso fiquei um instante sem compreender bem. Lembro-me de que ela perguntou de repente:

— E sou eu a causa?

— Não, sou eu — respondeu ele. — Você é culpada, sem o ser. Você sabe, são coisas que acontecem. São as faltas mais imperdoáveis e quase sempre punidas — acrescentou com um riso singular. — E eu que pensei um instante tê-la completamente esquecido e que ria verdadeiramente de minha tola paixão… Mas você sabe. Afinal de contas, por que eu me preocuparia com o homem com quem vai casar? Dirigi-lhe ontem um pedido de casamento. Não me queira mal. Foi uma tolice. Mas nada tenho para substituí-la… Que outra coisa podia fazer senão aquela tolice? Não sei…

Ao dizer isto, explodiu numa risada desvairada, erguendo bruscamente os olhos para ela. Até então falava tendo o ar de quem olhava de lado. Se eu estivesse no lugar dela, aquela risada teria me causado medo, eu o sentia. De repente, ele levantou-se de sua cadeira:

— Diga-me, como você pôde consentir em vir aqui? — perguntou-lhe de repente, como se recordasse da coisa essencial. — Meu convite e toda a minha carta não passavam de uma tolice… Espere, posso ainda adivinhar como se tenha dado você ter consentido em vir, mas por que veio? Eis a questão. Seria simplesmente por medo?

— Vim vê-lo — declarou ela, examinando-o com uma prudência cheia de temor. Ambos ficaram um meio minuto em silêncio. Viersílov tornou a sentar e, com uma voz doce, mas compenetrada, quase trêmula, começou:

— Há muito tempo que não a via, Katierina Nikoláievna, há tanto tempo que quase não achava mais possível encontrar-me um dia, como hoje, sentado a seu lado, a olhar seu rosto e a ouvir sua voz… Há dois anos que não nos vemos, há dois anos que não nos falamos. Não contava falar-lhe nunca mais. Vamos, pois seja! O que se passou está passado e o que é hoje desaparecerá amanhã como uma fumaça, assim seja! Consinto nisso, porque ainda uma vez não tenho com que substituí-la. Mas não se vá agora sem nada — acrescentou, de repente, quase suplicante. — Já que me fez a esmola de vir, não se vá sem nada: responda a uma pergunta!

— E que pergunta?

— Não nos tornaremos a ver nunca mais. Que lhe custa? Diga-me

a verdade de uma vez por todas. Responda a uma pergunta que as pessoas sensatas jamais fazem: amou-me ao menos um momento, ou então… enganei-me?

Ela ficou toda corada.

— Eu o amei — respondeu.

Esperava que ela dissesse isso. Oh! a verídica! oh! a sincera! oh! a leal!

— E agora? — continuou ele.

— Agora, não o amo mais.

— E ri?

— Não, se ri agora foi a contragosto, porque sabia bem que você perguntaria: “E agora?”. E sorri… porque, quando a gente adivinha, sorri sempre…

Era estranho. Jamais a vira assim prudente, quase tímida mesmo e confusa a tal ponto. Ele a devorava com os olhos.

— Sei que você não me ama… e nem um pouco?

— Talvez nem um pouco. Não o amo — acrescentou, com firmeza, sem sorrir e sem corar. — Sim, amei-o, mas não muito tempo. Cessei bem depressa de amá-lo…

— Sei, sei, viu que não era o que lhe convinha, mas… que lhe convém? Me explique ainda uma vez…

— Será que já lhe expliquei alguma vez? O que me convém? Mas sou a mais vulgar das mulheres; sou uma mulher tranquila, gosto… gosto das pessoas alegres.

— Alegres?

— Você mesmo vê quanto sou incapaz de manter uma conversa com você. Parece-me que, se tivesse podido amar-me menos, eu o teria amado então — e de novo sorriu timidamente. A mais completa

sinceridade brilhava na sua resposta. Como ela não compreendia que aquela resposta era a fórmula mais definitiva das relações deles, explicando tudo e decidindo tudo? Como ele devia compreendê-lo bem! Mas olhou-a e sorriu dum modo singular:

— Bioring é alegre?

— Não deve inquietá-lo — respondeu ela um pouco apressada —, absolutamente. Caso com ele apenas porque com ele serei mais tranquila do que com qualquer outro. Minha alma ficará toda para mim.

— Dizem que você está de novo fascinada pelo mundo, pela sociedade?

— Pela sociedade não. Sei que reina no nosso mundo a mesma desordem que em toda parte. Mas do exterior as formas são ainda belas, de sorte que, se se vive apenas de passagem, está-se melhor lá que em outra parte.

— Ouvi muitas vezes esta palavra desordem. Você deve ter tido muito medo de minha desordem… cilícios, ideias, tolices?

— Não, não era bem isso…

— E o que, então? Diga francamente, pelo amor de Deus!

— Ora, vou dizer francamente, porque o considero como um espírito elevado… Sempre achei em você algo de ridículo.

Dito isto, corou de repente, como se tivesse tido consciência de ter cometido uma imprudência extrema.

— Pois bem, por causa dessa palavra que você pronunciou, sou capaz de muito perdoar-lhe — declarou ele estranhamente.

— Não disse tudo — apressou-se ela em acrescentar, sempre corando. — Sou eu que sou ridícula… por lhe falar como uma tola.

— Não, você não é ridícula, é simplesmente uma mulher do mundo, depravada! — E empalideceu terrivelmente. — Ainda há

pouco eu também não disse tudo, quando lhe perguntei por que veio. Quer que eu acabe? Existe aqui uma carta, um documento e você tem disso um medo terrível, porque seu pai, de posse dessa carta, pode amaldiçoá-la ainda vivo e privá-la legitimamente de sua herança por testamento. Você teme essa carta e… veio procurá-la — declarou ele, tremendo quase dos pés à cabeça e até mesmo quase batendo dentes. Ela escutou-o com uma expressão aborrecida e dolorosa.

— Sei que você pode causar-me uma porção de dissabores — declarou ela, como que a defender-se de suas palavras —, mas vim menos para persuadi-lo a não me perseguir do que para vê-lo. Tinha mesmo o maior desejo de encontrá-lo, há já tanto tempo… Mas encontrei o mesmo de outrora — acrescentou de repente, como arrastada por uma ideia particular e decisiva, e até mesmo por certo sentimento estranho e súbito.

— E esperava encontrar outro bem diverso? Depois de minha carta a respeito de sua perversão? Diga-me, veio aqui sem o menor medo?

— Vim porque o amei outrora. Mas, rogo-lhe, não me ameace. Enquanto estivermos juntos, não me lembre meus maus pensamentos, meus maus sentimentos. Se pudesse falar-me de outra coisa, ficaria muito feliz. As ameaças podem vir depois, mas no momento, por favor, algo de diferente… É verdade, vim para vê-lo e ouvi-lo por um instante. Se não é capaz disso, mate-me agora mesmo, mas não me ameace e não se atormente a si mesmo diante de mim — concluiu, olhando-o numa expectativa estranha, como se na verdade o supusesse capaz de matá-la. Ele levantou-se de novo e, examinando-a com um olhar fervente, disse com firmeza:

— Você sairá daqui sem a menor ofensa.

— Ah! sim, sua palavra de honra! — sorriu ela.

— Não, não é somente porque dei minha palavra de honra na carta, é porque quero pensar e pensarei em você a noite inteira…

— Para atormentar-se?

— Vejo-a quando estou só, sempre. Não faço senão conversar com você. Vou às baiúcas e antros e, como contraste, aparece você imediatamente diante de mim. Mas você ri sempre de mim, como agora… — disse isto como fora de si.

— Nunca, nunca ri de você! — exclamou ela com voz compenetrada e com extrema compaixão pintada no rosto. — Se vim, é que fiz todos os meus esforços para não magoá-lo no que quer que fosse — acrescentou de súbito. — Vim aqui para dizer-lhe que o amo quase… Perdoe-me, talvez me tenha expressado mal — apressou-se em acrescentar.

Ele riu.

— Por que você não sabe fingir? Por que é tão simplória, por que não é como toda gente?… Ora, como se pode dizer a um homem a quem se põe para fora: “Eu o amo quase”?

— É que não soube exprimir-me, não disse como devia dizer. É que diante de você, sempre tive vergonha, jamais soube falar, desde nosso primeiro encontro. E se não me expressei bem, dizendo que “eu o amo quase”, é que, também no meu pensamento, era quase assim. Eis por que o disse, se bem que o ame com esse amor… com esse amor comum com que se ama a toda gente e que nunca temos vergonha de confessar…

Em silêncio, sem desviar dela o olhar ardente, prestava atenção:

— Eu a ofendo sem dúvida — continuou ele, como fora de si. — Deve ser efetivamente o que se chama uma paixão… Sei uma coisa, é que com você sou um homem acabado; sem você, também. Sem você ou com você é tudo a mesma coisa. Onde quer que você esteja, está sempre comigo. Sei também que posso odiá-la muito mais do que posso amá-la… Aliás, há já muito tempo que não penso em mais nada, tudo me é igual. Somente é pena que eu tenha amado uma mulher como você…

A voz lhe faltava; continuou, como que sufocando-se:

— Que quer? Você acha bárbaro o falar assim? — disse ele, com

um pálido sorriso. — Creio que, se isso pudesse seduzi-la, eu ficaria em alguma parte trinta anos plantado numa só perna… Vejo que lhe causo piedade. Seu rosto diz: “Amaria você se pudesse, mas não posso…”. É isto? Pouco importa, não sou orgulhoso. Estou pronto, como um mendigo, a receber de você não importa qual esmola, está ouvindo? não importa qual… Que orgulho pode ter um mendigo?

Ela levantou-se e aproximou-se dele:

— Meu amigo! — declarou, tocando-lhe no ombro com a mão e com um sentimento inexprimível no rosto. — Não posso ouvir tais palavras! Pensarei em você toda a minha vida como no mais sagrado entre tudo quanto posso respeitar e amar. Andriéi Pietróvitch, compreenda-me… Não foi por coisa nenhuma que vim, meu caro, você que me tem sido e me é sempre tão caro! Não esquecerei jamais quanto me comoveu por ocasião de nossos primeiros encontros. Pois bem, separemo-nos como amigos e você vai ser meu pensamento mais sério e mais querido durante toda a minha vida!

— Separemo-nos, e então eu a amarei. Eu a amarei, mas separemo-nos. Escute — disse ele, todo pálido —, faça-me ainda uma esmola: não me ame, não viva comigo, não nos vejamos mais: serei seu escravo se me chamar, desaparecerei imediatamente se não quiser mais ver-me, nem ouvir-me, somente… somente não case!

Meu coração cerrou-se até doer, quando ouvi essas palavras. Essa prece ingenuamente humilhada era tanto mais digna de dó, varava tanto mais o coração quando era mais franca e mais impossível. Sim, sem dúvida, pedia uma esmola! Ele podia crer que ela consentiria? E, no entanto, ele se rebaixava até a rogativa; tratava de implorar! Aquele derradeiro grau de decadência era insuportável de ver. Quanto a ela, todos os traços de seu rosto deformaram-se de dor. Mas, antes que ela tivesse dito uma palavra, ele prosseguiu:

— Eu a destruirei! — declarou, de súbito, com uma voz estranha, mudada, que não era mais a sua.

Ela, porém, lhe respondeu também estranhamente, também com uma voz inesperada que não era mais a sua.

— Se lhe concedo essa esmola, você se vingará mais tarde ainda mais cruelmente do que me ameaça agora, porque não se esquecerá jamais de que se fez mendigo diante de mim… Não posso ouvir essas ameaças de sua boca! — concluiu, quase com indignação, lançando-lhe um olhar de desafio.

— Ameaças de sua boca, isto é, da boca de semelhante mendigo! Eu estava brincando — disse ele, melifluamente, com um sorriso. — Não lhe farei nada, não tenha receio, vá-se embora… e esse documento, farei todos os esforços para mandá-lo a você, mas vá, vá embora! Escrevi-lhe uma carta absurda, a essa carta absurda você respondeu e veio: estamos quites. Por aqui! — e mostrou-lhe a porta (ela queria passar pela peça na qual me encontrava escondido pelo reposteiro).

— Perdoe-me, se puder — disse ela, parando no limiar.

— E se nos encontrarmos um dia totalmente amigos e nos recordarmos desta cena também com um a boa risada? — disse ele de súbito. Mas todos os traços de seu rosto tremiam, como em um homem presa duma crise.

— Deus o queira! — exclamou ela, juntando as mãos, mas olhando receosamente seu rosto, como adivinhando o que ele queria dizer.

— Vá-se embora! Somos demasiado inteligentes os dois, mas você… Oh! você é uma pessoa do meu gênero! Escrevi-lhe uma carta louca e você consentiu em vir, para dizer-me que quase me ama. Não, você e eu, temos a mesma loucura! Somos famosos originais! Seja sempre assim louca, não mude, e haveremos de encontrar-nos reconciliados e amigos, assim lhe predigo e juro!

— E então eu o amarei, irremissivelmente, sinto-o desde agora! — Não mais se conteve e lançou-lhe do limiar essas derradeiras palavras.

Saiu. Apressei-me a passar sem barulho para a cozinha e, quase sem olhar para Dária Onísimovna, que me esperava, lancei-me correndo pela escada de serviço e pelo pátio, chegando à rua. Mas mal tive tempo de vê-la subir a um carro que a esperava diante da porta.

Pus-me a correr pela rua.

## Capítulo XI

### I

Acorri à casa de Lambert. Oh! por mais que queira não consigo dar uma aparência lógica e descobrir um grãozinho de bom-senso em minha conduta daquela tarde e de toda aquela noite. Mesmo hoje que posso considerar todo o conjunto dos acontecimentos, acho-me incapaz de apresentá-los com o nexo e a clareza desejados. Havia naquilo um sentimento ou, para melhor dizer, todo um caos de sentimentos entre os quais devia naturalmente perder-me. Sem dúvida, havia um, essencial, que me esmagava e dominava todos os outros, mas… devo confessá-lo? Tanto mais que não estou certo…

Irrompi em casa de Lambert, naturalmente fora de mim. Cheguei a assustá-los, a ele e a Alfonsina. Sempre notei que os franceses, até mesmo os mais desmiolados, os mais devassos, são extremamente apegados, nas sua intimidade, a certa ordem burguesa, a certo trem de vida, terrivelmente prosaico, rotineiro e ritual, adotado uma vez por todas. Aliás Lambert compreendeu muito depressa que acontecera alguma coisa e ficou encantado por ver que eu afinal tinha ido à sua casa. Só pensava nisso, dia e noite, todos aqueles dias! Quanto lhe era eu necessário! E agora que perdera toda a esperança, eu me apresentava de repente, espontaneamente, e além do mais numa tal loucura, exatamente no estado que lhe era preciso.

— Lambert, vinho! — gritei. — Dê-me de beber! Deixe-me fazer barulho! Alfonsina, onde está sua guitarra?

Não descrevo a cena, é supérfluo. Bebemos e contei-lhe tudo, tudo. Ele escutava com avidez. Fui eu quem, em primeiro lugar, lhe propôs uma conjura, um incêndio. Primeiro, devíamos atrair Katierina Nikoláievna à nossa casa por meio duma carta…

— Pode-se fazer isso — aprovava Lambert, captando no voo cada uma de minhas palavras.

Em seguida, para maior segurança, era preciso enviar-lhe nessa carta toda a coisa de seu documento, para que ela pudesse bem ver que não a enganavam.

— É isto, eis o que é preciso fazer! — aprovava Lambert, que não cessava de trocar olhares com Alfonsina.

Em terceiro lugar, era Lambert quem devia convidá-la, por sua própria conta, sob o disfarce de um desconhecido chegado de Moscou e eu devia levar Viersílov…

— E Viersílov também, talvez — aprovava Lambert.

— Mas talvez, não. Certamente! — exclamei. — É indispensável! Por ele é que tudo será feito! — expliquei, bebendo gole atrás de gole. (Bebíamos todos três, mas creio bem que bebi, sozinho, toda a garrafa de champanhe, enquanto eles fingiam simplesmente fazê-lo.) — Vamos nos instalar com Viersílov na outra peça (Lambert, é preciso arranjar outra peça!) e, no momento em que de súbito ela consentir em tudo, no resgate em dinheiro e no outro resgate, porque são todos nojentos, então Viersílov e eu apareceremos e vamos convencê-la de toda a sua ignomínia. Vendo quanto ela é repelente, Viersílov ficará curado de repente e a expulsará a pontapés. Mas precisamos ainda de Bioring, para que ele também a veja! — acrescentei entusiasmado.

— Não, Bioring é inútil — observou Lambert.

— Sim, sim! — berrei, de novo. — Tu não compreendes nada disso, Lambert, porque és uma besta! Pelo contrário, é preciso que haja um escândalo na alta-roda: assim nos vingamos da alta-roda e dela. Que ela seja castigada! Lambert, ela te dará uma letra de câmbio… Eu não tenho necessidade de dinheiro, cuspirei em cima do dinheiro, mas tu o beijarás e o enfiarás em teu bolso com meus escarros. Mas eu, eu a terei posto rasa como o chão!

— Sim, sim — aprovava sempre Lambert. — É isso… — Não cessava de trocar olhares com Alfonsina.

— Lambert! Ela está em adoração diante de Viersílov; acabo de me convencer disso — balbuciei.

— Por felicidade viste tudo. Não teria jamais suspeitado que tivesses semelhante talento de espião, nem tanto espírito! — Disse isso para ganhar-me as boas graças.

— Mentes, francês, não sou espião, mas tenho muito espírito! E sabes tu, Lambert? Ela ama-o! — continuei, tratando penosamente de exprimir meu pensamento. — Ela, porém, não se casará com ele, porque Bioring é da Guarda, ao passo que Viersílov não passa de um homem generoso e de um amigo da humanidade, e portanto um personagem cômico, para eles, e nada mais! Oh! ela compreende essa paixão e dela goza, coqueteia, atrai-o, mas não se casará com ele! É uma mulher, é uma serpente! Toda mulher é serpente e toda serpente é mulher. É preciso curá-lo; é preciso fazer cair o véu de seus olhos: que ele a veja tal como ela é e ficará curado. Eu o trarei, Lambert.

— Muito bem! — continuava Lambert a aprovar, enchendo meu copo a cada instante.

Tremia sobretudo à ideia de me ser desagradável, de me contradizer e procurava levar-me a beber cada vez mais! Era tão grosseiro e tão evidente que, mesmo eu, não podia deixar de dar conta disso. Mas por coisa nenhuma do mundo, teria me retirado; continuava a beber e a falar e tinha uma vontade louca de dizer de uma vez por todas o que eu pensava. Quando Lambert foi buscar outra garrafa, Alfonsina tocou em sua guitarra uma canção espanhola; quase me desfaço em lágrimas.

— Lambert! Sabes de tudo? — exclamei, com um sentimento profundo. — É preciso absolutamente salvar aquele homem, porque ele está… enfeitiçado. Se ela casasse com ele, desde manhã, após a primeira noite, a expulsaria a pontapés… porque é o que acontece. Porque aquele amor selvagem, violento, age como um ataque, como uma doença, como o salto perigoso e, apenas satisfeito, logo o véu cai e surge o sentimento oposto: aversão e ódio, desejo de destruir, de esmagar. Conheces a história de Abisag,[121] Lambert? Leste-a?

— Não, não me lembro. É um romance? — balbuciou Lambert.

— Não sabes nada de nada, Lambert. És tremendamente, tremendamente inculto… Mas que me importa? Pouco importa! Oh!

ele ama mamãe; beijou seu retrato; expulsará a outra desde o dia seguinte e voltará para mamãe; mas será demasiado tarde e é por isso que devemos salvá-lo desde agora…

Por fim, chorei amargamente; mas continuava a falar e a beber; é inaudito o quanto bebi. O traço mais característico era que Lambert, durante todo o serão, só pediu uma vez notícias do documento, isto é, perguntou onde ele estava. Não me pediu para mostrá-lo, para exibi-lo ali na mesa. Que havia, no entanto, de mais natural que fazer tal pergunta, no momento em que nos combinávamos para agir? Ainda outro detalhe: dizíamos somente que era preciso agir assim, que nós "o" faríamos sem falta, mas onde, quando e como, a este respeito nem uma palavra! Ele só fazia aprovar-me e trocar olhares com Alfonsina e nada mais! Sem dúvida estava eu então incapaz de dar-me conta disso, mas ainda assim me lembro.

Acabei por adormecer em cima do divã dele, sem me despir. Dormi muito tempo e acordei muito tarde. Lembro-me de que, uma vez despertado, fiquei algum tempo estendido no divã, como tonto, tratando de reunir minhas ideias e minhas recordações, fingindo dormir ainda. Mas Lambert não estava mais ali: saíra. Já eram mais de nove horas; ouvia-se o crepitar da estufa, exatamente como da outra vez, quando, depois da famosa noite, eu reabrira os olhos em casa de Lambert. Mas por trás do biombo Alfonsina me tocaiava: notei-o logo, porque por duas vezes ela olhou e observou-me, mas eu fechava sempre os olhos e fingia dormir. Agia dessa maneira porque estava deprimido e tinha necessidade de compreender onde me achava.

Sentia com horror todo o absurdo e toda a ignomínia de minha confissão noturna a Lambert, de meu conluio com ele e meu erro por ter vinda à sua casa! Mas, graças de Deus, o documento continuava em meu poder, costurado no meu bolso de lado; tateei-o com a mão: estava ali! Portanto, bastava dar um pulo e fugir; quanto a corar em seguida diante de Lambert, era inútil: Lambert não o merecia.

Mas eu corava diante de mim mesmo! Fazia-me juiz de mim mesmo e… meu Deus! que se passava em minha alma? Não descreverei aquele sentimento infernal, intolerável, aquela sensação de lama e torpeza. Devo, no entanto, confessá-lo, porque creio chegado o momento. Deve constar de minhas memórias. De modo que, saiba-se bem, se queria eu desonrá-la, se me preparava para ser testemunha da cena durante a qual ela pagaria seu resgate a Lambert (oh! baixeza!), não era de modo algum para salvar aquele louco de Viersílov e restituí-lo a mamãe, era porque… estava eu mesmo talvez apaixonado por ela, apaixonado e com ciúme! Com ciúme de quem?… De Bioring? De Viersílov? De todos aqueles a quem ela olharia e com quem conversaria no baile, enquanto eu ficaria no meu canto, com vergonha de mim mesmo?… Oh! monstruosidade!

Em suma, ignoro de quem tinha ciúme; mas sentia somente, e disso me persuadira na véspera à tarde, como dois e dois são quatro, de que ela estava perdida para mim, de que aquela mulher me repeliria e zombaria de minha falsidade e de meu absurdo. Ela é verídica e leal; eu, sou um espião, e receptador de documentos!

Tudo isso guardei-o para mim desde aquele momento, mas agora a hora chegou, e… faço o balanço. Mas, ainda uma vez, e pela derradeira vez: pode dar-se que, por uma boa metade ou mesmo por três quartos, me tenha caluniado! Naquela noite, eu a odiava como um danado e mais tarde como um bêbedo desenfreado. Já o disse, era um caos de sentimentos e de sensações no qual era eu incapaz de reencontrar-me. Mas, não importa, era preciso exprimi-los, pois que uma parte pelo menos desses sentimentos certamente existiu.

Com um irresistível desgosto e uma irresistível intenção de tudo apagar, saltei de repente do divã; mas apenas dera esse salto, Alfonsina instantaneamente acorreu. Agarrei minha peliça e meu

gorro e lhe disse que transmitisse a Lambert que, na véspera, estava delirando, que havia caluniado uma mulher, que havia pilheriado e que não se permitisse ele jamais pôr de novo os pés em minha casa… Tudo isso, exprimia-o, mal ou bem, apressando-me, em francês e sem dúvida muito obscuramente, mas, para grande espanto meu, Alfonsina compreendeu perfeitamente: coisa mais espantosa ainda, pareceu mesmo regozijar-se.

— *Oui, oui* — aprovava-me —, *c'est une honte! Une dame… Oh! vous êtes généreux, vous! Soyez tranquille, je ferai voir raison à Lambert!…*[122]

Tanto que naquele instante devia parecer atrapalhado, vendo uma reviravolta tão inesperada nos seus sentimentos e por consequência também, sem dúvida, nos de Lambert. Não obstante, saí em silêncio; a perturbação reinava em minha alma e eu raciocinava mal. Oh! em seguida, examinei tudo, mas então era demasiado tarde! Oh! que infernal maquinação saiu dali! Paro aqui, para explicar de antemão, porque de outro modo o leitor seria incapaz de compreender.

O fato é que, desde minha primeira entrevista com Lambert, quando me degelava em casa dele, lhe havia sussurrado como um imbecil que o documento estava costurado no meu bolso. Naquele momento adormecera de súbito por algum tempo sobre seu divã no canto, e Lambert havia imediatamente tateado meu bolso e convencera-se de que efetivamente um papel estava ali costurado. Em seguida, pudera convencer-se por várias vezes de que o papel continuava ali: por exemplo, durante nossa refeição nos Tártaros, lembro-me de que me havia enlaçado várias vezes pela cintura. Compreendendo enfim qual a importância daquele papel, erguera todo um plano particular de que eu de modo algum suspeitava. Imaginava sempre, como um imbecil, que, se me convidava à sua casa com tanto encarniçamento, era muito simplesmente para inclinar-me a entrar para seu bando e agir com eles. Mas, ai!, convidava-me para coisa mais diversa! Convidava-me para me deixar embriagado e, no momento em que me deitasse, privado de conhecimento, e me pusesse a roncar, cortar meu bolso e apoderar-se do documento. Foi exatamente o que fizeram naquela noite. Alfonsina e ele; foi Alfonsina quem cortou o bolso. Uma vez de posse da carta, da carta dela, de

meu documento de Moscou, pegaram uma vulgar folha de papel de cartas da mesma dimensão e colocaram-na no mesmo lugar, depois recoseram tudo como se nada tivesse havido, de modo que não percebi nada. Foi Alfonsina quem recoseu também. E eu, eu, quase até o fim, durante um dia e meio ainda, continuei a crer-me o detentor do segredo, a crer que a sorte de Katierina Nikoláievna continuava a estar em minhas mãos!

Uma derradeira palavra: aquele roubo do documento foi a causa de tudo, de todas as outras desgraças!

## II

Eis agora os derradeiros dias de minhas memórias e chego ao fim do fim.

Eram cerca de dez horas e meia quando, muito excitado e, tanto quanto me lembro, estranhamente distraído, mas com uma decisão definitiva no coração, cheguei ao meu quarto. Não me apressava, sabia já o que faria. E de repente, mal punha o pé no nosso corredor, quando compreendi que nova desgraça havia caído sobre nós e que ocorrera uma complicação extraordinária: o velho príncipe, transportado naquele momento de Tsárkoie Sieló, achava-se no meu apartamento, com Anna Andriéievna a seu lado!

Tinham-no instalado, não no meu quarto, mas nos dois quartos contíguos, nos do locador. Na véspera ainda, tinham sido feitas naquelas duas peças algumas modificações e embelezamentos, aliás muito ligeiros. O locador mudara-se com sua mulher para o gabinete do locatário bexiguento e caprichoso de quem falei e este fora meter-se não sei onde.

Acolheu-me o locador, que se enfiou imediatamente no meu quarto. Tinha o ar menos decidido do que na véspera, mas achava-se numa excitação insólita, ao nível dos acontecimentos, se se pode dizer. Não lhe dirigi a palavra, mas, retirando-me para um canto e segurando a cabeça entre as mãos, fiquei assim um minuto. Ele pensou a princípio que eu tomava uma pose, mas por fim não se conteve mais e espantou-se:

— Há alguma coisa? — balbuciou. — Eu o esperava para perguntar-lhe — acrescentou, vendo que eu não lhe respondia —, se o senhor não quereria abrir essa porta, para comunicar-se diretamente com os aposentos do príncipe… em vez de fazê-lo pelo corredor. — Mostrava uma porta lateral, sempre fechada, comunicando com seus dois quartos, portanto agora com os aposentos do príncipe.

— Piotr Ipolítovitch — declarei-lhe com uma fisionomia grave —, peço-lhe que vá imediatamente convidar Anna Andriéievna a vir aqui conversar comigo. Há muito tempo que estão eles aqui?

— Vai fazer daqui a pouco uma hora.

— Pois bem, vá!

Ele foi e me trouxe a estranha resposta de que Anna Andriéievna e o Príncipe Nikolai Ivânovitch me esperavam com impaciência em seu aposentos; de modo que Anna Andriéievna não quisera vir, reajustei e escovei minha sobrecasaca, amarrotada durante a noite, lavei o rosto, penteei-me, tudo sem pressa; depois, compreendendo bem que era preciso ser prudente, dirigi-me aos aposentos do velho.

O príncipe estava sentado sobre um divã diante de uma mesa redonda, enquanto Anna Andriéievna, num outro canto, diante de outra mesa coberta por uma toalha e sobre a qual fervia o samovar da casa, mais reluzente do que nunca, preparava-lhe chá. Entrei com a mesma fisionomia severa e o velhinho, que havia de pronto reparado nisso, estremeceu; rapidamente, seu sorriso cedeu lugar a um verdadeiro espanto; mas não insisti, pus-me a rir e estendi-lhe as mãos; o coitado lançou-se nos meus braços.

Sem dúvida alguma, compreendi logo de que se tratava. Em primeiro lugar, era claro como dois e dois são quatro, que dum velho ainda quase esperto e apesar de tudo bastante sensato, dotado de certo caráter, tinham feito, depois que não mais nos víramos, uma espécie de múmia, uma verdadeira criança, medrosa e desconfiada. Acrescentarei que ele sabia perfeitamente por que o haviam trazido para ali e tudo se passara exatamente com o expliquei antes. Tinham-no, literalmente, e sem cuidados, derrubado, quebrado, esmagado com a notícia da traição de sua filha e do asilo de alienados. Deixara-se

conduzir, quase inconsciente, por medo, do que fazia. Disseram-lhe que eu era o detentor do segredo e que tinha a chave da solução definitiva. Direi imediatamente: eram essa solução definitiva e essa chave que ele temia mais do que tudo no mundo. Esperava ver-me entrar em seu quarto trazendo a sentença na testa e o papel na mão, e mostrava-se loucamente feliz por ver-me, enquanto esperava, disposto a rir e a tagarelar a respeito de qualquer outra coisa. Depois que nos abraçamos, desatou a chorar. Confesso, chorei um pouquinho também; mas senti de repente imensa compaixão por ele… O cãozinho de Alfonsina fazia ouvir um latido fraquinho como uma sineta e atirou-se do divã para mim. Aquele cão em miniatura não o largava mais desde que ele o adquirira; dormia com ele.

— *Oh! je disais qu'il a du coeur!*[123] — disse ele, designando-me a Anna Andriéievna.

— Como o senhor se reanimou, príncipe! Que fisionomia viçosa e fresca tem o senhor! — observei. Ali era justamente o contrário: era uma múmia, e eu falava assim unicamente para encorajá-lo.

— *N'est-ce pas? N'est-ce pas?*[124] — repetia ele, todo alegre.

— Mas tome afinal o seu chá. Se me oferecer uma xícara, beberei também em sua companhia.

— Maravilhosa ideia! "Bebamos e gozemos…", como é que é? Há uns versos assim. Anna Andriéievna, sirva-lhe chá; *Il prend toujours par les sentiments*…[125] Dê-nos chá, minha querida.

Anna Andriéievna serviu o chá, mas de repente voltou-se para mim e começou, com extrema solenidade.

— Arkádi Makárovitch, eis-nos ambos, meu benfeitor o Príncipe Nikolai Ivânovitch e eu, refugiados em sua casa. Estimo que tenhamos vindo para sua casa, somente para sua casa, e que ambos lhe peçamos asilo. Lembre-se de que quase todo o destino desse santo homem, nobre e aflito, está em suas mãos… Esperamos a decisão de seu reto coração!

Mas não pôde acabar; o príncipe foi tomado de medo e quase

tremeu de pavor:

— *Après, après, n'est-ce pas, chère amie?*[126] — repetia ele, erguendo as mãos para ela.

Não saberia exprimir e impressão penosa que me causou aquela interrupção. Não respondi nada e contentei-me com uma saudação fria e grave; em seguida, pus-me à mesa e falei intencionalmente de outra coisa, de bobagens, pus-me a rir e a pilheriar… O velho mostrava visível gratidão e regozijou-se com entusiasmo. Mas sua alegria, embora exaltada, era manifestamente frágil e podia num instante dar lugar a um completo desencorajamento; era claro à primeira vista.

— *Cher enfant!* Soube que estiveste doente… Ah! *pardon!* Disseram-me que estiveste muito ocupado todo este tempo com espiritismo.

— Nem mesmo pensei nisso — disse eu, sorrindo.

— Não, quem foi então que me falou de es-pi-ri-tis-mo?

— Foi o funcionário que mora aqui, Piotr Ipolítovitch, que falava nisso ainda há pouco — explicou Anna Andriéievna. — É um homem muito jovial e que conhece uma quantidade enorme de anedotas. Quer que o chame?

— *Oui, oui, il est charmant*… conhece anedotas, mas será melhor chamá-lo mais tarde. Vamos chamá-lo e ele nos contará tudo; *mais après*. Imagina que, ainda há pouco, punham a mesa e ei-lo que diz: "Fiquem tranquilos, ela não sairá voando, não somos espíritas. Será que, entre os espíritas, as mesas saem voando?".

— Não sei. Dizem que elas se levantam completamente.

— *Mais c'est terrible ce que tu dis!* — e lançou-me um olhar de espanto.

— Oh! não se inquiete, são tolices.

— É bem o que digo. Nastássia Stiepânovna Salomiéievna… tu a conheces bem… Ah! com efeito, não a conheces… Pois bem, imagina

que ela também crê no espiritismo e, imagine isto, *chère enfant* — voltou-se para Anna Andriéievna — disse-lhe um dia: nos ministérios também há mesas, com oito pares de mãos de burocratas pousados nelas e que não cessam de escrever; pois bem, por que essas mesas não dançam? Imagina se elas se põem de súbito a dançar! Uma revolta de mesas no Ministério das Finanças ou de Instrução Pública, era só o que faltava!

— Que coisas engraçadas o senhor sempre diz, príncipe! — exclamei, procurando rir sinceramente.

— *N'est-pas? Je ne parle pas trop, mais je dis bien*.[127]

— Vou buscar Piotr Ipolítovitch — disse Anna Andriéievna, levantando-se. O contentamento brilhava no seu rosto: vendo-me tão amável para com o velho, regozijava-se. Mal saíra ela, porém, mudou instantaneamente a fisionomia do velho. Olhou apressadamente para a porta, passeou uma olhadela por todo o quarto e, inclinando-se de seu divã para mim, cochichou-me com voz cheia de espanto:

— *Cher ami!* Se pudesse vê-las a ambas aqui juntas! *Oh! cher enfant!*

— Príncipe, acalme-se!…

— Sim, sim, mas… nós as reconciliaremos, *n'est-ce pas*? É uma miserável briguinha entre duas mulheres muito dignas, *n'est-ce pas*? Só confio em ti… Vamos regularizar tudo isto aqui. Mas que alojamento estranho… — Acrescentou, lançando um olhar quase receoso — e, sabes? Esse locador… tem uma cara extravagante… Dize-me, não é perigoso?

— O locador? Qual nada! Em que poderia ser perigoso?

— *C'est ça*.[128] Tanto melhor. *Il semble qu'il est bête, ce gentil-homme. Cher enfant*,[129] pelo amor de Cristo, não digas a Anna Andriéievna que tenho medo de tudo aqui. Elogiei tudo, desde minha chegada aqui, até mesmo o locador. Escuta, sabes da história de Von Sohn,[130] lembras-te?

— Sim, e então?

— *Rien, rien du tout… Mais je suis libre ici, n'est-ce pas?*[131] Que achas? Nada, nada pode acontecer-me aqui… no mesmo gênero?

— Mas asseguro-lhe, meu caro… acredite em mim…

— *Mon ami, mon enfant!* — exclamou ele, de repente, juntando as mãos diante de si e nada mais ocultando de seu pavor. — Se tens com efeito alguma coisa… documentos… em suma, se tens alguma coisa a dizer-me, pois bem, não digas; pelo amor de Deus, não digas nada; não fales… por mais tempo possível, não fales…

Queria abraçar-me; as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, não saberei dizer quanto se cerrou meu coração: o pobre velho assemelhava-se a uma criança lamentável, fraca, apavorada, arrancada de seu ninho natal por ciganos e levada para casa de estranhos. Mas não deixaram que nos abraçássemos: a porta abriu-se e Anna Andriéievna entrou, não entretanto com o locador, mas com seu irmão, o camareiro. Essa novidade confundiu-me; levantei-me e dirigi-me para a porta.

— Arkádi Makárovitch, permita-me que o apresente — declarou em voz alta Anna Andriéievna, de modo que, contra minha vontade, fui obrigado a parar.

— Conheço já "demasiado bem" seu irmão — disse eu, martelando as palavras e fazendo apoio no demasiado.

— Ah! que engano terrível! E sou tão culpado, meu caro An… Andriéi Makárovitch — balbuciou o rapaz, aproximando-se de mim com ar bastante desenvolto e pegando minha mão, antes que eu pudesse retirá-la. — O causador de tudo foi o meu Stiepan; anunciou-o de maneira tão atrapalhada, que o tomei por outro. Passou-se isso em Moscou — explicou ele a sua irmã. — Em seguida, fiz todos os esforços para encontrá-lo e para explicar-lhe a coisa, mas caí doente; pode perguntar à minha irmã… *Cher Prince, nous devons être amis, même par droit de naissance*…[132]

E o insolente rapaz ousou mesmo pousar a mão sobre meu ombro,

o que era bem o cúmulo de familiaridade. Saltei para o lado, mas, confuso, preferi retirar-me sem pronunciar uma palavra. De volta ao meu quarto, sentei-me no leito, pensativo e perturbado. A intriga sufocava-me, mas não podia, no entanto, aturdir e esmagar dum golpe Anna Andriéievna. Senti de chofre que também a amava e que sua situação era terrível.

## III

Como eu esperava, ela entrou no meu quarto, deixando o príncipe com seu irmão, que se pusera a repetir ao príncipe toda espécie de mexericos mundanos, fresquinhos e quentes, o que havia instantaneamente cativado e divertido o influenciável ancião. Em silêncio e com ar interrogativo, levantei-me do leito.

— Disse-lhe tudo, Arkádi Makárovitch — começou ela, redondamente. — Nossa sorte está em suas mãos.

— Mas também a preveni de que não podia… Os deveres mais sagrados impedem-me de fazer aquilo com que você conta…

— Deveras? É sua resposta? Então, quero mesmo perecer, mas o velho? Fique sabendo que ainda esta noite ele perderá a razão!

— Não, perderá a razão se lhe mostrar uma carta de sua filha, na qual ela consulta um advogado para saber como fazer para declarar seu pai louco! — exclamei com ardor. — Eis o que ele não suportará. Fique sabendo: ele não crê nessa carta, já me disse isso!

Mentia, afirmando o que ele me havia dito. Mas isto vinha a propósito.

— Já disse? Eu bem imaginava! Neste caso, estou perdida; ele já chorou e pediu para voltar para casa.

— Diga-me em que consiste precisamente o seu plano — pedi-lhe com insistência.

Ela corou, por orgulho ferido, por assim dizer, mas enrijeceu-se:

— Com essa carta de sua filha nas mãos, estamos justificados aos olhos do mundo. Eu logo iria procurar o Príncipe V*** e Boris Mikháilovitch Pielíchtchev, seus amigos de infância; são dois personagens honrados e influentes na sociedade, e sei que há dois anos manifestaram sua indignação contra certos atos daquela filha ávida e implacável. Com certeza vão reconciliá-lo com sua filha, a meu pedido, e eu mesma insistirei nisso; mas, em contraposição, a situação mudará por completo. Além disso, meus parentes, os Fanatiótovi, conto bem com isso, vão se decidir nesse momento a sustentar meus direitos. Mas para mim o que conta sobretudo é a felicidade dele; que ele compreenda por fim e aprecie quem lhe é realmente devotado. Sem dúvida, conto antes de tudo com sua influência, Arkádi Makárovitch. Você gosta tanto dele… Mas quem gosta dele, a não ser você e eu? Só tem feito falar em você durante estes últimos dias; sentia saudades de você, você é "seu jovem amigo"… Não é preciso acrescentar que, por toda a minha vida, minha gratidão não conhecerá limites…

Agora, prometia-me uma recompensa, dinheiro talvez!

Interrompi-a brutalmente:

— Não adianta falar, não posso! — declarei com um tom de decisão inflexível. — Posso somente pagar-lhe com a mesma sinceridade e explicar-lhe minhas derradeiras intenções: remeterei dentro em pouco essa carta fatal a Katierina Nikoláievna, em mão própria, mas com a condição de que, com tudo o que aconteceu agora, não faça ela escândalo e dê de antemão sua palavra de não impedir a felicidade de vocês. É tudo quanto posso fazer.

— É impossível! — declarou ela, corando totalmente. A simples ideia de que Katierina Nikoláievna poderia poupá-la excitava sua indignação.

— Não mudarei de decisão, Anna Andriéievna.

— Mudará talvez.

— Dirija-se a Lambert.

— Arkádi Makárovitch, você não sabe as desgraças que possam originar-se de sua teimosia — ela atirou com severidade e furor.

— Desgraças vão se originar, é certo… Minha cabeça está tonta. Mas basta: decidi e está acabado. Somente, peço-lhe, pelo amor de Deus, não me traga seu irmão.

— Mas ele deseja justamente fazer desaparecer…

— Não há nada a fazer desaparecer! Não preciso disso, não quero, não quero! — exclamei, segurando minha cabeça (oh! talvez a tenha tratado com demasiado orgulho!). Diga-me, entretanto, onde o príncipe passará a noite? Aqui?

— Passará a noite aqui, em sua casa e com você…

— Pois mudo-me esta mesma tarde!

Logo depois destas palavras cruéis, peguei meu gorro e comecei a vestir minha peliça. Anna Andriéievna observava-me em silêncio, com ar sombrio. Eu tinha compaixão, sim, tinha compaixão daquela moça orgulhosa! Mas saí do quarto sem lhe deixar uma palavra de esperança.

## IV

Tratarei de abreviar. Minha decisão estava tomada de modo irrevogável e segui diretamente para a casa de Tatiana Pávlovna. Ai! uma grande desgraça poderia ter sido evitada, se a tivesse encontrado em casa; mas, como por acaso, naquele dia a má sorte andava atrás de mim. Passei naturalmente também em casa de mamãe, primeiro para visitar minha mãe doente, depois porque contava encontrar lá, quase com certeza, Tatiana Pávlovna; esta, porém, não estava lá tampouco; acabava de sair, mamãe estava na casa e Lisa ficara sozinha com ela. Lisa pediu-me que não entrasse para não acordar mamãe: “Ela não dormiu a noite inteira, só faz atormentar-se. Por felicidade pegou agora mesmo no sono”. Beijei Lisa e disse-lhe em duas palavras que tomara uma decisão imensa e fatal e que ia pô-la em execução. Escutou-me sem grande espanto, como se fossem as palavras mais comuns. Estavam todos de tal modo acostumados às minhas

intermináveis derradeiras decisões e em seguida ao seu covarde abandono! Mas agora, agora era bem diferente! Passei apesar de tudo no botequim e ali fiquei um momento à espera, para encontrar em seguida com certeza Tatiana Pávlovna. Explicarei, aliás, por que tinha de repente tanta necessidade daquela mulher. É que eu queria enviá-la imediatamente à casa de Katierina Nikoláievna para fazê-la ir à sua casa, dela Tatiana, em cuja presença eu restituiria o documento, depois de ter-lhe explicado de uma vez por todas… Em suma, queria somente o bem; queria justificar-me duma vez por todas. Resolvido este ponto, decidi absoluta e resolutamente dizer algumas palavras em favor de Anna Andriéievna e, se possível, levar Katierina Nikoláievna e Tatiana Pávlovna (como testemunhas) à minha casa, isto é, aos aposentos do príncipe e ali reconciliar as mulheres inimigas, ressuscitar o príncipe e… e… em uma palavra, ali, naquele pequeno grupo, pelo menos desde aquele dia, tornar todo mundo feliz, depois do que não restariam mais senão Viersílov e mamãe. Não podia duvidar do bom êxito: Katierina Nikoláievna, cheia de gratidão pela restituição de sua carta, em troca da qual nada lhe pediria, não haveria de repelir meu pedido. Ai! continuava a imaginar que tinha o documento em meu poder! Oh! em que situação estúpida e indigna me encontrava sem o saber!

A escuridão já havia caído e podiam ser umas quatro horas, quando me apresentei de novo em casa de Tatiana Pávlovna. Mária respondeu grosseiramente que ela não havia voltado. Lembro-me muito bem agora de seu olhar de soslaio; mas, no momento, não podia suspeitar de nada. Pelo contrário, fui traspassado por esta outra ideia: ao descer irritado e um tanto desencorajado, a escada da casa de Tatiana Pávlovna, lembrei-me do pobre príncipe que ainda há pouco me estendia os braços e censurei-me de súbito acremente por tê-lo abandonado, talvez por despeito pessoal. Com inquietações, comecei a imaginar o que pudera ter ocorrido em seus aposentos na minha ausência, talvez algo de muito mau e apressei-me em voltar para casa. Ora, em casa tinham apenas ocorrido os seguintes acontecimentos.

Ao deixar-me, cheia de cólera, Anna Andriéievna não tinha ainda perdido coragem. É preciso dizer que, desde manhã, mandara à casa de Lambert, depois outra vez ainda, e, como Lambert nunca estivesse

em casa, enviara por fim seu próprio irmão à sua procura. Diante de minha resistência, a coitada punha sua derradeira esperança em Lambert e em sua influência sobre mim. Esperava-o com impaciência e admirava-se somente de que ele, que não a deixava e rondava em torno dela até aquele dia, a tivesse de súbito abandonado e desaparecido. Ai! não lhe podia vir à ideia que Lambert, agora detentor do documento, tomara decisões bem diversas e portanto ocultava-se como era natural e até mesmo se escondia propositadamente dela.

De modo que, com a inquietação e um alarme crescente no coração, Anna Andriéievna quase não tinha mais a força de distrair o velho; e, no entanto, a inquietação dele tomara proporções temíveis. Fazia perguntas estranhas e medrosas, punha-se a olhar com suspeita e por várias vezes desatou a chorar. O jovem Viersílov não ficou muito tempo. Depois dele, Anna Andriéievna levou afinal Piotr Ipolítovitch, com quem tanto contava, mas este, longe de agradar, só fez inspirar aversão. Duma maneira geral, o príncipe olhava Piotr Ipolítovitch com uma desconfiança e uma suspeita sempre maiores. Este, como por acaso, pusera-se novamente a tagarelar a respeito do espiritismo e de outros prodígios a que ele próprio assistira: um charlatão de passagem, que cortara cabeças em público, todo mundo via o sangue correndo, em seguida recolocava-as nos pescoços, onde se recolavam, igualmente em público, e tudo isso teria acontecido em 1859. O príncipe ficou tão apavorado e ao mesmo tempo foi dominado por tamanha indignação que Anna Andriéievna viu se obrigada a afastar imediatamente o narrador. Por felicidade chegou o jantar, especialmente encomendado desde a véspera (graças aos cuidados de Lambert e Alfonsina) em casa de notável cozinheiro francês da vizinhança, que estava desempregado e procurava um lugar numa casa aristocrática ou num clube. Aquele jantar com champanhe alegrou grandemente o velho; comeu muito e pilheriou muito. Depois da refeição, sentiu-se naturalmente pesado e teve vontade de dormir; como ele fizesse sempre a sesta, Anna Andriéievna preparara-lhe uma cama. Enquanto ia adormecendo, beijava-lhe as mãos e dizia que ela era seu paraíso, sua esperança, sua huri, sua flor de ouro; numa palavra, valeu-se das expressões mais orientais. Por fim adormeceu e foi então que eu voltei.

Anna Andriéievna apressou-se em entrar no meu quarto, juntou diante de mim as mãos e disse que me suplicava não mais por ela, mas pelo príncipe, que não me fosse embora, mas fosse vê-lo, quando ele acordasse. “Sem você, ele está perdido, terá um ataque; receio que ele não chegue até a noite…” Acrescentou que tinha necessidade absoluta de ausentar-se, “talvez mesmo por duas horas e, que, por consequência, deixava o príncipe aos meus cuidados”. Dei-lhe calorosamente minha palavra de que ficaria lá até a noite e que, quando ele acordasse, faria todos os esforços para distraí-lo.

— E eu cumprirei o meu dever! — concluiu ela, com energia.

Foi-se embora. Acrescentarei, antecipadamente: partiu à procura de Lambert; era sua derradeira esperança; além disso, visitou seu irmão e seus parentes Fanariótovi; compreende-se em que estado de alma deve ter voltado.

O príncipe acordou cerca de uma hora após a saída dela. Através da parede ouvi-o gemer e corri logo ao seu quarto; encontrei-o sentado no leito, de roupão, mas tão aterrorizado pela solidão, pela luz da lâmpada única e por aquele quarto estranho que, no momento em que entrei, estremeceu, teve um susto e lançou um grito. Corri para ele e, quando viu que era eu, abraçou-me com lágrimas de alegria.

— Tinham-me dito que te havias mudado, que ficaste com medo e fugiste.

— Quem pôde dizer-lhe isso?

— Quem? Ora, talvez fui eu que o inventei, talvez também alguém me tenha dito. Imagina que tive ainda há pouco um sonho: vejo de repente entrar um velho barbudo com um ícone, um ícone quebrado em dois pedaços, que me diz: “Assim se partirá tua vida!”.

— Ah! meu Deus, decerto soube isso de alguém, que Viersílov quebrou ontem um ícone.

— *N’est-ce pas?* Sim, sim, soube. Soube esta manhã de parte de Dária Onísimovna. Ela trouxe para cá minha mala e meu cão.

— Eis um sonho engraçado!

— Pouco importa! E imagina que o tal velho não cessava de ameaçar-me com o dedo. Mas onde está Anna Andriéievna?

— Voltará agora mesmo.

— Donde? Aonde foi ela? — exclamou ele, dolorosamente.

— Não, não, está aqui agora mesmo. Pediu-me para ficar um momento aqui com o senhor.

— *Oui*, ela voltará. De modo que o nosso Andriéi Pietróvitch perdeu o juízo? "E tão súbita e tão lestamente[133]!" Sempre lhe predisse que acabaria assim. Espera, meu amigo…

De repente, agarrou-se à minha sobrecasaca e atraiu-me para ele.

— O locador — disse em voz baixa — trouxe-me ainda há pouco fotografias, imorais fotografias de mulheres, nada mais senão mulheres nuas em diversas poses orientais, e pôs-se a mostrar-mas à luz… Eu, vês tu?, fiz-lhes o elogio, a contragosto, mas é da mesma maneira que levavam mulheres de má vida àquele desgraçado, para em seguida embriagá-lo mais facilmente…

— O senhor refere-se ainda a von Sohn. Mas deixemos isso, príncipe! O locador é um imbecil, muito simplesmente.

— Um imbecil, muito simplesmente! *C'est mon opinion*. Meu amigo, se puderes, salva-me daqui!

E de repente juntou as mãos, suplicando-me.

— Príncipe, farei tudo quanto puder! Sou todo seu… Meu caro príncipe, espere e talvez eu arranje tudo…

— *N'est-ce pas?* Não faremos nem uma, nem duas, fugiremos e deixaremos nossa mala para lhe fazer crer que voltaremos.

— Fugir para onde? E Anna Andriéievna?

— Não, não, com Anna Andriéievna… *Oh! mon cher!* tenho a

cabeça a ferver… Espera: há ali, no saco da direita, um retrato de Kátia; meti-o lá às ocultas ainda há pouco para Anna Andriéievna e sobretudo essa Dária Onísimovna não o notem; tira-o depressa, pelo amor de Deus, e presta bem atenção para que não nos surpreendam… Não haverá meio de correr o ferrolho na porta?

Encontrei efetivamente no saco de viagem uma fotografia de Katierina Nikoláievna, numa moldura oval. Pegou-a, levou-a à luz e lágrimas correram de súbito pelas suas faces magras e amarelas:

— *C'est un ange! c'est un ange du ciel!* — exclamou ele. — Toda a minha vida fui culpado para com ela… E agora também! *Chère enfant*, não acredito em nada, em nada! Meu amigo, dize-me: será possível que queiram encerrar-me num asilo de loucos? *Je dis des choses charmantes et tout le monde rit*…[134] e eis o homem que mandariam para um asilo de loucos!

— É impossível! — exclamei. — É um engano. Conheço seus sentimentos.

— Tu também conheces seus sentimentos? Pois bem, tanto melhor! Meu amigo, tu me ressuscitaste. Que não me disseram eles de ti! Chama Kátia aqui, meu amigo, e que elas se beijem, as duas, diante de mim. Eu as levarei para casa e poremos o locador para fora!

Levantou-se, juntou as mãos e de repente ajoelhou-se diante de mim:

— *Cher* — cochichou-me, com um medo insensato, tremendo como uma folha —, meu amigo, dize-me toda a verdade: aonde vão meter-me agora?

— Meu Deus! — exclamei, erguendo-o e sentando-o no leito. — O senhor não acredita em mim, nem mesmo em mim? Acredita que também eu participe da conjura? Mas não permitirei a ninguém aqui tocar-lhe com o dedo!

— *C'est ça*, não permitas! — balbuciou ele, apertando com força meus cotovelos com suas duas mãos e continuando a tremer. — Não me entregues a ninguém! E tu mesmo, não me mintas… porque… será

impossível que me levem daqui? Escuta-me, esse locador, Ipolit, ou como é mesmo o nome dele? não é… doutor?

— Que doutor?

— Mas isto aqui… não é um hospício de loucos, este quarto aqui?

Mas neste instante, de súbito, a porta abriu-se e Anna Andriéievna entrou. Tinha sem dúvida escutado à porta e, não mais se contendo, abrira demasiado bruscamente: o príncipe, que estremecia ao menor rangido, lançou um grito e mergulhou a cabeça em seu travesseiro. Teve por fim uma espécie de ataque, que se desfez em soluços.

— Eis o fruto de seu belo trabalho! — disse-lhe, mostrando-lhe o velho.

— Não, é o fruto do trabalho de você! — disse ela, elevando a voz. — Pela última vez, dirijo-me a você, Arkádi Makárovitch: quer revelar a intriga infernal montada contra esse velho sem defesa e sacrificar "seus sonhos de amor insensatos e pueris" para salvar sua própria irmã?

— Eu os salvarei a todos, mas somente como o disse ainda há pouco! Dou um salto e numa hora talvez Katierina Nikoláievna em pessoa estará aqui! Vou reconciliar todos vocês e todo mundo será feliz! — exclamei, quase inspirado.

— Traze-a, traze-a aqui! — disse o príncipe, enfim recuperando os sentidos. — Conduze-me à casa dela! Quero Kátia, quero ver Kátia e abençoá-la! — exclamava, erguendo os braços e arrancando-se do leito.

— Está vendo, mas ele poderia ainda justificar minha conduta aos olhos do mundo, enquanto eu, hoje, eis-me desonrada! Basta! Minha consciência está pura. Sou abandonada por todos, até mesmo por meu próprio irmão, que receou um fracasso… Mas cumprirei meu dever e ficarei junto desse coitado, para servir-lhe de criada, ou enfermeira!

Mas não havia tempo a perder e saí correndo do quarto:

— Votarei dentro de uma hora e não voltarei só! — gritei do

limiar.

## Capítulo XII

### I

Afinal encontrei Tatiana Pávlovna! Dum jato expus-lhe tudo, toda a história do documento e tudo quanto se passava em nossa casa, até o último detalhe. Se bem que ela compreendesse perfeitamente e fosse capaz de apreender o caso em duas palavras, minha exposição levou, creio, uns dez minutos. Era o único a falar, dizia toda a verdade e não corava. Silenciosa e imóvel, direita como uma estaca, permanecia sentada na sua cadeira, os lábios cerrados, sem tirar de mim os olhos, escutando-me com a mais viva atenção. Mas quando acabei, saltou de repente e tão precipitadamente que eu também saltei.

— Ah! canalhinha! Então aquela carta estava com efeito costurada na tua roupa e foi aquela imbecil de Maria Ivânovna quem a costurou? Ah! canalha, sem-vergonha! Então era para domar os corações que chegavas aqui, para conquistar a alta-roda, para te vingares em não importa quem pelo fato de seres um bastardo?

— Tatiana Pávlovna — exclamei —, proíbo-a de injuriar-me! Foi talvez a senhora, com suas injúrias, desde o começo, a causa de todo esse horror aqui. Sim, sou bastardo e talvez quis com efeito vingar-me de não importa quem, já que o próprio diabo seria incapaz de descobrir o culpado; mas lembre-se de que repudiei minha aliança com os canalhas e que dominei minhas paixões! Colocarei sem nada dizer o documento diante dela e irei embora, sem mesmo esperar uma palavra sua. A senhora será testemunha!

— Entrega essa carta, entrega-a imediatamente, coloca-a aqui em cima da mesa! Quem sabe se não estás mentindo?

— Está costurada no meu bolso; foi Maria Ivânovna em pessoa quem a costurou; e aqui, quando fizeram para mim uma sobrecasaca nova, tirei-a da antiga e costurei-a eu mesmo nesta; ei-la, aqui, pegue, tateie, não estou mentindo!

— Pois bem, me dá aqui, tira-a! — encarniçava-se Tatiana Pávlovna.

— Por coisa alguma do mundo, repito. Vou colocá-la diante dela na sua presença e sairei sem esperar uma palavra sequer. Mas é preciso que ela saiba e que ela veja com seus próprios olhos que sou eu, eu mesmo quem a entrega, voluntariamente, sem constrangimento e sem recompensa.

— Para fazer bonito mais uma vez, não é? Continuas apaixonado?

— Diga maldades tantas vezes quantas lhe aprouver. Pois seja, mereci-as e não me ofendo. Ela verá em mim talvez um rapazola que a tocaiou e imaginou uma conjura. Pois seja! mas confesse que eu domei a mim mesmo, que pus sua felicidade acima de tudo no mundo! Pouco importa, Tatiana Pávlovna, pouco importa! Grito a mim mesmo: coragem e esperança! É talvez meu primeiro passo na carreira, sim, mas acabou bem, acabou nobremente! Depois, se a amo — continuei, inspirado e com os olhos brilhantes —, não me envergonho disso: mamãe é um anjo do céu, e ela é uma rainha da terra! Viersílov voltará para mamãe e diante dela não tenho de que corar; ouvi o que diziam, ela e Viersílov, eu estava por trás do reposteiro… Oh! sim, todos três somos gentes da mesma loucura. Sabe de quem é esta frase: “gente da mesma loucura”? É dele, de Andriéi Pietróvitch! E sabe que somos aqui, mais de três, talvez, sofrendo esse mesmo gênero de loucura? Sim, aposto que a senhora é a quarta! Quer que lhe diga? Aposto que a senhora mesma esteve apaixonada, toda a sua vida, por Andriéi Pietróvitch, e que continua ainda agora…

Repito, estava como que inspirado e feliz, mas não tive tempo de acabar: de repente, com um gesto extraordinariamente rápido, agarrou-me pelos cabelos e curvou-me a cabeça duas vezes com toda a sua força para baixo… depois largou-me ali e retirou-se para um canto, o rosto contra a parede e oculto no seu lenço:

— Canalha! Não me digas mais semelhantes coisas! — disse, chorando.

Era tão inesperado que fiquei naturalmente aturdido. Fiquei plantado ali, a olhá-la, sem saber que fazer.

— Oh! imbecil! Vem cá, vem beijar tua velha idiota! — continuou ela, de chofre, rindo e chorando. — E não repitas mais nunca essas coisa… Amo-te, toda a minha vida te amei… idiota!

Beijei-a. Direi entre parênteses que a partir daquele momento, Tatiana Pávlovna e eu ficamos amigos.

— Ah! sim! Mas que faço eu aqui! — exclamou ela de repente, batendo na testa. — Que é que me dizes? Que o velho príncipe está em tua casa? É bem verdade?

— Garanto-lhe.

— Ah! meu Deus! Estou com uma dor no coração! — Pôs-se a girar e a azafamar-se pelo quarto. — E é assim que o tratam! Será que os idiotas nunca são punidos? E desde manhã? Vai bem, essa Anna Andriéievna! Vejam-me só essa freirinha! E a outra, a Militrisa,[135] não sabe de nada!

— Que Militrisa?

— Mas a rainha da terra, o ideal, sei o quê! E que vamos fazer agora?

— Tatiana Pávlovna! — exclamei, volvendo a mim. — Estamos dizendo bobagens e esquecemos o principal: vim buscar Katierina Nikoláievna e esperam-me lá.

E expliquei-lhe que entregaria o documento com a condição de que ela me prometesse fazer imediatamente as pazes com Anna Andriéievna e consentir mesmo no seu casamento…

— Está muito bem — interrompeu Tatiana Pávlovna —, eu também já lhe repeti isso centenas de vezes. De qualquer maneira, ele morrerá antes do casamento, não casará com ela e, se deixa dinheiro no seu testamento a Anna, de toda maneira já está escrito sem isso…

— Será que Katierina Nikoláievna lamenta apenas o dinheiro?

— Não, temia sempre que o documento estivesse em casa dela, de Anna, e eu também. Era ela que nós vigiávamos. A filha não tinha

vontade de abalar o velho, mas quanto ao alemão, Bioring, é verdade que ele lamentava o dinheiro.

— E depois disso, ela pode casar com Bioring?

— E que queres fazer com uma idiota? Quando se é idiota, é para toda a vida. Ele lhe proporcionará, fica sabendo, uma espécie de tranquilidade: "É preciso mesmo casar com alguém. Pois bem, tanta faz ele como qualquer outro". Vamos, veremos a tranquilidade que vai dar-lhe! Depois, ela morderá os dedos, mas será tarde demais.

— Então, por que o permite? Gosta dela, no entanto. Disse-lhe em face, que gostava dela.

— Gosto, sim, e gosto mais dela do que vocês todos juntos… O que não impede que ela seja uma famosa idiota!

— Então corra à casa dela imediatamente. Tomaremos uma decisão e vamos levá-la a seu pai.

— Mas é impossível, impossível, pedaço de idiota! É justamente o que é impossível! Ai! que fazer? Ah! a cabeça anda-me à roda. — E agitou-se de novo, apanhando porém seu xale. — Ah! se tivesses vindo quatro horas mais cedo! Agora já são sete horas, ela já saiu para jantar em casa de Pielíchtchevi e ir com eles depois à Ópera.

— Senhor! E se corrêssemos à Ópera?… Mas não, é impossível! Mas que será do velho? Morrerá talvez esta noite!

— Escuta-me, não vás lá, vai para a casa de tua mãe, passa a noite lá e amanhã cedo…

— Não, por coisa alguma no mundo abandonarei o velho, aconteça o que acontecer.

— Tens razão, não abandones. Mas eu, sabes?… correrei apesar de tudo à casa dela e deixarei um recado… Bem sabes, escreverei à nossa maneira (ela compreenderá!) que o documento está lá e que, amanhã, às dez horas da manhã em ponto, esteja ela em minha casa sem falta! Fica tranquilo, ela virá, vai me dar ouvidos, a mim. E num instante arranjaremos tudo. Quanto a ti, corre até lá e arranja-te com

o velho… deita-o. Talvez ele se aguente até de manhã! Não amedrontes tampouco Anna; é que gosto dela também. És injusto para com ela porque não podes compreender: está ofendida, tem sido ofendida desde sua infância. Ah! o que vocês todos me tem custado, todos! Mas não te esqueças: diz-lhe de minha parte que o caso corre por minha conta, pessoalmente e de todo coração, e que fique tranquila, seu orgulho não terá de sofrer… É que brigamos estes dias, trocamos desaforos! Vamos, corre lá… Espera, mostra-me ainda teu bolso… é bem verdade, bem verdade? Hem? É bem verdade? Então, dá aqui essa carta, ao menos por esta noite, para que a queres? Deixa-a aqui, não a comerei. Talvez venhas a perdê-la justamente esta noite… mudarás de opinião.

— Por coisa alguma do mundo! — exclamei. — Pegue, tateie, olhe! Mas por coisa alguma do mundo a deixarei!

— Vejo bem que há um papel! — Tateava com os dedos. — Bem, está bom. Vai-te e eu talvez dê um pulo ao teatro. Foi uma boa ideia que tiveste. Mas vai correndo, pois, vai-te!

— Tatiana Pávlovna, um instante! E mamãe?

— Vai bem.

— E Andriéi Pietróvitch?

Fez um gesto evasivo.

— Recuperará o juízo.

Saí correndo, encorajado, cheio de esperança, se bem que o resultado viesse a ser muitíssimo diverso do que o esperado. Mas ai! a sorte decidira diferentemente e eu ignorava o que ela preparava para mim. É verdade que existe um destino nesta terra.

## II

Da escada, ouvi barulho em nossos aposentos. A porta do apartamento estava aberta. No corredor mantinha-se um lacaio desconhecido, de libré. Piotr Ipolítovitch e sua mulher, ambos

amedrontados, estavam também no corredor, em posição de expectativa. A porta do príncipe estava aberta: no interior repercutia uma voz tonitruante, que reconheci logo como a de Bioring. Não dera ainda dois passos quando vi de súbito o príncipe, todo lacrimoso, tremente, trazido pelo corredor por Bioring e seu companheiro, o Barão R***, o mesmo que viera combinar o duelo com Viersílov. O príncipe soluçava, apertava a abraçava Bioring. Bioring gritava contra Anna Andriéievna, que havia também saído para o corredor acompanhando o príncipe; ele a ameaçava e, creio, batia com o pé: em suma, portava-se como grosseiro soldado alemão, apesar de toda a sua linha social. Soube-se mais tarde que lhe ocorrera a ideia de que Anna Andriéievna cometera algum crime de direito comum e devia agora responder pela sua conduta perante a justiça. Por ignorância do caso, exagerava-o, como acontece a muitos e é por isso que se julgava no direito de agir absolutamente sem cerimônia. Sobretudo não tivera tempo de aprofundar: tinham-no avisado de tudo, anonimamente, como se ficou sabendo depois (e como o mencionarei dentro em pouco) e acorrera naquele estado de cavalheiro encolerizado no qual até mesmo os indivíduos de mais espírito daquela nacionalidade estão prontos por vezes a se agredir como trapeiros. Anna Andriéievna acolhera todo aquele assalto com perfeita dignidade, mas não fui testemunha disso. Vi somente que depois de ter tirado o velho para o corredor, Bioring deixou-o de repente em mãos do Barão R*** e, voltando-se precipitadamente em resposta a alguma observação dela:

— A senhora é uma intrigante. O que quer é o dinheiro dele! A partir deste momento está desonrada perante a sociedade e dará contas à justiça!…

— O senhor é que explora um pobre doente e o levou à loucura… E grita contra mim porque sou uma mulher e não tenho ninguém para me defender…

— Ah! sim! A senhora é noiva dele, noiva dele! — zombou maldosa e raivosamente Bioring.

— Barão, barão… *Chère enfant, je vous aime* — choramingou o príncipe, estendendo as mãos para Anna Andriéievna.

— Venha, príncipe, venha, há uma conjura contra o senhor e talvez contra sua vida! — gritou Bioring.

— *Oui, oui, je comprends, j'ai compris au commencement*…[136]

— Príncipe — disse Anna Andriéievna, elevando a voz —, o senhor me ofende e deixa que me ofendam!

— Fora daqui! — gritou-lhe de repente Bioring.

Não pude mais conter-me.

— Canalha! — berrei. — Anna Andriéievna, sou seu defensor!

Não tenho nem a intenção nem a possibilidade de anotar todos os pormenores. Foi uma cena terrível e ignóbil. Perdi de súbito a razão. Creio que me atirei e bati nele: pelo menos, dei-lhe um forte empurrão. Ele me bateu também com toda a sua força, na cabeça, tanto que caí no chão. De volta a mim, lancei-me atrás deles na escada; lembro-me de que o sangue me corria do nariz. Diante da porta, um carro os esperava. Enquanto instalavam o príncipe, saltei sobre o veículo e, apesar do lacaio que me afastava, atirei-me de novo em cima de Bioring. Não me lembro mais como chegou a polícia. Bioring agarrou-me pela gola e ordenou imperiosamente ao guarda que me conduzisse ao posto. Gritei que ele devia ir também, para que se instaurasse processo e que não tinham o direito de prender-me quase ao sair de minha casa. Mas, como isso se passava na rua e não no apartamento, como eu gritasse, praguejasse e me debatesse como um bêbedo, como Bioring estivesse fardado, o guarda levou-me. Mas então fui totalmente dominado pelo furor e, resistindo com todas as minhas forças, bati, creio bem, no guarda. Depois, lembro-me, chegaram mais dois que me levaram. Mal me lembro como me introduziram numa peça enfumaçada, tresandante a tabaco, com uma multidão de indivíduos de toda espécie, sentados ou de pé, esperando ou escrevendo; ali, também, continuei a gritar: reclamava o processo, o caso se complicava com resistência e rebelião contra a autoridade. Aliás, eu estava demasiado descomposto. De repente alguém gritou contra mim. O guarda entretanto acusava-me de briga e fazia seu relato: um coronel…

— Seu nome? — gritaram.

— Dolgorúki — berrei.

— Príncipe Dolgorúki?

Fora de mim, respondi com três palavrões, depois… depois lembro-me de que me levaram para um gabinete escuro, até que me desembriagasse. Oh! não protesto. Todo mundo leu recentemente nos jornais a queixa dum senhor que passou uma noite inteira no posto, acorrentado na cela de desembriagamento, e aquele, creio bem, estava completamente inocente; eu era culpado. Estirei-me numa esteira, em companhia de dois indivíduos que dormiam sono de cadáveres. A cabeça doía-me, as têmporas latejavam-me, o coração palpitava. Sem dúvida perdera o conhecimento e delirava. Lembro-me somente de que despertei em plena noite e sentei-me na esteira. Bruscamente lembrei-me de tudo, compreendi tudo e, com os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos, mergulhei numa profunda meditação.

Oh! não vou descrever aqui meus sentimentos, não tenho tempo. Anotarei somente isto: nunca vivi, talvez, instantes mais alegres do que aqueles minutos de meditação, na noite profunda, sobre a esteira, no posto policial. Isto poderá parecer estranho ao leitor, como uma fanfarronada, um desejo de brilhar pela originalidade, e, no entanto, é como digo. Foi um desses instantes que acontecem talvez a todo homem, porém não mais de uma vez na vida. Naquele instante, decide-se sua sorte, determinam-se suas opiniões, diz-se a si mesmos duma vez por todas: “Eis onde está a verdade e aonde é preciso ir para encontrá-la”. Sim, aquele instante iluminou minha alma. Ofendido pelo descarado do Bioring e contando logo no dia seguinte ser ofendido por aquela mulher da alta-roda, sabia bem que podia tirar uma terrível vingança, mas resolvi não me vingar. Resolvi, malgrado a tentação, não revelar o documento, não o dar a conhecer à sociedade (como já girava a ideia em minha cabeça); repetia a mim mesmo que logo no dia seguinte colocaria aquela carta diante dela e que, se fosse preciso, em lugar de gratidão, obteria seu sorriso zombeteiro, mas que, apesar de tudo, não diria uma palavra e que a deixaria para sempre… Mas inútil insistir. Quanto ao que se passaria no dia seguinte, quando me fariam comparecer perante as autoridades e ao

que fariam de mim, quase me esqueci de pensar nisso. Benzi-me com amor, deitei-me sobre a esteira e dormi um claro sono de criança.

Acordei tarde, com o dia já claro. Estava agora sozinho na cela. Sentei-me e pus-me a esperar em silêncio, muito tempo, cerca de uma hora; eram sem dúvida nove horas quase, quando de repente me chamaram. Poderia entrar em maiores detalhes, mas isso não vale a pena, pois toda essa história está agora passada; será bastante dizer o essencial. Anotarei somente que, para grande espanto meu, trataram-me com uma polidez inusitada: fizeram-me algumas perguntas, respondi não sei mais quê e puseram-me em liberdade imediatamente. Saí em silêncio e li com satisfação nos olhos deles certo espanto para com um homem que, numa situação semelhante, soubera nada perder de sua dignidade. Se não tivesse reparado, não teria anotado aqui. Diante da porta, Tatiana Pávlovna me esperava. Explicarei em duas palavras por que me livrara com tanta facilidade.

De manhã cedo, cerca das oito horas talvez, Tatiana Pávlovna correra à minha casa, isto é, à casa de Piotr Ipolítovitch, esperando ainda lá encontrar o príncipe, e bruscamente viera a saber de todos os horrores da véspera e sobretudo que eu fora detido. Num piscar de olhos foi à casa de Katierina Nikoláievna (que, já na véspera, de volta do teatro, tivera uma entrevista com seu pai que acabavam de levar-lhe), acordou-a, fez-lhe medo e exigiu minha libertação imediata. Munida dum bilhete dela, voou logo à casa de Bioring e exigiu imediatamente dele outro bilhete para quem de direito, contendo um pedido “instante de me libertar sem demora, uma vez que fora detido por engano”. Com este bilhete, chegou aos posto e seu pedido foi atendido.

## III

Agora volto ao ponto essencial.

Tatiana Pávlovna pegou-me pelo braço, instalou-me num carro e levou-me à sua casa. Lá, mandou buscar sem demora um samovar, lavou-me a cara e fez meu asseio na sua cozinha. Naquela mesma cozinha, disse-me em voz alta que às onze e meia, Katierina Nikoláievna estaria em casa dela Tatiana, em pessoa — tinham

combinado isso as duas havia pouco — para me ver. Foi então que Mária ouviu estas palavras. Um minuto depois, trouxe o samovar e, dois minutos ainda, mais tarde, quando de repente Tatiana Pávlovna a chamou, não respondeu: tinha saído. Rogo ao leitor que anote bem; eram então, suponho, dez horas menos um quarto. Tatiana Pávlovna ficou zangada por ela ter desaparecido sem permissão; mas disse a si mesma apenas que ela fora ao armazém e não pensou mais nisso. Tínhamos outra coisa em que pensar; falávamos sem cessar, porque havia muito assunto, de sorte que eu, por exemplo, não notei, por assim dizer, o desaparecimento de Mária. Rogo ao leitor que se lembre disso também.

Não é preciso dizer que eu estava aturdido; expunha meus sentimentos e sobretudo esperávamos Katierina Nikoláievna e a ideia que dentro de uma hora eu a tornaria a encontrar afinal, e ainda num momento tão decisivo de minha vida, dava-me tremores. Por fim, depois que bebi duas xícaras, Tatiana Pávlovna levantou bruscamente, pegou as tesouras em cima da mesa e disse:

— Põe para cá teu bolso: é preciso retirar a carta. Não se pode, no entanto, cortá-la diante dela!

— Sim! — exclamei, desabotoando minha sobrecasaca.

— Como está enredado! Quem coseu isso?

— Fui eu, Tatiana Pávlovna, eu mesmo.

— Está-se vendo que foste tu. Vamos…

Retiramos a carta; o velho envelope era bem o mesmo, mas dentro só havia um papel em branco.

— Que quer dizer isso? — exclamou Tatiana Pávlovna, voltando-o em todos os sentidos… — Que tens?

Eu estava de pé, com a língua paralisada, lívido… e de chofre deixei-me cair sem forças sobre a cadeira, quase perdendo os sentidos.

— Que quer dizer isso ainda? — berrou Tatiana Pávlovna. — Onde está teu bilhete?

— Lambert! — exclamei de súbito, em sobressalto. Tinha adivinhado enfim e batia na testa.

Às carreiras, perdendo fôlego, expliquei-lhe tudo, a noite em casa de Lambert e nossa conjura de então; aliás eu já lhe havia confessado essa conjura na véspera.

— Foi roubada! Foi roubada! — gritava eu, batendo os pés e arrancando os cabelos.

— Que desgraça! — decidiu de repente Tatiana Pávlovna, compreendendo o que se tratava. — Que horas são?

Eram cerca de onze horas.

— E Mária que não está em casa. Mária, Mária!

— Que deseja a senhora? — respondeu de súbito Mária, do fundo da cozinha.

— Estás aí? Mas que fazes agora? Vou dar um pulo à casa dela… E tu, bestalhão! Bestalhão!

— Eu vou à casa de Lambert! — berrei —, e vou estrangulá-lo se for preciso.

— Senhora! — anunciou Mária de sua cozinha. — Há aqui uma pessoa que pergunta pela senhora…

Não havia terminado ainda sua frase e já a pessoa irrompia por si mesma, com gritos e urros. Era Alfonsina. Não descreverei a cena em todos os seus detalhes; era uma verdadeira cena: trapaça e mentira, mas deve-se anotar que Alfonsina a desempenhou maravilhosamente. Com lágrimas de arrependimento e gestos frenéticos, contou (em francês, é claro) que a carta fora ela que a roubara, que estava agora em casa de Lambert e que Lambert, de acordo com aquele bandido, *cet homme noir*, queria atrair à sua casa *madame la générale* e matá-la, imediatamente, dentro de uma hora… que tudo soubera da boca deles e que fora tomada dum medo terrível, vendo nas mãos deles uma pistola, *le pistolet*, e que correra para cá, para nossa casa, para que fôssemos lá, para que a salvássemos, para que a preveníssemos… *Cet*

*homme noir*…

Em suma, tudo aquilo era extremamente verossímil e até mesmo a tolice de certas explicações de Alfonsina aumentava a verossimilhança.

— Que *homme noir*? — gritou Tatiana Pávlovna.

— *Tiens, j'ai oublié son nom… Un home affreux… Tiens, Viersíloff.*[137]

— Viersílov? É impossível! — exclamei.

— Não é não, ele é capaz disso! — gritou Tatiana Pávlovna. — Mas diga-me, senhorinha, sem saltar, sem agitar os braços, que é que eles querem fazer? Explique-se razoavelmente: não posso crer que queiram atirar nela…

A senhorinha explicou nestes termos (N.B.: não passava tudo de mentira, previno ainda uma vez): Viersílov ficará atrás da porta, e Lambert, assim que ela entrar, mostrar-lhe-á *cette lettre*, então Viersílov saltará e eles a… *Oh! ils feront leur vengeance!*[138] E ela, Alfonsina, teme uma desgraça, porque foi cúmplice e *cette dame, la générale*, chegará certamente "imediatamente, imediatamente", porque lhe enviaram cópia da carta e ela verá imediatamente que são eles detentores deveras do original, então ela irá; ora, foi Lambert sozinho que lhe escreveu a carta; ela nada sabe de Viersílov; Lambert apresentou-se como uma pessoa chegada de Moscou, da parte *d'une dame de Moscou*. (N.B.: Maria Ivânovna!)

— Ah! tenho uma dor no coração! Sinto-me mal! — exclamou Tatiana Pávlovna.

— *Sauvez-la, sauvez-la!*[139] — gritava Alfonsina.

Certamente, mesmo à primeira vista, havia naquela notícia insensata algo de incoerente, mas não havia tempo para refletir nisso, porque, com efeito, tudo era horrivelmente verossímil. Podia-se ainda supor, com muita verossimilhança que, tendo recebido o convite de Lambert, Katierina Nikoláievna passaria primeiro em nossa casa, em

casa de Tatiana Pávlovna, para tirar a coisa a limpo; mas também isso podia muito bem não acontecer e ela podia ir diretamente à casa deles e então estava perdida! Era, no entanto, difícil de crer que ela se lançasse assim em casa de um desconhecido como Lambert ao seu primeiro apelo; mas ainda uma vez isso também podia acontecer, por exemplo, depois de ter visto a cópia e ter-se convencido de que sua carta estava realmente em casa deles, e então era a mesma catástrofe. Sobretudo, não nos restava um minuto a perder, até mesmo para refletir.

— E Viersílov a estrangulará! Se desceu até Lambert, decerto a estrangulará! É o duplo! — exclamei.

— Ah! esse duplo! — disse Tatiana Pávlovna, torcendo as mãos. — Vamos, nada a fazer — decidiu de repente. — Toma teu gorro e tua peliça e vamos lá juntos. Conduza-nos, senhorinha. Ah! como é longe! Mária, Mária, se Katierina Nikoláievna vier, dize-lhe que volto imediatamente, que ela se sente e me espere, e, se não quiser esperar-me, feche a porta a chave e mantém-na aqui à força. Dize-lhe que sou eu quem assim o quer. Vou te dar cem rublos, Mária, se me prestares esse serviço.

Corremos para a escada. Sem dúvida alguma, nada havia de melhor a fazer, pois que em todo o caso o mal principal estava em casa de Lambert e que, se Katierina Nikoláievna viesse, com efeito, em primeiro lugar, à casa de Tatiana Pávlovna, Mária sempre poderia retê-la. No entanto, Tatiana Pávlovna, que já havia chamado um cocheiro, mudou de repente de opinião:

— Vai com ela! — ordenou-me, deixando-me com Alfonsina. — E morre lá, se for preciso, entendes? Eu irei procurar-te, mas antes darei um pulo à casa dela, talvez a encontre, porque, digas o que disseres, tenho suspeitas!

Voou à casa de Katierina Nikoláievna. Alfonsina e eu corremos à casa de Lambert. Despachei o cocheiro e continuei ao mesmo tempo a interrogar Alfonsina, mas está só respondia por meio de exclamações e finalmente com lágrimas. Mas Deus velava e nos protegeu a todos, no momento em que estava tudo suspenso por um fio. Não tínhamos feito

ainda a quarta parte do caminho, quando de repente ouvi um grito às minhas costas: chamavam-me pelo meu nome. Voltei-me: era Trichátov que nos alcançava de carro.

— Aonde vai? — gritou ele com ar de espanto. — E com ela, com Alfonsina?

— Trichátov! — gritei-lhe. — Você disse a verdade: uma desgraça! Vou à casa daquele canalha do Lambert! Vamos juntos, haverá mais gente!

— Volte, volte imediatamente! — gritou Trichátov. — Lambert mente e Alfonsina também. Foi o bexiguento que me enviou; eles não estão em casa: acabo de encontrar Viersílov e Lambert; foram à casa de Tatiana Pávlovna… estão lá agora…

Mandei parar o coche e subi para ele, sentando-me ao lado de Trichátov. Ainda agora não compreendo como pude tomar de súbito essa decisão, mas de chofre acreditei nele e de chofre me decidi. Alfonsina lançou gritos terríveis, mas deixamo-la ali e ignoro se nos seguiu ou se voltou para sua casa; em todo o caso não mais a vi.

No coche, Trichátov confiou-me, tanto quanto pôde e ofegando, que havia um golpe preparado, que Lambert pusera-se de acordo com o bexiguento, mas que este o traía no derradeiro minuto e acabava de enviá-lo, a ele, Trichátov, à casa de Tatiana Pávlovna, para avisá-la de que não desse crédito a Lambert e Alfonsina. Acrescentou que de nada mais sabia, porque o bexiguento não lhe dissera mais, não tivera tempo, porque por sua parte estava apressado e tudo aquilo era urgente. “Vi — continuou Trichátov — que vocês tinham partido e corri atrás.” Era evidente que aquele bexiguento também sabia tudo, pois que enviara Trichátov diretamente à casa de Tatiana Pávlovna; mas isto era novo enigma.

Para que não haja confusão nas ideias, antes de descrever a catástrofe, explicarei toda a verdade verdadeira e anteciparei ainda uma vez.

## IV

Depois de ter roubado a carta, Lambert logo se pusera em contato com Viersílov. Como pudera Viersílov entrar em acordo com Lambert, não o direi ainda; isto virá mais tarde; em todo o caso, era sempre o duplo! Mas, uma vez aliado a Viersílov, devia Lambert atrair, tão habilmente quanto possível, Katierina Nikoláievna. Viersílov afirmava-lhe francamente que ela não viria. Mas Lambert, depois que, na antevéspera à noite, eu o encontrara na rua e, para me gabar, lhe declarara que restituiria a carta em casa de Tatiana Pávlovna, organizou no mesmo instante uma espécie de vigilância ao apartamento de Tatiana Pávlovna: comprara Mária. Dera-lhe vinte rublos; em seguida, dois dias depois, uma vez praticado o roubo, fizera-lhe uma segunda visita e então havia-se entendido definitivamente com ela, prometendo-lhe pelos seus serviços duzentos rublos.

Eis por que Mária, assim que ouvira que às onze e meia Katierina Nikoláievna estaria em casa de Tatiana Pávlovna e eu estaria lá também, logo saíra correndo da casa e, de carro, foi levar a notícia a Lambert. Era justamente o que ela devia comunicar a Lambert, nisto consistiam os seus serviços. Viersílov encontrava-se precisamente naquele momento em casa de Lambert. Num piscar de olhos, imaginou aquela infernal combinação. Dizem que os loucos tem seus momentos de horrível lucidez.

Consistia a combinação em nos atrair a nós dois, Tatiana e eu, para fora da casa, a qualquer preço, nem que fosse por um quarto de hora, mas antes da chegada da Katierina Nikoléievna. Em seguida, esperar na rua e, assim que Tatiana Pávlovna e eu saíssemos, penetrar no apartamento que Mária lhes abriria e ali esperar Katierina Nikoláievna. Durante esse tempo, devia Alfonsina reter-nos a todo custo onde ela quisesse e como quisesse. Ora, Katierina Nikoláievna devia chegar, como o prometera, às onze e meia, por consequência bem antes de podermos estar de regresso. (Naturalmente, Katierina Nikoláievna não recebera o menor convite de Lambert e Alfonsina mentira: toda essa história fora Viersílov quem a inventara em todos os seus detalhes; Alfonsina desempenhava apenas o papel do traidor apavorado.) Evidentemente, corriam um risco, mas o raciocínio era justo: “Se isso der resultado, é perfeito; se não, não estará tudo ainda

perdido porque temos o documento". Mas a coisa deu bom resultado e não podia deixar de dar, uma vez que não podíamos deixar de correr atrás de Alfonsina, em virtude desta simples suposição: "E se fosse verdade?". Repito: não tínhamos tempo de raciocinar.

## V

Irrompemos, Trichátov e eu, na cozinha e encontramos Mária toda assustada. Causara-lhe surpresa, ao fazer entrarem Lambert e Viersílov, ver de súbito nas mãos de Lambert um revólver. Recebera, é verdade, o dinheiro, mas o revólver não entrava nos seus planos. Estava perplexa e, assim que me viu, lançou-se para mim:

— A generala veio e eles tem um pistola!

— Trichátov, fique aqui na cozinha — ordenei. — Assim que eu gritar, corra em meu auxilio com todas as suas forças.

Mária abriu-me a porta do corredor e eu me introduzi no quarto da Tatiana Pávlovna, aquele quartinho onde só havia lugar para a cama de Tatiana Pávlovna e onde, já uma vez, escutara por acaso uma conversa. Sentei-me na cama e descobri de repente uma fresta no reposteiro.

No quarto já se ouvia alvoroço e falava-se em voz alta; farei observar que Katierina Nikoláievna tinha entrado exatamente um minuto depois deles. Aquele barulho e aquelas conversas já as ouvira da cozinha; os gritos partiam de Lambert. Ela estava sentada sobre o divã e ele, plantado diante dela, gritava como um idiota. Sei agora por que ele havia perdido tão estupidamente seu sangue-frio: estava com pressa, temia ser surpreendido. Explicarei mais tarde qual era a pessoa que ele temia. Tinha a carta na mão. Mas Viersílov não estava no quarto; preparava-me para saltar ao primeiro perigo. Transcrevo somente o sentido das conversas; há talvez muitas coisas de que não me lembro bem, mas estava então demasiado comovido para tudo reter com a mais estrita precisão.

— Esta carta vale trinta mil rublos e a senhora se espanta! Vale cem mil e só peço trinta! — disse Lambert em voz alta e acalorando-se

terrivelmente.

Embora visivelmente amedrontada, Katierina Nikoláievna olhava-o com uma surpresa desdenhosa.

— Estou vendo que é uma cilada e nada compreendo disso — disse ela —, mas se é verdade que tem essa carta…

— Aqui a tem, ei-la, olhe-a, olhe-a! Não é ela? Uma cédula de trinta mil, nem um copeque a menos! — Interrompeu-a Lambert.

— Não tenho dinheiro comigo.

— Escreva uma promissória, aqui tem papel. Depois, irá buscar o dinheiro e eu esperarei, mas não mais de uma semana. Quando trouxer o dinheiro, devolvo-lhe a promissória com a carta.

— O senhor me fala duma maneira engraçada. Engana-se. Vão lhe tomar hoje mesmo esse documento, se eu for fazer uma queixa.

— A quem? Ah! ah! ah! E o escândalo? E a carta, que nós mostraremos ao príncipe? Onde vão achá-la? Não guardo documentos em minha casa. Farei que seja mostrada ao príncipe por uma terceira pessoa. Não teime, minha senhora. Agradeça-me pedir tão pouco, um outro em meu lugar exigiria ainda certos favores… a senhora sabe quais… os que nenhuma bela mulher recusa, num caso embaraçoso, eis quais são eles… Ah! ah! ah! *Vous êtes belle, vous!*

Katierina Nikoláievna deu apenas um salto, corou completamente e… cuspiu-lhe na cara. Em seguida dirigiu-se rapidamente para a porta. Então aquele imbecil de Lambert tirou seu revólver. Como idiota chapado que era, acreditava cegamente no efeito que produziria o documento, isto é, não levara em consideração a pessoa com quem teria de tratar, justamente porque, como já disse, supunha em todo mundo os mesmos sentimentos ignóbeis que possuía. Desde a primeira palavra, havia-a irritado por sua grosseria, quando não teria talvez recusado uma transação financeira.

— Não se mova! — berrou ele, que ficara furioso por causa da cusparada, segurando-a pelo ombro e mostrando-lhe o revólver,

evidentemente para causar-lhe medo. Ela lançou um grito e deixou-se cair sobre o divã. Lancei-me para dentro do quarto; mas, naquele mesmo instante, pela porta do corredor entrou Viersílov. (Estava lá à espera.) Mal tivera tempo de lançar uma olhadela e já ele arrancava o revólver da mão de Lambert e com toda a sua força assestou-lhe pancadas na cabeça. Lambert vacilou e caiu sem sentidos; o sangue corria em ondas de seu crânio sobre o tapete.

Avistando Viersílov, ela se tornou de súbito pálida como um pano; olhou-o por alguns instantes fixamente, tomada dum pavor indizível, e de repente desmaiou. Ele lançou-se sobre ela. Tudo isso parece-me vê-lo ainda. Lembro-me de ter visto com terror seu rosto vermelho, quase carmesim, e seus olhos injetados de sangue. Creio que, embora notando minha presença no quarto, não me havia reconhecido. Tomou-a, inanimada, ergueu-a com uma força incrível, carregou-a nos braços tão facilmente como se fosse uma pena e, com um ar insensato, pôs-se a passeá-la pelo quarto como a uma criança. O quarto era minúsculo, mas ele andava dum lado para outro, sem compreender por que agia assim. No espaço dum instante, perdera a razão. Continuava a olhá-la, contemplava-lhe o rosto. Corri atrás dele: tinha medo principalmente do revólver, que ele conservava na mão direita e mantinha bem de encontro à cabeça dela. Mas repeliu-me uma vez com o cotovelo e de outra com o pé. Eu queria chamar Trichátov, mas temia também irritar o louco. Por fim, afastei de repente o reposteiro e supliquei-lhe que a depositasse no leito. Ele se aproximou e deitou-a ali, mas plantou-se diante dela, olhou-a bem nos olhos um minuto, fixamente, e de chofre, inclinando-se, beijou-lhe por duas vezes os lábios brancos. Compreendi afinal que estava ele decididamente fora de si. De repente brandiu contra ela o revólver, mas, como se uma ideia lhe tivesse sobrevindo subitamente, agarrou-o pela coronha e visou-lhe a cabeça. Instantaneamente, com todas as minhas forças, agarrei-lhe o braço e chamei Trichátov. Lembro-me de que lutamos os dois contra ele, mas conseguiu libertar seu braço e atirar contra si mesmo. Tinha querido matá-la e depois suicidar-se. Mas, como o tivéssemos impedido de matá-la, apontou diretamente o revólver contra seu próprio coração. Tive entretanto tempo de repelir seu braço para o alto e a bala alojou-se-lhe no ombro. Naquele instante, um grito e Tatiana Pávlovna irromperam no quarto. Mas ele

já estava caído, sem sentidos, no tapete, ao lado de Lambert.

## Capítulo XIII
## (conclusão)

### I

Após aquela cena, já se passaram cerca de seis meses, muita água correu sob as pontes, muitas coisas mudaram completamente e para mim uma vida nova começou… Mas eu também vou libertar o leitor.

Para mim, pelo menos, a primeira questão, e então e muito tempo ainda depois, foi: como pode Viersílov aliar-se a um Lambert e que fim tinha então em vista? Pouco a pouco, cheguei a certa explicação: na minha opinião, Viersílov, naquele momento, isto é, durante todo aquele último dia e na véspera, não podia ter nenhum fim firme e até mesmo, creio bem, não raciocinava mais absolutamente, mas se encontrava sob a influência de não sei que turbilhão de sentimentos. Aliás, não admito nele verdadeira loucura, tanto mais que ainda hoje não está ele louco de todo. Mas admito, sem hesitar, o duplo. Que é, afinal, o duplo? O duplo, pelo menos segundo o livro de medicina dum especialista que, mais tarde, li muito de propósito, não é nada senão o primeiro degrau dum sério desarranjo mental que pode conduzir a um fim bastante mau. O próprio Viersílov, por ocasião da cena em casa de mamãe, nos havia explicado, com terrível sinceridade, esse desdobramento de seus sentimentos e de sua vontade. Mas, ainda uma vez o repito: aquela cena em casa de mamãe, aquele ícone partido, tudo aquilo produziu-se incontestavelmente sob a influência dum verdadeiro duplo e, no entanto, sempre me pareceu desde então que se misturava àquilo certa alegoria malévola, uma espécie de ódio às esperanças das mulheres, uma espécie de maldade a respeito de seus direitos e de seu julgamento, e foi então que, de combinação com o duplo, rebentara a imagem! Como se dissesse: “Assim serão partidas vossas esperanças!”. Em suma, havia o duplo, havia também uma simples veneta… Mas tudo isso são conjeturas minhas; é difícil decidir com certeza.

Apesar de seu culto por Katierina Nikoláievna, sempre conservara uma desconfiança sincera e profunda para com suas qualidades morais. Creio que o que ele esperava, então, atrás da porta, era que ela se humilhasse diante de Lambert. Mas mesmo que esperasse, queria isso? Repito ainda uma vez: creio firmemente que ele não queria nada absolutamente e que nem mesmo raciocinava. Tinha simplesmente vontade de estar ali, de aparecer em seguida, de lhe dizer não importa o que e talvez… talvez ultrajá-la, talvez também matá-la… Naquele momento, tudo era possível; somente, ao chegar com Lambert, não sabia nada do que iria ocorrer. Acrescentarei que o revólver pertencia a Lambert e que ele chegara sem armas. Diante da altiva dignidade dela e sobretudo não podendo mais ver a torpeza de Lambert que a ameaçava, precipitou-se e foi então que perdeu a razão. Queria atirar nela naquele momento? A meu ver, ele próprio nada sabia, mas teria certamente atirado, se não lhe tivéssemos segurado o braço.

Seu ferimento não era mortal. Curou-se, mas depois de ter ficado muito tempo de cama, em casa de mamãe, é claro. Agora que escrevo estas linhas, estamos na primavera, em meados de maio, o dia está esplêndido, e nossas janelas, abertas. Mamãe está sentada ao lado dele, que lhe acaricia as faces e os cabelos e olha-a bem nos olhos com ternura. Não é mais senão a metade do Viersílov de outrora; não deixa mais mamãe e não a deixará nunca mais. Recebeu mesmo “o dom das lágrimas”, segundo a expressão do inesquecível Makar Ivânovitch, na sua história do comerciante; parece-me, aliás, que Viersílov viverá muito tempo. Conosco, mostra-se completamente simples e sincero como uma criança, sem perder aliás a medida, nem a contenção e sem nada dizer de excessivo. Continua com toda a sua inteligência e todo seu caráter moral, se bem que tudo quanto havia nele de ideal tenha-se tornado ainda mais saliente. Direi redondamente que jamais o amei tanto como hoje e lamento não ter tempo nem lugar para falar dele com mais detalhes. Entretanto contarei uma história recente (há muitas): por ocasião da Quaresma, já estava curado e na sexta semana declarou que comungaria. Havia uns trinta anos que não o fazia, creio, ou mais. Mamãe estava feliz; não se prepararam mais senão pratos abstinenciais, porém bastante caros e refinados. Do quarto contíguo, ouvia-o cantar, na segunda e na terça-feira: “Eis o noivo que vem” e

entusiasmar-se com o canto e a letra. Naqueles dois dias falou admiravelmente e por várias vezes sobre a religião; mas na quarta-feira tudo foi interrompido. Dominou-o subitânea irritação, um contraste divertido, como dizia ele, rindo. Algo lhe desagradara no aspecto do padre, na cena; em todo o caso, ao voltar, disse de repente com um suave sorriso: “Meus amigos, amo muito a Deus, mas para aquilo não estou pronto”. No mesmo dia, serviu-se rosbife ao jantar. Mas sei que muitas vezes, ainda agora, mamãe se senta ao lado dele, e com uma voz mansa, com um manso sorriso, aborda com ele os assuntos mais abstratos: agora foi ela tomada de não sei qual audácia diante dele. Como isso aconteceu, ignoro-o. Senta-se a seu lado e lhe fala, a maior parte das vezes em voz baixa. Ele escuta com um sorriso, acaricia-lhe os cabelos, beija-lhe as mãos e a mais perfeita felicidade brilha-lhe no rosto. Tem crises, algumas vezes, quase histéricas. Então, pega a fotografia dela, aquela que ele beijava na famosa noite, olha-a de olhos cheios de lágrimas, beija-a, recorda-se e nos chama a todos, mas nesses momentos fala pouco. Parece ter esquecido completamente Katierina Nikoláievna, não lhe disse o nome nem uma só vez. De seu casamento com mamãe, ainda não se cuidou. Queria-se, no verão, levá-lo ao estrangeiro; mas Tatiana Pávlovna insistiu para que nada disso se fizesse e aliás ele mesmo não quis. Passarão o verão no campo, em alguma parte, no distrito de Petersburgo. A propósito, vivemos todos no momento às custas de Tatiana Pávlovna. Acrescentarei uma coisa: sinto uma tristeza tremenda por ter-me, ao longo destas memórias, permitido muitas vezes tratar essa pessoa com irreverência e desdém. Mas escrevi representando-me por demais exatamente tal como era eu em cada um dos momentos descritos. Depois de ter terminado, escrita a derradeira linha, senti de repente que me havia reeducado a mim mesmo, precisamente por meio desse processo de evocação e de registro de minhas recordações. Renego muita coisa do que escrevi e sobretudo o tom de certas frases ou páginas, mas não quero apagar nem corrigir uma só palavra.

Disse que ele não se refere mais absolutamente a Katierina Nikoláievna: creio mesmo que ele esteja completamente curado. A respeito de Katierina Nikoláievna, Tatiana Pávlovna e eu somos os únicos a falar, e ainda assim em segredo. Katierina Nikoláievna encontra-se agora no estrangeiro; vi-a antes de sua partida e estive

várias vezes em casa dela. Do estrangeiro, já recebi duas cartas suas, às quais respondi. Do conteúdo dessas cartas e dos assuntos que tratamos, ao deixar-nos antes de sua partida, nada direi: é outra história, toda nova, e que talvez esteja ainda toda inteira no futuro. Mesmo com Tatiana Pávlovna há certos assuntos que não trato; mas basta. Acrescentarei somente que Katierina Nikoláievna não casou e viaja com Pielíchtchev. Seu pai morreu e ela é a mais rica das viúvas. Encontra-se atualmente em Paris. Sua ruptura com Bioring ocorreu rapidamente e por si mesma, isto é, da maneira mais natural do mundo. Aliás, contarei isto.

Na manhã da terrível cena, o bexiguento, aquele mesmo para o qual haviam passado Trichátov e seu amigo, tivera tempo de avisar Bioring da conjura em preparo. Eis como tal se deu: Lambert tinha, apesar de tudo, decidido que ele havia de participar dela e, já de posse do documento, comunicara-lhe todos os detalhes e todas as circunstâncias do plano e por fim o derradeiro estado dele, isto é, a combinação por Viersílov para enganar Tatiana Pávlovna. Mas, no momento decisivo, o bexiguento preferiu trair Lambert, porque era o mais atilado de todos e previu naqueles projetos a possibilidade de um crime. E sobretudo, julgava a gratidão de Bioring infinitamente mais segura que o plano fantástico dum Lambert, exaltado e inábil, e de um Viersílov, quase louco de paixão. Tudo isso soube-o mais tarde de boca de Trichátov. A propósito, ignoro e não compreendo as relações que existiam entre Lambert e o bexiguento e por que Lambert não podia passar sem ele. Mas para mim a questão mais curiosa é esta: que necessidade tinha Lambert de Viersílov, quando, tendo o documento, podia perfeitamente prescindir de seu concurso? Agora, a resposta é clara: tinha necessidade de Viersílov primeiro porque ele conhecia as circunstância e sobretudo tinha necessidade de dinheiro, Lambert julgou seu concurso extremamente útil. Mas Bioring não chegou no momento devido. Chegou uma hora somente depois do tiro, quando o apartamento de Tatiana Pávlovna já apresentava um aspecto todo diverso. Com efeito, cinco minutos depois que Viersílov caiu sobre o tapete, todo ensanguentado. Lambert recuperou os sentidos e se levantou, quando todos o acreditávamos morto. Com espanto, lançou um olhar em redor, compreendeu tudo de súbito e dirigiu-se à cozinha sem dizer uma palavra, vestiu sua peliça e desapareceu para sempre.

O documento ficara em cima da mesa. Ouvi dizer que Lambert nem chegou a adoecer, esteve apenas um pouco dolorido; o golpe derrubara-o e provocara uma efusão de sangue, sem acarretar nenhum mal. Entretanto Trichátov já havia corrido a chamar o doutor; mas antes da chegada do doutor, Viersílov havia recuperado os sentidos e, ainda antes dele, Tatiana Pávlovna havia chamado à vida Katierina Nikoláievna e conseguira reconduzi-la à sua casa. Assim, quando Bioring chegou correndo à nossa casa, só havia em casa de Tatiana Pávlovna eu, o doutor, Viersílov ferido e mamãe, ainda doente, mas que viera por si mesma atrás dele, chamada por aquele mesmo Trichátov. Bioring olhou com espanto e, assim que soube que Katierina Nikoláievna já havia partido, seguiu para a casa dela, sem ter pronunciado em nossa casa uma só palavra.

Estava perturbado; via claramente que doravante o escândalo e a publicidade eram quase inevitáveis. Não houve entretanto escândalo, mas correram somente boatos. Sem dúvida foi impossível ocultar o tiro, mas toda a história, na sua parte essencial, ficou mais ou menos ignorada; o inquérito estabeleceu somente que um tal V***, amoroso, aliás casado e quase quinquagenário, num acesso de paixão e no momento em que declarava essa paixão a uma pessoa digna do maior respeito, mas que não partilhava absolutamente de seus sentimentos, dera um tiro em si mesmo num acesso de loucura. Não se soube de mais nada e foi sob essa forma que a notícia passou obscuramente nos jornais, sem nomes próprios, com apenas as iniciais. Sei por exemplo que Lambert jamais foi inquietado. Não obstante, Bioring, que sabia da verdade, teve grande medo. Como por acaso, soubera subitamente da entrevista que se realizara entre Katierina Nikoláievna e Viersílov, apaixonado por ela, dois dias antes da catástrofe. Ficou cheio de raiva e teve a audácia, bastante imprudente, de observar a Katierina Nikoláievna que, depois disso, não lhe causava espanto que pudessem ocorrer histórias tão fantásticas. Katierina Nikoláievna significou-lhe imediatamente sua despedida, sem cólera, mas sem hesitação. Todo o seu preconceito sobre a oportunidade de um casamento com aquele homem esvaneceu-se como um vapor. Talvez que, já muito tempo antes, tivesse percebido quem ele fosse; talvez que também, depois do abalo sofrido, tenham bruscamente mudado alguns de seus pontos de vista e de seus sentimentos. Mas ainda a este respeito, calo-me.

Acrescentarei somente que Lambert fugiu para Moscou e soube que ali se deixou apanhar num outro negócio. Quanto a Trichátov, há muito tempo, mais ou menos, desde a mesma época, que o perdi de vista, apesar de todos os esforços que continuo a fazer para encontrá-lo. Desapareceu depois da morte de seu amigo *le grande dadais*, que deu um tiro na cabeça.

## II

Mencionei a morte do velho Príncipe Nikolai Ivânovitch. Aquele bom e simpático ancião morreu pouco depois do acontecimento, cerca de um mês, à noite, no seu leito, vítima dum ataque de apoplexia. Desde o dia que passara em meu apartamento, não o havia mais tornado a ver. Contava-se dele que, no decorrer daquele mês, se tornara infinitamente mais discreto, até mesmo mais sério, não tinha mais medo e não chorava mais, não tendo mesmo, durante todo aquele tempo, pronunciado uma só palavra a respeito de Anna Andriéievna. Todo o seu amor concentrara-se em sua filha. Justamente uma semana antes de sua morte, propusera-lhe Katierina Nikoláievna chamar-me para distraí-lo, mas havia franzido as sobrancelhas: reproduzo o fato sem outra explicação. Suas terras encontraram-se em bom estado e além disso possuía um capital bastante vultoso. Cerca de um terço desse capital teve de ser, de acordo com o testamento do ancião, distribuído entre suas inúmeras afilhadas; mas causou grande admiração a toda gente que Anna Andriéievna nem aos menos tivesse sido mencionado nesse testamento: seu nome estava ausente dele. Eis entretanto o que sei, como fato absolutamente certo: alguns dias somente antes de sua morte, o velho, que mandara chamar sua filha e seus amigos, Pielíchtchev e o Príncipe V***, ordenou a Katierina Nikoláievna, no caso possível de seu fim próximo, que retirasse daquele capital uma parte de sessenta mil rublos para Anna Andriéievna. Exprimiu sua vontade de maneira nítida, breve e precisa, sem se permitir uma só exclamação nem qualquer comentário. Depois de sua morte, quando tudo se esclareceu, Katierina Nikoláievna informou a Anna Andriéievna, por intermédio de seu agente de negócios, que poderia receber aqueles sessenta mil rublos, quando quisesse; mas Anna Andriéievna, secamente e sem palavras inúteis, declinou da oferta: recusou-se a receber o dinheiro, apesar de todas as

garantias de que tal era efetivamente a vontade do príncipe. O dinheiro continua guardado e ainda agora Katierina Nikoláievna espera que ela mude de opinião; mas tal não se dará e sei disso com certeza, porque sou hoje um dos mais próximos amigos de Anna Andriéievna. Sua recusa causou alguma sensação e falou-se disso. Sua tia Fanariótova, a princípio descontente por causa de seu escândalo com o velho príncipe, mudou de repente de opinião e, após sua recusa do dinheiro, manifestou-lhe solenemente seu respeito. Em contraposição, seu irmão rompeu definitivamente com ela por causa dessa mesma recusa. Mas, se bem que vá muitas vezes à casa de Anna Andriéievna, não saberia dizer que tenhamos uma grande intimidade; a respeito do passado, não conversamos nunca; recebe-me de muito boa-vontade, mas fala-me um tanto abstratamente. Entre outras coisas, declarou-me com firmeza que estava decidida a fazer-se freira; foi não há muito tempo; mas não creio que tal se dê e só vejo nisso uma explosão de amargura.

Mas verdadeira explosão de amargura é sobretudo a propósito de minha irmã Lisa que devo pronunciar. Desgraça é a sua e de que valem todos os meus fracassos ao lado de seu destino amargo? Primeiro, o Príncipe Sierguiéi Pietróvitch não se curou e, antes do julgamento, morreu no hospital. Morreu antes do Príncipe Nikolai Ivânovitch. Lisa ficou só, com o filho a nascer. Não chorava e parecia mesmo calma; tornou-se mansa, submissa; mas todo o ardor antigo de seu coração estava como que enterrado no seu íntimo. Ajudava humildemente mamãe, cuidava de Andriéi Pietróvitch doente, mas tornou-se terrivelmente taciturna, não querendo mais nada olhar, nem ninguém, como se tudo lhe fosse indiferente, como se nada lhe importasse. Quando Viersílov melhorou, começou a dormir muito. Eu levava-lhe livros, ela, porém, não os lia. Emagreceu de fazer medo. Não ousava consolá-la, se bem que muitas vezes fosse ter com ela com esta intenção; mas em sua presença tinha uma espécie de dificuldade em aproximar-me dela e as palavras não me vinham para abordar esse assunto. Isso durou até um terrível acidente: caiu de nossa escada, não do alto, de três degraus apenas, mas teve um mau sucesso e sua doença prolongou-se por quase todo o inverno. Agora já está de pé, mas sua saúde não se restabelecerá por muito tempo após semelhantes golpe. Continua, como sempre, silenciosa conosco e pensativa, mas

com mamãe recomeçou a conversar um pouco. Durante todos estes dias temos tido um maravilhoso sol de primavera, alto e claro, e relembrava sempre no meu íntimo aquela manhã ensolarada em que, no outono passado, nós passeávamos juntos, ambos alegres e cheios de esperança, amorosos um do outro. Ai!, que se passou depois? Não me queixo. Para mim começou uma nova vida. Mas para ela? Seu futuro é um enigma e não posso olhá-la sem dor.

Há três semanas, consegui, no entanto, interessá-la, falando-lhe de Vássin. Foi afinal absolvido e posto em liberdade definitivamente. Aquele homem cheio de senso forneceu, dizem, as explicações mais precisas e as informações mais interessantes, que o justificaram inteiramente na opinião das pessoas de que dependia sua sorte. Aliás, verificou-se que seu famoso manuscrito não passava de uma tradução do francês, material que reunia exclusivamente para si, contando tirar dele mais tarde um útil artigo para revista. Partiu agora para a província de…; quanto a seu padrasto Stiebielhkov, está na prisão ainda por causa de seu processo, que, segundo o que soube, só tem feito crescer e embelezar. Lisa soube dessas notícias de Vássin, com um sorriso estranho e deu-me a entender que era o que devia acontecer-lhe. Mas estava visivelmente contente: sem dúvida pelo fato de não ter a intervenção do falecido Príncipe Sierguiéi Pietróvitch prejudicado Vássin. De Diergatchov e dos outros, nada tenho a dizer aqui.

Terminei. Alguns leitores haveriam talvez de querer saber mais alguma coisa: que aconteceu à minha ideia, que vida nova é essa que começou para mim e de que falo tão misteriosamente? Mas esta nova vida, esta via nova que se abre diante de mim, é justamente minha ideia, a mesma de outrora, mas sob uma forma bem diversa, a ponto de não ser mais reconhecida. Tudo isto não pode entrar nestas memórias, porque é coisa totalmente diferente. A antiga vida está acabada e a nova só agora é que começa. Acrescentarei, no entanto, o indispensável. Tatiana Pávlovna, minha amiga sincera e amada, insiste comigo quase todos os dias para que entre decididamente e o mais depressa possível para a Universidade: “Em seguida, quando tiveres terminado teus estudos, verás o que tens a fazer. No momento, acaba teus estudos.” Confesso que esta proposta me faz refletir, mas ignoro

totalmente a decisão que tomarei. Objetei-lhe, no entanto, que agora não tenho nem mesmo mais o direito de estudar, porque devo trabalhar para sustentar mamãe e Lisa. Ela, porém, me oferece sua fortuna e assegura-me que será suficiente para todo o tempo de meus estudos. Resolvi finalmente pedir conselho a alguém. Depois de ter olhado bem em redor de mim, escolhi esse homem com cuidado e crítica. É Nikolai Siemiônovitch, meu antigo professor de Moscou, o marido de Maria Ivânovna. Não que tenha eu tal necessidade de conselhos; mas tive muito simplesmente uma vontade irresistível de saber a opinião daquele egoísta absolutamente imparcial e mesmo um pouco frio, mas incontestavelmente inteligente. Enviei-lhe meu manuscrito completo, pedindo-lhe segredo, porque não o havia mostrado ainda a ninguém, sobretudo não a Tatiana Pávlovna. O manuscrito voltou-me quinze dias mais tarde, acompanhado duma carta bastante longa. Darei somente alguns extratos dessa carta, porque acho nela certa opinião geral que tem um valor explicativo. Eis esses extratos.

## III

"… Meu inesquecível Arkádi Makárovitch: você jamais pode empregar mais utilmente seus lazeres passageiros do que o fez agora, escrevendo essas Memórias! Forneceu a si mesmo, por assim dizer, um relatório meditado de seus primeiros passos, tempestuosos e arriscados, na carreira da vida. Creio firmemente que essa exposição lhe permitiu, com efeito, em muitos pontos, refazer sua educação, como você mesmo diz. Não me permitirei a menor crítica verdadeira, se bem que cada página provoque reflexões… por exemplo, esse fato de você ter por tanto tempo e tão teimosamente guardado em sua casa o documento é característico no mais alto grau… Mas isto não passa de uma observação entre centenas, que tomei a liberdade de fazer. Aprecio muito, igualmente, por você ter-se decidido a me comunicar, e sem dúvida só a mim, o mistério de sua ideia, segundo sua própria expressão. Mas quando me pede que lhe dê a conhecer minha opinião a respeito dessa ideia, sou obrigado a recusar-me categoricamente: primeiro, não caberia numa carta; depois, não estou preparado para responder e tenho ainda necessidade de digerir tudo isso. Observarei somente que sua ideia se distingue pela sua originalidade, ao passo

que os jovens da geração atual se lançam na maior parte das vezes em ideias já feitas, que não nascem deles, cujo número é extremamente reduzido e que são muitas vezes perigosas. Sua Ideia preservou-o por exemplo, pelo menos por algum tempo, das dos Senhores Diergatchov e Cia., que são seguramente menos originais. Enfim, estou completamente de acordo com a opinião da estimadíssima Tatiana Pávlovna, que conheci pessoalmente, mas que não tivera até aqui ocasião de apreciar como merece. Sua ideia de fazê-lo entrar para a Universidade será para você eminentemente benéfica. Sem nenhuma dúvida, a ciência e a vida alargarão ainda, em três ou quatro anos, o horizonte de seu pensamento e de suas aspirações, e se, após a Universidade, quiser você voltar ainda à sua ideia, nada lho impedirá.

"Permita-me agora, sem que me haja pedido, que lhe exponha francamente certas reflexões ou impressões que me vieram à leitura dessas memórias tão sinceras. Sim, estou de acordo com Andriéi Pietróvitch de que havia realmente que temer a respeito de você e de sua juventude isolada. Há muitos rapazes como você, e sua inteligência, está com efeito sempre ameaçada de desenvolver-se do mau lado: subserviência à Moltchálin,[140] ou então desejo oculto da desordem. Esse desejo da desordem provém, e mesmo a maior parte das vezes talvez, duma sede secreta de ordem e de beleza (emprego a sua palavra). A juventude é pura pelo simples fato de ser juventude. Talvez esses arrebatamentos tão precoces de loucura encerrem justamente essa sede de ordem e essa busca da verdade. De quem a culpa, se certos jovens de nossa época veem essa verdade e essa ordem em coisas tão tolas e tão ridículas que não se compreende mesmo como eles podem ter acreditado nelas! Direi a este propósito que outrora, numa época que não está tão distante, o espaço de uma geração somente, era possível ter menos piedade por esses interessantes jovens, porque então acabavam quase sempre por se agregar com êxito à camada superior de nossa sociedade culta, formando um todo com ela. Se, por exemplo, no começo do caminho, davam-se conta da desordem e do absurdo, da ausência de nobreza de seu meio familiar, da ausência de tradições e de belas formas, pois bem, era tanto melhor, porque em seguida aspiravam conscientemente a todas essas coisas e se habituavam por isso mesmo a apreciá-las. Agora, as coisas se passam um tanto diferentemente, porque não se

sabe mais a quem se agregar.

“Vou me explicar com a ajuda duma comparação ou, se se quiser, de uma similitude. Se fosse romancista e se tivesse talento, escolheria sempre meus heróis na velha nobreza russa, porque é somente nesse meio de homens cultos que se pode encontrar a bela ordem e a bela impressão que se mostram tão necessárias num romance para dar ao leitor o sentimento do que é distinto. Falando assim, não estou brincando, se bem que não seja eu mesmo nobre, como você sabe, aliás. Púchkin já havia anunciado os assuntos de seus futuros romances, em *As tradições de uma família russa*, e, acredite, há realmente aí tudo quanto temos tido até agora de belo. Há aí, pelo menos, tudo quanto temos tido de um pouco perfeito. Se falo assim, não é que esteja absolutamente de acordo com a exatidão e a verdade dessa beleza; mas havia aí, por exemplo, formas perfeitas de honra e de dever que, fora da nobreza, não estão em parte alguma da Rússia não somente perfeitas, mas nem mesmo esboçadas. Falo como homem calmo e que procura a calma.

“É boa essa honra, é verdadeiro esse dever? É outra questão. Mas o importante para mim é o caráter perfeito dessas formas, é certa ordem, não prescrita, mas emanando da vida dessa nobreza. Meu Deus, o que nos importa mais é ter enfim uma ordem, qualquer que ela seja, mas bem nossa! Nisto reside a esperança e, por assim dizer, o repouso: algo enfim de construído, que não seja mais essa eterna demolição, esses cavacos que voam por toda parte, esses resíduos e essas porcarias donde nada sai desde, dentro em pouco, duzentos anos.

“Não me acuse de eslavofilia; falo unicamente por misantropia, porque tenho o coração pesado! Desde algum tempo, assistimos a um movimento absolutamente oposto ao que acabo de descrever. Não é mais a porcaria que sobe até a camada superior da sociedade, são pelo contrário pedaços e blocos que se destacam, com uma pressa jovial, do tipo da beleza para não formar senão um mesmo montão com os homens da desordem e do ódio. Não são isolados os casos em que os pais e os chefes de velhas famílias cultas zombam agora de coisas nas quais, talvez, seus filhos quisessem ainda crer. Ainda por cima, ninguém se coíbe de ocultar a seus filhos sua alegria ávida de ter

subitamente adquirido o direito à desonra, direito de que de repente se apropriaram em massa e não sei como. Não quero falar dos verdadeiros progressistas, meu caríssimo Arkádi Makárovitch, mas desse montão, inumerável hoje, a propósito do qual se disse: *Gattez le Russe, et vous verrez le Tartare*.[141] Acredite, os verdadeiros liberais, os verdadeiros e generosos amigos da humanidade, estão longe de ser tão numerosos entre nós quanto nos pareceu de repente.

"Mas tudo isso é… filosofia. Voltemos ao nosso romancista imaginário. A situação de nosso romancista, naquele caso, seria bem determinada; não poderia escrever senão no gênero histórico, porque a beleza-tipo não existe mais em nossa época, e, se restam destroços dela, segundo a opinião hoje dominante, não lhe conservaram a beleza. Decerto, no gênero histórico também, pode-se representar uma multidão de detalhes ainda extremamente agradáveis e consoladores! Pode-se mesmo tão bem cativar o leitor que ele tomará um quadro histórico por uma realidade ainda possível hoje. Essa obra, com a condição de ter um grande talento, pertenceria menos à literatura russa que à história. Seria um quadro, esteticamente acabado, da miragem russa, que existiu realmente até o dia em que se percebeu que era uma miragem. O neto dos heróis do quadro representando uma família russa de mediana cultura durante três gerações e em relação com a história russa, esse descendente de seus antepassados, não poderia mais ser figurado, no seu tipo contemporâneo, de outro modo que não como um misantropo, um isolado e um triste. Mesmo ainda, deveria ser uma espécie de original, do qual o leitor poderia julgar, à primeira vista, que se afastou do caminho batido e que lhe falta o solo aos pés. Ainda um pouco e esse neto misantropo desaparecerá por sua vez; virão novos personagens, ainda desconhecidos, e nova miragem; mas que personagens? Se não são belos, não há mais romance russo possível. Mas ai!, será somente o romance que se tornará então impossível?

"Sem ir procurar mais longe, voltarei a seu manuscrito. Olhe por exemplo as duas famílias do Senhor Viersílov (permita-me, por esta vez, ser completamente franco). Em primeiro lugar, não me estenderei a respeito do próprio Andriéi Pietróvitch; apesar de tudo, é ainda assim um pai de família. É um nobre de velhíssima raça e ao mesmo

tempo um *communard* de Paris[142]. É um verdadeiro poeta que ama a Rússia, mas por outra parte a nega. Não tem religião, mas está pronto a morrer quase, por não sei que de indeterminado que é incapaz de nomear, mas em que crê apaixonadamente, a exemplo de uma multidão de nossos civilizadores europeus do período petersburguês da história da Rússia. Mas basta a respeito dele; tomemos sua verdadeira família: de seu filho não falarei, não merece esta honra. Os que tem olhos sabem de antemão como acabarão esses desmiolados e aonde conduzirão os outros. Mas tomemos sua filha, Anna Andriéievna; eis uma moça de caráter, não é? É um personagem que tem as dimensões da mãe Mitrofánia,[143] naturalmente sem nada predizer-lhe de criminoso, o que seria verdadeiramente injusto de minha parte. Diga-me agora, Arkádi Makárovitch, que essa família é uma exceção e eu me regozijarei. Mas pelo contrário, não seria mais justo concluir que há já uma multidão dessas famílias russas, incontestavelmente nobres, que se transformam, em massa, com uma força irresistível, em famílias de acaso e que se misturam com estas últimas no caos e na desordem geral? Você esboça no seu manuscrito o tipo de uma dessas famílias de acaso. Sim, Arkádi Makárovitch, você é um membro duma família de acaso, em oposição aos tipos ainda recentes de filhos nobres que tiveram uma infância e uma adolescência tão diferentes das suas.

“Confesso, não quereria ser o romancista de um herói duma família de acaso.

“Labor ingrato e sem beleza. Esses tipos, em todo o caso, são ainda da vida corrente e por conseguinte não podem ser esteticamente perfeitos. Graves erros são possíveis, exageros, esquecimentos. Em todo o caso, teríamos de adivinhar demais. Que deve fazer, apesar de tudo, o escritor que não se quer limitar ao gênero histórico, que é possuído do desejo do atual? Adivinhar e… enganar-se.

“Entretanto, Memórias como as suas poderiam, creio, servir de materiais para uma futura obra de arte, um futuro quadro, desordenado, mas duma época já passada. Decerto, quando a atualidade tiver passado e vier o futuro, o artista vindouro descobrirá formas belas até mesmo para figurar a desordem e o caos passados. Então serão necessárias Memórias como as suas; fornecerão materiais,

contando que sejam sinceras, a despeito de seu caráter caótico e fortuito… Subsistirão pelo menos alguns traços verídicos, que permitirão adivinhar o que pode ocultar-se na alma de tal ou tal adolescente do tempo das perturbações, inquérito que não é absolutamente desprezível, pois que são os adolescentes que formam uma geração…”

**1** *Anton Goriemika*, romance de Grigórievitch, publicado em 1847, que descreve com cores negras a vida dos camponeses. *Pólinhka Saks*, romance sentimental de Drujínin, também do mesmo ano.↩

**2** Logradouro das lojas elegantes.↩

**3** Nome utilizado naquela época, na Rússia, como sinônimo de cortesã.↩

**4** Eh, mas… sou eu que conheço as mulheres!↩

**5** Sei tudo, mas não sei nada de bom.↩

**6** Era idiota.↩

**7** Eis outro.↩

**8** Mas… ora!↩

**9** Charles-Ferdinand, Duque de Berry (1778-1820), segundo filho de Carlos X. Foi assassinado por um operário, chamado Louvel, que lhe assestou uma punhalada no momento em que deixava o teatro de ópera de Paris.↩

**10** Lado Petersburguês, nome dum bairro de São Petersburgo, numa ilha do rio Nievá.↩

**11** O que os medicamentos não curam o ferro cura; o que o ferro não cura o fogo cura! ↩

**12** O ódio no amor.↩

**13** Desde 1946 Kaliningrado, cidade e e porto do mar Báltico, capital de um enclave pertencente à Russia, fez anteriormente parte da Prússia Oriental.↩

**14** Unidade territorial e administrativa, cuja capital, Nijni-Novgorod fica localizada na confluência dos rios Volga e Oka. É grande porto fluvial e importante centro industrial.↩

**15** O primeiro, nome da principal personagem de *O avarento*, de Molière, é sinônimo de mesquinho e miserável. O segundo é personagem de uma obra de Gógol.↩

**16** Todos três, homens de negócios, conhecidos nos anos de 1873-1875.↩

**17** John de Lauriston Law (1671-1729), financista escocês ao serviço da França, criador da Companhia das Índias e organizador, em 1716, durante a Regência, de um sistema

bancário para a exploração das riquezas do Mississipi, e que veio fragorosamente à falência em 1720.↩

**18** Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838), Príncipe de Benevente, famoso diplomata francês. Foi, além do mais, entre outras coisas, Bispo de Autun, no antigo regime, Presidente da Assembleia Nacional (1790), Ministro das Relações Exteriores do Diretório, do Consulado e, enfim, do Império; passou a servir à Restauração e representou importante papel no Congresso de Viena, depois em Londres, para onde Luís Felipe o nomeara embaixador.↩

**19** Do monólogo do Barão, em *O cavaleiro avaro*, de Púchkin.↩

**20** Otto Leopold, Príncipe de Bismarck (1815-1898), o "Chanceler de Ferro", foi Ministro da Prússia na Dieta de Francfort de 1851 a 1859, e Ministro das Relações Exteriores (1862). Fundador da unidade alemã sob a hegemonia da Prússia, e mais tarde chanceler do novo Império Alemão, dirigiu os destinos e a política da Alemanha até pouco tempo depois de subir ao trono o Imperador Guilherme II (1888).↩

**21** Pelo mundo inteiro e em outros lugares.↩

**22** Verso do poeta Merzliakov (1798-1830), também professor de literatura e crítico.↩

**23** Todos os gêneros.↩

**24** Título da obra-prima de Alieksandr Sierguiéievitch Griboiédov (1793-1829), diplomata e autor dramático russo, massacrado em Teerã, onde servia como embaixador.↩

**25** Personagem principal da peça antes citada de Griboiédov.↩

**26** De Ivan Turguéniev (1818-1883).↩

**27** Bairro de Moscou.↩

**28** Voltamos sempre.↩

**29** À coisa (compreendes?)↩

**30** Verso do poeta Niekrássov, referente a um camponês que se torna peregrino.↩

**31** Grande canal que atravessa a parte central de Petersburgo.↩

**32** Alusão a uma peça de Púchkin, *O cavaleiro de bronze*, e ao monumento que a inspirou, a estátua equestre de Pedro, o Grande, perto do Nievá.↩

**33** Ilha de Vassíli, uma das ilhas próximas ao centro de Petersburgo.↩

**34** Ponte de São Simeão.↩

**35** Regimento de São Simeão.↩

**36** Quando se fala de corda.↩

**37** Perspectiva (avenida) Obukhov.↩

**38** Vós dormireis como um pequeno rei.↩

**39** Personagem de *L' Astrée*, célebre romance de Honoré d'Urfé (1567-1625), escritor francês tido como o primeiro, na cronologia, dos romancistas franceses. A palavra tornou-se sinônimo de amoroso, constante e tímido.↩

**40** Palavras do Poeta na peça de Púchkin, *O herói*.↩

**41** O príncipe chama-o por esse nome porque assim lhe foi apresentado pelo velho Príncipe Sokhólhski.↩

**42** Enfim, enfim, demos graças… e eu te abençoo!↩

**43** Catedral de Santo Isaac.↩

**44** Conhecido industrial russo da época.↩

**45** O rei da Suécia, Carlos XI, vira em sonhos, numa sala iluminada, grande número de jovens serem estrangulados na presença de um rei de 15 anos. Esta visão foi divulgada e espalhada na corte de Alexandre I, da Rússia, pelo embaixador da Suécia, franco-maçom, Stedding.↩

**46** Segundo uma anedota popular, então corrente, a personagem aludida teria sido do Imperador Alexandre I.↩

**47** Pável Bachútski (1771-1836), bravo oficial que fez todas as campanhas da Revolução e do Império. Promovido a general, exerceu as funções de comandante da guarnição de Petersburgo.↩

**48** Alieksandr Tchernichov (1786-1857), depois de ter-se distinguido em Austerlitz como chefe de guerrilheiros em 1812, foi encarregado por Alexandre I de missões diplomáticas, feito conde por Nicolau I e Ministro da Guerra de 1827-1852.↩

**49** Crítico positivista e radical (1812-1848), a quem Dostoiévski admirou durante algum tempo.↩

**50** Casa de Penhores.↩

**51** Como o caviar entre nós, o *foi-grass* entre os franceses, etc., eram as sardinhas, entre os russos de então, iguaria fina e exótica, que somente uns poucos privilegiados se davam ao luxo de ter na mesa.↩

**52** Mudemos de conversa, meu caro.↩

**53** É claro.↩

**54** É cômico, mas é o que faremos.↩

**55** *Lúcia de Lammermoor*, ópera em três atos. Libreto de Salvatore Cammarano, extraído do conhecido romance de Walter Scott *A noiva de Lammermoor* (1818). Música de Caetano Donizzeti, célebre compositor italiano.↩

**56** Mas deixemos isso!↩

**57** É conforme, meu caro.↩

**58** Alusão à cor que tinham as cédulas de cem rublos.↩

**59** Pelos seus belos olhos, meu primo.↩

**60** Muito como deve ser.↩

**61** Ilustre família francesa, descendente de antigos reis e duques da Bretanha, cujos membros mais conhecidos foram: Henrique, Duque de Rohan e Príncipe de Léon; Luís, Cavalheiro de Rohan, e Eduardo, Príncipe de Rohan, tendo todos eles exercido altos cargos e grande influência na época.↩

**62** Famosas estações de águas na Áustria.↩

**63** A poesia na vida.↩

**64** Que criatura encantadora!↩

**65** Os cânticos de Salomão… não, não foi Salomão, e sim Davi quem punha uma bela jovem no seu leito para aquecer-se na sua velhice. Enfim Davi, Salomão.↩

**66** Aquela jovem beldade da velhice de Davi é todo um poema.↩

**67** Escritor francês (1794-1871), autor fecundo de numerosos romances cheios de humor e malícia, por vezes quase grosseira e apimentada.↩

**68** Ter e ser.↩

**69** Mas acompanhe sua mãe afinal. Não tem coração esse menino!↩

**70** Armeiro francês, na época.↩

**71** Infeliz!↩

**72** Cale-se, dormirei depois.↩

**73** Salva!↩

**74** Jamais homem algum foi tão cruel, tão Bismarck, como essa criatura, que olha uma mulher como uma sujeira fortuita. Uma mulher, que é isso, em nossa época? "Mata-a!", eis a derradeira palavra da Academia Francesa!…↩

**75** Ai! de que me teria servido descobri-lo mais cedo? Eu não teria ganho muito mais conservando minha vergonha oculta toda a minha vida? Talvez não seja decente para uma senhorita explicar-se com tanta liberdade diante do senhor, mas, afinal, confesso-lhe que, se me fosse permitido querer alguma coisa, oh! seria cravar-lhe no coração minha faca, mas desviando os olhos, com medo de que seu olhar execrável fizesse tremer meu braço e gelasse a minha coragem! Ele assassinou aquele pope russo, senhor, arrancou-lhe a barba ruiva, para vendê-la a um artista cabeleireiro na Ponte dos Marechais, bem perto da casa do Senhor Andrieux — altas novidades, artigos de Paris, linho, camisas, o senhor sabe, não é… Oh! senhor, quando a amizade reúne à mesa esposa, filhos, irmãs, amigos; quando uma viva alegria inflama meu coração, pergunto-lhe, senhor: há felicidade preferível àquela de que tudo goza? Mas ele ri, senhor: aquele monstro execrável e inconcebível, e se não fosse a intervenção do senhor Andrieux, jamais, oh! jamais seria eu… Mas que é isso, senhor, que tem, senhor?↩

**76** Senhor Andrieux, por aquele monstro furioso e inconcebível.↩

**77** Aonde vai, senhor?↩

**78** Mas não é longe, senhor, absolutamente, não vale a pena vestir sua peliça, é aqui perto, senhor.↩

**79** Ele vai embora, ele vai embora!↩

**80** Mas ele me matará, senhor, ele me matará!↩

**81** A calúnia… dela resta sempre alguma coisa.↩

**82** Santa Maria Egipcíaca (345-421), célebre cortesã de Alexandria, depois canonizada. Tendo levado uma vida licenciosa na juventude, abandona, arrependida, o mundo e se retira ao deserto onde morre após quarenta e sete anos de penitência.↩

**83** São Marcos, C. XVIII, v. 6.↩

**84** Repartição que funcionava na Delegacia de Polícia, onde se podia obter o endereço de qualquer pessoa.↩

**85** Palácio, tanto quanto o Jardim de Inverno, o Eremitério e outros edifícios faustosos,

erguido para o deleite da aristocracia petersburguesa.↩

**86** Famoso jornal francês da época.↩

**87** Jornal belga.↩

**88** Senhor príncipe, não terá o senhor um rublo de prata para nós, não dois, mas um só, por favor?↩

**89** Nós lhe restituiremos. Tradução correta de *nous vous le rendrons*, deturpada, na fala, pela personagem.↩

**90** Ah! maldito…↩

**91** Mas diga, quer que lhe rebente a cabeça, meu amigo?↩

**92** Meu amigo, aqui está *Dolgorowky*, meu outro amigo.↩

**93** Ei-lo!↩

**94** É ele!↩

**95** Senhorita Alfonsina, quer dar-me um beijo?↩

**96** Ah! o vilãozinho! Não se aproxime de mim, não me suje. E você, meu bestalhão, ponho-o pela porta afora, todos os dois, sabem disso?↩

**97** Que é isso, minha "bologne"?↩

**98** Ah! que gíria é essa?↩

**99** Falo como uma dama russa sobre as estações de águas.↩

**100** Que é que é isso duma dama russa sobre as estações de águas? E… onde está afinal seu belo relógio que Lambert lhe deu?↩

**101** Temos um rublo de prata que nosso novo amigo nos emprestou.↩

**102** Nós lhe restituímos com muita gratidão.↩

**103** Olé! Lambert! onde está Lambert? viste Lambert?↩

**104** Logradouro onde se localizavam os melhores restaurantes, lojas de luxo, casa e vilas particulares, muito frequentado pela gente elegante de Petersburgo.↩

**105** Verso tirado dum poema de Liérmontov.↩

**106** Dia de cólera, aquele dia!↩

**107** Compositor e cantor napolitano do século XVII, discípulo de Scarlatti.↩

**108** Uma das partes mais solenes da missa ortodoxa.↩

**109** Isto posto, muda a questão.↩

**110** Praça Sienaia, perto do Mercado do Feno, logradouro de São Petersburgo.↩

**111** Avenida Obúkhovski.↩

**112** Regimento de São Simeão.↩

**113** A propriedade é um roubo.↩

**114** No vinho está a verdade.↩

**115** Publicista radical que havia abandonado a Rússia em 1847 e passara a residir no estrangeiro. Publicou em Londres, de 1858 a 1869, um semanário, *O sino* (em russo *Kolokol*). Morreu em Paris em 1870. Dostoiévski visitou-o em Londres, 1862.↩

**116** Claude Gelée, le Lorrain (1660-1682), pintor e gravador francês. Passou a maior parte da sua vida em Roma. Pode ser considerado como um dos precursores do impressionismo e um dos mestres franceses da pintura paisagística.↩

**117** Heinrich Heine (1797-1856), poeta e prosador alemão dos mais importantes, de ascendência hebraica. Autor de *Intermezzo, Livro dos cantos, Romancero, Impressões de viagem*, etc.↩

**118** No livro *Ievguéni Oniéguin*, de Púchkin.↩

**119** Mas é um urso.↩

**120** Seita religiosa dos "Velhos-Crentes", que se formou na Rússia no século XVII.↩

**121** Figura bíblica; a sulamita que aquecia a velhice de Davi, e depois casou com seu filho Adonias.↩

**122** Sim, sim, é uma vergonha! Uma dama… Oh! o senhor é generoso! Fique tranquilo, farei Lambert ser razoável…↩

**123** Oh! dizia que era homem de coração!↩

**124** Não é? Não é?↩

**125** Segue sempre os sentimentos.↩

**126** Depois, depois, não é, querida amiga?↩

**127** Não é? Não falo demais, mas digo bem.↩

**128** É isto.↩

**129** Parece bobo aquele cavalheiro. Caro filho.↩

**130** Protagonista de ruidoso processo em Petersburgo, de 1869-1870. Homem idoso, foi assassinado numa pensão, posto numa mala e expedido como bagagem para Moscou. Durante o crime, os pensionistas dançavam e cantavam.↩

**131** Nada, nada absolutamente. Mas estou livre aqui, não é?↩

**132** Caro príncipe, devemos ser amigos, mesmo por direito de nascimento…↩

**133** Verso de peça de Griboiédov, *A desgraça de ter talento*, referente a um louco.↩

**134** Digo coisas encantadoras e todo mundo ri.↩

**135** Filha do Rei Kirbit, personagem do romance de cavalaria, *Bova, o filho do rei*, muito popular entre o povo russo. A palavra é corruptela de meretriz.↩

**136** Sim, sim, compreendo, compreendi desde o começo…↩

**137** Ora, esqueci seu nome… Um homem horrível… Ah! Viersílov.↩

**138** Oh! eles se vingarão!↩

**139** Salvem-na, salvem-na!↩

**140** Personagem da já citada comédia de Griboiédov.↩

**141** Raspai o russo e vereis o tártaro.↩

**142** Partidário da Comuna de Paris, poder revolucionário instalado depois do levantamento do estado de sítio desta cidade, pelos prussianos, e a insurreição do 18 de março de 1871.↩

**143** Abadessa de um convento de Sierpúkhov, nascida Baronesa Rosen. Perseguida por causa de certas práticas médicas ilegais, foi condenada a três anos de exílio na Sibéria.↩

# Os irmãos Karamázovi

# Os irmãos Karamázovi[1]
# (1879)

A Anna Grigórievna Dostoiévskaia[2]

Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo que cai na terra
não morrer, fica infecundo: mas se morrer, produz muito fruto.

SÃO JOÃO, *cap. XII, vers. 24 e 25*

## Prefácio

Ao começar a biografia de meu herói, Alieksiéi Fiódorovitch, sinto-me um tanto perplexo. Com efeito, se bem que o chame meu herói, sei que ele não é um grande homem; prevejo também perguntas deste gênero: "Em que é notável Alieksiéi Fiódorovitch, para que tenha sido escolhido como seu herói? Que fez ele? Quem o conhece e por quê? Tenho eu, leitor, alguma razão para consagrar meu tempo a estudar-lhe a vida?"

A derradeira pergunta é a mais embaraçosa, porque só lhe posso responder dizendo: "Talvez o senhor mesmo descubra isso no romance". Mas se o lerem, sem achar que meu herói é notável? Digo isto, porque prevejo, infelizmente, a coisa. A meus olhos, ele é notável, mas duvido bastante de que consiga convencer o leitor. O fato é que ele age, seguramente, mas de uma maneira vaga e obscura. Aliás, seria estranho, em nossa época, exigir clareza das pessoas! Uma coisa, no entanto, está fora de dúvida: é um homem estranho, até mesmo um original. Mas a estranheza e a originalidade prejudicam, em lugar de conferir um direito à atenção, sobretudo quando todo mundo se esforça por coordenar as individualidades e destacar um sentido geral do absurdo coletivo. O original, na maior parte dos casos, é o individuo que se põe de parte. Não é verdade?

No caso de me contradizerem, a propósito deste último ponto, dizendo: "Não é verdade", ou "não é sempre verdade", retomo

coragem a respeito do valor de meu herói. Porque não somente o original não é “sempre” o indivíduo que se põe de parte, mas acontece-lhe deter a quinta-essência do patrimônio comum, enquanto que seus contemporâneos o repudiaram por algum tempo.

Aliás, em vez de engajar-me nessas explicações destituídas de interesse e confusas, teria começado bem simplesmente, sem prefácio — se minha obra agradar, hão de lê-la —, mas a desgraça está em que, além de uma biografia, tenho dois romances. O principal é o segundo, é a atividade de meu herói em nossa época, no momento presente. O primeiro desenrola-se há treze anos, para dizer a verdade, é apenas um momento da primeira juventude do herói. É indispensável, porque, sem ele, muitas coisas ficariam incompreensíveis no segundo. Mas isto só faz aumentar o meu embaraço: se eu, biógrafo, acho que um romance teria bastado para um herói tão modesto e vago, como apresentar-me com dois e justificar tal pretensão?

Desesperando de resolver essas questões, deixo-as em suspenso. Naturalmente, o leitor perspicaz já adivinhou que tal era meu fim desde o começo e leva-me a mal que perca um tempo precioso em palavras inúteis. Ao que responderei que o fiz por polidez, e em seguida por astúcia, a fim de que se fique prevenido de antemão. Além do mais, folgo que meu romance se divida por si mesmo em duas narrativas, “contudo conservando sua unidade integral”; depois de ter tomado conhecimento do primeiro, o leitor verá por si mesmo se vale e pena abordar o segundo. Sem dúvida, cada qual é livre; pode-se fechar o livro desde as primeiras páginas da primeira narrativa para não mais abri-lo. Mas há leitores delicados que querem ir até o fim, para não deixar de ser imparciais; tais são, por exemplo, todos os críticos russos. Sente-se a gente de coração mais leve para com eles. Malgrado sua consciência metódica, forneço-lhes um argumento dos mais fundamentados para abandonar a narrativa no primeiro episódio do romance. Eis terminado o meu prefácio. Convenho que é supérfluo, mas, já que está escrito, deixemo-lo.

E agora, comecemos.

O Autor.

# Primeira parte

## Livro I / História de uma família

### I / Fiódor Pávlovitch Karamázov

Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov era o terceiro filho de um proprietário de terras de nosso distrito, Fiódor Pávlovitch, tão conhecido em seu tempo (dele se lembram, aliás, ainda) pelo seu fim trágico, ocorrido há treze anos e de que falarei mais adiante. No momento, vou me limitar a dizer desse "proprietário" (chamavam-no assim, se bem que jamais tivesse morado em "propriedade") que era o tipo estranho, embora bastante frequente, da criatura vil e corrompida ao mesmo tempo que absurda. Sabia arranjar perfeitamente seus negócios proveitosos, mas nada mais. Fiódor Pávlovitch, por exemplo, começou quase do nada: era um modesto proprietário, gostando muito de jantar em casa dos outros, com fama de parasita. E no entanto, ao morrer, possuía mais de cem mil rublos em metal sonante. Isto não o impediu de ser, durante sua vida, um dos piores malucos de nosso distrito. Repito, não se trata de estupidez — a maior parte desses malucos é bastante inteligente e astuta — mas de extravagância específica e nacional.

Foi casado duas vezes e teve três filhos; o mais velho, Dimítri, da primeira mulher, e os dois outros, Ivan e Alieksiéi, da segunda. Sua primeira mulher pertencia a uma família nobre, os Miúsovi, proprietários bastante ricos do mesmo distrito. Como pôde uma moça tendo um dote, bonita e além do mais viva e espirituosa, tal como se encontra muito entre nossas contemporâneas, casar com tão nulo "doidelo" (era assim que o chamavam)? Acho inútil explicar demasiado longamente. Conheci uma jovem, da penúltima geração "romântica", que, após vários anos de amor misterioso por um senhor, com o qual poderia casar-se bem tranquilamente, acabou imaginando obstáculos intransponíveis a esse casamento. Numa noite de tempestade precipitou-se, do alto de um penhasco, num rio impetuoso

e profundo, e pereceu vítima de sua imaginação, unicamente para parecer-se com a Ofélia de Shakespeare. Se aquele penhasco, de que ela gostava particularmente, tivesse sido menos pitoresco ou substituído por uma margem chata e prosaica, ela não teria, sem dúvida, se suicidado. O fato é autêntico e creio que entre as duas ou três últimas gerações russas houve numerosos casos análogos. Do mesmo modo, a decisão que Adelaida Miúsova tomou foi sem dúvida o eco de influências estrangeiras, a exasperação de uma alma cativa. Queria talvez afirmar sua independência de mulher, protestar contras as convenções sociais, contra o despotismo de sua família. Sua imaginação complacente pintou-lhe — por um curto momento — Fiódor Pávlovitch, apesar de sua reputação de papa-jantares, como um dos personagens mais ousados e mais maliciosos daquela época em via de melhoramento, quando ele era, muito simplesmente, um pregador de más peças. O picante da aventura foi um rapto que encantou Adelaida Ivânovna. A situação de Fiódor Pávlovitch dispunha-o então a semelhantes proezas; estava louco por abrir caminho a qualquer preço: introduzir-se em uma boa família e receber um dote era bastante atraente. Quanto ao amor, não se cuidava disso nem de um lado nem de outro, apesar da beleza da moça. Esse episódio foi provavelmente único na história de Fiódor Pávlovitch, grande amador do belo sexo, a vida inteira, sempre pronto a agarrar-se a qualquer saia, contanto que ela lhe agradasse. Ora, aquela mulher foi a única que não exerceu sobre ele atração nenhuma do ponto de vista sensual.

Adelaida Ivânovna não tardou a verificar que só sentia desprezo pelo seu marido. Nestas condições, as consequências do matrimônio não se fizeram esperar. Se bem que a família se tivesse resignado bem depressa ao acontecido e remetido seu dote à fugitiva, uma existência desordenada e cenas contínuas começaram. Conta-se que a jovem senhora mostrou-se muito mais nobre e mais digna do que Fiódor Pávlovitch, que lhe escamoteou desde o começo, como se soube mais tarde, todo seu capital, vinte e cinco mil rublos, de que ela não mais ouviu falar. Durante algum tempo ele fez tudo para que sua mulher lhe transmitisse, por um documento em boa e devida forma, uma pequena aldeia e uma casa de cidade bastante bonita, que faziam parte de seu dote. Teria certamente logrado isso, tanto era o desprezo e desgosto que lhe causava com suas extorsões e exigências

descaradas, levando-a por lassidão a dizer “sim”. Por felicidade, a família dela interveio e refreou a rapacidade de seu marido. É notório que os esposos chegavam frequentemente à troca de pancadas e pretende-se que não era Fiódor Pávlovitch quem as dava, mas Adelaida Ivânovna, mulher arrebatada, atrevida, morena irascível, dotada de estupendo vigor. Por fim abandonou a casa e fugiu com um seminarista que não tinha onde cair morto, deixando a cargo do marido um menino de três anos, Mítia. Fiódor Pávlovitch não tardou em transformar sua casa num harém e em organizar pândegas e bebedeiras. Entrementes, percorria toda a província, lamentando-se com todos da deserção de Adelaida Ivânovna, com pormenores chocantes sobre sua vida conjugal. Parecia achar prazer em representar diante de todo mundo o papel ridículo de marido enganado, em pintar seu infortúnio, carregando as cores. “É caso de pensar que você subiu de grau, Fiódor Pávlovitch, tão contente se mostra, apesar da aflição”, diziam-lhe os trocistas. Muitos ajuntavam que ele se sentia feliz em mostrar-se na sua nova atitude de bufão e que, de propósito, para fazer rir mais, fingia não notar sua situação cômica. Quem sabe, aliás, fosse ingenuidade de sua parte? Por fim, conseguiu descobrir a pista da fugitiva. A desgraçada achava-se em Petersburgo, para onde fora com seu seminarista e onde começara a agir publicamente com a maior liberdade. Fiódor Pávlovitch começou a se agitar e preparou-se para partir — com que fim? — ele mesmo não sabia nada. Talvez tivesse verdadeiramente feito a viagem a Petersburgo, mas, tomada esta decisão, achou que tinha o direito, para se dar coragem, de embriagar-se desenfreadamente. Enquanto isto, soube a família de sua mulher da morte desta, em Petersburgo. Morrera de repente, num pardieiro, de febre tifoide, dizem uns, de fome, segundo outros. Fiódor Pávlovitch estava bêbedo, quando lhe anunciaram a morte de sua mulher; conta-se que correu para a rua e se pôs a gritar, na sua alegria, de braços levantados para o céu: “Agora, deixa morrer o teu servo.”[3] Outros pretendem que soluçava como uma criança, a ponto de causar pena vê-lo, malgrado a aversão que inspirava. Pode dar-se que ambas as versões sejam verdadeiras, isto é, que se regozijou com sua libertação, chorando a sua libertadora. Bem muitas vezes as pessoas, mesmo más, são mais ingênuas, mais simples do que o pensamos. Nós também, aliás.

Pode-se bem imaginar que pai e que educador seria tal homem. Como era de prever, desinteressou-se totalmente do filho que tivera de Adelaida Ivânovna, não por animosidade ou rancor conjugal, mas simplesmente porque se esquecera dele por completo. Enquanto importunava todos com suas lágrimas e suas queixas e fazia de sua casa um antro de corrupção, foi o pequeno Mítia recolhido por Grigóri, um servidor fiel; se este não tivesse tomado conta dele, o menino não teria tido talvez nem mesmo quem lhe trocasse as fraldas. Além disso, sua família por parte de mãe pareceu esquecê-lo. Seu avô morrera, sua avó, estabelecida em Moscou, era muito doente e sua tias haviam-se casado, de modo que Mítia teve de passar quase um ano em casa de Grigóri e morar em sua isbá. Aliás, se seu pai se tivesse lembrado dele (de fato não podia ignorar sua existência), teria mandado o menino de volta para a isbá, para não ser incomodado nas suas orgias. Mas, entrementes, chegou de Paris o primo da falecida Adelaida Ivânovna, Piotr Aliecksándrovitch Miúsov, que devia, mais tarde, passar muitos anos no estrangeiro. Naquela época, era ainda bastante moço e se distinguia de sua família pela sua cultura, sua estada na capital e no estrangeiro. Tendo sempre tido a mentalidade ocidental, tornou-se, para o fim de sua vida, um liberal à moda dos anos de 40 e 50. No curso de sua carreira, esteve em relações com numerosos ultraliberais, na Rússia e no estrangeiro, conheceu pessoalmente Proudhon e Bakunin.[4] Gostava de evocar os três dias da Revolução de Fevereiro de 1848,[5] em Paris, dando a entender que chegara mesmo a tomar parte nas barricadas. Era uma das melhores recordações de sua juventude. Possuía uma fortuna independente, cerca de mil almas,[6] para contar à moda antiga. Sua soberba propriedade encontrava-se nas proximidades de nossa cidadezinha e se limitava com as terras de nosso famoso mosteiro. Logo de posse de sua herança. Piotr Alieksándrovitch iniciou contra os monges um processo interminável, por causa de certos direitos de pesca ou de corte de madeira, não sei mais ao certo, mas achou de seu dever, na qualidade de cidadão esclarecido, processar os “clericais”. Tendo sabido das desgraças de Adelaida Ivânovna, de quem se lembrava, e posto ao corrente da existência de Mítia, meteu-se no caso, malgrado sua indignação juvenil e seu desprezo por Fiódor Pávlovitch. Foi então

que o viu pela primeira vez. Declarou-lhe abertamente sua intenção de encarregar-se da educação do menino. Muito tempo depois, contava, como traço característico, que Fiódor Pávlovitch, quando se tratou de Mítia, pareceu um momento não compreender absolutamente de qual filho se tratava e até mesmo admirar-se de ter um menino em alguma parte, em sua casa. Mesmo exagerado, o relato de Piotr Alieksándrovitch estava próximo da verdade. Efetivamente, Fiódor Pávlovitch gostou toda a sua vida de tomar atitudes, de representar um papel, por vezes sem necessidade nenhuma, e mesmo em detrimento seu, como naquele caso particular. É, aliás, um traço especial de muitas pessoas, mesmo inteligentes. Piotr Alieksándrovitch levou a coisa a sério e foi até nomeado tutor do menino (juntamente com Fiódor Pávlovitch), uma vez que a mãe dele deixara uma casa e terras. Mítia foi morar em casa daquele primo que não tinha família. Com pressa de regressar a Paris, depois de haver regularizado seus negócios e assegurado o pagamento de sua rendas, confiou o menino a uma de suas tias que morava em Moscou. Mais tarde, tendo-se aclimatado na França, esqueceu do menino, sobretudo quando estourou a Revolução de Fevereiro, que lhe impressionou a imaginação para o resto de seus dias. Tendo morrido a tia que morava em Moscou, Mítia foi recolhido por uma de suas filhas casadas. Mudou, ao que parece, pela quarta vez, de lar. Não me alongo a este respeito no momento, tanto mais quanto ainda muito se falará desse primeiro rebento de Fiódor Pávlovitch, e limito-me aos detalhes indispensáveis, sem os quais é impossível começar o romance.

Em primeiro lugar, esse Dimítri foi o único dos três filhos de Fiódor Pávlovitch que cresceu com a ideia de que tinha alguma fortuna e seria independente ao atingir a maioridade. Sua infância e sua juventude foram agitadas: deixou o ginásio antes do termo, entrou em seguida para uma escola militar, partiu para o Cáucaso, serviu no Exército, foi degradado por haver-se batido em duelo, voltou ao serviço, entregou-se à orgia, gastou dinheiro em quantidade. Recebeu dinheiro de seu pai somente quando atingiu a maioridade, mas fizera dívidas enquanto esperava. Só veio a ver pela primeira vez Fiódor Pávlovitch, depois de sua maioridade, quando chegou à nossa província especialmente para informar-se a respeito de sua fortuna. Seu pai, ao que parece, não lhe agradou desde o começo; ficou pouco

tempo em casa dele e apressou-se em partir, levando certa soma, depois de haver concluído um acordo a respeito das rendas de sua propriedade. Coisa curiosa: nada pôde arrancar de seu pai a respeito de seu rendimento e do valor do domínio. Fiódor Pávlovitch notou então — e importa reparar nisso — que Mítia fazia de sua fortuna uma ideia falsa e exagerada. Ficou muito contente com isto, tendo em vista seus interesses particulares. Concluiu de tudo que o rapaz era estouvado, arrebatado, de paixões vivas, um boêmio ao qual bastava dar um osso a roer para acalmá-lo até nova ordem. Fiódor Pávlovitch explorou a situação, limitando-se a largar de tempos em tempos pequenas somas, até que um belo dia, quatro anos depois, Mítia, perdida a paciência, reapareceu na localidade para exigir uma regularização de contas definitiva. Para estupefação sua, aconteceu que não possuía mais nada; era mesmo difícil verificar as contas: já havia recebido em espécie, de Fiódor Pávlovitch, o valor total de seus bens; talvez mesmo viesse a ser seu devedor; de acordo com tal e tal arranjo, concluído em tal e tal data, não tinha direito de reclamar mais, etc. O rapaz ficou consternado; suspeitou da falsidade, da fraude, ficou fora de si, quase perdeu a razão. Esta circunstância provocou a catástrofe cuja narrativa forma o assunto de meu primeiro romance, ou antes seu quadro exterior. Mas antes de iniciar dito romance, é preciso falar ainda dos dois outros filhos de Fiódor Pávlovitch e explicar-lhes a proveniência.

## III / Novo casamento e novos filhos

Fiódor Pávlovitch, depois de livrar-se do pequeno Mítia, contratou em breve um segundo casamento, que durou oito anos. Escolheu por esposa desta segunda vez também uma mulher bastante jovem, de uma outra província, aonde tinha ido, em companhia de um judeu, para tratar de um pequeno negócio. Embora boêmio, bêbedo e debochado, nunca deixava de ocupar-se com boa colocação de seu capital e arranjava quase sempre bem os seus negócios, mas quase sempre desonestamente. Sófia Ivânovna, órfã desde a infância, filha de um obscuro diácono, vivera na opulenta casa de sua benfeitora, a viúva, altamente colocada, do General Vórokhov, que a educava e a maltratava. Ignoro os detalhes, ouvi simplesmente dizer que a moça, doce, paciente e cândida, tentara enforcar-se, pendurando-se dum

prego, na despensa, tão farta estava dos caprichos e das eternas censuras daquela velha, não má no íntimo, mas a quem sua ociosidade tornava insuportável. Fiódor Pávlovitch pediu sua mão; tomaram informações a seu respeito. Mas isto se passava em outra província; que podia, aliás, compreender uma moça de dezesseis anos, senão que valia mais lançar-se à água do que ficar em casa de sua benfeitora? Foi assim que a infeliz substituiu sua benfeitora por benfeitor. Desta vez, Fiódor Pávlovitch não recebeu um vintém, por que a generala, furiosa, nada dera, a não ser sua maldição. De resto, não contava ele com o dinheiro. A beleza notável da moça e sobretudo sua candura tinham-no encantado. Estava maravilhado, ele, o volutuoso, até então apaixonado apenas pelos encantos grosseiros. "Aqueles olhos inocentes traspassavam-me a alma", dizia mais tarde com um riso canalha. Aliás, aquela criatura corrupta não podia experimentar senão atração sensual. Fiódor Pávlovitch não se incomodou com sua mulher. Como era ela por assim dizer "culpada" para com ele, que a havia quase "salvado da corda", aproveitando, além disso, de sua doçura e de sua resignação espantosas, pisou aos pés a decência conjugal mais elementar. Sua casa tornou-se teatro de orgias nas quais tomavam parte mulheres de má vida. Um traço a notar é que o criado Grigóri, criatura taciturna, discutidor estúpido e teimoso, que detestava sua primeira patroa, tomou o partido da segunda, discutindo por causa dela com seu amo duma maneira quase intolerável da parte dum criado. Um dia, chegou a ponto de expulsar as mulheres que se entregavam a orgias em casa de Fiódor Pávlovitch. Mais tarde, a infeliz jovem senhora, aterrorizada desde a infância, foi presa duma doença nervosa, frequente entre as aldeãs, e que lhes vale o nome de "possessas". Por vezes, a doente, vítima de terríveis crises de histeria, perdia a razão. Deu, no entanto, a seu marido, dois filhos: o primeiro, Ivan, após um ano de casamento; o segundo, Alieksiéi, três anos mais tarde. Quando ela morreu, estava o jovem Alieksiéi com quatro anos de idade e, por mais estranho que isto pareça, nunca se esqueceu de sua mãe durante toda a sua vida, mas como através de um sonho. Morta sua mãe, tiveram os dois meninos a mesma sorte que o primeiro: seu pai esqueceu-se deles, abandonou-os totalmente, e eles foram recolhidos pelo mesmo Grigóri na sua isbá. Foi lá que os encontrou a velha generala, a benfeitora que havia educado a mãe deles. Vivia ainda e, durante aqueles oito anos, seu rancor não se

desarmara. Perfeitamente informada da existência que levava sua Sófia, ao saber de sua doença e dos escândalos que ela suportava, declarou duas ou três vezes aos parasitas que a cercavam: “Bem feito; Deus a castiga por causa de sua ingratidão”. Três meses, exatamente, após a morte de Sófia Ivânovna, apareceu a generala em nossa cidade e apresentou-se em casa de Fiódor Pávlovitch. Sua visita não durou senão uma meia hora, mas aproveitou seu tempo. Era de noite. Fiódor Pávlovitch, a quem não via desde oito anos, apresentou-se em estado de embriaguez. Conta-se que, desde que ela o viu, e sem explicações, lhe deu duas bofetadas ressoantes, e puxou-lhe de alto a baixo o topete umas três vezes. Sem acrescentar uma palavra, foi diretamente à isbá, onde se encontravam os meninos. Não estavam lavados, nem vestidos com roupas limpas; vendo isto, a irascível velha assentou também uma bofetada na cara de Grigóri e declarou-lhe que levava os meninos. Tais como estavam, enrolou-os numa manta de viagem, pô-los na carruagem e tornou a partir. Grigóri guardou a bofetada como bom servidor e absteve-se de qualquer insolência; ao reconduzir a velha senhora à carruagem, disse num tom grave, depois de ter-se inclinado profundamente, que “Deus a recompensaria pela sua boa ação”. “Não passas de um bobalhão”, gritou-lhe ela à guisa de adeus. Tendo examinado o caso, Fiódor Pávlovitch declarou-se satisfeito, concedeu mais tarde seu consentimento formal à educação dos meninos em casa da generala. Foi à cidade vangloriar-se das bofetadas recebidas.

Pouco tempo depois, a generala morreu; deixava, por testamento, mil rublos a cada um dos dois petizes “para sua instrução”; esse dinheiro devia ser despendido integralmente em proveito deles, e, de acordo com a doadora, deveria bastar até sua maioridade, sendo já tal soma muito para semelhantes crianças. Se outros quisessem dar mais, que dessem de seu bolso, etc.

Não li o testamento, mas ele trazia um trecho estranho, naquele gosto por demais original. O principal herdeiro da velha senhora era, por felicidade, um homem honesto, marechal da nobreza da província, Iefim Pietróvitch Poliénov.[7] Tendo compreendido, pelas cartas de Fiódor Pávlovitch, que dele nada retiraria para a educação de seus filhos (contudo este último nunca recusava categoricamente, mas

arrastava as coisas indefinidamente, fazendo por vezes sentimentalismo), interessou-se pelos órfãos e concebeu afeição especial pelo caçula, que ficou muito tempo na sua família. Chamo a atenção do leitor para isso. Se os jovens deviam a alguém sua educação e sua instrução, era justamente a Iefim Pietróvitch, caráter nobre raramente encontrado. Conservou intacto para as crianças seu pequeno capital, que, na ocasião de sua maioridade, atingia dois mil rublos com os juros, educou-os às suas custas, gastando nisso, para cada um, bem mais de mil rublos, não farei agora um relato detalhado da infância e da juventude deles, limitando às principais circunstâncias. O mais velho, Ivan, tornou-se um adolescente sombrio e fechado, nada tímido, mas compreendera bem cedo que seu irmão e ele cresciam em casa de estranhos, de graça, que tinham como pai um indivíduo que lhes causava vergonha, etc. Esse rapaz mostrou, desde sua mais tenra idade (pelo que se conta, pelo menos), brilhantes capacidades para o estudo. Com a idade de cerca de treze anos, deixou a família de Iefim Pietróvitch para seguir os cursos de um ginásio de Moscou, e tomar pensão em casa de um famoso pedagogo, amigo de infância de seu benfeitor. Mais tarde, Ivan contava que Iefim Pietróvitch fora inspirado por seu "ardor pelo bem" e pela ideia de que um adolescente genialmente dotado devia ser educado por um educador genial. De resto, nem seu protetor, nem o educador de gênio existiam mais, quando o rapaz entrou para a universidade. Não tendo Iefim Pietróvitch tomado bem suas disposições e como o pagamento do legado da generala ia-se arrastando, em consequência de diversas formalidades e retardamentos inevitáveis entre nós, o rapaz viu-se em apertos nos seus dois primeiros anos de universidade, obrigado a ganhar sua vida enquanto fazia seus estudos. É preciso notar que então não tentou de modo algum corresponder-se com seu pai — talvez por altivez, por desdém para com ele —, talvez também o frio cálculo de sua razão lhe demonstrasse que nada tinha a esperar dele. Seja como for, o rapaz não se perturbou, encontrou trabalho, a princípio deu aulas a vinte copeques, em seguida redigiu artigos de dez linhas a respeito de cenas da rua, assinados "Uma Testemunha Ocular", que levava a diversos jornais. Esses artigos, dizem, eram sempre curiosos e espirituosos, o que lhes assegurou bom êxito. Dessa maneira o jovem repórter mostrou sua superioridade prática e intelectual sobre os numerosos estudantes dos dois sexos, sempre

necessitados, que, em Petersburgo e em Moscou, assaltam ordinariamente, da manhã à noite, as redações dos jornais e revistas, não imaginando nada de melhor senão reiterar seu eterno pedido de traduções do francês e cópias. Uma vez conhecido nas redações, Ivan Fiódorovitch não perdeu o contacto; nos seus derradeiros anos de universidade, pôs-se com muito talento e escrever resenhas de obras especiais, fazendo-se assim conhecido nos círculos literários. Mas somente para o fim é que conseguiu, por acaso, despertar uma atenção particular num círculo de leitores muito mais extenso. O caso era bastante curioso. À sua saída da universidade e quando se preparava para partir para o estrangeiro com seus dois mil rublos, publicou Ivan Fiódorovitch, num grande jornal, um artigo estranho, que atraiu a atenção até mesmo dos profanos. O assunto era-lhe aparentemente desconhecido, uma vez que seguira os cursos de Ciências Naturais e o artigo tratava a questão dos tribunais eclesiásticos, suscitada, então, por toda parte. Examinando algumas opiniões emitidas a respeito dessa matéria, expunha igualmente suas opiniões pessoais. O que impressionava, era o tom e o inesperado da conclusão. Ora, muitos eclesiásticos tinham o autor como seu partidário. Por outra parte, os leigos, bem como os ateus, aplaudiam suas ideias. Afinal de contas, algumas pessoas decidiram que o artigo inteiro não passava de uma desavergonhada mistificação. Se menciono esse episódio é sobretudo porque o artigo em questão chegou até o nosso famoso mosteiro — onde havia interesse pela questão dos tribunais eclesiásticos — e ali provocou grande perplexidade. Uma vez conhecido o nome do autor, o fato de ser originário de nossa cidade e filho daquele mesmo Fiódor Pávlovitch aumentou o interesse. Pela mesma época, apareceu o autor em pessoa.

Por que Ivan Fiódorovitch viera à casa de seu pai, já o perguntava eu então a mim mesmo, lembro-me, com certa inquietude. Aquela chegada tão fatal, que engendrou tantas consequências, permaneceu por muito tempo inexplicada para mim. Na verdade, era estranho que um jovem tão sábio, de aparência tão altiva e tão reservada, aparecesse numa casa tão escandalosa, em casa de tal pai. Este ignorara-o toda a sua vida, não se lembrava dele e — se bem que não tivesse, por coisa alguma do mundo, dado dinheiro, se lhe pedissem — temia sempre que seus filhos aparecessem para o reclamar. E eis que o

rapaz se instala na casa de tal pai, passa junto com ele um mês, depois dois, e se entendem maravilhosamente. Não fui eu o único a espantar-me com tal acordo. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, de quem já se falou, passava uma temporada então entre nós, na sua propriedade suburbana, vindo de Paris, onde fixara residência. Estava surpreendido mais que todos, tendo travado conhecimento com o rapaz que o interessava bastante e com o qual rivalizava em erudição. "Ele é altivo, dizia-nos. — Saberá sempre arranjar-se; desde agora, tem com que partir para o estrangeiro. Que faz ele aqui? Todos sabem que não veio cá procurar seu pai para pedir dinheiro, que aquele recusaria, aliás. Não gosta de beber, nem de requestar mulheres; no entanto, o velho não pode passar sem ele, de tal modo estão de acordo." Era verdade; o jovem exercia visível influência sobre o velho, que por vezes o atendia, se bem que muito teimoso e caprichoso; começou mesmo a comportar-se mais decentemente…

Soube-se mais tarde que Ivan chegara igualmente por causa da demanda e dos interesses de seu irmão mais velho, Dimítri, que ele viu pela primeira vez nessa ocasião, mas com o qual já se correspondia, a respeito de um negócio importante. Vai se falar disso pormenorizadamente a seu tempo. Mesmo quando fiquei ao corrente, pareceu-me Ivan Fiódorovitch enigmático e sua chegada à nossa cidade difícil de explicar.

Acrescentarei que ele mantinha papel de árbitro e de reconciliador entre seu pai e seu irmão mais velho, então totalmente desavindos, tendo este último intentado mesmo uma ação na justiça.

Pela primeira vez, repito, essa família, da qual certos membros nunca se tinham visto, achou-se reunida. Somente o caçula, Alieksiéi, morava entre nós havia já um ano. É difícil falar dele neste preâmbulo, antes dele entrar em cena no romance. Devo, no entanto, estender-me a seu respeito para elucidar um ponto estranho, isto é, que meu herói aparece, desde a primeira cena, sob o hábito de um noviço. Havia um ano, com efeito, que morava em nosso mosteiro e se preparava para ali passar o resto de seus dias.

## IV / O terceiro filho Aliócha

Tinha vinte anos (seus irmãos, Ivan e Dimítri estavam então, respectivamente, com vinte e quatro e vinte e oito anos). Devo prevenir que esse jovem Aliócha não era absolutamente um fanático, nem mesmo, pelo que creio, um místico. Na minha opinião, era simplesmente um filantropo na dianteira do seu tempo, e se escolhera a vida monástica, era porque então somente ela o atraía e representava para ele a ascensão ideal para o amor radioso de sua alma liberta das trevas e do ódio daqui embaixo. Atraía-o essa via, apenas porque havia nela encontrado um ser excepcional a seus olhos, o nosso famoso *stáriets*[8] Zósima, ao qual se ligara com todo o fervor noviço de seu coração sedento. Convenho que ele era já bastante estranho, tendo isso começado desde o berço. Já contei que, tendo perdido sua mãe aos quatro anos, dela se lembrou toda a sua vida, de seu rosto, de suas carícias, "como se eu a visse viva". Semelhantes recordações podem persistir (cada qual o sabe), mesmo numa idade mais tenra, mas não permanecem como pontos luminosos nas trevas, como o fragmento de um imenso quadro que tivesse desaparecido. Era o caso para ele: lembrava-se duma suave noite de verão, da janela aberta aos raios oblíquos do sol poente; a um canto do quarto uma imagem santa com a lâmpada acesa e, diante da imagem, sua mãe ajoelhada, soluçando como numa crise de nervos, lançando gemidos e exclamações. Ela o tomara em seus braços, apertando-o a ponto de sufocá-lo e implorava por ele à Santa Virgem, afrouxando seu amplexo para empurrá-lo para a imagem como se o pusesse sob sua proteção… mas a ama acorre e arranca-o, apavorada, dos braços de sua mãe. Tal era a cena! Aliócha lembrava-se do rosto de sua mãe, exaltado, mas sublime, segundo suas recordações. Mas não gostava de falar disso. Na sua infância e na sua mocidade, era antes concentrado e até mesmo taciturno, não por timidez ou selvageria, pelo contrário, mas por uma espécie de preocupação interior tão profunda que o fazia esquecer dos que o cercavam. Mas gostava de seus semelhantes, toda a sua vida teve fé neles, sem passar jamais por simplório ou ingênuo. Algo nele revelava que não queria ser o juiz alheio, nem censurar as pessoas ou condená-las por preço algum. Parecia mesmo tudo admitir, sem reprovação, embora muitas vezes com profunda melancolia. Bem mais ainda, conseguira neste sentido ficar inacessível ao espanto e ao medo, desde sua primeira mocidade. Chegado aos vinte anos à casa de seu pai, um foco de baixo deboche, ele, casto e puro, retirava-se em

silêncio, quando a vida se lhe tornava intolerável, mas sem testemunhar a ninguém reprovação alguma nem desprezo. Tendo seu pai sido outrora parasita e, por consequência, sutil e sensível às ofensas, acolheu-o a princípio de má-vontade. “Ele se cala, dizia ele, mas nem por isso deixa de pensar.” Entretanto, não tardou em beijá-lo, em acariciá-lo; eram, na verdade, lágrimas e um enternecimento de bêbedo, mas via-se que o amava com um amor sincero, profundo, que até então fora incapaz de sentir por quem quer que fosse… Sim, aquele adolescente era amado por todos, em toda parte aonde fosse, e isto desde sua infância. Na família de seu benfeitor, Iefim Pietróvitch Poliénov, tinham-se de tal modo ligado a ele que todos os consideravam como filho da casa. Ora, entrara em casa deles numa idade em que a criança é ainda incapaz de cálculo e de astúcia, em que ignora as intrigas que atraem o favor e a arte de se fazer amar. Esse dom de despertar a simpatia era por consequência natural nele, espontâneo, sem artifício. O mesmo ocorria na escola e, no entanto, as crianças como Aliócha atraem a desconfiança de seus camaradas, suas zombarias e, por vezes, o ódio. Desde a infância, ele gostava, por exemplo, de isolar-se para sonhar, para ler num canto; contudo, foi objeto da afeição geral durante sua permanência na escola. Não era brincalhão, nem mesmo alegre; observando-se, via-se depressa que não era melancolia, mas, pelo contrário, uma disposição igual e serena. Entre seus condiscípulos, jamais queria pôr-se à frente. Por esta razão, talvez, jamais temia alguém e os rapazes notavam que, longe de orgulhar-se disso, parecia ignorar sua ousadia, sua intrepidez. Não era rancoroso. Uma hora após ter sido ofendido, respondia ao ofensor ou dirigia-lhe ele próprio a palavra, com um ar confiante, tranquilo, como se nada se tivesse passado entre eles. Não parecia então ter esquecido a ofensa, ou decidido perdoá-la, mas não se considerava ofendido e isto fazia com que conquistasse o coração dos meninos. Um só traço de seu caráter incitava frequentemente todos os seus camaradas a zombarem dele, não por maldade, mas por divertimento. Era dum pudor, duma castidade exaltada, feroz. Não podia suportar certas palavras e certas conversas a respeito de mulheres. Essas “certas” palavras e conversas são infelizmente tradicionais nas escolas. Jovens de alma e coração puros, quase crianças ainda, gostam muitas vezes de entreter-se com cenas e imagens de que os próprios soldados nem sempre falam; aliás, estes

últimos sabem menos a este respeito que os rapazes de nossa sociedade culta. Não há ainda aí, admito, corrupção moral, nem verdadeiro cinismo, mas a aparência disso; e isso passa frequentemente aos olhos deles como algo de delicado, de fino, digno de ser imitado. Vendo Aliócha Karamázov tapar rapidamente os ouvidos, quando se falava "daquilo", formavam por vezes círculo em redor dele, afastavam suas mãos à força e gritavam-lhe obscenidades. Alieksiéi debatia-se, deitava-se no chão, ocultando o rosto; suportava a ofensa em silêncio e sem se zangar. Por fim deixavam-no em repouso, cessavam de chamá-lo de "mocinha", sentia-se mesmo compaixão por ele. Na classe, era um dos melhores alunos, mas nunca obteve o primeiro lugar.

Após a morte de Iefim Pietróvitch, Aliócha passou ainda dois anos no ginásio. A viúva partiu em breve para uma longa viagem à Itália, com toda a sua família, que se compunha de mulheres. O rapaz foi morar em casa de parentes afastados do defunto, duas senhoras que ele jamais vira. Ignorava as condições; era aliás nele um traço bastante característico o jamais inquietar-se à custa de quem vivia. A este respeito, era totalmente o contrário de seu irmão mais velho, Ivan, que conhecera a pobreza nos seus dois primeiros anos de universidade, vivendo de seu trabalho, e que havia sofrido, desde sua infância, por ter de comer o pão de um benfeitor. Mas não se podia julgar severamente essa particularidade do caráter de Alieksiéi, porque bastava conhecê-lo um pouco para que se ficasse convencido que era um desses inocentes capazes de dar todo o seu capital a uma boa obra, ou mesmo a um cavalheiro de indústria, se lhe pedisse. Em geral ignorava o valor do dinheiro não sabia o que fazer dele durante semanas ou gastava-o num piscar de olhos. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, bastante meticuloso no que se refere a dinheiro e honestidade burguesa, tendo tido mais tarde ocasião de observar Alieksiéi, caracterizou-o desta maneira: "Eis talvez o único homem no mundo que, se ficasse sem recursos numa grande cidade desconhecida, não morreria de fome, nem de frio, porque imediatamente o nutririam, viriam em seu auxílio, se não ele mesmo se livraria logo de apertos, sem trabalho nem humilhação, e seria um prazer para os outros prestar-lhe serviços".

No ginásio, não terminou seus estudos: restava-lhe ainda um ano, quando declarou de repente àquelas senhoras que partia para a casa de seu pai por causa de um negócio que lhe viera à cabeça. As senhoras lamentaram-no muito; elas não queriam que ele empenhasse o relógio que lhe tinha dado a família de seu benfeitor, antes de partir para o estrangeiro; foi provido de dinheiro com abundância, bem como de roupa branca e vestes, mas ele devolveu-lhes a metade da soma declarando que fazia questão de viajar em terceira classe. Como seu pai lhe perguntasse por que viera antes de ter acabado seus estudos, não respondeu nada, mas mostrou-se mais pensativo que de costume. Em breve verificou-se que ele procurava o túmulo de sua mãe. Confessou mesmo não ter vindo senão para isto. Mas não era provavelmente a única causa de sua chegada. Sem dúvida, ignorava então que ele mesmo não teria podido explicar com certeza o que havia de súbito surgido em seu íntimo para arrastá-lo irresistivelmente a uma via nova, desconhecida. Fiódor Pávlovitch não pode indicar-lhe o túmulo de sua mãe, porque ali jamais voltara e esquecera o lugar após tantos anos…

Falemos de Fiódor Pávlovitch. Ficara muito tempo ausente de nossa cidade. Três ou quatro anos após a morte de sua segunda mulher, partiu para o sul da Rússia e chegou por fim a Odessa, onde passou vários anos. Travou conhecimento, segundo suas próprias palavras, com “muitos judeus, judias e judotes de toda a laia” e acabou por ser recebido “não só em casa dos judeus, mas também em casa dos israelitas”. É preciso crer que, durante esse período, aperfeiçoara a arte de juntar e de subtrair dinheiro. Reapareceu em nossa cidade três anos somente antes da chegada de Aliócha. Seus antigos conhecidos acharam-no bastante envelhecido, se bem que não fosse muito idoso. Mostrou-se mais descarado do que nunca: o antigo bufão experimentava agora a necessidade de rir à custa dos outros. Gostava de frequentar os bordéis duma maneira mais repugnante do que outrora e, graças a ele, novos cabarés abriram-se em nosso distrito. Atribuíam-lhe um capital de cem mil rublos ou quase, e dentro em breve muitas pessoas tornaram-se seus devedores, em troca de sólidas garantias. Nos últimos tempos, ficara enrugado, começava a perder o equilíbrio temperamental e o controle de si mesmo; caiu numa espécie de idiotismo, começando por uma coisa e acabando por

outra, incapaz de concentrar-se e embriagando-se cada vez mais. Sem aquele mesmo criado, Grigóri, que havia também envelhecido muito e o vigiava por vezes como um guia, a existência de Fiódor Pávlovitch teria sido eriçada de dificuldades. A chegada de Aliócha influiu sobre ele do ponto de vista moral, e recordações, que dormiam desde muito tempo, despertaram-se na alma daquele velho prematuro: "Sabes — repetia ele a seu filho, observando-o — que te pareces com a endemoniada?". Era assim que chamava sua segunda mulher. Foi o criado Grigóri quem indicou a Aliócha o túmulo da "endemoniada". Conduziu-o ao cemitério, mostrou-lhe num canto afastado uma placa de ferro fundido, modesta mas decente, em que estavam gravados o nome, a condição, a idade da defunta, com a data de sua morte; embaixo figurava uma quadra, como se leem frequentemente sobre o túmulo das pessoas da classe média. Coisa de espantar: aquela laje era obra de Grigóri. Fora ele que a colocara, às suas custas, sobre o túmulo da pobre "endemoniada", depois de ter muitas vezes importunado seu patrão com suas alusões; este partira afinal para Odessa, dando de ombros a respeito de túmulos e de todas as suas recordações. Aliócha não mostrou nenhuma emoção especial diante do túmulo de sua mãe; prestou atenção ao relato grave que lhe fez Grigóri a respeito da colocação da laje, permaneceu curvado e retirou-se sem ter pronunciado uma palavra. Depois, não voltou mais ao cemitério, talvez por um ano inteiro. Mas esse episódio produziu em Fiódor Pávlovitch um efeito bastante original. Pegou mil rublos e levou-os ao nosso mosteiro para o repouso da alma de sua mulher, não a segunda, a "endemoniada", mas a primeira, aquela que lhe batia. Na mesma noite, embriagou-se e falou mal dos monges na presença de Aliócha. Ele próprio estava longe de ter sentimentos religiosos; talvez jamais tivesse posto uma vela de cinco copeques diante de uma imagem. Os sentimentos e o pensamento de semelhantes indivíduos têm por vezes impulsos tão bruscos quanto estranhos.

Já disse que ele havia ficado bastante enrugado. Sua fisionomia trazia então os traços reveladores da existência que levara. Às pequenas bolsas que pendiam sob seus olhinhos sempre descarados, desconfiados, maliciosos, às rugas profundas que sulcavam sua cara gorda vinha juntar-se, sob seu queixo pontudo, um gordo pomo-de-adão, carnudo, que lhe dava o ar de um luxurioso repelente. Juntai a

isto uma larga boca de carniceiro, de lábios intumescidos, em que apareciam os cacos enegrecidos de seus dentes apodrecidos. Espalhava saliva toda vez que falava. De resto, gostava de zombar de sua figura, se bem que ela lhe agradasse, sobretudo seu nariz, não muito grande, mas bastante reduzido e curvo. “Um verdadeiro nariz romano”, dizia ele. “Com meu pomo-de-adão, pareço um perfeito patrício da decadência.” Orgulhava-se disso.

Algum tempo depois da descoberta do túmulo de sua mãe, declarou-lhe Aliócha, inesperadamente, que queria entrar para o convento onde os monges estavam dispostos a admiti-lo como noviço. Acrescentou que era seu mais caro desejo e que lhe implorava o consentimento paterno. O velho já sabia que o *stáriets* Zósima[9] produzira sobre seu “manso rapaz” uma impressão particular.

— Esse *stáriets* é seguramente entre eles o monge mais honesto — declarou, depois de ter ouvido Aliócha, num silêncio pensativo, mas sem se espantar com o pedido dele. — Hum! Eis aonde queres ir, meu manso rapaz! — Estava meio bêbedo. Abria-se no seu rosto um sorriso de ébrio, marcado de astúcia e finura. — Hum! Previa que irias chegar a isso, imagina tu! Era bem isto que tinhas em vista. Pois bem, seja! tens dois mil rublos, será teu dote; quanto a mim, meu anjo, não te abandonarei nunca e pagarei por ti o que for preciso, se o pedirem. Senão, de que serve tomarmos compromisso, não é verdade? Precisas de tanto dinheiro quanto de alpiste um canário… Hum! Sabes? Há um convento, com um lugarejo, nos arredores da cidade, habitado, como ninguém o ignora, pelas “esposas dos monges”, é assim que as chamam. São umas trinta, creio… Visitei-o. É interessante no seu gênero. Interrompe a monotonia. Por desgraça, só se encontram ali russas, nem uma francesa. Seria possível tê-las, não faltam fundos para isso. Quando o souberem, virão. Aqui, não há mulheres, mas duzentos monges. Jejuam conscientemente. Convenho… Hum! Com que então, queres fazer-te monge? Causas-me dó, Aliócha; na verdade, tinha-te criado afeição… Aliás, eis uma boa ocasião: reza por nós, pecadores de consciência sobrecarregada. Tenho muitas vezes perguntando a mim mesmo: quem rezará um dia por mim? Meu querido rapaz, sou totalmente ignorante a este respeito, talvez o saibas, não? Totalmente. Mas vês, apesar da minha estupidez, reflito por vezes; penso que os

diabos me arrastarão com toda a certeza com seus ganchos, após a minha morte. E digo a mim mesmo: donde vem esses ganchos? De que são? De ferro? Onde os forjam? Será que eles possuem uma fábrica? Os religiosos, por exemplo, estão convencidos de que o inferno tem teto. Ora, tenho muita vontade de acreditar no inferno, mas sem teto, é mais delicado, mais iluminado, como entre os luteranos. No fundo, não será a mesma coisa, com ou sem teto? Eis a dificuldade! Ora, se não há teto, então não há ganchos. Mas seria incrível: quem me arrastaria então, com ganchos? Porque se não me arrastarem, onde estaria a justiça neste mundo? Seria preciso inventar esses ganchos, especialmente para mim, para mim só. Se soubesses, Aliócha, que descarado sou eu!…

— Não há ganchos lá — declarou Aliócha, em voz baixa, olhando seriamente para seu pai.

— Ah! só há sombras de ganchos. Sei, sei. Era assim que um francês descrevia o inferno. *J'ai vu l'ombre d'un cocher qui, avec l'ombre d'une brosse, frottait l'ombre d'un carrosse*.[10] Donde sabes tu, meu caro, que não há ganchos? Uma vez entre os monges, mudarás de tom. Mas afinal, parte, vai destrinçar a verdade e vem informar-me. Será mais conveniente para ti estar entre os monges do que em minha casa, velho bêbedo, com mulheres… se bem que estejas, como um anjo, acima de tudo isso. Talvez o mesmo aconteça lá e, se te deixo ir, é que conto com isso. Não és tolo. Teu ardor se extinguirá e voltarás curado. Quanto a mim, vou te esperar, porque sinto que és o único neste mundo que não me censurou, meu querido rapaz, não posso deixar de senti-lo!…

E pôs-se a choramingar. Estava sentimental. Sim, era mau e sentimental.

## V / Os "Stártsi"[11]

O leitor imaginará talvez que o meu herói fosse um indíviduo doentio e extático, um pálido sonhador, macilento, atacado de tuberculose. Pelo contrário, Aliócha, que tinha então dezenove anos, era um jovem bem feito, de faces vermelhas, de olhar límpido, transbordante de saúde. Era mesmo bastante belo, de talhe esbelto,

cabelos castanhos, rosto regular, embora um pouco alongado, olhos dum cinzento-escuro, brilhantes, rasgados, pensativo e parecendo bastante calmo. Podem talvez dizer que faces vermelhas não impedem de ser fanático ou místico; ora, parece-me que Aliócha era, mais que qualquer outra pessoa, realista. Oh! bem decerto, no convento acreditava perfeitamente nos milagres, mas, na minha opinião, os milagres jamais perturbarão o realista. Não são eles que o levam a crer. Um verdadeiro realista, se é incrédulo, encontra sempre em si a força e faculdade de não crer mesmo no milagre e se este último se apresenta como um fato incontestável, duvidará de seus sentidos em vez mesmo de admitir o fato. Se o admitir, será como um fato natural, mas desconhecido dele até então. No realista, a fé não nasce do milagre. O apóstolo Tomé declarou que não acreditaria enquanto não visse; em seguida, diz: "Meu Senhor e meu Deus!". Fora o milagre que o obrigara a crer? Era bem provável que não, mas ele acreditava unicamente porque desejava crer; talvez tivesse já a fé inteira nas dobras ocultas de seu coração, mesmo quando declarava: "Só acreditarei depois que tiver visto".

Talvez alguém pense que Aliócha era obtuso, pouco desenvolvido, que não terminara seus estudos. Este último fato é exato, mas seria bastante injusto dizer que fosse ele obtuso ou estúpido. Repito o que já disse: escolhera aquela via unicamente porque somente ela o atraía então e representava a ascensão ideal para a luz de sua alma desprendida das trevas. Além disso, era aquele rapaz da época mais recente, isto é, leal, ávido de verdade, procurando-a com fé, e, uma vez encontrada, querendo dela participar com toda a força de sua alma, querendo realizações imediatas e pronto a tudo sacrificar com este fim, até mesmo sua vida. Entretanto, esses rapazes não compreendem, desgraçadamente, que sacrificar sua vida é a coisa mais fácil em muitos casos, ao passo que consagrar, por exemplo, cinco ou seis anos de sua bela mocidade ao estudo e à ciência — não fosse senão para decuplicar sua forças, a fim de servir à verdade e atingir o fim proposto — é um sacrifício que os ultrapassa. Aliócha só fizera escolher a via oposta a todas as outras, mas com a mesma sede de realizações imediata. Logo que se convenceu, após sérias reflexões, de que Deus e a imortalidade existem, disse a si mesmo, naturalmente: "Quero viver para a imortalidade, não admito compromissos".

Igualmente, se tivesse concluído que não há nem Deus nem imortalidade, teria se tornado imediatamente ateu e socialista (porque o socialismo não é apenas a questão operária ou do quarto estado, mas é sobretudo a questão do ateísmo, de sua encarnação contemporânea, a questão da torre de Babel, que se construiu sem Deus, não para atingir os céus da terra, mas para abaixar os céus até a terra). Parecia estranho e impossível a Aliócha viver como antes. Está dito: "Abandona tudo quanto tens e segue-me, se queres ser perfeito". Aliócha dizia a si mesmo: "Não posso dar em lugar de 'tudo' dois rublos e em lugar de 'segue-me', ir somente à missa". Entre as recordações de sua tenra infância, lembrava-se talvez de nosso mosteiro, aonde sua mãe talvez o levara para assistir aos ofícios. Talvez tivesse ali sofrido a influência dos raios oblíquos do sol poente diante da imagem para o qual o voltava sua mãe, a endemoniada. Chegou entre nós pensativo, unicamente para ver se se tratava aqui de tudo ou somente de dois rublos, e encontrou no convento aquele *stáriets*.

Era o *stáriets* Zósima, como já o expliquei acima; seria preciso dizer algumas palavras a propósito dos *stártsi* nos nossos mosteiros e lamento não ter, neste domínio, toda a competência necessária. Tentarei, no entanto, fazê-lo a grandes traços. Os especialistas competentes asseguram que a instituição dos *stártsi* apareceu nos mosteiros russos em época recente, há menos de um século, quando, em todo o Oriente ortodoxo, sobretudo no Sinai e no Monte Atos, ela existe desde bem mais de mil anos. Pretende-se que os *stártsi* existiam na Rússia em tempos bastante antigos, ou que deveriam ter existido, mas que, em consequência das calamidades que sobrevieram, o jugo tártaro, as perturbações, a interrupção das antigas relações com o Oriente, após a queda de Constantinopla, essa instituição se perdeu entre nós e os *stártsi* desapareceram. Foi ressuscitada por um dos maiores ascetas, Paísi Vielitchkóvski, e por seus discípulos, mas até o presente, após um século, existe ela em muito poucos conventos e foi mesmo, ou pouco faltou, alvo de perseguições, como uma inovação desconhecida na Rússia. Florescia sobretudo no famoso eremitério de Kózilhskaia Optínaia.[12] Ignoro quando e por quem ela foi implantada em nosso mosteiro, mas já se haviam sucedido ali três *stártsi*, dos quais Zósima era o último. Estava quase a sucumbir à fraqueza e às doenças

e não se sabia por quem substituí-lo. Para nosso mosteiro, era essa uma séria questão, porque, até o presente, nada o havia distinguido; não possuía nem relíquias santas nem ícones miraculosos, ligando-se as tradições gloriosas à nossa história. Faltavam-lhe igualmente os altos fatos históricos e os serviços prestados à pátria. Tornara-se florescente e famoso em toda a Rússia, graças a seus *stártsi*, que os peregrinos vinham em multidão ver e ouvir de todos os pontos da Rússia, a milhares de verstas. Que é um *stáriets*? O *stáriets* é aquele que absorve vossa alma e vossa vontade nas suas. Tendo escolhido um *stáriets*, vós abdicais de vossa vontade e lha entregais com toda a obediência, com inteira resignação. O penitente submete-se voluntariamente a essa prova, a essa dura aprendizagem, na esperança de, após um longo estágio, vencer-se a si mesmo, dominar-se a ponto de atingir afinal, depois de ter obedecido toda a sua vida, a liberdade perfeita, isto é, a liberdade para consigo mesmo, e evitar a sorte daqueles que viveram sem se encontrar a si mesmos. Esta invenção, isto é, a instituição dos *stártsi* não é teórica, mas tirada, no Oriente, de uma prática milenar. As obrigações para com o *stáriets* são bem diversas da "obediência" habitual que sempre existiu igualmente nos mosteiros russos. Lá, a confissão de todos os militantes ao *stáriets* é perpétua, e o elo que liga o confessor ao confessado, indissolúvel. Conta-se que, nos tempos antigos do Cristianismo, um noviço, depois de haver deixado de cumprir um dever prescrito pelo seu *stáriets*, abandonou o mosteiro para dirigir-se a outro país, da Síria ao Egito. Ali, praticou atos sublimes e foi por fim julgado digno de sofrer o martírio pela fé. Já a Igreja ia enterrá-lo, reverenciando-o como um santo, quando o diácono proferiu: "Que os catecúmenos saiam!", o caixão que continha o corpo do mártir foi arrancado de seu lugar e projetado fora do templo três vezes em seguida. Soube-se por fim que aquele santo mártir havia infringido a obediência e abandonado o seu *stáriets* e que, por consequência, não podia ser perdoado sem o consentimento deste último, malgrado sua vida sublime. Mas quando o *stáriets*, chamado, o desligou da obediência, pode-se enterrá-lo sem dificuldade. Sem dúvida, não passa isso de uma antiga lenda, mas eis um fato recente. Um religioso cuidava de sua salvação no Monte Atos, ao qual queria de toda a sua alma, como um santuário e um retiro tranquilo, quando seu *stáriets* lhe ordenou, de repente, que partisse para ir primeiro a Jerusalém, visitar os Lugares Santos, depois voltar

ao Norte, na Sibéria. “Lá é que é teu lugar e não aqui.” Consternado e desolado, o monge foi procurar o patriarca em Constantinopla e suplicou-lhe que o libertasse da obediência, mas o chefe da Igreja respondeu-lhe que, não somente ele, patriarca, não podia desligá-lo, mas não havia nenhum poder no mundo capaz de fazê-lo, exceto o *stáriets* do qual ele dependia. Vê-se dessa forma que, em certos casos, os *stártsi* estão investidos duma autoridade sem limites e incompreensível. Eis por que, em muitos de nossos mosteiros, essa instituição foi a princípio quase perseguida. No entanto o povo testemunhou imediatamente grande veneração pelos *stártsi*. Por isso o povinho e as pessoas mais distintas vinham em multidão prosternar-se diante dos *stártsi* de nosso mosteiro e lhes confessavam suas dúvidas, seus pecados, seus sofrimentos, implorando conselhos e direções. Vendo o que, os adversários dos *stártsi* lhes censuravam, entre outras acusações, envilecerem arbitrariamente o sacramento da confissão, se bem que as confidências ininterruptas do noviço ou dum leigo ao *stáriets* não tivessem de modo algum o caráter dum sacramento. Seja como for, a instituição dos *stártsi* manteve-se e implanta-se pouco a pouco nos mosteiros russos. É verdade que esse meio experimentado e já milenar de regeneração moral, que faz o homem passar da escravidão à liberdade, aperfeiçoando-o, pode também tornar-se uma arma de dois gumes: em lugar da humildade e do domínio de si mesmo, pode desenvolver um orgulho satânico e fazer um escravo em lugar de um homem livre.

O *stáriets* Zósima tinha sessenta e cinco anos; descendia duma família de proprietários; na sua mocidade servira no Exército como oficial, no Cáucaso. Sem dúvida, Aliócha ficou impressionado por certa qualidade especial da alma dele. Vivia na mesma cela do *stáriets*, que muito o amava e o mantinha a seu lado. É preciso notar que, vivendo no mosteiro, Aliócha não estava preso por nenhum laço; podia ir aonde bem quisesse, dias inteiros, e se usava batina, era voluntariamente, para não se distinguir de ninguém no mosteiro. Talvez a imaginação juvenil de Aliócha tivesse sido muito impressionada pela força e pela glória que cercavam seu *stáriets* como uma auréola. A propósito do *stáriets* Zósima, muitos contavam que à força de acolher, desde numerosos anos, todos aqueles que vinham expandir seu coração, ávidos de seus conselhos e de suas consolações,

havia, para o fim, adquirido grande perspicácia. Ao primeiro olhar lançado sobre um desconhecido, adivinhava o motivo de sua vinda, o que lhe era preciso e até mesmo o que lhe atormentava a consciência. O penitente ficava espantado, confuso e por vezes mesmo apavorado por sentir-se penetrado, antes de ter proferido uma palavra. Aliócha notara que muitos daqueles que vinham pela primeira vez entreter-se em particular com o *stáriets* entravam em seu aposento com temor e inquietação; quase todos saíam radiantes e o rosto mais sombrio iluminava-se de satisfação. O que o surpreendia também é que o *stáriets*, longe de ser severo, parecia mesmo satisfeito. Os monges diziam dele que se ligava aos mais pecadores e os estimava na proporção de seus pecados. Mesmo para o fim de sua vida, contava o *stáriets*, entre os monges, inimigos e invejosos, mas seu número diminuía, se bem que figurassem nele personalidades importantes do convento. Tal era um dos mais antigos religiosos, por demais taciturno e jejuador extraordinário. No entanto, a grande maioria era partidária do *stáriets* Zósima e muitos o amavam sinceramente, de todo o seu coração; alguns lhe eram mesmo ligados quase fanaticamente. Estes diziam, mas em voz baixa, que era um santo, decerto, e, prevendo seu fim próximo, aguardavam imediatos milagres que espalhariam grande glória sobre o mosteiro. Alieksiéi cria cegamente na força miraculosa do *stáriets*, da mesma maneira que acreditava no relato do caixão projetado fora da igreja. Entre as pessoas que levavam ao *stáriets* crianças ou parentes doentes, para que eles lhes impusessem as mãos e rezasse uma oração em sua intenção, via Aliócha muitos voltarem em breve, por vezes no dia seguinte, para agradecer-lhe de joelhos o ter-lhes curado seus doentes. Havia cura ou somente melhoria natural do estado deles? Aliócha nem sequer fazia a si mesmo a pergunta, porque acreditava absolutamente na força espiritual de seu mestre e a glória dele era como o seu próprio triunfo. Batia-lhe o coração e ficava radiante, sobretudo quando o *stáriets* saía a ter com a multidão dos peregrinos que o esperavam nas portas do eremitério, pessoas do povo vindas de todos os pontos da Rússia para vê-lo e receber sua benção. Prosternavam-se diante dele, choravam, beijavam seus pés e o lugar onde ele se achava, lançando gritos; as mulheres estendiam para ele seus filhos; traziam possessos. O *stáriets* falava-lhes, fazia uma curta oração, dava-lhes sua benção, depois mandava-os embora. Nos derradeiros tempos, a doença o havia enfraquecido de tal modo que

ele mal podia deixar sua cela e os peregrinos aguardavam sua saída para o mosteiro, por vezes dias inteiros. Aliócha não perguntava a si mesmo absolutamente por que eles o amavam tanto, por que se prosternavam diante dele com lágrimas de enternecimento, vendo seu rosto. Oh! Compreendia perfeitamente que para a alma resignada do simples povo russo, vergado sob o trabalho e o pesar, mas sobretudo sob a injustiça e o pecado contínuos — o seu e o do mundo — não há maior necessidade e consolo do que encontrar um santuário ou um santo, cair de joelhos, adorá-lo: "Se o pecado, a mentira, a tentação são nossa partilha, há no entanto em alguma parte do mundo um ser santo e sublime; possui a verdade, conhece-a; portanto, ela descerá um dia até nós e reinará sobre a terra inteira, como foi prometido". Aliócha sabia que é assim que o povo sente e até mesmo raciocina; compreendia isto, mas que o *stáriets* fosse precisamente esse santo, esse depositário da verdade divina aos olhos do povo, estava disso persuadido tanto quanto aqueles mujiques e aquelas mulheres doentes que lhe estendiam seus filhos. A convicção de que o *stáriets*, após sua morte, atrairia uma glória extraordinária para o mosteiro reinava na sua alma mais forte talvez do que entre os monges. Desde algum tempo, seu coração aquecia-se sempre mais à labareda dum profundo entusiasmo interior. Não o perturbava absolutamente nada ver no *stáriets* um indivíduo isolado: "Dá no mesmo, há no seu coração o mistério da renovação para todos, esse poder que instaurará por fim a verdade na terra e todos serão santos, amarão uns aos outros; não haverá mais nem ricos nem pobres, nem elevados nem humilhados; todos serão como os filhos de Deus e será isto o advento do reino do Cristo". Eis com que sonhava o coração de Aliócha.

Parece que impressionou fortemente a Aliócha a chegada de seus dois irmãos, que ele não conhecia absolutamente até então. Ligara-se mais a Dimítri, se bem que este tivesse chegado mais tarde. Quanto a Ivan, interessava-se muito por ele, mas os dois jovens permaneciam estranhos um ao outro e, no entanto, dois meses se haviam passado durante os quais viam-se bastante frequentemente. Aliócha era taciturno; além disso, parecia esperar não se sabia o quê, ter vergonha de alguma coisa; muito embora tivesse notado no começo os olhares curiosos que lhe lançava seu irmão, cessou Ivan em breve de prestar-lhe atenção. Aliócha sentiu por isso alguma confusão. Atribuiu a

indiferença de seu irmão à desigualdade de sua idade e de sua instrução. Mas tinha uma grande ideia. O pouco interesse que lhe testemunhava Ivan podia provir de uma causa que ele ignorava. Parecia este absorvido por algo de importante, como se visasse a um alvo muito difícil, o que teria explicado sua distração a respeito dele. Alieksiéi perguntou igualmente a si mesmo se não havia naquilo o desprezo de um ateu sábio por um pobre noviço. Não podia sentir-se ofendido com tal desprezo, se é que ele existia, mas aguardava com um vago alarme, que ele próprio não explicava a si mesmo, no momento em que seu irmão queria aproximar-se dele. Seu irmão Dimítri falava de Ivan com o mais profundo respeito, num tom circunspecto. Contou a Aliócha os detalhes do importante negócio que havia aproximado estreitamente os dois mais velhos. O entusiasmo com que Dimítri falava de Ivan impressionava tanto mais Aliócha quanto, comparado a seu irmão. Dimítri era quase um ignorante; o contraste da personalidade deles e de seus caracteres era tão vivo que se teria dificilmente imaginado dois seres tão diferentes.

Foi então que teve lugar a entrevista, ou antes a reunião, na cela do *stáriets*, de todos os membros daquela família mal harmonizada, reunião que exerceu influência extraordinária sobre Aliócha. O pretexto que a motivou era na realidade mentiroso. O desacordo entre Dimítri e seu pai, a respeito da herança de sua mãe e das contas da propriedade, atingia então seu auge. As relações tinham-se envenenado a ponto de tornar-se insuportáveis. Foi Fiódor Pávlovitch quem sugeriu, por brincadeira, que se reunissem todos na cela do *stáriets* Zósima; sem recorrer à sua intervenção, eles poderiam entender-se mais decentemente, sendo capazes a dignidade e a pessoa do *stáriets* de impor a reconciliação. Dimítri, que jamais estivera em casa dele e jamais o vira, pensou que quisessem amedrontá-lo daquela maneira; mas como ele próprio se censurava secretamente de muitas explosões bastante bruscas em sua querela com seu pai, aceitou o desafio. É preciso notar que não residia, como Ivan, em casa de seu pai, mas na outra extremidade da cidade. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que morava então em nossa cidade, agarrou-se a essa ideia. Liberal dos anos 40 e 50, livre-pensador e ateu, tomou neste caso uma parte extraordinária, por tédio, talvez, ou para se divertir. Tomou-o subitamente a fantasia de ver o mosteiro e o “santo”. Como seu antigo

processo contra o mosteiro durasse ainda — o litígio tinha por objeto a delimitação de suas terras e certos direitos de pesca e de corte —, apressou-se em aproveitar dessa ocasião, sob o pretexto de entender-se com o Padre Abade, a fim de dar por terminado aquele negócio amigavelmente. Um visitante animado de tão boas intenções podia ser recebido no mosteiro com mais atenções que um simples curioso. Estas considerações fizeram com que se insistisse junto ao *stáriets*, o qual, desde algum tempo, não deixava mais sua cela e recusava mesmo, por causa de sua doença, receber os simples visitantes. Deu seu consentimento e foi marcado o dia. "Quem me encarregou de decidir entre eles?", declarou ele somente a Aliócha, com um sorriso.

Ao saber dessa reunião, ficou Aliócha muito perturbado. Se algum dos adversários em luta podia tomar aquela entrevista a sério, era seguramente seu irmão Dimítri, e somente ele; os outros iriam com intenções frívolas e talvez ofensivas para o *stáriets*. Aliócha o compreendia bem. Seu irmão Ivan e Miúsov ali se dirigiam levados pela curiosidade e seu pai para fazer o papel de palhaço, se bem que guardando silêncio. Conhecia-o a fundo. Repito, aquele rapaz não era tão ingênuo como todos acreditavam. Aguardava com ansiedade o dia marcado. Sem dúvida levava muito em questão ver cessar por fim o desacordo na sua família. Mas preocupava-se sobretudo com o *stáriets*; tremia por ele, pela sua glória, temendo as ofensas, particularmente as finas zombarias de Miúsov e as reticências do erudito Ivan. Queria mesmo tentar prevenir o *stáriets*, falar-lhe a respeito daqueles visitantes eventuais, mas refletiu e calou-se. Na véspera do dia marcado, mandou dizer a Dimítri que o amava muito e esperava dele o cumprimento de sua promessa. Dimítri, que procurou em vão lembrar-se de ter prometido alguma coisa, respondeu-lhe por carta que faria tudo para evitar a baixeza. Embora cheio de respeito pelo *stáriets* e por Ivan, via naquilo uma armadilha ou uma comédia indigna. "Entretanto, preferirei engolir minha língua a faltar ao respeito ao santo homem que veneras", dizia Dimítri, terminando sua carta. Aliócha nem por isso ficou reconfortado.

## Livro II / Uma reunião intempestiva

## I / A chegada ao mosteiro

Estava um dia magnífico, quente e claro. Era no fim de agosto. A entrevista com o *stáriets* fora marcada para imediatamente depois da última missa, às onze e meia. Os nossos visitantes chegaram quase no fim da cerimônia em duas carruagens. A primeira, uma elegante caleça puxada por dois cavalos de preço, estava ocupada por Piotr Alieksándrovitch Miúsov e um parente afastado, Piotr Fomitch Kolgánov, de vinte anos de idade. Este rapaz preparava-se para entrar na universidade. Miúsov, de quem ele era hóspede, propunha-lhe levá-lo ao estrangeiro, a Zurique ou a Iena, para ali acabar seus estudos, mas ele não havia ainda tomado decisão. Pensativo e distraído, tinha um aspecto agradável, uma constituição robusta, a estatura bastante elevada. De olhar estranhamente fixo, o que é próprio das pessoas distraídas, olhava-nos por vezes muito tempo sem ver-nos, taciturno e algo embaraçado, acontecia-lhe — somente na intimidade — mostrar-se de repente bastante loquaz, veemente, jovial, rindo só Deus sabe de quê. Mas sua imaginação não passava de um fogo de palha, assim que acendia logo se apagava. Andava sempre bem vestido e até mesmo com apuro. Possuidor de certa fortuna, tinha ainda mais em perspectiva. Entretinha com Aliócha relações amigáveis.

Fiódor Pávlovitch e seu filho tinham tomado lugar em uma caleça de aluguel bastante estragada, mas espaçosa, atrelada a dois velhos cavalos malhados de preto e branco, que seguiam a uma distância respeitável. Dimítri tinha sido prevenido na véspera da hora da entrevista, mas estava atrasado. Os visitantes deixaram suas carruagens perto da cerca, na hospedaria, e transpuseram a pé as portas do mosteiro. Exceto Fiódor Pávlovitch, os três outros jamais tinham visto o mosteiro e Miúsov havia trinta anos que não entrava numa igreja. Olhava com certa curiosidade, assumindo um ar desenvolto. Mas o interior do mosteiro, de parte a igreja e as dependências, aliás, bastante banais, nada oferecia a seu espírito observador. Os derradeiros fiéis que saíam da igreja benziam-se de gorros nas mãos. Entre o povinho viam-se também pessoas de uma posição mais elevada: duas ou três damas, um velho general, todos hospedados na pousada. Mendigos cercaram nossos visitantes, mas ninguém lhes deu esmola. Somente Pietrucha Kolgánov tirou dez copeques de seu porta moedas e, acanhado Deus sabe por quê,

introduziu-os rapidamente na mão de uma mulher, murmurando: “Reparta-os.” Nenhum de seus companheiros lhe fez qualquer observação, o que teve como resultado aumentar-lhe a confusão.

Coisa estranha: teriam deveras devido esperá-los e até mesmo testemunhar-lhes algumas atenções; um deles acabava de fazer um donativo de mil rublos, o outro era um proprietário bastante rico, que mantinha os monges mais ou menos sob sua dependência, no que dizia respeito à pesca, de acordo com o rumo que tomasse o processo. No entanto nenhuma personalidade oficial se encontrava lá para recebê-los. Miúsov contemplava com ar distraído as lápides tumulares em redor da igreja e quis fazer a observação de que os ocupantes daqueles túmulos deviam ter pago bastante caro o direito de ser enterrados em um lugar tão “santo”, mas manteve-se em silêncio: sua ironia de liberal dava lugar à irritação.

— A quem, diabo, devemos dirigir-nos nesta casa onde todos mandam?… Seria preciso saber, porque o tempo passa — murmurou ele, como consigo mesmo.

De repente, aproximou-se deles um personagem calvo, de idade madura, numa ampla veste de verão e de olhos ternos. De chapéu na mão, apresentou-se, ceceando, como o proprietário de terras Maksímov, do governo de Tula. Deu-se conta imediatamente do embaraço daqueles senhores.

— O *stáriets* Zósima mora no eremitério, à parte, a quatrocentos passos do mosteiro; é preciso atravessar o bosquezinho…

— Sei bem — respondeu Fiódor Pávlovitch. — Não nos lembramos bem da estrada, pois faz muito tempo que não venho por aqui.

— Passem por aquela porta, depois sigam diretamente pelo bosquezinho. Permitam-me que os acompanhe… eu mesmo… por aqui, por aqui…

Saíram da cerca e meteram-se no bosque. O proprietário Maksímov, de uns sessenta anos de idade, caminhava, ou antes corria ao lado deles, examinando-os a todos com uma curiosidade incômoda.

Esbugalhava os olhos.

— Fique o senhor sabendo que nós vamos à casa desse *stáriets* para tratar de um negócio pessoal — observou friamente Miúsov. — Obtivemos, por assim dizer, “uma audiência” desse personagem; de modo que, apesar de nossa gratidão, não lhe propomos que entre conosco.

— Já estive ali… *Un chevalier parfait* — declarou, dando um piparote no ar, o proprietário.

— Quem é *ce chevalier*? — perguntou Miúsov.

— O *stáriets*, o famoso *stáriets*… a glória e a honra do mosteiro, Zósima. Aquele *stáriets*, vejam…

Sua tagarelice foi interrompida por um monge, com capuz, de pequena estatura, pálido e desfeito, que alcançou o grupo. Fiódor Pávlovitch e Miúsov pararam. O monge saudou-so com grande polidez e lhes disse:

— Senhores, o Padre Abade convida-os a todos a jantar, depois da visita ao eremitério. É à uma hora em ponto. O senhor também — disse ele a Maksímov.

— Não haverei de faltar — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado pelo convite. — O senhor sabe que todos prometemos portar-nos decentemente… E o senhor virá, Piotr Alieksándrovitch?

— Como não? Por que estou aqui, senão para observar os costumes deles? Uma só coisa me embaraça, Fiódor Pávlovitch, é encontrar-me agora com o senhor.

— Sim, Dimítri Fiódorovitch ainda não chegou.

— Seria perfeito se ele faltasse; o senhor acredita que isso seja um prazer para mim, essa história dos senhores e o senhor ainda de quebra? Estaremos lá para o almoço; agradeça ao Padre Abade — disse ele ao monge.

— Perdão, tenho de conduzi-los à casa do *stáriets* — respondeu

este.

— Neste caso vou diretamente à casa do Padre Abade, sim, vou durante este tempo à casa do Padre Abade — gorjeou Maksímov.

— O Padre Abade está muito ocupado neste momento, mas será como o senhor quiser… — disse o monge, perplexo.

— Que sujeito cacete esse velho! — observou Miúsov, quando Maksímov voltou ao mosteiro.

— Parece-se com von Sohn — declarou, de repente, Fiódor Pávlovitch.

— É tudo quanto o senhor sabe… em que se parece ele com von Sohn? O senhor mesmo já o viu?

— Vi-lhe a fotografia. Se bem que as feições não sejam idênticas, há qualquer coisa de indefinível. É totalmente o sósia de von Sohn. Reconheço-o apenas pela fisionomia.

— Ah! Talvez o senhor seja entendido nisso. Todavia, Fiódor Pávlovitch, o senhor acaba de lembrar que prometemos portar-nos decentemente; não se esqueça disto. Digo-lhe que se contenha. Se o senhor começa a fazer-se de palhaço, eu não tenho a intenção de ser metido no mesmo cesto que o senhor. Veja esse homem — disse ele dirigindo-se ao monge —, tenho medo de ir com ele à casa de pessoas distintas.

Um pálido sorriso, não desprovido de astúcia, apareceu nos lábios exangues do monge, que, no entanto, nada respondeu, deixando ver claramente que se calava pela consciência de sua própria dignidade. Miúsov franziu ainda mais o cenho.

“Oh! Que o diabo leve a todas essas criaturas de exterior, plasmado pelos séculos, mas cujo íntimo não é senão charlatanismo e absurdo!” — ele dizia a si mesmo.

— Eis o eremitério, chegamos — gritou Fiódor Pávlovitch, que se pôs a fazer grandes sinais-da-cruz diante dos santos pintados por cima e de lado do portal.

— Cada qual vive como lhe agrada — declarou ele. — E o provérbio russo diz com razão: “A monge duma outra ordem não imponhas tua regra”. Há aqui vinte e cinco bons padres que tratam de sua salvação, contemplam-se uns aos outros e comem couves. E nem uma mulher transpôs esse portal, eis o que é espantoso. No entanto, ouvi dizer que o *stáriets* recebia senhoras — disse ele ao monge.

— As mulheres do povo esperam-no lá embaixo, perto da galeria, veja, estão sentadas no chão. Para as senhoras da sociedade prepararam dois quartos na própria galeria, mas fora da cerca, veja aquelas janelas; o *stáriets* ali chega por um corredor interno, quando sua saúde permite. Há uma Senhora Khokhlakova, proprietária em Khárkov, que quer consultá-lo a respeito de sua filha, atacada de fraqueza. Teve de prometer vir vê-las, se bem que nestes últimos tempos esteja muito fraco e não se mostre em público.

— Há, pois, no eremitério uma porta entreaberta do lado das senhoras. Não estou fazendo mau juízo, meu padre! No Monte Atos, o senhor deve saber, não somente são proibidas as visitas femininas, mas não se tolera nenhuma mulher, nem fêmea, galinhas, peruas, bezerras…

— Fiódor Pávlovitch, vou-me embora e deixo-o sozinho. Vão mandá-lo embora a braços, preste atenção no que estou dizendo.

— Em que é que eu o incomodo, Piotr Alieksándrovitch? Olhe! — exclamou ele, de repente, uma vez transposta a cerca. — Veja em que vale de rosas eles moram!

Efetivamente, se bem que não houvesse então rosas, via-se uma profusão de flores outonais, magníficas e raras. Mãos experimentadas deviam cuidar delas. Havia canteiros em redor das igrejas e entre os túmulos. Flores cercavam ainda a casinha de madeira, um rés-do-chão, precedido duma galeria, onde se encontrava a cela do *stáriets*.

— Era assim também no tempo do *stáriets* precedente, Varsonófi? Dizem que ele não gostava da elegância, arrebatava-se e recebia mesmo as senhoras às bengaladas — observou Fiódor Pávlovitch, subindo o patamar.

— O *stáriets* Varsonófi parecia por vezes, com efeito, um pobre de espírito, mas exagera-se muito a este respeito. Nunca bateu em ninguém com o báculo — respondeu o monge. — Agora, senhores, um minuto, vou anunciá-los.

— Fiódor Pávlovitch, pela derradeira vez lhe digo, comporte-se bem, do contrário, ai do senhor! — murmurou ainda uma vez Miúsov.

— Gostaria bem de saber o que o comove dessa maneira — observou Fiódor Pávlovitch, zombeteiro. — São seus pecados que o amedrontam? Porque dizem que, com um simples olhar, ele adivinha com quem está tratando. Mas como pode fazer tal caso da opinião deles o senhor, um parisiense, um progressista? Palavra, o senhor me espanta!

Miúsov não teve oportunidade de responder a este sarcasmo; convidavam-nos a entrar. Sentiu ligeira irritação. "Pois bem! Sei de antemão que, nervoso como estou, irei discutir, acalorar-me… rebaixar-me, a mim e a minhas ideias", disse a si mesmo.

## II / Um velho palhaço

Entraram quase ao mesmo tempo que o *stáriets*, que, desde a chegada deles, havia saído de seu quarto de dormir. Na cela, tinham sido precedidos por dois religiosos do eremitério: um era o padre bibliotecário, o outro o Padre Paísi, doente, apesar de sua idade pouco avançada, mas erudito, segundo se dizia. Também estava ali um rapaz (ficou de pé todo o tempo), parecendo ter vinte e dois anos de idade, de sobrecasaca, seminarista e futuro teólogo, protegido pelo mosteiro e pela confraria. Era de estatura bastante elevada, tinha o rosto fresco, os pômulos salientes, com olhinhos castanhos de olhar inteligente. Seu rosto exprimia deferência, mas sem obsequiosidade. Não cumprimentou os visitantes, considerando-se não como igual deles, mas como um subalterno.

O *stáriets* Zósima apareceu, em companhia de um noviço e de Aliócha. Os religiosos levantaram-se, fizeram-lhe profunda reverência, com os dedos tocando a terra, receberam sua benção, beijaram-lhe a mão. Aquela cerimônia, marcada de grande seriedade, nada tendo da

etiqueta vulgar, exalava uma espécie de emoção. No entanto, pareceu a Miúsov que aquilo se fazia com uma finalidade de sugestão premeditada. Conservava-se à frente de seus companheiros. Teria sido conveniente, quaisquer que fossem suas ideias — e por simples polidez, para se conformar com os usos —, que se aproximassem do *stáriets* para receber sua benção, se não para beijar-lhe a mão. Foi no que pensara na véspera, mas as reverências e os beijos dos monges fizeram-no mudar de resolução. Fez uma reverência grave e digna, de homem da sociedade, e foi sentar-se. Fiódor Pávlovitch fez a mesma coisa, macaqueando dessa vez Miúsov. A saudação de Ivan Fiódorovitch foi das mais corteses, mas também ele conservou seus braços ao longo dos quadris. Quanto a Kolgánov, tal era sua confusão que não fez saudação nenhuma. O *stáriets* deixou recair sua mão prestes a abençoá-los e convidou todos a sentarem-se. O sangue subiu às faces de Aliócha, estava envergonhado. Seus maus pressentimentos realizavam-se.

O *stáriets* tomou lugar num pequeno divã de couro — móvel bastante antigo — e fez seus visitantes sentarem-se perto da parede em frente, em quatro cadeiras de acaju, recobertas de couro bastante surrado. Os religiosos instalaram-se de lado, um na porta, outra na janela. O seminarista, Aliócha e o noviço ficaram de pé. A cela não era vasta e mostrava certo ar de coisa velha. Continha somente alguns móveis e objetos grosseiros, pobres, o estritamente necessário. Dois jarros de flores na janela, a um canto, numerosos ícones; um deles representava uma Virgem de grandes dimensões, pintada provavelmente muito tempo antes do Raskol.[13] Uma lâmpada ardia diante dela. Não longe, dois outros ícones de revestimentos cintilantes, depois dois querubins esculpidos, pequenos ovos de porcelana, um crucifixo de marfim, com uma *Mater* Dolorosa que o abraçava, e algumas gravuras estrangeiras, reproduções de grandes pintores italianos dos séculos passados. Ao lado dessas obras de valor, exibiam-se litografias russas para uso do povo, representando santos, mártires, prelados, as quais se vendiam por alguns copeques em todas as feiras. Miúsov lançou uma olhadela rápida sobre aquelas imagens, depois fixou seu olhar no *stáriets*. Respeitava sua maneira de ver, fraqueza desculpável, seguramente, se se considera que já tinha cinquenta anos, idade em que um homem do mundo, inteligente e opulento, leva-se

sempre mais a sério, por vezes mesmo contra a sua vontade.

Desde o começo, o *stáriets* causara-lhe desagrado. Havia efetivamente em sua figura algo que teria desagradado a muitos outros que não apenas a Miúsov. Era um homenzinho curvado, de pernas muito fracas, de sessenta anos somente, mas que parecia ter dez anos mais, por causa de sua doença. Todo o seu rosto, aliás bastante seco, estava sulcado de pequenas rugas, sobretudo em redor dos olhos. Tinha os olhos claros, não muito grandes, vivos e brilhantes como dois pontos luminosos. Seus cabelos grisalhos chegavam-lhe apenas às têmporas; sua barba, pequena e rala, acabava em ponta; os lábios, delgados como duas correias, sorriam frequentemente; o nariz agudo lembrava um pássaro.

"Segundo toda aparência, uma alma malévola e arrogante", pensou. Em geral, estava muito descontente consigo mesmo.

O soar da hora ajudou o início do diálogo. Um pequeno relógio de pesos bateu doze pancadas.

— A hora exata — exclamou Fiódor Pávlovitch — e meu filho Dimítri Fiódorovitch que não chega! Peço-lhe desculpas por ele, santo *stáriets*! (Aliócha estremeceu ao ouvir aquelas palavras de "santo *stáriets*".) Sou sempre pontual, dentro do minuto, lembrando-me de que a pontualidade é a polidez dos reis.

— No entanto, o senhor não é nenhum rei — resmungou Miúsov, incapaz de conter-se.

— É verdade, não sou. E imagine, Piotr Alieksándrovitch, que eu mesmo sabia, palavra! E falo sempre assim, fora de propósito! Vossa Reverência — exclamou ele, de súbito, num tom patético — tem diante de si um verdadeiro palhaço. É minha maneira de apresentar-se. Um velho hábito, ai de mim! Ora, se falo por vezes fora de propósito, é intencionalmente, com o fim de fazer ri e ser agradável. É preciso ser agradável, não é verdade? Há sete anos, cheguei a uma cidadezinha para tratar duns negocinhos, umas contas a meias com uns negociantezinhos. Fomos à casa do *isprávnik*, uma vez que tínhamos algo a pedir-lhe e para convidá-lo a comer conosco. Aparece o *isprávnik*: era um homem de alta estatura, gordo, louro e carrancudo

— os indivíduos mais perigosos em semelhante caso, pois a bílis os atormenta. Abordo-o com a desenvoltura de um homem do mundo: “Senhor Isprávnik — disse eu —, o senhor será talvez, por assim dizer, o nosso Naprávnik?”[14] — “Que Naprávnik?” — perguntou ele. Vi imediatamente que aquilo não pegava, que ele continuava todo grave; obstinei-me: “É uma brincadeira, quis tornar todos alegres, porque o Senhor Naprávnik é um chefe de orquestra conhecido; ora, para a harmonia de nosso empreendimento, precisamos justamente duma espécie de chefe de orquestra”. A explicação e a comparação eram razoáveis, não? “Perdão — disse ele —, sou *isprávnik* e não permito que se façam trocadilhos a respeito de minha profissão.” Volta as costas e retira-se. Corro atrás dele, gritando: “Sim, sim, o senhor é *isprávnik* e não Naprávnik.” — “Não — replicou ele —, o senhor disse, sou Naprávnik.” Imaginem que isso fez fracassar nosso negócio! Nem por isso me emendei. Prejudico-me por causa de minha amabilidade! Certa vez, há muitos anos, eu dizia a um personagem importante: “Sua esposa é uma mulher coceguenta”, no sentido de ser muito sensível em questões de honra, de qualidades morais, por assim dizer, ao que ele me replica: “O senhor lhe fez cócegas?”. Não pude conter-me, banquemos o amável, pensei: “Sim, fiz-lhe cócegas”; mas então quem me fez cócegas foi ele… Aconteceu há muito tempo, por isso não tenho vergonha de contar; é sempre assim que causo prejuízo a mim mesmo.

— E está causando agora — murmurou Miúsov, com desagrado.

O *stáriets* examinava um a um, em silêncio.

— Deveras? Imagine que eu já sabia, Piotr Alieksándrovitch, e, até mesmo, saiba que pressentia o que faço, desde que comecei a falar, e até mesmo, saiba-o, pressentia que o senhor seria o primeiro a me observar isso. Nesses momentos, quando vejo que minha pilhérias não dão resultado, Reverendíssimo Senhor, minhas bochechas começam a dessecar-se na direção das gengivas, tenho quase como uma convulsão; isto remonta à minha mocidade, quando era parasita em casa dos nobres e ganhava meu pão por meio dessa habilidade. Sou um palhaço autêntico, inato, Reverendíssimo Senhor, a mesma coisa que um idiota; não nego que um espírito mau more talvez em mim, bem modesto em todo caso; se fosse mais importante, teria se alojado

em outra parte, somente não no senhor, Piotr Alieksándrovitch, porque o senhor não é importante. Em compensação, creio, creio em Deus. Nestes últimos tempos, tinha dúvidas; mas agora espero sublimes palavras. Pareço-me com o filósofo Diderot,[15] Reverendíssimo Senhor. O senhor sabe, santíssimo padre, como ele se apresentou diante do metropolita Platon, no reinado da Imperatriz Katierina? Entrou e largou sem mais: "Não há Deus". Ao que o grande prelado respondeu, de dedo erguido: "O insensato disse em seu coração: 'Não há Deus!'". Imediatamente Diderot lançou-se a seus pés: "Creio — exclamou ele. — e quero ser batizado". Batizaram-no ali mesmo. A Princesa Dachkova[16] foi a madrinha, e Potiomkin,[17] o padrinho…

— Fiódor Pávlovitch, é intolerável! Porque o senhor mesmo sabe que está mentindo e que essa estúpida anedota é falsa; por que fazer-se malicioso? — proferiu com voz trêmula Miúsov, que já não conseguia se conter.

— Toda a minha vida pressenti que era isso uma mentira! — exclamou Fiódor Pávlovitch, entusiasmando-se. — Em compensação, senhores, vou lhes dizer toda a verdade. Eminente *stáriets*, perdoe-me, eu mesmo inventei esse fim, ainda há pouco, com o batismo de Diderot; isto jamais me ocorrera antes. Inventei-o para dar certo ar picante ao caso. Se me faço de malicioso, Piotr Alieksándrovitch, é para ser mais gentil. De resto, por vezes, não sei eu mesmo por quê. Quanto a Diderot, ouvi contar isto: "O insensato disse…" umas vinte vezes na minha juventude, pelos proprietários de terras do país, quando morava entre eles; ouvi dizer, Piotr Alieksándrovitch, de sua própria tia, Mavra Fomínichna. Até agora, estão todos persuadidos de que o ímpio Diderot fora à casa do metropolita Platon para discutir a existência de Deus…

Miúsov levantara-se, não somente porque perdera a paciência, mas achava-se fora de si. Estava furioso e compreendia que isso o tornava ridículo. Com efeito, passava-se na cela algo de intolerável. Havia quarenta ou cinquenta anos, ainda no tempo dos precedentes *stártsi*, os visitantes reuniam-se naquela cela, mas sempre com a mais profunda veneração. Quase todos quantos eram admitidos compreendiam que lhes era concedido um insigne favor. Muitos,

dentre eles, punham-se de joelhos e assim ficavam durante toda a visita. Pessoas de posição elevada, eruditos e até mesmo livres-pensadores, vindos, quer por curiosidade, que por qualquer outro motivo, achavam um dever o testemunhar ao *stáriets* profunda deferência e grandes atenções, durante toda a entrevista — quer fosse pública ou privada —, tanto mais quanto não havia questão de dinheiro. Só havia o amor e a bondade, em presença do arrependimento e da sede de resolver algum difícil problema moral ou uma crise da vida do coração. Assim, as piadas a que se entregara Fiódor Pávlovitch, chocantes em tal lugar, haviam provocado o embaraço e o espanto das testemunhas, em todo o caso de várias dentre elas. Os religiosos, que permaneciam impassíveis, fixavam sua atenção no que iria dizer o *stáriets*, mas pareciam já prestes a levantar-se como Miúsov. Aliócha tinha vontade de chorar e curvava a cabeça. Toda a sua esperança repousava em seu irmão Ivan, o único cuja influência seria capaz de deter seu pai, e estava estupefato por vê-lo sentado, imóvel, de olhos baixos, aguardando com curiosidade o desenlace daquela cena, como se fosse completamente estranho a ela. Era impossível a Aliócha olhar para Rakítin (o seminarista), com o qual vivia quase em intimidade: conhecia seus pensamentos (era aliás o único a conhecê-los em todo o mosteiro).

— Desculpe-me… — começou Miúsov, dirigindo-se ao *stáriets*, — se pareço tomar parte nessa indigna pilhéria. Errei ao acreditar que, até mesmo um indivíduo da qualidade de Fiódor Pávlovitch, visitando uma personalidade tão respeitável, saberia compreender suas obrigações… não pensava que seria preciso desculpar-me por ter vindo com ele…

Piotr Alieksándrovitch não acabou e, todo confuso, queria sair já do quarto.

— Não se inquiete, rogo-lhe — disse o *stáriets*, que, erguendo-se sobre seus pés débeis, pegou Piotr Alieksándrovitch pelas duas mãos e obrigou-o a tornar a sentar-se. — Acalme-se, rogo-lhe. O senhor é meu hóspede.

Dito isto, e após uma reverência, voltou a sentar-se no divã.

— Eminente *stáriets*, diga-me, será que minha vivacidade o ofende? — exclamou de repente, Fiódor Pávlovitch, agarrando-se nos dois braços da poltrona, como prestes a saltar, de acordo com a resposta que recebesse.

— Rogo-lhe igualmente que não se inquiete e não se constranja — declarou o *stáriets* com majestade. — Não se constranja, esteja como que em sua casa. Sobretudo não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque todo o mal vem daí.

— Completamente como em minha casa? Isto é, ao natural? Oh! é demais, é muito demais. Aceito, porém, com enternecimento! Sabe, meu venerando padre? Não me leve a mal mostrar-me ao natural, é por demais arriscado… eu mesmo não chego a esse ponto. Digo isto para que o senhor se previna. Pois bem! o resto está ainda enterrado nas trevas do desconhecido, se bem que alguns quisessem enforcar-me. Isto dirige-se ao senhor, Piotr Alieksándrovitch; quanto ao senhor, santa criatura, eis o que declaro: "Estou transbordante de entusiasmo!" Levantou-se e, de braços para o ar, proferiu: "Bendito o ventre que te concebeu e benditos os peitos que te amamentaram, os peitos sobretudo!". Com aquela sua observação de há pouco: "Não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque todo o mal vem daí", o senhor como que me transpassou e leu em mim. Justamente, quando me dirijo às pessoas, parece-me que sou a mais vil de todas e que todo mundo me toma por um palhaço; então digo a mim mesmo: "Sejamos palhaço, não temo vossa opinião, porque vós sois todos, até o

derradeiro, mais vis do que eu!”. Eis por que sou palhaço, por vergonha, eminente padre, por vergonha. Somente por timidez é que me faço de valentão. Porque se estivesse certo, ao entrar, de que todos me acolheriam como um ser simpático e ajuizado, meu Deus!, como eu seria bom! Mestre — ficou de repente de joelhos —, que é preciso fazer para ganhar a vida eterna?

Mesmo então, era difícil saber se brincava ou cedia ao enternecimento.

O *stáriets* ergueu os olhos para ele e declarou, sorrindo:

— Há muito tempo que o senhor mesmo sabe o que é preciso fazer; não lhe falta senso: não se entregue à embriaguez e à intemperança de linguagem; não se entregue à sensualidade, sobretudo ao amor ao dinheiro; e feche seus botequins de bebida, pelo menos dois ou três, se não pode fechá-los todos. Mas sobretudo, antes de tudo, não minta.

— É a propósito de Diderot que o senhor diz isso?

— Não, não é a propósito de Diderot. Sobretudo não minta ao senhor mesmo. Aquele que mente a si mesmo e escuta sua própria mentira vai ao ponto de não mais distinguir a verdade, nem em si, nem em torno de si; perde pois o respeito de si e dos outros. Não respeitando ninguém, deixa de amar; e para se ocupar, e para se distrair, na ausência de amor, entrega-se às paixões e aos gozos grosseiros; chega até a bestialidade em seus vícios, e tudo isso provém da mentira contínua a si mesmo e aos outros. Aquele que mente a si mesmo pode ser o primeiro a ofender-se. É por vezes bastante agradável ofender a si mesmo, não é verdade? Um indivíduo sabe que ninguém o ofendeu, mas que ele mesmo forjou uma ofensa e mente para embelezar, enegrecendo de propósito o quadro, que se ligou a uma palavra e fez dum montículo uma montanha — ele próprio sabe, portanto é o primeiro a ofender-se, até o prazer, até experimentar uma grande satisfação, e por isso mesmo chega ao verdadeiro ódio… Mas levante, torne a sentar, rogo-lhe; isto, também é um gesto falso…

— Bem-aventurado! Deixai-me beijar-vos a mão. — Fiódor Pávlovitch ficou em pé e pousou os lábios sobre a mão descarnada do

*stáriets*. — Justamente, justamente, ofender-se a si mesmo causa prazer. O senhor disse tão bem, como jamais ouvi dizer. Justamente, justamente, senti prazer em toda a minha vida com as ofensas, por um sentimento de estética, porque ser ofendido não somente causa prazer, mas por vezes é belo. Eis o que o senhor esqueceu, eminente *stáriets*: a beleza! Vou anotar no meu caderninho! Quanto a mentir, não faço senão isso em toda a minha vida, a cada dia e a cada hora. Na verdade, sou mentira e o pai da mentira! Aliás, creio que não é o pai da mentira, embaraço-me nos textos, pois bem, o filho da mentira, e isto basta. Somente… meu anjo… pode-se por vezes florear a respeito de Diderot! Isto não faz mal, ao passo que certas palavras podem fazer mal. Eminente *stáriets*, a propósito, recordo-me de que, há três anos, tinha prometido a mim mesmo vir aqui informar-me e descobrir com insistência a verdade; peça somente a Piotr Alieksándrovitch que não me interrompa. Eis de que se trata. É verdade, reverendo padre, o que se conta em alguma parte das *Vidas dos santos*, a respeito dum santo taumaturgo, que sofreu o martírio pela fé e, depois de ter sido decapitado, ergueu do chão sua cabeça e, "beijando-a delicadamente", a carregou muito tempo em seus braços? É verdade ou não, meus padres?

— Não, não é verdade — disse o *stáriets*.

— Não há nada de semelhante em nenhuma *Vidas dos santos*. A propósito de que santo diz o senhor que se relata esse fato? — perguntou um religioso, o padre bibliotecário.

— Ignoro qual. Não tenho conhecimento disso. Induziram-me em erro. Ouvi dizer e sabe por quem? Por esse mesmo Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que ainda há pouco se zangava a respeito de Diderot; era ele quem contava isso.

— Jamais lhe contei isso, pela razão muito justa de que não converso nunca com o senhor.

— É verdade que não contou isso a mim, mas numa reunião social em que me encontrava há poucos anos. Se lembro o fato, é que o senhor abalou minha fé com essa narrativa cômica, Piotr Alieksándrovitch. O senhor de nada sabia, mas voltei para minha casa

com a fé abalada e desde então vacilo cada vez mais. Sim, Piotr Alieksándrovitch, foi o senhor causa duma grande queda. É coisa bem diversa de Diderot!

Fiódor Pávlovitch acalorava-se duma maneira patética, se bem que fosse evidente para todos que ele de novo não fazia senão exibir-se. Mas Miúsov estava exacerbado.

— Que absurdo, como tudo isso, aliás! — murmurou ele. — Talvez tenha contado isso uma vez, na verdade… mas não ao senhor. Falaram-me disso. Ouvi em Paris um francês contar que se lê entre nós esse episódio na missa, nas *Vidas dos santos*. Foi um erudito que tem especialmente estudado a estatística da Rússia… há muito tempo. Quanto a mim, não li as *Vidas dos santos* e não as lerei… Pode-se bem dizer coisas durante o jantar… Nós estávamos jantando, então…

— Sim, os senhores estavam jantando então e eu perdi a fé! — disse para aborrecê-lo Fiódor Pávlovitch.

— Que me importa sua fé! — ia gritar Miúsov, mas conteve-se e proferiu com desprezo: — O senhor emporcalha literalmente tudo quanto toca.

O *stáriets* levantou-se de repente.

— Desculpem-me, senhores, deixá-los a sós por alguns minutos — disse ele, dirigindo-se a todos os visitantes —, mas já me esperavam antes da chegada dos senhores. Quanto ao senhor, abstenha-se de mentir — acrescentou, voltando-se para Fiódor Pávlovitch, com o rosto alegre.

Saiu da cela. Aliócha e o noviço lançaram-se a ajudá-lo a descer a escada. Aliócha sufocava; sentia-se feliz por sair, feliz igualmente por ver o *stáriets* alegre e não ofendido. O *stáriets* dirigia-se para a galeria, a fim de abençoar aquelas que o esperavam, mas Fiódor Pávlovitch deteve-o às portas da cela.

— Bem-aventurado! — exclamou ele, sentimentalmente. — Permita-me que lhe beije ainda uma vez a mão! Com o senhor, pode-se conversar, pode-se viver. O senhor pensa que minto sempre assim e

que banco de palhaço? Era para verificar se se pode viver com o senhor, se há lugar para minha humildade ao lado de sua altivez. Passo-lhe um certificado de sociabilidade! Agora, nem mais uma palavra. Vou sentar-me e ficar em silêncio. Cabe ao senhor falar, Piotr Alieksándrovitch, o senhor passa a ser o personagem principal… por dez minutos.

## III / As mulheres crentes

Embaixo da galeria de madeira que dava para o muro exterior do recinto apertavam-se umas vinte mulheres do povo. Tinham-nas prevenido de que o *stáriets* sairia afinal e haviam-se agrupado à espera. As proprietárias Khokhlakovi esperavam-no igualmente, mas num quarto da galeria, reservado às visitantes de qualidade. Eram duas: a mãe e a filha. A primeira, senhora rica e sempre trajada com gosto, era ainda bastante jovem e de exterior bastante agradável, de olhos vivos e quase negros. Tinha apenas trinta e três anos e estava viúva havia cinco. Sua filha, de quatorze anos, tinha as pernas paralíticas. A pobre menina não andava mais havia seis meses; carregavam-na numa cadeira de rodas. Tinha um rosto delicioso, um pouco emagrecido pela doença, mas alegre. Algo de folgazão brilhava nos seus grandes olhos sombrios, de longas pestanas. Desde uma semana, viviam em nossa cidade, mais por negócios que por devoção, mas já haviam visitado o *stáriets* três dias antes. Agora voltavam e, embora sabendo que o *stáriets* não podia quase receber mais ninguém, suplicavam que lhes concedesse "a felicidade de ver o grande curador". Aguardando a vinda dele, a mãe estava sentada ao lado da poltrona de sua filha; a dois passos mantinha-se de pé um velho monge, vindo dum longínquo convento do Norte e que desejava receber a benção do *stáriets*. Mas este, quando apareceu na galeria, dirigiu-se diretamente ao povo. A multidão comprimia-se em torno do patamar de três degraus que reunia a galeria baixa ao solo. O *stáriets* manteve-se no degrau superior, revestiu-se da estola e pôs-se a abençoar as mulheres que o cercavam. Trouxeram-lhe uma possessa que seguravam pelas duas mãos. Assim que ela avistou o *stáriets*, foi tomada dum soluço, lançando gemidos e sacudida por espasmos, como numa crise de eclampsia. Tendo-lhe coberto a cabeça com a estola, pronunciou o *stáriets* sobre ela uma curta prece e ela acalmou-se

imediatamente. Ignoro o que se passa agora, mas na minha infância tive muitas vezes ocasião de ver e de ouvir essas possessas, nas aldeias e nos conventos. Levadas à missa, ganiam e ladravam na igreja, mas quando traziam o santo sacramento e elas dele se aproximavam, a "crise demoníaca" cessava imediatamente e as doentes se acalmavam sempre por certo tempo. Ainda menino, isso me espantava e me surpreendia bastante. Ouvia então certos proprietários rurais e sobretudo professores da cidade responderem às minhas perguntas que aquilo era uma simulação para não trabalhar e que se podia sempre reprimi-la, mostrando severidade. Citavam-se em apoio disto diversas anedotas. Mais tarde, soube com espanto, de médicos especialistas, que não havia ali nenhuma simulação, que era uma terrível doença das mulheres, atestando, mais particularmente na Rússia, a dura condição de nossa camponesa. Provinha de trabalhos estafantes, executados muito cedo, após laboriosos partos mal efetuados, sem nenhuma ajuda médica; além disso, desespero, maus tratos, etc., etc., o que certas naturezas femininas não podem suportar, apesar do exemplo geral. A cura estranha e súbita de uma possessa presa de convulsões, desde que a aproximavam das sagradas espécies, cura atribuída então à simulação e, além do mais, a um ardil empregado, por assim dizer, pelos próprios "clérigos", efetuava-se provavelmente também da maneira mais natural. As mulheres que conduziam a doente, e sobretudo ela própria, estavam persuadidas, como duma verdade evidente, de que o espírito impuro que a possuía não poderia jamais resistir na presença do santo sacramento, diante do qual inclinavam a infeliz. De modo que, numa mulher nervosa e psiquicamente doente, produzia-se sempre (e isto devia ser) como que um abalo nervoso de todo o organismo, abalo causado pela expectativa do milagre da cura e pela fé absoluta na sua realização. E ele se realizava, nem que fosse por um minuto. Foi o que ocorreu, assim que o *stáriets* cobriu a doente com a estola.

Muitas das mulheres que se comprimiam em redor dele vertiam lágrimas de enternecimento e de entusiasmo, sob a impressão daquele minuto; outras avançavam para beijar nem que fosse a orla do hábito dele; algumas lamentavam-se. Ele as abençoava a todas e conversava com elas. Conhecia já a possessa, que morava numa aldeia a seis verstas do mosteiro; não era a primeira vez que a traziam.

— Eis uma que vem de longe! — disse ele, apontando uma mulher ainda jovem, mas muito magra e desfeita, o rosto mais enegrecido que queimado. Estava de joelhos e fitava o *stáriets* com um olhar imóvel. Seu olhar tinha qualquer coisa de desvairado.

— Venho de longe, *bátiuchka*, de longe, a trezentas verstas daqui. De longe, meu pai, de longe — repetiu a mulher como um estribilho, balançando a cabeça da direita para a esquerda, com a face apoiada na palma de sua mão. Falava como que se lamentando. Há no povo uma dor silenciosa e paciente; entra em si mesma e se cala. Mas há uma outra que explode: manifesta-se por lágrimas e se expande em lamentações, sobretudo entre as mulheres. Não é mais ligeira que a dor silenciosa. As lamentações só se acalmam, roendo e dilacerando o coração. Semelhante dor não quer consolações, repasta-se com a ideia de ser inextinguível. As lamentações são apenas a necessidade de irritar cada vez mais a ferida.

— A senhora é da cidade, sem dúvida? — continuou o *stáriets*, olhando-a com curiosidade.

— Moramos na cidade, *bátiuchka*; somos do campo, mas moramos na cidade. Vim para ver-te. Ouvimos falar de ti, *bátiuchka*. Enterrei meu filhinho bem novo, fui rogar a Deus, estive em três conventos e disseram-me: "Vai lá embaixo também, Nastássiuchka, isto é, vir ter com o senhor, *bátiuchka*, com o senhor". Vim, estava ontem de noite na igreja e eis-me aqui.

— Por que choras?

— Choro pelo meu filho, *bátiuchka*; ele estava com três anos, ia fazê-los dentro de três meses. É por causa dele que me atormento. Era o último; Nikítuchka e eu tivemos quatro, mas os meninos não ficam em nossa casa, bem-amado, não ficam. Enterrei os três primeiros, não tinha tanto pesar, mas este último, não posso esquecê-lo. É como se tivesse ficado diante de mim, não se vai embora. Estou de alma ressequida. Contemplo sua roupinha, sua camisinha, suas botinas, e soluço. Exponho tudo quanto restou depois dele, cada coisa, contemplo-as e choro. Digo a Nikítuchka, meu marido: "Ah, meu senhor, deixa-me ir em peregrinação". Ele é cocheiro, temos de tudo,

meu pai, temos de tudo, vivemos por nossa conta, tudo nos pertence, os cavalos e os carros. Mas de que servem agora todos esses bens? Sem mim, meu Nikítuchka deve ter-se posto a beber, decerto, e, já antes, assim que eu me afastava fraquejava ele. Mas agora não penso mais nele, há três meses que abandonei a casa. Esqueci tudo e não quero mais lembrar-me de nada; que farei dele agora? Rompi com ele e com todos. E agora, não desejaria ver minha casa e meus bens e preferiria mesmo ter perdido a vista.

— Escuta, mãe — proferiu o *stáriets*. — Outrora um grande santo avistou no templo uma mãe que chorava como tu, também por causa de seu filho único que o Senhor havia igualmente chamado a si. "Não sabes — disse-lhe o santo — como são atrevidas essas criancinhas diante do Trono de Deus? Não há mesmo ninguém mais atrevido, no reino dos céus. 'Senhor, Tu nos deste a vida — dizem eles a Deus —, mas apenas vimos o dia. Tu a tomaste de nós.' Pedem e reclamam tão atrevidamente que o Senhor faz deles logo anjos. Por isso, disse o santo, rejubila-te e não chores. Teu filho acha-se agora na casa do Senhor, no coro dos anjos." Eis o que disse, nos tempos antigos, o santo à mulher que chorava. Era um grande santo e nada podia dizer-lhe que não fosse verdade. Sabe pois, mãe, que teu filho também se acha decerto diante do Trono do Senhor, regozija-se, diverte-se e roga a Deus por ti. Podes chorar, mas rejubila-te.

A mulher escutava-o, com a face na mão, inclinada. Suspirou profundamente.

— Era da mesma maneira que Nikítuchka me consolava: "Não és razoável — dizia ele —, por que choras? Nosso filho, decerto, canta agora com os anjos junto do Senhor". Diz-me isto e ele mesmo chora, vejo suas lágrimas. "Eu sei — digo eu —, Nikítuchka. Onde estaria ele senão na casa do Senhor? Somente não está mais aqui conosco, neste momento, bem perto, como ficava outrora." Oh! se eu pudesse revê-lo uma vez, uma vez, apenas, sem me aproximar dele, sem falar, ocultando-me em um canto. Vê-lo somente um minuto, ouvi-lo brincar lá fora, vir, como vinha por vezes, gritar com sua vozinha: "Mamãe, onde estás?". Se eu pudesse ouvir seus pezinhos trotarem pelo quarto; bem muitas vezes, lembro-me, corria para mim com gritos e risadas. Se pudesse ao menos ouvi-lo! Mas ele não está mais lá, *bátiuchka*, e

não o ouvirei nunca mais! Eis o seu cinto, mas ele não está mais lá e tudo acabou para sempre!…

Tirou do seu seio o cinturãozinho de passamanaria de seu filho; assim que o olhou, foi abalada por soluços, ocultando os olhos com seus dedos através dos quais corriam torrentes de lágrimas.

— Ah! — exclamou o *stáriets* —, isto é o antigo “Raquel chorando seus filhos sem poder ser consolada, porque eles não mais existem”. Tal é a sorte que vos está destinada neste mundo, ó mães! Não te consoles, não é preciso que te consoles, chora, mas cada vez que chorares, lembra-te de que teu filho é um dos anjos de Deus, que, lá do alto, te olha e te vê, que se rejubila com tuas lágrimas e mostra-as ao Senhor; por muito tempo ainda tuas lágrimas maternais correrão, mas afinal vão se tornar uma alegria tranquila, tuas lágrimas amargas serão lágrimas de enternecimento e de purificação, que salvam do pecado. Rogarei pelo repouso da alma de teu filho. Como se chamava ele?

— Alieksiéi, *bátiuchka*.

— Um belo nome. Tinha por santo padroeiro Alieksiéi, “homem de Deus”?

— Sim, *bátiuchka*, Alieksiéi, “homem de Deus”.[18]

— Que grande santo! Rogarei por ele, mãe, não esquecerei tua aflição em minhas preces; rogarei também pela saúde de teu marido, mas é um pecado abandoná-lo, volta para ele, toma bastante cuidado com ele. Lá do alto, teu filho vê que abandonaste seu pai e chora por vós. Por que perturbar a sua beatitude? Ele vive, porque a alma vive eternamente, não está em casa, mas encontra-se bem perto de vós, invisível. Como ele virá à tua casa, se dizes que a detestas? Para quem virá ele, se não vos encontra em casa, se não vos encontra juntos, o pai e a mãe? Ele te aparece agora e ficas atormentada; depois vai te enviar doces sonhos. Volta para teu marido, mãe, hoje mesmo.

— Irei, bem-amado, segundo a tua palavra: leste em meu coração, Nikítuchka, tu me esperas, meu querido, tu me esperas — começava a mulher a lamentar-se, mas já o *stáriets* se voltava para uma velhinha,

vestida não de peregrina, mas de citadina. Pelos seus olhos, via-se que tinha um caso, que viera para comunicar alguma coisa. Era a viúva dum suboficial, morador de nossa cidade. Seu filho, Vássienhka, empregado num comissariado, partira para Irkutsk, na Sibéria. Escrevera duas vezes, mas havia um ano que ela estava sem notícias; havia-se informado, mas na verdade não sabia mesmo onde informar-se.

— Um dia destes, Stiepanida Ilínichna Biedriáguina, uma rica comerciante, me dizia: "Escreve o nome de teu filho num papel, Prókhorovna, vai à igreja e encomenda preces pelo repouso de sua alma. Sua alma ficará angustiada e ele te escreverá. É este — afirmou Stiepanida Ilínichna — um meio seguro e frequentemente posto em prática". Tenho somente dúvidas… Tu, que és nossa luz, dize-me se isso é verdade ou mentira, bem ou mal?

— Guarda-te bem disso. É até vergonhoso pedi-lo. Como se pode rezar pelo repouso de uma alma viva, e ainda por cima sua própria mãe? É um grande pecado, como a feitiçaria; somente tua ignorância vale-te o perdão. Reza, antes, pela saúde dele à Rainha dos Céus, a Pronta Medianeira, Auxiliadora dos Pecadores, a fim de que ela te perdoe o teu erro. Escuta, Prókhorovna: ou teu filho voltará em breve para ti, ou enviará decerto uma carta. Fica sabendo. Vai em paz, teu filho está vivo, digo-te.

— Bem-amado, que Deus te recompense, a ti, nosso benfeitor, que reza por nós todos e pelos nossos pecados…

Mas o *stáriets* já havia notado na multidão o olhar ardente, dirigido para ele, duma camponesa de aspecto de tuberculosa, acabada, se bem que ainda jovem. Ela olhava em silêncio, seus olhos imploravam alguma coisa, mas parecia temer aproximar-se.

— Que queres, minha cara?

— Alivia minha alma, bem-amado — murmurou ela, docemente. Sem pressa, ficou de joelhos, prosternou-se a seus pés. — Pequei, meu bom pai, e tenho medo do meu pecado.

O *stáriets* sentou-se sobre o derradeiro degrau. A mulher

aproximou-se dele, sempre de joelhos.

— Sou viúva há três anos — começou ela à meia voz. — Era penoso viver com meu marido, era velho e batia-me duramente. Estava deitado, doente, e, pensava eu, olhando-o: “Mas se ele restabelecer-se e levantar-se de novo, que acontecerá então?”. E esta ideia não me deixou mais…

— Espera — disse o *stáriets* e aproximou seu ouvido dos lábios dela. A mulher continuou com uma voz que mal se ouvia. Logo terminou.

— Há três anos? — perguntou o *stáriets*.

— Três anos. A princípio, não pensava nisso, mas a doença chegou e estou cheia de angústia.

— Vens de longe?

— Caminhei quinhentas verstas.

— Confessaste-te?

— Confessei-me duas vezes.

— Foste admitida à comunhão?

— Admitiram-me. Tenho medo; tenho medo de morrer.

— Não temas nada e nunca tenhas medo, não te apoquentes. Contanto que o arrependimento perdure, Deus perdoa tudo. Não há pecado sobre a terra que Deus não perdoe àquele que se arrepende sinceramente. O homem não pode cometer pecado tão grande que esgote o amor infinito de Deus. Porque, poderá haver pecado que ultrapasse o amor de Deus? Sem cessar, não sonhes senão com o arrependimento e bane todo temor. Crê que Deus te ama como não podes imaginá-lo, se bem que te ame em teu pecado e com teu pecado. Haverá mais alegria nos céus por um pecador que se arrepende do que por dez justos. Não te aflijas a respeito dos outros e não te irrites com as injúrias. Perdoa em teu coração ao defunto todas as sua ofensas contra ti, reconcilia-te com ele em verdade. Se te

arrependes, é que o amas. Ora, se amas, serás já de Deus… O amor tudo redime e tudo salva. Se eu, um pecador como tu, me enterneci, se tive piedade de ti, com mais forte razão o Senhor. O amor é um tesouro tão inestimável que em troca podes adquirir o mundo inteiro e redimir não só teus pecados, mas os dos outros. Vai e não temas nada.

Fez três vezes sobre ela o sinal-da-cruz, tirou de seu pescoço uma pequena imagem, passou-a no pescoço da pecadora, que se prosternou em silêncio até o chão. Ele se levantou e olhou alegremente uma mulher robusta que trazia nos braços um bebê.

— Venho de Vichegórie, bem-amado.

— Tu te cansaste andando seis verstas com esse menino. Que queres?

— Vim ver-te. Não é a primeira vez, já te esqueceste? Tens memória fraca, se não te lembras de mim. Dizia-se lá em nossa aldeia que estavas doente. “Pois bem — pensei —, eu mesma irei vê-lo!” Vejo que não tens nada. Viverás ainda vinte anos, palavra! Não rezam bastante por ti, como haverias de cair doente?

— Obrigado por tudo, minha cara.

— A propósito, tenho um pequeno pedido e fazer-te. Aqui estão sessenta copeques. Dá-os a uma outra mais pobre do que eu. Ao vir para cá, pensava: “valerá melhor entregá-los a ele, que saberá a quem dá-los”.

— Obrigado, minha cara, obrigado, minha boa mulher, eu te amo. Não deixarei de fazer o que pedes. É uma menina que tens nos braços?

— Uma menina, bem-amado, Lisavieta.

— Que o Senhor vos abençoe a todas duas, a ti e à pequena Lisavieta. Tu alegraste meu coração, mãe. Adeus, minhas queridas filhas.

Abençoou a todas e fez-lhes uma profunda reverência.

A dama proprietária, recentemente chegada, testemunha dessa conversação com as mulheres do povo e da benção, vertia suaves lágrimas que enxugava com seu lenço. Era uma mulher da sociedade, sensível, de tendências virtuosas. Quando o *stáriets* a abordou, por fim, acolheu-o com entusiasmo.

— Experimentei uma tal impressão, contemplando essa cena enternecedora… — a emoção cortou-lhe a palavra. — Oh! Compreendo que o povo vos ame, eu mesma amo o povo. Como não se haveria de amar nosso excelente povo russo, tão ingênuo na sua grandeza?

— Como vai sua filha? Quis de novo entreter-se comigo?

— Oh! Pedi instantemente, tenho suplicado, estava pronta a me pôr de joelhos e a ficar três dias diante de vossas janelas, até que me deixásseis entrar. Vimos, grande curador, exprimir-vos todo o nosso reconhecimento entusiasta. Porque fostes vós que curastes Lisa, completamente, quinta-feira, rezando diante dela e impondo-lhe as mãos. Tínhamos pressa em beijar essas mãos, em testemunhar nossos sentimentos e nossa veneração.

— Eu a curei, diz a senhora? Ela, porém, está ainda deitada em sua poltrona.

— Mas as febres noturnas desapareceram completamente há dois dias, a partir de quinta-feira — disse a dama com uma solicitude nervosa. — Não é tudo: suas pernas fortificaram-se. Esta manhã, levantou-se de boa saúde. Olhai suas cores e seus olhos que brilham. Chorava constantemente, agora ri, está alegre, jovial. Hoje, exigiu que a pusessem de pé e manteve-se um minuto sozinha, sem nenhum apoio. Quer apostar comigo que dentro de quinze dias dançará uma quadrilha? Mandei chamar o Doutor Herzenstube; ele levanta os olhos e diz: “Estou admirado, não compreendo nada disso”. E queríeis vós que não vos incomodássemos, que não acorrêssemos aqui, para agradecer-vos? Lisa, vamos, agradece!

O rostinho de Lisa tornou-se subitamente sério. Ergueu-se de sua

poltrona tanto quanto pôde e, fitando o *stáriets*, juntou as mãos, mas não pode conter-se e pôs-se a rir.

— É dele que rio, dele — disse ela, mostrando Aliócha, contrariada por não poder impedir-se de rir. Observando-se o rapaz, que se mantinha por trás do *stáriets*, seria possível ver que suas faces se cobriam dum rápido rubor. Seus olhos brilharam e ele os baixou.

— Ela tem um recado para você, Alieksiéi Fiódorovitch… Como vai você? — continuou ela dirigindo-se a Aliócha e estendendo-lhe a mão deliciosamente enluvada. O *stáriets* voltou-se e examinou Aliócha. Este aproximou-se de Lisa e estendeu-lhe a mão, sorrindo acanhadamente. Lisa assumiu um ar grave.

— Katierina Ivânovna pediu-me que lhe remetesse isto — e entregou-lhe uma pequena carta. — Ela lhe pede que vá vê-la o mais cedo possível e sem falta.

— Ela me pede que eu vá à casa dela? Por que?… — murmurou Aliócha com profundo espanto. Seu rosto tornou-se preocupado.

— Oh! É a propósito de Dimítri Fiódorovitch e… de todos esses últimos acontecimentos — explicou rapidamente a mãe. — Katierina Ivânovna firmou-se agora numa decisão… mas para isso deseja vê-lo… Por quê? Ignoro-o, decerto, mas pediu ela que fosse o mais cedo possível e você não deixará de ir lá, os sentimentos cristãos o obrigam a isto.

— Vi-a uma vez ao todo — continuou Aliócha, sempre perplexo.

— Oh! É uma criatura tão nobre, tão inacessível!… Quando menos pelos seus sofrimentos… Considere o que tem ela suportado, o que ela suporta agora e o que a espera… Tudo isto é horrível, horrível!

— Está bem, irei — decidiu Alieksiéi, depois de ter lido o bilhete, curto e enigmático, que não continha nenhuma explicação, a não ser a súplica instante para que ele fosse.

— Ah! Como é gentil de sua parte — exclamou Lisa,

animadamente. — Dizia eu a mamãe: “Ele jamais irá, está tratando de sua salvação”. Como você é bom! Sempre pensei que você era bom. É um prazer lhe dizer isto agora!

— Lisa! — disse gravemente a mãe, que, aliás, sorriu.

— Você nos esqueceu, Alieksiéi Fiódorovitch, não quer absolutamente visitar-nos. Entretanto, Lisa me disse duas vezes que só se encontrava bem em sua companhia. — Aliócha ergueu seus olhos baixos, corou de novo e sorriu sem saber por quê. Aliás o *stáriets* não o observava mais. Entrara em conversa com o monge que aguardava sua vinda, como o dissemos, ao lado da cadeira de Lisa. Era, pelo que se via, um monge duma condição das mais modestas, de ideias estreitas e paradas, mas crente e obstinado a seu modo. Contou que vivia longe, no Norte, em Obdorsk, no convento de São Silvestre, pobre mosteiro, que só contava nove monges. O *stáriets* abençoou-o, convidou-o a vir à sua cela, quando bem lhe parecesse.

— Como tentais semelhantes coisas? — perguntou o monge, mostrando gravemente Lisa. Fazia alusão à sua “cura”.

— É ainda demasiado cedo para falar disso. Um alívio não é a cura completa e pode ter outras causas. Mas o que pode passar-se é unicamente devido à vontade de Deus. Tudo vem dele. Venha ver-me, padre — acrescentou ele —, eu não poderei vir sempre; estou doente e sei que meus dias estão contados.

— Oh! não, não, Deus não vos arrebatará de nós, vivereis ainda muito tempo, muito tempo — exclamou a mãe. — Além disso, qual a vossa doença? Pareceis de tão bom aspecto, alegre e feliz.

— Sinto-me muito melhor hoje, mas sei que não é por muito tempo. Conheço agora a fundo minha doença. Se lhe pareço tão alegre, nada me pode causar mais prazer que ouvi-la dizer isto. Porque a felicidade é o fim do homem, e aquele que tem sido completamente feliz tem o direito de dizer a si mesmo: “Cumpri a lei divina nesta terra”. Os justos, os santos, os mártires todos foram felizes.

— Oh! As ousadas, as sublimes palavras! — exclamou a mãe. — Elas nos traspassam! Entretanto, onde está a felicidade? Quem pode

dizer-se feliz? Oh! já que tivestes a bondade de permitir que vos viéssemos ver ainda hoje, escutai tudo quanto não vos disse na derradeira vez, tudo quanto não ousava dizer-vos, aquilo de que sofro desde tanto tempo! Porque eu sofro, desculpai-me, eu sofro… — e, num ímpeto de fervor, juntou as mãos diante dele.

— De que, particularmente?

— Sofro… porque não creio…

— Não crê em Deus?

— Oh! Não, não, não ouso pensar nisso, mas a vida futura, que enigma! E ninguém pode responder a isto! Escutai-me, vós que conheceis a alma humana e a curais; sem dúvida, não ouso pedir-vos que me acrediteis absolutamente, mas asseguro-vos, da maneira mais solene, que não é por leviandade que falo agora, essa ideia da vida de além-túmulo me emociona até o sofrimento, até o espanto e o pavor… E não sei a quem dirigir-me, não ousei toda a minha vida… Agora me permito dirigir-me a vós… Oh! Deus! Por quem me tomais?

Bateu as mãos uma contra a outra.

— Não se inquiete com a minha opinião — respondeu o *stáriets*. — Creio perfeitamente na sinceridade de sua angústia.

— Oh! Como vos sou grata! Vede: fecho os olhos e sonho. Se todos acreditam, donde vem isso? Assegura-se que tudo isto provém a princípio do medo, inspirado pelos fenômenos grandiosos da Natureza, mas que nada existe. Pois bem! penso eu, acreditei toda a minha vida; morrerei e não haverá nada e somente “a relva brotará sobre o túmulo”, como se exprime um escritor. É horrível! Como recuperar a fé? Aliás, acreditei apenas durante minha infância, mecanicamente, sem pensar em nada… Como me convencer? Vim inclinar-me diante de vós e rogar-vos que me esclareçais. Porque se deixo passar a ocasião presente nunca mais me responderão. Como persuadir-me? De acordo com que provas? Quanto sou infeliz! Em redor de mim, ninguém se preocupa com isto, quase ninguém; ora, não posso suportar isto sozinha. É esmagador!

— Decerto, é esmagador. Mas onde nada se pode provar, pode a gente persuadir-se.

— Como? De que maneira?

— Pela experiência do amor que age. Esforce-se por amar seu próximo com ardor e sem cessar. À medida que progredir no amor, a senhora se convencerá da existência de Deus e da imortalidade de sua alma. Se for até a abnegação total no seu amor ao próximo, então acreditará indubitavelmente e nenhuma dúvida mesmo poderá aflorar sua lama. Isto está demonstrado pela experiência.

— O amor que age! Eis ainda uma questão, e que questão! Vede: amo tanto a humanidade que, acreditaríeis vós?, sonho por vezes abandonar tudo quanto tenho, deixar Lisa e fazer-me irmã de caridade. Fecho os olhos, sonho e devaneio; nesses momentos, sinto em mim uma força invisível. Nenhum ferimento, nenhuma chaga purulenta poderia horrorizar-me. Eu cuidarei delas, as lavarei com minhas próprias mãos, serei a enfermeira desses pacientes, prestes a beijar suas úlceras…

— Já é muito que a senhora tenha tais pensamentos. Por acaso vai lhe acontecer praticar verdadeiramente uma boa ação.

— Sim, mas eu poderia suportar muito tempo tal existência? — continuou a dama, apaixonadamente, com um ar quase desvairado. — Eis a questão capital, a que mais me atormenta. Fecho os olhos e pergunto a mim mesma: “Persistirias muito tempo nessa via? Mas se o doente, cujas úlceras tu lavas, pagar-te com ingratidão, puser-se a atormentar-te com seus caprichos, sem apreciar nem notar teu devotamento, se gritar contra ti, se mostrar-se exigente e queixar-se mesmo à diretoria (como acontece muitas vezes quando se sofre muito), farás então o quê? Continuará o teu amor?”. Imaginai que já decidi, com um arrepio: “Se há alguma coisa que possa esfriar imediatamente meu amor ‘que age’ em favor da humanidade, é unicamente a ingratidão”. Numa palavra: trabalho por um salário, exijo-o imediatamente, sob forma de elogios e de amor em troca do meu. De outro modo, não posso amar ninguém.

Depois de haver-se assim fustigado, num acesso de sinceridade,

ela fitou o *stáriets* com um atrevimento provocante.

— É exatamente o que me contava, há muito tempo, aliás, um médico — obsevou o *stáriets*. — Era um homem de idade madura e verdadeiramente inteligente, exprimia-se tão francamente quanto a senhora, se bem que brincando, mas com tristeza. “Eu amo — dizia ele — a humanidade, mas admiro-me de mim mesmo. Tanto mais amo a humanidade em geral, quanto menos amo as pessoas em particular, como indivíduos. Muitas vezes tenho sonhado apaixonadamente em servir à humanidade, e talvez tivesse verdadeiramente subido ao calvário por meus semelhantes, se tivesse sido preciso, muito embora não possa viver com ninguém dois dias no mesmo quarto. Sei por experiência. Desde que alguém está junto de mim, sua personalidade oprime meu amor-próprio e constrange minha liberdade. Em vinte e quatro horas, posso mesmo antipatizar com as melhores pessoas: uma, porque fica muito tempo na mesa, outra, porque está resfriada e só faz espirrar. Torno-me o inimigo dos homens, apenas se acham eles em contato comigo. Em compensação, invariavelmente, quanto mais detesto as pessoas em particular, tanto mais ardo de amor pela humanidade em geral.”

— Mas que fazer? Que fazer em semelhante caso? É de desesperar.

— Não, porque basta que a senhora fique desolada. Faça o que puder e isso será levado em conta. A senhora já fez muito para ser capaz de conhecer-se a si mesma, de maneira tão profunda, tão sincera. Se me falou agora com tal franqueza, unicamente para receber meus elogios pela sua veracidade, não atingirá nada, seguramente, no domínio do amor que age. Tudo se limitará a sonhos e sua vida vai se escoar como um sonho. Então, naturalmente, esquecerá a vida futura e para o fim vai se tranquilizar duma maneira ou de outra.

— Vós me acabrunhais! Compreendo somente agora, como acabais de dizer-me, que, ao contar-vos o horror que sinto pela ingratidão, esperava vossos elogios à minha sinceridade, e nada mais. Sugeristes, captastes meus pensamentos para revelá-los a mim.

— Fala sério? Pois bem! depois de tal confissão, creio que a senhora é boa e sincera. Se não atingir a felicidade, lembre-se sempre de que está no bom caminho e trate de não sair dele. sobretudo, evite toda mentira, particularmente a mentira para consigo mesma. Observe sua mentira, examine-a a cada instante. evite também a repugnância para com os outros e para consigo mesma: o que lhe parece mau na senhora mesma está purificado, pelo simples fato de que o notou na senhora. Evite também o temor, se bem que ele seja somente a consequência de toda mentira. Não tema jamais sua própria covardia na procura do amor, não se deixe mesmo atemorizar demais pelas suas más ações a esse propósito. Lamento nada poder dizer-lhe de mais rejubilante, porque o amor que age, comparado com o amor contemplativo, é algo de cruel e de atemorizante. O amor contemplativo tem sede de realização imediata e de atenção geral. Chega-se ao ponto de dar sua vida, com a condição de que isso não dure muito tempo, e que tudo se acabe rapidamente, como no palco, sob os olhares e os elogios. O amor atuante é o trabalho e o domínio de si, e para alguns toda uma ciência. Ora, predigo-lhe que no momento mesmo em que a senhora verificar com terror que, apesar de todos os seus esforços, não somente a senhora não se aproximou do alvo, mas até mesmo dele se afastou — nesse momento, predigo-lhe — a senhora atingirá o alvo e verá acima da senhora a força misteriosa do Senhor, que a terá guiado com amor, sem que a senhora soubesse. Desculpe-me não poder demorar mais tempo com a senhora. Esperam-me. Adeus.

A dama chorava.

— Lisa, Lisa, abençoai-a — disse ela com ímpeto.

— Ela não merece ser amada. Vi-a divertir-se todo o tempo — brincou o *stáriets*. — Por que zombou de Alieksiéi?

Lisa, com efeito, dedicara-se todo o tempo a isso. Desde muito tempo, desde o ano anterior, notara que Aliócha se perturbava na sua presença, evitava olhá-la, e isto tornou-se muito divertido para ela. Fitava-o, buscava seu olhar. Não resistindo àquele olhar fixo, obstinado sobre ele, Aliócha, impelido por uma força invisível, olhava-a por sua vez; imediatamente ela se abria num sorriso triunfante. Isto

aumentava a confusão e o despeito de Aliócha. Afinal, afastou-se completamente dela, ocultando-se por trás do *stáriets*. Ao fim de alguns minutos, como que hipnotizado, voltou-se para ver se o olhavam. Lisa, quase fora de sua cadeira, observava-o de viés e esperava impacientemente que ele a olhasse; tendo assim captado o olhar dele, explodiu em tal gargalhada que o *stáriets* não pode conter-se.

— Por que, sua brejeira, você faz que ele core dessa maneira?

Lisa ficou toda vermelha, seus olhos brilharam, seu rosto ficou sério e com voz lamentosa, indignada, disse nervosamente:

— Por que ele esqueceu tudo? Quando eu era bem pequenina, carregava-me em seus braços, brincávamos juntos. Foi ele quem me ensinou a ler, sabíeis? Há dois anos, ao partir, disse que não o esqueceria jamais, que éramos amigos para sempre, para sempre! E ei-lo agora que tem medo de mim, como se eu fosse comê-lo. Por que não se aproxima e não quer falar? Por qual razão não nos vem ver? Não é porque vós o retenhais, pois sabemos que ele vai a toda parte. Não é conveniente para mim convidá-lo. Deveria ele lembrar-se por primeiro, se não esqueceu. Não, agora trata de sua salvação! Por que o revestistes desse hábito de longas abas?… Se correr, cairá…

De súbito, não suportando mais, ocultou o rosto nas mãos e rebentou numa gargalhada nervosa, prolongada, silenciosa, que a sacudia toda. O *stáriets*, que a havia escutado sorrindo, abençoou-a com ternura; ao beijar-lhe a mão, ela a apertou contra seus olhos e se pôs a chorar.

— Não vos zangueis comigo, sou uma bobinha, não valho coisa alguma… Aliócha tem talvez razão em não querer ir à casa duma moça tão ridícula.

— Eu vou mandá-lo lá, sem falta — cortou o *stáriets*.

## V / Assim seja!

A ausência do *stáriets* durara cerca de vinte e cinco minutos. Era mais de meio-dia e meia e Dimítri Fiódorovitch, por causa de quem se

havia convocado a reunião, ainda não tinha chegado. Mas tinham-no quase esquecido e quando o *stáriets* reapareceu na cela encontrou seus visitantes ocupados numa conversação bastante animada. Travava-se, sobretudo, entre Ivan Fiódorovitch e os dois religiosos. Miúsov a ela se misturava com ardor, mas sem grande êxito. Ficava em segundo plano e não lhe respondiam, o que só fazia aumentar sua irritabilidade. Anteriormente, já havia feito duelo de erudição com Ivan Fiódorovitch e não podia suportar de sangue-frio certa falta de atenções da parte deste último. "Até agora, pelo menos, estava eu ao nível de tudo quanto há de progressista na Europa, mas essa nova geração nos ignora totalmente", pensava consigo mesmo. Fiódor Pávlovitch, que havia jurado ficar sentado sem dizer palavra, guardou silêncio por algum tempo, mas observava, com um sorriso zombeteiro, seu vizinho Piotr Alieksándrovitch, cuja irritação o alegrava visivelmente. Desde muito tempo se dispunha a lhe pagar na mesma moeda e não queria deixar passar a ocasião. Por fim, não se conteve mais, inclinou-se para o ombro de seu vizinho e mexeu com ele à meia voz.

— Por que não partiu ainda há pouco, depois da anedota do santo e consentiu em ficar em companhia tão inconveniente? É que, sentindo-se humilhado e ofendido, o senhor ficou para mostrar seu espírito e tirar sua vingança. Agora o senhor não se irá embora, sem tê-lo mostrado.

— O senhor recomeça? Vou-me embora agora mesmo, pelo contrário.

— Será o último a sair — lançou-lhe Fiódor Pávlovitch.

O *stáriets* voltou quase imediatamente.

A discussão parou por um minuto, mas tendo o *stáriets* retomado seu lugar, passeou seu olhar sobre os assistentes como para convidá-los a continuar. Aliócha, que conhecia cada expressão de seu rosto, viu que ele estava extenuado e exigia demais de suas forças. Nos últimos tempos de sua doença, desmaiava de fraqueza. A palidez que era o sintoma disto espalhava-se agora pelo seu rosto; tinha os lábios exangues, mas não queria evidentemente despedir a assembleia, tendo para isto suas razões. Quais? Aliócha observava-o com atenção.

— Comentamos um artigo bastante curioso do senhor — explicou o Padre Iósif, o bibliotecário, designando Ivan Fiódorovitch. — Há muitas apreciações novas, mas a tese parece de dois gumes. É um artigo em resposta a um padre, autor de uma obra a respeito dos tribunais eclesiásticos e da extensão de seus direitos.

— Infelizmente, não li seu artigo, mas ouvi falar dele — respondeu o *stáriets*, olhando atentamente para Ivan Fiódorovitch.

— O senhor coloca-se dum ponto de vista bastante curioso — continuou o padre bibliotecário. — Parece rejeitar absolutamente a separação da Igreja e do Estado na questão dos tribunais eclesiásticos.

— É curioso, mas em qual sentido? — perguntou o *stáriets* a Ivan Fiódorovitch.

Este respondeu-lhe afinal, não com um ar altivo, pedante, como Aliócha receava ainda na véspera, mas num tom modesto, discreto, excluindo qualquer segunda intenção.

— Parto do princípio de que esta confusão dos elementos essenciais da Igreja e do Estado, tomados separadamente, durará sem dúvida sempre, se bem que seja impossível e jamais se possa levá-la a um estado não somente normal mas um pouco conciliável, porque repousa sobre uma mentira. Um compromisso entre a Igreja e o Estado, em questões tais como a da justiça, por exemplo, é, na minha opinião, essencialmente impossível. O eclesiástico a quem replico sustenta que a Igreja ocupa no Estado um lugar preciso e definido. Objetei-lhe que a Igreja, pelo contrário, longe de ocupar apenas um canto no Estado, devia absorver o Estado inteiro, e que se isto é atualmente impossível, deveria ser, por definição, o alvo direto e principal de todo o desenvolvimento ulterior da sociedade cristã…

— Perfeitamente justo — declarou com voz firme e nervosa o Padre Paísi, religioso taciturno e erudito.

— É ultramontanismo puro! — exclamou Miúsov, cruzando as pernas em sua impaciência.

— Pois se nem sequer temos montes em nosso país! — exclamou

o Padre Iósif, que continuou, dirigindo-se ao *stáriets*. — O senhor refuta os princípios “fundamentais e essenciais” de seu adversário, um eclesiástico, notai-o. Ei-los: em primeiro lugar: “Nenhuma associação pública pode nem deve atribuir-se o poder, dispor dos direitos políticos e civis de seus membros”; em segundo lugar: “O poder, em matéria civil e criminal, não deve pertencer à Igreja, porque é incompatível com sua natureza, como instituição divina e como associação que se propõe fins religiosos”. Afinal, em terceiro lugar: “A Igreja é um reino que não é deste mundo”.

— Este é um jogo de palavras totalmente indigno de um eclesiástico! — interrompeu, de novo, o Padre Paísi, com impaciência. — Li a obra que o senhor refuta — disse ele, dirigindo-se a Ivan Fiódorovitch —, e fiquei surpreso diante das palavras daquele padre: “A igreja é um reino que não é deste mundo”. Se ela não é deste mundo, não poderia existir sobre a terra. No *Santo Evangelho*, as palavras “não é deste mundo” são empregadas num outro sentido. É impossível brincar com semelhantes palavras. Nosso Senhor Jesus Cristo veio precisamente estabelecer a Igreja sobre a terra. O reino dos céus, bem entendido, não é deste mundo, mas do céu, e nele só se entra pela Igreja, a qual foi fundada e estabelecida sobre a terra. Também os trocadilhos mundanos a este respeito são impossíveis e indignos. A Igreja é verdadeiramente um reino, está destinada a reinar, e finalmente seu reino se estenderá sobre o universo inteiro, temos disso a promessa…

Calou-se de repente, como que se contendo. Ivan Fiódorovitch, depois de havê-lo escutado com deferência e atenção, com a maior calma, continuou com a mesma simplicidade, dirigindo-se ao *stáriets*.

— A ideia mestra de meu artigo é que o Cristianismo, nos três primeiros séculos de sua existência, aparece sobre a terra como uma Igreja e não era outra coisa. Quando o Estado romano pagão adotou o Cristianismo, aconteceu que, tornado cristão, incorporou a si a Igreja, mas continuou a ser um Estado pagão numa multidão de atribuições. No fundo, era isso inevitável. Roma, como Estado, herdara por demais da civilização e da sabedoria pagãs, como, por exemplo, os fins e as próprias bases do Estado. A Igreja do Cristo, entrada no Estado, não podia evidentemente nada cortar de suas bases, da pedra sobre a qual

repousava; só podia prosseguir os seus fins, firmemente estabelecidos e indicados pelo próprio Senhor, entre outros: converter em Igreja o mundo inteiro e, por consequência, o Estado pagão antigo. Dessa maneira (isto é, em vista do futuro), não era a Igreja que devia procurar para si um lugar definido no Estado, como "toda associação pública", ou como "uma associação que se propunha fins religiosos" (para empregar os termos do autor que refuto), mas, pelo contrário, todo Estado terrestre devia posteriormente converter-se em Igreja, não ser senão isso, renunciar a seus outros fins incompatíveis com os da Igreja. Isto não o humilha absolutamente, não diminui nem sua honra, nem sua glória, como grande Estado, nem a glória de seus chefes, mas isto a faz deixar a falsa via, ainda pagã e errada, pela via justa, a única que leva aos fins eternos. Eis por que o autor do livro sobre as *Bases da Justiça Eclesiástica* teria pensado com justeza se, procurando e propondo essas bases, as tivesse considerado como um compromisso provisório, necessário ainda à nossa época pecadora e imperfeita, mas nada mais. Desde, porém, que o autor ousa declarar que as bases que propõe agora, e das quais o Padre Iósif acaba de enumerar uma parte, são inabaláveis, primordiais, eternas, está ele em oposição direta à Igreja e sua predestinação santa imutável. Eis a exposição completa de meu artigo.

— Isto é, em duas palavras — disse o Padre Iósif, fazendo força sobre cada palavra —, segundo certas teorias, que não fizeram senão revelar-se por demais no nosso século XIX, a Igreja deve converter-se em Estado, passar como que dum tipo inferior a um superior, a fim de absorver-se em seguida nele, depois de ter cedido à ciência, ao espírito do tempo, à civilização. Se ela se recusa a isso e resiste, não lhe reservam no Estado senão um pequeno lugar, vigiando-a, e por toda parte é esse o caso na Europa de nossos dias. Pelo contrário, segundo a concepção e a esperança russas, não é a Igreja que deve converter-se em Estado como que dum tipo inferior em um superior, é, pelo contrário, o Estado que deve finalmente mostrar-se digno de ser unicamente uma Igreja e nada mais. Assim seja! Assim seja!

— Pois bem, confesso, o senhor me reconfortou um pouco — disse Miúsov, sorrindo e cruzando de novo as pernas. — Tanto quanto o compreendo, é a realização dum ideal infinitamente longínquo, por

ocasião do regresso do Cristo. É tudo quanto se quer. O sonho utópico do desaparecimento das guerras, dos diplomatas, dos bancos, etc… Alguma coisa que se assemelhe mesmo ao socialismo. Ora, eu pensava que tudo isso era sério, que a Igreja ia "agora", por exemplo, julgar os criminosos, condenar ao chicote, à galé e até mesmo à pena de morte.

— Se houvesse atualmente um só tribunal eclesiástico, a Igreja não enviaria agora às galés ou ao suplício. O crime e a maneira de encará-lo deveriam então seguramente modificar-se pouco a pouco, não duma só vez, mas, no entanto, bastante depressa… — declarou num tom tranquilo Ivan Fiódorovitch.

— Fala seriamente? — interrogou Miúsov, fitando-o.

— Se a Igreja absorvesse tudo, excomungaria o criminoso e o refratário, mas não cortaria as cabeças — continuou Ivan Fiódorovitch. — Pergunto-vos: aonde iria o excomungado? Porque deveria, então, não somente separar-se das pessoas, mas do Cristo. Pelo seu crime, ia se insurgir não só contra as pessoas, mas contra a Igreja do Cristo. É o caso, atualmente, sem dúvida, no sentido estrito, no entanto não é proclamado, e a consciência do criminoso de hoje transige muitas vezes: "Roubei, diz ela, mas não vou contra a Igreja, não sou o inimigo do Cristo". Eis o que diz frequentemente o criminoso de hoje. Pois bem, quando a Igreja tiver substituído o Estado, para ele será difícil falar assim, a menos que negue a Igreja na terra inteira: "Todos, diria ele, estão no erro, todos se desviaram, a Igreja deles é falsa, somente eu, assassino e ladrão, sou a verdadeira Igreja cristã". É dificílimo manter esta linguagem, isto requer condições extraordinárias, circunstâncias que raramente existem. Atualmente, considerai de outra parte o ponto de vista da própria Igreja para com o crime: será que não deveria modificar-se em oposição ao de hoje, que é quase pagão, e, de meio mecânico de cortar um membro gangrenado, como se pratica atualmente para preservar a sociedade, transformar-se totalmente na ideia da regeneração do homem, de sua ressurreição e de sua salvação…?

— Que quer dizer isso? Deixo de novo de compreender — interrompeu Miúsov. — Ainda um sonho. Algo de informe, de incompreensível. Que excomunhão é essa? Creio que o senhor se

diverte simplesmente, Ivan Fiódorovitch.

— Na realidade, é assim mesmo atualmente — começou o *stáriets* e todos se voltaram para ele. — Se não houvesse agora a Igreja do Cristo, não haveria para o criminoso nem freio a seus crimes, nem castigo, uma vez cometidos, isto é, um castigo real, não mecânico, como o senhor acaba de dizer, e que não faz senão irritar na maior parte dos casos, mas o único eficaz, o único que amedronta e acalma e que consiste na confissão de sua própria consciência…

— Como se pode dar isso, permita-me que lhe pergunte? — disse Miúsov com viva curiosidade.

— Pois vou dizer-lhe — prosseguiu o *stáriets*. — Todas essas deportações a trabalhos forçados, agravadas outrora por punições corporais, não emendam ninguém e sobretudo não atemorizam quase nenhum criminoso, o número dos crimes não somente não diminui, mas só faz aumentar, à medida que se avança. Estarão nisto de acordo comigo. Resulta que dessa maneira não fica a sociedade de modo algum preservada, porque, muito embora o membro nocivo seja mecanicamente cortado e mandado para longe, oculto à vista, outro criminoso surgiu em seu lugar, talvez mesmo dois. Se alguma coisa protege ainda a sociedade, mesmo em nossos dias, emenda o próprio criminoso e faz dele outro homem, é ainda unicamente a lei do Cristo que se manifesta pela voz de sua própria consciência. Somente depois de ter reconhecido a sua falta como filho da sociedade do Cristo, isto é, da Igreja, é que a reconhecerá diante da própria sociedade, isto é, diante da Igreja. Dessa maneira, é somente diante da Igreja que o criminoso contemporâneo é capaz de reconhecer sua falta e não diante do Estado. Se a justiça pertencesse à sociedade na qualidade de Igreja, saberia então a quem revogar da excomunhão, a quem admitir em seu seio. Agora a Igreja, não tendo nenhuma justiça efetiva, mas somente a possibilidade de uma condenação moral, renuncia ela própria a castigar efetivamente o criminoso. Não o excomunga, cerca-o de sua edificação paternal. Mais ainda, esforça-se mesmo por conservar com o criminoso todas as relações entre a Igreja e o cristão; admite-os aos ofícios, à comunhão, faz-lhe caridade e trata-o mais como transviado do que como criminoso. E que seria do criminoso, Senhor, se a sociedade cristã, isto é, a Igreja, o rejeitasse como o rejeita e o exclui a

lei civil? Que aconteceria, se a Igreja o excomungasse cada vez que o castiga a lei do Estado? Não poderia haver maior desespero, pelo menos para os criminosos russo, porque estes ainda tem fé. Ora, aliás, quem sabe, aconteceria talvez uma coisa terrível — a perda da fé no coração ulcerado do criminoso, e, então, que haveria? Mas a Igreja, como uma mãe terna, renuncia ela mesma ao castigo efetivo, visto que sem isto o culpado já é demasiado duramente punido pelo tribunal secular e é preciso haver alguém que tenha compaixão dele. renuncia a isso sobretudo porque a justiça da Igreja encerra em si unicamente a verdade e não pode juntar-se, por consequência, essencial e moralmente, a nenhuma outra, mesmo sob a forma de compromisso provisório. Aqui, é impossível transigir. O criminoso estrangeiro, dizem, arrepende-se raramente, porque as doutrinas contemporâneas o confirmam na ideia de que seu crime não é um crime, mas somente uma revolta contra a força que o oprime injustamente. A sociedade o afasta de si mesma por meio de uma força que triunfa dele totalmente de maneira mecânica e acompanha essa exclusão de ódio (é assim, pelo menos, que se conta na Europa) — de ódio e de uma indiferença, dum esquecimento completos a respeito do destino ulterior desse homem, do ponto de vista fraternal. Dessa maneira, tudo se passa sem que a Igreja testemunhe a menor compaixão, porque em numerosos casos não há mais Igreja lá, não subsistem senão eclesiásticos e edifícios magníficos, esforçando-se as próprias Igrejas desde muito tempo por passar do tipo inferior, como Igreja, ao tipo superior, como Estado. É assim pelo menos, parece, nos países luteranos. Em Roma, há já mil anos que em lugar da Igreja proclamou-se o Estado. Assim o próprio criminoso não se reconhece membro da Igreja e, excomungado, cai no desespero. Se volta para a sociedade, é frequentemente com tal ódio que a própria sociedade o exclui espontaneamente de seu seio. Podeis julgar como isso acaba. Em numerosos casos, parece que o mesmo ocorre entre nós; mas o fato é que, de parte os tribunais estabelecidos, temos além disso a Igreja, que não perde jamais o contacto com o criminoso, que é para ela um filho sempre caro; além do mais, existe e subsiste, ainda que apenas em ideia, a justiça da Igreja, se bem que não efetiva agora, mas viva para o futuro, mesmo em sonho, e reconhecida certamente pelo próprio criminoso, pelo instinto de sua alma. O que se acaba de dizer aqui é justo, a saber, que se a justiça da Igreja entrasse em vigor, isto é, que

se a sociedade inteira se convertesse em Igreja, então não somente a justiça da Igreja influiria sobre a emenda do criminoso como não o faz nunca atualmente, mas os próprios crimes diminuiriam em proporção inverossímil. E a Igreja, sem dúvida alguma, compreenderia no futuro, em numerosos casos, o crime e os criminosos duma maneira toda diferente da atual; saberia converter o excomungado, prevenir as intenções criminosas, regenerar o decaído. É verdade — e o *stáriets* sorriu — que a sociedade cristã não está ainda preparada para isso e só repousa sobre sete justos; mas como eles não se enfraquecem, permanece ela na expectativa de sua transformação completa de associação quase pagã, em igreja única, universal e reinante. Assim será, nem que seja no fim dos séculos, porque só isto esta predestinado a cumprir-se! E não há por que preocupar-se a propósito dos tempos e dos prazos, porque o mistério deles depende da sabedoria de Deus, de Sua presciência, de Seu amor. E o que, a vistas humanas, parece bastante afastado está talvez, pela predestinação divina, em vésperas de cumprir-se. Assim seja!

— Assim seja! — confirmou respeitosamente o Padre Pási.

— Estranho, estranho no mais alto grau! — proferiu Miúsov, num tom de indignação contida.

— Que encontra nisso de estranho? — informou-se com precaução o Padre Iósif.

— Francamente, que é que isso significa? — exclamou Miúsov, de súbito agressivo. — O Estado é eliminado e instaura-se a Igreja em seu lugar! É ultramontanismo na segunda potência. O próprio Grigóri Siedmói[19] não o tinha sonhado!

— Sua interpretação é o contrário da verdade! — disse severamente o Padre Pási. — Não é a Igreja que se converte em Estado, notai bem, isto é Roma e seu sonho, é a terceira tentação diabólica. Pelo contrário, é o Estado que se converte em Igreja, que se eleva até ela e torna-se uma Igreja sobre a terra inteira, o que é diametralmente oposto a Roma, ao ultramontanismo, à vossa interpretação, e não é senão a missão sublime reservada à ortodoxia no mundo. É no Oriente que essa estrela começará a resplender.

Miúsov manteve um silêncio significativo. Toda a sua pessoa refletia uma dignidade extraordinária. Um sorriso de condescendência apareceu em seus lábios. Aliócha observava-o, com o coração palpitante. Toda aquela conversação havia-o emocionado extremamente. Olhou por acaso para Rakítin, imóvel no mesmo lugar, o qual escutava atento, de olhos baixo. Pelo seu rubor, adivinhou Aliócha que estava tão comovido quanto ele próprio; sabia por quê.

— Permiti-me, senhores, que vos conte uma anedota — começou Miúsov, com ar digno e imponente. — Tive ocasião, em Paris, após o golpe de Estado de dezembro, de visitar um de meus conhecidos, personagem importante, então no poder. Encontrei em casa dele um indivíduo bastante curioso que, sem ser de todo um policial, dirigia uma brigada da polícia política, posto bastante influente. Aproveitando da ocasião, conversei com ele por curiosidade; recebido na qualidade de subalterno que apresenta um relatório, ao ver-me em bons termos com seu chefe, testemunhou-me relativa franqueza, isto é, mais polidez que franqueza, à maneira dos franceses, tanto mais quanto sabia que eu era estrangeiro. Mas compreendi-o perfeitamente. Tratava-se dos socialistas revolucionários que estavam então sendo perseguidos. Negligenciando o resto de sua conversa, vou me contentar em relatar uma observação muito curiosa que escapou àquele personagem: “Não tememos demais — declarou ele — todos esses socialistas, anarquistas, ateus e revolucionários, nós os vigiamos e estamos ao corrente de seus atos e gestos. Mas entre eles existe uma categoria particular, na verdade pouco numerosa: são os que creem em Deus, embora sendo socialistas. Eis os que tememos mais que todos, é uma corja temível! O socialista cristão é mais perigoso que o socialista ateu”. Estas palavras tinham-me abalado então, e agora, senhores, junto de vós, elas me voltam à memória…

— Quer dizer que o senhor as aplica a nós e vê em nós socialistas? — perguntou sem rebuços o Padre Pâisi. Mas antes que Piotr Alieksándrovitch tivesse encontrado uma resposta, a porta se abriu e Dimítri Fiódorovitch entrou, consideravelmente atrasado. Na verdade, não o esperavam mais e sua aparição súbita causou a princípio certa surpresa.

## VI / Por que tal homem existe?

Dimítri Fiódorovitch, jovem homem de 28 anos, de estatura média e de presença agradável, parecia, no entanto, notavelmente mais velho. Era musculoso e adivinhava-se nele uma força física considerável; no entanto, seu rosto magro, de faces chupadas, a tez dum amarelo doentio, tinha uma expressão enfermiça. Seus olhos negros, à flor da testa, mostravam um olhar vago, se bem que parecesse obstinado. Mesmo quando estava agitado e falava com irritação, seu olhar não correspondia a seu estado de alma e exprimia algo de diferente, por vezes nada em harmonia com o minuto presente. "É difícil saber em que ele pensa", costumavam dizer os que falavam com ele. Em certos dias, seu riso súbito, atestando ideias alegres e travessas, surpreendia aqueles que o acreditavam, no mesmo momento, pelos seus olhos, pensativo e tristonho. Aliás, sua expressão um pouco sofredora naquele momento nada tinha de espantoso; todo mundo estava a par de sua vida agitada e dos excessos a que se entregava naqueles últimos tempos, da mesma maneira que se conhecia a exasperação que dele se apoderava em suas discussões com seu pai, por questões de dinheiro. Circulavam na cidade anedotas a este respeito. Na verdade, era irascível por natureza, "de um espírito impetuoso e irregular", como o caracterizou numa reunião nosso juiz de paz Siemion Ivânovitch Katchálhnikov. Entrou vestido de modo elegante e irreprochável, com a sobrecasaca abotoada, de luvas pretas, a cartola na mão. Como oficial desde pouco tempo reformado, só trazia no momento os bigodes. Seus cabelos castanhos estavam cortados curtos e penteados para a frente. Caminhava a grandes passadas, com ar decidido. Tendo parado um instante na soleira da porta, passeou o olhar pela assistência e dirigiu-se diretamente ao *stáriets*, adivinhando nele o dono da casa. Fez-lhe uma profunda vênia e pediu-lhe a benção. Tendo-se levantado o *stáriets* para a conceder, Dimítri Fiódorovitch beijou-lhe a mão com respeito e declarou com agitação e com um ar quase irritado:

— Queria desculpar-me por me ter feito esperar tanto. Mas como insistisse em conhecer a hora da entrevista, o criado Smierdiákov, enviado por meu pai, respondeu-me duas vezes, categoricamente, que estava marcada para uma hora. E, agora, venho a saber…

— Não se atormente — disse o *stáriets* —, não é nada, o senhor está um pouco atrasado, não há mal nisso.

— Sou-lhe muito grato e não esperava menos de sua bondade.

Depois destas palavras lacônicas, Dimítri Fiódorovitch inclinou-se de novo, depois, voltando-se para o lado de seu pai, fez-lhe a mesma saudação profunda e respeitosa. Via-se que ele premeditara aquela saudação, com sinceridade, considerando como uma obrigação exprimir assim a sua deferência e suas boas intenções. Fiódor Pávlovitch, se bem que apanhado de improviso, saiu-se à sua maneira: em resposta à saudação do filho, levantou-se de sua cadeira e retribuiu-lhe igualmente. Seu rosto se tornou grave e imponente, o que não deixava de dar-lhe um aspecto mau. Depois de ter respondido em silêncio às saudações dos presentes. Dimítri Fiódorovitch dirigiu-se com seu passo decidido para a janela e ocupou o único assento livre, não longe do Padre Paísi; inclinado sobre sua cadeira, preparou-se para escutar a continuação da conversa interrompida.

A chegada de Dimítri Fiódorovitch passara-se em dois ou três minutos e a conversação prosseguiu. Mas desta vez Piotr Alieksándrovitch não achou necessário responder à pergunta premente e quase irritada do Padre Paísi.

— Permitam-me que abandone esse assunto — declarou ele, com certa desenvoltura mundana. — É aliás um assunto delicado. Vejam Ivan Fiódorovitch sorrindo para meu lado; tem provavelmente algo de curioso a dizer a esse propósito. Perguntem-lhe.

— Nada de particular — respondeu logo Ivan Fiódorovitch. — Farei somente observar que, desde muito tempo já, o liberalismo europeu em geral e mesmo nosso diletantismo liberal russo confundem frequentemente os resultados finais do socialismo com os do Cristianismo. Essa conclusão extravagante é aliás um traço característico. Por outro lado, como se vê, não somente os liberais e os diletantes confundem em muitos casos o socialismo e o Cristianismo, há também os gendarmes, no estrangeiro, bem entendido. A anedota parisiense do senhor é bastante característica a esse respeito, Piotr Alieksándrovitch.

— Em geral, peço de novo permissão para abandonar o assunto — repetiu Piotr Alieksándrovitch. — Antes vou lhes contar outra anedota bastante interessante e bastante característica, a propósito de Ivan Fiódorovitch. Há cinco dias, numa reunião em que se achavam sobretudo senhoras, declarou ele solenemente, no curso duma discussão, que nada no mundo obrigava as pessoas a amar seus semelhantes, que não existia nenhuma lei natural ordenando ao homem que amasse a humanidade; que se o amor havia reinado até o presente sobre a terra, era isto devido não à lei natural, mas unicamente à crença das pessoas em sua imortalidade. Ivan Fiódorovitch acrescentou entre parênteses que nisso está toda a lei natural, de sorte que se destruís no homem a fé em sua imortalidade, não somente o amor secará nele, mas também a força de continuar a vida no mundo. Mais ainda, não haverá então nada de imoral, tudo será autorizado, até mesmo a antropofagia. Não é tudo: terminou afirmando que para cada indivíduo — nós agora, por exemplo — que não acredita nem em Deus, nem em sua imortalidade, a lei moral da natureza devia imediatamente tornar-se o inverno absoluto da precedente lei religiosa; que o egoísmo, mesmo levado até a perversidade, devia não somente ser autorizado, mas reconhecido como a saída necessária, a mais razoável e quase a mais nobre. De acordo com tal paradoxo, julguem o resto, senhores, julguem o que o nosso querido e excêntrico Ivan Fiódorovitch acha bom proclamar e suas intenções eventuais…

— Com licença — exclamou de súbito Dimítri Fiódorovitch. — Se bem entendi, “a perversidade deve não somente ser autorizada, mas reconhecida como a saída mais necessária e a mais razoável de cada ateu”! É bem isto?

— É exatamente isso — disse o Padre Paísi.

— Haverei de lembrar-me!

Dito isto, Dimítri Fiódorovitch calou-se tão subitamente quanto tinha tomado parte na conversa. Todos os olharam com curiosidade.

— Será possível que o senhor encare dessa forma as consequências do desaparecimento nas pessoas da crença na

imortalidade da alma? — perguntou de súbito o *stáriets* a Ivan Fiódorovitch.

— Sim, afirmei-o. Não há virtude sem imortalidade.

— É feliz se assim acredita; pode-se ser muito infeliz!

— Por que infeliz? — objetou Ivan Fiódorovitch, sorrindo.

— Porque, segundo toda aparência, o senhor não crê nem na imortalidade da alma, nem mesmo no que escreveu a respeito da questão da Igreja.

— Talvez o senhor tenha razão!… No entanto, não brinquei de modo algum — confessou de modo estranho Ivan Fiódorovitch, corando imediatamente.

— O senhor não brincou absolutamente, é verdade. Essa ideia não está ainda resolvida no seu coração e tortura-o. Mas o mártir também gosta por vezes de divertir-se com seu desespero, igualmente como para esquecê-lo. No momento, é por desespero que o senhor se diverte com artigos de revistas e com discussões mundanas, sem acreditar na sua dialética e zombando dela dolorosamente a sós consigo. Esta questão não está ainda resolvida no senhor, e é isso que causa seu tormento, porque ela reclama imperiosa uma solução.

— Mas ela pode ser resolvida em mim, resolvida no sentido positivo? — perguntou ainda de modo estranho Ivan Fiódorovitch, olhando o *stáriets* com um sorriso inexplicável.

— Se não puder ser resolvida no sentido positivo, não o será nunca no sentido negativo; o senhor mesmo conhece essa propriedade de seu coração; é isso que o tortura. Mas agradeça ao Criador o ter-lhe dado um coração sublime, capaz de assim atormentar-se, “de meditar nas coisas celestes e procurá-las, porque nossa morada está nos céus”. Que Deus lhe conceda encontrar a solução ainda aqui embaixo e abençoe os seus caminhos!

O *stáriets* ergueu a mão e quis, de seu lugar, fazer o sinal-da-cruz sobre Ivan Fiódorovitch. Mas este se levantou, foi até ele, recebeu sua

benção e, tendo-lhe beijado a mão, voltou a seu lugar sem dizer uma palavra. Tinha o ar firme e sério. Essa atitude e toda a sua conversa precedente com o *stáriets*, que não era esperada de sua parte, impressionaram a todos por não sei que de enigmático e solene; de sorte que um silêncio geral reinou por um instante e o rosto de Aliócha exprimia quase terror. Mas Miúsov ergueu os ombros ao mesmo tempo que Fiódor Pávlovitch ficava em pé.

— Divino e santo *stáriets* — exclamou ele, designado Iván Fiódorovitch —, eis meu filho bem-amado, a carne de minha carne! É por assim dizer o meu muito reverencioso Karl Moor, mas eis meu outro filho que acaba de chegar, Dimítri Fiódorovitch, contra o qual exijo satisfação perante o senhor — é o irreverentíssimo Frantz Moor —, ambos tirados de *Os bandidos*, de Schiller; e eu, nesta circunstância, sou o Regierender Graf von Moor![20] Julgue-nos e salve-nos! Temos necessidade não somente de suas preces, mas de seus vaticínios!

— Fale duma maneira ajuizada e não comece por ofender seus próximos — respondeu o *stáriets* com voz extenuada. Sua fadiga aumentava e suas forças decresciam visivelmente.

— É uma comédia indigna que eu previa, ao vir aqui! — exclamou com indignação Dimítri Fiódorovitch que também se havia erguido. — Desculpe-me, reverendo padre, sou pouco instruído e ignoro mesmo como o chamam, mas enganaram-no, e foi o senhor demasiado bom para nos conceder esta entrevista em sua casa. Meu pai tinha necessidade absoluta de escândalo. Com que fim? É negócio dele. Só age calculadamente. Mas agora creio saber por quê…

— Todo mundo me acusa! — gritou por sua vez Fiódor Pávlovitch — inclusive Piotr Alieksándrovitch. Sim, o senhor me acusou, Piotr Alieksándrovitch! — prosseguiu, voltando-se para Miúsov, se bem que este não pensasse absolutamente em interrompê-lo. — Acusam-me de ter ocultado o dinheiro de meu filho e de não lhe ter dado um vintém sequer! Mas, pergunto-lhes, não há tribunais? Ali, Dimítri Fiódorovitch, de acordo com seus recibos, de acordo com as cartas e convênios, será feita a conta do que você tinha, de suas despesas e do que lhe resta! Por que evita Piotr Alieksándrovitch pronunciar-se?

Dimítri Fiódorovitch não lhe é estranho. É porque estão todos contra mim; ora, Dimítri Fiódorovitch continua a dever-me, não uma pequena soma, mas vários milhares de rublos, do que posso dar as provas. Seus excessos provocam conversinhas da cidade inteira. Nas suas antigas guarnições gastou mais de um milhar de rublos para seduzir moças honestas; nós o sabemos, Dimítri Fiódorovitch, da maneira mais circunstanciada, e vou demonstrá-lo… Reverendo padre, o senhor acreditaria, que fez com que se apaixonasse por ele uma moça das mais distintas, de excelente família, com fortuna, filha de seu antigo chefe, um bravo coronel que serviu meritoriamente à Pátria, condecorado com o colar de Santa Anna com gládios? Essa moça, que ele comprometeu, oferecendo-se para casar com ela, mora agora aqui, órfã, é sua noiva, e aos olhos dela ele frequenta uma sereia. Se bem que esta última tenha vivido em união livre com um homem respeitável, mas de caráter independente, é uma fortaleza inexpugnável para todos, tal como uma mulher legítima, porque ela é virtuosa, sim, meus reverendos padres, ela é virtuosa! Ora, Dimítri Fiódorovitch quer abrir aquela fortaleza com uma chave de ouro, eis por que faz-se de bravo agora comigo, quer subtrair-me dinheiro, já gastou milhares de rublos por causa dessa sereia; além disso anda pedindo dinheiro emprestado sem cessar e a quem, sabem os senhores? Devo dizê-lo ou não, Mítia?

— Cale-se! — exclamou Dimítri Fiódorovitch. — Espere que eu me retire, evite enodoar na minha presença a mais nobre das moças… É já uma vergonha para ela que tenha ousado fazer alusão a isso… Não tolerarei!

Estava sufocado.

— Mítia, Mítia! — gritou Fiódor Pávlovitch, nervoso e fazendo força para chorar. — E a benção paterna, que fazes dela? Se eu amaldiçoar-te, que acontecerá?

— Tartufo sem-vergonha! — rugiu Dimítri Fiódorovitch.

— É assim que trata a seu pai, a seu pai! Como o fará aos outros? Escutem, senhores, há aqui um homem pobre mas honrado; capitão reformado, que foi dispensado em consequência de uma desgraça, mas

não em virtude de um julgamento, de reputação intacta, sobrecarregado de numerosa família. Há três semanas, o nosso Dimítri Fiódorovitch agarrou-o pela barba num botequim, arrastou-o pela rua e surrou-o em público, pela razão desse homem estar em segredo encarregado de meus interesses em determinado negócio.

— Mentira tudo isso! Aparentemente é verdade, no fundo, pura mentira! — disse Dimítri Fiódorovitch, tremendo de cólera. — Meu pai, não justifico minha conduta; sim, convenho publicamente que fui brutal para com esse capitão. Agora lamento isso e minha brutalidade me causa horror, mas esse capitão, encarregado de seus negócios, foi procurar aquela pessoa que o senhor chama de sereia e lhe propôs de parte do senhor avalizar minha promissórias, que estão em seu poder, a fim de perseguir-me e mandar-me prender, no caso de apertá-lo eu demais a propósito de nosso ajuste de contas. Se o senhor quer atirar-me na prisão é unicamente por ciúme dela, porque o senhor mesmo começou a andar em roda dessa mulher — estou ao corrente de tudo. Ela só fez rir, está ouvindo? E foi zombando do senhor que o repetiu. Tal é, meus reverendos padres, esse homem, esse pai que censura a má conduta de seu filho. Os senhores, que são testemunhas, perdoem minha cólera, mas eu pressentia que esse pérfido velho os convocara a todos aqui para provocar um escândalo. Vim na intenção de perdoar, se ele me estendesse a mão, de perdoar-lhe e de pedir-lhe perdão! Mas como ele acaba de insultar não somente a mim, mas a moça mais nobre, cujo nome não ouso pronunciar em vão, porque a respeito, decidi desmascará-lo publicamente, se bem que seja meu pai.

Não pôde continuar. Seus olhos faiscavam, respirava com dificuldade. Todos os presentes estavam emocionados, exceto o *stáriets*, todos se haviam levantado, agitados. Os religiosos olhavam com olhar severo, mas aguardavam a vontade do *stáriets*. Este último estava pálido, não de emoção, mas de fraqueza doentia. Um sorriso suplicante desenhava-se em seus lábios; erguia por vezes a mão como para conter aqueles furiosos. Teria podido, com um só gesto, pôr fim à cena; mas parecia esperar qualquer coisa e olhava fixamente, como se quisesse ainda compreender um ponto que lhe teria escapado. Por fim, Piotr Alieksándrovitch sentiu-se definitivamente humilhado, atingido na sua dignidade.

— No escândalo que acaba de desenrolar-se, somos todos culpados! — declarou ele, apaixonadamente. — Mas não previa tudo isso vindo aqui, se bem que soubesse com quem tratava… É preciso acabar com isso sem tardar. Meu reverendo padre, fique certo de que eu não conhecia exatamente todos os detalhes revelados aqui, não queria acreditar neles e fico conhecendo-os pela primeira vez. O pai está com ciúmes de seu filho por causa de uma mulher de má vida e entende-se com essa criatura para lançá-lo na prisão… E é em semelhante companhia que me fizeram vir aqui… Enganaram-me, declaro ter sido enganado tanto quanto os outros…

— Dimítri Fiódorovitch! — gritou de súbito Fiódor Pávlovitch, com uma voz que não era a sua. — Se não fosse você meu filho, eu o desafiaria agora mesmo a um duelo… a pistola, a três passos… através de um lenço, através de um lenço — terminou ele, sapateando.

Há nos velhos mentirosos que representaram comédia a vida inteira momentos em que entram de tal maneira em seu papel que tremem e choram com verdadeira emoção, se bem que no mesmo instante possam dizer a si mesmos (ou logo depois): “Tu mentes, velho descarado, és um ator mesmo agora, apesar de tua santa cólera”.

Dimítri Fiódorovitch ficou sombrio, mirando seu pai com um desprezo indizível.

— Eu pensava… — disse ele em voz baixa — eu pensava voltar ao país natal com aquele anjo, minha noiva, para cuidar da velhice dele, e que vejo? Um debochado luxurioso e um vil comediante!

— A um duelo! — gritou de novo o velho, ofegante e babando a cada palavra. — Quanto ao senhor Piotr Alieksándrovitch Miúsov, fique sabendo que em toda a sua linhagem não há talvez mulher mais nobre e mais honesta — está entendendo? —, mais honesta do que essa criatura, como se permitiu o senhor chamá-la ainda há pouco! Quanto a você, Dimítri Fiódorovitch, que substituiu sua noiva por essa “criatura”, você mesmo julgou que sua noiva não valia a sola dos sapatos dela!

— É vergonhoso! — deixou escapar o Padre Iósif.

— É vergonhoso e infame! — gritou com uma voz juvenil, trêmula de emoção, o rosto rubro, Kolgánov, que havia até então guardado silêncio.

— Por que tal homem existe? — rugiu surdamente Dimítri Fiódorovitch, a quem a cólera quase enlouquecia. Ergueu os ombros a ponto de parecer corcunda. — Não, dizei–me, pode–se permitir ainda que ele desonre a terra? — Lançou um olhar circundante e apontou para o velho com a mão. Falava num tom lento, medido.

— Estais ouvindo, monges, estais ouvindo o parricida?! — exclamou Fiódor Pávlovitch, dirigindo–se ao Padre Iósif. — Eis a resposta ao vosso "É vergonhoso!". Que é que é vergonhoso? Essa "criatura", essa "mulher de má vida" é talvez mais santa que vós todos, senhores religiosos, que tratais de vossa salvação! Ela caiu talvez na sua juventude, vítima do meio, mas "muito amou". Ora, o Cristo também perdoou aquela que muito amou…

— O Cristo não perdoou tal amor… — deixou escapar em sua impaciência o manso Padre Iósif.

— Não, foi esse amor mesmo, monges, esse mesmo. Cuidais de vossa salvação comendo couves e vos acreditais sábios. Comeis cadozes, um por dia, e pensais poder comprar Deus com cadozes.

— É intolerável, intolerável! — ouviu–se de todos os lados. Mas essa cena escandalosa cessou da maneira mais inesperada. De súbito, o *stáriets* se levantou. Alieksiéi, que quase enlouquecera de medo por ele e por todos, pôde, no entanto, segurá–lo pelo braço. O *stáriets* dirigiu–se para o lado de Dimítri Fiódorovitch e, ao chegar bem perto, ajoelhou–se diante dele. Aliócha pensou que ele tivesse caído de fraqueza, mas não era nada disso. Uma vez de joelhos, o *stáriets* prosternou–se aos pés de Dimítri Fiódorovitch numa profunda saudação, precisa e consciente; sua testa aflorou mesmo a terra. Aliócha ficou de tal maneira estupefato que nem mesmo o ajudou a levantar. Um leve sorriso pairava–lhe nos lábios.

— Perdoem, perdoem todos! — disse ele, saudando seus hóspedes para todos os lados.

Dimítri Fiódorovitch ficou alguns instantes como que petrificado: prosternar–se diante dele! Que significava aquilo? Por fim exclamou: “Ó Deus!”, cobriu o rosto com as mãos e lançou–se para fora do quarto. Todos os hóspedes seguiram–no em fila, tão perturbados que se esqueceram de despedir–se do dono da casa e de cumprimentá–lo. Somente os religiosos se aproximaram para receber–lhe a benção.

— Por que ele se prosternou? Será algum símbolo? — Fiódor Pávlovitch, de súbito acalmado, procurava assim travar uma conversa, não ousando, aliás, dirigir–se a alguém em particular. Transpunham naquele momento a cerca do eremitério.

— Não respondo por alienados — respondeu logo Piotr Alieksándrovitch, com aspereza. — Mas, em compensação, desembaraço–me de sua companhia, Fiódor Pávlovitch, e acredite que é para sempre. Onde está aquele monge de há pouco?…

“Aquele monge”, isto é, o que os havia convidado a jantar com o Padre Abade, não se fizera esperar. Encontrara os hóspedes a tempo, no momento em que estes desciam o patamar, como se todo o tempo estivesse à espera deles.

— Tenha a bondade, reverendo padre, de assegurar ao Padre Abade o meu profundo respeito e apresentar–lhe minhas desculpas; em consequência de circunstâncias imprevistas, é–me impossível, apesar de todo o meu desejo, aceitar o convite — declarou Piotr Alieksándrovitch ao monge, com irritação.

— A circunstância imprevista sou eu! — interveio logo Fiódor Pávlovitch. — Escute, meu padre, é que Piotr Alieksándrovitch não quer ficar a meu lado, se não iria agora mesmo. Vá, Piotr Alieksándrovitch, não deixe de ir à casa do Padre Abade, e bom apetite! Fique sabendo que sou eu que me escapulo e não o senhor. Volto para casa, lá poderei comer, aqui, sinto–me incapaz, meu bem–amado parente.

— Não sou seu parente, jamais o fui, vil indivíduo.

— Disse isto de propósito para fazer–lhe raiva, porque o senhor repudia esse parentesco embora seja meu parente, apesar de seus ares

de importância, vou lhe provar pelo almanaque eclesiástico; eu te mando o carro, Ivan, fica também, se quiseres. Piotr Alieksándrovitch, as conveniências lhe ordenam que se apresente em casa do Padre Abade; é preciso pedir desculpas das tolices que cometemos lá.

— É verdade que se vai embora? Não está mentindo?

— Piotr Alieksándrovitch, como eu ousaria depois do que se passou? Deixei–me arrebatar, senhores, perdoem–me. Além disso, estou transtornado! E tenho vergonha. Senhores, pode–se ter o coração de Alexandre da Macedônia ou o de um cãozinho. Eu me assemelho ao cãozinho Fidelhka. Tornei–me tímido. Pois bem! Como ir jantar depois de tal leviandade, encher–me dos assados do mosteiro? Tenho vergonha, não posso, desculpem–me!

"O diabo sabe de que é ele capaz! Não terá ele a intenção de nos enganar?" Miúsov parou, irresoluto, seguindo com um olhar perplexo o palhaço que se afastava. Este voltou–se e vendo que Piotr Alieksándrovitch o observava, enviou–lhe com a mão um beijo.

— Vai à casa do Padre Abade? — perguntou Miúsov a Ivan Fiódorovitch, num tom brusco.

— Por que não? Ele mandou convidar–me especialmente desde ontem.

— Por desgraça, sinto–me verdadeiramente quase obrigado a comparecer a esse maldito jantar — continuou Miúsov no mesmo tom de irritação amarga, sem mesmo tomar cuidado com o mongezinho que o ouvia. — É preciso pelo menos desculpar–nos do que se passou e explicar que não fomos nós… Que pensa disto?

— Sim, é preciso explicar que não fomos nós. Além disso, meu pai não estará lá — observou Ivan Fiódorovitch.

— Era só o que faltava que seu pai estivesse lá! Maldito jantar.

No entanto todos para ele se dirigiam. O mongezinho escutava em silêncio. Ao atravessar o bosque, fez notar que o Padre Abade esperava desde muito tempo e estava atrasado mais de meia hora. Não

lhe responderam. Miúsov mirava Ivan Fiódorovitch com um ar cheio de ódio.

“Ele vai ao jantar como se nada se tivesse passado”, pensava. “Uma testa de bronze e uma consciência de Karamázov!”

## VII / Um seminarista ambicioso

Aliócha conduziu o *stáriets* ao seu quarto de dormir e o fez sentar no leito. Era uma peça muito pequena, com o mobiliário indispensável; a cama de ferra estreita tinha apenas uma almofada de feltro à guisa de colchão. A um canto, sobre uma estante, perto dos ícones, repousavam a cruz e o *Evangelho*. O *stáriets* deixou–se cair, extenuado. Seus olhos brilhavam, resfolegava. Uma vez sentado olhou fixamente Aliócha, como se meditasse em alguma coisa.

— Vai, meu caro, vai, Porfíri me basta, apressa–te. Têm necessidade de ti em casa do Padre Abade, servirás à mesa.

— Permita–me ficar aqui — disse Aliócha, com voz suplicante.

— És mais necessário lá. A paz não reina ali. Servirás e vais ser útil. Vêm os maus espíritos, recita uma oração. Fica sabendo, meu filho (o *stáriets* gostava de chamá–lo assim), que no futuro teu lugar não será aqui. Lembra–te disto, rapaz. Assim que Deus me tiver julgado digno de comparecer perante ele, deixa o mosteiro. Parte imediatamente.

Aliócha estremeceu.

— Que tens? Teu lugar não é aqui no momento. Abençoo–te tendo em vista uma grande tarefa a cumprir no mundo. Peregrinarás muito tempo. Deverás casar, é preciso. Deverás suportar tudo até voltares. Haverá muito que fazer. Mas não duvido de ti. Eis por que te envio. Que o Cristo seja contigo! Guarda–O e Ele te guardará. Experimentarás uma grande dor e ao mesmo tempo serás feliz. Tal é tua vocação: procurar a felicidade na dor. Trabalha, trabalha sem cessar. Lembra–te de minhas palavras, doravante, porque vou me entreter ainda contigo, mas meus dias e mesmo minhas horas estão contados.

Viva agitação pintou–se no rosto de Aliócha. Seus lábios tremiam.

— Que tens de novo? — sorriu docemente o *stáriets*. — Que os mundanos chorem seus mortos; aqui nos regozijamos quando um padre agoniza. Nós nos rejubilamos e rezamos por ele. Deixa–me. Tenho de rezar. Vai, despacha–te. Fica junto de teus irmãos, e não somente junto de um, mas de ambos.

O *stáriets* ergueu a mão para abençoá–lo. Era impossível fazer objeções, muito embora Aliócha tivesse grande vontade de ficar. Queria também perguntar–lhe, estava mesmo com a pergunta nos lábios, o que significava aquela prosternação diante de seu irmão Dimítri, mas não ousou. Sabia que o próprio *stáriets* lhe teria explicado, se pudesse. Portanto, não queria. Ora, aquela saudação até o chão havia enchido Aliócha de grande espanto: havia naquilo um sentido misterioso. Misterioso e talvez terrível. Uma vez fora da cerca do eremitério, para chegar ao mosteiro no começo da refeição em casa do Padre Abade (devia servir à mesa), seu coração se fechou e teve de deter–se: parecia–lhe ouvir de novo as palavras do *stáriets* predizendo seu fim próximo. O que tinha predito o *stáriets* com tal exatidão devia cumprir–se sem nenhuma dúvida. Aliócha acreditava naquilo cegamente. Mas como ficaria sem ele, sem vê–lo, nem ouvi–lo? E aonde iria? Ordenavam–lhe que não chorasse e que deixasse o mosteiro. Senhor! Desde muito tempo Aliócha não sentia semelhante angústia. Atravessou rapidamente o bosque que separava o eremitério do mosteiro e, incapaz de suportar os pensamentos que o acabrunhavam, pôs–se a contemplar os pinheiros seculares que orlavam o caminho. O trajeto não era longo, quinhentos passos no máximo; não se podia encontrar ninguém àquela hora, mas à primeira volta avistou Rakítin. Este esperava alguém.

— Seria a mim que esperava? — perguntou Aliócha, quando o alcançou.

— Justamente — respondeu Rakítin, sorrindo. — Apressas–te em ir à casa do Padre Abade. Sei; oferece um jantar. Desde o dia em que recebeu o bispo e o General Parkhátov — lembras–te? — não houve jantar igual. Lá não estarei, mas tu vais para lá, servirás os pratos. Dize–me, Aliócha, que significa esse sonho? Queria perguntar–te.

— Que sonho?

— Mas aquela prosternação diante de teu irmão Dimítri Fiódorovitch. Bateu até com a cabeça no chão!

— Falas do Padre Zósima?

— Sim, dele.

— A testa?

— Ah! me exprimi com irreverência! Não tem importância. Pois bem, que significa aquele sonho?

— Ignoro, Micha, o que ele significa!

— Estava certo de que ele não o explicaria. Isto nada tem de espantoso, são sempre as mesmas santas frioleiras. Mas o truque foi jogado de propósito. Agora vão os beatos falar na cidade e espalhar na província: "Que significa esse sonho?". Na minha opinião, o velho é perspicaz; farejou um crime. Isso lá na tua casa está de feder.

— Que crime?

Rakítin queria evidentemente dizer alguma coisa.

— Será na tua família que ele ocorrerá, esse crime. Entre teus irmão e teu rico papai. Eis por que o Padre Zósima bateu com a testa para qualquer eventualidade. Depois, que acontecerá? "Ah! isto fora predito pelo santo eremita, ele profetizou." No entanto, que profecia há nisso de bater com a cabeça? Não, dirão, é um símbolo, uma alegoria, e Deus sabe o quê! Será divulgado e lembrado: ele adivinhou o crime, designou o criminoso. Os "inocentes" agem sempre assim; fazem sobre o botequim o sinal da cruz e atiram pedras no templo. Da mesma maneira o teu *stáriets*: para um sábio, pauladas, mas diante de um assassino curva a cabeça.

— Que crime? Diante de qual assassino? Que é que estás contando?

Aliócha ficou como que pregado no lugar. Rakítin também parou.

— Que crime? Como se não soubesse! Aposto que já pensaste nisso. A propósito, é curioso; escuta, Aliócha, tu dizes sempre a verdade, se bem que te assentes sempre entre duas cadeiras; pensaste nisso ou não? Responde.

— Pensei nisso — respondeu Aliócha em voz baixa. Rakítin perturbou–se.

— Como, também tu já pensaste nisso? — exclamou ele.

— Eu… não é que tenha pensado precisamente nisso — murmurou Aliócha –, mas acabas de falar tão estranhamente a esse respeito que me pareceu tê–lo pensado eu mesmo.

— Estás vendo? (E como o exprimiste claramente!) Estás vendo? Hoje, ao veres teu pai e teu irmão Mítia, pensaste em um crime. Portanto, não me engano.

— Espera, espera um pouco — interrompeu–o Aliócha, perturbado. — Donde tiras tudo isso? E, em primeiro lugar, por que isso te interessa tanto?

— Duas perguntas diferentes, mas naturais. Responderei a cada uma separadamente. Donde tiro tudo isso? De nenhuma parte o teria tirado, se não tivesse compreendido hoje Dimítri Fiódorovitch, teu irmão, dum relance e totalmente, tal como ele é, segundo certa linha. Entre essas pessoas muito honestas, mas sensuais, há uma linha que não se deve transpor. De outro modo, golpeará seu pai até mesmo com uma faca. Ora, seu pai é um bêbedo e debochado desenfreado, que jamais conheceu a medida em coisa alguma; nenhum dos dois se conterá, e pronto, eis todos dois no fosso.

— Não, Micha, se é só isso, reconfortas–me. Isso não chegará a esse ponto.

— Mas por que tremes tanto? Sabes por que? Ele pode ser um homem honesto, Mítia (é estúpido, mas honesto), apenas é um sensual. Eis sua definição e o fundo de sua natureza. Foi seu pai quem lhe transmitiu sua abjeta sensualidade. A respeito de ti, somente, Aliócha, é que me espanto; como se dá que sejas virgem? És, no

entanto, um Karamázov! Na família de vocês, a sensualidade chega até o frenesi. Ora, esses três seres sensuais espiam–se agora… de faca no bolso. Três deram cabeçadas, podes ser o quarto.

— Enganas–te certamente a respeito daquela mulher. Dimítri a… despreza — disse Aliócha, fremente.

— Grúchenhka?[21] Não, irmão, ele não a despreza. Já que abandonou publicamente sua noiva por causa dela, não a despreza. Aqui, irmão, aqui há qualquer coisa que não compreendes agora. Que um homem se apaixone por uma beldade qualquer, por um corpo de mulher, até mesmo somente por uma parte desse corpo (um voluptuoso me compreenderia imediatamente), entregará por causa dela seus próprios filhos, venderá pai e mãe, a Rússia e a pátria; honesto, irá roubar; manso, assassinará; fiel, trairá. O cantor dos pés femininos, Púchkin, celebrou–os em versos; outros não os cantam, mas não podem olhá–los a sangue–frio. Mas não há somente os pés… Aqui irmão, o desprezo é impotente. Ele despreza Grúchenhka, mas não pode destacar–se dela.

— Compreendo isso — disse, de repente, Aliócha.

— Deveras? E tu o compreendes, na verdade, para que o confesses desde a primeira palavra — declarou Rakítin com uma alegria maldosa. — Isso escapou–te por acaso. Nem por isso deixa a confissão de ser mais preciosa; por consequência, a sensualidade é para ti um assunto conhecido, já pensaste nela! Ah! o santinho! Tu és santo, Aliócha, convenho, mas és um santinho, e o diabo sabe em que é que já não pensaste, o diabo sabe o que já conheces! És virgem, mas já penetraste bastantes coisas, observo–te desde muito tempo. És tu mesmo um Karamázov, és um completo; portanto, a raça e a seleção significam alguma coisa, és sensual por teu pai e “inocente” por tua mãe. Por que tremes? Será verdade o que digo? Sabes? Grúchenhka me pediu: “Que venha aqui (isto é, tu) e eu lhe arrancarei a batina”. E como tivesse insistindo: “Que venha, que venha!”, disse a mim mesmo: por que ela está tão curiosa dele? sabes, ela também é uma mulher extraordinária!

— Vais lhe dizer que não irei, jura — disse Aliócha, com um

sorriso constrangido. — Acaba, Mikhail, o que começaste, em seguida te direi o que penso.

— Para que acabar? Tudo é claro. Tudo isso, irmão, é uma velha canção. Se tu mesmo tens um temperamento sensual, que será de teu irmão Ivan, filho da mesma mãe? Porque também ele é um Karamázov. Ora, a natureza dos Karamázovi se resume assim: sensuais, ávidos no ganho e malucos! Teu irmão Ivan distrai–se agora escrevendo artigos de teologia por um cálculo estúpido que se ignora, sendo ele próprio ateu, e confessa essa baixeza. Além disso, está a ponto de conquistar a noiva de seu irmão Mítia e parece perto de seu fim. De que maneira? Com o consentimento do próprio Mítia, porque este lhe cede a noiva com o único fim de se desembaraçar dela e ir juntar–se a Grúchenhka. E tudo isso não obstante sua nobreza e seu desinteresse, veja bem. Tais indivíduos são os mais fatais. Como entendê–los afinal? Tendo plena consciência de sua baixeza comportam–se baixamente. Escuta agora: um velho barra o caminho a Mítia, seu próprio pai. Porque este está loucamente apaixonado por Grúchenhka, fica com a boca cheia dágua somente ao vê–la. Foi unicamente por causa dela que provocou tal escândalo, somente porque Miúsov tinha ousado chamá–la de criatura depravada. Está mais amoroso do que um gato. Antes, ela estava somente a seu serviço para certos negócios equívocos e nas suas tavernas; agora, depois de a ter examinado bem ele percebeu que ela lhe agradava, encarniça–se atrás dela e faz–lhe propostas desonestas naturalmente; pois bem, o pai e o filho encontram–se nesta estrada. Mas Grúchenhka reserva–se, hesita ainda e mexe com os dois, examina qual é o mais vantajoso, porque se se pode arrancar muito dinheiro do pai, em compensação ele não se casará, talvez se torne avarento para o fim e fechará sua bolsa. Em semelhantes caso, Mítia também tem seu valor; não tem dinheiro mas pode casar. Sim, é capaz disso! Abandonará sua noiva, uma beldade incomparável, Katierina Ivânovna, rica, nobre, e filha de coronel, para se casar com Grúchenhka, outrora mantida por Samsónov, um velho comerciante, mujique depravado e prefeito da cidade. De tudo isso, podem verdadeiramente resultar um conflito e um crime. Ora, é o que espera teu irmão Ivan. Assim ele dá um golpe duplo: toma posse de Katierina Ivânovna, pela qual morre de amores, e se apropria de seu dote de sessenta mil rublos. Para um pobre–diabo

como ele, um pobretão, não é coisa de desdenhar, no começo. E nota bem! Não somente não ofenderá Mítia, mas este lhe será grato até a morte. Porque sei de boa fonte que, na última semana, achando–se Mítia embriagado num restaurante com ciganos, exclamou que era indigno dela. A própria Katierina Ivânovna acabará não repelindo um homem encantador como Ivan Fiódorovitch; já hesita entre eles. Mas como pode esse Ivan seduzir–vos para que estejais todos em êxtase diante dele? Ri–se de vós. Estou extasiado, diz ele, e festejo às vossas custas.

— Donde sabes tudo isso? Por que falas com tal segurança? — perguntou bruscamente Aliócha, franzindo o cenho.

— Mas por que me interrogas, temendo de antemão a resposta? Isto significa que reconheces que disse a verdade.

— Não gostas de Ivan. Ivan não se deixa seduzir pelo dinheiro.

— Deveras? E a beleza de Katierina Ivânovna? Não se trata somente de dinheiro, muito embora sessenta mil rublos sejam bastante atraentes.

— Ivan olha mais alto. Milhares de rublos não o deslumbrariam. Não é nem o dinheiro nem a tranquilidade que ele procura. Ivan procura talvez o sofrimento.

— Que sonho é esse ainda? Ah! vós outros… os nobres!

— Ora! Micha, sua alma é impetuosa. Seu espírito é cativo. Ele tem um grande pensamento ainda não resolvido. É daqueles que não tem necessidade de milhões, mas de resolver seu pensamento.

— É um plágio, Aliócha, parafraseias o teu *stáriets*. Ora! Ivan propôs–vos um enigma! — gritou com visível animosidade Rakítin, cujo rosto se alterou e cujos lábios se contraíram. — E um enigma estúpido, não há nele nada a adivinhar. Faze um pequeno esforço e compreenderás. Seu artigo é ridículo e inepto. Ouvi ainda há pouco sua absurda teoria: “Se não há imortalidade da alma, então não há virtude, o que quer dizer que tudo é permitido”. Lembras–te de como teu irmão Mítia gritou: “Lembrarei disso!”. É uma teoria sedutora para

os tratantes… Mas estou insultando, é uma estupidez… não os tratantes, mas os fanfarrões da escola com “uma profundeza de pensamento insolúvel”. É um falastraz e isto que dizer simplesmente no fundo: “Boné branco e branco boné”. Toda a sua teoria não passa duma infâmia! A humanidade encontra em si mesma a força de viver para a virtude, mesmo sem crer na imortalidade da alma! Tira–a do amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade…

Rakítin acalorara–se, tinha dificuldade em conter–se. Mas de repente parou, como se se lembrasse de alguma coisa.

— Pois bem, basta! — disse ele, com um sorriso ainda mais forçado. — Por que ris? Pensas que sou um casca–grossa?

— Não, nem mesmo tinha ideia de pensá–lo. És inteligente, mas… Deixemos isso. Sorri por estupidez. Compreendo que possas acalorar–te, Micha. Adivinhei pelo teu arrebatamento que tu mesmo não és indiferente para com Katierina Ivânovna. Há muito tempo que duvidava disso, irmão. Eis por que não gostas de Ivan. Tens ciúmes dele.

— E também do dinheiro dela? Vai até o fim.

— Não, não falarei do dinheiro, não quero ofender–te.

— Creio, porque o disseste, mas que o diabo vos leve, a ti e a teu irmão Ivan! Nenhum de vós compreende que, mesmo posta de parte Katierina Ivânovna, ele é muito pouco simpático. Que razão terei para gostar dele, com a breca! Ele me faz a honra de injuriar–me. Não terei o direito de retribuir–lhe?

— Jamais o ouvi dizer bem ou mal de ti. Não fala absolutamente de ti.

— Pois bem, contaram–me que anteontem, em casa de Katierina Ivânovna, disse boas de mim, tanto se interessava por este teu criado. Depois disso, ignoro qual irmão tem ciúme do outro. Ele achou bom insinuar que, se eu não desistir da carreira de *arkhimandrit* e não largar a batina num futuro bem próximo, partirei para Petersburgo, entrarei para uma grande revista na qualidade de crítico, escreverei

por uma dezena de anos e acabarei por tornar–me proprietário da revista. Então vou publicá-la com orientação liberal e ateia, com uma tintura socialista, certo verniz mesmo de socialismo, mas tomando minhas precauções, isto é, nadando entre duas águas e ludibriando os imbecis. Sempre segundo teu irmão, apesar dessa tintura de socialismo, colocarei minhas rendas em conta corrente, pondo–as no momento em circulação, sob a direção dum judeuzinho qualquer, até que eu consiga construir um grande imóvel em Petersburgo; meus escritórios ocuparão um andar e alugarei os outros. Designou mesmo o local da casa, perto da nova ponte de pedra que se projeta, parece entre a Litiéinaia Úlitsa e Vibórskaia Storoná…

— Ah! Micha, isto se realizará talvez de ponta a ponta! — exclamou Aliócha que não pode conter um riso jovial.

— E você também zomba, Alieksiéi Fiódorovitch?

— Não, não, estou brincando, desculpa–me. Pensava em outra coisa bem diversa. Mas, dize–me, quem pôde comunicar–te tais detalhes, de quem os terias sabido? Porque não estavas em casa de Katierina Ivânovna, quando ele falava de ti.

— É verdade, mas Dimítri Fiódorovitch ali se achava e ouvi–o repetir isso, isto é, escutei contra a minha vontade, oculto no quarto de dormir de Grúchenhka, donde não podia sair em sua presença.

— Ah! sim, esquecia–me de que é tua parenta.

— Minha parenta? Essa Gruchka seria minha parenta? — exclamou Rakítin, todo vermelho. — Perdeste a razão? Tens o cérebro desarranjado.

— Como? Não é tua parenta? Ouvi dizer isto.

— Onde pudeste ouvi–lo? Ah! Senhores Karamázovi, tomais ares de alta e velha nobreza, quando teu pai bancava o palhaço na mesa alheia e figurava por favor na cozinha. Admitamos, não passo de filho de pope, um vil plebeu, ao lado de vós, nobres, mas não me insulteis com tão alegre sem–cerimônia. Tenho também minha honra, Alieksiéi Fiódorovitch. Não posso ser parente de Gruchka, uma mulher pública,

compreende pois!

Rakítin estava violentamente superexcitado.

— Desculpa–me, pelo amor de Deus, não o teria nunca acreditado, aliás. Ela é de fato… uma mulher pública? — Aliócha ficou completamente rubro. — Repito, disseram–me mesmo que era tua parenta. Vais muitas vezes à casa dela e tu mesmo me disseste que não tinhas ligação com ela… Jamais teria acreditado que a desprezasses tanto! Ela merece mesmo isso?

— Se a frequento, tenho talvez minhas razões para isso, mas basta. Quanto ao parentesco, será antes teu irmão ou mesmo teu pai que a fará entrar na tua família e não na minha. Mas eis–nos chegados. Vai antes à cozinha… Ora! Que é que há? Que está acontecendo? Estaríamos atrasados? Mas não é possível que já tenham acabado de jantar! A menos que os Karamázovi não tenham feito das suas. Deve ser isto. Eis teu pai e Ivan Fiódorovitch que o segue. Fugiram da casa do Padre Abade. Eis o Padre Isídor no patamar a gritar alguma coisa na direção deles. E teu pai que grita agitando os braços. Decerto está descompondo. Eis Miúsov que parte de caleça, não o vês correr? O proprietário Maksímov corre; é um verdadeiro escândalo; o jantar não se realizou! Será que eles bateram no Padre Abade? Ou então foram surrados! Bem mereciam uma surra!…

Rakítin tinha razão de fazer essas exclamações. Ocorrera de fato um escândalo inaudito e inesperado. Tudo se passara “por inspiração do momento”.

## VIII / Um escândalo

Quando Miúsov e Ivan Fiódorovitch iam entrar em casa do Padre Abade, produziu–se em Piotr Alieksándrovitch — que era um homem educado — uma reviravolta delicada. Teve vergonha de sua cólera. Sentia em seu íntimo que teria devido estimar pelo seu justo valor o lamentável Fiódor Pávlovitch, conservar seu sangue–frio na cela do *stáriets*, e não perder a cabeça, como fora o caso. "Os monges não têm culpa nenhuma", decidiu ele de repente no patamar do Abade. "Ora, se há aqui pessoas decentes (o Padre Nikolai, o Abade, é, parece, da nobreza), por que não me mostrar para com eles delicado, amável e polido? Não discutirei, farei mesmo coro, conquistarei a simpatia deles pela minha amabilidade e… por fim, provarei que não sou o companheiro daquele Esopo,[22] daquele palhaço, daquele saltimbanco, e que fui metido nisso com eles todos…"

Resolveu ceder–lhes definitivamente os direitos de corte e pesca, de uma vez por todas, naquele dia mesmo — tanto mais que aquilo não tinha valor –, e de cessar os processos contra o mosteiro.

Todas essas boas intenções afirmaram–se ainda, quando entraram na sala de jantar do Padre Abade. Não era na verdade uma, porque não havia senão duas peças, aliás muito mais espaçosas e mais cômodas que as do *stáriets*. Mas o mobiliário não brilhava pelo conforto: os móveis eram de acaju, recobertos de couro à antiga moda de 1820, e até mesmo os soalhos não eram pintados. Em compensação, tudo rebrilhava de limpeza, havendo nas janelas muitas flores caras; mas a elegância principal residia naquele momento na mesa suntuosamente servida — relativamente, como era natural; a toalha era imaculada, a prataria cintilava; sobre a mesa três espécies de pão muito bem cozidos, duas garrafas de vinho, dois jarros de excelente hidromel do mosteiro e um garrafão cheio de *kvas* reputado das redondezas. Não havia vodca. Rakítin contou mais tarde que o jantar compreendia daquela vez cinco pratos: uma sopa de esturjão com bocados de peixe; depois um peixe cozido, preparado segundo uma receita especial e deliciosa; bolinhos de esturjão, gelados e compota, e por fim um prato de doce de batata em estilo de manjar

branco.

Rakítin havia farejado tudo isto, e, incapaz de conter–se, lançou uma olhadela à cozinha do Padre Abade, onde tinha conhecidos. Tinha–os por toda parte e ficava sabendo o que queria saber. Era um coração atormentado e invejoso. Tinha plena consciência de seus dons indiscutíveis; fazia mesmo deles, na sua presunção, uma ideia exagerada. Sabia–se destinado a desempenhar um papel, mas Aliócha, que lhe era muito ligado, afligia–se por ver seu amigo desprovido de consciência e não se aperceber disso. Rakítin, pelo contrário, sabendo que jamais roubaria dinheiro a seu alcance, estimava–se por isto como homem de perfeita honorabilidade. A este respeito nem Aliócha nem ninguém podia influir sobre ele.

Rakítin era um personagem por demais mesquinho para figurar na refeição; em compensação o Padre Iósif e o Padre Paísi tinham sido convidados, bem como um outro religioso. Eles aguardavam já na sala de jantar, quando entraram Piotr Alieksándrovitch, Kolgánov e Ivan Fiódorovitch. O proprietário de terras Maksímov mantinha–se à parte. O Padre Abade avançou para o meio da sala para acolher seus convidados. Era um velho grande e magro, mas ainda vigoroso, de cabelos negros já grisalhos, de rosto comprido, emaciado e grave. Cumprimentou seus hóspedes em silêncio e estes vieram por sua vez receber sua benção. Miúsov tentou mesmo beijar–lhe a mão, mas o Abade preveniu seu gesto, retirando–a. Ivan Fiódorovitch e Kolgánov foram até ao extremo, fazendo estalar os lábios à maneira da gente do povo.

— Devemos apresentar–vos todas as nossas desculpas, meu Reverando Padre — começou Piotr Alieksándrovitch, com um gracioso sorriso, mas num tom grave e respeitoso –, porque chegamos sozinhos, sem nosso companheiro Fiódor Pávlovitch, que convidastes; teve de renunciar a acompanhar–nos e não sem motivo. Na cela do reverendo Padre Zózima, arrebatado por sua infeliz querela com seu filho, pronunciou algumas palavras bastante fora de propósito… em suma, bastante inconvenientes… do que Vossa Reverendíssima deve ter tido já conhecimento (olhou para os religiosos). Assim, cônscio de sua falta e deplorando–a sinceramente, ele experimentou uma vergonha invencível e nos rogou, a seu filho Ivan e a mim, que vos

exprimíssemos seu sincero pesar, sua contrição e seu arrependimento… Em suma, espera e quer tudo reparar mais tarde, e agora, pedindo vossa benção, roga–vos que esqueçais o que se passou…

Miúsov calou–se. Tendo chegado ao fim de sua tirada, ficou perfeitamente satisfeito consigo mesmo, a ponto de esquecer completamente sua recente irritação. Experimentava de novo sincero e vivo amor pela humanidade. O Padre Abade, que o tinha escutado gravemente, inclinou a cabeça e respondeu:

— Lamento vivamente sua ausência. Participando desta refeição, talvez tivesse tomado afeição por nós, o mesmo acontecendo de nossa parte. Senhores, queiram tomar lugares.

Colocou–se diante da imagem e começou uma oração. Todos inclinaram–se respeitosamente e o proprietário Maksímov colocou–se mesmo na frente de mãos juntas, em sinal de particular veneração.

E foi então que Fiódor Pávlovitch fez mais uma das suas. Deve–se notar que ele de fato tivera a intenção de partir e compreendera a impossibilidade, depois de seu vergonhoso procedimento em casa do *stáriets*, de ir jantar em casa do Padre Abade, como se nada tivesse acontecido. Não que se sentisse tão envergonhado assim e fizesse censuras a si mesmo; talvez mesmo muito pelo contrário; no entanto, sentia a inconveniência de ir jantar. Mas assim que a caleça de molas gementes chegou ao patamar da hospedaria, ele parou antes de nela subir. Lembrou–se de suas próprias palavras em casa de *stáriets*. “Parece–me sempre, ao entrar em alguma parte, que sou mais vil que todos e que todos me tomam por um palhaço. Então digo a mim mesmo: sejamos verdadeiramente o palhaço, porque todos, até o derradeiro de vós, sois mais estúpidos e mais vis do que eu.” Queria vingar–se em todo mundo de suas próprias vilanias. Lembrou–se, de repente, a esse propósito, de como outrora lhe haviam perguntado uma vez: “Por que detesta tanto tal pessoa?”. E respondera então, num acesso de bufonesco descaramento: “Ela não me fez nada, é verdade, mas eu lhe preguei uma má peça e logo depois comecei a detestá–la”. A esta lembrança, sorriu maldosa e silenciosamente numa hesitação de um minuto. Seus olhos cintilaram e seus lábios tremeram. “Já que

comecei, é preciso ir até o fim”, decidiu ele, bruscamente. Naquele instante, seria possível exprimir assim seu sentimento mais íntimo: “É agora impossível reabilitar–me, então zombemos deles até a impudência: não tenho vergonha diante de vós, e eis tudo!”. Ordenou ao cocheiro que esperasse e voltou a grandes passadas para o mosteiro, diretamente para a casa do Padre Abade. Não sabia ainda o que faria, mas sabia que não mais se dominava, que o menor impulso o impeliria aos derradeiros limites de alguma indignidade, mas somente uma indignidade, e não algum delito ou algum ataque tal que o levasse perante a justiça. Neste último caso, sabia sempre conter–se e se admirava mesmo disso por vezes. Apareceu na sala de jantar do Abade, quando todos iam sentar–se à mesa depois da oração. Parou na soleira, examinou as pessoas presentes, fitando–as diretamente no rosto, e explodiu numa risada prolongada e impudente.

— Pensavam que eu tinha partido e eis–me aqui! — gritou ele com voz retumbante.

Os presentes olharam–no um instante em silêncio e de súbito todos sentiram que iria passar–se uma cena repugnante e que um escândalo era inevitável. Piotr Alieksándrovitch passou bruscamente da quietude ao pior mau–humor. Sua cólera extinta reacendeu–se, sua indignação acalmada trovejou de repente.

— Não! Não posso suportar isso! — berrou. — Não sou capaz, não sou absolutamente capaz!

O sangue subia–lhe à cabeça. Atrapalhava–se, mas não se tratava de fazer estilo e pegou seu chapéu.

— De que ele não é capaz? — exclamou Fiódor Pávlovitch. — Devo entrar ou não, pergunto a Vossa Reverendíssima? Aceita–me como convidado?

— Rogamos–lhe de todo o coração — respondeu o Padre Abade. — Senhores! Permito–me — acrescentou ele — rogar–vos com insistência que deixeis em repouso vossas querelas fortuitas, que vos reunais no amor e na união fraternal, implorando ao Senhor, no nosso pacífico jantar…

— Não, não, é impossível — gritou Piotr Alieksándrovitch, fora de si.

— Ora, se é impossível a Piotr Alieksándrovitch, também o é a mim, e não ficarei. Por isso é que vim. Estarei agora em toda parte com o senhor, Piotr Alieksándrovitch: o senhor irá embora e eu também; o senhor ficará e eu também ficarei. O senhor feriu–o acima de tudo ao falar em união fraternal, Padre Abade; ele não quer confessar–se meu parente. Não é, von Sohn? Ei–lo aqui, von Sohn. Bom dia, von Sohn.

— É a mim que…? — murmurou estupefato o proprietário Maksímov.

— Naturalmente, a ti. Sabe Vossa Reverendíssima quem é von Sohn? Foi caso num processo criminal: mataram-no num lupanar — é assim que chamais, creio, esses lugares –, mataram–no e despojaram–no e, malgrado sua idade respeitável, meteram–no num caixote e expediram–no de Petersburgo para Moscou, no furgão das bagagens, com uma etiqueta. E durante a operação, as mulheres do bordel cantavam canções e tocavam harpa, isto é, piano. Pois aí tem os senhores, esse personagem é von Sohn. Ressuscitou dentre os mortos, não é, von Sohn?

— Que é isso? Como? — ressoaram vozes no grupo dos religiosos.

— Partamos! — gritou Piotr Alieksándrovitch, dirigindo–se a Kolgánov.

— Não, com licença! — atalhou Fiódor Pávlovitch, dando mais um passo para dentro da sala. — Deixem–me acabar. Lá, na cela do *stáriets*, os senhores me censuraram por haver supostamente faltado ao respeito falando dos cadozes. Piotr Alieksándrovitc Miúsov, meu parente, gosta de que haja no discurso *plus de noblesse que de sincérité*;[23] eu, pelo contrário, gosto de que meu discurso tenha *plus de sincérité que de noblesse* e tanto pior para a *noblesse*. Não é, von Sohn? Permita–me, Padre Abade, ainda que eu seja um palhaço e mantenha esse papel, sou um cavalheiro de honra e quero demonstrá–lo. Sim, sou um cavalheiro de honra, ao passo que Piotr Alieksándrovitch só tem… um arraigado amor–próprio e nada mais. Vim aqui talvez, ainda

há pouco, para ver e explicar–me. Meu filho Alieksiéi procura aqui sua salvação; sou pai, preocupo–me com sua sorte e isto é o meu dever. Enquanto me oferecia em espetáculo, escutava tudo, olhava tudo sem ter ar de o fazer, e agora quero oferecer–lhes o derradeiro ato da representação. Que se passa entre nós? Entre nós, o que cai fica estendido. Uma vez caído, caído fica por todos os séculos. É verdade! Mas não, eu quero reerguer–me. Santos Padres, estou indignado pela vossa maneira de agir. A confissão é um grande sacramento que eu venero e diante do qual estou pronto a prosternar–me; ora, lá, na cela, todos se ajoelham e se confessam em voz alta. É permitido confessar–se em voz alta? Os Santos Padres instituíram a confissão auricular; apenas neste caso a confissão é um sacramento e isto desde toda a antiguidade. Ora, como eu explicaria, diante de toda gente que eu, por exemplo, eu… isto e aquilo, enfim, os senhores compreendem, não é? Por vezes é indecente falar. Não é um escândalo? Não, meus padres, convosco pode–se ser arrastado para a seita dos *khlisti*…[24] Na primeira ocasião, escreverei ao Sínodo e retirarei meu filho de vossa casa.

Uma explicação se faz precisa. Fiódor Pávlovitch ouvira cantar o galo, mas não sabia onde. Haviam corrido outrora boatos malévolos que chegaram aos ouvidos do bispo (não somente a propósito de nosso mosteiro, mas de outros), segundo os quais prestava–se aos *stártsi* um respeito exagerado, em prejuízo da dignidade do abade, abusando–se, entre outras coisas, do sacramento da confissão, etc. Acusações ineptas, que caíram por si mesmas, a seu tempo, entre nós e por toda parte. Mas o demônio, que se havia apoderado de Fiódor Pávlovitch e o arrebatava mais longe a um abismo de vergonha soprara–lhe essa acusação, da qual ele próprio não compreendia a primeira palavra. Aliás, não soubera formulá–la convenientemente, tanto mais que desta vez, na cela do *stáriets*, ninguém se havia ajoelhado nem se confessado em voz alta. Fiódor Pávlovitch não pudera pois ver nada de semelhante e baseava–se unicamente nos antigos boatos e comadrices de que se lembrava mais ou menos. Mas, tendo lançado essa tolice, sentiu–lhe o absurdo e quis logo provar a seus auditores, e sobretudo a si mesmo, que nada havia dito de absurdo. E, muito embora soubesse perfeitamente que tudo quanto diria não faria senão agravar aquele absurdo, não pôde conter–se e escorregou como sobre uma ladeira.

— Que baixeza! — gritou Piotr Alieksándrovitch.

— Desculpe — disse de repente o Padre Abade. — Foi dito outrora: “Começaram a falar muito de mim e mesmo a falar mal. Depois de ter escutado tudo, digo a mim mesmo: é um remédio enviado por Jesus para curar minha alma vaidosa”. Deste modo nós lhe agradecemos humildemente, caríssimo hóspede.

E fez uma profunda saudação a Fiódor Pávlovitch.

— Ora, ora, ora. Beatice tudo isso. Velhas frases e velhos gestos. Velhas mentiras e formalismo das saudações até o chão! Nós conhecemos essas saudações! “Um beijo nos lábios e um punhal no coração”, como em *Os bandidos*, de Schiller. Não gosto da falsidade, meus padres, quero a verdade. Mas a verdade não está nos cadozes e eu a proclamei! Monges, por que jejuais? Porque esperais uma recompensa nos céus! Então, para tal recompensa, também eu irei jejuar! Não, santo monge, sê virtuoso na vida, serve a sociedade sem encerrar–te num mosteiro, onde és custeado de tudo e sem esperar recompensa lá em cima. Eis o que será mais difícil. Sei também fazer frases, Padre Abade. Que prepararam eles? — continuou ele aproximando–se da mesa. — Vinho velho do Porto, Médoc,[25] da casa dos irmãos Elissiéievi.[26] Ah! Meus padres, isto já não se parece com os cadozes. Vejam–se essas garrafas, ah! ah! Mas quem vos arranjou tudo isto? É o mujique russo, o trabalhador que vos traz sua oferta ganha com suas mãos calosas, arrebatada à sua família e às necessidades do Estado! Reverendos padres, vós explorais o povo!

— É na verdade indigno de sua parte — proferiu o Padre Iósif.

O Padre Pási mantinha um silêncio obstinado. Miúsov lançou–se para fora da sala acompanhado por Kolgánov.

— Pois bem, meus padres, eu sigo Piotr Alieksándrovitch! Não voltarei mais, ainda que me pedísseis de joelhos, nunca mais. Enviei–vos mil rublos e vós arregalastes os olhos, ah! ah! Mas não acrescentarei nada. Vingo minha juventude passada e as humilhações sofridas. — Deu um murro sobre a mesa, num acesso de indignação fingida. — Este mosteiro desempenhou uma grande papel na minha vida! Quantas lágrimas amargas verti por causa dele! Vós virastes

contra mim minha mulher, a endemoniada. Cumulastes–me de maldições, desacreditastes–me na vizinhança! É demais, meus padres, nós vivemos numa época liberal, no século dos barcos a vapor e dos caminhos de ferro. Vós não tereis nada de mim, nem mil rublos, nem cem, nem um.

Explico de novo. Jamais o nosso mosteiro tivera tal lugar na vida dele e não o fizera verter lágrimas amargas, mas ele se havia de tal modo deixado levar por essas lágrimas imaginárias que esteve um momento quase a ponto de acreditar nelas; teria chorado de enternecimento, mas sentiu logo que era tempo de dar marcha à ré. Diante de sua odiosa mentira, o Padre Abade inclinou a cabeça e declarou de novo num tom grave.

— Está de novo escrito: “Suporta pacientemente a calúnia de que és vítima e não te perturbes, nem aborreças aquele que é o autor dela”. Agiremos de conformidade com isto.

— Ora, ora, ora, o belo palavreado! Continuai, meus padres, eu vou–me embora. Retomarei definitivamente meu filho Alieksiéi, em virtude de minha autoridade paterna. Ivan Fiódorovitch, meu respeitosíssimo filho, permita–me que lhe ordene que me siga! Von Sohn, de que serve ficar aqui! Vem à minha casa, na cidade. Ninguém se aborrece em minha casa. Fica a uma versta daqui quando muito; em lugar de óleo de linhaça, darei um leitão recheado de trigo mourisco; jantaremos, oferecerei conhaque, depois licores, há uma bonita mulher… Ah! Von Sohn, não deixes passar tua felicidade!

Saiu gritando e gesticulando. Foi nesse momento que Rakítin o avistou e apontou–o a Aliócha.

— Alieksiéi — gritou–lhe seu pai, de longe –, vem hoje instalar–te em minha casa definitivamente, pega teu travesseiro, teu colchão e que nada teu fique aqui.

Aliócha parou como que petrificado, observando atentamente aquela cena, sem dizer uma palavra. Fiódor Pávlovitch subiu à caleça, seguido de Ivan Fiódorovitch, silencioso e sombrio, que nem mesmo se voltou para cumprimentar Aliócha. Mas passou–se então uma cena de saltimbanco, quase inverossímil, para coroamento de tudo. De

repente, apareceu perto do estribo o proprietário rural Maksímov. Corria sem fôlego, para chegar a tempo. Tal era sua pressa que, na sua impaciência, colocou uma perna no estribo onde se encontrava ainda a de Ivan Fiódorovitch e, agarrando–se ao assento, tentou subir.

— Eu também o sigo! — gritou ele, saltitando, com um riso alegre, um ar de beatitude e pronto a tudo. — Leve–me com o senhor!

— Pois é, não dizia eu, que era von Sohn? — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado. — O verdadeiro von Sohn ressuscitado dentre os mortos! Como saíste de lá? Que é que fabricavas lá e como pudeste renunciar ao jantar? Porque é preciso ter testa de bronze! Eu tenho uma testa assim, mas a tua me causa admiração, camarada. Salta, salta mais depressa. Deixa–o subir, Vânia, a gente se divertirá. Que se estenda aí, a nossos pés, ouviu, com Sohn? Ou então vamos instalá–lo na boleia com o cocheiro! Salta na boleia, von Sohn.

Mas Ivan Fiódorovitch, que já tomara lugar, sem dizer palavra, repeliu, com um forte empurrão no peito, Maksímov, que recuou uns dois metros. Se não caiu, foi mero acaso.

— A caminho! — gritou, com raiva, ao cocheiro, Ivan Fiódorovitch.

— Como! Que fazes, que fazes? Por que tratá–lo assim? — objetou Fiódor Pávlovitch, mas a caleça já havia partido. Ivan Fiódorovitch não respondeu nada.

— Só se vendo como és! — continuou Fiódor Pávlovitch, após um silêncio de dois minutos, olhando seu filho de través. — Porque foste tu que imaginaste essa visita ao mosteiro, que a provocaste a aprovaste. Por que te zangas agora?

— Basta de dizer estupidezas! Repouse um pouco pelo menos, agora — replicou num tom rude Ivan Fiódorovitch. Fiódor Pávlovitch calou–se ainda dois minutos.

— Seria bom agora beber conhaque — observou ele, sentenciosamente. Mas Ivan Fiódorovitch nada respondeu.

— Quando chegarmos, beberás também?

Ivan Fiódorovitch não pronunciava uma palavra sequer.

Fiódor Pávlovitch esperou ainda dois minutos.

–No entanto, retirarei Aliócha do mosteiro, se bem que isto lhe seja bastante desagradável, respeitoso “Karl von Moor”.

Ivan Fiódorovitch ergueu desdenhosamente os ombros, voltou–se e pôs–se a olhar a estrada. Não trocaram mais uma palavra até a casa.

# Livro III / Os sensuais

## I / Na antecâmara

A casa de Fiódor Pávlovitch Karamázov estava situada bastante longe do centro da cidade mas não totalmente na periferia. Achava–se bastante deteriorada, mas tinha um exterior agradável; de um só andar, com um sótão, pintada de cinzento e de telhado vermelho de ferro. Aliás, podia durar ainda muito tempo, era espaçosa e confortável. Havia nela muitos corredores, recantos e escadas ocultas. Os ratos pululavam, mas Fiódor Pávlovitch não se inquietava muito com isto; “com eles as noites não são tão enfadonhas, quando se fica só!”. Tinha, com efeito, o hábito de mandar os criados passarem a noite no pavilhão e fechava–se ele mesmo na casa. Esse pavilhão, situado no pátio, era vasto e sólido. Fiódor Pávlovitch instalara ali a cozinha, embora houvesse uma na casa; não gostava dos odores de cozinha e traziam os pratos através do pátio, tanto no inverno quanto no verão. Essa casa fora construída para uma grande família e seria possível alojar nela cinco vezes mais senhores e criados. Mas, por ocasião de nossa narrativa, o corpo principal só era habitado por Fiódor Pávlovitch e seu filho Ivan, e o pavilhão da criadagem, somente por três criados: o velho Grigóri, sua mulher Marfa e o jovem criado Smierdiákov.[27] Teremos de falar mais detalhadamente desses três personagens. Já se tratou do velho Grigóri Vassílievitch Kutúzov. Era um homem firme e inflexível, indo a seu alvo com uma retitude obstinada, contanto que esse alvo se lhe oferecesse, em virtude de

quaisquer razões (muitas vezes espantosamente ilógicas), como uma verdade infalível. Numa palavra, era honesto e incorruptível. Sua mulher Marfa Ignátievna, se bem que cegamente submetida toda a sua vida à vontade de seu marido, havia–o atormentado, logo depois da libertação dos servos, para deixar Fiódor Pávlovitch e ir estabelecer uma casinha de comércio em Moscou (tinham economias); mas então Grigóri decidiu, duma vez por todas, que sua mulher não tinha razão, todas as mulheres são sempre desleais. Não deviam deixar seu antigo senhor, qualquer que ele fosse, "porque era o dever deles agora".

— Tu compreendes o que é o dever? — perguntou a Marfa Ignátievna.

— Compreendo, Grigóri Vássilievitch, mas em que é dever nosso ficar aqui? Eis o que não compreendo absolutamente — respondeu com firmeza Marfa Ignátievna.

— Que o compreendas ou não, será assim! Doravante, cala–te.

Foi o que aconteceu; ficaram, e Fiódor Pávlovitch lhes marcou modestos ordenados pagos regularmente. Mais ainda, sabia Grigóri que exercia sobre seu patrão uma influência incontestável. Ele o sentia e era justo; palhaço astucioso e obstinado, Fiódor Pávlovitch, de caráter muito firme "em certas coisas da vida", segundo sua expressão, era, para seu próprio espanto, pusilânime em algumas outras "coisas da vida". Ele próprio sabia quais e experimentava bastantes temores. Em certos casos era preciso manter–se de sobreaviso, não se podia passar sem um homem seguro; ora, Grigóri era de uma fidelidade a toda prova. Por várias vezes, no curso de sua carreira, Fiódor Pávlovitch correu o risco de ser batido, e até mesmo cruelmente, mas foi sempre Grigóri que o tirou de apuros, sem deixar de repreendê–lo todas as vezes. Mas os golpes somente não teriam amedrontado Fiódor Pávlovitch; havia casos mais salientes, por vezes mesmo bastante delicados e complicados, em que ele próprio teria sido incapaz de definir a necessidade extraordinária de alguém seguro e íntimo, que se apoderava bruscamente dele, sem que soubesse por quê. Eram quase casos patológicos: visceralmente corrompido e muitas vezes luxurioso até a crueldade, tal como um inseto malfazejo, Fiódor Pávlovitch, em minutos de embriaguez, sentia de súbito uma apreensão, uma

comoção moral, que tinham um contragolpe quase físico sobre sua alma. “Parece então que minha alma palpita na minha garganta”, dizia ele por vezes. Era naqueles momentos que gostava de ter a seu lado, no seu círculo imediato, um homem devotado, firme, não corrompido como ele e que, muito embora testemunha de seu mau procedimento e ao corrente de seus segredos, tolerasse tudo isso por devotamento, não se lhe opusesse e, sobretudo, não lhe fizesse censuras, não o ameaçasse com nenhum castigo, quer neste mundo, quer no outro, mas que o defendesse em caso de necessidade — contra quem? Contra algo desconhecido, mas temível e perigoso. Tratava–se de ter perto de si um outro homem, devotado de longa data, para chamá–lo, num minuto de angústia, somente a fim de contemplar seu rosto, trocar talvez algumas palavras, mesmo completamente estranhas: se o via de bom–humor, sentia–se aliviado, ao passo que a tristeza aumentava, se estava ele irritado. Acontecia (bastante raramente, aliás) a Fiódor Pávlovitch ir de noite ao pavilhão acordar Grigóri, para que ele fosse ficar um momento junto dele. Grigóri chegava, seu patrão falava a respeito de insignificantes bagatelas e o despedia em breve, por vezes mesmo com pilhérias e brincadeiras, depois metia–se na cama e dormia então o sono de um justo. Algo de análogo se passara por ocasião da chegada de Aliócha. Aliócha “traspassava o coração” de Fiódor Pávlovitch, porque “ouvia, via tudo e não censurava nada”. Mais ainda, trazia consigo algo de inaudito: a ausência completa de desprezo para com ele, velho; pelo contrário, uma afabilidade constante e um apego totalmente natural e sincero, quando ele merecia tão pouco. Tudo isto tinha sido, para o velho debochado sem família, uma surpresa completa, totalmente inesperada para ele que, até então, não havia amado senão a “sujeira”. Com a partida de Aliócha, teve de confessar a si mesmo que compreendera alguma coisa que não quisera compreender até então.

Já mencionei, no começo de minha narrativa, que Grigóri detestava Adelaida Ivânovna, a primeira mulher de Fiódor Pávlovitch e a mãe de seu primeiro filho, Dimítri, e que, ao contrário, defendera a segunda esposa dele, a possessa Sófia Ivânovna, contra seu próprio patrão e contra aqueles que tivessem tido a ideia de pronunciar a seu respeito uma palavra malévola ou sem consideração. Sua simpatia por aquela infeliz tornara–se alguma coisa de sagrado, a ponto de, vinte

anos depois, não suportar que ninguém fizesse uma alusão malévola a seu respeito sem imediatamente replicar ao ofensor. No seu aspecto exterior, Grigóri era um homem frio e grave, pouco falador, proferindo palavras ponderadas, isentas de frivolidades. À primeira vista, não se podia adivinhar se amava ou não sua mulher, doce e submissa, embora a amasse de verdade e ela o compreendesse sem dúvida. Essa Marfa Ignátievna, longe de ser estúpida, era talvez mais inteligente que seu marido, em todo o caso mais judiciosa nos negócios da vida; entretanto era–lhe cegamente submissa, desde o começo de seu casamento e respeitava–o sem contradição pela sua altitude moral. É preciso notar que trocavam muito poucas palavras, somente a propósito das coisas indispensáveis da vida corrente. O grave e majestoso Grigóri meditava sempre sozinho seus negócios e sua preocupações, de sorte que Marfa Ignátievna compreendera desde muito tempo que ele não tinha de modo algum necessidade de seus conselhos. Sentia que seu marido apreciava seu silêncio e via nisso uma prova de espírito. Ele nunca lhe batera, salvo uma vez, e não seriamente. No primeiro ano do casamento de Adelaida Ivânovna e de Fiódor Pávlovitch, no campo, as moças e as mulheres da aldeia, então ainda servas, tinham–se reunido no pátio dos patrões para dançar e cantar. Entoou–se a canção “Sobre o prado, sobre o prado”, e de súbito Marfa Ignátievna, que, então, era jovem, veio colocar–se diante do coro e executou a dança russa, não como as outras, à moda rústica, mas como a executava, quando era arrumadeira em casa dos ricos Miúsovi, no teatro da propriedade deles, onde um mestre de dança vindo de Moscou ensinava sua arte aos atores. Grigóri vira os passos de sua mulher e, uma hora depois, de volta à isbá, deu–lhe uma lição, puxando–lhe um pouco os cabelos. Mas os golpes se limitaram a isto e não se renovaram uma vez sequer em toda a vida deles; de resto, Marfa Ignátievna prometeu a si mesma não mais dançar dali por diante.

Deus não lhes havia dado filhos, exceto um que morreu. Via–se que Grigóri gostava de crianças, não o ocultava, aliás, isto é, não se envergonhava de mostrá–lo. Quando Adelaida Ivânovna fugiu, recolheu Dimítri Fiódorovitch, de três anos de idade, e tomou cuidado dele quase um ano inteiro, penteando–o e dando–lhe banho na gamela. Mais tarde, ocupou–se também com Ivan Fiódorovitch e

Alieksiéi, o que lhe valeu uma bofetada, mas já narrei tudo isto, seu próprio filho só o alegrou pela esperança da expectativa, quando Marfa Ignátievna estava grávida. Quando ele nasceu, foi tomado de pesar e de horror, porque aquele menino tinha seis dedos, vendo o quê, ficou Grigóri tão acabrunhado que não somente guardou silêncio até o dia do batizado, mas foi expressamente calar–se no jardim. Estava–se na primavera; durante três dias, ficou cavando na horta. Tendo chegado a hora do batizado, já havia Grigóri imaginado alguma coisa. Entrando na isbá, onde se haviam reunido o clero, os convidados e por fim Fiódor Pávlovitch, vindo na qualidade de padrinho, anunciou que "não se deveria de modo algum batizar o menino", isto em voz baixa, laconicamente, mal articulando uma palavra após a outra, fixando o padre com um ar idiota.

— Por que isto? — informou–se o padre com uma surpresa divertida.

— Porque é… um dragão… — murmurou Grigóri.

— Como um dragão, que dragão?

Grigóri calou–se algum tempo.

— Produziu–se uma confusão da natureza… — murmurou ele duma maneira bastante confusa, mas muito firme, e via–se que não desejava estender–se em palavras.

Houve risos e, bem entendido, o pobre menino foi batizado. Grigóri rezou com fervor perto das fontes batismais, mas persistiu na sua opinião a respeito do recém–nascido. De resto, não se opôs a nada; somente, durante as duas semanas que viveu esse menino doentio quase não olhou para ele; não queria mesmo vê–lo e ausentava–se frequentemente da isbá. Mas quando o bebê morreu de aftas ao fim de duas semanas, ele mesmo o pôs no caixão, contemplou–o com profunda angústia, e, uma vez enchida de terra a pequena cova, pôs–se de joelhos e prosternou–se até o chão. Posteriormente, durante muitos anos, não falou jamais de seu filho; por seu lado Marfa Ignátievna jamais fazia alusão a ele em sua presença e se lhe acontecia conversar com alguém a respeito de seu "filhinho", falava em voz baixa, muito embora Grigóri Vassílievitch não estivesse presente. De

acordo com a observação de Marfa Ignátievna, depois daquela morte ele se interessou de preferência pelo “divino”, leu as *Vidas dos santos*, a maior parte das vezes sozinho e em silêncio, pondo de cada vez seus grandes óculos redondos de prata. Lia raramente em voz alta, quando muito durante a Quaresma. Gostava extremamente do *Livro de Jó*, arranjara uma coletânea das palavras e sermões de “nosso santo Padre Isaak, o Sírio”,[28] que se obstinou em ler durante anos, quase sem nada compreender daquilo, mas por esta razão talvez apreciasse e amasse aquele livro acima de tudo. Nos últimos tempos, prestou ouvidos à doutrina dos *khlisti*, tendo tido a ocasião de aprofundá–la na vizinhança; ficou visivelmente abalado, mas não se decidiu a adotar a fé nova. Essas piedosas leituras tornavam naturalmente sua fisionomia ainda mais grave.

Talvez ele fosse inclinado ao misticismo. Ora, como fato expresso, a vinda ao mundo e a morte de seu filho de seis dedos coincidiram com outro caso bastante estranho, inesperado e original, que deixou em sua alma, como o disse ele, uma vez mais tarde, “uma marca”. Na noite que se seguiu ao enterro do bebê, tendo Marfa Ignátievna despertado, acreditou ouvir o choro de um recém–nascido. Ficou amedrontada e acordou seu marido. Este, prestando ouvido, notou que eram antes gemidos, “que pareciam de uma mulher”. Levantou–se, vestiu–se; era uma noite de maio bastante quente. Saiu para o patamar e verificou que os gemidos vinham do jardim. Mas, de noite, o jardim era fechado a chave do lado do pátio, e não se podia entrar nele senão por ali, dando volta a uma alta e sólida paliçada. Voltando para casa, Grigóri acendeu a lanterna, pegou a chave e, sem prestar atenção ao pavor histérico de sua mulher, persuadida de que era o choro de seu filho que a chamava, entrou em silêncio no jardim; ali, deu–se conta de que os gemidos partiam de sua sala de banhos, situada não longe da entrada, e que era, com efeito, uma mulher que gemia. Tendo aberto o banheiro, viu um espetáculo diante do qual permaneceu estupefato; uma idiota da cidade, que vagava pelas ruas e conhecida de toda a gente pelo nome de Lisavieta Smierdiáchtchaia, tendo penetrado no banheiro deles, acabava de ali dar à luz. O menino jazia ao lado dela que estava moribunda. Não dizia nada, pela simples razão de que não sabia falar. Mas tudo isto exige explicações.

## II / Lisavieta Smierdiáchtchaia[29]

Havia ali uma circunstância particular que impressionou profundamente Grigóri e acabou de fortificar nele uma suspeita desagradável e repugnante. Aquela Lisavieta Smierdiáchtchaia era uma moça de estatura muito pequena, “um pouco mais de dois *archini*”; assim se lembravam dela com enternecimento, após sua morte, bondosas velhas de nossa cidade. Seu rosto de vinte anos, sadio, largo, vermelho, era completamente idiota, o olhar fixo e desagradável, se bem que plácido. Tanto no inverno quanto no verão andava sempre de pés descalços, vestida apenas de uma camisa de cânhamo. Seus cabelos quase negros, extraordinariamente espessos, frisados como uma lã, amontoavam–se em sua cabeça à maneira de um enorme boné. Além disso estavam muitas vezes sujos de terra, de lama, entremeados de folhas, de raminhos, de cavacos, porque ela dormia sempre no chão e na lama. Seu pai, Iliá, pequeno burguês sem domicílio, arruinado e valetudinário, fortemente dado à bebida, permanecia desde muitos anos, na qualidade de operário, em casa dos mesmos senhores opulentos, igualmente burgueses de nossa cidade. A mãe de Lisavieta morrera desde muito tempo. Sempre doentio e mal–humorado, Iliá batia sem piedade em sua filha quando ela chegava em casa. Mas ali ia raramente, sendo acolhida por toda parte na cidade como uma débil mental sob a proteção de Deus. Os patrões de Iliá, o próprio Iliá e muitas pessoas caridosas, sobretudo entre os negociantes e as negociantes, tinham tentado por várias vezes vestir Lisavieta de uma maneira mais decente, fazendo–a usar no inverno uma peliça de carneiro e calçar botas; habitualmente sujeitava–se ela docilmente a isso, depois ia–se embora e, em alguma parte, de preferência sob o pórtico da igreja, despojava–se de tudo quanto lhe haviam dado — quer fosse um lenço, uma saia, uma peliça, botas –, abandonava tudo no lugar e lá se ia de pés descalços, vestida com sua camisa como antes. Aconteceu que um novo governador, inspecionando nossa cidade, sentiu–se ferido nos seus melhores sentimentos à vista de Lisavieta e, muito embora tivesse percebido que se tratava de uma inocente, como aliás o informaram, fez no entanto observar “que uma moça vagando em camisa infringia a decência e que aquilo devia cessar no futuro”. Mas, depois que o governador partiu, deixaram Lisavieta como era. Por fim, seu pai morreu, tornando–se ela mais

querida a todas as pessoas piedosas da cidade como órfã. Com efeito, todos pareciam amá–la; os próprios garotos não mexiam com ela nem a maltratavam; ora, entre nós, os garotos, sobretudo os colegiais, são uma raça agressiva. Ela entrava em casas desconhecidas e ninguém a expulsava; pelo contrário, todos a tratavam bem e lhe davam um meio copeque. As moedinhas que lhe davam, levava–as ela logo para metê–las em um tronco qualquer, na Igreja ou na prisão. Se recebia, no mercado, um sequilho ou um pãozinho, não deixava de fazer presente dele ao primeiro menino que encontrasse, ou então detinha uma de nossas damas mais ricas para oferecê-lo a ela; e esta o aceitava até mesmo com alegria. Ela própria não se nutria senão de pão preto e água. Entrava por vezes numa rica loja, sentava–se, tendo junto de si mercadorias de valor, dinheiro; jamais os proprietários desconfiavam dela, sabendo que não tomaria um copeque, mesmo se pusessem milhares de rublos a seu alcance e fossem esquecidos. Ia raramente à igreja, dormia sob os pórticos, ou num pomar qualquer, depois de ter pulado a cerca (ainda agora há entre nós muitas cercas em lugar de paliçadas). Ia geralmente uma vez por semana à casa dos patrões de seu defunto pai, no inverno todos os dias, mas somente à noite, que ela passava no vestíbulo ou no estábulo. Causava espanto que ela pudesse suportar tal existência, mas estava acostumada a ela; se bem que de pequena estatura, tinha uma constituição excepcionalmente robusta. Certas pessoas da sociedade achavam que ela fazia tudo isso unicamente por orgulho, mas não havia motivo para tal; ela não sabia dizer uma palavra, por vezes somente mexia a língua e resmungava; que tinha que ver com isso o orgulho? Ora, numa noite de setembro, clara e quente, em que a lua era cheia, a uma hora já bastante tardia para nossos hábitos, um bando de cinco ou seis farristas, embriagados, voltava do clube para suas casas pelo caminho mais curto. Dos dois lados, a ruela que eles seguiam era bordada por uma cerca por trás da qual se estendiam os pomares das casas ribeirinhas; terminava num passadiço lançado sobre o longo pântano infecto que se batiza por vezes entre nós com o nome de rio. Perto da cerca, entre as urtigas e as barbanas, o nosso grupo percebeu Lisavieta adormecida. Aqueles cavalheiros embriagados pararam perto dela, explodiram em risadas e puseram–se a pilheriar da maneira mais cínica. Um filho de família imaginou de repente uma questão totalmente excêntrica, a respeito de um assunto impossível. “Pode–se, disse ele, não importa quem, aceitar

um tal monstro como uma mulher, etc.” Todos decidiram, com nobre aversão, que não se podia. Mas Fiódor Pávlovitch, que fazia parte do bando, adiantou–se logo, declarou que se podia perfeitamente aceitá–la como mulher e que havia mesmo ali alguma coisa de picante no seu gênero, etc. Naquela época, ele deleitava-se com afetação no seu papel de palhaço, gostava de dar–se em espetáculo e divertir os ricos, como um verdadeiro farsante, malgrado a igualdade aparente. Com um crepe no chapéu, porque acabava de saber da morte de sua primeira mulher, levava então uma vida tão crapulosa que alguns, mesmo libertinos endurecidos, se sentiam constrangidos à sua vista. Aquela opinião paradoxal de Fiódor Pávlovitch provocou a hilariedade do bando; um deles começou mesmo a provocá–lo, os outros mostraram ainda mais aversão, mas sempre com uma viva alegria; por fim todos seguiram seu caminho. Posteriormente, jurou ele que se afastara com os outros; talvez dissesse a verdade, ninguém nunca soube de nada ao certo. Mas cinco ou seis meses mais tarde, a gravidez de Lisavieta excitava a indignação de toda a cidade e procurou–se descobrir quem pudera ultrajar a pobre criatura. Um boato terrível circulou em breve, acusando Fiódor Pávlovitch. Donde vinha ele? Do bando farrista não restava então na cidade senão um homem de idade madura, respeitável conselheiro de Estado, pai de filhas adultas, o qual nada teria contado, mesmo se alguma coisa tivesse acontecido; os outros tinham–se dispersado. Mas o boato persistente continuava a apontar Fiódor Pávlovitch. Ele não se deu por achado e desdenhou responder a lojistas e pequenos burgueses. Era orgulhoso então e não dirigia a palavra senão à sua sociedade de funcionários e de nobres, a quem tanto divertia. Foi então que Grigóri tomou energicamente o partido de seu amo; não somente defendeu–o contra qualquer insinuação, mas discutiu bastante calorosamente a esse respeito e conseguiu mudar a opinião de muitos. “A culpa é dela mesma, daquela criatura”, afirmava ele, e seu sedutor não era outro senão “Karp, o Parafuso” (assim se chamava um detento bastante perigoso, que se havia evadido da prisão da capital e se ocultara em nossa cidade). Esta conjetura pareceu plausível; foi lembrado que Karp vagueava por aquelas mesmas noites de outono e saqueara três pessoas. Mas essa aventura e esses rumores, longe de desviar as simpatias pela pobre idiota, valeram–lhe um redobramento de solicitude. Uma viúva bastante rica, a negociante Kondrátievna, decidiu recolhê–la em sua

casa, no fim de abril, para que ela ali desse à luz. Vigiavam–na severamente. Apesar de tudo, uma noite, no dia mesmo de seu parto, Lisavieta fugiu da casa de sua protetora e foi cair no jardim de Fiódor Pávlovitch. Como pudera ela, no seu estado, transpor uma paliçada tão alta? Isto permaneceu um enigma. Uns asseguravam que a haviam carregado, outros viam naquilo uma intervenção sobrenatural. Tudo leva a crer que aquilo se realizou de uma maneira engenhosa, mas natural, e que Lisavieta, habituada a penetrar através das sebes nos pomares, para neles passar a noite, trepou, apesar de seu estado, sobre a paliçada de Fiódor Pávlovitch, donde saltou, ferindo–se no jardim. Grigóri correu a buscar sua mulher para os primeiros cuidados; ele mesmo foi à procura de uma velha parteira que morava bem perto. Salvou–se o menino, mas Lisavieta morreu ao romper do dia. Grigóri pegou o recém–nascido, levou–o para o pavilhão e depositou–o sobre os joelhos de sua mulher: "Eis um filho de Deus, um órfão de que seremos os pais. É o pequeno morto que o envia a nós. Nasceu de um filho de Satanás e duma justa. Cria–o e não chores mais doravante". Foi assim que Marfa Ignátievna criou o menino. Foi batizado pelo nome de Páviel, ao qual toda a gente ajuntou, e eles também, Fiódorovitch como nome patronímico. Fiódor Pávlovitch não fez objeção e achou mesmo a coisa divertida, negando porém energicamente aquela paternidade. Aprovaram–no por ter recolhido o órfão. Mais tarde, deu–lhe como nome de família Smierdiákov, de acordo com o sobrenome da mãe dele, Smierdiáchtchaia. Ele servia a Fiódor Pávlovitch como segundo criado e vivia, no começo de nossa narrativa, no pavilhão, ao lado do velho Grigóri e da velha Marfa. Tinha o emprego de cozinheiro. Seria preciso consagrar–lhe um capítulo especial, mas tenho escrúpulo de reter por tanto tempo a atenção do leitor para simples criados e continuo esperando que se tratará muito naturalmente de Smierdiákov no curso da narrativa.

## III / Confissão de um coração ardente, em versos

Ouvindo a ordem que lhe gritava seu pai, da caleça, ao partir do mosteiro, ficou Aliócha algum tempo imóvel e bastante perplexo. Mas dominando sua perturbação, dirigiu–se logo à cozinha do Padre Abade, para procurar saber o que tinha feito Fiódor Pávlovitch. Depois pôs–se a caminho, esperando resolver, enquanto andava, um problema

que o atormentava. Vamos já declará-lo: os gritos de seu pai e a ordem de mudar–se, com travesseiros e colchão, não lhe inspiravam nenhum temor. Compreendia perfeitamente que aquela ordem, gritada entre gestos, fora dada “por pura excitação”, por assim dizer, e até mesmo para a galeria, à maneira daquele pequeno burguês que recentemente na sua cidade, tendo festejado demasiado seu aniversário e furioso porque não lhe davam mais vodca, pôs–se, diante de seus convidados, a quebrar sua própria louça, a rasgar suas roupas e as de sua mulher, a partir os móveis e as vidraças, tudo isso por pura exibição. No dia seguinte, naturalmente, o burguês desembriagado lamentava as xícaras e os pires quebrados. Aliócha sabia que o velho o deixaria seguramente voltar ao mosteiro no dia seguinte, talvez naquele mesmo dia. E mais, estava persuadido de que seu pai não ia querer jamais ofendê–lo, e que jamais ninguém no mundo, não somente não ia querer, mas também não poderia. Era para ele um axioma, admitido de uma vez por todas, e a este respeito caminhava tranquilo, sem a menor excitação.

Mas naquele momento, outro temor o agitava, duma espécie bem diversa, e tanto mais penoso quanto ele mesmo não seria capaz de definir, o temor de uma mulher, daquela Katierina Ivânovna, que insistia tanto, na sua carta entregue de manhã pela Senhora Khokhlakova, para que fosse vê–la. Esse pedido e a necessidade de a ele obedecer causavam–lhe uma impressão dolorosa, que, durante toda a tarde, não fez senão agravar–se, apesar das cenas e das aventuras que se haviam desenrolado no mosteiro, etc. Seu temor não provinha de ele ignorar o que ela lhe diria e o que ele lhe responderia. Não era tampouco a mulher que ele temia nela; decerto, conhecia pouco as mulheres, mas não tinha, no entanto, vivido senão com elas, desde sua tenra infância até sua chegada ao mosteiro. Temia aquela mulher, precisamente Katierina Ivânovna, e isto desde sua primeira entrevista. Ora, ele a havia encontrado duas ou três vezes no máximo e trocado por acaso algumas palavras com ela. Lembrava–se dela como de uma bela moça, altiva e imperiosa. Não era sua beleza que o atormentava, mas algo de diferente, e sua impotência em explicar o medo que ela lhe inspirava aumentava esse medo. O fim que a jovem tinha em vista era dos mais nobres, ele o sabia: esforçava–se por salvar Dimítri, culpado para com ela, e só agia por generosidade. Pois

bem, apesar de sua admiração por esses nobres sentimentos, percorria–lhe o corpo um arrepio, à medida que se aproximava da casa dela.

Deu–se conta de que não encontraria em sua companhia Ivan, seu íntimo, retido então certamente por seu pai. Quanto a Dimítri, não podia tampouco estar em casa de Katierina Ivânovna, e ele pressentia a razão disso. A conversa entre ambos ocorreria, pois, a sós, mas antes Aliócha desejava ver Dimítri e, sem mostrar–lhe a carta, trocar com ele algumas palavras. Ora, Dimítri morava longe e não estaria sem dúvida em sua casa naquele momento. Tendo parado um minuto, decidiu–se por fim. Depois de um sinal da cruz apressado, sorriu misteriosamente e dirigiu–se, resoluto, para a terrível pessoa.

Conhecia–lhe a casa. Mas se tivesse de passar pela Rua Grande, depois atravessando a praça, etc., seria bastante distante. Sem ser grande, nossa cidade é muito dispersa e as distâncias consideráveis. Além do mais seu pai o esperava; lembrava–se talvez da ordem que lhe dera e era capaz de fazer das suas. Era preciso pois apressar–se para chegar a tempo. Em virtude dessas considerações, resolveu Aliócha abreviar o caminho tomando por atalhos; conhecia todos aqueles becos como seu bolso. Por atalhos significava quase com caminhos traçados costear tapumes desertos, transpor por vezes cercas particulares, atravessar pátios onde aliás todos o conheciam e o cumprimentavam. Podia assim alcançar a Rua Grande em duas vezes menos tempo. Em certo lugar, teve de passar bem perto da casa paterna, precisamente ao lado do jardim contíguo ao deles, que dependia de uma casinha de quatro janelas arruinada e inclinada para o lado. A proprietária dessa casinha era, como Aliócha sabia, uma pequena burguesa da cidade, velha inválida, que vivia com sua filha, antiga arrumadeira na capital, recentemente ainda a serviço em casa de generais, tendo voltado para casa, havia um ano, por causa da doença de sua mãe e exibindo–se com vestidos elegantes. Essas duas mulheres tinham no entanto caído em profunda miséria e iam mesmo todos os dias, como vizinhas, procurar pão e sopa na cozinha de Fiódor Pávlovitch. Marfa Ignátievna fazia–lhes boa acolhida. Mas a filha, embora indo procurar sopa, não vendera nenhum de seus vestidos; um deles tinha mesmo uma cauda bastante comprida.

Aliócha soubera desse detalhe, completamente por acaso, de boca de seu amigo Rakítin, ao qual nada escapava do que se passava na cidadezinha; é certo, porém, que o esquecera logo. Ao chegar diante do jardim da vizinha, lembrou–se daquela cauda, ergueu rapidamente sua cabeça curvada, pensativa, e… teve de súbito o encontro mais inesperado.

Por trás da cerca, de pé sobre um montículo e visível até o peito, seu irmão Dimítri fazia–lhe sinais, chamava–o com grandes gestos, evitando não somente gritar, mas até mesmo dizer uma palavra, com medo de ser ouvido. Aliócha correu para a cerca.

— Por felicidade levantaste os olhos, senão teria sido obrigado a gritar — cochichou jovialmente Dimítri Fiódorovitch. — Pula esta cerca, depressa! Como chegas a propósito! Pensava em ti…

Aliócha não estava menos contente, embaraçado apenas por ter de pular a cerca. Mas Mítia, com sua mão de atleta, ergue–o pelo cotovelo e o ajudou a saltar, o que ele fez, de batina arrepanhada, com a agilidade de um garoto.

— E agora, em frente, marcha! — murmurou Mítia, num transporte de alegria.

— Mas para onde? — perguntou do mesmo modo Aliócha, olhando por todos os lados e vendo–se num jardim deserto, onde não havia ninguém senão eles. O jardim era pequeno, mas a casa encontrava–se a cinquenta passos pelo menos. — Não há ninguém aqui. Por que falamos em voz baixa?

— Por que? Que o diabo me carregue! — exclamou de súbito Dimítri Fiódorovitch a plena voz. — Que adianta falar em voz baixa? Vês tu mesmo como se pode ser absurdo. Estou aqui para espionar um segredo. As explicações virão depois, mas, sob a impressão do mistério, pus–me a falar misteriosamente, a cochichar como um tolo, sem razão. Vamos! Vem e cala–te. Mas quero beijar–te.

Glória ao Eterno sobre a terra.
Glória ao Eterno em mim…

Eis o que eu repetia ainda há pouco, sentado no jardim, naquele lugar…

O jardim de cerca de uma *diesiatina* estava todo cercado de árvores ao longo de seu recinto: pereiras, bordos, tílias, bétulas. O centro formava uma espécie de pequeno prado onde se recolhia feno, no verão. A proprietária alugava aquele jardim desde a primavera por alguns rublos. Havia pés de framboesas, groselhas de várias espécies, igualmente perto das cercas; a horta, cultivada desde pouco tempo, achava–se perto da casa. Dimítri conduziu seu irmão para o canto mais afastado do jardim. Ali, entre as tílias muito próximas e velhas moitas de groselheiras e de sabugueiros, de bolas–de–neve e de lilás, avistavam–se as ruínas de um antigo pavilhão verde, enegrecido e empenado, de paredes com claraboia, mas ainda coberto e onde a gente podia abrigar–se da chuva. Segundo a tradição, esse pavilhão fora construído, havia cinquenta anos, por um antigo proprietário, Alieksandr Kárlovitch von Schmidt, tenente–coronel reformado. Tudo caía em poeira, o soalho estava podre, as tábuas balançavam, a madeira tresandava umidade. Havia uma mesa de madeira pintada de verde, enterrada no chão, cercada de bancos que ainda podiam servir. Aliócha notara o entusiasmo de seu irmão; ao entrar no pavilhão, viu sobre a mesa uma meia garrafa de conhaque e um copinho.

— É conhaque! — disse Mítia, com uma explosão de riso. — Vais pensar: “Ele continua bebendo”. Não te fies nas aparências.

> Na gente mentirosa e vã, não creias,
> Às tuas suspeitas renuncia…[30]

Eu não me embriago, “beberrico”, como diz aquele porco do Rakítin, teu amigo, e o dirá ainda, mesmo quando tornar–se conselheiro de Estado. Senta–te, Aliócha; gostaria de apertar–te em meus braços, de esmagar–te, porque, no mundo inteiro, crê–me, na verdade, na ver–da–de, não amo senão a ti!

Pronunciou as derradeiras palavras numa espécie de frenesi.

— A ti e também a uma debochada pela qual me embeicei, para desgraça minha. Mas embeiçar–se não é amar. A gente pode embeiçar–se e odiar. Lembra–te disto. Até aqui, falo alegremente.

Senta–te à mesa, perto de mim, para que te veja. Tu me escutarás em silêncio e direi tudo, porque o momento de falar chegou. Mas fica sabendo, refleti, é preciso falar verdadeiramente baixo porque aqui… há talvez orelhas às escutas. Saberás tudo, disse: a continuação virá. Por que eu tinha tamanha vontade de ver–te, desde cinco dias que aqui estou e ainda há pouco? É que tu me és necessário… é que a ti somente direi tudo… é que amanhã uma vida acaba e outra começa para mim. Já experimentaste alguma vez em sonho a sensação de rolar num precipício? Pois bem, agora caio realmente. Oh! não tenho medo e tu também não. Isto é, sim, tenho medo, mas é um medo suave, ou antes, embriaguez… E depois, para o diabo! Que importa! Espírito forte, espírito fraco, espírito de mulher, que importa? Louvemos a natureza! Vê que belo sol, que céu puro, por toda parte folhagens verdes; é na verdade ainda o verão. Estamos às quatro horas da tarde, está tudo calmo!… Aonde ias?

— Ia à casa de meu pai e queria ver, de passagem, Katierina.

— À casa dela e à casa de papai? Que coincidência! Pois, por que te chamei, por que te desejava do fundo do coração, com todas as fibras de meu ser? Precisamente para mandar–te à casa de papai, depois à casa dela, a fim de acabar isso de uma vez com um e com outra. Enviar um anjo! Teria podido enviar não importa quem, mas era–me preciso um anjo. E eis que tu mesmo ias para lá!

— É mesmo? Querias mandar–me lá? — perguntou Aliócha, com uma expressão dolorosa.

— Espera, tu o sabias. Vejo que compreendeste tudo; mas cala–te. Não me lamentes, não chores!

Dimítri levantou–se, com ar meditativo:

— Foi ela quem te chamou; deve ter–te escrito, senão não irias…

— Aqui está seu bilhete… — Aliócha tirou–o de seu bolso. Mítia leu–o rapidamente.

— E tomavas o caminho mais curto! Ó deuses! Agradeço–vos o tê–lo dirigido para este lado e trazido para mim, tal como o peixinho

de ouro que foi cair nas mãos do velho pescador, segundo o conto.[31] Escuta, Aliócha, escuta meu irmão. Agora, resolvi dizer tudo. É preciso que me expanda, afinal! Depois de ter–me confessado a um anjo do céu, vou confessar–me a um anjo da terra. Porque és um anjo. Tu me escutarás e me perdoarás… Tenho necessidade de ser absolvido por um ser mais nobre do que eu. Escuta, pois. Suponhamos que duas criaturas se libertem das servidões terrestres e planem numa região superior, uma delas, pelo menos. Que esta, antes de voar ou desaparecer, se aproxima da outra e lhe diga: "Faze por mim isto ou aquilo", coisas que jamais se costumam exigir, que só se pedem no leito de morte. Será que o que fica se recusará, se é um amigo, um irmão?

— Eu o farei, mas dize–me de que se trata, e dize–me quanto antes — falou Aliócha.

— Depressa… Hum! Não te apresses, Aliócha. Apressando–te, atormentas–te. É inútil apressar–se agora. O mundo entra agora numa era nova. Que pena, Aliócha, que nunca te entusiasmes. Mas que digo eu? Sou eu que careço de entusiasmo! Que digo eu, tolo que sou?

> Homem, sê nobre!

De quem é este verso?

Aliócha resolveu esperar. Compreendera que toda a sua atividade, com efeito, estava talvez concentrada agora naquele lugar. Mítia ficou um momento pensativo, de cotovelos sobre a mesa, a fronte na mão. Ambos mantinham–se calados.

— Aliócha, somente tu me escutarás sem rir. Gostaria de começar… minha confissão… por um hino à alegria, como Schiller, *An die Freude!*. Mas não sei alemão, sei somente que é *An die Freude*. Não vás imaginar que tagarelo sob o domínio da embriaguez. Para embriagar–me são precisas duas garrafas de conhaque.

> Como Sileno vermelho
> No seu asno vacilante.

Ora, não bebi um quarto de garrafa e não sou Sileno. Não Sileno,

mas Hércules, porque tomei uma resolução heroica. Perdoa–me essa aproximação de mau–gosto, terás bem mais outras coisas a perdoar–me hoje. Não te inquietes, não invento, falo seriamente e vou direto ao fato. Não serei duro ao disparo como um judeu. Espera, como é que é mesmo?

Ergueu a cabeça, refletiu, depois começou a recitar com entusiasmo:

Nu, tímido, selvagem, se ocultava
O troglodita nas cavernas;
O nômade nos campos pervagava
A devastá–los sem cessar;
O caçador com sua lança e flechas,
Terrível, as florestas percorria;
Desgraça para os náufragos lançados
Pelas ondas naquela praia inóspita

Das alturas do Olimpo, Ceres[32]
Desce, à procura de Prosérpina,
Ao seu amor arrebatada;
A seus olhos o mundo é todo horror.
Nenhum asilo, nem mesmo oferendas
À deusa são apresentadas.
Aqui não se conhece culto aos deuses,
Nem templos há para adorá–los.

Os frutos do pomar, as uvas doces
Não alegram nenhum festim;
Só os restos das vítimas fumegam
Sobre as aras ensanguentadas.
E em vão de Ceres vaga o triste olhar;
Por toda parte avista o homem
Numa profunda humilhação.

Soluços escaparam–se do peito de Mítia; agarrou Aliócha pela mão.

— Amigo, amigo, sim, na humilhação, na humilhação ainda agora! O homem sofre na terra males sem conta. Não penses que seja eu apenas um boneco vestido de oficial, bom para beber e para fazer farras. A humilhação, que é a partilha do homem, eis, irmão, quase o único objeto de meu pensamento. Deus me guarde de mentir e de gabar–me. Penso nesse homem humilhado, porque eu mesmo sou ele.

Para que possa sair da abjeção
O homem, por força de sua alma,

Deve aliança eterna concluir
Com sua velha mãe, a Terra.

Somente, porém, como concluir essa aliança eterna? Não fecundo a terra, abrindo–lhe o seio; devo me tornar mujique ou pastor? Ando sem saber para onde vou, para a luz radiosa ou para a vergonha infecta. Está nisso a desgraça, porque tudo é enigma neste mundo. Quando me achava mergulhado na mais abjeta degradação (era todo o tempo), sempre reli esses versos a respeito de Ceres e da miséria do homem. Corrigiram–me? Não! porque sou um Karamázov! Porque, quando rolo no abismo, é diretamente, de cabeça à frente; agrada–me mesmo cair assim, vejo beleza nessa queda. E do seio da vergonha entoo um hino. Sou maldito, vil e degradado, mas beijo a fímbria da veste em que se envolve o meu Deus; sou a estrada diabólica, mas sou, no entanto, Teu Filho, Senhor, e Te amo, sinto a alegria sem a qual o mundo não poderia subsistir.

A alegria eterna anima
Toda a alma da criação,
Transmite a chama da vida
Não força oculta dos germes;
Foi quem fez surgir a relva,
Transformou o caos em sóis,
Espalhados nos espaços
Longe da vista dos homens.

Tudo quanto na boa Natureza
Respira, dela extrai sua alegria,
Arrasta atrás de si seres e povos;
Foi ela quem nos deu
Amigos na desgraça,
Dos cachos d'uva o suco,
Das Graças a grinalda,
Ao inseto, a luxúria…

E o anjo, para levar–nos
À presença de Deus.

Mas basta de versos. Deixa–me chorar. Que seja um absurdo de que o mundo inteiro zombe, exceto tu. Eis teus olhos brilhando. Basta de versos. Quero agora falar–te dos "insetos", daqueles a quem Deus gratificou com a luxúria. Eu mesmo sou um deles e isso se aplica a mim. Nós, Karamázovi, somos todos assim; esse inseto vive em ti, que és um anjo, e aí suscita tempestades. Porque a sensualidade é uma tempestade e até mesmo algo mais. A beleza é uma coisa terrível e

espantosa. Terrível, porque indefinível, e não se pode defini–la porque Deus só criou enigmas. Os extremos se tocam, as contradições vivem juntas. Sou pouco instruído, irmão, mas tenho pensado muito nessas coisas. Quantos mistérios acabrunham o homem! Penetra–o e volta intacto. Assim a beleza. Não posso tolerar que um homem de grande coração e de alta inteligência comece pelo ideal da Madona e venha a acabar no de Sodoma. Mas o mais horrível é, trazendo no seu coração o ideal de Sodoma, não repudiar o da Madona, arder por ele como nos seus jovens dias de inocência. Não, o espírito humano é demasiado vasto, gostaria de restringi–lo. O diabo é quem sabe de tudo. O coração acha beleza até na vergonha, no ideal de Sodoma, que é o da imensa maioria. Conheces esse mistério? É o duelo do diabo e de Deus, sendo o coração humano o campo de batalha. Ora, fala–se daquilo que faz a gente sofrer. Vamos, pois, ao fato.

## IV / Confissão de um coração ardente. — anedotas

Entregara–me à devassidão. Meu pai dizia ainda há pouco que gastei milhares de rublos para seduzir donzelas. Imaginação de porco! É uma mentira, porque minhas conquistas não me custaram nada, a bem dizer. Para mim o dinheiro não passa do acessório, a encenação. Hoje, sou o amante de uma dama, amanhã de uma mulher das ruas. Divirto as duas, prodigando dinheiro aos punhados, com música e ciganos. Se for possível, dou dinheiro a elas, porque de qualquer forma o dinheiro não lhes desagrada; elas nos agradecem. Amaram–me senhoritas, não todas, mas as houve e muitas. Gostava dos becos, das vielas sombrias e desertas, teatro de aventuras, de surpresas, por vezes de pérolas na lama. Exprimo–me, alegoricamente, irmão, esses becos só existiam figuradamente. Se fosses semelhante a mim, compreenderias. Gostava da devassidão pela sua abjeção mesma. Gostava da crueldade, não sou um percevejo, um inseto malfazejo? Um Karamázov, e está tudo dito! Uma vez, houve um grande piquenique, para onde fomos em sete tróicas, no inverno, num tempo sombrio; no trenó cobri de beijos minha vizinha, filha de um funcionário, sem fortuna, encantadora e tímida; no escuro, permitiu–me ela carícias demasiado livres. A pobrezinha imaginava que no dia seguinte eu iria pedi–la em casamento (porque eu era apreciado como possível noivo); mas fiquei cinco meses sem dizer–lhe uma palavra.

Muitas vezes, quando se dançava, via–a seguir–me com o olhar num canto do salão, com os olhos a arderem duma terna indignação. Esse jogo só fazia deleitar minha sensualidade perversa. Cinco meses depois, ela casou com um funcionário e partiu… furiosa e talvez amando-me ainda. Vivem felizes, agora. Nota que ninguém sabe de nada, sua reputação está intacta; malgrado meus vis instintos e meu amor à baixeza, não sou desonesto. Tu coras. Teus olhos cintilam. Estás farto dessa lama. No entanto, não passam de grinaldas à Paul de Kock.[33] Tenho, irmão, um álbum inteiro de recordações. Que Deus as guarde a essas queridas criaturas. No momento de romper, evitava as querelas. Jamais vendi nem comprometi nenhuma. Mas isto basta. Crês que te chamei somente por causa dessas sujeiras? Não, foi a fim de contar–te algo de mais curioso; mas não fiques surpreendido pelo fato de eu não ter vergonha diante de ti, sinto–me mesmo à vontade.

— Fazes alusão ao meu rubor — observou, de súbito, Aliócha. — Não são tuas palavras, nem mesmo tuas ações que me fazem corar. Coro porque sou igual a ti.

— Tu? Estás indo um pouco longe.

— Não, não exagero — declarou Aliócha, com calor. (Via–se que estava presa dessa ideia desde muito tempo.) — A escada do vício é a mesma para todos. Acho–me no primeiro degrau; estás mais alto, no décimo terceiro, admitamos. Acho que é absolutamente a mesma coisa: uma vez posto o pé no primeiro degrau, é preciso galgar todos.

— O melhor, então, é não começar?

— Evidentemente, se é possível.

— Pois bem, és capaz?

— Creio que não.

— Cala–te, Aliócha, cala–te, meu querido, tenho vontade de beijar–te a mão cheio de enternecimento. Ah! essa marota da Grúchenhka conhece os homens; dizia–me, uma vez, que um dia ou outro te devoraria. Está bem, calo–me! Mas deixemos este terreno emporcalhado pelas moscas para chegar à minha tragédia,

emporcalhada, também ela, pelas moscas, isto é, por todas as espécies de baixezas possíveis. Se bem que o velho tenha mentido a respeito de minhas pretensas seduções, isto aconteceu–me, no entanto, uma vez somente; e ainda assim não chegou a executar–se. Ele, que me censurava coisas imaginárias, nada sabe disso; não contei a ninguém, és o primeiro a quem falo, exceto Ivan, bem entendido. Ele sabe de tudo desde muito tempo. Mas Ivan é mudo como o túmulo.

— Como o túmulo?

— Sim.

Aliócha redobrou de atenção.

— Embora alferes num batalhão de linha, era objeto de certa vigilância, a modo dum deportado. Mas acolhiam–me bastante bem na cidadezinha. Prodigalizava dinheiro, acreditavam–me rico e eu acreditava que o era. Devia agradar também por outras razões. Embora abanando a cabeça por causa de minhas estroinices, tinham afeição por mim. Meu tenente–coronel, um velho, antipatizou comigo de repente. Pôs–se a amofinar–me, mas eu tinha costas largas; toda a cidade ficou a meu lado, ele não podia fazer grande coisa. A culpa era minha; por tola altivez, eu não lhe prestava as homenagens a que ele tinha direito. Aquele velho teimoso, bom homem no íntimo e muito hospitaleiro, fora casado duas vezes. Era viúvo. Sua primeira mulher, de baixa condição, deixara–lhe uma filha tão simples quanto ela mesma. A moça tinha então vinte e quatro anos e vivia com seu pai e sua tia materna. Longe de ter a ingenuidade silenciosa de sua tia, a isso juntava muita vivacidade. Jamais encontrei caráter feminino mais encantador. Chamava–se Agáfia, imagina, Agáfia Ivânovna. Bastante bonita, ao gosto russo, grande, de boas carnes, de belos olhos, mas de expressão um pouco vulgar. Ficara solteira, apesar de dois pedidos de casamento, e conservava sua jovialidade. Travei amizade com ela, tudo muito direito, com muita honestidade. Porque travei mais de uma amizade feminina, perfeitamente pura. Falava com ela em termos bastante livres e ela só fazia rir. Muitas mulheres gostam dessa liberdade de expressão, nota bem; além do mais, era muito divertido com uma moça igual a ela. Um traço ainda: não se podia qualificá–la de senhorita. Sua tia e ela viviam em casa de seu pai, numa espécie de

rebaixamento voluntário, sem se igualarem ao resto da sociedade. Estimavam–na, apreciavam seus talentos de costureira, porque ela não cobrava nada, trabalhando por gentileza para suas amigas, sem todavia recusar o dinheiro, quando lhe era oferecido. Quanto ao coronel, era um dos homens notáveis do lugar. Vivia à larga. Toda a cidade era recebida em sua casa; ceava–se, dançava–se. Por ocasião de minha entrada para o batalhão, só se falava, na cidade, da próxima chegada da segunda filha do coronel. Famosa pela sua beleza, acabava de sair de um internato aristocrático da capital. É Katierina Ivânovna, a filha da segunda mulher do coronel. Esta última era nobre, de grande casa, mas não trouxera dote algum do marido; sei de boa fonte. Era de boa família, com algumas esperanças, mas nada de efetivo. No entanto, quando a jovem chegou para uma temporada, a cidadezinha ficou como que galvanizada; nossas damas mais distintas, duas Excelências, uma coronela, e todas as outras, em seguimento, disputavam–na; festejavam–na, era a rainha dos bailes, dos piqueniques; organizaram–se quadros vivos em benefício de não sei quais professores. Quanto a mim, calo–me, farreio; imaginei então uma pilhéria à minha moda, que deu que falar à cidade inteira. Uma noite, em casa do comandante da bateria, Katierina Ivânovna lançou–me um olhar de alto a baixo; não me aproximei dela, desdenhando travarmos conhecimento. Abordei–a algum tempo depois, igualmente num sarau. Falei–lhe. Olhou–me apenas, com os lábios desdenhosos. “Espera um pouco, pensei, vou me vingar!” Eu era então um sujeito verdadeiramente estourado na maior parte dos casos e sentia isso. Sentia sobretudo que Kátienhka, longe de ser uma pensionista ingênua, tinha caráter, altivez e verdadeira virtude, sobretudo muito inteligência e instrução, o que me faltava totalmente. Pensas que eu queria pedir–lhe a mão? Absolutamente. Queria somente me vingar de sua indiferença a meu respeito. Foi então uma farsa de arrebentar. Por fim, o tenente–coronel infligiu–me três dias de detenção. Naquela ocasião, nosso pai enviou–me seis mil rublos em troca de uma renúncia formal a todos os meus direitos e pretensões à fortuna de minha mãe. Nada entendia disso então; até minha chegada aqui, irmão, até estes últimos dias e talvez mesmo agora, nada compreendi dessas disputas de dinheiro entre mim e meu pai. Mas, para o diabo tudo isso, tornaremos a falar. Já de posse desses seis mil rublos, a carta de um amigo me fez ciente de uma coisa bastante interessante, a

saber, que estavam descontentes com o nosso tenente–coronel, suspeito de malversações, e que seus inimigos lhe preparavam uma surpresa. Com efeito, o chefe da divisão apareceu para dirigir–me vigorosa reprimenda. Pouco depois foi obrigado a demitir–se. Não te contarei todos os detalhes desse negócio; tinha ele, com efeito, inimigos; ocorreu na cidade brusco resfriamento de relações com ele e toda a sua família; todo mundo os abandonava. Foi então que pus em prática minha primeira treta: encontro Agáfia Ivânovna, de quem me mantinha sempre amigo, e digo–lhe: "Faltam quatro mil e quinhentos rublos na caixa de seu pai…" "Como? Quando o general veio, recentemente, a soma estava completa…" "Estava então, mas não mais agora." Ela ficou apavorada. "Não me apavore, rogo–lhe, donde soube isso?" "Tranquilize–se — digo–lhe –, não falarei a ninguém, sabe você que a esse respeito sou um túmulo. Queria somente dizer–lhe isto, de qualquer modo: quando reclamarem de seu pai esses quatro mil e quinhentos rublos que lhe faltam, em vez de passar em julgamento na sua idade e ser degradado, mande–me sua irmã secretamente; acabo de receber dinheiro, vou lhe remeter a soma e ninguém ficará sabendo de nada." "Ah! que patife é você! — disse ela. — Que canalha! Como ousa?" Ela foi–se embora, sufocada de indignação e gritei–lhe às costas que o segredo seria inviolavelmente guardado. Aquelas duas mulheres, Agáfia e sua tia, eram verdadeiros anjos; adoravam a altiva Kátia, serviam–na humildemente. Agáfia deu parte de nossa conversa à sua irmã, como vim a saber mais tarde. Era justamente o que eu precisava.

"Entrementes, chega novo major para tomar o comando do batalhão. O velho coronel cai doente; fica no quarto dois dias inteiros e não presta suas contas. O Doutor Krávtchenko assegura que a doença não é simulada. Mas eis o que eu sabia com certeza, e desde muito tempo: após cada revisão de seus chefes, o coronel fazia desaparecer certa soma por algum tempo; isto remontava a quatro anos. Emprestava–a a um homem de toda confiança, um negociante, viúvo barbudo, de óculos de ouro, Trífonov. Este ia à feira, servia–se do dinheiro para seus negócios e restituía–o logo ao coronel, com um presente e uma boa comissão. Mas desta vez, Trífonov, à sua volta da feira, nada entregara (soube–o, por acaso, de seu filho, um fedelho, garoto pervertido dos que mais o sejam). O coronel acorreu: "Jamais

recebi nada do senhor”, respondeu o velhaco. O infeliz não põe mais pé fora de casa, com a cabeça enrolada num penso, as três mulheres aplicando–lhe gelo sobre o crânio. Chega um ordenança com a ordem de entrega da caixa imediatamente, dentro de duas horas. Ele assinou, vi mais tarde sua assinatura no registro, levantou–se, dizendo que ia vestir seu uniforme e passou para seu quarto de dormir. Ali pegou seu fuzil de caça, carregou–o com bala, descalçou seu pé direito, apoiou a arma contra o peito, tateando com o pé para premir o gatilho. Mas Agáfia, que não esquecera minhas palavras, suspeitava de alguma coisa; tendo–se aproximado furtivamente, vigiava–o. precipitou–se, cercou–o com seus braços pelas costas; o tiro partiu para o ar, sem ferir ninguém. Os outros acorreram, arrancaram–lhe a arma, segurando–o pelas mãos… Encontrava–me então em casa, ao crepúsculo, a ponto de sair, vestido, penteado, o lenço perfumado; pegara meu casquete; de repente, a porta se abre e vejo entrar Katierina Ivânovna.

“Há coisas estranhas: ninguém a notara na rua, quando ela vinha para minha casa, nem visto, nem conhecido. Eu morava em casa de duas mulheres de funcionários, pessoas idosas; elas faziam o serviço, para tudo me escutavam com deferência e guardaram por ordem minha segredo absoluto. Compreendi no mesmo instante do que se tratava. Ela entrou, de olhar fito em mim; seus olhos sombrios exprimiam a decisão, a audácia mesmo, mas o jeito de seus lábios revelava a perplexidade.

“— Minha irmã me disse que o senhor daria quatro mil e quinhentos rublos, se eu viesse buscá–los… em pessoa. Eis–me aqui… dê–me o dinheiro!… — Sufocava, tomada de terror; sua voz extinguiu–se, seus lábios tremiam… Aliócha, tu me escutas ou dormes?”

— Mítia, sei que me dirás toda a verdade — replicou Aliócha, comovido.

— Podes contar com isso, não me pouparei. Meu primeiro pensamento foi o de um Karamázov. Um dia, irmão, fui picado por uma centopeia e tive de ficar quinze dias de cama, com febre; pois bem, senti então no coração a picada da centopeia, um animal

venenoso, bem sabes. Eu a examinava de alto a baixo. Viste–a? É uma beleza. Mas era bela então pela sua nobreza moral, pela sua grandeza de alma e pelo seu devotamento filial, a meu lado, vil e repugnante personagem. Era, no entanto, de mim que "toda" ela dependia, corpo e alma, como que prisioneira. Vou te confessar: aquele pensamento, o pensamento da centopeia, dominou–me o coração com tal intensidade que acreditei morrer de angústia. Aprecia que nenhuma luta era possível: conduzir–me baixamente, como uma tarântula venenosa, sem sombra de compaixão… Isso atravessou–me mesmo o espírito. No dia seguinte, bem entendido, eu iria pedir–lhe a mão, para terminar tudo da maneira mais nobre e ninguém teria sabido nada do caso. Porque, se tenho instintos baixos, sou contudo leal. E de súbito, ouço que me murmuram ao ouvido: "Amanhã, quando fores oferecer–lhe tua mão, ela não se mostrará e mandará expulsar–te pelo cocheiro. Podes difamar–me pela cidade, dirá ela, não tenho medo de ti!". Olhei para a jovem, a fim de ver se aquela voz não mentia. A expressão de seu rosto não deixava nenhuma dúvida, iam me botar porta afora. A cólera dominou–me, tive vontade de pregar–lhe a peça mais vil, uma sujeira de bodegueiro: olhá–la ironicamente e, enquanto ela se conservasse diante de mim, consterná–la, tomando a inflexão de que só são capazes os bodegueiros:

"— Quatro mil rublos! Mas eu estava brincando! A senhorita contou muito facilmente com isso! Duzentos rublos, com prazer e de boa–vontade; mas quatro mil, é dinheiro, isso, não se pode dá–lo assim levianamente. A senhorita incomodou–se por coisa alguma.

"Vês tu, teria eu tudo perdido, ela teria fugido, mas aquela vingança infernal teria compensado o resto. Eu lhe teria pregado essa peça, pronto a lamentá–la em seguida a vida inteira! Acreditarás que, em semelhantes minutos, jamais olhei uma mulher, quem quer que ela fosse, com um ar de ódio — mas, juro sobre a cruz, durante alguns segundos contemplei–a com um ódio intenso –, o ódio que só está separado do amor mais ardente por um cabelo. Aproximei–me da janela, apoiei a fronte na vidraça gelada, lembro–me de que o frio fazia–me o efeito de uma queimadura. Não a retive muito tempo, fica tranquilo; fui à minha mesa, abri uma gaveta, dela retirei um cheque de cinco mil rublos ao portador, que se encontrava no meu dicionário

francês. Sem dizer uma palavra, mostrei–lho, dobrei–o, entreguei–lho, depois eu mesmo abri a porta da antecâmara e fiz uma profunda saudação. Ela estremeceu toda, olhou fixamente um segundo, ficou branca como um linho e, sem proferir uma palavra, sem brusquidão, mas ternamente, docemente, prosternou–se a meus pés, com a fronte no chão, não como uma pensionista, mas à russa! Levantou–se e fugiu. Após sua partida, tirei minha espada e quis matar–me, por que, não sei dizer; teria sido absurdo, evidentemente; sem dúvida, por entusiasmo. Compreendes que a gente possa matar–se de alegria? Mas limitei–me a beijar a lâmina e guardei-a outra vez na bainha… Poderia muito bem não ter–te falado disso. Parece–me, aliás, que floreei um tanto, para me gabar, contando–te as lutas de minha consciência. Mas que importa! Ao diabo todos os espiões do coração humano! Eis toda a minha aventura com Katierina Ivânovna. És o único, com Ivan, a conhecê–la.

Dimítri Fiódorovitch levantou–se, dando alguns passos com hesitação, tirou seu lenço, enxugou a testa, depois tornou a sentar, mas num outro ponto, sobre o banco em frente, contra a outra parede, de modo que Aliócha teve de voltar–se totalmente para seu lado.

## V / Confissão de um coração ardente e desbocado

— Pois bem! — disse Aliócha — conheço agora a primeira parte do caso.

— Isto é, um drama, que se passou lá. A segunda parte será uma tragédia e se desenrolará aqui.

— Não compreendo nada dessa segunda parte.

— E eu, será que eu compreendo alguma coisa?

— Escuta, Dimítri, há um ponto importante. Dize–me, ainda és noivo?

— Não fiquei noivo imediatamente, mas só três meses depois daquele acontecimento. No dia seguinte, disse a mim mesmo que estava tudo liquidado, terminado, que não haveria consequências. Ir pedi–la em casamento pareceu–me uma baixeza. De seu lado, ela não

me deu sinal de vida durante as seis semanas que passou ainda na cidade. De parte uma exceção, entretanto: no dia seguinte à sua visita, a arrumadeira delas introduziu–se em minha casa e, sem dizer uma palavra, entregou–me um envelope a mim endereçado. Abro–o: continha o restante dos cinco mil rublos. Fora preciso restituir quatro mil e quinhentos, a perda de venda da obrigação ultrapassava duzentos rublos. Ela me restituía duzentos e sessenta, creio — não me lembro exatamente –, e sem uma palavra de explicação. Procurei no pacote um sinal qualquer a lápis, nada! Fiz farra com o que me restava de meu dinheiro, a tal ponto que o novo major se viu forçado a fazer–me censuras. O tenente–coronel entregara sua caixa intacta, para espanto geral, porque acreditava–se a coisa impossível. Depois do que, caiu doente, ficou três semanas de cama e sucumbiu em cinco dias a um amolecimento cerebral. Enterraram–no com honras militares, porque ele não tivera tempo de ser reformado. Katierina Ivânovna, sua irmã e sua tia, dez dias após o enterro, partiram para Moscou. No dia de sua partida somente (não as havia revisto), recebi um bilhete azul, com esta única linha escrita a lápis: “Vou lhe escrever. Espere. K.”.

“Em Moscou, os negócios delas arranjaram–se duma maneira tão rápida quão extraordinária, tal como um conto das *Mil e uma noites*. A principal parenta da Katierina Ivânovna, uma generala, perdeu bruscamente suas duas sobrinhas, suas herdeiras mais próximas, mortas, na mesma semana, de varíola. Transtornada, ligou–se a Kátia como à sua própria filha, vendo nela sua derradeira esperança, refez seu testamento em seu favor e deu–lhe — de mão para mão — oitenta mil rublos de dote, para dispor deles à sua vontade. É histérica; tive ocasião de observá–la mais tarde em Moscou. Uma bela manhã, recebo pelo correio quatro mil e quinhentos rublos, com extrema surpresa minha, bem entendido. Três dias depois chega a carta prometida. Tenho–a ainda, vou conservá-la até minha morte; queres que te mostre? Merece ser lida: oferece–se ela mesma a partilhar minha vida. “Amo–o loucamente; que não me ame, não me importa, contente–se em ser meu marido. Não se espante, não o incomodarei em nada; serei um de seus móveis, o tapete sobre o qual você anda… Quero amá–lo eternamente, o salvarei de você mesmo…” Aliócha, sou mesmo indigno de repetir estas linhas em minha vil linguagem, com o tom de que jamais pude corrigir–me! Até agora, essa carta traspassou–

me o coração, e acreditas que me sinto à vontade hoje? Respondi–lhe imediatamente (era–me impossível ir a Moscou). Escrevi com minhas lágrimas. Hei de me envergonhar eternamente de lhe ter lembrado que ela era agora rica e dotada — e eu sem recursos. Falei de dinheiro. Deveria ter–me contido mas minha pena traiu–me. Escrevi também a Ivan, então em Moscou, e expliquei–lhe tudo quanto era possível, uma carta de seis páginas; mandei Ivan à casa dela. Que tens que te faz olhar–me? Sim, Ivan apaixonou–se por ela; ainda está agora, sei disso. Cometi uma tolice, do ponto de vista mundano, mas talvez seja essa tolice que nos salvará a todos. Não vês que ela o honra, que o estima? Ela pode, depois de ter–nos comparado um com o outro, amar um homem tal como eu, sobretudo depois do que se passou aqui?”

— Estou persuadido de que é um homem como tu que ela deve amar, e não um homem como ele.

— É sua própria virtude que ela ama e não a mim — deixou Dimítri escapar, sem querer, com irritação. Pôs–se a rir, mas de súbito seus olhos cintilaram; tornou–se totalmente vermelho e deu um violento murro sobre a mesa.

— Juro Aliócha — exclamou ele, num acesso de furor, não fingido contra si mesmo —, podes acreditar ou não, mas, tão verdade como Deus é santo e que o Cristo é Deus, e, se bem que eu tenha zombado de seus nobres sentimentos, não duvido da angélica sinceridade deles; sei que minha alma é um milhão de vezes mais vil que a dela. É nesta certeza que consiste a tragédia. A bela desgraça! Declame–se um pouco! Eu também declamo e, no entanto, sou perfeitamente sincero. Quanto a Ivan, imagino que ele deve maldizer a natureza, ele que é tão inteligente! Quem teve a preferência? Um monstro tal como eu, que não pude arrancar–me da devassidão, quando todos me observavam e isto sob os olhos de minha noiva! E sou eu o preferido? Mas por quê? Porque aquela moça quer, como prova de reconhecimento, constranger–se a uma existência desgraçada! É absurdo! Jamais falei a Ivan neste sentido, e ele, bem entendido, jamais fez a menor alusão a isso; mas o destino se cumprirá, cada qual segundo seus méritos; o réprobo afundará a si mesmo definitivamente no lamaçal de que gosta. Estou dizendo

incoerências, as palavras não exprimem meu pensamento, como se as empregasse ao acaso, mas o que fixei vai se realizar. Eu me afogarei na lama e ela casará com Ivan.

— Irmão, espera — interrompeu Aliócha, numa agitação extraordinária. — Há um ponto que ainda não me explicaste: continuas seu noivo. Como queres romper, se ela a isso se opõe?

— Sou noivo, recebemos a benção oficial. Ocorreu em Moscou, quando cheguei em grande cerimônia, com os ícones. A generala nos abençoou; imagina que chegou mesmo a felicitar Kátia: "Escolheste bem — disse ela. — Leio em seu coração". Quanto a Ivan, não lhe agradou; ela não lhe dirigiu nenhum cumprimento. Em Moscou tive longas conversas com Kátia; pintei–me nobremente, tal como era, com toda a sinceridade. Ela tudo escutou:

> Houve um enleio encantador
> E ternas palavras ouviram–se…

Houve também palavras altivas. Arrancou–me a promessa de corrigir–me. Prometi. E eis em que ponto estou.

— E então, o quê?

— Chamei–te, trouxe–te aqui hoje, lembra–te, para enviar–te hoje mesmo à casa de Katierina Ivânovna, e…

— Que mais?

— Dize–lhe que não irei mais à casa dela, cumprimentando–a de minha parte.

— Será possível?

— Não, é impossível; assim, peço–te que vás lá em meu lugar, não poderia dizer–lhe isto eu mesmo.

— E tu, aonde irás?

— Voltarei ao meu lodaçal.

— Isto é, à casa de Gruchka! — exclamou tristemente Aliócha,

juntando as mãos. — Rakítin tinha, pois, razão. E eu que acreditava que era apenas uma ligação passageira!

— Um noivo com uma amante! Seria possível, com tal noiva e aos olhos de todos? Não perdi de todo a honra. Desde o momento em que passei a frequentar Grúchenhka, deixei de ser noivo e homem honesto, dou–me conta disso. Que tens para me olhar assim? Fui à casa dela a primeira vez na intenção de bater–lhe. Soubera, e sei agora de fonte limpa, que aquele capitão, delegado por meu pai, entregara a Grúchenhka uma ordem de pagamento assinada por mim; tratava–se de processar–me na justiça, na esperança de abater–me e de obter minha desistência. Queriam amedrontar–me. Eu ia pois surrá–la. Já tivera ocasião de vê–la ligeiramente. Uma mulher muito ordinária. Sabia que ela era também gananciosa, emprestando com usura, velhaca e debochada, sem compaixão! Fui para dar–lhe uma correção e fiquei em casa dela. Aquela mulher é a peste. Contaminei–me, tenho–a na pele. Tudo está acabado doravante, não há mais outra perspectiva. O ciclo dos tempos passou. Eis onde me encontro. Como que de propósito eu tinha então três mil rublos no bolso. Fomos a Mókroie, a vinte e cinco verstas daqui, mandei buscar ciganos, ofereci champanhe a todos os mujiques, às mulheres e às moças do local. Três dias depois, estava sem nada. E pensas que obtive o mínimo favor? Nada ela me mostrou. Asseguro–te, é toda sinuosa. A intrujona, seu corpo lembra uma cobra, vê–se isso em suas pernas, até o dedo mindinho de seu pé esquerdo que tem essa sinuosidade. Vi–o e beijei–o, mas foi tudo, juro–te. Ela me disse: “Queres, casarei contigo, embora pobre. Se me prometes não me bater e deixar–me fazer tudo quanto quiser, talvez me case”, e riu, e ri também agora!

Dimítri Fiódorovitch ergueu–se presa duma espécie de furor. Tinha ar de ébrio. Seus olhos estavam injetados de sangue.

— Pretendes seriamente casar com ela?

— Se ela consentir, será imediatamente; se recusar, ficarei ainda assim com ela, serei seu criado. Tu, tu… Aliócha… — Parou diante dele e se pôs a sacudi–lo violentamente pelos ombros. — Sabes tu, inocente, que tudo isso é delírio, um delírio inconcebível, porque há nisso uma tragédia fica sabendo, Aliócha, que posso ser um homem

perdido, de paixões vis, mas que Dimítri Karamázov jamais será um ladrão, um vulgar ratoneiro! Quando eu ia à casa de Grúchenhka para castigá–la, naquela manhã mesma Katierina Ivânovna mandou–me chamar e pediu–me com grande segredo (ignoro por qual motivo) que eu fosse à sede de província enviar três mil rublos a Agáfia Ivânovna, em Moscou. Ninguém devia saber disso na cidade. Fui à casa de Grúchenhka com aqueles três mil rublos no bolso e eles serviram para pagar nossa excursão a Mókroie. Em seguida, fiz que ia à sede da província, que tinha enviado o dinheiro; quanto ao recibo, "esqueci–me" de o entregar, apesar de minha promessa. Agora, que pensas? Irás dizer–lhe: "Ele manda cumprimentá–la". Ela te perguntará: "E o dinheiro?". E tu lhe responderás: "Ele é uma criatura de uma sensualidade animal, uma criatura vil, incapaz de conter–se. Em lugar de enviar seu dinheiro, gastou–o, não podendo resistir à tentação". Mas podes também acrescentar: "Dimítri Fiódorovitch não é um ladrão; aqui estão os seus três mil rublos que ele restitui, envie–os a senhorita mesma a Agáfia Ivânovna e receba as homenagens dele." Seria apenas meio mal, não, porém, se ela te perguntar: "Onde está o dinheiro?".

— Mítia, és desgraçado, mas não tanto quanto pensas. Não te mates de desespero!

— Pensas que vou estourar os miolos, se não conseguir reembolsar esses três mil rublos? Absolutamente. Não tenho a mínima coragem agora; mais tarde, talvez… agora vou à casa de Grúchenhka… Lá deixarei a pele.

— E então?

— Casarei com ela, se ela me quiser; quando seus amantes chegarem, passarei para o quarto vizinho. Estarei lá para engraxar os sapatos deles, aquecer o samovar, levar recados…

— Katierina Ivânovna compreenderá tudo — declarou solenemente Aliócha. — Compreenderá teu profundo pesar e te perdoará. Tem espírito elevado, verá que não se pode ser mais desgraçado do que tu.

— Ela não perdoará tudo — sorriu Mítia. — Há nisso uma coisa

imperdoável aos olhos de toda mulher. Sabes o que vale mais a pena fazer?

— Que é?

— Entregar–lhe os três mil rublos.

— Onde arranjá–los? Escuta, tenho dois mil, Ivan te dará mil, e estará completa a conta.

— Quando receberei os teus três mil rublos? És ainda menor, quanto ao mais é preciso absolutamente que rompas com ela por mim, hoje mesmo, entregando o dinheiro ou não, porque não posso demorar mais tempo, no ponto em que estão as coisa. Amanhã, já seria demasiado tarde. Vai à casa de papai.

— À casa de nosso pai?

— Sim, primeiro à casa dele. Pede–lhe o dinheiro.

— Mítia, ele jamais o dará.

— Ora essa, sei bem disso! Alieksiéi, sabes o que seja o desespero?

— Sim.

— Escuta, juridicamente, ele não me deve nada. Recebi minha parte, sei disso. Mas, moralmente, ele me deve alguma coisa, sim ou não? Foi com os vinte e oito mil rublos de minha mãe que ele ganhou cem mil. Que me dê apenas três mil rublos, não mais, e terá salvo minha alma do inferno e muitos pecados lhe serão perdoados. Vou me contentar com essa soma, juro, ele não ouvirá mais falar de mim. Forneço–lhe uma derradeira ocasião de ser um pai. Dize–lhe que é Deus que a oferece.

— Mítia, ele não os dará a preço algum.

— Sei bem disso, tenho a certeza. Agora sobretudo! Mas há melhor. Nestes últimos dias, ele soube pela primeira vez seriamente (note este advérbio) que Grúchenhka não estava brincando e se

decidiria talvez a dar o salto, a casar–se comigo. Conhece o caráter daquela gata. Pois bem, ele me daria dinheiro ainda por cima, para favorecer a coisa, quando está louco por ela? Não é tudo, escuta isto. Há já cinco dias, ele separou três mil rublos em notas de cem, num grande envelope com cinco sinetes, amarrado por uma fita cor–de–rosa. Vês como estou a par? O envelope traz escrito: “Para meu anjo, Grúchenhka, se consentir em vir à minha casa”. Ele mesmo rabiscou isso, às ocultas, e todo mundo ignora que ele tem esse dinheiro, exceto o criado Smierdiákov, em quem ele confia tanto quanto em si mesmo. Há três ou quatro dias que aguarda Grúchenhka, na esperança de que ela irá buscar o envelope; ela mandou avisar “que talvez fosse”. Se ela for à casa do velho, eu poderei esposá–la? Tu compreendes agora por que me escondo aqui e tocaio?

— Ela?

— Sim. As proprietárias cederam um quartinho a Fomá, antigo soldado de nossa guarnição. Está a serviço delas, monta guarda de noite e caça tetrazes durante o dia. Instalei–me em casa dele; essas mulheres e ele ignoram meu segredo, isto é, que estou aqui de tocaia.

— Somente Smierdiákov o sabe?

— Sim. Será ele quem me advertirá, se Grúchenhka for à casa do velho.

— Foi ele quem te falou do pacote?

— Com efeito. É um grande segredo. O próprio Ivan ignora. O velho mandou–o dar um passeio a Tchermachniá por dois ou três dias; apareceu um comprador para a madeira, oferecendo oito mil rublos; o velho pediu a Ivan que o ajudasse, que fosse em lugar dele. Quer afastá–lo para receber Grúchenhka.

— Ele a espera, por conseguinte, hoje?

— Não, ela não irá hoje, de acordo com certos indícios. Decerto que não! — exclamou Mítia. — É também a opinião de Smierdiákov. Papai está agora à mesa com Ivan, a beber. Vai, pois, Alieksiéi, e pede–lhe esses três mil rublos.

— Mítia, meu caro, que tens pois? — exclamou Aliócha, saltando de seu lugar para examinar o rosto desvairado de Dimítri. Acreditou por um instante que ele estivesse louco.

— Pois bem! O quê? Não perdi a razão — declarou ele, de olhar fixo e quase solene. — Não temas. Sei o que digo, creio nos milagres.

— Nos milagres?

— Nos milagres da Providência. Deus conhece meu coração. Vê meu desespero. Permitiria ele que se realizasse tal horror? Aliócha, creio nos milagres, vai!

— Irei. Dize–me, vais me esperar aqui?

— Decerto. Compreendo que será demorado, não se pode abordá–lo diretamente. Está bêbedo agora. Esperarei aqui, três, quatro, cinco horas, mas fica sabendo que hoje, até mesmo à meia–noite, deves ir à casa de Katierina, com ou sem dinheiro. Dirás: "Dimítri Fiódorovitch pediu–me que lhe apresentasse seus cumprimentos". Quero que lhe repitas esta frase exatamente.

— Mítia! E se Grúchenhka for hoje… ou amanhã, ou depois de amanhã?

— Grúchenhka? Vigiarei, forçarei a porta, impedirei.

— Mas se…

— Então, matarei. Não suportarei isso.

— A quem matarás?

— O velho. Nela não tocarei.

— Irmão, que dizes?

— Não sei, não sei… Talvez mate, talvez não mate. Receio que sua cara se me torne odiosa, naquele momento. Odeio sua papada, seu nariz, seus olhos, seu sorriso impudente. Dão–me náuseas. Esse ódio é que me causa medo. Não poderia resistir a ele.

— Irei, Mítia. Creio que Deus arranjará tudo da melhor forma possível e nos poupará essas coisas horríveis.

— E eu aguardarei o milagre. Mas se ele não se realizar, então…

Aliócha, pensativo, dirigiu–se para a casa de seu pai.

## VI / Smierdiákov

Encontrou Fiódor Pávlovitch ainda à mesa. Como de hábito, a mesa fora posta no salão e não na sala de jantar. Era a peça maior da casa, mobiliada com certa pretensão antiquada. Os móveis, bastante antigos, eram brancos, cobertos por um estofo vermelho, meio seda, meio algodão. Havia tremós de molduras pretensiosas, esculpidas à velha moda, igualmente brancas e douradas. Nas paredes, cuja tapeçaria branca estava rasgada em muitos lugares, figuravam dois grandes retratos, o de um antigo governador–geral da província, e o de um prelado, também morto desde muito tempo. No ângulo que fazia face à porta de entrada encontravam–se vários ícones, diante dos quais ardia uma lâmpada durante a noite, menos por devoção do que para iluminar a sala. Fiódor Pávlovitch deitava–se muito tarde, às três ou quatro horas da madrugada e até então passeava de lá para cá ou meditava em sua poltrona. Isso se tornara um hábito. Passava muitas vezes a noite sozinho, depois de ter despedido os criados, mas a maior parte do tempo o criado Smierdiákov dormia na antecâmara, deitado em cima de uma comprida arca. À chegada de Aliócha, o jantar estava no fim, havia–se servido a sobremesa e o café. Fiódor Pávlovitch gostava de doces após o jantar com conhaque. Ivan estava tomando café com seu pai. Os criados, Grigóri e Smierdiákov, conservavam–se perto da mesa. Amos e servidores achavam–se visivelmente de bom humor. Fiódor Pávlovitch ria às gargalhadas; desde o vestíbulo, reconheceu Aliócha sua risada semelhante a latidos que lhe era tão familiar. Concluiu dali que seu pai, ainda longe da embriaguez, encontrava-se em felizes disposições.

— Ei–lo afinal! — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado com a chegada de Aliócha. — Vem sentar–te conosco. Queres café forte? É famoso e está fervendo. Não te ofereço conhaque porque estás jejuando. Mas se quiseres… Não, te darei antes licores de boa

qualidade. Smierdiákov, abre o armário, eles se acham na segunda prateleira, à direita, aqui estão as chaves. Ufa!

Aliócha fêz gesto de que recusava os licores.

— Mesmo assim serão servidos, para nós, já que não queres. Dize-me, já jantaste?

Aliócha respondeu que sim; na realidade, comera um pedaço de pão e bebera um copo de *kvas* na cozinha do Padre Abade.

— Tomarei de bom grado uma xícara de café quente.

— Ah! o espertalhão! Não recusa o café! Será preciso esquentá–lo? Mas não, está ainda fervendo. É café famoso, preparado por Smierdiákov. É mestre em fazer café, tortas e sopas de peixe. Virás um dia tomar a sopa de peixe aqui. Avisa–me com antecedência. A propósito, não te disse que transportasses teu colchão e teus travesseiros hoje mesmo? Já o fizeste? Ah! ah! ah!

— Não, não os trouxe — respondeu Aliócha, também rindo.

— Ah! tiveste medo, no entanto, tiveste medo! Serei capaz de fazer–te sofrer, meu querido? Escuta, Ivan, não posso resistir, quando ele me fita nos olhos, rindo. A alegria dilata–me as entranhas, somente ao vê–lo. Gosto dele! Aliócha, vem receber minha bênção.

Aliócha levantou, mas Fiódor Pávlovitch reconsiderara.

— Não, farei somente um sinal–da–cruz, assim, vai sentar. Pois bem, ficarás contente, a propósito de teu assunto favorito, vais rir. A burra de Balaão[34] falou, e que linguagem a dela!

A burra de Balaão não era outro senão o criado Smierdiákov, rapaz de vinte e quatro anos, insociável e taciturno, embora não fosse selvagem ou acanhado; pelo contrário, era arrogante e parecia desprezar todo mundo. Chegou o momento de falar a seu respeito, ainda que pouco. Educado por Marfa Ignátievna e Grigóri Vassílievitch, o garoto, “natureza ingrata”, segundo a expressão de Grigóri, crescera selvagem no seu canto. Na sua infância; tinha prazer em enforcar os gatos, enterrando–os depois com grande cerimonial.

Para fazer isto, cobria–se com uma colcha de cama, à guisa de casula, e cantava, agitando um simulacro de turíbulo, por cima do cadáver. Tudo isso no maior mistério. Grigóri surpreendeu–o um dia e chicoteou–o rudemente. Durante uma semana, o garoto enfurnou–se num canto, olhando de través. “Ele não gosta de nós, o monstro”, dizia Grigóri a Marfa. “Aliás, não gosta de ninguém. És verdadeiramente um ser humano? — perguntou ele uma vez a Smierdiákov. — Não, não, nasceste da umidade do banheiro…” Smierdiákov, como se viu posteriormente, jamais lhe perdoara essas palavras. Grigóri ensinou–o a ler e a história sagrada desde que completou doze anos. Mas esta tentativa foi infeliz. Um dia, numa das primeiras lições, o menino pôs–se a rir.

— Que tens? — perguntou Grigóri, olhando–o severamente por cima de seus óculos.

— Nada. Deus criou o mundo no primeiro dia; o sol, a lua e as estrelas no quarto dia. Donde vinha, pois, a luz do primeiro dia?

Grigóri ficou estupefato. O menino olhava seu amo com ar irônico, seu olhar parecia mesmo provocá–lo. Grigóri não pode conter–se: “Eis donde ela veio!” — exclamou, esbofeteando–o violentamente. O menino não se moveu, mas meteu–se de novo no seu canto por vários dias. Uma semana depois, ele teve uma primeira crise de epilepsia, doença que não o deixou mais dali por diante. Tendo conhecimento disso, Fiódor Pávlovitch mudou logo sua maneira de tratar o garoto. Até então olhava–o com indiferença, se bem que não o repreendesse nunca e lhe desse um copeque todas as vezes que o encontrava. Quando estava de bom humor, mandava–lhe sobremesa de sua mesa. A doença do menino provocou sua solicitude; mandou buscar um médico; ensaiou–se um tratamento, mas Smierdiákov era incurável. Em média, tinha uma crise uma vez por mês, a intervalos irregulares. Os ataques variavam de intensidade, ora fracos, ora violentos. Fiódor Pávlovitch proibiu terminantemente que Grigóri batesse no menino e deu–lhe acesso à sua casa. Proibiu igualmente qualquer estudo até nova ordem. Um dia — tinha Smierdiákov então quinze anos — Fiódor Pávlovitch viu–o lendo os títulos das obras através dos vidros da biblioteca. Fiódor Pávlovitch. possuía uma centena de volumes, mas nunca fora visto a folheá–los. Deu logo as

chaves a Smierdiákov. “Toma, serás meu bibliotecário; senta–te e lê, será melhor do que andares à toa pelo pátio. Toma isto — e Fiódor Pávlovitch deu–lhe *Serões na quinta de Dikanhka*.[35]

Esse livro não agradou ao rapaz, que o acabou de ler com ar sombrio, sem ter rido uma vez sequer.

— Pois bem! Não é divertido? — perguntou Fiódor Pávlovitch.

Smierdiákov permaneceu calado.

— Responde, pois, imbecil.

— Só há mentiras, aqui dentro — resmungou Smierdiákov, sorrindo.

— Vai–te para o diabo, alma de lacaio! Espera, eis aqui a *História Universal*, de Smarágdov. Aqui tudo é verdadeiro. Lê.

Mas Smierdiákov não chegou a ler dez páginas. Achava aquilo enfadonho. Não se falou mais em biblioteca. Em breve Marfa e Grigóri levaram ao conhecimento de Fiódor Pávlovitch que Smierdiákov; pouco a pouco, se tornara de trato muito difícil, fazendo–se requintado; contemplando seu prato de sopa, examinava–o, curvado, enchia uma colherada, que olhava à luz.

— Uma barata, talvez? — perguntava por vezes Grigóri.

— Ou então uma mosca? — insinuava Marfa.

O meticuloso rapaz não respondia nunca, mas procedia da mesma maneira com o pão, a carne, todas as comidas; pegando um pedaço com seu garfo, estudava–o à luz, como num microscópio, e, após reflexão, decidia–se a levá–lo à boca. “Até parece o filho de um senhor”, murmurava Grigóri, olhando–o. Posto ao corrente dessa mania de Smierdiákov, Fiódor Pávlovitch logo decretou que ele tinha vocação para cozinheiro e mandou–o a aprender sua arte em Moscou. Passou ali vários anos e voltou bastante mudado de aspecto; envelhecido demasiadamente para sua idade, enrugado, amarelecido, assemelhava–se a um *skópiets*. Moralmente, era quase o mesmo de antes da partida; sempre um verdadeiro selvagem que não procurava

absolutamente a sociedade. Não dizia palavra em Moscou, como se soube mais tarde. A própria cidade muito pouco o interessara. Tendo ido uma vez ao teatro, voltou descontente. Usava roupas de linho convenientes, escovava cuidadosamente seus ternos duas vezes por dia; gostava muito de engraxar suas botas elegantes, de bezerra, com uma graxa inglesa especial, que as fazia reluzir como um espelho. Revelou–se excelente cozinheiro. “Fiódor Pávlovitch decidiu pagar–lhe ordenado que era quase todo gasto em roupas, pomadas, perfumes, etc. Parecia fazer tão pouco caso das mulheres quanto dos homens, mostrando–se para com elas empertigado e quase inabordável. Fiódor Pávlovitch pôs–se a considerá–lo de um ponto de vista um pouco diferente. Suas crises, tornavam-se mais frequentes. Marfa substituía–o naqueles dias na cozinha, o que não convinha absolutamente a seu amo.

— Por que tens crises mais frequentemente? — E olhava carrancudo para o novo cozinheiro. — Deverias arranjar mulher, queres que te case?

Mas Smierdiákov não respondia nada àquelas palavras que o tornavam lívido de despeito. Fiódor Pávlovitch ia embora, dando de ombros. Sabia que ele era visceralmente honesto, incapaz de tomar ou roubar o que quer que fosse e era o essencial. Estando bêbedo, perdeu Fiódor Pávlovitch em seu pátio três cédulas de cem rublos que acabava de receber e só se deu conta disso no dia seguinte. Ao remexer em seus bolsos, viu–os em cima da mesa. Smierdiákov tinha–os achado e trazido na véspera. “Nunca encontrei outro igual a ti, meu bravo”, disse laconicamente Fiódor Pávlovitch e presenteou–o com dez rublos. É preciso acrescentar que não somente estava certo de sua honestidade, mas tinha afeição por ele, muito embora o rapaz lhe fizesse má cara, como aos outros. Se alguém que o visse perguntasse: por que se interessa por esse rapaz, que é que o preocupa sobretudo? — não teria podido responder, olhando–o. Entretanto; em casa, no pátio ou na rua, parava por vezes, pensativo, e ficava assim uma dezena de minutos. O rosto de Smierdiákov nada teria revelado a um fisionomista; nenhum pensamento, pelo menos, mas somente uma espécie de contemplação: Há um notável quadro do pintor Kramskói, intitulado *O contemplativo*. Uma floresta no inverno; sobre a estrada

vê–se um mujique, vestido com um cafetã rasgado e com sapatos de tília. Ali está numa solidão profunda e parece refletir, mas não pensa, contempla alguma coisa. Se dessem nele um encontrão, estremeceria e olharia como quem desperta, mas sem compreender. Na verdade, voltaria logo a si, mas se lhe perguntassem em que pensava, certamente não se lembraria de nada; mas em compensação, decerto guardaria para si a impressão sob cujo império se achava durante sua contemplação. Essas impressões agradam-lhe e se acumulam nele, imperceptivelmente, sem que o perceba, Com qual fim, ele ignora. Um dia, talvez, depois de havê–las armazenado durante anos, deixará tudo e partirá para Jerusalém, a fim de tratar de sua salvação. Ou então deitará fogo à sua aldeia natal, talvez fará mesmo as duas coisas sucessivamente. Há muitos contemplativos em nosso povo. Smierdiákov era certamente um tipo desse gênero e armazenava avidamente suas impressões, quase sem conhecer a razão disso.

## VII / Uma controvérsia

Ora, a burra de Balaão pôs–se a falar de repente e a respeito de um tema estranho. De manhã, achando–se Grigóri na venda do comerciante Lukiánov, ouviu–o contar o seguinte. Um soldado russo foi feito prisioneiro numa região afastada por asiáticos que o intimaram, sob ameaça de tortura e morte, a abjurar o Cristianismo e a converter–se ao Islã. Tendo recusado trair sua fé, sofreu o martírio, deixou–se esfolar, morreu glorificando o Cristo. Esse fim heroico era relatado no jornal recebido naquela mesma manhã. Grigóri falou disso à mesa. Fiódor Pávlovitch sempre gostara, à sobremesa, de brincar e tagarelar, mesmo com Grigóri. Estava desta vez de humor jovial, sentindo uni relaxamento agradável. Depois de ter escutado a notícia, beberricando seu conhaque, insinuou que deveriam ter canonizado aquele soldado e transferido sua pele para um mosteiro. “O povo a cobriria de dinheiro.” Grigóri fechou a cara, vendo que Fiódor Pávlovitch, longe de se emendar, continuava a zombar das coisas santas. Naquele momento, Smierdiákov, que se mantinha perto da porta, sorriu. Já antes era muitas vezes admitido na sala de jantar, ao fim da refeição. Desde a chegada de Ivan Fiódorovitch, ali comparecia quase diariamente.

— Pois bem? O quê? — perguntou Fiódor Pávlovitch, compreendendo que aquele sorriso visava a Grigóri.

— Penso naquele bravo soldado — disse, de repente, Smierdiákov, em voz alta. — Seu heroísmo é sublime, mas na minha opinião, não teria havido, em semelhante caso, nenhum pecado em renegar o nome do Cristo e o batismo, para assim salvar sua vida e consagrá–la às boas obras, que resgatariam um momento de fraqueza.

— Como, nenhum pecado? Mentes; isto te valerá ir para o inferno, onde te assarão como a um carneiro — replicou Fiódor Pávlovitch.

Foi então que chegou Aliócha, para grande satisfação de Fiódor Pávlovitch, como se viu.

— Trata-se de teu tema favorito, — continuou ele, com um riso de escárnio, fazendo Aliócha sentar.

— Tolices tudo isso, não haverá nenhuma punição, não deve haver, em toda justiça — afirmou Smierdiákov.

— Como em toda justiça? — exclamou Fiódor Pávlovitch, redobrando de alegria e empurrando Aliócha com os joelhos.

— Um desavergonhado, eis o que ele é! — deixou escapar Grigóri, fitando Smierdiákov com cólera.

— Quanto a isso de desavergonhado, refreie–se, Grigóri Vassílievitch! — replicou Smierdiákov, conservando seu sangue–frio. — Pense antes que, caído em poder dos que torturam os cristãos, e intimado por eles a maldizer o nome de Deus e renegar meu batismo, minha própria razão me autoriza a isso plenamente, porque não pode haver aí nenhum pecado.

— Já o disseste, não divagues, mas prova–o! — gritou Fiódor Pávlovitch.

— Queima–panelas! — murmurou Grigóri com desprezo.

— Queima–panelas, espere um pouco, e sem palavrões, julgue

você mesmo, Grigóri Vassílievitch. Porque, logo que dissesse a meus carrascos: “Não, não: sou cristão e maldigo o verdadeiro Deus”, me tornaria anátema aos olhos da justiça divina, seria separado da santa Igreja, como um pagão, de sorte que, no instante mesmo, não de proferir essas palavras, mas de pensar em proferi–las, estou excomungado, não é verdade, sim ou não, Grigóri Vassílievitch? — Smierdiákov dirigia–se com satisfação visível a Grigóri, embora respondendo somente às perguntas de Fiódor Pávlovitch; dava–se perfeita conta disso, mas fingia crer que era Grigóri quem lhe fazia tais perguntas.

— Ivan! — exclamou Fiódor Pávlovitch. — Chega perto de meu ouvido. Toda essa peroração dele é para ti, quer receber teus elogios. Dá–lhe esse prazer.

Ivan ouviu com grande seriedade a observação de seu pai.

— Espera um minuto, Smierdiákov — continuou Fiódor Pávlovitch. — Ivan, aproxima–te de novo.

Ivan inclinou–se, sempre com o mesmo ar sério.

— Amo–te tanto quanto a Aliócha. Não vás crer que não te amo. Um pouco de conhaque?

— De boa–vontade. “Tu pareces já ter passado da conta”, disse Ivan a si mesmo, fitando o pai. Observava Smierdiákov com extrema curiosidade.

— Já és agora maldito e anátema — explodiu Grigóri — e como ousas, depois disso, desavergonhado, discutir se…

— Nada de injúrias, Grigóri, acalma–te! — interrompeu–o Fiódor Pávlovitch.

— Tenha paciência, Grigóri Vassílievitch, ainda que seja um momentinho, e continue a escutar, porque ainda não acabei. No momento em que renego a Deus, nesse instante mesmo, tornei–me uma espécie de pagão, meu batismo apagou–se e não conta para nada, não é bem isto?

— Apressa–te em concluir, meu caro — estimulou–o Fiódor Pávlovitch, beberricando, deleitado.

— Ora, se não sou mais cristão, não menti então aos meus carrascos, quando perguntaram: “És cristão ou não?”, porque já estava “descristianizado” pelo próprio Deus, em consequência apenas de minha intenção e antes de ter aberto a boca. Ora, se estou decaído, como e com que direito me pedirão contas no outro mundo, na qualidade de cristão, por ter abjurado o Cristo, quando, pela simples premeditação; já teria sido desbatizado? Se não sou mais cristão, não posso mais abjurar o Cristo, porque isto já estaria feito. Quem pois; mesmo no céu pedirá contas a um tártaro pagão por não ter nascido cristão e quem quererá puni–lo? Não diz o provérbio que não se deverá esfolar duas vezes o mesmo touro? Se o Todo–Poderoso exige contas a um tártaro, por ocasião de sua morte, suponho que o punirá levemente (não podendo absolvê–lo totalmente), estimando não ser culpa dele o ter nascido pagão, de pais que o eram. Será que o Senhor pode pegar à força um tártaro e dizer dele que era cristão? Seria o mesmo que dizer então que o Todo–Poderoso profere uma verdadeira mentira. Ora, ele pode mentir, ele que reina sobre a terra e nos céus, ainda mesmo por uma só de suas palavras?

Grigóri ficou estupefato e examinou o orador, de olhos escancarados. Embora não compreendendo bem do que se tratava, apanhara uma parte daquele galimatias e assemelhava–se a um homem que dera com a cabeça de encontro a um muro. Fiódor Pávlovitch acabou de beber seu copinho e explodiu numa risada aguda.

— Aliócha, Aliócha, que homem! Ah! o casuísta! Deve ter frequentado os jesuítas, em algum lugar, Ivan. Tresandas a jesuíta, quem pois te instruiu? Mas tu mentes desavergonhadamente, casuísta, tu divagas. Não te desoles, Grigóri, vamos reduzi–lo a pó. Responde a isto, burra: tens razão perante teus carrascos, seja, mas abjuraste a fé em teu coração e dizes tu mesmo que foste logo atingido de anátema. Ora, como tal, não podes esperar que te passem a mão pelos cabelos no inferno. Que pensas disso, meu bom padre jesuíta?

— É fora de dúvida que abjurei em meu coração, no entanto não

há nisso nenhum pecado especialmente, quando muito um pecado dos mais veniais.

— Como? Dos mais veniais?

— Mentes, maldito! — murmurou Grigóri.

— Julgue você mesmo, Grigóri Vassílievitch — continuou comedidamente Smierdiákov, consciente de sua vitória, mas fazendo–se de generoso para com um adversário abatido —, julgue você mesmo; está dito na Escritura que se tiverdes fé, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda, e disserdes a uma montanha que se precipite no mar, ela irá, sem nenhuma demora, assim que derdes a primeira ordem. Pois bem, Grigóri Vassílievitch, se não sou crente e se você é, a ponto de me invectivar sem cessar, tente você mesmo dizer a essa montanha que vá, não para o mar (porque está ele muito longe daqui), mas mesmo para aquele riacho infecto que corre por trás de nosso jardim, e verá logo que ela não se moverá e que não haverá mudança alguma, por mais que você grite. Ora, isto significa que você não crê da maneira que convém, Grigóri Vassílievitch, e que, em compensação, você invectiva os outros. Suponhamos ainda que ninguém, em nossa época, não somente você, mas ninguém decididamente, desde as pessoas da mais alta posição até o derradeiro mujique, possa empurrar as montanhas para o mar, a não ser um homem no mundo inteiro, dois quando muito, ainda assim talvez aqueles que tratam de sua salvação, ocultamente, no deserto do Egito e que não podem ser encontrados. Se assim é, se todos os outros são incréus, será possível que estes, isto é, a população do mundo inteiro, com exceção dos dois anacoretas sejam amaldiçoados pelo Senhor, e que não perdoe Ele a nenhum, dada a Sua misericórdia bem conhecida? De modo que espero que minhas dúvidas me serão perdoadas, quando derramar lágrimas de arrependimento.

— Espera! — guinchou Fiódor Pávlovitch, no cúmulo do entusiasmo. — De modo que supões que há dois homens capazes de mover montanhas? Ivan, nota esse detalhe, nota bem. O homem russo inteiro está aí!

— O senhor notou com bastante justeza que é esse um sinal da fé

popular — disse Ivan Fiódorovitch, com um sorriso de aprovação.

— Estás de acordo? É então verdade, já que estás de acordo. É exato, Aliócha? Isso se assemelha perfeitamente à fé russa?

— Não, Smierdiákov não tem de todo a fé russa — declarou Aliócha, num tom sério e firme.

— Não falo de sua fé, mas desse detalhe, desses dois anacoretas, nada mais do que esse detalhe: não é bem russo?

— Sim, esse detalhe é perfeitamente russo — aprovou Aliócha, sorrindo.

— Essa frase merece um ducado, burra, e eu o enviarei hoje mesmo, mas quanto ao resto tu mentes, tu divagas; fica sabendo, imbecil, que neste mundo todos nós não cremos somente por frivolidade, porque falta tempo; os negócios nos absorvem, os dias só têm vinte e quatro horas, não temos tempo não só de nos arrependermos, mas de dormir à vontade. Mas tu, tu abjuraste diante dos carrascos, quando não tinhas de pensar senão em tua fé e que era preciso justamente testemunhá–la! Isto constitui um pecado, meu caro, penso eu!

— Decerto, constitui um, mas um pecado venial, julgue você mesmo, Grigóri Vassílievitch. Porque se tivesse então, acreditado na verdade, como importa crer nela, teria sido verdadeiramente um pecado não sofrer o martírio e converter–me à maldita religião de Maomé. Mas não teria sofrido o martírio, porque me bastaria dizer àquela montanha: marcha e esmaga o carrasco, para que ela se pusesse logo em movimento e o esmagasse como a uma barata, e eu teria me retirado como se de nada se tratasse, glorificando e louvando a Deus. Mas se naquele momento já o tivesse tentado e gritado à montanha: esmaga os carrascos, sem que ela me obedecesse, como então, diga–me, não teria eu duvidado naquela hora terrível de pavor mortal? Fora isto, já sei que não obterei inteiramente o reino dos céus (porque se a montanha não se moveu à minha voz é que minha fé não goza de muito crédito lá em cima e que a recompensa, que me espera no outro mundo não é bastante elevada), por que, pois, ainda por cima, deveria me deixar esfolar sem nenhum proveito? Porque,

mesmo esfolado até a metade das costas, minhas palavras ou meus gritos não deslocariam aquela montanha. Num tal minuto, não somente a dúvida pode invadir–nos, mas o medo pode tirar–nos a razão, e impedir–nos de decidir. Por consequência, sou tão culpado assim se salvo pelo menos a pele, não vendo em parte alguma um proveito, ou uma recompensa? Assim, confiante na misericórdia divina, espero ser inteiramente perdoado…

## VIII / Saboreando o conhaque

A discussão chegara ao fim, mas, coisa estranha, Fiódor Pávlovitch, tão alegre até então, ensombreceu–se. Serviu–se de mais um copo de conhaque, o que já era demais.

— Vão–se embora, jesuítas, fora daqui! — gritou ele para os criados. — Vai–te, Smierdiákov, receberás hoje o ducado prometido. Não te desoles, Grigóri, vai procurar Marfa, ela te consolará, cuidará de ti. Esses canalhas não nos deixam descansar — disse ele, de mau–humor, quando os criados saíram obedecendo–lhe às ordens. — Smierdiákov vem agora aqui todos os dias depois do jantar. És tu que o atrais, que o tratas com mimos? — perguntou ele a Ivan Fiódorovitch.

— Claro que não — respondeu este. — Deu–lhe na veneta mostrar respeito por mim, é um lacaio, um pulha. Fará parte da vanguarda, quando o momento chegar.

— Da vanguarda?

— Haverá outros e melhores, mas haverá muitos como ele.

— E quando chegará o momento?

— O foguete arderá, mas talvez não até o fim. No momento, o povo não gosta de ouvir esses queima–panelas.

— Com efeito, aquela burra de Balaão pensa que não acaba mais, e Deus sabe até onde isso pode ir.

— Ele armazena ideias — observou Ivan, sorrindo.

— Estás vendo? Sei que ele não pode me tolerar, nem a mim nem aos outros, e a ti em primeiro lugar, se bem que creias que “lhe deu na veneta mostrar respeito por ti”. E quanto a Aliócha, ele despreza Aliócha. Mas não é ladrão, nem falador; não sai espalhando coisas; faz excelentes pastéis de peixe… Ah! afinal que o diabo o leve! Vale a pena falar dele?

— Decerto que não.

— E, quanto ao que ele pensa lá consigo, é preciso em geral chicotear o mujique russo. Sempre foi minha opinião. Nosso mujique é um velhaco, indigno de compaixão, e fazem bem em bater–lhe por vezes ainda agora. É a bétula que faz a força da terra russa, e ela perecerá com as florestas. Sou a favor das pessoas de espírito. Deixamos de bater nos mujiques, por liberalismo, mas eles continuam a chicotear a si mesmos. E fazem bem. “Com a medida com que medirdes, vos medirão a vós.”[36] É bem isto, não é? … Meu caro, se soubesses como odeio a Rússia… isto é, não a Rússia, mas todos os seus vícios… e talvez a Rússia. *Tout cela; c’est de la cochonnerie*.[37] Sabes o que amo? Amo o espírito.

— O senhor serviu–se outro copo. Já bebeu bastante.

— Espera, tomarei ainda dois e acabou–se. Mas me interrompeste. De passagem por Mókroie, conversei um dia com um velho, que me disse: “Gostamos, mais do que tudo, de condenar as moças a açoites, e encarregamos os rapazes de executar a sentença. Em seguida, o rapaz toma como noiva aquela a quem chicoteou, de modo que se tornou isso um costume entre nós para as moças”. Que sádicos, hem? Digam o que disserem, é engraçado. Se fôssemos ver isso, hem? Aliócha, ficas corado? Não te envergonhes, meu filho. É pena que não tenhas ficado hoje para jantar com o Padre Abade. Teria falado aos monges a respeito das moças de Mókroie. Aliócha; não me queiras mal por ter ofendido o Padre Abade. A cólera arrebata–me. Porque, se há um Deus, se ele existe, evidentemente sou culpado então, e responderei por isso, mas se ele não existe, há necessidade ainda desses teus padres? Não seria demais se lhes cortassem a cabeça, porque eles impedem o progresso. Tu acreditas, Ivan, que isso me atormenta? Não, tu não acreditas, vejo–o nos teus olhos. Acreditas que não sou senão

um palhaço, como se pretende. Aliócha, acreditas nisso, acreditas?

— Não, não acredito.

— E eu estou persuadido de que falas sinceramente e que vês com justeza. Não é como Ivan. Ivan é presunçoso… No entanto, gostaria de acabar com o teu mosteiro. Seria preciso suprimir duma vez essa engenhoca mística em toda a terra russa, para converter todos os imbecis à razão. Quanto dinheiro e quanto ouro afluíram para o Tesouro!

— Mas por que suprimir os mosteiros? — perguntou Ivan.

— A fim de que a verdade resplandeça mais depressa.

— Quando essa verdade resplandecer, primeiro irão despojá-lo, depois… vão suprimi-lo.

— Ora! Mas talvez tenhas razão. Que asno sou! — exclamou Fiódor Pávlovitch, coçando a testa. — Paz ao teu mosteiro, Aliócha, se é assim. Nós, pessoas de espírito, ficamos no quente e bebemos conhaque. É sem dúvida a vontade expressa de Deus. Ivan, dize–me; há um Deus, sim ou não? Espera, responde–me seriamente! Por que ris ainda?

— Rio de sua observação espirituosa a respeito da fé que revelou Smierdiákov a respeito dos dois eremitas capazes de mover montanhas.

— É a mesma coisa?

— Totalmente.

— Pois bem, por consequência, sou também um homem russo, com a mesma característica russa, e tu, filósofo, podes ser apanhado com uma característica do mesmo gênero. Queres que te apanhe? Apostemos que será amanhã. Mas dize–me, no entanto, há um Deus ou não? Somente é preciso que me fales seriamente.

— Não, não há Deus.

— Aliócha, Deus existe?

— Sim, existe.

— Ivan, há imortalidade? Por pequena que seja, por mais modesta?

— Não, não há.

— Nenhuma?

— Nenhuma.

— Quer dizer, um zero absoluto, ou uma parcela? Não haveria uma parcela?

— Um zero absoluto.

— Aliócha, há imortalidade?

— Sim.

— Deus e a imortalidade juntos?

— Sim. É em Deus que repousa a imortalidade.

— Hum! Deve ser Ivan quem tem razão. Senhor, quando se pensa quanto de fé e de energia essa quimera tem custado ao homem, em pura perda, desde milhares de anos! Quem, pois, zomba assim da humanidade? Ivan, pela derradeira vez e categoricamente: há um Deus, sim ou não?

— Não, pela derradeira vez.

— Quem, pois, zomba do mundo, Ivan?

— O diabo, provavelmente — escarneceu Ivan.

— O diabo existe?

— Não, não existe.

— Tanto pior. Não sei o que eu teria feito ao primeiro fanático

que inventou Deus. Enforcá–lo seria insuficiente!

— Sem essa invenção, não haveria civilização.

— Deveras? Sem Deus?

— Sim. E não haveria conhaque tampouco. Vai ser preciso retirá–lo.

— Espera, espera! Ainda um copito! Ofendi Aliócha. Não me queres mal, não é, meu queridinho Alieksiéitchik?[38]

— Não, não lhe quero mal. Conheço seus pensamentos. Seu coração vale mais que sua cabeça.

— Meu coração vale mais que minha cabeça? De quem são essas palavras? Ivan, gostas de Aliócha?

— Sim, amo–o.

— Ama–o (Fiódor Pávlovitch estava meio embriagado). Escuta, Aliócha, fui grosseiro há pouco com teu *stáriets*, mas estava superexcitado. É um homem inteligente, que achas, Ivan?

— Poderia ser.

— Decerto, *il y a du Piron là–dedans*.[39] É um jesuíta russo. A necessidade de representar a comédia, de usar uma máscara de santidade, indigna–o interiormente, porque é um caráter nobre.

— Mas ele crê em Deus.

— Nem um copeque. Não o sabias? Ele mesmo fala disso a todo mundo, ou antes a todas as pessoas inteligentes que vão vê–lo. Declarou sem rebuços ao Governador Schultz: “Creio, mas ignoro em quê”.

— É mesmo?

— É textual. Mas tenho-lhe estima. Há nele alguma coisa de Mefistófeles, ou melhor, do *Um herói de nosso tempo*…[40] Arbiénin, é este mesmo seu nome?… Vês tu? É um sensual, e a tal ponto que não

estaria tranquilo, mesmo agora, se minha mulher, ou minha filha fossem confessar–se com ele. Quando ele começa a contar, se tu soubesses… Há três anos, convidou–nos a tomar chá, com licores (porque as damas enviam–lhe licores); pôs–se a descrever sua vida de outrora, de modo que a gente só faltava morrer de rir… e como teve de avir–se para curar uma senhora… “Se não tivesse dor nas pernas, disse ele, dançaria para vocês certa dança.” Hem? Que sujeito! “Eu também levei vida alegre”, acrescentou ele. Extorquiu sessenta mil rublos ao negociante Diemídov.

— Como? Roubando–o?

— O outro havia–os confiado a ele, acreditando que fosse um homem de honra. “Guarde–os para mim, amanhã vão passar minha casa em revista.” O santo homem guardou tudo. “Tu os deste para a Igreja”, disse ele. Disse–lhe que ele era um tratante. “Não, replicou ele, mas tenho ideias largas…” De resto, é de um outro que se trata. Confundi… sem dar por isso. Ainda um copinho e pronto. Leva a garrafa, Ivan. Por que não me detiveste nas minhas mentiras?

— Sabia que o senhor mesmo se deteria.

— É falso, somente por maldade não disseste nada. No fundo, tu me desprezas. Vieste à minha casa para mostrar teu desprezo.

— Vou–me embora; o conhaque começa a subir–lhe à cabeça.

— Pedi–te insistentemente que fosses passar um ou dois dias em Tchermachniá, mas não fizeste caso.

— Partirei amanhã, já que faz tanta questão.

— Não há perigo. Queres espionar–me; tal é teu propósito, maldito, e o que te retém aqui.

O velho não se acalmava. Estava naquele ponto em que certos bêbedos, até então pacíficos, fazem de repente questão de se mostrarem malvados.

— Que tens para me olhares assim? Teus olhos me dizem: “Vil beberrão”. Revelam desconfiança e desprezo. És um velhaco astuto. O

olhar de Aliócha resplandece. Ele não me despreza. Alieksiéi, cuida de não amar Ivan.

— Não se zangue contra meu irmão! Basta de ofendê–lo — proferiu Aliócha, num tom firme.

— Pois bem, seja! Ah! que dor de cabeça! Ivan, leva o conhaque, pela terceira vez te digo. — Pôs–se a pensar e mostrou de súbito um sorriso astuto. — Não te zangues, Ivan, contra um pobre velho. Não gostas de mim, eu sei, mas não te zangues. Não há razão para amar–me. Partirás para Tchermachniá, irei encontrar–te lá e te levarei um presente. Lá vou te mostrar uma mocinha, atrás de quem ando há muito tempo. Anda ainda descalça, mas não tenhas medo das moças descalças, não se deve desprezá–las, elas são umas pérolas!…

E estalou um beijo na mão.

— Para mim — animou–se subitamente, como que desembriagado por um instante, abordando seu tema favorito –, para mim… Ah! meus filhos, meus leitõezinhos… para mim… jamais encontrei uma mulher feia, eis minha máxima! Compreendem? Não, não podem. Não é sangue, é leite que corre nas veias de vocês, ainda não quebraram a casca completamente! Na minha opinião, pode–se encontrar em toda mulher algo de muito interessante, que lhe é particular, somente é preciso saber descobri–lo, eis o *quid*! É um talento! Para mim nunca houve feionas. Basta o sexo e é já muito… Mas isto está fora do alcance de vocês! Até mesmo entre as solteironas velhas, encontram–se por vezes encantos tais, que a gente pergunta a si mesmo como é que imbecis puderam deixá–las envelhecer sem as notar! É preciso em primeiro lugar surpreender uma dessas que andam descalças, é assim que se deve fazer. Não sabias? É preciso que ela fique maravilhada e confusa por ver um *barin*[41] amoroso do focinhozinho dela. Por sorte, há e sempre haverá senhores para tudo ousar e criadas para obedecer–lhes. Basta isto para felicidade da existência! A propósito, Aliócha, sempre causei espanto à tua defunta mãe, mas duma outra maneira. Por vezes, depois de havê–la privado de carícias, expandia–me diante dela num momento dado, caía a seus joelhos, beijando–lhe os pés, e sempre lhe provocava uma risadinha convulsiva, aguda mas sem estrépito. Ela não ria de outra forma. Sabia

que sua crise começava sempre assim, que no dia seguinte ela gritaria como uma possessa, e que aquela risadinha só exprimia a aparência de um entusiasmo; mas era sempre isto! A gente sempre encontra; quando sabe procurar. Um dia, um tal Bieliávski, um rico bonitão, que lhe fazia a corte e frequentava nossa casa, esbofeteou–me na presença dela. Mansa como um carneiro, pensei que ela ia bater–me: "Tu foste batido, ele te esbofeteou! — dizia ela. — Tu me vendias a ele… Como ele ousou, na minha presença? Trata de não me aparecer, corre a desafiá–lo a um duelo!…". Conduzi–a então ao mosteiro, onde rezaram sobre ela para acalmá–la, mas, juro–te perante Deus, Aliócha, jamais ofendi a minha pequena endemoniada. Uma vez somente, foi no primeiro ano de nosso casamento, ela rezava demais, observava estritamente as festas da Virgem, e recusava–me a entrada de seu quarto. Vou curá–la de seu misticismo! — eu pensava. "Vês — disse — este ícone que tens como milagroso? Tiro–o, vou cuspir em cima dele na tua presença e nenhum castigo sofrerei!" Meu Deus, ela vai matar–me — digo a mim mesmo. Ela, porém, teve apenas um sobressalto, juntou as mãos, ocultou seu rosto, foi tomada dum tremor e caiu sobre o soalho… Aliócha! Aliócha! Que tens? Que tens?

O velho levantou–se, aterrorizado. Desde que se começou a falar de sua mãe, o rosto de Aliócha alterava–se pouco a pouco; corou, seus olhos cintilaram, seus lábios tremeram… O velho bêbedo nada notara, até o momento em que Aliócha teve uma crise estranha, reproduzindo, traço por traço, o que acabava ele de contar a respeito da "endemoniada". De súbito, levantou–se da mesa, exatamente como sua mãe, de acordo com a narrativa, juntou as mãos, ocultou o rosto, deixou–se cair sobre sua cadeira, todo sacudido por uma crise de histeria, acompanhada de lágrimas silenciosas.

— Ivan! Ivan! Água, depressa! Completamente como a mãe dele. Tira água com a colher grande e asperge–o, como eu fazia com ela, É por causa de sua mãe, por causa de sua mãe… — murmurou ele a Ivan.

— Sua mãe era também a minha, suponho, que pensa o senhor? — Ivan não pôde impedir–se de dizer, com um desprezo cheio de cólera. Seu olhar faiscante fez o velho estremecer. Coisa estranha, por um instante, o velho pareceu perder de vista que a mãe de Aliócha era

também a de Ivan…

— Como, tua mãe? — murmurou, sem compreender. — Por que dizes isto? A propósito de que mãe? Será que ela… Ah! diabo! é também a tua! Pois bem, onde tinha eu a cabeça? Desculpa–me, mas eu acreditava, Ivan… Eh! eh! eh! — Parou, com um sorriso idiota de bêbedo. No mesmo instante, um barulho reboou no vestíbulo, gritos furiosos se elevaram, a porta abriu–se e Dimítri Fiódorovitch irrompeu na sala. O velho apavorado precipitou–se para Ivan:

— Ele vem matar–me! Não me entregues! — exclamou ele, agarrado às abas do paletó de Ivan.

## IX / Os sensuais

Grigóri e Smierdiákov acorriam atrás de Dimítri. No vestíbulo, tinham lutado com ele, para impedi–lo de entrar (de conformidade com as instruções dadas por Fiódor Pávlovitch alguns dias antes). Aproveitando–se do fato de Dimítri Fiódorovitch, ao penetrar na sala, ter parado um minuto para orientar–se, Grigóri deu volta à mesa, fechou os dois batentes da porta do fundo, que dava para os aposentos interiores e conservou–se diante dessa porta, de braços estendidos em cruz, pronto a defender–lhe a entrada até o derradeiro suspiro. Vendo isso, Dimítri rugiu mais do que gritou e precipitou–se contra Grigóri.

— Então ela está aí! Foi lá que a esconderam! Para trás, patife!

Quis afastar Grigóri, mas este o repeliu. Louco de raiva, Dimítri ergueu a mão e golpeou Grigóri com toda a sua força. O velho caiu como que ceifado e Dimítri, pulando por cima de seu corpo, forçou a porta. Smierdiákov, pálido e tremendo, ficara na outra extremidade da mesa, apertado contra Fiódor Pávlovitch.

— Ela está aqui — gritou Dimítri Fiódorovitch. — Acabo de vê–la dirigir–se para esta casa, mas não pude alcançá–la. Onde ela está? Onde ela está?

Aquele grito de "ela está aqui" causou uma impressão inexplicável em Fiódor Pávlovitch; todo o seu pavor desapareceu.

— Detenham–no, detenham–no! — guinchou ele, precipitando–se no encalço de Dimítri. Enquanto isso, Grigóri havia–se levantado, mas ainda estava zonzo. Ivan Fiódorovitch e Aliócha correram para deter seu pai. No quarto vizinho, ouviu–se o barulho de um objeto que caía e quebrava. Era um grande vaso de vidro (de pouco valor), sobre um pedestal de mármore em que Dimítri tropeçara ao passar.

— Socorro! — urrou o velho.

Ivan e Aliócha alcançaram–no e arrastaram–no à força para a sala de jantar.

— Por que o persegue? Ele seria capaz de matá–lo! — exclamou com cólera Ivan Fiódorovitch.

— Vânia, Aliócha! Ela está aqui, Grúchenhka; ele mesmo disse que a viu entrar.

Fiódor Pávlovitch perdia o fôlego. Não esperava Grúchenhka naquela ocasião e a notícia imprevista de sua presença perturbava sua razão. Estava todo tremente, como que perdera o espírito.

— O senhor mesmo viu que ela não veio — gritou Ivan.

— Mas talvez pela outra entrada?

— Está fechada essa entrada, e o senhor tem a chave…

Dimítri tornou a aparecer na sala de jantar. Naturalmente, havia encontrado aquela entrada fechada e era mesmo Fiódor Pávlovitch que tinha a chave dela em seu bolso. Todas as janelas estavam igualmente fechadas; Grúchenhka não pudera, pois, entrar nem sair por nenhuma via de acesso.

— Detenham–no! — vociferou Fiódor Pávlovitch, assim que avistou Dimítri. — Roubou dinheiro no meu quarto de dormir! — Arrancando–se dos braços de Ivan, lançou–se de novo contra Dimítri. Este ergueu as mãos e, agarrando o velho pelos dois únicos tufos de cabelo que lhe restavam nas têmporas, o fez dar uma pirueta e atirou–o violentamente no soalho. Deu–lhe ainda dois ou três golpes com o tacão no rosto, quando ele estava caído. O velho lançou um gemido agudo. Ivan, embora mais fraco que Dimítri, agarrou–o pelo braço e afastou–o do velho. Aliócha, ajudando–o com todas as suas forças, agarrara seu irmão pela frente.

— Louco, tu o mataste! — gritou Ivan.

— Tem o que merece! — exclamou Dimítri, ofegante — Se não morreu, voltarei. Vocês não o resguardarão.

— Dimítri, fora daqui agora mesmo! — gritou imperiosamente Aliócha.

— Alieksiéi! Só tenho confiança em ti; dize–me se Grúchenhka estava aqui há pouco ou não. Eu mesmo a vi costear a sebe e desaparecer nesta direção. Chamei–a, ela fugiu…

— Juro–te que ela não estava aqui e que ninguém a esperava!

— Mas eu a vi… portanto ela… Saberei agora mesmo onde ela está… Adeus, Alieksiéi! Nem uma palavra a Esopo a respeito do dinheiro, mas vai imediatamente à casa de Katierina Ivânovna e dize–lhe: “Ele me ordenou que a saudasse, precisamente que a saudasse e tornasse a saudar!”. Descreve–lhe a cena.

Enquanto isso, Ivan e Grigóri tinham levantado e instalado o velho numa poltrona. Seu rosto estava ensanguentado, mas não perdera os sentidos. Parecia–lhe sempre que Grúchenhka se

encontrava em alguma parte da casa. Dimítri lançou–lhe um olhar de ódio ao retirar–se.

— Não me arrependo de ter derramado teu sangue! — exclamou ele. — Toma cuidado, velho, vigia teu sonho, porque eu também tenho um. Eu mesmo te maldigo e te renego para sempre…

Lançou–se para fora da sala.

— Ela está aqui, ela está certamente aqui — estertorou o velho com uma voz mal perceptível, fazendo sinal a Smierdiákov.

— Não, ela não está aqui, velho insensato — gritou com raiva Ivan. — Bem! ei–lo que desmaia! Água, um guardanapo! Apressa–te, Smierdiákov!

Smierdiákov correu a buscar água. Depois que lhe tiraram a roupa, levaram o velho para o quarto de dormir e deitaram–no na cama. Cercaram–lhe a cabeça com um guardanapo molhado. Enfraquecido pelo conhaque, pelas emoções violentas e pelos golpes, ele fechou os olhos e adormeceu assim que pousou a cabeça no travesseiro. Ivan Fiódorovitch e Aliócha voltaram ao salão. Smierdiákov retirou os cacos do vaso partido. Grigóri mantinha–se perto da mesa, sombrio, de cabeça baixa.

— Devias também molhar tua cabeça e deitar–te — disse–lhe Aliócha. — Nós cuidaremos dele; meu irmão golpeou–te violentamente a cabeça.

— Ele ousou! — proferiu Grigóri, com ar sombrio.

— Ousou também contra seu pai, não somente contra ti! — observou Ivan, com os lábios contraídos.

— Lavei–o pequenino na gamela e ele ousou! — repetiu Grigóri.

— Com os diabos! Se eu não o tivesse retido, era capaz de matá-lo. Pouco faltou a Esopo para morrer — murmurou Ivan a Aliócha.

— Que Deus o preserve! — exclamou Aliócha.

— Por quê? — continuou Ivan, no mesmo tom, com o rosto numa contração de ódio. — Que os reptis se devorem entre si, tal é seu destino!

Aliócha estremeceu.

— Bem entendido, não deixarei que se dê um assassinato, como fiz agora. Fica aqui, Aliócha, vou andar no pátio, começo a ter dor de cabeça.

Aliócha foi para o quarto de dormir e ficou uma hora à cabeceira de seu pai, por trás do biombo. De súbito, o velho abriu os olhos e olhou–o muito tempo em silêncio, esforçando–se visivelmente por coordenar suas lembranças. Uma agitação extraordinária pintou–se em seu rosto.

— Aliócha — cochichou ele, apreensivo —, onde está Ivan?

— No pátio; está com dor de cabeça. Está nos guardando.

— Dá–me o espelhinho que está ali.

Aliócha entregou–lhe um espelhinho oval, que se achava sobre a cômoda. O velho mirou–se nele. O nariz estava bastante inchado e, na testa, acima da sobrancelha esquerda, via–se uma equimose roxa.

— Que diz Ivan? Aliócha, meu querido, meu único filho, tenho medo de Ivan; tenho mais medo dele do que do outro. Só, de ti é que não tenho medo.

— Não tenha medo tampouco de Ivan; ele se zanga, mas o defenderá.

— Aliócha, e o outro? Correu para a casa de Grúchenhka? Meu anjo, dize–me a verdade: Grúchenka estava ainda há pouco aqui ou não?

— Ninguém a viu! É uma ilusão, ela não estava ali!

— Mítia quer casar com ela, sabes?

— Ela não quererá.

— Ela não quererá, ela não quererá a preço nenhum — exclamou o velho, fremente de alegria, como se nada lhe pudessem dizer de mais agradável no momento. No seu entusiasmo, agarrou a mão de Aliócha e a apertou contra seu coração. Lágrimas mesmo brilharam em seus olhos. — Toma essa imagem da Virgem de que falei ainda há pouco, leva–a contigo. E permito que voltes ao mosteiro… Estava brincando, não te zangues. A cabeça me dói, Aliócha… tranquiliza–me, sê meu bom anjo, dize a verdade!

— Sempre a mesma ideia, se ela veio ou não — disse tristemente Aliócha.

— Não, não, acredito em ti. Mas vai à casa de Grúchenhka, ou procura vê–la; pergunta–lhe o mais breve possível — penetra seu segredo — quem ela prefere, ele ou eu? Podes ou não?

— Se a encontrar, faço-lhe a pergunta — murmurou Aliócha, confuso.

— Não, ela não dirá — interrompeu o velho —, é uma criança terrível. Começará por beijar–te, dizendo que é a ti que ela quer. É astuta e descarada, não, não podes ir à casa dela.

— Com efeito, meu pai, não ficaria bem de jeito nenhum.

— Aonde te enviava ele, ainda há pouco, quando gritou: “Vai”, ao retirar–se?

— À casa de Katierina Ivânovna.

— Para lhe pedir dinheiro?

— Não, para isso não.

— Ele não tem dinheiro, nem um copeque. Escuta, Aliócha, refletirei durante a noite. Vai–te… talvez a encontres. Vem ver–me amanhã de manhã sem falta. Tenho alguma coisa para dizer–te. Virás?

— Virei.

— Terás o ar de vir saber notícias de mim. Não digas a ninguém

que te chamei. Nem uma palavra a Ivan.

— Está entendido.

— Adeus, meu anjo. Tomaste minha defesa, ainda há pouco, não o esquecerei nunca. Vou te dizer uma coisa amanhã… mas isto exige reflexão.

— Como se sente agora?

— Amanhã estarei de pé, completamente restabelecido, de perfeita saúde!…

No pátio, Aliócha encontrou Ivan sentado em um banco, perto do portão; anotava qualquer coisa a lápis no seu caderno. Aliócha informou–o de que o velho recuperara os sentidos e deixava que ele passasse a noite no mosteiro.

— Aliócha, sentiria grande prazer em ver–te amanhã de manhã — disse Ivan, num tom amável, de todo inesperado para Aliócha.

— Amanhã estarei em casa das Senhoras Khokhlakovi, talvez também em casa de Katierina Ivânovna, se não a encontrar em casa agora.

— Vais lá mesmo? É para “saudá–la, saudá–la” — pilheriou Ivan.

Aliócha perturbou–se.

— Penso ter compreendido as exclamações de Dimítri e um pouco o que se passou. Ele pediu que fosse vê–la para dizer–lhe que ele… pois bem… numa palavra, para despedir–se.

— Meu irmão, como terminará esse pesadelo para Dimítri e para nosso pai? — exclamou Aliócha.

— É difícil adivinhá–lo. Talvez dê tudo em nada. Aquela mulher é um monstro. Em todo caso, é preciso que o velho fique em casa e que Dimítri aqui não entre.

— Meu irmão, permite–me ainda uma pergunta. Pode dar–se que cada qual tenha o direito de julgar seus semelhantes e de decidir quem

é digno de viver e quem não é?

— Que vem fazer aqui a apreciação dos méritos? O coração humano não se baseia sobre os méritos para resolver essa questão, mas sobre outros motivos bem mais naturais. Quanto ao direito, quem, pois, não tem o direito de desejar?

— Não a morte de outrem.

— E por que não a morte? De que serve mentir a si mesmo, quando todos vivem assim e sem dúvida não podem viver de outro modo? Pensas no que disse ainda há pouco, que "os dois reptis se devoram um ao outro"? Crês–me capaz, como Dimítri, de derramar o sangue de Esopo, de matá–lo, enfim?

— Que dizes, Ivan? Jamais me veio tal ideia! E não creio que Dimítri…

— Obrigado — disse Ivan, sorrindo. — Fica sabendo que o defenderei sempre. Mas no caso particular, deixo o campo livre a meus desejos. Até amanhã. Não me julgues, não me olhes como a um celerado — acrescentou.

Apertaram–se as mãos mais cordialmente do que jamais o fizeram. Aliócha compreendeu que seu irmão se aproximava dele com um certo fim, intencionalmente.

## X / Os dois juntos

Aliócha saiu da casa de seu pai mais abatido e mais acabrunhado do que à sua chegada. Suas ideias eram fragmentárias, confusas; ele próprio se dava conta de que temia reuni–las, tirar uma conclusão geral das contradições dolorosas de que se compusera aquele dia. Experimentava um sentimento vizinho do desespero, o que jamais lhe acontecera. Uma questão dominava as outras, fatal e insolúvel: que aconteceria a seu pai e Dimítri em presença daquela mulher terrível? Vira–os engalfinhados. O único verdadeiramente infeliz era seu irmão Dimítri; a fatalidade o tocaiava. Outros encontravam–se misturados a tudo isso e talvez mais do que parecia antes a Aliócha. Era enigmático. Ivan dera os primeiros passos em sua direção, esperados desde muito

tempo, e agora ele sentia certa apreensão. Outra coisa estranha: enquanto que antes ia à casa de Katierina Ivânovna numa extraordinária perturbação, nenhuma sentia agora; apressava–se mesmo, como se esperasse dela uma indicação. No entanto, o recado era ainda mais penoso de dar: a questão dos três mil rublos estava liquidada e Dimítri, sentindo–se definitivamente desonrado, cairia cada vez mais baixo. Além disso, devia Aliócha narrar a Katierina Ivânovna a cena que acabava de desenrolar–se em casa de seu pai.

Eram sete horas e a noite estava a cair, quando Aliócha chegou à casa de Katierina Ivânovna, que morava num prédio vasto e confortável da Rua Grande. Sabia que ela vivia com duas tias. Uma, a tia de sua irmã Agáfia Ivânovna, era aquela pessoa silenciosa que tomara conta dela depois que saíra do internato. A outra era uma senhora de Moscou, bastante digna, mas sem fortuna. Sabia–se que as duas senhoras se submetiam em tudo a Katierina Ivânovna é só permaneciam em sua companhia para manter o decoro. Katierina Ivânovna só dependia de sua benfeitora, a generala, cuja saúde a retinha em Moscou e a quem ela estava obrigada a dar, duas vezes por semana, notícias suas pormenorizadas.

Quando Aliócha, no vestíbulo, fez–se anunciar pela arrumadeira que lhe abrira a porta, sabia–se já no salão de sua chegada, evidentemente (talvez o tivessem visto pela janela); o fato é que ele ouviu rumor, passos precipitados ressoaram com um frufru de vestidos, duas ou três mulheres teriam saído correndo. Aliócha achou estranho que sua chegada produzisse tal agitação. Fizeram–no entrar logo para o salão, uma grande peça mobiliada com elegância, que nada tinha de provinciana. Muitos canapés, divãs, poltronas, mesas e centros; quadros nas paredes, vasos e lâmpadas, um molho de flores, havendo mesmo um aquário, perto da janela. O crepúsculo ensombrecia a sala. Aliócha avistou em cima dum canapé uma mantilha de seda abandonada, e sobre a mesa, em frente, duas xícaras onde restava chocolate, biscoitos, uma taça de cristal com passas de uvas, outra com bombons. Vendo aquela refeição, Aliócha adivinhou que havia convidados e franziu o cenho. Mas logo o reposteiro se ergueu e Katierina Ivânovna entrou a passos rápidos, estendendo–lhe as duas mãos com alegre sorriso. Ao mesmo tempo, uma criada trouxe

e colocou em cima da mesa duas velas acesas.

— Louvado seja Deus, ei–lo afinal! Rezei a Deus o dia inteiro para que você viesse! Sente–se.

A beleza de Katierina Ivânovna já havia impressionado Aliócha três semanas antes, quando Dimítri o levara à casa dela para apresentá–lo, porque ela desejava muito conhecê–lo. Não haviam conversado por ocasião daquela entrevista. Pensando que Aliócha estava muito acanhado, Katierina Ivânovna quis pô–lo à vontade e conversou todo o tempo com Dimítri. Aliócha mantivera–se em silêncio, mas observara muitas coisas. Impressionaram–no o porte nobre, a desenvoltura altiva, a segurança da orgulhosa moça. Seus grandes olhos negros e brilhantes pareceram–lhe em perfeita harmonia com a palidez mate de seu rosto oval. Mas seus olhos, seus lábios encantadores, por mais capazes que fossem de excitar o amor de seu irmão, não poderiam talvez retê–lo por muito tempo. Foi quase franco com Dimítri, quando este, após a visita, insistiu, rogando–lhe que não ocultasse a impressão que lhe causara sua noiva.

— Serás feliz com ela, mas talvez não uma felicidade calma.

— Meu irmão, mulheres como essa permanecem iguais a si mesmas, não se resignam diante do destino. De modo que, pensas que não a amarei sempre?

— Não, tu a amarás sempre, é possível, mas não serás talvez sempre feliz com ela…

Aliócha exprimira sua opinião corando, aborrecido por ter, para ceder aos rogos de seu irmão, formulado ideias tão “tolas”, porque sua opinião lhe parecera a ele próprio bastante tola, logo que fora emitida. Tivera vergonha de haver–se exprimido tão categoricamente a respeito de uma mulher. Sua surpresa foi tanto maior sentindo, ao primeiro olhar lançado agora sobre Katierina Ivânovna, que então tinha talvez se enganado no seu julgamento. Desta vez o rosto da moça irradiava uma bondade ingênua e uma sinceridade ardente. Da “altivez e orgulho” de então, que haviam impressionado tanto Aliócha, não restava senão uma nobre energia, uma confiança serena e forte em si mesma. Ao primeiro olhar, às primeiras palavras, compreendeu

Aliócha que o trágico de sua situação a respeito do homem a quem ela tanto amava não lhe escapava e que, talvez, já soubesse de tudo. E no entanto, apesar disso, seu rosto radiante exprimia a fé no futuro. Aliócha sentiu–se culpado perante ela, vencido e cativo ao mesmo tempo. Além disso, observou, às suas primeiras palavras, que ela se encontrava numa violenta agitação, talvez insólita nela, e que confinava mesmo com a exaltação.

— Eu o esperava, porque é só de você, agora, que posso saber toda a verdade.

— Vim… — gaguejou Aliócha — eu… ele me enviou.

— Ah! ele o enviou? Está bem. Pressentia isso. Agora, sei tudo, tudo — disse Katierina Ivânovna, com os olhos cintilantes. — Espere, Alieksiéi Fiódorovitch, vou dizer–lhe por que desejava tanto vê–lo. Sei muito mais do que você mesmo; não são notícias que reclamo de você. Quero saber de sua derradeira impressão sobre Dimítri, quero que você me conte o mais francamente, o mais grosseiramente que puder (oh! não se acanhe!), o que pensa dele agora e de sua situação depois da entrevista de vocês, hoje. Isto valerá talvez mais que uma explicação entre nós dois, uma vez que ele não quer mais vir ver–me. Compreendeu o que espero de você? Agora, por qual motivo o enviou? Fale francamente, não mastigue as palavras…

— Encarregou–me de… saudá–la, de dizer–lhe que não viria mais e de saudá–la…

— Saudar? Disse assim, foi assim que se exprimiu?

— Sim.

— Talvez se haja enganado, por acaso, e não empregou a palavra devida.

— Não, insistiu precisamente para que eu lhe repetisse essa palavra “saudar”. Recomendou–a três vezes.

O sangue subiu ao rosto de Katierina Ivânovna.

— Ajude–me, Alieksiéi Fiódorovitch, tenho agora necessidade de

você. Eis o que penso, diga–me se tenho ou não razão: se ele o tivesse encarregado de saudar–me, ligeiramente, sem insistir na transmissão da palavra, sem sublinhá–la, tudo estaria acabado. Mas se apoiou particularmente nesse termo, se lhe ordenou expressamente que me transmitisse essa “saudação”, é que estava superexcitado, fora de si talvez. A decisão que tomou terá espatifado a ele próprio! Não me deixou com segurança, precipitou–se ladeira abaixo. O sublinhamento dessa palavra tem o sentido de uma bravata…

— É isto, é isto — afirmou Aliócha. — Tenho a mesma impressão.

— Neste caso, nem tudo está perdido! Está ele apenas desesperado, posso ainda salvá–lo. Ele não lhe falou de dinheiro, de três mil rublos?

— Não somente me falou deles, mas é talvez isso que mais o acabrunha. Disse que nada mais lhe importa agora, agora que perdeu sua honra — respondeu Aliócha que se sentia renascer para a esperança e entrevia a possibilidade de salvar seu irmão. — Mas sabe… de que dinheiro se trata? — acrescentou ele e de repente calou–se.

— Sei desde muito tempo e com certeza. Telegrafei, para Moscou onde nada tinham recebido. Ele não remeteu o dinheiro, mas eu me calei. Soube na última semana como ele estava necessitado… Só tenho um motivo em tudo isto: é que ele saiba a quem se dirigir e onde encontrar a amizade mais fiel. Mas ele não quer acreditar que seu mais fiel amigo sou eu; só considera a mulher, em mim. Atormentei–me a semana inteira: como fazer para que ele não core diante de mim por ter gasto esses três mil rublos? Que ele se envergonhe diante de todos e se envergonhe de si mesmo, mas não diante de mim! Como ele ignora até este momento tudo quanto posso suportar por ele? Como ele pode me desconhecer, depois de tudo quanto se passou? Quero salvá–lo para sempre. Que deixe de ver em mim sua noiva! E teme pela sua honra para comigo? Mas não receia abrir–se a você, Alieksiéi Fiódorovitch. Por que não mereci ainda sua confiança?

Pronunciou estas derradeiras palavras com os olhos cheios de lágrimas.

— Devo relatar–lhe — disse Aliócha, com voz trêmula — a cena que ele acaba de ter com seu pai. — E contou tudo: como Dimítri o havia mandado pedir dinheiro, depois irrompera na casa, batera em Fiódor Pávlovitch e, na ocasião, recomendara com insistência a Aliócha que viesse "saudá–la". — Ele foi à casa daquela mulher… — acrescentou Aliócha, em voz baixa.

— Pensa que não suportarei sua ligação com aquela mulher? Ele também pensa, mas não casará com ela. — Soltou uma risadinha nervosa. — Será que um Karamázov pode queimar–se com um ardor eterno? É um entusiasmo passageiro, não é amor. Ele não casará com ela, porque ela não o quererá — disse, com o mesmo riso estranho.

— Ele se casará talvez com ela — disse tristemente Aliócha, de olhos baixos.

— Ele não se casará com ela, afirmo–lhe! Aquela moça é um anjo! Sabia? Sabia? — exclamou Katierina Ivânovna, com um calor extraordinário, — É a mais fantástica das criaturas. É sedutora, decerto, mas tem um caráter nobre e bom. Por que me olha desse jeito, Alieksiéi Fiódorovitch? Talvez minhas palavras lhe causem espanto, talvez não me acredite. Agrafiena Alieksándrovna, meu anjo — exclamou ela, de súbito, com os olhos voltados para a peça vizinha —, venha cá, este gentil rapaz está ao corrente de todos os nossos negócios, apareça, pois!

— Só esperava seu chamado — disse uma voz doce e até mesmo melíflua.

O reposteiro ergueu–se e… Grúchenhka em pessoa, risonha, alegre, caminhou para a mesa. Aliócha sentiu uma comoção. Os olhos fixos nela, não podia desviá–los de seu rosto. Ei–la, aquela mulher temível, "aquele monstro", como a chamara seu irmão Ivan meia hora antes. No entanto, ele tinha diante de si a criatura mais vulgar, mais simples à primeira vista, uma mulher encantadora e boa, bonita, decerto, mas parecendo–se com todas as mulheres bonitas "comuns". Na verdade, era até mesmo bela, bastante bela, uma beleza russa a que suscita tantas paixões. De estatura bastante elevada, sem igualar, no entanto, a de Katierina Ivânovna (que era muito alta), forte, com

movimentos mansos e silenciosos, como que enlanguecidos numa doçura de acordo com sua voz. Adiantou-se, não como Katierina Ivânovna, mas com um passo firme e seguro, embora silencioso. Não fazia quase ruído ao andar. Deixou–se cair numa poltrona, com um rumor leve de seu elegante vestido de seda preta, cobriu friorentamente com um xale de lã seu pescoço branco como neve e seus largos ombros. Tinha vinte e dois anos e seu rosto indicava essa idade. Sua pele era muito branca, com um matiz de reflexos rosa–pálido, o oval do rosto um tanto largo, o maxilar inferior um pouco saliente. O lábio superior era delgado, o inferior, que avançava, duas vezes mais forte e túmido. Uma magnífica cabeleira castanha muito abundante, supercílios escuros, admiráveis olhos dum cinzento azulado de longos cílios: o mais indiferente, o mais distraído dos homens, perdido na multidão; passeando, não teria deixado de parar diante daquele rosto e de recordá–lo por muito tempo. O que mais impressionava Aliócha era sua expressão infantil e ingênua. Tinha ela um olhar e alegria de criança, aproximara–se da mesa verdadeiramente alvoroçada como se esperasse alguma coisa, curiosa e impaciente. Seu olhar alegrava a alma, Aliócha sentia. Havia ainda nela algo de que ele não teria podido ou sabido dar conta, mas que sentia talvez inconscientemente, aquela languidez de movimentos; aquela ligeireza felina de seu corpo, no entanto, vigoroso e gordo. Seu xale desenhava espáduas cheias, um firme busto de mulher jovem. Aquele corpo prometia talvez as formas da Vênus de Milo, mas já em proporções um tanto exageradas, adivinhava–se. Conhecedores da beleza russa, ao examinar Grúchenhka, teriam predito com certeza que, ao aproximar–se dos trinta anos, aquela beleza tão fresca ainda perderia sua harmonia, surgiriam alterações, o rosto se empastaria; rugas se formariam rapidamente na testa e em redor dos olhos; a tez murcharia, talvez ficasse vermelha; numa palavra, era a beleza do diabo, beleza efêmera, tão frequente na mulher russa. Aliócha, bem entendido, não pensava nisso, mas, embora sob o encanto, perguntava a si mesmo com mal–estar e como a contragosto: por que ela arrasta assim as palavras e não pode falar naturalmente? Grúchenhka achava decerto bonito aquele rotacismo e aquelas entonações cantantes. Não era senão um hábito de mau gosto, índice de uma educação inferior, duma falsa noção das conveniências. No entanto, aquela fala afetada parecia a Aliócha quase incompatível com aquela expressão ingênua e

radiosa, aquele brilho dos olhos ridentes duma alegria de bebê. Katierina Ivânovna fizera–a sentar em frente de Aliócha e beijara várias vezes com entusiasmo seus lábios sorridentes. Parecia apaixonada por ela.

— Vemo–nos pela primeira vez, Alieksiéi Fiódorovitch — disse ela, encantada. — Queria conhecê–la, vê–la, ir à casa dela; ela mesma, porém, veio ao meu primeiro chamado. Estava certa de que arranjaríamos tudo! Meu coração pressentia–o… Tinham–me rogado que desistisse desse passo, mas previa–lhe o resultado e não me enganei. Grúchenhka explicou–me todas as suas intenções; veio como um anjo bom trazer–me a paz e a alegria

— Você não me desdenhou, cara senhorita — disse Grúchenhka, com uma voz arrastada e seu doce sorriso.

— Evite dizer–me tais palavras, encantadora mágica! Desdenhá–la? Vou beijar mais uma vez seu lindo lábio. Tem o ar de estar intumescido, pois vou torná–lo mais intumescido ainda… Veja como ri, Alieksiéi Fiódorovitch, é uma alegria para o coração olhar esse anjo…

Aliócha corava e estremecia ligeiramente.

— Você está–me mimando, cara senhorita, mas não mereço talvez suas carícias.

— Não as merece! — exclamou com o mesmo calor Katierina Ivânovna. — Saiba, Alieksiéi Fiódorovitch, que temos aí uma cabeça fantasista, independente, mas um coração altivo, oh! muito altivo! É nobre e generosa, Alieksiéi Fiódorovitch, sabia? Era apenas infeliz, pronta inteiramente a sacrificar–se a um homem talvez indigno ou leviano. Havia um oficial a quem amava, deu–lhe tudo, há muito tempo isso, cinco anos, e ele a esqueceu, casou. Tendo ficado viúvo, escreveu; está a caminho, é a ele somente, fique sabendo, que ama e sempre amou! Ele chega, e Grúchenhka será de novo feliz, depois de ter sofrido durante cinco anos. Que se lhe pode censurar? Quem pode gabar–se de ter–lhe conquistado as belas graças? Aquele velho negociante impotente, mas era antes um pai, um amigo, um protetor; encontrou–a desesperada, atormentada, abandonada… Porque ela

queria afogar–se, aquele velho a salvou, salvou–a!

— Você me defende demais, cara senhorita, vai um pouco longe demais — disse de novo, arrastadamente, Grúchenhka.

— Eu a defendo? Cabe a mim defendê–la, ousaríamos nós defendê–la? Grúchenhka, meu anjo, dê–me sua mão. Olhe essa mãozinha rechonchuda, essa deliciosa mãozinha, Alieksiéi Fiódorovitch; está vendo? Foi ela que me trouxe a felicidade, que me ressuscitou, vou beijá–la dos dois lados… assim, assim!

Beijou três vezes, como que arrebatada, a mão verdadeiramente encantadora, talvez demasiado rechonchuda, de Grúchenhka. Esta, com um riso nervoso e sonoro, consentia na carícia; mirava a "cara senhorita" e tinha prazer com aquilo… "Ela talvez, se exalte demasiado", pensou Aliócha. Corou, seu coração não estava tranquilo.

— Quer me fazer corar, cara senhorita, beijando assim minha mão diante de Alieksiéi Fiódorovitch.

— Mas foi minha intenção fazê–la corar? — proferiu Katierina Ivânovna um pouco admirada. — Ah! minha cara, como me compreende mal!

— Mas talvez não me compreenda tampouco, cara senhorita. Sou talvez pior do que pareço. Tenho coração mau, sou caprichosa. Foi somente para zombar do pobre Dimítri Fiódorovitch que o conquistei.

— Mas agora você o salvará, prometeu. Vai fazê-lo compreender, vai lhe revelar que desde muito tempo ama outro pronto a desposá–la…

— Oh não, não lhe prometi nada de semelhante. Foi você quem disse tudo isso e não eu.

— Compreendi–a mal então — declarou Katierina lvanóvna, que baixou a voz e empalideceu ligeiramente. — Você prometeu…

— Ah! não, angélica senhorita, não lhe prometi nada — interrompeu–a Grúchenhka, com a mesma expressão alegre, tranquila, inocente. — Veja, digna senhorita, como sou má e voluntariosa. O que

me agrada, faço, ainda há pouco talvez lhe haja feito uma promessa, e agora digo a mim mesma: se Mítia viesse a agradar–me de novo, porque já uma vez me agradou quase uma hora, talvez vá dizer–lhe que fique morando comigo a partir de hoje… Veja como sou inconstante…

— Ainda há pouco você falava de maneira totalmente diversa — murmurou Katierina Ivânovna.

— Sim, ainda há pouco! Mas tenho o coração terno, sou tola! Basta pensar em tudo quanto ele sofreu por mim; se, de volta para minha casa, tiver piedade dele, que acontecerá?

— Eu não esperava…

— Oh! senhorita, quanto é boa e nobre comparada comigo! E talvez, agora, vai deixar de amar–me vendo meu caráter. Dê–me sua bonita mão, angélica senhorita — pediu ela, tomando com respeito a mão de Katierina Ivânovna. — Vou beijar, sua mão, cara senhorita, como fez você à minha. Deu–me três beijos, deveria dar–lhe bem uns trezentos para ficar quite. Assim será, e depois, seja o que Deus quiser: talvez seja sua escrava e haverei de querer comprazê–la em tudo quanto Deus queira, sem convenção alguma nem promessas. Dê–me sua mão, sua linda mão, cara senhorita, bela entre todas!

Levou docemente aquela mão a seus lábios, com o fito estranho de “saldar a conta” dos beijos recebidos. Katierina Ivânovna não retirou sua mão. Havia escutado com tímida esperança a derradeira promessa de Grúchenhka, por mais estranhamente expressa que tivesse sido, de “comprazê–la em tudo”; olhava–a com ansiedade bem dentro dos olhos; via ali a mesma expressão ingênua e confiante, a mesma jovialidade serena… “Ela é talvez demasiado ingênua!”, disse a si mesma Katierina Ivânovna, num clarão de esperança. Entretanto Grúchenhka, encantada com aquela “linda mãozinha”, levava–a lentamente aos lábios. Ia quase tocar–lhe, quando a reteve para refletir.

— Sabe, meu anjo — disse ela, arrastadamente, com sua voz mais melíflua –, feitas as contas, não lhe beijarei a mão. — E soltou uma risadinha alegre.

— Como queira… Que tem? — estremeceu Katierina Ivânovna.

— Lembre–se disso: você beijou minha mão, mas eu não beijei a sua.

Um clarão brilhou nos seus olhos. Fitava com obstinação Katierina Ivânovna.

— Insolente! — exclamou esta, que começava a compreender. Levantou–se vivamente, tomada de cólera. Sem se apressar, Grúchenhka fez o mesmo.

— Vou contar a Mítia que você beijou minha mão, mas que eu não quis beijar a sua. Isto vai fazê–lo rir.

— Fora daqui, canalha!

— Ah! que vergonha! É indecente de sua parte empregar tais palavras, cara senhorita.

— Fora daqui, fêmea vendida! — vociferou Katierina Ivânovna. Todo o seu rosto convulsionado tremia.

— Vendida, seja. Você mesma, mocinha, saía à noite à busca de dinheiro entre rapazes, traficando seus encantos; sei de tudo.

Katierina Ivânovna lançou um grito, quis atirar–se contra ela, mas Aliócha reteve–a com todas as suas forças.

— Não se mova, nem uma palavra! Não lhe responda, ela partirá agora mesmo!

As duas parentas de Katierina Ivânovna e a arrumadeira acorreram ao seu grito. Precipitaram–se para ela.

— Está bem! Vou–me embora — declarou Grúchenhka, tomando sua mantilha de cima do divã. — Aliócha, meu hem, acompanha–me!

— Vá–se o mais depressa possível — implorou Aliócha, de mãos juntas.

— Aliócha querido, acompanha–me. De caminho, vou te dizer

uma palavra, algo de muito gentil! Foi por ti, Aliócha, que representei essa cena. Vem, meu caro, não o lamentarás ter vindo.

Aliócha voltou–se, torcendo as mãos. Grúchenhka saiu rindo, sonoramente.

Katierina Ivânovna teve um ataque de nervos; soluçava, espasmos sufocavam–na. Todos se mostravam solícitos em torno dela.

— Eu a havia prevenido — disse–lhe a mais velha das tias — e desaconselhado tal passo… você é demasiado viva… pode–se arriscar tal coisa? Você não conhece essas criaturas e dizem dessa que é a pior de todas… Você só faz o que lhe dá na cabeça!

— É uma tigresa! — vociferou Katierina Ivânovna. — Por que me reteve, Alieksiéi Fiódorovitch? Teria batido nela, batido…

Estava incapaz de conter–se diante de Alieksiéi, talvez mesmo não quisesse.

— Merecia ser chicoteada em público, pela mão do carrasco.

Alieksiéi aproximou–se da porta.

— Oh! meu Deus! — exclamou Katierina Ivânovna, juntando as mãos. — Mas ele! Pode ser tão desleal, tão inumano?! Porque foi ele que contou àquela criatura o que se passou naquele dia fatal e para sempre maldito! “Você ia traficar seus encantos, cara senhorita!” Ela sabe! Seu irmão é um canalha, Alieksiéi Fiódorovitch!

Aliócha quis dizer alguma coisa, mas não encontrou uma palavra sequer; seu coração cerrava–se a ponto de doer–lhe.

— Vá–se embora, Alieksiéi Fiódorovitch! Tenho vergonha, é horrível! Amanhã… Rogo–lhe, de joelhos, venha amanhã. Não me julgue, perdoe–me, não sei de que sou capaz!

Aliócha saiu cambaleante. Também teve vontade de chorar; de repente a criada alcançou–o.

— A senhorita esqueceu de lhe entregar esta carta da Senhora

Khokhlakova; estava com ela desde o jantar.

Aliócha pegou o pequeno envelope cor–de–rosa e meteu–o quase inconscientemente no bolso.

## XI / Outra reputação perdida

Da cidade ao mosteiro era apenas uma versta. Aliócha caminhava rapidamente pela estrada, deserta àquela hora. Era quase noite e difícil, a trinta passos, distinguir os objetos. Em meio do caminho, no centro duma encruzilhada, elevava–se um salgueiro isolado, sob o qual percebia–se um vulto. Mal Aliócha chegara aquele local, o vulto destacou–se da árvore e lançou–se a ele, gritando:

— A bolsa ou a vida!

— Como, és tu, Mítia! — exclamou, espantado, Aliócha, bastante comovido.

— Ah! ah! não esperavas por isto, hem? Perguntava a mim mesmo onde esperar–te. Perto da casa dela? Há três caminhos que partem dali e eu podia não te encontrar. Tive a ideia afinal de esperar–te aqui, porque devias necessariamente passar por esta estrada, uma vez que não há outra para ir ao mosteiro. Pois bem, dize–me a verdade, esmaga–me como a uma barata… Que tens, então?

— Não é nada, irmão… É o medo. Ah! Dimítri! Ainda há pouco, esse sangue de nosso pai (Aliócha pôs–se a chorar, desde muito tinha vontade disso, parecia–lhe que alguma coisa se dilacerava dentro dele). Tu quase o mataste… tu o amaldiçoaste… e eis que agora… aqui… fazes brincadeira… a bolsa ou a vida!

— Ah! sim. Pois bem! É indecente? Não convém isto à situação?

— Oh não, dizia isto…

— Espera, olha essa noite; vê como está sombria, aquelas nuvens, esse vento que se levantou. Oculto sob o salgueiro, esperava–te e, de repente, disse a mim mesmo (Deus me seja testemunha!): “Que

adianta sofrer ainda, por que esperar? Eis um salgueiro, tenho meu lenço e minha camisa, a corda, ficaria trançada em breve, com meus suspensórios ainda por cima… A terra ficaria livre de mim, não mais a desonraria com a minha presença!”. E eis que ouço os teus passos. Senhor, foi como se um raio descesse sobre mim! “Há pois um homem a quem amo, ei–lo, esse homenzinho, o meu querido irmãozinho, a quem amo mais que tudo no mundo e é o único a quem amo!” Tão vivo era meu afeto, naquele minuto que pensei: “Vou atirar–me ao seu pescoço!”. Mas veio–me uma ideia estúpida: “Para diverti–lo, vou fazer–lhe medo”. E gritei como um imbecil: “A bolsa!”. Perdoa minha tolice; é absurdo, mas no fundo da alma… sou bom… Pois bem! com o diabo! fala pois, que houve lá? Que foi que ela disse? Esmaga–me, bate–me, não me poupes! Ela está exasperada?

— Não… não é totalmente isto, Mítia. Encontrei as duas.

— Quais duas?

— Grúchenhka em casa de Katierina Ivânovna.

Dimítri ficou estupefato.

— É impossível! — exclamou. — Deliras! Grúchenhka em casa dela?

Numa narrativa despida de artifício, mas não de clareza, Aliócha expôs o essencial do que se passara, acrescentando–lhe suas próprias impressões. Seu irmão escutava–o em silêncio, fixando–o com um ar impassível, mas Aliócha via claramente que ele já havia compreendido tudo, elucidado todo o caso. À medida que a narrativa avançava, seu rosto tornava–se não sombrio, mas ameaçador. Franzia o cenho, de dentes cerrados, o olhar ainda mais fixo, mais terrível na sua obstinação… A mudança súbita que ocorreu em seu rosto encolerizado foi por isso mesmo totalmente inesperada; seus lábios crispados distenderam–se, e Dimítri Fiódorovitch explodiu na gargalhada, mais irresistível e mais franca. Ficou um bom momento sem poder falar, à força de rir.

— De modo que ela não lhe beijou a mão! Fugiu sem beijar–lhe a mão! — exclamou ele num arrebatamento mórbido, que se teria

podido qualificar de impudente, se não fosse tão ingênuo. — E a outra chamou–a de tigresa? É uma mesmo! Devia subir ao cadafalso! Certamente, estou de acordo; deveriam tê–lo feito desde muito. Mas não é tudo, irmão, é preciso em primeiro lugar recuperar a saúde. Ela está toda inteira nesse beijo de mão, aquela rainha da impudência, aquela criatura infernal! É a rainha de todas as fúrias que se possam imaginar! De encher de entusiasmo, de certa maneira! Partiu para sua casa? Agora mesmo… corro até lá. Aliócha, não me acuses, convenho que seria pouco o estrangulá–la…

— E Katierina Ivânovna? — perguntou tristemente Aliócha.

— Também a compreendo, como até agora tenho compreendido! É a descoberta das quatro partes do mundo, das cinco; quero dizer! Tal passo que deu! É bem a mesma Kátienhka, a pensionista que não receia ir ter com um oficial grosseiro, com o nobre desígnio de salvar seu pai, arriscando–se a ser insultada! Mas essa altivez, essa sede do perigo, esse desafio ao destino, até os derradeiros limites!… Sua tia, dizes, queria impedi–la? É uma mulher despótica, irmã daquela generala de Moscou; fazia muito embaraço, mas seu marido foi acusado de malversações, perdeu tudo, seus bens e o resto, sua orgulhosa esposa teve de baixar o tom. De modo que ela retinha Kátia, mas esta não a escutou? “Posso tudo vencer, tudo me é submetido, enfeitiçarei Grúchenhka, se quiser.” Acreditava bem nisso, decerto, e forçou seu talento. De quem a culpa? Pensas que tenha sido intencionalmente que beijou por primeira a mão de Grúchenhka, por cálculo e por astúcia? Não, deixou–se enfeitiçar nada mais nada menos por Grúchenhka, isto é, não por ela, mas pelo seu sonho, pelo seu desejo, muito simplesmente, porque esse sonho, esse desejo eram os seus! Aliócha, como pudeste escapar a semelhantes mulheres? Fugiste; arrepanhando a batina, hem? Ah! ah! ah!

— Irmão, não pensaste, creio, na ofensa que fizeste a Katierina Ivânovna contando a Grúchenhka sua visita à tua casa; Grúchenhka lançou–lhe em rosto que “ela ia furtivamente traficar seus encantos”. Há pior injúria, meu irmão?

A ideia de que seu irmão se rejubilava com a humilhação de Katierina Ivânovna atormentava Aliócha, embora sem razão,

evidentemente.

— Ah! sim! — disse Dimítri, franzindo as sobrancelhas e batendo na testa. Somente agora se dava conta, se bem que Aliócha tivesse tudo contado ao mesmo tempo, a injúria e o grito de Katierina Ivânovna: “Seu irmão é um canalha!”. — Sim, com efeito, devo ter falado a Grúchenhka daquele “dia fatal”; como diz Kátia. Deveras, contei–lhe, lembro–me! Foi em Mókroie, enquanto os ciganos cantavam; estava embriagado… Mas então eu soluçava, rezava de joelhos diante da imagem de Kátia. Grúchenhka compreendia–o, ela mesma chorava… Ah! diabos! poderia ser de outro modo agora? Naquele momento ela chorava, agora crava um punhal no coração. Eis as mulheres!

Pôs–se a refletir, de cabeça baixa.

— Sim, sou um verdadeiro canalha — proferiu ele, de súbito, com voz sombria. — Que tenha chorado ou não; tanto faz. Conta-lhe que aceito o qualificativo, se isto pode consolá–la. Pois bem! chega, de que serve tagarelar? Não é divertido. Sigamos cada qual nossa estrada. Não quero mais rever–te antes do derradeiro momento. Adeus, Alieksiéi!

Apertou fortemente a mão de Aliócha e, sem erguer a cabeça, como um evadido, caminhou a grandes passadas para a cidade. Aliócha acompanhou–o com o olhar, não podendo crer que ele tivesse mesmo partido.

— Espera, Alieksiéi, ainda uma confissão, para ti somente! (Dimítri retrocedera.) — Olha–me bem no rosto: aqui, vês tu, aqui, uma infâmia execrável se prepara. (Ao dizer isto, Dimítri batia no peito com um ar estranho, como se a infâmia estivesse depositada em seu peito ou suspensa ao seu pescoço.) Já me conheces como um canalha chapado. Mas, fica sabendo, o que quer que eu tenha feito, o que quer que possa fazer no futuro, nada se compara em baixeza com a infâmia que trago no meu peito e que poderia reprimir, mas não o farei, fica sabendo. Prefiro cometê–la. Tudo te contei há pouco, exceto isto, não tinha coragem! Posso ainda deter–me e, dessa maneira, recuperar amanhã a metade de minha honra, mas não renunciarei a

isto, cumprirei meu negro desígnio, poderás ser testemunha de que falo disso antes e em plena consciência. Perdição e trevas! Inútil explicar–te, ficarás sabendo a seu tempo. A lama é uma verdadeira fúria! Adeus. Não rezes por mim, não sou digno e não tenho necessidade de oração nenhuma… Sai de meu caminho!…

Afastou–se desta vez, definitivamente. Aliócha seguiu para o mosteiro. “Como! Não o verei mais? Que é que ele diz?” Isto lhe pareceu esquisito. “Amanhã, sem falta, sairei à sua procura. Que quis ele dizer?”

Contornou o mosteiro e seguiu diretamente para o eremitério, através do bosque de pinheiros. Abriram–lhe, se bem que não deixassem entrar ninguém àquela hora. Entrou na cela do *stáriets*, com o coração palpitante. “Por que partira ele? Por que o haviam enviado ao mundo? Aqui, a paz, a santidade; lá, a perturbação, as trevas nas quais a gente se perde…”

Na cela encontravam–se o noviço Porfíri e um religioso, o Padre Paísi, que o dia inteiro viera a cada hora saber notícias do Padre Zósima. Seu estado piorava, como veio a saber Aliócha, com espanto. A conversa habitual da noite com a comunidade não pudera realizar–se daquela vez. Comumente, à noite, após o ofício, a comunidade, antes de ir repousar, reunia–se na cela do *stáriets*; cada qual lhe confessava bem alto suas faltas do dia, os sonhos culpados, as ideias, as tentações, até as rusgas entre monges, se alguma ocorrera. Outros se confessavam, de joelhos. O *stáriets* absolvia, acalmava, ensinava, impunha penitências, abençoava e despedia. Era contra essas “confissões” fraternais que se levantavam os adversários do *stáriets*, dizendo que aquilo era uma profanação da confissão, como sacramento, quase um sacrilégio, se bem que fosse coisa bem diversa. Haviam mesmo feito denúncia à autoridade diocesana de que não somente aquelas confissões não atingiam o seu fim, mas eram na realidade uma fonte de pecados e de tentações. A muitos, na comunidade, repugnava ir à casa do *stáriets* e ali apareciam de má–vontade, a fim de não passarem por orgulhosos e revoltados de espírito. Contava–se que certos monges, ao ir à confissão da noite, entendiam–se entre si de antemão: “Direi que me zanguei contra ti esta manhã, tu o confirmarás”, isto a fim de ter alguma coisa que dizer

e ver–se livre daquilo. Aliócha sabia que as coisas se passavam por vezes assim. Sabia também que alguns se indignavam bastante contra o costume segundo o qual as cartas, mesmo dos pais, recebidas pelos solitários, eram levadas em primeiro lugar ao *stáriets* para que ele as abrisse e lesse antes de seus destinatários. Supunha–se, bem entendido, que essas práticas deviam realizar–se livremente e sinceramente, de todo o coração, com um fim de edificação salutar e de submissão voluntária; de fato, acontecia que, longe de serem sinceras, não eram senão fingidas. Mas os mais idosos e os mais experimentados da comunidade persistiam em sua ideia, estimando que "os que tinham transposto o recinto para cuidar sinceramente de sua salvação encontravam naquela obediência e naquela abdicação de si mesmos um proveito dos mais salutares; mas que os que murmuravam com repugnância não tinham a vocação e melhor teriam feito se tivessem ficado no mundo. O pecado e a tentação vos tocaiam não somente no mundo, mas no santuário, melhor valia não se prestar a isso".

— Está enfraquecendo, sonolento — murmurou o Padre Pâisi a Aliócha. — É difícil despertá–lo. E para quê? Acordou por uns cinco minutos e pediu que se transmitisse sua benção à comunidade, cujas preces solicita. Amanhã de manhã, tem intenção de comungar de novo. Lembrou–se de ti, Aliócha, informou–se de onde estavas, disseram–lhe que havias partido para a cidade. "Minha benção o acompanhe ali; seu lugar é lá e não aqui." És o objeto de seu amor e de sua solicitude, compreendes essa honra? Mas por que te marca ele um estágio no mundo? Será que pressente alguma coisa no teu destino? Se voltares ao mundo, é para cumprir uma tarefa imposta pelo teu *stáriets*, compreende–o, Alieksiéi, e não para te entregares à agitação vã e às obras do século…

O Padre Pâisi saiu. Alieksiéi não duvidava de que o fim do *stáriets* estivesse próximo, muito embora pudesse viver ainda um dia ou dois. Jurou a si mesmo, apesar dos compromissos tomados para com seu pai, as Senhoras Khokhlakovi, seu irmão, Katierina Ivânovna, não deixar o mosteiro no dia seguinte e ficar junto do *stáriets* até seu derradeiro momento. Seu coração abrasava–se de amor e censurava–se amargamente ter podido esquecer um instante, lá embaixo, aquele que

deixara em seu leito de morte e a quem venerava acima de tudo. Passou para o quarto de dormir, ajoelhou–se, prosternou–se diante da cama dele. O *stáriets* repousava tranquilamente, mal se ouvia sua respiração. Seu rosto estava calmo.

Voltando ao quarto vizinho, onde tivera lugar a recepção da manhã, contentou–se Aliócha com tirar suas botas e estendeu–se sobre o estreito e duro divã de couro onde se acostumara a dormir, valendo–se apenas de um travesseiro. Desde muito tempo renunciara ao colchão de que falava seu pai. Só fazia tirar sua batina que lhe servia de coberta. Antes de adormecer, ajoelhou–se e pediu a Deus, numa prece fervorosa, que o esclarecesse, ansioso por tornar a encontrar o apaziguamento que experimentava sempre outrora, depois de ter louvado e glorificado a Deus, como o fazia comumente na sua prece da noite. A alegria que o invadia proporcionava–lhe um sono leve e tranquilo. Enquanto rezava, sentiu em seu bolso o envelopinho cor–de–rosa, entregue pela criada de Katierina Ivânovna, que o alcançara na rua. Ficou perturbado, mas acabou sua prece. Depois abriu o envelope, com alguma hesitação. Continha um bilhete a ele dirigido, assinado por Lisa, a filha da Senhora Khokhlakova, que zombara dele pela manhã, na presença do *stáriets*.

Alieksiéi Fiódorovitch:

Escrevo–lhe às ocultas; de todos e de minha mãe, e sei que isto não está bem. Mas não posso viver mais tempo sem dizer–lhe o que me nasceu no coração e que ninguém, a não ser nós dois, deve saber até nova ordem. Dizem que o papel não cora, que engano! Asseguro–lhe que estamos agora bem corados um e outro. Querido Aliócha, eu o amo, eu o amo desde minha infância, desde Moscou, quando você era bem diferente do que é agora. Elegi–o em meu coração para me unir a você e acabarmos nossos dias juntos. Bem entendido, com a condição de que você deixe o mosteiro. Quanto à nossa idade, esperaremos tanto quanto a lei exija. Daqui até lá, estarei restabelecida, andarei, dançarei. Isto não tem dúvida nenhuma.

Você vê que calculei tudo, mas há uma coisa que não posso imaginar: que pensará você de mim lendo estas linhas? Rio, brinco, fiz com que se zangasse há pouco, mas asseguro–lhe que antes de pegar da pena rezei diante da imagem da Virgem, quase chorando.

Meu segredo está em suas mãos e quando você vier, amanhã, não sei como poderei encará–lo. Alieksiéi Fiódorovitch, que acontecerá, se não puder impedir–me de rir ao vê–lo, como esta manhã? Você me tomará por uma zombadora implacável e duvidará de minha carta. Assim, suplico–lhe, meu querido, que não me olhe demasiado o rosto quando vier, porque pode acontecer que rebente a rir à vista de sua batina comprida… Já agora, meu coração fica gelado só de pensar nisso; para começar, lance seus olhares para mamãe ou para a janela…

Eis que lhe escrevi uma carta de amor. Meu Deus, que fiz eu? Aliócha, não me desprezes; se agi mal e o magoo, desculpe–me. Agora, a sorte de minha

reputação, talvez perdida, está entre suas mãos.

Haverei de chorar hoje por certo. Adeus, até essa entrevista terrível…

Lisa.

P.S. — Aliócha, venha sem falta, sem falta. Lisa.

Aliócha leu duas vezes aquela carta com surpresa, ficou pensativo, depois riu docemente de prazer. Estremeceu, aquele riso lhe parecia culpado. Mas, ao fim de um instante, repetiu o mesmo riso feliz. Tornou a pôr a carta no envelope, fez um sinal–da–cruz e deitou–se. Sua alma havia reencontrado a calma. “Senhor, perdoa–lhes a todos, protege esses infelizes e agitados, guia–os, mantém–nos no bom caminho. Tu que és o Amor, concede a todos a alegria!” E Aliócha adormeceu num sono tranquilo.

# Segunda Parte

## Livro IV / Os tumultos

## I / O padre Fierapont

Aliócha despertou antes do amanhecer. O *stáriets* já não dormia e se sentia bastante fraco, mas quis levantar–se e sentar–se numa cadeira. Estava em plena consciência. Seu rosto, embora esgotado, refletia uma alegria serena, o olhar alegre, afável, atraía. "Talvez não veja o fim deste dia" — disse ele a Aliócha. Quis logo confessar–se e comungar. Seu diretor habitual era o Padre Países. Depois administraram–lhe a extrema–unção. Os religiosos reuniram–se; a cela, pouco a pouco, encheu–se; o dia amanhecera; vieram também monges do mosteiro. Depois do ofício, o *stáriets* quis despedir–se de todos e beijou a todos. Tendo em vista a exiguidade da cela, os primeiros chegados cediam lugar aos outros. Aliócha mantinha–se junto do *stáriets*, de novo sentado em sua cadeira. Falava e ensinava de acordo com suas forças; sua voz, embora fraca, era ainda bastante nítida. "Desde tantos anos vos instruo pela palavra, que se tornou isso para mim um hábito tal que o silêncio me seria quase mais penoso, caros padres e irmãos, mesmo agora, em meu estado de fraqueza", disse ele, brincando, olhando com ar enternecido àqueles que se acotovelavam em redor dele. Aliócha lembrou–se depois de algumas de suas palavras. Mas, muito embora sua voz fosse distinta e suficientemente firme, sua fala era bastante desconexa. Falou muito, como se tivesse querido, naquela hora suprema, exprimir tudo quanto não pudera dizer durante sua vida, não com o único fim de instruir, mas para fazer todos partilharem de sua alegria e de seu êxtase, expandir por uma derradeira vez seu coração…

— Amai–vos uns aos outros, meus padres — ensinava o *stáriets* (segundo as recordações de Aliócha). Amai o povo cristão. Não somos mais santos do que os leigos, por ter vindo encerrar–nos dentro destas paredes; pelo contrário, todos aqueles que estão aqui tem reconhecido, pelo simples fato de sua presença, ser piores do quê os leigos e do que todo mundo… E quanto mais o religioso viver em seu retiro, tanto mais deverá ter consciência disso. De outro modo, não valeria a pena vir para cá. Quando compreender que não somente é pior que todos os leigos, mas culpado de tudo para com todos, de todos os pecados coletivos e individuais, então somente o fim de nossa união será

atingido. Porque, sabei, meus irmãos, que cada um de nós é certamente culpado aqui na terra de tudo para com todos, não somente pela falta coletiva da humanidade, mas de cada um individualmente, por todos os outros na terra inteira. Esta consciência de nossa culpabilidade é o coroamento da carreira religiosa, bem como de cada homem na terra. Porque os religiosos não são homens à parte, mas somente tais como deveriam ser todas as pessoas neste mundo. Então somente vosso coração será penetrado dum amor infinito, universal, jamais saciado. Então cada um de vós será capaz de ganhar o mundo inteiro pelo amor e de lavar–lhe os pecados com suas lágrimas… Que cada qual entre em si mesmo e se confesse sem cessar. Não temais vosso pecado, mesmo se tiverdes consciência dele, contanto que vos arrependais, mas não imponhais condições a Deus. Eu vos repito, não vos orgulheis, nem diante dos pequenos nem diante dos grandes. Não odieis aqueles que vos repelem, vos desonram, aqueles que vos insultam e vos caluniam. Não odieis os ateus, os professores do mal, os materialistas, mesmo os maus dentre eles, porque muitos são bons, sobretudo em nossa época. Lembrai–vos deles em vossas orações, dizei: "Salvai, Senhor, aqueles por quem ninguém reza; salvai aqueles que não querem rezar a Vós". E acrescentai: "Não é por orgulho que vos dirijo esta prece, Senhor, porque sou eu mesmo vil entre todos…". Amai o povo cristão, não abandoneis vosso rebanho aos estrangeiros, porque se adormecerdes na cupidez, virão de todos os países para arrebatar vosso rebanho. Não vos canseis de explicar o *Evangelho* ao povo… Não vos entregueis à avareza… Não vos ligueis ao ouro e à prata… Tende fé, mantende firme e alto o estandarte…

O *stáriets* exprimia–se, aliás, duma maneira mais desconexa do que foi acima exposta e do que Aliócha a escreveu depois. Por vezes parava completamente, como para reunir suas forças, ofegava, mas estava como em êxtase. Escutavam–no com enternecimento, muito embora muitos se espantassem com suas palavras e as achassem obscuras… Posteriormente, todos se recordaram delas. Quando Aliócha deixou a cela por um instante, ficou impressionado com a agitação geral e com a expectativa da comunidade que se comprimia na cela e em redor. Aquela expectativa era em alguns quase ansiosa, em outros, solene. Todos aguardavam alguma coisa de grande imediatamente após o desenlace do *stáriets*. Muito embora em certo

sentido fosse essa expectativa quase frívola, os monges mais severos estão a ela sujeitos. O rosto mais sério era o do Padre Páisi. Aliócha só se ausentara porque um monge o chamava de parte de Rakítin, que viera da cidade com uma carta da Senhora Khokhlakova para ele. Comunicava curiosa notícia chegada muito a propósito. Na véspera, entre as mulheres do povo, que eram crentes e tinham vindo prestar homenagem ao *stáriets* e receber sua bênção, encontrava–se uma velha da cidade, Prókhorovna, viúva dum suboficial. Perguntara ao *stáriets* se era possível mencionar como defunto, na oração pelos mortos, seu filho Vássienhka, que partira para seu serviço militar em Irkutsk, na Sibéria, do qual ela estava sem notícias havia um ano. Ele a havia severamente proibido, tratando tal prática de análoga à feitiçaria. Mas, indulgente para com a ignorância dela, acrescentara uma consolação, "como se visse no livro do futuro" (segundo a expressão da Senhora Khokhlakova); o filho dela, Vássia, estava certamente vivo, chegaria em breve ou lhe escreveria, e para isso ela teria apenas de ficar esperando em casa. E então, acrescentava a Senhora Khokhlakova, entusiasmada, "a profecia cumprira–se ao pé da letra e mesmo além". Assim que a boa mulher regressara à sua casa, entregaram–lhe uma carta da Sibéria, que a esperava. Mais ainda, nessa carta escrita de Ekatierinburg, Vássia informava sua mãe de que voltava para a Rússia em companhia dum funcionário, e que, duas ou três semanas após o recebimento daquela carta, esperava beijar sua mãe. A Senhora Khokhlakova rogava insistentemente a Aliócha que comunicasse o novo milagre daquela predição ao Padre Abade e a toda a comunidade. "É importante que todos o saibam!", exclamava ela ao fim de sua carta, escrita à pressa: a emoção refletia–se nela em cada linha. Mas Aliócha nada tinha de comunicar à comunidade, todos já o sabiam. Ao enviar o monge à sua procura, encarregara–o Rakítin, além disso, de informar respeitosamente Sua Reverência, o Padre Páisi, que tinha de comunicar–lhe um caso sem demora, visto sua importância, e rogava–lhe humildemente que lhe perdoasse a ousadia. Tendo o monge transmitido em primeiro lugar ao Padre Páisi o pedido de Rakítin, não restava a Aliócha, depois de ter lido a carta, senão comunicá–la ao padre, a título de documentário, E eis que aquele homem rude, desconfiado, lendo, de sobrancelhas contraídas, a notícia do "milagre", não foi inteiramente senhor de seu sentimento íntimo. Seus olhos brilharam, mostrou um sorriso grave, penetrante.

— Veremos bem mais outros — deixou ele escapar.

— Veremos bem mais outros! — repetiram os monges; mas o Padre Paísi, franzindo de novo as sobrancelhas, rogou a todos que não falassem a ninguém no momento, “até que isto se confirme, porque há muita frivolidade nas notícias do mundo, e aquele caso podia ter ocorrido duma maneira natural”, concluiu ele, prudentemente, como para desencargo de consciência, mas quase sem acrescentar fé ele próprio à sua reserva, o que observaram muito bem seus ouvintes. Na mesma hora, naturalmente, o “milagre” era conhecido de todo o mosteiro, e até mesmo de muitos leigos, vindos para assistir à missa. O mais impressionado parecia ser o monge chegado na véspera, de São Silvestre, pequeno mosteiro de Obdorsk, no Norte longínquo, o que prestara homenagem ao *stáriets* ao lado da Senhora Khokhlakova e lhe perguntara com ar penetrante, designando a filha daquela senhora: “Como ousa fazer tais coisas?”.

Estava agora preso de certa perplexidade e não sabia quase mais em quem acreditar. Na véspera, à noite, fizera visita ao Padre Fierapont em sua cela particular, por trás do apiário, e trouxera dessa entrevista uma impressão lúgubre. O Padre Fierapont era aquele velho monge, grande jejuador e observador do silêncio, que já citamos como adversário do *stáriets* Zósima e sobretudo do “starietismo”, que considerava uma novidade nociva e frívola. Era um adversário bastante temível, se bem que, taciturno, não falasse quase com ninguém. Era sobretudo perigoso por causa da sincera simpatia que lhe testemunhava a maioria da comunidade; muitos leigos o veneravam como um grande justo e um asceta, vendo nele ao mesmo tempo um verdadeiro insensato. Mas sua loucura cativava. O Padre Fierapont não ia nunca à casa do *stáriets* Zósima. Se bem que vivesse no eremitério, não lhe impunham demasiado a regra, porque ele tinha um proceder de inocente. Tinha setenta e cinco anos, senão mais, e morava por trás do apiário, no ângulo de um muro, numa cela de madeira, caindo quase em ruínas, instalada havia bastante tempo, ainda no último século, por outro grande jejuador e taciturno, o Padre Iona[42] que vivera até os cento e cinco anos e cujas façanhas constituíam ainda o objeto de narrativas bastante curiosas, no mosteiro e nos arredores.

O Padre Fierapont obtivera por fim permissão de instalar–se naquela cela isolada, uma simples isbá, mas que se assemelhava bastante a uma capela, porque continha grande quantidade de ícones com lâmpadas a arderem perpetuamente; provinham de donativos e o Padre Fierapont parecia encarregado de guardá–las e acendê–las. Comia, pelo que se contava (e era verdade), somente duas libras de pão em três dias, não mais; era o guarda do apiário, que morava no local, quem as trazia, mas trocava raramente uma palavra com aquele homem. Aquelas quatro libras, com o pão bento do domingo, enviado com regularidade ao inocente pelo Padre Abade, constituíam sua alimentação da semana. Renovava–se cada dia a água de seu jarro. Assistia raramente ao ofício. Seus admiradores encontravam–no, por vezes dias inteiros em oração, sempre ajoelhado e sem olhar em torno de si. Se entrava em conversa com eles, mostrava–se lacônico, brusco, estranho e quase sempre grosseiro. Havia, no entanto, casos muito raros em que conversava com os visitantes, mas a maior parte das vezes contentava–se com pronunciar uma palavra estranha que intrigava sempre seu interlocutor; em seguida, a despeito de todos os rogos, não dava jamais uma palavra de explicação. Jamais fora ordenado padre. Circulava um boato estranho, na verdade, entre os mais ignorantes, segundo o qual o Padre Fierapont estava em relação com os espíritos celestes e se entretinha somente com eles, o que explicava seu silêncio com as pessoas. O monge de Obdorsk, que entrara no apiário depois da indicação do guarda, monge igualmente sombrio e taciturno, dirigiu–se para o ângulo em que se erguia a cela do Padre Fierapont. “Talvez ele queira falar–te pela tua qualidade de estranho, talvez também nada consigas dele”, prevenira–o o guarda. O monge aproximou–se, como contou mais tarde, com um grande medo. Já se fazia tarde. O Padre Fierapont estava sentado num banquinho, diante de sua cela. Acima de sua cabeça rumorejava levemente um velho olmo gigantesco. Caía o frescor da noite. O monge prosternou–se diante do recluso e pediu–lhe a benção.

— Queres tu, monge, que eu também me prosterne diante de ti? — proferiu o Padre Fierapont. — Levanta–te.

O monge levantou.

— Abençoante e abençoado, senta–te ali. Donde vens?

O que impressionou mais o pobre mongezinho foi que o Padre Fierapont, a despeito de seus jejuns prolongados e de sua idade avançada, tinha ainda o ar de um ancião vigoroso, de elevada estatura, mantendo–se ereto, o rosto fresco, se bem que magro; mas sadio. Tinha certamente conservado uma força notável e era de constituição atlética. Apesar de sua avançada idade, seus cabelos, outrora negros e espessos bem como sua barba, não estavam todos grisalhos. Tinha grandes olhos cinzentos, luminosos, mas bastante salientes, o que chamava a atenção. Falava acentuando fortemente a letra "o". Seu hábito consistia num longo gabão avermelhado, de pano grosseiro, como para os prisioneiros, com uma corda à guisa de cinturão. O pescoço e o peito estavam nus. Uma camisa de pano muito grosso, quase enegrecida, que ele usava durante meses, aparecia sob o gabão. Dizia–se que carregava consigo correntes de trinta e cinco libras. Estava calçado com velhos sapatos quase desfeitos.

— Acabo de chegar do pequeno mosteiro de Obdorsk, de São Silvestre — respondeu humildemente o visitante, observando o asceta com seus olhos vivos e curiosos, mas um pouco inquietos.

— Estive no teu São Silvestre. Vivi ali. Ele passa bem?

O monge perturbou–se.

— Vós sois gente de poucas luzes! Que jejum observais?

— Nossa mesa é regulada segundo o antigo uso monacal. Durante a Quaresma, nas segundas, quartas e sextas, não se servem alimentos. Nas terças e quintas, dá–se à comunidade pão branco, uma tisana com mel, amoras silvestres ou couves salgadas, e farinha de aveia. No sábado, sopa de couve, aletria com ervilhas, trigo mourisco com azeite de cânhamo. No domingo, acrescentam–se à sopa peixe seco e trigo mourisco. Na Semana Santa, da segunda ao sábado, à noite, pão, água, e somente legumes não cozidos, em quantidade moderada; ainda assim não se deve comer todos os dias, mas conformar–se com as instruções dadas para a primeira semana da Quaresma. Na Sexta–Feira Santa, jejum completo; no sábado, até as três horas da tarde, quando se pode tomar um pouco de pão e de água, e beber um copo de vinho. Na Quinta–Feira Santa, comemos alimentos cozidos sem manteiga,

bebemos vinho e observamos o uso de alimentos secos. Porque já o concílio de Laodiceia se exprime assim a respeito da Quinta–Feira Santa: “Não convém romper o jejum na quinta–feira da última semana e desonrar assim a Quaresma inteira”. Eis o que se passa entre nós. Mas que é isto em comparação convosco, eminente padre — acrescentou o monge que havia retomado coragem —, porque o ano inteiro, mesmo na Páscoa, vós só vos nutris de pão e água? O pão que consumimos em dois dias basta–vos para a semana inteira. Vossa abstinência é verdadeiramente maravilhosa.

— E os cogumelos? — perguntou de súbito o Padre Fierapont.

— Os cogumelos? — repetiu o monge com espanto.

— Justamente. Passo sem o pão deles, não tenho nenhuma necessidade dele, mesmo na floresta; nutro–me de cogumelos ou de bagas, eles não podem passar sem pão, estão pois ligados ao demônio. Agora, os pagãos pretendem que é inútil jejuar tanto. Tal é o raciocínio deles, arrogante e ímpio.

— Ai, sim! — suspirou o monge.

— Viste os diabos em casa deles? — perguntou o Padre Fierapont.

— Em casa de quem? — informou–se timidamente, o monge.

— No ano passado, fui à casa do Padre Abade, em Pentecostes. Depois não voltei mais lá. Vi um diabo escondido no peito de um monge, sob a batina, aparecendo somente os chifres; um segundo tinha um no seu bolso, espiando, de olhos vivos. Eu lhe fazia medo; um terceiro dava asilo a um diabinho nas suas entranhas impuras, enfim um outro carregava um, suspenso a seu pescoço, agarrado, sem o ver.

— Vós… víeis? — perguntou o monge.

— Digo–te que vejo, vejo, através. Ao deixar o Padre Abade, avistei um diabo que se escondia de mim atrás da porta, era de bela estatura, um *archin* e meio, ou mais, a cauda espessa, fulva, comprida; a ponta ficou presa na fenda, não hesitei e fechei violentamente a

porta, apertando o rabo dele. O meu diabo pôs–se a gemer, a debater–se. Fiz sobre ele três vezes o sinal–da–cruz. Rebentou ali mesmo como uma aranha esmagada. Deve ter apodrecido num canto, fede, mas eles não o veem, nem o sentem. Há um ano que não vou mais lá. A ti somente, como estranho, revelo isto.

— Vossas palavras são terríveis! Dizei–me, eminente e bem–aventurado padre, é verdade o que relatam de vós nas terras mais longínquas, que estaríeis em relação permanente com o Espírito Santo?

— Ele desce por vezes sobre mim.

— Sob que forma?

— A forma dum pássaro.

— O Espírito Santo sob a forma de uma pomba?

— Isto é o Espírito Santo, sim, mas falo do Santo Espírito, que é diferente. Pode descer sob a forma dum outro pássaro, uma andorinha ou um pintassilgo, por vezes um melharuco.

— Como podeis reconhecê–lo?

— Ele fala.

— Como fala ele, em que língua?

— Na língua humana.

— E que vos diz?

— Hoje, anunciou–me a visita de um imbecil que me faria perguntas ociosas. Monge, és bem curioso.

— Vossas palavras são temíveis, bem–aventurado e venerando padre. — O monge abanava a cabeça, mas a desconfiança aparecia nos seus olhos medrosos.

— Vês aquela árvore? — perguntou, após uma pausa, o Padre Fierapont.

— Vejo, bem–aventurado padre.

— Para ti, é um olmo, mas para mim, outro quadro.

— Qual? — E o monge esperou ansiosamente.

— Vês aqueles dois ramos? De noite, por vezes, são os braços do Cristo que se estendem para mim e me procuram, vejo com nitidez e estremeço. Oh! é terrível!

— Por que terrível, se é o próprio Cristo?

— Ele me agarrará e me levará.

— Vivo?

— Não sabes então nada da glória de Elias? Ele vos agarra e vos leva…

Depois dessa conversa, o monge de Obdorsk regressou à cela que lhe haviam designado; estava bastante perplexo, mas seu coração o inclinava mais para o Padre Fierapont que para o Padre Zósima. Nosso monge estimava mais que tudo o jejum e não lhe causava surpresa que um grande jejuador como o Padre Fierapont visse maravilhas. Suas palavras tinham ar de absurdas, evidentemente, mas Deus sabia o que elas significavam e muitas vezes os inocentes, por amor do Cristo, falam e agem duma maneira ainda mais estranha. Sentia prazer em crer sinceramente no diabo e no seu rabo preso, não somente no sentido alegórico, mas literal. Além do mais, desde antes de sua chegada ao mosteiro, tivera grande prevenção contra o "starietismo", que considerava segundo muitos outros como uma inovação nociva. Durante o dia passado no mosteiro pudera notar o murmúrio secreto de certos grupos frívolos, opostos àquela instituição. Além disso, era uma natureza insinuante e sutil, testemunhando por tudo grande curiosidade. Assim a notícia, do novo "milagre" realizado pelo *stáriets* Zósima mergulhou–o numa profunda perplexidade. Mais tarde, Aliócha lembrou–se, entre os religiosos que se comprimiam em torno do *stáriets* e de sua cela, da frequente aparição daquele hóspede curioso que se intrometia em toda parte, prestando ouvidos e interrogando todo mundo. Não lhe deu atenção então… Tinha outra

grande coisa na cabeça: o *stáriets*, que voltara a deitar–se, sentindo lassitude, lembrou–se dele ao despertar e reclamou sua presença. Aliócha acorreu. Em redor do moribundo estavam então apenas o Padre Paísi, o Padre Iósif e o noviço Porfíri. O velho, fixando Aliócha com seus olhos fatigados, perguntou–lhe:

— Será que os teus te esperam, meu filho?

Aliócha ficou embaraçado.

— Eles não têm necessidade de ti? Prometeste a alguém ir vê–lo hoje?

— Prometi a meu pai… a meus irmãos… a outras pessoas também…

— Estás vendo? Vai agora mesmo e não te aflijas. Fica sabendo, não morrerei sem ter pronunciado diante de ti minhas supremas palavras aqui na terra. É a ti que as legarei, meu caro filho, porque sei que me amas. E agora, vai cumprir tua promessa.

Aliócha submeteu–se logo, se bem que lhe custasse afastar–se. Mas a promessa de ouvir as derradeiras palavras de seu mestre, como um legado pessoal, arrebatava–o de alegria. Apressava–se, a fim de poder voltar mais depressa, depois de ter terminado tudo. Justamente, o Padre Paísi lhe dirigiu, antes de sua partida, palavras que o impressionaram profundamente. Foi depois de haverem deixado a cela.

— Lembra–te sempre, rapaz — começou o padre, sem preâmbulos —, de que a ciência do mundo, tendo–se desenvolvido neste século sobretudo, dissecou nossos livros santos e, após uma análise impiedosa, nada deixou subsistir. Mas dissecando as partes, perderam de vista o conjunto, e sua cegueira é de causar espanto. O conjunto se ergue diante dos olhos deles, tão inabalável quanto antes e o inferno não prevalecerá contra ele. Será que *o Evangelho* não tem dezenove séculos de existência, não vive ainda agora nas almas dos indivíduos e nos movimentos das massas populares? Subsiste mesmo, sempre inabalável, nas almas dos ateus destruidores de toda crença! Porque os que renegaram o Cristianismo e se revoltam contra ele, esses mesmos

permaneceram no íntimo à imagem do Cristo, porque nem sua sabedoria nem sua paixão puderam criar outro modelo para o homem, superior ao indicado outrora pelo Cristo. As tentativas neste sentido não passaram de monstruosidades. Lembra–te disto sobretudo, rapaz, pois teu *stáriets* moribundo te envia para o mundo. Talvez lembrando–te deste grande dia, não esqueças minhas palavras, dirigidas para teu bem, porque és jovem, as tentações do mundo são grandes e não tens força para suportá–las. E agora vai, pobre órfão.

Ao terminar, o Padre Paísi deu–lhe sua benção. Refletindo nessas palavras imprevistas, compreendeu Aliócha que encontrara novo amigo e um guia cheio de amor naquele monge até então rigoroso e rude para com ele, como se *o stáriets* Zósima o houvesse legado ao morrer. "Talvez se hajam entendido entre si", pensou Aliócha. A dissertação que acabara de ouvir atestava somente o zelo do Padre Paísi: apressava–se em armar aquele jovem espírito para a luta contra as tentações e em preservar aquela jovem alma que lhe legavam, elevando em torno dela o baluarte mais sólido que pode imaginar.

## II / Aliócha em casa de seu pai

Aliócha começou por ir em primeiro lugar à casa de seu pai. Ao aproximar–se, lembrou–se da recomendação feita na véspera, de entrar sem que Ivan ficasse sabendo. "Por quê? — perguntou a si mesmo. — Se meu pai quer fazer–me uma confidência, isto é razão para entrar furtivamente? Queria, sem dúvida, na sua emoção, dizer–me outra coisa ontem e não pode", decidiu ele. No entanto, sentiu–se satisfeito ao saber de Marfa Ignátievna, que lhe abriu a porta do jardim (Grigóri estava deitado, doente), que Ivan saíra havia duas horas.

— E meu pai?

— Levantou, está tomando seu café — respondeu a velha.

Aliócha entrou. O velho, sentado à sua mesa, de chinelos e com um casaco bastante surrado, examinava contas para se distrair, sem grande interesse de resto. Encontrava–se sozinho na casa, tendo Smierdiákov saído para comprar provisões. Sua atenção estava

alhures. Se bem que se tivesse levantado bem cedo e bancado o corajoso, parecia fatigado, fraco. Sua testa, onde, durante a noite, se haviam formado equimoses, estava enrolada num lenço de seda vermelha. O nariz, muito inchado, dava a seu rosto uma expressão particularmente má, irritada. O velho dava–se conta disso e acolheu Aliócha com um olhar pouco amigável.

— O café está frio — disse ele num tom seco —, não te ofereço. Hoje, meu caro, tenho apenas uma magra sopa de peixe e não convido ninguém. Por que vieste?

— Vim saber notícias suas — declarou Aliócha.

— Sim. Aliás, tinha–te pedido ontem que viesses. Tolices tudo isso. Tu te incomodaste em vão. Sabia bem que haverias de vir…

Suas palavras refletiam o sentimento mais hostil. Entretanto, havia levantado e examinava ansiosamente seu nariz no espelho (pela quadragésima vez talvez desde a manhã). Arranjou com extremo cuidado seu lenço vermelho na testa.

— O vermelho assenta melhor, o branco lembra imediatamente o hospital — observou ele, num tom sentencioso. — Pois bem! Que há de novo? Como vai teu *stáriets*?

— Está muito mal, morrerá talvez hoje — disse Aliócha; mas seu pai não lhe prestou atenção.

— Ivan saiu — disse ele, de repente. — Esforça–se por furtar a noiva de Mítia. Por isso é que permanece aqui — acrescentou com raiva, a boca contraída, olhando Aliócha.

— Ele mesmo lhe disse isso?

— Desde muito tempo, há já três semanas. Não foi para assassinar–me às ocultas que ele veio; tem pois um motivo.

— Como! Por que diz isso? — perguntou Aliócha, com angústia.

— Não pede dinheiro, é verdade, aliás, não terá nada. Eu, meu caríssimo Alieksiéi Fiódorovitch, tenho a intenção de viver o máximo

tempo possível, toma nota disso; assim, tenho necessidade de todo o meu dinheiro, e quanto mais avançar em idade, mais precisarei — continuou Fiódor Pávlovitch, com as mãos nos bolsos de seu casaco manchado, de durante amarela. — Agora, aos cinquenta e cinco anos, conservei minha força viril, e conto bem que isso durará ainda vinte anos; ora, envelhecerei, ficarei repulsivo; as mulheres não virão mais de boa–vontade; então, precisarei de dinheiro. Eis por que, agora, amealho o mais possível, para mim só, meu caro filho Alieksiéi Fiódorovitch, fica sabendo bem, porque quero viver até o fim na libertinagem. É a existência mais agradável; todo mundo deblatera contra ela e todo mundo nela vive, mas às ocultas, e eu, em pleno dia. É por causa de minha franqueza que todos os canalhas me caíram em cima. Quanto ao teu paraíso, Alieksiéi Fiódorovitch, fica sabendo que não o quero, é até mesmo inconveniente para um homem às direitas, se é que existe. A gente dorme para não mais despertar, eis minha ideia. Manda dizer uma missa por mim, se quiseres, senão, que o diabo vos leve! Eis minha filosofia. Ontem, Ivan falou bem a este respeito, no entanto, estávamos bêbedos. É um falador desprovido de erudição… não tem instrução; cala–se e ri da gente em silêncio, eis todo o seu talento.

Aliócha escutava sem dizer palavra.

— Por que ele não fala comigo? E quando fala, faz–se malicioso; é um miserável o teu Ivan! Casarei imediatamente com Grúchenhka, se quiser. Porque com dinheiro basta querer, Alieksiéi Fiódorovitch, tem–se tudo. É disto, que Ivan tem medo, vigia–me para impedir meu casamento, e por esta razão impele Mítia a fazer dela sua esposa; dessa maneira, entende preservar–me de Gruchka (na esperança de herdar, se não me casar com ela!); por outra parte, se Mítia se casar com ela, toma–lhe Ivan sua rica noiva, eis seu cálculo! É um miserável o teu Ivan!

— Como o senhor está irascível! É o resultado de ontem; o senhor deveria deitar–se — disse Aliócha.

— Tuas palavras não me irritam — observou o velho — ao passo que vindas de Ivan me zangariam; somente contigo tenho tido bons momentos, porque sou mau.

— O senhor não é mau, o senhor tem é o espírito corrompido — sorriu Aliócha.

— Pois seja, eu queria mandar prender aquele bandido do Mítia e agora não sei que partido tomar. Sem dúvida, em nosso tempo, passa por preconceito respeitar pai e mãe; entretanto, as leis não permitem ainda arrastar um pai pelos cabelos, bater–lhe no rosto com golpes de botas, em sua própria casa e ameaçá–lo, diante de testemunhas, de vir liquidá–lo. Se quisesse, eu o domaria e poderia mandá–lo prender por causa da cena de ontem.

— Então, não quer dar queixa?

— Ivan dissuadiu–me disso. Zombo de Ivan, mas há uma coisa…

Inclinou–se para Aliócha e continuou num tom confidencial:

— Se mandar prender o canalha, ela ficará sabendo e correrá para ele. Mas se souber que ele quase me mata, a mim, débil velho, talvez o abandone e virá ver–me… Tal é seu caráter, só age contraditoriamente. Conheço–a a fundo! Não queres conhaque? Toma café frio, vou te servir um quarto de cálice, isto dá bom gosto.

— Não, obrigado. Levarei este pão, se o permitir — disse Aliócha, pegando um pãozinho francês de três copeques, que meteu no bolso de sua batina. — O senhor não deveria beber mais conhaque — aconselhou, tímido, lançando uma olhadela furtiva para o velho.

— Tens razão, isto irrita. Mas só um copinho…

Abriu o armário, serviu–se um copinho, tornou a fechar o armário e a pôr a chave no bolso.

— Isto basta, não rebentarei por causa dum copinho…

— Já está melhor!

— Hum! Gosto de ti, mesmo sem conhaque, e sou um canalha para os canalhas! Ivan não parte para Tchermachniá porque tem intenção de espionar–me. Quer saber quanto darei a Grúchenhka, se ela vier. Todos uns miseráveis! Aliás, renego Ivan, não o compreendo.

Donde vem ele? Sua alma não é como a nossa. Conta com minha herança. Mas não deixarei testamento, fica sabendo. Quanto a Mítia, eu o esmagarei como a uma barata; faço–as rebentar à noite sob meu chinelo; teu Mítia rebentará da mesma maneira. Digo "teu" Mítia porque o amas, mas isto não me faz medo. Se fosse Ivan que o amasse, temeria por mim mesmo. Mas Ivan não ama ninguém, não é dos nossos, as pessoas como ele, meu caro, não são semelhantes a nós, são poeira… Se o vento sopra, essa poeira se levanta… Foi uma fantasia que se apoderou de mim ontem, quando te disse que viesses hoje; queria informar–me por meio de ti a respeito de Mítia; será que em troca de mil ou dois mil rublos aquele tratante, aquele bandido, consentiria em ir–se daqui por cinco anos, ou melhor, por trinta e cinco anos, e em renunciar a Grúchenhka? Hem?

— Eu… eu lhe perguntarei — murmurou Aliócha. — Por três mil rublos, talvez ele…

— Não, senhor! Não é preciso perguntar nada agora! Mudei de ideia. Foi um capricho que me deu ontem. Não darei nada, nem um níquel, eu mesmo tenho necessidade de meu dinheiro. (O velho teve um gesto expressivo.) De qualquer maneira, vou esmagá-lo como a uma barata. Não lhe digas nada, senão vai imaginar coisas. Mas tu mesmo nada tens a fazer em minha casa, vai–te. E sua noiva, Katierina Ivânovna, que sempre ocultou de mim tão cuidadosamente, vai casar com ela ou não? Estavas ontem em casa dela, certo?

— Ela não quer abandoná–lo por preço nenhum.

— Eis os indivíduos a quem essas ternas senhoritas amam; farristas, malandros! Não valem nada essas pálidas criaturas. Que ideia! Pois bem, se tivesse a juventude dele e meu corpo de então (porque aos vinte e oito anos era melhor do que ele), lograria o mesmo êxito. Canalha, sim!… Mas não terá Grúchenhka, não a terá… Eu o esmagarei…

Tornou–se de novo colérico ao proferir estas últimas palavras.

— Vai–te também, nada tens a fazer em minha casa hoje — disse, secamente.

Aliócha aproximou–se dele para despedir–se e beijou–o no ombro.

— Por quê? — espantou–se o velho. — Nós nos tornaremos a ver, ou pensas que é a derradeira vez?

— Absolutamente, foi por acaso…

— Eu também… digo isto por dizer… — declarou o velho, fitando–o. — Escuta, escuta — gritou ele às costas de Aliócha —, volta em breve, haverá uma sopa de peixe famosa, não como hoje. Vem amanhã, ouviste?

Assim que Aliócha saiu, o velho voltou ao armário e tomou um meio copo.

— Basta — murmurou ele, resfolegando. Tornou a fechar o armário, repôs a chave no bolso, depois, já sem forças, foi estender–se sobre seu leito onde adormeceu imediatamente.

## III / O encontro com os colegiais

"Felizmente meu pai não me fez perguntas a respeito de Grúchenhka", dizia a si mesmo Aliócha, dirigindo–se para a casa da Senhora Khokhlakova. "Teria sido preciso contar–lhe o encontro de ontem com ela." Pensava com pesar que, durante a noite, os adversários haviam retomado forças, que seus corações estavam de novo endurecidos. "Meu pai está irritado e cheio de maldade, continua ancorado em sua ideia. Dimítri também se refirmou e deve ter um plano… É absolutamente preciso que o encontre hoje…"

Mas as reflexões de Aliócha foram interrompidas por um incidente que o impressionou, apesar de sua pouca importância. Ao aproximar–se da Rua de São Miguel, paralela à Rua Grande, da qual só estava separada por um riacho (nossa cidade é cortada por ele), avistou lá embaixo, diante do passadiço, um pequeno grupo de colegiais, meninos de nove a doze anos no máximo. Voltavam para suas casas após as aulas, carregando suas sacolas a tiracolo ou amarradas nas costas por meio de correias; uns tinham apenas uma jaqueta, outros, sobretudos; alguns calçavam botas dessas pregueadas, com as quais gostam de exibir–se os meninos mimados por pais

abastados. O grupo discutia com animação, parecia manter conselho, Aliócha interessava–se sempre pelas crianças que encontrava (era o caso em Moscou) e, muito embora preferisse os bebês de três anos, os escolares de dez e de onze lhe agradavam muito. Assim, apesar de sua preocupação, quis abordá–los, entrar em conversa com eles. Ao aproximar–se, observava–lhes os rostos vermelhos e notou que todos os meninos tinham uma pedra na mão e até mesmo duas. Do outro lado do riacho, a cerca de trinta passos, mantinha–se, encostado, a uma paliçada, um escolar, com sua sacola sobre o quadril, parecendo ter no máximo uns dez anos, pálido, de ar doentio, com olhos negros que cintilavam. Esquadrinhava com o olhar os seis colegiais, seus camaradas, com os quais parecia estar brigado. Aliócha avançou e dirigindo–se a um menino de cabelos cacheados, louro, corado, de jaqueta preta, observou, olhando–o:

— Quando eu tinha tua idade, carregava–se a sacola do lado esquerdo, a fim de alcançá–la com a mão direita; mas a tua está do lado direito, não deve ser cômodo.

Sem nenhuma premeditação, Aliócha começara com essa observação prática. Um adulto não pode proceder de outra forma, se quer ganhar a confiança de uma criança e sobretudo dum grupo de crianças. Era preciso começar séria, praticamente, para ficar em pé de igualdade. Aliócha percebia isso por instinto.

— Ele é canhoto — respondeu logo outro menino de onze anos, de ar resoluto.

Os cinco outros fitavam Aliócha.

— Ele atira pedras com a mão esquerda — notou um terceiro.

No mesmo instante, foi lançada uma pedra contra o grupo, roçando pelo canhoto, mas foi perder–se adiante, embora atirada com habilidade e vigor. Fora lançada pelo menino colocado do outro lado do riacho.

— Duro com ele, acerta bem, Smúrov! — gritaram todos. O canhoto não se fez de rogado e retribuiu imediatamente; não teve êxito e sua pedra bateu no chão. O adversário ripostou com um seixo

que atingiu Aliócha bastante rudemente no ombro. Via–se a trinta passos que aquele garoto tinha os bolsos de seu sobretudo cheios de pedras.

— Foi no senhor, no senhor; fez pontaria de propósito no senhor. Porque o senhor é um Karamázov — exclamaram os meninos, desatando a rir. — Vamos, todos ao mesmo tempo contra ele, fogo!

Seis pedras voaram juntas. Atingido na cabeça, o garoto caiu mas para levantar logo e responder com encarniçamento. Dos dois lados houve um bombardeio ininterrupto; muitos, no grupo, tinham também seus bolsos cheios de projetis.

— Mas como é isso? Não têm vergonha, meus amigos? Seis contra um! Vão matá–lo! — exclamou Aliócha.

Correu para a frente, a fim de se expor aos projetis, protegendo assim o garoto do outro lado do riacho. Três ou quatro pararam por um minuto.

— Foi ele quem começou! — gritou com voz irritada um menino de blusa vermelha —; é um bandido; ainda há pouco feriu na aula Krasótkin[43] com seu canivete, correu sangue, Krasótkin não quis fazer queixa; é preciso dar uma surra nele…

— Mas por quê? Precisam mesmo persegui–lo?

— Ele atirou outra pedra nas costas do senhor. Ele o conhece — gritaram os meninos. — É contra o senhor que está fazendo pontaria agora. Vamos, todos de novo contra ele, não deixe de acertar, Smúrov!…

O bombardeio recomeçou, desta vez implacável. O garoto, sozinho, recebeu uma pedrada no peito; lançou um grito, pôs–se a chorar, fugiu pela subida para a Rua de São Miguel. No grupo vociferava–se: “Ah! ele teve medo, fugiu, aquele ‘esfregão de tília’!”.

— O senhor ainda não sabe, Karamázov, como ele é ruim; seria pouco matá–lo — repetiu o menino de jaqueta, de olhos ardentes, e que parecia ser o mais velho.

— É um linguarudo? — perguntou Aliócha.

Os meninos trocaram olhares com ar zombeteiro.

— O senhor vai pela Rua de São Miguel? — continuou o mesmo. — Então, alcance–o… Veja, parou de novo; espera e olha para o senhor.

— Olha para o senhor, olha para o senhor! — repetiram os meninos.

— Pergunte–lhe então se ele gosta de um esfregão de tília desmanchado. Entendeu? Pergunte assim.

Houve então uma explosão geral de gargalhadas. Aliócha e os meninos cruzavam olhares.

— Não vá lá, ele vai feri-lo. — gritou, solícito, Smúrov.

— Meus amigos, não lhe farei a pergunta a respeito do esfregão de tília, porque é com isso que vocês o maltratam, mas me informarei com ele do motivo pelo qual vocês o odeiam tanto…

— Informe–se, informe–se — gritaram os meninos, rindo–se.

Aliócha transpôs o passadiço e subiu a ladeira ao longo da paliçada, diretamente para o lado de seu agressor.

— Atenção — gritaram–lhe — ele não tem medo do senhor e vai atingi–lo à traição, como fez com Krasótkin.

O menino esperava–o imóvel. Chegando bem perto, Aliócha estava diante de um menino de nove anos, fraco, raquítico de rosto oval, pálido, magro, com grandes olhos escuros que o olhavam cheios de ódio. Vestia um velho sobretudo bastante gasto e muito curto. Seus braços nus saíam de suas mangas. Havia um grande remendo no joelho direito de sua calça e, dissimulado com tinta, um buraco no seu sapato do pé direito, no lugar do dedo grande. Os bolsos do sobretudo estavam cheios de pedras. Aliócha parou a dois passos, olhando–o com ar interrogador. O garoto, adivinhando pelos olhos de Aliócha que não tinha este intenção de bater–lhe, retomou coragem, e falou em

primeiro lugar:

— Eu estava sozinho contra seis… Hei de matá–los todos — disse ele, com olhar faiscante.

— Uma pedrada deve ter–lhe feito bastante mal — observou Aliócha.

— Mas eu acertei bem na cabeça de Smúrov! — replicou ele.

— Disseram–me que você me conhecia e atirou–me a pedra de propósito — disse Aliócha.

O menino olhava–o com um olhar sombrio.

— Não o conheço. Você me conhece? — continuou Aliócha.

— Deixe–me tranquilo! — gritou, de súbito, o menino com voz irritada, mas sem sair de seu lugar, como na expectativa de alguma coisa, o olhar hostil.

— Está bem, vou–me embora — disse Aliócha —, mas não o conheço e não quero importuná–lo. No entanto, seus colegas me disseram como eu deveria fazer. Adeus.

— Seu fradeco! — gritou o garoto, acompanhando Aliócha com o mesmo olhar cheio de ódio e provocante; pôs–se na defensiva, acreditando que Aliócha iria lançar–se contra ele, mas aquele voltou–se, olhou–o e seguiu seu caminho. Não havia dado uns três passos quando recebeu nas costas o mais grosso dos seixos que enchiam o bolso do sobretudo.

— Como? Por trás? É então verdade o que eles dizem, que você ataca como traidor?

Aliócha voltou–se; visado no rosto, teve tempo de prevenir–se e novo projétil atingiu–o no cotovelo.

— Não tem vergonha? Que eu lhe fiz? — exclamou ele.

O garoto esperava, silencioso e agressivo, persuadido de que, daquela vez, Aliócha lhe cairia em cima; vendo que sua vítima não se

movia, ficou furioso como uma pequena fera e avançou. Antes que Aliócha tivesse podido fazer um movimento, o diabrete agarrou–lhe a mão esquerda e mordeu–lhe cruelmente um dedo. Aliócha lançou um grito de dor, esforçando–se por livrar–se. O garoto largou–o por fim, recuando para a distância anterior. A mordidela, perto da unha, era profunda, o sangue corria. Aliócha tirou seu lenço, enrolando com ele apertadamente sua mão ferida. Isto levou cerca de um minuto. Entretanto o menino esperava. Aliócha baixou sobre ele um olhar calmo.

— Está bem — disse ele —, veja como me mordeu profundamente. Isto basta, creio. Agora, diga–me, que lhe fiz eu?

O menino fitou–o, surpreso.

— Não o conheço absolutamente e vejo–o pela primeira vez — prosseguiu Aliócha, com a mesma calma —, mas devo ter–lhe feito alguma coisa, do contrário você não teria me agredido por coisa nenhuma. Vamos, diga–me, que eu lhe fiz e que culpa cometi para com você?

Como resposta, o menino pôs–se a soluçar e fugiu. Aliócha seguiu–o lentamente pela Rua de São Miguel e avistou–o ainda por muito tempo, correndo e chorando, sem se voltar. Prometeu a si mesmo, desde que tivesse tempo, tornar a encontrá–lo, para esclarecer aquele enigma.

## IV / Em casa das senhoras Khokhlakovi

Não demorou a chegar à residência da Senhora Khokhlakova, cuja casa de pedra, de um andar, era uma das mais belas de nossa cidade. Se bem que ela vivesse a maior parte do tempo numa propriedade situada em outra província, e em sua casa de Moscou, possuía uma em nossa cidade, que lhe vinha de sua família. De resto, a maior de suas três propriedades encontrava–se em nosso distrito, mas só raramente ela havia vindo à nossa província. Acorreu ao encontro de Aliócha no vestíbulo.

— Recebeu minha carta a propósito do novo milagre? —

perguntou ela, nervosamente.

— Sim, recebi–a.

— Passou-a adiante, mostrou–a a todos? Ele restituiu um filho à sua mãe!

— Morrerá hoje — disse Aliócha.

— Sei. Oh! como gostaria de falar de tudo isso, com você ou com um outro! Não, com você, com você! E dizer que não posso vê–lo! É pena. Toda a cidade está emocionada, todos estão na expectativa. A propósito… sabe que Katierina Ivânovna acha–se neste momento em nossa casa?

— Ah! que feliz encontro! — exclamou Aliócha. — Ontem recomendou–me que viesse vê–la sem falta.

— Sei, sei. Contaram–me, pormenorizadamente, o que se passou ontem… aquela cena horrível com aquela… criatura. *C'est tragique!* No lugar dela, não sei o que teria feito. E seu irmão, Dimítri Fiódorovitch, que homem, meu Deus! Alieksiéi Fiódorovitch, estou me atrapalhando; imagine que seu irmão está aqui, isto é, não aquele terrível personagem, mas o outro, Ivan Fiódorovitch. Está tendo uma conversa solene com Katierina Ivânovna… Se você soubesse o que se passa entre eles, é terrível, é dilacerante, é um conto inverossímil; atormentam–se com prazer, eles mesmos sabem e disso extraem um gozo acre. Eu o esperava, tinha sede de você! Sobretudo, não posso suportar isso. Vou contar–lhe tudo, mas há outra coisa, essencial. Ah! tinha esquecido que era o essencial. Diga–me, por que Lisa está com uma crise nervosa? Ficou assim logo que foi informada de sua chegada.

— Mamãe, é a senhora quem está agora numa crise, e não eu, — gorjeou de repente a voz de Lisa, que vinha do quarto vizinho, através da porta entreaberta. A abertura era exígua e a voz aguda, talqualmente como quando se tem uma violenta vontade de rir e se faz esforço para reprimi–la. Aliócha notara aquela fenda, por onde Lisa devia examiná–lo de sua cadeira, sem que ele pudesse dar–se conta disso.

— Pode ser, Lisa, que eu esteja com uma crise, diante de teus caprichos, e, no entanto, Alieksiéi Fiódorovitch, ela esteve bastante doente a noite inteira: febre, gemidos! Com que impaciência esperei o raiar do dia e a chegada do Doutor Herzenstube! Ele diz que não compreende nada, que é preciso esperar. Quando vem, repete sempre a mesma coisa. Assim que o senhor entrou, ela deu um grito e quis ser transportada para seu antigo quarto…

— Mamãe, eu nem tinha ideia que ele vinha; não foi para evitá–lo que quis passar para meu quarto.

— Não é verdade, Lisa, Iúlia tocaiava a chegada de Alieksiéi Fiodorovitch e correu a anunciar–te a chegada dele.

— Querida mamãezinha, não está direito, isso, de sua parte; se quer dizer algo de mais espirituoso, diga ao nosso caro visitante, Alieksiéi Fiódorovitch, que ele demonstrou sua falta de espírito, somente com decidir vir à nossa casa, depois do dia de ontem, e apesar de toda gente zombar dele.

— Lisa, vais longe demais, e asseguro–te que recorrerei a medidas rigorosas. Ninguém zomba dele, estou tão contente por ter ele vindo! É para mim necessário, indispensável. Oh! Alieksiéi Fiódorovitch, quanto sou infeliz!

— Que tem então a senhora, mamãezinha?

— O que me mata, Lisa, são teus caprichos, tua inconstância, tua doença, essa terrível noite de febre, aquele horrendo aquele eterno Herzenstube, e enfim tudo, tudo… E depois esse milagre! Oh! como ele me impressionou, me transtornou, querido Alieksiéi Fiódorovitch! E aquela tragédia no salão, que não posso suportar, afirmo–lhe, é impossível. Uma comédia, talvez, e não uma tragédia. Diga, o *stáriets* Zósima viverá até amanhã? Oh! meu Deus! Que é que me acontece? Fecho os olhos a cada instante e digo a mim mesma que tudo é absurdo, absurdo.

— Eu lhe ficaria muito grato — interrompeu–a de repente Aliócha — se me desse um pedacinho de pano para fazer um curativo no meu dedo; feri-me e está doendo muito.

Aliócha descobriu seu dedo mordido, o lenço cheio de sangue. A Senhora Khokhlakova lançou um grito, fechou os olhos.

— Meu Deus! Que ferimento, é horrível!

Assim que Lisa viu o dedo de Aliócha através da fenda, escancarou a porta.

— Venha, venha ter comigo — disse ela, com uma voz imperiosa –, agora, chega de tolices! Oh! Deus! Por que ficou tanto tempo sem nada dizer? Ele poderia ter perdido todo o seu sangue, mamãe! Onde e como lhe aconteceu isso? Antes de tudo água, água! É preciso lavar a ferida, mergulhar o dedo na água fria para fazer cessar a dor e conservá–lo ali muito tempo… Depressa, água, mamãe, numa tigela! Mais depressa, vamos — disse ela, com um movimento nervoso. Estava bastante amedrontada; a ferida de Aliócha consternava–a.

— Não será preciso ir chamar Herzenstube? — exclamou a mãe.

— Mamãe, a senhora me mata. Seu doutor virá para dizer que não compreende nada! Água, água, mamãe, pelo amor de Deus! Vá a senhora mesma estimular Iúlia que se retardou não sei onde; nunca pode chegar a tempo! Mais depressa, mamãe, ou eu morro… morro…

— Mas é uma coisa de nada! — exclamou Aliócha, espantado com aquele terror.

Iúlia acorreu com a água. Aliócha mergulhou nela o dedo.

— Mamãe, suplico–lhe, traga um pouco de gaze e daquela água turva para cortes, como é que se chama? Temos dela, temos dela… mamãe, a senhora sabe onde está o frasco, no seu quarto de dormir, no armário à direita; há um grande frasco e fios.

— Imediatamente, Lisa, mas não grites, não te enerves; Tu vês com que coragem Alieksiéi Fiódorovitch suporta sua dor. Onde se feriu o senhor assim, Alieksiéi Fiódorovitch?

Ela saiu imediatamente. Lisa só esperava por isso.

— Antes de tudo, responda à minha pergunta — disse ela

rapidamente. — Onde pôde ferir–se assim? Depois falaremos de outra coisa. Vamos!

Adivinhando que o tempo se tornava precioso, Aliócha fez–lhe uma narrativa exata, se bem que resumida, de seu estranho encontro com os colegiais. Depois de havê–lo escutado, Lisa juntou as mãos.

— Como você pode, e ainda mais com esse hábito, andar às voltas com garotos? — exclamou ela, encolerizada, como se tivesse direitos sobre ele. — Mas, afinal, você mesmo não passa de um garoto, o menor dentre eles. No entanto, não deixe de informar–se a respeito desse diabrete e conte–me tudo; deve haver nisso um segredo. Outra coisa agora. Você poderia, apesar da sua dor, falar discretamente a respeito de bagatelas, Alieksiéi Fiódorovitch?

— Claro que sim, aliás não está me doendo mais tanto.

— É porque seu dedo está dentro dágua. É preciso mudá–la imediatamente, ela esquentará. Iúlia, vai procurar um pedaço de gelo na adega e nova tigela com água. Ela já se foi, abordo o assunto. Meu querido Alieksiéi Fiódorovitch, queira entregar–me imediatamente minha carta, mamãe pode voltar dum minuto para outro, e eu não quero…

— Não a tenho comigo.

— Não é verdade, tem sim, estava certa de que você me daria essa resposta. Lamentei tanto a noite inteira aquela estúpida pilhéria! Entregue minha carta agora mesmo. Entregue!

— Deixei–a em casa!

— Você não pode tomar–me por uma meninota, depois da tola pilhéria de minha carta. Peço–lhe perdão! Mas a quero de volta; se verdadeiramente não está com você, traga–a hoje sem falta.

— Hoje, é impossível, porque volto para o mosteiro e não voltarei a vê–la por dois dias, três ou quatro talvez, porque o *stáriets* Zósima…

— Quatro dias, que absurdo! Escute, riu muito de mim?

— De jeito nenhum.

— Por que então?

— Porque acreditei em você, absolutamente.

— Você me ofende!

— De modo algum. Pensei, logo após ter lido, que isto se daria, porque desde que o *stáriets* tiver morrido, terei de deixar o mosteiro. Em seguida acabarei meus estudos, farei meus exames e depois do prazo legal nos casaremos. Vou amá-la bastante. Embora não tenha tido tempo de pensar nisso, refleti que não encontraria jamais uma mulher melhor que você e o *stáriets* ordena que eu me case…

— Sou um monstro, fazem–me rodar numa cadeira! — objetou, rindo, Lisa, com as faces incendidas.

— Eu mesmo a farei rodar, mas estou certo de que até lá estará você restabelecida.

— Mas você está louco! — proferiu Lisa, nervosamente. — Tirar tal conclusão duma simples brincadeira!… Aí vem mamãe, talvez muito a propósito. Mamãe, como pôde demorar tanto tempo?! E eis Iúlia que traz o gelo.

— Ah! minha Lisa, não grites, não grites principalmente. Tenho a cabeça rebentada… é culpa minha que hajas posto os fios noutro lugar?… Procurei, procurei… Suponho que o fizeste de propósito.

— Eu não podia adivinhar que ele chegaria com um dedo mordido, se soubesse teria feito de propósito. Minha querida mamãe, a senhora começa a dizer coisas muito espirituosas.

— Espirituosas? Pois seja. Mas quanta pena do dedo de Alieksiéi Fiódorovitch, Lisa, e de tudo isso! Oh! meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, não são os detalhes que me matam, nem um Herzenstube qualquer, mas tudo junto, tudo reunido, eis o que não posso suportar.

— Basta de tanto Herzenstube, mamãe — continuou Lisa, com um

riso jovial —, dê–me mais depressa a gaze e a água. É muito simples, “água branca”, Alieksiéi, o nome me ocorre, um excelente remédio. Mamãe, imagine a senhora que ele brigou com garotos na rua e foi um que lhe deu uma dentada; ele não é mesmo um garotinho e será que ele pode casar, mamãe, depois dessa aventura? Porque, imagine a senhora, ele quer casar! Pode imaginá–lo casado? Não é de morrer, de rir?

E Lisa ria, aquela sua risadinha nervosa, olhando maliciosa para Aliócha.

— Mas como ele haveria de casar, Lisa, que coisa sem pé nem cabeça! É muito fora de propósito de tua parte… Aquele garoto poderia estar raivoso!

— Ah! mamãe, há crianças raivosas?

— Por que não, Lisa? Nem que eu estivesse dizendo uma bobagem! Aquele garoto foi mordido por um cão raivoso, ele mesmo ficou raivoso, passa a morder alguém por sua vez. Ela fez um belo curativo, Alieksiéi Fiódorovitch! Eu nunca teria podido fazê–lo assim. Sente dor?

— Muito pouca.

— Não tem medo da água? — perguntou Lisa.

— Basta, Lisa, falei talvez demasiado apressadamente de raiva, a propósito daquele garoto, e tu concluis Deus sabe o quê. Katierina Ivânovna acaba de saber de sua chegada, Alieksiéi Fiódorovitch. Deseja ardentemente vê–lo.

— Ah! mamãe, vá sozinha; ele não pode ainda, sofre demais.

— Não estou sofrendo absolutamente, posso ir, muito bem — protestou Aliócha.

— Como? Vai–se embora? Ah! é assim?

— Pois bem, quando terminar, voltarei e poderemos tagarelar tanto quanto você queira. Tenho pressa de ver Katierina Ivânovna,

porque desejo voltar o mais cedo possível para o mosteiro.

— Mamãe, leve–o bem depressa. Alieksiéi Fiódorovitch, não se dê ao trabalho de vir ter comigo depois de ter visto Katierina Ivânovna. Volte direto para seu mosteiro, é sua vocação! Eu estou com vontade de dormir, passei a noite em claro.

— Ah! Lisa, estás brincando, decerto, mas se dormisses deveras?

— Ficarei ainda uns três minutos, até mesmo cinco se você quiser — balbuciou Aliócha.

— Leve–o, pois, depressa, mamãe, é um monstro.

— Lisa, perdeste a cabeça. Vamos, Alieksiéi Fiódorovitch, ela está demasiado, caprichosa hoje, tenho medo de enervá–la. Oh! que desgraça uma mulher nervosa, Alieksiéi Fiódorovitch! Mas ela talvez tenha realmente vontade de dormir. Como sua presença a inclinou depressa para o sono! Que coisa boa!

— Mamãe, como a senhora fala gentilmente! Dou–lhe um beijinho por isso.

— Eu também, Lisa. Escute, Alieksiéi Fiódorovitch — cochichou ela com um ar misterioso, importante, afastando–se com o rapaz —, não quero influenciá–lo, nem erguer o véu; vá ver você mesmo o que se passa: é terrível. A comédia mais fantástica; ela ama seu irmão Ivan Fiódorovitch e trata de persuadir–se de que está apaixonada por Dimítri Fiodórovitch. É horrível! Acompanho–o, e, se quiserem, esperarei.

## V / O TUMULTO NO SALÃO

A conversa no salão tinha terminado; Katierina Ivânovna, superexcitada, mostrava, no entanto, um ar resoluto. Quando Aliócha e a Senhora Khokhlakova entraram, Ivan Fiódorovitch levantava para partir. Estava um pouco pálido e seu irmão examinou–o com inquietação. Aliócha encontrava agora a solução para uma dúvida, para um enigma que o atormentava desde algum tempo. Por diversas vezes, desde um mês, tinham–lhe sugerido que seu irmão Ivan amava

Katierina Ivânovna, e sobretudo que ele estava a “tomá–la” de Mítia. Até então isto parecera monstruoso a Aliócha, inquietando–o fortemente. Amava seus dois irmãos e aterrorizava–se com a rivalidade deles. Entretanto, Dimítri havia–lhe declarado na véspera que se sentia feliz por ter como rival seu irmão, que isso lhe prestava grande serviço. Em quê? Para se casar com Grúchenhka? Mas era essa resolução desesperada. Além disso, Aliócha acreditara com firmeza, até a véspera à noite, no amor, apaixonado e obstinado de Katierina Ivânovna por Dimítri, até a véspera à noite somente. Parecia–lhe também que ela não podia amar um homem como Ivan, mas que amava Dimítri tal como ele era, apesar da estranheza de tal amor. Mas durante a cena com Grúchenhka, suas impressões tinham mudado. A palavra “dilacerante”, empregada havia pouco pela Senhora Khokhlakova, perturbava–o, porque na noite passada, meio acordado ao raiar do dia, ele a pronunciara duas vezes, provavelmente sob a impressão de seu sonho, a noite inteira revira aquela cena. Agora, a afirmação categórica da Senhora Khokhlakova, de que a moça amava Ivan, que seu amor por Dimítri não passava de um logro, de um amor de empréstimo que ela se infligia por jogo, por “dilaceramento”, sob o império da gratidão, essa afirmação impressionava Aliócha: “Talvez, seja verdade!”. Mas nesse caso, qual era a situação de Ivan?! Aliócha adivinhava que um caráter como o de Katierina Ivânovna tinha necessidade de dominar; ora, aquele domínio não podia exercer–se senão sobre Dimítri e não sobre Ivan. Porque somente Dimítri (suponhamos que só por pouco tempo) poderia enfim submeter–se a ela “para sua felicidade” (Aliócha também teria desejado isso), mas Ivan não poderia; aliás essa submissão não o teria tornado feliz. Tal era a ideia que Aliócha fazia involuntariamente de Ivan. Era presa dessas hesitações e dessas reflexões ao entrar no salão. Outra ideia se impôs a ele de repente: “E se ela não amasse nem a um nem a outro?”. Notemos que Aliócha tinha vergonha de tais pensamentos e censurava a si próprio, quando por vezes lhe sobrevinham, no derradeiro mês. “Que entendo eu do amor e das mulheres e como posso tirar tais conclusões?”, dizia a si mesmo depois de cada conjetura. Entretanto a reflexão se impunha. Adivinhava que aquela rivalidade era capital no destino de seus dois irmãos. “Os reptis devorarão um ao outro”, dissera ontem Ivan na sua irritação, a propósito de seu pai e de Dimítri. Assim, era Dimítri um réptil aos olhos dele, desde muito

tempo talvez. Não seria depois que ele próprio viera a conhecer Katierina Ivânovna? Aquelas palavras haviam, sem dúvida, escapado a Ivan involuntariamente, mas eram por isso mesmo mais graves. Naquelas condições que paz, que paz poderia haver? Não eram pelo contrário novos motivos de ódio e de inimizade na família deles? Sobretudo, a quem ele, Aliócha, deveria lamentar? E que desejar a cada um deles? Amava–os igualmente, mas que desejar aos dois, entre tão temíveis contradições? Era caso de perder–se naquele labirinto e o coração de Aliócha não podia suportar a incerteza, porque seu amor tinha sempre um caráter ativo. Incapaz de amar passivamente, sua afeição traduzia–se em uma ajuda. Mas para isso, era preciso ter uma razão, saber claramente o que convinha a cada um e ajudá–los em consequência. Em lugar dessa razão, só havia confusão e embrulhada. Tinha–se falado em "dilaceramento". Mas que poderia ele compreender, até mesmo desse dilaceramento? Não compreendia a primeira palavra daquele enigma!

Vendo Aliócha, Katierina Ivânovna disse vivamente a Ivan Fiódorovitch, já em pé para partir:

— Um instante! Quero ter a opinião de seu irmão, em quem tenho plena confiança. Katierina Óssipovna, fique também — continuou ela, dirigindo–se à Senhora Khokhlakova. Esta se colocou ao lado de Ivan Fiódorovitch, e Aliócha, em frente, perto da moça.

— Eis, meus amigos, os únicos que tenho no mundo — começou ela com uma voz ardente em que tremiam lágrimas de sincera dor, e Aliócha sentiu–se de novo atraído para ela. — Você, Alieksiéi Fiódorovitch, assistiu ontem àquela cena horrível, viu–me. Ignoro o que pensava de mim, mas sei que nas mesmas circunstâncias minhas palavras e meus gestos seriam idênticos. Deve lembrar que eu me contive…(Ao dizer isto, corou e seus olhos cintilaram.) Declaro-lhe, Alieksiéi Fiódorovitch, que não sei que partido tomar. Ignoro se o amo agora, a ele. Causa–me compaixão, o que é uma ruim marca de amor. Se o amasse, se continuasse a amá–lo, não seria compaixão, mas ódio o que eu sentiria agora…

Sua voz tremia, lágrimas brilhavam em seus cílios. Aliócha estava comovido; aquela moça era leal, sincera, pensava ele, e… não ama

mais Dimítri.

— É isto! É isto mesmo! — exclamou a Senhora Khokhlakova.

— Espere, cara Katierina Óssipovna. Não lhe disse o essencial, a decisão que tomei esta noite. Sinto que minha resolução é talvez terrível, para mim, mas pressinto que não a mudaria por preço nenhum. Meu caro conselheiro, bom e generoso, meu confidente, o único amigo que tenho no mundo, Ivan Fiódorovitch, aprova–me inteiramente e louva minha resolução…

— Sim, aprovo–a — disse Ivan, em voz baixa, mas firme.

— Mas desejo que Aliócha — desculpe–me chamá–lo assim —, desejo que Alieksiéi Fiódorovitch me diga agora, diante de meus dois amigos, se tenho razão ou não. Adivinho que você, Aliócha, meu caro irmão (porque o é) — repetia ela com arrebatamento, agarrando–lhe a mão gelada com a sua ardente —, adivinho que sua decisão, sua aprovação me tranquilizarão, apesar de meus sofrimentos, porque após suas palavras vou me acalmar e resignar, pressinto!

— Ignoro o que vai me pedir — disse Aliócha, corando. — Sei somente que a amo e que lhe desejo neste momento mais felicidade que a mim mesmo!… Mas nada entendo de tais negócios… — ele se apressou em acrescentar sem saber por quê…

— O essencial, em tudo isto, é a honra e o dever, e algo de mais alto, que ultrapassa talvez o próprio dever. Meu coração me dita esse sentimento irresistível e me arrasta. Em suma, minha decisão está tomada. Mesmo se ele desposar aquela… criatura, a quem não poderei jamais perdoar, não o abandonarei, no entanto! Doravante, não o abandonarei jamais! — disse ela, presa de uma exaltação mórbida. — Bem entendido, não tenho a intenção de correr atrás dele; de impor–lhe minha presença, de importuná–lo, oh! não! Irei para outra cidade, não importa onde, mas não deixarei de interessar–me por ele. Quando se sentir infeliz com a outra — e isto não vai demorar — que ele venha a mim, encontrará uma amiga, uma irmã… Uma irmã apenas, decerto, e isto para toda a vida, uma irmã amorosa, que lhe terá sacrificado sua existência. Conseguirei, à força de perseverança, fazer–me afinal apreciar por ele, ser sua confidente, sem que ele venha a

corar por isso! — exclamou ela, como que enlouquecida. — Serei seu Deus, a quem ele dirigirá suas preces, é o menos que ele me deve por ter–me traído e por tudo quanto suportei ontem por causa dele. E ele verá que permanecerei eternamente fiel à palavra uma vez dada, malgrado suas infidelidades e sua traição. Serei apenas o meio, o instrumento de sua felicidade, por toda a sua vida, por toda a sua vida! Eis minha decisão. Ivan Fiódorovitch aprova–me altamente.

Sufocava. Talvez tivesse querido exprimir seu pensamento com mais dignidade, naturalidade, mas o fez com demasiada precipitação e sem rebuços. Havia em suas palavras muita exuberância juvenil; elas refletiam a irritação da véspera, a necessidade de orgulhar–se; ela mesma dava–se conta disso. De súbito, seu rosto ensombreceu, seu olhar tornou–se mau. Aliócha percebeu tudo isso e a compaixão despertou nele. Seu irmão acrescentou algumas palavras.

— É, com efeito, a expressão de meu pensamento. Em qualquer uma outra, isto teria parecido excessivo e atormentado. Outra não teria tido razão, mas você a tem. Não sei como motivar isto, mas vejo que você é completamente sincera e por isso é que tem razão…

— Mas só por um instante… Ora, que é esse instante? É apenas o ressentimento de ontem — não pôde impedir–se de dizer com justeza a Senhora Khokhlakova, vencendo seu desejo de não intervir.

— Oh! sim! — disse Ivan, com uma espécie de irritação e visivelmente vexado por ter sido interrompido. — É isto; numa outra esse instante não seria senão uma impressão passageira, mas com o caráter de Katierina Ivânovna isto durará toda a sua vida. O que para outras não seria senão uma promessa no ar, será para ela um dever eterno, penoso, sombrio talvez, mas incessante. E ela se repastará com o sentimento desse dever cumprido! Sua existência, Katierina Ivânovna, vai se consumir agora numa dolorosa contemplação de seus sentimentos heroicos e de seu pesar, Mas com o tempo esse sofrimento se acalmará, você vai viver na doce contemplação dum desígnio firme e altivo, realizado duma vez por todas, desesperado, na verdade, mas que você logrou vencer. Esse estado de espírito vai lhe proporcionar por fim a satisfação mais completa e a reconciliará com tudo mais…

Exprimira–se com uma espécie de rancor, visivelmente intencional e sem procurar dissimular sua intenção irônica.

— Oh! Deus, quanto tudo isso é falso! — exclamou de novo a Senhora Khokhlakova.

— Alieksiéi Fiódorovitch, fale! Quero logo conhecer sua opinião! — disse Katierina Ivânovna que se pôs a derramar lágrimas. Aliócha ficou em pé.

— Não é nada, não é nada! — prosseguiu ela, chorando. — É o nervoso, a insônia, mas com amigos como seu irmão e você, sinto-me fortificada… porque sei que vocês não me abandonarão nunca…

— Infelizmente, deverei talvez partir amanhã para Moscou, deixá–la por muito tempo… Essa viagem é indispensável — declarou Ivan Fiódorovitch.

— Amanhã, para Moscou? — exclamou Katierina Ivânovna, de rosto crispado. — Meu Deus! que felicidade! — continuou ela; com uma voz de súbito mudada, contendo suas lágrimas, de que não restou mais nenhum traço. Essa mudança súbita, que impressionou fortemente Aliócha, foi de fato repentina; a infeliz moça, ofendida, chorosa, de coração dilacerado, deu lugar de repente a uma mulher perfeitamente senhora de si mesma e além do mais satisfeita como após uma alegria inesperada.

— Não é sua partida que me alegra, decerto — retificou ela, com o encantador sorriso de uma dama da sociedade. — Um amigo como você não pode crer nisso; sinto–me, pelo contrário, muito infeliz com sua partida (avançou para Ivan Fiódorovitch e, agarrando–lhe as mãos, apertou–as com calor); mas o que me rejubila é que você possa agora expor em Moscou, à minha tia e a Agáfia, minha situação em todo o seu horror, francamente com Agáfia, mas, poupando minha tia querida, como você é capaz de fazer. Você não pode imaginar quanto me sentia infeliz ontem e esta manhã, perguntando a mim mesma como escrever a elas essa terrível carta… porque não se pode exprimir isso por escrito… Agora, vai ser mais fácil escrever–lhes, porque você estará em pessoa em casa delas para explicar tudo. Oh! como sou feliz! Mas por isto somente, repito–lhe. Você me é indispensável,

certamente… Corro a escrever essa carta — concluiu ela, dando um passo para sair do salão.

— E Aliócha? E a opinião de Alieksiéi Fiódorovitch que você desejava tão vivamente conhecer? — exclamou a Senhora Khokhlakova, com uma entonação sarcástica e irritada.

— Não esqueci dele — disse Katierina Ivânovna, parando. — Mas por que a senhora se mostra de tão má–vontade para comigo neste momento, Katierina Óssipovna? — proferiu ela, num tom amargo de censura. — Confirmo o que disse. Tenho necessidade de saber sua opinião e, bem mais ainda, sua decisão! Será uma lei para mim, tanta sede tenho de suas palavras, Alieksiéi Fiódorovitch… Mas que tem?

— Jamais pensei, não posso imaginar isso! — disse Aliócha, com ar aflito.

— O quê?

— Ele parte para Moscou, testemunha–lhe a senhorita sua alegria, fez isso de propósito! Em seguida, explica que não é sua partida que a rejubila, que a lamenta, pelo contrário, que perde… um amigo. Mas aí também representava de propósito… como no teatro, numa comédia!…

— No teatro? Como?… Que diz você? — exclamou Kátierina Ivânovna estupefata; corou, franziu o cenho.

— Por mais que afirme lamentar o amigo que parte, declara–lhe redondamente que sua partida é uma felicidade… — proferiu Aliócha ofegante. Mantinha–se de pé, perto da mesa.

— Que quer dizer? Não compreendo…

— Eu mesmo não sei… É como uma iluminação repentina… Sei que faço mal em falar nisso, mas falarei ainda assim — prosseguiu ele, com uma voz trêmula, entrecortada. — A senhorita talvez nunca tenha amado Dimítri… Ele tampouco, sem dúvida, de jeito nenhum a ama… desde o começo… estima–a, eis tudo… Na verdade, não sei como tenho a audácia… mas é bem preciso que alguém diga a verdade, pois

que ninguém aqui ousa fazê–lo.

— Que verdade? — perguntou Katierina Ivânovna com exaltação.

— Ei–la — balbuciou Aliócha, tomando sua decisão, como se se precipitasse no vácuo. — Mande chamar Dimítri — eu o encontrarei —, que ele venha aqui pegar sua mão e a de meu irmão Ivan para uni–los. Porque a senhorita faz Ivan sofrer somente porque o ama… e seu amor por Dimítri é uma dolorosa mentira… da qual a senhorita procura persuadir–se…

Aliócha calou–se bruscamente.

— Você… você é um pobre de espírito — replicou Katierina Ivânovna, pálida, de lábios crispados. Ivan Fiódorovitch levantou, de chapéu na mão.

— Tu te enganaste, meu bom Aliócha — disse ele; com uma expressão que seu irmão jamais lhe vira, uma expressão de sinceridade juvenil, de irresistível franqueza, — Katierina Ivânovna jamais amou a mim! Conhecia desde muito tempo meu amor por ela, se bem que eu nada lhe houvesse revelado, mas não correspondia a ele. Não fui tampouco seu amigo, em momento algum; seu orgulho não tinha necessidade de minha amizade. Mantinha–me perto dela para se vingar em mim das ofensas contínuas que lhe infligia Dimítri desde o primeiro encontro deles, porque este ficou em seu coração como uma ofensa. Meu papel consistiu em ouvir falar de seu amor por ele. Parto,

afinal, mas fique sabendo, Katierina Ivânovna, que você não ama, na realidade, senão a ele. E isto na proporção de suas ofensas. Eis o que a dilacera. Ama–o tal como ele é, com suas faltas para com você. Se ele se emendasse, você o abandonaria logo e deixaria de amá–lo. Mas ele lhe é necessário para você contemplar nele sua fidelidade heroica e censurar–lhe sua traição. Tudo isso por orgulho! Você sente–se humilhada e rebaixada, mas seu orgulho é a causa disso… Sou demasiado jovem, amava–a demais. Sei que não deveria ter–lhe falado assim, que teria sido mais digno de minha parte deixá–la simplesmente; teria sido menos magoante para você. Mas parto para longe e não voltarei mais… É para sempre… Não quero respirar este ar de exaltação… Aliás, não tenho mais nada a dizer, é tudo… Adeus, Katierina Ivânovna, não fique zangada comigo, porque estou sendo cem vezes mais castigado que você, castigado pelo simples fato de que jamais tornarei a vê–la. Adeus. Não quero pegar sua mão. Você me fez sofrer demasiado conscientemente para que eu possa perdoar nesta hora. Mais tarde, talvez, mas agora não quero sua mão.

*Den Dank, Dame, begehr'ich nicht…*[44]

— ele acrescentou com um sorriso constrangido, provando assim que conhecia Schiller, a ponto de sabê–lo de cor, o que Aliócha teria se recusado a acreditar antes. Saiu sem mesmo cumprimentar a dona da casa. Aliócha juntou as mãos.

— Ivan! — gritou–lhe, transtornado. — Volta, Ivan! Não, agora ele não voltará por coisa alguma do mundo! — exclamou, com um pressentimento amargo. — Mas a culpa é minha, fui eu que comecei! Ivan falou com cólera, injustamente. É preciso que ele volte… — exclamava Aliócha, como fora de si.

Katierina Ivânovna passou para outra peça.

— Você nada tem a censurar–se, sua conduta é a de um anjo — murmurou para o triste Aliócha a Senhora Khokhlakova, entusiasmada. — Farei todo o possível para impedir que Ivan Fiódorovitch parta…

A alegria iluminava seu rosto, para grande mortificação de

Aliócha, mas Katierina Ivânovna reapareceu de súbito. Tinha na mão duas cédulas de cem rublos.

— Tenho um grande obséquio a pedir–lhe, Alieksiéi Fiódorovitch — começou ela com uma voz calma e igual, como se nada se tivesse passado. — Há cerca de uma semana, Dimítri Fiódorovitch deixou–se levar a praticar uma ação injusta e escandalosa. Há aqui um cabaré mal afamado, onde encontrou aquele oficial reformado, aquele capitão que seu pai empregava em certos negócios. Irritado contra aquele capitão por um motivo qualquer, Dimítri Fiódorovitch agarrou–o pela barba e arrastou–o naquela posição humilhante até a rua, onde ele continuou ainda por muito tempo. Dizem que o filho dele, jovem escolar, corria a seu lado, soluçando diante, daquele espetáculo, pedia por seu pai e rogava aos passantes que o defendessem, mas todo mundo ria. Desculpe–me, Alieksiéi Fiódorovitch, não posso lembrar–me sem indignação desse ato vergonhoso… de que somente Dimítri Fiódorovitch é capaz, presa da cólera… e de suas paixões! Nem posso falar, isto me faz mal… embaraço–me. Tomei informações a respeito daquele infeliz e soube que ele é muito pobre, chama–se Snieguiriov. Tornou–se culpado duma falta em seu serviço, deram–lhe baixa, não posso fornecer detalhes, e agora, com sua desgraçada família, as crianças doentes, a mulher louca, parece, caiu em profunda miséria. Mora na cidade desde muito tempo, era copista em alguma parte, mas neste momento não ganha nada. Lancei os olhos em você… isto é, pensei, ah! confundo–me, queria pedir–lhe, meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, que fosse à casa dele, sob um pretexto qualquer, e, delicadamente, prudentemente, como só você é capaz (Aliócha corou), entregar–lhe este socorro, estes duzentos rublos… Ele os aceitará decerto… isto é, persuada–o a aceitá–los… veja você, não é uma indenização, para evitar que ele apresente queixa (queria fazer isso, ao que parece), mas simplesmente uma marca de simpatia, o desejo de ir em seu auxílio, em meu nome, como noiva de Dimítri Fiódorovitch, e não no dele… Eu mesma teria ido, mas você vai se sair melhor do que eu. Ele mora na Rua do Lago, na casa da Senhora Kalmíkova… Pelo amor de Deus, Alieksiéi Fiódorovitch, faça isto agora… estou um pouco fatigada. Adeus.

Desapareceu tão rapidamente por trás, da porta que Aliócha não

teve tempo de dizer uma palavra. Queria ter pedido perdão, acusar-se, dizer qualquer coisa afinal, porque seu coração transbordava e ele não podia decidir a se afastar assim. Mas a Senhora Khokhlakova pegou–o pelo braço e levou–o. No vestíbulo, o fez parar como ainda há pouco.

— Ela é orgulhosa, luta consigo mesma, mas é uma natureza boa, encantadora, generosa! — murmurou ela à meia voz. — Oh! como gosto dela, por momentos, e quanto me sinto de novo contente! Meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, sabe que nós todas, suas duas tias, eu e até mesmo Lisa, não temos senão um desejo, desde um mês: suplicamo–lhe que abandone o seu favorito Dimítri Fiódorovitch, que não a ama absolutamente, e case com Ivan, esse excelente rapaz tão instruído e de quem ela é o ídolo. Urdimos uma verdadeira conspiração e esta é talvez a única razão que ainda me retém aqui.

— Ela, porém, chorou, sente–se de novo ofendida! — exclamou Aliócha.

— Não creia nas lágrimas de uma mulher, Alieksiéi Fiódorovitch! Sou sempre contra as mulheres neste caso e do lado dos homens.

— Mamãe, a senhora o estraga e o perde — repercutiu a voz agudinha de Lisa, por trás da porta.

— Não, sou eu que sou causa de tudo, sou muito culpado! — repetiu Aliócha, inconsolável, experimentando uma vergonha dolorosa com aquela sua saída, o rosto oculto nas mãos.

— Pelo contrário, você agiu como um anjo, como um anjo, estou pronta a repeti–lo mil vezes.

— Mamãe, em que ele agiu como um anjo? — perguntou de novo Lisa.

— Imaginei, não sei por quê — prosseguiu Aliócha, como se não ouvisse Lisa —, que ela amava Ivan e larguei aquela tolice… Que irá acontecer?

— De que se trata? — indagou Lisa. — Mamãe, quer matar–me? Interrogo–a e a senhora não me responde.

Naquele momento, acorreu a arrumadeira.

— Katierina Ivânovna está passando mal… chora, está com um ataque de nervos.

— Que há? — gritou Lisa, com a voz alarmada — Mamãe, sou eu que vou ter um ataque!

— Lisa, pelo amor de Deus, não grites, tu me matas! Na tua idade não podes saber de tudo como as pessoas grandes; quando eu voltar te conto o que puderes saber. Oh! meu Deus! Corro até lá… um ataque é bom sinal, Alieksiéi Fiódorovitch, é excelente que ela tenha um ataque. Em semelhantes casos, estou sempre contra as mulheres, seus ataques e suas lágrimas. Iúlia, corre a dizer que já vou. Se Ivan Fiódorovitch partiu daquela maneira, a culpa é dela. Mas ele não partirá. Lisa, pelo amor de Deus, não grites. Ah! não és tu quem grita, sou eu, perdoa tua mãe. Mas estou entusiasmada, arrebatada! Notou, Alieksiéi Fiódorovitch, como seu irmão partiu com um ar viril, ainda há pouco? Disse–lhe o que tinha de dizer–lhe e partiu! Dizia a mim mesma: ele é tão culto, um universitário, e de repente, tal calor, uma franqueza juvenil, inexperiência, e tudo isso é tão gentil, tão gentil, absolutamente como você… E aquele verso alemão que ele citou, afinal como você, mas vou correndo, Alieksiéi Fiódorovitch, despache–se a cumprir a sua missão e volte bem depressa. Lisa, não tens necessidade de nada? Pelo amor de Deus, não retenhas Alieksiéi Fiódorovitch, ele vai voltar para ti.

A Senhora Khokhlakova foi embora, afinal. Aliócha, antes de sair, quis abrir a porta de Lisa.

— Por coisa alguma do mundo! — exclamou Lisa. — Não quero vê–lo, Alieksiéi Fiódorovitch. Fale–me através da porta. Como foi que virou um anjo? É tudo quanto desejo saber.

— Com minha tremenda estupidez, Lisa. Adeus!

— Não parta assim! — exclamou ela.

— Lisa, tenho um pesar muito sério! Volto imediatamente, mas tenho um grande, um enorme pesar.

Saiu correndo.

## VI / O TUMULTO NA ISBÁ

Tinha Aliócha na verdade um pesar sério, como raramente experimentara até então. Interviera e cometera uma rata e num caso de sentimento, ainda por cima! “Mas que é que compreendo disso, que posso eu conhecer dessas coisas? Oh! a vergonha não é nada, a vergonha é um castigo merecido. A desgraça é que serei certamente a causa de novas calamidades… E dizer que o *stáriets* me enviou para reconciliar e unir! É assim que se une?” Lembrou–se então como tinha “unido as mãos” e a vergonha reapossou–se dele. “Muito embora:, tenha agido de boa–fé, será preciso ser mais inteligente no futuro”, concluiu ele e nem mesmo sorriu de sua conclusão.

O encargo de Katierina Ivânovna conduzia–o à Rua do Lago e seu irmão morava precisamente daquele lado, numa ruela vizinha. Aliócha decidiu passar primeiro em casa dele, de qualquer forma, pressentindo que não o encontraria em casa. Suspeitava que Dimítri quisesse talvez esconder–se dele agora, mas era preciso descobri–lo a qualquer preço. O tempo passava; a ideia do *stáriets* moribundo não o deixava um minuto, desde sua partida do mosteiro.

Na narrativa de Katierina Ivânovna figurava uma circunstância que igualmente o interessava bastante; quando a moça falara do pequeno escolar, filho do capitão, que corria soluçando ao lado de seu pai, viera subitamente a Aliócha a ideia de que deveria ser ele o mesmo que lhe mordera o dedo, quando lhe perguntou em que o ofendera. Agora Aliócha estava quase certo, sem saber ainda por quê. Essas preocupações secundárias desviaram sua atenção. Resolveu não mais pensar no mal que acabava de fazer, não se atormentar pelo arrependimento, mas agir. Aconteceria lá o que acontecesse. Essa ideia restituiu–lhe toda a coragem. Ao entrar no beco onde morava Dimítri, teve fome e tirou de seu bolso o pãozinho que tomara em casa de seu pai. Comeu–o, enquanto caminhava; isto reconfortou–o.

Dimítri não estava em casa. Os donos da casinha — um velho carpinteiro, sua mulher e seu filho — olharam Aliócha com ar suspeitoso. “Há três dias que ele não passa a noite aqui, partiu talvez

para algum lugar”, respondeu o velho às suas perguntas. Aliócha compreendeu que ele se conformava com instruções recebidas. Quando perguntou se Dimítri não estava em casa de Grúchenhka, ou de novo oculto em casa de Fomá (Aliócha falava assim abertamente de propósito), todos o olharam com ar receoso. “Gostam dele pois, estão de seu lado”, ele pensou. “Está bem.”

Por fim descobriu na Rua do Lago a casa da mãe Kalmíkova, em mau estado e arriada, com três janelas para a rua, um pátio sujo, no meio do qual se achava uma vaca. Entrava–se pelo pátio para o vestíbulo, à esquerda vivia a velha proprietária com sua filha igualmente idosa, sendo surdas as duas, ao que parece. À pergunta várias vezes repetida para saber onde morava o capitão, uma delas; compreendendo por fim que perguntavam pelos inquilinos, apontou–lhe com o dedo, do outro lado do vestíbulo, a porta que dava para a mais bela peça da isbá. O apartamento do capitão consistia, com efeito, apenas dessa peça. Aliócha pusera a mão na maçaneta para abrir a porta, quando o impressionou o silêncio completo, que reinava no interior. Sabia, no entanto, de acordo com a narrativa de Katierina Ivânovna, que o capitão tinha família. “Dormem todos, ou então me ouviram chegar e esperam que eu abra; será melhor bater antes.” Bateu. Ouviu–se uma resposta, mas não imediatamente, talvez ao fim de dez segundos.

— Quem é? — gritou uma voz grossa e irritada.

Aliócha abriu então e transpôs o limiar. Encontrava–se numa sala bastante espaçosa, mas extremamente atravancada de gente e de toda espécie de objetos caseiros. À esquerda, havia uma grande estufa russa. Da estufa à janela da esquerda, uma corda estendida através de todo o quarto suportava diversos trapos… De cada lado se encontrava um leito com cobertas tricotadas. Sobre um deles, o da esquerda, quatro travesseiros empilhados, uns menores que os outros. Sobre o leito da direita, só se via um, muito pequeno. Mais longe, no ângulo da frente, havia um espaço reservado, separado por uma cortina ou um lençol, fixado a uma corda estendida de través no ângulo. Por trás aparecia um leito improvisado sobre um banco e uma cadeira colocada junto. Uma simples mesa de mujique, quadrada, de madeira, estava instalada perto da janela do meio. As três janelas, de vidraças

cobertas de mofo esverdeado que as empanava, estavam hermeticamente fechadas, de modo que se sufocava na peça semi-escura. Em cima da mesa, uma estufa com um resto de ovos sobre o prato, uma fatia de pão já mordida, um meio litro de aguardente, quase vazio de seu conteúdo. Perto do leito da esquerda estava sentada numa cadeira uma mulher, tendo um ar senhoril, com um vestido de chita da Índia. Demasiado magra e de rosto amarelo; suas faces cavadas atestavam ao primeiro lance de olhos seu estado doentio. Mas o que impressionou sobretudo Aliócha foi o olhar da pobre senhora, olhar ao mesmo tempo interrogador e arrogante. Enquanto Aliócha se explicava com o dono da casa, seus grandes olhos castanhos iam de um para outro, com tanta curiosidade quanta arrogância. Ao lado dela, perto da janela da esquerda, mantinha–se de pé uma moça de rosto pouco simpático, de cabelos ruivos e ralos, vestida pobremente, embora muito limpa. Olhou desdenhosamente para Aliócha, quando este entrou. À direita, igualmente perto do leito, estava sentada uma pessoa do sexo feminino, uma pobre criatura ainda jovem, duns vinte anos, mas corcunda e aleijada, de pés secos, como explicaram depois a Aliócha. Viam–se suas muletas a um canto, entre o leito e a parede. Os magníficos olhos da pobre moça fitavam Aliócha com doçura. Sentada a mesa e acabando a omelete, via–se um personagem, de quarenta e cinco anos, de pequena estatura, magro, de constituição débil, cuja barba arruivada e rala assemelhava–se bastante a um esfregão de tília desfiado (esta comparação e sobretudo a palavra “esfregão” surgiram ao primeiro lance de vista no espírito de Aliócha, ele lembrou mais tarde). Fora ele, evidentemente, quem respondera de dentro, porque não havia outro homem no quarto. Quando Aliócha entrou, levantou–se bruscamente, limpou a boca com um guardanapo esburacado e apressou–se em ir ao seu encontro.

— Um monge que pede esmolas para seu mosteiro, encontrou a quem se dirigir! — proferiu a moça que se mantinha no ângulo da esquerda. O indivíduo que correra ao encontro de Aliócha girou nos calcanhares e respondeu–lhe num tom entrecortado.

— Não, Varvara Nikoláievna, não é isto, você não adivinhou! Permita–me que lhe pergunte — disse, voltando–se para Aliócha, — o que o levou a visitar… este antro?

Aliócha observou–o atentamente. Via aquele homem pela primeira vez. Havia nele algo de áspero, de apressado, de irritado. Tinha certamente bebido; mas não estava bêbedo. Seu rosto refletia uma caracterizada impudência e, ao mesmo tempo — coisa estranha —, uma covardia visível. Assemelhava–se a um homem muito tempo submetido e sofredor, mas que de repente sentisse ímpetos de reerguer–se e de manifestar–se. Ou, melhor ainda, um homem que ardia do desejo de bater na gente, mas temendo nossos golpes. Nas suas palavras e na entonação de sua voz, bastante penetrante, distinguia–se uma espécie de humor esquisito, ora mau, ora tímido, intermitente e de tom desigual. Falara do antro, como a tremer, com os olhos arregalados e mantendo–se tão perto de Aliócha, que este deu maquinalmente um passo para trás. O personagem trazia um paletó de ganga, escuro, em muito mau estado, remendado, manchado. Suas calças muito claras, como não se usam mais desde muito tempo, eram de quadrados dum pano muito ralo, esfiapadas embaixo, e subiam–lhe nas pernas a ponto de dar–lhe o ar dum menino que cresceu demais.

— Eu sou… Alieksiéi Karamázov… — respondeu Aliócha.

— Sei bem — replicou o outro, dando a entender que lhe conhecia a identidade. — E eu sou o Capitão Snieguiriov. Mas importa saber o que o traz.

— Vim por vir. De fato, queria dizer–lhe uma palavra, em meu nome… se a permite…

— Neste caso, eis uma cadeira, queira sentar. É nas velhas comédias que diziam: “Queira sentar…”.

Com um gesto pronto, o capitão agarrou uma cadeira livre (uma simples cadeira de mujique, de madeira), que colocou quase no meio do quarto; tomou outra igual para si e sentou–se diante de Aliócha; de novo tão perto que seus joelhos quase se tocavam.

— Nikolai Ilitch Snieguiriov, ex–capitão de infantaria russa, envilecido pelos seus vícios, mas apesar de tudo capitão. Deveria antes dizer: Capitão Slovoiérsov e não Snieguiriov, pois na segunda metade de minha vida comecei a empregar a letra “s”. Esta letra “s” aprende–se na abjeção.[45]

— É assim mesmo — disse Aliócha, sorrindo. — Somente, aprende–se sem querer ou, de propósito?

— Deus o vê, involuntariamente. Nunca a tinha dito, passei toda a minha vida sem dizê–la e, de repente, comecei a empregar o “s”. Faz–se assim por força maior. Vejo que o senhor se interessa pelos problemas contemporâneos. Mas que pôde despertar tanta curiosidade, pois vivo em um meio impossível para receber alguém.

— Vim justamente por causa disso…

— Disso quê? — interrompeu o capitão, impaciente.

— A propósito de seu encontro com meu irmão, Dimítri Fiódorovitch — replicou Aliócha, constrangido.

— Que encontro? Não será o mesmo, isto é, a respeito do “esfregão de tília”?

Avançou de tal maneira desta vez que seus joelhos bateram nos de Aliócha. Seus lábios cerrados formavam uma linha estreita.

— Que “esfregão de tília”? — murmurou Aliócha.

— É para se queixar de mim, papai, que ele veio! — ressoou uma voz por trás, da cortina, uma voz já conhecida de Aliócha, a do menino de ainda há pouco. — Eu mordi o dedo dele hoje!

A cortina afastou–se e Aliócha avistou seu recente inimigo, no canto sob os ícones, sobre um leito formado por um banco e uma cadeira. O menino estava deitado, coberto por seu pequeno sobretudo e por um velho cobertor acolchoado. Era visível que estava doente e com febre, a julgar por seus olhos ardentes. Intrépido, olhava para Aliócha, com ar de dizer: “Aqui em casa, nada me podes fazer”.

— Como? Que dedo ele mordeu? — sobressaltou–se o capitão. — Foi o seu?

— Sim, o meu. Ainda há pouso, batia–se a pedradas na rua com seus camaradas; eram seis contra ele. Aproximei–me, ele me atirou uma, depois outra à cabeça, Perguntei o que eu lhe tinha feito. De

súbito, avançou e me mordeu cruelmente o dedo. Ignoro por quê.

— Vou açoitá–lo! — exclamou o capitão, que saltou da cadeira.

— Não estou me queixando, contava, somente… Não quero que o açoite! Aliás, creio que está doente…

— E o senhor pensava que eu ia fazer isso? Que eu ia agarrar Iliúchka e açoitá–lo diante do senhor para sua inteira satisfação? Quer isso imediatamente? — proferiu o capitão, voltando–se para Aliócha com um gesto ameaçador, como se quisesse lançar–se sobre ele. — Lamento o seu dedo, senhor, mas não quererá que antes de açoitar Iliúchka corte meus quatro dedos diante do senhor, com esta faca, para sua justa satisfação? Penso que quatro dedos lhe bastarão, o senhor não reclamará o quinto, para aplacar sua sede de vingança!… — Parou de súbito como sufocado. Cada traço de seu rosto se agitava e se contraía, seu olhar era dos mais provocantes. Estava como que enlouquecido.

— Agora, compreendi tudo — disse Aliócha, num tom doce e triste, sem se levantar. — De modo que o senhor tem um bom filho, que ama seu pai e lançou–se sobre mim por eu ser irmão do ofensor do senhor… Compreendo, agora — repetiu, pensativo. — Mas, meu irmão Dimítri lamenta seu ato, eu sei, e se puder vir à sua casa, ou, ainda melhor, encontrá–lo no mesmo lugar, vai lhe pedir perdão diante de todo mundo… se o senhor o desejar.

— Quer dizer que puxou minha barba e pede desculpas… arranjou assim tudo, deu satisfação, não é?

— Oh! não! Pelo contrário, fará tudo quanto lhe agradar e como lhe agradar!

— De modo que se eu rogasse a Sua Alteza Sereníssima que se ajoelhasse diante de mim, naquele mesmo cabaré, o cabaré *A Capital*, como o chamam, ou na praça, ele o faria?

— Sim, ele se poria de joelhos.

— O senhor transpassou–me, comoveu–me até as lágrimas. Estou

demasiado inclinado a sentir a generosidade de seu irmão. Permita–me que lhe apresente minha família, minhas duas filhas e meu filho, minha ninhada. Se eu morrer, quem os amará? E, enquanto eu viver, quem me amará com todos os meus defeitos, senão eles? O Senhor Deus fez bem as coisas para cada homem de minha espécie; porque mesmo um homem de minha qualidade deve ser amado por um ser qualquer…

— Ah! é perfeitamente verdadeiro! — exclamou Aliócha.

— Basta de palhaçadas! O senhor nos mete a ridículo diante do primeiro imbecil que aparece — exclamou de repente a moça que se conservava perto da janela, dirigindo–se a seu pai, com a fisionomia cheia de desprezo.

— Espere um pouco, Varvara Nikoláievna, permita–me que continue minha ideia — gritou–lhe seu pai num tom imperioso, enquanto a olhava aprovativamente. — É esse o seu caráter — disse ele, voltando–se para Aliócha.

> E na natureza inteira
> Nada queria abençoar.[46]

O sujeito aqui deveria ser feminino: ela nada queria abençoar. E agora, permita–me que lhe apresente minha esposa, Arina Pietrovna, dama imponente de quarenta e três anos; anda, mas muito pouco. É de baixa condição; Arina Pietrovna, componha seu semblante para que eu lhe apresente Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov. Levante, Alieksiéi Fiódorovitch — pegou–o pelo braço e, com uma força de que não o teriam julgado capaz, ergueu–o. — Apresentam–no a uma dama, é preciso que fique em pé. Não foi este Karamázov, *mámienhka*, que… hum!, etc., mas seu irmão, reluzente de virtudes pacíficas. Permita, Arina Pietrovna, permita, *mámienhka*, que lhe beije em primeiro lugar a mão.

Beijou a mão de sua mulher com respeito, com ternura mesmo. A moça, perto da janela, voltava as costas àquela cena com indignação; o rosto arrogante e interrogativo da mãe exprimiu, de súbito, grande afabilidade.

— Bom dia, sente–se, Senhor Tchernomázov[47] — proferiu ela.

— Karamázov, *mámienhka*, Karamázov (somos de baixa condição) — soprou ele de novo.

— Está bem! Karamázov ou como seja, eu digo sempre Tchernomázov… Sente. Por que ele o levantou? Uma dama sem pés, diz ele, tenho pés, sim, mas estão inchados como cântaros, e eu estou ressequida. Outrora, era eu duma grossura… e agora pode-se dizer que engoli uma agulha…

— Somos de baixa condição, de bem baixa — repetiu o capitão.

— *Bátiuchka* — ah! *bátiuchka* — exclamou de repente a corcunda, que ficara até então silenciosa e que cobriu bruscamente os olhos com seu lenço.

— Palhaço! — gritou a moça que estava perto da janela.

— Veja o que se passa em nossa casa — e a mãe estendeu os braços, apontando as filhas. — É como se nuvens passassem, passam e nossa música recomeça. Outrora, quando éramos militares, vinham ver–nos muitos visitantes semelhantes. Não faço comparação, meu senhor. É preciso gostar de todos. A mulher do diácono vem por vezes e diz: “Alieksandr Alieksándrovitch é um homem de alma excelente, mas Nastássia Pietrovna, diz ela, é uma endemoniada”. — “Pois bem, eu lhe respondo, isto depende de quem se ama, ao passo que tu não passas de uma trouxinha, mas fedorenta.” — “Tu, ela me diz, só mereces que te tratem com rigor.” — “Ah! negra, a quem vens tu dar lições?” — “Eu, ela diz, deixo entrar o ar puro, e tu, o ar pestilento.” — “Pergunta, eu lhe respondo, aos senhores oficiais se o ar é pestilento em minha casa.” Assim, isso me aflige tanto que, ainda há pouco, sentada como agora, acreditei ver entrar aquele general que chegou aqui pela Páscoa. “Pois bem, eu lhe digo, pode, Excelência, uma dama nobre deixar entrar o ar de fora?” — “Sim, ele responde, a senhora deveria abrir a porta ou o postigo, porque o ar não está puro em sua casa.” E todos são iguais! Por que implicam com o ar de minha casa? Os mortos fedem muito mais. Eu não corrompo o ar de sua casa, mandarei fazer sapatos e irei embora. Meus filhos, não queiram mal à sua mãe! Nikolai Ilitch, meu *bátiuchka*, será que deixei de agradar–te?

Porque só tenho Iliúchka para me querer bem, quando volta da escola. Ontem, trouxe–me uma maçã. Perdoem à sua mãe, meus bons amigos, perdoem a uma pobre abandonada! Que têm contra o ar de minha casa?

A pobre demente desatou a soluçar, suas lágrimas corriam. O capitão precipitou–se.

— *Mámienhka*, querida *mámienhka*, basta! Não estás abandonada, todos te amam e te adoram! — Recomeçou a beijar–lhe as mãos e se pôs a acariciar–lhe o rosto; com um guardanapo enxugou–lhe mesmo as lágrimas. Pareceu a Aliócha que havia até lágrimas nos olhos dele. — Pois bem! O senhor viu, entendeu? — Voltou–se, de súbito, para ele, encolerizado, apontando com o dedo a pobre demente.

— Vejo e entendo — murmurou Aliócha.

— Papai, papai! Como podes com ele… deixa-o papai! — gritou o menino, que se erguera no seu leito, com o olhar ardente.

— Basta de palhaçadas, de recorrer a suas estúpidas manigâncias que nunca levam a nada! — gritou de seu canto Varvara Nikoláievna, exasperada; bateu mesmo com o pé no chão.

— Você tem totalmente razão, desta vez, de ficar encolerizada, Varvara Nikoláievna, e lhe darei imediatamente satisfação. Cubra–se, Alieksiéi Fiódorovitch, tomo meu boné, e vamos. Tenho de falar–lhe seriamente, mas não aqui. Aquela jovem sentada é minha filha, Nina Nikoláievna, esqueci–me de apresentá-la, um anjo encarnado… que desceu entre os mortais… se é que o senhor poderia compreender isso…

— Ele está todo agitado como se tivesse convulsões — continuou Varvara Nikoláievna, indignada.

— Essa que acaba de bater com o pé e de me chamar de palhaço é também um anjo encarnado, deu–me o nome que me convém. Vamos, Alieksiéi Fiódorovitch, é preciso acabar…

E, pegando Aliócha pelo braço, conduziu–o para fora.

— O ar é puro, mas em meus aposentos não é verdadeiramente fresco, de modo algum. Caminhemos um pouco, senhor. Gostaria bem que se interessasse por mim.

— Eu mesmo tenho uma importante comunicação, a fazer–lhe… — declarou Aliócha. — Somente não sei por onde começar?

— Como não adivinhar que o senhor precisa falar–me? Sem isto, jamais teria tido sua visita. Ou só teria vindo para queixar–se de meu rapaz? Ora, é inverossímil. A propósito de meu filho, não pude contar–lhe tudo lá dentro, mas agora vou lhe descrever a cena. Veja o senhor, o "esfregão de tília" estava mais espesso há uma semana — é de minha barba que falo; deram–lhe este apelido sobretudo os escolares. — E eis que seu irmão me arrastou pela barba, fez violências por causa de uma bagatela; caí, arrastou–me pela praça, onde no momento os colegiais saíam e entre eles Iliúchka. Assim que ele me viu naquela posição, correu para mim: "*Bátiuchka*, gritava ele, *bátiuchka!*". Agarra–se a mim, abraça–me, quer libertar–me, grita para meu agressor: "Largue–o, largue–o, é meu pai, perdoe–lhe!". Com seus bracinhos agarrou meu agressor e beijou–lhe a mão, aquela mesma mão… Lembro–me de sua carinha naquele momento, não a esquecerei jamais!…;

— Juro–lhe — exclamou Aliócha — que meu irmão lhe exprimirá um arrependimento completo, da maneira *mais* sincera, até mesmo de joelhos naquela mesma praça… Vou obrigá-lo a isso, senão deixará de ser meu irmão!

— Ah! ah! Acha–se ainda em estado de projeto! Isto vem não dele, mas da nobreza de seu coração generoso. O senhor deveria ter dito isso. Não, neste caso, permita–me que me refira ao espírito cavalheiresco e à nobreza de seu irmão, como oficial, porque os revelou então. Parou de puxar–me pela barba e largou–me: "És um oficial, disse ele, e eu também; se puderes encontrar para testemunha um homem decente, manda-o até mim, que te darei satisfação, se bem que sejas um tratante!". Tais foram suas palavras. Um espírito verdadeiramente cavalheiresco! Afastamo–nos com Iliúchka, e aquela

cena de família ficou gravada na sua memória para sempre. De que nos serve permanecer nobres? Aliás, julgue o senhor mesmo; estava ainda há pouco em meus aposentos e que viu? Três mulheres, das quais uma aleijada, fraca de espírito; a outra, aleijada e corcunda; a terceira, válida mas demasiado inteligente; é estudante, arde por voltar a Petersburgo, a fim de descobrir às margens do Nievá os direitos da mulher russa. Não falo de Iliúchka, só tem nove anos, está inteiramente só, porque se eu morrer, que acontecerá ao meu lar, pergunto–lhe eu? Nestas condições, se eu o provocar a duelo e ele me matar, que acontecerá então? Que se tornarão eles todos? Será ainda pior se ele não me matar, mas me estropiar apenas. Ficarei incapaz de trabalhar, mas será preciso comer. Quem me nutrirá, então, bem como a eles todos? Ou então mandarei Iliúchka todos os dias pedir esmola, em lugar de ir à escola. Eis o que significa para mim uma provocação a duelo; é um absurdo e nada mais.

— Ele lhe pedirá perdão, vai se atirar a seus pés bem no meio da praça — exclamou de novo Aliócha, de olhar aceso.

— Tinha pensado em citá–lo perante o juiz — continuou o capitão —, mas abra nosso Código. Posso esperar receber uma justa satisfação de meu ofensor? E eis que Agrafiena Alieksándrovna manda me chamar e me ameaça: “Nem penses nisso! Se o citares, vou dar um jeito para fazer constar publicamente que ele te bateu por causa de tua maroteira e então será a ti que processarão”. Ora, só Deus sabe quem é o autor dessa maroteira e sob as ordens de quem eu agi como comparsa. Não foi mesmo de acordo com as instruções dela e de Fiódor Pávlovitch? “Além do mais, acrescentou ela, te despeço para sempre e não ganharás mais nada a meu serviço. Direi também ao meu comerciante (é assim que ela chama o seu velho) de modo que ele também te despedirá.” E digo a mim mesmo: “Se esse comerciante me despede também, como poderei ganhar minha vida? Porque não me restam senão esses dois, visto como seu pai Fiodor Pávlovitch, não só retirou de mim sua confiança, por um outro motivo, mas ele próprio, munido de meus recibos, quer processar–me. Por estas razões, mantive–me quieto e o senhor viu o meu antro. E agora, diga–me, Iliúchka feriu–o muito, mordendo–o? Não podia entrar em detalhes na presença dele.

— Sim, me fez bastante mal, ele estava muito irritado. Vingou em mim a ofensa que fizeram ao senhor, pelo fato de eu ser um Karamázov, compreendo–o agora. Mas se o senhor o tivesse visto bater–se a pedradas com seus colegas! É muito perigoso, podem matá–lo; os meninos são estúpidos, uma pedra pode facilmente rachar a cabeça.

— Sim, ele recebeu uma, mas não na cabeça, no peito, acima do coração; tem uma equimose, voltou para casa chorando, gemendo e lá está doente.

— E sabe que é ele o primeiro a atacar os outros? Tornou–se mau, por causa do senhor. Seus colegas contam que ele há pouco deu uma canivetada nas costelas do menino Krasótkin.

— Sei também disso, é perigoso. O pai era funcionário aqui e isto pode atrair complicações…

— Eu aconselharia — continuou Aliócha, com calor — que não o enviasse à escola durante algum tempo, até que ele se acalme… e que sua cólera passe…

— A cólera! — concordou o capitão. — É bem isto. Uma grande cólera numa pequena criatura. O senhor não sabe de tudo. Permita–me que lhe explique com detalhes. Depois do acontecido, os colegiais começaram a inferná–lo, chamando–o esfregão de tília. Essa idade é impiedosa; tomados separadamente são uns anjos, mas todos juntos são implacáveis, sobretudo na escola. Perseguiam–no e um nobre sentimento despertou–se em Iliúchka. Um menino comum, fraco como ele, teria se resignado; teria tido vergonha de seu pai; mas ele se ergueu contra todos, em favor de seu pai, da verdade e da justiça. Porque o que ele tem sofrido, desde que beijou a mão de seu irmão, gritando–lhe: “Perdoe a papai, perdoe a papai!”, só Deus e eu sabemos. E assim nossos filhos, não os dos senhores, os nossos, os filhos dos mendigos desprezados, mas nobres, aprendem a conhecer a verdade, desde a idade de nove anos. Como os ricos a aprenderiam? Não penetram jamais nessas profundezas, ao passo que Iliúchka percorreu toda a verdade, naquele minuto na praça, beijando aquela mão. Aquela verdade penetrou nele; e magoou–o para sempre! —

proferiu apaixonadamente o capitão, com o ar desvairado, batendo sua mão esquerda com o punho direito, como se quisesse mostrar materialmente a contusão feita em Iliúchka pela "verdade". — Naquele dia ele teve febre, delirou a noite inteira. Durante todo o dia, falou–me pouco, ficou mesmo silencioso; notei que ele me observava de seu canto, fingindo aprender suas lições, mas não eram as lições que o preocupavam. No dia seguinte, embriaguei–me de pesar; a gente é fraca e esqueci muitas coisas. A mamãe também se pôs a chorar — amo–a muito — então, de dor. Embriaguei–me com meus últimos níqueis. Não me despreze, senhor. Na Rússia, os piores ébrios são as pessoas melhores e reciprocamente. Estava deitado e não pensava em Iliúchka; mas naquele mesmo dia; os garotos divertiram–se à custa dele, desde a manhã: "Psiu! 'esfregão de tília'! — gritavam–lhe. — Arrastaram teu pai pela sua barba em forma de esfregão para fora do cabaré; tu corrias ao lado dele pedindo misericórdia". Era no dia seguinte; voltou da escola pálido e desfeito. "Que tens?", perguntei–lhe. Calou–se; era impossível conversar em casa, sua mãe e suas irmãs teriam se metido imediatamente, as moças tinham ficado cientes do caso desde o primeiro dia. Varvara Nikoláievna já começava a resmungar! "Palhaço, bobo, será possível que nada saiba fazer que seja sensato? — É verdade, digo eu, Varvara Nikoláievna, poderemos fazer algo que seja sensato?" Saí–me assim desta vez. À noite saí a passear com o garoto. É preciso dizer–lhe que todas as noites, já antes, vínhamos passear por este mesmo caminho, até aquela enorme pedra isolada, lá embaixo perto da sebe, onde começam os pastos comunais: um lugar deserto e encantador. Caminhávamos de mãos dadas, como de costume; uma mãozinha bem pequena, de dedos delgados, gelados, porque ele sofre do peito. "*Pápotchka*, diz ele, *pápotchka!"* — "Que há?" — pergunto–lhe (via seus olhos cintilarem). — "Como ele te tratou, papai!" — "Que fazer, Iliúchka?" — "Não faças as pazes com ele, *pápotchka*, de modo nenhum. Os alunos dizem que ele te deu dez rublos por isso." — "Não, meu pequeno, por coisa alguma do mundo aceitaria dinheiro dele, agora." (Ele se pôs a tremer, agarrou minha mão nas suas, beijou–a.) — "*Pápotchka*, provoca–o a um duelo, na escola eles me infernam dizendo que és um covarde, que não te baterás, mas que aceitarás dele dez rublos." — "Não posso provocá–lo a duelo, Iliúchka", respondo e lhe expus brevemente o que acabo de dizer ao senhor a este respeito. Ele me escutou. — "*Pápotchka* — diz

ele, no entanto — não faças as pazes com aquele homem; quando eu crescer, eu mesmo o provocarei e o matarei!” Seus olhos brilhavam com um clarão intenso. Apesar de tudo, era pai dele e tornava–se necessário dizer–lhe uma palavra de verdade: “É um pecado — expliquei eu — matar seu próximo, mesmo em duelo”. — “*Pápotchka*, eu o derrubarei, quando for grande, farei saltar seu sabre de suas mãos e me lançarei sobre ele, brandindo o meu e lhe direi; poderia matar–te, mas perdoo–te!” Está vendo, senhor, está vendo que trabalho se operou na cabecinha dele, durante esses dois dias? Só fazia pensar na vingança com um sabre e deve ter falado disso no seu delírio. Quando voltou da escola, cruelmente batido, soube de tudo e, o senhor tem razão, não voltará mais lá. Fico sabendo que ele se levanta contra a classe inteira; que provoca a todos; está exasperado, seu coração arde de ódio e então tenho medo por ele. Voltamos a passear. “*Pápotchka* — pergunta ele —, os ricos são os mais fortes neste mundo?” — “Sim, Iliúchka, não há ninguém mais poderoso que o rico.” — “*Pápotchka* — diz ele —, ficarei rico, serei oficial e baterei todos os inimigos, o czar me recompensará, voltarei para junto de ti e então ninguém ousará…” Após um silêncio, continuou, com os lábios trêmulos como antes: “*Pápotchka*, que cidade de gente ruim, essa nossa!”. — “Sim, Iliúchka, é uma cidade de gente ruim.” — “*Pápotchka*, vamos morar em outra, onde não nos conheçam.” — “Gostaria bem, Iliúchka, mudemo–nos; somente é preciso juntar dinheiro.” Rejubilo–me por poder assim distraí–lo de seus sombrios pensamentos; pusemo–nos a fazer projetos sobre a instalação numa outra cidade, a compra de um cavalo e de uma *tieliega*. “A mamãe e as manas montariam nela, nós as cobriríamos bem, nós mesmos caminharíamos ao lado, tu montarias de vez em quando, enquanto eu iria a pé, porque é preciso poupar o cavalo; todos não poderão ir ao mesmo tempo, seria assim que viajaríamos.” Ficou encantado, sobretudo por ter um cavalo que o conduziria. Sabe–se que um menino russo não vê nada de mais belo que um cavalo. Nós tagarelamos muito tempo: “Deus seja louvado — pensei eu —, distraí–o e consolei–o”. Foi anteontem de noite; no dia seguinte, voltou da escola bastante sombrio. À noite, por ocasião do passeio, permaneceu silencioso. O vento elevou–se, o sol desapareceu, sentia–se o outono e já estava escuro; estávamos tristes. “Pois bem, meu rapaz, como vamos fazer nossos preparativos?” Pensava retomar a conversa da véspera. Nem uma palavra. Mas seus dedinhos tremiam

na minha mão. Isto vai mal, disse a mim mesmo, há novidade. Chegamos, como agora, até aquela pedra; sentei–me nela, haviam empinado papagaios que estalavam ao vento; havia bem uns trinta. É a estação agora. “Nós também deveríamos, Iliúchka, empinar o papagaio do ano passado. Vou consertá-lo. Que fizeste dele?” Meu filho cala–se, olha para o lado, desviando a vista. De repente, o vento se põe a assobiar, levantando areia… Lança–se para mim, com seus dois braços enlaça–me o pescoço, abraça–me. Sabe que quando os meninos são taciturnos e altivos retêm muito tempo suas lágrimas, mas quando elas brotam, por motivo dum grande pesar, não correm, mas jorram? Suas lágrimas ardentes inundaram–me o rosto. Ele soluçava, convulsivamente, apertava–me contra ele. “*Pápotchka* — gritou ele —, meu querido *pápotchka*, como ele te humilhou!” Então os soluços dominaram–me e nos abalavam, enlaçados sobre esta pedra. Ninguém nos via então, exceto Deus. Talvez me leve isso em conta. Agradeça a seu irmão, Alieksiéi Fiódorovitch. Não; não açoitarei meu filho para causar–lhe satisfação!

Terminou da mesma maneira esquisita e complicada de ainda há pouco. No entanto Aliócha sentia que aquele homem tinha confiança nele e não teria “conversado” assim com um outro, nem feito aquela confidência. Isto encorajou Aliócha, que estava comovido até as lágrimas.

— Ah! como gostaria de fazer as pazes com seu rapaz! — exclamou ele. — Se o senhor se encarregasse disso…

— Decerto — murmurou o capitão.

— Mas agora não é disto que se trata, escute! — prosseguiu Aliócha. — Tenho uma incumbência para o senhor. Meu irmão Dimítri insultou também sua noiva, uma nobre senhorita da qual o senhor já deve ter ouvido falar. Tenho o direito de revelar–lhe esse insulto, devo mesmo fazê–lo, porque, tendo sabido da ofensa que o senhor sofreu e de sua situação infeliz, ela me encarregou há pouco… de entregar–lhe este auxílio de sua parte… mas somente de sua parte; não em nome de Dimítri, que a abandonou, nem de mim, seu irmão, nem de ninguém, mas unicamente da parte dela! Suplica–lhe que aceite seu auxílio… Foram ambos ofendidos pelo mesmo homem… Ela só se lembrou do

senhor quando sofreu de parte de Dimítri a mesma injúria que o senhor (igualmente gravíssima). É pois uma irmã que vem em auxilio de um irmão… Ela me encarregou precisamente de persuadi–lo a aceitar estes duzentos rublos de sua parte, como de parte de uma irmã que conhece as suas dificuldades. Ninguém ficará sabendo disto, não haverá a temer, nenhuma comadrice malévola… Eis os duzentos rublos e, juro–lhe, deve aceitá–los, senão… senão, só haveria inimigos no mundo! Mas há também irmãos… O senhor tem alma nobre… Deve compreendê–lo!…

E Aliócha estendeu–lhe duas cédulas de cem rublos novinhas. Ambos encontravam–se então justamente perto da grande pedra, na direção da paliçada; não havia ninguém nos arredores. Parece que as cédulas causaram profunda impressão no capitão; estremeceu, mas foi a princípio unicamente de surpresa; não pensava em nada de semelhante e não esperava de nenhum modo tal desenlace. Mesmo, em sonho, jamais sonhara uma ajuda qualquer, e sobretudo tão importante. Pegou as cédulas e, durante quase um minuto, esteve incapaz de responder; uma expressão nova apareceu em seu rosto.

— É para mim tanto dinheiro, duzentos rublos? Justo céu! Há quatro anos que não via tanto dinheiro, Senhor Deus! E ela diz que é uma irmã… É verdade, é verdade mesmo?

— Juro–lhe que tudo quanto disse é verdade! — exclamou Aliócha.

O capitão corou.

— Escute, meu caro, escute; se aceitar, não serei um covarde? A seus olhos, Alieksiéi Fiódorovitch, não serei? Não, Alieksiéi Fiódorovitch, escute, escute — repetia ele a cada instante, tocando em Aliócha —, o senhor me persuade a aceitar sob o pretexto de que é uma “irmã” que o envia, mas com o senhor mesmo, no íntimo, não sentiria desprezo por mim, se eu aceitar, hem?

— Não, mil vezes não! Juro pela minha salvação! E ninguém jamais o saberá, exceto nós: o senhor, eu, ela e ainda uma dama sua grande amiga…

— Que dama? Escute, Alieksiéi Fiódorovitch, escute, é agora indispensável porque o senhor não pode mesmo compreender o que representam para mim estes duzentos rublos — prosseguiu o infeliz, dominado pouco a pouco por uma exaltação desordenada; selvagem. Estava desorientado, falava com grande pressa, como se receasse que não o deixassem dizer tudo. — Além do fato de provir este dinheiro duma fonte honesta, duma "irmã" tão respeitável, sabe que posso tratar agora da mãe e de Nínotchka, minha filha, minha angélica corcundinha? O Doutor Herzenstube foi à minha casa, por bondade de alma; examinou–as uma hora inteira: "Não compreendo nada", disse ele. No entanto, a água mineral que lhe prescreveu fez–lhe certamente bem, ordenou também que ela banhasse os pés com remédios. A água mineral custa trinta copeques, talvez seja preciso beber umas quarenta garrafas. Peguei a receita e coloquei–a na prateleira, abaixo dos ícones, e lá está. Para Nínotchka, prescreveu banhos quentes numa solução especial, todos os dias, de manhã e de noite; como poderíamos nós seguir semelhante tratamento, alojados como estamos, sem criada, sem ajuda, nem água, nem utensílios? Ora, Nínotchka está entrevada de reumatismo, esqueci–me de dizer–lhe; de noite, todo o lado lhe dói, sofre um martírio, acreditaria o senhor? Aquele anjo se enrijece para não nos inquietar, contém–se para não gemer, a fim de não nos despertar. Comemos o que se apresenta, o que se encontra; ora, ela toma o último bocado, bom para atirar ao cão. "Não mereço esse bocado, vos privo dele, sou uma carga para vocês." Eis o que quer exprimir seu olhar celeste. Nós a servimos e isto lhe pesa. "Não o mereço; sou uma aleijada indigna de cuidados, boa para nada", como se não os merecesse, quando sua doçura angélica é uma bênção para todos. Sem sua palavra mansa, a casa seria um inferno. Ela enterneceu a própria Vária. Não condene tampouco Varvara Nikoláievna; é também um anjo, também ela é infeliz. Chegou à nossa casa no verão, com dezesseis rublos, ganhos em dar aulas particulares, e destinados a pagar seu regresso a Petersburgo, no mês de setembro, isto é, agora. Ora, nós comemos seu dinheiro e ela não tem mais nenhum com que possa voltar, eis a verdade. Aliás, não poderia partir, porque trabalha para nós como um galé, fizemos dela uma besta de carga, ocupa–se com tudo; é ela quem remenda, lava, varre, deita a mãe; ora, a mãe é caprichosa, chorona, uma louca!… Agora, com estes duzentos rublos, posso alugar uma criada, compreende o senhor, Alieksiéi Fiódorovitch,

cuidar daquelas queridas criaturas; enviarei a estudante para Petersburgo, comprarei carne, estabelecerei novo regime. Senhor, mas é um sonho!

Aliócha estava encantado por ter trazido tanta felicidade e ver que o pobre diabo queria mesmo ser feliz.

— Espere, Alieksiéi Fiódorovitch, espere — e o capitão, agarrando–se a um novo sonho que se oferecia, recomeçou a taramelar com a mesma velocidade. — Sabe que com Iliúchka realizaremos, talvez, agora nosso sonho? Compraremos um cavalo e uma carriola, um cavalo preto, ele o pediu expressamente, e partiremos como o marcamos anteontem. Conheço um advogado na província de K***, um amigo de infância. Deu–me a saber, por intermédio de um homem seguro, que se eu aparecesse lá ele me daria, por exemplo, um lugar de secretário em seu escritório; quem sabe? Talvez dê mesmo… Então, a mãe e Nínotchka subiriam na carriola, Iliúchka conduziria, eu iria a pé, toda a família seria transportada… Senhor Deus, se eu pudesse somente recuperar uma quantia que me devem, aqui, seria o bastante mesmo para essa viagem!

— Seria o bastante, seria o bastante! — exclamou Aliócha. — Katierina Ivânovna lhe mandará mais, tanto quanto o senhor queira e, sabe?, tenho também dinheiro, aceite o que precisar, como de um irmão, como de um amigo, depois o senhor o restituirá… (O senhor ficará rico!) Saiba que não poderia imaginar nunca nada de melhor do que essa mudança! Seria a salvação, sobretudo para seu rapaz; deveria partir mais depressa, antes do inverno, antes dos frios; o senhor nos escreveria de lá, ficaríamos irmãos… Não, não é um sonho!

Aliócha gostaria de abraçá–lo, tão contente estava. Mas depois de fitá–lo, parou bruscamente: o capitão, de pescoço e lábios tensos, com um rosto lívido e exaltado, remexia os lábios como se quisesse dizer alguma coisa; nenhum som saía e seus lábios mexiam–se. Era estranho.

— Que tem? — indagou Aliócha, num estremecimento súbito.

— Alieksiéi Fiódorovitch… Eu… lhe… — murmurou o capitão,

aos repelões, fixando–o com um ar estranho e selvagem, o ar de um homem que se vai lançar no vácuo, ao mesmo tempo, que seus lábios sorriam — Eu… lhe… Quer que lhe mostre um jogo de mãos? — cochichou ele, de súbito, rapidamente, num tom firme, sem parar.

— Que jogo?

— Um jogo, o senhor vai ver — repetiu o capitão, com a boca crispada; o olho esquerdo piscava, seu olhar não largava Aliócha, como pregado nele.

— Que tem o senhor então? De que jogo fala? — exclamou Aliócha, bastante espantado.

— Ei–lo! Olhe! — vociferou o capitão.

E, mostrando–lhe as duas cédulas que durante a conversa mantinha entre o polegar e o índice, agarrou–as com raiva, e amarrotou–as em seu punho fechado.

— O senhor viu, o senhor viu? — gritou ele, lívido, frenético; ergueu o punho e, com toda a sua força, atirou as duas cédulas amarrotadas sobre a areia. — Viu? — vociferou de novo, mostrando–as com o dedo. — Pois bem! veja!

Com um encarniçamento selvagem, pôs–se a pisá–las com o calcanhar. Ofegava e lançava exclamações a cada golpe.

— Eis o que faço de seu dinheiro, eis o que faço dele!

De súbito, saltou para trás, ergueu–se diante de Aliócha. Toda a sua pessoa transpirava um orgulho indizível.

— Vá dizer aos que o enviaram que o esfregão de tília não vende sua honra! — exclamou ele, com o braço estendido. Depois girou rapidamente nos calcanhares e se pôs a correr. Não havia dado cinco passos, quando se voltou para Aliócha, fazendo–lhe com a mão um gesto de adeus. Ao fim de outros cinco passos, voltou–se de novo; desta vez seu rosto não estava mais crispado pelo riso, mas estremecia todo sacudido pelo pranto. Gaguejou num tom lacrimoso, entrecortado:

— Que teria eu dito a meu rapaz, se tivesse aceitado o preço de nossa vergonha?

Depois disso, retomou sua carreira, desta vez sem se voltar. Aliócha acompanhou–o com os olhos, numa indizível tristeza. Compreendia que até o derradeiro momento o desgraçado não sabia que amarrotaria e atiraria fora as cédulas. Não se voltou mais uma vez sequer em sua carreira; Aliócha estava certo disso de antemão. Não quis persegui–lo e chamá–lo, sabia por quê. Quando o capitão sumiu de vista, Aliócha apanhou as duas cédulas. Estavam muito amarrotadas, enrugadas, afundadas na areia, mas intactas e estalaram mesmo como novas, quando Aliócha as desdobrou e desenrugou. Depois de havê–las dobrado, meteu–as no bolso e foi dar conta a Katierina Ivânovna do resultado de sua missão.

## Livro V / Pró e contra

## I / Noivado

Foi a Senhora Khokhlakova quem recebeu de novo Aliócha, toda azafamada; a crise de Katierina Ivânovna terminara com um desmaio, seguido “dum profundo abatimento. Agora ela delirava, presa da febre. Tinham mandado chamar Herzenstube e as tias. Estas já estavam lá. Esperavam ansiosamente, enquanto ela jazia sem sentidos. Ah! se fosse uma febre nervosa”!

Assim dizendo, tinha a boa senhora o ar sério e inquieto. “É sério, desta vez, é sério”, acrescentava ela a cada palavra, como se tudo quanto lhe acontecera até então não contasse. Aliócha escutava–a com pesar. Quis contar–lhe sua aventura, ela, porém, interrompeu–o às primeiras palavras; não tinha tempo, rogou–lhe que fizesse companhia a Lisa, enquanto a esperasse.

— Lisa, meu caro Alieksiéi Fiódorovitch — cochichou–lhe quase ao ouvido — Lisa espantou–me ainda há pouco, mas também enterneceu–me, por isso meu coração tudo lhe perdoa. Imagine que logo depois de sua saída revelou sincero pesar por ter zombado de você ontem e hoje. Mas não eram zombarias, ela brincava simplesmente. Quase chorava, o que me surpreendeu. Jamais antes se arrependia seriamente de suas zombarias a meu respeito, eram meras brincadeiras. Acontece–lhe a cada instante rir de mim. Mas agora, é sério, faz grande caso de sua opinião, Alieksiéi Fiódorovitch; se for possível, poupa–a, não lhe guarde rancor. Eu mesma só faço poupá–la, porque ela é tão inteligente, acredita? Dizia ela ainda há pouco que você era seu amigo de infância, “o mais sério”, imagine essa amizade séria; e eu, então? A este respeito tem sentimentos bastante sérios e até mesmo recordações, sobretudo essas frases, essas pequenas palavras, que brotam quando menos se espera. Recentemente, a propósito de um pinheiro, por exemplo. Havia um pinheiro em nosso jardim, quando ela era bem pequena, talvez exista ainda e não tenho razão de falar no passado. Os pinheiros não são como as pessoas, ficam muito tempo sem mudar, Alieksiéi Fiódorovitch. “Mamãe, disse ela, lembro–me daquele pinheiro como em sonho.”[48] Deve ter–se exprimido doutra forma; há aqui uma confusão; pinheiro é uma

palavra tão boba… Em todo o caso, disse–me a esse respeito algo de original, que não atino repetir. Aliás, esqueci tudo. Pois bem, até logo, estou toda emocionada, é de perder a cabeça. Alieksiéi Fiódorovitch, estive louca duas vezes e curaram–me. Vá ver Lisa. Reconforte–a como você sabe tão bem fazer. Lisa — gritou ela, aproximando–se da porta —, trago–te tua vítima, Alieksiéi Fiódorovitch, que não está absolutamente zangado, asseguro–te; pelo contrário, admira–se de que hajas podido acreditar em tal.

— *Merci, maman*. Entre, Alieksiéi Fiódorovitch.

Aliócha entrou. Lisa olhou–o com um olhar confuso e corou até as orelhas. Parecia envergonhada e, como se faz em semelhantes casos, pôs–se a falar com rapidez a respeito de coisa bem diversa, fingindo interessar–se apenas por isso.

— Mamãe acaba de contar–me, Alieksiéi Fiódorovitch, a história daqueles duzentos rublos e de sua missão… junto àquele pobre oficial… descreveu–me aquela cena atroz, como o insultaram e sabe, muito embora mamãe conte muito mal… duma maneira desconchavada… derramei lágrimas ao ouvir aquilo. Pois bem! você lhe entregou o tal dinheiro e como aquele desgraçado…

— Justamente não entreguei. É uma história muito longa — respondeu Aliócha, parecendo, por seu lado, sobretudo preocupado com aquele caso; no entanto, Lisa notava que ele também desviava a vista e tinha visivelmente o espírito em outra parte. Aliócha sentou e deu início à sua narrativa; desde as primeiras palavras, seu constrangimento desapareceu por completo e cativou por sua vez Lisa. Falava sob a influência da emoção e da viva impressão que sentira ainda há pouco, duma maneira interessante e pormenorizada. Já em Moscou, quando Lisa era ainda menina, ele gostava de visitá–la, quer para contar uma aventura recente, uma leitura que o impressionara, quer para lembrar um episódio de sua infância. Por vezes devaneavam juntos e compunham os dois verdadeiras novelas, na maior parte das vezes alegres e cômicas. Agora reviviam essas recordações, velhas de dois anos: Lisa ficou vivamente emocionada pela narrativa dele. Aliócha pintou–lhe com calor Iliúchka. Depois que descreveu com detalhes a cena em que o infeliz havia pisoteado o dinheiro, Lisa

juntou as mãos e não pode impedir–se de exclamar:

— Então você não lhe deu o dinheiro, deixou–o partir? Deveria ter corrido atrás dele, procurado alcançá–lo…

— Não, Lisa, é melhor assim — disse Aliócha, que levantou e se pôs a andar, com ar preocupado.

— Como melhor, melhor em quê? Agora, eles vão morrer de fome!

— Não morrerão, porque esses duzentos rublos lhes chegarão às mãos. De qualquer maneira, ele amanhã os aceitará. Estou certo disto — declarou Aliócha, andando, perplexo. — Veja você, Lisa — prosseguiu ele, parando bruscamente diante dela —, cometi um erro, mas ele teve um feliz resultado.

— Que erro e por que um feliz resultado?

— Eis por quê. Aquele homem é poltrão e de caráter fraco. Está muito ressentido, mas é um homem bom. Não cesso de perguntar a mim mesmo por que ele se ofendeu de súbito e pisou a pés o dinheiro, porque, asseguro–lhe, até o derradeiro momento ele não sabia que iria pisoteá–lo. E creio que se ofendeu por diversas razões… não podia ser de outro modo na sua situação… Em primeiro lugar, rejubilou–se por demais diante de mim à vista do dinheiro e não soube ocultar isso. Se tivesse mostrado uma alegria moderada e feito cerimônia, como outros em casos semelhantes fazem caretas, teria podido resignar–se a aceitar, mas sua alegria foi demasiado sincera e isto lhe causou vexame. Lisa, ele é um homem sincero e bom, eis o pior em tais situações! Falava todo o tempo com uma voz fraca, debilitada, e tão depressa, tão depressa, que seria possível dizer que ria ou mesmo chorava… chorou mesmo de alegria… falou de suas filhas, do lugar que lhe dariam em outra cidade, e depois de ter–se expandido teve vergonha de súbito de ter me mostrado sua alma. Imediatamente detestou–me. É desses pobres envergonhados, extremamente orgulhosos. Ofendeu–se sobretudo por ter me considerado demasiado depressa por seu amigo e cedido tão rapidamente; depois de ter–se lançado contra mim para intimidar–me; abraçou–me e me acariciou à vista das cédulas. Naquela posição deve ter ressentido toda a sua

humilhação e foi então que eu cometi um erro grave. Declarei–lhe que se ele não tivesse bastante dinheiro para mudar–se para outra cidade, lhe dariam mais, eu mesmo daria, com meus próprios recursos. Eis o que o magoou: por que eu também vinha em seu socorro? Você sabe, Lisa, é extremamente penoso para um desgraçado ver que todos se consideram como benfeitores seus… já o ouvi dizer, o *stáriets* me falou disso! Não sei como exprimi–lo, mas eu mesmo o tenho notado. E experimento a mesma sensação. Mas sobretudo, se bem que ele ignorasse até o derradeiro momento que pisotearia as cédulas, pressentia–o, é fatal. Eis por que experimentava tal alegria… E eis como, por mais desagradável que isto seja, tudo vai muito bem. Sou mesmo de opinião que nada poderia ocorrer de melhor,

— Como isso é possível? — exclamou Lisa, olhando Aliócha com estupefação.

— Lisa, se em lugar de pisotear esse dinheiro ele o tivesse aceitado, ao chegar em casa, uma hora depois, teria chorado de humilhação, é mais do que certo. No dia seguinte, viria atirá-lo à minha cara, teria pisado nele, talvez, como ainda há pouco, Agora partiu todo orgulhoso e em triunfo, muito embora saiba que "se perde". Portanto nada é mais fácil, agora, do que obrigá–lo a aceitar esses duzentos rublos, não mais tarde do que amanhã, porque mostrou que era honrado, atirou fora e pisou o dinheiro. No entanto, tem necessidade urgente dessa soma. Por mais orgulhoso que ainda esteja neste momento, vai pensar no socorro de que se privou. Pensará nele ainda mais nesta noite, pensará amanhã de manhã talvez, estará pronto a correr à minha casa e desculpar–se. Será então que me apresentarei: "O senhor é orgulhoso, demonstrou–o. Pois bem, aceite agora, perdoe–nos". Então ele aceitará.

Foi com uma espécie de embriaguez que Aliócha pronunciou estas palavras: "Então ele aceitará!". Lisa bateu palmas.

— Ah! é verdade, compreendi tudo de repente! Aliócha, como você sabe tudo isso? Tão jovem e já conhecedor do coração humano… Não o teria jamais acreditado…

— É preciso sobretudo persuadi–lo agora de que se acha em pé de

igualdade com todos nós, embora aceite o dinheiro — prosseguiu Aliócha, exaltado —, e não somente de igualdade, mas mesmo de superioridade…

— “Em pé de superioridade!” É encantador, Aliócha, mas fale, fale!

— Quer dizer que não me exprimi como era devido… no caso de pé… mas isto não importa… porque…

— Mas isto não importa, decerto, absolutamente! Perdoe–me, querido Aliócha… Até agora, quase não tinha respeito por você… isto é, tinha, mas decerto num pé de igualdade, doravante será num pé de superioridade… Meu querido, não se zangue se procuro fazer espírito — encareceu com vivo sentimento. — Sou uma pequena zombeteira, mas você, você!… Diga–me, Alieksiéi Fiódorovitch, não há em toda a nossa discussão… desdém por esse infeliz… pelo fato de dissecarmos sua alma com certa altivez, dando como certo desde agora que aceitará o dinheiro?

— Não, Lisa, não há desdém — respondeu com firmeza Aliócha, como se previsse essa pergunta —, já pensei nisso ao vir para cá. Julgue você mesma: que desdém pode haver, quando somos todos iguais a ele, quando todos o são? Porque não valemos mais. Fôssemos nós melhores, seríamos semelhantes no lugar dele. Ignoro o que seja você, Lisa, mas acho que tenho a alma mesquinha para muitas coisas. A alma dele não é mesquinha, mas bastante delicada… Não, Lisa, não há nenhum desdém para com ele! Sabe, Lisa, meu *stáriets* disse uma vez: “É muitas vezes necessário tratar as pessoas como a crianças e algumas como a doentes”.

— Caro Alieksiéi Fiódorovitch, quer que tratemos as pessoas como a doentes?

— Decerto, Lisa, estou disposto a isso, mas não completamente, por vezes mostro–me por demais impaciente ou então não reparo nada. Você, você não é assim.

— Ah! não acredito! Alieksiéi Fiódorovitch, quanto sou feliz!

— Como é bom que você diga isso, Lisa!

— Alieksiéi Fiódorovitch, você é de uma bondade surpreendente, mas por vezes tem o ar pedante… no entanto, vê–se que você não é. Vá sem fazer rumor abrir a porta e veja se mamãe não nos escuta — cochichou rapidamente Lisa.

Aliócha fez o que ela pedia e declarou que ninguém estava à escuta.

— Venha cá, Alieksiéi Fiódorovitch — prosseguiu Lisa, corando cada vez mais. — Dê–me sua mão; assim. Escute, tenho uma grande confissão a fazer–lhe: escrevi–lhe ontem, não por brincadeira, mas seriamente…

E cobriu os olhos com a mão. Via–se que esta confissão lhe custava muito. De repente, agarrou a mão de Aliócha, e, num ímpeto, beijou-a três vezes.

— Ah! Lisa, é admirável! — exclamou Aliócha, todo contente. — Eu sabia bem que era sério…

— Vejam só que segurança! — Repeliu–lhe a mão sem contudo a largar, corou, e riu, baixinho, cheia de felicidade. — Beijo–lhe a mão e ele acha isto admirável.

Censura injusta, aliás; Aliócha estava também bastante perturbado.

— Gostaria de agradar–lhe sempre, Lisa, mas não sei como fazer — murmurou ele, corando por sua vez.

— Aliócha, meu querido, você é frio e presunçoso. Vejam só isso! Não se dedignou de escolher–me por esposa e ei–lo tranquilo! Estava certo de que lhe tinha escrito seriamente. Mas isto é pura presunção!

— Eu estava errado acreditando estar certo? — E Aliócha pôs–se a rir.

— Pelo contrário, Aliócha, estava muito bem.

Lisa olhou–o ternamente e cheia de felicidade. Aliócha havia mantido a mão dela na sua. De repente, inclinou–se e beijou–a na boca.

— Que é isso? Que tem você? — exclamou Lisa. Aliócha ficou todo desconcertado.

— Perdoe–me, se fiz mal… Talvez tenha cometido uma tolice… Você me achava frio e então eu a beijei… Mas vejo que foi uma tolice…

Lisa desatou a rir e ocultou o rosto nas mãos.

— E com esse traje! — deixou ela escapar, rindo; mas de súbito parou; ficou séria, quase severa.

— Não, Aliócha, para mais tarde os beijos, porque nós dois não entendemos disso ainda e é preciso esperar ainda muito tempo — concluiu ela. — Diga–me antes por que escolhe para esposa uma tola e uma doente como eu, você tão inteligente, tão refletido, tão penetrante? Aliócha, sinto–me muito feliz, porque sou indigna de você…

— De jeito nenhum, Lisa! Em breve deixarei o mosteiro completamente. Ao voltar para o mundo, terei de casar–me, eu sei. “Ele” assim me ordenou. Quem eu acharia melhor que você… e quem haveria de querer–me, senão você? Já refleti nisso. Em primeiro lugar, você me conhece desde a infância; em segundo lugar, você tem muitas qualidades que me faltam por completo. É mais alegre do que eu; sobretudo, mais ingênua, porque eu já aflorei muitas coisas… Ah! você não sabe que sou um Karamázov? Que importa que você ria e pilherie, e mesmo à minha custa? Fico tão contente com isso… Mas você ri como uma menina e se atormenta com seus pensamentos.

— Como, me atormento? Como assim?

— Sim, Lisa, sua pergunta, ainda há pouco: “não há desdém por esse infeliz, pelo fato de dissecarmos assim sua alma?”, é uma pergunta dolorosa… está vendo? Não sei explicar–me, mas os que fazem tais perguntas são capazes de sofrer. Na sua cadeira, deve você

meditar muito…

— Aliócha, dê–me sua mão. Por que a retira? — murmurou Lisa, numa voz enfraquecida pela felicidade. — Escute, como você vai se vestir, quando sair do mosteiro? Não ria e trate de não se zangar, é muito importante para mim.

— Quanto ao traje, Lisa, ainda não pensei nele, mas escolherei aquele que lhe agradar.

— Gostaria de vê–lo usar um casaco de veludo azul–escuro, um colete de piquê branco e um chapéu de feltro cinzento… Diga–me, você acreditou ainda há pouco que eu não o amava, quando me desdisse de minha carta de ontem?

— Não, não acreditei.

— Oh! o insuportável, o incorrigível!

— Está vendo? Sabia que você… me amava, mas fingi acreditar que você não me amava mais, para ser–lhe… agradável…

— É pior ainda! Tanto pior e tanto melhor. Aliócha, eu o adoro. Antes de sua chegada, tinha dito a mim mesma: “Vou pedir–lhe a carta de ontem e se ele restitui-la sem dificuldade (como se pode esperar de sua parte), isto significa que ele não me ama absolutamente mais, que não sente nada, que não passa de um garoto tolo e que estou perdida”. Mas você deixou a carta na cela e isto me restituiu coragem; não teria sido pelo fato de você pressentir que eu a pediria de volta e você não a quisesse restituir? Não é verdade?

— Não é bem assim, Lisa, porque tenho a carta comigo, como a tinha ainda há pouco; está neste bolso, ei–la.

Aliócha tirou a carta rindo e a mostrou de longe.

— Somente, não lhe devolverei. Contente–se com olhá–la.

— Como, você mentiu? Você, um monge, mentindo?

— É verdade que menti, mas foi para não lhe devolver a carta. É

preciosa para mim — acrescentou, com fervor, corando de novo — e não a darei a ninguém.

Lisa examinava–o, encantada.

— Aliócha — cochichou ela —, vá ver se mamãe não está nos escutando.

— Bem, Lisa, olharei, mas não seria melhor não fazer isso? Por que suspeitar que sua mamãe pratique essa baixeza?

— Como? Que baixeza? Mas vigiar sua filha é seu direito, não há baixeza. Esteja certo, Alieksiéi Fiódorovitch, de que, quando eu for mãe e tiver uma filha igual a mim, vou vigiá-la da mesma maneira.

— Deveras, Lisa? Mas isso não está bem.

— Meu Deus! Que baixeza há nisso? Se ela escutasse uma conversa mundana, seria vil, mas trata–se de sua filha a sós com um rapaz… Saiba, Aliócha, que passarei a vigiá-lo assim que nos casarmos; abrirei todas as suas cartas para lê–las… Já está prevenido…

— Decerto, se faz questão disso… — murmurou Aliócha. — Mas não será louvável…

— Que desdém! Aliócha, meu bem, não briguemos desde o começo. Prefiro falar–lhe francamente: é censurável, decerto, escutar às portas, estou errada e você está certo, mas isto não me impedirá de escutar.

— Pois escute. Você nunca me haverá de apanhar em falta — disse, rindo, Aliócha.

— Outra coisa: você vai me obedecer em tudo? É preciso decidir isto também desde já.

— De muito boa vontade, Lisa, salvo nas coisas essenciais. Nestes casos, mesmo se você não estiver de acordo comigo, só me submeterei à minha consciência.

— Isto é o que deve ser. Saiba que não somente estou pronta a obedecer–lhe nos casos graves, mas cederei a você em tudo, juro desde agora, em tudo e por toda a minha vida — gritou Lisa apaixonadamente —, e isto com felicidade, com alegria! Além do mais, juro–lhe jamais escutar às portas e ler suas cartas, porque você tem razão. Por mais forte que seja minha curiosidade, resistirei a isso, pois que você acha isso vil. Você é agora a minha Providência… Diga–me, Alieksiéi Fiódorovitch, por que você está tão triste nestes últimos dias? Sei que tem aborrecimentos, pesares, mas noto ainda em você uma tristeza oculta, talvez.

— Sim, Lisa, tenho uma tristeza oculta. Vejo que você me ama, uma vez que adivinhou isso.

— Que tristeza? A propósito de quê? Pode–se saber? — perguntou timidamente Lisa.

— Mais tarde, Lisa, lhe direi… — Aliócha perturbou–se. — Agora você não compreenderia. E eu mesmo não saberia explicar.

— Sei também que você se atormenta por causa de seus irmãos e de seu pai.

— Sim, de meus irmãos — proferiu Aliócha, pensativo.

— Não gosto de seu irmão Ivan Fiódorovitch, Aliócha.

Esta observação surpreendeu Aliócha, mas ele não a rebateu.

— Meus irmãos se perdem — prosseguiu ele — e meu pai igualmente. Arrastam outros consigo. É a “força da terra” própria dos Karamázovi, segundo a expressão do Padre Paísi, uma força violenta e brutal… Ignoro mesmo se o espírito de Deus domina essa força. Sei somente que eu mesmo sou um Karamázov… Sou um monge, um monge… Dizia você ainda há pouco que sou um monge?

— Sim, disse.

— Ora, talvez não creia em Deus.

— Não crê? Que está dizendo? — murmurou Lisa, com reserva.

Mas Aliócha não respondeu. Havia naquelas palavras bruscas algo de misterioso, de demasiado subjetivo talvez, que ele próprio não explicava a si mesmo e que o atormentava.

— Além do mais, meu amigo se vai; o mais eminente dos homens vai deixar a terra. Se você soubesse, Lisa, os laços morais que me ligam àquele homem! Vou ficar só… Voltarei a vê–la, Lisa… Doravante, estaremos sempre juntos.

— Sim, juntos, juntos! Desde agora e por toda a vida. Beije–me, permito–lhe.

Aliócha beijou–a.

— Agora, vá embora! Que o Cristo esteja com você! (Fez sobre ele o sinal da cruz.) Vá vê–lo enquanto ainda é tempo. Tenho sido cruel, retendo–o. Hoje rezarei por ele e por você. Aliócha, seremos felizes, não é verdade?

— Creio que sim, Lisa.

Aliócha não tinha intenção de procurar a Senhora Khokhlakova ao sair do quarto de Lisa, mas encontrou–a na escada. Desde as primeiras palavras adivinhou que ela o esperava.

— É horrível, Alieksiéi Fiódorovitch. É uma infantilidade e uma tolice. Espero que você não vá imaginar… Tolices, tolices! — exclamou ela, zangada.

— Mas não lhe diga; isto a agitaria e lhe faria mal.

— Eis a palavra sábia dum jovem prudente. Devo entender que você estava consentindo unicamente por piedade pelo seu estado doentio, com medo de irritá–la, contradizendo–a?

— De jeito nenhum; falei–lhe com toda a seriedade — declarou Aliócha com firmeza.

— Deveras? É impossível. Em primeiro lugar, nossa casa será fechada para você, em seguida partirei e vou levá-la comigo, fique sabendo!

— Mas por quê? — disse Aliócha. — Ainda está longe, dezoito meses talvez a esperar.

— É verdade, Alieksiéi Fiódorovitch, e em dezoito meses vocês poderão brigar e separar–se. Mas sou tão infeliz! São tolices, de acordo, mas isto me consternou. Sou como Famússov na derradeira cena,[49] o senhor é Tchátski, ela é Sófia. Corri aqui para encontrá–lo. Na comédia também as peripécias se passam na escada. Ouvi tudo, mal me podia conter. Eis pois a explicação para essa noite em claro e as recentes crises nervosas! O amor para a filha, a morte para a mãe! Agora, um segundo ponto, essencial: que carta é essa que Lisa lhe escreveu? Quero vê-la imediatamente!

— Não, para quê? Dê–me notícias de Katierina Ivânovna, isto me interessa bastante.

— Continua a delirar e não recuperou os sentidos; suas tias estão aqui a se lamentar, com seus ares imponentes. Herzenstube veio, ficou de tal modo espantado que eu não sabia o que fazer, queria mesmo mandar chamar outro médico. Levaram–no no meu carro. E, para dar cabo de mim, ei–lo com essa carta! É verdade que dezoito meses nos separam de tudo isso. Em nome do que há de mais sagrado, em nome de seu *stáriets* moribundo, mostre–me essa carta, a mim, mãe dela. Segure–a, se quiser, eu a lerei à distância.

— Não, não lhe mostrarei, Katierina Óssipovna, mesmo que ela o permitisse. Voltarei amanhã, conversaremos, se quiser; agora, adeus.

E Aliócha saiu precipitadamente.

## II / Smierdiákov e sua guitarra

Não tinha, aliás, tempo. Ao despedir–se de Lisa, viera–lhe uma ideia; como fazer para encontrar imediatamente seu irmão Dimítri, que parecia evitá–lo? Já eram três horas da tarde: Aliócha experimentava vivo desejo de voltar ao mosteiro, para ir ter com o “ilustre” moribundo, mas a necessidade de ver Dimítri venceu–o; o pressentimento de uma catástrofe iminente crescia em seu espírito. De que natureza ela era, o que ele queria dizer agora a seu irmão, ele

mesmo não tinha ideia nítida. “Que meu benfeitor morra sem mim! Pelo menos, não me censurarei toda a minha vida por não ter salvo alguém, quando talvez pudesse fazê–lo, ter passado além na pressa de regressar à casa. Aliás, obedeço assim à vontade dele…”

Seu plano consistia em surpreender Dimítri de improviso. Eis como: escalando a cerca, como na véspera, penetraria no jardim e se instalaria no pavilhão. “Se ele não estiver lá, sem nada dizer a Fomá nem às proprietárias, ficarei oculto, a esperar até a noite. Se Dimítri ainda está tocaiando ali a vinda de Grúchenhka, virá provavelmente ao pavilhão… “Aliás, Aliócha não se deteve em detalhes do plano, mas resolveu executá–lo, embora devesse não voltar ao mosteiro naquele dia.

Tudo se passou sem obstáculo; transpôs a cerca quase no mesmo lugar que na véspera e dirigiu–se secretamente para o pavilhão. Não desejava ser notado; as proprietárias, bem como Fomá (se estivesse lá) poderiam ficar do lado de seu irmão e conformar–se com suas instruções, portanto não deixar Aliócha entrar no jardim ou advertir Dimítri, a tempo, de sua presença. Sentou no mesmo lugar e se pôs à espera; o dia era tão belo como o anterior, mas o pavilhão pareceu–lhe mais arruinado do que na véspera. O pequeno copo de conhaque deixara um círculo sobre a mesa verde. Ideias ociosas vinham–lhe ao espírito, como acontece sempre por ocasião de uma espera aborrecida: por que ele sentara precisamente no mesmo lugar e não em outro? A tristeza invadia–o, proveniente duma vaga inquietação. Esperava havia um quarto de hora apenas, quando ressoaram perto os acordes de uma guitarra. Provinha das moitas a uns vinte passos quando muito. Aliócha lembrou–se de ter entrevisto na véspera, perto do tapume, à esquerda, um velho banco rústico e verde, entre os arbustos. Era dali que partiam os sons. Uma voz masculina cantava em falsete, acompanhando–se da guitarra:

Uma força pertinaz
À amada preso me traz,
Senhor, tende piedade,
Dela e de mim!
Dela e de mim!

A voz parou: voz de tenorino com floreios de lacaio. Uma voz de

mulher, cariciosa e tímida, proferiu, afetadamente:

— Por que você é visto tão raramente, Páviel Fiódorovitch, por que se esquece de nós?

— Nada disso — respondeu a voz de homem, com uma dignidade firme, se bem que cortês. Via–se que era o homem quem dominava, que a mulher o cortejava. “Deve ser Smierdiákov — pensou Aliócha —, a julgar pela voz pelo menos. A mulher é decerto a filha da dona da casa, a que voltou de Moscou e vai de vestido de cauda tomar sopa em casa de Marfa Ignátievna…”

— Adoro os versos, quando são harmoniosos — prosseguiu a voz feminina. — Continue.

A voz voltou a cantar:
Pouco me importa a coroa,
Se minha amada está boa,
Senhor, tende piedade,
Dela e de mim!
Dela e de mim!

— Da outra vez, era bem melhor — observou a mulher. — Você cantava, a propósito da coroa: “Se meu benzinho está bem.” Era mais terno.

— Versos são frioleiras! — cortou Smierdiákov.

— Oh! não, adoro os versos.

— Os versos! Não há nada de mais tolo. Julgue você mesma; será que a gente fala rimando? Se falássemos todos rimando, mesmo por ordem das autoridades, isso duraria muito tempo? Os versos não são coisa séria, Maria Kondrátievna.

— Como você é inteligente! Onde aprendeu tudo isso? — continuou a voz, cada vez mais cariciosa.

— Saberia muito mais, se a sorte não me tivesse sido sempre contrária. Teria matado em duelo aquele que me chamasse de vilão, porque não tenho pai e nasci duma fedorenta.[50] Eis o que me lançaram em rosto, em Moscou, onde souberam disto por Grigóri

Vassílievitch. Ele me censura por eu me revoltar contra meu nascimento: “Tu lhe rompeste as entranhas”. Pois seja, mas teria preferido que me matassem no ventre de minha mãe, a ter nascido. Dizia–se no mercado — e sua mãe me contou isso com sua falta de delicadeza — que a cabeça de minha mãe era ninho de galinha e que tinha de altura apenas dois *archini* e pico. Por que dizer “e pico”, quando podiam ter dito, como toda gente costuma dizer, simplesmente: “e um pouco mais”? Essa é uma maneira boba de falar, muito própria de gente rústica. O mujique pode falar direito diante de um homem culto? Por efeito de sua incultura, não possui senso nenhum do bem falar. Eu, desde menino, sempre que ouvia esse “e pico”, tinha vontade de dar cabeçadas na parede. Detesto tudo quanto é russo, Maria Kondrátievna.

— Se você fosse um cadete ou um jovem hussardo, não falaria assim, mas tiraria seu sabre em defesa da Rússia.

— Não somente não desejaria ser hussardo, Maria Kondrátievna, mas desejo, pelo contrário, a supressão de todos os soldados.

— E se o inimigo vier, quem nos defenderá?

— De que servirá? Em 1812, a Rússia viu a grande invasão do imperador dos franceses, Napoleão I, pai do atual,[51] e bom teria sido se os franceses nos tivessem conquistado; uma nação inteligente teria subjugado um povo estúpido, anexando–o. Tudo teria marchado de outra maneira.

— Quer dizer com isso que eles valem mais do que nós? Pois eu não trocaria um de nossos elegantes por três ingleses jovens — declarou com voz terna Maria Kondrátievna, acompanhando (provavelmente) suas palavras com o olhar mais langoroso.

— Isto depende dos gostos.

— Você parece um estrangeiro entre nós, o mais nobre estrangeiro, digo–o sem nenhuma vergonha.

— Para falar a verdade, no que diz respeito à corrupção, as pessoas de lá e as de cá se assemelham. Todos uns velhacos, com esta

diferença: o estrangeiro anda de botas envernizadas, ao passo que o nosso tratante nacional vive de cócoras na sua miséria e não se queixa. É preciso fustigar o povo russo, como o disse ontem com razão Fiódor Pávlovitch, muito embora ele e seus filhos não passem de uns loucos.

— Você respeita muito Ivan Fiódorovitch, você mesmo o disse.

— Mas tratou–me de lacaio fedorento. Toma–me por um revoltado, no que se engana. Se eu tivesse algum dinheiro, desde muito haveria fugido daqui. Dimítri Fiódorovitch é pior que um lacaio, pela sua conduta e pela sua inteligência; é um balaio furado, um bom para nada e, no entanto, o respeitam. Eu não passo de um queima panelas, admitamos, mas, com sorte, poderia abrir um café–restaurante em Moscou, na Rua de São Pedro. Porque, com efeito, preparo pratos especiais e nenhum de meus colegas, em Moscou, é capaz disso, exceto os estrangeiros. Dimítri Fiódorovitch é um vagabundo, mas se provocar a duelo um filho de conde, não se recusará ele a comparecer ao terreno. Ora, que tem ele mais do que eu? É infinitamente mais estúpido. Quanto dinheiro já não gastou, sem mais nem menos?

— Isto de duelo deve ser coisa muito interessante — insinuou Maria Kondrátievna.

— Como assim?

— É espantoso, tal bravura, sobretudo quando jovens oficiais trocam balas por causa de uma mulher. Que quadro! Ah! se as mulheres pudessem assistir a isso… Eu gostaria tanto…

— É bonito quando se presencia, mas quando o alvo é a garganta da gente, a impressão não é nada agradável. Você sairia a correr, Maria Kondrátievna.

— E você, fugiria também?

Smierdiákov não se dignou responder. Depois, de uma pausa, novo acorde soou e a voz de falsete entoou a derradeira copla:

Por mais esforços que façam,
Ninguém aqui me retém,

Vou gozar a minha vida,
Vou viver na capital,
E não hei de lamentar–me,
Não, não me lamentarei…

Nesse momento sobreveio um incidente. Aliócha espirrou; o silêncio se fez no banco. Ficou em pé e marchou para o lado deles. Era com efeito Smierdiákov, trajado com todo o apuro, empomadado, creio que até mesmo de cabelos frisados e de botinas envernizadas. Trazia sua guitarra ao lado. A mulher era Maria Kondrátievna, a filha da proprietária, moça nada feia, mas de rosto demasiado redondo, semeado de sardas; trazia um vestido azul claro, com uma cauda de dois *archini*.

— Meu irmão Dimítri tardará a chegar? — perguntou Aliócha; com o tom mais calmo possível.

Smierdiákov levantou lentamente; sua companheira imitou–o.

— Como posso eu saber das idas e vindas de Dimítri Fiódorovitch? Seria diferente se fosse eu seu guardião — respondeu tranquilamente Smierdiákov, com um matiz de desdém.

— Perguntava simplesmente se você sabia.

— Ignoro onde ele se encontra e nem quero saber.

— Meu irmão me disse que você o informava de tudo quanto se passa na casa e lhe havia prometido anunciar–lhe a chegada de Agrafiena Alieksándrovna.

Smierdiákov, impassível, ergueu os olhos para Aliócha.

— Como fez para entrar? Há já uma hora que a porta foi aferrolhada.

— Ora, escalei a cerca. Espero que me desculpe (dirigia–se a Maria Kondrátievna), estava com pressa de ver meu irmão.

— Ah! nada há que desculpar! — murmurou a jovem, lisonjeada. — Dimítri introduz–se muitas vezes dessa maneira no pavilhão; já está instalado, antes que a gente o tenha visto.

— Estou à sua procura, gostaria muito vê–lo. Não poderia me dizer onde ele se encontra neste momento? É para um negócio sério que lhe diz respeito.

— Ele não nos diz para onde vai — balbuciou a moça.

— Mesmo aqui, em casa de meus conhecidos, seu irmão me perseguia com perguntas a respeito de meu amo — disse Smierdiákov. — Que se passa em casa dele, quem entra, quem sai, se não tenho nada a comunicar–lhe? Por duas vezes ameaçou matar–me.

— Será possível? — admirou–se Aliócha.

— Pensa que ele se constrangeria, com o caráter que tem? O senhor mesmo pode julgar por ontem. “Se não conseguir apanhar Agrafiena Alieksándrovna e ela passar a noite em casa do velho, não respondo pela tua vida”, disse–me ele. Tenho muito medo e, se ousasse, deveria denunciá–lo às autoridades. Deus sabe do que é ele capaz.

— Um dia destes, disse–lhe: “Eu te pilaria num pilão” — acrescentou Maria Kondrátievna.

— Talvez isso não passe de palavras soltas… — observou Aliócha. — Se eu pudesse vê–lo, falaria com ele a este respeito.

— Eis tudo quanto posso comunicar–lhe — disse Smierdiákov, depois de ter refletido. — Venho frequentemente aqui como vizinho. Por que não? Por outra parte, Ivan Fiódorovitch mandou–me hoje bem cedo à casa de Dimítri Fiódorovitch, na Rua do Lago, para dizer–lhe que fosse sem falta jantar com ele no botequim da praça. Fui lá, mas não o encontrei; já eram oito horas. “Ele veio e depois partiu”, disse–me textualmente o dono da casa. Pareciam ter combinado isso. Neste momento, talvez esteja à mesa com Ivan Fiódorovitch, porque este não voltou para jantar; quanto a Fiódor Pávlovitch, há já uma hora que jantou e agora faz a sesta. Mas rogo–lhe instantemente que não revele nada disso, ele seria capaz de matar–me por uma bagatela.

— Meu irmão Ivan marcou encontro com Dimítri no botequim, hoje? — insistiu Aliócha.

— Sim.

— No botequim *A Capital*, na praça?

— Precisamente.

— É bem possível! — exclamou Aliócha, agitado. — Agradeço–lhe, Smierdiákov, a notícia é importante, corro lá imediatamente.

— Não me atraiçoe.

— Não, vou aparecer como por acaso, fique tranquilo.

— Aonde vai então? Vou abrir–lhe a porta — gritou Maria Kondrátievna.

— Não, é mais perto por aqui. Vou transpor a cerca.

Aquela notícia impressionara Aliócha, que correu ao botequim. Não seria conveniente entrar ali com aquele seu traje, mas podia informar–se e chamar seus irmãos à escada. Assim que se aproximou do botequim, uma janela se abriu e Ivan gritou–lhe:

— Aliócha, podes entrar aqui um pouco? Eu ficaria infinitamente grato.

— Sim, mas com esta roupa…

— Estou num gabinete reservado, sobe o patamar, vou ao teu encontro.

Um instante depois, estava Aliócha sentado ao lado de seu irmão. Ivan jantava sozinho.

## III / Os irmãos fazem amizade

Na verdade, a mesa de Ivan, perto da janela, estava protegida por um simples biombo contra os olhares indiscretos. Encontrava–se ao lado do balcão, na primeira sala, em que os garçons circulavam a todo instante. Somente um velhinho, militar reformado, bebia chá num canto. Nas outras salas, ouvia–se o barulho habitual dos botequins:

chamados, garrafas que se desarrolhavam, os choques das bolas no bilhar. Um órgão fazia–se ouvir. Aliócha sabia que seu irmão não gostava dos botequins e a eles quase nunca ia. Sua presença só se explicava, pois, pela entrevista marcada com Dimítri.

— Vou mandar pedir para ti uma sopa de peixe ou outra coisa. Não vives de chá somente. — Ivan estava visivelmente encantado com a companhia de Aliócha. Acabara de jantar e tomava chá.

— De acordo, e em seguida chá, estou com fome — disse Aliócha num tom jovial.

— E doce de cerejas? Lembras–te de como gostavas dele, na tua infância, em casa de Políenov?

— Ah! lembras–te? Quero sim, ainda gosto dele.

Ivan tocou a campainha, ordenou uma sopa de peixe, chá e doces.

— Lembro–me de tudo, Aliócha. Tu tinhas onze anos e eu quinze. A camaradagem entre irmãos não é possível naquela idade, com quatro anos de diferença. Não sei mesmo se gostava de ti. Nos primeiros anos de minha estada em Moscou, nem mesmo pensava em ti. Depois, quando lá apareceste por tua vez, encontramo–nos uma única vez, creio. Há quatro anos que vivo aqui e não temos conversado. Parto amanhã e pensava ainda há pouco nos meios de ver–te para dizer–te adeus. Chegas a propósito.

— Desejavas muito ver–me?

— Muito. Quero que aprendamos a conhecer–nos mutuamente. Em seguida, nos separaremos. Na minha opinião, vale melhor conhecermo–nos antes de separar–nos. Tenho notado como me observavas, durante esses três meses. Lia–se em teus olhos uma expectativa contínua. Não saberia tolerar isso e era o que me mantinha à distância. Afinal, aprendi a estimar–te: eis, pensava eu, um homenzinho de caráter firme. Nota que falo seriamente, embora rindo. Porque tu és firme, não és? Gosto de firmeza, por não importa qual motivo e mesmo na tua idade. Enfim, teu olhar ansioso deixou de desagradar–me, agora até o acho simpático. Parece que tens afeição

por mim, Aliócha.

— Decerto, Ivan. Dimítri diz que és um túmulo. Eu digo que és um enigma. E ainda és agora para mim, no entanto começo a compreender–te, desde esta manhã apenas.

— Que queres dizer? — disse Ivan, rindo.

— Não te zangarás, pelo menos? — perguntou Aliócha, rindo também.

— E então?

— Então, descobri que és um rapaz semelhante a todos os outros, aos vinte e três anos, um rapaz bem viçoso, bem gentilmente ingênuo, um verdadeiro fedelho, em uma palavra. Minhas palavras não te ofendem?

— Pelo contrário, estou admirado duma coincidência — exclamou Ivan, com ímpeto. — Acreditarias que desde nossa entrevista desta manhã, só penso na ingenuidade dos meus vinte e três anos, e é por isso que começas, como se o tivesses adivinhado? Sabes o que dizia a mim mesmo ainda há pouco? Se não tivesse mais fé na vida, se duvidasse duma mulher amada, da ordem universal, persuadido ao contrário de que tudo não é senão um caos infernal e maldito e eu estivesse preso aos horrores da desilusão — mesmo assim eu ainda ia querer viver. Depois de ter bebido na taça encantada, só a deixaria quando estivesse esgotada. Aliás, perto dos trinta anos, pode ser que sinta saudade dela, mesmo inacabada, e irei… não sei aonde. Mas até os trinta anos, tenho a certeza, minha mocidade triunfará de tudo, do desencanto, do desgosto de viver. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo se haveria no mundo um desespero capaz de vencer em mim esse furioso apetite de viver, inconveniente talvez; e penso que ele não existe, pelo menos antes de trinta anos. Esta sede de viver é chamada de vil por certos moralistas catarrentos e tuberculosos, sobretudo por poetas. É verdade que é um traço característico dos Karamázovi, essa sede de viver a qualquer preço; encontra–se em ti, mas por que haveria de ser vergonhosa? Há ainda muita força centrípeta em nosso planeta, Aliócha. Quer–se viver, e eu vivo, mesmo a despeito da lógica. Não creio na ordem universal, pois seja; mas amo

os brotos tenros na primavera, o céu azul, amo certas pessoas, sem saber por quê. Amo o heroísmo, no qual talvez tenha deixado de crer desde muito tempo, mas que venero por hábito. Eis que te trazem a sopa de peixe. Bom apetite. É excelente, preparam–na bem aqui. Quero viajar pela Europa, Aliócha. Sei que não encontrarei lá senão um cemitério, mas quão querido! Queridos mortos nele repousam, cada pedra atesta a vida ardente deles, sua fé apaixonada nos seus ideais, sua luta pela verdade e pela ciência. Oh! cairei de joelhos diante daquelas pedras, hei de beijá-las, derramando lágrimas. Convencido, aliás, intimamente, de que tudo aquilo não é senão um cemitério e nada mais. E não serão lágrimas de desespero, mas de felicidade. Embriago–me com meu próprio enternecimento. Gosto dos brotos tenros da primavera e do céu azul. A inteligência e a lógica não entram nisso absolutamente, é o coração que ama, é o ventre, gosta–se de suas primeiras forças juvenis… Tu compreendes alguma coisa dessa minha arenga, Aliócha? — E Ivan pôs–se a rir.

— Compreendo por demais, Ivan; seria mesmo desejável amar pelo coração e pelo ventre, como bem o disseste. Estou encantado com esse teu ardor de viver. Penso que se deve amar a vida acima de tudo.

— Amar a vida, em vez do sentido da vida?

— Decerto. Amá–la antes de raciocinar, sem lógica como dizes; só então se compreenderá o sentido dela. Eis o que entrevejo desde muito tempo. A metade de tua tarefa está realizada e adquirida, Ivan: amas a vida. Ocupa–te com a segunda parte, é a salvação.

— Estás muito apressado em salvar–me, talvez eu ainda não esteja perdido. Em que consiste essa segunda parte?

— Em ressuscitar teus mortos, que estão talvez ainda vivos. Dá–me chá. Estou satisfeito com nossa conversa, Ivan.

— Vejo que estás de veia. Gosto dessas *professions de foi*,[52] da parte de um noviço. Sim, tens firmeza, Alieksiéi. É verdade que queres deixar o mosteiro?

— Sim, meu *stáriets* me envia para o mundo.

— Então, tornaremos a ver–nos antes dos meus trinta anos, quando começar a desdenhar a taça. Nosso pai não quer renunciar a ela antes dos setenta anos, ou mesmo dos oitenta. Disse–o muito seriamente embora seja um palhaço. Agarra–se à sua sensualidade como a um rochedo… Na verdade, após os trinta anos, não há outro recurso talvez. Mas é vil entregar–se a isso até os setenta. Melhor vale cessar aos trinta. Conserva–se uma aparência de nobreza, ao mesmo tempo que se engana a si mesmo. Não viste Dimítri hoje?

— Não, mas vi Smierdiákov. — E Aliócha fez a seu irmão um relato pormenorizado de seu encontro com Smierdiákov. Ivan escutava–o com ar preocupado e insistiu sobre certos pontos.

— Rogou–me que não repetisse a Dimítri o que disse dele — acrescentou Aliócha.

Ivan franziu as sobrancelhas e pôs–se a refletir.

— Foi por causa de Smierdiákov que fechaste a cara?

— Sim. Que o diabo o carregue! Queria, com efeito, ver Dimítri; agora, é inútil… — declarou Ivan a contragosto.

— Partes deveras tão cedo, irmão?

— Sim.

— Como acabará tudo isso, entre Dimítri e nosso pai? — perguntou Aliócha, com inquietação.

— Voltas sempre a isso! Que eu posso fazer? Serei o guarda de meu irmão Dimítri? — replicou Ivan, com irritação. De repente teve um sorriso amargo. — É a resposta de Caim a Deus. Pensas nisso neste momento, talvez, hem? Mas, que diabo! Não posso, no entanto, ficar aqui para vigiá–los! Meus negócios terminaram, parto. Não vás crer que eu estava com ciúmes de Dimítri, que procurava tomar–lhe a noiva, durante estes três meses. Oh! não, tinha meus negócios. Acabaram, parto. Viste o que se passou?

— Em casa de Katierina Ivânovna?

— Decerto. Libertei–me dum só golpe. Que me importa Dimítri? Ele nada tem a ver com o caso. Eu tinha meus próprios negócios com Katierina Ivânovna. Tu mesmo sabes que Dimítri se portou como se estivesse conivente comigo. Não lhe pedi nada, foi ele mesmo quem a transmitiu a mim solenemente, com sua benção. É de causar riso. Aliócha, se soubesses como me sinto leve, atualmente! Aqui, jantando, queria pedir champanhe para celebrar minha primeira hora de liberdade. Puxa! Seis meses de servidão, quase, e, de repente, eis–me desembaraçado! Ontem ainda, não tinha a menor ideia de que era tão fácil dar tudo por acabado.

— Queres falar de teu amor, Ivan?

— Sim, do amor, se queres. Apaixonei–me por uma colegial e causávamos sofrimento um ao outro. Não pensava senão nela… e de repente tudo se desmorona. Ainda há pouco eu falava com ar inspirado, mas saí rindo às gargalhadas, acreditas nisso? É a pura verdade.

— Falas disso ainda agora com alegria — notou Aliócha, examinando o rosto radiante de seu irmão.

— Mas como eu podia saber com certeza que não a amava? Era, no entanto, a verdade. Mas quanto ela me agradava, e ainda ontem quando eu discorria! Mesmo agora, agrada–me muito, entretanto deixo–a de coração leve. Pensas talvez que banco o fanfarrão…

— Não, talvez, não fosse amor.

— Aliócha — disse Ivan, rindo —, não raciocines a respeito do amor, isto não te convém. Como te salientaste ainda há pouco! Esqueci–me de abraçar–te por isto… Quanto ela me atormentava! Era um verdadeiro dilaceramento. Oh! ela sabia que eu a amava! Era a mim que ela amava e não a Dimítri — afirmou alegremente Ivan. — Dimítri só lhe serve para torturar–se. Tudo quanto lhe disse é a verdade pura. Somente, vai precisar de talvez quinze ou vinte anos para dar–se conta de que não ama realmente a Dimítri, mas apenas a mim, a quem ela faz sofrer. Talvez mesmo não o adivinhe nunca, apesar da lição de hoje. Será melhor assim. Deixei–a para sempre. A propósito, que há com ela? Que se passou depois de minha partida?

Aliócha contou–lhe que Katierina Ivânovna tivera uma crise de nervos e delirava agora sem conhecimento.

— Não estará mentindo aquela Khokhlakova?

— Creio que não.

— É preciso saber notícias dela. Não se morre duma crise de nervos. Aliás, foi bondade de Deus conceder isso às mulheres. Não irei à casa dela. Para quê?

— Tu lhe disseste, no entanto, que ela jamais te amara.

— Foi de propósito, Aliócha. Vou pedir champanhe, bebamos à minha liberdade! Se soubesses como estou contente!

— Não, meu irmão, não bebamos, aliás sinto–me triste.

— Sim, és triste, percebi já faz muito tempo.

— Então estás decidido a partir amanhã de manhã?

— Amanhã, mas não disse de manhã… Aliás, pode ser que sim. Acreditarias que hoje jantei aqui unicamente para evitar o velho, de tal modo ele me causa aversão? Se só houvesse ele, teria partido daqui desde muito tempo. Por que te inquietas tanto com a minha partida? Temos ainda tempo daqui até lá, toda uma eternidade!

— Como, se partes amanhã?

— Que é que isso pode mesmo fazer? Teremos sempre tempo para tratar do assunto que nos interessa. Por que me olhas com espanto? Responde, por que estamos reunidos aqui? Para falar do amor de Katierina Ivânovna, do velho ou de Dimítri? Do estrangeiro? Da situação fatal da Rússia? Do Imperador Napoleão? É para isso?

— Não.

— Portanto, compreendes tu mesmo por quê. Nós outros, fedelhos, temos como tarefa resolver as questões eternas, eis nosso fim. Agora, toda a jovem Rússia só faz dissertar sobre essas questões primordiais, ao passo que os velhos se limitam às questões práticas.

Por que me olhaste durante três meses com um ar ansioso, senão para me perguntar: “Tens fé ou não tens?”. Eis o que exprimiam os teus olhares, Alieksiéi Fiódorovitch; não é verdade?

— Pode muito bem ser — concedeu Aliócha, sorrindo. — Mas não estás zombando de mim neste momento, meu irmão?

— Zombando de ti? Não haveria de querer causar pesar a meu jovem irmão, que me olhou durante três meses com tanta ansiedade. Aliócha, olha para mim: sou um menino igual a ti, com a diferença que és noviço. Como procede a juventude russa, pelo menos uma parte? Vai para um botequim de ar viciado, tal como este, por exemplo, e instala–se num canto. Esses rapazes não se conhecem e ficarão quarenta anos sem tornar a encontrar–se. Que discutem eles naqueles breves minutos? Apenas questões essenciais: se Deus existe, se a alma é imortal. Os que não creem em Deus discorrem sobre o socialismo, a anarquia, sobre a renovação da humanidade; ora, essas questões são as mesmas, mas encaradas sob outra face. E boa parte da juventude russa, a mais original, hipnotiza–se com essas questões. Não é verdade?

— Sim, para os verdadeiros russos, as questões da existência de Deus, da imortalidade da alma, ou, como dizes, as mesmas encaradas sob outra face, são primordiais, e tanto melhor assim — disse Aliócha, olhando seu irmão, com um sorriso escrutador.

— Aliócha, ser russo não é sempre uma prova de inteligência. Não há nada de mais tolo que as ocupações atuais da juventude russa. No entanto, há um adolescente russo a quem amo bastante.

— Como expuseste bem tudo isso! — disse Aliócha, rindo.

— Pois bem, dize–me por onde começar. Pela existência de Deus?

— Como queiras, podes mesmo começar pela “outra face”. Proclamaste ontem que Deus não existia. — Aliócha olhou seu irmão com um olhar penetrante.

— Disse isso ontem em casa do velho, expressamente para irritar–te. Vi teus olhos faiscarem. Mas agora estou disposto a entreter-me

seriamente contigo. Desejo entender–me contigo, Aliócha, porque não tenho amigo e quero ter um. Imagina que admito talvez Deus — disse Ivan, rindo. — Não esperavas por isto, hem?

— Sem dúvida, se não brincas neste momento.

— Vamos lá! Foi ontem, em casa do *stáriets*, que se podia achar que eu estava brincando. Sabes, meu caro, que havia um velho pecador no século XVIII que disse: "*Si Dieu n'existait pas, il foudrait l'inventer*"?[53] E, com efeito, foi o homem quem inventou Deus. E o que é espantoso, não é que Deus exista realmente, mas que essa ideia da necessidade de Deus tenha vindo ao espírito de um animal feroz e mau como o homem, tão santa, comovente e sábia é ela, tanta honra faz ao homem. Quanto a mim, renunciei desde muito tempo a perguntar a mim mesmo se foi Deus quem criou o homem, ou o homem quem criou Deus. Bem entendido, não passarei em revista todos os axiomas que os adolescentes russos deduziram das hipóteses europeias, porque o que, na Europa, é uma hipótese, torna–se logo um axioma para os ditos adolescentes, e não somente para eles, mas para seus professores, que muitas vezes se lhes assemelham. De modo que afasto todas as hipóteses: qual é, com efeito, nosso desígnio? Meu desígnio é explicar–te o mais rapidamente possível a essência de meu ser, minha fé e minhas esperanças. Assim declaro admitir Deus, pura e simplesmente. É preciso notar, no entanto, que se Deus existe, se criou verdadeiramente a terra, a fez, como se sabe, segundo a geometria de Euclides,[54] e não deu ao espírito humano senão a noção das três dimensões do espaço. Entretanto, encontraram–se, encontram–se ainda geômetras e filósofos, mesmo eminentes, para duvidar de que todo o universo e até mesmo todos os mundos tenham sido criados somente de acordo com os princípios de Euclides. Ousam mesmo supor que duas paralelas que, de acordo com as leis de Euclides, jamais se poderão encontrar na terra, possam encontrar–se, em alguma parte, no infinito. Decidi, sendo incapaz de compreender mesmo isto, não procurar compreender Deus. Confesso humildemente minha incapacidade em resolver tais questões; tenho essencialmente o espírito de Euclides: terrestre. De que serve querer, resolver o que não é deste mundo? E aconselho–te a jamais quebrar a cabeça a respeito, meu amigo Aliócha, sobretudo a respeito de Deus: existe ele ou não?

Essas questões estão fora do alcance dum espírito que só tem a noção das três dimensões. Assim, admito Deus, não só voluntariamente, mas ainda sua sabedoria, seu fim que nos escapa; creio na ordem, no sentido da vida, na harmonia eterna, na qual se pretende que nos fundiremos um dia: creio no Verbo para o qual propende o Universo que está em Deus e que é ele próprio Deus, até o infinito. Estou no bom caminho? Imagina que, em definitivo, esse mundo de Deus, eu não o aceito, e embora saiba que ele existe, não o admito. Não é Deus que repilo, nota bem, mas a criação; eis o que me recuso admitir. Explico–me: estou convencido, como uma criança, de que o sofrimento desaparecerá, que a comédia revoltante das contradições humanas se esvanecerá como uma lamentável miragem, como a manifestação vil da impotência mesquinha, como um átomo do espírito de Euclides; que no fim do drama, quando aparecer a harmonia eterna, uma revelação se produzirá, preciosa a ponto de enternecer todos os corações, de acalmar todas as indignações, de resgatar todos os crimes e o sangue vertido; de sorte que se poderá não só perdoar, mas justificar tudo quanto se passou sobre a terra. Que tudo isso se realize, seja, mas não o admito e não quero admiti–lo. Que as paralelas se encontrem sob meus olhos, verei e direi que se encontraram; e no entanto, não o admitirei. Eis o essencial, Aliócha, eis minha tese. Comecei expressamente nossa conversa duma maneira que não podia ser mais idiota, mas levei–a até minha confissão, porque é o que esperas. Não era a questão de Deus que te interessava, mas a vida espiritual de teu irmão querido. Tenho dito.

Ivan acabou sua longa tirada com uma emoção singular, inesperada.

— Mas por que começaste de “uma maneira que não podia ser mais idiota”? — perguntou Aliócha, olhando com ar pensativo.

— Em primeiro lugar, por cor local: as conversas dos russos sobre esse tema travam–se sempre idiotamente. Em seguida, a idiotice aproxima do fim e da clareza. É concisa e não faz astúcia, o espírito usa de atalhos e escapa–se. O espírito é desleal, mas há honestidade na idiotice. Quanto mais idiotamente confessar o desespero que me acabrunha, tanto melhor valerá isto para mim.

— Vais me explicar por que “não admites o mundo”?

— Decerto, não é um segredo e ia fazer isso mesmo. Meu irmãozinho, não tenho a intenção de perverter–te, nem de abalar tua fé. Sou eu antes que quereria curar–me ao teu contato — disse Ivan com o sorriso duma criança. Aliócha jamais o vira sorrir assim.

## IV / A REVOLTA

— Devo confessar–te uma coisa — começou Ivan. — Jamais pude compreender como se pode amar seu próximo. É precisamente, na minha ideia, o próximo que não se pode amar; ou somente à distância. Li, em alguma parte; a propósito de um santo, João, o Misericordioso,[55] a quem um passante faminto e transido de frio foi um dia suplicar que o aquecesse; o santo deitou–se com ele, tomou–o nos seus braços e se pôs a insuflar seu hálito na boca purulenta do infeliz, infectada por uma horrível moléstia. Estou persuadido de que fez isso com esforço, mentindo a si mesmo, num sentimento de amor ditado pelo dever e por espírito de penitência. Para que se possa amá–lo, é preciso que um homem esteja oculto; dês que ele mostra seu rosto, o amor desaparece.

— O *stáriets* Zósima falou por várias vezes disso — observou Aliócha. — Dizia também que muitas vezes, para almas inexperientes, o rosto de um homem é um obstáculo ao amor. Há, no entanto, muito amor na humanidade, um amor quase igual ao do Cristo, eu mesmo sei disso Ivan…

— Pois bem, eu, eu não sei ainda e não posso compreender; muitos estão no mesmo caso. Trata–se de saber se isso provém dos maus pendores, ou se é inerente à natureza humana. Na minha opinião, o amor do Cristo pelos homens é uma espécie de milagre impossível na terra. É verdade que ele era Deus; mas nós não somos deuses. Suponhamos, por exemplo, que eu sofro profundamente, outro não poderá jamais conhecer a que ponto sofro, porque é outro e não eu. Além do mais, é raro que um indivíduo consinta em reconhecer o sofrimento de seu próximo (como se fosse uma dignidade!). Por que isso, que pensas? Talvez porque cheiro mal, tenho o ar estúpido ou terei pisado o pé daquele senhor! Além disso, há diversos sofrimentos:

o que humilha, a fome, por exemplo, meu benfeitor quererá bem admiti–lo; mas desde que meu sofrimento se eleva, que se trata de uma ideia, por exemplo, só nela crerá por exceção porque, talvez, examinando–me, verá que não tenho o rosto que sua imaginação empresta a um homem que sofre por uma ideia. Logo cessará seus benefícios e isto sem maldade. Os mendigos, sobretudo aqueles que têm alguma nobreza, não deveriam jamais mostrar–se, mas pedir esmola por intermédio dos jornais. Em teoria, ainda, pode–se amar seu próximo, e até mesmo de longe; de perto, é quase impossível. Se, pelo menos, tudo se passasse como no palco, nos balés em que os pobres em farrapos de seda e com rendas rasgadas mendigam, dançando graciosamente, ainda seria possível admirá–los. Admirá–los, não amá–los. Mas basta, a respeito. Queria somente colocar–te no meu ponto de vista. Queria falar dos sofrimentos da humanidade em geral, mas vale mais que me limite aos sofrimentos das crianças. Meu argumento ficará reduzido à décima parte, mas é melhor assim. Perco com isso, bem entendido. Em primeiro lugar, pode–se amar as crianças de perto, mesmo sujas, mesmo feias (parece–me, no entanto, que as crianças nunca são feias). Em seguida, se não falo dos adultos, é que não somente são repelentes e indignos de ser amados, mas tem uma compensação: comeram o fruto proibido, discerniram o bem e o mal, tornaram–se "semelhantes a deuses". Continuam a comê–lo. Mas as criancinhas nada comeram e são ainda inocentes. Gostas de crianças, Aliócha? Sei que as amas e compreenderás por que só quero falar delas. Sofrem muito, também elas, sem dúvida; é para expiar a falta de seus pais que comeram o fruto; mas é o raciocínio dum outro mundo, incompreensível para o coração humano aqui embaixo. Um inocente não saberia sofrer por um outro, sobretudo um pequeno ser! Isto te surpreenderá, Aliócha, mas eu também adoro as crianças. Nota que os homens cruéis, de paixões selvagens, os Karamázovi, amam por vezes muito as crianças. Até os sete anos, as crianças diferem enormemente do homem; são como um outro ser, com outra natureza. Conheci um bandido num cárcere; durante sua carreira, quando se introduzia de noite nas casas para roubar, assassinara famílias inteiras, inclusive as crianças. No entanto, na prisão, amava–as estranhamente. Só fazia olhar as que brincavam no pátio da prisão e tornou–se amigo de um menino habituado a brincar sob sua janela… Sabes por que digo tudo isto, Aliócha? Estou com dor de cabeça e sinto–me triste.

— Estás com um ar esquisito, como se não estivesses em teu normal — observou Aliócha, com inquietação.

— A propósito, um búlgaro contava–me outrora em Moscou — continuou Ivan, como se não tivesse ouvido seu irmão — as atrocidades dos turcos e dos cherqueses em seu país: temendo um levante geral dos eslavos, incendeiam, estrangulam e violam as mulheres e crianças; pregam os prisioneiros nas paliçadas pelas orelhas, abandonam–nos assim até de manhã, depois os enforcam, etc. Compara–se por vezes a crueldade do homem com as dos animais selvagens; é uma injustiça para com estes. As feras não atingem jamais os refinamentos do homem. O tigre dilacera sua presa e a devora; não conhece outra coisa. Não lhe viria à ideia pregar as pessoas pelas orelhas, ainda mesmo que o pudesse fazer. São os turcos os que torturam crianças com um prazer sádico, arrancam os bebês do ventre materno, lançam–nos no ar para recebê–los nas pontas das baionetas, sob os olhos das mães cuja presença constitui o principal prazer. Eis outra cena que me impressionou. Pensa nisto: um bebê ainda de peito, nos braços de sua mãe trêmula, e em torno deles os turcos. Ocorre–lhes uma ideia divertida: acariciando o bebê, conseguem fazê–lo rir; depois um deles aponta–lhe um revólver bem junto ao rosto. A criança ri alegremente, estende suas mãozinhas para agarrar o brinquedo; de repente, o artista puxa o gatilho e rebenta–lhe a cabeça. Os turcos gostam muito, segundo dizem, de coisas doces.

— Meu irmão, a que vem tudo isto?

— Penso que se o diabo não existe e foi por conseguinte criado pelo homem, este deve tê–lo feito à sua imagem.

— Como Deus, então?

— Sabes muito bem usar as palavras, como diz Polônio no *Hamlet* — continuou Ivan, rindo. — Pegaste nessa frase; pois seja, isto me agrada. Mas é belo o teu Deus, se o homem O fez à sua imagem. Perguntavas ainda há pouco a que vem tudo isto? Vê, sou um diletante, um amador de fatos e anedotas; recolho–os dos jornais, anoto o que me é contado; isto já forma uma bela coleção. Os turcos nela figuram, naturalmente, com outros estrangeiros, mas tenho

também casos nacionais que os ultrapassam. Entre os russos, as varas e o chicote tem sobretudo lugar de honra; não se prega ninguém pelas orelhas, ora essa, somos europeus, mas nossa especialidade é açoitar e não se poderia privar–nos dela. Parece que essa prática desapareceu no estrangeiro, em consequência do abrandamento dos costumes, ou então porque as leis naturais proíbem que o homem açoite seu semelhante. Em compensação, existe lá como aqui um costume, a tal ponto nacional, que seria quase impossível na Rússia, muito embora se implante também entre nós, sobretudo em virtude do movimento religioso na alta sociedade. Possuo uma interessante brochura traduzida do francês, em que se conta a execução em Genebra, há cinco anos, de um assassino chamado Richard, que se converteu ao Cristianismo antes de morrer, na idade de vinte e quatro anos. Era filho natural, "dado" por seus pais, quando tinha seis anos, a pastores suíços, que o educaram para fazer dele um trabalhador. Cresceu como um pequeno selvagem, sem nada aprender; aos sete anos, mandaram–no a fazer pastar o rebanho, ao frio e à umidade, mal vestido e faminto. Aquela gente não sentia nenhum remorso ao tratá–lo assim; pelo contrário, achava que tinha direito de fazê–lo, porque lhe haviam dado Richard como uma coisa e não julgava mesmo necessário nutri–lo. O próprio Richard conta que então, como o filho pródigo do *Evangelho*, quis mesmo comer a varredura destinada aos porcos que eram engordados, mas era privado disso e batiam–lhe quando ele a roubava dos animais; foi assim que passou sua infância e sua mocidade, até que, tornando–se grande e forte, pôs–se a roubar. Aquele selvagem ganhava a vida em Genebra como jornaleiro, bebia seu salário, vivia como um monstro e acabou por assassinar um velho para roubá–lo. Foi preso, julgado e condenado à morte. Não se é sentimental naquela cidade! Na prisão, é logo cercado pelos pastores, pelos membros de associações religiosas, pelas senhoras patrocinadoras. Aprendeu a ler e a escrever, explicaram–lhe o *Evangelho* e, à força de doutriná–lo e de catequizá–lo, acabou por confessar solenemente seu crime. Dirigiu ao tribunal uma carta declarando que era um monstro, mas que o Senhor se havia dignado esclarecê–lo e enviar–lhe sua graça. Toda Genebra ficou emocionada, a Genebra filantrópica e beata. Tudo quanto havia de nobre e de bem pensante acorreu à prisão. Beijam–no, abraçam–no: "Tu és nosso irmão! Foste tocado pela graça!" Richard chora de enternecimento:

“Sim, Deus iluminou–me! Na minha infância e na minha mocidade, invejava eu a varredura dos porcos; agora, a graça tocou–me, morro no Senhor!” — “Sim, Richard, tu derramaste sangue e deves morrer. Não é culpa tua se ignoravas Deus; quando roubavas a varredura dos porcos e batiam–te por causa disso (aliás, tinhas bastante culpa porque é proibido roubar), mas derramaste sangue e deves morrer.” Enfim chega o derradeiro dia, Richard, enfraquecido, chora e só faz repetir a cada instante: “Eis o mais belo dia de minha vida, porque vou para Deus!” — “Sim — exclamam pastores, juízes e senhoras patrocinadoras —, é o mais belo dia de tua vida, porque vais para Deus!” O grupo se dirige para o cadafalso, atrás da carreta ignominiosa que leva Richard. Chega–se ao local do suplício. “Morre, irmão — gritam para Richard –, morre no Senhor, Sua graça te acompanhe.” E, coberto de beijos, o irmão Richard sobe ao cadafalso, colocam–no na guilhotina e sua cabeça cai, em nome da graça divina. — É característico. A referida brochura foi traduzida para o russo pelos luteranos da alta sociedade e distribuída como suplemento gratuito a diversos jornais e publicações, para instruir o povo. A aventura de Richard é interessante porque nacional. Na Rússia, se bem que seja absurdo decapitar um irmão pela única razão de ter–se tornado dos nossos e tê–lo tocado a graça, temos quase coisa igual. Entre nós, torturar batendo constitui uma tradição histórica, um gozo pronto e imediato. Niekrássov[56] conta num de seus poemas como um mujique bate com seu chicote nos olhos de seu cavalo. Quem já não viu isso? É bem russo. O poeta mostra que o cavalicoque sobrecarregado, atolado com sua carroça, não pode desvencilhar-se. Então o mujique bate–lhe encarniçadamente, bate sem compreender o que faz, os golpes chovem numa espécie de embriaguez. “Não podes puxar, pois puxarás assim mesmo; morre, mas puxa.” A besta sem defesa debate–se desesperadamente, enquanto seu dono açoita seus doces olhos, donde rolam lágrimas. Enfim, consegue ele desatolar–se e lá se vai tremendo, sem fôlego, num andar cambaleante, constrangido, vergonhoso. Produziu isto em Niekrássov uma impressão espantosa. Mas também não se trata apenas de um cavalo que Deus criou para ser chicoteado? Foi o que nos explicaram os tártaros que nos legaram o chicote. No entanto, pode–se também açoitar as pessoas. Um senhor culto e sua mulher sentem prazer em açoitar com varas sua filhinha de sete anos. E o papai sente–se feliz porque as varas têm espinhos. “Isto

causará mais dor assim”, diz ele. Há seres tais que se excitam a cada golpe, até o sadismo, progressivamente. Bate–se na criança um minuto, depois cinco, depois dez, sempre mais fortemente. Ela grita, afinal, já sem forças, sufoca: “Papai; meu papaizinho, tenha dó!”. O caso torna–se escandaloso e recorre–se ao tribunal. Toma–se um advogado. Há muito tempo que o povo russo chama o advogado “uma consciência que se aluga”. O defensor pleiteia em nome de seu cliente: “O caso é simples; é uma cena de família, como se veem muitas. Um pai açoitou sua filha, é uma vergonha processá–lo!”. O júri fica convencido, recolhe–se e traz um veredicto negativo. O público exulta por ver absolvido aquele carrasco. Ai! pena que eu não assistia à audiência. Teria proposto fundar uma bolsa em honra daquele bom pai de família!… Eis um belo quadro! No entanto, tenho ainda melhor, Aliócha e sempre a propósito de crianças russas. Trata–se de uma menina de cinco anos, por quem criaram aversão seu pai e sua mãe, honrados funcionários instruídos e bem educados. Repito, é um pendor especial de muitas pessoas o prazer de torturar as crianças, mas somente as crianças, Para com os outros indivíduos, esses carrascos se mostram afáveis e ternos, como europeus instruídos e humanos, mas sentem prazer em fazer as crianças sofrerem, é sua maneira de amá–las. A confiança angélica dessas criaturas sem defesa seduz os seres cruéis. Não sabem aonde ir, nem a quem se dirigir, e isto excita os maus instintos. Cada homem oculta em si um demônio: acesso de cólera, sadismo, desencadeamento de paixões ignóbeis, doenças contraídas na devassidão, ou então a gota, a hepatite, isto varia. Portanto, aqueles pais instruídos praticavam muitas sevícias na pobre menininha. Açoitavam–na, espezinhavam–na sem razão, seu corpo vivia coberto de equimoses. Imaginaram por fim um refinamento de crueldade: pelas noites glaciais, no inverno, encerravam a menina na privada, sob pretexto de que ela não pedia a tempo, à noite, para ir ali (como se, naquela idade, uma criança que dorme profundamente pudesse sempre pedir a tempo). Esfregavam–lhe os próprios excrementos na cara, e sua mãe, sua própria mãe obrigava–a a comê–los! E essa mãe dormia tranquila, insensível aos gritos da pobre criança fechada naquele lugar repugnante! Vês tu daqui, aquele pequeno ser, não compreendendo o que lhe acontece, no frio e na escuridão, bater com seus pequeninos punhos no peito ofegante e derramar lágrimas inocentes, chamando o “bom Deus” em

seu socorro? Compreendes esse absurdo, ele tem um propósito, meu amigo e meu irmão, tu, o noviço piedoso? Dizem que tudo isso é indispensável para estabelecer a distinção entre o bem e o mal no espírito do homem. Para que pagar tão caro essa distinção diabólica? Toda a ciência do mundo não vale as lágrimas das crianças. Não falo dos sofrimentos dos adultos. Eles comeram o fruto proibido, que o diabo os leve! Mas as crianças! Faço–te sofrer, Aliócha, tens ar de não estar passando bem. Queres que me detenha?

— Não, também quero sofrer. Continua.

— Ainda um pequeno quadro característico. Acabo de ler nos *Arquivos Russos* ou, em *A Antiguidade Russa*, não sei bem. Era na época mais sombria da servidão, no começo do século XIX. Viva o czar libertador! Um antigo general, com importantes relações, rico proprietário rural, vivia numa de suas propriedades da qual dependiam duas mil almas. Era um desses indivíduos (na verdade já pouco numerosos então) que, uma vez retirados do serviço militar, estavam quase convencidos de seu direito de vida e de morte sobre seus servos. Cheio de arrogância, tratava do alto seus modestos vizinhos, como se fossem parasitas e palhaços seus. Ele tinha uma centena de capatazes, todos a cavalo e uniformizados, e várias centenas de galgos. Ora, eis que um dia, um pequeno servo de oito anos, que se divertia atirando pedras, feriu na pata um daqueles cães favoritos. Vendo seu cão coxear, perguntou o general a causa. Explicaram–lhe o caso, designando o culpado. Mandou imediatamente agarrar o menino, a quem arrancaram dos braços de sua mãe e fizeram passar a noite na prisão. No dia seguinte, logo ao romper da aurora, o general, em uniforme de gala, monta a cavalo para ir à caça, cercado de seus parasitas, de seus monteiros, de seus cães, de seus capatazes. Reúne–se toda a famulagem para dar–se um exemplo e a mãe do culpado é trazida, bem como o menino. Era uma manhã de outono, brumosa e fria, excelente para a caça. O general manda que se tire toda a roupa do menino, o que foi feito. O menino tremia, louco de medo, não ousando dizer uma palavra. “Façam–no correr”, ordena o general. — “Corre! corre!”, gritam–lhe os capatazes. O menino põe–se a correr. “Cisca! Cisca!”, berra o general e açula toda a sua matilha. Os cães estraçalharam a criança diante dos olhos de sua mãe. O

general, parece, foi posto sob tutela. Pois bem, que merecia ele? Seria preciso fuzilá–lo? Fala, Aliócha.

— Sim, fuzilá–lo! — proferiu mansamente Aliócha, totalmente pálido, com um sorriso convulso.

— Bravo! — exclamou Ivan, encantado. — Se o dizes, tu, é que… Vejam só, o asceta! Tens, pois, também um diabinho no coração, Aliócha Karamázov?

— Disse uma tolice, mas…

— Sim, mas… Fica sabendo, noviço, que as tolices são necessárias ao mundo; sobre elas é que ele se funda: sem essas tolices, nada se passaria aqui na terra. Sabemos o que sabemos.

— Que sabes tu?

— Nada compreendo — prosseguiu Ivan, como em sonho —, nada quero compreender agora. Atenho–me aos fatos. Tentando compreender, altero os fatos…

— Por que me atormentas? — disse dolorosamente Aliócha. — Vais me dizer no fim?

— Decerto. Preparava–me para dizer–te. Gosto de ti e não quero abandonar–te ao teu Zósima.

Ivan calou–se um instante e seu rosto entristeceu–se de súbito.

— Escuta, limitei–me às crianças para ser mais claro. Nada disse das lágrimas humanas de que a terra está saturada, abreviando de propósito meu assunto. Confesso humildemente não compreender a razão desse estado de coisas. Os homens são os únicos culpados: tinham–lhes dado o paraíso, cobiçaram a liberdade e arrebataram o fogo do céu, sabendo que seriam infelizes; não merecem, pois, nenhuma compaixão. Segundo meu pobre espírito terrestre, sei apenas que o sofrimento existe, que não há culpados, que tudo se encadeia, tudo passa e se equilibra. São as pataratas de Euclides, eu sei, mas não posso consentir em viver baseando–me nisso. Que bem me pode fazer tudo isso? Preciso é de uma compensação, do contrário destruiria a

mim mesmo. E não uma compensação em alguma parte, no infinito, mas aqui embaixo, que eu mesmo veja. Acreditei, quero ser testemunha, e se já estou morto, que me ressuscitem; se tudo se passasse sem mim seria bastante aflitivo. Não quero que meu corpo com seus sofrimentos e suas faltas sirva unicamente para arder a serviço de alguma harmonia futura. Quero ver com meus olhos a corça dormir junto do leão, a vítima beijar seu matador. É sobre este desejo que repousam todas as religiões e eu tenho fé. Quero estar presente quando todos souberem o porquê das coisas. Mas as crianças, que farei delas? Não posso resolver essa questão. Se todos devem sofrer, a fim de concorrer com seu sofrimento para a harmonia eterna, qual o papel das crianças? Não se compreende por que deveriam sofrer, também elas, em nome da harmonia. Por que serviriam de materiais destinados a prepará–la? Compreendo bem a solidariedade do pecado e do castigo, mas ela não pode aplicar–se aos inocentinhos, e se na verdade são solidários com os malfeitos de seus pais, é uma verdade que não é deste mundo e que eu não compreendo. Um galhofeiro malicioso objetará que as crianças crescerão e terão ocasião de pecar, mas aquele menino de oito anos ainda não havia crescido e foi estraçalhado pelos cães. Aliócha, não estou blasfemando. Compreendo como estremecerá o Universo, quando o céu e a terra se unirem no mesmo grito de alegria, quando tudo quanto vive ou viveu proclamar: “Tens razão, Senhor Deus, porque Tuas vias nos são reveladas!”, quando o carrasco, a mãe, o menino, se beijarem e declararem com lágrimas: “Tens razão, Senhor Deus!”. Sem dúvida então, a luz se fará e tudo será explicado. Mas eis a dificuldade: não posso admitir tal solução. E tomo minhas providências a tal respeito, enquanto me encontro ainda aqui na terra. Acredita–me, Aliócha, pode ser que eu viva até esse momento ou que ressuscite então, e exclamarei talvez com os outros, vendo a mãe beijar o carrasco de seu filho: “Tu tens razão, Senhor Deus!”, mas será contra minha vontade. Enquanto ainda é tempo, recuso-me a aceitar essa harmonia superior. Acho que ela não vale uma lágrima de criança, daquela pequenina vítima que batia no peito e rezava ao “bom Deus”, no seu canto infecto; não as vale, porque aquelas lágrimas não foram redimidas. Enquanto assim for, não se poderá falar de harmonia. Ora, não há possibilidade de redimi–las. Os carrascos sofrerão no inferno, tu me dirás. Mas de que serve esse castigo, uma vez que as crianças tiveram também o seu inferno?

Aliás, que vale essa harmonia que comporta um inferno? Quero o perdão, o beijo universal, a supressão do sofrimento. E se o sofrimento das crianças serve para perfazer a soma das dores necessárias à aquisição da verdade, afirmo desde agora que essa verdade não vale tal preço. Não quero que a mãe perdoe ao carrasco, não tem esse direito. Que lhe perdoe seu sofrimento de mãe, mas não o que sofreu seu filho estraçalhado pelos cães. Ainda mesmo que seu filho perdoasse, ela não teria o direito. Se o direito de perdoar não existe, que vem a tornar–se a harmonia? Há no mundo um ser que tenha esse direito? Por amor pela humanidade que não quero essa harmonia. Prefiro conservar meus sofrimentos não redimidos e minha indignação persistente, mesmo se não tivesse razão! Aliás, deram realce excessivo a essa harmonia, a entrada custa demasiado caro para nós. Prefiro entregar meu bilhete de entrada. Como homem de bem, tenho mesmo obrigação de devolvê–lo o mais cedo possível. É o que faço. Não recuso admitir Deus, mas muito respeitosamente devolvo–lhe meu bilhete.

— Mas isto é revolta — disse mansamente Aliócha, de olhos baixos.

— Revolta? Não era meu desejo ver–te empregar essa palavra. Pode–se viver revoltado? Ora, eu quero viver. Responde–me francamente. Imagina que os destinos da humanidade estejam entre tuas mãos, e que para tornar as pessoas definitivamente felizes, proporcionar–lhes afinal a paz e o repouso, seja indispensável torturar um ser apenas, a criança que batia no peito com seu pequeno punho, e basear sobre suas lágrimas a felicidade futura. Consentirias tu, nestas condições, em edificar semelhante felicidade? Responde sem mentir.

— Não, não consentiria.

— Então, podes admitir que os homens consentiriam em aceitar essa felicidade ao preço do sangue dum pequeno mártir?

— Não, não posso admiti–lo, meu irmão — declarou Aliócha, com os olhos cintilantes. — Perguntaste se existe no mundo inteiro um Ser que teria o direito de perdoar. Sim, este Ser existe, Pode tudo perdoar, a todos e por tudo, porque foi Ele quem verteu Seu sangue inocente

por todos — e por tudo. Tu O esqueceste, é Ele a pedra angular do edifício e é a Ele que se deve gritar: “Tu tens razão, Senhor Deus, porque Tuas vias nos são reveladas”.

— Ah!, sim, “o único impecável” e “Seu sangue”. Não, não O esqueci, admirava–me, pelo contrário, de que não O tivesses ainda mencionado, porque nas discussões os vossos começam habitualmente por colocá-lO à frente. Fica sabendo, mas não rias, que compus um poema, há um ano. Se puderes conceder–me ainda dez minutos, posso recitá-lo para ti.

— Escreveste um poema?

— Não — disse Ivan, rindo —, porque jamais compus dois versos sequer em minha vida. Mas sonhei esse poema e lembro–me dele. Serás meu primeiro leitor, isto é, meu ouvinte. Por que não aproveitar, tua presença? Queres?

— Sou todo ouvidos.

— Meu poema intitula–se *O grande inquisidor*, é absurdo, mas quero que o fiques conhecendo.

## V / O GRANDE INQUISIDOR

— É necessário um preâmbulo do ponto de vista literário. A ação se passa no século XVI. Sabes que nessa época era de uso fazer intervirem nos poemas as potências celestiais. Não falo de Dante. Na França, os clérigos julgadores e os monges davam representações em que se punham em cena Nossa Senhora, os anjos, os santos, o Cristo e Deus Pai. Eram espetáculos ingênuos. Em *Notre-Dame de Paris*, de Vítor Hugo, em honra ao nascimento do Delfim,[57] no reinado de Luís XI, em Paris, o povo é convidado a uma representação edificante e gratuita, *Le bon jugement de la très sainte et gracieuse Vierge Marie*.[58] Nesse mistério, aparece a Virgem em pessoa para pronunciar o seu *bon jugement*. Entre nós, em Moscou, antes de Pedro, o Grande, davam–se de tempos em tempos representações desse gênero, tiradas sobretudo do Antigo Testamento. Além disso, circulava uma porção de recitativos e de poemas em que figuravam, de acordo com as

necessidades, os santos, os anjos, o exército celeste. Nos nossos mosteiros, traduziam–se, copiavam–se esses poemas, compunham–se mesmo novos, e isto sob a dominação tártara. Por exemplo, existe um pequeno poema monástico, sem dúvida traduzido do grego: *La Vierge chez les damnés*,[59] com quadros duma audácia dantesca. A Virgem visita o inferno, guiada por São Miguel Arcanjo. Vê os condenados e seus tormentos. Entre outras, há uma categoria de pecadores num lago de fogo. Alguns afundam–se no lago e não aparecem mais; são esses "esquecidos pelo próprio Deus", expressão duma profundeza e duma energia notáveis. A Virgem, banhada em pranto, cai de joelhos diante do trono de Deus e pede perdão para todos os pecadores que viu no inferno, sem distinção. Seu diálogo com Deus é de um interesse extraordinário. Suplica, insiste, e quando Deus lhe mostra os pés e as mãos de Seu filho traspassados pelos cravos e lhe pergunta: "Como poderei eu perdoar a seus carrascos?", ordena Ela a todos os santos, a todos os mártires, a todos os anjos que caiam de joelhos com Ela e implorem o perdão para os pecadores, sem distinção. Afinal, obtém a cessação dos tormentos, cada ano, da Sexta–Feira Santa a Pentecostes, e os condenados, do fundo do inferno, agradecem a Deus e exclamam: "Senhor, Tua sentença é justa!" Pois bem! Meu pequeno poema teria sido nesse gosto, se tivesse aparecido naquela época. Deus aparece; não diz nada, só faz passar. Quinze séculos decorreram, desde que ele prometeu voltar no Seu reino, depois que Seu profeta escreveu: "Voltarei em breve. Quanto ao dia e à hora, o próprio Filho não os conhece, mas somente meu Pai que está no céu", segundo Suas próprias palavras na terra. E a humanidade o espera com a mesma fé de outrora, uma fé mais ardente ainda, porque quinze séculos se passaram desde que o céu deixou de dar testemunhos ao homem.

> Daquilo que o coração diz
> O céu não dá testemunho.

E só resta a fé no referido coração. É verdade que numerosos milagres se verificavam então; santos realizavam curas maravilhosas. A Rainha dos Céus visitava certos justos, de acordo com a biografia deles. Mas o diabo não dorme; a humanidade começou a duvidar da autenticidade daqueles milagres. Naquele momento nascia na Alemanha uma terrível heresia que negava os milagres. "Uma grande

estrela ardente como um facho caiu sobre as fontes das águas que se tornaram amargas."[60] A fé dos fiéis só fez redobrar. As lágrimas da humanidade elevam–se para Ele como outrora, aguardam-nO, amam-nO espera–se nEle como antes… Depois de tantos séculos, a humanidade reza com fervor: "Senhor Deus, dignai–vos aparecer–nos", depois de tantos séculos grita ela para Ele, Ele que quis, na sua misericórdia infinita, descer entre Seus fiéis. Outrora, já havia visitado justos, mártires, santos anacoretas, como o narram suas biografias. Entre nós, Tiútchev[61] que acreditava profundamente na verdade de suas palavras, proclamou que

> Sob o peso da cruz, esmagador,
> O Rei dos Céus, de servo disfarçado,
> Toda te percorreu, terra natal,
> O solo teu inteiro abençoando.

Mas eis que quis Ele mostrar–se por um instante pelo menos ao povo sofredor e miserável, ao povo que se arrastava no pecado, mas que O ama ingenuamente. A ação se passa na Espanha, em Sevilha, na época mais terrível da Inquisição, quando todos os dias no país ardiam as fogueiras à glória de Deus e

> Em esplêndidos atos de fé
> Queimavam–se horríveis heréticos.

Oh! não foi assim que Ele prometeu voltar no fim dos tempos, em toda a Sua glória celeste, subitamente, "como um relâmpago que brilha do Oriente ao Ocidente". Não, quis visitar Seus filhos, no lugar onde crepitavam precisamente as fogueiras dos heréticos. Na Sua misericórdia infinita, volta ao convívio dos homens sob a forma que tivera durante os três anos de sua vida pública. Ei–lo que desce para as ruas ardentes da cidade meridional, onde justamente na véspera, na presença do rei, dos cortesãos, dos cavaleiros, dos cardeais e das mais encantadoras damas da corte, o grande inquisidor mandara queimar uma centena de heréticos *ad majorem gloriam Dei*.[62] Apareceu docemente, sem se fazer notar e — coisa estranha — todos O reconheciam. Seria uma das mais belas passagens de meu poema, explicar a razão disso. Atraído por uma força irresistível, o povo comprime–se à Sua passagem e segue–Lhe os passos. Silencioso, Ele passa por entre a multidão com um sorriso de compaixão infinita. Seu

coração está abrasado de amor, Seus olhos desprendem a Luz, a Ciência, a Força, que irradiam e despertam o amor nos corações. Estende–lhes os braços, abençoa-os, uma virtude salutar emana de Seu contato e até mesmo de Suas vestes. Um velho, cego de infância, exclama em meio da multidão: “Senhor, cura–me e eu Te verei”. Uma casca cai de seus olhos e o cego vê. O povo derrama lágrimas de alegria e beija o chão sobre as marcas de Seus passos. As crianças lançam flores à Sua passagem, canta–se, grita–se: “Hosana!”. É Ele, deve ser Ele! — exclama–se. — Só pode ser Ele! Ele para no adro da catedral de Sevilha no momento em que trazem um pequeno ataúde branco no qual repousa uma menina de sete anos, a filha única de uma pessoa notável. A morta está coberta de flores.

— Ele ressuscitará tua filha — gritam na multidão para a mãe lacrimosa. O padre, que sai a receber o ataúde, olha com ar perplexo e franze o cenho. De súbito, repercute um grito, a mãe se lança aos Seus pés: “Se és Tu, ressuscita minha filha!”, e estende os braços para Ele. O cortejo para, deposita–se o caixão sobre as lajes. Ele a contempla, cheio de compaixão e sua boca profere docemente mais uma vez: *Talitha kumi*[63], e a menina se levantou. A morta levanta, senta e olha em redor de si, sorridente, com ar admirado. Tem na mão o buquê de rosas brancas que haviam depositado no caixão. No meio da turbamulta há agitação, gritam. choram. Naquele momento passa pela praça o cardeal, grande inquisidor. É um ancião quase nonagenário, de elevada estatura, de rosto dessecado, olhos cavados, mas onde luz ainda uma centelha. Não traz mais a pomposa veste com a qual se pavoneava ontem diante do povo, enquanto eram queimados os inimigos da Igreja romana. Retomara sua velha batina grosseira. Seus sombrios auxiliares e a guarda do Santo Ofício seguem–no a uma distância respeitosa. Detém–se diante da multidão e observa de longe. Viu tudo, o caixão depositado diante dEle, a ressurreição da menininha, e seu rosto ensombreceu–se. Franze suas espessas sobrancelhas e seus olhos brilham com um clarão sinistro. Aponta–O com o dedo e ordena aos guardas que O prendam. Tão grande é o seu poder e o povo está de tal maneira habituado a submeter–se, a obedecer–lhe tremendo, que a multidão se afasta imediatamente diante dos esbirros; em meio dum silêncio de morte, estes O pegam e levam-nO. Como um só homem aquele povo se inclina até o chão

diante do velho inquisidor, que o abençoa sem dizer palavra e prossegue seu caminho. O Prisioneiro é conduzido ao sombrio e velho edifício do Santo Ofício, onde O encerram numa estreita cela abobadada. O dia chega ao fim, vem a noite, uma noite de Sevilha, quente e sufocante. O ar está embalsamado do perfume de loureiros e limoeiros. Nas trevas, a porta de ferro da masmorra abre–se de repente e o grande inquisidor aparece, com um facho na mão. Está só, a porta torna a fechar–se atrás dele. Para no limiar e observa longamente a Santa Face. Por fim, aproxima–se pousa o facho sobre a mesa e diz–lhe:

— És Tu, és Tu? — Não recebendo resposta, acrescenta rapidamente: — Não digas nada, cala–Te. Aliás, que poderias dizer? Sei demais. Não tens o direito de acrescentar uma palavra mais ao que já disseste outrora. Por que vieste estorvar–nos? Porque Tu nos estorvas, bem sabes. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Ignoro quem Tu és e não quero saber: Tu ou apenas Sua aparência; mas amanhã eu Te condenarei e serás queimado como o pior dos heréticos e esse mesmo povo que hoje Te beijava os pés se precipitará amanhã, a um sinal meu para alimentar Tua fogueira. Sabes disso? Talvez — acrescenta o Velho, pensativo, com os olhos sempre fixos em seu Prisioneiro.

— Não compreendo bem o que quer isto dizer, Ivan — observou Aliócha, que escutara em silêncio. — É uma fantasia, um erro do ancião, um quiproquó estranho?

— Admite esta última suposição — disse Ivan, rindo —, se o realismo moderno te tornou a este ponto refratário ao sobrenatural. Seja como quiseres. É verdade que o meu inquisidor tem noventa anos e sua ideia pode ter–lhe desde muito tempo transtornado o espírito. Afinal, é talvez um simples delírio, o devaneio de um velho antes de seu fim, com a imaginação esquentada pelo recente auto de fé. Mas quiproquó ou fantasia, que nos importa? O que é preciso somente notar é que o inquisidor revela afinal seu pensamento, desvenda o que calou durante toda a sua carreira.

— E o Prisioneiro não diz nada? Contenta–se com olhá–lo?

— Com efeito. Só pode calar–se. O próprio ancião faz–lhe observar que Ele não tem o direito de acrescentar uma palavra às suas antigas palavras. É talvez o traço fundamental do Catolicismo romano, na minha humilde opinião: “Tudo foi transmitido por Ti ao Papa, tudo depende pois agora do Papa, não venhas estorvar–nos antes do tempo, pelo menos”. Tal é a doutrina deles, dos jesuítas, em todo o caso. Encontrei–a nos seus teólogos. “Tens Tu o direito de nos revelar um só dos segredos do mundo donde vens?”, pergunta o velho, que responde em seu lugar: “Não, não tens o direito, porque essa revelação se ajuntaria à de outrora, e isso seria retirar aos homens a liberdade que defendias tanto na terra. Todas as Tuas revelações novas feririam a liberdade da fé, porque pareceriam miraculosas; ora, Tu punhas acima de tudo, há quinze séculos essa liberdade da fé. Não disseste bem muitas vezes: “Quero tornar–vos livres”? Pois bem, viste–os, os homens “livres” — acrescenta o velho, com ar sarcástico. — Sim, isto nos custou caro — prosseguiu ele, olhando–o com severidade — mas levamos a cabo afinal aquela obra em Teu nome. Foram–nos precisos quinze séculos de rude labor para instaurar a liberdade; mas está feito, é bem feito. Não crês? Olhas–me com doçura, sem mesmo fazer-me a honra de Te indignares. Mas fica sabendo que jamais os homens se creram tão livres como agora, e, no entanto, a liberdade deles despositaram–na humildemente a nossos pés. Isto é a nossa obra, para dizer a verdade: é a liberdade que sonhavas?”

— Não compreendo de novo —, interrompeu Aliócha. — Ele ironiza, zomba?

— Absolutamente! Vangloria–se de ter, ele e os seus, suprimido a liberdade, com o objetivo de tornar os homens felizes. “Porque é agora, pela primeira vez (ele fala, bem entendido, da Inquisição), que se pode pensar na felicidade dos homens. São naturalmente revoltados; revoltados podem ser felizes? Tu estavas advertido — ele lhe diz — conselhos não Te faltaram, mas não os levaste em conta, rejeitaste o único meio de proporcionar a felicidade aos homens; felizmente, ao partires, Tu nos transmitiste a obra, prometeste, concedeste–nos solenemente o direito de ligar e desligar; decerto, não podes pensar em retirar de nós agora esse direito, Por que então vieste estorvar–nos?”

— Que significa isso: “As advertências e os conselhos não Te faltaram?” — perguntou, Aliócha.

— Mas é o ponto capital no discurso do ancião.

“O Espírito terrível e profundo, o Espírito da destruição e do nada — continua ele —, falou–te no deserto e as Escrituras relatam que ele Te ‘tentou’. É verdade? E nada se podia dizer de mais penetrante que o que Te foi dito nas três perguntas ou, para falar com as Escrituras, as ‘tentações’ que repeliste? Se jamais houve na terra um milagre autêntico e retumbante, foi o dia daquelas três tentações. O simples fato de terem sido formuladas aquelas três perguntas constitui um milagre. Suponhamos que tenham desaparecido das Escrituras, que seja preciso reconstituí–las, imaginá–las de novo para substituí–las ali, e que se reúnam para esse efeito todos os sábios da terra, homens de Estado, prelados, sábios, filósofos, poetas, dizendo–lhes: imaginai, redigi três perguntas que não somente correspondam à importância do acontecimento, mas ainda exprimam em três frases toda a história da humanidade futura acreditas, que esse areópago da sabedoria humana poderia imaginar nada de tão forte e de tão profundo como as três questões que Te propôs então o poderoso Espírito? Essas três questões provam por si sós que se tem de ver com o Espírito eterno e absoluto e não com um espírito humano transitório. Porque resumem e predizem ao mesmo tempo toda a história ulterior da humanidade, são as três formas em que se cristalizam todas as contradições insolúveis da natureza humana. Não era possível na ocasião perceber isso, porque o futuro estava velado, mas agora, após quinze séculos decorridos, vemos que tudo fora previsto naquelas três perguntas e realizou–se a ponto de ser impossível acrescentar–lhes ou retirar–lhes uma só palavra.

“Decide, pois, Tu mesmo quem tinha razão: Tu, ou aquele que Te interrogava? Lembra–Te da primeira pergunta, do sentido, senão do teor: queres ir para o mundo de mãos vazias, pregando aos homens uma liberdade que a estupidez e a ignomínia naturais deles os impedem de compreender, uma liberdade que lhes causa medo, porque não há e jamais houve nada de mais intolerável para o homem e para a sociedade! Vês aquelas pedras naquele deserto árido? Muda–as em pão e atrás de Ti correrá a humanidade, como um rebanho dócil

e reconhecido, tremendo, no entanto, no receio de que Tua mão se retire e eles não tenham mais pão.

"Mas, Tu não quiseste privar o homem da liberdade e recusaste, estimando que ela era incompatível com a obediência comprada por meio de pães. Replicaste que o homem não vive somente de pão; mas sabes que, em nome desse pão terrestre, o Espírito da terra se insurgirá contra Ti, lutará e Te vencerá, que todos o seguirão, gritando: "Quem é semelhante a esse animal? Ele nos deu o fogo do céu!". Séculos passarão e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios e de seus intelectuais que não há crimes e, por conseguinte, não há pecado; só há famintos. "Nutre–os e então exige deles que sejam virtuosos!" Eis o que se inscreverá sobre o estandarte da revolta que abaterá Teu templo. Em seu lugar subirá novo edifício, uma segunda torre de Babel, que ficará sem dúvida inacabada, como a primeira, mas Tu terias podido poupar aos homens essa nova tentativa e mil anos de sofrimento. Porque eles virão procurar-nos, depois de ter penado mil anos para construir sua torre! Vão nos procurar sob a terra como outrora, nas catacumbas onde estaremos escondidos (nos perseguirão de novo) e clamarão: "Dai–nos de comer, porque aqueles que nos tinham prometido o fogo do céu não o entregaram". Então, acabaremos a torre deles, porque para isso basta apenas o alimento, e nós os nutriremos, utilizando–nos falsamente de Teu nome, e os faremos crescer. Sem nós, estarão sempre famintos. Nenhuma ciência lhes dará pão, enquanto permanecerem livres, mas acabarão por depositá–la a nossos pés, essa liberdade, dizendo: "Reduzi–nos à servidão, contanto que nos alimenteis". Compreenderão por fim que a liberdade e o pão da terra à vontade para cada um são inconciliáveis, porque jamais saberão reparti–los entre si! Vão se convencer também de sua impotência para ser livres sendo fracos, depravados, nulos e revoltados. Tu lhes prometias o pão do céu; ainda uma vez, ele é comparável ao da terra aos olhos da fraca raça humana, eternamente ingrata e depravada? Milhares e dezenas de milhares de alma vão Te seguir por causa desse pão, mas que acontecerá aos milhões e bilhões que não terão a coragem de preferir o pão do céu ao da terra? Será que só preferes os grandes e os fortes, aos quais os outros, a multidão inumerável, que é fraca, mas Te ama, só serviria de matéria explorável? Eles também nos são queridos, os seres fracos. Embora

depravados e revoltados, vão se tornar finalmente dóceis. Ficarão espantados e acreditarão que somos deuses por ter consentido, pondo–nos a comandá–los, em assumir a liberdade que os atemorizava e reinar sobre eles, de modo que ao final terão medo de ser livres. Mas lhes diremos que somos Teus discípulos e reinamos em Teu nome. Vamos enganá-los de novo, porque então não deixaremos que Te aproximes de nós. E será essa impostura que constituirá nosso sofrimento, porque será preciso que mintamos. Tal é o sentido da primeira pergunta que Te foi feita no deserto, e eis o que rejeitaste em nome da liberdade, que punhas acima de tudo. No entanto, ela ocultava o segredo do mundo. Consentindo no milagre dos pães, terias acalmado a eterna inquietação da humanidade — indivíduos e coletividade —, isto é: "Diante de quem se inclinar?". Porque não há para o homem, que fica livre, preocupação mais constante e mais ardente do que procurar um ser diante do qual se inclinar. Mas ele só quer se inclinar diante de uma força incontestada, que todos os humanos respeitem por consenso universal. Porque essas pobres criaturas vão se atormentar à procura de um culto que reúna não somente alguns fiéis, mas no qual todos juntos comunguem, unidos pela mesma fé. Porque essa necessidade da comunidade na adoção é o principal tormento de cada indivíduo e da humanidade inteira, desde o começo dos séculos. É para realizar esse sonho que os homens têm se exterminado pelo gládio. Os povos forjaram deuses e desconfiaram uns dos outros: "Abandonai vossos deuses, adorai os nossos, senão, ai de vós e de vossos deuses!". E assim será até o fim do mundo, mesmo quando os deuses tiverem desaparecido; vão se prosternar diante dos ídolos. Tu não ignoravas, Tu não podias ignorar esse segredo fundamental da natureza humana e, no entanto, repeliste a única bandeira infalível que Te ofereciam e que teria curvado sem contestação todos os homens diante de Ti, a bandeira do pão terrestre; rejeitaste–a em nome do pão do céu e da liberdade! Vê o que fizeste em seguida, sempre em nome da liberdade! Não há, repito–Te, preocupação mais aguda para o homem que encontrar o mais cedo possível um ser a quem delegar esse dom da liberdade que o infeliz traz consigo ao nascer. Mas para dispor da liberdade dos homens, é preciso dar–lhes a paz da consciência. O pão Te garantia o êxito; o homem se inclina diante de quem lhe dá, porque é uma coisa incontestável, mas se um outro se torna senhor da consciência

humana, largará ali mesmo o Teu pão para seguir aquele que cativa sua consciência. Nisto Tu tinhas razão, porque o segredo da existência humana consiste não somente em viver, mas ainda em encontrar um motivo de viver. Sem uma ideia nítida da finalidade da existência, o homem prefere renunciar a ela e se destruirá em vez de ficar na terra, embora cercado de montes de pão. Mas que aconteceu? Em lugar de Te apoderares da liberdade humana, Tu ainda a estendeste! Esqueceste–Te então de que o homem prefere a paz e até mesmo a morte à liberdade de discernir o bem e o mal? Não há nada de mais sedutor para o homem do que o livre arbítrio, mas também nada de mais doloroso. E em lugar de princípios sólidos que teriam tranquilizado para sempre a consciência humana, Tu escolheste noções vagas, estranhas, enigmáticas, tudo quanto ultrapassa a força dos homens e com isso agiste como se não os amasses, Tu, que vieras dar Tua vida por eles! Aumentaste a liberdade humana em vez de confiscá–la e assim impuseste para sempre ao ser moral os pavores dessa liberdade. Querias ser livremente amado, voluntariamente seguido pelos homens fascinados. Em lugar da dura lei antiga, o homem devia doravante, com coração livre, discernir o bem e o mal, não tendo para se guiar senão Tua imagem, mas não previas que ele repeliria afinal e contestaria mesmo Tua imagem e Tua liberdade, esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher? Gritarão por fim que a verdade não estava em Ti, de outro modo não os terias deixado numa incerteza tão angustiosa, com tantas preocupações e problemas insolúveis. Preparaste assim a ruína de Teu reino. Não acuses ninguém. Entretanto, era isso que Te propunham? Há três forças, as únicas que podem subjugar para sempre a consciência desses fracos revoltados, a saber: o milagre, o mistério, a autoridade! Tu rejeitaste todas três, dando assim um exemplo. O espírito terrível e profundo Te havia transportado ao pináculo e Te havia dito: “Queres saber se és o filho de Deus? Lança–Te daqui abaixo, porque está escrito que os anjos O sustentarão e O carregarão, e Ele não sofrerá nenhum ferimento. Saberás então se és o Filho de Deus e provarás assim Tua fé em Teu Pai”. Mas repeliste esta proposta, não Te precipitaste. Mostraste então uma altivez sublime, divina, mas os homens, raça fraca e revoltada, não são deuses! Sabias que, dando um passo, um gesto para Te precipitares; terias tentado o Senhor e perdido a fé nEle, terias Te rebentado sobre aquela terra que vinhas

salvar, para grande alegria do tentador. Mas há muitos como Tu? Podes admitir um instante que os homens teriam a força de suportar semelhante tentação? É próprio da natureza humana repelir o milagre e nos momentos graves da vida, diante das questões capitais e dolorosas, agarrar–se à livre decisão do coração? Oh! Tu sabias que Tua firmeza seria relatada nas Escrituras, atravessaria as idades e iria até as regiões mais longínquas e esperavas que, seguindo Teu exemplo, o homem se contentaria com Deus, sem recorrer ao milagre. Mas ignoravas que o homem rejeita Deus ao mesmo tempo que o milagre, porque é sobretudo o milagre que ele procura. E como não saberia passar sem ele, forja novos, os seus próprios, se inclinará diante dos prodígios de um mágico, dos sortilégios de uma feiticeira, ainda que seja um revoltado, um herege, um ímpio confesso. Tu não desceste da cruz, quando zombavam de Ti e gritavam–Te, por derrisão: "Desce da cruz e creremos em Ti". Não o fizeste, porque de novo não quiseste sujeitar o homem por meio de um milagre. Desejavas uma fé livre e não inspirada pelo maravilhoso. Tinhas necessidade de um livre amor e não dos transportes servis dum escravo aterrorizado. Aí ainda, fazias ideia demasiado alta dos homens, porque são escravos, se bem que tenham sido criados rebeldes. Vê e julga, após quinze séculos decorridos: quem elevaste até a Ti? Juro, o homem é mais fraco e mais vil do que pensavas. Ele pode, ele pode realizar o mesmo que Tu? A grande estima que tinhas por ele fez mal à compaixão. Exigiste demasiado dele. Tu, no entanto, que O amavas mais do que a Ti mesmo! Estimando–o menos, lhe terias imposto um fardo mais leve; mas em relação com Teu amor. Ele é fraco e covarde. Que importa que no presente se insurja por toda parte contra nossa autoridade e se mostre orgulhoso de sua revolta? É o orgulho de jovens escolares que se amotinaram em aula e expulsaram seu mestre. Mas a alegria dos garotos terá fim e lhes custará caro. Derrubarão os templos e inundarão a terra de sangue. Mas perceberão por fim, essas crianças estúpidas, que são apenas fracos revoltosos, incapazes de revoltar–se por muito tempo. Derramarão lágrimas bobas e compreenderão que o Criador, fazendo–os rebeldes, quis zombar deles, certamente. Gritarão contra Ele com desespero e essa blasfêmia fará com que fiquem ainda mais infelizes, porque a natureza humana não tolera a blasfêmia e acaba sempre por tirar vingança dela. Assim, a inquietação, a perturbação, a desgraça, tal a partilha dos homens,

após os sofrimentos que suportaste pela liberdade deles. Teu eminente profeta diz, na sua visão simbólica, que viu todos os participantes da primeira ressurreição e que havia doze mil para cada tribo. Para serem tão numerosos, deveriam ser mais que homens, quase deuses. Suportaram Tua cruz e a existência no deserto, nutrindo–se de gafanhotos e de raízes; decerto, podes orgulhar–Te desses filhos da liberdade, do livre amor de seu sublime sacrifício em Teu nome. Mas lembra–Te, não eram eles senão alguns milhares e quase deuses, e o resto? É falta deles, dos outros, dos fracos humanos, se não puderam suportar o que suportam os fortes? É culpada a alma fraca por não poder conter dons tão terríveis? Vieste na verdade apenas para os eleitos? Então, é um mistério, incompreensível para nós, e teremos o direito de pregá–lo aos homens, de ensinar que não é a livre decisão dos corações nem o amor que importam, mas o mistério, ao qual devem eles submeter–se cegamente, mesmo contra sua consciência. É o que temos feito. Corrigimos Tua obra baseando–a no milagre, no mistério, na autoridade. E os homens regozijaram–se por ser de novo levados como um rebanho e libertados daquele dom funesto que lhes causava tais tormentos. Tínhamos razão de agir assim, és capaz de me dizer? Não era amar a humanidade compreender sua fraqueza, aliviar seu fardo com amor, tolerar mesmo o pecado à sua fraca natureza, contanto que fosse com nossa permissão? Por que então vir entravar nossa obra? Por que guardas Tu o silêncio, fixando–me com Teu olhar penetrante e terno? É preferível que Te zangues, não quero o Teu amor, porque eu mesmo não Te amo. Por que eu haveria de dissimular isto? Sei a quem falo, Tu conheces o que tenho a dizer–Te, vejo–o nos Teus olhos. Cabe a mim esconder–Te nosso segredo? Talvez o queiras ouvir, de minha boca. Ei–lo: não estamos conTigo; mas com ele, desde muito tempo já. Há justamente oito séculos que recebemos dele esse derradeiro dom que Tu repeliste com indignação, quando ele Te mostrava todos os reinos da terra; aceitamos Roma e o gládio de César e declaramo–nos os únicos reis da terra, se bem que até agora não tenhamos tido ainda tempo de completar nossa obra. Mas de quem a culpa? Oh! o negócio está apenas começado, bem longe de ser completado e a terra terá de sofrer ainda muito, mas atingiremos nosso fim, seremos césares e então pensaremos na felicidade universal.

“Entretanto, terias podido então tomar o gládio de César. Por que

repeliste esse derradeiro dom? Seguindo esse terceiro conselho do poderoso Espírito, realizavas tudo quanto os homens procuram na terra: um senhor diante de quem inclinar–se, um guarda de sua consciência e o meio de se unirem finalmente na concórdia em uma comunidade de formigueiro, porque a necessidade da união universal é o terceiro e derradeiro tormento da raça humana. A humanidade teve sempre tendência no seu conjunto para organizar–se sobre uma base universal. Houve grandes povos de história gloriosa, mas à medida que se elevaram, sofreram mais, experimentando mais fortemente que os outros a necessidade da união universal. Os grandes conquistadores, os Tamerlão e Gengis–Cã,[64] que percorreram a terra como um furacão, encarnavam, também eles, sem ter disso consciência, essa aspiração dos povos à unidade. Aceitando a púrpura de César, terias fundado o império universal e dado a paz ao mundo. Com efeito, quem está qualificado para dominar os homens senão aqueles que lhes dominam a consciência e dispõem de seu pão? Tomamos o gládio de César e, assim fazendo, nós Te abandonamos para segui–lo. Oh! Decorrerão ainda séculos de licença intelectual, de vã ciência e de antropofagia, porque será nisto que eles acabarão, depois de ter edificado sua torre de Babel sem nós. Mas então a besta virá para nós arrastando–se, lamberá nossos pés, vão regá-los com lágrimas de sangue. E nós montaremos nela, ergueremos no ar uma taça em que estará gravada a palavra: “Mistério”. Então somente a paz e a felicidade reinarão sobre os homens. Tu Te orgulhas de Teus eleitos, mas não passam de uma elite, ao passo que nós daremos o repouso a todos. Aliás, entre esses fortes destinados a ser eleitos, quantos se cansaram por fim de esperar–Te, levaram e levarão ainda a outras partes as forças de seu espírito e o ardor de seu coração, quantos acabarão por insurgir–se contra Ti em nome da liberdade! Mas foste Tu quem a deste a eles. Nós tornamos todos os homens felizes e as revoltas e os massacres inseparáveis de Tua liberdade cessarão. Oh! Nós os persuadiremos de que não serão verdadeiramente livres senão abdicando de sua liberdade em nosso favor. Pois bem, diremos a verdade ou mentiremos? Eles próprios vão se convencer de que dizemos a verdade, porque virá a lembrança daquela servidão e daquela perturbação em que os mergulhou a Tua liberdade. A independência, o livre–pensamento, a ciência terão feito com que se desviem para um tal labirinto, posto em presença de tais prodígios, de

tais enigmas, que uns, rebeldes furiosos, destruirão a si mesmos, e os outros, rebeldes, porém fracos, multidão covarde e miserável, se arrastarão a nossos pés, gritando: “Sim, tínheis razão, somente vós possuíeis Seu segredo e nós voltamos a vós, salvai–nos de nós mesmos!”. Sem dúvida, recebendo de nós os pães, verão bem que tomamos os deles, ganhos com seu próprio trabalho, para distribuí–los, sem nenhum milagre; verão bem que não mudamos as pedras em pão; mas o que lhes causará mais prazer que o próprio pão será recebê–lo de nossas mãos! Porque se lembrarão de que outrora o próprio pão, fruto de seu trabalho, mudava–se em pedra em suas mãos, ao passo que, quando voltaram a nós, as pedras tornaram–se pão. Compreenderão o valor da submissão definitiva. E, enquanto os homens não a tiverem compreendido, serão infelizes. Quem mais contribuiu para essa incompreensão, dize–me? Quem dividiu o rebanho e dispersou–o por estradas desconhecidas? Mas o rebanho se recomporá, voltará a obedecer e será isso para todo o sempre. Então, lhe daremos uma felicidade mansa e humilde, uma felicidade adaptada a criaturas fracas como eles. Nós os persuadiremos, por fim, a não se orgulharem, porque foste Tu, elevando–os, quem os ensinou a serem orgulhosos; vamos lhes provar que são débeis, que são crianças dignas de dó, mas que a felicidade infantil é a mais deleitável. Ficarão tímidos, não nos perderão de vista e se comprimirão contra nós com medo, como uma tenra ninhada sob a asa materna. Sentirão uma surpresa medrosa e terão orgulho de toda aquela energia e inteligência que nos permitiram domar a multidão inumerável dos rebeldes. Nossa cólera fará com que tremam, a timidez vai dominá-los, seus olhos se apresentarão lacrimosos como os das crianças e das mulheres; mas, a um sinal nosso, passarão bem facilmente ao riso e à alegria, à alegria radiosa das crianças. É certo que vamos sujeitá-los ao trabalho, mas nas horas de lazer organizaremos sua vida como um brinquedo de criança, com cantos, coros, danças inocentes. Oh! permitiremos mesmo que pequem — são fracos — e nos amarão por causa disso como crianças. Vamos lhes dizer que todo pecado será redimido, se for cometido com nossa permissão; por amor é que lhes permitiremos que pequem e assumiremos o castigo de tais pecados. Vão nos amar como a benfeitores que tomam a si a carga de seus pecados perante Deus. Não terão segredo algum para conosco. De acordo com seu grau de obediência, permitiremos ou proibiremos que vivam com suas

mulheres e suas amantes, que tenham filhos ou não tenham, e eles nos escutarão com alegria. Vão nos confiar os segredos mais penosos de sua consciência, resolveremos todos os casos e eles aceitarão nossa decisão com alegria, porque ela lhes poupará a grave preocupação de resolverem eles mesmos livremente. E todos serão felizes, milhões de criaturas, exceto uns cem mil, seus diretores, exceto nós, os depositários do segredo. Os felizes chegarão a bilhões e haverá cem mil mártires encarregados do conhecimento maldito do bem e do mal. Morrerão tranquilamente, vão se extinguir mansamente em Teu nome e no outro mundo nada encontrarão senão a morte. Mas nós guardaremos o segredo; nós os ninaremos, para sua felicidade, com uma recompensa eterna no céu. Porque se houvesse outra vida, não seria decerto para criaturas como eles. Profetiza–se que voltarás para vencer de novo, cercado de Teus eleitos, poderosos e orgulhosos; diremos que eles só se salvaram a si mesmos, ao passo que nós salvamos o mundo inteiro. Dizem que a fornicadora, montada na besta e tendo nas mãos a taça do mistério, será desonrada, que os fracos se revoltarão de novo, rasgarão sua púrpura e desnudarão seu corpo 'impuro'. Eu me levantarei então e Te mostrarei os bilhões de felizes que não conheceram o pecado. E nós, que nos sobrecarregamos com seus pecados, para sua felicidade, nós nos ergueremos diante de Ti, dizendo: "Não Te tememos; também eu estive no deserto, vivi de gafanhotos e de raízes; também eu abençoei a liberdade com que gratificaste os homens e me preparava para figurar entre Teus eleitos, os poderosos e os fortes, ardendo por completar–lhes o número. Mas dominei-me e não quis servir uma causa insensata. Voltei a juntar–me àqueles que corrigiram Tua obra. Abandonei os orgulhosos, voltei aos humildes, para fazer a felicidade deles. O que Te digo vai se realizar e nosso império será erguido. Repito–Te, amanhã, a um sinal meu, verás aquele rebanho dócil trazer carvões acesos para a fogueira a que subirás, por teres vindo estorvar nossa obra. Porque se alguém mereceu mais que todos a fogueira, foste Tu. Amanhã, vou te queimar. *Dixi*."[65]

Ivan parou. Exaltara–se ao discorrer e falava com animação; ao terminar, sorriu.

Aliocha escutara em silêncio, com uma emoção extrema. Por

várias vezes, tinha querido interromper seu irmão, mas contivera–se.

— Mas… é absurdo! — exclamou, corando. — Teu poema é um elogio de Jesus e não uma censura… como querias. Quem acreditará no que dizes da liberdade? É assim que se deve compreendê–la? É essa a concepção da Igreja Ortodoxa?… É Roma, e não toda, são os piores elementos do Catolicismo, os inquisidores, os jesuítas!… Não existe personagem fantástico como o teu inquisidor. Quais são esses pecados dos outros dos quais se assume a carga? Quem são esses detentores do mistério, que se encarregam do anátema pela felicidade dos homens? Quando se viu isso? Conhecemos os jesuítas, fala–se mal deles, mas são semelhantes aos teus? De modo algum!… É simplesmente o exército romano, o instrumento da futura dominação universal, com um imperador, o pontífice romano, à sua frente… eis o ideal deles, não há aí mistério nenhum, nem tristeza sublime… A sede de reinar, a vulgar cobiça dos vis bens terrestres… uma espécie de servidão futura em que eles se tornariam proprietários de terras… eis tudo. Talvez mesmo não creiam em Deus. Teu inquisidor não passa de uma ficção…

— Para, para! — disse, rindo, Ivan. — Como te acaloras! Uma ficção, dizes? Pois seja, evidentemente. No entanto, crês verdadeiramente que todo o movimento católico dos derradeiros séculos seja apenas inspirado pela sede do poder, em vista somente dos bens terrestres? Não será o Padre Paísi quem te ensina isto?

— Não, não, pelo contrário, o Padre Paísi falou uma vez no teu mesmo sentido… mas, decerto, não disse de todo a mesma coisa — emendou Aliócha.

— Eis uma informação preciosa, apesar do teu “não de todo a mesma coisa”. Mas por que os jesuístas e os inquisidores se uniriam tendo em vista apenas a felicidade terrestre? Não se pode encontrar entre eles um só mártir, presa dum nobre sofrimento e amando a humanidade? Suponhamos que entre essas criaturas sedentas somente de bens materiais seja encontrada uma só como o meu velho inquisidor, que viveu de raízes no deserto e encarniçou–se em domar seus sentidos para se tornar livre, para atingir a perfeição; no entanto, sempre amou a humanidade. De repente, vê claro, percebe que é uma

felicidade medíocre atingir a liberdade perfeita, quando milhões de criaturas permanecem para sempre desgraçadas, demasiado fracas para usar de sua liberdade, de que esses revoltados débeis não poderão jamais terminar sua torre, e de que não é para tais gansos que o grande idealista sonhou sua harmonia. Depois de ter compreendido tudo isto, meu inquisidor volta atrás e… alia–se às pessoas de espírito. Será, pois, impossível?

— Alia–se a quem, a que pessoas de espírito? — exclamou Aliócha, quase zangado. — Não têm espírito, não detêm mistérios, nem segredos… O ateísmo, eis o segredo deles. Teu inquisidor não crê em Deus.

— Pois bem, e se assim fosse? Adivinhaste, afinal. É bem isto, eis todo o segredo, mas não é um sofrimento, pelo menos para um homem como ele, que sacrificou sua vida a seu ideal no deserto e não cessou de amar a humanidade? No declínio de seus dias convence–se claramente de que somente os conselhos do grande e terrível Espírito poderiam tornar suportável a existência dos revoltados débeis, “desses seres abortados, criados por derrisão”. Compreende que é preciso escutar o Espírito profundo, esse Espírito de morte e de ruína, e para fazer isto, admitir a mentira e a fraude, conduzir cientemente os homens à morte e à ruína, enganando–os durante o caminho todo, para ocultar–lhes para onde os leva, e para que esses lastimáveis cegos tenham a ilusão da felicidade. Nota isto: a fraude em nome dAquele no qual o velho acreditou ardentemente durante toda a sua vida! Não é uma desgraça? E se de fato estiver, seja apenas uma criatura semelhante, à frente desse exército “ávido de poder em vista apenas de bens vis”, não é bastante para suscitar uma tragédia? Bem mais ainda, basta um só chefe semelhante para encarnar a verdadeira ideia diretriz do Catolicismo romano, com seus exércitos e seus jesuítas, a ideia superior. Declaro–te que estou persuadido de que esse tipo único jamais faltou entre os que estão à testa do movimento. Quem sabe se não houve talvez alguns entre os pontífices romanos? Quem sabe? Talvez aquele maldito velho, que ama tão obstinadamente a humanidade, à sua maneira, exista ainda agora em vários exemplares, e isto não por efeito do acaso, mas sob a forma de uma aliança, de uma liga secreta, organizada desde muito tempo para manter o

mistério, roubá–lo aos desgraçados e aos fracos, para torná–los felizes? Deve certamente ser assim, é fatal. Imagino mesmo que os franco–maçons tem um mistério análogo na base de sua doutrina e é por isso que os católicos odeiam os franco–maçons; veem neles uma concorrência, a difusão da ideia única, quando deve haver um só rebanho sob um só pastor. Aliás, defendendo meu pensamento, tenho o ar de um autor que não suporta tua crítica. Basta disso.

— Talvez sejas tu mesmo um franco–maçom — deixou escapar de súbito Aliócha. — Não crês em Deus — acrescentou com profunda tristeza. Parecera–lhe que seu irmão o olhava com ar zombeteiro. — Como acabou teu poema? — continuou, de olhos baixos. — Ou já se acabou?

— Queria acabá–lo assim: o inquisidor se cala, espera um momento a resposta do Prisioneiro. Seu silêncio lhe pesa. O Cativo escutou–o todo o tempo, fixando–o com Seu olhar penetrante e calmo, visivelmente decidido a não lhe dar resposta. O velho queria que Ele lhe dissesse alguma coisa, ainda mesmo palavras amargas e terríveis. De repente, o Prisioneiro aproxima–se em silêncio do nonagenário e beija–lhe os lábios exangues. É toda sua resposta. O velho estremece, seus lábios tremem, vai à porta, abre–a e diz: “Vai–te e não voltes mais… nunca mais!”. E deixa que Ele se vá pelas trevas da cidade. O Prisioneiro sai.

— E o velho?

— O beijo queima–lhe o coração, mas ele persiste na sua ideia.

— E tu estás com ele, também tu! — exclamou amargamente Aliócha.

— Que absurdo, Aliócha! É apenas um poema destituído de sentido, a obra dum fedelho estudante que jamais fez versos. Pensas que vou agora meter–me com os jesuítas, juntar–me àqueles que corrigiram Sua obra? Oh! Senhor! que me importa? Já te disse: assim que atingir os meus trinta anos, quebrarei a taça.

— E os brotos tenros, os túmulos queridos, o céu azul, a mulher amada? Como viverás, qual será teu amor por eles? — exclamou

Aliócha, cheio de dor. — Pode–se viver com tanto inferno no coração e na cabeça? Sim, vais juntar–te a eles… se não, tu te suicidarás, desesperado.

— Há em mim uma força que resiste a tudo! — declarou Ivan, com um frio sorriso.

— Qual?

— A dos Karamázovi… a força que eles haurem de sua baixeza.

— Quer dizer mergulhar na corrupção, perverter sua alma, não é?

— Poderia ser isso também… Talvez escape a isso até os trinta anos e depois…

— Como poderás escapar a isso? É impossível, com tuas ideias.

— Também karamazovianas!

— Quer dizer que “tudo é permitido”, não é?

Ivan franziu o cenho e empalideceu estranhamente.

— Ah! apanhaste ao voo aquela frase de ontem que tanto ofendeu Miúsov… que Dimítri repetiu tão ingenuamente. Pois seja, “tudo é permitido”, já que se disse isto. Não me retrato. Aliás, Mítia formulou–a bastante bem.

Aliócha examinava–o em silêncio.

— Na véspera de partir, meu irmão, pensava que tinha só a ti no mundo, mas vejo agora que, mesmo em teu coração, não há mais lugar para mim, meu caro eremita. Não renegarei esta fórmula de que “tudo é permitido” e serás tu então que me renegarás, não é?

Aliócha aproximou–se dele e beijou–lhe suavemente os lábios.

— É um plágio! — exclamou Ivan, de súbito exaltado. — Tiraste isto de meu poema. Agradeço–te, no entanto. É tempo de partir. Aliócha, para ti e para mim.

Saíram. No patamar, pararam.

— Escuta, Aliócha — disse Ivan num tom firme —, se posso ainda amar os brotos primaveris, será graças à tua lembrança. Será suficiente saber que estás aqui, em alguma parte, para retomar gosto pela vida. Estás contente? Se quiseres, toma isto como uma declaração de amizade. Agora, sigamos cada qual para seu lado. E chega, entendes–me? Quer dizer que, se não partir amanhã (o que não é provável) e nos encontrarmos de novo, nem uma palavra a respeito dessas questões. Peço formalmente. E quanto a Dimítri, rogo–te também que não me fales mais dele, nunca mais. O assunto está esgotado, não? Em troca, prometo–te, aos trinta anos, quando eu quiser "atirar minha taça", voltar a conversar ainda contigo, onde quer que te aches, ainda que eu esteja na América. Estarei muito interessado então em ver o que te tornaste. Eis uma promessa solene, com efeito. Nós nos despedimos por dez anos, talvez. Vai ter com teu *Pater seraphicus*, que está morrendo; se morresse em tua ausência, haverias de ficar zangado comigo porque te retive. Adeus; beija–me ainda uma vez, e agora vai–te.

Ivan afastou–se e seguiu seu caminho sem olhar para trás. Assim também Dimítri partira na véspera, em condições muitíssimo diversas, é verdade. Essa observação estranha atravessou como uma flecha o espírito entristecido de Aliócha. Ficou alguns instantes a acompanhar seu irmão com o olhar. De repente, percebeu, pela primeira vez, que Ivan gingava ao andar e que tinha, visto de costas, o ombro direito

mais baixo que o outro. Mas de súbito Aliócha deu meia volta e dirigiu–se, quase correndo, para o mosteiro. A noite caía; estava inquieto, invadido por um pressentimento indefinível. Como na véspera, o vento elevou–se e os pinheiros centenários rugitavam lugubremente, quando entrou no bosque do eremitério. Corria quase. "*Pater seraphicus*, donde tirara ele esse nome? Ivan, pobre Ivan, quando tornarei a ver–te?… Aqui está o eremitério, Senhor! Sim, é ele, o *Pater seraphicus*, que me salvará… dele para sempre!"

Várias vezes, mais tarde, admirou–se de ter podido, após a partida de Ivan, esquecer–se tão totalmente de Dimítri, a quem prometera a si mesmo, naquela manhã mesma, procurar e descobrir, embora tivesse de passar a noite fora do mosteiro.

## VI / Onde reina ainda a obscuridade

Por seu lado, depois de ter deixado Aliócha, dirigiu–se Ivan Fiódorovitch à casa de seu pai. Coisa estranha, sentiu de repente uma ansiedade intolerável, que aumentava à medida que se aproximava da casa. Não era a sensação que lhe causava espanto, mas a impossibilidade de defini–la. Conhecia a ansiedade por experiência e não o surpreendia senti–la naquele momento, quando, depois de ter rompido com tudo quanto o retinha naqueles lugares, ia engajar–se numa via nova e desconhecida, sempre também solitária, cheio de esperança sem finalidade, de confiança excessiva na vida, mas incapaz de precisar sua expectativa e suas esperanças. Naquele instante, se bem que apreendesse o desconhecido, não era isso que o atormentava. "Não será a aversão pela casa paterna?" — pensava ele. "Seria na verdade isso, tanto ela me repugna, muito embora lhe transponha os umbrais hoje pela derradeira vez… Mas não, não é isso. Foram talvez as despedidas com Aliócha, depois de nossa conversa. Conservei–me calado por tanto tempo, sem dignar–me falar, e eis que passo a acumular tantos absurdos." Na realidade, podia ser o despeito da inexperiência e da vaidade juvenis, a despeito de não ter revelado seu pensamento, sobretudo a uma criatura como Aliócha, de quem por certo ele esperava muito em seu foro íntimo. Sem dúvida, esse despeito existia, era fatal, mas havia outra coisa. "Estar ansioso até a náusea e não poder precisar o que quero. Não pensar, talvez…"

Ivan Fiódorovitch tentou “não pensar”, mas nada conseguiu. O que o irritava sobretudo era que aquela ansiedade tinha uma causa fortuita, exterior, ele sentia. Um ser ou um objeto obsedava–o vagamente, da mesma maneira que se tem por vezes diante dos olhos, sem que se perceba, durante um trabalho ou uma conversação animada, alguma coisa irritante até o sofrimento, até que nos vem por fim a ideia de afastar aquele objeto incômodo, muitas vezes uma bagatela: uma coisa que não está no lugar, um lenço caído no chão, um livro fora da estante, etc. De muito mau–humor, chegou Ivan à casa paterna; a quinze passos da porta ergueu os olhos e adivinhou de repente o motivo de sua perturbação.

Sentado num banco, perto do portão, o criado Smierdiákov tomava fresco. Ao primeiro olhar compreendeu Ivan que aquele Smierdiákov o incomodava e que sua alma não podia suportá–lo. Foi como um raio de luz. Ainda há pouco, quando Aliócha contava seu encontro com Smierdiákov, sentira uma sombria repulsa, e, por contragolpe, animosidade. Em seguida, durante a conversa, não pensou mais naquilo, mas, desde que se encontrou só, a sensação esquecida emergiu do inconsciente. “Será possível que esse miserável me inquiete a tal ponto?”, pensava ele, exasperado.

Com efeito, havia pouco, sobretudo nos últimos dias, tomara aversão àquele homem. Ele próprio acabara por notar aquela antipatia crescente. O que a agravava talvez, é que, no começo de sua estada entre nós, experimentava Ivan Fiódorovitch por Smierdiákov uma espécie de simpatia. Achara–o a princípio muito original e conversava habitualmente com ele, julgando–o um pouco limitado ou antes inquieto, e sem compreender o que podia mesmo atormentar constantemente aquele contemplador. Entretinham–se também com questões filosóficas, perguntando mesmo por que a luz brilhava, no primeiro dia — quando o sol, a lua e as estrelas só tinham sido criados no quarto dia — e a maneira de compreender isso. Mas em breve Ivan Fiódorovitch convenceu–se de que Smierdiákov interessava–se mediocremente pelos astros e que ele precisava de outra coisa. Manifestava um amor–próprio excessivo e ofendido. Isto desagradou bastante a Ivan e engendrou sua aversão. Mais tarde sobrevieram incidentes desagradáveis, o aparecimento de Grúchenhka, as brigas de

Dimítri com seu pai; houve barulhos. Se bem que Smierdiákov sempre falasse com agitação, não se podia nunca saber o que ele desejava para si mesmo. Alguns de seus desejos, quando os formulava involuntariamente, impressionavam pela sua incoerência. Eram constantemente perguntas, alusões que ele não explicava, interrompendo–se ou falando de outra coisa no momento mais animado. Mas o que exasperava Ivan e acabara por tornar–lhe Smierdiákov antipático era a familiaridade chocante que este lhe testemunhava cada vez mais. Não que fosse descortês, pelo contrário; mas Smierdiákov chegara a um ponto, Deus sabe por quê, em que se acreditava solidário com Ivan Fiódorovitch; exprimia–se sempre como se existisse entre eles uma aliança secreta conhecida só dos dois e incompreensível para os que os cercavam. Ivan Fiódorovitch levou muito tempo para compreender a causa de sua repulsa crescente e só muito recentemente dera–se conta disso. Queria passar irritado e desdenhoso, sem nada dizer a Smierdiákov, mas este se levantou e esse gesto revelou a Ivan Fiódorovitch seu desejo de falar–lhe em particular. Olhou–o e parou, e o fato de agir assim, em lugar de passar adiante como era sua intenção, transtornou–o. Olhava com cólera e repulsa aquela figura de eunuco, de cabelos penteados sobre as têmporas, com uma mecha levantada. O olho esquerdo piscava maliciosamente, como para dizer–lhe: “Tu não passarás, vês bem que nós, gente de espírito, temos de conversar”. Ivan Fiódorovitch estremeceu.

“Para trás, miserável! Que há de comum entre nós, imbecil?!”, quis gritar; mas em lugar dessa descompostura, e para grande assombro seu, proferiu coisa bem diversa:

— Meu pai ainda está dormindo? — perguntou, num tom resignado e, sem pensar nisso, sentou–se no banco. Um instante, quase teve medo, lembrou–se depois. Smierdiákov mantinha–se diante dele, com as mãos atrás das costas, e olhava–o com segurança, quase com severidade.

— Repousa ainda — disse, sem se apressar. (Foi ele quem me dirigiu por primeiro a palavra!) — O senhor me causa espanto — acrescentou depois de algum silêncio, os olhos baixos com afetação, brincando com a ponta de sua botina engraxada, com o pé direito para

a frente.

— Que é que te causa espanto? — perguntou secamente Ivan Fiódorovitch, esforçando–se por conter–se, mas nauseado por sentir viva curiosidade, que queria satisfazer a qualquer preço.

— Por que não vai a Tchermachniá? — perguntou Smierdiákov, com um sorriso familiar. “Deves compreender meu sorriso, se és um homem de espírito”, parecia dizer seu olho esquerdo.

— Que irei fazer em Tchermachniá? — admirou–se Ivan Fiódorovitch.

Houve um silêncio.

— Fiódor Pávlovitch rogou–lhe insistentemente — disse por fim, sem se apressar, como se não ligasse nenhuma importância à resposta dele: “Indico–te, um motivo de terceira ordem, unicamente para dizer alguma coisa”.

— Com os diabos! Fala mais claramente. Que queres? — exclamou Ivan Fiódorovitch, com cólera, tornando–se grosseiro.

Smierdiákov puxou o pé direito para junto do esquerdo, endireitou–se, sempre com o mesmo sorriso fleumático;

— Nada de sério… Era só por falar.

Novo silêncio. Ivan Fiódorovitch compreendia que devia ficar em pé, zangar–se; Smierdiákov mantinha–se diante dele e parecia esperar: “Vejamos, ficarás zangado ou não?”. Tinha pelo menos a impressão disso. Por fim, fez um movimento para levantar. Smierdiákov aproveitou a ocasião.

— Terrível situação a minha, Ivan Fiódorovitch, não sei como sair do aperto — disse com voz firme, depois do que suspirou.

Ivan tornou a sentar.

— Ambos perderam a cabeça, pareciam crianças. Falo de seu pai e de seu irmão Dimítri Fiódorovitch. Daqui a pouco, Fiódor Pávlovitch

vai levantar e perguntar–me a cada instante: “Por que ela não veio?”, até meia–noite e mesmo depois. Se Agrafiena Alieksándrovna não vier (creio que ela não tem nenhuma intenção disso), amanhã de manhã ele virá me perguntar de novo: “Por que ela não veio? Quando ela virá?”, como se fosse culpa minha! Do outro lado, é a mesma história; ao cair da noite, por vezes antes, chega seu irmão, armado: “Toma cuidado, tratante, queima–panelas, se a deixas passar sem me prevenir, serás o primeiro que vou matar!”. De manhã, quem me atormenta é Fiódor Pávlovitch, tanto que pareço também responsável perante ele pelo fato de sua dama não ter vindo. A cólera deles cresce todos os dias, a ponto de eu sonhar por vezes em suicidar–me, tal é o medo que tenho. Não espero nada de bom.

— Por que te meteste nisto? Por que te tornaste o espião de Dimítri Fiódorovitch?

— Como agir de outro modo? Aliás, não me meti em nada, se quer saber. No começo calava–me, não ousando replicar. Ele fez de mim seu servidor. Depois, são ameaças contínuas: “Eu te matarei, patife, se a deixares entrar”. Estou certo, senhor, de ter amanhã uma longa crise.

— Que crise?

— Uma crise longa, muito longa. Durará várias horas, um dia ou dois, talvez. Uma vez, durou três dias, nos quais fiquei sem conhecimento. Caíra do celeiro. Fiódor Pávlovitch mandou chamar Herzenstube, que prescreveu gelo sobre o crânio, depois outro remédio. Estive à morte.

— Mas dizem que é impossível prever as crises de epilepsia. Como podes saber que será amanhã? — perguntou Ivan Fiódorovitch com uma curiosidade a que se misturava cólera.

— É verdade.

— Além do mais, tinhas caído do celeiro daquela vez.

— Poderei cair amanhã, porque subo lá todos os dias. Se não for no celeiro, cairei na adega. Vou lá também todos os dias.

Ivan examinou–o longamente.

— Tu tramas alguma coisa que não compreendo bem — disse ele em voz baixa, mas com ar ameaçador. — Não terás a intenção de simular uma crise por três dias?

— Se eu pudesse simular — não passa de um brinquedo, quando se tem experiência — teria plenamente o direito de recorrer a esse meio para salvar minha vida, porque quando estou nesse estado, até mesmo se Agrafiena Alieksándrovna chegasse, seu irmão não poderia exigir contas a um doente. Teria vergonha.

— Com os diabos! — exclamou Ivan Fiódorovitch, com as feições contraídas pela cólera. — Por que tens de temer sempre pela tua vida? As ameaças de Dimítri são falas de um homem furibundo e nada mais. Matará alguém, mas não tu.

— Ele me mataria como a uma mosca, a mim em primeiro lugar. Receio ainda mais passar por seu cúmplice, se ele atacasse loucamente seu pai.

— Por que te acusariam de cumplicidade?

— Porque lhe revelei um segredo… os sinais.

— Que sinais? Que o diabo te leve! Fala claramente.

— Devo confessar — disse arrastadamente Smierdiákov, com ar doutoral —, temos um segredo, Fiódor Pávlovitch e eu. O senhor sabe sem dúvida que desde alguns dias ele se tranca com ferrolho assim que chega a noite. Nestes tempos, o senhor regressa cedo, sobe imediatamente para seus aposentos, ontem mesmo nem chegou a sair, de modo que ignora talvez com que cuidado ele se embarricava. Se Grigóri Vassílievitch chegasse, ele só lhe abriria a porta depois de reconhecer–lhe a voz. Mas Grigóri Vassílievitch não vem, porque sou eu somente que sirvo nos aposentos de seu pai — decidiu ele assim desde aquela intriga com Agrafiena Alieksándrovna; de acordo com suas instruções, passo a noite no pavilhão; até meia–noite devo montar guarda, vigiar o pátio para o caso de ela vir; desde alguns dias a espera o torna louco. Eis seu raciocínio. “Dizem que ela tem medo

dele (de Dimítri Fiódorovitch, entende–se), portanto virá de noite pelo pátio; fica de vigia lá até depois de meia–noite. Assim que ela chegar lá, corre a bater na porta ou na janela no jardim, duas vezes de leve, assim, depois três vezes mais depressa, toc, toc, toc. Então compreenderei que é ela e te abrirei devagarinho a porta.” Deu–me outro sinal para os casos extraordinários, primeiro, dois golpes depressa, toc, toc, depois, após um intervalo, uma vez forte. Compreenderá que há novidade e me abrirá e eu farei meu relatório. Isto no caso em que viessem de parte de Agrafiena Alieksándrovna, ou se Dimítri Fiódorovitch chegasse, a fim de assinalar sua aproximação. Ele tem muito medo e mesmo se estivesse trancado com sua beldade e o outro chegasse, sou obrigado a informá–lo disso imediatamente, dando três pancadas. O primeiro sinal, cinco pancadas, quer pois dizer: “Agrafiena Alieksándrovna chegou”; o segundo, três pancadas, significa: “Negócio urgente.” Fez–me ensaiar várias vezes. E como ninguém no mundo conhece esses sinais, exceto ele e eu, abrirá para mim sem hesitar, nem chamar (receia muito fazer barulho). Ora, Dimítri Fiódorovitch está ao corrente desses sinais.

— Por quê? Foste tu que lhe transmitiste? Como ousaste?

— Tinha medo. Podia eu guardar o segredo? Dimítri Fiódorovitch insistia cada dia: “Tu me enganas, tu me ocultas alguma coisa! Vou te quebrar as pernas!”. Falei para provar–lhe minha submissão e persuadi–lo de que não o engano, bem pelo contrário.

— Pois bem, se pensas que ele quer entrar por meio desse sinal, impede–o!

— E se eu tiver minha crise, como impedirei, admitindo que ouse? Ele é tão violento!

— Que o diabo te carregue! Por que estás tão certo de ter uma crise amanhã? Zombas de mim!

— Não me permitiria; aliás, não é momento para riso. Pressinto que terei uma crise, basta o medo para provocá–la.

— Se estiveres deitado, será Grigóri quem velará. Previne–o, ele o impedirá.

— Não ouso revelar os sinais a Grigóri Vassílievitch, sem a permissão do patrão. Aliás, Grigóri Vassílievitch está doente desde ontem e Marfa Ignátievna prepara–se para cuidar dele. É bastante curioso: ela conhece e tem de reserva uma infusão fortíssima, feita de certa erva, é um segredo. Três vezes por ano, dá esse remédio a Grigóri Vassílievitch, quando tem ele seu lumbago e fica como que paralítico. Pega ela um guardanapo embebido desse licor e esfrega–lhe com ele as costas uma meia hora, até que lhe fique a pele avermelhada e até mesmo inchada. Depois dá–lhe a beber o resto do frasco, recitando uma oração. Ela mesma toma um pouco. Não tendo ambos costume de beber, caem ali mesmo e adormecem num sono profundo que dura muito tempo. Ao despertar, Grigóri Vassílievitch está quase sempre curado, ao passo que sua mulher fica com enxaqueca. De sorte que, se amanhã Marfa Ignátievna puser seu projeto em execução, não ouvirão eles Dimítri Fiódorovitch e o deixarão entrar. Estarão dormindo.

— Que absurdo! Tudo se arranjará como de propósito: tu terás tua crise, os outros estarão adormecidos. É de acreditar–se que tens intenções… — exclamou Ivan Fiódorovitch, franzindo o cenho.

— Como poderia eu arranjar tudo isso… e para quê, quando tudo depende unicamente de Dimítri Fiódorovitch?… Se ele quiser agir, agirá, senão não irei procurá–lo para empurrá–lo para a casa de seu pai.

— Mas por que viria ele, e às ocultas ainda por cima, se Agrafiena Alieksándrovna não vem, como tu mesmo dizes? — prosseguiu Ivan Fiódorovitch, pálido de cólera. — Eu também sempre pensei que era uma fantasia do velho, que jamais aquela criatura viria aqui à casa dele. Por que, pois, Dimítri forçaria a porta? Fala, quero conhecer teu pensamento.

— O senhor mesmo sabe por que ele virá, de que adianta aqui meu pensamento? Virá ele por animosidade ou por desconfiança, se eu estiver doente, por exemplo; terá dúvidas e quererá explorar ele próprio os aposentos, como ontem de noite, ver se ela não teria entrado sem que ele o soubesse. Também sabe que Fiódor Pávlovitch preparou um grande envelope contendo três mil rublos, selado com

três sinetes e amarrado por uma fita, Escreveu de seu próprio punho: “Para meu anjo, Grúchenhka, se ela quiser vir.” Três dias depois, acrescentou: “Para minha franguinha.” Aí tem o senhor o perigo!

— Que absurdo! — exclamou Ivan Fiódorovitch fora de si. — Dimítri não irá roubar dinheiro e matar seu pai ao mesmo tempo. Ontem, teria podido matá–lo como um louco furioso por causa de Grúchenhka, mas não irá roubar.

— Ele tem extrema necessidade de dinheiro, Ivan Fiódorovitch. O senhor nem mesmo pode fazer ideia — explicou Smierdiákov com grande calma e bem nitidamente. — Aliás, ele acha que esses três mil rublos lhe pertencem e declarou–me: “Meu pai me deve justamente três mil rublos”. Além do mais, Ivan Fiódorovitch, considere isto: está ele quase certo de que Agrafiena Alieksándrovna, se o quiser, obrigará Fiódor Pávlovitch a casar–se com ela. Acho que ela não virá, mas talvez ela queira algo mais, queira tornar–se uma dama. Sei que seu amante, o comerciante Samsónov, dizia–lhe francamente que este não seria um mau negócio e ria. Ela mesma não é tola; não tem razão nenhuma para casar com um pobretão como Dimítri Fiódorovitch. Neste caso, Ivan Fiódorovitch, o senhor sabe muito bem que nem o senhor nem seus irmãos herdarão de seu pai um rublo sequer, porque se Agrafiena Alieksándrovna casar com ele, será para pôr tudo em seu nome e ficar com todos os seus capitais. Se o pai dos senhores morrer agora, receberá cada um quarenta mil rublos, até mesmo Dimítri Fiódorovitch, a quem ele detesta tanto, porque seu testamento ainda não está feito… Dimítri Fiódorovitch está ao corrente de tudo isto…

As feições de Ivan contraíram–se. Corou.

— Por que, pois — interrompeu bruscamente —, me aconselhas a partir para Tchermachniá? Que tencionavas com isso? Após minha partida, acontecerá aqui alguma coisa.

Ofegava.

— Justamente — disse num tom calmo Smierdiákov, fixando Ivan Fiódorovitch.

— Como justamente? — repetiu Ivan Fiódorovitch, procurando

conter–se, com o olhar ameaçador.

— Digo isto por compaixão pelo senhor. No seu lugar, largaria tudo… para me afastar de tal negócio — replicou Smierdiákov, com ar franco. Ambos se calaram.

— Tens cara dum chapado imbecil… e dum perfeito canalha!

Ivan Fiódorovitch levantou–se dum salto. Queria transpor a pequena porta, mas parou e voltou para Smierdiákov. Passou–se então algo de estranho: Ivan Fiódorovitch mordeu os lábios, cerrou os punhos e esteve a ponto de lançar–se contra Smierdiákov. Este percebeu isso a tempo, estremeceu e recuou. Mas nada de desagradável aconteceu, e Ivan Fiódorovitch, silencioso e perplexo, dirigiu–se para a porta.

— Parto amanhã para Moscou, se queres saber, amanhã de manhã, eis tudo! — gritou ele, com raiva, surpreendido ele mesmo por ter dito isto a Smierdiákov.

— Perfeito! — replicou este, como se já o esperasse. — Somente, talvez tenham de telegrafar–lhe para lá, caso aconteça alguma coisa.

Ivan Fiódorovitch voltou–se de novo, mas uma mudança súbita operara–se em Smierdiákov. Toda a sua familiaridade displicente desaparecera; todo o seu rosto exprimia uma atenção e uma expectativa extremas, mas tímidas e servis. “Não acrescentarás nada?”, lia–se no seu olhar fixo sobre Ivan Fiódorovitch.

— E não me chamariam também de Tchermachniá, se acontecesse alguma coisa? — vociferou Ivan Fiódorovitch, elevando a voz sem saber por quê.

— Também o avisarão em Tchermachniá… murmurou Smierdiákov, em voz baixa, sem cessar de fitar Ivan bem nos olhos.

— Somente Moscou é longe e Tchermachniá é perto; será que lamentas as despesas da viagem, que insistes por Tchermachniá, ou me lamentas por ter eu de dar uma grande volta?

— Justamente — murmurou Smierdiákov, com voz mal segura e

um sorriso vil, pronto de novo a saltar para trás. Mas, com grande surpresa sua, Ivan Fiódorovitch desatou a rir. Transposta a porta, ria ainda, Quem o tivesse observado naquele instante não teria atribuído aquele riso à jovialidade. Ele próprio não teria podido explicar o que sentia. Andava maquinalmente.

## VII / Dá gosto falar com um homem de espírito

Falava sozinho também. Encontrando Fiódor Pávlovitch no salão, gritou–lhe, gesticulando: “Subo ao meu quarto, não irei aos seus, aposentos… adeus!”, e passou, evitando olhar seu pai. Sem dúvida, sua aversão pelo velho dominou–o naquele momento, mas essa animosidade, manifestada com tal sem–cerimônia surpreendeu o próprio Fiódor Pávlovitch. Tinha evidentemente algo de urgente a dizer a seu filho e viera a seu encontro com este fim; diante daquela indelicada acolhida, calou–se e acompanhou–o com um olhar irônico até que ele desapareceu.

— Que tem ele? — perguntou a Smierdiákov, que chegava.

— Está zangado. Quem sabe por quê? — respondeu evasivamente Smierdiákov.

— Ao diabo sua zanga! Apressa–te em trazer–me o samovar e vai–te. Nada de novo?

Vieram então as perguntas de que Smierdiákov acabava de queixar–se a Ivan Fiódorovitch, referentes à visitante esperada, mas silenciamos a respeito. Meia hora mais tarde, a casa estava fechada e o velho apaixonado pôs–se a andar para lá e para cá, com o coração palpitante, aguardando o sinal convencionado. Por vezes, olhava as janelas sombrias, mas só via a noite.

Já era bastante tarde e Ivan Fiódorovitch não dormia. Meditava e só se deitou às duas horas. Não exporemos o curso de seus pensamentos; não chegou o momento de entrar naquela alma; chegará a vez dela. Seria, aliás, bastante árduo, porque não eram pensamentos, mas antes uma agitação vaga. Ele próprio sentia que perdia pé. Desejos estranhos o atormentavam; assim, depois da meia–noite,

sentiu uma vontade irresistível de descer, de abrir a porta e ir ao pavilhão dar uma surra em Smierdiákov, mas se lhe tivessem perguntado por quê, não teria podido indicar um só motivo, salvo talvez que aquele lacaio se tornara para ele odioso, como o pior ofensor que existisse. Por outra parte, uma timidez inexplicável, humilhante, invadiu–o várias vezes, paralisando suas forças físicas. Sua cabeça girava, doía–lhe. Uma sensação de ódio aguilhoava–o, como se fosse ele vingar–se de alguém. Odiava até mesmo Aliócha, lembrando–se de sua recente conversa, e, por instantes, detestava a si mesmo. Esquecera Katierina Ivânovna e admirou–se mais tarde; lembrando que na véspera, quando se gabava diante dela de partir para Moscou no dia seguinte, dizia a si mesmo: "É absurdo, não partirás e não romperás tão facilmente, fanfarrão!". Muito tempo depois, Ivan Fiódorovitch lembrou com repulsa de que naquela noite, foi de mansinho, como se temesse ser percebido, abrir a porta, saiu para o patamar e pôs–se a escutar as idas e vindas de seu pai no andar térreo; escutou por muito tempo, com estranha curiosidade, retendo sua respiração e com o coração batendo. Ele próprio ignorava por que agia assim. Toda a sua vida tratou aquele processo como indigno, considerando–o, no fundo de sua alma, o mais vil que tinha a censurar–se. Não sentia então nenhum ódio contra Fiódor Pávlovitch, mas somente uma curiosidade intensa; que ele poderia estar fazendo lá embaixo? Via–o olhando as janelas sombrias, parando de repente no meio do quarto para escutar se não batiam. Por duas vezes, saiu Ivan Fiódorovitch assim para o patamar. Cerca das duas horas, quando tudo ficou calmo, ele próprio se deitou, ávido de sono, porque se sentia extenuado. Na verdade, adormeceu profundamente, sem sonhos, e quando despertou, já era dia. Ao abrir os olhos, surpreendeu–se ao sentir uma energia extraordinária, levantou, vestiu–se à pressa e começou a arrumar sua mala. A lavadeira acabava justamente de trazer–lhe a roupa branca e ele sorriu ao pensar que nada se opunha à sua repentina partida. Era repentina, com efeito. Se bem que Ivan Fiódorovitch tivesse declarado na véspera a Katierina Ivânovna, a Aliócha, a Smierdiákov, que partia no dia seguinte para Moscou, lembrava que, ao meter–se na cama, não pensava em partir, pelo menos, não imaginava que, ao despertar, começaria a arrumar sua mala. Por fim, ela ficou pronta, bem como seu saco de viagem; eram já nove horas, quando Marfa Ignátievna veio perguntar–lhe,

como de costume: “Toma o chá em seu quarto ou vai descer?”. Desceu quase alegre, muito embora suas palavras e seus gestos traíssem certa agitação. Saudou afavelmente seu pai, perguntou mesmo pela sua saúde, mas sem esperar sua resposta declarou–lhe que partia dentro de uma hora para Moscou e pediu que preparassem cavalos. O velho escutou–o sem o menor espanto, descuidou mesmo de mostrar, por convenção, um ar aflito; em compensação, agitou–se, lembrando muito a propósito de um negócio importante para ele.

— Ah! Parece incrível! Nada me disseste ontem. Não importa, não é tarde demais. Faze–me um grande prazer, meu caro, passa por Tchermachniá. Basta dobrares à esquerda na estação de Volóvia, uma dúzia de verstas no máximo, e lá estarás.

— Desculpe–me, mas não posso; há oitenta verstas até a estação, o trem de Moscou parte às sete horas da noite, tenho o tempo justo.

— Terás muito tempo, amanhã ou depois de amanhã, mas hoje vai a Tchermachniá. Que te custa tranquilizar teu pai? Se não estivesse ocupado, teria eu mesmo ido lá desde muito tempo, porque o negócio é urgente, mas… não posso ausentar–me no momento… Vês? Possuo matas, em dois lotes, em Bieguítchev e em Diátchkino, nas charnecas. Os Máslovi, pai e filho, negociantes, só oferecem oito mil rublos pela lenha; no ano passado apresentou–se um comprador que dava doze mil, mas não é daqui, nota bem. Porque não há comprador entre os daqui. Os Máslovi, que possuem centenas de milhares de rublos, é que fazem os preços: é preciso aceitar–lhes as condições, ninguém ousa disputar com eles. Ora, o Padre Ilinski escreveu–me na quinta–feira passada noticiando–me a chegada de Górstkin, também comerciante, que eu conheço e tem a vantagem de não ser daqui, mas de Pogrébov, não temendo, portanto, os Máslovi. Oferece onze mil rublos, entendes–me? Ficará lá uma semana no máximo, escreveu–me o padreco. Irás negociar a coisa com ele…

— Escreva então ao padreco, ele se encarregará disso.

— Não saberá fazê–lo, eis a dificuldade. Esse padreco não entende nada disso. Vale seu peso em ouro, eu lhe confiaria vinte mil rublos sem recibo, mas não tem faro, é uma criança. Contudo é um erudito,

imagina só! Esse Górstkin tem o ar de um mujique, de blusa azul, mas é um perfeito tratante, eis a desgraça: mente. E por vezes a tal ponto que a gente pergunta por quê. Uma vez, contou que sua mulher tinha morrido e que ele tornara a casar; era tudo mentira; sua mulher continua viva e surra–o regularmente. Trata–se, pois, agora, de saber se ele quer comprar mesmo por onze mil rublos.

— Mas eu tampouco entendo coisa alguma dessas espécies de negócios.

— Espera, vais te sair bem, vou dar–te todos os pormenores a respeito desse Górstkin. Há muito tempo que mantenho relações de negócios com ele. Escuta lá: é preciso olhar para a barba, que ele tem, ruiva e maltratada. Quando ela se agita e ele mesmo se zanga enquanto fala, a coisa vai bem, ele fala a verdade e quer ultimar; mas se acaricia sua barba com a mão esquerda, sorrindo, é que quer enrolar–nos, trapaceia. Inútil olhar–lhe os olhos, é água turva; olha sua barba. Seu verdadeiro nome não é Górstkin, mas Liagávi;[66] mas cuida de não chamá–lo Liagávi, pois se ofenderia. Se vês que o negócio se arranja, escreve–me umas linhas. Mantém o preço de onze mil rublos. Podes baixar uns mil, mas não mais. Pensa pois, oito e onze, faz isto três mil de diferença. É para mim dinheiro achado e tenho extrema precisão dele. Se me anunciares que a coisa é séria, haverei de achar tempo para dar um pulo até lá e ultimar o negócio. Que adianta deslocar–me daqui agora, se o padre estiver enganado? Pois bem, irás ou não?

— Ah! não tenho tempo, dispense–me.

— Presta este serviço a teu pai, não me esquecerei disso. Vocês todos não têm coração. Que é para ti um dia ou dois? Aonde vais agora, a Veneza? Ela não vai desmoronar, tua Veneza. Teria bem mandado Aliócha, mas ele entende disso? Ao passo que tu, és astuto, vejo–o bem. Não és negociante de madeira, mas tens olho. Trata–se de ver se aquele homem fala seriamente ou não. Repito: olha sua barba; se ela mexer–se, é sério.

— Então, o senhor me manda mesmo a essa maldita Tchermachniá? — exclamou Ivan com um sorriso mau.

Fiódor Pávlovitch não notou ou não quis notar a maldade e reteve só o sorriso.

— Com que então, vais, não é? Vou dar–te um bilhete.

— Não sei, decidirei isso no caminho.

— Por que no caminho? Decide agora. Fechado o negócio, escreve–me duas linhas, entrega–as ao padre, que fará chegar às minhas mãos teu bilhete. Depois disso, estarás livre e poderás partir para Veneza. O pope te levará de carro à estação de Volóvia.

O velho exultava; escreveu umas linhas, mandou buscar um carro, serviu–se um pequeno almoço, conhaque. A alegria tornava–o habitualmente expansivo, mas desta vez parecia conter–se. Nem uma palavra a respeito de Dimítri Fiódorovitch. De modo algum afetado pela separação, nada achava para dizer. Ivan Fiódorovitch ficou impressionado: "Eu o aborrecia", pensava. Ao acompanhar seu filho, o velho agitou-se como se quisesse beijá–lo. Mas Ivan Fiódorovitch apressou–se em estender–lhe a mão, visivelmente desejoso de evitar o beijo. Ele compreendeu logo e parou.

— Deus te guarde! — repetiu ele do patamar. — Voltarás algum dia, não? Terei sempre prazer em ver–te! Que o Cristo esteja contigo!

Ivan Fiódorovitch subiu no *tarantás*.

— Adeus, Ivan, não me queiras mal! — gritou–lhe uma última vez seu pai.

Os criados, Smierdiákov, Marfa, Grigóri, tinham vindo dizer–lhe adeus. Ivan deu a cada um dez rublos. Smierdiákov correu a arranjar o tapete.

— Estás vendo? Vou a Tchermachniá… — deixou de súbito Ivan escapar, como contra sua vontade e com um riso nervoso. Muito tempo mais tarde lembrou disso.

— É então verdade o que se diz: dá gosto falar com um homem de espírito — replicou Smierdiákov, com um olhar penetrante.

O *tarantás* partiu a galope. O viajante estava preocupado, mas olhava avidamente os campos, os outeiros, um bando de gansos selvagens que voavam alto no céu claro. De repente, experimentou uma sensação de bem–estar. Tentou conversar com o cocheiro e interessou–se bastante por uma resposta do mujique; mas em breve percebeu que seu espírito estava em outra parte. Calou–se, respirando com delícia o ar puro e fresco. A lembrança de Aliócha e de Katierina Ivânovna atravessou–lhe o espírito; sorriu docemente, soprou os seus queridos fantasmas, que desapareceram. “Mais tarde!”, pensou. Chegaram bem depressa à estação de posta; os cavalos foram substituídos para se dirigirem a Volóvia. “Por que dá gosto falar com um homem de espírito, que queria ele dizer com isso?”, perguntou a si mesmo, de súbito. “Por que eu lhe disse que ia a Tchermachniá?”

Chegado à estação de Volóvia, Ivan desceu e foi cercado pelos cocheiros; tratou o preço para Tchermachniá, doze verstas por uma estrada vicinal. Mandou atrelar, entrou no posto, olhou a encarregada, tornou a sair para o patamar.

— Não vou mais a Tchermachniá. Terei tempo, irmãos, de chegar às sete horas à estação?

— Às suas ordens. É preciso atrelar?

— Agora mesmo. Será que um de vocês não vai amanhã à cidade?

— Mítri irá justamente.

— Poderias tu, Mítri, prestar–me um obséquio? Vai à casa de meu pai, Fiódor Pávlovitch Karamázov, e dize–lhe que não fui a Tchermachniá.

— Por que não? Conhecemos Fiódor Pávlovitch desde muito tempo.

— Toma, eis aqui uma gorjeta, porque não se pode contar muito com ele… — disse jovialmente Ivan Fiódorovitch.

— É verdade — disse Mítri rindo. — Obrigado, senhor, darei seu recado.

Às sete horas da noite, Ivan tomou o trem para Moscou: “Para trás todo o passado! Está acabado para sempre! Que não ouça mais falar dele! Para um novo mundo, para novas terras, sem olhar para trás!”. Mas de repente sua alma ensombreceu–se e uma tristeza tal como nunca sentira apertou–lhe o coração. Meditou toda a noite. Somente pela manhã, ao chegar a Moscou, pareceu voltar a si.

— Sou um miserável! — disse.

Fiódor Pávlovitch, após a partida de seu filho, sentiu–se de coração leve. Durante duas horas, esteve quase feliz, com a ajuda do conhaque, quando sobreveio um incidente desagradável que o consternou; ao dirigir–se à adega, Smierdiákov caiu do primeiro degrau da escada. Marfa Ignátievna, que se achava no pátio, não viu a queda, mas ouviu o grito, o grito esquisito do epiléptico presa duma crise, que ela conhecia bem. Ele tivera, ao descer os degraus, um ataque que o fizera rolar até embaixo sem conhecimento, ou então foram a queda e o choque que o provocaram? Não se sabia de nada. O certo é que o encontraram no fundo da adega, torcendo–se em horríveis convulsões, os lábios espumantes. A princípio acreditou–se que ele se contundira, fraturara um membro, mas “o Senhor o preservara”, segundo a expressão de Marfa Ignátievna. Estava indene, contudo custou um trabalhão fazê–lo subir. Conseguiu–se com a ajuda dos vizinhos. Fiódor Pávlovitch que assistia à remoção, também ajudou. Estava transtornado. O doente permanecia sem conhecimento: a crise, que cessara, recomeçou; concluiu–se disso que as coisas se passariam como no ano anterior, quando ele caíra do celeiro. Tinham–lhe então posto gelo na cabeça. Restava ainda algum na adega, que Marfa utilizou. Ao anoitecer, Fiódor Pávlovitch mandou chamar o Doutor Herzenstube, que chegou sem demora. Depois de ter examinado atentamente o doente (era o médico mais meticuloso da província, um velhinho respeitável), concluiu que era uma crise extraordinária, que podia ocasionar complicações; que, para o momento, não compreendia bem mas que, no dia seguinte de manhã, se os remédios prescritos não tivessem agido, tentaria outro tratamento. Deitaram o doente no pavilhão, num quartinho contíguo ao de Grigóri. Em seguida, Fiódor Pávlovitch só teve aborrecimentos: a sopa, preparada por Marfa Ignátievna, comparada com a que fazia

Smierdiákov, não passava de uma água suja; e a galinha estava tão dura que não havia jeito de trincá–la. Diante das amargas censuras, aliás justificadas, de seu amo, a boa mulher replicou que a galinha era velha e que ela mesma não era cozinheira de profissão. À noitinha, outro aborrecimento. Fiódor Pávlovitch soube que Grigóri, que estava doente desde a antevéspera, fora para a cama, presa de lumbago. Apressou–se em tomar o chá e trancou–se, extremamente agitado. Era a noite em que esperava, quase com certeza, a visita de Grúchenhka; pelo menos Smierdiákov lhe assegurara naquela manhã mesmo que ela prometera vir. O coração do incorrigível velho batia violento; ia e vinha pelos quartos vazios, prestando ouvidos. Era preciso estar de vigia: talvez Dimítri Fiódorovitch o espionasse nos arredores e assim que ela batesse à janela (Smierdiákov afirmava que ela conhecia o sinal), seria preciso abrir–lhe imediatamente, não a retendo no vestíbulo, no receio de que ela se amedrontasse e fugisse. Fiódor Pávlovitch estava inquieto, mas nunca esperança mais doce lhe havia embalado o coração: estava quase certo de que desta vez ela viria.

## Livro VI / Um monge russo

## I / O stáriets Zósima e seus hóspedes

Quando Aliócha entrou, ansioso, na cela do *stáriets*, sua surpresa foi grande. Em lugar do moribundo, talvez sem conhecimento, que ele temia ver, encontrou-o sentado numa poltrona, enfraquecido, mas com ar alegre, disposto, cercado de visitantes com os quais se entretinha tranquilamente. Tinha levantado a um quarto de hora, quando muito, antes da chegada de Aliócha; os visitantes reunidos na cela aguardavam seu despertar, confiantes na firme garantia do Padre Païsi de que "o mestre com certeza levantaria para conversar ainda uma vez com aqueles a quem amava, como prometera pela manhã". O Padre Païsi acreditava firmemente naquela promessa, como em tudo quanto o monge dizia, a ponto de, se o tivesse visto sem conhecimento e até mesmo sem respiração, duvidar da própria morte e esperar que ele voltasse a si para cumprir sua palavra. De manhã mesmo, o *stáriets* Zósima dissera-lhe, ao ir repousar: "Não morrerei sem entreter-me ainda uma vez convosco, meus bem-amados, verei vossos queridos rostos, vou me expandir pela derradeira vez". Os que se tinham reunido para aquela última entrevista eram os melhores amigos do *stáriets*, desde muitos anos. Contavam-se quatro: os Padres Iósif, Païsi e Mikhail, este último superior do ascetério, homem de certa idade, bem menos culto que os outros, de condição modesta, mas de espírito firme, ao mesmo tempo sólido e cândido, ar rude, mas de coração terno, se bem que dissimulasse pudicamente essa ternura. O quarto era um velho monge simples, filho de pobres camponeses, o Irmão Anfim, muito pouco instruído, taciturno e manso, o mais humilde entre os humildes, parecendo sempre sob a impressão dum grande terror, que o teria dominado. Esse homem timorato era bastante querido pelo *stáriets* Zósima, que teve durante toda a sua vida muita estima por ele, se bem que só trocassem raríssimas palavras. No entanto, tinham percorrido juntos a santa Rússia durante anos. Remontava isto a quarenta anos, aos começos do apostolado do *stáriets*; pouco depois de sua entrada em um mosteiro pobre e obscuro da província de Kostroma, ele acompanhou o Padre Anfim nas suas coletas em favor do dito mosteiro. Os visitantes mantinham-se no quarto de dormir do *stáriets*, bastante exíguo, como já se disse, de

modo que havia apenas lugar para eles quatro, sentados em torno de sua poltrona (ficando de pé o noviço Porfíri). Já estava escuro, o quarto era iluminado por lamparinas e círios acesos diante dos ícones. À vista de Aliócha, que parara, embaraçado, na soleira, o *stáriets* mostrou um sorriso alegre e estendeu-lhe a mão.

— Boa tarde, meu doce amigo, chegaste. Sabia que virias.

Aliócha aproximou-se, inclinou-se até o chão e pôs-se a chorar. Sentia um aperto de coração, a alma fremente, um desejo irreprimível de soluçar.

— Terás tempo de chorar — sorriu o *stáriets*, abençoando-o. — Vês? Converso, tranquilamente sentado, talvez viva ainda vinte anos, como desejou ontem aquela boa mulher de Vichegórie, com sua filhinha Lisavieta. Senhor, lembra-te delas! (e benzeu-se). Porfíri, levaste seu donativo aonde eu disse?

Referia-se aos sessenta copeques dados com alegria por aquela mulher, para remetê-los "a uma mais pobre do que ela". Tais donativos são uma penitência que a pessoa se impõe voluntariamente e devem provir do trabalho pessoal do doador. O *stáriets* tinha mandado Porfíri à casa de uma pobre viúva, reduzida à mendicidade com seus filhos, após um incêndio. O noviço respondeu imediatamente que fizera o necessário e entregara aquele donativo, de acordo com a ordem recebida, "da parte de uma benfeitora desconhecida".

— Levanta-te, meu caro — prosseguiu o *stáriets* —, para que eu te veja. Estiveste em casa dos teus e viste teu irmão?

Pareceu estranho a Aliócha que ele o interrogasse expressamente a respeito de um de seus irmãos, mas qual? Era, então, por causa desse irmão, talvez, que o enviara à cidade ontem e hoje.

— Vi um deles — respondeu.

— Quero falar do mais velho, diante do qual me prosternei.

— Vi-o ontem, mas foi-me impossível encontrá-lo hoje — disse Aliócha.

— Apressa-te em encontrá-lo, volta amanhã e deixa tudo mais, Pode ser que tenhas tempo de evitar uma tremenda desgraça. Ontem, inclinei-me diante do profundo sofrimento futuro dele.

Calou-se de repente, com ar pensativo. Aquelas palavras eram estranhas. O Padre Iósif, testemunha daquela cena na véspera, trocou um olhar com o Padre Países. Aliócha não se conteve mais.

— Meu pai e meu mestre — disse ele, presa de grande agitação —, vossas palavras não são claras. Que sofrimento o espera?

— Não sejas curioso. Ontem, tive uma impressão terrível; pareceu-me ler todo o seu destino. Tinha um olhar… que me fez fremir ao pensar na sorte que aquele homem preparava para si mesmo. Uma vez ou duas em minha vida, vi em alguns tal expressão… parecendo revelar seu destino e ele se cumpriu, ai! Enviei-te para seu lado, Alieksiéi, com a ideia de que tua presença fraternal o aliviaria. Mas tudo vem do Senhor, e nossos destinos dependem dele. "Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto."[67] Lembra-te disto. Quanto a ti, Aliócha, abençoei-te muitas vezes em pensamento por causa de teu rosto, fica sabendo — declarou o *stáriets* com um doce sorriso. — Eis minha ideia a teu respeito: deixarás estes muros, viverás no mundo como um religioso. Terás numerosos adversários, mas teus próprios inimigos te amarão. A vida vai te trazer muitas desgraças, mas encontrarás nisso a felicidade, tu a abençoarás e obrigarás os outros a abençoá-la, o que é o essencial. Meus padres — e mostrou, um sorriso amável ao dirigir-se a seus hóspedes —, jamais disse, até agora, mesmo a esse rapaz, por que seu rosto me era tão caro à alma. Foi para mim como uma recordação e um presságio. Na aurora da vida, ainda menino, tinha um irmão mais velho que morreu à minha vista, com a idade de dezessete anos apenas. Posteriormente, no curso dos anos, convenci-me pouco a pouco de que aquele irmão foi no meu destino como que uma indicação, um decreto, da Providência, porque sem ele, com certeza, não me tornaria religioso, nem teria seguido nesta estrada preciosa. Essa primeira manifestação produziu-se na minha infância, e, ao término de minha carreira, tenho à minha vista como que sua repetição. O milagre, meus padres, é que, sem se parecer muito com ele de rosto, Aliócha me pareceu de tal

modo semelhante a ele espiritualmente que muitas vezes o considerei como meu jovem irmão, vindo para encontrar-me no final de minha jornada, como lembrança do passado, tanto que eu mesmo me admirei dessa estranha ilusão. Ouves, Porfíri? — dirigia-se ao noviço ligado a seu serviço. — Vi-te muitas vezes pesaroso porque preferia Aliócha a ti. Ficas conhecendo agora o motivo, mas eu te amo, fica sabendo, e teu pesar muitas vezes me magoou. Quero falar-vos, meus caros hóspedes, de meu jovem irmão, porque nada se passou em minha vida de mais significativo, nem de mais comovedor. Tenho o coração enternecido e toda a minha existência me aparece neste instante como se a revivesse…

*

Devo fazer notar que esta derradeira conversa do *stáriets* com seus visitantes no dia de sua morte foi conservada em parte por escrito. Foi Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov quem a redigiu de memória algum tempo depois. É uma reprodução integral ou ele se valeu de trechos de outras conversas com seu mestre? Não saberia dizer. Aliás, o discurso do *stáriets* neste manuscrito é por assim dizer interrompido, como se ele fizesse um relato de sua vida a seus amigos, ao passo que, certamente, segundo o que se contou depois, foi uma conversa geral, na qual os hóspedes tomaram parte, a ela misturando suas próprias recordações. Assim, também, esse relato não podia ser ininterrupto, porque o *stáriets* sufocava-se por vezes, perdia a voz, estendia-se sobre seu leito para repousar, mantendo-se acordado e os visitantes ficando em seus lugares. Por duas vezes o Padre Paísi leu o *Evangelho* no intervalo. Coisa curiosa, ninguém esperava que ele morresse naquela noite. Com efeito, depois de ter dormido profundamente durante o dia, tinha como que haurido de si mesmo uma força nova, que o sustentou por toda aquela longa conversa com seus amigos. Mas aquela animação incrível, devida à emoção, foi breve, porque ele se extinguiu bruscamente… Preferi, sem entrar nos detalhes, limitar-me à narrativa do *stáriets* de acordo com o manuscrito de Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov. Será mais curto e menos fatigante, se bem que, repito, Aliócha tenha aproveitado muito de conversas anteriores.

## II / Biografia do stáriets Zósima, morto com Deus, redigida segundo suas palavras por Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov

### *a) O jovem irmão do stáriets Zósima.*

Meus caros padres, nasci numa província longínqua do Norte, em V***, de um pai nobre, mas de condição modesta. Morreu quando eu tinha dois anos e não me lembro absolutamente dele. Deixou à minha mãe uma isbá, e um capital suficiente para viver com os filhos ao abrigo da necessidade, Éramos dois: meu irmão mais velho Márkel e eu, Zinóvi. Oito anos mais velho do que eu, era arrebatado, irascível, porém bom, sem malícia e estranhamente taciturno, sobretudo em casa, com nossa mãe, os criados e comigo, No ginásio, era um bom aluno, não se juntava com seus colegas nem brigava com eles, pelo menos era o que minha mãe contava. Seis meses antes de seu fim, quando já tinha dezessete anos, começou a procurar um deportado, exilado de Moscou em nossa cidade, por causa de suas ideias liberais. Era um sábio e um filósofo conhecido na Universidade. Tomou amizade a Márkel, a quem recebia em sua casa. Durante todo o inverno o jovem passou noites inteiras em casa dele, até o momento em que o deportado foi chamado a Petersburgo para ocupar um lugar oficial, que solicitara, pois tinha protetores. Chega a Quaresma e Márkel nega-se a jejuar, invectiva, zomba: “São absurdos, Deus não existe”, o que fazia estremecer nossa mãe, os criados e eu mesmo, porque embora só tivesse nove anos ficava cheio de terror ao ouvir tais palavras. Tínhamos quatro criados, todos servos, comprados de um proprietário conhecido nosso. Lembro-me de que minha mãe vendeu por sessenta rublos um dos quatro, a cozinheira Afímia, coxa e idosa, e contratou em seu lugar uma serva de condição livre. Na sexta semana da Quaresma, meu irmão sentiu-se subitamente pior; sempre doente, de constituição débil, predisposto à tuberculose, era de estatura média, magro e fraco, o rosto distinto. Resfriou-se e em breve o doutor disse baixinho à minha mãe que era tísica e galopante e que ele não passaria da primavera. Nossa mãe pôs-se a; chorar, a rogar a meu irmão, com precaução (a fim de não espantá-lo) que confessasse e comungasse, porque estava ainda de pé então. A estas palavras, zangou-se, deblaterou contra a Igreja, mas pôs-se, no entanto, a refletir; adivinhou que estava perigosamente doente e que por esta

razão sua mãe mandava-o comungar enquanto ele tinha força para isto. Aliás, sabia desde muito tempo que estava condenado; um ano antes, dissera-nos uma vez à mesa: “Não fui feito para viver neste mundo convosco, não durarei talvez um ano”. Foi como uma predição. Três dias se passaram, começou a Semana Santa. Meu irmão foi à igreja desde a terça-feira. “Faço isto pela senhora, mamãe, para lhe ser agradável e tranquilizá-la”, disse-lhe. Nossa mãe chorou de alegria e de pesar: “Seu fim está então próximo, se tal mudança se opera nele”. Mas dentro em pouco acalmou-se, de modo que se confessou e comungou em casa. O tempo tornara-se claro e sereno, o ar embalsamado; a Páscoa caía tarde naquele ano. Ele tossia a noite inteira, lembro-me, dormia mal, de manhã vestia-se, tentava sentar numa cadeira. Revejo-o sentado, doce e calmo, sorridente, doente, mas de rosto alegre e jovial. Mudara moralmente por completo. Era surpreendente. A velha criada entrava em seu quarto. “Deixa-me acender a lâmpada diante da imagem; meu bem.” — Outrora, opunha-se a isto, apagava mesmo a lâmpada. — “Acende, minha amiga, era eu um monstro para proibir-te disso antes. O que fazes é uma prece, bem como a alegria que experimento por isto. Portanto, rezamos a um só Deus.” Estas palavras pareceram-nos estranhas, minha mãe foi chorar em seu quarto, voltando depois para junto dele a enxugar os olhos. “Não chores, querida mamãe — dizia ele, por vezes — viverei ainda muito tempo, vou me divertir com a senhora, a vida é tão alegre, tão divertida!” — “Ai, meu querido, onde está a alegria, quando tens febre a noite inteira e tosses como se teu peito fosse rebentar?” — “Mamãe, não chores, a vida é um paraíso, onde todos estamos, mas não queremos saber disso, senão amanhã a terra inteira podia se tornar um paraíso.” Suas palavras surpreendiam todo mundo pela sua estranheza e pela sua decisão, ficava-se comovido até as lágrimas. Conhecidos vinham à nossa casa: “Caros amigos — dizia ele —, que fiz eu para merecer o vosso amor, por que me amais tal como sou? Outrora ignorava isto e não o apreciava”. Aos criados que entravam, dizia a cada instante: “Meus queridos, por que me servis, serei eu digno de ser servido? Se Deus me concedesse a graça de deixar-me vivo, eu mesmo vos serviria, porque todos devem servir uns aos outros”. Nossa mãe, escutando-o, abanava a cabeça: “Meu querido, é a doença que te faz falar assim.” — “Mãe adorada, deve haver amos e servidores, mas quero servir os meus como eles me servem. Vou te dizer ainda,

mamãe, que cada um de nós é culpado diante de todos por tudo e eu mais do que os outros.” Nossa mãe nesse instante sorria através de suas lágrimas: “Como podes ser mais que todos culpado diante de todos? Há assassinos, bandidos, que pecados cometeste para te acusar mais que todos?”. “Querida mãe, felicidade minha (tinha dessas frases cariciosas, inesperadas), sabes que, na verdade, cada qual é culpado diante de todos por todos e por tudo. Não sei como te explicar isto, mas sinto que é assim e isto me atormenta. Como podíamos viver, irritar-nos, sem nada saber, então?” Cada dia despertava mais enternecido, mais jovial, fremente de amor. O Doutor Eisenschmidt, um velho alemão, visitava-o: “Como é, doutor, viverei ainda um dia?”, brincava ele por vezes. — “Viverás mais que um dia, meses e anos!”, replicava o doutor. — “Que são meses e anos?!” — exclamava ele. — “Para contar os dias, basta um dia ao homem para conhecer toda a felicidade. Meus bem-amados, de que serve discutirmos, vangloriar-nos, guardar rancor um contra o outro? Vamos antes passear, recrear-nos no jardim, vamos nos beijar, abençoaremos a vida.” — “Seu filho não esta destinado a viver”, dizia o doutor à nossa mãe, quando esta o acompanhava até o patamar. “A doença o faz perder a razão.” Seu quarto dava para o jardim, sombreado por velhas árvores, os rebentos haviam brotado os pássaros primaveris tinham chegado, cantavam sob as janelas, ele sentia prazer em olhá-los e eis que se pôs a pedir-lhes também o perdão: “Pássaros do bom Deus, alegres pássaros, perdoai-me, porque pequei também contra vós”. Nenhum de nós pôde então compreendê-lo e ele chorava de alegria: “Sim, a glória de Deus me cercava: os pássaros, as árvores, os prados, o céu; só eu vivia na vergonha, desonrando a criação, cuja beleza e cuja glória não notava”. — “Tu te responsabilizas por muitos pecados”, chorava por vezes nossa mãe. — “Mamãe querida, é de alegria e não de pesar que choro. Tenho vontade de ser culpado diante deles, não posso explicar-te isto, porque não sei como amá-los. Se tenho pecado para com todos, todos me perdoarão, eis o paraíso. Não estou nele agora?” Disse ainda muitas coisas que esqueci. Lembro-me que um dia entrei sozinho em seu quarto, não havia ninguém a seu lado. Era à noitinha, o sol poente iluminava o quarto com seus raios oblíquos. Fez-me sinal para que me aproximasse, pôs as mãos sobre meus ombros, fitou-me com ternura durante um minuto, sem dizer uma palavra. “Pois é, vai brincar agora, vive por mim!” Saí e fui brincar. Posteriormente, lembrei-me de

muitas dessas palavras, chorando. Disse ainda muitas coisas espantosas, admiráveis, que não podíamos compreender então. Morreu três semanas após a Páscoa, em pleno conhecimento e, se bem que não falasse mais, ficou o mesmo até o fim; a alegria brilhava em seus olhos, procurava-nos com o olhar, sorria para nós, chamava-nos. Mesmo na cidade falou-se muito de sua morte. Era eu bem jovem então, mas tudo isso deixou em meu espírito uma marca inapagável. Mais tarde, devia manifestar-se. Foi o que aconteceu.

### *b) A Sagrada Escritura na vida do stáriets Zósima.*

Ficamos sós, minha mãe e eu. Boas amizades aconselharam-na em breve a que — uma vez que possuía meios — faria bem enviando-me a Petersburgo e que mantendo-me a seu lado entravaria talvez minha carreira. Aconselharam-na a pôr-me no Corpo de Cadetes, para entrar em seguida na Guarda Imperial. Minha mãe hesitou muito tempo em separar-se de seu derradeiro filho, mas decidiu-se no entanto, não sem muitas lágrimas, pensando em contribuir para minha felicidade. Conduziu-me a Petersburgo e colocou-me como lhe haviam dito. Jamais tornei a vê-la. Morreu, com efeito, ao fim de três anos, passados na tristeza e na ansiedade, por causa de nós dois. Só tenho preciosas recordações do lar paterno, porque são para o homem as mais preciosas de todas as recordações da primeira infância em casa de seus pais; é quase sempre assim, contanto que o amor e a concórdia reinem, ainda que pouco, na família. E pode-se conservar uma recordação comovida da pior família, se se tem uma alma capaz de emoção. Entre essas recordações um lugar pertence à *Historia Sagrada*, que me interessava muito, apesar de minha pouca idade. Eu tinha então um livro com magníficas gravuras, intitulado: *Cento e quatro histórias santas tiradas do Antigo e do Novo Testamento*, onde aprendi a ler. Conservo-o ainda agora como uma relíquia. Mas antes de saber ler, aos oito anos, experimentava certa impressão das coisas espirituais, lembro-me disso. Minha mãe levou-me à missa na segunda-feira da Semana Santa. Era um dia claro, torno a ver o incenso subindo lentamente para a abóbada; por uma janela estreita da cúpula, os raios do sol desciam até nós, as nuvens de incenso pareciam neles fundir-se. Olhei com enternecimento e pela primeira vez minha alma recebeu conscientemente a semente da Palavra

Divina. Um adolescente avançou para o meio do templo com um grande livro, tão grande que me parecia que ele o carregava com dificuldade, depositou-o no atril, abriu-o, pôs-se a ler. Compreendi então que liam num templo consagrado a Deus. “Havia no país de Hus um homem justo e piedoso, que possuía grandes riquezas, não só em camelos, como em ovelhas e jumentas; seus filhos viviam em prazeres, ele os amava e rogava a Deus por eles, no receio de que, divertindo-se, pecassem. E eis que o diabo sobe até junto de Deus ao mesmo tempo que os filhos de Deus e diz ao Senhor que percorreu todo o país, abaixo e acima. “Viste meu servo Jó?”, pergunta-lhe Deus. E fez ao diabo o elogio de Seu nobre servidor. O diabo sorriu àquelas palavras. “Entrega-o a mim e verás que Teu servidor murmurará contra Ti e amaldiçoará Teu nome.” Então Deus entregou ao diabo o justo a quem estimava. O diabo matou-lhe os filhos e os rebanhos, aniquilou suas riquezas com uma rapidez fulminante e Jó rasgou suas vestes, lançou-se de rosto ao chão, exclamou: “Saí nu do ventre de mãe, voltarei nu à terra. Deus me havia tudo dado; Deus tudo me retomou. Que Seu nome seja abençoado agora e para sempre!”. Meus padres, desculpai minhas lágrimas, porque é toda a minha infância que surge diante de mim, parece-me que tenho oito anos e sinto-me como então admirado, perturbado, arrebatado. Os camelos falavam à minha imaginação e Satanás, que fala daquela maneira a Deus, e Deus que entrega Seu servidor à ruína, e este que exclama: “Que Teu nome seja abençoado, apesar de Teu rigor!”. Depois o canto suave e doce no templo. “Que minha prece seja ouvida”, e de novo o incenso e a oração de joelhos! Desde então — e aconteceu ontem ainda — não posso ler aquela tão santa história sem derramar lágrimas. Que grandeza, que mistério inconcebível! Ouvi mais tarde palavras de zombadores e detratores, de blasfemadores, palavras soberbas. Como podia o Senhor entregar ao diabo para que com isso se divertisse um santo a quem Ele estimava, arrebatar-lhe os filhos, cobri-lo de úlceras a ponto de limpar ele suas chagas purulentas com um caco de telha, e tudo isso para quê? Para se vangloriar diante de Satanás: “Eis o que pode suportar um santo por amor de Mim!”. Mas o que faz a grandeza do drama é o mistério, é que aqui a aparência terrestre e a verdade eterna se confrontaram. A verdade terrestre vê cumprir-se a verdade eterna. Aqui o Criador, aprovando Sua obra como nos primeiros dias da criação, contempla Jó e se orgulha de novo de Sua criatura. E Jó, louvando o Senhor, serve

não somente a Ele, mas a toda a criação, de geração em geração, e aos séculos dos séculos, porque estava a isso predestinado. Senhor, que livro e que lições! Que força miraculosa dá ao homem a Escritura Sagrada! É como a representação do mundo, do homem e de seu caráter. Quantos mistérios resolvidos e revelados: Deus reexalta Jó, restitui-lhe sua riqueza, anos decorrem e tem ele outros filhos e os ama. “Como ele podia amar esses novos filhos, depois de ter perdido os primeiros? A recordação destes permite que ele seja perfeitamente feliz, como outrora, por mais queridos que sejam os novos?” Mas decerto; a dor antiga se transforma misteriosamente pouco a pouco numa doce alegria; a impetuosidade juvenil sucede a serenidade da velhice; abençoo cada dia o nascer do sol, meu coração canta-lhe um hino como outrora, mas prefiro seu poente de raios oblíquos, evocando doces e ternas recordações, queridas imagens de vida, longa vida abençoada e, dominando tudo, a verdade divina que acalma, reconcilia, absolve! Eis-me ao termo de minha existência, eu sei, e sinto todos os dias minha vida terrestre ligar-se já à vida eterna, desconhecida, mas bem próxima e cujo pressentimento faz vibrar minha alma de entusiasmo, ilumina minha mente, enternece-me o coração. Amigos e mestres, tenho muitas vezes ouvido dizer, e agora mais que nunca dizem que os padres, sobretudo os do campo, queixam-se da insuficiência do que ganham e de sua mediocridade; afirmam mesmo — eu vi — que já não podem mais explicar a Escritura ao povo, em vista de seus fracos recursos, que se os luteranos chegarem e se puserem esses heréticos a desviar suas ovelhas, tanto pior, porque eles não ganham o bastante. Que Deus lhes assegure o pagamento tão precioso aos olhos deles (porque sua queixa é legítima), mas na verdade, se alguém é responsável por esse estado de coisas, nós mesmos o somos pela metade! Porque admitamos que o tempo falte, que o padre tenha razão, que ele seja sobrecarregado pelo trabalho e pelo seu ministério; ele sempre encontrará nem que seja uma hora por semana para se lembrar de Deus. Aliás, ele não está ocupado o ano inteiro. Reúna em sua casa, uma vez por semana, à noite, as crianças, para começar. Seus pais saberão e virão em seguida. Inútil construir um local para isso; basta recebê-los na isbá; não temais que a sujem, é apenas por uma hora. Abre-se a *Bíblia* para fazer-se uma leitura, sem palavras sábias, sem soberba ou ostentação, mas com uma doce simplicidade, na alegria de ler para eles, de ser escutado e

de ser por eles compreendido, detendo-se por vezes para explicar um termo ignorado pelas pessoas simples; não tenhais receio, eles vos compreenderão, um coração ortodoxo compreende tudo! Lede para eles a história de Abraão e de Sara, de lsaac e de Rebeca, como Jacó foi à casa de Labão e lutou em sonho com o Senhor, dizendo: “Este lugar é terrível”, e impressionareis o espírito piedoso do povo simples. Contai-lhes, sobretudo às crianças, como o jovem José, futuro intérprete de sonhos e grande profeta, foi vendido por seus irmãos, que disseram a seu pai que seu filho tinha sido devorado por uma besta feroz, mostrando-lhe suas vestes ensanguentadas. Como, posteriormente, chegaram seus irmãos ao Egito à procura de trigo, e José, alto dignitário, que eles não reconheceram, perseguiu-os, acusou-os de roubo e reteve seu irmão Benjamim, se bem que os amasse. Porque se lembrava sempre de como seus irmãos o tinham vendido aos comerciantes, à beira de um poço, em alguma parte do deserto ardente, como chorava e como lhes suplicava, de mãos juntas, que não o vendessem como escravo em terra estrangeira; revendo-os após tantos anos, amou-os de novo ardentemente, mas os fez sofrer e perseguiu-os, embora amando-os. Retira-se afinal, não podendo mais conter-se, lança-se sobre seu leito e desata a chorar; depois enxuga o rosto e volta radiante para declarar-lhes: “Eu sou José, vosso irmão!”. E a alegria do velho Jacó, ao saber que seu filho bem-amado estava vivo! Fez a viagem ao Egito, abandonou sua pátria, morreu em terra estrangeira, legando aos séculos dos séculos uma grande palavra, guardada misteriosamente durante toda a sua vida no seu coração tímido, o saber que de sua raça, da tribo de Judá sairia a esperança do mundo, o Reconciliador e o Salvador! Padres e mestres, desculpai-me que eu, um menino, vos explique o que sabeis desde muito tempo e que poderíeis ensinar-me com bem mais arte. É o entusiasmo que me faz falar, perdoai minhas lágrimas, porque esse Livro me é querido; e se o Padre também chora, verá sua emoção partilhada pelos seus ouvintes. Basta uma minúscula semente; uma vez lançada na alma do povo simples, não perecerá e ali ficará até o fim, entre as trevas e a infecção do pecado, como um ponto luminoso e uma recordação sublime. Nada de longos comentários, de homilias, ele compreenderá tudo simplesmente. Duvidais disso? Lede-lhe a história tocante da bela Ester e da orgulhosa Vasti, ou a maravilhosa narrativa de Jonas no ventre da baleia. Não esqueçais tampouco as parábolas do Senhor,

sobretudo no Evangelho segundo São Lucas (como sempre o fiz), em seguida, aos Atos dos Apóstolos, a conversão de Saulo (isto absolutamente!). Por fim, no *Martirológio*, bastaria a vida de Santo Aleixo, homem de Deus, e da mártir sublime entre todas, Maria, a Egipcíaca. Essas narrativas singelas comoverão o coração do povo e isto apenas uma hora por semana, malgrado vossos fracos recursos. O padre vai perceber que o nosso povo misericordioso, reconhecido, lhe retribuirá seus benefícios ao cêntuplo; lembrando-se do zelo de seu pastor e de suas palavras comovidas, vai ajudá-lo no seu campo, na casa, vai lhe testemunhar mais respeito que antes e então seu estipêndio aumentará. É uma coisa tão simples que por vezes tememos mesmo em falar dela, porque zombarão da gente e, no entanto, como é certa! Aquele que não crê em Deus, não crê em seu povo. Quem tiver crença no povo de Deus verá Seu santuário, mesmo que nele não tivesse acreditado até então. Somente o povo e sua força espiritual futura converterão nossos ateus desprendidos da terra natal. E que é a palavra de Cristo sem o exemplo? Sem a palavra de Deus, o povo perecerá, porque sua alma está ávida dessa Palavra e de toda ideia nobre. Na minha juventude, vai fazer em breve quarenta anos; percorríamos a Rússia, o Padre Anfim e eu, pedindo esmolas para nosso mosteiro; passamos uma vez a noite com pescadores, a margem dum grande rio navegável; um jovem camponês de belo rosto, parecendo ter uns dezoito anos, veio sentar-se perto de nós; apressava-se em chegar no dia seguinte ao seu posto para sirgar uma barca mercante. Seu olhar era doce e límpido. Fazia uma noite clara, calma e quente, uma noite de julho; uma bruma subia do rio e nos refrescava; de tempos em tempos um peixe emergia; os pássaros haviam-se calado, tudo respira paz, oração. Éramos os únicos que não dormiam, aquele jovem e eu. Falamos da beleza do mundo e de seu mistério. Cada erva, cada escaravelho, uma formiga, uma abelha dourada, todos conheciam seu caminho duma maneira admirável, por instinto, atestam o mistério divino, cumprem-no eles próprios continuamente. Vi que o coração daquele moço se aquecia. Confiou-me que amava a floresta e os pássaros que a habitam; era passarinheiro, compreendia-lhes os cantos, sabia atrair todos eles. “Para mim, não existe nada de melhor que a vida na floresta — dizia ele — embora tudo esteja bem.” — “É verdade — respondi-lhe —, tudo é bom e magnífico, porque tudo é verdade. Olha o cavalo, nobre

animal, familiar ao homem, ou o boi, que o nutre e trabalha para ele, curvado, pensativo; considera a fisionomia deles: que mansidão, que apego a seu dono, que muitas vezes lhes bate sem piedade, que mansidão, que confiança, que beleza! Chega a comover saber que nele não há pecado, porque tudo é perfeito, inocente, exceto o homem, e o Cristo está em primeiro lugar com os animais." — "Será possível — perguntou o adolescente — que o Cristo esteja também com eles?" — "Como poderia ser de outro modo — repliquei —, pois que o Verbo é destinado a todos? Todas as criaturas, cada folha, aspiram ao Verbo, cantam a glória de Deus, gemem inconscientemente o Cristo. É este o mistério de sua existência sem pecado, Lá, na floresta, vaga um urso temível, ameaçador e feroz, sem que nisso haja culpa sua." E contei-lhe como um grande santo que fazia penitência na floresta, onde tinha sua cela, recebeu um dia a visita de um urso. Apiedou-se do animal, abordou-o sem temor, deu-lhe um pedaço de pão. "Vai — disse-lhe —, que o Cristo esteja contigo!" E a fera retirou-se docilmente, sem lhe fazer mal. O rapaz ficou comovido ao saber que o eremita ficara indene e que o Cristo também estava com o urso. "Que bom! Como todas as obras de Deus são boas e maravilhosas!" E mergulhou num doce devaneio. Vi que ele havia compreendido. Adormeceu a meu lado, com um sono leve, inocente. Que o Senhor abençoe a juventude! Rezei por ele antes de adormecer. Senhor, envia a paz e a luz aos Teus!

*c) Recordações da mocidade do stáriets Zósima ainda no mundo. O duelo.*

Passei quase oito anos em Petersburgo, no Corpo dos Cadetes. Essa educação nova sufocou muitas das impressões de minha infância, mas sem fazer que as esquecesse. Em troca, adquiri uma porção de hábitos e até mesmo de opiniões novas que fizeram dc mim um indivíduo quase selvagem, cruel e tolo. Adquiri um verniz de polidez e prática do mundo ao mesmo tempo que do francês, mas todos considerávamos os soldados que nos serviam no Corpo como verdadeiros brutos. Eu talvez mais do que os outros, porque de todos os meus camaradas era o mais impressionável. Tornados oficiais, estávamos prontos a derramar nosso sangue para vingar a honra de nosso regimento; quanto à verdadeira honra, nenhum de nós tinha dela noção e se a tivesse aprendido, teria sido o primeiro a rir dela. A

embriaguez, a devassidão, a impudência nos tornavam quase altivos. Não direi que fôssemos pervertidos; todos aqueles rapazes tinham boa natureza, mas portavam-se mal, eu sobretudo. Estava de posse de meu capital, de modo que vivia à minha fantasia, com todo o ardor da juventude, sem peias; navegava com todas as velas desdobradas. Mas eis uma coisa que causava admiração: lia por vezes, e até mesmo com grande prazer; não abri quase nunca a *Bíblia* naquela época, porém ela não me largava; andava por toda parte comigo, conservava esse livro, sem dar-me conta disso, "cada dia e cada hora, cada mês e cada ano". Depois de quatro anos de serviço, encontrei-me por fim na cidade de K***, onde nosso regimento tinha guarnição. A sociedade ali era variada, divertida, acolhedora e rica; fui bem recebido em toda parte, sendo como era alegre de natureza; além do mais, passava por ter fortuna, o que não prejudica nunca na sociedade mundana. Sobreveio uma circunstância que foi o ponto de partida de tudo mais. Liguei-me a uma moça encantadora, inteligente e distinta, de caráter nobre, de família respeitável. Seus pais, ricos e influentes, faziam-me boa acolhida. Pareceu-me que aquela moça tinha inclinação por mim; meu coração inflamou-se com essa ideia. Compreendi mais tarde que, provavelmente, não a amava com tanta paixão, mas que a elevação de seu caráter inspirava-me respeito, o que era inevitável. No entanto, o egoísmo impediu-me então de pedir-lhe a mão; parecia-me demasiado duro renunciar às seduções da devassidão, à minha independência de celibatário jovem e rico. Fiz, no entanto, alusões, mas adiei para mais tarde qualquer passo decisivo. Fui então enviado em comando de serviço para outro distrito; de volta, após dois meses de ausência, soube que a moça se casara com um rico proprietário dos arredores, mais velho do que eu, porém, jovem ainda, com relações na melhor sociedade, coisa de que eu não gozava, homem bastante amável e instruído, quando eu não era nada disso absolutamente. Esse desenlace inesperado consternou-me a ponto de perturbar-me o espírito, tanto mais que, como o soube então, aquele jovem proprietário era noivo dela desde muito tempo. Havia-o encontrado muitas vezes em casa dela, sem nada notar, cego que estava pela minha fatuidade. Era isso sobretudo que me vexava: como quase toda gente estava ao corrente, ao passo que eu de nada sabia? E experimentei de súbito um ressentimento intolerável. Rubro dc cólera, lembrei-me de quantas vezes lhe havia quase declarado meu amor e

como ela não me havia nem detido, nem prevenido, concluí daí que ela havia zombado de mim. Mais tarde, evidentemente, dei-me conta de meu erro; lembro-me de que ela punha fim, gracejando, a tais conversas e falava de outra coisa, mas no momento, estava incapaz de raciocinar e ardia por vingar-me. Lembro-me com surpresa de que minha animosidade e minha cólera causavam repugnância a mim mesmo, porque, com meu caráter leviano, era incapaz de permanecer muito tempo zangado com alguém; de modo que me excitava artificialmente até a extravagância. Esperei a ocasião e, numa reunião mundana bastante numerosa, consegui ofender meu "rival", por um motivo totalmente estranho, zombando de sua opinião a propósito de um acontecimento então importante — estávamos em 1826 — e escarnecendo dele com espírito, pelo que disseram. Em seguida, provoquei uma explicação de sua parte e mostrei-me tão grosseiro nessa ocasião que ele aceitou a luva, malgrado a enorme diferença que nos separava, porque eu era mais jovem que ele, insignificante e de posição inferior. Mais tarde, soube de fonte certa que ele aceitara minha provocação também por ciúme de mim; já antes se mostrara um pouco ciumento de mim em relação à sua mulher, então sua noiva; disse a si mesmo que se ela soubesse agora que eu o insultara, sem que ele me houvesse provocado em duelo, ia desprezá-lo involuntariamente e seu amor ficaria abalado. Encontrei logo como testemunha um camarada, tenente de nosso regimento. Se bem que os duelos fossem então rigorosamente reprimidos, eram moda entre os militares, de tal modo se desenvolvem e enraízam preconceitos absurdos. Junho chegava ao fim; nosso encontro estava marcado para o dia seguinte de manhã, às sete horas, fora da cidade, e eis que me aconteceu algo de verdadeiramente fatal. À noite, voltando para casa de muito mau-humor, zangara-me com meu ordenança, Afanássi, e havia-lhe batido violentamente no rosto, a ponto de ensanguentá-lo. Estava desde pouco tempo a meu serviço e eu já lhe havia batido, mas jamais com tal selvageria. Podeis acreditar, meus queridos, quarenta anos se passaram desde então e lembro-me daquela cena com vergonha e dor. Deitei-me e quando despertei, ao fim de três horas, era já dia. Levantei-me, não tendo mais vontade de dormir, fui à janela, que dava para um jardim; o sol surgira, fazia um tempo magnífico, os pássaros gorjeavam. Que será isto? — pensei. Experimento uma espécie de sentimento de infâmia e de baixeza. Não

será pelo fato de que vou derramar sangue? Não, pensei, não é isto. Ou porque tenho medo da morte, medo de ser morto? Não, absolutamente, longe disso… E adivinhei, de repente, que eram os golpes dados em Afanássi na noite anterior. Revi a cena, como se ela se repetisse: ele, de pé diante de mim que lhe bato no rosto a toda força, suas mãos na costura das calças, a cabeça ereta, os olhos escancarados, estremecendo a cada pancada, não ousando mesmo levantar os braços para se resguardar, e ali estava um homem reduzido àquele estado, batido por outro homem! Que crime! Foi como uma agulha que me traspassou a alma. Estava como que fora de mim, e o sol brilhava, as folhas agradavam à vista, os pássaros louvavam a Deus. Cobri o rosto com as mãos, estendi-me no leito e desatei a chorar. Lembrei-me então de meu irmão Márkel e de suas derradeiras palavras aos criados: "Meus bem-amados, por que me servis? Por que me amais, serei digno de ser servido?". "Sim, serei digno?", perguntei a mim mesmo, de repente. Com efeito, a que título eu merecia ser servido por outro homem, feito como eu à imagem de Deus? Esta questão atravessou-me assim o espírito pela primeira vez. "Mãe querida, na verdade, cada qual é culpado diante de todos e por todos, somente os homens ignoram isso; se o soubessem, seria logo o paraíso!" "Senhor, seria isto verdade — pensei, chorando —, sou talvez o mais culpado de todos e o pior que existe?" E de súbito o que eu ia fazer apareceu-me em plena luz, em todo o seu horror: ia matar um homem de bem, nobre, inteligente, sem nenhuma ofensa de sua parte, e tornar assim sua mulher para sempre infeliz, torturá-la, fazê-la morrer. Estava deitado de bruços, com a face contra o travesseiro, tendo perdido a noção do tempo. De repente, entrou meu camarada, o tenente, que vinha procurar-me com pistolas: "Eis o que está bem — disse ele — já levantaste, está na hora, vamos." Minhas ideias desconcertaram-se, perdi a cabeça; contudo saímos para subir ao carro. "Espera-me — disse-lhe —, volto imediatamente, esqueci meu porta moedas." Voltei correndo para casa e fui ao quartinho de Afanássi. "Afanássi, ontem bati-te duas vezes no rosto, perdoa-me!" Ele estremeceu como se tivesse medo; vi que não era bastante e prosternei-me a seus pés, pedindo-lhe perdão. Ficou estupidificado. "Vossa nobreza, *bárin*, Como… mereço eu?…" Pôs-se a chorar como eu havia pouco, com o rosto oculto nas mãos e voltou-se para a janela, abalado pelos soluços; corri a juntar-me a meu camarada e partimos:

“Viste o vencedor — gritei-lhe —, ei-lo diante de ti!” Estava repleto de alegria, rindo todo o tempo, tagarelava sem cessar, a respeito de não sei mais o quê. O tenente olhava-me: “Pois bem, camarada, és um bravo; vejo que sustentarás a honra do uniforme”. Chegamos ao terreno, onde éramos esperados. Colocaram-nos a doze passos um do outro, meu adversário devia atirar em primeiro lugar; mantinha-me diante dele, alegremente, sem pestanejar, examinando-o com afeto. Ele atirou, fui somente arranhado na face e na orelha. “Louvado seja Deus! — digo. — O senhor não matou um homem!” Quanto a mim, dei meia volta e atirei minha arma para o ar, na direção da floresta: “Eis teu lugar!”, exclamei. Depois, encarando meu adversário: “Senhor, perdoe a um estúpido rapaz tê-lo ofendido e obrigado a atirar contra ele. O senhor vale dez vezes mais do que eu, é superior a mim. Transmita minhas palavras à pessoa a quem o senhor respeita mais no mundo”. Apenas acabara de falar, todos três exclamaram: “Permita — disse meu adversário, encolerizado —, se o senhor não queria bater-se, por que nos incomodou?”. “Ainda ontem era eu estúpido. Hoje, tornei-me mais avisado” — respondi-lhe, alegremente. — “Acredito a respeito de ontem; mas quanto a hoje, é difícil dar-lhe razão.” “Bravo! — disse eu, batendo palmas. — Estou de acordo com o senhor a respeito, mereci isso!” — “Senhor, quer ou não quer atirar?” — “Não atirarei, atire mais uma vez se quiser, mas faria melhor abstendo-se.” As testemunhas gritam, sobretudo a minha: “Pode-se desonrar o regimento pedindo perdão no terreno; se o tivesse pelo menos sabido!”. Declarei então a todos, num tom sério: “Senhores, é tão espantoso assim em nossa época encontrar um homem que se arrepende de sua tolice e que reconhece publicamente suas faltas?” — “Sim, mas — não no terreno” — replica minha testemunha. — “Eis o que é espantoso: eu deveria pedir desculpas desde nossa chegada aqui, antes que o cavalheiro atirasse, e não induzi-lo em pecado mortal; mas nossos usos são tão absurdos que era quase impossível ter agido assim; porque minhas palavras não têm valor, a seus olhos, senão pronunciadas depois de ter sido alvo de seu tiro a doze passos; antes, ele teria me tomado por um covarde, indigno de ser escutado.” “Senhores — exclamei, com todo o coração —, olhai as obras de Deus: o céu está claro, o ar puro a erva tenra, os pássaros cantam, a Natureza é magnífica e inocente; somente, nós, ímpios e estúpidos, não compreendemos que a vida é um paraíso, porque basta que

queiramos compreender isso para vê-la aparecer em toda a sua beleza e então nos abraçaríamos, chorando…” Quis continuar, mas não pude, faltou-me a respiração, senti uma felicidade tal que depois jamais experimentei. “Eis sábias e piedosas palavras — disse meu adversário. — Em todo o caso, o senhor é original.” — “O senhor ri — disse-lhe eu, sorrindo —, porém mais tarde me louvará.” — “Agora também estou pronto a louvá-lo, estendo-lhe a mão, porque o senhor me parece verdadeiramente sincero.” “Não, agora não, mais tarde, quando eu me tiver tornado melhor e merecido seu respeito, o senhor a estenderá para mim, fará bem então.” Voltamos para casa; minha testemunha resmungava todo o tempo e eu o beijava. Meus camaradas, postos ao corrente, reuniram-se naquele mesmo dia para julgar-me. “Ele desonrou o uniforme, deve pedir baixa.” Encontrei defensores: “No entanto, ele recebeu um tiro.” — “Sim, mas teve medo dos outros e pediu perdão no terreno.” — “Se tivesse tido medo — replicavam meus defensores — teria primeiro atirado antes de pedir perdão, ao passo que lançou a pistola ainda carregada na floresta; não, passou-se algo de diferente, de original.” Eu escutava, divertindo-me em observá-los: “Caros amigos e camaradas, não se atormentem por causa de minha baixa. Já está dada. Enviei o pedido esta manhã e, assim que ela for aceita, entrarei para um mosteiro. Eis por que peço baixa.” A estas palavras, todos explodiram em risadas: “Deverias ter começado por advertir-nos. Agora, tudo se explica, não se pode julgar um monge”. Não paravam de rir, mas sem zombar, com uma doce alegria. Todos gostavam de mim, até mesmo meus mais fogosos acusadores. Em seguida, durante o último mês, até que eu fosse reformado, era como se me carregassem em triunfo: “Ah! o monge!” — diziam. Cada qual tinha por mim uma palavra gentil, puseram-se a dissuadir-me, a lamentar-me mesmo: “Que vais fazer?”. — “Não, é um bravo, recebeu um tiro e podia ele próprio atirar, mas tivera um sonho na véspera que o impelia a fazer-se monge, eis a razão.” Foi quase a mesma coisa na sociedade local. Até aquele momento, eu não atraía a atenção; recebiam-me cordialmente, e nada mais; agora, cada qual que disputasse conhecer-me e convidar-me para sua casa: riam de mim, ao mesmo tempo que me estimavam. Se bem que se falasse abertamente de nosso duelo, o caso não teve consequências, porque meu adversário era parente próximo de nosso general e como não houvera efusão de sangue e eu pedira baixa, a coisa virou brincadeira.

Pus-me então a falar bem alto e sem temor, malgrado as zombarias, porque não eram elas propriamente malévolas. Essas conversas realizavam-se sobretudo à noite, em companhia de senhoras; as mulheres gostavam ainda mais de escutar-me e obrigavam os homens a fazer o mesmo. “Como pode dar-se que seja eu culpada por todos?” — e cada qual ria-me na cara. — “Vejamos, posso ser culpada por você, por exemplo?” — “Donde o saberia — respondia-lhes eu —, quando o mundo inteiro está desde muito tempo engajado numa outra via, quando tomamos a mentira pela verdade e exigimos de outrem a mesma mentira? Uma vez em minha vida, resolvi agir sinceramente e todos vós acreditastes que eu estava louco. Embora, gostando de mim, ríeis de mim.” — “Como não gostar de alguém como o senhor?” — disse-me a dona da casa, rindo bem alto. Havia muita gente em casa dela. De repente, vejo levantar-se a jovem que fora causa de meu duelo e a quem quisera fazer minha noiva pouco tempo antes; não havia notado sua chegada. Dirigiu-se para mim e estendeu-me a mão: “Permita-me — disse — que lhe declare que, longe de rir do senhor, agradeço-lhe com emoção e respeito-o pela sua maneira de agir.” Seu marido aproximou-se, tornei-me o centro da reunião, quase me beijavam. Sentia-me contente assim; minha atenção foi atraída por um senhor de certa idade, que tinha igualmente me abordado; até então conhecia-o somente de nome, sem ter jamais trocado uma palavra com ele.

### *d) O misterioso visitante.*

Era um funcionário que ocupava desde muito tempo um lugar de destaque em nossa cidade. Homem respeitado por todos, rico, reputado pela sua beneficência, doara importante soma ao hospício e ao orfanato e praticara muito bem em segredo, sem revelar a ninguém, o que só se veio a saber após sua morte. De cerca de cinquenta anos, tinha o ar quase severo, falava pouco; estava casado havia dez anos com uma mulher ainda jovem, de quem tinha três filhos em tenra idade. No dia seguinte à noite, eu estava em casa quando a porta se abriu e entrou aquele senhor.

É preciso notar que eu não morava mais na mesma casa; assim que dei baixa, instalara-me em casa de uma senhora idosa, viúva dum

funcionário, cuja criada me servia, porque no dia mesmo do meu duelo mandara embora Afanássi para sua companhia militar, corando ao olhá-lo de frente depois do que se passara, de tal modo um leigo não preparado é inclinado a ter vergonha da ação mais justa.

— Há vários dias que o escuto com grande curiosidade — disse-me o visitante, ao entrar. — Desejei por fim conhecê-lo para me entreter com o senhor ainda mais pormenorizadamente. O senhor poderia me prestar esse grande serviço?

— De muito boa-vontade e olharei isso como uma honra muito particular — respondi-lhe. Estava quase amedrontado, de tal maneira me impressionara ele desde a primeira vez. Porque, muito embora me escutassem com curiosidade, ninguém ainda havia me abordado com ar tão sério e severo. Além do mais, viera me procurar em minha casa. Sentou.

— Noto no senhor — ele prosseguiu — uma grande força de caráter, porque não temeu servir a verdade num caso em que arriscava, pela sua franqueza, atrair para si o desprezo geral.

— Os seus elogios talvez sejam bastante exagerados — disse-lhe eu.

— De modo algum. Esteja certo de que tal ato é bem mais difícil de praticar do que o senhor pensa. Eis somente o que me impressionou e por isso vim vê-lo. Se minha curiosidade talvez indiscreta não o chocar, descreva-me suas sensações no momento em que se decidiu a pedir perdão, por ocasião do duelo, admitindo-se que o senhor se lembre delas. Não atribua à frivolidade a minha pergunta; pelo contrário, ao fazê-la, tenho um fim secreto que lhe explicarei provavelmente mais tarde, se aprouver a Deus que ainda nos encontremos.

Enquanto ele falava, eu o fitava e experimentei de repente por ele uma confiança completa, ao mesmo tempo que viva curiosidade, porque sentia que sua alma guardava um segredo.

— Deseja conhecer minhas sensações no momento em que pedia perdão a meu adversário? — respondi-lhe. — Mas vale mais a pena

contar-lhe em primeiro lugar os fatos ainda ignorados dos outros. — E narrei-lhe toda a cena com Afanássi e como me havia prosternado diante dele. — O senhor mesmo pode ver depois disso — concluí eu — que durante o duelo já me sentia mais à vontade, porque tinha começado ainda em casa e, uma vez entrado nessa via, continuei não somente sem esforço, mas com alegria.

Ele me escutava com atenção e simpatia.

— Tudo isso é bastante curioso. Voltarei a vê-lo.

A partir de então, visitou-me quase todas as noites. E teríamos ficado grandes amigos, se me tivesse falado de si próprio. Mas quase não falava, limitando-se a interrogar-me a respeito de mim mesmo. No entanto, tomei-lhe amizade e confiava-lhe todos os meus sentimentos, pensando: "Não tenho necessidade de seus segredos para saber que é um justo… Além do mais, um homem tão sério e bem mais idoso que eu que vem me procurar e dá atenção a um rapaz". Soube dele muitas coisas úteis, porque era homem de alta inteligência. "Penso também desde muito tempo que a vida é um paraíso", e acrescentou: "Só penso nisso". Olhava-me sorrindo. "Estou ainda mais convencido disso que o senhor mesmo, mais tarde saberá por que". Eu o escutava, dizendo a mim mesmo: "Tem decerto uma revelação a fazer-me." — "O paraíso — dizia ele — está oculto no íntimo de cada um de nós; neste momento eu o oculto em mim e, se quiser, se realizará amanhã verdadeiramente para toda a minha vida." Falava com enternecimento, olhando-me com ar misterioso, como se me interrogasse. "Quanto à culpabilidade de cada um por todos e por tudo, de parte de seus pecados, suas considerações a esse respeito são perfeitamente. justas e é espantoso que o senhor tenha abraçado essa ideia com tal amplitude. Quando os homens a compreenderem será certamente para eles o advento do reino dos céus, não em sonho, mas na realidade." — "Mas quando acontecerá isto?, — exclamei, doloridamente. — Talvez não seja senão um sonho." — "Como, o senhor mesmo não crê no que prega?! Saiba que esse sonho, como diz o senhor, vai com certeza se realizar, mas não agora, porque tudo é regido por leis. É um fenômeno moral, psicológico. Para renovar o mundo, é preciso que os próprios homens mudem de caminho. Enquanto cada qual não for de verdade o irmão de seu próximo, não

haverá fraternidade. Jamais os homens saberão, em nome da ciência ou do interesse, repartir pacificamente entre si a propriedade e os direitos. Ninguém terá bastante, e todos murmurarão, terão inveja uns dos outros, vão exterminar uns aos outros. O senhor pergunta quando isso se realizará? Isso virá, mas somente quando tiver terminado a período de isolamento humano." — "Que isolamento?" — perguntei. — "Em toda parte ele reina, na hora atual, mas não está terminado e seu termo ainda não chegou. Porque no presente, cada qual aspira a separar sua personalidade dos outros, quer gozar ele próprio a plenitude da vida; entretanto, todos esses esforços, longe de atingir o alvo, só resultam num suicídio total, porque, em lugar de afirmar plenamente sua personalidade, caem numa solidão completa. Com efeito, neste século, todos se fracionaram em unidades, cada qual se isola no seu buraco, separa-se dos outros, oculta-se, ele e seus bens, afasta-se de seus semelhantes e os afasta de si. Amontoa riqueza sozinho, felicita-se pelo seu poder e pela sua opulência; ignora, o insensato, que quanto mais amontoa, mais se enterra numa impotência fatal. Porque está habituado a só contar consigo, mesmo e destacou-se da coletividade, acostumou-se a não crer na entre ajuda, no seu próximo na humanidade e treme somente à ideia de perder sua fortuna e os direitos que ela lhe confere. Por toda parte, em nossos dias, o espírito humano começa ridiculamente a perder de vista que a verdadeira garantia do indivíduo consiste não no seu esforço pessoal isolado, mas na solidariedade. Entretanto este isolamento terrível terá certamente fim e todos compreenderão ao mesmo tempo quanto sua separação mútua era contrária à Natureza. Tal será a tendência da época, e causará espanto o ter-se demorado tanto tempo nas trevas, sem ver a luz. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem… Mas, até então, é preciso guardar o estandarte e — ainda que sozinho a agir — o homem deve mostrar o exemplo e sair do isolamento para se reaproximar de seus irmãos, mesmo passando por maluco. Isto a fim de impedir que uma grande ideia pereça."

Esses temas apaixonantes enchiam nossos serões. Abandonei mesmo a sociedade e minhas visitas tornaram-se mais raras; além disso, comecei a passar de moda. Não digo isto para queixar-me, porque continuavam a estimar-me e fazer-me boa cara, mas é preciso convir que a moda tem grande império no mundo. Acabei ficando

entusiasmado pelo meu misterioso visitante, porque sua inteligência me arrebatava; além disso, tinha a intuição de que ele nutria um projeto e se preparava para uma ação talvez heroica. Sem dúvida mostrava-se grato pelo fato de eu não procurar conhecer seu segredo e de não fazer a ele nenhuma alusão. Notei por fim que ele começava a ser atormentado pelo desejo de fazer-me uma confidência. Pelo menos, tornou-se isto evidente ao fim de um mês mais ou menos. “Sabe — perguntou-me uma vez — que se interessam muito por nós na cidade e que minhas frequentes visitas causam espanto? Pois seja, em breve tudo se explicará.” Por vezes era presa, de súbito, de uma agitação extraordinária; quase sempre então levantava e ia-se embora. Acontecia-lhe fitar-me muito tempo com um olhar penetrante. Pensava eu: “Ele vai falar”, mas parava e discorria a respeito de um assunto vulgar. Começou a queixar-se de dores de cabeça. Um dia em que havia conversado muito tempo e apaixonadamente, vi-o de repente empalidecer, seu rosto contraiu-se, fitava-me com um ar esgazeado,

— Que tem — perguntei —, sente-se mal?

— Eu… saiba… eu… cometi um assassinato.

Sorria ao falar, branco como linho. “Por que sorri ele?” Este pensamento atravessou-me a mente antes que eu tivesse coordenado minhas ideias. Eu mesmo empalideci.

— Que está dizendo? — exclamei.

— Veja — respondeu-me com o mesmo sorriso triste —, a primeira palavra custou-me. Agora que comecei, continuarei.

Não lhe dei crédito imediatamente, mas somente ao fim de três dias, quando me contou todos os detalhes. Eu acreditava que ele estivesse louco, no entanto acabei por convencer-me de que dizia a verdade, para doloroso espanto meu. Assassinara, catorze anos antes, uma jovem senhora rica e encantadora, viúva de um proprietário rural, que possuía em nossa cidade uma casa para suas estadas aqui. Sentiu por ela viva paixão, fez-lhe uma declaração e quis decidi-la a tornar-se sua esposa. Ela, porém, já havia dado seu coração a outro, oficial distinto, então em campanha, cujo próximo regresso ela

aguardava. Recusou-lhe o pedido de casamento e rogou-lhe que cessasse suas visitas. Recusado e conhecendo a disposição da casa, nela se introduziu uma noite pelo jardim e pelo telhado, com uma audácia extraordinária, arriscando-se a ser descoberto. Mas, como acontece frequentemente, os crimes audaciosos são muitas vezes mais bem sucedidos que os outros. Tendo entrado no celeiro por uma trapeira, desceu para os quartos por uma pequena escada, sabendo que os criados não fechavam sempre à chave a porta de comunicação. Contava com a negligência deles ainda dessa vez e não se enganava. No escuro, dirigiu-se para o quarto de dormir, onde ardia uma lâmpada de cabeceira. Como de propósito, as duas criadas de quarto tinham saído às ocultas, convidadas a uma ceia festiva na vizinhança. Os outros criados dormiam no rés-do-chão. Vendo-a adormecida, sua paixão despertou, depois um furor vingativo e ciumento apoderou-se dele e, não mais podendo dominar-se, mergulhou-lhe uma faca no coração, sem que ela lançasse um grito. Com uma astúcia infernal tratou de voltar as suspeitas contra os criados; deixou de parte o porta moedas dela, mas abriu a cômoda com as chaves encontradas debaixo do travesseiro e subtraiu, como um criado ignorante, o dinheiro e as joias de acordo com o tamanho, deixando de lado as mais preciosas bem como os objetos de valor. Apropriou-se também de algumas lembranças de que voltarei a falar. Realizado seu crime, voltou pelo mesmo caminho. Ninguém, nem no dia seguinte, quando foi dado o alarme, nem mais tarde, teve a ideia de suspeitar do verdadeiro culpado. Ignorava-se seu amor pela vítima, porque ele fora sempre taciturno, fechado e não possuía amigos. Passava simplesmente por um conhecido da viúva, a quem não via, aliás, desde duas semanas. Suspeitou-se logo de Piotr, criado-servo da vítima e imediatamente todas as circunstâncias contribuíram para confirmar essa suspeita, porque ele sabia que sua senhora estava decidida a fazê-lo arrolar entre os recrutas que devia fornecer, visto como era só e de má conduta. Estando bêbedo, ameaçara-a de morte no botequim. Fugira dois dias antes do assassinato e no dia seguinte encontraram-no totalmente embriagado, caído na estrada, nos arredores da cidade, com uma faca no bolso e a mão direita ensanguentada. Ele afirmou que o sangue era de seu nariz, mas não lhe deram crédito. As criadas confessaram que haviam se ausentado e tinham deixado a porta de entrada aberta até sua volta. Houve outros indícios análogos, que

provocaram a detenção desse criado inocente. Instauraram o processo, mas ao fim duma semana contraiu ele febre maligna e morreu no hospital, sem conhecimento. O caso foi arquivado, submeteram-se à vontade de Deus e todos, juízes, autoridades, público, ficaram convencidos de que aquele criado era o assassino. Começou então o castigo. Aquele visitante misterioso, que se tornara meu amigo, confiou-me que a princípio não tinha sentido nenhum remorso. Lamentava somente ter matado uma mulher amada e, suprimindo-a, suprimira seu amor, quando o fogo da paixão lhe queimava as veias. Mas então esquecia quase o sangue inocente derramado, o assassinato de um ser humano. A ideia de que sua vítima teria podido tornar-se a esposa dum outro parecia-lhe impossível, de modo que ficou muito tempo persuadido de que não podia ter agido de outro modo. A detenção do criado perturbou-o, mas sua doença e morte tranquilizaram-no, porque aquele indivíduo sucumbira certamente — ele pensava — não pelo medo causado por sua detenção, mas pelo resfriamento contraído por ter jazido uma noite inteira sobre a terra úmida. Os objetos e o dinheiro roubados não o inquietavam, porque roubara, não por cupidez, mas para desviar as suspeitas. A soma era insignificante e em breve doou-a, aumentando-a consideravelmente, a um hospício que se fundava na nossa cidade, Fez isso de propósito, para apaziguar sua consciência e, coisa curiosa, conseguiu isso por um tempo bastante longo, como me contou mais tarde. Redobrou de atividade no seu serviço, fez-se confiar uma missão árdua que lhe tomou dois anos, e esqueceu quase o que se passara, graças à firmeza de seu caráter; quando se lembrava de seu crime, esforçava-se por não pensar nele. Consagrou-se igualmente à beneficência, ocupou-se com boas obras em nossa cidade, assinalou-se nas capitais, foi eleito em Petersburgo e Moscou membro de sociedades filantrópicas. Por fim, foi invadido por um devaneio doloroso que ultrapassava suas forças. Apaixonou-se então por uma moça encantadora, com quem se casou em breve, na esperança de que o casamento dissiparia sua angústia solitária e, se cumprisse escrupulosamente seus deveres para com sua mulher e seus filhos, baniria as recordações de outrora. Mas aconteceu precisamente o contrário do que esperava. Desde o primeiro mês de seu casamento, uma ideia o atormentava sem cessar: “Minha mulher me ama, mas que aconteceria se ela soubesse?”. Quando ela ficou grávida de seu primeiro filho e comunicou-lhe, ele perturbou-se: “Dou

a vida e eu mesmo a tirei". Os filhos vieram ao mundo: "Como ousarei amá-los, instruí-los; educá-los, como lhes falarei da virtude? Derramei sangue". Teve belos filhos, vinha-lhe vontade de acariciá-los: "Não posso fitar-lhes os rostos inocentes; não sou digno". Por fim teve a visão ameaçadora e lúgubre do sangue de sua vítima, que gritava vingança da jovem vida que ele destruíra. Sonhos terríveis surgiram-lhe. Tendo o coração firme, suportou por muito tempo esse suplício: "Expio meu crime sofrendo secretamente". Mas era uma esperança vã; seu sofrimento só fazia agravar-se com o tempo. O mundo respeitava-o pela sua atividade beneficente, se bem que seu caráter sombrio e severo inspirasse temor; mas quanto mais crescia esse respeito, mais se lhe tornava intolerável. Confessou-me que pensara em suicídio. Mas outro sonho pôs-se a persegui-lo, um sonho julgado a princípio impossível e insensato, que acabou, no entanto, por incorporar-se a seu coração a ponto de não poder arrancá-lo dali. Pensava em fazer a confissão pública de seu crime e passou três anos presa dessa obsessão, que se apresentava sob diversas formas. Por fim, acreditou, de todo o coração, que depois de ter confessado o seu crime aliviaria sua consciência e recuperaria o repouso para sempre. Apesar desta certeza, encheu-se de terror; como, afinal, fazer isso? Sobreveio então aquele incidente em meu duelo. "Ao vê-lo, tomei minha decisão."

— Será possível — exclamei juntando as mãos — que um incidente tão insignificante tenha podido engendrar semelhante determinação?

— Minha determinação estava concebida desde três anos, aquele incidente serviu-lhe de impulso. Olhando o senhor, fiz censuras a mim mesmo e invejei-o — declarou ele com rudeza.

— Não lhe darão crédito — observei eu — ao fim de catorze anos.

— Tenho provas esmagadoras. Vou apresentá-las.

Pus-me então a chorar, beijei-o.

— Decida a respeito de um ponto, de um só! — disse-me ele (como se tudo dependesse de mim agora). — Minha mulher, meus filhos! Ela morrerá de pesar, talvez, meus filhos conservarão sua posição e a propriedade, mas serão para sempre os filhos de um

forçado. E que recordação de mim guardarão eles em seu coração!

Mantinha-me calado.

— Como separar-me deles, deixá-los para sempre?

Eu estava sentado, murmurando mentalmente uma prece. Levantei-me, por fim, apavorado.

— E então? — e ele me fixava.

— Vá — eu disse —, faça sua confissão. Tudo passa, só a verdade fica. Seus filhos, quando crescerem, compreenderão a grandeza de sua determinação.

Ao deixar-me, sua resolução parecia tomada. Mas veio ver-me durante mais de duas semanas, todas as noites, sempre a se preparar, sem poder decidir-se. Angustiava-me. Por vezes, chegava resoluto, dizendo com ar enternecido:

— Sei que, desde que tiver confessado, será para mim o paraíso. Durante catorze anos estive no inferno. Quero sofrer. Aceitarei o sofrimento e começarei a viver. Agora, não ouso amar nem meu próximo, nem mesmo meus filhos. Senhor, eles compreenderão talvez o que me custou meu sofrimento e não me censurarão!

— Todos compreenderão o seu ato, se não agora, mais tarde, porque o senhor terá servido à verdade, à verdade superior, que não é deste mundo…

Deixava-me, aparentemente consolado, e voltava no dia seguinte zangado, pálido, o tom irônico.

— Cada vez que volto, o senhor me examina com curiosidade: “Ainda não confessaste?”. Espere, não me despreze demais. Não é tão fácil de fazer como o senhor pensa. Talvez não faça. O senhor não irá denunciar-me, não é?

Por vezes, longe de experimentar uma curiosidade desarrazoada, tinha até medo de fitá-lo. Sofria, estava aflito, tinha a alma cheia de lágrimas. Cheguei a perder o sono.

— Estava com minha mulher há pouco — continuou ele. — Compreende o senhor o que é uma mulher? Ao sair, os meninos gritaram para mim: “Adeus, papai, volte depressa para ler para nós”. Não, o senhor não pode compreender isso. A desgraça alheia não pode ser compreendida,

Tinha os olhos cintilantes, os lábios trêmulos. De súbito, deu um murro na mesa; os objetos que nela estavam tremeram. Um homem tão manso… acontecia-lhe isso pela primeira vez…

— Devo denunciar-me? É preciso fazê-lo? Ninguém foi condenado, ninguém foi para a prisão por minha causa, o criado morreu de doença. Expiei pelos meus sofrimentos o: sangue derramado. Aliás, não me acreditarão, não darão fé às minhas provas. Será preciso confessar? Estou pronto a expiar meu crime até o fim, contanto que ele não reflita sobre minha mulher e meus filhos. É justo perdê-los ao mesmo tempo que me perco? Não será isto um pecado? Onde está a verdade? Saberão essas pessoas reconhecê-la, apreciá-la?

“Senhor — pensava eu —, ele pensa na estima pública em semelhante momento!” Inspirava-me tal piedade que teria partilhado de sua sorte, quando menos para aliviá-lo. Tinha o ar desvairado, Estremeci, não somente porque compreendia, mas sentia o que custa semelhante determinação.

— Decida minha sorte! — exclamou ele.

— Vá denunciar-se — murmurei. A voz me faltava, mas murmurei com tom firme. Peguei em cima da mesa o *Evangelho* e mostrei-lhe o versículo 24 do capítulo XII de São João: “Em verdade, em verdade vos digo que se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas se morrer, produz muito fruto”. Acabara de ler este versículo antes da chegada dele.

Ele o leu.

— É verdade. — Mas teve um sorriso amargo. — É terrível o que se encontra nesses livros — disse, após uma pausa. — É fácil aplicar o que dizem aos outros. E quem os escreveu? Foram homens?

— Foi o Espírito Santo.

— É fácil para o senhor tagarelar. — Sorriu de novo, mas quase com ódio.

Retomei o livro, abri-o noutro lugar e mostrei-lhe a Epístola aos Hebreus, capítulo X, versículo 31. Ele leu: “É coisa horrenda cair nas mãos do Deus vivo.”

Rejeitou o livro, todo trêmulo

— Eis um versículo terrível. Palavra, o senhor soube escolhê-lo. — Levantou-se. — Pois bem! adeus, talvez não volte… haveremos de tornar a ver-nos no paraíso. Portanto, há catorze anos; que “caí nas mãos do Deus vivo”. Amanhã, rogarei a essas mãos que me soltem…

Quis abraçá-lo, beijá-lo, mas não ousei; causava dó ver seu rosto contraído. Saiu. “Senhor — pensei —, aonde irá ele?” Caí de joelhos diante do ícone e roguei por ele à Santa Mãe de Deus, mediadora e auxiliadora. Meia hora se passou em lágrimas e preces; era já tarde, cerca de meia-noite. De súbito a porta se abre, era ele ainda. Espantei-me.

— Onde estava o senhor? — perguntei-lhe.

— Creio que esqueci alguma coisa… meu lenço… Está bem, mesmo que não haja esquecido nada, deixe que fique um pouco sentado…

Sentou. Fiquei de pé diante dele.

— Sente também.

Foi o que fiz. Ficamos assim dois minutos. Ele me fitava; de repente, sorriu, depois abraçou-me, beijou-me…

— Lembra de que voltei a procurar-te. Ouves? Lembra-te!

Era a primeira vez que me tuteava. Partiu. “Amanhã”, pensei.

Adivinhara certo. Ignorava então, não tendo ido a parte alguma naqueles últimos dias, que seu aniversário caía precisamente no dia

seguinte. Naquela ocasião, havia em casa dele uma recepção a que comparecia a cidade em peso. Realizou-se como de costume. Após o banquete, avançou para o meio de seus convidados, tendo na mão um papel dirigido a seus chefes. Como estivessem estes presentes, leu o que estava escrito para todos os que ali se encontravam: um relato detalhado de seu crime! “Sendo um monstro, separo-me da sociedade. Deus me visitou — concluía ele. — Quero sofrer.” Ao mesmo tempo, depôs sobre a mesa as provas guardadas durante catorze anos: joias da vítima, roubadas para desviar as suspeitas, uma medalha e uma cruz tiradas do pescoço dela, seu caderninho de notas e duas cartas: uma, de seu noivo informando-a de sua próxima chegada e a que ela começara em resposta para enviar no dia seguinte. Por que ter ficado com essas duas cartas e tê-las conservado durante catorze anos, em lugar de destruí-las como provas? O que aconteceu é que todos foram tomados de surpresa e de terror, mas ninguém quis acreditar nele, se bem que o escutassem com uma curiosidade extraordinária, como se escuta um doente; alguns dias mais tarde, todos concordaram que o infeliz estava louco. Seus chefes e a Justiça foram obrigados a dar prosseguimento ao caso, mas em breve arquivaram-no; muito embora os objetos apresentados e as cartas dessem que pensar, achava-se que, mesmo se fossem autênticas aquelas peças, não podiam servir de base a uma acusação formal, A própria defunta poderia ter-lhas confiado. Soube depois que a autenticidade delas fora verificada por numerosos conhecidos e amigos da vítima e que não restava dúvida alguma. Mas, de novo, o caso iria dar em nada. Cinco dias após, soube-se que o infeliz caíra doente e temia-se pela sua vida. Não posso explicar a natureza de sua doença, atribuída a perturbações cardíacas; soube-se que a junta médica, a pedido de sua mulher, o examinara também do ponto de vista mental e concluíra pela existência da loucura. Não fui testemunha de nada, contudo crivaram-me de perguntas e quando quis visitá-lo, isso me foi proibido por muito tempo, principalmente por sua mulher. “Foi o senhor — disse-me ela — que o transtornou. Ele já era melancólico, mas no último ano sua agitação extraordinária, e suas esquisitices chamaram a atenção de toda gente, e o senhor o pôs a perder; foi o senhor quem o doutrinou, ele não o deixava durante este mês.” Ora, não somente sua mulher, mas todos na cidade caíam-me em cima e acusavam-me: “É culpa sua”, diziam. Calava-me, com o coração alegre por aquela manifestação da misericórdia divina

para com um homem que se havia condenado a si mesmo. Quanto à sua loucura, não podia acreditar nela. Permitiram afinal que o visse. Ele mesmo pedira com insistência minha presença para despedir-se de mim. À primeira vista, verifiquei que seus dias estavam contados. Enfraquecido, a tez amarela, as mãos trêmulas, sufocava, mas havia alegria, emoção em seu olhar.

— Consumou-se! — declarou. — Há muito tempo que desejava ver-te. Por que não vieste?

Dissimulei-lhe que me fora proibido visitá-lo.

— Deus teve piedade de mim e me chama para seu lado. Sei que vou morrer, mas sinto-me calmo e alegre, pela primeira vez desde tantos anos. Depois de minha confissão, minha alma entrou no paraíso. Agora ouso amar meus filhos e beijá-los. Não me acreditam, ninguém acreditou em mim, nem minha mulher, nem meus juízes; meus filhos não acreditarão nunca. Vejo nisso a prova da misericórdia divina para com eles. Herdarão um nome sem mancha. Agora, pressinto Deus, meu coração exulta, como no paraíso… Cumpri meu dever…

Incapaz de falar, ofegava, apertava-me a mão, olhava-me com um ar exaltado. Mas não conversamos muito tempo, sua mulher vigiava-nos furtivamente. Ele pôde, no entanto, murmurar:

— Lembras-te de como voltei à tua casa à meia-noite? Recomendei-te mesmo que te lembrasses. Sabes por que eu voltava? Voltava para matar-te!

Estremeci.

— Depois de haver-te deixado, vaguei pelas trevas, em luta comigo mesmo. De repente, senti por ti um ódio quase intolerável. “Agora — pensei — estou em suas mãos, é meu juiz, sou forçado a denunciar-me, porque ele sabe tudo.” Não que eu temesse tua denúncia (não pensava nisso), mas dizia a mim mesmo: “Como ousarei olhá-lo, se não me acusar?”. E mesmo que estivesses nos antípodas, a simples ideia de que existias e me julgavas, sabendo de tudo, teria sido insuportável. Detestava-te como responsável por tudo. Voltei à tua

casa, lembrando-me de que tinhas um punhal em cima da mesa. Sentei e roguei-te que fizesses o mesmo. Durante um minuto refleti. Matando-te, perdia-me, mesmo sem confessar o outro crime. Mas não pensava nisso, não queria pensar nisso naquele instante. Odiava-te e ardia de desejo de vingar-me de ti. Mas o Senhor venceu o diabo em meu coração. Fica sabendo, pois, que nunca estiveste tão perto da morte.

Morreu ao fim duma semana. Toda a cidade acompanhou-lhe o enterro. O padre pronunciou uma alocução comovida. Deplorou-se a terrível doença que pusera fim a seus dias. Mas toda gente ergueu-se contra mim por ocasião de seus funerais. Cessaram mesmo de receber-me. No entanto, algumas pessoas, depois um maior número, admiram a verdade de suas alegações, vêm muitas vezes interrogar-me com maligna curiosidade, porque a queda e a desonra do justo causam satisfação. Mas guardei silêncio e deixei em breve, definitivamente a cidade. Cinco meses depois, o Senhor julgou-me digno de entrar no bom caminho e eu O bendigo por me ter tão visivelmente guiado. Quanto ao infortunado Mikhail, menciono-o todos os dias em minhas orações.

## III / Extratos das conversações e da doutrina do stáriets Zósima

### *e) Do religioso russo e de seu possível papel.*

Padres e mestres, que é um religioso? Em nossos dias, nos meios esclarecidos, pronuncia-se este termo com ironia, por vezes mesmo como uma injúria. E isto vai aumentando. É verdade, ai! que se contam, mesmo entre os monges, muitos mandriões, sensuais, libidinosos e desavergonhados vagabundos. “Não passais de preguiçosos, de membros inúteis da sociedade, vivendo do trabalho alheio, mendigos sem vergonha.” Entretanto, quantos monges são humildes e mansos, aspiram, à solidão para nela se entregar a fervorosas preces! Não se fala deles, cercam-nos de silêncio e causarei espanto a muita gente dizendo que são eles que salvarão talvez ainda uma vez a terra russa! Porque estão, verdadeiramente prontos para “o dia e a hora, o mês e o ano. Guardam na sua solidão a imagem do

Cristo, esplêndida e intata, na pureza da verdade divina, legada pelos padres da Igreja, pelos apóstolos e pelos mártires, e quando a hora chegar, vão revelá-la ao mundo abalado. É uma grande ideia. Essa estreia brilhará no Oriente.

Eis o que penso dos religiosos. Estarei enganado talvez, será presunção minha? Olhai os leigos e esse mundo que se ergue acima do povo cristão: ele não alterou a imagem de Deus e sua verdade? Têm a ciência, mas somente a ciência sujeita aos sentidos. Quanto ao mundo espiritual, a metade superior do ser humano, rejeitam-no, banem-no alegremente; mesmo com ódio. O mundo proclamou a liberdade, sobretudo nestes derradeiros anos, e que representa ela? Nada mais senão a escravidão e o suicídio! Porque o mundo diz: "Tu tens necessidades, cuida de as satisfazer; porque possuis os mesmos direitos que os grandes e os ricos. Não temas satisfazê-las, aumenta-as mesmo." Eis o que se ensina atualmente. Tal é a concepção deles de liberdade. E que resulta desse direito de aumentar as necessidades? Entre os ricos, a solidão e o suicídio espiritual; entre os pobres, a inveja e o crime, porque conferiram-se direitos, mas ainda não se indicaram os meios de satisfazer as necessidades. Assegura-se que o mundo, abreviando as distâncias, transmitindo o pensamento pelos ares, vai se unir sempre cada vez mais, que a fraternidade reinará. Ai! não acrediteis nessa união dos homens. Concebendo a liberdade como o aumento das necessidades e sua pronta satisfação, alteram-lhes a natureza, porque fazem nascer neles uma multidão de desejos insensatos, de hábitos e imaginações absurdos. Não vivem senão para invejar-se mutuamente, para a sensualidade e a ostentação. Dar jantares, viajar, possuir carruagens, cargos, lacaios, passa tudo como uma necessidade à qual se sacrifica até sua vida, sua honra e o amor à humanidade, chegarão a se matar na impossibilidade de satisfazê-la. O mesmo ocorre entre aqueles que são ricos; quanto aos pobres, a insatisfação das necessidades e a inveja são no momento afogadas na embriaguez. Mas em breve, em lugar de vinho, vão se embriagar de sangue, é o fim para que os conduzem. Dizei-me se tal homem é livre. Um "campeão da ideia" contava-me que, estando na prisão, privaram-no de fumo e que essa privação lhe foi tão penosa que quase traiu sua ideia para obtê-lo. Ora, esse indivíduo pretendia lutar pela humanidade. De que ele pode ser capaz? Quando muito dum esforço

momentâneo, que não sustentará por muito tempo. Nada de admirar que os homens tenham encontrado sua servitude em lugar da liberdade, e que em lugar de servir à fraternidade e à união, tenham caído na desunião e na solidão, como me dizia outrora meu visitante misterioso e mestre. De modo que a ideia do devotamento à humanidade, da fraternidade e da solidariedade desaparece gradualmente do mundo; na realidade, acolhem-na mesmo com derrisão, porque como desfazer-se de seus hábitos, aonde irá aquele prisioneiro das necessidades inumeráveis que ele próprio inventou? Na solidão, preocupa-se muito pouco com a coletividade. Afinal de contas, os bens materiais aumentaram e a alegria diminuiu.

Bem diferente é o caminho do religioso. Zombam da obediência, do jejum, da oração, entretanto é a única via que conduz à verdadeira liberdade; suprimo as necessidades supérfluas, domo e flagelo pela obediência minha vontade egoísta e orgulhosa; chego assim, com a ajuda de Deus, à liberdade do espírito e com ela à alegria espiritual! Qual dentre eles é mais capaz de exaltar uma grande ideia, de pôr-se a seu serviço, o rico isolado ou o religioso liberto da tirania dos hábitos? Censura-se ao religioso o seu isolamento: "Tu te retiraste para um mosteiro para cuidar de tua salvação, e desertaste a causa fraternal da humanidade". Mas vejamos quem serve mais à fraternidade. Porque o isolamento está do lado deles e não do nosso, mas eles não notam. Foi do nosso meio que saíram outrora os homens de ação do povo. Por que não será assim em nossos dias? Esses jejuadores e esses taciturnos mansos e humildes se erguerão para servir a uma nobre causa. É o povo quem salvará a Rússia. O mosteiro russo sempre esteve com o povo. Se o povo é isolado, nós também o somos. Ele partilha de nossa fé e um político incréu jamais fará nada na Rússia, seja embora sincero e genial. Lembrai-vos disso. O povo derrubará o ateu e a Rússia será unificada na ortodoxia. Preservai o povo e velai pelo seu coração. Instruí-o na paz. Eis vossa missão de religiosos, porque esse povo traz Deus em si.

*f) Amos e servos podem tornar-se mutuamente irmãos em espírito?*

É preciso confessar que o povo também está presa do pecado. A corrupção aumenta visivelmente todos os dias. O isolamento invade o

povo; os açambarcadores e os sanguessugas aparecem: já o comerciante se mostra mais ávido de honras, aspira a mostrar sua instrução, sem que tenha nenhuma; com esse fito, desdenha os antigos usos, envergonha-se mesmo da fé de seus pais. Vai à casa dos príncipes, embora não passe de um mujique depravado. O povo está desmoralizado pela bebedice e não pode curar-se dela. Quantas crueldades na família, para com a mulher e mesmo para com os filhos, causadas por ela! Vi nas fábricas crianças de nove anos, débeis, atrofiadas, curvadas e já corruptas. Um local sufocante, o barulho das máquinas, o trabalho incessante, as obscenidades, a aguardente, é isso que convém à alma dum menino? Precisa é de sol, dos jogos de sua idade, de bons exemplos e de um mínimo de simpatia. É preciso que isso cesse, religiosos, meus irmãos, os sofrimentos das crianças devem ter um fim, levantai-vos e pregai. Mas Deus salvará a Rússia porque se o povo baixo está pervertido e atola-se no pecado, sabe que Deus tem horror ao pecado e se sente culpado perante Ele. De modo que nosso povo não cessou de crer na verdade, reconhece Deus, derrama lágrimas de enternecimento. Não acontece o mesmo entre os grandes. Adeptos da ciência, querem organizar-se equitativamente pela razão apenas, mas sem o Cristo, como outrora; já proclamaram que não há crime nem pecado. Tem razão de acordo com seu ponto de vista, porque sem Deus, onde está o crime? Na Europa, já o povo se subleva contra os ricos, por toda parte seus chefes o incitam ao assassinato e lhe ensinam que sua cólera é justa. Mas “maldita é sua cólera, porque é cruel”. Quanto à Rússia, o Senhor a salvará como a salvou; muitas vezes. É do povo que virá a salvação, de sua fé, de sua humildade. Meus padres, preservai a fé do povo, não estou sonhando: toda a minha vida fui impressionado pela nobre dignidade de nosso grande povo. Eu a vi, posso atestá-la. Não é servil, após uma escravidão de dois séculos. É livre no seu comportamento e nas suas maneiras, mas sem querer ofender ninguém. Não é vingativo, nem invejoso. “Tu és distinto, rico, inteligente, tens talento. Pois seja; que Deus te abençoe. Respeito-te, mas sabe que também eu sou um homem. O fato de respeitar-te sem inveja revela-te minha dignidade humana.” Na verdade, se não dizem (porque ainda não sabem como dizer), agem assim, eu vi, experimentei eu mesmo e, acreditai se puderdes, quanto mais pobre e humilde o homem russo mais se nota nele essa nobre verdade, porque os ricos entre eles, os açambarcadores e os

sanguessugas já estão na maior parte pervertidos e nossa negligência, nossa indiferença são muito culpadas por isso. Mas Deus salvará os seus, porque a Rússia é grande pela sua humildade. Penso no nosso futuro, parece-me vê-lo aparecer, porque acontecerá que o rico mais depravado acabará por envergonhar-se de sua riqueza diante do pobre, e o pobre, vendo sua humildade, compreenderá e lhe cederá, responderá jovialmente, amigavelmente, à sua nobre confusão. Ficai certos desse desenlace; tende-se para ele! Só há igualdade na dignidade espiritual e isto só é compreendido entre nós. Havendo irmãos, a fraternidade reinará, e sem a fraternidade não se partilharão jamais os bens. Guardamos a imagem do Cristo e ela resplandecerá aos olhos do mundo inteiro como um diamante precioso… Assim seja!

Padres e mestres, aconteceu-me uma vez algo de tocante. Por ocasião de minhas peregrinações, encontrei na cidade de K*** meu antigo ordenança Afanássi, oito anos depois de me haver separado dele. Tendo-me visto, por acaso, no mercado, reconheceu-me, acorreu todo alegre: "*Bátiuchka, bárin*, é mesmo o senhor? Será possível que esteja vendo mesmo o senhor?" Conduziu-me à sua casa. Livre do serviço militar, casara, tinha já dois filhos. Ele e sua mulher viviam de um pequeno negócio de frutas e hortaliças. Seu quarto era pobre, mas limpo e alegre. Fez-me sentar, preparou o samovar, mandou chamar sua mulher, como se fosse uma festa minha visita à sua casa. Apresentou-me seus dois filhos: "Abençoe-os, meu padre". — "Cabe a mim abençoá-los? — respondi. — Não passo de um humilde religioso, mas rogarei a Deus por eles; quanto a ti, Afanássi Pávlovitch, não te esqueço nunca em minhas orações, desde aquele famoso dia, porque és a causa de tudo." Expliquei-lhe da melhor maneira. Ele me olhava sem poder afazer-se à ideia de que eu, seu antigo amo, um oficial, me encontrasse agora diante dele naquele hábito, e chegou mesmo a chorar. "Por que choras — perguntei-lhe — tu a quem não posso esquecer? Rejubila-te antes comigo, meu caro, porque meu caminho está iluminado de felicidade." Ele não falava, mas suspirava e abanava a cabeça com enternecimento. "Que fez de sua fortuna?" — "Dei-a ao mosteiro, vivemos, em comunidade." Depois do chá, despedi-me deles. Deu-me cinquenta copeques, oferenda para o mosteiro, e vejo que ele me enfia cinquenta outros na mão apressadamente. "É para o senhor — disse-me — que viaja. Isto posso servir-lhe, meu padre." Aceitei sua

esmola, saudei-o, a ele e à sua esposa, e parti alegre, pensando no caminho: “Todos dois, sem dúvida, ele em sua casa e eu que caminho, suspiramos e nos sorrimos alegremente, de coração contente, lembrando-nos de como Deus fez que nos encontrássemos”. Jamais o tornei a ver depois. Eu era seu amo, ele meu servidor, e agora, beijando-nos emocionados, confundimo-nos numa nobre união. Pensei muito nisso e agora digo a mim mesmo: é inconcebível que essa grande e franca união possa realizar-se por toda parte à sua hora, entre os russos? Creio que ela se realizará e que a hora está próxima.

A propósito dos servidores, acrescentarei o que segue: na minha juventude, irritava-me frequentemente contra eles; “a cozinheira serviu demasiado quente, o ordenança não escovou minhas roupas”. Mas fui esclarecido pelo pensamento de meu querido irmão, que ouvira na minha infância: “Serei digno de ser servido por outrem? Tenho o direito de explorar sua miséria e sua ignorância?”. Admirava-me então de que as ideias mais simples, as mais evidentes nos venham tão tarde ao espírito. Não se pode passar sem servidores neste mundo, mas fazei de maneira a que o vosso se sinta em vossa casa mais livre moralmente do que se não fosse um servidor. E por que não serei o servidor do meu, e que ele o veja, sem nenhum orgulho de minha parte, nem desconfiança da dele? Por que meu servidor não seria como meu parente, que aceitaria afinal com alegria em minha família? De agora em diante, é isto realizável e servirá de base à magnífica união do futuro, quando o homem não quererá mais transformar em servidores seus semelhantes como agora, mas desejará ardentemente, pelo contrário, tornar-se ele próprio o servidor de todos, segundo o *Evangelho*. Seria um sonho crer que o homem encontrará afinal sua alegria unicamente nas obras de civilização e de caridade e não, como em nossos dias, nas satisfações brutais, na glutonaria, na fornicação, no orgulho, na presunção, na supremacia invejosa de uns sobre os outros? Estou persuadido de que não é um sonho e que os tempos estão próximos. Riem, perguntam: quando chegarão esses tempos, é provável que cheguem? Penso que realizaremos essa grande obra com o Cristo. Quantas ideias neste mundo, na história da humanidade, eram irrealizáveis dez anos atrás e no entanto apareceram de repente, quando foi chegado seu termo misterioso e se espalharam por toda a terra! O mesmo acontecerá conosco, nosso povo brilhará diante do

mundo e todos dirão: “A pedra que os arquitetos tinham rejeitado tornou-se a pedra angular”. Seria possível perguntar aos zombadores se nós sonhamos, quando erguereis vós o vosso edifício, quando vos organizareis equitativamente de acordo apenas com a vossa razão, sem o Cristo? Se afirmarem tender também para a união, somente os mais ingênuos entre eles poderão acreditar nisso, muito embora possa causar espanto essa ingenuidade. Na realidade, há mais fantasia entre eles que entre nós, Podem organizar-se segundo a justiça, mas, tendo repudiado o Cristo, acabarão por inundar o mundo de sangue, porque o sangue chama o sangue e o que tirar a espada perecerá pela espada. Sem a promessa do Cristo, se exterminariam até só restarem dois. E no seu orgulho, não poderiam esses conter-se, o derradeiro suprimiria o penúltimo e a si mesmo em seguida. Eis o que aconteceria sem a promessa do Cristo de deter essa luta por amor dos dois e dos humildes. Depois de meu duelo, estando ainda de uniforme, aconteceu-me falar dos servidores em sociedade e lembro-me de que causei espanto a todo mundo. “Com que então seria preciso instalar o servidor no sofá e oferecer-lhe chá?” Respondi-lhes: “Por que não, ainda que fosse uma vez ou outra?”. A gargalhada foi geral. A pergunta deles era frívola e minha resposta não era clara, mas acho que encerrava certa verdade!

*g) Da oração, do amor, do contato com os outros mundos.*

Jovem, não esqueças a oração. Cada uma delas, se sincera, exprime um novo sentimento, fonte duma ideia nova que ignoravas e que te reconfortará, e compreenderás que a prece é uma educação. Lembra-te ainda de repetir cada dia, e todas as vezes que puderes, mentalmente: “Senhor, tem piedade de todos aqueles que comparecem agora diante de Ti”. Porque a cada hora, milhares de seres terminam sua existência terrestre e suas almas chegam à presença do Senhor; quantos entre eles deixaram a terra no isolamento, ignorados de todos, tristes e angustiados por causa da indiferença geral! E talvez na outra extremidade do mundo, tua prece por ele chegará a Deus, sem que vós vos tivésseis conhecido. A alma, tomada de temor na presença do Senhor, ficará comovida por ter também na terra alguém que a ama e intercede por ela. E Deus vos olhará a ambos com mais misericórdia, porque se tens tal compaixão daquela alma, Ele terá muito mais, Ele

cuja misericórdia e cujo amor são infinitos. E a perdoará por tua causa.

Meus irmãos, não temais o pecado, amai o homem mesmo no pecado, é isso a imagem do amor divino, amor que não há maior na terra. Amai toda a criação no seu conjunto e nos seus elementos, cada folha, cada raio de luz os animais, as plantas. Amando cada coisa, compreendereis o mistério divino nas coisas. Tendo-o compreendido uma vez, vós o conhecereis sempre mais, cada dia. E acabareis por amar o mundo inteiro com um amor universal. Amai os animais, porque Deus lhes deu o princípio do pensamento e uma alegria tranquila. Não a perturbeis, não os atormenteis tirando-lhes essa alegria, não vos oponhais ao plano de Deus. Homem, não te ergas acima dos animais; eles não têm pecado, ao passo que com tua grandeza manchas a terra com tua aparição, deixando após ti um rasto de podridão — ai! quase todos nós! — Amai particularmente as crianças, porque elas, como os anjos, também não têm pecado; existem para comover-nos os corações, purificá-los, são para nós como uma indicação. Maldito o que ofende um desses pequeninos! Foi o Padre Anfim quem me ensinou a amá-los; sem nada dizer, com os copeques que nos davam em nossas peregrinações, comprava por vezes bolinhos e doces para distribuí-los com eles; não podia passar perto das crianças sem ficar comovido.

Pergunta-se por vezes, sobretudo em presença do pecado: “É preciso recorrer à força ou ao amor humilde?”. Não empregueis jamais senão esse amor, podereis assim submeter o mundo inteiro. A humildade cheia de amor é uma força tremenda, sem nenhuma outra igual. Cada dia, a cada instante, vigiai-vos, mantende uma atitude digna. Passastes ao lado duma criança blasfemando, sob o império da cólera, sem notá-la; ela, porém, vos viu e guarda talvez em seu coração inocente vossa imagem envilecedora. Vós não a vistes e talvez semeastes em sua alma um mau germe que poderá desenvolver-se e isto porque não vos contivestes diante dessa criança, não cultivastes em vós o amor ativo, refletido. Meus irmãos, o amor é mestre, mas é preciso saber adquiri-lo, porque se adquire dificilmente ao preço dum esforço prolongado; é preciso amar, com efeito, não por um instante, mas até o fim. Qualquer um, até mesmo um celerado, é capaz de um

amor fortuito. Meu irmão pedia perdão aos pássaros; isto parece absurdo, mas é justo, porque tudo se assemelha ao Oceano, onde tudo se derrama e comunica, toca-se num lugar e isto repercute na outra extremidade do mundo. Admitamos que seja uma loucura pedir perdão aos pássaros, mas os pássaros, e a criança, e cada animal que vos cerca iam se sentir mais à vontade, se vós mesmos fôsseis mais dignos do que o sois agora, um pouco que seja. Então rezaríeis aos pássaros, possuídos totalmente pelo amor numa espécie de êxtase, vós lhes rogaríeis que vos perdoassem vossos pecados. Estimai esse êxtase, por mais absurdo que pareça aos homens.

Meus amigos, pedi a Deus a alegria. Sede alegres como as crianças, como as aves dos céus. No vosso apostolado não vos deixeis perturbar pelo pecado, não temais que ele macule vossa obra e vos impeça de realizá-la, não digais: "o pecado, a impiedade, o pior exemplo são poderosos, ao passo que nós somos fracos, isolados; o mal triunfará, sufocará o bem". Não vos deixeis abater assim, meus filhos! Só há um meio de salvação, toma a teu cargo todos os pecados dos homens. Com efeito, meu amigo, desde que responderes sinceramente por todos, e por tudo, verás logo que é verdadeiramente assim, que és culpado por todos e por tudo. Mas atirando tua preguiça e tua fraqueza sobre os outros, vais te tornar finalmente cheio de um orgulho satânico e murmurarás contra Deus. Eis o que penso desse orgulho; é nos difícil compreendê-lo aqui embaixo, por isso é que se cai tão facilmente no erro, a ele nos abandonamos, imaginando realizar algo de grande, de nobre. Entre os sentimentos e os movimentos mais violentos de nossa natureza, há muitos que não podemos ainda compreender aqui embaixo; não te deixes seduzir, não penses que isso te possa servir, no que quer que seja de justificação, porque o Juiz soberano te pedirá conta do que podias compreender e não do resto; vais te convencer disto tu mesmo, porque discernirás tudo exatamente e não farás objeção. Sobre a terra, vagamos sem rumo, e se não tivéssemos a preciosa imagem do Cristo para guiar-nos, sucumbiríamos e nos perderíamos totalmente, como o gênero humano antes do dilúvio. Muitas coisas nos estão ocultas neste mundo; em compensação, temos a sensação misteriosa do liame vivo que nos prende ao mundo celeste e superior, as raízes de nossos sentimentos e de nossas ideias não estão aqui, mas em outra parte. Eis por que dizem

os filósofos que é impossível sobre a terra compreender a essência das coisas. Deus tomou de empréstimo aos outros mundos as sementes para semeá-las aqui embaixo e cultivou seu jardim. Tudo quanto podia brotar, brotou, mas as plantas que somos vivem somente pelo sentimento de seu contato com esses mundos misteriosos; quando esse sentimento se enfraquece ou some, o que havia em nós brotado perece. Tornamo-nos indiferentes à vida, sentimos mesmo aversão por ela. É esta pelo menos minha ideia.

*h) Pode-se ser o juiz de seus semelhantes? Fé até o fim.*

Lembra-te de que não podes ser o juiz de ninguém. Porque antes de julgar um criminoso, deve o juiz saber que é ele próprio tão criminoso quanto o acusado, e talvez mais que todos culpado do crime dele. Quando tiver compreendido isto, poderá ser juiz. Por mais absurdo que isto pareça, é verdade. Porque se eu mesmo fosse um justo, talvez não houvesse diante de mim um criminoso. Se podes encarregar-te do crime do acusado que julgas em teu coração, faz isso imediatamente e sofre em seu lugar; quanto a ele, deixa-o ir sem censura. E mesmo se a lei te instituiu juiz dele, tanto quanto é possível, faze também a justiça naquele espírito, porque, uma vez partido, ele ainda vai se condenar mais severamente que o teu tribunal. Se ele se vai insensível a teu bom tratamento e zombando de ti, não fiques impressionado; é que a hora dele ainda não chegou, mas chegará; e no caso contrário, um outro em lugar dele compreenderá, sofrerá, condenará e acusará a si mesmo e a verdade será cumprida. Crê firmemente nisto, é aí que repousam a esperança e a fé dos santos. Não te canses de agir. Se te lembrares à noite, antes de dormir, que não cumpriste o que era preciso, levanta-te logo para cumpri-lo. Se os que te cercam, por malícia ou indiferença, recusam ouvir-te, põe-te de joelhos e pede-lhes perdão, porque, na verdade, é culpa tua se não querem te escutar. Se não podes falar àqueles que estão envinagrados, serve-os em silêncio e na humildade, sem jamais desesperar. Se todos te abandonam e se te expulsam com violência, ao ficares sozinho, prosterna-te, beija a terra, regada com tuas lágrimas, e essas lágrimas darão frutos, ainda mesmo que ninguém te visse, nem te ouvisse na tua solidão. Crê até o fim, mesmo que todos os homens se hajam desviado e tenhas ficado fiel sozinho; leva então tua oferenda e louva

a Deus, por teres sido o único a manter a fé. E se dois, tais como vós, se reúnem, então eis a plenitude do amor vivo, beijai-vos com efusão e louvai o Senhor, porque Sua verdade cumpriu-se, ainda que apenas em vós dois.

Se tu mesmo pecaste e estás mortalmente aflito por isso, rejubila-te por um outro, por um justo, rejubila-te por ser ele, em compensação, um justo e não ter pecado.

Se estás indignado e aflito por causa da iniquidade dos homens, a ponto de quereres vingar-te, teme acima de tudo esse sentimento; impõe-te o mesmo castigo como se fosses tu mesmo culpado do crime deles. Aceita esse castigo e suporta-o, teu coração se acalmará, compreenderás que tu também és culpado, porque terias podido esclarecer os celerados mesmo na qualidade de único justo, e não o fizeste. Esclarecendo-os, mostrarias a eles um outro caminho, e o autor do crime não o teria talvez cometido, graças à luz. Se os homens ficarem mesmo insensíveis a essa luz, malgrado teus esforços, e negligenciem sua salvação, fica firme e não duvides do poder da luz celeste; persuade-te de que se não foram eles salvos agora, alcançarão isso mais tarde. E se não for assim, seus filhos serão salvos em lugar deles, porque tua luz não perecerá, mesmo se estiveres morto. O justo desaparece, mas a luz fica. Após a morte do salvador é que a gente se salva. O gênero humano repele seus profetas, massacra-os, mas os homens amam seus mártires e veneram aqueles que eles mesmos fizeram perecer. É pela coletividade que trabalhas, pelo futuro que ages. Não procures recompensa jamais, porque tens já uma grande nesta terra: tua alegria espiritual de que somente o justo partilha. Não temas nem os grandes nem os poderosos, mas sê sábio e sempre digno. Segue a medida, conhece os termos, instrui-te a este respeito. Retirado na solidão, reza. Prosterna-te com amor e beija a terra. Ama incansavelmente, insaciavelmente, todos e tudo, procura esse êxtase e essa exaltação. Rega a terra de lágrimas de alegria, ama essas lágrimas. Não te envergonhes desse êxtase, ama-o, porque é um grande dom de Deus, concedido somente aos eleitos.

### *i) Do inferno e do fogo eterno. Consideração mística.*

Meus padres, pergunto a mim mesmo: “Que é o inferno?”. Defino-

o assim: “O sofrimento por não poder mais amar”. Uma vez, no infinito do espaço e do tempo, um ser espiritual, pela sua aparição na terra, teve a possibilidade de dizer: “Eu sou e eu amo”. Uma vez somente foi-lhe concedido um momento de amor ativo e vivo, para isso foi-lhe dada a vida terrestre, limitada no tempo; ora, esse ser feliz repeliu esse dom inestimável, nem o apreciou nem amou, considerou-o ironicamente, ficou a ele insensível. Tal ser, tendo deixado a terra, vê o seio de Abraão, entretém-se com ele como está dito na parábola de Lázaro e do mau rico, contempla o paraíso, pode elevar-se até o Senhor, mas o que o atormenta precisamente, é que se apresenta sem ter amado, entra em contato com aqueles que amaram e cujo amor desdenhou. Porque tem uma clara noção das coisas e diz a si mesmo: “Agora tenho o conhecimento e, apesar da minha sede de amor, esse amor será sem valor, não representará nenhum sacrifício, porque a vida terrestre terminou e Abraão não virá aplacar — ainda que com uma só gota de água viva — minha sede ardente de amor espiritual, que agora me abrasa, depois de tê-la desdenhado na terra. A vida e o tempo passaram agora. Daria com alegria minha vida pelos Outros, mas é impossível, porque a vida que se podia sacrificar ao amor já decorreu, um abismo a separa da existência atual”. Fala-se do fogo do inferno no sentido literal; temo sondar esse mistério, mas penso que se houvesse mesmo verdadeiras chamas, os danados se regozijariam, porque esqueceriam nos tormentos físicos, ainda que por um instante, a mais horrível tortura moral. É impossível libertá-los dela, porque esse tormento está neles e não fora. E se fosse possível, penso que mais desgraçados seriam ainda. Porque mesmo se os justos do paraíso lhes perdoassem à vista de seus sofrimentos e os chamassem a si no seu amor infinito, não faria senão aumentar-lhes esses sofrimentos, excitando neles essa sede ardente dum amor correspondente; ativo e grato, doravante impossível. Na timidez de meu coração; penso, no entanto, que a consciência dessa impossibilidade acabaria por aliviá-los, porque tendo aceitado o amor dos justos sem poder a ele corresponder, sua humilde submissão criaria uma espécie de imagem e de imitação desse amor ativo e desdenhado por eles na terra… Lamento, irmãos e amigos, não poder formular, claramente isto. Mas infelizes daqueles que se destruíram a si mesmos, infelizes dos suicidas! Penso que não pode haver mais infelizes do que eles. É um pecado, dizem-nos, orar a Deus por eles, e a Igreja aparentemente os

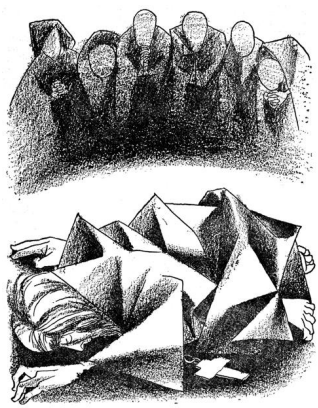
repudia, mas meu pensamento íntimo é que se poderia rezar por eles também. O amor não haveria de irritar o Cristo. Toda a minha vida tenho rezado em meu coração por esses infortunados, confesso-o a vós, meus padres, e ainda agora.

Oh! há no inferno seres que permanecem soberbos, e intratáveis, mesmo diante do conhecimento que não pode ser contestado e da contemplação da verdade inelutável; há-os terríveis, que se tornaram totalmente presa de Satanás e de seu orgulho. São mártires voluntários que não podem satisfazer-se com o inferno. Porque são eles próprios malditos, tendo amaldiçoado Deus e a vida. Nutrem-se de seu orgulho irritado como um esfomeado no deserto se poria a sugar seu próprio sangue. Mas são insaciáveis por todos os séculos dos séculos e repelem o perdão. Amaldiçoam Deus que os chama e quereriam que Deus se aniquilasse, Ele e toda a Sua criação. E arderão eternamente no fogo de sua cólera, terão sede da morte e do nada. Mas a morte fugirá deles…

*

Aqui termina o manuscrito dc Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov. Repito: está incompleto e fragmentário. As informações biográficas, por exemplo, só abarcam a primeira juventude do *stáriets*. Aproveitaram de seu ensino e de suas opiniões, para resumi-los num todo, coisas ditas evidentemente em várias ocasiões e em várias vezes. As afirmativas do *stáriets* nas suas derradeiras horas não são precisas, dá-se somente uma ideia do espírito e do caráter dessa conversação, comparados com extratos de outras lições, no manuscrito de Alieksiéi Fiódorovitch. O fim do *stáriets* sobreveio duma maneira verdadeiramente inesperada, porque, muito embora todos os assistentes daquela derradeira noite se dessem conta de que sua morte se aproximava, não se podia imaginar que ela ocorresse tão subitamente; pelo contrário, como já o observamos, seus amigos, vendo-o tão disposto e loquaz naquela noite, acreditaram numa melhora sensível, ainda que passageira. Cinco minutos antes de sua morte, não se podia ainda nada prever. Sentiu de repente uma dor aguda no peito, empalideceu, apoiou suas mãos no coração. Todos se reuniram solícitos em torno dele; sorrindo, apesar de seus sofrimentos,

escorregou de sua cadeira, pôs-se de joelhos, prosternou-se com a face inclinada para o chão, estendeu os braços, depois, como em êxtase, beijando a terra e rezando (ele próprio o havia ensinado), entregou suavemente, alegremente, sua alma a Deus. A notícia de sua morte espalhou-se logo no eremitério e alcançou o mosteiro. Os íntimos do defunto e os designados pela sua posição procederam ao amortalhamento, segundo o antigo rito, e a comunidade reuniu-se na igreja. Antes do dia, tornou-se a notícia conhecida na cidade, constituindo-se o assunto de todas as conversas; muitas pessoas dirigiram-se ao mosteiro. Mas falaremos disto no livro seguinte; digamos somente, por antecipação, que durante aquele dia ocorreu um acontecimento tão inesperado e, segundo a impressão que produziu entre os monges e na cidade, a tal ponto estranho e desconcertante, que até agora, após tantos anos, se guardou em nossa cidade a mais viva recordação daquele dia movimentado…



# Terceira parte

## Livro VII / *Aliócha*

### *I / O odor deletério*

O corpo do Padre Zósima foi preparado para a inumação segundo o rito estabelecido. Não se lavam os monges e os ascetas falecidos, o fato é notório. “Quando um monge é chamado ao Senhor (lê-se no *Grande Ritual*), o irmão preposto ao encargo esfrega-lhe o corpo com

água morna, traçando previamente, com a esponja, uma cruz sobre a fronte do morto, sobre o peito, mãos, pés e joelhos e nada mais.” Foi o Padre Païsi quem levou a cabo essa operação. Em seguida, revestiu o defunto com o hábito monástico e envolveu-o numa capa, fendendo-a um pouco, como está prescrito, para lembrar a forma da cruz. Puseram-lhe na cabeça um capuz terminado por uma cruz de oito braços, ficando o rosto coberto por um véu negro, e nas mãos um ícone do Salvador. O cadáver, assim vestido, foi posto pela manhã num ataúde preparado desde muito tempo. Decidiu-se deixá-lo por todo aquele dia no quarto grande que servia de salão. Como pertencesse o defunto à categoria de *ieromonakh*, convinha ler em sua intenção não o *Saltério*, mas o *Evangelho*. Depois do ofício dos mortos, o Padre Iósif começou a leitura; quanto ao Padre Païsi, que queria substituí-lo em seguida pelo resto do dia e da noite, estava no momento muito ocupado e inquieto, bem como o superior do eremitério. Verificava-se, com efeito, entre a comunidade e os leigos que acorreram em multidão algo de extraordinário, uma agitação inaudita, inconveniente mesmo, uma expectativa febril. Os dois religiosos faziam tudo quanto estava a seu alcance para acalmar os espíritos superexcitados. Quando clareou suficientemente, viram-se chegar fiéis trazendo consigo seus doentes, sobretudo as crianças, como se só estivessem à espera daquele momento, aguardando uma cura imediata, que não podia tardar em operar-se, segundo a crença deles. Foi somente então que se verificou a que ponto todos tinham o hábito de considerar o defunto *stáriets*, ainda quando vivo, como um verdadeiro santo. E os recém-chegados estavam longe de pertencer todos ao baixo povo. Aquela ansiosa expectativa dos crentes, que se manifestava abertamente, com uma impaciência quase imperiosa, parecia escandalosa ao Padre Païsi e ultrapassava suas previsões. Encontrando religiosos bastante emocionados, falou-lhes assim: “Essa expectativa frívola e imediata de grandes coisas não é possível senão entre os leigos e não convém a nós”. Mas não lhe davam ouvidos, e o Padre Païsi percebia isto com inquietação, se bem que ele próprio (se não se quer nada ocultar), embora reprovando esperanças demasiado prontas que achava frívolas e vãs, partilhava delas secretamente, no fundo de seu coração, quase no mesmo grau, e percebia isso. No entanto, certos encontros lhe desagradavam bastante e excitavam dúvidas nele, por uma espécie de pressentimento. Foi assim que, na

multidão que se aglomerava na cela, notou com repugnância (e censurou-se por isso imediatamente) a presença de Rakítin e do religioso de Obdorsk, que se retardava no mosteiro. Todos dois pareceram de súbito suspeitos ao Padre Pâisi, embora não fossem os únicos a respeito. No meio da agitação geral, o monge de Obdorsk movimentava-se mais que todos, viam-no por toda parte fazendo perguntas, de ouvido à escuta, cochichando com ar misterioso. Parecia impaciente e como que irritado pelo fato de não se ter ainda produzido o milagre de há muito esperado. Quanto a Rakítin, encontrava-se desde bem cedo no eremitério, como se soube mais tarde, seguindo instruções da Senhora Khokhlakova. Assim que essa mulher, boa, porém desprovida de caráter e que não tinha acesso ao ascetério, soube, ao despertar, da notícia, foi tomada de tal curiosidade que enviou imediatamente Rakítin com a missão de tudo observar e mantê-la ao corrente por escrito, mais ou menos a cada meia hora, de tudo quanto acontecesse. Tinha ela Rakítin na conta de um rapaz duma piedade exemplar, tão insinuante era ele e tanto sabia fazer-se valer aos olhos de todos, contanto que encontrasse nisso o mínimo lucro. Como o dia se anunciasse belo, numerosos fiéis comprimiam-se em torno dos túmulos; a maior parte agrupava-se em torno da igreja, outros disseminavam-se aqui e ali. O Padre Pâisi, que dava volta pelo ascetério, pensou de repente em Aliócha, a quem não via desde muito tempo. Avistou-o no mesmo instante, no canto mais afastado, perto da cerca, sentado sobre a tumba dum religioso, morto havia muitos anos e famoso pelo seu ascetismo. Estava de costas para o eremitério, de frente para a cerca e o monumento quase o dissimulava. Ao aproximar-se, viu o Padre Pâisi que ele havia ocultado seu rosto nas mãos e chorava amargamente, com o corpo sacudido pelos soluços. Observou-o um instante.

— Basta de choro, caro filho, basta, meu amigo — disse ele por fim com simpatia. — Por que chorar? Rejubila-te, pelo contrário. Ignoras, pois, que este dia é um dia sublime para ele? Pensa somente no lugar onde ele se encontra agora, neste minuto!

Aliócha olhou o monge, descobrindo seu rosto molhado de lágrimas como o de um menininho, mas voltou-se imediatamente e tornou a cobrir o rosto com as mãos.

— Talvez tenhas razão em chorar — declarou o Padre Países, com ar pensativo. — Foi o Cristo quem te enviou essas lágrimas. “Tuas lágrimas de enternecimento são apenas um repouso da alma e servirão para distrair-te o coração” — acrescentou ele consigo mesmo, pensando com afeto em Aliócha. Apressou-se em afastar-se, sentindo que ele também iria chorar, se o olhasse. Entretanto o tempo decorria, sucediam-se as cerimônias fúnebres. O Padre Países substituiu o Padre Iósif junto do ataúde e prosseguiu a leitura do *Evangelho*. Mas antes das três horas da tarde ocorreu aquilo de que já falei no fim do livro precedente, um acontecimento tão inesperado, tão contrário à esperança geral que, repito, nossa cidade e seus arredores dele se lembram até agora com um interesse extraordinário. Acrescentarei que me repugna quase falar desse acontecimento escandaloso, no fundo dos mais vulgares e naturais, e teria decerto passado em silêncio por ele, se não tivesse influído de maneira decisiva sobre a alma e o coração do principal, embora futuro, herói de minha narrativa, Aliócha, nele provocando uma espécie de revolução que lhe agitou a razão, mas o fortaleceu definitivamente para um fim determinado.

Quando, ainda antes do amanhecer, o corpo do *stáriets* foi posto no caixão e transportado para o primeiro quarto, alguém perguntou se era preciso abrir as janelas. Mas esta pergunta, feita incidentemente, ficou sem resposta e quase não foi percebida, exceto por alguns. A ideia de que tal morto pudesse corromper-se e cheirar mal pareceu-lhes absurda e desagradável (senão cômica), por causa do pouco de fé e da frivolidade que revelava, porque se esperava justamente o contrário. Pouco depois do meio-dia começou uma coisa, a princípio notada em silêncio por aqueles que iam e vinham, cada qual temendo visivelmente dar parte aos outros do que pensava, cerca das três horas, foi aquilo verificado com tal evidência que a notícia se espalhou entre todos os visitantes do eremitério, alcançou o mosteiro, onde mergulhou toda gente em espanto e logo depois atingiu a cidade, agitando crentes e incréus. Estes se rejubilaram; quanto aos crentes, houve entre eles quem se rejubilasse inda mais, porque “a queda do justo e de sua honra causam prazer”, como dizia o defunto numa de suas lições. O fato é que o ataúde pôs-se a exalar um odor deletério, que foi aumentando. Seria em vão procurar nos anais de nosso mosteiro um escândalo semelhante àquele que- se desenrolou entre os

próprios religiosos, logo após a comprovação do fato e que teria sido impossível em outras circunstâncias. Bem muitos anos depois, alguns dentre eles, lembrando-se dos incidentes daquele dia, perguntavam a si mesmos com horror como pudera o escândalo atingir tais proporções. Porque, já antes, religiosos irreprocháveis, duma santidade reconhecida, *stártsi* piedosos tinham morrido e seus caixões haviam espalhado um odor deletério que se manifestava naturalmente, como no caso de todos os mortos, mas sem causar escândalo, nem mesmo emoção alguma. Sem dúvida, segundo a tradição, os restos de outros religiosos, mortos desde muito tempo, tinham escapado à corrupção, coisa de que a comunidade conservava uma recordação comovida e misteriosa, vendo naquilo um fato miraculoso e a promessa duma glória ainda maior provinha de seus túmulos, se tal fosse a vontade divina. Entre eles, guardava-se sobretudo a memória do *stáriets* Jó, morto cerca de 1810, na idade de 105 anos, famoso asceta, grande jejuador e taciturno, cujo túmulo era mostrado com veneração a todos os fiéis que chegavam pela primeira vez ao mosteiro, com alusões misteriosas às grandes esperanças que ele suscitava. (Era o túmulo onde o Padre Païsi encontrara Aliócha pela manhã.) Além desse, citava-se igualmente o Padre Varsonófi, o *stáriets* ao qual havia sucedido o Padre Zósima, o qual, quando vivo, todos os fiéis que frequentavam o mosteiro tinham por "inocente". A tradição pretendia que aqueles dois personagens jaziam nos seus ataúdes como se estivessem vivos, que os tinham enterrado intactos, que seus rostos mesmos estavam de certa forma luminosos. Outros relembravam com insistência que seus corpos exalavam um odor suave. No entanto, malgrado lembranças tão sugestivas, seria difícil explicar exatamente como uma cena tão absurda e chocante pôde passar-se junto ao caixão do Padre Zósima. Quanto a mim, atribuo-a a diferentes causas que agiram todas juntas. Assim, aquele ódio inveterado ao "starietismo", tido como uma inovação perniciosa, que existia ainda entre numerosos monges. Em seguida, havia sobretudo a inveja que se tinha à santidade do defunto, tão solidamente estabelecida quando ele era vivo que se tornara como que proibido discuti-la. Porque, muito embora o *stáriets* conquistasse uma multidão de corações mais pelo amor que pelos milagres e tivesse constituído como que uma falange com aqueles que o amavam, atraíra, no entanto, por isso mesmo, invejosos, depois inimigos encarniçados,

declarados e ocultos, não somente no mosteiro, mas entre os leigos. Se bem que não houvesse causado dano a ninguém, dizia-se: “Por que passa ele por santo a tal ponto?”. E somente esta pergunta, à força de repetida, acabara por engendrar um ódio inextinguível. De modo que, penso que muitos, ao saber que ele cheirava mal ao fim de tão pouco tempo — pois ainda não se passara um dia que ele morrera —, ficaram encantados; da mesma maneira, aquele acontecimento foi quase um ultraje e uma ofensa pessoal para alguns dos partidários do *stáriets* que até então o haviam reverenciado. Eis em que ordem se sucederam as coisas.

Desde que se declarou a corrupção, bastava ver o aspecto dos religiosos que entravam na cela, podia-se adivinhar o motivo que os levava. O que entrava, tornava a sair ao fim de um momento para confirmar a notícia à multidão dos outros que o esperavam. Uns abanavam a cabeça com tristeza, outros não dissimulavam sua alegria, que explodia em seus olhares maliciosos. E ninguém lhes fazia censuras, ninguém elevava a voz em favor do defunto, o que era mesmo estranho, porque seus partidários formavam a maioria no mosteiro; mas via-se que o Senhor mesmo permitia que a minoria triunfasse provisoriamente. Em breve, apareceram na cela, também como emissários, leigos, na maior parte pessoas instruídas. O baixo povo não entrava, muito embora se comprimisse em multidão às portas do eremitério. É incontestável que a afluência dos leigos aumentou notavelmente, após três horas, em consequência daquela notícia escandalosa. Os que não teriam talvez vindo naquele dia, chegavam agora de propósito e entre eles algumas pessoas duma posição notável. Aliás, o decoro não fora ainda abertamente perturbado e o Padre Paísi, com olhar severo, continuava a ler o *Evangelho* à parte, com firmeza, como se não notasse nada do que se passava, se bem que já tivesse observado algo de insólito. Mas vozes a princípio tímidas, que se firmaram pouco a pouco e tomaram certa audácia, chegaram até seus ouvidos. “De modo que o julgamento de Deus não é o dos homens!”, ouviu de repente o Padre Paísi. Esta reflexão foi formulada a princípio por um leigo, funcionário da cidade, homem de certa idade, que passava por muito piedoso; não fez, aliás, senão repetir em voz alta o que os religiosos diziam entre si ao ouvido desde muito tempo. O pior é que proferiam essas palavras pessimistas

com uma espécie de satisfação que ia aumentando. Em breve, começou o decoro a ser perturbado, parecia que todos se sentiam - autorizados a agir assim. “Como pôde ocorrer isso?”, diziam alguns, a princípio como se lamentando, “ele não era corpulento, só tinha a pele e os ossos, por que haveria de feder?” — “É uma advertência de Deus”, apressavam-se em acrescentar outros, cuja opinião prevalecia, porque indicavam que se o odor tivesse sido natural, como para todo pecador, teria se manifestado mais tarde, após vinte e quatro horas pelo menos, mas “isso adiantou-se à natureza”, portanto deve-se ver nisso o dedo de Deus. Este raciocínio era irrefutável. O manso Padre Iósif, o bibliotecário, favorito do defunto, pôs-se a objetar contra certos maldizentes que “não era em toda parte assim”, que a incorruptibilidade do corpo dos justos não era um dogma da ortodoxia, mas apenas uma opinião, e que nas regiões mais ortodoxas, no Monte Atos, por exemplo, liga-se menos importância ao odor deletério; não é a incorruptibilidade física que passa lá como o principal sinal da glorificação dos redimidos, mas a cor de seus ossos, depois que seus corpos permaneceram longos anos sob a terra: “Se os ossos se tornarem amarelos como a cera, significa isto que o Senhor glorificou um justo; mas se ficarem negros, é que o Senhor não o julgou digno. Eis como se procede no Monte Atos, santuário onde se conservam em toda a sua pureza as tradições da ortodoxia”, concluiu o Padre Iósif. Mas as palavras do humilde padre não causaram impressão e provocaram mesmo réplicas irônicas: “Tudo isso é erudição e novidades, não adianta ouvi-lo”, decidiram entre si os religiosos. “Mantemos os antigos usos; seria preciso imitar todas as novidades que apareçam?”, acrescentavam outros. “Temos tantos santos quanto eles. No Monte Atos, sob o jugo turco, esqueceram tudo. A ortodoxia alterou-se entre eles desde muito tempo, nem sinos têm”, encareciam os mais irônicos. O Padre Iósif retirou-se cheio de pesar, tanto mais quanto exprimira sua opinião com pouca segurança e sem ajuntar-lhe muita fé. Previa, na sua perturbação, uma cena chocante e um começo de insubordinação. Pouco a pouco, em seguida ao Padre Iósif, todas as vozes prudentes se calaram. Como por uma espécie de acordo, todos aqueles que haviam amado o defunto e aceitado com terna submissão a instituição do “starietismo”, foram de súbito tomados de pavor e limitavam-se a trocar olhares tímidos quando se encontravam. Os inimigos do “starietismo”, a que consideravam

novidade, erguiam altivamente a cabeça: “Não somente o Padre Varsonófi não fedia, mas espalhava um odor suave”, recordavam eles com uma alegria maligna. “Seus méritos e não sua posição lhe tinham valido essa justificação.” Em seguida, a censura e até mesmo as acusações não foram poupadas contra o defunto: “Ensinava erradamente que a vida é uma grande alegria e não uma humilhação dolorosa”, diziam alguns entre os mais obtusos. “Sua crença seguia a nova moda, não admitia o fogo material no inferno”, acrescentavam outros ainda mais obtusos. “Não jejuava rigorosomente, permitia-se o uso de doces, tomava mesmo docinhos de cereja com chá, de que gostava muito e que lhe eram enviados pelas senhoras. Convém a um asceta beber chá?”, diziam outros invejosos. “Pontificava cheio de orgulho — lembravam com encarniçamento os mais malévolos —, acreditando-se um santo, aceitava que se ajoelhassem diante dele como coisa devida.” “Abusava do sacramento da confissão”, cochichavam malignamente os mais fogosos adversários do “starietismo” e entre eles religiosos idosos, de uma devoção rigorosa, verdadeiros jejuadores taciturnos, que haviam guardado silêncio durante a vida do defunto, mas abriam agora a boca, coisa deplorável, porque suas palavras fluíam fortemente sobre os jovens religiosos, ainda hesitantes. O monge de São Silvestre, vindo de Obdorsk, era todo ouvidos, suspirava profundamente, abanava a cabeça: “O Padre Fierapont tinha razão ontem”, pensava ele consigo, e justamente naquele momento apareceu este, como para redobrar a confusão.

Já dissemos que ele raramente deixava sua cela de madeira no apiário, ficava mesmo muito tempo sem ir à igreja, e que. não ligavam a essas fantasias atribuídas à sua maluquice, desobrigando-o do regulamento. Mas, para falar toda a verdade, seus superiores viam-se obrigados a mostrar-se tolerantes para com ele. Porque teriam escrúpulo em impor formalmente a regra comum a tão grande jejuador e taciturno, que rezava dia e noite, adormecendo mesmo de joelhos. “É mais santo que nós todos e suas austeridades ultrapassam a regra”, teriam dito então os religiosos; “se não vai à igreja, sabe ele mesmo quando é preciso ir, segue sua própria regra.” Era para evitar esses murmúrios prováveis e o escândalo que se deixava em paz o Padre Fierapont. Como todos sabiam, ele sentia verdadeira aversão pelo Padre Zósima e de repente soube na sua cela que “o julgamento

de Deus não era o dos homens e havia-se adiantado à Natureza". Pode-se crer que o monge de Obdorsk, que voltara cheio de medo de sua visita da véspera, tivesse sido um dos primeiros a correr para dar-lhe a notícia. Mencionei também que o Padre Pâísi, que lia impassível o *Evangelho* diante do ataúde, sem ver nem ouvir o que se passava lá fora, havia, no entanto, pressentido o essencial, porque conhecia a fundo o seu meio. Não estava perturbado e, pronto para qualquer eventualidade, observava com um olhar penetrante a agitação cujo resultado já previa. De repente, um rumor insólito e inconveniente, no vestíbulo, feriu-lhe os ouvidos. A porta escancarou-se e o Padre Fierapont apareceu no limiar.

Da cela, distinguiam-se nitidamente numerosos monges que o tinham acompanhado e se comprimiam no pé do patamar e entre eles leigos. No entanto, não entraram, mas esperaram o que diria e faria o Padre Fierapont, porque previam, não sem temor, apesar de sua ousadia, que por algum motivo ele comparecera ali. Parando no limiar, o Padre Fierapont ergueu as mãos, e por baixo de seu braço direito assomaram os olhos agudos e curiosos do visitante de Obdorsk, incapaz de conter-se, tendo subido sozinho atrás dele por causa de sua extrema curiosidade. Os outros, uma vez que a porta se abriu com estrondo, recuaram, pelo contrário, presas dum medo súbito. De braços erguidos, o Padre Fierapont vociferou:

— Eu afugento os demônios! — E pôs-se logo, voltando-se sucessivamente para os quatro cantos da cela, a fazer o sinal da cruz. Os que o acompanhavam compreenderam imediatamente o sentido de seu ato, sabendo que não importa aonde ele fosse, antes de sentar e de falar, exorcismava o maligno.

— Fora daqui, Satanás, fora daqui! — repetia ele a cada sinal da cruz. — Afugento os demônios! — vociferou de novo. Sua batina grosseira estava cingida por uma corda, sua camisa de cânhamo deixava ver seu peito cabeludo. Tinha os pés inteiramente nus. Assim que agitou os braços, ouviu-se o tinir das pesadas correntes que trazia sob o hábito. O Padre Pâísi parou de ler, adiantou-se e ficou diante dele na expectativa.

— Por que vieste, reverendo padre? Por que perturbar a ordem?

Por que escandalizar o rebanho humilde? — proferiu ele afinal, olhando-o com severidade.

— Por que vim? Que perguntas tu? Que crês tu? — gritou o Padre Fierapont com ar desvairado. — Vim afugentar vossos hóspedes, os demônios impuros. Verei se vós abrigastes muitos na minha ausência. Quero varrê-los daqui.

— Afugentas o maligno e talvez tu mesmo o sirvas — prosseguiu intrepidamente o Padre Pási —, e quem pode dizer de si mesmo: "Sou santo"? És tu, meu padre?

— Sou manchado e não santo. Não sento numa cadeira e não quero ser adorado como um ídolo! — trovejou o Padre Fierapont. — Agora, os homens arruinam a santa fé. O defunto, vosso santo — e voltou-se para a multidão, apontando com o dedo o caixão —, rejeitava os demônios. Dava uma droga contra eles. E ei-los que pululam em vossa casa, como as aranhas nos cantos. Agora, ele próprio fede. Vemos nisso uma séria advertência do Senhor.

Era uma alusão a um fato real. O maligno aparecera a um dos religiosos, a princípio em sonho, depois em estado de vigília. Apavorado, relatou a coisa ao *stáriets* Zósima, que lhe prescreveu um jejum rigoroso e orações fervorosas. Como nada desse jeito, aconselhou-o a tomar um remédio, sem renunciar às suas práticas piedosas. Muitos então ficaram chocados e discorriam entre si, abanando a cabeça, sobretudo o Padre Fierapont, ao qual certos detratores se tinham apressado em ir contar aquela prescrição "insólita" do *stáriets*.

— Vai-te embora, padre! — disse imperiosomente o Padre Pási. — Não cabe aos homens julgar, mas a Deus. Talvez vejamos aqui uma "advertência" que ninguém é capaz de compreender, nem tu nem eu. Vai-te embora. padre, e não escandalizes o rebanho! — repetiu ele num tom firme.

— Não observava ele o jejum prescrito aos professos, eis donde vem essa advertência. Isto é claro, é um pecado dissimulá-lo! — prosseguiu o fanático, deixando-se arrebatar pelo seu zelo extravagante. — Adorava os bombons que as senhoras lhe traziam em

seus bolsos; sacrificava a seu ventre, enchia-se de doçuras, nutria seu espírito de pensamentos arrogantes… De modo que está sofrendo esta ignomínia…

— Tuas palavras são fúteis, padre. Admiro teu jejum e teu ascetismo, mas tuas palavras são fúteis, tais como as que pronunciaria no mundo um rapazola inconstante e estouvado. Vai-te, padre, ordeno-te! — concluiu o Padre Países, com voz trovejante.

— Eu irei! — proferiu o Padre Fierapont, como que desconcertado, mas sempre cheio de cólera. — Vós vos orgulhais de vossa ciência diante de minha nulidade. Cheguei aqui pouco instruído, aqui esqueci o que sabia, o Senhor mesmo me preservou, a mim, mesquinho que sou, de vossa grande sabedoria…

Imóvel diante dele, o Padre Países esperava com firmeza.

O Padre Fierapont calou-se alguns instantes e de súbito ensombreceu-se, levou a mão direita à face, e pronunciou com voz arrastada, olhando o caixão do *stáriets*:

— Amanhã será cantado para ele: "Ajuda e Protetor", hino glorioso, e para mim, quando eu rebentar, apenas: "Que vida bem-aventurada"[68], medíocre versículo — disse ele, num tom de pesar. — Vós vos orgulhastes e inchastes, este lugar está deserto! — berrou ele, como um insensato, e, agitando os braços, voltou-se rapidamente e desceu à pressa os degraus do patamar. A multidão que o esperava hesitou; alguns o seguiram imediatamente, outros demoraram, porque a cela continuava aberta e o Padre Países, que saíra para o patamar, observava, imóvel. Mas o velho fanático não acabara: a vinte passos, voltou-se para o sol poente, ergueu os braços no ar e — como que ceifado — desabou no chão, gritando:

— Meu Senhor venceu! O Cristo venceu o sol poente! — urrava ele como um possesso, os braços estendidos para o sol e caído com o rosto contra o chão; chorava como uma criancinha, sacudido pelos soluços, afastando os braços por terra. Todos então lançaram-se para ele, repercutiram exclamações, soluços… Uma espécie de delírio apoderara-se de todos eles.

— Eis um santo! Eis um justo! — exclamava-se sem temor. — Merece ser *stáriets* — acrescentavam outros com arrebatamento.

— Ele não quererá ser *stáriets*… ele próprio recusará… não servirá a essa novidade maldita… não irá imitar as loucuras deles — continuaram outras vozes.

É difícil imaginar o que teria acontecido, mas justamente naquele momento o sino tocou chamando ao serviço divino. Todos se benzeram. O Padre Fierapont levantou-se e fez o mesmo, depois dirigiu-se para sua cela sem se voltar, pronunciando palavras incoerentes. Pequeno número de pessoas o seguiu, mas a maior parte se dispersou, com pressa de ir à cerimônia. O Padre Pási cedeu o lugar ao Padre Iósif e saiu. Os clamores dos fanáticos não podiam abalá-lo, mas sentiu de súbito uma tristeza e uma angústia singulares invadirem-lhe o coração. Perguntou a si mesmo donde lhe vinha essa tristeza que chegava até o abatimento e compreendeu que provinha, ao que parecia, duma causa insignificante. O fato é que, na multidão que se apertava à entrada da cela, avistara Aliócha entre os agitados e lembrava-se de ter experimentado então uma espécie de sofrimento. “Esse rapaz manteria agora tal lugar em meu coração?”, perguntou a si mesmo, com surpresa. Naquele instante, passou Aliócha ao lado dele, apressando-se não se sabe para onde, mas não para a igreja. Seus olhares encontraram-se. Aliócha desviou os olhos e baixou-os; somente pelo seu aspecto adivinhou o Padre Pási a profunda mudança que se operava nele naquele momento.

— Foste também seduzido? — exclamou o Padre Pási. — Estarias também com as pessoas de pouca fé? — acrescentou, tristemente.

Aliócha parou, olhou-o vagamente, depois de novo desviou os olhos e baixou-os. Mantinha-se de lado, sem encarar seu interlocutor. O Padre Pási observava-o atentamente.

— Aonde vais tão depressa? Tocam para o ofício — disse ele ainda, mas Aliócha não respondeu.

— Deixarias o eremitério sem autorização, sem receber a bênção?

De repente Aliócha sorriu constrangidamente, lançou um olhar

dos mais estranhos ao Padre Païsi, que o interrogava, aquele padre ao qual o confiara, antes de morrer, seu antigo diretor, o mestre de seu coração e de seu espírito, seu *stáriets* bem-amado; depois, sempre sem responder, agitou a mão como se já nem cuidasse do respeito devido e dirigiu-se a passos rápidos para a saída do eremitério.

— Tu voltarás! — murmurou o Padre Païsi, acompanhando-o com os olhos e com dolorosa surpresa.

O Padre Pâisi não se enganava ao decidir que seu “caro rapaz” voltaria; talvez mesmo compreendera, senão totalmente, pelo menos com sagacidade, o verdadeiro estado da alma de Aliócha. Não obstante, confesso que me seria agora muito difícil definir exatamente aquele momento estranho da vida do jovem e simpático herói de minha narrativa. À pergunta entristecida que o Padre Pâisi fazia a Aliócha: “Estarias também com as pessoas de pouca fé?”, poderia eu decerto responder com firmeza em lugar dele: “Não, não está com elas”. Mais ainda, era até muito pelo contrário: sua perturbação provinha precisamente de sua fé ardente. Existia, contudo, essa perturbação, e tão dolorosa que mesmo muito tempo depois considerava Aliócha aquele triste dia como um dos mais penosos e dos mais funestos de sua vida. Se se pergunta: “É possível que ele experimentasse tanta angústia e agitação unicamente porque o corpo de seu *stáriets*, em lugar de operar milagres, se havia pelo contrário rapidamente decomposto?”, responderei sem rebuços: “Sim, é bem isto”. Rogarei todavia ao leitor que não se apresse em rir da simplicidade de meu rapaz. Não somente não tenho a intenção de pedir perdão por ele, ou de desculpar e de justificar sua fé ingênua atribuindo-a à sua juventude, por exemplo, ou aos fracos progressos realizados em seus estudos etc., mas declaro, pelo contrário, sentir sincero respeito pela natureza de seu coração. Seguramente, outro rapaz, acolhendo com reserva as impressões do coração, morno e não ardente nas suas afeições, leal, mas de espírito por demais judicioso para sua idade, tal rapaz, digo eu, teria evitado o que aconteceu ao meu; mas em certos casos é mais honroso ceder por inteiro ao impulso, ainda que pouco sensato, provocado por um grande amor, que a ele resistir. Com mais forte razão na juventude, porque um rapaz constantemente judicioso é suspeito e não vale grande coisa, eis minha opinião! “Mas — dirão talvez as pessoas sensatas — todo rapaz não pode crer em tal preconceito e o vosso não é um modelo para os outros.” Ao que responderei: “Sim, meu rapaz acreditava com fervor, totalmente, mas não pedirei perdão para ele”.

Muito embora eu tenha declarado mais acima (talvez com

demasiada pressa) não querer desculpar nem justificar meu herói, vejo que uma explicação é necessária para a compreensão ulterior da narrativa. Não se tratava aqui de esperar milagres com uma impaciência frívola. E não é para o triunfo de certas convicções que Aliócha tinha então necessidade de milagres, nem pelo de alguma ideia preconcebida sobre alguma outra, de maneira alguma: antes de tudo, no primeiro plano, surgia diante dele uma figura que absorvia tudo, a figura de seu *stáriets* bem-amado, do justo a quem tanto venerava. Era sobre ele, sobre ele só, que se concentrava por vezes, pelo menos nos seus mais vivos impulsos, todo o amor que ele trazia em seu jovem coração "por todos e por tudo", agora e no ano anterior. Na verdade, aquele ser encarnava desde tanto tempo a seus olhos o ideal absoluto, que a ele aspirava com todas as forças de sua juventude, exclusivamente, até a esquecer, por momentos "todos e tudo". (Lembrou-se mais tarde ter completamente esquecido, naquele penoso dia, seu irmão Dimítri, com quem tanto se preocupava na véspera; esquecera-se também de levar os duzentos rublos ao pai de Iliúcha, como prometera a si mesmo fazer.) Não era de milagres que necessitava, mas somente da justiça suprema, violada a seus olhos, o que o magoava profundamente. Que importava que aquela justiça esperada por Aliócha tomasse pela força das coisas a forma de milagres operados imediatamente pelos despojos de seu antigo diretor a quem adorava? Era o que pensava e esperava todo mundo, no mosteiro, mesmo aqueles diante dos quais ele se inclinava, o Padre Pâísi, por exemplo; Aliócha, sem se deixar perturbar pela dúvida, pensava da mesma maneira que eles. Um ano inteiro de vida monástica o havia preparado para isso, seu coração estava acostumado àquela expectativa. Mas tinha sede de justiça e não somente de milagres! E aquele que deveria ter sido, segundo sua esperança, elevado acima de todos, achava-se rebaixado e coberto de vergonha! Por que isso? Quem era juiz? Essas questões atormentavam seu coração inocente. Fora ofendido e mesmo irritado por ver o justo entre os justos entregue às zombarias malévolas da multidão frívola, tão inferior a ele. Que nenhum milagre se houvesse realizado, que a expectativa geral tivesse sido iludida, ainda passava! Mas por que aquele opróbrio, aquela decomposição apressada que "se adiantava à Natureza", como diziam os monges malévolos? Por que aquela "advertência" com que triunfavam em companhia do Padre Fierapont,

por que se achavam autorizados a isso? Onde estava, pois, a Providência? Com que fim Ela se havia retirado “no momento decisivo” (pensava Aliócha), parecendo submeter-se às leis cegas e impiedosas da Natureza?

De modo que o coração de Aliócha sangrava; como já o dissemos, tratava-se do ser a quem ele mais amava no mundo e que ficara “coberto de ignomínia e de infâmia!”. Queixas fúteis e insensatas, mas, repito pela terceira vez (e talvez com frivolidade, concordo): causa-me satisfação meu rapaz não ter se mostrado discreto em semelhante momento, porque a discrição vem sempre a seu tempo, quando não se é tolo; ao passo que se num momento como aquele não tivesse havido amor no coração do rapaz, quando teria havido? É preciso mencionar, no entanto, um fenômeno estranho, mas passageiro, que se manifestou no espírito de Aliócha naquele instante crítico. Era, a intervalos, uma impressão dolorosa resultante da conversa da véspera com seu irmão Ivan, que o obsedava agora. Não que suas crenças fundamentais estivessem de algum modo abaladas: amava seu Deus e nele cria firmemente, se bem que houvesse murmurado subitamente contra ele. No entanto, uma impressão confusa, mas penosa e má, proveniente daquela conversa, surgiu em sua alma, tendendo a impor-se cada vez mais. Ao cair da noite, Rakítin, que atravessava o bosque de pinheiros para ir ao mosteiro, avistou Aliócha, estendido sob uma árvore, o rosto contra a terra, imóvel e parecendo dormir. Aproximou-se e interpelou-o.

— És tu, Alieksiéi? Será possível que tu… — proferiu ele, admirado mas não terminou. Queria dizer: “Será possível que hajas chegado a esse ponto?”. Aliócha não voltou a cabeça, mas segundo um movimento que ele fez, adivinhou Rakítin que ele o ouvia e compreendia.

— Que tens afinal? — prosseguiu ele, surpreso, mas um sorriso irônico aparecia já em seus lábios. — Escuta, procuro-te há mais de duas horas. Desapareceste de repente. Que fazes, pois, aqui? Olha-me, pelo menos!

Aliócha ergueu a cabeça, sentou-se, encostando-se à árvore. Não chorava, mas seu rosto exprimia o sofrimento. Lia-se a irritação em

seus olhos. Aliás, não olhava Rakítin, mas para o lado.

— Mas não tens mais o mesmo rosto! Tua famosa doçura desapareceu. Zangaste-te contra alguém? Ofenderam-te?

— Deixa-me! — disse de súbito Aliócha, sem olhá-lo, com um gesto de lassidão.

— Oh! oh!, eis como estamos! Um anjo, gritar como os simples mortais! Ora essa, Aliócha, francamente, tu me surpreendes, a mim que de nada me espanto. Acreditava que fosses um homem instruído.

Aliócha olhou para ele afinal, mas com um ar distraído, como se o compreendesse mal.

— E tudo isso porque o teu velho cheira mal! Acreditavas seriamente que ele ia fazer milagres? — exclamou Rakítin, com sincero espanto.

— Acreditei, acredito, quero acreditar sempre! Que precisas mais? — perguntou Aliócha, com irritação.

— Nada absolutamente, meu caro. Que diabo! os escolares de treze anos não creem mais nisso! Então, tu te zangaste, eis-te agora revoltado contra Deus: nada de pagamento, nada de condecoração! Que miséria!

Aliócha olhou-o longamente, com os olhos semicerrados, um clarão passou neles… mas não era de cólera contra Rakítin.

— Não me revolto contra meu Deus, apenas não aceito seu universo — disse ele, com um sorriso constrangido.

— Como, não aceitas o universo? — E Rakítin refletiu um instante. — Que trapalhada é essa?

Aliócha não respondeu.

— Deixemos essas bagatelas; ao fato! Comeste hoje?

— Não me lembro… Creio que sim.

— Deves restaurar-te, tens ar de esgotamento, faz pena ver. Não dormiste esta noite, ao que parece, tiveste uma sessão. Em seguida toda essa barafunda, essas palhaçadas. Com certeza não te empanturraste senão de pão bento. Tenho no bolso um salsichão que trouxe inda há pouco da cidade, por prevenção, mas não haverias de querer…

— Dá-me.

— Ah! ah! Então, é a revolta franca, as barricadas! Pois bem, irmão, não percamos tempo. Vem à minha casa… Beberei de boa-vontade vodca, estou fatigadíssimo. A vodca, decerto, não te tenta… Gostarias?

— Dá-me vodca também.

— Ah! bravo! É curioso! — exclamou Rakítin, lancando-lhe um olhar estupefato. — Seja como for, vodca ou salsichão não são de desdenhar, vamos!

Aliócha levantou-se sem dizer palavra e seguiu Rakítin.

— Se teu irmão Ivan Fiódorovitch te visse, ele é quem ficaria surpreendido! A propósito, sabes que ele partiu esta manhã para Moscou?

— Sei — disse Aliócha, com indiferença. De repente, a imagem de Dimítri apareceu-lhe, um instante apenas; lembrou-se vagamente de um negócio urgente, de um dever imperioso a cumprir, mas essa recordação não lhe causou nenhuma impressão, não chegou até seu coração, apagou-se logo de sua memória. Mais tarde, lembrou-se disso muito tempo.

— Teu irmão Vânia chamou-me uma vez de palerma liberal. Tu mesmo me deste um dia a entender que eu era desonesto… Pois seja. Vão ser vistas agora vossas capacidades e vossa honestidade (isto Rakítin cochichou para si mesmo). Escuta — continuou ele em voz alta —, evitemos o mosteiro, a vereda nos leva diretamente à cidade… Hum! Devo passar em casa da Khokhlakova. Escrevi-lhe a respeito dos acontecimentos e imagina que ela me respondeu por um bilhete a

lápis (adora escrever, essa dona) que “não teria jamais esperado semelhante conduta da parte de um *stáriets* tão respeitável como o Padre Zósima!”. Sic. Ela também zangou-se. Sois todos iguais! Espera!

Parou bruscamente e, com a mão sobre o ombro de Aliócha, reteve-o, dizendo:

— Sabes, Aliócha? — Olhava-o bem dentro dos olhos, sob a impressão de uma ideia súbita que temia visivelmente formular, apesar de seu ar zombeteiro, tanta dificuldade tinha em crer nas novas disposições de Aliócha. — Sabes aonde faríamos bem em ir? — disse, num tom insinuante.

— Aonde queiras… tanto faz.

— Vamos à casa de Grúchenhka, hein? Queres? — disse por fim Rakítin, todo tremente de expectativa.

— Vamos — respondeu tranquilamente Aliócha. Rakítin esperava tão pouco esse pronto consentimento que quase deu um salto para trás.

— Até que enfim! — ia ele exclamar, mas agarrou Aliócha pelo braço e arrastou-o rapidamente, temendo vê-lo mudar de opinião. Caminhavam em silêncio. Rakítin tinha medo de falar.

— Como ela ficará contente! … — quis ele dizer, mas calou-se. Não era decerto para fazer prazer a Grúchenhka que lhe levava Aliócha; um homem sério como ele só agia por interesse. Tinha um duplo fim: vingar-se em primeiro lugar, contemplar “a ignomínia do justo” e a “queda” provável de Aliócha, “de santo tornado pecador”, do que se rejubilava de antemão; além disso, tinha em vista uma vantagem material de que se tratará mais longe.

“Eis uma ocasião que é preciso agarrar pelos cabelos”, pensava ele com uma alegria maligna.

### *III / A cebola*

Grúchenhka morava no bairro mais animado, perto da praça da

Igreja, em casa da viúva do comerciante Morózov, onde ocupava no pátio um pequeno pavilhão de madeira. A Casa Morózova[69], de pedra, de dois andares, era velha e feia. A proprietária, mulher idosa, vivia ali sozinha com duas sobrinhas, solteironas. Não tinha necessidade de alugar seu pavilhão, mas sabia-se que admitira Grúchenhka como locatária (quatro anos antes) unicamenta para comprazer a seu parente, o comerciante Samsónov, protetor declarado de Grúchenhka. Dizia-se que o velho ciumento, instalando em casa dela sua "favorita", contava com a vigilância da velha para fiscalizar a conduta de sua locatária. Mas essa vigilância tornou-se em breve inútil, de sorte que a Senhora Morózova só via raramente Grúchenhka e cessara de importuná-la espionando-a. Na verdade, quatro anos já haviam decorrido desde que o velho trouxera da sede do distrito aquela jovem de dezoito anos, tímida, acanhada, franzina, magra, pensativa e triste, e muita água havia passado sob as pontes. Não se sabia nada de preciso sobre ela na nossa cidade e nada mais se soube depois, mesmo quando muitos começaram a interessar-se pela beleza perfeita que se tornara, em quatro anos, Agrafiena Alieksándrovna. Contava-se que, aos dezessete anos fora seduzida por um oficial que logo a abandonara. Partira para casar-se, deixando Grúchenhka na ignomínia e na miséria. Dizia-se, aliás, que, apesar de tudo, provinha Grúchenhka de uma família honrada e dum meio eclesiástico, sendo filha de um diácono em disponibilidade, ou algo de parecido. Em quatro anos, a órfã sensível, desgraçada, franzina tornara-se viçosa, rosada, uma beleza russa de caráter enérgico, orgulhosa, impudente, hábil em manejar o dinheiro e em adquirir, avara e avisada, que soubera, honestamente ou não, amontoar certo capital. Uma única coisa não deixava dúvida alguma: é que Grúchenhka era inacessível e que, exceto o velho, seu protetor, ninguém, durante quatro anos, pudera vangloriar-se de ter-lhe conquistado os favores. O fato era certo, porque muitos suspirantes se haviam apresentado, sobretudo nos dois últimos anos. Mas todas as tentativas fracassaram e alguns tiveram de bater em retirada, cobertos de ridículo, graças à resistência daquela jovem criatura de caráter enérgico. Sabia-se ainda que ela se ocupava com negócios, sobretudo desde um ano, e manifestava nisso capacidades notáveis, tanto que muitos tinham acabado por chamá-la de judia. Não que emprestasse com usura, mas sabia-se, por exemplo, que em companhia de Fiódor Pávlovitch Karamázov resgatara,

durante algum tempo, promissórias a preço vil, pelo décimo de seu valor, conseguindo recuperar em seguida, em certos casos, a totalidade da dívida. O velho Samsónov, cujos pés inchados não o transportavam mais havia um ano, viúvo que tiranizava seus filhos maiores, capitalista duma avareza impiedosa, caíra, no entanto, sob a influência de sua protegida, a quem no começo tratara com mesquinharia, a pão e laranja, a "óleo de semente de cânhamo", como diziam os zombadores. Mas Grúchenhka soubera emancipar-se, ao mesmo tempo que lhe inspirava uma confiança sem limites quanto à sua fidelidade. Aquele velho, grande homem de negócios, tinha também um caráter notável: avaro e duro como pedra, se bem que Grúchenhka o tivesse subjugado a ponto de ele não poder passar sem ela, não chegou a conceder-lhe capitais importantes e, mesmo se ela o houvesse ameaçado de abandoná-lo, teria ficado inflexível. Em compensação, reservou-lhe certa soma, e, quando se soube disso, foi motivo de espanto para todo mundo. "Tu não és tola — disse ele, dando-lhe oito mil rublos —, opera tu mesma, mas fica sabendo que fora de tua pensão anual, como antes, não receberás nada mais até minha morte e que não te deixarei nada em testamento. "Manteve a palavra e seus filhos, que sempre mantivera em sua casa como criados com suas mulheres e seus filhos, herdaram tudo; Grúchenhka nem mesmo foi mencionada no testamento. Com seus conselhos sobre a maneira de fazer valer seu capital, ele a ajudou notavelmente e indicou-lhe "negócios". Quando Fiódor Pávlovitch Karamázov, que entrou em relações com Grúchenhka, a propósito duma operação "fortuita", acabou ficando apaixonado por ela a ponto de perder a razão, o velho Samsónov, que já estava com um pé na sepultura, divertiu-se muito. É de notar que Grúchenhka foi, durante todo o tempo de suas relações com seu velho, plena e até cordialmente sincera para com ele, e isto, ao que parece, não o fora com nenhum outro homem do mundo. Mas quando Dimítri Fiódorovitch entrou na fila, o velho cessou de rir: "Se for preciso escolher entre os dois — disse-lhe ele, uma vez, seriamente escolhe o pai, mas com a condição de que o velho patife case contigo e te consigne antecipadamente certo capital. Não te ligues com o capitão, não tirarás disso nenhum proveito," Assim falou o velho libertino, pressentindo seu fim próximo; morreu com efeito cinco meses mais tarde. Seja dito de passagem, se bem que na cidade a rivalidade absurda e chocante dos

Karamázovi pai e filho fosse conhecida desde muito, que as verdadeiras relações de Grúchenhka com cada um deles permaneciam ignoradas da maior parte. Até mesmo suas criadas (após o drama de que falaremos) testemunharam em justiça que Agrafiena Alieksándrovna recebia Dimítri Fiódorovitch unicamente por temor, porque ameaçara matá-la. Tinha duas criadas, uma cozinheira bastante idosa, desde muito tempo ao serviço de sua família, doente e quase surda, e sua neta, esperta, arrumadeira de vinte anos de idade. Grúchenhka vivia muito parcamente, num interior dos mais modestos, três peças mobiliadas de acaju pela proprietária, no estilo de 1820. À chegada de Rakítin e Aliócha, era já noite, mas ainda não haviam acendido as luzes. A jovem mulher estava estendida no salão, sobre seu divã de espaldar de acaju, duro e recoberto de couro, já usado e furado, com a cabeça apoiada em dois travesseiros. Repousava de costas, imóvel, com as mãos atrás da cabeça, trazendo um vestido de seda preta, com um toucado de renda que lhe sentava admiravelmente; nos ombros, um ficho preso por um broche de ouro maciço. Esperava alguém, inquieta e impaciente, a tez pálida, os lábios e os olhos ardentes, com o pezinho a bater compasso sobre o braço do divã. Ao rumor que fizeram os visitantes ao entrar, saltou em terra, gritando com voz de terror: “Quem vem lá?”. A arrumadeira apressou-se em tranquilizar sua ama.

— Não é ele, não tenha medo.

“Que terá ela?”, murmurou Rakítin, levando Aliócha pelo braço para o salão. Grúchenhka continuava de pé, ainda mal reposta de seu terror. Uma grossa mecha de seus cabelos castanhos, escapada de seu toucado, caía-lhe sobre o ombro esquerdo; ela, porém, não lhe deu atenção e só a arranjou quando reconheceu os visitantes.

— Ah! és tu, Rakitka? Fiquei com medo! Com quem estás? Meu Deus, eis quem me trazes! — exclamou ela, ao perceber Aliócha.

— Manda então acender a luz! — disse Rakítin, com o tom dum familiar que tem direito de mandar na casa.

— Decerto… Fiénia, traze-lhe uma vela. Achaste o momento propício para trazê-lo. — Fez um sinal com a cabeça a Aliócha e

arranjou seus cabelos diante do espelho. Parecia descontente.

— Não te agrada isso? — perguntou Rakítin, com súbito ar de enfado.

— Fiquei com medo, Rakitka, eis tudo — e Grúchenhka voltou-se sorrindo para Aliócha. — Não tenhas medo de mim, meu caro Aliócha, estou encantada com tua visita inesperada. Pensava que era Mítia que queria entrar à força. Estás vendo? Enganei-o ainda há pouco, jurou-me que acreditava em mim e menti-lhe. Disse-lhe que ia à casa do meu velho Kusmá Kuzmitch fazer contas a noite toda. Vou lá, com efeito, uma vez por semana. Fechamo-nos a chave: ele cavaca suas contas e eu escrevo nos livros. Ele só se fia em mim. Como foi que Fiénia deixou que vocês entrassem? Fiénia, corre ao portão, verifica se o capitão não anda rondando por perto. Talvez esteja escondido e nos espione, tenho um medo terrível!

— Não há ninguém, Agrafiena Alieksándrovna. Olhei para todos os lados, vou espiar a cada instante pelas frestas, porque eu também tenho medo.

— Os postigos estão fechados, Fiénia, baixa as cortinas, senão ele verá a luz. Temo hoje teu irmão Mítia, Aliócha. — Grúchenhka falava muito alto, com ar inquieto e superexcitado.

— Por que o temes tanto hoje? — perguntou Rakítin. — Comumente, ele não te causa terror. Tu o fazes andar como bem entendes.

— Digo-te que espero uma notícia, de modo que Mítia seria aqui demais agora. Não acreditou que eu ia à casa de Kusmá Kuzmitch, tenho esta impressão. Agora, deve estar montando guarda no jardim da casa de Fiódor Pávlovitch. Se está emboscado lá, não virá aqui, tanto melhor! Fui deveras à casa do velho e Mítia me acompanhava; arranquei-lhe a promessa de ir procurar-me à meia-noite. Dez minutos depois, saí e corri até aqui, tremendo de medo de que ele tornasse a me encontrar.

— Por que estás tão bem vestida? Tens um toucado bastante curioso.

— Tu mesmo é que és bastante curioso, Rakítin! Repito-te que estou esperando uma notícia. Assim que a receber, levantarei voo e vocês não me verão mais. Eis por que me preparei assim.

— E para onde levantarás voo?

— Se te perguntarem, dirás que não sabes de nada.

— Como ela está alegre!… Nunca te vi assim. Está enfeitada como quem vai para um baile? — admirou-se Rakítin, examinando-a.

— Estás ao corrente dos bailes?

— E tu?

— Eu vi um baile. Há três anos, quando Kuzmá Kuzmitch casou seu filho; eu olhava da tribuna. Mas por que conversarei contigo, quando tenho um príncipe como hóspede? Meu caro Aliócha, não quero crer nos meus olhos; como aconteceu que viesses à minha casa? Na verdade, não te esperava, jamais acreditei que pudesses vir. O momento é mal escolhido, no entanto estou bem contente. Senta-te no divã, aqui, meu belo astro! Na verdade, ainda não voltei a mim… Rakitka, se o tivesses trazido ontem ou anteontem?… Pois bem, assim mesmo estou contente. Talvez seja melhor agora, em tal minuto, que no outro dia…

Sentou-se vivamente ao lado de Aliócha, examinando-o, extasiada. Estava contente de verdade e não mentia. Seus olhos brilhavam, sorria, mas com bondade. Aliócha não esperava ver nela uma expressão tão benévola… Fizera dela uma ideia aterrorizadora. Seu rompante pérfido contra Katierina lvânovna havia-o transtornado na antevéspera, agora se espantava por vê-la tão mudada. Por mais acabrunhado que se sentisse pelo seu próprio pesar, examinava-a, contra a própria vontade, com atenção. Suas maneiras tinham melhorado, as entonações melífluas, a languidez dos movimentos tinham quase desaparecido… agora, simplicidade, gestos prontos, sinceros, mas via-se que estava superexcitada.

— Meu Deus, que coisas estranhas se passam hoje! Por que me sinto tão feliz por ver-te, Aliócha? Não sei.

— É mesmo verdade? — perguntou Rakítin, sorrindo. — Antes, tinhas um motivo ao insistir para que eu o trouxesse aqui.

— Sim, um motivo que não existe mais agora, o momento passou. E agora vou tratar bem vocês. Tornei-me melhor agora, Rakitka. Senta também. Mas já o fizeste. Ele não se esquece. Estás vendo, Aliócha? Está ressentido porque não o convidei em primeiro lugar para sentar. É muito suscetível, esse meu caro amigo. Não te zangues, Rakitka, sinto-me boa neste momento. Por que estás tão triste, Aliócha? Terias medo de mim? — E Grúchenhka sorriu maliciosa, olhando-o bem nos olhos.

— Tem um pesar. Uma recusa de posto.

— Que posto?

— O *stáriets* dele cheira mal.

— Como assim? Tagarelas, alguma vilania ainda, sem dúvida. Aliócha, deixa-me sentar em teus joelhos, assim. — E logo se instalou sobre os joelhos dele, risonha, tal como uma gata cariciosa, com o braço direito ternamente passado em redor do pescoço dele.

— Saberei bem fazer-te rir, meu gentil devoto! Na verdade, deixas-me sobre teus joelhos, isto não te causa zanga? Basta que digas e levantarei.

Aliócha calava-se. Não ousava mover-se, não respondendo às palavras ouvidas, como que inerte. Mas não experimentava o que podia imaginar Rakítin, por exemplo, que o observava com ar galhofeiro. Seu grande pesar absorvia as sensações possíveis e se ele pudesse analisar-se naquele momento, teria compreendido que estava encouraçado contra as tentações. Não obstante, malgrado a inconsciência de seu estado e a tristeza que o acabrunhava, causava-lhe espanto uma sensação estranha: aquela mulher terrível não lhe inspirava mais aquele terror, inseparável no seu coração da ideia da mulher. Pelo contrário, instalada sobre seus joelhos e enlaçando-o despertava nele um sentimento inesperado, uma extraordinária e cândida curiosidade, sem o menor pavor; eis o que o surpreendia contra sua vontade.

— Basta de tanta conversa sem nada dizer! — exclamou Rakítin. — Manda antes servir o champanhe. Sabes que prometeste isto.

— É verdade, Aliócha, prometi-lhe antes de tudo champanhe, se ele te trouxesse. Fiénia, traze a garrafa que Mítia deixou, despacha-te. Se bem que avarenta, darei uma garrafa, não para ti, Rakítin, não passas de um pobre-diabo, mas para ele. Embora não esteja disposta a isso, quero beber com vocês.

— Qual é afinal essa "notícia"? Pode-se saber, é segredo? — insistiu Rakítin, fingindo não notar o motejo lançado contra ele.

— Um segredo de que estás a par — disse Grúchenhka, com ar preocupado. — O meu oficial vai chegar, Rakítin.

— Ouvi dizer isso; mas está tão perto assim?

— Ele está agora em Mókroie, donde me enviará um portador. Acabo de receber uma carta dele. Espero.

— Ora essa! Por que em Mókroie?

— Seria longo demais contá-lo. Chega.

— Mas então, e Mítia, está sabendo?

— Nem uma palavra. Senão, me mataria. Aliás, não tenho mais medo dele agora. Cala-te, Rakitka; não quero ouvir mais falar disso. Ele me causou muito mal. E não quero mais pensar nisso, prefiro pensar em Aliócha, olhá-lo… Sorri, pois, meu querido, desenruga o rosto, me darás prazer… Mas ele sorriu! Vê como ele me olha com olhar acariciante. Sabes, Aliócha, acreditava que me querias mal por causa da cena de ontem, em casa daquela senhorita. Fui grosseira… "No entanto, apesar de tudo, a coisa foi bem sucedida. Esteve bem e esteve mal" — disse Grúchenhka, pensativamente, com um sorriso mau. — Mítia me contou que ela gritava: "É preciso chicoteá-la!". Ofendi-a gravemente. Atraiu-me à sua casa, querendo subjugar-me, seduzir-me com seu chocolate… Não, o que se passou, correu muito bem. — Sorriu de novo. — Somente, receio que te hajas zangado…

— Na verdade, Aliócha, ela tem medo de ti, de ti, o pintainho —

interveio Rakítin, com real surpresa.

— Para ti, Rakítin, é que é ele um pintainho, porque não tens consciência. Eu o amo. Acreditas, Aliócha, amo-te de toda a minha alma.

— Ah! a desavergonhada! Faz-te uma declaração, Aliócha.

— E com isso? Amo-o.

— E o oficial? E a feliz notícia de Mókroie?

— Não é a mesma coisa.

— Eis a lógica das mulheres!

— Não me aborreças, Rakítin. Digo-te que não é a mesma coisa. Amo Aliócha de outra maneira. Na verdade, Aliócha, tive maus desígnios a teu respeito. Sou vil, sou violenta, mas em certos momentos olhava-te como minha consciência. Dizia a mim mesma: "Como ele deve desprezar-me agora!". Pensava assim antes de ontem, ao sair da casa daquela senhorita. Desde muito tempo me chamaste a atenção, Aliócha; Mítia sabe, compreende-me. Acreditarias tu? Sou por vezes tomada de vergonha ao olhar-te. Como vim a pensar em ti e desde quando, não sei.

Fiénia entrou, pousou sobre a mesa uma bandeja com uma garrafa desarrolhada e três copos cheios.

— Eis o champanhe! — exclamou Rakítin. — Estás excitada, Agrafiena Alieksándrovna. Depois de beberes, começarás a dançar. Que falta de habilidade! — acrescentou ele. — Já está vertida e morna, sem a rolha.

Nem por isso deixou de esvaziar seu copo dum trago e enchê-lo de novo.

— Ocasiões como esta são raras — observou, enxugando os lábios. — Vamos, Aliócha, pega teu copo e mostra-te corajoso. Mas, a que beberemos? Toma o teu, Grucha, e bebamos às portas do paraíso.

— Que queres dizer com isso?

Ela pegou um copo. Aliócha bebeu um bom gole do seu e depô-lo sobre a mesa.

— Não, prefiro abster-me — disse ele, com um doce sorriso.

— Ah! tu te gabavas! — gritou Rakítin.

— Eu também, então — disse Grúchenhka. — Acaba a garrafa, Rakitka. Se Aliócha beber, beberei.

— Eis que começam as efusões! — zombeteou Rakítin. — E está sentada nos joelhos dele! Ele está pesaroso, convenho, mas tu, que tens tu? Ele está revoltado contra seu Deus, ia comer salsichão!

— Como assim?

— O *stáriets* dele morreu hoje, o velho Zósima, o santo.

— Ah! morreu? Não sabia de nada. — Benzeu-se. — Meu Deus, e eu que estou sentada nos joelhos dele!

Levantou vivamente e sentou no divã. Aliócha olhou-a com surpresa e seu rosto iluminou-se.

— Rakítin — proferiu ele, num tom firme —, não me irrites dizendo que me revoltei contra meu Deus. Não tenho animosidade contra ti, comporta-te, pois, melhor, tu também. Sofri uma perda inestimável e não podes julgar-me neste momento. Olha-a, viste sua mansuetude para comigo? Vim aqui para encontrar uma alma perversa, impelido pelos meus maus sentimentos; encontrei uma verdadeira irmã, uma alma amorosa, um tesouro… Agrafiena Alieksándrovna, é de ti que falo. Regeneraste minha alma.

Opresso, Aliócha calou-se, com os lábios trêmulos.

— Até parece que ela te salvou! — zombou Rakítin. — Mas sabes que ela queria comer-te?

— Basta, Rakitka! Calem-se ambos: tu, Aliócha, porque tuas palavras me causam vergonha. Acreditas que sou boa, mas sou má.

Tu, Rakitka, porque mentes. Tinha-me proposto comer-te, mas é coisa do passado, isso. Que não te ouça mais falar assim, Rakitka! — Grúchenhka exprimira-se com viva emoção.

— Estão os dois com o diabo no couro! — murmurou Rakítin, observando-os com surpresa. — Acreditaria a gente estar numa casa de saúde. Agora mesmo vão chorar, decerto!

— Sim, chorarei, sim, chorarei! — afirmou Grúchenhka. — Ele me chamou sua irmã, não o esquecerei jamais! Por pior que eu seja, Rakitka, dei, no entanto, uma cebola.

— Que cebola? Com os diabos, estão mesmo malucos, não há que ver!

A exaltação deles espantava Rakítin, que deveria ter compreendido que tudo concorria para agitá-los duma maneira excepcional. Mas Rakítin, sutil quando se tratava de si mesmo, destrinçava mal os sentimentos e as sensações de seu próximo, tanto por inexperiência juvenil como por egoísmo.

— Estás vendo, Aliócha? — e Grúchenhka riu nervosomente. — Gabei-me a Rakítin de ter dado uma cebola. Vou explicar-te a coisa com toda humildade. É apenas uma lenda. Matriona, a cozinheira, contava-me quando eu era menina: “Havia uma megera que morreu sem deixar atrás de si uma única virtude. Os diabos apoderaram-se dela e lançaram-na no lago de fogo. Seu anjo da guarda quebrava a cabeça para descobrir nela uma virtude e falar a respeito a Deus. Lembrou-se e disse ao Senhor: — ‘Ela arrancou uma cebola na horta para dá-la a um mendigo.’ — Deus respondeu-lhe: — ‘Pega essa cebola, entrega-a àquela mulher lá no lago para que nela se agarre. Se conseguires retirá-la dali, ela irá para o paraíso; se a cebola se partir, ela fica onde está’ — o anjo correu à mulher e estendeu-lhe a cebola. — ‘Toma — disse ele — segure-a bem.’ — Pôs-se a puxá-la com precaução e ela já estava ficando de fora. Os outros pecadores, vendo que a retiravam do lago, agarraram-se a ela, querendo aproveitar a boa fortuna. Mas a mulher, que era muito má, dava-lhes pontapés: ‘É a mim que estão tirando e não a vocês. A cebola é minha e não de vocês.’ A estas palavras, a cebola se partiu. A mulher recaiu no lago

onde está-se queimando até agora. O anjo partiu, chorando.” Eis essa lenda, Aliócha. Não acredites que eu seja boa, é bem o contrário. Teus elogios podem me causar vergonha. Desejava de tal modo tua vinda, que prometi vinte e cinco rublos a Rakítin, se ele te trouxesse. Um instante.

Foi abrir uma gaveta, pegou seu porta-moedas e dele retirou uma cédula de vinte e cinco rublos.

— É absurdo! — exclamou Rakítin, embaraçado.

— Toma, Rakitka, estou quites contigo. Não haverás de recusar, tu mesmo pediste. — E atirou-lhe a cédula.

— Como é isso? — replicou ele, visivelmente confuso, mas esforçando-se por ocultá-lo. — Tudo é lucro, os tolos existem no interesse das pessoas de espírito.

— E agora, cala-te, Rakitka. O que vou dizer não se dirige a ti. Tu não gostas de nós.

— E por que eu haveria de gostar de vocês? — disse ele, brutalmente. Contara ser pago sem que Aliócha, cuja presença causava-lhe vergonha e o irritava, ficasse sabendo. Até então, por política, poupara Grúchenhka, apesar de suas palavras picantes, porque ela parecia dominá-lo. Mas a cólera tomava conta dele.

— Gosta-se em troca de alguma coisa. Que fizeram por mim todos dois?

— Ama em troca de nada, como Aliócha.

— Como ele te ama e que provas te deu disso? Por que todo esse alvoroço?

De pé no meio do salão, Grúchenhka falava com coragem, com voz exaltada:

— Cala-te, Rakitka, não compreendes nada de nossos sentimentos. E cessa de tutear-me, ficas proibido. Donde te vem essa audácia? Senta num canto e nem mais uma palavra! Agora, Aliócha, vou confessar-me

a ti somente, para que saibas o que sou. Queria perder-te, estava decidida a isso, a ponto de comprar Rakítin para que ele te trouxesse. E por que isso? Tu de nada sabias, desviavas-te de mim, passavas de olhos baixos. Eu interrogava as pessoas a teu respeito. Teu rosto me perseguia. “Ele me despreza — pensava eu — e nem mesmo quer olhar-me.” Por fim, perguntei a mim mesma com surpresa: “Por que temer esse rapazola? Eu o devorarei. Isto me divertirá.” Estava exasperada. Acredita-me, ninguém aqui ousaria faltar ao respeito a Agrafiena Alieksándrovna; não tenho senão aquele velho ao qual me vendi. Foi Satanás que nos uniu e ninguém mais. Havia, pois, decidido que serias minha presa, era um jogo para mim. Eis a detestável criatura que chamaste de irmã. Agora meu sedutor chegou, espero notícias. Sabes o que era ele para mim? Há cinco anos, quando Kuzmá Kuzmitch me trouxe para aqui, eu me ocultava por vezes para não ser vista, nem ouvida; como uma tola, soluçava, nem dormia mais, dizendo a mim mesma: “Onde está ele, o monstro? Deve rir de mim com uma outra. Oh! como me vingarei, se algum dia a encontrar!”. Na escuridão, soluçava sobre meu travesseiro, torturava meu coração de propósito: “Ele me pagará!”, eu exclamava. Ao pensar que era impotente, que ele zombava de mim, talvez tivesse me esquecido completamente, deslizava de meu leito para o soalho, inundada de lágrimas, presa de uma crise de nervos. Passara a odiar todo mundo. Em seguida, formei um capital, endureci o coração, engordei. Pensas que me tornei mais sensata? Absolutamente. Ninguém o imagina, mas quando chega a noite, acontece-me, como há cinco anos, ranger os dentes e chorar: “Hei de vingar-me! hei de vingar-me!”. Estás-me acompanhando? Então, que pensas disto? Há um mês recebo uma carta anunciando-me sua chegada. Ficou viúvo. Quer ver-me. Fiquei sufocada. Meu Deus, ele vai chegar e chamar-me, vou me arrastar para ele como um cão batido, como uma culpada! Não posso crer nisso eu mesma! “Terei ou não a baixeza de correr para ele?” E uma cólera contra mim mesma me dominou, nestas últimas semanas, mais violenta do que há cinco anos. Vês minha exasperação, Aliócha, confessei-me a ti. Mítia não passava de uma diversão. Cala-te, Rakitka, não te cabe julgar-me. Antes da chegada de vocês, eu esperava, pensava no meu futuro, e vocês jamais conhecerão meu estado de alma. Aliócha, dize àquela senhorita que não me queira mal por causa da cena de anteontem!… Ninguém no mundo pode compreender o

que sinto agora… Talvez leve uma faca, ainda não decidi.

Incapaz de conter-se, Grúchenhka interrompeu-se, cobriu o rosto com as mãos, deixou-se cair sobre o divã, soluçou como uma criança. Aliócha levantou-se e aproximou-se de Rakítin.

— Micha — ele disse —, ela te ofendeu, mas não te zangues. Ouviste-a? Não se pode exigir demais de uma alma, é preciso ter misericórdia.

Aliócha pronunciou suas palavras num impulso irresistível. Tinha necessidade de expandir-se e as teria dito mesmo que estivesse só. Mas Rakítin olhou-o ironicamente e Aliócha deteve-se.

— Estás com a cabeça cheia do teu *stáriets* e me bombardeias à sua maneira, Aliócha, homem de Deus — disse ele, com um sorriso odiento.

— Não zombes, Rakítin, não fales do morto, ele era superior a todos na terra — exclamou Aliócha, com lágrimas na voz. — Não é como juiz que te falo, mas como o derradeiro dos acusados. Que sou eu diante dela? Viera aqui para perder-me, por covardia. Ela, porém, após cinco anos de sofrimentos, por causa de uma palavra sincera que ouve, perdoa, esquece tudo, e chora! Seu sedutor voltou, chama-a, ela lhe perdoa e corre alegremente para ele. Porque ela não levará faca, não. Não sou assim, Micha, ignoro se o és. É uma lição para mim… Ela é superior a nós… Tinhas ouvido antes o que ela acaba de contar? Não, sem dúvida, porque terias compreendido tudo desde muito tempo… Ela perdoará também, aquela que foi ofendida anteontem, quando souber de tudo… Essa alma ainda não se reconciliou, é preciso poupá-la… oculta talvez um tesouro…

Aliócha calou-se, porque lhe faltava a respiração. Malgrado sua irritação, Rakítin olhava-o, espantado. Não esperava semelhante tirada da parte do pacífico Aliócha.

— Aqui o temos, um advogado! Estarias apaixonado por ela? Agrafiena Alieksándrovna, viraste a cabeça do nosso asceta! — exclamou ele com uma risada impudente.

Grúchenhka ergueu a cabeça, sorriu docemente para Aliócha, com o rosto ainda cheio das lágrimas que acabava de derramar.

— Deixa-o, Aliócha, meu querubim, vês como ele é. Que adianta falar-lhe? Mikhail Óssipovitch, queria pedir-te perdão, mas agora desisto disso. Aliócha, vem sentar-te aqui (ela pegou-lhe a mão e olhava-o, radiante), dize-me, será que eu o amo, sim ou não, ao meu sedutor? Perguntava-o a mim mesma, aqui, no escuro. Esclarece-me, chegou a hora, farei o que disseres. Será preciso perdoar?

— Mas já perdoaste.

— É verdade — disse Grúchenhka, pensativa. — Oh! o coração covarde! Vou beber à minha covardia. — Pegou um copo que esvaziou dum trago, depois atirou-o no chão. Havia crueldade em seu sorriso.

— Talvez não tenha ainda perdoado — disse ela, com ar ameaçador, de olhos baixos, como que falando a si mesma. — Talvez meu coração pense somente em perdoar. Vês tu, Aliócha? São meus cinco anos de lágrimas o que eu amava, a ofensa que sofri, e não ele.

— Pois bem! Não gostaria de estar em sua pele — disse Rakítin.

— Mas isso não vai acontecer, Rakitka. Limparás meus sapatos. Será nisto que te empregarei. Uma mulher como eu não foi feita para ti… E talvez também não para ele…

— Então, por que tão bem vestida?

— Não me censures o meu traje, Rakitka, não conheces o meu coração! Se quiser, agora mesmo mudarei de vestido. Não sabes por que o vesti. Talvez vá dizer-lhe: “Jamais me viste tão bela?”. Quando ele me deixou, eu era uma mocinha de dezessete anos, magrela e chorona. Eu o acariciarei, vou excitá-lo: “Vês o que me tornei? Então, meu caro, basta de conversa, isto põe-te água na boca, mas vai beber em outra parte!”. Eis, Rakitka, para que servirá talvez este vestido. Estou arrebatada, Aliócha. Posso rasgar este vestido, desfigurar-me, sair a pedir esmola. Sou capaz de ficar em minha casa agora, de devolver a Kuzmá seu dinheiro, seus presentes e ir alugar-me a serviço diário. Pensas que me faltaria coragem, Rakitka? Basta que me levem

aos extremos… Quanto ao outro, eu o enxotarei, zombarei dele…

Proferindo estas derradeiras palavras como numa crise, cobriu o rosto com as mãos, lançou-se sobre as almofadas, soluçando de novo. Rakítin levantou.

— Está ficando tarde — disse ele —, não nos deixarão entrar no mosteiro.

Grúchenhka sobressaltou-se.

— Como, Aliócha, queres deixar-me? — exclamou, com dolorosa surpresa. — Vais fazer isso? Transtornaste-me e agora eis de novo a noite, a solidão!

— Ele não pode, entretanto, passar a noite em tua casa. Mas se ele quiser, fique. Vou-me embora sozinho! — disse malignamente Rakítin.

— Cala-te, malvado! — gritou Grúchenhka, encolerizada. — Nunca me disseste semelhantes palavras!

— Que palavras?

— Não sei, nada de extraordinário, mas ele revirou-me o coração… O primeiro, o único que teve piedade de mim. Por que não vieste mais cedo, querubim? — E caiu de joelhos diante dele, como em êxtase. — Toda a minha vida esperei alguém como tu, que me traria o perdão. Acreditei que me amariam por outro motivo que não apenas o de ser uma perdida…

— Que fiz eu por ti? — perguntou Aliócha, com um terno sorriso, inclinado sobre ela e tomando-lhe as mãos. — Dei uma cebola, a menor de todas, eis tudo!…

As lágrimas inundaram-lhe os olhos. Naquele momento, ouviu-se rumor, alguém entrava no vestíbulo; Grúchenhka levantou-se aterrorizada. Fiénia irrompeu barulhentamente no quarto.

— Minha senhora, minha boa e querida senhora, o correio chegou — exclamou ela alegremente, toda ofegante. — O *tarantás* chega de

Mókroie, com o postilhão Timofiéi. Vão trocar de cavalos… Uma carta, senhora, eis aqui uma carta!

Brandia a carta, gritando. Grúchenhka apoderou-se dela, aproximou-a da vela. Era um bilhete de algumas linhas que leu num instante.

— Ele me chama! — Estava pálida, o rosto contraído por um sorriso mórbido. — Ele assobia para mim! Arrasta-te, cãozinho! — Mas ficou apenas um momento indecisa, de repente o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Parto! Adeus, meus cinco anos! Adeus, Aliócha, a sorte está lançada… Afastem-se todos, vão-se embora, que eu não os veja mais! Grúchenhka voa para uma vida nova… Não me guardes rancor, Rakitka. É talvez para a morte que sigo! Oh! sinto-me como que embriagada!

Precipitou-se para seu quarto de dormir.

— Agora não precisa mais de nós — resmungou Rakítin. — Vamos embora. Essa música poderia muito bem recomeçar; estou com os ouvidos mais que cheios…

Aliócha deixou-se levar maquinalmente.

No pátio, viam-se idas e vindas à luz duma lanterna; trocava-se a atrelagem de três cavalos. Mal os dois jovens tinham descido o patamar, abriu-se a janela do quarto de dormir e a voz de Grúchenhka elevou-se, sonora.

— Aliócha, saúda teu irmão Mítia, dize-lhe que não guarde uma má lembrança de mim. Repete-lhe minhas palavras: “Foi a um miserável que Grúchenhka se deu e não a ti, que és nobre!”. Acrescenta que Grúchenhka o amou durante uma hora, nada mais que uma hora; que ele se recorde sempre dessa hora, doravante, é Grúchenhka quem lhe ordena… por toda a sua vida…

Acabou com soluços na voz. A janela tornou a fechar-se.

— Hum! — murmurou Rakítin rindo. — Ela estrangula Mítia e

quer que ele se lembre disso toda a sua vida. Que ferocidade!

Aliócha pareceu não ter ouvido. Caminhava rapidamente ao lado de Rakítin; tinha o ar apalermado. Rakítin teve de súbito a sensação de que lhe metiam um dedo numa chaga viva. Esperara bem outra coisa ao pôr Aliócha em presença de Grúchenhka e estava decepcionado.

— É o polonês, o tal oficial dela — prosseguiu ele, contendo-se. — Aliás, não é mais oficial agora, esteve servindo na Alfândega na Sibéria, na fronteira chinesa. Deve ser um pobre-diabo. Dizem que perdeu o lugar. Tendo sabido que Grúchenhka tem dinheiro, voltou, isto explica tudo.

De novo, Aliócha pareceu não ter ouvido. Rakítin não se conteve mais.

— Então, converteste uma pecadora? Puseste uma mulher de má vida no bom caminho? Expulsaste os demônios, hem? Ei-los, os milagres que esperávamos: realizaram-se!

— Para com isso, Rakítin! — disse Aliócha, de alma dolorida.

— Tu me desprezas agora por causa dos vinte e cinco rublos que recebi? Vendi um verdadeiro amigo. Mas tu não és o Cristo e eu não sou Judas.

— Rakítin, asseguro-te que não pensava mais nisso, és tu quem o recordas.

Mas Rakítin estava exasperado.

— Que o diabo leve vocês todos! — vociferou de repente. — Por que, diabo, liguei-me a ti? Doravante, não quero mais saber de ti. Vai sozinho, eis teu caminho.

Dobrou numa outra rua, deixando Aliócha sozinho ali, nas trevas. Aliócha saiu da cidade e voltou ao mosteiro pelos campos.

## *IV / As bodas de Caná*

Era já muito tarde para entrada no mosteiro, quando Aliócha chegou ao eremitério; o irmão porteiro introduziu-o por uma entrada particular. Tinham soado nove horas, a hora do repouso, após um dia tão agitado. Aliócha abriu timidamente a porta e penetrou na cela do *stáriets*, onde se encontrava agora seu ataúde. Não havia ninguém, exceto o Padre Paísi, lendo o *Evangelho* diante do morto e o jovem noviço Porfíri, esgotado pela conversação da derradeira noite e pelas emoções do dia; dormia o profundo sono da mocidade, deitado no chão, na peça vizinha. O Padre Paísi, que ouvira Aliócha entrar, nem mesmo voltou a cabeça. Aliócha ajoelhou-se num canto e pôs-se a rezar. Sua alma transbordava, mas suas sensações permaneciam confusas, uma afugentando a outra, numa espécie de movimento giratório uniforme. Coisa estranha, ele experimentava uma sensação de bem-estar e não se admirava disso. Contemplava de novo aquele morto que lhe era tão querido, mas a compaixão lacrimosa e dolorosa da manhã desaparecera. Ao entrar, caíra de joelhos diante do caixão como diante de um santuário e, no entanto, a alegria esplendia em sua alma. Um ar fresco entrava pela janela aberta. "O cheiro deve ter então aumentado, do contrário não se teriam decidido a abrir uma janela", pensou Aliócha. Mas não se sentia mais angustiado, nem indignado por causa daquela ideia da corrupção. Pôs-se a rezar mansamente, e em breve percebeu que o fazia quase maquinalmente. Fragmentos de ideias surgiam, tais como fogos-fátuos; em compensação, reinavam em sua alma uma certeza, um apaziguamento de que tinha consciência. Punha-se a rezar com fervor, cheio de reconhecimento e de amor… Em breve passava para outra coisa, esquecendo a oração e o que a interrompera. Prestou ouvidos à leitura do Padre Paísi, mas acabou por dormitar, esgotado…

"Três dias depois celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia; encontrava-se lá a Mãe de Jesus".

"E foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas."[70]

— As bodas?… — Esta ideia turbilhonava no espírito de Aliócha, — Ela também é feliz… foi a um festim… Não, decerto, não levou faca… Era simplesmente uma palavra desagradável… Deve-se perdoar sempre as palavras desagradáveis. Consolam a alma… Sem elas a dor

seria insuportável. Rakítin seguiu pelo beco. Enquanto ele pensar em seus agravos, seguirá sempre por um beco… Mas a estrada, a grande estrada reta, clara, cristalina, com o sol resplandecente, no final… Que é que se lê?

"…E faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: 'Não têm vinho'", ouviu Aliócha.

— Ah! sim, perdi o começo. É pena, gosto dessa passagem: as bodas de Caná, o primeiro milagre… Que belo milagre! Foi consagrado à alegria e não ao luto… "Quem ama os homens, ama também sua alegria…" O defunto repetia isto a cada instante, era uma de suas ideias principais… Não se pode viver sem alegria, disse Mítia… Tudo quanto é verdadeiro e belo respira sempre o perdão, dizia ele também.

"…E Jesus disse-lhe: 'Mulher, que nos importa a mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha hora.'

"Disse sua mãe aos que serviam: 'Fazei tudo o que ele vos disser'."

Fazei… Dai alegria a gente muito pobre… Muito pobres, seguramente, pois que até mesmo em suas bodas o vinho faltou… Os historiadores contam que em torno do Lago de Genesaré e naquele local estava então disseminada a população mais pobre que se possa imaginar… E sua mãe, de grande coração, sabia que ele não viera somente cumprir sua missão sublime, mas que partilhava da alegria ingênua das pessoas simples e ignorantes que o convidavam cordialmente para suas humildes bodas. "Minha hora ainda não chegou." Fala com um doce sorriso (deve ter-lhe sorrido ternamente). Na realidade, será possível que tenha baixado à terra para multiplicar o vinho em bodas de pobres? Mas fez o que ela lhe pedia…

"…Disse-lhes Jesus: 'Enchei as talhas de água'. E encheram-nas até em cima.

"Então disse-lhes Jesus: 'Tirai agora e levai ao mestre-sala'. E eles levaram.

"E o mestre-sala, logo que provou a água convertida em vinho,

como não sabia donde lhe viera aquele vinho, ainda que o soubessem os serventes, porque tinham tirado a água, chamou o esposo e disse-lhe:

"— Todo homem põe primeiro o bom vinho e quando já o tem bebido bem, então apresenta o inferior; tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora."

— Mas que acontece? Por que o quarto está oscilando? Ah! sim… são as bodas, o casamento bem decerto. Eis os convidados, os jovens esposos, a multidão alegre e… onde está então o prudente mestre-sala? Que é isso? O quarto oscila de novo… Quem se levanta na grande mesa? Como… ele também está aqui? Mas estava no seu caixão… Levantou-se, viu-me, vem para cá… Meu Deus!…

Ele, de fato, se aproximou, o velhinho seco, de rosto sulcado de rugas, rindo docemente. O caixão desapareceu, ele está vestido como ontem, em companhia deles, quando seus visitantes se reuniram. Seu rosto está descoberto, seus olhos brilham. Como pode ser isto, ele também no festim, ele também convidado para as bodas de Caná?

— Tu estás também convidado, meu querido, com todas as regras — disse sua voz tranquila. — Por que te escondes aqui, não te veem… Vem para junto de nós.

É sua voz, a voz do *stáriets* Zósima… Como não haveria de ser ele, pois está chamando? O *stáriets* toma a mão de Aliócha, que se levantou.

— Regozijemo-nos — prosseguiu o ancião —, bebamos o vinho novo, o vinho da grande alegria. Vês aqueles convidados? Eis o noivo e a noiva, eis o prudente mestre-sala, prova o vinho novo. Por que estás surpreendido por ver-me? Dei uma cebola e eis-me aqui. Muitos dentre nós não deram senão uma cebola, uma bem pequena cebola… Que são nossas obras? E tu também, meu terno e manso rapaz, tu também soubeste hoje dar uma cebola a uma faminta. Começa tua obra, meu querido! Estás vendo o nosso Sol, tu O percebes?

— Tenho medo… não ouso olhar… — balbuciou Aliócha.

— Não tenhas medo dEle. Sua majestade é terrível. Sua grandeza nos esmaga, mas Sua misericórdia é sem limites; por amor fez-se semelhante a nós e se rejubila conosco, muda a água em vinho, para não interromper a alegria dos convidados, aguarda outros, chama-os continuamente, por todos os séculos dos séculos. E eis que trazem o vinho novo, vê os copos…

Algo ardia no coração de Aliócha, enchia-o até doer-lhe, lágrimas de alegria derramaram-se de sua alma… Estendeu os braços, lançou um grito, despertou…

De novo, o caixão, a janela aberta, e a leitura calma, grave, ritmada do *Evangelho*. Mas Aliócha não escutava mais. Coisa estranha, adormecera de joelhos e encontrava-se agora de pé. De súbito, como erguido de seu lugar, aproximou-se em três passos do ataúde, bateu mesmo com o ombro no Padre Paísi sem nem perceber. O padre ergueu os olhos, mas retomou logo sua leitura, percebendo que o rapaz não se achava em seu estado normal. Aliócha contemplou um instante o caixão, o morto que estava dentro dele estendido, de rosto coberto, com o ícone sobre o peito, o capuz encimado pela cruz de oito braços. Acabava de ouvir sua voz, ecoava ainda em seus ouvidos. Escutou ainda, esperou… de súbito voltou-se bruscamente e saiu da cela.

Desceu o patamar sem se deter. Sua alma exaltada tinha sede de liberdade, de espaço. Acima de sua cabeça, a abóbada celeste estendia-se até o infinito, as estrelas calmas cintilavam. Do zênite ao horizonte aparecia, indistinta ainda, a Via-Láctea. A noite serena envolvia a terra. As torres brancas e as cúpulas douradas destacavam-se sobre o céu de safira. As opulentas flores de outono, em redor da casa, haviam adormecido até a manhã. A calma da terra parecia confundir-se com a dos céus, o mistério terrestre confinava com o das estrelas. Aliócha, imóvel, olhava; de súbito, como que ceifado, prosternou-se.

Ignorava por que estreitava a terra, não compreendia por que teria querido, irresistivelmente, abraçá-la toda inteira, mas abraçava-a chorando, inundando-a com suas lágrimas, e prometia a si mesmo, com exaltação, amá-la sempre. “Rega a terra com lágrimas e alegria e

ama-as…” Estas palavras repercutiam em sua alma. A respeito de que choraria? Oh! no seu êxtase, chorava mesmo a respeito daquelas estrelas que cintilavam no infinito, e não se envergonhava daquela exaltação. Parecia que os filhos daqueles mundos inumeráveis convergiam em sua alma e que toda ela fremia, em contato com os outros mundos. Queria ter perdoado, a todos e por tudo, e pedir perdão, não por ele, mas pelos outros e por tudo, “os outros o pedirão por mim”. Estas palavras também lhe vinham à memória. De mais a mais, sentia claramente e como que tangivelmente algo de firme e de inabalável penetrar na sua alma. Uma ideia apoderava-se de seu espírito, por toda a sua vida e para sempre. Havia-se prosternado, fraco adolescente e reergueu-se lutador sólido para o resto de seus dias. Teve consciência disto, e sentiu-o naquele momento de sua crise. E nunca mais, dali por diante, pôde Aliócha esquecer aquele instante. “Minha alma foi visitada naquela hora”, dizia ele, mais tarde, crendo firmemente na verdade de suas palavras.

Três dias depois, deixou o mosteiro, de conformidade com a vontade de seu *stáriets*, que lhe havia ordenado que “vivesse no mundo”.

## Livro VIII / Mítia

### *I / Kuzmá Samsónov*

Dimítri Fiódorovitch, a quem Grúchenhka, ao voar para uma vida nova, fizera transmitir seu derradeiro adeus, querendo que ele se lembrasse por toda a sua vida duma hora de amor, estava naquele momento às voltas com as piores dificuldades. Como ele mesmo disse mais tarde, poderia ter sofrido uma congestão cerebral, naqueles dois últimos dias, no estado em que se encontrava. Aliócha não pudera descobri-lo na véspera e ele não tinha ido ao encontro marcado por Ivan no botequim. Seus locadores mantiveram silêncio, de conformidade com suas instruções. Durante aqueles dois dias, esteve literalmente em apertos, “lutando com seu destino para salvar-se”, segundo sua expressão. Ausentou-se mesmo algumas horas da cidade para um negócio urgente, apesar de seu temor de deixar Grúchenhka sem vigilância. O inquérito posterior precisou o emprego de seu tempo

da maneira mais formal; vamos nos limitar a tomar nota dos fatos essenciais nos dois dias que precederam a catástrofe que se abateu sobre ele.

Se bem que Grúchenhka o tivesse amado durante uma hora, ela o atormentava por vezes sem nenhuma piedade. A princípio, ele nada podia conhecer de suas intenções; era impossível penetrá-las pela doçura ou pela violência. Ficaria zangada e teria se desviado dele completamente. Ele tinha a intuição de que ela se debatia na incerteza, sem poder decidir-se; de modo que ele pensava, não sem razão, que ela devia às vezes detestá-lo, a ele e à sua paixão. Tal era talvez o caso, mas não podia compreender exatamente o que causava a ansiedade de Grúchenhka. Na verdade, toda a questão que o atormentava se resumia numa alternativa: ele, Mítia, ou Fiódor Pávlovitch. Aqui é preciso notar um fato certo; estava persuadido de que Fiódor Pávlovitch não deixaria de oferecer a Grúchenhka sua mão (se já não o fizera), e não acreditava um instante sequer que o velho libertino esperasse arranjar tudo com três mil rublos. Assim raciocinava Mítia, conhecendo Grúchenhka e seu caráter. Eis por que podia parecer-lhe por vezes que o tormento de Grúchenhka e sua indecisão provinham apenas do fato de ela hesitar sobre qual escolher, ignorando qual dos dois lhe traria mais vantagem. Quanto ao próximo regresso do oficial, do homem que desempenhara um papel fatal em sua vida e cuja chegada ela esperava com tanta emoção e terror — coisa estranha, ele não pensava nunca nisso. É verdade que Grúchenhka mantivera silêncio a respeito naqueles últimos dias. No entanto, ele sabia da carta recebida um mês antes, e conhecia mesmo uma parte de seu conteúdo. Num momento de irritação Grúchenka a tinha mostrado, sem que ele ligasse importância àquilo, o que a surpreendeu. Teria sido difícil explicar por quê; talvez simplesmente porque, acabrunhado pela sua funesta rivalidade com seu pai, nada pudesse imaginar de mais perigoso naquele momento. Não acreditava num noivo surgido não se sabia de onde, após cinco anos de ausência, nem em sua próxima chegada, anunciada aliás em termos vagos. A carta era nebulosa, enfática, sentimental, e Grúchenhka lhe dissimulara as derradeiras linhas, que falavam mais claramente de retorno. Mais ainda, Mítia lembrou-se posteriormente do ar de desdém de Grúchenhka por aquela mensagem vinda da Sibéria. Limitou a isso

suas confidências a respeito daquele novo rival, de sorte que pouco a pouco ele esqueceu o oficial. Pensava somente que em todo o caso um conflito com Fiódor Pávlovitch estava iminente e devia ter seu desenlace em primeiro lugar. Cheio de ansiedade, esperava a cada instante a decisão de Grúchenhka e acreditava que ela viria bruscamente, por inspiração. Se ela fosse dizer-lhe: “Toma-me, sou tua para sempre”, estaria tudo terminado; ia levá-la com ele para o mais longe possível, senão mesmo para o fim do mundo, para o fim da Rússia; casariam e se instalariam, incógnitos, ignorados de todos. Então começaria uma vida nova, regenerada, virtuosa, com que ele sonhava apaixonadamente. O lamaçal em que se atolara por vontade própria causava-lhe horror e, como muitos em semelhante caso, contava sobretudo com a mudança de ambiente; escapar àquelas pessoas, às circunstâncias, fugir daquele lugar maldito, seria a renovação completa, a existência transformada. Eis no que acreditava e o que o fazia definhar.

Isto unicamente no caso em que a questão seria resolvida felizmente. Havia bem outra solução, outra saída, terrível, porém. Se de repente ela lhe dissesse: “Vai-te, escolhi Fiódor Pávlovitch, casarei com ele, não tenho necessidade de ti”. Então… oh! então… Mítia ignorava, aliás, o que aconteceria então, ignorou-o até o derradeiro momento, é preciso lhe fazer esta justiça. Não tinha intenções determinadas, o crime não foi premeditado. Contentava-se com tocaiar, espionar, atormentava-se, mas não encarava senão um desenlace feliz. Repelia mesmo toda e qualquer outra ideia. Era aqui que começava novo tormento, que surgia nova circunstância, acessória, mas fatal e insolúvel.

No caso em que ela dissesse: “Sou tua, leva-me”, como ele a levaria? Onde arranjaria o dinheiro? Precisamente então, as rendas que recebia desde anos dos pagamentos regulares de Fiódor Pávlovitch estavam esgotadas. Decerto, Grúchenhka tinha dinheiro, mas Mítia se mostrava a este respeito dum orgulho violento; queria levá-la e começar uma existência nova com seus recursos pessoais e não os dela. A ideia mesma de poder recorrer à sua bolsa inspirava-lhe profundo desgosto. Não me estenderei a este respeito, não o analisarei, limitando-me a anotá-lo; tal era seu estado de alma naquele

momento. Isso podia provir inconscientemente dos remorsos secretos que experimentava por haver-se desonestamente apropriado do dinheiro de Katierina Ivânovna: “Sou um miserável aos olhos de uma, também o serei aos olhos da outra”, dizia a si mesmo então, como ele próprio o confessou posteriormente. “Se Grúchenhka o souber, não quererá semelhante indivíduo. Portanto, onde encontrar fundos, ou arranjar esse fatal dinheiro? Senão tudo fracassará, por falta de recursos. Que vergonha!”

Sabia talvez onde encontrar esse dinheiro. Não direi mais no momento, porque tudo se esclarecerá, mas explicarei sumariamente em que consistia para ele a pior dificuldade: para arranjar aqueles recursos, para ter o direito de tomá-los, seria preciso em primeiro lugar restituir a Katierina Ivânovna seus três mil rublos, senão “sou um larápio, um canalha, e não quero começar assim uma vida nova”, decidiu Mítia, e resolveu tudo subverter se fosse preciso, mas restituir em primeiro lugar e a qualquer preço aquela soma a Katierina Ivânovna. Deteve-se nesta decisão, por assim dizer, nas derradeiras horas de sua vida, após sua derradeira entrevista com Aliócha na antevéspera, na estrada. Instruído por seu irmão a respeito da maneira pela qual Grúchenhka insultara sua noiva, reconheceu que era um miserável e rogou-lhe que a informasse disto, “se isto pudesse aliviá-la”. Na mesma noite, sentiu em seu delírio que valia mais “matar e roubar alguém, contanto que restituísse o dinheiro de Kátia”. “Serei um assassino e um ladrão para todo mundo, seja; irei de preferência para a Sibéria a deixar Kátia dizer que roubei seu dinheiro para fugir com Grúchenhka e começar uma vida nova! Isto é impossível!” Assim falava Mítia, rilhando os dentes, e havia motivo para que receasse por momentos uma congestão cerebral. Mas continuava a lutar…

Coisa estranha: parecia que com semelhante resolução não lhe restava em partilha senão o desespero, porque onde arranjar tal soma e sobretudo um pobretão como ele? Entretanto, esperou até o fim arranjar aqueles três mil rublos, contando que eles lhe caíssem nas mãos duma maneira qualquer, ainda mesmo do céu. É o que acontece àqueles que, como Dimítri, só sabem desperdiçar seu patrimônio, sem ter nenhuma ideia da maneira pela qual se adquire o dinheiro. Era uma tempestade no seu crânio desde o encontro com Aliócha, estando

todas as suas ideias enredadas. Assim ele começou pela tentativa mais estranha, porque pode dar-se o caso de que, em semelhantes transes, as empresas mais extravagantes pareçam as mais realizáveis a semelhantes pessoas. Resolveu ir encontrar o comerciante Samsónov, protetor de Grúchenhka, e submeter-lhe um plano, segundo o qual este lhe adiantaria logo a soma desejada. Estava seguro de seu plano do ponto de vista comercial, perguntando a si mesmo somente como acolheria Samsónov sua proposta, se quisesse encará-la doutra maneira. Não conhecia aquele comerciante senão de vista e jamais lhe havia falado. Mas desde muito tempo tinha a convicção de que aquele velho libertino, cuja vida estava por um fio, não se oporia a que Grúchenhka refizesse a sua, casando-se com um homem seguro, até mesmo desejaria isso e facilitaria as coisas, chegada a ocasião. Por ouvir dizer, ou de acordo com certas palavras de Grúchenhka, concluía igualmente que o velho talvez o preferisse a Fiódor Pávlovitch como marido da jovem. Numerosos leitores acharão talvez cínica a expectativa, de parte de Dimítri Fiódorovitch, de semelhante socorro e a intenção de tirar sua noiva das mãos de seu protetor. Posso simplesmente fazer notar que o passado de Grúchenhka parecia definitivamente enterrado aos olhos de Mítia. Pensava nele cheio de misericórdia e decidira com todo o ardor de sua paixão que, desde que Grúchenhka lhe tivesse dito que o amava e ia casar-se com ele, estariam ambos logo regenerados, desembaraçados de seus vícios, não tendo senão virtudes; perdoariam um ao outro suas faltas e começariam uma nova existência. Quanto a Kuzmá Samsónov, via nele um homem fatal no passado de Grúchenhka, que não o havia, no entanto, jamais amado, um homem agora “passado”, também ele fora de conta. Não poderia fazer sombra a Mítia aquele velho débil cuja ligação tornara-se paternal por assim dizer, e isto desde cerca de um ano. Em todo caso, Mítia dava prova duma grande ingenuidade, porque com todos os seus vícios era um homem bastante ingênuo. Essa ingenuidade persuadia-o de que o velho Kuzmá, a ponto de deixar este mundo, experimentava sincero arrependimento pela sua conduta para com Grúchenhka, que não tinha protetor e amigo mais devotado do que aquele velho doravante inofensivo.

No dia seguinte à sua conversação com Aliócha nos campos, Mítia, que quase não havia dormido, apresentou-se cerca das dez

horas da manhã em casa de Samsónov e fez-se anunciar. A casa era velha, sombria, espaçosa, de um andar, com dependências e um pavilhão. No rés-do-chão moravam os dois filhos dele, casados, sua irmã bastante idosa e sua filha. Dois caixeiros, um dos quais tinha numerosa família, ocupavam o pavilhão. Todo aquele mundo necessitava de espaço, enquanto que o velho vivia sozinho no primeiro andar, não querendo lá nem mesmo sua filha, que cuidava dele e devia subir cada vez que ele tinha necessidade dela, malgrado sua asma inveterada. O primeiro andar compunha-se de grandes peças aparatosas, mobiliadas no velho estilo comercial, com intermináveis fileiras de poltronas maciças e de cadeiras de acaju ao longo das paredes, lustres de cristal cobertos de capas e tremós. Essas peças estavam vazias e inabitadas, confinando-se o velho no seu quartinho de dormir lá no fundo, onde o serviam uma velha criada de touca e um rapaz que se mantinha em cima de uma arca no vestíbulo. Quase não podendo mais andar, por causa de suas pernas inchadas, só raramente se levantava da poltrona, sustentado pela velha, para dar uma volta pelo quarto. Mesmo com ela se mostrava severo e pouco comunicativo. Quando o informaram da chegada do "capitão", recusou recebê-lo. Mítia insistiu e fez-se anunciar de novo. Kuzmá Samsónov informou-se então do ar do visitante, se tinha bebido ou fazia barulho. "Não — respondeu o rapaz —, mas não quer ir-se embora." A uma nova recusa, Mítia, que previra o caso e tornara suas precauções, escreveu a lápis: "Para um negócio urgente, a respeito de Agrafiena Alieksándrovna", e enviou o bilhete ao velho. Depois de ter refletido um instante, ordenou este que conduzissem o visitante à sala e mandou transmitir a seu filho mais moço ordem de subir imediatamente. Esse homem de elevada estatura e duma força hercúlea, que se barbeava e se vestia à europeia (o velho Samsónov usava cafetã e barba) chegou logo. Todos tremiam diante do pai. Este mandara-o chamar não por medo do capitão — não era homem medroso —, mas à toa, mais como uma testemunha. Acompanhado de seu filho, que o segurara por baixo do braço, e pelo rapaz, arrastou-se até a sala. Deve-se crer que experimentava uma curiosidade bastante viva. A sala em que Mítia estava à espera era imensa e lúgubre, de dois tons, com uma galeria, paredes imitando mármore e três enormes lustres cobertos de capas. Mítia, sentado perto da entrada, esperava impacientemente sua sorte. Quando o velho apareceu na outra

extremidade, a dez *sajénhi*, Mítia levantou-se vivamente e marchou a grandes passos a seu encontro. Estava corretamente trajado, com a sobrecasaca abotoada, seu chapéu na mão com luvas pretas, como na antevéspera no mosteiro, em casa do *stáriets*, por ocasião da entrevista com Fiódor Pávlovitch e seus irmãos. O velho esperava-o de pé, com um ar grave e Mítia sentiu que ele o examinava. Seu rosto, bastante inchado naqueles últimos tempos, com seu lábio pendente, surpreendeu Mítia. Dirigiu a seu visitante um cumprimento grave e mudo, indicou-lhe um assento e, apoiado ao braço de seu filho, tomou ele próprio lugar, gemendo, no divã em frente de Mítia. Este, testemunha de seus esforços dolorosos, sentiu logo um remorso e acanhamento ao pensar no nada que era diante do importante personagem a quem tirara de seus cômodos.

— Que deseja, senhor? — perguntou o velho, depois que sentou, num tom frio, embora polido.

Mítia estremeceu, ergueu-se, mas retomou seu lugar. Pôs-se a falar alto, depressa, com exaltação, gesticulando. Sentia-se que aquele homem em apuros procurava uma derradeira saída, pronto a dar tudo por acabado em caso de fracasso. O velho Samsónov deveu ter compreendido tudo isso num instante, se bem que seu rosto houvesse permanecido impassível.

— O respeitável Kuzmá Kuzmitch ouviu provavelmente falar mais de uma vez de minhas desavenças com meu pai, Fiódor Pávlovitch Karamázov, que me despojou da herança de minha mãe… porque isso é assunto de todas as conversas, metendo-se as pessoas naquilo que não lhes compete… Pôde igualmente ter sido informado por Grúchenhka… perdoe, por Agrafiena Alieksándrovna… pela honradíssima e respeitabilíssima Agripina[71] Alieksándrovna…

Assim começou Mítia, que se atrapalhou desde as primeiras palavras. Mas não citaremos integralmente suas palavras, limitando-nos a resumi-las. O fato é que ele, Mítia, conferenciara, havia três meses, na sede do distrito, com um advogado, “um célebre advogado, Kuzmá Kuzmitch, o Senhor Páviel Pávlovitch Kornieplódov, de quem o senhor já deve ter ouvido falar. Grande cabeça, espírito quase de estadista… ele também o conhece… falou do senhor nos melhores

termos…”. E Mítia, pela segunda vez, não soube como continuar. Mas não se detinha por tão pouco, passava adiante, discorria à vontade. Aquele advogado, segundo as explicações de Mítia e o exame dos documentos (Mítia atrapalhou-se e passou rapidamente por cima), foi de opinião, a respeito da aldeia de Tchermachniá, que deveria ter-lhe pertencido por herança materna, que se podia intentar um processo e derrotar assim o velho energúmeno, “porque todas as saídas não estão fechadas e a Justiça sabe abrir-se um caminho”. Em suma, podia-se esperar exigir de Fiódor Pávlovitch um suplemento de seis e até mesmo sete mil rublos, porque Tchermachniá vale pelo menos vinte e cinco mil, que digo? vinte e oito mil, “trinta, Kuzmá Kuzmitch, e imagine que aquele carrasco não me pagou nem dezessete mil! Abandonei então esse negócio, não entendendo nada da chicana e à minha chegada aqui fui atordoado por uma ação de reconvenção (aqui Mítia atrapalhou-se de novo e deu um salto). Pois bem, respeitável Kuzmá Kuzmitch, o senhor não quer que eu lhe ceda todos os meus direitos sobre aquele monstro e isto por três mil rublos somente?… O senhor não arrisca nada, nada absolutamente, juro pela minha honra; pelo contrário, poderá ganhar seis ou sete mil rublos, em lugar de três… E, sobretudo, queria terminar este negócio hoje mesmo. Iríamos à casa do tabelião, ou então… Em suma, estou pronto a tudo, darei todos os documentos que o senhor quiser, assinarei… lavraríamos o ato hoje, esta manhã mesmo, se possível… O senhor me daria esses três mil rublos… porque o senhor é o primeiro capitalista daqui… e assim me salvaria… permitindo-me praticar um ato sublime… porque nutro os mais nobres sentimentos para com uma pessoa que o senhor bem conhece e a quem cerca de uma solicitude paternal. De outro modo, não teria vindo aqui. Pode-se dizer que três cabeças se entrechocaram, porque o destino é uma coisa terrível, Kuzmá Kuzmitch. Ora, como o senhor não entra mais em conta desde muito tempo, restam duas cabeças, segundo minha expressão talvez canhestra, mas não sou literato. Minha cabeça e a daquele monstro. De modo que, escolha: eu ou um monstro! Tudo se acha agora entre suas mãos, três destinos e dois dados… Desculpe-me, atrapalhei-me, mas o senhor compreende… vejo pelos seus olhos que o senhor compreendeu… Senão, só me resta desaparecer, eis tudo!” Mítia parou de repente sua fala extravagante com aquele “eis tudo” e, levantando-se, esperou uma resposta à sua absurda proposta. Na derradeira frase,

sentira de súbito que o negócio estava fracassado e sobretudo que havia proferido uma terrível mixórdia. “É estranho, ao vir aqui estava seguro de mim mesmo e agora atrapalho tudo!” Enquanto ele falava, o velho permanecia impassível, observando-o com ar glacial. Ao fim de um minuto, Kuzmá Kuzmitch disse por fim num tom categórico e desencorajador:

— Desculpe-me, mas não nos ocupamos com tais negócios.

Mítia sentiu fugirem-lhe as pernas.

— Que irá ser de mim, Kuzmá Kuzmitch? — murmurou ele, com um sorriso pálido. — Estou perdido agora. Que pensa o senhor?

— Desculpe-me…

Mítia, de pé e imóvel, notou uma mudança na fisionomia do velho. Estremeceu.

— Veja, senhor, tais negócios são incômodos. Entrevejo um processo, advogados, o diabo e tudo mais! Se o senhor quiser, há aqui um homem, dirija-se a ele.

— Meu Deus, quem é?… O senhor me restitui a vida, Kuzmá Kuzmitch — balbuciou Mítia.

— Não está aqui neste momento. É um mujique, comerciante de madeira, apelidado Liagávi. Há um ano vive em conversações com Fiódor Pávlovitch a respeito da floresta da Tchermachniá de vocês. Não estão de acordo no preço. Talvez o senhor já tenha ouvido falar disso. Agora ele se encontra justamente lá, hospedado na casa do Padre Ilinski, em Ilhínskoie, a doze verstas da estação de Volóvia. Escreveu-me a respeito desse negócio, pedindo conselho. Fiódor Pávlovitch quer ir em pessoa encontrá-lo. Se o senhor se adiantasse a ele, fazendo a Liagávi a mesma proposta que a mim, talvez que ele…

— Eis uma ideia genial! — interrompeu Mítia, entusiasmado. — É justamente o que é preciso para aquele homem. É comprador, pedem-lhe caro, e eis um documento que o torna proprietário, ah! ah! ah! — Mítia explodiu uma risada seca, inesperada, que surpreendeu

Samsónov.

— Como agradecer-lhe, Kuzmá Kuzmitch?

— Não há de quê — respondeu Samsónov, inclinando a cabeça.

— Mas o senhor não sabe, o senhor acaba de salvar-me. Oh! foi um pressentimento que me trouxe à sua casa… Então, vamos ver esse pope!

— É inútil agradecer-me.

— Corro lá. Abusei de sua saúde. Jamais esquecerei, é um russo quem lhe diz, Kuzmá Kuzmitch!

Mítia quis agarrar a mão do velho para apertá-la, mas ele tinha um olhar mau. Mítia retirou sua mão, enquanto censurava sua desconfiança. “Deve estar fatigado…”, pensou.

— É por ela, Kuzmá Kuzmitch! O senhor compreende que é por ela! — disse ele com voz ressoante. Inclinou-se, deu meia volta, e apressou-se em direção à saída, com grandes passadas. Palpitava de entusiasmo. “Tudo parecia perdido, mas meu anjo da guarda me salvou”, pensava ele. “E se um homem de negócios como esse velho (que nobre ancião, que porte imponente!) indicou esse caminho… sem dúvida o êxito está garantido. Não há um minuto a perder. Voltarei esta noite, mas terei ganho de causa. Será possível que o velho haja zombado de mim?” Assim monologava Mítia, ao voltar para sua casa, e não podia imaginar as coisas de outro modo: ou era um conselho prático — vindo dum homem experimentado, que conhecia aquele Liagávi (que nome engraçado!) — ou então o velho zombara dele! Ai! a derradeira hipótese era a única verdadeira. Mais tarde, muito tempo após o drama, o velho Samsónov confessou, rindo, que zombara do capitão. Tinha espírito maligno e irônico, com antipatias mórbidas. Teria sido o ar entusiasta do capitão, a tola convicção daquele “cesto furado” de que ele, Samsónov, podia levar a sério seu plano absurdo, um sentimento de ciúme de Grúchenhka, em nome da qual aquele desmiolado lhe pedia dinheiro — ignoro o que inspirou o velho, mas quando Mítia se mantinha diante dele, sentindo suas pernas dobrarem-se e exclamou estupidamente que estava perdido — olhou com

maldade e imaginou pregar-lhe uma peça. Após a partida de Mítia, Kuzmá Kuzmitch, pálido de cólera, dirigiu-se a seu filho, ordenando-lhe que tomasse as providências para que aquele patife não voltasse a pôr os pés em sua casa, senão…

Não acabou sua ameaça, mas seu filho, que o tinha, no entanto, visto muitas vezes encolerizado, tremeu de medo. Uma hora depois, estava ainda o velho agitado pela cólera; ao anoitecer, sentiu-se indisposto e mandou chamar o curandeiro.

### *II / Liagávi*

Por conseguinte, era preciso "galopar" e Mítia não tinha com que pagar a corrida: vinte copeques, eis o que lhe restava de sua antiga prosperidade! Possuía um velho relógio de prata, que havia muito tempo estava parado. Um relojoeiro judeu, instalado numa lojinha, no mercado, deu por ele seis rublos. "Não esperava tanto!", exclamou Mítia, encantado (o encantamento continuava). Pegou seus seis rublos e correu à sua casa. Ali completou a soma pedindo emprestados três rublos a seus locadores, que lhe deram de bom grado, se bem que fosse o derradeiro dinheiro que tinham, tanto gostavam de Mítia. Na sua exaltação, Mítia revelou-lhes que sua sorte se decidia e explicou — à pressa, bem entendido — quase todo o plano que acabava de expor. a Samsónov, a decisão deste último, suas futuras esperanças etc. Aquelas pessoas já antes estavam a par de muitos de seus segredos e o olhavam como dos "seus", um *bárin* nada orgulhoso. Tendo dessa maneira juntado nove rublos, mandou Mítia buscar cavalos de posta para ir até a estação de Volóvia. Mas desta maneira comprovou-se e foi relembrado que "na véspera de certo acontecimento Mítia não tinha um copeque, que para arranjar dinheiro vendera um relógio e pedira emprestados três rublos a seus locadores, tudo isso diante de testemunhas".

Noto o fato, mais tarde se compreenderá por quê.

Rodando para Volóvia, Mítia, radiante à ideia de desembaraçar por fim e de terminar todos aqueles negócios, estremecia, no entanto, inquieto: que aconteceria a Grúchenhka, durante sua ausência? Será que ela se decidiria hoje a ir encontrar Fiódor Pávlovitch? Eis por que

partira sem preveni-la, recomendando aos locadores que nada dissessem no caso de virem chamá-lo. “Preciso voltar de qualquer jeito esta noite”, repetia ele, sacudido na *tieliega*, “e trazer esse Liagávi… para lavrar o ato…” Mas, ai! seus sonhos não estavam destinados a realizar-se de acordo com seu plano.

Em primeiro lugar perdeu tempo tomando o caminho vicinal para Volóvia. O percurso verificou-se ser de dezoito e não de doze verstas. Em seguida não encontrou o Padre llinski em casa, pois fora à aldeia vizinha. Enquanto Mítia partia à sua procura com os mesmos cavalos, já estafados, a noite estava quase chegada. O *bátiuchka*, homenzinho tímido de ar afável, explicou-lhe logo que o tal Liagávi, que se alojara a princípio em sua casa, estava agora em Sukhoi Posiélok, e passaria a noite na isbá do guarda-florestal, porque traficava também lá. A pedidos instantes de Mítia, de conduzi-lo imediatamente à presença de Liagávi e de “assim salvá-lo”, o padre consentiu, após alguma hesitação, em acompanhá-lo a Sukhoi Posiélok, misturando-se nisso certa curiosidade; por desgraça, aconselhou ir a pé, porque a distância era de pouco mais de uma versta. Mítia aceitou, bem entendido, e caminhou a grandes passos, de sorte que o pobre *bátiuchka* mal podia segui-lo. Era um homem ainda moço e bastante reservado. Mítia se pôs logo a falar de seus planos, pediu nervosamente conselhos a respeito de Liagávi, conversou durante todo o caminho. O padre escutava-o atentamente, mas não aconselhava nada. Respondia evasivamente às perguntas de Mítia: “Não sei: como haveria de saber?” etc. etc. Quando Mítia falou de suas desavenças com seu pai a respeito da herança, o padre amedrontou-se, porque dependia ele, a certos respeitos, de Fiódor Pávlovitch. Informou-se com surpresa da razão pela qual Mítia chamava de Liagávi o mujique Górstkin e explicou-lhe que muito embora esse nome de Liagávi fosse o dele, ofendia-se tremendamente com ele e era preciso chamá-lo Górstkin, “senão o senhor nada poderá obter dele que nem mesmo o escutará”, concluiu o padre. Mítia espantou-se um pouco e explicou que o próprio Samsónov o havia chamado assim. A estas palavras, o padre mudou de conversa; deveria ter dado parte de suas suspeitas a Dimítri Fiódorovitch: se Samsónov o havia dirigido àquele mujique sob o nome de Liagávi, não teria sido por derrisão, não haveria naquilo algo de duvidoso? Mas Mítia não tinha tempo de se deter com tais

bagatelas. Caminhava sempre e somente ao chegar a Sukhoi Posiélok se apercebeu de que haviam feito três verstas e não uma e meia. Dissimulou seu descontentamento. Entraram na isbá da qual o guarda-florestal, que conhecia o padre, ocupava a metade; o forasteiro estava instalado na outra, separada pelo vestíbulo. Foi para lá que se dirigiram acendendo uma vela. A isbá estava superaquecida. Sobre uma mesa de pinho havia um samovar apagado, uma bandeja com xícaras, uma garrafa de rum vazia, um garrafão de aguardente quase vazio e restos de pão de trigo. O forasteiro jazia sobre o banco, com as roupas enroladas sob a cabeça à guisa de travesseiro e roncava ruidosamente. Mítia estava perplexo. "Certamente, é preciso despertá-lo; meu negócio é por demais importante, vim com tanta pressa e tenho também pressa de voltar hoje mesmo", murmurava, inquieto. Aproximou-se e pôs-se a sacudi-lo, mas o dorminhoco não despertou. "Está bêbedo — concluiu Mítia. — Que fazer, meu Deus, que fazer?" Na sua impaciência, começou a puxá-lo pelas mãos, pelos pés, a levantá-lo, a sentá-lo no banco, mas só obteve, após longos esforços, surdos resmungos e invectivas enérgicas, embora confusas.

— Seria melhor o senhor esperar — disse por fim o padre —, nada se pode obter agora.

— Bebeu o dia inteiro — observou o guarda.

— Meu Deus! — exclamou Mítia. — Se o senhor soubesse como tenho necessidade dele e em que situação me encontro!

— Será melhor esperar até amanhã de manhã — repetiu o padre.

— Até de manhã? Mas é impossível!

No seu desespero, ia ainda sacudir o bêbedo, mas parou logo, compreendendo a inutilidade de seus esforços. O padre calava-se, o guarda cheio de sono mostrava-se sombrio.

— Que tragédias se encontram na vida real! — proferiu Mítia, desesperado. O suor escorria-lhe no rosto. O padre aproveitou-se dum minuto de calma para explicar-lhe avisadamente que, mesmo se conseguisse despertar o dorminhoco, este não poderia discutir com ele, bêbedo como estava; "uma vez que se trata de um negócio

importante, é mais seguro deixá-lo tranquilo até de manhã…” Mítia concordou.

— Ficarei aqui, *bátiuchka*, esperando a ocasião. Assim que ele acordar, começarei… Pagarei a vela e o pernoite — disse ele ao guarda. — Haverás de te lembrar de Dimítri Karamázov. Mas o senhor, *bátiuchka*, onde vai deitar?

— Não se inquiete, volto para casa na jumenta dele — disse, designando o guarda. — Portanto, adeus e boa sorte.

Assim foi feito. O padre cavalgou a jumenta, feliz por ver-se livre, mas vagamente inquieto e perguntando a si mesmo se não faria bem em informar no dia seguinte Fiódor Pávlovitch a respeito daquele curioso negócio, “senão ele se zangará quando ficar sabendo e me retirará sua proteção”. O guarda, depois de coçar-se, voltou, sem dizer palavra, para seu quarto; Mítia tomou lugar no banco para esperar a ocasião, como dizia. Profunda angústia o dominava, como uma espessa bruma. Procurava, sem sucesso, reunir suas ideias. A vela ardia, um grilo cantava, sufocava-se no quarto superaquecido. Imaginou de repente o jardim, a entrada; a porta da casa de seu pai abria-se misteriosamente e Grúchenhka acorria. Levantou bruscamente.

— Tragédia! — murmurou, rilhando os dentes. Aproximou-se maquinalmente do homem que dormia e pôs-se a examiná-lo. Era um mujique esgalgado, ainda moço, de cabelos cacheados, barbicha ruiva. Trazia uma blusa de chita da Índia e um colete preto, com a corrente dum relógio de prata no bolsinho. Mítia observava aquela fisionomia com verdadeiro ódio. Os cachos, sobretudo, o exasperavam, não se sabia por quê. O mais humilhante é que ele, Mítia, ficava ali diante daquele homem com seu negócio urgente, ao qual tudo sacrificara, no extremo das forças, e aquele mandrião, “do qual depende agora minha sorte, ronca como se nada houvesse, como se viesse dum outro planeta!”. Mítia, perdendo a cabeça, lançou-se de novo para despertar o mujique embriagado. Pôs naquilo uma espécie de encarniçamento, maltratou-o, chegou a bater-lhe, mas ao fim de cinco minutos, não obtendo nenhum resultado, tornou a sentar, num desespero impotente.

“Tolice, tolice! E… como tudo isso é lamentável.” Começava a sentir dor de cabeça. — “Será preciso abandonar tudo? Voltar?”, pensava ele. — “Não, ficarei até de manhã, decididamente! Por que ter vindo aqui? E não tenho com que voltar. Como fazer? Oh! que absurdo!”

Entretanto sua dor de cabeça aumentava. Ficou imóvel e adormeceu insensivelmente, sentado como estava. Ao fim de duas horas, foi despertado por uma dor intolerável na cabeça, suas têmporas latejavam. Levou muito tempo para voltar a si e dar-se conta do que acontecia. Compreendeu por fim que era um começo de asfixia, devida ao carvão e que teria podido morrer, O bêbedo continuava a roncar; a vela consumira-se e estava a ponto de apagar-se. Mítia lançou um grito e precipitou-se cambaleante para a casa do guarda, que logo despertou. Sabendo do que se tratava, foi fazer o necessário, mas acolheu a coisa com uma fleuma surpreendente, o que causou assombro a Mítia.

— Mas ele está morto, está morto, e então… que fazer? — exclamou ele, na sua exaltação.

Abriram-se as portas e a janela, destapou-se a estufa. Mítia trouxe da entrada um balde d’água com a qual molhou a cabeça, depois embebeu d’água um trapo de pano que aplicou sobre a de Liagávi. O guarda continuava a mostrar uma indiferença desdenhosa; depois de ter aberto a janela, disse com ar mal-humorado: “Está tudo bem assim” e voltou a deitar, deixando a Mítia uma lanterna acesa. Durante uma meia hora, Mítia cuidou do bêbedo, renovando a compressa, resolvido a velar a noite inteira; já sem forças, sentou-se para retomar fôlego, seus olhos fecharam-se logo, estirou-se inconscientemente sobre o banco e adormeceu com um sono de chumbo.

Despertou muito tarde, cerca das nove horas. O sol brilhava nas duas janelas da isbá. O mujique de cabelos cacheados estava instalado diante de um samovar fervente e novo garrafão, mais de cuja metade já havia bebido. Mítia levantou sobressaltado e percebeu logo que o maldito mujique estava de novo embriagado, irremediavelmente embriagado. Observou-o um minuto, escancarando os olhos. O

mujique olhava-o em silêncio, com um ar astuto e fleumático e até mesmo com arrogância, pelo que acreditou Mítia. Lançou-se para ele:

— Permita, olhe… eu… o guarda deve ter-lhe dito quem sou: o Tenente Dimítri Karamázov, filho do velho com quem anda o senhor em tratativas para um corte de madeira.

— Mentes! — replicou o mujique, num tom decidido.

— Minto como? Não conhece Fiódor Pávlovitch?

— Não conheço nenhum Fiódor Pávlovitch — declarou o mujique, com a língua pastosa.

— Mas o senhor está negociando a madeira dele; esperte-se, domine-se. Foi o Padre Ilinski quem me trouxe aqui… O senhor escreveu a Samsónov e este me disse que me dirigisse ao senhor… — Mítia ofegava.

— Tu m…entes! — repetiu Liagávi. Mítia sentia-se desfalecer.

— Por favor, não é brincadeira nenhuma. O senhor está embriagado, sem dúvida. Poderia afinal falar, compreender… senão… sou eu que não compreendo nada disso!

— És tintureiro!

— Perdão, sou Karamázov, Dimítri Karamázov, tenho uma proposta a fazer-lhe… uma proposta muito vantajosa… precisamente a propósito da madeira.

O mujique acariciava a barba com ar importante.

— Não, trabalhaste de empreitada e és um tratante!

— Asseguro-lhe que se engana! — berrou Mítia, torcendo as mãos. O mujique continuava a acariciar a barba; de súbito piscou o olho com um ar astuto.

— Cita-me uma lei que permita cometer tratantadas, entendes? És um tratante, compreendes?

Mítia recuou com ar sombrio, teve “a sensação duma pancada na testa”, como disse mais tarde. Foi de súbito como um raio de luz, compreendeu tudo. Ficou estupidificado, perguntando a si mesmo como ele, um homem no entanto sensato, pudera tomar a sério tal absurdo, meter-se em semelhante aventura, cuidar solícito daquele Liagávi, molhar-lhe a cabeça… “Ora bem, este sujeito está bêbedo e vai continuar bebendo uma semana ainda — que adianta esperar? E se Samsónov zombou de mim? E se ela… Meu Deus, que fiz eu?…”

O mujique olhava-o e ria. Em outras circunstâncias, Mítia, cheio de cólera, teria arremetido contra aquele imbecil, mas agora sentia-se fraco como uma criança. Sem dizer uma palavra, pegou de cima do banco o seu sobretudo, vestiu-o, passou para a outra peça. Não encontrou ninguém lá e deixou em cima da mesa cinquenta copeques pelo pernoite, pela vela e pelo incômodo. Ao sair da isbá, encontrou-se em plena floresta. Partiu ao acaso, não se lembrando mesmo qual a direção a tomar, se à direita ou à esquerda da isbá. Na véspera, na sua precipitação, não reparara no caminho. Não experimentava nenhum sentimento de vingança, nem mesmo para com Samsónov, e seguia maquinalmente o estreito caminho, a cabeça perdida e sem se inquietar a respeito da direção que tomava. A primeira criança que aparecesse o teria derrubado, tão esgotado ele estava. Conseguiu, contudo, sair da floresta: os campos ceifados e desnudos estendiam-se a perder de vista. “Por toda parte o desespero, a morte!”, repetia, enquanto andava.

Por felicidade, encontrou um velho comerciante que um carroceiro conduzia à estação de Volóvia. Levaram consigo Mítia que lhes perguntara qual o caminho. Chegaram três horas depois. Em Volóvia, alugou cavalos, a fim de seguir para a cidade e sentiu então que estava morto de fome. Enquanto atrelavam, prepararam-lhe uma omeleta. Devorou-a, bem como um grande naco de pão, salsichão e bebeu três copinhos de vodca. Uma vez restaurado, retomou coragem e recuperou sua lucidez. Movimentava-se, apressava o carroceiro, ruminava novo plano “infalível” para arranjar naquele mesmo dia aquele maldito dinheiro. “E dizer-se que o destino pode depender de três mil desgraçados rublos!”, exclamava, desdenhosomente. “Hoje tomarei uma decisão!” E não fosse o pensamento contínuo em

Grúchenhka e a inquietação que experimentava por causa dela, poderia ter estado talvez completamente contente. Mas aquele pensamento traspassava-o a cada instante como um punhal. Por fim chegaram e Mítia correu à casa dela.

### *III / As minas de ouro*

Era precisamente a visita de que Grúchenhka havia falado a Rakítin com tanto terror. Esperava então um correio e regozijava-se com a ausência de Mítia, ontem e hoje, esperando que ele não viesse talvez antes de sua partida, quando de súbito ele aparecera. Sabe-se o resto; para despistá-lo fizera-se ela acompanhar por ele à casa de Kuzmá Samsónov, onde, dizia, tinha de ir fazer contas; despedindo-se de Mítia fizera-o prometer ir buscá-la à meia-noite. Ficara ele satisfeito com esse arranjo: "Ela fica em casa de Kúzmá, portanto não irá à casa de Fiódor Pávlovitch… contanto que ela não esteja mentindo", acrescentou logo. Acreditava-a sincera. Seu ciúme consistia, longe da mulher amada, em imaginar toda espécie de traições, mas de volta para seu lado, transtornado, persuadido de sua desgraça, ao primeiro olhar lançado àquele doce rosto, uma revolução operava-se nele, esquecia suas suspeitas e tinha vergonha de seus ciúmes. Apressou-se em voltar para casa, tinha ainda tanto que fazer! Pelo menos estava com o coração mais leve. "É preciso agora informar-me com Smierdiákov, se nada aconteceu ontem à noite, se ela não foi à casa de Fiódor Pávlovitch. Ah!…" De sorte que, mesmo antes de estar em casa, o ciúme se insinuava de novo no seu coração inquieto.

O ciúme! "Otelo não é ciumento, é confiante", disse Púchkin. Esta observação atesta a profundeza de nosso grande poeta. Otelo sente-se transtornado porque perdeu seu ideal. Mas não irá ocultar-se, espionar, escutar às portas: é confiante. Pelo contrário, foi preciso conduzi-lo ao caminho, excitá-lo com grande esforço, para que ele duvidasse da traição. Tal não é o verdadeiro ciumento. Não se pode imaginar a infâmia e a degradação a que um ciumento é capaz de acomodar-se sem nenhum remorso. E não são sempre almas vis que assim agem. Pelo contrário, embora tendo sentimentos elevados, um amor puro e devotado, pode uma pessoa esconder-se debaixo de

mesas, comprar tratantes, prestar-se à mais ignóbil espionagem. Otelo jamais teria podido resignar-se a uma traição — não perdoá-la, mas a ela resignar-se —, se bem que tenha a doçura e inocência duma criança. Bem diferente é o verdadeiro ciumento. Tem-se dificuldade em imaginar os compromissos e a indulgência de que alguns são capazes. Os ciumentos são os primeiros a perdoar, todas as mulheres sabem disso. Perdoariam (após uma cena terrível, bem entendido) uma traição quase flagrante, os abraços e beijos de que foram testemunhas, se fosse a derradeira vez, se seu rival desaparecesse, partisse para o fim do mundo e eles mesmos partissem com a bem-amada para um lugar onde ela não tornaria a encontrar mais o outro. A reconciliação, naturalmente, não é senão de curta duração, porque na ausência de um rival o ciumento inventaria um segundo. Ora, que vale tal amor, objeto de uma vigilância incessante? Mas um verdadeiro ciumento não o compreenderá nunca. Há, no entanto, entre eles, pessoas de sentimentos elevados e, coisa de espantar, quando eles estão à escuta num esconderijo, ao mesmo tempo que compreendem a vergonha de sua conduta, não experimentam no momento nenhum remorso. À vista de Grúchenhka, o ciúme de Mítia desaparecia, tornava-se confiante e nobre, desprezava-se mesmo pelos seus maus sentimentos. Isto significava somente que aquela mulher lhe inspirava um amor mais elevado do que ele acreditava, um amor em que havia outra coisa além da sensualidade, da atração carnal de que ele falava a Aliócha. Mas assim que Grúchenhka partia, recomeçava Mítia a suspeitar nela todas as baixezas e perfídias da traição, sem experimentar nenhum remorso.

Assim, pois, o ciúme atormentava-o mais uma vez. Em todo caso, o tempo urgia. Era preciso, em primeiro lugar, arranjar uma pequena soma, os nove rublos de ontem tinham-se ido quase todos na viagem, e todos sabem que sem dinheiro não se vai longe. Pensara nisso, na *tieliega* que o trazia, ao mesmo tempo que no novo plano. Possuía duas excelentes pistolas que ainda não empenhara, porque eram de estimação. No botequim “A Capital”, travara conhecimento com um jovem funcionário e soubera que, celibatário e em muito boas condições financeiras, ele tinha paixão por armas. Comprava pistolas, revólveres, punhais, com os quais formava panóplias que exibia com vaidade, hábil no explicar o sistema dum revólver, como carregá-lo,

atirar, etc. Sem hesitar, Mítia foi oferecer-lhe suas pistolas em penhor por dez rublos. Encantado, o funcionário queria absolutamente comprá-las, mas Mítia não consentiu nisso; o outro deu-lhe dez rublos, declarando que não cobraria juros. Despediram-se como bons amigos. Mítia apressava-se, dirigiu-se a seu pavilhão, por trás da casa de Fiódor Pávlovitch, para chamar Smierdiákov. Mas desta maneira constatou-se de novo que, três ou quatro horas antes de um certo acontecimento de que se tratará depois, Mítia estava sem dinheiro e empenhara um objeto de estimação, ao passo que três horas mais tarde se achava de posse de milhares de rublos… Mas não antecipemos. Em casa de Maria Kondrátievna, a vizinha de Fiódor Pávlovitch, ele soube, consternado, da doença de Smierdiákov. Ouviu o relato da queda na adega, da crise que se seguiu, da chegada do doutor, da solicitude de Fiódor Pávlovitch; informaram-no também da partida de seu irmão Ivan para Moscou naquela manhã mesma. "Deve ter passado antes de mim por Volóvia", pensou, mas Smierdiákov preocupava-o intensamente. "Que fazer agora, quem velará para me informar?" Interrogou avidamente aquelas mulheres, para saber se elas nada tinham notado na véspera. Elas compreenderam muito bem o que ele queria saber e tranquilizaram-no: "Tudo se passara normalmente". Mítia refletiu: "Decerto era preciso vigiar também hoje, mas onde: aqui ou à porta de Samsónov?". Decidiu que seria nos dois lugares, à sua vontade, e enquanto esperava… havia aquele novo plano seguro, concebido na estrada e cuja execução não era possível atrasar. Mítia resolveu consagrar uma hora a isso. "Dentro de uma hora saberei tudo, e então, em primeiro lugar, em casa de Samsónov informar-me se Grúchenhka está lá, depois de novo aqui até às onze horas, e voltarei lá para reconduzi-la de volta."

Correu à sua casa e depois de ter-se asseado, dirigiu-se à casa da Senhora Khokhlakova. Ai! tal era o seu famoso "plano". Resolvera pedir emprestados três mil rublos àquela senhora, persuadido de que ela não recusaria. Não será caso de admiração talvez que, neste caso, não haja ele ido em primeiro lugar à casa de alguém de seu mundo, em lugar de Samsónov, cuja mentalidade lhe era estranha, e com o qual não sabia exprimir-se? Mas é que desde um mês quase rompera com ela, conhecia-a pouco, aliás, e sabia que ela não podia tolerá-lo, porque ele era o noivo de Katierina Ivânovna. Ela queria que a moça o

deixasse para casar com “o querido Ivan Fiódorovitch, tão instruído e que possuía tão belas maneiras”. As de Mítia desagradavam-lhe fortemente. Zombava dela e dissera uma vez que “aquela senhora era tão viva e desenvolta quanto pouco instruída”. E pela manhã, na *tieliega*, fora aquilo como um raio de luz: “Se ela se opõe ao meu casamento com Katierina Ivânovna (e que nisso ela era irreconciliável), por que me recusaria agora esses três mil rublos que me permitiriam abandonar Kátia e partir definitivamente? Quando essas grandes damas muito cheias de si têm um capricho na cabeça, nada se poupam para atingir os seus fins. Ela é, aliás, tão rica…”, dizia a si mesmo Mítia. Quanto ao plano, era igual ao precedente, isto é, o abandono de seus direitos sobre Tchermachniá, não com um fim comercial, como no caso de Samsónov, e sem tentar aquela senhora, como o comerciante, com a possibilidade dum bom negócio, dum ganho de alguns milhares de rublos, mas simplesmente em garantia de sua dívida. Desenvolvendo essa ideia nova, Mítia entusiasmava-se, como acontecia sempre por ocasião de seus empreendimentos e de suas novas decisões. Todo projeto novo apaixonava-o. Apesar disso, ao chegar ao patamar, sentiu um arrepio repentino; naquele instante compreendeu, com uma precisão matemática, que estava ali sua derradeira esperança, que em caso de fracasso não teria outro recurso senão estrangular alguém para roubá-lo… Eram sete horas e meia, quando tocou a campainha.

A princípio, tudo marchou a contento, foi recebido imediatamente. “Parece até que ela me espera”, pensou Mítia. Assim que foi introduzido no salão, a dona da casa apareceu e declarou-lhe que o esperava.

— Não podia supor que o senhor viria, há de convir; no entanto, esperava-o. Admire meu instinto, Dimítri Fiódorovitch, contava com sua visita hoje.

— É verdadeiramente de admirar, minha senhora — disse Mítia, sentando canhestramente —, mas vim por causa dum negócio da mais alta importância, no que a mim se refere, e apresso-me…

— Eu sei, Dimítri Fiódorovitch, não se trata mais de pressentimento, de inclinação retrógrada pelos milagres (ouviu falar

do *stáriets* Zósima?), era fatal, o senhor deveria vir depois de tudo o que se passou com Katierina Ivânovna.

— A realidade da vida, minha senhora, é isso. Mas permita-me que lhe explique…

— Precisamente, a realidade da vida, Dimítri Fiódorovitch. Não há senão isso que valha aos meus olhos, estou curada dos milagres. O senhor soube da morte do *stáriets* Zósima?

— Não, senhora, não sabia de nada — respondeu Mítia, um tanto surpreso. Voltou-lhe a lembrança de Aliócha.

— Esta noite mesmo e imagine o senhor…

— Minha senhora — interrompeu Mítia —, imagino somente que me encontro numa situação desesperada, e que se a senhora não vier em meu auxílio tudo se desmoronará, eu, em primeiro lugar. Perdoe-me a vulgaridade da expressão, a febre queima-me.

— Sim, sei que o senhor tem febre, não pode ser de outra forma; diga o que disser, sei de antemão. Há muito tempo que me ocupo com seu destino, Dimítri Fiódorovitch, acompanho-o, estudo-o. Sou um médico experimentado, pode acreditar.

— Não duvido, minha senhora. Em compensação, sou eu um doente experimentado — replicou Mítia, esforçando-se por ser amável — e tenho o pressentimento de que, se a senhora segue com tal interesse meu destino, não me deixará sucumbir. Mas permita-me afinal que lhe exponha o plano que me traz… e o que espero da sua parte… Venha cá, minha senhora…

— De que servem essas explicações? Isto não tem importância. Não é o senhor o primeiro a quem eu iria em socorro, Dimítri Fiódorovitch. Deve ter ouvido falar de minha sobrinha Bielhmiésova. Seu marido estava perdido, afundava-se. Pois bem, aconselhei-o a criar cavalos e agora ele está próspero. O senhor entende de criação de cavalos, Dimítri Fiódorovitch?

— Absolutamente, minha senhora, absolutamente! — exclamou

Mítia, que ficou em pé na sua impaciência. — Suplico-lhe, senhora, que me ouça, deixe-me falar dois minutos somente, para explicar-lhe meu projeto. Além do mais, tenho muita pressa!… — gritou Mítia, exaltado, compreendendo que ela ia falar mais ainda e na esperança de gritar mais forte do que ela. — Vim desesperado, para pedir-lhe emprestados três mil rublos contra um penhor seguro, que oferece plena garantia! Deixe-me somente dizer-lhe…

— Depois, depois! — exclamou a Senhora Khokhlakova, agitando a mão. — Sei já tudo quanto o senhor quer me dizer. Pede-me três mil rublos, vou lhe dar bem mais, vou salvá-lo, Dimítri Fiódorovitch, mas é preciso obedecer-me.

Mítia sobressaltou-se.

— Senhora, teria tamanha bondade?! — exclamou ele num tom emocionado. — Meu Deus! A senhora salva um homem da morte, do suicídio… Minha eterna gratidão…

— Vou lhe dar muito mais, muito mais de três mil rublos! — repetiu a Senhora Khokhlakova, que olhava, sorridente, o entusiasmo de Mítia.

— Mas não preciso de tanto! Tenho necessidade somente dessa fatal soma, três mil rublos. Ofereço-lhe uma garantia e lhe agradeço. Meu plano…

— Basta, Dimítri Fiódorovitch, está dito, está feito — interrompeu-o a Senhora Khokhlakova, com a modéstia triunfante de uma benfeitora. — Prometi salvá-lo e hei de salvá-lo, como a Bielhmiésov. Que pensa o senhor das minas de ouro?

— As minas de ouro, senhora? Jamais pensei nisso!

— Mas eu penso, pelo senhor. Há um mês que o observo com este objetivo. Olhei-o muitas vezes, quando o senhor passava, pensando: eis um homem enérgico, cujo lugar é nas minas. Eu mesma estudei seu andar e persuadi-me de que o senhor descobriria filões.

— Pelo meu modo de andar, senhora?

— Por que não? Como nega que se possa conhecer o caráter pelo modo de andar, Dimítri Fiódorovitch? As Ciências Naturais confirmam o fato. Oh! sou realista. Desde hoje, após essa história no mosteiro que tanto me afetou, tornei-me totalmente realista e quero entregar-me a uma atividade prática. Estou curada do misticismo. “Basta!”, como diz Turguéniev.

— Mas senhora, esses três mil rublos que me prometeu tão generosamente…

— Eles não lhe escaparão, é como se os tivesse em seu bolso. E não três mil, mas três milhões, em breve prazo. Eis minha ideia: o senhor descobrirá minas, ganhará milhões, quando voltar, estará transformado num homem de ação capaz de nos guiar para o bem. Será preciso, pois, abandonar tudo aos judeus? O senhor construirá edifícios, fundará diversas empresas. Socorrerá os pobres e eles o abençoarão. Estamos no século das estradas de ferro. O senhor será conhecido e notado no Ministério das Finanças, que se encontra em extrema penúria. A queda de nossa moeda fiduciária impede-me de dormir, Dimítri Fiódorovitch, conhecem-me mal a este respeito.

— Minha senhora, minha senhora — interrompeu, de novo, Dimítri, inquieto —, seguirei muito provavelmente seu sábio conselho… irei talvez lá… às minas a que se refere… voltarei para conversar com a senhora… mas agora esses três mil rublos que a senhora tão generosamente… eles me libertariam, e se possível hoje… Não tenho uma hora a perder…

— Escute, Dimítri Fiódorovitch, chega! Uma pergunta: parte ou não para as minas de ouro? Responda-me categoricamente.

— Irei, minha senhora, depois… Irei aonde a senhora quiser… mas agora…

— Espere então! — Dirigiu-se vivamente para uma magnífica escrivaninha e remexeu dentro das gavetas com precipitação.

“Os três mil!”, pensou Mítia, crispado pela expectativa — “e isto imediatamente, sem papel, sem formalidades… Que grandeza de alma! Que excelente mulher! Se somente falasse menos…”

— Aqui está — exclamou ela, radiante, voltando para Mítia eis o que eu procurava.

Era um pequeno ícone de prata, com uma corrente, como os que se usam por vezes sob a roupa.

— Vem de Kiev, Dimítri Fiódorovitch — disse a Senhora Khokhlakova, com respeito —, relíquias de Santa Bárbara, a grande mártir. Permita-me que eu mesma ponha este pequeno ícone em seu pescoço e o abençoe em véspera de uma vida nova.

E tendo-lhe passado a corrente no pescoço, tratou de ajustá-la. Mítia, muito constrangido, inclinou-se e procurou ajudá-la. Por fim, o ícone ficou colocado como era preciso.

— Agora, pode partir — disse ela, tornando a sentar, triunfante.

— Minha senhora, estou tão comovido… e não sei como agradecer-lhe… a sua solicitude, mas… se soubesse a senhora como tenho pressa! Essa soma que espero de sua generosidade… Oh! minha senhora, já que é tão boa, tão generosa — e Mítia teve uma inspiração — permita-me que lhe revele… o que, aliás, a senhora já sabe… amo uma pessoa. Traí Kátia, Katierina Ivânovna, quero dizer… Oh! tenho sido inumano, desonesto, mas amava outra… uma mulher a quem a senhora talvez despreze, porque está a par de tudo, mas que eu não posso abandonar, de modo que esses três mil…

— Abandone tudo, Dimitri Fiódorovitch — interrompeu, em tom cortante a Senhora Khokhlakova. — Sobretudo as mulheres. Seu objetivo são as minas. Inútil levar mulheres para lá. Mais tarde, quando o senhor voltar rico e célebre, encontrará uma amiga de coração na mais alta sociedade. Será uma moça moderna, prudente e sem preconceitos. Nessa época, justamente, o feminismo estará desenvolvido e a nova mulher aparecerá…

— Minha senhora, não é isto, não é isto… — disse Dimítri Fiódorovitch, juntando as mãos, com ar suplicante.

— É sim, Dimítri Fiódorovitch, é precisamente disto que o senhor necessita, é disto que o senhor está sedento sem saber. Interesso-me

bastante pelo feminismo. O desenvolvimento da mulher e até mesmo seu papel político no futuro mais próximo, eis meu ideal. Tenho uma filha, Dimítri Fiódorovitch, esquecem-se disto muitas vezes. Escrevi a respeito a Chtchédrin.[72] Este escritor abriu-me tais horizontes sobre a missão da mulher que lhe dirigi, o ano passado, estas duas linhas: "Aperto-o de encontro ao meu coração e beijo-o em nome da mulher moderna, continue". E assinei: "Uma mãe". Teria querido assinar: "Uma mãe contemporânea", mas hesitei. Afinal de contas limitei-me a "uma mãe", é mais belo moralmente, Dimítri Fiódorovitch, e a palavra "contemporânea" poderia ter lembrado *O Contemporâneo*, lembrança amarga para ele, em vista da censura atual. Meu Deus, que tem o senhor?

— Minha senhora — disse Mítia, de pé, com as mãos juntas como um suplicante —, a senhora vai fazer-me chorar, se demora ainda o que tão generosamente…

— Chore, Dimítri Fiódorovitch, chore! É um belo sentimento… no caminho que o espera. As lágrimas aliviam. Mais tarde, uma vez de volta da Sibéria, o senhor se rejubilará comigo…

— Mas permita — vociferou de súbito Mítia —, suplico-lhe pela derradeira vez, diga-me se posso receber da senhora hoje a soma prometida. Senão, quando será preciso vir buscá-la?

— Que soma, Dimítri Fiódorovitch?

— Os três mil rublos que a senhora me prometeu… que tão generosamente…

— Três mil o quê… três mil rublos? Mas não os tenho — disse ela, com alguma surpresa.

— Como?… ainda há pouco… a senhora disse que era como se eu os tivesse em meu bolso…

— Oh! não, o senhor compreendeu-me mal, Dimítri Fiódorovitch. Falava das minas. Prometi-lhe bem mais de três mil rublos, lembro-me agora, mas tinha em vista unicamente as minas.

— Mas o dinheiro? Os três mil rublos?

— Oh! se o senhor contava com dinheiro, não o tenho no momento absolutamente, Dimítri Fiódorovitch. Estou mesmo em dificuldades com meu administrador e acabo de pedir emprestados a Miúsov quinhentos rublos. Se os tivesse, aliás, nada lhe daria. Em primeiro lugar, não empresto dinheiro a ninguém. Quem devedor tem, guerra lhe vem. Mas ao senhor, particularmente, teria recusado, mesmo gostando do senhor, mesmo para salvá-lo. Porque o senhor só precisa de uma coisa: das minas e das minas!

— Oh! que o diabo… — berrou Mítia, dando um violento murro sobre a mesa.

— Ai! ai! — exclamou a Senhora Khokhlakova, aterrorizada, refugiando-se na outra extremidade do salão. Mítia cuspiu com desprezo e saiu rapidamente. Ia como um doido nas trevas, batendo no peito no mesmo lugar em que dois dias antes diante de Aliócha, por ocasião do derradeiro encontro deles na estrada. Por que batia ele justamente no mesmo lugar; que significava esse gesto? Não tinha revelado ainda a ninguém aquele segredo, nem mesmo a Aliócha, um segredo que ocultava a desonra, e mesmo sua perda e o suicídio, porque tal era sua resolução no caso em que não arranjasse os três mil rublos para restituir a Katierina Ivânovna e tirar de seu peito, daquele lugar, a desonra que carregava e que torturava sua consciência. Tudo isto será esclarecido mais adiante. Após a ruína de sua derradeira esperança, aquele homem tão robusto desmanchou-se de súbito em lágrimas, como uma criança. Caminhava estupidificado, enxugando suas lágrimas com o punho, quando deu um encontrão em alguém. Uma mulher, que ele quase derrubara, lançou um grito agudo.

— Meu Deus, quase me matou! Preste atenção, vagabundo!

— Ah! é você? — gritou Mítia, examinando a velha no escuro. Era a criada de Kuzmá Samsónov que ele vira na véspera.

— E o senhor quem é, *bátiuchka*? — proferiu a velha em outro tom. — Não o estou reconhecendo.

— Não trabalha em casa de Kuzmá Samsónov?

— Perfeitamente… Mas não consigo reconhecê-lo.

— Diga-me, minha boa mulher, estará Agrafiena Alieksándrovna em casa dele neste momento? Eu mesmo a levei para lá.

— Sim, *bátiuchka*, ela ficou um instante e partiu.

— Como, partiu? Quando?

— Não ficou muito tempo. Divertiu Kuzmá Kuzmitch, contando-lhe uma história, depois saiu.

— Mentes, maldita! — gritou Mítia.

— Ai! ai! — exclamou a velha. Mas Mítia havia desaparecido, corria a bom correr para a casa onde morava Grúchenhka. Havia ela partido, um quarto de hora antes, para Mókroie, Fiénia estava na cozinha com sua avó, a cozinheira Matriona, quando *o* "capitão" chegou. À sua vista, Fiénia gritou com todas as suas forças.

— Estás gritando? — perguntou Mítia. — Onde está ela? — E sem esperar a resposta de Fiénia paralisada de medo, caiu a seus pés.

— Fiénia, em nome do Cristo, nosso Salvador, dize-me onde ela está!

— Não sei de nada, caro Dimítri Fiódorovitch, de nada absolutamente. Ainda que o senhor me matasse agora mesmo, nada posso dizer. Mas o senhor a acompanhou…

— Ela voltou…

— Não, ela não voltou, juro por Deus.

— Mentes! — urrou Mítia. — Basta o teu terror para eu adivinhar onde ela está…

Saiu correndo. Apavorada, Fiénia felicitava a si mesmo por se ter livrado tão facilmente, compreendendo que aquilo poderia ter dado em complicação, se houvesse demorado mais. Ao sair, ele teve um gesto que causou espanto às duas mulheres. Sobre a mesa havia um almofariz com um pilão de cobre; Mítia, que já havia aberto a porta,

agarrou de passagem aquele pilão e meteu-o no seu bolso.

— Meu Deus! ele quer matar alguém! — gemeu Fiénia.

### *IV / Nas trevas*

Para onde corria ele? Pode-se imaginar: “Onde poderá ela estar, senão em casa de Fiódor Pávlovitch? Foi diretamente da casa de Samsónov para lá, está claro. Toda essa intriga salta aos olhos…”. As ideias se entrechocavam em sua cabeça. Não entrou no pátio de Maria Kondrátievna: “É inútil dar alarma, ela deve participar da conjura, bem como Smierdiákov; estão todos comprados!”. Sua resolução estava tomada; deu uma grande volta, transpôs o passadiço, foi sair em um beco lá atrás, deserto e desabitado, limitado de um lado pela sebe da horta vizinha, do outro, pela alta paliçada que cercava o jardim de Fiódor Pávlovitch. Escolheu para escalá-la precisamente o lugar por onde trepara, segundo a tradição, Lisavieta Smierdiáchtchaia. “Se ela pôde passar por ali — pensou ele —, por que eu não faria a mesma coisa?” De um salto suspendeu-se à paliçada, içou-se e encontrou-se escarranchado no alto. Bem perto erguia-se o banheiro, mas via de seu lugar as janelas iluminadas da casa. “É isto, há luz no quarto de dormir do velho, ela está lá!” E saltou para o jardim. Muito embora soubesse que Grigóri e talvez Smierdiákov estivessem doentes, que ninguém podia ouvi-lo, ficou imóvel instintivamente e prestou ouvidos. Por toda parte um silêncio de morte, uma calma absoluta, nem o menor sopro. “Só se ouve o silêncio…”, voltou-lhe este verso à memória, “contanto que não me hajam ouvido! Acho que não.” Então pôs-se a caminhar pela relva a passos de lobo, de ouvido atento, evitando as árvores e as moitas. Lembrava-se de que havia sob as janelas espessos maciços de sabugueiro e de briônia. A porta que dava acesso ao jardim, do lado esquerdo da fachada, estava fechada, verificou ao passar. Por fim atingiu os maciços e ali se ocultou. Retinha a respiração. “É preciso esperar. Se me ouviram, devem estar agora à escuta… Contanto que não vá tossir ou espirrar!…”

Esperou dois minutos. Seu coração batia, por momentos quase sufocava. “Essas palpitações não cessarão, não posso mais esperar.” Mantinha-se na sombra, por trás duma moita meio iluminada. “Uma

briônia, como suas bagas estão vermelhas!”, murmurou ele, maquinalmente. A passos de lobo, aproximou-se da janela e ergueu-se nas pontas dos pés. O quarto de dormir de Fiódor Pávlovitch aparecia-lhe totalmente, pequena peça separada em duas por biombos vermelhos, “chineses”, como os chamava seu proprietário. “Grúchenhka está ali atrás”, pensou Mítia. Pôs-se a examinar Fiódor Pávlovitch, vestido com um roupão de seda raiada — que Mítia nunca vira usado por ele — com um cordão que terminava em borlas. A gola dobrada deixava ver uma camisa elegante de fino pano de Holanda, ornada de botões de ouro. Sua cabeça estava enrolada com o mesmo lenço vermelho com que o vira Aliócha. “Faz-se bonito.”

Fiódor Pávlovitch conservava-se perto da janela, com ar pensativo. De súbito, voltou a cabeça, escutou e, não ouvindo nada, aproximou-se da mesa, serviu-se de um meio copo de conhaque que bebeu. Depois suspirou profundamente, fez uma pausa. Após isto, dirigiu-se com ar distraído para o espelho, ergueu um pouco o lenço para examinar as equimoses e escaras. “Está só muito provavelmente.” O velho afastou-se do espelho e pôs-se diante da janela. Mítia recuou vivamente para a sombra.

“Ela está talvez por trás dos biombos, já dormindo.” Fiódor Pávlovitch retirou-se da janela. “É ela que ele espera, não está, pois, aqui; senão, por que ele olharia para a escuridão? É a impaciência que o devora.” Mítia voltou a observar. O velho estava sentado diante da mesa, visivelmente triste. Por fim, apoiou o cotovelo na mesa, com a

face encostada à mão direita. Mítia olhava avidamente. “Sozinho, sozinho! Se ela estivesse aqui, ele estaria com outro ar.” Coisa estranha; experimentou de repente um despeito estranho pelo fato de não se encontrar ela ali. “O que me aborrece não é sua ausência, mas não saber em que acreditar”, explicava a si mesmo. Mais tarde, lembrou-se Mítia de que seu espírito estava então extraordinariamente lúcido e que ele se dava conta dos mínimos detalhes. Mas a angústia provinda da incerteza crescia em seu coração. “Ela está aqui, sim ou não?” De súbito decidiu-se, estendeu o braço, bateu na janela. Duas pancadas levemente, depois três outras mais depressa: toc, toc, toc, sinal convencionado entre o velho e Smierdiákov, para anunciar que Grúchenhka tinha chegado. O velho estremeceu, ergueu a cabeça e correu para a janela. Mítia voltou para a sombra. Fiódor Pávlovitch abriu, inclinou-se.

— Grúchenhka, és tu? — perguntou ele, com voz trêmula. — Onde estás, minha querida, meu anjo, onde estás? — Bastante emocionado, ofegava.

“Sozinho.”

— Onde estás então? — repetiu o velho, com o busto debruçado para fora, a fim de olhar para todos os lados. — Vem cá, preparei um presente para ti, vem vê-lo!

“O envelope com os três mil rublos.”

— Mas onde estás então? Estás na porta? Vou abrir…

E Fiódor Pávlovitch arriscava-se a cair, olhando para a porta que dava para o jardim e escrutando as trevas. Ia certamente apressar-se em abrir a porta, sem esperar a resposta de Grúchenhka. Mítia não se moveu. A luz iluminava nitidamente o perfil detestado do velho, com seu pomo-de-adão, seu nariz recurvado, seus lábios sorrindo em voluptuosa expectativa. Uma cólera furiosa ferveu de súbito no coração de Mítia: “Eis o meu rival, o carrasco de minha vida!”. Era um acesso irresistível, o arrebatamento de que falara a Aliócha, por ocasião de sua conversa no pavilhão, em resposta à sua pergunta: “Como podes dizer que matarás teu pai?”.

“Não sei — dissera Mítia —, talvez matarei, talvez não. Temo não poder suportar seu rosto naquele momento. Odeio seu pomo-de-adão, seu nariz, seus olhos, seu sorriso impaciente. Causa-me asco. Eis o que temo, não poderei conter-me…”

A aversão tornava-se intolerável. Mítia, fora de si, tirou de seu bolso o pilão de cobre.

“Deus me preservou naquele momento”, dizia mais tarde Mítia; naquele momento, com efeito, Grigóri, sofrendo, despertou. Antes de deitar-se, tinha tomado o remédio de que Smierdiákov falara a Ivan Fiódorovitch. Depois de haver-se esfregado, ajudado por sua mulher, com vodca misturada a uma infusão secreta muito forte, bebeu o resto da droga, enquanto Marfa Ignátievna recitava uma prece. Ela também bebeu e, não tendo o hábito, adormeceu com um sono de chumbo, ao lado de seu marido. De repente, este despertou, refletiu um instante e, muito embora sentisse uma dor aguda nos rins, levantou-se e vestiu-se à pressa. Talvez se censurasse o dormir, estando a casa sem guarda num tempo tão perigoso. Smierdiákov, esgotado pela sua crise, jazia imóvel no quarto vizinho. Marfa Ignátievna não se movera; “está fatigada”, pensou Grigóri, depois de havê-la olhado e saiu gemendo para o patamar. Quis somente lançar uma olhadela, não tendo forças para ir mais longe, tanto lhe doíam os rins e a perna direita. De súbito lembrou-se de que não havia fechado com chave a portinha do jardim. Era um homem meticuloso, escravo da ordem estabelecida e dos hábitos inveterados. Coxeando e com contorções de dor, desceu o patamar e dirigiu-se para o jardim. Com efeito, a porta estava escancarada. Entrou maquinalmente; acreditara avistar ou ouvir alguma coisa, mas olhando para a esquerda, notou a janela aberta onde ninguém se via. “Por que está aberta? Não se está mais no verão”, pensou Grigóri. No mesmo instante, bem à sua frente, a quarenta passos, uma sombra se deslocava rapidamente, alguém corria no escuro. “Meu Deus!”, murmurou ele, e, esquecendo seu lumbago, pôs-se em perseguição do fugitivo. Tomou pelo caminho mais curto, conhecendo melhor o jardim que o outro. Este se dirigiu para o banheiro, contornou-o, lançou-se para o muro. Grigóri não o perdia de vista enquanto corria e atingiu a paliçada no momento em que Dimítri a escalava. Fora de si, Grigóri lançou um grito, avançou e agarrou-o

por uma perna. Seu pressentimento não o enganara, reconheceu-o, era mesmo ele, “o execrável parricida”.

— Parricida! — vociferou o velho, mas não disse mais nada e caiu como fulminado. Mítia saltou de novo para dentro do jardim e curvou-se sobre Grigóri. Maquinalmente, desembaraçou-se do pilão que caiu a dois passos no caminho, bem em evidência. Grigóri tinha a testa a sangrar, Mítia tateou-a, ansioso por saber se rebentara o crânio do velho ou se o havia apenas entontecido com o pilão. O sangue morno jorrava, inundando seus dedos trêmulos. Tirou de seu bolso o lenço imaculado que tomara para ir à casa da Senhora Khokhlakova e aplicou-lhe na cabeça, esforçando-se estupidamente por estancar-lhe o sangue. O lenço ficou logo embebido. “Meu Deus, para que fiz isto? Como saber o que há e que importa agora? O velho está liquidado; se o matei, tanto pior para ele!”, proferiu em voz alta. Então escalou a paliçada, saltou para o beco e se pôs a correr, metendo no bolso de sua sobrecasaca o lenço ensanguentado que apertava na sua mão direita. Alguns passantes lembraram-se mais tarde de ter encontrado naquela noite um homem que corria a bom correr. Dirigiu-se de novo para a Casa Morózova. Após a partida dele, Fiénia precipitara-se para a casa do porteiro, Nazur Ivânovitch, suplicando-lhe que “não mais deixasse o capitão entrar, nem hoje, nem amanhã”. Posto ao corrente do que havia, o porteiro concordou, mas teve de subir à casa da proprietária que o mandara chamar. Encarregou de substitui-lo seu sobrinho, um rapaz de vinte anos, recentemente chegado do campo, mas esqueceu-se de mencionar o capitão. O rapaz, que se lembrava das gorjetas dele, reconheceu-o e abriu-lhe a porta logo. Sorrindo, apressou-se em informá-lo, solicitamente, de que “Agrafiena Alieksándrovna não estava em casa”.

— Onde está ela então, Prókhor? — E Mítia parou.

— Há duas horas que ela partiu para Mókroie com Timofiéi.

— Por quê?

— Não sei, para ir ter com um oficial que mandou um carro buscá-la.

Mítia precipitou-se como um louco para dentro da casa.

## *V / Uma decisão súbita*

Fiénia achava-se na cozinha com sua avó, preparando-se para deitar-se. Fiando-se no porteiro, não tinham fechado a porta. Assim que entrou, Mítia agarrou Fiénia pela garganta.

— Imediatamente… dize-me com quem está ela em Mókroie — vociferou ele.

As duas mulheres lançaram um grito.

— Ai! Vou dizer-lhe, ai! caro Dimítri Fiódorovitch, direi tudo, não ocultarei nada! — gaguejou Fiénia, apavorada, — Ela foi ver um oficial.

— Que oficial?

— O mesmo, o que a abandonou há cinco anos.

Dimítri largou Fiénia. Estava mortalmente pálido e sem voz, mas via-se pelo seu olhar que compreendera tudo a meias palavras, adivinhara até o mínimo detalhe. A pobre Fiénia, evidentemente, não podia saber disso. Permanecia assentada sobre a arca, toda trêmula, com os braços estendidos como para defender-se, sem um movimento. As pupilas dilatadas pelo pavor, fixava Mítia que estava com as mãos ensanguentadas. Em caminho, devia tê-las levado ao rosto para enxugar o suor, porque a testa estava manchada, bem como a face direita. Fiénia estava a ponto de ter uma crise de nervos; a velha cozinheira olhava como uma louca, prestes a desmaiar. Dimítri sentou-se maquinalmente junto de Fiénia.

Seu pensamento vagava numa espécie de estupor. Mas tudo se explicava; ele estava ao corrente, a própria Grúchenhka lhe falara daquele oficial, bem como da carta recebida um mês antes. De modo que, desde um mês, aquela intriga se desenrolava sem que o soubesse, até a chegada desse novo pretendente, e não pensara nele. Como podia ser isso? Esta pergunta erguia-se diante dele como um monstro e gelava-o de pavor.

De súbito falou docemente a Fiénia, num tom caricioso, esquecendo-se de que acabava de aterrorizá-la e tratá-la mal. Pôs-se a interrogá-la, com uma precisão surpreendente no estado em que se encontrava. Se bem que Fiénia olhasse com estupor suas mãos ensanguentadas, respondeu com solicitude a cada uma de suas perguntas. Pouco a pouco passou mesmo ela a sentir prazer em expor-lhe todos os detalhes, não para entristecê-lo, mas como se quisesse de todo coração prestar-lhe serviço. Contou-lhe a visita de Rakítin e Aliócha, enquanto ela estava de vigia, as palavras de despedida que sua patroa lhe mandara por Aliócha, a ele, Mítia, que devia "lembrar-se sempre de que ela o amara por uma pequena hora". Mítia sorriu e suas faces enrubesceram. Fiénia, em quem o medo dera lugar à curiosidade, arriscou-se a dizer-lhe:

— O senhor tem sangue nas mãos, Dimítri Fiódorovitch.

— Sim — disse ele, olhando-as distraidamente. Reinou prolongado silêncio. Seu terror de ainda há pouco passara, uma resolução inflexível possuía-o. Levantou com um ar pensativo.

— *Bárin*, que lhe aconteceu? — perguntou Fiénia, apontando-lhe para as mãos. Falava com comiseração, como a pessoa mais próxima dele no seu pesar.

— É sangue, Fiénia, sangue humano. Meu Deus, por que foi derramado?… Há uma barreira (olhava a moça como se lhe propusesse um enigma), uma barreira alta e de aspecto formidável, mas amanhã, ao nascer do sol, Mítia a transporá… Tu não compreendes, Fiénia, de que barreira se trata, não importa… amanhã saberás tudo… agora, adeus! Não serei um obstáculo, saberei retirar-me. Vive, minha adorada… tu me amaste uma hora, lembra-te sempre de Mítia Karamázov…

Saiu bruscamente, deixando Fiénia quase mais aterrorizada que havia pouco, quando ele se lançara contra ela.

Dez minutos depois, apresentou-se em casa de Piotr Ilitch Pierkhótin, o jovem funcionário a quem empenhara suas pistolas por dez rublos. Eram já oito e meia da noite e Piotr Ilitch, depois de ter tornado chá, acabava de vestir sua sobrecasaca para ir jogar bilhar.

Vendo Mítia e seu rosto manchado de sangue, exclamou:

— Meu Deus! Que tem o senhor?

— Nada — disse vivamente Mítia. — Vim desempenhar minhas pistolas. Obrigado. Estou com pressa, Piotr Ilitch, por favor, despacha-me logo.

Piotr Ilitch mostrava-se cada vez mais espantado. Mítia tinha entrado, com um maço de notas de banco na mão, segurando-as de maneira insólita, com o braço estendido, como para mostrá-las a todo mundo. Devia tê-las trazido assim pela rua, segundo o que contou depois o jovem criado que lhe abriu a porta. Eram cédulas de cem rublos que ele segurava com seus dedos ensanguentados. Piotr Ilitch explicou mais tarde aos curiosos que era difícil avaliar a soma à primeira vista, podendo haver de dois a três mil rublos. Quanto a Dimítri "sem ter bebido, nem por isso se achava em seu estado normal, parecendo exaltado, bastante distraído e ao mesmo tempo absorto, como se meditasse, sem conseguir chegar a uma solução. Apressava-se, respondia com brusquidão, duma maneira estranha, tendo por momentos o ar alegre e de modo algum aflito".

— Mas que tem o senhor afinal? — gritou de novo, examinando-o com estupor, Piotr Ilitch. — Como pôde sujar-se dessa forma? Caiu? Olhe!

Levou-o para diante do espelho. À vista de seu rosto manchado, Mítia estremeceu, franziu as sobrancelhas.

— Diabos! Só faltava isto!

Passou as cédulas de sua mão direita para a esquerda e tirou vivamente seu lenço. Cheio de sangue coagulado, formava ele uma bola toda colada. Mítia atirou-o no chão.

— Com a breca! Não teria o senhor um pedaço de pano… para me limpar?

— Então não está ferido? Faria melhor lavando-se. Vou dar-lhe água.

— Perfeito… mas onde meterei isto? — e designava com embaraço o maço de cédulas, como se coubesse a Piotr Ilitch dizer-lhe onde pôr seu dinheiro.

— No seu bolso, ou então coloque em cima da mesa. Ninguém tocará nele.

— Em meu bolso? Ah! sim, está bem… Não, veja o senhor, tudo isso são besteiras! Em primeiro lugar, concluamos o caso das pistolas. Entrega-mas. Eis aqui o dinheiro… tenho extrema necessidade delas… e nem um minuto a perder.

E destacando do maço a primeira cédula, estendeu-a ao funcionário.

— Não tenho troco. O senhor não tem moeda?

— Não. (Como tomado duma dúvida, Mítia verificou algumas das cédulas.) São todas iguais… — E olhou de novo para Piotr Ilitch com olhar interrogador.

— Onde fez fortuna? — perguntou Piotr Ilitch. — Um instante, vou mandar meu criado à casa dos Plótnikovi. Fecham tarde, conseguiremos moedas. Ei! Micha! — gritou ele, no vestíbulo.

— Em casa dos Plótnikovi? Eis uma famosa ideia! — disse Mítia. — Micha — continuou ele, dirigindo-se ao criado que acabava de entrar —, corre à casa dos Plótnikovi e dize-lhes que Dimítri Fiódorovitch os saúda e vai para lá agora mesmo. Escuta ainda: que eles me preparem champanhe, três dúzias de garrafas, embaladas como quando fui a Mókroie… Comprei então quatro dúzias (dirigia-se a Piotr) eles estão ao corrente, não te atormentes, Micha. E depois acrescentem queijo, pastéis de Estrasburgo, salmões defumados, presunto, caviar, enfim tudo quanto tenham lá, por cerca de cem ou cento e vinte rublos. Que não se esqueçam de pôr bombons, peras, duas ou três melancias, ou quatro, não, uma bastará; chocolate, doce de cevada, caramelos, enfim, como da outra vez. Com o champanhe deve orçar pelos trezentos rublos. Não te esqueças de nada, Micha… é mesmo Micha que ele se chama? — perguntou a Piotr Ilitch.

— Espere — disse este, que o observava com inquietação. — Será melhor que o senhor mesmo vá lá, Micha se atrapalharia.

— Receio mesmo! Ora, Micha, e eu que queria dar-te um beijo pelo trabalho… se não te atrapalhares, haverá dez rublos para ti, vai depressa… Que não se esqueçam do champanhe, depois conhaque, vinho tinto e vinho branco e tudo como antes… Sabem o que havia.

— Escute, pois! — interrompeu Piotr Ilitch, impaciente desta vez. — Que o rapaz vá somente obter o troco e dizer que não fechem. O senhor mesmo irá fazer a encomenda. Dê sua cédula. Despacha-te, Mítia!

Piotr Ilitch tinha pressa em despachar Micha, porque o rapaz estava de boca aberta diante do visitante, com os olhos esbugalhados, à vista do sangue e do maço de cédulas que tremia entre os dedos de Mítia, cujas instruções parecia não ter compreendido lá muito.

— E agora, vá lavar-se — disse bruscamente Piotr Ilitch. — Ponha o dinheiro em cima da mesa ou em seu bolso… Isto. Tire sua sobrecasaca.

Ajudando-o a tirar a sobrecasaca, exclamou de novo:

— Olhe, há sangue na sua sobrecasaca.

— Mas não. Somente um pouco na manga e depois aqui, no lugar do lenço… deve ter escorrido através do bolso, quando me sentei em cima de meu lenço — em casa de Fiénia — explicou Mítia com ar confiante. Piotr Ilitch escutava-o com as sobrancelhas contraídas.

— Bem arranjado está o senhor, deve ter-se batido — murmurou ele.

Segurava o jarro e ia derramando a água à medida. Na sua precipitação, Mítia lavava-se mal, suas mãos tremiam. Piotr Ilitch ordenou-lhe que ensaboasse e esfregasse mais. Tomara sobre Mítia uma espécie de ascendência que se afirmava cada vez mais. É de notar que esse rapaz não era nada medroso.

— Não limpou as unhas; agora lave o rosto, aqui, perto da

têmpora, na orelha… É com essa camisa que vai partir? Aonde vai? Toda a manga direita está manchada.

— Sim, manchada — disse Mítia, examinando-a.

— Vista outra.

— Não tenho tempo. Mas olhe… — continuou Mítia sempre confiante, enxugando-se e tornando a vestir sua sobrecasaca. — Vou enrolar a manga da camisa assim, não a verão.

— Diga-me agora o que se passou. Bateu-se de novo no botequim, como da outra vez? Surrou de novo o capitão? — Piotr Ilitch evocava a cena num tom de censura. — Em quem bateu de novo… ou matou, talvez?

— Tolices!

— Como, tolices?

— Deixe isso — disse Mítia, que se pôs a rir. — Na praça, ainda há pouco esmaguei uma velha.

— Esmagou? Uma velha?

— Um velho! — corrigiu Mítia, que fitou Piotr Ilitch rindo e gritando como se o outro fosse surdo.

— Que diabo! Um velho, uma velha… Matou alguém?

— Reconciliamo-nos, depois de havermos brigado. Deixamo-nos como bons amigos. Um imbecil… perdoou-me certamente, agora… Se se tivesse levantado, não me teria perdoado — e Mítia piscou o olho. — Mas que ele vá para o diabo! Entendeu, Piotr Ilitch? Deixemos isso! Não quero falar disso neste momento! — declarou redondamente Mítia.

— Falo isto porque o senhor gosta de brigar com não importa quem… como naquela ocasião, por bagatelas, com aquele capitão. O senhor acaba de bater-se e vai agora cair na orgia! Eis seu caráter completo. Três dúzias de garrafas de champanhe! Para que tamanha

quantidade?

— Bravo! Dá-me agora as pistolas. O tempo urge. Gostaria bem de conversar contigo, meu caro, mas não tenho tempo. Aliás, é inútil, é tarde demais. Ah! onde está o dinheiro, que fiz dele? — Pôs-se a procurar nos bolsos.

— O senhor mesmo o colocou em cima da mesa… ei-lo. Tinha-se esquecido? O senhor parece não prestar atenção ao dinheiro. Eis suas pistolas. É estranho, às cinco horas o senhor as empenha por dez rublos e agora tem o senhor quantos, dois, três mil rublos, talvez?

— Três, talvez — e Mítia riu, metendo as cédulas em seus bolsos.

— O senhor vai perdê-las desse jeito. Será dono de minas de ouro?

— De minas? De minas de ouro! — exclamou Mítia com todas as suas forças, desatando a rir. — Quer ir às minas, Pierkhótin? Há aqui uma senhora que lhe dará três mil rublos somente para que o senhor vá para lá. Ela os deu, a mim, tanta questão faz das minas! Conhece a Senhora Khokhlakova?

— De vista somente, mas já ouvi falar dela. Na verdade, foi ela quem o presenteou com esses três mil rublos? Assim, sem mais nem menos? — indagou Piotr Ilitch, olhando-o com desconfiança.

— Amanhã, quando o sol se levantar, quando Febo resplandecer eternamente jovem, vá à casa dela glorificando o Senhor e pergunte-lhe se ela me deu ou não. Informe-se.

— Ignoro as relações entre os dois… já que o senhor se mostra tão afirmativo, devo necessariamente acreditar… Agora que o senhor está com o dinheiro, não é a Sibéria que o tenta… Seriamente, aonde vai o senhor?

— A Mókroie.

— A Mókroie? Mas já é noite.

— Tinha tudo, não tenho mais nada… — disse de repente Mítia.

— Como, mais nada? Tem milhares de rublos e não é mais nada?

— Não falo de dinheiro. Que o diabo o carregue! Falo do caráter das mulheres. “As mulheres têm o caráter crédulo, versátil, depravado.” Foi Ulisses quem o disse e com bastante razão.

— Não o compreendo.

— Estou então bêbedo?

— Pior que isso.

— Moralmente bêbedo, Piotr Ilitch, moralmente… E basta!

— Como? Carrega sua pistola?

— Carrego minha pistola.

Com efeito, tendo Mítia aberto a caixa, pegou a pólvora que derramou num cartucho. Antes de pôr a bala no cano, examinou-o à luz da vela.

— Por que examina essa bala? — perguntou Piotr Ilitch, intrigado.

— À toa. Uma ideia que me veio. Tu, se pensasses em meter uma bala no crânio, olharias para ela antes de a pôr na pistola?

— Por que olhá-la?

— Ela me atravessará o crânio, então isto me interessa: ver como é ela feita… Aliás, tolices, tudo isso. Está pronto — acrescentou ele, uma vez introduzida a bala e socada com estopa. — Meu caro Piotr Ilitch, se soubesses como tudo isso é absurdo! Dá-me um pedaço de papel.

— Aqui está.

— Não, papel para escrever. Isto. — E Mítia, pegando uma pena, escreveu vivamente duas linhas, depois dobrou o papel em quatro e meteu-o no bolso do colete. Arrumou as pistolas na caixa que fechou à chave e conservou na mão. Depois olhou Piotr Ilitch, sorrindo, com ar

pensativo.

— Vamos, agora! — disse ele.

— Ir aonde? Não, espere… Então o senhor quer meter uma bala no crânio… — proferiu Piotr Ilitch, inquieto.

— Aquela bala? Tolices! Quero viver, amo a vida. Saiba, amo o louro Febo e sua quente luz… Meu caro Piotr Ilitch, saberias afastar-te?

— Como assim?

— Deixar o caminho livre ao ser querido e àquele a quem odeias… querer bem mesmo àquele a quem odiasses, … e dizer-lhes: Deus vos guarde! Ide, passai, e eu…

— E o senhor?

— Basta isto, vamos.

— Por Deus, vou contar tudo a alguém, para que o impeçam de partir — declarou Piotr Ilitch, fixando-o. — O que o senhor vai fazer em Mókroie?

— Há lá uma mulher, uma mulher, basta para ti, Piotr Ilitch, de explicações!

— Escute, ainda que o senhor seja violento, sempre me agradou… e estou inquieto.

— Obrigado, irmão. Sou violento, dizes. É verdade. Não faço senão repetir a mim mesmo: violento! Ah! eis Micha, tinha-me esquecido dele.

Micha vinha chegando com um maço de dinheiro miúdo; anunciou que tudo ia bem em casa dos Plótnikovi: embalavam as garrafas, o peixe, o chá, tudo estaria pronto. Mítia pegou uma cédula de dez rublos e entregou-a a Piotr Ilitch, atirando outra para Micha.

— Proíbo-lhe! Não quero isto em minha casa, estraga os criados. Poupe seu dinheiro, por que gastá-lo? Amanhã o senhor virá pedir-me

dez rublos. Por que põe sempre o dinheiro nesse bolso? Vai perdê-lo.

— Escuta, meu caro, vem a Mókroie comigo.

— Que irei fazer lá?

— Queres, vamos esvaziar uma garrafa, bebamos à vida! Tenho sede quero beber contigo. Nunca bebemos juntos, não é mesmo?

— Pois bem, vamos ao botequim.

— Não tenho tempo para isso, mas vamos à casa dos Plótnikovi, num reservado de trás. Queres que te proponha um enigma?

— Proponha então.

Mítia tirou de seu colete o papelzinho e mostrou-o a Piotr Ilitch. Havia nele escrito visivelmente: “Castigo-me como expiação de minha vida inteira”.

— Na verdade, vou contar tudo a alguém — disse Piotr Ilitch.

— Não terás tempo, meu caro, vamos beber.

A venda dos Plótnikovi — ricos comerciantes —, situada bem perto da casa de Piotr Ilitch (na esquina da rua), era a principal mercearia da nossa cidade. Encontrava-se lá de tudo, como não importa qual armazém da capital: vinho da adega dos irmãos Eliessiéievi, frutas, charutos, chá, café etc. Havia sempre três caixeiros e dois rapazinhos para recados. Nossa região empobreceu-se, os proprietários dispersaram-se, o comércio foi-se estancando, mas a mercearia prosperava cada vez mais, compradores não faltavam para suas mercadorias. Mítia estava sendo esperado com impaciência, pois era lembrado que, três ou quatro semanas antes, ele fizera encomendas para várias centenas de rublos pagos de contado (não lhes teriam entregue a crédito). Então, como hoje, tinha ele na mão um maço de dinheiro grosso que prodigava a torto e a direito, sem mercadejar, nem se inquietar com a quantidade de suas compras. Dizia-se na cidade que na sua excursão a Mókroie com Grúchenhka “dissipara em um dia e uma noite três mil rublos e que voltara da festa sem vintém, tal como sua mãe o pusera no mundo”. Contratara

um grupo de ciganos que acampavam então em nossas paragens e aproveitaram de sua embriaguez para lhe subtrair dinheiro e beber sem controle vinhos caros. Contava-se, rindo, que em Mókroie, oferecera champanhe aos rústicos, dera bombons e pastéis de Estrasburgo de presente a moças e mulheres do campo. Riam também entre nós, sobretudo no botequim (mas por prudência, na ausência do interessado), da confissão pública de Mítia, de que o único favor que lhe valera aquela "escapada" com Grúchenhka fora "a permissão de beijar-lhe o pé, e nada mais".

Quando Mítia e Piotr Ilitch chegaram à venda, uma *tieliega* atrelada a três cavalos, com um tapete e guizos, esperava ali já, com o cocheiro Andriéi. Estavam acabando de arranjar uma caixa de mercadorias e só se esperava a chegada de Mítia para fechá-la e a pôr no lugar. Piotr Ilitch ficou admirado.

— Donde vem essa *tieliega?* — perguntou ele.

— Indo à tua casa, encontrei Andriéi e ordenei-lhe que viesse diretamente para aqui. Não há tempo a perder! Na derradeira vez, viajei com Timofiéi, mas hoje ele seguiu na minha frente com uma mágica. Andriéi, estaremos muito atrasados?

— Eles nos precederão de uma hora, quando muito — apressou-se em responder Andriéi, um cocheiro na força da idade, ruivo e seco. — Sei como vai Timofiéi, sua corrida não pode comparar-se com a nossa, Dimítri Fiódorovitch. Não terão uma hora de avanço!

— Cinquenta rublos de gorjeta, se não passarmos de uma hora de atraso.

— Respondo por isso, Dimítri Fiódorovitch.

Todo agitado, Mítia dava ordens de uma maneira estranha, sem seguimento. Piotr Ilitch achou oportuno intervir.

— Por quatrocentos rublos, exatamente como da outra vez — ordenava Mítia. — Quatro dúzias de garrafas de champanhe, nem uma de menos.

— Por que tal quantidade, para quê? Pare! — vociferou Piotr Ilitch. — Que contém essa caixa? Haverá aí coisas no valor de quatrocentos rublos?

Os caixeiros, que se afanavam com entonações melífluas, explicaram-lhe imediatamente que não havia naquela primeira caixa senão meia dúzia de garrafas de champanhe e "tudo quanto era preciso para começar", frios, bombons etc. As principais "mercadorias" seriam expedidas à parte, como da outra vez, numa *tieliega* especial, puxada também por três cavalos, que chegaria "uma hora quando muito depois de Dimítri Fiódorovitch".

— Não mais de uma hora e ponham o mais possível de bombons e caramelos; as moças de lá gostam disso — insistiu Mítia.

— Caramelos? Pois seja. Mas, por que quatro dúzias de garrafas? Uma só basta — disse Piotr Ilitch, quase com cólera. Pôs-se a mercadejar, a exigir uma fatura e não conseguia acalmar-se. Só salvou, porém, uma centena de rublos. Ficou combinado que as mercadorias entregues só montariam a trezentos rublos.

— Que o diabo os carregue! — exclamou ele, como que reconsiderando. — Que tenho eu com isso? Joga o dinheiro fora, se nada te custou!

— Vem cá, homem econômico, adianta-te, não te zangues! — E Mítia arrastou-o para o reservado do fundo da venda. — Vão servir-nos bebida. Piotr Ilitch, vem comigo, porque gosto dos rapazes gentis como tu.

Mítia sentou-se diante de uma mesinha coberta por uma toalha suja. Piotr Ilitch tomou lugar diante dele e trouxeram-lhes champanhe. Perguntaram se os cavalheiros não queriam ostras, "as primeiras ostras recebidas bem recentemente".

— Ao diabo as ostras! Não gosto de ostras e aliás nada quero comer — respondeu grosseiramente Piotr Ilitch.

— Não há tempo para ostras — observou Mítia. — Aliás, estou sem apetite. Sabes, meu amigo, que jamais gostei da desordem?

— Mas quem gosta afinal? Misericórdia! Três dúzias de garrafas de champanhe para os mujiques. É de causar indignação a qualquer um.

— Não é disto que quero falar, mas da ordem superior. Não existe em mim essa ordem… De resto, tudo está acabado, inútil afligir-se. É demasiado tarde. Toda a minha vida foi desordenada. É tempo de ordená-la. Faço trocadilhos, hem?

— Deliras, isto sim.

— "Glória ao Altíssimo na Terra, / Glória ao Altíssimo em mim!" Estes versos escaparam-se um dia de minha alma, não são versos, são lágrimas… Eu mesmo os compus… Mas não quando arrastei o capitão pela barba.

— Por que falas do capitão?

— Por que falo? Tolice! Tudo acaba, tudo chega ao mesmo total.

— Tuas pistolas me perseguem.

— Tolices ainda! Bebe e deixa lá teus devaneios. Amo a vida, amei-a demais, até enjoar. Basta agora. Bebamos à vida, meu caro. Por que estou contente comigo mesmo? Sou vil, minha baixeza me atormenta, mas estou contente comigo mesmo. Abençoo a criação, estou pronto a abençoar Deus e suas obras, mas… é preciso destruir um inseto maligno, para impedi-lo de estragar a vida dos outros… Bebamos à vida, irmão! Que há de mais precioso? Bebamos também a uma bela rainha.

— Pois seja! Bebamos à vida e à tua rainha!

Esvaziaram um copo. Mítia, apesar de sua exaltação, estava triste.

Parecia presa duma pesada preocupação.

— Micha… é Micha? Ei! meu caro, vem cá, bebe este copo em honra de Febo dos cabelos de ouro que se levantará amanhã…

— Por que oferecer-lhe bebida? — exclamou Piotr Ilitch, irritado.

— Mas deixa, eu quero.

— Ora!

Micha bebeu, cumprimentou e saiu.

— Ele se recordará mais tempo de mim. Uma mulher, amo uma mulher! Que é a mulher? A rainha da terra! Estou triste, Piotr Ilitch. Lembras-te de Hamlet: “Sinto-me triste, bem triste, Horácio… Ai! pobre Yorick!”. Sou eu, talvez, Yorick. Justamente, sou agora Yorick e depois um crânio.

Piotr Ilitch escutava-o em silêncio; Mítia calou-se igualmente.

— Que cão é esse que tem aí? — perguntou, com ar distraído ao caixeiro, ao notar, num canto, um lindo cachorrinho de olhos negros.

— É o cachorrinho de Varvara Alicksiéievna, nossa patroa — respondeu o caixeiro. — Ela esqueceu-o aqui, é preciso levá-lo à casa dela.

— Vi um semelhante… no regimento… — disse Mítia, com ar pensativo —, mas tinha uma pata traseira quebrada… Piotr Ilitch, queria perguntar-te: nunca roubaste?

— Por que essa pergunta?

— À toa… estás vendo? O bem alheio, o que se tira do bolso… Não falo do Tesouro público, todo mundo o pilha, e tu também, decerto.

— Vai-te para o diabo!

— Nunca roubaste do bolso o porta-moedas de alguém?

— Roubei uma vez vinte copeques de minha mãe, quando tinha nove anos. Peguei-os de cima da mesa e escondi-os em minha mão.

— E depois?

— Levei uma surra de chicote, naturalmente. Mas tu, roubaste?

— Sim — confessou Mítia, piscando o olho com ar malicioso.

— E que foi?

— Vinte copeques de minha mãe. Tinha nove anos. Restituí-lhes ao fim de três dias. — E levantou.

— Dimítri Fiódorovitch, é preciso apressar-se — gritou Andriéi na porta da venda.

— Está tudo pronto? Partamos! Ainda uma palavra e… a Andriéi um copo de vodca, depois conhaque, imediatamente! Esta caixa (com as pistolas) debaixo do assento. Adeus, Piotr Ilitch, não guardes má lembrança de mim.

— Mas voltas amanhã?

— Absolutamente.

— O senhor quer pagar? — interveio o caixeiro.

— Pagar? Mas decerto!

Tirou de novo de seu bolso um maço de notas, atirou três sobre o balcão e saiu. Todos o acompanharam cumprimentando-o e desejando-lhe boa viagem. Andriéi, enrouquecido por causa do conhaque que acabava de tomar, montou no assento. Mas. no momento em que Mítia se instalava, Fiénia ergueu-se diante dele. Acorria resfolegante, juntou as mãos e lançou-se a seus pés:

— *Bátiuchka*, Dimítri Fiódorovitch, não ponha a perder minha ama! E eu que tudo lhe contei?… Não lhe faça mal, a ele, é o seu primeiro amor. Voltou da Sibéria para casar-se com Agrafiena Alieksándrovna… Não destrua uma vida!

— Ah! ah! ah! Eis o que é a coisa! — murmurou Piotr Ilitch.

— Vai haver banzé lá! Agora compreendo tudo. Dimítri Fiódorovitch, dá-me imediatamente tuas pistolas, se queres ser um homem, entendes?

— Minhas pistolas? Espera, meu caro, vou atirá-las num charco,

na estrada. Fiénia, levanta, não fiques a meus pés. Doravante Mítia, esse tolo, não porá mais ninguém a perder. Escuta, Fiénia — gritou ele, uma vez sentado —, eu te ofendi ainda há pouco, perdoa-me… Se recusares, tanto pior, nada para mim tem importância agora! A caminho, Andriéi, e depressa!

Andriéi fez seu chicote estalar, a sineta tilintou.

— Até a vista, Piotr Ilitch! Para ti, minha derradeira lágrima!

"Ele não está embriagado, e no entanto quantas pataratas ele solta!", pensou Piotr Ilitch. Tinha intenção de ficar para fiscalizar a expedição do resto das provisões, suspeitando de que iriam enganar Mítia, mas, de súbito, zangado consigo mesmo, cuspiu e foi jogar bilhar.

— É um imbecil, mas um bom rapaz — dizia a si mesmo, a caminho. — Ouvi falar desse "antigo" oficial de Grúchenhka: Se ele chegou… Ah! aquelas pistolas! Mas que diabo? Serei mentor dele? À vontade! Aliás, não acontecerá nada, cão que ladra não morde. Uma vez embriagado, vão se bater e depois vão se reconciliar. São homens de ação. Que é isso de: "eu me afasto, eu me castigo"; não haverá nada! Estando bêbedo, no botequim, falou vinte vezes neste estilo. Agora, está "bêbedo moralmente". Serei seu mentor? Sem dúvida alguma deve ter-se batido, todo o seu rosto está ensanguentado. Com quem? Vou me informar no botequim. E seu lenço cheio de sangue… Ora essa, ficou em minha casa, no chão… ora bolas!

Chegou ao botequim de muito mau-humor e começou logo uma partida, o que teve por efeito desanuviá-lo. Jogou outra e contou que Dimítri Karamázov estava de novo com dinheiro, aí uns três mil rublos, que ele próprio vira. Partira de novo para Mókroie para farrear com Grúchenhka. Seus ouvintes escutaram-no com curiosidade e ar sério. Até pararam de jogar.

— Três mil rublos? Onde os teria arranjado?

Fizeram-lhe perguntas. A notícia de que aquele dinheiro provinha da Senhora Khokhlakova foi acolhida com cepticismo.

— Ele não teria roubado o velho?

— Três mil rublos! É duvidoso.

— Gabou-se em voz alta de que mataria seu pai, todos aqui o ouviram. Falava justamente de três mil rublos.

Piotr escutava e tornou-se de súbito lacônico em suas respostas. Não disse uma palavra a respeito do sangue que havia no rosto e nas mãos de Mítia, coisa a respeito da qual, ao chegar ali, tinha intenção de falar. Começou-se terceira partida, e pouco a pouco a conversação desviou-se de Mítia. Quando ela terminou, Piotr Ilitch não teve mais vontade de jogar, pousou o taco e partiu, sem cear, como havia projetado. Na praça, parou perplexo, pensando em ir diretamente à casa de Fiódor Pávlovitch para se informar se havia acontecido alguma coisa. "Por uma bagatela irei despertar a casa e fazer escândalo. Que diabo, serei mentor dele?"

Já voltava para sua casa em muito má disposição de ânimo, quando de repente se lembrou de Fiénia: "Diabos! Deveria tê-la interrogado ainda há pouco — pensou ele, cheio de despeito —, saberia tudo." Sentiu bruscamente uma impaciência e um desejo tão vivos de lhe falar e de informar-se que, a meio do caminho, desviou-se para a casa da Senhora Morózova onde morava Grúchenhka. Chegado ao portão, bateu e a pancada que ressoou na noite desembriagou-o, ao mesmo tempo que o irritava. Ninguém respondeu, todo mundo dormia na casa. "Vou fazer escândalo!", pensou com mal-estar; mas longe de ir-se embora, bateu com mais força. O barulho ressoou por toda a rua. "Não poderão deixar de abrir-me!", dizia a si mesmo, exasperado contra si próprio, enquanto redobrava seu golpes.

### *VI / Sou eu quem chega*

E Dimítri Fiódorovitch voava para Mókroie. A distância era de vinte verstas aproximadamente; porém os cavalos galopavam de maneira a transpô-la em uma hora e um quarto. A rapidez da corrida refrescou Mítia. O ar era vivo; o céu, estrelado. Era a mesma noite, talvez a mesma hora, em que Aliócha, caído em terra, jurava com arrebatamento amá-lo sempre. A alma de Mítia sentia-se perturbada e

apesar de sua ansiedade não tinha pensamento naquele instante senão para seu ídolo que queria rever pela derradeira vez. Nem um minuto seu coração hesitou. Será difícil acreditar que esse ciumento não sentisse ciúme algum daquele personagem novo, daquele rival que surgia bruscamente. O mesmo não se daria para com não importa qual outro, no sangue do qual talvez mergulhasse suas mãos, mas contra o primeiro amante dela ele não sentia no momento nem ódio ciumento nem mesmo animosidade; é verdade que ainda não o havia visto. "É o direito incontestável deles, é o seu primeiro amor que ela não esqueceu após cinco anos; ela não amou senão a ele, pois, durante todo o tempo. Por que me atravessei em seu caminho? Que venho fazer aqui? Afasta-te, Mítia, deixa a estrada livre! Aliás, tudo está acabado agora, mesmo sem esse oficial…"

Eis em que termos ele poderia ter exprimido suas sensações, se tivesse podido raciocinar. Mas era incapaz, sua resolução nascera espontanearnente, fora concebida, adotada com todas as suas consequências às primeiras palavras de Fiénia. No entanto, sentia uma perturbação dolorosa: a resolução não lhe dera calma. Demasiadas recordações o atormentavam. Por momentos, isso lhe parecia estranho; ele mesmo escrevera sua sentença: "Castigo-me e expio". O papel estava em seu bolso, a pistola, carregada; decidira acabar amanhã aos primeiros raios de "Febo dos cabelos de ouro". Entretanto não podia romper com o passado que o acabrunhava, sentia isso dolorosamente e essa ideia desesperava-o. Teve um momento vontade de mandar Andriéi parar, de descer da *tieliega*, de pegar sua pistola e de acabar de uma vez, sem esperar o dia. Mas foi apenas um relâmpago. Os cavalos "devoravam o espaço", e à medida que se aproximava do objetivo, somente a ideia dela o possuía cada vez mais e bania de seu coração os pensamentos fúnebres. Desejava tanto vê-la, fosse apenas de passagem e de longe! "Verei como está ela agora com ele, seu primeiro amor; nada mais quero." Jamais sentira tanto amor por aquela mulher fatal, um sentimento tão novo e nunca experimentado, que ia até a imploração, até o desaparecimento dela! "E eu desaparecerei!", proferiu ele de súbito, numa espécie de êxtase.

Havia quase uma hora que rodavam. Mítia mantinha-se calado e Andriéi, mujique falador no entanto, não dissera uma palavra, como

se temesse falar, limitando-se a estimular sua atrelagem baia, magra, mas fogosa. De súbito, Mítia exclamou com viva inquietação:

— Andriéi, e se estiverem dormindo?

Até então não pensara nisso.

— Pode muito bem acontecer, Dimítri Fiódorovitch.

Mítia franziu o cenho. Acorria ele com tais sentimentos… e dormiam… ela também, talvez com ele… A cólera ferveu no seu coração.

— Chicoteia, Andriéi, vivamente!

— Talvez não estejam ainda deitados — sugeriu Andriéi, após um silêncio. — Ainda há pouco Timofiéi dizia haver numerosa companhia.

— Na posta?

— Não, na hospedaria, em casa dos Plastunovi.

— Sei. Como é isso? Uma numerosa companhia? Quem são?

Esta notícia inesperada inquietava bastante Mítia.

— Segundo Timofiéi, são todos homens: dois da cidade, ignoro quais, depois dois forasteiros, parece, e talvez mais algum outro. Parece que estão jogando baralho.

— Baralho?

— Então talvez não durmam ainda. Devem ser onze horas, quando muito.

— Chicoteia, Andriéi, chicoteia — repetiu nervosamente Mítia.

— Tenho uma coisa a perguntar-lhe — continuou Andriéi ao fim dum momento — mas receio zangá-lo,

— Que queres?

— Ainda há pouco Fiedóssia Márkovna suplicou-lhe de joelhos que não fizesse mal à sua patroa e a um outro… então, como o estou levando para lá… Perdoe-me, senhor, digo isso em consciência, mas talvez seja uma tolice.

Mítia segurou-o bruscamente pelos ombros.

— És cocheiro, não?

— Sim.

— Então sabes que é preciso deixar o caminho livre. Julgas, por acaso, que um cocheiro não deve dar lugar a ninguém, esmagar os outros para passar? Não, cocheiro, não é preciso esmagar as pessoas, não é preciso estragar a vida alheia; se o fizeste, se destruíste a vida de alguém, castiga-te, desaparece!

Mítia falava no cúmulo da exaltação. Malgrado seu espanto, Andriéi prosseguiu a conversa.

— É verdade, Dímitri Fiódorovitch, o senhor tem razão, não é preciso atormentar ninguém, nem nenhum animal, porque são criaturas de Deus, como o cavalo, por exemplo. Há cocheiros que martirizam seu animal sem razão, nada os detém, correm infernalmente desabalados para…

— O inferno? — interrompeu Mítia com uma brusca explosão de riso. — Andriéi, alma simplória — e agarrou-o de novo pelos ombros —, dize-me: Dimítri Fiódorovitch Karamázov irá para o inferno, na tua opinião?

— Não sei, isso depende do senhor… Veja: quando o Filho de Deus morreu na cruz, foi direito ao inferno e livrou todos os danados. E o inferno gemeu ao pensar que não chegariam mais pecadores. E o Senhor disse então ao inferno: “Não gemas, inferno, hospedarás grandes senhores, intendentes, juízes, ricaços, e estarás de novo cheio como sempre o estiveste, até que eu volte”. Tais foram suas palavras…

— Eis uma bela lenda popular! Chicoteia o cavalo da esquerda, Andriéi!

— Eis, senhor, aqueles a quem está destinado o inferno; quanto ao senhor, nós o vemos como uma criança… E, se bem que seja violento, o Salvador irá perdoá-lo por causa de sua simplicidade.

— E tu, Andriéi, me perdoas?

— Mas que hei de perdoar-lhe? O senhor não me fez nada.

— Não, por todos; tu só, pelos outros, agora, na estrada, perdoas-me? Fala, alma simples!

— Oh! senhor! Faz medo conduzi-lo, sua conversa é estranha…

Mas Mítia não ouviu. Rezava com exaltação.

— Senhor, recebe-me, na minha iniquidade, mas não me julgues. Deixa-me entrar sem julgamento, porque eu mesmo me condenei, não me julgues, porque eu Te amo, meu Deus! Sou vil, mas amo-Te: no inferno mesmo, se para lá me enviares, proclamarei meu amor por toda a eternidade. Mas deixa-me acabar de amar… aqui embaixo… ainda cinco horas, até o nascer de Teu sol… Porque eu amo a rainha de minha alma, não posso impedir-me de amá-la. Tu me vês todo inteiro. Cairei de joelhos diante dela… “Tu tens razão — vou lhe dizer — em prosseguir teu caminho… Adeus, esquece tua vítima, não tenhas nenhuma inquietação!”

— Mókroie! — gritou Andriéi, mostrando a aldeia com seu chicote. Através da escuridão lívida aparecia a massa negra das construções que se estendiam por uma distância considerável. A aldeia de Mókroie contava duas mil almas, mas àquela hora todos dormiam, somente raras luzes furavam a escuridão.

— Depressa, Andriéi, depressa, estou chegando! — exclamou Mítia, como em delírio.

— Não estão dormindo! — disse de novo Andriéi, apontando para a hospedaria dos Plastunovi, situada à entrada e cujas seis janelas para a rua estavam iluminadas.

— Não dormem! Faze barulho, Andriéi, vai a galope, faze tilintar os guizos. Que toda a gente saiba quem chega! Sou eu em pessoa! —

exclamou Mítia, cada vez mais excitado.

Andriéi pôs os seus cavalos em galope e chegou barulhentamente ao pé do patamar, onde parou a atrelagem estafada. Mítia saltou em terra. Justamente naquele momento o dono da hospedaria, que ia deitar-se, teve a curiosidade de olhar quem chegava com tanto estardalhaço.

— És tu, Trifon Borísovitch?

O dono debruçou-se, olhou, desceu vivamente, obsequioso e encantado.

— *Bátiuchka*, Dimítri Fiódorovitch, o senhor aqui, de novo?

Esse Trifon Borísovitch era um latagão baixo e gordo, robusto, de rosto um pouco balofo, ar severo e implacável, sobretudo com os mujiques de Mókroie, mas sabendo tomar rapidamente a expressão mais obsequiosa, quando farejava uma pechincha. Usava a camisa russa, de gola dobrada; tinha recursos, mas só sonhava em elevar-se. Mantinha a metade dos mujiques em suas garras, todos ali pelos arredores lhe deviam. Alugava terras dos proprietários rurais, ele mesmo as comprava e mandava lavrá-las pelos mujiques em pagamento de suas dívidas, das quais eles jamais conseguiam libertar-se. Era viúvo e tinha quatro filhos; uma já viúva, vivia em casa de seu pai com seus dois filhos de pequena idade e trabalhava para ele como criada. A segunda estava casada com um funcionário cuja fotografia, minúscula, de uniforme e com dragonas, se via, entre outras, na hospedaria. As duas mais moças, por ocasião da festa comunal ou para fazer visitas, punham vestidos azul-celeste ou verde, em moda, com uma cauda de um *archin*, mas, no dia seguinte, já de pé desde o nascer do dia, como de costume, varriam os quartos, carregavam água, limpavam o lixo deixado pelos viajantes. Apesar de já ter feito um apreciável pé-de-meia, Trifon Borísovitch gostava bem de espoliar os farristas. Lembrava-se de que, um mês antes, o rega-bofe de Dimítri Fiódorovitch com Grúchenhka lhe proporcionara, em um dia, mais de duzentos rublos, se não trezentos, e acolhia-o agora com alegre solicitude, farejando nova pechincha, apenas pelo jeito com que Mítia chegara ao patamar.

— *Bátiuchka*, Dimítri Fiódorovitch, está de novo por aqui?

— Um instante, Trifon Borísovitch! Em primeiro lugar, onde ela está?

— Agrafiena Alieksándrovna? — adivinhou logo o hospedeiro, lançando-lhe um olhar penetrante. — Está aqui…

— Com quem? Com quem?

— Viajantes… Um funcionário, que deve ser polonês, segundo sua maneira de falar. Foi ele que a mandou buscar; o outro, seu camarada ou seu companheiro de viagem, quem sabe? Estão à paisana…

— Bem, estão farreando? São ricaços?

— Qual farra! Não grande coisa, Dimítri Fiódorovitch.

— Não grande coisa? E os outros?

— Dois senhores da cidade que pararam de volta de Tchermachniá. O mais moço é um parente do Senhor Miúsov, esqueci seu nome… O senhor deve conhecer o outro, o proprietário rural Maksímov, que foi em peregrinação ao mosteiro dos senhores.

— Ninguém mais?

— Ninguém mais.

— Basta, Trifon Borísovitch. Dize-me agora, que ela está fazendo?

— Acaba de chegar, está com eles.

— Está alegre? Ri?

— Não, não muito… Parece mesmo aborrecer-se. Passava a mão nos cabelos do mais jovem.

— O polonês, o oficial?

— Mas não é jovem, nem oficial. Não nos dele, nos cabelos do sobrinho de Miúsov… esqueci seu nome.

— Kolgánov?

— Justamente, Kolgánov.

— Está bem, verei. Estão jogando baralho?

— Jogaram, depois tomaram chá. O funcionário pediu licores.

— Basta, Trifon Borísovitch, basta, meu caro, decidirei eu mesmo. Há ciganos?

— Não se ouve mais falar em ciganos, Dimítri Fiódorovitch, as autoridades expulsaram-nos. Mas há judeus que tocam cítara e violino. Mesmo a esta hora pode-se mandá-los buscar.

— É preciso mandá-los buscar, absolutamente. E as moças, pode-se acordá-las, Mária sobretudo, Stiepanida, Arina. Duzentos rublos para o coro!

— Mas por esta soma farei acordar a vila inteira, se bem que durmam agora. Aliás, vale a pena tratar dessa forma os mujiques e as moças? Gastar o dinheiro com tais brutos! Sabe lá o nosso mujique apreciar esses charutos que tu lhes dás. Fede, o patife. Quanto às moças todas têm piolhos. Prefiro mandar, gratuitamente, que minhas filhas, que acabam de deitar-se, se levantem. Vou acordá-las a pontapés e cantarão para ti. E dizer-se que o senhor ofereceu champanhe aos mujiques!

Trifon Borísovitch não tinha razão de queixar-se de Mítia. Da outra vez, surripiara-lhe meia dúzia de garrafas de champanhe e guardara uma cédula de cem rublos apanhada debaixo da mesa.

— Trifon Borísovitch, gastei aqui mais de mil rublos, lembras-te?

— Decerto, como esquecer. O senhor deixou bem uns três mil rublos em nossa casa.

— Pois bem! Chego com outro tanto, desta vez, olha. — E pôs sob o nariz do hospedeiro seu maço de notas de banco.

— Escuta e presta bem atenção. Dentro de uma hora chegarão

vinho, provisões, bombons; será preciso levar tudo isso lá para cima. Da mesma forma, a caixa que está no carro; abram-na imediatamente e sirvam a champanhe… Sobretudo, que haja moças e Mária, sobretudo.

Tirou de sob o assento a caixa das pistolas.

— Eis teu pagamento, Andriéi! Quinze rublos pela corrida e cinquenta para beber… pelo teu devotamento. Lembra-te do *bárin* Karamázov!

— Tenho medo, *bárin*… — E Andriéi hesitou. — Cinco rublos de gorjeta bastam, não aceitarei mais. Trifon Borísovitch será testemunha. Perdoe-me minhas tolas palavras…

— De que tens medo? — Mítia olhou-o de alto a baixo. — Vai-te para o diabo, então! — gritou ele, atirando-lhe cinco rublos. — Agora, Trifon Borísovitch, conduze-me de mansinho até onde possa ver sem ser visto. Onde estão eles, no quarto azul?

Trifon Borísovitch olhou Mítia, apreensivo, mas tratou de obedecer-lhe docilmente; levou-o ao vestíbulo, entrou para uma sala contígua àquela em que se encontravam as pessoas referidas e dela retirou a vela. Depois introduziu Mítia ali e colocou-o num canto donde podia observar à vontade o grupo que não o via. Mas Mítia não pôde olhar por muito tempo; avistou Grúchenhka, seu coração pôs-se a bater, sua vista perturbou-o. Estava ela numa poltrona, perto da mesa. Ao lado dela, no divã, o jovem e belo Kolgánov; segurava a mão dele e ria, enquanto que, sem olhá-la, ele falava com ar zangado a Maksímov, sentado em frente da jovem mulher. No divã, ele; numa cadeira, ao lado, outro desconhecido. O que se refestelava no divã fumava cachimbo; era um homem corpulento, de rosto largo, de baixa estatura, ar carrancudo. Seu companheiro pareceu a Mítia de estatura bastante elevada; mas não pôde ver mais, faltava-lhe o fôlego. Não ficou nem um minuto, depositou o estojo sobre a cômoda e, com o coração desfalecente, entrou no quarto azul.

— Ai! — gemeu com terror Grúchenhka que foi a primeira a avistá-lo.

Mítia aproximou-se a grandes passos da mesa.

— Senhores — começou ele com voz alta, mas gaguejando a cada palavra —, eu… não é nada, não tenham medo! Não é nada — disse ele, voltando-se para Grúchenhka que, inclinada para o lado de Kolgánov, se agarrava a seu braço —, eu… também viajo. Vou embora de manhã. Senhores, será permitido a um viajante… ficar convosco neste quarto, até de manhã somente?

Estas últimas palavras dirigiam-se ao personagem obeso sentado no divã. Este retirou gravemente seu cachimbo dos lábios e disse num tom severo.

— *Pánie*[73], estamos aqui na intimidade. Há outros quartos.

— É o senhor, Dimítri Fiódorovitch? Que faz por aqui? — exclamou Kolgánov. — Tome lugar, seja bem-vindo!

— Boa-noite, caro amigo… e incomparável! Sempre o estimei… — replicou Mítia com alegre solicitude, estendendo-lhe a mão por cima da mesa.

— Ai! como o senhor aperta! Partiu-me os dedos — disse Kolgánov, rindo.

— Ele aperta sempre assim, é sua maneira — observou alegremente Grúchenhka, com um sorriso tímido. Compreendera pelo ar de Mítia que ele não faria barulho e observava-o com uma curiosidade misturada de inquietude. Alguma coisa nele feria-lhe a atenção; aliás, ela não esperava tal atitude da parte dele.

— Boa-noite — disse num tom melífluo o proprietário rural Maksímov.

Mítia voltou-se para ele.

— Boa-noite, ei-lo também aqui, isto me causa prazer. Senhores, senhores, eu… (Dirigiu-se de novo ao *pan* do cachimbo, tomando-o como o principal personagem.) Quis passar minhas derradeiras horas

neste quarto… onde adorei minha rainha!… Perdoe-me, *pánie*! Acorri e prestei juramento… Oh! não tenhais medo, é minha derradeira noite! Bebamos amigavelmente, *pánie*! Vão servir-nos vinho… Trouxe isto. (Tirou do bolso seu maço de cédulas.) Quero música, barulho, como da outra vez… Mas o verme inútil que se arrasta pelo chão vai desaparecer! Hei de relembrar um dia de alegria em minha derradeira noite.

Sufocava; teria querido dizer muitas coisas, mas não proferia senão estranhas exclamações. O *pan* impassível olhava vez a vez Mítia, seu maço de notas e Grúchenhka; parecia perplexo.

— Se minha rainha consentir… — começou ele.

— Senta-te, Mítia — interrompeu Grúchenhka. — Que é que contas? Não me faças medo, rogo-te. Tu o prometes? Então tua presença me causa prazer…

— Eu, fazer medo? — exclamou Mítia, levantando os braços. — Oh — passai, passai! Não sou nenhum obstáculo!… — De súbito, sem que ninguém o esperasse, deixou-se cair sobre uma cadeira e desfez-se em lágrimas, com a cabeça voltada para a parede e agarrando-se ao espaldar.

— Ora essa, mas que tens? — disse Grúchenhka, num tom de censura. — Ia visitar-me dessa forma, eu não compreendia nenhuma de suas palavras. Uma vez, pôs-se a chorar, agora isso recomeça. Que vergonha! Por que choras? Se houvesse pelo menos motivo para isso! — acrescentou ela, com ar enigmático, apoiando as derradeiras palavras.

— Eu… eu não choro… Vamos, boa-noite! — Voltou-se e pôs-se a rir, mas não como de costume, e sim com um riso nervoso que o abalava.

— A coisa continua… Fica, pois, mais alegre! Estou muito contente por teres vindo, Mítia, estás ouvindo? Muito contente. Quero que ele fique conosco — disse ela, imperiosomente, dirigindo-se ao que se encontrava no divã. — Quero-o, e se ele se retirar, também irei embora! — acrescentou, com os olhos cintilantes.

— Os desejos de minha rainha são ordens! — declarou o *pan*, beijando a mão de Grúchenhka. — Rogo ao *pan* que se junte a nós! — disse ele, gentilmente, a Mítia. Este levantou-se, na intenção de proferir nova tirada, mas faltou-lhe a palavra e disse somente:

— Bebamos, *pánie*!

Todos puseram-se a rir.

— Meu Deus, pensava que ele ia fazer novo discurso — disse Grúchenhka. — Estás ouvindo, Mítia? Fica tranquilo. Fizeste hem em trazer champanhe, vou bebê-lo, não posso suportar licores. Mas foi ainda melhor teres vindo tu mesmo; o aborrecimento aqui é enorme… Vieste farrear? Esconde teu dinheiro no bolso! Onde encontraste tudo isso?

As cédulas que Mítia mantinha amarfanhadas na mão atraíam a atenção, sobretudo a do polonês. Mítia meteu-as rapidamente em seu bolso e corou. Nesse momento, trouxe o hospedeiro numa bandeja uma garrafa desarrolhada e copos, Mítia agarrou a garrafa, mas estava tão confuso que-não soube o que fazer. Foi Kolgánov quem encheu os copos em lugar dele.

— Outra garrafa! — gritou Mítia para o hospedeiro e, esquecendo-se de bater os copos com o *pan* que havia tão solenemente convidado a beber, esvaziou seu copo sem esperar. Sua fisionomia mudou logo. Em lugar da expressão solene e trágica que tinha ao entrar, ela se tornou infantil. Pareceu humilhar-se e rebaixar-se. Olhava todo mundo com uma alegria tímida, com pequenos risos nervosos e o ar reconhecido dum cãozinho em falta, mas que reentra em graça. Parecia ter esquecido tudo e ria todo o tempo, olhando Grúchenhka, de quem se aproximara. Depois examinou também os dois poloneses. O do divã surpreendeu-o pelo seu ar digno, seu tom e sobretudo seu cachimbo. “Pois bem, então? Fuma cachimbo, perfeitamente?”, pensou Mítia. O rosto um tanto enrugado do *pan* quase quadragenário, seu nariz minúsculo enquadrado por bigodes encerados que lhe davam um ar impertinente, pareceram perfeitamente naturais a Mítia. Até mesmo sua malfeita peruca, confeccionada na Sibéria e que lhe cobria estupidamente as têmporas,

não lhe causou espanto: “Deve convir-lhe”, disse a si mesmo. O outro *pan*, mais jovem, sentado perto da parede, olhava os presentes com ar provocante, escutava a conversa num silêncio desdenhoso; só surpreendeu Mítia pela sua estatura bastante elevada, contrastando com a do *pan* sentado no divã. Pensou também que aquele gigante deveria ser o amigo e o acólito do *pan* do cachimbo, como que seu guarda-costas e que o pequeno comandava sem dúvida o grande. Mas tudo isso parecia natural e indiscutível a Mítia. O cãozinho não tinha mais nem sombra de ciúme. Ainda não havia compreendido nada do tom enigmático de Grúchenhka, compreendia somente que ela se mostrava graciosa para com ele e lhe havia “perdoado”. Via-a beber, pasmando-se de prazer. Contudo, o silêncio geral chamou-lhe a atenção e se pôs a examinar todos os presentes com ar interrogador: “Que fazemos? Por que não começais nada, senhores?”, parecia dizer seu olhar.

— Eis um que sabe dizer piadas, todos nós rimos — disse Kolgánov apontando para Maksímov, como se tivesse adivinhado o pensamento de Mítia.

Mítia observou-os uns após outros,

— Piadas? — e rebentou em seu riso breve e seco. — Ahl Ah! Ah!

— Sim. Imagine que ele acha que todos os nossos cavaleiros se casaram, em 1820, com polonesas; é absurdo, não é?

— Polonesas? — replicou Mítia, encantado.

Kolgánov compreendia bastante bem as relações de Mítia com Grúchenhka, adivinhava as do *pan*, mas isto não lhe interessava, somente Maksímov o preocupava. Foi por acaso que viera com ele parar naquela hospedaria onde travara conhecimento com os poloneses. Fora uma vez à casa de Grúchenhka, a quem não agradara. Agora, ela se mostrara acariciadora para com ele, antes da chegada de Mítia, mas ele permanecia insensível. Com vinte anos, elegantemente trajado, tinha Kolgánov um rosto gentil, com belos cabelos louros, encantadores olhos azuis de expressão pensativa e por vezes superior à sua idade, se bem que tivesse por momentos modos infantis, o que de modo algum o constrangia. Em geral, era bastante original e até

mesmo caprichoso, mas sempre meigo. Por vezes, tomava seu rosto uma expressão concentrada; olhava para a gente e nos escutava, parecendo ao mesmo tempo absorvido num sonho interior. Ora mostrava-se mole e indolente, ora agitava-se pela causa mais fútil.

— Imagine que há quatro dias que o arrasto atrás de mim — prosseguiu Kolgánov, pesando um pouco as palavras, mas sem nenhuma fatuidade. — Foi depois que seu irmão Ivan o repeliu do carro, o senhor deve lembrar-se. Interessei-me então por ele e levei-o ao campo, mas ele vive a dizer piadas, tanto que faz até vergonha. Levo-o de volta…

— O cavalheiro não viu as senhoras polonesas e diz coisas que não aconteceram — observou *o pan* do cachimbo.

— Mas fui casado com uma polonesa — replicou Maksímov, rindo.

— Sim, mas serviu na cavalaria? Era dela que o senhor falava. É cavalariano? — interveio Kolgánov.

— Ah! sim, ele é cavalariano? Ah! ah! — gritou Mítia, que era todo ouvidos e fixava cada interlocutor como se esperasse Deus sabe o quê.

— Não, vê o senhor? — Maksímov voltou-se para ele. — Quero falar daquelas *pánienki*… assim que uma delas dança uma mazurca com um ulano nosso, salta-lhe sobre os joelhos como uma gata branca… sob os olhos e com o consentimento do papai e da mamãe… No dia seguinte o ulano vai pedi-la em casamento… e pronto… ih! ih! ih!

— O *pan é* um canalha — resmungou o *pan* de elevada estatura, cruzando as pernas. Mítia não notou senão sua enorme bota engraxada de sola espessa e suja. Aliás, os dois poloneses estavam bastante mal trajados.

— Ora, já vem o nome de canalha! Por que injuriar? — disse Grúchenhka, irritada.

— *Páni* Agripina, o *pan* conheceu na Polônia moças de classe baixa e não moças nobres.

— Podes afirmá-lo! — disse desdenhosomente o *pan* de pernas compridas.

— Não faltava mais que isso! Deixem-no falar! Por que impedir que as pessoas falem? É divertido — replicou Grúchenhka.

— Não impeço ninguém, *páni* — observou o *pan* de peruca com um olhar expressivo; depois disso pôs-se de novo a fumar.

— Não, não, o *pan* disse a verdade. — Kolgánov esquentou-se de novo, como se se tratasse dum negócio importante. — Maksímov não foi à Polônia. Como pode, pois, falar dela? O senhor casou na Polônia?

— Não, foi na província de Smolensk. Minha futura tinha sido a príncipio levada lá por um ulano, escoltada por sua mãe, por uma tia e por uma parenta com um filho grande, poloneses puro-sangue… e ele a cedeu a mim. Era um tenente, um rapaz bastante gentil. Queria a princípio casar com ela, mas desistiu, porque ela era coxa…

— Então o senhor casou-se com uma coxa? — exclamou Kolgánov.

— Sim. Ambos me dissimularam a coisa. Eu acreditava que ela saltitava… mas que era de alegria…

— A alegria de casar com o senhor? — gritou Kolgánov, com voz sonora.

— Perfeitamente. Mas era por um motivo completamente diferente. Uma vez casados, na mesma noite do casamento, ela me confessou tudo e pediu perdão. Saltando um charco, quando menina, quebrou uma perna, ih! ih! ih!

Kolgánov soltou uma risada infantil e deixou-se cair sobre o divã. Grúchenhka também ria. Mítia achava-se no cúmulo da felicidade.

— Sabe de uma coisa? Ele está dizendo a verdade agora, não mente mais — disse Kolgánov — foi casado duas vezes, é de sua

primeira mulher que fala; a segunda fugiu de casa e vive ainda, sabia?

— É mesmo? — disse Mítia, voltando-se para Maksímov com um ar muito espantado.

— Sim, tive essa contrariedade, ela fugiu com um *mussiê*. Havia previamente feito transferir minhas propriedades para ele. “És um homem instruído — dizia-me ela —, sempre acharás com que comer.” Depois largou-me. Respeitável eclesiástico dizia-me um dia a esse respeito: “Se tua primeira mulher era coxa, a segunda tinha pé muito ligeiro”. Ih! ih! ih!

— Escutem aqui — disse vivamente Kolgánov —, se ele mente, e isto acontece-lhe por vezes, é apenas para causar prazer; não há baixezas nisso, não é mesmo? Gosto dele por vezes. É vil, mas franco. Que pensam disso? Qualquer outro se envilece por interesse, mas ele, é o seu natural… Imaginem, por exemplo, que ele pretende que Gógol o pôs em cena em *Almas mortas*. Devem lembrar-se de que se vê no livro o proprietário rural Maksímov chicoteado por Nózdriov, que é processado “por ofensa pessoal ao proprietário Maksímov, com chicote, achando-se em estado de embriaguez”. Pretende tratar-se dele próprio e que foi chicoteado. Será possível? Tchitchikov[74] viajava cerca de 1830, quando muito, de modo que as datas não combinam. Ele não pôde ter sido chicoteado então.

A excitação de Kolgánov, difícil de explicar, nem por isso deixava de ser sincera. Mítia tomava seu partido.

— Afinal de contas, fizeram bem se o chicotearam! — disse ele, rindo.

— Não é que me chicotearam propriamente, mas algo parecido — interveio Maksímov.

— Como assim? Foste ou não chicoteado?

— Que horas são, *pánie*? — perguntou com ar de aborrecimento o *pan* do cachimbo ao *pan* das pernas compridas. Este ergueu os ombros; nenhum deles tinha relógio.

— Deixem então que os outros falem! Se os senhores se aborrecem, não é razão para impor silêncio a todo mundo — disse Grúchenhka, com ar agressivo. Mítia começava a compreender. O *pan* respondeu desta vez com visível irritação:

— *Páni*, não me oponho, não disse nada.

— Está bem, continua — gritou ela a Maksímov. — Por que se calam todos?

— Mas não há nada a contar, são tolices — continuou Maksímov com satisfação e com gestos um tanto afetados. — Em Gógol, tudo isso é alegórico, porque seus nomes são todos simbólicos: Nózdriov não era Nózdriov, mas Nósov; quanto a Kuvchínikov, este já nem tinha semelhança alguma, porque se chamava Chkvórniev. Fenardi chamava-se mesmo assim, somente não era um italiano, mas um russo, Pietrov; a Senhorita Fenardi era bonita na sua roupa de banho, com sua saia curta de lantejoulas, e desfilou bem, mas não quatro horas, apenas quatro minutos… e encontrou toda gente.

— Mas por que te chicotearam? — berrou Kolgánov.

— Por causa de Piron.

— Que Piron? — perguntou Mítia.

— Ora, o célebre escritor francês, Piron. Tínhamos bebido, em numerosa companhia, num botequim, naquela mesma feira. Tinham-me convidado e me pus a citar epigramas: “És tu, Boileau? Que roupa engraçada tens!”. Boileau responde que vai ao baile de máscaras, isto é, ao banho, ih! ih! ih! E eles tornaram isso como se fosse para si próprios. Tratei logo de citar outro epigrama, mordaz e bem conhecido das pessoas instruídas:

> És Safo, sou Faón, concordo,
> Mas para meu grande pesar,
> Do mar não sabes o caminho.

“Sentiram-se ainda mais ofendidos e puseram-se a dizer-me desaforos; por desgraça, pensando arranjar as coisas, contei-lhes como Piron, que não foi recebido na Academia, mandou gravar no seu

túmulo este epitáfio para se vingar:

> Aqui jaz Piron, sem valia,
> Nem mesmo foi da Academia.

“Então agarraram-me e chicotearam-me.”

— Mas por quê? Por quê?

— Por causa de meus conhecimentos. Há muitos motivos pelos quais se pode açoitar um homem — concluiu de forma sentenciosa Maksímov.

— Basta, é idiota, estou mais que farta. E pensei que seria engraçado! — interrompeu Grúchenhka. Mítia apressou-se em deixar de rir. O *pan* de pernas compridas levantou-se e se pôs a andar dum lado para outro, com o ar arrogante de um homem que se aborrece numa companhia que não é a sua.

— Como ele anda! — disse Grúchenhka, com ar de desprezo. Mítia inquietou-se; além do mais tinha notado que o *pan* do cachimbo olhava-o com irritação.

— *Pánie* — exclamou ele —, bebamos! — Convidou também o outro que passeava e encheu três copos com champanhe.

— À Polônia, *pánowie*! Bebo à vossa Polônia!

— Com muito gosto, *pánie*, bebamos — disse o *pan* de cachimbo com ar importante, mas afável.

— E o outro *pan* também. Como se chama ele?… Tome um copo, ilustríssimo.

— *Pan* Vrubliévski[75] — disse o outro.

*Pan* Vrubliévski aproximou-se da mesa, bamboleando-se.

— À Polônia, *pánowie*, viva! — gritou Mítia, erguendo seu copo. Brindaram. Mítia encheu de novo os três copos.

— Agora, à Rússia, *pánowie*, e sejamos irmãos.

— Serve-nos também — disse Grúchenhka. — Quero brindar à Rússia.

— Eu também — disse Kolgánov.

— E então, então — apoiou Maksímov —, beberei à velha vovozinha.

— Todos, todos! — gritou Mítia. — Patrão, uma garrafa! — Trouxeram as três garrafas que restavam.

— À Rússia, viva!

Todos beberam, exceto os *pánowie*. Grúchenhka esvaziou seu copo dum gole.

— E então, *pánowie*, é assim que sois?

*Pan* Vrubliévski pegou seu copo, ergueu-o e disse com voz aguda:

— À Rússia, nos seus limites de 1772![76]

— Muito bem! — aprovou o outro *pan*. Ambos esvaziaram seus copos.

— Sois uns imbecis, *pánowie*! — disse bruscamente Mítia.

— *Pánie!* — exclamaram os dois poloneses, eretos como galos. *Pan* Vrubliévski, sobretudo, estava indignado.

— Não posso amar o meu país? — gritou.

— Silêncio! Nada de brigas! — gritou imperiosamente Grúchenhka, batendo com o pé. Tinha o rosto vermelho, os olhos cintilantes. O efeito do vinho fazia-se sentir. Mítia ficou com medo.

— *Pánowie*, perdoem. É culpa minha. *Pan* Vrubliévski, não o farei mais!…

— Mas cala-te afinal, senta, imbecil! — apostrofou-o Grúchenhka.

Todos sentaram e ficaram calados.

— Senhores, sou a causa de tudo! — continuou Mítia, que nada compreendera do repente de Grúchenhka. — Pois bem! que vamos fazer… para divertir-nos?

— Com efeito, a gente se aborrece aqui — disse, displicentemente, Kolgánov.

— Se jogássemos baralho, como ainda há pouco… ih! ih! ih!

— Baralho? Boa ideia! — aprovou Mítia. — Se os *pánowie* consentirem.

— *Pozno, pánie* — respondeu de mau-humor o *pan* do cachimbo.

— É verdade — apoiou *pan* Vrubliévski.

— *Pozno*? Que quer dizer *pozno*? — perguntou Grúchenhka.

— Quer dizer que já é tarde, *páni* — explicou o *pan* do divã.

— Para ele sempre é tarde. Sempre acha tudo impossível — quase gritou, zangada, Grúchenhka. — Que tristes convivas! Destilam aborrecimento e querem impô-lo aos outros. Antes de tua chegada, Mítia, estavam todos calados, fazendo-se de orgulhosos.

— Minha deusa — replicou o *pan* do cachimbo —, dizes a verdade. É tua frieza que me torna triste. Estou pronto, *pánie* — disse, voltando-se para Mítia.

— Começa, *pánie* — disse Mítia, destacando de seu maço duas cédulas de cem rublos que colocou em cima da mesa. — Quero fazer-te ganhar muito dinheiro. Pega as cartas e mantém a banca!

— O baralho deve ser o do patrão — disse gravemente o *pan* baixinho.

— Será o melhor — aprovou *pan* Vrubliévski.

— O baralho do patrão, pois seja! Está muito bem, *pánowie*! Cartas!

O hospedeiro trouxe um baralho lacrado e anunciou a Mítia que

as moças reuniam-se, que os judeus chegariam em breve, mas que a *tieliega* das provisões ainda não chegara. Mítia correu logo ao quarto vizinho para dar ordens. Havia somente três moças e Mária não estava lá ainda. Não sabia bem o que fazer e ordenou apenas que fossem distribuídos com as moças as guloseimas e bombons da caixa.

— E vodca para Andriéi — acrescentou. — Eu o ofendi.

Foi então que Maksímov, que o havia seguido, tocou-lhe no ombro, cochichando:

— Dê-me cinco rublos. Gostaria de jogar também, ih! ih! ih!

— Perfeitamente. Aqui estão dez. Se perderes, torna a procurar-me…

— Muito bem — murmurou Maksímov, que tornou a entrar na sala. Mítia voltou pouco depois e pediu desculpas por ter-se feito esperar. Os *pánowie* já haviam tomado lugar e deslacrado o baralho, com ar muito mais amável e quase gentil. O *pan* do divã, que estava fumando outra cachimbada, preparava-se para baralhar as cartas. Seu rosto tinha algo de solene.

— Aos seus lugares, *pánowie* — exclamou *pan* Vrubliévski.

— Não quero mais jogar — observou Kolgánov. — Já perdi cinquenta rublos ainda há pouco.

— O *pan* foi infeliz, mas a sorte pode mudar — insinuou o *pan* do cachimbo.

— Quanto possui a banca? — perguntou Mítia.

— Talvez cem rublos, *pánie*, talvez duzentos. Tanto quanto queiras apostar.

— Um milhão! — disse Mítia, rindo.

— O capitão talvez tenha ouvido falar de *pan* Podvisótski.

— Que Podvisótski?

— Em Varsóvia, a banca aguenta todas as apostas. Chega Podvisótski, vê milhares de moedas de ouro, joga contra a banca. O banqueiro diz: "*Pánie* Podvisótski, jogas com ouro, ou sob palavra?" — "Sob palavra, *pánie*" — diz Podvisótski. — "Tanto melhor." O banqueiro corta e Podvisótski junta as moedas de ouro. — "Espera, *pánie*" — diz o banqueiro. Abre uma gaveta e dá-lhe um milhão: "Toma, eis tua conta!" A banca era de um milhão. — "Ignorava-o" — disse Podvisótski. "*Pan* Podvisótski — disse o banqueiro —, ambos jogamos sob palavra." Podvisótski pegou o milhão.

— Não é verdade — disse Kolgánov.

— *Pan* Kolgánov, entre pessoas decentes não se fala assim.

— É assim que um jogador polonês dará um milhão! — exclamou Mítia, mas logo se conteve. — Perdão, *pánie*, não tenho razão de novo. Certamente dará ele um milhão sob palavra de honra, a honra polonesa. Eis dez rublos no valete.

— E eu um rublo na dama de copas, na bonitinha *pánienka* — declarou Maksímov, e, como para dissimulá-lo aos olhares, aproximou-se da mesa e fez por baixo um sinal da cruz. Mítia ganhou, o rublo também.

— Dobro! — gritou Mítia.

— E eu, ainda um rublinho, um simples rublinho — murmurou beatificamente Maksímov, encantado por haver ganho.

— Perdido! — gritou Mítia. — Dobro!

— Perdeu de novo.

— Pare — disse, de súbito, Kolgánov.

Mítia dobrava sempre sua parada, mas perdia a cada jogada. E os "rublinhos" ganhavam sempre.

— Perdeste duzentos rublos, *pánie*. Será que apostas ainda? — perguntou o *pan* do cachimbo.

— Como, já duzentos? Pois seja, ainda duzentos! — E Mítia ia colocar as notas sobre a dama, quando Kolgánov cobriu-a com a mão.

— Basta! — gritou ele, com sua voz sonora.

— Que tem o senhor? — perguntou Mítia.

— Basta, não quero! O senhor não jogará mais.

— Por quê?

— Porque não. Pare, vá-se embora! Não o deixarei jogar mais.

Mítia olhava-o com espanto.

— Deixa, Mítia, ele talvez tenha razão; já perdeste muito — proferiu Grúchenhka, num tom singular. Os dois *pánawie* levantaram-se, com ar muito ofendido.

— Está brincando, *pánie*? — perguntou o mais baixo, fixando severamente Kolgánov.

— Como ousa o senhor? — disse arrebatadamente, por sua vez, Vrubliévski.

— Nada de gritos, nada de gritos! Ah! os galos-da-índia! — exclamou Grúchenhka.

Mítia olhava a uns e a outros sucessivamente; algo o impressionou no rosto de Grúchenhka, ao mesmo tempo que uma ideia nova e estranha lhe vinha ao espírito.

— *Páni* Agripina! — começou o *pan* baixinho, rubro de cólera. De repente, Mítia aproximou-se dele e bateu-lhe no ombro.

— Excelência, duas palavras.

— Que deseja, *pánie*?

— Vamos ao quarto vizinho. Vou te dizer duas palavras que irão agradar-te.

O *pan* baixinho admirou-se e olhou Mítia, apreensivo; mas consentiu imediatamente, com a condição de que o *pan* Vrubliévski o acompanharia.

— É teu guarda-costas? Pois seja, que venha ele também, sua presença é, aliás, necessária… Vamos, *pánowie*!

— Aonde vão? — perguntou Grúchenhka, inquieta.

— Voltaremos agora mesmo — respondeu Mítia. Seu rosto exprimia a resolução e a coragem, tinha um ar bem diferente daquele de uma hora antes, à sua chegada. Conduziu os *pánowie* não à peça à direita, onde se reunia o coro, mas a um quarto de dormir, repleto de malas, de arcas, com dois grandes leitos e uma montanha de travesseiros. A um canto, uma vela ardia sobre uma mesinha. O *pan* w Mítia instalaram-se, frente a frente e *pan* Vrubliévski ao lado deles, com as mãos atrás das costas. Os poloneses tinham ar severo, mas intrigado.

— Em que posso servi-lo, senhor? — murmurou o mais baixo.

— Serei breve, *pánie*. Aqui tenho dinheiro — e exibiu seu maço de cédulas. — Se queres três mil rublos, toma-os e vai-te embora. O *pan* olhava-o atentamente.

— Três mil, *pánie*? — Trocou um olhar com Vrubliévski.

— Três mil, *pánowie*, três mil! Escuta, vejo que és um homem ajuizado. Toma três mil rublos e vai-te para o diabo com Vrubliévski, ouviste? Mas imediatamente, agora mesmo e para sempre! Sairás por esta porta. Levarei teu sobretudo ou tua peliça. Atrelarão para ti uma tróica, e boa-noite, hem?

Mítia esperava a resposta com segurança. O rosto do *pan* tornou uma expressão das mais decididas.

— E os rublos?

— Aqui estão, *pánie*: quinhentos rublos como sinal, imediatamente, e dois mil e quinhentos amanhã na cidade. Juro pela minha honra que os terás, ainda que fosse preciso arrancá-los de

debaixo da terra!

Os poloneses trocaram novo olhar. O rosto do mais baixo tornou-se hostil.

— Setecentos, setecentos imediatamente! — acrescentou Mítia, sentindo que a coisa ia atrapalhar-se. — Pois bem, *pánie*, não me acreditas? Não posso dar-te os três mil rublos duma vez. Voltarias amanhã para junto dela. Aliás, não os tenho comigo, estão na cidade — balbuciou Mítia, perdendo coragem a cada palavra. — Palavra de honra, num esconderijo…

Vivo sentimento de amor-próprio brilhou no rosto do *pan* baixinho.

— É tudo quanto queres? — perguntou, ironicamente. — Fora! Que vergonha! — E cuspiu. *Pan* Vrubliévski imitou-o.

— Tu cospes, *pánie* — disse Mítia, desolado por causa de seu fracasso —, porque pensas tirar vantagem de Grúchenhka. Sois, todos dois, uns idiotas!

— Isto me ofende profundamente! — disse o *pan* baixinho, vermelho como uma lagosta e, no cúmulo da indignação, saiu do quarto com Vrubliévski que se bamboleava. Mítia seguiu-os, todo confuso. Temia Grúchenhka, pressentindo que o *pan* iria queixar-se. Foi o que aconteceu. com um ar teatral, plantou-se diante de Grúchenhka e repetiu:

— *Páni* Agripina, fui profundamente ofendido!

Mas Grúchenhka, como que queimada ao vivo, perdeu a paciência e gritou, vermelha de cólera:

— Fala russo, nem uma palavra de polonês! Falavas russo outrora. Será que o esqueceste em cinco anos?

— *Páni* Agripina…

— Chamo-me Agrafiena, sou Grúchenhka! Fala russo, se queres que te escute!

O *pan*, sufocado, gaguejou com ênfase, estropiando as palavras:

— *Páni* Agrafiena, vim para esquecer o passado e tudo perdoar até este dia…

— Perdoar como? Foi para perdoar que vieste? — interrompeu Grúchenhka, ficando em pé.

— Isto mesmo, *páni*, porque tenho coração generoso. Mas tive grande surpresa vendo teus amantes. *Pan* Mítia ofereceu-me três mil rublos para que eu me vá embora. Cuspi-lhe na cara.

— Como? Ele te oferecia dinheiro por mim? É verdade, Mítia? Ousaste? Estou, pois, à venda?

— *Pánie, pánie* — disse Mítia —, ela é pura e jamais fui seu amante! Mentiste…

— Como ousas defender-me diante dele? Não foi por virtude que me conservei pura, nem por temor de Kuzmá, era para ter o direito de tratar de miserável esse homem. Ele recusou mesmo o teu dinheiro?

— Pelo contrário, aceitava-o; somente queria os três mil rublos imediatamente e eu só lhe dava setecentos rublos de entrada.

— Está claro; soube que tenho dinheiro, eis por que quer casar comigo.

— *Páni* Agripina, sou um cavalheiro… sou… um *szlachcie*[77] polonês e não um *laidak*.[78] Vim para casar contigo, mas não encontro mais a mesma *páni*, a de hoje é uma *uparti*[79] e desavergonhada.

— Volta para donde vens! Vou mandar pôr-te para fora daqui! Tola que fui por atormentar-me durante cinco anos! Mas não era por causa dele que me atormentava, era o meu rancor que eu acarinhava. Aliás, meu amante não era isso. Parece mais o pai dele! Onde encomendaste uma peruca? O outro ria, cantava, era um falcão, mas tu não passas de uma galinha molhada! E eu que passei cinco anos em lágrimas, ó tola criatura!

Recaiu sobre a poltrona e ocultou seu rosto nas mãos. Naquele

momento, no quarto vizinho, o coro das moças, afinal reunido, entoou uma ousada canção dançável.

— Isto é uma Sodoma! — gritou *pan* Vrubliévski. — Patrão, ponha para fora essas desavergonhadas!

O hospedeiro, que esperava desde muito tempo na porta, adivinhando pelos gritos que estavam a brigar, entrou sem demora.

— Que berros são esses? — ele apostrofou Vrubliévski.

— Animal!

— Animal? Com que cartas estavas jogando ainda há pouco? Dei-te um baralho novinho. Que fizeste dele? Empregaste cartas falsas! Isso podia levar-te à Sibéria, sabes tu? Porque equivale a passar moeda falsa… — Indo ao divã, pôs a mão entre o espaldar e uma almofada, retirando dali o baralho lacrado.

— Ei-lo, o meu baralho, intato — Elevou-o no ar e mostrou-o aos assistentes. — Vi-o operar e substituir suas cartas pelas minhas. És um velhaco e não um *pan*.

— E eu vi o outro *pan* trapacear duas vezes! — disse Kolgánov.

— Ah! que vergonha, que vergonha! — Grúchenhka juntou as mãos, corando. — Meu Deus, que homem ele se tornou!

— Bem o imaginava! — disse Mítia.

Então, *pan* Vrubliévski, confuso e exasperado, gritou para Grúchenhka, ameaçando-a com o punho:

— Rameira!

Mítia já se havia lançado sobre ele; agarrou-o, ergueu-o e carregou-o num abrir e fechar de olhos até o quarto onde tinham estado antes.

— Larguei-o no soalho! — anunciou, ao voltar, resfolegante. — Debate-se o canalha, mas não voltará!… — Fechou um dos batentes da porta e, mantendo o outro aberto, gritou para o *pan* baixinho:

— Excelência, não gostaria de fazer-lhe companhia? Rogo-lhe…

— Mítri Fiódorovitch — disse Trifon Borísovitch —, retoma deles teu dinheiro então! É como se eles te houvessem roubado.

— Faço-lhes presente de meus cinquenta rublos — disse Kolgánov.

— E eu dos meus duzentos. Que isto lhes sirva de consolação!

— Bravo, Mítia! Que grande coração! — gritou Grúchenhka num tom em que vibrava viva irritação.

O *pan* baixinho, rubro de cólera, mas que nada perdera de sua dignidade, dirigiu-se para a porta; de repente parou e disse a Grúchenhka:

— *Páni*, se queres seguir-me, vem, se não, adeus!

Gravemente, sufocado de indignação e de amor-próprio ferido, saiu. Sua vaidade era extrema; mesmo depois do que se passara, esperava ainda que a *páni* o seguiria, Mítia fechou a porta.

— Fecha-os — disse Kolgánov. Mas a fechadura rangeu do lado deles. Tinham-se fechado eles próprios.

— Bravo! — gritou Grúchenhka com raiva implacável. — Assim é que deve ser!

## *VIII / Delírio*

Começou então quase uma orgia, uma festa de arromba. Grúchenhka foi a primeira a pedir bebida:

— Quero embriagar-me como da outra vez, lembras-te, Mítia, quando nos conhecemos!

Mítia delirava quase, pressentia “sua felicidade”. Aliás, Grúchenhka afastava-o de seu lado a cada instante:

— Vai divertir-te, dize-lhes que dancem e se divirtam como da outra vez!

Estava superexcitada. O coro se reunia no quarto vizinho. O cômodo em que se achavam era exíguo, separado em duas partes por uma cortina de chita da Índia, por trás um imenso leito com um edredão e uma montanha de travesseiros. Todos os quartos de aparato daquela casa possuíam um leito. Grúchenhka instalou-se à porta; era dali que olhava o coro e as danças, por ocasião do primeiro festim deles. As mesmas moças encontravam-se ali, os judeus com seus violinos e suas cítaras tinham chegado, bem como a famosa *tieliega* com as provisões. Mítia movimentava-se no meio de toda aquela gente. Homens e mulheres acorriam, despertados e farejando um regabofe enorme, como um mês antes. Mítia cumprimentava e beijava os conhecidos, servindo de beber a quem chegava. Somente as moças apreciavam o champanhe, os mujiques preferiam o rum e o conhaque, sobretudo o ponche. Mítia ordenou que preparassem chocolate para as moças e conservassem ferventes a noite inteira três samovares para oferecer chá e ponche a quantos os quisessem. Em suma, uma pândega extravagante começou. Mítia sentia-se ali no seu elemento e animava-se à medida que a desordem alimentava. Se um mujique lhe tivesse então pedido dinheiro, teria tirado seu maço de notas e distribuído à direita e à esquerda sem contar. Eis sem dúvida por que, a fim de preservar Mítia, o dono da casa, Trifon Borísovitch, que renunciara a deitar-se naquela noite, quase não o deixava. Não bebia (um copo de ponche ao todo), velando, cuidadosomente, à sua maneira, pelos interesses de Mítia. Quando se tornava preciso, detinha-o, afetuosa e servilmente, e pregava-lhe um sermão, impedindo-o de distribuir como “da outra vez” aos mujiques “charutos, vinho do Reno” e, Deus nos guarde, dinheiro. Indignava-se ao ver as moças comerem bombons e beberem licores.

— Estão cheias de piolhos, Mítri Fiódorovitch; lhes meteria de bom grado o pé em certo lugar, e isto seria mesmo fazer-lhes honra.

Mítia lembrou-se de Andriéi e mandou levar-lhe ponche: “Ofendi-o ainda há pouco”, repetia com voz enternecida. Kolgánov recusou a princípio beber e o coro lhe desagradou muito, mas, depois de ter absorvido dois copos de champanhe, tornou-se bastante alegre e achou tudo perfeito, os cantos e a música. Maksímov, satisfeito e meio bêbedo, não o deixava. Grúchenhka, a quem o vinho subia à cabeça,

apontava Kolgánov a Mítia: “Que rapaz gentil!”. E Mítia corria a beijar todos dois. Pressentia muitas coisas; ela não lhe dissera nada ainda de semelhante e retardava o momento; por vezes somente lançava-lhe um olhar cheio de ardor. De repente, pegou-lhe na mão e o fez sentar-se ao lado dela.

— Que chegada a tua ainda há pouco! Tive tanto medo! Querias ceder-me a ele, não é? É verdade?

— Não queria perturbar a tua felicidade.

Ela, porém, não o escutava.

— Está bem, vai, diverte-te, não chores, eu te chamarei de novo.

Deixou-o, voltou a escutar as canções, a olhar as danças, enquanto o acompanhava com o olhar; ao fim de um quarto de hora, tornou a chamá-lo.

— Fica aqui, conta-me, como soubeste de minha partida, quem foi o primeiro a informar-te?

Mítia começou seu relato sem ordem nenhuma, duma maneira incoerente, por vezes franzia as sobrancelhas e parava.

— Que tens? — ela lhe perguntava.

— Nada. Deixei lá embaixo um doente. Para que ele fique curado, para saber que ficará curado, daria dez anos de minha vida!

— Deixa-o tranquilo, esse teu doente. Então querias matar-te amanhã, bobinho, por quê? Gosto dos desmiolados como tu — murmurou ela, com a voz um tanto pastosa. — Então estás disposto a tudo por minha causa, não é? E querias deveras matar-te amanhã? Espera, vou te dizer talvez uma palavrinha… não hoje, amanhã. Quererias hoje? Não, não quero… Vai divertir-te.

Uma vez, no entanto, ela o chamou com ar preocupado.

— Por que estás triste? Porque estás triste, vejo-o — acrescentou ela, com os olhos cravados nos dele. — Por mais que beijes os

mujiques e te movimentes, bem o percebo. Uma vez que estou alegre, fica alegre também… Amo alguém aqui… adivinha quem! Olha, ele adormeceu, o coitado, está bêbedo.

Falava de Kolgánov, que estava mesmo embriagado e dormitava em cima do divã. Mas, de parte a embriaguez, ele sentia tristeza ou, como dizia, "tédio". As canções das moças, que se tornavam por demais lascivas e licenciosas, à medida que bebiam, tinham acabado por aborrecê-lo. O mesmo com as danças; duas moças, disfarçadas de urso, eram "exibidas" por Stiepanida, uma mocetona armada dum cacete. "Entusiasmo, Mária — gritava —, se não, toma cuidado!" Finalmente, os ursos rolaram no soalho duma maneira indecente, com explosões de gargalhadas dum público grosseiro.

— Que se divirtam, que se divirtam! — disse sentenciosamente Grúchenhka, num ar extasiado. — É o dia deles. Por que não haveriam de divertir-se?

Kolgánov olhava com ar de desgosto:

— Como são baixos esses costumes populares! — observou, afastando-se. Ficou sobretudo chocado por uma canção "nova", com um estribilho alegre, em que um *bárin* em viagem interrogava as moças:

O *bárin* às moças perguntou:
Gostam de mim, gostam de mim, meninas?

Mas estas acham que não podem amá-lo:

O *bárin* me surraria
E eu dele não gostaria.

Depois foi a vez de um cigano, que não é mais feliz:

O cigano há de roubar
E eu lágrimas derramar.

Outros personagens desfilam, fazendo a mesma pergunta, até um soldado, repelido com desprezo:

O soldado levará
Seu saco e eu atrás…

Seguia-se um verso dos mais cínicos, cantado abertamente e que fazia furor entre os ouvintes. Acabava-se pelo comerciante:

O mercador às moças perguntou:
Gostam de mim, gostam de mim, meninas?

Dele, elas gostam muito, porque

O mercador será rico
E eu, dona de tudo, fico.

Kolgánov zangou-se:

— Só falta nessa canção um ferroviário ou um judeu para fazer perguntas às moças. Garanto que ganhariam para todos.

Quase ofendido, declarou que se entediava, sentou-se no divã e adormeceu, Seu rosto gentil, um pouco empalidecido, repousava sobre a almofada.

— Olha como ele é belo — disse Grúchenhka a Mítia. — Passei-lhe a mão pelos cabelos, parecia linho.

E, inclinando-se sobre ele, beijou-lhe com ternura a testa. Kolgánov abriu logo os olhos, olhou-a, ergueu-se, perguntou com ar preocupado:

— Onde está Maksímov?

— Eis o que lhe faz falta! — Grúchenhka pôs-se a rir. — Fica comigo um minuto. Mítia, vai procurar o Maksímov dele.

Maksímov não largava as moças, exceto para ir beber licores. Já bebera duas xícaras de chocolate. Estava com o nariz escarlate, os olhos úmidos e ternos. Aproximou-se e declarou que ia dançar *A tamanqueira*.

— Na minha infância ensinaram-me essas danças mundanas…

— Vai com ele, Mítia, eu o verei dançar daqui.

— Eu também vou olhar — exclamou Kolgánov, declinando ingenuamente do convite de Grúchenhka para ficar com ela. E todos foram ver. Maksímov dançou, com efeito, mas não obteve êxito, salvo da parte de Mítia. Sua dança consistia em saltitar com contorções, com as solas do sapato no ar; a cada salto, Maksímov batia com a mão na sola. Isto desagradou a Kolgánov, mas Mítia beijou o dançarino.

— Obrigado, deves estar fatigado. Queres bombons, hem? Um charuto, talvez?

— Um cigarro.

— Queres beber?

— Tomei licores… Não tem bombons de chocolate?

— Há uma porção em cima da mesa, escolhe, meu anjo!

— Não, prefiro os de baunilha… para os velhos… ihl ih! ih!

— Não, irmão, não há desses.

— Escute! — disse o velho, inclinando-se para o ouvido de Mítia. — Aquela moça ali, a Mária, ih! ih! ih! Gostaria bem de conhecê-la, graças à sua bondade…

— Vejam só isso! Estás brincando, camarada.

— Não faço mal a ninguém — murmurou humildemente Maksímov.

— Bem, bem. Aqui, camarada, a gente tem de contentar-se com cantar e dançar, ainda que, afinal… Espera… Regala-te, bebe, diverte-te. Tens necessidade de dinheiro?

— Depois, talvez — sorriu Maksímov.

— Bem, bem.

Mítia tinha a cabeça em fogo. Saiu para o alpendre que cercava

uma parte do prédio. O ar fresco lhe fez bem. Só na escuridão, segurou a cabeça com as duas mãos. Suas ideias esparsas agruparam-se de súbito e tudo se aclarou a uma luz terrível… “Se tenho de matar-me, é agora ou nunca”, pensou ele. “Pegar uma pistola e acabar neste canto escuro!” Cerca de um minuto ficou indeciso. Ao vir a Mókroie, tinha na consciência a vergonha, o roubo cometido e o sangue derramado… Mas sentia-se mais à vontade. Tudo estava acabado. Grúchenhka, cedida a um outro, não existia mais para ele. Sua decisão fora fácil de tomar, parecia pelo menos inevitável e necessária, pois por que haveria de viver doravante? Mas a situação não era mais a mesma. Aquele fantasma terrível, aquele homem fatal, o amante de outrora, desaparecera sem deixar traços. A aparição temível tornava-se um boneco ridículo que se trancava a chave. Grúchenhka tem vergonha e adivinha em seus olhos quem é que ela ama. Bastaria agora viver, e é impossível, oh! maldição! “Meu Deus, ressuscita aquele que jaz perto da paliçada! Afasta de mim esse cálice amargo! Porque Tu praticaste milagres para pecadores como eu! E se o velho vive ainda? Oh! então, lavarei a vergonha que pesa sobre mim, restituirei o dinheiro roubado, vou arrancá-lo de sob a terra… A infâmia só terá deixado traços em meu coração para sempre. Mas esses são sonhos impossíveis! Oh! maldição!”

Um raio de esperança aparecia-lhe, no entanto, nas trevas. Correu para o quarto, para ela, para sua rainha por toda a eternidade. “Uma hora, um minuto de seu amor não valem o resto da vida, ainda mesmo nas torturas da vergonha? Vê-la, a sós, ouvi-la, não pensar em nada, esquecer tudo, pelo menos nesta noite por uma hora, um instante!” Ao tornar a entrar, encontrou o hospedeiro Trifon Borísovitch que lhe pareceu sombrio e preocupado.

— Então, Borísovitch, estavas à minha procura?

— Não — o hospedeiro pareceu constrangido —, por que haveria de procurá-lo? Onde estava o senhor?

— Por que estás tão carrancudo? Estarias zangado? Espera, vais poder deitar-te… Que horas são?

— Já deve passar de três horas,

— Vamos acabar, vamos acabar.

— Mas não adianta nada. Enquanto o senhor quiser…

— Que há? — pensou Mítia, correndo para a sala de dança.

Grúchenhka não estava mais ali. No quarto azul Kolgánov dormitava sobre o divã. Mítia olhou por trás das cortinas. Sentada sobre uma mala, com a cabeça inclinada sobre o leito, ela chorava copiosomente, esforçando-se por abafar seus soluços. Fez sinal a Mítia para se aproximar e tomou-lhe a mão.

— Mítia, Mítia, eu o amava! Não cessei de amá-lo durante cinco anos. Era a ele que eu amava ou ao meu rancor? Era a ele, oh! era a ele! Menti, dizendo o contrário?… Mítia, eu tinha dezessete anos então, ele era tão terno, tão alegre, cantava-me canções… ou então assim me parecia a mim, meninota tola. Agora, meu Deus, não é mais absolutamente o mesmo. Seu rosto mudou, não o reconhecia. Ao vir aqui, pensava todo o tempo: "Como irei abordá-lo, que lhe direi, que olhares trocaremos?"… Minha alma desfalecia… e foi como se recebesse um balde d'água suja. Parecia um professor sisudo. Cheguei a ficar boba. Pensei a princípio que a presença de seu comprido camarada o constrangia. Pensei ao olhá-los: por que não acho nada para dizer-lhe? Sabes, foi a mulher dele que o estragou, a tal pela qual me abandonou… Ela o metamorfoseou, Mítia, que vergonha! Oh! que vergonha sinto, Mítia, vergonha por toda a minha vida! Malditos sejam esses cinco anos!

Desfez-se de novo em lágrimas, sem largar a mão de Mítia.

— Mítia, meu querido, não te vás, quero dizer-te uma coisa — murmurou ela, erguendo a cabeça. — Escuta, dize-me a quem amo. Amo alguém aqui, quem é? — Um sorriso brilhou em seu rosto cheio de lágrimas. — À entrada dele, meu coração desfaleceu: "Tola, eis aquele a quem amas", disse meu coração. Tu apareceste e tudo se iluminou. De quem ele terá medo? — pensei. Porque tu tinhas medo, não podias falar. Não é deles que ele tem medo, disse a mim mesma. Haverá homem que lhe cause medo? Eu só é que causo, eu só. Porque Fiénia te contou, bobinho, o que gritei a Aliócha pela janela: amei Mítia durante uma hora e parto para amar… outro, Mítia, como pude

pensar que amaria outro depois de ti? Perdoas-me, Mítia? Amas-me? Tu me amas?

Levantou, pôs as mãos nos ombros dele. Mudo de felicidade, ele lhe contempla os olhos, o sorriso; de repente, apertou-a em seus braços.

— Tu me perdoas o ter-te feito sofrer? Era por maldade que eu vos torturava a todos. Foi por maldade que enlouqueci o velho… Lembras-te do copo que partiste em minha casa? Lembrei-me disso e fiz o mesmo hoje bebendo ao "meu coração vil". Mítia, por que não me beijas? Depois de um beijo tu me olhas, tu me escutas… Para que escutar-me? Beija-me com mais força, assim. Não se deve amar pela metade! Serei agora tua escrava, tua escrava por toda a vida! É doce ser escrava! Beija-me! Faze-me sofrer, faze de mim o que quiseres… Oh! é preciso fazer-me sofrer… Para, espera, depois, não quero assim… — E ela o repeliu, de repente. — Vai-te, Mítia, vou beber, quero embriagar-me, dançarei bêbeda, quero, eu quero.

Libertou-se dele e saiu. Mítia seguiu-a, cambaleando. "Aconteça o que acontecer, não importa, daria o mundo inteiro por este instante", pensava ele. Grúchenhka bebeu dum trago um copo de champanhe que a aturdiu. Sentou numa cadeira, sorrindo de felicidade. Suas faces coloriram-se, sua vista turvou-se, seu olhar apaixonado fascinava. O próprio Kolgánov ficou encantado e aproximou-se dela.

— Sentiste quando te beijei ainda há pouco, enquanto dormias? — murmurou ela. — Estou bêbeda agora, e tu? Por que não bebes, Mítia? Eu bebi…

— Já estou embriagado… de ti e quero ficar bêbedo de vinho. — Bebeu ainda um copo e — isto pareceu-lhe estranho — esse derradeiro copo embriagou-o de repente, a ele que suportara a bebida até então. A partir daquele momento, tudo girou em torno dele, como no delírio. Andava, ria, falava a todo mundo, não se conhecia mais. Só um sentimento ardente se manifestava nele por momentos "como brasa na alma", lembrou-se ele mais tarde. Aproximava-se dela, contemplava-a, escutava-a… Ela se tornou bastante loquaz, chamando todos, atraindo alguma moça do coro, que mandava embora depois de tê-la beijado,

ou por vezes com um sinal da cruz. Estava a ponto de chorar. O "velhinho", como chamava a Maksímov, divertia-a bastante. A cada instante ele vinha beijar-lhe a mão, e acabou por dançar de novo, acompanhando-se de uma velha canção de estribilho arrebatante:

O porco, gru, gru, gru,
A bezerra mé, mé, mé,
O pato coen, coen,
O ganso, quá, quá, quá,
No quarto a franga corria,
Có, có, có, cantando ia.

— Dá-lhe alguma coisa, Mítia, ele é pobre. Ah! os pobres, os ofendidos!… Sabes tu, Mítia, quero entrar para um convento. É sério, irei algum dia. Vou me lembrar toda a vida do que me disse Aliócha hoje. Dancemos agora. Amanhã, no convento, hoje, no. baile. Quero fazer loucuras, boa gente, Deus o perdoará. Se eu fosse Deus, perdoaria a todo mundo: "Meus caros pecadores, perdoo a todos". Irei implorar meu perdão: "Perdoai a uma tola, boa. gente". Sou uma besta feroz, eis o que sou. Mas quero rezar. Dei uma pequena cebola. Uma miserável como eu quer rezar! Mítia, não os impeça de dançarem. Todo mundo é bom, sabes? Todo mundo. A vida é bela, Por mau que se seja, é bom viver… Somos bons e maus ao mesmo tempo… Dizei-me, rogo-vos, por que sou tão boa? Porque sou tão boa…

Assim divagava Grúchenhka à medida que a embriaguez a dominava. Declarou que queria dançar, levantou-se, cambaleando.

— Mítia, não me dês mais vinho, mesmo se eu pedir. O vinho perturba-me e tudo gira, até mesmo a estufa. Mas quero dançar. Vão ver como danço bem…

Era uma intenção decidida; exibiu um lenço de batista que pegou por uma ponta para agitá-lo ao dançar. Mítia apressou-se, as moças se calaram, prontas a entoar, ao primeiro sinal, a toada da dança russa. Ao saber que Grúchenhka queria dançar, Maksímov lançou um grito de alegria, saltitou diante dela, cantando:

Pernas finas, ancas torneadas,
Cauda em forma de trombeta.

Ela, porém, o afastou com uma rabanada do lenço.

— Psiu! Que todos venham olhar-me. Mítia, chama também os que estão fechados… Por que fechá-los? Dize-lhes que vou dançar, que eles venham ver-me…

Mítia bateu vigorosomente à porta dos poloneses.

— Ei! vocês Povisótski! Saiam! Ela vai dançar e chama-os.

— *Laidak!* — resmungou um dos poloneses.

— E tu és mais que um *laidak*, és um canalha!

— Por que o senhor não para de mexer com a Polônia? — observou gravemente Kolgánov, igualmente bêbedo.

— É bom, meu rapaz! Mas o que eu disse dirige-se a ele e não à Polônia. O miserável não a representa. Cala-te, meu bonitote, come bombons.

— Que criaturas! Por que eles não querem fazer a paz? — murmurou Grúchenhka, que avançou para dançar. O coro repercutiu. Ela entreabriu os lábios, agitou seu lenço e, depois de ter balanceado, parou no meio da sala.

— Não tenho forças… — murmurou ela, com voz extinta. — Desculpem-me, não posso… perdão.

Saudou o coro, fez reverências à direita e à esquerda.

— Ela bebeu, a bonita senhora — disseram vozes.

— A madame tomou um pileque — explicou; com uma risadinha, Maksímov às moças.

— Mítia, leva-me… toma-me…

Mítia ergueu-a em seus braços e foi depositar seu precioso fardo sobre o leito. “Agora, vou-me embora”, pensou Kolgánov, e, deixando a sala, fechou atrás de si a porta do quarto azul. Mas nem por isso deixou a festa de continuar cada vez mais barulhenta. Grúchenhka

estava deitada, Mítia colou seus lábios aos dela.

— Deixa-me — implorou ela —, não me toques antes que eu seja tua… Disse que seria tua…, poupa-me… Perto dele, é impossível, causa-me horror isto.

— Obedeço! Nem mesmo em pensamento… Respeito-te! Sim, é repugnante aqui. — Sem afrouxar seu abraço, ajoelhou-se junto do leito.

— Muito embora sejas violento, sei que és nobre… É preciso que seja honestamente doravante… Sejamos honestos e bons, não nos assemelhemos aos animais… Leva-me para bem longe, entendes?… Não quero aqui, mas longe, longe…

— Sim, sim. — Mítia apertou-a. — Vou te levar, partiremos… Oh! daria toda a minha vida por um ano contigo, só para nada saber desse sangue.

— Que sangue?

— Nada — e Mítia rangiu os dentes. — Grucha, queres que seja honestamente, mas sou um ladrão, Roubei Katka. Oh! vergonha! oh! vergonha!

— Katka? Aquela senhorita? Não, nada lhe tomaste. Reembolsa-a, toma meu dinheiro… Por que gritas? Tudo quanto me pertence é teu. De que serve o dinheiro? Nós o gastamos sem poder impedir-nos disso. Iremos de preferência cavar a terra. É preciso trabalhar, entendes? Aliócha assim ordenou. Não serei tua amante, mas tua mulher, tua escrava, trabalharei para ti. Iremos cumprimentar a senhorita, pedir-lhe perdão, e partiremos. Se ela recusar, tanto pior. Entrega-lhe seu dinheiro e ama-me. Esquece-a. Se a amas ainda, a estrangulo… Vou lhe furar os olhos com uma agulha…

— É a ti que amo, a ti somente. Vou te amar na Sibéria.

— Por que na Sibéria? Pois seja, na Sibéria, se quiseres. Que me importa?… Trabalharemos… há neve… Gosto de viajar sobre a neve… e o tintineio da sineta… Estás ouvindo? Uma sineta tilinta…

Onde é? Viajantes que passam… parou.

Fechou os olhos e pareceu adormecer. Uma sineta, com efeito, havia tilintado ao longe. Mítia reclinou a cabeça sobre o peito de Grúchenhka. Não reparava que a campainha tinha cessado de tilintar e que às canções e ao tumulto havia sucedido na casa um silêncio de morte. Grúchenhka abriu os olhos.

— Que há? Dormi? Ah! sim, a sineta… Sonhei que viajava sobre a neve… a sineta tilintava e adormeci. Íamos os dois juntos, longe, longe. Beijava-te, apertava-me contra ti, tinha frio e a neve cintilava… Não sabes como ela cintila ao clarão da lua? Acreditava viver noutro lugar que não na terra… Desperto, meu bem-amado, junto de ti. Que bom!

— Perto de ti — murmurou Mítia, cobrindo de beijos o peito e as mãos de sua amada. De repente pareceu-lhe que ela olhava diretamente à sua frente, por cima de sua cabeça, com um olhar estranhamente fixo. A surpresa, quase o terror, pintou-se em seu rosto.

— Mítia, quem é esse que está nos olhando? — cochichou ela. Mítia voltou-se e viu alguém que havia afastado as cortinas e os examinava. Ficou em pé e avançou vivamente para o indiscreto.

— Venha cá, peço-lhe — disse uma voz decidida.

Mítia saiu de trás das cortinas *e* parou. O quarto estava cheio de novos personagens, Mítia sentiu um arrepio na espinha, estremeceu. Reconhecera todos imediatamente. Aquele velho de elevada estatura, de sobretudo, com uma insígnia no casquete de seu uniforme, é o *isprávnik* Mikhail Makáritch. Aquele janota tuberculoso, de botas irreprocháveis, é o suplente. Tem um cronômetro de quatrocentos rublos, ele o mostrou. Aquele rapaz de óculos, baixinho… Mítia esqueceu seu nome, mas conhece-o, viu-o: é o juiz de instrução, que acaba de sair da Escola de Direito. Este aqui, é o *stanovoi*, Mavriki Mavrikitch, um de seus conhecidos. E aqueles, com suas placas de metal, que fazem? E depois dois mujiques… Ao fundo, perto da porta, Kolgánov e Trifon Borísovitch…

— Senhores… Que há, senhores? — proferiu a princípio Mítia,

que, de repente, prosseguiu com voz forte:

— Com-pre-endo!

O rapaz de óculos aproximou-se dele e disse com ar importante, mas com um pouco de pressa:

— Temos de dizer-lhe… numa palavra, peço-lhe que venha aqui, perto do divã… E necessário que tenhamos uma explicação.

— O velho! — exclamou Mítia, exaltado. — O velho ensanguentado!… Compreendo!

E deixou-se cair sobre uma cadeira.

— Compreendes? Compreendeste? Parricida, monstro, o sangue de teu velho pai grita contra ti! — berrou de repente o velho *isprávnik*, aproximando-se de Mítia. Estava fora de si, vermelho, trêmulo de cólera.

— Mas é impossível, Mikhail Makáritch! — exclamou o rapaz baixinho. — Não é assim, não é assim?… Não teria jamais esperado semelhante coisa do senhor!…

— Mas está delirando, senhores, delirando! — continuou o *isprávnik*. — Olhem-no: à noite, bêbedo em companhia de uma mulher perdida, manchado do sangue de seu pai… Está delirando!…

— Rogo-lhe instantemente, meu caro Mikhail Makáritch, que modere seus sentimentos — gaguejou o suplente, senão serei obrigado a tomar…

O pequeno juiz de instrução interrompeu-o e proferiu com voz firme e grave:

— Senhor tenente reformado Karamázov, devo declarar-lhe que o senhor é acusado de ter matado seu pai, Fiódor Pávlovitch, assassinado esta noite.

Acrescentou alguma coisa, o suplente fez o mesmo, mas Mítia escutava sem compreender. Olhava-os a todos com um olhar

estupidificado.

## Livro IX / O processo preparatório

### *I / Inicia sua carreira o funcionário Pierkhótin*

Piotr Ilitch Pierkhótin, que deixamos batendo com todas as suas forças no portão da Casa Morózova, acabou naturalmente fazendo que lhe abrissem. Ouvindo tamanho barulho, Fiénia, ainda mal reposta de seu terror, quase teve uma crise de nervos: imaginou que era Dimítri Fiódorovitch que voltava (se bem que tivesse assistido à sua partida), porque só ele podia bater tão insolentemente. Correu para o porteiro, que despertara com o barulho, e suplicou-lhe que não abrisse. Mas ele, quando soube o nome do visitante e seu desejo de ver Fiedóssia Márkovna para tratar de um negócio importante, decidiu deixá-lo entrar. Piotr Ilitch pôs-se a interrogar a moça e descobriu logo o fato mais importante: ao lançar-se à procura de Grúchenhka, Dimítri Fiódorovitch levara um pilão e voltara de mãos vazias, mas ensanguentadas. "O sangue pingava", exclamou Fiénia, imaginando na sua perturbação aquela horrenda circunstância. Piotr Ilitch vira aquelas mãos e ajudara a lavá-las; não se tratava de saber se tinham secado rapidamente, mas se Dimítri Fiódorovitch tinha ido verdadeiramente à casa de seu pai com o pilão, e donde se podia concluir isso. Piotr Ilitch insistiu neste ponto e, muito embora nada haja em suma sabido de certo, ficou quase convencido de que Dimítri Fiódorovitch só pudera ter ido à casa de seu pai e que, por consequência, deveria ter-se passado lá alguma coisa. "Quando ele voltou — acrescentou Fiénia — e quando lhe confessei tudo, perguntei-lhe: Dimítri Fiódorovitch, por que tem o senhor as mãos em sangue? Respondeu-me que era sangue humano e que acabara de matar alguém. Assim confessou, arrependendo-se, depois saiu correndo como um louco. Pus-me a pensar: onde bem pode ir agora? Irá a Mókroie matar minha patroa. Corri então à casa dele para suplicar-lhe que a poupasse. Ao passar diante da venda dos Plastunovi, vi-o que ia partir, mas de mãos limpas." (Fiénia notara este detalhe.) A avó confirmou o relato de sua neta. Piotr Ilitch deixou a casa ainda mais perturbado do que quando nela entrara.

Parecia que o mais simples seria agora ir à casa de Fiódor Pávlovitch informar-se se nada acontecera; em caso afirmativo, e uma vez ciente, iria à casa do *isprávnik*. Piotr Ilitch estava bem decidido a isso. Mas a noite estava escura, o portão maciço, conhecia muito pouco Fiódor Pávlovitch; se, à força de bater, lhe abrissem e nada se tivesse passado, no dia seguinte o malicioso Fiódor Pávlovitch iria contar na cidade, como uma anedota, que, à meia-noite, o funcionário Pierkhótin, a quem não conhecia, forçara sua porta para saber se ele, Fiódor, não tinha sido assassinado. Seria um escândalo! Ora, Piotr Ilitch temia o escândalo mais que qualquer coisa. No entanto, o sentimento que o impelia era tão poderoso que depois de ter batido o pé com cólera e haver invectivado a si mesmo, lançou-se noutra direção, para a casa da Senhora Khokhlakova. Se ela respondesse negativamente à pergunta, a respeito dos três mil rublos dados àquela hora a Dimítri Fiódorovitch, iria procurar o *isprávnik*, sem passar em casa de Fiódor Pávlovitch; senão, deixaria tudo para o dia seguinte e voltaria para sua casa. Compreende-se bem que a decisão do jovem de se apresentar às onze horas da noite em casa de conhecida senhora da sociedade, obrigá-la a levantar talvez para fazer-lhe uma pergunta singular, arriscava a provocar um escândalo bem maior que ir pedir informação em casa de Fiódor Pávlovitch. Mas tal é muitas vezes a sorte, sobretudo em semelhantes casos, das decisões das pessoas mais fleumáticas. Piotr Ilitch não estava de todo fleumático naquele momento! Lembrou-se toda a sua vida de como a inquietação insopitável que se apoderara dele degenerou em suplício e arrastou-o contra sua vontade, Bem entendido, injuriou-se durante todo o caminho por causa daquele tolo passo que dava, mas “irei até o fim!”, repetia pela décima vez, rangendo os dentes, e manteve sua palavra.

Soavam onze horas, quando chegou à casa da Senhora Khokhlakova. Penetrou com bastante facilidade no pátio, mas o porteiro não pôde dizer-lhe com certeza se a senhora já estava deitada, Como era costume seu àquela hora. “Faça-se anunciar e verá bem se o recebem ou não.” Piotr Ilitch subiu, mas as dificuldades começaram. O lacaio não queria anunciá-lo; acabou por chamar a arrumadeira. Num tom polido, mas firme, Piotr Ilitch rogou-lhe que dissesse à sua ama que o funcionário Pierkhótin desejava falar-lhe a respeito dum assunto importante, sem o que não se teria permitido

incomodá-la; “anuncie-me, nestes termos”, insistiu ele. Esperou no vestíbulo. A Senhora Khokhlakova já se achava no seu quarto de dormir. A visita de Mítia perturbara-a, pressentia para a noite uma dor de cabeça certa em semelhante caso. Ficou surpresa, mas recusou com irritação receber o jovem funcionário, se bem que a visita de um desconhecido, a semelhante hora, superexcitasse sua curiosidade feminina. Mas Piotr Ilitch teimou desta vez como um mulo; vendo-se repelido, insistiu imperiosamente e fez dizer nos mesmos termos “que se tratava dum assunto muito importante, e que a senhora lamentaria talvez depois não o ter recebido”. A criada de quarto olhou-o com espanto e voltou para levar o recado. A Senhora Khokhlakova ficou estupefata, refletiu, perguntou que aspecto tinha o visitante e soube que estava bem trajado, era jovem e bastante polido. Notemos, de passagem, que Piotr Ilitch era belo rapaz e sabia disso. A Senhora Khokhlakova decidiu aparecer. Estava em roupão de quarto e de chinelas e lançou um xale preto sobre os ombros. O funcionário foi convidado a entrar no salão. A dona da casa apareceu, com ar interrogador e, sem mandar o visitante sentar, convidou-o a explicar-se.

— Permito-me incomodá-la, minha senhora, a respeito de nosso conhecido comum, Dimítri Fiódorovitch Karamázov — começou Pierkhótin; mal, porém, havia pronunciado este nome, viva irritação pintou-se no rosto de sua interlocutora. Abafou ela um grito e interrompeu-o com cólera:

— Será que haverão de atormentar-me ainda por muito tempo com tão horrível personagem? Como ousou o senhor incomodar uma dama a quem não conhece, a semelhante hora… para lhe falar de um indivíduo que, aqui mesmo, há três horas, veio assassinar-me, bateu com o pé e saiu duma maneira escandalosa? Saiba, senhor, que darei queixa contra o senhor; queira retirar-se imediatamente… Sou mãe, vou… eu…

— Então queria ele matá-la também?

— Será que ele já matou alguém? — perguntou impetuosamente a Senhora Khokhlakova.

— Queira conceder-me um minuto de atenção, minha senhora, e lhe explicarei tudo — respondeu com firmeza Pierkhótin. — Hoje, às cinco horas da tarde, o Senhor Karamázov me pediu emprestados dez rublos, na qualidade de amigo, e sei positivamente que ele estava sem dinheiro; às nove horas, foi à minha casa tendo na mão um maço de cédulas de cem rublos, para cerca de dois ou três mil rublos. As mãos e o rosto ensanguentados, tinha o ar de um louco. À minha pergunta, donde provinha tanto dinheiro, respondeu textualmente que o recebera da senhora e que a senhora lhe adiantava uma soma de três mil rublos para que ele partisse em busca de minas de ouro…

O rosto da Senhora Khokhlakova exprimiu uma emoção súbita.

— Meu Deus! Foi o seu velho pai que ele matou! — exclamou ela, juntando as mãos. — Não lhe dei o dinheiro, absolutamente! Oh! corra, corra!… Não diga mais nada! Salve o velho, corra à casa do pai dele!

— Permita, minha senhora, com que então não lhe deu o dinheiro? Está bem certa de não lhe ter dado nenhuma soma?

— Nenhuma, nenhuma. Recusei, porque ele não sabia apreciar. Partiu furioso, batendo os pés. Lançou-se contra mim, recuei… Imagine — porque nada quero ocultar-lhe — que cuspiu em cima de mim! Mas por que ficar de pé? Sente… Desculpe-me, eu… Ou antes corra a salvar aquele desgraçado velho de uma morte horrível!

— Mas se já o matou?

— Com efeito, meu Deus! Que vamos fazer agora? Que pensa o senhor que é preciso fazer?

Entretanto fizera Piotr Ilitch sentar e tomara lugar em frente dele. Este expôs-lhe brevemente os fatos de que fora testemunha, contou sua recente visita à casa de Fiénia e falou do pilão. Todos esses detalhes transtornaram a dama que lançou um grito e pôs a mão diante dos olhos.

— Imagine o senhor que pressenti tudo isso! É um dom que tenho, todos os meus pressentimentos se realizam. Quantas vezes

tenho olhado para aquele terrível homem pensando: acabará matando-me. E eis que aconteceu… Ou antes, se não me matou agora como a seu pai, foi graças a Deus que me protegeu; além do mais, teve vergonha, porque eu lhe havia amarrado ao pescoço, aqui mesmo, uma pequena imagem, proveniente das relíquias de Santa Bárbara, mártir… Estive bem perto da morte naquele minuto. Tinha-me aproximado completamente dele que me estendia o pescoço! Sabe o senhor, Piotr Ilitch (o senhor disse, creio, que é esse o seu nome), não creio nos milagres, mas aquela imagem, aquele milagre evidente em meu favor, isto me impressiona e recomeço a crer em não importa o quê. Ouviu falar do *stáriets* Zósima?… Aliás, não sei o que digo… Imagine que ele cuspiu em mim com aquela imagem no pescoço… Cuspiu somente, sem matar-me, e… e eis para o que ele correu! Que vamos fazer agora? Que pensa o senhor?

Piotr Ilitch levantou-se e declarou que ia à casa do *isprávnik* contar tudo e este agiria como lhe conviesse.

— Ah! É um homem excelente, conheço Mikhail Makárovitch. Vá ter com ele sem falta. Como o senhor é engenhoso, Piotr Ilitch! No seu lugar, jamais teria pensado nisso!

— Tanto mais que me acho eu mesmo em bons termos com o *isprávnik* — observou Piotr Ilitch, visivelmente desejoso de escapar àquela dama expansiva que não o deixava despedir-se.

— Sabe duma coisa? Venha contar-me o que tiver visto e sabido… as verificações… o que se fará dele… Diga-me, a pena de morte não existe entre nós? Venha sem falta, ainda mesmo às três horas da manhã, até mesmo às quatro… Mande acordar-me, sacudir-me, se não me levantar… Aliás, não dormirei, sem dúvida. E se eu o acompanhasse?

— N…ão, mas se certificar por escrito, para o que der e vier, que não deu o dinheiro a Dimítri Fiódorovitch, isto poderia servir… na ocasião…

— Decerto! — aprovou a Senhora Khokhlakova, lançando-se para sua escrivaninha. — Sabe? Estou impressionada e confundida com a sua engenhosidade, a sua perícia nessas questões… Serve aqui? Isto

me causa grande prazer…

Enquanto falava, tinha, à pressa, traçado as seguintes poucas linhas, em letras graúdas:

> Jamais emprestei três mil rublos ao desditoso Dimítri Fiódorovitch Karamázov, nem hoje, nem antes! Juro-o pelo que há de mais sagrado.
>
> Khokhlakova.

— Pronto, aqui está! — disse ela, voltando-se para Piotr Ilitch. — Vá, salve sua alma. É um grande feito que o senhor pratica.

Fez sobre ele três vezes o sinal da cruz e reconduziu-o até o vestíbulo.

— Quanto lhe sou grata! O senhor não pode imaginar como lhe sou grata por ter vindo em primeiro lugar procurar-me. Como é possível que não nos tenhamos jamais encontrado? Terei muito prazer em recebê-lo doravante, Causa-me prazer saber que o senhor serve aqui… e com tal exatidão, tanta engenhosidade… Mas devem apreciá-lo, compreendê-lo, enfim, e tudo quanto eu puder fazer pelo senhor, esteja certo… Oh! gosto da mocidade, sou doida por ela! As pessoas jovens são a esperança de nossa infeliz Rússia de hoje… Vá, vá!

Mas Piotr ilitch já se havia escapulido, ou ela não o teria deixado partir tão depressa. Aliás, a Senhora Khokhlakova causara nele uma impressão bastante agradável, que amenizava mesmo sua apreensão de estar metido num negócio tão escabroso. Sabe-se que os gostos variam muito. “E ela não é lá tão idosa”, pensava ele com satisfação, “pelo contrário, a teria tomado por sua filha.”

Quanto à Senhora Khokhlakova, estava simplesmente encantada. “Uma tal habilidade, uma tal precisão em um homem tão jovem, com suas maneiras e seu exterior… Pretende-se que os jovens de hoje não prestam para nada, eis um exemplo, etc.” Tanto que ela se esqueceu até “daquele horrendo acontecimento”; uma vez deitada, somente, é que se lembrou de “quão perto da morte estivera” e murmurou: “Ah! é horrível, horrível!”. Mas adormeceu logo num sono profundo, Não me teria, aliás, estendido sobre detalhes tão insignificantes, se esse encontro singular do jovem funcionário com uma viúva ainda

frescalhota não tivesse influído, posteriormente, sobre toda a carreira daquele rapaz metódico. Recorda-se isso mesmo com espanto em nossa cidade e diremos talvez uma palavra respeito, ao terminar a longa história dos irmãos Karamázovi.

## *II / O alarme*

Nosso *isprávnik* Mikhail Makárovitch, tenente-coronel reformado, que se tornara conselheiro de corte, era um honrado homem. Estabelecido em nossa cidade havia três anos apenas, conseguira atrair para ele a simpatia geral porque "sabia reunir a sociedade". Havia sempre gente em casa dele, fosse apenas uma ou duas pessoas para jantar. Não teria podido viver sem isso. Os pretextos mais variados motivavam os convites. A comida não era fina, mas abundante, os pastéis de peixe excelentes, a quantidade dos vinhos compensava-lhes a mediocridade. Na primeira sala encontrava-se um bilhar, com cavalos de corrida inglêses enquadrados em molduras negras nas paredes, o que constitui, como se sabe, o ornamento necessário de todo bilhar em casa dum celibatário. Todas as noites jogava-se baralho. Mas muitas vezes a melhor sociedade de nossa cidade reunia-se para dançar, as mães com suas filhas. Mikhail Makárovitch, embora viúvo, vivia em família, com sua filha viúva e suas duas netas. Estas, que tinham terminado seus estudos, eram bastante gentis e alegres e, se bem que sem dote, atraíam para a casa de seu avô a juventude mundana. Em negócios, Mikhail Makárovitch era bastante limitado, mas exercia suas funções tão bem quanto muitos outros. Para falar a verdade, era um homem pouco instruído e até mesmo descuidado na sua maneira de compreender suas atribuições. Tinha vistas curtas a respeito de certas reformas do presente reinado, não por incapacidade, mas por indolência, não achando tempo para estudá-las. "Tenho mais alma de militar que de civil", dizia, falando de si mesmo. Não tinha ainda uma ideia nítida das bases da reforma do camponês que aprendia a conhecer pouco a pouco, pela prática e malgrado seu; no entanto, era ele próprio proprietário rural. Piotr Ilitch estava certo de encontrar naquela noite visitas em casa de Mikhail Makárovitch. Achavam-se em casa dele, jogando baralho, o procurador e o jovem médico do *ziémstvo*, Varvínski, recentemente chegado de Moscou, onde obtivera o lugar de um dos primeiros alunos da Escola de

Medicina. O procurador — isto é, o suplente, mas todos o chamavam assim — Ipolit Kirílovitch era um homem especial, ainda jovem, com trinta e cinco anos, mas predisposto à tuberculose, casado com uma mulher obesa e estéril, cheio de amor-próprio, irascível, tendo ao mesmo tempo sólidas qualidades. Por desgraça, tinha uma ideia exagerada de seus méritos, o que o fazia parecer constantemente inquieto. Tinha mesmo pendores artísticos, certa penetração psicológica aplicada aos criminosos e ao crime. Neste sentido, considerava-se como lesado e vítima de preterições, estando sempre persuadido de que não o apreciavam segundo seu valor nas altas esferas e que tinha inimigos. Nas horas de desencorajamento, ameaçava mesmo tornar-se advogado criminal. O caso Karamázov galvanizou-o inteiramente: "Um caso que podia apaixonar a Rússia!". Mas estou antecipando.

Na sala contígua achava-se, com as senhoritas, o jovem juiz de instrução Nikolai Parfiénovitch Nieliúdov, chegado havia dois meses de Petersburgo. Causou espanto mais tarde que esses personagens se tivessem reunido como que de propósito na noite do "crime", na casa do poder executivo. Entretanto, não havia nada naquilo que não fosse bastante natural: a mulher de Ipolit Kirílovitch estava com dor de dentes desde a véspera e ele precisava subtrair-se de suas queixas; o médico só podia passar o serão jogando baralho. Quanto a Nikolai Parfiénovitch Nieliúdov, projetara fazer visita naquela noite a Mikhail Makárovitch, como que por acaso, a fim de surpreender sua filha mais velha, Olga Mikháilovna, que fazia anos: conhecia seu segredo, porque, segundo ele, ela queria esconder isso para não convidar a dançar. Isto se prestava a alusões zombeteiras à idade dela que temia revelar; amanhã ele falaria a todo mundo, etc. Aquele gentil rapaz era, a este respeito, um grande descarado, assim o tinham denominado nossas damas, e ele não se queixava disso. Pertencente à melhor sociedade, de família distinta, bem educado, era aquele gozador inofensivo e sempre correto. De baixa estatura e compleição delicada, trazia sempre em seus dedos delgados alguns grossos anéis. No exercício de seu cargo, tornava-se muito grave, tendo uma alta ideia de seu papel e de suas obrigações. Sabia sobretudo confundir, por ocasião dos interrogatórios, os assassinos e outros malfeitores da ralé, e suscitava neles certo espanto, senão respeito por sua pessoa.

Ao chegar em casa do *isprávnik*, ficou Piotr Ilitch estupefato por ver que todos estavam informados. Com efeito, tinham cessado de jogar, e discutiam a notícia, Nikolai Parfiénovitch tinha mesmo um ar belicoso. Piotr Ilitch soube com estupor que o velho Fiódor Pávlovitch fora efetivamente assassinado naquela noite em sua casa, assassinado e roubado. Tinham acabado de saber da seguinte maneira:

Marfa Ignátievna, a mulher de Grigóri, malgrado o sono profundo em que estava mergulhada, despertou de repente, sem dúvida aos gritos de Smierdiákov, que jazia no quartinho vizinho. Jamais pudera habituar-se àqueles gritos do epiléptico, precursores da crise e que a apavoravam. Ainda semiadormecida, levantou-se e entrou no quarto de Smierdiákov. No escuro, ouvia-se o doente estertorar, debater-se. Tomada de medo, chamou seu marido, mas refletiu que, ao levantar-se, não vira seu marido a seu lado na cama. Voltou a tatear o leito: estava vazio. Correu para o patamar e chamou-o timidamente. Como resposta, ouviu, no silêncio notumo, gemidos distantes. Prestou atenção: os gemidos repetiram-se; partiam mesmo do jardim. “Meu Deus, parecem os gemidos de Lisavieta Smierdiáchtchaia!” Desceu e percebeu que a portinha do jardim estava aberta: “Deve estar !á, o coitado!”. Aproximou-se e ouviu Grigóri chamá-la distintamente: “Marfa! Marfa!”, com uma voz fraca e dolorida. “Meu Deus, preservai-nos!”, murmurou Marfa que se lançou na direção de Grigóri.

Encontrou-o a vinte passos da paliçada, onde ele caíra. Tendo voltado a si, tivera de arrastar-se muito tempo, perdendo várias vezes os sentidos. Ela notou logo que ele estava todo ensanguentado e pôs-se a gritar. Grigóri murmurava fracamente palavras entrecortadas: “Matou… matou o pai… Por que gritas, idiota?… Corre, chama…”. Marfa Ignátievna não se acalmava; de repente, vendo a janela de seu patrão aberta e iluminada, correu para lá e pôs-se a chamar Fiódor Pávlovitch. Mas tendo olhado para dentro do quarto, um horrível espetáculo se ofereceu: jazia ele de costas, inerte. Seu roupão claro e sua camisa branca estavam inundados de sangue. A vela, que ficara em cima da mesa, iluminava vivamente o rosto do morto. Aterrorizada, Marfa Ignátievna saiu correndo do jardim, abriu o portão e precipitou-se em casa de Maria Kondrátievna. As duas vizinhas, a mãe e a filha, dormiam; as pancadas redobradas batidas

nos postigos despertaram-nas. Com palavras incoerentes, Marfa Ignátievna contou-lhes a coisa e chamou-as em socorro. Como que de propósito, dormia em casa delas naquela noite o vagabundo Fomá. Fizeram-no levantar imediatamente e todos acorreram ao local do crime. Em caminho, Maria Kondrátievna lembrou-se de ter ouvido, cerca das nove horas, um grito agudo. Era precisamente o: "Parricida!", de Grigóri, quando havia agarrado pela perna Dimítri Fiódorovitch, que já subira na paliçada. Chegadas junto de Grigóri, as duas mulheres, com a ajuda de Fomá, transportaram-no para o pavilhão. À luz, verificou-se que Smierdiákov continuava presa de sua crise, os olhos revirados, a espuma nos lábios. Lavaram a cabeça do ferido com água e vinagre, o que o reanimou completamente. Sua primeira pergunta foi para saber se Fiódor Pávlovitch ainda estava vivo. As duas mulheres e Fomá voltaram ao jardim e viram que não somente a janela, mas a porta da casa estava escancarada, quando havia uma semana que o *bárin* se fechava a duas voltas todas as noites e nem mesmo a Grigóri permitia que batesse sob qualquer pretexto. Não ousaram entrar com medo de atraírem complicações. Por ordem de Grigóri, Maria Kondrátievna correu à casa do *isprávnik* a dar o alarme. Precedeu de cinco minutos Piotr Ilitch, de sorte que este chegou como testemunha ocular, confirmando pela sua narrativa as suspeitas contra o presumido autor do crime (o que ele havia recusado acreditar até então, no fundo de seu coração).

Resolveu-se agir energicamente. As autoridades judiciárias dirigiram-se aos locais e procederam a uma investigação. O médico do *ziémstvo*, um novato, ofereceu-se a acompanhá-las. Resumo os fatos: Fiódor Pávlovitch tinha a cabeça partida, mas com que arma? Provavelmente a mesma que servira em seguida para golpear Grigóri. Este, depois de ter recebido os primeiros cuidados, fez, malgrado sua fraqueza, um relato bastante lógico do que lhe acontecera. Procurando-se com uma lanterna perto da paliçada, encontrou-se numa aleia, bem em vista, o pilão de cobre. Não havia desordem alguma no quarto de Fiódor Pávlovitch, exceto ter-se encontrado, por trás do biombo, perto do leito, um envelope de grande formato, em papel forte, com os dizeres: "Três mil rublos para meu anjo, Grúchenhka, se ela quiser vir". Mais embaixo, Fiódor Pávlovitch acrescentara: "e para minha franguinha". O envelope, que trazia três

grandes sinetes em cera vermelha, estava rasgado e vazio. Encontrou-se no chão a fita cor-de-rosa que o amarrava. No depoimento de Piotr Ilitch, uma coisa atraiu a atenção dos magistrados: a suposição de que Dimítri Fiódorovitch se suicidaria na manhã seguinte, segundo suas próprias palavras, a pistola carregada, o bilhete que escrevera, etc. Como Piotr Ilitch, incrédulo, o ameaçasse duma denúncia para impedi-lo disso, replicara Mítia, sorrindo: "Não terás tempo". Era preciso, pois, apressarem-se a ir a Mókroie para apanhar o criminoso antes que ele pusesse fim a seus dias. "Está claro, está claro", repetia o procurador superexcitado, "semelhantes cabeças loucas agem sempre assim: fazem a farra antes de morrer." O relato das compras de Dimítri acalorou-o ainda mais. "Lembrem-se, senhores, de que o assassino do comerciante Olsúfiev, que se apoderou de mil e quinhentos rublos, teve como primeiro cuidado mandar frisar os cabelos, depois ir à casa das mulheres, sem se dar ao trabalho de ocultar o dinheiro." Mas o inquérito, as formalidades exigiam tempo, assim despachou-se para Mókroie o *stanovói* Mavríki Mavríkitch Chmiertsov, que viera à cidade receber seus vencimentos. Recebeu como instruções vigiar discretamente o "criminoso" até a chegada das autoridades competentes, formar uma escolta, etc. Guardando o incógnito, pôs ao corrente de apenas uma parte do caso Trifon Borísovitch, seu velho conhecido. Foi então que Mítia encontrara no alpendre o hospedeiro que o procurava e notara uma mudança na expressão e no tom de Trifon Borísovitch. Mítia e seus companheiros ignoravam pois a vigilância de que eram objeto; quanto ao estojo das pistolas, o hospedeiro havia-o desde muito guardado em lugar seguro. Às cinco horas somente, quase ao romper do dia, chegaram as autoridades, em dois carros. O médico ficara em casa de Fiódor Pávlovitch, para fazer a autópsia e sobretudo porque o estado de Smierdiákov o interessava bastante. "Crises de epilepsia tão violentas e tão prolongadas, durante dois dias, são bastante raras e pertencem à ciência", declarou a seus companheiros por ocasião da partida deles, e estes o felicitaram, rindo, por aquele achado. Afirmara mesmo que Smierdiákov não viveria até o amanhecer:

Depois desta digressão um tanto longa, mas necessária, retomamos nossa narrativa onde a deixamos.

Mítia fitava os presentes com um ar estupidificado, sem compreender o que se dizia. De repente levantou-se, estendeu as mãos no ar e exclamou:

— Não sou culpado! Não derramei o sangue de meu pai… Queria matá-lo, mas sou inocente. Não fui eu!

Apenas ele acabava de falar surgiu Grúchenhka de trás das cortinas e caiu aos pés do *isprávnik*.

— Sou eu, maldita, que sou a culpada — gritou ela, chorando, de mãos estendidas. — Foi por minha causa que ele matou. Aquele pobre velho, que não mais existe, eu o torturei. Sou eu a principal culpada.

— Sim, és tu, criminosa! És uma desavergonhada, uma mulher depravada — vociferou o *isprávnik*, ameaçando-a com o punho. Fizeram-no calar-se imediatamente, o procurador chegou mesmo a agarrá-lo.

— Isto é desordem, Mikhail Makárovitch! O senhor perturba o inquérito… estraga o caso…

Estava quase sufocado.

— É preciso tomar providências… é preciso tomar providências — gritava de seu lado Nikolai Parfiénovitch —, não se pode tolerar isso.

— Julguem-nos juntos! — continuava Grúchenhka sempre de joelhos —, executem-nos juntos, estou pronta a morrer com ele.

— Grucha, minha vida, meu sangue, meu tesouro sagrado! — disse Mítia, ajoelhando-se ao lado dela e abraçando-a. — Não acreditem nela, está inocente, completamente inocente!

Separaram-nos à força, levaram para fora a jovem mulher. Ele desfaleceu e só voltou a si depois, sentado à mesa e cercado das pessoas com placas de metal. Em frente, sobre o divã, achava-se Nikolai Parfiénovitch, o juiz de instrução, que o exortava, da maneira

mais cortês, a beber um pouco d'água: "Isto o refrescará, o acalmará, não tenha medo, não se inquiete." Mítia interessava-se bastante pelos grossos anéis dele, um com uma ametista, o outro com uma pedra amarelo-claro, dum brilho magnífico. Por muito tempo depois ele se lembraria com espanto de que aqueles anéis o fascinavam durante as penosas horas do interrogatório e de que não podia destacar deles os olhos. À esquerda de Mítia achava-se o procurador, à direita, um jovem de jaquetão de caça bastante usado, diante de um tinteiro e papel. Era o secretário do juiz de instrução. Na outra extremidade do quarto, perto da janela, mantinham-se o *isprávnik e* Kolgánov.

— Beba água — repetia docemente, pela décima vez, o juiz de instrução.

— Já bebi, senhores, já bebi… Pois bem! Esmagai-me, condenai-me, decidi minha sorte! — exclamou Mítia, fixando-o.

— Com que então, afirma o senhor estar inocente da morte de seu pai, Fiódor Pávlovitch?

— Inocente! Derramei o sangue do outro velho, mas não o de meu pai. E o deploro! Matei… mas é duro ver-se acusado dum crime horrível que não se cometeu. É uma acusação terrível, senhores, um verdadeiro golpe de maça! Mas quem então matou meu pai? Quem podia matá-lo, senão eu? É prodigioso, é um absurdo impossível!…

— Vou dizer-lhe… — começou o juiz, mas o procurador (chamaremos assim o suplente), depois de ter trocado uma olhadela com ele, disse a Mítia:

— O senhor se atormenta inutilmente a respeito do velho criado Grigóri Vassíliev. Saiba que está vivo. Recuperou os sentidos e, apesar do golpe terrível que o senhor lhe assestou, de acordo com os depoimentos de ambos, escapará com certeza. Tal é pelo menos a opinião do médico.

— Vivo? Está vivo? — exclamou Mítia, de mãos juntas, o rosto radiante. — Meu Deus, rendo-Te graças por esse milagre insigne que concedes ao pecador, ao celerado que sou, à sua prece!… Porque rezei a noite inteira!… — E benzeu-se três vezes.

— Esse mesmo Grigóri prestou a respeito do senhor um depoimento de tal gravidade que… — prosseguiu o procurador, mas Mítia levantou bruscamente.

— Um instante, senhores, por favor, nada mais que um instante. Vou ter com ela…

— Com licença! É impossível agora! — exclamou Nikolai Parfiénovitch que também ficou em pé. Os policiais seguraram Mítia, que tornou a sentar, aliás de bom grado.

— É pena. Queria somente anunciar-lhe que esse sangue que me angustiou a noite inteira está lavado e não sou um assassino! Senhores, é minha noiva! — disse ele, respeitosamente, olhando para todos os circunstantes. — Oh! agradeço-vos! Vós me restituístes a vida… Aquele velho carregou-me nos braços, era ele quem me lavava numa tina, quando eu tinha três anos de idade, quando estava abandonado por todos. Serviu-me de pai!…

— Com que então, o senhor… — prosseguiu o juiz.

— Com licença, senhores, ainda um instante — interrompeu Mítia, pondo os cotovelos sobre a mesa, com o rosto oculto nas mãos — deixai-me concentrar-me, deixai-me respirar. Tudo isso me transtorna, não se bate em cima de um homem como em cima de um tambor, senhores.

— O senhor deveria beber um pouco d'água…

Mítia descobriu o rosto e sorriu. Tinha o olhar vivo e parecia transformado. Suas maneiras também tinham mudado, sentia-se de novo igual àquelas pessoas, seus antigos conhecidos, como se tivessem se encontrado na véspera numa reunião social, antes do acontecimento. Notemos que Mítia havia a princípio sido recebido cordialmente em casa do *isprávnik*, mas que, posteriormente, no derradeiro mês sobretudo, quase cessara de frequentar-lhe a casa. O *isprávnik*, quando o encontrava na rua, por exemplo, fechava a cara e só o cumprimentava por polidez, o que não escapava a Mítia. Conhecia ainda menos o procurador, mas visitava, sem bem saber por quê, sua mulher, senhora nervosa *e* caprichosa; ela o recebia sempre

graciosomente e testemunhava interesse por ele. Quanto ao juiz, conversara duas vezes com ele, a propósito de mulheres.

— O senhor, Nikolai Parfiénovitch, é um juiz de instrução bastante hábil, pelo que vejo — disse alegremente Mítia. — Vou ajudá-lo, aliás. Oh! senhores, ressuscitei… não se formalizem com minha franqueza, tanto mais que estou um pouco bêbedo, confesso. Parece-me ter tido a honra… a honra e o prazer de tê-lo encontrado, Nikolai. Parfiénovitch, em casa de meu parente Miúsov… Senhores, não pretendo igualdade, compreendo minha situação perante os senhores. Pesa sobre mim… se Grigóri me acusa, pesa sobre mim, bem decerto, uma acusação terrível. Compreendo muito bem. Mas, de fato, senhores, estou pronto e em breve poderemos tudo terminar. Se estou seguro de minha inocência, não demorará muito, não é mesmo?

Mítia falava depressa, expansivamente, como se tomasse seus auditores por seus melhores amigos.

— De modo que, anotamos, enquanto esperamos, que o senhor nega formalmente a acusação feita contra o senhor — disse num tom grave Nikolai Parfiénovitch, e ditou a meia voz ao escrivão o necessário.

— Anotar? Quer anotar isso? Pois seja, consinto, dou meu pleno consentimento, senhores… somente, vejam… Espere, escreva isto: é culpado de violências, de ter assestado golpes terríveis em um pobre velho. E depois, no meu foro íntimo, no fundo do coração, sinto-me culpado, mas isto não é preciso escrever, é minha vida privada, senhores, isto não lhes diz respeito, são segredos do coração… Quanto ao assassinato de meu velho pai, sou inocente! É uma ideia monstruosa?… Vou lhes provar, os senhores ficarão convencidos imediatamente. Rirão mesmo de suas suspeitas!…

— Acalme-se, Dimítri Fiódorovitch — disse o juiz. — Antes de prosseguir o interrogatório, quereria, se o senhor consentir em responder, que me confirmasse um fato: o senhor não gostava do defunto, parece, tinha constantes brigas com ele… Aqui, pelo menos, há um quarto de hora, declarou ter tido a intenção de matá-lo: “Não o matei, disse o senhor, mas quis matá-lo!”.

— Disse isso? Oh! bem possível! Sim, várias vezes, quis matá-lo… desgraçadamente!

— O senhor queria. Consente em explicar-nos os motivos desse ódio contra seu pai?

— Que adianta explicar, senhores? — disse Mítia, com ar sombrio, erguendo os ombros. — Não ocultava meus sentimentos, toda a cidade os conhece. Não há muito tempo manifestei-os no mosteiro, na cela do *stáriets* Zósima… Na noite do mesmo dia, bati em meu pai e quase o matei, jurando diante de testemunhas que voltaria para matá-lo. Oh! as testemunhas não faltam, gritei isto durante um mês… O fato é patente, mas os sentimentos são outro negócio. Vejam, senhores, acho que não têm o direito de interrogar-me a respeito. Apesar da autoridade de que estão revestidos, é um negócio íntimo, que só a mim interessa… mas uma vez que não ocultei meus sentimentos antes… falei deles a todo mundo no botequim, então… então não farei disso um mistério agora. Vejam os senhores, compreendo que há contra mim acusações esmagadoras: disse a todos que o mataria e eis que o matam: não serei eu o culpado, em semelhante caso? Ah! ah! ah! Eu os desculpo, senhores, eu os desculpo de toda maneira. Eu mesmo estou estupefato. Quem é, pois, o assassino, neste caso, senão eu? Não é verdade? Se não sou eu, quem é então? Senhores, quero saber, exijo que me digam onde ele foi morto, como, com que arma.

Olhou longamente o juiz e o procurador.

— Nós o encontramos caído no soalho, em seu gabinete, com a cabeça rebentada — disse o procurador.

— É terrível, senhores!

Mítia estremeceu, apoiou os cotovelos na mesa, ocultou o rosto com sua mão direita.

— Continuemos — disse Nikolai Parfiénovitch. — Então, que motivos inspiraram seu ódio? O senhor, creio, declarou em público que ele provinha do ciúme?

— Oh! sim, o ciúme, e outra coisa mais.

— Questões de dinheiro?

— Oh! sim, o dinheiro desempenhava nisso também um papel.

— Tratava-se, creio, de três mil rublos que o senhor não havia recebido de sua herança?

— Como, três mil? Mais, mais de seis mil, mais de dez mil, talvez. Disse-o a todo mundo, gritei-o por toda parte! Mas estava decidido, para pôr termo a tudo, a transigir em três mil rublos. Precisava deles a qualquer preço… de sorte que aquele pacote oculto debaixo de uma almofada e destinado a Grúchenhka, eu o considerava como propriedade minha que me tinha sido roubada, sim, senhores, como me pertencendo.

O procurador trocou uma olhadela significativa com o juiz.

— Voltaremos a isso — disse logo o juiz. — No momento, permita-nos consignar esse ponto, que o senhor considerava o dinheiro encerrado naquele envelope como propriedade sua.

— Escrevam, senhores. Compreendo que é uma nova acusação contra mim, mas isto não me causa medo, acuso-me a mim mesmo. Estão ouvindo? A mim mesmo. Vejam, senhores, creio que os senhores se enganam totalmente a meu respeito — acrescentou, com tristeza. — O homem que lhes fala é leal; cometeu muitas baixezas, mas sempre permaneceu nobre no íntimo de si mesmo… Em uma palavra, não sei exprimir-me… Esta sede de nobreza sempre me atormentou, como a um mártir; eu a buscava com a lanterna de Diógenes, e no entanto só pratiquei vilanias, como nós todos, senhores… isto é, como somente eu, engano-me, eu só é que sou assim!… Senhores, tenho dor de cabeça. Fiquem sabendo que tudo nele me desgostava: seu exterior, não sei que de desonesto, de gabolice e desprezo por tudo quanto é sagrado, palhaçada e irreligião. Mas agora que ele está morto, penso diferente.

— Como assim diferente?

— Não diferente, mas lamento tê-lo detestado tanto.

— Sente remorsos?

— Não, remorsos não, não anotem isto. Eu mesmo, senhores, não brilho nem pela bondade, nem pela beleza; de modo que não tinha o direito de achá-lo repugnante. Podem anotar isto.

Tendo assim falado, Mítia pareceu bastante triste. Tornava-se cada vez mais sombrio à medida que respondia as perguntas do juiz. Foi nesse momento que se desenrolou uma cena inesperada. Se bem que tivessem afastado Grúchenhka, ela se encontrava num quarto próximo daquele onde se realizava o interrogatório, em companhia de Maksímov, abatido e aterrorizado, que se ligava a ela como a uma âncora de salvação. Um mujique com placa de metal guardava a porta. Grúchenhka chorava; de repente, incapaz de resistir a seu pesar, depois de ter gritado: "Desgraça, desgraça!", correu para fora do quarto para o seu bem-amado, tão bruscamente que ninguém teve tempo de detê-la. Mítia, que a havia ouvido, estremeceu, precipitou-se a seu encontro. Mas impediram de novo que se juntassem. Agarraram-no pelos braços; ele se debateu encarniçadamente, sendo precisos três ou quatro homens para contê-lo. Apoderaram-se também de Grúchenhka e ele a viu a estender-lhe os braços, enquanto a levavam. Passada a cena, reencontrou-se ele no mesmo lugar, à mesa, diante do juiz.

— Por que fazê-la sofrer? — exclamou ele. — Ela é inocente!… — O procurador e o juiz esforçaram-se por acalmá-lo. Dez minutos decorreram assim.

Mikhail Makárovitch, que havia saído, tornou a entrar e disse todo comovido:

— Ela está lá embaixo. Permitem, meus senhores, que eu diga uma palavra a esse infeliz? Na presença dos senhores, bem entendido.

— Pois não, Mikhail Makárovitch, não vemos inconvenientes nisso — disse o juiz.

— Dimítri Fiódorovitch, escuta, meu pobre amigo — seu rosto

exprimia uma compaixão quase paternal —, Agrafiena Alieksándrovna encontra-se lá embaixo, com as filhas do hospedeiro, o velho Maksímov não a deixa. Tranquilizei-a, fiz-lhe compreender que tu devias justificar-te, que não se devia perturbar-te, senão agravarias as acusações contra ti, compreendes? Em suma, ela compreendeu, é inteligente e boa, queria beijar-me as mãos, pedindo graça para ti. Foi ela quem me enviou para tranquilizar-te. Preciso dizer-lhe que estás tranquilo a teu respeito. Acalma-te, pois. Sou culpado diante dela, é uma alma cristã, senhores, uma alma terna e inocente. Posso dizer-lhe, Dimítri Fiódorovitch, que estarás calmo?

O bom homem estava comovido pela dor de Grúchenhka, tinha mesmo lágrimas nos olhos. Mítia adiantou-se para ele.

— Perdão, senhores, com licença, peço-lhes. O senhor é um anjo, Mikhail Makárovitch, obrigado por ela. Ficarei calmo, ficarei alegre, diga-lhe isso na sua bondade; vou mesmo pôr-me a rir, sabendo que o senhor vela por ela. Acabarei em breve isto, assim que ficar livre correrei para ela. Que ela tenha paciência! Senhores, vou abrir-lhes meu coração, vamos terminar tudo isto alegremente, acabaremos rindo juntos, não é? Senhores, aquela mulher é a rainha da minha alma! Oh! deixem-me dizer-lhes… Vejo que são corações nobres. Ela aclara e enobrece minha vida. Oh! se os senhores soubessem! Ouviram seus gritos: “irei contigo à morte!”. Que lhe dei eu, eu que nada tenho? Por que tal amor? Eu sou digno, eu, vil criatura, de ser amado a ponto de ela me seguir à prisão? Ainda há pouco, arrastava-se aos pés dos senhores por minha causa, ela tão altiva e inocente! Como não adorá-la, não correr para ela? Senhores, perdoem-me! Agora, eis-me consolado!

Caiu sobre uma cadeira e, cobrindo o rosto com as mãos, começou a soluçar. Mas eram lágrimas de alegria. O velho *isprávnik* parecia encantado, os juízes igualmente; sentiam que o interrogatório entrava numa fase nova. Quando o *isprávnik* saiu, Mítia tornou-se alegre.

— Pois bem, senhores, agora estou a seu dispor. E… não fossem todos esses detalhes e já nos teríamos entendido. Senhores, a seu dispor, mas é preciso que uma confiança mútua reine entre nós, senão

não acabaremos nunca. É pelos senhores que falo. Ao fato, senhores, ao fato! Sobretudo não cascavilhem minha alma, não a torturem com bagatelas, mantenham-se no essencial e lhes darei satisfação. Ao diabo os detalhes!

Assim falou Mítia. O interrogatório recomeçou.

— O senhor não poderia acreditar quanto sua boa-vontade nos reconforta, Dimítri Fiódorovitch — disse Nikolai Parfiénovitch. Seus olhos, de um cinzento-claro e salientes, brilhavam de satisfação. — O senhor falou com razão dessa confiança mútua, indispensável nos negócios de uma tal importância, se o acusado deseja verdadeiramente, espera e pode justificar-se. De nosso lado, faremos tudo quanto de nós depender. O senhor já pôde ver como conduzimos este caso… Está de acordo, Ipolit Kirílovitch?

— Decerto — aprovou o procurador, todavia um pouco secamente em comparação com o outro.

Notemos uma vez por todas que Nikolai Parfiénovitch, desde sua recente entrada em funções, testemunhava profundo respeito pelo procurador, pelo qual sentia simpatia. Era quase o único a acreditar com convicção no notável talento psicológico e oratório de Ipolit Kirílovitch, vítima de injustiças, no que acreditava piamente. Já ouvira falar dele em Petersburgo. Em compensação, o jovem Nikolai Parfiénovitch era o único homem no mundo de quem o nosso mal-aventurado procurador gostava com sinceridade. Em caminho, tinham podido combinar-se a respeito do caso que se anunciava e agora o espírito agudo de Nikolai Parfiénovitch captava no ar e interpretava cada sinal, cada jogo fisionômico de seu colega.

— Senhores, deixem-me contar-lhes as coisas sem me interromperem a propósito de bagatelas. Não será longo — continuou Mítia.

— Muito bem, mas antes de ouvi-lo, permita-nos que constatemos este pequeno fato muito curioso para nós. O senhor pediu emprestados dez rublos ontem à tardinha, às cinco horas, deixando suas pistolas como penhor a seu amigo Piotr Ilitch Pierkhótin.

— Sim, senhores, empenhei-as por dez rublos, quando voltei de viagem. E com isso?

— O senhor voltava de viagem? Tinha deixado a cidade?

— Fora a quarenta verstas da cidade, senhores. Não sabiam disso?

O procurador e o juiz trocaram um olhar.

— O senhor faria bem começando sua narrativa pela descrição metódica de seu dia desde a manhã. Queira dizer-nos, por exemplo, por que se ausentou, o momento de sua partida e de seu regresso…

— Deviam ter-me pedido imediatamente — disse Mítia rindo. — Se quiserem, remontarei a anteontem, então compreenderão o sentido de meus passos. Há dois dias, fui, logo de manhã, à casa do comerciante Samsónov para lhe pedir emprestados três mil rublos com seguras garantias. Precisava dessa soma de repente e o mais depressa possível.

— Com licença — interrompeu num tom polido o procurador —, por que tinha o senhor necessidade de repente de tal soma, precisamente três mil rublos?

— Ah! senhores, quantos detalhes! Como, quando, por que, por qual razão tal soma e não outra? Palavrório, tudo isso. Desse jeito, nem três volumes seriam suficientes, precisaria ainda um epílogo!

Mítia falava com a bonomia familiar de um homem desejoso de dizer toda a verdade e animado das melhores intenções.

— Senhores — prosseguiu ele —, queiram desculpar minha brusquidão, estejam certos de meus sentimentos respeitosos a seu respeito. Não estou mais embriagado. Compreendo a diferença que nos separa: sou aos olhos dos senhores um criminoso que devem vigiar; não me passarão a mão pelos cabelos por causa de Grigóri, não se pode rebentar impunemente a cabeça de um velho. Isto me valerá seis meses ou um ano de prisão, mas sem privar-me de meus direitos civis, não é, senhor procurador? Compreendo tudo isso… Mas confessem que os senhores desconcertariam o próprio Deus com perguntas assim: Aonde foste, como e quando? Por quê? Eu me atrapalharia dessa forma, os senhores anotariam imediatamente, e que resultaria disso? Nada! Afinal, se comecei a mentir, irei até o fim, e os

senhores vão me perdoar, dadas sua instrução e nobreza de seus sentimentos. Para terminar, peço-lhes que renunciem a esses processos oficiais que consistem em fazer perguntas insignificantes: Como levantaste? Que comeste? Onde cuspiste? e estando adormecida a atenção do réu, perturbá-lo, perguntando-lhe: A quem mataste? A quem roubaste? — Ah! ah! Eis o processo clássico dos senhores, eis em que se funda toda a sua astúcia! Empreguem esse ardil com os mujiques, mas não comigo, que compreendo as coisas e já servi! Ah! ah! ah! Não se zanguem, senhores, perdoem meu atrevimento. — Olhava-os com estranha bonomia, — Pode-se ter mais indulgência por Mítia Karamázov do que por um homem de espírito, ah! ah! ah!

O juiz ria. O procurador permanecia grave, não desfitava os olhos de Mítia, observava atentamente seus menores gestos e movimentos de sua fisionomia.

— Contudo — disse Nikolai Parfiénovitch, continuando a rir —, nós não o confundimos a princípio com questões tais como: “De que modo levantou esta manhã? Que comeu?”. Fomos mesmo demasiado depressa no alvo.

— Compreendo, aprecio a bondade dos senhores. Estamos todos três de boa-fé, deve reinar entre nós a confiança recíproca de pessoas do mundo ligadas pela nobreza e pela honra. Em todo o caso, deixem-me olhá-los como meus melhores amigos nestas penosas circunstâncias! Isto não os ofende, não é, senhores?

— Pelo contrário, o senhor diz muito bem, Dimítri Fiódorovitch — aprovou o juiz.

— E os detalhes, senhores, todo esse processo chicanista, vamos desconsiderar! — exclamou Mítia muito exaltado. — Com eles não chegaremos a parte alguma.

— O senhor tem toda a razão — interveio o procurador —, mas mantenho minha pergunta. — É-nos indispensável saber por que o senhor tinha necessidade desses três mil rublos.

— Para uma coisa ou outra… que importa? Para pagar uma dívida.

— A quem?

— Isto recuso absolutamente dizer, senhores! Não é por temor ou timidez, pois se trata duma bagatela, mas por princípio. Isto diz respeito à minha vida privada e não permito que nela se toque. Sua pergunta nada tem que ver com o caso, portanto diz respeito à minha vida privada. Queria pagar uma dívida de honra, mas não direi a quem.

— Permita-nos anotar isso — disse o procurador.

— Peço-lhe. Escreva que recuso dizer, achando que não seria honroso fazer isso. Vê-se bem que não lhes falta tempo para escrever!

— Permita-me, senhor, preveni-lo, lembrar-lhe ainda, se o ignora — disse num tom severo o procurador — que o senhor tem o direito absoluto de não responder às nossas perguntas, e que, de outra parte, não temos absolutamente o direito de exigir respostas que o senhor julgue que não deve dar. Mas devemos chamar sua atenção para o prejuízo que causa a si mesmo recusando falar. Agora, queira continuar.

— Senhores, não estou me zangando… eu… — gaguejou Mítia um pouco confuso diante daquela observação — saibam que aquele Samsónov a cuja casa fui…

Bem entendido, não reproduziremos sua narrativa dos fatos que o leitor já conhece. Na sua impaciência, o narrador queria contar tudo detalhadamente e ao mesmo tempo com rapidez. Mas tinha-se de tomar por escrito suas declarações à medida que eram feitas, donde a necessidade de fazê-lo por vezes parar. Dimítri Fiódorovitch a isso se resignava, de má vontade; exclamava por vezes: “Senhores, é de exasperar o próprio Deus”, ou “Senhores, sabem que me irritam sem motivo?”, mas apesar dessas exclamações, continuava expansivo. Foi assim que contou como Samsónov o mistificara (dava-se perfeitamente conta disso agora). A venda do relógio por seis rublos, a fim de arranjar o dinheiro da viagem, interessou bastante os magistrados que ainda ignoravam isso; com extrema indignação de Mítia, julgou-se necessário consignar com detalhes esse fato, que estabelecia de novo que na véspera ele também estava quase sem dinheiro algum. Pouco a

pouco, Mítia tornava-se sombrio. Em seguida, depois de ter descrito sua visita a Liagávi, a noite passada na isbá e o começo de asfixia, abordou seu regresso à cidade e se pôs por si mesmo a descrever suas torturas de ciúme por causa de Grúchenhka. Escutavam-no em silêncio e com atenção, anotando-se sobretudo o fato de que desde muito tempo ele tinha um posto de observação no jardim de Maria Kondrátievna, para o caso de Grúchenhka ir à casa de Fiódor Pávlovitch, e que Smierdiákov lhe transmitia informações; isto foi mencionado bem devidamente. Falou longamente de seu ciúme, apesar de sua vergonha em exibir seus sentimentos mais íntimos, por assim dizer, à desonra pública, mas dominava-a a fim de ser verídico. A severidade impassível dos olhares fixos nele, durante seu relato, acabou por perturbá-lo bastante fortemente: "Esse rapazola, Nikolai Parfiénovitch, com quem tagarelava eu a respeito de mulheres, há alguns dias, e esse procurador doentio não merecem que lhes conte isto", ele pensava tristemente. "Que vergonha!" "Suporta, resigna-te, cala-te", concluía, enquanto se fortalecia para continuar. Chegado ao ponto da visita à casa da Senhora Khokhlakova, voltou a ficar alegre e quis mesmo contar a seu respeito uma anedota recente, fora de propósito; mas o juiz interrompeu-o e convidou-o a passar ao essencial. Em seguida, tendo descrito seu desespero e falado do momento em que, ao sair da casa daquela senhora, tinha mesmo pensado em estrangular alguém para arranjar os três mil rublos, fizeram-no parar para que fosse isso consignado. Por fim, contou como soubera da mentira de Grúchenhka, que logo partira da casa de Samsónov, quando devia, afirmava ela, ficar em casa do velho até a meia-noite. "Se não matei então aquela Fiénia, senhores, foi unicamente porque me faltava tempo", deixou ele escapar. Isto também ficou consignado. Mítia esperou com ar sombrio e ia explicar como entrara no jardim de seu pai, quando o juiz o interrompeu e, abrindo um grande guardanapo que se achava junto dele, em cima do divã, dali tirou um pilão de cobre.

— Conhece este objeto?

— Ah! sim. Como não? Deixe-me vê-lo… Ao diabo, é inútil!

— O senhor esqueceu-se de falar dele.

— Que diabo! Pensam que haveria de ocultar isso? Tinha-me esquecido, eis tudo.

— Quer contar-nos como arranjou esta arma?

— De boa-vontade, senhores.

E Mítia contou como pegara o pilão e saíra.

— Mas qual era sua intenção apoderando-se deste objeto?

— Que intenção? Nenhuma. Peguei-o e saí correndo.

— Por que então, se não tinha intenção?

A irritação apoderava-se de Mítia. Fixava o rapazola com um mau sorriso, lamentava a franqueza que estava tendo com tal gente, a propósito de seu ciúme.

— Que me importa o pilão?

— No entanto…

— Pois bem, era contra os cachorros. Estava escuro… prevenia-me.

— Antes, quando o senhor saía à noite, levava também uma arma, uma vez que receava tanto a escuridão?

— Com a breca! É impossível conversar com os senhores! — exclamou Mítia exasperado, e, dirigindo-se, rubro de cólera, ao escrivão:

— Escreva imediatamente… agora mesmo: “Pegou ele o pilão para ir matar seu pai… Fiódor Pávlovitch… para lhe rebentar a cabeça!”. Estão contentes, senhores? — perguntou ele, num tom provocativo.

— Não podemos levar em conta tal depoimento, inspirado pela cólera. Nossas perguntas lhe parecem fúteis e irritam-no, quando na verdade são muito importantes — disse secamente o procurador.

— Por favor, senhores! Peguei esse pilão… Por que se pega alguma coisa em semelhante caso? Ignoro. Peguei-o e sai correndo. Eis tudo. É vergonhoso, senhores, mas deixemos isso, senão juro-lhes que não direi mais uma palavra.

Pôs os cotovelos sobre a mesa, com a cabeça na mão. Estava sentado de lado, em relação a eles e olhava a parede, esforçando-se por dominar um mau sentimento. Tinha, com efeito, grande vontade de levantar, de declarar que não diria mais uma palavra, ainda que tivessem de levá-lo a suplício.

— Vejam, senhores, ao ouvi-los, parece-me ter um sonho como por vezes me acontece… sonho muitas vezes que alguém me persegue, alguém de quem tenho muito medo, e me procura, nas trevas. Oculto-me com vergonha atrás de uma porta, atrás de um armário. O desconhecido sabe, sobretudo perfeitamente, onde me encontro, mas finge não saber, a fim de atormentar por mais tempo, de brincar com meu terror… É o que os senhores estão fazendo agora! É a mesma coisa!

— O senhor tem tais sonhos? — perguntou o procurador.

— Sim, tenho tais sonhos… Não vão anotar?

— Não, mas o senhor tem sonhos estranhos.

— Agora, não é mais um sonho! É a realidade, senhores, o realismo da vida! Sou o lobo, os senhores são os caçadores!

— Sua comparação é injusta… — disse mansamente Nikolai Parfiénovitch.

— Absolutamente, senhores! — disse Mítia com irritação, se bem que aliviado por sua brusca explosão de cólera. — Os senhores podem recusar-se a crer num criminoso ou num acusado que torturam com suas perguntas, mas não num homem animado de nobres sentimentos (digo-o ousadamente). Os senhores não têm o direito. Mas

— Devo continuar? — perguntou ele, áspero.

— Como não? Peço-lhe — disse Nikolai Parfiénovitch.

## *V / Terceiro purgatório*

Embora falando com brusquidão, Mítia pareceu ainda mais desejoso de não omitir nenhum detalhe. Contou como escalara a paliçada, caminhado até a janela e tudo quanto se passara então nele. Com precisão e clareza, expôs os sentimentos que o agitavam, quando ardia por saber se Grúchenhka estava ou não na casa. Coisa estranha, o procurador e o juiz escutavam com extrema reserva, de ar rebarbativo, não fazendo senão raras perguntas. Mítia nada podia presumir da expressão de seus rostos. "Estão irritados e ofendidos — pensou —, tanto pior!" Quando contou que havia feito a seu pai o sinal, anunciando a chegada de Grúchenhka, os magistrados não prestaram nenhuma atenção à palavra "sinal", como se não compreendessem o alcance na circunstância. Mítia notou esse detalhe. Chegado ao momento em que, à vista de seu pai debruçado para fora da janela, fremira de ódio e tirara o. pilão de seu bolso, parou de súbito, como de propósito. Olhava a parede e sentia os olhares dos juízes fixos nele.

— Pois bem! — disse Nikolai Parfiénovitch. — O senhor agarrou sua arma e… que se passou em seguida?

— Em seguida? Matei… descarreguei em meu pai um golpe de pilão que lhe fendeu *o* crânio… Segundo os senhores, foi assim, não é mesmo?

Seus olhos cintilavam. Sua cólera acalmada reacendia-se em toda a sua violência.

— Segundo nós, mas segundo o senhor?

Mítia baixou os olhos, fez uma pausa.

— No que me diz respeito, senhores, no que me diz respeito, eis o que se passou — recomeçou ele, mansamente: — Teria sido minha mãe que implorava a Deus por mim, um espírito celeste que me beijou

a fronte naquela momento? Não sei, mas o diabo foi vencido. Afastei-me da janela e corri para a paliçada. Meu pai, que me avistou então, ficou com medo, lançou um grito e recuou vivamente, lembro-me bastante bem… Eu já havia trepado na barreira, quando Grigóri me agarrou…

Mítia ergueu enfim os olhos para seus ouvintes que o olhavam com ar impassível. Um frêmito de indignação percorreu-o.

— Senhores, zombam de mim!

— Donde concluiu isso? — perguntou Nikolai Parfiénovitch.

— Os senhores não acreditam uma palavra do que digo! Compreendo muito bem que cheguei ao ponto capital; o velho jaz agora, com a cabeça fendida, e eu, depois de ter tragicarnente descrito minha vontade de matá-lo, com o pilão já na mão, fujo da janela… Tema de poema a ser posto em versos! Pode-se acreditar sob palavra em tal pândego? Os senhores são uns farsantes!

Voltou-se bruscamente na cadeira que estalou.

— O senhor não notou — disse o procurador, parecendo ignorar a agitação de Mítia quando deixou a janela, se a porta que dá acesso ao jardim, no outro extremo da fachada, estava aberta?

— Não, não estava aberta.

— Tem certeza?

— Estava, pelo contrário, fechada. Quem poderia tê-la aberto? Ah! a porta? Esperem! — pareceu reconsiderar e estremeceu: — Os senhores encontraram-na aberta?

— Sim.

— Mas quem pôde abri-la, senão os senhores?

— A porta estava aberta, o assassino de seu pai seguiu esse caminho para entrar e para sair — disse o procurador, escandindo as palavras. — É bastante claro para nós. O assassinato foi cometido

evidentemente no quarto, e não através da janela. Isto resulta do exame dos locais e da posição do corpo. Não há nenhuma dúvida a este respeito.

Mítia estava confuso.

— Mas é impossível, senhores! — exclamou ele, totalmente transtornado. — Eu… eu não entrei… Afirmo-lhes que a porta ficou fechada durante todo o tempo em que eu estive no jardim e quando fugi… Conservava-me sob a janela e só vi meu pai do exterior… Lembro-me até o derradeiro minuto. Mesmo se não me lembrasse, estou certo disso, porque os sinais só eram conhecidos de mim, de Smierdiákov e do defunto, e sem sinais ele não teria aberto a ninguém no mundo!

— Que sinais? — perguntou com ardente curiosidade o procurador, cuja reserva desapareceu logo. Interrogava com uma espécie de hesitação, pressentindo um fato importante e receava que Mítia se recusasse a explicá-lo.

— Ah! O senhor não sabia? — disse Mítia, piscando o olho, com um sorriso irônico. — E se eu recusasse responder? Quem os informaria? O defunto, eu e Smierdiákov éramos os únicos a conhecer o segredo, Deus também o sabe, mas ele não o dirá aos senhores. Ora, o fato é curioso e sobre ele pode-se construir à vontade. Ah! Ah! Consolem-se, senhores, eu lhes revelarei o segredo, seus temores são vãos. Os senhores não sabem com quem têm de avir-se! O acusado depõe contra si mesmo, sim, porque sou um cavalheiro de honra, mas os senhores, não!

O procurador engolia essas pílulas na sua impaciência de conhecer o fato novo. Mítia explicou pormenorizadamente os sinais imaginados por Fiódor Pávlovitch para Smierdiákov, o sentido de cada pancada na janela; reproduziu-os mesmo em cima da mesa. Nikolai Parfiénovitch perguntou se ele havia feito então ao velho o sinal convencionado para a chegada de Grúchenhka, Mítia respondeu que sim.

— Agora, construam sobre isso uma hipótese! — cortou ele, voltando-se com desdém.

— De modo que seu defunto pai, o senhor e o criado Smierdiákov eram os únicos a conhecer esses sinais? — insistiu o juiz.

— Sim, o criado Smierdiákov e depois Deus. Notem isto. Devem os senhores mesmo recorrer a Deus.

Consignou-se, bem entendido, mas naquele momento disse o procurador, como se lhe tivesse sobrevindo uma ideia:

— Neste caso, e já que o senhor afirma sua inocência, não teria sido Smierdiákov que fez seu pai abrir a porta, dando o sinal, e em seguida… o assassinou?

Mítia lançou-lhe um olhar carregado de ironia e de ódio, fixou-o tanto tempo que o procurador bateu as pálpebras.

— Os senhores queriam ainda pegar a raposa, beliscaram-lhe a cauda, ah, ah, ah, pensavam que eu ia agarrar-me ao que os senhores insinuam e exclamar a plenos pulmões: “Ah! Sim, foi Smierdiákov, eis o assassino!”. Confessem que pensaram isto, confessem, e então continuarei.

O procurador não confessou nada. Esperou em silêncio.

— Os senhores enganaram-se. Não acusarei Smierdiákov — declarou Mítia.

— E o senhor nem mesmo suspeita dele?

— Será que os senhores suspeitam?

— Nós também suspeitamos dele.

Mítia baixou os olhos.

— Basta de brincadeiras, escutem: desde o começo, quase no momento em que saí de trás daquela cortina, esta ideia já me viera: “Foi Smierdiákov!”. Sentado a esta mesa, quando gritava a minha inocência, o pensamento de Smierdiákov me perseguia. Agora, por fim, pensei nele, mas por espaço de um segundo, e logo disse a mim mesmo: “Não, não foi Smierdiákov!”. Esse crime não é obra dele,

senhores!

— Será então que suspeita de algum outro personagem? — perguntou cauteloso Nikolai Parfiénovitch.

— Não sei quem, Deus ou Satã, mas não Smierdiákov! — disse resolutamente Mítia.

— Mas por que o senhor afirma com tal insistência que não foi ele?

— Por convicção. Porque Smierdiákov é uma natureza vil e covarde, ou antes, o composto de todas as covardias caminhando em cima de dois pés. Nasceu de uma galinha. Quando me falava, tremia de medo, pensando que eu ia matá-lo, quando nem mesmo levantava a mão. Lançava-se a meus pés chorando, beijava minhas botas suplicando-me que não lhe fizesse medo. Entendem? Que não lhe fizesse medo. E eu mesmo dei-lhe presentes. É uma galinha epiléptica, um espírito fraco; um menino de oito anos seria capaz de o surrar. Não, não foi Smierdiákov. Não gosta de dinheiro, recusava meus presentes… Aliás, por que ele teria matado o velho? É talvez seu filho natural, sabem disso?

— Conhecemos esta lenda. Mas o senhor também é filho de Fiódor Pávlovitch e no entanto andou dizendo a todo mundo que queria matá-lo.

— Mais outra pedra no meu jardim! É abominável. Mas eu não tenho medo. Os senhores deviam ter vergonha de dizer-me isto em rosto! Porque fui eu que lhes falei. Não somente quis matá-lo, mas podia tê-lo feito, eu mesmo me acusei de ter estado a ponto de matá-lo. Mas meu anjo da guarda salvou-me do crime, eis o que os senhores não podem compreender… É ignóbil da parte dos senhores, ignóbil! Porque eu não matei, não matei! Entende, procurador? Não matei!

Sufocava. Durante o interrogatório jamais estivera em semelhante agitação.

— E que lhes disse Smierdiákov? — concluiu após uma pausa. — Posso sabê-lo?

— O senhor pode interrogar-nos sobre tudo quanto diga respeito aos fatos — respondeu friamente o procurador —, e repito-lhe que concordamos em responder às suas perguntas. Encontramos o criado Smierdiákov em seu leito, sem conhecimento, presa de violenta crise de epilepsia, a décima talvez desde a véspera. O médico que nos acompanhava declarou, depois de ter examinado o doente, que talvez ele não passasse da noite.

— Então, foi o diabo que matou meu pai! — deixou Mítia escapar, como se sua derradeira dúvida desaparecesse.

— Voltaremos a este ponto — concluiu Nikolai Parfiénovitch.

— Queira continuar seu depoimento.

Mítia pediu para repousar, o que lhe foi concedido com cortesia. Em seguida retomou seu relato, mas com esforço visível. Estava fatigado, indisposto, abalado moralmente. Além do mais, o procurador, como de propósito, irritava-o a cada instante, detendo-se em minúcias. Mítia acabava de descrever como, cavalgando a paliçada, assestara um golpe de pilão na cabeça de Grigóri, que se agarrara à sua perna esquerda, depois saltara para junto do ferido, quando o procurador lhe pediu que explicasse com mais detalhes como se mantinha ele sobre a paliçada. Mítia admirou-se.

— Ora! Estava sentado assim, a cavalo, com uma perna de cada lado…

— E o pilão?

— Tinha-o na mão.

— Não estava no seu bolso? Lembra-se desse detalhe? O senhor deve ter golpeado do alto.

— É provável. Por que essa observação?

— Quereria o senhor colocar-se sobre sua cadeira como estava então na paliçada, para nos mostrar perfeitamente como e de que lado o senhor golpeou?

— Será que não está zombando de mim? — perguntou Mítia, olhando o procurador de alto a baixo; mas este não fez nenhum movimento. Mítia ficou a cavalo sobre a cadeira e levantou o braço:

— Eis como golpeei! Como matei! Estão satisfeitos?

— Agradeço-lhe. Não quererá explicar-nos agora por que de novo saltou para o jardim e com que fim?

— Com os diabos! Para ver o ferido… Não sei por quê!

— Na perturbação em que se encontrava e no momento em que fugia?

— Sim, numa perturbação daquela e no momento de fugir.

— Queria ir-lhe em socorro?

— Como? Sim, talvez, em socorro, não me lembro.

— Não se dava conta o senhor de seus atos?

— Oh! dava-me bem conta deles. Lembro-me dos menores detalhes. Saltei para ver e enxuguei-lhe o sangue com meu lenço.

— Vimos seu lenço. Esperava fazer o ferido voltar a vida?

— Não sei… Queria simplesmente certificar-me de que vivia ainda.

— Ah! queria certificar-se? E então?

— Não sou médico, não posso julgar isso. Fugi pensando tê-lo matado.

— Muito bem, agradeço-lhe. É tudo quanto precisava saber. Queira continuar.

Ai! Mítia não teve a ideia de contar — e no entanto se lembrava — que saltara por compaixão e pronunciara palavras de piedade diante de sua vítima: “O velho está liquidado; tanto pior, que aí fique!” O procurador concluiu que o acusado saltara em tal momento

e em tal perturbação somente para verificar com certeza se a única testemunha de seu crime vivia ainda. Quais deviam ser então a energia, a resolução, o sangue-frio daquele homem, etc., etc. O procurador estava satisfeito: “Exasperei esse homem irritável com minúcias e ele se traiu”.

Mítia prosseguiu penosamente. Desta vez foi Nikolai Parfiénovitch que o interrompeu:

— Como pôde o senhor ir à casa da criada Fiedóssia Márkovna com as mãos e o rosto ensanguentados?

— Mas eu não sabia disso.

— É verossímil, isto acontece — disse o procurador, trocando uma olhadela com Nikolai Parfiénovitch.

— O senhor tem razão, procurador — aprovou Mítia. Em seguida contou sua decisão de se afastar, de deixar o caminho livre aos amantes.

Mas não pôde resolver-se, como ainda há pouco, a exibir seus sentimentos, a falar da rainha de seu coração. Isso causava-lhe repugnância diante daquelas criaturas frias. De modo que, às perguntas reiteradas, respondeu laconicamente:

— Pois bem! Tinha resolvido matar-me. Para que viver? O antigo amante de Grúchenhka, seu sedutor, vinha, após cinco anos, reparar sua falta, desposando-a. Compreendi que tudo estava acabado para mim… Atrás de mim a vergonha, e depois aquele sangue, o sangue de Grigóri. Por que viver? Fui desempenhar as minhas pistolas, a fim de alojar-me uma bala na cabeça, ao amanhecer…

— E, esta noite, uma festa de arromba.

— Isto mesmo. Que diabo, senhores, acabemos o mais depressa. Estava decidido a matar-me, lá, no fim da aldeia, às cinco horas da manhã. Tenho mesmo no bolso um bilhete escrito em casa de Pierkhótin, quando carregava minha pistola. Ei-lo, leiam-no. Não é para os senhores que conto! — acrescentou desdenhoso. Lançou sobre

a mesa o bilhete que os juízes leram com curiosidade, e, como de justiça, juntaram ao processo.

— E o senhor não pensou em lavar as mãos, mesmo antes de ir à casa do Senhor Pierkhótin? Não temia então as suspeitas?

— Que suspeitas? Que suspeitem de mim ou não, pouco me importa. Eu ia me suicidar às cinco horas, antes que tivessem tempo de agir. Sem a morte de meu pai, os senhores de nada saberiam e não teriam vindo aqui. Oh! é a obra do diabo, foi ele que matou meu pai, que tão prontamente informou os senhores. Como puderam chegar tão depressa? É fantástico!

— O Senhor Pierkhótin nos informou que, ao entrar em casa dele, tinha o senhor em suas mãos… em suas mãos ensanguentadas… grossa soma… um maço de cédulas de cem rublos. Seu jovem criado também o viu.

— É verdade, senhores, lembro-me.

— Uma pequena pergunta — disse com grande mansidão Nikolai Parfiénovitch. — O senhor poderia indicar-nos onde arranjou tanto dinheiro, quando está demonstrado que o senhor não teve tempo de ir à sua casa?

O procurador franziu o cenho a esta pergunta assim feita de frente, mas não interrompeu Nikolai Parfiénovitch.

— Não, não voltei à minha casa — disse Mítia tranquilamente, mas de olhos baixos.

— Permita-me neste caso que repita minha pergunta — insinuou o juiz. — Onde encontrou de repente semelhante soma, quando, segundo suas próprias confissões, às cinco horas, do mesmo dia…

— Tinha necessidade de dez rublos, empenhei minhas pistolas em casa de Pierkhótin, depois fui à casa da Senhora Khokhlakova para lhe pedir emprestados três mil rublos que ela não me deu, etc. Ah! sim, senhores, estava sem recursos e, de repente, eis-me com milhares! Sabem de uma coisa? Os senhores têm medo, todos dois agora: que

acontecerá se ele não nos indica a procedência desse dinheiro? Pois bem, não lhes direi, senhores, adivinharam certo, não o saberão — disse Mítia martelando a derradeira frase.

— Compreenda, Senhor Karamázov, que é essencial para nós sabê-lo — disse mansamente Nikolai Parfiénovitch.

— Compreendo, mas não o direi.

O procurador, por sua vez, lembrou que o acusado podia não responder às perguntas, se julgasse preferível, mas que, em vista do prejuízo que causava a si próprio com seu silêncio, em vista sobretudo da importância das perguntas…

— E assim por diante, senhores, e assim por diante! Estou farto, já ouvi essa ladainha. Compreendo a gravidade do caso: é esse o ponto capital, contudo não falarei.

— Que é que temos com isso? É ao senhor mesmo que prejudica — observou nervosamente Nikolai Parfiénovitch.

— Basta de brincadeiras, senhores. Pressenti desde o começo que haveríamos de contender sobre este ponto. Mas então, quando comecei a depor, tudo estava para mim confuso e flutuante, tive mesmo a simplicidade de propor-lhes uma confiança mútua. Agora vejo que essa confiança era impossível, uma vez que devíamos chegar a essa barreira maldita e nela estamos. Aliás, não lhes censuro nada, compreendo bem que os senhores não poderiam acreditar em mim sob palavra.

Mítia calou-se, com ar sombrio.

— O senhor não poderia, sem renunciar à sua resolução de calar o essencial, informar-nos a respeito de um ponto: quais são os motivos bastante poderosos que o obrigam ao silêncio num momento tão crítico?

Mítia sorriu tristemente.

— Sou melhor do que os senhores pensam. Vou lhes dizer esses motivos, se bem que não mereçam isso. Calo-me porque há para mim

nisso uma questão de vergonha. A resposta à pergunta sobre a proveniência do dinheiro implica uma vergonha pior do que se tivesse eu assassinado meu pai para roubá-lo. Eis por que me calo. Então, senhores querem consignar isso?

— Sim, vamos consigná-lo — gaguejou Nikolai Parfiénovitch.

— Não deveriam mencionar o que se refere à “vergonha”. Se lhes falei assim, quando podia calar-me, foi unicamente por complacência. Pois bem, escrevam, escrevam o que quiserem — concluiu com ar de desgosto —, não os temo e… mantenho meu orgulho perante os senhores.

— Não nos explicará de que natureza é essa vergonha? — perguntou timidamente Nikolai Parfiénovitch.

O procurador franziu o cenho.

— Bem, bem, *c’est fini*, não insistam. Não adianta envilecer-me. Já me envileci ao contato com os senhores. Não merecem que eu fale, nem os senhores, nem ninguém. Basta, senhores, calo-me.

Era categórico. Nikolai Parfiénovitch não insistiu mais; compreendeu, porém, pelos olhares de Ipolit Kirílovitch que este não desesperava ainda.

— Não pode dizer, pelo menos, a soma que tinha ao chegar à casa do Senhor Pierkhótin?

— Não, não posso.

— O senhor falou ao Senhor Pierkhótin de três mil rublos supostamente emprestados pela Senhora Khokhlakova.

— É possível. Mas chega, senhores, não direi qual a soma.

— Então, queira dizer-nos como veio o senhor a Mókroie e tudo quanto aqui fez.

— Oh! basta que interroguem as pessoas que estão aqui. Aliás, vou contar-lhes.

Não reproduziremos seu relato, feito rapidamente e com sequidão. Passou em silêncio a sua embriaguez amorosa, explicando como desistira de suicidar-se, “em resultado de fatos novos”. Narrava sem dar os motivos, sem entrar nos detalhes. Os magistrados fizeram-lhe, aliás, poucas perguntas; aquilo só lhes interessava mediocremente.

— Voltaremos a isso por ocasião dos depoimentos das testemunhas, que se realizarão, bem entendido, em sua presença — declarou Nikolai Parfiénovitch, terminando o interrogatório. — Por agora, queira depositar sobre a mesa tudo quanto tiver em seu poder, sobretudo seu dinheiro.

— O dinheiro, senhores? Às suas ordens, compreendo que é necessário. Admiro-me de não terem os senhores pensado nisso mais cedo. Ei-lo, meu dinheiro, contem, tomem-no, está tudo aí, creio. — Esvaziou os bolsos, inclusive o dinheiro miúdo, tirou duas moedas de dez copeques do bolso do colete. Fizeram a conta: havia oitocentos e trinta e seis rublos e quarenta copeques.

— É tudo? — perguntou o juiz.

— Tudo.

— De acordo com o seu depoimento, o senhor gastou trezentos rublos na casa dos Plótnikovi; deu dez rublos a Pierkhótin, vinte ao cocheiro. Perdeu duzentos no jogo, em seguida…

Nikolai Parfiénovitch refez a conta, ajudado por Mítia. Até os copeques foram incluídos.

— Com estes oitocentos, deveria o senhor ter, por consequência, cerca de mil e quinhentos rublos.

— Isto mesmo.

— Todo mundo afirma que o senhor tinha muito mais.

— Pois que afirmem.

— O senhor também, aliás.

— Eu também.

— Verificaremos tudo isso pelos depoimentos de outras testemunhas. Não se inquiete a respeito de seu dinheiro. Será depositado em lugar seguro e posto à sua disposição… ao terminar o processo… se ficar demonstrado que tem direito a ele. Agora…

Nikolai Parfiénovitch levantou-se e declarou a Mítia que ele tinha o encargo e o dever de examinar-lhe minuciosamente as roupas e tudo mais.

— Pois seja, senhores, revirarei os bolsos, se quiserem.

E fez menção de fazê-lo.

— É preciso mesmo que tire suas roupas.

— Como? Tirar as roupas? Que diabo! Não me poderia o senhor revistar como estou?

— Impossível, Dimitri Fiódorovitch, é preciso que tire as roupas.

— Como quiser — consentiu Mítia com ar sombrio. — Somente não aqui, peço-lhe: por trás da cortina. Quem procederá à revista?

— Decerto, por trás da cortina — aprovou com um sinal de cabeça Nikolai Parfiénovitch, cuja carinha expressava gravidade.

### *VI / O procurador confunde Mítia*

Passou-se então uma cena pela qual Mítia não esperava. Não teria jamais suposto, dez minutos antes, que ousassem tratá-lo daquela maneira, a ele, Mítia Karamázov. Sobretudo, sentia-se humilhado, exposto à arrogância e ao desdém. Não lhe importava retirar sua sobrecasaca, mas pediram-lhe que se desvestisse completamente. Ou antes, ordenaram-lhe, dera-se bem conta disso. Submeteu-se sem murmurar, por altivez desdenhosa. Além dos juízes, alguns mujiques acompanharam-no para trás da cortina, “sem dúvida para prestar mão forte”, pensou Mítia, “talvez mesmo com algum outro fim”. “Será preciso tirar também minha camisa?”, perguntou ele bruscamente; mas Nikolai Parfiénovitch não lhe respondeu: ele e o procurador

estavam absorvidos pelo exame da sobrecasaca, das calças, do colete e do casquete, que pareciam interessá-los bastante. “Que sem-cerimônia! Nem mesmo observam a polidez necessária.”

— Pergunto-lhes pela segunda vez se devo tirar minha camisa, sim ou não? — disse Mítia, com irritação.

— Não se inquiete, nós o preveniremos — respondeu Nikolai Parfiénovitch, num tom que pareceu autoritário a Mítia.

O procurador e o juiz entretinham-se a meia voz. A sobrecasaca trazia, sobretudo na aba esquerda, enormes manchas de sangue coagulado, bem como as calças. Além do mais, Nikolai Parfiénovitch tateou, em presença das testemunhas instrumentais, a gola, punhos, costuras, procurando ver se não havia dinheiro escondido. Deu-se a entender a Mítia que ele era bem capaz de ter costurado dinheiro em suas roupas. “Tratam-me como ladrão e não como oficial”, resmungou ele consigo. Trocavam suas impressões na sua presença com uma franqueza singular. E deu-se que o escrivão, que se encontrava também atrás da cortina e se atarefava na busca, chamou a atenção de Nikolai Parfiénovitch para o casquete, que igualmente foi revistado: “Lembrem-se do amanuense Grudienko; foi no verão receber os vencimentos para todos da secretaria e pretendeu nos enganar, ao voltar, alegando ter perdido o dinheiro quando se encontrava embriagado; onde o encontraram? Na bainha de seu casquete, onde as notas de cem rublos estavam enroladas e cosidas.” O juiz e o procurador lembravam-se perfeitamente desse fato, de modo que puseram de lado o casquete de Mítia para ser submetido, bem como as roupas, a um exame minucioso.

— Com licença — exclamou de súbito Nikolai Parfiénovitch, percebendo o punho da manga direita da camisa de Mítia, arregaçado e manchado de sangue —, com licença! É sangue?

— Sangue.

— Que sangue? E por que sua manga está arregaçada?

Mítia explicou que se manchara de sangue, quando se ocupara com Grigóri e havia arregaçado a manga em casa de Pierkhótin, ao

lavar as mãos.

— Será preciso também tirar sua camisa. É muito importante para as peças de convicção.

Mítia corou e zangou-se.

— Então, vou ficar completamente nu?

— Não se inquiete, arranjaremos isso. Faça o favor de tirar também suas meias.

— Não será brincadeira? Tudo isto é mesmo indispensável?

— Não estamos brincando — replicou severamente Nikolai Parfiénovitch.

— Está bem, se é preciso… eu… — murmurou Mítia que, sentando-se no leito, se pôs a tirar suas meias. Estava muito constrangido e, coisa estranha, sentia-se como culpado, assim nu, diante daquelas pessoas vestidas, achando quase que elas agora tinham o direito de desprezá-lo, como inferior. “A nudez em si nada tem de chocante, a vergonha nasce do contraste”, pensou ele. “Parece um sonho, tenho por vezes experimentado tais sensações em sonho.” Era-lhe penoso tirar suas meias, bastante sujas, bem como sua roupa de baixo, e agora todo mundo o vira. Seus pés sobretudo lhe desagradavam, sempre achara disformes seus dedos grandes dos pés, particularmente o do pé direito, chato, com a unha recurvada, e todos o viam. O sentimento de sua vergonha tornou-o mais grosseiro. Tirou sua camisa com raiva.

— Não querem procurar em mais alguma parte, se não tiverem vergonha?

— Não, para o momento é inútil.

— Então, devo ficar assim nu?

— Sim, é necessário… Queira sentar-se, enquanto espera. Pode enrolar-se num cobertor do leito, e eu… vou me ocupar com isso.

Tendo sido mostradas as roupas às testemunhas instrumentais e redigido o auto de seu exame, o juiz e o procurador saíram, levando as roupas. Mítia ficou em companhia dos mujiques que não desfitavam dele os olhos. Sentia frio e enrolou-se no cobertor, demasiado curto para cobrir seus pés nus. Nikolai Parfiénovitch fez-se esperar muito tempo. “Toma-me por um rapazola”, murmurou Mítia, rangendo os dentes. “Esse palerma desse procurador saiu também, por desprezo talvez, repugnava-lhe ver-me nu.” Mítia imaginava que lhe restituiriam suas roupas após o exame. Qual não foi sua indignação, quando Nikolai Parfiénovitch reapareceu com outra roupa, que um mujique trazia atrás dele.

— Aqui estão roupas — disse ele num tom desprendido, visivelmente satisfeito com seu achado. — Foi o Senhor Kolgánov quem as emprestou, bem como uma camisa limpa. Por felicidade, tinha-as ele na mala. O senhor pode ficar com suas meias.

— Não quero roupas dos outros! — exclamou Mítia exasperado. — Entreguem as minhas!

— Impossível.

— Deem-me as minhas! Que Kolgánov e suas roupas vão para o inferno!

Tiveram dificuldade em convencê-lo. Mas afinal, de qualquer forma, explicaram-lhe que suas roupas, sujas de sangue, deviam “figurar entre as peças de convicção. Não temos mesmo direito de deixá-las com o senhor… diante do aspecto que o caso pode tomar”. Mítia acabou por compreender, calou-se, vestiu-se à pressa. Fez somente notar que o casaco que lhe emprestavam era mais rico que o seu e que não queria aproveitar disso. Além do mais, ridiculamente estreito. — Devo estar vestido como um palhaço… para diverti-los?

Fizeram-lhe observar que exagerava, que somente as calças eram um pouco compridas. Mas a sobrecasaca apertava-lhe os ombros.

— Diabos! É difícil de abotoar — resmungou de novo Mítia. — Façam o favor de dizer ao Senhor Kolgánov que não fui eu quem pediu essa roupa e que me disfarçaram de palhaço.

— Ele o compreende muito bem e lamenta… isto é, não sua roupa, mas este incidente — resmoneou Nikolai Parfiénovitch.

— Pouco me importa que ele lamente! Está bem! Para onde ir agora? Preciso ficar aqui?

Pediram-lhe que passasse para o outro lado. Mítia saiu, com ar sombrio, esforçando-se por não olhar para ninguém. Naquele traje estranho, sentia-se humilhado, até mesmo aos olhos dos mujiques e de Trifon Borísovitch, cuja cara apareceu à porta: “Vem ver-me nestes trajes”, pensou Mítia. Tornou a sentar onde estava antes, como sob a impressão de um pesadelo. Parecia-lhe não se achar em seu estado normal.

— Agora, vão mandar-me açoitar? Só lhes falta isso! — disse ele, dirigindo-se ao procurador. Evitava voltar-se para Nikolai Parfiénovitch, como desdenhando dirigir-lhe a palavra. “Examinou demasiado minuciosamente minhas meias, revirou-as mesmo, o monstro, para que todo mundo veja como estão elas sujas!”

— É preciso agora ouvir as testemunhas — proferiu Nikolai, como em resposta à pergunta de Mítia.

— Sim — disse o procurador com ar absorto.

— Dimítri Fiódorovitch, fizemos o possível a seu favor — prosseguiu o juiz —, mas como o senhor se recusou categoricamente a nos explicar a proveniência da soma encontrada em seu poder, somos agora…

— De que é esse seu anel? — interrompeu Mítia, como que saindo de um devaneio e designando um dos anéis que ornavam a mão de Nikolai Parfiénovitch.

— Meu anel?

— Sim, esse aí… no dedo grande, cuja pedra é veiada — insistiu Mítia, como uma criança teimosa.

— É um topázio enfumado — disse Parfiénovitch, sorrindo. — Quer examiná-lo? Posso tirar…

— Não, não, não o tire! — exclamou Mítia com raiva, reconsiderando e furioso contra si mesmo. — Não o tire, é inútil… Ao diabo… Os senhores me envileceram! Acreditam que eu dissimularia, se tivesse matado meu pai, que eu recorreria à astúcia e à mentira? Não, isto não está no caráter de Dimítri Fiódorovitch, ele não o suportaria, e se eu fosse culpado, juro-lhes que não teria esperado a chegada dos senhores e o nascer do sol, como tinha a princípio intenção; teria me suicidado antes da aurora! Agora posso sentir isso muito bem. Em vinte anos, teria aprendido menos do que durante essa noite maldita?… E estaria deste jeito sentado ao lado dos senhores, falaria desta maneira, com os mesmos gestos, os mesmos olhares, se fosse realmente um parricida, quando o assassínio acidental de Grigóri me atormentou a noite inteira?… Não por temor, não pelo simples medo do castigo. Oh! vergonha! E querem que a farsantes como os senhores, que nada veem e em nada creem, cegos como toupeiras, revele eu nova baixeza, nova vergonha, ainda que fosse para me desculpar? Prefiro ir para o presídio! Aquele que abriu a porta para entrar em casa de meu pai é o assassino e o ladrão. Quem é? Perco-me em conjeturas, mas não foi Dimítri Karamázov, fiquem sabendo, eis tudo quanto posso dizer-lhes. Basta, não insistam… Mandem-me para a prisão ou para o cadafalso, mas não me atormentem mais… Calo-me. Chamem suas testemunhas!

O procurador, que havia observado Mítia, enquanto este proferia seu monólogo, disse-lhe, de repente, no tom mais calmo e como se se tratasse de coisas perfeitamente naturais:

— A propósito dessa porta aberta de que o senhor acaba de falar, recebemos um depoimento muito importante do velho Grigóri Vassílievitch. Afirma positivamente que, quando se decidiu, ao ouvir barulho, entrar no jardim pela portinha que ficara aberta, notou à esquerda a porta da casa escancarada, bem como a janela, ao passo que o senhor garante que a dita porta ficou fechada todo o tempo em que o senhor esteve no jardim. Naquele momento ele ainda não o tinha visto no escuro quando o senhor fugia, de acordo com seu relato, da janela onde estivera a ver seu pai. Não lhe oculto que Vassíliev conclui formalmente e declara que o senhor deve ter escapado por aquela porta, se bem que não o haja visto sair por ela. Avistou-o a

certa distância, no jardim, quando o senhor corria do lado da paliçada…

Mítia levantara-se.

— É uma mentira impudente. Não pode ter visto a porta aberta, porque ela estava fechada… EIe mente.

— Creio-me obrigado a repetir-lhe que seu depoimento é categórico e que persiste nele. Interrogamo-lo por várias vezes.

— Fui eu precisamente quem o interrogou — confirmou Nikolai Parfiénovitch.

— É falso, é falso! É uma calúnia ou a alucinação dum louco. Muito simplesmente pareceu-lhe ver isso no delírio causado pelo seu ferimento.

— Mas ele havia notado a porta aberta antes de ter sido ferido, quando acabava de entrar no jardim.

— Não é verdade, não pode ser! Ele me calunia por maldade… não pode ter visto… Não passei por aquela porta — disse Mítia, ofegante.

O procurador voltou-se para Nikolai Parfiénovitch e disse-lhe:

— Mostre então.

— Conhece este objeto? — E o juiz pousou sobre a mesa um grande envelope que trazia ainda três sinêtes. Estava vazio e rasgado dum lado. Mítia escancarou os olhos.

— É… é o envelope de meu pai — murmurou ele — o que encerrava os três mil… se o subscrito corresponde… Com licença: “À minha franguinha”, é isto, “três mil”, estão vendo, três mil?

— Estamos vendo, decerto, mas não encontramos o dinheiro. O envelope estava no chão, perto do leito, por trás do biombo. Mítia ficou alguns segundos como que aturdido.

— Senhores, foi Smierdiákov! — exclamou ele, de súbito, com

todas as suas forças. — Foi ele quem o matou, foi ele quem o roubou! Só ele sabia onde o velho escondia esse envelope… Foi ele, sem dúvida alguma!

— Mas o senhor também sabia que este envelope estava escondido debaixo do travesseiro.

— Nunca! Vejo-o agora pela primeira vez, ouvira apenas falar dele por Smierdiákov… Somente ele conhecia o esconderijo do velho. Eu o ignorava…

— No entanto, o senhor inda há pouco afirmou, depondo, que o envelope se encontrava sob o travesseiro do defunto. Sob o travesseiro, portanto o senhor sabia onde ele estava.

— Nós consignamos isso! — confirmou Nikolai Parfiénovitch.

— É um absurdo! Ignorava-o totalmente. Aliás, talvez não fosse sob o travesseiro… Disse isto sem refletir… Que diz Smierdiákov? Interrogaram-no a respeito? Que diz ele? Isto é o principal… Eu lhes menti de propósito, por caçoada… Disse, sem pensar, que era sob o travesseiro, e agora os senhores… Bem sabemos, senhores, que a gente deixa escapar inexatidões. Mas somente Smierdiákov sabia e ninguém mais!… Não me revelou o esconderijo! Mas foi ele, incontestavelmente, foi ele o assassino, agora está para mim claro como o dia — clamou Mítia, com uma exaltação crescente. — Apressem-se em detê-lo… Matou enquanto eu fugia e Grigóri jazia sem sentidos, é evidente… Fez o sinal e meu pai abriu-lhe a porta… Porque somente ele conhecia os sinais, e sem sinal meu pai não teria aberto…

— O senhor se esquece de novo — observou o procurador com a mesma calma e ar já triunfante — que não havia necessidade de fazer o sinal, se a porta já estava aberta, quando o senhor se encontrava ainda no jardim…

— A porta, a porta — murmurou Mítia, fixando o procurador. Deixou-se cair de novo sobre sua cadeira. Houve um silêncio…

— Sim, a porta… É um fantasma! Deus está contra mim! —

exclamou ele, com os olhos alucinados.

— Veja — disse gravemente o procurador —, julgue o senhor mesmo, Dimítri Fiódorovitch. Dum lado, esse depoimento esmagador para o senhor, a porta aberta por onde o senhor saiu, do outro, seu silêncio incompreensível, obstinado, relativamente à proveniência de seu dinheiro, quando três horas antes o senhor empenhara suas pistolas por dez rublos. Nestas condições, julgue o senhor mesmo em qual convicção devemos deter-nos. Não diga que somos zombadores frios e cínicos, incapazes de compreender os nobres ímpetos de sua alma… Ponha-se em nosso lugar…

Mítia experimentava uma emoção indescritível. Empalideceu.

— Está bem — exclamou, de repente —, vou revelar-lhes meu segredo, dizer-lhes onde arranjei o dinheiro… Revelarei minha ignomínia, para não acusar em seguida nem aos senhores nem a mim.

— E acredite, Dimítri Fiódorovitch — disse com alegre solicitude Nikolai Parfiénovitch —, que uma confissão sincera e completa de sua parte, neste instante, pode melhorar muito sua situação posterior, e até mesmo…

Mas o procurador tocou-lhe levemente com o pé por baixo da mesa e ele parou. Aliás, Mítia não o escutava.

### *VII / O grande segredo de Mítia. Zombam dele*

— Senhores — começou ele, emocionado —, esse dinheiro… quero contar tudo… esse dinheiro era meu.

Os rostos do procurador e do juiz alongaram-se, não esperavam por isso.

— Como, seu? — disse Nikolai Parfiénovitch. — Pois se ainda cinco horas antes, segundo sua própria confissão…

— Ao diabo essas cinco horas da tarde e minha própria confissão! Não se trata mais disso! Esse dinheiro era meu, isto é… eu o tinha roubado… não meu, mas roubado para mim. Havia mil e quinhentos

rublos que andavam sempre comigo…

— Mas onde o senhor os arranjou?

— No meu peito, senhores… encontravam-se aqui, costurados num pano, pendurados no meu pescoço. Desde muito tempo, desde um mês, trazia-os como testemunho de minha infâmia!

— Mas a quem pertencia esse dinheiro de que o senhor… o senhor se apropriou?

— O senhor quer dizer: “roubou”, não é mesmo? Fale, pois, francamente. Sim, acho que é como se o tivesse roubado, ou, se quiser, dele me “apropriei”. Ontem, à noite, roubei-o definitivamente.

— Ontem à noite? Mas o senhor acaba de dizer que há já um mês que… que o senhor o arranjou.

— Sim, mas não foi a meu pai que o roubei, tranquilize-se, foi a ela. Deixe que eu conte, sem me interromper. É penoso. Veja o senhor, há um mês, Katierina Ivânovna Vierkhóvtseva[80], minha ex-noiva, me chamou… O senhor a conhece?

— Como não?

— Sei que o senhor a conhece. Uma alma nobre entre todas, mas odeia-me desde muito tempo e com razão.

— Katierina Ivânovna? — perguntou o juiz com admiração.

O procurador também estava bastante surpreso.

— Oh! não pronunciem o seu nome em vão! Sou um miserável pelo fato de pô-la nisso. Sim, vi que ela me odiava… desde muito tempo… desde o primeiro dia, quando veio à minha casa, lá… Mas basta, os senhores não são dignos de saber disso, é inútil… Direi somente que há um mês ela me entregou três mil rublos para enviá-los à sua irmã e a uma sua outra parenta, em Moscou (como se não pudesse fazê-lo ela mesma!). E eu… estava precisamente na hora fatal de minha vida em que… Em suma, acabava de apaixonar-me por outra, por ela, por Grúchenhka, aqui presente. Trouxe-a aqui, a

Mókroie e gastei em dois dias a metade desse maldito dinheiro, guardando o resto. Pois bem, são esses mil e quinhentos rublos que eu carregava sobre meu peito como um amuleto. Ontem, abri o pacote e comecei a gastar a soma. Os oitocentos rublos que restam estão nas mãos dos senhores.

— Com licença, o senhor gastou aqui, há três meses, três mil rublos e não mil e quinhentos, todo mundo o sabe.

— Quem o sabe? Quem contou meu dinheiro?

— Mas o senhor mesmo disse que havia gasto justamente três mil rublos.

— É verdade, disse a qualquer um, repetiram, toda a cidade acreditou. No entanto, só gastei mil e quinhentos rublos e costurei a outra metade num amuleto. Eis donde provém o dinheiro de ontem…

— Isto é prodigioso! — murmurou Nikolai Parfiénovitch.

— Não falou disso, antes a alguém… quero dizer, desses mil e quinhentos rublos postos de parte? — perguntou o procurador.

— Não, a ninguém.

— É estranho. Na verdade, a ninguém no mundo?

— A ninguém no mundo.

— Por que esse silêncio? Que é que o obrigava a fazer disso um mistério? Muito embora esse segredo lhe pareça tão vergonhoso, essa apropriação, aliás temporária, de três mil rublos, não é relativamente, na minha opinião, senão um pecadilho, sendo dado, além disso, o caráter do senhor. Admitamos que seja uma ação das mais repreensíveis, concordo, mas não vergonhosa… Aliás, muitas pessoas tinham adivinhado a proveniência desses três mil rublos, sem que o senhor o confessasse, eu mesmo ouvi falar, Mikhail Makárovitch igualmente… Numa palavra: é o segredo de Polichinelo. Além do mais, há indícios, salvo erro, de que o senhor confiara a alguém que esse dinheiro vinha da Senhorita Vierkhóvtseva. De modo que, por que cercar de tal mistério o fato de ter guardado uma parte da soma,

ligando a isso uma espécie de horror?… É difícil acreditar que lhe custe tanto confessar esse segredo… o senhor acaba de exclamar, com efeito: antes a prisão!

O procurador calou-se. Acalorara-se e não ocultava seu aborrecimento, sem mesmo procurar “castigar seu estilo”.

— Não eram os mil e quinhentos rublos que constituíam a vergonha, mas o fato de ter dividido a soma — disse com altivez Mítia.

— Mas enfim — disse o procurador com irritação —, que há de vergonhoso no fato de haver o senhor dividido esses três mil rublos adquiridos desonestamente? O que importa é a apropriação dessa soma e não o uso que o senhor fez dela. A propósito, por que operou essa divisão? Com que fim? Poderia explicar-nos?

— Oh! senhores, é o fim que faz tudo! Pratiquei essa divisão por baixeza, isto é, por cálculo, porque aqui o cálculo é uma baixeza… E essa baixeza durou todo um mês!

— É incompreensível.

— O senhor me causa espanto. Aliás, vou ser preciso: é talvez, com efeito, incompreensível. Acompanhem-me bem: aproprio-me de três mil rublos confiados à minha honra, faço farra com eles, gasto a soma inteira; pela manhã vou à casa dela dizer-lhe: “Perdão, Kátia, gastei os teus três mil rublos”. Fica bem isso? Não, é desonesto e covarde, é ação monstruosa, dum homem incapaz de dominar-se, não é? Mas não é um roubo, convenham, não é um roubo direto. Gastei o dinheiro, não o roubei. Eis um caso ainda mais favorável; acompanhem-me, porque arrisco a me atrapalhar, minha cabeça roda. Gasto mil e quinhentos rublos apenas dos três mil. No dia seguinte, vou à casa dela levar-lhe o resto: “Kátia, sou um miserável, toma estes mil e quinhentos rublos, porque gastei os outros, estes serão também gastos, preserva-me da tentação”. Que sou eu em semelhante caso? Tudo quanto os senhores quiserem, um monstro, um celerado, mas não um ladrão confesso, porque um ladrão não teria decerto levado a soma, teria-se apropriado dela. Ela assim vê que uma vez que eu restituí a metade do dinheiro, trabalharei se preciso toda a minha vida

para devolver o resto, mas haverei de procurá-lo. Dessa forma, sou desonesto, mas não um ladrão.

— Admitamos que haja um matiz — o procurador sorriu friamente —, no entanto é estranho que o senhor veja nisso uma diferença fatal.

— Sim, vejo nisso uma diferença fatal. Cada qual pode ser desonesto, creio mesmo que seja, mas para roubar é preciso um franco canalha. E depois perco-me nessas sutilezas… Em todo caso, o roubo é o cúmulo da desonestidade. Pensem: há um mês que guardo esse dinheiro, amanhã posso decidir devolvê-lo e cesso de ser desonesto. Mas não posso decidir-me a isso, muito embora exorte-me cada dia a tomar uma decisão. E há um mês que isto dura! Está bem, segundo a opinião das senhores?

— Admito que não esteja bem, não contesto… Mas deixemos de discutir a respeito dessas diferenças sutis, chegue ao fato, peço-lhe. O senhor não nos explicou ainda os motivos que o incitaram a dividir assim no começo esses três mil rublos. Com que fim escondeu a metade, que uso contava fazer dela? Insisto nisso, Dimítri Fiódorovitch.

— Ah! sim! — exclamou Mítia, batendo na testa. — Perdão por conservá-lo em suspenso em lugar de explicar-lhe o principal. O senhor teria logo compreendido, porque é o motivo de minha ação que a torna ignóbil. Veja, o defunto não cessava de obsedar Agrafiena Alieksándrovna; eu sentia ciúme, acreditava que ela hesitava entre ele e mim. Pensava todos os dias: e se ela tomasse uma decisão, se ela me dissesse de repente: “É a ti que amo, leva-me para o fim do mundo”. Ora, eu possuía ao todo vinte copeques; como levá-la? Que fazer então? Estava perdido. Porque eu não a conhecia ainda, acreditava que ela precisava do dinheiro, que não me perdoaria minha pobreza. Então conto a metade da soma, de sangue-frio a costuro num trapo, de propósito deliberado, e vou para a pândega com o resto. É ignóbil! Compreendeu agora?

Os juízes puseram-se a rir.

— Na minha opinião, deu o senhor prova de sabedoria e de

moralidade moderando-se, não gastando tudo — disse Nikolai Parfiénovitch. — Que há de grave nisso?

— Há que eu roubei! Causa-me espanto que o senhor não compreenda. Desde que carrego esses mil e quinhentos rublos sobre meu peito, dizia a mim mesmo cada dia: “És um ladrão, és um ladrão!”. Este sentimento inspirou minhas violências durante esse mês, eis por que surrei o capitão no botequim e bati em meu pai. Nem mesmo ousei revelar este segredo a meu irmão Aliócha, tão celerado e gatuno me sentia! E, no entanto, pensava: “Dimítri Fiódorovitch, talvez não sejas ainda um ladrão… Poderias amanhã ir entregar esses mil e quinhentos rublos a Kátia.” E foi ontem à noite somente que me decidi a rasgar meu amuleto, foi naquele momento que me tornei um ladrão incontestável. Por quê? Porque com meu amuleto destruí ao mesmo tempo meu sonho de ir dizer a Kátia: “Sou desonesto, mas não ladrão.” Compreende agora?

— E por que foi justamente ontem à noite que o senhor tomou essa decisão? — interrompeu Nikolai Parfiénovitch.

— Que pergunta ridícula! Porque me havia condenado à morte às cinco horas da manhã, aqui, ao romper da aurora: “Não importa — pensava — em morrer honesto ou desonesto!”. Mas aconteceu que não era a mesma coisa. Acreditarão os senhores? O que me torturava, sobretudo, nessa noite, não era o assassinato de Grigóri, nem o temor da Sibéria, e isto no momento em que meu amor triunfava, em que o céu se abria de novo diante de mim! Sem dúvida, isto me atormentava, mas menos do que a consciência de ter tirado de meu peito aquele maldito dinheiro para gastá-lo, e ter-me tornado assim um ladrão incontestável! Senhores, repito-lhes, aprendi muito durante esta noite! Aprendi que não somente é impossível viver sentindo-se desonesto, mas também morrer com tal sentimento… É preciso ser honesto para enfrentar a mortal…

Mítia estava lívido.

— Começo a compreendê-lo, Dimítri Fiódorovitch — disse o procurador com simpatia —, mas, como quiser, tudo isso vem dos nervos… o senhor tem os nervos doentes. Por que, por exemplo, para

pôr fim a seus sofrimentos, não foi devolver esses mil e quinhentos rublos à pessoa que lhos havia confiado e ter uma explicação com ela? Em seguida, dada sua terrível situação então, por que não ter tentado uma combinação que parece bastante natural? Depois de ter confessado nobremente suas faltas, o senhor teria lhe pedido a soma de que necessitava; tendo em vista a generosidade dessa pessoa e o embaraço em que o senhor se encontrava, ela não lhe teria decerto recusado, sobretudo propondo-lhe as garantias oferecidas ao comerciante Samsónov e à Senhora Khokhlakova. O senhor não considera essa garantia como válida ainda agora?

Mítia corou.

— O senhor pensa que eu seja vil a este ponto? É impossível que o senhor fale seriamente — disse ele com indignação.

— Mas estou falando seriamente… Por que duvida? — admirou-se por sua vez o procurador.

— Mas seria ignóbil. Senhores, fiquem sabendo que me estão atormentando! Pois seja, vou lhes dizer tudo, confessarei meu pensamento infernal, e os senhores verão, para sua vergonha, até onde os sentimentos humanos podem descer. Saibam que, também eu, encarei essa combinação de que o senhor fala, procurador. Sim, senhores, estava quase resolvido a ir à casa de Kátia, tão desonesto eu era! Mas anunciar-lhe minha traição e, para as despesas que ela acarreta, pedir-lhe dinheiro, a ela, Kátia (pedir, entendem os senhores?) e fugir logo com sua rival, com aquela que a odeia e a ofendeu, vejamos, procurador, o senhor está louco!

— Não estou louco, mas não pensei no princípio nesse ciúme de mulher… se existia, como o senhor afirma… sim, pode bem haver aí algo desse gênero — aquiesceu o procurador, sorrindo.

— Mas isto teria sido uma baixeza sem nome — berrou Mítia, batendo com o punho sobre a mesa —, algo de infecto! Ela me teria dado aquele dinheiro por vingança, por desprezo, porque ela também possui uma alma infernal e de grandes cóleras. Eu teria aceitado o dinheiro, por certo, teria aceitado, e então toda a minha vida… oh! Deus! Perdoem-me, senhores, o gritar tão forte. Não há muito tempo

eu ainda pensava nessa combinação, na outra noite, quando estava cuidando de Liagávi, e durante todo o dia de ontem, lembro-me, até aquele acontecimento.

— Até qual acontecimento? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, mas Mítia não ouviu.

— Fiz-lhes uma terrível confissão. Saibam apreciar isso, senhores, compreendam-lhe todo o valor. Mas se são capazes disso, é que me desprezam e morrerei de vergonha por haver-me confessado a gente como os senhores! Oh! vou me matar! E já vejo, vejo que não me acreditam! Como? Querem consignar isto? — exclamou ele, com terror.

— Claro que sim — replicou Nikolai Parfiénovitch, espantado —, nós notamos que até a última hora o senhor pensava em ir à casa da Senhorita Vierkhóvtseva para lhe pedir aquela soma… Asseguro-lhe que essa declaração é muito importante para nós, Dimítri Fiódorovitch… e sobretudo para o senhor.

— Vejamos, senhores, tenham pelo menos o pudor de não mandar consignar isto! Pus minha alma a nu diante dos senhores e os senhores se aproveitam para remexer nela!… Oh! meu Deus!

Cobriu o rosto com as mãos.

— Não se inquiete tanto, Dimítri Fiódorovitch — concluiu o procurador —, será feita leitura de tudo quanto está escrito, modificando-se o texto lá onde o senhor não estiver de acordo. Agora, pergunto-lhe pela terceira vez, é bem verdade que ninguém, nem uma alma, ouviu falar desse dinheiro costurado no amuleto?

— Ninguém, ninguém, já disse, o senhor então não compreendeu. Deixe-me tranquilo.

— Pois seja, este ponto terá de ser esclarecido; enquanto se espera, reflita; temos talvez uma dezena de testemunhas que afirmam que o senhor mesmo sempre falou duma despesa de três mil rublos e não de mil e quinhentos. E agora, à sua chegada aqui, o senhor declarou a muitos que trazia ainda três mil rublos…

— Os senhores têm entre as mãos centenas de testemunhos análogos, um milhar de pessoas ouviu isso!

— Pois bem, como o senhor vê, todos são unânimes. A palavra “todos” significa pois alguma coisa.

— Isso não significa nada absolutamente. Menti e todos mentiram como eu.

— Por que mentiu?

— O diabo sabe por quê. Por gabolice, talvez… a gloríola de ter gasto tal soma… talvez para esquecer o dinheiro que eu havia escondido… sim, justamente, eis por quê… diabos… quantas vezes já me fizeram esta pergunta? Menti, eis tudo, e não quis desdizer-me. Por que se mente, por vezes?

— É bem difícil de explicar, Dimítri Fiódorovitch — disse gravemente o procurador. — Mas diga-nos: esse amuleto, como o senhor chama, era grande?

— Não.

— De que tamanho, por exemplo?

— Do tamanho de uma nota de cem rublos dobrada em duas.

— Faria melhor mostrando-nos os pedaços; deve tê-los certamente com o senhor.

— Que tolice! Não sei onde eles estão.

— Com licença: onde e quando o retirou de seu pescoço? O senhor não voltou para casa, segundo sua declaração.

— Foi ao ir à casa de Pierkhótin, depois de ter deixado Fiénia. Rasguei-o para tirar o dinheiro.

— No escuro?

— Para que uma vela? O pano foi depressa rasgado.

— Sem tesouras, na rua?

— Na praça, creio.

— Que fez dele?

— Atirei-o lá.

— Onde?

— Em alguma parte, na praça, o diabo sabe onde. Que é que interessa isso aos senhores?

— É muito importante, Dimitri Fiédorovitch; há nisso uma peça de convicção em seu favor, não compreende? Quem o ajudou a costurá-lo, há um mês?

— Ninguém. Eu mesmo costurei.

— Sabe costurar?

— Um soldado deve saber costurar; aliás não há necessidade de ser hábil para isso.

— E onde arranjou o pano, isto é, esse trapo?

— Os senhores querem rir.

— Absolutamente. Não estamos com vontade de rir, Dimítri Fiódorovitch.

— Não me lembro onde.

— Como pode ter-se esquecido?

— Palavra, não me lembro, rasguei talvez um pedaço de roupa branca.

— É muito importante: seria possível encontrar, amanhã em sua casa, a peça, a camisa, talvez, de que o senhor arrancou um pedaço, De que era esse trapo: de algodão ou de linho?

— O diabo o sabe. Esperem… Parece-me que não rasguei nada.

Era, creio, de algodão. Costurei da touca de minha locadora.

— Da touca de sua locadora?

— Sim, tirei-a dela.

— Como, tirou-a?

— Estão vendo? Lembro-me, com efeito, de ter subtraído uma touca para aproveitar o pano em trapos, talvez como limpador de penas. Tirei-a furtivamente, porque era um trapo sem valor e me servi para costurar dentro dele aqueles mil e quinhentos rublos… Creio bem que foi isso, um velho pedaço de tecido de algodão, mil vezes lavado.

— E está certo disso?

— Não sei. Parece-me. Aliás, pouco me importa.

— Neste caso, sua locadora poderia ter verificado o desaparecimento desse objeto.

— Não, não notou. Um velho trapo, digo-lhes eu, um trapo que não valia um copeque.

— E a agulha, a linha, onde as arranjou?

— Paro, chega! — cortou bruscamente Mítia, zangado.

— E estranho que o senhor não se lembre onde atirou aquele… amuleto, na praça.

— Mandem varrer a praça amanhã, talvez o encontrem. Basta, senhores, basta! — proferiu Mítia num tom de acabrunhamento. — Estou vendo bem que os senhores não acreditam numa palavra do que lhes digo! É culpa minha e não dos senhores. Não deveria ter-me deixado levar a isso. Porque degradei-me revelando meu segredo! Isto lhes parece engraçado, vejo-o pelos seus olhos! Foi o senhor que me atraiu a este ponto, procurador! Triunfe agora!… Malditos sejam, carrascos!

Curvou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos. O procurador e o juiz calavam-se. Ao fim dum minuto, Mítia levantou a cabeça e fitou-

os inconscientemente. Sua fisionomia exprimia o desespero no seu último grau, tinha o ar desvairado. Entretanto era preciso acabar, proceder ao interrogatório das testemunhas. Eram oito horas da manhã, tinham apagado as velas desde muito tempo. Mikhail Makárovitch e Kolgánov, que andavam abaixo e acima durante o interrogatório, tinham agora saído ambos. O procurador e o juiz pareciam fatigados. Fazia mau tempo, o céu estava nublado, a chuva caía torrencialmente. Mítia olhava vagamente através das vidraças.

— Posso olhar pela janela? — perguntou ele a Nikolai Parfiénovitch.

— À sua vontade — respondeu este.

Mítia levantou-se e aproximou-se da janela. A chuva fustigava as pequenas vidraças esverdeadas. Via-se a estrada enlamaçada e, mais longe, as filas de isbás, sombrias e pobres, que a chuva tornava mais miseráveis ainda. Mítia se lembrou de "Febo dos cabelos de ouro" e de sua intenção de matar-se "logo aos seus primeiros raios". Semelhante manhã teria convindo ainda melhor. Sorriu amargamente e voltou-se para seus "carrascos".

— Senhores, vejo que estou perdido. Ela, porém? Digam-me, suplico-lhes, deve ela sofrer a mesma sorte? Está inocente, perdera a cabeça, ontem, para gritar que "era culpada de tudo". Está completamente inocente! Após esta noite de angústia, os senhores não podem me dizer o que farão com ela?

— Tranquilize-se a este respeito, Dimítri Fiódorovitch — apressou-se em responder o procurador —, não temos no momento nenhum motivo para inquietar a pessoa pela qual se interessa. Espero que o mesmo aconteça posteriormente. Pelo contrário, faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance em seu favor.

— Senhores, agradeço-lhes, sabia que os senhores são justos e honestos, apesar de tudo. Tiram-me um peso da alma… Que querem fazer agora? Estou pronto.

— É preciso proceder imediatamente ao interrogatório das testemunhas, o que deve realizar-se em sua presença, de modo que…

— Se tomássemos chá? — interrompeu Nikolai Parfiénovitch. — Creio que bem o merecemos.

Decidiu-se tomar um copo de chá e continuar o inquérito sem intervalo, esperando-se, para uma refeição mais substanciosa, uma hora mais favorável. Mítia, que a princípio recusara o copo que lhe oferecia Nikolai Parfiénovitch, tomou-o em seguida ele próprio e bebeu com avidez. Parecia extenuado. Com sua constituição robusta, parecia, que mal poderia causar-lhe uma noite de farra, mesmo acompanhada das mais fortes sensações? Mal se mantinha, porém, sobre sua cadeira e por vezes acreditava ver os objetos girarem em torno de si. “Ainda um pouco e vou delirar”, pensava.

### *VIII / Depoimentos das testemunhas. O neném*

Começou o interrogatório das testemunhas. Mas não prosseguiremos nosso relato de uma maneira tão detalhada como até agora, deixando de lado a maneira pela qual Nikolai Parfiénovitch lembrava a cada testemunha que devia depor de acordo com a verdade e sua consciência, e repetir mais tarde seu depoimento sob juramento, etc. Notaremos somente que o ponto essencial, aos olhos do juiz, era a questão de saber se Dimítri Fiódorovitch tinha gasto três mil rublos ou mil e quinhentos por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, um mês antes, bem como na véspera. Ai! todas as testemunhas, sem exceção, foram desfavoráveis a Mítia, algumas contavam fatos novos, quase esmagadores, que enfraqueciam as declarações dele. O primeiro interrogado foi Trifon Borísovitch. Apresentou-se sem o menor temor, pelo contrário, cheio de indignação contra o acusado, o que lhe conferiu grande ar de veracidade e de dignidade. Falou pouco, com reserva, esperando as perguntas, às quais respondia com firmeza, refletindo, Declarou, sem rebuços, que um mês antes o acusado deveria ter gasto pelo menos três mil rublos, que os mujiques testemunhariam isso, tinham ouvido o próprio Mítri Fiódorovitch dizer.

— Quanto dinheiro ele atirou aos ciganos! Só com eles, creio que deve ter gasto mais de mil rublos.

— Não cheguei talvez a dar-lhes nem quinhentos — observou

Mítia. — Somente não o contei então, estava bêbedo. É pena.

Mítia escalava com ar sombrio, parecia triste e fatigado e parecia dizer: “Ora! Contem o que quiserem, agora para mim dá no mesmo”.

— Os ciganos custaram-lhe mais de mil rublos, Mitri Fiódorovitch. O senhor atirava-lhes o dinheiro sem contar e eles o apanhavam. É uma corja de gatunos, roubam os cavalos, foram expulsos daqui, senão teriam talvez declarado a quanto montou o ganho deles. Eu mesmo vi então a soma nas mãos do senhor — o senhor não me deixou contar, é verdade —, mas assim à vista, lembro-me, havia bem mais de mil e quinhentos rublos… Nós também sabemos o que seja o dinheiro…

Quanto à soma do dia anterior, Dimítri Fiódorovitch lhe havia declarado, desde sua chegada, que trazia três mil rublos.

— Vejamos, Trifon Borísovitch, eu declarei que trazia três mil rublos?

— Mas sim, Mítri Fiódorovitch. Disse em presença de Andriéi. Ele ainda está aqui, chamem-no. E na sala, quando o senhor servia o coro, exclamou mesmo que deixava aqui sua sexta nota de mil rublos, contando com a outra vez, bem entendido. Stiepan e Siemion ouviram isso, Piotr Fomitch Kolgánov mantinha-se então ao lado do senhor, talvez ele também se lembre…

A declaração relativa ao sexto milhar de rublos impressionou os juízes e lhes agradou pela sua clareza: três mil então, três mil agora, completavam bem os seis mil.

Foram interrogados os mujiques Stiepan e Siemion, o cocheiro Andriéi, que confirmaram o depoimento de Trifon Borísovitch. Além disso, consignou-se a conversa que Andriéi tivera em caminho com Mítia, perguntando se iria para o céu ou para o inferno e se lhe perdoariam no outro mundo. O “psicólogo” Ipolit Kirílovitch que escutara, sorrindo, recomendou que se acrescentasse essa declaração aos autos.

Quando chegou sua vez, Kolgánov apresentou-se a contragosto,

com ar sombrio, caprichoso, e conversou com o procurador e Nikolai Parfiénovitch, como se os visse pela primeira vez, quando os conhecia desde muito tempo. Começou por dizer que “não sabia de nada e de nada queria saber”. Mas ouvira Mítia falar da sexta nota de mil e confessou que se encontrava então ao lado dele. Ignorava a soma que Mítia podia ter e afirmou que os poloneses tinham trapaceado no jogo de baralho. Após perguntas reiteradas, explicou que, expulsos os poloneses, Mítia voltara às boas graças junto a Agrafiena Alieksándrovna e que esta declarara amá-lo. A respeito desta última exprimiu-se com delicadeza, como se ela pertencesse à melhor sociedade e não se permitiu nem uma só vez chamá-la Grúchenhka. Malgrado a repugnância visível do rapaz em depor, Ipolit Kirílovitch reteve-o muito tempo e somente por ele soube do que constituía, por assim dizer, o “romance” de Mítia naquela noite. Nem uma vez Mítia interrompeu Kolgánov, que se retirou sem esconder sua indignação.

Passaram aos poloneses. Tinham-se deitado em seu quartinho, mas não haviam pregado olho a noite toda; à chegada das autoridades, vestiram-se rapidamente, compreendendo que iriam chamá-los. Apresentaram-se com dignidade, mas não sem apreensão. O *pan* baixinho, mais importante, era funcionário aposentado, de décima-segunda classe, servira como veterinário na Sibéria e se chamava Mussialóvitch. *Pan* Vrublievski era dentista. Às perguntas de Nikolai Parfiénovitch, responderam a princípio dirigindo-se a Mikhail Makárovitch, que se conservava de lado; tomavam-no como o personagem mais importante e chamavam-no, a cada frase, *pan polkhóvnik*[81]. Conseguiram fazer que eles compreendessem seu erro, aliás falavam corretamente o russo, salvo a pronúncia de certas palavras. Ao falar de suas relações com Grúchenka, *pan* Mussialóvitch pôs nisso um ardor e uma altivez que exasperaram Mítia; exclamou que não permitia que um “tratante” se exprimisse assim em sua presença. *Pan* Mussialóvitch rebateu o termo e rogou que o mencionássemos nos autos. Mítia fervia de cólera.

— Sim, um tratante! Façam constar, isto não me impedirá de repetir que ele é um tratante.

Nikolai Parfiénovitch deu prova de muito tato por ocasião deste desagradável incidente; depois de uma severa repreensão a Mítia,

renunciou a inquirir a respeito do lado romanesco do caso e passou ao fundo. Os juízes interessaram-se bastante pelo depoimento dos poloneses, segundo o qual Mítia oferecera três mil rublos a *pan* Mussialóvitch para renunciar a Grúchenhka; setecentos de contado e o resto "amanhã de manhã na cidade". Afirmava sob palavra de honra não ter consigo, em Mókroie, a soma completa. Mítia declarou a princípio que não prometera fazer o pagamento no dia seguinte na cidade, mas *pan* Vrubliévski confirmou o depoimento, e Mítia, depois de pensar, conveio que poderia ter falado assim na sua exaltação. O procurador fez grande caso desse depoimento; tornava-se claro para a acusação que uma parte dos três mil rublos caídos nas mãos de Mítia tinha podido ficar escondida na cidade, talvez mesmo em Mókroie. Assim se explicava uma circunstância embaraçosa para a acusação, o fato de terem sido encontrados apenas oitocentos rublos com Mítia; era, até então, a única que falava em seu favor, por mais insignificante que fosse. Agora, aquele único testemunho vinha abaixo. À pergunta do procurador: onde teria ele arranjado os dois mil e trezentos rublos prometidos ao *pan* para o dia seguinte, quando ele próprio afirmava não ter em seu poder senão mil e quinhentos, havendo dado sua palavra de honra, respondeu Mítia que tinha a intenção de propor ao *pan*, em lugar de dinheiro, a transferência por ato em cartório de seus direitos sobre a propriedade de Tchermachniá, já oferecidos a Samsónov e à Senhora Khokhlakova. O procurador sorriu da "ingenuidade do subterfúgio".

— E o senhor pensa que ele teria consentido em aceitar esses "direitos", em lugar de dois mil e trezentos rublos em dinheiro?

— Decerto, porque isso lhe iria dar não dois mil, mas quatro e até mesmo seis mil rublos. Teria mobilizado seus advogados judeus e poloneses, que haveriam de trazer o velho num cortado.

Naturalmente, o depoimento de *pan* Mussialóvitch foi transcrito *in extenso* nos autos, depois do que ele e seu companheiro puderam retirar-se. O fato de haverem trapaceado no jogo foi silenciado; Nikolai Parfiénovitch era-lhes grato e não queria inquietá-los por bagatelas, tanto mais quanto se tratava de uma querela entre jogadores embriagados e nada mais. Aliás, o escândalo não faltara naquela noite… Os duzentos rublos ficaram assim no bolso dos

poloneses.

Chamaram em seguida o velho Maksímov. Entrou timidamente, a passos miúdos, o ar triste e a roupa em desordem. Refugiara-se todo o tempo junto a Grúchenhka, sentado ao lado dela em silêncio, “pronto a choramingar, enxugando os olhos com seu lenço de quadrados”, como contou mais tarde Mikhail Makárovitch. Tanto que era ela quem o acalmava e consolava. De lágrimas nos olhos, o velho pediu desculpas por ter pedido emprestados dez rublos a Dimítri Fiódorovitch, visto sua pobreza, e declarou-se pronto a restitui-los… Tendo-lhe Nikolai Parfiénovitch perguntado quanto ele pensava que Dimítri Fiódorovitch tinha em dinheiro, visto que podia observá-lo de perto ao pedir-lhe emprestado, respondeu Maksímov categericamente: vinte mil rublos.

— O senhor já viu antes alguma vez vinte mil rublos? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, sorrindo.

— Como não? Decerto. Não vinte mil, mas sete mil, quando minha esposa hipotecou minha propriedade. Para falar a verdade, ela só me deixou ver de longe e aquilo formava uma maçaroca bem grossa de notas de cem rublos. Dimítri Fiódorovitch também estava com notas de cem rublos…

Não o retiveram muito tempo. Por fim chegou a vez de Grúchenhka. Os juízes temiam a impressão que sua chegada poderia produzir em Dimitri Fiódorovitch, e Nikolai Parfiénovitch dirigiu-lhe mesmo algumas palavras de exortação, às quais Mítia respondeu com um aceno de cabeça, indicando assim que não haveria desordem. Foi Mikhail Makárovitch quem trouxe Grúchenhka. Ela entrou, o rosto rígido e sombrio, o ar quase calmo, e tomou lugar em frente de Nikolai Parfiénovitch. Estava muito pálida e enrolava-se friorenta no seu belo xale negro. Sentia, com efeito, o arrepio da febre, começo da longa doença que contraiu naquela noite. Seu ar rígido, seu olhar franco e sério, a calma de suas maneiras produziram a impressão mais favorável. Nikolai Parfiénovitch ficou mesmo seduzido; contou mais tarde que somente então compreendera quanto era encantadora aquela mulher; antes via nela “uma cortesã de subprefeitura”. “Tem as maneiras da melhor sociedade”, ele deixou escapar uma vez com

entusiasmo num círculo de senhoras. Ouviram-no com indignação e logo o trataram de “descarado”, o que o encantou. Ao entrar, lançou Grúchenhka a Mítia um olhar furtivo; ele, por sua vez, a examinou com inquietação, mas seu ar tranquilizou-o. Após as perguntas habituais, Nikolai Parfiénovitch, com alguma hesitação, mas com o ar mais polido, perguntou-lhe “quais eram suas relações com o tenente reformado Dimitri Fiódorovitch Karamázov”?

— Era um conhecido e como tal o recebi em minha casa neste último mês.

Em resposta a outras perguntas, declarou francamente que não amava Mítia então, se bem que ele lhe agradasse “por momentos”; seduzira-o por maldade bem como ao velho; o ciúme que Mítia sentia de Fiódor Pavlovitch e de todos divertia-a. Jamais pensara em ir à casa de Fiódor Pávlovitch, de quem ela zombava. “Durante todo este mês, não me interessava por eles; esperava um outro, que tinha culpa para comigo… Somente acho que não precisam os senhores de interrogar-me a esse respeito e não tenho obrigação de responder-lhes. Trata-se de minha vida privada.”

Nikolai Parfiénovitch deixou imediatamente de lado os pontos “romanescos” e abordou a questão capital dos três mil rublos. Grúchenhka respondeu que fora mesmo a soma gasta em Mókroie um mês antes, segundo as palavras de Dímitri, porque ela mesma não havia contado as cédulas.

— Disse-lhe ele isso com particular ou diante de terceiros, ou então só o soube a senhora por intermédio de outras pessoas? — perguntou logo o procurador.

Grúchenhka respondeu afirmativamente a essas três perguntas.

— A senhora o ouviu dizer isso em particular uma ou várias vezes?

Respondeu que várias vezes.

Ipolit Kirílovitch ficou bastante satisfeito com esse depoimento. Ficou depois estabelecido que Grúchenhka sabia que o dinheiro

provinha de Katierina Ivânovna.

— Não ouviu a senhora dizer que Dimítri Fiódorovitch gastara então menos de três mil rublos e guardara para si a metade?

— Não, nunca.

Pelo contrário, havia um mês Mítia lhe declarara por várias vezes estar sem dinheiro. “Esperava sempre recebê-lo de seu pai”, concluiu Grúchenhka.

— Ele não disse, diante da senhora… incidentemente ou num momento de irritação — perguntou de repente Nikolai Parfiénovitch —, que tinha intenção de tentar contra a vida de seu pai?

— Sim, ouvi-o dizer — respondeu Grúchenhka.

— Uma vez ou várias?

— Várias vezes, sempre em acessos de cólera.

— E a senhora acreditava que ele poria esse projeto em execução?

— Não, nunca! — respondeu ela com firmeza. — Contava com a nobreza de seus sentimentos.

— Senhores, um instante — exclamou Mítia —, permitam-me que diga, na presença dos senhores, uma palavra apenas a Agrafiena Alieksándrovna.

— Pode falar — consentiu Nikolai Parfiénovitch.

— Agrafiena Alieksándrovna — disse Mítia, levantando, —, juro perante Deus; sou inocente da morte de meu pai!

Mítia tornou a sentar-se. Grúchenhka ficou em pé, benzeu-se piedosomente diante do ícone.

— Deus seja louvado! — disse ela com efusão e acrescentou, dirigindo-se a Nikolai Parfiénovitch: — Acredite no que ele disse! Eu o conheço, é capaz de dizer não sei o quê por brincadeira ou por teimosia, mas nunca fala contra a sua consciência. Diz a verdade

completa, esteja certo!

— Obrigado, Agrafiena Alieksándrovna, reconfortaste minha alma — disse Mítia, com voz trêmula.

A respeito do dinheiro do dia anterior, ela declarou não conhecer a soma, mas ter ouvido Dimítri repetir frequentemente que levara três mil rublos. Quanto à sua proveniência, dissera-lhe somente a ela que os “roubara” de Katierina Ivânovna, ao que ela respondeu que não era um roubo e que era preciso restituir o dinheiro logo no dia seguinte. Insistindo o procurador em saber o que entendia Dimítri por dinheiro roubado, o do dia anterior ou o de havia um mês, declarou Grúchenhka que ele falara do dinheiro de então e ela assim o compreendia.

Terminado o interrogatório, disse Nikolai Parfiénovitch, com solicitude, a Grúchenhka que ela estava livre de voltar para a cidade e que, se ele pudesse lhe ser útil em alguma coisa, arranjando-lhe por exemplo cavalos ou fazendo-a acompanhar, faria…

— Obrigada — disse Grúchenhka, cumprimentando-o. — Partirei com aquele velho, o proprietário rural. Mas, se o senhor permitir, esperarei aqui sua decisão a respeito de Dimitri Fiódorovitch.

Saiu. Mítia estava calmo e tinha o ar reconfortado, mas por um instante apenas. Uma estranha lassitude invadia-o cada vez mais. Seus olhos se fechavam contra sua vontade. O interrogatório das testemunhas estava afinal acabado. Procedeu-se à redação definitiva do processo verbal. Mítia levantou-se e foi estender-se a um canto, sobre uma grande mala coberta por um tapete. Adormeceu logo. Teve um sonho estranho, sem relação com as circunstâncias. Viajava pela estepe, numa região por onde passara outrora, estando de serviço. Um mujique o conduz em *tieliega* através da planície enlameada. Faz frio, são os primeiros dias de novembro, a neve cai em grossos flocos que se derretem imediatamente. O mujique chicoteia vigorosamente seus cavalos, tem uma comprida barba ruiva, é um homem duns cinquenta anos, vestido com um ordinário cafetã cinzento. Aproximam-se de uma aldeia da qual se avistam as isbás negras, muito negras, a metade incendiadas, erguendo-se ainda apenas traves carbonizadas. Na

estrada, à entrada da aldeia, uma multidão de mulheres alinha-se, todas magras e descarnadas, o rosto crestado. Ali está uma, à beira da estrada, ossuda, alta, parecendo ter uns quarenta anos, mas talvez não tendo senão vinte, o rosto longo e desfeito; tem nos braços uma criancinha que chora, seus peitos devem estar esgotados, parecem ressequidos, e a criança chora, chora sem parar, estende seus bracinhos nus, seus pequenos punhos roxos de frio.

— Por que eles choram? — pergunta Mítia, passando a galope.

— É o neném — responde o cocheiro —, é o neném que chora.

E Mítia fica impressionado por ter ele dito à sua maneira, como os mujiques, o "neném" e não o bebê. Isso lhe agrada, isso lhe parece mais compassivo.

— Mas por que chora ele? — obstina-se em perguntar Mítia. — Por que seus bracinhos estão nus? por que não lhes cobrem?

— O neném está transido de frio, suas roupas estão geladas, de modo que não o aquecem.

— Como assim? — insiste Mítia, estupidificado.

— É que eles são pobres, suas isbás foram queimadas, não têm pão.

— Não, não — prosseguiu Mítia, que parecia continuar a não compreender —, dize-me por que aquelas desgraçadas se conservam aqui, por que tanta miséria, aquele pobre neném, por que a estepe é nua, por que aquelas pessoas não se beijam cantando canções alegres, por que são tão negras, por que não dão de comer ao neném?

Sente bem que suas perguntas são absurdas, mas não pode impedir-se de fazê-las e tem razão; sente também que o invade um enternecimento, que vai chorar, gostaria de consolar o neném e sua mãe de peitos estorricados, de secar as lágrimas de todo mundo e isto tudo imediatamente, sem levar nada em conta, com todo o ardor de um Karamázov.

— Estou contigo, não te deixarei mais — diz-lhe ternamente

Grúchenhka.

Seu coração se abrasa e vibra a uma luz longínqua, quer viver, seguir o caminho que leva àquela luz nova, àquela luz que o chama.

— Que é? Onde estou? — exclama ele, abrindo os olhos. Ergue-se sobre a mala como quem desperta de um desmaio, com um sorriso radiante. Diante dele se encontra Nikolai Parfiénovitch, que o convida a ouvir o processo verbal e a assiná-lo.

Mítia deu-se conta de que dormira uma hora ou mais, mas não escutava o juiz. Estava estupefato por ter encontrado sob sua cabeça uma almofada que lá não estava quando se estirou esgotado sobre a mala.

— Quem pôs aqui esta almofada? Quem teve tanta bondade? — exclamou ele, com exaltação, com uma voz emocionada, como se se tratasse dum benefício inestimável. O corajoso coração que tivera essa atenção permaneceu desconhecido, mas Mítia estava comovido até as lágrimas. Aproximou-se da mesa e declarou que assinaria tudo quanto quisessem.

— Tive um belo sonho, senhores — disse ele com uma voz estranha e o rosto como que iluminado de alegria.

## *IX / Levam Mítia preso*

Uma vez assinado o processo verbal, dirigiu-se Nikolai Parfiénovitch solenemente ao acusado e leu para ele um “auto de processo e de prisão”, segundo cujos termos ele, juiz de instrução… tendo interrogado o detido… (seguiam-se os termos de acusação), atendendo a que este, embora declarando-se inocente dos crimes que lhe eram imputados, nada produzira para justificar-se, a que entretanto as testemunhas… e as circunstâncias… o acusavam inteiramente, tendo em vista os artigos… do Código Penal, ordenava, a fim de impedir que o supracitado se subtraia ao inquérito e julgamento, que fosse encarcerado e se desse cópia do presente ao procurador, etc. Em suma, declarou-se a Mítia que se achava ele doravante detido, que iam levá-lo à cidade e encerrá-lo numa residência muito pouco agradável. Mítia ergueu os ombros.

— Está bem, senhores, não lhes quero mal, estou pronto… compreendo que não lhes resta outra coisa a fazer.

Nikolai Parfiénovitch explicou-lhe que ele ia ser levado por Mavríki Mavríkitch, ali presente.

— Esperem — interrompeu Mítia, e sob um impulso irresistível dirigiu-se a todos os presentes: — Senhores, somos todos cruéis, todos monstros, é por nossa causa que choram as mães e as criancinhas, mas entre todos, eu proclamo, sou o pior! Cada dia, batendo nos peitos, jurava emendar-me, e cada dia cometia as mesmas vilanias. Compreendo agora que a criaturas tais como eu é preciso um golpe do destino e seu laço, uma força exterior que as dome. Jamais teria eu mesmo podido erguer-me! Mas o raio descarregou-se. Aceito as torturas da acusação, da ignomínia pública. Quero sofrer e redimir-me pelo sofrimento! Talvez o consiga, não é, senhores? Escutem, no entanto, pela derradeira vez: não derramei o sangue de meu pai! Aceito o castigo, não por tê-lo matado, mas por ter querido matá-lo, e talvez mesmo o tivesse feito! Estou resolvido não obstante a lutar contra os senhores, declaro-lhes. Lutarei até o fim e em seguida, que Deus decida! Adeus, senhores, perdoem-me meus rompantes durante o interrogatório, estava então ainda desvairado… Dentro de um instante serei um preso e pela derradeira vez Dimítri Karamázov, como um homem livre ainda, estende-lhes a mão. Apresentando-lhes minhas despedidas, é ao mundo que as apresento!…

Sua voz tremia, estendeu com efeito a mão, mas Nikolai Parfiénovitch, que era quem se achava mais perto dele, ocultou a sua com um gesto convulsivo. Mítia percebeu-o e estremeceu. Deixou seu braço recair.

— O inquérito ainda não está terminado — disse o juiz um pouco confuso —, vai prosseguir na cidade, e, de minha parte, desejo que o senhor… consiga… justificar-se… Pessoalmente, Dimítri Fiódorovitch, sempre o considerei como mais infeliz que culpado… Todos aqui, se ouso fazer-me intérprete deles, estamos dispostos a ver no senhor um jovem, no íntimo nobre, mas, ai! arrebatado por suas paixões duma maneira excessiva

Foram estas derradeiras palavras pronunciadas pelo juizinho com grande dignidade. Pareceu de repente a Mítia que aquele rapazola ia pegá-lo pelo braço, levá-lo para um canto e continuar sua recente conversa a respeito das “garotas”. Mas quem sabe as ideias intempestivas que ocorrem por vezes mesmo a um criminoso a quem levam ao suplício?

— Os senhores são bons, humanos. Poderei tornar a vê-la para dizer-lhe um último adeus?

— Sem dúvida, mas… em nossa presença…

— De acordo.

Trouxeram Grúchenhka, mas o adeus foi lacônico e decepcionou Nikolai Parfiénovitch. Grúchenhka fez uma profunda saudação a Mítia.

— Já te disse que sou tua, que te pertenço para sempre, irei atrás de ti por toda parte aonde te enviarem. Adeus, tu que te perdeste sem seres culpado.

Seus lábios tremiam, ela chorava.

— Perdoa-me, Grucha, o amar-te, o ter causado também tua perda pelo meu amor.

Mítia queria falar ainda, mas deteve-se e partiu. Foi logo cercado por pessoas que não o perdiam de vista. Duas *tieliegui* esperavam ao pé do patamar, onde ele chegara na véspera com muito barulho na tróica de Andriéi. Mavríki Mavríkitch, baixo e robusto, o rosto enrugado, estava irritado por causa de alguma desordem inesperada e gritava. Num tom cortante, convidou Mítia a subir na *tieliega*. “Outrora, quando eu lhe pagava de beber no botequim, o personagem tinha outra cara”, pensou Mítia. Trifon Borísovitch desceu o patamar. Perto do portão comprimiam-se mujiques, mulheres, os cocheiros, todos mirando Mítia.

— Adeus, boa gente! — gritou-lhes Mítia já na *tieliega*.

— Adeus! — disseram duas ou três vozes.

— Adeus, Trifon Borísovitch!

Mas Trifon Borísovitch nem mesmo se voltou estando sem dúvida bastante preocupado. Gritava também e agitava-se. Tudo não estava em regra na segunda *tieliega* em que devia subir a escolta. O mujique designado para conduzi-la, enquanto vestia seu cafetã, sustentava energicamente que não era ele quem devia ir, mas Akim. Mas Akim não estava ali; corria-se à sua procura; o mujique insistia, suplicava que se esperasse.

— É uma trama descarada que temos aqui, Mavríki Mavríkitch! — exclamou Trifon Borísovitch. — Há três dias, Akim te deu vinte e cinco copeques, tu os bebeste e agora gritas. Espanto-me somente da bondade do senhor para com esses sujeitos.

— Que necessidade temos duma segunda tróica? — interveio Mítia. — Viajemos com uma só, Mavríki Mavríkitch, não me revoltarei nem fugirei. Por que queres uma escolta?

— Aprenda a falar comigo, senhor, se não o sabe ainda. Trate de não me tratar por tu e guarde seus conselhos para outra ocasião… — replicou impertinentemente Mavríki Mavríkitch, como que feliz por extravasar seu mau humor.

Mítia calou-se, corando. Um instante depois, sentiu vivamente o frio. A chuva cessara, mas o céu estava coberto de nuvens, um vento áspero soprava no rosto. “Tenho arrepios”, pensou Mítia, enrodilhando-se. Por fim Mavríki Mavríkitch subiu por sua vez e sentou-se pesadamente, bem à vontade, empurrando Mítia para um lado, sem parecer prestar-lhe atenção. Na verdade, estava mal-humorado e bastante descontente com a missão que lhe haviam confiado.

— Adeus, Trifon Borísovitch! — gritou de novo Mítia, sentindo que, desta vez, não era de bom coração, mas de cólera, malgrado seu, que gritava. Trifon Borísovitch, com ar arrogante, as mãos atrás das costas, fixou Mítia com um olhar severo e não lhe respondeu.

— Adeus, Dimítri Fiódorovitch, adeus! — repercutiu de súbito a voz de Kolgánov. Correndo para a *tieliega*, estendeu a mão a Mítia.

Estava sem casquete. Mítia teve ainda tempo de apertar-lhe a mão.

— Adeus, meu bravo amigo, não esquecerei sua generosidade! — disse ele com ardor. Mas a *tieliega* pôs-se em movimento, suas mãos desenlaçaram-se, os guizos retiniram, levavam Mítia.

Kolgánov correu para o vestíbulo, sentou-se num canto, curvou a cabeça, ocultou o rosto nas mãos e chorou por muito tempo, chorava como um menino. Estava quase convencido da culpabilidade de Mítia. "Que podem as pessoas valer depois disso?", murmurava ele, num total desamparo. Não queria mesmo mais viver naquele instante. "Será que isso vale a pena?", exclamava o rapaz no seu pesar.

# Quarta parte

## Livro X / *Morte de Iliúcha*

### *I / Kólia Krasótkin*

Primeiros dias de novembro. Onze graus de frio e regelo. Durante a noite, caiu um pouco de neve seca, que o vento áspero e picante levanta e varre através das ruas sombrias de nossa cidadezinha, sobretudo na praça do mercado. Está escura a manhã, mas a neve cessou. Não longe da praça, perto da loja dos Plótnikovi, encontra-se a casinha, muito limpinha no exterior e no interior, da Senhora Krasótkina, viúva de um funcionário. Vão se completar em breve catorze anos da morte do secretário de governo Krasótkin, mas sua viúva, ainda graciosa e com pouco mais de trinta anos, vive de suas rendas em sua casinha. Doce e alegre, leva uma existência modesta e digna. Tendo ficado viúva aos dezoito anos, com um filho que acabava de nascer, consagrou-se inteiramente à educação de Kólia. Amava-o cegamente, mas o menino lhe causou certamente mais pesares que alegrias, no temor perpétuo de vê-lo adoecer, resfriar-se, vadiar, ferir-se ao brincar, etc. Quando Kólia entrou para o colégio, sua mãe pôs-se a estudar todas as matérias, a fim de ajudá-lo a fazer seus exercícios, travou conhecimento com os professores e suas esposas, adulou mesmo os camaradas de seu filho, para evitar que zombassem dele ou que lhe batessem. Chegou a ponto de começarem os colegiais a

zombar verdadeiramente de Kólia, a importunar “o queridinho da mamãe”. Mas o menino soube fazer-se respeitar. Era ousado e logo passaram a achá-lo na classe “rudemente forte”, e além disso esperto, de caráter teimoso, espírito audacioso e empreendedor. Era um bom aluno, corria mesmo o rumor de que em Matemática e História Universal passava a perna no Professor Dardaniélov.[82] Mas Kólia, embora afetando certo ar de superioridade, era bom camarada e nada orgulhoso. Aceitava como devido o respeito dos colegiais e mostrava uma atitude amigável. Conhecia sobretudo a medida, sabia reter-se a tempo devido e para com os professores não ultrapassava jamais o derradeiro limite além do qual a vivacidade não pode ser tolerada, tornando-se desordem e insubordinação. No entanto estava sempre pronto à travessura, quando se ensejava ocasião, como o derradeiro dos garotos, ou antes a bancar de malicioso, a chamar a atenção. Cheio de amor-próprio, soubera ganhar ascendência sobre sua mãe, que sofria desde muito tempo o seu despotismo. Somente era-lhe insuportável a ideia de que seu filho a amava pouco. Kólia parecia-lhe sempre insensível a seu respeito e acontecia que, numa crise de lágrimas, ela o censurava pela sua frieza. O rapazinho não gostava disso e quanto mais efusões exigiam dele mais a elas se furtava. Mas era contra a sua vontade, provinha isto de seu caráter e não de sua vontade. Sua mãe se enganava; ele a amava, somente, não gostava das “ternuras de novilha”, como dizia em sua linguagem de escolar. Seu pai deixara uma biblioteca, e Kólia, que gostava de ler, ficava por vezes horas mergulhado nos livros, em lugar de ir brincar, para grande espanto de sua mãe. Leu assim coisas acima de sua idade. Nos últimos tempos, suas travessuras — sem ser perversas — espantavam sua mãe por causa de sua extravagância. Durante as férias, em julho, a mãe e o filho iam passar uma semana em casa de uma parenta, cujo marido era empregado ferroviário na estação mais próxima da nossa cidade. (Fora lá, a setenta verstas, que Ivan Fiódorovitch tomara o trem para Moscou, um mês antes.) Kólia começou por examinar minuciosamente o caminho de ferro e seu funcionamento, compreendendo que poderia deslumbrar seus colegas com seus novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, ligou-se a seis ou sete garotos da vizinhança, de doze a quinze anos de idade, entre os quais dois provinham de nossa cidade. Faziam travessuras em comum e em breve o alegre bando teve a ideia de fazer uma aposta verdadeiramente estúpida, cuja parada era de dois rublos.

Kólia, um dos mais jovens e portanto um pouco desdenhado pelos mais idosos, levado pelo amor-próprio ou pela temeridade, propôs ficar deitado entre os trilhos, sem mexer-se, enquanto o trem das onze horas da noite passaria sobre ele a todo vapor. Na verdade, um exame prévio permitiria verificar que a coisa era factível, que a pessoa podia realmente achatar-se entre os trilhos sem ser mesmo roçada pelo trem. Mas que minuto penoso teria de passar! Kólia jurou por toda parte que o faria. Começaram por zombar dele, trataram-no de fanfarrão, o que o excitou ainda mais. Também aqueles rapazes de quinze anos mostravam-se por demais arrogantes, tendo mesmo recusado a princípio levar em consideração aquele fedelho, tratando-o como camarada. Ofensa intolerável. Numa noite sem lua, decidiram ir a uma versta da estacão, onde o trem já passaria rapidamente. Na hora marcada, Kólia deitou-se entre os trilhos. Os cinco outros apostadores, de coração a desfalecer, em breve tomados de pavor e de remorso, aguardavam nas moitas embaixo do talude. Dentro em pouco ouviu-se o barulho do trem que se punha em movimento. Duas lanternas vermelhas brilharam nas trevas, o monstro aproximava-se estrondosamente. “Foge! Foge!”, gritaram, apavorados. Era demasiado tarde, o trem passou e desapareceu. Precipitaram-se para Kólia, que jazia, inerte, puseram-se a sacudi-lo, a erguê-lo. De repente, ele se levantou e declarou que fingira um desmaio para fazer-lhes medo. Na realidade, tinha desmaiado mesmo, como ele próprio, espontaneamente, confessou muito tempo depois à sua mãe.

Dessa maneira, seu renome de “estabanado” ficou definitivamente estabelecido. Voltou para casa branco como linho. No dia seguinte, teve uma febre nervosa, mas mostrou-se muito alegre e contente. O acontecimento foi divulgado em nossa cidade, chegou ao conhecimento das autoridades escolares. A mamãe de Kólia suplicou-lhes que perdoassem a seu filho e por fim um professor estimado e influente, Dardaniélov, falou em seu favor e obteve ganho de causa. O caso não teve consequências. Esse Dardaniélov, solteiro e ainda moço, estava desde muito tempo apaixonado pela Senhora Krasótkina; um ano antes, com o coração cheio de apreensão, arriscara-se a pedir-lhe a mão; ela o recusara, considerando que o casar-se de novo seria uma traição a seu filho. No entanto, Dardaniélov, de acordo com certos indícios, teria tido o direito de pensar que não era fundamentalmente

antipático àquela viúva encantadora, mas casta e delicada em excesso. A louca travessura de Kólia deve ter rompido o gelo, e após a intervenção de Dardaniélov deu-se a entender a este que podia ter esperança, aliás longínqua, mas ele próprio era um fenômeno de pureza e de delicadeza e aquilo lhe bastava à sua felicidade no momento. Gostava do menino, mas teria achado humilhante procurar amansá-lo; na classe mostrava-se severo para com ele, exigente. O próprio Kólia mantinha-o à distância, preparava muito bem seus exercícios, ocupava o segundo lugar, e toda a classe estava persuadida de que, em História Universal, ele "passava a perna" ao próprio Dardaniélov em pessoa. Com efeito, Kólia perguntou-lhe uma vez quem havia fundado Troia. Ao que respondeu o mestre por meio de considerações a respeito dos povos e de suas migrações, da noite, dos tempos, da fábula, mas não pôde responder à pergunta precisa sobre a fundação de Troia, achando-a mesmo ociosa. Os alunos ficaram convencidos de que Dardaniélov de nada sabia. Kólia informara-se a respeito em Smaragdov, que figurava entre os livros de seu pai. Finalmente, todos se interessaram pela fundação de Troia, mas Krasótkin guardou seu segredo e seu prestígio permaneceu intacto.

Após o incidente da estrada de ferro, ocorreu uma mudança na atitude de Kólia para com sua mãe. Quando Anna Fiódorovna soube da proeza de seu filho, quase enlouqueceu. Teve violentas crises de nervos durante vários dias, a ponto de Kólia, seriamente aterrorizado, dar-lhe sua palavra de honra de jamais recomeçar semelhantes travessuras. Jurou de joelhos diante do ícone e pela memória de seu pai, como o exigia a Senhora Krasótkina; a emoção dessa cena fez chorar o "intrépido" Kólia como uma criança de seis anos: a mãe e o filho passaram o dia a lançar-se nos braços um do outro, derramando lágrimas. No dia seguinte, Kólia despertou de novo "insensível", mas tornou-se mais silencioso, modesto, pensativo. Seis semanas depois, reincidia, e seu nome chegou até o juiz de paz, mas desta vez tratava-se de uma travessura bem diferente, ridícula mesmo e estúpida, cometida por outros e na qual não estava implicado. Tornaremos a falar dela. Sua mãe continuou a tremer e a atormentar-se e a esperança de Dardaniélov crescia na medida dos alarmes dela. É preciso notar que Kólia compreendia e adivinhava a este respeito Dardaniélov, e, bem entendido, desprezava-o profundamente por

causa de seus “sentimentos”; antes tivera mesmo a indelicadeza de exprimir seu desprezo diante de sua mãe, fazendo alusões vagas às intenções de Dardaniélov. Mas após o incidente da estrada de ferro mudou também de conduta a este respeito; não se permitiu mais nenhuma alusão e falou com mais respeito de Dardaniélov diante de sua mãe, o que a sensível Anna Fiódorovna compreendeu imediatamente com uma gratidão infinita; em compensação, à menor palavra referente a Dardaniélov proferida em presença de Kólia, fosse mesmo um estranho, tornava-se ela vermelha como uma cereja. Naqueles momentos Kólia olhava pela janela com ar carrancudo ou examinava o estado de seus sapatos, ou ainda chamava raivosamente Carrilhão, um cachorro de longos pelos, muito grande e feio, que havia recolhido um mês antes e guardava em segredo, sem mostrá-lo a seus camaradas. Tratava-o com rigor, ensinava-lhe diversas habilidades, tanto que o pobre animal gania, quando ele partia para o colégio e latia alegremente quando ele voltava, saltava como um louco, andava de duas patas, fazia-se de morto, etc., em suma, mostrava todas as habilidades que lhe haviam sido ensinadas, isto não porque lhe ordenavam, mas no ardor de seu entusiasmo e de sua dedicação.

A propósito: esqueci-me de dizer que Kólia Krasótkin era o menino a quem Iliúcha, já conhecido do leitor, filho do capitão reformado Snieguiriov, ferira com o canivete, ao defender seu pai, a quem os colegiais ridicularizavam, chamando de “esfregão de tília”.

## *II / Gente miúda*

Portanto, naquela manhã glacial e brumosa de novembro, o jovem Kólia Krasótkin permanecia em casa. Era domingo e não havia aula. Mas acabavam de soar onze horas, era-lhe absolutamente preciso sair “para um negócio muito importante”, contudo ficava sozinho a guardar a casa, porque os adultos haviam saído em consequência de uma circunstância extraordinária. A viúva Krasótkina alugava um apartamento de duas peças, o único da casa, à mulher dum médico, que tinha dois filhos pequenos. Era da mesma idade de Anna Fiódorovna e sua grande amiga; quanto ao doutor, que partira para Oremburgo, depois para Tachkent, não dava notícias de si havia seis

meses, de sorte que a abandonada teria passado seu tempo a chorar sem a amizade da Senhora Krasótkina, que amenizava seu pesar. Para cúmulo de infortúnio, Katierina, a única criada da mulher do doutor, declarara bruscamente à sua patroa, durante a noite, que se preparava para dar à luz de manhã. Era quase miraculoso que ninguém tivesse notado a coisa até então. A mulher do doutor, estupefata, decidiu, enquanto era ainda tempo, transportar Katierina para a casa de uma parteira que aceitava pensionistas. Como estimava muito essa sua criada, pôs logo seu projeto em execução e ficou mesmo ao lado dela. Em seguida, pela manhã, foi preciso recorrer ao concurso e ajuda da Senhora Krasótkina, que podia naquela ocasião tomar providências e exercer certa proteção. De modo que as duas senhoras estavam ausentes, a criada da Senhora Krasótkina, Agáfia, saíra para o mercado e Kólia achava-se provisoriamente como guarda dos fedelhos, o menino e a menina da mulher do doutor, que haviam ficado sozinhos. A guarda da casa não fazia medo a Kólia, sobretudo com Carrilhão; este recebera ordem de deitar-se debaixo de um banco, no vestíbulo, sem se mexer, e cada vez que seu dono passava, erguia ele a cabeça, batia no soalho com a cauda com um ar suplicante, mas, ai!, nenhum chamado se ouvia. Kólia olhava com severidade o infeliz cão-d'água, que recaía na imobilidade completa, Mas a única preocupação de Kólia eram os fedelhos. Ao passo que a aventura de Katierina lhe inspirava profundo desprezo, gostava muito dos pequenos e trouxera já para eles um livro infantil. Nástia, a mais velha, de oito anos, sabia ler, e o mais moço, Kóstia, de sete anos, gostava de escutá-lo. Bem entendido, Krasótkin teria podido interessá-los brincando com eles de soldado ou de esconder, por toda a casa. Não desdenhava fazê-lo quando preciso, tanto que se espalhou na classe o boato de que Krasótkin brincava de tróica em sua casa com seus pequenos locatários, fazendo papel do cavalo de sota, galopando, de cabeça baixa. Krasótkin repelia altivamente essa acusação, fazendo notar que com camaradas de sua idade teria sido vergonhoso, com efeito, "em nossa época", brincar de cavalo, mas que assim o fazia para os fedelhos, porque gostava deles e ninguém tinha o direito de pedir-lhe conta de seus sentimentos. Em compensação, os dois fedelhos o adoravam. Mas desta vez não se tratava de brinquedos; tinha de ocupar-se de um assunto de muita importância e parecendo mesmo quase misterioso. Entretanto, o tempo passava e Agáfia, a quem os

meninos teriam podido ser confiados, não se dignava voltar do mercado. Já por várias vezes ele atravessara o vestíbulo, abrira a porta da locatária, observara com solicitude os fedelhos lendo, por injunção sua; cada vez que se mostrava, os meninos sorriam-lhe largamente, esperando vê-lo entrar e fazer alguma coisa engraçada. Mas Kólia estava preocupado e não entrava. Por fim, soaram as onze horas e ele decidiu com firmeza que, se dentro de dez minutos a "maldita" Agáfia não estivesse de volta, sairia sem esperá-la, depois de, é claro, ter feito os fedelhos prometerem não ter medo durante sua ausência, nem fazer bobagens, nem chorar. Com estas disposições, vestiu seu pequeno sobretudo algodoado, lançou sua sacola ao ombro e, apesar dos rogos reiterados de sua mãe, de nunca sair "com semelhante frio", sem calçar suas galochas, contentou-se em lançar-lhes um olhar desdenhoso ao passar no vestíbulo. Vendo-o vestido para sair, Carrilhão bateu no soalho com a cauda, agitando-se e ia mesmo lançar um gemido lamentoso, mas Kólia julgou tal ardor contrário à disciplina, manteve o cão-d'água ainda um minuto debaixo do banco e só assobiou para ele ao abrir a porta do vestíbulo, O animal lançou-se como um louco e se pôs a saltar de alegria. Kólia ia ver o que estavam fazendo os fedelhos. Tinham acabado de ler e discutiam com animação, como lhes acontecia frequentemente; Nástia, na qualidade de mais velha, levava sempre a melhor, e se Kóstia não se punha de seu lado, apelava ela quase sempre para Kólia Krasótkin, cuja sentença era definitiva para as duas partes. Desta vez, a discussão dos fedelhos tinha algum interesse para Kólia, que ficou na soleira a escutar, vendo o quê, as crianças redobraram de ardor na sua controvérsia.

— Nunca, nunca, acreditarei — sustentava. Nástia — que as parteiras encontrem os bebês nos pés de couve. Agora é inverno, não há couves e a parteira não pode trazer uma filhinha para Katierina.

— O quê! — murmurou Kólia.

— Ou então elas as trazem de alguma parte, mas somente para aquelas que se casam.

Kóstia fixava sua irmã, escutava gravemente, refletia.

— Nástia, como és tôla! — disse ele por fim, num tom calmo. —

Como pode Katierina ter um filho, já que ela não é casada?

Nástia irritou-se.

— Tu não compreendes nada, talvez ela tivesse um marido, mas está na prisão.

— Será que ela tem de verdade um marido na prisão? — perguntou o positivo Kóstia.

— Ou então — continuou impetuosamente Nástia, abandonando sua primeira hipótese — pode acontecer também que ela não tenha marido; tens razão; mas quer se casar e pôs-se a pensar como fazer, pensou e tornou a pensar, tanto que acabou por ter não um marido, mas um bebê.

— Está bem! É possível — aquiesceu Kóstia, subjugado —, mas não disseste antes. Como eu podia saber?

— Muito bem, meninada! — exclamou Kólia, avançando. — Vocês são uma gente perigosa, pelo que vejo!

— Carrilhão está com você? — perguntou, sorrindo, Kóstia, que se pôs a estalar os dedos, chamando o cachorro.

— Meninada, estou atrapalhado — começou solenemente Kólia. — Vocês devem ajudar-me. Agáfia deve ter quebrado a perna, já que não volta, é seguro e certo. Tenho de sair. Vocês me deixarão ir?

Os meninos olharam-se receosos, seus rostos sorridentes exprimiram inquietação. Ainda não compreendiam bem o que queriam deles.

— Não farão bobagens em minha ausência? Não subirão no armário com risco de quebrar uma perna? Não chorarão de medo, quando ficarem sozinhos?

A angústia apareceu nos rostinhos.

— Em compensação, eu poderia mostrar-lhes alguma coisa, um canhãozinho de cobre que se carrega com pólvora verdadeira.

Os rostinhos iluminaram-se.

— Mostre o canhão — disse Kóstia, radiante.

Krasótkin tirou de uma sacola um canhãozinho de bronze, que pousou em cima da mesa.

— Olhe, tem rodas — disse, fazendo o brinquedo rodar. — Pode-se carregá-lo com chumbinho e atirar.

— E ele mata?

— Mata todo mundo, basta apontá-lo — e Krasótkin explicou onde era preciso colocar a pólvora, o chumbo, indicou uma pequena abertura que representava o ouvido, explicou que o canhão recuava. As crianças escutavam com ardente curiosidade. O recuo sobretudo feria-lhes a imaginação.

— E você tem pólvora? — informou-se Nástia.

— Tenho, sim.

— Mostre também a pólvora — disse ela com um sorriso implorativo.

Krasótkin tirou de sua sacola um frasquinho, onde havia de fato um pouco de pólvora verdadeira e alguns grãos de chumbo enrolados em papel. Abriu mesmo o frasco, derramou um pouco de pólvora em sua mão.

— Aqui está. Somente tomem cuidado com o fogo, senão ela explodirá e nós todos morreremos — disse ele, para impressioná-las.

As crianças examinavam a pólvora com um temor respeitoso que aumentava o prazer. Os grãos de chumbo, sobretudo, agradavam a Kóstia.

— O chumbo não queima? — perguntou ele.

— Não.

— Dê-me um pouco de chumbo — disse, num tom suplicante.

— Aqui está um pouco, tome, somente não o mostre à sua mãe antes de minha chegada. Ela iria pensar que é pólvora, morreria de medo ou surraria vocês.

— Mamãe nunca surra a gente — observou Nástia.

— Sei disso, falei somente por causa da beleza do estilo. E vocês, nunca enganem sua mamãe, só desta vez, até que eu volte. Portanto, meninada, posso ir ou não? Não chorarão de medo na minha ausência?

— Nós cho-ra-remos — disse lentamente Kóstia, preparando-se já para fazer isso.

— Nós choraremos, decerto — apoiou Nástia, receosa.

— Oh! meninos, que idade perigosa é a de vocês! Não há nada a fazer. Será preciso ficar com vocês não sei quanto tempo. E o tempo é precioso.

— Mande Carrilhão fingir de morto — pediu Kóstia.

— Não há outro recurso senão valer-me de Carrilhão. Aqui, Carrilhão! — E Kólia ordenou ao cão de pelos compridos, dum cinzento violáceo, do tamanho de um mastim comum, cego do olho direito e com a orelha esquerda cortada. Bancava o elegante, caminhava sobre as patas traseiras, deitava-se de costas com as patas no ar e ficava inerte, como morto. Durante este último exercício a porta abriu-se e a gorda criada Agáfia, uma mulher de quarenta anos, com marcas de varíola, apareceu na soleira, com a rede de provisões na mão, e pôs-se a olhar. Kólia, por mais apressado que estivesse, não interrompeu a representação e, quando por fim assobiou para Carrilhão, o animal pôs-se a saltitar na alegria do dever cumprido.

— Isso é que é um cachorro! — disse Agáfia, com admiração.

— E por que demoraste tanto tempo, sexo feminino? — perguntou severamente Krasótkin.

— Sexo feminino! Ora que fedelho!

— Fedelho?

— Sim, fedelho. Que é que tens com isso? Se estou atrasada, é que foi preciso — resmungou Agáfia, começando a remexer em redor da estufa, num tom nada irritado e como que alegre por poder discutir com aquele jovem senhor tão jovial.

— Escuta, velha frívola, podes jurar-me por tudo quanto há de mais sagrado neste mundo que tomarás conta dessas crianças na minha ausência? Vou sair.

— E por que jurar? — disse Agáfia, rindo. — Tomarei conta deles, sim.

— Não, é preciso que jures pela tua salvação eterna. Senão não me vou.

— À tua vontade. Que me importa isso? Está gelando. Fica em casa.

— Meninos, essa mulher ficará com vocês até minha volta ou a da mamãe de vocês, que já deveria estar de volta. Além disso, ela dará o almoço de vocês. Não é, Agáfia?

— Pode ser, sim.

— Adeus, meninos, vou-me de coração tranquilo. Quanto a ti, vovó — disse ele, gravemente, a meia voz, ao passar diante de Agáfia —, espero que não lhes contes bobagens a respeito de Katierina. Poupa a inocência deles. Aqui, Carrilhão.

— Que Deus te perdoe! — disse Agáfia, irritada. — Como é engraçado! Mereceria uma surra, por falar assim.

### *III / O colegial*

Mas Kólia não ouviu. Afinal, estava livre. Ao transpor o portão, ergueu os ombros e, depois de ter dito: “Que frio!”, dirigiu-se para a praça do mercado. De caminho, parou diante de uma casa, tirou um apito do bolso, apitou com todas as suas forças, como dando um sinal convencionado. Ao fim dum minuto, viu-se sair um menino de onze

anos, de tez vermelha, vestido igualmente com um sobretudo quente e até mesmo elegante. Era o jovem Smúrov, aluno da classe preparatória (ao passo que Kólia Krasótkin se achava duas classes acima), filho de um funcionário em boa situação. Seus pais proibiam-no de andar com Krasótkin, por causa de sua reputação de travesso, de modo que Smúrov acabava de ausentar-se furtivamente. Esse Smúrov, se o leitor está lembrado, fazia parte do grupo que atirava pedras em Iliúcha, dois meses antes e foi ele quem falou de Iliúcha a Aliócha Karamázov.

— Há uma hora que o espero, Krasótkin — proferiu Smúrov, com ar decidido.

Os rapazes marcharam para a praça.

— Estou atrasado — replicou Krasótkin. — Culpa das circunstâncias. Não te surrarão por vires comigo?

— Que ideia! Será que me surram? Carrilhão está com você?

— Claro.

— Vai levá-lo lá?

— Levo, sim.

— Ah! Se fosse Besouro!

— É impossível. Besouro não existe mais. Desapareceu não se sabe onde.

— Não se poderia então dar um jeito? — Smúrov parou de repente. — Iliúcha disse que Besouro também tinha pêlos compridos, cinzentos, cor de fumaça, como Carrilhão. Não se poderia dizer que este é Besouro? Talvez ele o acreditasse.

— Colegial, evita a mentira, em primeiro lugar; e em segundo lugar, ainda que seja com bom fim. Espero, principalmente, que não tenhas falado de minha vinda.

— Deus me livre. Compreendo. Mas não o consolarão com Carrilhão — suspirou Smúrov. — Sabes? O pai dele, o capitão,

“esfregão de tília”, disse-nos que lhe levariam hoje um cãozinho, um mastim verdadeiro, de focinho preto; pensa consolar assim Iliúcha, mas é pouco provável.

— Como vai ele, Iliúcha?

— Mal, mal! Creio que ele está tísico. Tem pleno conhecimento, mas sua respiração é bem má. Um dia destes pediu que o levassem a passear um pouco. Calçaram-lhe os sapatos. Mas ele caiu ao fim de alguns passos. “Ah! papai, bem que te disse que estes sapatos não prestam. Antes mesmo tinha dificuldade em andar com eles.” Pensava que caía por causa de seus sapatos e era simplesmente de fraqueza. Não dura uma semana. Herzenstube visita-o. Têm de novo muito dinheiro.

— Canalhas!

— Canalhas, quem?

— Os doutores e toda essa ralé médica, em geral e em particular. Renego a medicina. Não serve para nada. Aliás, estudarei tudo isso. Dize-me, vocês todos lá ficaram muito sentimentais. A classe inteira vai lá incorporada, digo a verdade?

— Toda não, mas uma dezena dos nossos vai lá todos os dias. Não é nada.

— O que me surpreende em tudo isso é o papel de Alieksiéi Karamázov; vão julgar amanhã ou depois seu irmão por um crime como aquele e ele acha tempo de fazer sentimentalismo com colegiais!

— Mas não há no caso nenhum sentimentalismo. Tu mesmo vais agora lá reconciliar-te com Iliúcha.

— Reconciliar-me? Expressão engraçada! Aliás, não permito que ninguém analise meus atos.

— Como Iliúcha ficará contente ao ver-te! Não duvida de que vais. Por que, por que recusaste por tanto tempo ir vê-lo? — exclamou de repente Smúrov, com ardor.

— Meu caro, o problema é meu e não teu. Vou lá por minha vontade, porque quero ir, ao passo que foi Alieksiéi Karamázov quem levou vocês todos lá; há pois uma diferença, E que sabes tu? Talvez não vá eu lá absolutamente para reconciliar-me. Estúpida expressão.

— Karamázov não tem nada a ver com isso. Os colegas tomaram simplesmente o hábito de ir lá, é bem certo que no começo com Karamázov. Primeiro um, depois outro. Mas nada se passou de estúpido. O pai ficou encantado ao ver-nos. Sabes? Perderá a razão, se Iliúcha morrer. Vê que seu filho está perdido. Causa-lhe tanto prazer o nos termos reconciliado com Iliúcha… Iliúcha pediu informações a teu respeito, mas sem nada acrescentar. Seu pai ficará louco ou se enforcará. Já antes tinha jeito de maluco. Sabes? É um homem honesto, vítima dum erro. A culpa é daquele parricida que lhe bateu então.

— No entanto, Karamázov é um enigma para mim. Teria podido travar conhecimento com ele, desde muito tempo, mas, em certos casos, gosto de mostrar-me orgulhoso. Além do mais, já formei sobre ele uma opinião que será preciso verificar, esclarecer.

Kólia calou-se gravemente, bem como Smúrov. Bem entendido, Smúrov respeitava Kólia Krasótkin e nem mesmo pensava em se comparar com ele. Agora estava muito intrigado, porque Kólia explicara que vinha “por si mesmo”; devia haver aí um mistério nessa decisão súbita de ir hoje à casa de Iliúcha. Seguiam pela praça do mercado, atravancada de carroças e de aves domésticas. Sob os alpendres das vendas, mulheres do povo vendiam sequilhos, linha, etc. Em nossa cidade, esses ajuntamentos do domingo são chamados ingenuamente de feiras e há muitos deles durante o ano. Carrilhão corria com o humor mais alegre, afastava-se constantemente à direita ou à esquerda para farejar alguma coisa. Quanto aos seus irmãos de espécie encontrados no caminho, farejava-os de boa vontade, segundo as regras em uso entre a gente canina.

— Gosto de observar a realidade, Smúrov — disse de súbito Kólia. — Notaste como os cães se farejam, quando se encontram? É, entre eles, uma lei geral da natureza.

— Sim, uma lei ridícula.

— Não é ridícula, não tens razão. Na natureza, nada há de ridículo, apesar do que dela pense o homem com seus preconceitos. Se os cães pudessem raciocinar e criticar, encontrariam certamente outro tanto de ridículo, se não mais, nas relações sociais das pessoas, seus donos, se não mais, repito-o, porque estou persuadido de que há bem mais tolices entre nós. É a ideia de Rakítin, uma ideia notável. Sou socialista, Smúrov.

— Que é um socialista? — perguntou Smúrov.

— É quando todos são iguais, têm uma opinião comum, não há casamentos, sendo a religião e as leis como convém a cada um. És ainda demasiado jovem para compreender essas questões. Está frio, não é mesmo?

— Sim, doze graus. Meu pai olhou o termômetro ainda há pouco.

— Notaste, Smúrov, que no meio do inverno, com quinze ou mesmo dezoito graus, o frio parece menos vivo que agora, no começo, quando gela de repente a doze graus e há ainda pouca neve? Isto significa que as pessoas ainda não se acostumaram a ele. Entre elas, tudo é hábito, em tudo, mesmo em política e nos negócios do Estado. Como é engraçado aquele mujique!

Kólia mostrou um mujique, de alta estatura, metido num *tulup*, com ar bonacheirão, que, ao lado de sua carroça, se aquecia batendo as mãos uma contra a outra com suas luvas. Sua barba estava coberta de geada.

— A barba do mujique está gelada! — disse Kólia em voz alta e com um ar implicante, passando ao lado dele.

— Há bem outras geladas — replicou sentenciosamente o mujique.

— Não mexas com ele — observou Smúrov.

— Não tem importância, ele não se zangará, é um homem bom. Adeus, Matviéi.

— Adeus.

— Chamas-te Matviéi?

— Matviéi. Não o sabias?

— Não; disse-o por acaso.

— Ora vejam só! És talvez um colegial?

— Com efeito.

— Surram-te?

— Decerto.

— Com força?

— Acontece.

— A vida não é alegre — suspirou o mujique de todo o coração.

— Adeus, Matviéi.

— Adeus. És um garoto delicado.

Os rapazes continuaram seu caminho.

— É um bom mujique — disse Kólia a Smúrov. — Gosto de falar com gente do povo e sinto-me sempre contente em fazer-lhe justiça.

— Por que o fizeste crer que nos surravam? — perguntou Smúrov.

— Para causar-lhe prazer.

— Como assim?

— Sabes duma coisa, Smúrov? Não gosto que insistam, se não se compreende desde a primeira palavra. É por vezes difícil explicar. Na ideia do mujique, surra-se o colegial e deve-se fazê-lo; que é um colegial a quem não se surra? E se lhe digo que não; isto lhe causará pesar. Aliás, tu não compreendes isto. É preciso saber falar ao povo.

— Somente, nada de zombarias, rogo-te. Para que não haja outra complicação como aquela do pato.

— Tens medo?

— Evita bem isso, Kólia, deveras, tenho medo. Meu pai ficaria furioso. Proibiram-me expressamente de andar contigo.

— Não tenhas medo, desta vez não acontecerá nada. Bom-dia, Natacha — gritou ele para uma vendedora.

— Natacha coisa nenhuma! Chamo-me Mária — gritou-lhe a vendedora, uma mulher ainda jovem.

— Está bem, Mária, adeus.

— Ah! engraçadinho, não mais alto que uma bota, que intrometimento é esse?

— Não tenho tempo, conversaremos no domingo próximo — disse Kólia gesticulando, como se fosse ela que o importunasse, em vez do contrário.

— E que é que haveremos de conversar no domingo? Foste tu que mexeste comigo e não eu que mexi contigo, insolente! Mereces umas chicotadas. Bem te conhecemos, boa bisca!

Risadas espocaram entre as vendedoras vizinhas de Mária, quando, de repente, surgiu duma arcada um indivíduo excitado, com ar de caixeiro de venda, aliás estranho à nossa cidade, de cafetã de longas abas, trazendo um casquete de pala, ainda jovem, de cabelos castanhos cacheados, o rosto pálido e bexigoso. Parecia agitado sem saber por que e se pôs logo a ameaçar Kólia com o punho.

— Eu te conheço — vociferou ele —, eu te conheço!

Kólia encarou-o. Não se lembrava de haver brigado com aquele homem, aliás tivera por demasiadas vezes altercações na rua para lembrar-se de todas.

— Tu me conheces? — perguntou, ironicamente.

— Conheço-te! Conheço-te! — repisou o indivíduo.

— Tens muita sorte. Mas estou com pressa, adeus.

— Por que te mostras insolente? Recomeças? Eu te conheço!

— Se me mostro insolente, meu amigo, não tens nada com isso! — proferiu Kólia, parando, com os olhos sempre fixos nele.

— Como assim?

— Assim mesmo.

— Quem é então que tem? Quem é?

— Agora, camarada, o negócio é com Trifon Nikítitch e não contigo.

— Que Trifon Nikítitch? — E o rapaz, sempre acalorado, fixou Kólia com ar estúpido. Kólia olhou-o de alto a baixo, seriamente.

— Foste à igreja da Ascensão? — perguntou, num tom imperioso.

— Que igreja? Por quê? Não, não fui lá — respondeu o rapaz desconcertado.

— Conheces Sabaniéiev? — perguntou Kólia, no mesmo tom.

— Sabaniéiev? Não, não o conheço.

— Então, vai para o diabo! — cortou Kólia, que, dobrando à direita, afastou-se a passos rápidos, como que desdenhando falar a um simplório que nem mesmo conhecia Sabaniéiev.

— Espera, hei! Que Sabaniéiev? — reconsiderou o rapaz, de novo agitado. — De quem fala ele? — perguntou às vendedoras, olhando-as com ar aparvalhado.

As boas mulheres puseram-se a rir.

— Não é bobo aquele garoto — disse uma delas.

— De que Sabaniéiev falava ele? — teimava em repetir o rapaz,

gesticulando.

— Deve ser o Sabaniéiev que trabalha em casa dos Kuzmítchev, eis de quem se trata — conjeturou uma das mulheres.

O rapaz examinou-a com espanto.

— Kuzmítchev? — repetiu outra. — Então não é Trifon. Aquele se chama Kuzmá e não Trifon, Ora, o garoto chamou-o de Trifon Nikítitch, logo não é ele.

— Estás vendo, não é nem Trifon, nem Sabaniéiev, é Tchitchov — interveio uma terceira vendedora, que havia ouvido com seriedade. Alieksiéi Ivânovitch Tchitchov.

— É mesmo Tchitchov, com efeito — confirmou uma quarta. Todo confuso, o rapaz olhava ora uma ora outra.

— Mas por que ele me perguntou isso, por que, boa gente? — exclamou ele, quase desesperado. — “Conheces Sabaniéiev?” Quem diabo haverá de ser esse Sabaniéiev?

— Tens a cabeça dura, estão-te dizendo que não é Sabaniéiev, mas Tchitchov, Alieksiéi Ivânovitch, compreendes? — disse gravemente uma vendedora.

— Que Tchitchov? Diz então, já que sabes.

— Um grandalhão, de cabelos compridos. Era visto no mercado, no verão.

— Que queres que eu faça com o teu Tchitchov, hem, alma de Deus?

— E eu é que hei de saber?

— Quem sabe lá o que queres? — insistiu outra. — Tu mesmo deves saber, já que berras! Porque era a ti que falavam e não a nós, pateta! Não o conheces deveras?

— A quem?

— Tchitchov.

— Que o diabo carregue o teu Tchitchov e a ti com ele! Vou dar-lhe uma surra, palavra! Ele zombou de mim!

— Vais surrar Tchitchov? Ou será bem o contrário? Não passas dum imbecil!

— Tchitchov não, Tchitchov não, mulher dos diabos! É o garoto que surrarei. Tragam-no, tragam-no! Ele zombou de mim!

As mulheres desataram a rir. Kólia já estava longe e caminhava com ar vencedor; Smúrov, a seu lado, voltava-se por vezes para o grupo que gritava. Ele também se divertia muito, ao mesmo tempo que receava ter-se misturado a uma história com Kólia.

— De qual Sabaniéiev lhe falavas tu? — ele perguntou a Kólia, duvidando da resposta.

— Sei lá! Agora, vão-se descompor até de noite. Gosto de mistificar os imbecis em todas as classes sociais. Olha aquele mujique. Ali está outro simplório. Nota isto; dizem: “Não há pior tolo que um tolo francês”, mas uma fisionomia russa trai-se da mesma maneira. Não está escrito na testa dele que é um imbecil, aquele mujique?

— Deixa-o tranquilo, Kólia, sigamos nosso caminho.

— Nunca, já comecei, agora. Hei! Bom-dia, mujique!

Um robusto mujique, que caminhava devagar, sem dúvida, meio tocado, de rosto redondo e ingênuo, a barba grisalhante, ergueu a cabeça e olhou o rapazola.

— Ora bem! Bom-dia, se não estás brincando — respondeu ele, sem se apressar.

— E se eu estiver brincando? — disse Kólia, rindo.

— Então brinca, se quiseres, Deus te perdoe. Pode-se sempre brincar, não tem importância,

— Perdão, amigo, estava brincando.

— Pois bem, que Deus te perdoe!

— E tu, me perdoas?

— De todo o coração. Segue teu caminho.

— Tens ar de um mujique inteligente.

— Mais inteligente do que tu — respondeu ele com a mesma seriedade.

— Duvido — disse Kólia, um tanto desconcertado.

— Digo a verdade.

— Afinal, pode ser que seja assim.

— Sei o que digo.

— Adeus, mujique.

— Adeus.

— Há mujiques de diferentes espécies — observou Kólia, depois de uma pausa. — Como eu ia saber que iria dar com um sujeito inteligente?

Soou meio-dia no relógio da igreja. Os rapazes apressaram o passo e não falaram quase mais durante o trajeto, ainda bastante longo, até a casa do Capitão Snieguiriov. A vinte passos da casa, Kólia parou, disse a Smúrov que fosse na frente e chamasse Karamázov.

— É preciso tomar informações previamente — disse-lhe.

— De que serve fazê-lo vir? — objetou Smúrov. — Vai duma vez, ficarão encantados ao ver-te. Por que fazer conhecimento na rua, com um frio desses?

— Sei porque o faço vir aqui no frio — replicou despoticamente Kólia (o que ele gostava muito de fazer com aqueles “pequenos”), e Smúrov correu a executar suas ordens.

Kólia, com ar importante, encostou-se à barreira, aguardando a chegada de Aliócha. Desde muito tempo queria vê-lo. Tinha ouvido falar muito a seu respeito de parte de seus camaradas, mas, até o presente, testemunhava uma indiferença desdenhosa e criticava mesmo Aliócha, de acordo com o que lhe relatavam a seu respeito. No seu foro íntimo desejava muito conhecê-lo; havia, em tudo quanto se contava de Aliócha, algo de simpático que atraía. De modo que o momento era grave; tratava-se de manter sua dignidade, de mostrar sua independência: "Senão ele me tomará por um garoto como esses outros. Que são para ele? Vou lhe perguntar, quando nos tivermos conhecido. É pena que seja eu de baixa estatura. Tuzinkov é mais moço do que eu e é uma meia cabeça mais alto. Não sou bonito, sei que meu rosto é feio, mas inteligente. Não é preciso tampouco que me expanda muito, lançando-me imediatamente nos seus braços, Acreditaria ele… Ufa! que vergonha, se acreditasse…".

Assim se agitava Kólia, que se esforçava por assumir um ar de desprendimento. Sobretudo sua baixa estatura o atormentava mais ainda que sua feiúra. Em casa, desde o ano passado, notara seu tamanho a lápis na parede, e de dois em dois meses, de coração a bater, media-se para ver se crescera. Ai! crescia muito lentamente, o que lhe provocava por vezes desespero. Quanto a seu rosto, não era absolutamente feio, mas, pelo contrário, bastante gentil, pálido, com sardas. Os olhos cinzentos e vivos olhavam ousadamente e brilhavam muitas vezes de emoção. Tinha as maçãs do rosto um pouco largas, lábios pequenos e mais para delgados, porém muito vermelhos; o nariz nitidamente arrebitado: "Completamente chato, completamente chato!", murmurava, olhando-se no espelho Kólia, que se retirava sempre com indignação. "E o rosto não deve ser inteligente", imaginava por vezes, duvidando mesmo disso. Aliás, não é preciso crer que a preocupação com seu rosto e sua estatura o absorvesse por completo. Pelo contrário, por mais vexatórias que fossem as estadas diante do espelho, esquecia-as em breve e por muito tempo, "consagrando-se todo inteiro às ideias e à vida real", como ele próprio definia sua atividade.

Aliócha apareceu dentro em pouco e avançou rapidamente ao

encontro de Kólia; ainda à distância este notou que ele mostrava um ar radioso. “Estará realmente tão contente assim por ver-me?”, pensava Kólia com satisfação. Notemos, de passagem, que Aliócha mudara muito, desde que o deixamos; abandonara a batina e trazia agora uma sobrecasaca de bom corte, um chapéu de feltro cinzento, os cabelos curtos. Ganhara com a mudança. Parecia um belo rapaz. Seu rosto gentil irradiava sempre a alegria, mas uma alegria doce e tranquila. Kólia ficou surpreso por vê-lo sem sobretudo; saíra decerto à pressa. Estendeu a mão a Kólia.

— Ei-lo afinal, nós o esperávamos com impaciência.

— Minha demora tinha causas que o senhor saberá. Em todo o caso, tenho prazer em conhecê-lo. Esperava essa ocasião pois me falaram muito do senhor — murmurou Kólia, constrangido.

— De qualquer maneira teríamos nos conhecido. Também eu ouvi falar muito a seu respeito, mas chega aqui demasiado tarde.

— Diga-me, como vão as coisas aqui?

— Iliúcha vai muito mal, morrerá certamente.

— Será possível? Convenha que a medicina é uma coisa infame, Karamázov — disse Kólia com ardor.

— Iliúcha lembrou-se de você muitas vezes, no delírio. Vê-se que ele gostava muito de você antes… até aquele incidente… com o canivete. Há outra causa… Esse cachorro lhe pertence?

— Sim, é Carrilhão.

— Não é Besouro? — Aliócha fitou tristemente os olhos de Kólia. — O outro desapareceu de verdade?

— Sei que todos estão querendo ver Besouro, contaram-me tudo — replicou Kólia, com um sorriso enigmático. — Escute, Karamázov, vou dizer-lhe tudo, foi aliás para explicar-lhe a situação que mandei chamá-lo antes de entrar — começou ele com animação. — Na primavera, Iliúcha entrou para a classe preparatória. Sabe-se o que são os alunos dessa classe: uns fedelhos, uma criançada. Puseram-se logo a

implicar com ele. Estou duas classes adiante e, bem entendido, observo de longe. Vejo um rapazinho raquítico, que não se submete, bate-se mesmo contra eles; é orgulhoso, seus olhos brilham. Gosto de tais caracteres. Os outros redobram. O pior é que tinha ele então uma roupa ordinária, umas calças que subiam nas pernas, sapatos furados. Razão demais para humilhá-lo. Isso me desagradou, tomei logo a defesa dele e dei-lhes uma lição, porque bato neles e eles me adoram, sabe disso, Karamázov? — disse Kólia, com um orgulho expansivo. — Em geral, gosto dos meninos. Tenho agora, em casa, dois garotinhos a meu cargo, foram eles que me retiveram hoje. De modo que cessaram de bater em Iliúcha e tomei-o sob minha proteção. É um menino altivo, asseguro-lhe, mas acabou por me ser servilmente devotado, executou minhas menores ordens, obedeceu-me como a Deus, esforçando-se por imitar-me. Nos recreios, vinha procurar-me e íamos juntos, nos domingos também. No ginásio, zombam ao ver um grande ligar-se assim com um pequeno, mas é um preconceito. Tal é minha fantasia, e basta, não é? Instruo-o, desenvolvo-o, por que não posso desenvolvê-lo, diga, se gosto disso? Porque o senhor Karamázov, se se ligou a todos esses meninos é sem dúvida porque quer influir sobre a jovem geração, desenvolvê-la, tornar-se útil, não é assim? E, confesso, essa feição de seu caráter, que conhecia por ouvir dizer, interessou-me ainda mais. Aliás, de fato, noto que se desenvolve naquele menino não sei que sensibilidade, sentimentalidade; ora, saiba que desde minha infância sou inimigo decidido dos exageros sentimentais. Além do mais, ele se contradiz; altivo e servilmente devotado — servilmente devotado e, de repente, seus olhos cintilam, não quer ficar de acordo comigo, discute, zanga-se. Eu expunha por vezes certas ideias; não que ele se opusesse a essas ideias; mas via que ele se revoltava contra mim pessoalmente, porque eu respondia a suas ternuras com frieza. A fim de educá-lo, mostrara-me tanto mais frio quanto se tornava ele mais terno; fazia-o de propósito, tal era a minha convicção. Propunha-me formar seu caráter, nivelá-lo, fazer dele um homem… afinal, o senhor me entende decerto. De repente, vejo-o vários dias seguidos perturbado, aflito, não por causa de ternuras, mas por alguma outra coisa, mais forte, superior. “Que tragédia será essa?”, pensava eu. Apertando-o com perguntas, soube da coisa: ele estabelecera conhecimento com o lacaio do falecido pai do senhor (quando ainda vivo), Smierdiákov; este ensinou-lhe uma brincadeira estúpida, isto é,

cruel e covarde, pegar miolo de pão, nele enfiar um alfinete e atirá-lo a um mastim, um desses cães esfomeados que engolem dum trago, depois ficar vendo o que resultaria disso. Prepararam, pois, uma bolinha e atiraram-na a esse Besouro de pêlos compridos de que se trata agora, um cão que ninguém alimentava e que ladrava ao vento o dia inteiro. (Gosta desse estúpido ladrido, Karamázov? Eu não o posso suportar.) O animal atirou-se à bolinha, engoliu-a, gemeu, depois pôs-se a girar e a correr, uivando, e desapareceu, como me contou Iliúcha. Confessava-o, chorando, agarrando-me, sacudido pelos soluços: "O cão corria e gemia", era só o que repetia. Aquela cena havia-o abalado. Tinha remorsos. Levei a coisa a sério. Queria sobretudo ensiná-lo a viver, de acordo com sua conduta anterior, de modo que me utilizei de astúcia, confesso, e fingi uma indignação que não sentia talvez absolutamente. "Cometeste uma ação vil — disse-lhe —, és um miserável, não divulgarei a coisa, está entendido, mas no momento rompo minhas relações contigo. Vou refletir e te avisarei por Smúrov (acompanhou-me hoje e é-me devotado) minha decisão definitiva." Ele ficou consternado. Senti que havia ido um pouco longe, mas que fazer? Era minha ideia então. No dia seguinte, mandei dizer-lhe por Smúrov que não lhe falaria mais, é a expressão em uso, quando dois camaradas rompem as relações. Minha intenção secreta era tratá-lo com rigor alguns dias, depois, à vista de seu arrependimento, estender-lhe a mão. Estava firmemente decidido a isso. Mas, acredita? depois de ter ouvido Smúrov, eis que seus olhos faíscam e ele exclama: "Dize a Krasótkin de minha parte que agora vou atirar a todos os cachorros bolinhas com alfinetes, a todos, a todos!" "Ah! — pensei —, ele está ficando voluntarioso, é preciso corrigi-lo", e me pus a testemunhar por ele perfeito desprezo, a desviar-me ou a sorrir ironicamente a cada encontro. E eis que sobreveio aquele incidente com o pai dele, o senhor se lembra? o "esfregão de tília". O senhor compreende que ele estava assim pronto a exasperar-se. Vendo que eu o abandonava, os meninos puseram-se a mexer com ele cada vez mais: "Esfregão de tília, esfregão de tília!". Foi então que começaram entre eles batalhas que eu lamento enormemente, porque creio que uma vez foi ele brutalmente surrado. Aconteceu-lhe atirar-se contra os outros ao sair da aula, eu me mantinha a dez passos e observava-o. Não me lembro de ter rido então; pelo contrário, ele me causava grande compaixão e eu estava a ponto de lançar-me em seu socorro. Ele

percebeu meu olhar, ignoro o que imaginou, mas agarrou um canivete, atirou-se sobre mim e espetou-me na coxa direita. Não fiz um movimento, sou corajoso quando preciso, Karamázov, limitei-me a olhar para ele com desprezo, como para dizer-lhe: “Não queres recomeçar, como lembrança de nossa amizade? Estou à tua disposição”. Mas não me golpeou de novo, não pôde fazê-lo, ficou com medo, atirou fora o canivete, fugiu chorando. Bem entendido, não o denunciei, ordenei a todos que se calassem, a fim de que a coisa não chegasse aos ouvidos dos professores, só falei com minha mãe depois que a ferida cicatrizou, um simples arranhão. Soube depois que no mesmo dia batera-se ele a pedradas e mordera o dedo do senhor. Compreende em que estado se encontrava ele? Quando caiu doente, cometi a falta de não ir perdoá-lo, isto é, de me reconciliar com ele. Lamento-o agora. Mas foi então que me veio uma ideia. Aí está toda a história… somente, creio que errei…

— Ah! que pena — disse Aliócha, comovido — que eu não tenha conhecido as relações anteriores de você com Iliúcha; há muito tempo que teria ido rogar-lhe que me acompanhasse à casa dele. Sabe que no seu delírio febril fala de você? Ignorava quanto você lhe era querido! Será possível que você não tenha tentado reencontrar esse Besouro? Seu pai e seus camaradas procuraram-no por toda a cidade. Saiba que, doente e a chorar, repetiu três vezes diante de mim: “Foi porque matei Besouro que estou doente, papai. Foi Deus quem me puniu!”. Não se pode tirar-lhe essa ideia da cabeça. E se você tivesse trazido agora Besouro e provasse que ele está vivo, creio que a alegria o haveria de ressuscitar. Contamos todos com você.

— Diga-me, por que esperavam que fosse eu que deveria procurar Besouro? — perguntou Kólia com viva curiosidade. — Por que contavam comigo e não com outrem?

— Correu o boato de que você o procurava e o levaria. Smúrov falou a respeito. Esforçamo-nos todos em fazer crer a Iliúcha que Besouro está vivo, que o viram. Os meninos levaram-lhe um lebracho. Olhou-o com um fraco sorriso e pediu que lhe restituíssem a liberdade. Foi o que fizemos. Seu pai acaba de voltar com um molosso bem novinho. Pensava consolá-lo assim, mas creio que é pior…

— Diga-me ainda, Karamázov, que espécie de homem é o pai dele? Conheço-o, mas que pensa dele o senhor: é um palhaço, um farsante?

— Oh! não. Há pessoas de alma sensível, mas que vivem como que esmagadas. Sua palhaçada é uma espécie de ironia malévola para com aqueles a quem não ousam a dizer a verdade na cara, em consequência da humilhação e da timidez que sentem desde muito tempo. Creia, Krasótkin, que semelhante palhaçada é por vezes das mais trágicas. Agora, Iliúcha é tudo para ele e, se morrer, seu pai perderá a razão ou se matará. Estou quase certo disso, quando o olho!

— Compreendo, Karamázov, vejo que o senhor conhece o homem.

— Vendo-o com um cão, pensei que era Besouro.

— Espere, Karamázov, talvez tornemos a encontrar Besouro, mas este aqui é Carrilhão. Vou deixá-lo entrar e talvez cause mais prazer a Iliúcha que o molosso novinho. Espere, Karamázov, o senhor vai saber duma coisa. Ah! meu Deus, em que pensava eu? — exclamou de repente Kólia. — O senhor está sem sobretudo num frio desses e eu a retê-lo! Veja como sou egoísta! Somos todos egoístas, Karamázov!

— Não se inquiete, faz frio, mas não sou friorento. Vamos, pois. A propósito, qual seu nome? Sei apenas que se chama Kólia.

— Nikolai, Nikolai Ivânovitch Krasótkin, ou, como se diz administrativamente, Krasótkin filho. — Kólia sorriu, mas acrescentou:

— Naturalmente, detesto meu nome de Nikolai.

— Por quê?

— É tão vulgar.

— Tem treze anos? — perguntou Aliócha.

— Catorze dentro de quinze dias. Devo confessar-lhe uma fraqueza, Karamázov, como entrada em matéria, para que o senhor

veja de relance toda a minha natureza. Detesto que me perguntem minha idade… enfim… caluniam-me dizendo que estive brincando de bandidos com os alunos da preparatória, na semana passada. É verdade que brinquei, mas pretender que brinquei para me divertir eu mesmo, para meu próprio prazer, é uma verdadeira calúnia. Tenho razões de crer que o senhor está informado disso; ora, não brinquei por mim, mas por causa dos garotos. Porque nada sabiam imaginar sem mim. E, entre nós, contam-se sempre bobagens. É a cidade dos mexericos, posso afirmar-lhe.

— E se você tivesse brincado por prazer próprio, que teria isso demais?

— Ah! para me divertir… Mas o senhor brincaria de cavalinhos?

— Você deve dizer a si mesmo isto — disse, sorrindo, Aliócha: — os adultos, por exemplo, vão ao teatro, onde representam também as aventuras de diversos heróis, por vezes também cenas de banditismo e de guerra; ora, isso não é a mesma coisa, no seu gênero, bem entendido? E quando os jovens brincam de guerra, durante o recreio, ou de bandidos, é também a arte nascente, uma necessidade artística que se desenvolve nas almas jovens e por vezes esses brinquedos são mais perfeitos que as representações teatrais; a única diferença é que se vai ao teatro ver os atores, ao passo que a mocidade desempenha ela própria o papel de atores. Mas é tudo natural.

— Acredita mesmo? Está certo disto? — perguntou Kólia, olhando para ele.

— O senhor exprimiu uma ideia bastante curiosa; vou meditá-la, uma vez de volta para casa. Sabia bem que se pode aprender alguma coisa com o senhor. Vim instruir-me em sua companhia, Karamázov — disse Kólia, expansivamente.

— E eu na sua.

Aliócha sorriu, apertou-lhe a mão. Kólia estava encantado com Aliócha. O que o impressionava era encontrar-se num pé de igualdade perfeita com ele, que lhe falava como a um adulto.

— Vim mostrar-lhe um número, Karamázov, uma representação teatral também — disse ele com um riso nervoso, — Foi por isso que vim.

— Então, primeiro à esquerda, à casa do proprietário. Seus camaradas deixaram lá seus sobretudos, porque no quarto está-se muito apertado e faz calor.

— Oh! não ficarei muito tempo, conservarei meu sobretudo. Carrilhão me esperará no vestíbulo. “Aqui, Carrilhão, deita-te e morre!” Está vendo! Ele está morto. Entrarei primeiro para ver o que se está passando, depois, quando chegar o momento, assobiarei para ele: “Aqui, Carrilhão!”. O senhor vai ser como ele correrá. Somente, é preciso que Smúrov não se esqueça de abrir a porta nesse momento. Darei minhas instruções e o senhor verá um número…

### *V / À cabeceira de Iliúcha*

No quarto ocupado pela família do capitão reformado Snieguiriov, que já conhecemos, estava-se apertado e abafava-se, em vista do número de visitantes. Se bem que os meninos que ali se encontravam estivessem prontos, como Smúrov, a negar que Aliócha os tivesse reconciliado com Iliúcha e levado à casa deste, era mesmo assim. Toda a sua habilidade consistira em levá-los um após outro, sem pieguices e como que por acaso. Isto levara grande alívio aos sofrimentos de Iliúcha. A amizade quase terna e o interesse que lhe testemunhavam seus antigos inimigos muito o comoveram. Só faltava Krasótkin e sua ausência era a mais penosa de todas. Nas tristes recordações de Iliúcha, o episódio mais amargo era o incidente com Krasótkin, seu único amigo e seu defensor, contra o qual se lançara naquela ocasião com um canivete. Era o que pensava o jovem Smúrov, rapaz inteligente (que fora o primeiro a reconciliar-se com Iliúcha). Mas Krasótkin, sondado vagamente por Smúrov a respeito da visita de Aliócha para um negócio, cortara logo, mandando responder a Karamázov que sabia o que tinha de fazer, que não pedia conselho a ninguém e, que, se fosse visitar o doente, seria ideia sua, tendo já um plano. Isto se passara duas semanas antes daquele domingo. Eis por que Aliócha não fora ele próprio ao seu encontro, como era intenção sua. Aliás, enquanto esperava, mandara Smúrov por duas vezes à casa

de Krasótkin. Mas de cada vez este recusara secamente, mandando dizer a Aliócha que se ele fosse procurá-lo, ele próprio não iria jamais à casa de Iliúcha, e rogava que o deixasse tranquilo. Até o derradeiro dia, o próprio Smúrov ignorava que Kólia tivesse decidido ir à casa de Iliúcha, e, na véspera à noite, somente, ao despedir-se dele, Kólia lhe dissera bruscamente que o esperasse em casa no dia seguinte de manhã, porque o acompanharia à casa dos Snieguiriovi, mas que evitasse de falar a quem quer que fosse dessa visita, porque queria chegar de improviso. Smúrov obedeceu. Gabava-se de que Krasótkin levaria Besouro desaparecido, de acordo com certas expressões feitas por ele incidentemente de que "eram todos uns asnos pelo fato de não poderem encontrar aquele cachorro, se ainda estivesse vivo". Quando Smúrov lhe dera parte timidamente de suas conjeturas a respeito do cachorro, Krasótkin ficara rubro de raiva: "Serei bastante estúpido para procurar cachorros forasteiros pela cidade, quando tenho Carrilhão? Pode-se esperar que tal animal tenha ficado vivo depois de ter engolido um alfinete? São pieguices, eis tudo!".

Entretanto, Iliúcha, desde duas semanas, quase não deixara seu pequeno leito, a um canto, perto das santas imagens. Não ia mais à escola desde o dia em que mordera o dedo de Aliócha. Sua doença datava de então, portanto, durante ainda um mês, ele pôde levantar algumas vezes, para andar pelo quarto e pelo vestíbulo. Por fim, suas forças abandonaram-no completamente e não podia mover-se sem a ajuda de seu pai. Este tremia por Iliúcha, deixou mesmo de beber; o temor de perder seu filho tornava-o quase louco e muitas vezes, sobretudo depois de tê-lo sustentado através do quarto e tornado a deitar, fugia para o vestíbulo. Ali, num canto escuro, com a testa contra a parede, abafava convulsivamente seus soluços, para que o doentinho não os ouvisse. De volta ao quarto, punha-se comumente a divertir e consolar seu querido filho, contava-lhe histórias, anedotas cômicas, ou imitava pessoas engraçadas que tinha encontrado, imitava mesmo os gritos dos animais. Mas as caretas e as palhaçadas de seu pai desagradavam bastante a Iliúcha. Muito embora se esforçasse por dissimular seu mal-estar, sentia, de coração cerrado, que seu pai era humilhado em público e a lembrança do "esfregão de tília" e daquele horrível dia perseguia-o sem cessar. A irmã doente de Iliúcha, a doce Ninotchka, não gostava tampouco das caretas de seu pai (Varvara

Nikolaievna partira desde muito tempo para fazer cursos em Petersburgo); em compensação, a mamãe, fraca de espírito, divertia-se bastante, ria de todo o coração, quando seu esposo representava alguma coisa ou fazia gestos cômicos. Era sua única consolação, pois no resto do tempo queixava-se, chorando, de que todos a esqueciam, de que não a tratavam com atenção etc. Mas, nos derradeiros dias, também ela pareceu mudar. Olhava muitas vezes Iliúcha no seu canto e punha-se a pensar. Tornou-se mais silenciosa, acalmou-se, chorava por vezes, mas mansamente, para que não a ouvissem. O capitão notava aquela mudança com dolorosa perplexidade. As visitas dos meninos desagradavam-lhe a princípio, só faziam irritá-la, mas pouco a pouco os gritos alegres dos garotos e as histórias que contavam divertiram-na também e acabaram por agradar-lhe a ponto de ficar terrivelmente aborrecida quando eles não estavam presentes. Batia palmas, ria, vendo-os brincar, chamava alguns dentre eles para beijá-los. Gostava particularmente do jovem Smúrov. Quanto ao capitão, as visitas dos meninos que vinham distrair Iliúcha enchiam-no de alegria e mesmo de esperança de que o pequeno cessaria agora de atormentar-se, talvez se restabelecesse mais depressa. Apesar de sua inquietude, ficou persuadido até os derradeiros dias de que seu filho ia recuperar a saúde. Acolhia os jovens visitantes com respeito, pondo-se a serviço deles, pronto a carregá-los às costas, e começou mesmo a fazê-lo, mas essas brincadeiras desagradaram a Iliúcha e foram abandonadas. Comprava para eles gulodices, bolinhos, nozes, oferecia-lhes chá com torradas. É preciso notar que não lhe faltava dinheiro. Aceitara os duzentos rublos de Katierina Ivânovna, exatamente como Aliócha o previa. Em seguida, a moça, informada mais exatamente da situação deles e da doença de Iliúcha, fora visitá-los, travara conhecimento com toda a família e encontrara mesmo a pobre demente. Desde então sua generosidade não se retardara e o capitão, tremendo à ideia de perder seu filho, esquecera sua antiga altivez e recebia humildemente a caridade. Durante todo esse tempo, o Doutor Herzenstube, mandado por Katierina Ivânovna, visitara regularmente o doente de dois em dois dias, mas isto não servia de grande coisa, muito embora o enchesse de remédios. Naquele mesmo domingo, esperava o capitão novo médico chegado de Moscou, onde passava por ser uma celebridade. Katierina lvânovna mandara chamá-lo, com grandes despesas, com um fim do qual se tratará mais tarde, e na

mesma ocasião pediu-lhe para visitar Iliúcha, do que fora prevenido o capitão. Nem lhe passava pela cabeça que Kólia Krasótkin iria chegar, se bem que desejasse desde muito tempo a visita desse rapaz, a respeito do qual Iliúcha tanto se atormentava. Quando ele entrou, todos se aglomeravam em tôrno do leito do doente e examinavam um molosso pequenino, nascido na véspera, que o capitão encomendara havia uma semana para distrair e consolar Iliúcha, sempre pesaroso com a desaparição de Besouro, que devia ter morrido. Iliúcha sabia, havia três dias, que lhe fariam presente dum cãozinho, um verdadeiro molosso (o que era bastante importante) e, embora por delicadeza se mostrasse encantado, seu pai e seus camaradas viam bem, aquele novo cão só fazia despertar no seu coração as lembranças do desgraçado Besouro, que ele fizera sofrer. O animalzinho mexia-se ao lado dele; com um fraco sorriso, acariciava-o com sua mão diáfana; via-se que o cão lhe agradava, mas… não era Besouro! Se tivesse os dois juntos, nada teria faltado à sua felicidade!

— Krasótkin! — gritou um dos meninos, que fora o primeiro a ver Kólia entrar. Houve certa emoção, os meninos se afastaram dos dois lados do leito, descobrindo assim Iliúcha. O capitão precipitou-se ao encontro de Kólia.

— Seja bem-vindo, caro visitante! Iliúcha, o Senhor Krasótkin veio ver-te…

Tendo-lhe estendido a mão, Krasótkin mostrou logo sua boa educação. Voltou-se, primeiro, para a esposa do capitão, sentada na sua poltrona (ela estava no momento bastante descontente e resmungava porque os meninos lhe ocultavam o leito de Iliúcha e impediam-na de olhar o cão) e fez-lhe uma referência cortês, depois, dirigindo-se a Nínotchka, cumprimentou-a da mesma maneira. Essa conduta impressionou favoravelmente a doente.

— Reconhece-se logo um jovem bem educado — disse ela, abrindo os braços, — Não é como aqueles ali; entram um por cima do outro.

— Como assim, mamãe, um por cima do outro? Que quer a senhora dizer? — balbuciou o capitão um tanto inquieto.

— Entram assim mesmo. No vestíbulo um monta a cavalo nos ombros do outro e assim se apresentam em casa de uma família decente. Com que é que isso se parece?

— Mas quem então, mamãe, quem entrou assim?

— Ali está um que carregava o outro e ainda aqueles dois ali…

Mas Kólia já estava à cabeceira de Iliúcha. O doente empalidecera. Ergueu-se, encarando fixamente Kólia. Este, que havia dois meses não via seu amiguinho, parou consternado; não esperava encontrar um rosto tão amarelo e emagrecido, olhos ardentes de febre e como que desmesuradamente aumentados, mãos tão descarnadas. Com dolorosa surpresa via que Iliúcha respirava penosa e precipitadamente, os lábios ressequidos. Aproximou-se, estendeu-lhe a mão e disse, embaraçado:

— Como é, meu velho… como vai isso?

Mas sua voz estrangulou-se, seu rosto contraiu-se, teve um ligeiro tremor perto dos lábios. Iliúcha sorria-lhe tristemente, ainda incapaz de pronunciar uma palavra. Kólia passou-lhe de repente a mão pelos cabelos.

— Não vai mal! — respondeu ele, maquinalmente. Calaram-se um instante.

— Então, tens um novo cão? — perguntou Kólia, num tom indiferente.

— Si…im — disse Iliúcha, que ofegava.

— Ele tem o focinho preto, vai ser mau — disse Kólia, num tom grave, como se não houvesse nada de mais importante. Sobretudo esforçava-se por dominar sua emoção, para não chorar como um garoto, mas não conseguia. — Quando ele crescer, será preciso pô-lo na corrente, tenho certeza.

— Ficará enorme! — exclamou um dos meninos.

— É coisa sabida, um molosso é enorme, do tamanho dum

bezerro.

— Do tamanho dum bezerro, dum verdadeiro bezerro — interveio o capitão. — Procurei de propósito um assim, o mais feroz, seus pais também são enormes e ferozes… Sente-se, no leito de Iliúcha, ou então em cima do banco. Seja bem-vindo, caro visitante, esperado desde tanto tempo. Veio com Alieksiéi Fiódorovitch?

Krasótkin sentou-se no leito, aos pés de Iliúcha. Tinha talvez preparado em caminho uma entrada em assunto, mas agora perdia o fio do mesmo.

— Não… Estou com Carrilhão… Tenho um cão assim, agora, Carrilhão. Está esperando lá embaixo… eu assobio e ele vem correndo. Tenho também um cão. — Voltou-se para Iliúcha. — Lembras-te, meu velho, de Besouro? — perguntou à queima-roupa.

O rostinho de Iliúcha contraiu-se. Olhou Kólia cheio de dor. Aliócha, que se conservava perto da porta, franziu o cenho, fez sinal às ocultas a Kólia para não falar de Besouro, mas Kólia não o notou ou não quis notá-lo.

— Onde está então… Besouro? — perguntou Iliúcha com uma voz partida.

— Ah! irmão, teu Besouro desapareceu!

Iliúcha calou-se, mas olhou de novo Kólia fixamente. Aliócha, que havia encontrado o olhar de Kólia, fez-lhe novo sinal, mas de novo desviou ele a vista, fingindo não ter compreendido.

— Fugiu sem deixar rasto. Podia-se esperar isso mesmo, depois daquela bolinha — disse o impiedoso Kólia, que, entretanto, parecia ele próprio ofegante. — Em troca, tenho Carrilhão… Trouxe-o para ti…

— É inútil! — exclamou Iliúcha.

— Não, não, pelo contrário, é preciso que o vejas… Isto te distrairá. Trouxe-o de propósito… um animal de pelos compridos, como o outro… A senhora permite que chame meu cachorro? —

perguntou ele à Senhora Snieguiriova, com uma agitação incompreensível.

— Não é preciso, não é preciso! — gritou Iliúcha, com uma voz dilacerante. A censura brilhava em seus olhos.

— O senhor deveria ter… — o capitão levantou-se precipitadamente de cima da arca onde estava sentado, perto da parede. — O senhor deveria ter… esperado… — Mas Kólia, inflexível, gritou para Smúrov: “Smúrov, abre a porta!”. Assim que ela foi aberta, ele soltou um assobio. Carrilhão precipitou-se para dentro do quarto.

— Salta, Carrilhão, banca o elegante, banca o elegante! — vociferou Kólia. — O cão, erguendo-se nas patas traseiras, manteve-se diante do leito de Iliúcha. Algo de inesperada se passou. Iliúcha estremeceu, inclinou-se com esforço para Carrilhão e examinou-o, desfalecente.

— É… Besouro! — exclamou ele, com uma voz partida pelo sofrimento e pela felicidade.

— Quem pensavas que era? — gritou com todas as suas forças Krasótkin, radiante. Passou os braços em redor do cão e levantou-o.

— Olha, meu velho, vê, um olho cego, a orelha esquerda cortada, os próprios sinais que me tinhas indicado. Procurei-o de acordo com eles. Não demorou muito. Não pertencia, com efeito, a ninguém! a ninguém! Refugiara-se em casa dos Fiedótovi, no quintal, mas não lhe davam comida, é um cão vadio, que fugiu duma aldeia… Vês, meu velho, não deve ter engolido a tua bolinha! Senão, estaria morto, decerto! Portanto, pôde cuspi-la de novo, uma vez que está vivo. Tu não o havias notado. No entanto, picou a língua, por isso gemia. Corria gemendo, acreditaste que ele havia engolido a bolinha. Deve ter-lhe doído muito, porque os cães têm a pele bastante sensível na boca… bem mais sensível que o homem!

Kólia falava muito alto, com ar acalorado e radiante. Iliúcha nada podia dizer. Olhava para Kólia com seus grandes olhos escancarados e tornara-se branco como linho. Se Kólia, que de nada desconfiava, tivesse sabido o mal que podia causar ao doentinho uma tal surpresa,

jamais se teria decidido a preparar tal golpe teatral, Mas no quarto, era talvez Aliócha o único a compreender. Quanto ao capitão, parecia um menino.

— Besouro! Então é Besouro? — gritava ele cheio de felicidade. Iliúcha, é Besouro, o teu Besouro! Mamãe, é Besouro! — Chorava quase.

— E eu que não adivinhei! — disse tristemente Smúrov. — Bem dizia que Krasótkin encontraria Besouro. Manteve sua palavra.

— Manteve a palavra! — disse uma voz alegre.

— Bravo, Krasótkin! — disse um terceiro.

— Bravo, Krasótkin! — exclamaram todos os meninos que se puseram a aplaudir.

— Esperem, esperem! — Krasótkin esforçava-se por dominar o tumulto. — Vou contar-lhes como foi. Procurei-o e levei-o para casa e mantive-o oculto a todos os olhares até o derradeiro dia. Somente Smúrov o soube, há duas semanas, mas assegurei-lhe que era Carrilhão e ele não desconfiou de nada. No intervalo, treinei Besouro. Vocês vão ver as habilidades que ele sabe! Treinei-o, meu velho, para trazer-te já treinado. Não têm aí um pedaço de cozido? Ele fará um número de matar de rir. Têm mesmo?

O capitão correu à casa dos proprietários, onde se preparava a refeição da família. Kólia, para não perder um tempo precioso, gritou logo a Carrilhão: “Finge de morto!” Carrilhão pôs-se a girar, deitou-se de costas, imobilizou-se, com as quatro patas no ar. Os rapazes riam, Iliúcha olhava com o mesmo sorriso doloroso, mas a mais contente era a “mamãe”. Desatou a rir à vista do cão e se pôs a estalar os dedos, chamando:

— Carrilhão! Carrilhão!

— Por coisa alguma do mundo ele se levantará — disse Kólia, com ar triunfante e com justo orgulho —, ainda mesmo que todos o chamassem, mas à minha voz ficará de pé. Aqui, Carrilhão!

O cão se levantou, pôs-se a saltitar com gritos de alegria. O capitão chegou com um pedaço de cozido.

— Não está quente? — informou-se logo Kólia, com ar entendido. — Não, está bem, porque os cães não gostam das coisas quentes. Olhem todos, Iliúcha, olha então, meu velho, em que pensas? Trouxe-o para ele e ele não olha!

A nova habilidade consistia em pôr um belo pedaço de carne sobre o focinho estendido do cão imóvel. O infeliz animal devia mantê-lo tanto tempo quanto aprouvesse a seu dono, fosse mesmo uma meia hora. A prova de Carrilhão só durou um curto minuto.

— Engole! — gritou Kólia. E num piscar de olhos o pedaço passou do focinho de Carrilhão para sua goela. O público, é claro, exprimiu viva admiração.

— Será possível que você tenha demorado tanto apenas para amestrar o cachorro? — exclamou Aliócha, num tom involuntário de censura.

— Isto mesmo — exclamou Kólia, com ingenuidade. — Queria mostrá-lo em todo o seu brilho.

— Carrilhão! Carrilhão! — E Iliúcha estalou os dedos magros, para atrair o cão.

— Para que isso? Manda-o logo subir à tua cama. Aqui, Carrilhão!

Kólia bateu sobre a cama e Carrilhão atirou-se como uma flecha para Iliúcha, que lhe pegou a cabeça com as duas mãos, em troca do que Carrilhão lambeu-lhe logo a face. Iliúcha estreitou-o contra si, estendeu-se sobre o leito e ocultou o rosto no pêlo espesso do animal.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou o capitão. Kólia sentou-se de novo no leito de Iliúcha.

— Iliúcha, posso mostrar-te ainda alguma coisa. Trouxe-te um canhãozinho. Lembras-te? Falei-te então e tu disseste: “Ah! como gostaria de vê-lo!”. Pois bem, trouxe-o.

E Kólia tirou à pressa de sua sacola o canhãozinho de bronze. Apressava-se porque se sentia ele próprio muito feliz. Em outra ocasião, teria esperado que o efeito produzido por Carrilhão tivesse passado, mas agora apressava-se, desprezando qualquer comedimento: “Você já está feliz, pois bem, tome mais felicidade!”. Ele próprio estava encantado.

— Há muito tempo que eu namorava isto em casa do funcionário Morózov, para ti, meu velho, para ti. Ele não se servia disso, vinha-lhe de seu irmão. Troquei-o por um livro da biblioteca de papai: *O parente de Maomé ou a tolice salutar*. É uma obra libertina de há cem anos, quando não existia ainda censura em Moscou. Morózov é amador dessas coisas. Chegou mesmo a agradecer-me…

Kólia segurava o canhão, de modo que todos pudessem vê-lo e admirá-lo. Iliúcha soergueu-se e, continuando a apertar Carrilhão com a mão direita, contemplava deliciado o brinquedo. O efeito atingiu o cúmulo, quando Kólia declarou que tinha também pólvora e que se podia atirar, “se isto todavia não incomodar as senhoras!”. Mamãe pediu para ver o brinquedo de mais perto, o que foi logo feito. O canhãozinho de bronze, munido de rodas, agradou-lhe de tal modo que ela se pôs a fazê-lo rodar sobre seus joelhos. Ao lhe pedirem permissão para atirar, consentiu imediatamente, sem compreender, aliás, do que se tratava. Kólia mostrou a pólvora e o chumbo. O capitão, na qualidade de antigo militar, preparou a carga, derramou um pouco de pólvora, rogando que se reservasse o chumbo para outra vez. Puseram o canhão no soalho, com a boca voltada para um espaço livre, introduziram-se no ouvido alguns grãos de pólvora e acenderam-na com um fósforo. O tiro partiu muito bem. A mamãe estremeceu, mas se pôs logo a rir. Os meninos olhavam, num silêncio solene, o capitão sobretudo exultava, contemplando Iliúcha. Kólia pegou o canhão e fez dele presente imediatamente a Iliúcha, com a pólvora e o chumbo.

— É para ti, para ti! Preparei-o desde muito tempo — repetiu ele, no cúmulo da felicidade.

— Ah! dê-me, dê o canhãozinho antes a mim — pediu de repente a mamãe, como uma criança. Estava com ar inquieto, receando uma

recusa. Kólia ficou perturbado. O capitão agitou-se.

— *Mátuchka, mátuchka!*… o canhão é teu, mas Iliúcha vai guardá-lo porque foi dado a ele; é a mesma coisa. Iliúcha deixará sempre que brinques com ele, será dos dois…

— Não, não quero que ele seja de nós dois, mas só meu e não de Iliúcha — continuou a mamãe, prestes a chorar.

— Mamãe, tome, ei-lo aqui, tome! — gritou Iliúcha. — Krasótkin, posso dá-lo a mamãe? — Voltou-se com ar suplicante para Krasótkin, como se temesse ofendê-lo, dando seu presente a outrem.

— Mas decerto! — consentiu logo Krasótkin, que tomou o canhão das mãos de Iliúcha e entregou-o ele próprio à mamãe, inclinando-se com uma reverência cortês. Ela chorou de enternecimento.

— Esse querido Iliúcha! Gosta bem de sua mamãe! — exclamou ela, comovida e se pôs de novo a fazer o canhão rodar sobre seus joelhos.

— *Mámienhka*, vou beijar-te a mão — disse seu marido, passando logo das palavras aos atos.

— O jovem mais gentil é esse bom rapaz — disse a dama, reconhecida, designando Krasótkin.

— Quanto à pólvora, Iliúcha, vou te trazer tanta quanta queiras. Nós mesmos a fabricamos agora. Boróvikov aprendeu a composição: vinte e quatro partes de salitre, dez de enxofre, seis de carvão de bétula; pila-se tudo junto, junta-se água para fazer uma pasta, coa-se através duma pele de asno e obtém-se pólvora.

— Smúrov já me falou da pólvora de vocês, mas papai diz que não é a verdadeira pólvora — observou Iliúcha.

— Como não a verdadeira? — Kólia corou. — Ela incendeia. Aliás, não sei…

— Não é nada — disse o capitão contrafeito. — Disse mesmo que a pólvora verdadeira tem outra composição, mas pode-se também

fabricá-la dessa forma.

— O senhor sabe melhor do que eu. Pusemos fogo à nossa pólvora num pote de pomada, de pedra. Queimou bem, só ficou um pouco de fuligem. E era apenas a pasta, ao passo que se é coada através de uma pele… Aliás, o senhor conhece isso melhor do que eu… O pai de Búlkin deu-lhe uma surra por causa de nossa pólvora, sabes disso? — perguntou Kólia a Iliúcha.

— Ouvi dizer — respondeu Iliúcha. Não se cansava de escutar Kólia.

— Tínhamos preparado uma garrafa de pólvora. Ele a guardava debaixo da cama. Seu pai viu-a. Ela pode explodir, disse ele, e deu-lhe ali mesmo uma surra. Queria queixar-se de mim no ginásio. Agora, proibição de andarem comigo foi feita a ele, a Smúrov, a todos. Minha reputação está feita: dizem que sou um maluco. — Kólia mostrou um sorriso de desprezo. — Isso começou desde o caso da estrada de ferro.

— Sua proeza chegou ao nosso conhecimento — exclamou o capitão. — Será verdade que o senhor não sentiu medo nenhum, quando o trem lhe passava por cima? Era aterrorizador?

O capitão esforçava-se por lisonjear Kólia.

— Não, particularmente! — disse este, num tom displicente. — Foi sobretudo aquele pato que forjou minha reputação — e voltou-se de novo para Iliúcha. Mas se bem que afetasse, ao falar, um jeito desprendido, não estava senhor de si e não acertava o tom.

— Ah! também ouvi falar do pato! — disse Iliúcha, rindo. — Contaram-me, mas não compreendi. É mesmo verdade que compareceste ao tribunal?

— Uma travessura, uma bagatela, da qual fizeram uma montanha, como é de costume entre nós — começou Kólia, com desenvoltura. — Caminhava eu pela praça, quando trouxeram patos para ali. Parei para olhá-los. Um tal Vichniakov, que é agora moço de recados na casa dos Plótnikovi, olha para mim e diz: “Por que olhas tanto para os patos?”. Examino-o: o rosto redondo e estúpido, uns vinte anos; eu, fiquem

sabendo, nunca desdenho o povo. Gosto de frequentá-lo. Ficamos para trás em relação ao povo — é um axioma. O senhor ri, creio, Karamázov?

— Não, Deus me livre, sou todo ouvidos — respondeu Aliócha, com ar mais ingênuo.

O desconfiado Kólia retomou logo coragem.

— Minha teoria, Karamázov, é clara e simples: creio no povo e sinto-me sempre feliz em fazer-lhe justiça, mas sem mimá-lo, é o *sine qua*… Mas falava de um pato… Respondo àquele bobo: — "É que estava perguntando a mim mesmo em que pensa o pato." Ele olha para mim, com um ar totalmente estúpido: — "Em que ele pensa?". — "Estás vendo aquela *tieliega* carregada de aveia? A aveia escapa-se do saco e o pato estende o pescoço até debaixo da roda para bicá-la, estás vendo?" — "Estou vendo, sim." — "Pois bem, digo eu, se aquela *tieliega* avançar um pouquinho, a roda cortará o pescoço do pato, sim ou não?" — "Decerto que cortará", e ele abre-se num largo sorriso. — "Pois bem, meu rapaz, digo eu, vamos a isso." — "Vamos a isso", repete ele. Logo foi feito; colocou-se junto da brida disfarçadamente e eu ao lado para dirigir o pato. O mujique naquele momento olhava para outra parte, conversando com alguém e não tive de intervir; o próprio pato estendeu o pescoço para bicar, por baixo da *tieliega*, no caminho da roda. Fiz sinal ao rapaz, ele puxou a brida e, zás!, lá se foi o pescoço do pato! Por desgraça, os mujiques nos viram naquele momento e berraram: — "Tu fizeste de propósito!" — "Não foi, não!" — "Foi, sim!" — e gritaram: — "Ao juiz de paz!" e levaram-me também: — "Tu também estavas lá. Estavas combinado com ele, todo o mercado te conhece!". Com efeito, sou conhecido de todo o mercado, acrescentou Kólia com orgulho. — Fomos todos à casa do juiz de paz, não tendo sido esquecido o pato. E eis o meu rapaz, apavorado, que se põe a chorar, chorava como uma mulher. O condutor gritava: — "Dessa maneira, pode-se matar quantos patos se quiser!". As testemunhas seguiam, naturalmente. O juiz de paz logo sentenciou: um rublo de indenização ao cocheiro, mas podia ficar com o pato. Não deveria permitir-se fazer semelhantes brincadeiras no futuro. O rapaz não cessava de gemer: — "Não fui eu, foi ele que me ensinou!". Respondi com grande sangue-frio que não lhe ensinara, mas

somente exprimira a ideia principal, não se tratava senão de um projeto. O juiz Niefiedov sorriu, mas arrependeu-se logo de haver sorrido: — “Vou enviar uma comunicação a seu diretor — disse-me ele — para que doravante você não amadureça mais tais projetos, em lugar de estudar e de aprender suas lições”. Não fez nada disso, mas o caso espalhou-se e chegou, com efeito, às orelhas da diretoria; sabe-se como elas são compridas! O Professor Kolbásnikov ficou mais que qualquer outro exaltado, mas Dardaniélov tomou de novo minha defesa. E Kolbásnikov está agora zangado com nós todos, como um burro vermelho. Ouviste dizer, Iliúcha, que ele se casou, recebendo mil rublos de dote dos Mikháilovi? A noiva é um verdadeiro espantalho. Os alunos da terceira classe logo compuseram um epigrama. É engraçado, vou trazê-lo para ti depois. Nada tenho a dizer de Dardaniélov: é um homem de sólidos conhecimentos. Respeito as pessoas como ele e não é porque ele me defendeu…

— No entanto, tu lhe passaste a perna a respeito da fundação de Troia! — observou Smúrov, todo orgulhoso de Krasótkin. A história do pato agradara-lhe bastante.

— Mas deu-se mesmo isso? — interveio servilmente o capitão. — Trata-se da fundação de Troia? — Ouvimos falar disso. Iliúcha tinha-me contado…

— Ele sabe tudo, papai, é o mais instruído de nós todos! — disse Iliúcha. — Finge que não, mas é o primeiro em todas as matérias…

Iliúcha contemplava Kólia com uma felicidade infinita.

— É uma bagatela, eu mesmo considero essa questão como fútil — replicou Kólia com um orgulho modesto. Conseguira desinibir-se, se bem que estivesse um tanto perturbado; sentia que havia contado a história do pato com demasiado ardor, ao passo que Aliócha calara-se durante todo o relato e ficara sério; seu amor-próprio inquieto perguntava a si mesmo, pouco a pouco: — “Será que se cala porque me despreza, crendo que procuro seus elogios? Se ele se permite acreditar isto, eu…” — Esta questão é para mim das mais fúteis — cortou ele, orgulhosamente.

— Eu sei quem fundou Troia — disse de repente um menino que

não havia dito grande coisa até então, de ar tímido e silencioso, rosto delicado, de onze anos, chamado Kartachov. Mantinha-se perto da porta. Kólia olhou-o com surpresa. Com efeito, a fundação de Troia tornara-se em todas as classes um segredo que só se podia desvendar lendo Smarágdov e somente Kólia o possuía. Um dia, o jovem Kartachov aproveitou dum momento de distração de Kólia e abriu furtivamente um volume de Smarágdov, que se encontrava entre os livros dele e deu diretamente na passagem em que se tratava dos fundadores de Troia. Havia já muito tempo que isso se dera, mas ele se acanhava de revelar publicamente que também conhecia o segredo, temendo ser perturbado por outra pergunta de Kólia. Agora, não pudera impedir-se de falar, como o desejava desde muito tempo.

— Pois bem, quem foi? — E Kólia voltou-se arrogantemente para o lado dele, vendo pelo seu ar que Kartachov sabia mesmo e estava pronto para todas as consequências. Sentiu um frio.

— Troia foi fundada por Teucro, Dárdano, Ilo e Trós — recitou o menino, corando como uma peônia, a ponto de causar dó ver. Seus colegas fixaram-no por um minuto, depois seus olhares voltaram-se para Kólia. Este continuava a mirar de alto a baixo o audacioso, com um sangue-frio desdenhoso.

— Pois bem! Como se arranjaram eles? — dignou-se por fim proferir. — E que significa em geral fundar uma cidade ou um Estado? Será que eles foram colocar os tijolos, hem?

Riram. O temerário, de rosado tornou-se purpúreo. Calou-se, prestes a chorar. Kólia manteve-o assim um minuto.

— Para interpretar acontecimentos históricos, tais como a fundação duma nacionalidade, é preciso em primeiro lugar compreender o que isso significa — disse num tom doutoral, — Aliás, não atribuo importância a todos esses contos de comadres; em geral, não tenho grande apreço pela história universal — acrescentou, displicentemente.

— Pela história universal? — perguntou o capitão, assustado.

— Sim. É o estudo das tolices da humanidade e nada mais. Só

gosto das matemáticas e das ciências naturais — disse Kólia, num tom pretensioso, olhando a furto para Aliócha; só receava a opinião dele. Mas Aliócha permanecia grave e silencioso. Se tivesse falado então, as coisas ficariam como estavam; mas calava-se e seu silêncio podia ser desdenhoso, o que irritou completamente Kólia.

— Outra vez, vêm-nos com as línguas clássicas. Loucura e nada mais… O senhor parece não concordar comigo, Karamázov?

— Não — disse Aliócha, retendo um sorriso.

— As línguas clássicas, se quer minha opinião, são uma medida policial, eis sua única razão de ser — e pouco a pouco Kólia recomeçou a ofegar. — Instituíram-nas porque são enfadonhas, embrutecem. Como fazer para agravar o aborrecimento e a tolice que reinavam? Imaginou-se o estudo das línguas clássicas. Eis minha opinião e espero jamais mudá-la. — Corou, ligeiramente.

— É verdade — aprovou em tom convencido Smúrov, que escutara com atenção.

— Ele é o primeiro em latim — notou um dos meninos.

— Sim, papai, ele fala assim, mas é o primeiro da classe em latim — confirmou Iliúcha.

— Pois bem! E daí? — Kólia achou necessário defender-se, se bem que o elogio lhe fosse bastante agradável. — Cavaco o latim porque é preciso, porque prometi à mamãe acabar meus estudos e, na minha opinião, quando se empreende uma coisa, deve-se fazê-la como é preciso, mas no meu foro íntimo desprezo profundamente o classicismo e toda essa baixeza… Não está de acordo, Karamázov?

— Por que uma baixeza? — sorriu de novo Aliócha.

— Com licença, todos os clássicos foram traduzidos, portanto não é para estudá-los que se tem necessidade do latim, mas unicamente por medidas policiais e a fim de embotar as faculdades. Não será isso uma baixeza?

— Mas quem lhe ensinou tudo isso? — exclamou Aliócha, afinal

surpreso.

— Em primeiro lugar, eu mesmo posso compreender, sem que me ensinem, em seguida, saiba que o que acabo de explicar-lhe, a respeito das traduções clássicas, o próprio Professor Kolbásnikov disse em presença de toda a terceira classe…

— Eis o doutor! — disse Nínotchka, que se havia mantido calada todo o tempo.

Com efeito, diante do portão parara um carro, pertencente à Senhora Khokhlakova. O capitão, que esperara o médico a manhã inteira, precipitou-se a seu encontro. A mamãe preparou-se, tomando um ar digno. Aliócha aproximou-se do leito, arranjou o travesseiro do doentinho. De sua cadeira Nínotchka o observava com inquietação. Os meninos despediram-se rapidamente, alguns prometendo voltar à tardinha. Kólia chamou Carrilhão, que saltou para baixo do leito.

— Eu fico, eu fico! — disse ele precipitadamente a Aliócha. — Esperarei no vestíbulo e voltarei com Carrilhão, assim que o doutor se retirar.

Mas o médico já vinha entrando, um personagem importante, de peliça, com grandes suíças e queixo rapado. Transposta a soleira, parou de repente, como que desconcertado. Acreditava ter-se enganado: — “Onde estou?”, murmurou, sem tirar a peliça e conservando seu boné de pele. Toda aquela gente, a pobreza do quarto, a roupa branca pendurada numa corda perturbavam-no. O capitão inclinou-se profundamente.

— É mesmo aqui — murmurou, obsequioso —, é a mim que o senhor procura…

— Snie-gui-riov? — pronunciou gravemente o doutor. — O Senhor Snieguiriov é o senhor?

— Sou eu!

— Ah!

O doutor lançou novo olhar de asco pelo quarto e tirou sua peliça.

Uma condecoração importante brilhava no seu peito. O capitão tomou conta da peliça, o doutor retirou seu gorro.

— Onde está o paciente? — perguntou ele num tom imperioso.

*VI / Desenvolvimento precoce*

— Que pensa que dirá o doutor? — disse rapidamente Kólia. — Que fisionomia repelente, não é? Não posso tolerar a medicina!

— Iliúcha morrerá. Creio que é infalível — respondeu Aliócha, muito triste.

— Os médicos são charlatães! Sinto-me contente por tê-lo conhecido, Karamázov. Há muito tempo que tinha vontade de conhecê-lo. Apenas lamento que nos encontremos em tão tristes circunstâncias…

Kólia teria bem querido dizer algo de mais caloroso, de mais expansivo, mas sentia-se constrangido. Aliócha notou isso, sorriu, estendeu-lhe a mão.

— Aprendi, desde muito tempo, a respeitar no senhor uma criatura rara — murmurou de novo Kólia, atrapalhando-se. — Disseram-me que o senhor era místico, que viveu num mosteiro… Mas isto não me deteve. O contato da realidade há de curá-lo… É o que acontece às naturezas como a sua.

— Quem chama você místico? De que me curarei? — perguntou Aliócha, um tanto surpreso.

— Ora essa! Deus e o resto.

— Como, será que você não acredita em Deus?

— Pelo contrário, nada tenho contra Deus. Decerto, Deus não é senão uma hipótese… mas… reconheço que Ele é necessário à ordem… à ordem do mundo e assim por diante… e se Ele não existisse, seria preciso inventá-Lo — acrescentou Kólia, ficando corado. Imaginou de súbito que Aliócha pensasse que ele queria exibir seu saber e portar-se como adulto. “Ora, não quero absolutamente

exibir meu saber diante dele”, pensou Kólia com indignação. E ficou de repente muito contrariado.

— Confesso que todas essas discussões me repugnam — interrompeu-se. — Pode-se amar a humanidade sem crer em Deus, que pensa o senhor? Voltaire não acreditava em Deus, mas amava a humanidade. (“Ainda, ainda!” — pensou ele consigo.)

— Voltaire acreditava em Deus, mas fracamente, parece, e amava a humanidade da mesma maneira — respondeu Aliócha, num tom bem natural, como se conversasse com alguém da mesma idade ou mais velho do que ele. Kólia ficou impressionado com essa falta de segurança de Aliócha na sua opinião sobre Voltaire e com o fato de parecer deixar que ele, um rapazinho, resolvesse a questão.

— Será que você leu Voltaire? — concluiu Aliócha.

— Não, precisamente… Aliás, li *Candide* numa tradução russa… uma velha tradução, malfeita, ridícula… (“Ainda, ainda!”)

— E compreendeu?

— Oh! sim, tudo… isto é… por que pensa o senhor que não compreendi? É certo que tem umas passagens salgadas… Sou capaz, certamente, de compreender que é um romance filosófico e escrito para demonstrar uma ideia… — Kólia, decididamente, se atrapalhava. — Sou socialista, Karamázov, socialista incorrigível — declarou ele, de súbito, inconsideradamente.

— Socialista? — Aliócha pôs-se a rir. — Mas quando teve tempo? Não tem senão treze anos, creio?

Kólia sentiu vexame.

— Em primeiro lugar, não tenho treze anos, mas quatorze dentro de quinze dias — disse ele, impetuosamente. — Em seguida, não compreendo absolutamente o que tem que ver aqui a minha idade. Trata-se de minhas convicções e não de minha idade, não é verdade?

— Quando for mais idoso, verá que influência tem a idade sobre as ideias. Pareceu-me também que isso não partia de você —

respondeu Aliócha, sem se comover; mas Kólia, nervoso, interrompeu.

— Com licença, o senhor quer a obediência e o misticismo. Convenha que o Cristianismo, por exemplo, só serviu aos ricos e aos grandes para manter a classe inferior na escravidão, não é verdade?

— Ah! sei onde você leu isso. Trataram de doutriná-lo! — exclamou Aliócha.

— Permita, por que teria eu lido necessariamente isso? E ninguém me doutrinou. Posso eu mesmo… E se o senhor quer, não sou contra Cristo. Era uma personalidade completamente humana, e se tivesse vivido na nossa época teria se juntado aos revolucionários, talvez tivesse desempenhado um papel de destaque… É mesmo fora de dúvida.

— Mas onde você pescou tudo isso? Com que imbecil andou às voltas? — exclamou Aliócha.

— Não se pode dissimular a verdade. Tenho muitas vezes ocasião de conversar com o Senhor Rakítin, mas… pretende-se que o velho Bielínski[83] também disse isso.

— Bielínski? Não me lembro. Não o escreveu em parte alguma.

— Se não escreveu, disse, assegura-se. Ouvi alguém dizer… aliás, diabos…

— Você leu Bielínski?

— Veja o senhor… não, não o li, na verdade, mas… li o trecho a respeito de Tatiana, porque ela não vai embora com Oniéguin.[84]

— Por que ela não vai embora com Oniéguin? Será que você… compreende já isso?

— Com licença, creio que o senhor me toma pelo jovem Smúrov! — Kólia sorriu, irritado. — Aliás, não vá crer que sou um grande revolucionário. Estou muitas vezes em desacordo com o Senhor Rakítin. Não sou partidário da emancipação das mulheres. Reconheço que a mulher é uma criatura inferior e deve obedecer. *Les femmes*

*tricotent*, disse Napoleão — Kólia sorriu —, e, pelo menos nisto, estou de pleno acordo com a opinião desse pseudogrande homem. Acho igualmente que é uma covardia expatriar-se para a América, pior que isso, uma tolice. Por que ir para a América, quando se pode trabalhar entre nós para bem da humanidade? Sobretudo agora, há todo um campo de atividade fecunda. Foi o que respondi.

— Como, respondeu? A quem? Será que já lhe propuseram ir para a América?

— Impeliram-me a isso, confesso, mas recusei. Isto, bem entendido, aqui entre nós, Karamázov, nem uma palavra a ninguém, entendeu? Só ao senhor é que conto. Não tenho vontade nenhuma de cair entre as patas da Terceira Seção e aprender lições na Ponte das Correntes.[85]

> Perto da Ponte das Correntes.
> Do edifício te recordarás

Lembra-se? É magnífico! Por que ri? Acha que lhe contei pilhérias? ("E se ele souber que só possuo aquele único número de *O Sino*[86] e que nada li além disso?" — pensou Kólia, estremecendo.)

— Oh! não, não estou rindo e não penso absolutamente que você me mentiu. Eis por que não penso: porque é, ai! a pura verdade! Diga-me, leu o *Oniéguin*, de Puchkin? Você falava de Tatiana…

— Não, ainda não, mas quero lê-lo. Não tenho preconceitos, Karamázov. Quero ouvir ambas as partes. Por que essa pergunta?

— Por coisa nenhuma.

— Diga, Karamázov, o senhor me despreza? — cortou Kólia, que se ergueu diante de Aliócha, como para se pôr em posição. — Por favor, fale francamente.

— Eu o desprezo? — Aliócha olhou-o com espanto. — Por que, afinal? Deploro somente que uma natureza encantadora como a sua, na aurora da vida, já esteja pervertida por tais absurdos.

— Não se inquiete pela minha natureza — interrompeu Kólia, não

sem fatuidade —, mas quanto a suspeitoso, eu sou. Tola e grosseiramente suspeitoso. O senhor sorriu ainda há pouco, e pareceu-me…

— Ah! sorri por uma razão bem diversa. Fique sabendo: li recentemente a opinião de um estrangeiro, um alemão que vivia na Rússia, a respeito da juventude estudantil de hoje: “Se mostrardes a um estudante russo — escreveu ele — uma carta do firmamento, a respeito da qual não tinha ele até então nenhuma ideia, ele a devolverá no dia seguinte com correções.” Conhecimentos nulos e uma presunção sem limites, eis o que queria dizer o alemão a respeito do estudante russo.

— Ah! é totalmente verdadeiro! — disse Kólia, numa explosão de riso. — É a própria verdade! Bravo, alemão! No entanto, aquele cabeça quadrada não encarou também o lado bom, que pensa o senhor? A presunção, seja, isto vem da juventude, isto se corrige, se verdadeiramente deve ser corrigido; em compensação, há o espírito de independência desde os mais jovens anos, a audácia das ideias e das convicções, em lugar de seu servilismo rastejante diante da autoridade. No entanto, o alemão disse a verdade! Viva o alemão! Entretanto, é preciso sufocar os alemães. Muito embora sejam fortes nas ciências, é preciso sufocá-los…

— Por que isso? — sorriu Aliócha.

— Ora essa! É pilhéria minha, possivelmente, convenho. Sou por vezes um capeta e quando alguma coisa me agrada, não me contenho e sou capaz de proferir absurdos. A propósito, estamos aqui prosando e aquele doutor não acaba. Aliás, pode dar-se que esteja examinando a mamãe e a Nínotchka, a doente. Sabe duma coisa? Essa Nínotchka me agradou. Quando eu ia saindo, ela me sussurrou: “Por que não veio antes?”, num tom de censura. Creio que ela é muito boa e digna de lástima.

— Sim, sim, você voltará e verá que criatura é ela. Precisa conhecer tais criaturas para saber apreciar muitas outras coisas que aprenderá precisamente em companhia delas — observou Aliócha com ardor. — É o melhor meio para você se transformar.

— Oh! quanto lamento e me censuro por não ter vindo antes! — disse Kólia com amargura.

— Sim, é muito de lamentar. Viu a alegria do pobrezinho? E como se consumia ele à sua espera!

— Não me fale disso! Aviva meu pesar. Aliás, bem o mereci. Se não vim, foi por amor-próprio egoísta e por vil despotismo, do qual jamais pude desembaraçar-me, malgrado todos os meus esforços. Agora vejo, por muitas coisas sou um miserável, Karamázov!

— Não, você tem uma natureza encantadora, se bem que falsificada, e compreendo por que podia exercer tamanha influência sobre aquele menino nobre duma sensibilidade doentia! — respondeu calorosamente Aliócha.

— E é o senhor quem me diz isso? — exclamou Kólia. — Imagine que pensei várias vezes, estando aqui, que o senhor me desprezava. Se soubesse como faço questão de sua opinião!

— Mas pode ser mesmo verdade que seja você tão desconfiado? Nessa idade! Pois bem, imagine que ainda há pouco, ao olhá-lo, quando você contava, pensava justamente que você deveria ser muito desconfiado.

— Tinha pensado nisso? Que golpe de vista tem o senhor, vejam só! Aposto que foi quando eu falava do pato. Imaginei então que o senhor me desprezava profundamente, porque eu me esforçava por bancar o malicioso. Detestei-o de repente por essa razão e comecei a perorar. Em seguida, pareceu-me (já aqui), quando eu disse: “Se Deus não existisse, era preciso inventá-lo”, que me apressara por demais em exibir minha instrução, tanto mais quanto lera essa frase em alguma parte. Mas juro-lhe que não era por vaidade, mas à toa, ignoro por que, na minha alegria, verdadeiramente creio que foi na minha alegria… muito embora seja vergonhoso aborrecer as pessoas pelo fato de se estar alegre. Sei disso. Em compensação, estou persuadido agora de que o senhor não me despreza e que sonhei tudo isso. Oh! Karamázov, sou profundamente infeliz. Imagino por vezes, Deus sabe por quê, que toda gente zomba de mim e estou pronto então a subverter a ordem estabelecida.

— E atormenta o seu meio — sorriu Aliócha.

— É verdade, sobretudo minha mãe. Karamázov, diga, mostro-me agora muito ridículo?

— Não pense nisso, não pense absolutamente! — exclamou Aliócha. — E que é o ridículo? Sabe-se quantas vezes um homem é ou parece ridículo? Além do mais, atualmente, quase todas as pessoas que têm capacidade temem extremamente o ridículo, o que as torna infelizes. Admiro-me somente de que você experimente isso a tal ponto, se bem que o observe desde muito tempo e não unicamente em sua casa. Atualmente, adolescentes estão atingidos por esse mal. É quase uma loucura. O diabo encarnou-se no amor-próprio, para apoderar-se da geração atual, sim, o diabo — insistiu Aliócha sem sorrir, como pensava Kólia, que o fixava. — Você é como todos — concluiu ele —, isto é, como muitos, somente não se deve ser como todos.

— Ainda mesmo que todos sejam assim?

— Sim, ainda mesmo que todos sejam assim. Apenas você não será como eles. Na realidade, você não é como todos; não corou em confessar um defeito e até mesmo um ridículo. Ora, atualmente, quem é capaz disso? Ninguém, não se sente mesmo mais a necessidade de condenar-se a si mesmo. Não seja como todos, ainda que ficasse sozinho.

— Muito bem! Não me enganei a seu respeito. O senhor é capaz de consolar. Oh! quanto me sentia atraído para o senhor, Karamázov! Desde muito tempo aspirava por este encontro. Seria o caso que também pensasse assim a meu respeito? Ainda há pouco o disse.

— Sim, ouvi falar de você e pensava também em você… e se em parte é o amor-próprio que o fez agora perguntar isso, isso nada quer dizer.

— Sabe, Karamázov, que nossa explicação se assemelha a uma declaração de amor? — declarou Kólia com uma voz fraca e como que envergonhada. — Não é ridículo?

— Absolutamente, e mesmo se fosse ridículo não quereria dizer nada, porque está bem — afirmou Aliócha, com um claro sorriso.

— Convenha, Karamázov, que o senhor mesmo, agora, tem um pouco de vergonha também… Vejo-o nos seus olhos — e Kólia sorriu com um ar astuto, mas quase feliz.

— Que há de vergonhoso?

— Por que corou?

— Mas foi você que me fez corar! — disse, rindo, Aliócha, que ficara, com efeito, todo vermelho. — Pois bem, sim, tenho um pouco de vergonha, Deus sabe por quê, eu ignoro… — murmurou ele, quase constrangido.

— Oh! como gosto do senhor e como o aprecio neste momento, justamente, porque o senhor também tem vergonha comigo! Porque é como eu! — exclamou Kólia, entusiasmado. Tinha as faces vermelhas, seus olhos brilhavam.

— Escute, Kólia, você será muito infeliz na vida — disse de repente Aliócha.

— Sei, sei. Como o senhor adivinha tudo! — confirmou logo Kólia.

— Mas, no conjunto, abençoará, no entanto, a vida.

— É isto! Viva! O senhor é um profeta! Nós nos entenderemos, Karamázov. Sabe? O que mais me encanta é que o senhor me tratava completamente como a um igual. Ora, nós não somos iguais, o senhor é superior! Mas nos entenderemos. Dizia a mim mesmo há um mês: “Ou seremos imediatamente amigos para sempre, ou nos separaremos como inimigos até a morte!”.

— E ao falar assim, você já gostava de mim, decerto! — E Aliócha soltou uma risada alegre.

— Eu gostava enormemente do senhor, gostava do senhor e pensava no senhor! E como o senhor pode tudo adivinhar? Ora, eis o

doutor. Meu Deus, diz alguma coisa, olhe que cara ele tem!

## *VII / Iliúcha*

O doutor saía da isbá metido na sua peliça e com seu gorro na cabeça. Tinha o ar quase irritado e cheio de asco, como se receasse sujar-se. Percorreu com os olhos o vestíbulo, lançando um olhar severo a Aliócha e a Kólia. Aliócha fez sinal ao cocheiro e o carro que havia trazido o doutor avançou para a porta. O capitão saiu precipitadamente atrás dele e, inclinado, desculpando-se quase, deteve-o para uma derradeira palavra. O rosto do pobre homem estava abatido, seu olhar apavorado.

— Excelência, excelência… será possível? — começou ele, sem terminar, limitando-se a juntar as mãos em seu desespero, se bem que seu olhar implorasse ainda o médico, como se verdadeiramente uma palavra deste pudesse mudar a sorte do pobre menino.

— Que fazer? Não sou Deus — respondeu o doutor num tom displicente, se bem que grave por hábito.

— Doutor… Vossa Excelência… e será em breve, em breve?

— Pre-pa-rem-se para tudo — respondeu o doutor, martelando as palavras e, baixando os olhos, dispunha-se a transpor a soleira para subir no carro.

— Excelência, em nome de Cristo! — O capitão apavorado deteve-o uma segunda vez. — Excelência… será que na verdade não há nada, nada que possa salvá-lo, agora?

— Isto não de-pen-de de mim, agora — declarou o médico, impaciente —, e, no entanto, hum! — parou de repente — sim, por exemplo, o senhor poderia… en-viar… seu paciente… imediatamente e sem tardar (o doutor pronunciou estas derradeiras palavras quase com cólera, a ponto de fazer o capitão estremecer) a Si-ra-cu-sa, então… em consequência das novas condições cli-ma-té-ri-cas fa-vo-ráveis… poderia, talvez, pro-duzir-se…

— A Siracusa? — exclamou o capitão, como se não

compreendesse ainda.

— Siracusa é na Sicília — explicou Kólia, em voz alta. O doutor olhou para ele.

— Na Sicília?! Excelência — disse o capitão transtornado —, o senhor viu! — Juntou as mãos, mostrando o interior de sua casa.

— E a mamãe, a família?

— N-ão, sua família não iria à Sicília, mas ao Cáucaso, desde a primavera… e depois que sua esposa tivesse tomado as águas no Cáucaso, em vista de seus reumatismos… seria preciso enviá-la imediatamente a Paris, à clínica do a-li-e-nista Le-pel-le-tier. Poderia dar-lhe uma apresentação; e então… poderia talvez produzir-se…

— Doutor, doutor! O senhor está vendo! — E o capitão estendeu de novo os braços, mostrando, no seu desespero, as traves nuas que formavam a parede do vestíbulo.

— Mas isto não é de minha alçada — sorriu o médico. — Disse-lhe simplesmente o que poderia responder a ciência à sua pergunta a respeito dos derradeiros meios, o resto… a meu pesar…

— Não tenha medo, curandeiro, meu cachorro não o morderá — disse bem alto Kólia, notando que o doutor olhava com alguma inquietação para Carrilhão, que se mantinha na soleira. Um tom colérico ressoava em sua voz. Como declarou mais tarde, foi de propósito e para insultar o doutor que o chamara de curandeiro.

— Que é? — disse o doutor, fitando Kólia com surpresa. — Quem é? — e dirigiu-se a Aliócha, como para lhe pedir contas.

— É o dono de Carrilhão, curandeiro, não se inquiete a respeito de minha pessoa.

— Carrilhão? — repetiu o doutor, que não tinha compreendido.

— Adeus, curandeiro, tornaremos a ver-nos em Siracusa.

— Quem é, quem é ele? — perguntou o doutor, exasperado.

— É um colegial, doutor, um brincalhão, não lhe dê atenção — declarou, rapidamente, Aliócha, franzindo o cenho. — Kólia, cale-se! Não dê atenção — repetiu ele, com alguma impaciência.

— É preciso dar-lhe uma surra, dar-lhe uma surra — disse o doutor furioso, batendo com os pés.

— Sabe, curandeiro, que Carrilhão poderia muito bem morder? — proferiu Kólia, com voz trêmula e muito pálido, de olhos chamejantes. — Aqui, Carrilhão!

— Kólia, se você disser ainda uma palavra, romperei com você para sempre! — gritou impetuosamente Aliócha.

— Curandeiro, só há uma criatura no mundo que possa dar ordens a Nikolai Krasótkin, ei-la (designou Aliócha). Submeto-me, adeus.

Abriu a porta e entrou no quarto. Carrilhão lançou-se atrás dele. O doutor ficou cinco segundos como que petrificado, olhou Aliócha e cuspiu, gritando: "É, é, não sei o quê!". O capitão precipitou-se para ajudá-lo. Aliócha entrou por sua vez. Kólia já estava à cabeceira de Iliúcha. O doente segurava-lhe a mão e chamava seu pai. O capitão voltou logo.

— Papai, papai, venha cá… nós… — murmurou Iliúcha superexcitado, mas, não tendo força para continuar, estendeu para a frente seus braços emagrecidos, passou-os em torno de Kólia e de seu pai, que reuniu no mesmo abraço, apertando-se contra eles. O capitão foi sacudido por soluços silenciosos e Kólia estava a ponto de chorar.

— Papai, papai! Quanto dó o senhor me causa, papai! — gemeu Iliúcha.

— Iliúcha meu querido… o doutor disse… que tu ficarás curado… seremos felizes…

— Ah! papai! Sei bem o que o novo doutor lhe disse a meu respeito… Vi! — exclamou Iliúcha.

Apertou-os de novo com todas as suas forças contra si, ocultando

seu rosto no ombro de seu pai.

— Papai! não chore… quando eu morrer, tome um bom menino, outro… escolha o melhor dentre eles, chame-o de Iliúcha e ame-o em lugar de mim…

— Cala-te, meu velho, ficarás bom! — gritou Krasótkin, como que zangado.

— Quanto a mim, papai, não se esqueça nunca de mim — continuou Iliúcha. — Venha a meu túmulo… o senhor sabe, papai, enterre-me junto de nossa grande pedra, lá aonde nós íamos passear, e vá lá com Krasótkin, de tardinha. E Carrilhão… E eu os esperarei… Papai, papai!

Sua voz estrangulou-se, os três mantiveram-se enlaçados, sem falar. Nínotchka chorava mansamente em sua cadeira, e de repente, vendo todos a chorar, a mamãe desatou em lágrimas.

— Iliúcha! Iliúcha! — exclamava ela. Krasótkin desvencilhou-se dos braços de Iliúcha.

— Adeus, meu velho, minha mãe me espera para almoçar — disse ele rapidamente. — Que pena eu não a ter prevenido! Ficará muito inquieta. Mas depois do almoço, voltarei para teu lado, até a noite, e terei muita coisa para contar-te. E trarei Carrilhão, agora vou levá-lo, porque ele se poria a uivar na minha ausência e te incomodaria. Até logo!

Correu para o vestíbulo. Não queria chorar, mas não pôde impedir-se disso. Foi nesse estado que o encontrou Aliócha.

— Kólia, deve manter sem falta sua palavra e voltar, senão ele experimentará violento desgosto — disse, com insistência.

— Não se preocupe! Oh! quanto me censuro por não ter vindo mais cedo! — murmurou Kólia, chorando francamente.

Naquele momento o capitão surgiu e tornou a fechar logo a porta atrás de si. Tinha o ar desvairado, seus lábios tremiam. Parou diante dos dois jovens e ergueu os braços para o ar.

— Não quero um bom menino! Não quero outro! — murmurou ele, selvagem, rangindo os dentes, “se me esquecer de ti, Jerusalém, fique pegada minha língua…”.

Não terminou, como se lhe faltasse a voz, e deixou-se cair diante de um banco de madeira. Com a cabeça apertada entre os punhos, pôs-se a soluçar, gemendo, mas baixinho, para que seus gemidos não fossem ouvidos na isbá. Kólia precipitou-se para a rua.

— Adeus, Karamázov! Virá também? — perguntou com um ar brusco, zangado, a Aliócha.

— Esta tarde, sem falta.

— Que disse ele a respeito de Jerusalém?… Que era aquilo?

— Tirado da *Bíblia*: “Se me esquecer de ti, Jerusalém”,[87] isto é, se eu esquecer o que tenho de mais precioso, se o trocar por outro amor, então que seja fulminado…

— Compreendo, basta! Venha também! Aqui, Carrilhão! — gritou ele, com raiva, ao cachorro, e afastou-se a grandes passadas.

## Livro XI / Ivan Fiódorovitch

### *I / Em casa de Grúchenhka*

Aliócha dirigia-se à Praça da Igreja, à Casa Morózova, onde residia Grúchenhka. Naquela mesma manhã, ela lhe havia enviado Fiénia, rogando-lhe insistentemente que fosse à sua casa. Indagando dela, soube Aliócha que sua patroa se achava desde a véspera numa grande agitação. Durante os dois meses que se haviam seguido à prisão de seu irmão, ele fora muitas vezes à Casa Morózova, espontaneamente ou da parte de Mítia. Três dias após, caíra Grúchenhka gravemente doente; mantivera-se de cama quase cinco semanas, ficando oito dias sem conhecimento. Mudara muito e emagrecera, com a tez amarelecida, embora pudesse sair havia já umas duas semanas. Mas aos olhos de Aliócha o rosto dela tornara-se mais sedutor e ele gostava, ao se aproximar dela, de encontrar-lhe o olhar. Seus olhos tinham tomado algo de resoluto e de reflexivo; uma decisão calma, mas inflexível, manifestava-se nela. Entre os supercílios cavara-se uma pequena ruga vertical que dava a seu gracioso rosto uma expressão concentrada, quase severa ao primeiro contato. Nenhum traço da frivolidade de outrora. Admirava-se Aliócha de que Grúchenhka tivesse conservado sua alegria de outrora, malgrado a desgraça que a ferira — noiva de um homem detido quase logo depois por um crime horrível — apesar da doença e da ameaça de uma condenação quase certa. Nos seus olhos outrora altivos uma espécie de doçura brilhava agora, mas mostravam por vezes um clarão de maldade, quando a retomava uma antiga inquietação que, longe de se acalmar, aumentava em seu coração. Era a respeito de Katierina Ivânovna, de quem falava mesmo em seu delírio, durante sua doença. Aliócha compreendia que ela estava com ciúme por causa de Mítia, muito embora Katierina não o tivesse visitado uma vez sequer na prisão, como poderia ter feito. Tudo isso embaraçava Aliócha, porque era somente nele que Grúchenhka confiava, pedindo sem cessar seus conselhos; por vezes não sabia o que dizer-lhe.

Chegou à casa dela, preocupado. Ela voltara da prisão havia meia hora e apenas pela vivacidade com que se levantou à entrada dele,

concluiu que o esperava com impaciência. Em cima da mesa, havia um baralho, sobre o divã de couro arranjado como cama estava semiestendido Maksímov, doente e enfraquecido, mas sorridente. Aquele velho, sem pouso, que voltara dois meses antes de Mókroie com Grúchenhka, não a deixara mais desde então. Após o trajeto sob a chuva e na lama, todo encharcado e apavorado, sentara-se no divã, olhando-a em silêncio com um sorriso que implorava. Grúchenhka, esmagada de pesar e já prêsa da febre, a princípio quase o esqueceu, absorvida por outros cuidados; de repente, olhou-o fixamente; ele mostrou um sorriso lastimoso, embaraçado. Ela chamou Fiénia e ordenou que lhe desse de comer. Durante o dia inteiro ele ficou quase imóvel no seu lugar. Quando escureceu e fecharam os postigos, Fiénia perguntou à sua patroa:

— Então, senhora, esse senhor vai ficar para dormir?

— Sim, prepara-lhe um leito no divã — respondeu Grúchenhka. Interrogando-o, soube que ele não sabia para onde ir e que "o Senhor Kolgánov, meu benfeitor, declarou-me francamente que não me receberia mais e me deu cinco rublos". — "Pois bem, tanto pior, fica", decidiu Grúchenhka no seu pesar, sorrindo-lhe com compaixão. O velho ficou comovido com aquele sorriso, seus lábios tremeram de emoção. Foi assim que ficou em casa dela na qualidade de parasita errante. Mesmo durante a doença de Grúchenhka, não deixou a casa. Fiénia e a velha cozinheira, sua avó, não o expulsaram, mas continuaram a dar-lhe de comer e a fazer-lhe a cama em cima do divã. Posteriormente, Grúchenhka se habituou mesmo com ele e voltando duma visita a Mítia (a quem visitava ainda convalescente) punha-se a conversar futilidades com Maksímuchka, para esquecer seu pesar. Verificou-se que o velho possuía certo talento de contador, de sorte que acabou por lhe ser útil. Fora Aliócha, que não demorava, aliás, muito tempo, Grúchenhka não recebia quase ninguém. Quanto ao velho comerciante Samsónov, estava então gravemente doente, "ia-se", como diziam na cidade; morreu, com efeito, uma semana depois do julgamento de Mítia. Três semanas antes de sua morte, sentindo chegar o fim, chamou à sua presença seus filhos com suas famílias e ordenou-lhes que não mais o deixassem. A partir daquele momento, deu ordens expressas aos criados para não deixarem entrar

Grúchenhka e, se ela se apresentasse, dizer-lhe que “ele lhe desejava que vivesse muito tempo feliz e que o esquecesse completamente”. Grúchenhka mandava, no entanto, quase todos os dias saber notícias dele.

— Eis-te afinal! — exclamou ela, largando as cartas e acolhendo alegremente Aliócha. — Maksímuchka me amedrontava dizendo que não virias mais. Ah! quanta necessidade tenho de ti! Senta. Queres café?

— Com prazer — disse Aliócha, sentando. — Estou com muita fome.

— Fiénia, Fiénia, café! Está pronto desde muito tempo… Traze também uns bolinhos quentes! Sabes, Aliócha, tive uma complicação hoje a respeito desses bolinhos. Levei-os à prisão e, acredita, ele os recusou. Chegou mesmo a pisar um. “Vou deixá-los com o guarda — disse-lhe eu. — Se não os queres é que tua maldade te alimenta!” E fui saindo. Brigamos ainda uma vez. É todas as vezes a mesma coisa.

Grúchenhka falava com agitação. Maksímov sorriu timidamente e baixou os olhos.

— A propósito de quê, hoje? — perguntou Aliócha.

— Não esperava isso absolutamente. Imagina que está com ciúme de meu “antigo”. — “Por que lhe dás dinheiro? — diz-me ele. — Puseste-te, então, a sustentá-lo?” Está com ciúme, da manhã à noite. Uma vez estava com ciúme até mesmo de Kuzmá, na última semana.

— Mas ele conhecia “o antigo”?

— Como não? Sabia de tudo desde o começo, hoje me injuriou. Tenho vergonha de repetir suas palavras. O imbecil! Rakitka chegou, quando eu saía. Talvez seja ele quem o excita, hem? Que pensas? — acrescentou ela, com ar distraído.

— Ele te ama muito e agora está nervoso.

— Como não estar nervoso? Julgam-no amanhã. Tinha ido justamente para reconfortá-lo, porque tenho medo, Aliócha, de

imaginar o que acontecerá amanhã! Tu dizes que ele está nervoso? E eu então? E ele fala do polonês! Que imbecil! Mas creio que ele não está com ciúme de Maksímuchka.

— Minha mulher também era bastante ciumenta — observou Maksímov.

— De ti! — disse Grúchenhka, rindo, contra sua vontade. — Quem poderia mesmo fazê-la ficar ciumenta?

— As criadas de quarto.

— Cala-te, Maksímuchka, não estou de humor para risadas, a cólera mesmo me domina. Não olhes os bolinhos, não terás deles, podem te fazer mal. É preciso cuidar também desse; parece que minha casa é um asilo. — Sorriu.

— Não mereço seus benefícios, sou insignificante — disse Maksímov, num tom queixoso. — Prodigalize antes sua bondade com os que são mais úteis do que eu.

— Ora, Maksímuchka, cada qual é útil, como saber qual o mais, qual o menos? Se somente aquele polonês não existisse! Aliócha, ele também imaginou cair doente, hoje. Fui vê-lo igualmente. Vou enviar-lhe de propósito os bolinhos. Não o fiz, mas já que Mítia me acusa disso, vou mandá-los agora de propósito! Ah! eis Fiénia com uma carta. É isto, são os poloneses pedindo ainda dinheiro!

*Pan* Mussialóvitch enviava-lhe, com efeito, uma carta bastante longa e empolada, como era seu hábito, em que lhe rogava que lhe emprestasse três rublos. Era acompanhada por um recibo com a promessa de pagar dentro de três meses; a assinatura de *pan* Vrubliévski figurava também. Grúchenhka já havia recebido de seu "antigo" muitas cartas semelhantes com reconhecimentos de dívidas. Isto datava de sua convalescença, duas semanas antes. Sabia que os dois *panówie* tinham, contudo, vindo saber notícias dela durante sua doença. A primeira carta, escrita numa folha de grande formato, lacrada com um sinete de família, era longa, bastante obscura e empolada, de modo que Grúchenhka só leu a metade e a pôs de parte sem ter nada compreendido dela. Zombava bem de cartas naquela

ocasião. Essa primeira carta foi seguida, no outro dia, de uma segunda, em que *pan* Mussialóvitch pedia-lhe que lhe emprestasse dois mil rublos a curto prazo. Grúchenhka deixou-a igualmente sem resposta. Veio em seguida uma série de missivas, igualmente pretensiosas, em que a soma pedida diminuía gradualmente, caindo para cem rublos, para vinte e cinco, para dez e por fim Grúchenhka recebeu uma carta em que os *panówie* mendigavam um rublo somente, com um recibo assinado pelos dois. Tomada de súbita piedade, foi ela mesma, ao crepúsculo, à casa do *pan*. Encontrou os dois poloneses numa miséria negra, famintos, sem fumo, sem cigarros, devendo à sua locadora. Os duzentos rublos ganhos de Mítia tinham desaparecido depressa. Grúchenhka ficou surpresa, contudo, por ser acolhida pretensiosamente pelos *panówie*, com uma etiqueta majestosa e falas enfáticas. Só fez rir daquilo, deu dez rublos ao seu "antigo", contou rindo a coisa a Mítia, que não demonstrou nenhum ciúme. Mas depois os *panówie* agarravam-se a Grúchenhka, bombardeavam-na todos os dias com pedidos de dinheiro, e todas as vezes ela enviava alguma coisa. Eis que hoje Mítia se mostrara ferozmente ciumento.

— Como uma tola, passei em casa dele, quando fui ver Mítia, porque ele também estava doente, o meu antigo *pan* — continuou Grúchenhka com volubilidade. — Conto isso a Mítia, rindo: "Imagina — digo-lhe — que meu polonês pôs-se a cantar-me as canções de outrora, acompanhando-se numa guitarra. Pensa enternecer-me"… Então Mítia começou a injuriar-me… De modo que vou enviar bolinhos aos *panówie*. Fiénia, dá três rublos à menina que eles mandaram e uma dúzia de bolinhos enrolados num papel. Tu, Aliócha, contarás isto a Mítia.

— Nunca! — disse Aliócha, sorrindo.

— Ora! Pensas que ele se atormenta? É de propósito que se faz de ciumento. No fundo, isto pouco lhe importa — declarou Grúchenhka, com amargura.

— Como, de propósito?

— Como és ingênuo, Aliócha! Não compreendes nada, apesar de toda a tua inteligência. O que me ofende não é o ciúme dele, o

contrário é que me teria ofendido. Sou assim. Admito o ciúme, eu mesma sou ciumenta. Mas o que me ofende é que ele não me ama absolutamente e tem ciúme agora de mim de propósito. Serei uma cega? Põe-se a falar-me de Kátia, de como ela mandou vir de Moscou um médico afamado e o primeiro advogado de Petersburgo para defendê-lo. Ama-a, pois que lhe faz o elogio em minha presença. É culpado para comigo, mas arma brigas contra mim e é o primeiro a acusar-me e a lançar as culpas sobre mim: "Conheceste o polonês antes de mim; portanto posso agora ter relações com Kátia". Eis como estão as coisas. Quer lançar sobre mim toda a culpa. É de propósito que provoca essas brigas comigo, digo-te, somente eu…

Grúchenhka não terminou, cobriu os olhos com seu lenço e desatou em lágrimas.

— Ele não ama Katierina Ivânovna — disse, com firmeza, Aliócha.

— Saberei dentro em pouco se ele a ama ou não — disse ela, com uma voz ameaçadora. Seu rosto alterou-se. Aliócha teve pena ao vê-la tomar de súbito um ar sombrio e irritado.

— Basta de tolices! Não foi para isso que te mandei chamar. Meu caro Aliócha, que se passará amanhã? Eis o que me tortura. Sou a única. Vejo que os outros não pensam nisso, ninguém se interessa. Tu, pelo menos, pensas nisso? É amanhã o julgamento! Dize-me, como vão julgá-lo? Mas foi o lacaio quem matou, o lacaio! Meu Deus! Será possível que o condenem em lugar dele e que ninguém tome sua defesa? Não incomodaram o lacaio, não é mesmo?

— Interrogaram-no rigorosamente e todos concluíram que não foi ele. Agora está gravemente doente, desde aquela crise. É uma doença séria.

— Senhor! Devias ir à casa daquele advogado e contar-lhe o caso em particular. Parece que mandaram buscá-lo em Petersburgo por três mil rublos.

— Sim, fomos nós que fornecemos a quantia, Ivan, Katierina Ivânovna e eu. Ela, sozinha, é que mandou buscar o médico, por dois

mil rublos. O advogado Fietiukóvitch teria exigido mais; este caso, porém, teve repercussão na Rússia inteira, todos os jornais falam dele, de modo que Fietiukóvitch quis mesmo encarregar-se dele sobretudo por causa da glória, tendo em vista a celebridade do processo. Estive com ele ontem.

— Então, falaste com ele?

— Escutou sem dizer nada. Sua opinião já está formada, afirmou-me. No entanto, prometeu levar em consideração minhas palavras.

— Como, em consideração? Ah! os velhacos! Eles o perderão, E o doutor, por que o fizeram vir?

— Como perito. Quer-se estabelecer que Mítia é louco e que matou num acesso de demência — Aliócha sorriu mansamente —, mas meu irmão não consentirá nisso.

— Mas seria a verdade, se ele tivesse matado! Estava louco, então, completamente louco, e a culpa foi minha, minha, miserável! Mas não foi ele. E todo mundo pretende que foi ele o assassino. Até mesmo Fiénia depôs de maneira que ele parece culpado. E na venda, e aquele funcionário, e no botequim, onde o tinham ouvido antes, todos o acusam.

— Sim, os depoimentos multiplicaram-se — notou Aliócha, com ar sombrio.

— E Grigóri Vassílievitch persiste em dizer que a porta estava aberta, pretende tê-la visto, e nada o fará mudar de opinião; fui vê-lo, falei-lhe. Pois ainda por cima injuriou-me.

— Sim, é talvez o depoimento mais grave contra meu irmão — disse Aliócha.

— Quanto à loucura de Mítia, ela existe agora mesmo — começou Grúchenhka, com ar preocupado, misterioso. — Sabes, Aliócha, há muito tempo que queria dizer-te: vou vê-lo todos os dias e encho-me de espanto. Dize-me: que pensas? De que ele sempre fala, atualmente? Não compreendo nada do que ele diz, pensava que era algo de

profundo, acima do meu alcance, tola que sou, mas eis que ele me fala dum neném: — “Por que ele é pobre, o neném? Por causa dele é que vou agora para a Sibéria, não matei, mas é preciso que eu vá para a Sibéria!”. De que se trata? Quem é esse neném? Não compreendi nada disso. Pus-me simplesmente a chorar. Ele falava tão bem, ambos chorávamos, beijou-me e fez sobre mim o sinal da cruz. Que é que isso significa, Aliócha, quem é esse neném?

— Rakítin tomou o hábito de visitá-lo — sorriu Aliócha. — Aliás… isto não parte de Rakítin. Não o vi ontem, irei vê-lo hoje.

— Não, não é Rakitka, é seu irmão Ivan Fiódorovitch quem o atormenta, quem vai vê-lo… — Grúchenhka interrompeu-se bruscamente. Aliócha olhou-a, estupefato.

— Como? Ivan vai vê-lo? Mítia mesmo me disse que ele nunca fora lá.

— Pois bem! Pois bem! Eis como sou! Tagarelei! — exclamou Grúchenhka, rubra de confusão. — Enfim, Aliócha, não fales, já que comecei, direi toda a verdade. Ivan foi lá duas vezes vê-lo: a primeira, logo que chegou de Moscou; a segunda, há uma semana. Proibiu Mítia de falar disso. Visitava-o às ocultas.

Aliócha permanecia mergulhado em suas reflexões. Aquela notícia impressionara-o fortemente.

— Ivan não me falou do caso de Mítia. Em geral, conversou pouco comigo; quando eu ia vê-lo, parecia sempre descontente, de modo que há já três semanas que não vou à casa dele. Hum… Se ele esteve lá há oito dias… produziu-se, com efeito, uma mudança em Mítia há uma semana…

— Sim, uma mudança — disse vivamente Grúchenhka. — Eles têm um segredo, o próprio Mítia me falou disso, e um segredo que o atormenta. Antes mostrava-se alegre, e agora ainda é assim, apenas, vês tu, quando começa a mover a cabeça, a andar de lá para cá, a puxar os cabelos das têmporas, sei que está agitado… tenho certeza!… Aliás, ainda hoje estava alegre.

— Tu disseste: nervoso.

— Uma e outra coisa. Fica nervoso por um momento, depois alegre, depois, de repente, nervoso de novo. Na verdade, Aliócha, ele me surpreende; uma tal sorte em perspectiva e acontece-lhe desatar em gargalhadas por bagatelas; parece uma criança.

— É verdade que ele te proibiu de me falares a respeito de Ivan?

— Sim, és tu sobretudo que Mítia teme. Porque há um segredo, ele mesmo me disse… Aliócha, meu querido, vai pois, trata de saber qual é esse segredo e vem me dizer, que eu, desgraçada, conheça enfim minha sorte maldita! Foi por isso que mandei te chamar hoje.

— Pensas que isso diz respeito a ti? Mas então ele nem teria tocado no assunto!

— Não sei. Talvez não ouse me contar. Está prevenido. O fato é que tem um segredo.

— Mas tu mesma, que pensas disso?

— Penso que tudo está acabado para mim. São três ligados contra mim, Katka faz parte disso. É dela que provém tudo. Mítia previne por alusão. Pensa em abandonar-me, eis todo o segredo. Imaginaram isto todos três, Mítia, Katka e Ivan Fiódorovitch. Ele me disse, há uma semana, que Ivan está apaixonado por Katka, por isso vai tanto à casa dela. Aliócha, queria perguntar-te: é verdade ou não? Fala-me em consciência.

— Não mentirei. Ivan não ama Katierina Ivânovna.

— Pois bem! eu também pensei isso então! Ele mente sem nenhum pudor. E faz-se agora ciumento para poder acusar-me em seguida. Mas é um imbecil, não sabe dissimular, é demasiado franco… Vai me pagar! “Tu acreditas que eu matei!” Eis o que ele ousa censurar-me! Que Deus lhe perdoe! Espera, essa Katka terá o que ver comigo no tribunal! Falarei… Direi tudo!

Pôs-se a chorar.

— Eis o que posso afirmar-te, Grúchenhka — disse Aliócha, levantando: — Em primeiro lugar, é que ele te ama, ama-te mais do que a tudo no mundo, e a ti somente, acredita-me. Tenho certeza disto. Em seguida, confesso-te que não irei arrancar seu segredo, mas se ele me disser, vou avisá-lo que prometi contar-te. Neste caso, voltarei para fazer isso hoje. Somente… parece-me que Katierina Ivânovna nada tem a ver com isso, esse segredo deve referir-se a outra coisa. É com certeza isso. Por agora, adeus!

Aliócha apertou-lhe a mão. Grúchenhka continuava chorando. Ele bem percebia que ela não acreditava em suas consolações, mas aquela efusão havia-a aliviado. Causava-lhe pena deixá-la naquele estado, mas estava com pressa. Tinha ainda muito que fazer.

## *II / O pé doente*

Queria em primeiro lugar ir à casa da Senhora Khokhlakova. Apressava-se para acabar o mais depressa possível, para não chegar demasiado tarde ao encontro com Mítia. Havia três semanas que a Senhora Khokhlakova estava doente; tinha o pé inflamado, e, muito embora não estivesse de cama, passava os dias semiestendida sobre um divã, na sua alcova, em galante traje íntimo, mas decente. Aliócha observara uma vez, sorrindo inocentemente, que a Senhora Khokhlakova tornava-se faceira, malgrado sua doença; enfeitava-se de borlas, fitas, camisetas. Durante os dois últimos meses, o jovem Pierkhótin pusera-se a frequentar-lhe a casa. Havia quatro dias que Aliócha não ia até lá e, assim que entrou, dirigiu-se aos aposentos de Lisa, que lhe mandara dizer na véspera que fosse lá imediatamente vê-la para um negócio muito importante, o que por certas razões o interessava. Mas enquanto a criada de quarto ia anunciá-lo, a Senhora Khokhlakova, informada de sua chegada, chamou-o só por um minuto. Aliócha achou que era melhor satisfazer em primeiro lugar a mamãe, senão ela o mandaria chamar a todo instante. Estava estendida sobre o divã, vestida como para uma festa, e parecia bastante agitada. Acolheu Aliócha com gritos de entusiasmo.

— Há um século que não o vejo! Uma semana inteira, misericórdia! Ah! você esteve aqui há quatro dias, na quarta-feira passada. Ia aos aposentos de Lisa, estou certa de que queria andar na

ponta dos pés, para que eu não o ouvisse. Meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, se você soubesse quanto ela me inquieta! Isto é o principal, mas falaremos a respeito depois. Caro Alieksiéi Fiódorovitch, confio-lhe inteiramente a minha Lisa. Após a morte do *stáriets* Zósima — paz à sua alma! (ela se benzeu) —, depois dele, considero você um asceta, se bem que lhe assente com muita elegância seu novo traje. Onde você encontrou aqui um tal alfaiate? Mas não, afinal, isto não tem importância. Perdoe-me chamá-lo por vezes Aliócha, sou uma velha, tudo me é permitido — sorriu faceiramente —, mas isto também virá depois. Sobretudo, não devo esquecer o principal. Rogo-lhe, se divagar, chame-me a atenção. Depois que Lisa retirou sua promessa — sua promessa infantil, Alieksiéi Fiódorovitch — de casar com você, deve ter bem compreendido que não era senão o capricho de uma menina doente, que ficou muito tempo na sua poltrona. Deus seja louvado, agora ela já anda. Esse novo médico que Kátia mandou buscar em Moscou para seu infeliz irmão, que amanhã… Que acontecerá amanhã? Morro só de pensar nisso! Sobretudo de curiosidade… Em suma, o tal médico veio ontem e examinou Lisa… Paguei-lhe cinquenta rublos pela visita. Mas não se trata disto. Está vendo, atrapalho-me. Apresso-me sem saber por quê. Não sei mais onde estou, tudo é para mim como um novelo embaraçado. Tenho medo de fazer você fugir, aborrecendo-o. Só tenho visto você. Ah! meu Deus! Nem pensei nisso, em primeiro lugar, café, Iúlia, Glafira, café!

Aliócha apressou-se em agradecer, dizendo que acabara de tomar café.

— Em casa de quem?

— Em casa de Agrafiena Alieksándrovna.

— Em casa daquela mulher?! Ah! é ela a causa de tudo, aliás, não sei, dizem que ela procede agora irreprochavelmente, é um pouco tarde. Teria valido mais antes, quando era preciso, de que serve isso agora? Cale-se, Alieksiéi Fiódorovitch, porque tenho tanto que dizer que não direi nada absolutamente, creio. Esse horrível processo… irei de qualquer forma, preparo-me para isso, vão me levar numa cadeira, posso ficar sentada, e você sabe que figuro no rol das testemunhas.

Como haverei de falar, como haverei de falar? Não sei o que direi. É preciso prestar juramento, não é?

— Sim, mas penso que a senhora não poderá comparecer.

— Posso ficar sentada. Ah! você me atrapalha! Esse processo, esse ato selvagem, em seguida todos vão para a Sibéria, outros se casam, e tudo isso depressa, depressa, e tudo muda, enfim todos envelhecem e olham para o túmulo. Pois bem! seja, estou fatigada. Aquela Kátia… *cette charmante personne*, iludiu minha esperança; agora vai acompanhar um de seus irmãos à Sibéria, o outro a seguirá e vai morar na cidade vizinha e todos farão uns e outros sofrer. Isto me faz perder o juízo, sobretudo essa publicidade; falaram disso milhares de vezes nos jornais de Petersburgo e de Moscou. Ah! sim, imagine você que escreveram também a meu respeito, que eu era uma "boa amiga" de seu irmão. Não posso pronunciar a tal palavra vergonhosa, imagine!

— É impossível! Onde escreveram isso, como?

— Vou mostrar-lhe. Recebi o jornal ontem. Aqui está, é no jornal de Petersburgo, *Boatos*. Esse *Boatos* apareceu este ano. Gosto muito dos boatos, tomei uma assinatura, e eis-me bem servida em questão de boatos. Está aqui, neste lugar, leia.

E estendeu a Aliócha um jornal que se achava sob o travesseiro.

Não estava agitada, mas abatida e, com efeito, tudo se misturava talvez na sua cabeça. O suelto era característico e devia certamente impressioná-la, mas por felicidade ela se achava então incapaz de concentrar-se em um ponto e podia num instante esquecer mesmo o jornal e passar a outra coisa. Quanto à repercussão daquele triste caso na Rússia inteira, conhecia-a Aliócha desde muito tempo, e Deus sabe as notícias estranhas que tivera ocasião de ler havia dois meses, entre outras verídicas, a respeito de seu irmão, dos Karamázovi e dele mesmo. Dizia-se mesmo num jornal que, apavorado pelo crime de seu irmão, ele havia se tornado monge e enclausurara-se; aliás, desmentia-se esse boato afirmando, pelo contrário, que em companhia do *stáriets* Zósima ele arrombara a caixa do mosteiro e fugira. A notícia aparecida no jornal *Boatos* intitulava-se: "Escrevem-nos de

Skotoprigonievsk[88] — (ai! assim se chama nossa cidadezinha, nome que ocultei por muito tempo) a propósito do processo Karamázov". Era curta e o nome da Senhora Khokhlakova nela não figurava. Contava-se somente que o criminoso que se preparavam para julgar com tal solenidade, capitão reformado, de atitudes insolentes, vadio e partidário da servidão, mantinha intrigas amorosas, influenciava sobretudo "algumas damas a quem sua solidão pesava". Uma delas, "uma viúva que se entediava", afetando mocidade, se bem que mãe de uma filha já grande, enamorara-se dele a ponto de oferecer-lhe, duas horas antes do crime, três mil rublos para partir em sua companhia para as minas de ouro. Mas o celerado preferira matar seu pai para roubar-lhes esses três mil rublos, contando com a impunidade, em vez de passear pela Sibéria os encantos quadragenários de sua dama. Essa correspondência faceta terminava, como convém, por uma nobre indignação contra a imoralidade do parricídio e da servidão. Depois de ter lido com curiosidade, Aliócha dobrou o jornal, que entregou à Senhora Khokhlakova.

— Então? Não sou eu? Fui eu, com efeito, que, uma hora antes, lhe propus as minas de ouro, e logo "encantos de quarenta anos"! Mas era esse o meu objetivo? O jornalista fez de propósito. Que o Soberano Juiz lhe perdoe essa calúnia como eu mesmo lhe perdoo, mas foi… sabe quem? Seu amigo Rakítin.

— Talvez — disse Aliócha, se bem que nada tenha ouvido a respeito.

— Foi ele, foi ele, decerto! Porque o pus para fora! Conhece então essa história?

— Sei que a senhora lhe pediu que cessasse suas visitas no futuro, mas por qual razão, justamente, não o soube… da parte da senhora pelo menos.

— Soube-o então por ele? Então, ele brada contra mim, com veemência?

— Sim, solta brados contra todo mundo, aliás. Mas ele tampouco me disse por qual motivo a senhora o despediu! De resto, encontro-o muito raramente. Não somos amigos.

— Pois bem! Vou contar-lhe tudo e, apesar de tudo, arrependo-me, porque há um ponto a respeito do qual sou eu mesma talvez culpada. Algo de totalmente insignificante, aliás. Veja, meu caro (a Senhora Khokhlakova assumiu um ar jovial, e sorriu enigmaticamente), veja, suspeito… perdoe-me, falo-lhe como uma mãe… Oh! não, não, pelo contrário, dirijo-me a você como a meu pai… porque a mãe nada tem que ver aqui… Enfim, tanto faz, como ao *stáriets* Zósima a confissão, e é tudo perfeitamente justo: chamei-o ainda há pouco de asceta… Pois bem! eis, aquele pobre rapaz, seu amigo Rakítin (meu Deus! não posso zangar-me contra ele), em suma, aquele desmiolado, imagine que lhe deu na cabeça, creio, enamorar-se de mim. Só o percebi depois, mas no começo, isto é, há um mês, veio ver-me frequentemente, quase todos os dias, e contudo já nos conhecíamos antes. Não suspeitava de nada… e de repente, foi como um raio de luz. Você sabe que há dois meses comecei a receber esse gentil e modesto rapaz, Piotr Ilitch Pierkhótin, funcionário aqui? Você o encontrou mais de uma vez. Ele não tem mérito, não é sério? Vem duas vezes por semana, aparece sempre bem vestido, e, em geral, gosto da mocidade, Aliócha, quando ela tem modéstia, talento, como você; é quase um estadista, fala tão bem, haverei de recomendá-lo sem dúvida alguma. É um futuro diplomata. Naquele horrendo dia, quase me salvou da morte vindo procurar-me à noite. Quanto a seu amigo Rakítin, vem sempre com seus sapatos ordinários que arrasta pelo tapete… em suma, põe-se a fazer alusões; uma vez, ao retirar-se, apertou-me a mão com bastante força. Foi a partir daquele momento que fiquei doente do pé. Ele já havia encontrado Piotr Ilitch em minha casa e — você acreditaria? — falava mal dele sem cessar, encarniçava-se contra ele não se sabia por quê. Contentava-me com observar os dois, para ver como se arranjariam, rindo comigo mesma. Um dia em que me encontrava sozinha, sentada, ou antes, já estendida, Mikhail Ivânovitch veio ver-me e, imagine você, trouxe-me versinhos de sua autoria, nos quais descrevia meu pé doente. Espera, como é?

> Esse encantador pezinho,
> Sofre um tanto, coitadinho…

ou algo assim, não consigo lembrar-me desses versos; tenho-os aí, hei de mostrar-lhe depois, são encantadores, e não tratam somente de

meu pé, são morais, com uma ideia deliciosa, mas esqueci-a, em suma, dignos de figurar num álbum. Naturalmente, agradeci-lhe, ele pareceu lisonjeado. Mal acabara de fazê-lo e entrou Piotr Ilitch. Mikhail Ivânovitch ficou sombrio como a noite. Via bem que Piotr Ilitch o incomodava, porque ele queria com certeza dizer alguma coisa após os versos, pressentia-o, e o outro entrou naquele momento. Mostrei os versos a Piotr Ilitch, sem dizer o nome do autor. Mas estou persuadida de que ele o adivinhou imediatamente, muito embora o negue até hoje. Piotr Ilitch desatou na gargalhada, pôs-se a criticar: "Maus versos, disse ele, escritos por algum seminarista…". Sim, se o senhor visse com que calor, com que temeridade! Foi então que seu amigo, em lugar de rir, tornou-se furioso… Meu Deus! pensei que eles iam bater-se. "Sou eu — disse ele — o autor. Escrevi-os por brincadeira, porque acho uma baixeza fazer versos… Somente, meus versos são bons. Querem elevar um monumento a Púchkin por ter cantado os pés das mulheres; meus versos têm uma tendência moral, o senhor mesmo não passa de um reacionário refratário à humanidade, ao progresso, estranho ao movimento das ideias, um burocrata, um papa-ordenados!" Pus-me então a gritar, a suplicar-lhes. Ora, Piotr Ilitch, você sabe, não tem medo, assumiu uma atitude muito digna, olhou-o ironicamente e pediu desculpas depois de tê-lo escutado: "Não sabia — disse — se não não me teria exprimido dessa maneira, teria louvado seus versos… Os poetas são uma gente irritável". Em suma, zombarias proferidas no tom mais sério. Ele mesmo me confessou depois que estava zombando, mas eu deixara-me enganar. Pensava então, estendida como agora: ficará bem ou não, se eu expulsar Mikhail Ivânovitch por causa da intemperança de sua linguagem para com meu hóspede? Você acreditaria? Estou estendida, de olhos fechados, sem conseguir decidir-me, atormento-me, meu coração bate; gritarei ou não gritarei? Uma voz me diz: "Grita" e outra "Não, não grites!". Mal ouvi esta outra voz, pus-me a gritar, depois desmaiei. Naturalmente foi uma cena tumultuosa. De repente, levanto-me e digo a Mikhail Ivânovitch: lamento muito, mas não quero mais vê-lo em minha casa. Foi assim que o pus para fora. Ah! Alieksiéi Fiódorovitch! Sei bem que agi mal, mentia, não estava absolutamente zangada com ele, mas de súbito pareceu-me que seria muito bem aquela cena… Somente — você acredita? —, era aquela cena, no entanto, natural, porque eu chorava de verdade e depois ainda alguns dias em seguida,

afinal acabei por esquecer tudo, uma vez, depois do almoço. Ele havia interrompido suas visitas desde duas semanas e eu perguntava a mim mesma: será possível que não volte mais? Foi então e eis que à noite trazem-me o jornal *Boatos*. Leio e fico boquiaberta com muita raiva. De quem seria? Dele! Logo que saiu daqui, rabiscara isto para enviá-lo ao jornal que o publicou. Isto aconteceu à duas semanas. Aliócha, tagarelo a torto e a direito, mas é mais forte do que eu!

— É preciso por força que chegue a tempo hoje de estar com meu irmão — balbuciou Aliócha.

— Justamente, justamente! Isto me lembra tudo! Diga-me, que é a obsessão?

— Que obsessão? — perguntou Aliócha, surpreso.

— A obsessão judiciária. Uma obsessão que faz perdoar tudo. Tenha você cometido o que tiver cometido, perdoam-lhe.

— A propósito de que diz isso?

— Eis por quê: essa Kátia… Ah! é uma encantadora criatura, mas ignoro de quem ela está enamorada. Veio aqui outro dia e nada pude saber. Tanto mais quanto ela se limita agora a generalidades, só me fala de minha saúde, afeta mesmo certo tom, e disse a mim mesma: “Pois seja, Deus a guarde!…”. Ah! a propósito dessa obsessão, chegou esse tal doutor. Você sabe disso decerto, foi você que o mandou chamar, isto é, você não, mas Kátia. Sempre Kátia! Está bem! Eis aqui: um indivíduo é normal, mas de repente tem uma obsessão. Está lúcido, dá-se conta de seus atos, entretanto, está prêsa duma obsessão. Pois bem! é o que aconteceu certamente a Dimítri Fiódorovitch. É uma descoberta e um benefício da justiça nova. O tal doutor chegou, fez-me perguntas a respeito daquela noite, enfim, a respeito das minas de ouro: como ele estava então, o acusado? Em estado de obsessão, bem decerto; exclama: dinheiro, dinheiro, dê-me três mil rublos, depois foi assassinar. Não quero, dizia ele, não quero matar, no entanto o fez. De modo que vão perdoá-lo por causa dessa resistência, muito embora tenha matado.

— Mas ele não matou — interrompeu um pouco bruscamente

Aliócha, cuja agitação e impaciência cresciam.

— Eu sei, foi o velho Grigóri quem matou.

— Como, Grigóri?

— Mas sim, foi Grigóri. Ficou desmaiado depois de ter sido golpeado por Dimítri Fiódorovitch, depois levantou-se e, vendo a porta aberta, foi matar Fiódor Pávlovitch.

— Mas por quê, por quê?

— Sob o império duma obsessão. Voltando a si, depois de ter sido golpeado na cabeça, a obsessão fê-lo cometer aquele crime. Ora, diz ele que não matou, talvez não se lembre. Somente, veja você, será bem melhor que Dimítri Fiódorovitch haja matado. É bem isto, embora fale de Grigóri, foi certamente Dimítri, e isto é melhor, muito melhor. Não que eu aprove o assassínio dum pai por um filho; os filhos, pelo contrário, devem respeitar os pais, no entanto, vale mais que seja ele, porque então não terão vocês de ficar desolados, uma vez que ele matou inconscientemente, ou antes conscientemente, mas sem saber como a coisa ocorreu. Deve-se absolvê-lo; será humano, serão vistos os benefícios da justiça nova, eu não sabia de nada, dizem que isso é já coisa antiga; desde que o soube, ontem, fiquei tão impressionada que queria mandar chamar você; e se o absolverem, vou convidá-lo para jantar imediatamente reunirei conhecidos e beberemos à saúde dos novos juízes. Não acho que seja perigoso, aliás haverá gente, sempre será possível retirá-lo, se ele se mostrar furioso; mais tarde, ele poderá ser juiz de paz em outro lugar ou alguma outra coisa, porque os melhores juízes são aqueles que também sofreram desgraças. Sobretudo, quem não tem sua obsessão agora? Você, eu, todo mundo, e quantos exemplos! Um indivíduo está cantando uma romança, de repente algo lhe desagrada, pega uma pistola, mata o primeiro que encontra e absolvem-no. Li recentemente, todos os doutores confirmaram. Confirmam tudo, agora. Pense pois, Lisa tem uma obsessão, fez-me chorar ontem e anteontem; hoje adivinhei que era simplesmente uma obsessão. Oh! Lisa causa-me tanta pena! Creio que perdeu o juízo. Por que mandou chamá-lo? Ou então você veio espontaneamente?

— Ela mandou me chamar, vou encontrar com ela — declarou Aliócha, levantando com ar resoluto.

— Ah! caro Alieksiéi Fiódorovitch, eis talvez o essencial — exclamou a Senhora Khokhlakova, chorando. — Deus é testemunha de que lhe confio sinceramente Lisa, e não tem importância o haver mandado chamá-lo, sem que eu o soubesse. Quanto a seu irmão Ivan, desculpe-me, mas não lhe posso confiar tão facilmente minha filha, muito embora o considere sempre como o rapaz mais cavalheiresco. Imagine que veio visitar Lisa e eu não sabia de nada.

— Como? O quê? Quando? — perguntou Aliócha, estupefato. Não tinha tornado a sentar.

— Vou contar-lhe, talvez o tenha mandado chamar para isso, não me lembro mais. Ivan Fiódorovitch veio ver-me duas vezes, depois de seu regresso de Moscou; a primeira, para fazer-me uma visita na qualidade de conhecido; a segunda, recentemente. Kátia encontrava-se aqui em minha casa e ele entrou sabendo disso. Bem entendido, eu não esperava visitas frequentes da parte dele, conhecendo suas complicações, *vous comprenez, cette affaire et la mort terrible de votre papa*,[89] mas venho a saber de repente que ele veio de novo, não aos meus aposentos, mas aos de Lisa, há seis dias, ficou uns cinco minutos. Soube-o três dias depois por Glafira, isto chocou-me. Chamo logo Lisa, que se põe a rir: pensava, disse ela, que a senhora estava dormindo e veio pedir-me notícias suas. Foi isto, decerto. Somente, Lisa, Lisa, meu Deus, que pena me causa! Imagine que, uma noite, há quatro dias, depois de sua visita, teve ela uma crise de nervos, gritos, gemidos. Por que eu nunca tenho crises de nervos? No dia seguinte, e no outro dia, novo ataque, e, ontem, essa obsessão. Ela grita para mim de repente: “Detesto Ivan Fiódorovitch, exijo que a senhora não o receba mais, que lhe proíba a entrada nesta casa!”. Fiquei estupefata e repliquei-lhe: “Por que razão despedir um jovem tão cheio de méritos, tão instruido e além do mais tão infeliz, porque todas essas histórias são antes uma desgraça que uma felicidade, não é mesmo? Ela desatou a rir às minhas palavras; duma maneira ferina. Fiquei contente, pensando tê-la divertido e que as crises cessariam. Aliás, queria eu mesma despedir Ivan Fiódorovitch por causa de suas estranhas visitas sem meu consentimento e pedir-lhe explicações. Esta manhã, eis que,

ao despertar, Lisa zangou-se com Iúlia e, imagine, bateu-lhe na cara. Ora, é monstruoso, trato de “você” minhas criadas de quarto. Uma hora depois, ela abraçava Iúlia e beijava-lhe os pés. Mandou dizer-me que não viria aqui, que não queria vir mais aqui aos meus aposentos, doravante, e, quando me arrastei até o seu quarto, cobriu-me de beijos, chorando, depois empurrou-me para fora sem dizer uma palavra, de modo que nada pude saber. Agora, caro Alieksiéi Fiódorovitch, ponho toda a minha esperança em você, meu destino está sem dúvida em suas mãos. Rogo-lhe que vá ver Lisa, que esclareça tudo isso, como só você sabe fazer, e vir contar-me, a mim, a mãe, porque você compreende, morrerei deveras, se isto tudo continua, ou fugirei desta casa. Não posso mais, tenho paciência, mas posso perdê-la e então… então será terrível. Ah! meu Deus, enfim, Piotr Ilitch! — exclamou a Senhora Khokhlakova, radiante, vendo entrar Piotr Ilitch Pierkhótin. — Você chegou atrasado, atrasado! Pois bem, sente-se, fale, decida a sorte, que diz esse advogado? Aonde vai você, Alieksiéi Fiódorovitch?

— Ao quarto de Lisa.

— Ah! sim. Não se esquecerá, não se esquecerá do que lhe pedi? Trata-se de meu destino!

— Decerto que não, se todavia for possível… mas estou tão atrasado… — murmurou Aliócha, retirando-se.

— Não, venha sem falta e não, como diz, se for possível, senão morrerei! — gritou às costas dele a Senhora Khokhlakova, mas Aliócha já havia desaparecido.

### *III / Um diabinho*

Encontrou Lisa, semiestendida na poltrona onde a carregavam, quando ela ainda não podia andar. Não se levantou à entrada dele, mas seu olhar penetrante atravessou-o. Aquele olhar estava um tanto aceso, a tez amarelada; Aliócha ficou impressionado com a mudança que se operara nela naqueles três dias, havendo mesmo emagrecido. Ela não lhe estendeu a mão. Ele lhe aflorou os dedos finos, imóveis sobre seu vestido e sentou-se diante dela, sem dizer nada.

— Sei que tem você pressa de ir à prisão — declarou bruscamente Lisa. — Mamãe reteve-o duas horas, acaba de falar-lhe de Iúlia e de mim.

— Como sabe?

— Escutei. Que tem de me olhar? Se me agrada, escuto, não há mal nisso. Não peço perdão.

— Há alguma coisa que a perturbe?

— Pelo contrário, sinto-me muito bem. Ainda há pouco, pensava pela décima vez em como fiz bem em retomar a palavra dada e não me tornar sua mulher. Você não convém como marido; se casar com você e encarregá-lo de levar um bilhete a um apaixonado por mim, você o faria e traria mesmo a resposta. E aos quarenta anos ainda levaria tais bilhetes.

Pôs-se a rir.

— Há em você algo de mau e, ao mesmo tempo, de ingênuo — disse Aliócha, sorrindo.

— É por ingenuidade que não tenho vergonha diante de você. Não somente não tenho vergonha, mas não quero tê-la, justamente diante de você. Aliócha, por que é que não o respeito? Amo-o muito, mas não o respeito. Senão, não lhe falaria sem nenhuma vergonha, não é?

— Com efeito.

— Acredita que não tenho vergonha diante de você?

— Não, não acredito.

Lisa riu de novo nervosamente; falava depressa.

— Mandei bombons para seu irmão, Dimitri Fiódorovitch, na prisão. Aliócha, sabe que você é muito gentil? Eu o amarei muito por ter me permitido tão depressa não amá-lo.

— Por que mandou me chamar hoje, Lisa?

— Queria dar-lhe parte dum desejo. Quero que alguém me faça sofrer, que case comigo, depois me torture, me engane e me abandone. Não quero ser feliz.

— Enamorou-se da desordem?

— Ah! quero a desordem. Quero pôr fogo na casa. Imagino a coisa: irei às ocultas, absolutamente às ocultas, tratar de pôr fogo. Procuram apagá-lo, a casa arde. Sei e me calo. Ah! que coisa estúpida! que horror!

Fez um gesto de desgosto.

— Você vive na riqueza — disse Aliócha, em voz baixa.

— Será que vale mais viver pobremente?

— Sim.

— Era seu defunto monge quem lhe contava isso. Não é verdade. Que eu seja rica e todos os outros pobres, comerei bombons, beberei creme e não darei a ninguém! Ah! não fale, não diga nada (fez um gesto, se bem que Aliócha não tivesse aberto a boca), você já me disse tudo isso antes, sei de cor. É aborrecido. Se sou pobre, matarei alguém, talvez mesmo mate sendo rica. Por que me constranger?… Sabe duma coisa? Quero segar, segar os trigos. Serei sua mulher, você vai virar mujique, um verdadeiro mujique; teremos um potrinho, quer? Conhece Kolgánov?

— Sim.

— Ele sonha, andando. Diz: “De que serve viver? Na verdade, é melhor sonhar”. Podem-se sonhar as coisas mais alegres, mas a vida é o tédio. Ele se casará em breve, fez, também a mim, uma declaração. Sabe rodar pião?

— Sim.

— Pois bem! ele parece um pião: é preciso pô-lo em movimento, atirá-lo, usar a fieira. Se casar com ele, farei que rode a vida inteira. Você não tem vergonha de ficar comigo?

— Não.

— Você está muito zangado porque não falo das coisas santas. Não quero ser santa. Que se faz no outro mundo para o maior pecado? Você deve saber ao certo.

— Deus condena — disse Aliócha, olhando-a fixamente.

— É o que quero. Chegaria, seria condenada, riria bem na cara de todos. Quero de todo jeito pôr fogo na casa, Aliócha, em nossa casa, não me acredita?

— Por quê, afinal? Há crianças, aos doze anos, que têm muita vontade de pôr fogo em alguma coisa e o fazem. É uma espécie de doença.

— Não é verdade, não é verdade. Há mesmo crianças, mas não falo disso.

— Você toma o mal pelo bem, é uma crise passageira que provém talvez de sua antiga doença.

— Mas você me despreza! Não quero fazer o bem, muito simplesmente, quero fazer o mal, não há nenhuma doença.

— Por que fazer o mal?

— Porque não resta nada em parte alguma. Ah! como seria bom! Sabe, Aliócha, penso por vezes em fazer muito mal, coisas vis, durante muito tempo, às ocultas e de repente todos ficarão sabendo. Todos me cercarão e me mostrarão com o dedo e eu os encararei. É muito agradável. Por que é tão agradável, Aliócha?

— À toa. A necessidade de esmagar algo de bom, ou, como você dizia, de pôr fogo. Isto acontece também.

— Não me contentarei em falar, vou fazer.

— Acredito.

— Ah!, como o amo por causa dessa palavra: acredito. Com efeito, você não mente. Mas pensa talvez que lhe digo tudo isso de

propósito, para irritá-lo?

— Não, não penso… se bem que talvez haja também um pouco dessa necessidade.

— Um pouco, sim. Não minto nunca diante de você — declarou ela com um clarão nos olhos.

O que impressionava sobretudo Aliócha era a seriedade dela; não havia sombra de malícia nem de brincadeira em seu rosto, muito embora outrora a alegria e a jovialidade não a deixassem nos seus momentos mais sérios.

— Há momentos em que o homem ama o crime — declarou Aliócha, com ar pensativo.

— Sim, sim, você exprimiu minha ideia, amam-no, todos o amam, sempre, e não por momentos. Sabe? Há como que uma convenção geral de mentira a este respeito, todos mentem desde então. Pretendem odiar o mal e todos o amam dentro de si mesmos.

— E você continua a ler maus livros?

— Sim. Mamãe oculta-os debaixo de seu travesseiro, mas os surripio.

— Será que não tem você consciência de que está se destruindo?

— Quero destruir-me. Há aqui um rapaz que ficou deitado entre os trilhos durante a passagem de um trem. Felizardo! Escute, julgam agora seu irmão por ter assassinado seu pai, e todo mundo está contente porque ele o matou. — Estão contentes porque ele matou seu pai?

— Sim, todos estão contentes. Dizem que é horrível, mas, dentro de si mesmos, estão muito contentes. Eu sou a primeira.

— Nas suas palavras, há um pouco de verdade — disse docemente Aliócha.

— Ah! que ideias você tem! — exclamou Lisa, entusiasmada. — E

é um monge! Você não pode acreditar quanto o respeito, Aliócha, porque você nunca mente. Ah! é preciso que lhe conte um sonho ridículo: vejo por vezes, em sonho, diabos; é à noite, estou no meu quarto com uma vela; de repente, diabos surgem em todos os cantos, debaixo da mesa, abrem a porta, há uma multidão deles que quer entrar para agarrar-me. E já avançam, agarram-me. Mas benzo-me, e todos eles recuam, tomados de pavor; mas não desaparecem completamente; ficam a esperar na porta e nos cantos. De repente, sinto uma vontade louca de me pôr a blasfemar em voz alta; começo, ei-los que avançam em multidão, muito contentes; agarram-me de novo, de novo me persigno… e então vão-se todos eles. É algo muito divertido; tanto que até se perde a respiração.

— Eu também já tive sonho igual — disse Aliócha.

— Será possível? — gritou Lisa, espantada. — Escute, Aliócha, não ria, é muito importante; pode acontecer que duas pessoas tenham o mesmo sonho?

— Decerto.

— Aliócha, digo-lhe que é muito importante — prosseguiu Lisa, no auge da surpresa. — Não é o sonho que importa, mas o fato de haver você podido ter o mesmo sonho que eu. Você nunca mente, não minta agora: é verdade? Não está troçando?

— É verdade.

Lisa, atordoada, calou-se um instante.

— Aliócha, venha ver-me, venha mais vezes — proferiu ela num tom suplicante.

— Virei sempre à sua casa, toda a minha vida — respondeu ele, com firmeza.

— Falo a você só — continuou Lisa. — Falo a mim só e ainda a você. Senão a você, no mundo inteiro. E falo-lhe mais voluntariamente do que a mim. E não sinto nenhuma vergonha diante de você, Aliócha, nenhuma. Por que isso? Aliócha, é verdade que na Páscoa os judeus

roubam as crianças e as degolam?

— Não sei.

— Tenho um livro em que se fala dum processo; conta-se que um judeu primeiro cortou os dedos de uma criança de quatro anos, depois crucificou-a numa parede com pregos; declarou ao tribunal que a criança morrera rapidamente, ao fim de quatro horas. É rápido, com efeito! Não cessava de gemer e ele ali permanecia a contemplá-la. Muito bem!

— Bem?

— Sim. Penso por vezes que fui eu quem a crucificou. Está pendurada e geme, sento-me diante dela e como compota de abacaxi. Gosto muito disso. E você?

Aliócha contemplava em silêncio Lisa, cujo rosto dum amarelo pálido alterou-se de repente, seus olhos flamejaram.

— Sabe? Depois de ter lido essa história, solucei a noite inteira. Creio ouvir a criança gritar e gemer (aos quatro anos, compreende-se) e essa ideia da compota não me deixa. De manhã, enviei uma carta pedindo a alguém que viesse sem falta ver-me. Veio, contei-lhe tudo a respeito da criança e da compota, tudo, e disse: “Muito bem!”. Pôs-se a rir e achou que, com efeito, estava bem. Depois partiu ao fim de cinco minutos. Será que me desprezava? Fale, Aliócha, fale, desprezava-me, sim ou não?

Ergueu-se em seu divãzinho, com os olhos cintilantes.

— Diga-me — proferiu Aliócha, agitado —, você mesma mandou chamar esse “alguém”?

— Eu mesma.

— Enviou-lhe uma carta?

— Sim.

— Precisamente para pedir-lhe isso, a propósito da criança?

— Não, absolutamente. Mas quando entrou, perguntei-lhe. Respondeu, pôs-se a rir, depois retirou-se.

— Agiu como homem honesto para com você — disse mansamente Aliócha.

— Mas desprezou-me? Riu.

— Não, porque ele mesmo crê talvez na compota de abacaxi. Está também muito doente agora, Lisa.

— Sim, assim o crê! — disse Lisa, com os olhos cintilantes.

— Ele não despreza ninguém — prosseguiu Aliócha. — Somente, não crê em ninguém. Se não crê, é bem certo que despreza.

— Isso quer dizer a mim também? A mim?

— A você também.

— Está bem — disse Lisa, com raiva. — Quando ele saiu rindo, senti que o desprezo tinha algo de bom. Ter os dedos cortados como aquela criança é boa coisa; ser desprezada é boa coisa igualmente…

E soltou uma risada má, olhando para Aliócha.

— Sabe, Aliócha, quereria… Salve-me! — ergueu-se, inclinou-se para ele, abraçou-o. — Salve-me! — gemeu ela quase. — Disse a alguém no mundo o que acabo de dizer-lhe? Sim, disse a verdade, a verdade! Vou me matar, porque tudo me desgosta! Não quero mais viver! Tudo me inspira desgosto, tudo! Aliócha, por que você não me ama, de modo algum?

— Não diga isso, eu a amo! — respondeu Aliócha, com ardor.

— Será que você chorará por mim?

— Sim.

— Não porque recusei ser sua esposa, mas em geral?

— Sim.

— Obrigada! Só tenho necessidade de suas lágrimas. E que os outros me torturem, me pisem aos pés, todos, todos, sem exceção de ninguém! Porque não amo ninguém. Está ouvindo? Nin-guém! Pelo contrário, odeio-os! Vá ver seu irmão, Aliócha, já é tempo! — e largou-o.

— Como deixá-la assim? — disse ele, quase aterrorizado.

— Vá ver seu irmão, a prisão será fechada. Vá, eis aqui seu chapéu! Abrace Mítia, vá, vá!

Empurrou Aliócha quase à força para a porta. Ele a olhava numa dolorosa perplexidade, quando sentiu na sua mão direita um bilhete dobrado, lacrado. Leu o endereço: "Ivan Fiódorovitch Karamázov". Lançou um olhar rápido a Lisa. O rosto dela era quase ameaçador.

— Não deixe de lhe entregar! — ordenou, com exaltação, toda tremente. — Hoje, imediatamente! Senão, tomarei veneno! Foi por isso que o chamei!

E bateu a porta. Aliócha pôs a carta em seu bolso e dirigiu-se para a escada, sem entrar nos aposentos da Senhora Khokhlakova, a quem havia mesmo esquecido. Assim que ele se afastou, Lisa entreabriu a porta, meteu seu dedo na fenda e apertou-o com todas as suas forças, fechando-a. Ao fim de alguns segundos, tendo retirado sua mão, foi lentamente sentar-se no poltrona, examinou com atenção seu dedo enegrecido e o sangue que havia brotado por baixo da unha. Seus lábios tremiam e ela murmurou rapidamente:

— Miserável! Miserável! Miserável! Miserável!

## *IV / O hino e o segredo*

Já era tarde (e os dias são curtos em novembro), quando Aliócha tocou à porta da prisão. Caía a noite. Mas sabia que o deixariam entrar sem dificuldade. Na nossa cidadezinha, é o mesmo que em toda parte. No começo, sem dúvida, uma vez terminada a instrução preparatória, as entrevistas de Mítia com seus parentes ou algumas outras pessoas eram cercadas de certas formalidades necessárias, mas, posteriormente, fizeram exceção para certos visitantes. Chegou a

ponto de, por vezes, realizarem-se quase a sós as entrevistas com o prisioneiro. Aliás, esses privilegiados eram pouco numerosos: somente Grúchenhka, Aliócha e Rakítin. O *isprávnik* Mikhail Makárovitch estava muito favorável à jovem. O velho lamentava ter gritado contra ela em Mókroie. Em seguida, uma vez ao corrente, mudara completamente de opinião a seu respeito. E, coisa estranha, se bem que estivesse persuadido da culpabilidade de Mítia, desde sua prisão tornava-se mais indulgente para com ele: "Era talvez uma boa natureza, mas a embriaguez e a desordem perderam-no!". Uma espécie de compaixão havia sucedido nele ao horror do começo. Quanto a Aliócha, o *isprávnik* gostava muito dele e conhecia-o desde muito tempo, e Rakítin, que tomara o costume de visitar frequentemente o prisioneiro, estava muito ligado com "as meninas do *isprávnik*", como as chamava, e não se passava dia que não estivesse em casa delas. Dava lições na casa do inspetor da prisão, velhote bonachão, mas militar severo. Aliócha conhecia bem e desde muito tempo esse inspetor, que gostava de conversar com ele a respeito da "suprema sabedoria". O velhote respeitava e até mesmo temia Ivan Fiódorovitch, sobretudo seus raciocínios, muito embora fosse ele próprio grande filósofo, à sua maneira, bem entendido. Mas sentia por Aliócha uma simpatia invencível. Havia um ano vinha estudando os Evangelhos apócrifos e dava parte a cada instante de suas impressões a seu jovem amigo. Outrora, ia mesmo vê-lo no mosteiro e discutia horas inteiras com ele e com os religiosos. Em suma, se Aliócha chegava atrasado à prisão, bastava passar em casa dele e a coisa se arranjava. Além do mais, o pessoal, até o derradeiro guarda, estava acostumado com ele. O sentinela não fazia naturalmente dificuldades, contanto que se tivesse uma autorização. Quando chamavam Mítia, este descia de sua cela e ia ao parlatório. Ao entrar, Aliócha encontrou Rakítin, que se despedia de Mítia. Ambos falavam em voz alta. Mítia, despedindo-se dele, ria muito e Rakítin parecia resmungar. Sobretudo nos últimos tempos, Rakítin não gostava de encontrar Aliócha, não lhe falava, cumprimentava-o mesmo com secura. Vendo Aliócha entrar, franziu o cenho, desviou a vista, mostrou-se muito preocupado em abotoar seu sobretudo quente de gola de pele. Depois pôs-se a procurar seu guarda-chuva.

— Contanto que não esqueça nada! — falou, para dizer alguma coisa.

— Especialmente, não esqueças o que não te pertence! — disse Mítia, rindo. Rakítin esquentou-se imediatamente.

— Recomenda isto a teus Karamázovi, raça de exploradores, e não a Rakítin! — exclamou ele, tremendo de cólera.

— Que é que te deu? Estava brincando… São todos assim — disse Mítia a Aliócha, apontando Rakítin que saía rapidamente. — Ria, estava alegre, e ei-lo que se arrebata! Nem mesmo te cumprimentou. Estão brigados? Por que vens tão tarde? Esperei-te com impaciência a manhã inteira. Não importa. Vamos tirar o atraso.

— Por que vem ele ver-te tantas vezes? Estás ligado a ele?

— Ligado a Mikhail? Não, precisamente. Aliás, é um porco! Toma-me por um miserável. Sobretudo, não entende uma brincadeira. É uma alma seca, lembra-me os muros da prisão, tais como os vi ao chegar, Mas é inteligente, Pois bem! Alieksiéi, estou perdido agora!

Sentou-se num banco, indicou um lugar junto dele a Aliócha.

— Sim, é amanhã o julgamento. Não tens na verdade nenhuma esperança, irmão?

— De que falas? — perguntou Mítia, com o olhar vago. — Ah!

sim, do julgamento. Ao diabo! Bagatelas tudo isso. Falemos do essencial. Sim, julgam-me amanhã, mas não é isto que me faz dizer que estou perdido. Não temo pela minha cabeça, somente o que há dentro dela é que está perdido. Por que me olhas com ar desaprovador?

— De que falas, Mítia?

— Ideias! ideias! A ética! Que é a ética?

— A ética? — disse Aliócha, surpreso.

— Sim, uma ciência, qual?

— Há, com efeito, uma ciência com esse… somente… não posso explicar-te, confesso-o.

— Rakítin sabe. É muito culto. Que o diabo o carregue! Não se fará monge. Quer ir para Petersburgo fazer crítica, mas de tendência moral. Pois bem! pode ser útil, tornar-se alguém. É um ambicioso! Ao diabo a ética! Estou perdido, Aliócha, homem de Deus! Amo-te mais do que a todos. Meu coração bate, quando penso em ti. Quem é Carl Bernard?

— Carl Bernard?

— Não, Carl não, Claude Bernard.[90] Um químico, não?

— Ouvi dizer que é um sábio, não sei de mais nada a seu respeito.

— Ao diabo! Também eu nada sei. É provavelmente algum canalha, são todos canalhas. Mas Rakítin irá longe. Mete-se em toda parte, é também um Bernard. Oh! esses Bernard! Pululam.

— Mas que tens afinal?

— Ele quer escrever um artigo a meu respeito e estrear assim na literatura, eis por que vem ver-me, ele mesmo declarou. Um artigo de tese: “Tinha de matar, é uma vítima do meio”, etc. Haverá, diz ele, um matiz de socialismo. O diabo o carregue! Quanto a mim, pouco me importa! Não gosta de Ivan, detesta-o, tu também não lhe és

simpático. Não o ponho para fora, ele tem espírito, mas que orgulho! Dizia-lhe eu ainda há pouco: “Os Karamázovi não são canalhas, são filósofos, como todos os verdadeiros russos; mas tu, malgrado teu saber, não és um filósofo, não passas de um labrego.” Riu-se maldosamente. E eu acrescentei: *de opinionibus non est disputandum*.[91] Também sou clássico — concluiu Mítia, disparando a rir.

— Mas por que estás perdido? Disseste ainda há pouco.

— Por que estou perdido? Hum, no fundo… se se toma a coisa em conjunto, lamento Deus, eis tudo.

— Que queres dizer?

— Imagina, na cabeça, isto é, no cérebro, há nervos… esses nervos têm fibras e desde que elas vibram… vês, olho alguma coisa, assim, e elas vibram, essas fibras… e assim que elas vibram forma-se uma imagem, não imediatamente, mas ao fim dum instante, dum segundo, e forma-se um momento, isto é, não um momento — que o diabo o leve! — mas um objeto ou uma ação; eis como se efetua a percepção, o pensamento vem em seguida… porque tenho fibras, e não porque tenho uma alma e fui criado à imagem de Deus; que bobagem! Mikhail explicava-me isto, ainda ontem, e enchia-me de ardor. Que bela coisa a ciência, Aliócha! O homem se transforma, compreendo-o… No entanto, lamento Deus!

— Já é uma boa coisa — disse Aliócha.

— Eu lamentar Deus? A química, irmão, a química! Não há nada a fazer, Vossa Reverendíssima, afaste-se um pouco, é a química que passa! Rakítin não ama Deus. Oh! não, não o ama! É o ponto fraco deles todos! Mas ocultam-no, mentem. “Pois hem! exporás essas ideias na rubrica da crítica?” — perguntei-lhe. “Não, não me deixarão fazê-lo”, continuou ele, rindo. “Mas então, que se tornará o homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por consequência, tudo é lícito?” — “Não o sabias? Para um homem de talento, tudo é permitido, sabe sempre tirar-se de apertos. Mas tu, tu mataste, tu te deixaste apanhar e agora apodreces em cima da palha.” Eis o que ele me disse, o porco. Outrora, punha para fora indivíduos como esse, agora os escuto. Aliás, ele diz coisas sensatas e escreve bem. Começou,

há oito dias, a ler-me um artigo; tomei nota de três linhas, espera, ei-las.

Mítia tirou vivamente de seu bolso um papel e leu: “Para resolver essa questão, é preciso pôr sua pessoa em oposição à sua atividade.”

— Compreendes ou não?

— Não, não compreendo — disse Aliócha.

Olhava Mítia e escutava-o com curiosidade.

— Eu tampouco. Não é claro, mas tem espírito. “Todos, diz ele, escrevem assim hoje em dia, vem do meio ambiente…” Faz também versos o tratante. Cantou os pés da Khokhlakova, ah! ah! ah!

— Ouvi falar disso — disse Aliócha.

— Sim? Mas conheces os versos?

— Não.

— Tenho-os, vou ler-te. Não sabes, mas é uma verdadeira história! Canalha! Há três semanas, ele imaginou mexer comigo: “Deixaste-te apanhar como um imbecil, por três mil rublos, mas eu vou recolher cento e cinquenta mil, caso com uma viúva e comprarei uma casa de pedra em Petersburgo, começarei a publicar um jornal”. E a boca se lhe enche d’água, não por causa da Khokhlakova, mas dos cento e cinquenta mil rublos. Estava seguro de si, vinha ver-me todos os dias: “Ela está cedendo”, dizia ele, radiante. E eis que é posto para fora; Pierkhótin, Piotr Ilitch passou-lhe a perna, viva! Beijarei de boa-vontade aquela perua por havê-lo despachado. Foi na ocasião em que ele havia escrito esses versos. “Pela primeira vez, diz ele, rebaixo-me a escrever versos, para seduzir, portanto com um fim útil. De posse do capital duma idiota, posso tornar-me útil à sociedade.” A utilidade pública serve de desculpa a essa gente para todas as baixezas! “E, no entanto, diz ele, escrevi coisa melhor que Púchkin, porque soube exprimir, em versos brincalhões, minha tristeza cívica.” Compreendo o que ele diz de Púchkin. Por que limitar-se a descrever pés, se tinha verdadeiramente talento? Como estava orgulhoso de seus versos! Ah!

o amor-próprio dos poetas! “Pelo restabelecimento do pé do objeto amado”, eis o título que aquele pândego imaginou!

Seu encantador pezinho
Inchou, lhe dói um pouquinho.
Vêm doutores torturá-lo,
Todos no afã de curá-lo.

Não vou seu pé lamentar,
Púchkin o há de cantar,
Lamento-lhe a cabecinha,
A toda ideia durinha.

Já começava a entender
Quando o pé veio a doer,
Que o pé se restabeleça
E entre a ideia na cabeça.

Um verdadeiro porco, mas seus versos são divertidos, patife! E misturou-lhes deveras uma tristeza cívica. Estava furioso por ter sido despedido. Rangia os dentes.

— Já se vingou — disse Aliócha. — Escreveu um artigo a respeito da Senhora Khokhlakova,

E Aliócha contou-lhe o que aparecera no jornal *Boatos*.

— Foi ele, é bem dele! — confirmou Mítia, franzindo o cenho. — Esses artigos… eu sei… quantas infâmias já foram escritas a respeito de Grúchenhka, por exemplo!… E a respeito de Kátia, também… Hum!

Pôs-se a andar pelo quarto com ar preocupado.

— Irmão, não posso ficar muito tempo — disse Aliócha, após um silêncio. — Amanhã é um dia terrível para ti. Vai-se cumprir o julgamento de Deus… e admira-me que em lugar de coisas sérias fales de bagatelas…

— Não, não te espantes, Devo falar daquele cão fedorento? Do assassino? Conversamos de sobra a respeito dele! Que não se fale mais de Smierdiákov, aquele fedorento filho de uma fedorenta! Deus o castigará, hás de ver!

Aproximou-se de Aliócha, beijou-o com emoção. Seus olhos cintilavam.

— Rakítin não compreenderia isto, mas tu, tu compreendes tudo: por isso esperava-te com impaciência. Vês, queria desde muito tempo dizer-te muitas coisas, entre estas paredes degradadas, mas calava o essencial, o momento não parecia ter ainda chegado. Esperei a derradeira hora para expandir-me. Meu irmão, senti nascer em mim, desde minha prisão, um novo ser; um homem novo ressuscitou! Existia em mim, mas nunca se teria revelado se o raio não o tivesse atingido. Que me importa a mim cavacar durante vinte anos nas minas? Isto não me amedronta, mas temo outra coisa agora: que esse homem ressuscitado se retire de mim! Pode-se encontrar também nas minas, em um forçado e em um assassino, um coração de homem e entrar em entendimento com ele, porque ali também se pode amar, viver e sofrer! Pode-se reanimar o coração entorpecido de um forçado, cuidar dele, trazer afinal da cova para a luz uma alma grande, regenerada pelo sofrimento, ressuscitar um herói! Ora, há centenas deles e somos todos culpados para com eles. Por que pensei então no neném, em tal momento? Era uma profecia. Irei por causa do neném. Porque todos são culpados para com todos. Todos são nenéns, há crianças grandes e pequenas, Irei por causa delas, é preciso que alguém se devote por todos. Não matei meu pai, mas aceito a expiação. Foi aqui, entre estas paredes degradadas, que tive consciência de tudo isso. Há muitos, centenas sob a terra, de martelo na mão. Sim, estaremos acorrentados, privados de liberdade, mas em nossa dor ressuscitaremos para a alegria, sem a qual o homem não pode viver nem Deus existir, porque é ele que a dá. Este é o seu grande privilégio. Senhor, que o homem se consuma na oração! Como viverei sob a terra sem Deus? Rakítin mente; se expulsam Deus da terra, nós o reencontraremos sob a terra! Um forçado não pode passar sem Deus, ainda menos que um homem livre! E então nós, os homens subterrâneos, cantaremos das entranhas da terra um hino trágico ao Deus da alegria! Viva Deus e Sua alegria divina! Eu O amo!

Ao declamar essa tirada estranha, Mítia estava quase sufocado. Empalidecera, seus lábios tremiam, lágrimas lhe corriam dos olhos.

— Não, a vida está cheia, a vida extravasa mesmo sob a terra!

Não podes crer, Aliócha, como quero viver agora, a que ponto a sede da existência apoderou-se de mim, precisamente entre estas paredes degradadas! Rakítin não compreende isto, só pensa em construir uma casa, em pôr nela locatários, mas eu te esperava. Que é o sofrimento? Não o temo, fosse ele infinito. Outrora o temia. Pode acontecer que não responda a nada no tribunal… Com a força que sinto em mim, creio-me em condições de dominar todos os sofrimentos, contanto que possa dizer a mim mesmo a cada instante: existo! Em meio dos tormentos, crispado pela tortura, existo! Amarrado ao pelourinho, existo ainda, vejo o sol, e, se não o vejo, sei que ele luz. E saber isto é já toda a vida. Aliócha, meu querubim, a filosofia me mata, que o diabo a leve! Nosso irmão Ivan…

— Que há com Ivan? — interrompeu Aliócha, mas Mítia não ouviu.

— Vês, outrora, não tinha todas essas dúvidas, ocultava-as dentro de mim. Foi justamente talvez porque ideias desconhecidas referviam em mim que eu me embriagava, batia-me, arrebatava-me; era para dominá-las, esmagá-las. Nosso irmão Ivan não é como Rakítin, oculta seus pensamentos; é uma esfinge, cala-se sempre. Mas Deus me atormenta, não penso senão nisso. Que fazer, se Deus não existe? Rakítin tem razão de pretender que é uma ideia forjada pela humanidade? Neste caso, o homem seria o rei da terra, do universo. Muito bem! Somente, como ele será virtuoso sem Deus? Pergunto a mim mesmo. Com efeito, a quem amará o homem então? A quem cantará hinos de reconhecimento? Rakítin ri, diz que se pode amar a humanidade sem Deus. Aquele fedelho pode afirmar isso, eu não posso compreendê-lo. A vida é fácil para Rakítin: “Ocupa-te antes — dizia-me hoje — com estender os direitos cívicos ou impedir a alta da carne; dessa maneira, servirás melhor a humanidade e a amarás mais que com toda a tua filosofia”. Ao que lhe respondi: “Tu mesmo, não acreditando em Deus, elevarás o preço da carne, se houver oportunidade e ganharás um rublo em vez dum copeque”. Zangou-se. Com efeito, que é a virtude? Responde-me, Alieksiéi. Não me represento a virtude como um chinês, é pois uma coisa relativa? Ou então, não é relativa? Questão insidiosa! Não rirás se te disser que isto me impediu de dormir durante duas noites, Admira-me que se possa

viver sem pensar nisto. Vaidade! Para Ivan, não há Deus. Ele tem uma ideia. Uma ideia acima de meu alcance. Mas não a diz. Penso que ele é franco-maçom. Interroguei-o, não me deu resposta. Teria querido beber da água de sua fonte, ele se cala. Uma vez somente falou.

— Que disse?

— Perguntava-lhe: “Então, tudo é permitido?”. Ele franziu a testa: “Fiódor Pávlovitch, nosso pai — disse ele —, era um porco, mas raciocinava certo”. Eis suas palavras. É mais claro que Rakítin

— Sim — disse Aliócha, com amargura.

— Voltaremos a isto. Quase não tenho te falado de Ivan até o presente. Esperei até o fim. Uma vez terminada a peça e pronunciada a sentença, vou te contar tudo. Há uma coisa terrível, para a qual serás meu juiz. Mas agora, nem mais uma palavra a respeito. Falas do julgamento de amanhã, acreditarias?, não sei de nada.

— Falaste àquele advogado?

— De que serve? Contei-lhe tudo. Um manso velhaco da capital, um Bernard! Não crê uma palavra do que lhe digo. Pensa que sou culpado, imagina, vejo bem! “Então, por que veio defender-me?”, perguntei-lhe. Pouco me importa essa gente! E os médicos quereriam fazer-me passar por louco. Não o permitirei! Katierina Ivânovna quer cumprir “seu dever” até o fim. Com rigor! (Mítia sorriu amargamente.) É cruel como uma gata. Sabe que eu disse em Mókroie que tinha ela grandes cóleras! Contaram-lhe. Sim, os depoimentos multiplicaram-se ao infinito. Grigóri mantém o que disse; é honesto, mas imbecil. Há muitas pessoas honestas por imbecilidade. É uma ideia de Rakítin. Grigóri me é hostil. Valeria melhor ter tal pessoa por inimiga que por amiga. Digo isto a propósito de Katierina Ivânovna. Tenho muito medo de que ela fale no tribunal da saudação até o chão que ela me fez, quando lhe emprestei os quatro mil e quinhentos rublos! Há de querer pagar até o derradeiro vintém. Não quero seus sacrifícios! Terei vergonha disso no tribunal! Vai vê-la, Aliócha, pede-lhe que não fale disso. Ou então será impossível? Que diabo, não importa, aguentarei! Não a lastimo. É ela que o quer. O ladrão só terá aquilo que merece. Farei um discurso, Alieksiéi. (Sorriu de novo, amargamente.) Somente,

somente, há Grúchenhka, Senhor! Por que agora ela sofre tanto? — exclamou ele, com lágrimas. — Pensar nela é o que me mata. Estava aqui, ainda há pouco…

— Contou-me. Causaste-lhe muito pesar hoje.

— Sei. Que o diabo me leve por causa de meu gênio! Fiz-lhe uma cena de ciúmes. Estava arrependido, quando ela partiu, beijei-a. Mas não lhe pedi perdão.

— Por quê?

Mítia pôs-se a rir alegremente.

— Que Deus te preserve, meu caro, de pedir alguma vez perdão a uma mulher amada! Sobretudo a uma mulher amada, e quaisquer que sejam teus agravos a ela! Porque a mulher, meu irmão, quem diabo sabe o que é? Eu, em todo caso, conheço as mulheres! Tenta pois reconhecer teus erros: "É culpa minha, perdão, desculpa-me", sofrerás uma saraivada de censuras! Jamais um perdão franco, simples; começará por humilhar-te, envilecer-te, vai te censurar ofensas imaginárias. e então somente te perdoará. E ainda é a melhor dentre elas! Não perdoará as menores coisas. Tal é a ferocidade de todas, sem exceção, desses anjos sem os quais não poderíamos viver! Vês tu, meu caríssimo, digo-o francamente: todo homem decente deve estar sob a chinela duma mulher. É minha convicção, ou antes, meu modo de sentir. O homem deve ser generoso; isto não rebaixa. Mesmo um herói, mesmo César. Mas nunca peças perdão, a nenhum preço. Lembras-te desta máxima, vem de teu irmão Mítia a quem as mulheres botaram a perder. Não, repararei minhas ofensas a Grúchenhka, mas sem pedir-lhe perdão. Venero-a, Alieksiéi, mas ela não percebe; pensa que nunca a amo bastante. Faz-me sofrer com esse amor. Antes, sofria eu com suas sinuosidades pérfidas, agora formamos uma só alma e por ela tornei-me um homem. Ficaremos juntos? Se não, morrerei de ciúme… Já penso nisso cada dia… Que te disse ela de mim?

Aliócha repetiu-lhe o que Gruchenhka dissera. Mítia escutou atentamente e ficou satisfeito.

— Então, não está zangada pelo fato de eu ser ciumento! Eis bem

a mulher! “Também eu tenho um coração duro.” Gosto dessas naturezas, se bem que não suporte o ciúme! Brigaremos, mas a amarei sempre. Será que os forçados podem casar? Não posso viver sem ela…

Mítia andou pelo quarto, com os supercílios franzidos. Já quase não se enxergava. De repente, pareceu preocupado.

— Então, ela diz que há um segredo? Uma conspiração a três contra ela, com Katka? Pois bem! não, não é isto. Grúchenhka enganou-se como uma tola. Aliócha querido, tanto pior… Vou revelar-te nosso segredo.

Mítia olhou para todos os lados, aproximou-se de Aliócha, pôs-se a falar-lhe em voz baixa, se bem que na realidade ninguém pudesse ouvi-los; o velho guarda dormitava sobre um banco, os soldados de serviço estavam bastante afastados.

— Vou-te revelar nosso segredo — disse ele à pressa. — Iria fazê-lo depois, porque posso eu tomar uma decisão sem ti? És tudo para mim. Ivan nos é superior, mas tu vales mais que ele. Somente tu decidirás. Talvez sejas mesmo superior a Ivan. Vês, é um caso de consciência, um negócio tão importante que não posso resolvê-lo eu mesmo, sem teu conselho. No entanto, é ainda demasiado cedo, para um pronunciamento, é preciso esperar o julgamento. Tu decidirás em seguida de minha sorte. Agora, contenta-te em escutar-me, mas não digas nada. Vou te expor somente a ideia, deixando de parte os detalhes. Mas nada de perguntas, não te mexas, está entendido? E teus olhos que eu esquecia! Lerei neles tua decisão, mesmo que não fales. Oh! tenho medo! Escuta, Aliócha: Ivan propõe que eu fuja. Passo por cima dos detalhes; tudo está previsto, tudo pode arranjar-se. Cala-te. Na América, com Grucha, porque não posso viver sem ela… E se não a deixam seguir-me? Será que os forçados podem casar? Ivan diz que não. Que farei sem Grucha, debaixo da terra, com um martelo? Só serviria para partir com ele minha cabeça! Mas, por outro lado, a consciência. Furto-me ao sofrimento, desvio-me da via de purificação que se oferecia a mim. Ivan diz que na América, com boa-vontade, pode a gente ser mais útil que nas minas. Mas que virá a ser então de nosso hino subterrâneo? A América é ainda vaidade! E há também, eu penso, muita desonestidade em partir para a América. Escapo à

expiação! Eis por que te digo, Aliócha, só tu podes compreender isso; para os outros, tudo quanto te disse do hino são tolices, delírio. Vão me chamar de louco ou de imbecil. Ora, não sou uma coisa nem outra. Ivan também compreende o hino, decerto, mas cala-se. Não crê nele. Não fala, não fala; vejo pelo teu olhar, que já decidiste. Poupa-me, não posso viver sem Grucha, espera até o julgamento.

Mítia acabou com um ar desvairado. Segurava Aliócha pelos ombros, fixava-o com seu olhar ávido, ardente.

— Podem os forçados casar-se? — repetiu ele pela terceira vez, com voz suplicante.

Aliócha, muito comovido, escutava com profunda surpresa.

— Dize-me — perguntou ele —, é verdade que Ivan insiste muito? Quem teve primeiro essa ideia?

— Foi ele. Ele insiste! Não o via, veio de repente, há uma semana, e começou por aí. Não propõe, ordena. Não duvida de minha obediência, se bem que lhe tenha eu aberto meu coração como a ti e falado do hino. Expôs-me seu plano, reuniu as informações, mas voltarei a isso. Ele o quer ardentemente. E, sobretudo, oferece dinheiro: dez mil rublos para fugir, vinte mil na América; pretende que se pode muito bem organizar a fuga com dez mil rublos.

— E recomendou-te que não me falasses?

— A ninguém e sobretudo a ti. Tem medo que sejas como a minha consciência viva. Não lhe digas que te pus a par, rogo-te!

— Tens razão, é impossível decidir antes da sentença. Depois do julgamento, verás tu mesmo; haverá em ti um homem novo que decidirá.

— Um homem novo, ou um Bernard, que decidirá como Bernard! Assim, parece-me ser eu mesmo um vil Bernard — disse Mítia, com um sorriso amargo.

— Será possível, meu irmão, que não esperes justificar-te amanhã?

Mítia ergueu os ombros, abanou a cabeça negativamente.

— Aliócha — disse de repente — está na hora de ires. Acabo de ouvir o inspetor no pátio; vai chegar aqui, estamos atrasados, é desordem. Beija-me depressa, faze sobre mim o sinal da cruz para o calvário de amanhã…

Abraçaram-se e beijaram-se.

— E Ivan, que me propõe a fuga, ele próprio acredita que eu matei.

Triste sorriso desenhou-se em seus lábios.

— Perguntaste-lhe?

— Não. Queria perguntar-lhe, mas não tive coragem. Aliás, compreendi-o pelo seu olhar. Então, adeus!

Beijaram-se de novo. Aliócha ia sair, quando Mítia o chamou.

— Fica assim diante de mim, assim.

Pegou de novo Aliócha pelos ombros. Seu rosto tornou-se muito pálido, seus lábios se contraíram, seu olhar sondava seu irmão.

— Aliócha, dize-me toda a verdade, como diante de Deus. Crês que eu matei? A verdade inteira, não mintas!

Aliócha cambaleou, teve um aperto de coração.

— Basta! Que dizes?… — murmurou como desvairado.

— Toda a verdade, não mintas!

— Jamais acreditei um só instante que sejas um assassino — exclamou com voz trêmula Aliócha, que levantou a mão como para tomar a Deus por testemunha. Uma expressão de felicidade pintou-se no rosto de Mítia.

— Obrigado — disse, suspirando, como depois de um desmaio. — Restituíste-me a vida… Acreditas? Até agora temia perguntar-te, a ti, a

ti! Vai-te, agora, vai-te! Tu me fortificaste para amanhã. que Deus te abençoe! Retira-te, ama Ivan!

Aliócha saiu todo choroso. Semelhante desconfiança da parte de Mítia, mesmo para com ele, revelava um desespero que ele jamais suspeitara que fosse tão profundo em seu desgraçado irmão. Infinita compaixão apoderou-se dele. Estava profundamente magoado. “Ama Ivan!” Lembrou-se de súbito destas derradeiras palavras de Mítia. Ia precisamente à casa de Ivan a quem queria ver desde a manhã. Ivan inquietava-o tanto quanto Mítia, e agora mais do que nunca, após aquela entrevista.

### *V / Não foste tu!*

Para ir à casa de seu irmão, tinha de passar por diante da casa onde morava Katierina Ivânovna. As janelas estavam iluminadas. Parou e resolveu entrar. Não havia visto Katierina desde mais de uma semana e pensou que Ivan estivesse talvez em casa dela, sobretudo na véspera dum tal dia. Na escada, fracamente iluminada por uma lanterna chinesa, cruzou com um homem em quem reconheceu seu irmão.

— Ah! és tu? — disse secamente Ivan Fiódorovitch. — Adeus. Vais à casa dela?

— Sim.

— Não te aconselho. Está agitada, tu a perturbarás ainda mais.

— Não, não — gritou uma voz no alto da escada. — Alieksiéi Fiódorovitch, acaba de vê-lo?

— Sim, vi-o.

— Manda ele dizer-me alguma coisa? Entre, Aliócha, e você também, Ivan Fiódorovitch, volte sem demora. Estão ouvindo?

A voz de Kátia era tão imperiosa que Ivan, após um instante de hesitação, decidiu-se a subir de novo com Aliócha.

— Ela estava escutando! — murmurou ele, agitado, consigo

mesmo, mas Aliócha o ouviu.

— Permita que conserve meu sobretudo — disse Ivan, ao entrar no salão. — Ficarei apenas um minuto.

— Sente-se, Alieksiéi Fiódorovitch — disse Katierina Ivânovna, que ficou de pé. Não havia mudado, mas seus olhos sombrios brilhavam com um clarão mau. Aliócha lembrou-se mais tarde de que ela lhe parecera particularmente bela naquele instante.

— Que ele manda me dizer?

— Somente isto — disse Aliócha, olhando-a de frente: — Que a senhora se poupe e não fale no tribunal do que (hesitou um pouco)… se passou entre vocês… por ocasião do primeiro encontro.

— Ah! de minha saudação até o chão por causa do dinheiro? — disse ela, com um riso amargo. — Teme por si ou por mim? Quer que eu poupe a quem, afinal? A ele ou a mim? Fale, Alieksiéi Fiódorovitch.

Aliócha olhava-a atentamente, esforçando-se por compreendê-la.

— À senhora e a ele.

— É isto — disse ela com maldade e corou. — Você não me conhece ainda, Alieksiéi Fiódorovitch. Eu tampouco me conheço. Talvez venha a detestar-me, depois do interrogatório de amanhã.

— A senhora deporá com lealdade — disse Aliócha. — É o que é preciso.

— A mulher nem sempre é leal. Há uma hora, temia o contato daquele monstro como o de um réptil… entretanto, ele é sempre um ser humano para mim. Mas é um assassino? Foi ele quem matou? — exclamou ela, voltando-se para Ivan. Aliócha compreendeu logo que ela já lhe havia feito aquela pergunta antes de sua chegada, pela centésima vez talvez, e que haviam brigado. — Fui à casa de Smierdiákov… Foste tu que me persuadiste de que ele é um parricida. Acreditei em ti!

Ivan sorriu constrangido. Aliócha estremeceu, ouvindo aquele

“em ti”. Não suspeitava de tal intimidade.

— Pois bem! Basta — cortou Ivan. — Vou-me embora. Até amanhã.

Saiu, dirigindo-se para a escada. Katierina Ivânovna agarrou imperiosamente as mãos de Aliócha.

— Siga-o! Alcance-o! Não o deixe só um instante. Está louco. Não sabe que ele ficou louco? Está com febre nervosa. O médico me disse, vá, corra…

Aliócha precipitou-se atrás de Ivan Fiódorovitch, que não havia dado ainda cinquenta passos.

— Que queres? — disse ele, voltando-se para Aliócha. — Ela te mandou seguir-me, porque eu estou louco. Sei isso de cor — acrescentou ele, irritado.

— Ela se engana, decerto, mas diz com razão que estás doente. Examinava-te ainda há pouco, tens o rosto desfeito, Ivan.

Ivan continuava andando, Aliócha seguia-o.

— Sabes, Alieksiéi Fiódorovitch, como é que se fica louco? — perguntou Ivan, num tom calmo, em que transparecia curiosidade.

— Não, ignoro, penso que há muitos gêneros de loucura.

— Pode uma pessoa perceber por si mesma que está ficando louca?

— Penso que a pessoa não pode observar-se em semelhante caso — respondeu Aliócha, surpreso. Ivan calou-se um instante.

— Se queres conversar comigo, mudemos de conversa — disse ele, de repente.

— Com medo de esquecê-la, eis aqui uma carta para ti — disse timidamente Aliócha, estendendo-lhe a carta de Lisa. Aproximavam-se dum lampião. Ivan reconheceu a letra.

— Ah! é daquela diabinha! — Deu uma risada má e, sem abri-la, rasgou a carta em pedaços, que se dispersaram ao vento.

— Ainda não tem dezesseis anos e já se oferece — disse, num tom cheio de desprezo.

— Como se oferece ela? — exclamou Aliócha.

— Ora essa, como as mulheres corrompidas.

— Que estás dizendo, Ivan? — protestou Aliócha, cheio de dor. — É uma criança, tu insultas uma criança! Ela também está muito doente, talvez também se torne louca. Tinha de entregar-te sua carta… Queria eu, pelo contrário, que me explicasses… para salvá-la.

— Nada tenho a explicar-te. Se é uma criança, eu não sou sua babá. Cala-te, Alieksiéi, não insistas. Nem mesmo penso nisso.

Houve novo silêncio.

— Ela vai rezar à Virgem todas as noites para saber o que deve fazer amanhã — continuou ele, num tom maldoso.

— Tu… falas de Katierina Ivânovna?

— Sim. Ela aparecerá para salvar Mítia ou para perdê-lo? Rezará para ser esclarecida. Não sabe ainda, vê, não tendo tido ainda tempo de se preparar. Outra ainda que me toma por ama-de-leite, quer que eu a acalente.

— Katierina Ivânovna te ama, meu irmão — disse Aliócha com tristeza.

— É possível. Mas a mim ela não agrada.

— Ela sofre. Por que então dizer-lhe… por vezes, palavras que lhe dão esperança? — prosseguiu timidamente Aliócha. — Sei que o fizeste, perdoa-me se falo assim.

— Não posso fazer o que seria preciso, romper e falar-lhe de coração aberto! — disse Ivan, com arrebatamento — preciso esperar que o assassino seja julgado. Se romper com ela agora, botará a perder

amanhã, por vingança, aquele desgraçado, porque ela o odeia e tem consciência disso. Aqui, é mentira sobre mentira! Enquanto ela conservar esperança, não botará a perder aquele monstro, sabendo que eu quero salvá-lo. Ah! quando será pronunciada essa maldita sentença!

As palavras “assassino” e “monstro” tinham impressionado dolorosamente Aliócha.

— Mas como ela poderia perder o nosso Mítia? Em que é de temer o seu depoimento?

— Não sabes ainda. Tem em suas mãos um documento escrito por Mítia e demonstrando que foi ele quem matou Fiódor Pávlovitch.

— É impossível! — exclamou Aliócha.

— Impossível, como? Eu mesmo o li.

— Não pode existir semelhante documento! — repetiu Aliócha com ardor. — Não pode existir, porque não foi Mítia o assassino. Não foi ele quem matou nosso pai.

Ivan parou.

— Quem então o matou, na tua opinião? — perguntou ele friamente. Havia arrogância na sua voz.

— Tu mesmo sabes quem — disse mansamente e num tom penetrante Aliócha.

— Quem? Essa fábula a respeito daquele idiota epiléptico, Smierdiákov?

— Tu mesmo sabes quem… — deixou Aliócha escapar, já sem forças. Ofegava, tremia.

— Mas quem então, quem? — gritou Ivan, cheio de raiva. Não era mais senhor de si.

— Só sei uma coisa — disse Aliócha, em voz baixa: — “Não foste tu” que mataste o pai. Estou certo disso.

— Que queres dizer com estas palavras: “Não foste tu”? — perguntou Ivan, estupefato.

— Não foste tu que mataste, não foste tu! — repetiu com firmeza Aliócha. Houve um silêncio.

— Mas sei bem que não fui eu, estás delirando? — disse Ivan, pálido, com um sorriso que era mais uma careta. Encarava Aliócha. Encontravam-se de novo perto de um lampião.

— Não, Ivan, disseste a ti mesmo várias vezes que eras tu o assassino.

— Quando o disse?… Estava em Moscou… Quando o disse? — repetiu Ivan, perturbado.

— Tu o disseste a ti mesmo muitas vezes, quando ficavas sozinho, durante aqueles dois terríveis meses — disse Aliócha brandamente. Parecia falar contra sua vontade, obedecendo a uma ordem imperiosa. — Tu te acusaste, reconheceste que o assassino não era outro senão tu. Mas enganas-te, não és tu, tu me entendes? não és tu! É Deus quem me envia para dizer-te.

Ambos se calaram durante um minuto. Pálidos, fitavam-se bem nos olhos. De súbito, Ivan estremeceu, agarrou Aliócha pelo ombro.

— Estavas em minha casa! — cochichou ele, com os dentes cerrados. — Estavas em minha casa, à noite, quando ele veio… Confessa-o… Viste-o?

— De quem falas… de Mítia? — perguntou Aliócha, que não compreendia.

— Dele não… ao diabo o monstro! — vociferou Ivan. — Será que sabes que ele veio ver-me? Como o soubeste? Fala!

— “Ele”, quem? Ignoro a quem te referes — disse Aliócha, aterrorizado.

— Não, tu sabes… senão como é que tu… não podes deixar de saber…

Mas conteve-se. Parecia meditar. Um sorriso estranho pregueava-lhe os lábios.

— Meu irmão — prosseguiu Aliócha, com voz trêmula —, disse-te isto porque crês na minha palavra, eu sei. Disse-te duma vez para sempre: “Não foste tu!”. Ouves? Duma vez para sempre. E foi Deus quem me inspirou, ainda que tenhas de odiar-me doravante.

Mas Ivan voltara a dominar-se.

— Alieksiéi Fiódorovitch — disse ele, com um sorriso frio —, não gosto nem dos profetas nem dos epilépticos; sobretudo dos enviados de Deus, você bem o sabe. Desde agora, rompo com você e sem dúvida para sempre. Rogo-lhe que me deixe nesta encruzilhada. De resto, aqui está a rua que leva à sua casa. Sobretudo, evite vir à minha casa hoje, ouviu?

Voltou-se e afastou-se a passos firmes, sem se voltar.

— Meu irmão — gritou-lhe Aliócha —, se te acontecer alguma coisa hoje, pensa em mim!…

Ivan não respondeu. Aliócha ficou na encruzilhada, perto do lampião, até que Ivan desapareceu na escuridão. Retornou então lentamente o caminho de sua residência. Nem ele nem Ivan tinham querido morar na casa solitária de Fiódor Pávlovitch. Aliócha alugava um quarto mobiliado em casa de particulares. Ivan Fiódorovitch ocupava um apartamento espaçoso e bastante confortável na ala duma casa que pertencia a uma senhora abastada, viúva de um funcionário. Tinha para servi-lo apenas uma velha surda, entrevada de reumatismo, que se deitava e se levantava às seis horas. Ivan Fiódorovitch tornara-se muito pouco exigente durante aqueles dois meses e gostava muita de ficar sozinho. Ele mesmo arrumava seu quarto e ia raramente às outras peças. Tendo chegado ao portão e já segurando o cordão da sineta, parou. Sentia-se sacudido por um arrepio de cólera. Largou o cordão, cuspiu, e dirigiu-se bruscamente para o outro extremo da cidade, para uma casinha de madeira empenada, a duas verstas de sua residência. Era ali que morava Maria Kondrátievna a antiga vizinha de Fiódor Pávlovitch, que ia à casa dele buscar sopa e à qual Smierdiákov cantava canções, acompanhando-se

na guitarra. Vendera sua casa e vivia com sua mãe numa espécie de isbá; Smierdiákov, doente e quase moribundo, instalara-se em casa delas. Era para lá que se dirigia agora Ivan Fiódorovitch, cedendo a um impulso súbito, irresistível.

### *VI / Primeira entrevista com Smierdiákov*

Era a terceira vez que Ivan Fiódorovitch ia conversar com Smierdiákov, desde seu regresso de Moscou. Vira-o após o drama, no primeiro dia de sua chegada, depois visitou-o duas semanas após. Mas havia mais de um mês não voltara à casa de Smierdiákov e não sabia quase nada dele. Ivan Fiódorovitch voltara de Moscou cinco dias somente após a morte de seu pai, enterrado na véspera. Com efeito, ignorando Aliócha o endereço de seu irmão em Moscou, recorrera a Katierina Ivânovna, que telegrafou a suas parentas, na ideia de que Ivan Fiódorovitch fora visitá-las assim que chegara. Mas só as visitou quatro dias mais tarde e, depois de ter lido o telegrama, regressou a toda a pressa para a nossa cidade. Conversou em primeiro lugar com Aliócha, ficando surpreso por vê-lo afirmar a inocência de Mítia e designar Smierdiákov como o assassino, contrariamente à opinião geral. Depois de ter visto o *isprávnik* e o procurador, tomou conhecimento, com detalhes, da acusação e do interrogatório, ficou mais espantado ainda e atribuiu a opinião de Aliócha cinicamente ao seu extremo afeto fraternal, à compaixão que Mítia lhe inspirava. A este propósito, expliquemos de uma vez por todas os sentimentos de Ivan por seu irmão Dimítri Fiódorovitch; decididamente não gostava dele, a compaixão que ele lhe inspirava misturava-se a muito desprezo, indo até a aversão. Mítia era-lhe totalmente antipático, até mesmo fisicamente. Quanto ao amor de Katierina Ivânovna por ele, causava indignação a Ivan. Vira Mítia no primeiro dia de sua chegada, e essa entrevista, longe de enfraquecer sua convicção de culpabilidade, havia-a fortificado. Seu irmão estava então inquieto, numa agitação doentia, falava muito, mas distraído e desorientado, exprimia-se com brusquidão, acusava Smierdiákov, atrapalhava-se terrivelmente. Falava sobretudo dos três mil rublos “roubados” pelo defunto. “Aquele dinheiro me pertencia — afirmava Mítia. — Mesmo se eu o tivesse roubado, teria sido justo.” Não respondia quase às acusações que se elevavam contra ele e se discutia os fatos em seu

favor era duma maneira confusa, canhestra, como se não quisesse mesmo justificar-se aos olhos de Ivan; pelo contrário, zangava-se, desdenhava as acusações, invectivava, acalorava-se. Zombava do testemunho de Grigóri relativo à porta aberta, assegurava que era "o diabo quem a tinha aberto". Mas não podia explicar esse fato de uma maneira plausível. Havia mesmo ofendido Ivan, por ocasião dessa primeira entrevista, declarando-lhe bruscamente que não cabia aos que sustentavam que "tudo é permitido" suspeitar dele e interrogá-lo. Em suma, mostrara-se bastante pouco amável com Ivan Fiódorovitch. Este, após sua entrevista com Mítia, foi logo ter com Smierdiákov.

Ainda no vagão, pensava constantemente em Smierdiákov e na sua derradeira conversa na véspera de sua partida. Muitas coisas o perturbavam, pareciam-lhe suspeitas. Mas no seu depoimento ao juiz de instrução, havia Ivan provisoriamente guardado segredo a respeito. Esperava avistar-se com Smierdiákov que se encontrava então no hospital. O Doutor Herzenstube e o médico do hospital Varvínski responderam categoricamente às perguntas de Ivan Fiódorovitch que a epilepsia de Smierdiákov estava certificada e pareceram mesmo surpresos de que ele lhes perguntasse se não houvera simulação no dia do drama. Deram-lhe a entender que era uma crise extraordinária, que se repetira durante vários dias, pondo em perigo a vida do doente. Agora, graças às medidas tomadas, podia-se afirmar que ele escaparia, mas talvez, acrescentou o Doutor Herzenstube, sua razão ficasse perturbada, se não para sempre, pelo menos por muito tempo. Insistindo Ivan Fiódorovitch em saber se ele estava louco no momento, responderam-lhe que sem estar ainda completamente louco, apresentava certas anomalias. Ivan Fiódorovitch resolveu dar-se conta disso pessoalmente. Foi imediatamente admitido à presença de Smierdiákov, que se encontrava num quarto separado e deitado. Um segundo leito era ocupado por um hidrópico que só poderia durar um ou dois dias e não iria atrapalhar a conversa. Smierdiákov mostrou um sorriso desconfiado à vista de Ivan Fiódorovitch, pareceu mesmo intimidado no primeiro momento, pelo menos Ivan teve essa impressão. Mas isso só durou um instante e Smierdiákov espantou-o quase pela sua calma no resto do tempo. À primeira vista, pôde Ivan Fiódorovitch convencer-se da gravidade de seu estado; estava muito fraco, falava lentamente, penosamente, emagrecera muito e

amarelecera. Durante os vinte minutos que durou a entrevista, queixava-se sem cessar de dores de cabeça e de lassidão em todos os membros. Seu rosto chupado de eunuco havia-se encolhido, com os cabelos revoltos nas têmporas. Somente uma mecha delgada erguia-se à guisa de topete. Mas o olho esquerdo, piscante e parecendo fazer alusão, lembrava o antigo Smierdiákov: "Dá gosto falar com um homem de espírito", lembrou-se logo Ivan Fiódorovitch. Sentou-se a seus pés, num tamborete. Smierdiákov mexeu-se, gemendo, mas guardou silêncio, não tinha ar de muita curiosidade.

— Podes falar-me? Não te fatigarei demais.

— Decerto — murmurou Smierdiákov, com voz fraca. — Há muito tempo que o senhor chegou? — acrescentou com condescendência, como para encorajar o visitante constrangido.

— Hoje somente… para esclarecer a trapalhada de vocês.

Smierdiákov suspirou.

— Que tens de suspirar? Sabias então? — perguntou Ivan.

— Como não saberia? — disse Smierdiákov, após um silêncio. — Era claro, de antemão. Mas como prever que aquilo acabaria assim?

— Acabaria o quê? Nada de rodeios! Por que predisseste que terias uma crise logo que descesses à adega? Designaste abertamente a adega.

— Disse isso no seu depoimento? — perguntou Smierdiákov, com fleuma.

— Ainda não, mas o direi decerto. Deves-me explicações, meu amigo, e fica sabendo, meu caro, que não permitirei que brinques comigo!

— Por que brincar com o senhor, quando minha esperança está toda no senhor, como que em Deus? — proferiu Smierdiákov, sem se comover.

— Em primeiro lugar, sei que não se pode prever uma crise de

epilepsia. Tomei informações, portanto é inútil fingir. Como, pois, fizeste, para me predizer o dia, a hora e até mesmo o lugar? Como podias saber de antemão que terias uma crise justamente naquela adega, se não simulaste?

— De toda maneira teria eu de ir à adega várias vezes por dia — respondeu lentamente Smierdiákov. — Foi assim que caí do celeiro, há um ano. Bem decerto não se pode prever o dia e a hora duma crise, mas pode-se ter sempre um pressentimento.

— Ora, tu predisseste o dia e a hora!

— No que concerne à minha doença, senhor, informe-se antes junto aos médicos para saber se ela era natural ou fingida; nada mais tenho a dizer-lhe a este respeito.

— Mas a adega? Como previste a adega?

— Essa adega o atormenta! Quando ali desci, tinha medo, desconfiava, tinha medo porque, uma vez ausente o senhor, não havia mais ninguém para me defender. Pensava: “Vou ter um ataque, cairei ou não?”. E essa apreensão provocou o espasmo na garganta… vim abaixo. Tudo isso, bem como nossa conversa, na véspera, no portão, quando lhe dava parte de meus temores, inclusive a adega, eu o expus com detalhes ao Senhor Doutor Herzenstube e ao juiz de instrução, Nikolai Parfiénovitch; ficou tudo constando dos autos. O médico do hospital, Varvínski, explicou particularmente que a apreensão mesma havia provocado a crise e o fato foi notado.

Como que esgotado pela lassidão, Smierdiákov respirou com dificuldade.

— Então, já fizeste essas declarações? — perguntou Ivan Fiódorovitch um tanto desconcertado. Queria amedrontá-lo, ameaçando-o com a divulgação de sua conversa, mas o outro tomara a dianteira.

— Que tenho a temer? Eles devem conhecer toda a verdade — disse Smierdiákov, com segurança.

— E contaste também exatamente nossa conversa perto do portão?

— Não, não exatamente.

— Disseste também que sabes simular uma crise, como disso te gabavas diante de mim?

— Não.

— Dize-me agora por que me mandavas para Tchermachniá?

— Temia que o senhor fosse para Moscou. Tchermachniá é mais perto.

— Mentes, foste tu que instaste comigo para partir; “afaste-se do pecado”, dizias.

— Foi unicamente por amizade, por devotamento, pressentindo uma desgraça, e para poupá-lo. Mas minha segurança passava além da do senhor. De modo que lhe disse: afaste-se do pecado, para fazê-lo compreender que aconteceria alguma coisa e que o senhor deveria ficar para defender seu pai.

— Deverias ter-me falado francamente então, imbecil!

— Como poderia fazê-lo? O medo dominava-me e o senhor poderia ter-se zangado. Podia temer, com efeito, que Dimítri Fiódorovitch fizesse escândalo e arrebatasse aquele dinheiro que considerava como propriedade sua, mas quem teria acreditado que aquilo acabaria por um assassinato? Pensava que ele se contentaria com furtar aqueles três mil rublos ocultos sob o colchão, num envelope, mas ele assassinou. Como adivinhar, senhor?

— Então, se dizes tu mesmo que era impossível, como eu podia adivinhar e ficar? Não está claro.

— O senhor podia adivinhar pelo fato de eu enviá-lo a Tchermachniá em lugar de Moscou.

— Que é que isso prova?

Smierdiákov, que parecia muito cansado, calou-se de novo.

— O senhor podia compreender que se eu o aconselhava a ir a Tchermachniá é que desejava tê-lo por perto, porque Moscou é longe. Sabendo que o senhor estava nas proximidades, Dimítri Fiódorovitch teria hesitado! O senhor poderia, se preciso, acorrer e defender-me, porque eu lhe havia informado que Grigóri Vassílievitch estava doente e eu receava uma crise. Ora, explicando-lhe que se poderia, por meio de sinais, penetrar em casa do defunto, e que Dimítri Fiódorovitch os conhecia graças a mim, pensei que o senhor adivinharia por si mesmo que ele se entregaria decerto a violências e que, longe de partir para Tchermachniá, o senhor ficaria.

"Ele fala sensatamente — pensava Ivan —, se bem que titubeie; por que dizia Herzenstube que ele tem o espírito transtornado?"

— Estás com astúcias comigo. O diabo te carregue! — exclamou ele, zangado.

— Francamente, então o senhor acreditava que eu havia adivinhado — replicou Smierdiákov, com o ar mais ingênuo.

— Neste caso, eu teria ficado!

— Isto mesmo! Eu pensava que o senhor partia apesar de tudo para salvar-se, porque o senhor tinha medo.

— Acreditavas que todos são tão covardes como tu?

— Desculpe, pensava que o senhor era como eu.

— Decerto, era preciso prever; aliás, eu previa uma vilania de tua parte. Mas tu mentes, mentes de novo — exclamou ele, impressionado por uma lembrança. — Hás de lembrar-te de que, no momento de minha partida, disseste-me: "Dá gosto conversar com um homem de espírito." Estavas, pois, contente com a minha partida, uma vez que me cumprimentavas.

Smierdiákov suspirou várias vezes e pareceu corar.

— Estava contente — disse ele com esforço —, mas apenas

porque o senhor se decidia por Tchermachniá em lugar de Moscou. É sempre mais perto; e minhas palavras não eram um cumprimento, mas uma censura. O senhor não compreendeu.

— Que censura?

— Muito embora pressentindo uma desgraça, o senhor abandonava seu pai e recusava-se a defender-nos, porque poderiam suspeitar que eu tivesse furtado aqueles três mil rublos.

— Que o diabo te leve! Um instante; falaste aos juízes a respeito dos sinais, daquelas pancadas?

— Expliquei-lhes tudo, sem faltar nada.

Ivan Fiódorovitch admirou-se de novo.

— Se pensei então em alguma coisa foi numa infâmia de tua parte; aliás, esperava isso. Dimítri podia matar, mas acreditava-o incapaz de roubar. Tu me disseste que sabias simular as crises. Por que disseste isso?

— Por ingenuidade. Jamais simulei a epilepsia, foi simplesmente para me gabar, por estupidez. Gostava muito do senhor então e conversava com toda a simplicidade.

— Meu irmão te acusa, diz que foste tu que mataste e roubaste.

— Decerto, que outra coisa poderá dizer? — Smierdiákov sorriu amargamente. — Mas quem acreditará em tais acusações dele? Grigóri Vassílievitch viu a porta aberta. É concludente. Enfim, que Deus o perdoe! Ele tenta salvar-se e tem medo.

Smierdiákov pareceu refletir, depois acrescentou:

— É sempre a mesma coisa; quer atirar esse crime sobre mim, já o ouvi dizer, mas eu teria prevenido o senhor de que sei simular a epilepsia, se me preparasse para matar seu pai? Meditando esse crime, poderia eu ser tão tolo a ponto de revelar de antemão tal prova e, ainda por cima, ao filho da vítima! Pense nisso! É verossímil? Neste momento, ninguém ouve nossa conversa, exceto a Providência, mas se

o senhor a comunicasse ao procurador e a Nikolai Parfiénovitch, isto serviria para minha defesa, porque um celerado não pode ser tão ingênuo. Todos raciocinarão assim.

— Escuta — disse Ivan Fiódorovitch levantando, impressionado por esse último argumento. — Não suspeito de ti de nenhum modo. Seria ridículo acusar-te… agradeço-te mesmo teres me tranquilizado. Vou-me embora, mas voltarei. Adeus. Restabelece-te. Tens necessidade de alguma coisa?

— Agradeço-lhe. Marfa Ignatiévna não me esquece e, sempre boa, me vem em auxílio quando preciso. Pessoas de bem vêm ver-me todos os dias.

— Adeus. Aliás, não direi que sabes simular uma crise… aconselho-te também a não falar disso — disse Ivan sem saber por quê.

— Compreendo bem. Se o senhor não disser, não repetirei tampouco toda a nossa conversa junto ao portão…

Ivan Fiódorovitch saiu. Apenas dera uns dez passos no corredor, deu-se conta de que a derradeira frase de Smierdiákov tinha algo de ferino. Queria já arrepiar caminho, mas ergueu os ombros e saiu do hospital. Sentia-se tranquilizado pelo fato de que o culpado não era Smierdiákov, mas seu irmão Mítia, embora o esperado fosse precisamente o contrário, parece. Não queria procurar a razão disso, sentindo repugnância em analisar suas sensações. Tinha pressa de esquecer. Nos dias que se seguiram, convenceu-se definitivamente da culpabilidade de Mítia, estudando mais a fundo as acusações que pesavam sobre ele. Pessoas inferiores, tais como Fiénia e sua mãe, tinham prestado depoimentos perturbadores. Inútil falar de Pierkhótin, do botequim, da loja dos Plótnikovi, das testemunhas de Mókroie. Os detalhes sobretudo eram esmagadores. A história das pancadas misteriosas havia impressionado o juiz e o procurador quase tanto quanto o depoimento de Grigóri a respeito da porta aberta. Marfa Ignátievna, interrogada por Ivan Fiódorovitch, declarou-lhe que Smierdiákov passara a noite atrás do biombo, “a três passos de nosso leito”, e que, muito embora ela dormisse profundamente, despertara

muitas vezes ouvindo-o gemer: “Gemia o tempo todo.” Conversando com Herzenstube, Ivan Fiódorovitch deu parte de suas dúvidas a respeito da loucura de Smierdiákov, a quem achava simplesmente fraco, mas o velho sorriu com finura: “Sabe em que ele se ocupa agora? Aprende de cor palavras francesas escritas em letras russas num caderno, eh! eh! eh!”. As dúvidas de Ivan Fiódorovitch desapareceram afinal. Já não podia pensar mais em Dimítri senão com desgosto. No entanto, havia uma coisa estranha: a persistência de Aliócha em afirmar que o assassino não era Dimítri, mas “muito provavelmente” Smierdiákov. Ivan sempre fizera grande caso da opinião de seu irmão e aquilo o tornava perplexo. Outra coisa estranha, notada por Ivan: Aliócha nunca era o primeiro a falar de Mítia, limitando-se a responder às perguntas dele, Ivan. Aliás, Ivan tinha bem outra coisa na cabeça no momento; desde seu regresso de Moscou, estava loucamente apaixonado por Katierina Ivânovna. Não é aqui o lugar para descrever essa nova paixão de Ivan Fiódorovitch, que influiu em toda a sua vida; formaria isto matéria dum outro romance que escreverei talvez um dia. Devo assinalar, em todo caso, que quando ele declarou a Aliócha, ao sair da casa de Katierina Ivânovna: “a mim ela não agrada”, como o contei acima, mentia a si mesmo; amava-a loucamente, ao mesmo tempo que a odiava por vezes, a ponto de ser capaz de matá-la. Isto ligava-se a muitas causas; transtornada pelo drama, voltara-se para Ivan Fiódorovitch, que de novo estava a seu lado, como para um salvador. Estava ofendida, humilhada nos seus sentimentos. E eis que reaparecia o homem que a amava tanto antes — ela bem o sabia — e cuja inteligência e coração sempre apreciara. Mas a severa moça não se dera totalmente, malgrado a impetuosidade de seu amoroso, digna dos Karamázovi, e a fascinação que ele exercia sobre ela. Ao mesmo tempo, atormentava-se sem cessar por ter traído Mítia e, por ocasião de suas frequentes discussões com Ivan, declarava-lhe isso francamente. Era o que, falando a Aliócha, ela chamara de “mentira sobre mentira”. Havia, com efeito, muita mentira nas relações deles, o que exasperava Ivan Fiódorovitch… mas não antecipemos. Em suma, por algum tempo, ele quase se esqueceu de Smierdiákov. No entanto, duas semanas após sua primeira visita, as mesmas ideias estranhas recomeçaram a atormentá-lo. Perguntava a si mesmo muitas vezes por que, na derradeira noite, na casa de Fiódor Pávlovitch, antes de sua partida, saíra de mansinho

para a escada, como um ladrão, para escutar o que fazia seu pai no rés-do-chão. Posteriormente, lembrou-se disso com desgosto. Sentiu-se de súbito angustiado no dia seguinte pela manhã em viagem e, ao aproximar-se de Moscou, dizia a si mesmo: “Sou um miserável!”. Por que isso? Pensava mesmo uma vez que essas ideias penosas podiam fazer que esquecesse Katierina Ivânovna, quando encontrou Aliócha na rua. Deteve-o logo e perguntou-lhe:

— Lembras-te daquela tarde em que Dimítri irrompeu em casa de nosso pai e bateu nele? Disse-te mais tarde no pátio que me reservava “o direito de desejar”. Dize-me, pensaste então que eu desejava a morte de nosso pai?

— Sim — disse mansamente Aliócha.

— Aliás, não era difícil adivinhar. Mas não pensaste também que eu desejava que os répteis se devorassem mutuamente, isto é, que Dimítri matasse nosso pai o mais depressa possível… e que eu mesmo o ajudaria nisso?

Aliócha empalideceu, olhou em silêncio para seu irmão, fitando-o bem nos olhos.

— Fala! — exclamou Ivan. — Quero saber o que pensaste. Preciso de toda a verdade!

Sufocava e olhava de antemão Aliócha com um ar cheio de maldade.

— Perdoa-me, pensei isso também — murmurou Aliócha, sem acrescentar “circunstância atenuante”.

— Obrigado — disse secamente Ivan, que prosseguiu seu caminho.

Desde então, notou Aliócha que seu irmão o evitava e lhe testemunhava aversão, tanto que cessou suas visitas. Logo depois desse encontro, voltara Ivan Fiódorovitch a ver Smierdiákov.

## *VII / Segunda entrevista com Smierdiákov*

Smierdiákov havia saído do hospital. Residia naquela casinha empenada que se compunha de duas peças reunidas por um vestíbulo. Maria Kondrátievna e sua mãe habitavam uma, a outra era ocupada por Smierdiákov. Não se sabia exatamente a que título se instalara ele em casa delas; mais tarde, supôs-se que vivia como noivo de Maria Kondrátievna e não pagava nada no momento. A mãe e a filha estimavam-no muito e consideravam-no superior a elas. Depois de ter batido, Ivan, segundo as indicações de Maria Kondrátievna, entrou diretamente à esquerda na peça ocupada por Smierdiákov. Uma estufa de faiança desprendia um calor intenso. As paredes estavam ornadas de papel azul, mas rasgado, sob o qual, nas fendas, formigavam as baratas das quais se ouvia o barulho contínuo. O mobiliário era insignificante: dois bancos contra as paredes e duas cadeiras perto da mesa muito simples, coberta por uma toalha de ramagens cor-de-rosa. Sobre as janelas, gerânios; a um canto, imagens santas. Sobre a mesa, um pequeno samovar de cobre, fortemente amassado, uma bandeja e duas xícaras. Mas estava apagado, Smierdiákov já havia tomado o chá… Estava sentado sobre um banco e escrevia num caderno. Ao lado dele, achavam-se um pequeno tinteiro e uma vela num candelabro de ferro fundido. Olhando Smierdiákov, Ivan teve a impressão de que ele estava completamente restabelecido. Tinha o rosto mais fresco, menos magro, os cabelos empomadados, um roupão de quarto pintalgado, forrado de algodão e bastante usado. Trazia óculos, o que era novidade para Ivan Fiódorovitch. Esse detalhe irritou-o: “Semelhante criatura usar óculos!”. Smierdiákov ergueu lentamente a cabeça, fixou o visitante através de seus óculos; tirou-os, depois se levantou displicentemente, menos em atitude de respeito do que para cumprir estrita polidez. Ivan notou tudo isso num piscar de olhos e sobretudo o olhar malévolo e mesmo orgulhoso de Smierdiákov. “Que vens fazer aqui? Já nos entendemos”, parecia ele dizer. Ivan Fiódorovitch mal se continha.

— Faz calor aqui — disse, ainda de pé, desabotoando seu sobretudo.

— Tire-o — sugeriu Smierdiákov.

Ivan Fiódorovitch tirou seu sobretudo, pegou uma cadeira com suas mãos trêmulas, aproximou-a da mesa e sentou. Smierdiákov já

havia retomado seu lugar.

— Em primeiro lugar, estamos sós? — perguntou severamente Ivan Fiódorovitch. — Não poderão ouvir-nos?

— Ninguém. O senhor viu que há um vestíbulo.

— Escuta, então. Que é que insinuavas quando te deixei, no hospital, dizendo que se eu não falasse de tua habilidade em simular epilepsia, tu não relatarias ao juiz toda a nossa conversa junto do portão? Que significa esse "toda"? Que entendias com isso? Era uma ameaça? Existe um acordo entre nós? Tenho medo de ti?

Ivan Fiódorovitch falava com cólera, dava claramente a entender que desprezava os rodeios, jogava cartas na mesa. Smierdiákov lançou um olhar mau, seu olho esquerdo pôs-se a piscar, como para dizer, com sua reserva habitual: "Queres ir diretamente ao caso, pois seja!".

— Queria dizer então que, prevendo o assassinato do seu próprio pai, o senhor deixou-o sem defesa. Era uma promessa de calar-me para impedir julgamentos desfavoráveis de seus sentimentos ou mesmo de outra coisa.

Pronunciou Smierdiákov estas palavras sem se apressar, parecendo senhor de si, mas num tom áspero, provocante. Fixou Ivan Fiódorovitch com ar insolente.

— Como? O quê? Estás em teu bom-senso?

— Estou em todo o meu bom-senso.

— Então eu estava a par do assassinato? — exclamou Ivan, dando um formidável murro sobre a mesa. — E que significa "de outra coisa"? Fala, miserável!

Smierdiákov calava-se, com a mesma insolência no olhar.

— Fala, pois, canalha infecto, dessa outra coisa!

— Pois bem! Eu queria dizer com aquilo que o senhor mesmo, talvez, desejasse vivamente a morte de seu pai.

Ivan Fiódorovitch levantou e bateu com todas as suas forças no ombro de Smierdiákov; este cambaleou até perto da parede, lágrimas inundaram-lhe o rosto. “É vergonhoso, senhor, bater em um homem sem defesa!”

Cobriu o rosto com seu sujo lenço de quadrados azuis e pôs-se a soluçar.

— Basta! Para com isso! — disse imperiosamente Ivan, que tornou a sentar. — Não me leves aos extremos!

Smierdiákov descobriu seus olhos. Seu rosto enrugado exprimia vivo rancor.

— De modo que, miserável, acreditavas que, de conluio com Dimítri, eu queria matar meu pai?

— Não conhecia os seus pensamentos e foi para sondá-lo que o detive no corredor.

— Quê? Sondar o quê?

— Suas intenções. Se o senhor desejava que seu pai fosse prontamente assassinado!

O que exasperava Ivan Fiódorovitch era o tom altivo e impertinente de que não queria desistir Smierdiákov.

— Foste tu que o mataste! — exclamou ele, de repente.

Smierdiákov sorriu, desdenhoso.

— O senhor sabe perfeitamente que não fui eu, e teria acreditado que um homem inteligente não insistiria nisso.

— Mas por que tiveste tal suspeita a meu respeito?

— Como o senhor sabe, é por medo. Porque estava em tal situação que desconfiava de todo mundo… Quis também sondá-lo porque, pensei, se o senhor estivesse de acordo com seu irmão, eu estaria perdido.

— Não falavas assim, há duas semanas.

— Subentendia a mesma coisa no hospital, supondo que o senhor compreenderia por meias palavras e que evitava uma explicação direta.

— Vejam só! Mas responde então, insisto: como pude inspirar em tua alma vil essa ignóbil suspeita?

— O senhor não era capaz de matar pessoalmente, mas desejava que outrem o fizesse.

— Com que fleuma ele fala! Mas por que eu teria querido?

— Como? Por quê? E a herança? — disse perfidamente Smierdiákov. Após a morte de seu pai, devia receber quarenta mil rublos cada um, se não mais. Se Fiódor Pávlovitch, porém, tivesse desposado aquela senhora, Agrafiena Alieksándrovna, ela logo teria transferido o capital para seu nome, porque não é tola, de sorte que nada teria restado para os senhores três. Isso esteve por um fio; bastava que ela dissesse uma palavra e ele a teria acompanhado à igreja, todo enamorado.

Ivan Fiódorovitch mal se podia conter.

— Está bem — disse por fim —, vês? nem te bati, nem te matei. Continua. Então, na tua opinião, eu encarregara meu irmão Dimítri dessa tarefa, contava com ele?

— Certamente. Assassinando, ele perdia todos os seus direitos, era degradado e deportado. Seu irmão Alieksiéi Fiódorovitch e o senhor herdariam a parte dele, e não seriam quarenta mil rublos para cada um, mas sessenta mil que lhes caberia. O senhor contava certamente com Dimítri Fiódorovitch.

— Pões minha paciência à prova! Escuta, patife, se tivesse contado naquele momento com alguém, seria contigo, e não com Dimítri, e, juro, pressentia alguma infâmia de tua parte… então… lembro-me de minha impressão!

— Eu também acreditei um instante que o senhor contava comigo

— disse ironicamente Smierdiákov —, de sorte que o senhor se desmascarava ainda mais, porque se viajava apesar daquele pressentimento, isto revertia em dizer: podes matar meu pai, não me oponho a isso.

— Miserável! Havias compreendido isso.

— Pense um pouco: o senhor ia partir para Moscou, recusava, apesar dos rogos de seu pai, dirigir-se a Tchermachniá. E consente, de repente, a uma palavra minha! Que é que o levava àquela Tchermachniá? Para partir assim sem razão, a meu conselho, era preciso que o senhor esperasse alguma coisa de mim.

— Não, juro que não — gritou Ivan, rangendo os dentes.

— Como não? O senhor deveria ter-me, pelo contrário, o senhor, o filho da casa, por causa daquelas palavras, conduzido à polícia e mandado chicotear-me… pelo menos surrar-me ali mesmo. Em lugar de zangar-se, segue conscienciosamente meu conselho, parte, coisa absurda, porque deveria ter ficado para defender seu pai… Que eu devia concluir?

Ivan tinha o ar sombrio, com os punhos crispados sobre os joelhos.

— Sim, lamento não ter te surrado então — disse, com um sorriso amargo. — Não podia levar-te à polícia, não me teriam acreditado sem provas. Mas surrar-te… ah! lamento não ter pensado nisso; muito embora as agressões físicas sejam proibidas, devia ter amassado devidamente o teu focinho.

Smierdiákov observava-o quase com volúpia.

— Nos casos ordinários da vida — declarou ele, num tom satisfeito e doutoral, como quando discutia sobre a fé com Grigóri Vassilievitch em casa de seu amo — as agressões físicas estão realmente proibidas pela lei, renunciaram a tais brutalidades, mas nos casos excepcionais, entre nós como no mundo inteiro, até mesmo na República Francesa, continuam a atacar-se violentamente como no tempo de Adão e Eva, e será sempre assim. No entanto, o senhor,

mesmo num caso excepcional, não ousou.

— São palavras francesas que estás aprendendo ali? — perguntou Ivan, designando um caderno sobre a mesa.

— Por que não? Completo minha instrução com a ideia de que um dia talvez visitarei também eu aquelas felizes regiões da Europa.

— Escuta, monstro — disse Ivan, que tremia de cólera —, não temo tuas acusações, depõe contra mim tudo quanto queiras. Se não te matei, ainda há pouco, foi unicamente porque suspeito de ti como autor desse crime e quero entregar-te à justiça. Eu te desmascararei.

— Na minha opinião, o senhor faria melhor calando-se. Porque, que pode o senhor dizer contra um inocente e quem o acreditará? Mas se o senhor me acusar, contarei tudo. Preciso bem defender-me!

— Pensas que tenho medo de ti agora?

— Admitamos que a justiça não acredite em minhas palavras; em compensação o público acreditará e será uma vergonha para o senhor.

— Isto quer dizer que "dá gosto falar com um homem de espírito", não é? — perguntou Ivan, rangendo os dentes.

— O senhor o disse. Dê prova de espírito.

Ivan Fiódorovitch levantou, tremendo de indignação, vestiu seu sobretudo e, sem mais responder a Smierdiákov, sem mesmo olhá-lo, precipitou-se para fora da isbá. O vento fresco da noite refrescou-o. Fazia luar. As ideias e sensações turbilhonavam nele. "Ir denunciar agora Smierdiákov? Mas que dizer? Ele é, contudo, inocente. Será ele quem me acusará, pelo contrário. Com efeito, por que parti então para Tchermachniá? Com que fim? Certamente, eu esperava alguma coisa, ele tem razão…" Pela centésima vez, lembrava-se de como, na derradeira noite passada em casa de seu pai, ele ficou na escada, à escuta, e isto lhe causava tal sofrimento que chegou mesmo a parar, como que traspassado: "Sim, esperava aquilo, então, é verdade! Quis o assassinato! Eu o quis mesmo? Preciso matar Smierdiákov!… Se não tiver a coragem disso, não vale a pena viver!…". Ivan seguiu

diretamente para a casa de Katierina Ivânovna, que ficou espantada com o ar desvairado dele. Repetiu-lhe toda a sua conversa com Smierdiákov, até a mínima palavra. Se bem que ela se esforçasse por acalmá-lo, ele andava para lá e para cá, proferindo frases incoerentes. Sentou afinal, pôs os cotovelos sobre a mesa, com a cabeça entre as mãos e fez uma reflexão estranha:

— Se não foi Dimítri, mas Smierdiákov, sou seu cúmplice, porque fui eu que o impeli ao crime. Eu mesmo impeli? Não sei ainda. Mas se foi ele que matou e não Dimítri, sou também um assassino.

A estas palavras, Katierina Ivânovna levantou em silêncio, foi à sua escrivaninha e tirou de uma caixinha um papel que colocou diante de Ivan. Era o documento a respeito do qual falara mais tarde a Aliócha como duma prova formal da culpabilidade de Dimítri. Era uma carta escrita a Katierina Ivânovna por Mítia, em estado de embriaguez, na noite de seu encontro com Aliócha, quando este voltava ao mosteiro depois da cena em que Grúchenhka insultara sua rival. Depois de tê-lo deixado, Mítia correu à casa de Grúchenhka, não se sabe se ele a viu, mas acabou a noite no botequim "A Capital", onde se embriagou completamente. Nesse estado pediu uma pena, papel e rabiscou um documento importante. Era uma carta prolixa, incoerente, digna de um bêbedo. Parecia um ébrio, que, de volta à sua casa, conta com animação à sua mulher ou aos que o cercam que um canalha acaba de insultá-lo, a ele, homem decente, mas que haverá de arrancar-lhe o couro; o homem fala até não poder mais, pontuando de murros sobre a mesa sua narrativa incoerente, comovido até as lágrimas. O papel de carta que lhe tinham dado no botequim era uma folha grosseira, suja, trazendo nas costas uma conta. Faltando espaço para aquele falatório de bêbedo, Mítia enchera as margens e escrevera as derradeiras linhas atravessando o texto. Eis o que dizia a carta:

> Kátia fatal, amanhã arranjarei dinheiro e te restituirei os teus três mil rublos. Adeus, mulher rancorosa, adeus também meu amor! Acabemos com isso! Amanhã, irei pedir dinheiro a todo mundo, se me recusarem, dou-te minha palavra de honra que irei à casa de meu pai, quebrarei sua cabeça e me apoderarei do dinheiro debaixo de seu travesseiro, contanto que Ivan tenha partido. Irei parar no presídio, mas restituo os teus três mil rublos! Adeus. Saúdo-te até o chão, em comparação contigo sou um miserável. Perdoa-me. Ou antes não, não me perdoes; estaremos mais à vontade, tu e eu! Prefiro o presídio ao teu amor, porque amo outra, tu a conheces demasiado desde hoje. Como poderias perdoar? Matarei aquele que me despojou! Abandonarei vocês todos

para partir para o Oriente, não mais ver ninguém, “ela” tampouco, porque não és a única a me fazer sofrer. Adeus!

P.S. — Eu te amaldiçoo, e contudo adoro-te! Sinto meu coração bater, resta nele uma corda que vibra por ti. Ah! É preferível que ele rebente! Eu me matarei, mas matarei em primeiro lugar o monstro, vou lhe arrancar os três mil rublos e os atirarei a teus pés. Serei um miserável a teus olhos, mas não um ladrão! Aguarda os três mil. Estão na casa do cão maldito, debaixo de seu colchão, amarrados por uma fita cor-de-rosa. Não sou eu o ladrão, matarei o homem que me roubou. Kátia, não me desprezes. Dimítri é… um assassino, mas não é um ladrão! Matou seu pai e se perdeu, para não ter de suportar o teu orgulho. E para não te amar.

PP.S. — Beijo-te os pés, adeus!

PP.SS. — Kátia, roga a Deus para que me deem dinheiro. Então não derramarei sangue, mas se me recusarem, eu o derramarei. Mata-me!

Teu escravo e teu inimigo.

D. Karamázov

Depois de ter lido esse “documento”, Ivan ficou convencido. Fora seu irmão quem matara e não Smierdiákov. Se não fora Smierdiákov, não fora pois ele, Ivan. Aquela carta constituía a seus olhos uma prova categórica. Para ele, não podia mais haver dúvida alguma sobre a culpabilidade de Mítia. A propósito, Ivan jamais suspeitara de uma cumplicidade entre Mítia e Smierdiákov, isto não concordava com os fatos. Estava completamente tranquilizado. No dia seguinte, só se lembrou com desprezo de Smierdiákov e de suas zombarias. Ao fim de alguns dias, admirou-se mesmo de ter podido ofender-se tão cruelmente com as suspeitas dele. Resolveu esquecê-lo totalmente. Passou-se assim um mês. Soube por acaso que Smierdiákov estava doente de corpo e espírito. “Esse indivíduo ficará louco”, dissera a respeito dele o jovem médico Varvínski. Cerca do fim do mês, o próprio Ivan começou a sentir-se bastante mal. Consultara mesmo o médico mandado vir de Moscou por Katierina Ivânovna. Pela mesma época as relações entre eles azedaram-se ao extremo. Eram como dois inimigos amorosos um do outro. Os regressos de Katierina Ivânovna para Mítia, passageiros mas violentos, exasperavam Ivan. Coisa estranha, até a derradeira cena em presença de Aliócha, quando este voltou da prisão, ele, Ivan, jamais ouvira, durante todo o mês, Katierina Ivânovna duvidar da culpabilidade de Mítia, malgrado seus regressos a ele, que lhe eram tão odiosos. Era também de notar que, sentindo seu ódio por Mítia crescer cada dia, compreendesse Ivan ao mesmo tempo que o odiava não por causa dos regressos a ele de Katierina Ivânovna, mas por ter matado o pai deles! Dava-se perfeitamente conta disso. Não obstante, dez dias antes do

julgamento, fora ver Mítia e lhe propusera um plano de evasão, evidentemente concebido desde muito tempo. Fora esse passo inspirado em parte pelo despeito que lhe causava a insinuação de Smierdiákov, de que ele, Ivan, tinha interesse em que seu irmão fosse condenado, porque sua parte da herança e a de Aliócha subiria de quarenta para sessenta mil rublos. Decidira sacrificar trinta mil para fazer Mítia evadir-se: Ao voltar da prisão, estava triste e perturbado, teve de súbito a impressão de que desejava aquela evasão não somente para fazer desaparecer assim o seu despeito, mas por uma outra razão. "Seria porque, no fundo de minha alma, seja também um assassino?", perguntara a si mesmo. Estava vagamente inquieto e ulcerado. Sobretudo, durante aquele mês, seu orgulho muito sofrera, mas tornaremos a falar disso…

Quando Ivan Fiódorovitch, após sua conversa com Aliócha e já à porta de sua casa, resolvera ir à casa de Smierdiákov, obedecia a uma indignação súbita que dele se havia apoderado. Lembrou-se de repente de que Katierina Ivânovna acabava de exclamar em presença de Aliócha: "Foste tu, tu somente, que me persuadiste de que ele (isto é, Mítia) era o assassino!". Ao lembrar-se disso, Ivan ficou estupefato; jamais lhe assegurara a culpabilidade de Mítia, pelo contrário, chegara a suspeitar de si mesmo em presença dela, ao voltar da casa de Smierdiákov. Em compensação, fora "ela" que lhe exibira então aquele documento e demonstrara a culpabilidade de seu irmão! E agora ela exclamava: "Eu mesma fui à casa de Smierdiákov!". Quando isso? Ivan nada sabia. Então ela não estava bem convencida. E que tinha podido dizer-lhe Smierdiákov? Teve um acesso de furor. Não compreendia como, uma meia hora antes, pudera deixar passar aquelas palavras sem se espantar. Largou o cordão da campainha e dirigiu-se à casa de Smierdiákov. "Eu o matarei talvez, agora!", pensava pelo caminho.

## *VIII / Terceira e última entrevista com Smierdíakov*

Durante o trajeto um vento áspero e fresco começou a soprar, o mesmo que de manhã, trazendo uma neve fina, espessa e seca. Ela caia sem aderir ao solo, o vento fazia-a turbilhonar e dentro em breve desencadeou-se uma verdadeira tormenta. Na parte da cidade em que morava Smierdiákov, quase não há lampiões. Ivan marchava no escuro orientando-se instintivamente. A cabeça doía-lhe. As têmporas latejavam-lhe, seu pulso estava precipitado. Um pouco antes de chegar à casinha de Maria Kondrátievna, encontrou um mujique embriagado, de cafetã remendado, que caminhava em ziguezague, invectivando, interrompendo-se por vezes para entoar uma canção com sua voz rouca:

> Para Piter[92] partiu Vanka,
> Por ele não esperarei.

Mas parava sempre no segundo verso e recomeçava suas imprecações. Desde bom tempo, sentia Ivan Fiódorovitch inconscientemente verdadeiro ódio contra aquele indivíduo; de repente deu-se conta disso. Teve, de imediato, uma vontade irresistível de matá-lo. Justamente naquele momento encontraram-se lado a lado, e o mujique, cambaleando, deu violento encontrão em Ivan. Este repeliu com raiva o bêbedo, que caiu sobre a terra gelada, exalou um gemido e calou-se. Jazia de costas, desmaiado. “Ele vai gelar!”, pensou Ivan, que prosseguiu seu caminho.

No vestíbulo, Maria Kondrátievna, que viera abrir, com uma vela na mão, disse-lhe em voz baixa que Páviel Fiódorovitch (isto é, Smierdiákov) estava muito mal e parecia fora de juízo, tendo mesmo recusado tomar o chá.

— Está fazendo barulho então? — indagou Ivan.

— Pelo contrário, está completamente calmo, mas não o retenha demasiado tempo… — pediu Maria Kondrátievna.

Ivan entrou na isbá.

Ela estava sempre bastante aquecida, mas notavam-se algumas mudanças no quarto; um dos bancos dera lugar a um grande divã de falso acaju, recoberto de couro, arranjado como cama com travesseiros bastante limpos. Smierdiákov estava sentado, sempre metido no seu velho roupão de quarto. Tinham posto a mesa diante do divã, de sorte que restava pouco espaço. Em cima, um grosso volume de capa amarela. Ele acolheu Ivan com um longo olhar silencioso, não parecendo absolutamente surpreendido pela sua visita. Tinha mudado muito fisicamente, com o rosto bastante emagrecido e amarelo, os olhos cavados, as pálpebras inferiores arroxeadas.

— Estás verdadeiramente doente? — disse Ivan Fiódorovitch. — Não te reterei muito tempo, conservarei mesmo meu sobretudo. Posso sentar?

Aproximou uma cadeira da mesa e sentou.

— Por que não falas? Só tenho uma pergunta a fazer-te, mas juro-te que não partirei sem resposta. Katierina Ivânovna veio ver-te?

Smierdiákov não respondeu, fez um gesto apático e virou-se.

— Que tens?

— Nada.

— Nada, como?

— Está bem! Sim, ela veio, que é que tem o senhor com isso? Deixe-me tranquilo.

— Não, não te deixarei. Fala, quando veio ela?

— Ora, já perdi a lembrança.

Srnierdiákov sorriu com desdém. De repente, voltou-se para Ivan, com o olhar carregado de ódio, como um mês antes.

— Creio que o senhor também está doente. Como tem as faces cavadas, o ar desfeito!

— Deixa minha saúde e responde à minha pergunta.

— Por que seus olhos estão tão amarelos? O senhor deve estar-se atormentando.

Pôs a rir, escarninho.

— Escuta, já te disse que não partirei sem resposta — exclamou Ivan exasperado.

— Por que essa insistência? Por que me tortura? — disse Smierdiákov, num tom doloroso.

— Que diabo! Não és tu quem me interessa. Responde e irei imediatamente.

— Nada tenho a responder-lhe.

— Asseguro-te que te obrigarei a falar.

— Por que se inquieta o senhor? — Smierdiákov fitou-o com desgosto, mais do que com desprezo. — Porque é amanhã o julgamento? Mas o senhor não arrisca nada, tranquilize-se, pois, afinal! Vá tranquilamente para sua casa, durma em paz, nada tem a temer.

— Não te compreendo… por que haveria eu de temer amanhã? — disse Ivan, espantado e, de repente, sentiu-se gelado de medo. Smierdiákov mirava-o de alto a baixo.

— O senhor não com-pre-ende? — disse ele, num tom de censura. — Que necessidade experimenta um homem inteligente de representar semelhante comédia?

Ivan olhava-o sem falar. O tom inesperado, tão arrogante, com que lhe falava seu antigo lacaio, exorbitava do comum.

— Digo-lhe que o senhor nada tem a temer. Não deporei contra o senhor, não há provas. Veja como suas mãos tremem. Por que isso? Volte à sua casa, não é o senhor o assassino!

Ivan estremeceu, lembrou-se de Aliócha.

— Sei que não sou eu… — murmurou ele.

— O senhor sa-be?

Ivan levantou-se e agarrou-o pelo ombro.

— Fala, réptil! Dize tudo!

Smierdiákov não se mostrou nada amedrontado. Olhou somente Ivan com um ódio louco.

— Então, foi o senhor que matou, se é assim — murmurou ele com raiva.

Ivan deixou-se recair sobre sua cadeira, parecendo meditar.

Sorriu maldosamente.

— Sempre a mesma história, como da outra vez?

— Sim, o senhor compreendia tudo da vez passada, compreende agora ainda.

— Compreendo somente que estás louco.

— E isto não lhe aborrece? Estamos aqui, creio, na intimidade, de que serve enganar-nos, representar uma comédia mutuamente? Ou então quer ainda lançar tudo sobre mim só, à minha cara? O senhor matou, é o senhor o principal assassino, não fui senão seu auxiliar, seu fiel instrumento, o senhor sugeriu, eu realizei.

— Realizou? Foste tu que mataste?

Sentiu como uma comoção no cérebro, um arrepio glacial percorreu-o todo. Por sua vez, Smierdiákov observava-o com espanto. O terror de Ivan impressionava-o afinal pela sua sinceridade.

— Não sabia, pois, de nada? — disse ele com desconfiança. Ivan continuava a olhá-lo, sua língua estava como que paralisada.

> Para Piter partiu Vanka,
> Por ele não esperarei,

ele acreditou, de súbito, ouvir.

— Sabes, tenho medo de que sejas um fantasma — ele murmurou.

— Não há fantasma aqui, exceto nós dois, e ainda um terceiro. Sem dúvida, está aí, agora.

— Quem? Que terceiro? — proferiu Ivan cheio de medo, olhando em redor de si, como se procurasse alguém.

— É Deus, a Providência, que está aqui, perto de nós, mas é inútil procurá-lo, o senhor não o encontrará.

— Mentiste, não foste tu que mataste! — vociferou Ivan. — Estás louco, ou me exasperas a vontade, como da outra vez!

Smierdiákov, nada amedrontado, observava-o atentamente. Não podia dominar sua desconfiança, parecia-lhe que Ivan sabia de tudo e simulava ignorância para rejeitar todas as culpas sobre ele só.

— Espere — disse ele afinal, com uma voz fraca e, retirando sua perna esquerda de sob a mesa, pôs-se a arregaçar sua calça. Smierdiákov usava meias brancas e chinelos. Sem pressa, tirou sua liga e meteu a mão em sua meia. Ivan Fiódorovitch, que o olhava, estremeceu, de súbito, de terror.

— Demente! — berrou ele. Levantou-se dum salto, recuou vivamente batendo com as costas na parede, onde ficou como que pregado, com os olhos fixos em Smierdiákov, cheio dum terror louco. Imperturbável, continuava Smierdiákov a procurar na meia, esforçando-se por pegar alguma coisa. Conseguiu por fim e Ivan viu-o retirar papéis ou um maço de papéis, que depositou em cima da mesa.

— Eis! — disse ele em voz baixa.

— O quê?

— Queira olhar.

Ivan aproximou-se da mesa, pegou o maço e começou a desfazê-lo, mas de repente retirou seus dedos como ao contato de um réptil repugnante, temível.

— Seus dedos tremem convulsivamente — notou Smierdiákov e ele mesmo, sem se apressar, desdobrou o papel. Sob o envelope, havia três pacotes de cédulas de cem rublos.

— Está tudo aí, os três mil, não precisa contar. Tome — disse designando as cédulas. Ivan tombou sobre sua cadeira. Estava branco como linho.

— Fizeste-me medo… com essa meia… — proferiu ele, com estranho sorriso.

— Então, deveras, não sabia ainda?

— Não, não sabia, acreditava que tivesse sido Dimítri. Ah! meu irmão! meu irmão! — Pegou a cabeça entre as mãos. — Escuta: tu mataste só, sem meu irmão?

— Somente com o senhor, com o senhor só. Dimítri Fiódorovitch está inocente.

— Está bem… está bem… Falaremos de mim em seguida. Mas por que tremo dessa maneira?… Não posso articular as palavras.

— O senhor era atrevido então, “tudo é permitido”, dizia o senhor, agora está com medo! — murmurou Smierdiákov estupefato. — Quer limonada? Vou pedir. Refresca. Mas seria preciso cobrir primeiro isto.

Designava o maço de cédulas. Fez um movimento para a porta, a fim de chamar Maria Kondrátievna e dizer-lhe para trazer limonada; procurando com que ocultar o dinheiro, tirou a princípio seu lenço, mas como este estivesse sujo demais, pegou de cima da mesa o grosso volume amarelo que Ivan havia notado ao entrar, e cobriu com ele as cédulas. Aquele livro tinha como título: *Sermões de nosso santo padre Isaac, o sírio*.

— Não quero limonada — disse Ivan. — Senta-te e fala: como o fizeste? Dize tudo…

— O senhor deveria tirar seu sobretudo, senão ficará alagado de suor.

Ivan tirou seu sobretudo que atirou sobre o banco, sem se levantar.

— Fala, rogo-te, fala!

Parecia calmo. Estava certo de que Smierdiákov diria tudo agora.

— Como se passaram as coisas? — Smierdiákov suspirou. — Da maneira mais natural, segundo suas próprias palavras…

— Voltaremos a falar de minhas palavras — interrompeu Ivan, mas sem se zangar desta vez, como se estivesse totalmente senhor de si. — Conta somente, em detalhe e com ordem, como deste o golpe. Sobretudo não esqueças os detalhes, rogo-te.

— O senhor tinha partido, caí na adega…

— Era uma crise, ou então simulavas?

— Simulava, é claro. Desci tranquilamente até embaixo, estendi-me, depois do que comecei a gritar. E debati-me, enquanto me transportavam.

— Um instante. Simulaste também mais tarde, no hospital?

— Não, não. No dia seguinte de manhã, ainda em casa, fui dominado por uma crise verdadeira, a mais forte desde anos. Fiquei dois dias inconsciente.

— Bem, bem. Continua.

— Puseram-me sobre um divã, por trás do biombo; esperava por isso mesmo, porque, quando eu estava doente, Marfa Ignátievna me instalava sempre para passar a noite no quarto deles. Sempre foi boa para mim, desde que nasci. Durante a noite, eu gemia, mas mansamente. Esperava sempre Dimítri Fiódorovitch.

— Onde o esperavas, em tua casa?

— Por que em minha casa? Esperava sua vinda à casa do pai. Estava certo de que ele viria naquela mesma noite, porque, privado de minhas informações, devia fatalmente introduzir-se por meio de

escalada e empreender alguma coisa.

— E se ele não tivesse vindo?

— Então, nada teria acontecido. Sem ele, eu não teria agido.

— Bem, bem… fala sem te apressares, sobretudo não omitas nada.

— Contava que ele mataria Fiódor Pávlovitch… decerto, porque eu o tinha preparado bem para isso… nos últimos dias… e sobretudo, conhecia os sinais. Desconfiado e arrebatado como era, não podia deixar de penetrar na casa. Esperava por isso.

— Um instante. Se ele tivesse matado, teria também tirado o dinheiro; devias raciocinar assim. Que teria restado para ti? Nada vejo.

— Nunca jamais teria encontrado o dinheiro. Disse-lhe que o dinheiro estava debaixo do colchão. Mentia. Antes estava numa caixinha. Em seguida, como Fiódor Pávlovitch só confia em mim no mundo, sugeri-lhe esconder o dinheiro por trás dos ícones, porque ninguém teria a ideia de procurá-lo ali, sobretudo num momento de pressa. Meu conselho havia agradado a Fiódor Pávlovitch. Teria sido ridículo guardar o dinheiro debaixo do colchão, numa caixinha fechada à chave. Mas todos acreditaram nessa caixinha. Raciocínio estúpido. Portanto, se Dimítri Fiódorovitch tivesse assassinado, teria fugido ao menor alerta, como todos os assassinos, ou então seria surpreendido e detido. Eu podia assim, no dia seguinte, ou na mesma noite, ir furtar o dinheiro, sendo tudo imputado a Dimítri Fiódorovitch.

— Mas se ele tivesse apenas golpeado, sem matar?

— Neste caso, eu por certo não teria ousado tirar o dinheiro, mas contava que ele golpearia Fiódor Pávlovitch até fazê-lo perder os sentidos; então eu me apossaria da bolada e lhe teria explicado em seguida que fora Dimítri Fiódorovitch quem roubara.

— Espere… não estou entendendo mais. Foi então Dimítri quem

matou? Tu somente roubaste?

— Não, não foi ele. Decerto, eu poderia dizer-lhe, ainda agora, que foi ele… mas não quero mentir, porque… porque mesmo se, como o vejo, o senhor nada compreendeu até o presente e não simula para lançar todas as culpas sobre mim, é, no entanto, culpado de tudo; com efeito, o senhor estava prevenido do assassinato, o senhor me encarregou da execução e partiu. De modo que, quero demonstrar-lhe esta noite que o principal, o único assassino foi o senhor, e não eu, se bem que tenha matado. Legalmente, é o senhor o assassino.

— Como assim? Por que sou eu o assassino? — Ivan Fiódorovitch não pôde se impedir de perguntar, esquecendo sua decisão de deixar para o fim da conversa o que lhe dizia respeito pessoalmente. — É sempre a propósito de Tchermachniá. Para! Dize-me por que era preciso o meu consentimento, uma vez que havias tomado minha partida como um consentimento? Como me explicarás isso?

— Seguro de seu consentimento, sabia que quando o senhor voltasse, não faria histórias com a perda desses três mil rublos, se por acaso a justiça suspeitasse de mim em lugar de Dimítri Fiódorovitch ou de cumplicidade com ele; pelo contrário, o senhor teria tomado minha defesa… Tendo herdado, graças a mim, poderia o senhor em seguida recompensar-me para o resto da vida, porque se seu pai tivesse casado com Agrafiena Alieksándrovna, o senhor nada viria a receber.

— Ah! tinhas então a intenção de atormentar-me toda a vida! — disse Ivan, de dentes cerrados. — E se eu não tivesse partido e te tivesse denunciado?

— Que poderia o senhor dizer? Que eu o aconselhara a partir para Tchermachniá? Bobagens, tudo isso. Aliás, se o senhor tivesse ficado, nada teria acontecido, eu teria compreendido que o senhor não queria e ficava quieto. Mas sua partida assegurava-me que o senhor não me denunciaria e fecharia os olhos a respeito desses três mil rublos, Não teria podido perseguir-me em seguida, porque eu teria contado tudo à justiça, não o roubo ou o assassinato, isto eu não teria dito, mas que o senhor me havia impelido e que eu não consentira.

Desta maneira, o senhor não poderia me confundir, por falta de provas, e eu teria revelado com que ardor o senhor desejava a morte de seu pai, e todo mundo teria acreditado, dou-lhe minha palavra.

— Eu desejava tão intensamente a morte de meu pai?

— Decerto, e seu silêncio me autorizava a agir.

Smierdiákov estava muito enfraquecido e falava com lassidão, mas uma força interior galvanizava-o, tinha algum desígnio oculto, Ivan o pressentia.

— Continua tua narrativa.

— Continuemos! Estou deitado e ouço um grito do *bárin*. Grigóri saíra um pouco antes. De repente, ele começa a gritar, depois tudo volta ao silêncio. Espero, imóvel, meu coração bate, não podia aguentar mais. Levanto-me, saio; à esquerda, a janela de Fiódor Pávlovitch estava aberta, avancei para escutar se ele dava sinal de vida, ouço o *bárin* agitar-se e suspirar. "Está vivo" — penso. Aproximo-me da janela e grito ao *bárin*: "Sou eu." E ele me diz: "Veio, veio e fugiu". (Referia-se a Dimítri Fiódorovitch.) "Matou Grigóri!" "Donde?", pergunto-lhe em voz baixa. "Lá embaixo, no canto", e mostra-me. "Espere!", digo. Pus-me à sua procura e tropecei, perto do muro, em Grigóri, que jazia desmaiado e todo ensanguentado. "É então verdade que Dimítri Fiódorovitch veio", pensei, e resolvi levar a coisa a cabo. Mesmo que Grigóri estivesse vivo ainda, nada veria, uma vez que estava sem sentidos. O único risco era Marfa Ignátievna levantar-se. Senti-o naquele momento, mas um frenesi apoderara-se de mim, a ponto de fazer-me perder a respiração. Voltei à janela do *bárin*: "Ela está aqui, Agrafiena Alieksándrovna veio, quer entrar." Ele estremeceu. — "Onde, aqui, onde?" Suspira, ainda sem acreditar. — "Ora, aqui, abra pois!" "Olha-me pela janela, indeciso, temendo abrir; tem medo de mim", pensei. É engraçado; de repente, imaginei fazer sobre a vidraça o sinal da chegada de Grúchenhka, diante dele, sob seus olhos; ele não acreditava nas palavras, mas, logo que eu bati, correu a abrir a porta. Eu queria entrar, ele barra-me a passagem. — "Onde está ela, onde está ela?" Olha-me e palpita. "Ah! pensei, se tem tal medo de mim, isto vai mal!" E minhas pernas bambeavam, tremia

ao pensar que ele não me deixasse entrar, ou que chamasse, ou que Marfa Ignátievna chegasse. Não me lembro, mas devia estar muito pálido. Cochichei: “Ela está lá embaixo, sob a janela, como foi que não a viu?”. — “Traze-a, traze-a!” — “Ela está com medo, os gritos amedrontaram-na, escondeu-se numa moita; chame-a o senhor mesmo do gabinete.” Correu para ali, pousou a vela sobre a janela: “Grúchenhka, Grúchenhka! estás aí?”, gritava ele. Não queria debruçar-se, nem afastar-se de mim, não ousava, por causa do medo que eu lhe inspirava. “Lá está ela — digo-lhe —, lá está ela na moita, sorri para o senhor, está vendo?” Acreditou em mim de repente e se pôs a tremer, tão louco estava por aquela mulher; debruçou-se inteiramente. Agarrei então o pesa-papéis de ferro fundido, que estava em cima da mesa, o senhor se lembra?, pesa bem umas três libras, e assestei-lhe com todas as minhas forças uma pancada na cabeça, com o canto. Não lançou um grito, tombou. Dei-lhe mais dois golpes e senti que estava ele com o crânio partido. Tombou de costas, todo coberto de sangue. Examinei-me: nem um respingo; enxuguei o pesa-papéis, repu-lo em seu lugar, depois tirei o envelope de trás dos ícones, retirando dele o dinheiro e atirando-o ao chão com a fita cor-de-rosa. Fui ao jardim todo a tremer, diretamente àquela macieira oca, que o senhor conhece. Tinha-a notado e pus de reserva papel e um trapo; enrolei a soma neles e meti-a no fundo do oco. Ficou lá quinze dias, até minha saída do hospital. Voltei a deitar-me, pensando com terror: “Se Grigóri estiver morto, isto poderá ir muito mal; mas se voltar a si, estará tudo muito bem, porque Dimítri Fiódorovitch veio e que, por consequência, matou e roubou”. Na minha impaciência, pus-me a gemer para despertar Marfa Ignátievna. Esta se levantou por fim, chegou até junto de mim, depois, notando a ausência de Grigóri, correu para o jardim, onde eu a ouvi gritar. Eu já estava tranquilo.

Smierdiákov parou. Ivan havia-o escutado num silêncio de morte, sem se mover, sem afastar dele os olhos. Smierdiákov lançava-lhe por vezes uma olhadela, mas olhava sobretudo de lado. Terminada sua narrativa, pareceu emocionado, respirando com dificuldade, o rosto coberto de suor. Não se podia adivinhar se ele sentia remorsos.

— Um instante — retomou Ivan, refletindo. — E a porta? Se ele só abriu a ti, como pôde Grigóri tê-la visto aberta antes? Por que ele a

viu bem em primeiro lugar? — Ivan interrogava, com o tom mais calmo, nada irritado, de sorte que se alguém os tivesse observado naquele momento, do limiar, teria concluído que eles se entretinham pacificamente a respeito dum assunto qualquer.

— Quanto àquela porta que Grigóri pretende ter visto aberta, não passa de um efeito de sua imaginação — disse Smierdiákov, com um sorriso. Porque é um homem muito teimoso, terá acreditado ver e o senhor não conseguirá demovê-lo disso. É uma felicidade para nós que ele tenha formado uma ideia errônea; o depoimento dele acaba de confundir Dimítri Fiódorovitch.

— Escuta — disse Ivan, parecendo de novo atrapalhar-se —, escuta… Tinha ainda muitas coisas a perguntar-te, mas não me lembro… Ah! sim, dize-me apenas, por que abriste e lançaste ao chão o envelope? Por que não ter saído com tudo?… De acordo com tua narrativa, pareceu-me que o tinhas feito de propósito, mas não lhe posso compreender a razão…

— Não agi sem motivos. Um homem inteirado de tudo, como eu por exemplo, que talvez pôs o dinheiro no envelope, viu quando lacravam e escreviam o enderêço, por que tal homem, se cometeu o crime, haveria de deslacrar logo o envelope, com tal precipitação e estando seguro do conteúdo? Pelo contrário, metê-lo-ia simplesmente em seu bolso e se esquivaria. Dimítri Fiódorovitch teria agido de outro modo; não conhece o envelope senão por ouvir dizer e apressar-se-á em deslacrá-lo, assim que o encontrar, para verificar o conteúdo, depois o jogará no chão, sem refletir que ele constituirá uma peça acusadora, porque é um ladrão novato, jamais operou abertamente e é nobre de nascimento. Não teria vindo precisamente roubar, mas retomar seus bens, como o havia previamente declarado diante de todo mundo, vangloriando-se de ir à casa de Fiódor Pávlovitch para fazer justiça com suas próprias mãos. Por ocasião de meu depoimento, sugeri esta ideia ao procurador, mas sob forma de alusão, e de tal sorte que ele acreditou ter sido ele próprio quem a encontrou; estava encantado…

— Refletiste verdadeiramente em tudo isso no local e naquele momento? — exclamou Ivan Fiódorovitch estupefato. Observava de

novo Smiérdiákov, cheio de espanto.

— Por favor, pode-se pensar em tudo numa tal pressa? Tudo isso estava combinado de antemão.

— Pois bem!… Pois bem! Foi o próprio diabo que te emprestou seu concurso! Não és bobo, és muito mais inteligente do que eu pensava…

Levantou-se para dar alguns passos pelo quarto, mas como mal se podia passar entre a mesa e a parede, deu meia volta e tornou a sentar. Foi o que talvez o exasperou; pôs-se de novo a vociferar.

— Escuta, miserável, vil criatura! Não compreendes então que se ainda não te matei, é porque te guardo para responder amanhã perante a justiça? Deus o vê (levantou a mão), talvez tenha eu sido culpado, talvez tenha desejado secretamente… a morte de meu pai, mas, juro-te, não te impeli absolutamente, não, não! Não importa, vou me denunciar eu mesmo amanhã, está decidido! Direi tudo, mas compareceremos juntos! E digas ou testemunhes o que quiseres a meu respeito, eu o aceito e não tenho medo de ti; confirmarei tudo eu mesmo! Mas tu também, será preciso que confesses! É preciso, é preciso, iremos juntos! Será assim!

Ivan exprimia-se com energia e solenidade: somente pelo seu olhar se via que manteria sua palavra.

— O senhor está doente, vejo, bem doente. Tem os olhos completamente amarelos — disse Smierdiákov, mas sem ironia e até mesmo com compaixão.

— Iremos juntos! — repetiu Ivan. — E se não vieres, confessarei tudo sozinho.

Smierdiákov pareceu refletir.

— Isto não se dará, o senhor não irá — disse ele, num tom categórico.

— Tu não me compreendes!

— O senhor terá demasiada vergonha de confessar tudo, aliás isso não serviria de nada, porque negarei ter falado tais coisas com o senhor, direi que o senhor está doente (vê-se bem) ou que se sacrifica por compaixão por seu irmão e me acusa porque jamais vali nada a seus olhos. E quem lhe dará crédito? que prova tem o senhor?

— Escuta, tu me mostraste esse dinheiro para convencer-me. Smierdiákov retirou o volume, descobrindo o maço.

— Tome este dinheiro — disse ele suspirando.

— Decerto que o tomo! Mas por que me dás, uma vez que mataste para obtê-lo? — E Ivan observou-o com estupefação.

— Não tenho mais necessidade dele — disse Smierdiákov, com voz trêmula. — Pensava a princípio, com este dinheiro, estabelecer-me em Moscou, ou mesmo no estrangeiro, era meu sonho, pois que tudo é permitido. Foi o senhor quem, com efeito, me ensinou isso e muitas vezes explicou-o: se Deus não existe, não há virtude e ela é inútil. Raciocinei assim.

— Chegaste a isso sozinho? — perguntou Ivan, com um sorriso constrangido.

— Sob a influência do senhor.

— Então tu crês em Deus, agora, pois que entregas o dinheiro?

— Não, não creio nele — murmurou Smierdiákov.

— Por que então o entregas?

— Deixe isso! — cortou Smierdiákov num gesto de lassidão. — O senhor mesmo repetia então que tudo é permitido. Por que está tão inquieto agora? Quer mesmo denunciar-se? Mas não há perigo! O senhor não irá! — afirmou ele, categórico.

— Haverás de ver!

— É impossível. O senhor é demasiado inteligente. Ama o dinheiro, eu sei, as honras também, porque o senhor é muito

orgulhoso, é doido pelo belo sexo, ama acima de tudo viver à sua vontade e independente. Não haverá de querer estragar toda a sua vida, atraindo sobre si tal ignomínia. De todos os filhos de Fiódor Pávlovitch é o senhor aquele que mais se assemelha a ele; é a mesma alma.

— Não és na verdade bobo — disse Ivan, com estupor; o sangue subiu-lhe ao rosto. — Pensava que eras um tolo.

— Era por orgulho que o senhor pensava assim. Tome, pois, o dinheiro.

Ivan pegou o maço de cédulas e meteu-o no seu bolso, sem embrulhá-lo.

— Vou mostrá-las amanhã no tribunal — disse ele.

— Ninguém lhe dará crédito. Não é dinheiro que lhe falta no momento, o senhor põe no seu cofrezinho esses três mil rublos.

Ivan levantou.

— Repito que não te matei cinicamente porque tenho necessidade de ti amanhã, não esqueças!

— Pois bem! Mate-me, mate-me agora — disse Smierdiákov, com um ar estranho. — O senhor nem mesmo o ousa — acrescentou com um sorriso amargo —, o senhor não ousa mais nada, o senhor tão ousado outrora!

— Até amanhã!… — E Ivan marchou para a porta.

— Espere… mostre-as ainda uma vez.

Ivan tirou as cédulas, mostrou-as; Smierdiákov olhou para elas uma dezena de vezes.

— Pois bem! vá… Ivan Fiódorovitch! — gritou ele, de repente.

— Que queres? — Ivan, que ia saindo, voltou-se.

— Adeus.

— Até amanhã.

Ivan saiu. A tormenta continuava. Marchou a princípio com passos seguros, mas se pôs dentro em pouco a cambalear. “É algo físico”, pensava, sorrindo. Uma espécie de alegria invadia-o. Sentia em si uma firmeza inabalável; as hesitações dolorosas daqueles últimos tempos tinham desaparecido. Sua decisão estava tomada e “já não voltaria atrás”, dizia a si mesmo, cheio de felicidade. Naquele momento tropeçou, esteve a ponto de cair. Parando, distinguiu a seus pés o mujique que ele havia derrubado, jacente no mesmo lugar, inerte. A neve quase lhe recobria o rosto. Ivan ergueu-o e carregou-o em seus ombros. Tendo avistado luz em uma casinhola, foi bater nos postigos e pediu ao proprietário que o ajudasse a transportar o mujique para uma casa particular, prometendo-lhe três rublos. Não contarei pormenorizadamente como Ivan Fiódorovitch conseguiu ser bem sucedido em sua empresa e mandou examinar o mujique por um médico, pagando generosamente as despesas. Digamos somente que isso exigiu quase uma hora. Mas Ivan ficou satisfeito. Suas ideias dispersavam-se: “Se eu não tivesse tomado uma resolução tão firme para amanhã”, pensou ele de súbito, deliciado, “não teria ficado uma hora a ocupar-me com aquele mujique, teria passado de lado sem me inquietar… Mas como tenho a força de observar-me? E eles que decidiram que me estou tornando louco!”. Ao chegar diante da porta de sua casa, parou para perguntar a si mesmo: “Eu não faria melhor indo desde agora à casa do procurador e contar tudo?… Não, amanhã, tudo duma vez!”. Coisa estranha, quase toda a sua alegria desapareceu no mesmo instante. Quando entrou no seu quarto, uma sensação glacial o apertou, como a lembrança ou antes a evocação de não sei que de penoso ou repugnante, que se encontrava naquele momento naquele quarto e que lá já estivera. Deixou-se cair sobre o divã. A velha criada trouxe-lhe o samovar, ele fez chá, mas não bebeu; mandou a criada embora até o dia seguinte. Sentia-se tonto, cansado, indisposto. Foi adormecendo, mas pôs-se a andar para afugentar o sono. Parecia-lhe que delirava. Depois de se ter tornado a sentar, pôs-se a olhar, de tempos em tempos, em redor de si, como para examinar alguma coisa. Por fim seu olhar se fixou em um ponto. Sorriu, mas o rubor da cólera subiu-lhe ao rosto. Por muito tempo ficou imóvel, com a cabeça entre as mãos, fixando sempre o mesmo ponto, sobre o divã

colocado contra a parede em frente. Visivelmente, alguma coisa naquele lugar o irritava, o inquietava.

### *IX / O diabo. A alucinação de Ivan Fiódorovitch*

Não sou médico e, no entanto, sinto que chegou o momento de fornecer algumas explicações sobre a doença de Ivan Fiódorovitch. Digamos imediatamente que estava na iminência de uma febre nervosa, tendo a doença acabado por triunfar de seu organismo enfraquecido. Sem conhecer a medicina, arrisco esta hipótese de que tinha ele talvez conseguido, por um esforço de vontade, conjurar a crise, esperando, bem entendido, a ela escapar. Sabia-se doente, mas não queria abandonar-se à doença naqueles dias decisivos em que devia mostrar-se, falar ousadamente, justificar-se a seus próprios olhos. Tinha ido ver o médico vindo de Moscou a chamado de Katierina Ivânovna. Depois de havê-lo auscultado e examinado, concluiu o facultativo pela existência de um desarranjo cerebral e não ficou nada surpreendido com uma confissão que Ivan lhe fez, no entanto, com repugnância. “As alucinações são muito possíveis no seu estado, mas seria preciso controlá-las… aliás o senhor deve tratar-se seriamente, senão isso se agravará.” Mas Ivan Fiódorovitch não deu importância a esse sábio conselho: “Tenho ainda força para andar. Quando eu cair, será diferente. Tratará de mim quem quiser!”.

Tinha quase consciência de seu delírio e fixava obstinadamente certo objeto, em cima do divã, em frente dele. Ali apareceu de repente um indivíduo, que entrou Deus sabe como, porque não estava ele ali quando chegou Ivan Fiódorovitch, após sua visita a Smierdiákov. Era um senhor, ou uma espécie de cavalheiro russo, *qui frisait la cinquantaine*,[93] como dizem os franceses, um pouco grisalho, os cabelos longos e espessos, a barba em ponta. Trazia um paletó marrom, evidentemente de casa de um bom alfaiate, mas já usado, datando de cerca de três anos e completamente fora de moda. A roupa branca, o comprido lenço de pescoço, tudo lembrava o cavalheiro elegante; mas a roupa, observada de perto, não estava lá muito limpa e o lenço de pescoço bastante gasto. Suas calças de quadrados assentavam-lhe bem, mas eram demasiado claras e demasiado justas, como não se usam mais atualmente, da mesma maneira seu chapéu de

feltro branco, apesar da estação. Em suma, um aspecto ao mesmo tempo decente e de quem estava em dificuldades financeiras. O cavalheiro parecia ser um desses antigos proprietários rurais que floresciam no tempo da servidão; vivera na sociedade, tivera outrora relações conservadas talvez até agora, mas pouco a pouco, empobrecido após as dissipações da juventude e a recente abolição da servidão, tornara-se uma espécie de parasita de boa companhia, recebido em casa de seus antigos conhecidos por causa de seu gênio acomodatício e a título de homem decente, que se pode admitir à sua mesa em qualquer ocasião, embora num lugar modesto. Esses parasitas, de gênio afável, que sabem contar uma história, organizar uma partida, detestar as incumbências de que os encarregam, são em geral viúvos ou solteirões; por vezes têm filhos, sempre educados longe, em casa de alguma tia, a respeito da qual o cavalheiro quase nunca fala quando em boa companhia, como se tivesse vergonha de tal parentesco. Acaba por se desacostumar de seus filhos, que lhe escrevem de longe em longe, por ocasião de seu aniversário ou do Natal, cartas de felicitações às quais ele por vezes responde. A fisionomia daquele visitante inesperado era mais afável que bonachona, pronta a amabilidade de acordo com as circunstâncias. Não tinha relógio, mas usava um lornhão de tartaruga, preso por uma fita preta. O dedo médio de sua mão direita estava ornado com um anel de ouro maciço com uma opala barata. Ivan Fiódorovitch mantinha-se em silêncio, resolvido a não tomar conhecimento. O visitante aguardava, como um parasita que acaba de deixar o quarto que lhe é reservado, à hora do chá, para fazer companhia ao dono da casa, mas que se cala, estando este absorvido em suas reflexões, pronto todavia a uma amável prosa, contanto que o dono da casa a comece. De repente seu rosto revelou preocupação.

— Escuta — disse ele a Ivan Fiódorovitch —, desculpe-me, quero somente lembrar-te: foste à casa de Smierdiákov, a fim de te informares a respeito de Katierina Ivânovna, mas vieste embora sem nada saber. Decerto te esqueceste…

— Ah! sim! — disse Ivan preocupado. — Esqueci-me… Não importa, aliás, deixemos isso para amanhã. A propósito — disse ele, irritado ao visitante —, era eu quem devia ter-me lembrado disso

ainda há pouco, porque me sentia angustiado a respeito. Bastou que tivesses surgido para que acredite que essa sugestão partiu de ti.

— Pois bem! não acredito — e o cavalheiro sorriu, com ar amável. — A fé não se impõe. Aliás, neste domínio, as provas, mesmo materiais, são ineficazes. Tomé acreditou, porque queria acreditar, não por ter visto o Cristo ressuscitado. Assim, os espíritas… gosto muito deles… imagina que acreditam servir à fé, porque o diabo lhes mostra seus chifres de vez em quando. "É uma prova material da existência do outro mundo." O outro mundo demonstrado materialmente! Que ideia! Enfim, isto provaria a existência do diabo, mas não a de Deus. Quero passar para uma sociedade idealista, a fim de fazer-lhes oposição.

— Escuta — disse Ivan Fiódorovitch, pondo-se em pé —, creio que estou delirando, conta o que quiseres, pouco me importa! Não me exasperarás como antes. Somente, tenho vergonha… Quero andar pelo quarto… Por vezes deixo de ver-te, de ouvir-te, mas adivinho sempre o que queres dizer, porque "sou eu quem fala e não tu!". Mas não sei se dormia, na derradeira vez, ou se te vi realmente. Vou aplicar na minha cabeça um guardanapo molhado, talvez assim te dissipes.

Ivan foi buscar um guardanapo e fez como dizia, depois do que pôs-se a andar para lá e para cá.

— Causa-me prazer nos tratarmos por "tu" — disse o visitante.

— Imbecil, acreditas que vou tratar-te por "vós"? Sinto-me disposto… se pelo menos não tivesse dor de cabeça… mas não me venhas com tanta filosofia como na última vez. Se não podes ir-te embora, inventa pelo menos algo de engraçado. Conta-me mexericos, porque não passas de um parasita. Que pesadelo tenaz! Mas não te temo. Acabarei vencendo-te. Não me internarão!

— *C'est charmant!*, parasita. É meu papel, com efeito. Que sou eu na terra, senão um parasita? A propósito, surpreende-me ouvir-te; palavra, começas a tomar-me por um ser real e não pelo produto apenas de tua imaginação, como o sustentavas da outra vez.

— Nem um instante tomo-te por uma realidade — exclamou Ivan,

com raiva. — És uma mentira, um fantasma de meu espírito doente. Mas não sei como desembaraçar-me de ti, vejo que será preciso sofrer algum tempo. És uma alucinação, a encarnação de mim mesmo, de uma parte apenas de mim… do meus pensamentos e de meus sentimentos, mas dos mais vis e dos mais tolos. A este respeito, poderias mesmo interessar-me, se tivesse tempo para perder contigo.

— Com licença, vou confundir-te; ainda há pouco, perto do lampião, quando deste com Aliócha, gritando-lhe: "Soubeste-o por ele? Como sabes que ele vem ver-me?", era a meu respeito que falavas. Portanto, acreditaste um instante que eu existo realmente — disse o cavalheiro com um sorriso delicado.

— Sim, era uma fraqueza… mas não podia acreditar em ti. Talvez te tenha visto somente em sonho, e não na realidade, na derradeira vez.

— E por que foste tão duro com Aliócha? Ele é encantador, sinto-me culpado para com ele, por causa do *stáriets* Zósima.

— Como ousas falar de Aliócha, lacaio! — disse Ivan, rindo.

— Injurias-me rindo, bom sinal, Aliás, estás bem mais amável comigo do que da última vez e compreendo por quê: essa nobre resolução…

— Não me fales disto — gritou Ivan, furioso.

— Compreendo, compreendo, *c'est noble, c'est charmant*, vais amanhã defender teu irmão, tu te sacrificas… *c'est chevaleresque*…

— Cala-te, se não toma cuidado com os pontapés!

— Em certo sentido, isso me causará prazer, porque meu objetivo será atingido; se ages assim, é que crês na minha realidade, não se trata um fantasma a pontapés. Basta de brincadeiras! Podes injuriar-me, mas vale mais a pena ser um pouco mais delicado, mesmo comigo. Imbecil, lacaio! Que expressões!

— Injuriando-te, injurio-me! Tu és eu mesmo, mas com outro focinho. Exprimes meus próprios pensamentos… e nada podes dizer

de novo!

— Se nossos pensamentos se encontram, isto me causa honra — disse graciosamente o cavalheiro.

— Somente, tu escolhes meus pensamentos mais estúpidos… És besta e vulgar. Ês estúpido. Não posso suportar-te! Que fazer, que fazer?! — murmurou Ivan entre dentes.

— Meu amigo, quero, no entanto, permanecer um cavalheiro e ser tratado como tal — disse o visitante com certo amor-próprio, aliás conciliante, bonachão. — Sou pobre, mas… não direi muito honesto, mas… admite-se geralmente como um axioma que sou um anjo decaído. Palavra, não posso imaginar como pude, outrora, ser um anjo. Se o fui algum dia, foi há tanto tempo que não é um pecado esquecê-lo. Agora, atenho-me apenas à minha reputação de homem decente e vivo como posso, esforçando-me por ser agradável. Gosto sinceramente dos homens; caluniaram-me muito. Quando me transporto aqui para a terra, entre vocês, minha vida toma uma aparência de realidade, e é o que mais me agrada. Porque o fantástico me atormenta como a ti mesmo, de modo que gosto do realismo terrestre. Entre vocês, tudo é definido, há fórmulas, geometria; entre nós, só equações indeterminadas! Aqui, passeio, sonho (gosto de sonhar). Torno-me supersticioso, não rias, peço-te; a superstição me agrada. Adoto todos os hábitos de vocês; gosto de ir aos banhos públicos, imagina, estar na estufa com os comerciantes e os popes. Meu sonho é encarnar-me, mas definitivamente, em algum comerciante obeso e partilhar de todas as suas crenças. Meu ideal é ir à igreja e lá acender uma vela, de todo o coração, palavra! Então meus sofrimentos terão fim. Gosto também dos remédios de vocês; na primavera, havia uma epidemia de varíola, fui vacinar-me. Se soubesses como eu estava contente! Dei dez rublos para “nossos irmãos eslavos”!… Não me ouves. Não estás no teu estado normal, hoje… — O cavalheiro fez uma pausa.

— Sei que foste ontem consultar aquele médico… pois bem! como vais? Que te disse ele?

— Imbecil!

— Em compensação, tens tanto espírito! Invectivas de novo. Não é por interesse que te perguntava isso. Podes não responder. Eis meus reumatismos que se apoderam de mim de novo.

— Imbecil!

— Continuas? Lembro-me ainda de meus reumatismos do ano passado.

— O diabo com reumatismo?

— Por que não? Se me encarno, tenho de suportar todas as consequências. *Satanas sum et nihil humani a me alienam puto*.[94]

— Como, como? *Satanas sum et nihil humani*… Não está mal para o diabo!

— Sinto-me feliz por ver que afinal te causo satisfação.

— Isto não aprendeste de mim — disse Ivan, surprêso —, isto jamais me ocorreu. É estranho…

— *C'est du nouveau, n'est-ce pas?*[95] Desta vez agirei lealmente e te explicarei a coisa. Escuta. Nos sonhos, sobretudo durante os pesadelos que provêm dum desarranjo de estômago ou de outra coisa, o homem tem por vezes visões tão belas, cenas da vida real tão complicadas, atravessa tal sucessão de acontecimentos de peripécias inesperadas, desde as manifestações mais altas até as menores bagatelas, que, juro-te, o próprio Liev Tolstoi não as imaginaria. Entretanto, esses sonhos ocorrem não aos escritores mas a pessoas comuns: funcionários, jornalistas, popes… Um ministro chegou a confessar-me que suas melhores ideias lhe vinham quando dormia. É o mesmo agora; digo coisas originais, que nunca te vieram ao espírito, como nos pesadelos, entretanto, não sou senão tua alucinação.

— Mentes. Teu fim é persuadir-me que existes e eis que tu mesmo pretendes ser um sonho.

— Meu amigo, escolhi hoje um método particular que te explicarei em seguida. Espera um pouco, onde eu estava? Ah! sim! Resfriei-me, mas não entre vocês, lá mesmo…

— Lá mesmo, onde? Dize, pois, demorarás ainda muito tempo? — exclamou Ivan, quase desesperado. Parou, sentou-se sobre o divã, pegou de novo a cabeça entre as mãos. Arrancou o guardanapo molhado e atirou-o fora com despeito.

— Estás com os nervos doentes — observou o cavalheiro com ar displicente, mas amigável. — Estás com raiva de mim porque me resfriei, entretanto aconteceu da maneira mais natural. Eu corria para uma festa diplomática, em casa duma grande dama de Petersburgo, que manejava a seu gosto os ministros. De casaca, gravata branca, enluvado, no entanto estava ainda Deus sabe onde, e para chegar à terra era preciso transpor o espaço. Decerto, não é senão um instante, mas a luz do sol leva oito minutos e, imagina, de casaca e de colete aberto. Os espíritos não gelam, mas quando me encarnei… em suma, agi descuidadamente e aventurei-me; no espaço, no éter, na água… faz um frio, nem se pode mesmo chamar isso de frio, imagina: cento e cinquenta graus abaixo de zero. Conhece-se a brincadeira de jovens aldeãs: quando gela a trinta graus, propõem a algum simplório lamber um machado; a língua gela instantaneamente, o simplório arranca a pele e são apenas trinta graus. A cento e cinquenta graus, bastaria, penso, tocar um machado com um dedo para que este desapareça… se pelo menos houvesse um machado no espaço…

— Mas será possível? — interrompeu, distraidamente, Ivan Fiódorovitch. — Lutava com todas as suas forças para resistir ao delírio e não afundar na loucura.

— Um machado? — repetiu o visitante com surpresa.

— E então, que será feito dele lá? — exclamou Ivan, com uma obstinação colérica.

— Um machado no espaço? *Quelle idée!* Se se encontrar bem longe da terra, penso que se porá a girar em torno sem saber por: que, à maneira de um satélite. Os astrônomos calcularão quando se levantará e quando se porá. Gatsuk[96] o incluirá no seu almanaque, eis tudo.

— És estúpido, horrivelmente estúpido! Prega mentiras mais espirituosas, ou não te darei ouvidos. Queres convencer-me pelo

realismo de teus processos, persuadir-me de tua existência. Não creio nela!

— Mas não estou mentindo, tudo isso é verdade. Infelizmente, a verdade quase nunca é espirituosa. Vejo que esperas de mim algo de grande, talvez de belo. É lamentável, porque só dou o que posso…

— Não me venhas com filosofia, pedaço de asno!

— Como posso eu filosofar, quando estou com todo o lado direito paralisado, obrigando-me a gemer? Consultei a Faculdade; sabem diagnosticar maravilhosamente, explicam-nos a doença, mas são incapazes de curar. Havia lá um estudante entusiasta: "Se o senhor morrer — dizia ele —, conhecerá exatamente a natureza de seu mal!". Têm a mania de dirigir-nos a especialistas: nós nos limitamos a diagnosticar, vá ver fulano, ele o curará. Não se encontra mais absolutamente o médico à moda antiga, que tratava todas as doenças. Agora só há especialistas, que fazem publicidade. Para uma doença no nariz enviam a gente a Paris, ao consultório de um especialista europeu. Ele examina o nariz da gente. Não posso, diz ele, curar senão a narina direita, porque não trato as narinas esquerdas, não é minha especialidade. Vá a Viena; há lá um especialista para as narinas esquerdas. Que fazer? Recorri aos remédios de curandeiras, um médico alemão aconselhou-me que esfregasse no corpo, após o banho, mel e sal. Fui aos banhos só por prazer e me besuntei em pura perda. Em desespero de causa, escrevi ao Conde Mattei, de Milão; enviou-me um livro e umas bolinhas. Que Deus lhe perdoe! Imagina que o extrato de malte de Hoff curou-me. Tinha-o comprado por acaso, tomei um frasco e meio e tudo desapareceu radicalmente. Estava resolvido a publicar uma declaração nos jornais, porque a gratidão falava dentro de mim, mas foi outra história, nenhuma redação a aceitou! "É demasiado reacionária — dizem —, ninguém acreditará nisso, *le diable n'existe point*. Publique isso anonimamente." Mas de que vale uma declaração anônima? Brinquei com os redatores: "Ser reacionário — dizia-lhes — é crer em Deus em nossa época, mas eu, eu sou o diabo". — "Decerto, toda gente crê no diabo, contudo é impossível, poderia isso prejudicar o nosso programa. Talvez… sob uma forma humorística…" Mas então, pensei, não seria espirituoso. E minha declaração não apareceu. Isto ficou-me pesando no coração. Os

melhores sentimentos, tais como a gratidão, estão formalmente proibidos para mim, por causa de minha posição social.

— Voltas a cair na filosofia? — disse Ivan, de dentes cerrados.

— Deus me livre! Mas a gente não pode impedir-se de queixar-se por vezes. Sou caluniado. Tu me tratas a todo momento de imbecil. Vê-se bem que és um homem jovem. Meu amigo, só há o espírito. Recebi da natureza um coração bom e alegre, "também compus *vaudevilles*".[97] Tomas-me, creio, por um velho Khlestakov, mas meu destino é bem mais sério. Por uma espécie de decreto inexplicável, tenho por missão "negar", e no entanto sou visceralmente bom e inapto para a negação. "Não! tens de negar! Sem negação, não há crítica, e que seria das revistas sem a crítica? Só restaria um hosana. Mas isto não basta para a vida, é preciso que esse hosana passe pelo cadinho da dúvida, etc." Aliás, não me meto em tudo isto, não fui eu quem inventou a crítica, não sou o responsável por ela. Pois bem!, tenho servido de bode expiatório, obrigaram-me a fazer crítica e a vida começou. Compreendemos essa comédia; quanto a mim, aspiro ao nada. Não, é preciso que vivas, dizem-me, porque sem ti nada existiria. Se tudo fosse razoável na terra, nada se passaria nela. Sem ti, nada de acontecimentos; ora, são precisos os acontecimentos. Cumpro, pois, minha missão, bem a contragosto, para suscitar acontecimentos, e realizo o irracional, cumprindo ordem. As pessoas levam essa comédia a sério, apesar de todo o seu espírito. Para elas é uma tragédia. Sofrem, evidentemente… em compensação, vivem, uma vida real e não imaginária, porque o sofrimento é a vida. Sem o sofrimento, que prazer ofereceria ela? Tudo se assemelharia a um *Te-Deum* interminável; é santo, mas bastante tedioso. E eu? Eu sofro e, no entanto, não vivo. Sou a incógnita de uma equação. Sou *o* espectro da vida, que perdeu a noção das coisas e esqueço até o meu nome. Ris?… Não, não ris, zangas-te de novo, como sempre. Sempre seria preciso inteligência; ora, repito, daria toda essa vida sideral, todos os graus, todas as honras, para encarnar-me na pele duma vendedora obesa e ir queimar velas na igreja.

— Tu também não crês em Deus — disse Ivan, com um sorriso cheio de ódio.

— Como dizer, se falas seriamente…

— Deus existe ou não existe? — insistiu Ivan, encolerizado.

— Ah! é sério então? Meu caro, Deus é-me testemunha de que não sei de nada, não posso dizer melhor.

— Não, tu não existes, tu és eu mesmo e nada mais! Não passas de uma quimera!

— Se queres, tenho a mesma filosofia que tens, é verdade. *Je pense, donc je suis*,[98] eis o que é certo; quanto ao resto, quanto a todos esses mundos, Deus e o próprio Satã, tudo isso não me é provado. Eles têm uma existência própria, ou serão apenas uma emanação de mim, o desenvolvimento sucessivo de meu "eu", que existe temporal e pessoalmente… mas detenho-me, porque tenho a impressão de que vais bater-me.

— Farias melhor se me contasses uma anedota!

— Eis uma, precisamente no quadro de nosso tema, isto é, mais uma lenda que anedota. Tu me censuras minha incredulidade. Mas, meu caro, não sou eu só assim; entre nós, todos estão agora perturbados por causa das ciências de vocês. Enquanto havia os átomos, os cinco sentidos, os quatro elementos, a coisa ia bem ainda. Os átomos já eram conhecidos na antiguidade. Mas vocês descobriram "a molécula química", "o protoplasma", e o diabo sabe ainda o quê! Aprendendo isso, os nossos baixaram a cauda. Foi a barafunda; sobretudo a superstição, os mexericos proliferaram; fica sabendo que temos disso, tanto quanto vocês, talvez mesmo um pouco mais, e afinal também as delações; há igualmente entre nós uma seção em que recebemos certas "informações". Pois bem, essa lenda de nossa idade média, da nossa, não da de vocês, não merece nenhum crédito, exceto entre gordas vendedoras, as nossas, não as de vocês. Tudo quanto existe entre vocês, existe também entre nós; revelo-te este mistério por amizade, se bem que seja proibido. Essa lenda fala, pois, do paraíso. Havia na terra certo filósofo que negava tudo, as leis, a consciência, a fé, sobretudo a vida futura. Morreu pensando entrar nas trevas do nada, e ei-lo em presença da vida futura. Espanta-se, indigna-se: "Isto — diz ele — é contrário às minhas convicções". E foi condenado por

isso… Desculpe-me, transmito-te esta lenda, como me contaram… Portanto, ele foi condenado a percorrer nas trevas um quatrilhão de quilômetros (porque contamos também em quilômetros, agora), e quando ele tiver acabado o seu quatrilhão, as portas do paraíso se abrirão diante dele e tudo lhe será perdoado…

— Que tormentos há no outro mundo, além do quatrilhão? — perguntou Ivan, com estranha animação.

— Que tormentos? Ah! não me fales! Outrora, havia-os para todos os gostos; agora, é sempre mais o sistema das torturas morais "os remorsos da consciência" e outras pataratas. Devemos isso à "doçura dos costumes" de vocês. E quem tira proveito disso? Somente os que não têm consciência, porque zombam dos remorsos! Em compensação, as pessoas decentes, que conservaram o sentimento da honra, sofrem… Eis o que acontece com as reformas operadas em terreno mal preparado e copiadas de instituições estrangeiras. São deploráveis! O fogo de outrora valia melhor. O condenado ao quatrilhão olha, pois, em redor de si, depois se deita atravessado na estrada: "Não ando, por princípio recuso!" Pega a alma de um ateu russo esclarecido e mistura-a com a do profeta Jonas, que se aborreceu três dias e três noites na barriga de uma baleia, e obterás o nosso pensador recalcitrante.

— Sobre que se estendeu ele?

— Havia certamente alguma coisa sobre a qual se estenderia. Não estás brincando?

— Viva! — exclamou Ivan, com a mesma animação. Escutava com uma curiosidade inesperada. — Pois bem! Ele continua deitado?

— Oh não, ao fim de mil anos, pôs-se em pé e começou a andar.

— Que asno! — Ivan deu uma risada nervosa e parou a refletir. — Não será a mesma coisa ficar deitado eternamente ou marchar um quatrilhão de verstas? Mas perfaz isso um bilhão de anos?

— E até mesmo mais. Se houvesse um lápis e papel, seria possível calcular. Faz muito tempo que ele chegou e é aqui que começa a anedota.

— Como? Mas onde ele arranjou um bilhão de anos?

— Pensas sempre na nossa terra atual! A terra reproduziu-se talvez um milhão de vezes; gelou, fendeu-se, desagregou-se, depois decompôs-se em seus elementos, e de novo as águas recobriram a terra. Em seguida, foi novamente um cometa, depois um sol donde saiu o globo. Esse ciclo se repete talvez uma infinidade de vezes, sob a mesma forma, até o mínimo detalhe. É mortalmente aborrecedor…

— Pois bem! Que aconteceu quando ele acabou?

— Assim que ele entrou no paraíso, dois segundos, de relógio na mão, não se tinham passado (se bem que seu relógio, na minha opinião, deveu ter-se decomposto em seus elementos durante a viagem) e já exclamava que, por aqueles dois segundos, bem valia fazer não só um quatrilhão de quilômetros, mas um quatrilhão de quatrilhões, à quatrilhonésima potência! Em suma, cantou hosanas, exagerou mesmo, a ponto de pensadores mais dignos recusarem estender-lhe a mão nos primeiros tempos; tornara-se demasiado bruscamente conservador. É o temperamento russo. Repito, é uma lenda. Eis as ideias que têm curso entre nós a respeito dessas matérias.

— Apanhei-te! — exclamou Ivan, com uma alegria quase infantil, como se lhe voltasse a memória. — Fui eu mesmo que inventei essa anedota do quatrilhão de anos! Tinha então dezessete anos, estava no ginásio… Contei-a a um de meus camaradas, Koróvkin, em Moscou… Essa anedota é muito característica, tinha-a esquecido, mas lembrei-me dela inconscientemente; não foste tu que a contaste! É assim que uma multidão de coisas nos volta à memória, quando marchamos para o suplício… ou quando sonhamos. Pois bem, não passas de um sonho!

— A violência com que me negas assegura-me que, apesar de tudo, crês em mim — disse o cavalheiro jovialmente.

— Absolutamente! Não creio em ti nem uma centésima parte!

— Mas uma milésima crês. As doses homeopáticas são talvez as mais fortes. Confessa que crês em mim, pelo menos uma décima milésima parte…

— Não! — gritou Ivan irritado. — Aliás, gostaria bem de crer em ti!

— Eh! eh! eh! Por fim confessou! Mas sou bom, vou ajudar-te. Fui eu que te apanhei! Contei-te, de propósito, essa anedota para desenganar-te definitivamente a meu respeito.

— Mentes. O fim de tua aparição é convencer-me de tua existência.

— Precisamente. Mas as hesitações, a inquietação, o conflito entre a fé e a dúvida constituem por vezes tal sofrimento para um homem escrupuloso como tu, que melhor vale enforcar-se. Sabendo que crês um pouco em mim, contei-te essa anedota para entregar-te definitivamente à dúvida. Conduzo-te entre a fé e a incredulidade alternativamente, não sem um objetivo. É um novo método; quando cessares completamente de crer em mim, começarás a assegurar-me que não sou um sonho, que existo verdadeiramente, conheço-te; então meu objetivo será atingido. Ora, meu objetivo é nobre. Depositarei em ti um minúsculo germe de fé que dará nascimento a um carvalho, um carvalho tão grande que será teu refúgio e quererás fazer-te anacoreta, porque é teu vivo desejo em segredo, vais te nutrir de gafanhotos, prepararás a tua salvação no deserto.

— Então, miserável, é para minha salvação que trabalhas?

— É bem preciso praticar alguma vez uma boa obra. Tu te zangas, pelo que vejo!

— Palhaço! Jamais tentaste aqueles que se nutrem de gafanhotos, rezam dezessete anos no deserto até ficarem cobertos de musgo?

— Meu caro, não faço outra coisa senão isso. A gente esquece o mundo inteiro por uma alma assim, porque é uma joia de preço, uma estrela que vale por vezes toda uma constelação. Temos nossa aritmética. A vitória é preciosa! Ora, certos solitários, palavra de honra, valem tanto quanto tu, do ponto de vista intelectual, se bem que não o creias; podem contemplar simultaneamente tais abismos de fé e de dúvida que parece por vezes, na verdade, que basta apenas um cabelo para que eles sucumbam.

— Pois bem! Tu te retirarias de nariz bem comprido!

— Meu amigo — observou o visitante, sentencioso —, mais vale ter o nariz comprido do que não ter nariz nenhum, como dizia ainda recentemente um marquês doente (devia ter sido tratado por um especialista), confessando-se a um padre jesuíta. Assisti a isso; era encantador. "Entregai-me meu nariz!" e batia no peito. "Meu filho — insinuava o padre —, tudo é regulado pelos decretos insondáveis da Providência, um mal aparente traz por vezes um bem oculto. Se uma sorte cruel o privou de seu nariz, o senhor ganha com isso pelo fato de ninguém mais doravante ousar dizer-lhe que o senhor tem o nariz comprido." — "Meu padre, isto não é um consolo! — exclamou ele desesperado. — Ficarei, pelo contrário, encantado por ter cada dia o nariz comprido, contanto que ele esteja no seu lugar!" — "Meu filho — disse o padre, suspirando —, não se podem pedir todos os bens ao mesmo tempo e já é murmurar contra a Providência, que, mesmo assim, não o esqueceu; porque se o senhor grita, como ainda há pouco, que seria feliz toda a sua vida por ter o nariz comprido, seu desejo será satisfeito indiretamente, porque tendo perdido seu nariz, pelo fato mesmo, tem o senhor o nariz comprido…"

— Ora! Que coisa estúpida! — exclamou Ivan.

— Meu amigo, eu queria fazer-te rir, juro-te que tal é a casuística dos jesuítas e que tudo isso é rigorosamente exato. Esse caso é recente e causou-me bastantes preocupações. De volta para casa, o desgraçado rapaz estourou os miolos naquela noite; não o deixei até o derradeiro instante… Quanto aos confessionários jesuíticos, são na verdade meu divertimento agradável nas horas de tristeza. Eis uma historinha destes últimos dias. Uma jovem normanda, loura, de vinte anos, chega à casa de um velho padre. Uma beleza! Que corpo! Era de fazer vir água à boca. Ajoelha-se, murmura seu pecado através da grade. "Como, minha filha, você recaiu no pecado?… Ó *Sancta Maria*, que ouço eu? Já é outro? Até quando durará isso? Você não tem vergonha?" — "*Ah! mon Père* — responde a pecadora arrependida —, *ça lui a fait tant de plaisir et à moi si peu de peine!*"[99] Considera essa resposta! É o grito da própria natureza, vale isto mais que a inocência! Dei-lhe a absolvição e voltei-me para retirar-me, quando ouvi o padre marcar-lhe um encontro para aquela noite. Por mais resistente que

tenha sido o velho, sucumbiu logo à tentação. A natureza, a verdade desforraram-se! Por que fazes careta? Eis-te de novo zangado? Não sei mais que fazer para te ser agradável…

— Deixa-me, tu me obsedas como um pesadelo — gemeu Ivan, vencido pela sua visão. — Tu me aborreces e me atormentas. Daria muito para escorraçar-te.

— Repito, modera tuas exigências, não exijas de mim o grande e o belo, e verás como seremos bons amigos — disse o cavalheiro com um tom sugestivo. Na verdade, tens razão de querer-me mal porque não apareci em meio duma nuvem vermelha, entre o trovão e os raios, com as asas avermelhadas, mas me apresentei com traje tão modesto. Em primeiro lugar teus sentimentos estéticos estão melindrados, depois teu orgulho: tão grande homem receber a visita de um diabo tão comum! Há em ti aquela fibra romântica de que zombou Bielínski! Que fazer, rapaz? Ainda há pouco, no momento de vir à tua casa, pensei, para brincar, em tomar a aparência de um conselheiro de Estado aposentado, condecorado com as ordens do Leão e do Sol, mas não ousei, porque terias me batido: como, pôr no peito as placas do Leão e do Sol, em lugar da Estrela Polar ou de Sírio?! E insistes em chamar-me estúpido. Meu Deus, não pretendo ter a tua inteligência. Mefistófeles, aparecendo a Fausto, afirma que quer o mal e não faz senão o bem. Bem, isso é lá com ele, comigo é o contrário. Sou talvez o único ser no mundo que ama a verdade e quer sinceramente o bem. Estava presente quando o Verbo crucificado subiu ao céu, levando a alma do bom ladrão; ouvi as exclamações jubilosas dos querubins cantando hosana! e os hinos dos serafins, que faziam tremer o universo. Pois bem, juro-o pelo que há de mais sagrado, quis juntar-me aos coros e gritar também hosana! As palavras iam sair de meu peito… sabes que sou bastante sensível e impressionável do ponto de vista estético. Mas o bom senso — a mais desgraçada de minhas faculdades — reteve-me nos justos limites e deixei passar a hora propícia! Porque, pensava eu então, que aconteceria se eu cantasse hosana? Tudo se extinguiria no mundo, não se passaria mais nada. Eis como os deveres de meu cargo e minha posição social obrigaram-me a repelir um impulso generoso e a permanecer na infâmia. Outros arrogam-se toda a honra do bem: não me deixam senão a infâmia. Mas

não invejo a honra de viver às custas de outrem, não sou ambicioso. Por que, entre todas as criaturas, sou eu só votado às maldições das pessoas honestas e mesmo aos pontapés de botas, pois, encarnando-me, devo suportar tais consequências? Há aí um mistério, mas a preço algum querem revelar-me, com medo que eu entoe hosana e tão logo desapareçam as imperfeições necessárias, reine a razão no mundo inteiro: seria naturalmente o fim de tudo, até mesmo de jornais e revistas, porque quem os assinaria então? Sei que por fim eu me reconciliaria, farei também eu o meu quatrilhão e conhecerei o segredo. Mas, à espera, amuo-me e cumpro a contragosto minha missão: perder milhões para salvar um só. Quantas almas, por exemplo, foi preciso perder e quantas reputações macular para obter um só justo, Jó, do qual se serviram outrora para me pregarem bem má peça. Não, enquanto o segredo não for revelado, existem para mim duas verdades: a lá de baixo, a deles, que ignoro totalmente, e a outra, a minha. Resta ver qual é a mais pura… Dormes?

— Penso bem — gemeu Ivan — em tudo o que há de animal em mim, tudo o que desde muito tempo digeri e eliminei como uma sujeira, tu trazes isso tudo como uma novidade!

— Então, não fui bem-sucedido! Eu que pensava encantar-te com minha eloquência! Esse hosana no céu, na verdade, não estava mal, não é? Depois aquele tom sarcástico à Heine,[100] não é?

— Não, jamais tive esse espírito de lacaio! Como pôde minha alma produzir um lacaio de tua espécie?

— Meu amigo, conheço um encantador jovem russo, amador de literatura e de arte. É o autor dum poema que promete, intitulado: “O Grande Inquisidor…” Era unicamente ele que eu tinha em vista.

— Proíbo-te de falar do “Grande Inquisidor” — exclamou Ivan, rubro de vergonha.

— E o cataclismo geológico, lembras-te? Que poema!

— Cala-te ou eu te mato!

— Matar-me? Não, é preciso que eu me explique em primeiro

lugar. Vim cá para oferecer a mim mesmo esse prazer. Oh! quanto amo os sonhos de meus jovens amigos, fogosos, sedentos de vida! “Ali vive gente nova!” — dizias tu na última primavera, quando te preparavas para vir aqui, “eles querem tudo destruir e regressar à antropofagia. Não me consultaram, os estúpidos. Na minha opinião, não é preciso destruir nada, a não ser a ideia de Deus no espírito do homem: eis por onde é preciso começar. Oh! os cegos, não compreendem nada! Uma vez que a humanidade inteira professe o ateísmo (e creio que essa época, à maneira das épocas geológicas, chegará a seu tempo), então, por si mesma, sem antropofagia, a antiga concepção do mundo desaparecerá, e sobretudo a antiga moral. Os homens se unirão para retirar da vida todos os gozos possíveis, mas neste mundo somente. O espírito humano se elevará até um orgulho titânico e isto será a humanidade deificada. Triunfando sem cessar e sem limites da natureza pela ciência e pela energia, o homem por isso mesmo experimentará constantemente uma alegria tão intensa que ela substituirá para ele as esperanças das alegrias celestes. Cada qual saberá que é mortal, sem esperança de ressurreição, e vai se resignar à morte com uma altivez tranquila, como um deus. Por altivez, se absterá de murmurar contra a brevidade da vida e amará seus irmãos duma maneira desinteressada. O amor só procurará gozos breves, mas o próprio sentimento de sua brevidade há de lhe reforçar a intensidade tanto quanto outrora ela se disseminava nas esperanças de um amor eterno, além-tumular”… e assim por diante. É encantador!

Ivan tapava os ouvidos com as mãos, olhava para o chão, tremia da cabeça aos pés. A voz prosseguiu:

— A questão consiste nisto, sonhava meu jovem pensador: será possível que essa época chegue algum dia? Na afirmativa, tudo está decidido, a humanidade se organizará definitivamente. Mas como, diante da estupidez inveterada da espécie humana, não se venha isso a realizar talvez nem dentro de mil anos, é permitido a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo com os novos princípios. Neste sentido, tudo lhe é permitido. Mais ainda: mesmo se essa época nunca deva chegar, como Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo tornar-se um homem-deus, seja ele o único no mundo a viver assim.

Poderia doravante, de coração leve, libertar-se das regras da moral tradicional, às quais estava o homem sujeito como um escravo. Para Deus, não existe lei. Em toda parte onde Deus se encontra, está em seu lugar! Em toda parte em que me encontrar, será o primeiro lugar… tudo é permitido, um ponto, é tudo! Tudo isso é muito gentil, mas se apenas se quer trapacear, de que serve a sanção da verdade? Mas nosso russo contemporâneo é assim feito: não se decidirá a trapacear sem essa sanção, tanto ele ama a verdade…

O visitante deixara-se arrebatar pela sua eloquência, elevava cada vez mais a voz e olhava com ironia o dono da casa; mas não pôde acabar. Ivan agarrou de repente um copo em cima da mesa e atirou-o no orador.

— *Ah! mais, c'est bête enfin!*[101]— exclamou o outro, erguendo-se vivamente e enxugando as gotas de chá que lhe caíram na roupa; lembrou-se do tinteiro de Lutero![102] Quer ver em mim um sonho e lança copos contra um fantasma? Isso é digno duma mulher! — Bem suspeitava que fingias tapar os ouvidos e que estavas escutando…

Nesse momento, bateram na janela com insistência. Ivan Fiódorovitch levantou-se.

— Estás ouvindo? Abre então — exclamou o visitante. — É teu irmão Aliócha que vem anunciar-te uma notícia das mais inesperadas, garanto-te!

— Cala-te, impostor, sabia antes de ti que era Aliócha, pressentia-o, e decerto não vem à toa, traz evidentemente uma "notícia"! — exclamou Ivan, exultado.

— Abre então, abre-lhe, está lá fora uma tempestade de neve e é teu irmão quem bate. *Monsieur sait-il le temps qu'il fait? C'est à ne pas mettre un chien dehors*…[103]

Continuavam a bater. Ivan quis correr à janela, mas sentiu-se como que paralisado. Esforçava-se por partir os laços que o prendiam, mas em vão. Batiam cada vez com mais força. Por fim os laços se romperam e Ivan Fiódorovitch levantou. As duas velas acabavam de consumir-se, o copo que havia atirado contra seu visitante estava

sobre a mesa. Sobre o divã, ninguém. As pancadas na janela persistiam, mas bem menos fortes do que lhe tinham parecido, bem discretas até.

— Não é um sonho! Não, juro que não era um sonho, tudo isso acaba de ocorrer.

Ivan correu à janela e abriu o postigo.

— Aliócha, eu te havia proibido de vir — gritou ele, com raiva, a seu irmão. — Em duas palavras: que queres? Em duas palavras, ouves-me?

— Há uma hora Smierdiákov enforcou-se — disse Aliócha.

— Sobe o patamar, vou abrir a porta — disse Ivan.

### *X / "Foi ele quem o disse!"*

Aliócha contou a Ivan que uma hora antes Maria Kondrátievna fora à casa dele para informá-lo de que Smierdiákov acabava de suicidar-se. "Entro no quarto dele para retirar o samovar e vejo-o pendurado de um prego grande na parede." Perguntando-lhe Aliócha se ela fizera sua declaração a quem de direito, respondeu que viera diretamente à casa dele, correndo. Tremia como uma folha. Tendo-a acompanhado à isbá, havia Aliócha encontrado Smierdiákov ainda pendurado. Em cima da mesa, um papel com estas palavras: "Ponho fim a meus dias voluntariamente. Não acusem ninguém de minha morte." Deixando esse bilhete em cima da mesa, dirigiu-se Aliócha à casa do *isprávnik*, "e dali à tua casa", concluiu, olhando fixamente para Ivan, cuja expressão o intrigava.

— Meu irmão — disse de repente —, deves estar muito doente! Olhas-me sem ter o ar de compreender o que te digo.

— Foi bom teres vindo — disse Ivan com ar preocupado e sem prestar atenção à exclamação de Aliócha. — Sabia que ele tinha se enforcado.

— Sabias por intermédio de quem?

— Não lembro por intermédio de quem, mas sabia. Sabia? Sim, ele me disse. Dizia-me ainda há pouco.

Ivan mantinha-se no meio do quarto, com o ar sempre absorto, olhando para o chão.

— Ele, quem? — perguntou Aliócha com uma olhadela involuntária em redor.

— Esquivou-se.

Ivan ergueu a cabeça e sorriu mansamente.

— Teve medo de ti, da pomba. És um puro “querubim”. Dimítri assim te chama: querubim… O grito formidável dos serafins! Que é um serafim? Talvez toda uma constelação, e essa constelação não é talvez senão uma molécula química… Existe a constelação do Leão e do Sol, sabes?

— Meu irmão, senta — disse Aliócha espantado —, senta no divã, suplico-te. Deliras, apoia-te na almofada, assim. Queres um guardanapo molhado sobre a cabeça? Isso te aliviaria.

— Dá-me o guardanapo que está em cima da cadeira, atirei-o ali ainda há pouco.

— Não, não está ali. Não te inquietes, ei-lo aqui — disse Aliócha encontrando num canto, perto do lavatório, um guardanapo limpo, ainda dobrado. Ivan examinou-o com olhar estranho. Pareceu voltar-lhe a memória.

— Espera — disse ele, levantando-se. — Há uma hora apliquei à minha cabeça esse mesmo guardanapo molhado, depois joguei-o ali… como ele pode estar seco? Não havia outro.

— Aplicaste esse guardanapo na cabeça?

— Sim e andei pelo quarto há uma hora… Por que as velas estão consumidas? Que horas são?

— Em breve será meia-noite.

— Não, não, não! — exclamou Ivan. — Não era um sonho! Ele estava aqui, neste divã. Quando tu bateste na janela, atirei-lhe um copo… aquele… Espera um pouco, não é a primeira vez… mas não são sonhos, é realidade: ando, falo, vejo… dormindo. Mas ele estava aqui, neste divã… Ele é muito estúpido, Aliócha, muito estúpido. — Ivan pôs-se a rir e a caminhar pelo quarto.

— Quem é estúpido? De quem falas, meu irmão? — perguntou ansiosamente Aliócha.

— Do diabo! Ele vem ver-me. Veio duas ou três vezes. Irrita-me, pretendendo que lhe quero mal por ele não ser senão o diabo, em lugar de Satã, com asas avermelhadas, cercado de trovões e raios. Não passa de um impostor, um mau diabo de baixa classe. Vai aos banhos. Se lhe tirassem a roupa, haveriam de encontrar nele certamente uma cauda fulva, do comprimento de um *árchin*, lisa como a de um cão dinamarquês… Aliócha, estás enregelado, coberto de neve, queres chá? Está frio, vou pôr a funcionar o samovar… *C'est à ne pas mettre un chien dehors*…

Aliócha correu ao lavatório, molhou o guardanapo, persuadiu Ivan a sentar de novo e aplicou-lhe à cabeça. Sentou ao lado dele.

— Que é que me dizias há pouco a respeito de Lisa? — prosseguiu Ivan. (Tornava-se bastante loquaz.) Lisa me agrada. Falei-te mal dela. É falso, ela me agrada. Tenho medo amanhã, por causa de Kátia sobretudo, pelo futuro. Ela me abandonará amanhã e me espezinhará. Acha que perco Mítia por ciúme, por causa dela, sim, ela crê isto! Mas não! Amanhã, será a cruz e não a forca. Não, não me enforcarei. Sabes que não poderei jamais me matar, Aliócha? Será por baixeza? Não sou um covarde. É por amor à vida! Como eu sabia que Smierdiákov se enforcara? Sim, foi "ele" quem me disse.

— E estás persuadido de que alguém veio aqui?

— Neste divã, no canto. Foste tu que o afugentaste. Sim, foste tu que o puseste em fuga, desapareceu à tua chegada. Gosto de teu rosto, Aliócha. Sabias disto? Mas "ele", sou eu, Aliócha, eu mesmo. Tudo quanto há em mim de baixo, de vil, de desprezível! Sim, sou um "romântico", ele o notou… no entanto, é uma calúnia. Ele é

horrendamente estúpido, mas por isso que logra êxito. É astuto, bestialmente astuto, sabe muito bem levar-me ao extremo. Zombava de mim, dizendo que eu creio nele, foi assim que me obrigou a escutá-lo. Mistificou-me como a uma criança. Aliás, disse a meu respeito muitas verdades, coisas que eu jamais teria dito a mim mesmo. Sabes, Aliócha, sabes — acrescentou Ivan, num tom confidencial — que eu gostaria bem que fosse realmente "ele", e não eu?

— Ele fatigou-te — disse Aliócha, olhando para seu irmão com compaixão.

— Irritou-me, sabes, e bem habilmente: "A consciência, que é isso? Fui eu que a inventei. Por que se têm remorsos? Por hábito. Hábito que tem a humanidade há sete mil anos. Desfaçamo-nos do hábito e seremos deuses". Foi ele quem disse!

— Mas não tu, não tu? — Aliócha exclamou contra sua vontade, com um olhar luminoso. — Pois bem! Deixa-o, esquece-o então! Que ele leve consigo tudo quanto tu maldizes agora e que não volte mais!

— Ele é mau, zombou de mim. É um insolente, Aliócha — disse

Ivan, fremindo à lembrança da ofensa. — Caluniou-me a muitos respeitos, caluniou-me em minha própria cara. "Oh! vais praticar uma nobre ação, declararás que foste tu o assassino responsável, que o lacaio matou teu pai por instigação…"

— Meu irmão, contém-te; não foste tu que mataste. Não é verdade!

— Foi o que ele disse e ele sabe: "Vais praticar uma ação virtuosa e, contudo, não crês na virtude, eis o que te irrita e te atormenta". Eis o que ele me disse, e ele é perito nisso…

— És tu que dizes, e não ele! E falas em delírio!

— Não, ele sabe o que diz: "É por orgulho que vais dizer: Fui eu que matei, por que estais tomados de espanto? Mentis! Desprezo vossa opinião, zombo do vosso espanto". Dizia ainda: "Sabes? queres que te admirem; é um criminoso, um assassino, dirão, mas que sentimentos

nobres! Para salvar seu irmão, acusou-se!”. Mas é falso, Aliócha — exclamou Ivan, com os olhos cintilantes. — Não quero a admiração dos imbecis. Juro-te que ele mentiu. Foi por isso que lhe atirei um copo, que se quebrou no focinho dele!

— Meu irmão, acalma-te, deixa de…

— Não, é um sábio torcionário, e cruel — prosseguiu Ivan, que não havia ouvido. — Sabia bem por que ele vinha. “Pois seja — dizia ele —, tu querias ir por orgulho, mas guardando a esperança de que Smierdiákov seria desmascarado e enviado ao presídio, que absolveriam Mítia e que te condenariam moralmente apenas (ouves, ele riu neste ponto!), enquanto que outros te admirariam. Mas Smierdiákov está morto, quem te acreditará agora no tribunal? Tu somente? No entanto, vais, decidiste ir. Com que objetivo, afinal?” É estranho, Aliócha, não posso suportar semelhantes perguntas. Quem tem a audácia de as fazer?

— Meu irmão — interrompeu Aliócha, gelado de medo, mas esperando sempre fazer Ivan voltar à razão —, como ele pôde falar-te da morte de Smierdiákov antes de minha chegada, quando ninguém a conhecia e não tivera tempo de sabê-la?

— Ele me falou dela — disse Ivan, num tom decisivo. — Não me falou senão disso, se quiseres. “Se ainda acreditasses na virtude: não me acreditarão, não importa, vou por uma questão de princípio. Mas tu não passas de um porco, como Fiódor Pávlovitch, nada tens que ver com a virtude. Por que ires até lá, se teu sacrifício é inútil? Não sabes de nada e darias muito para sabê-lo! Suponhamos: tu te decidiste! Passarás a noite a pesar o pró e o contra! No entanto, irás, bem o sabes, sabes que, qualquer que seja tua resolução, a decisão não depende de ti. Irás, porque não ousarás fazer de outro modo. E por que não ousarás? Adivinha tu mesmo, é um enigma!” Nisso partiu, quando tu chegavas. Tratou-me de covarde, Aliócha. *Le mot de l’enigme*[104] é que sou um covarde! Smierdiákov disse o mesmo. É preciso matá-lo. Kátia me despreza, percebi faz um mês. Lisa começa a desprezar-me. “Irás para que te admirem”, é uma mentira abominável! E tu também, tu me desprezas, Aliócha. Detesto-te de novo! E odeio também o monstro, que ele apodreça no presídio! Cantou um hino!

Irei amanhã cuspir na cara de todos.

Ivan levantou cheio de furor, arrancou o guardanapo, voltou a andar pelo quarto. Aliócha lembrou-se de suas recentes palavras: “Parece-me dormir acordado… Ando, falo, vejo, e contudo, durmo”. Era bem isso. Não ousava deixá-lo para ir procurar um médico, não tendo ninguém a quem confiá-lo. Pouco a pouco Ivan pôs-se a desarrazoar completamente. Continuava a falar, mas suas palavras eram incoerentes. Articulava mal as palavras; de repente cambaleou, mas Aliócha pôde sustentá-lo; tirou-lhe a roupa, com dificuldade, e meteu-o na cama. O doente caiu num profundo sono, com a respiração regular. Aliócha velou-o ainda umas duas horas, depois pegou um travesseiro e estendeu-se sobre o divã, sem tirar a roupa. Antes de adormecer, rezou por seus irmãos. Começava a compreender a doença de Ivan. “Os tormentos duma resolução orgulhosa, uma consciência exaltada!” Deus, em quem Ivan não acreditava, e sua verdade tinham subjugado aquele coração ainda rebelde. “Sim, pensava Aliócha, já que Smierdiákov está morto, ninguém acreditará em Ivan; no entanto, ele irá depor. Deus vencerá, disse a si mesmo Aliócha, com um doce sorriso. Ou Ivan despertará à luz da verdade, ou então… sucumbirá no ódio, vingando-se de si mesmo e dos outros por ter servido uma causa na qual não acreditava”, acrescentou ele com amargura, *e* rezou de novo por Ivan.

## Livro XII / Um erro judiciário

### *I / O dia fatídico*

No dia seguinte aos acontecimentos que narramos, às dez horas da manhã, foi aberta a sessão do tribunal e começou o julgamento de Dimítri Karamázov.

Devo declarar previamente que me é impossível relatar todos os fatos na sua ordem detalhada. Tal exposição demandaria, creio, um grosso volume. De modo que, não me queiram mal por limitar-me ao que me pareceu mais impressionante. Pude tomar o acessório pelo essencial e omitir traços característicos… Aliás, é inútil desculpar-me… Faço o melhor que posso e os leitores saberão vê-lo.

Antes de penetrar na sala, mencionemos o que causava a surpresa geral. Todo mundo conhecia o interesse despertado por aquele processo impacientemente esperado, as discussões e suposições que provocava havia dois meses. Sabia-se também que aquele caso tivera repercussão em toda a Rússia, mas sem se imaginar que ele pudesse suscitar semelhante emoção em outra parte que não entre nós. Veio gente, não somente da sede da província, mas de outras cidades e até mesmo de Moscou e de Petersburgo, juristas, notabilidades, bem, como senhoras. Todos os cartões foram arrebatados num abrir e fechar de olhos. Para os visitantes de destaque, haviam reservado lugares por trás da mesa que presidia o tribunal; instalaram-se ali cadeiras, o que jamais se vira. As senhoras, bastante numerosas, formavam pelo menos a metade do público. Havia tantos juristas que não se sabia onde metê-los, estando todos os convites distribuídos desde muito tempo. Construiu-se à pressa no fundo da sala, por trás do estrado, uma separação no interior da qual eles tomaram lugar, dando-se por felizes em poderem ficar mesmo de pé, porque haviam retirado todas as cadeiras, a fim de obter-se espaço e a multidão reunida assistiu ao julgamento de pé, em massa compacta. Certas senhoras, sobretudo as recém-chegadas, mostraram-se nas galerias excessivamente enfeitadas, mas a maior parte não pensava na toalete. Lia-se em seus rostos uma curiosidade ávida. Uma das particularidades daquele público, digna de ser assinalada e que se manifestou no correr dos debates, era a simpatia da enorme maioria das senhoras por Mítia, que desejavam ver absolvido. Talvez porque ele tivesse a reputação de cativar os corações femininos. Contava-se com a presença das duas rivais. Katierina Ivânovna sobretudo excitava o interesse geral; contavam-se coisas espantosas a seu respeito e de sua paixão por Mítia, apesar do crime deste. Lembravam seu orgulho (não fizera visitas quase a ninguém), suas “relações aristocráticas”. Dizia-se que tinha ela a intenção de pedir ao governo autorização para acompanhar o condenado ao presídio e casar-se com ele nas minas, embaixo do solo. A aparição de Grúchenhka não despertava menos interesse, esperava-se com curiosidade o encontro em plenário das duas rivais, a jovem aristocrata e a cortesã. Aliás, nossas damas conheciam melhor Grúchenhka, que “tinha posto a perder Fiódor Pávlovitch e seu desgraçado filho”, e a maior parte se admirava de que uma mulher tão ordinária, nem mesmo bonita, tivesse podido tornar a tal ponto

apaixonados o pai e o filho. Sei pertinentemente que em nossa cidade sérias querelas de família rebentaram por causa de Mítia. Muitas senhoras disputavam com seus maridos, em consequência do desacordo a respeito daquele triste caso, e compreende-se que estes chegassem ao recinto, não apenas mal dispostos para com o acusado, mas enraivecidos contra ele. Em geral, ao contrário das mulheres, o elemento masculino era hostil ao detento. Viam-se rostos severos, carrancudos, outros encolerizados e isto na maioria. É verdade que Mítia insultara muitas pessoas, durante sua permanência entre nós. Decerto, alguns espectadores estavam quase alegres e bastante indiferentes à sorte de Mítia, embora interessados pelo resultado do caso; a maior parte desejava o castigo do culpado, salvo talvez os juristas, que só encaravam o processo do ponto de vista jurídico contemporâneo, negligenciando o lado moral. A chegada de Fietiukóvitch, de grande reputação por causa de seu talento, agitava todo mundo; não era a primeira vez que ele vinha à província advogar em processos criminais de repercussão, dos quais se guardava depois por muito tempo a lembrança. Circulavam anedotas sobre nosso procurador e sobre o presidente do tribunal. Contava-se que o procurador tremia ao ter de tornar a encontrar-se com Fietiukóvitch, que eram antigos inimigos, já em Petersburgo, no começo de suas carreiras; que o nosso suscetível Ipolit Kirílovitch, que se julgava lesado desde muito, porque não era convenientemente apreciado o seu mérito, havia retomado coragem com o caso Karamázov e sonhava mesmo reerguer sua reputação embaciada, mas que Fietiukóvitch lhe causava medo. Quanto ao temor de Fietiukóvitch, essas asserções não eram totalmente justas. Nosso procurador não era desses caracteres que se deixam levar diante do perigo, mas, pelo contrário, daqueles cujo amor-próprio aumenta, exalta-se, precisamente na proporção do perigo. Em geral, nosso procurador era demasiado ardente e impressionável. Punha por vezes toda a sua alma num negócio, como se de sua decisão dependessem sua sorte e sua fortuna. No mundo judiciário, sorriam dessa singularidade, que valera a nosso procurador certa notoriedade, maior do que não se teria podido crer de acordo com sua situação modesta na magistratura. Riam sobretudo de sua paixão pela psicologia. Na minha opinião, todos se enganavam; nosso procurador era, eu creio, dum caráter bem mais sério que muitos pensavam. Mas aquele homem doentio não soubera colocar-se no

início de sua carreira, nem depois.

Quanto ao presidente do tribunal, era um homem instruído, humano, conhecendo praticamente a causa e com as ideias mais modernas. Tinha certo amor-próprio, mas pouca ambição. O principal objetivo de sua existência consistia em ser um progressista. Aliás, tinha relações, fortuna. Verificou-se mais tarde que se interessava bastante vivamente pelo caso Karamázov, mas apenas num sentido geral; como fenômeno classificado, encarado como a resultante de nosso regime social, como a característica da mentalidade russa, etc. Quanto ao caráter particular do caso, à personalidade dos seus atores, a começar pelo acusado, isso não lhe apresentava senão um interesse vago, abstrato, como convinha aliás, talvez.

Muito tempo antes da hora, a sala estava repleta. É a mais bela da cidade, vasta, alta, sonora. À direita do tribunal, que tinha assento sobre um estrado, tinham instalado uma mesa e duas filas de cadeiras para o júri. À esquerda se encontrava o lugar do acusado e de seu defensor. No meio da sala, perto dos juízes, as peças de convicção figuravam sobre uma mesa: o roupão de seda branca de Fiódor Pávlovitch, ensanguentado; o pilão de cobre, instrumento presumido do crime; a camisa e a sobrecasaca de Mítia, toda manchada perto do bolso onde ele enfiara o lenço; o dito lenço, onde o sangue formava uma crosta; a pistola carregada em casa de Pierkhótin para o suicídio de Mítia e tirada furtivamente por Trifon Borísovitch, em Mókroie; o envelope dos três mil rublos destinados a Grúchenhka, a fita cor-de-rosa que o amarrava e outros objetos que esqueci. Mais longe, no fundo da sala, mantinha-se o público, mas diante da balaustrada tinham disposto cadeiras para as testemunhas que ficariam na sala depois de seu depoimento. Às dez horas apareceu o tribunal, composto do presidente, dum assessor e dum juiz de paz honorário. O procurador chegou no mesmo instante. O presidente era robusto, baixo e gordo, com o rosto congestionado, homem duns cinquenta anos, de cabelos grisalhos cortados curtos e condecorado. O procurador pareceu a toda gente estranhamente pálido, de tez quase verdoenga, emagrecido por assim dizer subitamente, porque eu o havia visto na antevéspera no seu estado normal. O presidente começou por perguntar ao oficial de justiça se todos os jurados

estavam presentes. Mas é-me impossível continuar assim, tendo-me escapado certas coisas e sobretudo porque, como já o disse, o tempo e o lugar me faltariam para um relato integral. Sei somente que a defesa e a acusação só recusaram pequeno número de jurados. O júri compunha-se de quatro funcionários, dois comerciantes, seis camponeses e pequenos burgueses de nossa cidade. Muito tempo antes do julgamento, lembro-me de que na sociedade perguntavam, sobretudo as senhoras: "Será possível que um caso de psicologia tão complicada seja submetido a decisão de funcionários e de mujiques? Que é que eles compreenderão disso?". Efetivamente, os quatro funcionários que faziam parte do júri eram gente modesta, já grisalha, exceto um, pouco conhecidos em nossa sociedade, tendo vegetado com mesquinhos ordenados; deviam ser casados com velhas, impossíveis de exibir, e ter uma ninhada de meninos, talvez descalços; as cartas encantavam-lhe os lazeres e não tinham, bem entendido, jamais lido coisa alguma. Os dois comerciantes tinham o ar calmo, mas estranhamente taciturno e imóvel, estando um deles barbeado e trajado à europeia, e o outro, de barba grisalha, trazia no pescoço uma medalha. Nada a dizer dos pequenos burgueses e camponeses de Skotoprigonievsk. Os primeiros assemelham-se bastante aos segundos e trabalham como eles. Dois dentre eles usavam também traje europeu, o que os fazia parecerem mais sujos e mais feios talvez que os outros, tanto que todos perguntavam a si mesmos involuntariamente, como o fiz, olhando-os: "Que pode essa gente compreender mesmo dum tal caso?". Não obstante, seus rostos, rígidos e carrancudos, mostravam uma expressão imponente.

Enfim, o presidente abriu a sessão declarando ao auditório que ia dar-se início ao julgamento do crime de que foi vítima o conselheiro titular aposentado, Fiódor Pávlovitch Karamázov… Não me recordo bem como o disse. Os oficiais de justiça tiveram ordem de introduzir o acusado e apareceu Mítia. Reinou profundo silêncio na sala. Seria possível ouvir uma mosca voar. Mítia causou-me uma impressão das mais desfavoráveis. Apresentou-se como um janota, de roupa nova, luvas lustrosas, roupa branca fina. Soube depois que ele encomendara para aquele dia uma sobrecasaca em Moscou, em casa de seu antigo alfaiate, que havia conservado suas medidas. Avançou a grandes passos, rígido, olhando fixamente à sua frente e sentou com ar

impassível. Apareceu ao mesmo tempo seu defensor, o famoso Fietiukóvitch; um murmúrio discreto percorreu a sala. Era um homem grande e seco, de pernas finas, dedos exangues e afilados, cabelos curtos, o rosto imberbe, e seus lábios finos pregueavam-se por vezes num sorriso sarcástico. Parecia ter quarenta anos. o rosto teria sido simpático não fossem os olhos, desprovidos de expressão e muito aproximados do nariz, comprido e delgado. Em suma, aquela fisionomia lembrava um pássaro. Estava de casaca e de gravata branca. Lembro-me do interrogatório de identificação. Mítia respondeu com uma voz tão forte que surpreendeu o presidente. Depois fizeram leitura da lista das testemunhas e peritos, Quatro dentre eles faltavam: Miúsov, que voltara a Paris, mas cujo depoimento figurava no processo; a Senhora Khokhlakova e o proprietário rural Maksímov, por motivo de doença, e Smierdiákov, falecido subitamente, como o atestava um relatório da polícia. A notícia de sua morte causou sensação. Muitos, no público, ignoravam ainda o seu suicídio. O que impressionou sobretudo foi uma frase de Mítia a esse respeito:

— Para cão, morte de cão! — exclamou ele.

Seu defensor adiantou-se para ele, o presidente ameaçou-o de tomar medidas severas no caso de novo insulto. Mítia repetiu várias vezes ao advogado, à meia voz e sem arrependimento aparente:

— Não o farei mais! Escapou-me. Não recomeçarei.

Esse episódio não testemunhava em seu favor aos olhos dos jurados e do público. Dava uma amostra de seu caráter. Foi sob essa impressão que o escrivão leu o libelo acusatório. Era conciso, limitando-se à exposição dos principais motivos de acusação; não obstante, fiquei vivamente impressionado. O escrivão lia com uma voz nítida e sonora. Aquela tragédia aparecia em relevo, alumiada por uma luz implacável. Depois do que, o presidente perguntou a Mítia:

— Acusado, reconhece-se culpado?

Mítia levantou-se.

— Reconheço-me culpado de embriaguez, de devassidão e de

preguiça — disse ele com exaltação. — Queria corrigir-me definitivamente, na hora mesma em que a sorte me feriu. Mas estou inocente da morte do velho, meu pai e meu inimigo. Não o roubei tampouco, não, não sou capaz disso. Dimitri Karamázov é um canalha, mas não um ladrão!

Sentou de novo, tremendo. O presidente exortou-o a responder unicamente às perguntas. Em seguida, foram chamadas as testemunhas para prestar juramento. Os irmãos do acusado foram dispensados dessa formalidade. Depois das exortações do padre e do presidente, mandaram para fora as testemunhas para serem de novo chamadas uma a uma.

### *II / Testemunhos perigosos*

Ignoro se as testemunhas de acusação e de defesa foram agrupadas pelo presidente e em que ordem se propunha chamá-las. É provável. Em todo caso, começou-se pelas testemunhas de acusação. Repito que não tenho a intenção de reproduzir integralmente os interrogatórios. Aliás, seria em parte supérfluo, porque a acusação e a defesa resumiram claramente a marcha e o sentido do caso, bem como os depoimentos das testemunhas. Anotei integralmente por vezes aqueles dois notáveis discursos que citarei a seu tempo, da mesma maneira que um episódio inesperado do julgamento, que influiu sem dúvida no seu desenlace fatal. Desde o começo, uma particularidade daquele caso afirmou-se aos olhos de todos: a força extraordinária da acusação, em relação aos meios da defesa. Todo mundo compreendeu logo isso, quando se viu os fatos agruparem-se, acumularem-se e o horror do crime exibir-se pouco a pouco à plena luz. Dava-se conta o público de que a causa estava bem clara, que a dúvida era impossível, que os debates seriam apenas mera formalidade, estando mais que demonstrada a culpabilidade do acusado. Penso mesmo que nem dúvida havia para todas as senhoras que aguardavam com tanta impaciência a absolvição do interessante acusado. Mais ainda, parece-me que elas se sentiram aflitas diante de uma culpabilidade menos evidente, porque isso teria diminuído o efeito do desenlace, quando se absolvesse o criminoso. Coisa estranha é que todas as senhoras acreditaram na absolvição quase até o derradeiro minuto. “Ele é

culpado, mas vão absolvê-lo por humanidade, em nome das ideias novas", etc. Eis por que haviam acorrido com tanto açodamento. Os homens interessavam-se sobretudo pela luta entre o procurador e o famoso Fietiukóvitch. Todos perguntavam a si mesmos com espanto: que poderá fazer de uma causa perdida de antemão Fietiukóvitch, com todo o seu talento? De modo que o observavam com uma atenção intensa. Mas Fietiukóvitch ficou até o fim como um enigma para todos. As pessoas experimentadas pressentiam que ele tinha um sistema, que perseguia um objetivo, mas era quase impossível adivinhar qual. Sua segurança saltava no entanto aos olhos. Além disso, notou-se com satisfação que, durante sua curta estada entre nós, se pusera notavelmente a par do caso e havia-o estudado em todos os seus detalhes. Admirou-se em seguida sua habilidade em desacreditar todas as testemunhas da acusação, em confundi-las tanto quanto possível e sobretudo em manchar-lhes a reputação moral, e, por consequência, seus depoimentos. Aliás, supunha-se que ele assim agia muito por jogo, por assim dizer, por coquetismo jurídico, a fim de pôr em ação todos os processos advocatórios, porque pensava-se com razão que aqueles "denegrimentos" não lhe proporcionariam nenhuma vantagem definitiva, e ele próprio, provavelmente, o compreendia melhor que ninguém; devia ter em reserva uma ideia, uma arma oculta, que revelaria no momento que quisesse. No instante, consciente de sua força, parecia divertir-se. Assim, quando interrogou Grigóri Vassílievitch, o antigo criado de quarto de Fiódor Pávlovitch, que afirmou ter visto a porta da casa aberta, o defensor aferrou-se a ele, quando chegou sua vez de fazer-lhe perguntas. Grigóri Vassílievitch apareceu à barra das testemunhas sem se mostrar absolutamente perturbado pela majestade do tribunal ou pela presença do numeroso público. Depôs com a mesma segurança com que o teria feito se estivesse a sós com sua mulher, mas com mais deferência. Era impossível confundi-lo. O procurador interrogou-o muito tempo a respeito de particularidades da família Karamázov. Grigóri traçou dela um quadro sugestivo. Via-se que a testemunha era ingênua e imparcial. Apesar de todo o seu respeito pelo antigo patrão, declarou que este fora injusto para com Mítia e "não educava seus filhos como era preciso. Sem mim, ele teria sido roído pelos piolhos", disse ele, ao falar da tenra infância de Mítia. "Tampouco, não deveria ter o pai prejudicado seu filho no referente aos bens que herdara da

mãe.” Tendo-lhe o procurador perguntado sobre que se baseava para afirmar que Fiódor Pávlovitch prejudicara a seu filho por ocasião do acerto de contas, Grigóri, para espanto geral, não apresentou nenhum argumento decisivo, mas persistiu dizendo que aquele acerto não fora justo, e que Mítia deveria ter recebido ainda alguns milhares de rublos. A este propósito, interrogou o procurador, com uma insistência particular, todas as testemunhas que se presumia estivessem ao corrente, inclusive os irmãos do acusado, mas nenhuma delas o esclareceu duma maneira precisa, cada qual afirmando a coisa sem poder fornecer dela uma prova mais ou menos exata. O relato da cena na mesa, em que Dimítri Fiódorovitch irrompeu na sala e bateu em seu pai, ameaçando de voltar para matá-lo, produziu uma impressão sinistra, tanto mais quanto o velho criado narrava com calma e concisão, numa linguagem original, o que causava muito efeito. Declarou que a ofensa de Mítia, que então lhe batera no rosto e derrubara, estava desde muito tempo perdoada. Quanto a Smierdiákov — benzeu-se — era um rapaz bem dotado, mas deprimido pela doença e sobretudo ímpio, tendo sofrido a influência de Fiódor Pávlovitch e de seu filho mais velho. Atestou com calor sua honestidade, contando o episódio do dinheiro achado e entregue por Smierdiákov a seu patrão, o que lhe valeu, com uma moeda de ouro, a confiança dele. Sustentou teimosamente a versão da porta aberta para o jardim. Aliás, fizeram-lhe tantas perguntas que não posso lembrar-me de todas. Por fim, foi a vez do defensor, que se informou em primeiro lugar do envelope onde, segundo parecia, Fiódor Pávlovitch ocultara três mil rublos para certa pessoa. “O senhor, que vivia desde tanto tempo junto de seu patrão, chegou a vê-lo?” Grigóri respondeu que não e que não sabia da existência desse dinheiro e dele só conhecendo “depois que toda gente falava”. Fietiukóvitch fez esta pergunta relativa ao envelope todas as vezes que pôde, às testemunhas, com a mesma insistência que o procurador pusera em informar-se sobre a partilha dos bens; todas responderam que não tinham podido ver o envelope, embora muitas dele tivessem ouvido falar. A persistência do defensor foi notada desde o começo.

— Agora, eu poderia lhe perguntar — continuou Fietiukóvitch — de que se compunha esse bálsamo ou antes essa infusão com a qual o senhor esfregou seus rins, antes de deitar-se, na noite do crime, como

ressalta do inquérito?

Grigóri olhou-o com ar aparvalhado e, após um silêncio, murmurou: “Havia salva nela”.

— Somente salva, nada mais?

— E tanchagem.

— E pimenta, talvez?

— Havia também pimenta.

— E tudo isso com vodca!

— Com álcool.

Ligeiro sorriso percorreu o auditório.

— Veja-se, até mesmo álcool. Depois de ter-se esfregado a região renal, o senhor bebeu o resto da garrafa, com uma piedosa prece conhecida somente por sua esposa, não é?

— Sim.

— Bebeu muito? Um ou dois copinhos?

— O conteúdo de um copo.

— Tanto assim? Um copo e meio, talvez?

Grigóri guardou silêncio. Parecia compreender.

— Um copo e meio de álcool puro, não teria sido muito? Que pensa o senhor? Com isso pode-se ver abertas as portas do paraíso!

Grigóri continuava calado. Nova risada esfuziou. O presidente agitou-se.

— O senhor poderia dizer — insistiu Fietiukóvitch — se estava desperto quando viu a porta do jardim aberta?

— Estava em cima de minhas duas pernas.

— Isto não quer dizer que o senhor estivesse desperto. (Novas risadas.) Teria podido, por exemplo, responder naquele momento, se alguém lhe perguntasse, em que ano nós estamos?

— Não sei.

— Está bem! Em que ano estamos, desde o nascimento de Jesus Cristo? Sabe?

Grigóri, com ar confuso, olhava fixamente seu carrasco. Sua ignorância do ano atual parecia estranha.

— Talvez saiba o senhor quantas dedos tem nas mãos.

— Tenho o hábito de obedecer — proferiu, de súbito, Grigóri. — Se agrada às autoridades zombar de mim, devo suportá-lo.

Fietiukóvitch ficou um pouco desconcertado. O presidente interveio e lembrou-lhe que devia fazer perguntas mais em relação com o caso. O advogado respondeu com deferência que nada mais tinha a perguntar. Certamente, o depoimento de um homem "tendo visto as portas do paraíso" e ignorando em que ano vivia, poderia inspirar dúvidas, de sorte que o fito do defensor foi atingido. Um incidente marcou o fim do interrogatório. Tendo-lhe o presidente perguntado se tinha observações a apresentar, Mítia exclamou:

— Exceto o que se refere à porta, a testemunha disse a verdade. Eu lhe agradeço ter-me livrado dos parasitas e perdoado minhas pancadas; esse velho foi durante toda a sua vida honesto e fiel a meu pai como trinta e seis cães d'água.

— Acusado, policie suas expressões — disse severamente o presidente.

— Não sou um cão d'água — resmungou Grigóri.

— Pois bem! Sou eu que sou um cão d'água! — gritou Mítia. — Se é uma ofensa, assumo-a para mim e peço-lhe perdão. Fui brutal e violento com ele. Com Esopo também.

— Que Esopo? — acentuou severamente o presidente.

— Refiro-me a Pierrot… a meu pai, Fiódor Pávlovitch.

O presidente exortou de novo Mítia a escolher seus termos com mais prudência.

— Assim o senhor se prejudica no espírito de seus julgadores.

O defensor procedeu com a mesma habilidade com Rakítin, uma das testemunhas mais importantes, da qual muito esperava o procurador. Sabia uma multidão de coisas, vira tudo, conversara com uma multidão de pessoas e conhecia a fundo a biografia de Fiódor Pávlovitch e dos Karamázovi. Na verdade, não ouvira falar do envelope de três mil rublos senão por Mítia. Em compensação. descreveu com detalhes as proezas de Mítia no botequim "A Capital", suas palavras e atos comprometedores, contou a história do Esfregão de Tília, do Capitão Snieguiriov. Quanto ao que o pai podia ter de restituir ao filho por ocasião do acerto de contas, o próprio Rakítin nada sabia e safou-se graças a generalidades desdenhosas: "Impossível compreender qual não tinha razão e não se emaranhar naquela barafunda dos Karamázovi". Apresentou aquele crime trágico como o produto dos costumes atrasados da servidão e da desordem em que estava mergulhada a Rússia, privada das instituições necessárias. Em suma, deixaram-no discorrer. Foi depois desse julgamento que o Senhor Rakítin se revelou e atraiu a atenção. O procurador sabia que a testemunha preparava para uma revista um artigo relativo ao crime e citou algumas partes dele no seu discurso acusatório (como se verá mais adiante). O quadro pintado pela testemunha pareceu sinistro e reforçou a acusação. Em geral, a exposição de Rakítin agradou ao público pela independência e pela nobreza de pensamento; ouviram-se mesmo alguns aplausos, quando ele falou da servidão e da Rússia presa da desorganização. Mas Rakítin, que era jovem, cometeu um descuido de que soube logo aproveitar-se o defensor. Interrogado a respeito de Grúchenhka e arrastado pelo seu êxito e pela altura moral em que havia plainado, exprimiu-se com algum desdém a respeito de Agrafiena Alieksándrovna, "mantida pelo comerciante Samsónov". Teria dado muito depois para retirar esta expressão, porque foi aí que Fietiukóvitch o apanhou. E isto porque Rakítin não esperava que o advogado tivesse podido iniciar-se em tão pouco tempo em detalhes tão íntimos.

— Permita-me uma pergunta — começou o defensor com um sorriso amável e quase atencioso. — É mesmo o Senhor Rakítin, autor de uma brochura editada pela autoridade diocesana, *Vida do bem-aventurado padre Zósima*, cheia de pensamentos religiosos, profundos, com uma dedicatória bastante piedosa à Sua Grandeza, e que eu li recentemente com muito prazer?

— Não estava destinada a aparecer… publicaram-na depois — murmurou Rakítin, que parecia desconcertado.

— Está muito bem. Um pensador como o senhor pode e mesmo deve interessar-se pelos fenômenos sociais. Sua brochura, graças à proteção de Sua Grandeza, o Senhor Bispo, divulgou-se e prestou serviço… Mas eis o que eu estaria curioso de saber: o senhor acaba de declarar que conhecia intimamente a Senhora Svietlova?[105] (*Nota bene*. Tal era o nome de família de Grúchenhka. Ignorava-o até aquele dia.)

— Não posso responder por todas as minhas amizades… Sou jovem… Aliás, quem o poderia? — disse Rakítin, corando.

— Compreendo, compreendo perfeitamente! — disse Fietiukóvitch, fingindo-se confuso e como que pressuroso em desculpar-se. — O senhor poderia, como não importa quem, interessar-se por uma mulher jovem e bonita, que recebia em sua casa a flor da juventude local, mas… eu queria somente informar-me; sabemos que há dois meses, desejava vivamente a Senhora Svietlova conhecer o mais moço dos Karamázovi, Alieksiéi Fiódorovitch. Ela lhe prometera vinte e cinco rublos, se o senhor lá o levasse com sua batina religiosa. A visita ocorreu na noite mesma do drama que provocou o processo atual. O senhor recebeu então da Senhora Svietlova vinte e cinco rublos de recompensa? Eis o que queria que o senhor me dissesse.

— Era uma brincadeira… Não vejo em que isto possa interessá-lo. Recebi esse dinheiro por brincadeira… para restituí-lo em seguida.

— Por consequência, o senhor aceitou-o. Mas ainda não o restituiu… ou talvez já?

— Uma bagatela… — murmurou Rakítin. — Não posso responder a tais perguntas… Decerto, haverei de restitui-lo.

O presidente interveio, mas o defensor declarou que não tinha mais nada a perguntar ao Senhor Rakítin. Este retirou-se um tanto envergonhado. O prestígio do personagem ficou assim abalado, e Fietiukóvitch, acompanhando-o com o olhar, parecia dizer ao público: “Eis o que valem vossos acusadores!”. Mítia, furioso por causa do tom com que Rakítin se referira a Grúchenhka, gritou de seu lugar: “Bernard!”. Quando o presidente lhe perguntou se tinha alguma coisa a dizer, exclamou:

— Ele ia me ver na prisão para me arrancar dinheiro, esse miserável, esse ateu. Mistificou Sua Grandeza, o Senhor Bispo!

Mítia foi naturalmente chamado à ordem, mas o Senhor Rakítin ficou liquidado. O testemunho do Capitão Snieguiriov não logrou êxito, por uma razão bem diversa. Apareceu esfarrapado, de roupa suja e, apesar das medidas de precaução e o exame prévio, encontrou-se em estado de embriaguez. Recusou responder a respeito do caso do insulto que lhe fizera Mítia.

— Deus lhe perdoe! Iliúcha proibiu-o. Deus me recompensará lá em cima.

— Quem o proibiu de falar?

— Iliúcha, meu menino: “*Bátiuchka, bátiuchka*, como ele te humilhou!”. Dizia isto perto da pedra. Agora, está morrendo.

O capitão se pôs subitamente a soluçar e deixou-se cair nos pés do presidente. Levaram-no logo, entre as risadas da assistência. O efeito com que contava o procurador malogrou.

O defensor continuou a usar de todos os meios, causando admiração cada vez maior pelo seu conhecimento do caso, até nos seus menores detalhes. Assim, o depoimento de Trifon Borísovitch tinha causado viva impressão, naturalmente das mais desfavoráveis ao acusado. Segundo ele, Mítia, por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, deveria ter gasto pelo menos três mil rublos, “mais ou

menos. Quanto dinheiro foi gasto, só com os cigarros! Quanto aos nossos mujiques piolhentos, não eram cinquenta copeques, mas vinte e cinco rublos no mínimo que distribuía a cada um. E quanto lhe roubaram! Os ladrões não se gabaram disso. Como reconhecê-los, entre tamanhas liberalidades? Nossa gente são uns bandidos, desprovidos de consciência. E as moças, que não tinham um vintém, estão ricas agora". Em suma, lembrava cada despesa e fazia conta de tudo. Isto arruinava a hipótese dos mil e quinhentos rublos gastos e do restante guardado no amuleto. "Eu mesmo vi os três mil rublos em suas mãos, vi com os meus próprios olhos e sabemos o que é dinheiro, ora se não sabemos!" Sem tentar prejudicar-lhe o depoimento, o defensor lembrou que o cocheiro Timofiéi e outro mujique, Akim, tinham encontrado no vestíbulo, por ocasião da primeira viagem a Mókroie, um mês antes da detenção, cem rublos perdidos por Mítia, que estava embriagado e os haviam entregue a Trifon Borísovitch que deu um rublo a cada um. "Pois bem! devolveu o senhor esse dinheiro ao Senhor Karamázov, sim ou não?" Trifon Borísovitch, apesar de seus rodeios, confessou a coisa, depois que foram interrogados os mujiques, afirmando ter restituído o dinheiro a Dimitri Fiódorovitch, "com toda a honestidade, mas estando este embriagado na ocasião, não podia lembrar-se disso". Ora, como tivesse negado o achado antes, sua restituição a Mítia embriagado inspirava naturalmente dúvidas. Desta maneira, uma das testemunhas de acusação mais perigosas tornava-se suspeita e atingida na sua reputação. Foi a mesma coisa com os poloneses; entraram com ar desenvolto, atestando que haviam "servido à coroa" e que "*pan* Mítia lhes oferecera três mil rublos para comprar-lhes a honra". *Pan* Mussialóvitch esmaltava suas frases com palavras polonesas e vendo que isto lhe dava importância aos olhos do presidente e do procurador, tornou-se ousado e se pôs a falar em polonês. Mas Fietiukóvitch apanhou-os também em suas redes; apesar de suas hesitações, Trifon Borísovitch, chamado de novo à barra, teve de reconhecer que *pan* Vrubliévski substituíra um baralho de cartas ao dele, e que *pan* Mussialóvitch, presidindo a banca, trapaceava. Isto foi confirmado por Kolgánov por ocasião de seu depoimento, e os *panówie* retiraram-se um tanto envergonhados, entre os risos da assistência. As coisas se passaram da mesma maneira com quase todas as testemunhas mais importantes. Fietiukóvitch conseguiu desconsiderar cada uma delas e apanhá-las em falta. Os amadores e os juristas

admiravam-no, enquanto perguntavam a si mesmos para que podia servir aquilo, porque, repito, a acusação parecia cada vez mais irrefutável e trágica. Mas via-se, pela segurança do "grande mago", que ele estava tranquilo e esperava-se: não era homem para vir de Petersburgo para nada e para lá voltar sem resultado.

### *III / A perícia médica e uma libra de avelãs*

A perícia médica tampouco foi favorável ao acusado. Aliás, Fietiukóvitch mesmo não contava muito com ela, como bem se viu. No fundo, realizou-se apenas por insistência de Katierina lvânovna, que mandara chamar um famoso médico de Moscou. A defesa, certamente, nada podia perder com isso, podia mesmo ganhar no caso mais favorável. Misturou-se nisso certo elemento cômico em consequência de um desacordo entre os médicos. Os peritos eram o famoso médico em questão, o Doutor Herzenstube, de nossa cidade, e o jovem médico Varvínski. Os dois últimos figuravam também na qualidade de testemunhas citadas pelo procurador. O primeiro chamado foi o Doutor Herzenstube, setuagenário grisalho, atingido de calvície, de estatura mediana e constituição robusta. Bastante estimado e respeitado em nossa cidade, era um médico consciencioso, excelente homem pio, uma espécie de irmão morávio. Desde muito tempo estabelecido entre nós, tinha grande dignidade em suas maneiras. Filantropo, tratava gratuitamente os pobres e os camponeses, visitava os casebres e as isbás, deixando dinheiro para os remédios, mas era teimoso como uma mula. Impossível fazê-lo desistir duma ideia. A propósito, quase todo mundo na cidade sabia que o famoso médico, chegado de pouco, já se permitira fazer observações bastante descorteses a respeito da capacidade do Doutor Herzenstube. Se bem que o médico de Moscou não cobrasse menos de vinte e cinco rublos por visita, houve pessoas que aproveitaram de sua estada para consultá-lo. Eram naturalmente clientes de Herzenstube e o famoso médico criticou por toda parte o tratamento dele da maneira mais acerba. Acabou por perguntar ao doente, ao entrar: "Então, quem o atochou de drogas, Herzenstube? Eh! eh! eh!". Este, bem entendido, veio a saber. Portanto, os três médicos apareceram como peritos. O Doutor Herzenstube declarou que "o acusado era visivelmente anormal do ponto de vista mental". Depois de ter exposto suas

considerações, que omito aqui, acrescentou que essa anomalia resultava não só da conduta anterior do acusado, mas se observava presentemente, e quando lhe pediram que se explicasse, declarou o velho doutor com ingenuidade que o acusado, ao entrar, “tinha um ar espantoso, em vista das circunstâncias, caminhava como um soldado, olhando diretamente à sua frente, quando deveria voltar os olhos para a esquerda, onde se conservavam as senhoras, porque era grande amador do belo sexo e devia preocupar-se com o que elas diriam dele”, concluiu o velho na sua linguagem original. Exprimia-se voluntaria e longamente em russo, mas cada uma de suas frases tinha um torneio alemão, o que não o perturbava de modo algum, porque imaginara toda a sua vida, que falava excelentemente o russo, melhor mesmo que o dos russos, e gostava muito de citar os provérbios, afirmando cada vez que os provérbios russos são os melhores e os mais expressivos de todos. Na conversação, por distração talvez, esquecia por vezes as palavras mais comuns, que conhecia perfeitamente, mas que lhe fugiam de repente. O mesmo acontecia, quando falava alemão; viam-no então agitar a mão diante de seu rosto como para agarrar a expressão perdida, e ninguém poderia obrigá-lo a prosseguir antes que a tivesse tornado a encontrar. Sua observação de que o acusado deveria ter, ao entrar, olhado para as senhoras, divertiu a assistência. O velho era muito querido de nossas damas. Sabiam que, tendo ficado celibatário, piedoso e de costumes puros, considerava as mulheres criaturas ideais e superiores. Assim sua observação inesperada pareceu das mais estranhas.

O médico de Moscou declarou categoricamente por sua vez que tinha o estado mental do acusado como normal, mesmo em supremo grau. Discorreu sapientemente sobre a obsessão e a mania e concluiu que, de acordo com todos os dados recolhidos, o acusado, já vários dias antes de sua detenção se achava presa duma obsessão mórbida incontestável, e se cometera um crime, se bem que tivesse dele consciência, era quase involuntariamente, sem ter a força de resistir ao impulso que o impelia. Mas, além da obsessão, notara o doutor a mania, o que constituía, na sua opinião, um primeiro passo para a demência completa, (*N. B.* Uso dos meus próprios termos, pois o doutor exprimia-se numa linguagem científica e especial.) “Todos os seus atos estão em contradição com o bom-senso e a lógica”,

prosseguiu ele. “Sem falar do que não vi, isto é, do crime e de todo este drama, anteontem, conversando comigo, tinha um olhar fixo e inexplicável. Ria bruscamente e sem motivo, presa duma verdadeira irritação permanente e incompreensível. Proferia palavras estranhas: Bernard, a ética e outras coisas que não vêm ao caso.” Mas o doutor notava sobretudo essa mania no fato de que o acusado não podia falar sem exasperação dos três mil rublos de que se julgava frustrado, ao passo que ficava relativamente calmo ao lembrar-se das outras ofensas e fracassos sofridos. Enfim, parecia que, já antes, ficava furioso a respeito desses três mil rublos e, no entanto, assegura-se que ele não é interesseiro, nem cúpido. “Quanto à opinião de meu sábio colega — concluiu com ironia o doutor de Moscou — que o acusado, ao entrar, deveria ter olhado para as senhoras em vez de diretamente à sua frente, é uma asserção engraçada, mas radicalmente errônea, porque, muito embora eu admita que o acusado, ao entrar na sala em que se decide sua sorte, não deveria ter tido um olhar tão fixo e que isso poderia com efeito revelar uma perturbação mental, afirmo ao mesmo tempo que ele deveria ter olhado não para a esquerda, para as senhoras, mas para a direita, procurando com os olhos seu defensor, aquele em quem espera e do qual depende sua sorte.” O doutor formulara sua opinião num tom imperioso. Mas o desacordo entre os dois peritos pareceu particularmente cômico após a conclusão inesperada do Doutor Varvínski, que lhes sucedeu. Segundo ele, o acusado, agora como então, era absolutamente normal, e muito embora antes de sua detenção devia encontrar-se numa superexcitação extraordinária, isto provinha, era provável, das causas mais evidentes: ciúme, cólera, embriaguez contínua, etc. Mas aquele nervosismo nada tinha que ver com “a obsessão”, de que acabavam de falar. Quanto a saber para onde devia olhar o acusado ao entrar na sala, “na minha humilde opinião, deveria olhar diretamente à sua frente, como o havia feito na realidade, com os olhos fixos sobre os juízes dos quais dependia doravante sua sorte, de modo que por isso mesmo demonstrara seu estado perfeitamente normal naquele instante”, concluiu o jovem médico com alguma animação.

— Bravo, curandeiro! — gritou Mítia. — É isto mesmo!

Fizeram Mítia calar-se, mas aquela opinião teve influência

decisiva sobre tribunal e público, porque toda a gente dela partilhou, como se viu posteriormente. O Doutor Herzenstube, ouvido como testemunha, serviu inopinadamente aos interesses de Mítia. Na qualidade de velho habitante, conhecia desde muito tempo a família Karamázov, forneceu algumas informações bastante interessantes para a acusação e continuou:

— No entanto, o pobre rapaz merecia melhor sorte, porque tivera bom coração na sua infância e mesmo depois, eu sei. Um provérbio russo diz: "Bom é que o homem tenha juízo, porém melhor é ainda que o acompanhe outro homem de juízo, pois assim serão dois juízos e não um só…".

— Dois juízos valem mais que um — declarou com impaciência o procurador, que conhecia o hábito do velho de falar com lentidão e prolixidade, sem se perturbar com a impressão produzida e com a perda de tempo que causava, afeiçoado ao contrário à sua pesada oratória germânica. O velho gostava de mostrar-se espirituoso.

— Isto mesmo! É o que digo — continuou ele, com tenacidade: — Dois juízos valem mais do que um. Mas ele ficou só e o dele se foi… Onde o largou ele? Esqueci-me da palavra — prosseguiu, agitando a mão diante dos olhos. — Ah! sim! *spazieren*.[106]

— A passear?

— Isto mesmo! É o que digo. Seu juízo saiu, pois, a vagabundear e perdeu-se. E no entanto, era um jovem grato e sensível; lembro-me dele quando era pequeno, abandonado em casa de seu pai no quintal, quando corria de pés descalços, com um botão só nas calças. — A voz do honesto velho matizou-se de emoção. Fietiukóvitch estremeceu como se pressentisse alguma coisa.

— Sim, era eu mesmo ainda jovem então… Tinha quarenta e cinco anos e acabava de chegar aqui. Tive piedade da criança e disse a mim mesmo: "Por que não comprar uma libra para ele?…" Pois sim! Uma libra de quê? Esqueci como isso se chama… uma libra do que as crianças gostam muito, como é mesmo?… — E o doutor agitou de novo as mãos. — Cresce numa árvore, colhem-no.

— Maçãs?

— Oh! n-não! Vendem-se às libras, ao passo que as maçãs se vendem às dúzias, nem a peso… há muitas, são pequeninas, a gente mete-as na boca e craque!…

— Avelãs?

— Isto mesmo! Avelãs, é o que digo — confirmou o doutor imperturbável, como se não tivesse procurado a palavra. — E levei ao menino uma libra de avelãs; nunca as recebera. Levantei o dedo e disse: "Meu rapaz! *Gott der Vater*." Ele pôs-se a rir e repetiu: "*Gott der Vater*." — "*Gott der Sohn*." — Ele riu de novo e gorjeou: "*Gott der Sohn*.", "*Gott der heilige Geist*." Ele riu ainda e esforçou-se para dizer: "*Gott der heilige Geist*."[107] Dois dias depois, quando eu passei, ele mesmo gritou para mim: "Meu senhor, *Gott der Vater, Gott der Sohn*". Esquecera-se de *Gott her heilige Geist*, mas eu lhe recordei e ele de novo me causou compaixão. Levaram-no e não mais o vi. Vinte e três anos depois, encontrava-me uma manhã em meu consultório, com a cabeça já branca, quando entra um jovem em pleno viço e que não fui capaz de reconhecer; levantou o dedo e disse rindo: "*Gott der Vater, Gott der Sohn und Gott der heilige Geist!* Cheguei ainda há pouco e venho agradecer-lhe a libra de avelãs, porque ninguém nunca as comprara para mim, foi o senhor o único". Lembrei-me então de minha feliz juventude e do pobre menino descalço. Fiquei comovido e disse-lhe: "És um jovem agradecido, já que não te esqueceste daquela libra de avelãs que te levei na tua infância". Apertei-o em meus braços e abençoei-o. E chorei. Ele ria… porque o russo ri muitas vezes em ocasiões em que devia chorar. Mas ele chorava também, eu vi. E agora, ai!…

— E agora choro eu, alemão, e agora choro eu, homem de Deus! — gritou de repente Mítia.

Seja como for, aquela anedota produziu uma impressão favorável. Mas o principal efeito em favor de Mítia foi causado pelo depoimento de Katierina Ivânovna, do qual vou falar. Em geral, quando chegou a vez das testemunhas de defesa, a sorte pareceu sorrir a Mítia e, o que é mais de notar, inopinadamente para a própria defesa. Mas antes de

Katierina Ivânovna, interrogaram Aliócha, que se lembrou de súbito de um fato que parecia refutar positivamente um dos pontos mais importantes da acusação.

## *IV / A sorte sorri a Mítia*

Isso ocorreu improvisadamente mesmo para Aliócha. Não prestara juramento e desde o começo fora objeto duma viva simpatia, tanto de um lado quanto do outro. Via-se que seu bom renome o precedia. Aliócha mostrou-se modesto e reservado, mas seu afeto por seu desgraçado irmão transparecia em seu depoimento. Caracterizou-o como um ser sem dúvida violento e arrebatado pelas suas paixões, mas nobre, altivo, generoso, capaz de se sacrificar se lhe pedissem. Reconheceu aliás que para o fim a paixão de Mítia por Grúchenhka, sua rivalidade com seu pai, haviam-no posto numa posição intolerável. Mas repeliu com indignação, a hipótese de que seu irmão tivesse podido matar para roubar, embora convindo que aqueles três mil rublos tinham-se tornado uma obsessão no espírito de Mítia, que os considerava como uma parte de sua herança, fraudulentamente desviada por seu pai e não podia ouvir falar deles sem ficar furioso. Quanto à rivalidade das duas "pessoas", como dizia o procurador, exprimiu-se evasivamente e recusou mesmo responder a uma ou duas perguntas.

— Seu irmão lhe disse que tinha a intenção de matar seu pai? — perguntou o procurador. — O senhor pode não responder se isto lhe convier.

— Diretamente não me disse.

— Indiretamente, então?

— Falou-me uma vez de seu ódio por seu pai, temia… num momento de exasperação, ser capaz de matá-lo.

— E o senhor acreditou nele?

— Não ouso afirmá-lo. Sempre pensei que um sentimento elevado o salvaria no momento fatal, como aconteceu, com efeito, porque não foi "ele" quem matou meu pai — disse Aliócha, com uma voz forte que ressoou. O procurador estremeceu como um cavalo de batalha ao som do clarim.

— Esteja certo de que não duvido da sinceridade de sua convicção, independentemente de seu amor fraternal por esse infeliz. O inquérito já nos revelou sua opinião original sobre o trágico episódio que se desenrolou em sua família. Mas não lhe oculto que ela é isolada e contraditada pelos outros depoimentos. De modo que estimo necessário insistir para conhecer os dados que o convenceram definitivamente da inocência de seu irmão e da culpabilidade de uma outra pessoa que o senhor designou no inquérito.

— No inquérito, respondi somente às perguntas — disse Aliócha com calma. — Não formulei acusação contra Smierdiákov.

— Contudo, o senhor designou-o.

— De acordo com as palavras de meu irmão Dimítri. Sabia que, por ocasião de sua detenção, acusara Smierdiákov. Estou persuadido da inocência de meu irmão. E se não foi ele quem matou, então…

— Foi Smierdiákov? — Por que ele precisamente? E por que está o senhor tão convencido da inocência de seu irmão?

— Não podia duvidar dele. Sei que ele não mente. Vi, pelo seu rosto, que ele me dizia a verdade.

— Somente pelo seu rosto? São essas todas as suas provas?

— Não tenho outras.

— E não tem outras provas da culpabilidade de Smierdiákov senão as palavras de seu irmão e a expressão de seu rosto?

— Não.

O procurador não insistiu. As respostas de Aliócha decepcionaram profundamente o público. Tinha-se falado de Smierdiákov, corria o boato de que Aliócha reunia provas decisivas em favor de seu irmão e contra o lacaio. Ora, ele nada trazia, senão uma convicção moral, bem natural no irmão do acusado. Chegou a vez de Fietiukóvitch, que perguntou a Aliócha em que momento o acusado lhe falara de seu ódio por seu pai e de suas veleidades de assassínio, e se fora, por exemplo, por ocasião de sua derradeira entrevista antes do drama.

Aliócha estremeceu como se uma lembrança lhe voltasse.

— Lembro-me agora de uma circunstância que tinha completamente esquecido. Não era claro então, mas agora…

E Aliócha contou com animação que, quando viu seu irmão pela última vez, à noite, debaixo de uma árvore, ao voltar para o mosteiro, Mítia, batendo no peito, lhe repetira várias vezes que possuía o meio de reerguer sua honra, que esse meio estava ali; sobre seu peito… "Acreditei então que, ao bater no peito, falava de seu coração", prosseguiu Aliócha, "das forças que podia ali colher para escapar a uma vergonha horrenda que o ameaçava e que ele não ousava mesmo confessar-se. Na verdade, pensei então que falasse de seu pai e tremesse interiormente de vergonha à ideia de tratá-lo com violência; no entanto, parecia designar alguma coisa sobre seu peito, de modo que, lembro-me, veio-me a ideia de que o coração se encontra mais embaixo, ao passo que ele batia bem mais alto, aqui, abaixo do pescoço, e designava sempre esse lugar. Minha ideia pareceu-me absurda, mas designava talvez precisamente o amuleto onde estavam costurados os mil e quinhentos rublos!…"

— Precisamente — gritou de súbito Mítia. — É isso, Aliócha, era sobre ele que eu batia.

Fietiukóvitch rogou-lhe que se acalmasse, depois voltou a Aliócha. Este, arrebatado pela sua recordação, emitiu calorosamente a hipótese de que aquela vergonha provinha sem dúvida de que, tendo consigo aqueles mil e quinhentos rublos que teria podido restituir a Katierina Ivánovna como a metade de sua dívida, tinha Mítia, no entanto, decidido fazer deles outro uso e partir com Grúchenhka, se ela consentisse nisso.

— É isso mesmo, é bem isso mesmo — exclamou Aliócha, muito animado —, meu irmão me disse naquele momento que poderia apagar imediatamente a metade de sua vergonha (disse várias vezes: a metade!), mas que, por desgraça, a fraqueza de seu caráter o impedia disso… sabia de antemão que era incapaz de fazê-lo!

— E o senhor se recorda nitidamente de que ele batia naquele lugar do peito? — perguntou Fietiukóvitch.

— Muito nitidamente, porque perguntava a mim mesmo então: por que bate ele tão alto, se o coração está mais embaixo? Minha ideia pareceu-me absurda… lembro-me. Eis por que essa recordação me voltou. Como pude esquecê-la até agora? Seu gesto designava decerto esse amuleto, esses mil e quinhentos rublos que ele não queria restituir! E por ocasião de sua detenção, em Mókroie, contaram-me, gritou que a ação mais vergonhosa de sua vida era que, tendo a possibilidade de devolver a Katierina Ivânovna a metade de sua dívida (justamente a metade!) e de passar por um homem honesto, preferira guardar o dinheiro e continuar como ladrão a seus olhos. E quanto essa dívida o atormentava! — concluiu Aliócha.

Bem entendido, o procurador interveio. Pediu a Aliócha que descrevesse de novo a cena e insistiu em saber se o acusado, batendo no peito, parecia designar alguma coisa. Talvez batesse por acaso com o punho.

— Não, não com o punho! — exclamou Aliócha. — Designava com os dedos, aqui, bem no alto… Como pude esquecer disso até agora?

O presidente perguntou a Mítia o que podia dizer a respeito desse depoimento. Mítia confirmou que designara os mil e quinhentos rublos que trazia sobre o peito, abaixo do pescoço, e que era uma vergonha, “uma vergonha que não contesto, o ato mais vil de minha vida! Teria podido restituí-los e não o fiz. Preferi ficar como ladrão aos olhos dela e o pior é que eu sabia de antemão que agiria assim! Tu tens razão, Aliócha, obrigado”.

Dessa forma terminou a declaração de Aliócha, caracterizada por um fato novo, por mínimo que fosse, um começo de prova demonstrando a existência daquele amuleto com os mil e quinhentos rublos e a veracidade do acusado, quando declarava, em Mókroie, que aquele dinheiro lhe pertencia. Aliócha estava radiante, sentou-se todo vermelho no lugar que lhe indicaram, repetindo entre si: “Como pude esquecer aquilo? Como foi que só me lembrei agora?”.

Foi ouvida em seguida Katierina Ivânovna. Sua entrada causou sensação. As senhoras assestaram suas lunetas, os homens agitaram-se,

alguns se levantaram para ver melhor. Afirmou-se, mais tarde, que Mítia ficara branco como um pano, quando ela apareceu. Toda de preto, avança para a barra modestamente, quase timidamente. Seu rosto não traía nenhuma emoção, mas a resolução brilhava nos seus olhos sombrios. Estava muito bonita naquele momento. Falou com uma voz doce, mas nítida, com grande calma, oh! pelo menos esforçando-se para isso. O presidente interrogou-a com muitas atenções, como se temesse tocar "certas cordas", e cheio de respeito pelo seu infortúnio. Desde as primeiras palavras, Katierina Ivânovna declarava que fora noiva do acusado "até momento em que ele próprio me abandonou…". Quando a interrogaram, a respeito dos três mil rublos confiados a Mítia para serem enviados pelo correio às suas parentas, respondeu com firmeza: "Não lhe havia dado aquela quantia para que a remetesse logo; sabia que estava ele muito precisado de dinheiro… naquele momento… Entreguei-lhe aqueles três mil rublos com a condição de enviá-los a Moscou, se quisesse, no prazo de um mês. Não teve razão em atormentar-se a propósito dessa dívida…".

Não relato as perguntas e as respostas integralmente, limitando-me ao essencial de seu depoimento.

— Estava certa de que enviaria aquela soma assim que a tivesse recebido de seu pai — prosseguiu ela. — Sempre tive confiança na sua lealdade… na sua perfeita lealdade… nos negócios de dinheiro. Ele contava receber três mil rublos de seu pai e falou-me disso por diversas vezes. Sabia que eles estavam em conflito e sempre acreditei que seu pai o havia lesado. Não me recordo de que ele tenha proferido ameaças contra seu pai, pelo menos na minha presença. Se tivesse vindo ver-me, logo o teria tranquilizado a respeito daqueles desgraçados três mil rublos, mas não voltou… e eu mesma encontrava-me numa situação… que não me permitia que o mandasse chamar… Aliás, não tinha absolutamente o direito de mostrar-me exigente por conta dessa dívida — acrescentou num tom resoluto. — Recebi eu mesma dele, um dia, uma soma superior, e aceitei-a sem saber quando estaria em condições de pagar-lhe.

Sua voz, tinha algo de provocante. Naquele momento, foi a vez de Fietiukóvitch interrogá-la.

— Não foi aqui, mas no começo de suas relações com ele, não? — perguntou com tato o defensor, que pressentia algo em favor de seu cliente. (Entre parêntesis, se bem que chamado de Petersburgo, em parte pela própria Katierina lvânovna, tudo ignorava do episódio dos cinco mil rublos dados por Mítia e da saudação até o chão. Ela lhe havia dissimulado! Silêncio estranho. Pode-se supor que, até o derradeiro momento, hesitou em falar, aguardando alguma inspiração.)

Não, jamais esquecerei aquele momento! Ela contou tudo, todo aquele episódio, comunicado por Mítia a Aliócha, e a saudação até o chão, as causas, o papel de seu pai, sua visita à casa de Mítia, e não fez nenhuma alusão à proposta de Mítia de enviar-lhe Katierina Ivânovna para buscar o dinheiro. Guardou a respeito um silêncio magnânimo e não corou de revelar que fora ela que correra, por sua própria vontade, à casa do jovem oficial, esperando não sabia o que… para obter dele dinheiro. Era comovedor. Eu estremecia ouvindo-a, a assistência era toda ouvidos. Havia naquilo algo de inaudito, jamais se teria esperado, mesmo de uma moça tão imperiosa e altiva, tal franqueza e semelhante imolação. E por quem, para quê? Para salvar aquele que a havia traído e ofendido, para contribuir, por pouco que fosse, a tirá-lo de apuros, causando uma boa impressão! Com efeito, a imagem do oficial, dando seus cinco mil rublos, tudo quanto lhe restava, e inclinando-se respeitosamente diante de uma moça inocente, aparecia como das mais simpáticas, mas… meu coração fechou! Senti a possibilidade de uma calúnia, posteriormente (e foi o que aconteceu!). Com uma ironia malévola, repetiu-se na cidade que a narrativa não era talvez totalmente exata, precisamente naquele ponto em que o oficial deixava partir a moça com apenas uma respeitosa saudação. Fez-se alusão a uma “lacuna”. “Se as coisas não se passaram mesmo assim — diziam as mais respeitáveis de nossas damas —, pode-se ainda fazer reservas a respeito da conduta da moça, mesmo para salvar seu pai.” Será que Katierina Ivânovna, com sua penetração mórbida, não pressentira tais falatórios? Decerto que sim, mas decidira tudo dizer! Naturalmente, essas dúvidas insultuosas a respeito da veracidade do relato só se manifestaram mais tarde. No primeiro momento todos ficaram emocionados. Quanto aos membros do tribunal, escutavam num silêncio respeitoso. O procurador não se

permitiu nenhuma pergunta sobre o assunto. Fietiukóvitch fez a Katierina uma profunda vênia. Oh! o triunfo era seu, quase. Que o mesmo homem tenha podido, num ímpeto de generosidade, dar seus derradeiros cinco mil rublos, e em seguida matar seu pai para roubar-lhe três mil, era coisa que não se aguentava de pé. Fietiukóvitch podia pelo menos afastar a acusação de roubo. O caso esclarecia-se a uma nova luz. A simpatia voltava-se a favor de Mítia. Uma ou duas vezes, durante o depoimento de Katierina Ivânovna, ele quis levantar, mas tornou a cair sobre o banco, cobrindo o rosto com as mãos. Quando ela acabou, ele exclamou, estendendo-lhe os braços.

— Kátia, por que causaste minha perda?

Desatou em soluços, mas se repôs depressa e gritou ainda:

— Agora, estou condenado!

Depois enrijeceu-se em seu lugar, com dentes cerrados, os braços cruzados sobre o peito. Katierina Ivânovna ficou na sala; estava pálida, de olhos baixos. Seus vizinhos contaram que ela tremia, como presa de febre. Foi a vez de Grúchenhka.

Vou abordar a catástrofe que causou talvez, com efeito, a perda de Mítia. Porque estou persuadido, e todos os juristas disseram-no depois, que, sem esse episódio, o criminoso teria obtido pelo menos as circunstâncias atenuantes. Mas trataremos disso dentro em pouco. Falemos primeiro de Grúchenhka.

Apareceu também toda de preto, com os ombros cobertos pelo seu magnífico xale. Avançou para a barra com seu andar silencioso, requebrando-se levemente, como fazem por vezes as mulheres corpulentas, com os olhos fixos no presidente. Na minha opinião, estava muito bem e nada pálida, como o pretenderam as damas mais tarde. Assegurou-se também que tinha o ar absorto e maldoso. Creio somente que estivesse irritada e sentisse pesar com intensidade sobre ela os olhares desprezadores e curiosos de nosso público, ávido de escândalo. Era uma dessas naturezas altivas, incapazes de suportar o desprezo que, desde que o suspeitam nos outros, as inflama de cólera e as impele à resistência. Havia também, seguramente, timidez e pudor dessa timidez, o que explica a desigualdade de sua linguagem,

ora encolerizada, ora desdenhosa e grosseira, na qual se sentia de súbito uma nota sincera, quando ela se acusava a si mesma. Por vezes, falava sem se importar com as consequências: “Tanto pior para o que acontecerá, vou falar mesmo assim…”. A propósito de suas relações com Fiódor Pávlovitch, observou num tom cortante: “Bagatelas, tudo isso; é culpa minha se ele se ligou a mim?”. Um instante depois, acrescentou: “Tudo isso é culpa minha, zombava do velho e de seu filho e levei-os aos extremos a ambos. Sou a causa desse drama”. Veio-se a falar de Samsónov: “Isto não diz respeito a ninguém — replicou ela com violência —, era meu benfeitor, foi ele quem me recolheu descalça, quando os meus me expulsaram da isbá”. O presidente lembrou-lhe que ela devia responder diretamente às perguntas, sem entrar em detalhes supérfluos. Grúchenhka corou, seus olhos cintilaram. Não vira o envelope dos três mil rublos e só sabia da existência pelo “celerado”. “Mas tudo isso são bobagens, por preço algum teria ido à casa de Fiódor Pávlovitch…”

— A quem trata a senhora de celerado? — perguntou o procurador.

— Ao lacaio Smierdiákov, que matou seu amo e enforcou-se ontem.

Apressaram-se em perguntar sobre que baseava uma acusação tão categórica, mas tampouco ela sabia de nada.

— Foi Dimitri Fiódorovitch quem me disse. Podem crer nele. Aquela pessoa perdeu-o, ela é a única causa de tudo — acrescentou Grúchenhka, toda trêmula, num tom em que transparecia o ódio.

Quiseram saber a quem fazia ela alusão.

— Ora, a essa senhorita, a essa Katierina Ivânovna. Chamara-me à sua casa, oferecera-me chocolate, na intenção de seduzir-me. Não tem um pingo de vergonha, palavra…

O presidente interrompeu-a, rogando-lhe que moderasse suas expressões. Mas, inflamada pelo ciúme, estava pronta a tudo afrontar…

— Por ocasião da detenção, em Mókroie — lembrou o procurador —, a senhora acorreu da peça vizinha, gritando: “Sou culpada de tudo, iremos juntos para o presídio!”. A senhora também então, naquele momento, acreditava que fosse ele parricida?

— Não me recordo de meus sentimentos de então — respondeu Grúchenhka. — Todo mundo o acusava, senti que era eu a culpada e que ele havia matado por minha causa. Mas desde que ele proclamou sua inocência, acreditei nele e acreditarei sempre, não é homem de mentiras.

Fietiukóvitch, que a interrogou em seguida, informou-se de Rakítin e dos vinte e cinco rublos “como recompensa por ter-lhe levado Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov”.

— Não há nada de espantar no fato de ter ele aceitado esse dinheiro — sorriu desdenhosamente Grúchenhka. — Vinha sempre pedinchar, recebendo até trinta rublos por mês e na maior parte das vezes para se divertir; tinha com que comer e beber, sem precisar de pedir dinheiro.

— Por qual razão era a senhora tão generosa para com o Senhor Rakítin? — continuou Fietiukóvitch, muito embora o presidente se agitasse.

— É meu primo. Minha mãe e a dele eram irmãs. Mas suplicava-me que eu não dissesse a ninguém, tanta era a vergonha que eu lhe causava.

Este fato novo foi uma revelação para todo mundo, ninguém suspeitava disso na cidade, nem mesmo no mosteiro. Rakítin, dizem, estava rubro de vergonha. Grúchenhka estava furiosa contra ele, pois soubera que havia deposto contra Mítia. A eloquência do Senhor Rakítin, suas nobres tiradas contra a servidão e a desordem cívica da Rússia ficaram assim arruinadas na opinião pública. Fietiukóvitch estava satisfeito, o céu vinha-lhe em auxílio. Aliás, não retiveram Grúchenhka muito tempo, pois nada podia comunicar de particular. Causou no público uma impressão das mais desfavoráveis. Centenas de olhares desdenhosos fixaram-na, quando após seu depoimento foi sentar-se bastante longe de Katierina Ivânovna. Enquanto a

interrogavam, Mítia mantivera-se em silêncio, como petrificado, de olhos baixos.

Ivan Fiódorovitch apresentou-se como testemunha.

### *V / Súbita catástrofe*

Fora chamado antes de Aliócha, mas o oficial de justiça informou ao presidente que uma indisposição súbita impedia a testemunha de comparecer e que logo que se refizesse viria depor. Não se deu aliás atenção a isso e sua chegada quase passou sem ser notada; as principais testemunhas, sobretudo as duas rivais, já tinham sido ouvidas, a curiosidade começava a cansar-se. Nada de novo a esperar dos derradeiros depoimentos, depois de tudo quanto lá tinha sido dito. O tempo passava. Ivan avançou com uma lentidão estranha, sem olhar para ninguém, a cabeça baixa, o ar absorto. Trajava corretamente, mas seu rosto, marcado pela doença, tinha qualquer coisa de terroso que lembrava o de moribundo. Ergueu os olhos, percorreu a sala com um olhar turvo. Aliócha levantou, lançou uma exclamação, mas não lhe prestaram atenção.

O presidente lembrou à testemunha que ele não havia prestado juramento, podendo, portanto, manter silêncio, mas devia depor de acordo com sua consciência, etc. Ivan escutava, com os olhos vagos. De repente, um sorriso desenhou-se no seu rosto e quando o presidente, que o olhava com espanto, acabou, ele desatou a rir.

— E depois, que mais? — perguntou em voz alta.

Silêncio absoluto na sala. O presidente ficou inquieto.

— O senhor… talvez esteja ainda indisposto? — perguntou, procurando com o olhar o oficial de justiça.

— Não se inquiete Excelência, sinto-me suficientemente bem e posso contar-vos algo de curioso — respondeu Ivan num tom calmo e deferente.

— Tem uma comunicação particular a fazer? — continuou o presidente com certa desconfiança.

Ivan Fiódorovitch baixou a cabeça e esperou durante alguns segundos antes de responder.

— Não… nada a dizer de particular.

Interrogado, deu a contragosto respostas lacônicas e, no entanto, bastante razoáveis, com uma repulsa crescente. Alegou sua ignorância a respeito de muitas coisas e nada sabia das contas de seu pai com Dimitri Fiódorovitch, “Não me ocupava com isso”, declarou. Ouvira as ameaças do acusado contra seu pai e sabia da existência do envelope por intermédio de Smierdiákov.

— Sempre a mesma coisa! — interrompeu-se de súbito, com um ar de cansaço. — Nada posso dizer ao tribunal.

— Vejo que o senhor ainda está doente e compreendo seus sentimentos… — começou o presidente.

Ia perguntar ao procurador e ao advogado se tinham perguntas a fazer, quando Ivan disse com voz extenuada:

— Permita que me retire, Excelência, não me sinto bem. — Depois do que, sem esperar a autorização, voltou-se e encaminhou-se para a saída. Mas depois de alguns passos parou, pareceu refletir, sorriu e voltou a seu lugar:

— Pareço-me, Excelência, com aquela jovem camponesa, o senhor sabe: “Se quiser, irei, se não quiser, não irei!”. Seguem-na para vesti-la e levá-la ao altar e ela repete aquelas palavras… Isto se encontra numa cena popular…

— Que entende o senhor com isso? — perguntou severamente o presidente.

— Aqui está — disse Ivan, exibindo um maço de cédulas —, aqui está o dinheiro… o mesmo que se achava naquele envelope (e designava as peças de convicção) e por causa do qual mataram meu pai. Onde devo depositá-lo? Senhor oficial de justiça, entregue-lhe.

O oficial de justiça pegou o maço de notas e entregou-o ao presidente.

— Como pode estar este dinheiro em seu poder… se é bem o mesmo? — perguntou o presidente surprêso.

— Recebi-o de Smierdiákov, do assassino, ontem… Fui à casa dele antes que se enforcasse. Foi ele quem matou meu pai, e não meu irmão. Matou e eu o incitei a isso… Quem não deseja a morte de seu pai?

— Está no seu juízo? — o presidente não pôde impedir-se de dizer.

— Mas sim, estou no meu juízo… um juízo vil como o vosso, como o de todos esses… focinhos! — Voltou-se para o público.

— Mataram seus pais e simulam o terror — disse ele com desprezo e rangendo os dentes. — Fazem caretas uns para os outros. Os mentirosos! Todos desejam a morte de seus pais. Um réptil devora o outro… Se não houvesse parricídio, ficariam zangados e iriam embora furiosos. É um espetáculo! *Panem et circenses!*[108] Aliás, também eu sou bonito! Têm água, deem-me de beber, em nome de Cristo! — Agarrou a cabeça. O oficial de justiça aproximou-se dele logo. Aliócha levantou-se, gritando: “Ele está doente, não acreditem nele, está com febre nervosa!”. Katierina Ivânovna tinha-se levantado precipitadamente e, imóvel de terror, contemplava Ivan Fiódorovitch. Mítia, com um sorriso careteante, escutava avidamente seu irmão.

— Tranquilizai-vos, não estou louco, sou apenas um assassino — continuou Ivan. — Não se pode exigir eloquência de um assassino — acrescentou, sorrindo.

O procurador, visivelmente agitado, inclinou-se para o presidente. Os jurados cochichavam. Fietiukóvitch aguçou os ouvidos. A sala aguardava, ansiosa. O presidente pareceu dominar-se.

— Testemunha, o senhor usa duma linguagem incompreensível e que não se pode tolerar aqui. Acalme-se e fale… se tem verdadeiramente alguma coisa a dizer. Por qual meio poderá confirmar tal confissão… se é que ela não resulta do delírio?

— O fato é que não tenho testemunhas. Aquele cão do

Smierdiákov não vos enviará lá do outro mundo o seu depoimento, … num envelope. Vós desejaríeis sempre envelopes. Basta um. Não tenho testemunhas… Exceto uma, talvez.

Sorriu com ar pensativo.

— Quem é sua testemunha?

— Tem uma cauda, Excelência, não está de conformidade com as regras! *Le diable n'existe point!* Não presteis atenção, é um diabinho sem importância — acrescentou ele confidencialmente, deixando de rir, — Deve estar em alguma parte aqui, debaixo da mesa das peças de convicção. Onde estaria ele, senão ali? Escutai-me: eu lhe disse: "não quero calar-me" e ele me fala de cataclisma geológico… besteiras! Ponde o monstro em liberdade… ele cantou seu hino porque tem o coração leve! A mesma coisa que se um canalha bêbedo berrasse: "Para Piter partiu Vanka". Eu, por dois segundos de alegria, daria um quatrilhão de quatrilhões. Vós não me conheceis! Oh! como tudo é estúpido entre vós! Pois bem! Prendei-me em lugar dele! Não vim aqui por coisa nenhuma… Por que tudo o que existe é tão estúpido?

E voltou a inspecionar lentamente a sala com ar meditativo, A emoção era geral. Aliócha ia correr para ele, mas o oficial de justiça já havia agarrado Ivan Fiódoroviteh pelo braço.

— Que é que há? — exclamou ele, fixando o oficial de justiça, mas de repente agarrou-o pelos ombros e derrubou-o. Os guardas acorreram, prenderam-no e ele se pôs a urrar como um louco furioso. Enquanto o levavam, gritava palavras incoerentes.

Foi um tumulto geral. Não me lembro de tudo em sua ordem, a emoção impedia-me de observar direito. Sei somente que uma vez estabelecida a calma, o oficial de justiça foi repreendido, se bem que explicasse às autoridades que a testemunha estava durante todo o tempo em estado normal, que o doutor o examinara por ocasião de sua ligeira indisposição, uma hora antes; até o momento de comparecer exprimia-se sensatamente, de modo que nada se podia prever, ele mesmo fazia questão de ser ouvido. Mas antes que a emoção se acalmasse, ocorreu nova cena. Katierina Ivânovna teve uma crise de nervos. Gemia e soluçava ruidosamente, sem querer retirar-se.

Debatia-se, suplicando que a deixassem na sala. De repente, gritou para o presidente:

— Tenho ainda alguma coisa a dizer, imediatamente… imediatamente!… Eis aqui um papel, uma carta… tomai-a, lede depressa! É a carta do monstro que ali está! — disse ela, apontando Mítia. — Foi ele quem matou seu pai, ides ver, escreveu-me dizendo como o mataria! O outro está doente, há três dias que está com febre nervosa!

O oficial de justiça pegou o papel e entregou-o ao presidente. Katierina Ivânovna tornou a cair sobre sua cadeira, ocultou seu rosto, pôs-se a soluçar silenciosamente, abafando seus menores gemidos, de medo que a fizessem sair. O papel em questão era a carta escrita por Mítia no botequim "A Capital", que Ivan considerava como uma prova categórica. Ai! foi justamente o efeito que ela produziu! Sem essa carta, não teria Mítia talvez sido condenado, pelo menos tão rigorosamente! Repito que foi difícil seguir todos os detalhes. Mesmo agora, tudo aquilo me aparece de um modo confuso. O presidente apresentou sem dúvida aquele novo documento às partes e ao júri. Ao perguntar a Katierina Ivânovna se já se restabelecera, respondeu ela vivamente:

— Estou pronta! Estou completamente em condições de responder-vos.

Temia ainda que não a ouvissem. Pediram-lhe que explicasse pormenorizadamente em que circunstâncias recebera aquela carta.

— Recebi-a na véspera do crime, vinha do botequim, escrita numa fatura, vede — gritou ela, ofegante. — Ele me odiava então, tendo tido a baixeza de seguir aquela criatura… e também porque me devia aqueles três mil rublos. Sua vilania e sua dívida causavam-lhe vergonha. Eis o que se passou. Suplico-vos que me ouçais. Três semanas antes de matar seu pai, chegou à minha casa uma manhã. Sabia que ele necessitava de dinheiro e sabia também para quê…, precisamente para seduzir aquela criatura e levá-la consigo. Conhecia sua traição, sua intenção de abandonar-me e entreguei-lhe eu mesma aquele dinheiro, sob pretexto de enviá-lo à minha irmã em Moscou.

Ao mesmo tempo, fitava-o bem no rosto e lhe disse que poderia enviá-lo quando quisesse, mesmo dentro de um mês. Como não compreendeu ele que isso significava: “Precisas de dinheiro para trair-me; aqui está: sou eu que o dou; toma-o, se tens coragem!”. Queria confundi-lo. Pois bem! Ele aceitou esse dinheiro, levou-o e gastou-o em uma noite com aquela criatura. No entanto, compreendera que eu sabia de tudo, garanto-vos, e que eu lhe dera unicamente para experimentá-lo, para ver se ele cometeria a infâmia de aceitá-lo. Nossos olhares se cruzavam, ele compreendeu tudo e partiu com meu dinheiro!

— É verdade, Kátia — exclamou Mítia. — Tinha compreendido tua intenção e, no entanto, aceitei teu dinheiro. Desprezai todos um miserável, eu o mereci!

— Acusado — disse o presidente —, ainda uma palavra e eu o farei sair da sala.

— Esse dinheiro atormentou-o — prosseguiu Kátia, precipitadamente —, queria devolver-me, mas precisava dele para aquela criatura. Eis por que matou seu pai, mas não me restituiu nada, partiu com ela para aquela aldeia onde o prenderam. Foi lá que de novo fez a farra, com o dinheiro roubado. Um dia, antes do crime, escreveu-me essa carta estando bêbedo — adivinhei logo —, sob o império da cólera e persuadido de que eu não a mostraria a ninguém, mesmo se ele cometesse assassínio. Senão, não a teria escrito. Sabia que eu não queria perdê-lo por vingança! Mas lede, lede com atenção, rogo-vos, vereis que ele descreve tudo de antemão: como matará seu pai, onde está escondido o dinheiro. Notai sobretudo esta frase: “Matarei contanto que Ivan tiver partido”. Por conseguinte, premeditou seu crime — insinuou perfidamente Katierina Ivânovna. Via-se que ela estudara cada detalhe daquela carta fatal. — Sóbrio, não me teria ele escrito, mas vede, essa carta constitui um programa!

Na sua exaltação, desdenhava as consequências possíveis, se bem que as tivesse encarado talvez um mês antes, quando perguntava a si mesma, trêmula de cólera: “Será preciso ler isto no tribunal?”. Agora, havia queimado seus navios. Foi então que o escrivão leu a carta que produziu uma impressão esmagadora. Perguntaram a Mítia se a

reconhecia.

— Sim, sim! e não a teria escrito, se não tivesse bebido?… Nós nos odiávamos por muitas causas, Kátia, mas juro-te que, apesar do meu ódio, eu te amava e tu não me amavas!

Recaiu sobre seu banco, torcendo as mãos.

O procurador e o defensor perguntaram, cada qual por sua vez, a Katierina Ivânovna por quais motivos havia ela a princípio dissimulado aquele documento e deposto num tom completamente diverso.

— Sim, menti ainda há pouco, contra minha honra e minha consciência, mas queria salvá-lo, precisamente porque ele me odiava e me desprezava. Oh! desprezava-me, sempre me desprezou, desde o instante em que lhe fiz aquela saudação até o chão por causa daquele dinheiro, Senti logo, mas fiquei muito tempo sem acreditar. Quantas vezes li em seus olhos: "Tu vieste, no entanto, tu mesma, à minha casa". Oh! ele nada tinha compreendido, não adivinhou por que eu fora, só pode pensar na baixeza! Julga todos os outros por si — disse com furor Kátia, no auge da exaltação. — Queria casar comigo somente por causa de minha herança, somente por isso, sempre suspeitei disso. É uma fera! Estava certo de que durante toda a minha vida eu tremeria de vergonha diante dele e que ele poderia desprezar-me e dominar-me, eis por que queria desposar-me! É a verdade! Tentei vencê-lo por um amor infinito, queria mesmo esquecer sua traição, mas ele nada compreendeu, nada, nada! Ele pode compreender alguma coisa? É um monstro! Não recebi essa carta senão no dia seguinte, à noite, trouxeram-ma do botequim, e de manhã estava ainda decidida a perdoar-lhe tudo, até mesmo sua traição!

O procurador e o presidente acalmaram-na do melhor modo possível. Estou certo de que eles próprios tinham talvez vergonha de aproveitar-se de sua exaltação para colher tais confissões. Ouviram-nos dizer: "Compreendemos seu sofrimento, acredite, somos capazes de compartilhar de seus sentimentos", etc., etc., e, no entanto, arrancavam aquele depoimento de uma mulher enlouquecida, presa duma crise de nervos. Enfim, com uma lucidez extraordinária, como

acontece frequentemente em semelhante caso, ela descreveu como se desarranjara, naqueles dois meses, a razão de Ivan Fiódorovitch, obsedado pela ideia de salvar “o monstro e o assassino”, seu irmão.

— Ele se atormentava — exclamou ela —, queria atenuar a falta, confessando-me que ele próprio não gostava de seu pai e tinha talvez desejado sua morte. Oh! É uma consciência de elite, eis as causas de seus sofrimentos! Não tinha segredos para mim; ia ver-me todos os dias como meu único amigo. “Tenho a honra de ser sua única amiga!” — disse ela, num tom da desafio, com os olhos brilhantes. — Ele foi duas vezes à casa de Smierdiákov. Um dia, veio dizer-me: “Se não foi meu irmão quem matou, se foi Smierdiákov (porque divulgou-se essa lenda) talvez seja eu também culpado, porque Smierdiákov sabia que eu não gostava de meu pai e pensava talvez que eu desejasse sua morte. Foi então que lhe mostrei essa carta. Ficou definitivamente convencido da culpabilidade de seu irmão. Estava aterrorizado. Não podia suportar a ideia de que seu próprio irmão fosse um parricida! Há uma semana que isso o torna doente. Nestes últimos dias, delirava, verifiquei que sua razão se perturbava. Ouviram-no andar falando sozinho pelas ruas. O médico que mandei buscar em Moscou examinou-o anteontem e disse-me que a febre nervosa ia-se declarar, e tudo isso por causa do monstro! Ontem, soube da morte de Smierdiákov e isto foi para ele o derradeiro golpe. Tudo isso por causa desse monstro e a fim de salvá-lo!

Certamente, não se pode falar assim e fazer tais confissões senão uma vez na vida, nos seus derradeiros momentos, por exemplo, ao subir-se no cadafalso. Mas isto convinha precisamente ao caráter de Kátia. Era bem a mesma moça impetuosa que havia corrido à casa de um jovem libertino para salvar seu pai; a mesma que, havia pouco, altiva e casta, sacrificara publicamente seu pudor virginal contando “a nobre ação de Mítia”, com o único objetivo de amenizar a sorte que o esperava, E agora se sacrificava igualmente, mas por um outro, tendo talvez, naquele instante, somente, sentido pela primeira vez quanto aquele outro lhe era querido. Sacrificava-se por ele no seu terror, imaginando de súbito que ele se perdia com o seu depoimento, que havia matado em lugar do irmão, sacrificava-se a fim de salvá-lo, a ele e à sua reputação. Uma questão angustiante surgia: tinha ela

caluniado Mítia a respeito de suas antigas relações? Não, não mentia cientemente, gritando que Mítia a desprezava por causa daquela saudação até o chão! Acreditava nisso, estava profundamente convencida, desde aquela saudação talvez, de que o ingênuo Mítia, que a adorava ainda naquele momento, zombava dela e a desprezava. E apenas por orgulho, deixara-se dominar por um amor extremado por ele, por orgulho ferido, e esse amor assemelhava-se a uma vingança. Talvez aquele amor extremado se tivesse tornado um amor verdadeiro, talvez Kátia não quisesse outra coisa melhor, mas Mítia havia-a ofendido até o fundo de sua alma com a sua traição e aquela alma não perdoava. A hora da vingança soara bruscamente, e todo o rancor doloroso, acumulado no coração da mulher ofendida, exalara-se dum só jacto. Entregando Mítia, entregava-se ela própria. Assim que ela terminou, seus nervos a traíram, a vergonha invadiu-a. Sofreu nova crise de nervos, foi preciso carregá-la para fora. Naquele momento, Grúchenhka correu gritando para Mítia, tão rapidamente que não houve tempo para detê-la.

— Mítia, aquela víbora te perdeu! Vós a vistes em ação! — acrescentou, fremente, dirigindo-se aos jurados. A um sinal do presidente, agarraram-na e levaram-na para fora. Ela se debatia, estendendo os braços para Mítia. este lançou um grito e quis correr-lhe ao encontro. Subjugaram-no não sem dificuldade.

Penso que as espectadoras ficaram satisfeitas, o espetáculo valia a pena. O médico de Moscou, que o presidente mandara chamar para cuidar de Ivan, veio fazer seu relatório. Declarou que o doente atravessava uma crise das mais perigosas, que deveriam levá-lo dali imediatamente. Na antevéspera, o paciente fora consultá-lo, mas recusara tratar-se, malgrado a gravidade de seu estado. “Confessou-me que tinha alucinações, encontrava mortos na rua, e que Satã lhe fazia visitas todas as noites”, concluiu o famoso doutor. A carta de Katierina Ivânovna foi ajuntada às provas documentárias. Tendo o tribunal deliberado, decidiu prosseguir os debates e mencionar nos autos os depoimentos inesperados de Katierina Ivânovna e de Ivan Fiódorovitch.

Os depoimentos das últimas testemunhas só fizeram confirmar os precedentes, mas com certos detalhes característicos. Aliás, a

acusação, à qual chegamos, resume-os todos. Os derradeiros incidentes haviam superexcitado os espíritos, esperavam-se com uma impaciência febril os discursos e o veredicto. Fietiukóvitch estava aterrorizado com as revelações de Katierina Ivânovna. Em compensação, o procurador triunfava. Houve suspensão da audiência por uma hora. Às oito horas da noite em ponto, creio, o procurador começou sua acusação.

### *VI / A acusação — caracterização*

Ipolit Kirílovitch tomou a palavra com um tremor nervoso, a fronte e as têmporas banhadas dum suor frio, o corpo percorrido por arrepios, como o contou depois. Olhava aquele discurso como seu *chef-d'oeuvre*,[109] seu canto de cisne, e morreu tuberculoso nove meses mais tarde, justificando assim essa comparação. Pôs nele todo o seu coração e toda a inteligência de que era capaz, revelando um senso cívico inesperado e interesse pelas questões ardentes. Seduziu sobretudo pela sinceridade; acreditava sinceramente na culpabilidade do acusado e acusava não só por dever, em virtude de suas funções, mas animado do desejo de salvar a sociedade. Até mesmo as damas, hostis no entanto a Ipolit Kirílovitch, convieram na viva impressão que ele produzira. Começou com uma voz irregular, que em breve se firmou e ressoou na sala inteira, até o fim. Mas apenas acabara sua acusação esteve a ponto de desmaiar.

"Senhores jurados, este caso teve repercussão na Rússia inteira. No fundo, por que admirar-se disso? Estamos habituados a todas essas coisas! Por desgraças esses casos sinistros quase não nos emocionam mais. É nossa apatia que deve causar horror e não o crime de tal ou qual indivíduo. Por que essa indiferença, donde vem que reajamos tão fracamente diante dos fenômenos que nos pressagiam um futuro sombrio? Será preciso atribuir isso ao cinismo, ao esgotamento precoce da razão e da imaginação de nossa sociedade, tão jovem ainda, mas já débil? À subversão de nossos princípios morais ou à ausência total desses princípios? Deixo em suspenso estas perguntas, que nem por isso são menos angustiantes e solicitam a atenção de cada cidadão. Nossa imprensa, no começo tão tímida ainda, prestou no entanto alguns serviços à sociedade, porque, sem ela, não conheceríamos a licença desenfreada e a desmoralização que revela

sem cessar a todos, e não apenas aos frequentadores das audiências que se tornaram públicas sob o novo reinado. E que lemos nos jornais? Oh! atrocidades, diante das quais o processo atual empalidece e parece quase sem importância. A maior parte de nossas causas criminais atesta uma espécie de perversidade geral, que entrou em nossos costumes e é difícil de combater como flagelo social. Aqui, é um jovem e brilhante oficial da alta classe que assassina sem remorso um modesto funcionário, a quem devia dinheiro e sua criada, a fim de reapossar-se de uma promissória e rouba o dinheiro: 'Isto servirá para meus prazeres'. Realizado o seu crime, retira-se, depois de ter posto um travesseiro sob a cabeça das vítimas. Em outra parte, um jovem herói, condecorado pela sua bravura, estrangula como um salteador, na grande estrada, a mãe de seu chefe, e, para persuadir seus cúmplices, assegura-lhes que 'aquela mulher ama-o como a um filho, confia nele e, por conseguinte, não tomará precauções'. São monstros, mas em nossa época não ouso dizer que estejamos diante apenas de casos isolados. Outro, sem chegar até o crime, pensa da mesma maneira e é tão infame quanto o outro, mas em seu foro íntimo. A sós com sua consciência, pergunta a si mesmo talvez: 'Não será a honra um preconceito?'. Vão dizer que calunio nossa sociedade, que estou fora de meu juízo, que exagero. Pois seja, nada de melhor exigiria senão que me enganasse a este respeito.

Não me acrediteis, considerai-me como um doente, mas lembrai-vos de minhas palavras; mesmo que eu não diga senão a vigésima parte da verdade, é de fazer fremir! Olhai quantos suicídios ocorrem entre os jovens! E eles se matam sem perguntar a si mesmos, como Hamlet, o que haveria 'em seguida', a questão da imortalidade da alma, da vida futura não existe para eles. Vede nossa corrupção, nossos devassos: ao lado deles Fiódor Pávlovitch, a desgraçada vítima deste processo, parece uma criança inocente. Ora, nós todos o conhecemos, vivia entre nós… Sim, a psicologia do crime, na Rússia, será talvez estudada um dia por espíritos eminentes, entre nós e na Europa, porque o assunto vale a pena. Mas esse estudo virá depois, com vagar, quando a incoerência trágica da hora atual, não sendo mais que uma recordação, poderá ser analisada mais imparcialmente do que eu sou capaz de fazer. No momento, nós nos atemorizamos ou fingimos atemorizar-nos, embora saboreando esse espetáculo, como

amadores de sensações fortes, que sacodem nossa cínica ociosidade, ou, como as crianças, escondemos a cabeça sob o travesseiro à vista desses fantasmas que passam, para esquecê-los em seguida na alegria e nos prazeres. Mas um dia ou outro será preciso refletir, fazer nosso exame de consciência, dar-nos conta de nosso estado social. Um grande escritor do período precedente, no final de uma de suas obras-primas, comparando a Rússia a uma fogosa tróica, que galopa para um fim desconhecido, exclama: 'Ah! tróica, ligeira como um pássaro, quem pois te inventou?', e, num ímpeto de entusiasmo, acrescenta que, diante dessa tróica em disparada, todos os povos se afastam respeitosamente.[110] Seja assim, senhores, bem o quero, mas, na minha humilde opinião, o genial artista concluiu assim num acesso de entusiasmo ingênuo, ou talvez temesse a censura da época. Porque, atrelando apenas seus heróis à sua tróica, os Sobakiévitch,[111] os Nosdriov, os Tchítchikov, qualquer que seja o cocheiro, iria-se Deus sabe aonde com tais corcéis! Ora, são os corcéis de outrora, bem inferiores aos nossos, temos melhores…"

Aqui, o discurso de Ipolit Kirílovitch foi interrompido por aplausos. O liberalismo do símbolo da tróica russa agradou. Na verdade, os aplausos foram raros, de sorte que o presidente não achou mesmo necessário ameaçar o público de "mandar evacuar" a sala. No entanto, Ipolit Kirílovitch sentiu-se reconfortado: nunca o haviam aplaudido! Tinham recusado escutá-lo durante tantos anos e de repente podia fazer-se ouvir por toda a Rússia!

"Quem é, pois, essa família Karamázov, que adquiriu de súbito tão triste celebridade? Talvez exagere, mas parece-me que ela resume certos traços fundamentais de nossa sociedade contemporânea, em estado microscópico, 'como uma gota d'água resume o sol'. Vede aquele velho debochado, aquele pai de família que acabou tão tristemente. De raça nobre, tendo estreado na vida como mesquinho parasita, um casamento imprevisto proporciona-lhe um pequeno capital; a princípio vulgar velhaco e palhaço obsequioso, é antes de tudo um usurário. Com o tempo, à medida que enriquece, vai tomando asas. A humildade, a bajulação desaparecem, resta apenas um cínico mau e zombador, um debochado. Nenhum senso moral, uma sede de viver inextinguível. De parte os prazeres sensuais, nada

existe, eis o que ele ensina a seus filhos. Na qualidade de pai, não reconhece nenhuma obrigação moral, zomba dela, deixa seus filhos ainda meninos nas mãos dos criados e regozija-se quando os levam. Esquece-se mesmo deles totalmente. Toda a sua moral se resume nesta frase: '*Après moi le déluge!*'[112] É o contrário de um cidadão, destaca-se completamente da sociedade: 'Pereça o mundo, contanto que eu me ache bem, eu só'. E acha-se bem, sente-se completamente contente, quer levar aquela vida ainda vinte ou trinta anos. Engana seu filho e com o dinheiro dele, herança de sua mãe que se recusa a entregar-lhe, procura tomar-lhe a amante. Não, não quero abandonar a defesa do acusado ao eminente advogado vindo de Petersburgo. Eu também direi a verdade, eu também compreendo a indignação acumulada no coração desse filho. Mas basta a respeito desse desgraçado velho: recebeu sua recompensa. Lembremos, no entanto, que era um pai e um pai moderno. Será caluniar a sociedade dizer que há nela muitos como ele? Ai! a maior parte dentre eles não se exprime com tanto cinismo porque são mais bem-educados, mais instruídos, porém no fundo têm a mesma filosofia. Admitamos que eu seja pessimista. Está entendido que me perdoareis. Não me acrediteis, mas deixai que me explique, havereis de lembrar-vos, contudo, de algumas de minhas palavras. Vejamos os filhos desse homem. Um está diante de vós, no banco dos réus; serei breve a respeito dos outros. O mais velho destes é um desses rapazes modernos, brilhante pela sua instrução e pela sua inteligência, que não crê em nada no entanto e já renegou muitas coisas, como seu pai. Todos nós o ouvimos, era recebido cordialmente em nossa sociedade. Não ocultava suas opiniões, muito pelo contrário, o que me encoraja a falar agora dele com alguma franqueza, não a título pessoal, mas apenas como membro da família Karamázov. Ontem, suicidou-se aqui, na extremidade da cidade, um desgraçado, idiota, implicado estreitamente neste processo, antigo criado e talvez filho natural de Fiódor Pávlovitch, Smierdiákov. Contou-me, lamuriando, no inquérito, como esse jovem Karamázov, Ivan Fiódorovitch, o amedrontara com seu niilismo moral: 'Tudo, segundo ele, é permitido, e nada doravante deve ser proibido. Eis o que ele me ensinava'. Essa doutrina deve ter acabado de desarranjar o espírito do idiota, se bem que certamente sua doença e o terrível drama ocorrido na casa lhe tenham também perturbado o cérebro. Mas esse idiota é o autor duma observação que teria feito honra a um observador mais

inteligente, eis por que falei dele. ‘Se há — disse-me ele — um dos filhos de Fiódor Pávlovilch que mais se parece com ele pelo caráter, é Ivan Fiódorovitch!’ A respeito dessa observação, que considero característica, não quero insistir mais, pois acho indelicado seguir por esse caminho. Oh! não quero tirar conclusões e prognosticar unicamente a ruína para esse jovem destino. Vimos hoje que a verdade é ainda poderosa no seu jovem coração, que os sentimentos familiares não estão ainda sufocados nele pela irreligião e pelo cinismo das ideias, inspirados ainda mais pela hereditariedade do que pelo verdadeiro sofrimento moral. O mais moço, ainda adolescente, é piedoso e modesto; ao inverso da doutrina sombria e dissolvente de seu irmão, aproxima-se dos ‘princípios populistas’, ou do que assim se chama em certos meios intelectuais. Ligou-se ao mosteiro, esteve mesmo quase a ponto de tomar o hábito. Encarna, parece-me, inconscientemente, o fatal desespero que leva uma multidão de pessoas em nossa desgraçada sociedade — por temor do cinismo corruptor e porque atribuem falsamente todos os nossos males à cultura ocidental — a voltar, como dizem, ao solo natal, a lançar-se, por assim dizer, nos braços da terra natal, como crianças aterrorizadas pelos fantasmas se refugiam sobre o seio esgotado de sua mãe, para dormir tranquilamente e escapar às visões que os amedrontavam. Quanto a mim, formulo os melhores votos para esse adolescente tão bem dotado, desejo que seus nobres sentimentos e suas aspirações pelos princípios populistas não degenerem posteriormente, como ocorre com frequência, num sombrio misticismo do ponto de vista moral, e num estúpido chauvinismo do ponto de vista cívico, dois ideais que ameaçam a nação de males ainda mais graves, talvez, do que a perversão precoce proveniente da cultura ocidental mal compreendida e adquirida em vão, tal como a de que sofre seu irmão.”

As alusões ao chauvinismo e ao misticismo receberam alguns aplausos. Sem dúvida, deixara-se Ipolit Kirílovitch arrebatar e tudo isso não quadraria com o processo, sem contar que era pouco claro, mas aquele tuberculoso avinagrado tinha muita vontade de fazer-se ouvir, pelo menos uma vez na vida. Contou-se mais tarde que, na caracterização de Ivan Fiódorovitch, obedecera a um sentimento pouco delicado: batido uma ou duas vezes por ele em discussões em público, queria agora vingar-se. Ignoro se se podia concluir assim.

Aliás, tudo isso não era senão uma introdução antes de abordar diretamente o caso.

"O terceiro filho dessa família moderna está no banco dos réus. Sua vida e suas façanhas se desenrolam diante de nós, chegou a hora em que tudo se exibe à luz meridiana. Ao contrário de seus irmãos, dos quais um é um 'ocidental', o outro um 'populista', representa a Rússia natural, não toda, Deus nos livre! E no entanto ei-la, a nossa querida Rússia, sente-se, ouve-se nele, a *mátuchka*. Há em nós uma estranha liga de bem e de mal, amamos Schiller e a civilização, ao mesmo tempo fazemos barulho nos botequins e arrastamos pela barba nossos companheiros de embriaguez. Acontece-nos ser excelentes, mas só quando tudo nos vai bem. Nós nos entusiasmamos pelos mais nobres ideais, com a condição de alcançá-los sem esforço e sem que isso nos custe alguma coisa. Não gostamos de pagar, mas gostamos muito de receber. Fazei-nos a vida feliz, dai-nos todos os bens possíveis e vereis como somos gentis. Não somos ávidos, decerto, mas dai-nos o máximo de dinheiro possível e vereis com que desprezo pelo vil metal nós o dissiparemos em uma noite de orgia. E se nos recusam o dinheiro, mostraremos como sabemos arranjá-lo, se preciso. Mas procedamos com ordem. Vemos em primeiro lugar o pobre menino abandonado 'descalço no quintal', segundo a expressão de nosso respeitável concidadão, de origem alemã. Ai! Repito, não abandono a ninguém a defesa do acusado. Sou acusador e defensor. Somos também seres humanos, capazes de apreciar a influência das primeiras impressões de infância sobre o caráter. Mas o menino torna-se um rapaz, ei-lo oficial; suas violências e uma provocação a duelo obrigam-no a exilar-se para uma cidade fronteiriça. Naturalmente, farreia, leva vida a rédeas soltas. Temos sobretudo necessidade de dinheiro e, após longas discussões, transige com seu pai em troca de seis mil rublos que lhe são enviados. Notai: assinou um papel; existe uma carta dele em que renuncia quase ao resto e termina, por esta soma, a questão por causa da herança. Foi então que travou conhecimento com uma moça culta, de nobre caráter. Não entrarei em detalhes, vós acabais de ouvi-los: trata-se de honra e de abnegação, e eu me calo. A imagem do rapaz frívolo e corrupto, mas inclinando-se diante da verdadeira nobreza, diante de uma ideia superior, nos pareceu das mais simpáticas. Mas em seguida, nesta mesma sala, mostraram-nos o

reverso da medalha, Não ouso tampouco lançar-me em conjeturas e abstenho-me de analisar as causas. Nem por isto deixam essas causas de existir. Essa mesma pessoa, com as lágrimas de uma indignação muito tempo contida, declara-nos que foi ele o primeiro a desprezá-la pelo seu ímpeto imprudente, impetuoso, talvez, porém nobre e generoso. O noivo dessa jovem teve um sorriso zombador que dele somente ela não podia suportar. Sabendo que a havia traído (porque ele pensava poder permitir-se tudo no futuro, até mesmo a traição), sabendo disto, ela lhe entrega três mil rublos, dando-lhe a entender claramente que adivinha suas intenções: 'Pois bem! vais recebê-los, sim ou não, terás a coragem?', diz-lhe seu olhar penetrante. Ele a olha, compreende-lhe perfeitamente o pensamento (ele mesmo o confessou perante vós), depois apropria-se desses três mil rublos e gasta-os em dois dias com seu novo amor. Em que acreditar? Na primeira lenda, no nobre sacrifício de seus derradeiros recursos e na homenagem à virtude, ou no reverso da medalha, na baixeza dessa conduta? Nos casos comuns, convém procurar a verdade entre os extremos; não é o caso aqui. Muito provavelmente, ele se mostrou tão nobre da primeira vez como vil da segunda. Por quê? Porque somos uma 'natureza ampla', um Karamázov — eis aonde quero chegar — capaz de reunir todos os contrastes e de contemplar ao mesmo tempo dois abismos, o do alto, o abismo dos sublimes ideais, e o de baixo, o abismo da mais ignóbil degradação. Lembrai-vos da brilhante ideia formulada ainda há pouco pelo Senhor Rakítin, o jovem observador, que estudou de perto toda a família Karamázov: 'A consciência da degradação é tão indispensável a essas naturezas desenfreadas quanto a consciência da nobreza moral', e é verdade; essa mistura antinatural lhes é constantemente necessária. Dois abismos, senhores, dois abismos simultaneamente, senão não estamos satisfeitos, falta alguma coisa à nossa existência. Somos amplos, amplos, como nossa mãe a Rússia, tudo admitimos e a tudo nos acomodamos. A propósito, senhores jurados, acabamos de falar desses três mil rublos e me permito antecipar um pouco. Imaginai que com esse caráter, tendo recebido esse dinheiro ao preço duma tal vergonha, da derradeira humilhação, imaginai que no mesmo dia tenha podido separar a metade, costurá-la num amuleto e ter em seguida a constância de andar com ela um mês inteiro sobre seu peito, malgrado a falta de recursos e as tentações? Nem por ocasião de suas orgias nos botequins, nem quando lhe foi

preciso deixar a cidade para arranjar em casa de sabe Deus quem o dinheiro necessário, a fim de subtrair sua bem-amada às seduções de seu pai, de seu rival, ousa tocar naquele amuleto. Não fosse senão para não deixar sua amiga exposta às intrigas do velho de que se mostrava tão ciumento, deveria ter desfeito seu amuleto e montado guarda em torno dela, aguardando o momento em que ela lhe diria: 'Sou tua', para levá-la para longe daquele meio fatal. Mas não, não recorreu ao seu talismã, e sob qual pretexto? O primeiro pretexto, dissemo-lo, era que necessitava de dinheiro, no caso de querer sua amiga partir com ele. Mas esse primeiro pretexto, segundo as próprias palavras do acusado, deu lugar a um outro. Enquanto, diz ele, carregar comigo este dinheiro, 'sou um miserável, mas não um ladrão', porque sempre posso ir encontrar minha noiva e, apresentando-lhe a metade da soma de que fraudulentamente me apropriei, dizer-lhe: 'Vês, gastei a metade de teu dinheiro e provei que sou um homem fraco e sem consciência e, se queres, um miserável (emprego os termos do acusado), mas não um ladrão, porque então não te teria trazido esta metade, teria me apropriado dela como da primeira'. Singular explicação! Esse arrebatado sem caráter, que não pôde resistir à tentação de aceitar três mil rublos em condições tão vergonhosas, dá prova de súbito de uma firmeza estóica e anda com mil rublos no pescoço sem ousar neles tocar! Quadra-se isto com o caráter que analisamos? Não e permito-me contar-vos como o verdadeiro Dimítri Fiódorovitch teria procedido, se estivesse verdadeiramente decidido a costurar seu dinheiro num amuleto. À primeira tentação, fosse apenas para causar prazer à sua bem-amada, com a qual já havia despendido a metade do dinheiro, teria descosido o amuleto e retirado, digamos, cem rublos para a primeira vez, porque de que serve restituir absolutamente a metade, quando mil e quatrocentos rublos são suficientes? Dá na mesma: "Sou um miserável e não um ladrão, porque restituirei mil e quatrocentos rublos; um ladrão teria guardado tudo". Algum tempo depois, teria de novo retirado uma cédula, depois uma terceira, e assim por diante, até a penúltima, no fim do mês: 'Um miserável, não um ladrão. Gastei vinte e nove cédulas, restituirei a trigésima, um ladrão não agiria assim'. Mas essa penúltima cédula desapareceu por sua vez e teria ele olhado a derradeira dizendo a si mesmo: 'Não vale mais a pena, gastemos esta como as outras!'. Eis como teria procedido o verdadeiro Dimítri Karamázov, tal como o

conhecemos! Quanto à lenda do amuleto, está em contradição absoluta com a realidade. Pode-se supor tudo, menos isso. Mas voltaremos a isso.”

Depois de ter exposto ordenadamente tudo quanto o inquérito conhecia das discusões de interesses e relações entre pai e filho, concluindo de novo que era totalmente impossível estabelecer, a respeito da divisão da herança, a qual havia prejudicado o outro, Ipolit Kirílovitch, a propósito daqueles três mil rublos que se tornaram uma ideia fixa no espírito de Mítia, trouxe à baila a perícia médica.

### *VII / Bosquejo histórico*

“A perícia médica quis provar-nos que o acusado não está em seu juízo cabal e é maníaco. Sustento que está no uso de sua razão; mas isto é o pior de tudo: se não estivesse com todo o seu juízo, talvez se tivesse mostrado mais inteligente. Eu reconheceria de boa-vontade sua mania, mas num ponto somente, assinalado pela perícia, a maneira de ver o acusado a respeito desses três mil rublos de que seu pai o havia fraudado. Não obstante, pode-se encontrar um ponto de vista bem mais direto que a propensão do acusado à loucura para explicar sua exasperação constante a propósito desse dinheiro. Quanto a mim, partilho inteiramente da opinião do jovem médico que acha que o acusado goza e gozava de todas as suas faculdades e estava apenas exasperado e irritado. Eis o que importa: não eram aqueles três mil rublos que constituíam o objeto da exaltação constante do acusado mas bem outra causa que excitava sua cólera. Essa causa era o ciúme!”

Aqui, Ipolit Kirílovitch estendeu-se a respeito da fatal paixão do acusado por Grúchenhka. Começou pelo momento em que o acusado se dirigira à casa da “jovem pessoa” para “bater nela”, de acordo com a expressão dele; mas em lugar disso, ficou a seus pés e foi o começo desse amor. “Ao mesmo tempo, essa pessoa é notada pelo pai do réu — coincidência fatal e surpreendente — porque aqueles dois corações inflamaram-se ao mesmo tempo com uma paixão desenfreada, como verdadeiros Karamázovi, se bem que conhecessem desde antes a jovem mulher. Possuímos a própria confissão dela: ‘Zombava — diz ela — de um e do outro’. Sim, essa intenção veio-lhe de repente ao espírito, e finalmente os dois ficaram enfeitiçados por ela. O velho,

que adorava o dinheiro, preparou três mil rublos, somente para que ela fosse à casa dele, e em breve chegou a estimar-se feliz se ela consentisse em casar-se com ele. Temos testemunhos formais a este respeito. Quanto ao réu, conhecemos a tragédia que viveu. Mas tal era o 'jogo' da jovem pessoa. Essa sereia não deu nenhuma esperança ao desgraçado, senão no derradeiro momento, quando, de joelhos diante dela, estendia-lhe os braços. 'Enviai-me para o presídio com ele, fui eu que o impeli, sou a culpada!', gritava ela com um sincero arrependimento por ocasião da detenção. O Senhor Rakítin, o talentoso jovem que já citei e que empreendeu descrever este caso, definiu em algumas frases concisas o caráter da heroína: 'Um desencanto precoce, a traição e o abandono do noivo que a seduzira, depois a pobreza, a maldição duma honesta família, por fim a proteção dum velho rico que, aliás, ela encara ainda agora como seu benfeitor. Naquele jovem coração, talvez inclinado ao bem, a cólera amontoou-se. Tornou-se calculista, amante da acumulação de dinheiro; zomba da sociedade e tem-lhe rancor'. Isto explica o ter podido ela zombar de um e de outro, por pura maldade. Durante esse mês em que o réu ama sem esperança, degradado pela sua traição e pela sua desonestidade, está além disso enlouquecido, exasperado por um ciúme incessante de seu pai. E, para cúmulo, o velho insensato esforça-se por seduzir o objeto de sua paixão por meio daqueles três mil rublos que seu filho lhe reclama como a herança de sua mãe. Sim, convenho que era duro de suportar! Havia motivo para ficar maníaco. E não era o dinheiro que importava, mas o cinismo repugnante que conspirava contra a sua felicidade, com aquele mesmo dinheiro!"

Em seguida, Ipolit Kirílovitch abordou a gênese do crime no espírito do réu, baseando-se nos fatos.

"Em primeiro lugar, limitamo-nos a vociferar nos botequins durante todo aquele mês. Dizemos voluntariamente tudo quanto nos passa pela cabeça, até mesmo as ideias mais perigosas. Somos expansivos, mas, não se sabe por que, exigimos que nossos ouvintes nos testemunhem inteira simpatia, tomem parte em nossos desgostos, façam coro, não nos estorvem em nada. Senão, ai deles! (Seguia-se o caso do Capitão Snieguiriov.) Os que viram e ouviram o acusado durante esse mês tiveram finalmente a impressão de que ele não se

ateria a simples ameaças contra seu pai e que, na sua exasperação, era capaz de levá-las a efeito. (Aqui o procurador descreveu a reunião de família no mosteiro, as conversações com Aliócha e a cena escandalosa em casa de Fiódor Pávlovitch, em que o réu havia irrompido na sala depois do jantar.) — Não estou certo — prosseguiu Ipolit Kirílovitch — de que, antes dessa cena, tivesse já o réu resolvido suprimir seu pai. Mas esta ideia lhe viera já, encarava-a, os fatos, as testemunhas e sua própria confissão o provam. Confesso, senhores jurados, que até hoje hesitava em crer na premeditação completa. Estava persuadido de que ele havia encarado por várias vezes aquele momento fatal, mas sem precisar a data e as circunstâncias da execução. Minha hesitação cessou em presença desse documento esmagador, apresentado hoje ao tribunal pela Senhorita Vierkhóvtseva. Vós ouvistes, senhores, sua exclamação: 'É o plano, o programa do assassinato!'. Eis como ela definiu aquela desgraçada carta de bêbedo. Com efeito, essa carta estabelece a premeditação. Foi escrita dois dias antes do crime, e sabemos que naquele momento, antes da realização de seu horrendo projeto, jurava o réu que se não encontrasse quem lhe emprestasse o dinheiro no dia seguinte, mataria seu pai para tomar o dinheiro que estava embaixo do travesseiro, 'num envelope amarrado com uma fita cor-de-rosa, assim que Ivan partir'. Estais ouvindo? 'Assim que Ivan partir…' Por conseguinte, tudo está combinado, as circunstâncias são previstas, e tudo se passou como ele o escrevera. A premeditação não tem dúvida alguma, o crime tinha o roubo como móvel, está escrito e assinado. O acusado não renega sua assinatura. Poderão dizer: é a carta de um bêbedo. Mas isto não atenua nada, pelo contrário; escreveu, estando bêbedo, o que havia combinado em estado lúcido. Senão, evitaria escrever. Mas, talvez objetem, por que gritou seu projeto nos botequins? Quem premedita tal ato cala-se e mantém seu segredo. É verdade, mas então ele tinha apenas veleidades, sua intenção amadurecia. Posteriormente, mostrou-se mais reservado a esse respeito. Na noite em que escreveu aquela carta, depois de ter-se embriagado no botequim "A Capital", ficou excepcionalmente silencioso, manteve-se à parte sem jogar bilhar, limitando-se a maltratar um caixeiro de armazém, mas inconscientemente, incapaz de renunciar a discutir, de acordo com seu hábito. Decerto, uma vez resolvido a agir, devia o réu recear ter-se gabado por demais em público de suas intenções, e que isso pudesse

servir de prova contra ele, quando executasse seu plano. Mas que fazer? Não podia recolher suas palavras e esperava safar-se ainda dessa vez. Fiamo-nos em nossa estrela! Senhores! Deve-se reconhecer que ele fez grandes esforços antes de chegar a esse ponto e para evitar um desenlace sangrento: 'Pedirei amanhã dinheiro a todo mundo — escreve ele na sua linguagem original — e se recusarem, o sangue correrá'. De novo, vemo-lo agir em estado lúcido, como tinha escrito quando estava ébrio!"

Aqui, Ipolit Kirílovitch descreveu pormenorizadamente as tentativas de Mítia para arranjar dinheiro, para evitar o crime. Relatou suas gestões junto a Samsónov, sua visita a Liágavi. "Fatigado, mistificado, faminto, tendo vendido seu relógio para pagar a viagem (embora levando consigo mil e quinhentos rublos, com efeito!), atormentado pelo ciúme por causa de sua bem-amada que deixou na cidade, suspeitando de que na sua ausência ela pudesse ir encontrar-se com Fiódor Pávlovitch, regressa afinal, Deus seja louvado! Ela não esteve lá. Ele próprio a acompanha à casa de seu protetor Samsónov. (Coisa estranha, não temos ciúme de Samsónov, e este é um detalhe característico!) Corre a seu posto de observação 'no quintal' e ali sabe que Smierdiákov teve uma crise, que o outro criado está doente; o campo está livre, os 'sinais' estão em suas mãos, que tentação! Não obstante, resiste; vai à casa de uma pessoa por todos respeitada, a Senhora Khokhlakova. Esta senhora, que se compadeceu desde muito tempo da sorte dele, dá-lhe o mais sábio dos conselhos: renunciar à farra, àquele amor escandaloso, àquelas excursões pelos botequins, em que se gastava sua jovem energia, e partir para as minas de ouro, na Sibéria: 'Lá está o derivativo para as forças que refervem no senhor, para seu caráter romanesco, ávido de aventuras'. Depois de ter descrito o desenlace do encontro e o momento em que o réu soube de repente que Grúchenhka não ficou em casa de Samsónov, bem como o furor do infeliz ciumento, à ideia de que ela o enganava e se encontrava agora em casa de Fiódor Pávlovitch, Ipolit Kirílovitch concluiu, fazendo notar a fatalidade desse incidente: se a criada tivesse tido tempo de dizer-lhe que a bem-amada dele estava em Mókroie com seu primeiro amante, nada teria acontecido. Mas estava transtornada, jurou a seus deuses, e se o réu não a matou ali mesmo foi porque correu em perseguição da infiel. Mas notai isto: embora

fora de si, apodera-se de um pilão de cobre. Por que precisamente um pilão? Por que não outra arma? Mas se nos preparávamos para essa cena, encarada havia um mês, se qualquer coisa parecida com uma arma se nos apresenta, dela nos apoderamos como tal. Desde um mês, dizíamos a nós mesmos que um objeto daquele gênero poderia servir de arma. De modo que não hesitamos. Por conseguinte, o réu sabia o que fazia ao agarrar aquele fatídico pilão. Ei-lo no jardim de seu pai, o campo está livre, nenhuma testemunha, uma escuridão profunda e o ciúme. A suspeita de que ela está ali, nos braços de seu rival e zomba dele talvez naquele instante, apodera-se de seu espírito. E não somente a suspeita, trata-se bem disto, a velhacaria salta aos olhos: ela está ali, naquele quarto onde há luz, está em casa dele, por trás do biombo, e o infeliz desliza para a janela, olha com delicadeza, resigna-se e vai embora prudentemente para não praticar uma desgraça, para evitar o irreparável; e querem fazer-nos acreditar nisso, a nós que conhecemos o caráter do acusado, que compreendemos seu estado de espírito revelado pelos fatos, sobretudo então quando estava a par dos sinais que permitiam penetrar logo na casa!”

A este propósito, Ipolit Kirílovitch abandonou provisoriamente a acusação e achou necessário estender-se a respeito de Smierdiákov, a fim de liquidar o episódio das suspeitas dirigidas contra ele e de liquidar duma vez por todas essa ideia. Não negligenciou nenhum detalhe e todo mundo compreendeu que, apesar do desdém que testemunhava por essa hipótese, considerava-a, no entanto, muito importante.

### *VIII / Dissertação a respeito de Smierdiákov*

“Em primeiro lugar, donde vem a possibilidade de semelhante suspeita? Quem primeiro denunciou Smierdiákov como o assassino foi o próprio réu, por ocasião de sua prisão; contudo, até hoje, não apresentou ele o menor fato em apoio dessa inculpação nem mesmo uma alusão mais ou menos verossímil a um fato qualquer. Em seguida, três pessoas somente confirmam seus dizeres: seus dois irmãos e a Senhora Svietlova. Mas o mais velho formulou essa suspeita somente hoje, no curso dum acesso de demência e de febre nervosa; antes, durante estes dois meses, estava persuadido da culpabilidade de seu

irmão e nem mesmo procurou combater essa ideia. Aliás, voltaremos a isso. O mais moço declara não ter nenhuma prova que confirme sua ideia da culpabilidade de Smierdiákov e se baseia unicamente nas palavras do acusado e na 'expressão de seu rosto'; proferiu duas vezes ainda há pouco esse argumento extraordinário. A Senhora Svietlova exprimiu-se duma maneira talvez ainda mais estranha: 'Podeis crer no acusado, não é homem de mentiras'. Eis todas as acusações alegadas contra Smierdiákov, 'que pôs fim a seus dias numa crise de loucura', feitas por interessados na sorte do réu. E no entanto a acusação contra Smierdiákov circulou e persiste; pode-se acreditar nisso, pode-se imaginá-la?"

Aqui, Ipolit Kirílovitch julgou necessário esboçar o caráter de Smierdiákov, "que pôs fim a seus dias numa crise de loucura". Apresentou-o como um ser fraco, de instrução rudimentar, conturbado por ideias filosóficas acima de seu alcance, aterrorizado diante de certas doutrinas modernas sobre o dever e a obrigação moral, que lhe inculcavam — na prática — pela sua vida descuidada, seu amo Fiódor Pávlovitch, talvez seu pai, e — na teoria — por meio de conversações filosóficas estranhas, o filho mais velho do defunto, Ivan Fiódorovitch, que apreciava essa diversão, sem dúvida por tédio ou por uma necessidade de zombaria, não tendo encontrado outro emprego. Descreveu-me ele próprio seu estado de espírito, os derradeiros dias que passou na casa de seu amo — explicou Ipolit Kirílovitch —, mas outras pessoas atestam a coisa: o acusado, seu irmão e até mesmo o criado Grigóri, isto é, todos aqueles que deviam conhecê-lo de perto. Além disso, atingido de epilepsia, Smierdiákov era medroso como uma galinha. "Caía a meus pés e beijava-os", declarou-nos o réu, quando não compreendia ainda o prejuízo que poderia causar-lhe essa declaração, "é uma galinha epiléptica", dizia ele do outro na sua linguagem pitoresca. E eis que o acusado (ele mesmo o atesta) faz dele seu homem de confiança e o intimida a ponto de ele consentir afinal em servir-lhe de espião e de informante. Nesse papel de espião, trai seu amo, revela ao acusado a existência do envelope das cédulas e os sinais por meio dos quais pode-se chegar até ele; aliás, poderia ele agir de outro modo? "ele me matará, dava-me bem conta disso", dizia ele, tremendo, no inquérito, se bem que seu carrasco já estivesse detido e fora de condições de molestá-lo. "Suspeitava de mim a cada instante e

eu, gelado de terror, apressava-me, para acalmar-lhe a cólera, em comunicar-lhe todos os segredos, a fim de provar minha boa-fé e ter a vida salva.” Tais são as palavras, anotei-as. “Quando gritava por mim, acontecia-me atirar-me a seus pés.” De natural bastante honesto, gozando da confiança de seu amo, que comprovara essa honestidade quando seu criado lhe entregou o dinheiro que ele havia perdido, o infeliz Smierdiákov deve ter sentido profundo arrependimento de sua traição àquele a quem amava como seu benfeitor. Os epilépticos, gravemente atacados, de acordo com o relato de psiquiatras eminentes, têm a mania de acusar-se a si mesmos. A consciência de sua culpabilidade atormenta-os, têm remorsos, muitas vezes sem motivos, exageram suas faltas, forjam mesmo crimes imaginários. Acontece que semelhante indivíduo torna-se verdadeiramente culpado e criminoso, sob a influência do medo, da intimidação. Além disso, ele pressentia a possibilidade duma desgraça, em vista das circunstâncias. Quando o filho mais velho de Fiódor Pávlovitch, Ivan Fiódorovitch, partiu para Moscou, no mesmo dia do drama, Smierdiákov suplicou-lhe que ficasse, mas sem ousar, com sua covardia habitual, dar-lhe parte de seus temores de uma maneira categórica. Limitou-se a alusões que não foram compreendidas. É preciso notar que, para Smierdiákov, Ivan Fiódorovitch representava como que uma defesa, uma garantia de que nada de desagradável aconteceria enquanto ele estivesse presente. Lembrai-vos da frase de Dimítri Fiódorovitch na sua carta de ébrio: “Matarei o velho, contanto que Ivan parta”. Por conseguinte, a presença de Ivan Fiódorovitch parecia a todos garantir a ordem e a calma na casa. Ele viaja e Smierdiákov, cerca de uma hora depois, tem uma crise, aliás bastante compreensível. É preciso mencionar aqui, que, presa do terror e duma espécie de desespero, Smierdiákov, nos derradeiros dias, sentia particularmente a possibilidade de uma crise próxima, que se produzia sempre nas horas de ansiedade e de viva emoção. Não se pode evidentemente adivinhar o dia e a hora desses ataques, mas cada epiléptico pode sentir-lhes os sintomas. Assim fala a medicina. Um pouco depois da partida de Ivan Fiódorovitch, Smierdiákov, que se sente abandonado e sem defesa, vai à adega para atender às necessidades da casa e pensa ao descer a escada: “Terei ou não um ataque, e se ele me tomasse agora?”. Precisamente, aquele estado de espírito, aquela apreensão, aquelas perguntas provocam o espasmo na garganta, precursor da crise; precipita-se sem

conhecimento no fundo da adega. Esforçam-se em suspeitar desse acidente bem natural, em ver nele uma indicação, uma alusão revelando a simulação voluntária da doença! Mas, neste caso, pergunta-se logo: “Por quê? Com que fim? Deixo de lado a medicina; a ciência mente, dizem, a ciência se engana, os doutores não souberam distinguir a verdade da simulação; pois seja, admitamos, mas respondei a esta pergunta: que razão tinha ele para simular? Seria para se fazer notar de antemão na casa onde premeditava um assassínio? Vede, senhores jurados, houve cinco pessoas em casa de Fiódor Pávlovitch, na noite do crime: em primeiro lugar, o dono da casa, mas não se matou a si mesmo, é claro; em segundo lugar, seu criado Grigóri, mas quase foi morto; em terceiro lugar, a mulher de Grigóri, Marfa Ignátievna, mas seria uma vergonha supô-la assassina de seu amo. Restam, por consequência, duas pessoas em causa: o réu e Smierdiákov. Mas como o acusado afirma que não é ele o assassino, deve ser Smierdiákov, não há outra alternativa, porque não se pode suspeitar de ninguém mais. Eis a explicação dessa acusação “sutil” e extraordinária contra o infeliz idiota que se suicidou ontem! Justamente porque não havia ninguém em quem deitar a mão! Se tivesse existido a mínima suspeita contra algum outro, uma sexta pessoa, estou certo de que o próprio réu teria tido vergonha de acusar então Smierdiákov e acusaria esse outro, porque é perfeitamente absurdo acusar Smierdiákov desse assassinato.

“Senhores, deixemos a psicologia, deixemos a medicina, deixemos mesmo a lógica, consultemos os fatos, nada mais que os fatos, e vejamos o que eles nos dizem. Smierdiákov matou, mas como? Só ou de cumplicidade com o réu? Examinemos primeiro o primeiro caso, isto é, o assassinato cometido sozinho. Evidentemente, se Smierdiákov matou foi por alguma coisa, num interesse qualquer. Mas não tendo nenhum dos motivos que impeliam *o* acusado, isto é, o ódio, o ciúme, etc., Smierdiákov só matou para roubar, para se apropriar daqueles três mil rublos que seu patrão metera, diante dele, em um envelope. E eis que, tendo resolvido matar, comunica previamente a outra pessoa, que acontece ser a mais interessada, precisamente o réu, tudo quanto se refere ao dinheiro e aos sinais, o lugar onde se encontra o envelope, seu sobrescrito, com que está ele amarrado, e sobretudo lhe comunica aqueles sinais, por meio dos quais pode-se entrar em casa de seu amo.

Pois bem! é para se trair que ele age assim? Ou a fim de arranjar um rival que talvez tenha também vontade de vir a apoderar-se do envelope? Sim, dirá alguém, mas falou dominado pelo medo. Como assim? O homem que não hesitou em conceber um ato tão ousado e feroz, e em executá-lo em seguida, comunica semelhantes informações, que é o único a conhecer no mundo e que ninguém teria jamais adivinhado, se ele tivesse guardado silêncio. Não, por mais medroso que fosse, depois de ter concebido tal ato, esse homem não teria falado a ninguém a respeito do envelope e dos sinais, porque teria sido trair-se de antemão. Teria inventado alguma coisa de propósito e mentido, se tivessem exigido dele informações, mas guardado silêncio a respeito. Pelo contrário, repito-o, se não tivesse dito palavra a respeito do dinheiro e dele se tivesse apossado após o delito, ninguém no mundo teria jamais podido acusá-lo de assassinato tendo o roubo como móvel, porque ninguém, exceto ele, tinha visto aquele dinheiro, ninguém sabia da existência dele na casa. Mesmo acusando-o, teriam atribuído outro motivo ao crime. Mas na ausência de outros motivos prévios, e como todo mundo, ao contrário, tinha-o visto estimado por seu amo, honrado com sua confiança, ter-se-ia suspeitado logo de início de um homem tendo esses motivos, de um homem que, longe de dissimulá-los, teria se gabado publicamente; em uma palavra, teriam suspeitado do filho da vítima, Dimítri Fiódorovitch. Teria sido vantajoso para Smierdiákov, assassino e ladrão, que se acusasse esse filho, não é? Pois bem! é a ele, é a Dimítri Fiódorovitch que Smierdiákov, tendo premeditado seu crime, fala de antemão do dinheiro, do envelope, dos sinais; que lógica, que clareza!!!

“Chega o dia do crime premeditado por Smierdiákov, e ele cai da escada, tendo simulado um ataque de epilepsia. Por quê? Sem dúvida para que o criado Grigóri, que tinha intenção de tratar-se, renuncie a isso talvez vendo a casa sem vigilância, e monte guarda. Provavelmente também a fim de que o próprio patrão, vendo-se abandonado e temendo a vinda de seu filho, o que ele não ocultava, redobrasse de desconfiança e de precauções. Sobretudo, enfim, para que o transportem imediatamente, a ele, Smierdiákov, esgotado pela sua crise, da cozinha onde dormia só e tinha sua entrada particular, para a outra extremidade do pavilhão, no quarto de Grigóri e de sua

mulher, por trás duma separação, como faziam sempre que tinha ele um ataque, de acordo com as instruções do amo e da compassiva Marfa Ignátievna. Ali, oculto atrás do biombo e para melhor parecer doente, começa sem dúvida a gemer, isto é, a despertá-los a noite inteira (o depoimento deles faz fé), e tudo isso a fim de se levantar mais facilmente e matar em seguida seu patrão!

"Mas, dirão, talvez simulasse uma crise precisamente para desviar as suspeitas, e falou ao réu a respeito do dinheiro e dos sinais para tentá-lo e impeli-lo ao crime. E quando o réu, depois de ter matado, retirou-se levando o dinheiro e talvez fez barulho e despertou testemunhas, então, vede, Smierdiákov se levanta e vai também… pois bem, que vai ele fazer? Vai assassinar uma segunda vez o patrão e roubar o dinheiro já roubado. Senhores, não é isto caso para rir? Eu mesmo tenho vergonha de fazer tais suposições; no entanto, imaginai que é precisamente o que afirma o acusado: 'Quando eu já havia partido, diz ele, depois de ter abatido Grigóri e provocado o alarme, Smierdiákov se levantou para assassinar e roubar'. Deixo de lado a impossibilidade para Smierdiákov de calcular e de prever os acontecimentos, a vinda do filho exasperado que se contenta com olhar respeitosamente pela janela e, conhecendo os sinais, retira-se e lhe abandona sua presa! Senhores, proponho a pergunta seriamente: em que momento Smierdiákov cometeu seu crime? Indicai esse momento, senão a acusação tomba.

"Mas talvez a crise fosse real. Tendo recuperado seus sentidos, o doente ouviu um grito, saiu, e então? Olhou e disse a si mesmo: 'Está decidido: matarei o patrão!'. Mas como soube ele o que se tinha passado, jazendo até então sem conhecimento? Aliás, senhores, a própria fantasia tem seus limites.

"Pois seja, dirão as pessoas sutis, mas se os dois estivessem de conivência, se houvessem assassinado juntos e partilhado o dinheiro?

"Sim, há, com efeito, uma suspeita grave, e antes de tudo, com fortes presunções em apoio; um deles assassina e se encarrega de tudo, enquanto o outro cúmplice fica deitado simulando uma crise, precisamente para despertar de antemão a suspeita em todos, para alarmar o patrão e Grigóri. Pergunta-se por quais motivos teriam

podido os dois cúmplices imaginar plano tão absurdo? Mas talvez não houvesse senão uma cumplicidade passiva da parte de Smierdiákov; talvez, apavorado, consentiu apenas em não se opor ao assassínio e, pressentindo que o acusariam por ter deixado matar seu amo sem defendê-lo, terá obtido de Dimítri Karamázov a permissão de ficar deitado durante aquele tempo, como se tivesse uma crise: 'Estás livre para assassinar, nada tenho com isso'. Neste caso, como essa crise teria posto a casa em alvoroço, Dimítri Karamázov não podia consentir em tal convenção. Mas admito que tenha consentido; nem por isso deixaria de resultar que Dimítri Karamázov é o assassino direto, o instigador, e Smierdiákov, um cúmplice passivo, e nem mesmo isso; deixou simplesmente fazer, por temor e contra a sua vontade; esta distinção não teria escapado à justiça; ora, que vemos? Por ocasião de sua detenção, o acusado lança toda a culpa sobre Smierdiákov e acusa-o, só a ele. Não o acusa de cumplicidade; só ele é que assassinou e roubou, é obra de suas mãos. Mas que cúmplices são esses que começam logo a acusar-se? Isto não existe. E notai que risco para Karamázov: é o principal assassino, o outro limitou-se a deixar fazer, deitado atrás do tabique, e ele o ataca. Mas esse comparsa poderia zangar-se e, por instinto de conservação, apressar-se em dizer toda a verdade; participamos todos dois, contudo, eu não matei, simplesmente tolerei e deixei fazer, por temor. Porque Smierdiákov podia compreender que a justiça discerniria logo seu grau de culpabilidade, e contar com um castigo bem menos rigoroso que o principal assassino, que queria atirar toda a culpa sobre ele. Mas então, teria forçosamente confessado. Contudo, nada disso se dá. Smierdiákov não soprou palavra a respeito da cumplicidade, se bem que o assassino o haja acusado formalmente e apontado todo o tempo como o único autor do crime. Não é tudo; Smierdiákov revelou no inquérito que havia ele próprio falado ao acusado do envelope com o dinheiro e dos sinais, e que sem ele, este nada teria sabido. Se tivesse sido verdadeiramente cúmplice e culpado, teria comunicado a coisa tão voluntariamente no inquérito? Pelo contrário, teria se desmentido, teria certamente desnaturado e atenuado os fatos. Mas não agiu assim. Somente um inocente, que não teme ser acusado de cumplicidade, pode agir dessa maneira. Pois bem! num acesso de melancolia mórbida consecutiva à epilepsia e a todo esse drama, enforcou-se ontem, depois de ter escrito este bilhete: 'Ponho fim a meus dias

voluntariamente. Não acusem ninguém de minha morte'. Que lhe custaria acrescentar: sou eu o assassino e não Karamázov? Mas não fez nada disso; sua consciência não chegou a esse ponto.

"Ainda há pouco, trouxeram dinheiro ao tribunal, três mil rublos, 'as cédulas que se encontravam no envelope que figurava entre as peças de convicção, recebi-as ontem de Smierdiákov'. Mas vós não vos esquecestes, senhores jurados, dessa triste cena. Não lhe tornarei a traçar os detalhes, contudo vou me permitir duas ou três observações escolhidas de propósito entre as mais insignificantes, porque não surgirão no espírito de cada um e serão esquecidas. Em primeiro lugar, foi por remorso que ontem Smierdiákov restituiu o dinheiro e enforcou-se. (De outro modo não o teria restituído.) E não foi senão ontem à noite evidentemente que confessou pela primeira vez seu crime a Ivan Karamázov, como este último o declarou, senão por que teria este guardado silêncio até agora? Confessou, admitamos. Mas, por que, repito-o, não disse toda a verdade no seu bilhete fúnebre, sabendo que no dia seguinte iam julgar um inocente? O dinheiro apenas não constitui uma prova. Soube completamente por acaso, há uma semana, bem como duas pessoas aqui presentes, que Ivan Fiódorovitch Karamázov mandara trocar na sede da província dois títulos de dívida a cinco por cento, de cinco mil rublos cada um, ou seja, dez mil ao todo. Isto para mostrar que sempre se pode arranjar dinheiro para uma data fixa e que os três mil rublos apresentados não são necessariamente os mesmos que se encontravam na gaveta ou no envelope. Enfim, tendo Ivan Karamázov colhido ontem as confissões do verdadeiro assassino, ficou em seu quarto. Por que não fez imediatamente sua declaração? Por que ter esperado até o dia seguinte? Estimo que se possa adivinhar a razão disso; doente desde uma semana, tendo confessado ao médico e aos que o cercavam que tinha alucinações e encontrava pessoas mortas, ameaçado pela febre nervosa que se declarou hoje, ao saber de súbito da morte de Smierdiákov, fez este raciocínio: 'Esse homem está morto, pode-se acusá-lo, salvarei meu irmão. Tenho dinheiro, apresentarei um maço de cédulas, dizendo que Smierdiákov as entregou a mim antes de morrer'. É desonesto, direis, se bem que acuse um morto, mas não é desonesto mentir, mesmo para salvar seu irmão? Pois seja, mas se mentiu inconscientemente, se imaginou que tenha acontecido, com o

espírito definitivamente transtornado pela notícia da morte súbita do lacaio? Assististes àquela cena ainda há pouco, vistes em que estado se encontrava aquele homem. Mantinha-se de pé e falava, mas onde estava sua razão? O depoimento do doente foi seguido de um documento, de uma carta do réu à Senhorita Vierkhóvtseva, escrita dois dias antes do crime de que contém o programa detalhado. De que serve procurar esse programa e seus autores? Tudo se passou exatamente de acordo com ele e ninguém ajudou o autor! Sim, senhores jurados, 'isso se passou como estava escrito!'. E não fugimos com um temor respeitoso da janela paterna, sobretudo estando persuadido de que nossa bem-amada se encontrava nos aposentos dele. Não, é absurdo e inverossímil. Ele entrou e foi até o fim. Deve ter matado num acesso de furor, vendo seu rival detestado, talvez com um só golpe de pilão, mas em seguida, depois de ter-se convencido por um exame detalhado de que ela não estava ali, não se esqueceu de meter a mão sob o travesseiro e de apoderar-se do envelope com o dinheiro, que figura agora, rasgado, entre as peças de convicção. Falo disso para assinalar-vos uma circunstância característica. Um assassino experimentado, vindo exclusivamente para roubar, teria deixado no soalho o envelope, tal como foi encontrado junto do cadáver? Smierdiákov, por exemplo, teria levado tudo, sem se dar o trabalho de abri-lo perto de sua vítima, sabendo bem que ele continha dinheiro, pois que o vira ser nele metido e lacrado; ora, desaparecido o envelope, não se podia saber se houvera roubo. Pergunto-vos, senhores jurados, teria Smierdiákov agido assim e deixado o envelope no chão? Não, assim devia proceder um assassino furioso, incapaz de refletir, nunca tendo roubado nada e que, mesmo agora, se apropria do dinheiro, não como um vulgar malfeitor, mas como alguém que retoma seus bens daquele que os roubou, porque tais eram precisamente, a respeito daqueles três mil rublos, as ideias de Dimítri Karamázov, que nele chegavam já à mania. De posse do envelope, que jamais vira antes, rasga-o para certificar-se de que contém dinheiro, depois atira-o fora e foge com as cédulas no seu bolso, sem suspeitar de que deixa assim atrás de si, sobre o soalho, uma prova esmagadora. Tudo porque foi Karamázov e não Smierdiákov, e não refletiu, aliás não tinha tempo. Foge, ouve o grito do criado que o alcança, que o agarra, que o detém, vacila e cai derrubado por uma pancada de pilão. O réu salta do alto da paliçada por compaixão. Imaginai que ele nos

garante que desceu por piedade, por compaixão, para ver se podia socorrê-lo. Mas seria aquele o momento para enternecimentos? Não, tornou a descer precisamente para certificar-se de que estivesse ainda viva a única testemunha de seu crime. Qualquer outro sentimento, qualquer outro motivo teriam sido insólitos! Notai que ele se mostra solícito para com Grigóri, enxuga-lhe a cabeça com seu lenço, depois, crendo-o morto, como que desvairado, coberto de sangue, corre de novo à casa de sua bem-amada; como ele não pensou que naquele estado imediatamente o acusariam? Mas o próprio réu nos assegura que não prestou atenção a isso; pode-se admiti-lo, é muito possível, isto acontece sempre aos criminosos em semelhantes momentos. Dum lado, um cálculo infernal, do outro, o raciocínio falha. Mas naquele minuto ele perguntava a si mesmo apenas onde ela estava. Na sua pressa de descobrir isso, corre à sua casa e sabe duma notícia imprevista, esmagadora para ele: ela partiu para Mókroie a fim de juntar-se ao seu antigo amante, 'o indiscutível'."

### *IX / Psicologia a vapor. A troica em disparada. Peroração*

Chegado a este momento de seu discurso, Ipolit Kirílovitch, que havia evidentemente escolhido o método de exposição rigorosamente histórico, muito do agrado de todos os oradores nervosos que procuram de propósito quadros estritamente delimitados, a fim de moderar seu ardor, estendeu-se a respeito do primeiro amante, "o indiscutível", e formulou a esse respeito algumas ideias interessantes. Karamázov, ferozmente ciumento de todos, apaga-se de súbito e desaparece diante do 'antigo' e do 'indiscutível'. E é tanto mais estranho que antes quase não prestara atenção ao novo perigo que o ameaçava na pessoa desse rival inesperado. Mas representava-se isso como distante, e Karamázov só vive no momento presente. Provavelmente, considerava-o mesmo como uma ficção. Mas tendo logo compreendido, com seu coração dolorido, que a dissimulação daquela mulher, sua mentira de ainda há pouco, provinham talvez do fato de que esse novo rival, longe de ser um capricho e uma ficção, representava tudo para ela, toda sua esperança na vida. Tendo compreendido isso, resignou-se. Pois bem, senhores jurados, não posso passar em silêncio esse traço inesperado no réu: de súbito apareceram a sede da verdade, a necessidade imperiosa de respeitar aquela

mulher, de reconhecer os direitos de seu coração, e isto no momento em que, por ela, acabava de tingir suas mãos no sangue de seu pai! É verdade que o sangue vertido gritava já vingança, porque tendo perdido sua alma, destruído sua vida terrestre, devia, contra si mesmo, perguntar a si mesmo naquele momento: 'Que sou eu, que posso eu ser agora para ela, para essa criatura querida mais que tudo no mundo, em comparação com esse primeiro amante, 'o indiscutível', com aquele que, arrependido, volta para essa mulher seduzida outrora por ele, com um novo amor, com propostas leais e a promessa de uma vida regenerada e doravante feliz?'. Mas ele, o desgraçado, que pode ele lhe oferecer agora? Karamázov compreendeu tudo isso e que seu crime lhe barrava a estrada, que não passava de um criminoso votado ao castigo, indigno de viver! Esta ideia o esmagou, aniquilou-o. Imediatamente, decide-se por um plano insensato que, dado o seu caráter, devia parecer-lhe a única saída para sua terrível situação: o suicídio. Corre a desempenhar suas pistolas em casa do funcionário Pierkhótin, e, de caminho, tira de seu bolso o dinheiro por causa do qual acaba de manchar suas mãos no sangue de seu pai. Oh! agora mais do que nunca ele tem necessidade de dinheiro; Karamázov vai morrer, Karamázov se mata; hão de lembrar-se disso! Não é por coisa nenhuma que somos poeta, não é por coisa nenhuma que queimamos nossa vida como uma vela, pelos dois lados. Alcançá-la e, lá, uma festa de arromba, uma festa como jamais se viu, para que fique na lembrança e dela se fale por muito tempo. No meio dos gritos selvagens, das loucas canções e das danças dos ciganos, ergueremos nosso copo para felicitar a bem-amada pela sua nova felicidade, depois ali, diante dela, a seus pés, estouraremos os miolos, para redimir nossas faltas. Ela se recordará de Mítia Karamázov, verá quanto a amava, lamentará Mítia! Aí temos o pitoresco, a exaltação romanesca em quantidade, reencontramos o arrebatamento selvagem e a sensualidade por Karamázov, mas há algo mais, senhores jurados, que grita na alma, impressiona o espírito sem cessar, envenena o coração até a morte; esse algo é a consciência, senhores jurados, é seu julgamento, é o remorso. Mas a pistola concilia tudo, é a única solução; quanto ao outro mundo, ignoro se Karamázov pensou então no que haveria do outro lado e se é capaz disso, como Hamlet. Não, senhores jurados, em outra parte, tem-se Hamlet, nós não temos senão Karamázov!"

Aqui, Ipolit Kirílovitch traçou um quadro detalhado dos fatos e gestos de Mítia, da cena em casa de Pierkhótin, no botequim, com os cocheiros. Citou uma multidão de frases confirmadas por testemunhas, e o quadro se impunha à convicção dos ouvintes. Sobretudo impressionava o conjunto dos fatos. A culpabilidade daquele ser desorientado, descuidoso de sua segurança, saltava aos olhos. “De que servia a prudência? — prosseguiu Ipolit Kirílovitch —; duas ou três vezes esteve ele a ponto de confessar e fez alusões (seguiam-se os depoimentos das testemunhas). Gritou mesmo ao cocheiro na estrada: ‘Sabes que conduzes um assassino?’. Mas não podia dizer tudo; era-lhe preciso em primeiro lugar chegar à aldeia de Mókroie e ali terminar o poema. Ora, que é que esperava o infeliz? O fato é que em Mókroie percebeu logo que seu rival ‘indiscutível’ não é irresistível e que suas felicitações a propósito da nova felicidade não são recebidas com agrado. Mas conheceis já os fatos, senhores jurados, segundo o inquérito. O triunfo de Karamázov sobre seu rival foi completo; então começa para ele uma crise terrível, a mais terrível de todas que atravessou. Pode-se reconhecer, senhores jurados, que a natureza ultrajada e o coração criminoso exercem um castigo mais rigoroso que o da justiça humana! Além disso, os castigos que ela inflige trazem um abrandamento à expiação da natureza, são mesmo necessários à alma do criminoso naqueles momentos, para salvá-la do desespero, porque posso imaginar o horror e o sofrimento de Karamázov ao saber que ela o amava, que ela repelia por causa dele o antigo amante, que o convidava a ele, Mítia, a uma vida regenerada, prometia-lhe a felicidade, e isto quando tudo está acabado para ele, quando nada mais é possível! A propósito, eis aqui, de passagem, uma observação muito importante para explicar a verdadeira situação do acusado naquele momento: aquela mulher, objeto de seu amor, permaneceu para ele até o fim, até a detenção, uma criatura inacessível, se bem que apaixonadamente desejada. Mas por que então ele não se suicidou? Por que ter abandonado esse projeto e esquecido até mesmo sua pistola? Essa sede apaixonada de amor e a esperança de estancá-la imediatamente retiveram-no. Na embriaguez da festa, está como que acorrentado à sua bem-amada, que compartilha da orgia com ele, mais sedutora do que nunca. Ele não se afasta de seu lado e, cheio de admiração, apaga-se diante dela. Esse ardor apaixonado pôde abafar até mesmo por um instante o temor da prisão e o remorso. Oh! por um

instante apenas! Imagino o estado de alma do criminoso como escravizado a três elementos que o dominavam totalmente: em primeiro lugar, a embriaguez, os vapores do álcool, o barulho da dança e dos cantos, e ela, a tez avermelhada pelas libações, cantando e dançando, sorrindo-lhe ébria também. Em seguida, o pensamento reconfortante de que o desenlace fatal está ainda afastado, de que virão prendê-lo somente no dia seguinte de manhã. Algumas horas de prazo é muito, pode-se imaginar muita coisa durante esse tempo. Suponho que terá experimentado sensação análoga à do criminoso a quem levam à forca; é preciso percorrer ainda uma longa rua, a passo, diante de milhares de espectadores, depois dobra-se para outra rua, ao fim da qual somente se encontra o lugar fatal. No começo do trajeto, o condenado, em cima da carreta ignominiosa, deve imaginar que tem ainda muito tempo para viver. Mas as casas se sucedem, a carreta avança, não tem importância, está ainda longe a esquina da segunda rua. Ele olha corajosamente à direita e à esquerda aqueles milhares de curiosos indiferentes que o encaram e sempre lhe parece que é um homem igual a eles. E eis que dobram para a segunda rua, mas não importa, resta um bom pedaço de caminho. Enquanto vai vendo desfilarem as casas, o condenado pensará: 'Ainda há muitas'. E assim até o local da execução. Eis, imagino, o que experimentou Karamázov. 'Ainda não descobriram o crime, pensa ele, pode-se procurar alguma coisa, terei tempo de combinar um plano de defesa, de me preparar para resistir, mas no momento, viva a alegria! Ela é tão sedutora!' Está perturbado e inquieto, contudo consegue retirar a metade de seu dinheiro e escondê-lo. Não posso explicar a mim mesmo de outro modo o desaparecimento da metade dos três mil rublos retirados de sob o travesseiro de seu pai. Tendo já ido a Mókroie para fazer farra, conhece aquela velha casa de madeira, com seus alpendres e varandas. Suponho que uma parte do dinheiro foi escondida naquele momento, pouco tempo antes da detenção, numa fenda ou rachadura, sob uma tábua do soalho, num canto, debaixo do telhado. Por quê? — perguntarão. Uma catástrofe está iminente, sem dúvida não pensamos ainda em enfrentá-la, falta tempo, as têmporas nos batem, "ela" nos atrai como um ímã, mas tem-se sempre necessidade de dinheiro. Em toda parte é-se alguém com dinheiro. Tal previdência, num momento semelhante, talvez vos pareça estranha. Mas ele mesmo afirma ter, um mês antes, num momento também crítico, pôsto de lado e cosido num

amuleto a metade de três mil rublos; e, se bem que isso seja certamente uma invenção, como vamos prová-lo, essa ideia é familiar a Karamázov, meditou-a. Além do mais, quando afirmava mais tarde ao juiz de instrução ter reservado mil e quinhentos rublos num amuleto (o qual nunca existiu), imaginou isso ali na hora talvez, precisamente porque, duas horas antes, retirara e havia escondido a metade da soma, em alguma parte, em Mókroie, por prevenção, até pela manhã, para não guardá-la consigo, de acordo com uma inspiração súbita. Lembrai-vos, senhores jurados, de que Karamázov pode contemplar ao mesmo tempo dois abismos. Nossas pesquisas naquela casa foram vãs, talvez o dinheiro lá ainda esteja, talvez tenha desaparecido no dia seguinte e se encontre agora de posse do acusado. Em todo caso, detiveram-no ao lado de sua amante, de joelhos diante dela que estava deitada; estendia-lhe ele os braços, esquecendo tudo mais, a ponto de não ouvir a aproximação daqueles que iam detê-lo. Não teve tempo de preparar uma resposta e foi apanhado desprevenido.

"E agora ei-lo diante de seus juizes, diante daqueles que vão decidir de sua sorte. Senhores jurados, há, no exercício de nossas funções, momentos em que nós mesmos temos quase medo da humanidade! É quando se contempla o terror bestial do criminoso que se vê perdido, mas quer lutar ainda. É quando o instinto de conservação desperta nele de repente, quando ele fixa em nós um olhar penetrante, cheio de ansiedade e de sofrimento, quando ele escruta vosso rosto, vossos pensamentos, pergunta a si mesmo de que lado virá o ataque, imagina, num instante, no seu espírito perturbado, mil planos, mas teme falar, teme trair-se! Esses momentos humilhantes para a alma humana, esse calvário, essa avidez bestial de salvação são horríveis, fazem tremer por vezes o próprio juiz e excitam sua compaixão. E nós assistimos a esse espetáculo. A princípio aturdido, deixou ele escapar no seu terror algumas palavras das mais comprometedoras: 'O sangue! Mereci!'. Mas logo se reteve. Não sabe ainda que dizer, que responder e só pode opor uma vã negativa: 'Sou inocente da morte de meu pai!'. Eis a primeira trincheira, por trás da qual tentará construir outros trabalhos de defesa. Sem aguardar nossas perguntas, trata de explicar suas primeiras exclamações comprometedoras dizendo que se acha culpado somente da morte do

velho criado Grigóri: ‘Sou culpado desse sangue, mas quem matou meu pai, senhores, quem pôde matá-lo, senão eu?’. Ouvis, ele pergunta a nós que fomos fazer-lhe essa pergunta! Compreendeis esta frase antecipada: ‘Senão eu?’, essa trapaça, essa ingenuidade, essa impaciência de Karamázov? Não fui eu quem matou, não acrediteis em nada. ‘Quis matar, senhores’, apressa-se ele em confessar (tem pressa), ‘mas estou inocente, não fui eu!’. Convém que quis matar: vede como sou sincero, apressai-vos também em crer na minha inocência. Oh! nesses casos, o criminoso se mostra por vezes duma irreflexão, duma credulidade incríveis. Como por acaso, o juiz de instrução lhe faz a pergunta mais ingênua: ‘Não seria Smierdiákov o assassino?’. Aconteceu o que esperávamos; zangou-se por ter sido precedido, tomado de improviso, sem que lhe deixem tempo de escolher o momento mais favorável para empurrar para a frente Smierdiákov. Seu gênio arrebata-o logo ao extremo, afirma-nos energicamente que Smierdiákov é incapaz de assassinar. Mas não lhe deis crédito, não passa de uma astúcia, não renuncia absolutamente a acusar Smierdiákov, pelo contrário, vai voltar a isso, já que não tem outra pessoa, porém mais tarde, porque para o momento o negócio está estragado. Não será talvez senão no dia seguinte, ou mesmo dentro de vários dias: ‘Vós vedes, era o primeiro a negar que foi Smierdiákov, vós vos lembrais, mas agora, estou convencido, não foi talvez senão ele!’. No momento, opõe-nos negações veementes, a impaciência e a cólera lhe sugerem a explicação mais inverossímil; olhou seu pai pela janela e afastou-se respeitosamente. Ignorava ainda o alcance do depoimento de Grigóri. Procedemos ao exame detalhado de suas roupas. Essa operação exaspera-o, mas retoma coragem; só foram encontrados mil e quinhentos rublos dos três mil. É então, nesses minutos de irritação contida, que a ideia do amuleto lhe vem pela primeira vez ao espírito. Certamente, ele próprio sente toda a inverossimilhança desse conto e tem trabalho para torná-lo mais plausível, para inventar um romance conforme a verdade. Em semelhante caso, o inquérito não deve dar ao criminoso tempo de se reconhecer, proceder por ataque brusco, a fim de que ele revele seus pensamentos íntimos na sua ingenuidade e na sua contradição. Não se pode obrigar um criminoso a falar senão comunicando-lhe de improviso, como por acaso, um fato novo, uma circunstância duma extrema importância, que permaneceu até então para ele não prevista

e despercebida. Tínhamos bem pronto um fato semelhante, é o testemunho do criado Grigóri, a respeito da porta aberta por onde saiu o acusado. Tinha-a ele totalmente esquecido e não supunha que Grigóri tivesse podido notá-la. O efeito foi colossal. Karamázov ergue-se, gritando: 'Foi Smierdiákov quem matou, foi ele!', revelando assim seu pensamento íntimo, sob a forma mais inverossímil, porque Smierdiákov não podia assassinar senão depois que Karamázov tivesse dominado Grigóri e fugido. Ao saber que Grigóri vira a porta aberta antes de cair, e ouvido, quando levantou, Smierdiákov gemer por trás do tabique, ficou aterrorizado. Meu colaborador, o ilustre e sagaz Nikolai Parfiénovitch, contou-me mais tarde que naquele momento sentira-se emocionado até as lágrimas. Então, para livrar-se de apuros, apressa-se o réu em contar-nos a história daquele famoso amuleto. Senhores jurados, já vos expliquei por que considero essa história do dinheiro costurado um mês antes num amuleto, não apenas como um absurdo, mas como a invenção mais extravagante que se possa imaginar no caso particular. Mesmo apostando para saber quem faria o conto mais inverossímil, nada de pior se teria encontrado. Aqui, pode-se confundir o narrador triunfante com os detalhes, esses detalhes cuja realidade é sempre tão rica e que esses infelizes narradores involuntários desdenham sempre como supostamente inúteis e insignificantes. Trata-se bem disto, o espírito deles medita um plano grandioso e ousam objetar-lhes ninharias! Ora, está nisso o defeito da couraça. Pergunta-se ao acusado: 'Onde o senhor arranjou o pano para seu amuleto, quem o costurou?'. — 'Eu mesmo o costurei.' — 'Mas donde vem o pano?' O acusado ofende-se logo, considera isso como um detalhe quase ofensivo para ele e, podeis acreditar? está de boa-fé! São todos semelhantes. 'Cortei de minha camisa'. — 'Perfeito. De modo que, amanhã encontraremos na sua roupa íntima essa camisa com um pedaço tirado.' Pensai bem, senhores jurados, que se tivéssemos encontrado essa camisa (e como não encontrá-la na sua mala ou na sua cômoda, se ele disse a verdade?) constituiria isto já um fato tangível em favor da exatidão de suas declarações! Mas ele não percebe isso. — 'Não me lembro, pode dar-se que o tenha costurado aproveitando uma touca de minha locadora.' — 'Que touca?' — 'Tirei-a de seu quarto, andava por ali, uma velharia de algodão.' — 'Está bem certo disso?' — 'Não, bem certo não…' E ele se zanga, no entanto. Como não se lembrar? Nos momentos mais

terríveis, quando levam a gente ao suplício, são precisamente de semelhantes detalhes que nos lembramos. O condenado esquecerá tudo, mas um teto verde avistado no caminho ou uma gralha sobre uma cruz vai lhe voltar à memória. Ao costurar seu amuleto, ocultava-se das pessoas da casa, deveria lembrar-se desse medo humilhante de ser surpreendido, de agulha na mão, e como, ao primeiro alerta, correu para trás do tabique (há um no seu quarto)… Mas, senhores jurados, por que comunicar-vos todos estes detalhes? — exclamou Ipolit Kirílovitch. — É porque o réu mantém obstinadamente até hoje essa versão absurda! Durante esses dois meses, desde aquela noite fatídica, nada explicou nem acrescentou um fato probante às suas precedentes declarações fantásticas. São ninharias, diz ele, e vós deveis acreditar na minha palavra de honra! Oh! seríamos felizes em acreditar, isso desejaríamos ardentemente, ainda que seja só pela honra! Somos chacais, sedentos de sangue humano? Indicai-nos um só fato em favor do réu, e nós nos regozijaremos, mas um fato tangível, real, e não as deduções de seu irmão, baseadas na expressão de seu rosto, ou a hipótese de que, batendo no peito, no escuro, devia necessariamente designar o amuleto. Nós nos regozijaremos com esse acontecimento novo, seremos os primeiros a abandonar a acusação. Agora, a justiça reclama, e nós acusamos, sem nada suprimir às nossas conclusões.”

Depois, Ipolit Kirílovitch chegou à peroração. Tinha febre; com uma voz vibrante evocou o sangue vertido, o pai morto por seu filho “pela vil intenção de roubá-lo”. Insistiu na concordância trágica e flagrante dos fatos. “E seja o que for que possa dizer-vos o defensor célebre do réu, malgrado a eloquência patética que fará apelo à vossa sensibilidade, não esqueçais que estais no santuário da justiça. Lembrai-vos de que sois os defensores do direito, o baluarte de nossa santa Rússia, dos princípios, da família, de tudo quanto lhe é sagrado. Sim, vós representais a Rússia neste momento e não somente neste recinto repercutirá vosso veredicto; toda a Rússia vos escuta, a vós, seus sustentáculos e seus juízes, e ficará reconfortada ou consternada pela sentença que ides proferir. Não enganeis sua expectativa, nossa fatal tróica corre a toda a brida, talvez para o abismo. Desde muito tempo, muitos russos elevam os braços, quereriam deter essa corrida insensata. E se os outros povos se afastam ainda da tróica em

disparada, não é talvez por respeito, como imaginava o poeta; é talvez por horror, por desgosto, notai bem. E ainda é bom que se afastem, porque poderiam muito bem erguer um muro sólido diante desse fantasma e porem eles próprios um freio ao desencadeamento de nossa licenciosidade, para se preservar a si mesmos e à civilização. Essas vozes de alarme começam a repercutir na Europa, já as ouvimos. Guardai-vos de tentá-las, de alimentar seu ódio crescente com um veredicto que absolveria o parricida!”

Em suma, Ipolit Kirílovitch, que se deixara arrebatar, acabou duma maneira patética e produziu grande efeito. Apressou-se em sair e quase desmaiou na peça contígua. O público não aplaudiu, mas as pessoas sérias estavam satisfeitas. As damas estavam menos, contudo a eloquência dele também lhes agradou, tanto mais que não lhes temiam as consequências e contavam bastante com Fietiukóvitch: “Ele vai afinal tomar a palavra, e, decerto, triunfar!”. Mítia atraía os olhares; durante a acusação, permanecera silencioso; de dentes cerrados, olhos baixos. Uma vez ou outra, erguia a cabeça e prestava atenção, sobretudo quando se tratou de Grúchenhka. Quando o procurador citou a opinião de Rakítin sobre ela, Mítia teve um sorriso desdenhoso e proferiu bastante distintamente: “Bernard!”. Quando Ipolit Kirílovitch contou como o havia atormentado por ocasião do interrogatório em Mókroie, Mítia levantou a cabeça, escutou com intensa curiosidade. Num dado momento, pareceu querer levantar-se, gritar qualquer coisa, mas conteve-se e contentou-se com erguer desdenhosamente os ombros. As proezas do procurador em Mókroie desenfrearam mais tarde os falatórios e zombaram de Ipolit Kirílovitch: “Ele não pôde deixar de gabar suas capacidades.” A audiência foi suspensa por um quarto de hora, vinte minutos. Tomei nota de certas opiniões expostas em público:

— Um discurso sério! — observou, franzindo os supercílios, um senhor num grupo.

— Meteu-se na psicologia — disse outra voz.

— Tudo isso é rigorosamente verdadeiro.

— Sim, revelou-se um mestre.

— Fez o balanço completo.

— Nós também tivemos a nossa conta — acrescentou uma terceira voz. — No começo, lembram-se? quando ele disse que todos eram como Fiódor Pávlovitch.

— E no fim também. Mas isso não é verdade.

— Deixou-se arrebatar um pouco!

— É injusto, injusto.

— Mas não, foi hábil. Esperou muito tempo sua hora: falou afinal! eh! eh!

— Que irá dizer o defensor?

Num outro grupo:

— Não teve razão em atacar o petersburguês, “fazendo apelo à sensibilidade”, lembram-se?

— Sim, cometeu uma rata.

— Foi demasiado longe.

— Um homem nervoso.

— Estamos aqui, a rir, mas como se sentirá o réu?

— Sim, como se sente Mítia?

— Que irá dizer o defensor?

Num terceiro grupo:

— Quem é aquela senhora obesa, com uma luneta, sentada na extremidade?

— É a esposa divorciada dum general. Conheço-a.

— Por isso usa uma luneta.

— Um velho quadro.

— Não é não, é picante.

— Dois lugares mais adiante está uma lourinha, aquela é melhor.

— Procederam com muita habilidade em Mókroie, não foi?

— Decerto. Voltou a falar disso. Como se não o tivesse feito bastante na sociedade!

— Não pôde conter-se. O amor-próprio.

— Um preterido, eh! eh! eh!

— E suscetível. Muita retórica, frases grandiloquentes.

— Sim, e notem que ele quer causar medo. Lembram-se da tróica? “Em outra parte tem-se Hamlet, e nós não temos senão Karamázov!” Isto não está mal.

— Isto é endereçado aos liberais. Tem medo.

— Tem medo também do advogado.

— Sim, que irá dizer o Senhor Fietiukóvitch?

— Pois bem! Diga o que disser, não convencerá os nossos mujiques.

— Acredita que não?

Num quarto grupo:

— O que disse da tróica está bem, principalmente quando fala dos povos.

— E é verdade, lembras-te?, quando disse que os povos não esperariam.

— Como assim?

— Na semana passada, um membro do parlamento inglês

interpelou o ministério a respeito dos niilistas e perguntou: “Não seria tempo de ocuparem essa nação bárbara para educá-la?”. Foi a ele que Ipolit Kirílovitch fez alusão, eu sei. Falou disso a semana passada.

— Não têm o braço tão longo assim.

— Por que não bastante longo?

— Basta que fechemos Cronstadt[113] e não lhes forneçamos trigo. Onde o arranjarão?

— Mas há agora na América.

— Não é verdade.

Mas a sineta fez-se ouvir. Cada qual se precipitou para seu lugar. Fietiukóvitch tomou a palavra.

### *X / A defesa. Uma arma de dois gumes*

Ficou tudo em silêncio às primeiras palavras do célebre advogado. A sala inteira tinha os olhos fixos nele. Começou com uma simplicidade persuasiva, mas sem a menor jactância. Nenhuma pretensão à eloquência e ao patético. Era um homem que conversava na intimidade de um círculo de amigos. Tinha uma bela voz, forte, agradável, em que ressonava algo de sincero, de simples. Mas cada qual sentiu logo que o orador podia elevar-se ao verdadeiro patético, “e tocar os corações com uma força desconhecida”. Exprimia-se talvez menos corretamente que Ipolit Kirílovitch, mas sem longas frases e com mais precisão. Uma coisa desagradou às senhoras: curvava-se, sobretudo no começo, não para saudar, mas como para lançar-se na direção de seu auditório; parecia que seu longo dorso estava provido no meio de uma dobradiça capaz de formar quase um ângulo reto. No início, falou como que desalinhavadamente, sem método, escolhendo os fatos ao acaso, para deles formar afinal um todo completo. Seria possível dividir seu discurso em duas partes, a primeira constituindo uma crítica, uma refutação da acusação, por vezes mordaz e sarcástica. Mas na segunda, mudou de tom e de processos, elevou-se de súbito até o patético; a sala parecia esperar por isso e fremiu de entusiasmo. Abordou diretamente o caso, declarando que, muito

embora sua atividade se desenrolasse em Petersburgo, ia muitas vezes à província defender acusados cuja inocência lhe parecia certa ou provável. “Aconteceu-me a mesma coisa desta vez — explicou. — Bastou-me a leitura dos jornais no começo, para que eu notasse algo de impressionante em favor do acusado. Meu interesse foi despertado por um fato bastante frequente na prática judiciária, mas que não se observa nunca, creio, em tal grau e com particularidades tão características como no presente processo. Deveria mencionar esse fato somente na minha peroração, mas formularei meu pensamento desde o começo, tendo a fraqueza de abordar o assunto diretamente, sem mascarar os efeitos nem poupar as impressões. Será talvez imprudente de minha parte, mas é sincero. Esse pensamento se formula da seguinte maneira: uma concordância esmagadora de fatos contra o réu e, ao mesmo tempo, nem um fato que suporte a crítica, se examinado isoladamente. Os boatos e os jornais tinham-me confirmado sempre mais nessa ideia, quando recebi de repente dos parentes do acusado a proposta para defendê-lo. Aceitei com entusiasmo e acabei de convencer-me aqui. Foi afinal para destruir essa funesta concordância dos fatos, de demonstrar a inanidade de cada uma das acusações considerada isoladamente, que aceitei defender esta causa.”

Depois deste exórdio o defensor prosseguiu:

— “Senhores jurados, sou aqui um forasteiro, acessível a todas as impressões, sem partido preconcebido. O acusado, de caráter violento, de paixões desenfreadas, não me ofendeu anteriormente, como aconteceu a numerosas pessoas desta cidade, o que explica muitas das prevenções contra ele. Decerto, convenho que a opinião pública está indignada contra ele com razão: o réu é violento, incorrigível. Era, no entanto, recebido em toda parte; acolhiam-no mesmo festivamente na família de meu eminente contraditor. (*Nota bene*. Houve aqui entre o público algumas risadas, aliás logo reprimidas. Cada um sabia que o procurador recebia Mítia em sua casa contra sua vontade, unicamente porque se interessava por ele sua mulher, senhora das mais respeitáveis, porém extravagante e que gostava de teimar contra seu marido, sobretudo em detalhes. De resto, Mítia ia bastante raramente à casa deles.) Não obstante, ouso admitir — prosseguiu o defensor —

que, mesmo um espírito bastante independente e um caráter tão justo como meu contraditor tenha podido conceber contra meu constituinte certa prevenção errônea. Oh! é tão natural, o infeliz bem que o mereceu. O senso moral e sobretudo o senso estético são por vezes inexoráveis. Decerto, a eloquente acusação nos apresentou uma análise rigorosa do caráter e dos atos do acusado, um ponto de vista estritamente crítico; testemunha profundeza psicológica, quanto à essência do caso, que não poderia ter sido atingida se o animasse apenas um preconceito contra a personalidade do réu. Mas há coisas piores e mais funestas, em semelhante caso, que um preconceito hostil. Acontece, por exemplo, quando somos obsessionados por uma necessidade de criação artística, de invenção romanesca, sobretudo com os ricos dons psicológicos que são nosso apanágio. Ainda em Petersburgo, tinham-me prevenido, aliás eu mesmo sabia, que teria aqui como adversário um psicólogo profundo e sutil, que se assinalou desde muito tempo por essa qualidade no mundo judiciário. Mas a psicologia, senhores, embora sendo uma ciência notável, assemelha-se a uma arma de dois gumes. Eis aqui um exemplo tomado ao acaso na acusação. O réu, de noite, no jardim, ao fugir, escala a paliçada, derruba com uma pancada de pilão o criado Grigóri, que o agarrou pela perna. Logo depois, salta em terra, e durante cinco minutos fica ao lado de sua vítima para saber se a matou ou não. O acusador não quer por coisa alguma no mundo acreditar na sinceridade do acusado que afirma ter agido por um sentimento de compaixão. ‘Tal sensibilidade será possível em tal momento? Não é natural; o que ele quis precisamente foi assegurar-se de que a única testemunha de seu crime vivia ainda, provando assim que ele o havia cometido, porque não podia saltar dentro do jardim por outro motivo.’ Eis a psicologia, apliquemo-la por nossa vez ao caso, mas pela outra extremidade e será também perfeitamente verossímil. O assassino salta da terra por prudência, para assegurar-se de que a testemunha vive ainda e, no entanto, acaba de deixar no escritório de seu pai, segundo o testemunho do próprio acusador, uma prova esmagadora, o envelope rasgado cujo sobrescrito indicava que continha ele três mil rublos. ‘Se ele tivesse levado o envelope, ninguém no mundo teria sabido da existência desse dinheiro e, por conseguinte, do roubo cometido pelo réu.’ São os próprios termos da acusação. Mas admitamos a coisa; eis bem aqui a sutileza da psicologia, que me atribui em tais

circunstâncias a ferocidade e a vigilância da águia, e um instante depois a timidez e a cegueira da toupeira! Mas se levo a crueldade e o cálculo ao ponto de tornar a descer, unicamente para ver se a testemunha de meu crime vive ainda, por que ficar, solícito, cinco minutos junto daquela nova vítima, correndo o risco de atrair novas testemunhas? Por que estancar com meu lenço o sangue que corre do ferimento, para que esse lenço sirva em seguida de peça de convicção? Neste caso, não teria valido mais acabar a golpes de pilão aquela testemunha incômoda? Ao mesmo tempo, deixa no local outra testemunha, o pilão, de que se apoderou na casa das duas mulheres que poderão sempre reconhecê-lo, atestar que o retirou de casa delas. E não o deixou cair na alameda, esquecido por distração, no seu afobamento; não, atiramos fora nossa arma, encontrada a quinze passos do local onde Grigóri tombou golpeado. Por que agir assim? — perguntarão. Foi o remorso de ter assassinado o velho criado, foi ele que nos fez atirar fora com uma maldição o instrumento fatal, não há outra explicação. Se podia sentir remorso desse assassinato, foi certamente porque estava inocente do de seu pai. Um parricida, longe de se aproximar da vítima por compaixão, só teria pensado em salvar a pele. Pelo contrário, repito-o, em lugar de ir atendê-la, teria acabado de rebentar-lhe o crânio. A piedade e os bons sentimentos supõem, previamente, uma consciência pura. Eis outra espécie de psicologia. É de propósito, senhores jurados, que recorro também eu à psicologia para demonstrar claramente que dela se pode tirar não importa o quê. Tudo depende daquele que opera. Quero falar dos excessos da psicologia, senhores jurados, do abuso que dela se faz.”

Aqui se ouviram de novo, entre o público, risos aprovadores. Não reproduzirei por inteiro a defesa, limitando-me a citar-lhe as passagens essenciais.

### *XI / Nem dinheiro, nem roubo*

Houve uma passagem da defesa que surpreendeu todo mundo: foi a negativa formal da existência daqueles três mil rublos fatais e, por consequência, da possibilidade de um roubo.

— “Senhores jurados, o que impressiona neste processo, a qualquer espírito não prevenido, é uma particularidade das mais

características: a acusação de roubo e, ao mesmo tempo, a impossibilidade completa de indicar materialmente o que foi roubado. Pretende-se que três mil rublos desapareceram, mas ninguém sabe se existiram realmente. Julgai: em primeiro lugar, como viemos a saber da existência desses três mil rublos e quem os viu? Somente o criado Smierdiákov, que declarou que se encontravam eles num envelope subscritado. Falou disso antes do drama ao acusado e a seu irmão, Ivan Fiódorovitch. A Senhora Svietlova foi também informada. Mas essas três pessoas não viram o dinheiro e uma questão surge: se verdadeiramente ele existiu e Smierdiákov o viu, quando foi que o viu a derradeira vez? E se seu amo tivesse retirado esse dinheiro da cama para tornar a guardá-lo no cofre, sem lhe dizer? Notai que, segundo Smierdiákov, estava ele oculto debaixo do colchão; o acusado deve tê-lo arrancado dali; ora, o leito estava intato, como está provado nos autos. Como pode ser isso, e sobretudo, por que os lençóis finos colocados expressamente naquela noite não ficaram manchados pelas mãos ensanguentadas do réu? Mas, dirão, e o envelope rasgado sobre o soalho? Vale a pena falar disso. Ainda há pouco, fiquei um tanto surpreso por ouvir o próprio eminente acusador dizer a esse respeito, quando assinalava o absurdo da hipótese de ser Smierdiákov o assassino: 'Sem esse envelope, se ele não tivesse ficado no chão como uma prova e o ladrão o tivesse levado, ninguém no mundo teria sabido de sua existência e de seu conteúdo e, por conseguinte, do roubo cometido pelo acusado.' Assim, pela própria confissão da acusação, é únicamente esse pedaço de papel rasgado, munido dum sobrescrito, que serve para culpar de roubo o réu, 'senão, ninguém teria sabido que houvera roubo e, talvez, que o dinheiro existisse'. Ora, o simples fato de achar-se no chão esse pedaço de papel basta para provar que continha dinheiro e que o roubaram? Mas, objeta-se, Smierdiákov viu-o no envelope. Quando o viu pela última vez? Eis o que eu pergunto. Conversei com Smierdiákov, disse-me tê-lo visto dois dias antes do drama! Mas por que não supor, por exemplo, que o velho Fiódor Pavlóvitch, trancado em seu quarto, na febril expectativa de sua bem-amada, teria, à toa, tirado e rasgado o envelope? 'Ela talvez não me acredite, mas quando eu lhe mostrar um maço de trinta cédulas, isto causará mais efeito, a água lhe virá à boca' — e rasga o envelope, retira dele o dinheiro e atira-o no chão, sem temer naturalmente comprometer-se. Senhores jurados, não vale esta

hipótese o mesmo que a outra? Que há nela de impossível? Mas neste caso a acusação de roubo cai por si mesma; não havendo dinheiro, não há roubo. Pretende-se que o envelope encontrado no chão prova a existência do dinheiro; eu não posso sustentar o contrário e dizer que ele estava caído vazio no soalho precisamente porque aquele dinheiro tinha sido dele retirado previamente pelo seu próprio dono? 'Mas neste caso, onde foi parar o dinheiro, não o encontraram por ocasião da busca?' Em primeiro lugar, encontraram uma parte no seu cofrezinho; depois ele pôde retirá-lo de manhã ou mesmo na véspera, dispor dele, enviá-lo, mudar afinal completamente de ideia, sem julgar necessário dar disso parte a Smierdiákov. Ora, se esta hipótese é um tanto pouco verossímil, como se pode inculpar tão categoricamente o réu de assassinato seguido de roubo e afirmar que houve roubo? Entramos assim no domínio da novela. Para sustentar que uma coisa foi roubada, é preciso designar essa coisa ou pelo menos provar irrefutavelmente que ela existiu. Ora, ninguém nem mesmo a viu. Recentemente, em Petersburgo, um rapaz de dezoito anos, comerciante ambulante, entrou em pleno dia na casa de um cambista que ele matou a golpes de machado com uma audácia extraordinária, levando mil e quinhentos rublos. Foi preso cinco horas depois; encontrou-se em seu poder a soma inteira, menos quinze rublos já gastos. Além disso, o caixeiro da vítima, que se havia ausentado, indicou à polícia não só o montante do roubo, mas o valor e o número das cédulas e das moedas de ouro de que se compunha a soma. Foi tudo encontrado de posse do assassino, que fez aliás confissões completas. Eis, senhores jurados, o que eu chamo uma prova! O dinheiro está ali, pode-se tocá-lo, impossível negar-lhe a existência. Dá-se o mesmo no caso que nos ocupa? No entanto, a sorte de um homem está em jogo. 'Pois seja — dirão —, mas ele foi farrear naquela mesma noite e esbanjou dinheiro e donde provêm os mil e quinhentos rubros que foram encontrados em seu poder?' Mas precisamente o fato de só terem encontrado mil e quinhentos rublos, a metade da soma, prova que esse dinheiro não provinha talvez de modo algum do envelope. Calculando rigorosamente o tempo, estabeleceu o inquérito que o acusado, depois de ter visto as criadas, se dirigiu diretamente à casa do funcionário Pierkhótin, pois não ficou só um instante, não tendo podido, pois, ocultar na cidade a metade dos três mil rublos. A acusação se baseia nisso para supor que *o* dinheiro está oculto em

alguma parte na aldeia de Mókroie. Por que não nos subterrâneos do castelo de *Udolfo*,[114] senhores? Isto não é uma suposição fantástica e romanesca? E notai, basta afastar essa hipótese para que a acusação de roubo venha abaixo, porque que fim tiveram esses mil e quinhentos rublos? Por meio de qual prodígio puderam desaparecer, se está demonstrado que o réu não foi a parte alguma? E é com semelhantes novelas que estamos prestes a destruir uma vida humana? No entanto, poderão dizer, ele não soube explicar a proveniência do dinheiro encontrado em seu poder, aliás, cada qual sabe que ele não o tinha antes. Mas quem sabia? O acusado explicou claramente donde provinha o dinheiro e se quiserdes, senhores jurados, essa explicação é das mais verossímeis e concorda completamente com o caráter do réu. A acusação atém-se à sua própria novela: um homem de vontade fraca, tendo aceito três mil rublos de sua noiva em condições humilhantes, não pôde, dizem, retirar a metade e guardá-la num amuleto; pelo contrário, supondo-se que o houvesse feito, iria descosturá-lo a cada dois dias para dele retirar cem rublos e nada teria restado ao fim de um mês. Deveis lembrar-vos de que tudo isso foi declarado num tom que não sofria objeção. Mas se as coisas se tivessem passado de outro modo e tivésseis criado outro personagem? Foi bem o que aconteceu. Poderão talvez objetar: 'Testemunhas atestam que ele gastou de uma vez, na aldeia de Mókroie, os três mil rublos emprestados pela Senhorita Vierkhóvtseva, por conseguinte, não pôde retirar-lhes a metade.' Mas quais são essas testemunhas? Já se viu o crédito que merecem. Além do mais, um bolo na mão de outrem parece sempre maior. Nenhuma dessas testemunhas contou as cédulas, todas as avaliaram de relance de olho. A testemunha Maksímov chegou a declarar que o réu tinha vinte mil rublos. Vede, senhores jurados, como a psicologia serve a duplo fim. Permiti-me aplicar aqui a contrapartida. Veremos o que resultará disso.

"Um mês antes do drama, três mil rublos foram confiados ao acusado pela Senhorita Vierkhóvtseva, para enviá-los, pelo correio, mas pode-se perguntar se foi em condições tão humilhantes como se proclamou ainda há pouco. O primeiro depoimento da Senhorita Vierkhóvtseva a este respeito era bem diferente, o segundo transpirava cólera, vingança, um ódio muito tempo dissimulado. Mas o simples fato de a testemunha não ter dito a verdade, por ocasião de sua

primeira versão, dá-nos o direito de concluir que o mesmo aconteceu na segunda. A acusação respeitou essa novela, imitarei sua reserva. Todavia, vou me permitir observar que se uma pessoa tão pura e tão respeitável como a Senhorita Vierkhóvtseva se permite na audiência mudar de repente seu depoimento, no fim evidente de prejudicar o acusado, é também evidente que suas declarações estão maculadas de parcialidade. Poderiam nos negar o direito de concluir que uma mulher ávida de vingança pode exagerar muitas coisas? Notadamente as condições humilhantes em que o dinheiro foi oferecido. Pelo contrário, esse oferecimento deve ter sido feito duma maneira aceitável, sobretudo para um homem tão leviano quanto nosso constituinte, que contava aliás receber em breve de seu pai os três mil rublos devidos pelo acerto de contas. Era aleatório, mas sua leviandade mesma o persuadia de que iria obter satisfação e poderia por conseguinte desonerar-se de sua dívida para com a Senhorita Vierkhóvtseva. Mas a acusação repele absolutamente a versão do amuleto: 'Esses sentimentos são incompatíveis com seu caráter'. No entanto, falastes vós mesmo dos dois abismos que Karamázov pode contemplar ao mesmo tempo. Com efeito, sua natureza bifronte é capaz de deter-se no meio da devassidão mais desenfreada, se sofre uma outra influência. Essa outra influência é o amor, esse novo amor que se inflamou nele como a pólvora, e para a qual é preciso dinheiro, mais ainda que para fazer a farra com aquela mesma bem-amada. Se ela lhe disser: 'Sou tua, não quero Fiódor Pávlovitch', ele a agarrará, irá levá-la para longe, com a condição de ter os meios para isso. Isto se passa antes do bródio. Karamázov não é capaz de perceber isso? Eis o que o atormentava; que há de inverossímil no ter ele reservado esse dinheiro para o que desse e viesse? Mas o tempo passa, Fiódor Pávlovitch não dá ao acusado os três mil rublos, pelo contrário, corre o boato de que os destina precisamente para seduzir sua bem-amada. 'Se Fiódor Pávlovitch não me der nada — pensa ele —, passarei por um ladrão aos olhos de Katierina Ivânovna.' Assim nasce a ideia de ir depositar diante de Katierina Ivânovna aqueles mil e quinhentos rublos que continua a trazer consigo, no amuleto, dizendo: 'Sou um miserável, mas não um ladrão'. Eis, pois, uma dupla razão para conservar aquele dinheiro como a menina de seus olhos, em lugar de abrir o amuleto e dele retirar uma cédula após outra. Por que recusar ao acusado o sentimento da honra? Existe nele esse sentimento, mal

compreendido talvez, muitas vezes errôneo, seja, mas real, levado até a paixão, ele o provou. Mas a situação se complica, as torturas do ciúme atingem seu paroxismo, e essas duas questões, sempre as mesmas, obsedam cada vez mais o cérebro enfebrecido do acusado: 'Se eu reembolsar Katierina Ivânovna com que dinheiro levarei Grúchenhka?'. Se se embriagou, praticou loucuras e barulho nos botequins durante todo aquele mês, foi talvez precisamente porque estava cheio de amargura e sem força para suportar aquele estado de coisas. Essas duas questões tornaram-se finalmente tão irritantes que o reduziram ao desespero. Mandara seu irmão mais moço pedir uma derradeira vez aqueles três mil rublos a seu pai, mas, sem esperar a resposta, irrompeu em casa do velho e bateu-lhe diante de testemunhas. Depois disto, nada mais tinha a esperar. Naquela mesma noite, bate no alto do peito, precisamente no lugar daquele amuleto, e jura a seu irmão que tem um meio de apagar sua vergonha, mas que o manterá, porque se sente incapaz de recorrer a esse meio, sendo de caráter demasiado fraco. Por que recusa a acusação acreditar no depoimento de Alieksiéi Karamázov, tão sincero, tão espontâneo e plausível? Por que, ao contrário, impor a versão do dinheiro escondido numa fenda, nos subterrâneos do castelo de Udolfo? Na mesma noite da conversa com seu irmão, o acusado escreveu aquela carta fatal, base principal da acusação de roubo. 'Pedirei dinheiro a todo mundo, e se me recusarem, matarei meu pai e tirarei o dinheiro de sob o colchão, no envelope amarrado com uma fita cor-de-rosa, contanto que Ivan parta.' Eis o programa completo do assasinato. Como não seria ele? 'Tudo se passou como ele havia escrito?', exclama a acusação. Mas, em primeiro lugar, é uma carta de bêbedo, escrita sob o império duma extrema irritação; em seguida, não fala do envelope senão por informação de Smierdiákov, sem tê-lo ele próprio visto; em terceiro, se bem que a carta exista, como provar que os fatos a ela correspondem? O réu encontrou o envelope sob o travesseiro? Ele continha dinheiro mesmo? Aliás, era atrás do dinheiro que corria o acusado, lembrai-vos? Não correu como um louco para roubar, mas apenas para saber onde estava aquela mulher que o fizera perder a cabeça, por conseguinte não de acordo com um plano, para um roubo premeditado, mas de improviso, num acesso de ciúme furioso? 'Sim, mas depois do crime, apoderou-se do dinheiro.' Finalmente, matou, sim ou não? Repilo com indignação a acusação de roubo; só será

possível, se se indicar exatamente o objeto do roubo, é um axioma! Mas está demonstrado que ele matou, mesmo sem roubar. Não seria isso também uma novela?

— “Não vos esqueçais, senhores jurados, de que se trata da vida de um homem. A prudência se impõe. Até o presente, a acusação hesitava em admitir a premeditação. Foi preciso para convencê-la aquela fatal carta de bêbedo, apresentada hoje ao tribunal. ‘Isto se passou, como ele o havia escrito.’ Mas, repito, o acusado não correu à casa de seu pai senão para procurar sua amiga, saber onde ela estava. É um fato irrecusável. Se a tivesse encontrado em sua casa, longe de executar suas ameaças, não teria ido a parte alguma. Foi por acaso, de improviso, talvez sem se recordar de sua carta. ‘Mas apoderou-se de um pilão’, o qual, haveis de lembrar-vos, deu margem a considerações psicológicas. No entanto, vem-me ao espírito uma ideia bem simples: se esse pilão em lugar de encontrar-se a seu alcance, estivesse no armário, o acusado, não o vendo, teria partido sem arma, de mãos vazias, e não teria talvez matado ninguém. Como se pode concluir desse incidente a premeditação? Sim, mas proferiu nos botequins ameaças de morte contra seu pai, e dois dias antes, na noite em que foi escrita essa carta de bêbedo, estava calmo e brigou somente com um caixeiro, ‘porque Karamázov não podia fazer de outro modo’. A isto, responderei que se ele tivesse meditado em tal crime, segundo um plano traçado, teria certamente evitado essa briga e não teria talvez ido ao botequim, porque, em semelhante caso, a alma busca a calma e o isolamento, esforça-se por subtrair-se à atenção: ‘esquecei-me, se puderdes’, e isto, não por cálculo apenas, mas por instinto. Senhores jurados, a psicologia tem duplo fim e nós sabemos também compreendê-la. Quanto a essas ameaças vociferadas durante um mês nos botequins, ouvem-se muitos meninos disputar-se ou bêbedos brigar, ao sair do botequim: ‘eu te matarei’, mas isso não vai mais longe. E essa carta fatal, não foi também o produto da embriaguez e da cólera, o grito do bêbedo que ameaça praticar uma desgraça? Por que não? Por que essa carta é fatal, em lugar de ser ridícula? Porque foi encontrado assassinado o pai do réu, porque uma testemunha viu no jardim o acusado armado que fugia e foi ela mesma por ele abatido, por conseguinte tudo se passou como ele havia escrito, eis por que essa carta não é ridícula, mas fatal. Deus seja louvado, eis-nos chegados ao ponto crítico. ‘Uma vez que estava no jardim, matou,

pois.' Toda a acusação se atém a estas palavras 'uma vez que' e 'pois'. E se este 'pois' não tivesse fundamento, apesar das aparências? Oh! convenho que a concordância dos fatos, as coincidências, são bastante eloquentes. No entanto, considerai todos esses fatos isoladamente, sem vos deixar impressionar por seu conjunto; por que, por exemplo, recusa a acusação absolutamente acreditar na veracidade do réu, quando ele declara ter-se afastado da janela de seu pai? Lembrai-vos dos sarcasmos a respeito da deferência e dos sentimentos piedosos que o assassino teria de súbito experimentado. E se tivesse havido verdadeiramente aqui algo de semelhante, um sentimento de piedade, senão de deferência? 'Sem dúvida, minha mãe rezava por mim então', declara o réu no inquérito, e fugiu assim que verificou que a Senhora Svietlova não estava em casa de seu pai. 'Mas não podia verificá-lo pela janela', objeta-nos a acusação. Por que não? A janela abriu-se aos sinais feitos pelo acusado. Fiódor Pávlovitch pôde pronunciar uma palavra, deixar escapar um grito, revelando a ausência da Senhora Svietlova. Por que ater-se absolutamente a uma hipótese surgida da nossa imaginação? Na realidade, há mil possibilidades escapando à observação do romancista mais sutil. 'Sim, mas Grigóri viu a porta aberta, por conseguinte, o acusado entrou certamente na casa, matou, pois.' Quanto a essa porta, senhores jurados… Vede, não temos aqui senão o único testemunho de um indivíduo que se achava, aliás, num tal estado que… Mas seja, a porta estava aberta, admitamos que as negativas do acusado sejam uma mentira, ditada por um sentimento de defesa bem natural, admitamos que ele haja penetrado na casa. Então, por que se quer que ele haja matado, se entrou? Pôde ter entrado, percorrido os quartos, pôde empurrar seu pai para um lado, bater-lhe mesmo, mas depois de ter verificado a ausência da Senhora Svietlova, fugiu, feliz por não tê-la encontrado e ter-se poupado um crime. Eis justamente por que, um momento depois, tornou a descer para ir em socorro de Grigóri, vítima de seu furor; foi porque era suscetível de experimentar um sentimento de piedade e de compaixão, porque escapara à tentação, porque sentia a alegria de um coração puro. Com uma eloquência impressionante, a acusação nos descreve o estado de espírito do acusado na aldeia de Mókroie, quando o amor lhe apareceu de novo, chamando-o a uma vida nova, quando não lhe era mais possível amar, tendo atrás de si o cadáver ensanguentado de seu pai e, em perspectiva, o castigo. No entanto, o ministério público

admitiu o amor, explicando-o à sua maneira: 'A ebriedade, a trégua de que se beneficiava o criminoso, etc.'. Mas não criastes um novo personagem, senhor procurador, pergunto-vos novamente? O acusado é grosseiro e sem coração ao ponto de ter podido, num momento semelhante, pensar no amor e nos subterfúgios de sua defesa, tendo na verdade sobre a consciência o sangue de seu pai? Não, mil vezes não! Logo depois de ter descoberto que ela o ama, chama-o, promete-lhe a felicidade, estou persuadido de que ele teria experimentado uma necessidade imperiosa de suicidar-se e teria tirado a própria vida, se tivesse tido atrás de si o cadáver de seu pai. Oh! não, decerto, não teria esquecido onde se encontravam suas pistolas! Conheço o acusado; a brutal insensibilidade que lhe atribuem é incompatível com seu caráter. Teria se matado, é certo, e não o fez precisamente porque 'sua mãe rezava por ele', e porque não havia vertido o sangue de seu pai. Durante aquela noite passada em Mókroie, atormentou-se somente por causa do velho que abatera, suplicando a Deus que o reanimasse para que pudesse escapar à morte e ele próprio ao castigo. Por que não admitir esta versão? Que prova decisiva temos nós de que o acusado mente? Mas irão de novo opor-nos o cadáver de seu pai! ele fugiu sem matar, então quem é o assassino?

"Repito que é essa toda a lógica da acusação: quem matou, senão ele? Não há ninguém para pôr em seu lugar. Senhores jurados, será bem isso? É bem verdade que não se encontra ninguém mais? A acusação enumerou todos aqueles que estavam na casa ou a ela foram naquela noite. Encontraram-se cinco pessoas. Três dentre elas, convenho, estão inteiramente fora de causa: a vítima, o velho Grigóri e sua mulher. Restam, pois, Karamázov e Smierdiákov. O senhor procurador exclama pateticamente que o acusado só designa Smierdiákov em desespero de causa, que se houvesse uma sexta pessoa, ou mesmo sua sombra, o acusado, tomado de vergonha, trataria de denunciá-la depressa. Mas, senhores jurados, Por que não fazer o raciocínio inverso? Há dois indivíduos em presença: o acusado e Smierdiákov, não posso eu dizer que só se acusa o meu constituinte em desespero de causa? E isto unicamente porque, por prevenção, excluiu-se de antemão de toda suspeita Smierdiákov. Na verdade, Smierdiákov só é designado pelo réu, por seus dois irmãos e pela Senhora Svietlova. Mas há outros testemunhos: é a emoção confusa

suscitada na sociedade por certa suspeita, percebe-se um vago rumor, sente-se uma espécie de expectativa. Enfim, prova disso é a conexão dos fatos, característica mesmo na sua impressão; em primeiro lugar, aquela crise de epilepsia sobrevinda precisamente no dia do drama, crise que a acusação teve de defender e de justificar o melhor que pôde. Depois esse repentino suicídio de Smierdiákov na véspera do julgamento. Em seguida, o depoimento não menos inopinado, em plenário, do irmão do acusado, que havia acreditado até então na sua culpabilidade e traz de repente o dinheiro declarando que Smierdiákov é o assassino. Oh! estou persuadido, tanto como o ministério público, de que Ivan Fiódorovitch está com febre nervosa, de que seu depoimento tenha podido ser uma tentativa desesperada, concebida no delírio, para salvar seu irmão, acusando o defunto. Não obstante, o nome de Smierdiákov foi pronunciado, tem-se de novo a impressão de um enigma. Dá a impressão, senhores jurados, que há aqui algo de inexprimido, de inacabado. Talvez a luz se faça. Mas não antecipemos. O tribunal decidiu ainda há pouco prosseguir nos debates. Eu poderia, enquanto espero, apresentar algumas observações a respeito do caráter de Smierdiákov, traçado com um talento tão sutil pela acusação. Embora admirando-o, não posso subscrever seus traços essenciais. Estive com Smierdiákov, falei-lhe, causou-me uma impressão bem diversa. Era fraco de saúde, decerto, mas não de caráter, não era absolutamente a criatura fraca que a acusação imagina. Sobretudo não encontrei nele timidez, essa timidez que nos descreveram de maneira tão característica. Nenhuma ingenuidade, uma extrema desconfiança, dissimulada sob as aparências da simplicidade, um espírito capaz de muito meditar. Oh! foi por candura que a acusação o julgou fraco de espírito. Produziu em mim uma impressão precisa; parti persuadido de estar tratando com uma criatura visceralmente má, desmedidamente ambiciosa, vingativa e invejosa. Recolhi certas informações; detestava sua origem, tinha vergonha dela e relembrava, rangendo os dentes, que provinha de uma fedorenta. Mostrava-se desrespeitoso para com o criado Grigóri e sua mulher, que haviam tomado conta dele na sua infância. Maldizendo a Rússia, dela zombava, sonhava partir para a França, tornar-se francês. Muitas vezes declarou, ainda antes, não poder fazê-lo por falta de recursos. Creio que não amava ninguém senão a si próprio e achava-se singularmente elevado… A cultura consistia para

ele numa roupa decente, numa camisa limpa e em botas bem engraxadas. Crendo-se (há fatos em apoio) filho natural de Fiódor Pávlovitch, pôde criar ódio à sua situação em relação aos filhos legítimos de seu amo; eles têm tudo e ele nada, para eles todos os direitos, herança, enquanto que ele não passa de um cozinheiro. Contou-me que pusera o dinheiro no envelope com Fiódor Pávlovitch. O destino daquela soma — graças à qual teria podido abrir seu caminho — era-lhe evidentemente odioso. Além disso, viu três mil rublos em cédulas novas (perguntei-lhe de propósito). Oh! nunca mostreis a uma criatura invejosa e cheia de amor-próprio uma grossa soma de uma vez; ora, ele via pela primeira vez tal soma na mesma mão. Aquele maço de dinheiro pôde ter deixado na sua imaginação uma impressão mórbida, sem outras consequências no começo. Meu eminente contraditor expôs, com uma sutileza notável, todas as hipóteses pró e contra a possibilidade de acusar Smierdiákov de assassinato, insistindo nesta pergunta: que interesse tinha ele em simular uma crise? Sim, mas não simulou necessariamente, a crise pôde sobrevir muito naturalmente e passar da mesma forma, voltando o doente a si. Sem se restabelecer, terá retomado conhecimento, como acontece entre os epilépticos. Em que momento Smierdiákov cometeu seu crime?, pergunta a acusação. É muito fácil indicá-lo. Pôde voltar a si e levantar-se, depois de ter dormido profundamente (porque as crises são sempre seguidas dum profundo sono), justamente no momento em que o velho Grigóri, tendo agarrado pela perna, sobre a paliçada, o acusado, que fugiu, vociferou: 'Parricida!'. Esse grito incomum, no silêncio e nas trevas, pôde despertar Smierdiákov, cujo sono era já talvez mais leve. Levanta e vai quase inconscientemente ver de que se trata. Ainda estremunhado, sua imaginação dormita, mas ei-lo no jardim, aproxima-se das janelas iluminadas, toma conhecimento da terrível notícia de boca de seu amo, evidentemente satisfeito com a presença dele. O velho, aterrorizado, conta-lhe tudo pormenorizadamente. Sua imaginação inflama-se. E no seu cérebro perturbado, uma ideia toma corpo, ideia terrível, mas sedutora e duma lógica irrefutável: assassinar, apoderar-se dos três mil rublos e tudo atribuir depois ao filho do patrão. De quem se suspeitará agora, quem pode ser acusado senão ele? As provas existem, estava no local. A cupidez pode ter-se apoderado dele, ao mesmo tempo que a consciência da impunidade. Oh! a tentação sobrevém por vezes em

rajadas, sobretudo em criminosos que não suspeitavam, um minuto antes, de que queriam matar! Assim, Smierdiákov pôde entrar nos aposentos de seu amo e executar seu plano. Com que arma? Mas com a primeira pedra que terá apanhado no jardim. Por que, com qual fim? Mas três mil rublos são uma fortuna. Oh! não me contradigo; o dinheiro pode ter existido. Talvez mesmo somente Smierdiákov sabia onde encontrá-lo em casa de seu amo. 'Pois bem! E o envelope caído no chão, rasgado?' Ainda há pouco, ao ouvir a acusação insinuar sutilmente a este respeito que somente um ladrão novato, tal como precisamente Karamázov, podia agir assim, e em nenhum caso Smierdiákov, que não teria jamais deixado tal prova contra si, ainda há pouco, senhores jurados, reconheci de súbito um argumento dos mais familiares. Imaginei que essa hipótese relativa à maneira pela qual Karamázov devia ter procedido com o envelope, já a ouvira eu dois dias antes do próprio Smierdiákov e isto para grande surpresa minha; ele me parecia, de fato, fingir ingenuidade e impor-me de antemão essa ideia para que eu tirasse dela a mesma conclusão, como se ele a soprasse. Ele não agiu da mesma maneira no inquérito e impôs essa hipótese ao eminente representante da acusação? E a mulher de Grigóri, dirão? Ouviu o doente gemer toda a noite. Seja, mas é este um argumento muito frágil. Conheci uma senhora que se queixava amargamente de ter estado acordada toda a noite por um cachorrinho que a impedia de dormir. No entanto, o pobre animal, como se soube, não latira senão duas ou três vezes. E é natural; uma pessoa que dorme ouve gemer, desperta resmungando, para tornar a adormecer logo. Duas horas depois, novo gemido, novo despertar seguido de sono, e ainda duas horas depois, três vezes ao todo. De. manhã, a pessoa que dormia levanta-se queixando-se de ter estado acordada a noite inteira por causa de gemidos contínuos. Deve necessariamente ter essa impressão; os intervalos de duas horas, durante os quais dormiu, escapam-lhe, somente os minutos de vigília lhe voltam ao espírito, parece-lhe que a despertaram a noite inteira. Mas por que, exclama a acusação, não confessou Smierdiákov no bilhete escrito antes de morrer? 'Sua consciência não chegou até aí.' Permiti; a consciência é já o arrependimento, talvez que o suicida não experimentasse arrependimento, mas apenas desespero. São duas coisas totalmente diversas. O desespero pode ser mau e irreconciliável, e o suicida, no momento de liquidar-se, podia detestar mais do que

nunca aqueles de quem tivera inveja toda a sua vida. Senhores jurados, tomai cuidado em não cometer um erro judiciário! Que há de inverossímil em tudo quanto vos expus? Encontrai um erro em minha tese, encontrai nela uma impossibilidade, um absurdo! Mas se minhas conjeturas são pelo menos um pouco verossímeis, sede prudentes. Juro pelo que há de mais sagrado, creio absolutamente na versão do crime que acabo de apresentar-vos. O que me perturba sobretudo e me põe fora de mim é o pensamento de que, entre a massa de fatos acumulados pela acusação contra o réu, não há nem um só que seja seu tanto quanto exato e irrecusável. Sim, decerto, o conjunto é terrível; aquele sangue que goteja das mãos, de que está impregnada sua roupa íntima, aquela noite escura em que repercutiu o grito de 'Parricida!', aquele que o lançou ao cair, com a cabeça partida, depois aquela massa de palavras, de depoimentos, de gestos, de gritos, oh! tudo isso pode falsear uma convicção, mas não a vossa, senhores jurados! Lembrai-vos de que vos foi dado um poder ilimitado de ligar e desligar. Mas quanto maior é esse poder, mais temível é o seu uso! Mantenho absolutamente tudo quanto acabo de dizer, mas seja, convenho por um instante com a acusação que meu infeliz constituinte sujou suas mãos com o sangue de seu pai. Não é senão uma suposição, repito-o, não duvido nem um minuto de sua inocência, no entanto, escutai-me, mesmo nesta hipótese. Tenho ainda alguma coisa a dizer-vos, porque pressinto em vossos corações um violento combate… Perdoai-me esta alusão, senhores jurados, quero verdadeiramente ser verídico e sincero até o fim. Sejamos todos sinceros!"

Nesse momento o defensor foi interrompido por aplausos bastante vivos. Com efeito, pronunciou as derradeiras palavras com uma voz tão emocionada que todo mundo sentiu que talvez houvesse verdadeiramente alguma coisa a dizer, e alguma coisa de capital importância. o presidente ameaçou "mandar evacuar" a sala, se "semelhante manifestação" se reproduzisse. Todos se calaram e Fietiukóvitch começou, com uma voz compenetrada, totalmente mudada.

## *XIII / Um sofista*

— “Não é somente o conjunto dos fatos que acabrunha meu constituinte, senhores jurados, não, o que o acabrunha, na realidade, é o fato apenas de terem encontrado seu pai assassinado. Se se tratasse de um simples crime, dada a dúvida que plaina sobre o caso, sobre cada um dos fatos considerados isoladamente, teríeis afastado a acusação ou pelo menos hesitado em condenar um homem unicamente por causa de uma prevenção contra ele, ai! demasiado justificada! Mas estamos em presença de um parricídio. Isto se impõe a ponto de fortificar a fragilidade mesma dos pontos principais de acusação, no espírito menos prevenido. Como absolver tal acusado? Se fosse culpado e escapasse ao castigo? Eis o sentimento instintivo de cada um. Sim, é uma terrível coisa derramar o sangue de seu pai, o sangue daquele que vos gerou, amou, o sangue daquele que prodigou sua vida por vós, que se afligiu com vossas doenças infantis, que sofreu para que fosseis felizes e não viveu senão pelas vossas alegrias e pelos vossos êxitos! Oh! o assassinato de tal pai, não se pode mesmo imaginá-lo! Senhores jurados, que é um pai verdadeiro, que majestade, que ideia grandiosa oculta esse nome? Acabamos de indicar em parte o que deve ser. Neste caso tão doloroso, o defunto, Fiódor Pávlovitch Karamázov, nada tinha de um pai, tal como nosso coração acaba de defini-lo. É desagradável. Sim, com efeito, há pais que se assemelham a uma calamidade. Examinemos as coisas de mais perto, não devemos recuar diante da nada, senhores jurados, diante da gravidade da decisão a tomar. Devemos sobretudo não ter medo agora nem afastar certas ideias, tais como crianças ou mulheres medrosas, de acordo com a feliz expressão do eminente representante da acusação. No decorrer de seu ardente libelo acusatório, o meu honrado adversário exclamou por várias vezes: ‘Não, não abandonarei a ninguém a defesa do acusado, nem mesmo ao defensor chegado de Petersburgo, sou ao mesmo tempo acusador e defensor.’ No entanto, esqueceu-se de mencionar que se esse temível acusado guardou por vinte e três anos tal gratidão por uma libra de avelãs, com que o presenteou o único homem que, sendo ele menino, teve para com ele tal gesto em casa de seu pai, inversamente tal homem deveria lembrar-se, durante esses vinte e três anos, de como andava descalço em casa de seu pai, no quintal, ‘as calças presas por um só botão’, segundo a expressão de um homem de coração, o Doutor Herzenstube. Oh! senhores jurados, de que serve olhar de perto essa calamidade,

repetir o que toda gente conhece! Que é que meu constituinte encontrou ao chegar à casa de seu pai? E por que o representar como um ser sem coração, um egoísta, um monstro? É impetuoso, é selvagem, violento, eis por que o julgam agora. Mas quem é o responsável pelo seu destino, de quem a culpa se, com tendências virtuosas, um coração sensível e grato, recebeu uma educação tão absurda? Desenvolveram-lhe a razão, instruíram-no, alguém lhe testemunhou um pouco da afeto na sua infância? Meu constituinte cresceu ao deus-dará, isto é, como um animal selvagem. Talvez tivesse ardente desejo de rever seu pai após aquela longa separação, talvez lembrando-se de sua infância, como através de um sonho, tenha afastado muitas vezes o fantasma odioso do passado, desejando de toda a sua alma absolver e abraçar seu pai! E então? Acolhem-no com zombarias cínicas, desconfiança, chicanas a respeito de sua herança; só ouve frases e máximas que enojam o coração, finalmente vê seu pai tentar arrebatar-lhe, com seu próprio dinheiro, a sua amiga. Oh! senhores jurados, é repugnante, é atroz! E aquele velho queixa-se a todo mundo da irreverência e da violência de seu filho, difama-o na sociedade, causa-lhe danos, calunia-o, compra suas promissórias para metê-lo na cadeia! Senhores jurados, as pessoas aparentemente duras, violentas, impetuosas, tais como meu constituinte, são bem muitas vezes corações ternos, somente não o mostram. Não dai risada de minha ideia! O senhor procurador zombou impiedosamente de meu constituinte, apontando seu amor por Schiller e pelo sublime. Em seu lugar, não teria zombado. Sim, esses corações — oh! deixai-me defendê-los, tão raramente e tão mal compreendidos —, esses corações vivem muitas vezes sedentos de ternura, de beleza, de justiça, precisamente como por contraste consigo mesmos, com sua violência e sua dureza, e não suspeitam disso. Parecendo apaixonados e violentos, são capazes de amar até ao sofrimento, uma mulher, por exemplo, e certamente com um amor ideal e elevado. Repito, não é para rir, isso é o que acontece a maior parte das vezes com tais naturezas. Somente, não podem dissimular sua impetuosidade por vezes grosseira, eis o que fere a atenção, eis o que se nota, enquanto que o íntimo permanece ignorado. Pelo contrário, suas paixões acalmam-se rapidamente, mas junto duma pessoa de sentimentos elevados, esse ser que parece grosseiro, violento, busca a regeneração, a possibilidade de emendar-se, de tornar-se nobre, honesto, ‘sublime’, por mais

desacreditada que esteja esta palavra. Disse ainda há pouco que respeitaria o romance de meu constituinte com a Senhorita Vierkhóvtseva. Contudo, pode-se falar por palavras veladas; ouvimos, não um depoimento, mas apenas o grito de uma mulher exaltada que se vinga e não cabe a ela censurar a ele sua traição, porque foi ela quem traiu! Se tivesse tido o tempo de entrar em si mesma, não teria dado semelhante testemunho. Oh! não a acrediteis, não, meu constituinte não é um monstro, como o chamou ela. O Crucificado, que amava os homens, disse antes das angústias da Paixão: 'Eu sou o Bom Pastor, que dá sua vida pelas suas ovelhas, e nenhuma delas perecerá'. Não percamos, não, uma alma humana! Eu perguntava: que é um pai? É um nome nobre e precioso, exclamei. Mas é preciso usar lealmente o termo, senhores jurados, e me permito chamar as coisas pelo seu nome. Um pai tal como a vítima, o velho Karamázov, é indigno dc se chamar assim, O amor filial não justificado é absurdo. Não se pode suscitar o amor com coisa nenhuma, somente Deus é quem tira alguma coisa do nada. 'Pais, não provoqueis a ira de vossos filhos', escreveu o apóstolo com um coração ardendo de amor. Não é para meu constituinte que cito estas santas palavras, recordo-as para todos os pais. Quem me confiou o poder de instruí-los? Ninguém, mas como homem, como cidadão, dirijo-me a eles: *vivos voco*![115] Não permanecemos muito tempo sobre a terra, nossas ações e nossas palavras são muitas vezes más. Por isso tratemos de aproveitar todos os momentos que passamos juntos para nos dirigir mutuamente uma boa palavra. É o que faço: aproveito da ocasião que me é oferecida. Não é por coisa nenhuma que esta tribuna nos foi concedida por uma vontade soberana, toda a Rússia nos ouve. Não falo somente para os pais que estão aqui, grito para todos: 'Pais, não provoqueis a ira de vossos filhos!'. Pratiquemos em primeiro lugar nós mesmos o preceito do Cristo, e apenas então poderemos exigir alguma coisa de nossos filhos. Senão, não somos pais, mas inimigos para eles, não são nossos filhos, mas nossos inimigos, e isto por culpa nossa! 'E com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós',[116] não sou eu que o digo, é o *Evangelho* que o prescreve; medi com a mesma medida que vos é aplicada. Como acusar nossos filhos se eles nos retribuem o que fazemos com eles? Recentemente, na Finlândia, suspeitou-se que uma criada havia dado à luz clandestinamente. Espionaram-na e encontrou-se no celeiro, dissimulado por trás de tijolos, sua mala que

continha o cadáver de um recém-nascido, morto por ela. Descobriram-se igualmente os esqueletos de dois outros bebês, que ela confessou ter matado ao nascerem. Senhores jurados, é uma mãe uma mulher dessas? É certo que pôs filhos no mundo, mas qual de nós ousaria dar-lhe o santo nome de mãe? Sejamos ousados, senhores jurados, sejamos mesmo temerários, devemos sê-lo neste momento e não temer certas palavras, certas ideias, como as vendedoras de Moscou, que temem o 'metal' e o enxofre. Provemos, pelo contrário, que o progresso dos derradeiros anos influiu também no nosso desenvolvimento e digamos francamente.: não basta procriar para ser pai, é preciso ainda merecer esse título. Sem dúvida, a palavra pai tem outra significação, segundo a qual um pai, fosse ele um monstro, um inimigo jurado de seus filhos, ficará sempre pai, pelo simples fato de tê-los gerado. Mas é uma significação mística, por assim dizer, que escapa à inteligência, que se pode admitir somente como artigo de fé, bem como muitas coisas incompreensíveis nas quais a religião nos obriga a crer. Mas neste caso, deve permanecer isto fora do domínio da vida real. Neste domínio, que tem não somente seus direitos, mas impõe grandes deveres, se queremos ser humanos, cristãos enfim, somos obrigados a aplicar somente ideias justificadas pela razão e pela experiência passados no crisol da análise, em uma palavra, agir sensatamente e não com extravagância, como em sonho ou no delírio, para não prejudicar nosso semelhante, fazê-lo sofrer, causar sua perda. Faremos então obra de cristãos e não somente de místicos, uma obra sensata, verdadeiramente filantrópica…"

Nesse momento, vivos aplausos partiram de diferentes pontos da sala, mas Fietiukóvitch fez um gesto, como para suplicar que não o interrompessem. Todos se acalmaram imediatamente. O orador prosseguiu:

— "Pensais, senhores jurados, que tais questões possam escapar a nossos filhos, quando eles começam a refletir? Não, decerto, e não exigiremos deles uma abstenção impossível! A vista dum pai indigno, sobretudo comparado aos de outros meninos, seus condiscípulos, inspira, malgrado seu, a um jovem questões dolorosas. Respondem-lhe banalmente: 'Foi ele quem te gerou, és seu sangue, de modo que deves amá-lo'. O rapaz pensa contra sua vontade: 'Será que ele me amava

quando me gerou — pergunta ele, cada vez mais surpreso —, foi por minha causa que ele me deu a vida? ele não me conhecia, ignorava mesmo meu sexo, naquele minuto de paixão, talvez aquecido pelo vinho, e só me transmitiu uma inclinação pela bebida, eis todos os seus benefícios… Por que devo amá-lo, pelo simples fato de me ter gerado, a ele que nunca me amou?'. Oh! estas perguntas parecem-vos talvez grosseiras, cruéis, mas não exijais dum espírito jovem uma abstenção impossível: 'Expulsai o natural pela porta e ele entrará pela janela', mas, sobretudo, não temamos o 'metal' e o 'enxofre' e resolvamos a questão como o prescrevem a razão e a humanidade, e não as ideias místicas. Como resolvê-la? Pois bem! que o filho venha perguntar seriamente a seu pai: 'Pai, dize-me por que devo amar-te, prova-me que é um dever', e se esse pai for capaz de responder-lhe e de provar-lhe, eis uma verdadeira família, normal, que não repousa unicamente sobre um preconceito místico, mas sobre bases racionais, rigorosamente humanas. Pelo contrário, se o pai não apresenta nenhuma prova está liquidada essa família; o pai não é mais um pai para seu filho, este recebe a liberdade e o direito de considerá-lo como um estranho e até mesmo um inimigo. Nossa tribuna, senhores jurados, deve ser a escola da verdade e das ideias sãs!"

Vivos aplausos interromperam o orador. Certamente não eram unânimes, mas a metade da sala aplaudia, inclusive pais e mães. Gritos agudos partiam das tribunas ocupadas pelas senhoras. Gesticulava-se com os lenços. O presidente pôs-se a agitar a campainha com todas as suas forças. Estava visivelmente agastado com aquele tumulto, mas não ousou mandar evacuar a sala, como já havia ameaçado; até mesmo dignitários, velhos condecorados instalados por trás do tribunal, aplaudiam o orador, de sorte que, restabelecida a calma, ele se contentou em reiterar sua ameaça, e Fietiukóvitch, triunfante e emocionado, prosseguiu seu discurso.

— "Senhores jurados, vós vos lembrais daquela noite terrível, de que tanto se falou aqui, em que o filho introduziu-se por escalada em casa de seu pai e se encontrou face a face com o inimigo que lhe havia dado o dia. Insisto vivamente nisto: não era o dinheiro que o atraía; a acusação de roubo é um absurdo, como já o expus! E não foi para matar que ele forçou a porta; se tivesse premeditado um crime,

arranjaria previamente uma arma, mas pegou o pilão instintivamente, sem saber por quê. Admitamos que tenha enganado seu pai com os sinais e penetrado na casa, já disse que não creio um instante sequer nessa lenda, mas seja, suponhamo-la um minuto! Senhores jurados, juro pelo que há de mais sagrado, se Karamázov tivesse tido como rival um estranho, em lugar de seu pai, depois de ter verificado a ausência daquela mulher, teria se retirado precipitadamente, sem fazer-lhe mal, quando muito lhe teria batido, empurrado, sendo a única coisa que lhe importava encontrar sua amiga. Mas viu seu pai, seu perseguidor desde a infância, seu inimigo que se tornara um monstruoso rival; bastou isto para que um ódio irresistível se apoderasse dele, abolindo sua razão. Todos os seus agravos ressurgiram-lhe duma vez. Foi um acesso de demência, mas também um movimento da natureza, que vingava inconscientemente a transgressão de suas leis eternas. No entanto, mesmo então, o assassino não matou, afirmo, proclamo não, brandiu somente o pilão num gesto de indignação e de desgosto, sem intenção de matar, sem saber que matava. Se não tivesse tido esse fatal pilão nas mãos, teria somente batido em seu pai, talvez, mas não o teria assassinado. E ao fugir, ignorava se o velho por ele abatido estava morto. Tal crime não é crime, não é um parricídio. Não, a morte de tal pai não pode ser assemelhada a um parricídio senão por preconceito! Mas foi esse crime realmente cometido?, pergunto-vos ainda uma vez. Senhores jurados, vamos condená-lo e ele dirá a si mesmo: 'Essas pessoas nada fizeram por mim, para me elevar, me instruir, tornar-me melhor, fazer de mim um homem. Recusaram-me toda assistência e agora me mandam para o presídio. Eis-me quite, não lhes devo nada, nem a ninguém. São más, cruéis. Também serei assim'. Eis o que ele dirá, senhores jurados! Juro: declarando-o culpado, vós não fareis senão pó-lo à vontade, aliviar sua consciência, maldirá o sangue por ele vertido, em lugar de sentir remorsos. Ao mesmo tempo, tornareis sua recuperação impossível, porque permanecerá mau e cego até o fim de seus dias. Quereis infligir-lhe o castigo mais terrível que se possa imaginar, ao mesmo tempo que regenerais sua alma para sempre? Se afirmativamente, esmagai-o com a vossa clemência! Vós o vereis estremecer. Sou digno dum tal favor, dum tal amor?, dirá a si mesmo. Há nobreza, senhores jurados, nessa natureza selvagem. Vai se inclinar diante de vossa mansuetude, tem sede de um grande ato de amor, vai

se inflamar e ressuscitará definitivamente. Certas almas são bastante mesquinhas para acusar o mundo inteiro. Mas cumulai essa alma de misericórdia, testemunhai-lhe amor e ela maldirá suas obras, porque os germes do bem nela proliferam. Sua alma se expandirá vendo a mansuetude divina, a bondade e a justiça humanas. Será tomada de arrependimento, a imensidão da dívida contraída a esmagará. Não dirá então: 'estou quite', mas 'sou culpado diante de todos e o mais indigno de todos'. Com lágrimas de enternecimento exclamará: 'Os homens valem mais do que eu, porque quiseram salvar-me, em lugar de perder-me'. Oh! é-vos tão fácil usar de clemência, porque na ausência de provas decisivas, seria demasiado penoso para vós dar um veredicto de culpabilidade. Vale mais absolver dez culpados que condenar um inocente. Ouvis a grande voz do século passado de nossa história nacional? Cabe a mim, mesquinho, lembrar-vos que a justiça russa não tem unicamente por fim castigar, mas também regenerar um ser perdido? Que os outros povos observem a letra da lei, e nós, o espírito e a essência, para a regeneração dos decaídos. E se é assim, então, avante, Rússia! Não vos atemorizeis com as vossas tróicas em disparada, das quais os outros povos se afastam com repulsa! Não é uma tróica em disparada, é um carro majestoso, que roda solenemente, tranquilamente para o seu alvo. A sorte de meu constituinte está em vossas mãos, bem como os destinos do direito russo. Vós o salvareis, vós o defendereis, mostrando-vos à altura de vossa missão."

### *XIV / Os mujiques mantiveram-se firmes*

Assim concluiu Fietiukóvitch e o entusiasmo de seus ouvintes não conheceu mais limites. Não se devia pensar em reprimi-lo; as mulheres choravam, bem como muitos homens, houve mesmo dois dignitários que derramaram lágrimas. O presidente resignou-se e esperou antes de agitar a campainha. "Atentar contra semelhante entusiasmo teria sido uma profanação!", exclamaram mais tarde nossas damas. O próprio orador parecia sinceramente emocionado. Foi nesse momento que nosso Ipolit Kirílovitch se levantou para replicar. Lançaram-lhe olhares carregados de ódio: "Como ousa ele replicar?", murmuravam as senhoras. Mas os murmúrios de todas as senhoras do mundo, tendo à frente sua esposa, não teriam detido o procurador. Estava pálido e

tremia de emoção; suas primeiras frases foram mesmo incompreensíveis, ofegava, articulava mal, embaraçava-se. Aliás, conseguiu dominar-se logo. Não citarei senão algumas frases desse segundo discurso.

"…Censuram-nos ter inventado novelas. Mas fez o defensor coisa diversa? Só faltaram versos. Fiódor Pávlovitch, à espera de sua bem-amada, rasga o envelope e atira-o no chão. Citam-se mesmo suas palavras na ocasião. Não é um poema? E onde está a prova de que ele tirou o dinheiro e quem ouviu o que ele dizia? O imbecil Smierdiákov, transformado numa espécie de herói romântico que se vinga da sociedade por causa de seu nascimento ilegítimo, não é um poema ao gosto byroniano? E o filho que, tendo entrado intempestivamente em casa de seu pai, o mata sem matá-lo, não é mesmo nem mais uma novela, nem um poema, é uma esfinge propondo enigmas que ele próprio, decerto, não pode resolver. Se matou, é porque matou, como admitir que tenha matado sem ser um assassino, quem compreenderá isso? Em seguida, declara-se que nossa tribuna é a da verdade e a das ideias sãs e profere-se nela este axioma: que não passa de um preconceito qualificar de parricídio o assassinato de um pai. Mas se o parricídio é um preconceito se cada menino pode perguntar a seu pai: 'pai, por que devo amar-te?', que se tornarão as bases da sociedade, que se tornará a família? O parricídio, vede, é o 'enxofre' da vendedora moscovita. As mais nobres tradições da justiça russa são desnaturadas unicamente para obter ganho de causa, para obter a absolvição de quem não pode ser absolvido. Cumulai-o de clemência, exclama o defensor, o criminoso mais não pede, amanhã vai se ver o resultado! Aliás, não será por uma modéstia exagerada que ele pede apenas a absolvição do acusado? Por que não pedir a fundação duma bolsa que imortalizaria a façanha do parricídio aos olhos da posteridade e da jovem geração? Corrigem-se o *Evangelho* e a religião: tudo isso é misticismo, apenas nós possuímos o verdadeiro cristianismo, já verificado pela análise da razão e das ideias sãs. Evoca-se diante de nós uma falsa imagem do Cristo! 'E com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós', exclama o defensor, concluindo logo que o Cristo ordenou medir com a mesma medida que nos é aplicada — eis o que se proclama da tribuna da verdade! Lemos o *Evangelho* somente na véspera de nossos discursos,

para brilhar pelo conhecimento de uma obra bastante original, por meio da qual pode-se produzir certo efeito na medida em que for necessário. Ora, o Cristo proibiu precisamente agir assim, porque é o que torna o mundo mau, e nós, longe de pagar o mal pelo mal, devemos oferecer a face e perdoar aqueles que nos ofenderam. Eis o que nos ensinou o nosso Deus e não que seja um preconceito proibir que os filhos matem seus pais. E não seremos nós que corrigiremos nesta tribuna o *Evangelho* de nosso Deus, que o defensor digna-se apenas em chamar 'o Crucificado que amava os homens', em oposição a toda a Rússia ortodoxa que o invoca: 'Porque Tu és nosso Deus!…'"

Aqui, o presidente interveio e rogou ao orador que não exagerasse, que ficasse nos limites justos, etc., como fazem de hábito os presidentes em semelhante caso. A sala estava inquieta. O público agitava-se, proferia exclamações indignadas. Fietiukóvitch nem mesmo replicou, veio somente, de mãos sobre. o coração, pronunciar num tom ofendido algumas palavras cheias de dignidade. Aflorou de novo, com ironia, as "novelas" e a "psicologia" e achou meio de desfechar o seguinte dardo: "Júpiter, não tens razão, pois que te zangas", o que causou risos no auditório, porque Ipolit Kirílovitch não se assemelhava de nenhum modo a Júpiter. Quanto à pretensa acusação de permitir à mocidade o parricídio, declarou Fietiukóvitch, com grande dignidade, que a ela não responderia. A respeito da "falsa imagem do Cristo" e do fato de ele não ter se dignado chamá-lo Deus, mas apenas "o Crucificado que amava os homens", o que é "contrário à ortodoxia e não podia ser dito na tribuna da verdade", falou Fietiukóvitch de "insinuação" e deu a entender que, vindo aqui, acreditava pelo menos aquela tribuna ao abrigo de acusações "perigosas para sua pessoa como cidadão e fiel súdito…". Mas a estas palavras o presidente também o deteve e Fietiukóvitch, inclinando-se, terminou sua tréplica, acompanhado pelo murmúrio aprovativo de toda a sala. Ipolit Kirílovitch, segundo a opinião de nossas damas, estava "confundido para sempre".

Foi em seguida dada a palavra ao acusado. Mítia levantou-se, mas não disse grande coisa. Estava física e moralmente sem forças. O ar de independência e energia com que entrara pela manhã havia quase desaparecido. Parecia ter atravessado naquela manhã uma crise

decisiva que lhe ensinara e fizera compreender algo de muito importante, que antes ele não apreendia. Sua voz se enfraquecera, não gritava mais. Sentia-se em suas palavras a resignação e o acabrunhamento da derrota.

— “Que posso dizer, senhores jurados? Vão julgar-me, sinto a mão de Deus sobre mim. É o fim de um homem transviado! Mas como se me confessasse a Deus, a vós também digo: ‘Não derramei o sangue de meu pai!’. Repito uma derradeira vez. Não fui eu quem matou! Era desregrado, mas amava o bem. Constantemente, aspirava a emendar-me, e vivi como um animal selvagem. Obrigado ao procurador, disse a meu respeito muitas coisas que eu ignorava, mas é falso que tenha eu matado meu pai, o procurador se enganou! Obrigado igualmente a meu defensor: chorei ao ouvi-lo, mas é falso que eu tenha matado meu pai, não se devia nem supô-lo! Não acrediteis nos médicos, estou em plena razão, somente sinto-me acabrunhado. Se me poupardes e me absolverdes, rezarei por vós. Vou me tornar melhor, dou minha palavra, dou-a diante de Deus. Se me condenardes, quebrarei eu próprio minha espada e beijarei dela os pedaços! Mas poupai-me, não me priveis de meu Deus, conheço-me: eu me revoltarei! Estou acabrunhado, senhores… poupai-me!”

Caiu quase no seu lugar, sua voz se partiu, a derradeira frase mal foi articulada. O tribunal redigiu em seguida os quesitos a propor e pediu suas conclusões às partes. Mas omito os detalhes. Enfim, os jurados retiraram-se para deliberar. O presidente estava extenuado, de modo que lhes dirigiu uma breve alocução: “Sede imparciais, não vos deixeis influenciar pela eloquência da defesa, contudo pesai vossa decisão; lembrai-vos da alta missão de que estais revestidos”, etc. Os jurados retiraram-se, foi suspensa a audiência. Pôde-se dar um giro, trocar impressões, fazer lanche no bufete. Era bastante tarde, cerca de uma hora da madrugada, mas ninguém foi embora. Os nervos tensos impediam de pensar no repouso. Todo mundo aguardava com ansiedade o veredicto, exceto as damas, que, na sua impaciência febril, estavam tranquilizadas: “A absolvição é inevitável”. Todas se preparavam para o minuto emocionante do entusiasmo geral. Confesso que, entre os homens, muitos estavam certos da absolvição. Uns se regozijavam, outros franziam a testa, alguns baixavam

simplesmente o nariz; não queriam absolvição! Fietiukóvitch mesmo estava certo do triunfo. Cercavam-no, felicitavam-no complacentemente.

— Há — dizia ele num grupo, como se contou depois —, há fios invisíveis que ligam o defensor aos jurados. Formam-se e se pressentem já no curso da defesa. Senti-os, eles existem. Teremos ganho de causa, ficai tranquilos.

— Que vão dizer agora os nossos mujiques? — proferiu um gordo senhor bexigoso, de ar carrancudo, proprietário nos arredores, aproximando-se de um grupo.

— Não há somente mujiques. Há quatro funcionários.

— Ah! sim! os funcionários — disse um membro do *ziémstvo*.

— Conhece Nazáriev, Prokhor Ivânovitch, aquele comerciante que tem uma medalha? Faz parte do júri.

— E com isso?

— É um dos luminares da corporação.

— Mantém-se sempre em silêncio.

— Mantém o silêncio, pois tanto melhor. Não cabe ao petersburguês dar-lhe lições. Ele mesmo seria capaz de dá-las a toda Petersburgo, doze filhos, imaginem só!

— Será possível que não o absolvam? — gritava num outro grupo um de nossos jovens funcionários.

— Será certamente absolvido — disse uma voz decidida.

— Seria uma vergonha não absolvê-lo — exclamou o funcionário. — Admitamos que tenha matado, mas um pai como o dele! E, afinal, estava em tal exaltação… Pôde deveras ter assestado apenas uma pancada de pilão e *o* velho caiu. Mas erraram metendo o lacaio nisso. Não passa de um episódio burlesco. No lugar do defensor, teria eu dito redondamente: ele matou, mas não é culpado, que o diabo vos leve!

— Foi o que ele fez, apenas não disse: que o diabo vos leve!

— Não, Mikhail Siemiônitch, ele quase o disse — declarou uma terceira voz.

— Permiti, senhores, absolveram durante a quaresma uma atriz que cortara a garganta da mulher de seu amante.

— Sim, ela, porém, não foi até o fim.

— Dá na mesma, tinha começado.

— E o que disse ele dos meninos! Foi admirável!

— Admirável.

— E sobre o misticismo, hem?

— Deixem o misticismo — exclamou outro —, considerem antes a sorte de Ipolit doravante! Amanhã, sua esposa o arranhará por causa de Mítia.

— Ela está aqui?

— Por que aqui? Se estivesse aqui, já o teria arranhado. Fica em casa, tem dor de dentes, eh! eh! eh!

— Eh! eh! eh!

Num terceiro grupo:

— Mítia poderia muito bem ser absolvido.

— Seria magnífico! Amanhã saqueará “A Capital” e passará dez dias na carraspana.

— Ah! sim, o diabo!

— Não se pôde passar sem o diabo, seu lugar estava bem indicado aqui.

— Senhores, a eloquência é uma bela coisa. Mas não se pode rebentar a cabeça de um pai impunemente. Senão, aonde iríamos

parar?

— E aquilo do carro, do carro, lembram-se?

— Sim, fez ele duma carroça um carro.

— Amanhã o carro virará carroça de novo, “de acordo com as conveniências”.

— As pessoas tornaram-se espertas. A verdade existe ainda na Rússia, senhores, sim ou não?

Mas a campainha retiniu. Os jurados tinham deliberado uma hora exata. Profundo silêncio reinou, quando o público retornou seus lugares. Lembro-me da entrada do júri na sala. Afinal! Não citarei os quesitos por ordem, esqueci-os. Lembro-me somente da resposta ao primeiro quesito, o principal: “O acusado matou para roubar com premeditação?” (esqueci o texto). O presidente do júri, aquele funcionário que era o mais jovem de todos, respondeu com uma voz nítida, em meio dum silêncio de morte:

— Sim, culpado.

Depois foi a mesma resposta a respeito de todas os pontos: culpado, sem a menor circunstância atenuante!

Ninguém esperava por isso, todos contavam pelo menos com a indulgência do júri. O silêncio continuava, como se o auditório estivesse petrificado, tanto os partidários da condenação como os da absolvição. Mas foram apenas os primeiros minutos, aos quais sucedeu um terrível tumulto. Entre o público masculino, muitos estavam encantados. Outros chegavam mesmo a esfregar as mãos, sem dissimular sua alegria. Os descontentes tinham o ar acabrunhado, erguiam os ombros, cochichavam como se ainda não se dessem conta. Mas as nossas damas, meu Deus!, pensei que elas iam fazer um motim. A princípio, não quiseram acreditar em seus ouvidos. De repente, ruidosas exclamações ecoaram: “Que é isso? Por que isso?” Deixavam seus lugares, Certamente, imaginavam que se podia, no mesmo instante, mudar tudo aquilo e recomeçar. Naquele momento, Mítia se levantou de repente e gritou com voz dilacerante, os braços estendidos

para diante:

— Juro-o perante Deus e à espera do juízo final, não derramei o sangue de meu pai! Kátia, eu te perdoo! irmãos, amigos, velai pela outra!

Não terminou e pôs-se a soluçar ruidosamente, com uma voz que não parecia a sua, como que mudada, inesperada, vinda só Deus sabia donde. Nas tribunas, num canto recuado, repercutiu um grito agudo: era Grúchenhka. Suplicara que a deixassem entrar e voltara para a sala antes dos discursos. Levaram Mítia. A sentença do julgamento ficou adiada para o dia seguinte, Todos se levantaram em grande tumulto, mas eu já não escutava mais. Lembro-me somente de algumas exclamações no patamar da saída:

— Vai pegar não menos de vinte anos de trabalho nas minas.

— Nada menos!

— Sim, os nossos mujiques mantiveram-se firmes.

— E ajustaram suas contas com o nosso Mítia!

## Epílogo

### *I / Projetos de evasão*

No quinto dia após o julgamento de Mítia, cerca das oito horas da

manhã, Aliócha dirigiu-se à casa de Katierina Ivânovna para se entender definitivamente com ela a respeito dum assunto importante; estava além disso encarregado dum recado. Ela se mantinha no mesmo salão onde recebera Grúchenhka; na peça vizinha, Ivan Fiódorovitch, presa da febre, jazia inconsciente. Logo depois da cena no tribunal, Katierina Ivânovna mandara transportar para sua casa Ivan Fiódorovitch, desmaiado, sem se incomodar com os comentários inevitáveis e a censura da sociedade. Uma das duas parentas que viviam com ela partira imediatamente para Moscou, a outra ficara. Mas se as duas tivessem partido, isso não teria mudado a decisão de Katierina Ivânovna, resolvida a tratar ela mesma o doente e a velar por ele noite e dia. Era tratado pelos Doutores Varvínski e Herzenstube; o médico de Moscou regressara, recusando-se a pronunciar-se sobre o desenlace da doença. Os doutores, apesar de suas afirmativas tranquilizadoras, não podiam dar ainda uma esperança firme. Aliócha visitava seu irmão duas vezes por dia, mas desta vez tratava-se de um assunto particularmente embaraçoso, pressentia a dificuldade que teria em falar dele, e apressava-se, devendo ir a outra parte para um outro assunto importante, naquela mesma manhã. Havia um quarto de hora que conversavam. Katierina Ivânovna estava pálida, extenuada, presa duma agitação doentia: pressentia o objetivo da visita de Aliócha.

— Não se inquiete com a sua decisão — dizia ela com firmeza a Aliócha. — Duma maneira ou doutra, ele chegará a esta solução: é preciso evadir-se. Esse infeliz, esse herói da consciência e da honra — não ele, não Dimítri Fiódorovitch, mas o que está doente aqui e se sacrificou pelo seu irmão (acrescentou Kátia, de olhos cintilantes) —, já desde muito tempo me comunicou todo o plano de evasão, Tinha mesmo dado passos… já lhe falei disso… Veja você, será, provavelmente, na terceira etapa, quando se levar o comboio dos deportados para a Sibéria. Oh! é ainda longe. Ivan Fiódorovitch foi ver o chefe da terceira etapa. Mas não se sabe ainda quem comandará o comboio, aliás isto jamais é sabido com antecedência. Amanhã, talvez, lhe mostrarei o plano detalhado que Ivan Fiódorovitch me deixou na véspera do julgamento, para o que desse e viesse… Você deve lembrar-se, discutíamos, quando você chegou; descia ele a escada, vendo você, obriguei-o a tornar a subir, recorda-se? Sabe a que

respeito discutíamos?

— Não, não sei.

— Evidentemente, ele lhe ocultou: era precisamente a propósito desse plano de evasão. Já me havia explicado o essencial três dias antes; foi a origem de nossas discussões durante aqueles três dias. Eis por quê: quando me declarou que se ele fosse condenado, Dimítri Fiódorovitch fugiria para o estrangeiro com aquela criatura, zanguei-me de repente; não lhe direi por qual razão, ignoro-a eu mesma. Oh! sem dúvida foi por causa dela e porque acompanharia Dimítri na sua fuga! — exclamou Katierina Ivânovna, com os lábios trêmulos de cólera. — Minha irritação contra aquela criatura fez que Ivan Fiódorovitch acreditasse que eu estava com ciúme dela e, por conseguinte, ainda enamorada de Dimítri. Eis a causa de nossa primeira discussão. Não quis dar explicação e não podia pedir perdão, era-me penoso que tal homem pudesse suspeitar que eu amasse como outrora aquele… E isso quando desde muito tempo lhe havia eu declarado com toda a franqueza que não amava Dimítri e que só a ele amava! Foi por simples animosidade contra aquela criatura que me zanguei com ele! Três dias mais tarde, justamente na noite em que você veio, trouxe-me ele um envelope lacrado que eu deveria abrir no caso de acontecer-lhe alguma coisa. Oh! pressentia ele sua doença! Explicou-me que aquele envelope continha o plano detalhado da evasão, e que se ele morresse ou caísse perigosamente doente deveria eu sozinha salvar Mítia. Deixou-me também dinheiro, quase dez mil rublos, a soma à qual o procurador, tendo sabido que ele a mandara trocar, fez alusão no seu discurso. Fiquei estupefata ao ver que, apesar de seu ciúme, e persuadido de que eu amava Dimítri, Ivan Fiódorovitch não renunciara a salvar seu irmão e confiava em mim para isso! Oh! era um sacrifício sublime! Você não pode compreender a grandeza duma tal abnegação, Alieksiéi Fiódorovitch! Ia prostrar-me a seus pés, mas quando pensei de repente que ele atribuiria esse gesto unicamente à minha alegria de saber Mítia salvo (e ele o teria decerto acreditado!), a possibilidade duma tal injustiça de sua parte irritou-me tão fortemente que, em lugar de beijar-lhe os pés, fiz-lhe nova cena! Quanto sou infeliz! Que horrível gênio o meu! Você verá: agirei de tal maneira que ele me deixará por uma outra de mais fácil viver, como

Dimítri, mas então… não, não suportarei, vou me matar! No momento em que você chegou, naquela noite e quando ordenei a Ivan que tornasse a subir, o olhar cheio de ódio e de desprezo que ele me lançou ao entrar pôs-me em tal cólera que — lembra-se? — gritei de repente que fora ele, somente ele, quem me assegurara que Dimítri era o assassino! Caluniava-o para feri-lo uma vez mais; ele nunca me assegurara tal coisa, pelo contrário, era eu quem lhe afirmava isso! A causa de tudo é a minha violência. Aquela abominável cena perante o tribunal, fui eu que a provoquei! Queria ele provar-me a nobreza de seus sentimentos e que, apesar de meu amor por seu irmão, não o haveria de perder por vingança, por ciúme. Então prestou o depoimento que você conhece… Sou a causa de tudo, sou eu a única culpada!

Kátia jamais fizera tais confissões a Aliócha. Ele compreendeu que ela chegara àquele grau de sofrimento intolerável em que o coração mais orgulhoso abdica de toda altivez e se confessa vencido pela dor. Aliócha conhecia outra causa para o pesar da moça, se bem que ela a escondesse dele desde a condenação de Mítia, mas isto lhe teria causado demasiada pena, se ela se humilhasse a ponto de falar-lhe disso ela mesma, agora. Sofria por causa de sua "traição" na audiência e pressentiu que sua consciência a impelia a acusar-se precisamente diante dele, Aliócha, numa crise de lágrimas, batendo com a testa no chão. Ele temia aquele instante e queria poupar-lhe o sofrimento. Mas por isso seu recado se tornava mais difícil de dar. Voltou a falar de Mítia.

— Não receie nada por ele — continuou obstinadamente Kátia —, sua decisão é passageira, fique certo de que ele consentirá em evadir-se. Aliás, não será imediatamente, terá ainda tempo para se decidir a isso, lvan Fiódoroviteh já estará curado na ocasião e se ocupará de tudo, de sorte que não terei de meter-me nisso. Não se inquiete, Dimítri consentirá em evadir-se. Aliás, ele poderá renunciar àquela criatura? Ora, não a admitiriam no presídio, de modo que, como não fugir? Sobretudo, ele o teme, receia sua censura do ponto de vista moral, mas você deve permitir-lhe magnanimamente que fuja, já que sua sanção é tão necessária — acrescentou Kátia com ironia.

Calou-se um instante, sorriu e continuou:

— Ele fala de hinos, de cruz a carregar, dum certo dever, lembro-me. Ivan Fiódorovitch relatou-me tudo isso… Se você soubesse como ele falava a respeito! — exclamou de súbito Kátia, com um ímpeto irresistível. — Se você soubesse quanto ele amava aquele desgraçado, no momento em que me contava isso, e quanto, talvez, o odiava ao mesmo tempo! E eu o escutava, eu o via chorar com um sorriso altivo! Oh! criatura! vil criatura que eu sou! Fui eu que o fiz enlouquecer! Mas o outro, o condenado, está pronto a sofrer — concluiu Kátia com irritação. — Será capaz? Os seres como ele ignoram o sofrimento!

Uma espécie de ódio e de desgosto transparecia através de suas palavras. Entretanto, havia-o traído. “Pois bem! é talvez porque se sinta culpada para com ele que o odeia por momentos”, pensou Aliócha. Teria querido que só fosse por momentos. Sentira um desafio nas derradeiras palavras de Kátia, mas não lhe deu importância.

— Pedi-lhe que viesse hoje para que você me prometa convencê-lo. Mas talvez, segundo você também, seria desleal e vil evadir-se, ou, como dizer… não cristão? — acrescentou Kátia com uma provocação ainda mais acentuada.

— Não, não é nada. Vou lhe dizer tudo… — murmurou Aliócha — Ele lhe pede que vá hoje — continuou ele, bruscamente, olhando-a bem no rosto.

Ela estremeceu e fez um leve movimento de recuo.

— Eu… é possível? — disse ela, empalidecendo.

— É possível e é um dever! — declarou Aliócha num tom firme e com animação. — Você lhe é mais necessária do que nunca. Não a teria atormentado prematuramente a esse respeito sem necessidade. Ele está doente, está como louco, pede que vá vê-lo, constantemente. Não é para uma reconciliação que quer vê-la, mostre-se somente no limiar de seu quarto. Está bem mudado desde aquele dia e compreende toda a extensão de seus agravos a você. Não é o seu perdão que ele quer: “Não posso ser perdoado”, diz ele. Quer somente vê-la no limiar…

— Você de repente me… — murmurou Kátia. — Pressentia nestes

dias que você viria aqui com esse objetivo… Sabia bem que ele me mandaria chamar!… É impossível!

— Impossível, seja, mas faça. Lembre-se de que, pela primeira vez, ele está consternado por havê-la assim ofendido, pela primeira vez, jamais antes compreendeu suas faltas tão profundamente! Diz ele: “Se ela recusar vir, serei sempre infeliz”. Entende? Um condenado a vinte anos de trabalhos forçados sonha ainda com a felicidade. Isto não causa compaixão? Pense que você vai ver uma vítima inocente — disse Aliócha, com um ar de desafio. — Suas mãos estão limpas de sangue. Em nome de todos os sofrimentos que o esperam, vá vê-lo agora! Vá, conduza-o nas trevas, mostre-se somente no limiar… Deve, deve fazê-lo — concluiu Aliócha, insistindo com energia na palavra “deve”.

— Devo… mas não posso… — gemeu Kátia. — Ele me olhará… não posso…

— Vossos olhares devem reencontrar-se. Como poderá você viver doravante, se recusa agora?

— Antes sofrer toda a minha vida.

— Deve ir, é preciso — insistiu de novo Aliócha inflexível.

— Mas por que hoje, por que imediatamente?… Não posso abandonar o doente…

— Por um momento poderá, não demorará muito. Se você não for, Dimítri terá delírio esta noite. Não lhe estou mentindo, tenha piedade!

— Tenha piedade de mim! — disse com amargor Kátia e desatou a chorar.

— Então você irá! — proferiu firmemente Aliócha, vendo-a chorar. — Vou dizer-lhe que você irá agora mesmo.

— Não, por coisa alguma do mundo, não lhe fale disso! — exclamou Kátia com terror. — Irei, mas não lhe diga de antemão, porque talvez eu não entre… Não sei ainda…

Sua voz quebrou. Respirava com dificuldade. Aliócha levantou para sair.

— E se eu encontrasse alguém? — disse ela, de repente, empalidecendo de novo.

— Por isso é que é preciso ir imediatamente, não haverá ninguém, fique tranquila. Nós a esperaremos — concluiu ele com firmeza, e saiu.

### *II / Por um instante a mentira torna-se verdade*

Apressou-se em seguir para o hospital onde se achava Mítia no momento. Dois dias depois do julgamento, tendo contraído febre nervosa, haviam-no transportado para o hospital, na divisão dos detidos. Mas o Doutor Varvínski, a pedido de Aliócha, da Senhora Khokhlakova, de Lisa e de outras pessoas, mandou colocar Mítia num quarto à parte, o ocupado outrora por Smierdiákov. Na verdade, no fundo do corredor estacionava um sentinela e a janela era gradeada; Varvínski podia pois estar tranquilo a respeito dos resultados dessa complacência um tanto ilegal. Bom e compassivo, compreendia quanto era duro para Mítia entrar sem transição na sociedade dos malfeitores e que lhe era preciso a princípio habituar-se a isso. As visitas eram autorizadas secretamente pelo doutor, pelo diretor e mesmo pelo *isprávnik*, mas apenas Aliócha e Grúchenhka iam ver Mítia. Por duas vezes, Rakítin tentara introduzir-se, mas Mítia pediu insistentemente a Varvínski que não o deixasse entrar.

Aliócha encontrou seu irmão sentado num divã, com roupão de quarto; tinha um pouco de febre, a cabeça enrolada num guardanapo molhado com água e vinagre. Lançou a Aliócha um olhar vago em que transparecia uma espécie de terror.

Em geral, desde sua condenação, tornara-se pensativo. Por vezes, ficava uma meia hora sem dizer nada, parecendo entregar-se a uma meditação dolorosa, esquecendo seu interlocutor. Se saía de seu devaneio, era sempre de improviso e para falar de outra coisa diferente do assunto em conversa. Por vezes, olhava seu irmão com compaixão, parecia menos à vontade com ele do que com

Grúchenhka. Na verdade, nunca falava com esta, mas assim que ela entrava seu rosto se iluminava. Aliócha sentou-se em silêncio ao lado dele. Dimítri esperava-o com ansiedade, contudo não ousava interrogá-lo. Achava impossível que Kátia consentisse em vir, enquanto sentia que se ela não viesse, seria intolerável. Aliócha compreendia seus sentimentos.

— Parece que Trifon Borísovitch quase demoliu sua hospedaria — disse febrilmente Mítia. — Levanta as pranchas do parquete, arranca tábuas; desmontou toda a sua galeria, pedaço por pedaço, na esperança de encontrar um tesouro, os mil e quinhentos rublos que o procurador pretende que eu tenha escondido lá. Logo de volta, dizem que ele se pôs à obra. Bem-feito para o velhaco. Soube-o ontem por um guarda que é de lá.

— Escuta — disse Aliócha —, ela virá, não sei quando, talvez hoje, ou dentro de algumas horas, ignoro-o. Mas virá, é certo. — Mítia estremeceu, teria querido falar, mas manteve silêncio. Aquela notícia perturbava-o. Via-se que estava ansioso por conhecer os detalhes da conversa, enquanto temia perguntá-los. Uma palavra cruel ou desdenhosa de Kátia teria sido para ele, naquele momento, igual a uma martelada na cabeça.

— Ela disse, entre outras coisas, que te tranquilizasse a consciência a respeito da evasão. Se Ivan não estiver curado naquela ocasião, ela é quem se ocupará disso.

— Já me falaste disto — observou Mítia.

— E tu, tu o repetiste a Grucha.

— Sim — confessou Mítia. — Ela não virá esta manhã — olhou timidamente para seu irmão —, só virá à noite. Quando eu lhe disse que Kátia trataria do assunto, calou-se a princípio, com os lábios contraídos, depois murmurou: “Pois seja!”. Compreendeu que era grave. Não ousei fazer-lhe perguntas. Agora ela parece compreender que não é a mim que Kátia ama, mas a Ivan.

— Deveras?

— Talvez não. Em todo caso, Grucha não virá esta manhã. Encarreguei-a dum recado… Escuta, nosso irmão Ivan é um espírito superior, ele é que deve viver e não nós. Há de recuperar a saúde.

— Imagina que Kátia, apesar de seus alarmes, quase não duvida de sua cura.

— Então é que ela está persuadida de que ele morrerá. É o pavor que lhe inspira essa convicção.

— Ivan é de constituição robusta. Eu também espero sua cura — disse Aliócha, apreensivo.

— Sim, ele se curará. Mas ela tem a convicção de que ele morrerá. Deve sofrer muito…

Reinou silêncio. Mítia estava atormentado por uma grave preocupação.

— Aliócha, eu amo apaixonadamente Grucha — disse ele de repente, com voz trêmula, em que havia lágrimas.

— Não a deixarão contigo, lá.

— Queria dizer-te ainda — prosseguiu Mítia com uma voz vibrante —, se me baterem em caminho ou lá, não o suportarei, matarei e vão me fuzilar. E serão vinte anos! Aqui, os guardas já me tuteiam. Esta noite toda refleti. Pois bem, não estou pronto! É acima de minhas forças! Eu que queria cantar um hino, não posso suportar o tuteio dos guardas. Tudo haveria de suportar por amor de Grucha, tudo… exceto as pancadas… Mas não a deixarão entrar lá.

Aliócha sorriu mansamente.

— Escuta, meu irmão, uma vez por todas. Eis minha opinião a este respeito. Sabes que não minto. Não estás preparado para semelhante cruz, não é feita para ti. Mais ainda, não tens necessidade duma provação tão dolorosa. Se houvesses matado teu pai, lamentaria que repelisses a expiação. Mas és inocente e essa cruz é demasiado pesada para ti. Uma vez que querias regenerar-te pelo sofrimento, guarda sempre presente, em qualquer parte em que viveres, esse ideal

da regeneração. Isso bastará. O fato de te teres furtado a essa terrível prova servirá apenas para fazer-te sentir um dever maior ainda, e esse sentimento contínuo contribuirá talvez mais para tua regeneração do que se fosses para lá. Porque não suportarias os sofrimentos do presídio, irias revoltar-te, talvez acabasses dizendo: “Estou quite”. O advogado disse a verdade nesse sentido. Todos não suportam fardos pesados; há criaturas que sucumbem… Eis minha opinião, se desejas tanto conhecê-la. Se tua evasão devesse custar caro a outros, oficiais e soldados, não te permitiria que te evadisses. — Aliócha sorriu. — Mas assegura-se (o próprio chefe de condução disse-o a Ivan) que não haverá sanções severas, sabendo-se arranjar as coisas e que eles se safarão de complicações sem mais nada. Decerto é desonesto corromper consciências, mesmo neste caso, mas aqui vou me abster de julgar, porque se, por exemplo, Ivan e Kátia me tivessem confiado um papel nesse negócio não teria hesitado em empregar a corrupção: devo dizer-te toda a verdade. Assim, não cabe a mim julgar tua maneira de agir. Mas sabe que não te condenarei jamais. Aliás, é estranho, como poderei eu ser teu juiz neste caso? Está bem! creio ter examinado tudo.

— Em compensação, serei eu que me condenarei! — exclamou Mítia. — Vou fugir. Já estava decidido: será que Mítia Karamázov pode não fugir? Mas me condenarei e passarei minha vida a expiar essa falta. É bem assim que falam os jesuítas? Como estamos fazendo agora, hem?

— É o que parece — disse alegremente Aliócha.

— Eu te amo porque dizes sempre a verdade completa, sem nada ocultar! — disse Mítia, radiante. — Portanto, apanhei Aliócha em flagrante delito de jesuitismo! Merecerias que te beijassem por isso, deveras! Pois bem! escuta o resto, vou acabar de expandir-me. Eis o que imaginei e resolvi. Se conseguir evadir-me com dinheiro e um passaporte e se chegar à América serei reconfortado por essa ideia de que não é para viver feliz que o faço, mas para sofrer um presídio que talvez seja igual a este! Asseguro-te, Alieksiéi, que um vale o outro! Que o diabo leve essa América! Já a odeio. Grucha me acompanhará, seja, mas olha-a: tem ela o ar duma americana? Ela é russa, russa até a medula dos ossos, sofrerá a saudade de sua terra, e sem cessar estarei

vendo-a sofrer por causa de mim, carregando uma cruz que não mereceu. E eu, suportarei os pulhas de lá, mesmo que todos valessem melhor do que eu? Já a detesto, a essa América! Pois bem! muito embora sejam eles lá técnicos fora do comum ou outra coisa, leve-os o diabo, não são a minha gente! Amo a Rússia, Alieksiéi, amo o Deus russo, por mais vil que eu seja! Sim, rebentarei lá! — exclamou ele, com os olhos de repente cintilantes. Sua voz tremia.

— Pois bem! eis o que decidi, Alieksiéi, escuta! — prosseguiu, logo que se acalmou. — Assim que lá chegar, com Grucha, começaremos a trabalhar na lavoura, a trabalhar na solidão, entre os ursos, bem longe. Lá também há recantos perdidos. Dizem que ainda existem peles-vermelhas. Pois bem! será para essa região que iremos, entre os derradeiros moicanos. Estudaremos imediatamente a gramática, eu e Grucha. Ao fim de três anos, saberemos o inglês a fundo. Então, adeus América! Voltaremos à Rússia, como cidadãos americanos. Não tenhas receio, não voltaremos para esta cidadezinha, vamos nos ocultar em alguma parte, ao norte ou ao sul. Estarei mudado, ela também; mandarei fazer para mim na América uma barba postiça, furarei um olho, senão usarei uma barba grisalha de um *archin* (a nostalgia pela pátria me envelhecerá depressa), talvez não me reconheçam. Se for reconhecido, que me deportem, tanto pior, era meu destino! Na Rússia também, trabalharemos num canto perdido, e sempre me farei passar por americano. Em compensação, morreremos na terra natal. Eis meu plano. É irrevogável. Tu o aprovas?

— Sim — disse Aliócha para não contradizê-lo.

Mítia calou-se um instante e declarou de repente:

— Viste como me trataram na audiência? Quanta má vontade!

— Mesmo sem isso, terias sido condenado — disse Aliócha, suspirando.

— Sim, estão fartos de mim, aqui! Que Deus lhes perdoe, mas é duro! — gemeu Mítia. Novo silêncio.

— Aliócha, executa-me agora mesmo: ela virá ou não agora? Fala! Que disse ela?

— Prometeu vir, mas não sei se será hoje. É-lhe penoso!

Aliócha fitou timidamente seu irmão.

— Concordo! Concordo! Aliócha, eu ficarei louco! Grúchenhka não cessa de fitar-me. Ela compreende. Meu Deus! acalma-me, que peço eu? Kátia! Será que compreendo o que estou pedindo? Eis aqui a tal impetuosidade dos Karamázovi! Não, não sou capaz de sofrer! Não passo de um miserável!

— Ei-la! — exclamou Aliócha.

Nesse momento, Kátia apareceu no limiar. Parou um instante e olhou para Mítia com um ar desvairado. Mítia levantou-se vivamente, pálido de terror, mas logo um sorriso tímido, súplice, desenhou-se em seus lábios e, de repente, num movimento irresistível, estendeu seus braços para Kátia, que correu para ele. Ela agarrou-lhe as mãos, fê-lo sentar no leito, sentou também, sem largar-lhe as mãos que apertava convulsivamente. Por várias vezes, ambos quiseram falar, mas se contiveram, olhando-se em silêncio, com um sorriso estranho, como que presos um ao outro; dois minutos assim se passaram.

— Perdoaste? — perguntou por fim Mítia e logo, voltando-se radiante para Aliócha, gritou-lhe:

— Ouves o que peço, ouves?

— Eu te amo, porque teu coração é generoso! — disse Kátia. — Não tens necessidade de meu perdão, nem eu tampouco do teu. Que me perdoes ou não, a lembrança de cada um de nós ficará como uma ferida na alma do outro, isto deve ser… — Deteve-se para tomar alento. — Por que vim? — prosseguiu ela, febrilmente: — para beijar teus pés, apertar tuas mãos até doerem, lembras-te? como em Moscou, para dizer-te ainda que és meu deus, minha alegria, para dizer-te que te amo loucamente — gemeu ela, num soluço. Pousou os lábios ávidos na mão de Mítia. Corriam-lhes lágrimas pelas faces. Aliócha mantinha-se silencioso e desconcertado. Não esperava aquela cena.

— O amor desapareceu, Mítia — continuou ela —, mas o passado é-me dolorosamente querido. Fica sabendo para sempre. Agora, por

um instante, suponhamos verdadeiro o que teria podido ser — murmurou ela, com um sorriso crispado, fixando-o de novo com alegria. — Agora, amamos cada um para nosso lado, no entanto, sempre vou te amar, e tu também, sabias? Ouve, ama-me, ama-me toda a tua vida! — suspirou ela, com uma voz trêmula em que havia leve tom de ameaça.

— Sim, eu te amarei e… sabes, Kátia — disse Mítia, parando a cada palavra —, sabes que há cinco dias, naquela noite, eu te amava… Quando caíste desmaiada e te levaram… Toda a minha vida! Será assim, para todo o sempre.

Assim trocavam eles essas frases quase absurdas e exaltadas, mentirosas talvez, mas eram sinceros e tinham em si uma confiança absoluta.

— Kátia — exclamou, de repente, Mítia —, acreditas que eu matei? Sei que agora não o crês, mas naquela ocasião… quando depunhas… tu o acreditavas verdadeiramente?

— Jamais o acreditei, mesmo então! Eu te detestava e persuadi-me, por um instante… Ao depor, estava convencida… mas, logo imediatamente depois, deixei de acreditar. Fica sabendo. Esquecia de que vim aqui para penitenciar-me! — disse ela, com uma expressão toda nova, que não lembrava em nada as ternas frases de ainda há pouco.

— Como isto é horrível para ti, mulher! — disse, de repente, Mítia.

— Deixa-me — murmurou ela —, eu voltarei, agora não posso mais.

Levantara, mas de súbito lançou um grito e recuou.

No quarto havia entrado bruscamente, embora sem ruído, Grúchenhka. Ninguém a esperava. Kátia lançou-se para a porta, mas parou diante de Grúchenhka, tornou-se duma palidez de cera e murmurou, num suspiro:

— Perdoe-me!

A outra fitou-a e, ao fim dum instante, disse-lhe, em voz amarga, carregada de ódio:

— Somos más todas duas! Como haveremos de perdoar uma à outra? Mas salva-o e, em compensação, eu rezarei por ti toda a minha vida.

— E tu recusas perdoar-lhe? — gritou Mítia, num tom de viva censura.

— Fica tranquila, eu o salvarei — apressou-se em dizer Kátia, que saiu apressada.

— Pudeste recusar-lhe teu perdão, quando ela mesma o pedia? — exclamou de novo Mítia com amargura.

— Não a censures, Mítia, não tens o direito! — interveio com vivacidade Aliócha.

— Era o seu orgulho e não o seu coração que falava — disse com desgosto Grúchenhka. — Se ela te libertar, lhe perdoarei tudo…

Calou-se, como se reprimisse alguma coisa e não pudesse ainda serenar. Chegara ali totalmente por acaso, não suspeitando de nada e sem esperar aquele encontro.

— Aliócha, corre atrás dela! — disse Mítia, ansioso, a seu irmão. — Dize-lhe… não sei o quê… não a deixes partir assim!

— Virei ver-te antes do anoitecer! — gritou Aliócha, que correu para alcançar Kátia. Alcançou-a, de fato, já fora do hospital. Ia depressa e lhe disse rapidamente:

— Não, é-me impossível humilhar-me diante daquela mulher. Quis beber o cálice até o fim, por isso lhe pedi perdão. Ela recusou… Amo-a por isso! — disse Kátia com voz alterada e seus olhos brilhavam cheios de ódio feroz.

— Meu irmão não esperava por isso — balbuciou Aliócha. —

Estava persuadido de que ela não viria…

— Sem dúvida. Deixemos isso — interrompeu ela. — Escute: não posso acompanhá-lo ao enterro. Enviei-lhes flores para o caixão. Devem ter ainda dinheiro. Se for preciso, diga-lhes que para o futuro não os abandonarei jamais. E agora, deixe-me, deixe-me, rogo-lhe. Você já está atrasado, está tocando para a derradeira missa… Deixe-me, por favor!

### *III / Enterro de Iliúcha. Alocução perto da pedra*

Estava atrasado, com efeito. Esperavam-no e tinham mesmo já decidido levar sem ele para a igreja o pequeno ataúde ornado de flores. Era o de Iliúcha, o pobre menino. Morrera dois dias depois da sentença do julgamento. Ainda no portão, foi Aliócha acolhido pelos gritos dos rapazes, camaradas de Iliúcha. Tinha vindo uma dúzia, com suas sacolas escolares nas costas. “Papai chorará, fiquem com ele”, dissera-lhes Iliúcha, ao morrer, e os meninos lembravam-se disso. À frente deles achava-se Kólia Krasótkin.

— Como estou contente pela sua vinda, Karamázov! — exclamou ele, estendendo a mão a Aliócha. — Aqui, está horrível! Na verdade, causa dó ver. Snieguiriov não está bêbedo, temos certeza de que não bebeu hoje, mas tem ar de embriagado… Mantenho-me firme, mas é horrível. Karamázov, se não o demoro, vou lhe fazer apenas uma pergunta antes de entrar.

— Que há, Kólia? — Aliócha parou.

— Seu irmão é inocente ou culpado? Foi ele quem matou seu pai ou foi o lacaio? Acreditarei no que o senhor disser. Há quatro noites que não durmo pensando nessa ideia.

— Foi o lacaio o assassino, meu irmão está inocente — respondeu Aliócha.

— É também minha opinião!… — exclamou de repente o jovem Smúrov.

— De modo que sucumbe ele como uma vítima inocente pela

verdade? — exclamou Kólia. — Sucumbindo, é feliz! Estou pronto a invejá-lo!

— Como você pode dizer isso e por quê? — disse Aliócha, surpreso.

— Oh! se eu pudesse um dia sacrificar-me pela verdade! — declarou Kólia com entusiasmo.

— Mas não num caso como esse, não com tal opróbrio, em circunstâncias tão horríveis! — disse Aliócha.

— Certamente… quereria morrer pela humanidade inteira e quanto à vergonha, pouco importa: pereçam nossos nomes. Respeito seu irmão!

— Eu também! — exclamou de modo completamente inesperado o mesmo menino que pretendera outrora saber quem fundara Troia. Como então, ficou vermelho como uma peônia.

Aliócha entrou. No ataúde azul, enfeitado com tiras brancas, estava Iliúcha deitado, as mãos juntas, os olhos fechados. Os traços de seu rosto emagrecido mal haviam mudado e, coisa estranha, o cadáver quase não exalava fétido. A expressão era séria e como que pensativa. As mãos sobretudo eram belas, como talhadas em mármore. Tinham posto flores nelas. O ataúde inteiro, por dentro e por fora, estava ornado de flores enviados de manhã cedo por Lisa Khokhlakova. Mas tinham vindo outras da parte de Katierina Ivânovna, e quando Aliócha abriu a porta, o capitão, com um buquê nas mãos trêmulas, desmanchava-o sobre seu querido filho. Mal olhou para o recém-chegado; aliás, não prestava atenção a ninguém, nem mesmo à sua mulher, a *mamacha* demente e chorosa, que se esforçava por se erguer sobre suas pernas doentes, para ver de mais perto seu filho morto. Quanto a Nínotchka, os meninos tinham-na levado, com sua cadeira, para bem perto do caixão. Apoiara a cabeça nele e devia estar chorando mansamente. Snieguiriov tinha o ar animado, mas como que perplexo e ao mesmo tempo selvagem. Havia loucura em seus gestos, nas palavras que lhe fugiam. “Meu pequeno, meu querido pequeno!”, exclamava ele a cada instante, olhando Iliúcha.

— *Pápotchka*, dá-me também flores, toma da mão dele aquela flor branca, quero-a para mim! — pediu, soluçando, a *mamacha* louca. Fosse que a rosinha branca que estava nas mãos de Iliúcha lhe agradasse muito, ou quisesse ela guardá-la como lembrança dele, agitava-se, com os braços estendidos para a flor.

— Não darei nada a ninguém! — respondeu duramente Snieguiriov. — São dele as flores e não tuas. Tudo é dele, nada de ti!

— Papai, dê uma flor a mamãe! — disse Nínotchka, mostrando seu rosto úmido de lágrimas.

— Não darei nada, sobretudo a ela! Ela não o amava. Tirou-lhe seu canhãozinho — disse o capitão com um soluço, lembrando-se de como Iliúcha tinha então cedido o canhão à sua mãe. A pobre louca pôs-se a chorar, ocultando o rosto nas mãos. Os meninos, vendo afinal que o pai não saía de junto do caixão, e que era tempo de levá-lo à igreja, cercaram-no compactamente e puseram-se a levantá-lo.

— Não quero enterrá-lo no cemitério! — clamou de súbito Snieguiriov. — Vou enterrá-lo perto da pedra, de nossa pedra! Era a vontade de Iliúcha. Não deixarei que o levem!

Havia três dias que ele falava em enterrá-lo perto da pedra; mas Aliócha e Krasótkin intervieram, bem como a locadora, sua irmã e todos os meninos.

— Que ideia essa de enterrá-lo perto de uma pedra impura, como um renegado? — disse severamente a velha. — No cemitério, a terra é abençoada. Será mencionado nas orações. Ouvem-se os cantos da igreja, o diácono tem uma voz tão sonora e tudo chegará até ele, como se fosse ali mesmo, junto de sua sepultura.

O capitão teve um gesto de lassidão, como para dizer: “Façam o que quiserem!”. Os meninos ergueram o caixão, mas ao passar perto da mãe, detiveram-se um instante para que ela pudesse dizer adeus a Iliúcha. Vendo, de repente, de perto aquele rosto querido, que ela havia três dias não tinha contemplado senão a certa distância, pôs-se ela a balançar sua cabeça grisalha.

— Mamãe, abençoe-o, beije-o — gritou-lhe Nínotchka. Mas a velha, como um autômato, continuou a menear a cabeça e, sem nada dizer, com o rosto crispado pela dor, bateu no peito com o punho. Levaram o caixão para mais longe. Nínotchka pousou um derradeiro beijo nos lábios de seu irmão. Aliócha, ao sair, rogou à locadora que velasse pelas duas mulheres; ela não o deixou acabar.

— Conhecemos nosso dever, ficarei junto delas, nós também somos cristãs.

A velha chorava ao dizer isso. A igreja estava a pouca distância, uns trezentos passos quando muito. Fazia um tempo claro e ameno, com um pouco de geada. Os sinos ainda dobravam. Snieguiriov, apressado e desorientado, acompanhava o ataúde, metido no seu velho sobretudo, demasiado leve para a estação, segurando na mão seu chapéu de feltro de largas abas. Presa de inexplicável inquietação, ora queria sustentar a cabeceira do caixão, o que só fazia atrapalhar os que o carregavam, ora esforçava-se por andar ao lado. Tendo uma flor caído na neve, precipitou-se para apanhá-la, como se aquilo tivesse uma grande importância.

— O pão, esqueceram o pão! — exclamou ele, de repente, com terror. Mas os meninos lhe lembraram logo que ele acabava de pegar um pedaço de pão e trazia-o no bolso. Tirou-o e acalmou-se ao vê-lo.

— É Iliúcha que o quer — explicou ele a Aliócha. — Uma noite, em que eu estava à sua cabeceira, disse-me de repente: “*Pápotchka*, quando me enterrarem, esmigalhe pão em cima de minha cova, para atrair os pardais. Eu os ouvirei e me causará prazer o não me sentir só”.

— Está muito bem — disse Aliócha. — Será preciso trazer pão muitas vezes.

— Todos os dias, todos os dias! — murmurou o capitão como que reanimado.

Chegaram por fim à igreja e o ataúde foi colocado no meio dela. Os meninos cercaram-no e portaram-se exemplarmente durante a cerimônia. A igreja era antiga e bastante pobre, muitos ícones não

tinham molduras, mas em igrejas assim se sente a gente mais à vontade para rezar. Durante a missa, Snieguiriov pareceu acalmar-se um pouco, se bem que a mesma preocupação inconsciente reaparecesse por momentos nele; ora se aproximava do caixão para arranjar o pano fúnebre, ou o *vientchik*,[117] ora, quando uma vela caía do candelabro, corria a recolocá-la, demorando-se nisso infindavelmente. Depois tranquilizou-se e ficou à frente, com ar preocupado e como que perplexo. Depois da epístola, cochichou a Aliócha que não a haviam lido como era devido, sem explicar seu pensamento. Pôs-se a cantar o hino querúbico, depois prosternou-se, com a cabeça contra as lajes, antes que ele terminasse, e assim ficou durante muito tempo. Por fim, foi dada a absolvição e distribuíram-se as velas. O pai, precipitado, ia de novo agitar-se, mas a unção e a majestade do canto fúnebre o transtornaram. Pareceu encolher-se e se pôs a soluçar a curtos intervalos, a princípio abafando sua voz, depois, para o fim, ruidosamente. No momento dos adeuses, quando se ia fechar o caixão, abraçou-se com ele como se quisesse a isso opor-se e começou a cobrir de beijos os lábios de seu filho. Exortaram-no a afastar-se e já havia ele descido o degrau, quando de repente estendeu vivamente os braços e tirou algumas flôres do caixão. Contemplou-as e nova ideia pareceu absorvê-lo, de modo que esqueceu, por um instante, o essencial. Pouco a pouco, tombou no devaneio e não fez nenhuma resistência quando levaram o caixão.

O túmulo, situado bem perto da igreja, no cemitério, custara caro. Pagara-o Katierina Ivânovna. Após o rito usual, os coveiros desceram o caixão. Snieguiriov, com suas flores na mão, inclinava-se de tal maneira por cima da cova aberta que os meninos amedrontados agarraram-lhe o sobretudo e puxaram-no para trás. Mas ele parecia não compreender bem o que se passava. Quando encheram a cova, pôs-se a desenhar, com ar preocupado, na terra que se amontoava, e começou mesmo a falar, mas ninguém compreendeu nada; aliás, não tardou a calar-se. Lembraram-lhe então que era preciso reduzir o pão a migalhas; moveu-se, tirou o pão do bolso e espalhou-o em migalhas sobre o túmulo: “Venham, passarinhos, venham gentis pardais!”, murmurava ele, solícito. Um dos meninos fez-lhe ver que suas flores o atrapalhavam e que deveria confiá-las a alguém. Mas ele recusou, pareceu mesmo aterrorizado, como se quisessem tomá-las dele, e

depois de haver-se assegurado com um olhar de que tudo estava realizado e o pão reduzido a migalhas, voltou-se e seguiu tranquilamente para sua casa. Mas pouco a pouco apressou o passo, corria quase. Os meninos e Aliócha seguiam-no de perto.

— Flores para *mamacha*, flores para *mamacha*! Ofenderam a *mamacha*! — exclamou ele, de repente. Alguém lhe gritou que pusesse o chapéu, que estava fazendo frio. Como que irritado com tais palavras, atirou-o na neve, dizendo: “Não quero chapéu, não quero!”. O jovem Smúrov apanhou o chapéu e segurou-o. Todos os meninos choravam, sobretudo Kólia e o rapaz que havia descoberto Troia. Apesar de suas lágrimas, Smúrov achou meio de apanhar um pedaço de tijolo que aparecia vermelho entre a neve, para visar no voo um bando de pardais. Não acertou neles, naturalmente, e continuou a correr, chorando. A meio caminho, Snieguiriov parou, de súbito, estacionou um instante como impressionado por alguma coisa, depois, voltando-se para o lado da igreja, encaminhou-se para o túmulo deixado só. Mas os meninos o agarraram em um piscar de olhos, aferrando-se a ele por todos os lados. Sem forças, dominado, rolou sobre a neve, debateu-se soluçando, e se pôs a gritar: “Iliúcha, meu querido filhinho!”. Aliócha e Kólia levantaram-no, suplicaram-lhe que se mostrasse razoável.

— Capitão, basta, um homem corajoso deve suportar tudo — balbuciou Kólia.

— O senhor está estragando as flores — disse Aliócha. — A *mamacha* as espera, está chorando porque o senhor lhe recusou as flores de Iliúcha. O leito de Iliúcha ainda está lá.

— Sim, sim, vamos ver a *mamacha* — lembrou-se, de súbito, Snieguiriov. — Vão levar o leito! — acrescentou, como se temesse verdadeiramente que o levassem. Levantou-se e correu à casa, mas não se estava longe e todo mundo chegou ao mesmo tempo. Snieguiriov abriu vivamente a porta, gritou para sua mulher, para com a qual se mostrara tão duro:

— Querida *mamacha*, eis flores que Iliúcha te envia. Tens dores nos pés?

Estendeu-lhe as flores, geladas e amassadas, quando havia rolado na neve. Naquele momento, percebeu a um canto, diante do leito, os sapatos de Iliúcha que a locadora acabara de arrumar, velhos sapatos que se haviam tornado vermelhos, encoscorados, remendados. Vendo-os, ergueu os braços, avançou, caiu de joelhos, agarrou um dos sapatos, que cobriu de beijos, gritando:

— Iliúcha, meu querido filhinho, onde estão teus pés?

— Para onde o levaste? Para onde o levaste? — exclamou a louca, com uma voz dilacerante. Nínotchka também se pôs a soluçar. Kólia saiu correndo, seguido pelos meninos. Aliócha fez o mesmo.

— Deixemo-los chorar — disse ele a Kólia. — impossível consolá-los. Voltaremos daqui a pouco.

— Sim, não há nada a fazer, é horrível — aprovou Kólia. — Sabe, Karamázov? — disse ele, baixando a voz para não ser ouvido: — Tenho muito pesar e para ressuscitá-lo daria tudo no mundo!

— Eu também — disse Aliócha.

— Que pensa o senhor, Karamázov, será preciso vir esta noite? Ele vai embriagar-se.

— É bem possível. Viremos somente nós dois, e basta, passar uma hora com ele, com a mamãe e Nínotchka. Se viéssemos todos, serviria para lembrar-lhes tudo — aconselhou Aliócha.

— A locadora vai preparar a mesa para a comemoração,[118] virá o pope. Será preciso voltar para lá agora, Karamázov?

— Absolutamente.

— É estranho tudo isso, Karamázov. Tal dor e pastéis; como tudo é estranho na nossa religião!

— Haverá salmão — disse o rapaz que havia descoberto Troia.

— Peço-lhe seriamente, Kartachov, que não intervenha com suas bobagens, sobretudo quando não se está falando com você e que se

quer mesmo ignorar sua existência — disse Kólia, com irritação. O rapaz corou, mas não ousou responder. Entretanto, todos seguiam lentamente a vereda e Smúrov exclamou de repente:

— Eis a pedra de Iliúcha, sob a qual queriam enterrá-lo.

Todos pararam, silenciosos, ao lado da pedra. Aliócha olhava, e a cena que lhe havia contado outrora Snieguiriov, de como Iliúcha, chorando e abraçando seu pai, exclamava: "*Pápotchka, pápotchka*, como ele te humilhou!", aquela cena lhe voltou repentinamente à memória. A emoção dominou-o. Olhou com ar sério todos aqueles rostos gentis de escolares, camaradas de Iliúcha e lhes disse:

— Meus amigos, quereria dizer algumas palavras, aqui mesmo.

Os meninos cercaram-no e fitaram nele olhares de expectativa.

— Meus amigos, vamos separar-nos. Ficarei ainda algum tempo com meus irmãos, dos quais um vai ser deportado e o outro está moribundo. Mas deixarei em breve esta cidade, talvez por muito tempo. Vamos, pois, separar-nos. Convenhamos aqui, diante da pedra de Iliúcha, que jamais o esqueceremos e nos lembraremos uns dos outros. E, aconteça o que acontecer mais tarde na vida, ainda mesmo que fiquemos vinte anos sem nos vermos, vamos nos lembrar de como enterramos o pobre menino, contra o qual eram atiradas pedras perto do passadiço, deveis lembrar-vos, e que foi depois amado por todos. Era um menino amável, bom e corajoso, tendo o sentimento da honra e da amarga ofensa sofrida por seu pai, contra a qual se revoltou. Assim nos lembraremos dele toda a nossa vida. E mesmo se estivermos ocupados com negócios da mais alta importância e tenhamos alcançado honras ou caído no infortúnio, mesmo então não esqueçamos jamais como nos foi doce, aqui, comungar uma vez em um bom sentimento que nos tornou, enquanto amávamos o pobre menino, talvez melhores do que somos na realidade. Meus pombinhos, deixai que vos chame assim, porque vos assemelhais todos àqueles encantadores pássaros, enquanto fito os vossos rostos amáveis, meus queridos meninos, talvez não compreendais o que vou dizer-vos, porque nem sempre sou claro, mas havereis de lembrar-vos e mais tarde me dareis razão. Sabei que não há nada de mais nobre, de mais

forte, de mais são e de mais útil na vida que uma boa recordação, sobretudo provindo da juventude, da casa paterna. Falam-vos muito de vossa educação; ora, uma recordação santa, conservada desde a infância, é talvez a melhor educação. Se fazemos provisão de tais recordações para a vida, salvamo-nos definitivamente. E mesmo se só guardarmos no coração uma boa recordação, isto poderá servir um dia para nos salvar. Talvez nos tornemos mesmo maus, mais tarde, incapazes de nos abstermos duma má ação, riamos das lágrimas de nossos semelhantes, dos que dizem, como Kólia exclamou ainda há pouco: "quero sofrer por todos", talvez zombemos deles maldosamente. Mas por piores que nos tornemos, do que Deus nos preserve, quando nos lembrarmos de como enterramos Iliúcha, de como o amamos nos seus derradeiros dias, e das conversas que mantivemos cordialmente em redor dessa pedra, o mais duro e o mais zombeteiro dentre nós, se assim nos tornarmos, não ousará zombar, no seu foro íntimo, dos bons sentimentos que experimenta neste momento! Mais ainda, talvez que precisamente essa recordação apenas o impeça de agir mal; fará um exame de consciência e dirá: "Sim, eu era bom então, ousado, honesto." Que ria mesmo consigo mesmo, pouco importa, a gente zomba muitas vezes do que é bom e belo; é somente por leviandade, mas asseguro-vos que, logo depois de ter rido, dirá a si mesmo em seu coração: "Fiz mal em rir, porque não devemos rir dessas coisas!"

— Será absolutamente assim, Karamázov, eu o compreendo! — exclamou Kólia, de olhos brilhantes. Os meninos agitaram-se e queriam também gritar alguma coisa, mas contiveram-se e fixaram no orador olhares emocionados.

— Disse isto para o caso em que nos tornarmos maus — prosseguiu Aliócha. — Mas por que nos tornarmos maus, não é, meus amigos? Seremos antes de tudo bons, depois honestos, enfim não nos esqueceremos jamais uns dos outros. Insisto nisto. Dou-vos minha palavra, meus amigos, de que não esquecerei nenhum de vós; cada rosto que me olha agora, dele me lembrarei, mesmo daqui a trinta anos. Ainda há pouco, Kólia disse a Kartachov que queríamos ignorar sua existência. Posso eu esquecer que Kartachov existe, que não cora mais como quando descobriu Troia, mas me olha alegremente com

seus belos olhos? Meus caros amigos, sejamos todos generosos e corajosos como Iliúcha, inteligentes, corajosos e generosos como Kólia (que se tornará bem mais inteligente ao crescer), sejamos modestos, porém amáveis como Kartachov. Mas por que só falar desses dois? Todos vós me sois caros doravante, todos tendes um lugar em meu coração e reclamo um no vosso! Pois bem! quem nos reuniu neste bom sentimento, do qual queremos guardar para sempre a lembrança, senão Iliúcha, aquele bom, aquele gentil menino, que nos será sempre querido? Nós não o esqueceremos, boa e eterna recordação dele em nossos corações, agora e para todo o sempre!

— É isto, é isto, lembrança eterna! — gritaram todos os meninos com suas vozes sonoras e com ar comovido.

— Nós nos lembraremos de seu rosto, de sua roupa, de seus pobres sapatinhos, de seu ataúde, de seu desgraçado pai, e de como tomou a defesa dele, sozinho contra toda a classe.

— Nós nos lembraremos dele! Era bravo, era bom!

— Ah! como eu o amava! — exclamou Kólia.

— Meus meninos, meus queridos amigos, não temais a vida! Ela é tão bela quando se pratica o bem e a verdade!

— Sim, sim! — repetiram os meninos entusiasmados.

— Karamázov, nós o amamos! — ecoou uma voz, provavelmente a de Kartachov.

— Nós o amamos, nós o amamos! — repetiram em coro. Muitos tinham lágrimas nos olhos.

— Viva Karamázov! — proclamou Kólia.

— E lembrança eterna para o pobre menino! — acrescentou de nóvo Aliócha, com emoção.

— Lembrança eterna!

— Karamázov! — exclamou Kólia. — É verdade o que diz a

religião, que ressuscitaremos dentre os mortos, que nos tornaremos a ver uns e outros, e todos e Iliúcha?

— Decerto ressuscitaremos, tornaremos a ver-nos, contaremos uns aos outros alegremente tudo quanto se passou — respondeu Aliócha, meio risonho, meio entusiasta.

— Oh! como será bom! — disse Kólia.

— E agora, já falamos muito. Vamos ao jantar fúnebre. Não vos perturbeis pelo fato de comermos pastéis. É uma velha tradição que tem seu lado bom — disse Aliócha, sorrindo. — Pois bem! vamos agora, de mãos-dadas.

— E sempre assim, a vida inteira, de mãos-dadas! Viva Karamázov! — repetiu Kólia com entusiasmo e sua aclamação foi repetida por todos os meninos.

**1** Plural russo de Karamázov. Nome forjado, composto provavelmente do substantivo *kara*, castigo, punição, e do verbo *mázat*, sujar, pintar, não acertar. Seria, simbolicamente, aquele que com o seu comportamento desacertado provoca a própria punição.↩

**2** Segunda esposa de Dostoiévski. A companhia e a dedicação dessa mulher lhe permitiram a calma e a estabilidade necessárias à realização de seus últimos e melhores romances.↩

**3** São Lucas, c. II, v. 29.↩

**4** Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), socialista francês, autor de teorias famosas sobre a propriedade. Mikhail Bakunin (1814-1876), filósofo russo, um dos chefes da I Internacional.↩

**5** Alusão à sublevação, em Paris, que destronou Luís Felipe (24-II-1848).↩

**6** Servos da gleba. Calculava-se a riqueza dos proprietários rurais pelo número de “almas” que eles possuíam.↩

**7** Literalmente: troncudo.↩

**8** Monge idoso e pobre, respeitado pela sua bondade e sabedoria.↩

**9** É esta a grafia usada por Dostoiévski nesta obra, embora a forma Zóssim seja mais correta e usual.↩

**10** “Vi a sombra de um cocheiro que, com a sombra de uma escova, esfregava a sombra

de uma carruagem.” Versos tirados de uma paródia do Livro VI da *Eneida* pelos irmãos Perrault, em 1646.↩

**11** Plural russo de *stáriets*.↩

**12** Mosteiro famoso na província da Kaluga.↩

**13** Literalmente: cisão. Seita religiosa dos “velhos crentes” que provocou o cisma na igreja russa, em meados do século XVII, contra as reformas do Patriarca Nikhon.↩

**14** Nome forjado. Do verbo *napravliat*, endireitar, dirigir.↩

**15** Denis Diderot (1713-1784), pensador, escritor e crítico francês, diretor principal da *Enciclopédia*. Ateu convicto, foi grande admirador da vida e suas formas e reconduziu a moral à fisiologia. Fez uma viagem à Rússia para agradecer a Katierina II os benefícios dela recebidos.↩

**16** Katierina Romanovna, Princesa Dachkova, mulher de letras, amiga de Katierina II e presidenta da Academia de Ciências (1743-1810).↩

**17** Grigóri Alieksándrovitch Potiomkin (1739-1790), o célebre príncipe de Táuride, marechal-de-campo e favorito de Katierina II. Projetou expulsar totalmente os turcos da Europa.↩

**18** Santo Aleixo, Alieksiéi, um dos santos mais populares da hagiografia russa.↩

**19** Gregório VII, um dos maiores pontífices romanos, Papa entre 1073-1085, fez-se célebre pelas suas lutas com o Imperador da Alemanha, Henrique IV.↩

**20** Outro dos principais personagens de *Os bandidos*, de Schiller.↩

**21** Variante carinhosa do diminutivo de Agrafiena, Grucha, que é também nome comum, e significa pera.↩

**22** Apelido dado ao velho Fiódor Pávlovitch com a intenção, expressamente pejorativa, de emprestar lhe as qualidades negativas de vagabundagem e histrionismo atribuídas à semilendária figura do também velho, feio, gago e corcunda fabulista grego, mas cujo engenho e sutileza são igualmente proverbiais. Esopo viveu entre os anos 620-560 a.C. na corte de Creso, e morreu ao ser atirado do alto de um precipício, como castigo por um crime que lhe foi falsamente atribuído.↩

**23** Mais nobreza que sinceridade.↩

**24** Adeptos da seita dos *khristi* (cristos) ou, por zombaria, dos *khlisti* ou *khlistóvstvo* (flagelantes), que apareceu na Rússia no século XVII. Tiveram seus profetas e praticaram exageradamente seus ritos, entre eles o da autoflagelação, daí o nome pejorativo que lhes deram.↩

**25** Região do sudoeste da França, famosa pelos seus vinhos, situada entre a costa atlântica e estuário do Gironde, no Departamento do mesmo nome.↩

**26** Sobrenome de conhecidos comerciantes russos da época, proprietários de famosos armazéns de comestíveis finos.↩

**27** Literalmente: fedorento. Mais adiante irá o leitor encontrar este apelido transformado no sobrenome Smierdiáchtchaia, fedorenta.↩

**28** São Isaac, monge do Oriente, zeloso defensor da ortodoxia. Faleceu por volta do ano 380.↩

**29** Literalmente: fedorenta.↩

**30** Poema de Niekrássov que continha: “Quando das trevas do erro…”↩

**31** Conto popular russo que inspirou a Püchkin o seu *Conto do pescador e do peixe*.↩

**32** Deusa latina das colheitas, da Agricultura e da Civilização.↩

**33** Charles-Paul de Kock (1794-1871), fecundo romancista francês, autor de histórias frívolas sobre a vida das costureiras e dos pequenos burgueses.↩

**34** Alusão à passagem bíblica, Números, c. XXII, vs. 22-36, em que o Profeta Balaão, montado numa burra, foi detido por um anjo que impedia o passo do animal; como Balaão castigasse repetidas vezes a besta, esta falou, repreendendo-o. Somente então Balaão viu o anjo, e diante do milagre abençoou o povo de Israel em vez de maldizê-lo, contrariando as ordens de Balak, rei dos Moabitas.↩

**35** Primeira coletânea de novelas de Gógol (1831).↩

**36** São Marcos, c. IV, v. 24.↩

**37** Tudo isso é porcaria.↩

**38** Diminutivo carinhoso de Alieksiéi.↩

**39** Há Piron dentro disso. Alexis Piron (1689–1773), célebre poeta francês autor da comédia *La métromanie*. Compôs também grande número de sátiras, canções e epigramas espirituosos, e a maioria das vezes licenciosos.↩

**40** Famoso romance de Mikhail Iúrievitch Liérmontov (1814-1841). As narrações desta obra custaram-lhe um duelo, em que perdeu a vida.↩

**41** Senhor. Tratamento respeitoso dado outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente, emprega–se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.↩

**42** Jonas. Nome bíblico, dado geralmente a pessoas do clero.↩

**43** Nome forjado. De *krasota*, beleza.↩

**44** “Pouco me importa, senhora, o vosso agradecimento.” Schiller, *A luva*, estrofe VIII.↩

**45** Refere-se ao costume que havia, na época, de a gente acrescentar um “s” ao fim das palavras como deferência às pessoas importantes!↩

**46** Versos de *O demônio*, de Liérmontov.↩

**47** Nome forjado, composto de *tcherno*, preto, e *mázat*, pintar, sujar. Literalmente: aquele que pinta, ou suja de preto. Deturpação intencional de Karamázov.↩

**48** Trocadilho com a palavra *sosna*, pinheiro, e a expressão *so sna*, em sonho, na frase *sosna kak so sna*.↩

**49** Referência à comédia de Griboiédov *A desgraça de ter talento*.↩

**50** Alusão ao significado do sobrenome Smierdiáchtchaia.↩

**51** Dostoiévski faz Smierdiákov cometer um erro histórico, para ressaltar a sua ignorância e seu pedantismo.↩

**52** Profissões de fé.↩

**53** “Se Deus não existisse, precisaríamos inventá-lo.” Citação da *Epístola ao autor dos “três impostores”*, de Voltaire.↩

**54** Célebre matemático grego (330-270 a.C.), que ensinou em Alexandria, no reinado de Ptolomeu I. O axioma fundamental da sua geometria é: “Por um ponto exterior a uma reta, somente podemos fazer passar uma só paralela a essa reta.”↩

**55** Possível equívoco de Dostoiévski, confundindo este santo com São Julião, o Hospitaleiro.↩

**56** Nikolai Alieksiéievitch Niekrássov (1821-1888), poeta, romancista e crítico, Foi ele quem publicou *Pobre gente* pela primeira vez.↩

**57** Título dado ao herdeiro da Coroa da França. Neste caso, o primogênito de Louis XI e Charlotte de Savoie, depois o Rei Charles VIII de Valois (1470-1498).↩

**58** O bom julgamento da Santíssima e Graciosa Virgem Maria.↩

**59** A Virgem entre os condenados.↩

**60** Do *Apocalipse*, de São João.↩

**61** Fiódor Ivânovitch Tiútchev (1803–1873), poeta contemporâneo de Púchkin, muito influenciado por Heine e Goethe.↩

**62** “Para a maior glória de Deus.” Mote dos Jesuítas.↩

**63** “Jovem, levanta–te.” São Lucas, c. VII, v. 14. Palavras da linguagem aramaica, pronunciadas por Jesus Cristo quando da ressurreição do filho da viúva de Naim.↩

**64** Famosos conquistadores tártaros. Gengis–Cã (1167–1227) subjugou e devastou a China, a Mongólia e a Pérsia. Fundou o I Império Mongol, a que deu uma administração notável. Tamerlão (1336–1405), parente longínquo de Gengis–Cã, foi o fundador do II Império Mongol, caracterizando–se o seu reinado pelas longas guerras de conquista. Morreu quando se dispunha à conquista da China.↩

**65** “Tenho dito.” Expressão latina empregada antigamente no final dos discursos.↩

**66** Literalmente: cão de caça. Apelido de Górstkin.↩

**67** São João, c. XII, v. 24-25.↩

**68** Ao conduzir-se o cadáver de um simples monge da cela para a igreja e, após a cerimônia fúnebre, da igreja para o cemitério, canta-se o versículo “Que vida bem-aventurada”. Se o defunto é um religioso professo de segundo grau, canta-se o hino “Ajuda e Protetor”. (N. do A.)↩

**69** Costumavam-se denominar os prédios pelos nomes dos seus proprietários.↩

**70** São João, C. II, vs. 1-10.↩

**71** Agripina, empregado por Mítia com intenção notadamente irônica; tem em russo um matiz mais distinto do que a forma habitual Agrafiena.↩

**72** Mikhail Ievgráfovitch Saltikov-Chtchédrin (1826-1889), célebre escritor de romances sociais com tendências liberais. Foi deportado por Nikolai I e indultado por Alieksandr II.↩

**73** Vocativo de *pan*, senhor, em polonês. Os nomes poloneses, da mesma forma que os russos — e também alemães e latinos — sofrem alteração nas suas desinências por causa da flexão de gênero, número e caso. Assim ocorre nas páginas seguintes com *páni, pánienka, pánowie, pánienki*.↩

**74** Personagem principal *de Almas mortas*, de Gógol.↩

**75** Literalmente: interesseiro. Nome forjado. De *rubl*, rublo.↩

**76** Antes da partilha e anexação da Polônia, levada a efeito no reinado de Katierina II.↩

**77** Nobre, em polonês.↩

**78** Vagabundo, miserável, em polonês.↩

**79** Teimosa, em polonês.↩

**80** Literalmente: aquela que tem a última palavra para tudo.↩

**81** Senhor coronel, em polonês.↩

**82** Nome derivado do topônimo Dardanelos, estreito entre a Europa e a Ásia, ligando o Mar de Mármara ao Mar Egeu.↩

**83** Vissarion Grigórievitch Bielínski (1812-1848), escritor, crítico e polemista russo de fama mundial.↩

**84** Tatiana Narina é a heroína do poema *Ievguéni Oniéguin*, de Púchkin, sobre o qual escreveu Bielínski sérios estudos críticos.↩

**85** A Terceira Seção era a polícia secreta, cuja sede ficava perto da Ponte das Correntes.↩

**86** *Kolokol*, em russo. Famosa revista fundada por Herzen, literato russo, contemporâneo de Dostoiévski, e partícipe do movimento revolucionário da época. Era publicada em Londres e introduzida clandestinamente na Rússia.↩

**87** *Salmos*, c. CXXXVI, v. 5 e 6.↩

**88** Significa, por extensão: Mercado de Animais.↩

**89** Você compreende, esse caso e a morte terrível de seu papai.↩

**90** Fisiologista francês (1813-1878). *Introdução ao estudo da medicina experimental*, de sua autoria, é uma obra-prima de método.↩

**91** Opiniões não se discutem.↩

**92** Petersburgo, na linguagem do povo.↩

**93** Orçando pelos cinquenta.↩

**94** Sou Satanás e nada do que é humano me é estranho.↩

**95** É novidade, não é?↩

**96** Alieksandr Gatsuk (1832-1891), editor de jornais, revistas e almanaques.↩

**97** Palavras de Khlestakov, em *O inspetor*, de Gógol, 3o ato, cena 6.↩

**98** “Penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*). Princípio fundamental sobre o qual Descartes (1596-1650), famoso filósofo e matemático francês, assenta a sua doutrina filosófica, denominada mais tarde “cartesianismo”. Descartes é considerado o pai do método e o verdadeiro fundador da filosofia moderna. Entre as suas obras principais, sobressaem: *Discours de la méthode, Traité de l´homme* e *Méditations métaphysiques*.↩

**99** Ah! meu padre, isso lhe causou tanto prazer e a mim tão pouco trabalho!↩

**100** Heinrich Heine (1797-1856), poeta e prosador alemão, de ascendência hebraica. Autor de poesias de uma melancolia irônica e dolorosa.↩

**101** Ah! mas é estúpido, afinal!↩

**102** Martinho Lutero (1483-1546). Foi, à parte o seu papel religioso, um místico e iluminado (acreditava ter visto muitas vezes o diabo, atirando-lhe certo día com um tinteiro à cabeça).↩

**103** O senhor sabe que tempo está fazendo? Nem um cachorro se deve pôr lá fora…↩

**104** A chave do enigma.↩

**105** Nome forjado. Derivado de *sviet*, luz, claridade.↩

**106** Passear, em alemão.↩

**107** Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo.↩

**108** Pão e circo (*Sátiras*, X, 81). Expressão de desprezo com que Juvenal, célebre poeta satírico latino, fustiga os Romanos da decadência, que só pediam trigo no Fórum e espetáculos gratuitos no circo.↩

**109** Obra-prima.↩

**110** Gógol, em *Almas mortas*.↩

**111** Nome forjado pelo autor. De *sobaka*, cão.↩

**112** Depois de mim o dilúvio. Frase atribuída a Luís XV por uns, e à Mme. Pompadour, por outros.↩

**113** Porto e forte militar numa ilha, no fundo do golfo da Finlândia, junto à foz do rio Nievá.↩

**114** *Os mistérios de Udolfo*, romance muito popular em toda a Europa, da romancista inglesa Anne Radcliffe (1764-1823).↩

**115** Convoco os vivos.↩

**116** Mateus, c. VII, v. 2.↩

**117** Tira de cetim ou de papel, na qual se colocavam imagens de Cristo, da Virgem e de São João Crisóstomo.↩

**118** O costume de “comemorar” os mortos com um jantar era, tanto na Rússia como noutros países nórdicos, sobrevivência dos ágapes funerários dos primeiros tempos do Cristianismo.↩

# OUTROS ESCRITOS

Prólogo geral

Esquema para o grande pecador

O crocodilo

O Mujique Márei

Uma doce criatura

O sonho de um homem ridículo

Excertos do “Diário de um escritor”

# Prólogo geral

Termina, com *Os irmãos Karamázovi*, não só a série dos grandes romances de Dostoiévski, mas também a sua atividade de escritor. Tinha assim conquistado definitivamente uma glória igual à que gozavam Turguéniev e Tolstói. Entretanto, o romancista envelhecera e, quebrantada a saúde por uma vida cheia de vicissitudes que o leitor já conhece, pouco tempo terá de vida. *Os irmãos Karamázovi* é publicado em 1879 e Dostoiévski morre em 1881. Não teve, portanto, tempo de realizar aquela obra grandiosa com que sonhava e que seria a cúpula de toda a sua carreira, o expoente máximo da sua criação, e ao falar da qual dizia em carta à Senhora Ivânovna, em 20 de março de 1869: "Concebi uma ideia, sob a forma de romance, que se chamará *O ateísmo*, na qual me parece que hei de expressar-me totalmente"; e a Máikov, em 27 de maio: "Tenho uma ideia literária, um romance, uma parábola do ateísmo, da qual toda a minha antiga carreira literária não passa de insignificante introdução, e irei, de futuro, consagrar-lhe toda a minha vida". E ainda: "Depois, pouco me importa morrer; terei dito tudo".

Essa obra deveria, pois, em princípio, ter o título de *O ateísmo*. Mas em 1870 já esse título aparece alterado para o de *A vida de um grande pecador*, da qual nos resta apenas um esquema, aliás imponente, e que o leitor vai encontrar nesta série de escritos.

Na verdade, quem puder tomar conhecimento de tudo aquilo que Dostoiévski escreveu, além da obra da juventude e dos grandes romances da maturidade, terá de contar com a leitura de muitas e muitas mais centenas de páginas. A sua atividade literária estende-se por todo um período de quase quarenta anos e se é grande pela qualidade não é menor pela quantidade. Dostoiévski escrevia febrilmente não só para dar realização às suas concepções estéticas e metafísicas mas também para ganhar a vida. Da leitura das suas cartas, e também do livro *Dostoiévski* que sobre ele escreveu a sua segunda esposa, Anna Grigórievna, ficamos sabendo que a sua imaginação portentosa regurgitava de projetos, os mais vastos, e também como ele próprio se lamentava amargamente por não poder

realizar com maior perfeição os seus romances, visto ter de escrever à pressa para satisfazer compromissos tomados com os editores que lhe haviam já adiantado os pagamentos. Sabemos também que, na sua ânsia de perfeição, fazia e refazia um mesmo livro até encontrar a forma que mais se aproximasse daquela que ele sonhava.

Hoje, que estão publicados os seus inéditos e a sua vastíssima correspondência, bem como o *Diário de um escritor*, na sua integridade, podemos avaliar melhor não só a extensão do seu trabalho como também surpreender os degraus da escada que subia o seu espírito na ascensão para as suas criações. Nesses cadernos de apontamentos ficaram anotados esboços de personagens, ideias, pinceladas de retratos, fragmentos de diálogos, planos de cenas, entrechos resumidos.

Dentre os escritos que só foram revelados com a publicação dos seus inéditos, vai o leitor entrar em contato com *Esquema para o grande pecador*. Depois de *Os irmãos Karamázovi*, Dostoiévski sonha escrever ainda uma segunda parte desse romance, que será a "história de Aliócha", isto é, um dos quatro irmãos Karamázovi — o santo —, e cujo enredo seria, em resumo, este: Aliócha seria primeiramente apresentado como um grande pecador e um descrente, mas depois a fé acabaria por triunfar nele e se transformaria num salvador do mundo, personificando a Rússia Nova.

Este projeto surgira já, como vimos, na mente do escritor, em 1868 e desenvolveu-se durante o inverno de 1869-1870; para ele o romancista tinha escrito o título de *O ateísmo*, o qual passou, como vimos já também, a ser o de *A vida de um grande pecador*. Até que, por fim, essa segunda parte de *Os irmãos Karamázovi*, a "história de Aliócha", seria precisamente a vida desse grande pecador, que acabaria por salvar-se a si e a todo mundo.

Mas, como se disse, a morte não deu tempo a que Dostoiévski realizasse tão ambicioso plano. Entretanto, não poderá considerar-se a sua obra total como a longuíssima — e profundíssima — história de tantos pecadores, ou talvez até a de um só, que era ele mesmo, Dostoiévski?

É nos romances *O adolescente, Os demônios, Os irmãos Karamázovi*, e também em *Crime e castigo*, que mais encontramos da vida desse grande pecador, conduzido até à santidade, e ainda do grande tema do "ateísmo".

O *Esquema para o grande pecador* começa pela descrição da infância e da adolescência do herói, a qual nos faz lembrar o Dolgorúki de *O adolescente*; a segunda parte desenrola-se num mosteiro, no qual aparece um monge, Tikhon Sadónski — que surgirá também em *Os demônios*, na entrevista havida com Nikolai Stavróguin — e que acabará por converter um rapaz pecador, acabando este, por sua vez, por ter amor a toda a humanidade e por crer em Deus.

Seguindo atentamente os traços da vida deste grande pecador, poderemos encontrar não só muitos elementos autobiográficos da vida do escritor, por vezes quase flagrantes, como também o seu magno problema metafísico: o problema de Deus.

Ainda a propósito do projeto de *O ateísmo*, escrevia também Dostoiévski numa carta: "O problema principal a ser ventilado em todas as partes componentes da obra será o que, durante toda a minha vida, me torturou, consciente e inconscientemente: a existência de Deus. O herói há de ser, ao longo de toda a sua existência, ora ateu, ora crente, agora fanático, logo heresiarca, para voltar de novo a ser ateu…"

Um outro escrito célebre que a publicação dos inéditos do escritor nos deu a conhecer foi essa extraordinária "Confissão de Stavróguin", cujo tema é, em resumo, este: um homem, essa sinistra personagem de *Os demônios*, que é Nikolai Stavróguin, o cético absoluto, o indiferente perfeito perante os grandes problemas do mal, do bem, e de Deus e do amor, cometeu um grande crime, que vai confessar a um monge. É a descrição desse crime que constitui um dos trechos mais assombrosos da literatura universal. Além disso, a "Confissão de Stavróguin" — incluída no capítulo "Em casa de Tíkhon" — tornou-se ainda célebre pelo fato de estar ligada a certo escândalo surgido em torno do nome do escritor, já depois de sua morte, e que sua mulher relata no livro já citado.

Estalou este escândalo devido à publicação na imprensa de uma carta de Strákhov, biógrafo e amigo de Dostoiévski, dirigida a Tolstói, na qual esse crítico retificava muitos dos seus anteriores juízos favoráveis ao escritor, dizendo, entre outras coisas, que Dostoiévski levara uma vida de dissipação, que era atraído pelos atos nefandos e deles se vangloriava, aduzindo como prova, precisamente, esse capítulo de *Os demônios*, "A Confissão de Stavróguin" — que o editor do livro mandara suprimir, mas que o escritor lera para várias pessoas. A viúva do romancista defendeu a memória de seu marido com estas palavras: "Fiódor Mikháilovitch tinha que atribuir, por causas artísticas, ao herói desse romance algum crime vergonhoso. É verdade que Katkov não quis publicar esse capítulo e pediu ao autor que o modificasse. O meu marido ficou ressentido e, para tirar a prova do juízo de Katkov, leu esse episódio aos seus amigos K. B. Pobiednóstsev, A. N. Máikov, N. N. Strákhav e outros mais, não para escutar os seus elogios, como Strákhov afirma, mas apenas com a ideia de conhecer a sua opinião… Posso afirmar e testemunhar que meu marido repudiou sempre em absoluto as vilezas e licenciosidades dos seus heróis. Nenhum grande talento precisa cometer por si próprio as canalhices das suas figuras artísticas. Sendo assim teríamos de supor que Dostoiévski teria morto alguém, quando soube descrever com tanto realismo o assassinato de duas mulheres por Raskólhnikov…"

Hoje, que esse famoso capítulo está já divulgado, o exegeta da vida, da personalidade e da obra do escritor terá de abandonar apreciações de ordem moralística e de interpretar antes esse trecho à luz de duas modalidades de explicação: a "psicanalítica", perseguindo principalmente o "complexo de culpa" do escritor, desfibrando-o em todos os seus múltiplos componentes, e a "metafísica", pensando no mais profundo problema que desde sempre inquietou e torturou como ele próprio disse — o espírito deste grande homem: o problema de Deus. E que um dos aspectos por que ele se abeirou da meditação desse problema foi o da consideração da "arbitrariedade humana", tão bem posta em relevo por Bierdiáiev no seu estudo *O espírito de Dostoiévski*, e reafirmado por Henri de Leubac em *O drama do humanismo ateu*. Assim, Stavróguin será o esboço duma apologia de Satã, através do qual se investigará se as noções de bem e de mal serão ou não serão simples preconceitos. Stavróguin é um daqueles

“super-homens”, da linhagem de Raskólhnikov, que pensam que, aos fortes, tudo é permitido. Mas quando Stavróguin se vê na presença do monge Tíkhon, lá irá o diálogo, fatalmente, parar à magna questão do ateísmo e da crença.

Outros dos escritos de Dostoiévski que o leitor vai conhecer seguidamente são uns excertos de *O diário de um escritor*, que, publicado em toda a sua integridade, formaria, só por si, um vastíssimo volume no qual se encontrará a narrativa de episódios cotidianos da época, de menos interesse para o leitor hodierno.

A ideia de manter um diário tinha-a já desde há muito o escritor. Mas é só depois de ter terminado *O adolescente* que pensa realmente pô-la em ato. O primeiro número sai em janeiro de 1876. Nesse diário o escritor queria relatar, conforme as suas próprias palavras, “todas as suas impressões de escritor russo em face do que via, do que ouvia e do que lia”. E assim fez; de maneira que é por este *Diário* que podemos conhecer o seu pensamento direto e definido, sem os meandros da dialética e do romanesco, através dos quais preferiu suprimir antes as suas dúvidas do que as suas certezas.

Aliás, nem só opiniões políticas, sociais, estéticas, literárias e religiosas existem no *Diário*. Aí publicou também Dostoiévski algumas recordações da infância, como o episódio do camponês Márei, alguns contos e novelas como *O sonho de um homem ridículo* e *Uma doce criatura*, que constituem autênticas obras-primas, sobretudo a última novela.

# Esquema para o grande pecador

# [Esquema para]
# O grande pecador
# (1870)

*Nas primeiras páginas do caderno encontramos já um esquema da caracterização do herói. Ei-lo:*

Nada de autoridade. Sobrevêm as mais violentas paixões sensuais. — Tendência para um domínio ilimitado e fé na autoridade infalível do herói. É preciso remover montanhas. E ele alegra-se por sentir o seu poder. — A luta, a segunda natureza. — Mas é uma luta tranquila e não ardente. — Despreza a mentira com todas as forças.

*Noutra página do manuscrito encontram-se os títulos*:

"A Vida do Maior…" (Romance). "A Vida do Esfolador de Homens."
"A Vida. 1 de Janeiro de 1870."

*Mais adiante, este outro título*:

"A Vida. O Matador de Homens."

*O esboço completo que chegou até nós reza assim: 8 (20) XII. Folha 8.*

Acumulação de riquezas.

Fortes paixões em germe.

Robustecimento da vontade e da energia interior.

Orgulho desmedido e luta contra a vaidade.

O prosaísmo da vida e a convicção ardente de que há de vencer tudo.

Todos terão que inclinar-se diante de mim, mas eu os perdoarei. Não temer nada. Sacrifício da vida.

O efeito do vício: o seu horror e a sua frialdade.

A ânsia de aviltar tudo.

Poesia da infância.

Estudos e primeiro ideal.

Aprende tudo em segredo.

Quer preparar-se ele, sozinho, para tudo.

(Prepara-se constantemente para alguma coisa, ainda que não saiba para quê; mais ainda: até, por estranha casualidade, não se preocupa absolutamente com aquilo para que se prepara, como se estivesse convencido de que há de encontrá-lo, por si, sozinho.)

Nem escravidão nem senhorio. Crê. Senão, nada. O incrédulo aparecerá pela primeira vez num episódio horrível e já no mosteiro. A manca. Kátia. O irmão Micha. Roubo de dinheiro. Sofre um castigo. Intrepidez, *Niva.*[1]

"Não me mates, tio." Amor a Kulikov… Ivan Brutílov. O francês Pougeot. Insulta Brutílov. Estuda. O ladrão. Albert. Amigos, e molesta o amigo e repudia-o. O amigo é dócil, bom e puro e envergonha-se por causa dele. Auto-educação pela dor e acumulação de dinheiro. Humboldt.

Explicam-lhe depois que não é seu verdadeiro irmão.

Pega-se a Kulikov. A sábia. Aparece-lhe com um nimbo de glória. Apaixonado anseio de aviltar-se a seus olhos e de não lhe agradar. Dá-se um roubo. Acusam-no e defende-se, mas a coisa está clara. O ladrão foi o seu meio-irmão.

*Folha 7.*

Maneira de agir forte e constante.

Desprezo pelo ambiente, mas não um desprezo razoável, e unicamente por asco. Muito asco. Como sente asco, batem-lhe e castigam-no com vergastadas. Fecha-se mais em si mesmo e odeia mais. Altivo desdém pelos opressores e rapidez nos seus juízos. A desusada rapidez de juízo testemunha uma decisão viva e apaixonada. Começa a sentir que não deveria ser tão rápido nos seus juízos e que, para isso, é necessário fortalecer a vontade.

Começos de nobre grandeza.

Os filhinhos em Suchard e em Chermak (o seu orgulho deve-se à sua estupidez).

Mentira. *Mon mouchoir*.[2]

Arkachka e o francês.

Arkachka, Brutílov e ele só para si.

Em casa de Suchard, só Brutílov e a sua história. Dois capítulos, ao todo. Expedito. Bateu em Suchard. Os começos de Albert.

A pensão. Um castigo imerecido, em casa. Exame. No campo. O sacrifício de Kátia. Na cidade e na pensão. É o espanto de todos, por causa da sua desumanidade. Lambert. Heroísmos; fugir com Kátia. Kulikov com ele. Homicídio. Não perdoa nenhuma falsidade nem fingimento, e, em seguida, bate-se à pancada, como um louco. Não acredita em Kátia por muito tempo, depois põe-na à prova e assusta-a, finalmente, com o escândalo.

A força de vontade é para ele o principal.

Vai perguntar pela manquinha, imediatamente depois por Kulikov. A sábia enamora-se dele, no campo.

Surpreende-a com um galã.

As personalidades da sábia e de Alhfónski.

*Página 9.*

Com os pais. Com os pais, leituras de Karamzin e de *As mil e uma noites*. Acerca de Suvórov, etc. Sobre as rendas. Ofendeu a mais nova. Pede-lhe perdão. “Não quero.” Fecha-se consigo próprio. A morte. Anna e Vassilisa fogem. Venderam Vassilisa. A comunhão. A primeira confissão. Horror. Se Deus existe. A Bíblia e leituras.

*2 de Janeiro.*

Quebra um espelho de propósito.

Opta pelo silêncio, por não dizer uma palavra.

Salvação. “Mãe, por que se sacrifica?” (Uma criatura ideal e estranha.)

O pai Ul…ii (os seus diálogos com o filho e as suas perguntas). Sentimento de destruição.

O grande número de ciências que é necessário estudar. (Fala disto com Vanhka.)

Voluptuosidade. (Esperará até ter dinheiro.)

E dominar em primeiro plano (sentimentos imediatos) é um desejo tão arraigado em si, que não consegue adaptar-se àqueles homens.

Admira-se de si mesmo, põe-se à prova e gosta de cair no abismo.

Fuga com as moças. O bandido Kulikov, imediatamente depois da sua mudança de Suchard para Chermak. (Um fato que lhe causa uma grande impressão e o transtorna, de maneira que sente a ânsia natural de concentrar-se em si mesmo e de refletir, para chegar a uma resolução. Atém-se ao dinheiro.)

A princípio não pensa em Deus.

Tal como Kulikov, mostra-se tranquilo em família e na pensão (para meditar e encontrar-se a si próprio, para recuperar o equilíbrio).

Ao fim de ano e meio põe fim ao silêncio com a sua confissão sobre Kulikov. Mas é arredio e taciturno, e não tem outro remédio senão ser assim, pois tem um passado horrível e olha para todas as outras crianças como para algo de estranho, cujos lados bons e maus descobriu já há muito tempo. Muitas vezes, a sensualidade aflige-o. Mas o principal é…

Não é apenas isso o que o separa dos outros, mas precisamente também os seus sonhos de domínio e de desmedida elevação sobre todos.

(Entusiasma-se terrivelmente por qualquer coisa; por exemplo, pelo *Hamlet.*) O habitante da Lua.

A partir dessa altura absorvem-no as ciências, a poesia, etc., no sentido de que isso é mais elevado e melhor e que, por conseguinte, com isso será o melhor e o mais alto.

Continua a preparar-se, mas está profundamente convencido de que tudo há de vir por si só e que o dinheiro resolverá todos os problemas.

Sentido principal da primeira parte: hesitação; insaciabilidade do plano; consciência instintiva da superioridade, do poder e da força. Procura um ponto de apoio sólido. Seja como for, é um homem fora do vulgar.

Ou melhor: nem uma só ideia sobre o que há de vir a ser, e o seu destino o impede de amontoar riquezas.

Mas a dúvida ficará dissipada quando optar pelo dinheiro e pela acumulação de riquezas. (Vende os criados.)

Acerca do cavalo fugido ou a fogueira.

O pai castiga-o a paulada. Ruptura. “Já nada tenho a ver com

meu pai.”

Vende os criados; todos o desprezam por isso, mas…

Encontra uma carteira. Entusiasmo originado definitivamente pelo exame, e ao qual se entrega.

Mas depois vem a história do escândalo de Kátia; e a seguir os seus infernais arrazoados com Albert; crime e blasfêmia e o prognóstico delatando-se a si próprio pelo assassinato de Kulikov… Nada, o abismo. O mosteiro.

Apesar de o dinheiro lhe prestar um ponto de apoio extraordinariamente sólido e de resolver-lhe todos os problemas, por mais de uma vez fraqueja esse ponto de apoio (poesia e muitas coisas mais) e não encontra saída. É precisamente esse estado de vacilação que constitui todo o romance.

Robustecimento da vontade; feridas e irritações alimentam o seu orgulho. Deseja não ser apanhado desprevenido por coisa alguma.

Propõe-se adquirir o dinheiro honestamente. Dúvidas acerca da carteira.

Como muitas coisas o ferem profundamente, apodera-se dele um espantoso ímpeto de maldade e orgulho. (Isto é o principal.)

O fato de todos o olharem como um animal raro, com troça e horror, favorece o seu afastamento.

A cabeça embrulhada (*pantalons en haut*). Doente.

Chermak abandona-o.

Na sua evolução mental chegou, por exemplo, à ideia de que não precisa de conduzir-se contra os ditames da honra e de que poderia ganhar honestamente muito mais dinheiro do que aquele que ganha, pois o rico tem, por si próprio, já imunidade contra todo o mal.

Albert e ele quebram uma pedra da coroa dum santo e saem-se bem do episódio (a ideia foi dele); mas como Albert começa a proferir

blasfêmias, luta aos socos com ele. Mas depois declara-se ateu perante os tribunais.

Uma ideia; poderia conseguir-se maior poder adulando, como von Brin.

“Mas não — reconsidera —, hei de conseguir tudo sem necessidade de adular.”

*Página 12.*

“Eu sou Deus”, e obriga Kátia a adorá-lo. (Só Deus sabe as coisas que faz com ela. “Se fizeres tudo o que eu te disser, gostarei de ti.”)

Sonhos infinitos nas aberrações da fantasia, até ao ponto de tirar Deus do seu lugar e de colocar-se nele. (Forte influência de Kulikov.)

Atropelo. Memento.

Encontrar a medida comum:

Primeiro ato. Primeira ação. O pai e a mãe.

Segundo. A família. Suchard. Fuga e Kulikov.

Terceiro. Chermak. Exame.

Quarto. Vida no campo e Kátia. Discussões com Albert.

20. Infância.

20. O mosteiro.

40. Até o exílio.

20. As mulheres e Satã.

40. Heroísmos.

Repugnância pelos homens, desde as primeiras intuições infantis (pelo seu orgulhoso temperamento apaixonado e dominador).

Também por desprezo.

“Hei de conquistar (o poder) lutando e não socorrendo-me da adulação ou de manhas vis, como von Brin.”

Isto deriva também do nojo pelos homens e do desprezo que sempre, desde a mais tenra infância, lhe inspiraram.

“Se eu fosse adulador como von Brin conseguiria tudo.”

As vezes pensa: “Deverei adular?” (Fala sobre isso com a manca.) Também isto é energia de espírito: propor-se desempenhar o papel dum adulador. “Mas não, não quero, é odioso; além disso, contarei com a arma poderosa do dinheiro, o que fará com que todos, quer queiram quer não, me façam salamaleques.”

13 Com Kulikov dá mostras de es-

2 pírito enérgico. Aquele não o

27 mata, mas deixa-o esca-

12 par. O soldado desertor, o

3 bandido, foi morto por eles

5 todos.

Fez trinta e cinco anos.

Nasceu em 1835.

Se alguém tivesse penetrado os seus pensamentos, certamente teria morrido; mas, à manca, confessa tudo.

Comunica à manca tudo quanto lê.

“A bofetada é a mais grave das ofensas.” Com sangue.

Primeira ideia orgânica da importância do dinheiro.

A manquinha guarda segredo de tudo quanto ele lhe diz, e, caso invulgar, faz isso espontaneamente sem que ele lhe ordene, com uma

compreensão muito lúcida, de maneira que, geralmente, nunca tem de recordar-lhe a necessidade de sigilo.

A manquinha não quer ser ateia.

Ele não lhe bate por esse motivo.

*Página 13.*

Uma só análise psicológica, mas minuciosa, da influência que as obras dos poetas produzem numa criança; por exemplo, *O herói do nosso tempo*.

Indignação do garoto contra as visitas, contra a franqueza e desenvoltura que se permitem. “Como podem ter esse descaramento?”, pensa o garoto.

Decadência dos pais.

Teatro. “Reclina-te no meu regaço.”

Castigam-no com as varas porque sente repugnância.

Quando vai com a manca aos Al… is, repara que não deve dizer nada de Gógol, do nosso país, nem das viagens,

Lê um horror (Walter Scott, etc.).

Em casa de Alhfónski (não é seu irmão). Dão-lhe a saber.

Torna-se arredio, mal-educado, estúpido.

Com os criados.

A…ia tem já a ideia de que não deve ficar com as outras crianças.

Em casa de Suchard. Alhfónski castiga-o com o pau. Imerecidamente.

A… ia acertou. Fuga. Com Kulikov. São apanhados.

O hóspede; chamam-no. Examina-o. Ideias sinceras.

O hóspede fica espantado. A casa arde, ou, então, qualquer outra coisa; doença.

A…ia fala.

Em casa de Chermak. Desenvolvimento, leituras, exame.

Depois do exame. Alhfónski apaixona-se. Alhfónski faz perguntas.

Para a manca. Com Kátia. *Niva*. Cenas de família.

Alhfónski, seu amigo, a bofetada.

Em Moscou, Lambert.

Do ensino clássico em casa de Chermak (Senhor Teider).

*27 de Janeiro.*

Admira-se de que todos esses homens (os adultos) tenham uma fé tão cega nos seus desatinos e sejam muito mais estúpidos e insignificantes do que parecem por fora.

(Um dos hóspedes cultos cai, embebeda-se com as ciganas em Marínienskaia Rochtcha.)

Período de descrença em Deus, Absolutamente necessário falar sobre a influência do *Evangelho* sobre ele. Dizer que está de acordo com o *Evangelho*.

A príncipio, o mais importante São o seu eu e os seus interesses. As questões filosóficas só o interessam na medida em que o afetam a si mesmo.

*Página 14.*

Lambert.

*Página 15.*

A manquinha. “E eu direi que tu disseste que serias rei” (ou qualquer coisa cômica).

Ele difama-a por causa disso.

Lambert e ele… o quadro completo da dissipação. Mas Lambert fica por aí e não conhece nada mais elevado. A leviandade nacional.

Cai na extravagância, embora com um prazer irresistível, e também com um certo medo. O vazio, a sujidade e o aturdimento do vício surpreendem-no. Abandona tudo e entrega-se, depois de espantosos desacatos, cheio de amargura.

De que ele fala com a manquinha? De todos os seus sonhos e ideais. “Se alguma vez for alguém importante, vou casar contigo.” Não é necessário dizer que sonhou isto e mais aquilo, mas que vai ver a manquinha e que lhe diz isto e aquilo. O que ele havia de vir a ser, e sobre o dinheiro. Bate-lhe porque o dinheiro não aumenta.

Falou-lhe das leituras de Karamzin, de *As mil e uma noites*, etc. A moça ensinou-lhe francês e alemão; a velha, etc. Vão estudar com as outras crianças (riem-se deles).

Como a manquinha não se entusiasma com Karamzin, bate-lhe. Diz-lhe que sabe a *Bíblia* toda de cor.

História Universal. Em Geografia, é fraco.

(Ideias de viagens, Kulikov com a manquinha.) Liam romances.

Encontra Úmnov, e este demonstra-lhe que sabe mais do que ele. Quando volta para casa diz à manquinha que Úmnov é uma cabeça de alho chocho, que não sabe nada. Bate na manquinha, mas sente vergonha perante Úmnov.

Está mentalmente muito desenvolvido e sabe muito. Conhece Gógol e Púchkin. Nunca foi carinhoso com a manquinha, a não ser no tempo em que a trazia ao colo.

“Faz isto, deixa isso, não quero que brinques com os meus filhos.” Quando os velhos se embebedavam e tombavam pelo chão, a manquinha chorava.

A princípio ele lhe batia, mas depois deixou de fazê-lo.

Mataram um ganso.

*Bíblia*. Iákov inclinou-se três vezes. Relacionação com a *Bíblia*. A manquinha ri.

O costume de bater-lhe; não queria beijá-la.

(A manquinha não ficou enregelada. Encontraram-na. Mas desapareceu de casa dos Alhfónski.)

A sua ideia constante: “Enquanto puder, pensarei naquilo que hei de vir a ser e na maneira como hei de conseguir o meu fim”.

Depois, a dúvida: “Tudo se resumirá tudo no poder, ou o escravo não será mais forte que todos?”.

Começa a exercitar a sua força de vontade.

As paixões envenenaram-no.

*Página 16.*

Deve ficar patente em todas as páginas:

“Sei o que escrevo e não escrevo em vão.”

As primeiras páginas: 1o, o tom. 2o, condensar as ideias com arte e concisão.

Nota primeira: o tom (a narrativa é uma biografia; isto é, embora não seja em nome do autor, mas moderada, sem escamotear explicações, embora pondo tudo em cena. Aqui é preciso harmonia). A secura da descrição, em alguns passos deve ser a mesma do *Gil Blas*.[3] Nos passos de efeito e dramáticos, não pôr, aparentemente, nenhum

peso.

Mas deve tornar-se também visível a ideia dominante da biografia, isto é, não deve explicar-se com palavras, devendo permanecer sempre como um enigma; mas o leitor deve ver sempre que essa ideia é boa, e a biografia é tão importante que vale a pena começar inclusive desde a mais tenra infância. Também, na salvação das coisas de que se fale e de todos os fatos, se deverá sublinhar sempre qualquer coisa e se trará sempre a primeiro plano o homem futuro, erguendo-se sobre um pedestal.

A nota mais importante: começa a amontoar dinheiro, impelido por uma ideia vaga; mas esta ideia vai-se consolidando e fundamentando cada vez mais, à medida que a ação se desenrola.

Mas a mudança para casa de Alhfónski foi o motivo principal.

Quando eu for grande:

I. Apanharam um rato. A manquinha.

Os pais.

A ama dos meninos, o lavatório, a condecoração suspensa do pescoço e a despedida.

Anna e Vassilisa fogem.

A última cena (o italiano rouba dinheiro do bolso. A primeira ideia).

O professor (bêbedo).

A primeira confissão. Que tem aí, na caixinha e no copo? Há Deus? Converter o diabo.

Batem na manquinha:

O morto junto da vala. Kilian.

Vassilisa é vendida.

Diálogos com o hóspede.

Leituras sobre Suvórov. *As mil e uma noites*.

Fantasias. Úmnov e Gógol. (A manquinha ri.)

Os pais, já alquebrados.

Fecha-se sobre si mesmo. Sente-se ofendido. Rouba de cumplicidade com o rapaz. Bate-lhe. Luta com o rapaz mais velho. Orgia completa.

Bate na manquinha, para que brigue com o rapaz.

Ela estava disposta, mas bateram-lhe e começou a chorar. Pensamentos sobre a força e a vontade. Úmnov (mete-se com a manquinha).

Quando os pais morreram ele tinha onze anos, e a manquinha, dez. Alhfónski. O pai e a mãe. A morte. Tem uma conversa com a manquinha acerca da maneira como esta deve conduzir-se.

Primeiro agarram na rapariga, metem-na em casa e batem-lhe com um pau.

Era demasiado covarde para protestar.

Na primeira impressão atira-se sobre o senhor com a condecoração e quer matá-lo.

“Nunca serei covarde.”

“Hei de aprender a não ser covarde.”

Faz um corte na própria carne, para o provar a si mesmo.

(Assusta-se, mas bate no rapaz.)

Fica a saber pelo rapaz… (E por isso *Thérese philosophe*[4] bate-lhe.)

Mas fica com o livro.

Começa a juntar dinheiro.

Acumula (reparte o seu dinheiro com a manquinha).

Os Alhfónski já antes tinham tido a manquinha em sua casa.

Procede ao interrogatório, assim que chega. (Dá-lhe instruções (a ela): que não fale de Gógol nem do que nos respeita.)

Primeira parte: O rapaz é bravo mas tem muita vaidade.

*Página 17.*

A princípio tomaram o criado Óssip para que o distraísse com as suas histórias e a sua boa disposição. Alhfónski matou-lhe um irmão a pancada; depois pegou em Óssip e levou-o ao Serviço de Recrutamento. Óssip ficou furioso (é parecido com Kulitchov). Assassinaram Orlov. Separam-se. Kulitchov (Óssip) liberta-o. A madrasta chora ainda, ano e meio depois, a infidelidade de Alhfónski. Este tem uma amante e não usa da mínima discrição. A irmã de Óssip. (Foi nessa ocasião que matou com uma sova o irmão de Óssip.) Alhfónski é assassinado pelos camponeses (?).

A intriga do romance: a distinta Senhora Alhfónskaia (a madrasta do protagonista) teve um noivo quando era solteira (oficial ou professor).

Mas casou com Alhfónski. Descontente e ofendida com o marido (tinha dado uma bofetada à amante), põe-se em relações com o antigo noivo, ao qual encontra casualmente. O rapaz viu-os beijarem-se. “Podes contar ao teu pai.” Depois pediu-lhe que não contasse. O rapaz nada disse; mas Alhfónski sabe que o filho está informado de que o enganam e de que a madrasta tem um amante.

No campo, provoca alvoroço por causa da manquinha. Provoca Kátia. A mãe fica desorientada por causa de Kátia. Na cidade, com Lambert, etc.

Nesta altura os camponeses podem matar Alhfónski, que praticou

muitas velhacarias por aquelas terras; o rapaz pode ser testemunha… e…

(Pode inventar-se qualquer coisa sobre a madrasta e o amante, e de que maneira e até que ponto o rapaz anda metido nesse romance.)

Alhfónski tem um protetor… que é o seu maior inimigo, precisamente por ser o seu protetor. Todos os benefícios de que é objeto ferem o seu orgulho Mas aquele não pode viver senão sentindo-se o protetor de alguém, e por uma polegada de bem exige duas braças de gratidão. Rebaixam-se os dois a si próprios, rebaixam-se mutuamente e odeiam-se com um ódio doentio.

*Página 18.*

O extraordinário orgulho do rapaz faz com que não se apiade nem menospreze esses homens.

Mas também não pode sentir confiança neles. Não simpatiza nem com o pai nem com a mãe. Distingue-se nos exames de uma maneira inesperada, depois finge-se idiota. Despreza-se profundamente a si mesmo por não ter podido dominar-se e ter-se distinguido.

A ideia, perigosa e estranha no mais alto grau, de que está destinado a ser um homem fora do vulgar, domina-o já desde a infância. Pensa continuamente nisso. Astúcia, cultura, sagacidade… deseja adquirir tudo isso como meio para chegar a ser um homem extraordinário.

O dinheiro também não lhe parece supérfluo, considera-o um meio sempre útil, e atém-se a essa opinião.

As ciências lhe parecem terrivelmente difíceis.

Em breve torna a pensar que, supondo ainda que não chegue a ser nenhum homem singular, mas apenas um homem vulgaríssimo, graças ao dinheiro terá o poder e o direito de desprezar os outros.

Finalmente arrepende-se e sente remorsos de consciência por ter

querido chegar por esse meio a ser um homem extraordinário.

Se bem que, no fim de contas, não saiba o que virá a ser.

Por mais de uma vez acaricia o ideal do homem livre; tudo isto na pensão.

Tornou-se amigo de Óssip; sobre a seita dos flageladores; dormem ambos quase juntos.

Úmnov; sabe Gógol de cor.

*Página 70.*

O mosteiro. “Deus vos dê uma boa-noite, a vós e a toda a gente.” (Rever bem as descrições de animais em Humboldt, Buffon e nos russos.)

Ciência, culto.

Acerca do urso.

Do primeiro amor e de como se fez monge. (Castidade.) Sobre o que é Satã.

Aniuchka vai ter com Tchaadáiev para falar-lhe à consciência. Chama Tíkhon; este chega, discute e acaba por pedir perdão.

Acerca dos escaravelhos e da universal alegria da vida viva; entusiásticas descrições de Tíkhon.

Amizade com o rapaz, que se permite incomodar Tíkhon com ideias inesperadas. (O demônio no corpo.)

Informa-se de *Thérese philosophe*. Tíkhon. Abençoa a sua queda e a sua reabilitação. Claras descrições de Tíkhon, da vida e da alegria terrenas. Da família, dos pais e dos irmãos. Narrativas muito ingênuas, e por isso comovedoras, que Tíkhon faz da sua maneira de proceder com os seus amigos, acerca do orgulho, da vaidade, da troça. (“Com que gosto eu mudaria agora tudo isto!”, diz Tíkhon.)

O fato de se ter afeiçoado ao rapaz é, só por si, comovedor.

Narrativa de Tíkhon acerca do seu primeiro amor e das crianças: “É uma vileza viver como um monge; devemos ter filhos; é mais nobre ter uma profissão”.

*Thérese philosophe* faz com que Tíkhon se desconcerte. “E eu pensando que já estava calejado.” Submete-se à vontade do jovem. Obedece-lhe.

(Nobre, forte e comovedor.)

Tíkhon diz a uma senhora que ela é traidora à Rússia e assassina dos seus filhos. De como se rouba às crianças, desde a infância, a expressão infantil. Os seus estudos; mas, ainda que sejam bons (Liev Tolstói, Turguéniev), respiram contudo uma vida exótica. Só Púchkin é um russo autêntico.

O rapaz tem às vezes maus pensamentos acerca de Tíkhon; é tão ridículo, quase que não sabe nada, é tão fraco e desamparado e como que pede conselhos; mas depois apercebe-se de que Tíkhon tem raízes sólidas, de que é puro como uma criança, que não pode ter nem um só mau pensamento nem encolerizar-se nunca, e que, por essa razão, todos os seus atos hão de ser puros e belos.

*Página 71.*

Tíkhon. Da humildade. (Do poder da humildade.)

Tudo acerca da humildade e do livre arbítrio.

Como se perdoa a um homem que cometeu um crime imperdoável (e este tormento é mais torturante que todos os outros).

*A ideia principal. 3 (15) de maio. Página 19.*

Depois do mosteiro e do convívio com Tíkhon, o grande pecador regressa ao mundo para ser aí o maior de todos os homens. Está

convencido de que há de chegar a ser o maior de todos os homens. E conduz-se como se já o fosse; é mais orgulhoso do que todos os orgulhosos e trata os homens com suprema altivez. Ao mesmo tempo não vê claramente a forma da sua futura grandeza, coisa muito própria dum jovem. Mas (e isto é o principal) Tíkhon enfiou-lhe a ideia (a convicção) de que para vencer o mundo deverá começar por vencer-se a si próprio. Ainda não escolheu o caminho, mas também não tem tempo para isso. Começa a amar-se profundamente a si mesmo. Mas surgem também contradições: ouro (acumulação), família (pela qual tem de olhar); essa ideia de amontoar dinheiro copiou-a de um usurário, um homem terrível, a antítese de Tíkhon. 2. Cultura (ateísmo, colégios). A cultura aflige-o, assim como também as ideias e a filosofia; mas assimila o principal.

Súbita juventude e dissipação. Heroísmo e crimes espantosos. Abnegação. Orgulho louco. Por orgulho vai se fazer asceta e peregrino. Viagens pela Rússia (romance de amor, ânsia de humildade, etc).

(Um grande desajeitado.)

Um homem extraordinário; mas que fez, afinal; que conseguiu realizar?

Feitos. Por orgulho e desmedida soberbia contra os homens torna-se manso e compassivo com todos, precisamente por estar acima deles.

Queria meter um tiro na cabeça (um enjeitado).

Acaba transformando a sua casa num asilo e convertendo-se ele num segundo Haas. Tudo se explica.

Morre, tendo confessado o seu crime.

**1** *Málaia Niva*, título dum popular semanário russo.↩

**2** O meu lenço.↩

**3** *Gil Blas de Santillana* (1715-1735), romance do escritor francês Alain René Lesage (1668-1747), obra das mais notáveis no gênero picaresco, tão em voga na época.↩

**4** Título duma obra, famosa nos anais da literatura pornográfica francesa do século XVIII.↩

# O crocodilo

# O crocodilo
# (1885)

*EXTRAORDINÁRIO ACONTECIMENTO OU* O EPISÓDIO DA GALERIA. *HISTÓRIA VERDADEIRA DE COMO A UM CAVALHEIRO, DE CERTA IDADE E DE CERTO ASPECTO, SUCEDEU SER ENGOLIDO VIVO, DE UMA SÓ VEZ, PELO CROCODILO DA GALERIA, E DO QUE DAÍ RESULTOU*

## Capítulo Primeiro

O quê?! Lambert?! Onde está Lambert? Quem viu Lambert?

Foi a 13 de janeiro do ano de 1865, às doze e meia em ponto, que Eliena Ivânovna, esposa de Ivan Matviéitch, meu sábio amigo e, por que não dizer?, compadre também, e, ao mesmo tempo, primo segundo, sentiu a súbita comoção de ver o crocodilo que exibiam na Galeria de lojas.

Ivan Matviéitch não tinha precisamente nada que fazer nesse dia, pois acabava de entrar de licença. Tinha até já no bolso o bilhete, para uma viagem de trem, ao estrangeiro, que se propunha realizar, mais pelo desejo de ver coisas novas do que por motivos de saúde. Não se opôs à ardente curiosidade da mulher, porque a partilhava.

— Ótima ideia! — disse, muito vaidoso. — Vamos ver o crocodilo. Não fica nada mal, nas vésperas de empreender uma viagem pela Europa, travar conhecimento com os indígenas do nosso país.

A seguir ofereceu o braço à mulher e dirigiram-se ambos para a Galeria. Eu os acompanhei a título de amigo da casa e também por um velho costume.

Nunca tinha visto Ivan Matviéitch de tão bom humor como nessa tarde inesquecível. Ah! Se soubéssemos adivinhar o futuro!

Assim que entrou na Galeria, quedou-se embasbacado perante a magnificência do estabelecimento e, assim que chegou ao lugar em que se exibia o monstro, manifestou a intenção de pagar-me os vinte e cinco copeques que custava o bilhete, coisa inaudita nele. Assim que entramos numa pequena sala, notamos que além do crocodilo havia ali papagaios da espécie das cacatuas, e alguns macacos encerrados numa jaula, colocada ao fundo. Junto da entrada, ao longo da parede da esquerda, vimos uma grande vasilha de zinco, uma espécie de banheira coberta com um gradeamento de arame e com muito pouca água. Esta vasilha servia de habitação a um crocodilo enorme, que ali estava muito tranquilo, sem dar mais sinais de vida do que um tronco, como se tivesse perdido todas as faculdades naturais ao contato com o nosso úmido clima, tão inclemente para os estrangeiros. Aquela primeira olhada que demos ao monstro deixou-nos completamente gelados.

— Então isto é um crocodilo! — disse Eliena Ivânovna num tom de decepção. — Imaginava-o de outra maneira.

Com certeza o imaginou cravejado de brilhantes. O dono do crocodilo, um alemão, aproximou-se de nós e ficou a olhar-nos com altivez.

— Ele tem razão — Ivan Matviéitch me disse ao ouvido. — Ele tem razão para estar tão orgulhoso, pois sabe que o seu crocodilo é o único que há na Rússia.

Atribuí esta observação banal ao extraordinário bom-humor de meu amigo e parente, pois, de maneira geral, era um pouco invejoso.

— O seu crocodilo parece que não está vivo — observou Eliena Ivânovna, que, assustada pelo descaramento do dono do monstro, lhe dirigiu o seu mais precioso sorriso na esperança de fazê-lo perder a arrogância de acordo com o processo que costumam seguir as senhoras.

— Perdão, minha senhora — respondeu o alemão, estropiando cruelmente o russo.

E, ato contínuo, levantou a grade de arame e pôs-se a fustigar o

crocodilo com uma vara. O pérfido monstro moveu levemente as patas e a cauda para dar sinais de vida, distendeu os beiços e lançou uma espécie de prolongado arfar.

— Pronto, pronto, não te aborreças, Karlchen[1] — disse suavemente o alemão, dando mostras de amor-próprio lisonjeado.

— Esse crocodilo é muito feio! Me dá medo! — murmurou, toda coquete, Eliena Ivânovna. Tenho a certeza de que vou sonhar com ele.

— Em sonhos não a morderia, minha senhora — observou o alemão com galanteria.

Depois pôs-se a rir da gracinha, mas o seu riso não encontrou eco.

— Vamos ver os macacos, Siemion Siemiônovitch — disse Eliena Ivânovna dirigindo-se exclusivamente a mim. — Sou doida por macacos; há alguns tão bonitos… ao passo que esse crocodilo é horrível!

— Não tenhas mais medo, minha querida — exclamou Ivan Matviéitch pavoneando-se, todo fanfarrão —, este desertor do reino dos Faraós não nos fará mal nenhum.

E parou junto da vasilha. Daí a pouco pôs-se a fazer cócegas no nariz do crocodilo, com a ponta da luva, com o fim, segundo confessou depois, de incitá-lo a lançar outro assopro. O dono do bicho acompanhou Eliena Ivânovna — uma senhora! — até à jaula dos macacos. Tudo caminhava otimamente e não era de recear nenhum contratempo.

Eliena Ivânovna ficou encantada com os macacos e dedicou-lhes toda a sua atenção. Guinchava de alvoroço e, fingindo não ver o dono, distraía-se descobrindo entre alguns daqueles animaizinhos semelhanças com os seus amigos. Eu me divertia bastante com isto, pois aquelas parecenças eram sempre exatas. O alemão, como não soubesse se havia de rir ou não, acabou por ficar murcho…

Exatamente nesse momento, ressoou na sala uma terrível algazarra, que poderia até qualificar-se de sobrenatural. Sem saber o

que pensar, fiquei bestificado, sem me mover do meu lugar; depois, quando ouvi Eliena Ivânovna gritar também, voltei-me rapidamente. Querem saber o que vi?

Pois vi, oh meu Deus!, vi o infortunado Ivan Matviéitch abocanhado pelo crocodilo, com os seus terríveis maxilares e, levantando-o no ar, sacudia-o horizontalmente no espaço, ficando unicamente com as pernas à vista, as quais o animal sacudia desesperadamente. Num instante, o meu pobre amigo e parente desapareceu por completo. Mas, como eu permanecia imóvel, pude observar todos os pormenores do acidente com apaixonada atenção, com uma curiosidade tão viva como jamais senti, de maneira que vos posso contar o caso ponto por ponto.

"Que raiva — pensei — se eu me visse na pele de Ivan Matviéitch!"

Mas voltemos ao que aconteceu. Pondo em movimento os seus terríveis maxilares, o crocodilo começou por puxar pelos pés do pobre Ivan Matviéitch; e, depois, soltando-o um pouco, porque o meu inteligente amigo esforçava-se por escapar e agarrava-se à vasilha, engoliu-o até à cintura. A seguir, soltando-o outra vez por uns momentos, continuou a engoli-lo pouco a pouco, de maneira que Ivan Matviéitch foi desaparecendo lentamente da nossa vista. Até que finalmente tragou de um golpe, completamente, o meu inteligente amigo, e de tal modo que se podia ver como ele o ia metendo no corpanzil.

Estava prestes a lançar um grito, quando, por um pérfido jogo da sorte, o crocodilo, sem dúvida incomodado pela desacostumada enormidade daquele bolo alimentício, fez outro esforço, e quando ele abriu pela derradeira vez as formidáveis goelas, pudemos ambos ver de novo o aflito rosto do meu parente, cujos óculos saltaram para o fundo da vasilha. Diria-se que aquela cabeça humana apenas apareceu de novo para lançar um olhar supremo sobre as coisas deste mundo e dar os últimos adeuses a todas as alegrias da vida. Mas nem sequer teve tempo de realizar esse desígnio. O crocodilo, que recobrara ânimos, renovou o esforço e engoliu-lhe definitivamente a cabeça.

Aquele aparecimento e desaparecimento de uma cabeça humana, dotada ainda de vida, foi um espetáculo espantoso; mas ao mesmo tempo — talvez pela rapidez daquele movimento e pela queda dos óculos — não deixava de ter os seus laivos de ridículo, pelo que não me foi possível conter o riso. Mas, compenetrando-me da inoportunidade da minha conduta em tal momento — eu não era amigo da casa? —, interpelei vivamente Eliena Ivânovna, num tom de condoída simpatia.

— Adeus para sempre ao nosso Ivan Matviéitch — disse-lhe eu.

Não tento sequer exprimir a intensa emoção de que deu mostras a jovem, enquanto se desenrolava a cena descrita. A princípio, depois de lançar aquele grito, quedou-se como petrificada e olhava para toda aquela desordem com indiferença, de olhos exorbitados. Depois pôs-se a chorar e eu tomei-lhe as mãos. Nesse momento, louco de espanto, o dono do crocodilo pôs-se a dar palmadas e, levantando os olhos ao céu, exclamou:

— Oh, meu crocodilo, rico Karlchen da minha vida! *Mutter, Mutter, Mutter*.[2]

Ao ouvir tamanha gritaria, a mãe apareceu pela porta do fundo, com a sua touca na cabeça. Era uma mulher já de idade, morena e magra de peito, que se atirou ao filho, lançando guinchos estridentes.

Produziu-se então um rebuliço espantoso. Eliena, como uma possessa, não se cansava de repetir: “Batam-lhe! Batam-lhe!”. Tão depressa olhava para o alemão como para a mãe deste, suplicando-lhes inconscientemente, sem dúvida, que batessem não sei em quem nem por que motivo. Quanto ao domador e à mãe, não se preocupavam de maneira nenhuma conosco e choravam convulsamente junto da vasilha.

— Está perdido! Vai rebentar de um momento para outro! Acaba de engolir um funcionário todo inteirinho! — gemia o domador.

— Pobre Karlchen! O nosso querido Karlchen! Vai morrer! — ululava a mãe.

— Vamos ficar órfãos e sem pão! — acrescentava o homem.

— Batam-lhe! Batam-lhe! — vociferava incansavelmente Eliena Ivânovna dependurada de uma aba do sobretudo do alemão.

— Pôs-se a provocar o meu crocodilo. Que tinha o seu marido que provocá-lo? — recalcitrava o domador, excedendo-se. — Se o meu Karlchen rebentar, a senhora terá de indenizar-me. Era o meu filho, o meu único filho.

Confesso que o egoísmo daquele alemão e a secura de coração da mãe me indignavam muitíssimo. Mas os gritos ininterruptos de Eliena Ivânovna ainda me preocupavam mais e acabaram por prender toda a minha atenção. Eu estava com um certo receio.

Mas interpretara mal o sentido daquelas estranhas exclamações. Imaginava que Eliena Ivânovna, tendo perdido momentaneamente a razão, mas no entanto desejosa de vingar o seu querido Ivan Matviéitch, proclamava o seu direito a uma satisfação e pedia que castigassem o crocodilo a paulada. Mas ela queria na realidade dar a entender outra coisa muito diferente.

Procurando tranquilizá-la, pedi a Eliena Ivânovna que não empregasse aquela perigosa palavra de bater, porque, verdadeiramente, naquele lugar, em plena Galeria, perante uma assembleia de pessoas ilustres, a dois passos da sala onde naquele mesmo instante o Senhor Lávrov[3] dava o seu curso público, a expressão de um desejo tão reacionário tornava-se não só inverossímil como até inadmissível, e de um momento para outro podia dar lugar a que caíssem sobre as nossas costas as cordas sibilantes das disciplinas críticas do Senhor Stiepânov. Para cúmulo do terror, os meus receios de imediato justificaram-se. A cortina que fechava o compartimento onde se encontrava exposto o crocodilo abriu-se e surgiu um indivíduo de barba e bigode, que, de chapéu na mão, inclinava para nós a parte superior do corpo, conservando prudentemente a sua base de sustentação no vestíbulo, para não se ver, assim, na necessidade de desembolsar o preço do bilhete.

— Minha senhora — disse o desconhecido, realizando prodígios de equilíbrio para manter a cabeça na sala onde nós estávamos e, ao

mesmo tempo, não tirar os pés do vestíbulo —, minha senhora, uma ideia tão retrógrada não depõe a favor da sua inteligência e só pode derivar de uma certa falta de fósforo no seu cérebro. *A Crônica do Progresso*, assim como os nossos periódicos, também não deixarão de amaldiçoá-la…

Mas não pôde acabar o seu discurso. O dono da loja recuperou imediatamente a presença de espírito e, notando com horror a presença gratuita daquele indivíduo na sala do crocodilo, arremeteu furiosamente contra o incógnito progressista e expulsou-o a soco do local. Desapareceram ambos atrás da cortina e eu compreendi então que todo aquele rebuliço era injustificado, porque Eliena Ivánovna estava absolutamente inocente da intenção que lhe atribuíam, a de querer infligir ao crocodilo o humilhante castigo das vergastadas. Pedia, nem mais nem menos, que lhe abrissem a barriga para tirar dali o seu querido Ivan Matviéitch.

— Com que então queria que matassem o meu crocodilo! — vociferou o domador. — Preferia mil vezes que matassem o seu marido… O meu pai exibia esse crocodilo perante o público; o meu avô já o exibira antes; agora o exibo eu, e meu filho vai exibi-lo quando eu morrer. O mundo inteiro há de ver esse crocodilo! A mim, conhecem-me na Europa, ao passo que, à senhora, ninguém a conhece, e terá que pagar-me uma indenização.

— Isso, isso! — gritou a alemã, furiosa. — Não os deixaremos sair daqui sem nos indenizarem, porque o nosso pobre Karlchen vai rebentar.

— Não há dúvida que seria inútil matá-lo — acrescentei eu fleumaticamente, procurando levar Eliena Ivânovna para casa, pois de certeza que, àquela hora, já o nosso querido Ivan Matviéitch se encontrava no Céu.

— Querido amigo — exclamou de repente, com o nosso maior espanto, a voz de Ivan Matviéitch —, querido amigo, parece-me que seria mais conveniente avisar o comissário da Polícia, porque só a intervenção da força pública será capaz de convencer esse alemãozeco!

Aquelas palavras, pronunciadas com voz firme, que testemunhava uma extraordinária presença de espírito, deixaram-nos a tal ponto estupefatos que no primeiro momento nem queríamos acreditar nos nossos ouvidos. No entanto aproximamo-nos a toda pressa do lugar, onde o crocodilo se agitava, e pusemo-nos a escutar o desgraçado cativo com uma atenção concentrada, ainda que algo cética.

A sua voz, fraca e afogada, ressoava como se viesse de muito longe. Seria possível pensar que algum engraçado, instalado no compartimento contíguo e com a boca colada sobre um almofadão, se esganiçava a gritar para fingir um diálogo entre dois campônios, numa estepe ou no fundo dum barranco, para distrair o público que se encontrava no outro compartimento, espetáculo que por mais de uma vez pude admirar em casa de amigos por ocasião da noite de Natal.

— Ivan Matviéitch, meu querido marido, ainda estás vivo? — balbucia Eliena Ivânovna.

— Sim, vivo e são — respondeu Ivan Matviéitch —, graças à proteção do Altíssimo o crocodilo engoliu-me sem me fazer nenhum mal. Há só uma coisa que me aflige: como é que os meus chefes considerarão este contratempo? Porque já sabes que eu providenciei os meus passaportes para o estrangeiro, e, agora, encontro-me na pança de um crocodilo, que nem é lugar tão ruim assim…

— Mas, meu querido, isso agora não interessa, o que é preciso é que te tirem daí! — interrompeu-o Eliena Ivânovna.

— Tirá-lo dali! — exclamou o dono do bicho. — Não consentirei que ponham a mão no meu crocodilo. De agora em diante o público acudirá em tropel para vê-lo. Cobrarei vinte copeques por entrada e Karlchen não terá necessidade que lhe deem comida.

— Graças a Deus! — acrescentou a mãe.

— Tem razão — observou Ivan Matviéitch em tom calmo. — É preciso, antes de mais, considerar as coisas no ponto de vista econômico.

— Meu amigo — exclamei eu —, vou imediatamente ter com o

nosso chefe para apresentar o pedido conveniente, pois vejo muito bem que nós, sozinhos, não conseguiremos sair deste apuro.

— Também penso o mesmo — respondeu Ivan Matviéitch — mas, na nossa época de crise comercial, é bastante difícil abrir a barriga de um crocodilo sem ter de pagar uma indenização. Por isso é preciso fazer uma pergunta prévia: quanto pedirá o domador pelo crocodilo? E a esta pergunta há de seguir-se outra como corolário: quem deverá pagar? Pois já sabes que eu não sou rico…

— Desde que não peças um adiantamento sobre o teu ordenado — insinuei eu timidamente.

Mas o domador cortou-me a palavra.

— Não estou disposto a vender o meu crocodilo; nem por três mil rublos o daria. Teriam, pelo menos, de dar-me quatro mil. Com o que se passou, o público vai formar fila à porta deste local. Terão que dar-me cinco mil rublos por ele.

Em resumo: queria tirar proveito da situação. A mais sórdida avareza transparecia no seu rosto.

— Basta. Vou-me embora! — exclamei, indignado.

— E eu também, e eu também! — choramingava Eliena Ivánovna. — Irei procurar Andriéi Ossipitch e vou enternecê-lo com as minhas lágrimas.

— Não; isso não, minha querida! — interrompeu-a Ivan Matviéitch, que havia muito tempo tinha ciúmes daquele tipo. Achava que a mulher tinha muita propensão para soltar um caudal de lágrimas perante um homem culto, porque o choro ficava-lhe muito bem.

Depois, dirigindo-se ao meu amigo, continuou:

— Também, não te aconselho. Não sabemos o que poderia resultar dessa diligência. Mas peço-te que vás hoje mesmo ver Timofiéi Siemiônitch; é um homem de costumes antigos, bastante pateta, e, o que é mais importante, muito leal. Saúda-o em meu nome

e conta-lhe este aborrecimento com todos os pormenores. Ao mesmo tempo hás de entregar-lhe sete rublos, que ele me ganhou da última vez que jogamos uma partidinha; esse gesto atrairá para nós a sua simpatia. É um homem cujos conselhos podem valer-nos de muito. Entretanto, vai-te embora, Eliena Ivânovna… Sossega, minha querida — acrescentou, dirigindo-se à esposa —, todos esses espaventos me fatigam e eu queria descansar um pouco. Ademais, aqui não se está mal; se bem que ainda não tive tempo de reconhecer bem este inesperado asilo.

— Reconhecer? Mas vês alguma coisa aí dentro? — exclamou Eliena Ivânovna muito contente.

— Rodeiam-me umas trevas impenetráveis — respondeu o infeliz prisioneiro — mas posso apalpar e, por assim dizer, ver com as mãos. Por isso, até à vista. Está descansada e não te prives de distrações. Até amanhã. Quanto a ti, Siemion Siemiônitch, vem ver-me esta noite, e, como és distraído e poderias esquecer-te, dá um nó no lenço.

Confesso que não me desagradava a ideia de sair dali, pois estava cansado e começava a aborrecer-me. Apressei-me, pois, a puxar pelo braço de Eliena Ivânovna e levá-la dali.

— Esta noite a entrada custará a toda a gente vinte e cinco copeques — preveniu-nos o domador.

— Oh, meu Deus, que interesseiras são estas pessoas! — disse Eliena Ivânovna, olhando-se em todos os espelhos da Galeria e verificando com visível satisfação que as recentes comoções a tinham embevecido.

— É, o ponto de vista econômico — respondi-lhe, um tanto comovido e orgulhoso por acompanhar uma mulher tão bonita.

— O ponto de vista econômico? — respondeu ela com a sua simpática vozinha. — Pois eu não percebi nada do que disse Ivan Matviéitch acerca desse malvado ponto de vista econômico.

— Vou explicar-lhe.

E pus-me a dissertar sobre os resultados benéficos da acumulação de capitais estrangeiros na nossa pátria, com tanta maior facilidade quanto nessa mesma manhã tinha lido nas *Notícias de Petersburgo* e no *Cabelo* artigos sobre o assunto.

Ela me escutou durante um momento e interrompeu-me, dizendo: — Como é estranho tudo isto! Quando deixará o senhor de falar sobre todas essas idiotices? Diga: estou muito corada?

Aproveitei a ocasião para dirigir-lhe um galanteio:

— Não está corada — disse-lhe eu —, está deliciosa.

— Olhem que ousado! — murmurou, encantada.

Depois acrescentou, inclinando graciosamente a cabeça:

— Tenho tanta pena do meu pobre marido! — e, de repente — mas, diga-me como é que se vai arranjar para lanchar ali dentro… E… e… se ele se lembra de alguma tolice?

— A sua pergunta apanhou-me desprevenido — respondi-lhe, um tanto desconcertado. — Para dizer a verdade, não tinha pensado nisso. De fato, as mulheres são mais práticas do que nós, quando se trata dos problemas da existência!

— Coitadinho! Como é que ele foi meter-se ali! Naquelas trevas não pode arranjar nenhum divertimento! E pensar que nem sequer tenho um retrato dele! Ah! Aqui me tem, quase viúva! — e esboçou um sorriso encantador, que demonstrava até que ponto lhe parecia interessante o seu novo estado. — Seja como for, tenho tanta pena dele!

Assim ela exprimia a natural aflição de uma mulher que acaba de perder o seu marido. Acompanhei-a a casa e obrigou-me a ficar para cear. A seguir, depois de ter tomado uma xicarazinha de café, consegui apaziguá-la e deixei-a para ir encontrar Timofiéi Siemiônitch, convencido de que todo o homem que tivesse um lar e uma posição respeitável se encontraria em sua casa àquela hora.

Escrevi este primeiro capítulo no estilo que convém ao argumento

da minha narrativa. Mas daqui para diante estou resolvido a empregar um tom menos elevado, mais natural, e disso previno lealmente o leitor.

## Capítulo II

O venerável Timofiéi Siemiônitch recebeu-me com certa afabilidade; mas não sem certa inquietação. Fez-me entrar para o seu escritório e fechou cuidadosamente a porta, a fim de que, segundo disse, “as crianças não nos incomodassem”. E quando disse isto dava mostras de grande ansiedade.

Ofereceu-me lugar numa cadeira, próximo da sua secretária; dobrou as abas do roupão e tomou um ar severo e até oficial, apesar de não ser meu chefe nem de Ivan Matviéitch, mas simplesmente nosso colega.

Antes de mais — disse-me —, lembre-se de que eu não sou seu chefe, mas um subordinado, como o senhor ou como Ivan Matviéitch… Nada disso me diz respeito e não quero meter-me em nada.

Fiquei estupefato. Não havia dúvida de que já estava a par de tudo. No entanto fiz-lhe uma descrição pormenorizada de tudo quanto acontecera.

Exprimi-me num tom comovido, pois agia naquele momento em função da verdadeira amizade. Ele me escutou sem admiração, mas dando inequívocos sinais de desconfiança.

— Quer acreditar — disse, quando terminei a minha descrição —, quer acreditar que sempre tive o pressentimento de que havia de acontecer um percalço desse gênero a Ivan Matviéitch?

— Mas por quê, Timofiéi Siemiônitch? Pois parece-me que o acontecimento é bastante extraordinário.

— De acordo; mas não será verdade que toda a carreira de Ivan Matviéitch propendia para esse desenlace? Era de uma ousadia que

tocava as raias da insolência. Tinha sempre a palavra “progresso” na boca, e, além disso, tinha uma sucessão de ideias… Veja onde nos leva o progresso!

— Mas parece-me que este contratempo, puramente casual, não pode ser erigido como regra geral para todos os progressistas…

— Queira ou não queira, é assim. Acredite-me. Tudo isso não é mais do que a consequência de uma cultura excessiva. As pessoas sabichonas metem-se em todos os lugares, até onde não são chamadas. Aliás — acrescentou como que ressentido —, pode ser que o senhor esteja melhor instruído acerca deste ponto do que eu. Eu não tenho grande cultura e caminho já para velho. Faz cinquenta anos que entrei para a burocracia, como filho de militar.

— Mas, com certeza que eu não soube explicar-me bem, Timofiéi Siemiônitch. Ivan Matviéitch implora os seus conselhos e a sua proteção com as lágrimas nos olhos, esta é a expressão.

— Ora! Com as lágrimas nos olhos? Devem ser lágrimas de crocodilo, de que não devemos fazer caso. Ora vejamos: que necessidade tinha ele de viajar pelo estrangeiro? Com que dinheiro contava? Nem sequer tinha os meios necessários…

— Contava com as suas economias, Timofiéi Siemiônitch — respondi-lhe, num tom lamurioso — conservava a sua última gratificação, por inteiro. A sua viagem devia durar apenas três meses; pensava visitar unicamente a Suíça, a pátria de Guilherme Tell…

— De Guilherme Tell? Ora! Ora!

— Queria gozar a primavera em Nápoles, visitar os museus, observar os costumes, estudar a fauna…

— Ora! Ora! Com que então estudar a fauna? A meu ver, ele queria apenas fazer essa viagem por puro orgulho. A fauna? Mas que fauna? Não a temos aqui? Aqui não há museus, casas com feras, camelos, até? Temos ursos a dois passos de Petersburgo e ele mesmo se encontra atualmente domiciliado num crocodilo…

— Por piedade, Timofiéi Siemiônitch! Esse homem está desgraçado. Recorre ao senhor como a um amigo, como a um parente mais velho; pede-lhe os seus conselhos e o senhor responde com censuras… Ao menos tenha compaixão de Eliena Ivânovna.

— Refere-se à mulher? É, de fato, uma mulher encantadora — disse Timofiéi Siemiônitch, que se adoçou visivelmente e tomou uma pitada de rapé. — É uma criatura elegantíssima com a cabeça um pouco enterrada nos ombros… e um pouco barriguda… mas é muito simpática. Andriéi Ossípitch falou-me dela anteontem.

— Falou-lhe dela?

— Sim, e em termos muito elogiosos. “Que peito! — dizia — E que olhos! Que cabelo! Um autêntico acepipe!” E até se pôs a rir… Ainda são novos. Aí tem a maneira como esse senhor vai abrindo caminho…

— Mas não se trata agora disso, Timofiéi Siemiônitch.

— Claro que não, claro que não.

— Que se há de fazer então, Timofiéi Siemiônitch?

— Que quer o senhor que eu faça?

— Dê-nos os seus conselhos, guie-nos como homem experimentado. Que devemos fazer? Avisar os chefes do que aconteceu, ou…?

— Avisar os chefes?! De maneira nenhuma! — exclamou vivamente Timofiéi Siemiônitch. — Já que me pede conselho, ponha esse assunto de lado e limite-se a atuar em terreno estritamente particular. O caso é muito especial e de natureza muito duvidosa. É a primeira vez que se apresenta um caso semelhante e que não pode deixar de redundar em desprestígio do funcionário a quem acontece. Por isso, antes de mais é necessário atuar com prudência… Diga-lhe que não dê um passo… Que é preciso esperar com fleuma…

— Esperar! Mas, como, Timofiéi Siemiônitch? E se ele se asfixia ali dentro?

— E por que há de asfixiar-se? O senhor não acabou de dizer-me que ele se encontra até confortavelmente instalado?

Tornei a começar a minha narrativa. Timofiéi Siemiônitch refletiu longamente. Depois, girando a tabaqueira entre os dedos, disse-me:

— Eia! Eia! Parece-me que não seria mau para ele ficar onde se encontra, em vez de ir para o estrangeiro. No lugar em que se acha tem tempo de sobra para reconsiderar. Claro que devemos impedir que se asfixie e tomar medidas para proteger a sua saúde; e, para já, que procure não apanhar nenhuma constipação… Quanto ao alemão, parece que está no seu direito e que tem até mais razão do que a parte contrária; foi Ivan Matviéitch quem se meteu, sem sua autorização, dentro do crocodilo, e não ele quem se meteu no crocodilo de Ivan Matviéitch, que, se não me engano, não possui nenhum. Pois bem: esse crocodilo constitui uma propriedade privada e não se lhe pode abrir a barriga sem indenizar o dono.

— Mas trata-se de salvar um ser humano, Timofiéi Siemiônitch!

— Isso é caso para a Polícia. É a ela que deve dirigir-se.

— Mas podia suceder que não precisassem dele na repartição e que não o mandassem chamar.

— Precisar de Ivan Matviéitch! Eia! Eia! Em primeiro lugar, está considerado na situação de licença. Calcula-se que esteja em vésperas de partir para a Europa, e podemos fazer vista grossa sobre o que ele faça na realidade. Já será diferente, se, acabado o tempo da licença, não voltar à repartição. Nesse caso comunicaremos oficialmente a sua ausência e vamos instaurar um processo…

— Passados três meses! Tenha piedade!

— Se se encontra num aperto desses, o culpado é ele. Quem o mandou meter-se lá dentro? Talvez seja necessário destinar-lhe um guarda, à custa do Estado, o que é contra o regulamento. Mas o que é preciso não esquecer, antes do mais, é que o crocodilo é uma propriedade privada, e que, portanto, a questão econômica está envolvida nisto. O princípio econômico é o principal. Já ontem o dizia

Ignat Prokhófitch, em casa de Luká Andriéitch. Conhece Ignat Prokhófitch? É um opulento capitalista que maneja grandes negócios e se exprime muito bem. “Precisamos de indústria — dizia ele. — A nossa indústria não existe, por assim dizer. É preciso criá-la e, para isto, é preciso criar uma burguesia. E, como não temos capitais, é necessário trazê-los do estrangeiro. Devemos, pois, antes de mais, conceder facilidades às companhias estrangeiras para adquirirem as nossas terras em parcelas, conforme se pratica por toda parte no estrangeiro. Esta propriedade em comum é o veneno que corrói — arruina a Rússia!” Falava com grande entusiasmo; essa gente rica e que não faz nada tem a língua muito desembaraçada… Disse que nem a indústria nem a agricultura podem prosperar com este nosso sistema. Pretendia que as companhias deveriam comprar todo o nosso território, distribuído em parcelas, para dividi-lo depois em lotes menores, que se poriam à venda, de maneira a que constituíssem propriedades individuais. E não pode imaginar o tom tão resoluto em que dizia: “Distribuir! No caso de não se venderem esses lotes, podiam simplesmente arrendar-se”. E acrescentava: “Quando todo o nosso país se achar em poder de sociedades estrangeiras, será coisa fácil apontar o preço do arrendamento que se desejar. Deste modo, o lavrador terá que trabalhar para ganhar a vida e poderá ser expulso desta ou daquela terra em caso de necessidade. Pressentindo este perigo, vai se mostrar respeitoso e obediente, e dará três vezes mais rendimento do que agora, que forma parte da comunidade e pode rir-se de toda a gente. Sabe que não morrerá de fome e por isso se galardeia e bebe. Com o novo método o dinheiro virá parar às nossas mãos; a burguesia travará os seus capitais. Além disso, o *Times*, o grande diário literário e político de Londres, declarava, num estudo que publicou acerca da nossa imprensa, que o fato de os nossos capitais não aumentarem se deve à circunstância de não existir entre nós o terceiro Estado e de necessitarmos de grandes fortunas e de um proletariado produtor…”. Ignat Prokhófitch fala muito bem, é um orador consumado. Tem a intenção de apresentar nas altas esferas uma Memória, que publicará depois no *Mensageiro*. Como vê, estamos muito longe dos desvarios de Ivan Matviéitch…

— Bem; mas que vamos fazer por Ivan Matviéitch? — perguntei, interrompendo-o.

Até ali deixara-o discorrer à sua vontade, porque sabia que esse era um dos seus fracos e que lhe agradava mostrar que não andava atrasado em notícias e que, pelo contrário, se encontrava ao corrente de tudo.

— Que havemos de fazer por Ivan Matviéitch? Pois se tudo o que acabamos de dizer se refere a ele! Estamos fazendo o possível por atrair os capitais estrangeiros, e ainda mal a fortuna do dono do crocodilo aumentou para o dobro, na razão do percalço que sucedeu a Ivan Matviéitch, já o senhor quer que abramos a barriga a seu bicho? É isso o que lhe dita o senso comum? Em minha opinião, Ivan Matviéitch, como bom patriota, deve alegrar-se e orgulhar-se por ter podido duplicar, só com a sua intervenção, o valor de um crocodilo estrangeiro. Duplicar?! Que digo eu?! Triplicar! Visto o êxito alcançado pelo dono desse crocodilo, não tardará a aparecer outro com outro crocodilo, e depois outro com outro. À sua volta vão se agrupar os capitais, e aí tem o senhor o começo de uma burguesia. Tudo quanto fizermos para fomentar este movimento será pouco.

— Mas — exclamei — Timofiéi Siemiônitch, o que o senhor exige desse pobre Ivan Matviéitch é uma abnegação quase sobre-humana!

— Não se exige nada, e faço-lhe ver que, como já lhe disse, eu não sou o seu chefe e, portanto, não tenho o direito de exigir nada. Falo apenas como patriota; não como “patriota”, mas simplesmente como patriota. E pergunto-lhe uma vez mais: “Quem o mandou meter-se na boca do crocodilo?”. Um homem sério, funcionário de certa categoria, casado, para que foi meter-se em semelhante aventura? Não acha?

— Mas esse percalço foi completamente alheio à sua vontade!

— Sabe-se lá! E, além disso, onde está o dinheiro para indenizar o dono do crocodilo?

— Contamos com o ordenado de Ivan Matviéitch…

— Chegará?

— Claro que não, Timofiéi Siemiônitchl — exclamei com tristeza.

— Na ocasião em que o percalço aconteceu, o dono do animal receava que o bicho rebentasse; mas quando se certificou de que não havia nada a recear, tornou-se soberbo e, com uma espécie de volúpia, duplicou o preço que pedira a princípio.

— E poderá ainda triplicá-lo e até quadruplicá-lo! O público afluirá em magotes à sua exposição, e esses domadores são muito espertos. Além disso, lembre-se de que estamos no carnaval e de que todos querem divertir-se, o que é uma razão para que Ivan Matviéitch se conserve incógnito e não se apresse a sair do seu estranho domicílio. Que toda a gente saiba que está hospedado num crocodilo, mas não oficialmente. Encontra-se para isso nas mais favoráveis condições, já que toda a gente o supõe viajando pelo estrangeiro. Poderão dizer que se encontra hospedado no interior dum crocodilo; nós afirmamos não saber de nada. Tudo se pode arranjar. O principal é que tenha paciência. E, afinal de contas, para que serve essa pressa toda?

— Mas, e se…

— Não se preocupe; é de compleição bastante forte…

— Bem, que lhe acontecerá se ficar à espera?

— Ah, não quero esconder-lhe que o caso é bastante bicudo! É para enlouquecer, e o pior é que não tem precedentes. Se ao menos houvesse um precedente, ainda seria fácil sair do aperto. Mas não havendo, em que apoiar-se para qualquer resolução? Entretanto, vamos procurá-la; o assunto se arrastará…

Tive uma inspiração salvadora:

— Não poderíamos fazer de maneira que, uma vez que tem de permanecer na barriga do crocodilo e esperando que Deus lhe conserve a vida, pudesse dirigir-se a quem de direito, uma instância para que o considerem como prestando serviço?

— Isso! Isso! Como se estivesse de licença sem vencimento…

— E não haveria um meio de que lhe pagassem também o

ordenado?

— A título de quê?

— A título de empregado em comissão de serviço.

— Em comissão? Onde?

— Nas entranhas do crocodilo, nas suas entranhas… para recolher aí dados, para estudar os fatos *in loco*. Claro que isto seria uma inovação, mas também um progresso, uma prova de que o Estado se interessa pelo adiantamento da ciência.

Timofiéi Siemiônitch afundou-se numa meditação profunda. Depois respondeu:

— Parece-me que o fato de enviar um funcionário em comissão de serviço para a barriga dum crocodilo constituiria um absurdo. Não haveria maneira de harmonizar isso com os quadros de serviço? Que missão poderia ele desempenhar ali dentro?

— Uma missão de estudos naturais, se me é lícito exprimir-me assim. Seria um modo de surpreender a Natureza na sua atuação concreta. Hoje estão em moda as ciências naturais, a botânica… Ivan Matviéitch residiria dentro do crocodilo e daí nos enviaria as suas comunicações… sobre a digestão nos sáurios, sobre os costumes internos destes animais. E, assim, poderia reunir montes de dados.

— Sim, estudos estatísticos, sem dúvida! Não sou muito forte nesses assuntos… E, além disso, não sou filósofo. O senhor fala de dados. Mas já estamos fartos deles até à raiz dos cabelos; não sabemos o que haveria de fazer de tantos dados. Além disso essa estatística parece-me perigosa…

— Por quê?

— É perigosa. E, além disso, repare bem, teria que redigir essas comunicações estendido de barriga para o ar. E acha que se pode prestar serviço nessa posição? Seria uma inovação, e perigosa, até! E que não tem precedentes! Se ao menos tivéssemos um precedente, já seria outra coisa.

— Mas como quer o senhor que haja precedentes, se este é o primeiro crocodilo vivo que trazem a Petersburgo, Timofiéi Siemiônitch?

— Ah, ah! Isso é verdade — refletiu de novo durante bastante tempo. — A sua observação é justa, em certo sentido, e poderia; servir de base para os trâmites do caso. Mas considere, por outro lado, que se o aparecimento destes crocodilos vivos há de despertar nos funcionários a propensão para se recolherem neles e, sob pretexto de que aí se está bem, pedir comissões para passar o tempo deitado de barriga para o ar, isso constituiria um detestável exemplo, há de reconhecê-lo. Todos correriam a meter-se dentro dos crocodilos para ganharem o ordenado sem fazer nada.

— Faça tudo o que estiver ao seu alcance, Timofiéi Siemiônitch! E, a propósito: Ivan Matviéitch encarregou-me de abonar-lhe os sete rublos que lhe deve pela última partida que perdeu.

— Ah, sim! Perdeu-os outro dia em casa de Nikita Nikíforovitch! Lembro-me disso. Como ele estava bem disposto nessa noite e como nos fez rir! E agora…

O velhote dava mostras de sincera comoção.

— Prometa-me interessar-se por ele, Timofiéi Siemiônitch.

— Está bem. Falarei em meu nome, hei de arranjar tudo à minha maneira; fingirei que peço informações… E a propósito disto; informe-se do preço que o dono do crocodilo pede pelo bicho.

Era evidente que Timofiéi Siemiônitch se abrandava.

— Vou fazer isso — respondi — e virei imediatamente comunicar-lhe.

— E a mulher, que fará agora, que está sozinha? Aborrecida, não?

— Não seria mal pensado o senhor fazer-lhe uma visita, Timofiéi Siemiônitch.

— E por que não? Já tinha pensado nisso e a ocasião parece-me

ótima… Mas que ideia! Ir ver um crocodilo! Se bem que, no fim de contas, eu também tenho intenção de ir vê-lo!

— Sim. Mas não queria que Ivan Matviéitch tivesse muitas esperanças nestas diligências. Farei a comunicação apenas a título particular. Portanto, até à vista; vou a casa de Nikita Nikíforovitch. Também vai para lá?

— Não, tenho de visitar o nosso prisioneiro.

— Isso mesmo, prisioneiro. É para que vejam onde conduz o estouvamento!

Despedi-me do velho. Mil pensamentos fervilhavam na minha cabeça. Timofiéi Siemiônitch é uma excelente pessoa, mas isto não obsta a que, ao separar-me dele, me sentisse contente porque tivesse já celebrado o seu quinquagésimo aniversário e porque não houvesse entre nós muitos Timofiéi Siemiônitch.

Escusado será dizer que me dirigi rapidamente para a Galeria, a fim de dar aquelas notícias ao pobre Ivan Matviéitch. Sentia também muita curiosidade por saber como é que ele passava dentro do crocodilo e se a vida ali lhe era suportável. Viver dentro dum crocodilo! Às vezes parecia-me que era vítima de um pesadelo monstruoso! E de fato tratava-se de um monstro!

## Capítulo III

Não, não era um pesadelo, mas uma indiscutível realidade. Se não fosse assim, eu teria começado esta narrativa?

Era já um pouco tarde, perto das oito horas, quando cheguei à Galeria, e para entrar na sala onde se encontrava exposto o crocodilo tive de passar pela escada de serviço, porque o alemão tinha fechado mais cedo do que de costume.

Passeava pela sala, envolto num sobretudo ensebado, e parecia muito mais satisfeito do que pela manhã. Percebia-se que o negócio lhe corria às mil maravilhas; não havia dúvida de que tinha vindo

muita gente. Depois apareceu a mãe, com o fim evidente de vigiar-me. De quando em quando cochichava com o filho, o qual, apesar de ter já o estabelecimento fechado, me fez pagar os vinte e cinco copeques. Aquele homem levava até ao excesso o seu espírito de ordem.

— O senhor tem de pagar todas as vezes que vier — disse-me. — Mas enquanto o público comum paga um rublo, o senhor apenas terá de pagar vinte e cinco copeques, atendendo a que é amigo dele, o que muito aprecio.

— Ainda estás vivo? Ainda estás neste mundo, meu querido e sensato amigo? — exclamei, aproximando-me da vasilha do crocodilo, esperando que as minhas palavras longínquas chegassem aos ouvidos de Ivan Matviéitch e que lisonjeassem o seu amor-próprio.

— Estou vivo e são — respondeu com uma voz apagada, que parecia sair de debaixo de uma cama, embora eu estivesse muito mais alto do que ele. — Estou vivo e são; mas falemos disso depois. Antes de mais, como vão os nossos assuntos?

Fingi não ter ouvido e continuei a dirigir-lhe perguntas, pacientemente. Que se passaria lá por dentro? Ao procurar informar-me não fazia mais do que cumprir um dever de amizade e até de simples cortesia. Mas ele interrompeu-me, com o acento autoritário que o caracterizava:

— Vamos ao que interessa!

A sua voz flébil pareceu-me particularmente desagradável.

Contei-lhe, até aos máximos pormenores, a minha conversa com Timofiéi Siemiônitch, esforçando-me por dar-lhe a entender, pelo tom da minha voz, que tinha ficado ressentido.

— O velho diz muito bem — concluiu Ivan Matviéitch, com aquela brusquidão de que fazia sempre gala comigo. — Agradam-me as pessoas práticas e não posso suportar os pusilânimes. No entanto reconheço que a tua ideia de uma comissão não é tão absurda como parece. De fato, posso fazer aqui observações muito interessantes, tanto no ponto de vista científico como no ponto de vista moral… Mas

este assunto está a tomar um aspecto muito inesperado e é preciso preocupar-se com alguma coisa mais do que o ordenado. Escuta-me com atenção. Estás sentado?

— Não; continuo de pé.

— Então senta-te em qualquer parte, ainda que seja no chão, e escuta-me atentamente.

Cheio de raiva, peguei numa cadeira e pousei-a no chão ruidosamente.

— Escuta — continuou ele, em tom de comando. — Hoje veio aqui muita gente. Às oito, isto é, muito antes do costume, o patrão julgou oportuno fechar a porta antes de contar o dinheiro que entrou na caixa e tomar as suas medidas para amanhã, porque é de calcular que, amanhã, isto se tornará numa verdadeira romaria. Com certeza que virão homens sapientíssimos, senhoras elegantes, embaixadores, advogados, etc…, e a coisa não ficará por aqui, pois os habitantes das diversas províncias do nosso vasto e interessantíssimo império iniciaram já o êxodo para a capital. Ainda que esteja escondido, hei de fazer o possível por tornar-me visível: hei de desempenhar um papel de primeira ordem. Hei de contribuir para a instrução dessa multidão de indecisos. Educado pela experiência, vou lhes oferecer um exemplo de grandeza de alma e de resignação perante o destino. Será uma espécie de cátedra da qual caíram sobre a multidão as mais sublimes palavras. Os dados científicos reunidos já por mim, acerca do monstro em que habito, são infinitamente valiosos. Por isso, não só não lamento o percalço de que fui vítima, como vaticino que, a partir de agora, há de exercer em meu proveito uma influência muito favorável.

— E não te aborrecerás — observei malicioso, pois tinha-me aborrecido verificar que só falava de si mesmo e com tanta soberbia.

“Por que será — dizia para comigo, desorientado — que esta cabeça de alho chocho emprega palavras tão grandiloquentes? Mais valia que chorasse do que se pusesse tão ufano!”

— Não me aborrecerei — respondeu severamente. — Agora que, finalmente, já tenho tempo, posso consagrar-me completamente às

grandes ideias e preocupar-me com a sorte da Humanidade. Deste crocodilo hão de sair a verdade e a luz. Não há dúvida que hei de descobrir uma teoria nova e pessoal, relações econômicas novas, das quais poderei orgulhar-me com muita razão. Até agora não pude dedicar-me absolutamente a estes assuntos, por causa do pouco tempo livre que me deixavam a repartição e as triviais distrações mundanas. Mas agora hei de revolucionar tudo; serei outro Fourier… E, a propósito: entregaste os sete rublos a Timofiéi Siemiônitch?

— Sim, entreguei-lhes do meu bolso — respondi-lhe, esforçando-me por dar-lhe a entender, no tom da minha voz, toda a transcendência de tal sacrifício.

— Depois faremos as contas — respondeu com altivez. — Por certo me aumentarão o ordenado. Porque, se não me subirem de posto, a quem é que subirão? Parece-me que hão de tirar bastante proveito de mim, de agora em diante. Mas vamos ao que interessa; e a mulher?

— Estás te referindo a Eliena lvânovna, não é verdade?

— A minha mulher! — gritou.

Não tinha outro remédio senão ceder perante aquele homem terrível. Embora rangendo os dentes de raiva, humildemente, contei-lhe como me separei da esposa. Ele não me deixou falar e interrompeu-me com impaciência:

— Tenho os meus projetos particulares a respeito dela. Se me tornar célebre aqui onde me encontro, penso que ela também o seja aí, onde está. Os sábios, poetas, filósofos e mineralogistas de passagem pela povoação; os homens de Estado que vierem falar comigo na parte da manhã frequentarão à noite o seu salão. Será preciso que comece a receber visitas a partir da semana que vem. Como me duplicarão o ordenado, terei o suficiente para receber condignamente. Se bem que um pouco de chá e algum criado será suficiente. Com isso não é preciso preocupar-nos… Havia já muito tempo que eu esperava por uma ocasião como esta, em que desse que falar; com o meu pequeno ordenado e a minha baixa categoria, isso não era possível. Mas, agora, este crocodilo remediou tudo. Toda a gente há de reparar nas minhas

palavras; qualquer pequena frase minha dará que pensar e correrá de boca em boca, e passará a letra de forma. Serei conhecido! Hão de acabar todos por compreender o luminar que consentiram fosse tragado por este monstro! Alguns hão de dizer: “Se esse homem tivesse nascido num país estrangeiro teria chegado a ministro. É muito capaz de governar um país”. Outros vão se lamentar, dizendo: “E pensar que um homem destes não está na chefia de uma nação!”. Porque, francamente, em que sou eu inferior a um Garnier-Pagés,[4] ou a qualquer outro do gênero? A minha mulher participará do jogo. Eu possuo a inteligência; ela, a beleza e os atrativos. “Foi por ela ser graciosa que ele casou com ela”, dirão uns; e outros emendarão: “Não, ela é graciosa porque é a sua mulher…”. Em suma: é preciso que amanhã mesmo Eliena Ivânovna arranje o *Dicionário Enciclopédico*, editado sob a direção de Andriéi Kraiévski, para que possa falar de tudo, e que tenha também o cuidado de ler todos os dias o artigo de fundo do *Mensageiro de Petersburgo*, e de confrontá-lo com o de *O Cabelo*. Suponho que o dono deste crocodilo não se negará a levar-me de vez em quando, com o bicho, ao brilhante salão da minha mulher, onde eu direi coisas muito interessantes, previamente preparadas. Comunicarei as minhas opiniões governamentais aos homens de Estado, aos poetas recitarei versos; com as senhoras vou me mostrar afável e galante, sem inspirar a menor inquietação aos maridos. Mas oferecerei a todos um grande exemplo de submissão ao Destino e aos decretos da Providência. Farei da minha mulher uma literata notável; hei de instigá-la e farei com que o público a compreenda. Pois considero que a minha mulher está esplendidamente dotada, e se Andriéi Alieksándrovitch é justamente comparado com Alfredo de Musset,[5] não sei por que não hão de compará-la, a ela, com Eugênia Tour.

Confesso que, por mais que aquela loucura fosse habitual em Ivan Matviéitch, não pude deixar de pensar que ele estava com febre, que delirava. Poderá dizer-se que a vulgaridade de Ivan Matviéitch ficava ressaltada por uma lente que aumentasse pelo menos vinte vezes o volume das coisas.

— Querido amigo — perguntei-lhe —, esperas viver muito tempo desse modo? Ora, dize-me: sentes-te bem? Como te alimentas? Que tal

dormes? Respiras bem? Repara que sou teu amigo e reconhece que o caso é bastante extraordinário para que justifique a minha curiosidade.

— Curiosidade bastante vã — respondeu ele sentenciosamente. — Apesar de que consinto em satisfazê-la. Queres saber como é que eu me governo nas profundidades deste monstro? Começarei por dizer-te que, com grande espanto da minha parte, verifiquei que este crocodilo é oco. Parece-me que estou metido num grande saco de borracha, parecido com os que vendem os lojistas da Gorókhovaia e da Morskaia Úlitsa e, se bem me lembro, também os da Vosniessiénski Próspekt. Aliás, pensa, se não fosse assim, como poderia eu ter entrado para cá?

— Será possível? — exclamei com um espanto muito natural. — Com que então este crocodilo está completamente oco?

— É como te digo — confirmou Ivan Matviéitch com maior gravidade — e é muito provável que as próprias leis da Natureza tenham disposto assim as coisas. O crocodilo consta, ao todo, de uma bocarra provida de dentes muito aguçados e de um rabo bastante comprido. No seu interior, no espaço que separa as duas extremidades, apenas se encontra um grande vazio alcatifado por uma matéria parecida com a borracha, com certeza que deve ser isso.

— E os pulmões, o ventre, os intestinos, o fígado e o coração? — interrompi-o, desesperado.

— Não tem. Nada disso existe aqui e é provável que nunca tenha existido. Esses preconceitos são simplesmente consequência das fantásticas narrativas de viajantes de espírito superficial. Da mesma maneira que enchemos uma bola de ar, encho eu com o meu corpo o vazio deste réptil, que é inacreditávelmente elástico. De maneira que tu, que és meu amigo, poderias muito bem vir ocupar um lugar a meu lado, se quisesses ser generoso. Há espaço de sobra para ti aqui dentro. Em caso de necessidade penso trazer para aqui Eliena Ivânovna. No fim de contas, esta descoberta calha às mil maravilhas com os ensinamentos das ciências naturais, porque, supondo que tu poderias criar um novo crocodilo, terias que começar por perguntar: “Qual é a função principal que desempenha o crocodilo?”. A resposta

não poderia ser outra senão a seguinte: “Engolir homens”. E qual deverá ser a conformação do crocodilo para que desempenhe o melhor possível essa sua missão de engolir homens? Resposta inevitável: “É preciso que tenha espaço; portanto é necessário que seja oco”. Ora muito bem: há muito tempo já que a física nos mostrou o horror ao vácuo. Por conseguinte o interior do crocodilo deve começar por ser oco, mas com a condição de não permanecer indefinidamente nesse estado. É preciso que engula tudo quanto encontre ao seu alcance, a fim de se encher. Aí tens a única explicação plausível que pode dar-se dessa propensão que os crocodilos mostram para engolir-nos. Entre os seres animados há diferenças de constituição. Por exemplo, quanto mais oca é a cabeça dum homem, menos sente a necessidade de se encher; mas essa é a única exceção à lei geral, que acabo de expor. Tudo isto me parece agora tão claro como o dia. Cheguei a essa conclusão pelo poder da minha inteligência e da minha cabeça, ao afundar-me, por assim dizer, nos abismos da Natureza, na retorta onde ela elabora os seus mistérios, escutando o latejar das suas veias. Repara como a própria etimologia me dá razão, pois o nome de crocodilo exprime a sua voracidade. É uma palavra italiana, sem dúvida contemporânea dos antigos faraós do Egito e com certeza derivada da palavra francesa *croquer*; isto é: trincar, devorar. Proponho-me explicar tudo isto ao público na minha próxima conferência, no salão de Eliena Ivânovna, aonde ordenarei que me levem, na minha vasilha.

— Querido amigo e parente, devias tomar um purgante! — exclamei, sem poder conter-me, convencido, com espanto, de que o meu amigo tinha febre.

— Tolices! — respondeu ele em tom depreciativo — Como hei de purgar-me nesta situação? Já estava a pensar que virias com essa da purga.

— Mas, meu querido amigo, como podes tu aguentar-te? Já comeste hoje?

— Não, mas não tenho apetite e é muito provável que nunca mais precise de comer, o que é compreensível; uma vez que encho com a minha pessoa todo o interior vazio deste crocodilo, coloco-o num

estado de definitiva fartura. Poderá agora viver anos inteiros sem ser preciso lhe alimentarem. Mas, da mesma maneira que eu lhe dou essa fartura, ele, por seu lado, comunica-me todos os movimentos vitais de seu corpo. Não tens ouvido dizer que as mulheres vaidosas põem durante a noite pedaços de carne crua na cara, à maneira de compressa, para que ela apareça louçã, firme e sedutora, depois do banho matinal? Pois aqui se passa uma coisa parecida. Eu alimento o crocodilo com a minha pessoa, mas recebo dele o meu próprio alimento. Alimentamo-nos mutuamente. Mas como será difícil, até para um crocodilo, digerir um homem como eu, há de com certeza sentir algum peso no estômago — o que, diga-se de passagem, não lhe acontece. E, por isso, faço todo o possível para não me mexer, a fim de não o incomodar. Poderia fazê-lo, mas abstenho-me por humanidade. É esse o único inconveniente da minha situação, e Timofiéi Siemiônitch tem razão ao chamar-me folgazão, em sentido figurado. Mas hei de provar que se pode transformar o destino da humanidade, ainda que se esteja deitado de costas; mais ainda, que só nesta posição pode conseguir-se tal finalidade. São os embusteiros que elaboram todas as grandes ideias, todas as evoluções intelectuais tidas em favor pelos nossos jornais e revistas. E é essa a razão por que se diz muito justamente dessas publicações que são como laboratórios; mas isso não tem importância. Eu vou traçar o esquema de um novo sistema social completo e será difícil imaginar como é simples. Para isso basta isolar-se em algum canto afastado, no interior de um crocodilo, por exemplo, e fechar os olhos. Uma pessoa descobre imediatamente o paraíso da humanidade. Há pouco, durante a tua ausência, pus-me a idealizar sistemas e descobri imediatamente três. Agora estou a preparar o quarto. É certo que, para isto, é preciso começar por deitar tudo abaixo; e não será uma coisa bem simples, quando uma pessoa se encontra dentro de um crocodilo? Mas isto ainda não é tudo. Parece que, no fundo de um crocodilo, uma pessoa vê o mundo com uma grande clareza… Se bem que a minha situação apresente alguns inconvenientes de pouquíssima importância. O interior deste crocodilo é frio e viscoso; além disso fede a resina. Parece-me que tenho umas botas velhas debaixo do nariz. Mas os inconvenientes não passam daqui; não tenho outras razões de queixa.

— Ivan Matviéitch — disse-lhe —, isso são milagres em que me

custa a acreditar. Tens, de fato, a intenção de nunca mais comeres nada em toda a tua vida?

— Mas tu podes preocupar-te com essas bagatelas, cabeça de alho chocho? Eu me preocupo apenas com desenvolver grandes ideias, ao passo que tu… Pois fica sabendo que essas grandes ideias, que vieram iluminar as trevas em que me achava mergulhado, me saciam mais que toda e qualquer comida. Além disso o nossa excelente domador já tratou deste ponto com a sua mãezinha, e concordaram ambos em introduzir todas as manhãs pelas goelas do crocodilo um tubo encurvado, por meio do qual poderei tomar o meu café e um pouco de sopa. Já encomendaram o tubo; mas acho desnecessário. Espero viver pelo menos mil anos, se é verdade que os crocodilos atingem essa longevidade. Informa-te ainda esta manhã, pois poderia suceder que eu estivesse enganado e confundisse o crocodilo com qualquer outro animal. Há apenas uma coisa que me preocupa, pois, vestido como estou, e calçado, é mais que certo que o crocodilo não poderá digerir-me. Além disso estou vivo e oponho-me a tal absorção com toda a força da minha vontade, pois não queria, por nada deste mundo, sofrer a vulgar transformação dos alimentos; era uma coisa demasiado humilhante. Mas, infelizmente, o tecido do meu vestuário é de fabrico russo e receio que não possa resistir a uma permanência de mil anos, no interior deste monstro. Acabaria por dissolver-se e, privado desta defesa, eu correria o risco de ser digerido, apesar de toda a minha resistência. Durante o dia poderia defender-me; mas à noite, assim que o sono se apoderasse de mim, o sono que acaba com a vontade do homem, não estaria a sofrer o destino deprimente de ser digerido, como se fosse uma batata, um pastel ou um guisado. Este pensamento põe-me fora de mim. Ainda que fosse apenas para evitar semelhantes vicissitudes, conviria alterar a tarifa das alfândegas e proteger a importação de panos ingleses, que são mais fortes que os nossos e poderiam resistir por mais tempo às forças absorventes da natureza, quando quem com eles se vestisse tivesse de penetrar no interior de um crocodilo. Hei de comunicar esta opinião minha a algum político, na primeira oportunidade, e também aos leitores dos nossos grandes diários, a fim de provocar um movimento de opinião. Eu espero servir também para muitas outras coisas. Tenho a certeza de que todas as manhãs se aproximarão de mim multidões de curiosos, que de boa-

vontade largarão os seus vinte e cinco copeques, só para saber o que eu penso dos últimos telegramas do dia anterior. Em resumo: o futuro me aparece sob as mais radiosas cores.

“Está delirando! Está delirando!”, dizia eu para mim. Mas, para experimentá-lo ainda melhor, continuei a dizer em voz alta:

— Mas, e a liberdade, meu amigo, isso não te preocupa? Tu estás como numa prisão. E não é a liberdade o bem mais apreciado do homem?

— Sempre és muito simplório! — respondeu-me ele. — É certo que os selvagens são loucos pela independência; mas os verdadeiros sábios gostam da ordem acima de tudo, pois, sem ordem…

— Por favor, Ivan Matviéitch…

— Cala-te e escuta! — gritou furioso, por causa da minha interrupção. — Nunca me senti tão forte como agora. No meu estreito cubículo apenas receio a pesada crítica dos grandes diários e os assobios das folhas humorísticas. Temo que as pessoas pouco sérias, os imbecis, os invejosos e, em geral, os niilistas, se riam à minha custa. Mas tomarei as minhas precauções. Espero impacientemente o juízo que a opinião pública e, sobretudo, a imprensa formularão sobre mim a partir de amanhã. Não deixes de me manter a par de tudo.

— Bem! Amanhã trarei uma pilha de jornais.

— Seria prematuro esperar que os jornais trouxessem amanhã alguma coisa acerca deste episódio, porque as notícias demoram sempre uns quatro dias a publicar-se. No entanto, a partir de hoje, virás todas as tardes pela porta de serviço. Lerás os jornais e as revistas, e depois eu ditarei os meus pensamentos e vou te incumbir de várias diligências. Não te esqueças de trazer-me diariamente todos os telegramas da Europa. Mas, por hoje, já chega. Deves ter sono. Volta para tua casa e não penses no que te disse a propósito da crítica. Não a receio, porque ela também se encontra numa situação bastante crítica. Basta que me conserve sensato e virtuoso, para que me sinta como que elevado sobre um pedestal. Se não chegar a ser um Sócrates, serei um Diógenes, ou os dois ao mesmo tempo, tão grande é a missão

que tenho a cumprir, no futuro, para com o gênero humano.

Assim se exprimia Ivan Matviéitch, dando mostras de um espírito tão superficial como obstinado — se bem que, entretanto, se encontrasse dominado pela febre — semelhante a essas mulheres fracas de caráter, que não conseguem guardar um segredo. Todas as suas observações a propósito do crocodilo me pareciam muito extravagantes. Ora vejamos: seria possível que o crocodilo fosse oco? Aposto qualquer coisa em que tudo isto eram fanfarronadas dum homem vaidoso e que procurava acima de tudo humilhar-me.

Bem sei que ele estava doente e que temos de ser tolerantes para com os doentes; mas confesso francamente que não podia suportar Ivan Matviéitch. Desde criança, toda a vida tive de suportar a sua tutela. Mil vezes senti vontade de acabar com isso, mas havia sempre qualquer coisa que me fazia continuar a seu lado, como se esperasse convencê-lo não sei de quê, e vingar-me finalmente. Singular amizade, da qual posso afirmar que dez partes sobre nove eram ódio puro! No entanto, dessa vez despedimo-nos na melhor harmonia.

— O seu amigo é um homem inteligentíssimo — disse-me o alemão, que tinha escutado de fio a pavio a nossa conversa, enquanto me acompanhava até à porta.

— E a propósito — disse-lhe, antes que me esquecesse —, quanto pediria o senhor pelo crocodilo se lhe propusessem a sua compra?

Ivan Matviéitch, que ouvira a pergunta, esperou pela resposta com o maior interesse. Pareceu-me evidente que não lhe agradara ouvir o alemão pedir uma quantia tão insignificante. Pelo menos tossiu de um modo muito significativo.

De momento, o alemão nem sequer quis falar do caso e até chegou a aborrecer-se.

— Que ninguém se lembre nunca de vir pedir-me que venda o meu crocodilo! — exclamou, furioso e ficando vermelho. — Não quero desfazer-me do meu crocodilo! Não o daria nem por um milhão de táleres.[6] Somente hoje já me rendeu cento e trinta táleres na bilheteira. E há de render-me dez mil e até cem mil!

Ivan Matviéitch ria com gosto. Eu fiz das tripas coração. Com a fleuma de um homem que cumpre os deveres da amizade, fiz ver ao alemão toda a falsidade das suas contas. Admitindo que tivesse já arrecadado cem mil táleres por dia, demonstrei-lhe que em menos de quatro já todo o Petersburgo teria desfilado por ali, e que depois disso já tudo se teria acabado, além de que a nossa vida está sempre por um fio; o crocodilo podia rebentar, Ivan Matviéitch adoecer ou morrer, etc., etc. O alemão reconsiderou um momento e depois acrescentou:

— Pedirei umas gotas ao boticário e o seu amigo não morrerá.

— Isso das gotas — disse-lhe — está muito bem. Mas lembre-se de que poderiam levantar um processo. E se a mulher de Ivan Matviéitch resolve reclamar a devolução do seu legítimo esposo? O senhor quer passar por rico, mas está disposto a estabelecer uma pensão a Eliena Ivânovna?

— Nem por sombras! — acrescentou, furiosa, a mãe do alemão.

— Sendo assim, não lhes conviria mais aceitar, a partir deste momento, uma soma razoável e segura, em vez de confiarem em benefícios incertos? Que, no fim de contas, me interessa informar que apenas lhes faço esta pergunta a título de curiosidade.

O alemão julgou oportuno confabular com a mãe e levou-a para um canto do local onde havia um armário que continha o macaco maior e mais feio da coleção.

— Vais ver! — disse-me Ivan Matviéitch.

De boa-vontade me teria atirado ao alemão e à mãe e, sobretudo, àquele Ivan Matviéitch, cuja ambição desmedida me indignava sumamente, Mas que dizer da resposta daquele espertalhão?

Aconselhado pela mãe, exigiu, como preço de venda do seu crocodilo, a quantia de cinquenta mil rublos em obrigações da última emissão interna, uma casa de pedra e cal na Gorókhovaia Olitsa, incluindo uma farmácia, e, ainda por cima, vencimentos de coronel.

— Está vendo! — exclamou triunfantemente Ivan Matviéitch. —

Eu não te disse! Além da sua última exigência, essa nomeação de coronel, que representa uma pretensão louca, tem razão de sobra, demonstra que sabe apreciar o valor do seu crocodilo. Acima de tudo o ponto de vista econômico!

— Vamos! — gritei, furioso, para o alemão. — Como se atreve o senhor a pedir os galões de coronel? Que proezas praticou? Onde está a sua folha de serviço? O senhor não estará louco?

— Eu, louco?! — respondeu o alemão, ressentido. — Eu sou um homem sensato, tolo é o senhor. Acha que há pouco mérito para nomearem coronel um homem que pode mostrar um crocodilo que alberga no seu interior um conselheiro de Estado, vivo e coleante! Vamos a ver qual é o russo que pode mostrar outro crocodilo semelhante. Eu sou um homem com prerrogativas e não sei por que não haveriam de poder nomear-me coronel.

— Bem, adeus, Ivan Matviéitch — exclamei, trêmulo de raiva e saí correndo!

Se continuo ali mais um minuto, não teria podido conter-me. A extravagante ambição daqueles dois imbecis era intolerável. O ar fresco da rua acalmou um pouco a minha indignação. Finalmente, depois de ter cuspido uma quantidade de vezes à direita e esquerda, tomei urna carruagem e, assim que cheguei a casa, despi-me e meti-me na cama.

O que mais me irritava era ter de me converter em secretário de Ivan Matviéitch. Pois, daí em diante, para cumprir os deveres de amigo verdadeiro, teria que aborrecer-me todas as tardes!

Sentia vontade de implicar com alguém e, para dizer a verdade, assim que apaguei a vela, dei alguns murros na cabeça e em várias partes do corpo. Isto me aliviou um pouco e acabei por adormecer profundamente, pois estava esgotado. Passei a noite a sonhar com macacos; mas, sobre a madrugada, sonhei com Eliena Ivânovna.

## Capítulo IV

Não me foi difícil descobrir que o ter sonhado com macacos era devido a tê-los visto na jaula do alemão; mas, quanto a Eliena Ivânovna, o caso era diferente. Em suma: amava-a, mas com o amor dum pai, nem mais nem menos. O que me leva a formular esta conclusão é que muitas vezes me ocorreu sentir desejos de beijá-la na testa e nas faces rosadas. E, embora nunca o tivesse feito, não teria recusado beijá-la nos lábios. E não só na boca, mas também nos dentinhos, que pareciam uma fiada de aljôfar, quando se ria… o que era muito frequente.

Nos seus momentos de efusão, Ivan Matviéitch chamava-lhe o seu lindo disparate, galanteio muito justo e adequado. Era, em última análise, uma doçura de mulher. Por isso não compreendo em que se fundamentava Ivan Matviéitch para querer fazer dela uma Eugênia Tour russa.

Fosse como fosse, os meus sonhos, macacos à parte, tinham-me proporcionado as mais gratas impressões, e nessa manhã, com a chávena de chá na frente, rememorando as minhas recordações do dia anterior, decidi subir até casa de Eliena Ivânovna, ao dirigir-me para a repartição. No fim de contas isso era um dever meu, na minha qualidade de amigo da casa.

Eliena Ivânovna estava sentada num lindo canapé, diante duma mesinha baixa, num quartinho minúsculo, contíguo à alcova, e ao qual ela chamava a sua salinha, embora a sala grande fosse também muito pequena. Vestia um roupão vaporoso e saboreava uma xicarazinha de café. Estava lindíssima; mas parecia preocupada.

— Ah, é o senhor, seu malandro? — exclamou com um sorriso distraído. — Sente-se, seu estouvado, e tome um pouco de café. Que fez ontem, pode saber-se? Esteve no baile de máscaras?

— E a senhora, esteve lá? Eu não estava para festas… Fui ver o nosso prisioneiro…

Lancei um suspiro, fiz uma cara triste e ao mesmo tempo tomei um golinho de café.

— Quem? Qual prisioneiro? Ah, sim; já me lembro, pobre rapaz!

Estará muito aborrecido? Olhe… queria perguntar-lhe… Parece-me que, agora, não me seria muito difícil conseguir o divórcio, não acha?

— O divórcio! — exclamei com tal indignação que ia quase entornando o café, pois dizia indignado, para comigo: “Ela diz isto por causa do moreno”.

De fato, havia de permeio um tipo moreno, com um bigodinho, que frequentava a casa e fazia rir muito Eliena Ivânovna. Eu embirrava com ele e pus-me a pensar que se a tivesse visto no baile de máscaras da noite anterior lhe teria dito urna porção de parvoíces.

— Vamos ver — disse a formosa criatura, de afogadilho, como se repetisse uma lição. — O mais certo é ele ficar para sempre dentro do crocodilo; e, sendo assim, por que eu tenho de ficar à sua espera? Creio que todos os maridos devem viver em sua casa e não dentro dum crocodilo.

— Mas isso foi um contratempo completamente alheio à sua vontade — insinuei com uma emoção muito compreensível…

— Ah! Não, não venha com histórias, não invente! — exclamou ela aborrecida — há de sempre achar que ele tem razão! Nunca poderemos estar de acordo. Não quero ouvir os seus conselhos. Outras pessoas dizem-me que posso conseguir o divórcio alegando apenas que Ivan Matviéitch vai ter os vencimentos suspensos.

— Eliena Ivânovna! É a senhora quem fala assim? — exclamei em tom patético. — Quem foi o malvado que lhe meteu na cabeça semelhantes ideias? Fique sabendo que é impossível obter o divórcio por uma causa tão insignificante como a suspensão do vencimento. E esse pobre Ivan Matviéitch, que ainda se consome de amor por si, no fundo do seu crocodilo! Derrete-se como um torrão de açúcar! Ontem, enquanto a senhora se divertia no seu baile de máscaras, o pobrezinho dizia-me que, num caso extremo, se decidiria a levá-la, como sua esposa legítima, para o seu lado, para o interior do réptil, tanto mais que há ali lugar de sobra para duas pessoas, e até para três…

E contei-lhe imediatamente toda aquela interessante parte do colóquio que no dia anterior tivera com o marido.

— O quê?! — interveio estupefata. — O quê?! Isso quer dizer que, ainda por cima, hei de ir fazer-lhe companhia dentro do crocodilo? Que ideia! Como quer o senhor que eu me enfie lá dentro com o meu chapéu e a minha saia-balão? Meu Deus, isso é um absurdo! Que pensaria de mim quem me visse entrar? Seria ridículo! E como me arranjaria para comer lá dentro?… e para…? Que ideia! Que distrações encontraria eu ali? E o senhor diz que cheira a borracha. E teria que ficar encostadinha a ele quando nos envolvêssemos em alguma briga! Livra! Que horror!

— Compreendo, compreendo, querida Eliena Ivânovna — interrompi-a com a violência naturalíssima de quem, como eu, sabe sair em defesa da verdade. — Mas a senhora não repara numa coisa, é que ele não pode viver sem você, visto que reclama a sua companhia. Isso prova a paixão e a fidelidade do seu carinho… A senhora não soube apreciar como ele merece o seu amor, querida Eliena Ivânovna.

— Deixe-se de histórias! Nem quero ouvir! Não escutarei! — exclamava, gesticulando com a sua mãozinha tão bonita, de unhas cor-de-rosa e brilhantes. — Ainda vai me fazer chorar, seu malvado! Olhe, enfie-se o senhor dentro do crocodilo, se acha bem, visto que é seu amigo. Vá e deite-se ao seu lado, atendendo à amizade, e passe a vida a discutir com ele temas fastidiosos…

— A senhora faz muito mal em falar desse contratempo em tom de troça — disse-lhe, interrompendo com gravidade aquela mulherzinha tão pouco sensata. — Ivan Matviéitch convidou-me a fazer-lhe companhia. Não há dúvida de que apenas da sua parte isso seria cumprir um dever, ao passo que da minha indicaria generosidade. Falando-me ontem acerca da extraordinária elasticidade das paredes desse crocodilo, Ivan Matviéitch deu-me a entender muito claramente que haveria lá lugar não só para os dois como também para mim, na qualidade de amigo da casa, e que no caso de eu consentir poderíamos muito bem acomodarmo-nos os três à vontade, e, com que fim…

— Os três? — exclamou Eliena Ivânovna olhando-me espantada. — Mas iríamos ficar os três juntos ali? Hah, hah, hah! Que tolos! Hah, hah, hah! Passaria o tempo a arranhá-los, como se fossem maus. Hah,

hah, hah! Hah, hah, hah!

E, recostando-se no canapé, pôs-se a rir até lhe saltarem as lágrimas. O seu riso e o seu choro, tudo isso era tão delicioso e sedutor, que já não pude conter-me e comecei a beijar-lhe as mãos, ao que ela não se opôs, puxando-me pelas orelhas em sinal de reconciliação.

E, assim, ficamos tão alegres, que lhe contei pormenorizadamente todos os projetos de Ivan Matviéitch. A ideia das recepções no seu salão agradou-lhe extraordinariamente.

— Simplesmente — observou — precisaria de muitos vestidos novos, e é urgente que Ivan Matviéitch me envie o mais depressa possível uma quantia decente.

Depois acrescentou, pensativa:

— Mas, como nos vamos arranjar para trazê-lo na sua vasilha? Isso seria muito ridículo. Não quero que vejam o meu marido dentro da banheira. Teria vergonha dos meus convidados… Não quero, não quero!

— A propósito, lembrei-me agora: Timofiéi Siemiônitch não veio vê-la ontem?

— Veio, sim, esforçou-se por consolar-me, calcule que passamos o serão jogando cartas. Quando era ele que perdia, dava-me bombons, e quando era eu, beijava-me as mãos. Que malandro! E calcule que pouco faltou para que me acompanhasse ao baile de máscaras! É como lhe digo.

— Foi do entusiasmo — respondi. — E quem é que não se entusiasmaria consigo, sua feiticeira?

— Lá vem você outra vez com os seus galanteios. Deixe estar que hei de beliscá-lo antes de se ir embora. Eu sei dar uns bons beliscões. Mas diga-me: Ivan Matviéitch falou-lhe muito de mim?

— Não; muito, não… Confessou-me que o que o preocupa mais agora é a sorte da humanidade e que quer…

— Bem, bem, não continue, Tudo isso deve ser muito aborrecido. Um dia destes irei visitá-lo… Amanhã, sem falta… hoje, não. Minha cabeça dói, e deve ter muita gente lá… E haviam de dizer em voz baixa: “Aquela é a mulher dele!” E havia de sentir-me envergonhada… Adeus! Irá até lá esta tarde?

— Sim. Pediu-me que fosse e que levasse os jornais.

— Muito bem. Pois vá e leia para ele. É desnecessário voltar a passar por aqui hoje, pois não me sinto bem… Talvez saia para fazer umas visitas… Adeus, seu velhaco!

“Bem — disse para comigo —, não precisa perguntar se o moreno vem esta tarde.”

Como é natural, na repartição não deixei transparecer as minhas inquietações. Mas não tardou que eu reparasse que vários dos nossos jornais mais progressistas circulavam de mão em mão e que os meus companheiros os liam com profunda atenção. O primeiro que me veio às mãos foi *A Folha*, diário sem orientação política bem definida, mas de tendências humanitárias, pelo qual os meus companheiros, por mais que o lessem, mostravam um certo desprezo. Eis aqui o que nele li, com o maior espanto:

“Estranhos boatos corriam ontem pela nossa capital. N***, gastrônomo muito conhecido da alta-roda, enfastiado, sem dúvida, tanto pela cozinha de Borel como pela da associação …Ski, entrou na Galeria e dirigiu-se ao lugar em que se exibe um enorme crocodilo, pedindo que lhe indicassem o monstro, pois queria comê-lo ao jantar. Feita a combinação com o dono, não tardou a sentar-se à mesa e começou a devorá-lo (não ao dono, modesto alemão, amigo da ordem, mas ao crocodilo, que foi servido mesmo vivo, cortando do seu corpo, por meio do canivete, enormes e saborosíssimas fatias, que engolia com deleite). O crocodilo foi desaparecendo pouco a pouco, inteirinho, naquele abismo sem fundo, após o que nosso gastrônomo demonstrou a intenção de regalar-se com o mangusto, companheiro habitual do crocodilo e, em sua opinião, não menos suculento.

“Não mantemos a mínima espécie de preconceitos contra esse novo manjar, já há muito tempo conhecido dos gastrônomos

estrangeiros. Muito longe disso, tínhamos até chegado a crer que havia de chegar um dia a tornar-se moda. Os lordes e viajantes ingleses caçam no Egito grandes quantidades de crocodilos, cujo lombo saboreiam sob a forma de bifes, temperados com mostarda e cebola *e* guarnecidos de batatas.

"Os franceses que aí chegaram com De Lesseps[7] dão preferência às patas, que mandam cozer em água fervente, para enfurecer os ingleses, que não lhes regateiam as piadas. É muito provável que no nosso país saibam apreciar tanto o lombo como as patas, e ficaremos muito satisfeitos se este novo ramo da indústria alimentícia vier a enriquecer a nossa poderosa e tão variada pátria.

"Depois desta indigestão petersburguesa dum primeiro crocodilo, pode profetizar-se que não passará um ano sem que os importemos às centenas. E por que não haveríamos de aclimatar o crocodilo na Rússia? Se a água do Nievá é demasiado fria para estes tão interessantes produtos do estrangeiro, há balneários na capital e, fora dela, não faltam rios e lagos.

"Não poderia, por exemplo, praticar-se a criação do crocodilo em Pargalovo ou em Pávlovsk, em Moscou, nos reservatórios de água de Piésnienskie Prudi e no de Samotiek? Ao mesmo tempo que se proporcionaria um grato e são alimento ao paladar requintado dos nossos gastrônomos, os viveiros de crocodilos constituiriam uma grande distração para as senhoras que passeiem por essas paragens e, além disso, serviriam para que as crianças aprendessem facilmente história natural.

"Com a sua pele poderiam fazer-se estojos, maletas, poltronas e cadeiras, e mais de um milhão dessas poderosas notas de banco, tão amadas dos comerciantes, poderiam assim caber na pele dum crocodilo, Propomo-nos insistir, dentro de pouco tempo, sobre este assunto, e faremos o mesmo tantas vezes quantas forem necessárias."

Embora eu estivesse à espera de qualquer coisa do gênero, a inexatidão de tal notícia impressionou-me pessimamente. Sem saber a quem devia confiar as minhas impressões, pus os olhos em Prokhor Sávitch, que estava sentado precisamente diante de mim. Foi então

que reparei que havia já um certo tempo que ele me observava com um número de *O Cabelo* na mão, como se pensasse dar-me a ler. Sem dizer uma palavra, pegou na *Folha*, que eu lhe oferecia, e ofereceu-me, por sua vez, *O Cabelo*, apontando com a unha o artigo para o qual desejava chamar-me a atenção. Este Prokhor Sávitch era uma criatura bastante estranha. Velho, solteiro, quase não se dava nem falava com ninguém da repartição. Entretanto tinha sempre qualquer coisa a dizer, a propósito de tudo, embora não se atrevesse a dizê-la a ninguém. Vivia só e raro era aquele de nós que tinha alguma vez posto os pés em sua casa.

Eis aqui o que dizia o artigo de *O Cabelo*, que ele apontara com a unha:

"Toda a gente sabe que somos progressistas e humanitários e que, neste campo, nos podemos considerar à altura da Europa. Mas, quaisquer que sejam os cuidados do nosso povo e do nosso diário, forçoso é confessar que ainda estamos muito verdes, a avaliar por um repugnante acontecimento que sucedeu ontem na Galeria e que nós estávamos fartos de prever.

"Um estrangeiro, dono dum crocodilo, chega ao nosso país, exibe o animalejo na Galeria. Apressamo-nos nessa altura a saudar esse novo ramo duma útil indústria, ramo de que ainda carecia o tronco da nossa poderosa e tão diversa pátria.

"Pois bem: eis que, de repente, ontem, às quatro e meia, entra no local do estrangeiro um homem muito gordo e em completo estado de embriaguez, o qual, depois de pagar a entrada e sem avisar ninguém, se foi meter direitinho nas goelas do crocodilo, o qual não teve outro remédio senão engoli-lo, mais não fosse senão por instinto de conservação e para evitar a asfixia. Assim que caiu no interior do crocodilo, o visitante desconhecido adormeceu profundamente.

"Os gritos do domador foram tão inúteis como os choros da assustada família do homem; foi debalde que o ameaçaram de que chamariam a polícia; nada conseguiu impressionar o bêbedo, que se ria de uma maneira insolente no fundo do crocodilo, jurando e trejurando que o crocodilo havia de ser castigado a paulada (sic), ao

passo que o pobre mamífero, obrigado a engolir um naco daqueles, se desfazia em lágrimas inúteis. O intruso não queria sair dali.

“É natural perguntarem-nos qual teria sido a intenção desse despropositado. Seria o caso de que procurasse um lugar seguro e cômodo? Mas não abundam na capital as casas bonitas, com andares espaçosos e econômicos, com água, gás e até porteiro? E, além disso, chamamos a atenção dos nossos leitores para a crueldade de semelhante tratamento infligido a um animal doméstico.

“Os nossos leitores hão de compreender como será difícil ao crocodilo digerir aquele trambolho. O infeliz ali está, sem forças, inchado, à espera da morte no meio de intoleráveis sofrimentos. Há muito tempo já que, na Europa, são levados perante os tribunais aqueles que maltratam os animais domésticos. No nosso país, apesar da iluminação à europeia; dos passeios das ruas, construídos à europeia, ainda terá de correr muito tempo até que façamos justiça aos culpados desses maus-tratos.

As casas são novas, mas os preconceitos são velhos…

“Mas e serão de fato novas as casas? Pelo menos nem sempre se poderia dizer isso das suas escadas. Quantas vezes não temos denunciado nestas colunas o lamentável estado de sujidade em que desde há meses se encontram as grades da escada de madeira da casa do comerciante Lukiánov, na Pietersbúrgskaia, que, devido ao seu estado de ruína, representavam um sério perigo para a criada, Afímia Skapidárova, obrigada, pelas necessidades da sua profissão, a subir ou a descer constantemente para carregar água ou lenha? O que profetizávamos aconteceu ontem, às oito e meia da noite: Afímia Skapidárova, que ia carregada com uma terrina, escorregou e quebrou uma perna.

“No entanto, ainda perguntamos se esse acidente chegará ou não para convencer Lukiánov da necessidade de mandar arrumar a escada, pois os russos têm a cabeça dura. Entretanto a pobre vítima foi conduzida ao hospital.

“Também não nos cansaremos de repetir que os porteiros, ao

varrerem a neve dos passeios da Vibórgskaia Storoná, deveriam tomar algumas precauções a fim de não sujarem o calçado dos transeuntes. Por que não a vão juntando em pequenos montes, como se faz na Europa?, etc., etc.”

— Mas que significa isto? — perguntei, olhando para Prokhor Sávitch com certo espanto.

— O quê?

— Ora, o que há de ser! É que em vez de se compadecerem do pobre Ivan Matviéitch, compadecem-se do crocodilo!

— Que importa o fato de a piedade recair sobre este ou sobre aquele “mamífero”? Não é isso europeu? Na Europa também têm pena dos crocodilos! Hi, hi, hi!

E, ao dizer isto, aquele tipo estranho voltou a afundar-se no jornaleco e já não tornou a abrir a boca,

Eu meti *O Cabelo* no bolso e juntei uma porção de jornais para o meu pobre Ivan Matviéitch. A seguir, ainda que faltasse muito tempo para a hora da saída, deixei a repartição e encaminhei-me para a Galeria com o fim de examinar, ainda que fosse só de longe, o que se passava ali e recolher as várias opiniões do povo.

Calculando que haveria grande enchente, levantei a gola do capote, pois sentia uma certa vergonha, não sei por quê, talvez por estar pouco acostumado à publicidade.

Mas compreendo que não tenho o direito de contar as minhas pessoais e prosaicas impressões perante um acontecimento tão nobre e singular.

**1** Diminutivo de Carlos, em alemão.↩

**2** Mãe, em alemão.↩

**3** Político russo que, a partir de 1879, pertenceu ao partido terrorista e desempenhou papel preponderante no seio da sua Comissão executiva.↩

**4** Louis-Antoine Garnier-Pagés (1803-1878), político democrata, do membro do Governo Provisório em 1848 e do Governo da Defesa Nacional, em 1871. Escreveu um livro intitulado *Histoire de la Révolution de 1848*.↩

**5** Louis-Charles-Alfred de Musset (1810-1857), célebre poeta e acadêmico francês cujas obras exprimem admiravelmente a situação moral da época.↩

**6** Moeda alemã, de prata, da época.↩

**7** Ferdinand-Marie, visconde de Lesseps (1805-1894), diplomata e acadêmico francês, promotor da construção do canal de Suez. Tentou posteriormente também a abertura do Canal de Panamá, tentativa que sofreu completo revés, causando perdas colossais. O seu monumento, em Suez, foi destruído em 1956 pelos egípcios.↩

# O Mujique Márei

# O Mujique Márei
# (1876)

Para mudar de assunto, vou contar uma pequena história, que, para dizer a verdade, nem pode ser chamada história; é apenas uma antiga recordação. Eu tinha então nove anos… Prefiro, todavia, começar pelos meus vinte e nove.

Era pela Pascoela. Soprava um arzinho morno: o céu estava profundo e azul, e o sol resplandecia belo, radioso. Mas na minha alma eram tudo trevas e mal-estar. Vagueava por detrás dos pavilhões, olhava a paliçada que rodeava a nossa prisão e contava as estacas. Mas até essa eterna contagem se me tornava aborrecida, se bem que o fizesse já mecanicamente, por força do hábito. Na prisão era já o segundo dia de "festa"; os presos não trabalhavam; por isso quase todos eles estavam embriagados. A cada momento surgia uma nova rixa, que começava com insultos e terminava em pancadaria. Canções ordinárias, jogos de azar por entre as esteiras, indivíduos aos quais os outros presos, por eles arrumarem demasiadas brigas, tinham sovado até deixá-los meio mortos, cobrindo-os depois com peles e deixando-os em paz até que voltassem a despertar; tinha visto brandir no ar mais de uma faca e tudo isso, nesses dias de festa, me atormentara até à loucura.

Nunca pude ver um ébrio sem sentir repugnância; mas ali, naquele lugar, ainda me inspirava mais asco. Nesses dias festivos não apareciam os empregados da prisão, nem sequer para inspecionar e apreender a aguardente, que ali era proibida. Viam com bons olhos que, ao menos uma vez no ano, se deixassem em paz aqueles prisioneiros, para evitar algo de pior.

De repente, esse sofrimento ficou insuportável para mim. Enchi-me de indignação. Nesse momento encontrei-me com o polaco M… tski, outro preso "político", que ficou a fitar-me com olhos iracundos e lábios trementes. *Je hais ces brigands!*[1] — resmungou, por entredentes, e passou de largo. Eu voltei para o pavilhão, apesar de haver um escasso quarto de hora que tinha saído dali como louco, pois seis

rapazolas, uns autênticos atletas, tinham-se lançado todos ao mesmo tempo sobre o mísero Gázin, que estava bêbedo demais, para "acalmá-lo". Puseram-se a bater-lhe com vontade (um camelo não teria sobrevivido àquelas pancadas); mas sabiam que aquele hércules tártaro podia aguentar muito mais. Quando regressei, encontrei o flagelado Gázin, que jazia num canto, caladinho, estendido na sua esteira. Tinham-no coberto com uma pele. Os outros rodeavam-no em silêncio. Apesar de estarem convencidos de que só recuperaria os sentidos no dia seguinte, um deles coçou-lhe a cabeça e disse, um pouco inquieto: "Mas… sabe como é, se tiver chegado a sua hora, um homem pode morrer dessas pancadas". Dirigi-me para a minha esteira, junto da janela gradeada; estendi-me, de rosto para cima, cruzei as mãos por debaixo da cabeça e fechei os olhos. Escolhia sempre esta posição; deixavam em paz aqueles que dormem e, assim, podia uma pessoa pensar e dormir. Mas, dessa vez, eu não conseguia adormecer; o coração pulsava-me de inquietação e nos meus ouvidos continuavam a zumbir aquelas palavras: *Je hais ces brigands!* Ainda agora há muitas noites em que penso nesses tempos; não conheço lembrança mais lancinante.

Pouco a pouco fui perdendo a noção da realidade e, sem dar por isso, afundando-me em recordações. Durante os longos anos que ali passei recordava toda a minha vida anterior; creio que voltei, assim, a vivê-la desde o princípio. Essas recordações vinham sem eu saber como; raramente era eu quem as evocava. De maneira geral surgiam de um ponto de partida qualquer, de um pormenor insignificante, ao qual, depois, se iam agregando outros, até que o passado se transformava num grande quadro. Analisava então as velhas impressões, juntava novos aspectos àquilo que já tinha sido vivido há muito tempo, e, sobretudo, emendava, emendava sem cessar: nisso consistia a minha distração, todo o meu pensamento.

Nesse segundo dia pascal, representou-se para mim, de súbito, não sei por quê, uma hora da minha infância, um episódio dos meus nove anos, já esquecido por completo, apesar de, por essa altura, viver completamente embriagado pelas recordações desse tempo.

*

Veio-me à memória o mês de agosto, no campo, onde tínhamos as nossas terras. Um dia seco, claro, um tanto frio e ventoso; o verão aproximava-se do fim e teríamos de regressar em breve a Moscou, para aborrecer-nos durante todo o inverno estudando francês: e com que pena abandonei o campo! Vagueava por detrás do terreiro, e ainda mais longe, pelo caminho dos rebanhos, do qual partia, do outro lado, uma compacta espessura vegetal que se estendia até ao bosque. Cada vez ia penetrando mais na mata, quando ouvi, de repente, a uns trinta passos de distância, um mujique que lavrava, sozinho. Compreendo imediatamente que ele tem a tarefa de lavrar a encosta escarpada do barranco; o cavalo sobe com dificuldade e por mais de uma vez chegava aos meus ouvidos o seu grito estimulante: "Eia, eia!". Conheço todos os nossos mujiques; mas não sei qual é aquele que, num dado momento, anda lavrando, se bem que, no fim de contas, isso seja indiferente. Estou completamente afundado no meu próprio trabalho, pois também me acho atarefado: ocupo-me em arrancar um ramo de nogueira para ir, com ele, fustigar as rãs. São tão bonitas as ramadas de nogueira! São melhores do que as de álamo branco. Também me atraem os escaravelhos e outros bichinhos; até tenho uma coleção deles. Há alguns tão bonitos! Também me agradam as lagartixas vermelho-amarelas, com pintinhas negras; mas as cobras fazem-me medo. Simplesmente, há menos cobras que lagartixas. Cogumelos há poucos, por aqui. E preciso ir buscá-los ao bosque de álamos brancos. Então, me levanto para dirigir-me ao bosque por entre os estevais. Nunca, em toda a minha vida, nada me agradou tanto como o bosque, com os seus cogumelos e as suas framboesas, os seus escaravelhos e os seus passarinhos, os ouriços e as bolotas, e esse cheiro úmido a folhas podres, que sempre me encantou. Até neste momento, em que escrevo, sinto esse cheiro com toda a realidade, aspiro o ar do nosso bosque de álamos, pois essas impressões ficam para toda a vida.

De repente, no meio daquele profundo silêncio, ouço, de maneira distinta e clara, este grito: "Vem aí um lobo!", lanço outro grito de espanto e corro em seguida para a pradaria, para junto do ganhão que lavrava, e que era o nosso Mujique Márei. Não sei se seria esse o seu nome; mas, entre nós, todos o chamavam assim. Era um homem de uns cinquenta anos, forte, muito corpulento, com uma longa barba, de

um louro claro, já muito encanecida. Eu o conhecia, mas nunca falara com ele. Quando ouviu o grito fez parar o cavalo e ficou quieto. Eu me apressei a descer a encosta, para ir ao seu encontro, e, para não cair, naquela correria louca, segurei-me ràpidamente com uma mão ao timão do arado, e com a outra à sua manga; ele se agachou junto de mim e apercebeu-se então do meu susto.

— Vem aí um lobo! — gemi, desolado.

Ele ergueu a cabeça e olhou involuntariamente à sua volta; por um instante acreditou em mim.

— Foi o que gritaram… Alguém por aí gritou: "Vem aí um lobo!" — acrescentei, trêmulo.

— Vem mesmo?! Mas onde ele está? Que lobo é esse? Isso foi ideia tua. Aqui não há lobo nenhum! — disse à meia voz, por entre as barbas, para tranquilizar-me.

Mas o meu corpo cada vez tremia mais, e continuava agarrado, com força, à sua blusa de mujique; penso que devia estar muito pálido. Ele me olhou com um sorriso inquieto; não havia dúvida que a minha comoção passara para ele.

— Olhem para isto! Não é que se assustou mesmo! Que coisa! Que coisa! — disse, movendo a cabeça. — Pronto, meu menino! É preciso ter juízo! — estendeu as mãos e, de repente, pôs-se a acariciar-me as faces. — Pronto, já passou, meu menino! Cristo está contigo; faz o sinal-da-cruz!

Mas eu não fiz. Os lábios tremiam-me. Ele pareceu ficar muito admirado com isto; lentamente, ergueu o seu grosso dedo médio, sujo de terra, e tocou-me delicadamente os lábios trêmulos.

— Que coisa! Ora, ora! — disse rindo (o seu riso era qualquer. coisa de especial, de ternura maternal). — Meu Deus! Mas… isso é…

Por fim acabei por compreender que aquele grito de "Vem aí um lobo!" tinha sido coisa da minha imaginação. O grito soara tão claro e distinto que nenhuma dúvida havia; mas eu sabia que já outras vezes

me ocorrera ouvir gritos, quando, na realidade, estava tudo em silêncio. Mais tarde deixei de ter essas alucinações de infância.

— Bem, vou-me embora — disse, finalmente, depois de recuperar um pouco de coragem; mas tornei a olhar para Márei, com olhos interrogativos e tímidos.

— Está bem, vai-te, que eu tomo conta. Não deixarei que o lobo te apanhe — acrescentou com o mesmo sorriso maternal. — Anda, Cristo está contigo; agora, vai-te embora — e persignou-me com o seu dedo sujo de terra, e depois persignou-se também a si próprio.

Comecei a caminhar. Mas voltava-me para olhar para ele de dez em dez passos. Márei estava parado, com o seu cavalinho, enquanto eu descia e tornava a subir a ladeira; estava parado, junto ao timão do arado, e seguia-me com os olhos; e sempre que eu me voltava fazia-me um sinal com a cabeça. Eu tinha, confesso, uma certa vergonha dele, por ter tido aquele medo. Apesar de tudo, continuava a temer o lobo, até que finalmente me vi, sem mais contratempos, do outro lado do barranco, no malhadouro de trigo; aí já não tinha medo; de repente veio a meu encontro, não sei de onde, Voltchok, o nosso mastim. Na sua companhia senti-me já completamente a salvo; por isso voltei então a olhar Márei pela última vez. Já não podia distinguir-lhe o rosto; mas adivinhava que continuava a sorrir-me afetuosamente e acenando-me com a cabeça. Fiz-lhe um sinal com a mão a que ele correspondeu com a outra. Depois pegou outra vez no arado e fustigou o cavalinho. “Eia, eia!” Conseguia ainda ouvir a sua voz, ao longe, e o cavalo tornou a puxar o arado.

Não sei por que me teria vindo tudo isto, de repente, à memória, e com tanta clareza de pormenores. De súbito despertei e ergui-me da minha esteira; e calculo que mostraria ainda no rosto o sorriso da recordação. Continuei a pensar durante um momento, procurando recordar o seguinte:

Quando me separei de Márei para voltar a casa, não falei a ninguém no episódio que sucedera comigo. Aliás, que eu havia de contar? Não tardou que me esquecesse de Márei. Quando, mais tarde, me encontrei com ele, não tornei a falar-lhe nem de lobo nem de

nada. E agora, de repente, passados vinte anos, na Sibéria, recordava esse encontro com toda a clareza, até mesmo nos mínimos pormenores. Isso demonstra que, inconscientemente, o tinha trazido sempre na minha alma, talvez contra minha vontade, e que ele surgira agora, quando chegara o momento oportuno. Tornei a ver de novo aquele sorriso terno, maternal, do pobre servo; o seu persignar-se e abanar da cabeça: "Então, que medo é esse, meu menino!". E, sobretudo, aquele seu dedo grosso, sujo de terra e com a unha, negra, com o qual, num gesto de tímida ternura, viera tocar os meus lábios trêmulos. É claro que qualquer pessoa se teria esforçado também por tranquilizar uma criança assustada; mas aqui, neste simples encontro, sucedeu algo de diferente. E ainda que eu fosse seu filho, não teria Márei podido olhar-me com mais fundo e claro amor. Pois quem o obrigava a isso? Ele era nosso servo e eu o seu pequeno senhor. Ninguém viria a saber que ele me tinha acariciado; nenhuma recompensa haviam de dar-lhe por aquilo. Ele gostaria assim tanto das crianças? Há pessoas assim. O encontro tinha-se dado no campo solitário, e só Deus podia saber de que profundo e santo sentimento, de que suave ternura, quase feminina, pode estar repleto o coração dum rude mujique russo, de ignorância bestial. Seria a isso que queria referir-se Konstántin Aksákov ao falar da funda, íntima cultura do povo russo?

Ainda me lembro: ao levantar-me da esteira e relancear o olhar à minha volta, senti-me de repente capaz de olhar aqueles desgraçados com outros olhos, e senti também que, de súbito, como por milagre, todo o ódio e toda a raiva me tinham saído do coração. Tornei a sair, reparando com atenção na cara dos presos que ia encontrando. Podia ser que aquele mujique, de cabeça rapada e desonrado, com os estigmas do crime estampados no rosto, e que entoava com voz rouca a sua rude cançãozinha, fosse outro Márei, aquele que me acariciara quando eu era pequeno; e eu não podia entrar no seu coração.

Nessa mesma tarde tornei a encontrar-me com o polaco M… tski. Desgraçado! Ele não podia ter recordação alguma de Márei nenhum, e por isso aqueles homens não lhe inspiravam senão aquela exclamação: *Je hais ces brigands!* De fato, aqueles polacos sofriam ali mais do que nós.

**1** Odeio estes bandidos!↩

# Uma doce criatura

# Uma doce criatura
# Narrativa fantástica
# (1876)

## Acerca do autor

Peço ao leitor que me desculpe se, por ora, em vez do *Diário* na forma de costume, lhe apresento uma novela. Porque o certo é que, afinal, trabalhei nela durante todo o mês.

Ainda acerca desta mesma novela devo dizer o seguinte: subtitulo-a de "Narrativa fantástica", apesar de considerá-la realista no mais alto grau. Sucede, no entanto, que nela existe também o fantástico, precisamente na forma da narração, o que considero necessário explicar mais pormenorizadamente.

Não se trata aqui nem de uma narrativa nem de umas notas. Imaginem antes um homem, cuja mulher, uma suicida que há umas horas se atirou da janela, jaz agora amortalhada em cima da mesa. O homem está comovido e não teve tempo de concentrar os seus pensamentos. Anda no quarto de um lado para o outro e esforça-se por compreender o que aconteceu, por concentrar os seus pensamentos num ponto. Além disso, o nosso homem é um hipocondríaco consumado, um desses indivíduos que falam sozinhos. É, assim, ele quem a si mesmo conta e explica o sucedido. Entretanto, cai muitas vezes em contradição, não só quanto à lógica como aos sentimentos. Tão depressa se justifica coma se acusa e se extenua em manifestações secundárias, e em tudo isso deixa transparecer rudeza mental e afetiva, mas, ao mesmo tempo, uma profunda sensibilidade. Consegue ir pouco a pouco explicando o lance e concentrar os seus pensamentos num só ponto. Uma série de recordações, que agora são para ele como que atuais, o conduzem finalmente e irrevogavelmente à verdade, e a verdade purifica a sua mente e o seu coração. No final chega mesmo a mudar o tom da narrativa, comparando-o com o seu frouxo começo. A verdade surge diante do infeliz completamente diáfana e sem apelo… Pelo menos, é assim que ele julga vê-la.

Este é o tema. É claro que o processo da narrativa, com todas as suas interrupções, dura várias horas. A forma é frequentemente desconcertante; tão depressa o narrador fala consigo mesmo, como com uma personagem invisível, com o seu juiz. Mas é o que costuma suceder sempre na realidade. Se um estenógrafo o estivesse escutando e tivesse transcrito literalmente as suas palavras, a narrativa resultaria um pouco menos incoerente e desalinhada do que na forma por que a exponho; mas suponho que a ordem psicológica seria a mesma. Essa hipótese, de que um estenógrafo pudesse ter ouvido e transcrito (e cuja transcrição estivesse em meu poder), viria a ser o que eu chamo de "fantástico" nesta narrativa. Mas, em arte, já várias vezes se tem usado procedimento semelhante. Assim, por exemplo, Vitor Hugo, na sua obra-prima, *O último dia de um condenado à morte*, permitiu-se quase o mesmo, e, ainda que não fale em nenhum estenógrafo, incorre, no entanto, numa inverossimilhança ainda maior ao supor que um condenado à morte, já no seu último dia de vida, se não na sua última hora, ou até no seu último minuto, poderia escrever as suas impressões e pensamentos (e ter tempo para isso). Mas, se não se tivesse valido dessa suposição fantástica não poderia escrever essa obra, e esta é, apesar de tudo, a mais real e verdadeira, a mais autêntica de todas as suas obras.

# Capítulo primeiro

## I / Quem era eu e quem era ela

Enquanto ela está aqui, vai tudo bem; aproximo-me dela a cada momento e contemplo-a… Mas amanhã, quando a levarem… como… como poderei eu viver sozinho? Ela está agora na sala de jantar, em cima da mesa, onde juntamos duas outras pequenas mesinhas de jogo; só amanhã é que hão de trazer o caixão, um caixão branco forrado de cinzento-branco de Nápoles. Mas não era isso que eu queria agora… Eu não faço mais nada senão andar de cá para lá, esforçando-me por explicar tudo. Há já sete horas que medito sobre isto, mas não consigo coordenar as minhas ideias. Tudo se resume a que não paro de pensar e repensar… Isto era assim. A conclusão. Eu não sou nenhum literato,

hão de verificá-lo. Tanta faz, contarei as coisas como as entendo. Sim, é nisto, precisamente nisto, que se funda todo o meu horror, no fato de eu compreender tudo!

Aconteceu pois, se realmente desejam saber… ou, para melhor dizer, começando a contar tudo desde o princípio… que ela, uma vez, veio simplesmente à minha casa para empenhar umas coisas, para poder anunciar depois em *A Voz* que uma, bom, foi assim mesmo, que uma governanta procura colocação, ainda que seja na província, mas que também se oferece para cuidar das casas etc. etc. Tudo isso foi ao princípio e, é claro, não me impressionou muito; ela vinha como tantas outras… e nada mais. Mas depois, sim, impressionou-me; era uma figurinha tão leve, tão franzina, de estatura mediana, com o cabelo louro e, no trato comigo, tão desajeitada, tão reservada, como se a minha presença a perturbasse. (Creio que ela foi sempre assim no convívio com os estranhos, e que eu lhe era tão indiferente como qualquer outro, isto sob o ponto de vista masculino e não como prestamista.) Assim que se viu com o dinheiro na mão, deu meia volta e foi embora. E tudo isso sem dizer uma palavra. Outras pessoas costumam insistir, tentar que lhe deem mais; mas ela, não: limitou-se a aceitar o que lhe ofereciam… Creio que os meus pensamentos se confundem a cada passo… Sim, é isso; a princípio chamaram-me a atenção os objetos que ela trouxe; umas argolas de prata dourada, um pobre medalhão antigo… coisas que não valiam mais do que vinte copeques. Ela sabia também perfeitamente que, para mim, não tinham nenhum valor e, no entanto, via-se nos seus olhos quanto ela as apreciava… De fato, vim a saber depois: aquilo era tudo o que herdara dos pais. Somente uma vez me permiti rir dessas coisas. Quer dizer, é preciso que compreendam: eu nunca me permito rir assim; eu, em princípio, ajo sempre muito sensatamente; poucas palavras, mas com cortesia e seriedade. Seriedade, seriedade!, é a minha norma. Mas, de uma vez em que ela se propôs trazer-me os restos — sim, os restos — de uma jaqueta velha, de pele de lebre, não pude dominar-me e disse-lhe qualquer coisa, sem mais aquelas, não me lembro o que; sim, devo ter-lhe feito uma observação qualquer. Meu Deus, o sobressalto que ela teve e como se ruborizou! Tinha os olhos azuis grandes, pensativos… Como brilhavam! Mas não disse uma palavra: pegou nos seus “restos” e afastou-se. Foi então que eu reparei nela pela primeira

vez, de uma maneira especial, e pensei sobre ela qualquer coisa do gênero de, isto é, algo de estranho… Sim, lembro-me de uma impressão, da impressão principal; se o desejam… aqui vai a síntese disso tudo: que ela era extraordinariamente jovem, tão jovem que se lhe podia dar quatorze anos, embora por esse tempo já tivesse quinze e mais nove meses… Mas, afinal, não era isso o que eu queria dizer, pois não é aí que está a síntese. Voltou no dia seguinte. Mais tarde vim a saber que fora procurar Dobronrávov e Moser, com os restos da jaqueta; mas que estes, como não aceitam senão objetos de ouro, nem sequer lhe ofereceram nada. Mas eu, de uma vez, aceitei-lhe um objeto — uma bagatela — e ao pensar nisso, depois desse incidente, ainda hoje fico admirado; eu também não costumo aceitar senão joias de ouro e prata, e, no entanto, a ela aceitei-lhe aquele penhor. Disto… lembro-me muito bem… foi o segundo pensamento que ela me inspirou.

A seguir, também depois de ter estado na loja do Moser, trouxe-me um cachimbo de âmbar… uma coisinha que não deixava de ter sua graça, mas que para mim não tinha valor, pois nós, os prestamistas, só aceitamos ouro, como já disse. Isso se deu passados dois dias do episódio que contei. Recebi-a com uma cara séria. A minha seriedade é… secura; e ao dar-lhe os dois rublos pelo cachimbo de âmbar, não pude deixar de dizer-lhe, fingindo aborrecimento: “Faço isto unicamente por si: Moser nunca o teria aceito”. Essas palavras “por si” soaram de um modo especial e com uma certa ironia. Estava furioso. Quando ouviu aquele “por si”, os olhos dela voltaram a brilhar; mas não disse nada e não recusou, e até aceitou o dinheiro e… sim, sim… a pobreza! E como se fez corada! Compreendo que a ofendi. Assim que ela saiu, perguntei a mim mesmo: “Mas, de fato, valerá dois rublos essa atitude que lançaste sobre a pobre moça? He… he!”. Ah, já me lembro; pela segunda vez fiz a mim próprio a mesma pergunta: “Mas valerá, de fato? De fato, valerá?”. E, sorrindo, respondi afirmativamente. Então, fiquei até demasiado alegre. Mas não se tratava de nenhum mau sentimento: eu fizera aquilo com toda a minha lucidez, com toda a minha lucidez. Queria pô-la à prova, pois de repente me ocorreram, acerca dela, alguns pensamentos. Era a terceira vez que ela me fazia pensar.

Bem, e depois, com o tempo, tudo começou. Repare-se bem: a seguir eu me esforcei ao máximo por informar-me melhor acerca dela, de um modo indireto, e aguardei a sua chegada com uma impaciência muito especial. Imaginava que não tardaria a voltar. Finalmente, quando me apareceu procurei entabular com ela um diálogo amável, e, é claro, de uma cortesia extraordinária. Eu sou um homem bem-educado, tenho boas maneiras. Hum! Então me apercebi de que ela era boa e mansinha. As pessoas boas e pacatas não oferecem muita resistência, e ainda que de princípio não sejam muito comunicativas, não conseguem romper, sem mais, uma conversa; respondem laconicamente, mas respondem, e quanto mais se insiste, tanto melhor; uma pessoa não precisa cansar, se tem algum interesse na conversa. Claro que, então, ela não me disse nada. Só mais tarde, quando eu soube do anúncio n'*A Voz* e outros pormenores. Ela gastava, por essa altura, os seus últimos copeques nesses anúncios; a princípio, claro está, com muito orgulho: "Governanta procura colocação, ainda que seja na província. Enviar condições a…", etc., etc.; mas depois acrescentava: "Disposta a tudo: a dar lições, como dama de companhia, para olhar pela casa ou tratar de doentes, e também para coser…". E já se sabe a frequência com que esses anúncios se repetem. Naturalmente que, de um anúncio para outro, as condições se iam tornando menos exigentes; até que por fim, levada pelo desespero, apareceu aquilo de "sem ordenado, só pela alimentação". Mas tudo inútil, não lhe aparecia nenhum emprego. Foi então que eu resolvi pô-la à prova; pego, de repente, no último número de *A Voz* e mostro-lhe um anúncio: "Jovem órfã de pai e mãe, procura colocação como babá de crianças pequenas; de preferência em casa de viúvo de certa idade. Pode ajudar no serviço de casa".

— Repare — disse-lhe eu --, esta criatura pôs o anúncio esta manhã e por certo que esta noite já lhe deve ter aparecido uma colocação. Veja: assim é que é preciso pôr o anúncio.

Voltou a corar e de novo os seus olhos brilharam; a seguir deu meia volta e saiu. Aquilo me agradou muito. Além disso, eu, então, já estava seguro e não receava nada; cachimbos para charuto ninguém aceita. E ela já não tinha mais nenhum. Apesar disso, no terceiro dia, depois do que aconteceu, voltou muito pálida e agitada… Compreendi

imediatamente que devia ter sucedido algum contratempo em sua casa e, de fato, assim era. Mais adiante contarei o motivo da sua visita; mas agora quero recordar primeiramente como eu, dessa vez, me impus perante ela, de repente, como me agigantei aos seus olhos; e foi com certeza, de súbito, que tomou esta resolução… De fato, assim foi; trazia-me aquele ícone…

Tinha decidido trazê-lo a mim. Sim, foi isso, exatamente! Agora já me lembro de tudo; esperem, esperem, senão tornarei outra vez a desorientar-me… Agora já me lembro de tudo, até do mais insignificante pormenor. Vou concentrar toda a minha atenção num só ponto. Mas nem sempre consigo; conseguirei agora? Mas esse insignificante pormenor, esse pormenor…

A imagem da Mãe de Deus. A Virgem com o Menino; uma imagem da Sagrada Família, velha, com adornos de prata dourada; valor… bem, ponhamos seis rublos. Eu percebo que ela tem apego a esse ícone; devolvo-o completo, sem lhe tirar os adornos de prata. E digo-lhe:

— O melhor é tirarmos-lhe a prata, pois, assim, pode levar o tecido; talvez seja difícil conseguir outro quadro…

— Não quer ficar com ele? É proibido?

— Não; isso não nos é proibido; imaginava unicamente que talvez a menina…

— Bem, está bem; tire-lhe a prata.

— Olhe, sabe uma coisa? A minha vontade era não tirar-lhe a prata, ficar com o quadro e pô-lo aí, no meu iconóstase — depois de refletir um pouco — juntamente com os outros ícones, à luz da lâmpada (desde que tinha aberto a minha casa de penhores que essa luzinha ardia sempre, dia e noite), e dava-lhe dez rublos por isso tudo.

— Não preciso de dez. Dê-me só cinco, que eu vou lhe pagar, dou-lhe minha palavra.

— Não quer dez? Mas esse é o valor do quadro — acrescentei,

quando reparei que os seus olhos voltavam a sombrear-se. Ela não disse nada. Eu lhe dei os cinco rublos.

— Não despreze ninguém… Eu também sei o que são dificuldades, e até coisas piores, e se agora me vê aqui, neste negócio… não sabe o que eu sofri antes…

— Quererá o senhor vingar-se da sociedade? Será isso? — interrompeu-me ela, de repente, com um risinho amargo, mas no qual havia muito de não premeditado, isto é, de impessoal, pois por essa altura ela não me distinguia dos outros; por isso as suas palavras foram quase ofensivas para mim.

"Ah, sim? — pensei — Quer dizer que temos isso? Demonstra o teu caráter; hum!, segue o teu destino."

— Olhe — disse eu a seguir, num tom meio brincalhão e meio misterioso — Eu… eu sou uma parte dessa força que sempre quer o mal e sempre produz o bem…

Ela me lançou um olhar rápido e cheio de interesse…, no qual havia muito de infantil.

— Espere… Mas que pensamento! Onde foi buscar essa máxima? Já a ouvi em qualquer ocasião, que não agora…

— Oh!, não se preocupe com isso; essas são as palavras com que Mefistófeles se apresenta a Fausto. Leu o *Fausto*?

— Não… com muita atenção, não.

— Isso significa claramente que não o leu. Pois deve lê-lo. Vejo que está a rir-se outra vez. Peço-lhe que não me julgue de tão mau gosto que queira embelezar o meu papel de prestamista com a recomendação de Mefistófeles. Um prestamista é sempre um prestamista… Sei muito bem.

— Mas que estranho é o senhor! Eu não quis dar-lhe a entender nada desse gênero…

Quando disse aquilo, o que ela queria dizer era isto: "Não sabia

que o senhor era um homem culto”, mas não disse; entretanto eu sabia que ela havia pensado isso; fosse como fosse, aquela minha observação tinha-lhe agradado muito.

— Repare — disse-lhe eu —, em todas as situações se pode praticar o bem. É claro que não estou a falar de mim; eu, tirando o mal, não faço nada, mas…

— É claro, será desnecessário dizer que em todas as circunstâncias se pode praticar o bem — apressou-se ela a me interromper, e me olhou com olhos sinceros. — Evidentemente, em todas as circunstâncias — acrescentou de repente.

Oh, ainda me recordo, ainda recordo com toda a clareza daquele instante! Quando uma moça, uma adorável moça, quer dizer algo intencional e grave, pode literalmente ler-se no seu rosto, ingênuo e sincero, o que ela está pensando: “Olha, agora vou dizer-te algo de grave, sobre que tenho refletido!”. E não o faz por vaidade, como nós, por exemplo. Vê-se claramente que essa criatura considera muito importante aquilo que diz, que acredita nisso e o aprecia, e imagina que aos outros acontece o mesmo. Oh, a sinceridade! É essa a arma com que a jovem triunfa! E como isso é nela encantador! Ainda me recordo; não esqueci um pormenor. Quando ela foi embora, tomei imediatamente a minha resolução. Nesse dia saí para colher as últimas informações sobre a sua pessoa, para inteirar-me do ambiente em que vivia e das suas relações; eu já sabia quase tudo por Lukiéria, a criada, à qual tinha feito falar dois dias atrás. O que me disseram sobre dela era tão espantoso que não compreendo como é que, pouco antes, pudera ainda sorrir e interessar-se pelas palavras de Mefistófeles… Se um de nós vivesse naquelas condições horríveis! Mas… a juventude é precisamente assim! Tudo isto era o que eu, ufano e alegre, pensava então dela, pois havia também nisto altivez; a pobre moça estava à beira da desgraça e nem por isso tinha deixado de honrar as palavras de Goethe.

A juventude é sempre corajosa… por pouco que seja e ainda que ocupe um lugar falso. Mas eu, aqui, me refiro só a ela, Unicamente a ela. E, depois, eu, então, olhava-a já como minha e não duvidava do meu poder sobre ela… Reparem como é maravilhoso esse pensamento,

quando já não se duvida… Mas que estou eu fazendo? Se continuar assim, quando é que conseguirei reconcentrar tudo num só ponto? Mais depressa, mais depressa; ponhamos de lado essas coisas secundárias… Oh! meu Deus!

## II / O PEDIDO DE CASAMENTO

Tudo quanto soube dela se resume no seguinte: havia já três anos que perdera os pais e vivia em companhia de umas tias extravagantes. E isto ainda é um qualificativo benigno. Uma era viúva, com seis filhos; a outra, uma solteirona feíssima. Eram filhas de um modesto empregado. Em resumo: tudo me era favorável. Perante isto, eu tinha uma origem muito superior; fosse como fosse, era capitão dum brilhante regimento, embora na condição de reformado; era nobre, independente, etc., e, pelo que respeita à minha casa de penhores, só devia inspirar respeito às famosas tias. Em casa destas tinha a órfã passado três anos de escravidão; no entanto conseguira fazer os seus exames, estudando no tempo roubado ao seu implacável trabalho cotidiano… Mas, todo aquele seu interesse pelo que era grande e nobre significava alguma coisa. Portanto, por que queria eu casar com ela? Ah!, o diabo que me carregue; disto falaremos depois… Como se se tratasse disso… Ela tinha que dar lições aos priminhos, consertar a roupa e, como se isso ainda fosse pouco (era tão estreita de ombros!), também tinha que esfregar os soalhos. E, em troca de tudo isso, ainda lhe davam o pão com parcimônia e, para cúmulo, até lhe batiam. De tudo isso resultou que a pobre rapariga resolveu simplesmente vender-se. Um horror! Prefiro passar em silêncio esses sujos pormenores… Mais tarde ela me contou tudo.

Tudo isso foi observado, durante um ano, por um vizinho seu, um comerciante gordo, de certa importância, que possuía duas lojas de comestíveis em conserva. Tinha já “feito a felicidade” de duas mulheres e procurava uma terceira, sucedendo que a sua escolha recaiu nela. Hum! “É sossegada e mansinha. Foi criada na miséria; caso-me com ela unicamente para que os meus filhos tenham uma mãe”, e além disso juntava frases ocas… já batidas… De fato tinha filhos das duas primeiras mulheres, as quais maltratara até elas

morrerem.

Por isso começou a cortejá-la e até já tinha falado com as tias. E, por cima disso tudo, o homem tinha já os seus cinquenta anos. Ela estava assustada, horrorizada. E foi por essa altura, precisamente, que começou a aparecer pela minha loja, para poder publicar anúncios n'*A Voz*. Finalmente pediu às tias que lhe dessem algum tempo, um tempinho para pensar. Até que finalmente, elas o concederam, mas muito pouco, e não a deixavam em paz. "Pois se ainda com a tua boca a menos, nem assim sabemos como nos havemos de arranjar." Eu já sabia de tudo isso e, assim, resolvi-me a pôr mãos à obra. Foi naquele mesmo dia da nossa conversa, à tarde. Nesse dia, precisamente, o tal comerciante tirara da sua loja o peso de uma libra de doces — no valor de cinquenta copeques — para lhe oferecer. A moça estava sentada ao seu lado, na sala de jantar; eu chamei Lukiéria, que andava ocupada na cozinha, e pedi-lhe que fosse ter com ela e lhe dissesse em voz baixa que eu estava à porta e precisava de dizer-lhe uma coisa importante. Estava muito satisfeito comigo mesmo. De maneira geral, estava muito contente nesse dia.

E ali mesmo, à porta, declarei-lhe — como a pobrezinha estava admirada perante o fato de que eu, um homem que lhe era completamente estranho, a tivesse mandado chamar tão de repente! — diante de Lukiéria, que me sentiria muito feliz e honrado se ela consentisse em ser minha esposa… E depois acrescentei que ela não devia ficar admirada com a minha presença, nem de que a tivesse mandado chamar à porta, etc., etc. "Eu sou um homem sincero; compreendo as circunstâncias…" e não mentia ao dizer que era sincero. Bem… que diabo! Eu me exprimia não só como deve ser, como homem educado, mas também de uma maneira original; e isto é, antes de tudo, o mais importante. O quê? Há alguma coisa de mau em confessar isso? Eu quero ser o meu próprio juiz; portanto, tenho que falar tanto pró como contra, e assim o faço. Também, depois, sempre me lembrei disso com satisfação, ainda que isso fosse estúpido. Comuniquei-lhe, nesse mesmo dia, de maneira terminante, sem dar lugar a que restasse a menor dúvida, que eu, em primeiro lugar não era um homem de uma inteligência extraordinária nem dotado de nenhuma esperteza especial, e que talvez nem sequer fosse um bom

homem, mas sim um egoísta vulgar (recordei-me dessa expressão, sobre a qual meditara no caminho, e que me pareceu muito apropriada), e que podia muito bem suceder, mesmo muito bem, que eu deixasse também muito a desejar sob outros aspectos. Eu lhe disse tudo isto com uma espécie de orgulho… Já sabemos como se dizem essas coisas. É desnecessário dizer que não incorri no mau gosto, depois de lhe ter exposto nobremente os meus defeitos, de fazer ressaltar também as minhas boas qualidades, dizendo-lhe, por exemplo: "Mas em compensação sou isto e mais aquilo". Eu reparava muito bem que ela, entretanto, estava terrivelmente triste, mas não me deixei comover por isso, e até, pelo contrário, agravei ainda mais o caso, intencionalmente; disse-lhe que nunca lhe faltaria alimento em abundância; mas que, em compensação, de teatros, toaletes, bailes, disso seria inútil falar… Talvez mais tarde, depois de ter conseguido os meus objetivos. Aquele tom severo encapetava-me. Acrescentei, no entanto, num tom de coisa secundária, da melhor maneira que me foi possível, que, ainda que eu tivesse escolhido esta ocupação, o tinha feito com um fim especial: era isso… com a maior lucidez… Acreditem-me: eu sempre odiara aquela loja de penhores; mas, na verdade, ainda que se torne ridículo falar de si mesmo com palavras misteriosas, o certo é que eu queria "vingar-me da sociedade". Sim, sim… era verdade, era verdade, era verdade! De maneira que a sua aguda observação daquela tarde, sobre se eu me vingava, não tinha sido nada descabida. Isto é, reparem que se eu lhe tivesse dito simplesmente: "Sim, eu me vingo da sociedade", então, ela poderia começar a rir na minha cara, como de manhã, e, de fato, esse riso teria vindo a propósito. Ao passo que agora, com uma alusão indireta, com uma frasezinha misteriosa como aquela, podia, como de fato sucedeu, excitar-lhe um pouco a imaginação. Depois disto eu já não temia nada; sabia que o comerciante gorducho lhe era mais antipático do que eu, e que, ao bater à sua porta, eu me destinava a fazer o papel de um salvador. Nada disto eu ignorava. Oh, compreendemos as coisas vulgares todas muito bem! Mas… aquilo era realmente vulgar? Como havemos de avaliar os homens? Eu não gostava dela nessa altura?

Esperem; como é natural, eu não lhe falei em boa ação; pelo contrário, oh!, muito pelo contrário: "Eu é que sou o beneficiado, neste caso, e não a menina!", foi isso o que eu lhe dei a entender, até

por palavras; não podia conter-me e talvez tivesse cometido uma tolice ao lhe dizer isso, pois notei que nos seus lábios havia um leve sorriso. Mas, finalmente, quem acabou por ganhar fui eu. Esperem… Já que recordo todas essas vergonhas, quero recordá-las até à última… Eu estava, como direi, de pé, diante dela… quando deixei escapar de repente, em voz baixa, este pensamento: “Tens boa figura, esbelta, és bem-educada e, finalmente, diga-se a verdade de feia não tens nada…”. Isso era o que me passava pela imaginação nesse momento. Escusado será dizer que ali embaixo, mesmo à porta da rua, ela me deu o “sim”. Mas… mas devo acrescentar: ali, à porta, ela pensou durante muito tempo, antes de pronunciar esta palavra. Tanto e tanto pensou que estive a ponto de perguntar-lhe: “Então? Que responde, finalmente?”. (Sim, disse-lhe isto; não me pude conter.) “Então? Em que ficamos, finalmente?” Eu lhe perguntei até com esse “finalmente”; lembro-me perfeitamente. “Espere, tenho de pensar…”

E que carinha tão séria ela fazia, que carinha tão séria! Tanto, que eu devia ter logo compreendido. Mas eu me dei por ofendido: “Terá, de fato, que escolher entre mim — pensei — e o merceeiro?”. Oh, então eu não compreendia, não compreendia nada, então! Até hoje mesmo ainda não compreendi nada! Ainda me lembro de que, eu estava pensando isto, chegou Lukiéria a correr atrás de mim, alcançou-me a meio da rua e disse-me numa ansiedade: “Deus há de pagar-lhe, senhor, o que faz ao levar daqui essa menina! Mas não lhe diga nada, porque é muito orgulhosa”.

Bem, com que então é orgulhosa! “A mim agradam-me precisamente essas criaturinhas orgulhosas.” As orgulhosas convêm especialmente quando… bom, quando não podemos duvidar do nosso ascendente sobre elas. O quê?! Oh, homem vil e estúpido! E como eu estava contente! Reparem: quando ela estava à porta, havia um momento, refletindo sobre se devia dizer-me sim ou não, e eu me admirava por vê-la tão pensativa… Reparem, pode ser que lhe tenha ocorrido também a ela um pensamento deste gênero: “Se eu tenho de ser fatalmente infeliz, tanto com um como com o outro, não será preferível escolher a desgraça maior, ou seja, o comerciante gordo? Assim morrerei mais depressa!” Como? Que dizem os senhores? Não poderia ter-lhe ocorrido essa ideia?

Mas eu, agora, também não compreendo nada, nada. Acabo de dizer que lhe podia ter ocorrido esse pensamento: escolher a maior das duas desgraças, ou seja… o comerciante gordo. Mas quem é que lhe era, então, mais antipático? O merceeiro ou o prestamista que citava Goethe? Eis aí o problema! E que problema! Não o compreendem? A resposta, no entanto, é clara como água; embora digam que é um problema. Raios me partam! Não se trata de mim agora… Mas neste caso… o que é mais importante para mim? Trata-se ou não se trata de mim? Ah, essa é precisamente uma pergunta a que eu não posso responder… Tanto melhor. Vou-me deitar. Dói-me a cabeça.

## III / O MAIS DIGNO DOS HOMENS, MAS NEM EU MESMO ACREDITO NISSO

Não posso dormir: como poderia dormir, quando as fontes me latejam? Quero confessar tudo, contar todas essas vergonhas. Oh, de que lodaçal eu a tirei então! Ela devia compreender isso e apreciar o meu procedimento… Ocorreram-me também vários pensamentos, como, por exemplo, o de que eu tinha já quarenta e um anos e ela mal completara os dezesseis. Mas era precisamente esse sentimento da diferença de idades que me encantava… É tão agradável, tão agradável!

Eu queria, por exemplo, que o casamento se celebrasse à *l'anglaise*, com duas testemunhas no máximo: Lukiéria e outra pessoa qualquer, e dali iríamos diretos ao trem, a Moscou, a um hotel (eu tinha precisamente necessidade de resolver aí uns assuntos). Mas ela se opôs a isso e tivemos de ir visitar as tias para apresentar-lhes os meus respeitos, na qualidade de parente, de cujas mãos a recebera. Bem, resignei-me e fui apresentar os meus respeitos às tias, como era devido. Além disso ainda dei a essas criaturas duzentos rublos, cem a cada uma, prometendo dar-lhes mais, e isto, claro, sem dizer nada à minha mulherzinha, para não ofendê-la, aludindo à pobreza da sua família. As tias, é claro, mostraram-se muitíssimo amáveis. Mas o enxoval deu lugar a discussões; ela não tinha nada, literalmente nada, que vestir, e também não queria nada. No entanto eu consegui convencê-la de que não poderia passar sem essas coisas; por isso

comprei-lhe o enxoval; pois que havia eu de fazer? Mas, raios me partam! Também aproveitei a oportunidade para expor-lhe alguma coisa acerca da minha maneira de pensar, para que ela ficasse sabendo com o que contava. Até isso fiz depressa. Mas o mais importante era que ela, desde o primeiro momento, correspondeu ao meu amor com todas as veras da sua alma. Quando eu chegava a sua casa, à noite, recebia-me sempre com muita alegria e contava-me no seu balbuciar pueril — como era encantadora! — toda a história da sua primeira juventude; descrevia-me a casa paterna e falava-me dos pais. Mas eu lançava imediatamente um jarro de água fria sobre o seu entusiasmo. Era precisamente nisso que assentava o meu plano. Aos seus primeiros arrebatamentos eu correspondia com o meu silêncio, um silêncio benévolo, é claro… Mas, entretanto, ela não tardou a compreender que nós dois éramos seres diferentes, e que eu… era um enigma. Mas era isso precisamente o que eu queria, era isso o que eu procurava; parecer-lhe um enigma. Para obrigá-la a adivinhar este enigma, talvez eu não pudesse ter procedido mais estupidamente do que procedi. Em primeiro lugar, seriedade; a mesma com que a tratava na loja. Enfim, tracei todo um plano. Oh! tudo isso me saiu espontaneamente, sem que eu tivesse de fazer nenhum esforço. E não era possível proceder de outro modo: era preciso que eu traçasse esse plano… sob a impressão de um fato irresponsável… Não sei por que hei de acusar-me sempre! Tratava-se de um sistema verdadeiramente eficaz. Não, ouçam: para julgar um homem é preciso estar a par de todas as circunstâncias… Ouçam!

Por onde começarei? A coisa não é muito fácil de contar. Quando uma pessoa começa a justificar-se… já botou tudo a perder. Ora vejam: a juventude despreza, por exemplo… o dinheiro. Mas eu dou muita importância ao dinheiro, e faço com que ela o note continuamente, de maneira que ela vai emudecendo cada vez mais. Ela abria uns grandes olhos de admiração; ouvia-me, olhava para mim e calava-se… Já estão a ver. A juventude é generosa, isto é, os jovens bons são generosos, mas impetuosos: têm pouca paciência. Quando uma coisa não é como eles querem, logo a desprezam. Mas eu queria enfiar-lhe, diretamente, no coração, a “compreensão total”. Não será isto? Ponhamos um exemplo vulgar: como eu devia explicar àquele caráter, isso de ter escolhido livre e espontaneamente a minha

profissão? Não me pus a falar disso abruptamente; nesse caso teria parecido, de certo modo, que lhe pedia perdão por tê-lo feito, e até que procedia orgulhosamente, valendo-me do silêncio. Oh, nisso era eu um mestre! Tenho passado a vida inteira falando em silêncio; tenho tido comigo mesmo terríveis tragédias, em silêncio. Oh, mas também eu era infeliz! Toda a gente me repelia, me repelia e me esquecia, e ninguém, ninguém o sabia. E, de repente, uns tipos vulgares vão para essa moça de dezesseis anos com boatos sobre a minha vida, e ela julga ficar ao corrente de tudo, quando, afinal, aquilo que é verdadeiramente valioso continua enterrado no peito deste homem.

Eu estava sempre calado, e, sobretudo, sobretudo, quando estava ao seu lado, calava-me, até ao dia de ontem. Por que eu ficava quieto? Porque sou orgulhoso. Eu queria que fosse ela mesma a compreender, sem eu ter que ajudá-la, mas que não fizesse caso dos falatórios das pessoas intrigantes e adivinhasse este homem e o compreendesse. Quando a trouxe para minha casa exigi-lhe uma absoluta estima pela minha pessoa. Queria que ela me idolatrasse pela minha paixão… e era digno disso. Oh, eu sempre fui orgulhoso, sempre desejei tudo… ou nada! E precisamente por eu não querer uma miserável amostra de felicidade, mas sim uma felicidade completa, precisamente por isso é que me sentia obrigado a tratá-la dessa maneira. “Adivinha por ti mesma e depois aprecia!” Porque, é ou não verdade?, hão de concordar comigo: se eu me tivesse posto a explicar-lhe e a repetir-lhe a lição, a fazer fintas e a pedir-lhe que me tivesse amizade… seria o mesmo que implorar-lhe uma esmola… Mas… no fim de contas, para que falar disso!

Tolo, tolo, mil vezes tolo! Comuniquei-lhe então, em duas palavras, sem rodeios, de maneira *desapiedada* (sublinho a palavra desapiedada), que a generosidade da juventude é, em si, uma coisa admirável, mas que… não vale um copeque. E por que não vale? Porque possui essa generosidade gratuitamente, é uma coisa que lhe pertence já, ainda antes de ter vivido; tudo isso vem a ser, conforme costuma dizer-se, as primeiras impressões da criatura.

Mas esperem pelo momento em que se vejam numa aflição! A generosidade gratuita é sempre fácil; a magnanimidade gratuita é sempre simples; até o sacrifício da vida… então, custa muito pouco,

pois o sangue ferve na juventude e as energias de sobra espadanejam. Corre-se apaixonadamente atrás da beleza! Mas não; reparem nos outros atos de generosidade; na que é difícil, tranquila, inadvertida, opaca, que aspira a muito, muito sacrifício; sem colher nem uma ponta de glória… e, pelo contrário, colhendo a amarga calúnia; aquela pela qual o homem mais digno do mundo é alcunhado de velhaco, sendo honesto, mais do que os homens honestos todos juntos. Pois bem; experimentem realizar uma façanha dessas… Não, muito obrigado! Pois eu… pois eu, em toda a minha vida, não tenho feito mais que… realizar heroicidades destas.

A princípio ela me contrariava. Ah, meu Deus, como discutia comigo! Mas depois foi-se calando paulatinamente, até acabar por não dizer nada. Simplesmente, dilatava os olhos de uma maneira terrível ao escutar-me; que olhos tão grandes, tão atentos! E… e… de súbito, reparei num sorrisinho, um sorrisinho malicioso, calado, que não tinha nada de bom… E foi com esse, com esse mesmo sorriso, que eu a trouxe para minha casa. No fim de contas, ela não tinha mais nenhuma para onde ir…

## IV / Planos e mais planos

Qual dos dois é que começou primeiro?

Nenhum. A coisa começou sozinha, desde o primeiro momento. Já disse que a tinha trazido para minha casa com toda a seriedade; mas, desde o primeiro dia, no entanto, que eu adocei as coisas. Já antes de nos termos casado eu lhe dissera que ela ficava com o encargo de receber os objetos empenhados e de dar o dinheiro que custassem… ao que ela não levantou a mínima objeção (peço-lhes que não esqueçam). Bom; pois ela desempenhava com o maior zelo o seu encargo. Compreenda-se desde já que a casa, a instalação… tudo isso continuou como estava. Dois quartos: um, grande, uma metade do qual se tinha destinado para loja, e o outro, grande também, era o nosso quarto de dormir. Os meus móveis são muito modestos, pois até as tias da minha mulher os possuem melhores. No primeiro quarto tenho, suspenso da parede, o meu iconóstase com a lamparina, junto da caixa; mas em minha casa, no meu quarto, tenho um pequeno

armário com alguns livros e uma arca, cuja chave trago sempre comigo. Bom; é claro que também tenho a cama, uma mesa e cadeiras. Antes de nos casarmos eu lhe dissera que, para a nossa manutenção, isto é, para a alimentação dos dois e de Lukiéria, que tínhamos trazido conosco, deveríamos gastar, a cada dia, apenas um rublo e nada mais. "Em três anos terás trinta mil, de outra maneira o dinheiro não nos chegará." Ela não fez objeção, mas eu, por meu lado, contei com mais trinta copeques sobre essa quantia. E, além disso, teatro. Eu a prevenira do que não iríamos ao teatro, mas depois mudei de opinião e decidi levá-la, uma vez por mês, e para um lugar mais decente, para as poltronas. Fomos juntos duas vezes e creio que vimos *A caça à felicidade* e *A ave canora* — oh, para o diabo, para o diabo isso tudo! — Fomos em silêncio e em silêncio voltamos para casa. Por que, por que nos deu para nos calarmos, desde o princípio? Desde o princípio não tínhamos discussões… apenas o silêncio. Lembro-me, no entanto, de que por esse tempo ela me olhava sempre de esguelha; e eu era o primeiro a calar-me, assim que o notava. Seja como for, esta é a verdade: fui eu e não ela o primeiro que se entregou ao silêncio. Ela, pelo seu lado, teve até um ou dois ímpetos apaixonados; atirou-se contra mim, cingiu-me com os seus braços. Mas esses arrebatamentos eram doentios, histéricos, e como eu precisava de uma felicidade sólida e ansiava, antes de mais nada, pela sua afeição total, naturalmente permaneci frio. Estava no meu direito; depois desses arrebatamentos tivemos sempre brigas no dia seguinte. Isto é, brigas, verdadeiramente, não, mas amuos… e cada vez uma cara mais descarada e insolente pelo seu lado. "Rebeldia e independência"… eis o que ela queria; simplesmente, não o compreendia. Sim, aquela carinha mansa ia tomando cada vez uma expressão de maior desafio. Acreditem-me: eu lhe era antipático, e sabia disso.

De toda a maneira, não há dúvida de que ela às vezes ficava como que fora de si. Bem, por exemplo, depois de ter saído de tamanho lodaçal, de tamanha miséria, como podia agora, assim, sem mais nem menos, repugnar-lhe a nossa pobreza? Porque, reparem: não vivíamos na pobreza, mas sim com economia, e naquilo que era necessário, até tínhamos luxo… como, por exemplo, na roupa branca, no asseio. Sempre pensei que às mulheres agrada que um homem seja asseado. Se bem que, no fim de contas, ela não se zangava contra a nossa

pobreza, mas sim contra aquilo que chamava a minha reles tacanhez. “Diz que persegue o seu objetivo e quer demonstrar personalidade!” Agradeceu-me imediatamente o termos ido ao teatro. E cada vez se tornava mais trocista, cada vez mais irônico o franzir dos seus lábios… e eu sempre a agarrar-me ao silêncio, ao silêncio.

Mas, não poderia começar a justificar-me? É claro que o papel principal era desempenhado, aqui, pela loja de penhores. Reparem: eu sabia que uma mulher, e sobretudo uma mocinha de dezesseis anos, não tem outro remédio senão submeter-se em tudo e por tudo ao marido. Não se trata de uma coisa invulgar nas mulheres, pois isto é um axioma; ainda hoje, ainda hoje é um axioma para mim! Que é, pois, aquilo que está ali, na sala, em cima da mesa? A verdade é sempre a verdade, à qual nem o próprio Mill[1] pode mudar nada! Mas a mulher que ama… oh, a mulher que ama! essa adora até o vício, até o crime do homem que ama. Este não poderia nunca encontrar as razões para justificar-se, que ela encontra para isso. O que é generoso, mas não original. É apenas a falta de originalidade aquilo que perde a mulher. Mas por que, repito, me apontam para cima da mesa? Sim, tem alguma coisa de estranho o que está ali, em cima da mesa? Oh… oh!

Escutem os senhores: eu, então, estava convencido do seu amor. Ela se atirava impetuosamente ao meu pescoço. Portanto, amava, ou, para melhor dizer… desejava amar. Sim, era isto também; queria amar, procurava amar. Mas o mal estava em que eu nem sequer tinha cometido crimes que necessitassem de desculpas imaginadas por ela. Os senhores dirão: um agiota! Sim, é o que toda gente diz. Mas que significa isso de agiota? Existirão, pois, poderosas razões para que o homem mais generoso… se tenha metido a agiota? Vejam os senhores: há ideias… isto é, reparem: há umas certas ideias que, quando queremos exprimi-las por palavras, parecem-nos terrivelmente estúpidas. Tão estúpidas, verdadeiramente, que… uma pessoa até se envergonha. E a que se deve isso? Pois simplesmente a isto: a que somos todos uns patifes e não podemos suportar a verdade, ou a… não sei, realmente… Disse há pouco: “O mais digno dos homens”. Isto soa ridículo. Mas, na verdade, assim era. É a verdade que eu digo, a pura verdade. Sim, eu, então, tinha o direito de procurar uma posição

economicamente segura e de abrir uma casa de penhores. Os senhores repudiaram-me, os senhores (é claro que me refiro aos homens) me lançaram ao desprezo com o vosso desdenhoso silêncio. Ao impulso apaixonado que me levava para vós responderam com uma afronta para toda a minha vida. Por isso eu estava no meu direito de separar-me de vós e de erguer uma parede entre nós; estava no meu direito de querer acumular aqueles trinta mil rublos e de querer refugiar-me para sempre em qualquer parte: na Crimeia, no Mar Negro, entre montanhas e vinhedos, no sítio ali comprado com esses trinta mil rublos. E antes de mais quero viver sem questiúnculas convosco, mas longe de vós e com o ideal na alma, com a mulher amada no coração e com os meus filhos, se Deus for servido dar-nos. E, aos amigos e vizinhos que se achassem em dificuldades estenderia a minha mão acolhedora. Bem; quando eu digo isto agora, para mim, que coisa mais estúpida teria podido fazer do que ter-lhe contado e descrito, a ela, tudo isto? Eis aí o motivo por que eu guardava um tão orgulhoso silêncio, por que nós os dois permanecíamos tão calados um em frente do outro. Como ela poderia compreender-me? Dezesseis anos… ainda se está na infância! E ela poderia compreender também as minhas justificações e os meus sofrimentos? Ali havia um franco desconhecimento da vida, convicções fáceis, juvenis, um verdadeiro cordeirinho de olhos vendados. Mas, acima de tudo, lá estava a loja de penhores, e isso era o suficiente! Eu era, porventura, algum bandido? Não tinha visto, ela mesma, como eu era, e que não fazia nada que não estivesse bem? Oh, como é terrível a verdade neste mundo! Aquela moça encantadora, aquela doce criaturinha, aquele anjo… era um tirano, era o implacável verdugo da minha alma. Era-me impossível conter-me e nada dizer a ela! Julgam talvez que eu não a amava? Quem pode afirmar que eu não lhe queria? Reparem; temos aqui uma maldosa ironia da sorte e da natureza. Somos malditos, maldita é a vida do homem! Sobretudo a minha! Agora compreendo que em tudo isto passei qualquer coisa por alto. Algo falhou em tudo isto. Era tudo tão claro! Tão claro como água era o meu plano: “duro, orgulhoso, não preciso da consolação moral de ninguém e sofro em silêncio”. Assim era, de fato, não mentia, verdadeiramente não mentia! Ela mesma há de descobrir por si só a minha generosidade, ainda que, por agora, não consiga percebê-la; e quando, finalmente, chegar a compreendê-la, há de apreciá-la dez vezes mais e vai se

prostrar diante de mim de joelhos e de mãos juntas, suplicantes. Este era o meu plano! Mas aqui, devo ter me esquecido ou relegado algo. Que houve qualquer coisa, que eu não soube fazer como convinha, disso não tenho dúvida. Mas já chega, já chega! E a quem devo agora pedir perdão? Já tudo acabou, já tudo acabou. Sê corajoso, homem, e sê orgulhoso. Tu não tens culpa!

Não, eu digo a verdade, eu não tenho medo de encarar a verdade: ela é quem tem culpa, ela é quem tem culpa!

## V / A CORDEIRINHA REBELA-SE

O nosso desentendimento começou porque ela se lembrou, de repente, de gastar o dinheiro à sua vontade, marcar os objetos com um preço superior ao seu valor, e até por duas vezes chegou ao extremo de discutir comigo acerca destas coisas. Eu lhe fiz ver a minha discordância. E foi então que veio colocar-se no nosso caminho aquela viúva do militar.

Sucedeu que apareceu um dia na loja uma senhora de idade, viúva dum capitão, trazendo uma medalha… presente do falecido marido, já se sabe, uma recordação. Dei-lhe por ela trinta rublos. Ela começou a chorar, dizendo ao mesmo tempo que tivesse cuidado com o objeto… É claro que tínhamos cuidado com os objetos. Bem; pois, de repente, passados cinco dias, torna a velha a aparecer, com a pretensão de trocar a medalha por uma pulseira que não valeria oito rublos. Como é natural, neguei-me a satisfazê-la. É provável que ela já se tivesse entendido por olhares com a minha mulher, pois foi outra vez à loja quando eu estava ausente, e então, com efeito, a minha mulher fez a troca.

Quando soube disso, nesse mesmo dia, falei a minha esposa com muita suavidade, mas também de uma maneira categórica e sensata. Ela estava sentada à beira da cama: tinha os olhos fixos no chão e bamboleava o pé direito — seu costume característico —, batendo com a ponta no pequeno tapete diante da cama; os seus lábios mostravam um sorriso odioso. Eu lhe fiz notar, ainda que sem erguer a voz, com muita fleuma, que o dinheiro era meu, que eu tinha o direito

de ver a vida com os meus próprios olhos e… que, ao pedi-la em casamento, não lhe escondera absolutamente nada.

Ela se levantou de um salto, com o corpo todo a tremer e, que julgam os senhores?, pois, de súbito, pôs-se a bater com o pezinho no chão, como se estivesse louca! Parecia simplesmente uma fera; aquilo era um ataque, o ímpeto de um animal furiosol Eu fiquei estupefato: nunca esperara uma coisa daquelas! Mas não perdi a cabeça, nem sequer estremeci, e tornei a dizer-lhe, com a mesma voz tranquila, que dali em diante não tornaria a metê-la nos meus assuntos. Ela desatou a rir na minha cara e saiu… saiu do quarto.

Mas fato é que ela não tinha o direito de abandonar o quarto, de sair de casa sem o meu consentimento… o que tínhamos combinado durante o noivado. Voltou à noite; eu não lhe dirigi a palavra.

No dia seguinte tornou a sair de manhã, e no outro também. Fechei a loja e fui procurar as tias. Eu tinha quebrado toda espécie de relações com elas por ocasião do casamento; nem elas nos vinham ver, nem nós aparecíamos em sua casa. Parecia, pois, lógico, que a minha mulher não tivesse ido ter com elas, e assim era. Aquelas senhoras me escutaram com curiosidade e riram-se: “É bem feito”. Mas eu também não esperava outra coisa. Por isso ganhei as boas graças da mais nova das duas, a solteirona, a qual prometi cem rublos, vinte e cinco dos quais lhe entreguei imediatamente. Passados dois dias veio ver-me.

— Está metido no caso um oficial — disse-me — um tenente chamado Iefímovitch, que foi seu companheiro no regimento.

Fiquei petrificado. Tudo quanto me lembrava do tal tenente eram malfeitorias. Mas havia dois meses que, com o pretexto de empenhar qualquer coisa, tinha estado por duas vezes na minha loja. Lembro-me muito bem de que tentara dizer graças à minha mulher. Mas eu me aproximara dele no mesmo instante e disseralhe que fizesse o favor de não tornar mais à nossa casa… e assim tinham ficado as nossas relações. Mas nem sequer me passara pela imaginação nada parecido àquilo que agora me diziam; pensava apenas que era um atrevido e um insolente. E, agora, de repente, vinha-me aquela tia velha com a história de que a minha mulher se encontrava com ele, servindo de

alcoviteira uma antiga amiga da outra tia, uma tal Iúlia Samsonovna, que era também viúva de um coronel. Em resumo: o caso veio a custar-me ao todo uns trezentos rublos; mas, em compensação, passadas quarenta e oito horas, ficou combinado que eu me postaria no quarto contíguo, por detrás da porta, e desta maneira poderia presenciar o primeiro *tête à tête* da minha mulher com Iefímovitch. Mas nessa mesma noite, um pouco antes, tivemos, minha mulher e eu, uma disputa breve mas muito significativa.

Ela chegou um pouco antes de ter anoitecido, sentou-se na cama e pôs-se a olhar-me com olhos de troça e a bambolear o pezinho sobre o tapete. De súbito, quando a olhava, percebi que durante todo aquele mês, ou pelo menos durante aquelas últimas semanas… não parecia já a mesma mulher. Tornara-se de repente uma criatura violenta, caprichosa, disposta a lançar-se na perdição, e que procurava discussão propositadamente. Uma criatura assim, quando ultrapassa os limites, já não atende nem à razão nem ao pudor. Desencaminha-se de uma maneira que nunca pareceria possível. Em compensação, uma criatura pervertida, sempre saberá moderar-se, e ainda que caia nas maiores baixezas, saberá sempre guardar as aparências de decoro e há de ter sempre a pretensão de ser superior aos outros, até onde for possível.

— É verdade que te expulsaram do regimento porque tiveste medo de aceitar um duelo? — perguntou-me à queima-roupa, de olhos brilhantes.

— Sim, é verdade. Obrigaram-me, em virtude de uma sentença dos oficiais, a abandonar o regimento, embora, na realidade, eu já me tivesse antecipado em pedir a reforma.

— Foste então expulso por covardia?

— Sim, de fato, consideraram-me covarde. Mas eu não me neguei a bater-me por covardia, mas sim por não querer submeter-me à sua tirânica imposição de que havia de provocar o duelo, embora não me considerasse ofendido… Olha — disse-lhe, de repente, pois não podia conter-me —, não sabes que para uma pessoa se revoltar contra essa tirania e arrostar todas as consequências é preciso mais coragem do

que para provocar um duelo?

Não pudera conter-me e as minhas últimas palavras foram como que o princípio de uma justificação; mas ela só procurava essa minha nova humilhação! Sorria maldosamente.

— E é verdade, também, que por causa disso andaste durante três anos às voltas pelas ruas de Petersburgo, como um vadio, mendigando dez copeques às pessoas e dormindo pelos bilhares?

— Sim, e até dormi na Sienaia Úlitsa, na Viáziemski Dom.[2] Sim, tudo isso é verdade; depois da minha saída do regimento tive de suportar muita miséria e privação, mas sem nunca sofrer nenhum detrimento moral, pois fui sempre o primeiro a odiar-me a mim próprio e à minha maneira de proceder. Isso foi simplesmente um desfalecimento da minha vontade, devido à minha situação desesperada… Mas tudo isso ficou para trás, pertence ao passado…

— Claro! Agora já és uma grande personagem, um financeiro!

É claro que isto era uma alusão à casa de penhores. Mas tornei a dominar-me. Disse para comigo que ela só procurava da minha parte explicações que deviam humilhar-me e… calei-me. Entretanto, alguém bateu à porta, eu saí do quarto e fui para a loja. Aproximadamente uma hora depois, ela já estava vestida para sair; pôs-se de repente na minha frente e disse-me:

— Não me disseste nada disso antes de nos termos casado.

Não lhe respondi e ela saiu.

No dia seguinte fui para o tal quarto contíguo, postando-me atrás da porta, e ouvi então como ela decidia o meu destino… mas tinha um revólver no bolso. Ela se vestira com muito esmero; estava sentada atrás da mesa, no sofá, e Iefímovitch parecia morto de amor. Bem; pois aconteceu (digo-o em minha honra), aconteceu exatamente o que eu imaginara, o que eu tinha suposto que aconteceria… embora não desse conta do que fazia… Não sei se me explico de maneira compreensível.

Sucedeu exatamente o seguinte: eu estive ali à escuta durante uma hora, assistindo à luta interior de uma mulher, a mais nobre e casta deste mundo, com o ser mais corrompido e depravado. “Mas como — perguntava eu assombrado —, como é que essa mulherzinha tão pacata, ingênua e inexperiente, pode saber tanto?” Nem o autor mais engenhoso duma comédia mundana teria podido imaginar uma cena como aquela, uma tal zombaria, um sorriso tão trocista, acompanhado daquele real desprezo que à criatura dotada de pureza inspira o vício. E que habilidade não havia nas suas palavras e nos seus ditos, quanta agudeza nas suas respostas rápidas e. quanta segurança e verdade nas suas opiniões! E ao mesmo tempo quanta — posso dizê-lo —, quanta bondade feminina! Das suas declarações de amor ria-se, simplesmente. Aquele que tinha ido ali com propósitos grosseiros se sentiu de repente perplexo e já não percebia nada do que se estava passando. A princípio seria possível acreditar que tudo aquilo não era mais do que coqueteria da parte dela… “Coqueteria de uma mulher, que, ainda que corrompida, é inteligente e procura fazer-se valer.” Mas não, a verdade era tão evidente que não deixava dúvidas. Só por ódio contra mim, por ódio contra aquele que ela julgava tê-la enganado, ela pôde lançar-se naquela coisa estranha, naquele *rendez-vous*; mas quando viu que aquilo era a sério… caiu em si. Afligia-se por ter de encarar-me depois; mas é muito compreensível que ela, que parecia estar decidida a uma coisa tão feia, se detivesse imediatamente no caminho e retrocedesse ao vê-lo na frente: não era capaz de suportar. Teria, por acaso, podido seduzi-la, àquela alma casta, imaculada, que tinha o seu ideal, um tipo como Iefímovitch, ou qualquer do seu gênero? Só podia fazê-la rir. A verdade ergueu-se na sua alma e o nojo só provocou desdém no seu coração. Repito: aquele louco deixou-se cair, desorientado, na sua cadeira, ficou a olhá-la com olhos murchos e mal respondia, de tal maneira que eu até já tinha medo que ele procurasse insultá-la, por puro desejo de vingança. Eu torno a repetir, e em minha honra seja dito… escutei todo aquele diálogo sem a menor surpresa. Parecia-me que nada daquilo era novo para mim. Quase que tinha ido ali só para ver repetir-se aquilo que já sabia. Tinha ido ali sem acreditar, nem sequer de longe, que ela fosse culpada, apesar de ter metido o revólver no bolso… esta é a verdade. E como teria podido pensar outra coisa? Pois, se não a amava, por que tinha eu tanto apreço por ela? Oh, é claro que pude certificar-me da

aversão que ela me tinha; mas também pude comprovar até que ponto era inocente e pura. Pus um remate inesperado àquela cena, abrindo a porta de repente. Iefimovitch deu um pulo; ofereci-lhe o braço, a ela, e convidei-a a vir comigo para casa. Iefimovitch não tardou a recompor-se e irrompeu numa gargalhada.

— Oh, é claro que não tenho nada a objetar contra os direitos sagrados do marido! Vá, sim, leve-a imediatamente! E fique sabendo — exclamou, encarando comigo — que, ainda que, naturalmente, nenhum homem honrado possa bater-se com o senhor, eu, apesar disso, por atenção com a sua mulher, ponho-me à sua disposição… Isto supondo que o senhor tenha a coragem…

— Ouves? — disse a ela e a fiz parar um momento à saída. Depois, durante todo o caminho para casa, nem uma palavra. Eu a levava pela mão e ela deixava-se conduzir sem resistência. Estava, pelo contrário, muito surpreendida, e isto não só durante o caminho como em casa. Assim que chegamos, sentou-se numa cadeira e ficou a olhar-me de alto a baixo. Estava extraordinariamente pálida; apesar de ter voltado outra vez a franzir os lábios, num sorriso trocista, olhava-me com uns olhos de orgulhosa interrogação e, pelo que julgo, estava convencida com firmeza, pelo menos no primeiro momento, de que eu ia matá-la com um tiro. Mas eu tirei lentamente o revólver do bolso e o depus em cima da mesa: tudo isto em silêncio. Ela olhava para mim e depois para o revólver, e assim alternadamente. (Reparem bem: ela já conhecia aquele revólver. Eu o comprara por não querer ter um cão de guarda ou um criado hercúleo, como o que tinha Moser, por exemplo, para que me guardasse o lar. Em minha casa é a criada quem abre a porta. Mas, por outro lado, também não podemos renunciar completamente ao direito de legítima defesa… já que toda a gente sabe que temos ouro em casa. De maneira que comprara aquele revólver. Ora bem: quando nos casamos e ela veio viver comigo, nos primeiros dias interessou-se muito pela arma, e eu tive de explicar-lhe todo o seu mecanismo, e até a convenci uma vez a disparar sobre um alvo. Reparem bem nisto.)

Sem fazer caso do seu olhar assustado, desfiz-me de algumas peças de roupa e meti-me na cama. Estava muito cansado. Eram já onze horas. Ela continuou sentada no seu lugar, sem se mexer,

aproximadamente durante uma hora. Depois apagou a luz e deitou-se, vestida, no divã junto da parede. Era a primeira vez que não se deitava comigo… (Peço-lhes também que reparem nisto.)

## VI / Uma recordação espantosa

Agora surge uma recordação espantosa…

Acordei no outro dia, às oito da manhã. O quarto já estava claro. Despertei de repente, com plena lucidez, e abri os olhos; ela estava de pé, junto da mesa, e tinha o revólver na mão. Não reparou que eu havia já acordado e que a observava. E, de repente, vejo que ela se volta para mim, de revólver na mão… Fechei imediatamente os olhos e fingi que dormia.

Ela se aproximou da cama e inclinou-se sobre mim… Eu ouvia tudo… e embora houvesse um silêncio de morte, ouvia também esse silêncio… De súbito… foi um movimento convulsivo… abri os olhos contra minha vontade; ela estava de pé, inclinada sobre mim, e viu-me; fitava-me precisamente nos olhos… e tinha já o revólver colado a uma das minhas fontes. Os nossos olhos encontraram-se. Olhamo-nos por um segundo apenas. Tornei a fechar os olhos, e no mesmo instante, com todas as forças da minha alma, tomei a resolução de não me mexer nem tornar a abrir os olhos, acontecesse o que acontecesse.

Sucede, com efeito, às vezes, que um homem profundamente adormecido abre de repente os olhos e até levanta a cabeça e passeia o olhar pelo quarto, durante um segundo, para voltar em seguida a reclinar a cabeça na almofada, sem se aperceber então desse movimento, nem dele se recordar depois. Quando fechei os olhos, depois de os nossos olhares se terem cruzado e sentido na minha fonte o cano do revólver e ficar imóvel, como quem está mergulhado no sono… ela podia acreditar, de fato, que assim era e que eu nada tinha visto, tanto mais que parecia completamente inverossímil que quem viu aquilo que eu vi pudesse voltar a fechar os olhos em tal momento. Fosse como fosse, era inverossímil. Mas, entretanto, ela podia ter suspeitado a verdade… e foi isso o que, de repente, naquele mesmo instante, me passou pela cabeça. Que torvelinho de ideias e

sentimentos aquele que em menos de um segundo agitou a minha alma! Oh, eletricidade do pensamento humano! Nesse caso, isto é, supondo que ela tivesse adivinhado a verdade e soubesse que eu não dormia, eu tinha que humilhá-la, que aniquilá-la com a minha prontidão em me deixar matar… e devia retirar a mão, a tremer. A resolução inicial teria cedido perante uma impressão nova e inesperada. Dizem que quem chega a um cume se sente involuntariamente atraído pelo abismo; eu creio que muitos suicídios e crimes se cometeram por já se ter nas mãos o revólver. Um revólver também é um abismo, uma vertente de quarenta e cinco graus, e vemo-nos impelidos a descer a esse abismo, é algo que nos obriga com uma força irresistível a apertar o gatilho. Mas se ela pensava que eu tinha visto tudo, que sabia tudo e esperava a morte em silêncio… talvez esse pensamento pudesse tê-la detido a meio da vertente.

O silêncio prolongava-se, e… de repente, senti na fonte, junto dos cabelos, o contato frio do aço… Hão de perguntar-me se eu, apesar de tudo, esperava a salvação… Vou responder-lhes como responderia a Deus: eu não tinha a mais remota esperança, a não ser, talvez, de um contra cem, de não morrer com um tiro. “Por que — tornarão os senhores a perguntar-me — aceitava eu a morte das suas mãos?” Mas pergunto: “Que me importava, a mim, a vida, depois de ter visto que a criatura que eu adorava me havia posto um revólver sobre a fonte?”. Além disso eu sentia, com todo o meu ser, que naquele instante se travava entre nós dois uma luta terrível, um duelo de morte, a luta com aquele mesmo “covardão” de outros tempos, ao qual os companheiros tinham expulso do Exército devido à sua “covardia”. Eu sabia muito bem, e ela também sabia, se tinha adivinhado a verdade…, que eu não dormia!

Talvez não tivesse sido também assim, e pode ser que naquele instante eu não pensasse nada disso; mas, no entanto, tudo isto devia ser assim, ainda que sem uma consciência muito clara do caso. Eu, depois, não fiz outra coisa na minha vida senão pensar nisso.

Mas, entretanto, talvez os senhores me perguntem: “Por que não a detive eu, quando ela ia praticar um crime?”. Oh! Eu também fiz depois essa pergunta mil vezes a mim mesmo… sempre que, com o arrepio, tentava evocar esse momento. Mas a minha alma encontrava-

se então num estado de sombria desespero; eu despenhava-me, eu mesmo me precipitava para o fundo. Quem poderia me salvar? E de onde concluem os senhores que eu podia salvar alguém? Como pode alguém saber o que eu sentia naquele transe?

Enquanto tudo aquilo se passou, a minha consciência esteve alerta, e a minha alma, um turbilhão… Os segundos deslizavam num silêncio de morte… Ela continuava de pé, inclinada sobre mim… e de repente tive uma esperança! Abri rapidamente os olhos; ela já não estava no quarto. Levantei… Venci, venci… e dominei-a para sempre!

Dirigi-me para o quarto, em frente, para tomar o pequeno almoço. Punham sempre o samovar no primeiro quarto, e era sempre ela quem deitava o chá. Sentei-me à mesa em silêncio e aceitei a minha chávena das suas mãos. Durante cinco minutos não me decidi a olhá-la no rosto pela primeira vez; estava horrivelmente pálida, mais pálida ainda do que no dia anterior, e tinha os olhos fixos em mim. E de súbito… e de súbito, quando percebeu que eu a observava, franziu os seus lábios pálidos num sorriso descolorido, com uma tímida interrogação nos olhos… "Continuará duvidando? — perguntaria talvez a si mesma — Sabe ou não sabe; teria visto ou não?" Eu desviei os olhos, com indiferença.

Depois de ter tomado o chá fechei a loja, fui ao mercado e comprei uma cama de ferro e um grande biombo. Quando regressei a casa, armei a cama no primeiro quarto, e dividi-o em dois com o biombo. A cama destinava-se a ela; mas não lhe disse nada. Sem que eu tivesse dito uma palavra, aquela cama veio dizer-lhe que eu tinha visto e sabia tudo. À noite coloquei o revólver, como sempre, em cima da mesa. Ela se deitou, já tarde, na cama nova; o nosso casamento estava desfeito; estava vencida, mas, no entanto, não podia ser perdoada. Durante a noite delirou e na manhã seguinte estava muito febril. Permaneceu seis semanas de cama.

## Capítulo II

### I / Um sonho esplêndido

Lukiéria acaba de comunicar-me que não quer continuar em minha casa e que irá deixar-me logo que a sua jovem senhora esteja debaixo da terra. Fiquei cinco minutos de joelhos, rezando, e tinha a intenção de rezar uma hora inteira; mas não faço outra coisa senão pensar e meditar todo o tempo… Pensamentos doentios, e dói-me a cabeça! Quem é que pode rezar assim! Até seria pecado… É estranho eu não ter sonhado. Nas maiores crises, nas maiores crises, passados os primeiros e mais fortes arrebatamentos, uma pessoa sonha sempre. Dizem as pessoas que os condenados à morte dormem profundamente na véspera da sua execução. Sim, deve ser assim… é a natureza que o pede, senão as nossas forças acabariam por se esgotar… Estendo-me no divã, mas não posso dormir…

*

Prestamos-lhe assistência dia e noite: eu, Lukiéria e a enfermeira do hospital. Não olhei para as despesas, pois sentia precisamente a necessidade de gastar muito com ela. Quanto a médicos, cheguei até a chamar Schröder, e paguei-lhe dez rublos por visita. Quando ela começou, pouco a pouco, a recuperar o conhecimento, eu já não ia vê-la tanto. Quando ela abandonou o leito e levantou, finalmente, foi sentar, lentamente e em silêncio, à mesinha do meu quarto, que eu, entretanto, comprara também para ela… Sim, é verdade; a princípio guardávamos um silêncio absoluto; depois começamos a trocar de vez em quando algumas palavras a propósito de qualquer coisa, mas… sempre de qualquer coisa indiferente. Eu, é claro, intencionalmente me mostrava pouco falador, mas notava claramente que ela também se alegrava por não ter de dizer palavras supérfluas. O que me parecia muito natural nela: “Está demasiado impressionada, demasiado deprimida — eu pensava — e é preciso dar-lhe tempo para pensar e renascer.” Assim, pois, íamos os dois continuando em silêncio: mas eu, no meu coração, ia-me preparando já para o futuro a todos os momentos. Julgo que ela também faria o mesmo e ansiava continuamente por adivinhar o que ela pensava.

*

Com certeza que nenhum homem pode imaginar o que eu sofri,

velando-a durante a sua doença. Não podia imaginar, não me passava sequer pelo pensamento a ideia de que ela pudesse morrer antes de ter sabido tudo. Mas assim que passou a fase de perigo e foi recuperando de novo a saúde, então, sim, lembro-me muito bem, senti uma grande tranquilidade. Sim, e até decidi adiar tanto quanto possível o nosso futuro, e, por então, deixar as coisas como estavam. Aconteceu-me nessa altura, de fato, uma coisa muitíssimo estranha… não posso classificá-la de outra maneira: eu tinha vencido e só recordar isso me satisfazia plenamente. E assim decorreu todo aquele inverno. Oh! pelo que me respeita, nunca tinha andado tão contente… e assim andei todo aquele inverno.

Vejam: há na minha vida uma terrível fatalidade posterior que até hoje, isto é, até ao dia da catástrofe com a minha mulher, me corrói todos os dias e a todas as horas: era a perda da minha reputação e a minha expulsão do regimento. Numa palavra: é que tinham cometido uma injustiça para comigo. É certo que eu não era simpático aos meus companheiros, pelo meu caráter sério e talvez também pelo meu estranho temperamento, embora costume suceder muito frequentemente que o que este aprecia, estima e valoriza parece àquele, ao mesmo tempo, por qualquer motivo, algo de ridículo. No colégio também eu não tivera simpatias. Fui sempre antipático, e em todos os lugares. Até à própria Lukiéria o sou. O incidente do regimento, se bem que no fundo tivesse sido consequência da minha antipatia, no entanto foi ocasional. Digo isto porque não há nada mais ofensivo e insuportável que perder-se por uma casualidade, por uma casualidade que podia muito bem não se dar, por uma infeliz coincidência de circunstâncias que, se as coisas não tivessem sido assim, talvez tivessem passado despercebidas.

Para um homem inteligente, isso é precisamente humilhante. O caso passou-se deste modo:

Num intervalo dum espetáculo de teatro, eu saí para ir ao bufete. Aproximava-se também daí, nessa ocasião, o tenente de hussardos A***, e pôs-se a contar em voz alta a dois hussardos do seu regimento… pelo menos numa voz que todos os oficiais presentes podiam ouvir e o público também… que um capitão do nosso regimento, um tal Biesúmtsev, provocara um escândalo no corredor e

que “provavelmente estaria bêbado”. Foi isso o que ele disse, mas era tudo falso, porque nem o Capitão Biesúmtsev[3] estava embriagado nem provocara tal escândalo no corredor. Os hussardos começaram logo a falar de outra coisa e deram por terminado o capítulo do capitão. Mas no dia seguinte a história divulgou-se no nosso regimento, e soube-se também imediatamente que eu era o único dos oficiais do mesmo que estava presente e que não se dirigira ao Tenente A*** quando se exprimia daquela maneira inconveniente acerca do Capitão Biesúmtsev, pelo menos para fazê-lo retificar a afirmação. Mas… por que razão eu devia ter feito isso? Se havia alguma coisa contra o Capitão Biesúmtsev, tratava-se de um assunto pessoal. Por que razão havia eu de imiscuir-me nele? Mas os meus companheiros acharam que não se tratava de um assunto pessoal, mas que afetava todo o regimento; eu devia ter demonstrado com a minha conduta a todos os oficiais que se achavam no bufete, e ao público, que no nosso regimento também há oficiais muito sensíveis, capazes de defenderem a própria honra e a do seu regimento. Eu não podia estar de acordo com semelhante opinião. Deram-me a entender que ainda se poderia arranjar tudo se eu me batesse com o tenente A***. Mas eu não queria, e, como estava acalorado, neguei-me redondamente. Pedi imediatamente a reforma. Eis a história completa. Orgulhoso por fora, mas intimamente aniquilado, saí do regimento: doente da vontade, fraco de espírito. Acrescente-se a isto que o meu cunhado, que vivia em Moscou, perdeu o nosso pequeno capital, ficando eu, por consequência, sem a minha parte. De maneira que me vi na rua e sem um cobre. Podia ter ingressado no funcionalismo público; mas não quis; depois de ter envergado o brilhante uniforme militar, não me conformava com o simples uniforme de funcionário nem em entrar para o Corpo de Ferroviários. Já que tinha de haver escândalo na minha vida… bom… o escândalo, quanto mais forte, melhor… e foi isso o que eu preferi. Há depois três anos de sombrias recordações, entre eles a da Casa Viáziemski. Passado ano e meio sobre tudo isso, morreu em Moscou a minha madrinha, uma senhora velha e abastada, deixando-me, tal como a todos os outros seus afilhados, uns três mil rublos, e foi como se caíssem do céu. Isso me serviu de estímulo para refletir e decidir o meu destino. Optei pela casa de penhores, sem preocupar-me já, de maneira nenhuma, com os meus semelhantes; primeiro, fazer dinheiro; depois comprar um pequeno sitio e…

começar uma nova vida, longe de todas as velhas recordações… Era esse o meu plano… Mas nem por isso o meu passado sombrio deixava de torturar-me, e a honra para sempre perdida, todas as horas e todos os minutos da minha vida. Depois casei. Se foi por acaso ou não, não sei. Fosse como fosse, acreditei que, ao levá-la para minha casa, levava nela uma pessoa amiga, pois eu tinha necessidade de amizade. Mas compreendia muito bem que, a essa pessoa amiga, era necessário prepará-la primeiramente, educá-la, vencê-la, inclusive. E como poderia eu ter explicado tudo de uma vez, àquela criatura de dezesseis anos? Como é que, por exemplo, sem a casual ajuda daquele episódio terrível, do revólver, eu teria podido convencê-la de que não sou nenhum covarde e que no meu regimento cometeram uma injustiça contra mim ao declararem-me como tal? Mas essa catástrofe do revólver chegou na altura conveniente. Ao suportar o cano do revólver sobre a minha fonte, vinguei-me de todo o meu sombrio passado. E ainda que ninguém o soubesse, ela o soube, e isso era tudo para mim, pois nela resumia eu tudo, e ela era no meu pensamento a ilusão de todo o meu porvir. Ela era a única criatura que eu destinava para mim e não precisava de mais nenhuma. e ela já sabia tudo. Sabia, pelo menos, que não tinha feito bem em pôr-se do lado dos meus inimigos. O pensamento do meu triunfo tranquilizava-me. Eu não podia ser já um homem vulgar aos seus olhos; em última análise, talvez continuasse a ser um homem estranho; mas, depois de tudo o que acontecera, não me desagradava parecê-lo; a invulgaridade não é nenhum vício, e, até pelo contrário, costuma agradar às mulheres. Em resumo: adiei propositadamente a solução do enigma; o que tinha acontecido era, de momento, mais que suficiente para minha satisfação, e encerrava uma tão grande quantidade de visões e de alimento para os meus sonhos… Aqui é que está a vulgaridade, o ser eu, precisamente, um sonhador; a mim, os sonhos bastavam-me; e supunha também que ela podia esperar.

*

Decorreu assim todo o inverno, de certo modo como na expectativa de algum acontecimento. Agradava-me olhar para ela às furtadelas, quando estava sentada à sua mesinha. Ela se ocupava com um trabalho feminino, consertava a roupa branca durante o dia; e à

noite lia algum livro que tirava da minha pequena estante. A escolha dos livros que eu possuía depunha, de certo modo, a meu favor. Ela quase nunca saía de casa. A tarde, antes da ceia, saía todos os dias com ela a passear, para estirarmos um pouco as pernas; mas sempre no mais completo silêncio, como antes. Eu arranjava sempre as coisas de maneira que não parecesse que íamos calados e que estávamos de acordo em tudo, tacitamente; mas, como disse, evitávamos sempre todas as palavras supérfluas. Eu procedia assim deliberadamente, pensando que devia dar-lhe tempo. Mas, de uma forma ou de outra, aconteceu uma coisa interessante; nunca me ocorreu pensar que, a mim, me agradava olhar para ela às furtadelas, ao passo que ela, em todo o inverno, nunca vi que pousasse em mim os seus olhos. Creio que isso seria por timidez. E, além disso, mostrava-se tão alquebrada e pacífica e parecia tão fraca depois da sua doença… "Não, espera um pouco, homem… e vais ver como, quando menos o esperares, ela vai lançar-se nos teus braços."

Esse pensamento exercia em mim uma atração irresistível. Acrescentarei ainda uma coisa: ocorria-me às vezes excitar-me mesmo de certa maneira e pôr em tal disposição a minha razão e o meu espírito, que chegava a aborrecê-la. E nesta disposição me mantinha ainda depois por muito tempo. Simplesmente esse ódio nunca podia fixar-se na minha alma. E eu sentia, no entanto, ainda que em segredo, que aquilo era apenas uma brincadeira. E nunca, apesar de ter sido eu quem desfizera o nosso matrimônio, ao comprar aquela cama e o biombo… nunca pude pensar, nem por um momento, que ela fosse culpada. E não porque eu me tivesse proposto perdoar-lhe já desde o primeiro dia, até antes de comprar a cama. Em suma: essa era uma das minhas coisas estranhas, visto que sou moralmente severo… Pelo contrário, a meus olhos ela estava a tal ponto humilhada, que às vezes inspirava-me compaixão, embora, por outro lado, o pensamento da sua humilhação me fosse agradável, apesar de tudo. Sim, sim, agradava-me pensar na nossa desigualdade…

Nesse inverno pratiquei propositadamente muitas boas ações. Entre outras coisas, concedi a prorrogação do prazo de pagamento a dois devedores, e dei dinheiro, sem ter recebido qualquer penhor, a uma pobre mulher. A minha esposa não disse nada a respeito disso e

também não fiz nada para que viesse a saber; mas a pobre mulher veio agradecer-me espontaneamente… e pouco faltou para que se ajoelhasse na minha frente. De maneira que assim a minha mulher veio a saber de tudo; pareceu-me que lhe deu uma verdadeira alegria ouvir as frases de agradecimento da socorrida.

Entretanto, chegou a primavera; estávamos já em meados de abril e o sol lançava feixes de raios luminosos pela nossa casa. Mas a venda continuava ainda sobre os meus olhos, cegando-me. Terrível e fatídica venda essa! Como seria que, de repente, me caiu dos olhos como escamas, e, de um golpe, vi e compreendi tudo! Foi casualmente ou estava escrito, ou foi um raio de sol que acendeu, no meu espírito embotado, aquele pensamento e a verdade? Não; não houve sombra de pensamento nem de disposição de espírito premeditada, mas, de repente, alumiou-se uma velinha, uma velinha que até ali permanecera como morta, e que de repente estremeceu, reanimou-se, e iluminou toda a minha alma entorpecida e o meu diabólico orgulho, de tal maneira que me levantei, de um salto, do meu lugar. E isso sucedeu de uma maneira tão súbita, tão inesperada… Sucedeu ao cair da tarde, aí pelas cinco horas…

## II / Cai a venda

Antes de prosseguir, duas palavras ainda. Um mês antes tinha notado nela uma apreensão estranha; não era já a antiga taciturnidade, mas um ensimesmamento profundo. Isso eu percebi imediatamente. Nesse tempo sentava e, com a sua costura sobre a saia, inclinava a cabeça, e eu notava-a sem que ela reparasse. De repente percebi que ela estava muito franzina, muito fraca, com a carinha muito pálida e os lábios muito descoloridos, e tudo isso, junto àquela plácida meditação, assustou-me muitíssimo. Já antes lhe tinha ouvido uma tossezinha seca, sobretudo à noite. Levantei-me imediatamente e fui procurar Schröder, pedindo-lhe que viesse vê-la… mas sem lhe dizer nada.

Schröder veio vê-la no dia seguinte. Ela se mostrou muito surpreendida, e no seu espanto olhava alternadamente para mim e para Schröder.

— Mas se eu estou bem! — disse depois com um vago sorriso.

Schröder observou-a um tanto sumariamente — esses doutorzinhos são às vezes descuidados por pura fatuidade — e disse-me, no quarto contíguo, que não era para admirar que lhe tivessem ficado alguns vestígios da sua doença recente e que talvez fosse conveniente levá-la para passar o verão à beira-mar, ou, no caso de isso não ser possível, no campo. Em resumo: não disse nada de concreto, apenas que estava um pouco fraca ou qualquer coisa do gênero. Quando Schröder saiu, ela me disse de repente, olhando-me com uma seriedade terrível:

— Mas se eu estou boa, não sinto nada!

Ainda mal dissera isto, quando se fez corada, de vergonha, provavelmente. Era compreensível o seu rubor. Oh, agora compreendo-o: sentia vergonha de que eu fosse ainda seu marido e me preocupasse com ela, como se fosse realmente seu marido! Mas não compreendi na ocasião e atribuí o rubor ao pudor. (A venda!)

E… depois… passado um mês, uma tarde, às cinco horas, num dia claro e cheio de sol… Eu estava sentado, na loja, e, de súbito, ouço que ela, sentada no meu quarto, costurando junto de sua mesinha, canta, muito de mansinho, muito de mansinho… Foi uma coisa tão inesperada, que me fez uma enorme impressão… Até então mal a tinha ouvido cantar alguma vez, a não ser nos primeiros dias, depois de ter vindo para casa, quando ainda tínhamos disposição para atirar ao alvo, etc. Nesse tempo tinha uma voz forte e sã, e, embora por educar, extremamente agradável e vibrante. Mas, agora, aquela cançãozinha soava tão fraca… Oh, e não era que fosse triste — era não sei que romança — mas era como se aquela voz fosse quebradiça, fraca, como se aquela vozinha não se pudesse aguentar ou a própria canção estivesse doente! Cantava só à meia voz, e, de repente, numa nota mais alta, a voz quebrou-se-lhe. Que pena aquilo fazia! Tossiu um pouquinho, e tornou outra vez a cantar de mansinho, tão baixo que mal, mal se ouvia…

Hão de rir da minha agitação; mas nunca ninguém há de compreender por que me senti de repente tão agitado. Não, no

entanto, não me fez pena… Era outra coisa completamente diferente. A princípio, pelo menos nos primeiros momentos, acometeu-me de repente uma impossibilidade de compreensão, um assombro enorme, foi isso mesmo, um assombro terrível e estranho, doentio e quase místico: “Canta na minha presença. É possível que tenha esquecido de mim?”.

Muito comovido, continuei no meu lugar. Depois, de repente, pus-me de pé, de um salto, peguei no chapéu e saí de casa, de certo modo sem me aperceber do que fazia. Pelo menos não sei onde fui, nem por que saía de casa. Lukiéria trouxe-me a capa.

— Está cantando? — perguntei-lhe involuntariamente. Ela não me compreendeu, e olhou-me; assombrada; na verdade, era incompreensível. — É a primeira vez que canta?

— Não, quando o senhor não está em casa, costuma cantar — respondeu-me Lukiéria.

Lembro-me no entanto de que desci as escadas, saí para a rua e segui adiante, direto, até chegar a uma esquina, e ali me detive e fiquei parado, olhando muito fixo não sei para onde. As pessoas passavam por mim acotovelando-me; mas eu nem dava por isso. Chamei um *drójki*[4] e disse ao cocheiro que me levasse ao posto da Polícia; não sei por que lhe indiquei esse endereço. Mas de repente apeei-me da carruagem e dei ao cocheiro uma moeda de vinte.

— Pelo incômodo — disse-lhe, sorrindo de um modo surdo; mas no meu coração ergueu-se de súbito um alvoroço da embriaguez.

Voltei para casa num passo apressado. Aquela pobre cançãozinha mansa e quebrada tornou a soar, de súbito, na minha alma. O meu coração sobressaltou-se. A venda caiu, caiu dos meus olhos. Se ela se tinha posto a cantar na minha presença, era porque me esquecera, isso eu percebia muito bem, e era o que eu temia… Senti isso no meu coração. Mas o entusiasmo enchia a minha alma e podia mais que o temor.

Oh, ironia do destino! Ainda que em todo aquele inverno não tivesse havido… não tivesse podido haver mais do que esse momento

de entusiasmo, aquele arroubo… Mas onde eu tinha estado durante todo aquele inverno? Tinha estado verdadeiramente em mim? Subi rapidamente as escadas e não me lembro se entrei timidamente. Só me lembro que todo o chão parecia flutuar debaixo dos meus pés, como um mar, e que eu me sentia como se flutuasse sobre uma corrente caudalosa. Entrei no quarto; ela estava sentada no mesmo lugar, costurando, de cabeça baixa; mas já tinha parado de cantar. Lançou-me um leve olhar indiferente; mas nem sequer foi isso um olhar, apenas um movimento, como de quando entrava ali alguém.

Dirigi-me para seu lado e sentei-me numa cadeira, muito juntinho a ela, como um louco. Ela me dirigiu um olhar rápido, como se eu a tivesse assustado; peguei-lhe na mão. Não me lembro já do que lhe disse ou do que lhe quis dizer, pois nem sequer podia falar. A voz fugia-me sempre e negava-se a obedecer-me. E também não sabia o que queria dizer; faltava-me o ar.

— Falemos… Vamos… diz-me qualquer coisa! — exclamei de repente, balbuciando qualquer tolice deste gênero. Oh, não iria fazer nenhum discurso! Ela estremeceu e afastou a cara, assustada, ficou depois a olhar-me fixamente com aborrecimento, e, de súbito, nos seus olhos assomou uma expresão de grave assombro. Sim, de assombro, e de assombro cheio de gravidade! Contemplava-me com uns olhos muito abertos. Aquela seriedade, aquele grave assombro acabaram por me aniquilar, de um golpe.

“De maneira que ainda queres amor? Amor?”, era o que vinha perguntar-me de súbito aquele assombro, enquanto ela permanecia calada. Mas eu lia tudo nos seus olhos, tudo. Todo o meu ser tremia e atirei-me aos seus pés. Ajoelhei-me diante dela. Ela se pôs de pé, de um salto, mas eu segurei-a com ambas as mãos, com todas as minhas forças.

E compreendi completamente o meu desespero! Compreendi… Mas, querem acreditar? O ímpeto do meu coração era tão irresistível que eu julgava morrer. Tomado de desespero e de felicidade, beijei-lhe os pés. Sim, de uma felicidade sem limites, infinita, e compreendendo ao mesmo tempo todo o meu desespero sem esperança. Eu chorava, não sabia o que dizia, não conseguia mesmo falar. O medo e o

assombro abandonaram-na subitamente, impelidos por algum pensamento sério, por uma pergunta terrível, e olhou-me de maneira estranhíssima, quase cruel; esforçou-se por compreender mais depressa alguma coisa e… começou a rir. Sentia uma vergonha horrível de que eu lhe beijasse os pés e afastava-os de mim; mas eu, então, continuei a beijar o lugar do chão onde os seus pés tinham pousado. Ela viu isso e de repente começou a rir de vergonha (já sabem como as pessoas riem quando se sentem envergonhadas). Então a histeria — vi-o muito bem — começou a fazer-lhe cócegas nas mãos; mas eu não reparei nisso e continuei a murmurar-lhe, dizendo-lhe que lhe queria muito, que não levantaria dali… "Deixa-me apenas beijar a tua roupa… passar toda a minha vida a adorar-te…" Não sei que mais, não me lembro de mais… e, de súbito, ela desatou aos soluços e a estremecer; um ataque de nervos terrível. Eu a tinha assustado.

Levei-a para a cama. Assim que o ataque passou, soergueu-se, ficou a olhar-me como que indecisa, e por fim pegou-me nas mãos e pediu-me que me tranquilizasse. "Sê bom, não te aflijas, sossega." E pôs-se outra vez a chorar. Permaneci toda a noite a seu lado. Disse-lhe que pensava levá-la a Boulogne-sur-Mer, para que tomasse banhos de mar, em breve, imediatamente, o mais tardar dentro de duas semanas; que estava com a voz um pouco enfraquecida, como verificara naquela tarde; que pensava fechar a casa de penhores e traspassá-la a Dobronrávov; que começaríamos uma vida nova, mas que, antes de mais nada… era preciso ir para Boulogne, para Boulogne!; disse tudo isto de afogadilho. Ela me ouvia e parecia assustada. E cada vez era maior o seu medo. Mas o mais importante, para mim, era lançar-me aos seus pés, num ímpeto irreprimível, e teimar em beijar o lugar do chão em que ela os pousara e adorá-la; e "nunca te pedirei mais nada, nunca — repetia-lhe a todo o momento — não me respondas nada, não te preocupes comigo; deixa-me só contemplar-te deste cantinho; faz de mim o teu escravo, o teu cãozinho"… Ela chorava.

— E eu a pensar que tu ias simplesmente deixar-me! — exclamou de repente, contra sua vontade, de maneira que talvez nem ela mesma se apercebeu do que dizia, quando, afinal, essa era a frase mais importante, mais decisiva, de todas as suas, e, para mim, a mais esclarecedora, naquela noite, e foi como se me tivesse cravado um

punhal no coração.

Aquela frase explicou-me tudo, tudo; mas enquanto ela estava ali, em minha casa, diante dos meus olhos, eu esperava com uma fé inquebrantável e era indescritivelmente feliz. Oh! eu tinha-a cansado muito naquela noite, e sabia-o; mas sempre julguei poder reparar tudo depois. Até que por fim, era já noite alta, se aquietou, completamente esgotada; supliquei-lhe que dormisse e ela adormeceu quase imediatamente. Permaneci à sua cabeceira e receava que delirasse; e chegou a delirar, mas frouxamente. Durante a noite levantava a cada momento e aproximava-me para contemplá-la na ponta dos pés. Ergui as minhas mãos por sobre ela, ao ver aquela criatura doente, naquela cama de ferro, que me custara três rublos. Prostrei-me de joelhos, mas não me atrevi a beijar-lhe os pés… sem a sua permissão. Quis rezar, mas não pude; de repente, levantei-me de um salto. Lukiéria olhava para mim, espantada, e, da cozinha, encaminhava-se lentamente para mim. Fui ao seu encontro e disse-lhe que se fosse deitar, que na manhã seguinte começaríamos uma vida diferente.

Eu próprio acreditava nisso… acreditava, cego, louco, pobre de mim! Oh, a embriaguez, a embriaguez tinha-se apoderado da minha alma! Desejava ansiosamente que amanhecesse. Sobretudo, não receava nenhuma desgraça, apesar dos sintomas. Eu ainda não tinha recuperado completamente a sã razão, apesar da venda já ter caído, e demorei ainda muito tempo, muito, a recuperá-la… Oh, até o dia de hoje, até mesmo hoje ainda não a recuperei! Sim, e como também não podia tê-la recuperado, então! Então ela ainda estava viva, tinha-a ali, diante dos meus olhos, e eu estava diante dos seus.

“Amanhã acordará, e então hei de dizer-lhe tudo, e ela compreenderá tudo.” Era isto o que eu pensava então, de uma maneira tão simples e tão clara: ainda a embriaguez! O principal era essa viagem a Boulogne. Não sei por que, acreditava que Boulogne seria a salvação. “Para Boulogne, imediatamente para Boulogne!…” Esperava pela manhã, ansiosamente.

## III / Compreendo demasiado

Isso foi, no entanto… há uns dois dias; não, há cinco, cinco, ao todo, no mês passado. Não, não; bastava que ela tivesse esperado um momento… eu teria desfeito as trevas… Ela não tinha, até certo ponto, recuperado a tranquilidade? Entretanto, no dia seguinte escutou-me com um sorrizinho, apesar da sua perturbação… Sim, era isso; durante todo aquele tempo, nesses cinco dias, não mostrou perturbação nem aborrecimento. Mas tinha muito medo, sim, muito medo. Bem, eu não digo nada, não quero contradizer-me como um louco; aquilo era medo. E como ela podia não ter medo? A tal ponto nos tínhamos tornado estranhos um para o outro, tínhamo-nos desacostumado, e, de repente, tudo aquilo… Mas eu não reparava no seu medo: o futuro sorria-nos. É verdade, indubitavelmente verdade: eu cometi um erro. E pode ser que não fosse um só, mas muitos. Naquela manhã mesmo, ainda mal tínhamos despertado, isto é, no dia seguinte, quarta-feira… cometi um grande erro: tornei-a logo minha confidente. Simplesmente, procedi nisso com demasiada pressa, com demasiada pressa; mas a confissão era necessária, inevitável. Ah, o que eu chamo "confissão"! Era algo mais! Não escondi dela nem sequer aquelas coisas que toda a minha vida ocultara de mim mesmo. Falei-lhe com a mais absoluta franqueza. Declarei-lhe que todo aquele inverno tinha estado convencido do seu amor. Declarei-lhe que a casa de penhores era apenas consequência da minha frouxidão de vontade e de espírito, da minha ideia pessoal de autosupliciação e de tortura própria. Confessei-lhe que, daquela vez, no bufete, tinha de fato perdido a coragem, devido simplesmente ao meu caráter, à minha pouca confiança em mim mesmo, por assim dizer; que o público me intimidara, assim como este pensamento: "Se me ponho em evidência… não irão todos rir de mim?". Eu não tinha medo do duelo, mas do fato de que pudessem rir disso… E que, depois, não o tinha querido confessar a mim próprio e por isso sofrera e fizera sofrer os demais, e a ela também, a ela, com a qual casara apenas para fazê-la sofrer. Falei-lhe durante muito tempo, como num delírio. Ela me pegou nas mãos e pediu-me que não continuasse. "Exageras as coisas… Afliges-te…" E recomeçou de novo a chorar, e por pouco que não tornava a ter outro ataque. Não deixava de insistir para que eu não continuasse a falar e nem sequer pensasse nessas coisas.

Eu não liguei importância ao que ela me pedia, ou muito pouca;

pensava na primavera, em Boulogne. Aí brilha o sol, o nosso novo sol! E só lhe falava disso. Fechei a loja e entreguei tudo a Dobronrávov. Propus imediatamente à minha mulher dar tudo aos pobres, menos os primeiros três mil rublos que herdara da minha madrinha, e irmos com eles para Boulogne… "e depois — disse-lhe — voltaríamos e começaríamos uma nova vida de trabalho". Concordou com isto, pois não me contradisse de maneira nenhuma… Sorria simplesmente. Creio que sorria sobretudo por ternura, para não me aborrecer. Percebia bem, no entanto, que, para ela, eu constituía um fardo: não julguem que eu era tão tolo e me tivesse tornado tão egoísta que não visse isso. Eu via tudo, tudo, até ao mais insignificante pormenor, e sabia tudo melhor que ninguém: todo o meu desespero estava claro, diante dos meus olhos!

Eu não falava de outra coisa senão dela e de mim. Contava-lhe que chorara… Oh, no entanto, mudava de conversa, esforçava-me por não mencionar certas coisas! E ela animava-se também de quando em quando… lembro-me disso; e via tudo muito bem, sem perder um pormenor. O quê? Que diz o senhor, que eu via tudo e, no entanto, não reparava em nada? Se não fosse assim, tudo teria corrido bem. Não haverá ainda três dias, ela me contou, quando falávamos os dois de leituras, isto é, do que ela lera no inverno… Contou-me tudo muito contente e quanto a tinha divertido a cena de Gil Blas com o arcebispo… Como ela ria! E que riso tão infantil, tão encantador… exatamente como antes, como quando ainda éramos noivos! Um momento, um momento! Como eu estava vaidoso! Ainda mais, aquilo do arcebispo deixou-me assombrado: de maneira que, em pleno inverno, quando estava ali sentada, sozinha, tinha desfrutado da paz de alma suficiente para lhe permitir rir ao ler um *chef-d'oeuvre*?[5] Mas depois chegara quase a acreditar firmemente que eu ia abandoná-la… "E eu que julgava que tu ias, simplesmente, abandonar-me", tinha-lhe escapado, naquela terça-feira. Oh, a fantasia de uma criaturinha de dezesseis anos! E ela acreditava, no entanto, acreditava seriamente, que eu, na realidade, ia simplesmente deixar as coisas assim: ela junto da sua mesinha, e eu junto da minha, e assim até aos sessenta anos. E de repente… tornava a surgir eu, eu, o macho, e o macho precisa de amor! Oh, a minha cegueira, a minha incompreensão! Ai, por que não me teria eu informado bem! Ai, por que estaria tão cego!

Cometi, além dessa, outra inépcia, que foi ficar em êxtase, olhando para ela: deveria ter-me dominado, pois esses êxtases metem medo, naturalmente. Mas ainda consegui dominar-me para não lhe beijar os pés. Nem uma só vez deixei transparecer que… bem, que sou homem… Oh, nem sequer me lembrava de tal coisa; adorava-a unicamente! De repente disse-lhe que me encantava conversar com ela e que espiritualmente a tinha por incomparavelmente mais culta e desenvolvida do que eu. Ela corou terrivelmente e, um pouco confusa, disse-me que eu exagerava. Então eu, também estupidamente — não podia conter-me —, confessei-lhe como me encantara assistir naquela tarde passada, escondido atrás da porta, a sua luta, a luta da inocência com aquele miserável, e até que ponto me entusiasmaram a sua esperteza, as suas respostas tão engenhosas, apesar de toda a sua bondade infantil. Todo o seu corpo tremia; balbuciou outra vez, dizendo que eu exagerava, e de repente cobriu o rosto com as mãos e rompeu em soluços… Mas nem assim eu me contive: voltei a prostrar-me a seus pés e a beijá-los, e outra vez voltou a dar-lhe um ataque de nervos, como nessa outra quarta-feira. Isso foi ontem, à noite, e no dia seguinte…

No dia seguinte? Louco, esta manhã era já hoje, há menos ainda, ainda menos, há pouquíssimo tempo!

Ouçam-me e vejam se compreendem: quando nos reunimos há pouco para tomar chá — portanto, depois do ataque de ontem à noite — fiquei surpreendido com a tranquilidade dela, isso fiquei. Mas eu tinha passado a noite a tremer perante as consequências do último episódio. De repente ela se aproxima de mim, põe-se na minha frente com as mãos juntas… dizendo que é uma criminosa, que sabe isso muito bem, que durante todo o inverno se afligiu com o seu crime e que ainda agora a aflige… que aprecia muitíssimo a minha generosidade e… “serei a tua fiel esposa e saberei amar-te”… Eu, quando ouvi isto, dei um salto e, como um louco, corri a abraçá-la. Beijei-a, beijei-a no rosto, beijei-a nos lábios, beijei-a como beija um marido depois de uma longa separação! E por que não teria eu providenciado antes… no máximo, duas horas antes… o nosso passaporte para o estrangeiro? Oh meu Deus! Bastava que tivesse regressado cinco minutos antes! E agora, toda essa gente reunida

diante do prédio, todos esses olhares que se voltam para mim… Meu Deus! Lukiéria disse… Ah, por nada deste mundo deixarei partir Lukiéria, por nenhum preço! Ela sabe tudo, ela esteve presente todo este inverno, ela há de contar-me tudo! Diz que, aproximadamente uns vinte minutos antes do meu regresso, foi ao quarto ter com a sua senhora, para perguntar-lhe uma coisa, já não sei o quê, e que viu que ela estava ali e tinha o seu ícone (a tal imagem da Virgem) na sua frente, na mesa, e que a senhora parecia rezar-lhe.

— Tem alguma coisa, minha senhora?

— Nada, Lukiéria, deixa-me… Espera, Lukiéria — aproximou-se dela e beijou-a.

— Já está mais contente, agora, minha senhora? — perguntei-lhe.

— Sim, Lukiéria.

— Sim, sim, há muito tempo já que o senhor devia ter pedido perdão à senhora… Graças a Deus que já fizeram as pazes.

— Está bem, Lukiéria, está bem — disse ela —, mas agora deixa-me — e sorriu de uma maneira, sim, de uma maneira estranha… tão estranha que, passados dez minutos, Lukiéria voltou para ver a senhora.

— Olho e vejo-a de pé, encostadinha à parede, muito próxima da janela, apoiada numa mão, a pensar, a pensar. E tão pensativa estava que não me sentiu entrar nem reparou que eu, no outro quarto, estava a vê-la. Olho para ela e parece que sorri, que medita e sorri. Eu observei-a durante um momento e depois dei meia volta nas pontas dos pés e retirei-me, também um pouco pensativa, quando, de súbito, ouvi abrir a janela. Corri para lá, para dizer-lhe: “Tenha cuidado, minha senhora, que está frio e pode constipar-se”…, quando, de repente, a vejo subir para o parapeito da janela e erguer-se de pé, ali, a toda a sua altura, de costas voltadas para mim e segurando o ícone nas mãos. Tive um pressentimento e gritei: “Minha senhora, minha senhora!”. Ela me ouviu, fez menção de se voltar para me olhar; mas não chegou a voltar-se e… lançou-se no espaço com o ícone apertado contra o peito… e estatelou-se na rua.

Lembro-me apenas de que, quando cheguei em casa, ela ainda estava quente. E de que toda a gente olhava para mim. A princípio gritavam e falavam, e de repente todos se calaram e… retrocederam perante mim; e… foi então que eu a vi caída no chão com a imagem. Só me lembro, como que através de um denso nevoeiro, de que me aproximei dela em silêncio e fiquei durante muito tempo olhando para o vazio. E que todos me rodeavam e me diziam qualquer coisa. Lukiéria também devia estar ali; mas não sei, não a vi. Ela disse que falou comigo. Só me lembro daquele camponês, que me dizia constantemente: "Só deitou pela boca uma colherzinha de sangue, uma colherzinha", e virado para mim, apontava sempre para aquele pouquinho de sangue sobre a pedra. Parece-me que toquei aquele sangue com o dedo; os meus dedos ficaram manchados, quedei-me a olhá-los, disto lembro-me muito bem. Mas ele não se cansava de gritar: "Uma colherzinha, uma colherzinha, uma colherzinha".

— De que colherzinha está aí falando? — julgo que gritei, de repente, mal-humorado. Dizem que ergui as mãos e que fiz até menção de me atirar a ele…

— Oh loucura! Oh incompreensão! Oh inverossimilhança! Oh impossibilidade!

## IV / Apenas por cinco minutos de demora, no máximo

O quê? Então isso é verossímil? Poderia isso ser possível? Ah! acreditem-me: eu sei muito bem; mas por que ela se matou? Para sempre ficará sem resposta esta pergunta. O meu amor assustou-a; ela perguntou a si mesma, conscienciosamente: "Devo ou não devo aceitá-lo?", não pôde suportar essa pergunta e optou pela morte. Já sei, já sei que é absurdo cansar a cabeça a resolver esse problema; tinha prometido demasiado, assustou-se; receou não poder cumprir… Está claro. Estas são as razões, as terríveis razões…

Mas por que havia de morrer? Eis aqui a eterna pergunta. Esta pergunta martela-me o cérebro, martela, martela… Eu a teria deixado em paz, se ela quisesse simplesmente que eu a deixasse em paz. Mas

ela não podia crer nisso, eis tudo! Não, não minto; não era nada disso. Mas precisamente porque era preciso ser honesto comigo: amar, amar, amar com todas as forças da alma, mas não como ela teria amado o comerciante. Mas ela era demasiado honesta, demasiado pura, para contentar-se com um amor como aquele de que precisava o merceeiro; não queria enganar-me dessa maneira. Não queria enganar-me com um meio amor, ou com uma quarta parte de amor, fazendo-me acreditar que era amor verdadeiro. As- pessoas como ela são fundamentalmente demasiado honestas para isso. Não sabem que eu tinha querido incutir-lhe generosidade? Estranha ideia essa!

Seria de extraordinário interesse, no entanto, saber se ela, de maneira geral, me apreciava. Eu não saberia dizer se ela me estimava ou desprezava. Não julgo que me desprezasse. Coisa estranha: por que motivo nem uma só vez durante todo este inverno me ocorreu pensar que ela podia desprezar-me? Muito longe disso, estava convencidíssimo do contrário, até aquele mesmo instante em que ela, de repente, me olhou com um grave assombro. Grave, precisamente. Então é que eu compreendi, de súbito, que ela me desprezava. Compreendi, definitivamente, para todo sempre. Ah, está bem, está bem; mas, no fim de contas, quanto a mim, que me tivesse desprezado durante toda a sua vida… contanto que vivesse, contanto que vivesse! Que estivesse aqui, às voltas pela casa, que me falasse! Não compreendo, verdadeiramente, como é que ela pôde atirar-se da janela. Como é que eu podia tê-lo imaginado cinco minutos antes? Chamo Lukiéria. Oh, agora não deixarei que Lukiéria se vá embora, por nada deste mundo, por nada deste mundo!

Ainda podíamos ter chegado a entender-nos, visto que já nos tínhamos reconciliado. Simplesmente tínhamos andado todo o inverno tão afastados um do outro… Mas não teríamos podido, depois, aproximarmo-nos? Por que, por que não havíamos de poder refazer o nosso matrimônio e recomeçar uma nova vida? Eu sou generoso, e ela também o era… Isso era já um ponto de contato. Duas palavras ainda, há dois dias apenas… nada mais do que isso teria sido preciso, e ela teria compreendido tudo. Mas o mais irritante é que tenha sido tudo obra do acaso… do acaso vulgar, bárbaro, cego. Isso é que é como um insulto. Cinco minutos ao todo, só cinco minutos no total, foi quanto

eu me atrasei. Se tivesse chegado em casa cinco minutos antes… aquilo teria passado como uma nuvem e nunca mais lhe aconteceria. E, por fim, teria compreendido tudo. Mas agora o quarto está outra vez vazio, encontro-me de novo sozinho. Ali está o relógio com o seu tique-taque; para ele tudo é indiferente; nada lhe dói. Não tenho ninguém comigo… esta é a desgraça!

*

Não faço mais nada senão andar de trás para diante, de um lado para outro. Já sei, já sei; não me digam nada; riem ao ver que eu ponho a culpa no acaso e nos cinco minutos. Pensem apenas uma coisa: ela nem sequer deixou escritas umas linhas dizendo isso de "ninguém seja culpado da minha morte", como fazem todos os suicidas. E devia imaginar que até podíamos, depois, suspeitar de Lukiéria… "Estavas só com ela, portanto foste tu quem a atiraste pela janela." Pelo menos teriam podido incomodar Lukiéria se não houvesse quatro testemunhas que a viram, das suas janelas, trepar para o parapeito com o ícone e atirar-se dali. Entretanto, foi um puro acaso aquelas quatro pessoas terem visto. Não; tudo… foi só coisa de um momento, simplesmente de um momento caprichoso, no qual não lhe foi possível aperceber-se do que fazia… um acontecimento súbito e fantástico. Quem diria que ela tinha estado a rezar à imagem? Não significa nada que ela antes da morte… Talvez aquele momento só durasse ao todo uns miseráveis dez minutos; tomou aquela resolução precisamente quando, com a cabeça apoiada na mão, estava de pé junto da parede e sorria. Foi de repente que lhe ocorreu aquela ideia, que lhe deu uma vertigem… e que não pôde resistir-lhe.

Digam o que disserem… foi um aparente mal-entendido. Teria podido muito bem, apesar de tudo, comigo… Mas como? E se fosse por causa da anemia? Simplesmente, por anemia, por esgotamento da energia vital. Tinha entristecido este inverno. Sim, foi isso!

Cheguei demasiado tarde.

Como fica pequenina no seu caixão, como se lhe afilou o narizinho! As suas pestanas parecem agulhinhas! E de que maneira tão estranha ela caiu… não se magoou, nem ficou absolutamente nada

desfigurada. Apenas aquela “colherzinha de sangue”, só uma colherzinha. Hemorragia interna.

Coisa estranha… e se fosse possível não enterrá-la? Porque, quando a levarem… Oh, não, não; isso é impossível! Oh! Já sei que têm de levá-la, não estou louco nem deliro, pelo contrário… Nunca estive tão lúcido; mas como é possível que isso aconteça! Outra vez sem ninguém em casa; outra vez dois quartos, e de novo eu só com os clientes… Febre… sonho febril… Isto é um sonho de febre. Torturei-a até causar-lhe a morte, eis tudo. Que significam agora, para mim, as vossas leis, os vossos costumes, o vosso Estado, a vossa fé? Que me julguem os vossos juízes; que me obriguem a comparecer perante os vossos tribunais, diante dos vossos jurados, e eu direi que não os reconheço! O juiz vai gritar para mim: “Cale-se, oficial!”. Mas eu responderei “De onde tiras tu um poder que eu possa acatar? Por que razão o destino poderoso destruiu aquilo que eu mais apreciava? Que me importam agora as vossas leis? Desligo-me de vós”. Oh, a mim, tudo me é indiferente!

Cega, cega que tu foste! Morta… Ela não ouve nada… Não sabes o paraíso que eu podia proporcionar-te! O paraíso estava na minha alma, onde eu o tinha posto para ti. Não me amavas? Bem, e então? Assim era agora e assim teria continuado sempre. Contanto que me tivesses olhado como a um amigo… e teríamos alegria juntos e olharíamo-nos alegremente nos olhos. E assim teríamos vivido, simplesmente… E se tu chegasses a gostar de outro… Ora qual, a gostar! Terias partido e rido com ele, e eu teria olhado para ti simplesmente do outro passeio… Ah, tudo, tudo! Contanto que ela pudesse abrir os olhos novamente. Só por um instante, apenas por um momentinho, nada mais! Que me olhasse como há pouco, quando estava diante de mim e me jurava que seria a minha mulherzinha fiel! Ah, bastava um olhar para ela compreender tudo!

Que fatalidade! Oh, a natureza! As pessoas estão sós no mundo… esta é a grande infelicidade! “Manifesta-te, passado remoto, e dize-me se no teu âmago vive algum mortal!”, exclamou outrora, segundo os nossos sábios afirmam, nos tempos antigos, o herói russo da lenda. Assim exclamo eu agora, eu que não sou nenhum herói; mas ninguém me responde. O sol, quando nasce, é para todos. O sol, quando

nasce… Mas olhem: não será, por acaso, um cadáver? Não estará morta? Sim, está tudo morto e por todos os lados há somente cadáveres. Só os homens existem ainda rodeados de silêncio… Eis o que é a terra! “Homens, amai-vos uns aos outros.” Quem disse isso? Quem o ordenou? Tique-taque; tique-taque, tique-taque, faz o relógio, insensível, antipático… São duas da madrugada. Os seus sapatinhos estão ainda diante da cama; tal como se estivessem à espera dela… Não, imagino sério, quando vierem amanhã e a levarem… que vai ser de mim?

**1** John Stuart Mill (1806-1873). Filósofo, polígrafo e economista inglês, livre-cambista e malthusiano. O seu livro, *Principles of political economy*, é um dos clássicos da Economia.↩

**2** Albergue noturno, de categoria inferior.↩

**3** Literalmente: sem juízo, desatinado.↩

**4** Carruagem leve. Este vocábulo russo emprega-se unicamente no plural.↩

**5** … obra-prima?↩

# O sonho de um homem ridículo

# O sonho de um homem ridículo
# (narrativa fantástica)
# (1877)

## Primeiro

Sou um homem ridículo. Agora já quase me têm por louco. O que significaria ter ganho em consideração, se não continuasse sendo um homem ridículo. Mas eu já não me aborreço por causa disso, agora já não guardo rancor a ninguém e gosto de toda a gente, ainda que riam de mim… sim, senhor; agora, não sei por quê, mas sinto por todos os meus próximos uma ternura especial. Teria muito gosto em acompanhá-los no vosso riso… não precisamente nesse riso à minha custa, mas sim pelo carinho que me inspiram, se não me fizesse tanta pena vê-los. É pena que não saibam a verdade. Oh, meu Deus! quanto custa isso de ser um só a saber a verdade! Mas isto eles não compreendem. Não, nunca compreenderiam isto.

A princípio fazia-me sofrer muito a ideia de parecer ridículo. Não parecer, mas ser. Eu sempre fui ridículo, e já sabia disso talvez desde que nasci. Talvez já aos sete anos eu me apercebesse perfeitamente de que era ridículo. Depois fui para a escola, e a seguir para a Universidade; mas… quanto mais aprendia, mais obrigado me via a reconhecer a minha condição de criatura ridícula. De maneira que todos os meus estudos universitários não tinham outro objetivo senão demonstrar e explicar a mim próprio, nas minhas meditações, que eu era um ser ridículo. E, na vida, acontecia-me o mesmo com a ciência. Todos os anos aumentava e se fortalecia em mim o conhecimento da minha condição ridícula, em todos os sentidos. Toda gente ria de mim. Mas ninguém sabia, nem suspeitava sequer, que, se existia no mundo um homem que soubesse melhor do que todos eles como eu era ridículo, esse homem era eu próprio. E era precisamente isso o que mais me enraivecia: que não o soubessem. Mas disso a culpa era minha. Fui sempre tão orgulhoso que por nada deste mundo o teria confessado a ninguém. E esse orgulho ia crescendo também em mim com os anos, e se eu me tivesse permitido confessar a alguém, fosse a

quem fosse, espontaneamente, que era um homem ridículo, teria imediatamente metido um tiro na cabeça, na tarde desse mesmo dia. Oh, quanto me fez sofrer, na minha mocidade, o medo de não poder talvez conter-me e de dizer isso de repente, eu próprio, aos meus companheiros! Mas, com o andar do tempo, quando me tornei um rapazote e, apesar de continuar reconhecendo cada vez melhor todos os anos essa terrível condição minha, fui-me sentindo cada vez mais tranquilo… não sei por quê… precisamente por alguma razão que ainda hoje ignoro. Talvez por, nessa altura, se ter introduzido na minha alma o receio perante determinado conhecimento que humanamente era mais elevado que o meu eu… e que foi a convicção adquirida de que tudo neste mundo é, afinal, uno.

Já fazia muito tempo que eu pressentira isso; mas a convicção plena só assentou no meu espírito no último ano e de uma maneira súbita. Senti de um momento para o outro que para mim tudo era indiferente, que tanto me fazia que o mundo existisse como não. Pouco a pouco ia vendo e sentindo que não havia nada fora de mim. Parecia-me que, de fato, a princípio tinham existido muitas coisas; mas adivinhei igualmente depois que antes também não tinha havido nada, e que se assim me parecera foi por alguma razão. E, pouco a pouco, fui-me convencendo que daí para diante também não haveria nada. A partir dessa altura até agora deixei de preocupar-me mais com os mortais e quase não voltei a dar-lhes atenção. O que não tardou a refletir-se sobre as coisas mais insignificantes, pois ocorria-me, por exemplo, quando andava pelas ruas, dar encontrões em toda a gente. E não se julgue que era por ir afundado em meditações; isso não podia ser, porque eu já tinha deixado de pensar em tudo; tudo me era indiferente. Ainda se ao menos me tivesse entregue à resolução de problemas! Mas não; nem um só resolvi na minha vida, e, isso, com eles existindo em abundância. Mas como tanto me fazia, os problemas afastavam-se de mim sozinhos.

E mais para adiante, de repente, soube a verdade. Soube a verdade no último mês de novembro, precisamente a três de novembro, e desde então não se apagou da minha memória nenhum pormenor da minha vida. Foi numa noite tão escura, tão escura como nunca vi outra tão tenebrosa. Voltava para casa, aí pelas onze horas

da noite, e ainda me lembro que ia pensando em que não poderia haver noite mais escura e mais sinistra. Até em sentido físico. Tinha chovido o dia inteiro; mas uma chuva extremamente fria e aborrecida; uma chuva dessas que deprimem o ânimo a tal ponto que ainda me lembro de sentir hostilidade contra os homens. E, de repente, a chuva parou e passou a sentir-se uma umidade terrível, ainda mais úmida e mais fria que a chuva, e de todos os lados levantou-se uma espécie de névoa que surgia de cada pedra da rua e de cada esquina, quando, ao passar, uma pessoa se punha a olhar a rua de longe. Ocorreu-me de repente pensar se os lampiões teriam se apagado; seria muito melhor, porque com as luzinhas do gás tudo se tornava mais triste, pois a luz deixava ver tudo. Eu mal comera naquele dia e desde o escurecer que tinha estado em casa dum engenheiro. Não tinha aberto a boca durante todo esse tempo e calculo que a minha presença os aborrecesse. Falavam não sei de quê, e, de repente, começaram a disputar, enredando-se na discussão. Mas, no fundo, nada daquilo os interessava, de maneira nenhuma, o que eu já sabia, e se as coisas esquentavam era só por esquentarem. Eu, de repente, fui e disse-lhes: “Deixem-se de discussões, que isso, para vocês, vem tudo a dar no mesmo”. Eles, em vez de o levarem a mal, não fizeram mais nada senão rir de mim. Porque eu não lhes tinha dito aquilo em ar de censura, mas porque tudo me era indiferente. Eles percebiam claramente que para mim tudo era indiferente e achavam graça no caso.

Enquanto eu, pelas ruas, ia pensando na extinção dos lampiões, pensei em erguer os olhos ao céu. Estava tremendamente escuro, mas distinguiam-se com toda a nitidez umas grossas nuvens claras, que por ele vogavam, desgarradas, desfeitas, e entre elas, no espaço vazio, grandes manchas negras. De súbito descobri numa dessas manchas uma estrelinha. Parei e pus-me a observá-la, atento. Fiz isso unicamente porque aquela estrelinha me sugeriu uma ideia: decidi meter um tiro no corpo nessa mesma noite. Já dois meses atrás o tinha decidido assim solenemente, e, apesar de estar tão mal de dinheiro como estava, arranjara um bonito revólver, o qual tinha carregado naquele mesmo dia. No entanto, tinham já passado dois meses e o tal revólver continuava na minha gaveta; tão indiferente me era tudo, que queria esperar por um momento em que assim não fosse, embora

ignorasse o motivo desse adiamento. E, quando voltava para casa todas as noites, durante esses dois meses, julgava que ia ser essa a noite em que eu dava o tiro. Estava sempre à espera do momento. E, de repente, aquela estrelinha sugeriu-me a ideia e resolvi sem apelo meter a bala no corpo nessa noite. Não sei é por que a estrelinha teria me sugerido tal ideia.

Mas sucedeu que, enquanto olhava o céu, uma menina me acotovelou. A rua estava já deserta, completamente deserta, e não se via viva alma por aqueles arredores. Apenas ao longe um cocheiro de *drójki* dormia sobre a boleia. Pode ser que a tal menina tivesse apenas oito anos; trazia um vestidinho muito fino; como agasalho trazia apenas um lenço; estava completamente encharcada pela chuva; mas o que mais me chamou a atenção foram os seus sapatinhos, rotos e molhados, de tal maneira que ainda tenho a impressão de olhar para eles. Saltaram-me à vista, de um modo estranho. De repente, a pequena bateu-me no braço e gritou não sei quê. Não chorava, mas proferia algumas palavras, que não podia articular bem por causa do frio, como num ladrido, e todo o corpo lhe tiritava. Estava tão assustada, era tal o seu medo, que no seu desespero não fazia mais senão balbuciar e gritar sempre o mesmo: “Mã! Mã!”. Voltei-me para olhá-la, mas não disse nada e segui o meu caminho; ela saiu correndo atrás de mim, puxando-me constantemente pelo braço e gritando nesse tom que, nas crianças assustadas, denota o desespero. Conheço esse tom. Ainda que a pequenina não exprimisse claramente o seu conflito por palavras, compreendi que a mãe estaria a morrer em casa ou que ali devia ter acontecido outra desgraça horrível, e que ela saíra de casa para pedir o auxílio de algum transeunte, a fim de encontrar alguma coisa com que socorrer a mãe. Mas eu não segui na direção que ela me indicava, e até, pelo contrário, comecei a afugentá-la do meu lado. A princípio disse-lhe que ia procurar um guarda-notumo. Mas ela abriu as duas mãos, implorante, e continuou a correr atrás de mim, soluçante, ansiosa. Parecia que tinha medo de perder-me. Eu então me adiantei e, de repente, bati com o pé no chão, e ela deu um grito. Gritava angustiosamente: “Meu rico senhor, meu rico senhor!…”. Mas depois parou e, de repente, saiu correndo pelo meio da rua, onde se via um vulto, deixando-me para ir importunar outro.

Subi ao meu quinto andar. Tenho aí um quarto que aluguei a uma mulher. É um quarto miserável e pequeno; tem apenas uma claraboia no teto. O meu mobiliário compõe-se de um divã, forrado de oleado; de uma mesa, sobre a qual tenho os meus livros, duas cadeiras e uma poltrona; esta, velha, velhíssima, mas muito cômoda. Sento-me nela, acendo a luz e ponho-me a pensar. No quarto contíguo, separado do meu apenas por um magro tabique, há já três dias que dura o regabofe. Vivia aí um capitão reformado, que também tinha hóspedes — seis homens. Estavam quase sempre jogando com um baralho velho e gorduroso. Nas noites anteriores bateram-se, e de dois deles eu sabia que tinham se puxado mutuamente os cabelos. A dona da casa pensou queixar-se, mas não se atreveu, por ter muito medo do capitão. Além dos ditos vizinhos, havia também na casa uma senhora muito franzina e magra, uma provinciana com três filhos pequenos e que lhe adoeceram já aqui. Tanto ela como as crianças têm um medo ridículo do capitão, e sempre que têm hóspedes passam a noite em claro, tremendo e persignando-se, e o menorzinho até sofre de convulsões, de tão medroso. O tal capitão, sei muito bem, costuma algumas vezes pedir esmola aos transeuntes do Niévski Próspekt, e não se preocupa, absolutamente nada com arranjar emprego, embora — coisa estranha —, durante todo o tempo que fica em casa, nunca me tenha incomodado de maneira nenhuma. É certo que eu, desde o princípio, evitei o seu convívio, e que fiz todo o possível por aborrecê-lo da primeira vez que veio ao meu cubículo visitar-me; mas que gritem lá no seu quarto quanto quiserem… isso para mim é indiferente. Eu passo a noite inteira sentado na minha poltrona, e, para dizer a verdade, nem os ouço… A tal ponto consigo esquecer-me deles e dos seus gritos. Mas passo toda a noite em claro… Há já um ano que isto acontece. Fico sentadinho na poltrona até que clareia, e sem fazer nada. Ler, só leio de dia. Estou sentado e nem sequer penso em nada; fico sentado tranquilamente e deixo o pensamento vaguear. A luz consome-se numa noite. Sento à mesa, pego no revólver e coloco-o na minha frente. Ainda me lembro de que… quando o coloquei ali diante, perguntei a mim próprio: “Sim?”. E que respondi com toda a tranquilidade: “Sim”. Por isso decidi meter uma bala no corpo nessa mesma noite. Eu sabia que nessa mesma noite haveria de esfacelar irremediavelmente a caixa craniana; mas não sabia quanto tempo haveria de continuar ainda ali sentado até esse momento. E, não há

dúvida nenhuma de que teria dado um tiro na cabeça nessa noite, se não fosse por causa daquela pequenina…

## II

Mas vejam: apesar de tudo me ser indiferente, sentia, por exemplo, a dor; sim, a dor, sentia-a. Se alguém me tivesse batido, teria sentido a dor. E o mesmo no terreno moral; se tivesse acontecido algo de triste, teria sentido piedade, tal como antes de tudo ter se tornado indiferente para mim. Por isso, daquela vez, senti compaixão; eu não tinha outro remédio senão prestar o meu auxílio a uma pequenina, fosse como fosse. Por que não o tinha prestado àquela? Porque, precisamente nesse momento, me ocorreu uma ideia: quando ela me puxou pelo braço e me falou, surgiu-me um problema para o qual não encontrava resposta. Era uma pergunta ociosa; mas, no entanto, aborrecia-me. Punha-me de mau-humor, devido à conclusão lógica a que eu chegara, a conclusão de que, uma vez que ia rebentar com a caixa dos miolos, tudo me devia ser indiferente. Mas por que eu sentiria então de súbito que nem tudo me era indiferente e que tinha pena da pequenina? Ainda me lembro de que me inspirava uma autêntica piedade; sim, até ao ponto de sentir uma dor muito especial, inspirava-me piedade, uma dor que era absolutamente inverossímil e intempestiva, na situação em que me encontrava. Não, não consigo descrever bem o meu fugidio sentimento de então; mas esse sentimento ainda perdurava no meu espírito depois de eu ter entrado no meu quarto e depois de estar já sentado à mesa; e me encontrava tão agitado como havia muito não estava. Uma apreciação traía a outra. No entanto é evidente que eu, apesar de ser um homem e não um zero, isto é, apesar de não me ter ainda transformado num zero, é evidente, repito, que estou vivo… e, por conseguinte, ainda posso aborrecer-me e sofrer sem sentir vergonha dos meus atos. Bem. Quanto a mim… Mas se eu, por exemplo, me mato dentro de duas horas, que pode importar-me essa pobre pequenina e que podem incomodar-me a vergonha e o mundo inteiro? Transformo-me num zero, num zero absoluto. E poderia realmente a consciência de que vou deixar de existir dentro em breve, e, por consequência, de que tudo vai também deixar de existir, não ter a menor influência sobre o

sentimento de piedade que inspira esse ser, nem sobre o sentimento de vergonha pela brutalidade em que uma pessoa tenha incorrido? Foi só por isto que eu bati com o pé no chão e lancei aquele grito tão furioso, porque queria demonstrar que eu… não só não sentia piedade alguma como também era capaz de cometer a grosseria mais desumana, já que dali a duas horas tudo estaria acabado e que já não existiria absolutamente nada. Serão capazes de acreditar se lhes disser que foi só por isso que a afugentei? Estou absolutamente convencido disso. Naquele momento era para mim de todo evidente que a vida e o mundo dependiam quase cinicamente de mim. Posso dizer mais ainda: que o mundo, agora, parecia quase criado para mim apenas… pois quando tivesse dado o tiro, o mundo deixaria de existir, pelo menos para mim. Isto para não falar sequer de que talvez realmente não houvesse nada mais para ninguém, depois de mim, e que talvez o mundo inteiro, quando o meu conhecimento se extinguisse, se desvanecesse imediatamente como uma visão, como um simples atributo desse conhecimento meu e deixasse de existir; pois talvez todo esse mundo e todos esses homens sejam… unicamente eu mesmo. Lembro-me de que ia abandonando todas essas novas perguntas, que me assaltam uma atrás da outra, e pensava qualquer coisa completamente nova para mim. Tudo isto, sentado na minha poltrona, sempre a pensar. E, de repente, entre outros, ocorreu-me um pensamento estranho: se eu, por exemplo, tivesse vivido na Lua noutro tempo, ou no planeta Marte, e cometido aí alguma ação incrivelmente desonesta, a mais desonesta que se possa imaginar, e devido a essa ação me tivesse visto aí ultrajado e desonrado de uma maneira como só às vezes pode ver-se nos sonhos, sob o influxo de um pesadelo, e depois, na Terra, não me abandonasse a recordação daquilo que eu tivesse feito nos outros planetas, e soubesse, além disso, que jamais, fosse como fosse, havia de voltar a esses outros planetas — pergunto então: “Quando eu olhasse a Lua, cá da Terra, tudo seria para mim indiferente… ou não? Ia me envergonhar ou não, a essa altura, dessas minhas ações?”. Essas perguntas eram ociosas ou supérfluas, visto que estava ali o revólver diante dos meus olhos, em cima da mesa, e que eu sabia com certeza absoluta que aquilo havia de acontecer sem apelo… Mas, no entanto, essas perguntas pungiam-me e molestavam-me. Parecia-me que afinal não podia morrer sem ter, de qualquer maneira, resolvido esses problemas. Em resumo: aquela pequenina

salvou-me, pois, devido àquelas perguntas, adiei a minha morte. Entretanto, no quarto do capitão reinava o silêncio; o dono da casa e os hóspedes tinham acabado de jogar e preparavam-se para dormir, embora sem deixar de resmungar ou de insultar-se até o fim, na sua bebedeira. E então sucedeu-me adormecer de repente, coisa que nunca antes me acontecera, sentado na poltrona, junto da mesa. Adormeci de um momento para o outro.

Como se sabe, os sonhos são uma coisa muito estranha. Percebemos neles, com uma clareza assustadora, com uma artística elaboração, certos pormenores, ao passo que passamos outros completamente por alto, como se não existissem, sucedendo assim, por exemplo, com o tempo e com o espaço. Creio que os sonhos não os sonha a razão, mas o desejo; não a cabeça, mas o coração, e, no entanto, sobre que coisas tão complicadas passa às vezes a minha razão, no sonho! Coisas absolutamente incompreensíveis. Por exemplo: há cinco anos que morreu o meu irmão; mas eu costumo vê-lo frequentemente nos meus sonhos; toma parte em tudo quanto me interessa, falamos longamente de tudo quanto se possa imaginar; mas, ao mesmo tempo, tenho sempre a consciência e nunca me esqueço um momento que há já muito tempo que o meu irmão está morto e enterrado. Mas a que é devido o fato de eu não estranhar, de maneira nenhuma, a sua presença? Que não me espante que o morto se sente junto de mim e que me fale? Por que não se revolta a minha razão? Mas já chega. Vou agora falar-lhes do meu sonho. Sim; nesse tempo tive eu aquele sonho, o meu sonho de três de novembro. Os senhores vão me dizer, agora, que se tratou apenas de um sonho. Mas é completamente indiferente que fosse um sonho ou não fosse, uma vez que este sonho me tivesse revelado a verdade? Porque uma vez que se reconheceu a verdade, depois que ela se vê, já sabemos que é a verdade única, que fora dela não pode haver nenhuma outra, quer estejamos adormecidos ou acordados. Pois bem: se é um sonho, por mim, concordo. Mas essa vida, que os senhores tanto apreciam, estava eu disposto a deixá-la servindo-me do suicídio, ao passo que o meu sonho, o meu sonho… ah, o meu sonho veio revelar-me uma vida nova, grande, maravilhosa!

Atenção.

## III

Dizia eu que me deixara adormecer sem dar por isso; parecia-me que não fazia outra coisa senão continuar meditando acerca desses problemas. De repente, pego no revólver — isto é, pareceu-me que pegava nele em sonhos, que o aponto ao coração, ao coração e não à cabeça, quando afinal eu decidira antes meter um tiro na cabeça, irrevogavelmente na cabeça, e, para melhor precisão ainda, na fonte direita. Depois de apoiar o cano contra o peito, esperei um segundo, apenas um segundo, e a luz, a mesa e a parede começaram de repente a cair-me por cima e a dançar. Apertei rapidamente o gatilho.

Costumamos sonhar às vezes que nos despenhamos de uma grande altura ou que nos matam ou nos batem; mas não sentimos nenhuma dor, nesses casos, a menos que uma pessoa se magoe na cama: nesse caso, sim, sentimos uma dorzinha que nos acorda. Pois foi isso mesmo o que me aconteceu no meu sonho de então: não senti dor, mas pareceu-me que, por causa do tiro, tudo em mim… tinha quebrado e de repente se desfazia, e tudo à minha volta ficava mergulhado numas trevas pavorosas. Quedei-me, quase cego e mudo, e compreendi que estava estendido sobre qualquer coisa dura, de boca para cima, e não via nada nem podia fazer o menor movimento. E a minha volta passavam pessoas, que gritavam; ouvia a voz de baixo do capitão e a vozinha de soprano da dona da casa; e, de repente, outra pausa… e começam a colocar-me no caixão, e sinto como os portadores do meu ataúde cambaleiam ao caminhar, e ponho-me a pensar nisso, e de repente tomo pela primeira vez consciência de que estou morto, de que sou um defunto, do que não tenho a mínima dúvida, que não vejo nem posso mover-me, se bem que, apesar de tudo, sinta e pense. Mas não tarda que me resigne, e, como costumamos fazer nos sonhos, aceito a realidade sem ripostar.

Mas eis que me arrojam a uma cova profunda e me enterram. Todos se retiram e fico ali sozinho, completamente só, o que pode dizer-se absolutamente sozinho. Dantes, quando me punha a pensar no dia em que me enterrassem, a ideia do sepulcro estava unicamente unida a uma sensação de umidade e de frio. E assim era também agora; eu sentia muito frio, sobretudo nas pontas dos dedos; mas, além

disso, não sentia mais nada.

Jazia no sepulcro e, coisa estranha… não esperava nada, pois aceitava sem contradição a ideia de que um morto nada tem que esperar. Mas aquilo estava muito úmido. Não sei, entretanto, que tempo teria decorrido: se uma hora, se alguns ou muitos dias. Quando, de repente… me vem bater no olho esquerdo, que tinha fechado, uma gotinha de água fria, que se tinha infiltrado pela tampa do caixão; decorreu um minuto e uma segunda gota me salpicou; depois uma terceira, e assim sucessivamente, sempre, de minuto em minuto. Isso produziu-me uma contrariedade violenta, e de repente senti uma dor física no coração. "É a ferida — pensei —, foi aí que a bala se alojou." Mas a gotinha continuava a cair a cada minuto e sempre exatamente no meu olho esquerdo. E então gritei, não com a minha voz, visto que não podia fazer movimento algum, mas com todo o meu ser, para o autor de tudo aquilo que me sucedia:

— Ó quem quer que sejas, se é que existes e que há alguma coisa de mais razoável do que aquilo que me sucede, ordena-lhe também que imponha aqui o seu domínio. Mas se queres castigar-me pelo meu insensato suicídio com a insensatez de continuar a existir, fica sabendo que nada do que me esteja reservado pode comparar-se com o desprezo que eu sentirei em silêncio, ainda que a minha tortura e o meu martírio possam durar milhões de anos.

Gritei assim e depois calei-me. Teria durado perto de um minuto aquele profundo silêncio e, passado esse tempo, tornou a cair sobre o meu olho fechado a já costumada gota; mas eu sabia, sabia de um modo infinito e inquebrantável, que tudo iria mudar imediatamente. E eis que, de súbito, se abre o meu sepulcro. Isto é, eu não sei ao certo se o teriam aberto; o certo é que um ser obscuro, e para mim desconhecido, se apoderou de mim, e partimos ambos para os espaços interplanetários. E de repente recuperei a vista; era noite, noite profunda, e nunca, nunca eu tinha visto obscuridade semelhante. Atravessamos os espaços siderais, já muito longe da Terra. Não fiz pergunta alguma ao meu condutor; esperava e sentia um orgulho imenso. Assegurei-me de que não tinha medo e quase desfalecia de gozo ao pensar que não tinha mesmo. Não sei quanto tempo teríamos voado assim pelos espaços, nem consigo imaginá-lo bem; tudo aquilo

aconteceu como costumam acontecer as coisas nos sonhos, ultrapassando as leis da razão, o espaço e o tempo, e ficando tudo limitado àquilo que o nosso coração sonha. Lembro-me de que, de súbito, no meio daquelas trevas divisei uma luzinha.

— Será Sírius? — perguntei-lhe contra minha vontade, pois não queria perguntar-lhe nada.

— Não; essa é a mesma estrelinha que tu viste entre as nuvens, quando voltavas para casa — respondeu-me o ser que me conduzia, e do qual eu sabia somente que tinha um rosto humano. Mas, coisa estranha: aquele ser não me era simpático e inspirava-me até uma profunda aversão. Eu tinha contado com o não-ser absoluto e, partindo dessa hipótese, tinha decidido suicidar-me. E agora me encontrava nos braços dum ser que não era, evidentemente, um ser humano, mas que nem por isso deixava de ser uma realidade, e era, efetivamente.

"Portanto há uma vida depois da morte! — pensei eu com essa estranha rapidez daquele que dorme, se bem que a essência fundamental do meu coração conservasse em mim toda a sua profundidade. — Já que tenho de existir outra vez e outra vez tenho de viver, por mandato de não sei que vontade inapelável, não quero que ninguém me vença nem me humilhe!"

— Tu sabes que eu tenho medo de ti e é por isso que me desprezas — disse de repente para o meu condutor. Não tinha podido conter-me e tinha-lhe feito a humilhante pergunta que trazia implícita a confissão, e sentia no meu coração a dor do meu vexame, como uma punhalada. O ser não respondeu à minha pergunta; mas senti subitamente que ele não me desprezava nem se ria de mim, e que nem sequer se apiedava, e que o nosso voo tinha uma finalidade, uma meta desconhecida e misteriosa, e que só a mim interessava. E o temor cresceu no meu coração. Algo emanava do meu mudo condutor, em silêncio, mas dolorosamente, sobre mim, e me oprimia o coração. Atravessávamos obscuras e ignoradas esferas. Havia já muito tempo que tinham desaparecido da minha vista as constelações conhecidas. Eu sabia que nos espaços interplanetários há astros cujos raios de luz levam milhares e até milhões de anos a chegar à Terra. Mas é possível

que tivessemos percorrido já distâncias ainda maiores. Eu esperava não sabia o quê, e a nostalgia torturava o meu coração. E, de súbito, surgiu em mim um sentimento conhecido, familiar, vi o Sol! Eu sabia que não podia ser o nosso Sol, o pai da nossa Terra, o que engendrou a nossa Terra; mas compreendi, em virtude não sei de quê, com o meu ser, que aquele Sol era um Sol absolutamente como o nosso, que era a sua reprodução e o seu duplo. Um doce, animador sentimento encheu de prazer a minha alma; a preciosa, corpórea força da luz, daquela luz que me tinha engendrado, encontrou repercussão na minha alma e a fez ressuscitar, e eu senti a vida, a vida de outrora, pela primeira vez depois do meu enterro.

— Visto que existe o Sol e é um Sol completamente igual ao nosso — exclamei —, onde está a Terra?

E o meu companheiro apontou-me uma estrelinha que despedia um brilho esmeraldino. Voávamos precisamente por cima dela.

— Como é possível existirem no Universo tais cópias? Será essa, verdadeiramente, a lei do Universo? E, se esta é a Terra, diz-me: será uma Terra como a nossa… uma Terra também desditada e pobre, mas não menos apreciada e sempre querida, que inspire o mesmo doloroso amor aos seus mais ingratos filhos, como a nossa Terra? — exclamei, tremendo com um amor arrebatado, audaz, irreprimível, por aquela Terra sagrada, a sombria e enxovalhada Terra que acabava de abandonar. E a figurinha da pequenina, que eu espantara com um grito, surgiu instantaneamente na minha memória.

— Hás de ver com os teus próprios olhos — respondeu o meu companheiro, e uma certa tristeza vibrava na sua voz.

Aproximávamo-nos velozmente do planeta. Este agigantava-se diante dos meus olhos, e eu podia já distinguir os oceanos, perceber depois os contornos da Europa, e, de repente, acordou no meu coração uma grande e sagrada inveja.

— Como poderia existir uma cópia, e qual a finalidade da sua existência? Eu amo e só posso amar essa Terra que acabo de deixar, na qual perduram ainda as gotas daquele sangue que, ingrato!, derramei ao desprender-me da vida. Mas nunca, nunca deixei de amar a nossa

Terra, e talvez até aquela noite em que a abandonei tivesse sido o momento em que a amei mais apaixonada e dolorosamente! Existe também a dor nesta nova Terra? Será que, na nossa, só podemos viver com a dor ou graças a ela? Não sabemos amar de outro modo nem conhecemos outro amor. Eu quero dor para poder amar. Quero, sim, neste momento apenas anseio por poder beijar, banhado em lágrimas, a Terra que abandonei! E não quero, não aceito nenhuma outra vida senão a da nossa Terra!

Mas o meu companheiro já tinha me deixado. Tinha chegado, sem ter percebido, àquela outra Terra, à clara luz solar de um dia de paradisíaca beleza. Creio que me encontrava numa daquelas ilhas que formam o arquipélago helênico, se não era, porventura, algum ponto da costa que ali circunda o mar Egeu. Oh! era tudo tal como entre nós, simplesmente tudo parecia encontrar-se numa disposição firme e resplandecer numa grande vitória, santa e finalmente conquistada. O mar suave, de um azul-escuro, batia suavemente contra o litoral e cingia-se contra ele com um imenso, visível e quase inconsciente amor. As árvores frondosas apareciam em todo o esplendor da floração, e estou convencido de que as suas folhas inumeráveis me davam as boas-vindas com o seu leve e amistoso sussurro, murmurando-me ignoradas palavras de amor. A relva ostentava uma verdura muito fresca e brilhante; os pássaros cruzavam em bandos pelo ar, e os passarinhos pousavam-me, sem ponta de medo, nos ombros e nos braços, e davam-me alegres pancadinhas com as suas asinhas trêmulas, e, finalmente, eu olhava e reconhecia também os homens daquela Terra feliz. As pessoas chegavam-se a mim espontaneamente; rodeavam-me e davam-me beijos. Eram filhos do Sol, filhos do seu Sol… Oh, e como eram bonitos! Nunca eu vi na nossa Terra homens tão belos. Quando muito poderemos encontrar nas crianças, nos seus mais tenros anos, um reflexo fraco e longínquo de semelhante formosura. Esses homens felizes tinham rostos claros e cheios de luz. No seu rosto transparecia a inteligência e um saber que, permita-se a expressão, parecia completo até à tranquilidade, e, no entanto, esses rostos respiravam um alvoroço especial; tanto as palavras como a voz desses homens demonstravam uma alegria pueril. Oh, ao primeiro olhar que pousei naqueles rostos, compreendi logo tudo, tudo! Aquela era a Terra, a Terra não manchada pelo pecado

original, na qual viviam homens que não tinham pecado, e viviam num Paraíso idêntico àquele em que, segundo todas as tradições da Humanidade, viveram os nossos primeiros pais antes da “queda”, sem a mínima diferença, a não ser que a Terra toda era, por todo lado, um só e mesmo Paraíso. Aqueles homens aproximavam-se de mim com afetuosidade, sorriam-me e acariciavam-me; conduziram-me ao seu lar e todos se esforçavam, em disputa, por me tranquilizar. Oh!, não me faziam pergunta alguma; pareciam saber tudo, e só ansiavam por afugentar, o mais depressa possível do meu rosto, todo vestígio de dor.

## IV

Agora vejam: admitamos que tudo isso foi apenas um sonho. Mas a sensação de amor, que aqueles homens belos e inocentes me demonstraram, perdura em mim através do tempo, e eu sinto como esse amor, já distante, tomba sobre mim. Vi-os, conheci-os, amei-os, e, mais tarde, sofri por eles. Oh! compreendo, e compreendi desde o primeiro instante, que eu não poderia entendê-los em muitas coisas; parecia-me incompreensível, como parece aos progressistas russos contemporâneos e aos maus petersburgueses, o fato de, sabendo eles tanto como sabiam, não possuírem a nossa ciência. Mas não tardei a comprovar que a sua ciência se nutria de conhecimentos diferentes dos da Terra, e que as suas preocupações eram também de outra índole. Não tinham desejos; estavam tranquilos e contentes; não aspiravam, tanto como nós, a conhecer a vida, pois a sua vida estava completamente preenchida. Mas o seu saber era mais fundo e elevado que a nossa ciência, porque a nossa ciência procura explicar a vida, pretende ser ela mesma a cimentá-la, para mostrar aos homens como devem viver, e isto eu compreendi, ao passo que eles já sabem como hão de viver, e isto percebo eu, ainda que não possa compreender a sua ciência. Eles me mostravam as suas árvores, mas eu não podia sentir do mesmo modo que eles a grandeza do amor com que as contemplavam: tal como se as tais árvores fossem homens. E vejam: pode ser que não me engane ao dizer que até falavam com elas. Sim, conheciam a sua língua e estou convencido de que as árvores os entendiam. E olhavam da mesma maneira todo o resto da Natureza e os animais que pacificamente viviam com eles, e, longe de atacá-los,

amavam-nos, vencidos pelo seu amor. Apontavam para os outros e diziam-me qualquer coisa que eu não compreendia; mas estou convencido de que estavam em relações com as estrelas do Céu, não por meio do pensamento, mas de outro qualquer modo. Oh!, aqueles homens não se esforçavam para que eu os compreendesse; amavam-se sem necessidade disso; mas, além disso, eu sabia que tampouco eles me compreenderiam jamais, e por isso nunca lhes falei da nossa Terra. Limitava-me a beijar diante deles a Terra em que viviam, e a adorá-la, e eles viam isto e deixavam que eu o fizesse, sem dizerem nada, sem se envergonharem de que eu a amasse ao mesmo tempo que eles. Não sofriam por minha causa, quando, arrasado em pranto, lhes beijava os pés, pois sabia o amor com que me pagavam. Às vezes perguntava a mim próprio, admirado: como poderiam eles ofender, uma só vez que fosse, um homem como eu, ou como poderiam suscitar tampouco em mim um sentimento de inveja ou de ciúme? As vezes perguntava também a mim próprio como é que eu, como se fosse um embusteiro e enganador, não lhes comunicava alguns dos meus conhecimentos, de que, naturalmente, não tinham a menor ideia, para fazê-los cair no espanto, ou simplesmente por amor deles… Eram bonacheirões e joviais como crianças. Vagueavam por entre os seus bosquezinhos magníficos e floridas pradarias, entoando lindas canções, e sustentavam-se dos frutos das suas árvores e do leite dos animais que os acompanhavam. Preocupavam-se pouquíssimo com a alimentação e com o vestuário. O amor existia também entre eles e geravam filhos; mas nunca verifiquei que fossem vítimas desses arrebatamentos de cruel lascívia, que se apoderam de quase todos os homens desta nossa Terra, de todos, sem exceção de nenhum, e que constitui a única origem de quase todos os pecados da nossa humanidade. Alegravam-se com os recém-nascidos, como novos co-participantes da sua felicidade. Não conheciam nem a luta nem a inveja, e nem sequer sabiam o que isso fosse. Os filhos dos outros eram também seus filhos, pois formavam todos uma só família. Quase não tinham doenças, contando com a morte; e os seus velhos extinguiam-se suavemente, como se dormissem, rodeados dos seres queridos, deitando bênçãos, sorrindo e acompanhados pelos seus olhares claros e alegres.

Nunca vi dor nem lágrimas à cabeceira dum moribundo, mas um amor exaltado até ao êxtase, até um fervor tranquilo e puro. Seria

quase possível acreditar que até depois da morte continuavam em comunicação com os seus mortos, e que ela não interrompia a sua vida terrena. Mal me compreendiam quando eu os interrogava acerca da vida eterna; mas, pelos vistos, estavam tão convencidos da sua existência que nem por um momento se lembravam de pô-la em dúvida. Não tinham templos, mas mantinham-se numa identificação vital com o Todo; não professavam crença alguma, mas possuíam a convicção consciente de que, quando as suas alegrias terrenas tivessem alcançado os limites da natureza terrena, viria para todos eles, tanto para os vivos como para os mortos, um mais íntimo contato com o Todo. Aguardavam alegremente esse momento, mas não ansiavam por que chegasse nem sofriam por causa disso, tinham já como que o seu gozo antecipado na sua alma, e comunicavam-no entre si uns aos outros. À noite, antes de adormecerem, cantavam em coros harmoniosos. Exprimiam nessas canções vespertinas os sentimentos que experimentavam durante o dia, e gabavam e estimavam o dia que tinha passado, despedindo-se dele. Louvavam a Natureza, a Terra, o mar e os bosques. Louvavam-se e elogiavam-se mutuamente nas suas canções, da mesma maneira que se louvam as crianças; as suas canções eram singelas, mas punham nelas o seu coração e aos corações elas chegavam. E não só nas suas canções, mas na sua vida toda, não faziam outra coisa senão amarem-se uns aos outros. Era, na verdade, uma vida de amor recíproco, uma vida de grande, universal amor. Mas alguns dos seus cânticos, que tinham uma expressão triunfal e inspirada, não consegui compreendê-los. Por mais que entendesse a sua letra, não podia penetrar todo o seu sentido. Eram intangíveis para a minha razão, ainda que cada vez penetrassem mais fundo no meu coração, sem que eu pudesse aperceber-me do que se passava. Costumava dizer-lhes que já anteriormente eu tinha adivinhado tudo aquilo; que já na nossa Terra o pressentimento de toda aquela aventura, daquele jubiloso cântico de louvor, me tinha feito experimentar um entusiasmo estéril e às vezes excessivo; que tudo aquilo eu o tinha visto já nos sonhos da minha alma e nos meus sentidos; que lá longe, na nossa Terra, por mais de uma vez me arrancara lágrimas o pôr do Sol; que sempre tinha havido dor no meu ódio aos homens da nossa Terra. Por que eu não podia odiá-los, visto que não os amava; por que não podia perdoar-lhes, por que me fazia sofrer amá-los, por que não podia amá-los odiando? Eles me

escutavam, e eu via claramente que não podiam imaginar nada disto, mas não me arrependia de ter-lhes falado nessas coisas; sabia que eles compreendiam todo o poder da minha nostalgia por aqueles a quem tinha abandonado. Sim, quando eu sentia pousar-se em mim o seu diáfano e aprazível olhar, trespassado de amor, quando sentia como entre eles também o meu coração se tornava puro e inocente como o seu, não lamentava não poder entendê-los. Faltava-me o alento, por sentir tão intensamente a plenitude da vida, e ficava em silêncio adorando-os.

Oh! toda a gente se ri agora na minha cara e me afirma que não pode ver-se nada semelhante ao que estou descrevendo; que, no meu sonho, mais não fiz do que experimentar um sentimento elaborado pelo meu próprio coração e que todos esses pormenores os devia ter arquitetado depois, já desperto. E quando concordei e disse que podia ser que tivessem razão… sabe Deus as gargalhadas, a hilaridade que as minhas palavras provocaram. Naturalmente, eu estava apenas dominado pelo sentimento do sonho, e só este único sentimento perdurava no meu coração, que sangrava. Mas, além disso, as visões e as figuras reais do meu sonho, isto é, aquelas que eu vira precisamente durante a hora do meu sonho, conservavam entre si tal harmonia, eram tão perfeitas, tão encantadoras, sedutoras e belas, que, ao acordar, como é natural, não era capaz de tornar a dar-lhes vida na nossa pobre linguagem. Por isso tiveram, naturalmente, que empalidecer na minha consciência e desvanecerem-se, e talvez por isso me sentisse realmente obrigado a imaginar depois inconscientemente os pormenores, aos quais teria encomendado decididamente a missão de reproduzir, dado o meu apaixonado desejo, que era, de certo modo pelo menos, o sentimento principal. Mas, no entanto, por que não acreditar que tudo foi real? Pode ser que fosse mil vezes melhor, mais radiante e belo do que eu descrevo. Pode ser que fosse um sonho, mas não é possível que o fosse completamente. Olhem, vou confiar-lhes um segredo: talvez tudo isso nem sequer de longe fosse um sonho. Pois sucedeu nisto algo do gênero, algo tão real até à saturação, que uma pessoa nem sequer teria podido sonhá-lo! Pode ser que fosse a minha alma que engendrasse esse sonho; mas como ela poderia ter engendrado sozinha essa terrível verdade que eu senti mais tarde? Como eu poderia imaginá-la sozinho

ou sonhá-la o meu coração também sozinho? Seria possível que o meu insignificante coraçãozinho e a minha humilde e caprichosa razão tivessem podido ascender a semelhante revelação da verdade? Oh!, julguem os senhores por si mesmos; até este momento não falei no caso, mas agora vou dizer a verdade toda.

A conclusão foi eu ter… estragado tudo aquilo.

## V

Sim, sim; a conclusão foi eu ter estragado tudo. Como isso foi… é que eu não sei. Já não me lembro como é que sucedeu. O sonho durou milhares de anos e apenas me deixou uma impressão de conjunto… Só me lembro de que a queda do pecado original fui eu. Como uma espantosa triquina, qual pestífero bacilo que devasta a Terra, assim devastei eu toda aquela Terra inocente e feliz. Aqueles homens aprenderam a mentir, tomaram gosto à mentira e reconheceram como eram belos. Oh!, pode ser que, a princípio, o fizessem inocentemente, por puro jogo, por diversão, que apenas se tratasse de um bacilo; mas este átomo de mentira enraizou-se nos seus corações e foi do seu agrado. Não tardou que dele derivasse a voluptuosidade, e esta voluptuosidade engendrou a inveja, e esta, a crueldade. Oh!, não sei, não me lembro já como, mas não tardou que se vertesse a primeira gota de sangue; a princípio apenas sentiram espanto; mas depois assustaram-se e começaram a afastar-se uns dos outros. Vieram as censuras e as incriminações. Conheceram a vergonha e erigiram-na em virtude. Surgiu o conceito da honra e cada bando se uniu à sombra da sua bandeira. Começaram a torturar os animais, e os animais afastaram-se deles, foram ocultar-se nos bosques e tornaram-se seus inimigos. Iniciou-se a luta pela separação, pela particularização, pela personalidade, pelo “teu” e pelo “meu”. Começaram a falar várias línguas. Conheceram a dor e tomaram-lhe o gosto; ansiavam pelo sofrimento e diziam que a verdade só se comprava pelo preço do martírio. Depois surgiu a ciência. Como se tinham tornado maus, deram em falar de fraternidade e de humanidade, e compreendiam estas ideias. Como se tinham tornado criminosos, inventaram a justiça e redigiram códigos para a encerrarem neles, e, para assegurar o

cumprimento desses códigos, ergueram a guilhotina. Mal se recordavam daquilo que tinham perdido e não queriam acreditar que alguma vez tivessem sido inocentes e felizes. Riam-se até da possibilidade dessa sua felicidade passada e tachavam-na de sonho fantástico. Nem sequer podiam fazer uma ideia desse estado, e acontecia, além disso, uma coisa estranha: agora que tinham já perdido toda a fé na felicidade pretérita e a classificavam de fantasia, empenhavam-se a tal ponto a voltar a ser inocentes e felizes que se ajoelhavam como crianças ante os desejos dos seus corações; adoravam esses desejos, erguiam-lhes templos e oravam à sua própria ideia, ao seu próprio "querer", ao mesmo tempo que continuavam a acreditar, com uma convicção inabalável, na possibilidade de cumprir e realizar essa ideia, apesar de implorarem por ela de joelhos. E, no entanto… se pudesse ter-se dado o caso de voltarem outra vez àquele inocente e venturoso estado que perderam; se alguém os tivesse consultado, perguntando-lhes: "Quereis voltar a ele?", teriam lhes respondido resolutamente que não. A mim, diziam: "Bom, seremos mentirosos, maus e injustos; sabemos e lamentamos, e essa é a nossa tortura, e talvez por isso nos atormentemos e castiguemos mais do que faria esse Juiz misericordioso que há de julgar-nos no futuro, mas cujo nome nos é desconhecido. Mas, em compensação, possuímos a ciência, e graças a ela havemos de tornar a encontrar a verdade, e então vamos aceitá-la já com consciência. O saber está acima do sentimento; o conhecimento da vida… acima da própria vida. A ciência nos fará oniscientes; a onisciência conhece todas as leis, e o conhecimento da lei da felicidade… está acima da própria felicidade". Era assim que eles me falavam, e, a avaliar por tais palavras, cada um deles se tornara mais apreciador de si mesmo que dos outros; se tinha valorizado a si mesmo mais de que tudo no mundo; sim… e não poderia ter sido de outro modo. Tornaram-se todos tão ciosos do seu eu que cada um se afadigava por rebaixar, oprimir e diminuir o eu do próximo, por todos os meios possíveis, e só nisto se resumia a sua vida. Desenvolveu-se a escravatura e surgiram até escravos voluntários; os fracos submeteram-se com gosto aos mais fortes, mas com a condição de que estes os ajudassem a subjugar os mais fracos do que eles. Surgiram entre eles profetas que lhes falavam do seu orgulho chorando, da perda da medida e da harmonia do sentimento do pudor. Mas eles riam-se e troçavam desses profetas e acabavam por

apedrejá-los. Sangue sagrado correu sobre os umbrais do templo. Mas também havia homens que começaram a discutir a maneira de voltar a uni-los todos, sem que deixassem, entretanto, de querer a si mesmos mais que a ninguém, nem prejudicar aos outros, para que todos tornassem, assim, a viver em comum, formando uma só amistosa e concorde sociedade. Esta ideia foi, entre eles, causa de grandes guerras. Todos os beligerantes acreditavam ao mesmo tempo que a ciência, a onisciência e o instinto da própria conservação obrigariam finalmente os homens a unirem-se numa sociedade razoável e cordata, para o que, no entanto, se esforçavam os "oniscientes", a fim de acelerar as coisas, por exterminar todos os não oniscientes e a quantos não compreendiam a sua ideia, a fim de que não fossem um obstáculo para o seu triunfo. Mas não tardou que diminuísse o sentimento geral da própria conservação e surgissem voluptuosos e soberbos que proclamavam abertamente que desejavam tudo ou nada. Registraram-se proezas de todo gênero, e, quando não conseguiam nada com elas… restava o recurso do suicídio. Houve religiões consagradas ao culto do não-ser e do próprio aniquilamento, em honra do eterno repouso em o nada. Até que, por fim, aqueles homens se cansaram dos seus absurdos esforços e nos seus rostos se refletiu a dor, e proclamaram: a dor é beleza, pois só a dor tem sentido. E cantaram a dor nos seus poemas. Eu andava numa agitação entre eles, torcia as mãos e chorava; mas amava-os, no entanto, e talvez mais do que antes, quando no seu rosto não assomava ainda nenhuma dor e eram belos e inocentes. A Terra por eles manchada parecia-me então mais valiosa do que antes, quando era um paraíso, e isso apenas porque nela aparecera a dor. Oh, eu sempre amei a dor e a tristeza, mas só para mim, só para mim! Mas, como agora a sofriam eles também, chorava de compaixão. Estendia-lhes as minhas mãos e, no meu desespero, acusava-me, amaldiçoava-me e desprezava-me a mim próprio. Dizia-lhes que tudo aquilo era obra minha; que eu, apenas eu e mais ninguém, é que tinha a culpa de tudo. Que eu lhes tinha levado a corrupção, a peste e a mentira. Pedia-lhes que me crucificassem, ensinava-lhes a armar uma cruz e a levantá-la. Eu não me podia matar a mim mesmo; não tinha coragem para fazê-lo; mas queria sofrer o tormento pelas suas mãos, suspirava por derramar o meu sangue até à última gota no suplício. Mas eles não faziam mais do que rir de mim, acabando por dizer que eu era um doido acabado. Até me defendiam, dizendo que não

tinham, agora, mais do que aquilo que tinham desejado, e que tudo isso acontecera porque tinha, fatalmente, de acontecer. E por fim declararam que eu constituía um perigo para eles, e que, portanto, tinham resolvido encerrar-me num manicômio, se não desistisse das minhas prédicas. Quando os ouvi dizer isto, foi tão grande a dor que me trespassou a alma que o meu coração se confrangeu e eu me senti morrer, e… foi então que despertei do meu sonho.

*

Era já manhã; o sol ainda não se tinha erguido, eram seis da manhã. Acordei na minha poltrona; a luz tinha-se extinguido completamente; no quarto contíguo dormiam o capitão e a sua gente, e na casa reinava um estranho silêncio. A princípio estremeci, assombrado; nunca me tinha acontecido nada de semelhante; até as coisas mais pequenas me impressionavam; por exemplo, jamais adormecera dessa maneira, na poltrona. E depois… enquanto me punha de pé e acabava de despertar, fixei de repente a vista no revólver, no revólver carregado, mas no mesmo instante atirei-o para longe. Oh, vida, grande e sagrada vida! Abri os braços e invoquei a verdade eterna; soluçava; entusiasmo, um entusiasmo incomensurável enchia todo o meu ser. Sim, vida e… anunciação! A anunciação ficou decidida para mim naquele mesmo instante… decidida para toda a minha vida. Irei, irei e anunciarei! O quê?… A verdade, uma vez que a vi, que a vi com os meus próprios olhos, e reconheci toda a sua magnificência!

E desde então anuncio a boa nova!… Amo-os a todos, e, mais que a ninguém, aqueles que se riem de mim. Por que amo mais a estes? Não sei, nem tampouco posso explicar, mas é assim. Dizem que estou enganado… Mas, se agora estou enganado, como será mais para diante? Sim, é provável que tenham razão; estou enganado, e quanto mais o estiver, talvez seja pior. Provavelmente ainda incorrerei em erro com frequência, até aprender como é que se deve predicar, isto é, com que palavras e com que atos, pois é difícil saber. Agora já é para mim tão claro como a luz; mas escutem uma coisa: quem é que não erra? E, no entanto, todos se afadigam por um mesmo objeto; todos, desde o sábio ao último criminoso, simplesmente procedem de

maneira diversa. É esta uma verdade já velha; mas eis aqui outra nova: eu não posso enganar-me, assim, tanto. Pois eu vi a verdade, sei; os homens podem tornar-se belos e felizes sem que, para isso, tenham de deixar de viver na Terra. Eu não quero nem posso crer que a maldade seja o estado normal do homem. Mas eles troçam desta minha crença. Não acreditam em mim! Eu vi a verdade! Não que a tenha descoberto com a minha inteligência, não: eu a vi, o que se chama ver, e o seu rosto vivo preencheu a minha alma para toda a eternidade. Eu a vi numa integridade tão completa que… como poderia acreditar agora que essa verdade não possa existir também entre os homens? E como, como eu poderia estar enganado? Talvez ande um pouco desorientado, é possível também que empregue palavras estranhas mas isso não deve durar muito; a imagem viva do que vi viverá em mim eternamente e vai me servir de norte e de guia. Oh!, eu estou muito contente e esperançado, e não me cansarei de andar, ainda que peregrine durante mil anos. Olhem: a princípio, queria esconder de vós que tinha sido o causador da sua perdição; mas isso teria sido uma falta da minha parte… pois assim tínhamos já a primeira culpa. Mas a verdade dizia-me ao ouvido que eu mentia, salvava-me do erro e dirigiu-me para o caminho reto. Mas não consegui saber como é que alcançaram o Paraíso, pois não consigo exprimi-lo por palavras. Perdi as palavras no sonho. Pelo menos todas as palavras necessárias, as mais precisas. Mas isso não importa; eu caminharei por esses mundos e anunciarei a boa nova, uma vez que vi com os meus próprios olhos, ainda que não possa exprimir o que vi. Mas é isto precisamente que os trocistas não podem compreender. “Teve um sonho, como ele próprio diz; um delírio febril, uma alucinação.” Ah! Isso é sensato? E ficam todos inchados. Um sonho? Mas que é um sonho? Não será a nossa vida um sonho? Esperem, que vou dizer-vos ainda mais. Bem, admitamos que isto nunca venha a realizar-se e que este paraíso não chegue nunca a ser uma realidade (eu próprio admito isto!); bem, pois, apesar de tudo, continuarei anunciando a boa nova. E, no entanto, como isso seria simples! Num dia, numa só hora, tudo mudaria. Ama a Humanidade como a ti mesmo! Isto é tudo; isto é tudo e nada mais é preciso; saberás depois como hás de viver. E, além disso, só há uma verdade… uma verdade antiga, antiquíssima, mas que é preciso repetir uma e mil vezes, e que até agora não se arraigou nos nossos corações. O conhecimento da

vida está acima da vida; o conhecimento da lei da felicidade… está acima da própria felicidade… Eis aí aquilo contra que se deve lutar. E eu lutarei contra isso! Se todos quisessem, tudo mudaria sobre a Terra num momento.

Mas ando ainda à procura daquela jovenzinha… E continuo, continuo…

# Excertos do "Diário de um escritor"

# Excertos do "Diário de um escritor" (1861-1881)

## [A Rússia e os europeus]

Se existe no mundo um país desconhecido para os demais países, afastado dos vizinhos, ignoto, inexplorado, incompreendido e incompreensível, esse país é, sem dúvida, a Rússia, em relação aos países ocidentais. Nem a China nem o Japão podem encerrar tantos segredos para a curiosidade europeia como a Rússia de outrora, do presente momento e, pode ser até que por muito tempo ainda, no futuro. Não estamos a exagerar. Em primeiro lugar, a China e o Japão estão demasiado longe da Europa, e, além disso, costumam ser de difícil acesso, ao passo que a Rússia está toda aliada à Europa; os russos conduzem-se com toda a franqueza para com os europeus, e no entanto é possível que o caráter russo não apresente aspectos tão definidos, na ideia dos europeus, como o chinês ou o japonês. Para a Europa, a Rússia é… é um dos enigmas da esfinge. É mais fácil descobrir-se primeiro o *perpetuum mobile*[1], ou o elixir da longa vida, do que chegarem os homens do Ocidente a compreenderem a verdade russa, a alma russa, ou o caráter russo e a sua tendência. Segundo esta ordem de ideias, até a Lua é agora mais minuciosamente explorada do que a Rússia. Pelo menos sabem todos de um modo teórico que ali não vive ninguém, ao passo que, da Rússia, sabem que nela vivem homens e até russos; mas que homens? Isto, até ao presente, tem sido um enigma, se bem que, quanto ao mais, os europeus estejam convencidos de nos terem compreendido desde há já algum tempo. Os nossos curiosos vizinhos realizaram em diversas épocas grandes esforços para nos conhecerem, a nós e à nossa maneira de ser; expuseram materiais, números, fatos; levou-se a cabo uma investigação, que agradecemos muito aos seus autores, pois redundou também muito em nosso proveito. Mas tudo quanto se fez para deduzir desses materiais, números e fatos, algo de fundamental e decisivo, de positivo relativamente ao homem russo, algo de sinteticamente certo, esbarrou sempre contra uma impossibilidade fatal, como se fosse imposta por alguém e com algum objetivo. Sempre que se trata da Rússia

embotam-se sempre os miolos até daqueles indivíduos que inventaram a pólvora e contaram as estrelinhas do céu, ao ponto de julgarem poder tocar-lhes com a mão.

Sim, acreditamos que a nação russa… constitui um fenômeno extraordinário na história de toda a humanidade. O caráter do povo russo é tão diferente de todos os povos europeus contemporâneos, que os europeus não o compreenderam até agora, e entenderam-no ao contrário. Todos os europeus convergem para um mesmo fim, um mesmo ideal, indiscutivelmente. Mas todos eles estão divididos entre si por interesses terrenos, excluem-se uns aos outros até ao irreconciliável, e cada vez seguem mais por caminhos particulares, afastando-se da senda comum. Aparentemente todos eles se ufanam por encontrar no seu seio, por seus próprios meios, o ideal universal, com o que se prejudicam a si mesmos e à sua empresa. Referimos, e agora a sério, o que antes dissemos por zombaria: o inglês está ainda muito longe de reconhecer um pouco que seja de discrição ao francês, e vice-versa, tampouco o francês do inglês……

……

A ideia da universalidade humana propaga-se cada vez mais entre eles. Mas cada um infunde-lhe um aspecto diferente, obscurece-a, dá-lhe uma forma nova. O vínculo cristão que até aqui os uniu perde força de dia para dia. Nem sequer a ciência consegue unir os que cada vez se afastam mais. Suponhamos que, em parte, tenham razão neste sentido; que esse exclusivismo, essa mútua rivalidade, essa soberba esperança em si próprio… infundam a cada um desses povos forças gigantescas para lutar contra os obstáculos que se lhe atravessem no caminho. Mas, assim, também esses obstáculos se tornam maiores e multiplicam de dia para dia. Esta é a causa de que os europeus não compreendam de maneira alguma os russos e qualifiquem de falta de personalidade essa grande peculiaridade do seu caráter?! Reconhecemos que estamos fazendo afirmações gratuitas. Determo-nos a demonstrar aquilo que dizemos equivaleria a rebaixar os limites do presente trabalho. Mas, pelo menos, hão de concordar conosco em que o caráter russo se diferencia redondamente do europeu; que o que

principalmente se salienta nele é a capacidade de síntese, de conciliação de contrários, de universalidade humana. O russo não tem essa angulosidade, essa incompreensão e obtusidade do europeu. Convive com todos e identifica-se com todos. Simpatiza com a humanidade toda, sem distinção de nacionalidades, de sangue, nem de terras. Atina imediatamente com a racionalidade de todas as coisas, sempre que tenham qualquer coisa, por pouco que seja, que interesse à humanidade toda. Possui o instinto da universalidade humana. Adivinha, por instinto, as características universais, até nas peculiaridades do gênio dos outros povos, até nas suas peculiaridades mais diferentes; e logo se sente disposto a admiti-los no seu pensamento, a consenti-los nas suas próprias concepções e frequentemente descobre um pouco de união e coincidência entre as ideias mais antagônicas, e que são objeto da maior discussão entre duas nações europeias… entre ideias que, por infelicidade, na sua própria fonte de origem não encontraram até agora fórmula de concordância, e pode ser que nunca o encontrem. Ao mesmo tempo ressalta no russo a faculdade de aplicar a crítica a si próprio, de julgar-se com a maior lucidez, sem ponta desse orgulho que inferioriza a atuação. É claro que falamos do russo em geral, coletivamente, no sentido de toda a nação. As qualidades físicas do russo nem sequer são as mesmas do europeu. Todo russo pode falar todas as línguas e assimilar o espírito de todas as línguas exóticas até à perfeição, até dominá-las como à própria língua… o que não se vê nas nações europeias, como faculdade geral, coletiva. E então isto não quer dizer nada? Será isto um fenômeno puramente fortuito e perecível? Não poderá deduzir-se de semelhante fenômeno, ainda que parcialmente, algo de relativo ao futuro desenvolvimento do nosso povo, aos seus anseios e finalidades? Pois esta nação, obrigada pelas circunstâncias, olhou a Europa com hostilidade durante séculos e negou-se teimosamente a conviver com ela, sem pressentir o seu futuro. Pedro[2] adivinhou no seu ser, não sei por que instinto, uma nova força, e sentiu a necessidade de deslindar o critério e o campo de ação para todos os russos; a necessidade que estes sentiam inconscientemente, que inconscientemente assomava ao exterior e traziam no seu sangue desde os tempos dos eslavos. Dizem que ele apenas quis fazer da Rússia outra Holanda. Não sabemos; a figura de Pedro, apesar de todas as explicações históricas e das investigações dos últimos tempos,

continua sendo para nós um enigma. Só compreendemos uma coisa: que era preciso ser demasiado original para, sendo czar de Moscou… não só amar como visitar a Holanda. Será possível que tudo isso se deva cinicamente ao genebrino Lefort?[3] Seja como for, na figura de Pedro vemos um exemplo do ponto a que pode chegar o povo russo, quando acalenta em si uma convicção plena e sente que chegou a hora, e no seu espírito desponta uma força nova. E é tremendo ver o modo como o russo possui uma alma livre, até que extremo chega a sua vontade. Nunca ninguém se desprendeu da terra natal, como ele fez, nem se aclimatou tão depressa a um país estranho, levado por uma ideia. E quem sabe, senhores estrangeiros, se a Rússia não estará predestinada a esperar que acabeis por assimilar, entretanto, as suas ideias, e elevá-las à categoria de universalidade humana, e, finalmente, de espírito livre, limpo de todo o interesse secundário, de gênero social ou terreno, a lançar-se numa realidade nova, ampla, de que não há ainda exemplo na História, começando por onde vós acabaríeis, e arrastando-os a todos atrás de si? O nosso poeta Liérmontov comparava a Rússia com Iliá Múromiets[4], o qual esteve sentado trinta anos e, de repente, levantou, assim que se sentiu com energias suficientes. Para que teriam sido dadas capacidades tão originais e ricas aos russos? Seria para não fazerem nada? Pode ser que nos respondam: “Onde foi o senhor buscar tanta arrogância, tanta presunção? Quem lhe concedeu essa faculdade de avaliar-se a si mesmo, esse lúcido critério de que tanto se envaidece?”. Mas — respondemos nós — se começamos por aguentar essa autocrítica, à qual, durante tanto tempo, estivemos submetidos, também poderemos resistir a outra verdade, ainda que fosse o contrário dessa autocrítica. Lembramo-nos de quanto discutimos com os eslavófilos por eles não poderem tornar-se europeus perfeitos. Não se poderá reconhecer agora como andávamos então desatinados? Nós não repudiamos a faculdade de autocrítica, e apreciamo-la e temo-la precisamente pela melhor condição da natureza russa, pela sua especialidade, por aquilo que não existe entre vós. Sabemos que ainda nos resta fazer um grande emprego dela e que pode ser que, quanto mais, melhor. No entanto tentem tocar no francês, ou na sua bravura, ou na sua *légion d’honneur*. Ou tocar, no inglês, no menor dos seus costumes domésticos, e verão o que acontece. Como não nos orgulharmos de que aqui, na Rússia, não sejamos tão melindrosos, excetuando, quando muito, os chamados

generais das nossas letras? Nós acreditamos com todas as forças na energia da alma russa. Será possível que não possa resistir aos elogios? Não, senhores europeus. Não nos peçam, por agora, as provas em que se apoia a opinião que temos de vós e de nós, e esforçai-vos antes por nos conhecer melhor, se é que têm tempo para isso. Reparem: estais convencidos de que nós assobiamos os vossos fiascos, de que nos alegramos com eles e que gozamos com o vosso desamparo, quando tão viril e generosamente vos lançais pelo novo caminho do progresso. Não, não, irmãos mais velhos nossos, amados e queridos, não vos assobiamos nem nos alegramos com os vossos reveses! Às vezes até choramos convosco. Com certeza que ficam admirados e perguntam: "Mas por que choraram? Que vos importa isso?" Ah, senhores, pois aí é que está: não nos importava nada e, no entanto, simpatizávamos convosco. É este todo o enigma.

## [A *aurea mediocritas* NA CLASSE INTELECTUAL]

Mas, que estamos a dizer acerca de publicidade? Em todas as sociedades, sempre se deu isso a que se chama "áurea mediania", com pretensões de exercer um papel dominante. Esses "áureos" têm um amor-próprio enorme. Olham com um desprezo verdadeiramente esmagador e com uma deslocada altivez todos os que são desconhecidos e não se elevaram a grande altura. São os primeiros a atirar pedras a todos os novatos. E, como são maldosamente perversos e curtos de vista, ao seguirem uma ideia que ainda não teve tempo de penetrar na consciência das massas! Se bem que, depois, quando não vociferam, que ciumentos, que estúpidos partidários não se mostram dessa ideia, assim que alcançou importância social! Até que acabam por compreendê-la; mas são sempre os últimos a compreendê-la e entendem-na sempre de um modo grosseiro, limitado, tosco, e nunca chegam a admitir que, se a ideia é justa, deverá também ser capaz de evolução e, por conseguinte, deverá transformar-se com o tempo em outra ideia, saída dela, e de aperfeiçoar-se correspondendo às novas exigências de uma nova geração. Mas os áureos nada entendem acerca de novas exigências, e, pelo que respeita às novas gerações, odeiam-nas sempre e olham-nas sempre com desprezo. É este até o melhor indício para conhecê-los. Entre estes áureos há muitos negociantes e

trapaceiros, cujo objeto de comércio é a frase moderna. São eles quem amesquinham toda nova ideia, convertendo-a numa frase da moda. Tornam vulgar tudo quanto concebem. Toda a ideia viva se converterá num cadáver, na sua boca. Mas são eles os primeiros a embolsar o preço dessa ideia no dia seguinte ao do enterro do homem genial que a lançou, e ao qual eles, precisamente, vexaram e desprezaram na vida. Há alguns tão curtos de vista que acreditam seriamente que o homem genial não fez nada, e que foram eles que fizeram tudo. A sua cegueira é incomensurável. São espiritualmente tacanhos e vulgares; são até sabujos, apesar de aparentarem gravidade. Fazem vista com umas tantas frases feitas, e, quando as soltam, põem os olhos em branco, pois não compreendem o sentido nem a estrutura espiritual das ideias, e por isso, ao adotá-las, menoscabam-nas e prejudicam-nas, ainda que as adotem com sinceridade…

Mas o mais engraçado é observar esses cavalheiros quando a sociedade, num turvo período de transição, se divide em dois grupos. Então não sabem nunca a que partido, a que opinião aderir, e ainda por cima imaginam que são uma maioria, autoridades, que não têm outro remédio senão dar o seu parecer. Que havemos de fazer-lhes? Depois de muito pensar, o homem mediano decide-se e quase sempre fora de horas. Essa é a regra. Por isso se saem com qualquer banalidade, e tão oca que passa à posteridade como modelo de estupidez. Mas estamos a afastar-nos do assunto. Não é só a publicidade que faz falta nos nossos tempos, é também a cultura… e isto não só àquelas pessoas que parecem, se não adiantadas, pelo menos não atrasadas…

É um fato notório que os presídios estão cheios de gente do povo que sabe ler. Pois deduzem daí, esses indivíduos, que a instrução não é conveniente. Isto é que é lógica! As facas cortam; pois então fora com as facas! “Não — responderam --, não se trata de suprimir as facas, mas sim de entregá-las àqueles que saibam manejá-las sem se cortarem.” Está bem. Dentro desse pensamento, teria de considerar-se a instrução como uma espécie de privilégio. Mas não seria melhor, meus senhores, investigar primeiro as circunstâncias em que se dá ao povo a instrução e corrigi-las, do que isso de privar de instrução todo o povo? Concordamos convosco em que os presídios estão cheios de

gente do povo ilustrada. Mas reparem bem: a que é isso devido? Vamos expor-lhes a nossa opinião, baseada em longas observações sobre a vida do presídio. Em primeiro lugar a instrução abunda pouco entre o povo que, de fato, costuma dar ao homem uma certa preeminência sobre o seu próximo, infundindo-lhe mais dignidade, mais seriedade, mais distinção e elevando-o acima do seu meio. Não que o homem do povo considere o homem instruído melhor que ele sob qualquer aspecto, não; reconhece-o, sim, como mais forte, mais apto em certas circunstâncias práticas da vida cotidiana; enfim, reconhece a utilidade prática da instrução. Ao instruído ninguém o engana. Por outro lado o homem instruído propende involuntariamente o olhar por cima do ombro para todos os que o rodeiam, se não forem instruídos. Isto de uma maneira geral. E, considerando-se superior, consequentemente não se adapta muito bem ao meio em que convive com os outros. É natural pensar que esse não é já o meio que lhe convém, que deve levar uma vida diferente daquela gente. "Eles são uns ignorantes, ao passo que eu tenho cultura!" Por isso, se tal se proporcionar, procurará sair da sua esfera. De uma maneira geral goza de certo apreço, às vezes imperceptível, mas às vezes também bem notório, sobretudo quando sabe conduzir-se, isto é, mostrar-se sério, falar bem, com uma pontinha de pedanteria; calar-se depreciativamente quando os outros falam, e falar precisamente quando todos se calam, por não saberem o que hão de dizer; enfim, conduzir-se como se conduzem muitos dos homens de inteligência e alguns dos nossos maiorais das letras; isto é, todos esses que conheceis já muito bem. A mesma ingenuidade, os mesmos ditos grotescamente insuportáveis. Em resumo, que em todas as classes da sociedade se dão os mesmos fenômenos, simplesmente, com as correspondentes variantes. O desejo de brilhar, de saborear, de sair da própria esfera, é uma lei da natureza para os humanos; é o seu direito, a sua essência, a lei de existir, que num estado primitivo se manifesta sob uma forma desajeitada e grosseira, e numa sociedade já mais evoluída, dum modo ético-humano, numa submissão consciente e perfeitamente livre das vantagens de cada um ao bem da classe inteira, e vice-versa — num contínuo zelo da mesma sociedade a favor do direito de cada um dos seus membros. Por isso, no fundo, vem tudo a ser a mesma coisa, sem outra diferença que não seja a do emprego dos direitos. A própria sociedade sente uma certa necessidade

instintiva de expulsar do seu seio qualquer personalidade excepcional; de pô-la diante dos olhos como exceção, como algo que sai do que é vulgar e admitido; de reconhecer-lhe algo de extraordinário e de inclinar-se diante dela…

---

Claro que não falamos de todos os instruídos. Exprimimo-nos em termos abstratos; e seria cômico supor que basta a um homem do povo instruir-se para que logo a seguir se veja numa prisão. Quisemos apenas explicar como é que a cultura, uma vez que é, à sua maneira, um princípio, pode gerar a altivez e a arrogância, o desprezo pelo próprio ambiente e pela própria posição social, sobretudo se estas não nos agradam completamente. Falávamos de uma maneira teórica; custa-nos que os limites do nosso trabalho não nos permitam expor alguns exemplos para que se veja como isto se dá na prática, como se desenvolve e qual é o fim. Tornamos a repetir que não quisemos referir-nos a todos os homens do povo instruídos; destes, só vão dar num presídio aqueles já em parte predestinados para isso, pela sua própria natureza, em determinadas circunstâncias; isto é, aqueles que por natureza são duros, fogosos, nervosos, impressionáveis. A esses, a instrução estraga-os com as suas presunções inconvenientes, precisamente pela razão de ser entre nós um privilégio…

— E que mais? — vós me direis. — Das suas próprias palavras se deduz que a instrução é nociva e que o nosso povo ainda não está preparado para ela.

— Muito pelo contrário — respondemos nós —, em vez de fazer da instrução um privilégio, uma exceção, tornai-a acessível a todos na medida do possível, que nunca ela infundirá em ninguém soberbia e arrogância. Já não haverá perante quem fazer-se presumido… todos serão instruídos. Por isso, para conjurar as nocivas consequências da instrução, o que há a fazer é difundi-la o mais possível; aí está todo o remédio. Tanto mais que, senhores inimigos da instrução, com o vosso sistema (isto é, com a restrição da cultura), não só não alcançais o vosso objetivo, como até trabalhais por vossa conta. Porque, se repararem bem, hão de ver que, por muito que restrinjais a instrução,

não chegareis nunca a suprimi-la completamente. O Governo será o primeiro a opor-se aos vossos manejos e a defender o povo da vossa filantropia. Por isso, seja como for, haverá sempre entre o povo pessoas instruídas, e se as há, continuarão a encher os presídios e não tereis dado remédio ao mal, não tereis conseguido o vosso objetivo. Mais: hão de encher ainda mais os presídios, pois quanto mais escasseie a instrução, mais há de parecer um privilégio. Concordem também comigo em que a instrução é o primeiro passo para a educação. E como conseguir esta sem esse primeiro passo? Pois não queremos acreditar seriamente que desejeis manter o povo na ignorância, nos vícios e na brutalidade; em resumo: pronto a perder e corromper a sua alma. Será possível que isto também forme parte do vosso sistema? Sim, é verdade! Não há ninguém mais teimoso, caprichoso e prejudicial do que um filantropo de gabinete. Mas já chega. Estamos plenamente convencidos de que a instrução melhora moralmente o homem do povo e que lhe infunde um sentimento de dignidade própria, que, por sua vez, suprime muitos abusos e desordens, e até a possibilidade dos mesmos. Se a sociedade sentisse uma necessidade verdadeira, se se manifestassem, ao menos, os primeiros indícios de tal necessidade… encontraria imediatamente o meio de satisfazê-la. Pelo contrário, a massa não receberia essa melhoria como tal, desde que não tenha conscientemente alguma aspiração a ela. O povo já está capacitado para recebê-la, deseja-a, procura-a, e assim, não terá outro remédio senão difundir-se a despeito de todos os esforços dos filantropos… A nossa sociedade civilizada acabará por conhecer o povo… essa "esfinge inviolada", segundo a expressão dum dos nossos poetas. Compreende e penetra a fundo o princípio popular. Reconheceu já que tal princípio é indispensável como base da nossa evolução e progresso futuros; reconheceu que é preciso dar o primeiro passo para ele e… em breve encontrará a maneira de dar esse primeiro passo.

## [Acerca da questão da "arte pela arte"][5]

Dizem e mantêm uns que a arte tem o seu fim em si mesma e que deve achar a sua justificação na sua própria existência. Assim, não será já necessário falar da utilidade da arte, no verdadeiro sentido da

palavra, no momento atual. A criação… princípio fundamental de toda a arte, é uma propriedade íntegra, orgânica, da natureza humana, e desenvolve-se unicamente devido ao fato de ser uma faculdade indispensável do espírito humano. É tão legítima no homem como a inteligência, como todas as faculdades morais, e pode até dizer-se que como as duas mãos, os dois pés ou estômago. É inseparável do homem, formando um todo com ele. É certo que a razão, por exemplo, é útil, pois nós mal passaríamos sem ela. Também as mãos e os pés são úteis ao homem. Neste sentido também a criação é útil ao homem.

Mas, como algo completo, orgânico, a criação desenvolve-se por si, independente, e exige desenvolvimento pleno; sobretudo… exige plena liberdade no seu desenvolvimento. Por isso todo freio, toda coação, toda missão subalterna, todo fim exclusivo que lhe imponham serão ilegítimos e absurdos. Se limitamos a criação e se proibimos aos anelos criadores e artísticos do homem que se consagrem… a quê, diremos? Pois a exprimir certas sensações; se vedamos ao homem toda a atividade criadora que nele suscitam certas manifestações da natureza: o nascer do sol, as tempestades marítimas, etc., etc., isso equivalerá a restringir de uma maneira estúpida e ilegítima o espírito humano na sua atuação e desenvolvimento.

Eis aqui o que diz uma das partes… a dos que defendem a plena liberdade e a absoluta independência da arte.

“Claro que isso equivaleria a uma restrição estúpida”, respondem os utilitaristas (outro grupo, o qual mantém que a arte deve proporcionar ao homem uma utilidade concreta, imediata, prática e até em determinadas circunstâncias). “Evidentemente que semelhante restrição, sem finalidade alguma, só por mero capricho… constitui uma estupidez bárbara e perversa.” Mas hão de concordar conosco — podem acrescentar — em que, de repente, por exemplo, dá-se uma batalha… em que vós outros tomais parte, e em vez de ajudar os vossos companheiros, como artistas, ponde-vos a divertir-vos com o espetáculo do combate; tirais as armas, empunhais o lápis, pegais num pedaço de papel e começais a desenhar o campo da batalha. Isso estaria certo? Claro que tendes pleno direito de vos abandonardes à vossa inspiração; mas seria razoável a vossa atuação artística em tal momento?

“Em resumo — concluem --, não repudiamos a vossa teoria do livre desenvolvimento da arte; simplesmente essa liberdade deve ser, pelo menos, razoável.”

Numa palavra: os utilitaristas extraem da arte uma utilidade direta, imediata, de acordo com as circunstâncias, subordinada a elas, e a tal ponto que, se num determinado momento a sociedade estivesse preocupada com a solução dum problema, a arte (na opinião dos referidos utilitaristas), não poderia propor-se outro problema senão o de resolver esse problema. Se considerássemos esse acordo com as circunstâncias, não como indiferença, nem como desejo, ainda seria louvável, em minha opinião, embora saibamos já que tal acordo não é absolutamente certo. Quando toda a sociedade está preocupada com a resolução dum grande problema íntimo, seria melhor desejar que todas as energias sociais se canalizassem unanimemente para a concepção dum fim geral e, por conseguinte, que a arte se penetrasse dessa mesma ideia e contribuísse para o proveito coletivo. Suponhamos que a sociedade está à beira da ruína: tudo quanto tem alma, alento, coração, vontade; tudo quanto caracteriza o homem, o cidadão, consagra-se por completo a um só problema, a uma só questão geral. Seria o caso de que, então, somente os poetas e os literatos é que não haviam de ter alma, nem coração, nem amor à terra-mãe, nem anseio pelo bem coletivo?

Pois que, diabo,

> O serviço das musas
> Não consente outros desvelos.

Suponhamos que assim seja. Mas seria bom que os poetas não subissem às nuvens e contemplassem daí, altivamente, os mortais… E a arte pode prestar grande auxílio a tudo mais com a sua cooperação, pois encerra em si mesma recursos enormes e grandes forças. Mas, repitamo-lo, isto não pode passar de um simples desejo, sem converter-se nunca numa exigência, pois, quem exige, na maioria dos casos, procura impor-se pela força, e a primeira lei da arte é… a liberdade da inspiração e da criação. Tudo o que é imposto, tudo o que é obtido pela força sempre se malogrou, e em vez de benefícios produz malefícios. Os paladinos da arte pela arte indignam-se

precisamente por isso com os utilitaristas, que, ao assinalarem à arte determinados fins, acabam com ela, não a apreciam e, por conseguinte, não compreendem sequer em que pode ser útil… eles que tanto falam de utilidade…

---

Nós acreditamos que a arte tem uma vida especial, orgânica e, por conseguinte, leis fundamentais e imutáveis, que regulam essa vida. A arte é tão necessária para o homem como o comer e o beber. O anseio de beleza e de criação que a encarna… é inseparável do homem, e é possível que não pudesse viver sem ele neste mundo. O homem deseja-a ansiosamente e aceita a beleza sem coordenação alguma, só por ser beleza, e inclina-se diante dela com unção, sem perguntar para que serve nem que se pode comprar com ela. E pode ser que seja nisto que se encerra o grande mistério da criação artística: no fato de a imagem de beleza por ela realizada se converter imediatamente num ídolo, sem condição alguma. Mas por que se converte em ídolo? Porque o anelo de beleza desenvolve-se mais quando o homem se encontra em desacordo com a realidade, em desarmonia, em luta; isto é: quando "vive mais", porque o homem vive mais quando anda buscando ou perseguindo algo, e é então que mais se manifesta nele a ânsia natural de harmonia e placidez, e, portanto, é na beleza que se resumem a harmonia e a placidez. Assim que alcança o que procurava, parece até que se lhe ameniza a vida, e há até exemplos de casos em que o homem, tendo conseguido o ideal dos seus anseios, sem saber já por que há de ufanar-se, plenamente satisfeito, se viu assaltado de certa tristeza, que ele mesmo se esforçava por exasperar; procurou outro ideal na sua vida e, de tão enfastiado, não só não conseguiu apreciar o que antes o deleitava, como até se desviou conscientemente do caminho reto, fomentando em si mesmo gostos de segunda ordem, malsãos, ácidos, desarmônicos, estranhos às vezes, perdendo o sentido e o conceito estético da beleza, e reclamando, em vez disso, a expiação. A beleza é, pois, inerente a tudo quanto é são, isto é, a tudo quanto é mais vivido, sendo um anseio indispensável do organismo humano. É harmonia, a paz cifra-se nela, encarna os ideais do homem e da sua humanidade…

Passemos agora à nossa principal e definitiva resposta à vossa justa pergunta acerca do motivo por que a arte nem sempre coincide nas suas ideias com os ideais coletivos; ou melhor: por que nem sempre a arte é fiel à realidade?

Temos já preparada a resposta a tal pergunta.

Dissemos já que a questão da arte, a nosso ver mal colocada na atualidade, chegou ao seu ponto culminante e está numa confusão pela exasperação de ambos os partidos. Pois era isso mesmo o que dizíamos há pouco. Sim, a questão não está bem posta, e na realidade não há motivo para discussão porque: "A arte é sempre contemporânea e real; nunca foi de outra maneira e, sobretudo, nunca poderia ser".

Agora procuremos rebater todas as objeções. Em primeiro lugar, se às vezes nos parece que a arte se desvia da realidade e não serve a fins úteis, isso deve-se unicamente ao fato, de não conhecermos bem os rumos da utilidade da arte (segundo dissemos já), e, além disso, ao excessivo ardor dos nossos desejos de uma utilidade imediata e direta, isto é, no fundo, a um veemente anelo do bem geral. Tais desejos são, sem dúvida, plausíveis, mas às vezes são insensíveis, tal como seria o anseio duma criança que, ao ver o sol, pedisse que o fossem buscar ao céu para ele.

Em segundo lugar, porque a nós outros parece-nos às vezes que a arte se afasta da realidade, que, de fato, os poetas e os prosadores estão loucos, os quais rompem todos os laços com a realidade, morrem positivamente para aquilo que é atual, voltam-se para os antigos gregos ou para os cavaleiros da Idade Média, a refugiarem-se nas antologias ou nas lendas medievais.

Esta transformação não é possível; mas o poeta-artista que o faz é um louco acabado. Desses há poucos.

Em terceiro lugar, os nossos poetas e artistas podem afastar-se, de fato, do caminho presente, ou por não compreenderem os seus deveres de cidadãos, ou por carecerem de uma noção geral, ou por não discernirem os interesses gerais, por curteza de vistas; por não entenderem a realidade, por alguma razão histórica…

— Mas, dê-nos licença — dirão os senhores --, em que se fundamenta, que razão concreta tem para dizer que a arte nunca pode ser contemporânea e não pode corresponder à realidade cotidiana?

Respondemos:

— Em primeiro lugar, se tomarmos no seu conjunto todos os fatos históricos, a começar pelo princípio do mundo e a acabar nos nossos dias, veremos que a arte nunca abandonou o homem; correspondeu sempre aos seus anseios e ao seu ideal; ajudou-o a procurar este último… nasceu ao mesmo tempo que este, evolucionou em uníssono com a sua vida histórica e morreu também ao mesmo tempo que a sua vida histórica.

Em segundo lugar (e é isto o mais importante) a criação, base de toda a arte, vive no homem como manifestação duma parte do seu organismo, mas vive inseparável do homem. De onde se conclui que a criação não pode tender para fins alheios àqueles que persegue o próprio homem. Se seguisse outro caminho, isso significaria que se tinha separado dele. E, por conseguinte, haveria infringido as leis da natureza. Mas o homem, desde que esteja são, não viola as leis da natureza (falando de uma maneira geral). De onde se conclui que não há motivo para se preocupar com a arte… e que esta não atraiçoará a sua função. Viverá sempre da verdadeira vida do homem; que outra coisa poderia fazer? De maneira que sempre haverá de permanecer fiel à realidade…

É certo que o homem, na sua vida, pode afastar-se da realidade normal, das leis da natureza; nesse caso se afastará também da arte. Mas isto apenas demonstra a sua íntima, inquebrantável união com o homem, a sua eterna fidelidade ao homem e aos seus interesses.

Mas tornamos a referir que a arte só será fiel ao homem quando não estorve a sua liberdade de evolução.

Assim, o principal é não coibir a arte com fins diversos, não lhe ditar leis, não confundi-la, pois até sem isso tem já abundantes pedras em que tropeçar no seu caminho, muitas seduções e aberrações, inerentes à vida histórica do homem. Quanto mais livremente se desenvolver, mais normalmente atuará e mais cedo encontrará o seu

caminho cotidiano e útil.

E, sendo os seus interesses e os seus fins idênticos aos do homem, ao qual serve e do qual é inseparável, quanto mais livre for o seu desenvolvimento tanto maior utilidade trará para os mortais.

**1** Movimento perpétuo.↩

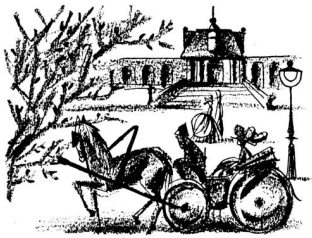
**2** Pedro I, o Grande (1672-1725), despótico czar e depois imperador da Rússia. Caráter indomável e enérgico, foi o promotor da chamada "europeização" da Rússia, e fez executar seu próprio filho que a ela se opunha.↩

**3** François Lefort (1656-1699), general e favorito de Pedro I, o Grande, a quem ajudou na "europeização" da Rússia.↩

**4** Personagem do folclore russo. Um dos principais heróis das rapsódias russas da Idade Média.↩

**5** O título original deste capítulo é: "G…bov e a Questão da Arte".↩

# Apêndice



# Glossário de termos russos e de outras línguas, respeitados na tradução[1]

ARCHIN. Medida de comprimento equivalente a 0,71 metro.

ARKHIEPÍSKOP. Grau hierárquico no clero ortodoxo, intermediário entre bispo e metropolita.

ARKHIMANDRIT. Grau superior do padre-monge, geralmente prelado do mosteiro.

ÁRTIEL. Associação de trabalho comunitário.

AÚL. Povoado no Cáucaso e na Ásia Central.

BABA. Mulher casada na linguagem popular; mulher — em sentido pejorativo, aplicado às mulheres vulgares.

BÁBUCHK, BÁBUCHKA. Vovô, vovó.

BABÚLINHKA. Vovozinha.

BACHNIA. Torre.

BAIGNOIRE, *fr*. Camarote que fica ao nível da plateia.

BALALAICA (*balalaika*). Instrumento musical, popular, de três cordas.

BÁRIN, BÁRINHA, BARÍTCHNIA. Senhor, senhora, senhorita. Tratamentos respeitosos dados outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente empregam-se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.

BÁTIUCHKA. Paizinho. Sinônimo arcaico de pope. Utilizado também na linguagem do povo, como sinônimo de papai, aplicado ao próprio pai ou a pessoas respeitosas, às quais se quer tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo.

BIECHMIET. Casaco curto pespontado, usado pelos tártaros e povos do

Cáucaso.

BIEKIECHA. Casaco de homem ajustado na cintura.

BIELK. Esquilo.

BLIN. Panqueca. Prato típico à quaresma.

BOGOMÓLIETS. Crente, peregrino.

BOIARDO (*boiárin*). Na Rússia moscovita, senhor, grande latifundiário pertencente à classe reinante.

BOLVAN. Bobo.

BONHOME, *fr*. Bondade de caráter, unida à lhaneza nas maneiras.

BORCHTCH. Sopa de beterraba e outros legumes.

BOUDOIR, *fr*. Pequena sala de estar, geralmente de senhora.

BRAT. Irmão.

BRÁTIETS. Irmão. Forma arcaica usada em sentido figurado: irmão de armas, de religião, etc.

BRIOCHE, *fr*. Pequeno bolo macio, de farinha, manteiga, leite e ovos.

BRUDERSCHAFT, *al*. Fraternidade; irmandade. Costume dos estudantes alemães de beberem em conjunto, entrelaçando os braços, para em seguida usar, entre eles, a forma de tratamento tu.

BURKA. Capa de pele de carneiro, muito usada nas montanhas do Cáucaso.

BURLAK. Homem que puxava outrora as cordas com que eram arrastados os barcos contra a corrente.

CAFETÃ (*kaftan*). Antigo traje masculino; casaco comprido.

CHACHKA. Arma branca, do tipo do sabre, de curva pequena.

CHÁRIK. Bolinha.

CHARMANT, *fr*. Encantador, agradável, gentil.

CHIBUK. Cachimbo turco.

CHLIÚPKA. Barco largo e resistente.

CHTCHERBATI. Diz-se das pessoas que têm marcas de varíola no rosto, ou das pessoas a quem faltam dentes.

CHTCHI. Sopa de couves.

COCHON, *fr*. Porco, porcalhão.

COMPTOIR, *fr*. Balcão, caixa.

COPEQUE (*kopiéika*). Moeda divisionária, centésima parte do rublo.

COTTAGE, *in*. Casinha de campo.

CRÊPE, *fr*. Bolo folhado.

CROQUER, *fr*. Trincar, devorar.

CZAR (*tsar*). Título do monarca na Rússia moscovita.

DATCHA. Casa de veraneio fora da cidade.

DÉBAT, *fr*. Conferência, palestra, debate.

DIÁDUCHKA. Tio. Em sentido figurado de afeto e respeito.

DIÁKON. Na igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

DIESIATINA. Medida de superfície da terra, equivalente a 1 hectare e 9 centímetros.

DINER, *in*. Janta; convidado para jantar; comensal.

DJIGUITOVKA. Conjunto de arriscados exercícios equestres, de que eram exímios os cossacos.

DOROGA. Estrada.

DRÓJKI. Carruagem leve.

DUGÁ. Parte dos arreios dos cavalos, um arco de madeira.

DVORÓVI. Servo do serviço doméstico do latifundiário.

EPARQUIA (*epárkhia*). Diocese ortodoxa administrada por um bispo ou arcebispo ou metropolita.

EPÍSKOP. Grau hierárquico superior a bispo ortodoxo.

FELDSCHER, *al.* Cirurgião militar.

FELDWEBEL, *al.* Primeiro-sargento ou sargento-ajudante.

FEUERBACH, *al.* Riacho de fogo.

FRAU, FRAULEIN, *al.* Senhora, senhorita.

FRAUENMILCH, *al.* Literalmente: leite de mulher.

FREUDE, *al.* Alegria.

FRÜH, *al.* Cedo, cedinho.

FRÜSHTÜCK, *al.* Pequeno almoço, café da manhã.

GELD, *al.* Dinheiro.

GLÁSNI. Representante eleito nas assembleias administrativas públicas.

GNIEDÓI. Cavalo baio.

GOLUBTCHIK. Pombinho, querido.

GORST. Punhado.

GORIELKI. Jogo popular russo semelhante à cabra-cega.

GÓROD. Cidade.

GORÓDSKAIA DUMA. Conselho Municipal ao qual estava confiada a administração da cidade, antes da revolução.

GOR. Montanha.

GOSPODIN, GOSPOJÁ, GOSPODÁ. Senhor, senhora, senhores.

GÓSPOD. Senhor! Meu Deus!

GRÍVIEN. Moeda equivalente a dez copeques.

GROCH. Antiga moeda russa equivalente a meio copeque.

GRUCHA. Pera.

GÚSLI. Antigo instrumento musical de cordas.

GVOSD. Prego, cravo.

HOFSKRIEGSRAT, *al.* Conselho militar da Corte.

IÁ. Pronome russo da primeira pessoa, singular.

IAMAN, *ta.* Mal! Exclamação tártara.

IGÚMIEN, IGÚMIENHA. Monge, freira superior dum mosteiro.

ÍCONE (*ikona*). Imagem de Deus, de um santo ou santos em forma de estampas.

IERARKH. Denominação oficial dos bispos.

IEROMONAKH. Padre-monge.

IKONOSTÁS. Parede enfeitada de ícones, a qual separa o altar da nave, na igreja ortodoxa.

INTIELIGÉNTSIA. Camada social composta dos intelectuais.

ISBÁ (*isbá*). Casa camponesa de madeira.

ISPRÁVNIK. Chefe de polícia de distrito na Rússia czarista.

ISVÓSTCHIK. Cocheiro de carro de aluguel.

JÁVORONOK. Calhandra. Fazem-se pãezinhos em forma de calhandras, quando elas regressam da migração às regiões quentes,

simbolizando a chegada da primavera.

JORUNTCHIN. Tenente.

JUNKER, *al*. Suboficial nobre do Exército imperial russo.

KACHA. Mingau.

KALÁTCHI. Pães de trigo em forma de trança, os de Moscou são os mais famosos.

KAMÁRINSKAIA. Dança popular russa.

KAPITANCHKA. Capitoa, mulher do capitão.

KASATCHOK. Dança popular russa, em que o dançarino se mantém de cócoras e vai lançando as pernas para diante.

KÁTORGA. Galé, trabalhos forçados.

KATSAVIÉIKA. Casaco curto, sem botões.

KAVÁRDAK. Confusão.

KAZÁRM. Quartel.

KEEPSAKE, *in*. Literalmente: lembrança, presente. Peça ou objeto que se oferece como recordação; também livro ou álbum, ilustrados, muito em voga no fim do século XIX.

KHLIST. Adepto da seita *khlistóvstvo*. De *khlistat*: chicotear, fustigar.

KHUTOROK. Povoado.

KIBITKA. Carrocinha de cigarros.

KNUT. Chicote de cordas, ou tiras de couro, presas a um cabo de madeira que servem para fustigar os cavalos.

KOCHKILDI, *ta*. Saudação tártara.

KOPIT. Reunir.

KORÓBOTCHKA. Caixinha.

KRAKOVIAK. Bailado polonês, um tanto agitado, da região de Cracóvia.

KRIEPOSTNÓI. Servo da gleba.

KULIEBIAKA. Empada recheada de carne, peixe, etc.

KULIK. Galinhola.

KULITCH. Pão doce em forma cilíndrica, típico, para festejos da Páscoa.

KUMATCH. Tecido de algodão de cor vermelho vivo.

KUNAK, *ta*. Amigo.

KUTIÁ. Arroz-doce com passas e mel. Prato típico no dia de finados.

KVAS. Bebida feita de pão de centeio e de lúpulo ou de frutas.

LAIDAK, *po*. Canalha, alcoviteiro.

LANDAU, fr. Carruagem de quatro rodas e capota dupla que abre e fecha.

LÁPOT. Espécie de alpargatas feitas da entrecasca de tília.

LAVA. Arremesso. Ataque da cavalaria cossaca.

LIAGÁVI. Cão de caça.

LIKHATCH. Cocheiro de cavalo veloz e carruagem elegante; hoje, chofer que despreza as regras de trânsito.

LINIÉIKA. Carruagem de vários lugares, dispostos lateralmente.

LOSK. Bosquete.

LUJA. Poça d'água.

LUTCHINA. Lasca de madeira comprida e fina, usada antigamente

para acender luzes ou lume.

MADONNA, *it*. Gênero de quadro clássico reproduzindo o rosto da Virgem Maria.

MAIDAN. No sul da Rússia, feira, praça da feira.

MAMACHA (*mamienhka, mamassia*). Mãezinha.

MARMIELAD. Marmelada, doce feito de marmelo, e, por extensão, doutras frutas.

MÁTUCHKA. Mãezinha; diminutivo arcaico, utilizado especialmente pelo povo, para designar a mulher do pope, e também ao se dirigir à própria mãe ou a pessoas respeitosas às quais se quer tratar com consideração e afeto ao mesmo tempo.

MITKI. Irrequieto.

MIR ou SKHOD. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

MITROPOLIT. Grau hierárquico superior dos bispos ortodoxos.

MONAKH. Monge.

MONASTIR. Mosteiro.

MONPLAISIR, *fr*. Recanto de jardim, preparado para repouso e diversão nos parques das grandes mansões.

MORGEN, *al*. manhã.

MORS. Mar.

MOST. Ponte.

MUJIQUE (*mujik*). Camponês.

NAGAIKA. Chicote usado pelos cossacos, curto e de couro.

NARÓDNIK. Movimento político russo da segunda metade do século XIX, conhecido como populista, que considerava os camponeses, e não o proletariado, como a classe revolucionária.

NA TCHAI. Para o chá. Gorjeta.

NEVÁLID. Inválido. Deturpação de *invalid*. Termo incorporado do francês por ocasião das guerras napoleônicas.

NHANHA. Babá.

NIET. Não.

OFITSIÁNSKAIA. Recinto destinado aos criados nas antigas mansões.

OKHRANA. Polícia secreta, especial e de segurança política do Estado imperial russo.

OKROCHKA. Sopa fria de *kvas*, legumes e carne ou peixe cortados em pedacinhos.

ONUTCHA. Faixa de pano grosseiro para enrolar as pernas antes de calçar as botas ou os *lápti*.

OSMÍNIK. Antiga unidade de peso, variável conforme o local. Oitava parte de um total.

ÓSTROV. Ilha.

OTIETS. Pai.

PAN, PANI, *po*. Senhor, Senhora.

PAPACHA. Pai, paizinho. Em sentido figurado, de respeito e afeto. Também boné de peles usado pelos cossacos.

PÁPOTCHKA. Paizinho, sendo este o verdadeiro diminutivo, quando se trata do próprio pai.

PARÁCHNIK. Preso escolhido para serviços leves.

PFEFFERKUCHEN, *al*. Torta de pimenta.

PHRASEUR, *fr*. Fraseador, falador, tagarela.

PIATAK. PIATATCHOK (dimin.). Moeda de cinco copeques.

PICHKA. Pãozinho redondo e fofo, doce ou salgado.

PIELHMIÉNI. Prato típico siberiano, semelhante ao ravióli, recheado de carne.

PIKA. Arma branca, do tipo da lança longa, muito usada pelos cossacos.

PLHASSAT. Dançar.

PLÓCHTCHAD. Praça.

PODIOVKA. Casaco de homem comprido e justo na cintura.

PODPOLKÓVNIK. Tenente-coronel.

POLK. Regimento.

POLKÓVNIK. Coronel.

POLTÍNIN. Moeda que vale meio rublo, isto é: 50 copeques.

PONOMAR. Sacristão ortodoxo.

POPE (*pop*). Padre, sacerdote da hierarquia inferior na igreja ortodoxa.

PÓROKH. Pólvora.

PORÚTCHIK. Tenente, no Exército czarista.

POSIÉLOK. Aldeola.

PÓSLUCHNIK. Irmão converso ou noviço, que jurou obediência, no clero monástico ortodoxo.

POZNO, *po*. Tarde.

PRÁPORCHTCHIK. Alferes.

PRIÁNIK. Biscoito de mel.

PRÓSPEKT. Perspectiva. Avenida. Rua larga e reta.

PROTODIÁKON. Diácono superior.

PROTOIEIRIÉI. Padre superior.

PROTOPOPE (*protopop*). Sinônimo de *protoieiriéi*.

PRUD. Lago.

PSALOMCHTCHIK. Servidor, da igreja ortodoxa, auxiliar do padre durante o ofício religioso.

PUD. Unidade de peso equivalente a 16,4 kgs.

PUSTINHA. Deserto.

QUADRILLE, *fr*. Contradança de salão, em que tomam parte vários pares em número par.

RASKOL. Cisão.

RASKÓLHNIK. Sectário da agrupação religiosa dos “velhos crentes”.

RAZUM. Inteligência, juízo, bom senso.

ROCHTCHA. Bosque.

RUCHE, *fr*. Folho, franzido, pregueado.

RUBLO (*rubl*). Unidade monetária russa.

SAD. Jardim.

SAJENH. Medida russa de comprimento equivalente a 2,13 metros.

SAMOVAR (*samovar*). Aparelho de metal, com aquecimento interno em forma de um tubo comprido, que se enche de carvão, destinado a ferver água.

SARAFAN. Vestimenta das camponesas russas. Vestido sem mangas.

SAUBUL, *ta*. Saudação tártara.

SELIM ALÊIKUM, *ta*. Louvado seja Alá! Fórmula de saudação nos países islâmicos.

SIROTÁ. Órfão.

SKHOD ou MIR. Reunião, assembleia municipal nas aldeias.

SKÓPIETS. Adepto da seita religiosa que tinha por base o voto de castidade. Castrado.

SKVIÉRNI. Ruim.

SOBOR. Catedral.

SOHN, *al.* Filho.

SPAZIEREN, *al.* Passear.

SPLEEN, *in.* Mau humor.

STABSKAPITAN, *al.* Capitão de Estado-Maior.

STANOVÓI. Chefe da polícia rural na Rússia czarista.

STARCHINÁ. Antes da revolução, representante eleito de uma das camadas sociais para administrar negócios públicos.

STÁRIETS. Homem idoso, mendigo, monge de grande reputação por sua sabedoria, meditação, etc.

STÁROSTA. Chefe eleito ou designado de uma entidade. Antes da revolução, chefe eleito da aldeia.

STAROVIER. Adepto de um movimento religioso composto de várias seitas, surgido na Rússia no século XVII como resultado da cisão da igreja. Os *staroviéri* procuravam conservar os velhos ritos da igreja e seu modo de vida.

STORONÁ. Bairro.

SÚDAR, SÚDARINHA, SÚDARI. Senhor, Senhora, Senhores. Termos arcaicos.

SUKHAR. Pão ressequido e grosseiro; espécie de pão de munição constante da ração dos soldados.

SVAKHA. Casamenteira; mulher que tinha por incumbência fazer a ligação entre as famílias dos noivos e combinar o casamento e o dote.

TÁLER, *al.* Moeda alemã, de prata.

TARANTÁS. Carroça de quatro rodas, coberta ou descoberta.

TARATAIKA. Carro leve, de duas rodas, tipo *charrete*.

TCHAST. Distrito.

TCHÁSTNI. Particular.

TCHERKESKA. Casaco comprido e estreito, dos caucasianos e cossacos, justo na cintura, sem gola e decote em forma de V.

TCHERNOSIOM. Terras férteis, negras, ricas em substâncias orgânicas.

TCHERVÓNIETS. Nota de dez rublos, usada antigametne.

TCHÉTVIERT. Quartilho, antiga medida equivalente a um quarto de um total, aproximadamente dois litros.

TCHETVIERTAK. Moeda no valor de um quarto de rublo, 25 copeques.

TCHIEKMIEN. Vestimenta de homem, espécie de capa muito usada pelos cossacos.

TCHIN. Grau hierárquico dos militares e funcionários civis.

TCHIKIR, *ta.* Vinho do Cáucaso, pouco fermentado.

TCHINÓVNIK. Funcionário do Estado.

TIELIEGA. Carroça de quatro rodas para transporte de cargas.

TIERGARTEN, *al.* Jardim das feras, parque zoológico.

TIÚRIA. Prato de pão esmigalhado e *kvas*.

TRIEPAK. Dança popular russa, muito animada.

TRÓICA (*tróika*). Trenó ou carro puxado por três cavalos.

TULUP. Casaco comprido de peles de carneiro com o pelo para dentro.

TUNGUS. Antiga denominação dos evenos, habitantes do norte e leste da Sibéria.

UCASSE (*ukás*). Decreto de uma instância superior do regime, equivalente a uma lei.

UGLOV. Esquina, canto.

UIESD. Na Rússia antiga, distrito ou cantão administrativo.

ÚLITSA. Rua.

UNIAT. Adepto da *unia*. Eclesiástico e crente da igreja greco-católica.

UNTEROFFIZIER, *al*. Suboficial.

UPARTI, *po*. Teimosa.

UTCHÍTEL. Professor, preceptor.

VATRUCHKA. Pãozinho com requeijão.

VAURIEN, *fr*. Velhaco, tratante, patife.

VAUXHALL, *in*. Lugar ao ar livre onde se davam concertos e bailes; cassino.

VATER, *al*. Pai.

VERSTA (*vierstá*). Medida russa de comprimento, equivalente a 1,06 quilômetros.

VIENTCHIHIK. Tira de cetim ou de papel na qual se colocavam imagens de Cristo, da Virgem e de São João Crisóstomo.

VIÉRCHOK. Antiga medida russa de comprimento, equivalente a 4,4 centímetros.

VIÉRNI. Leal, fiel.

VODCA (*vodka*). Bebida alcoólica russa do tipo de aguardente de trigo.

VOIEVODA. Na antiga Rússia, chefe de exército ou distrito.

VÓLOST. Na Rússia antes da revolução, unidade administrativo-territorial, subdivisão de distrito nas regiões rurais.

VOROTÁ. Portão.

YÁKCHI, *ta*. Está bem!

YOK, *ta*. Não.

ZAKÚSKI. Frios para acompanhar o aperitivo.

ZÁVTRAK. Pequeno almoço, café da manhã.

ZIÉMSKI NATCHÁLHNIK. Na Rússia czarista, chefe de distrito com poderes administrativos, jurídicos e policiais.

ZIÉMSTVO. Antes da revolução, poder autônomo local nas regiões rurais, cujos representantes, em sua maioria, eram grandes latifundiários e nobres.

ZVIER. Besta, fera, alimanha.

**1** Constam, também, deste vocabulário os termos comuns russos já aportuguesados e registrados nos dicionários, tais como *czar, rublo, vodca* etc., seguidos, porém, da transliteração fonética, entre parêntesis. O mesmo não sucede com os vocábulos doutras línguas, que, por corriqueiros demais, faziam supérflua a sua inclusão, p.e. *adieu* do francês, e *pudding* do inglês.↩
*al*. alemão *fr*. francês *in*. inglês *it*. italiano *la*. latim *po*. polonês *ta*. tártaro.

**Copyright © 2018 by Global Editora**

1a Edição Digital, Nova Aguilar, 2022

**Jefferson L. Alves** – diretor editorial
**Jiro Takahashi** – editor executivo
**Sebastião Lacerda** – consultoria
**Flávio Samuel** – gerente de produção
**Booknando e Taís do Lago** – produção digital
**Jefferson Campos** – assistente de produção
**Luiz Maria Veiga, Eunice Nunes de Freitas e Márcia Benjamim** – revisão
**Homem de Melo & Troia Design** – projeto de design

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dostoiévski, Fiódor
Fiódor Dostoiévski [livro eletrônico] : obra completa / versão anotada de Natália Nunes e Oscar Mendes ; acompanhada de extenso documentário gráfico e ilustrada com uma centena de desenhos de Luis de Ben. – 1. ed. – São Paulo : Editora Nova Aguilar, 2022.
ePub

Título original: Fiódor Dostoiévski
Conteúdo: Romances da maturidade – Outros escritos.

ISBN 978-65-89645-26-9 (v. 4)

1. Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881 2. Ficção russa I. Nunes, Natália. II. Mendes, Oscar. III. Ben, Luis de. IV. Título.

22-116115CDD-891.73

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura russa891.73

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o
NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

EDITORA
NOVA AGUILAR

**Editora Nova Aguilar**
Rua Pirapitingui, 111 — Liberdade
CEP 01508-020 — São Paulo — SP
Tel.: (11) 3277-7999
e-mail: novaaguilar@novaaguilar.com.br

Direitos reservados.
Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

No de Catálogo: **10047.EB**